

Edição Luxo



Bíblia Sagrada

BÍBLIA SAGRADA.

ANO SANTO DE 1950

EXPLICAÇÃO DAS ABREVIATURAS E SINAIS USADOS NESTA EDIÇÃO DA BIBLIA

Livros do Antigo Testamento		Livros do Novo Testamento	
Gênesis	Gên	Mateus	Mt
Exodo	Ex	Marcos	Mc
Levítico	Lev	Lucas	Lc
Números	Núm	João	Jo
Deuteronomio	Dt	Atos	At
Josué	Jos	Romanos	Rom
Juizes	Jz	Coríntios	Cor
Rute	Rut	Gálatas	Gál
Samuel	Sam	Eféssios	Ef
Reis	Rs	Filipenses	Filp
Paralipômenos	Par	Colossenses	Col
(ou Crônicas)	(Crôn)	Tessalonicenses	Tes
Esdras	Esdr	Timóteo	Tim
Neemias	Ne	Tito	Ti
Tobias	Tob	Filémon	Fim
Judite	Jdt	Hebreus	Hebr
Ester	Est	Tiago	Tg
Jó	Jó	Pedro	Pdr
Salmos	Sl	João	Jo
Provérbios	Prov	Judas	Jud
Eclesiastes	Ecl	Apocalipse	Apc
Eclesiástico	Eclo		
Isaías	Is		
Jeremias	Jer		
Lamentações	Lam		
Baruc	Bar		
Ezequiel	Ez		
Daniel	Dan		
Oséias	Os		
Joel	Jl		
Amós	Am		
Abdias	Abd		
Jonas	Jon		
Miquéias	Miq		
Naum	Na		

A vírgula separa capítulos de versículos: Gên 3, 5 = Gênesis, c. 3, v. 5.

O ponto e vírgula separa capítulos: Dan 4, 8; 7, 3 = Daniel, c. 4, v. 8 e c. 7, v. 3.

O ponto separa versículos: Is 7, 14.20 = Isaías, c. 7, vv. 14 e 20.

O hífen separa tanto versículos como capítulos, incluindo na citação os versículos e capítulos intermédios:

Mt 17, 5-17 = Mateus, c. 17, do v. 5 até ao v. 17.

Est 10, 4-16, 24 = Ester, do v. 4 do c. 10 até ao v. 24 do c. 16.

Um * após um número indica o versículo imediatamente seguinte: Jo 4, 5s = João, c. 4, vv. 5 e 6.

Dois ** após um número indicam os dois versículos imediatamente seguintes: Núm 27, 9ss = Números, c. 27, vv. 9, 10 e 11.

Um número colocado antes de uma abreviatura significa um primeiro, segundo, terceiro, quarto livro, ou então uma primeira, segunda ou terceira epístola: 1 Rs 9, 6 = primeiro livro dos Reis, c. 9, v. 6; 2 Cor = segunda aos Coríntios.

c. = capítulo
cc. = capítulos
v. = versículo
vv. = versículos

BÍBLIA SAGRADA

CONTENDO

O VELHO E O NOVO TESTAMENTO

REEDIÇÃO DA VERSÃO DO

PADRE ANTÔNIO PEREIRA DE FIGUEIREDO

Comentários e anotações segundo os consagrados trabalhos de
Glaire, Knabenbauer, Lesêtre, Lestrade, Poels, Vigouroux, Bossuet, etc.,
organizados pelo

PADRE SANTOS FARINHA

Acrescida de dois volumes contendo introduções atualizadas e
estudos modernos elaborados por professores de Exegese do Brasil

Sob a supervisão do

PADRE ANTÔNIO CHARBEL, S. D. B.

ILUSTRAÇÕES DE GUSTAVO DORÉ

EDIÇÃO APROVADA PELO EMINENTÍSSIMO SENHOR
D. CARLOS CARMELO DE VASCONCELLOS MOTTA

DD. Cardeal Arcebispo de São Paulo

Adaptada à ortografia oficial e revista pelo
PROF. ELÓI BRAGA JR.

EDITÔRA DAS AMÉRICAS
Rua General Osório 90 — Tel. 4-6701
Caixa Postal 4468
SÃO PAULO

NIHIL OBSTAT

P. Antônio Charbel, S.D.B.

São Paulo, 4 de junho de 1950

IMPRIMATUR

† *Paulo*, Bispo Auxiliar

São Paulo, 7 de julho de 1950

VELHO

TESTAMENTO

PREFÁCIO

UTILIDADE QUE TODOS PODEM TIRAR DA LIÇÃO DA SAGRADA ESCRITURA (1)

PRIMEIRA PROVA

Tirada das mesmas Escrituras.

No evangelho de S. Lucas propõe Jesus Cristo a parábola do rico avarento, que, sepultado no inferno, pediu a Abraão que mandasse Lazaro a êste mundo a avisar dos tormentos que lá padecia os cinco irmãos que deixara em casa de seu pai, para que não succedesse virem êles também a cair na mesma infelicidade. Abraão lhe respondeu: “Êles lá tem a Moisés e aos profetas: ouçam o que êles lhes dizem (2).” Que testemunho mais claro de que a lição das Escrituras é para todos?

Nos atos dos apóstolos louva o Espírito Santo os

(1) Esta utilidade pode-se demonstrar primeiramente pelo testemunho das mesmas Escrituras, depois pelas autoridades dos santos padres, e últimamente pelo uso das versões que sempre houve na Igreja.

(2) Luc 16, 29.

Prefácio

judeus de Beréia, que, depois de se haverem convertido à fé com a pregação dos mesmos apóstolos, “liam quotidianamente com todo o cuidado as Escrituras, conferindo o que liam com o que tinham ouvido (1).”

Da mesma sorte louva S. Paulo a seu discípulo S. Timóteo “porque desde a infância tinha sabido as Sagradas Letras (2)” debaixo da direção de sua mãe Eunice e de sua avó Loida, das quais o mesmo apóstolo fizera por isso honorífica menção no princípio da carta; e prossegue imediatamente o apóstolo, dizendo: “Tôda a Escritura inspirada por Deus é útil para ensinar, para argüir, para repreender, para instruir na justiça.”

Tôdas as cartas que S. Paulo e os mais apóstolos escreviam eram escritas na língua vulgar dos povos a quem êles as dirigiam, isto é, na língua grega, que era então a vulgar não só entre os judeus que viviam na Grécia, chamados por isso *helenistas*, mas também em Roma, onde consta que até as mulheres sabiam e falavam grego; e contudo estas cartas que a diversas Igrejas ou províncias escreviam os apóstolos, tôdas iam ordinariamente dirigidas não a um ou a outro, mas a todos os fiéis delas, para que todos as lessem ou ouvissem ler. O sobrescrito da de S. Paulo aos Romanos diz assim: “A todos os que se acham em Roma, amados de Deus, chamados santos.” O da segunda aos de Corinto assim: “À Igreja de Deus que está em Corinto, e a todos os santos que habitam em tôda a província de Acaia.”

Assim mesmo dirige S. Pedro a sua primeira carta: “Aos fiéis estrangeiros que vivem dispersos pelas províncias do Ponto, da Galácia, da Capadócia, da Ásia e da

(1) At 17, 11.

(2) Tim 3, 15.

Bitínia;" e Santiago a sua católica: "As doze tribos que vivem dispersas."

S. João assim dirige a sua segunda: "A Senhora Electa e a seus filhos;" mas isto mesmo prova que nem as mulheres são inábeis para se lhes comunicar por escrito a palavra de Deus.

Antes para que ninguém se julgasse inibido de ler ou de ouvir ler as cartas que os apóstolos escreviam a esta ou àquela Igreja, requer S. Paulo da parte de Deus aos de Tessalônica "que façam ler a sua primeira carta a todos os santos irmãos;" e, escrevendo aos Colossenses, conclui assim: "Depois que esta carta fôr lida entre vós, fazei que também a leiam os da Igreja de Laodicéia."

Ora se os sagrados apóstolos, inspirados sem dúvida pelo Espírito Santo, queriam e mandavam que todos lessem as suas cartas, homens e mulheres, grandes e pequenos, eclesiásticos e seculares, quem pode duvidar que a toda a classe de pessoas de um e outro sexo é de suma utilidade a lição das Sagradas Escrituras? Se, quando a fé dos professôres do cristianismo estava tenra e como em leite, julgavam êstes primeiros mestres da religião que nenhum dano lhes podia causar, mas que antes contribuiria muito esta lição para os confiar na mesma fé e para excitar em todos êles a piedade e amor de Deus, que perigo pode haver hoje na lição dos evangelhos e cartas dos mesmos apóstolos, quando a fé se acha tão arraigada no coração de todos os verdadeiros católicos romanos, e quando as Divinas Letras se acham tão esplanadas nos escritos de tantos santos padres e nos comentários de tantos expositores doutíssimos?

Quase toda a doutrina dos evangelhos foi dirigida por Jesus Cristo ao povo dos judeus, de que êle sempre andava acompanhado; por isso, quando o pontífice lhe fez os interrogatórios sobre qual era a sua doutrina, res-

Prefácio

pondeu-lhe o Senhor: “O que eu tenho ensinado no mundo tem sido em público. Eu sempre ensinei na sinagoga e no templo, onde concorrem todos os judeus. Pergunta-o pois aos que me ouviram, que eles bem sabem o que eu lhes disse.” (1)

Quem dirá porém que a plebe judaica era mais capaz e estava mais bem disposta para ouvir a palavra do Filho de Deus do que está hoje o povo cristão? Eram os judeus, como alegoriza S. Paulo (2), os filhos de Agar, mulher escrava, que figurava o Testamento Velho; os cristãos porém são os filhos de Sara, mulher livre, que figurava o Novo Testamento. Ora os escravos, diz Jesus Cristo por S. João (3), não sabem o que faz seu Senhor, o mesmo tempo que aos livres se lhes comunica e nada se lhes reserva. Como é logo crível que se haja de negar os cristãos o que se concedeu aos judeus, ou que os filhos do Novo Testamento tenham menos parte nos segredos e mistérios do Pai Celestial do que tiveram os filhos do Testamento Velho?

SEGUNDA PROVA

Tirada dos santos padres.

Todos os antigos padres igualmente conspiram em aconselhar a lição das Sagradas Escrituras a toda a qualidade de pessoas, sem excetuar as do sexo feminino. Como não escrevemos *ex professo* da matéria, porque não é êsse o nosso assunto principal, bastará escolher

(1) Jo 18, 20.21.

(2) Galat 4, 22.

(3) Jo 15, 18.

Prefácio

de entre os gregos a S. João Crisóstomo, para do que persuadem êstes dois se poder facilmente conhecer qual fôsse neste particular o sentimento de todos os mais. E os que quizerem ler outras autoridades vejam a Orígenes na homília IX sôbre o Levítico; a S. Basílio nas *Regras Menores*, pergunta 25; a S. Agostinho na carta 137, a Volusiano, num. 18, e no sermão LVI dos que se intitulam *do tempo*; e a S. Gregório Magno na epístola 31 do livro IV.

S. Jerônimo pois considerava de tanta importância e tão geralmente útil a lição das Escrituras, que, como se faz manifesto das suas cartas, até às donzelas e meninas de tenra idade a aconselhava com empenho.

Na carta 7, em que o santo doutor dá a Leta as instruções de como há de educar a sua filhinha Paula, diz assim: “Aprenda primeiramente o Saltério. Sejam êstes os cânticos com que se divirta o seu ânimo. Tire dos provérbios de Salomão os preceitos de bem viver. Costume-se a desprezar o mundo pela lição do Eclesiastes. Sirva-lhe o livro de Jó de exemplo de virtudes e de paciência. Depois passe a ler os evangelhos, os quais nunca lhe devem sair das mãos, e beba com tôda a apêtença de seu espírito os atos e cartas dos apóstolos.”

Na carta 12, que é dirigida a Gaudêncio sôbre a educação que deve dar à sua filhinha Pacatula, diz assim: “Quando a menina chegar aos sete anos, e começar a ter pejo e a fazer reparo no que fala, aprenda de cor o Saltério; e, daí até os anos da puberdade, faça tesouro do seu coração os livros de Salomão, os evangelhos, os apóstolos e os profetas.”

Desta escola de S. Jerônimo, onde todo o estudo consistia na lição e meditação dos livros de um e outro Testamento, foram discípulas as santas e ilustríssimas matronas Fúria, Leta, Salvínia, Marcela, Fabíola, Paula,

Prefácio

Blesila e as santas virgens Príncipia, Asela e Eustóquio: tôdas senhoras da primeira qualidade em Roma, e quase tôdas canonizadas depois na Igreja pela sua eminente virtude e santidade.

Quais fôsem porém os progressos que elas fizeram no estudo e inteligência das Divinas Letras declara muito bem o mesmo S. Jerônimo na carta 16, onde o santo doutor, falando de Santa Marcela, escreve assim: “Tôdas as vêzes que considero o seu ardor pelo estudo, a sua vivacidade e a sua aplicação, não posso deixar de condenar a minha preguiça; pois que, vivendo eu no retiro de um mosteiro e vendo todos os dias aquêles presépio em que os pastôres vieram com tanta diligência e fervor adorar o Divino Infante, não posso ainda assim fazer o que fazia uma senhora ilustre nas horas que ela podia roubar aos embaraços e distrações que consigo trás o govêrno de uma grande casa.”

E mais adiante: “Direi sômente que, não tendo Marcela ouvido senão de passagem tudo o que eu tinha podido adquirir de conhecimento da Santa Escritura por meio de um grandíssimo estudo, ella o reteve e possuiu de tal maneira, que em algumas contestações que depois da minha retirada se excitaram sôbre certos lugares da Escritura, o juiz que se tomou para as decidir era Marcela.”

Pelas cartas 24, 130, 136 e 138, que o mesmo S. Jerônimo escreveu a Santa Marcela, consta que, por satisfazer os instantes rogos desta santíssima e doutíssima viúva, explicara o doutor máximo os dez nomes que a Escritura attribui a Deus e a significação das palavras hebraicas *Amen*, *Alleluia*, *Maranath*, *Ephod*, *Theraphim*.

A carta 141 tôda se occupa em explicar à mesma Santa Marcela vários lugares do salmo 126; a carta 149

Prefácio

em lhe explicar, como ela também pedira, qual fôsse o pecado contra o Espírito Santo que o evangelho chama irremissível.

Que direi do fervor e aplicação no estudo das Divinas Letras de Santa Paula e de sua filha Santa Eustóquio? Nas cartas 26 e 27 afirma delas S. Jerônimo que, para cantarem os salmos na mesma língua em que foram escritos, aprenderam ambas o hebreu, e que juntamente com êle liam o Velho e Novo Testamento, pedindo-lhe que lhes explicasse as passagens difíceis e escuras; e assim, como a duas pessoas versadíssimas neste importantíssimo estudo, dedicou o santo doutor à mãe e filha a sua tradução latina dos livros dos Juizes e de Rute, dos quatro dos Reis, do de Ester, das profecias de Isaías, de Daniel e dos doze profetas menores, e os seus comentários sobre Miquéias, Sofonias, Naum e Ageu, e sobre as epístolas de S. Paulo aos Galatas, aos Efésios, a Tito e a Filemon.

Movido igualmente das dificuldades que a outra Santa Fabiola lhe propusera sobre certos lugares do livro dos Números, compôs o mesmo S. Jerônimo o seu tratado *Dos acampamentos dos Israelitas*; e em lhe explicar a significação dos vestidos e insígnias sacerdotais da lei de Moisés empregou o santo doutor toda a carta 118.

E para se conhecer que esta séria aplicação ao estudo da Sagrada Escritura não reinava só entre as senhoras de Roma, temos a carta 150 do mesmo S. Jerônimo, cujo assunto é responder a doze questões que de França lhe mandara propor uma senhora por nome Hedíbia, quase todas sobre como se podiam e deviam conciliar entre si os evangelistas no que escreveram da ressurreição de Cristo.

Passando já a ouvir a S. João Crisóstomo, é admi-

Prefácio

rável e decretório o que êle escreve na homília II sôbre S. Mateus, que diz assim: “Qual de vós que estais presentes pode, se lho pedirem, decorar um salmo ou outra qualquer parte das Sagradas Escrituras? Eu não sou monge, dizeis vós, tenho mulher e filhos, e tenho casa de que cuidar. Esta é uma como peste que tudo corrompe, cuidardes que a lição das Divinas Escrituras é só para os monges, quando ela é mais necessária a vós do que a êles; porque os que andam no meio do mundo e todos os dias recebem várias feridas, êsses são os que mais necessitam de remédio.”

Não é menos terminante o outro lugar da homília IX sôbre a epístola aos Colossenses: “Ouvi todos vós os que viveis no mundo e tendes a vosso cargo mulheres e filhos, como também a vós manda o apóstolo ler as Escrituras; e isto não ligeiramente ou com precipitação, mas com grande cuidado e diligência. Êle não disse: *A palavra de Cristo esteja em vós sòmente*; mas que: *A palavra de Cristo habite abundantemente em vós, sendo vós mesmos os que vos ensineis e instruais em tôda a sabedoria...* Não esperes outro doutor ou outro mestre. Tens as palavras de Deus; ninguém te ensina como elas... Ouvi todos os que tendes à vossa conta as coisas desta vida, e ponde prontos para o vosso uso uns livros que são os remédios da alma. Quando não queirais outros, tende sequer o Novo Testamento, os Evangelhos, os Atos dos Apóstolos, que são uns mestres a tôda a hora.”

Com igual eficácia e generalidade aconselha S. João Crisóstomo a lição das Sagradas Letras na homília III sôbre Lazaro, e no proêmio sôbre a epístola aos Romanos, que a Igreja nos manda ler todos os anos no segundo noturno da segunda domingo depois da Epifania.

TERCEIRA PROVA

Tirada do uso das versões que sempre houve na Igreja.

O uso das versões da Escritura Sagrada em línguas vulgares é um uso tão antigo na Igreja como a mesma Igreja, e um uso que nela se continuou desde os primeiros séculos até êstes últimos.

Demonstrada que seja quanto a ambas as suas partes esta proposição, todo o homem sensato ficará obrigado a reconhecer que as ditas versões não só não são prejudiciais ao povo católico, mas positivamente úteis, por ser, como é, evidente que a Igreja não havia de aprovar com o seu uso uma coisa que, sôbre ser inútil, era de mais a mais perniciosa a seus filhos.

Quanto à primeira parte pois, de que o uso das versões em línguas vulgares é um uso tão antigo na Igreja como a mesma Igreja, é um fato de notoriedade pública que desde o tempo dos apóstolos lia a Igreja grega o Testamento Velho pela versão grega dos Setenta; o que se mostra. 1.º porque esta era a versão de que usavam os apóstolos, como afirmam expressamente S. Ireneu no livro III, cap. xxxv, e S. Jerônimo na prefácio aos Evangelhos; 2.º porque esta era a única que podiam entender os novos cristãos de Acaia, cuja metrópole era Corinto; os da Macedônia, cuja metrópole era Filipes; os da Ásia Menor, cuja metrópole era Êfeso, e assim os outros doutras províncias da Grécia, onde pelos atos dos apóstolos consta que pregara S. Paulo.

É outro fato de notoriedade pública que, ou do tempo dos apóstolos ou do tempo de seus primeiros discipulos, lia a Igreja latina um e outro Testamento por uma versão latina que provavelmente era a que S. Agostinho nos livros da *Dontrina Cristã* chama *itala* ou *italiana*; o

Prefácio

que se mostra, 1.º porque não é crível que, tendo os apóstolos dado aos cristãos gregos uma versão grega, não dessem, ou êles ou seus discípulos, aos cristãos latinos alguma versão latina; 2.º porque com efeito Tertuliano, que florescia nos fins do segundo século da era cristã, cita já nos seus livros vários textos da Escritura por esta versão como por uma versão corrente; e desta versão ítala primitiva, e da que depois no quarto século fêz S. Jerônimo, se formou a que hoje temos conhecida pelo nome de *Vulgata*, e a que em seu tempo chamava S. Gregório Magno a *Translação Nova*.

É outro fato de notoriedade pública que, tanto no século dos apóstolos como nos seguintes que o império romano se conservou livre da dominação e mistura de povos bárbaros, era a língua grega a língua nativa que todos entendiam, ao menos na Grécia propriamente dita, e era a língua latina a língua nativa que todos entendiam, ao menos dentro de Itália.

Digo a respeito de gregos *ao menos na Grécia propriamente dita*, e a respeito de latinos *ao menos dentro de Itália*, porque para o nosso intento, que é provar a utilidade das versões da Escritura Santa pelo uso da Igreja primitiva, basta mostrar, como fica mostrado, que, no tempo dos apóstolos, assim como o povo grego de um e outro sexo entendia as Escrituras que cantava e ouvia cantar nos templos da Grécia, assim também o povo latino de um e outro sexo entendia as Escrituras que cantava e ouvia cantar nos templos de Roma e de toda a Itália.

Mas a verdade é (e assim o observou Guilherme Estio na prefção à epístola de S. Paulo aos Hebreus) que as conquistas de Alexandre Magno, e as dos Seleucidas e Ptolomeus, seus sucessores, fizeram a língua grega tão vulgar na Síria e no Egito como até ali o fôra

Prefácio

na pátria; e a verdade é também (e assim o afirma Justo Lúpsio no seu diálogo *De Rectâ Pronuntiatione latinae linguae*) que as conquistas dos romanos fizeram a língua latina tão vulgar na África, nas Gálias, na Espanha, na Panônia e noutras províncias do ocidente, que o mesmo povo não só a entendia e falava, mas pouco a pouco foi largando pela latina a língua do seu país. *Et inducto novo paulatim abolitum iverunt veterem sermonem*, diz o sobredito Lúpsio. Com efeito, quem crerá que o povo de Hipônia não entendia os sermões latinos que lhe fazia S. Leão Magno?

O caso é pois que, como o mesmo S. Agostinho escreve no livro XIX *Da Cidade de Deus*, cap. 5, “aquela cidade imperiosa não somente sujeitou à sua dominação as nações que vencera, mas também lhe impôs uma espécie de necessidade de saberem a sua língua.”

Quanto à segunda parte da nossa proposição, que é que o uso das versões em línguas vulgares se continuou na Igreja desde os primeiros séculos até estes últimos, é um fato de notoriedade pública que além das versões grega e latina, que eram as línguas dominantes do império romano, tôdas ou quase tôdas as nações cristãs, ainda as bárbaras, tinham já no quarto século vertidas nas suas línguas as Escrituras do Velho e Novo Testamento. Assim o afirmam expressamente S. João Crisóstomo e seu discípulo Teodoreto, o primeiro dos quais, na Homília 1.^a sobre o Evangelho de S. João, escreve assim: “Os sírios, os egípcios, os índios, os persas, os etíopes, tendo traduzido nas suas línguas os dogmas de João, aprenderam dêle, sendo uns homens bárbaros, uma nova filosofia.” O segundo, no livro V *De como se devem curar as paixões dos gregos*, escreve assim: “Tôda a terra está cheia da doutrina dos profetas e dos apóstolos, por se terem traduzido os seus livros não numa só língua,

Prefácio

mas na dos romanos, na dos egípcios, na dos índios, na dos armênios, na dos citas, na dos sarmatas, e, numa palavra, em tôdas as línguas que então estavam em uso em tôdas as nações.”

E' outro fato de notoriedade pública que destas suas versões se serviam tôdas aquelas Igrejas, até para a celebração pública dos Divinos Offícios. O grande Arnault, no seu Tratado *De la lecture de l'Écriture Sainte*, livro II, cap. VIII e cap. IX, o prova de vários monumentos autênticos da antiguidade. Eu apontarei sòmente três.

O primeiro é tirado da Vida original de S. Marciano, mordomo-mor de Constantinopla, que florescia pelos anos de Cristo 460; a qual Vida vem no *Acta Sanctorum*, a 10 de janeiro; e nela refere seu antigo escritor que, como os dois generais gôdos Aspar e Ardabute tivessem feito vários donativos de valor à igreja de Santa Anastásia, que S. Marciano tinha edificado, o mesmo S. Marciano, em agradecimento e memória destas liberalidades, ordenou que nos dias solenes se lessem na dita igreja as Escrituras em língua gótica. Não declara o autor da Vida de S. Marciano que versão gótica era esta; mas como Sócrates, no livro IV, cp. xxvii, e Sozomeno, no livro, VI, cap. xxxvii, referem que em tempo do imperador Valente, isto é, cem anos antes de florescer S. Marciano, traduzira Ulfilas, bispo gôdo, na sua língua a Escritura Sagrada, podemos ter por sem dúvida que esta era a que S. Marciano instituiu que lessem nos dias solenes na sua igreja de Santa Anastásia.

O segundo é tirado da Vida original de S. Teodósio, abade junto a Jerusalém, contemporâneo de S. Sabas (de quem também era vizinho), e conseqüentemente dos fins do quinto século ou princípio do sexto; a qual Vida também anda no *Acta Sanctorum*, a 11 de janeiro; e nela escreve assim o antigo autor: “Tinha S.

Prefácio

Teodósio, como S. Sabas, um mosteiro de gregos e outro de Armênios, e um terceiro de Bessos, onde êles faziam o Ofício das Sete Horas Canônicas, cada um na sua língua; mas nos dias que êles haviam de comungar, observava-se uma regra muito sãbiamente instituída, que era que até o evangelho cada um ouvia as Escrituras Divinas na sua Igreja e na sua língua, e depois ajuntavam-se todos na igreja maior dos gregos e nela recebiam a Eucaristia, o que até o dia de hoje se observa.” Eram os Bessos uns povos bárbaros da Trácia e dos países vizinhos, e a língua em que êles celebravam os Ofícios Divinos suspeita Bollando que seria a escravônica.

O terceiro é tirado da Vida original do referido S. Sabas, abade, escrita por um de seus discípulos, onde se refere o seguinte: “Neste mesmo tempo um chamado Jeremias, armênio de nação, que era um homem santíssimo e a quem Deus tinha concedido muitos dons extraordinários, veio com dois discípulos seus, Pedro e Paulo, buscar a S. Sabas. Alegrou-se êste muito com a vinda dêstes excelentes armênios, e deu-lhes a pequena cela que êle habitava quando estava só, junto ao rio, como também o pequeno oratório que estava vizinho, para que êles cantassem nêle os louvores de Deus na sua língua sábados e domingos. Êstes mesmos armênios foram causa de que outros da mesma região viessem aumentar o número dos solitários da laura de S. Sabas; de sorte que, como o oratório que êle lhes tinha dado era mui pequeno, edificou o santo uma nova igreja para os outros solitários, e transferiu os armênios para a antiga, na qual êles liam o evangelho e faziam a liturgia tôda na sua língua, e depois vinham comungar na igreja dos gregos. A única coisa que S. Sabas lhes fazia cantar em grego era o *Trisagio*, isto é, o hino, *Santo, Santo,*

Prefácio

Santo, Senhor Deus de Sabaoth; e isto para ficar seguro de que êles lhe não ajuntavam as palavras *que padeceste por nós*, como Pedro Fullon, bispo intruso de Antioquia, quisera que se fizesse a favor da heresia de Eutiques." Até aqui o antigo escritor da Vida de S. Sabas.

A êstes primeiros séculos reduzem os homem doutos as versões siríaca, arábica, cóptica, persiana, etiópica, que ainda hoje existem manuscritas e impressas. Da versão siríaca dá um notável testemunho S. Basílio na Homília II sôbre o *Hexamerom* ou *Obra dos Seis Dias*, e conforme ela escreveram doutamente sôbre a Escritura e religião S. Jacques, bispo de Nisibi na Mesopotâmia, e S. Epfrem, diácono da igreja de Edessa na Osroena. A versão cóptica, crêem os mesmos críticos que foi feita na antiga língua egípcia, e que dela usaram particularmente os monges da Tebaida, entre os quais, como se colhe das Vidas de alguns, não era corrente a grega; porque, por não a saberem, conta S. Atanásio que S. Antão falara por intérprete a certos filósofos gregos que o buscaram, e conta Paládio que S. João do Egito falava por intérprete ao imperador Teodósio.

Passando dos primeiros séculos aos posteriores e dêstes aos mais chegados a nós, é outro fato igualmente certo e constante que tôdas as nações da Europa, ou mais cedo ou mais tarde, procuraram ter e com efeito tiveram suas versões da Sagrada Escritura feitas nas suas próprias linguas para uso de todos os fiéis.

INTRODUÇÃO À SAGRADA ESCRITURA

Qui nescit Scripturas, nescit Dei
virtutem ejusque sapientiam.

S. Jerônimo.

Scrutamini Scripturas.

João V-39

A Bíblia (do grego *biblos*, o livro). é o livro por excelência, e contém os escritos reconhecidos pela Igreja como divinamente inspirados. Também se lhe chama *A Escritura*, *As Sagradas Escrituras*, segundo a designação de Paulo II Tim. 3, 16, Rom 1, 2 etc. Divide-se em duas grandes partes, denominadas *Antigo Testamento* e *Novo Testamento*. O *Antigo Testamento* compreende os livros escritos até à vinda de Jesus Cristo; o *Novo Testamento* compreende os que se escreveram posteriormente à vinda do Redentor. O *Antigo Testamento* compreende 45 livros, dos quais 22 existem escritos em hebreu e os restantes ou foram escritos em grego, ou perdeu-se o original hebraico. Os primeiros são os chamados *proto-canônicos*, os segundos *deuterocanônicos*, (Vigouroux, *Manuel Biblique*). Os livros que a Igreja Católica admite como canônicos, conforme o decreto da sessão IV do Sagrado Concílio de Trento, são:

Do Antigo Testamento:

- a) *Legais* — Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronomio.
- b) *Históricos* — Josué; Juízes; Rute; os quatro livros dos Reis (que Vigouroux entende que

Introdução à Sagrada Escritura

só formam dois livros (*Manuel Biblique*); dois livros dos Paralipômenos; dois livros de Esdras; Tobias, Judite, Ester, Jó e os dois dos Macabeus.

- c) *Sapienciais* — Os Salmos, os Provérbios ou Parábolas de Salomão; Eclesiastes; Cântico dos Cânticos; Sabedoria, e Eclesiástico.
- d) *Proféticos* — Isaías; Jeremias; a que se junta Baruc, Ezequiel; Daniel — e os Profetas menores Oséias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuc, Sofonias. Ageu, Zacarias e Malaquias.

Do Novo Testamento:

- a) *Legais* — Os quatro Evangelhos, S. Mateus, S. Marcos, S. Lucas e S. João.
- b) *Histórico* — Os atos dos Apóstolos.
- c) *Sapienciais* ou *didáticos* — Catorze Epístolas de S. Paulo; duas de S. Pedro; três de S. João; uma de São Tiago, e uma de S. Judas.
- d) *Profético* — O Apocalipse de S. João.

Durante muitos séculos a Bíblia foi respeitada e considerada como um tesouro por Deus concedido aos homens. O racionalismo investiu contra os Livros Santos e a guerra foi declarada abertamente; começou na Inglaterra, donde passou para a França; porém nem os deístas ingleses, nem os filósofos franceses fundaram uma escola; isso estava reservado à Alemanha. Foi aí que nasceu o racionalismo bíblico, donde passou para as outras nações; todos os inimigos da Bíblia, franceses, ingleses, italianos, espanhóis ou portugueses, vão procurar na exe-

Introdução à Sagrada Escritura

gese germânica os argumentos com que atacam os livros santos. O combate tem sido rude; ao campo da luta têm vindo os homens mais eminentes; a vitória porém pertence à Bíblia.

Nenhum livro tem a sua autenticidade tão bem demonstrada; não é só a tradição que vem em seu favor; não é só a análise dos caracteres intrínsecos e extrínsecos da Bíblia, onde nada se encontra que não seja perfeitamente acomodado às circunstâncias do tempo, lugar e pessoas; os testemunhos de todos os livros subseqüentes, a fé de todos os judeus, a impossibilidade de supor forjados os livros que são a fonte da religião, legislação e direito público dum povo inteiro; mas são, sobretudo, as modernas descobertas que nos vêm dizer que a Bíblia é um livro rigorosamente autêntico.

O estudo dos monumentos das margens do Tigre, do Eufrates e do Nilo confirmam os dados mais minuciosos, as particularidades mais insignificantes que se encontram nos Livros Santos; a assiriologia e a egiptologia com as suas investigações proclamam que os Livros Santos dizem a verdade. São as pedras falando em defesa da Bíblia, quando os homens de má fé a tentam destruir e procuram atacá-la.

NOTA. — Está calculado que se pode ler tódá a Bíblia em um ano, lendo três a quatro capítulos por dia, leitura recomendada, por um modo especial, aos estudantes teólogos. O Bispo de Vich, D. Pablo de Jesus, concedeu no ano de 1832 a cada seminarista 40 dias de indulgência por cada capítulo que lessem, com o respeito devido à palavra do Senhor, e outros tantos dias por cada real que gastassem com a aquisição de Livros Santos.

INTRODUÇÃO GERAL AO PENTATEUCO

PENTATEUCO, do grego *pente*, cinco, e *teucos* volume, é a coleção de cinco livros em que Moisés, libertador e legislador dos hebreus, divinamente inspirado, contou as origens do mundo e a história do povo de Deus até ao momento em que estava prestes a entrar na Terra Prometida. Os cinco livros são o Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuterônomo.

A autenticidade do *Pentateuco* tem sido contraditada por todos os heterodoxos que têm pretendido negar que Moisés seja o autor destes livros. Na antiguidade, os maniqueus esforçaram-se por combater a autenticidade destes livros; na Idade Média Aben Esra e Isaac Ben Jasos explicaram a seu modo a origem dos livros mosaicos. Posteriormente Isaac de La Peyrere, Baruc Spinoza, Th. Hobbs e João Le Clerc, contestaram a autenticidade do *Pentateuco*. Foi nos fins do século XVIII que o combate se tornou mais violento. Depois no século XIX, Vater, Astruc no seu livro *Conjectures sur les memoires originaux dont il paraît que Moïse s'est servi pour composer le livre de la Génèse*, Gramberg que estabeleceu a falsa distinção entre *eloísmo* (isto é, o período em que o Deus se chamava *eloim*), e o *jeovismo* (período

posterior em que a Divindade se denominava pelo nome de Jeová), Stahelino, Tuch, Ewald, Hupel, Richn, Knobel Koenen Reuss, Renan, Welhaussen, etc., apresentaram hipóteses contraditórias, sem que conseguissem obter um resultado sério. Tôdas as suas asserções são puramente arbitrárias e de todo o ponto gratuitas. Em que pese aos inimigos da Bíblia, a autenticidade do *Pentateuco* prova-se com argumentos intrínsecos e extrínsecos.

ARGUMENTOS INTRÍNSECOS — a) Tudo quanto está exarado no Pentateuco indica um autor antiquíssimo, ou melhor o historiador mais antigo, tal como é Moisés.

A criação do mundo, a inocência e a queda, o dilúvio, a dispersão dos povos, a fundação das cidades, a rigorosa descrição da vida doméstica e pastoril dos patriarcas, etc., etc., são narrações feitas de tal sorte, de que nos convencemos que o seu autor devia ter composto a obra perto desses lugares, haurindo da tradição oral muitos e minuciosos dados, que em épocas posteriores ter-se-iam perdido. Além disso as alusões a lugares do Egito e da Arábia são tão precisas que só quem ali tivesse residido as poderia formular. b) A maneira como Moisés fala de si mesmo, comprova ser o autor do *Pentateuco*. No Ex 17, 14, Deus ordena a Moisés que escreva *no livro*, o que supõe a existência dum livro no qual estavam consignados os acontecimentos relativos ao povo de Israel. No c. 24, 7, alude-se ao *Sefer Berith*, ou livro da aliança, que Moisés lê ao povo. c) A ordem, disposição e narração dos fatos comprova ser Moisés o autor do Pentateuco. Os primeiros acontecimentos são esboçados apenas; à medida que os fatos se vão aproximando vão sendo mais precisamente descritos, com mais rigor e clareza. d) Comprovam a autenticidade do *Pentateuco* os arcaísmos e certas locuções que lhe são próprias.

Introdução Geral ao Pentateuco

A linguagem de Moisés, tem uma côr antiga, uns traços primitivos, um modo de dizer especial, formas irregulares, simples, processos elementares de construção e muitas palavras egípcias, que são um indício seguro comprovado pelos fatos narrados.

ARGUMENTOS EXTRÍNSECOS — a) A crença universal de todos os judeus, tendo como certo ser Moisés o autor do Pentateuco. Filon, Flávio, Josefo, os rabinos, o Talmude, todos concordam em indicar Moisés como o único autor do Pentateuco. b) Os livros sagrados dos judeus fornecem-nos importantíssimo argumento. De Josué, por exemplo, citaremos estas palavras: *Estote solliciti ut custodiatís cuncta quæ scripta sunt in volumine legis Moysi* (23, 6. Cf. 1, 7-8; 24, 26) 3 Rs 2, 3; 4 Rs 14, 6; 1 Parab 15, 15; 1 Esdr 3, 2; Tob 7, 14; Dan 9, 11-13, não esquecendo os *Salmos* que resumem poéticamente os fatos contados por Moisés. *Le Psautier est le Pentateuque mis en prières*. Vigouroux, *Manuel Biblique*. c) O texto samaritano tem sido muitas vêzes confrontado com o texto hebreu, e é sabido que os samaritanos atribuíram-no sempre a Moisés, o que tem grande valor, vista a inimizade que separava os dois povos; certamente se o texto dum fôsse falso, o outro apressar-se-ia a demonstrar a sua falsidade. d) A antiguidade profana também comprova a autenticidade do *Pentateuco*. Eupolimo, Pompeu, Platão, Diodoro da Sicília, Estrabão, Tácito, Plínio e Juvenal atribuíram a Moisés o *Pentateuco* e a legislação dos hebreus; Conf. D. Augusto Eduardo Nunes *Theologiae Fundamentalís compendium*. e) As descobertas modernas e a egiptologia confirmam a exatidão das narrações de Moisés. Confrontando-se o que se encontra no *Pentateuco* com as descobertas dos monumentos descobre-se perfeita analogia, que só pode resultar de ser Moisés contemporâneo dêsses monumentos, e ser o autor dos livros

Introdução Geral ao Pentateuco

em questão. Sobretudo o Deuteronômio contém numerosas alusões aos usos do Egito. Há muitas passagens que lembram usos farisaicos e instituições egípcias, etc. Veja-se F. Vigouroux *La Bible et les découvertes modernes*.

GÊNESIS

Em hebreu *Berechith*, que é a palavra inicial traduzida na Vulgata — *in principio*. O Gênesis é por dizer a introdução aos quatro últimos livros do Pentateuco e à história do povo de Deus. Conta-nos a história da criação do mundo até à vocação de Abraão, a história dos patriarcas, Abraão, Isaac, a vida e a morte de Jacó, no Egito, a história da sua descendência, narrando-nos Moisés o estabelecimento dos israelitas no Egito. Consta de cinquenta capítulos e é um grande quadro genealógico, como escreve Cosquin, *Dans le premier livre de Moïse, la généalogie est le cadre de l'histoire*. Veja-se a nota final do Gênesis à pág. 214.

BÍBLIA SAGRADA

G Ê N E S I S

CAPÍTULO I

CRIAÇÃO DO CÉU E DA TERRA, E DE TUDO O QUE NELES SE CONTÉM. DEPOIS CRIA DEUS O HOMEM E A MULHER, E SUJEITA-LHES TODAS AS OUTRAS CRIATURAS.

1 No princípio criou Deus o céu e a terra. (1)

2 A terra, porém, estava vazia e nua; e as trevas cobriam a face do abismo; e o espírito de Deus era levado por cima das águas.

3 Disse Deus: Faça-se a luz; e fêz-se a luz. (2)

(1) NO PRINCÍPIO — O valor do termo hebraico do original é — “antes de existir coisa alguma criada”. — Segundo a opinião de Fabre d'Envieu, *Origines de la terre et de l'homme* (1873). este versículo inicial refere-se à criação primordial da matéria (período ante-hexamérico), enquanto que os seguintes contam a organização da matéria criada, em seis épocas.

CRIOU — No original emprega-se o termo *bara*, que significa crear ex nihilo, enquanto que nos versículos seguintes a vulgata traduziu por criar o termo hebraico *hasah*, que significa organizar a matéria preexistente. Com esta interpretação concordam os modernos Owen, Herschell, Wallace, Naudin, Jousset e outros insignes naturalistas.

(2) FAÇA-SE A LUZ — Os modernos comentadores entendem que a expressão *faça-se*, em latim *fiat*, não indica necessariamente a criação duma coisa que não existia, mas sim que se lhe deve ligar a significação de aparecer, e assim entendem que Moisés quis exprimir a aparição da luz onde ela ainda não penetrava, conforme ensina Less-trade no seu livro *Accord de la science avec le premier chapitre de la Génèse* (1885).

Gênesis 1, 4-10

4 E viu Deus que a luz era boa; e dividiu a luz, das trevas. 1

5 E chamou à luz dia, e às trevas noite; e da tarde e da manhã se fez o dia primeiro. (3)

6 Disse também Deus: Faça-se o firmamento no meio das águas, e separe umas águas das outras águas. (4)

7 E fez Deus o Firmamento, e dividiu as águas, que estavam por baixo do firmamento, das que estavam por cima do firmamento.

8 E chamou Deus ao firmamento céu; e da tarde, e da manhã se fez o dia segundo.

9 Disse também Deus: As águas que estão debaixo do céu, ajuntem-se num mesmo lugar, e o elemento árido apareça. E assim se fez.

10 E chamou Deus ao elemento árido terra, e ao

(3) **O DIA PRIMEIRO** — A organização do mundo é dividida por Moisés em seis atos, que ele designa pela palavra *yôm*, e que a vulgata traduziu por dia, quando é certo que em hebreu esta palavra designa espaço de tempo, época ou período; mas ainda mesmo que significasse apenas o espaço de vinte e quatro horas, nunca se devia entender no sentido próprio, mas em sentido figurado, o que está perfeitamente na índole da linguagem oriental, tão fértil no emprêgo de metáforas, que a cada passo se encontram. Esta opinião não é nova; já a seguiu Santo Agostinho. Não se deve deixar de atender também à intenção litúrgica, que Moisés tinha em vista querendo consagrar a semana hebraica. Vejam-se os artigos da *Dublin Review* e *Revue des questions scientifiques*.

(4) **FIRMAMENTO** — Por esta palavra traduziu S. Jerônimo o termo hebraico *rāqî'a*, que significa extensão, expansão, e por isso os exegetas de hoje dão-lhe a significação de atmosfera, que não somente divide as águas das nuvens que os vapores aí formam, das da terra, mas que, exercendo pressão sobre as águas dos mares, se conservam em seu estado líquido e dentro dos seus limites, como ensina Vigouroux, *La sainte Bible polyglotte* (1900). Este é o segundo período da criação, cuja narração vai até ao versículo oitavo.

agregado das águas mares. E viu Deus que isto era bom.

11 Disse também Deus: Produza a terra erva verde, que dê a sua semente; e produza árvores frutíferas, que dêem fruto, segundo a sua espécie, e que contenham a sua semente em si mesmas, para a reproduzirem sobre a terra. E assim se fez. (5)

12 E produziu a terra erva verde, que dava semente segundo a sua espécie; e produziu árvores frutíferas que continham a sua semente em si mesmas. E viu Deus que isto era bom. (6)

(5) **PRODUZA A TERRA** — Santo Agostinho, no seu tratado sobre o Gênesis, espraia-se em largas considerações sobre estas palavras para sustentar a teoria da criação secundária e derivada, doutrina perfilhada pelo Doutor Exímio, o Padre Suarez, na qual se firma o moderno e notável naturalista católico Saint Georges Mivart, que sustenta haver no Gênesis, claramente evidenciadas as duas criações: (a) imediata, no ato pelo qual Deus do nada criou a matéria; ao que chama criação primordial e absoluta; e (b) criação mediata, quando Deus, depois de ter criado diretamente a matéria, imprimiu-lhe a força para se desenvolver sob certas e determinadas leis, impostas pela sua Onipotência Infinita e Onisciência Indefectível. Assim ficaram criadas, não em ato, mas em potência, todas as formas que mais tarde surgiram da matéria, sob a ação das forças e propriedades que a esta são inerentes. Veja-se o livro do Padre Zahm, *Science catholique et savants catholiques* (1895).

(6) **ERVA** — No primeiro e segundo período não se fala em manifestação alguma da vida, o que corresponde fielmente ao período azóico da geologia; mas neste terceiro período já se alude a uma, embora rudimentar, flora — a erva verde e as árvores. Que vegetais eram estes? Fetos, musgos, o equisetum, os ginospermas. Mas, objeta-se, como se podiam desenvolver estas plantas sem a ação dos raios solares? Plaff responde a estas perguntas com toda a precisão: "Não é de sol que as plantas necessitam, mas de luz e calor". Ora, a luz e o calor, é cientificamente certo, existiram antes do sol. Outra objeção, que se levanta, é, que pelos dados de geologia sabemos existirem neste mesmo período, que corresponde à idade paleo-

Gênesis 1, 13-20

13 E da tarde e da manhã se fêz o dia terceiro.

14 Disse também Deus: Façam-se uns luzeiros no firmamento do céu, que dividam o dia e a noite, e sirvam de sinais nos tempos, as estações, os dias e os anos;

15 que luzam no firmamento do céu, e alumiem a terra. E assim se fêz.

16 Fêz Deus, pois, dois grandes luzeiros, um maior, que presidisse ao dia; outro mais pequeno, que presidisse à noite: e criou também as estrêlas. (7)

17 e pô-las no firmamento do céu para luzirem sobre a terra,

18 e presidirem ao dia e à noite, e dividirem a luz, das trevas. E viu Deus que isto era bom.

19 E da tarde, e da manhã se fêz o dia quarto.

20 Disse também Deus: Produzam as águas animais viventes, que nadem nas águas; e aves, que voem sobre a terra, e debaixo do firmamento do céu. (8)

zóica, alguns batráquios, anfíbios e peixes; a isto respondem os exegetas dizendo, e com razão, que Moisés não estava escrevendo um tratado científico, e por isso só menciona, em cada época os seres que a caracterizam. Vigouroux, *ob. cit.*; Lapparent, *Traité de géologie*; Pozzy, *La terre et le récit biblique, L'œuvre*.

(7) **DOIS GRANDES LUZEIROS** — Não esquecendo que Moisés não escrevia um tratado de astronomia (Pioger, *L'œuvre des six jours*), devemos notar que neste quarto período se assinala a organização do nosso sistema solar. Basta que se note que entre a narração bíblica e os dados da astronomia, em que pese a Drapper e White, não existe contradição real, pois todos sabem que M. Faye sustenta que a terra foi criada antes do sol, do que facilmente nos convencemos estudando as várias hipóteses cósmicas, e lendo Kant, Herschell, Laplace, Faye e Wolf. Cf. Estienne, *Comment c'est formé l'Univers*.

(8) **ANIMAIS VIVENTES** — Dêste versículo ao 23 vai o quinto período que corresponde à idade mesozóica ou secundária, que é caracterizada por uma abundância prodigiosa da vida animal. Destacam-se os enormes répteis, armados de terríveis meios de destruição, e por isso os geólogos lhe chamaram a “a era dos répteis”. Os dados

21 Criou Deus pois, os grandes peixes e todos os animais que têm vida e movimento, os quais foram produzidos pelas águas, cada um segundo a sua espécie. Criou também tôdas as aves, segundo as suas espécies. E viu Deus que isto era bom.

22 E êle os abençoou, e lhes disse: Crescei e multiplicai-vos, e enchei as águas do mar: e as aves se multipliquem sôbre a terra.

23 E da tarde e da manhã se fêz o dia quinto.

24 Disse também Deus: Produza a terra animais viventes, cada um segundo a sua espécie: animais domésticos, répteis e animais selvagens, segundo as suas espécies. E assim se fêz: (9)

25 E criou Deus os animais selvagens, segundo as suas espécies; os animais domésticos, e todos os répteis,

geológicos estão em perfeito acôrdo com a narração mosaica. Nesta camada geológica encontram-se os fósseis d'esses gigantescos sáurios, e os ictiossauros de formas extraordinárias, anfíbios de enormes dimensões, cete *grandia*, *belluinas* marinas, como diz o texto sagrado. Depois vêm as aves, das quais se encontram os vestígios nos terrenos jurássico e cretáceo, e aí temos nós os pterodátiles, os répteis alados, e os grandes pássaros, do gênero do avestruz. Gosselet, *Cours de géologie*.

(9) ANIMAIS SELVAGENS — E' a tradução à letra do texto hebreu. Neste versículo começa a decorrer o sexto período. Até aqui Moisés não nos falou dos mamíferos, também na idade geológica anterior êles não apareceram; agora fala-nos dos animais domésticos e dos selvagens; mas a este período pertencem a idade cenozóica ou terciária, e a idade quaternária, nas quais aparecem os vestígios dos mamíferos. "Por isso, diz Plaff, se nós compararmos os dados científicos com a História Bíblica, vemos que está em perfeita harmonia com aquêles... Assim a seqüência cronológica de Moisés é rigorosa; o caos, a terra emergindo coberta pelas águas; a formação do reino inorgânico, depois o vegetal, a seguir o animal, tendo por primeiros representantes os aquáticos, após os terrestres, e por fim o homem, o último e o mais perfeito — tal é, na verdade, a sucessão dos seres".

Gênesis 1, 26-31; 2, 1

da terra, cada um segundo a sua espécie. E viu Deus que isto era bom.

26 Disse também Deus: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, o qual presida aos peixes do mar, às aves do céu, às bestas, e a todos os répteis, que se movem sobre a terra, e domine em toda a terra.

27 E criou Deus o homem à sua imagem: fê-lo à imagem de Deus, e criou-os macho e fêmea.

28 Deus os abençoou, e lhes disse: Crescei e multiplicai-vos, e enchei a terra, e tende-a sujeita a vós, e dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, e sobre todos os animais que se movem sobre a terra.

29 Disse-lhes também Deus: Eis aí vos dei eu todas as ervas, que dão as suas sementes sobre a terra; e todas as árvores, que têm as suas sementes em si mesmas, cada uma segundo a sua espécie, para vos servirem de sustento a vós,

30 e a todos os animais da terra, a todas as aves do céu e a tudo o que tem vida e movimento sobre a terra, para terem de que se sustentar. E assim se fez.

31 E viu Deus todas as coisas que tinha feito, e eram muito boas. E da tarde e da manhã se fez o dia sexto.

CAPÍTULO 2

ABENÇOEA E SANTIFICA DEUS O DIA SÉTIMO. PÔE AO HOMEM NUM PARAÍSO, OU JARDIM DELICIOSO, ORNADO DE TODA A CASTA DE ÁRVORE, E REGADO DE MUITA ÁGUA. DEFENDE-LHE QUE NÃO COMA DA ÁRVORE DA CIÊNCIA DO BEM E DO MAL. DE QUE MODO FOI EVA FORMADA DE ADÃO. INSTITUIÇÃO DO MATRIMÔNIO.

1 Assim pois foram acabados o céu, e a terra com todos os seus ornatos.

2 E acabou Deus no dia sétimo a obra que tinha feito: e descansou no dia sétimo, depois de ter acabado as suas obras.

3 E abençoou Deus o dia sétimo, e o santificou; porque neste dia cessou êle de produzir tôdas as obras que tinha criado.

4 Tal foi a origem do céu, e da terra, e assim é que êles foram criados no dia, que o Senhor os criou, (1)

5 e que criou tôdas as plantas do campo, antes que elas tivessem saído da terra; e tôdas as ervas da terra, antes que elas tivessem arrebentado: porque ainda o Senhor Deus não tinha chovido sôbre a terra, nem o homem, que a devia cultivar, era ainda nada:

6 mas da terra saía uma fonte de água, que lhe regava tôda a superfície.

7 Formou pois o Senhor Deus ao homem do limo da terra, e assoprou sôbre o seu rosto um assôpro de vida; e recebeu o homem, alma e vida.

8 Ora, o Senhor Deus, tinha plantado ao princípio um paraíso, ou jardim delicioso, no qual pôs ao homem, que tinha formado.

9 Tinha também o Senhor Deus feito nascer da terra tôdas as castas de árvores agradáveis à vista, e cujo fruto era gostoso ao paladar: e a árvore da vida no meio do paraíso, com a árvore da ciência do bem e do mal.

(1) Não existe uma cronologia bíblica, e conquanto apareçam vários sistemas e se tenham defendido variadas hipóteses, mais ou menos rigorosamente fundamentadas, contudo a Igreja nunca se pronuncia sôbre tão delicado assunto. "E", diz o Cardeal Meignan, um erro acreditar que a Igreja estabeleça para a antiguidade do homem esta ou aquela duração, por isso que nunca emitiu o seu juízo sôbre a questão". Quanto às datas que encimam vários capítulos, ou parte da Bíblia, fique desde já assente, que nem fazem parte do texto inspirado nem são dos hagiógrafos, mas de diversos comentadores.

Gênesis 2, 10-17

10 Dêste lugar de delícias saía um rio, que regava o paraíso, e que dali se repartia em quatro braços.

11 Um se chama Fison; e êste é o que torneia todo o país de Evilate, onde nasce ouro.

12 E o ouro desta terra é excelente: ali também se acha o bedélio e a pedra cornelina.

13 O segundo rio chama-se Geon: êste é o que torneia todo o país da Etiópia.

14 O terceiro rio chama-se o Tigre que corre para a banda dos assírios; e o quarto dêstes rios é o Eufrates.

15 Tomou pois o Senhor Deus ao homem, e pô-lo no paraíso das delícias, para êle o hortar e guardar. (2)

16 E deu-lhe esta ordem, e lhe disse: Come de todos os frutos das árvores do paraíso.

17 Mas não comas do fruto da árvore da ciência do bem, e do mal. Porque em qualquer tempo que comeres dêle, certissimamente morrerás.

(2) **PARAÍSO DAS DELÍCIAS** — A palavra paraíso corresponde ao hebreu *pardês* e ao persa *paradoesa*, significa parque, jardim cerrado e plantado de árvores. O texto determina a situação do paraíso terrestre, dizendo que o éden estava situado no levante, banhado por quatro rios, ou melhor, por um rio que se dividia em quatro braços, que se chamavam Fison, Geon, Tigre e Eufrates. A identificação dos dois últimos não oferece dúvidas; outro tanto não sucede com os primeiros, e daí a dificuldade de localizar o paraíso terrestre. Têm-se apresentado várias conjecturas, mas nada de positivo se sabe, porque o dilúvio e tantos acidentes cósmicos, no decurso dos séculos, podem ter modificado notavelmente a topografia desses lugares, tornando difíceis, senão baldadas, quaisquer pesquisas. A terra de Hevilat, banhada pelo Fison, é a Cólchida, o país dos metais preciosos, onde os argonautas iam procurar o velo de ouro. O Geon parece ser o moderno Aras, que vai desaguar no mar Cáspio. Por tudo isto o sábio filólogo alemão Ebers diz “que o paraíso terrestre deve ser procurado

18 Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só: façamos-lhe uma Ajudante semelhante a êle.

19 Tendo pois o Senhor Deus formado da terra todos os animais terrestres, e tôdas as aves do céu, êle os levou a Adão, para êste ver como os havia de chamar. E o nome, que Adão pôs a cada animal, é o seu verdadeiro nome.

20 Êle os chamou pelo nome, que lhes era próprio, assim as aves do céu, como os animais da terra: mas não se achava Ajudante para Adão, que fôsse semelhante a êle.

21 Mandou pois o Senhor Deus um profundo sono a Adão; e quando êle estava dormindo, tirou Deus uma das suas costelas, e pôs carne em seu lugar.

22 E da costela que tinha tirado de Adão, formou o Senhor Deus uma mulher, que êle lhe apresentou.

23 Então disse Adão: Eis aqui agora o osso de meus ossos, e a carne da minha carne. Esta se chamará por um nome derivado do homem, porque foi tirada do homem.

24 Por isso deixará o homem a seu pai e a sua

nas origens do Tigre e do Eufrates, e a isso chegamos pelos conhecimentos de etnografia, geografia, história hebraica, crônicas armênias e, dum modo particular, da filologia comparada". Sayce, professor em Oxford, sustenta que o paraíso estava situado na planície de Babilônia, e que o rio que o banhava era o golfo Pérsico, chamado pelos babilônios o rio amargo. *The higher Criticism and the verdict of the Monuments* (1895). Não se trata dum mito geográfico ou pura ficção, mas sim da primeira página da história da humanidade, história cujos documentos têm passado através dos séculos gravados nas pedras dos templos das mais antinômicas religiões, e nas mitologias de todos os povos.

Gênesis 2, 25; 3, 1-5

mãe, e se unirá a sua mulher: e serão dois numa mesma carne.

25 Ora, Adão e sua mulher estavam nus e não se envergonhavam.

CAPÍTULO 3

TENTAÇÃO DE EVA PELA SERPENTE. QUEDA DE EVA E DE ADÃO. A SERPENTE AMALDIÇOADA. O PRIMEIRO HOMEM CONDENADO E' LANÇADO FORA DO PARAÍSO.

1 É de saber que a serpente era o mais astuto de todos os animais da terra, que Deus tinha feito: e ela disse à mulher: Por que vos proibiu Deus que não comêsseis do fruto de tôdas as árvores do paraíso? (1)

2 Respondeu-lhe a mulher: Nós comemos dos frutos das árvores, que há no paraíso.

3 Mas do fruto da árvore, que está no meio do paraíso, Deus nos proibiu não comêssemos, nem a tocássemos, sob pena de morrermos.

4 Mas a serpente disse à mulher: Bem podeis estar seguros que não haveis de morrer:

5 porque Deus sabe que tanto que vós comerdes

(1) **SERPENTES** — A serpente foi o demônio sob aquela figura para assim tentar Eva. "Como os anjos conversavam com os homens, — escreve Bossuet nas *Elevations*, — Eva não se surpreendeu, nem estranhou tão singular aparição". Foi escolhida a forma da serpente, por causa da astúcia deste réptil: "Ela sabe, diz Chateaubriand, à maneira do homem manchado com sinais de homicida, despir a pele maculada de sangue, com medo que a conheçam (*Genie du Christianisme*). Os livros sagrados da Pérsia confirmam esta passagem do sagrado texto. Arimã, sob a forma de serpente, lança-se na terra para destruir os homens, como se lê no notável livro indú *Zend Avesta*."

dêsse fruto, se abrirão vossos olhos; e vós sereis como uns deuses pelo conhecimento, que tereis do bem e do mal.

6 A mulher, pois, vendo que o fruto daquela árvore era bom para se comer, e era formoso, e agradável à vista, tomou dêle, e comeu, e deu a seu marido, que comeu do mesmo fruto como ela.

7 No mesmo ponto se lhes abriram os olhos, e ambos conheceram que estavam nus; e tendo cosido umas com outras, umas fôlhas de figueira, fizeram delas umas cintas.

8 E Adão, e sua mulher, como tivessem ouvido a voz do Senhor Deus, que andava pelo paraíso, ao tempo que se levantava a viração depois do meio-dia, se esconderam da face do Senhor Deus entre as árvores do paraíso.

9 E o Senhor Deus chamou por Adão, e lhe disse: Onde estás?

10 Respondeu-lhe Adão: Como ouvi a tua voz no paraíso, e estava nu, tive medo e escondi-me.

11 Disse-lhe Deus: Donde soubeste tu que estavas nu, se não porque comeste do fruto da árvore, de que tinha ordenado que não comesses?

12 Respondeu Adão: A mulher que tu me deste por companhia, deu-me dêsse fruto, e eu comi dêle.

13 E o Senhor Deus disse para a mulher: Por que fizeste tu isto? Respondeu ela: A serpente me enganou, e eu comi.

14 E o Senhor Deus disse à serpente: Pois que tu assim o fizeste, tu és maldita entre todos os animais e bêstas da terra: tu andarás de rôjo sôbre o teu ventre, e comerás terra todos os dias da tua vida.

15 Eu porei inimizades entre ti, e a mulher; entre

Gênesis 3, 16-20

a tua posteridade e a sua dela. Ela te pisará a cabeça e tu procurarás mordê-la no calcanhar. (2)

16 Disse também à mulher: Eu multiplicarei os trabalhos dos teus partos. Tu parirás teus filhos em dor, e estarás debaixo do poder de teu marido, e ele te dominará.

17 A Adão porém disse: Pois que tu deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste do fruto da árvore, de que eu te tinha ordenado que não comesses; a terra será maldita por causa da tua obra: tu tirarás dela o teu sustento à força de trabalho.

18 Ela te produzirá espinhos e abrolhos: e tu terás por sustento as ervas da terra.

19 Tu comerás o teu pão no suor do teu rosto, até que te tornes na terra, de que foste formado. Porque tu és pó, e em pó te hás de tornar.

20 E Adão pôs à sua mulher o nome de Eva, por causa de que ela havia de ser a mãe de todos os viventes.

(2) **POREI INIMIZADES** — Contém este versículo a primeira profecia messiânica, a que os Santos Padres chamam **Proto Evangelho**, e com sobeja razão, porque é este o primeiro anúncio da boa nova da redenção dos homens. E' de advertir que a tradução da Vulgata não concorda com o original hebreu. A tradução diz **Ela te pisará a cabeça**, quando o original diz **ele**, conforme se vê em tôdas as paráfrases caldaicas, versões de Onkelos, as siríacas, a copta, a armênia, e o texto samaritano. Que este texto se refere ao Messias, e que a mulher de quem este provirá é a Virgem, dizem-no os concludentes textos de todos os Doutores e Santos Padres das Igrejas Latina e Grega, verdadeiros representantes da fé nos primeiros séculos. Os esforços dos modernos racionalistas Eichorn, Less, Dath, Hufnazel Strauss, etc., longe de surtirem efeito põem mais em relêvo a realidade do Proto Evangelho, resplandecendo, com tôdas as luzes, por entre as brilhantes refutações dos apologetas insignes e de altíssimo valor, como Meignam, Reinke, etc.

21 Fêz também o Senhor Deus a Adão, e a sua mulher, umas túnicas de peles, e os vestiu com elas.

22 E disse: Eis-aqui está feito Adão como um de nós, conhecendo o bem, e o mal. Mas agora, para que não suceda que êle lance a mão, e tome do fruto da árvore da vida e coma dêle, e viva eternamente;

23 o Senhor Deus o pôs fora do paraíso, para que cultivasse a terra, de que tinha sido formado.

24 E depois que o deitou fora do paraíso, pôs diante dêste lugar de delícias a um querubim com uma espada cintilante e versátil, para guardar a entrada da árvore da vida. (3)

CAPÍTULO 4

NASCIMENTO DE CAIM, E ABEL. OS SEUS SACRIFÍCIOS.
CAIM MATA A ABEL. CASTIGO, QUE POR ISSO TEVE.
NASCIMENTO DE ENOC, DE LAMEC O BIGAMO, DE SET,
E DE ENOS, FILHO DE SET.

1 Ora Adão conheceu a sua mulher Eva e ela concebeu e pariu a Caim, dizendo: Eu possuí um homem por graça de Deus.

2 Depois teve a Abel, irmão de Caim. Depois, Abel foi pastor de ovelhas, e Caim lavrador.

(3) QUERUBIM — Alguns dos escritores alemães, querem ver neste Querubim apenas um símbolo, uma imagem sem realidade; porém, o texto não autoriza a tirar esta conclusão. Ultimamente nas ruínas de Nínive e de Persépolis foi encontrado um alto relêvo com a imagem do Querubim bíblico, em figura humana, com quatro asas, o que demonstra vestígios duma primitiva tradição. Não sabemos o que tornava a espada cintilante. (Vigouroux).

Gênesis 4, 3-15

3 Passado muito tempo aconteceu fazer Caim ao Senhor as suas ofertas dos frutos da terra.

4 Abel também ofereceu das primícias do seu rebanho, e das suas gorduras. Olhou o Senhor para Abel e para as suas ofertas;

5 não olhou porém para Caim, nem para as que êle lhe tinha oferecido. E Caim se irou grandemente, e o seu rosto pareceu descaído.

6 E o Senhor lhe disse: Por que andas tu irado? e por que trazes êsse rosto descaído?

7 Porventura se tu obrares bem, não receberás por isso galardão? e se obrares mal, não será bem depressa o pecado à tua porta? Mas a tua concupiscência estar-te-á sujeita, e tu a dominarás.

8 Disse Caim a seu irmão Abel: Saíamos fora. E quando ambos estavam no campo, investiu Caim contra seu irmão Abel e matou-o.

9 E o Senhor disse a Caim: Onde está teu irmão Abel? Ao que Caim respondeu: Eu não sei. Acaso sou eu o guarda de meu irmão?

10 Disse-lhe o senhor: Que é o que fizeste? A voz do sangue, de teu irmão clama desde a terra até a mim.

11 Agora pois serás maldito sôbre a terra, que abriu a sua bôca, e recebeu o sangue de teu irmão da tua mão.

12 Quando tu a tiveres cultivado, ela te não dará os seus frutos. Tu andarás vagabundo e fugitivo sôbre a terra.

13 E Caim disse ao Senhor: O meu crime é muito grande, para alcançar dêle perdão.

14 Tu me lanças hoje fora da terra; e eu serei obrigado a me esconder de diante da tua face; e andarei vagabundo e fugitivo na terra. O primeiro pois, que me encontrar matar-me-á.

15 Respondeu-lhe o senhor: Não será assim mas

todo o que matar a Caim, será por isso castigado sete vezes em dôbro. E pôs o Senhor um sinal em Caim, para ninguém, que o encontrasse, o matar.

16 E Caim tendo-se retirado de diante da face do Senhor, andou errante pela terra, ficou habitando no país que está ao nascente do Éden.

17 E conheceu Caim a sua mulher, a qual concebeu, e pariu Enoc. E êle edificou uma Cidade, à qual pôs o nome do seu filho Enoc.

18 Enoc porém gerou a Irad, e Irad gerou a Mavíael, e Mavíael gerou Matusael, e Matusael gerou a Lamec,

19 o qual teve duas mulheres, uma chamada Ada, outra Sela.

20 Ada pariu a Jabel, que foi pai dos pastôres, e dos que habitam em tendas.

21 O nome de seu irmão foi Jubal que foi pai dos que tocam cítara e órgão.

22 Sela também pariu a Tubalcain, que foi trabalhador de martelo, e hábil em obras de bronze e de ferro. A irmã de Tubalcain se chamou Noema.

23 Ora, uma vez disse Lamec a suas duas mulheres Ada e Sela: Mulheres de Lamec escutai a minha voz, ouvi o que vou a dizer-vos: Eu matei um homem com uma ferida, e um rapaz à fôrça de pisaduras.

24 De Caim tomar-se-á vingança sete vezes, e de Lamec setenta vezes sete.

25 Tornou Adão a conhecer a sua mulher, e ela pariu um filho, a quem pôs o nome de Set, dizendo: O Senhor me deu outro filho em lugar de Abel, que Caim matou.

26 Set também teve um filho, a quem pôs o nome de Enos: êste começou a invocar o nome do Senhor.

CAPÍTULO 5

GENEALOGIA DE ADÃO POR SET ATÉ NOÉ.

1 Eis aqui a Genealogia de Adão. Deus o fêz à sua semelhança no dia, que o criou.

2 Ele os criou macho e fêmea, e os abençoou, e os chamou pelo nome de Adão no dia da sua criação.

3 Viveu porém Adão cento e trinta anos, gerou à sua imagem, e semelhança um filho, a quem por nome chamou Set.

4 E depois que gerou a Set viveu Adão ainda oitocentos anos, e gerou filhos e filhas.

5 E todo o tempo que Adão viveu foram novecentos e trinta anos, e morreu. (1)

6 Set em idade de cento e cinco anos gerou a Enos.

7 E depois que gerou a Enos viveu ainda oitocentos e sete anos, e teve filhos e filhas.

(1) **LONGEVIDADE DOS PATRIARCAS** — E' dos pontos mais controvertidos da Sagrada Escritura, e que tem dado ensejo a muitas e violentas, mas por isso mesmo interessantes, discussões. Da longevidade dos Patriarcas têm-se ocupado muitos autores, sendo Kasme quem, com muita proficiência, discutiu mais imparcialmente o assunto, *Bibl. Unters und Auslegungen*. Até houve quem reduzisse a meses os anos bíblicos, e outros organizaram anos de três e seis meses, o que a boa hermenêutica não autoriza. Observam porém, os racionalistas que esta longevidade é fisicamente impossível; a esta observação responde Reusch (*La Bible et la nature*) dizendo que esta questão sai dos domínios da fisiologia atual. Prichard, citado por Reusch, apresenta vários casos de indivíduos que atingiram 200 anos, e diz que entre os árabes que habitam os desertos africanos, ainda hoje, não é rara a longevidade. Quem pode apreciar das condições da existência desses longevos, a quem tudo facilitava a duração da vida? Não seriam as condições mesológicas em ordem a favorecer essa extraordinária longevidade? E as condições climáticas ante-diluvianas não seriam a causa desse fenómeno? (Reusch. ob. cit., pág. 534).

8 E todo o tempo da vida de Set foram novecentos e doze anos, e morreu.

9 Enos tendo vivido noventa anos, gerou a Cainan.

10 E depois do nascimento de Cainan viveu ainda oitocentos e quinze anos, e gerou filhos e filhas.

11 E todo o tempo da vida de Enos foram novecentos e cinco anos, e morreu.

12 E Cainan em idade de setenta anos gerou a Malaleel.

13 E depois do nascimento de Malaleel viveu ainda oitocentos e quarenta anos, e gerou filhos, e filhas.

14 E todos os dias da vida de Cainan foram novecentos e dez anos, e morreu.

15 Malaleel, tendo vivido sessenta e cinco anos, gerou a Jared.

16 E depois do nascimento de Jared viveu ainda oitocentos e trinta anos, e gerou filhos, e filhas.

17 E todo o tempo da vida de Malaleel foram oitocentos e noventa e cinco anos, e morreu.

18 Jared em idade de cento e sessenta e dois anos gerou a Enoc.

19 E depois do nascimento de Enoc viveu ainda oitocentos anos, e gerou filhos, e filhas.

20 E todos os dias da vida de Jared foram novecentos e sessenta e dois anos, e morreu.

21 Enoc em idade de sessenta e cinco anos gerou a Matusalém.

22 E Enoc andou com Deus, e viveu trezentos anos depois do nascimento de Matusalém, e gerou filhos, e filhas.

23 E todo o tempo da vida de Enoc foram trezentos e sessenta e cinco anos.

24 E êle andou com Deus, e não apareceu mais porque o Senhor o levou.

25 Matusalém em idade de cento e oitenta e sete anos gerou a Lamec.

26 E depois do nascimento de Lamec viveu ainda setecentos e oitenta e dois anos, e gerou filhos e filhas.

27 E todo o tempo que viveu Matusalém, foram novecentos e sessenta e nove anos, e morreu.

28 Lamec em idade de cento e oitenta e dois anos gerou um filho.

29 E ele lhe pôs o nome de Noé, dizendo: Este nos consolará em nossos trabalhos, e nas obras das nossas mãos sobre a terra, que o Senhor amaldiçoou.

30 E depois do nascimento de Noé viveu ainda quinhentos e noventa e cinco anos, e gerou filhos e filhas.

31 E todo o tempo da vida de Lamec foram setecentos e setenta e sete anos, e morreu. Noé porém tendo de idade quinhentos anos gerou a Sem, Cam, e Jafé.

CAPÍTULO 6

CASAMENTO DOS FILHOS DE DEUS COM AS FILHAS DOS HOMENS. A GERAL CORRUPÇÃO DO GÊNERO HUMANO FAZ RESOLVER A DEUS A DESTRUI-LO. NOÉ ACHA AGRAÇO NOS OLHOS DE DEUS. DEUS LHE ORDENA, QUE FAÇA UMA ARCA, EM QUE ELE, NOÉ SE META COM UM CERTO NÚMERO DE CADA ESPÉCIE DE ANIMAIS.

1 Como os homens tivessem começado a multiplicar-se, e tivessem gerado suas filhas;

2 vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, tomaram por mulheres as que de entre elas escolheram. (1)

(1) **FILHOS DE DEUS** — São os descendentes de Set, que obtiveram este título pela sua piedade, ao passo que as filhas dos homens eram as mulheres descendentes da raça perversa de Caím.

3 E Deus disse: O meu espírito não permanecerá para sempre no homem, porque é carne; e o tempo da sua vida não será senão cento e vinte anos.

4 Ora naquele tempo havia gigantes sobre a terra. Porque como os filhos de Deus tivessem tido comércio com as filhas dos homens, pariram estas aquêles possantes homens, que tão famosos, são na antiguidade. (2)

5 Vendo pois Deus que a malícia dos homens era grande sobre a terra, e que todos os pensamentos dos seus corações, em todo o tempo eram aplicados ao mal:

6 Arrependeu-se de ter criado o homem no mundo; e tocado interiormente de dor, disse: (3)

7 Eu destruirei de cima da face da terra o homem, que criei. Estenderei a minha vingança desde o homem até aos animais, desde os répteis até às aves do céu: porque me pesa de os ter criado.

8 Porém Noé achou graça diante do Senhor.

9 Eis aqui os filhos que Noé gerou. Noé foi um homem justo, e perfeito, no meio dos homens que então viviam: êle andou com Deus.

10 E gerou três filhos, Sem, Cam e Jafé.

11 Ora tôda a terra estava corrompida, e cheia de iniquidade diante do Senhor.

12 Vendo pois Deus que tôda a terra estava cor-

(2) **GIGANTES** — A tradição dos gigantes permaneceu na Caldéia. Abydene fala dêsses homens, que tinham muito orgulho pela sua força e elevada estatura; difere apenas esta tradição da Bíblica em a fazer viver depois do dilúvio. Vigouroux, *ob. cit.*

(3) **E ARREPENDEU-SE** — Estas expressões são metafóricas, e significam, sob a forma de afecções humanas, o decreto pelo qual Deus punia os homens obstinados em sua desordem e em sua incredulidade.

Gênesis 6, 13-21

rompida, (porque tôda a carne tinha corrompido o seu caminho sôbre a terra)

13 disse a Noé: Eu tenho resolvido dar cabo de tôda a carne. A terra está cheia das iniquidades, que os homens têm nela cometido, e eu os farei perecer com a terra.

14 Faze para ti uma arca de madeira alisada. Farás nela uns pequenos repartimentos, e betumá-la-ás por dentro e por fora. (4)

15 E eis aqui como a hás de fazer. Ela terá trezentos côvados de comprimento, cinqüenta de largo e trinta de alto.

16 Farás na arca uma janela: e o teto que a há de cobrir, será de um côvado. Porás também nela uma porta a um lado; e disporás um andar em baixo, um no meio, e outro terceiro andar.

17 Sabe que tenho determinado mandar sôbre a terra um dilúvio de águas e fazer perecer nêle todos os animais viventes, que houver debaixo do céu; e tudo o que houver sôbre a terra será consumido.

18 Eu farei um concêrto contigo, e tu entrarás na arca, tu, e teus filhos e tua mulher e as mulheres de teus filhos contigo.

19 Farás também entrar na arca dois animais de cada espécie, machos e fêmeas, para que vivam contigo.

20 Entrarão contigo de cada espécie de ave dois; de cada espécie de animais terrestres dois; de tudo o que se arrasta sôbre a terra dois para que possam viver.

21 Tomarás pois também contigo de tôdas as coi-

(4) ARCA DE NOÉ — Tem-se escrito muito sôbre esta arca, que não foi destinada para a navegação, diferenciando-se muito dos navios. Tíele provou que na arca cabiam tôdas as espécies que Noé recebeu ordem de salvar.

sas, que se podem comer, e as meterás na arca, para te servirem de sustento a ti, e aos animais.

22 Fêz pois Noé o que Deus lhe tinha ordenado.

CAPÍTULO 7

ENTRA NOÉ NA ARCA COM A SUA FAMÍLIA. INTRODUZ NELA OS ANIMAIS, QUE DEUS QUIS CONSERVAR. O DILÚVIO INUNDA TÔDA A TERRA E AFOGA TODOS OS HOMENS E TODOS OS ANIMAIS QUE NÃO ESTAVAM NA ARCA.

1 Disse o Senhor a Noé: entra na arca tu, e tôda a tua família: porque eu conheci que éras justo diante de mim, entre todos os que hoje vivem sôbre a terra.

2 Toma de todos os animais limpos sete machos e sete fêmeas; e dos animais imundos dois machos e duas fêmeas.

3 Toma também das aves do céu sete machos e sete fêmeas, para se conservar a casta sôbre a terra.

4 Porque daqui a sete dias hei de chover sôbre a terra quarenta dias e quarenta noites; e hei de destruir da superfície da terra tôdas as criaturas, que fiz.

5 Fêz Noé tudo o que o Senhor lhe tinha ordenado.

6 Tinha êle seiscentos anos de idade, quando as águas do dilúvio inundaram a terra.

7 Entrou Noé na arca com seus filhos, sua mulher. e as mulheres de seus filhos, para se salvarem das águas do dilúvio.

8 Os animais limpos, e os imundos, e as aves com tudo o que tem movimento sôbre a terra,

9 entraram também na arca com Noé dois e dois. macho e fêmea, conforme o Senhor tinha mandado a Noé.

10 Passados pois que foram os sete dias, se derramaram sobre a terra as águas do dilúvio. (1).

11 No ano seiscentos da vida de Noé, no dia dezessete do sétimo mês do mesmo ano se romperam tôdas as origens do grande abismo, e se abriram as cataratas do céu.

12 E caiu a chuva sobre a terra quarenta dias, e quarenta noites.

13 Tanto que amanheceu aquêlê dia, entrou Noé na arca com seus filhos Sem, Cam e Jafé, sua mulher e as mulheres de seus filhos;

(1) O DILÚVIO — Descreve agora Moisés o dilúvio bíblico, castigo enviado por Deus, por causa da malícia dos homens. E' certo, e é claro que nos convém notar, que a história do dilúvio encontra-se nas tradições de quase todos os povos. Berésio, padre caldeu, recolheu a tradição diluviana do seu país; nos índios, nos persas, nos egípcios, gregos e na América, encontram-se vestígios profundos desta tradição: mas, observa Gainet, *La Bible sans la Bible*, a narração bíblica é um contraste frizante com os destroços das antigas histórias, que hoje aparecem nos papiros das múmias contemporâneas do legislador dos hebreus, nas estelas dos templos, nas inscrições cuneiformes dos velhos muros de Nínive e Babilônia. A Bíblia fala com singeleza profunda, e humilhante simplicidade: a narração do dilúvio é calma, curta, precisa e clara, ao passo que a dos outros é palavrosa, cheia de ficções e contradições. O dilúvio foi universal ou parcial? Este ponto foi muito controvertido, mas a doutrina, hoje aceite pelos exegetas de melhor nome, é a opinião média entre os que sustentam a universalidade e parcialidade, afirmando que o dilúvio foi universal neste sentido; — as águas cobriram tôda a região habitada, mas não tôda a terra habitável — Entre muitos argumentos que numa nota se não podem apresentar, há o seguinte, deduzido de *usus loquendi* bíblico, que nos ensina que devemos entender a linguagem de Moisés sempre no sentido restrito, como se vê, por exemplo, no Gen 41, 54. 56. 57 que se refere à fome do tempo de Jacó, e onde a expressão tôda a terra se deve entender por todos os povos co-

14 todos os animais silvestres, segundo a sua espécie; e todos os animais domésticos, segundo a sua espécie; tudo o que se move sobre a terra, segundo a sua espécie; tudo o que voa, segundo a sua espécie; tôdas as aves e tudo o que se eleva no ar.

15 Tôdas estas espécies de animais entraram com Noé na arca, dois e dois, macho e fêmea, de tôda a carne vivente e animada.

16 Os que entraram pois eram machos e fêmeas, e de tôdas as espécies, conforme Deus o tinha mandado a Noé; e o Senhor o fechou por fora.

17 Durou o dilúvio quarenta dias, e quarenta noites; as águas cresceram até elevarem a arca muito alto por cima da terra.

nhecidos dos hebreus, e não por tôda a humanidade. As expressões empregadas na narração do dilúvio devem aplicar-se à terra conhecida de Noé e dos hebreus, sem que seja necessário admitir que os altos cumes do Himalaia, os vulcões da América e as montanhas da África, que os antigos não conheciam, tivessem sido cobertos de água. (Vigouroux, ob. cit.) Esta hipótese tem pelo seu lado teólogos abalisados, exegetas de reputação incontestável. No campo teológico travou-se a luta, escreveu-se muito, sendo notáveis os artigos de Estienne, na *Revue des questions scientifiques*, que rebateu Lamy, partidário da Universalidade, o conde Barthelemy — *Le deluge*, artigo de *Controverse*, 1885, Mortais, Robert, Vigouroux e outros, não esquecendo um teólogo português de vasta erudição e brilhante talento, o dr. Porfírio da Silva, lente de teologia na Universidade de Coimbra, que publicou um *Estudo bíblico científico sobre o dilúvio*, que é um belo monumento de investigação científica. Todos estes trabalhos de autores de competência indiscutível, crentes sinceros, de ortodoxia indubitável, exímios exegetas, sábios eminentes, baseados nos novos progressos científicos, nas mais conscienciosas indagações a respeito dos dados etnográficos e lingüísticos, removeram embaraçosas dificuldades, e lograram conciliar à Bíblia e a ciência.

Gênesis 7, 18-24; 8, 1-2

18 As águas inundaram tudo, e cobriram tôda a superfície da terra: a arca porém era levada sôbre as águas.

19 As águas cresceram, e engrossaram prodigiosamente por cima da terra; e todos os mais elevados montes, que há debaixo do céu, ficaram cobertos.

20 Tendo a água chegado ao cume dos montes, elevou-se ainda por cima dêles quinze côvados.

21 Tôda a carne, que se move sôbre a terra foi consumida: tôdas as aves, todos os animais, tôdas as bêstas, e tudo o que anda de rastos sôbre a terra.

22 Todos os homens morreram; e geralmente tudo o que tem vida, e respira debaixo do céu.

23 Tôdas as criaturas, que havia sôbre a terra, desde o homem até às bêstas; tanto as que andam de rastos, como as que voam pelo ar, tudo pereceu. Ficaram sômente Noé, e os que estavam com êle na arca.

24 E as águas tiveram a terra coberta cento e cinquenta dias.

CAPÍTULO 8

DIMINUIÇÃO DAS ÁGUAS DO DILÓVIO. ENVIA NOÉ O CORVO. DEPOIS A POMBA. SAI NOÉ DA ARCA. OFERECE UM SACRIFÍCIO A DEUS. CONCERTO, QUE DEUS FEZ COM ÊLE.

1 Tendo-se o Senhor lembrado de Noé e de todos os animais silvestres e de todos os animais domésticos que estavam com êle na arca, mandou um vento sôbre a terra, que fez diminuir as águas.

2 E as origens do abismo se fecharam, como também as cataratas do céu, e as chuvas que caíam do céu se suspenderam.

3 E as águas levadas duma parte a outra se retiraram de cima da terra e começaram a diminuir depois de cento e cinqüenta dias.

4 E no dia vinte e sete do sétimo mês, parou a arca sobre os montes de Armênia.

5 Entretanto as águas iam sempre em diminuição até ao décimo mês; e no primeiro dia do décimo mês apareceram os cumes dos montes.

6 Tendo-se passado quarenta dias, abriu Noé a janela que tinha feito na arca, e deixou sair o corvo,

7 o qual saiu, e não tornou, até que as águas, que estavam sobre a terra, se secaram.

8 Despediu também a pomba depois do corvo, para ver se as águas se tinham já retirado de cima da superfície da terra.

9 E a pomba, como não achasse onde pôr o pé, tornou a voltar para a arca, porque as águas ainda estavam derramadas sobre toda a terra: e Noé, estendendo a mão, tomou a pomba, e a tornou a meter na arca.

10 E depois de ter esperado ainda outros sete dias, segunda vez largou a pomba da arca.

11 Voltou ela para Noé sobre a tarde, trazendo no bico, um ramo verde de oliveira. Assim conheceu Noé, que as águas se tinham retirado de cima da terra.

12 Ainda contudo esperou Noé outros sete dias, e deixou ir a pomba, que não tornou mais a êle.

13 No ano seiscentos e um da vida de Noé, no primeiro dia do primeiro mês, tendo-se as águas retirado totalmente de cima da terra, abriu Noé o teto da arca; e olhando dali, conheceu que toda a superfície da terra estava sêca.

14 Ao dia vinte e sete do segundo mês, toda a terra estava sêca.

Gênesis 8, 15-22

15 Então falou o Senhor a Noé, e lhe disse:

16 Sai da arca tu, e teus filhos, tua mulher, e as mulheres de teus filhos.

17 Faze sair também todos os animais, que nela estão contigo, de toda a carne, tanto de aves como de bêstas, como de répteis, que andam de rastros sobre a terra: Entrai na terra, crescei e multiplicai-vos nela.

18 Saiu pois Noé com seus filhos, sua mulher e as mulheres de seus filhos.

19 Saíram também da arca todas as bêstas silvestres, os animais domésticos e os répteis que andam de rastros sobre a terra, cada um na sua espécie.

20 Ora, Noé edificou um altar ao Senhor; e tomando de todas as rêses e de todas as aves, ofereceu-lhas em holocausto sobre o altar. (1)

21 O que foi assim agradável ao Senhor, como um suave cheiro; e ele disse: Não amaldiçoarei mais a terra por causa dos homens: porque o espírito e o pensamento do coração do homem são inclinados para o mal desde a sua mocidade. Não tornarei pois a ferir de morte todo o vivente como fiz. (2)

22 Ver-se-ão sempre as sementes, e as searas; o frio e o calor; o verão e o inverno; o dia e a noite sucedendo um ao outro todo o tempo que a terra durar.

(1) **UM ALTAR AO SENHOR** — É a primeira vez que, até este ponto, se fez menção dum altar na Sagrada Escritura.

(2) Aqui está manifestada a Misericórdia de Deus, e a eficácia da oração de Noé, que alcançou de Deus a piedade para com as faltas dos homens.

CAPÍTULO 9

CONCERTO DE DEUS COM NOÉ. O ARCO-ÍRIS SINAL D'ESTE CONCERTO. NOÉ PLANTA VINHAS, EMBEBEDA-SE; A SUA DESNUDEZ DESCOBERTA POR CAM. MALDIÇÃO DE NOÉ CONTRA CAM.

1 E Deus abençoou a Noé e seus filhos, e disse-lhes: Crescei e multiplicai-vos e enchei a terra.

2 Temam e tremam em vossa presença todos os animais da terra, tôdas as aves do céu, e tudo o que tem vida e movimento na terra. Em vossas mãos pus todos os peixes do mar.

3 Sustentai-vos de tudo o que tem vida, e movimento: eu vos deixei tôdas estas coisas quase como os legumes e ervas.

4 Excetuo-vos somente a carne misturada com sangue, da qual eu vos defendo que não comais.

5 Porque eu tomarei vingança de todos os animais, que tiverem derramado o vosso sangue; e vingarei a vida do homem da mão do homem, que lha tiver tirado, ou êle seja seu irmão, ou seja qualquer estranho.

6 Todo o que derrama o sangue humano será castigado com a efusão do seu próprio sangue. Porque o homem foi feito à imagem de Deus.

7 Vós porém crescei e multiplicai-vos sobre a terra, e enchei-a.

8 Disse também Deus a Noé e a seus filhos com êlc:

9 Eis vou eu a fazer um concerto convosco, e com a vossa posteridade depois de vós.

10 e com todos os animais, que estão convosco; tanto aves, como animais domésticos, e bestas feras do campo; com todos os que saíram da arca e com tôdas as bestas da terra.

11 Vou a fazer um concêrto convosco, e não tornarei mais a fazer morrer pelas águas do dilúvio todos os animais; nem daqui em diante haverá mais dilúvio que assole a terra.

12 E disse Deus: Eis aqui o sinal do concêrto, que eu vou fazer convosco, e com tôda a alma vivente que está convosco, em todo o decurso das gerações futuras para sempre.

13 Eu porei o meu arco nas nuvens, e êle será o sinal do concêrto, que persiste entre mim e a terra. (1)

14 E quando eu tiver coberto o céu de nuvens, aparecerá o meu arco nas nuvens.

15 E eu me lembrarei do concêrto, que fiz convosco, e com tôda a alma, que vive e que anima a sua carne. E não tornará mais a haver dilúvio, que faça perecer nas águas tôda a carne.

16 E o meu arco estará nas nuvens: e eu vendo-o, me lembrarei do concêrto, que há entre Deus e todos os animais, que animam tôda a carne que há sôbre a terra.

(1) **ARCO-ÍRIS** — É sabido que êsse fenômeno é um efeito natural que se deveria produzir sempre que os raios solares atravessassem as nuvens das quais cásse a água. Como é pois que um fenômeno tão natural passava a ser o sinal do concêrto de Deus com os homens? Os exegetas modernos, como Vigouroux e outros, começam por dizer que no hebreu está o pretérito, e não o futuro da vulgata, e que os setenta verteram pelo presente, o que dá ao texto um sentido diverso. Além disso, do texto não se pode inferir que antes do dilúvio não tivesse aparecido o arco-íris, mas, adverte o Padre Granelh, citado por Vigouroux, que embora Noé o tivesse visto muitas vêzes, depois do dilúvio era a primeira vez que o via, e assim era um sinal bem escolhido para assegurar a paz de Deus com os homens, da mesma sorte que uma pedra e uma coluna, embora anteriormente existentes, vieram a ser um sinal de concêrto entre Jacó e Labão. Cfr. Calmet, e Pianciani.

17 Disse também Deus a Noé: Eis aqui o sinal do concerto que eu fiz com todos os animais, que há sobre a terra.

18 Os três filhos de Noé, que tinham saído da arca com êle, eram êstes: Sem, Cam, e Jafé. Cam porém é o pai de Canaã.

19 Dêstes três filhos de Noé saiu todo o gênero humano, que há sobre tôda a terra.

20 E como Noé era lavrador, começou a cultivar a terra, e plantou uma vinha. (2)

21 E tendo bebido do vinho, embebedou-se e apareceu nu na sua tenda.

22 Cam pai de Canaã, achando-o neste estado, e vendo que seu pai tinha à mostra as suas vergonhas, saiu fora, e veio dizê-lo a seus irmãos.

23 Mas Sem, e Jafé, tendo pôsto uma capa sobre seus ombros, e andando para trás, cobriram com ela as vergonhas de seu pai. Êles não lhe viram as vergonhas, porque tinham os seus rostos virados para outra parte.

24 Noé tendo acordado do sono, que lhe causara o vinho, como soubesse o que lhe tinha feito seu filho menor, disse:

25 Maldito seja Canaã: êle seja escravo dos escravos, a respeito de seus irmãos.

26 E acrescentou: o Senhor Deus de Sem seja bendito, e Canaã seja escravo de Sem. (3)

(2) A Ásia é a pátria da vinha e a Armênia, onde provavelmente Noé habitava, é muito favorável à sua cultura. Todos os comentadores accusam Noé de culpa, por ignorar os efeitos do vinho.

(3) Bendito o Senhor Deus de Sem; esta bênção era o conhecimento do verdadeiro Deus. Na verdade só esta raça conservou a fé monoteísta na posteridade de Adão.

Gênesis 9, 27-29; 10, 1-8

27 Dilate Deus a Jafé, habite Jafé nas tendas de Sem; e Canaã seja seu escravo.

28 Ora Noé viveu ainda depois do dilúvio trezentos e cinquenta anos.

29 E tendo vivido ao todo novecentos e cinquenta anos, morreu.

CAPÍTULO 10

**CATALOGO DOS DESCENDENTES DE SEM, CAM, JAFÉ. TER-
RAS QUE CADA UM DELES POVOOU.**

1 Eis-aqui as gerações dos filhos de Noé, que eram Sem, Cam e Jafé, e eis-aqui os filhos que lhes nasceram depois do dilúvio.

2 Os filhos de Jafé foram Gomer, Magog, Madai, Javan, Tubal, Mosoc e Tiras.

3 Os filhos de Gomer foram Ascenez, Rifat e Togorma.

4 Os filhos de Javan foram Elisa, Tarsis, Cetim e Dodanim.

5 Êstes repartiram entre si as ilhas das nações, estabelecendo-se em diversos países, onde cada um teve a sua língua, as suas famílias, e o seu povo particular.

6 Os filhos de Cam foram Cus, Misraim, Fut e Canaã.

7 Os filhos de Cus foram Saba, Evila, Sabata, Regma, e Sabataca. Os filhos de Regma foram Saba e Dadan.

8 Ora, Cus foi pai de Nemrod, o qual Nemrod começou a ser poderoso na terra. (1)

(1) **NEMROD** — As tradições assírio-caldaicas dão-nos notícia dum herói que lembra o Nemrod bíblico. Chamava-se Gilgamés.

9 Êle foi um robusto caçador diante de Deus. Daí veio êste provérbio: robusto caçador diante do Senhor, como Nemrod.

10 A cidade capital do seu reino foi Babilônia, além das de Arac, Acad e Calana na terra de Senaar.

11 Daquela terra passou êle à Assíria, onde edificou Nínive, e o lugar chamado Ruas da Cidade, e o outro chamado Cale.

12 Fundou também Resen, entre Nínive e Cale. Esta é uma grande cidade.

13 Quanto a Misraim, êle teve por filhos a Ludin, a Anamin, a Laabim e a Neftnim,

14 a Fetrusim, e a Casluim, donde saíram os filisteus e os casturinos.

15 Canaã gerou a Sidon, que fôí seu filho primogênito;

16 ao Heteu, ao Jebuseu, ao Amorreu, ao Gergeseu.

17 ao Heveu, ao Arceu, ao Sineu,

18 ao Aradeu, ao Samareu, e ao Amato: dêstes é que vicram os povos cananeus, que depois se difundiram por diversos lugares.

19 Os limites porém de Canaã eram desde o caminho, que vem de Sidônia para Gérara, até Gaza, e até entrar em Sodoma, em Gomorra, em Adama e em Seboim até Leza.

20 Êstes são os filhos de Cam, segundo as suas alianças, as suas línguas, as suas famílias, os seus países e as suas nações.

21 Sem, que foi pai de todos os filhos de Heber, e irmão mais velho de Jafé, teve também diversos filhos.

22 E êstes filhos de Sem foram Elão, Assur, Arfaxad, Lud e Arão.

23 Os filhos de Arão foram Us, Hul, Heter e Més.

24 Arfaxad porém gerou a Sala, que foi pai de Heber.

25 Heber teve dois filhos, um por nome Faleg, porque em seu tempo sucedeu a divisão da terra, e seu irmão por nome Jectan.

26 Jectan teve por filhos a Elmodad, a Salef, a Asarmot, a Jaré,

27 a Adorão, a Usal, a Decla,

28 a Ebal, a Abimael, a Saba,

29 a Ofir, a Hèvila, a Jobab. Eis-aqui todos os filhos de Jectan.

30 O país onde êles habitaram, estendia-se desde Messa até Sefar, monte do Oriente.

31 Eis-aqui, quais foram os filhos de Sem, segundo as suas famílias, as suas línguas, as suas regiões, e os seus povos.

32 E êstes são os descendentes de Noé, segundo os diversos povos, que dêles saíram. Destas famílias é que procedem tôdas as nações da terra depois do dilúvio. (2)

(2) Esta é a chamada tábua etnográfica de Moisés. — I. Os camitas foram os primeiros que se afastaram do centro comum da humanidade, ocuparam a parte mais vasta do território, e fundaram as mais antigas monarquias. 1.º Cus e os cusitas estenderam-se desde a Babilônia até à Etiópia. 2.º Misraim povoou o Egito. 3.º Fut habitou as costas setentrionais da África. 4.º Canaã habitou a Cananéia. Nas inscrições hieroglíficas encontra-se a confirmação e narração do Gênesis. — II Os descendentes de Sem ocuparam a parte de terra que se estende entre o Mediterrâneo e o indico, dum lado e do nordeste da Lídia a península arábica; ao sul Arão habitou a Síria; Arfaxad a Caldéia; Assur a Assíria; Elam a Elamida, que mais tarde foi a Pérsia; Jectan a Arábia. — III De Jafé saíram: 1.º Gomer, pai dos celtas; 2.º Magog, das raças teutônicas; 3.º Madaio, medas e persas; 4.º Javean, gregos e italiotas, etc.; 5.º Tubal, os iberos; 6.º Mosoc, os capadócijs; 7.º Tiras, os eslavos. A tradição grega conservou a lembrança de origem asiática de Jafé.

CAPÍTULO 11

CONSTRUÇÃO DA TORRE DE BABEL. CONFUSÃO DAS LÍNGUAS.
GENEALOGIA DE SEM POR ARFAXAD ATÉ ABRAÃO.

1 Ora, na terra não havia senão uma mesma língua e um mesmo modo de falar.

2 E os homens tendo partido do Oriente, acharam um campo na terra de Senaar, e habitaram nêle. (1)

3 E disseram uns para os outros: Vinde, façamos ladrilhos e cozamo-los no fogo. Serviram-se pois de ladrilhos por pedras, e de betume por cal traçada.

4 E disseram entre si: Vinde, façamos para nós

(1) SENAAR — É' erro supor-se que a Bíblia positivamente afirme que a humanidade tóda estava reunida no vale de Senaar. Nada há no texto que autorize tal suposição. O que se afirma no versículo primeiro é que todos aquêles povos tinham uma só linguagem, que outra não é a força do termo hebraico *shaphah*, que a vulgata traduziu por lábio, o que é muito diverso de dizer que todos os homens habitavam um só lugar, pois todos sabem que uma mesma língua pode ser falada por indivíduos que habitam lugares muito afastados, como succede entre nós com o português que é falado no Brasil, na África e na Ásia, etc. Bem sabemos que no original hebraico encontra-se tóda a terra, mas já atrás se mostrou o valor restritivo desta frase, que não indica a universalidade, mas uma região, como se vê no Gen 21, 32 Rut 1, 7, o até um simples campo, como no Gen 23, 15, de sorte que devemos entender por esta expressão apenas o país habitado por aquela massa de gente, que o olhava como o seu berço e donde partia para o ocidente. Esta opinião não é nova; sustentaram-na o Cardeal Caetano e Bomfrere, e é modernamente seguida por Delattre (*Leplan de la genesc*) Revue des questions historiques; Vigouroux (*Manuel Biblique*) e Harle, etc. Foi em Senaar que foi fundada a Babilônia.

uma cidade, e uma torre, cujo cume chegue até ao céu; e façamos célebre o nosso nome, antes que nos espalhe-mos por toda a terra. (2)—(3).

5 O Senhor porém desceu, para ver a cidade, e a torre, que os filhos de Adão edificavam, e disse:

6 Eis-aqui um povo, que não tem senão uma mesma linguagem; e uma vez que êles começaram esta obra, não hão de desistir do seu intento, a menos que o não tenham de todo executado.

(2) **FAÇAMOS UMA TORRE** — Deve-se notar que a tradição desta torre, que se chamou Babel (V. 9), só na família semita se encontra original, conservando-se sempre bem viva, ao passo que os descendentes de Cam e Jafé não possuíam dela a menor reminiscência, como sucedia aos índios e aos persas, ou obtiveram êsse conhecimento transmitido pelos emigrantes de Babel, como aconteceu aos armênios e gregos, Lenormant (*Manuel d'histoire ancienne*). Por isto conclui um distinto teólogo, português que publicou uma interessante monografia sobre o Pluralização da linguagem, (o Dr. Antônio de Vasconcelos, cujo nome é conhecido e respeitado em todo o país pelo seu incontestável valor) que esta narração de Babel não é um capítulo da história da humanidade, mas de uma família descendente do primeiro dos filhos de Noé, a qual conserva ainda hoje a lembrança de um fato, que tanto influiu nas condições da sua existência. Quanto à torre conhece-se a sua localização; as ruínas existiam ainda no tempo de Nabucodonosor, que as restaurou. Este monumento foi destruído pelo fogo, mas ainda conserva 46 metros de altura. Em Corsabad existia uma semelhante, e baixos relevos e cilindros assírios, que chegaram até nós dão-nos conhecimento de muitos monumentos idênticos. Vigou-roux, *ob. cit.*

(3) **FAÇAMOS CÉLEBRE O NOSSO NOME** — O que está no hebraico é — façamos para nós nome — isto é, “adquiramos reputação”. E continua a vulgata “antes que nos espalhe-mos”, ora a conjunção hebraica *pen* corresponde à latina *ne*, para *quo* não. Cfr. Strack, *Grammaire hébraïque*; por conseguinte a tradução será esta: “adquiramos reputação para que não sejamos dispersos sobre a face da terra”, o que está de perfeita harmonia

7 Vinde pois, desçamos, e ponhamos nas suas línguas tal confusão, que elles se não entendam uns aos outros. (4)

8 Desta maneira é que o Senhor os espalhou daquelle lugar para todos os países da terra, e que elles cessaram de edificar esta cidade.

9 E por esta razão é que lhe foi pôsto o nome de Babel, porque nela é que succedeu a confusão de tôdas as

com o texto samaritano, que diz: *Agite, ædificemus nobis civitatem et turrin, caput que ejus sit in cœlo; et faciamus nobis nomen, ne dispergemur superfaciem omnis terræ.* A frase "para que não sejamos dispersos indica-nos o receio de que estavam possuídos de que os povos vizinhos combatessem aquella aglomeração de gente, e os obrigassem a dispersar-se. Para obviar a isto lembraram-se de edificar uma tôrre altíssima, inexpugnável, que a um tempo servisse para os defender, e para lhes immortalizar o nome. Assim desaparece a nota de criminalidade imputada aos descendentes de Noé, pois cuidaram apenas da sua justa defesa, como entende o Dr. Vasconcelos, obra citada, cuja opinião se nos afigura mais fundamentada do que a de Perizonius, *Origines Babylonicæ*, que sustenta que esta tôrre era apenas um ponto de reunião. Em abono da sua doutrina, o abalísado lente de Teologia de Coimbra continua dizendo que do texto se não infere que a intervenção directa de Deus, obstando à conclusão da tôrre e da cidade, fôsse a título de castigo.

(4) Estas palavras do texto a que acabamos de nos referir, segundo o sr. Doutor Vasconcelos, devem ser interpretadas da seguinte maneira: "Deus vendo os projetos desta gente e não convido aos seus planos sapientíssimos que esses projetos se realizem, obsta depois de começada a obra, á que continue e faz que um povo se divida em grupos, que partem a colonizar várias terras". O fim desta dispersão é providencial, pois é para obstar à corrupção na linha patriarcal, que devia dar origem ao povo de Deus, e do qual, quando chegasse a plenitude dos tempos, devia nascer o Messias. *Motais, Le deluge biblique*, pág. 240.

Gênesis 11, 10-16

línguas do mundo. E dali os espalhou o Senhor por tôdas as regiões. (5)

10 Eis-aqui a genealogia dos filhos de Sem. Sem tinha cem anos, quando gerou a Arfaxad, dois anos depois do Dilúvio.

11 E depois do nascimento de Arfaxad, viveu ainda Sem quinhentos anos, e gerou filhos e filhas.

12 Arfaxad, tendo trinta e cinco anos gerou a Sala.

13 E depois que gerou a Sala viveu ainda Arfaxad trezentos e três anos, e gerou filhos e filhas.

14 Sala tendo trinta anos gerou a Heber.

15 E depois que gerou a Heber viveu ainda quatrocentos e três anos, e gerou filhos e filhas.

16 Heber tendo trinta e quatro anos gerou a Feleg.

(5) **E DALI OS ESPALHOU O SENHOR** — E assim se cumpriu a vontade divina. Pouco tempo depois só restava em Senaar um pequeno grupo de pessoas que quiseram comemorar tão imprevisito fato, tomando o nome de Feleg (V. 18), que significa dispersão, que sem ser propriamente um castigo, foi uma medida sapientíssima da Onipotência divina na realização do plano redentor da humanidade. E assim a Bíblia e a linguística se harmonizam a respeito da unidade primitiva da linguagem, e da sua natural pluralização, porquanto a confusão a que alude o texto se refere ao seu modo de pensar e sentir, visto que a regularidade de emigração tira toda a idéia da confusão repentina das línguas. Dispersas as famílias, é para crer, porque é perfeitamente natural, que para logo começasse a diferenciação dialetal a manifestar-se na linguagem, do que em breve resultaram as diversidades de línguas, o que satisfaz aqueles que pretendam interpretar o texto no sentido literal, e o que justifica o nome de Babel dado à torre, porque dessa dispersão resultou a confusão das idéias, e a pluralização das línguas. E assim — Bíblia e linguística, que Witte reputa irreconciliáveis, *La lutte de la science avec la theologie*, 1900, em nada se hostilizam. E' mais um caso que comprova o que disse o Concílio do Vaticano — *Nulla unquam interfidem et rationem vera dissension protest.*

17 E depois do nascimento de Feleg viveu ainda quatrocentos e trinta anos, e gerou filhos e filhas.

18 Feleg tendo trinta anos gerou a Reu.

19 E depois do nascimento de Reu viveu ainda duzentos e nove anos, e gerou filhos e filhas.

20 Reu tendo trinta e dois anos gerou a Sarug

21 E depois do nascimento de Sarug viveu ainda duzentos e sete anos, e gerou filhos e filhas.

22 Sarug tendo trinta anos gerou a Nacor.

23 E depois do nascimento de Nacor viveu ainda duzentos anos, e gerou filhos e filhas.

24 Nacor tendo vinte e nove anos gerou a Tara.

25 E depois do nascimento de Tara viveu ainda cento e dezenove anos, e gerou filhos e filhas.

26 Tara tendo setenta anos gerou a Abrão, a Nacor, e a Arão.

27 Eis-aqui a genealogia de Tara. Tara gerou a Abrão, a Nacor e a Arão. Arão gerou a Ló.

28 Ora, Arão morreu antes de seu pai Tara, na terra do seu nascimento, em Ur dos caldeus.

29 Abrão, e Nacor casaram. A mulher de Abrão chamava-se Sarai, a de Nacor chamava-se Melca. Ela era filha de Arão, que foi pai de Melca, e pai de Jesca.

30 Sarai porém era estéril, e não tinha filhos.

31 Tomou pois Tara a seu filho Abrão, e a Ló seu neto, filho de Arão, e a Sarai sua nora, mulher de Abrão, e fê-los sair de Ur dos caldeus, para os levar ao país de Canaã; e como tivessem chegado a Haran, ficaram morando aí.

32 E Tara tendo vivido ao todo duzentos e cinco anos, morreu em Haran.

CAPÍTULO 12

SEGUNDA CHAMADA DE ABRÃO POR DEUS. PROMESSAS, QUE O SENHOR LHE FAZ. CHEGA À TERRA DE CANAÃ. VAI AO EGITO, O FARAÓ LHE TIRA SARAI. DEPOIS LHA TORNA A DAR.

1 Ora, o Senhor disse a Abrão: Sai da tua terra, e da tua parentela, e da casa de teu pai, e vem para a terra que eu te mostrarei. (1)

2 E eu te farei pai dum grande povo, e te abençoarei: eu farei célebre o teu nome, e tu serás bendito. (2)—(3)

3 Eu abençoarei aos que te abençoarem, e amaldi-

(1) **ABRÃO** — Começa aqui a história da vocação deste Santo Patriarca, tão insigne pela fé, pela sua piedade, como pela sua alma generosa. Modelo de heróica obediência, não recuando ante nenhum sacrifício para cumprir as ordens de Deus. E' um dos tipos de Messias. Assinalam-se os traços de semelhança entre Abrão e Jesus Cristo. O Salvador deixou o seio do Eterno Pai, Abrão abandonou a casa de Taré. Cristo é tido como estrangeiro, Abrão é um desconhecido na Palestina. Jesus inicia a via pública por penitências, Abrão por contrariedades e pelo exílio. Os discípulos de Cristo multiplicaram-se pelo mundo inteiro, os filhos de Abrão cobrem o Oriente.

(2) **GRANDE POVO** — O termo hebraico indica a idéia do número devendo significar que a posteridade de Abrão deve multiplicar-se extraordinariamente. Esta interpretação é abonada pela história, pois que Abrão foi, por seu filho Ismael, pai dos árabes; por Cetura, pai dos madianitas; por Escon, pai dos idumeus; por Jacó, pai dos judeus. Mas atendendo bem à força do termo original, deve significar também a grandeza moral e política atingidas por esse povo. Meignam, *Les Propheties messianiques*.

(3) **EU TE ABENÇOAREI** — O texto hebraico é mais enérgico, e diz tu serás bênção, isto é, tu serás como a bênção celeste espalhada sobre a terra. Cfr. Cornélio a Lápide.

çoarei aos que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas tôdas as cognações da terra. (4)

4 Saiu pois Abrão de Haran, como o Senhor lhe tinha ordenado, e Ló com êle. Tinha Abrão setenta e cinco anos, quando saiu de Haran. (5).

5 E levou consigo a Sarai, sua mulher, a Ló filho de seu irmão, e de todos os bens, que possuíam, com as pessoas, de que êles tinham aumentado as suas famílias em Haran; e saíram daqui, para irem para a terra de Canaã.

6 Tendo lá chegado, atravessou Abrão êste país, até chegar ao lugar, chamado Siquem, e até o Vale Ilustre. É de saber, que o Cananeu era então Senhor da terra. (6)

7 Apareceu o Senhor a Abrão, e lhe disse: Eu darei esta terra aos teus descendentes. No mesmo lugar edificou Abrão um altar ao Senhor, que lhe tinha aparecido.

8 E passando dali ao monte, que estava ao oriente de Betel, levantou nêle a sua tenda, ficando-lhe Betel ao

(4) **EM TI SERÃO BENDITAS TODAS AS COGNAÇÕES DA TERRA** — Esta é a parte mais significativa desta profecia. Têm os exegetas procurado determinar o valor da frase — **Tôdas as cognações da terra**, a fim de se saber se esta profecia se deve entender em sentido universal ou restrito. A tradição porém interpreta-o no primeiro sentido. O termo hebraico que corresponde a cognações é *mishphat*, que quer dizer — família. Estas bênçãos constituem a promessa, não de bens temporais, mas de redenção do mundo. Meignam, ob. cit.

(5) **HARAN** — E' esta a mesma cidade que Caran, da qual nos fala Santo Estêvão nos At, c. 7, 2-4.

(6) **SIQUEM** — E' o mais belo lugar da Palestina Central, onde corre abundantíssima água, cortado por 27 rios; uma paisagem soberba, e as oliveiras cobrindo o solo com a sua copada ramagem. O Vale Ilustre, em hebreu *Moré*, é o vale situado entre os montes Hebal e Garizim, no coração da Palestina.

Gênesis 12, 9-16

ocidente, e Hai ao oriente. E ali edificou também um altar ao Senhor, e invocou o seu nome. (7)

9 Continuando Abrão o seu caminho, passou ainda mais longe para Meio-Dia.

10 Mas como sobreviesse à terra uma fome, desceu Abrão ao Egito, para ficar lá como estrangeiro: porque era grande a fome na terra.

11 Ao ponto que êles estavam a entrar no Egito, disse Abrão para sua mulher: Eu sei que tu és em extremo formosa;

12 e que tanto que os egíptanos te virem, hão de dizer: Esta é a mulher dêste homem. E matar-me-ão a mim, conservando-te a ti.

13 Dize pois, te peço, que és minha irmã, para que êles me tratem bem por teu respeito, e me não tirem a vida. (8)

14 Tendo pois Abrão entrado no Egito, viram os egíptanos que aquela mulher era em extremo formosa;

15 e os fidalgos o deram a saber a Faraó, e lha gabaram muito. Pelo que foi ela tirada e levada a casa de Faraó. (9)

16 E êles se houveram bem com Abrão, por causa

(7) **BETEL** — E' a grande estrada que vai de nordeste a sudoeste da Palestina. Abrão ascendeu a montanha donde pôde desfrutar o panorama da Terra Santa, desde as colinas de Jericó aos montes de Moab: o vale do Jordão, as colinas da Judéia, o Hebron, e as colinas que separam a Judéia das ricas planícies de Samaria.

(8) **DIZE QUE ÉS MINHA IRMÃ** — Sarai era filha do mesmo pai, e por isso sua irmã. Demais, em hebreu irmã, significa também sobrinha, prima e próxima parente. S. Agostinho e outros Santos Padres desculpam-no de mentira, que de fato não houve.

(9) **FARAÓ** — E' um título, ignorando-se quem era o Faraó que reinava no Egito nò tempo de Abrão.

de Sarai. E êle teve um grande número de ovelhas, de bois, de jumentos, de escravos de um e outro sexo, de jumentas, e de camelos.

17 O Senhor porém afligiu a Faraó, e a tôda a sua casa com grandíssimas pragas, por causa de Sarai. mulher de Abrão.

18 E Faraó chamou a Abrão, e lhe disse: Por que usaste tu comigo desta sorte? Por que me não advertiste, que ela era tua mulher?

19 Por que me disseste que ela era tua irmã, para que eu a não tomasse por minha mulher? Agora pois eis aí tens tua mulher; toma-a e vai-te.

20 E tendo Faraó dado ordem a seus oficiais, que tivessem cuidado de Abrão, êles o conduziram até à saída do Egito, a êle e a sua mulher com tudo que tinham.

CAPÍTULO 13

VOLTA DE ABRÃO DO EGITO PARA A TERRA DE CANAÃ. LÓ SE SEPARA DE ABRÃO, E VAI PARA SODOMA. ABRÃO ASSEGURADO NOVAMENTE DA PROTEÇÃO DIVINA, VEM PARA O VALE DE MAMBRE JUNTO A HEBRON.

1 Abrão pois tendo saído do Egito com sua mulher, e com tudo o que tinha, e Ló com êle, veio para a região austral. (1)

2 Era êle muito rico, e tinha muito ouro e muita prata.

3 E pelo mesmo caminho, por que tinha vindo da parte meridional para Betel, foi andando até o lugar, onde antes tinha pôsto a sua tenda, entre Betel e Hai;

4 que era onde estava o altar, que êle tinha levantado antes, e onde êle tinha invocado o nome do Senhor.

(1) Na Palestina do Sul.

Gênesis 13, 5-13

5 Ló, que se conservava na companhia de Abrão, tinha também seus rebanhos de ovelhas e manadas de bois e suas tendas.

6 Mas a terra não tinha capacidade para poderem habitar ambos juntos: porque ambos tinham tantos bens, que não era possível viver um com o outro.

7 Daqui nasceu, que os pastores dos rebanhos de Abrão e os de Ló guerrearam entre si. E' de saber, que por aquêl tempo eram os cananeus e os fereus os que habitavam naquela terra.

8 Disse pois Abrão a Ló: Peço-te que não haja rixas entre mim e ti, nem entre os teus pastores e os meus, visto que somos irmãos.

9 Tu vês tôda essa terra que está diante de ti: Aparta-te de mim, te rogo. Se tu fores para a esquerda, eu tomarei para a direita: Se tu escolheres a direita, eu ficarei com a esquerda.

10 Ló pois tendo levantado os olhos, considerou todo o país que estava ao longo do Jordão tirando de Segor. (Era êste país todo regado como o paraíso do Senhor, e como o Egito, antes que o Senhor tivesse arruinado a Sodoma e Gomorra). (2)

11 E êle escolheu para sua vivenda o país que está sôbre o Jordão, retirando-se do Oriente: e assim se separou um do outro.

12 Abrão habitou na terra de Canaã, e Ló nas cidades que estão sôbre o Jordão, e fixou a sua assistência em Sodoma.

13 Ora, os habitantes de Sodoma eram de costumes perversíssimos, e muito grandes pecadores diante de Deus.

(2) SODOMA — Ficava provavelmente colocada a sudoeste de Maqmutz perto de Djebel Esdrun.

14 E o Senhor disse a Abrão, depois que Ló se separou dêle: Levanta os teus olhos, e olha desde o lugar em que agora estás, para o Setentrião. para o Meio-Dia, para o Oriente e para o Ocidente.

15 Tôda essa terra, que vês, eu ta darei sempre a ti e à tua posteridade. (3)

16 E eu farei a tua posteridade tão numerosa, como o pó da terra. Se alguém puder contar o pó da terra, poderá também contar o número dos teus descendentes.

17 Levanta-te e corre todo êste país quanto êle tem de comprido e de largo: porque eu to hei de dar.

18 Abrão pois tendo enrolado a sua tenda, veio habitar no vale de Mambre, que é junto a Hebron, e ali edificou um altar ao Senhor.

CAPÍTULO 14

GUERRA DE CODORLAOMOR, E DE SEUS ALIADOS CONTRA OS REIS DA PENTÁPOLE. E' NELA TOMADO LÓ E LEVADO CATIVO. ABRÃO VAI EM ALCANCE DOS VENCEDORES, E LIBERTA A LÓ. MELQUISEDEC DÁ SUA BENÇÃO A ABRÃO, E ABRÃO DÁ A MELQUISEDEC O DÍZIMO DOS DESPOJOS.

1 Naquele tempo succedeu que Anrafel, rei de Senaar, Arioc, rei de Ponto, Codorlaomor rei dos elamitas, e Tadal rei das gentes, (1)

(3) **EU TA DAREI** — Esta promessa de Deus conferia-lhe um direito autêntico sôbre todo o país de Canaã. A sua posteridade conservá-la-ia enquanto se conservasse, com êle, fiel a Deus e à sua crença. Esta condição é expressa no Lev 18, 26-28. Dt 4, 25. Is 48, 18.

(1) **ANRAFEL** — As inscrições caldéias confirmam os dados bíblicos sôbre esta confederação de Reis, que tinha por Chefe Codorlaomor. Num tijolo descoberto em Ur, pátria de Abrão,

Gênesis 14, 2-9

2 fizeram guerra contra Bara, rei de Sodoma; contra Bersa, rei de Gomorra; contra Senab rei de Adama; contra Semeber, rei de Seboim; e contra o rei de Bala, chamada por outro nome Segor.

3 Todos êstes reis se ajuntaram no Vale das Árvores, onde agora é o mar salgado.

4 Eles tinham estado sujeitos doze anos ao rei Codorlaomor; e no ano décimo terceiro se subtraíram da sua obediência.

5 Codorlaomor veio no ano décimo quarto com os reis, que se lhe tinham unido; e desbarataram aos Rafains em Astarot-Carnaim, e aos Zuzins com eles, e aos Emins em Save Gariatim;

6 e aos Correus nos montes de Seir até os campos de Faran, que são no deserto.

7 Voltando êstes reis da sua expedição, vieram à fonte de Misfat, que é a mesma que Cadés; e passaram ao fio da espada tudo o que encontraram na terra dos amalecitas, e dos amorreus que viviam em Asasontamar.

8 Então os reis de Sodoma, de Gomorra, de Adama, de Seboim e de Bala, ou de Segor, se puseram em campanha, e ordenaram as suas tropas em batalha no Vale das Árvores contra os reis aliados;

9 isto é, contra o Codorlaomor, rei dos elamitas; contra Tadal, rei das nações; contra Anrafel, rei de

lê-se o nome de Kondourlagamar, ao mesmo tempo rei de Yamontal, que deve ser a Síria. O Rei das Gentes, Goim, (em hebreu) é Tadal, nome que tem muita analogia com Toudoula, que aparece mencionado numa inscrição cuneiforme, como coevo de Eriakon, da mesma maneira que Goim se assemelha a Gestí, que se encontra em muitas lápides cuneiformes, pelo que judiciosamente conclui Vigouroux que dora avante não podem os críticos racionalistas taxar de mito este episódio do Gênesis.

Senaar; contra Arioc rei de Ponto: quatro reis contra cinco.

10 Ora, no Vale das Árvores havia muitos poços de betume. Os reis de Sodoma, e de Gomorra foram postos em fugida, e as suas gentes acabaram ali. E os que escaparam, acolheram-se aos montes.

11 Os vencedores levaram tôdas as riquezas, que acharam em Sodoma, e Gomorra, e todos os víveres; e retiraram-se.

12 Levaram também Ló filho do irmão de Abrão, que morava em Sodoma, e tudo o que tinha de bens. (2)

13 Então um, que se tinha salvado, veio dar parte disto a Abrão o hebreu que vivia no Vale de Mambre. Amorreu irmão de Escol e de Azer: porque êstes tinham feito aliança com Abrão.

14 Abrão tendo sabido que Ló seu irmão, ficara prisioneiro, escolheu os mais valentes dos seus servos, em número de trezentos e dezoito; e foi em alcance dos reis até Dan. (3)

15 Tendo repartido esta sua gente, deu sôbre os inimigos de noite, desfê-los, e enxotou-os até Hoba, que fica à esquerda de Damasco.

16 E trouxe consigo tudo o que êles tinham levado, e a Ló seu irmão com tudo o que lhe pertencia, como também as mulheres e o povo.

17 Quando Abrão voltava de derrotar a Codorlao-mor, e aos reis seus aliados, saiu-lhe ao encontro o rei

(2) **LEVARAM TAMBÉM LÓ** — Nas ruínas de Erec foi encontrado um cilindro caldeu representando êstes cativos conduzidos pelos seus vencedores.

(3) **SEU IRMÃO** — Hebraísmo, em vez de parente próximo. O Padre Antônio Pereira traduziu arbitrariamente pela palavra *so-brinho* que se emendou. Dan ao norte da Palestina. Cf. nota do V. 13, c. 12.

de Sodoma no Vale de Save, chamado também Vale do Rei.

18 Mas Melquisedec Rei de Salem, oferecendo pão e vinho, porque era sacerdote do Deus Altíssimo, (4)

19 abençoou a Abrão, e lhe disse: Bendito seja Abrão da parte do Altíssimo Deus, que criou o céu e a terra.

20 E bendito seja o Deus Altíssimo, que te protegeu, e te entregou nas tuas mãos os teus inimigos. E Abrão lhe deu o dízimo de tudo o que tinha tirado.

21 O rei de Sodoma porém disse a Abrão: Dá-me as pessoas, e toma para ti o mais que fica.

22 Abrão lhe respondeu: Eu levanto a minha mão ao Senhor Deus Altíssimo, cujo é o céu e a terra;

23 que eu não tomarei nada de tudo o que te pertence, desde o fio mais pequeno até à correia dos sapatos:

24 exceto somente aquilo, que a minha gente consumiu de comer, e a parte que compete a Azer, Escol e Mambre, que vieram comigo, êstes hão de receber a parte, que lhes é devida.

(4) MELQUISEDEC — A palavra composta de duas raízes significa rei de justiça. Todos os Santos Padres e comentadores viam nêlo um tipo representativo de Messias, pelo seu duplo caráter de rei e de pontífice e no sacrifício do pão e do vinho que oferece ao Altíssimo, vêem a figura do sacrifício eucarístico; ignora-se a sua origem e a sua vida — sem pai, sem mãe, sem genealogia, diz S. Paulo, Hebr. 7, 3. O que se pode afirmar é que adorava o verdadeiro Deus, reunia em sua pessoa as dignidades real e sacerdotal, e era justamente venerado pelas raras virtudes. Natalis Alexander, *História Ecclesiastica veteris, novique testamenti*.

CAPÍTULO 15

APARECE DEUS A ABRÃO. PROMESSA DO NASCIMENTO DE UM FILHO. SACRIFÍCIO DE ABRÃO. DEUS LHE PREDIZ A ESCRAVIDÃO DE SEUS DESCENDENTES POR QUATRO-CENTOS ANOS. ALIANÇA DE DEUS COM ABRÃO.

1 Passado isto, falou o Senhor a Abrão numa visão, e lhe disse: Não temas, Abrão; eu sou teu protetor, e a tua paga será infinitamente grande.

2 Abrão lhe respondeu: Senhor Deus, que me deste tu? Eu morrerei sem filhos: e o filho do procurador de minha casa, êste Eliezer de Damasco...

3 Quanto a mim, ajuntou êle, tu não me tens dado filhos, e o meu escravo será o meu herdeiro.

4 A isto lhe respondeu logo o Senhor: Êste não há de ser o teu herdeiro; mas tu terás por herdeiro aquêle, que nascerá de ti.

5 E depois de o ter feito sair para fora, disse-lhe: Levanta os teus olhos ao céu, e conta, se podes as estrêlas. Assim é, ajuntou êle, que se multiplicará a tua posteridade.

6 Creu Abrão em Deus, e à sua fé lhe foi imputada justiça.

7 Disse-lhe mais o Senhor: Eu sou o Senhor que te tirei de Ur dos caldeus para te dar esta terra, e a possuíres. (1)

8 Respondeu Abrão: Senhor Deus, por onde poderei eu conhecer que a hei de possuir? (2)

(1) **UR DOS CALDEUS**, hoje Mugheir, na antiga Caldéia. Era uma cidade notável, onde se cultivavam as ciências, artes e literatura. O culto dominante era a adoração da Lua sob o nome de Sin.

(2) **COMO PODEREI SABER** — Estas palavras não exprimem dúvida das promessas divinas; êle pede apenas a Deus que lhe faça conhecer como elas serão executadas.

Gênesis 15, 9-18

9 Continuou o Senhor: Toma-me uma vaca de três anos, e uma cabra de três anos, e um carneiro de três anos, com uma rôla e uma pomba.

10 Abrão tendo tomado todos êstes animais, cortou-os em duas metades, e pôs as duas metades, que tinha cortado, bem defronte uma da outra; mas não dividiu a rôla, nem a pomba.

11 Ora, as aves vinham pôr-se sôbre os cadáveres, e Abrão as enxotava.

12 Ao pôr do sol sentiu-se Abrão oprimido dum profundo sono, e ocupado de um grande horror como se estivesse metido em trevas.

13 Então lhe foi dito: Sabe desde agora, que a tua posteridade ficará vivendo numa terra estrangeira e será reduzida à escravidão, e aflita por quatrocentos anos.

14 Mas eu exercitarei os meus juízos sôbre o povo a que êles estarão sujeitos; êles sairão, ao depois daquela terra, trazendo consigo grandes riquezas.

15 Pelo que toca a ti, tu irás em paz para teus pais, sendo sepultado numa ditosa velhice. (3)

16 Mas os teus descendentes tornarão a entrar nesta terra à quarta geração: porque a medida das iniquidades dos amorreus não está ainda até agora cheia.

17 Quando pois foi sol pôsto, formou-se uma escuridade tenebrosa, e apareceu um forno, donde saía muito fumo; e viu-se uma lâmpada acesa, que passava através das reses divididas.

18 Naquele dia fêz o Senhor aliança com Abrão,

(3) **IRÁS EM PAZ PARA TEUS PAIS** — Esta expressão quer dizer “morrerás tranqüillo”. Para os hebreus a morte era o térmo da peregrinação terrestre; morrer era voltar para os pais, reunir-se aos seus, e por estas expressões se vê que a morte era para êles o início duma vida melhor, na companhia dos antepassados.

e lhe disse: Eu darei à tua posteridade esta terra desde o rio do Egito até ao grande rio Eufrates:

19 Tudo o que possuem os cineus, os ceneseus, os cedmoneus,

20 os heteus, os fereus, os rafains,

21 os amorreus, os cananeus, os gergeseus, e os jebuseus.

CAPÍTULO 16

AGAR FEITA MULHER DE ABRAÃO. FUGIDA DE AGAR, E SUA VOLTA. NASCIMENTO DE ISMAEL.

1 Ora Sarai, mulher de Abrão, não tinha filhos: mas como tinha uma escrava egípcia, chamada Agar, (1)

2 disse a seu marido: Bem vêes que o Senhor me fez estéril, e que eu não posso ter filhos. Toma pois a minha escrava, a ver se ao menos por ela posso ter filhos. E como Abrão anuiu aos seus rogos, (2)

3 tomou Sarai a Agar egípcia sua escrava, e a deu por mulher a seu marido, dez anos depois que eles tinham começado a habitar na terra de Canaã.

4 Tendo Abrão entrado a ela, e vendo Agar, que tinha concebido, começou a desprezar a sua senhora.

(1) AGAR — Naturalmente era uma das escravas que o Faraó tinha dado a Abrão (Gen 12, 6) e estava desde esse tempo ao seu serviço.

(2) Concordaram todos os Santos Padres que a poligamia, ainda que contrária à instituição primitiva do matrimónio (Gen 2, 24), foi tolerada por Deus, com o fim de aumentar a população, permissão que existiu durante a legislação mosaica, tendo contudo Moisés publicado várias disposições, que eram outros tantos obstáculos à poligamia. Veja-se o que sobre tal assunto escreve Glaire, *Introduction a l'Ecriture Sainte*.

Gênesis 16, 5-16

5 Então disse Sarai a Abrão: Tu trataste-me dum modo injusto. Eu dei-te a minha escrava para ser tua mulher, e ela depois que se viu prenhada, despreza-me. O Senhor, seja juiz entre mim, e ti.

6 Abrão lhe respondeu: Eis-aí a tua escrava; ela está nas tuas mãos, usa dela, como te der na vontade. Como Sarai a maltratasse, fugiu Agar.

7 E tendo-a o anjo do Senhor, achado no ermo ao pé da fonte, que está junto ao-caminho de Sur no deserto, disse-lhe:

8 Agar, escrava de Sarai, donde vens tu? e para onde vais? Ela lhe respondeu: Fui de diante de Sarai minha senhora.

9 E o anjo do Senhor lhe disse: Volta para a tua senhora, e humilha-te debaixo da sua mão.

10 E ajuntou: Eu multiplicarei a tua descendência, e a farei tão numerosa, que ela se não possa contar.

11 Disse ainda mais: Eis-aí concebeste tu, e parirás um filho, a quem porás o nome de Ismael; porque o Senhor te ouviu na tua aflição.

12 Este será um homem fero, cuja mão será contra todos, e contra o qual terão todos a mão levantada. Ele porá as suas tendas defronte de todos os seus irmãos.

13 Então invocou Agar o nome do Senhor, que lhe tinha falado, e disse: Tu és o Deus que me viste; porque é certo, (ajuntou ela) que eu vi aqui por detrás aquêle, que me vê.

14 Por esta razão chamou ela àquêle poço o Poço do que vive, e do que me vê. Este é o poço, que está entre Cades, e Barad.

15 Ora, Agar pariu um filho a Abrão, que o chamou Ismael.

16 Tinha Abrão oitenta e seis anos, quando Agar lhe pariu a Ismael.

CAPÍTULO 17

APARECE DEUS OUTRA VEZ A ABRÃO, E LHE MUDA O NOME EM ABRAÃO, BEM COMO O DE SARAI EM SARA. INSTITUIÇÃO DA CIRCUNCISÃO. PROMESSA NO NASCIMENTO DE ISAAC.

1 Entrava Abrão no ano noventa e nove de sua idade, quando o Senhor lhe apareceu, e lhe disse: Eu sou o Deus todo Poderoso: anda em minha presença e serás perfeito.

2 Eu farei aliança contigo, e te multiplicarei infinitamente.

3 Abrão se prostrou com o rosto em terra.

4 E Deus lhe disse: Eu sou: Eu farei um pacto contigo, e tu serás pai de muitas gentes.

5 Daqui em diante não te chamarás mais Abrão; mas chamar-te-ás Abraão; porque eu te tenho para pai de muitas gentes.

6 Eu farei crescer a tua posteridade infinitamente; e eu te farei chefe das nações; e de ti sairão reis. (1)

7 Eu estabelecerei o meu pacto contigo, e com os teus vindouros no decurso das suas gerações, por um concôrto eterno: E eu serei o teu Deus, e o Deus da tua posteridade depois de ti.

8 Eu te darei a ti, à tua posteridade a terra, em que tu agora moras como estrangeiro; todo o país de Canaã, como uma herança eterna: e eu serei o teu Deus.

9 Disse mais Deus a Abraão: Tu pois guardarás o meu pacto, tu, e teus descendentes depois de ti. Todos os machos dentre vós serão circuncidados.

(1) **EU FAREI CRESCER** — S. Paulo mostra-nos que estas promessas se referem aos filhos de Abraão, que o imitaram na fé e na obediência. Ep. Rom 4, 11-12; 9, 7-8. Gál 3, 14 e seguintes.

Gênesis 17, 10-12

10 Eis-aqui o pacto, que eu faço contigo, para que tu o observes, e a tua posteridade depois de ti. Todos os machos dentre vós serão circuncidados. (2)

11 E vós circuncidareis a carne do vosso prepúcio, para que esta circuncisão seja o sinal do concêrto, que há entre mim, e vós. (3)

12 O menino de oito dias será circuncidado entre vós: todo o menino será circuncidado em todo o decurso das vossas gerações. Tanto os escravos, que tiverem nascido em vossas casas, como os que vós tiverdes com-

(2) **TODOS OS MACHOS SERÃO CIRCUNCIDADOS** — Vigouroux ensina-nos que a circuncisão era praticada entre os egípcios e em outras nações; mas Deus serviu-se desta cerimônia para fazer dela um sinal particular para o seu povo. Vêem os Santos Padres na circuncisão a figura do batismo, e outros o símbolo duma circuncisão interior, espiritual, isto é, a repressão de tôdas as más tendências e de tôdas as paixões pecaminosas. O fim principal apontado por Glaire, (ob cit.), era imprimir um sêlo que distinguisse o povo hebreu de tôdas as outras nações e lhe lembrasse as divinas promessas. Os fins secundários eram uma medida higiênica, e um auxílio para o crescimento da população.

(3) **E VÓS CIRCUNCIDAREIS** — Um certo número das prescrições judaicas era anterior a Moisés. Deus tinha-as promulgado para conservar na memória dos israelitas a recordação dos grandes fatos da sua história. A circuncisão estava neste caso, pois recordava Abraão, a origem da nação e a promessa da aliança, da mesma sorte que o sâbado relembra a criação, e a proibição de comer sangue o dilúvio. Assim todos os grandes acontecimentos eram, insensível e constantemente, recordados aos judeus. Não deixemos de notar que os hebreus são o único povo que tem a circuncisão obrigatória para todos os varões, e prescrita como ato de religião. Como o texto não prescreve quem seja o ministro da circuncisão, umas vezes é o pai, outras um parente, outras um estranho que a opera. Também não é indicado o instrumento. Séfora empregou uma pedra para circuncidar Eliezar, e Josué seguiu o mesmo sistema para os israelitas que não tinham sido circuncidados no deserto. Ex 4, 25. Jos 5, 3.

prado, e que não forem da vossa raça, todos serão circuncidados.

13 E esta marca do meu pacto será na vossa carne como o sinal duma eterna aliança.

14 Todo o macho, cuja carne não fôr circuncidada, será aquela alma exterminada do seu povo, porque violou o meu pacto.

15 Disse também Deus a Abraão: Tu não tornarás mais a chamar Sarai a tua mulher, mas chamá-la-ás Sara. (4)

16 Eu a abençoarei, e ela te dará um filho, a quem lançarei a minha bênção; e ele será o chefe das nações, e dêle sairão os reis dos povos.

17 Abraão se prostrou com o rosto em terra, e riu-se, dizendo lá no seu coração: Pois que? Um homem de cem anos terá um filho? e Sara parirá, sendo de noventa?

18 E êle disse a Deus: seja do teu agrado, que Ismael viva em tua presença.

19 E Deus lhe respondeu: Sara tua mulher te parirá um filho, que tu chamarás Isaac; e eu confirmarei a minha aliança com êle, e com seus descendentes depois dêle, para que esta aliança seja eterna. (5)

20 Eu te ouvi também acêrca de Ismael: eu o abençoarei, e o farei crescer, e multiplicarei a sua raça. Eu o farei pai de doze príncipes, e duma nação muito numerosa.

21 Mas no tocante ao meu pacto com Isaac é que eu

(4) **SARAI** — Quer dizer minha princesa, e Sara minha senhora.

(5) **CHAMARAS ISAAO** — Isaac significa riso; êste nome liga-se com o riso de Abraão (V. 17), riso que não é de escárnio, mas de alegria misturada com um sentimento de dúvida.

Gênesis 17, 22-27; 18, 1-2

o estabelecerei; e Sara o parirá para o ano nesta mesma estação, em que nós estamos.

22 E tendo assim falado a Abraão, se elevou Deus, e desapareceu dos seus olhos.

23 Então tomou Abraão a seu filho Ismael, e a todos os escravos nascidos em sua casa, e a todos os que ele tinha comprado, e geralmente a todos os varões da sua casa, e circuncidou-os logo no mesmo dia, como o Senhor lhe tinha ordenado.

24 Tinha Abraão noventa e nove anos, quando se circuncidou.

25 E Ismael tinha treze anos completos. quando foi circuncidado.

26 Abraão e Ismael foram circuncidados num mesmo dia.

27 E todos os homens da casa de Abraão foram circuncidados ao mesmo tempo, assim dos escravos comprados, como dos que tinham nascido em casa, e dos que eram estrangeiros.

CAPÍTULO 18

APARIÇÃO DOS TRÊS ANJOS A ABRAÃO. PROMESSA DO FUTURO NASCIMENTO DE ISAAC. DESCOBRE DEUS A ABRAÃO A RESOLUÇÃO, EM QUE ESTAVA DE DESTRUIR SODOMA E GOMORRA. PROCURA ABRAÃO COM AS SUAS ROGATIVAS EVITAR A RUÍNA DESTAS CIDADES.

1 Ora, o Senhor apareceu a Abraão no Vale de Mambre, quando ele estava assentado à porta da sua tenda no maior calor do dia.

2 E tendo Abraão levantado os olhos apareceram três homens juntos a ele. Tanto que ele os viu, correu

da porta da sua tenda a recebê-los; e prostrado em terra, lhes disse: (1)

3 Senhor, se eu achei graça diante de teus olhos, não passes a casa do teu servo.

4 Eu, porém, trarei uma pouca de água para vos lavar os pés: E entretanto descansai debaixo desta árvore.

5 Eu vos porei diante, um pouco de pão para recobardes as vossas forças; e ao depois continuareis o vosso caminho: Porque por isso é que vós viestes ao vosso servo. Eles lhe responderam: Faze o que disseste.

6 Entrou Abraão a tôda a pressa na sua tenda e disse a Sara: Amassa depressa três medidas da mais pura farinha, e faz cozer uns pães debaixo da cinza.

7 E êle correu ao mesmo tempo à manada, e tomou um novilho dos melhores e mais tenros, e deu-o a um criado, que com tôda a brevidade o cozeu.

8 Tomou também manteiga e leite, com o novilho que tinha feito cozer, e pôs tudo diante dêles: E êle entretanto estava de pé junto a êles debaixo da árvore.

9 Depois que comeram, disseram êles para Abraão: Onde está Sara tua mulher? Respondeu Abraão: Está na tenda.

10 Um dêles lhe disse: Eu não faltarei a vir ver-te dentro dum ano a êste mesmo tempo: Achar-vos-ei a ambos com vida; e Sara tua mulher terá um filho. Sara, tendo isto ouvido, riu-se detrás da porta da tenda;

11 Porque ambos êles eram velhos, e mui idosos;

(1) A vulgata emprega o termo *adorat*, que o Padre Pereira traduziu, *prostrado*. Com esta tradução concorda Vigouroux, que diz que o verbo *adorar* toma-se na Escritura para indicar a ação de se prostrar, mandando ver a Ep. ad. Hebr. 11, 21. Os hebreus prostravam-se em homenagem de respeito, sendo o sentimento íntimo que distinguia a veneração apresentada aos homens da adoração devida ao Criador.

Gênesis 18, 12-18

e a pensão, que de ordinário experimentam as mulheres, tinha cessado a Sara.

12 Ela pois se pôs a rir secretamente, e disse: Depois de eu ser uma velha, e meu Senhor tão avançado em anos, pôr-me-ei eu a usar do matrimônio?

13 Mas o Senhor disse a Abraão: Por que é que se riu Sara, dizendo: Posso eu esperar ser mãe, sendo velha como sou?

14 Há porventura alguma coisa, que seja difícil a Deus? Eu sem falta tornarei a vir ver-te, como te prometi, dentro de um ano a êste mesmo tempo; achar-vos-ei a ambos com vida: E Sara terá um filho.

15 Sara tôda cheia de medo o negou, dizendo: Eu não me ri. Mas o Senhor lhe disse: Não, isso não é assim, porque tu riste-te.

16 Tendo-se pois levantado dali aquêles homens, voltaram os olhos para Sodoma; e Abraão os conduziu, e foi com êles. (2)

17 Então disse o Senhor: Acaso poderei eu ocultar a Abraão o que estou para fazer?

18 Pois que êle há de vir a ser pai de uma nação numerosíssima e poderosíssima; e que tôdas as nações da terra hão de ser benditas nêle? (3)

(2) **VOLTARAM OS OLHOS PARA SODOMA** — Segundo a opinião mais verossímil, o país de Sodoma estava situado ao sul do mar Morto, no vale de Sidim, que era repleto de numerosos poços de betume. A cidade de Sodoma deveria estar colocada ao sudoeste do mar Morto, perto de Djebel Esdrum, onde hoje se vêem massas enormes de sal gema. O americano Lyesch disse ter encontrado um prisma de sal isolado, que julga ser a estátua da mulher de Ló, a que se refere, Josefo nas Antiguidades Judaicas, I, XI, 4.

(3) **TÔDAS AS NAÇÕES HÃO DE SER BENDITAS** — E, a confirmação das promessas anteriormente feitas por Deus a Abraão, mas aqui há alguma coisa mais notável, é a promessa que o Senhor fêz ao Santo Patriarca — que nêle tôdas as nações seriam abençoa-

19 Porque eu sei que êle há de ordenar a seus filhos e a tôda a sua família depois dêle, que guardem os caminhos do Senhor, e que obrem conforme a equidade, e a justiça; para que o Senhor execute a favor de Abraão tudo o que lhe tem prometido.

20 Acrescentou depois o Senhor: O clamor de Sodoma e de Gomorra se aumenta cada vez mais; e o seu crime tem chegado ao seu auge.

21 Eu pois descerei a ver se as suas obras correspondem ao clamor, que chegou a mim para saber se assim é, ou não é.

22 Então partiram dali dois daqueles homens, e foram para Sodoma. Mas Abraão ficou ainda diante do Senhor.

23 E chegando-se, lhe disse: Quererás tu perder os justos com os iníquos?

24 Se nesta cidade houver cinqüenta justos, fá-los-ás tu perecer com todos os outros? Não perdoarás tu a esta cidade em atenção a cinqüenta justos, se tantos se acharem nela?

25 Tu sem dúvida estás bem longe de tal fazer. Tu não perderás o justo com o ímpio, nem confundirás o bom com o mau. Êste procedimento não te convém de sorte alguma: Tu, que és juiz de tôda a terra, não podes exercer um tal juízo.

26 Disse o Senhor: Se eu achar em Sodoma cinqüenta justos, eu perdoarei por amor dêles a tôda a cidade.

das, isto é, revocadas ao conhecimento do verdadeiro Deus, que tinham esquecido, por que só em Deus se encontra a verdadeira bênção. Aqui há uma clara referência ao Messias, que devia ser o Salvador de todos os gentios e de todos os povos do mundo, que por êle seriam abençoados.

27 Prosseguiu Abraão: Uma vez que eu comecei, falarei ao meu Senhor, ainda que eu seja pó, e cinza.

28 Se faltarem cinco para os cinquenta justos, destruirás tu toda a cidade, porque nela se não acham senão quarenta e cinco? Não, disse o Senhor, eu a não destruirei, se achar nela quarenta e cinco.

29 Replicou Abraão: Mas se nela não houver, senão quarenta justos, que farás tu? Eu a não castigarei, disse o Senhor, se achar nela quarenta.

30 Peço-te, Senhor, ajuntou Abraão, que te não indignes, se eu ainda continuo a falar. Que farás tu, se lá achares trinta justos? Respondeu o Senhor: Se eu achar nela trinta, não a destruirei.

31 Pois que eu comecei, disse Abraão, falarei eu ainda ao meu Senhor. E se ali forem achados vinte? Não a arruinarei, respondeu êle, se nela houver vinte.

32 Eu te conjuro, Senhor, continuou Abraão não te enfades, se eu te falar ainda uma vez. Que será, se tu não achares nesta cidade senão dez justos? Eu a não destruirei, disse o Senhor, se nela houver dez. (4)

33 Retirou-se pois o Senhor, depois que cessou de falar a Abraão: e Abraão voltou para sua casa.

(4) **SE HOVER DEZ** — Querem os comentadores ver neste diálogo a eficácia da oração, e entendem que Abraão estava convencido de que em Sodoma havia os dez justos, que seriam a salvação dos pecadores.

CAPÍTULO 19

CHEGADA DOS ANJOS A SODOMA. LÓ OS RECEBE EM SUA CASA. VIOLÊNCIA DOS SODOMITAS CONTRA LÓ. ELE SE SALVA EM SEGOR, E SUA MULHER É CONVERTIDA EM ESTATUA DE SAL. DESTRUIÇÃO DE SODOMA E GOMORRA E DAS OUTRAS DUAS CIDADES. INCESTO DE LÓ COM SUAS DUAS FILHAS.

1 Sôbre a tarde chegaram os dois anjos a Sodoma, a tempo que Ló estava assentado à porta da cidade. Tanto que êle os viu, levantou-se e saiu a recebê-los. pros-trando-se em terra, e lhes disse:

2 Vinde, vos peço, meus senhores, para a casa de vosso servo, e ficai nela. Vós lavareis os vossos pés, e amanhã pela manhã partireis para continuardes o vosso caminho. Êles lhe responderam: Não, nós não iremos para tua casa, mas passaremos a noite na praça.

3 Ló apertou com êles instantemente, e os constrangeu a irem com êle; e depois que entraram em sua casa, preparou-lhes um banquete; fêz cozer uns pães asmos, e êles comeram.

4 Mas antes que êles se fôssem deitar, os habitantes da cidade desde os meninos até os velhos, numa palavra, todo o povo junto, vieram cercar a casa de Ló.

5 E chamando por êle, disseram-lhe: Onde estão aquêles homens, que entraram para tua casa esta tarde? Faze-os sair, que os queremos conhecer.

6 Saiu Ló de sua casa: é tendo fechado a porta nas suas costas, lhes disse:

7 Peço-vos, irmãos meus, que não façais tamanho mal.

8 Eu tenho duas filhas, que ainda são donzelas; eu vo-las trarei, e vós usai delas como fôr do vosso gôsto, contanto que não façais mal algum àqueles homens, por-

Gênesis 19, 9-15

que entraram em minha casa, como para um lugar de segurança. (1)

9 Mas eles lhe disseram: Retira-te daqui: Tu vieste para aqui como forasteiro; acaso queres tu ser nosso juiz? A ti pois trataremos nós ainda muito pior, do que a eles. E lançaram-se sobre Ló com grande violência. E quando eles estavam a ponto de arrombar a porta,

10 eis que os dois homens puxaram com as mãos por Ló e tendo-o introduzido para dentro de casa, fecharam a porta;

11 e feriram de cegueira aos que estavam de fora, desde o mais pequeno até o maior, de sorte que não puderam mais atinar com a porta.

12 E os mesmos dois homens disseram a Ló: Tu tens aqui alguns dos teus próximos genros, ou filhos ou filhas? Faze sair desta cidade todos os que te pertencem.

13 Porque nós vamos destruir este lugar; pois que o clamor dos seus crimes se tem elevado cada vez mais até à presença do Senhor, e ele nos enviou para que os destruíssemos.

14 Ló pois, tendo saído, falou a seus genros, que estavam para casar com suas filhas, e disse-lhes: Levantai-vos, e saí deste lugar, porque o Senhor está para destruir esta cidade. E eles julgaram que Ló lhes dizia isto por zombaria.

15 Ao amanhecer apertavam os Anjos com Ló que sáisse, dizendo-lhe: Toma depressa a tua mulher e as

(1) Ló — E' certo que se colocou em má situação, porém as circunstâncias especiais em que se encontrava, atenuam a gravidade da sua culpa, pois que entendeu que assim defendia, como lhe cumpria os sagrados deveres da hospitalidade. "*Aliena quippe ille vir justus timendo peccata, quae nisi consentientes inquinare non possunt, perturbatis non attendit suum, quo voluit subdere filias libidinibus impiorum*". S. Agostinho, contra a mentira, n.º 21.

tuas duas filhas, não suceda que também tu pereças na ruína desta cidade.

16 E vendo que Ló ia tardando, êles o tomaram pela mão, porque o Senhor lhe queria perdoar: e tomaram também pela mão a sua mulher e as suas duas filhas.

17 E tendo-o tirado de casa, o puseram fora da cidade. Então lhe disseram êles: Salva a tua vida, não olhes para trás, e não pares em parte alguma dêste país e seus arredores; mas salva-te no monte, por não succeder pereceres com os outros.

18 Ló lhes respondeu: Rogo-te, meu Senhor,

19 que pois o teu servo achou graça diante de teus olhos, e tu usaste comigo da grande misericórdia de tomares à tua conta o livrares-me, consideres que eu me não posso salvar no monte; porque tenho mêdo que me apanhe esta desgraça, e eu morra.

20 Mas eis ali está perto uma cidade, a que eu me posso acolher. Ela é pequena, e nela me poderei eu salvar. Não vês como ela é pequena? Ela me salvará a vida.

21 O anjo lhe disse: Também ainda nisso quero estar pelos teus rogos; e não destruirei aquela cidade, a favor da qual me falaste.

22 Apressa-te por te salvares ali: Porque eu não posso fazer nada, enquanto tu não tiveres lá entrado. Por isso a esta cidade puseram o nome de Segor. (2)

23 Aparecia o sol sôbre a terra, quando Ló entrou em Segor.

24 Fêz o Senhor pois, cair sôbre Sodoma, e Go-

(2) **SEGOR**, em hebreu Tschar — Provavelmente estava na coâta oriental do mar Morto, e era uma das cinco cidades do vale de Sídím.

Gênesis 19, 25-31

morra uma chuva de enxofre e de fogo, que o Senhor fêz descer do céu. (3)

25 E êle destruiu estas cidades, e todo o país em roda; todos os que o habitavam, e tudo o que tinha alguma verdura sôbre a terra.

26 A mulher de Ló olhou para trás, e ficou convertida em estátua de sal. (4)

27 Ora Abraão tendo-se levantado ao amanhecer, veio ao lugar, onde antes tinha estado com o Senhor.

28 E levantando os olhos para Sodoma, e Gomorra, e para os países em tôrno, viu que se elevaram da terra cinzas inflamadas, como fumo, que sai duma fornalha.

29 Ao tempo que Deus, destruía as cidades daquele território, êle se lembrou de Abraão, e livrou a Ló a ruína destas cidades, onde êle tinha assentado a sua venda.

30 Mas Ló se retirou de Segor; e tendo ido buscar o monte, se meteu numa caverna com suas duas filhas, porque teve mêdo de ficar em Segor.

31 Então disse a mais velha para a mais moça: Nosso pai está velho, e na terra não ficou homem algum.

(3) **SÔBRE SODOMA E GOMORRA** — O autor só menciona estas duas cidades destruídas pelo fogo, porém o mesmo castigo arrasou Seboim e Adama Dt 29, 23. Estrabão (E-XVI) dá-nos notícia, a propósito duma descrição do lago Asfaltite, de treze cidades, que tinham por capital Sodoma, e que foram umas destruídas pelo fogo e outras abandonadas pelos habitantes, que fugiam espavoridos. Solin afirma que a terra está all coberta de cinzas.

(4) **ESTATUA DE SAL** — Os intérpretes tomaram sempre esta passagem à letra; o próprio Filon, que considera tudo alegorias, confessa que êste castigo foi real e que contém grandes ensinamentos. Entre os Cristãos escreveram largamente sôbre esta passagem S. Clemente, S. Ireneu, S. Cirilo de Jerusalém e S. Ambrósio, mas sobretudo está o livro da Sabedoria, c. 10, v. 7.

com quem possamos casar, segundo o costume de todos os países.

32 Demos pois a beber vinho a nosso pai, e embebedemo-lo, e durmamos com êle para que êle nos dê filhos.

33 Deram pois a beber vinho a seu pai aquela noite; e a mais velha dormiu com êle, sem êle o sentir nem quando ela se deitou, nem quando se levantou.

34 Ao outro dia disse a mais velha para a mais moça: Eu ontem dormi com meu pai: Demos-lhe também esta noite a beber vinho, e dormirás tu com êle, para conservarmos a raça de nosso pai.

35 Tornaram pois aquela noite a dar de beber vinho a seu pai, e a segunda filha dormiu com êle, sem que êle também sentisse nem quando ela se deitou, nem quando se levantou.

36 Assim ambas elas conceberam de seu próprio pai. (5)

37 A mais velha pariu um filho, e chamou-o Moab. Este é o pai dos moabitas, que existem até o dia de hoje.

38 A mais moça pariu um filho, e chamou-o Amon, que quer dizer o filho do meu povo. Este é o pai dos amonitas, que ainda hoje vemos.

(5) CONCEBERAM DO SEU PRÓPRIO PAI — Trata-se dum incesto condenado pela lei natural; o V. 31, porém, pode atenuar-lhes a grave enormidade da culpa. S. Ambrósio desculpa-as da seguinte forma: "Putaverunt non vicinae, et se solas cum pater superestitis ex-omnibus populis remansisse". De Abraam, livro 1.º capítulo 6.º, n.º 56. Julgavam que aquêl cataclismo tivesse sido universal, e que se encontravam só elas e o pai na terra, e assim, como modernamente se diria, pelo instinto da conservação e propagação da espécie, cometeram o incestuoso crime.

CAPÍTULO 20

ABRAÃO SE RETIRA A GÉRARA. ABIMELEC LEVA A SARA PARA CASAR COM ELA. É POR ISSO CASTIGADO POR DEUS. TORNA A REMETÊ-LA A ABRAÃO, DEPOIS QUE CONHECEU QUE ELA ERA SUA MULHER.

1 Tendo Abraão partido dali para ir para as bandas do Meio-Dia, habitou entre Cadés, e Sur. E tendo ido para Gérara a viver lá como estrangeiro,

2 disse, falando de Sara, que ela era sua irmã. Mandou pois Abimelec, rei de Gérara, quem lhe levasse Sara, e levaram-lha.

3 Mas Deus apareceu de noite em sonhos a Abimelec, e lhe disse: Sabe que serás punido de morte, por causa desta mulher, porque ela tem marido.

4 Ora Abimelec não a tinha tocado, e disse: Senhor, castigarás tu um povo ignorante, e inocente?

5 Porventura não me disse êste homem: Ela é minha irmã? E ela mesma não me disse: Êle é meu irmão? Eu fiz isto na simplicidade do meu coração, e com umas mãos puras.

6 Respondeu-lhe Deus: Eu sei que tu obraste com um coração simples: E por isso eu te preservei do pecado, que tu poderás ter cometido contra mim, e te impedi que a tocases.

7 Entrega pois já desde agora essa mulher a seu marido: Porque êle é profeta, e êle rogará por ti, e tu viverás. Porém se tu lha não quiseses entregar, sabe que serás ferido de morte tu, e tudo o que fôr teu. (1)

(1) **UM PROFETA** — E' a primeira vez que se encontra esta palavra, e tomada no sentido lato, isto é, como homem que tem relações com Deus, e não no sentido particular de homem anunciando o futuro.

8 Abimelec se levantou logo, sendo ainda noite; e tendo chamado os seus servos, lhes expôs tudo o que lhe fôra dito, e todos êles ficaram cheios de medo.

9 Fêz também chamar Abraão, e disse-lhe: Por que nos trataste tu assim? Que mal te fizemos nós, para queres meter-me a mim, e ao meu reino num tão grande pecado? Tu fizeste-nos uma coisa, que não nos devias fazer.

10 E continuando ainda as suas queixas, ajuntou: Que viste tu para assim te portares comigo?

11 Abraão lhe respondeu: Eu pensei comigo mesmo, e disse: Talvez nesta terra não haja temor de Deus: E êles matar-me-ão, para acolher minha mulher.

12 Por outra parte ela é verdadeiramente minha irmã, como filha, que é de meu pai, ainda que não filha de minha mãe, e eu a recebi por mulher. (2)

13 Mas depois que Deus me tirou da casa de meu pai, eu lhe disse: Faze-me esta graça em todos os países, onde entrarmos, de dizeres que és minha irmã.

14 Tomou pois Abimelec ovelhas, bois, escravos, e escravas, e deu-os a Abraão: e restituiu-lhe também a Sara sua mulher.

15 E disse-lhe: Todo o país está diante de vós: habita onde quer que te agradar.

16 Depois disse a Sara: Eis aí dou eu mil peças de prata a teu irmão, para que tenhas um véu, que ponhas sobre os teus olhos diante de todos os que estiverem contigo, e em tôda a parte, para onde fores: e lembra-te que foste apanhada. (3)

(2) **FILHA DE MEU PAI** — A maior parte das leis da antiguidade permitiam o casamento entre os irmãos consangüíneos.

(3) **PARA QUE TENHAS UM VÉU** — O sentido do texto é muito controvertido. A tradução literal do hebreu é "isto será para

Gênesis 20, 17-18; 21, 1-7

17 Orou Abraão a Deus, e Deus curou a Abimelec a sua mulher, e as suas escravas; e elas pariram.

18 Porque Deus tinha esterilizado tôdas as mulheres da casa de Abimelec por causa de Sara, mulher de Abraão.

CAPÍTULO 21

**NASCIMENTO DE ISAAC. FUGIDA DE AGAR, E ISMAEL.
ALIANÇA ENTRE ABIMELEC E ABRAÃO.**

1 Ora o Senhor visitou a Sara, como êle lhe tinha dito, e executou a sua promessa.

2 Ela concebeu, e pariu um filho na sua velhice, ao tempo que Deus lho tinha predito.

3 Pôs Abraão o nome de Isaac ao filho, que lhe nasceu de Sara.

4 E circuncidou-o ao oitavo dia, segundo a ordem que recebera de Deus,

5 tendo então cem anos: porque nesta idade é que êle veio a ser pai de Isaac.

6 E nesta ocasião disse Sara: O Senhor me fez uma coisa, que me causou riso; e todos os que a souberem se hão de rir do mesmo conosco.

7 E acrescentou: Quem crera que se poderia dizer a Abraão, que Sara havia de dar de mamar a um filho, que ela lhe pariria, sendo êle já velho?

ti um véu sôbre os olhos diante de todos aquêles que estão contigo". Uns intérpretes entendem que se trata dum véu material, cujo preço foi pago por Abimelec a Abraão, e que serviria para evitar a Sara cair em iguais aventuras; outros querem que estas expressões sejam metafóricas, e que devem ter êste sentido "êste presente te fará fechar os olhos a ti e aos que estão contigo".

8 Entretanto nasceu o menino, e foi desmamado: e no dia, que êle foi desmamado, deu Abraão um grande banquete.

9 Sara porém, como visse o filho de Agar egíptana brincando com seu filho Isaac, disse para Abraão:

10 Expulsa esta escrava com seu filho: Porque o filho da escrava não será herdeiro com meu filho Isaac. (1)

11 Pareceu isto duro a Abraão, por causa de seu filho Ismael.

12 Mas o Senhor lhe disse: Não te pareça áspero o que Sara te disse de teu filho, e da tua escrava. Antes tudo o que Sara te disser faze-o: porque de Isaac é que há de sair a raça, que há de ter o teu nome.

13 E quanto ao filho da tua escrava, eu o farei também pai de um grande povo, por êle ter saído de ti.

14 Abraão pois tendo-se levantado de manhã, tomou pão e um odre d'água, e pô-lo às costas a Agar: Entregou-lhe seu filho, e despediu-a. Agar tendo partido, andava errante pelo deserto de Bersabé.(2)

15 E como se lhe tivesse acabado a água do odre, deixou seu filho deitado debaixo de uma árvore, que ali havia,

(1) **EXPULSA ESTA ESCRAVA** — Compreende-se êste despeito de Sara. Tendo um filho, repugnava-lhe ver a escrava, que era sua rival, e mãe dum filho de seu marido, o que ia ofender o seu amor maternal. Os autores inspirados louvam Sara, como S. Paulo (Hbr 11) e S. Paulo apresentando-a como modelo de obediência conjugal. Ep. 3, 6.

(2) **BERSABÉ** — E' hoje Bir-es-Seba, ao sul de Hebron, sôbre a estrada do Egito.

Gênesis 21, 16-24

16 e se alongou dêle um tiro de arco, e se assentou bem defronte, dizendo: Não verei morrer a meu filho: E levantando a voz, se pôs a chorar.

17 Ora Deus ouviu a voz do menino: e o anjo do Senhor chamou a Agar do céu, e lhe disse: Agar, que fazes tu por aqui? Não temas: porque Deus ouviu a voz do teu menino do lugar, onde está.

18 Levanta-te, toma o menino, e tem-no pela mão: porque eu o farei pai de um grande povo.

19 Ao mesmo tempo abriu Deus os olhos de Agar, a qual vendo um poço d'água, foi a êle, e encheu o seu odre, e deu de beber ao menino. (3)

20 Assistiu Deus ao menino, e êle cresceu, e ficou vivendo no deserto, e saiu um moço bom frecheiro.

21 Êle habitou no deserto de Faran: e sua mãe o casou com uma mulher do Egito.

22 Neste mesmo tempo Abimelec acompanhado de Ficol, general do seu exército, veio dizer a Abraão: Deus é contigo em tudo o que tu fazes. (4)

23 Jura-me pois pelo nome de Deus, que tu não me farás mal a mim, nem aos meus descendentes, nem à minha raça: Mas que usarás comigo, e com a terra, onde tens vivido como estrangeiro, da mesma bondade, que eu tenho usado contigo.

24 Respondeu-lhe Abraão: Eu to jurarei.

(3) **O ODRE** — Os monumentos do Oriente testemunham o uso frequente do odre entre os antigos, em especial para o transporte de água no deserto. E' curioso o baixo relêvo de Koyoundjik, onde se vê a figura duma mulher dando a beber a uma criança por um odre. Num monumento assírio encontra-se uma forma de odre.

(4) **FICOL** — Título de ministro do rei, general dos seus exércitos.

25 E queixou-se a Abimelec da violência, com que os seus servos lhe tinham tirado um poço.

26 Abimelec lhe respondeu: Eu não soube que te tinham feito essa injustiça: nem tu me disseste nada: e até o dia de hoje eu não tinha ouvido falar em tal.

27 Tomou pois Abraão umas ovelhas, e uns bois, e deu-os a Abimelec e fizeram ambos aliança entre si.

28 E tendo Abraão pôsto à parte sete cordeiras do seu rebanho,

29 Abimelec lhe disse: Que querem dizer estas sete cordeiras, que tu puseste à parte?

30 Tu receberás, disse Abraão estas sete cordeiras da minha mão, para que elas me sirvam de testemunho, de como eu abri êste poço.

31 Por isso foi aquêlê lugar chamado Bersabé, porque ali juraram êles ambos,

32 e porque fizeram aliança perto do poço do juramento.

33 Abimelec pois, e Ficol, general do seu exército, voltaram para a terra da Palestina: E Abraão plantou um bosque em Bersabé, onde invocou o nome do Senhor Deus eterno. (5)

34 E ficou vivendo muito tempo na terra dos palestinos.

(5) **PLANTOU UM BOSQUE**, ou melhor uma tamargueira. — Era costume plantar uma árvore que ficava como sinal de posse.

CAPÍTULO 22

VAI ABRAÃO AO MONTE MORIA, PARA NELE SACRIFICAR A ISAAC. UM ANJO LHE SUSPENDE A MÃO PARA NÃO DESCARREGAR O GOLPE. DEUS REPETE AS SUAS PROMESSAS A ABRAÃO. LISTA DOS DESCENDENTES DE NACOR.

1 Passado isto, tentou Deus a Abraão, e lhe disse: Abraão, Abraão. Ele lhe respondeu: Aqui estou. (1)

2 Continuou Deus: Toma a Isaac teu filho único, a quem tu tanto amas, e vai à terra da Visão, e oferecer-mos-ás em holocausto sobre um dos montes, que eu te mostrarei. (2)

3 Abraão pois, levantando-se de noite, preparou o seu jumento, e tomou consigo a seu filho Isaac, e a dois de seus servos: e depois de cortar a lenha necessária para consumir o holocausto, partiu a achar-se no lugar, para onde Deus lhe tinha ordenado que fôsse.

4 Ao terceiro dia, tendo levantado os olhos, viu ele o lugar de longe.

5 Então disse aos seus servos: Esperai aqui com o jumento, que eu, e meu filho não faremos senão che-

(1) **TENTOU** — Este termo tem duas significações — experimentar e levar ao mal. E' no primeiro sentido que Moisés aqui o emprega. S. Ambrósio explicando, diz: "o demônio tenta para arruinar, mas Deus tenta para coroar". (De Abraam, l. I). A seqüência dos fatos comprova-nos que Deus queria que ficasse bem gravado e fôsse transmitido a todas as gerações, este grande exemplo de fé e de obediência, e ao mesmo tempo recompensar tão heróico ato com um prêmio digno da sua onipotência, isto é, não só pela conquista dos hebreus sobre os cananeus, moabitas, amonitas, mas ainda pelo da Igreja Cristã sobre todos os países do mundo, que conheceram a Jesus Cristo.

(2) **SOBRE UM DOS MONTES** — Sobre o monte Moria, onde mais tarde foi construído o templo de Jerusalém.

gar acolá; e depois de têmos feito adoração, tornaremos a vós.

6 Tomou também a lenha para o holocausto, e pô-la às costas de seu filho Isaac: e êle Abraão levava nas mãos o fogo, e o cutelo. E quando ambos caminhavam juntos,

7 disse Isaac a seu pai: Meu pai? respondeu-lhe Abraão: Que queres, meu filho? Aqui vai o fogo, e o cutelo, disse Isaac; onde está a vítima para o holocausto?

8 Deus proverá nisso, respondeu Abraão: Êle nos deparará uma vítima para o seu holocausto. Caminharam pois ambos juntos,

9 até que chegaram ao lugar, que Deus tinha mostrado a Abraão. Ali levantou Abraão um altar; pôs-lhe a lenha em cima depois atou a seu filho Isaac, e o pôs sobre a lenha, que tinha disposto sobre o altar.

10 E estendendo a mão, pegou no cutelo para imolar seu filho. (3)

11 Mas a êsse mesmo ponto lhe gritou do céu o anjo do Senhor, dizendo: Abraão, Abraão. Respondeu êle: Aqui estou.

12 Continuou o anjo: Não estendas a tua mão sobre o menino, e não lhe faças mal algum. Agora conheci que temes a Deus, pois que, por me obedeceres, não perdoaste a teu filho único.

13 Abraão, levantando os olhos, viu atrás de si

(3) **PEGOU NO CUTELO** — Não se esqueça que não houve sacrifício humano, mas que a oblação de Isaac não é mais do que uma prova, da qual resultaria grande glória para Abraão, e ao mesmo tempo se encontra a condenação dos sacrificios humanos, pois Deus não permitiu que Abraão imolasse seu filho. Note-se também que Moisés cominou os abomináveis sacrificios humanos por uma lei formal e com penas muito severas, em obediência às ordens do Senhor Deus. (Lev., 20, 2. Dt. 12, 31).

Gênesis 22, 14-18

um carneiro, que estava embaraçado pelas pontas na rama dum espinheiro; e, pegando nêle, o ofereceu em holocausto em lugar de seu filho.

14 E chamou a êste lugar dum nome, que significa: O Senhor vê. Donde veio dizer-se ainda hoje: O Senhor verá no monte.

15 Segunda vez tornou o anjo do Senhor a chamar Abraão, e lhe disse:

16 Eu jurei por mim mesmo, diz o Senhor, que pois que tu fizeste esta ação, e que por me obedeceres não perdoaste a teu filho único;

17 eu te abençoarei, e multiplicarei a tua raça como as estrêlas do céu, e como a areia, que há nas praias do mar. Os teus descendentes possuirão as portas de seus inimigos.

18 E tôdas as gentes da terra serão benditas na tua posteridade porque obedeceste à minha voz. (4)-(5)

(4) **SERÃO BENDITAS NA TUA POSTERIDADE** — Mais uma vez confirmada a profecia messiânica feita a Abraão. O valor desta frase é — tôdas as gentes serão benditas em ti, e no que há de proceder de ti — in semine tuo da vulgata. Davi reproduz quase textualmente esta profecia: *Et benedicentur in ipso omnes tribus terrae*. Sl 71, 17. No Novo Testamento encontra-se repetida e explicada esta promessa, em S. Paulo ad Galat., 3, 7, com a sua clara aplicação messiânica. S. Pedro fala, concludentemente: *Vos estis filii prophetarum et testamenti quod disposuit Deus ad patres nostros dicens ad Abraham; Et in semine tuo benedicentur omnes familiae terrae*. Act. 3, 25. Agora com esta nova promessa appare-nos constituído como o pai dos crentes. E' de ler-se sôbre esta profecia, como sôbre as demais o compêndio do illustre Doutor Bernardo de Madureira, *Institutiones Theologiae dogmatico-polemicae*, que teremos ocasião de citar muitas vêzes, e onde se encontram conhecimentos valiosos.

(5) **PORQUE OBEDECESTE A MINHA VOZ** — Bossuet interpretando êste texto escreve: "Après que ces deux grands hommes ont donné au monde une image si vive et si belle de l'oblation

19 Tendo Abraão voltado para onde estavam os seus servos, recolheram-se todos juntos a Bersabé, e ali ficou vivendo Abraão.

20 Depois disto vieram dizer a Abraão, que seu irmão Nacor tinha tido de sua mulher Melca muitos filhos.

21 A saber, Hus, que foi o primogênito, Buz seu irmão, Camuel pai dos sírios.

22 Cased, Azau, Teldas, Gedlaf;

23 e Batuel pai de Rebeca. Eis-aqui os oito filhos, que Nacor, irmão de Abraão, teve de Melca sua mulher.

24 Uma sua concubina, chamada Roma, deu-lhe também êstes outros quatro filhos: Tabéia, Gaão, Taás, e Maaca.

CAPÍTULO 23

MORTE DE SARA. ABRAÃO COMPRA UMA CAVERNA PARA A ENTERRAR.

1 Ora Sara, tendo vivido cento e vinte sete anos, (1)

2 morreu na Cidade de Arbéia que é a mesma que Hebron na terra de Canaã. E Abraão veio pranteá-la, e tomar nojo por ela.

3 Acabados que foram os dias do nojo, levantou-se Abraão, e falou aos filhos de Het, dizendo-lhes:

volontaire de Jesus Christ, et qu'ils ont goûté en esprit les amertumes de sa croix, ils sont jugés vraiment dignes d'être ses ancêtres." Os Santos Padres dizem que desde então exultou por ver os dias do Messias. Jo. 8, 56.

(1) **CENTO E VINTE E SETE ANOS** — Sara é a única mulher da Bíblia de quem a Escritura menciona a idade.

Gênesis 23, 4-11

4 Eu na vossa terra sou como um peregrino, e um forasteiro. Peço-vos, que me deis o direito de ter entre vós uma sepultura, para eu enterrar nela uma pessoa, que me morreu. (2)

5 Os filhos de Het lhe responderam:

6 Senhor, ouve-nos. Tu és para nós um príncipe de Deus, poderás escolher de entre todos os nossos mais formosos sepulcros um, onde enterres essa pessoa, que te morreu. Ninguém te tolherá, que enterres no seu sepulcro essa pessoa, que te morreu. (3)

7 Abraão, depois de se levantar, fêz uma profunda reverência diante do povo daquela terra, que eram os filhos de Het e disse-lhes:

8 Se vós achais bom que eu enterre a minha defunta, ouvi-me, vós peço, e intercedei por mim com Efron, filho de Seor.

9 a fim de que êle me dê uma caverna de dois repartimentos, que êle tem no fim do seu campo; que a ceda em mim diante de vós, pelo preço que ela vale; e que fique sendo minha, para eu fazer nela um sepulcro.

10 E' de saber, que Efron habitava no meio dos filhos de Het; e êle respondeu a Abraão, ouvindo-o todos os que entravam pela porta da cidade, e lhe disse:

11 Não, meu Senhor, isso não há de ser assim; mas ouve o que te vou dizer: Eu te dou o campo, e a ca-

(2) **O DIREITO DE SEPULTURA** — E' o primeiro exemplo de enterramento de que a escritura nos dá noticia, e agora ficamos sabendo que os hebreus possuíam lugares especialmente destinados à jazida dos mortos, e que os sepulcros eram propriedade particular, (v. 6 "os nossos mais formosos sepulcros") destinados a uma família, esmerando-se mesmo na sua conservação, sendo partidários do inumacionismo.

(3) **PRÍNCIPE DE DEUS** — isto é um príncipe que goza de enorme prestígio, um grande príncipe.

verna, que nêle há, em presença dos filhos do meu povo: enterra nela a pessoa, que te morreu.

12 Abraão se inclinou profundamente diante do povo daquela terra,

13 e disse a Efron no meio do ajuntamento do povo: Ouve-me, te peço: Eu quero dar-te o dinheiro, que o campo vale, recebe-o, e depois enterrarei nêle a minha defunta.

14 Efron lhe respondeu:

15 Meu senhor, ouve-me. A terra que tu pedes, vale quatrocentos siclos de prata. Êste é o seu preço entre mim e ti. Mas isto que é? enterra a tua defunta. (4)

16 Abraão tendo isto ouvido, pesou em presença dos filhos de Het o dinheiro, que Efron lhe tinha pedido, e pagou quatrocentos siclos de prata em boa moeda corrente.

17 Assim foi entregue a Abraão o campo, que fôra de Efron, onde havia uma caverna de dois repartimentos, que olhava para Mambre; e entregue tanto o campo, como a caverna, com tôdas as árvores que estavam à roda por todo o seu circuito; (5)

(4) **QUATROCENTOS SICLOS DE PRATA** — A palavra siclo designa um pêso. A moeda batida é posterior: no tempo de Abraão os egípcios tinham uns anéis de ouro e de prata, com um pêso fixo e determinado, que desempenhavam o papel da moeda. Vêem-se representados em muitos monumentos da antiguidade. Não podemos hoje apreciar o valor da prata em época tão distante. Quando se fez a versão dos Setenta, o meio siclo de prata valia um didracma grego, isto é, aproximadamente 330 réis. Segundo esta avaliação, a sepultura de Makpelah deveria ter custado a Abraão aproximadamente entre 260 e 280 mil réis; porém êste cálculo estará longe da verdade, porque a prata tinha então na Palestina um valor muito diferente do que hoje tem.

(5) **UMA CAVERNA DE DOIS REPARTIMENTOS** — Foi visitada no século XII por Benjamim de Tudela; estão lá seis

18 e lhe foi segurado como uma fazenda, que lhe ficava sendo própria, na presença de todos os que se tinham ajuntado à porta daquela cidade.

19 Enterrou pois Abraão a Sara sua mulher na caverna de dois repartimentos, que olhava para Mambré, no campo, onde é Hebron na terra de Canaã.

20 E o campo com a caverna, que nêle havia, foi segurado a Abraão da parte dos filhos de Het, para Abraão gozar dêle, como dum jazigo seu próprio.

CAPÍTULO 24

JORNADA DE ELIEZER, MORDOMO DE ABRAÃO, À MESOPOTÂMIA, ONDE PEDE, E ALCANÇA A REBECA PARA MULHER DE ISAAC.

1 Ora Abraão estava velho, e muito avançado em anos; e o Senhor o tinha abençoado em tôdas as coisas.

2 Disse êle pois ao mais antigo dos seus servos, que tinha a intendência de tôda a sua casa: Põe a tua mão debaixo da minha coxa,

3 para eu te fazer jurar pelo Senhor Deus do céu, e da terra, que tu não hás de tomar nenhuma das filhas dos cananeus, entre os quais eu habito, para a desposares com meu filho Isaac:

4 Mas que hás de ir à terra, onde estão meus parentes, para daí trazeres uma mulher a meu filho Isaac.

5 O servo lhe disse: E se essa mulher não quiser vir comigo para esta terra, quererás tu que eu conduza teu filho ao lugar, donde tu saístes?

túmulos, e ossos de muitos israelitas para ali transportados por dev6çã6. Os seis túmulos, segundo as inscrições seriam de Abraão, Isaac, Jacó, Sara, Rebeca e Lia.

6 Respondeu-lhe Abraão: Guarda-te bem, não leves meu filho a tal país.

7 O Senhor Deus do céu, que me fez sair da casa de meu pai, e do lugar da minha natureza, e que prometeu com juramento, que êle havia de dar esta terra a minha posteridade; êle mesmo enviará o seu anjo diante de ti e tu tomarás para meu filho uma mulher dessa terra.

8 Porém se essa mulher não quizer seguir-te, ficarás tu desobrigado do juramento: Mas por nenhum caso me leves lá meu filho.

9 Pôs logo aquêlê servo a sua mão debaixo da coxa de Abraão, seu senhor, e se obrigou com juramento a fazer tudo o que êle lhe tinha dito.

10 Ao mesmo tempo tomados dez camelos da cáfila de seu senhor, partiu, levando consigo de todos os bens de Abraão; e foi direito a Mesopotâmia à cidade de Nacor.

11 Tendo chegado sôbre a tarde perto de um poço fora da cidade, ao tempo que as mulheres costumam sair a tirar água, fêz descansar os seus camelos, e orou assim a Deus: (1)

12 Senhor Deus de Abraão, meu amo, peço-te que me assistas hoje, e que mostres quanta é a tua bondade para com meu amo Abraão.

13 Eis-aqui estou eu ao pé desta fonte, e as filhas dos habitantes da cidade hão de vir tirar água. (2)

(1) **PERTO DUM POÇO** — Este poço foi visitado por Malan, citado por Vigouroux. Em volta dêle tudo atesta a mais alta antiguidade. E' curioso, porque tem vários canais de alturas diferentes, para os camelos, ovelhas, cabras e cordeiros.

(2) **E AS FILHAS DOS HABITANTES** — Ainda hoje são as mulheres e as raparigas que se incumbem dêste mister no Oriente.

14 Rogo-te pois que faças que aquela moça, a quem eu disser, abaixa a tua cântara para eu beber, e que me responder, bebe, e eu darei também de beber aos teus camelos; seja esta moça aquela, que tu tens destinado para mulher de Isaac teu servo: e que eu conheça daí, que tu favoreceste a meu amo por um efeito da tua misericórdia.

15 Ainda bem êle não tinha acabado de dizer lá consigo estas palavras, senão quando vê êle ir saindo Rebeca, filha de Batuel, filho de Melca, mulher de Nacor, irmão de Abraão, levando aos ombros uma cântara cheia de água.

16 Era ela uma moça por extremo bem feita, uma donzela formosíssima, e não conhecida de homem algum, a qual tinha vindo à fonte; e depois de ter enchido a sua cântara, voltava.

17 Foi o servo pois encontrar-se com ela, e disse-lhe: Dá-me de beber uma pouca d'água da tua cântara.

18 Respondeu ela: Bebe, meu Senhor. E descendo prontamente do ombro a cântara, a pôs no braço, e lhe deu de beber.

19 Depois que êle bebeu, acrescentou ela: Eu vou também tirar água para os teus camelos, até que todos tenham bebido. (3)

20 E entornando a água da cântara nos canos, voltou ao poço a tirar outra, que deu a todos os camelos.

21 Entretanto o servo a mirava, e remirava sem dizer nada, querendo saber, se teria o Senhor felicitado a sua jornada ou não.

22 E depois que os camelos beberam, tirou de umas

(3) **DEPOIS QUE ÊLE BEBEU** — No texto hebreu está — quando ela acabou de lhe dar de beber.

arrecadas de ouro, que pesavam dois siclos, e de dois braceletes, que pesavam dez, e disse-lhe: (4)

23 Dize-me de quem és tu filha? Haverá em casa de teu pai lugar onde se fique?

24 Respondeu ela: Eu sou filha de Batuel, filho de Melca, e de Nacor seu marido.

25 E acrescentou: Em nossa casa há muita palha, e muito feno, e lugar espaçoso para ficar.

26 O homem se inclinou profundamente, e adorou ao Senhor, dizendo:

27 Bendito seja o Senhor Deus de Abraão meu amo, que não retirou d'ele as suas misericórdias e que cumpriu com êle a verdade das suas promessas, e que me trouxe direito à casa do irmão de meu amo.

28 A moça pois correu à casa de sua mãe, e contou-lhe tudo o que tinha ouvido.

29 Ora Rebeca tinha um irmão, chamado Labão, o qual saiu logo para ir ter com o homem junto à fonte.

30 E tendo já visto as arrecadas, e os braceletes nas mãos de sua irmã, que lhe tinha referido tudo quanto aquêle homem lhe dissera, foi dar com o homem, quando êle ainda estava junto à fonte com os seus camelos, e disse-lhe: (5)

(4) **ARRECADAS DE OURO** — A vulgata traduzia *inaures*, bríncos, arrecadas, o termo hebreu *nézen*. Ora êste *nézen*, ainda em uso no Oriente, é uma argola de ouro ou de prata, algumas vèzes com pedras e corais incrustados, que as mulheres trazem no nariz. Prisse apresentou-nos o retrato duma mulher árabe com êste enfeite, a que correspondiam, quase sempre, outros iguais que se penduravam nas orelhas. Layard tirou fotografias de mulheres árabes ornadas com êstes enfeites.

(5) **BRACELETES** — Era enfeite muito em moda; até os homens os usavam, como se vê em muitos baixos relevos, tijolos, inscrições e antiguidades.

31 Entra, bendito do Senhor: Por que estás tu fora? Eu tenho preparado a casa, e tenho lugar para os camelos.

32 Fê-lo Labão logo entrar em casa; descarregou os camelos; deu-lhes palha, e feno; trouxe água para lavar os pés ao hóspede, e aos que tinham vindo com êle;

33 e ao mesmo tempo se lhe pôs de comer. Porém o servo disse: Eu não hei de comer, menos que não tenha exposto o motivo da minha jornada. Respondeu-lhe Labão: Pois fala.

34 E êle falou desta sorte: Eu sou servo de Abraão.

35 O Senhor tem enchido de bênçãos a meu amo: Êle o fêz grande, e rico: Êle lhe deu ovelhas, bois, prata, e ouro, escravos, e escravas, camelos, e jumentos.

36 E Sara, mulher de meu amo, lhe pariu na sua velhice um filho, a quem êle deu tudo o que tinha.

37 O dito meu amo me fêz jurar em sua presença, dizendo-me: Promete-me que tu não hás de tomar alguma das filhas dos cananeus, em cuja terra eu habito, para a dares por mulher a meu filho:

38 Mas que hás de ir a casa de meu pai, e que hás de tomar para meu filho uma mulher de minha parentela.

39 E sôbre o dizer eu então a meu amo: E se essa mulher não quiser vir comigo?

40 Respondeu-me êle: O Senhor, em cuja presença ando, enviará o seu Anjo contigo, e te conduzirá no teu caminho, para que tomes para meu filho uma mulher, que seja da minha parentela, e da casa de meu pai.

41 Tu ficarás isento do perjúrio, e desobrigado do teu juramento, se depois que tiveres chegado a casa de meus parentes, êles ta recusarem dar.

42 Hoje pois cheguei eu ao pé da fonte, e fiz esta

oração: Senhor Deus de meu amo Abraão, se tu deste um bom sucesso à jornada, que eu empreendi,

43 eis-me aqui junto a esta fonte: Faze que aquela dentre as moças, que vierem a tirar água, a quem eu disser, dá-me de beber uma pouca d'água da tua cântara,

44 e que me responder, bebe, e eu vou também tirar água para os teus camelos: Seja aquela, que o Senhor tem destinado para ser mulher do filho de meu amo.

45 Quando eu resolvia isto secretamente comigo, vi ir a Rebeca com a sua cântara ao ombro, a qual tendo descido à fonte, tinha tirado água: E eu lhe disse: Dá-me de beber uma pouca.

46 Ela tirando logo a cântara do ombro, me disse: Bebe, e eu vou também dar de beber aos teus camelos. Bebi eu pois, e ela deu de beber aos camelos.

47 Depois perguntei-lhe eu, e lhe disse: De quem és tu filha? E ela me respondeu: Eu sou filha de Batuel, filho de Nacor, e de Melca sua mulher. Então lhe pendurei eu das orelhas umas arrecadas para adorno do seu rosto e lhe meti uns braceletes nas mãos.

48 E logo abaixando-me profundamente, adorei ao Senhor, e bendisse ao Deus de Abraão meu amo, que me guiou via reta, para que eu tomasse a filha do irmão de meu amo para mulher de seu filho.

49 Assim que se vós verdadeiramente estais de ânimo de obrigar meu amo, dissei-mo: E se vós estais doutra resolução, dissei-mo também, para eu tomar para a direita, ou para a esquerda.

50 Labão, e Batuel lhe responderam: O Senhor nos mostra a sua vontade neste negócio. Nós não te podemos:

Gênesis 24, 51-62

dizer outra coisa, senão o que parece conforme com a sua vontade.

51 Eis-aí está Rebeca diante de ti: Toma-a, e parte com ela, e ela seja espôsa do filho de teu amo, conforme o Senhor se tem declarado.

52 O servo de Abraão tendo ouvido esta resposta, se lançou por terra, e adorou ao Senhor.

53 E tendo tirado uns vasos de ouro, e prata, e uns vestidos, fêz dêles presente a Rebeca. Fêz também presentes a seus irmãos, e a sua mãe.

54 Então postos à mesa, comeram, e beberam juntos, e ficaram ali aquêles dias. Ao outro pela manhã lhes disse o servo de Abraão: Permitti-me que eu volte para meu amo.

55 Mas os irmãos, e a mãe de Rebeca lhe responderam: Fique a rapariga ao menos dez dias conosco, e depois irá.

56 Não me detenhais, lhes disse êle, pois que o Senhor foi o que me conduziu em tôda a minha jornada. Permitti-me que eu parta para o meu amo.

57 Disseram êles: Chamemos a rapariga, e saibamos qual é a sua vontade.

58 Chamaram-na pois; e tanto que ela chegou, disseram-lhe: Tu queres ir com êste homem? Quero, respondeu ela.

59 Êles pois a deixaram ir acompanhada da sua ama com o servo de Abraão, e seus sócios,

60 rogando-lhe mil felicidades, e dizendo: Tu és nossa irmã, cresce em mil gerações: a tua posteridade possua as portas de seus inimigos.

61 Rebeca pois, e as suas moças tendo-se montado nos camelos, seguiram aquêles homens, que a tôda a diligência voltou para seu amo.

62 A êste mesmo tempo passeava Isaac no cami-

nho, que guia para o Poço do que vive, e do que vê: Porque então habitava êle no país meridional.

63 E êle tinha saído sôbre a tarde ao campo para meditar: E como tivesse levantado os olhos, viu de longe virem os camelos.

64 Rebeca tendo também visto a Isaac, desceu do seu camelo,

65 e disse ao servo: Que homem é aquêle, que vem pelo campo a encontrar-se conosco? Êle lhe respondeu: E' meu amo: E ela tomou muito depressa o seu véu, e se cobriu com êle.

66 Entretanto foi o servo contar a Isaac tudo o que tinha feito.

67 Então introduziu Isaac a Rebeca na câmara, que fôra de sua mãe Sara, e a recebeu por mulher. E a afeição, que êle lhe cobrou, foi tão grande, que com isso é que êle temperou a dor, que a morte de sua mãe lhe causara.

CAPÍTULO 25

TOMA ABRAÃO POR MULHER A CETURA. LISTA DOS FILHOS DESTE MATRIMÔNIO. MORTE DE ABRAÃO. POSTERIDADE DE ISMAEL E SUA MORTE. NASCIMENTO DE ESAÚ, E DE JACÓ. ESAÚ VENDE A JACÓ O DIREITO DA PRIMOGÊNITURA.

1 Pelo tempo adiante tomou Abraão outra mulher chamada Cetura,

2 a qual lhe pariu a Zamran, a Jecsan, a Madan, a Madian, a Jescó, e a Sué.

3 Jecsan gerou a Saba, e a Dadan. Os filhos de Dadan foram Assurim, Latusim, e Loomim.

4 De Madian saiu Efa, Ofer, Enoc, Abida, e Eldáa. Todos êstes foram filhos de Cetura.

5 Abraão deu a Isaac todos os seus bens,

6 e fêz em sua vida presentes aos filhos das suas concubinas, e os separou de seu filho Isaac, e os fêz ir para as partes do Oriente.

7 E tendo Abraão vivido cento setenta e cinco anos,

8 morreu de puro desfalecimento numa ditosa velhice, numa idade mui avançada, e bem farto de viver; e foi unir-se ao seu povo.

9 Isaac, e Ismael, seus filhos, o sepultaram na caverna de dois repartimentos, que era no campo de Efron, filho de Seor o Heteu, defronte de Mambre,

10 a qual Abraão tinha comprado aos filhos de Het. Eis-aqui onde êle foi enterrado, como tinha sido Sara sua mulher.

11 Depois da morte de Abraão abençoou Deus a Isaac seu filho, que habitava perto do Poço chamado do que vive, e do que vê.

12 Eis-aqui a lista dos filhos de Ismael, filho de Abraão, e de Agar egíptana, escrava de Sara.

13 E eis-aqui os nomes, que os filhos de Ismael deixaram aos seus descendentes. O primogênito de Ismael foi Nabajot, os outros foram Cedar, Abdeel, Mabsão,

14 Masma, Duma, Massa,

15 Hadar, Tema, Jetur, Náfis, e Cedma.

16 Êstes são os filhos de Ismael, e êstes nomes, que êles deram aos seus castelos, e às suas cidades, tendo sido doze príncipes, chefes de outras tantas tribos.

17 O tempo da vida de Ismael foram cento e trinta e sete anos; e, como lhe faltassem as fôrças, morreu, e foi unir-se ao seu povo.

18 Êle habitou no país, que corre desde Hevilat até Sur, que olha para a banda do Egito, sôbre o caminho, que leva para os assírios; e morreu achando-se presentes todos os seus irmãos.

19 Eis-aqui também qual foi a genealogia de Isaac, filho de Abraão. Abraão gerou a Isaac. (1)

20 Isaac, tendo quarenta anos, casou com Rebeca, filha de Batuel o assírio de Mesopotâmia, e irmã de Labão.

21 Orou Isaac ao Senhor por sua mulher, porque ela era estéril; e o Senhor o ouviu, dando a Rebeca vir-tude de conceber.

22 Mas os dois meninos, de que ela estava pejada, lutavam um contra o outro. E ela disse: Se assim tinha de ser, que necessidade havia que eu concebesse? Foi pois consultar o Senhor,

23 o qual lhe respondeu: Duas nações estão no teu ventre, e dois povos sairão de ti. Um dêstes povos ven-cerá o outro, e o mais velho vencerá o mais moço.

24 Chegado que foi o tempo de parir, achou-se ela mãe de dois gêmeos.

25 O que saiu primeiro era todo vermelho e todo peludo; e foi-lhe pôsto o nome de Esaú. Saiu logo o ou-tro, sustendo com a mão o pé do irmão; pelo que o cha-maram Jacó.

26 Tinha Isaac sessenta anos, quando lhe nasce-ram êstes dois filhos.

27 Depois que êles foram grandes Esaú saiu um destro caçador; e exercitou a lavoura. Jacó porém era um homem simples, e vivia em casa.

28 Isaac amava a Esaú, porque comia do que êle lhe trazia da caça: e Rebeca amava a Jacó.

29 Um dia tendo Jacó feito cozer um prato de len-tilhas, chegou Esaú do campo muito fatigado,

(1) **A GENEALOGIA DE ISAAO** — Começa a biografia de Isaac; o seu nascimento, o seu sacrifício, o seu casamento, etc.

30 e disse a Jacó: Dá-me dessa comida avermelhada, porque me sinto em extremo cansado. Por esta razão é que lhe foi pôsto o nome de Edom. (2)

31 Respondeu-lhe Jacó: Vende-me tu o teu direito de primogenitura.

32 Continuou Esaú: Eu me sinto morrer: de que me servirá o meu direito de primogenitura?

33 Pois jura-mo, lhe disse Jacó. Jurou-lho Esaú, e vendeu-lhe o seu direito de primogenitura. (3)

34 E assim tendo tomado do pão, e daquele prato de lentilhas, comeu, e bebeu, e depois foi-se, dando-se-lhe bem pouco de ter vendido o seu direito de primogenitura.

(2) **COMIDA AVERMELHADA** — São as lentilhas, que ainda hoje são um prato muito apreciado no Oriente.

(3) **DIREITO DE PRIMOGENITURA** — Sobre este fato são necessárias duas observações: 1.^a Os historiadores sagrados limitam-se a expor os fatos, não os apreciam; são narradores, não são juizes. Não louvam nem condenam; não aplaudem nem censuram. S. Agostinho escreve: Geralmente a Sagrada Escritura “não aprova nem desaprova: deixa ao nosso critério julgar os fatos consoante a justiça e a lei de Deus” (Quaest. in Heptat. 7, 49). 2.^a No caso presente, concordam os comentadores de melhor nome, que o procedimento de Jacó não reveste da gravidade que lhe querem atribuir. Ele tinha um tal ou qual direito à primogenitura, por isso que Esaú era seu irmão gêmeo; e de resto, deve-se notar, não o esbulhou dos bens que lhe advieram da herança paterna; o que Jacó avocou a si foi somente a bênção espiritual. O próprio texto nos diz que Esaú era rico (Gên 33, 8. 9).

CAPÍTULO 26

JORNADA DE ISAAC A GÉRARA, E O QUE NELA LHE SUCEDEU.
SUA TORNADA PARA BERSABÉ. ALIANÇA ENTRE ELE E
ABIMELEC. CASAMENTO DE ESAÚ.

1 Ora na terra houve uma grande fome, depois da que tinha havido em tempo de Abraão, e Isaac partiu para Abimelec rei dos palestinos, que habitava na cidade de Gérara.

2 Porque o Senhor lhe tinha aparecido, e lhe tinha dito: Não desças ao Egito, mas fica na terra, que eu te direi,

3 e passa lá algum tempo como estrangeiro. Eu serei contigo, e te abençoarei; porque eu darei aos teus descendentes todos êstes países, e cumprirei o juramento, que fiz a Abraão teu pai:

4 Multiplicarei a tua raça como as estrêlas do céu, e darei à tua posteridade tôdas estas terras, que vês; e tôdas as nações da terra serão benditas naquele, que sairá de ti; (1)

5 pois que Abraão obedeceu à minha voz; e observou os meus preceitos, e as minhas ordenações, as minhas cerimônias, e as leis.

6 Ficou pois Isaac em Gérara.

7 E como os habitantes daquele país lhe perguntassem, que coisa lhe era Rebeca, êle lhes respondeu: E' minha irmã. Porque temeu confessar-lhes que era sua mulher, pelo receio que tinha não o matassem, por causa da beleza da espôsa. (2)

(1) AS NAÇÕES DA TERRA SERÃO BENDITAS — E' a confirmação da promessa feita a Abraão, e que a tradição judaica e cristã sempre referiu ao Messias.

(2) É MINHA IRMÃ — E' a repetição do procedimento de

Gênesis 26, 8-15

8 Como Isaac se demorou naquela cidade largo tempo, aconteceu que olhando uma vez Abimelec rei dos palestinos pela janela, viu que Isaac estava brincando com Rebeca sua mulher.

9 E tendo-o mandado chamar, lhe disse: Está visto que ela é tua mulher. Por que mentiste tu, dizendo que era tua irmã? Respondeu Isaac: Tive medo me matassem por causa dela.

10 Replicou Abimelec: Por que nos enganaste em semelhante matéria? Podia muito bem suceder, que algum do povo abusasse de tua mulher, e então imputar-nos-ias tu a nós êsse grande pecado. Depois mandou passar esta ordem por todo o povo:

11 Todo aquêlê, que tocar a mulher dêste homem, será punido de morte.

12 Ora Isaac tendo semeado naquela terra, colheu no mesmo ano cento por um: porque o Senhor o abençoou. (3)

13 Ia enriquecendo, e os seus bens se aumentavam, e cresciam cada vez mais, de sorte que veio a ser muito possante.

14 Tinha também muitos rebanhos de ovelhas e muitas manadas de bois, com muitos servos, e servas. Do que tendo-lhe os palestinos inveja,

15 êles lhe entupiram todos os poços, que os escravos de seu pai Abraão tinham aberto, e os atulharam de terra.

Abraão em idénticas circunstâncias. (Gen 12, 13; 20, 2); porém Rebeca era prima de Isaac, por Taré, avô de Isaac e bisavô de Rebeca; mas nós já dissemos que as palavras usadas para exprimir os graus de parentesco não tinham, entre os antigos, a rigorosa precisão que hoje têm.

(3) Esta bênção refere-se à colheita, que foi excepcionalmente abundante.

16 O mesmo Abimelec chegou a dizer a Isaac: Retira-te de viveres aqui conosco; pois que te tens feito muito mais poderoso do que nós. (4)

17 Isaac pois, deixando aquela terra, veio para a torrente de Gérara para ali habitar.

18 Fêz despejar novamente outros poços, que os servos de seu pai ali tinham aberto, e que os filisteus depois da sua morte haviam também entupido: e pôs-lhes os mesmos nomes, que seu pai lhes havia pôsto antes.

19 Cavaram também de novo no fundo da torrente, e acharam água viva.

20 Mas ainda nesta ocasião houve contenda entre os pastôres de Gérara, e os de Isaac, sustentando os primeiros que a água era sua. Por isso chamou Isaac a êste poço Calúnia, atendendo ao que lhe tinha acontecido.

21 Abriu êle ainda outro, que foi uma nova ocasião de rixa: e Isaac o chamou Inimizade.

22 Partido dali, abriu outro poço; acêrca do qual não houve contestação nenhuma. Por isso o chamou Isaac Largura, dizendo: Agora nos pôs o Senhor ao largo, e nos fêz crescer na terra.

23 Dali voltou Isaac para Bersabé.

24 E na noite seguinte lhe appareceu o Senhor, e lhe disse: Eu sou o Deus de Abraão teu pai, não temas, porque eu sou contigo. Eu te abençoarei, e eu multiplicarei a tua posteridade, em attenção a Abraão meu servo.

25 Erigiu Isaac pois um altar naquele sítio; e tendo invocado o nome do Senhor, pôs a sua tenda, e mandou aos seus servos, que abrissem ali um poço.

(4) **RETIRA-TE** — A causa desta inimizade é a inveja que ocasionou tantas e tão funestas inimizades.

26 E como Abimelec e Ocozat seu amigo, e Ficol, general do seu exército, tivessem vindo de Gérara àquelle lugar,

27 Isaac lhes disse: A que viestes vós aqui ver um homem, que vós aborreceis, e que vós expulsastes da vossa companhia?

28 Êles lhe responderam: Reparamos que o Senhor é contigo, e por isso dissemos: Façamos aliança recíproca, e tu promete-nos com juramento,

29 que nos não hás-de fazer mal nenhum, assim como nós te não temos feito coisa, que te pudesse ofender; mas nós te despedimos em paz, cheio da bênção do Senhor.

30 Isaac pois lhes deu um banquete; e depois de terem comido, e bebido,

31 levantaram-se pela manhã, e juraram aliança entre si. Isaac lhes disse adeus; e êles voltaram em paz para sua casa.

32 No mesmo dia vieram dizer a Isaac os seus servos, que êles tinham achado água no poço, que haviam aberto.

33 Pelo que chamou Isaac a êste poço Abundância; e à cidade foi pôsto o nome de Bersabé, que ela conserva até o dia de hoje.

34 Esaú tendo quarenta anos, tomou por mulheres a Judite filha de Beeri Heteu, e a Basemate filha de Elon, do mesmo país; (5)

35 ambas as quais deram muitos desgostos a Isaac, e a Rebeca.

(5) **TOMOU POR MULHERES...** — Além destas Esaú esposou Maelete, filha de Ismael e irmã de Nabaiote (Gên 28, 9). Ora numa outra passagem do Gênesis (36, 2) as três mulheres de Esaú são designadas pelos nomes de: Ada, filha de Elon Heteu, Olibama,

CAPÍTULO 27

JACÓ POR SURPRESA ALCANÇA PARA SI A BÊNÇÃO QUE ISAAC TINHA PROMETIDO DAR A ESAÚ. AMEAÇAS DE ESAÚ CONTRA JACÓ. RETIRA-SE ÊSTE PARA MESOPOTÂMIA.

1 Isaac estava velho, e a sua vista se tinha de tal sorte enfraquecido, que êle não podia ver nada. Chamou pois a Esaú seu filho primogênito, e disse-lhe: Meu filho. Esaú lhe respondeu: Eis-aqui me tens.

2 Ajuntou Isaac: Tu bem vês que estou velho, e que ignoro o dia da minha morte.

3 Toma as tuas armas, a tua aljava, e o teu arco, e sai ao monte; e depois que tiveres apanhado alguma coisa de caça,

4 faze-me preparar dela, um pratinho como tu sabes que eu gosto, e traze-mo para eu comer dêle, e para eu te abençoar antes que morra.

5 Ouviu Rebeca esta prática; e depois que Esaú foi para a caça, a satisfazer o desejo de seu pai,

6 disse ela a seu filho Jacó: Eu ouvi estar falando teu pai Isaac com teu irmão Esaú, e dizer-lhe:

7 Traze-me alguma coisa do que tiveres apanha-

filha de Ana, filha de Sebeon o Heveu e Basemate filha de Ismael, irmã de Nabaiote. Como explicar estas mudanças de nomes? Erros dos copistas. Na transcrição dos manuscritos eram freqüentes as transposições e as alterações dos nomes próprios; e assim estas variações não podem ser imputadas a Moisés, mas aos copistas. Além disso tanto os homens como as mulheres podiam usar diferentes nomes. Quanto porém a chamar-se aqui Heveu o mesmo indivíduo que depois se chama Heteu bem pode ser, pela mesma razão que um homem pode ser chamado portuense e português. Heveu designa uma raça particular, e Heteu um nome mais genérico, significando habitante do país de Canaã. Assim resolve Vigouroux a dificuldade.

Gênesis 27, 8-15

do à caça; e faze-me preparar dela um pratinho para eu comer, e para eu te abençoar na presença do Senhor antes da minha morte.

8 Agora pois, filho meu segue o conselho, que te vou dizer.

9 Vai ao rebanho, e traze-me dois cabritos dos melhores, para eu preparar deles a teu pai uma iguaria, de que eu sei que êle gosta;

10 e para que depois que tu lha tiveres apresentado, e que êle tiver comido dela, te dê a sua bênção antes que morra.

11 Jacó lhe respondeu: Tu sabes que meu irmão Esaú tem o corpo cheio de pêlo, e que eu sou todo liso.

12 Se meu pai me fôr a tocar com a mão, e me apalpar, temo não cuide que eu o quis enganar, e não chame eu para mim a sua maldição, em vez da sua bênção.

13 Rebeca lhe replicou: Sobre mim caia essa maldição, meu filho. O ponto está que tu me ouças, e que vás buscar-me o que eu te disse.

14 Foi êle, trouxe-o e deu-o a sua mãe, a qual preparou disso uma iguaria para Isaac, como ela sabia que êle gostava. (1)

15 Depois vestiu a Jacó dos mais preciosos vestidos de Esaú, os quais ela tinha em seu poder:

(1) **FOI ÊLE** — Jacó obedece ao conselho da sua mãe e prepara-se para enganar Isaac com uma mentira para obter a bênção destinada a Esaú. Du Clot escreve: isto foi na verdade uma falta da sua parte, mas nós não estamos obrigados a justificar tôdas as ações dos patriarcas, que aliás os autores sagrados não aprovam (*La sainte Bible vengée*, t. II). Cumpre notar que Isaac, advertido da fraude de Jacó, não revogou a sua bênção, confirmou-a, porque se lembrou da promessa que Deus tinha feito a Rebeca; disse a Esaú "Teu irmão recebeu a bênção que era para ti, (33 a 37). Será

16 E cobriu-lhe as mãos, e o pescoço com as peles dos cabritos.

17 Depois deu-lhe a iguaria, que tinha preparado, e os pães, que tinha cozido.

18 O que tudo pôsto diante ao pai, disse Jacó. Meu pai. Bem te ouço, respondeu Isaac. Quem és tu, meu filho?

19 Respondeu Jacó: Eu sou Esaú teu primogênito: Fiz o que me ordenaste. Levanta-te, assenta-te, e come da minha caça, para me deitares a tua bênção.

20 Disse Isaac a seu filho: Como pudeste tu, meu filho, encontrar tão depressa o que eu pedia? Respondeu êle: Quis Deus que me aparecesse logo o que eu buscava.

21 Continuou: Chega-te a mim, meu filho, para eu te tocar, e para me certificar se tu és meu filho Esaú, ou não.

22 Chegou-se Jacó a seu pai; e tendo-o apalpado Isaac com a mão, disse: Quanto à voz, ela é a voz de Jacó; porém as mãos são as mãos de Esaú.

23 E êle o não conheceu; porque como as suas estavam cobertas de pêlo, pareceram-lhe tôdas semelhantes às do mais velho. Isaac pois dando-lhe a sua bênção, lhe disse:

24 E's tu meu filho Esaú? Eu o sou, respondeu Jacó.

25 Prosseguiu Isaac: Dá-me cá da tua caça, para eu te abençoar. Apresentou-lhe Jacó de comer; e depois que comeu, deu-lhe também vinho, o qual bebido,

abençoado e tu submeter-te-ás a êle." Não se diga que Deus premiou o embuste de Jacó; não há aqui recompensa, mas o cumprimento duma promessa feita por Deus antes do nascimento de Jacó. E houve mesmo castigo para a mentira, que foram as ameaças de Esaú, que por tanto tempo amedrontaram Jacó.

26 disse-lhe Isaac: Chega-te a mim, meu filho, e dá-me um beijo.

27 Chegou-se Jacó, e beijou-o: E no mesmo ponto, tendo Isaac sentido o bom cheiro dos seus vestidos, o abençoou, e lhe disse: Eis-aqui o cheiro de meu filho, que é como o cheiro de um campo bem clieio, ao qual o Senhor abençoou. (2)

28 Deus te dê do orvalho do céu e da gordura da terra, abundância de pão, e de vinho.

29 Os povos te estejam sujeitos, e êles se prostrem diante de ti: Tu sejas o Senhor de teus irmãos; e os filhos de tua mãe se inclinem profundamente na tua presença. Aquêl, que te amaldiçoar, êsse seja amaldiçoado, e aquêl, que te bem disser, seja cheio de bênçãos.

30 Apenas Isaac tinha acabado de dizer estas palavras, e Jacó saído para fora, quando chegou Esaú:

31 Que tendo apresentado a seu pai o que fizera cozer da sua caça, lhe disse: Levanta-te, meu pai, e come da caça de teu filho, para tu me dares a tua bênção.

32 Disse-lhe Isaac: Pois quem és tu? Esaú lhe respondeu: Eu sou teu filho primogênito.

33 Isaac todo sobressaltado, e cheio duma admiração maior, do que quanto se pode crer, lhe disse: Quem é logo aquêl, que me trouxe já do que tinha apanhado à caça? Eu comi de tudo o que êle me apresentou antes de tu chegares; e eu lhe dei a minha bênção, e êle será bendito.

34 Esaú ouvidas estas palavras do pai, rompeu nuns grandes bramidos como de um leão que ruge; e

(2) **O CHEIRO DE UM CAMPO** — As plantas do Oriente sã muito aromáticas, e na primavera os campos da Palestina estão completamente cobertos de flores, que exalam suaves odores.

todo consternado, disse: Dá-me também a mim a tua bênção, meu pai. (3)

35 Isaac lhe respondeu: Teu irmão me veio surpreender, e êle recebeu a bênção, que era para ti.

36 Prosseguiu Esaú: Com razão lhe foi pôsto a êle o nome de Jacó; porque esta é a segunda vez, que êle me suplantou. Êle me levou o meu direito de primogenitura; e eis agora veio êle ainda roubar-me a bênção, que me era devida. E tornando a falar com o pai: E tu, lhe disse êle, não reservaste também para mim alguma bênção? (4)

37 Respondeu-lhe Isaac: Eu o constitui a êle teu senhor; sujeitei-lhe todos os seus irmãos; dei-lhe para sustento pão, e vinho: e depois disto, meu filho, que te posso eu fazer?

38 Replicou Esaú: Logo tu não tens senão uma bênção? Eu te conjuro, que me abençoes também a mim. E como êle chorava, dando grandes gritos,

39 Isaac movido de compaixão, lhe disse: A tua bênção será na gordura da terra, e no orvalho do céu, que cai lá do alto. (5)

(3) **ESAÚ... ROMPEU NUNS GRANDES BRAMIDOS** — Que contraste com a indiferença que mostrou ao vender os direitos de primogenitura por um prato de lentilhas! No hebreu está "soltoou grandes gritos cheios de amargura a seu pai."

(4) **COM RAZÃO LHE FOI POSTO O NOME DE JACÓ** — O termo hebraico *Yaqob* significa o que pisa outro, e também o que comete fraude calcem tenens fraudulentus — Leopoldo Lexicon hebraicum et chaldaicum.

(5) **NA GORDURA DA TERRA, ETC.** — Assim, observa Vigouroux, *ob. cit.* verteram todos os tradutores, mas no original está que Isaac privou a descendência de Esaú da gordura da terra e do orvalho do céu. Esta profecia foi cumprida. O monte de Seir, onde se estabeleceu Esaú, é um dos mais áridos da terra, e, no seu conjunto, a Iduméia é um país pobre.

40 Tu viverás da tua espada, e serás sujeito a teu irmão: e lá virá tempo, que tu sacudas o seu jugo da tua cerviz, e te livres dêle. (6)

41 Conservou pois Esaú sempre um rancor contra Jacó por causa desta bênção, que êle recebera de seu pai; e o mesmo Esaú dizia no seu coração: Lá virá o tempo do nojo pela morte de meu pai: e então eu me desfarei de Jacó meu irmão.

42 Como estas coisas fôsem contadas a Rebeca, mandou ela chamar a seu filho Jacó e lhe disse: Sabe que teu irmão Esaú te ameaça, que te há de matar.

43 Pelo que, meu filho, crê-me, retira-te logo para meu irmão Labão, que assiste em Haran.

44 Deixa-te lá estar alguns dias, até que se aplaque a ira de teu irmão,

45 e a sua indignação passe, e êle se esqueça do mal, que tu lhe fizeste. Pois por que serei eu privada de ambos os meus filhos num dia?

46 Depois disse Rebeca a Isaac: Eu estou aborrecida da minha vida, por causa das filhas de Het. Se Jacó tomar para mulher alguma das filhas dêste país, não quero mais viver.

(6) **SERÁS SUJEITO A TEU IRMÃO** — Os idumeus estiveram durante muito tempo sob o domínio dos descendentes de Israel. Judas Macabeu levou-os de vencida (1.º dos Mac 5, 3-65) e Idal Hircan (120 Antes de Cristo) os submeteu, obrigando-os ao cumprimento da lei mosaica. Josefo, *Antiguidades Judaicas* 12-8, 6.

CAPÍTULO 28

JORNADA DE JACÓ A MESOPOTÂMIA. ESAÚ CASA COM MAELETE, FILHA DE ISMAEL. VISÃO, QUE JACÓ TEVE EM BETEL DUMA ESCADA MISTERIOSA. ERIGE UMA PEDRA POR MONUMENTO.

1 Isaac pois tendo feito chamar a Jacó abençoou-o, e lhe pôs êste preceito: Não tomes, lhe disse êle, para tua mulher alguma das filhas de Canaã.

2 Mas vai a Mesopotâmia na Síria, a casa de Batuel, pai de tua mãe, e desposa-te com uma das filhas de teu tio Labão.

3 O Deus Onipotente te encha das suas bênçãos: êle te faça crescer, e multiplicar de sorte, que venhas a ser pai de muitos povos. (1)

4 Êle te dê a ti, e à tua posteridade depois de ti, as bênçãos, que êle prometeu a Abraão; para que tu possuas a terra, onde hoje vives como estrangeiro, e que êle prometeu a teu avô.

5 Despedido assim de Isaac, partiu Jacó para Mesopotâmia na Síria a buscar Labão, filho de Batuel Siro, e irmão de Rebeca sua mãe.

6 Mas Esaú vendo que seu pai Isaac tinha abençoado a Jacó, e que o tinha mandado a Mesopotâmia na Síria, para lá tomar mulher do mesmo país; e que depois de lhe ter dado a bênção, lhe dissera: Tu não tomarás mulher, que seja das filhas de Canaã;

7 e que Jacó por obedecer a seus pais tinha partido para a Síria:

8 Tendo também alcançado por experiência, que

(1) O DEUS ONIPOTENTE, ETC... — Esta bênção é lançada sobre Jacó por Isaac, com tôda a reflexão, não havendo erro algum, nem a mesma fraude.

seu pai não levava a bem que êle tivesse casado com cananéias:

9 Foi buscar a casa de Ismael, e afora as mulheres, que já tinha, casou com Maelete, filha de Ismael, filho de Abraão, e irmã de Nabajot.

10 Jacó pois tendo partido de Bersabé, ia para Haran. (2)

11 E como chegasse depois do sol pôsto a um certo lugar, onde êle queria passar a noite, pegou numa das pedras, que ali havia; e tendo-a pôsto por baixo da sua cabeça, dormiu ali mesmo.

12 Então viu êle em sonhos uma escada, cujos pés estavam fincados sôbre a terra, e o cimo tocava no céu; e os anjos de Deus subindo, e descendo por esta escada.

13 Viu também ao Senhor firmado no cimo da escada, que lhe dizia: Eu sou o Senhor Deus de Abraão teu pai, e o Deus de Isaac. Eu te darei a ti, e a teus descendentes, a terra, em que tu dormes.

14 A tua posteridade será numerosa, como o pó da terra; e tu te estenderás ao Ocidente, e ao Oriente, e ao Setentrião, e ao Meio-Dia; e tôdas as tribos da terra serão benditas em ti, e naquele, que sairá de ti. (3)

15 Eu serei o teu condutor por tôda a parte, por onde fores; e eu te tornarei a trazer a êste país; e não te deixarei, menos que não tenha executado tudo o que te prometi.

16 Jacó tendo despertado depois do sono, disse:

(2) **JACÓ TENDO PARTIDO** — Começa uma nova existência para Jacó. O seu caráter vai ser modificado, passará a ser outro homem, sob a ação dos acontecimentos que se vão desenrolar.

(3) **E TÔDAS AS TRIBOS DA TERRA SERÃO BENDITAS** — E' a mesma promessa feita a Abraão, repetida a Isaac. Da mesma maneira se alude à tôdas as gerações e ao Messias.

Em verdade que o Senhor está neste lugar, e eu não o sabia.

17 E cheio de medo prosseguiu: Que terrível é este lugar! Verdadeiramente não é isto outra coisa, que a casa de Deus, e a porta do céu.

18 Tendo-se pois levantado logo ao amanhecer, tomou a pedra, que tinha pôsto por baixo da sua cabeça, e a erigiu em padrão, lançando-lhe azeite por cima. (4)

19 E pôs o nome de Betel à cidade, que antes se chamava Luza.

20 Ao mesmo tempo fez êle Jacó este voto a Deus, dizendo: Se Deus fôr comigo, e me guardar no caminho, por que eu ando, e me der pão para comer, e pano para me cobrir,

21 e eu voltar felizmente para a casa de meu pai: o Senhor será o meu Deus.

22 E esta Pedra, que erigi em Título, será chamada Casa de Deus: e de tôdas as coisas que vós me derdes, vos oferecerei o dízimo.

(4) **TOMOU A PEDRA E A ERIGIU EM PADRÃO** — Os inimigos da Bíblia viram aqui um ato idolátrico, e assemelharam esta pedra aos betilos que os fenícios e outros povos orientais adoravam. Mas não existe paridade alguma. Basta ler a narração do Gênesis para se ver que no ato praticado por Jacó não há sombra de idolatria ou politeísmo; levantou uma pedra monumental para perpetuar a lembrança dum fato maravilhoso, e como para santificar aquêle lugar a que êle chamou Casa de Deus e Porta do céu. E' corrente erguer um monumento, colunas, obeliscos, estátuas, inscrições, nos lugares em que se passaram acontecimentos notáveis, o que se faz entre nós, como entre os povos cultos. No original hebraico está a palavra masebah, que significa coluna, estátua, obelisco, poste, monumento levantado em memória de qualquer acontecimento, ao passo que betilo é um aerólito. Por aqui se vê que é impossível concluir da ereção de masebah que Jacó não fôsse monoteísta.

CAPÍTULO 29

CHEGA JACÓ A HARAN, OBRIGA-SE A SERVIR SETE ANOS A LABÃO, PARA ALCANÇAR A RAQUEL. NA NOITE DAS BODAS PÕE-LHE A LIA EM LUGAR DE RAQUEL. SERVE OUTROS SETE ANOS POR MERECER A RAQUEL. NASCIMENTO DE RÔBEN, DE SIMEÃO, DE LEVI, E DE JUDATIDOS EM LIA.

1 Partido pois daquele lugar, chegou Jacó à terra do Oriente.

2 E tendo entrado num campo, onde havia um poço viu descansando ao pé dêle, três rebanhos de ovelhas porque dêle é que se dava de beber aos rebanhos: e o bocal do poço estava tapado com uma grande pedra.

3 E o costume era não tirar a pedra, senão depois de terem chegado todos os rebanhos: e depois que êles tinham bebido, torná-la a pôr sôbre o bocal do poço.

4 Disse pois Jacó aos pastôres: Irmãos, donde sois vós? Responderam êles: Somos de Haran.

5 Perguntou-lhes Jacó: Conheceis vós porventura a Labão, filho de Nacor? Disseram êles: Conhecemos.

6 Está êle bom? ajuntou Jacó. Está bom, responderam êles: e eis acolá vem vindo Raquel, sua filha, com o seu rebanho.

7 Continuou Jacó: Êle é ainda muito dia, e ainda não é tempo de se recolherem os rebanhos aos currais. Fazei logo beber primeiro os rebanhos, e depois tornai-os a mandar ao pasto.

8 Não o podemos fazer, responderam êles. E' necessário que todos os rebanhos se ajuntem, e que nós tiremos a pedra que tapa o poço, para lhes darmos de beber a todos juntos.

9 Ainda êles estavam falando, quando chegou Raquel com as ovelhas de seu pai: Porque ela era a que pastoreava o seu rebanho.

10 Jacó tanto que a viu, como quem sabia que ela era sua prima co-irmã, e que as ovelhas eram de Labão seu tio, tirou a pedra, que cobria o bocal do poço:

11 Deu a beber ao seu rebanho, e beijou a Raquel, desfeito em altos choros,

12 e lhe disse que êle era irmão de seu pai, e filho de Rebeca. O que tendo ouvido Raquel, foi correndo dizê-lo a seu pai:

13 o qual como soube que Jacó, filho de sua irmã era vindo, correu a encontrar-se com êle; e abraçou-o, beijou-o muitas vêzes, e levou-o a sua casa; e depois que soube os motivos da sua jornada,

14 e lhe disse: Tu és osso do meu osso, e carne da minha carne. E passado que foi um mês,

15 disse Labão a Jacó: Acaso, porque tu és meu irmão, deves tu servir-me de graça? Dize-me pois que paga queres?

16 Ora Labão tinha duas filhas, das quais a mais velha se chamava Lia, e a mais moça Raquel.

17 Mas Lia tinha os olhos remelosos, e Raquel era bela de cara, e muito agradável.

18 Jacó como lhe tinha amor, disse a Labão: Eu te servirei sete anos por ter a Raquel, tua filha mais moça.

19 Respondeu-lhe Labão: Melhor é que eu te dê a ti, do que a outro: fica comigo.

20 Serviu pois Jacó a Labão sete anos por ter a Raquel: e êste tempo lhe pareceu muito curto, de grande que era o amor, que lhe tinha.

21 Depois disse Jacó a Labão: Dá-me minha mulher, para eu dormir com ela, pois que o meu tempo está cumprido.

22 Então fêz Labão as bodas, tendo convidado para o banquete a seus amigos, que eram em grande número;

23 e à tarde introduziu a Lia na câmara de Jacó, (1)

24 e deu a sua filha uma escrava, por nome Zelfa. Tendo Jacó dormido com a que Labão lhe dera, pela manhã conheceu que era Lia.

25 E disse Jacó a seu sogro: Que é isto que tu me quisesstes fazer? Porventura não te servi eu por ter a Raquel? Por que me enganaste tu?

26 Labão lhe respondeu: No nosso lugar não é costume casarmos as filhas mais moças antes das mais velhas.

27 Acaba a semana dêste primeiro matrimônio, e depois dar-te-ei a Raquel pelo trabalho doutros sete anos, que me servirás.

28 Acomodou-se Jacó ao que êle queria: e passada a semana, casou com Raquel,

29 à qual tinha dado seu pai uma escrava, chamada Bala.

30 E Jacó tendo enfim logrado aquela, que desejava, a preferiu à mais velha no amor, que lhe tinha, e continuou em servir Labão outros sete anos.

31 Mas o senhor vendo que Jacó desprezava a Lia, fêz fecunda a está ao mesmo tempo que Raquel era estéril.

32 Concebeu, pois Lia, e pariu um filho, a quem cha-

(1) **E A TARDE INTRODUIU LIA NA CÂMARA DE JACÓ**
— Era fácil cometer o lôgro, porque, segundó o antigo uso, o noivo esperava na sua câmara a desposada, que lhe era trazida coberta com um véu. E' claro que a conduta de Labão, sendo o autor do embuste, e de Lia, por se prestar a êle, é condenável; porém, aqui se deve ver o castigo infligido a Jacó, por causa da astúcia por êle perpetrada para obter a bênção de seu pai. Enganou, foi enganado.

mou Rúben, dizendo: O Senhor olhou para a minha humilhação: agora me amará meu marido. (2)

33 Tendo outra vez concebido, pariu um filho, e disse: Porque o Senhor viu que eu era tratada com desprezo, êle me deu êste segundo filho: e ela lhe pôs o nome de Simeão.

34 Concebeu, e pariu terceiro filho, e disse: Agora se unirá ainda mais meu marido a mim porque lhe dei três filhos; e por isso chamou ela a êste Levi.

35 Concebeu Lia quarta vez, e pariu um filho, a quem pôs o nome de Judá, dizendo: Agora louvarei eu o Senhor. E cessou por então de ter filhos.

CAPÍTULO 30

NASCIMENTO DE DAN E DE NEFTALI, FILHOS DE BALÁ, ESCRAVA DE RAQUEL: E DE GAD, E DE ASER FILHOS DE ZELFA E ESCRAVA DE LIA. TRAZ RÚBEN UMAS MANDRAGORAS A LIA, DESEJA-AS RAQUEL, E PEDE-AS. NASCIMENTO DE ISSACAR, E DE ZABULON, E DE DINA FILHOS DE LIA. RAQUEL TEM ENFIM A JOSÉ. JACÓ QUER TORNAR PARA A PALESTINA. COMPÕE-SE COM LABÃO.

1 Ora Raquel vendo que ela era infecunda, teve inveja a sua irmã, e disse a seu marido: Dá-me filhos senão morrerei. (1)

2 Jacó enfadado dêste modo de falar, respondeu-lhe: Acaso tens-me tu por Deus, para cuidares que eu sou quem te privei do fruto do teu ventre?

3 Mas Raquel prosseguiu: Eu tenho minha criada

(2) RÚBEN — Significa: vêde um filho.

(1) SENÃO MORREREI — S. João Crisóstomo entende que há aqui uma ameaça de suicídio. Não nos parece. Raquel tem medo de morrer de tristeza e de vergonha.

Gênesis 30, 4-15

Bala: entra tu a ela, para que ela me dê filhos, e eu os apare sôbre os meus joelhos.

4 Deu-lhe pois a Bala por mulher.

5 E tendo Jacó entrado a ela concebeu Bala e pariu um filho.

6 Então disse Raquel: O Senhor julgou a meu favor, e ouviu a minha voz, dando-me um filho: por isso o chamou ela Dan.

7 Concebeu Bala segunda vez, e pariu um filho,

8 em cujo nascimento disse Raquel estas palavras: O Senhor me fez entrar em competência com minha irmã, e eu prevaleci: por isso ela o chamou Neftali.

9 Lia vendo que ela tinha cessado de ter filhos, deu também a seu marido Zelfa sua escrava. (2)

10 a qual concebeu, e deu à luz um filho.

11 E Lia disse: Que felicidade! por isso o chamou Gad.

12 E teve Zelfa ainda outro filho,

13 e Lia disse: Isto é para felicidade minha: Porque as mulheres me chamarão ditosa. Por isso lhe pôs o nome de Aser.

14 Ora Rúben tendo saído ao campo em tempo da ceifa do trigo, achou umas mandrágoras, as quais trouxe a Lia sua mãe. E Raquel disse a Lia: Dá-me as mandrágoras de teu filho.

15 Porém Lia lhe respondeu: Acaso parece-te pouco teres-me tu roubado meu marido, para ainda em cima queres tirar-me as mandrágoras de meu filho? Raquel lhe disse: A mim não se me dá que ele durma esta noite contigo, contanto que tu me dês essas mandrágoras de teu filho.

(2) **LIA... DEU A SEU MARIDO ZELFA** — E' a quarta esposa de Jacó, que foi assim arrastado à poligamia; primeiro a astúcia de Labão, depois a inveja e as rivalidades de Lia e Raquel.

16 Foi Lia pois encontrar-se com Jacó, quando êle sôbre a tarde voltava do campo, e lhe disse: Tu serás comigo: Porque eu te comprei, dando a minha irmã as mandrágoras de meu filho. E Jacó dormiu aquela noite com ela.

17 E Deus ouviu os seus rogos: E ela concebeu, e teve um quinto filho, e disse:

18 Deus me recompensou, por eu ter dado a minha escrava a meu marido. E pôs a êste filho o nome de Issacar.

19 Concebeu ainda Lia, e nasceu um sexto filho, e disse:

20 Deus me deu um excelente dote. Meu marido será comigo ainda esta vez, porque eu lhe dei seis filhos: e ela o chamou Zabulon.

21 Depois dêste filho deu à luz uma filha chamada Dina.

22 Ora o Senhor se lembrou também de Raquel: ouviu-a, e deu-lhe virtude de conceber.

23 Concebeu ela pois, e pariu um filho, dizendo: Tirou Deus o meu opróbrio.

24 E ela pôs a seu filho o nome de José, dizendo: O Senhor me dê outro filho.

25 Depois do nascimento de José disse Jacó a seu sogro: Deixa-me tornar para a minha pátria, e para a terra onde nasci.

26 Dá-me as minhas mulheres, e os meus filhos, pelos quais eu te tenho servido, para me ir daqui. Tu sabes a servidão, com que te servi.

27 Labão lhe respondeu: Ache eu graça diante de teus olhos. Eu tenho experiência que Deus me abençoou por causa de ti.

28 Aponta-me que paga é a que queres de mim.

29 Disse-lhe Jacó: Tu sabes de que modo eu te ser-

vi, e quanto os teus bens se aumentaram nas minhas mãos.

30 Tu tinhas pouco, antes que eu viesse para ti; agora, estás rico. Deus te abençoou tanto que eu entrei em tua casa. E' justo que enfim cuide eu também em estabelecer a minha.

31 Disse-lhe Labão: Que queres tu que eu te dê? Jacó lhe respondeu: Eu não quero pedir nada. Mas eu obrigo-me a continuar a guardar os teus rebanhos, se tu quiseses fazer o que te direi.

32 Faze revista de todos os teus rebanhos e põe à parte tôdas as tuas ovelhas de velo malhado, e de diversas côres. E tudo o que nascer escuro, malhado e vário, tanto nas ovelhas, como nas cabras, será a minha recompensa.

33 E quando chegar o tempo de fazer esta separação, segundo o nosso ajuste, a minha inocência me dará testemunho diante de ti. E tudo o que não fôr malhado, de diversas côres, ou dum escuro misturado com o branco, assim nas ovelhas, como nas cabras, me convencerá de furto.

34 Labão lhe respondeu: Eu venho no que tu me propões.

35 E no mesmo dia separou Labão as cabras e as ovelhas, os bodes, e os carneiros, que eram malhados e de diversas côres: e deu a guardar a seus filhos todos os rebanhos, que eram duma só côr; isto é, que eram ou todos brancos, ou todos negros,

36 E pôs o espaço de três jornadas de caminho entre si, e seu genro, o qual apascentava os outros rebanhos.

37 Jacó pois tomando umas varas verdes de choupo, de amendoeira, e de plátano, tirou-lhes parte da casca: com o que os lugares, de que se tinha tirado a casca, apareceram brancos; e os que se tinham deixado com

ela, ficaram verdes; o que causou nas varas uma variedade de cores.

38 Depois pô-las nos canos, onde se lançava água: para que vindo ali beber os rebanhos, tivessem êles estas varas diante dos olhos, e concebessem olhando para elas.

39 Com efeito sucedeu, que estando as ovelhas no fervor do coito, e olhando para estas varas, conceberam uns cordeiros malhados, vários, e de diversas cores. (3)

40 Dividiu Jacó o seu rebanho, e pôs estas varas nos canos diante dos olhos dos carneiros. E feito isto, estando separados os rebanhos, o que era todo branco, ou todo negro, pertencia a Labão; o resto era de Jacó.

41 Quando pois as ovelhas haviam de conceber na primavera, punha Jacó estas varas nos canos, onde se lançava água, diante dos olhos dos carneiros, e das ovelhas, para que elas concebessem olhando para as varas.

42 Mas quando elas haviam de conceber no outono, não lhas punha diante. Assim o que fôra concebido no outono, foi para Labão: e o que concebido na primavera, para Jacó.

43 Desta sorte veio Jacó a ser sobremaneira rico: Teve muitos rebanhos, um grande número de escravos, e de escravas, camelos, e jumentos.

(3) CONCEBERAM UNS CORDEIROS MALHADOS — Trata-se dum milagre ou dum fenômeno natural? Jacó atribui à proteção divina o sucesso do meio que empregou, mas o texto não diz formalmente que houve milagre; parece apresentar o uso de varas descortçadas como um segredo natural que produziu o seu efeito sem prodígio especial. Os Santos Padres divergem. Uns consideram este fato miraculoso, outros como pertencendo à ordem natural, conforme entendem S. Agostinho e S. Isidoro de Sevilha.

CAPÍTULO 31

JACÓ FOGE AS ESCONDIDAS DE LABÃO. VAI ESTE ATRAS DELE, E O ESPERA NOS MONTES DE GALAAD. ALIANÇA ENTRE JACÓ, E LABÃO, DA QUAL ÊLES LEVANTAM UM MONUMENTO.

1 Jacó como ouviu estarem os filhos de Labão dizendo: Jacó tomou tudo o que era de nosso pai; e tendo-se enriquecido dos seus bens, está feito um homem grande.

2 Como advertiu também, que Labão não olhava para êle com os mesmos olhos com que antes olhava:

3 Enfim, como o mesmo Senhor lhe disse: Volta para a terra de teus pais, e para a tua parentela, e eu serei contigo:

4 Mandou buscar, a Raquel, e a Lia; e quando elas eram chegadas ao campo, onde êle apascentava os seus rebanhos, disse-lhes:

5 Eu reparo que vosso pai não olha para mim com os mesmos olhos, com que me olhava antes: Mas o Deus de meu pai tem-me assistido.

6 E vós sabeis que eu me empreguei com tôdas as minhas forças no serviço de vosso pai.

7 Ainda assim êle usou comigo de enganos, mudando dez vêzes o que me era devido por paga, ainda que Deus não lhe permitiu fazer-me mal.

8 Quando êle disse, que os animais de diversas côres seriam para mim, tiveram as ovelhas cordeiros de diversas côres. E quando êle disse pelo contrário, que tudo o que nascesse branco seria para mim, tudo o que nasceu dos rebanhos foi branco.

9 Assim tirou Deus os bens de vosso pai para .mos dar a mim.

10 Porque chegado o tempo que as ovelhas haviam

de conceber, levantei eu os olhos, e vi em sonhos que os machos, que cobriam as fêmeas, eram malhados, mesclados, e de diversas côres.

11 E o anjo de Deus me disse em sonhos: Jacó. A que eu respondi: Aqui estou:

12 E êle prosseguiu: Levanta os teus olhos, e vê que todos os machos, que cobrem as fêmeas, são malhados, mesclados, e de côres diferentes. Porque eu vi tudo o que te fêz Labão.

13 Eu sou o Deus, que te apareceu em Betel, onde tu ungiste a pedra, e onde me fizeste um voto. Sai pois muito depressa desta terra, e torna para o país do teu nascimento. (1)

14 Raquel, e Lia lhe responderam: Acaso restamos a nós alguma coisa dos bens, e da herança, que nós devemos ter na casa de nosso pai?

15 Não nos tratou êle pelo contrário como umas estranhas? Não nos vendeu êle, e não nos comeu o que nos era devido?

16 Mas Deus tomou as riquezas de nosso pai, e no-las entregou a nós, e a nossos filhos. Assim faz o que Deus te mandou.

17 Fêz pois Jacó montar logo sôbre uns camelos suas mulheres, e seus filhos:

18 e levando consigo tudo o que tinha, os seus rebanhos, e geralmente tudo o que tinha adquirido em

(1) **TORNA AO PAIS DO TEU NASCIMENTO** — Esta ordem é a consequência da promessa que Deus havia feito a Jacó, no momento da sua partida, de o reconduzir à sua terra natal. Moisés insiste nestes fatos para mostrar aos israelitas que a terra de Canaã lhes pertence, para os decidir a que abandonassem o Egito. Esta é a preocupação constante do autor do Gênesis, e que permite concluir que o Pentateuco foi escrito no Egito, entre os hebreus oprimidos.

Gênesis 31, 19-27

Mesopotâmia, pôs-se a caminho, para ir ter com Isaac, seu pai, na terra de Canaã.

19 Ora tendo Labão ido naquele tempo fazer a tosquia das suas ovelhas, furtou Raquel os ídolos de seu pai. (2)

20 E como Jacó tinha resolvido retirar-se a tôda a pressa não quis descobrir o seu intento a seu sogro.

21 Tendo-se êle pois ido com tudo o que lhe pertencia, quando passado já o rio caminhava para a banda do monte de Galaad, (3)

22 foi Labão avisado ao terceiro dia, como Jacó ia fugindo.

23 E no mesmo ponto tomados consigo seus irmãos, foi em seu alcance sete dias, e o apanhou no monte de Galaad.

24 Mas Deus lhe apareceu em sonhos, e lhe disse: Guarda-te, não digas a Jacó coisa, que o ofenda.

25 Tinha Jacó estendido já a sua tenda no monte de Galaad quando Labão com seus irmãos, tendo-o alcançado, pôs ali também a sua.

26 E êle disse a Jacó: Por que o fizeste tu assim, levando-me minhas filhas, sem me dizeres nada, como se elas fôsem algumas prisioneiras de guerra?

27 Por que tomaste tu a resolução de fugires, sem

(2) **FURTOU RAQUEL OS ÍDOLOS** — No hebreu está *terafim*. Não se sabe o que êstes eram. Labão chama-lhes *meus Deuses*. Seriam amuletos, ou objetos mágicos e supersticiosos? No limiar das portas dos palácios viam-se estatuetas, representando gênios monstruosos, e que serviam para fins supersticiosos. Supõe-se que êstes eram os *Terafins*. Encontrou-se, numas escavações, um de figura humana, amarrada a um poste, tendo orelhas, como as de burro, focinho de tigre, e olhos desmesurados.

(3) **O RIO** — É o Eufrates. A montanha de Galaad está situada a este do Jordão.

que eu o soubesse? E por que mo não disseste tu, para eu te conduzir com cânticos de alegria ao som de tambores, e de cítaras?

28 Não me deixaste nem sequer beijar meus filhos, e minhas filhas. Nisto obraste tu como néscio. E agora

29 poderia eu muito bem tornar-te mal por mal: porém o Deus de teu pai me disse ontem: Guarda-te, não digas a Jacó coisa que o ofenda.

30 Que tu desejassem tornar para os teus; que tivessem saudades de ires ver a casa de teu pai, muito embora. Mas por que me furtaste tu os meus deuses?

31 Jacó lhe respondeu: O que fez que eu partisse, sem te dizer nada, foi que tive medo não me quisessem tu tirar tuas filhas.

32 Mas no tocante ao furto, de que me argúis, eu consinto que todo aquêle, de quem se achar que tirou os teus deuses, seja castigado com pena de morte em presença de nossos irmãos. Busca; e tudo o que achares teu, leva-o. Quando Jacó isto dizia, ignorava êle que Raquel tinha furtado aquêles ídolos.

33 Labão pois tendo entrado na tenda de Jacó, na de Lia, e na das duas escravas, não achou o que buscava. Depois entrou na tenda de Raquel: (4)

34 Mas ela tendo escondido muito depressa os ídolos debaixo da enxerga dum camelo, assentou-se em cima: e quando êle andava esquadrinhando tôda a tenda, sem achar nada, disse-lhe:

35 Não se enfade meu senhor, por eu me não poder

(4) **A TENDA DE JACÓ, DE LIA E DAS DUAS ESCRAVAS**
 — Eram três tendas separadas. Nos monumentos antigos encontram-se exemplares destas tendas para uso dum só, próximas umas das outras, em vez duma grande tenda para todos. O melhor exemplo de barracas siro-caldaicas é o baixo relêvo de Koyundjk, que confirma esta parte da narração.

Gênesis 31, 36-43

levantar diante dêle: porque presentemente me acho com a indisposição, que costuma vir às mulheres. Dêste modo tornou Raquel inútil aquela busca, que Labão fizera com tanto sentido.

36 Mas Jacó todo irado disse em tom de estranheza a Labão: Que falta cometi eu, e em que te ofendi, para tu vires correndo atrás de mim com tanto calor,

37 e para esquadrihares e remexeres todos os meus móveis? Que achaste tu aqui de tôdas as coisas, que havia em tua casa? Põe-nas diante de meus irmãos, e dos teus, e sejam êles juizes entre mim, e ti.

38 Acaso é isto, porque eu passei vinte anos contigo? As tuas ovelhas, e as tuas cabras não foram estéreis: eu não comi os carneiros do teu rebanho:

39 Nem eu te mostrei coisa alguma, que tivessem levado as feras: eu tomava sôbre mim tudo o que se tinha perdido, e tu me tomavas conta disso, e pedias de mim quanto se furtava.

40 Eu andava de dia, e de noite, ora queimado do calor, ora trespassado do frio; e o sono fugia dos meus olhos.

41 Dêste modo te servi eu em tua casa vinte anos, catorze pelas tuas filhas, e seis pelos rebanhos: tu mudaste também dez vêzes o que eu devia haver por paga.

42 Se o Deus de meu pai Abraão, e o Deus, que Isaac teme, me não tivesse assistido, talvez que tu me tivesses recambiado nu. Mas Deus olhou para a minha aflição, e para o trabalho das minhas mãos: e êle te intimidou esta noite com as suas ameaças.

43 Labão lhê respondeu: As minhas filhas, e os meus filhos, os teus rebanhos, é tudo o que tu vês, tudo é meu. Que posso eu fazer a minhas filhas, e a meus netos?

44 Vem tu pois, e façamos uma aliança, que sirva de testemunho entre mim e ti.

45 Tomou Jacó então uma pedra, e tendo-a levantado por padrão,

46 disse a seus irmãos. Trazei cá pedras. E como tivessem amontoado muitas juntas, fizeram delas um cabeça, e comeram em cima dêle.

47 Labão o nomeou o Cabeço da Testemunha; e Jacó o Montão do Testemunho, cada um segundo a propriedade da sua língua. (5)

48 E Labão disse: Êste cabeça será hoje testemunha entre mim, e ti (por isso êste lugar se chamou Galaad, isto é, o cabeça da testemunha).

49 O Senhor nos veja, e nos julgue, quando nós nos tivermos apartado um do outro.

50 Se tu maltratares minhas filhas, e se tomares ainda outras mulheres afora elas, nenhum é testemunha das nossas palavras, senão Deus, que está presente, e que nos vê.

51 Disse mais Labão a Jacó: Êste cabeça, e esta pedra, que eu levantei entre mim, e ti,

52 ser-nos-ão de testemunha. Êste cabeça, digo, e esta pedra darão testemunho se eu passo para lá, indo para ti; ou se tu passas para cá, com intento de me fazeres mal.

53 O Deus de Abraão, e o Deus de Nacor, e o Deus do pai dêles seja nosso juiz. Jurou pois Jacó pelo Deus, que Isaac seu pai temia.

54 E depois de ter imolado suas vítimas no mon-

(5) CADA UM SEGUNDO A PROPRIEDADE DA SUA LÍNGUA — Labão falava upiaco ou aramaico, língua usada na Mesopotâmia. Jacó o hebreu, como se falava no país de Canaã. As duas línguas tinham muitas semelhanças.

te, convidou seus irmãos a comer. E tendo comido, deixaram-se ficar ali.

55 Mas Labão levantando-se antes de ser dia, beijou seus filhos, e suas filhas, abençoou-os e tornou-se para sua casa.

CAPÍTULO 32

MANDA JACÓ NOTICIAR A ESAÚ SUA VINDA. VEM ESAÚ ENCONTRAR-SE COM ÊLE DE MÃO ARMADA. LUTA DE JACÓ COM UM ANJO, QUE LHE MUDA ESTE NOME NO DE ISRAEL.

1 Continuando Jacó o seu caminho, encontrou uns anjos de Deus.

2 E tendo-os visto, disse: Êste é o arraial de Deus: E chamou a êste lugar Maanaim, isto é, Arraial. (1)

3 Ao mesmo tempo mandou êle adiante de si, quem fôsse dar parte da sua vinda a seu irmão Esaú, à terra de Seir em Edom.

4 E deu esta ordem aos mensageiros: Eis-aqui como vós haveis de falar a Esaú meu Senhor. Jacó teu irmão te manda dizer isto. Eu morei com Labão como estrangeiro, e com êle estive até o dia de hoje.

5 Tenho bois, jumentos, ovelhas, servos e servas: E mando agora esta embaixada a meu Senhor, para achar graça diante dêle.

6 Voltaram os mensageiros, e disseram a Jacó: Nós fomos a teu irmão Esaú, e ei-lo aí vem a tôda a pressa a encontrar-se contigo com quatrocentos homens.

7 Temeu Jacó muito; e de assustado que se achava, dividiu em duas turmas todos os que vinham com êle, e os rebanhos, as ovelhas, os bois, e os camelos, dizendo:

(1) **MAANAIN** — Esta localidade, estava situada a este do Jordão e ao norte de Jabó. Foi a capital de Isboset, onde se refugiou Davi, durante a revolta de Absalão.

8 Se Esaú vier atacar uma das turmas, a outra, que restar, me salvará.

9 Depois fêz Jacó esta oração: Deus de meu pai Abraão, Deus de meu pai Isaac, que me disseste: Volta para a tua terra, e para o lugar da tua nascença, e eu te enchei de benefícios:

10 Eu sou indigno de tôdas as tuas misericórdias, e da verdade, que tu tens guardado em tôdas as promessas, que fizeste a teu servo. Eu passei êste Jordão, não tendo senão o meu báculo, e agora volto com estas duas tropas.

11 Livra-me da mão de meu irmão Esaú, porque eu tenho muito mêdo dêle, não suceda que na sua chegada passe ao fio da espada a mãe com os filhos.

12 Tu me prometeste, que me havias de cumular de bens, e que havias de multiplicar a minha descendência como a areia do mar, cuja multidão é inumerável.

13 Jacó tendo passado a noite naquele mesmo lugar, separou de tudo o que tinha seu certos presentes para seu irmão Esaú:

14 A saber, duzentas cabras, vinte boões, duzentas ovelhas, e vinte carneiros,

15 trinta camelas com as suas crias, quarenta vacas, vinte touros, vinte burras, e dez crias suas.

16 Mandou Jacó separadamente cada um dêstes rebanhos, que êle fêz conduzir pelos seus servos, e lhes disse: Ide adiante de mim, e haja seu espaço entre rebanho, e rebanho.

17 E disse ao primeiro: Se tu encontrares meu irmão Esaú, e êle te perguntar: De quem és tu? ou para onde vais? ou de quem são estas reses, que tu levas?

18 Responder-lhe-ás: São de teu servo Jacó, que as manda de presente a meu Senhor Esaú, e êle mesmo vem atrás de nós.

19 A mesma ordem deu êle ao segundo, ao terceiro, e a todos os que conduziam os rebanhos, dizendo-lhes: Quando vós encontrardes a Esaú, dir-lhe-eis a mesma coisa,

20 e ajuntareis: O mesmo Jacó teu Servo vem atrás de nós. Porque dizia Jacó. Apaziguá-lo-ei com os presentes, que vão adiante de mim; e depois quando eu o vir, talvez que êle me olhe favoravelmente.

21 Foram pois adiante de Jacó os presentes e êle ficou aquela noite no campo.

22 E tendo-se levantado muito cedo, tomou as suas duas mulheres, e as suas duas escravas, com os seus onze filhos e passou o vau de Jaboc.

23 Depois de ter feito passar tudo o que era seu,

24 ficou êle só: E eis-que appareceu um homem, que lutou com êle até pela manhã. (2)

25 O qual homem vendo que o não podia vencer, tocou-lhe no nervo da coxa, e logo êste se secou.

26 E êle disse a Jacó. Larga-me, porque já começa a raiar a aurora. Ao que Jacó respondeu: Eu não te hei de largar, menos que tu me não abençoes.

27 Perguntou-lhe o homem: Como te chamas tu? Respondeu êle: Jacó.

28 Prosseguiu o mesmo homem: Daqui em diante não te chamarão mais Jacó mas Israel: Porque se tu foste forte contra Deus, como o não serás tu mais contra os homens?

29 Depois lhe fêz Jacó esta pergunta: Diz-me, como te chamas tu? Respondeu-lhe êle: Por que me perguntas tu o meu nome? E êle o abençoou no mesmo lugar.

(2) **UM HOMEM** — O profeta Osias dá-lhe o nome de Anjo. A subsequente doença de Jacó prova que êste combate foi real, e não um sonho, ou uma luta imaginária.

30 Pôs Jacó àquele lugar o nome de Fanuel, dizendo: Eu vi a Deus face a face, e a minha alma foi salva.

31 Tanto que passou de Fanuel, viu que nascia o sol; mas ele coxeava de uma perna.

32 Esta é a razão, porque até ao dia de hoje não comem os filhos de Israel nervo, lembrando-se daquele, que foi tocado na coxa de Jacó, e que ficou sem movimento.

CAPÍTULO 33

ENCONTRO DE JACÓ E DE ESAÚ. JACÓ SE RETIRA A SOCOTE, E DEPOIS A SIQUEM.

1 Levantando Jacó depois os olhos, viu a Esaú, que vinha com quatrocentos homens; e repartiu os filhos de Lia, de Raquel, e das duas escravas.

2 Pôs a frente as duas escravas com seus filhos: No segundo lugar a Lia, e seus filhos: No último a Raquel, e a José.

3 E ele adiantando-se, adorou a Esaú, e se prostrou sete vêzes em terra, até que seu irmão se aproximasse.

4 Então correu Esaú a encontrar-se com seu irmão, abraçou-o, apertou-o estreitamente, e beijou-o vertendo lágrimas.

5 E tendo levantado os olhos, viu as mulheres, e as suas crianças, e disse a Jacó. Quem são êstes? Jacó lhe respondeu: São os pequeninos, que Deus deu a teu servo.

6 E as escravas chegando-se com seus filhos, o satidaram profundamente inclinadas.

7 Depois chegou-se Lia com seus filhos, e tendo-o também adorado, por último o adoraram José e Raquel.

Gênesis 33, 8-18

8 Então lhe disse Esaú: Que turmas são estas, que eu encontrei? Jacó lhe respondeu: Foi para eu achar graça diante de meu Senhor.

9 Esaú lhe disse: Eu tenho muitos bens, meu irmão: Guarda para ti o que é teu.

10 Jacó replicou: Não me faças assim, te rogo: Mas se eu achei graça diante de ti, recebe das minhas mãos êste limitado presente: Porque eu vi hoje o teu rosto, como se visse o rosto de Deus; sê-me favorável,

11 e recebe êste presente, que eu te ofereço, e que eu recebi de Deus, que é quem dá tôdas as coisas. Esaú, depois destas instâncias de seu irmão, recebeu contra sua vontade o que êle lhe dava, e disse-lhe:

12 Vamos ambos, e eu te acompanharei no teu caminho.

13 Replicou-lhe Jacó: Tu sabes, meu Senhor, que eu tenho comigo meninos muito tenros, e ovelhas, e vacas, que têm suas crias. Se eu as cansar, fazendo-as andar muito depressa, todos os meus rebanhos morrerão num dia.

14 Caminhe meu Senhor adiante de seu servo, e eu o seguirei pouco a pouco, conforme eu vir que meus meninos podem, até chegar à casa de meu senhor em Seir.

15 Esaú lhe disse: Peço-te que ao menos fiquem alguns dos da minha comitiva, para te acompanharem no teu caminho. Respondeu-lhe Jacó: Não é necessário. Eu só necessito duma coisa, meu Senhor, que é achar graça diante de ti.

16 Esaú pois se tornou no mesmo dia para Seir pelo mesmo caminho, por que tinha vindo.

17 E Jacó veio para Socote onde tendo edificado uma casa, e tendo levantado diversas tendas, chamou àquele lugar Socote que quer dizer, as tendas.

18· Daqui passou até Salem, que é uma cidade dos

siquemitas na terra de Canaã, e ficou morando ao pé dela depois da sua tornada de Mesopotâmia da Síria.

19 Comprou parte do campo, onde tinha pôsto as suas tendas, por cem cordeiros aos filhos de Hemôr, pai de Siquem. (1)

20 E tendo ali ereto um altar, invocou nêle o Deus fortíssimo de Israel.

CAPÍTULO 34

DINA, FILHA DE JACÓ, É VIOLADA POR SIQUEM, FILHO DE HEMOR. SIMEÃO, E LEVI PASSAM À ESPADA OS SIQUEMITAS.

1 Então saiu Dina, filha de Lia, para ver as mulheres daquele país.

2 E tendo-a visto Siquem, filho de Hemor heveu, príncipe daquela terra, namorado dela a furtou, e dormiu com ela, desflorando-a por força.

3 Ficou o seu coração de todo prêso a esta moça: e vendo-a triste, êle a procurou ganhar com meiguices.

4 Depois foi ter com seu pai Hemor, e disse-lhe: Toma-me esta moça para minha mulher.

5 Jacó tendo sido avisado desta violência, estando ausentes seus filhos e ocupados em apascentar os rebanhos, não disse nada até êles voltarem.

6 Neste cômenos veio Hemor, pai de Siquem, para lhe falar.

7 Ao mesmo tempo chegaram do campo os filhos

(1) **COMPROU PARTE DO CAMPO** — Esta compra de Jacó é correlativa à que Abraão tinha feito da caverna de Makpelah. Isto prova que os patriarcas viam no país de Canaã a terra prometida. Moisés não perde o ensejo de o relembrar ao seu povo. Aqui havia um poço chamado a fonte de Jacó. S. João 4.

de Jacó: e como ouvissem o que sucedera, ficaram em extremo irados, por causa da vergonhosa ação, que aquê-le homem tinha cometido contra Israel, violando, e ultrajando a filha de Jacó.

8 Falou-lhes pois Hemor, e lhes disse: O coração de meu filho Siquem está fortemente apegado à vossa filha. Dai-lha pois para êle casar com ela.

9 Aliemo-nos reciprocamente uns com outros: dai-nos vós as vossas filhas em casamento, e tomaí vós as nossas.

10 Habitai conosco: a terra está em vosso poder: cultivai-a, traficai nela, e possuí-a.

11 Siquem também disse para o pai, e irmãos da moça: Ache eu graça diante de vós, e eu vos darei tudo o que desejardes.

12 Fazei subir o dote; pedi dádivas, e eu vos darei de muito boa vontade o que quizerdes: dai-me somente esta moça, para que eu a receba por minha mulher.

13 Os filhos de Jacó ardendo em ira, por causa do ultraje feito a sua irmã, responderam fraudulentamente a Siquem, e a seu pai.

14 Nós não podemos dar nossa irmã a um homem incircuncidado: o que é uma coisa defesa, abominável entre nós. (1)

15 Mas poderemos muito bem fazer aliança con-

(1) **E' UMA COISA DEFESA** — A lei positiva não proibia, naquele tempo, aos descendentes de Abraão, que se casassem com as filhas dos incircuncisos, e Judá, que era um dos que mais falava, se desmentiu em breve esposando a filha de um cananeu. Entretanto estas alianças não eram bem vistas pelos circuncisos, que as consideravam incompatíveis com as palavras de Deus a Abraão (17, 12. 4.) Neste caso a razão apresentada era apenas um pretexto para enganar os siquemitas.

vosco, se vós quizerdes fazer-vos semelhantes a nós, e se todos os machos, que há entre vós, se circuncidarem.

16 Então nós vos daremos as nossas filhas para casamento, e nós tomaremos as vossas habitaremos convosco, e seremos todos um mesmo povo.

17 Se vós porém não quizerdes ser circuncidados, tornaremos a levar nossa filha, e retirar-nos-emos.

18 Agradou êste oferecimento a Hemor, e a Siquem seu filho.

19 E êste mancebo não diferiu executar logo o que lhe fôra proposto: porque tinha uma grande paixão por aquela moça. E' de saber, que Siquem era o mais celebrado na casa de seu pai.

20 Tendo pois entrado na assembléia que se fazia à porta da cidade, falaram ambos assim ao povo:

21 Êstes homens são uma gente pacífica, e querem habitar conosco: permitamos-lhes negociar nesta terra, e cultivá-la; pois é muito espaçosa, e larga, e necessita de quem a fabrique. Nós tomaremos suas filhas por mulheres, e dar-lhes-emos para o mesmo as nossas.

22 Uma só coisa há, que possa diferir um tamanho bem, que é, que primeiro devemos nós circuncidar todos os nossos machos, para assim nos conformarmos com o costume dêste povo.

23 Feito que seja isto, os seus bens, os seus rebanhos, e tudo o que elles possuem, será nosso. Demos-lhe sòmente esta satisfação, e nós ficaremos vivendo todos juntos, fazendo um só povo.

24 Todos estiveram por esta proposta, e todos os machos foram circuncidados. (2)

(2) ESTIVERAM POR ESTA PROPOSTA — Os siquemitas consentiram na circuncisão porque sabiam ser praticada noutros

25 Mas eis aqui ao terceiro dia, quando a dor da ferida é mais violenta, dois dos filhos de Jacó, a saber, Simeão, e Levi, irmãos de Dina, entraram muito afoitamente na cidade com a espada na mão; mataram todos os machos, (3)

26 e entre outros a Hemor, e Siquem; e depois levaram da casa de Siquem sua irmã Dina.

27 Depois que os dois saíram, os outros filhos de Jacó se lançaram sobre os mortos; esbulharam toda a cidade, em vingança do ultraje feito a sua irmã;

28 tomaram as ovelhas, bois, e jumentos dos moradores; destruíram tudo o que havia nas casas, e nos campos.

29 e levaram cativas suas mulheres com suas crianças.

30 Depois dum tão atrevido feito, disse Jacó a Simeão, e a Levi: Vós me pusestes tudo em desordem, e me tornastes odioso aos cananeus e fereseus, que habitam neste país. Nós somos poucos: eles se ajuntarão todos para me atacarem, e eles me perderão com toda a minha casa.

31 Seus filhos lhe responderam: Acaso deviam eles abusar de nossa irmã, como duma prostituta? (4)

povos, como os egípcios, não como rito religioso, mas como medida higiênica.

(3) **AO TERCEIRO DIA** — É a época da febre subsequente à circuncisão.

(4) **ACASO DEVIAM ÊLES ABUSAR** — Sem dúvida que a falta de Siquem tinha sido gravíssima, mas ainda assim não pode justificar a conduta dos filhos de Jacó para com os siquemitas. Sem que consultassem seu pai, acarretando sobre ele graves responsabilidades, exerciam uma vingança cruel e desproporcionada com a culpa; para levar a cabo o horrível intento, lançam mão da perfídia e do sacrilégio, servindo-se para os seus sangüinários desígnios

CAPÍTULO 35

JORNADA DE JACÓ A BETEL. NASCIMENTO DE BENJAMIM.
MORTE DE RAQUEL. LISTA DOS FILHOS DE JACÓ. MORTE
DE ISAAC.

1 Entretanto falou Deus a Jacó, e lhe disse: Vais sem demora para Betel, fica-te lá, e erige um altar a Deus, que te apareceu, quando tu fugias de teu irmão Esaú.

2 Então Jacó, convocados todos os da sua casa, lhes disse: Lançai fora os deuses estranhos, que estão no meio de vós; purificai-vos, e mudai os vossos vestidos.

3 Vinde, vamos para Betel, para lá erigirmos um altar a Deus, que me ouviu no dia da minha tribulação, e que me acompanhou na minha jornada.

4 Eles lhe deram pois todos os deuses estranhos, que tinham, e as arrecadas, que lhe pendiam das orelhas; e Jacó escondeu estas coisas na terra, debaixo dum terebinto, que está por detrás da cidade de Siquem.

5 Postos então a caminho, meteu Deus em tôdas cidades circunvizinhas um tão grande terror, que ninguém se atreveu a persegui-los na sua retirada. (1)

6 Assim Jacó, e todo o povo, que vivia com êle, chegou a Luza, chamada por sobrenome Betel, que é na terra de Canaã.

duma instituição religiosa. O procedimento é tanto mais repreensível, por isso que Siquem oferecia uma reparação, que êles fingiram aceitar; e a vingança exerceu-se não só sobre o culpado, como sobre os seus compatriotas, isto é, sobre os inocentes. Foi um execrável flagício que justifica as censuras de Jacó.

(1) **TERROR** — Na vulgata encontra-se a expressão **Terror Dei**, que se interpreta como o terror que Deus inspira, ou então, tendo em vista o *usus loquendi* e muitos lugares onde se encontram idênticas expressões, grande terror.

7 Edificou ali um altar, e chamou àquele lugar a Casa de Deus, porque Deus lhe tinha aparecido nêle, quando êle fugia de seu irmão.

8 Ao mesmo tempo morreu Débora, ama de Rebeca, e foi enterrada debaixo dum carvalho, ao pé de Betel; e êste lugar se ficou chamando o carvalho do choro.

9 Ora Deus apareceu ainda outra vez a Jacó, depois da sua tornada de Mesopotâmia da Síria: abençoou-o, e disse-lhe:

10 Tu não te chamarás mais Jacó mas o teu nome será Israel: e Deus o chamou Israel, e lhe disse:

11 Eu sou o Deus Todo Poderoso: cresce, e multiplica-te: Tu serás tronco de muitas nações, e duma multidão de povos, e de ti sairão reis.

12 Eu te darei a ti, e à tua posteridade depois de ti, a terra que eu dei a Abraão, e a Isaac.

13 Depois se retirou Deus.

14 E Jacó erigiu um título de pedra no mesmo lugar, onde Deus lhe tinha falado; ofereceu vinho em cima dêle, e derramou azeite;

15 e chamou a êste lugar Betel.

16 Tendo porém saído dali, veio na primavera até o caminho, que guia para Efrata, onde Raquel, dando-lhe as dores, (2)

17 e experimentando grande dificuldade em parir, se achou em perigo de vida. Disse-lhe a parteira: Não temas, porque tu ainda terás êste filho.

(2) **VEIO NA PRIMAVERA ATÉ AO CAMINHO QUE GUIA PARA EFRATA** — Prôpriamente no texto hebreu está, “e havia ainda uma distância de terra para entrar em Efrata. O termo *kibrath* — significa longitude, *messura viae ignotae*. Na versão dos setenta encontra-se assim — enquanto que se aproximava de Chabrata, para chegar até Efrata.

18 Mas Raquel, que se sentia morrer à violência das dores, estando quase expirando deu a seu filho o nome de Benoni, que quer dizer, filho das minhas dores. Mas o pai lhe chamou Benjamim, que quer dizer, filho da direita.

19 Morreu pois Raquel, e foi sepultada no caminho, que guia para Efrata, chamada depois Belém. (3).

20 Jacó levantou um padrão em cima do seu sepulcro. E este é o padrão de Raquel, que se vê ainda hoje.

21 Saído que foi daquele lugar, pôs Jacó a sua tenda da banda de lá da torre do rebanho. (4)

22 E quando êle aqui morava, dormiu Rúben com Bala, concubina de seu pai; ação, que lhe não foi oculta. Tinha porém Jacó doze filhos.

23 Os filhos havidos em Lia eram Rúben, o primogênito de todos, Simeão, Levi, Judá, Issacar, e Zabulon.

24 Os filhos havidos em Raquel eram José e Benjamim.

25 Os filhos havidos em Bala, escrava de Raquel, eram Dan, e Neftali.

26 Os filhos havidos em Zelfa, escrava de Lia, eram Gad, e Aser. Estes são os filhos de Jacó, que êle teve em Mesopotâmia, na Síria.

27 Ao depois veio Jacó ter com seu pai Isaac a

(3) **EFRATA, CHAMADA DEPOIS BELÉM** — Vê-se ainda hoje na estrada que vai de Jerusalém a Belém, o túmulo chamado de Raquel, que não é o monumento erigido por Jacó, mas outro posterior, para atestar o lugar daquela sepultura. Cfr. Vigouroux, *La Sainte Bible polyglotte*.

(4) **TORRE DO REBANHO** — Os pastores levantavam torres que lhes serviam de abrigo contra as intempéries, e ao mesmo tempo de observatório, donde podiam ver ao longe, e precaver os rebanhos contra os assaltos dos ladrões.

Gênesis 35, 28-29; 36, 1-6

Mambre, à cidade de Arbec chamada depois Hebron, onde Abraão e Isaac tinham assistido como forasteiros.

28 Tinha Isaac então cento e oitenta anos completos.

29 E exausto de forças com a muita idade, morreu. Tendo pois acabado a sua carreira numa extrema velhice, foi unir-se ao seu povo: e seus filhos Esaú e Jacó o sepultaram. (5)

CAPÍTULO 36

CATÁLOGO DOS DESCENDENTES DE ESAÚ.

1 Eis aqui o catálogo dos descendentes de Esaú, chamado também Edom.

2 Esaú tomou pois suas mulheres dentre as filhas de Canaã, a Ada, filha de Elon heteu, e Oolibama, filha de Ana, que era filha de Sebeon heveu.

3 Foi também casado com Basemate, filha de Ismael, irmã de Nabaiote.

4 Ada pariu Elifaz, Basemate, foi mãe de Rael.

5 Oolibama teve por filhos Jeus, Ielon, e Coré. Estes são os filhos de Esaú, que lhe nasceram na terra de Canaã.

6 Ora Esaú tomou suas mulheres, seus filhos, suas filhas, e tôdas as pessoas de sua casa, os seus bens, os seus gados e tudo o que possuía na terra de Canaã; e foi para outro país e se retirou de seu irmão Jacó.

(5) **MORREU** — Isaac é dos três grandes patriarcas o menos favorecido com visões sobrenaturais, o que teve menos filhos, e o que permaneceu mais tempo na mesma região. Pouco se conhece da sua longa vida, e o que sabemos é contado a propósito do seu pai ou de seus filhos. As suas virtudes dominantes são a paciência e a resignação.

7 Porque como ambos eram muito ricos, não podiam morar juntos; nem a terra, onde êles viviam como estrangeiros, os podia conter no seu âmbito, por causa da multidão dos seus rebanhos.

8 Esaú, chamado também Edom, habitou no monte Seir.

9 Eis-aqui os descendentes de Esaú, pai dos idumeus, que habitaram no monte Seir.

10 Os seus nomes são, Elifaz, que foi filho de Ada, mulher de Esaú, e Ruel que foi filho de Basemate, que foi também sua mulher.

11 Filhos porém de Elifaz, foram Teman, Omar, Sefo, Gatão, e Cenez.

12 Elifaz, filho de Esaú, tinha também uma concubina chamada Tana, que lhe pariu a Amalec. Êstes são os netos de Ada, mulher de Esaú.

13 Filhos de Ruel foram Naate, Zara, Sana e Meza. Êstes são os netos de Basemate, mulher de Esaú.

14 Jeus, Ielon, e Coré foram filhos de Oolibama, mulher de Esaú, que era filha de Ana, e Ana filha de Sebeon.

15 Os príncipes dos filhos de Esaú foram os filhos de Elifaz, primogênito de Esaú; o príncipe Teman, o príncipe Omar, o príncipe Sefo, o príncipe Cenez, (1)

16 o príncipe Coré, o príncipe Gatão, o príncipe Amalec. Êstes são os filhos de Elifaz na terra de Edom, e netos de Ada.

(1) **OS PRÍNCIPES DOS FILHOS DE ESAÚ** — Pretenderam alguns adversários da Bíblia que esta lista era apócrifa, não podendo ser de Moisés já pela sua extensão, já por aparecer o nome de Adad, que foi contemporâneo de Salomão. Estas razões não têm valor algum. 1.º Todos os chefes de tribos enumerados podiam ter-se sucedido no intervalo que vai de Jacó à saída do Egito. 2.º Houve

Gênesis 36, 17-29

17 Filhos de Rael, filho de Esaú, foram o príncipe Naate, o príncipe Zara, o príncipe Sama, o príncipe Meza. Êstes são os príncipes, que procederam de Rael na terra de Edom: e êstes os netos de Basemate, mulher de Esaú.

18 Filhos de Oolibama, mulher, de Esaú, foram o príncipe Jeus, o príncipe Ielon, o príncipe Coré. Êstes foram os príncipes, que procederam de Oolibama, filha de Ana, e mulher de Esaú.

19 Eis-aqui pois todos os filhos de Esaú, chamado também Edom, e os que dentre êles foram príncipes.

20 Filhos de Seir horreu, que habitavam então esta terra, foram Latan, Sobal, Sebeon, Ana,

21 Dison, Eser, e Disan. Êstes são os príncipes horreus, filhos de Seir na terra de Edom.

22 Filhos de Lotam foram Hori, e Heman: e êste Lotan tinha uma irmã, chamada Tana.

23 Filhos de Sobal foram Alvan, Manaat, Ebal, Sefo, e Onão.

24 Filhos de Sebeon foram Aia, e Ana. Êste Ana é o que achou umas caldas no deserto, quando apascentava os jumentos de Sebeon seu pai.

25 Êle teve um filho, por nome Dison, e uma filha, por nome Oolibama.

26 Filhos de Dison foram Hamdan, Eseban, Jetran, e Caran.

27 Filhos de Eser foram Balaan, Zavan, e Acan.

28 Filhos de Disan foram Hus, e Arão.

29 Foram pois príncipes dos horreus os que se se-

com efeito, no tempo de Salomão um príncipe idumeu chamado Adad (3Rs 11, 14); mas não se encontram entre todos os povos reis do mesmo nome em épocas muito afastadas? Porém o que o Gênesis diz a respeito do primeiro, de nenhum modo pode ser aplicado ao segundo.

guem: o príncipe Lotan, o príncipe Sobal, o príncipe Sebeon, o príncipe Ana,

30 o príncipe Dison, o príncipe Eser, o príncipe Disan. Estes foram os príncipes dos horreus, que governaram na terra de Seir.

31 Os reis, que reinaram na terra de Edom antes que os filhos de Israel tivessem rei, foram estes: (2)

32 Bela, filho do Beor, e a sua côrte se chamava Dénaba.

33 Morto Bela, reinou em seu lugar Jobab, filho de Zara de Bosra. (3)

34 Morto Jobab, sucedeu-lhe no reino Husão, que era da terra dos temanitas.

35 Morto este, reinou depois dêle Adad. Este foi o que desfez os madianitas do país de Moab: a sua côrte se chamava Avit.

36 Morto Adad sucedeu-lhe no reino Semla, que era de Masreca.

37 Morto Semla, reinou em seu lugar Saul que era dos arredores do rio de Roobote.

38 Morto Saul, sucedeu-lhe no reino Balanan, filho de Acobor.

39 Morto Balanan sucedeu em seu lugar Adar:

(2) **ANTES QUE OS FILHOS DE ISRAEL TIVESSEM REI**
 — Supõem alguns que esta passagem tivesse sido interpolada no texto posteriormente, porque os israelitas só tiveram reis muito depois da morte de Moisés. Esta suposição não tem fundamento. mas se fôsse verdadeira não alterava a unidade substancial do Gênesis. E não tomaria o escritor sagrado a palavra rei — *melek* em hebreu — que também se pode entender no sentido vago e geral de chefe, e governador, como a empregou Moisés no Dt e, querer portanto dizer que os idumeus tiveram reis, antes que os israelitas o tivessem a êle por chefe?

(3) **BOSRA** — Cidade da Iduméia, hoje El Buseireh, no distrito de Djebal.

Gênesis 36, 40-43; 37, 1-3

a sua côrte se chamava Fau, e sua mulher se chamava Meetabel, filha, de Matreb que era filha de Mezaab.

40 Eis-aqui pois os nomes dos príncipes, que procederam de Esaú, segundo suas famílias, lugares da sua habitação, e povos, que dêles tomaram os nomes. O príncipe Tama, o príncipe Alva, o príncipe Jetete.

41 o príncipe Oolibama, o príncipe Ela, o príncipe Finon,

42 o príncipe Cenez, o príncipe Temán, o príncipe Mabsar,

43 o príncipe Magdiel, o príncipe Hirão. Êstes são os príncipes, que procederam de Edom, e que habitaram nas terras do seu império. E êste Edom, chamado também Esaú, é o que foi pai dos idumeus.

CAPÍTULO 37

CIUME DOS FILHOS DE JACÓ CONTRA JOSÉ SEU IRMÃO. ELES O VENDEM, E ELE É LEVADO AO EGITO.

1 Ora Jacó habitava na terra de Canaã, onde seu pai tinha assistido como forasteiro.

2 E eis-aqui o que diz respeito à sua família. José aos dezesseis anos de sua idade, e não sendo ainda mais que menino, apascentava o rebanho com seus irmãos; e costumava acompanhar com os filhos de Bala, e de Zelfa, mulheres de seu pai. Numa ocasião acusou êle a seus irmãos diante de seu pai dum crime enorme.

3 Amava Israel a José mais do que a todos seus irmãos pelo haver tido sendo já velho: e êle lhe tinha mandado fazer uma túnica de várias côres. (1)

(1) **UMA TÔNICA DE VARIAS CÔRES** — Os tecidos da época eram geralmente tecidos com as côres branca, vermelha e negra;

4 Seus irmãos pois vendo que seu pai o amava mais do que a todos os outros, aborreciam-no, e não podiam falar-lhe com brandura.

5 Aconteceu também, que José referiu a seus irmãos um sonho, que tivera, que foi a semente, donde brotou ainda maior ódio.

6 Porque êle lhes disse: Ouvi um sonho, que eu tive.

7 Parecia-me que eu estava atando convosco uns molhos de trigo no campo: que o meu molho se levantava e se tinha em pé; e que os vossos, postos à roda do meu, o adoravam.

8 Seus irmãos lhe responderam: Acaso serás tu nosso rei, e seremos nós sujeitos ao teu poder? Êstes sonhos pois, e êstes contos acenderam ainda mais a inveja, e o ódio, que os irmãos tinham contra êle.

9 Teve José ainda outro sonho, que êle contou a seus irmãos por estas palavras: Pareceu-me como que via em sonhos, que o sol, e a lua, e onze estrêlas me adoravam.

10 Tendo êle contado êste sonho a seu pai, e a seus irmãos, o pai o repreendeu, e lhe disse: Que quererá dizer êsse sonho, que tu tiveste? Será que eu, e tua mãe, e teus irmãos te hajamos de adorar sôbre a terra?

11 Assim seus irmãos estavam cheios de inveja contra êle: mas seu pai considerava a coisa em silêncio.

12 Aconteceu então que os irmãos de José se cingiram a viver em Siquem, e ali apascentavam os rebanhos de seu pai.

13 E disse Israel a José: Teus irmãos apascentam

mas os semitas preferiam as côres variegadas, e cerziam estofos polícromos. Reberts dá-nos notícia de que ainda hoje os pais fazem o que Jacó fez pelo seu filho.

as nossas ovelhas no país de Siquem. Vem, e mandar-te-ei para êles.

14 Eu estou pronto, lhe disse José. Continuou Jacó: Vai, e vê se teus irmãos se portam bem, e se os rebanhos estão em bom estado: e contar-me-ás o que se passa. Tendo pois sido mandado de Hebron chegou a Siquem.

15 E como um homem o encontrasse, andando daqui para ali no campo, e lhe perguntasse, que era o que buscava,

16 êle lhe respondeu: Busco a meus irmãos; peço-te que me digas, onde estão êles pastoreando os rebanhos?

17 O homem lhe respondeu: Êles foram-se dêste lugar, e eu os ouvi estarem dizendo entre si: Vamos para Dotain. Partiu pois José atrás de seus irmãos, e achou-os em Dotain.

18 Tanto que êles o viram de longe, antes que chegasse a êles, resolveram matá-lo.

19 E diziam uns para os outros. Eis-aí vem o sonhador:

20 Vamos, tiremos-lhe a vida, metamo-lo numa cisterna velha. Diremos que uma bêsta fera o devorou; e então se verá de que lhe serviram os seus sonhos. (2)

21 Rúben tendo-os ouvido falar assim, trabalhava pelo livrar das suas mãos, e lhes dizia:

22 Não o mateis, e não derrameis o seu sangue, mas lançai-o nesta cisterna, que está no deserto, e conservai vossas mãos inocentes. Isto dizia êle com intento de o livrar das suas mãos, e de o restituir a seu pai.

(2) **NUMA CISTERNA VELHA** — Era situada, como diz o texto, em Dotain, hoje Tell Doutan. Dotain quer dizer cisterna dupla. Ainda há numerosas cisternas abertas na rocha, com a forma de garrafa, tendo orifício muito estreito, o que tornava impossível sair de lá sem auxílio estranho, quem tivesse caído. Na época dos Reis, Jeremias foi encerrado numa cisterna seca (Jer 38, 6).

23 Ainda bem pois José não tinha chegado a seus irmãos, quando êstes lhe tiraram logo a sua túnica de várias côres, que descia até os artelhos:

24 e o lançaram numa cisterna velha, que estava sem água.

25 Depois tendo-se assentado para comerem, viram uns ismaelitas, que passavam e que vindos de Galaad levavam nos seus camelos aromas, resina, e mirra, e caminhavam para o Egito. (3)

26 Então disse Judá a seus irmãos: De que nos servirá matarmos a nosso irmão, e ocultarmos a sua morte?

27 Melhor é vendê-lo a êstes ismaelitas, e não manchar nossas mãos: porque êle é nosso irmão, e nossa carne. Assentiram seus irmãos ao que êle lhes dizia. (4)

28 Tendo pois tirado da cisterna a José quando pas-

(3) **ISMAELITAS QUE PASSAVAM** — Êstes viajantes são designados no v. 28 por madianitas; ismaelitas emprega-se em sentido geral, para significar os árabes nômadas. Não há pois contradição. Os dois nomes empregavam-se indiferentemente. Ismaelitas designam não só os descendentes de Ismael, mas os beduínos, nômadas em geral, os madianitas, etc. Aromas, resina. Todos os orientais apreciavam muito os perfumes, mas no Egito tinham um extraordinário consumo, porque não só era empregado para uso dos vivos, como se serviam dêles para embalsamar os mortos. Eram três espécies de perfumes que êles conduziam para o Egito *nekoth*, *tsori*, *lot*. As antigas versões consideram *nekoth* como um termo genérico — aromata, mas é o nome de uma espécie, provavelmente a resina de tragacanto — Alcatira — O *tsori*, que a Vulgata traduziu por Resinam, é o bálsamo, segundo outros é uma resina terebintácea. Talvez êste seja um termo genérico, significando tôdas as resinas. Enfim, *lot*, na Vulgata *stacten*, é a goma que reçuma do láudano: esta é encontrada no fundo dos túmulos egípcios e servia para os embalsamamentos.

(4) **MELHOR É VENDÊ-LO** — No hebreu está Vinde, vendamo-lo.

Gênesis 37, 29-36

sava uma cáfila de madianitas, venderam-no por vinte moedas de pratas aos ismaelitas, que o levaram ao Egito. (5)

29 Rúben, como voltando à cisterna não achasse o menino,

30 rasgados os seus vestidos, veio ter com seus irmãos, e disse-lhes: O menino não aparece, e onde irei eu?

31 Depois disto tomaram êles a túnica de José e tendo-a tingido no sangue dum cabrito, que mataram,

32 enviaram-na a seu pai, dando ordem a que os portadores lhe dissessem: Eis-aqui uma túnica, que nós achamos; vê se ela é a de teu filho, ou não.

33 O pai tendo-a conhecido, disse: Esta é a túnica de meu filho: alguma fera cruel o devorou; alguma bêsta devorou a José.

34 E rasgados seus vestidos se cobriu de um cilício, chorando a seu filho por muito tempo.

35 Então concorreram juntos seus filhos a ver se podiam aliviar seu pai na sua dor: mas êle não quis admitir consolação, e disse: Eu não hei de deixar de chorar, enquanto não descer com meu filho ao inferno. Pelo que continuou êle sempre em chorar. (6)

36 Entretanto os madianitas venderam José no Egito a Putifar, eunuco de Faraó, e general das suas tropas.

(5) **QUE O LEVARAM AO EGITO** — Os escravos do país de Canaã eram muito apreciados no Egito, como mais tarde o foram na Grécia e em Roma.

(6) **AO INFERNO** — Alteramos aqui a tradução do Padre Antônio Pereira de Figueiredo, que escreveu — enquanto não descer com meu filho ao fundo da terra — o qual explica numa nota que se deve entender por fundo da terra “o lugar subterrâneo, onde as almas dos justos esperavam a vinda do Redentor.” Cumpre-nos, porém, justificar a alteração. A vulgata empregou o termo *infernus*,

CAPÍTULO 38

JUDÁ CASA SUCESSIVAMENTE DOIS FILHOS SEUS COM TAMAR. NASCIMENTO DE FARÉS, E ZARA.

1 Neste mesmo tempo deixou Judá seus irmãos, e veio para casa dum homem de Odolão que, se chamava Hiras.

2 E como naquele lugar visse a filha de um homem cananeu, chamado Sué, tomou-a por mulher, e coabitou com ela.

3 Concebeu ela, e pariu um filho, a quem chamou Her.

4 E tendo concebido segunda vez, teve outro filho, a quem chamou Onan.

5 Pariu ainda um terceiro, a quem chamou Sela, depois do qual cessou de parir.

6 Casou Judá a Her, seu filho primogênito, com uma mulher, chamada Tamar.

7 Êste Her, filho primogênito de Judá, foi um péssimo homem, e o Senhor o feriu de morte.

8 Disse pois Judá a seu segundo filho Onan: Desposa-te com a mulher de teu irmão, e coabita com ela, a fim de suscitares filhos a teu irmão.

9 Porém Onan sabendo que os filhos, que houvessem de nascer dêste matrimônio, não haviam de ser seus,

que corresponde ao hebreu *scheól*, que de nenhum modo se pode verter por "fundo da terra", embora também não corresponda, rigorosamente, a inferno; parece-nos porém de bom aviso manter a palavra que está na Vulgata. Quanto à interpretação estamos de acôrdo. *Scheól* não pode significar sepulcro; para exprimir esta idéia tinham os hebreus o termo *keber*; pelos lugares paralelos facilmente nos convencemos de que o *scheól* significa o lugar onde se encontravam as almas depois da morte; lugar que não podia ser de alegria, porque os que lá estavam não gozavam da visão beatífica.

Gênesis 38, 10-18

impedia com uma ação execrável, que a mulher concebesse, para que não nascessem filhos, que usassem do nome do seu irmão.

10 Por isso o Senhor o feriu de morte, porque êle fazia uma coisa detestável.

11 Disse pois Judá a Tamar, sua nora: Fica viúva em casa de teu pai, até que meu filho Sela seja grande. Porque tenia Judá não morresse também Sela, como os outros irmãos. Pelo que Tamar se retirou a viver em casa de seu pai.

12 Passados muitos dias, morreu a filha de Sué, que era mulher de Judá. E êste, depois de a ter chorado a ela, e de se ter consolado a si desta perda, ia a Tanas com Hiras de Odolão, pastor do seu rebanho, ver os tosquiadores das ovelhas.

13 Tendo-se dito a Tamar, que Judá seu sogro ia a Tanas fazer tosquiar as suas ovelhas:

14 largou ela os vestidos de viúva cobriu-se com um grande véu, e em trajo disfarçado se assentou numa encruzilhada do caminho, que guia para Tanas: porque achando-se Sela em idade de casar, Judá não lho tinha dado por marido.

15 Judá tendo-a visto, imaginou que era alguma mulher de má vida: porque ela tinha coberto o rosto para não ser conhecida.

16 E chegando-se a ela, falou-lhe, provocando-a a que consentisse com o mau desejo, que êle tinha: porque não sabia Judá que ela era sua nora. Respondeu-lhe ela: Que me hás de tu dar por gozares de mim?

17 Mandar-te-ei, disse êle, um cabrito do meu rebanho. Replicou ela: Eu consentirei no que tu queres, contanto que tu me dês algum penhor até me mandares o que prometes.

18 Que queres tu que eu te dê em penhor, lhe:

disse Judá? Ela lhe respondeu: Dá-me o teu anel, o teu bracelete, e o bordão, que tens na mão. Tendo-se pois ajuntado com Judá uma só vez, concebeu d'ele a mulher. (1)

19 e foi-se logo: e largando o hábito, que tomara, se revestiu dos seus vestidos de viúva.

20 Passado isto, mandou Judá o cabrito pelo seu pastor de Odolão, para êste recobrar o penhor, que êle tinha dado à mulher. Mas como o pastor a não achasse,

21 perguntou aos habitantes daquele lugar: Onde está aquela mulher, que estava assentada na encruzilhada? Responderam-lhe todos, que naquele lugar não tinha estado mulher alguma prostituta.

22 Assim voltou o mensageiro para Judá e lhe disse: Eu não a achei: e os mesmos homens daquele lugar me disseram, que nunca naquele lugar estivera assentada mulher de má vida.

23 Então disse Judá: Tenha ela o que tiver, ao menos não me poderá acusar de que falei à minha palavra. Eu lhe mandei o cabrito, que lhe tinha prometido, e tu a não achaste.

24 Porém três meses depois vieram dizer a Judá: Sabe que Tamar, tua nora, caiu em fornicção: porque pelo avultado do ventre se percebe que ela concebeu. Respondeu Judá: fazei-a sair a público para ser queimada.

25 E quando êles a levavam ao suplicio, mandou ela dizer a seu sogro: Eu concebi daquele, de quem são

(1) **TEU ANEL** — No texto está *hotam* que significa selos, *sigillum-annulum signatorium*. Os descendentes de Abraão provavelmente usaram, como os caldeus, uns pequenos cilindros com várias inscrições gravadas. Entre os egípcios eram anéis, em vez dos cilindros. O bracelete era adorno comum entre os homens. Gên 24, 30.

êstes penhores. Vêde de quem são êste anel, êste bracelete, e êste bordão.

26 Judá como conhecesse o que lhe tinha dado, disse: Ela tem mais justiça do que eu, porque eu a não casei com meu filho Sela. Êle contudo a não conheceu mais.

27 Estando Tamar a ponto de dar à luz, pareceu que ela tinha no ventre dois gêmeos:

28 e ao tempo que os infantes estavam quase a sair, um dêles deitou a mão de fora, a qual a parteira atou uma fita encarnada, dizendo: Êste sairá primeiro.

29 Mas tornando êste infante a recolher a mão, saiu o outro. Então disse a parteira, por que se dividiu o muro por tua causa? Por isso foi êle chamado Farés.

30 Depois saiu seu irmão, o que tinha a fita encarnada na mão: E foi chamado Zara.

CAPÍTULO 39

CAI JOSÉ EM GRAÇA A PUTÍFAR. É ACUSADO POR SUA SENHORA, E METIDO EM PRISÃO.

1. Conduzido pois José ao Egito, Putífar egípcio, eunuco de Faraó, e general de suas tropas, o comprou aos ismaelitas, que o tinham lá levado. (1)

(1) **EUNUCO DE FARAÓ** — Os eunucos remontam à mais alta antiguidade oriental. Na Assíria ocuparam elevados postos sociais. No Egito eram freqüentíssimos, e a cada passo os monumentos dão-nos conta da sua vida e costumes. Mas Putífar era eunuco no sentido rigoroso do termo? Vigouroux diz que é possível que não, o que tudo leva a crer que os hebreus, originários de Caldéia, dessem o nome de eunucos a todos os grandes oficiais da corte, segundo a denominação usada na região do Eufrates e do Tigre.

GENERAL DAS SUAS TROPAS — Na vulgata está *princeps exercitus*, que corresponde ao hebreu *sar hattabbaklim*. Não sabemos

2 O Senhor era com êle, e tudo lhe sucedia prósperamente, e êle habitava em casa de seu senhor, (2)

3 o qual sabia muito bem que o Senhor era com êle, e que êste o favorecia, e abençoava em tôdas as suas ações.

4 José pois tendo achado graça diante de seu senhor, todo se dedicou a servi-lo; e feito por êle intendente geral de sua casa, êle a governava, e êle cuidava de tudo o que se lhe tinha entregado. (3)

5 Abençoou o Senhor a casa do egípcio por atenção a José, e multiplicou todos os seus bens, assim na cidade, como no campo:

6 De sorte, que seu amo não tinha outro cuidado mais, do que pôr-se à mesa, e comer. Ora José era muito gentil de rosto, e de uma presença por extremo agradável.

7 Passado muito tempo, lançou sua ama os olhos sobre êle, e disse-lhe: Dorme comigo.

8 Mas José tendo horror de cometer uma tão abominável ação, lhe disse: Tu vês que meu amo me tem confiado tudo; que êle nem ainda sabe o que tem em sua casa;

exatamente o que se deve entender por êste título, mas pode conjecturar-se, com razoável probabilidade, que era o chefe dos *madjain*, isto é, dos soldados egípcios encarregados da polícia e da execução das ordens reais.

(2) EM CASA DE SEU SENHOR — O hebreu ajunta — o Egípcio.

(3) INTENDENTE GERAL DA SUA CASA — Tôdas as famílias escolhiam um escravo, a quem davam o primeiro lugar; veremos no c. 43, 16-19; 44, 1-4, no palácio do mesmo José, quando êle foi primeiro ministro, um escravo de igual categoria, que podemos considerar equivalente ao cargo de mordomo, que superintendia tanto nos criados como nos bens.

Gênesis 39, 9-19

9 que nela não há nada, que não esteja em meu poder; e que êle tendo entregado tudo nas minhas mãos, só reservou para si a ti, que és sua mulher. Como logo poderei eu cometer um tão grande crime, e pecar contra o meu Deus?

10 Continuou a mulher muitos dias a solicitar José com palavras semelhantes, e êle a resistir ao seu infame desejo.

11 Ora succedeu um dia, que tendo José entrado em casa, e estando fazendo certa coisa, sem ninguém se achar ali presente,

12 sua ama lhe pegou pela capa, e lhe disse: Dorme comigo. Então José largando-lhe a capa nas mãos, fugiu, e saiu para fora.

13 A mulher vendo-se com a capa nas mãos, com a dor de ter sido desprezada,

14 chamou pela gente de sua casa, e disse-lhes: Êle me introduziu aqui êste hebreu para zombar de nós: o hebreu chegou a mim com intento de me corromper; e como eu gritei,

15 êle ao ouvir a minha voz, deixou-me a sua capa, que eu sustinha, e fugiu para fora.

16 Quando pois o marido voltou para sua casa, ela por prova da sua fidelidade lhe mostrou a capa, com que tinha ficado,

17 e lhe disse: Êste escravo hebreu, que tu me trouxeste, entrou aqui para me fazer violência,

18 e como me ouvisse gritar, deixou-me a sua capa, que eu sustinha e fugiu para fora.

19 O amo demasiadamente crédulo nas acusações de sua mulher, ao ouvir estas palavras, encheu-se de furor, (4)

(4) O AMO DEMASIADAMENTE CRÉDULO — E' pela últi-

20 e fêz meter José na prisão, onde se guardavam os que o rei mandava prender. Pelo que estava êle ali fechado. (5)

21 Mas o Senhor estêve com José, compadeceu-se dêle, e fêz que êle achasse graça diante do governador do cárcere, (6)

22 que o encarregou de ter cuidado de todos os presos que ali estavam encarcerados. E nada se fazia sem sua ordem.

23 E como o dito governador lhe tinha confiado tudo, não se metia com coisa alguma que fôsse. Porque o Senhor era com José, e fazia que tôdas as coisas lhe succedessem felizmente.

CAPÍTULO 40

SÃO PRESOS O COPEIRO-MOR, E O PADEIRO-MOR DO REI DO EGITO: OS SEUS SONHOS EXPLICADOS POR JOSÉ.

1 Depois disto aconteceu que dois eunucos do rei do Egito, o seu copeiro-mor, e o seu padeiro-mor, offenderam a seu senhor. (1)

ma vez que Moisés se ocupa desta mulher. Não se sabe se o marido, vindo no conhecimento da malícia da mulher, a castigou. Porém, castigo não pequeno foi para ela ver o que fôra vítima das suas calúnias elevado às mais altas dignidades da sua terra.

(5) **NA PRISÃO** — A tradição colocou a prisão de José em Mênfis.

(6) **O GOVERNADOR** — O cárcere estava sob as ordens de Putifar, e por isso êste governador era seu subordinado.

(1) **DOIS EUNUCOS, ETC.** — As inscrições egípcias mencionam entre os dignitários da côrte um chefe para as comidas, padeiro, e um para as bebidas, copeiro. Estes dois oficiais eram subordinados ao chefe do palácio. Pelos sonhos, que vão ler-se, sabemos quais eram as suas atribuições.

2 E Faraó irado contra êstes oficiais, dos quais um presidia aos copeiros, outro aos padeiros,

3 os mandou meter no cárcere do general das suas tropas, onde José estava prêso;

4 e o governador do cárcere os entregou a José que os servia, e tinha cuidado dêles. Era passado algum tempo, e êles continuavam sempre a estar presos.

5 Uma mesma noite tiveram ambos um sonho, que sendo explicado, denotava o que havia de suceder a cada um dos dois. (2)

6 Pela manhã entrou José onde êles estavam; e como os visse tristes,

7 Perguntou-lhes a causa, e lhes disse: Por que motivo estais vós hoje com os semblantes mais tristonhos do que costumais?

8 Êles lhe responderam: Tivemos um sonho, e não temos ninguém, que no-lo explique. Disse-lhes José: Porventura não é a Deus que pertence o dar as interpretações? Dizei-me, que é o que vós vistes?

9 O copeiro-mor foi o primeiro, que contou o seu sonho. Parecia-me que via adiante de mim uma cêpa de vinha, (3)

(2) **TIVERAM AMBOS UM SONHO** — Os egípcios ligaram sempre a máxima importância aos sonhos; pediam aos deuses, oferecendo-lhes sacrifícios, que fôsssem protegidos com êsses dons.

(3) **UMA CÊPA DE VINHA** — Muitos escritores racionalistas sustentam que o Egito não tinha vinhas, e citam Heródoto e Plutarco. E' fato que o primeiro escritor o disse, porém, em cinco lugares diversos, corrigia o seu erro (II, 37, 60, 122, 133, 168); quanto a Plutarco, foi refutado por Diodoro, Estrabão, Plínio o Velho e Horácio. De resto os monumentos do tempo pintam a vinha, que era muito conhecida e apreciada nos tempos de José. Não só se encontram uvas e parras gravadas em muitos monumentos, mas por êles conhecemos todos os trabalhos da vindima, daqueles tempos e daquela região.

10 onde havia três varas, que cresciam pouco a pouco, lançando primeiramente os gomos, depois flores, e por fim cachos maduros;

11 e que eu tendo na mão o copo de faraó, tomei os cachos, e expremi-os no copo, que sustinha, e dei a beber dêle a Faraó.

12 José lhe disse: Eis-aqui a interpretação do teu sonho. As três varas da cêpa denotam três dias:

13 depois dos quais se lembrará Faraó, do serviço, que tu lhe fazias, restituir-te-á ao teu primeiro cargo; e tu lhe apresentarás para beber o copo, segundo era o teu costume pelo ofício, que antes ocupavas. (4)

14 O que só te peço, é que depois que te succeder esta ventura, te lembres tu de mim, e me faças o favor de suplicar a Faraó, que se digne sua majestade de me tirar da prisão em que me acho:

15 porque eu fui trazido a furto da terra dos hebreus, e aqui metido no cárcere, estando inocente.

16 O padeiro-mor vendo que José tinha interpretado sãbiamente êste sonho, disse-lhe: Eu também tive um sonho. Parecia-me que levava à cabeça três cêstos de farinha,

17 e que naquele, que ia por cima dos outros, havia de tudo o que se pode fazer de massa para se pôr numa mesa, e que as aves vinham comer dêle.

18 Respondeu José: Eis-aqui a interpretação dêste sonho. Os três cêstos denotam três dias;

19 depois dos quais te mandará Faraó tirar a cabeça, e suspender-te numa cruz; e as aves do céu despedaçarão as tuas carnes.

(4) O FARAÓ — Provavelmente êste faraó era o Apapi 2.º, o mais célebre dos reis pastôres, que desde há muito estavam no Egito e que eram de origem semita, como José.

20 O terceiro dia seguinte era o dia do nascimento de Faraó, que deu um grande banquete aos seus criados, durante o qual se lembrou êle do copeiro-mor, e do padeiro-mor. (5)

21 Um restituiu êle ao seu cargo para continuar no officio de lhe ministrar o copo;

22 outro mandou êle pendurar num patíbulo: o que verificou a interpretação, que José tinha dado aos seus sonhos.

23 Entretanto o copeiro-mor, tendo outra vez entrado a ser favorecido depois da sua desgraça, esqueceu-se do seu intérprete.

CAPÍTULO 41

SONHOS DE FARAÓ, EXPLICADOS POR JOSÉ. ELEVAÇÃO DE JOSÉ. NASCIMENTO DE MANASSÉS, E DE EPHRAIM. ESTERILIDADE NO EGITO.

1 Passados dois anos teve Faraó um sonho. Parecia-lhe que estava sôbre o rio, (1)

2 do qual saíam sete vacas por extremo formosas e gordas, que pastavam nuns lugares palustres. (2)

(5) **O DIA DO NASCIMENTO DE FARAÓ** — As modernas descobertas têm mostrado a rigorosa veracidade do texto sagrado. Sabemos hoje pelos monumentos que o aniversário natalício do rei era um dia de festa solene; as inscrições mencionam as graças que então eram concedidas, e no número dessas ia ou o perdão aos prisioneiros, ou então pronunciava definitivamente a condenação dos culpados.

(1) **SOBRE O RIO** — Era o Nilo, o único que atravessa o Egito, e que torna esta região tão rica e tão fértil.

(2) **SETE VACAS** — O número sete era para os egípcios um nome sagrado. A deusa Hathor era pintada na companhia de sete vacas místicas. No solstício do inverno traziam uma vaca que dava

3 Que depois saíam do rio outras sete tôdas desfiguradas, e extremamente magras, que pastavam na ribanceira do mesmo rio, nuns lugares cheios de erva.

4 E que estas últimas devoraram as primeiras, que eram por extremo formosas e bem anafadas. Faraó tendo acordado,

5 tornou a adormecer, e teve outro sonho. Eram sete espigas muito gradas, e muito formosas, que saíam de uma mesma cana.

6 Apareciam também outras sete muito chupadas, por causa de um vento abrasador, que as batera.

7 E estas últimas devoraram as primeiras, que eram formosíssimas. Sendo espertado Faraó,

8 ficou cheio de mêdo; e tendo mandado logo pela manhã buscar todos os adivinhos, e todos os sábios do Egito contou-lhes o seu sonho; e não se achou ninguém, que lho interpretasse. (3)

9 Então o copeiro-mor, lembrando-se enfim de José, disse ao rei: Eu confesso a minha culpa.

10 Quando vossa majestade, estando irado contra seus servos, mandou que eu com o padeiro-mor fôssemos metidos no cárcere do general de suas tropas,

11 ambos nós tivemos numa mesma noite um sonho, que nos prognosticava o que nos havia de acontecer depois.

12 Estava então naquele cárcere um moço hebreu,

sete voltas ao redor do templo. Nos papiros mágicos encontram-se alusões a cada passo. O touro sagrado tinha por companheiras sete vacas, etc.

(3) **TODOS OS ADIVINHOS** — Estes adivinhos pertenciam à casta sacerdotal, que tinha então o monopólio da ciência. Eram consultados pelos Faraós nas questões religiosas e na interpretação dos sonhos.

criado do mesmo general do exército de vossa majestade, ao qual tendo cada um de nós contado o seu sonho, (4)

13 êle nos disse tudo o que o sucesso depois confirmou. Porque eu fui restabelecido no meu cargo, e o padeiro-mor foi pendurado numa cruz.

14 Logo por ordem do rei, foi José tirado do cárcere: tosquiaram-no, fizeram-no mudar de vestidos, e apresentaram-no diante dêste príncipe. (5)

15 Então disse Faraó para êle: Eu tive uns sonhos; e não se acha ninguém, que os decifre: Mas a mim disseram-me que tu tinhas grandes luzes para os interpretar.

16 José.lhe respondeu: Deus, e não eu, será o que dê ao rei uma resposta bem favorável.

17 Recontou-lhe pois Faraó o que tinha visto. Parecia-me que estava à ribanceira do rio,

18 e que do rio saíam sete vacas muito formosas, e duma extremada gordura, que pastavam erva num paul:

(4) **UM MOÇO HEBREU** — Já dissemos que o Faraó pertencia à raça semita; esta comunidade de origem devia colocá-lo em disposições favoráveis para com José, e explica o amável acolhimento que posteriormente lhe dispensou e à família.

(5) **TOSQUIARAM-NO** — Os egípcios não deixavam crescer o cabelo e a barba senão em caso de luto ou aflição. José, no cárcere, não cortara os cabelos em sinal de tristeza e por causa da condição humilhante de escravo a que se achava reduzido.

FIZERAM-NO MUDAR DE VESTIDOS — Na prisão, José vestia o scheuti, espécie de tanga grosseira que usavam os homens de baixa condição, o que se vê reproduzido em centenaes de monumentos. Para ser admitido à côrte era preciso vestir o traje apropriado, e purificar-se conforme o determinado no ritual religioso. Os pretendentes à audiência entregavam-se às abluções frequentes, e tomavam vestidos acabados de lavar. Por muito apressado que o Faraó estivesse de ver José, tinha de esperar que êste se tivesse sujeitado a tôdas as regras da etiqueta, chamemos-lhe assim, impostas pelos sacerdotes egípcios.

19 E que depois saíam outras sete tão desfiguradas, e duma tão prodigiosa magreza, quais eu não vira no Egito.

20 Estas últimas devoraram, e consumiram as primeiras,

21 sem que elas por isso mostrassem dalguma sorte que tinham ficado fartas: Mas ficando tão magras, e tão gafentas, como dantes estavam. Tendo eu acordado, tornei a adormecer outra vez,

22 e tive segundo sonho. Eram sete espigas muito gradas, e muito formosas, que saíam duma mesma cana.

23 Apareciam também outras sete muito chupadas, por causa dum vento abrasador, que as batera:

24 E estas últimas devoraram as primeiras, que eram tão formosas. Eu contei os meus sonhos a todos os adivinhos e não se acha ninguém, que os explique.

25 Respondeu José: Os dois sonhos de vossa majestade significam ambos a mesma coisa. Deus mostrou a vossa majestade, o que êle tem de fazer para o futuro. (6)

26 As sete vacas tão formosas, e as sete espigas tão cheias de grão, que vossa majestade viu em sonhos, denotam uma mesma coisa, e significam sete anos de fertilidade.

27 As sete vacas magras, e desfeitas, que saíram do rio depois daquelas primeiras; e as sete espigas chupadas, e arejadas dum vento abrasador, denotam outros sete anos de fome, que estão para vir.

(6) **RESPONDEU JOSÉ** — Pelo texto infere-se que José interpretou os sonhos sem recorrer aos artifícios e processos mágicos empregados pelos adivinhos. Esta maneira nova de explicar os sonhos, olhos fitos no alto, onimodamente diversa daquela a que todos estavam costumados, causou-lhes profunda impressão, e viram nêle alguma coisa de extraordinário, de grande, de sobrenatural, que elles não podiam compreender. Era a revelação divina.

28 E isto se cumprirá desta maneira.

29 Virão primeiramente sete anos duma fertilidade extraordinária em todo o Egito:

30 aos quais seguir-se-ão outros sete duma tão grande esterilidade, que ela fará esquecer tôda a abundância passada: porque a fome consumirá tôda a terra:

31 e aquela fertilidade tão extraordinária virá a ser como absorvida por esta extrema indigência.

32 Quanto ao segundo sonho, que vossa majestade teve, e que significa a mesma coisa, êste é um sinal de que esta palavra de Deus será firme, e que ela se cumprirá infalivelmente e bem cedo.

33 Da prudência logo de vossa majestade é escolher algum homem sábio, e industrioso, a quem vossa majestade dê o comando sôbre todo o Egito,

34 para que êle estabeleça oficiais em tôdas as províncias, os quais enquanto durarem os sete anos de fertilidade que estão para vir, ajuntem nos celeiros públicos a quinta parte dos frutos da terra.

35 Todo o trigo assim guardado esteja debaixo do poder de vossa majestade, e se conserve nas cidades,

36 a fim de que êle se ache pronto para os anos da fome, que há de oprimir o Egito, e não seja esta terra consumida pela fome.

37 Agradou êste conselho a Faraó, e a todos os seus ministros.

38 e êle lhes disse: Onde poderemos nós achar um homem, como êste que seja tão cheio, como êle o é, do espírito de Deus?

39 Disse pois Faraó a José: Pois que Deus te mostrou tudo o que tu disseste, onde poderei, eu achar alguém mais sábio do que tu, ou semelhante a ti?

40 Tu serás o que tenhas a autoridade sôbre a minha casa: ao que tu mandares pela tua bôca obedecerá

todo o povo: e eu não terei acima de ti senão o trono, e a qualidade de rei.

41 Disse mais Faraó a José: Eu te constituo hoje governador sôbre todo o Egito.

42 Ao mesmo tempo tirando o anel, que tinha na sua mão êle o meteu na de José: fê-lo vestir duma túnica de linho fino, e pôs-lhe ao pescoço um colar de ouro. (7)

43 Depois fê-lo subir a um dos seus coches, que era o segundo abaixo do seu; e mandou que um pregoeiro denunciasse em alta voz, que ajoelhassem todos diante dêle, e que todos o reconhecessem por governador que tinha sido estabelecido sôbre todo o Egito.

44 Ainda disse mais Faraó a José: Eu sou Faraó: sem tua ordem ninguém moverá pé, nem mão em todo o Egito.

45 Mudou-lhe também o seu nome, e chamou-o em língua egípcia, o salvador do mundo. Ao depois casou-o com Asenete, filha de Putifar, sacerdote de Heliópolis. Depois, disto foi José dar uma vista a todo o Egito. (8)

46 Tinha êle trinta anos, quando apareceu diante do rei Faraó e êle correu em roda todo o Egito.

47 Chegaram pois os sete anos de fertilidade; e

(7) **UMA TÚNICA DE LINHO FINO** — O linho era o estôfo precioso por excelência; com êle se revestiam os sacerdotes. (Ex 23, 39, 4.º). As múmias eram envoltas em faixas líneas, por se considerar o linho o tecido mais puro.

E PÔS-LHE AO PESCOÇO UM COLAR DE OURO — Este colar era um distintivo de merecimento; usavam-no quase todos os personagens egípcios. No túmulo de Neferotep vê-se o Faraó fazendo a imposição do colar.

(8) **PUTIFAR** — Conquanto o nome seja o mesmo não se trata aqui do antigo senhor de José; neste lugar Putifar significa um indivíduo consagrado ao serviço de Faraó.

tendo sido o trigo pôsto em molhos, foi depois amontoado nos celeiros do Egito. (9)

48 Tôda esta grande abundância de grão foi posta de reserva em tôdas as cidades.

49 Porque foi tão grande a quantidade de trigo, que houve, que ela igualava a areia do mar, e não se podia reduzir a medida.

50 Antes que chegasse a fome, teve José dois filhos de sua mulher Asenete, filha de Putífar, sacerdote de Heliópole.

51 Chamou ao primogênito Manassés, dizendo: Deus me fêz esquecer de todos os meus trabalhos, e da casa de meu pai.

52 Chamou ao segundo Efraim, dizendo: Deus me fêz crescer na terra da minha pobreza.

53 Passados pois que foram êstes sete anos de fertilidade no Egito,

54 começaram os sete anos de esterilidade, segundo a predição de José; e quando todo o resto do mundo estava aflito da fome, havia no Egito muito pão. (10)

55 O povo achando-se apertado da fome, gritou a Faraó, e lhe pediu de que viver. Êle porém lhe respondeu: ide ter com José, e fazei tudo o que êle vos disser.

56 Entretanto a fome crescia todos os dias em tô-

(9) **O TRIGO... DEPOIS AMONTOADO NOS CELEIROS** — Eram freqüentes os celeiros no Egito, viam-se até nos templos. O clima sêco do Egito favorecia a conservação do trigo para os sete anos de fome. No túmulo de Recamara encontram-se gravados êstes celeiros, e por aí vemos a maneira como era o trigo junto, medido e armazenado.

(10) **OS SETE ANOS DE ESTERILIDADE** — Os autores profanos referem várias fomes no Egito de igual e maior duração. Vigouroux cita uma inscrição egípcia, alusiva a uma fome que durou sete anos.

da a terra; e José abrindo todos os celeiros, vendia trigo aos egíptanos: Porque êstes mesmos eram atormentados da fome.

57 E de tôdas as partes vinham homens ao Egito a comprar de comer, e a buscar com que aliviarem o mal desta falta de grão.

CAPÍTULO 42

CHEGADA DOS IRMÃOS DE JOSÉ AO EGITO. ELE OS TRATA COMO ESPIAS. NÃO OS DEIXA RETIRAR, SENÃO DEBAIXO DA CONDIÇÃO DE LHE TRAZEREM BENJAMIM, FICANDO SIMEÃO PRÊSO EM REFÉM.

1 Entretanto Jacó, tendo ouvido que se vendia trigo no Egito, disse a seus filhos: Por que não fazeis vós caso disto?

2 Eu ouvi dizer que no Egito se vende trigo. Ide lá, e comprai o que havemos mister, para que possamos viver, e não morramos de fome.

3 Foram pois os dez irmãos de José ao Egito, para lá comprarem trigo:

4 Porque a Benjamim deixou Jacó ficar consigo, tendo dito a seus irmãos: Temo não lhe aconteça no caminho algum desastre.

5 Entraram êles pois no Egito com outros, que lá iam a comprar, porque havia fome na terra de Canaã.

6 José governava em todo o Egito, e não se vendia trigo aos povos, senão por ordem sua. Tendo-o pois adorado seus irmãos,

7 êle os conheceu: E depois de lhes ter falado com dureza, como a uns estranhos, disse-lhes: Donde vindes vós? Responderam êles: Vimos da terra de Canaã a comprar aqui o que nos é necessário para a vida.

Gênesis 42, 8-16

8 E ainda que êle conheceu muito bem seus irmãos, êstes o não conheceram.

9 Então lembrando-se dos sonhos, que noutro tempo tivera, lhes disse José: Vós sois uns espias: E vós viestes aqui para averiguardes os lugares mais fracos do Egito (1)

10 Êles lhe responderam: Não, senhor, nós não viemos a isso, mas a comprar trigo.

11 Nós somos todos filhos dum mesmo homem: nem os teus servos trazem algum mau intento.

12 José lhes disse: Não, isso não é assim: Mas vós viestes notar o que há de menos fortificado no Egito.

13 Replicaram êles: Nós somos doze irmãos, filhos de um homem da terra de Canaã, e teus servos. O mais pequeno está com o nosso pai; o outro já não está no mundo.

14 Eis-aqui, disse José, o que eu dizia: Vós sois uns espias.

15 Eu vou experimentar se vós dizeis verdade. Pela vida de Faraó, que vós não saireis daqui, sem que venha vosso irmão mais pequeno. (2)

16 Mandai um de vós que o traga: Entretanto es-

(1) **VÓS SOIS UNS ESPIAS** — José sabia muito bem que seus irmãos não iam espionar, porém, procedeu assim para que êles falassem de seu pai e de Benjamim, obtendo desta forma notícias seguras dos seus. Razão tinha José para recear que seu irmão predileto tivesse tido sorte igual à sua. Quanto à acusação de espionagem era natural num ministro egípcio, no momento em que a situação política não era completamente segura. Em tempo de fome eram de temer as invasões de bandos nômadas, o que tornava verossímil a suspeita.

(2) **PELA VIDA DE FARAÓ** — Fórmula muito comum de juramento entre os egípcios.

tareis em prisão, até eu conhecer se o que me dizeis é verdadeiro, ou falso: doutra sorte, pela vida de Faraó, que vós sois uns espias.

17 Ele pois os fêz meter em prisão três dias.

18 E ao terceiro dia fê-los sair da prisão, e lhes disse: Fazei o que eu vos disse, e vivereis: Porque eu temo a Deus.

19 Se vós vindes aqui com espírito de paz, fique um de vossos irmãos amarrado na prisão, e vós idé-vos; e levai o trigo, que tendes comprado para vossas casas, (3)

20 e trazei-me o mais pequeno de vós, para eu conhecer se o que vós me dizeis é verdade, e não morrêrdes. Fizeram êles o que se lhes havia ordenado.

21 E diziam uns para os outros: Justamente padecemos nós isto, porque pecamos contra nosso irmão, e porque vendo as angústias da sua alma, quando nos supplicava, não o ouvimos: por isso é que nós caímos, nesta tribulação.

22 Rúben, que era um dêles, lhes dizia: Não vos disse eu, não cometaís um tamanho crime contra êste rapaz? E vós não me ouvistes; eis-aqui como agora se nos pede conta do seu sangue.

23 Ora êles não sabiam que José os entendia, porque êle lhes falava por um intérprete.

24 Más êle se retirou por um pouco de tempo, e chorou: e tornado a êles, lhes falou novamente. (4)

25 Fêz pegar em Simeão, e amarrá-lo diante dos outros irmãos; e mandou aos seus officiaes que lhes en-

(3) NA PRISÃO — No texto hebreu está *mismarkem*, que significa em vossa prisão.

(4) E CHOROU — A comoção de José mostra-nos quanto êle amava seus irmãos, e que, se aparentemente os tratou com severidade era com o fim de os encaminhar ao arrependimento e ao perdão.

chessem os seus sacos de trigo, e que metessem no saco de cada um o dinheiro, que tinham dado; ajuntando de mais a mais víveres para o caminho: o que logo foi executado.

26 Partiram-se pois os irmãos de José, levando o seu trigo nos seus burros.

27 E tendo um dêles aberto o seu saco na estalagem, para dar de comer ao seu burro, viu o seu dinheiro na bôca do saco;

28 e disse a seus irmãos: Restituiu-se-me o meu dinheiro: ei-lo aqui no meu saco. Ficaram êles pois tomados de espanto, e de turbação, e diziam uns para os outros: Que é isto, que Deus nos fêz?

29 Depois que chegaram a casa de Jacó seu pai na terra de Canaã, êles lhe contaram tudo o que lhes tinha acontecido, dizendo:

30 O Senhor daquela terra nos falou duramente, e nos teve por espias, que íamos observar a província.

31 Nós lhe respondemos: Nós somos uma gente pacífica, e muito alheia de trazermos algum mau intento.

32 Somos doze irmãos, filhos de um mesmo pai: um já não está no mundo; o mais pequeno está com nosso pai na terra de Canaã.

33 Êle nos respondeu: Eu quero experimentar se é verdade que sois gente de paz: deixai-me pois aqui um de vossos irmãos: Tomai o trigo, que vos é necessário para vossas casas, e ide-vos: '

34 E trouxe-me vosso irmão mais pequeno, para eu saber que não sois espias, e para vós depois poderdes levar convosco aquêle outro, que cá fica prêso, e para daqui em diante vos ser permitido comprar aqui o que quiserdes.

35 Depois que êles assim falaram, ao lançarem o seu trigo fora dos seus sacos, achou cada um o seu dinheiro

atado na bôca do saco, do que todos ficaram muito espantados.

36 Então lhes disse seu pai Jacó: Vós me tendes reduzido a estar sem filhos. José já o não há; Simeão fica prêso; e vós ainda me quereis levar Benjamim. Todos êstes males recaíram sôbre mim. (5)

37 Rúben lhe respondeu: Manda matar meus dois filhos, se eu to não tornar a trazer; confia-o de mim, e eu to restituirei.

38 Não, disse Jacó, meu filho não há-de ir convosco. Seu irmão morreu, e êle ficou só: se lhe suceder algum infortúnio na terra, onde vós ides, vós causareis à minha velhice uma dor, que me levará à sepultura.

CAPÍTULO 43

TORNAM OS IRMAOS DE JOSÉ AO EGITO COM BENJAMIM. JOSÉ LHES DÁ UM BANQUETE.

1 Entretanto a fome assolava extraordinariamente tôda a terra.

2 E tendo-se acabado o trigo, que os filhos de Jacó tinham trazido do Egito, êle lhes disse: tornai para nos comprardes ainda algum pouco de trigo.

3 Judá lhe respondeu: Aquêlê homem, que governa em todo o Egito, nos declarou com juramento qual era sua vontade, dizendo: Vós não me vereis a cara, se não trouxerdes convosco vosso irmão mais pequeno.

4 Se tu logo queres mandá-lo conosco, iremos todos juntos, e comprar-te-emos o que hás mister.

5 Se o não queres, não iremos: porque aquêlê ho-

(5) JOSÉ JA O NAO HA — A desolação de Jacó era um castigo para punir o crime dos seus filhos. Nessa aflicção, que êles não podiam remediar, no duplo remorso pelo assassinio do irmão e pela mágoa do pai, tinham a punição da ação má que praticaram.

Gênesis 43, 6-11

mem, como nós já te dissemos muitas vêzes, nos declarou, que não lhe veríamos a cara, se não lhe levássemos nosso irmão mais pequeno.

6 Israel lhe disse: Para desgraça minha foi, terdes-lhes vós manifestado, que ainda tínheis outro irmão.

7 Mas êies lhe responderam: Êle nos perguntou por ordem todo o séquito da nossa família: se nosso pai vivia; se tínhamos nós ainda outro algum irmão. E nós lhe respondemos conseqüentemente ao que êle nos tinha perguntado. Acaso podíamos nós adivinhar que êle nos havia de dizer: Trazei convosco vosso irmão?

8 Ainda disse mais Judá a seu pai: Manda comigo o menino para partirmos, e têmos de que poder viver, e para não morrermos nós, e nossos filhinhos. (1)

9 Eu me encarrego dêste moço: a mim é que tu pedirás conta dêle. Se eu to não tornar a trazer, e to não restituir, eu consinto em que tu me não perdoes nunca esta falta.

10 Se nós não tivéssemos diferido tanto a nossa ida, já nos teríamos voltado segunda vez.

11 Israel pois, seu pai, lhes disse: Se isto assim é necessário, fazei o que quereis. Tomai para levardes convosco os mais excelentes frutos dêste país, para fazerdes presente dêles a êsse homem: uma pouca de resina, um pouco de mel, um pouco de estoraque, alguma mirra, algum terebinto, e algumas amêndoas. (2)

(1) O MENINO — Não se quer dizer que Benjamim fôsse um infante; tinha já vinte e cinco anos. O termo hebraico *nahar*, que a vulgata traduziu por *puer*, significa menino e também *adolescens*, e ainda pelo *usus loquendi* o irmão mais novo, como se vê freqüentemente.

(2) UMA POUCA DE RESINA — No hebreu *tsôri*, é o bálsamo, um dos perfumes que traziam para o Egito os mercadores *isinaelitas*. (Gên 37, 25).

12 Tomai também dobrado dinheiro, e tornai a levar aquêle, que vós achastes nos sacos, não fôsse isso talvez por engano.

13 Enfim levai vosso irmão, e ide ter com aquêle homem.

14 Eu rogo ao meu Deus todo poderoso, que vo-lo faça favorável, para que êle remeta convosco a vósso irmão, que êle retém prêso, e a êste Benjamim. Entretanto ficarei eu só, como se não tivesse filhos.

15 Tomaram êles pois os presentes, e dinheiro em dôbro, com Benjamim; e tendo partido, chegaram ao Egito, onde se apresentaram diante de José.

16 José tanto que os viu, e Benjamim com êles, disse ao seu dispenseiro: Introduze êstes homens em minha casa: mata das reses aquelas, que se costumam escolher para vítimas e prepara um banquete: porque êles hão-de comer comigo ao meio dia.

17 Executou o dispenseiro o que se lhe tinha mandado, e introduziu-os em sua casa.

18 Então passados de mêdo diziam êles entre si: Sem dúvida que por causa daquele dinheiro, que nós achamos nos sacos, é que êle nos faz entrar aqui, para nos caluniar, e nos oprimir, reduzindo-nos à escravidão, e tomando-nos os nossos burros.

19 Pelo que estando ainda à porta, chegaram-se êles ao dispenseiro de José, e lhe disseram:

20 Senhor, nós te suplicamos que nos ouças. Nós viemos já uma vez comprar trigo:

21 e depois de o têrmos comprado, quando nós che-

UM POUCO DE MEL — Êste mel, chamado *debas* no original, não é o mel das abelhas, mas um preparado a que os árabes dão o nome de *dibos*, que tem a aparência do mel, mas é composto de uvas, ainda hoje muito apreciado no Egito.

O ESTORAQUE corresponde ao nome genérico *aromata*.

gamos à estalagem, ao abrir os nossos sacos achamos nas suas bôcas o nosso dinheiro, o qual nós te trazemos agora no mesmo pêso.

22 E afora êste, te trazemos nós outro dinheiro, para comprarmos o que nos é necessário. Mas nós não sabemos de modo algum, quem foi o que meteu aquêles dinheiro nos ñossos sacos.

23 O dispenseiro lhes respondeu: Estai sossegados, não tenhais medo. O vosso Deus, e o Deus de vosso pai foi o que vos deu êsses tesouros nos vossos sacos. Porque quanto a mim, eu recebi o dinheiro, que vós me destes, e com isso me dou por satisfeito. Fêz também sair para fora a Simeão, e trouxe-lho.

24 Depois de os ter feito entrar na casa, trouxe-lhes água, com que lavaram os pés, e deu de comer aos seus burros.

25 Entretanto puseram êles prontos os seus presentes, esperando que José entrasse ao meio dia: porque lhes tinham dito que haviam de comer ali.

26 Tendo pois entrado José em sua casa, êles lhe ofereceram os seus presentes, que tinham nas suas mãos, e êles o adoraram, prostrando-se por terra.

27 José os saudou também, mostrando-lhes bom rosto, e lhes perguntou: E' ainda vivo vosso pai, aquêles bom velho, de que vós me falastes? Passa êle bem?

28 Êles lhe responderam: Nosso pai teu servo ainda vive, e passa bem. E êles encurvando-se profundamente, o adoraram.

29 José, levantando os olhos, viu a Benjamim, seu irmão uterino, e disse: Êste é vosso irmão mais pequeno, do qual vós me tínheis falado? Meu filho, ajuntou êle, Deus te conserve, e te seja sempre favorável.

30 E deu-se pressa a sair, porque se lhe tinham

comovido as entranhas, vendo a seu irmão, e não podia conter as lágrimas: passando pois a outra câmara, chorou.

31 E depois de ter lavado o rosto, se conteve, e disse: Trazei o comer para a mesa.

32 Foi José servido à parte, e seus irmãos à parte e os egípcios, que comiam com êle, servidos também à parte: porque não é permitido entre os egípcios comer com os hebreus; e têm que um banquete desta sorte seria profano. (3)

33 Êles se assentaram pois em presença de José, primeiro o primogênito segundo a sua ordem, e o mais pequeno segundo a sua idade; e ficaram sumamente admirados,

34 ao ver as porções, que José lhes dera, das quais a maior tinha caído a Benjamim: porque esta era cinco vezes mais avantajada que a dos outros. Beberam também com José, e regalaram-se.

CAPÍTULO 44

FAZ JOSÉ METER A SUA TAÇA NO SACO DE BENJAMIM. TRAZ A SEUS IRMÃOS, COMO SE ÊLES FOSSEM UNS LADROES. JUDA SE OFERECE A FICAR ESCRAVO EM LUGAR DE BENJAMIM.

1 Ora José deu esta ordem ao dispenseiro de sua casa, e lhe disse: Mete nos sacos dêstes homens quanto trigo êles puderem levar, e o dinheiro de cada um no cimo dos sacos;

2 e mete a minha taça de prata na bôca do saco do mais moço com o dinheiro, que deu pelo seu trigo. E assim se fez. (1)

(3) **FOI JOSÉ SERVIDO A PARTE** — Era o costume do país a que se subordinava José; esta separação era imposta pela etiqueta, por isso José não comia só separado dos seus irmãos, mas também dos familiares do palácio.

(1) **A MINHA TAÇA** — As taças de que os egípcios se serviam tinham considerável valor, não só material, como artístico.

3 E ao outro dia pela manhã deixaram-nos ir com os seus burros.

4 Quando êles tinham saído da cidade, e tinham já caminhado um pedaço, chamou José o dispenseiro de sua casa, e lhe disse: Corre depressa atrás daqueles homens, e suspende-os do caminho, e dize-lhes: Por que tornastes vós mal por bem?

5 A taça, que vós furtastes, é aquela, por onde bebe meu senhor, e a de que êle se serve para as suas adivinhações. Vós fizestes uma coisa malíssima. (2)

6 Fêz o dispenseiro o que lhe fôra mandado; e tendo-os embargado, disse-lhes tudo o que lhe fôra ordenado que dissesse.

7 Êles lhe responderam: Por que fala nosso Senhor assim a seus servos, e os julga capazes de cometer uma ação tão vergonhosa?

8 Nós tornamos-te a trazer o dinheiro, que achamos na bôca dos nossos sacos. Como podia logo ser, que nós furtássemos da casa de teu senhor ouro, ou prata?

9 Aquêle de teus servos, qualquer que êle seja, a quem se achar o que tu buscas, morra; e nós seremos escravos de nosso senhor.

Os investigadores têm encontrado em muitos túmulos muitos desses valiosos objetos, guardados religiosamente nos mais célebres museus da Europa. No museu do Louvre existe um belo exemplar em ouro.

(2) **DE QUE ELE SE SERVE PARA AS SUAS ADIVINHAÇÕES** — A adivinhação pela taça era costume praticado em todo o Oriente. Deitavam água numa taça; depois de cheia lançavam-se bocados de ouro, prata, pérolas, pedras preciosas, e observando as diferentes figuras que se produziam no líquido julgavam poder daí deduzir o conhecimento do futuro, ou explicar coisas ocultas. S. Tomás interpreta esta passagem, dizendo que José procedia assim e falava assim, para não ir de encontro à opinião que a seu respeito vogava no Egito, sem que, contudo, praticasse a magia.

10 Êle lhes disse: Faça-se conforme vós sentenciastes. Qualquer, a quem fôr achado o que eu busco, seja meu escravo: e quanto a vós outros, vós sereis inocentes.

11 Descarregaram êles pois logo os seus sacos em terra, e cada um abriu o seu.

12 O dispenseiro tendo-os examinado todos, começando desde o mais velho até ao mais moço, achou a taça no saco de Benjamim.

13 Então êles, rasgados os seus vestidos, e tornados a carregar os seus burros, voltaram outra vez para a cidade.

14 Judá foi o primeiro, que se apresentou com seus irmãos diante de José, o qual se não tinha ainda arredado do lugar, onde estava; e todos juntos se prostraram em terra diante dêle.

15 José lhes disse: Por que vos houvestes vós assim comigo? Vós não sabeis que não há ninguém, que me iguale na ciência de adivinhar?

16 Disse-lhe Judá: Que responderemos nós a nosso Senhor? Que lhe diremos nós, e que lhe poderemos nós representar, que tenha alguma sombra de justiça para nossa defesa? Deus achou a iniquidade dos teus servos: eis-aqui somos nós escravos de meu senhor, nós, e aquêlê, a quem foi achado o copo.

17 Respondeu José: Deus me defenda de tal fazer. Aquêlê, que me furtou a minha taça, êsse seja meu escravo; e vós outros ide com tôda a liberdade para vosso pai.

18 Então Judá chegando-se mais para José, lhe disse confiadamente: meu senhor, permite, te peço, a teu servo, que êle te fale, e não te agastes com o teu servo. Porque abaixo de Faraó

19 tu é que és meu senhor. Tu perguntaste no prin-

cípio a teus servos: Vós tendes ainda pai, ou algum outro irmão?

20 E nós te respondemos: Meu senhor, nós temos um pai, que é velho, e um irmão pequeno, que êle houve na sua velhice: outro irmão, que tinha nascido da mesma mãe, é já morto. Sua mãe não tem senão êste, e seu pai o ama ternamente.

21 Então disseste tu a teus servos: Trazei-mo cá, que gostarei de o ver;

22 Mas nós te respondemos: Meu senhor, o menino não pode largar a seu pai; porque se o largar morrerá o pai.

23 Disseste tu a teus servos: Se o mais pequeno de vossos irmãos não vier convosco, vós não me tornareis mais a ver a cara.

24 Quando pois voltamos para nosso pai, teu servo, nós lhe contamos tudo o que meu senhor nos dissera.

25 E nosso pai nos disse: Tornai a ir, para nos comprardes um pouco de trigo.

26 Nós lhe dissemos: Nós não podemos ir: se nosso irmão mais moço vier conosco, iremos todos juntos: mas sem êle vir, nós nos não atrevemos a aparecer diante daquele homem.

27 Êle nos respondeu: Vós sabeis que eu tive dois filhos de minha mulher.

28 Tendo um dêles saído ao campo, dissestes vós que uma bêsta fera o tinha devorado: e até agora não aparece.

29 Se vós levardes também êste outro, e lhe suceder alguma coisa no caminho, vós com a pena, que isto me causará, dareis com êste pobre velho na sepultura.

30 Se eu pois chegar a meu pai, teu servo, e não lhe aparecer êste menino; como a sua vida depende da de seu filho,

31 quando êle vir que o menino não vem conosco, morrerá; e teus servos causarão à sua velhice uma dor, que o leve à cova.

32 Seja eu pois antes o que fique por teu escravo, pois que me obriguei a dar conta dêste menino, e isso prometi a meu pai, dizendo: Se eu to não tornar a trazer, não se me dará que meu pai me impute esta falta, e que êle ma não perdoe nunca.

33 Assim eu ficarei teu escravo, e servirei a meu senhor em lugar dêste menino, para que êle volte com seus irmãos.

34 Porque eu não posso tornar para meu pai, sem que vá êste menino; por não succeder que vá, eu mesmo ser testemunha da extrema aflição, que acabará a meu pai. (3)

CAPÍTULO 45

DA-SE JOSÉ A CONHECER A SEUS IRMÃOS. REMETE-OS CARREGADOS DE PRESENTES A SEU PAI.

1 José não podia conter mais as lágrimas: e como êle se achava rodeado de muita gente, mandou que saíssem todos para fora, para que nenhum estranho se achasse presente, quando êle se desse a conhecer a seus irmãos.(1)

(3) **NÃO POSSO TORNAR PARA MEU PAI** — Em tudo o que se passou, José só quis certificar que seus irmãos não tinham para com Benjamim os sentimentos que para com êle tiveram. O modo de falar de Judá provou-lhe que seus irmãos estavam emendados; a angústia que deixavam transparecer mostrava quanto êles eram diversos dos invejosos que venderam seu irmão, e os sentimentos de arrependimento de que se achavam possuídos.

(1) **JOSÉ NÃO PODIA CONTER MAIS AS LÁGRIMAS** — A palavra humana é impotente para exprimir tôda esta grande cena.

Gênesis 45, 2-10

2 Então caindo-lhe as lágrimas dos olhos, levantou êle muito a voz, a qual foi ouvida dos egípcios, e de tôda a casa de Faraó,

3 e disse para seus irmãos: Eu sou José: vive ainda meu pai? Mas seus irmãos lhe não puderam responder, de passados que ficaram de temor.

4 Êle lhes falou docemente, e lhes disse: Chegai-vos para mim. E como êles se tivessem chegado, ajuntou: Eu sou José vosso irmão, a quem vós vendestes para o Egito.

5 Não temais, e não vos aflijais de me terdes vendido para estas terras; porque para salvação vossa me mandou Deus ao Egito.

6 Há já dois anos que a fome começou na terra: e ainda faltam cinco, nos quais nem se poderá lavar, nem segar.

7 E Deus me mandou adiante, para que vós conservásseis a vida, e pudésseis ter de que subsistirdes.

8 Não foi por vosso conselho que eu aqui fui mandado, mas pela vontade de Deus, que me fêz como pai de Faraó, senhor de tôda a sua casa, príncipe em todo o Egito. (2)

9 Dai-vos pressa a irdes ter com meu pai, e dizei-lhe: Eis-aqui o que te manda teu filho José: Deus me fêz senhor de todo o Egito, vem ter comigo, não te demores.

10 Tu habitarás na terra de Gessen: Estarás ao pé

Como descrever o que se passou naqueles corações quando lhes disse: eu sou José! e quando depois liberalmente lhes perdoou?

(2) **PAI DO FARAÓ** — As palavras do texto hebraico 'ab le-pare'oh são, segundo os melhores intérpretes, a transcrição dum título egípcio, significando o oficial superior da casa faraônica.

de mim, tu, e teus filhos, e os filhos de teus filhos; as tuas ovelhas, os teus rebanhos, e tudo o que tu possuis. (3)

11 Eu cá te sustentarei, (porque ainda restam cinco anos de fome) para que tu não pereças com toda a tua família, e com tudo o que te pertence.

12 Vós vêdes com os vossos olhos, vós e vosso irmão Benjamim, que eu mesmo sou o que vós falo de minha própria boca.

13 Anunciai a meu pai quanta é a glória, a que eu me vi exaltado, e tudo o que tendes visto no Egito. Apresai-vos a trazerdes-mo.

14 Tendo-se lançado ao pescoço de Benjamim, seu irmão, para o abraçar, chorou: e chorou também Benjamim abraçado com êle.

15 Beijou também José a todos seus irmãos, e chorou sobre cada um dêles: e depois disto é que êles se animaram a falar-lhe.

16 Logo souu no palácio do rei, e se disse publicamente, que os irmãos de José tinham vindo: do que Faraó com toda a sua casa recebeu grande prazer.

17 E êle disse a José, que desse a seus irmãos esta ordem: Carregai os vossos burros, e tornai para a terra de Canaã:

18 trouxe de lá vosso pai com toda a vossa família,

(3) NA TERRA DE GESSEN — As descobertas arqueológicas modernas e os progressos da Egiptologia, fornecem-nos elementos para podermos localizar o país de Gessen. Está situado a sudoeste de Zagazig, a este de Tell-el-Maskouta, entre o Nilo e o deserto. Compreendia o triângulo formado pelas terras de Satt, Tell-el-Kebir e Belbeis. Ao tempo de José a terra de Gessen era um baldio, terreno inculto, mas com bastantê água, produzindo boas pastagens, e porque não tinha proprietário, José favorecia os seus, sem prejudicar pessoa alguma, não faltando aos deveres impostos pela justiça e ao amor da família.

e vinde ter comigo: eu vos darei tudo o que há bom no Egito, e vós sustentar-vos-eis do beijinho desta terra.

19 Ordena-lhes outrossim, que tomem carros do Egito, para trazerem suas mulheres com seus filhinhos, e dize-lhes: trazei vosso pai, e dai-vos pressa a voltardes, o mais cedo que puder ser,

20 sem deixardes nada das vossas alaias: porque tôdas as riquezas do Egito serão vossas.

21 Fizeram os filhos de Israel o que lhes fôra mandado. E José lhes fêz dar carros, segundo a ordem, que tinha recebido de Faraó, e víveres para o caminho.

22 Mandou também dar duas túnicas a cada um de seus irmãos. A Benjamim porém deu cinco túnicas das mais estimadas, e trezentas moedas de prata.

23 Outro tanto dinheiro, e outras tantas opas mandou José a seu pai, com dez burros carregados de tudo o que havia de mais precioso no Egito; e outras tantas burras, que levavam trigo, e pão para o caminho.

24 Desta sorte despediu êle seus irmãos, dizendo-lhes ao partirem: Não guerreéis no caminho.

25 Vieram êles pois do Egito para a terra de Canaã, para seu pai Jacó,

26 a quem deram esta nova: teu filho José está vivo e tem o governo de todo o Egito. Jacó tendo isto ouvido, como quem acorda dum profundo sono, não podia entretanto crer o que êles lhe diziam.

27 Insistiam seus filhos pelo contrário, referindo-lhe como tôdas as coisas se tinham passado. Enfim tendo visto os carros, e tudo o que José lhe mandava, recobrou o seu espírito, e disse:

28 Não tenho mais que desejar, uma vez que meu filho José ainda vive: irei, e vê-lo-ei, antes que eu morra.

CAPÍTULO 46

IDA DE JACÓ PARA O EGITO. LISTA DOS FILHOS DE JACÓ.
ENTREVISTA DE JACÓ E DE JOSÉ.

1 Partiu pois Israel com tudo o que tinha, e chegou ao poço do juramento: e depois de ter imolado aqui suas vítimas ao Deus de seu pai Isaac,

2 ouviu numa visão, que teve de noite, que êle o chamava, e lhe dizia: Jacó, Jacó, Êle lhe respondeu: Aqui me tens.

3 E Deus ajuntou: Eu sou o Deus fortíssimo de teu pai: não temas: vai para o Egito: porque eu te farei lá cabeça dum grande povo.

4 Eu irei para lá contigo, e eu te trarei de lá, quando tu de lá voltares, José também te cerrará os olhos com as suas mãos. (1)

5 Tendo partido pois Jacó do Poço do juramento, seus filhos o levaram com seus meninos, e suas mulheres, nos carros que Faraó tinha mandado para trazerem o velho,

6 com tudo o que êle possuía na terra de Canaã: e chegou ao Egito com tôda a sua geração,

(1) **EU TE TRAREI DE LÁ** — O texto hebraico dá mais a idéia da certeza da volta de Jacó, isto é, da sua descendência, para o país de Canaã. Eu to asseguro, diz mais o original. Só com esta certeza Jacó se decidiu a partir para terra estranha, porque não queria ir contra os altos desígnios de Deus. Foi preciso uma revelação superior, porque Jacó não esquecia as promessas feitas pelo Senhor a seus pais e a êle mesmo. (Gên 35, 12).

TE CERRARÁ OS OLHOS — O piedoso costume de cerrar os olhos aos mortos remonta à mais alta antiguidade. Os parentes e amigos se desempenhavam d'êste último dever, como entre nós agora sucede, que consideramos êste ato como a última prova de afeto.

Gênesis 46. 7-21

7 seus filhos, seus netos, suas filhas e tudo o que dêle procedia.

8 Ora eis aqui os nomes dos filhos de Israel, que entraram no Egito, quando êle para lá foi com a sua descendência. Seu filho primogênito era Rúben.

9 Os filhos de Rúben eram Enoc, Falu, Hesron, e Carmi.

10 Os filhos de Simeão eram Jamuel, Jamim, Abod, Jaquim, Soar e Saul, filho duma mulher cananéia.

11 Os filhos de Levi eram Gérson, Caat, e Mérari.

12 Filhos de Judá eram Her, Onan, Sela, Farés e Zara. Her e Onan morreram na terra de Canaã. A Farés nasceram Hesron e Hamul.

13 Os filhos de Issacar eram Tola, Fua, Jó, e Semron.

14 Os filhos de Zabulon eram Sared, Elon, e Jael.

15 Êstes são os filhos de Lia, que ela teve em Mesopotâmia, na Síria, com Dina sua filha. Os seus filhos e as suas filhas eram por todos trinta e três.

16 Os filhos de Gad eram Sefion, Hagi, Suni, Esebon, Heri, Arodi, e Areli.

17 Os filhos de Aser eram Jane, Jesua, Jessui, Beria, e Sara irmã dêles. Os filhos de Beria eram Heber, e Melquiel.

18 Êstes são os filhos de Zelfa, a qual Labão tinha dado a sua filha Lia, que eram também filhos de Jacó, e que faziam dezesseis pessoas.

19 Os filhos de Raquel, mulher de Jacó, eram José, e Benjamim.

20 José estando no Egito teve dois filhos de sua mulher Asenete, filha de Putifar, sacerdote de Heliópole; os quais se chamavam Manassés e Efraim.

21 Os filhos de Benjamim eram Bela, Becor, Asbel, Gera, Naaman, Equi, Ros, Mofim, Ofim, e Ared.

22 Êstes são os filhos, que Jacó teve de Raquel, que são por todos catorze.

23 Dan não teve senão um filho que se chamou Husim.

24 Os filhos de Neftali eram Jasiel, Guni, Jeser, e Salem.

25 Êstes são os filhos de Bala, a qual Labão tinha dado a sua filha Raquel, que eram também filhos de Jacó, e que faziam por todos sete pessoas.

26 Todos os que vieram para o Egito com Jacó, e que tinham procedido dêle, não contando as mulheres de seus filhos, eram por todos sessenta e seis.

27 Os filhos que tinham nascido a José no Egito, eram dois. Tôdas as pessoas da casa de Jacó, que vieram para o Egito, faziam o número de setenta.

28 Ora Jacó enviou adiante de si Judá a José, para lhe dar parte da sua vinda, e para que José viesse avisitar-se com êle em Gessen.

29 Quando Jacó lá chegou, mandou José meter os cavalos no seu coche, e veio a encontrar-se com seu pai no mesmo lugar; e vendo-o, se lançou ao seu pescoço, e o abraçou, chorando.

30 Disse Jacó a José: Agora morrerei eu alegre, pois que vi o teu rosto, e te deixo sobrevivendo-me.

31 José disse a seus irmãos, e a tôda a casa de seu pai: Eu vou dizer a Faraó, que meus irmãos, e todos os da casa de meu pai, são vindos a mim da terra de Canaã.

32 Que êles são uns pastôres de ovelhas, que se occupam em apascentar gados: e que êles trouxeram consigo as suas ovelhas, os seus bois, e tudo o que podiam ter.

33 E quando Faraó vos chamar, e vos perguntar: Que occupação é a vossa?

34 Vós lhe respondereis: Os teus servos são uns pas-

tôres desde a sua infância até o presente, e nossos pais o têm sido sempre como nós. Assim é que vós haveis de dizer, para poderdes morar na terra de Gessen: porque os egípcios detestam todos os pastôres de ovelhas.

CAPÍTULO 47

CHEGADA DE JACÓ, E DA SUA FAMÍLIA AO EGITO. FARAÓ LHE DÁ A TERRA DE GESSEN. DOENÇA DE JACÓ.

1 Tendo ido pois José à presença de Faraó, lhe disse: Meu pai, e meus irmãos são vindos da terra de Canaã com as suas ovelhas, seus rebanhos, e tudo o que possuem; e ei-los aí estão na terra de Gessen.

2 Apresentou também ao rei cinco de seus irmãos. (1)

3 Os quais tendo-lhes o rei perguntado: Que é o em que vós ocupais? êles lhe responderam: Os teus servos são pastôres de ovelhas, como o foram nossos pais.

4 Nós viemos passar algum tempo nas tuas terras, por ser no país de Canaã tão grande a fome, que não há nêle erva para os gados de teus servos: e nós te supplicamos, que leves a bem que os teus servos habitem na terra de Gessen.

5 Disse pois o rei a José: Teu pai, e teus irmãos vieram ter contigo.

6 Tu tens à tua vista a terra do Egito; faze-os habitar no melhor lugar, e entrega-lhes a terra de Ges-

(1) **APRESENTOU TAMBÉM AO REI CINCO DOS SEUS IRMÃOS** — Há uma pintura célebre do túmulo de Ben Nassan, que representa a chegada dos semitas à côrte dum governador egípcio, e que tem uma semelhança frizante com o acontecimento referido no texto sagrado.

sen. E se tu sabes que há entre êles homens capazes, dá-lhes a intendência dos meus rebanhos.

7 Depois disto introduziu José seu pai ao rei e apresentou-lho. Jacó saudou a Faraó, e lhe significou quanto lhe desejava tôda a sorte de prosperidades.

8 Tendo-lhe perguntado o rei, que anos tinha de idade,

9 Jacó lhe respondeu: Há cento e trinta anos que ando feito peregrino: E êste pequeno número de anos, que não chega a igualar o dos anos de meus pais, tem sido acompanhado de muitos trabalhos.

10 E depois de ter significado que desejava tôda a sorte de felicidades ao rei, saiu para fora.

11 José, em consequência do mandado de Faraó, meteu a seu pai, e a seus irmãos de posse do país de Ramessés, o mais fértil do Egito. (2)

12 E êle os sustentava com tôda a casa de seu pai, dando a cada um o que havia mister para viver.

13 Porque em todo o mundo faltava pão, e a fome afligia tôda a terra; mas principalmente o Egito, e o país de Canaã.

14 José ajuntando todo o dinheiro, que tinha recebido dos egípcios, e dos cananeus pelo trigo, que lhes vendera, todo o meteu no real erário.

15 E como não restasse mais dinheiro a pessoa al-

(2) **RAMESSÉS** — Moisés chama à terra de Gessen pelo nome de Ramessés, que posteriormente teve, quando os hebreus construíram ali a cidade dêste nome, no tempo de Ramsés II, seu perseguidor. (Ex 1; 2). Estas concessões de território estavam muito nas tradições faraônicas. Vê-se por um papiro egípcio que no reinado de Meneftá, os semitas vieram da Iduméia, trazendo os seus rebanhos para as pastagens de Pa Tum, e que aí se estabeleceram com a devida permissão de Faraó. Êste Pa Tum é o Piton a que se refere o Ex 1; 2.

guma para comprar trigo, todo o povo do Egito veio ter com José, dizendo-lhe: Dá-nos pão: por que nos deixas tu morrer, por falta de dinheiro?

16 José lhes respondeu: Se vós não tendes dinheiro, trazei os vossos gados, e eu vos darei trigo por troca.

17 Eles pois lhe trouxeram os seus gados; e José lhes deu trigo pelo preço dos seus cavalos, das suas ovelhas, dos seus bois, dos seus jumentos; e os sustentou aquêlo ano pela troca dos gados. (3)

18 Tornaram êles a vir o outro ano, e lhe disseram: Nós não te ocultaremos, meu senhor, que por nos ter faltado o dinheiro, nos faltaram também os gados; e tu não ignoras que, exceto os nossos corpos, e as nossas terras, não temos mais nada.

19 Por que havemos nós logo morrer à vista de teus olhos? Nós nos damos a ti com as nossas terras: compra-nos para escravos do rei, e dá-nos que semear; para que não suceda que a terra se torne em charneca por tu deixares perecer os que a podiam cultivar.

20 Assim comprou José tôdas as terras do Egito, vendendo cada um tudo o que possuía, por causa da extremidade da fome. E desta sorte adquiriu êle para Faraó todo o Egito,

21 com todos os povos, desde uma extremidade do reino até à outra;

22 exceto sòmente as terras dos sacerdotes, que lhes tinham sido dadas pelo rei: porque a êstes se dava certa

(3) **PELO PREÇO DOS SEUS CAVALOS** — Os monumentos atestam-nos que os cavalos só foram conhecidos no Egito depois da invasão dos hicsos, pois foram êstes que os introduziram. Nos tempos de José serviam-se destes animais para o trabalho, carga, charruas, carros de transporte, etc., como nos asseveram os críticos de melhor nome.

quantidade de trigo dos celeiros públicos; e por isso não foram obrigados a vender as suas terras.

23 Depois disto disse José ao povo: Vós vêdes que vós, e as vossas terras sois de Faraó: eu quero pois dar-vos de que semeardes, e vós semeai os vossos campos,

24 para poderdes colher grão. Vós dareis dêle, a quinta parte ao rei, e eu vos deixarei as outras quatro para semeardes, e para sustentardes as vossas famílias, e os vossos filhos. (4)

25 Êles lhes responderam: A nossa salvação está nas tuas mãos: olhe somente nosso senhor para nós com olhos de comiseração, e nós serviremos alegres ao rei.

26 Desde aquêl tempo até ao dia de hoje se paga em todo o Egito ao rei a quinta parte e isto como que passou em lei exceto a terra dos sacerdotes, que ficou isenta desta sujeição.

27 Habitou pois Israel no Egito, isto é, na terra de Gessen, de que êle gozava como própria; e onde a sua família cresceu, e se multiplicou extraordinariamente.

28 Viveu nêl dezessete anos, e todo tempo da sua vida foram cento e quarenta e sete anos.

29 Como êle visse que se vinha chegando o dia da sua morte, chamou a seu filho José, e lhe disse: Se eu achei graça diante de ti, põe a tua mão por baixo da minha

(4) DAREIS DELE A QUINTA PARTE AO REI — Trata-se dum ato de administração pública de José. Parecerá à primeira vista, excessivo e injusto o tributo imposto por José; não o é porém, desde que nos lembremos que o Egito estava sob a denominação do estrangeiro, e que esta medida era tomada para o interesse de todos. Demais tornava-se necessário providenciar acêrca das inundações do Nilo, regularizando-as, para que elas pudessem contribuir para a máxima fertilidade do solo, e estas providências só as podia tomar o poder supremo. Por tudo isto se justifica o procedimento de José.

Gênesis 47, 30-31; 48, 1-4

coxa; e faze-me o favor de me prometeres com verdade, que me não hás de sepultar no Egito; (5)

30 mas que eu hei de descansar com meus pais, e e que tu me hás de transportar desta terra, e me hás de re-
por no jazigo de meus antepassados. José lhe respondeu:
Eu farei o que tu me mandaste.

31 Pois jura-mo, disse Jacó. E ao tempo que José
lhe jurava, adorou Israel a Deus, voltado para a cabe-
ceira do leito. (6)

CAPÍTULO 48

**ABENÇO A JACÓ A MANASSÉS E A EFRAIM. DEIXA A JOSÉ O
CAMPO, QUE ESTAVA PERTO DE SIQUEM.**

1 Passadas assim estas coisas, vieram dizer a
José, que seu pai estava doente. Então tomando consi-
go a seus dois filhos Manassés, e Efraim, partiu a vê-lo.

2 Disseram pois a Jacó: Eis aí te vem visitar teu
filho José. Jacó recobrando fôrças se assentou no seu
leito.

3 E tendo entrado José, lhe disse: O Deus onipo-
tente me apareceu em Luza, que é na terra de Canaã;
e depois de me abençoar, me disse:

4 Eu te farei crescer, e te multiplicarei; e eu te

(5) **PÕE A TUA MÃO DEBAIXO DA MINHA COXA** — É'
uma fórmula de juramento, e que parece significar que a promessa
será cumprida não só por aquêle que a faz, como pela sua poste-
ridade.

(6) **VOLTADO PARA A CABECEIRA DO LEITO** — Na versão
dos Setenta, lê-se sôbre o alto do seu ceptro. S. Paulo (Ep. Hebr
11, 21) adota esta interpretação. Isto é uma expressão egípcia que
se encontra nas inscrições. Da parte de Jacó êste seu procedimento
é um ato de homenagem prestado à alta dignidade em que seu filho
se achava constituído, na terra do Egito..

farei cabeça de uma multidão de povos; e te darei esta terra a ti, e à tua descendência depois de ti, para que vós a possuais para sempre.

5 Os teus dois filhos pois, Manassés, e Efraim, que te nasceram no Egito, antes que eu viesse para ti, serão meus, e serão postos no número dos meus filhos, como Rúben, e Simeão.

6 Mas os outros, que tu tiveres depois destes, serão teus, e terão o nome de seus irmãos nas terras que possuírem.

7 Porque quando eu voltava de Mesopotâmia, perdi eu a Raquel, que morreu na terra de Canaã, vindo pelo caminho. Era então primavera, e eu me achava à entrada de Efrata, e a enterrei no caminho de Efrata, que também se chama Belém.

8 Ao mesmo tempo vendo Jacó os filhos de José, perguntou-lhe: Quem são êstes?

9 José lhe respondeu: São os meus filhos, que Deus me deu neste país. Faze-os chegar a mim, disse Jacó, para que eu os abençoe.

10 (Porque os olhos de Israel se tinham escurecido, por causa da sua grande velhice, e não podia ver bem:) Tendo-os feito pois chegar a êle, êle os abraçou, e os beijou.

11 E disse a seu filho: Deus me deu o gôsto de te ver; e a êste ajuntou ainda o outro de ver os teus filhos.

12 José tendo-os tirado dentre os braços do pai, adorou, prostrando-se por terra.

13 E tendo pôsto a Efraim à sua direita, isto é, à esquerda de Israel: e a Manassés à sua esquerda, isto é, a direita de seu pai, os chegou ambos a Jacó.

14 O qual estendendo a sua mão direita, a pôs sobre a cabeça de Efraim, que era o mais moço; e pôs a

Gênesis 48, 15-21

sua mão esquerda sôbre a cabeça de Manassés, que era o mais velho, trocando assim as mãos. (1)

15 E abençoando aos filhos de José, disse: O Deus, em cuja presença andaram meus pais Abraão, e Isaac; o Deus, que me sustentou desde a minha mocidade até êste dia;

16 o anjo, que me livrou de todos os males, abençoe êstes meninos: êles tragam o meu nome, e os nomes de meus pais Abraão, e Isaac; e êles se multipliquem cada vez mais na terra.

17 Mas José, vendo que seu pai tinha pôsto a sua mão direita sôbre a cabeça de Efraim, ficou disso sentido; e, pegando na mão de seu pai, procurava tirá-la de cima da cabeça de Efraim, para a pôr sôbre a cabeça de Manassés,

18 dizendo a seu pai: Não está assim bem, pai, porque êste é o primogênito: põe a tua mão direita em cima da sua cabeça.

19 Mas Jacó, recusando fazê-lo, lhe disse: Eu muito bem o sei, meu filho, eu muito bem o sei: êste também será cabeça de povos, e a sua descendência se multiplicará: mas seu irmão, que é o mais moço, será maior do que êle, e a sua posteridade se multiplicará nas nações.

20 Jacó pois os abençoou então, e disse: Em ti será bendito Israel; e dir-se-á: Deus te faça como fêz a Efraim, e a Manassés. Assim êle pôs Efraim adiante de Manassés.

21 Depois disse a seu filho José: Tu vês que eu morro: Deus será convosco, e êle vos tornará a trazer à terra de vossos pais.

(1) **ESTENDENDO A SUA MÃO** — E' a primeira vez que, na Bíblia, a imposição das mãos acompanha a bênção.

22 Eu te dou de mais que a teus irmãos aquela parte da minha fazenda, que eu ganhei aos amorreus, mediante a minha espada, e o meu arco.

CAPÍTULO 49

ÚLTIMAS PALAVRAS DE JACÓ. PREDIZ A CADA UM DE SEUS FILHOS O QUE LHE HÁ DE ACONTECER. MORRE ENFIM.

1 Ora Jacó chamou seus filhos, e lhes disse: Ajuntai-vos todos, para que eu vos anuncie o que tem de vos acontecer nos últimos tempos. (1)

2 Vinde todos juntos, e ouvi, ó filhos de Jacó, ouvi a Israel vosso pai.

3 Rúben, meu primogênito, tu és toda a minha força, e a principal causa da minha dor, o primeiro nos dons, e o maior no império. (2)

4 Tu te derramaste como água; não cresças: porque tu subiste ao leito de teu pai, e manchaste a sua cama. (3)

(1) Toda esta pericopa do Gênesis, contida neste capítulo compreende a profecia de Jacó, o pai das doze tribos de Israel. As palavras deste Patriarca da Antiga Lei são a um tempo uma bênção e uma profecia, e por isso mesmo constituem um dos fragmentos mais importantes dos Livros Santos. Em todo este capítulo revela-se todo o sentimento religioso de Jacó e a beleza da sua alma.

PARA QUE EU VOS ANUNCIE — Jacó vai falar da divisão da terra prometida.

(2) **MAIOR NO IMPÉRIO** — Alusão ao direito de progeneritura.

(3) **TU TE DERRAMASTE COMO ÁGUA** — Rúben tinha perdido os direitos de primogenitura. O principado, a dignidade messiânica, o sacerdócio, a herança dupla tinham sido transferidos para Judá, Levi e José. Debalde quiseram posteriormente fazer vingar esses direitos Datan e Abiron, descendentes de Rúben (Núm 16, 1). Os rubenitas formaram uma tribo pouco importante, nômade, sem estabilidade, nem prestígio (Dt. 34, 1-31).

5 Simeão, e Levi, irmãos, instrumentos duma carnívoros cheia de injustiça.

6 Não permita Deus, que a minha alma tenha alguma parte nos seus conselhos, e que a minha glória dependa de eu me coligar com eles: porque eles assinalaram o seu furor, matando homens; e assinalaram a sua vontade, destruindo muralhas.

7 Maldito o seu furor, porque obstinado; e maldita a sua ira, porque inflexível: eu os dividirei em Jacó, e eu os espalharei em Israel. (4)

8 Judá, teus irmãos te louvarão: a tua mão subjugará as cervizes de teus inimigos; os filhos de teu pai te adorarão.

9 Judá é como um leão ainda novo. Tu te levantas-te, meu filho, para roubares a presa; e quando descansavas estiveste deitado como um leão, e uma leoa: Quem se atreverá a despertá-lo? (5)

10 Não se tirará o ceptro de Judá, nem o príncipe, que proceda dêle, até que venha aquele que deve ser enviado. E este será a expectativa das gentes. (6)

4) **EU OS DIVIDIREI EM JACÓ** — Levi e Simeão foram efetivamente separados em Israel. Levi não teve parte na divisão da Terra Prometida. Simeão não prosperou, teve a árida Negele, ao sul da Palestina, e algumas cidades, disseminadas nas tribos de Judá.

(5) **JUDÁ É COMO UM LEÃO AINDA NOVO** — A expressão hebraica original *gur arie*, correspondente a *Catulus leonis*, indica um leão que ainda não é capaz de agarrar a sua presa, e por isso os comentadores dizem que Jacó queria indicar a força que no futuro teria Judá. Serão precisos séculos para que Judá seja como o Leão terrível. *Il faudra des siècles pour que Juda devienne un lion et une lionne.* Meignam, *Les propheties messianiques.*

(6) **NÃO SE TIRARA O CEPTRÔ** — E' esta a estrofe mais importante de todo este trecho poético, que estamos anotando. O que se deve entender por ceptro, *shebet* em hebreu? Todas as ver-

11 Ele atará o seu jumentinho à vinha; atará, filho meu, a sua jumenta à videira; lavará a sua túnica no vinho, e a sua capa no sangue da uva.

12 Os seus olhos são mais formosos do que o vinho, e os seus dentes mais brancos do que o leite.

13 Zabulon habitará nas ribeiras do mar, e perto do porto dos navios, estendendo-se até Sidônia.

sões concordam na idéia fundamental ligada a esta palavra, e que é a de — poderio — Na versão dos Setenta encontra-se a palavra *akros*; na versão de Symmaco está *elousia*; na de Onkelos lê-se *habens principatum* e socorrendo-nos, para melhor interpretação do texto, dos comentários hebraicos, encontramos no Targum de Jonathan e no de Jerusalém, *malkim*, equivalente a *reges*, *reis*. Todas estas traduções são variantes da mesma idéia. Trata-se pois aqui dum poder supremo, duma autoridade real permanente em Judá e, em uma palavra, duma dinastia. Por conseguinte a primeira parte da profecia consiste em prenunciar a soberania de Judá, soberania que começou em Davi, quando Judá deixou de ser jovem leão, e foi até a uns anos antes de Cristo, Stolberg Hist. de la Religion, 1.º vol., p. 243, advertindo-se, porém, que, já muito antes de Davi a tribo de Judá gozava privilégios de preeminência e uma espécie de principado. Meignan, ob. cit. O ceptro usado naqueles tempos era um bastão alto, que o Rei empunhava nas assembléias públicas. Nas ruínas de Persépolis está representado o Rei Davi, filho de Histaspes, com ceptro.

NEM O PRÍNCIPE — A vulgata traduziu por *dux*, *príncipe*, a palavra hebraica *Mehokek*. Para bem compreendermos o texto é conveniente atender à origem da palavra empregada. Esta deriva do verbo *hakak*, que significa regular, dar leis; portanto *mehokek* deve significar o legislador, o que é inerente ao poder supremo, antes profetizado.

QUE PROCEDE DALE — Assim traduziu o padre Pereira a vulgata *De femore ejus*. No hebreu está *Miben raghelau*, o que à letra “será dentre os pés de Judá”; locução poética que significa que o legislador não se retirará de Judá. Este trecho está escrito em verso; a nota característica da poesia hebraica é o paralelismo, isto é, a correspondência de idéias, o que justifica a tradução: “O

Gênesis 49, 14-17

14 Issacar, como um asno forte, e duro para o trabalho, contém-se dentro dos limites da sua repartição.

15 E vendo que o descanso é bom, e que a sua terra é excelente, submeteu os seus ombros ao pêso, e sujeitou-se a pagar tributos.

16 Dan julgará o seu povo, bem como as outras tribos de Israel.

17 Venha a ser Dan como uma cobra no caminho,

ceptro não sairá de Judá, o legislador não se retirará de Judá".
Cfr. Meignan, *Les propheties Messianiques*.

ATÉ QUE VENHA — A vulgata traduziu por *donec* o hebreu *had-kî*. Várias e contraditórias são as interpretações dadas a esta conjunção. Entendem uns que exprime um termo final, e que Jacó por esta expressão indicava o fim da supremacia de Judá, e que perdida esta nasceria o Messias, vendo nesta passagem uma nota messiânica, isto é, um dado profético para o nascimento do Messias. O mundo seria redimido, o Salvador prometido e desejado viria ao mundo, numa data que coincidiria com a perda da soberania de Judá. Desta opinião é o sr. dr. Bernardo Madureira, ob. cit. Outros, e não menos ortodoxos, como o padre Meignan, entendem que esta expressão "até que" *had-kî*, não supõe um termo final, traduzem desta forma: "A tribo de Judá não cessará de possuir o ceptro, quando aparecer o que deve vir..." e citam o texto *Etnon* (Josefo) *cognoscerebat cum (Mariam) donec peperit filium suum primogenitum*. Meignan alega as seguintes razões: "1.^a Não era conforme a uma profecia de tanta grandeza a predição da perda do ceptro. 2.^a Jacó segue os passos de Abraão e Isaac; transmite, como eles, a seus filhos a bênção, mas não lhes determina a época, nem lhes anuncia quando termina o seu benéfico efeito. 3.^a A opinião contrária estabelece uma opposição entre Judá e o Messias; quando um cai, ergue-se o outro; ora Judá é a figura de Cristo, e Cristo a personificação mais perfeita de Judá, e conclui dizendo: não foi Judá que perdeu o ceptro, foram os judeus incrédulos, que perderam ao mesmo tempo a dominação religiosa e o poder político. Judá verdadeiro, manteve o seu poder, o seu reino não terá fim, e contra ele não prevalecerão as portas do inferno; é Jesus Cristo e a sua Igreja." Ob. cit. pg. 403 e 404.

como uma cerastes na vereda, que morde a unha do cavalo, para o que vai montado nêle cair para trás. (7)

18 Senhor, eu esperarei a salvação, que tu hás de enviar. (8)

AQUELE QUE DEVE SER ENVIADO — O hebreu diz Schiloh. Com razão escreve o Padre Pereira, em nota: "Vocabulo sobremaneira embaraçado, e que dá muito que fazer aos comentadores. "Calmet chama-lhe a cruz dos intérpretes. Disputaram muito sobre a origem desta palavra, quizeram fazer derivá-la de shala, pacificar; outros de enviar, etc. Esta questão, porém, perdeu oportunidade e hoje está fora de discussão, pois está averiguado que Schiloh não é uma palavra, mas a primeira sílaba, o vestígio do relativo hebraico asher-que, simplificação usada freqüentemente na poesia hebraica, com a partícula ló, isto é, o sinal do dativo, e o pronome masculino da terceira pessoa do singular, o que corresponde ao latim quodéi, que concorda com a versão siríaca Is cujus illudest, que S. Efrem explica e completa até que venha aquêlde de quem é o ceptro. E' a opinião do sr. dr. Madureira e de Vigouroux, embora não concordem com ela Meignam, Reinke, Heugstemberg e outros. No que, porém, todos os teólogos católicos, sem exceção, estão de acôrdo, é em que esta expressão se refere ao Messias.

E ESTE SERÁ A EXPECTAÇÃO DAS GENTES — No hebreu está iqhat hamim. A palavra iqhat significa obediência, e com esta significação nos aparece no Salmo 30, 17. A versão de Onkelos diz: et ei obediunt populi "e a êle obedecem os povos". A causa do erro da tradução está na confusão das duas raízes iakah e kahah, gráficamente confundíveis, mormente em textos manuscritos. O que está no original dever-se-á traduzir — os povos lhe obedecerão. Cfr. Meignam, ob. cit.

(7) **UMA CERASTES** — E' uma serpente com uns apêndices na frente; é côr de terra, oculta-se, como a víbora, debaixo de pedras, morde sem ser vista. Em muitos hieroglifos egípcios aparece. O sentido do texto é este: Dan suprirá com a astúcia o que lhe falta em valor. Vigouroux, ob. cit.

(8) **SENHOR EU ESPERAREI A SALVAÇÃO** — E' uma exclamação com que Jacó interrompe o seu discurso: a salvação é o Messias. E é também o estilo dum profeta que à beira do túmulo vê o futuro da sua descendência.

Gênesis 49, 19-27

19 Gad pelejará armado na frente de Israel, e depois tornará a vir coberto das suas armas.

20 O pão de Aser será excelente e os reis acharão nele as suas delícias.

21 Neftali será como um veado, que se escapule; e derramar-se-á a graça sôbre as suas palavras.

22 José vai sempre crescendo, e vai sempre aumentando-se: o seu rosto é formoso, e agradável: e as moças discurrerão por cima do muro.

23 Mas os que estavam armados de dardos, o picaram, e tiveram rixas com êle, e lhe cobraram uma inveja mortal.

24 O seu arco teve-se no forte; e as prisões dos seus braços, e das suas mãos foram rôtas pela mão do Todo Poderoso de Jacó: e dali saiu êle para ser o pastor, e a fôrça de Israel.

25 O Deus de teu pai será a tua ajuda; e o Todo Poderoso te cumulará das bênçãos de lá de cima do céu; das bênçãos do abismo das águas de cá debaixo; das bênçãos dos peitos, e do seio.

26 As bênçãos, que teu pai te dá, excedem as que êle recebeu de seus maiores: e elas durarão até que seja cumprido o desejo dos outeiros eternos. Derramem-se estas bênçãos sôbre a cabeça de José, e sôbre o alto da cabeça daquele, que é como um Nazareno entre seus irmãos.

27 Benjamim será como um lôbo arrebatador; êle pela manhã devorará a prêsa, e à tarde repartirá os despojos. (9)

(9) **BENJAMIM SERÁ COMO UM LOBO** — Fala em sentido metafórico, querendo significar a fôrça que deveriam ter os filhos de Benjamim. Benjamitas eram Saul, Jônatas, Ester, Mardoqueu, S. Paulo.

28 Êstes são os cabeças das doze tribos. Assim é que lhes falou seu pai, e êle abençoou a cada um dêles, dando-lhes as bênçãos, que lhes eram próprias.

29 Deu-lhes também esta ordem, e lhes disse: Eu vou unir-me ao meu povo: Sepultai-me com meus pais na cova dobrada, que está no campo de Efron heteu,

30 que olha para Mambre no país de Canaã, e que Abraão comprou a Efron heteu com todo o campo, onde ela está, para ter nela o seu jazigo.

31 Ali é que sepultaram a Abraão, e a Sara sua mulher: ali é também onde foi sepultado Isaac com a sua mulher Rebeca; e ali jaz também enterrada Lia.

32 Acabadas estas ordens, e instruções, que deu a seus filhos, ajuntou Jacó os seus pés sôbre o leito, e morreu, e foi-se unir ao seu povo.

CAPÍTULO 50

EXÉQUIAS DE JACÓ. MORTE DE JOSÉ.

1 José, vendo que seu pai tinha expirado, lançou-se sôbre o seu rosto, e o beijou, chorando.

2 Mandou aos médicos, que tinha em seu serviço, que embalsamassem o corpo de seu pai. (1)

3 E êles executaram a ordem, que José lhes tinha dado, no que se passaram quarenta dias: porque êste é o costume, empregar-se todo êste tempo em embalsamar os corpos dos mortos. E o Egito chorou a Jacó setenta dias. (2)

(1) **OS MÉDICOS** — Havia no Egito grande número de médicos. São conhecidas as práticas dos embalsamamentos.

(2) **SETENTA DIAS** — Só ao cabo dêste tempo se realizavam os funerais, porque tanto era preciso para a mumificação do cadáver. Os processos de embalsamamento variavam conforme os haveres da

4 Acabado que foi o tempo do nojo, disse José aos oficiais de Faraó: Se eu achei graça diante de vós, rogo-vos, que representeis ao rei,

5 que meu pai me disse: Tu vês que eu morro: promete-me pois com juramento que me hás de sepultar no jazigo, que eu fiz abrir para mim na terra de Canaã. Eu pois irei sepultar meu pai, e tornarei logo.

6 Faraó lhe disse: Vai, e sepulta teu pai, visto ter-te êle obrigado a isso com juramento.

7 E quando José foi, acompanharam-no todos os primeiros oficiais da casa de Faraó, e todos os grandes do Egito, (3)

8 com a casa de José e com todos os seus irmãos, que o seguiram, deixando na terra de Gessen os seus meninos, e todos os seus rebanhos.

9 Teve também José na sua comitiva carruagens, e cavaleiros; de sorte, que se viu nesta função um numero concuro de pessoas.

10 Depois que chegaram à eira de Atad, a qual está situada da banda de além do Jordão, celebraram ali o funeral por sete dias com grandes prantos, e altos gritos.

11 O que tendo visto os habitantes da terra de Canaã, disseram: Grande pranto é êste dos egípcios. Por isso se ficou chamando aquêlê lugar o Pranto do Egito.

família do morto; para os menos abastados consistia apenas numa purificação interior com drogas de pouco preço; os felizes eram imersos em mirra, láudano, e outros custosos perfumes; todos porém ficavam numa solução durante os setenta dias, ao cabo dos quais só restava a pele e o osso. Só então tinham lugar as cerimônias fúnebres.

(3) **TODOS OS PRIMEIROS OFICIAIS** — Era um dever acompanhar o morto à casa da eternidade. Jacó teve todas as honras, exceto as práticas supersticiosas. Vigouroux, ob. cit.

12 Cumpriram pois os filhos de Jacó o que êle lhes tinha mandado:

13 E tendo o levado à terra de Canaã, o sepultaram na caverna dobrada, que Abraão tinha comprado a Efron heteu, com êste campo, que olha para Mambre, para dela fazer o seu jazigo.

14 Tanto que José sepultou seu pai, tornou êle a vir para o Egito com seus irmãos, e tôda a comitiva.

15 Depois da morte de Jacó tiveram mêdo os irmãos de José, e disseram uns para os outros: Poderá José lembrar-se agora da injúria, que padeceu, e tornar-nos todo o mal, que nós lhe fizemos.

16 Mandaram êles pois dizer-lhe: Teu pai antes de morrer ordenou-nos,

17 que da sua parte te disséssemos: Eu te conjuro, que te esqueças do crime de teus irmãos, e daquela negra maldade, que êles usaram contra ti. Nós te suplicamos também, que perdoes esta iniquidade aos servos do Deus de teu pai. José, tendo ouvido estas palavras, chorou.

18 E seus irmãos, tendo-o vindo buscar, se prostraram diante dêle, adorando-o, e lhe disseram: Nós somos teus servos.

19 Aos quais êle respondeu: Não tendes mêdo: Acaso podemos nós resistir à vontade de Deus?

20 Vós intentastes fazer-me mal: Mas Deus trocou êsse mal em bem, para me exaltar a mim, como vós presentemente vêdes, e para salvar a muitos povos.

21 Não temais logo: Eu vos sustentarei a vós, e aos vossos filhinhos. E êle os consolou, falando-lhes com muita brandura, e muito carinho.

22 Assistiu José no Egito com tôda a casa de seu pai, e viveu cem anos. Êle viu os filhos de Efraim até à terceira geração. Maquir, filho de Manassés, também

Gênesis 50, 23-25

teve filhos, que ao nascerem foram recebidos sôbre os joelhos de José.

23 Ao depois disse José a seus irmãos: Deus vos há de visitar depois da minha morte, e vos há de fazer passar desta terra para a que êle jurou que havia de dar a Abraão, a Isaac, e a Jacó.

24 Êle pois os obrigou com juramento, dizendo: Deus vos há de visitar: Transportai então os meus ossos convosco dêste lugar.

25 Depois morreu em idade de cento e dez anos completos, e o seu corpo, tendo sido embalsamado, foi pôsto num caixão no Egito. (1)

(1) FOI PÔSTO NUM CAIXÃO NO EGITO — Assim termina propositadamente Moisés êste livro, para dar aos hebreus a impressão de que a vontade de Jacó não estava cumprida.

NOTA FINAL — Terminou o primeiro livro do Pentateuco, isto é, o primeiro dos cinco livros escritos por Moisés, a que o autor deu o nome de Gênesis, porque conta a origem de tôdas as coisas criadas. Os hebreus chamam a êste livro *Berechitt*, porque esta é a palavra inicial do 1.º capítulo. O Gênesis serve de introdução aos demais livros sagrados e à história do povo de Deus. Podemos dividi-lo em dez seções, precedidas dum preâmbulo, pela seguinte ordem: Preâmbulo: — Criação do mundo, 1; 2, 3. — 1.º História das origens do mundo e da humanidade, 2-4. — 2.º História da descendência de Adão, 5-6, 8. — 3.º História de Noé, 6, 9; 9, 29. — 4.º História dos Filhos de Noé, 10; 11, 9. — 5.º História de Sem, 11, 10-26. — 6.º História de Taré e de Abraão, 11, 27; 25, 11. — 7.º História de Ismael, 25, 12-18. — 8.º História de Isaac, 25, 19; 35. — 9.º História de Esau, 36. — 10.º História de Jacó, 37-50. Por aqui se vê que a redação de Gênesis obedeceu a um plano regular; é um grande quadro genealógico que nos dá notícia de todos os acontecimentos da história primitiva e da história patriarcal, intercalada de fatos e personagens secundários, dos quais dá notícia, mais ou menos circunstanciada, conforme a importância que tiveram na história do povo de Deus.

Ê X O D O

O Êxodo, em hebreu chamado *veelle semoth, eis-aqui os nomes*, em grego *êxodos, saída*, é o segundo livro do Pentateuco, escrito por Moisés; conta-nos o cativeiro dos israelitas no Egito, o jugo dos Faraós, e a libertação pela Providência Divina, que suscitou, no meio do povo escolhido, Moisés; narram-se os milagres que acompanharam o termo da escravidão; a promulgação da lei no Sinai e a construção do tabernáculo.

O Êxodo divide-se em três partes:

PRIMEIRA PARTE

a) *Os acontecimentos que precedem e preparam a saída do Egito*: Compreende os doze primeiros capítulos e subdivide-se assim:

- 1.º Quadro da opressão de Israel, 1 — 2.º História dos primeiros quarenta anos da vida de Moisés, 2 — 3.º Vocação de Moisés e sua volta para o Egito, 3; 4. — 4.º Tentativas inúteis empregadas junto de Faraó para obter a liberdade de Israel, 5; 6 — 5.º Descrição das nove primeiras pragas que não comovem o Faraó. 7-10 — 6.º A décima praga. Instituição da Páscoa, morte dos primogênitos e partida precipitada de Israel, 11; 12, 36.

SEGUNDA PARTE

b) *Saída do Egito* 12, 37; 18. Contém cinco subdivisões:

- 1.º Primeiros acampamentos dos hebreus; prescrições para a Páscoa; santificação dos primogênitos; aparição da coluna de nuvens, 12, 37; 13 — 2.º Passagem do Mar Vermelho, 14; 15, 21 — 3.º Viagem dos israelitas e primeiras estações no deserto; o maná: a água milagrosa, 15, 22; 17, 7 — 4.º Vitória alcançada sobre os Amalecitas, 17, 8-16 — 5.º Visita de Jetro, 18.

TERCEIRA PARTE

c) *Promulgação da lei no Monte Sinai e construção do tabernáculo*: Abrange os capítulos 19-40. Subdivide-se:

- 1.º Conclusão da aliança entre Deus e os hebreus; chegada ao Sinai e preparativos para a promulgação da lei, 19 — 2.º Decálogo, 20 — 3.º Primeiras leis, 21-23, 19 — 4.º Advertências sobre o ingresso na terra do Canaã, 23, 20; 24, 11 — 5.º Prescrições relativas à construção da Arca e do Tabernáculo, 24, 12; 27 — 6.º Prescrições referentes ao sacerdócio, 28-30 — 7.º Vocação de Bezezeel, 31, 1-12 — 8.º A lei de sábado, 31, 12-18 — 9.º A apostasia do povo, adorando o bezerro de ouro; o arrependimento e a oração de Moisés, 32-35. — 10.º Construção do Tabernáculo 35-40.

Por aqui se vê que êste livro é a continuação da história da formação da nacionalidade hebraica, e nêle en-

contramos bem traçada a figura do próprio autor, o grande legislador dos hebreus — Moisés — seu caráter, e a sua obra, obra importantíssima, que seria inexplicável se não recorrermos à intervenção da Providência, como o faz sinceramente o autor sagrado, que coloca sob os nossos olhos a ação de Deus manifestada em favor do seu povo, por tantas, tão variadas e tão evidentes formas.

Ê X O D O

CAPÍTULO 1

CONTA DOS ISRAELITAS, QUE VIERAM PARA O EGITO. NOVO REI DO EGITO, QUE VEXA OS ISRAELITAS. PARTEIRAS DO EGITO GALARDOADAS POR DEUS, POR TEREM SALVADO OS MENINOS DOS HEBREUS.

1 Eis-aqui os nomes dos filhos de Israel, que vieram para o Egito com Jacó, e que nêle entraram cada um com a sua família.

2 Rúben, Simeão, Levi, Judá,

3 Issacar, Zabulon, Benjamim,

4 Dan, Neftali, Gad, e Aser.

5 Todos os que tinham saído de Jacó faziam o número de setenta pessoas: José porém estava no Egito.

6 Depois da morte de José, e da de todos seus irmãos, e de toda esta parentela,

7 cresceram os filhos de Israel, e como uns renovos se multiplicaram, e feitos em extremo fortes, encheram todo o país.

8 Entretanto se levantou no Egito um novo rei, que não conhecia a José, (1)

(1) UM NOVO REI — Este rei pertencia à XIX dinastia. A perseguição, ao que parece começou no reinado de Seti 1.º; continuou com violências sob as ordens de Ramsés 2.º, o Sesóstris dos gregos, e um dos faraós de maior celebridade. A múmia d'este notável monarca foi descoberta no ano de 1881, em Deir-el-Bahari, e conserva-se no museu de Gisé, perto do Cairo.

Êxodo 1, 9-18

9 e que disse ao seu povo: Vós bem vêdes que o povo dos filhos de Israel está muito numeroso, e que é mais forte do que nós.

10 Oprimamo-lo pois com manha, para que não suceda, que êle se multiplique ainda mais; e se sobrevier alguma guerra, se una com os nossos inimigos, e depois de nos vencerem, saiam do Egito.

11 Constituiu pois o rei sôbre êles certos intendentes de obras, a fim de os afligir com carregos: e os israelitas edificaram a Faraó as cidades das Tendas, Fitom, e Ramessés. (2)

12 Mas quanto êle mais os oprimia, tanto os israelitas mais se multiplicavam, e cresciam.

13 Pelo que os egípcios aborreciam os filhos de Israel, e os afligiam com insultos.

14 Faziam-lhes amargosa a vida, ocupando-os no penoso trabalho de acarretarem cal traçada, e tijolo, e constrangendo-os a cultivar-lhes seus campos.

15 Ora o rei do Egito falou às parteiras dos hebreus, das quais uma se chamava Séfora, outra Fua,

16 e lhes deu esta ordem: Quando vós partejardes as mulheres dos hebreus, tanto que a criança nascer, se fôr macho, matai-a; se fôr fêmea, deixai-a viver.

17 Mas as parteiras temeram a Deus, e não fizeram o que o rei do Egito lhes tinha mandado, antes pelo contrário conservaram os meninos machos.

18 O rei, tendo-as mandado vir à sua presença, lhes

(2) **FITOM** — Hoje é Tell-el-Maskuta. Esta povoação foi rodeada por um muro de tijolos compreendendo quatro hectares de terreno. A superfície era ocupada por armazéns, tabernáculo da vulgata. As investigações modernas descobriram importantes vestígios de Fitom. Ramessés devia estar próximo, pois que aí estava o arsenal da terra de Gessen.

disse: Que é isto que vós quisestes fazer, perdando aos meninos machos?

19 Elas lhe responderam: As mulheres dos hebreus não são como as dos egípcios: Porque elas mesmas se sabem partejar, e, antes de nós chegarmos, parem.

20 Galardoou Deus pois estas parteiras, e o Povo foi crescendo, e fortificando-se extraordinariamente.

21 E porque as parteiras temeram a Deus, êle lhes estabeleceu as suas casas. (3)

22 Então pôs Faraó a todo o povo êste preceito: Lançai no rio todo o que nascer macho, e não reserveis senão as fêmeas.

CAPÍTULO 2

NASCIMENTO, E EDUCAÇÃO DE MOISÉS. SERVIÇOS QUE FAZ A SEUS IRMÃOS. SUA FUGIDA PARA MADIAN. SEU CASAMENTO COM SÉFORA. CLAMOR DOS ISRAELITAS AO SENHOR.

1 Algum tempo depois um homem da tribo de Levi casou com uma mulher da sua estirpe. (1)

2 Esta mulher concebeu, e deu à luz um filho; e vendo que o menino era de belo parecer, teve-o escondido três meses.

3 Como porém não pudesse por mais tempo ter esta coisa encoberta, tomou um cestinho de junco, barrou-o de betume, e de pez, meteu nêle o menino, e expô-lo nuns canaviais, que estavam na ribanceira do rio;

(3) **LHES ESTABELECEU AS SUAS CASAS** — S. Agostinho interpreta êste lugar da seguinte forma: Deus concedeu-lhe a prosperidade e uma numerosa família. S. Agostinho, *Contra mendacium*, 15, ss.

(1) **DA TRIBO DE LEVI** — Pertencia à família de Caat, a mais notável da tribo de Levi. Ex 6, 18.

Exodo 2, 4-9

4 ficando uma irmã do menino a observar de longe o que depois sucedia.

5 Neste tempo veio a filha do Faraó banhar-se no rio, acompanhada das suas damas, que caminhavam ao longo da borda da água. E como desse com os olhos no cestinho entre as canas, mandou a uma delas que lho trouxesse. (2)

6 Trazido que foi, abriu-o, e achou dentro um menino chorando. Do que compadecida disse: Este é algum dos meninos dos hebreus.

7 Então chegando-se a irmã do menino, disse para a princesa: E' vossa alteza servida, que eu vá buscar alguma mulher dos hebreus, que crie este menino?

8 Disse-lhe ela: Vai. Partiu pois a moça, e fez que viesse sua mãe.

9 A filha de Faraó lhe falou, e disse: Toma este menino, e cria-mo, que eu te pagarei este trabalho. Tomou a mãe o menino, criou-o e depois de grande tornou-o a dar à filha de Faraó, (3)

(2) **A FILHA DE FARAÓ** — A tradição judaica conservou-lhe o nome Termoutis, provavelmente filha de Seti 1.º pai de Ramsés 2.º. Os monumentos egípcios mencionam uma mulher de Ramsés chamada Termut. Será a mesma? Entendem alguns críticos que sim, baseando-se no costume egípcio de casarem os irmãos com as irmãs, para que se conservasse o sangue divino na família real.

A BANHAR-SE NO RIO — Uso muito comum no Egito.

NO CESTINHO — No hebreu está *tebah*, que corresponde ao termo egípcio *tba* que significa cofre ou berço. Há neste livro e nos restantes do Pentateuco muitas palavras semelhantes às egípcias, e que nos mostram como o autor conhecia as duas línguas.

(3) **TOMA ESTE MENINO** — Se Moisés tivesse sido criado por uma ama egípcia, na corte de Faraó, seria educado nos costumes e doutrinas da corte, perderia a crença no verdadeiro Deus e o amor às tradições do seu povo.

10 a qual o adotou por seu filho, e lhe pôs o nome de Moisés, dizendo: Porque eu o tirei da água. (4)

11 Neste tempo, sendo Moisés já homem, foi êle ver seus irmãos. Observou a aflição, em que êles estavam, e viu que um hebreu era ultrajado por um egípcio.

12 Então olhando para tôdas as partes, e vendo que não estava por ali ninguém, matou ao egípcio, e o escondeu na areia.

13 Ao outro dia achou dois hebreus bulhando, e disse ao que fazia o ultraje: Por que dás tu em teu irmão?

14 Respondeu êle: Quem te constituiu a ti nosso príncipe, e nosso juiz? Acaso queres-me tu matar, como mataste ao egípcio? Teve Moisés mêdo, e disse: Como se descobriu isto?

15 Faraó tendo notícia do caso, procurava matar a Moisés; mas êste, fugindo de diante dêle, se retirou para a terra de Madian, e se assentou junto a um poço. (5)

16 Ora em Madian havia um sacerdote, que tinha sete filhas, as quais, tendo vindo a tirar água, depois de terem enchido os canos, queriam dar de beber aos rebânhos de seu pai.

17 Mas uns pastôres, que sobrevieram, as lançaram para fora. Então Moisés levantando-se, e pondo-se em defesa das moças, deu de beber às suas ovelhas.

(4) **PÓS O NOME DE MOISÉS** — Modernamente os egíptólogos sustentam que Moisés deriva de mesu, menino, e que êste nome era vulgar no Egito; encontrou-se uma estátua da XIX dinastia, que trazia o nome de Amen-mesu. Porém, nada disto obsta a que possa vir também de musches, que significa tirado da água, segundo a interpretação tradicional.

(5) **E SE RETIROU PARA MADIAN** — Retirou-se para êste país porque nêle não tinha que recear o Faraó, e ao mesmo tempo por meio das caravanas que faziam o comércio entre a Ásia e o Egito, ali podia ter conhecimento de tudo quanto se passava no vale do Nilo.

Êxodo 2, 18-25; 3, 1

18 Quando elas voltaram para casa de Raguel seu pai, disse-lhe êste: Por que viestes vós mais cêdo do costumado?

19 Elas lhe responderam: Um egípcio nos livrou da violência dos pastôres; e além disto tirou água conosco, e deu de beber às ovelhas.

20 Onde está êle? disse o pai. Pôr que deixastes vós ir êsse homem? Chamai-o, para que coma.

21 Jurou pois Moisés que ficaria com êle. E depois casou com sua filha Séfora.

22 E ela lhe pariu um filho, a quem êle pôs o nome de Gersão, dizendo: Eu fui viandante numa terra estrangeira. Pariu ela ainda outro filho, e êle o chamou Eliezer, dizendo: O Deus de meu pai, que é o meu socorro, me livrou da mão de Faraó.

23 Muito depois morreu o rei do Egito: e os filhos de Israel gemendo debaixo do pêso das obras, que os oprimia, clamaram: e o clamor, que o excesso dos seus trabalhos lhes fazia levantar, chegou a Deus.

24 Ouviu êle os seus gemidos, e lembrou-se do pacto, que tinha feito com Abraão, Isaac, e Jacó.

25 E o Senhor olhou para os filhos de Israel, e êle os conheceu.

CAPÍTULO 3

APARECE DEUS A MOISÉS. ENVIA-O AO EGITO PARA TIRAR DE LÁ OS HEBREUS. DECLARA-LHE QUAL É O NOME, DEBAIXO DO QUAL QUER ÊLE SER CONHECIDO.

1 Entretanto Moisés apascentava as ovelhas de Jetro, seu sogro, que era sacerdote em Madian. E um dia que êle tinha levado o gado para o interior do deserto, veio ao monte de Deus Horeb. (1)

(1) **JETRO** — Têm divergido os intérpretes por causa dêste

2 E o Senhor lhe apareceu numa chama de fogo, que saía do meio duma sarça; e Moisés via que a sarça ardia sem se consumir.

3 Disse pois Moisés: E' necessário que eu vá reconhecer esta grande maravilha, que estou vendo, e por que causa se não consome a sarça.

4 Mas o Senhor vendo-o vir a examinar o que via, chamou-o do meio da sarça, e lhe disse: Moisés, Moisés. Êle lhe respondeu: aqui estou.

5 E Deus continuou a dizer: Não te chegues para cá: tira os sapatos de teus pés, porque êste lugar, em que estás, é uma terra santa. (2)

6 E disse mais: Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abrão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó. Moisés cobriu o seu rosto, porque não ousava olhar para Deus. (3)

7 E o Senhor lhe disse: Eu vi a aflicção do meu po-

nome, porque no v. 18 é chamado Raguel; nos Números apparece-nos o nome de Hobab. Esta contradição aparente foi resolvida por várias formas, sustentando o maior número que eram três nomes diferentes da mesma pessoa, o que não é impossível. Os modernos exegetas como Vigouroux, sustentam que Raguel é o pai de Jetro, e Hobab filho ou genro dêste último e cunhado de Moisés. Jetro e Hobab são chamados hoten de Moisés, denominação vaga que pode significar sogro e cunhado. Raguel é designado ab, pai de Séfora, mas não se diz em parte alguma que fôsse sogro de Moisés; e como a palavra ab tanto significa pai como avô, tudo leva a crer que fôsse o chefe de família, avô de Séfora e pai de Jetro, que era o sogro do legislador dos hebreus. Cfr. Vigouroux, ob. cit.

HOREB — Etimologicamente significa terra sêca; hoje segundo tôda a probabilidade Aribeh, pico vizinho do convento de S. Catarina do Monte Sinai.

(2) **TIRA OS SAPATOS DOS TEUS PÉS** — Ainda hoje é sinal de respeito no Oriente.

(3) **EU SOU O DEUS DE ABRAÃO** — Esta expressão liga o Êxodo ao Gênesis. Deus renova na posteridade de Abraão, de Isaac

Exodo 3, 8-14

vo no Egito: ouvi o clamor, que êle levanta, pôr câusã da crueza daqueles, que têm a intendência das obras.

8 E sabendo qual é a sua dor, desci para o livrar das mãos dos egípcios, e para o fazer passar desta terra para outra terra boa, e espaçosa; para uma terra, onde correm arroios de leite, e de mel; para o país dos cananeus dos heteus, dos amorreus, dos fereus, dos heveus, e dos jebuseus.

9 O clamor pois dos filhos de Israel chegou a mim: eu vi a sua aflição, e de que modo êles são oprimidos pelos egípcios.

10 Mas vem tu, e eu te enviarei a Faraó, para fazeres sair do Egito os filhos de Israel, meu povo.

11 Disse Moisés a Deus: Quem sou eu, que vá a Faraó, e faça sair do Egito os filhos de Israel?

12 Deus lhe respondeu: Eu serei contigo: e eis-aqui o sinal, que te dou, para tu conheceres, que eu fui o que te mandei. Depois que tu tiveres tirado o meu povo do Egito, tu oferecerás a Deus um sacrificio em cima dês-te monte.

13 Moisés disse a Deus: Visto isto, irei eu ter com os filhos de Israel, e lhes direi: O Deus de vossos pais me enviou a vós. Mas se êles me disserem: Que nome é o seu? que lhes hei eu de responder?

14 Disse Deus a Moisés: Eu sou aquêlê, que sou. Eis-aqui, prosseguiu êle, o que tu hás dizer aos filhos de Israel: Aquêlê, que é, me enviou a vós. (4)

e de Jacó as promessas feitas a seus antepassados; Moisés tem o cuidado de as repetir para manter a confiança no ânimo do povo, e incutir-lhe coragem para as provações do deserto.

(4) **AQUELE QUE É** — Está aqui indicado o nome Deus, que se pronuncia vulgarmente Jeová, mas não é a pronúncia verdadeira desta palavra. Os hebreus não pronunciavam nunca o nome do Senhor; substituíram-no por Adonai. Mais tarde, quando se fêz

15 Mais disse Deus ainda a Moisés: Dirás aos filhos de Israel: O Senhor Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó me enviou a vós. Êste será o meu nome por tôda a eternidade, e debaixo dêste nome é que eu serei lembrado no decurso de tôdas as gerações.

16 Vai pois, ajunta os anciãos de Israel, e dizelhes: O Senhor Deus de vossos pais me apareceu. O Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó me disse: Eu vim visitar-vos, e eu vi tudo o que vos tem sucedido no Egito:

17 e eu resolvi tirar-vos da opressão dos egípcios, e fazer-vos passar para o país dos cananeus, dos heteus, dos amorreus, dos fereus, dos heveus, dos jebuseus: para uma terra, onde correm arroios de leite, e de mel.

18 Êles ouvirão a tua voz, e tu com os anciãos de Israel irás ao rei do Egito, e lhe dirás: O Senhor Deus dos hebreus nos chamou. Por isso somos obrigados a fazer uma caminhada de três dias ao deserto, para lá sacrificarmos ao Senhor nosso Deus.

19 Mas eu sei que o rei do Egito vos não há de deixar ir, se êle não fôr tocado duma mão forte. (5)

20 Eu pois estenderei a minha mão, e ferirei o Egito com tôda a sorte de prodígios, que obrarei no meio dêles; e depois disto êle vos largará.

21 Eu farei que êste povo ache graça no espírito

a pontuação do texto sagrado, os massoretas conformaram-se com o uso da sua nação, e puseram as consoantes dêste nome com as vogais de Adonai. A verdadeira pronúncia é Iahvéh Cfr. Strak, *Grammaire hebraïque*.

(5) **O REI DO EGITO** — Êste rei era Meneftá 1.º, décimo terceiro filho de Ramsés 2.º, que lhe sucedeu pela morte dos outros doze seus irmãos. Nos monumentos egípcios encontram-se várias referências a êste perseguidor dos hebreus.

dos egípcios; e quando vós sairdes, não será com as mãos vazias.

22 Mas cada mulher pedirá à sua vizinha, e à sua hóspeda vasos de ouro e de prata, e vestidos. Com êles vestireis vós vossos filhos e vossas filhas, e assim deixareis despojados os egípcios.

CAPÍTULO 4

MILAGRES, QUE DEUS FAZ A FAVOR DE MOISÉS. TORNA MOISÉS PARA O EGITO. CIRCUNCISÃO DE SEU FILHO. AARÃO SE LHE AJUNTA.

1 Moisés respondeu a Deus: Êles me não darão crédito, nem ouvirão a minha voz, mas dirão: O Senhor não te apareceu.

2 Disse-lhe pois Deus: Que é o que tu tens na tua mão? Uma vara, lhe respondeu êle. (1)

3 Continuou o Senhor: Deita-a em terra. Moisés a deitou, e ela se converteu em serpente, de sorte que Moisés fugiu.

4 Disse-lhe mais o Senhor: Estende a tua mão, e pega-lhe pela cauda. Estendeu êle a mão, e pegou-lhe, e no mesmo ponto se converteu ela em vara.

5 Isto é, acrescentou o Senhor, para que êles creiam que te apareceu o Senhor Deus de teus pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, e o Deus de Jacó.

6 Ainda mais lhe disse o Senhor: Mete a tua mão no teu seio. E tendo-a metido no seio, tirou-a cheia duma lepra branca, como a neve. (2)

(1) **UMA VARA** — Pelos dados fornecidos pela egiptologia sabemos que tôdas as pessoas de distinção usavam uma vara; assim as representam os mais célebres monumentos.

(2) **LEPRA BRANCA** — Segundo atesta Celso, esta era a lepra mais comum entre os hebreus e a mais fácil de curar.

7 Torna a meter, disse o Senhor, a tua mão no teu seio. Tornou-a êle a meter, e tirou-a tôda semelhante ao mais do seu corpo.

8 Se êles te não crerem, disse o Senhor, e se não ouvirem a voz do primeiro milagre, ouvirão a do segundo.

9 Se ainda a êstes dois milagres não crerem, e não ouvirem a tua voz, toma uma pouca d'água do rio, e derrama-a sôbre a terra: e tudo o que tirardes do rio se converterá em sangue.

10 Então disse Moisés ao Senhor: Senhor, peço-te que atendas que eu nunca tive facilidade de falar; e que depois que tu me começaste a falar, ainda eu tenho a língua mais embaraçada, e mais tarda.

11 O Senhor lhe respondeu: Quem fêz a bôca do homem? Quem formou o mudo, e o surdo, o que vê, e o que é cego? Não fui eu?

12 Vai pois, e eu serei na tua bôca, e te ensinarei o que hás de falar.

13 Rogo-te, Senhor, replicou Moisés, que envies aquêle, que deves enviar.

14 Irou-se o Senhor contra Moisés, e disse-lhe: Eu sei que Aarão teu irmão, filho de Levi, é eloqüente: êle te sairá ao encontro, e quando te vir, alegrar-se-á no seu coração. (3)

15 Fala-lhe, e põe as minhas palavras na sua bôca: eu serei na tua bôca, e na dêle: e eu vos mostrarei o que deveis fazer.

(3) **IROU-SE O SENHOR.** — Ainda que estas palavras sejam escritas em sentido metafórico, como no Gên 6, 8, contudo indicam que a conduta de Moisés não foi louvável, pois que deixa entrever uma tal ou qual falta de confiança nas promessas divinas. E só êle seria capaz de escrever isto da sua própria pessoa. Alguns Santos Padres — como S. Basílio, e S. Gregório Magno, — têm o procedi-

Êxodo 4, 16-25

16 Êle falará por ti ao povo, e será a tua bôca: e tu dirigi-lo-ás em tudo aquilo, que diz respeito a Deus.

17 Toma também na tua mão esta vara, que será o instrumento, com que tu farás tôdas estas maravilhas.

18 Partiu pois dali Moisés, e voltou para casa de Jetro, seu sogro, e disse-lhe: Eu torno outra vez para meus irmãos ao Egito, a ver se êles ainda são vivos. Jetro lhe disse: Vai em paz.

19 Ora o Senhor disse a Moisés, quando ainda estava em Madian: Vai, torna para o Egito; porque são mortos todos aquêles, que te queriam tirar a vida.

20 Moisés pois tomou sua mulher, e seus filhos, montou-os em cima de um jumento, e tornou para o Egito, levando na sua mão a vara de Deus.

21 E quando êle ia no caminho para o Egito, o Senhor lhe disse: Vê que não faltes a fazer diante de Faraó todos os prodígios, que eu te dei poder de obrar. Eu endurecerei o seu coração, e êle não quererá deixar sair o povo.

22 Tu pois lhe falarás desta sorte: Eis aqui o que diz o Senhor: Israel é meu filho primogênito.

23 Eu te ordenei, que deixasses sair meu filho, para que êle me sirva; e tu não quiseste deixá-lo sair. Pois sabe que também eu matarei teu filho primogênito.

24 Quando Moisés ia no caminho, o Senhor se lhe fêz enconstradição numa estalagem, e queria matá-lo.

25 Mas Séfora, tomando sem demora uma pedra muito aguda, circuncidou com ela o prepúcio de seu fi-

mento de Moisés como prova de modéstia e de prudência. Os mordermos exegetas não aceitam esta opinião, porque então Deus, que prescruta os corações, não censuraria Moisés, antes louvaria as suas boas intenções.

lho; e tocando os pés de Moisés, disse: Tu és para mim um espôso de sangue.

26 Então deixou o Senhor a Moisés, depois de Séfora lhe ter dito por causa da circuncisão: Tu és para mim um espôso de sangue.

27 Entretanto disse o Senhor a Aarão: Vai encontrar-te com Moisés no deserto. Partiu Aarão a encontrar-se com êle no monte de Deus, e o beijou.

28 Então contou Moisés a Aarão tôdas as palavras, com que o Senhor o tinha enviado, e os prodígios que lhe mandara que fizesse,

29 e tendo chegado ambos juntos, congregaram todos os anciãos dos filhos de Israel.

30 E Aarão expôs tôdas as palavras, que o Senhor tinha dito a Moisés e fêz milagres diante do povo:

31 Pelo que o povo lhes deu crédito. E êles conheceram bem que o Senhor tinha visitado os filhos de Israel, e tinha olhado para a sua aflição: e prostrados por terra o adoraram.

CAPÍTULO 5

MOISÉS E AARÃO SE APRESENTAM DIANTE DE FARAÓ. ÊSTE OPRIME DE NOVOS TRABALHOS OS ISRAELITAS. QUEIXAS DOS ISRAELITAS CONTRA MOISÉS E AARÃO.

1 Passado isto, Moisés e Aarão foram ter com Faraó e lhe disseram: Eis aqui o que diz o Senhor Deus de Israel: Deixa ir o meu povo, para que êle me sacrifique no deserto. (1)

(1) **MOISÉS E AARÃO** — Os fatos narrados neste e nos seguintes capítulos passaram-se em Tanis, no Baixo Egito (Sl 77, 12-43). Esta cidade estava na margem direita do braço do Nilo, que tomava o seu nome.

Êxodo 5, 2-9

2 Mas Faraó respondeu: Quem é o Senhor, para eu estar obrigado a ouvir a sua voz, e a deixar sair Israel? Eu não conheço êsse Senhor, e não deixarei sair Israel.

3 Prosseguiram êles, e lhes disseram: O Deus dos hebreus nos ordenou, que fôssemos caminho de três jornadas ao deserto a sacrificar ao Senhor nosso Deus, para que não suceda sermos feridos da peste, ou da espada.

4 O rei do Egito lhes respondeu: Moisés e Aarão, por que retraís vós o povo das suas obras? Ide ao vosso trabalho.

5 Disse mais Faraó: Êste povo tem-se multiplicado muito: vós bem vêdes que a turba cada vez é maior. Que será, se vós a aliviardes qualquer coisa do seu trabalho?

6 Naquele dia, pois, deu o rei esta ordem aos intendententes das obras, e aos exatores do povo e lhes disse:

7 Não torneis a dar palha, como antes, a êste povo para fazer tijolo: mas sejam êles mesmos os que a vão buscar. (2)

8 E não deixeis de os executar pela mesma quantidade de tijolo, que êles davam antes, sem lhes diminuir nada. Porque êles não têm que fazer, e por isso gritam, dizendo: Vamos sacrificar ao nosso Deus.

9 Carregai-os de trabalho; e êles que ponham para

(2) **PARA FAZER TIJOLO** — Por uma pintura do túmulo de Recamara em Gourná, perto de Tebas, conhecemos as diferentes fases da fabricação do tijolo. Vêem-se os estrangeiros, que são os cativos tomados por Sua Majestade para a construção do templo de seu pai Amon, segundo se lê na inscrição, ocupados uns a extrair a terra, outros a tirar água, outros a amassar argila, outros a colocar os tijolos nos moldes de madeira, enquanto que os egípcios armados de varas os vigiavam e os obrigavam ao acabamento rápido da obra.

ali tudo o que se lhes pedir, para que não dêem ouvidos a palavras mentirosas.

10 Então foram os intendentess das obras, e os exatoress do povo, e disseram: Eis aqui a ordem de Faraó: eu não vos torno a dar palha.

11 Ide vós mesmos buscá-la onde quer que fôr, e ainda assim eu não diminuirei nada das vossas obras.

12 Espalhou-se pois o povo por todo o Egito a ajuntar palha.

13 E os que tinham a intendência das obras instavam com êles, dizendo: Dai todos os dias a mesma quantidade de tijolo, que costumáveis dar, quando se vos punha pronta a palha.

14 Aquêles pois dentre os hebreus, que estavam encarregados das obras dos filhos de Israel, foram açoutados pelos exatoress de Faraó, e êstes diziam: Por que não destes vós nem ontem, nem hoje a mesma quantidade de tijolo, que dáveis antes?

15 Então êstes hebreus, que estavam encarregados de fazer trabalhar os filhos de Israel, vieram ter com Faraó, e lhes disseram: Por que maltratas tu assim os teus servos?

16 A nós já se nos não dá a palha, e ainda assim manda-se que demos o mesmo número de tijolo, que antes. Eis aqui somos açoutados, nós, que somos teus servos, e injustamente é atormentado o teu povo. (3)

17 Faraó lhes respondeu: Vós estais ociosos, e isto é o que vos faz dizer: Vamos sacrificar ao Senhor.

18 Ide pois, e trabalhai: não se vos há de dar palha,

(3) **EIS AQUI SOMOS AÇOUTADOS** — A bastonada era tão freqüente como cruel no Egito, e encontra-se freqüentemente insculpada nos monumentos da antiguidade.

Exodo 5, 19-23; 6, 1

e vós cada dia haveis de pôr pronta a mesma quantidade de tijolo.

19 Assim os que dentre os hebreus estavam incumbidos das obras dos filhos de Israel, se viram postos na maior extremidade, por causa de que se lhes não queria diminuir nada do número do tijolo, que haviam de dar cada dia.

20 E vindo ter com Moisés, e Aarão, que estavam perto dali esperando, que êles saíssem da presença de Faraó, lhes disseram:

21 O Senhor veja, e êle julgue entre nós, e vós: porque vós nos pusestes em mau cheiro diante de Faraó, e diante de seus servos; e vós lhe metestes a espada na mão para nos matar.

22 Moisés, tornando-se a voltar para o Senhor, lhe disse: Senhor, por que afligiste tu êste povo? por que me enviaste?

23 Pois desde que eu me apresentei a Faraó, para lhe falar em teu nome, êle atormentou o teu povo, e tu não o livraste. (4)

CAPÍTULO 6

TORNA DEUS A ASSEGURAR MOISÉS, E CONSOLA OS ISRAELITAS. GENEALOGIA DE LEVI.

1 O Senhor disse a Moisés: Agora verás tu o que eu vou a fazer a Faraó: porque eu o constrangerei com a força da minha mão a deixar ir os israelitas; e minha

(4) **ATORMENTOU O TEU POVO** — Em 1895, no mês de dezembro, achou-se em Tebas uma inscrição alusiva a esta perseguição de Meneftá. Coisa notável, os hebreus são designados neste monumento pelo seu nome de israelitas. Por aí se vê que a intenção de Meneftá era aniquilar no Egito os filhos de Israel, pois diz claramente que êles não terão posteridade.

mão poderosa o obrigará a ser êle mesmo quem os faça sair.

2 Continuou o Senhor a falar a Moisés, dizendo-lhe: Eu sou o Senhor,

3 que apareci a Abraão, Isaac, e Jacó, como o Deus todo poderoso: mas eu não lhes declarei o meu nome Adonai. (1)

4 Eu fiz pacto com êles de lhes dar a terra de Canaã, terra, em que êles moraram como viandantes, e forasteiros.

5 Agora ouvi eu os gemidos dos filhos de Israel; vi os trabalhos, com que os egípcios os oprimem; e lembrei-me do meu pacto.

6 Por isso dize tu aos filhos de Israel: Eu sou o Senhor, que vos hei de tirar da prisão dos egípcios; que vos hei de livrar da servidão, e que vos hei de resgatar na força do meu braço, e na severidade dos meus juízos.

7 Eu vos tomarei por meu povo, e serei o vosso Deus: e vós sabereis que eu sou o Senhor vosso Deus, depois que eu vos tiver tirado da prisão dos egípcios;

8 e depois que vos tiver introduzido na terra, sobre a qual levantei a mão para a dar a Abraão, Isaac, e Jacó, porque eu vo-la darei, e vos meterei de posse dela, eu o Senhor. (2)

(1) O MEU NOME ADONAI — Não quis Moisés dizer que os anteriores patriarcas tivessem ignorado o nome de Deus; não conheceram porém toda a sua Onipotência, porque não tiveram ocasião de ver o cumprimento das promessas feitas nesse divino nome.

(2) SOBRE A QUAL LEVANTEI A MÃO PARA A DAR — Quer dizer — que eu jurei dar; preferimos traduzir com Glaire (*La Sainte Bible traduite*), à letra, a vulgata "Super quam levavi manum meam", que corresponde ao texto hebraico, afastando-nos assim um pouco da tradução do padre Figueiredo, que verteu "que eu jurei dar", que é o sentido da frase original, pois que levantar a mão era uma cerimônia usual nos juramentos, como êle mesmo adverte.

Exodo 6, 9-18

9 Referiu logo Moisés tudo isto aos filhos de Israel: mas eles não lhe deram crédito, por causa da sua extrema aflição, e do excesso dos trabalhos, de que eles se achavam carregados.

10 Depois falou o Senhor a Moisés, e lhe disse:

11 Vai ter com Faraó, rei do Egito, e fala-lhe, que deixe sair os filhos de Israel da sua terra.

12 Moisés respondeu ao Senhor: Tu bem vês que os filhos de Israel me não ouviram: como logo me ouvirá Faraó, principalmente sendo eu, como sou, incircuncidado dos lábios? (3)

13 E isto é o que o Senhor disse a Moisés, e a Aarão, quando lhes deu ordem que fôsem ter com os filhos de Israel, e com Faraó, rei do Egito, para fazerem sair do Egito os filhos de Israel.

14 Eis aqui os nomes dos príncipes das casas, segundo a ordem das suas famílias. Filhos de Rúben, primogênito de Israel, foram Enoc, Falu, Efron, e Carni. Estas são as famílias de Rúben.

15 Filhos de Simeão foram Jamuel, Jamin, Aod, Jaquim, Soar, e Saul, que era filho duma cananéia. Estas são as famílias de Simeão.

16 Eis aqui os nomes dos filhos de Levi, e os das suas famílias: Gérson, Caat e Mérari. O tempo, que viveu Levi, foram cento e trinta e sete anos.

17 Filhos de Gérson foram Lobni, e Semei, que cada um teve sua família.

18 Filhos de Caat foram Amrão, Isaar, Hebron,

(3) **INCIRCUNCIDADO DOS LÁBIOS** — Na Sagrada Escritura encontram-se expressões análogas a esta; por exemplo a alma incircuncisa. — (Lev 26, 41) — ouvidos incircuncidados (Jer 6, 10). Por esta incircuncisão deve-se entender uma imperfeição, uma indisposição física ou moral.

e Oziel. O tempo da vida de Caat foram cento e trinta e três anos.

19 Filhos de Mérari foram Mooli, e Musi. Êstes são os filhos, que saíram de Levi, cada um na sua família.

20 Ora Amrão tomou por mulher a Jacobed, filha de seu tio paterno, da qual êle teve Aarão, e Moisés. E o tempo, que Amrão viveu, foram cento e trinta e sete anos.

21 Filhos de Isaac foram Coré, Nefeg, e Zetri.

22 Filhos de Oziel foram Mosael, Eliasafan e Setri.

23 Aarão tomou por mulher a Isabel, filha de Aminadab, e irmã de Naasson, da qual êle teve Nadab, Abiu, Eleazar e Itamar.

24 Filhos de Coré foram Aser, Elcana, e Abiasaef. Estas são as famílias, que saíram de Coré.

25 Eleazar, filho de Aarão, tomou por mulher uma das filhas de Futiel, de que êle teve Fineas. Êstes são os chefes das famílias de Levi, que tiveram cada um sua casa.

26 Dêste número são Aarão, e Moisés, aquêles, a quem o Senhor mandou, que fizessem sair do Egito os filhos de Israel, cada um na sua turma.

27 Aquêles também, que falaram a Faraó, rei do Egito, para fazerem sair do Egito os filhos de Israel. Moisés, e Aarão, digo, foram os que lhe falaram,

28 quando o Senhor deu as suas ordens a Moisés no Egito.

29 Porque o Senhor falou a Moisés, e lhe disse: Eu sou o Senhor. Dize a Faraó, rei do Egito, tudo o que eu mando que lhe digas.

30 E Moisés respondeu ao Senhor: Tu bem vês que eu sou incircuncidado dos lábios: Como logo me ouvirá Faraó?

CAPÍTULO 7

A VARA DE AARÃO CONVERTIDA EM SERPENTE. OBDURAÇÃO DE FARAÓ. PRIMEIRA PRAGA, AS ÁGUAS CONVERTIDAS EM SANGUE.

1 Então disse o Senhor a Moisés: Eis-aí te constituo eu Deus de Faraó: E Aarão teu irmão será o teu profeta.

2 Tu pois dirás a Aarão tudo o que eu te mandei que lhe disseses: e Aarão falará a Faraó, que deixe sair os filhos de Israel da sua terra.

3 Mas eu endurecerei o seu coração, e assinalarei o meu poder no Egito, com um grande número de prodígios, e de maravilhas. (1)

(1) **PRODÍGIOS E MARAVILHAS** — Alusão aos fatos subseqüentes, que tão notáveis foram, e que são conhecidos pelo nome de pragas do Egito. Antes de entrar na análise do texto referente a essas pragas, convém fazer umas considerações gerais, que expliquem o sentido destas palavras. Os modernos exegetas reconhecem que a maior parte desses prodígios, considerados em si mesmos, são fenômenos naturais, porém são miraculosos por causa das circunstâncias em que se realizaram. O caráter sobrenatural destes prodígios não está nos flagelos, mas na maneira por que eles se deram. (Vigouroux, *La Bible et les découvertes modernes*, pág. 308.) Glaire é da mesma opinião, e diz que o fato desses fenômenos serem conhecidos já pelos egípcios, servia para que ficassem mais impressionados, por isso que eram notórios os seus efeitos, o que não sucedia com um fenômeno desconhecido, cuja importância e perigo não soubessem avaliar. E' por estes males indígenas que importava ferir o Faraó "C'est donc par des maux pour ainsi dire indigènes qu'il importait de frapper Pharaon". (Glaire, *Les livres saints vengés*, pag. 355), que anteriormente, pag. 354, tinha dito que, considerados estes prodígios em si mesmos, abstraindo das circunstâncias em que tiveram lugar, poderiam parecer efeitos puramente naturais; mas, tendo em vista as circunstâncias anteriores, concomitantes e subseqüentes, terão de ser considerados como verdadeiros milagres. Esta

4 Ele não vos há de ouvir: Mas eu estenderei a minha mão sobre o Egito; e depois de lhe ter mostrado a severidade dos meus juízos, farei sair o meu exército, e o meu povo.

5 E saberão os egípcios que eu sou o Senhor, que estendi a minha mão sobre o Egito, e que fiz sair do meio deles os filhos de Israel. (2)

6 Moisés pois, e Aarão se houveram conforme as

opinião é também sustentada por H. Zschokke, (*Historia sacra antiqui testamenti*), e está de acôrdo com a teoria dos milagres de S. Tomás, que estabelece três graus a saber: *supra naturam*, *contra naturam* e *praeter naturam*. "*Praeter naturam dicitur Deus facere, quando producit effectum quem naturam producere potest, illo tamen modo quo natura producere non potest, vel quia deficiunt instrumenta quibus natura operatur... vel quia est in opere major multitudo quam natura facere consuevit, sicut patet de ranis quae sunt productae in Aegypto. Quaestiones disputatae. De Miraculis, a 2.º ad 3.º Veneza*". Diz o Angélico Doutor: "Deus opera milagres quando produz um efeito que a natureza pode produzir, mas por modo diverso daquele que a natureza produz, e que ela não pode conseguir, ou porque lhe faltem os costumados meios, ou porque o efeito exceda as forças naturais, como se vê na praga das rãs do Egito." As circunstâncias que revelam manifestamente a intervenção sobrenatural, são: a oportunidade e ocasião em que esses fatos tiveram lugar, com uma precisão e intensidade rigorosas; começam por ordem de Moisés, quando ele o predisse; terminam quando ele mesmo o ordena, e algumas vêzes, no momento que foi fixado pelo Faraó; o país de Gessen não é atingido pelos flagelos; por isso os egípcios reconheceram sempre o caráter extraordinário destes prodígios, que são verdadeiros milagres.

(2) **E SABERAO OS EGIPCIO** QUE EU SOU O SENHOR — Estes milagres tinham um fim digno da Divindade, a libertação dos hebreus, para que estes formassem uma nação com leis justas, adorando sempre o Verdadeiro Deus, cujo desígnio era resgatar o gênero humano, desígnio anunciado aos nossos primeiros pais, e realizado pela vinda do Messias. Cf. Janssens *Introduction a l'Ecriture Sainte*.

Exodo 7, 7-12

ordens, que tinham recebido do Senhor: E eis-aqui o que elles fizeram.

7 Moisés tinha oitenta anos, e Aarão oitenta e três, quando falaram a Faraó.

8 E o Senhor disse a Moisés, e a Aarão:

9 Quando Faraó vos disser, fazei alguns prodígios, dirás tu a Aarão: Pega na tua vara, e põe-na diante de Faraó, e ela se converterá em serpente.

10 Tendo pois entrado Moisés, e Aarão a Faraó, conforme o Senhor lhes havia ordenado, lançou Aarão a sua vara diante de Faraó, e dos seus servos, e ela se converteu em serpente.

11 Mandou vir Faraó os seus sábios, e mágicos: E elles fizeram também a mesma coisa por meio dos encantos do Egito, e dos segredos da sua arte. (3)—(4)

12 Lançaram cada um as suas varas, e elas se con-

(3) **MAGICOS** — Estes mágicos pertenciam à classe sacerdotal. A inscrição de Roseta dá-nos noticia d'este colégio sacerdotal, formando uma verdadeira hierarquia, tendo colégios em Tebas, Méfis e Heliópolis. S. Paulo diz-nos que os seus chefes se chamavam Janes e Mambrés (2 Tim 3, 8).

(4) **POR MEIO DOS ENCANTOS** — Por vários modos têm explicado estes encantos. Os antigos comentadores consideravam-nos como artes diabólicas, ou meras illusões; Calmet, *Dissertation sur les vrais et les faux miracles*. Os rabinos Aben Esra, Maimonidas, Arbabanel, chamaram-lhe passes de prestidigitação. Modernamente explica-se pela arte de encantar serpentes, muito conhecida no Egito. Chamavam-se estes encantadores de serpentes Psilos, de quem os autores antigos e modernos contam coisas fantásticas acerca do poder que elles têm sobre estes répteis.

Ad quorum cantus mites jacuere cerastæ

No museu do Louvre há um vaso egipcio em bronze, tendo gravado um psilo encantando uma serpente. (Sala civile, armário B).

verteram em serpentes. Mas a vara de Aarão devorou as varas dêles. (5)

13 E o coração de Faraó se endureceu, e êle não deu ouvidos a Moisés, nem a Aarão, nem quis obedecer ao que o Senhor tinha ordenado.

14 Então disse o Senhor a Moisés: O coração de Faraó está obdurado: Êle não quer deixar ir o povo.

15 Vai ter com êle de manhã: Êle há de sair ao rio: Vai-te encontrar com êle ao longo d'água, levando na mão a tua vara, que se converteu em serpente.

16 E dir-lhe-ás: O Senhor Deus dos hebreus me enviou a ti, para te dizer: Deixa ir o meu povo, para que êle me ofereça sacrificios no deserto: E tu até o presente não tens querido ouvir-me.

17 Eis-aqui pois o que diz o Senhor: Nisto conhecerás tu que eu sou o Senhor: Eis-aí ferirei eu a água do rio com a vara, que tenho na minha mão, e essa água se converterá em sangue.

18 Os peixes também, que estão no rio, morrerão; as águas se corromperão; e os egípcios, que as beberem, serão atormentados.

19 Disse mais o Senhor a Moisés: Dize a Aarão: Toma a tua vara, e estende a tua mão sôbre as águas do Egito, sôbre os rios, sôbre os regatos, sôbre as alagoas, e sôbre as águas de todos os tanques, para que elas se convertam em sangue, e não se veja em todo o Egito senão sangue em todos os vasos, quer sejam de madeira, quer de pedra.

20 Fizeram pois Moisés, e Aarão, conforme o Se-

(5) **MAS A VARA DE AARÃO DEVOROU AS VARAS DELES**
— Era preciso que o Enviado de Deus não fôsse vencido pelo embuste dos mágicos; por êste prodígio o Faraó devia reconhecer a Onipotência do verdadeiro Deus.

Êxodo 7, 21-24

nhor lhes tinha mandado. E Aarão levantando a sua vara, feriu a água do rio à vista de Faraó, e dos seus servos; e a água se converteu em sangue. (6)

21 Os peixes, que estavam no rio, morreram; o rio se corrompeu; e os egípcios não podiam beber da água do rio; e todo o Egito era sangue.

22 A mesma coisa fizeram os mágicos do Egito com os seus encantos; e o coração de Faraó se impederniu, e ele não quis ouvir a Moisés, nem a Aarão, nem obedecer ao que o Senhor lhe tinha mandado:

23 Mas retirou-se de diante dêles, e voltou para sua casa: E ainda desta vez não dobrou o seu coração.

24 Todos os egípcios cavaram a terra ao redor do

(6) E A ÁGUA SE CONVERTEU EM SANGUE — E' a primeira das dez pragas. Qual é a sua natureza? E' fato que todos os anos, no momento da cheia, próximo do mês de julho, o Nilo toma uma côr avermelhada, o que é constatado por muitos e eruditos viajantes, (Osburn, *Monument History of Egypt*, citado por Vigouroux), e esta coloração dura aproximadamente noventa dias, segundo Bunssen. Têm os homens de ciência procurado a causa d'este fenómeno, que uns attribuem à côr da terra, arrastada pelas águas, desde longa distância, Laborde, (*Commentaire géographique de l'Êxode*,) e outros como Ehremberg, aos infusórios, e grande quantidade de plantas criptogâmicas. Admitindo, porém, que se trata aqui desta coloração natural, as circunstâncias que a acompanham tornam-na miraculosa: produz-se num momento, quando Aarão toca as águas com a sua vara; tem lugar, não no tempo próprio, mas em fevereiro; imprime qualidades tóxicas às águas, o que não succede com a coloração natural, cuja reputação é antiga e verdadeira, como afirma Ampère, que chega a dizer — para que bebeis vinho, tendo a vossa água do Nilo — (J. J. Ampère, *Voyage en Egypte et en Nubie*); produz-se em Tanis, onde não era costume dar-se. Por consequência, circunstâncias do tempo, lugar, modo, etc., tornam sobrenatural este fato, mesmo que se queira considerar, em si, como um fenómeno natural.

rio, e buscaram água, porque não podiam beber da água do rio.

25 E passaram-se sete dias inteiros depois que o Senhor ferira o rio com esta praga.

CAPÍTULO 8

SEGUNDA PRAGA, A DAS RÃS. TERCEIRA, A DOS MOSQUITOS.
QUARTA, A DAS MOSCAS. VÃS PROMESSAS DE FARAÓ.

1 Tornou o Senhor a dizer a Moisés: Entra a Faraó, e dir-lhe-ás: Eis-aquí o que diz o Senhor: Deixa ir o meu povo, para me oferecer sacrificios.

2 Se o não quiseses deixar ir, eu ferirei tôdas as tuas terras, cobrindo-as de rãs. (1)

3 O rio produzirá um fervedouro de rãs, que entrarão na tua casa, e na câmara, onde tu dormes, e subirão ao teu leito; que entrarão nas casas dos teus servos, e nas do teu povo; que passarão até aos teus fornos; e que se porão até nos sobejos dos teus pratos.

4 Tu, o teu povo, e os teus servos, todos vós sereis atormentados de rãs.

5 Disse pois o Senhor a Moisés: Dize a Aarão: Estende a tua mão sôbre os rios, sôbre os regatos, e lagos, e faz sair rãs por tôda a terra do Egito.

6 Estendeu Aarão a sua mão sôbre as águas do Egito, e saíram delas rãs, que cobriram o Egito. (2)

(1) **COBRINDO-AS DE RÃS** — A palavra hebraica a que a vulgata deu a significação de rã é *trefardéia*, que Fr. Delitzsch entende ser primitivamente um termo genérico, que significa ao mesmo tempo sapo e rã.

(2) **E SAÍRAM DELAS AS RÃS** — Esta praga era também conhecida dos egípcios, porque desde a mais remota antiguidade os indígenas confiavam à deusa *Híqt* o cuidado de extermínio destes animais, para que fôsses poupados aos incômodos por elles causa-

Êxodo 8, 7-11

7 Os mágicos fizeram também a mesma coisa por meio dos seus encantos, e fizeram vir rãs sôbre a terra do Egito. (3)

8 Faraó pois chamou a Moisés, e a Aarão, e lhes disse: Rogai ao Senhor, que nos livre a mim, e ao meu povo destas rãs: e eu deixarei ir o povo, para que êle sacrifique ao Senhor.

9 Moisés respondeu a Faraó: Aponta-me o tempo, em que tu queres que eu rogue por ti, pelos teus servos, e pelo teu povo, a fim de que as rãs sejam lançadas para longe de ti, e da tua casa, dos teus servos, e do teu povo; e não as haja mais, senão no rio.

10 Seja amanhã, respondeu Faraó. Eu farei, prosseguiu Moisés, o que tu me pedes, para saberes que não há quem seja como o Senhor nosso Deus.

11 As rãs retirar-se-ão de ti, de teus servos, e do teu povo; e não as haverá mais, senão no rio.

dos. Este culto, segundo a opinião do padre Bohnem, remonta à quinta dinastia. O Padre Noory encontrou no museu de Boulac uma divindade com a cabeça de rã. E' certo que o Nilo era abundante de rãs. *Nilus quidem ranes abundat*, mas tôdas as circunstâncias que revestem este acontecimento indicam o milagre at *circumstantiae omnes miraculi naturam indicant*, Zschokke, *Historia sacra antiqui Testamenti*, pag. 56. A aparição súbita, e a cessação repentina no dia pedido pelo Faraó (v. 10), constituem a primeira nota característica do milagre. A multiplicação prodigiosa destes animais, cobrindo tôda a terra do Egito, em tal quantidade, que depois de finalizar esta praga, os seus cadáveres fizeram grandes montões, que infeccionaram a terra (v. 14) proclama a sobrenaturalidade d'este castigo.

(3) OS MÁGICOS FIZERAM TAMBÉM A MESMA COISA -- Esta insistência de Moisés em notar o que fizeram os mágicos é uma prova de autenticidade e veracidade. Um escritor estranho e posterior aos fatos narrados, não os podia contar com tanta minuciosidade e imparcialidade.

12 Tendo Moisés e Aarão saído da presença de Faraó, clamou Moisés ao Senhor pelo cumprimento da promessa, que êle tinha feito a Faraó, de o livrar das rãs no dia ajustado.

13 E o Senhor fêz o que Moisés lhe pedira: e as rãs morreram pelas casas, pelas aldeias, e pelos campos.

14 Fizeram-se grandes montões delas, e a terra ficou infeccionada.

15 Mas Faraó, vendo que se lhe tinha dado algum descanso, endureceu o seu coração, e não deu ouvidos a Moisés, nem a Aarão, nem obedeceu ao que o Senhor tinha mandado.

16 Então disse o Senhor a Moisés: Dize a Aarão: Estende a tua vara, e fere o pó da terra; tôda a terra do Egito se encha de mosquitos. (4)

17 Fizeram êles o que Deus lhes ordenara. E Aarão, pegando na vara, estendeu a mão, e feriu o pó da terra; e homens, e bêstas foram todos cobertos de mosquitos, e todo o pó da terra se converteu em mosquitos por todo o Egito. (5)

18 Intentaram os mágicos fazer a mesma coisa com

(4) **SE ENCHA DE MOSQUITOS** — Estes insetos, *kinim* no hebreu, são os mosquitos, flagelo ordinário do Egito. Heródoto descreve-o na sua história. Perseguem os homens por tôdas as formas, perturbam o sono, ferem com as suas mordeduras, muito perigosas no tempo úmido e fresco, e sempre dolorosas. No fim da cheia são freqüentes, e não se pode dispensar o mosquiteiro para a noite, durante o sono. Nos monumentos vêem-se gravados os reis acompanhados de escravos com enormes leques — flabelos — que os livram dos mosquitos.

(5) **E FERIU O PÓ DA TERRA** — O caráter miraculoso desta praga, aliás freqüente no Egito, consiste exatamente nisto, na abundância nunca igualada destes insetos, e na ocasião em que se deu, que não era a estação em que os mosquitos costumam infestar o Egito.

Êxodo 8, 19-24

os seus encantamentos, e produzir destes mosquitos; mas não o puderam conseguir: e homens, e animais estavam cobertos dêles.

19 Então disseram os mágicos a Faraó: o dedo de Deus é o que obra aqui. Mas o coração de Faraó se endureceu, e não ouviu a Moisés, nem a Aarão, nem quis obedecer ao que o Senhor tinha mandado.

20 Tornou o Senhor a dizer a Moisés: levanta-te logo pela madrugada, e apresenta-te a Faraó: Porque êle há de sair às águas, e tu lhe dirás: Eis-aqui o que diz o Senhor: Deixa ir o meu povo a sacrificar-me.

21 Se tu o não deixares ir, mandarei eu contra ti, contra os teus servos, contra o teu povo, e às tuas casas tôda a casta de moscas; e tôdas as casas dos egípcios, e todos os lugares, onde êles se acharem, scrão cheios de tôda a casta de moscas. (6)

22 E eu farei admirável naquele dia a terra de Gessen, onde habita o meu povo, com se não achar nela mosca de casta alguma; para que tu saibas, que eu é que sou o Senhor de tôda a terra. (7)

23 Eu porei esta diferença entre o meu povo, e o teu povo. Amanhã se fará êste portento.

24 Fêz o Senhor o que tinha dito. Uma infinidade

(6) **TODA A CASTA DE MOSCAS** — Não é fácil determinar o sentido preciso do termo hebraico 'arob. Derivado do verbo 'arab, que significa misturar; também significa musca canina, e segundo outros tôda a espécie de moscas de diversos gêneros. Wood, *Bible animals*, diz que os enxames destes insetos são tão numerosos, que o viajante come, bebe e respira moscas. São intoleráveis, porque atacam as pálpebras e os cantos dos olhos, atraídas pela umidade dos lacrimais.

(7) **FAREI ADMIRÁVEL... A TERRA DE GESSEN** — Esta exceção constitui uma das provas do caráter sobrenatural deste flagelo; só por um milagre o povo que habitava aquela região seria poupado e livre de tão funesto castigo.

de malignas moscas infestou as casas de Faraó, e as de seus servos, e a todo o Egito; e a terra se corrompeu por esta casta de moscas.

25 Então chamou Faraó a Moisés, e a Aarão, e lhes disse: Ide sacrificar ao vosso Deus nesta terra.

26 Respondeu Moisés: Isto não se pode fazer assim porque então imolaremos nós ao Senhor nosso Deus, o que os egípcios têm por uma abominação. Se nós matarmos diante dos egípcios o que eles adoram, eles nos apedrejarão.

27 Devemos logo ir ao deserto caminho de três dias, e sacrificar lá ao Senhor nosso Deus, como ele nos mandou.

28 E Faraó lhes disse: Eu vos deixarei ir ao deserto a sacrificardes ao Senhor vosso Deus; mas não vades mais longe: e rogai a Deus por mim.

29 Respondeu Moisés: Tanto que eu tiver saído da tua presença, eu rogarei o Senhor: e amanhã tôdas as moscas se retirarão de Faraó, de seus servos, e do seu povo. Mas não me tornes a enganar, não deixando ainda sair o povo a sacrificar ao Senhor. (8)

30 Moisés tendo saído de diante de Faraó, fêz oração ao Senhor.

31 E o Senhor fêz o que Moisés lhe tinha pedido. Lançou fora tôdas as moscas, que atormentavam a Faraó, aos seus servos, e ao seu povo, sem ficar nem uma.

32 Mas o coração de Faraó se obdurou, e assim ainda desta vez não quis ele deixar ir o povo.

(8) **E AMANHÃ TODAS AS MOSCAS SE RETIRARÃO** — O princípio e o fim desta praga são anunciados por Moisés; este castigo tem lugar no mês de fevereiro ou março, isto é, a seis meses de distância da estação em que as moscas infestam o Egito; eis aqui outros tantos sinais do caráter miraculoso desta quarta praga, dos quais não é o menor este anúncio do seu final.

QUINTA PRAGA. A PESTE NOS ANIMAIS. SEXTA, AS ÚLCERAS.
SÉTIMA, A DA CHUVA DE PEDRA.

1 Disse o Senhor a Moisés: Entra a Faraó, e diz-lhe: Eis aqui o que diz o Senhor Deus dos hebreus: Deixa ir o meu povo a fazer-me sacrificio.

2 Se o recusas fazer, e o reténs ainda,

3 será a minha mão sôbre os teus campos: e os cavalos, os jumentos, os camelos, os bois, e as ovelhas serão tocados de uma peste perniciosíssima. (1)

4 E o Senhor fará a maravilha de separar o que pertence aos filhos de Israel, do que pertence aos egípcios: de sorte que não pereça nada do que os filhos de Israel possuem.

5 O mesmo Senhor foi o que designou o tempo, declarando que amanhã fará êle esta maravilha. (2)

6 Ao outro dia pois fêz o Senhor o que tinha dito: todos os animais dos egípcios morreram, e não pereceu nenhum dos dos filhos de Israel.

7 Mandou Faraó, ver, e achou-se que nada do que possuíam os filhos de Israel estava morto. Mas o coração de Faraó se endureceu, e êle não quis deixar ir o povo.

(1) **UMA PESTE PERNICIOSÍSSIMA** — E' sabido que no Delta os campos estão de tal modo povoados por animais, que em parte alguma do mundo se vê tão grande número. Esta praga acarretava graves danos, representando uma perda considerável. A peste devia ter sido a epizootia, que ainda agora é freqüente no Delta. Por muito vulgar que seja esta doença, o que só pode succeder por um milagre, é o anúncio da sua aparição.

(2) **AMANHÃ FARA ÊLE ESTA MARAVILHA** — Orígenes escreve: "Ainda que êstes prodígios sejam naturais, contudo êles manifestam que têm Deus por autor, que assim castigava a tirania de Faraó. Orígenes, *Comment. in Mat.*

8 Então disse o Senhor a Moisés, e a Aarão: To-mai cada um de vós sua mão cheia de cinza da chaminé, e Moisés deite a sua ao ar diante de Faraó:

9 e espalhe-se êste pó por todo o Egito; e daqui se formarão umas úlceras, e uns tumores nos homens, e nos animais por todo o Egito. (3)

10 Tendo êles pois tomado da cinza da chaminé, se apresentaram ambos a Faraó; e Moisés a lançou ao ar. Ao mesmo tempo se formaram úlceras e tumores nos homens e nos animais.

11 E os mágicos não podiam ter-se diante de Moisés, por causa das úlceras, que lhes tinham sobrevindo, como a tôda a terra do Egito.

12 O Senhor endureceu o coração de Faraó, e êste não ouviu a Moisés, nem a Aarão, conforme o Senhor o tinha predito por Moisés.

13 Tornou o Senhor a dizer a Moisés: Levanta-te logo ao amanhecer, e apresenta-te diante de Faraó, e diz-lhe: Eis aqui o que diz o Senhor Deus dos hebreus: Deixa ir o meu povo, para que êle me ofereça sacrifícios.

14 Porque desta vez farei eu cair tôdas as minhas pragas sôbre o teu coração, sôbre os teus servos, e sôbre

(3) NOS HOMENS E NOS ANIMAIS — O Egito foi sempre uma região muito salubre; as inundações do Nilo, que à primeira vista deviam tornar aquela região doentia, não produzem efeitos perniciosos. As correntes de vento, a proximidade dos desertos da África e da Arábia, absorvem tôdas as exalações miasmáticas. Por isto esta praga deveria, por ser rara, causar profunda impressão entre aquêle povo. E' impossível determinar exatamente qual foi a peste com que Deus feriu os egípcios, e que atacou simultaneamente homens e animais; Glaire (ob. cit.), inclina-se a que fôsse o carbúnculo. Foi uma espécie de peste, milagrosa pela forma como Moisés a predizia, e que vai descrita no v. seguinte.

Exodo 9, 15-20

o teu povo; para que tu saibas que não há quem seja semelhante a mim em toda a terra.

15 Agora pois estenderei eu a minha mão, e ferirei de peste a ti, e ao teu povo, e tu perecerás de cima da terra.

16 Porque eu para isso te pus, para que em ti se desse bem a ver a minha fortaleza, e para que o meu nome se fizesse célebre em toda a terra.

17 Pois que? ainda tu reténs o meu povo, e ainda o não queres deixar ir?

18 Pois sabe que amanhã, a esta mesma hora, farei eu chover uma horrível pedra, qual se não viu nunca semelhante no Egito, desde que ele foi fundado até o dia de hoje. (4)

19 Manda pois já desde agora ao campo, e recolhe os teus animais, e tudo o que tens: porque homens, animais, e tudo o que se achar fora, e não tiver sido recolhido dos campos, todos morrerão feridos da pedra. (5)

20 Aquêles dos servos de Faraó, que temeram a palavra do Senhor, fizeram retirar os seus servos, e os seus animais para suas casas.

(4) **QUAL SE NÃO VIU NUNCA SEMELHANTE** — Nunca no Egito se tinha visto tão violenta saraivada. No vale do Nilo são raríssimos êstes acontecimentos; até a chuva é muito rara no Delta. Algumas vêzes chove nas proximidades do canal de Suez, depois de ser cortado o istmo.

(5) **RECOLHE OS ANIMAIS** — Têm alguns pretendido encontrar uma contradição entre êste v. e o 3, onde se lê "Todos os animais dos egípcios morreram." Porém, tal contradição não existe: 1.º No v. 6 refere-se o autor aos animais que estavam nos campos (V. 3 será a minha mão sobre os teus campos). 2.º O texto pode muito bem entender-se de todos os animais, não tomados individualmente, mas considerados em relação à própria espécie, de maneira que o sentido seja: toda a espécie de animais. Esta interpretação

21 Aquêles porém, que desprezaram a palavra, que o Senhor tinha dito, deixaram os seus servos, e os seus animais nos campos.

22 Então disse o Senhor a Moisés: Estende a tua mão para o céu, para que chova pedra em todo o Egito sôbre homens, sôbre animais, e sôbre tôda a erva do campo.

23 Tendo Moisés levantado a sua vara para o céu, fêz o Senhor cair uma chuva de pedra sôbre a terra, no meio de trovões, e de relâmpagos, que descorriam pelo ar de tôdas as partes. Assim fêz o Senhor chover pedra sôbre a terra do Egito. (6)

24 A pedra, e o fogo, misturados um com outro, caíam ambos juntos: e era esta pedra duma tal grossura, que nunca antes se tinha visto outra semelhante no Egito, desde que esta nação fôra estabelecida.

25 Em tôda a terra do Egito matou a pedra tudo o que se achava nos campos, desde os homens até os animais; ela queimou tôda a erva da campanha, e fendeu tôdas as árvores.

26 Só na terra de Gessen, onde estavam os filhos de Israel, não caiu pedra. (7)

é confirmada pelos versículos 9 e 10, em que o autor sagrado, quase imediatamente depois de ter dito que "todos os animais morreram", na quinta praga, acrescenta que a morte atingiu não só os homens como os animais.

(6) **TENDO MOISÉS LEVANTADO A SUA VARA** — Como os precedentes, êste flagelo começa por um sinal dado por Moisés, às ordens de Deus, e êste fato basta para estabelecer o caráter miraculoso.

(7) **SÓ NA TERRA DE GESSEN** — Esta proteção dispensada

Exodo 9, 27-35

27 Então mandou Faraó chamar a Moisés, e a Aarão, e lhes disse: Eu pequei ainda desta vez. O Senhor é justo; eu, e o meu povo somos uns ímpios.

28 Rogai ao Senhor, que cessem êstes grandes trovões, e pedras; para que eu vos deixe ir, e vós não fiquéis mais aqui.

29 Moisés lhe respondeu: Depois que eu tiver saído da cidade, estenderei as minhas mãos para o Senhor, e cessarão os trovões, e não choverá mais pedra; para que tu saibas que a terra é do Senhor.

30 Mas eu sei que tu, e o teu povo ainda não temeis o Senhor.

31 O linho pois, e a cevada perderam-se, porque a cevada já tinha lançado a sua espiga, e o linho começava a deitar folhelho.

32 O trigo porém, e o farro não padeceram daniificação, porque eram serôdios.

33 Moisés depois que deixou a Faraó, e saiu da cidade, levantou as mãos ao Senhor, e cessaram os trovões, e a pedra, e não choveu mais uma gôta d'água sôbre a terra.

34 Mas Faraó vendo que tinham cessado a chuva, a pedra, e os trovões, aumentou ainda o seu pecado.

35 O seu coração, e o de seus servos se tornou ainda mais pesado, e ainda mais endurecido: e êle não deixou sair os filhos de Israel, nem quis obedecer à ordem, que tinha recebido de Deus por meio de Moisés.

por Deus ao seu povo, é a confirmação da intervenção sobrenatural do Senhor.

CAPÍTULO 10

OITAVA PRAGA, OS GAFANHOTOS. NONA, AS TREVAS.

1 Então disse o Senhor a Moisés: Entra a Faraó: Porque eu endureci o seu coração, e o de seus servos, para fazer resplandecer na sua pessoa os prodígios do meu poder;

2 e para que tu tenhas que contar a teus filhos, e a teus netos, quantas foram as pragas, com que eu feri o Egito; e quantas as maravilhas, que obrei entre eles; e para que vós saibais que eu sou o Senhor.

3 Moisés pois, e Aarão entraram onde estava Faraó, e disseram-lhe: Eis-aqui o que diz o Senhor Deus dos hebreus: Até quando não quererás tu obedecer-me? Deixa ir o meu povo, para que ele me sacrifique.

4 Se ainda resistires, e não quiseses deixá-lo ir, sabe que amanhã mandarei enxames de gafanhotos sobre o teu reino, (1)

(1) **ENXAMES DE GAFANHOTOS** — São temíveis as invasões dos gafanhotos. Vêm-se legiões destes insetos atravessar o mar Negro, transpor o Mediterrâneo, indo para muito longe. Os esforços humanos são impotentes para pôr termo à devastação destes insetos. As fêmeas põem os seus ovos no mês de outubro, depositam-nos em terras secas e ao abrigo do vento; na primavera, pelos meses de março ou abril, nascem os novos insetos, que são mais pequenos do que a nossa mosca comum. Ao cabo de quatro transformações sucessivas, que duram nove a dez semanas, o inseto atinge o seu completo desenvolvimento. São numerosas as espécies desta família. Aquela de que nos ocupamos agora é a locusta migratoria. Estes gafanhotos devoram tudo; pastagens, árvores de fruto, sementeiras; invadem os aposentos, e quando têm fome nem a madeira escapa à sua voracidade. E contudo as devastações dos gafanhotos não são frequentes no Egito; não são desconhecidas nessa região, mas não estão habi-

Êxodo 10, 5-12

5 os quais cobrirão a superfície da terra, de sorte que dela não apareça nada, e comerão tudo o que a pedra não destruiu. Porque êles roerão tudo o que as árvores tiverem produzido nos campos.

6 Êles encherão as tuas casas, e as de teus servos, e as de todos os egípcios, de sorte que nem teus pais, nem teus avós viram nunca tanta quantidade desde que êles nasceram na terra até o dia de hoje. Apartou-se logo Moisés de Faraó, e retirou-se.

7 Mas os servos de Faraó disseram a êste príncipe: Até quando sofreremos nós êste escândalo? Deixa ir êstes honrens, para que sacrifiquem ao Senhor seu Deus. Tu não vês que o Egito está perdido?

8 Tornaram pois a chamar a Moisés, e a Aarão a presença de Faraó, o qual lhes disse: Ide sacrificar ao Senhor vosso Deus: Mas quais são os que hão de ir?

9 Moisés lhe respondeu: Nós havemos de ir com as nossas crianças, com os nossos velhos, com os nossos filhos, e filhas, com as nossas ovelhas, e com os nossos gados: porque esta é uma festa solene do Senhor nosso Deus.

10 Replicou Faraó: Assim seja o Senhor convosco, como eu vos hei de deixar ir, e às vossas crianças. Quem duvidará que nisto levais vós algum mau sentido?

11 Não há de ser assim: ide sòmente vós os homens, e sacrificai ao Senhor: porque isto é o que vós mesmos pedistes. E no mesmo ponto os lançaram fora da presença de Faraó.

12 Então disse o Senhor a Moisés: Estende a tua

tuados ali a êsse flagelo. Sepsius, *Briefe aus Ägypten*. Vigouroux conclui: "São bastante conhecidas para justificar a narração do Êxodo; não o são suficientemente para lhe tirar seu caráter milagroso." Vigouroux, *La Bible et les decouvertes modernes*.

mão sôbre o Egito, para fazeres vir os gafanhotos, que subam a pôr-se na terra, e que devorem tôda a erva, que tenha ficado da chuva de pedra.

13 Estendeu Moisés a sua vara sôbre o Egito, e o Senhor fêz que um vento, que queimava, assoprasse todo o dia, e tôda a noite. Chegada a manhã, êste vento abrasador levantou os gafanhotos,

14 que vieram sôbre todo o Egito, e pararam em tôdas as terras dos egípcios numa tão espantosa quantidade qual nunca antes se tinha visto, nem jamais se tornará a ver.

15 Êles cobriram tôda a superfície da terra e devastaram tudo. Comeram tôda a erva, e todos os pomos que nas árvores tinham escapado à pedra; e não ficou absolutamente nada nem nas árvores, nem da erva em todo o Egito.

16 Pelo que a tôda a pressa chamou Faraó a Moisés, e a Aarão, e lhes disse: Eu pequei contra o Senhor vosso Deus, e contra vós. (2)

17 Mas perdoai-me ainda esta vez o meu pecado, e rogai ao Senhor vosso Deus, que tire de mim esta morte.

18 Moisés tendo saído da presença de Faraó, fêz oração ao Senhor;

19 o qual tendo feito assoprar da banda do poente um vento fortíssimo, levou os gafanhotos, e os lançou no mar Vermelho. E não ficou nem um só em todo o Egito. (3)

(2) **CHAMOU FARAÓ A MOISÉS** — A angústia de Faraó deixa entrever o que tem de extraordinário esta praga; os males que trouxe, as perdas que causou, e as aflições a que deu origem.

(3) **UM VENTO FORTÍSSIMO** — Uma forte corrente de vento, um furacão, é o melhor agente de destruição duma nuvem de gafanhotos.

20 Mas o Senhor obdurou o coração de Faraó, e êste não deixou ir o povo.

21 Disse pois o Senhor a Moisés: Estende a tua mão para o céu, e formem-se na terra do Egito umas trevas tão espessas que se possam apalpar. (4)

22 Estendeu Moisés a sua mão para o céu: e umas horribéis trevas cobriram tôda a terra do Egito por três dias.

23 Ninguém viu a seu irmão, nem se moveu do lugar, onde estava: mas em tôda a parte, onde habitavam os filhos de Israel, era dia claro.

24 Então chamou Faraó a Moisés, e a Aarão, e

(4) **UMAS TREVAS** — Os exegetas modernos concordam em que se trata aqui do khamsin, vento fortíssimo, que sopra da África. Dura perto de cinqüenta dias, e daí lhe vem o nome, que significa cinqüenta. No deserto levanta montes de areia, e sepulta caravanas inteiras. A história relata-nos a perda do exército de Cambises; modernamente sabemos de uma peregrinação muçulmana, que em 1838 foi vítima de um furacão terrível. Quando sopra violento obscurece o ar, e a terra fica mergulhada em trevas profundas. Mas estas trevas em nada se parecem com as que cobriram o Egito durante três dias. (Drieux, Bible.) O khamsin não sopra de noite. (Ebelling, *Der Chamsin*.) O khamsin é sempre muito quente, tolhe a respiração, e é impossível escapar à ação da poeira imperceptível, que penetra em tôda a parte, e que produz no organismo uma irritação violenta, causando um abatimento profundo, congestionando o cérebro, atacando a vista e o olfato. Se são êstes os efeitos do khamsin, soprando pouco intensamente, e com grandes intervalos, qual não seria o estado do Egito enquanto durou esta nona praga? Começa quando Moisés estendeu a sua mão; as trevas tendo uma duração superior à costumada, simbolizavam as trevas em que estava imerso o Faraó; o desconhecimento geral entre os habitantes daquela região; a exceção feita mais uma vez ao país de Gessen, imune dêste castigo, tudo põe em relêvo a intervenção direta de Deus, e nos faz considerar esta praga milagrosa, como as demais, tendo o mesmo fim, mover o Faraó a conceder a liberdade a Israel.

lhes disse: Ide sacrificar ao Senhor: Fiquem somente as vossas ovelhas, e o vosso gado: E vão convosco as vossas crianças.

25 Moisés lhe respondeu: Também nos hás de dar hóstias e holocaustos, que ofereçamos ao Senhor nosso Deus.

26 Irão conosco todos os nossos rebanhos: Não ficará dêles nem uma unha, porque tudo havemos misturar para o culto do Senhor nosso Deus: E tanto mais, que nós não sabemos o que se lhe deverá imolar, enquanto não chegamos àquele lugar.

27 Mas o Senhor empederniu o coração de Faraó, e êste os não quis deixar ir.

28 Disse pois Faraó a Moisés: Guarda-te de me tornares a apparecer; porque em qualquer dia, que me appareceres morrerás.

29 Moisés lhe respondeu: Assim se fará, como tu disseste: Eu não te verei mais a cara.

CAPÍTULO 11

PREDIÇÃO DA DÉCIMA E ÚLTIMA PRAGA

1 E o Senhor disse a Moisés: Ainda tenho de ferir a Faraó, e ao Egito com uma praga: E então depois disto êle vos deixará ir, e até vos dará pressa a que saiais.

2 Dize pois a todo o povo: Que cada homem peça ao seu amigo, e cada mulher à sua vizinha vasos de prata e ouro. (1)

(1) **QUE CADA HOMEM PEÇA AO SEU AMIGO** — Não é dum roubo que se trata, mas sim duma compensação dos bens imóveis, que eram consideráveis, e que êles abandonariam aos egípcios desde que partissem.

Êxodo 11, 3-10

3 E o Senhor fará que o seu povo ache graça diante dos egípcios. Ora Moisés tinha adquirido uma grande autoridade em todo o Egito, assim aos olhos dos servos de Faraó, como aos de todo o seu povo.

4 Ele pois disse: Eis-aqui o que disse o Senhor: Eu sairei à meia noite a correr o Egito. (2)

5 E todos os primogênitos morrerão nas terras do Egito, desde o primogênito de Faraó, que está assentado no seu trono, até o primogênito da escrava, que está à mó do moinho, e até os primogênitos dos animais. (3)

6 Em todo o Egito se ouvirão grandes gritos, quais nunca antes houve, nem haverá jamais.

7 Mas entre todos os filhos de Israel, desde os homens até os animais, não se ouvirá nem ganhar um cão; para que vós saibais com que grande milagre divide o Senhor a Israel dos egípcios.

8 Então todos os teus servos, que tu vês aqui, virão ter comigo, e me adorarão, e me dirão: Sai tu, e todo o povo, que te está sujeito. E depois disto sairemos nós.

9 E Moisés saiu da presença de Faraó muito irado. E o Senhor disse a Moisés: Faraó não vos ouvirá, para que se faça um grande número de prodígios no Egito.

10 Ainda que pois Moisés, e Aarão fizeram diante de Faraó todos os prodígios, que estão escritos, o Senhor endureceu o coração dêste príncipe, que não permitiu que os filhos de Israel saíssem das suas terras.

(2) **A MEIA NOITE** — Não diz o texto que é a meia noite seguinte, mas numa noite que fica indeterminada, para que maior seja o castigo dos egípcios.

(3) **DESDE O PRIMOGÊNITO DE FARAÓ** — É claro que neste verso se fala dum milagre extraordinário, cuja realização vem narrada no v. 29 do capítulo seguinte.

CAPÍTULO 12

CERIMÔNIA DA PRIMEIRA PÁSCOA. DÉCIMA PRAGA, A MORTE DOS PRIMOGÊNITOS DOS EGÍPCIOS. SAÍDA DOS ISRAELITAS FORA DO EGITO. PRECEITOS ACERCA DA PÁSCOA.

1 Disse também o Senhor a Moisés, e a Aarão na terra do Egito:

2 Êste mês será para vós o princípio dos meses; será o primeiro dos meses do ano.

3 Falai a todo o ajuntamento dos filhos de Israel, e dizei-lhes: Ao décimo dia dêste mês tome cada um um cordeiro para a sua família, e para a sua casa.

4 Se as pessoas, que há numa casa, não forem em número suficiente para comerem o cordeiro, tomarão da casa do vizinho, que estiver pegada à sua, quantos bastem para comer o cordeiro.

5 Êste cordeiro será sem mancha, será macho, e será dum ano. Podereis também tomar um cabrito, que tenha as mesmas qualidades.

6 Vós o guardareis até o dia catorze dêste mês: e toda a multidão dos filhos de Israel o imolará pela tarde.

7 Êles tomarão do seu sangue, e pô-lo-ão sobre as duas umbreiras, e sobre a verga das portas das casas, onde êles o comerem.

8 E esta mesma noite comerão êles a carne do cordeiro assada no fogo, e pães asmos com leitugas bravas. (1)

9 Não comereis nada dêle, que seja cru, ou cozido

(1) **PÃES ASMOS** — Era assim que se devia comemorar a partida rápida dos hebreus naquela noite.

AS LEITUGAS BRAVAS; as ervas amargas, que simbolizavam as agruras do exílio.

Exodo 12, 10-17

em água, mas somente assada no fogo. Comer-lhe-eis a cabeça com os pés, e com os intestinos.

10 E não ficará dele nada até pela manhã. Se sobejar alguma coisa, queimá-la-eis no fogo.

11 Eis-aqui porém como o haveis de comer. Cingireis os vossos rins, e tereis sapatos nos pés, e bordões nas mãos, e comereis à pressa: Porque esta é a Páscoa, isto é, a passagem do Senhor.

12 E aquela noite passarei eu pelo Egito, e matarei na terra do Egito todos os primogênitos, desde os homens até os animais: E eu exercitarei os meus juízos sobre todos os deuses, eu, que sou o Senhor.

13 Ora o sangue, com que estiver marcada cada casa, onde vós morardes, servirá de sinal a vosso favor: Eu verei o sangue e eu passarei a outra parte: E a praga de morte não tocará em vós, quando eu ferir todo o Egito.

14 Esse dia ser-vos-á um monumento: e vós o celebrareis de geração em geração com um culto perpétuo, como uma festa solene à honra do Senhor. (2)

15 Comereis pães asmos sete dias: Desde o primeiro dia não se achará pão com fermento em vossas casas. Todo o que comer pão fermentado, desde o primeiro dia até o sétimo, perecerá do meio de Israel.

16 O primeiro dia será santo, e solene, e o dia sétimo será uma festa igualmente venerável. Durante estes dias, não fareis nêles obra alguma servil, exceto o que pertence ao comer.

17 Vós pois guardareis esta festa de pães asmos: Porque nesse mesmo dia farei eu sair todo o vosso exér-

(2) **UM CULTO PERPÉTUO** — E assim sucedeu, porque se a Páscoa dos hebreus cessou, a Páscoa cristã, de que a primeira era a figura, durará até à consumação dos séculos.

cito do Egito: e vós observareis êste dia de geração em geração com um culto perpétuo.

18 Desde o dia catorze do primeiro mês à tarde, comereis vós pães asmos até à tarde do dia vinte dêste mesmo mês.

19 Não se achará em vossas casas pão com fermento êstes sete dias. Todo o que comer pão fermentado, perecerá do meio do ajuntamento de Israel, ou êle seja estrangeiro, ou natural da terra.

20 Não comereis nada com fermento: Usareis de pão asmo em tôdas as vossas casas.

21 Depois chamou Moisés todos os anciãos dos filhos de Israel, e disse-lhes: Ide tomar um cordeiro para cada família, e imolai-o.

22 Ensopai um mólho de hissôpo no sangue, que estiver pôsto no limiar da porta, e borrifai com êle a verga da porta, e as duas umbreiras. Nenhum de vós saia da porta de sua casa até pela manhã.

23 Porque o Senhor passará, ferindo os egípcios: E quando êle vir êste sangue sôbre a verga das vossas portas, e sôbre as duas umbreiras, passará a porta da vossa casa, e não deixará entrar nêle o anjo exterminador a ferir-vos.

24 Guardai êste mandamento, como uma lei, que deve ser inviolável para sempre, tanto para vós, como para vossos filhos.

25 Depois que vós tiverdes entrado na terra, que o Senhor vos há de dar, como prometeu, observareis estas mesmas cerimônias.

26 E quando os vossos filhos vos disserem: Que culto religioso é êste?

27 Vós lhes respondereis: Isto é a vítima da passagem do Senhor, quando êle passou as casas dos filhos de Israel no Egito, ferindo os egípcios, e livrando as

Exodo 12, 28-31

nossas casas. Então o povo profundamente inclinado adorou o Senhor.

28 Os filhos de Israel, depois que dali saíram, fizeram o que o Senhor tinha ordenado a Moisés, e a Aarão.

29 Pelo meio da noite feriu o Senhor todos os primogênitos do Egito, desde o primogênito de Faraó, que estava assentado no seu trono, até o primogênito da escrava cativa que estava em prisão, e até o primogênito de todos os animais (3)

30 Tendo-se levantado pois de noite Faraó, como também todos os seus servos, e todos os egípcios, foi grande o alarido, que se ouviu em todo o Egito: porque não havia casa, onde não jazesse um morto.

31 E Faraó tendo feito vir esta mesma noite a Moisés, e a Aarão, disse-lhes: Retirai-vos sem demora do meu

(3) **FERIU O SENHOR TODOS OS PRIMOGENITOS** — Foi a décima e última praga. Não há fato algum análogo na história do Egito. Refere o texto que entre as vítimas contava-se o filho do Faraó. No museu de Berlim guarda-se um monumento egípcio, onde se faz menção dum filho de Meneftá, que foi morto. E' uma estátua colossal de Meneftá, o Faraó do Exodo, tendo ao lado seu filho, ornado com insígnias reais, o que mostra estar associado ao poder, e que se chamava Meneftá, como o pai. O Faraó de Moisés teve por sucessor seu filho segundo, chamado Set, e por conseguinte aquêlê era o primogênito, vitimado pela décima praga, pois sentava-se no trono de seu pai. Ex 11, 5 e a êle se refere o v. 23 e o c. 4 do mesmo livro, como o prova Lauth, *Aus altagyptischer Zeit. Pharao. Moses und Exodus*, na *Allegemeine Zeitung*, 25 julho 1875. Estas dez pragas do Egito foram reunidas nestes versos mnemônicos:

Prima rubens unda, ranarum plaga secunda
Inde culex tristis, post musca nocentior istis,
Quinta precus stravit, anthraces sexta creavit,
Post sequitur grando, post bruchus dente nefando
Nona tegit solem, primam necat ultima prolem.

(Sallianus, *Annalis Ecclesiasticis Veteris Testamenti*, pág. 30)

povo, vós, e os filhos de Israel; ide sacrificar ao Senhor, como vós dizeis.

32 Levai convosco as vossas ovelhas, e os vossos rebanhos, conforme me tínheis pedido; e idos que fordes, rogai por mim.

33 Os egípcios também apertavam o povo, que saísse logo da sua terra, dizendo: Todos nós morreremos.

34 O povo pois tomou a farinha, que tinha sido amassada antes de levar fermento; e atando-a nas capas, pô-la aos ombros.

35 Fizeram também os filhos de Israel o que Moisés lhes havia ordenado, e pediram aos egípcios vasos de prata, e de ouro, e muita quantidade de vestidos.

36 E o Senhor fêz favoráveis ao seu povo os egípcios, para que estes emprestassem o que aquêles lhe pediam: e assim eles despojaram os egípcios.

37 Partiram pois os filhos de Israel de Ramessés, e vieram a Socote, sendo perto de seiscentos mil homens de pé, afora os meninos. (4)

38 Foram eles seguidos de uma inumerável multi-

(4) **PARTIRAM POIS OS FILHOS DE ISRAEL** — Começa Moisés descrevendo a marcha dos hebreus. A partida foi de Ramessés, situada na vizinhança de Fiton, arsenal e praça forte de Gessen, ponto regularmente central, pouco afastado do deserto, para onde se dirigiam. Têm sido os progressos da Egiptologia que têm auxiliado os eruditos na investigação da marcha de Moisés. O primeiro foi o jesuíta padre Sicard, natural de Aubagne, falecido no Egito, vítima da sua dedicação pelos pestíferos, em 1726, autor de trabalhos importantes sobre o Egito. A sua opinião hoje está posta de parte, porque investigações posteriores aclararam pontos que o ilustre missionário, apesar da sua erudição e boa vontade, não conseguiu averiguar. Socote é o nome civil de Fiton, indicando os arredores da cidade, porque a multidão não podia acampar dentro dos muros. Neville é que localizou esta região em Tell-el-Maskkuta.

dão do vulgo, e levavam consigo uma infinidade de ovelhas, de rebanhos, e de animais de tôdas as castas.

39 Cozeram a farinha, que havia tempo tinham trazido amassada do Egito, e fizeram dela pães asmos, cozidos debaixo de cinza: porque os egípcios lhes tinham dado tanta pressa a partir, que lhes não deram tempo a meter-lhes fermento, nem a preparar nada de comer.

40 Ora o tempo, que os filhos de Israel tinham morado no Egito, foi de quatrocentos e trinta anos:

41 completos os quais, todo o exército do Senhor saiu do Egito neste mesmo dia.

42 Esta noite, em que o Senhor os tirou do Egito, deve ser consagrada à honra do Senhor: e todos os filhos de Israel a devem observar pelo decurso de tôdas as gerações.

43 Porque o Senhor disse assim a Moisés, e a Aarão: O culto desta páscoa observar-se-á desta sorte. Nenhum estrangeiro comerá dela.

44 Todo o escravo, que alguém comprar, será circuncidado; e feito isto comerá dela.

45 Porém o estrangeiro, e o mercenário não comerão dela.

46 O cordeiro há de comer-se numa mesma casa: da sua carne não levareis vós nada para fora, nem lhe quebrareis osso algum.

47 Todo o ajuntamento de Israel fará a Páscoa.

48 Se algum estrangeiro se quiser associar a vós, e fazer a Páscoa do Senhor, tudo o que elle tiver consigo, que seja macho, será primeiro circuncidado; e então poderá elle celebrá-la, e será como natural da mesma terra: mas o que não fôr circuncidado, não comerá dela.

49 A mesma lei se guardará com os habitantes do país, e com os estrangeiros, que vivem convosco.

50 Todos os filhos de Israel executaram o que o Senhor tinha ordenado a Moisés, e a Aarão.

51 E no mesmo dia tirou o Senhor do Egito os filhos de Israel, repartidos em diversas turmas.

CAPÍTULO 13

LEIS PARA A CONSAGRAÇÃO DOS PRIMOGÊNITOS, E PARA A OBSERVAÇÃO DA PASCOA. CAMINHO, POR ONDE DEUS CONDUZIU OS ISRAELITAS. COLUNAS DE NUVEM E DE FOGO.

1 Falou mais o Senhor a Moisés, e lhe disse: (1)

2 Consagra-me todos os primogênitos, que abrem o útero de sua mãe entre os filhos de Israel, assim de homens como de animais, porque todos eles são meus.

3 E Moisés disse ao povo: Lembrai-vos deste dia, em que vós saístes do Egito, e da casa da servidão. Lembrai-vos que o Senhor vos tirou daquele lugar à força do seu braço: e guardai-vos de comerdes nêle pão com fermento.

4 Vós saís hoje neste mês, que é quando começa a haver trigos novos.

5 E depois que o Senhor vos tiver introduzido na terra dos cananeus, dos heteus, dos amorreus, dos heveus, e dos jebuseus, que êle jurou a vossos pais que vos havia de dar; nesta terra, onde correm arroios de leite, e de mel, observareis vós neste mês êste sagrado culto.

6 Comereis pães asmos sete dias: e o dia sétimo será a solenidade do Senhor.

7 Comereis pães asmos sete dias: e não haverá em

(1) **FALOU O SENHOR A MOISÉS** — Em Socote, onde acampava Israel.

Êxodo 13, 8-16

vossas casas pão de fermento, nem em terra alguma vossa.

8 Naquele dia direis vós a vossos filhos: Isto é o que o Senhor fêz por mim, quando eu saí do Egito.

9 E esta solenidade será como um sinal na tua mão, e como um memorial diante dos teus olhos, para que a lei do Senhor ande sempre na tua bôca: pois que o Senhor te tirou do Egito à fôrça do seu braço.

10 Vós observareis êste culto todos os anos, no dia que vos foi ordenado.

11 E depois que o Senhor vos tiver introduzido na terra dos cananeus, conforme o juramento, que êle vos tinha feito a vós, e a vossos pais, e que êle vo-la tiver dado:

12 Vós separareis para o Senhor tudo o que abre o útero de sua mãe, e todos os primogênitos dos vossos animais; e consagrareis ao Senhor todos os machos, que tiverdes.

13 O primogênito do jumento vós o trocareis por uma ovelha: se o não resgatares, matá-lo-eis. E vós resgatareis com dinheiro todos os primogênitos de vossos filhos.

14 Quando pois teu filho te perguntar algum dia, e te disser: Que significa isto? tu lhe responderás: O Senhor nos tirou do Egito, da casa da escravidão, à fôrça do seu braço.

15 Porque como Faraó se endurecesse, e não nos quisesse deixar ir, o Senhor matou no Egito todos os primogênitos, desde os primogênitos dos homens até os primogênitos dos animais. Por isso é que eu sacrifico ao Senhor todos os machos, que abrem o útero de sua mãe, e resgato todos os primogênitos de meus filhos.

16 Isto pois será como um sinal na tua mão, e como uma coisa, que se traz suspensa diante de teus olhos

para lembrança: porque o Senhor nos tirou do Egito à força do seu braço.

17 Ora depois que Faraó fêz sair das suas terras o povo, não os levou Deus pelo caminho do país dos filisteus, que fica vizinho: e isto pelo temor de que êles se não arrependessem, se vissem levantar-se contra si algumas guerras, e de que não tornassem para o Egito.

18 Mas fê-los fazer um longo rodeio pelo caminho do deserto, que é perto do Mar Vermelho. Assim saíram os filhos de Israel em armas do Egito.

19 E Moisés levou também consigo os ossos de José, conformemente ao que José tinha feito que lhe promettessem com juramento os filhos de Israel, dizendo-lhes: Deus vos há de visitar: levai daqui os meus ossos convosco.

20 Tendo pois saído de Socote, êles se acamparam em Etan, no extremo do deserto.

21 E o Senhor caminhava adiante dêles, para lhes mostrar o caminho, dando-se a conhecer de dia numa coluna de nuvem, e de noite numa coluna de fogo, para lhes servir de guia em ambos os tempos. (2)

22 Nunca a coluna de nuvem deixou de aparecer diante do povo durante o dia, nem a coluna de fogo durante a noite.

(2). **UMA CÔLUNA DE NUVENS** — E' a primeira vez que aparece esta coluna de nuvem e de fogo, que devia acompanhar os israelitas através o deserto. No capítulo seguinte se falará desenvolvidamente sôbre êste extraordinário fenômeno.

CAPÍTULO 14

VÁI FARAÓ APÓS OS ISRAELITAS. AS ÁGUAS DO MAR VERMELHO SE ABREM PARA DAR PASSAGEM AOS HEBREUS. OS EGÍPCIOS FICAM SEPULTADOS DEBAIXO DAS MESMAS ÁGUAS.

1 Tornou o Senhor a falar a Moisés, e lhe disse:

2 Dize aos filhos de Israel, que retrocedam, e que se vão acampar diante de Piailote, que fica entre Magdal, e o mar, defronte de Beelsefon. Vós vos acampareis defronte deste sítio sobre o mar. (1)

3 Porque Faraó há de dizer, falando dos filhos de Israel: Eles estão embaraçados nuns lugares estreitos, e estão fechados no deserto.

4 Eu lhe endurecerei o coração, e ele irá em vosso alcance: e eu serei glorificado em Faraó, e em todo o seu exército. E os egípcios saberão que eu sou o Senhor.

(1) **PIAIROTE** — Tudo leva a crer que seja o Adjroud atual, o que contudo não passa duma hipótese, com fundamento sólido, mas mera hipótese, por isso que não conhecemos hoje os dois pontos da referência indicados no texto — Beelsefon e Magdal. Do primeiro supõe-se, atendendo à topografia do Istmo, que seja Djebel Attaka, a cordilheira situada a sudoeste do Suez; quanto a Magdal, não obstante encontrar-se o seu nome nas inscrições egípcias, não se pode conjecturar, com razões sólidas, coisa alguma. Porém, como quer que seja, Piailote não devia estar distanciado do mar Vermelho. O nome é egípcio, e era simplesmente Hairote; o prefixo **Pi** significa lugar. O notável egiptólogo Neville achou em Tell-el-Maskhuta uma estela em granito negro do rei Ptolomeu 2.^o Filadelfo, onde se menciona por duas vezes uma cidade Pikeheret, não determinando a sua localização, sendo porém os críticos concordes em declarar ser a mesma cidade de que fala o texto Bíblico. Para nós, porém, o principal é saber que o campo dos hebreus estava nas vizinhanças de Djebel Attaka, que vai a oeste e nordeste do Mar Vermelho.

Fizeram pois os filhos de Israel o que o Senhor lhes tinha ordenado.

5 E vieram dizer a Faraó, rei dos egípcios, que o povo tinha fugido. Com isto se mudou o coração de Faraó, e o de seus servos a respeito deste povo, e eles disseram: Que é o que nós fizemos, deixando ir Israel, para que ele nos não servisse?

6 Faraó pois fêz preparar a sua carroça, e tomou consigo todo o seu povo.

7 Levou também seiscentas carroças escolhidas, e tudo o que no Egito se achou de carroças de guerra, com os capitães de todo o exército.

8 O Senhor endureceu o coração de Faraó, rei do Egito, e este foi em alcance dos filhos de Israel. Mas eles tinham saído guiados de uma mão poderosa.

9 Indo pois os egípcios em alcance dos israelitas, e caminhando pelo rasto das suas pisadas, acharam-nos no seu campo sobre o mar. Toda a cavalaria, e carroças de Faraó com todo o seu exército estavam em Piariote, defronte de Beelsefon.

10 Quando Faraó estava já próximo, levantando os filhos de Israel os olhos, e tendo visto os egípcios por detrás deles, ficaram passados de medo: clamaram ao Senhor,

11 e disseram para Moisés: Talvez não havia sepulcros no Egito, e por isso é que tu nos trouxeste aqui, para que nós morrêssemos na solidão. Que sentido foi o teu, quando nos fizeste sair do Egito?

12 Não é isto o que nós te dizíamos, estando ainda no Egito: Retira-te de nós para servirmos os egípcios? Porque muito melhor era servi-los a eles, do que morrer-mos no deserto.

13 Respondeu Moisés ao povo: Não temais, estai firmes, e considerai as maravilhas, que o Senhor es-

Êxodo 14, 14-19

tá para fazer hoje. Porque os egípcios, que vós hoje vêdes, vós os não tornareis a ver jamais.

14 O senhor pelejará por vós, e vós ficareis em silêncio.

15 E o Senhor disse a Moisés: Porque clamas tu a mim? Dize aos filhos de Israel que marchem.

16 E tu levantarás a tua vara, e estenderás a tua mão sobre o mar, e o dividirás, para que os filhos de Israel caminhem em sêco pelo meio do mar.

17 Eu endurecerei o coração dos egípcios, para que eles vão atrás de vós: e eu serei glorificado em Faraó, e em todo o seu exército, e nas suas carroças, e na sua cavalaria;

18 e os egípcios saberão que eu sou o Senhor, quando eu assim fôr glorificado em Faraó e nas suas carroças e cavalaria.

19 Então o anjo de Deus, que caminhava adiante do campo dos israelitas, se foi pôr atrás dêles: e ao mesmo tempo a coluna de nuvem, deixando a vanguarda do povo, (2)

(2) A COLUNA DE NUVEM — Vários escritores têm dado diversas interpretações a esta passagem bíblica, querendo alguns considerar este fenómeno como natural. Thierbach sustentou, em 1830, *Oster programm des Gymnasium zu Erfurt*, que se podia explicar a coluna de nuvem e de fogo pela fosforescência do mar e por uma nuvem, em forma de coluna, fortemente carregada de electricidade. Os críticos ortodoxos rejeitam esta interpretação e consideram este fato como verdadeiramente sobrenatural. Esta coluna deslocava-se consoante as necessidades dos viajantes: de noite era fogo vivo e brilhante; de dia era nuvem que a todos conduzia; appareceu pela primeira vez, não nas margens do Mar Vermelho, mas em Etan (13,20), de onde só por milagre podia ser vista a fosforescência do mar. E, perguntam, como explicar naturalmente que uma nuvem carregada de electricidade, acompanhasse sem cessar, durante quarenta anos, os israelitas?

20 se veio pôr também detrás, entre o campo dos egípcios, e o campo de Israel. E esta nuvem duma parte era tenebrosa, e de outra alumiaava a noite; de sorte que os dois exércitos se não puderam aproximar todo o tempo da noite.

21 Tendo Moisés pois estendido a sua mão sôbre o mar, o Senhor lhe dividiu as águas fazendo que tôda a noite assoprasse um vento veemente, abrasador, que lhe secou o fundo. Estando a água assim dividida, (3)

22 entraram os filhos de Israel pelo meio do mar sêco, tendo pela direita e esquerda a água que lhes servia como de muro. (4)—(5)

(3) **UM VENTO VEEMENTE** — Seria o vento denominado qadim, vento de este ou de nordeste. J. Salvador, *Histoire des Institutions de Moïse et du peuple hebreu*, e outros escritores racionalistas citam esta circunstância do vento para negar o caráter miraculoso da passagem do Mar Vermelho. Observa Vigouroux que se Deus quisesse servir-se dum agente natural para contribuir para o prodígio, êste não era por isso menos sobrenatural; da mesma maneira que a peste e outros flagelos, naturais em si mesmos, tinham sido sobrenaturalmente empregados por Deus para castigo dos egípcios.

(4) **ENTRARAM OS FILHOS DE ISRAEL** — Têm os exegetas procurado determinar o número dos israelitas. O texto indica-nos seiscentos mil homens de pé, novecentas crianças, Ex 12, 37. Calmet, *Dissertation sur la passage de la mer Rouge*, chama a atenção para o recenseamento da população feito um ano depois dêste fato, onde se contam 683.550 homens na idade de tomar armas, 20.000 levitas, fora tôdas as mulheres, crianças, vêlhos decrepitos, escravos e alguns egípcios que a êstes se juntaram; e baseado nestes algarismos conclui que os que passaram as águas do Mar Vermelho deviam ser cêrca de dois milhões de indivíduos.

(5) **TENDO PELA DIREITA E PELA ESQUERDA A AGUA QUE LHES SERVIA DE MURO** — Estas palavras refutam aquêles que sustentam que os hebreus passaram a vau o Mar Vermelho. Em primeiro lugar tão grande multidão de povo não podia passar

Êxodo 14, 23-28

23 E os egípcios, que os perseguiram, entraram depois dêles pelo meio do mar com tôda a cavalaria de Faraó, suas carroças e cavalos.

24 Mas quando veio a vigília da manhã, o Senhor tendo olhado para o campo dos egípcios por entre a coluna de fogo e a coluna de nuvem, fêz perecer todo o seu exército.

25 Êle embarçou as rodas das carroças, e os egípcios foram ao fundo. Então disseram entre si os egípcios: Fugamos dos israelitas, porque o Senhor pugna por êles contra nós.

26 Mas o Senhor disse a Moisés: Estende a tua mão sôbre o mar para que as águas se tornem sôbre os egípcios, sôbre as suas carroças, e sôbre a sua cavalaria.

27 Estendeu pois Moisés a mão sôbre o mar, e ao primeiro romper da manhã se tornou o mar ao mesmo lugar, onde antes estava. Assim quando os egípcios iam fugindo, vieram as águas encontrar-se com êles, e o Senhor os envolveu no meio das ondas.

28 Tendo-se desta sorte tornado a ajuntar as águas.

senão muito lentamente, como afirma um viajante americano, que muito de perto e cuidadosamente foi estudar esta questão no próprio local, o dr. Eduardo Robinson, *Biblical Researches*, 1841. Em segundo lugar para que uma travessia de cinco a seis quilômetros fôsse levada a cabo por multidão tão numerosa, acompanhada de rebanhos, era precisô, não um vau, mas um istmo, que tivesse um quilômetro de largura, e êste abriu-o Deus, sôbre o próprio leito do Mar Vermelho, aos filhos de Israel. Querem que fôsse o vento que separasse as águas? Ainda assim o milagre subsiste, como eloqüentemente o afirmou o cardeal Newman num discurso pronunciado na União Católica da Grã-Bretanha, em 13 de maio de 1880, e publicado no *Fremman's Journal*. Diz o eminente purpurado: "A divisão das águas do Mar Vermelho foi um milagre produzido por uma causa natural, atuando naturalmente, mas indo muito além do seu poder ordinário."

cobriram as carroças, e cavalaria de todo o exército de Faraó, que tinham entrado no mar em alcance dos israelitas, e não escapou deles nem sequer um.

29 Mas os filhos de Israel ao contrário passaram a pé enxuto pelo meio do mar, tendo à direita, e à esquerda as águas, que lhe serviram de muro.

30 Naquele dia livrou o Senhor a Israel da mão dos egípcios. (6)

31 E os israelitas viram os cadáveres dos egípcios sobre a praia do mar, e os efeitos, que a poderosa mão do Senhor tinha obrado contra êles. Então temeu o povo o Senhor, creu no Senhor, e em seu servo Moisés.

(6) NAQUELE DIA LIVROU O SENHOR A ISRAEL — Assim acabou a escravidão. Tinham passado 420 anos depois que Jacó se tinha estabelecido na terra de Gessen. O seu povo, próspero nos tempos dos reis pastores, vivia oprimido barbaramente pelos reis da XIXª dinastia; Ramsés foi bárbaro; Meneftá cruel; e este só depois das pragas que lhe assolaram o país, se resolveu a deixar sair o povo de Deus. Partiram estes de Ramessés, passaram a Socote, depois a Etan, à entrada do deserto. Chegados aqui mudaram de direção, vieram tomar, seguindo a margem ocidental dos lagos amargos, o caminho que conduz ao Sinai. No momento em que se preparavam para entrar no deserto, acharam-se em frente do exército egípcio, que lhes impedia a passagem, mas Deus os salvou, abrindo-lhes no meio das águas uma estrada miraculosa, de onde seriam conduzidos às faldas do Sinai. Nenhum outro fato teve no Velho Testamento igual celebração. Nem a vocação de Abraão, nem a eleição de José à corte dos Faraós, nem a primeira Páscoa, nem a conquista de Canaã, nem a lei outorgada no Sinai foram comemoradas com tanto entusiasmo e admiração. Isaías chama-lhe o ato por excelência, no qual Deus manifesta o seu amor ao povo escolhido (Is 43, 16.17), e os Salmos cantam a grandiosidade deste fato (Sl 76).

CAPÍTULO 15

CÂNTICO DE AÇÃO DE GRAÇAS DEPOIS DA PASSAGEM DO MAR VERMELHO. ACAMPAMENTO EM MARA, ONDE MOISÉS TORNA AS ÁGUAS DOCES.

1 Então Moisés, e os filhos de Israel cantaram êste cântico ao Senhor, e disseram: Cantemos louvores ao Senhor, por ter feito brilhar a sua grandeza, e a sua glória, e porque precipitou no mar o cavalo, e o cavaleiro.

2 O Senhor é a minha fortaleza, e o objeto dos meus louvores, porque se fez meu salvador. Ele é que é o meu Deus, e eu celebrarei a sua glória: ele é o Deus de meu pai, e eu exaltarei a sua grandeza.

3 O Senhor se houve como um guerreiro: o seu nome é o Todo Poderoso.

4 Ele precipitou no mar as carroças, e o exército do Faraó: os mais notáveis dentre os seus príncipes foram submergidos no Mar Vermelho.

5 Eles foram sepultados nos abismos: caíram no fundo como uma pedra.

6 A tua destra, Senhor, se assinalou no muito que fez brilhar a sua força: a tua destra, Senhor, feriu o inimigo.

7 E tu deitaste abaixo os teus adversários com a grandeza da tua glória: tu mandaste a tua ira, que os devorou como uma palha.

8 Tu excitaste o vento do teu furor, e ao seu assôpro se congregaram as águas. A corrente da água parou, e os abismos se ajuntaram no meio do mar.

9 O inimigo disse: Eu os perseguirei, e os alcançarei. Eu repartirei os seus despojos, e a minha alma ficará farta. Eu desembainharei a minha espada, e a minha mão os fará cair mortos.

10 Mas tanto que o teu vento assoprou, o mar os cobriu. Êles caíram como chumbo no fundo das grandes águas.

11 Quem dentre os Heróis te é semelhante a ti, Senhor? Quem te é semelhante a ti, que és grande em santidade, que és terrível, que és digno de todos os louvores pelas maravilhas que obras.

12 Tu estendeste a tua mão, e a terra os devorou.

13 Tu na tua misericórdia te fizeste o condutor do povo, que remiste: e tu na tua fortaleza o levaste até à tua santa morada.

14 Os povos se levantaram, e se iraram: uma profunda dor se apossou dos filisteus.

15 Os príncipes de Edom se turbaram: o espanto surpreendeu os valentes de Moab; todos os habitantes de Canaã ficaram enregelados.

16 Caia sôbre êles o mêdo e o pavor, a efeito do poder do teu braço: êles se tornem imóveis como uma pedra, até que passe o teu povo, Senhor; até que passe êste teu povo, que tu adquiriste para ti.

17 Tu os conduzirás, Senhor, e tu os estabelecerás no monte da tua herança, nesta firmíssima habitação, que tu te preparaste; neste Santuário, Senhor, que as tuas mãos firmaram.

18 O Senhor reinará na eternidade, e além da eternidade.

19 Porque Faraó entrou a cavalo no mar com as suas carroças, e cavalaria: e o Senhor fêz que tornassem sôbre êles as águas do mar. Os filhos de Israel porém caminharam a pé enxuto pelo meio dêle. (1)

(1) O FARAÓ ENTROU A CAVALO — Tanto no original hebraico *kí bô sus pharaó*, como na versão dos Setenta, está os cavalos de Faraó entraram, isto é, o estado do mesmo, carros de

Exodo 15, 20-26

20 Maria Profetisa, irmã de Aarão, pegou num tambor, e tôdas as mulheres foram atrás dela com tambores formando coros.

21 E Maria era a primeira que cantava, dizendo: Cantemos louvores ao Senhor, por ter feito brilhar a sua grandeza, e a sua glória; e porque precipitou no mar o cavalo, e o cavaleiro.

22 Depois logo que Moisés fêz partir os israelitas do Mar Vermelho, entraram eles no deserto de Sur: e como tivessem andado três dias pela solidão, não achavam água.

23 Enfim chegaram a Mara, e não podiam beber das águas de Mara, porque eram amaras. Por isso a êste lugar lhe foi pôsto um nome bem congruente, qual é o de Mara, que quer dizer amargura.

24 Então murmurou o povo contra Moisés, dizendo: Que havemos nós de beber?

25 Porém Moisés clamou ao Senhor, o qual lhe mostrou um pau, que êle lançou nas águas, e as águas se tornaram doces. Ali lhe deu Deus certos preceitos, e certas ordenanças; e ali tentou êle o povo dizendo:

26 Se tu obedeceres à voz do Senhor teu Deus, e obrares o que é reto diante de seus olhos; se obedeceres aos seus mandamentos, e guardares todos os seus preceitos, eu vos não ferirei com enfermidade alguma das com que feri o Egito: porque eu sou o Senhor, que te sara.

guerra, munições, etc., e não o Faraó, porque Meneftá não morreu no Mar Vermelho, e o texto original não o diz como se vê. Cfr. Vigouroux, *ob. cit.*

27 Depois vieram os filhos de Israel a Elim, onde havia doze fontes, e setenta palmeiras, e eles se acamparam ao pé das águas. (2)

CAPÍTULO 16

MURMURAÇÃO DOS HEBREUS. DEUS LHES MANDA CODORNIZES, E FAZ CHOVER O MANÁ. INSTRUÇÕES COMO O MANÁ SE DEVE APANHAR.

1 Tendo tôda a multidão dos filhos de Israel partido de Elim, veio para o deserto de Sin, que é entre Elim e Sinai, ao décimo quinto dia do segundo mês, depois que tinham saído do Egito. (1)

2 E todos os filhos de Israel, estando neste deserto, murmuraram contra Moisés, e contra Aarão, dizendo-lhes:

3 Prouvera a Deus que nós fôssemos mortos no Egito pela mão do Senhor, quando lá estávamos assentados ao pé das panelas de carne, e comíamos quanto pão

(2) **ELIM** — É um oásis situado a 86 quilômetros de Ayoun Mouça. Dão-se aí palmeiras selvagens, tâmaras, e outras plantas, perpétuamente regadas por um límpido riacho. Na primavera, isto é, na época em que os hebreus aí estiveram, este regato subdivide-se e forma algumas lagoas, que são as doze fontes cantadas por Moisés.

(1) **TENDO TODA A MULTIDÃO PARTIDO...** — Partindo de Elim sabe-se que acamparam nas margens do Mar Vermelho (Núm 33, 10). Em 1868 organizou-se na Inglaterra uma expedição científica para ir estudar a península do Sinai, tendo à frente Henri Palmer e Wihn, acompanhados de orientistas, geógrafos, zoólogos, fotógrafos, etc. Os seus trabalhos foram publicados e prestaram grandes serviços à crítica bíblica, pois das suas investigações se servem os mais abalizados exegetas na interpretação hodierna destas passagens. O deserto do Sin é a planície atual do El Markha, limitada à este pelas montanhas e a oeste pelo Mar Vermelho. Tem uma extensão de 24 quilômetros de comprimento por 5 de largura. Começa a uma distância de 16 quilômetros ao sul de Tayibeh. Também

Êxodo 16, 4-10

queríamos. Por que nos trouxestes vós a êste deserto, para matardes aqui de fome todo o povo?

4 Então disse o Senhor a Moisés: Eu estou para vos fazer chover pães do céu. Saia o povo, e apanhe dêles o que bastar para cada dia, porque quero experimentar se êle caminha pela minha lei, ou não.

5 Ao dia sexto ajunte-se dêstes pães o que se há de guardar em casa; e êles apanhem dobrado do que é costume nos outros dias.

6 Então disseram Moisés, e Aarão a todos os filhos de Israel: Esta tarde sabereis vós que o Senhor é quem vos tirou do Egito.

7 E amanhã pela manhã vereis vós brilhar a glória do Senhor: porque êle ouviu as vossas murmurações contra êle. Pois no tocante às pessoas de nós os dois, quem somos nós, para que vós murmureis contra nós?

8 Prosseguiu Moisés, dizendo: Esta tarde vos dará o Senhor carne para comerdes; e amanhã êle vos fardará de pães: porque êle ouviu as palavras de murmuração, que vós proferistes contra êle: pois quanto a nós, quem somos nós? Não somos nós os a quem as vossas murmurações atacam, mas sim o Senhor.

9 Disse também Moisés a Aarão: Dize a todo o ajuntamento dos filhos de Israel: Chegai-vos para diante do Senhor, porque êle ouviu a vossa murmuração.

10 Quando Aarão ainda estava falando a todo o ajuntamento dos filhos de Israel, olharam êles para a par-

neste versículo Moisés fixa a data. Esta precisão não se encontra no Gênesis, mas de ora avante os acontecimentos são datados pela maneira mais precisa, contando os dias decorridos após a saída do Egito, como o faria o mais profundo e minucioso historiador, o que prova o rigor com que o escritor sagrado descreve êstes fatos, tão importantes.

te do deserto, e eis que de repente aparece a glória do Senhor na nuvem.

11 Ora o Senhor tinha falado a Moisés, e lhe tinha dito:

12 Eu ouvi as murmurações dos filhos de Israel. Dize-lhes: Vós comereis esta tarde carne, e amanhã vos fartareis de pães; e vós sabereis que eu sou o Senhor vosso Deus.

13 À tarde pois veio um número sem número de codornizes, que cobriram todo o campo; e pela manhã também todos os arredores do campo foram carregados de orvalho.

14 E estando a superfície da terra coberta dêle, viu-se aparecer no deserto uma coisa miúda, e como pisada num gral, que se assemelhava àqueles pequenos grãos de geadá branca, que caem sobre a terra.

15 O que tendo visto os filhos de Israel, disseram uns para os outros: *Manon*, isto é: Que é isto? Porque não sabiam o que era. Moisés lhes respondeu: Este é o pão, que o Senhor vos deu para comerdes. (2)

(2) MANOU? — Esta expressão mostra que os hebreus ficaram estupefatos e não conheciam a substância que caía cobrindo a superfície da terra. Mas que substância era esta? pergunta a crítica. Que se trata duma substância nova, desconhecida para elles, não há dúvida alguma; infere-se claramente do texto, como igualmente se deduz que elles tiveram esse fato como sobrenatural. Os escritores racionalistas negam que haja aqui um milagre. Ritter diz que em certas partes do Sinai há um maná comestível, a que os beduínos dão hoje o nome de *manna essemma*, maná celeste. É uma goma esbranquiçada, de cheiro agradável, que goteja da tamargueira, *Tamarix mannifera*, planta que se dá na parte ocidental da península do Sinai, na Arábia Pétreá, em Moab, e em Galaced; tem o sabor do mel. *Die Sinai Halbinsel, Palastina und Syrien*. Porém, todas as explicações, por mais engenhosas, não podem negar o carácter miraculoso deste fenómeno. Em 1.º lugar, quanto à duração:

Exodo 16, 16-18

16 E eis-aqui o que o Senhor ordena: Cada um apanhe dêle quanto lhe fôr necessário para comer. Tomai um gomor para cada pessoa, conforme o número daquelles, que houver em cada tenda. (3)

17 Assim o fizeram os filhos de Israel: Apanharam do maná, uns mais, outros menos.

18 E tendo-o medido por um gomor, nem o que ti-

sabe-se que o maná caiu no deserto de Sin (Ex 16, 14) e cessou quando passaram o rio (Jos 5, 12), isto é, pelo espaço de quarenta anos. 2.º Durante todo êsse largo espaço de tempo, caía todos os dias como o orvalho sôbre a terra. (Núm 11, 9). 3.º Na véspera de sábado a chuva do maná era em quantidade duplicada, e cada um devia prover-se para dois dias, a fim de não ser violado o repouso de sábado (Ex 16, 22-24.) 4.º Com êste maná alimentavam-se tantos e tantos indivíduos. Porém, ainda se deve advertir que o maná de que fala Moisés em nada se parece com o maná da tamargueira nem com o *air manna* de Kalisch. 1.º Este maná recolhe-se apenas no mês de junho, o do Exodo caiu ininterrompidamente por quarenta anos. 2.º Este produto vegetal é raro, dizendo Stanley que não chegaria para sustentar um homem durante seis meses, o de Moisés alimentou por todos aquêles anos uma enorme multidão. 3.º O maná que choveu sôbre aquêlê povo alimentou-o durante tanto tempo, o da tamargueira, afirma o insuspeito Berthelot, não satisfaz como substância alimentícia, porque além de não conter princípio algum azotado, é um remédio purgativo. 4.º O maná vegetal não se corrompe nem se enche de vermes, no dia seguinte àquele em que é colhido, conserva-se indefinidamente, o que não sucede ao do Sinai (v. 20). Por isto, conclui Vigouroux, "êste maná é milagroso, porque da análise química do maná natural resulta que não podia sustentar Israel no deserto, e que por isso o maná que Deus lhe deu era verdadeiramente pão do Céu." Vigouroux, *La Bible et les decouvertes modernes*.

(3) GOMOR — O hebreu gomer, de origem egípcia, designa propriamente um vaso. Porém passou a significar uma medida, a décima parte do efi (v. 36), e daí o nome de issaron, décima parte, que designa esta medida em vários lugares do Pentateuco. Os rabinos dizem que o Gomor continha 45 ovos e meio e 3 litros e 88.

nha ajuntado mais, tinha mais; nem o que tinha ajuntado menos, tinha menos: mas cada um se achou com quanto podia comer.

19 Moisés lhes disse: Nenhum deixe nada para amanhã.

20 Mas eles não lhe deram ouvidos: E tendo alguns guardado do maná para o outro dia, ele se achou gafo de bichos, e todo corrompido: do que Moisés se agastou contra eles.

21 Cada um pois colhia tôdas as manhãs quanto lhe era necessário para comer: e quando vinha o calor do sol, derretia-se.

22 Ao dia sexto colheram eles dobrado, isto é, colheram dois gomores para cada pessoa: e todos os príncipes do povo vieram dar parte disto a Moisés.

23 O qual lhes disse: Isto é o que o Senhor ordenou: Amanhã será o dia de sábado, cujo descanso é consagrado ao Senhor. Fazei pois o que tendes que fazer: Cozei o que tendes que cozer: E tudo o que ficar de hoje, guardai-o para amanhã.

24 E tendo-o eles feito, como Moisés o ordenara, não apodreceu o maná, nem se acharam bichos nêle.

25 Disse-lhes ainda Moisés: Comei-o hoje, porque é o sábado do Senhor, e vós o não achareis hoje no campo.

26 Colhei-o pois os seis dias: Mas o dia sétimo é o sábado do Senhor: Por isso nêle não se achará maná.

27 Chegado que foi o sétimo dia, saíram alguns do povo a apanhá-lo, e não o acharam.

28 Então disse o Senhor a Moisés: Até quando não haveis vós de querer guardar os meus mandamentos, e a minha lei?

29 Considerai que o Senhor vos mandou observar o sábado, e que para isso vos deu ele ao sexto dia dobrado

Exodo 16, 30-36; 17, 1

sustento. Cada um de vós logo fique na sua tenda o dia sétimo, e não saia dela.

30 O povo pois observou o descanso do sábado no dia sétimo.

31 E os israelitas deram a êste sustento o nome de maná: E êle parecia-se como a semente do coentro: era branco, e de um gôsto semelhante ao do pão amassado com mel.

32 Ainda Moisés disse mais: Eis aqui o que diz o Senhor: Enchei um gomor de maná, e ponde-o diante do Senhor, para se conservar memória dêle nos tempos vindouros; e para que se saiba qual foi o manjar, com que eu vos sustentei no deserto, depois da vossa saída do Egito.

33 Disse pois Moisés a Aarão: Toma um vaso, e mete nêle tanta quantidade de maná, quanta pode caber num gomor; e põe-no em reserva diante do Senhor, para que êle se conserve nas gerações futuras,

34 segundo a ordem, que eu acêrca disso recebi do Senhor. E Aarão pôs êste vaso no tabernáculo para ali se conservar.

35 Ora os israelitas sustentaram-se do maná quarenta anos, até o tempo da sua chegada a um país cultivado. Êles se serviram dêste mantimento até a sua entrada nas primeiras terras de Canaã.

36 O gomor porém é a décima parte de um efi.

CAPÍTULO 17

**MURMURAÇÃO DOS ISRAELITAS EM RAFIDIM. FAZ DEUS SAIR
ÁGUA DE UM ROCHEDO. DESFEITA DOS AMALECITAS.**

1 Tendo-se partido pois todos os filhos de Israel do deserto de Sin, e tendo feito as suas mansões nos lugares, que o Senhor lhes havia apontado, êles se acamparam

em Rafidim, onde não havia água para dar de beber ao povo.

2 Então tornaram êles a murmurar contra Moisés, dizendo: Dá-nos água para bebermos. Moisés lhes respondeu: Por que murmurais vós contra mim? por que tentais o Senhor?

3 O povo pois achando-se neste sítio atormentado da sede, e sem água, queixou-se altamente de Moisés, até lhe dizer: Por que nos fizeste tu sair do Egito, para agora nos fazeres morrer de sede a nós, aos nossos filhos, e às nossas bêstas?

4 Clamou então Moisés ao Senhor, e lhe disse: Que farei eu a êste povo? Pouco falta que êle me não apedreje.

5 E o Senhor disse a Moisés: Caminha adiante do povo: Leva contigo alguns dos anciãos de Israel; toma na tua mão a vara, com que feriste o rio, e vai até à pedra de Horeb.

6 Eu me acharei lá contigo: Tu ferirás a pedra, e dela sairá água, para que o povo tenha donde beber. Fêz Moisés diante dos anciãos de Israel o que o Senhor lhe havia ordenado.

7 E êle chamou êste lugar a Tentaçã, aludindo aos queixumes dos filhos de Israel, e a que êles tentaram o Senhor, dizendo: Está o Senhor no meio de nós, ou não está?

8 Entretanto Amalec veio a Rafidim a pelejar contra Israel. (1)

9 Então disse Moisés a Josué: Escolhe homens, e

(1) **AMALEC** — Tribo descendente de Abraão por Amalec. (Gên 36, 12). Os amalecitas ocupavam o deserto de Faram, isto é, uma parte do deserto de Tih, desde o Uadi el-Arabah a este, até ao Egito pelo oeste, e ao norte até aos arredores do Sinai. Era uma tribo belicosa, capaz de se bater com um exército numeroso. Partilhavam a província do Sinai com os madianitas.

Exodo 17, 10-16

vai pelejar no alto contra Amalec. Eu amanhã serei no alto do outeiro, tendo a vara de Deus na mão.

10 Fêz Josué o que Moisés lhe tinha dito, e pelejou contra Amalec. Porém Moisés, Aarão, e Hur subiram ao cume do outeiro.

11 E quando Moisés tinha as mãos levantadas, ficava Israel vitorioso: Mas se as abaixava um pouco, era Amalec o que levava a melhor.

12 Entretanto as mãos de Moisés pesavam-lhe. Pelo que êles tomaram uma pedra; e tendo-a pôsto por baixo de Moisés, êste se assentou nela: e Aarão, e Hur lhe sustentavam as mãos de ambas as partes. Assim as suas mãos se não cansaram até o pôr do sol.

13 Josué pois fêz fugir a Amalec, e passar ao fio da espada o seu povo.

14 Então disse o Senhor a Moisés: Escreve isto num livro, para servir de monumento, e faze-o ouvir a Josué. Porque eu hei de extinguir a memória de Amalec de debaixo do céu. (2)

15 Moisés edificou ali um altar, a que êle pôs êste nome: O Senhor é a minha glória.

16 Porque a mão do Sênhor, disse êle, se levantará do seu trono contra Amalec; e o Senhor lhe fará guerra no decurso de tôdas as gerações.

(2) **ESCREVE ISTO NUM LIVRO** — No texto, tal como foi pontuado pelos massoretas, está “no livro” com o artigo, e não “num livro”, o que é racional, pois Moisés não teria de escrever um livro só para uma passagem tão curta, bastava escrevê-la no livro em que relatava os demais acontecimentos.

CAPÍTULO 18

**JETRO, SOGRO DE MOISÉS, VEM AO CAMPO DOS ISRAELITAS.
CONSELHOS QUE ELE DEU A MOISÉS.**

1 Ora Jetro, sacerdote de Madian, e sogro de Moisés, tendo ouvido tudo o que Deus tinha feito a favor de Moisés e do seu povo de Israel, e como o tinha feito sair do Egito;

2 tomou a Séfora, mulher de Moisés, a qual êste lhe tinha remetido,

3 e a seus dois filhos, um dos quais se tinha chamado Gersão, por seu pai ter dito: Eu fui viandante numa terra estrangeira;

4 e o outro Eliazar, por seu pai ter dito: O Deus de meu pai foi o meu defensor, e êle me salvou da espada de Faraó.

5 Veio pois Jetro, sogro de Moisés, ter com êle, trazendo-lhe sua mulher, e seus filhos ao deserto, onde tinha feito acompanhar o povo junto ao monte de Deus.

6 E êle mandou dizer a Moisés: Eu Jetro, teu sogro, venho a ti com tua mulher, e teus dois filhos.

7 Moisés tendo ido encontrar-se com seu sogro, se abaixou profundamente diante dêle, e o beijou: e êles se cumprimentaram, significando desejar um ao outro tôda a sorte de felicidades. Feito isto, entrou Jetro na tenda de Moisés,

8 o qual contou a seu sogro tôdas as maravilhas, que Deus tinha obrado contra Faraó, e contra os egípcios a favor de Israel; todos os trabalhos que tinham padecido no caminho, e de que maneira os havia o Senhor livrado.

9 Jetro se alegrou de tôdas as graças, que o Senhor

Exodo 18, 10-20

fizera a Israel, e de que o tivesse tirado do poder dos egípcios, e disse:

10 Bendito seja o Senhor, que vos livrou da mão dos egípcios, e da mão de Faraó: e que salvou o seu povo do poder do Egito.

11 Agora conheço que o Senhor é grande sobre todos os deuses; pois ele assim castigou a soberba, e insolência, com que os egípcios tinham tratado o seu povo.

12 Jetro pois, sogro de Moisés, ofereceu a Deus holocaustos, e hóstias: e Aarão e todos os anciãos de Israel vieram comer pão com ele diante do Senhor.

13 Ao outro dia assentou-se Moisés para dar audiência ao povo, que se apresentava diante dele, desde pela manhã até à tarde.

14 E seu sogro tendo visto tudo o que ele fazia ao povo, disse-lhe: Que é isto que tu fazes ao povo? Por que estás tu assentado, e todo o povo esperando desde pela manhã até à tarde?

15 Moisés lhe respondeu: E' que o povo vem a mim para ouvir pronunciar a sentença de Deus.

16 E quando entre eles sucede haver alguma diferença, vem ter comigo, para que lhes mostre os preceitos, e a lei de Deus.

17 Não fazes bem, disse Jetro.

18 Estás-te fatigando sem propósito, tu, e este povo, que vive contigo. Este trabalho é sobre as tuas forças, e tu só não o poderás aturar.

19 Mas ouve o que te vou dizer, e o conselho, que te vou a dar, e será Deus contigo: Presta-te ao povo naquelas coisas, que dizem respeito a Deus, para expores ao Senhor os requerimentos do povo;

20 para lhe ensinares as cerimônias, e o modo, com que devem honrar a Deus; o caminho por onde devem andar; e as obras que devem fazer.

21 Mas escolhe dentre os do povo uns tantos homens poderosos, que temam a Deus, que sejam amigos da verdade, e inimigos da avareza; e constitui do número destes homens uns chefes de mil, outros chefes de cento, outros de cinquenta, outros de dez: (1)

22 cuja ocupação seja fazer justiça ao povo em todo o tempo; mas que reservem ao teu conhecimento os negócios de maior suposição, e julguem somente os mais pequenos. Desta sorte o peso, que te oprime, virá a ser mais leve, sendo repartido entre outros. (2)

23 Se fizeres isto, que te digo, cumprirás com o mandamento de Deus; poderás ser capaz de executar as suas ordens; e todo este povo voltará em paz para sua casa.

24 Moisés, tendo ouvido isto, fez tudo o que seu sogro lhe sugerira.

25 E tendo escolhido dentre todo o povo de Israel homens de valor, constituiu-os príncipes do povo, para uns governarem mil outros cem, outros cinquenta, outros dez.

26 Estes faziam justiça ao povo, em todo o tempo: mas davam conta a Moisés de todos os negócios mais difíceis, sentenciando eles somente os mais fáceis.

27 Depois deixou Moisés retirar-se seu sogro, o qual, partindo, se recolheu para a sua terra.

(1) **E CONSTITUI UNS CHEFES** — Stanley diz que hoje a constituição das tribos, com graus subordinados aos "xeíquês", tal qual foi recomendada a Moisés por Jetro subsiste ainda, inteiramente semelhante, entre aquêles que são talvez seus descendentes diretos, a nobre raça dos Towara.

(2) **MAS QUE RESERVEM AO TEU CONHECIMENTO** — Calmet indica que devia ser reservado a Moisés o seguinte: 1.º O que se referisse à religião; 2.º o que fôsse atinente a minorar os rigores da lei; 3.º a aplicação da pena de morte; 4.º os apelos das sentenças dos juizes inferiores.

CAPÍTULO 19

CHEGAM OS ISRAELITAS PERTO DO SINAI. MOISÉS SOBE ESTE MONTE. TORNA, E MANDA AO POVO, QUE SE PREPARE PARA OUVIR AS ORDENS DO SENHOR. DÁ DEUS MOSTRAS DA SUA GLÓRIA NO MONTE.

1 Ao terceiro dia do terceiro mês da saída dos israelitas do Egito, chegaram eles ao deserto de Sinai.

2 Tendo partido de Rafidim, e chegado a este deserto, acamparam-se no mesmo lugar; e Israel pôs as suas tendas bem defronte do monte. (1)

3 Depois subiu Moisés ao monte para falar a Deus: porque o Senhor o chamou do alto do monte, e lhe disse:

(1) O MONTE DO SINAI — Hoje é o Djebel Muça, ou monte de Moisés. E' rodeado por vales. A sua situação singularíssima torna-o um dos pontos mais extraordinários do globo. Tudo ali é fora do vulgar, e por isso o autor da *Histoire du peuple d'Israel* chama-lhe "uma coisa única, um acidente isolado, um trono, um pedestal para alguma coisa divina." Está a 2.000 metros acima do nível do mar. O declive é violento, exceto do lado do sudoeste; onde se vê, sobre uma extensão de quase dois quilômetros, uma aglomeração de colinas graníticas e formidáveis barrancos. Deve-se advertir que no Sinai há vários picos, sendo os mais elevados os das extremidades; ao sul, um pico único, o Djebel Muça, propriamente dito; ao nordeste três ou quatro, coletivamente denominados Ras-Sufsaféh, perto dos quais está a extensa planície d'er-Raha. Vigouroux sustenta que é Ras Sufsaféh, o monte da lei, porque tão grande multidão só podia acampar na planície d'er-Raha, da qual só se via Ras. (*La Sainte Bible Polyglote*). Nota ainda o sábio crítico que as cadeias graníticas, que rodeiam essa vasta planície, dão-lhe notáveis condições acústicas, o que confirmam todos os viajantes, que asseveram que, nessa região, uma palavra pronunciada em voz baixa, suscita estranhos ecos. *La Ordenance Surrey*, 1.ª parte.

RAFIDIM quer dizer "lugar de repouso". Os israelitas aí descansaram das suas fadigas, e se encontraram com os amalecitas, que vieram tapar-lhes a passagem.

Eis-aqui o que tu hás de dizer à casa de Jacó, e o que hás de anunciar aos filhos de Israel.

4 Vós mesmos vistes o quê eu fiz aos egípcios, e de que modo eu vos trouxe, como a águia traz seus filhos sobre as suas asas, e que eu vos tomei por meus.

5 Se vós logo ouvirdes a minha voz, e observardes o pacto, que fiz convosco, eu vos tomarei por meu povo particular, com preferência a todos os outros povos: porque tôda a terra é minha.

6 E vós sereis o meu reino sacerdotal, e uma nação santa. Eis aqui o que tu hás de dizer aos filhos de Israel.

7 Moisés pois tendo descido, fêz ajuntar os anciãos, e expôs-lhes tudo o que o Senhor lhe tinha mandado que lhes dissesse.

8 E todo o povo respondeu a uma voz: Tudo o que o Senhor disse faremos. Referiu Moisés ao Senhor as palavras do povo,

9 e o Senhor lhe disse: Brevemente virei a ti numa nuvem escura, para que o povo me ouça falar contigo, e te creia para sempre. Depois que Moisés referiu ao Senhor as palavras do povo,

10 êle lhe disse: Vai ter com o povo, e santifica-o hoje, e amanhã. Lavem os seus vestidos,

11 e estejam prontos para o terceiro dia: porque no terceiro dia descera o Senhor à vista de todo o povo sobre o monte Sinai.

12 Tu designarás em roda limites ao povo, e lhe dirás: Guardai-vos, não subais ao monte, nem vos chegueis às suas faldas. Todo o que tocar o monte, morrerá.

13 Não o tocará mão de homem; mas êle será ou apedrejado, ou asseado: quer êle seja bêsta, quer seja homem, não há de mais viver. Quando a trombeta coineçar a ouvir-se, então subirão ao monte.

14 Moisés tendo descido do monte, foi ter com o

Êxodo 19, 15-21

povo, e o santificou. E depois de todos terem lavado os seus vestidos, êle lhes disse:

15 Estais aparelhados para o terceiro dia, e não vos chegueis a vossas mulheres.

16 Chegado que foi dia terceiro, quando já era muito dia, eis que se começam a ouvir trovões, e a ver-se fuzilar o ar: uma nuvem mui espessa cobre o monte: soa a trombeta com grande estrondo: e o povo, que estava no campo, todo fica passado de medo.

17 Então os fêz Moisés abalar do campo para se irem encontrar com o Senhor, e êles ficaram ao sopé do monte.

18 Todo o monte Sinai estava cheio de fumo: porque tinha descido o Senhor a êle no meio dos fogos; e daí se elevava o fumo ao alto, como de uma fornalha; e todo o monte metia terror. (2)

19 O som da trombeta também se ia aumentando pouco a pouco, e era já mais forte, e mais penetrante. Moisés falava a Deus, e Deus lhe respondia.

20 E o Senhor tendo descido sôbre o monte Sinai, sôbre o mesmo cume do monte, chamou a Moisés ao mais alto dêle. E tanto que Moisés lá chegou, o Senhor lhe disse:

21 Desce, e adverte o povo, não suceda que pelo desejo de ver o Senhor passe êle dos limites, e pereça um grande número dêle.

(2) NO MEIO DOS FOGOS — Dubois Ayné sustentou, com o intento de negar o caráter sobrenatural dêste fato, que se tratava dum vulcão, o que cai pela base, pois que nunca se lhe viu a cratera. Coutelle e Rosière reconheceram que a montanha era granítica, não se encontrando vestígios alguns vulcânicos, o que depois confirma o próprio Dubois, que teve de se desdizer da sua afirmação primitiva.

22 Os sacerdotes também, que se chegam ao Senhor, santifiquem-se, não suceda que êle os fira de morte.

23 Respondeu Moisés ao Senhor: O povo não poderá subir ao monte de Sinai, visto que tu mesmo me ordenaste expressissimamente, dizendo: Põe limites ao redor do monte, e santifica-o.

24 O Senhor lhe disse: Vai, desce: depois subirás tu, e Aarão contigo. Mas os sacerdotes, e o povo não passem dos limites, nem subam onde está o Senhor, não suceda que êle os mate.

25 Desceu pois Moisés até onde estava o povo, e contou-lhe tudo o que Deus lhe tinha dito.

CAPÍTULO 20

O SENHOR ANUNCIA AO POVO OS SEUS MANDAMENTOS. TEMOR, QUE TEVE O POVO. MOISÉS O ASSEGURA. ORDENS DE DEUS SOBRE A CONSTRUÇÃO DE UM ALTAR.

1 Depois falou o Senhor nêstes têrmos.

2 Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei do Egito, da casa da servidão.

3 Não terás deuses estrangeiros diante de mim.

4 Não farás para ti imagem de escultura, nem figura alguma de tudo o que há em cima no céu, e do que há em baixo na terra, nem de coisa, que haja nas águas debaixo da terra. (1)

(1) **NÃO FARÁS PARA TI IMAGEM...** — Facilmente se compreende o alcance desta proibição, que tem evidentemente por fim impedir a idolatria; mas não é lícito inferir daqui que fôsem proibidas, em absoluto, tôdas as representações e imagens; o próprio Moisés mandou esculpir querubins que colocou sobre a arca (Êx 31, 18.19). Salomão procedeu da mesma maneira (3 Rs 6, 23; 7, 29-44). Demais as representações da Divindade despertam em nossa alma os sentimentos de adoração, amor e reconhecimento,

Êxodo 20, 5-12

5 Não as adorarás, nem lhes darás culto: porque eu sou o Senhor teu Deus, o Deus forte, e zeloso, que vingará a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira, e quarta geração daqueles, que me aborrecem;

6 e que faz misericórdia até mil gerações àqueles, que me amam, e que guardam os meus preceitos.

7 Não tomarás em vão o nome do Senhor teu Deus: Porque o Senhor não terá por inocente aquêles, que toma em vão o nome do Senhor seu Deus.

8 Lembra-te de santificar o dia de sábado.

9 Trabalharás seis dias, e farás nêles tudo o que tens para fazer.

10 O sétimo dia porém é o dia do descanso consagrado ao Senhor teu Deus. Não farás nesse dia obra alguma, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu escravo, nem a tua escrava, nem a tua bêsta, nem o peregrino, que vive das tuas portas para dentro.

11 Porque o Senhor fêz em seis dias o céu, e a terra, e tudo o que nêles há, e descansou ao sétimo dia. Por isso o Senhor abençoou o dia sétimo, e o santificou.

12 Honrarás a teu pai, e tua mãe, para teres uma vida dilatada sôbre a terra, que o Senhor teu Deus te há de dar. (2)

como as imagens dos Santos nos lembram as suas virtudes e nos animam a imitá-los. As palavras seguintes aludem à idolatria egípcia; o culto do sol, adorado sob o nome de Ra, os animais, peixes e crocodilos, por exemplo o Boi Ápis, etc. As palavras do texto compreendem-se bem desde que nos lembremos que se dirigiam a um povo, que acabava de assistir a essas práticas idolátricas.

(2) **PARA TERES UMA VIDA DILATADA** — Nesta e em muitas outras passagens, Deus dá por sanção à sua lei penas temporais. S. Agostinho, no seu comentário ao Êxodo, diz: “Neste testamento, que se chama Antigo e que foi dado sôbre o monte Sinai, não se encontra outra promessa explícita senão de felicidade terrestre. Para homens grosseiros, recompensas grosseiras”.

13 Não matarás.

14 Não cometerás adultério. (3)

15 Não furtarás.

16 Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.

17 Não cobiçarás a casa de teu próximo: Não desejarás a sua mulher, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma, que lhe pertencer.

18 Ora o povo ouvia os trovões, e o som da trombeta, e via os relâmpagos, e o monte coberto de fumo: e como estavam passados de medo, e de pavor, deixaram-se estar de longe.

19 E êles disseram a Moisés: Fala-nos tu, que nós te ouviremos; e não nos fale o Senhor, não suceda que morramos.

20 Respondeu Moisés ao povo: Não temais. Porque o Senhor veio para vos provar, e para imprimir em vós o seu temor, a fim de vós não pecardes.

21 O povo pois ficou longe, e Moisés se chegou à escuridade, em que Deus estava.

22 Disse outrossim o Senhor a Moisés: Dirás mais aos filhos de Israel: Vós bem vistes que eu vos falei do céu.

23 Não fareis para vós nem deuses de prata, nem deuses de ouro.

24 Far-me-eis um altar de terra, e oferecereis em cima dêle os vossos holocaustos, as vossas hóstias pacíficas, as vossas ovelhas, e os vossos bois em todos os lu-

(3) **NÃO COMETERAS ADULTÉRIO** — A vulgata traduziu *non moechaberis*. De fato o verbo *naaph*, que se encontra no original, significa *adulterium committere*, os Santos Padres dão-lhe porém mais lata interpretação. Por todos cita-se S. Agostinho. "*No mine moechiae omnis illicitus concubitis, atque illorum membrorum non legitimus usus, prohibitus debet intelligi. Exod quaest. LXXXI.*"

Êxodo 20, 25-26; 21, 1-5

gares, onde o meu nome fôr lembrado. Eu virei a ti, e eu te abençoarei.

25 Se tu me edificares algum altar de pedra, não o edificarás de pedras cortadas: porque êle ficará poluto, se vós empregardes na sua fábrica o cinzel. (4)

26 Não subirás por degraus ao meu altar, para que se não revele a tua torpeza. (5)

CAPÍTULO 21

ORDENAÇÕES ACERCA DOS ESCRAVOS. LEIS CONTRA OS HOMICIDAS, E OUTROS CRIMINOSOS. PENA DE TALIAO.

1 Eis-aqui as ordenações de justiça, que tu proporás ao povo.

2 Se tu comprares um escravo hebreu, êle te servirá seis anos, e ao sétimo sairá fôrro de graça. (1)

3 Êle se irá de tua casa com o mesmo vestido, com que tinha entrado nela. Se tiver mulher, também a mulher sairá com êle.

4 Mas se o senhor lhe deu mulher, e êle teve dela filhos, e filhas; a mulher, e os filhos serão de seu senhor, e êle escravo sairá com o seu vestido.

5 Se o escravo disser: Eu tenho amor a meu Se-

(4) **ALTAR DE PEDRA** — Esta proibição dá a esta lei a prova da sua antiguidade. No tempo do Êxodo, o emprêgo do ferro não tinha ainda passado para o uso comum dos hebreus.

(5) **NÃO SUBIRÁS POR DEGRAUS** — Esta lei caducou quando se regulou o vestuário sacerdotal (Êx 28, 42).

(1) **ÊLE TE SERVIRÁ** — No original hebraico está êle servirá. **E AO SÉTIMO SAIRÁ FÔRRO.** Uma prescrição do Levítico completa esta: no ano jubilar todos os escravos seriam libertos, ainda mesmo que não tivessem completado os seis anos (Lev 25, 39 ss).

nhor, a minha mulher, e a meus filhos; não quero sair a troco de ficar fôrro,

6 seu senhor o fará comparecer diante dos deuses; e depois tendo-o chegado à porta, e às umbreiras, lhe furará a orelha com uma sovela, e ele ficará seu escravo para sempre. (2)

7 Se alguém vender sua filha para ser criada de servir, esta não sairá, como costumam sair as escravas.

8 Se ela desagradar aos olhos do amo, a quem fôra entregue, êle a porá em liberdade: Mas uma vez que a não quis ter consigo, não a poderá vender a algum povo estrangeiro.

9 Se o amo a casou com seu filho, tratá-la-á, como de ordinário se tratam as filhas.

10 Mas se êle depois casou seu filho com outra, dará à primeira o necessário para o seu casamento, e para o seu vestido, e não lhe negará o prêmio da sua virgindade.

11 Se êle não fizer estas três coisas, sairá a moça de graça, sem se lhe pedir dinheiro algum.

12 Todo o que matar de caso pensado um homem, será também morto.

13 Mas se êle o matou, sem lhe ter armado traição mas porque Deus o fêz cair entre as suas mãos, eu vos apontarei um lugar onde êle se poderá refugiar.

14 Todo o que matar um homem de caso pensado, e depois de lhe ter armado traição, vós o arrancareis do meu altar, para que morra.

(2) AOS DEUSES — Os Setenta traduziram ao tribunal de Deus êste hebraísmo que significa os magistrados que administram a justiça em nome e em lugar de Deus.

15 Todo o que ferir a seu pai, ou a sua mãe, morra. (3)

16 Aquêlê que furtar um homem hebreu, e o vender para escravo, convencido que fôr dêste crime, morra.

17 O que amaldiçoar a seu pai ou a sua mãe, morra.

18 Se dois homens se travarem de razões, e um ferir o outro com pedra, ou punhada, e o ferido não morrer, mas ficar precisado a estar de cama;

19 se depois êle se levanta, e anda por fora firmando-se no seu bordão: Aquêlê, que o feriu, será dado por inocente; mas ficará obrigado a lhe pagar perdas, e danos à medida do tempo que o ferido não pôde trabalhar, e a dar-lhe tudo o que êle despendeu com os médicos. (4)

20 Se algum ferir o seu escravo, ou a sua escrava com uma vara, e êles lhe morrerem nas mãos, será tratado como culpável dêste crime.

21 Mas se êles sobreviverem um, ou dois dias, não ficará sujeito à pena, porque o seu escravo é preço do seu dinheiro.

22 Se dois homens brigarem um com outro, e um dêles ferir uma mulher pejada, que veio a parir a sua criança morta, ficando ela viva; será condenado a pagar

(3) **MORRA** — O texto original e a vulgata são mais expressivos: **morra de morte, morte moriatur**. Têm acusado Moisés de ser muito severo; antes de o julgar é preciso atender à sua época e ao seu intento. Moisés viveu numa era em que os costumes eram muito diversos dos atuais, o seu fim era diminuir o número dos criminosos, e constranger, pelo temor, os maus à prática do dever; e assim conseguiu domar homens ardentes, refrear paixões violentas, e garantir a segurança da vida de muitos fracos, promulgando leis sábias e penas salutaras.

(4) **MÉDICOS** — No original está e o fará curar — **iraphé** —; não se fala em médicos, porque a medicina não era ainda uma profissão entre os hebreus. O texto diz que o que ferir a sua vítima terá de a indenizar e de a curar.

quanto o marido da mulher quiser, e quanto ordenarem os árbitros.

23 Mas se a mãe morreu da ferida, dará vida por vida, (5)

24 ôlho por ôlho, dente por dente, mão por mão, pé por pé,

25 queimadura por queimadura, ferida por ferida, nódoa negra por nódoa negra.

26 Se um ferir no ôlho ao seu escravo, ou a sua escrava, e os deixar gázeos, dar-lhes-á carta de alforria pelo ôlho, que lhes tirou.

27 Se lhes fêz cair um dente, também os porá livres.

28 Se um touro ferir com as suas pontas um homem, ou uma mulher, e êles morrerem disso, apedrejar-se-á o touro, e não se lhe comerá a carne; mas o senhor do touro será inocente. (6)

29 Se o touro é já de tempos avezado a marrar, e o dono, tendo sido disso advertido, não o mandou estar encurralado; se êste animal matar um homem, ou uma mulher, o touro será apedrejado, e o dono matá-lo-ão.

30 Se se lhe permitir que rima a sua vida a preço de dinheiro, estará obrigado a dar por ela tudo o que se lhe pedir.

31 Se êste touro ferir com as suas pontas um rapaz, ou uma rapariga, o dono estará sujeito à mesma pena.

32 Se ferir um escravo, ou uma escrava, o dono do touro pagará ao dono do escravo trinta siclos de prata, e o touro será apedrejado.

(5) **DARÁ VIDA POR VIDA** — É a pena de Talião, que figura na lei das Doze Tábuas, e que contudo Moisés minorou.

(6) **APEDREJAR-SE-A O TOURO** — Não que o touro seja tido como culpado, mas é um princípio estabelecido no Antigo Testamento; animal que causou dano seja punido, para inspirar ao homem horror pelo pecado.

Exodo 21, 33-36; 22, 1-4

33 Se alguém abrir, ou cavar uma cisterna, sem lhe deixar o bocal tapado, e nela cair um boi, ou um jumento;

34 o dono desta cisterna pagará o valor destas béstas, e as béstas serão para êle.

35 Se o boi dum homem escornar o boi doutro, e êste morrer da pontada, vender-se-á o boi vivo, e os dois donos repartirão entre si o preço; e também repartirão igualmente entre ambos o boi morto.

36 Se o dono do boi, que deu a marrada, sabia que êle de tempos era avezado a isso, e não o encurralou, dará boi por boi, e tôda a carne do boi morto será sua.

CAPÍTULO 22

**LEIS SOBRE O FURTO, A FORNICAÇÃO, A USURA, OS DIZIMOS,
AS PRIMÍCIAS.**

1 Se alguém furtar um boi, ou uma ovelha, e os matar, ou vender, restituirá cinco bois por um boi, e quatro ovelhas por uma ovelha (1)

2 Se um ladrão fôr achado arrombando a porta duma casa, ou escavando a parede para entrar, e sendo ferido, morreu da ferida: aquêle, que o feriu, não será culpado da sua morte.

3 Se êle matou o ladrão já de dia, cometeu homicídio, e será punido de morte. Se o ladrão não tiver por donde pague o furto, será vendido.

4 Se aquilo, que êle roubou, se acha ainda vivo em

(1) **QUATRO OVELHAS POR UMA OVELHA** — Estabeleceu o princípio de que a pena deve ser proporcional ao dano causado. Num país agrícola um boi é para o agricultor de primeira necessidade, e por isso o roubo reveste de maior gravidade, porque o dano é maior; a indenização também aumenta progressivamente, para reparar o mal feito.

sua casa, quer seja boi, quer seja jumento, quer seja ovelha, restituirá o dôbro.

5 Se algum homem danificou um campo, ou uma vinha, deixando lá entrar a sua bêsta a pastar o que não é seu, dará o melhor que houver no seu campo, ou na sua vinha, para satisfazer o prejuízo, segundo a avaliação, que se fizer dêle.

6 Se o fogo prendendo em matérias sêcas, pegou nas medas de trigo, ou nos feixes que ainda estavam no campo: Aquêle, que acendeu o fogo, pagará, a perda, que êle causou.

7 Se alguém depositar algum dinheiro, ou puser em guarda qualquer móvel em casa de seu amigo, dado caso que o furem ao depositário, e se ache o ladrão, pagará êste o dôbro: (2)

8 Se se não acha o ladrão, será obrigado o dono da casa a apresentar-se aos deuses, e a jurar que êle não tomou o que era de seu próximo,

9 nem da sua parte houve fraude; ou a coisa fôsse um boi, ou fôsse um jumento, ou fôsse uma ovelha, ou outra qualquer coisa, que se perdesse. Os deuses examinarão a causa dum e doutro: E se êles condenarem o depositário, êste pagará o dôbro ao senhor do depósito.

10 Se algum der a guardar a outro um jumento, ou boi, ou uma ovelha, ou outra qualquer coisa; e aquilo, que fôr pôsto em guarda, ou morre, ou se deteriora, ou é apanhado pelos inimigos, sem que ninguém o visse,

11 jurará o guarda diante dos juizes, que êle não tomou o que não era seu; e o dono estará por êste juramento, sem que possa constranger o outro a lhe pagar a perda.

(2) **SE ALGUÉM DEPOSITAR** — Neste versículo e nos seguintes trata Moisés do depósito, prevendo tôdas as hipóteses.

Exodo 22, 12-25

12 Se o que êle tinha em guarda foi furtado, satisfará do seu ao dono.

13 Mas se foi comido por alguma fera, levará ao proprietário o que ficar de resto, sem estar obrigado a dar-lhe mais nada.

14 Se um pedir a outro emprestada alguma destas coisas, e ela vier a padecer alguma lesão, ou a morrer em ausência do dono, será o tal obrigado a restituí-la.

15 Se o dono se achou presente ao desastre, não restituirá o outro a coisa, principalmente se a tinha alugado para pagar o uso, que fizesse dela.

16 Se um enganar uma donzela, que ainda não está ajustada para casar, e a corromper, êle a dotará, e êle mesmo casará com ela.

17 Se o pai da donzela lha não quizer dar, dará o corruptor ao pai tanto em dinheiro, quanto é o que se costuma dar em dote a uma donzela.

18 Tu castigarás de morte aquêles, que usarem de sortilégios, e de encantamentos.

19 Aquêlê, que tiver cópula com uma bêsta, será castigado de morte.

20 Aquêlê, que sacrificar a outros deuses, que não sejam o que só é o único e verdadeiro Senhor, será castigado de morte.

21 Não entristecerás, nem afligirás o estrangeiro: porque também vós fostes estrangeiros na terra do Egito.

22 Não farás mal algum à viúva, nem ao órfão.

23 Se vós os ofenderdes em qualquer coisa, êles gritarão por mim, e eu ouvirei os seus gritos,

24 e o meu furor se acenderá contra vós: eu vos farei morrer ao fio da espada, e as vossas mulheres ficarão viúvas, e os vossos filhos órfãos.

25 Se emprestares algum dinheiro aos do meu povo,

que são pobres entre vós, não o apertes como exator inexorável, nem o oprimas com usuras.

26 Se o teu próximo te deu a sua capa em penhor, restitui-lhe antes do sol pôsto.

27 Porque êle não tem outra coisa, com que cubra o seu corpo nem com que se agasalhe, quando dorme. Se êle clamar a mim, eu o ouvirei, porque sou misericordioso.

28 Não falarás mal dos deuses, nem amaldiçoarás o príncipe do teu povo. (3)

29 Não tardarás em pagar os dízimos, e as primícias dos teus bens: e tu me consagrarás o primogênito de teus filhos.

30 O mesmo farás dos teus bois, e das tuas ovelhas. Deixá-los-ás estar sete dias com suas mães, e ao dia oitavo oferecer-mos-ás.

31 Vós sereis uns homens santos, e particularmente consagrados ao meu serviço. Não comereis da carne, que as béstas tenham provado, mas deitá-la-eis aos cães.

CAPÍTULO 23

LEIS AOS JUÍZES. DO DESCANSO DO ANO SÉTIMO, E DO DIA SÉTIMO. DA CELEBRAÇÃO DAS TRÊS FESTAS PRINCIPAIS DO ANO. DEUS PROMETE AOS ISRAELITAS, QUE MANDARÁ O SEU ANJO ADIANTE DELES.

1 Não receberás a palavra da mentira, nem darás a mão ao ímpio, para dizeres um falso testemunho a seu favor.

2 Não seguirás a multidão para fazeres o mal, nem em juízo te deixarás arrastar do sentimento do maior número, para te desviares da verdade.

(3) **DEUSES** — Veja-se a nota 2 do c. 21 v. 6.

Êxodo 23, 3-14

3 Não terás também compaixão do pobre nos teus juízos.

4 Se encontrares o boi do teu inimigo, ou o seu jumento, que andem desgarrados, leva-lhos.

5 Se vires o jumento daquele, que te tem ódio, caído debaixo da carga, não passarás adiante; mas ajudá-lo-ás a levantá-lo.

6 Não te alongarás da justiça no juízo do pobre.

7 Fugirás à mentira. Não farás morrer o inocente, nem o justo: porque eu aborreço o ímpio.

8 Não aceitarás donativos, porque eles cegam os mesmos sábios, e corrompem os juízos dos que eram justos.

9 Não molestarás o peregrino: porque vós sabeis que coisa é ser peregrino; pois também vós o fostes na terra do Egito.

10 Semearás a tua terra seis anos, e recolherás nêles os frutos, que ela der.

11 Mas no sétimo ano não a cultivarás; deixá-la-ás descansar, para que os pobres, que houver no teu povo, achem que comer, ficando o resto para as alimarias do campo. Isto mesmo praticarás tu com a tua vinha, e com o teu olival.

12 Trabalharás seis dias; e ao sétimo dia não trabalharás, para que assim descanse o teu boi, e o teu jumento; e para que o filho da tua escrava e o estrangeiro tenha algum refrigério.

13 Observai tudo o que vos tenho dito. Não jureis por nome de deuses estrangeiros, nem o nome dêles se ouça de vossa bôca.

14 Celebrar-me-eis festas três vêzes em cada ano. (1)

(1) **CELEBRAR-ME-EIS FESTAS TRÊS VEZES** — Eram as festas da Páscoa, Pentecostes e dos Tabernáculos, as três grandes

15 Guardarás a solenidade dos pães asmos. Comerás, como eu te mandei, pães asmos sete dias, no mês dos trigos novos, que foi o tempo, em que tu saíste do Egito. Não aparecerás em minha presença com as mãos vazias.

16 Celebrarás também a solenidade da ceifa, e das primícias do teu trabalho, das primícias de tudo o que tiveres semeado na terra: e a solenidade do fim da ano; quando tiveres recolhido todos os frutos dos teus campos. (2)

17 Todos os teus machos virão apresentar-se três vêzes no ano diante do Senhor teu Deus.

18 Não me oferecerás o sangue da minha vítima, enquanto na tua casa houver fermento; nem a gordura do que se me ofereceu na minha solenidade, ficará até amanhã.

19 Trarás à casa do Senhor teu Deus as primícias dos frutos da tua terra. Não cozerás o cabrito no leite de sua mãe.

20 Eis aí enviarei eu meu anjo, que vá adiante de ti, e te guarde pelo caminho, e te introduza no lugar que eu te tenho preparado.

21 Respeita-o, e ouve a sua voz, e guarda-te não o desprezes: porque êle não te perdoará, quando pecares, e porque êle fala em meu nome.

22 Se tu ouvires a sua voz e fizeres tudo o que eu te digo, eu serei inimigo dos teus inimigos, e afligirei os que te afligem.

solenidades em que os homens deviam ir junto da arca, obrigação que não existia nas outras solenidades, a das trombetas e da Expição.

(2) **A SOLENIDADE DA CEIFA** — O Pentecostes judaico. A festa do Tabernáculo, encerrava o ano agrícola.

Êxodo 23, 23-29

23 O meu anjo caminhará adiante de ti; e êle te introduzirá na terra dos amorreus, dos heteus, dos fere-seus, dos cananeus, dos heveus, e dos jebuseus, os quais eu destruirei. (3)

24 Não adorarás os seus deuses, nem lhes darás culto algum. Não imitarás as suas obras, mas destruí-las-ás, e quebrarás as suas estátuas.

25 Servirás ao Senhor teu Deus, para que eu abençoe o pão, que comeres, e a água, que beberes, e para que eu lance fora do meio de ti tôdas as enfermidades.

26 Não haverá na tua terra mulher infecunda, e estéril: e eu encherei o número dos teus dias.

27 Eu farei ir adiante de ti o terror do meu nome: exterminarei todo o povo, em cujas terras entrares, e farei fugir da tua vista todos os teus inimigos.

28 Eu primeiro enviarei vespas, que porão em fuga os heveus, os cananeus, e os heteus, antes que tu entres. (4)

29 Não os lançarei fora de diante da tua face den-

(3) **HETEUS** — Importante tribo cananéia, uma parte que habitava o Hebron (Gên 23, 2 s). A esta tribo pertencia Efron, que vendeu o seu campo a Abraão (Gên 23, 10-20), bem como posteriormente Abimelec (1 Rs 11, 1) e Urias (2 Rs 11, 3) e também algumas mulheres de Salomão (3 Rs, 11, 1).

FERESEUS — Esta tribo acampava nos arredores de Siquem (Gên 34, 30).

HEVEUS — Habitavam o norte de Jerusalém, e estendiam-se até Siquem (Gên 34, 2). A cidade de Gabaon pertencia-lhes (Jos 11, 19).

JEBUSEUS — Tinham por capital Jebus ou Jerusalém.

(4) **ENVIAREI VESPAS** — S. Agostinho diz que esta expressão se deve considerar figurada, significando o aguilhão do temor. Porém se compararmos esta passagem com outras (Jos 24, 12), vemos que houve realmente uma invasão destes insetos entre os povos de Canaã.

tro de um ano, para que não suceda ficar a terra reduzida à solidão, e multiplicarem-se os animais contra ti. (5).

30 Lançá-los-ei fora pouco a pouco de diante de ti, até que tu cresças, e te faças senhor de todo o país.

31 Os limites, que te assinarei, serão desde o Mar Vermelho até o Mar dos Palestinos, e desde o deserto até ao rio. Eu vos entregarei nas mãos os habitantes desta terra, e os banirei da vossa vista. (6)

32 Não farás aliança alguma com êles, nem com os seus deuses. (7)

33 Êles não habitarão na tua terra, para que não suceda induzirem-te a me ofenderes, servindo aos seus deuses: o que certamente será para ti um tropêço.

CAPÍTULO 24

OBRIGAM-SE OS ISRAELITAS A GUARDAR A ALIANÇA AJUSTADA COM O SENHOR. MOISÉS TORNA A SUBIR AO MONTE, E NELE FICA QUARENTA DIAS.

1 Disse também Deus a Moisés: Sobe ao Senhor, tu e Aarão, e Nadab, e Abiú, e setenta anciãos de Israel, e adorareis de longe.

2 Só Moisés subirá onde está o Senhor: os outros não se lhe chegarão, nem o povo subirá com êle.

(5) **PARA QUE NÃO SUCEDA** — Esta precaução não era inútil, visto que aconteceu depois da dispersão das tribos (4 Rs, 17, 25).

(6) **O MAR DOS PALESTINOS** — É o Mediterrâneo. **O DESERTO** é o de Faran, até ao rio é o Eufrates. Efetivamente o reino de Davi e Salomão estendeu-se até estes limites.

(7) **NÃO FARÁS ALIANÇA** — Esta proibição foi muitas vezes violada, e a sua transgressão acarretou ao povo judeu severos castigos.

Êxodo 24, 3-11

3 Veio pois Moisés referir ao povo tôdas as palavras, e tôdas as ordenações do Senhor: e todo o povo respondeu a uma voz: Nós faremos tudo o que o Senhor disse.

4 Escreveu Moisés tôdas as ordenações do Senhor: e tendo-se levantado de manhã, erigiu um altar ao pé do monte, e doze padrões, conforme era o número das doze tribos de Israel.

5 E tendo enviado alguns mancebos dentre os filhos de Israel, êstes ofereceram seus holocaustos, e imolaram suas vítimas pacíficas, que foram touros.

6 Moisés tomou metade do sangue, e lançou-a numas taças: e derramou a outra sôbre o altar.

7 Depois pegou no livro, onde estava escrito o concôrto, e leu-o diante do povo, o qual, depois de o ter ouvido, disse: Tudo o que o Senhor disse faremos, e em tudo lhe seremos obedientes.

8 Então tomando' o sangue, êle o derramou sôbre o povo, e disse: Eis-aqui o sangue do concôrto, que o Senhor celebrou convosco, debaixo das condições, que eu vos propus.

9 Moisés, Aarão Nadab, Abiu, e os setenta anciãos de Israel, tendo subido,

10 viram o senhor de Israel, e debaixo dos seus pés uma obra feita de safira, que se parecia com o céu quando está sereno. (1)

11 O Senhor não estendeu a sua mão para ferir êstes príncipes dos filhos de Israel, que se tinham adiantado até ficarem longe do campo; e, depois de terem visto a Deus, comeram, e beberam. (2)

(1) **QUE SE PARECIA COM O CÉU** — Isto é, azul claro.

(2) **COMERAM E BEBERAM** — Era opinião comum entre os antigos hebreus que se não podia ver Deus sem morrer no mesmo

12 E o Senhor disse a Moisés: Sobe ao alto do monte onde eu estou, e ficarás aí. Eu te darei umas tábuas de pedra, e a lei, e os mandamentos, que eu escrevi, para que instruas nêles o povo.

13 Depois se levantou Moisés, e com êle Josué seu ministro; e subindo ao monte de Deus, disse Moisés aos anciãos:

14 Esperai-nos aqui até que nós venhamos, vós tendes convosco a Aarão, e a Hur: se sobrevier alguma dificuldade, dar-lhe-eis conta dela.

15 Tendo subido Moisés, cobriu a nuvem o monte;

16 e a glória do Senhor descansou sôbre o Sinai, e cobriu-o de uma nuvem seis dias: e ao sétimo dia chamou Deus a Moisés do meio desta escuridade.

17 O que aparecia desta glória do Senhor era como um fogo ardente no mais alto do monte, que se deixava ver de todos os filhos de Israel.

18 E Moisés, atravessando a nuvem, subiu ao monte e ficou quarenta dias, e quarenta noites.

CAPÍTULO 25

ORDENAÇÕES DO SENHOR ACERCA DA CONSTRUÇÃO DA ARCA, E DA MESA DOS PAES DA PROPOSIÇÃO, E DO CANDIEIRO DE OURO.

1 Falou pois o Senhor a Moisés, e lhe disse:

2 Ordena aos filhos de Israel, que me ponham à parte os presentes, que me hão de fazer: Vós os recebereis de todos aquêles que mos oferecerem instantaneamente.

instante, e o texto quer dizer que, apesar da vista do Senhor, continuaram como até ali.

Êxodo 25, 3-10

3 Eis-aqui as coisas, que vós deveis receber: ouro, prata, bronze,

4 jacintos, púrpura, escarlata tinta duas vêzes, linho fino, peles de cabra,

5 peles de carneiro tintas de vermelho, e outras roxas, e paus de cetim: (1)

6 azeite para conservar as lâmpadas, aromas para confeccionar os óleos, e perfumes do mais suave cheiro:

7 pedras cornalinas, e outras pedras preciosas para se ornar o efod, e o racional. (2)

8 Êles me farão um santuário, para que eu habite no meio dêles,

9 o qual santuário será conforme a exatíssima planta, que eu te hei-de mostrar do tabernáculo; como também o será o modelo dos vasos, que nêle hão de servir. Eis-aqui como vós fareis êste santuário. (3)

10 Fareis uma arca de pau de cetim, que tenha dois côvados e meio de comprido, côvado e meio de largo, e côvado e meio de alto. (4)

(1) **E OUTRAS ROXAS** — São as peles do dugang, anfíbio vulgar no Mar Vermelho.

PAUS DE CETIM — O cetim é a acácia, quase desconhecida na terra de Canaã, mas freqüente na península do Sinai. A acácia reúne tôdas as qualidades necessárias para o uso que Moisés lhe queria dar. E' muito leve, qualidade excelente para os israelitas, que tinham de conduzir consigo as tábuas do tabernáculo, tôdas as vêzes que mudassem de acampamento; é dura e conserva-se muito tempo; com os anos adquire uma côr escura, semelhante ao ébano; pode servir para o fabrico de móveis, como fizeram os hebreus no deserto para os objetos de culto.

(2) **Efod** — Está descrito minuciosamente no c. 28, v. 5-14.

RACIONAL — Encontra-se a descrição no v. 15 do mesmo c.

(3) **TABERNÁCULO** — Adiante falaremos dêste Tabernáculo.

(4) **FAREIS UMA ARCA** — Os egípcios colocavam, em cada templo, uma bari ou barca santa, onde estava o naos, em que se

11 Tu a dourarás de ouro puríssimo por dentro, e por fora, e pôr-lhe-ás em cima uma coroa de ouro, que apanhe tudo em roda.

12 Porás quatro argolas de ouro nos quatro cantos da arca, duas duma banda, e duas da outra.

13 Farás também uns varais de pau de cetim, que cobrirás de ouro.

14 e os meterás nas argolas, que estão aos lados da arca, para ela ser levada por êles.

15 Êstes varais estarão sempre metidos nas argolas, e nunca se tirarão delas.

16 Meterás na arca as tábuas da lei, que te hei de dar.

guardavam os emblemas religiosos, em honra dum deus, e que era conduzida procissãoalmente nas grandes solenidades. Moisés, por inspiração divina, adaptou êste uso egípcio à religião mosaica, com o enorme cuidado de arredar tudo quanto não fôsse conforme à santidade do culto de Iahvéh. Esta arca, chamada da aliança, era um cofre em madeira de cetim ou acácia, revestido interna e externamente de lâminas de ouro: tinha cêrca de 1m,30 de comprimento e 0m,80 de largura e altura. Encimava-a uma espécie de coroa de ouro. Nos quatro ângulos estavam fixos outros tantos anéis de ouro, que prendiam varais da mesma madeira, a fim de poder ser transportada fâcilmente, à frente de Israel, dum acampamento para outro. Dois querubins de ouro postados em frente um do outro, nas duas extremidades, com as asas estendidas, velavam o propiciatório. Deus permitiu estas imagens para que o seu povo se compenetrasse da adoração que era devida ao Criador, e para que se lembrasse de que os querubins estão incessantemente adorando o Eterno. No propiciatório residia a Majestade de Deus, e a arca não era mais do que um sinal sensível da presença do Ser Supremo entre o seu povo. Ali tudo era de molde a levantar o espirito do povo até Deus, não permitindo que descesse a rojar-se na idolatria. Com razão escreve R. S. Poole, *Ancien Egypt*, artigo publicado na *Contemporary Review*, março 1879. "A arca hebraica, por isso mesmo que não continha nenhuma imagem, a não ser os querubins, símbolo da adoração, era um protesto perene contra as idéias que os egípcios ligavam às suas arcas, e contra tôdas as manifestações idolátricas." Deus

Exodo 25, 17-22

17 Farás outrossim um propiciatório de finíssimo ouro, que terá dois côvados e meio de comprido, e côvado e meio de largo (5)

18 Porás nas duas extremidades do oráculo dois querubins de ouro batido:

19 Um querubim duma parte, outro doutra.

20 Êles com as suas asas estendidas cobrirão ambos os lados do propiciatório, e o oráculo, e estarão olhando um para o outro com os rostos virados para o propiciatório que cobre a arca,

21 na qual tu meterás as tábuas da lei, que eu te hei de dar.

22 Daí é que eu te darei as minhas ordens. Eu te falarei de cima do propiciatório, do meio dos dois querubins, que estarão sôbre a arca do testemunho, dizendo-te tudo o que eu quizer que tu intimes aos filhos de Israel.

deu a arca ao povo escolhido para que este tivesse sob os seus olhos um objeto material que simbolizasse o culto e excitasse a piedade. Colocada na *Sancta Sanctorum*, no lugar mais sagrado do santuário, e de ordinário invisível a todos os olhares como a divindade que representava, excluiu eficazmente todo o ídolo da religião mosaica. Chamava-se *arca de aliança*, porque continha as tábuas da lei. (Ex 34, 29), que eram o resumo das condições da aliança de Deus com o seu povo.

(5) **PROPICIATÓRIO** — Era a tampa da arca, e dava-se-lhe este nome porque daí Deus escutava as preces do seu povo. Por aqui se vê que o Antigo Testamento é o tipo e a figura da Nova Aliança. Na Lei Mosaica, Deus manifestava a sua presença entre os dois querubins, sôbre o propiciatório da Arca da Aliança, na Lei Nova, Deus habita pela Eucaristia entre os homens tão real e perfeitamente como no céu. O Antigo Testamento é a sombra, o Novo a realidade. Cfr. Martin Becano S. J. *Analogia veteris ac novi Testamenti*, e os trabalhos de J. Knabenbauer, S. J. e o artigo publicado na *Correspondance Catholique*, 28 fevereiro 1895.

23 Farás também uma mesa de madeira de cetim, que terá dois côvados de comprido, um côvado de largo, e côvado de alto.

24 Cobri-la-ás de ouro puríssimo, e guarnecê-la-ás tôda em roda de um friso de ouro.

25 Porás sôbre êsse friso uma coroa de quatro dedos de alto, com seus ornatos de escultura, e sôbre esta outra pequena coroa de ouro.

26 Farás também quatro argolas de ouro, as quais porás nos quatro cantos da mesma mesa, uma em cada pé.

27 As argolas de ouro estarão por baixo da coroa, para por elas passarem os varais, quando se quiser levar a mesa.

28 Farás também de pau de cetim êstes varais, sôbre que se leve a mesa, e cobri-lo-ás de ouro.

29 Farás outrossim de puríssimo ouro pratos, copos, turíbulos e taças, em que se hajam de lançar os líquidos, que se oferecerem.

30 E porás sôbre esta mesa os pães da proposição, que estarão sempre expostos na minha presença.

31 Farás também um candieiro de ouro finíssimo, batido ao martelo, com seu tronco, suas hastes, e seus ornatos em forma de copos, seus pomos, e suas açuernas, que sairão dêle. (6)

(6) **UM CANDIEIRO** — Nos antigos cemitérios judaicos, em diversos monumentos antigos e ainda no Arco do triunfo de Tito, em Roma, vêem-se representações dos dez candieiros do Templo de Jerusalém, feitos segundo êste modelo. Êste candieiro era de ouro puro; compunha-se duma haste de ouro, terminada por uma lâmpada; desta haste saíam seis ramos, três de cada lado, encimados por outras lâmpadas, iguais à primeira. De dia conservavam-se três acesas, e à noite tôdas, sendo os sacerdotes encarregados de alimentar e vigiar estas luzes. O candieiro collocava-se do lado do norte.

32 Sairão dos lados do tronco seis hastes, três duma parte, três da outra.

33 Uma haste terá três copos do feitio de nozes, cada um com seu pomo, e sua açucena; outra haste terá da mesma sorte três copos do feitio de nozes, cada um com seu pomo, e sua açucena; e tôdas as seis hastes, que sairão do tronco, serão da mesma sorte.

34 Mas o tronco do candieiro terá quatro copos do feitio de nozes, acompanhados cada um de seu pomo, e de sua açucena.

35 Afora isto, haverá três pomos em três lugares do tronco, e de cada pomo sairão duas hastes, que farão ao todo seis hastes, nascendo dum mesmo tronco.

36 Do candieiro pois sairão êstes pomos, e estas hastes, tudo de puríssimo ouro, batido ao martelo.

37 Farás outrossim sete lâmpadas, que porás em cima do candieiro, para esclarecerem o que estiver de frente.

38 Farás também seus espevitadores, e suas caldeirinhas, onde se apague o murrão, que se tiver tirado das lâmpadas, tudo de puríssimo ouro.

39 O candieiro com tôdas as suas peças terá de pêso um talento de ouro puríssimo.

40 Toma bem sentido, e fazes tudo conforme o modelo, que te foi mostrado no monte. (7)

Entre êste candieiro e a mesa dos pães estava o altar dos perfumes, onde se queimava o incenso. No museu do Louvre, na sala judaica, guarda-se um baixo relêvo encontrado em Tiberíades, que reproduz o candieiro de sete braços. Basio, Roma subterrânea, e Perret, Catacombes de Rome dão-nos notícia do candieiro de ouro, pintado nas catacumbas da Cidade Eterna.

(7) CONFORME O MODELO — Em virtude desta terminante ordem tudo quanto posteriormente se construiu no templo de Jerusalém era a cópia fiel do que aqui está preceituado.

CAPÍTULO 26

ORDENAÇÕES DO SENHOR ACERCA DA CONSTRUÇÃO DO TABERNÁCULO, E DE TODAS AS SUAS PARTES.

1 O tabernáculo fá-los-ás assim. Haverá dez cortinas de linho fino retorcido, de côr de jacinto, de púrpura, e de escarlata tingida duas vêzes: e elas serão brincadas de vários bordados. (1)

2 Cada cortina terá vinte e oito côvados de comprimento, e quatro de largo. Tôdas as cortinas terão uma mesma medida.

3 Cinco cortinas estarão juntadas a uma banda, e outras cinco à outra.

4 Porás nas ourelas das cortinas dum, e doutro lado uns cordões de jacinto, para que elas se possam chegar umas às outras.

5 Cada cortina terá cinqüenta cordões de cada lado, postos de tal sorte, que quando as cortinas se houverem de chegar, respondam os cordões duma aos da outra, e elas possam prender umas nas outras.

6 Farás também cinqüenta argolas de ouro, que sirvam para ajuntar entre si os dois véus, compostos cada um de cinco cortinas, para que assim pareça ser um só véu o que cobre o tabernáculo.

(1) O TABERNÁCULO — Nesta prescrição, Deus atende ao sentimento religioso dos filhos de Jacó. Eles tinham visto os templos suntuosos do Egito; viam que o seu chefe, como sucedia em todos os povos nômadas, habitava uma tenda mais vasta e mais rica do que a dos seus subordinados; por isso queriam um lugar especial onde honrassem a Deus, uma tenda digna do Senhor, e que deveria por isso ser ornada com a máxima magnificência. Isto lhes faltava, e Deus lho deu. Chamou-se Tabernáculo, que significa tenda, e era-o com efeito. De ora avante tinham onde orassem a Deus, e lhe suplicassem misericórdia.

Êxodo 26, 7-18

7 Farás outrossim onze cobertas de peles de cabra para cobrirem o teto do tabernáculo.

8 Cada uma destas cobertas terá trinta côvados de comprido, e quatro de largo, e serão tôdas duma mesma medida.

9 Destas cobertas porás cinco juntas a uma banda e seis juntas à outra, de sorte que dobres a sexta no frontespício do tabernáculo.

10 Porás também cinqüenta cordões na orela duma destas cobertas, para que ela se possa ajuntar com a outra; e cinqüenta cordões na orela da outra coberta, para esta prender com aquela.

11 Farás também cinqüenta fivelas de metal, pelas quais passem os cordões, a fim de que tôdas estas cobertas pareçam uma só coberta.

12 E porque destas cobertas, destinadas a cobrir o teto, haverá uma de mais; tu empregará metade dela em cobrir as costas do tabernáculo.

13 E como estas cobertas, por serem mais compridas do que as cortinas, descerão mais abaixo um côvado de cada parte; isto, que nelas pende de mais servirá de cobrir os dois lados do tabernáculo.

14 Farás também uma terceira coberta para o teto, que será de peles de carneiro tintas de vermelho; e outra quarta coberta de peles tintas de roxo.

15 Farás outrossim umas tábuas de pau de cetim, que estarão levantadas ao redor do tabernáculo.

16 Cada uma delas terá dez côvados de alto e côvado e meio de largo.

17 Cada uma terá duma, e outra parte seus encaixes, por onde uma se meta na outra; e tôdas as tábuas estarão dispostas desta mesma maneira.

18 Vinte estarão do lado meridional, que olha para o Austro.

19 Farás fundir quarenta bases de prata, para que cada tábuas assente sôbre duas bases, que lhe sustentem os dois ângulos.

20 Estarão também outras vinte tábuas ao outro lado do tabernáculo, que olha para o Aquilão,

21 as quais assentarão sôbre outras quarenta bases de prata, tendo cada tábuas duas bases, que a sustentem.

22 Mas para o lado ocidental do tabernáculo farás seis tábuas,

23 e além destas mais duas, que se levantarão nos ângulos das costas do tabernáculo.

24 Estas tábuas estarão juntas de baixo até cima, e estarão tôdas encaixadas umas nas outras. E da mesma maneira estarão elas unidas às duas tábuas, que estiverem nos ângulos.

25 Serão pois ao todo oito estas tábuas, que terão dezesseis bases de prata, dando-se duas a cada tábuas.

26 Farás também uns barrotes de pau de cetim: cinco para conterem as tábuas a um lado do tabernáculo,

27 e outros cinco para o outro lado, e outros cinco para o lado ocidental.

28 Êstes barrotes estarão atravessados pelo meio das tábuas duma parte à outra.

29 Chapearás de ouro estas tábuas, e pôr-lhes-ás umas argolas de ouro, pelas quais passem os barrotes, que hão de segurar o madeiramento; e êstes barrotes serão também chapeados de ouro.

30 Dêste modo levantarás tu o tabernáculo, conforme o modelo, que te foi mostrado no monte.

31 Farás também um véu de côr de jacinto, de púrpura, e de escarlata tingida duas vêzes, e de linho fino retorcido, que tenha que ver pela agradável variedade dos bordados.

Êxodo 26, 32-37; 27, 1

32 Suspêndê-lo-ás de quatro colunas de pau de cetim, que serão douradas, e terão os capitéis de ouro, e as bases de prata.

33 Êste véu estará prêso às colunas por umas argolas. Dentro do véu porás a arca do testemunho; e êste véu separará o Santuário do Santo dos Santos.

34 Porás também o propiciatório sôbre a arca do testemunho no Santo dos Santos.

35 Mas a mesa pô-la-ás de fora do véu, e defronte da mesa o candieiro, ao lado do tabernáculo, que olha para o meio-dia: porque a mesa deve ser posta no lado setentrional.

36 Farás também um véu para a entrada do tabernáculo, que será de iacinto, de púrpura, de escarlata tingida duas vêzes, e de linho fino retorcido, sôbre o qual porás alguma obra de bordadura.

37 Êste véu estará suspenso de cinco colunas de pau de cetim douradas, cujos capitéis serão de ouro, e as bases de metal.

CAPÍTULO 27

ORDENAÇÕES ACÊRCA DO ALTAR DOS HOLOCAUSTOS, DO
ATRIO DO TABERNÁCULO, DOS VASOS SAGRADOS, DO
AZEITE, E DAS LÂMPADAS.

1 Farás também um altar de pau de cetim, que terá cinco côvados de comprido, e outros tantos de largo, isto é, que será quadrado, e terá três côvados de alto. (1)

(1) **UM ALTAR** — Trata-se aqui do altar dos holocaustos. Pelos dados que a narração bíblica nos fornece, pode descrever-se assim: era uma espécie de cofre sem fundo (Êx 27,8), de forma quadrangular, tendo 3 côvados de altura, ou seja 1 metro e meio, 5 de comprimento e largura, aproximadamente 2m,50. Era feito de

2 Das quatro hastes do altar levantar-se-ão quatro hastes, e tu o cobrirás de bronze.

3 Farás para o uso do altar umas caldeiras, que servirão para se receberem as cinzas: farás tenazes, forquilhas, e braseiros: tôdas as quais coisas serão de metal.

4 Farás também uma grelha de metal em forma de rêde, em cujos quatro cantos haverá quatro argolas de metal,

5 as quais tu porás debaixo do fogão do altar; e a grelha descera até o meio da sua altura.

6 Farás outrossim para o altar dois varais de pau de cetim, os quais chapearás de metal,

7 e fá-los-ás passar pelas argolas duma, e outra banda do altar, para servirem a levá-lo.

8 Não farás o altar maciço, mas oco, e côncavo por dentro, segundo o modelo que te foi mostrado no monte.

9 Farás também o átrio do tabernáculo. Ele terá da banda do meio-dia umas cortinas de linho fino retorcido, este lado terá cem côvados de comprimento. (2)

10 Porás nêle vinte columnas com outras tantas bases de metal: os capitéis, e ornatos das columnas serão de prata.

11 Da mesma sorte haverá no lado do Aquilão cortinas de cem côvados de comprimento, e vinte columnas cada uma com suas bases de metal, seus capitéis, e seus ornatos de prata.

12 A largura do átrio, que olha para o poente, te-
 —————
 madeira de acácia, guarnecido de bronze; a parte côncava enchia-se de terra e de pedras, em cuja superfície revestida de metal, se queimavam as vítimas destinadas ao sacrificio, e se conservava o fogo sagrado. Cfr. Vigouroux, *La Sainte Bible polyglotte*.

(2) O **ÁTRIO** — Começa a descrição do átrio, em hebreu *hutsar*, *atrium*, *vestibulum*, onde os fiéis se deviam reunir, e onde se ofereciam os sacrificios cruentos sobre o altar dos holocaustos.

Êxodo 27, 13-21

rá cinqüenta côvados, ao longo da qual porás umas cortinas, e dez colunas com outras tantas bases.

13 A largura do átrio, que olha para o nascente, terá também cinqüenta côvados.

14 Aqui a um lado porás cortinas pelo espaço de quinze côvados, e três colunas com outras tantas bases.

15 Ao outro lado porás cortinas pelo mesmo espaço de quinze côvados, três colunas, e outras tantas bases.

16 À entrada do átrio pelo espaço de vinte côvados, porás cortinas de jacinto, de púrpura de escarlata tingida duas vêzes, e de linho fino retorcido, que serão brincadas de vários bordados. Esta entrada terá quatro colunas com outras tantas bases.

17 Tôdas as colunas postas à roda do átrio serão forradas de lâminas de prata. Terão capitéis de prata, e bases de metal.

18 O átrio terá cem côvados de comprido, cinqüenta de largo, e cinco de alto. As suas cortinas far-se-ão de linho fino retorcido, e as bases serão de metal.

19 Todos os vasos, que houverem de servir para qualquer uso, e para qualquer cerimônia do tabernáculo, como também tôdas as estacas, que se empregarem, tanto no tabernáculo, como no átrio, serão de metal.

20 Ordena aos filhos de Israel, que te tragam do mais puro azeite de oliveira, espremido no gral, para que as lâmpadas luzam sempre (3)

21 no tabernáculo do testemunho fora do véu, que

(3) **PARA QUE AS LÂMPADAS LUZAM SEMPRE** — Esta disposição era religiosamente cumprida. Samuel dormia no templo para cuidar da lâmpada que ardia diante da Arca do Senhor (Veja-se o v. 3, c. 3 dos 1 Rs).

está suspenso diante da arca. Aarão, e seus filhos porão as lâmpadas, para que elas luzam até pela manhã diante do Senhor. Êste culto se continuará sempre, e passará de geração em geração entre os filhos de Israel.

CAPÍTULO 28

ORDENAÇÕES ACERCA DOS HÁBITOS PONTIFICAIS, E SACERDOTAIS DE AARÃO, E SEUS FILHOS.

1 Faze também que se cheguem a ti Aarão, teu irmão, com seus filhos, separados do meio dos filhos de Israel, para que êles exercitem diante de mim as funções do sacerdócio: Aarão, Nadab, Abiu, Eleazar, e Itamar.

2 Farás um vestido santo, e sagrado a Aarão, teu irmão, para glória, e o ornamento.

3 Falarás a todos os que têm o coração cheio de sabedoria, aos quais eu dei um espírito de inteligências, para que façam um vestido a Aarão, e para que êle sendo santificado me sirva no seu ministério.

4 Eis-aqui os vestidos que êles hão de fazer. O racional, o efod, a túnica, a camisa de linho, que será mais estreita, a mitra, e o cingulo. Êstes são os vestidos santos; que êles devem fazer a Aarão, teu irmão, e a seus filhos, para exercitarem diante de mim as funções do sacerdócio. (1)

5 Nisto empregarão êles o ouro, o jacinto a púrpura, a escarlata tinta duas vêzes, e o linho fino.

6 Farão o efod de ouro, de jacinto, de púrpura, de

(1) EFOD — Compunha-se de duas partes, anterior e posterior; era o paramento próprio do grande sacerdote. Samuel (1 Rs 2, 18), Davi (2 Rs 6, 14) usaram um efod, mas era diferente dêste, com o qual só tinha de comum o nome e a forma geral.

Êxodo 28, 7-15

escarlata tinta duas vêzes, de linho fino retorcido, cuja obra será tecida da mistura destas côres.

7 O efod em cima terá duas aberturas nos ombros, que correspondam uma à outra: e estas aberturas estendendo-se para êle se pôr, se tornarão a juntar depois de pôsto.

8 Tôda a obra será com agradável variedade tecida de ouro, de jacinto, de púrpura, de escarlata tinta duas vêzes, e de linho fino retorcido.

9 Tomarás também duas ágatas, onde gravarás os nomes dos filhos de Israel.

10 Uma pedra terá seis nomes, outra outros seis, segundo a ordem do seu nascimento.

11 Nisto empregarás tu a arte do escultor, e do lapidário: porque hás de gravar nas duas pedras os nomes dos filhos de Israel depois de os teres engastado em ouro.

12 Pô-la-ás no efod de uma, e outra parte, para servirem de monumento aos filhos de Israel. Aarão trará os seus nomes diante do Senhor, gravados nas duas pedras sôbre os ombros para lembrança.

13 Farás também uns ganchos de ouro,

14 e duas pequenas cadeias de ouro o mais puro, cujos fuzis estejam enlaçados uns aos outros, e prendê-las-ás a êstes ganchos.

15 Farás outrossim o racional, que será como o efod tecido de ouro, de jacinto, de púrpura, de escarlata tinta duas vêzes, e de linho fino retorcido. (2)

(2) **RACIONAL** — Os altos personagens egípcios usavam sôbre o peito o pectoral, que era um sinal de elevada posição, e por isso sempre precioso. O mais célebre que se conhece foi o que Mariette achou sôbre a múmia da rainha Aah-Hotep, mãe do rei Alomês ou Amósis, chefe da XVIIIª dinastia, anterior a Moisés. Conserva-se no museu de Gisé. Segundo a descrição do investigador, é ornado de cornalinas, turquesas, feldspato verde, etc. Notice des monu-

16 Ele será quadrado e dobrado: terá um palmo tanto de comprido, como de largo. (3)

17 Porás nêle quatro ordens de pedras preciosas. Na primeira haverá o sardônio, o topázio, a esmeralda:

18 Na segunda o carbúnculo, a safira, e o jaspe:

19 Na terceira o ligúrio, a ágata, e a ametista:

20 Na quarta a crisólita, a cornalina, e o berilo, encaastoadas em ouro, conforme a sua ordem.

21 Porás nelas os nomes dos filhos de Israel: Os seus nomes serão nelas gravados, cada um em sua pedra, conforme a ordem das doze tribos.

22 Farás para o racional duas pequenas cadeias de ouro o mais puro, cujos fuzis estejam enlaçados uns nos outros:

23 e duas argolinhas de ouro, que tu porás no alto do racional a um e outro lado.

24 Enfiarás as duas cadeias pelas duas argolinhas, que estarão em cima nas duas extremidades do racional;

25 e prenderás as extremidades das duas cadeias aos dois ganchos de ouro, que estarão nos dois lados do efod, que corresponde ao racional.

26 Farás outras duas argolinhas de ouro, que po-

ments du Musée de Boulaq. No museu do Louvre, sala H, vê-se um belo peitoral de ouro, com pedras incrustadas, tendo o nome de Ramsés II. Deus quis que o pontífice usasse desta insígnia, distintivo de poderio e grandeza, para que fôsse sempre respeitado, e ao mesmo tempo que os artistas hebraicos confeccionassem esta obra de arte, para que o culto revestisse o condigno esplendor, ficando à posteridade um monumento do estado de civilização do povo escolhido. Mas tudo quanto podia lembrar a idolatria foi escrupulosamente banido do peitoral mosaico, onde tudo recordava a Santidade do Senhor.

(3) **UM PALMO** — Em hebreu *Zereth*; êste palmo é correspondente a meio côvado. Dividia-se em dois pequenos palmos *tefakh*.

rás nos dois inferiores do racional, nas orelhas, que correspondem ao efod pela parte detrás.

27 Farás mais outras duas argolinhas do efod, que correspondem às duas argolinhas de ouro em baixo no racional, para que assim possa o racional prender-se ao efod,

28 por meio duma fita de côr de jacinto, que passará pelas argolinhas do efod, e pelas argolinhas do racional; para que êles fiquem bem ao próprio atados um no outro, e para que o efod e o racional se não possam separar.

29 Aarão trará os nomes dos filhos de Israel no racional do juízo, que êle terá sôbre o peito, quando entrar no santuário, para servir dum eterno monumento diante do Senhor.

30 Gravarás no racional do juízo estas duas palavras: *Doutrina e Verdade*, as quais estarão sôbre o peito de Aarão, quando êle entrar à presença do Senhor; e êle trará sempre sôbre o seu peito o juízo dos filhos de Israel diante do Senhor. (4)

31 Farás também a túnica do efod, que será tôda de côr de jacinto.

32 Em cima no meio dela haverá uma abertura, e ao redor desta abertura um ponteadado, como o que se

(4) **DOCTRINA E VERDADE** — Em hebreu está *Urim e Thummim*, que literalmente significam *Luz e perfeição*. Eram duas pedras. Uma destas simbolizava Deus como luz e verdade, *Urim*: a outra como Soberana Justiça e Suprema perfeição moral, *Thummim*, nomes que estão no plural de excelência, por se referirem a Deus. Estas pedras eram distintas das doze que ornavam o peitoral, e onde estavam gravados os nomes das tribos de Israel; estavam colocadas dentro do peitoral, como numa bolsa, e daí as tirava o Pontífice para consultar Deus: uma dava a resposta afirmativa, a outra respondia negativamente (A. Vigouroux, *La Sainte Bible Polyglotte*).

costuma fazer nas extremidades dos vestidos para se não romperem.

33 Por baixo ao redor da mesma túnica porás tu umas como pequenas romãs feitas de jacinto, de púrpura, e de escarlata tinta duas vêzes; e pelo meio delas entressachadas umas campainhas.

34 de sorte, que esteja uma campainha de ouro, e uma granada; outra campainha de ouro, e outra granada. (5)

35 Desta túnica estará vestido Aarão, quando fizer as funções do seu ministério, para que se ouça o som destas campainhas, quando êle entrar no santuário à presença do Senhor, ou quando dêle sair, para que não morra.

36 Farás também uma lâmina do mais puro ouro, na qual, farás gravar por algum bom artífice estas palavras: *Santidade ao Senhor*. (6)

37 E atá-la-ás à mitra com uma fita de côr de jacinto sôbre a testa do pontífice.

38 E Aarão trará sôbre si tôdas as iniquidades, que os filhos de Israel cometerem em todos os donativos, e em todos os presentes, que oferecerem, e consagra-rem ao Senhor. Êle trará sempre esta lâmina por diante da testa, para que o Senhor lhes seja propício.

39 Farás outrossim uma camisa de linho fino, e uma mitra do mesmo linho, e um cingulo todo bordado.

(5) **UMA CAMPAINHA DE OURO E UMA GRANADA** — Nos túmulos egípcios tem-se encontrado campainhas e granadas, como se pode ver no museu do Louvre e no British Museum. As campainhas têm uma argola na parte superior, e as granadas terminam por um anel, o que indica que estavam suspensas num vestuário, ou num colar.

(6) **UMA LÂMINA** — Era uma espécie de diadema formado por uma tênue fôlha de ouro.

Êxodo 28, 40-43; 29, 1-4

40 Farás também camisas de linho para os filhos de Aarão, cingulos, e mitras para glória e ornamento.

41 De todos êstes paramentos vestirás tu a Aarão, teu irmão, e a seus filhos com êle. A todos sagrarás as mãos, e a todos santificarás, para que êles exercitem as funções do meu sacerdócio.

42 Far-lhe-ás também calções de linho para cobrirem as suas partes, desde os rins até as coxas.

43 Aarão, e seus filhos usarão dêles, quando entrarem no tabernáculo do testemunho, ou quando se chegarem ao altar para servirem no santuário; para que não suceda fazerem-se culpáveis de iniquidade, e morrerem. Esta ordenação será estável, e perpétua para Aarão, e para a sua posteridade depois dêle.

CAPÍTULO 29

ORDENAÇÕES ACERCA DO MODO, COM QUE SE HÃO DE SAGRAR OS SACERDOTES. PARTES QUE ÊLES DEVEM TER NAS VÍTIMAS. SACRIFICIO PERPÊTUO DE DOIS CORDEIROS CADA DIA.

1 Eis-aquí o que tu deves fazer, para me sagrares em sacerdotes a Aarão, e seus filhos. Toma do rebanho um novilho, e dois carneiros, que não sejam malhados:

2 uns pães asmos; uns bolos também asmos borrifados de azeite; umas tortas da mesma sorte asmas, sobre que se tenha deitado algum azeite: Tôdas as quais coisas tu farás da mais pura farinha.

3 E depois de as teres pôsto num cêsto, oferecer-mas-ás, e trar-me-ás também o novilho, e os dois carneiros.

4 Ao mesmo tempo farás chegar Aarão, e seus fi-

lhos à entrada do tabernáculo do testemunho. E depois que tiveres lavado com água o pai, e os filhos, (1)

5 Vestirás Aarão dos seus vestidos, isto é, da camisa, da túnica, do efod, do racional, que tu atarás com o cingulo. (2)

6 E pôr-lhe-ás a mitra na cabeça, e sobre a mitra a lâmina santa. (3)

7 Depois derramarás sobre a sua cabeça o óleo da sagração: E com este rito ficará ele sagrado. (4)

8 Farás também chegar seus filhos: Vestir-lhes-ás

(1) E DEPOIS QUE TIVERES LAVADO — Preceitua-se a ablução. Esta cerimônia, pelo seu simbolismo tão evidente, foi usada pelos diferentes cultos. E' a idéia constante de que o homem para se aproximar de Deus tem de estar lavado de toda a culpa, purificado de tudo quanto seja pecaminoso. A liturgia católica inicia o sacrifício da nova lei pela ablução das mãos, na qual o sacerdote pede seja purificado de toda a mácula *Da Domine virtutem manibus meis ad abstergendam omnem maculam, ut sine pollutione mentis et corpore valeam tibi servire.*

(2) VESTIRÁS — E' a imposição dos ornamentos sacerdotais: disto também se aproveitou a liturgia católica, que também adotou o uso do cingulo (*cingulus, balthus, nona*).

(3) A MITRA — Remonta à mais alta antiguidade; nos monumentos assírios aparece coroando a fronte dos Reis. Hoje é o distintivo da jurisdição episcopal.

(4) DERRAMARAS SOBRE A SUA CABEÇA O ÓLEO — A unção do óleo sagrado passou para a lei Nova. Acha-se no batismo, depois na confirmação; ungem-se os enfermos; no ato solene da ordenação dos sacerdotes ungem-se-lhes as mãos, dizendo o Bispo *Consecrare et sanctificare digneris, Domine, manus istas per istam unctionem*; na sagração episcopal derramam-se os santos óleos sobre a cabeça do Bispo sagrado; outrora sagravam-se os reis: com o óleo santo consagram-se os altares, as igrejas, os sinos e os cálices, etc.

Exodo 29, 9-18

as suas túnicas de linho, e cingi-los-ás com os seus cingulos. (5)

9 Isto é o que tu deves fazer a Aarão, e a seus filhos. Pôr-lhes-ás as mitras nas cabeças, e eles ficarão sendo meus sacerdotes, para me darem um culto perpétuo. Depois que lhes tiveres sagrado as mãos,

10 trarás o novilho à entrada do tabernáculo do testemunho: e Aarão e seus filhos porão as suas mãos sobre a cabeça dêle,

11 e tu o sacrificarás diante do Senhor, à entrada do tabernáculo do testemunho.

12 Tomarás do sangue do novilho, e com o teu dedo o porás sobre os cornos do altar, e o resto do sangue derramá-lo-ás ao pé do mesmo altar.

13 Tomarás também toda a gordura, que cobre os intestinos; o redenho do fígado, e os dois rins, e a gordura que os cobre: oferecer-me-ás tudo, queimando-o sobre o altar.

14 Mas a carne do novilho, o seu couro, e sua bêsta queimá-la-ás fora do âmbito do campo, por ser esta uma hóstia pelo pecado.

15 Tomarás também um dos carneiros, e Aarão, e seus filhos lhe porão as mãos sobre a cabeça:

16 E depois que o tiveres imolado, tomarás do seu sangue, e derramá-lo-ás em torno do altar.

17 Depois farás o carneiro em pedaços: e lavados os intestinos, e os pés, pô-los-ás sobre estes pedaços cortados da sua carne, e sobre a sua cabeça,

18 e oferecerás o carneiro, queimando-o todo sobre

(5) OS CINGULOS — Correspondem ao abnet, cinto pendente que usavam os sacerdotes egípcios, diferente do khescheb, a que se faz referência no v. 5.

o altar: Porque esta é a oblação do Senhor, e uma hóstia para êle de suavíssimo cheiro.

19 Tomarás também o outro carneiro, sôbre cuja cabeça porão as suas mãos Aarão, e seus filhos.

20 E depois de o teres imolado, tomarás do seu sangue, e pô-lo-ás na extremidade da orelha de Aarão, e a seus filhos, e sôbre os dedos polegares das suas mãos, e dos seus pés direitos; e o resto do sangue derramá-lo-ás ao redor do altar.

21 Tomarás outrossim do sangue, que está sôbre o altar, e do óleo da sagração: e com êles farás aspersão sôbre Aarão, e sôbre os seus vestidos, sôbre seus filhos, e sôbre os vestidos dêstes: e depois de os teres sagrado a êles, e aos seus vestidos,

22 tomarás a gordura do carneiro, a sua cauda, a gordura que cobre as entranhas, o redenho do fígado, os dois rins, e a gordura, que está por cima, e a espádua direita: Porque êste é o carneiro da sagração.

23 Tomarás outrossim parte de um pão, um dos bolos borrifados de azeite, uma torta do cêsto dos asmos, que tenha estado exposta diante do Senhor.

24 E porás tôdas estas coisas nas mãos a Aarão, e a seus filhos, e santificá-los-ás, elevando estas ofertas diante do Senhor.

25 Depois tornarás a tomar das suas mãos tôdas estas coisas, e queimá-las-ás sôbre o altar em holocausto, para elas espalharem um suavíssimo cheiro diante do Senhor, porque esta é a sua oblação.

26 Tomarás também o peito do carneiro que tiver servido para a sagração de Aarão, e santificá-lo-ás, elevando-o diante do Senhor, e esta parte do sacrifício ficará para ti.

27 Santificarás também o peito, que foi sagrado, e a espádua, que tu separaste do carneiro,

28 com a qual Aarão e seus filhos foram sagrados: e estas são as partes, que ficarão reservadas para Aarão, e seus filhos, das oblações dos filhos de Israel por um direito perpétuo: Porque estas são como as primícias, e as primeiras partes das vítimas pacíficas, que eles oferecem ao Senhor.

29 Os filhos de Aarão depois da morte dêste trarão as vestimentas, que lhe tiverem servido; para que revestidos delas, recebam a unção santa, e as suas mãos fiquem sagradas. (1)

30 Aquêlê dentre seus filhos que fôr constituído pontífice em seu lugar, e entrar no tabernáculo do testemunho, para exercitar as suas funções no santuário, trará estas vestimentas sete dias.

31 Tomarás outrossim o carneiro, que foi oferecido para a sagração do pontífice, e farás cozer a sua carne no santo lugar; (2)

32 da qual carne comerá Aarão, e seus filhos. Comerão também à entrada do tabernáculo do testemunho os pães, que estiveram postos no cêsto,

33 para que êste seja um sacrificio, que lhes torne favorável a Deus, e para que as mãos dos que lho oferecem fiquem santificadas. O estrangeiro não comerá dêstes pães, porque são santos. (3)

(1) **OS FILHOS DE AARÃO DEPOIS DA MORTE DESTES TRARÃO AS VESTES** — Assim sucedeu. Moisés depois da morte de Aarão despojou-o dos seus vestidos, e vestiu com eles seu filho Eleazar, conforme se lê nos Núm 20, 28.

(2) **TOMARÁS OUTROSSIM O CARNEIRO** — E' a refeição que deve preceder a consagração n.º 31-34.

(3) **O ESTRANGEIRO NÃO COMERÁ** — Esta proibição não se entende só a respeito dos estrangeiros ao povo hebreu, mas a respeito de todos os israelitas estranhos à ordem sacerdotal, isto é, a todos os leigos. Cf. Vigouroux, ob. cit.

34 Se remanescer alguma coisa desta carne consagrada, ou dêstes pães até pela manhã, queimarás no fogo tôdas estas sobras: elas se não comerão, porque estão santificadas.

35 Terás cuidado de fazeres tudo isto, que te mando, tocante a Aarão, e a seus filhos. Sagrarás as suas mãos sete dias:

36 e oferecerás cada dia um novilho pela expiação do pecado. Depois que tu tiveres imolado a hóstia da expiação purificarás o altar, e farás nêle as unções santas.

37 Purificarás, e santificarás o altar sete dias, e êle será santíssimo. Todo o que o tocar, será santificado.

38 Eis-aqui o que tu farás sôbre o altar. Sacrificarás cada dia sem falta dois cordeiros dum ano: (4)

39 um de manhã, outro de tarde. (5)

40 Oferecerás com o primeiro cordeiro a décima parte dum efi da mais pura farinha de trigo, misturada com a quarta parte dum hin de azeite de azeitonas pisadas, e com outro tanto de vinho para libações. (6)

41 Oferecerás de tarde o segundo cordeiro, como um

(4) **CADA DIA SEM FALTA** — Era o sacrifício quotidiano e perpétuo; em cada manhã e em cada tarde oferecia-se o cordeiro em holocausto, um pão de farinha e uma libação de vinho. Esta prescrição foi reservada posteriormente, com igual minuciosidade, como se verá nos Núm 28, 3-8.

(5) **DE TARDE** — No texto original lê-se *O outro cordeiro entre duas tardes*. Adverte Vigouroux, (ob. cit.), que se distinguem duas tardes ou vésperas, não chegando a um acôrdo as seitas judaicas sôbre a significação precisa desta locução; parece designar o intervalo que decorre entre o princípio e o fim do ocaso do sol.

(6) **O HIN** — Era uma medida de origem egípcia, de que temos conhecimento pelos monumentos hieroglíficos, que lhe conservaram o nome e a forma. Equivalia à sexta parte dum efi, ou cerca de 5 litros e meio.

sacrifício de cheiro suavíssimo, da mesma maneira que nós dissemos que se devia fazer a oblação da manhã.

42 Este é o sacrifício, que com um culto continuado de geração em geração, se deve oferecer ao Senhor à entrada do tabernáculo do testemunho diante do Senhor, que é onde eu tenho resolvido falar-te.

43 Dali darei eu as minhas ordens aos filhos de Israel, e o altar será santificado com a minha glória.

44 Eu santificarei também o tabernáculo do testemunho com o altar, e Aarão com os seus filhos, para que eles exercitem as funções do meu sacerdócio.

45 Eu habitarei no meio dos filhos de Israel, e serei, o seu Deus.

46 E eles saberão, que eu sou o Senhor seu Deus, que os tirei da terra do Egito, para ficar entre eles, eu, que sou o Senhor seu Deus. (7)

CAPÍTULO 30

ORDENAÇÕES ACERCA DO ALTAR DOS PERFUMES. MEIO SICLO, QUE SE DEVE PAGAR POR CABEÇA. BACIA DE BRONZE. ÓLEO SANTO. CAÇOULA DE CHEIROS.

1 Farás também um altar de pau de cetim para queimar os perfumes.

2 Ele terá um côvado de comprido, e outro de largo para ser quadrado. Terá dois côvados de alto, e dos seus ângulos sairão umas pontas. (1)

(7) **QUE OS TIREI DA TERRA DO EGITO** — Insiste-se nesta prova de amor de Deus para com o seu povo, para que se não esquecesse do que ao Senhor devia.

(1) **UMAS PONTAS** — Dos quatro ângulos da mesa superior do altar saíam umas proeminências ponteagudas, que se chamavam os cornos do altar. Os altares da antiguidade tinham comumente

3 Cobrirás de finíssimo ouro a mesa dêste altar, e os quatro lados com os seus cornos. E farás uma coroa de ouro, que o apanhe todo em roda,

4 e duas argolas de ouro de cada banda debaixo da coroa, para se meterem por elas os varais, que hão de servir para o levarem.

5 Farás também êstes varais de pau de cetim, e cobri-los-ás de ouro.

6 Porás êste altar defronte do véu, que pende diante da arca do testemunho, e diante do propiciatório, que cobre a arca do testemunho, onde eu te falarei.

7 E Aarão queimará sôbre êle um incenso de suave cheiro. Êle o queimará de manhã, quando preparar as lâmpadas.

8 E quando êle as acender de tarde, tornará a queimar do incenso diante do Senhor: o que se observará continuamente entre vós pelo decurso de tôdas as idades.

9 Não oferecereis sôbre êste altar perfume doutra composição; nem poreis nêle oblação alguma, nem vítima; nem fareis nêle algum sacrifício de libações.

10 Aarão deprecará uma vez no ano sôbre os cornos dêste altar, pondo nêles do sangue da vítima, que tiver sido oferecida pelo pecado: e esta expiação continuará sempre a fazer-se entre vós de geração em geração. Isto será para o Senhor uma coisa santíssima.

11 Falou também o Senhor a Moisés, e lhe disse:

12 Quando tu fizeres o arrolamento dos filhos de Israel, cada um dará um tanto ao Senhor em preço da

esta forma tanto no Oriente como no Ocidente. O museu do Louvre possui um altar assírio encontrado no palácio de Sargão em Cor-sabad. Cf. Perrot, *Histoire de l'art dans l'antiquité* T. II, pg. 268, 269; Vigouroux nota um outro com a mesma configuração descoberto nas ruínas de Pompéia. *La Bible et les decouvertes modernes*, T. III, pg. 322.

Exodo 30, 13-20

sua alma; e elles não serão feridos de praga alguma, depois que êste arrolamento se tiver feito.

13 Todos os que se compreenderem neste arrolamento, darão meio siclo, segundo a medida do templo. O siclo tem vinte óbolos. Oferecer-se-á pois ao Senhor meio siclo. (2)

14 O que entrar neste arrolamento, isto é, o que tiver vinte anos, daí para cima, dará êste preço.

15 O rico não dará mais de meio siclo, e o pobre não dará menos.

16 E depois que tiveres recebido o dinheiro que os filhos de Israel terão dado, empregá-lo-ás nos usos do tabernáculo do testemunho para que isto seja um monumento diante do Senhor, e sirva para expiação das suas almas.

17 Falou mais o Senhor a Moisés, e lhe disse:

18 Farás outrossim uma bacia de metal, e de lavar, com sua base, e pô-la-ás entre o tabernáculo do testemunho, e o altar. (3)

19 E lançada água, Aarão, e seus filhos lavarão nela as suas mãos, e os seus pés,

20 quando estiverem para entrar no tabernáculo do

(2) **MEIO SICLO** — Chamava-se beqá e valia aproximadamente quatrocentos réis; não era um imposto pesado.

SEGUNDO A MEDIDA DO TEMPLO — Para evitar confusões e dúvidas, e estabelecer a uniformidade, Moisés depositou no templo medidas padrões que se chamavam pesos e medidas do Santuário. (Lev 27, 25; Núm 3, 47) Mais tarde foram confiados à guarda dos sacerdotes (1 Par 23, 29).

VINTE ÓBOLOS — O óbolo correspondia à sexta parte do Dracma da Grécia, e equivalia à vigésima parte do siclo.

(3) **UMA BACIA DE METAL** — Não se descreve a forma; em compensação as bacias do templo de Salomão serão minuciosamente descritas. 3 Rs 7.

testemunho, ou quando se deverem chegar ao altar a oferecer perfumes ao Senhor, para que não suceda serem punidos de morte.

21 Esta ordenação será eterna para Aarão, e para todos os da sua posteridade, que lhe houverem de suceder.

22 Falou mais o Senhor a Moisés, e lhe disse:

23 Toma de aromas quinhentos siclos de mirra da primeira, e da mais excelente; de cinamomo metade desta quantidade, isto é, duzentos e cinqüenta siclos, de cana aromática outros duzentos e cinqüenta siclos.

24 De cássia quinhentos siclos do pêso do santuário; e de azeite de oliveiras a medida dum hin.

25 De tôdas estas espécies farás um óleo santo para as unções, uma composição odorífera, feita segundo a arte dos que nisto trabalham.

26 Com isto ungirás o tabernáculo do testemunho; a arca do testamento;

27 a mesa com os seus vasos; o candieiro, e tudo o que nêle serve; o altar dos perfumes,

28 e o dos holocaustos, e tudo o que é necessário para o serviço, e culto, que nêles se faz.

29 Tu santificarás tôdas estas coisas, e elas ficarão santas, e sagradas. Aquêles, que as tocar, será santificado.

30 Com o mesmo ungirás a Aarão, e a seus filhos, e os santificarás para exercitarem as funções do meu sacerdócio.

31 Dirás outrossim aos filhos de Israel: Êste óleo para as unções ser-me-á consagrado entre vós, e entre os que de vós nascerem.

32 Não se ungirá com êle a carne do homem, nem vós fareis outro da mesma composição; porque êste é santificado, e vós o deveis considerar como santo.

33 Todo o que fizer algum semelhante, e o der a

Êxodo 30, 34-38

algum estrangeiro, será exterminado do meio do seu povo.

34 Disse mais o Senhor a Moisés: Toma dos aro-mas, isto é, de estate, de onix, de galbano bem cheiroso, e de incenso o mais luzido, tudo em igual pêso. (4)

35 Farás uma caçoula, composta de tôdas estas dro-gas, segundo a arte dos que nisto trabalham. Misturá-las-ás com tal cuidado; que elas saiam puríssimas, e dig-níssimas de se me oferecerem.

36 Depois de tudo muito bem pisado, e moído, até se reduzir a um pó finíssimo, pô-lo-ás diante do taberná-culo do testemunho, que é o lugar onde eu te apparecerei. Esta caçoula ficará sendo para vós uma coisa sagrada, e inviolável.

37 Não fareis outra composição semelhante para vosso uso, porque é consagrada ao Senhor.

38 O homem, qualquer que êle seja, que tal compo-sição fizer para se regalar com o seu cheiro, perecerá do meio do seu povo.

(4) **ONIX** — Em grego significa unha. Segundo a versão geralmente seguida o onix é a concha dum peixe, que se achava no mar Vermelho, semelhante à unha do homem, e que exalava um agradável cheiro a nardo, que era o seu alimento. Ptinnel citado por Vigouroux, *La Sainte Bible Polyglotte*.

GALBANO — Resina extraída da ferula, arbusto que cresce na Síria, na Arábia e na Abissínia.

INCENSO — E' uma goma-resina obtida pela incisão duma terebintácea denominada pelos antigos *Thurifera* e a que os moder-nos chamam *Boswellia Thurifera*, originária da Arábia. Um incenso queimado só produz um fumo acre e pouco agradável; junta-se-lhe porém benjoim.

CAPÍTULO 31

BESELEEL, E OOLIAB DESTINADOS POR DEUS PARA TRABALHAR O TABERNÁCULO. LEIS TOCANTES AO SABADO. AS DUAS TÁBUAS DA LEI DADAS A MOISÉS.

1 Falou mais o Senhor a Moisés, e lhe disse:

2 Eu chamei nomeadamente a Beseleel filho de Uri, filho de Hur da tribo de Judá,

3 e eu o enchi do espírito de Deus, eu o enchi de sabedoria, de inteligência, e de ciência para toda a casta de obras,

4 para inventar tudo o que a arte pode fazer de ouro, de prata, de bronze,

5 de mármore, de pedras preciosas, e de toda a diversidade de paus.

6 Eu lhe dei por companheiro Ooliab, filho de Aquimelec da tribo de Dan. E eu pus a sabedoria no coração de todos os artífices hábeis, para fazerem tudo o que te tenho ordenado que se faça.

7 O tabernáculo da aliança, a arca do testemunho, o propiciatório, que está por cima dela, e tudo o que deve servir no tabernáculo:

8 a mesa com os seus vasos, o candieiro puríssimo com os seus vasos, o altar dos perfumes,

9 e o altar dos holocaustos com todos os seus vasos, e a bacia com a sua base:

10 as santas vestimentas destinadas para o ministério do sacerdote Aarão, e de seus filhos, para que eles exercitem as funções do seu ofício revestidos de ornamentos sagrados:

11 o óleo da unção, e o perfume aromático, que deve servir no santuário. Numa palavra, eles farão tudo o que eu te mandei que se fizesse.

Êxodo 31, 12-18

12 Falou mais o Senhor a Moisés, e lhe disse:

13 Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: Tendo grande cuidado de observar o meu sábado, porque êste é o sinal que eu estabeleci entre mim, e vós, e que deve passar depois de vós a vossos filhos; para que vós saibais que eu é que sou o Senhor, que vos santifico. (1)

14 Guardai o meu sábado, porque êle deve ser santo para vós. Aquêlê que o violar, será castigado com a morte. Se algum trabalhar neste dia, perecerá do meio do seu povo.

15 Vós trabalhareis seis dias; mas o dia sétimo é o sábado e o descanso consagrado ao Senhor. Todo o que trabalhar neste dia morrerá.

16 Os filhos de Israel guardem o sábado, e celebrem-no de idade em idade. Êste é um pacto sempiterno

17 entre mim, e os filhos de Israel, e um sinal, que durará sempre. Porque o Senhor fêz em seis dias o céu, a terra, e no dia sétimo cessou de obrar.

18 Tendo o Senhor acabado de falar desta sorte no monte Sinai, deu a Moisés as duas tábuas do testemunho feitas de pedra, e escritas pelo dedo de Deus.

(1) **TENDE GRANDE CUIDADO DE OBSERVAR O MEU SABADO** — E' a terceira vez que encontramos êste preceito exarado no Êxodo, prova concludente da sua grande importância, inculcada pelo próprio Deus aos homens e pregada pelos profetas. Doze vêzes Moisés intima êste preceito ao povo de Israel. Os autores sagrados, que se sucedem antes e depois do cativo de Babilônia, insistem com uma persistência notável sôbre o cumprimento dêste preceito divino. Isafas, Jeremias, Ezequiel, Oséias, Amós não se cansam de anunciar os bens que resultam da obediência a êste preceito, e os males que provêm da profanação do dia do Senhor. (Cfr. Perennès, *Inst. du dimanche*, pág. 51 e seguintes.) Neste lugar apresenta-se o sábado como sinal da aliança entre Deus e o seu povo, (vv. 13.16 s) e considera-se réu de morte o profanador dêste santo dia. (vv. 14 s).

CAPÍTULO 32

O POVO ADORA O BEZERRO DE OURO. MOISÉS QUEBRA AS
TÁBUAS DA LEI. CASTIGO DOS ISRAELITAS. MOISÉS ORA
POR ELES.

1 Mas o povo, vendo que Moisés não acabava de descer do monte, se ajuntou contra Aarão, e lhe disse: Vem fazer-nos deuses, que vão adiante de nós: porque pelo que toca a Moisés, a êste homem, que nos tirou do Egito, nós não sabemos o que lhe aconteceu. (1)

2 Aarão lhes disse: Tirai as arrecadas de ouro, que vossas mulheres, filhos, e filhas trazem nas orelhas, e trazei-mas. (2)

3 Fêz o povo o que Aarão lhe mandara, e trouxe-lhe as arrecadas.

4 Aarão depois que as recebeu, fundiu-as, e formou delas um bezerro. Então disseram os israelitas: Eis-aqui, ó Israel, os teus deuses, que te tiraram do Egito. (3)

(1) **DEUSES, QUE VÃO ADIANTE DE NÓS** — E' a necessidade, diz Vigouroux, ob. cit., que o homem tem de possuir um sinal sensível da presença de Deus, e para satisfazer a ela ordenou o Senhor a construção da Arca.

(2) **AS ARRECADAS DE OURO** — Não pode isto causar justificada estranheza desde que nos recordemos de que as mulheres de Israel tinham vindo do Egito, onde se haviam acomodado aos costumes da terra, e aí, como é sabido, as mulheres traziam sempre anéis, brincos, braceletes e outras jóias.

(3) **FUNDIU-AS** — Pelos dados fornecidos pela Egiptologia sabemos que os egípcios eram muito peritos na fundição dos metais; não admira pois que os hebreus aí tivessem praticado igual arte. Sabe-se também que os egípcios exploravam minas na península do Sinai, onde havia o que era preciso para a fundição e trabalho do ouro.

Exodo 32, 5-13

5 O que tendo visto Aarão, erigiu um altar diante do bezerro, e à voz do pregoeiro clamou: Amanhã é a solenidade do Senhor.

6 E eles, tendo-se levantado pela manhã, ofereceram holocaustos, e hóstias pacíficas. Todo o povo se assentou a comer e beber, e depois se levantaram a brincar.

7 Então falou o Senhor a Moisés, e lhe disse: Vai, desce: porque o teu povo, que tu tiraste do Egito, pecou.

8 Eles se apartaram bem depressa do caminho que tu lhes havias mostrado. Fizeram para si um bezerro fundido, adoraram-no, e imolando-lhe vítimas, disseram: Estes são, ó Israel, os teus Deuses, que te tiraram do Egito.

9 Ainda disse mais o Senhor a Moisés: Eu vejo que este povo é de cerviz dura.

10 Deixa, que o furor da minha indignação se acenda contra eles, e que eu os consuma, e eu te farei a ti chefe de um grande povo.

11 Porém Moisés conjurava o Senhor seu Deus, dizendo-lhe: Por que se acende o teu furor contra um povo teu, que tu tiraste do Egito com uma grande força, e com uma poderosa mão?

12 Não permitas, te rogo, que digam os egípcios: Ele os tirou do Egito astutamente para os matar nos montes, e para os extinguir da terra. Aplaque-se a tua ira, e deixa-te dobrar para perdoares ao teu povo a sua iniquidade.

13 Lembra-te de Abraão, de Isaac, e de Israel teus servos, aos quais tu juraste por ti mesmo, dizendo: Eu

UM BEZERRO — Isto mostra-nos um povo vindo do Egito, único país, aonde se prestava culto ao Boi Ápis, e que se recordava das práticas idolátricas a que tinha assistido; Cfr. At 7, 39 s.

multiplicarei a vossa descendência, como as estrêlas do céu; e eu darei à vossa posteridade tôda esta terra, de que eu falei, e vós a possuireis para sempre.

14 Então se apaziguou o Senhor, para não fazer contra o seu povo o mal, que tinha dito.

15 Voltou Moisés pois de cima do monte, trazendo na sua mão as duas tábuas do testemunho, escritas de ambas as partes.

16 Elas eram obra de Deus, como o era a escritura, que estava gravada nelas.

17 Ora Josué ouvindo o tumulto, e a vozeria do povo, disse para Moisés: No campo ouve-se alarido de quem peleja. (4)

18 Ao que respondeu Moisés: Isto não é gritar de pessoas, que se exortam para combater; nem vozeria de gente, que obriga o seu inimigo a fugir: mas o que eu ouço são vozes de pessoas, que cantam.

19 E tendo-se aproximado ao campo, viu o bezerro, e as danças. Então irado na última diferença, atirou as tábuas que trazia na mão em terra, e as quebrou na falda do monte. (5)

20 E pegando no bezerro, que êles tinham feito, lançou-o no fogo, e o reduziu em cinza, que lançou na água, e fêz que dela bebessem os filhos de Israel.

21 Depois disse Moisés a Aarão: Que te fêz êste povo para tu o carregares com um tão grande pecado?

22 Êle lhe respondeu: Não se ire meu Senhor: Por-

(4) **JOSUÉ OUVINDO O TUMULTO** — Tudo ali era silêncio, e por isso o barulho ressoava ao longe, produzindo eco muito mais forte.

(5) **E TENDO-SE APROXIMADO DO CAMPO** — Os monges de Sinai mostram ao viajante o lugar em que foi adorado o bezerro de ouro: é o monte Haroun. Vigouroux considera esta tradição inverossímil, e inclina-se para Schreich, conf. Ob. cit.

Êxodo 32, 23-29

que tu sabes muito bem, quanto êste povo é propenso para o mal. (6)

23 Êles me disseram: Faz-nos deuses, que vão adiante de nós: Porque nós não sabemos que é o que aconteceu a êste Moisés que nos tirou do Egito.

24 Eu lhes disse: Qual dentre vós tem ouro? Trouxeram-no, e deram-mo: e eu o lancei no fogo, e saiu êste bezerro.

25 Moisés pois vendo que o povo tinha ficado nu, (pois Aarão o tinha despojado com esta vergonhosa abominação, e o tinha posto nu no meio de seus inimigos),

26 pôs-se à porta do campo, e disse: Se algum é do Senhor, ajunte-se comigo. E tendo-se ajuntado à roda dêle todos os filhos de Levi, lhes disse:

27 Eis-aqui o que diz o Senhor Deus de Israel: Cada homem meta a sua espada à cinta: passai, e tornai a passar, atravessando o campo duma porta à outra; e cada um mate seu irmão, seu amigo, e o que lhe fôr mais chegado.

28 Fizeram os filhos de Levi o que Moisés tinha ordenado, e foram quase vinte e três mil homens, os que caíram mortos aquêlê dia. (7)

29 Então lhes disse Moisés: Cada um de vós consa-

(6) **ÊLE LHE RESPONDEU** — S. Ambrósio aprecia desta maneira o proceder de Aarão: Nem podemos sômente desculpar o sacerdote, nem nos atrevemos a condenar. "*Neque excusare tantum sacerdotem possumus, neque condemnare audemus*". Epist. LVI ad Romulum, n.º 2.

(7) **VINTE E TRÊS MIL HOMENS** — Parece que a palavra "vinte" está aqui a mais, por um êrro dos copistas, pois não se encontra nem no original hebraico, nem nas paráfrases caldaica, siríaca. Setenta; esta é a opinião de S. Ambrósio, (Ep. VI ad Romulum) e Optato e Isidoro.

grou hoje as suas mãos ao Senhor, matando seu filho, e seu irmão, para vos ser dada a bênção.

30 Ao outro dia disse Moisés ao povo: Vós cometestes um grandíssimo pecado. Eu subirei onde está o Senhor, a ver se de algum modo o posso dobrar, e alcançar d'ele perdão do vosso crime.

31 E tendo voltado para o Senhor, lhe disse: Êste povo cometeu um grandíssimo pecado, e êles fizeram para si deuses de ouro. Mas eu te conjuro, que ou tu lhe perdoes êste delito,

32 ou se o não fazes, me apagues do teu livro, que escreveste. (8)

33 O Senhor lhe respondeu: Eu apagarei do meu livro aquêlê, que pecar contra mim.

34 Tu porém, vai, e conduze o povo ao lugar, que eu te disse. O meu anjo irá adiante de ti: Mas no dia da vingança visitarei eu êste pecado, que êle cometeu.

35 Feriu pois o Senhor o povo pelo crime do bezerro, que Aarão lhe tinha feito.

(8) **ME APAGUES DE TEU LIVRO** — Os melhores autores entendem que se trata aqui do livro da vida e que Moisés queria dizer, que fazia o sacrificio da sua vida pelo seu povo; é a opinião de S. Jerônimo e S. Gregório Magno, geralmente seguida. Outros quiseram ver nestas palavras uma alusão ao livro dos predestinados da vida eterna, e que Moisés quisesse significar, por uma expressão hiperbólica de sua ardente caridade, que estava pronto a sacrificar a sua própria salvação em favor de seus irmãos. (Cf. Vigouroux, ob. cit.) Nos Núm 11, 15 oferece o sacrificio da sua vida.

O POVO HUMILHA-SE, E CHORA O SEU PECADO. MOISÉS FALA COM DEUS FACE A FACE. PEDE-LHE QUE LHE MOSTRE O SEU ROSTO.

1 Depois falou o Senhor a Moisés, e lhe disse: Vai, sai dêste lugar tu, e o povo, que tu tiraste do Egito, e vai para a terra, que eu prometi com juramento a Abraão, Isaac, e Jacó quando lhe disse: Eu darei esta terra à tua posteridade.

2 E dir-lhe-ás da minha parte: Eu enviarei um anjo, que te sirva de percursor, para que lance fora os cananeus, os amorreus, os heteus, os fereus, os heveus, os jebuseus;

3 e tu entres num país onde correm arroios de leite, e de mel. Porque eu não subirei contigo, para que não suceda exterminar-te eu durante o caminho, visto seres tu um povo de cerviz dura. (1)

4 O povo, ouvindo estas tremendas palavras pôs-se a chorar; e nenhum dêles vestiu as suas galas costumadas.

5 Porque o Senhor disse a Moisés: Diz aos filhos de Israel: Vós sois um povo de cerviz dura: se eu fôr uma vez no meio de vós, exterminar-vos-ei. Deixai, pois, desde agora as vossas galas, para eu saber de que modo vos hei de tratar.

6 Todos os filhos de Israel pois deixaram as suas galas ao pé do monte Horeb.

7 E Moisés, levantando o tabernáculo, o pôs bem ao longe fora do campo, e o chamou o tabernáculo do concêrto. E todos os do povo, que tinham alguma difi-

(1) **DE CERVIZ DURA** — Isto é, que não suporta facilmente o jugo e está sempre pronto para a revolta.

culdade, saíram fora do campo, para irem ao tabernáculo do concêrto. (2)

8 Quando Moisés saía para o tabernáculo, levantava-se todo o povo, e cada um se deixava estar à porta da sua tenda, e olhava para Moisés pelas costas, até êle entrar no tabernáculo.

9 Depois que Moisés tinha entrado no tabernáculo do concêrto, descia a coluna de nuvem, e punha-se à porta, e o Senhor falava com Moisés.

10 Os filhos de Israel, em vendo que a coluna de nuvem se punha à porta do tabernáculo, punham-se também êles todos à porta das suas tendas, e adoravam o Senhor.

11 Ora o Senhor falava a Moisés face a face, bem como um homem costuma falar ao seu amigo. E quando êle voltava para o campo, o moço Josué, filho de Nun, que o servia, não se alongava do tabernáculo. (3)

12 Moisés porém disse ao Senhor: Tu mandas-me que leve eu êsse povo, e não me declaras quem hás de enviar comigo, principalmente tendo-me tu dito: Eu conheço-te pelo teu nome, e tu achaste graça de mim.

(2) **E MOISÉS LEVANTANDO O TABERNÁCULO** — Este tabernáculo era provisório; foi, segundo tôda a verossimelhança, colocado sôbre Djebel Moneidjah, montanha pouco elevada, visível de tôda a planície de Er Rahah; e, ao lado, ed Deir tinha espaço suficiente para o povo se reunir junto do tabernáculo.

(3) **FACE A FACE** — S. Tomás de Aquino sôbre esta passagem da Sagrada Escritura, 1.^a 2.^a q. 98, a 2, ad 2^m, diz *Secundum opinionem populi loquitur Scriptura*. Era um modo de dizer corrente, popular, que empregavam os escritores bíblicos, para se fazerem entender pelo povo, porque Deus, para atingir o fim que se propunha, não tinha de retificar as idéias correntes do país ou da época. Além disto o texto quer também significar que Deus, sem rodeios, sem enigmas, sem figuras e sem mediador comunicava a Moisés as suas vontades.

Êxodo 33, 13-22

13 Se eu pois achei graça diante de ti, mostra-me a tua face, para eu te conhecer, e para achar graça diante dos teus olhos: olha benignamente para esta grande multidão, que é teu povo.

14 O Senhor lhe disse: Eu irei em pessoa diante de ti, e eu te darei o descanso. (4)

15 Disse-lhe Moisés: Se tu mesmo não vais adiante de nós, não nos tires dêste lugar.

16 Porque como poderemos nós saber, eu, e o teu povo, que nós achamos graça diante de ti, se tu não marchares adiante de nós, para sermos atendidos, e respeitados de todos os povos, que habitam sôbre a terra?

17 Respondeu o Senhor a Moisés: Eu te farei isto, que tu acabas de me pedir: porque tu achaste graça diante de mim, e eu te conheço pelo teu nome. (5)

18 Moisés lhe disse: Mostra-me a tua glória.

19 O Senhor lhe respondeu: Eu te mostrarei todo o bem; e passando adiante de ti, pronunciarei o nome do Senhor. Eu me compadecerei de quem eu quiser, e usarei de clemência com quem fôr do meu agrado usá-la.

20 Disse mais o Senhor: Tu não poderás ver o meu rosto: porque nenhum homem me verá sem morrer.

21 Ainda o Senhor disse mais: Eis-aqui o lugar, onde eu costume estar: e tu pôr-te-ás sôbre a pedra.

22 E quando passar a minha glória, eu te porei ao

(4) **EU IREI EM PESSOA ADIANTE DE TI** — Deus guiara o seu povo; a prece de Moisés foi ouvida.

(5) **EU TE FAREI ISTO** — Não se pode dizer mais terminantemente a Moisés que a sua súplica foi atendida. Moisés está vitorioso, e esta vitória incute-lhe alento para que peça a Deus que lhe mostre a sua glória (v. 18). **TE CONHEÇO PELO TEU NOME** — Isto é, cuidarei sempre de ti, para que o povo escolhido permaneça fiel à vocação.

buraco da pedra, e te cobrirei com a minha mão, até que eu tenha passado.

23 Depois tirarei eu a minha mão, e tu me verás pelas costas: mas tu não poderás ver o meu rosto.

CAPÍTULO 34

SOBE MOISÉS AO MONTE. DEUS LHE MOSTRA A SUA GLÓRIA, E RENOVA AS PRINCIPAIS CONDIÇÕES DA ALIANÇA, QUE ELE TINHA FEITO COM O SEU POVO. MOISÉS DESCE TRAZENDO A CABEÇA CERCADA DE RAIOS.

1 Depois disse o Senhor a Moisés: Corta duas tábuas de pedra, que sejam como as primeiras: e eu escreverei nelas as palavras, que estavam nas tábuas, que tu quebraste. (1)

2 Está pronto pela manhã para subires logo ao monte Sinai, e estarás comigo no pino do monte.

3 Não suba ninguém contigo, nem apareça nenhum por todo o monte; nem ainda bois, ou ovelhas se apascentem defronte.

4 Cortou Moisés pois duas tábuas de pedra, tais como as primeiras: e, levantando-se antes de amanhecer, subiu ao monte Sinai, levando consigo as duas tábuas, conforme o Senhor lhe tinha ordenado.

5 Então tendo descido o Senhor no meio da nu-

(1) **DUAS TABUAS DE PEDRA** — As primeiras, quebradas por Moisés à vista do bezerro de ouro (Êx 32, 19), tinham sido dadas pelo próprio Deus. Será, pois, para os israelitas um castigo permanente de sua idolatria momentânea, ter, nestas segundas tábuas da lei, uma obra inferior à primeira *un ouvrage moins entièrement divin que n'étaient les premières*. (Vigouroux, *ob. cit.*).

Exodo 34, 6-10

vem, Moisés se pôs na sua presença, invocando o nome do Senhor. (2)

6 E a tempo que o Senhor passava por diante dêle, disse Moisés: Dominador, e Senhor Deus, que és todo cheio de compaixão, e de clemência, paciente, rico de misericórdia, e de verdade; (3)

7 que guardas misericórdia até mil gerações; que apagas a iniquidade, os crimes, e os pecados; diante do qual nenhum é inocente por si mesmo; e que tornas a iniquidade dos pais aos filhos, e aos netos até à terceira, e quarta geração.

8 Ao mesmo tempo se prostrou Moisés por terra; e adorando, prosseguiu dizendo:

9 Senhor, se eu achei graça diante de ti, peço-te que caminhes conosco: (porque êste povo é de cabeça dura) apaga também as nossas iniquidades, e os nossos pecados, e possui-nos.

10 O Senhor lhe respondeu: Eu farei à vista de todos uma aliança: Farei prodígios, que nunca jamais se viram na terra, nem em alguma nação; para que êste

(2) **INVOCANDO O NOME DO SENHOR** — No texto hebraico está que Deus pronunciou o Seu nome, sinal que tinha indicado a Moisés, 33, 19. Carrières traduziu assim: Então tendo descido o Senhor no meio da nuvem, se apresentou a Moisés e pronunciou em alta voz o nome de Jeová. E assim interpreta Calmet.

(3) **DOMINADOR E SENHOR DEUS** — Enquanto os livros religiosos humanos dos diferentes povos antigos falavam de Deus obscuramente, envolvendo a Divindade em fábulas ridículas, a Sagrada Escritura revela-nos Deus por esta forma, tão precisa, tão terminante, e sobretudo tão consentânea com a idéia que do Criador devemos fazer, que inspirou a La Harpe estas reflexões: "Só a Sagrada Escritura nos dá estas idéias levantadas e justas, admiráveis e instrutivas acêrca de Deus, que inspiram respeito e esclarecem a inteligência, e que demonstram a divindade dos Livros Santos." (Lyce, 1820, t. II, pág. 432.)

povo, no meio do qual estás, seja testemunha da terrível obra, que o Senhor está para fazer.

11 Guarda tôdas as coisas, que eu te ordeno hoje: e eu mesmo lançarei fora diante de ti os amorreus, os cananeus, os heteus, os fereus, os heveus, e os jebus.

12 Vê, não tenhas nunca amizade com os habitantes dêste país o que será a tua ruína.

13 Mas destrói os seus altares, quebra as suas estátuas, corta os seus bosques sagrados. (4)

14 Não adores deus estrangeiro. O Senhor tem por nome o Zeloso. Deus quer ser amado unicamente. (5)

15 Não faças pacto algum com os habitantes dêste país: não suceda que quando êles se corromperem com os seus deuses, e adorarem as suas estátuas, te convide algum dêles a comer das viandas imoladas.

16 Não casarás teus filhos com as suas filhas: não suceda que depois de se corromperem, induzam elas também teus filhos a se corromperem com os seus deuses.

17 Não farás para ti deuses fundidos. (6)

18 Observarás a solenidade dos asmos. Comerás sete dias pães asmos, no mês dos trigos novos, como eu te ordenei; porque tu saístes do Egito no mês em que começa a primavera. (7)

(4) **BOSQUES SAGRADOS** — E' uma expressão tropológica; refere-se aos ídolos, representando os falsos deuses.

(5) **O ZELOSO** — Quer-se significar que Deus não sofre que a outrem seja prestada a adoração, só a Êle devida. E' impossível exprimir mais claramente a unidade de Deus. (Cfr. Vigouroux, ob. cit.)

(6) **DEUSES FUNDIDOS** — Alusão ao bezerro de ouro e condenação formal da idolatria, que vem a propósito destas condições da aliança de Deus com o povo.

(7) **A SOLENIDADE DOS ASMOS** — E' a comemoração da Páscoa.

Exodo 34, 19-27

19 Todo o macho que fôr primogênito, será meu: os primogênitos de todos os animais, assim de bois como de ovelhas, serão meus.

20 Remirás o primogênito do jumento por uma ovelha: se não remires, matá-lo-ás. Remirás o primogênito de teus filhos. E não aparecerás na minha presença com as mãos vazias.

21 Trabalharás seis dias, e ao dia sétimo cessarás de lavrar, e de segar. (8)

22 Celebrarás a solenidade das semanas, oferecendo as primícias dos frutos da tua messe do trigo: e a outra solenidade no fim do ano, quando se tiver tudo recolhido.

23 Todos os teus filhos machos se apresentarão três vezes no ano diante do Todo Poderoso Senhor Deus de Israel.

24 Porque quando eu tiver expulsado da tua face as nações, e tiver estendido os limites do teu país; se tu subires, e se tu te apresentares diante do Senhor teu Deus, nenhum formará secretamente maus projetos contra o teu país.

25 Não me imolarás o sangue da minha vítima sobre fermento: nem da hóstia da solenidade da Páscoa remanescerá nada, até o outro dia pela manhã.

26 Oferecerás as primícias dos frutos da tua terra na casa do senhor teu Deus. Não cozerás o cabrito no leite de sua mãe.

27 Disse mais o Senhor a Moisés: Escreve para ti

(8) **DE LAVRAR E DE SEGAR** — Não são estes os únicos trabalhos defesos no dia do Senhor; argumenta-se, porém, do maior para o menor; estes trabalhos, apesar da sua grande importância e necessidade são proibidos, e por isso apresentados como exemplo, para se concluir que todos os demais, de menor importância, por maioria da razão, o são também.

estas palavras, pelas quais eu fiz concêrto contigo, e com Israel. (9)

28 Ficou Moisés pois ali com o Senhor quarenta dias, e quarenta noites: não comeu pão, nem bebeu água; e êle escreveu nas tábuas as dez palavras do concêrto.

29 Depois d'isto desceu Moisés do monte Sinai, trazendo as duas tábuas do testemunho; e êle não sabia que o seu rosto lançava de si uns raios, que lhe tinham ficado da conversação, que tinha tido com o Senhor. (10)

30 Mas Aarão, e os filhos de Israel vendo que o rosto de Moisés lançava de si êstes raios, tiveram mêdo de se chegar a êle.

31 Tendo Moisés pois chamado a Aarão, e aos principais do ajuntamento, vieram êles ter com Moisés. E depois que êle lhes falou,

32 vieram também a êle todos os filhos de Israel; e êle lhes expôs tôdas as ordens, que tinha recebido do Senhor no monte Sinai.

33 Acabado o discurso, pôs Moisés um véu sôbre o seu rosto.

34 E quando entrava no tabernáculo à presença do Senhor, e falava com êle, tirava o véu até que saía. E então dizia aos filhos de Israel tudo o que o Senhor lhe tinha ordenado que dissesse.

35 Quando Moisés saía do tabernáculo, viam os israelitas que o seu rosto lançava uns raios: mas êle o cobria de novo tôdas as vêzes, que lhes havia de falar.

(9) **ESCREVE PARA TI ESTAS PALAVRAS** — Esta ordem formal de escrever, dada por Deus a Moisés, tem por fim encarecer a importância do que lhe vai dizer.

(10) **LANÇAVA DE SI UNS RAIOS** — Assim traduzem antigos e modernos tradutores a vulgata *Cornuta facies*, que dá a entender que da fronte de Moisés irradiavam focos de luz, e assim tem sido representado por pintores e escultores célebres.

CAPÍTULO 35

DECLARA MOISÉS AO POVO AS ORDENAÇÕES DO SENHOR. O POVO TRAZ SUAS OFERTAS. BESELEEL, E OOLIAB SÃO NOMEADOS PARA TRABALHAREM NO TABERNÁCULO.

1 Moisés pois tendo ajuntado todos os filhos de Israel, lhes disse: Eis-aqui as coisas, que o Senhor ordenou que se lhe fizessem.

2 Vós trabalhareis seis dias: e o dia sétimo será para vós santo, como sábadó que é, e descanso do Senhor. Aquêlê, que trabalhar neste dia, será morto. (1)

3 Não acendereis lume em tôdas as vossas casas no dia sétimo.

4 Disse mais Moisés a todo o ajuntamento dos filhos de Israel: Eis-aqui o que o Senhor ordenou. Êle disse:

5 Ponde à parte em vossas casas as primícias de todos os vossos bens para o Senhor. Vós lhe oferecereis de boamente, e com uma inteira vontade ouro, prata, bronze;

6 Jacinto, púrpura, escarlata tinta duas vêzes, linho fino, pêlos de cabra;

7 peles de carneiro tintas de vermelho, peles roxas, paus de cetim; (2)

8 azeite para conservar as lâmpadas, aromas para a composição das unções, e perfumes de excelente cheiro:

(1) **COMO SABADO QUE É** — Nova promulgação de sábadó, para impor o cumprimento dêste preceito.

(2) **PELES DE CARNEIRO TINTAS** — A tintura das peles era uma arte muito conhecida entre os egípcios. No museu do Louvre guarda-se uma harpa coberta de couro tingido de verde.

PELES ROXAS — Eram as do urso marinho, cetáceo que se encontra facilmente no Mar Vermelho. O seu corpo é revestido dum couro liso e espêsso, azulado, exceto na parte inferior, que é esbran-

9 pedras cornalinas, e outras pedras preciosas para ornar o efod, e o racional.

10 Todo o que dentre vós é bom artifice, venha fazer o que o Senhor mandou.

11 A saber: o tabernáculo com o seu teto, e as suas coberturas; as argolas, as tábuas, os barrotes, as estacas, as bases;

12 a arca com os seus varais, o propiciatório, e o véu, que deve estar pendente diante dêle.

13 a mesa com os varais, vasos, e pães da proposição;

14 o candieiro, que há de sustentar as lâmpadas, tudo o que é necessário para o seu uso, as lâmpadas e o azeite para alimentar o fogo;

15 o altar dos perfumes com os varais, o óleo para as unções, e a caçoula dos cheiros; o véu pendente à entrada do tabernáculo;

16 o altar dos holocaustos, a sua grelha de bronze com os seus varais, e com tudo o que é necessário para o seu uso; a bacia com a sua base;

17 as cortinas do átrio com as suas colunas, e suas bases, e o véu da entrada do vestíbulo;

18 as estacas do tabernáculo, e do átrio com os seus cordões;

19 as vestimentas, que se devem usar no culto do santuário; os ornamentos destinados para o pontífice Aarão, e seus filhos, a fim de exercitarem as funções do meu sacerdócio.

20 Depois que todos os filhos de Israel saíram da presença de Moisés,

21 tornaram êles a vir oferecer ao Senhor com
quigado. Como os israelitas estavam perto do Mar Vermelho era-lhes fácil obtê-lo, porque o podiam pescar sem grande incômodo, o que também é um esclarecimento precioso para estabelecer a autenticidade do Êxodo e a exatidão das narrações relativas ao Tabernáculo.

Exodo 35, 22-29

pronta vontade, e grande devoção, as primícias dos seus bens, para se fazer a obra do tabernáculo do testemunho. Para tudo o que era necessário porém para o culto sagrado, e para os ornamentos sacerdotais,

22 deram homens e mulheres os seus braceletes, as suas arrecadas, os seus anéis, e os enfeites, que eles punham no seu braço direito. Todos os vasos de ouro foram postos à parte, para serem apresentados ao Senhor.

23 Os que tinham jacintos, púrpura, escarlata tinta duas vezes, linho fino, pêlos de cabra, peles de carneiro tintas de vermelho, peles roxas,

24 prata, e bronze, tudo ofereceram ao Senhor com os paus de cetim para qualquer uso.

25 Houve também mulheres habilidosas, que deram o que tinham fiado de jacinto, de púrpura, de escarlata, de linho fino, (3)

26 e de pêlos de cabra; e tudo deram de muito boa vontade.

27 Os príncipes ofereceram pedras cornalinas, e outras pedras preciosas para o efod, e racional;

28 aromas, e azeite para conservar as lâmpadas, e para preparar as unções, e compor o perfume de suavíssimo cheiro.

29 Todos os homens, e mulheres ofereceram gostosos os seus dons, para se fazerem as obras, que o Senhor

(3) **QUE TINHAM FIADO** — Os monumentos egípcios representam a manufatura da fiação e tecelagem, tal como as mulheres deveriam ter aprendido nas margens do Nilo. Não conheciam a roca, serviam-se quase exclusivamente de fusos de madeira, curtos, encimados por uma maçanêta de gesso. A tecelagem era rudimentar: teares simples, ordinariamente horizontais, e algumas vezes verticais. Os tecidos encontrados nos túmulos egípcios mostram que eram urdidos com fio tinto, predominando a cor azul.

tinha ordenado por Moisés. Todos os filhos de Israel fizeram as suas ofertas ao Senhor de muito boa vontade.

30 Então disse Moisés aos filhos de Israel: O Senhor chamou por seu nome a Beseleel, filho de Uri, que o é de Hur, da Tribo de Judá:

31 e o encheu do espírito de Deus, de sabedoria, de inteligência, de ciência, e de todos os conhecimentos;

32 para inventar, e para executar tudo o que se pode fazer em ouro, prata, e bronze; (4)

33 para cortar, e lavrar pedras, e para tôdas as obras de delicadeza.

34 Êle lhe pôs no espírito tudo o que a arte pode inventar. E êle deu os mesmos talentos a Ooliab, filho de Aquisamec da tribo de Dan.

35 A ambos encheu êle de sabedoria para fazerem tôda a casta de obras de pau, de panos de diversas côres, de bordados de jacinto, de púrpuras, de escarlata tinta duas vêzes, e de linho fino; para trabalharem tudo o que se faz ao tear, e para lhe ajuntarem tudo o que puderem inventar de novo.

CAPÍTULO 36

MOISÉS FAZ TRABALHAR NAS OBRAS, QUE O SENHOR LHE TINHA ORDENADO. CONSTRUÇÃO DO TABERNÁCULO.

1 Trabalhou pois Beseleel com Ooliab em tôdas estas obras, e trabalharam todos os homens hábeis, a quem o Senhor tinha dado sabedoria, e inteligência para sabe-

(4) **PARA INVENTAR TUDO QUANTO SE PODE FAZER EM OURO** — As inúmeras obras de arte achadas nos túmulos egípcios, as pinturas das telas que representam os processos empregados pelos operários, dão-nos a prova do estado de adiantamento a que chegou no Egito a ourivesaria e arte de dourar.

Êxodo 36, 2-10

rem fazer excelentemente, o que era necessário para o uso, do santuário, e tudo o que o Senhor tinha ordenado.

2 Porque tendo-os Moisés feito vir com todos os homens hábeis, aos quais o Senhor tinha dado sabedoria, e os que de sua vontade se tinham oferecido para trabalhar nesta obra,

3 êle lhes entregou tôdas as ofertas dos filhos de Israel. E quando êles se applicavam já a adiantar a obra, continuava ainda o povo a oferecer todos os dias pela manhã os seus dons.

4 Isto obrigou os artífices a virem dizer a Moisés:

5 O povo oferece mais do que se há mister.

6 Mandou pois Moisés que à voz do preegoiro se fizesse publicamente esta declaração: Nenhum homem, nem mulher ofereça mais nada daqui em diante para as obras do santuário. Assim cessaram todos de oferecer presentes,

7 porque o que se tinha já oferecido bastava, e ainda sobejava.

8 Todos êstes homens pois, cujo coração estava cheio de sabedoria para trabalharem nas obras do tabernáculo, fizeram dez cortinas de linho retorcido, de jacinto, de púrpura, de escarlata tinta duas vêzes, tudo bordado, e de diversas côres.

9 Cada cortina tinha vinte e oito côvados de comprimento, e quatro de largo, e tôdas as cortinas eram duma mesma medida.

10 Juntou cinco destas cortinas uma à outra, e as outras cinco da mesma sorte entre si. (1)

(1) JUNTOU CINCO DESTAS CORTINAS — O Padre Antônio Pereira traduziu "cinco destas cortinas estavam juntas uma a outra", ora não é isto o que está na Vulgata, que diz: "Conjunctive", verbo que está na terceira pessoa do singular, e que por

11 Uma cortina tinha cordões de jacinto na ourela duma, e outra bandeira; e a cortina da mesma sorte cordões na ourela;

12 para que estando os cordões defronte um do outro, se ajuntassem reciprocamente as cortinas.

13 Por isso fêz êle fundir também cinqüenta argolas de ouro, onde se pudessem prender os cordões das cortinas, para que tudo não parecesse senão um tabernáculo.

14 Fêz também onze cobertas de pêlos de cabra para cobrir o teto do tabernáculo.

15 Cada uma destas cobertas tinha trinta côvados de comprido, e quatro de largo, e eram tôdas da mesma medida.

16 Destas ajuntaram êles cinco a uma banda, e seis à outra.

17 Fêz também cinqüenta cordões na ourela duma coberta, e cinqüenta cordões na ourela da outra para estarem juntas.

18 Fêz outrossim cinqüenta fivelas de bronze para as ter prêsas, a fim de parecer tudo uma peça.

19 Fêz além disto uma terceira coberta de peles de carneiro tintas de vermelho, e por cima desta outra quarta coberta de peles roxas. (2)

20 Fêz também tábuas de pau de cetim para o tabernáculo, que estavam postas ao alto. (3)

isso deve ter um sujeito no singular; êle juntou, conforme traduz Glaire, *La Sainte Bible traduite*. O sujeito é Beseleel, indicado no versículo 1.º, que é o sujeito dêste verbo e dos seguintes. Vigouroux, *La Sainte Bible Polyglotte*.

(2) **TINTAS DE VERMELHO** — Os egípcios usavam muito estas coberturas multicolores; encontra-se um exemplo na sepultura da princesa egípcia Zumkhele, descoberta por H. Brugsch.

(3) **FÊZ** — Traduzimos o verbo no singular, e não no plural como se encontra na tradução do Padre Antônio Pereira, pela razão

Êxodo 36, 21-32

21 Cada uma destas tábuas tinha dez côvados de comprido, e côvado e meio de largo.

22 Cada tábua tinha sua lingueta, e seu encaixe para entrar uma na outra. Tôdas as tábuas do tabernáculo eram feitas dêste mesmo modo.

23 E vinte delas estavam da banda meridional olhando para o austro,

24 com quarenta bases de prata. Cada tábua assentava sôbre duas bases duma, e outra parte dos ângulos no lugar, onde os encaixes dos lados se terminam nos ângulos.

25 Fêz outrossim para o lado do tabernáculo, e que olha para o aquilão, vinte tábuas,

26 com quarenta bases de prata, a duas para cada tábua.

27 Mas para o lado do tabernáculo, que fica ao ocidente e que olha para o mar, não fizeram senão seis tábuas,

28 e mais duas, que estavam postas nos ângulos por detrás do tabernáculo.

29 Estas estavam juntas de alto a baixo, fazendo um só corpo. A mesma coisa fizeram êles nos dois ângulos dos dois lados.

30 Eram por tôdas oito tábuas, as quais tinham dezesseis bases de prata, a duas por tábua.

31 Fêz também uns grandes barrotes de pau de cedim, cinco para atravessar, e segurar tôdas as tábuas duma banda do tabernáculo,

32 e outros cinco para atravessar, e segurar as tá-

apontada na nota 1.ª dêste capítulo; a vulgata diz *Fecit*, e no original está *ia'ss*, que lhe corresponde perfeitamente, não havendo razão nenhuma que justifique o plural. Glaire traduz *Il fit*, e no capítulo seguinte, que é a continuação dêste, aparece o sujeito claro, e o Padre Pereira de Figueiredo traduziu então no singular.

buas da outra; e fora êstes ainda outros cinco para o lado do tabernáculo, que fica ao ocidente, e que olha para o mar.

33 Fêz mais outro barrote, que passava pelo meio das tábuas dum canto até o outro.

34 Dourou tôdas estas tábuas, que assentavam em bases de prata fundidas, fêz outrossim umas argolas de ouro, pelas quais entrassem os barrotes de pau, que êles também cobriram de lâminas de ouro.

35 Fêz um véu de jacinto, de púrpura, de escarlata, de linho fino retorcido, tudo bordado, e tudo matizado.

36 Fêz quatro colunas de pau de cetim, que cobriram de lâminas de ouro com os seus capitéis; e as suas bases eram de prata.

37 Fêz mais o véu para a entrada do tabernáculo, que era de jacinto, de púrpura, de escarlata, de linho fino retorcido, tudo obra de bordadura.

38 Fêz também cinco colunas com seus capitéis, as quais cobriram de ouro e as suas bases fundidas, feitas de metal.

CAPÍTULO 37

BESELEEL TRABALHA EM FAZER A ARCA, A MESA DA PROPOSIÇÃO, O CANDIEIRO, O ALTAR DOS PERFUMES E OS MESMOS PERFUMES.

1 Fêz também Beseleel a arca de pau de cetim, a qual tinha dois côvados e meio de comprido, côvado e meio de largo, e côvado e meio de alto. Êle a cobriu de finíssimo ouro por dentro, e por fora;

2 e lhe fêz uma coroa de ouro, que a apanhava tôda em roda.

Êxodo 37, 3-13

3 Fundiu quatro, argolas de ouro, que pôs nos quatro cantos da arca, dois duma parte, e dois da outra.

4 Fêz também uns varais de pau de cetim que cobriu de ouro,

5 e que meteu nas argolas, que estavam aos cantos da arca, para ela se poder levar.

6 Fêz mais o propiciatório, isto é, o oráculo, dum ouro puríssimo, que tinha dois côvados e meio de comprimento, e côvado e meio de largo: (1)

7 como também os dois querubins de ouro batido, que lhe pôs aos dois lados do propiciatório:

8 um querubim na extremidade dum lado, e outro querubim na extremidade do outro. Assim os dois querubins estavam numa e outra extremidade do propiciatório,

9 tendo as suas asas estendidas, e cobrindo com elas o propiciatório, virados os rostos um para o outro, como também para o propiciatório.

10 Fêz outrossim uma mesa de pau de cetim, que tinha dois côvados de comprimento, um côvado de largo, e côvado e meio de alto.

11 Cobriu-a de puríssimo ouro, e lhe pôs à roda um frizo de ouro.

12 Sôbre o frizo pôs uma coroa de ouro esculpturada, de altura de quatro dedos, e sôbre esta outra coroa de ouro. (2)

13 Fêz fundir também quatro argolas de ouro, que pôs nos quatro cantos da mesa, uma a cada pé,

(1) **ISTO É, UM ORÁCULO** — Esta frase não se encontra nem no hebreu nem nos Setenta; Vigouroux, (ob. cit.) entende que é uma adição da vulgata. Veja-se o c. 25 do Êx, onde está feita com todos os pormenores a descrição da arca da aliança.

(2) **DE QUATRO DEDOS** — Esta medida corresponde ao tefak, que regulava por nove centímetros aproximadamente.

14 por baixo da coroa; e enfiou por elas os varais, que haviam de servir para levar a mesa.

15 Êstes varais eram também de pau de cetim, e êle os chapeou de lâminas de ouro.

16 Para os diferentes usos desta mesa fêz de fino ouro pratos, copos, turíbulos, e taças, onde se haviam de oferecer os licores.

17 Fêz também o candieiro do mais puro ouro batido ao martelo, de cujo tronco saíam umas hastes com seus copos, seus pomos, e suas açucenas.

18 Eram seis as hastes, que saíam das duas bandas do tronco, três duma banda e três da outra.

19 Uma haste tinha três copos de feitio de nozes, com seus pomos, e suas açucenas: outra haste da mesma sorte três copos do feitio de nozes, com seus pomos, e suas açucenas. E tôdas as seis hastes que saíam do tronco, eram trabalhadas da mesma forma.

20 Porém o tronco do candieiro tinha quatro copos do feitio de nozes, acompanhados cada um do seu pomo, e de sua açucena.

21 Havia três pomos em três lugares do tronco, e de cada pomo saíam três hastes, que faziam ao todo seis hastes, nascendo dum mesmo tronco.

22 Saíam pois do candieiro êstes pomos, e estas hastes, sendo tudo de puríssimo ouro batido ao martelo.

23 Fêz outrossim de finíssimo ouro sete lâmpadas, com seus espevitadores, e com suas caldeirinhas, onde se apagassem os morrões que se tivessem tirado das lâmpadas.

24 O candieiro com tôdas as suas peças pesava um talento de ouro. (3)

(3) **UM TALENTO DE OURO** — Era o maior pêso, valia 3,000 siclos, e pesava 42 quilos e meio; em ouro tinha um valor

Exodo 37, 25-29; 38, 1-3

25 Fêz também o altar dos perfumes de pau de cetim, que tinha um côvado em quadro, e dois côvados de alto, de cujos quatro cantos saíam quatro cornos.

26 Vestiu-o de puríssimo ouro com a sua grelha, seus lados, e seus cornos.

27 Fêz-lhe uma coroa de ouro, que o rodeava todo, e por baixo da coroa a cada lado pôs duas argolas de ouro para enfiar por elas os varais, que haviam de servir a levarem-no.

28 Êstes varais fêz êle de pau de cetim, e os cobriu de lâminas de ouro.

29 Compôs também o azeite, para com êle se faze-rem as unções da sagração; e compôs os perfumes feitos dos aromas mais exquisitos, segundo as regras desta arte.

CAPÍTULO 38

CONSTRUÇÃO DO ALTAR DOS HOLOCAUSTOS, DA BACIA DE METAL, E DO ATRIO. IMPORTÂNCIA DO OURO, PRATA E BRONZE, QUE SE EMPREGARAM NA FABRICA DO TABER-NACULO.

1 Fêz também Beseleel o altar dos holocaustos de pau de cetim, que tinha cinco côvados em quadro, e três de alto:

2 e dos seus quatro cantos saíam quatro cornos, e êle o cobriu de lâminas de metal.

3 Fêz de metal muitos, e diversos instrumentos, que

superior a vinte e seis contos de réis. O talento em hebreu chama-va-se *kikkar*, isto é, redondo. Vigouroux dá-nos notícia do único talento hebraico conhecido, descoberto em Jerusalém, perto do Tem-plo; é uma pedra grossa, redonda, com uma enorme cavidade, tendo uma inscrição em velhos caracteres hebraicos.

haviam de servir neste altar; caldeiras, tenazes, pinças, croques, braseiros;

4 uma grelha de metal em forma de rêde, e por baixo um fogão no meio do altar.

5 Fundiu quatro argolas, que pôs aos quatro cantos desta grelha, pelas quais passassem os varais, que pudessem servir para levantar o altar.

6 Os quais varais êle também fêz de pau de cetim, e os cobriu de lâminas de metal,

7 e os meteu nas argolas, que estavam aos lados do altar. Ora êste altar feito de tábuas não era maciço mas oco, e vazio por dentro.

8 Fêz outrossim uma bacia de metal com sua base; obra, para que deram a matéria os espelhos das mulheres, que velavam à porta do tabernáculo. (1)

9 Fêz mais o átrio, a cujo lado meridional estavam umas cortinas de linho fino retorcido da altura de cem côvados;

10 e vinte colunas com suas bases de metal, e os capitéis com todos os seus ornatos de prata.

11 Ao lado setentrional cortinas, colunas, bases, e capitéis da mesma medida, do mesmo metal, e do mesmo feitio.

12 Mas ao lado, que olhava para o ocidente, não se estendiam as cortinas senão ao espaço de cinqüenta côvados; e as colunas eram sòmente dez com suas bases de metal; e os capitéis das colunas com todos os seus ornatos eram de prata.

13 Ao lado oriental pôs êle da mesma sorte cortinas, que ocupavam o espaço de cinqüenta côvados de comprido,

(1) OS ESPELHOS DAS MULHERES — Os espelhos então usados eram de metal, a maior parte de bronze polido.

14 do qual espaço havia quinze côvados duma parte com três colunas, e suas bases;

15 e quinze da outra com três colunas, e suas bases: Porque no meio entre as duas ordens de colunas fez êle a entrada do tabernáculo.

16 Tôdas estas cortinas do átrio eram tecidas de linho fino retorcido.

17 As bases das colunas eram de metal; os capitéis com todos os seus ornatos eram de prata; e êle vestiu de prata as mesmas colunas.

18 Fêz também o grande véu, que estava à entrada do átrio, obra de bordadura de jacinto, de púrpura, de escarlata, e de linho fino retorcido. E êle tinha vinte côvados de comprido, e cinco de alto, segundo a medida, que tinham tôdas as cortinas do átrio. (2)

19 Havia à entrada quatro colunas com suas bases de metal, seus capitéis, e seus ornatos de prata.

20 Fêz também de metal umas estacas, que se haviam de pôr ao redor do tabernáculo, e do átrio.

21 Estas são as partes, que compunham o tabernáculo do testemunho, que foram dadas por conta aos levitas por Itamar, filho do sumo sacerdote Aarão, em consequência do que Moisés tinha mandado.

22 Tudo acabou Beseleel, filho de Uri, que era filho de Hur da tribo de Judá, segundo a ordem, que o Senhor lhe dera por bôca de Moisés.

23 Êle teve por companheiro a Ooliab, filho de

(2) O GRANDE VÉU — Este véu é distinto dos dois véus do Tabernáculo propriamente dito. Antes de chegar ao Santo dos Santos encontravam-se três cortinas; a primeira, de que se trata aqui, estava à entrada do átrio; a segunda (Ex 36, 37) à entrada do Tabernáculo e a terceira (Ex 36, 35) à entrada do santuário. Cfr. Vigouroux, *La Sainte Bible Polyglotte*.

Aquisamec da tribo de Dan, que também sabia trabalhar primorosamente em pau, em panos tecidos de fios de diversas côres, e em bordaduras de jacinto, de púrpura, de escarlata, e de linho fino.

24 Todo o ouro, que se empregou nas obras do santuário, e que foi voluntariamente oferecido pelo povo, fazia vinte e nove talentos, e setecentos e trinta siclos, segundo a medida do santuário. (3)

25 Estas oblações foram feitas pelos que entraram no arrolamento, tendo vinte anos, e daí para cima, que chegaram a seiscentos e três mil quinhentos e cinquenta homens de armas.

26 Houve mais além disto cem talentos de prata, de que foram feitas as bases do santuário, e da entrada, onde estava pendurado o véu. (4)

27 De cem talentos foram feitas cem bases, levando cada base um talento.

28 De mil setecentos e setenta e cinco talentos de prata fêz êle os capitéis das colunas, as quais também cobriu de prata.

29 De metal ofereceram-se também setenta e dois mil talentos, e quatrocentos siclos,

30 de que se fundiram as bases, que estavam à entrada do tabernáculo do testemunho: e o altar de metal com a sua grelha, e todos os vasos do seu uso;

31 e as bases do átrio, que estavam em tôrno dêle, e à sua entrada com as estacas, que se puseram ao redor do tabernáculo, e do átrio.

(3) **VINTE E NOVE TALENTOS E SETECENTOS E TRINTA SIOLOS** — Correspondiam ao péso de 1.244 quilogramas de ouro, que valeriam mais de sete mil contos.

(4) **CEM TALENTOS DE PRATA** — O talento de prata equivalia a 1:700\$000 rs. aproximadamente, quantia que se deve juntar à soma precedente.

CAPÍTULO 39

**BESELEEL TRABALHA EM FAZER AS VESTES PONTIFICAIS.
RÔL DAS OBRAS, QUE SE FIZERAM PARA O CULTO
DIVINO.**

1 Fêz também Beseleel de púrpura, de escarlata, e de linho fino as vestes, de que se havia de paramentar Aarão, quando exercitasse o seu santo ministério, conforme a ordem, que o Senhor tinha dado a Moisés.

2 Fêz pois o efod de ouro, de jacinto, de púrpura, de escarlata tinta duas vêzes, e de linho fino retorcido.

3 tudo tecido de bordados de diferentes côres. Cortou umas folhetas de ouro, que reduziu a fios mui delgados, para poderem entretecer-se nos outros fios de diversas côres. (1)

4 Os dois lados do efod vinham ajuntar-se na ourela da extremidade superior.

5 Fêz o cingulo com a mescla das mesmas côres, conforme o que o Senhor tinha mandado a Moisés.

6 Preparou duas pedras cornalinas, que meteu e encastou em ouro, onde se viam esculpidos, segundo a arte dos lapidários, os nomes dos filhos de Israel.

7 Êle as pôs nos dois lados do efod, como um monumento para os filhos de Israel, conforme a ordem, que Moisés tinha recebido do Senhor.

8 Fêz o racional tecido da mistura de diferentes fios, como o efod, de ouro, de jacinto, de púrpura, de escarlata tinta duas vêzes, e de linho fino retorcido.

9 Era quadrado, e dobrado, do tamanho de um palmo.

(1) **REDUZIU A FIOS** — Já muito antes de Moisés, no reinado de Osorteseu 1.º, se conhecia no Egito a fiação do ouro, que, entre outros usos, servia para entrar nos tecidos preciosos. Heródoto fala duma cota, oferecida pelo rei Almés a um rei de Lacedemônia, tecida com ouro.

10 Pôs-lhe em cima quatro ordens de pedras preciosas. Na primeira ordem estavam um sardônio, um topázio, uma esmeralda.

11 Na segunda um carbúnculo, uma safira, e um jaspe.

12 na terceira um ligúrio, uma ágata e uma ametista.

13 Na quarta uma crisólita, uma cornalina, e um berilo: Engastadas tôdas estas pedras em ouro, cada uma na sua ordem.

14 Sobre estas doze pedras estavam gravados os nomes das doze tribos de Israel, cada nome em sua pedra.

15 Fizeram-se no racional duas pequenas cadeias de puríssimo ouro, cujos fuzis estavam enlaçados uns nos outros:

16 Dois colchetes, e duas argolinhas de ouro. Puseram-se as argolinhas aos dois lados do racional,

17 e suspenderam-se delas as duas cadeias de ouro, que êles meteram nos colchetes, que saíram dos cantos do efod.

18 Tôdas estas peças ajustavam tão bem, entre si, por diante, e por detrás, que o efod e o racional ficavam presos um ao outro,

19 apertados por cima do cingidouro, e ligados estreitamente por umas argolinhas, pelas quais passava uma fita de jacinto, para não ficarem laxos, nem se despegarem uns dos outros conforme o Senhor tinha mandado a Moisés.

20 Fizeram também os dois artífices a túnica do efod tôda de jacinto.

21 Havia no alto dela uma abertura no meio, e uma orela tecida à roda desta abertura:

22 Em baixo junto aos pés estavam umas romãs feitas de jacinto, de púrpura, de escarlata, e de linho fino retorcido;

23 e umas campainhas de ouro puríssimo, que êles entressacharam com as romãs à roda da extremidade da túnica.

24 Assim é que estavam entressachadas as campainhas de ouro, e as romãs. E dêste ornamento estava revestido o pontífice, quando exercitava as funções do seu ministério, conforme o Senhor tinta ordenado a Moisés.

25 Fizeram outrossim para Aarão, e seus filhos camisas tecidas de linho fino;

26 mitras de linho fino com suas pequenas coroas;

27 calções também de linho, e de linho fino.

28 Com um cingulo bordado de diferentes fios de linho fino retorcido, de jacinto, de púrpura, e de escarlata tinta duas vêzes, segundo a ordem que o Senhor tinha dado a Moisés.

29 Fizeram mais a santa, e veneranda lâmina de puríssimo ouro, e gravaram em cima dela, do modo que se escreve sôbre as pedras preciosas, estas palavras: *A Santidade é do Senhor.*

30 Êles a prenderam à mitra com uma fita de jacinto, como o Senhor o tinha mandado a Moisés.

31 Assim se concluiu tôda a obra do tabernáculo, e da tenda do testemunho. Os filhos de Israel fizeram tudo o que o Senhor tinha ordenado a Moisés.

32 Ofereceram o tabernáculo com a sua cobertura, e com tudo o que tinha serventia nêle; as argolas, as tábuas, os varais, as colunas, as bases;

33 as cobertas de peles de carneiro tintas de vermelho, e as outras cobertas de peles roxas;

34 o véu, a arca, os varais, o propiciatório;

35 a mesa com os seus vasos, e com os pães da proposição;

36 o candieiro, as lâmpadas, e tudo o que para elas se havia mister com o azeite;

37 o altar de ouro, o óleo destinado para as unções, os perfumes compostos de aromas;

38 o véu à entrada do tabernáculo;

39 o altar de metal com a sua grelha, varais, e tudo o que ali servia; a bacia com a sua base, as cortinas do átrio, e as colunas com as suas bases;

40 o véu à entrada do átrio, os seus cordões, e as suas estacas. Não faltou nada de tudo o que o Senhor tinha ordenado, que se fizesse para o ministério do tabernáculo, e para a tenda do concêto.

41 Quanto às vestimentas, de que os sacerdotes Aarão, e seus filhos deviam usar no santuário,

42 os filhos de Israel as ofereceram também, conforme tinha mandado o Senhor.

43 E Moisés tendo visto que tôdas estas coisas estavam acabadas, os abençoou. (2)

CAPÍTULO 40

EREÇÃO DO TABERNÁCULO. ELE É COBERTO DA NUVEM, QUE REPRESENTA A MAJESTADE DE DEUS.

1 Depois falou o Senhor a Moisés, e lhe disse:.

2 Levantarás o tabernáculo do testemunho no primeiro dia do primeiro mês. (1)

3 Porás nêle a arca, e suspenderás por diante o véu.

4 Trarás a mesa, e porás sôbre ela o que eu te mandei,

(2) OS ABENÇOOU — Não os objetos presentes, mas os israelitas que os apresentavam. A bênção dos objetos de culto havia de ter lugar posteriormente. Esta era um galardão por terem os israelitas cumprido à risca as determinações do Senhor.

(1) NO PRIMEIRO DIA DO PRIMEIRO MÊS — E do segundo ano, diz o versículo 15. A execução dos trabalhos prescritos por Deus durou pouco mais de seis meses; porque os hebreus gasta-

Êxodo 40, 5-13

segundo a ordem, que te foi prescrita. Porás o candieiro com as lâmpadas,

5 e o altar de ouro, sôbre que se queima o incenso diante da arca do testemunho. Porás o véu à entrada do tabernáculo,

6 e diante dêle o altar dos holocaustos.

7 A bacia, que tu encherás d'água, pô-la-ás entre o altar, e o tabernáculo.

8 Cercarás de cortinas o átrio, e a sua entrada.

9 E tomando o azeite das unções, ungirás com êle o tabernáculo com os seus vasos para êles ficarem santificados:

10 o altar dos holocaustos e todos os seus vasos;

11 a bacia com a sua base. Tôdas estas peças sagrarás tu com o óleo destinado para as unções, para tôdas elas serem santas, e sagradas.

12 Chamarás Aarão e seus filhos à entrada do tabernáculo do testemunho; e depois de lavados na água,

13 os vestirás das santas vestimentas, para que êles me sirvam, e para que a sua unção se continue para sempre nos sacerdotes, que lhes sucederem. (2)

ram dois meses a chegar ao deserto de Sinal (Êx 19, 1) e Moisés tinha estado no monte três meses; portanto mais de cinco decorreram antes do começo dos trabalhos, e a inauguração teve lugar no primeiro dia do segundo ano.

(2) **PARA QUE A SUA UNÇÃO SE CONTINUE PARA SEMPRE** — Esta unção imprimia nos sacerdotes da antiga lei, como o Sacramento da Ordem nos da Nova, um caráter pelo qual eram sacerdotes durante tôda a vida. Outros explicam o texto neste sentido, que a unção foi só para os filhos de Aarão, que a receberam por todos os seus sucessores, visto que, sendo o sacerdócio hereditário na sua família, não era necessário reiterá-la para qualquer sacerdote dessa estirpe (Cfr. Vigouroux, ob. cit.).

14 E Moisés fêz tudo o que o Senhor lhe tinha mandado.

15 Portanto no primeiro dia do primeiro mês do segundo ano foi colocado o tabernáculo.

16 Moisés tendo-o ereto, pôs as tábuas com as bases, e os barrotes de pau, e assentou as colunas.

17 Estendeu o teto sôbre o tabernáculo, e pôs-lhe por cima a cobertura, como o Senhor tinha mandado.

18 Pôs o testemunho na arca: fêz passar os varais pelas argolas, e pôs oráculo por cima da arca. (3)

19 E tendo levado a arca para o tabernáculo, pendurou diante dela o véu, em cumprimento do que o Senhor tinha ordenado.

20 Pôs a mesa no tabernáculo do testemunho, ao lado setentrional, fora do véu,

21 e arranjou diante do Senhor os pães da proposição como o Senhor lhe tinha mandado.

22 Pôs o candieiro no tabernáculo do testemunho, ao lado, que olha para o meio-dia, defronte da mesa;

23 e dispôs as lâmpadas pela sua ordem, conforme o mandamento do Senhor.

24 Pôs o altar de ouro debaixo da tenda do testemunho, diante do véu,

25 e queimou em cima o incenso, composto de aromas, como o Senhor lhe tinha ordenado.

26 Pôs também o véu à entrada do tabernáculo do testemunho,

27 e o altar do holocausto no vestibulo do testemunho, sôbre o qual ofereceu êle holocausto, e sacrificios, como o Senhor tinha mandado. (4)

(3) O TESTEMUNHO — As tábuas da lei.

(4) OFERECEU ÊLE O HOLOCAUSTO — E' o próprio Moisés que desempenha as funções sacerdotais, porque Aarão e seus filhos não tinham sido sagrados.

28 Pôs outrossim a bacia entre o tabernáculo do testemunho, e o altar, e a encheu d'água.

29 E nela lavaram Moisés, Aarão, e seus filhos as suas mãos, e os seus pés,

30 antes de entrarem no tabernáculo do concêrto, e chegarem ao altar, como o Senhor tinha ordenado.

31 Erigiu também o átrio ao redor do tabernáculo, e do altar, e pôs o véu à sua entrada. Depois de tôdas estas coisas acabadas,

32 uma nuvem cobriu o tabernáculo do testemunho, e êle foi cheio da glória do Senhor. (5)

33 E Moisés não podia entrar no tabernáculo do concêrto, porque a nuvem cobria tudo, e a majestade do Senhor resplandecia de tôdas as partes, estando tudo coberto desta nuvem.

34 Quando a nuvem se retirava do tabernáculo partiam os filhos de Israel divididos pelas suas turmas.

35 Se ela parava em cima, ficavam êles no mesmo lugar.

36 Porque de dia repousava a nuvem do Senhor sôbre o tabernáculo, e de noite aparecia sôbre êle uma chama, que todos os filhos de Israel viam de qualquer lugar, onde estivessem alojados.

(5) **A NUVEM** — E' a coluna da nuvem de que adiante se falou. Era como o sinal sensível da presença de Deus no meio do seu povo. Desce sôbre o tabernáculo para indicar que Iahvéh tomou posse da sede divina.

LEVÍTICO

E' o terceiro livro do Pentateuco; segundo o costume, chamado em hebreu *vayyikrá*, por ser esta a palavra inicial, que significa "*e chamou*", e em grego *levitikon*, por ser escrito para a tribo de Levi. Os rabinos deram-lhe também o nome de lei dos sacerdotes, e lei dos sacrificios, pois que contém as leis que se referem ao exercício do culto em geral e em particular.

O Êxodo determinava o local onde deveriam ser oferecidos os sacrificios; quem os deveria oferecer; as vestes dos sacerdotes: o Levítico, porém, deve regular o que respeita aos sacrificios, as impurezas legais, o sabbado e as festas, e assim naturalmente se divide em três partes.

PRIMEIRA PARTE

Dos sacrificios. Compreende os dez primeiros capítulos, que se subdividem assim:

- 1.º Dos holocaustos, 1 — 2.º Dos sacrificios incruentos, 2 — 3.º Dos sacrificios pacíficos, 3 — 4.º Dos sacrificios pelos pecados, 4; 5, 13 — 5.º Dos sacrificios pelo delicto, 5, 14; 6, 7 — 6.º Funções dos sacerdotes na oblação dos sacrifi-

Levítico

cios, 6, 8; 7 — 7.º Da consagração dos sacerdotes, 8; 9 — 8.º Punição dos filhos de Aarão, que violaram os preceitos divinos, 10.

SEGUNDA PARTE

Purezas e impurezas legais, 11; 12. Compreende duas seções:

- a) Prescrições gerais relativas a Israel, 11; 20:
 - 1.º Dos animais puros e impuros, 11 — 2.º Cerimônias para as grávidas, 12 — 3.º Leprosos, 13; 14 — 4.º Impurezas involuntárias, 15 — 5.º Entrada do pontífice no Santuário. Festa da Expição, 16 — 6.º Regras para a imolação das vítimas: proibição para se não comer a carne e o sangue dos animais não degolados, 17 — 7.º Prescrições relativas aos casamentos, 18 — 8.º Preceitos morais e religiosos, 19; 20.
- b) Prescrições particulares para os sacerdotes, 21; 22: 1.º Da santidade dos sacerdotes. Irregularidades que excluem do sacerdócio, 21; 22, 16 — 2.º Da integridade das vítimas, 22, 17-33.

TERCEIRA PARTE

Sábado, festas e culto, 23; 27:

- 1.º O sábado e as grandes festas do ano, 23 — 2.º Conservação das lâmpadas e dos pães da Proposição no Tabernáculo, 24, 1-9 — 3.º O blasfemador apedrejado e a lei de Talião, 24, 10-23 — 4.º

Levítico

Leis sobre o ano sabático e ano jubilar, 25 — 5.º
Promessas aos que observarem a lei e ameaças
contra os violadores, 26 — 6.º Leis sobre os vo-
tos, e sobre os dizimos, 27.

Inspirado pelo Senhor, o grande legislador do povo de Deus deixou exarados nestes livros os preceitos cultuais, que deviam conservar a fé monoteica em Israel, até que viesse o Messias Salvador remir e salvar o mundo. Além das práticas do culto, encontram-se grandes regras morais, que passaram através os séculos, e que constituem ainda a base do edifício moral, pois Jesus Cristo disse: *non veni solvere legem sed adimplere eam*. (Mt c. 5.) Porém, Moisés só, com todo o seu gênio, com toda a sua energia, não lograria ver acatada a sua obra, se esta fôsse sua, mas era de Deus, de quem êle era instrumento.

LEVÍTICO

CAPÍTULO 1

CERIMÔNIAS QUE SE DEVEM OBSERVAR NOS SACRIFÍCIOS DE
BOIS, OVELHAS, CABRAS, ROLAS E POMBAS.

1 Chamou o Senhor a Moisés, e falou-lhe do tabernáculo do testemunho, dizendo:

2 Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: Quando algum de vós outros oferecer ao Senhor uma hóstia de gado, isto é, de bois, e de ovelhas: (1)

3 Se a sua oferenda fôr um holocausto, e este é de gado vacum, tomará um macho, que não tenha defeito,

(1) **DOS BOIS** — Neste capítulo fala o Senhor dos sacrifícios que o povo de Israel devia oferecer para testemunhar a sua adoração a Iahvéh, sem que caísse na idolatria. Todos estes sacrifícios eram, como as demais instituições do Antigo Testamento, a figura, o exemplo e a imagem das Instituições Divinas da Lei Nova. (S. Paulo, Epístola aos Hebr 9). S. Tomás escreveu — *Sacrificia offerebantur tum ad excludendam idolatriam, tum ad significandum debitum ordinem mentis in Deum, tum etiam ad figurandum mysterium redemptionis humanae per Christum*. 1.^a, 2.^a, q 102, a 3, ad 1m. Ofereciam-se esses sacrifícios na lei mosaica já para excluir a idolatria, já para significar a adoração devida a Deus, e também para figurar o mistério da Redenção do mundo por Jesus Cristo. Os sacrifícios eram de duas espécies — cruentos e incruentos. Os primeiros consistiam na imolação dos animais, e compreendiam qua-

Levítico 1, 4-11

e oferecê-lo-á à porta do tabernáculo do testemunho, para alcançar que o Senhor lhe seja propício. (2)

4 Porá a sua mão sobre a cabeça da hóstia, e ela será aceita e lhe servirá de expiação.

5 Então degolará o novilho diante do Senhor: e os sacerdotes, filhos de Aarão, oferecerão o seu sangue, derramando-o ao redor do altar, que está diante da porta do tabernáculo.

6 Esses mesmos esfolarão a hóstia, e cortar-lhe-ão os membros a pedaços. (3)

7 Meterão o fogo por baixo do altar, depois de terem primeiro preparado a lenha,

8 e de terem pôsto em ordem os talhos, isto é, a cabeça, e tudo o que está pegado ao fígado;

9 os intestinos, e os pés, que deverão ser lavados em água. E o sacerdote os queimará em cima do altar, para serem ao Senhor um holocausto de suavíssimo cheiro.

10 Se a oferta de gado é um holocausto de ovelhas, ou de cabras, o homem, que a quizer fazer, escolherá um macho sem defeito,

11 e degolá-lo-á ao lado do altar, que olha para o

tro espécies: 1.º holocausto, 2.º sacrifício pelo pecado, 3.º sacrifício pelo delito e 4.º sacrifício pacífico. Os segundos, chamados em hebreu *minkhah*, e pela Vulgata *oblato*, consistiam nas oblações de farinha, pão e na das primícias.

(2) **HOLOCAUSTO** — Esta palavra, em hebreu *'olah*, elevação, na Vulgata *Holocaustum*, do grego *olos*, tudo, e *kaio*, queimar, significa o sacrifício em que a vítima é completamente destruída pelo fogo; era considerado o mais excelente dos sacrifícios, e por isso latrêutico, rendendo homenagem a Deus Autor e Senhor da vida pela destruição completa da vítima.

(3) **A PEDAÇOS** — Cortava-se a vítima em pedaços para simbolizar o reconhecimento do soberano domínio de Deus sobre todas as coisas criadas.

Aquilão: e os filhos de Aarão derramarão o seu sangue ao redor do altar:

12 Cortar-lhe-ão os membros, a cabeça, e tudo o que está pegado ao fígado; e pô-los-ão sôbre a lenha, a que devem meter fogo por baixo:

13 Lavar-lhe-ão em água os intestinos, e os pés: e o sacerdote queimará em cima do altar todos êstes talhos, para serem ao Senhor um holocausto de suavíssimo cheiro.

14 Se a oferenda do holocausto fôr de aves, a saber, de rôlas, ou de pombinhos; (4)

15 o sacerdote oferecerá a hóstia no altar; e torcendo-lhe a cabeça sôbre o pescoço, far-lhe-á uma ferida, e nela uma abertura, por onde faça correr o sangue por cima da borda do altar.

16 Deitar-lhe-á o papo, e as penas ao pé do altar para a banda do Oriente, no lugar onde se costumam botar as cinzas.

17 Quebrar-lhe-á as asas sem lhas cortar, e sem que divida a hóstia com ferro; e queimá-la-á sôbre o altar, depois de ter metido fogo por baixo da lenha. Assim se oferece um holocausto ao Senhor, e assim se lhe faz uma oblação de suavíssimo cheiro.

(4) SE... FOR DE AVES — Na religião egípcia ofereciam-se em sacrifício as aves aquáticas, que eram muito comuns no Nilo; porém o Senhor só permite a oblação de pombas e rôlas, atenta a inocência destas aves, símbolo da Candura. Cfr. Vigouroux, *La Sainte Bible Polyglotte*.

CAPÍTULO 2

CERIMONIAS QUE SE DEVEM OBSERVAR NAS OBLAÇÕES DE FARINHA, E DE PÃO, E NA DAS PRIMÍCIAS.

1 Quando qualquer pessoa fizer ao Senhor alguma oferenda em sacrifício, a sua oferenda será da flor da farinha, sobre a qual deitará azeite, e porá sobre ela incenso. (1)

2 E levá-la-á aos sacerdotes, filhos de Aarão: e um deles tomará um punhado desta farinha, borrifada com azeite, e todo o incenso; e fá-la-á queimar sobre o altar em memória, como um suavíssimo perfume.

3 E o que ficar do sacrifício será para Aarão, e para seus filhos, e será uma coisa santíssima, como resto das oferendas feitas ao Senhor.

4 Mas quando tu ofereceres um sacrifício de farinha cozida no forno, a saber, alguns pães asmos amassados em azeite, e algumas tortas asmas untadas de azeite,

5 se a tua oferta é de frigideira, de flor de farinha amassada em azeite, e sem fermento,

6 tu a dividirás em pequenos pedaços, e lhe deitarás azeite por cima.

7 Se o sacrifício é de grelha, misturarás também em azeite a flor da farinha:

8 e oferecendo-a ao Senhor, metê-la-ás nas mãos ao sacerdote:

9 o qual depois de a ter oferecido, tirará do sacrifício o que deve servir de memória, e o queimará sobre o altar, para ser um cheiro suavíssimo para o Senhor.

10 Tudo o que ficar será de Aarão, e de seus filhos,

(1) **SOBRE ELA INCENSO** — A imposição do incenso só se fazia nas oferendas particulares, não a havendo nas oblações públicas. Núm 28, 5.

e será uma coisa santíssima, como resto das oferendas feitas ao Senhor.

11 Tôda a oferenda, que se fizer ao Senhor, será sem fermento; e nos sacrificios do Senhor não se queimará em cima do altar coisa de fermento, nem de mel. (2)

12 Estas coisas vós as oferecereis sòmente, como primícias, e como dons: Mas elas não se porão sôbre o altar para serem oferendas de agradável cheiro.

13 Temperarás de sal tudo o que ofereceres em sacrificio: e não tirarás do sacrificio o sal do concôrto do teu Deus. Tôda a tua oferenda deve levar sal. (3)

14 Se fizeres ao Senhor alguma oferenda das primícias do teu grão, que seja de espigas ainda verdes, torrâ-la-ás ao fogo, e quebrá-la-ás, como se faz ao trigo: e assim oferecerás as tuas primícias ao Senhor,

15 deitando-lhe azeite por cima, e pondo-lhe por cima incenso: Porque isto é uma oferenda feita ao Senhor. (4)

16 O sacerdote em memória do donativo oferecido ao Senhor, queimará parte do grão, que se quebrou, e do azeite, e todo o incenso.

(2) **SEM FERMENTO... NEM DE MEL** — O fermento é proscrito, por ser considerado impuro, visto ser um agente de corrupção. 1 Cor v. 7. A exclusão de mel é por uma razão análoga à precedente: era também um agente de fermentação e, segundo conta Plínio (História natural, XXI. 14) serviam-se d'ele para fazer vinagre.

(3) **SAL** — Proíbe-se o fermento e o mel porque corrompem; impõe-se o uso do sal por que este conserva, e é o símbolo da fidelidade.

(4) **AZEITE POR CIMA** — Também no Egito os frutos oferecidos às divindades eram cobertos com óleo.

CAPÍTULO 3

CERIMONIAS QUE DEVEM OBSERVAR NOS SACRIFICIOS PACÍFICOS.

1 Se alguém quizer oferecer uma hóstia pacífica ao Senhor e a sua oblação fôr de bois, poderá tomar macho ou fêmea, que não tenham defeito. (1)

2 Porá a mão sôbre a cabeça da sua vítima, a qual será imolada à entrada do tabernáculo do testemunho: e os sacerdotes, filhos de Aarão, entornarão o sangue dela ao redor do altar.

3 Oferecerão ao Senhor a gordura, que cobre as entranhas da hóstia pacífica, e tudo o que ela tem dentro de gordura:

4 os dois rins com a gordura, que cobre os flancos, e o redenho do fígado com os rins.

5 E farão queimar tudo isto sôbre o altar em holocausto, tendo se aplicado fogo à lenha, para ser uma oblação de suavíssimo cheiro para o Senhor.

6 Se a oblação é uma hóstia pacífica, tomada do rebanho das ovelhas, ou seja macho, ou seja fêmea, deve não ter mancha alguma.

7 Se o homem oferece um cordeiro diante do Senhor, 8 porá a mão sôbre a cabeça da sua vítima, a qual será imolada à entrada do tabernáculo do testemunho: e

(1) **HÓSTIA PACÍFICA** — Em hebreu *schelem*, do verbo *schalah*, pacificar. O sacrifício pacífico era oferecido espontaneamente, ou em cumprimento dum voto; pertencia, de ordinário, ao culto privado. Vigouroux, *Manuel Biblique*, pág. 648. Contudo a lei prescrevia-o em alguns casos; ordenou ao Nazareno que oferecesse um cordeiro. Núm 6, 14, e prescreveu a oferta de dois cordeiros na festa das Primícias, Lev 23, 19. Este sacrifício era eucarístico e impetratório.

os filhos de Aarão derramarão o seu sangue em torno do altar,

9 e oferecerão desta hóstia pacífica em sacrifício ao Senhor a gordura, e a cauda tôda,

10 com os rins, e a gordura que cobre os flancos; e o redenho do fígado com os rins.

11 E o sacerdote queimará tudo isto sôbre o altar, para ser alimento do fogo, e servir à oblação, que se faz ao Senhor.

12 Se a oferta é uma cabra, e o homem a oferece ao Senhor,

13 pôr-lhe-á a mão sôbre a cabeça, e a imolará à entrada do tabernáculo do testemunho. Os filhos de Aarão entornarão o seu sangue ao redor do altar;

14 e tomarão da hóstia, para ser pasto do fogo do Senhor, a gordura, que cobre o ventre, e tôdas as entranhas:

15 os dois rins com o redenho, que êles têm por cima ao pé dos flancos, e a gordura do fígado com os rins.

16 E o sacerdote os fará queimar sôbre o altar, para servirem de pasto ao fogo, e serem uma oblação de cheiro muito agradável. Tôda a gordura pertencerá ao Senhor,

17 com um perpétuo direito de geração em geração, e em tôda a parte, onde vós morardes. E vós não comereis jamais sangue, nem gordura. (2)

(2) **JAMÁIS SANGUE, NEM GORDURA** — Esta proibição vem de muito longe, e data dos tempos noaquicos. Gên 9, 4.

CAPÍTULO 4

CERIMONIAS QUE SE DEVEM OBSERVAR NOS SACRIFICIOS
PELOS PECADOS DE IGNORÂNCIA. (1)

1 Tornou o Senhor a falar a Moisés, e lhe disse:

2 Dize aos filhos de Israel: Quando qualquer homem pecou por ignorância, e violou algum de todos os mandamentos do Senhor, cometendo coisa, que êle defendeu que se não fizesse:

3 Se o sacerdote, que recebeu a unção, é quem pecou, fazendo pecar o povo; oferecerá ao Senhor pelo seu pecado um novilho, que não tenha mancha: (2))

4 e depois de o ter trazido à porta do tabernáculo

(1) **SACRIFICIO PELOS PECADOS** — O sacrificio pelo pecado era chamado em hebreu *Khattath*, *sacrificium pro peccatis*, e tinha um caráter expiatório. Qual era o valor d'este sacrificio e do sacrificio pelo delicto. Qual o seu efeito? Produziam a purificação legal, *emundatio carnis*, lá o diz S. Paulo na citada Epístola aos Hebr 9, 13. "Porque se o sangue dos bodes, e dos touros e a cinza espalhada de uma novilha santifica aos imundos pela purificação da carne (*emundationem carnis*) quanto mais o sangue de Cristo, etc." A imolação das vítimas não podia produzir diretamente a Remissão dos pecados, mas indiretamente em virtude do sacrificio futuro de Jesus Cristo que ela representava. E' a opinião de S. Tomás de Aquino: *Ab immunditia mentis, quae est immunditia culpae, non habebant, caerimoniae et sacrificia Veteris Legis, virtutem explandi... Poterat autem mens fidelium tempore legis per fidem conjungi Christo incarnato et pano, et ita ex fide Christi justificabantur, cujus quaedam protestatio erat hujusmodi caeremoniarum observatio, in quantum erant figura Christi Etideo pro peccatis offerebantur sacrificia quaedam in Veteri Lege, non quia ipsa sacrificia a peccato emundarent, sed quia erant quaedam protestationes fidei, quae peccato mundabant.* 1ª, 2ª, q 103, a 2.

(2) **SE O SACERDOTE** — Não se trata aqui de todos os sacerdotes, mas do pontífice, o único que recebeu a unção completa.

do testemunho diante do Senhor, pôr-lhe-á a mão sobre a cabeça, e o imolará ao Senhor.

5 Tomará também do sangue do novilho, e o levará ao tabernáculo do testemunho:

6 e tendo molhado o seu dedo no sangue da sua vítima, fará com ele sete aspersões na presença do Senhor, diante do véu do santuário.

7 Porá dêste mesmo sangue nas hastes do altar dos perfumes de suavíssimo cheiro, para o Senhor, o qual altar está no tabernáculo do testemunho. E o resto do sangue derramá-lo-á ao pé do altar dos holocaustos, que está à entrada do tabernáculo.

8 Tirará a gordura do novilho oferecido pelo pecado, assim aquela que cobre as entranhas, como toda a que está dentro:

9 os dois rins, o redenho, que eles têm por cima ao pé dos flancos, e a gordura do fígado com os rins,

10 como eles se tiram do novilho da hóstia pacífica: e queimará tudo isto sobre o altar dos holocaustos.

11 E pelo que toca à pele, a todas as carnes, à cabeça, aos pés, aos intestinos, à bosta, e ao mais do corpo:

12 Levará tudo fora do campo a um lugar, limpo onde se costumam espalhar as cinzas: e queimá-lo-á numa fogueira de lenha, para tudo ser consumido no lugar, onde se espalharam as cinzas. (3)

13 Se é todo o povo de Israel o que ignorou, e por

(3) LEVARÁ TUDO PARA FORA DO CAMPO — A carne da vítima não podia ser queimada, como é no holocausto, porque estava manchada pela impureza do offerente, nem consumida pelo sacerdote, pois que era precisamente com o seu pecado que morria a vítima.

Levítico 4, 14-21

ignorância cometeu alguma coisa contra o mandamento do Senhor: (4)

14 se ele depois reconheceu o seu pecado, oferecerá pelo seu pecado um novilho, que levará à porta do tabernáculo.

15 Os anciãos do povo porão as suas mãos sobre a cabeça da hóstia diante do Senhor; e tendo eles imolado o novilho na presença do Senhor,

16 o sacerdote, que foi ungido, levará o sangue do novilho ao tabernáculo do testemunho;

17 e depois de ter molhado o seu dedo no sangue, fará com ele sete aspersões diante do véu.

18 Porá do mesmo sangue nas hastes do altar, que está diante do Senhor no tabernáculo do testemunho; e o restante do sangue derramá-lo-á ao pé do altar dos holocaustos, que está à entrada do tabernáculo do testemunho.

19 Tirará toda a gordura, e queimá-la-á sobre o altar,

20 fazendo dêste novilho, como se disse que se fizesse do outro. E orando o sacerdote pelo povo, o Senhor lhe perdoará o seu pecado.

21 O sacerdote levará também para fora do campo êste novilho, e o queimará do modo que está dito do primeiro: porque é pelo pecado de todo o povo. (5)

(4) **SE É TODO O POVO** — Até aqui falou-se da culpa dum, agora fala-se da culpa comum.

(5) **PARA FORA DO CAMPO** — Esta prescrição mostra que se legislava para um povo que acampava no deserto. Nada no Pentateuco nos faz supor que o povo de Israel habitasse em cidades; pelo contrário encontram-se determinações que só no deserto eram realizáveis, o que é um indício seguro da autenticidade do livro, da probidade do autor, e da fidelidade da narração.

22 Se um príncipe pecou, e tendo cometido alguma coisa, que fôsse proibida pela lei do Senhor, (6)

23 reconheceu depois o seu pecado; oferecerá por hóstia ao Senhor um bode sem mancha, tomado dentre as cabras.

24 Pôr-lhe-á a mão sôbre a cabeça; e depois de êle o ter imolado no lugar, onde se costumam sacrificar os holocaustos diante do Senhor, por isto ser pelo pecado;

25 o sacerdote molhará o seu dedo no sangue da hóstia oferecida pelo pecado; tocará com êle os cornos do altar dos holocaustos; e derramará o resto ao pé do altar.

26 Fará queimar a gordura em cima do altar, como se costuma fazer às hóstias pacíficas; e o sacerdote rogárá por êle, e pelo seu pecado, e êste se lhe perdoará.

27 Se algum dentre o povo pecou por ignorância, e tendo cometido alguma das coisas proibidas pela lei do Senhor, e caído em falta. (7)

28 reconheceu o seu pecado, oferecerá uma cabra sem mancha.

29 Porá a sua mão sôbre a cabeça da hóstia, que se oferece pelo pecado; e imolá-la-á no lugar, onde se costumam matar em holocausto.

30 O sacerdote tendo tomado no seu dedo do sangue, tocará com êle os cornos do altar dos holocaustos, e derramará o resto ao pé do altar.

31 Tirar-lhe-á também tôda a gordura, como se

(6) **SE UM PRÍNCIPE PECOU** — Por príncipe deve-se entender o chefe da tribo, ou de uma parte da tribo, como sucedia na tribo de Levi, dividida em muitas seções, tendo cada uma o seu chefe, de onde vinha ao pontífice ser designado como o príncipe dos príncipes da tribo de Levi (Núm 3, 32).

(7) **SE ALGUM** — Sacrifício pelo pecado dum particular qualquer.

Levítico 4, 32-35; 5, 1-2

costuma fazer nas vítimas pacíficas; fá-la-á queimar em cima do altar diante do Senhor, como uma oblação de suavíssimo cheiro; e rogará pelo que cometeu a falta, e ser-lhe-á esta perdoada.

32 Se êle oferece pelo pecado uma vítima de ovelhas, tomará uma ovelha sem mancha.

33 Pôr-lhe-á a mão sôbre a cabeça, e imolá-la-á no lugar, onde se costuma matar as hóstias dos holocaustos.

34 O sacerdote, depois de tomar no seu dedo do sangue, tocará com êle os cornos do altar dos holocaustos, e derramará o resto ao pé do altar.

35 Tirar-lhe-á também tôda a gordura, como se costuma tirar a do carneiro, que se oferece por hóstia pacífica: queimá-la-á sôbre o altar, como uma oblação consumida pelo fogo à honra do Senhor; e rogará por êle, e pelo seu pecado, e êsse se lhe perdoará.

CAPÍTULO 5

PENA CONTRA OS QUE NÃO DESCOBREM AO JUIZ O QUE SABEM. DIFERENTES SACRIFÍCIOS DE EXPIAÇÃO.

1 Se um homem pecou, porque ouvindo fazer a alguém um juramento, e podendo ser testemunha da coisa, ou porque a viu, ou porque está certo dela, não quis dar sôbre isto o seu depoimento, levará a pena da sua iniquidade. (1)

2 Se um homem tocou alguma coisa imunda, como é um animal morto por alguma fera, ou morto de si

(1) SE UM HOMEM PECOU — Sacrifício por certos e determinados pecados, exarados nos vv. 1-5. No primeiro está indicado como pecado a recusa de depor o que viu, quando chamado a prestar o testemunho do que presenciou.

mesmo, ou qualquer animal, que anda de rastros; ainda quando êle se tenha esquecido desta sua imundície, não deixa de ser culpado, e delinquiui. (2)

3 E se êle tocou alguma coisa de imundo no homem, que estivesse sujo, seja qualquer que fôr a imundície, que o pode poluir; dado que ao princípio não tomasse sentido, se depois advertiu nisso, ficará sujeito à culpa.

4 Se um homem tendo jurado, e pronunciado com os seus lábios, e confirmado com juramento, e de palavra que êle faria qualquer coisa de bem, ou de mal, se esqueceu isto, e depois se lembrou do delito; (3)

5 faça penitência pelo seu pecado,

6 e tome dos seus rebanhos uma ovelha, ou uma cabra, que oferecerá; e o sacerdote rogará por êle, e pelo seu pecado. (4)

7 Se êle porém não tiver nem ovelha, nem cabra, que oferecer, oferecerá ao Senhor duas rôlas, ou dois pombinhos, um pelo pecado, outro em holocausto; (5)

8 e dá-los-á ao sacerdote, o qual oferecendo primeiro um pelo pecado, lhe torcerá a cabeça nas asas, de sorte que ela fique sempre pegada ao pescoço, e não fique de todo arrancada.

(2) **TOCOU ALGUMA COISA IMUNDA** — E' o segundo pecado a expiar: a negligência de se purificar duma impureza legal. Estas impurezas estão indicadas nos cc. 11-15. Denota-se porém a culpa de não observar a lei prescrita.

(3) **SE TENDO JURADO** — E' o terceiro pecado a expiar, o abuso do juramento.

(4) **QUE OFERECERA** — Os ritos para estas ofertas variavam segundo as posses dos oferentes, como se vai ver. Esta oferta duma cabra e duma ovelha era a expiação regular, do que só se podia ser dispensado pela extrema pobreza.

(5) **DUAS RÔLAS** — E' o segundo modo para os pobres.

Levítico 5, 9-16

9 Depois borrifará com o sangue da hóstia os lados do altar, e todo o resto fá-lo-á distilar ao pé, por ser pelo pecado.

10 O outro queimá-lo-á, e fará d'ele um holocausto, como é costume: o sacerdote rogará por êste homem, e pelo seu pecado, e êste lhe será perdoado.

11 Se êle não tem meio de oferecer duas rôlas, ou dois pombinhos, oferecerá a décima parte dum efi de flor de farinha. Não lhe lançará nada de azeite, nem de incenso por cima, porque é pelo pecado. (6)

12 Entregá-la-á ao sacerdote, e êste tomará um punhado, e o queimará sôbre o altar, em memória de quem o ofereceu,

13 rogando por êle, e expiando-o. O que ficar, tomá-lo-á êle para si como um donativo.

14 Falou ainda o Senhor a Moisés, e lhe disse: (7)

15 Se um homem pecou por ignorância contra as cerimônias nas coisas, que são santificadas ao Senhor: Oferecerá pelo seu delito um carneiro sem mancha, tomado dos rebanhos, que possa valer dois siclos pelo pêso do santuário.

16 Restituirá todo o dano, que fêz, e ajuntará por

(6) **SE ELE NÃO TEM MEIO** — Terceiro modo, para os mais pobres ainda. A décima parte dum efi, segundo Vigouroux, *La Sainte Bible Polyglotte*, devia regular por 38 litros aproximadamente.

(7) **FALOU O SENHOR** — Vai agora legislar sôbre o sacrificio pelo delito, 'ascham, que já dissemos ser expiatório; diferem porém entre si: neste só há escolher entre dois animais — carneiro e cordeiro; no primeiro podem ser tomados quaisquer pertencentes às cinco espécies de animais capazes de serem imolados em honra do Senhor; o sacrificio pelo delito é oferecido só pelos particulares para expiar suas faltas pessoais; o sacrificio pelo pecado, ao contrário, faz parte muitas vêzes do culto público. (Gfr. Vigouroux, *Manuel Biblique*, pág. 648).

cima a quinta parte, que entregará ao sacerdote, o qual oferecerá o carneiro, rogando por êle; e perdoar-se-lhe-á o seu pecado.

17 Se um homem pecou por ignorância, fazendo alguma das coisas, que são proibidas pela lei do Senhor; e estando réu desta falta, reconheceu depois a sua iniquidade:

18 Tomará dos rebanhos um carneiro sem mancha, que oferecerá ao sacerdote, conforme a medida, e estimação do pecado. O sacerdote rogará por êle, visto que cometeu esta falta sem o saber; e ela ser-lhe-á perdoada.

19 porque delinuiu por ignorância contra o Senhor.

CAPÍTULO 6

OUTROS SACRIFICIOS, E EXPIAÇÕES. LEIS SOBRE O HOLOCAUSTO DE CADA DIA; O FOGO PERPÉTUO; AS OFERTAS DA FLOR DE FARINHA; AS OFERTAS DOS PONTIFICES NOS DIAS DAS SUAS UNÇÕES; AS HÓSTIAS PELO PECADO.

1 Tornou o Senhor a falar a Moisés, e lhe disse:

2 O homem que tiver pecado, desprezando o Senhor, e recusando restituir a seu próximo o que êste tinha confiado dêle; ou a tiver usurpado por fraudulência;

3 ou que tendo achado alguma coisa, que estava perdida, a nega, e sôbre a negar, jura falso; ou que tiver cometido qualquer daqueles muitos pecados, em que costumam cair os homens:

4 Sendo convencido do delito,

5 restituirá tudo o que êle quis usurpar por fraude; e dará de mais a mais uma quinta parte ao que era seu legítimo possuidor, e a quem êle quis fazer dano.

6 E oferecerá pelo seu pecado um carneiro sem man-

cha, tomado do rebanho, e o dará ao sacerdote, conforme a estimação, e qualidade do seu delito.

7 O sacerdote rogará por êle diante do Senhor; e todo o mal, que êle fêz pecando, lhe será perdoado.

8 Falou mais o Senhor a Moisés, e lhe disse: (1)

9 Ordena o que se segue a Aarão, e a seus filhos. Eis-aqui a lei do holocausto. Êste queimar-se-á no altar tôda a noite até pela manhã. O fogo tomar-se-á do mesmo altar. (2)

10 O sacerdote estando vestido da sua túnica por cima do seu vestido de linho, que lhe cobre os rins, tomará as cinzas, que restarem, depois do fogo ter consumido tudo; e pondo-as junto ao altar,

11 despojar-se-á dos seus primeiros vestidos; e, tomando outros, levará as cinzas para fora do campo, e acabará de as fazer consumir inteiramente num lugar limpo.

12 Sempre no altar estará ardendo fogo; e o sacerdote terá cuidado de o nutrir, applicando-lhe todos os dias pela manhã, lenha, sôbre a qual porá o holocausto, e fará queimar a gordura das hóstias pacíficas. (3)

13 Êste é o fogo perpétuo, que nunca faltará no altar.

14 Eis-aqui a lei do sacrifício, e das libações, que

(1) **FALOU MAIS O SENHOR** — As leis que se seguem são tôdas relativas aos sacrificios e determinam as funções que os sacerdotes devem desempenhar nas diversas oblações.

(2) **EIS AQUI A LEI DO HOLOCAUSTO** — Trata-se aqui do holocausto quotidiano que devia ser oferecido em nome de todo o povo.

(3) **SEMPRE NO ALTAR ESTARÁ ARDENDO FOGO** — Muitos povos da antiguidade tinham o fogo perpétuo em honra dos deuses. Êste uso teve primitivamente por causa a dificuldade de produzir fogo, passando mais tarde a simbolizar o culto ininterrompido devido à divindade, considerando-se êsse fogo sagrado.

os filhos de Israel hão de oferecer na presença do Senhor, e diante do altar.

15 O sacerdote tomará um punhado da farinha mais fina, misturada com azeite, e todo o incenso, que se pós em cima da farinha, e os fará queimar sôbre o altar, como um monumento, e como um cheiro suavíssimo para o Senhor.

16 E o que ficar da farinha, comê-lo-á Aarão com seus filhos, sem fermento, no lugar santo, no átrio do tabernáculo.

17 Não se meterá fermento nesta farinha, porque dela se queima uma parte sôbre o altar do Senhor. Esta oferta será uma coisa santa, e sagrada, da mesma sorte que o é o que se oferece pelo pecado, e pelo delito.

18 Só os machos da estirpe de Aarão comerão dela. Esta será uma lei eterna, que se observará entre vós de geração em geração no sacrifício do Senhor. Todos os que tocarem estas coisas serão santificados. (4).

19 Falou ainda o Senhor a Moisés, e lhe disse:

20 Eis-aqui a oferta, que Aarão, e seus filhos devem oferecer ao Senhor no dia da sua unção. Oferecerão por sacrifício perpétuo a décima parte de um efi de flor de farinha, metade pela manhã, e metade à tarde. (5).

21 Ela será misturada com azeite, e cozida numa frigideira. O sacerdote, que suceder legitimamente a seu

(4) **TODOS OS QUE TOCAREM ESTAS COISAS SERÃO SANTIFICADOS** — Quer isto dizer que o leigo que tocasse estas coisas santas se achava por êsse fato semelhante aos sacerdotes, e que lhe cumpria, como a êsses, o dever de evitar tôdas as impurezas, que são mencionadas no c. 20, 1.3.

(5) **E SEUS FILHOS** — Não de todos os filhos de Aarão, mas sômente do primogênito dos seus filhos, depois do primogênito dêste, isto é, de todos aquêles, e só dêsses, que receberam a unção completa (Vigouroux, *La Sainte Bible Polyglotte*.)

pai, a oferecerá quente, para ser um cheiro muito agradável ao Senhor.

22 E ela será queimada toda sobre o altar.

23 Porque todo o sacrifício dos sacerdotes deve ser consumido pelo fogo, e ninguém comerá dele.

24 Falou mais o Senhor a Moisés, e lhe disse:

25 Dize a Aarão, e a seus filhos: Eis-aqui a lei da hóstia, que se oferece pelo pecado. Ela será imolada diante do Senhor no lugar, onde se oferece o holocausto. Este é uma coisa santíssima.

26 E o sacerdote, que a oferece, comê-la-á no lugar santo, no átrio do tabernáculo.

27 Tudo o que tocar a carne dela, será santificado. Se algum vestido foi salpicado do seu sangue, lavar-se-á no santo lugar.

28 O vaso de barro, em que ela foi cozida, quebrar-se-á. E se o vaso for de metal, será esfregado, e lavado em água.

29 Todo o macho da geração sacerdotal comerá da carne desta hóstia, porque é santíssima.

30 Porque quanto à hóstia, que se imola pelo pecado, cujo sangue é levado ao tabernáculo do testemunho para se fazer a expiação no santuário, ela não se comerá, mas será queimada no fogo.

CAPÍTULO 7

CERIMÔNIAS DOS SACRIFÍCIOS PELO DELITO, E DOS SACRIFÍCIOS PACÍFICOS. PROIBIÇÃO DE COMER SANGUE E GORDURA.

1 Eis-aqui a lei da hóstia, que se oferece pelo delito: Esta hóstia é santíssima.

2 Por isso imolar-se-á a vítima pelo delito no mes-

mo lugar, onde se imola o holocausto; e derramar-se-á o seu sangue ao redor do altar.

3 Oferecer-se-á dela a cauda, e a gordura, que cobre as entranhas;

4 os dois rins: a gordura, que está ao pé dos flancos, e o redenho do fígado com os rins.

5 O sacerdote os fará queimar sôbre o altar. Êste é um sacrificio, que se consome em honra do Senhor pelo delito.

6 Todo o macho da estirpe sacerdotal poderá comer das carnes desta vítima, e isto no lugar santo, porque ela é santíssima.

7 Bem como se oferece a hóstia pelo pecado, assim se oferece ela pelo delito. Uma mesma lei regulará as duas hóstias: Uma e outra pertencerá ao sacerdote, que a tiver oferecido.

8 O sacerdote, que oferece a vítima do holocausto, terá a sua pele.

9 Tôda a oferta de flor de farinha, que se coze no forno, ou que se torra na grelha, ou que se prepara na frigideira, será do sacerdote, que a tiver oferecido.

10 Quer ela seja molhada em azeite, quer seja sêca, ela se deve repartir igualmente entre todos os filhos de Aarão.

11 Eis aqui a lei das hóstias pacíficas, que se oferecem ao Senhor.

12 Se a oferta é em ação de graças, oferecer-se-ão uns pães asmos amassados em azeite; umas empanadas asmas borrifadas de azeite por cima, da farinha cozida mais pura; umas tortinhas borrifadas, e misturadas de azeite.

13 Oferecer-se-ão também pães fermentados com

a hóstia das ações de graças, que se imola por sacrificio pacífico. (1)

14 Dos quais pães se oferecerá um ao Senhor pelas primícias, e este pertencerá ao sacerdote, que entornar o sangue da hóstia.

15 A carne da vítima comer-se-á no mesmo dia, e não ficará dela nada para o outro.

16 Se alguém oferecer uma hóstia por voto, que fêz, ou a oferecer espontaneamente, também esta será comida no mesmo dia: e quando dela fique algum resto para o outro dia, será lícito comê-lo.

17 Mas tudo o que se achar de resto ao terceiro dia, será consumido no fogo.

18 Se alguém comer da carne da hóstia pacífica ao terceiro dia, ficará sendo inútil a oferta, e não servirá de nada a quem a tiver oferecido: antes pelo contrário todo o que se contaminar, comendo assim desta hóstia, será réu de prevaricação. (2)

19 A carne, que tiver tocado alguma coisa imunda, não se comerá, mas será consumida no fogo. Aquêlê que estiver limpo, poderá comer dela.

20 O homem, que estando sujo, comer da carne das hóstias pacíficas, que foram oferecidas ao Senhor, perecerá do meio do seu povo.

21 E o que tendo tocado qualquer coisa imunda, ou

(1) **PAES FERMENTADOS** — Este pão não figurava no sacrificio propriamente dito; apparecia somente para se comer com a carne das vítimas, na refeição que se seguia ao sacrificio.

(2) **NO TERCEIRO DIA** — A ciência médica justifica, sob o ponto de vista higiênico, esta prescrição de Moisés e outras do mesmo gênero, relativas à carne dos animais. No clima ardente da Sírria, a carne sofre uma decomposição rápida; deixando-a corromper, injuriava-se a Deus, porque se tratava duma carne santificada e prejudicava-se o homem que ingeria um veneno.

seja de homem ou seja de bêsta, ou geralmente de tôda outra coisa, que possa sujar, não deixa de comer desta carne, perecerá do meio do seu povo.

22 Falou mais o senhor a Moisés, e lhe disse:

23 Dize aos filhos de Israel: Não comereis gordura de ovelha, nem de boi, nem de cabra. (3)

24 Podereis servir-vos para diversos usos da gordura duma bêsta, que morresse por si mesma, ou da que fôsse tomada por outra bêsta.

25 Se alguém comer da gordura, que se deve oferecer, e queimar diante do Senhor, será exterminado do meio do seu povo.

26 Não tomareis, para sustento vosso, sangue de animal algum, tanto das aves, como dos rebanhos. (4)

27 Tôda pessoa, que comer do sangue, perecerá do meio do seu povo.

28 Falou ainda o senhor a Moisés, e lhe disse:

29 Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: Aquêl, que oferece ao Senhor uma hóstia pacífica, oferece-lhe ao mesmo tempo o sacrifício, isto é, as libações, de que ela deve ir acompanhada.

30 Terá na mão a gordura, e o peito da hóstia; e depois que tiver consagrado uma, e outra coisa ao Senhor, entregá-las-á ao sacerdote.

(3) **NAO COMEREIS GORDURA** — Esta proibição é de caráter higiênico. "A gordura é um alimento pouco digerível, e que perturba muitos estômagos: manda Moisés queimar sobre o altar dos holocaustos a gordura que reveste os órgãos abdominais, e com razão, porque esta envolve os gânglios linfáticos, onde se encontram germens parasitários." (Gueneau de Munny, *Étude sur l'hygiène de Moïse*, pág. 8, 9).

(4) **SANGUE DE ANIMAL ALGUM** — E' no sangue, diz o mesmo autor, citado na nota antecedente, que circulam os germens dum grande número de moléstias infecciosas.

31 que fará queimar a gordura sôbre o altar; e o peito será para Aarão, e seus filhos.

32 A espádua direita da hóstia pacífica pertencerá também ao sacerdote, assim como as primícias da oblação.

33 Aquêlê dentre os filhos de Aarão, que oferecer o sangue, e a gordura, terá também à sua parte a espádua direita.

34 Porque eu reservei para mim da carne das hóstias pacíficas, oferecidas pelos filhos de Israel, o peito, que se tirou delas, e a espádua que dêle foi separada: e eu as dei ao sacerdote Aarão, e a seus filhos por uma lei, que será perpétuamente observada por todo o povo de Israel.

35 Êste é o direito da unção de Aarão, e de seus filhos, nas cerimônias do Senhor, o qual direito êles adquiriram no dia, em que Moisés lhos apresentou, para exercerem as funções do sacerdócio.

36 E isto é o que o Senhor mandou que lhes dessem os filhos de Israel por uma religiosa observância, que deve passar de idade em idade a todos os seus descendentes.

37 Eis-aqui a lei do holocausto, e do sacrifício pelo pecado, e pelo delito das consagrações, e das vítimas pacíficas,

38 a qual o Senhor deu a Moisés no Monte Sinai, quando ordenou aos filhos de Israel, que oferecessem as suas oblações ao Senhor no deserto de Sinai.

CAPÍTULO 8

SAGRAÇÃO DE AARÃO E DE SEUS FILHOS. SAGRAÇÃO DO TABERNACULO, E DE TUDO O QUE NELE HAVIA DE SERVIR.

1 Falou ainda o Senhor a Moisés, e lhe disse:

2 Toma a Aarão com os seus filhos, as suas vestimentas, o óleo da unção, o novilho pelo pecado, dois carneiros, um cêsto de pães asmos;

3 e fazе ajuntar todo o povo à entrada do tabernáculo.

4 Fêz Moisés o que o Senhor tinha mandado. E tendo ajuntado todo o povo diante da porta do tabernáculo lhe disse:

5 Eis-aquí o que o Senhor mandou que se fizesse.

6 Ao mesmo tempo apresentou Aarão, e seus filhos. E depois de os ter lavado,

7 vestiu o pontífice da sua camisa de linho, cingiu-o com o cingulo, lançou-lhe por cima a túnica de jacinto, pôs-lhe o efod sôbre a túnica;

8 e apertando-o com o cingulo, prendeu a êle o racional, onde estavam escritas estas palavras: *Doutrina e Verdade*.

9 Pôs-lhe também a mitra na cabeça, e sôbre a mitra, no lugar que cobria a testa, pôs a lâmina de ouro consagrada pelo santo nome, como o Senhor lhe tinha mandado.

10 Tomou outrossim o óleo da unção com o qual ungiu o tabernáculo, e tôdas as suas alfaias.

11 E tendo feito sete aspersões sôbre o altar para o santificar, entornou sôbre êle o óleo, como também sôbre todos os seus vasos, e santificou com o óleo a bacia com a base, que a sustinha.

12 Derramou também sôbre a cabeça de Aarão o óleo, com que o ungiu, e sagrou. (1)

13 E tendo apresentado da mesma sorte os filhos de Aarão, êle lhes vestiu as suas camisas de linho, cingiu-os

(1) DERRAMOU... O ÓLEO — Esta efusão de óleo sôbre a cabeça era própria só do Pontífice; passou para a liturgia católica e é usado nas sagrações episcopais. (Pontifical Romano De consecratine episcoporum.)

Levítico 8, 14-22

com os seus cingulos, e pôs-lhes as mitras na cabeça, como o Senhor o tinha mandado.

14 Ofereceu também um novilho pelo pecado. E tendo Aarão, e seus filhos pôsto as suas mãos sobre a cabeça desta vítima, (2)

15 Moisés a imolou: e tomando do sangue, molhou nêle o seu dedo, e tocou com êle as hastes do altar todo em roda: e tendo-o assim purificado, e santificado, derramou o resto do sangue ao pé do altar.

16 Fêz queimar sobre o altar a gordura, que cobre as entranhas, o redenho do figado, e os dois rins com a gordura, que está pegada a êles.

17 E queimou o novilho fora do campo, com a pele, a carne, e a bosta, como o Senhor o tinha mandado. (3)

18 Ofereceu também um carneiro em holocausto. E tendo-lhe Aarão com seus filhos pôsto as mãos sobre a cabeça,

19 êle Moisés o imolou, e lhe derramou o sangue ao redor do altar.

20 Fêz também em pedaços o carneiro, e queimou no fogo a cabeça, os membros, e a gordura,

21 depois de lhe ter lavado os intestinos, e os pés. Queimou sobre o Altar o carneiro todo, por ser isto um holocausto de suavíssimo cheiro para o Senhor, como êle o tinha mandado.

22 Ofereceu ainda um segundo carneiro para a sagração dos Sacerdotes: e tendo-lhe Aarão com seus filhos pôsto as mãos sobre a cabeça,

(2) **UM NOVILHO** — Moisés oferecendo sacrifício, consagra a Aarão e exerce essas funções pontificais, por isso Davi escreveu: *Moyse et Aaron in Sacerdotibus ejus* (Sl 98).

(3) **FORA DO CAMPO** — Veja-se a nota ao v. 12 do c. 4 do Lev.

23 Moisés o imolou: e tomando do seu sangue, tocou com êle a extremidade da orelha direita de Aarão, e o dedo polegar da sua mão direita, e do seu pé.

24 Tendo também apresentado os filhos de Aarão, tomou do sangue do carneiro imolado e tocou com êle a extremidade da orelha de cada um dêles, e os dedos polegares da sua mão direita, e do seu pé; e entornou o resto do sangue ao redor do altar.

25 Pôs à parte a gordura, a cauda, e tôdas as banhas, que cobrem os intestinos, o redenho do fígado, e os dois rins com a banha, que está pegada a êles, e a espádua direita.

26 E tirando do cêsto dos pães asmos, que estavam diante do Senhor, um pão asmo, uma empanada borrifada de azeite, e uma torta, pôs tôdas estas coisas sôbre as banhas da hóstia, e sôbre a espádua direita;

27 e entregou-as tôdas a Aarão, e a seus filhos, que as elevaram diante do Senhor.

28 Tornadas a tomar das mãos dêles, Moisés as queimou em cima do altar dos holocaustos, por ser esta a oferta da sagração, e um sacrifício de suavíssimo cheiro para o Senhor.

29 Tomou outrossim o peito do carneiro imolado para a sagração, e elevou-o diante do Senhor, como a parte, que lhe estava destinada, segundo a ordem, que o Senhor lhe dera.

30 Depois tomando o óleo da unção, e o sangue, que estava sôbre o altar, borrifou com êles a Aarão, e os seus vestidos, os filhos de Aarão, e os filhos dêles.

31 E depois de os ter santificado nos seus vestidos mandou-lhes, e disse-lhes o seguinte: Fazei cozer a carne das vítimas diante da porta do tabernáculo, e comei-a aí mesmo. Comei também os pães da sagração, que estive-

Levítico 8, 32-36; 9, 1-5

rem postos no cêsto, como o Senhor mo ordenou, dizendo: Aarão, e seus filhos comerão êstes pães;

32 e tudo o que restar desta carne, e dêstes pães, será consumido pelo fogo.

33 Vós não saireis da entrada do tabernáculo por sete dias até o dia, em que se complete o tempo da vossa sagração; porque a sagração acaba-se em sete dias,

34 como presentemente se fêz, a fim de cumprirem as cerimônias dêste sacrifício.

35 Estareis de dia, e de noite, no tabernáculo velando diante do Senhor, para que não suceda morrerdes: porque assim me foi ordenado.

36 Aarão pois, e seus filhos fizeram tudo o que o Senhor lhes tinha mandado por Moisés.

CAPÍTULO 9

AARÃO FEITO PONTÍFICE OFERECE A DEUS DIVERSOS SACRIFÍCIOS, ASSIM POR ELE, COMO PELO POVO.

1 Ao oitavo dia chamou Moisés a Aarão, e a seus filhos, e aos anciãos de Israel, e disse a Aarão:

2 Toma do teu rebanho um novillo pelo pecado, e um carneiro para o holocausto, um e outro sem mancha, e oferece-os diante do Senhor.

3 Dirás também aos filhos de Israel: Tomai um bode pelo pecado, um novillo e um cordeiro, dum ano sem mancha, para se fazer um holocausto.

4 Tomai outrossim um boi, e um carneiro para hóstias pacíficas, e imolai-os diante do Senhor, oferecendo no sacrifício de cada um dêstes animais farinha pura misturada com azeite: Porque hoje vos há de aparecer o Senhor.

5 Puseram êles pois à entrada do tabernáculo tu-

do o que Moisés lhes tinha ordenado; e ali posta em pé toda a multidão do povo,

6 Moisés lhes disse: Isto é o que o Senhor vos mandou: fazei-o, e aparecer-vos-á a sua glória. (1)

7 Então disse êle para Aarão: Chega-te ao altar, e imola pelo teu pecado. Oferece o holocausto, e roga por ti, e pelo povo: e depois de teres sacrificado a hóstia pelo povo, ora por êle, como o Senhor mandou.

8 Logo Aarão chegando-se ao altar, imolou um novilho pelo seu pecado; (2)

9 cujo sangue tendo-lhe apresentado seus filhos, molhou nêle o dedo, e tocou com êle os cornos do altar, e derramou o resto do sangue ao pé do altar.

10 Queimou também em cima do altar a gordura, os rins, e o redenho do fígado, que são pelo pecado, conforme o tinha mandado o Senhor a Moisés.

11 A carne, porém, e a pele consumiu-as no fogo fora do campo.

12 Imolou também a vítima do holocausto: e tendo-lhe seus filhos apresentado o sangue dela, Aarão o entornou ao redor do altar.

13 Apresentaram-lhe outrossim a hóstia cortada em pedaços com a cabeça e todos os membros, e êle queimou tudo sôbre o altar,

14 lavados primeiro em água os intestinos, e os pés.

15 Matou também o bode, que ofereceu pelo pecado do povo; e tendo purificado o altar,

16 ofereceu o holocausto;

(1) **APARECER-VOS-Á** — Esta promessa duma aparição divina realizou-se. Veja-se o versículo 23 dêste capítulo.

(2) **IMOLOU UM NOVILHO** — F' o primeiro sacrificio oferecido por Aarão, investido no supremo pontificado, e por isso era justo que o oferecesse pelos seus pecados. O ritual do sacrificio pelos pecados do pontífice tinha sido fixado por Deus. Lev 1, 3.9.

Levítico 9, 17-24

17 e ajuntou a êste sacrificio as oblações, que ao mesmo tempo se oferecem; e fê-las queimar sôbre o altar, além das cerimônias do holocausto, que se oferece tôdas as manhãs.

18 Imolou outrossim um boi, e um carneiro, como hóstias pacíficas pelo povo; e tendo-lhe seus filhos apresentado o sangue, êle o derramou sôbre o altar.

19 Puseram também sôbre os peitos destas hóstias a gordura do boi, e a cauda do carneiro, os rins com a sua banha, e o redenho do fígado.

20 E queimada que foi a gordura sôbre o altar,

21 pôs Aarão à parte o peito, e a espádua direita das hóstias, elevando-as diante do Senhor, como Moisés o tinha ordenado.

22 Estendeu depois as suas mãos para o povo, e o abençoou. E tendo assim acabado a oblação das hóstias pelo pecado, dos holocaustos, e das vítimas pacíficas, desceu.

23 Então entraram Moisés e Aarão no tabernáculo do testemunho; e tendo depois saído, abençoaram o povo. Ao mesmo tempo appareceu a glória do Senhor a tôda a assembléia do povo:

24 e um fogo, que saiu, vindo do Senhor, devorou o holocausto, e as banhas, que estavam em cima do altar. O que vendo todo o povo, louvaram o Senhor, prostrando-se com o rosto em terra. (3)

(3) **UM FOGO, QUE SAIU, VINDO DO SENHOR** — Quer dizer um fogo descido do céu, conforme o autor do 2.º livro dos Macabeus *Descendit ignis de cœlo, et consumpsit holocaustum*, 2 Mac 3, outros intérpretes entendem um fogo saído do tabernáculo, ou da coluna de nuvem onde estava o Senhor (Cfr. Vigouroux, *La Sainte Bible Polyglotte*.)

CAPÍTULO 10

NADAB E ABIU CONSUMIDOS PELO FOGO. VINHO PROIBIDO AOS SACERDOTES. AARÃO DEIXA CONSUMIR TODA A VÍTIMA PELO PECADO.

1 Então Nadab, e Abiu, filhos de Aarão lançando mão dos seus turíbulos, puseram nêles o fogo, e por cima o incenso, oferecendo diante do Senhor um fogo estranho, coisa que lhe não tinha sido mandada. (1)

2 Ao mesmo tempo um fogo vindo do Senhor os devorou, e êles morreram diante do Senhor. (2)

3 Pelo que disse Moisés a Aarão: Eis-aqui o que disse o Senhor: Eu serei santificado naqueles, que se chegam a mim, e serei glorificado diante de todo o povo. O que tendo ouvido Aarão, calou-se.

4 E Moisés tendo chamado a Misael, e a Elisafan, filhos de Oziel, tio de Aarão, lhes disse: Ide, tirai vossos irmãos de diante do santuário, e levai-os para fora do campo. (3)

5 Foram êles logo tirá-los, assim deitados, e mortos como estavam, vestidos com as suas túnicas de linho, e lançaram-nos fora, como lhes tinha sido mandado.

6 Então disse Moisés a Aarão, e a Eleazar, e a Itamar, filhos de Aarão: Vêde lá não descubrais as vossas cabeças, nem rasgueis os vossos vestidos, não suceda mor-

(1) **UM FOGO ESTRANHO** — Isto é, um fogo profano; deviam colocar nos turíbulos o fogo do altar dos holocaustos.

(2) **OS DEVOROU** — Castigo de terem cometido um sacrilégio; não foram completamente reduzidos a cinzas, pois que nos vv. 4-5 se fala dos seus cadáveres; mas o fogo "vindo do Senhor" produziu sobre êles os efeitos do raio.

(3) **VOSSOS IRMÃOS** — Esta expressão é tomada em sentido lato; Misael e Elisafan eram primos de Aarão.

Levítico 10, 7-14

rerdes vós, e levantar-se a ira do Senhor contra todo o povo. Vossos irmãos, e tôda a casa de Israel chorem o incêndio, que o Senhor suscitou.

7 Vós, porém, não saiais das portas do tabernáculo, sob pena de perecerdes: porque foi derramado sôbre vós o óleo da santa unção. E êles fizeram tudo, conforme Moisés lhes ordenara.

8 Disse também o Senhor a Aarão:

9 Tu, e teus filhos não bebereis vinho, nem coisa que possa embriagar, quando entrardes no tabernáculo do testemunho para que não suceda morrerdes: porque êste é um preceito eterno que passará a tôda a vossa posteridade; (4)

10 e isto a fim de que vós tenhais a ciência de discernir entre o santo, e o profano; entre o puro, e o impuro;

11 e para que vós ensineis aos filhos de Israel tôdas as leis, que eu lhes prescrevi por Moisés.

12 Disse então Moisés a Aarão, e a Eleazar, e a Itamar, que eram os filhos, que lhe tinham ficado: Tomai o sacrifício, que ficou da oblação do Senhor, e comei-o sem fermento ao pé do altar, porque isto é uma coisa santíssima. (5)

13 Vós o comereis no lugar santo, como dado que foi a ti, e a teus filhos, das oblações do Senhor, conforme êle me ordenou.

14 Comereis também tu, e teus filhos, e tuas filhas contigo, num lugar muito limpo, o peito, que dêle foi oferecido, e a espádua, que dêle foi posta a parte. Porque

(4) **NEM COISA QUE POSSA EMBRIAGAR** — Os antigos não se serviam só de uva para fazer bebidas fermentadas; empregavam também o mel, o trigo, as tâmaras, etc.

(5) **ELEAZAR E ITAMAR** — São os únicos sobreviventes dos filhos de Aarão.

isto é o que se reservou para ti, e para teus filhos, das hóstias pacíficas dos filhos de Israel:

15 porque eles elevaram diante do Senhor a espádua, o peito, e as banhas, que se queimam no Altar; e porque estas coisas te pertencem a ti, e a teus filhos por uma lei perpétua, segundo a ordem, que sôbre isso deu o Senhor.

16 Entretanto buscando Moisés o bode, que tinha sido oferecido pelo pecado, achou-o queimado. E cheio de ira contra Eleazar, e Itamar, que eram os filhos, que tinham ficado a Aarão, disse-lhes:

17 Por que não comestes vós a hóstia pelo pecado no santo lugar, cuja carne é santíssima, e vos foi dada, para que vós carregueis com a iniquidade do povo, e rogueis por ele diante do Senhor?

18 e tanto mais que o sangue desta hóstia não foi levado ao santuário, e vós a devíeis ter comido no lugar santo, conforme o que se tinha mandado.

19 Aarão lhe respondeu: Hoje ofereceu-se a vítima pelo pecado, e apresentou-se diante do Senhor o holocausto: a mim, porém, aconteceu-me o que tu vês. Como poderia eu logo comer desta vítima, ou agradar ao Senhor nestas cerimônias, achando-me com o espírito oprimido de aflição?

20 O que, ouvindo Moisés, admitiu a escusa.

CAPÍTULO 11

DISTINÇÃO DOS ANIMAIS LIMPOS, E DOS ANIMAIS IMUNDOS.

1 Depois falou o Senhor a Moisés, e a Aarão, e lhes disse:

2 Declarai aos filhos de Israel o seguinte: De todos os animais da terra, eis-aqui os de que vós podereis comer.

Levítico 11, 3-12

3 Dentre os quadrúpedes podereis comer daqueles, que têm a unha rachada, e que remoem.

4 Quanto aos que remoem, mas não têm a unha rachada, como são os camelos e outros animais, não comereis dêles, e reputá-los-eis imundos.

5 O querogrilo, que remói mas não tem a unha rachada, é imundo. (1)

6 A lebre também é imunda, porque ainda que remói, não tem a unha rachada. (2)

7 O porco também é imundo, porque ainda que tem a unha rachada, não remói.

8 Não comereis carne de nenhum dêstes animais, nem tocareis os seus cadáveres, porque os deveis ter por imundos.

9 Eis-aqui os aquáticos de que vos é permitido comer: Comereis de tudo o que tem barbatanas, e escamas, tanto no mar, como nos rios, como nos tanques.

10 Mas tudo o que se move, e vive nas águas sem ter barbatana, nem escamas, será para vós abominável, e execrando.

11 Não comereis da carne dêstes aquáticos, nem os tocareis, quando estiverem mortos.

12 Todos os aquáticos, que não tiverem barbatanas nem escamas, serão para vós imundos.

(1) **O QUEROGRILLO** — E', segundo os melhores exegetas, o porco espinho, Calmet, Vigouroux, etc., embora os Setenta traduzissem por lebre.

(2) **AINDA QUE REMÓI** — Não se quer dizer que a lebre seja um animal ruminante no sentido científico da palavra, que só convém aos animais de quatro estômagos, mas toma o hagiógrafo esta expressão no sentido lato, para indicar o animal que mastiga sem comer.

13 Das aves, eis-aqui as de que vós não comereis, e as que deveis evitar: a águia, o grifo, o falcão, (3)

14 o milhano, o abutre, e tudo o que é da sua espécie;

15 o corvo, e tudo o que é da sua espécie;

16 o avestruz, a coruja, a garça, o açor, e tudo o que é da sua espécie;

17 o môcho, a gaivota, o íbis, (4)

18 o cisne, o onocrótalo, o porfirião, (5)

19 o heródio, a cegonha, e tudo o que é da sua espécie, a poupa, e o morcego.

20 Tudo o que voa, e anda sôbre quatro pés, será para vós abominável.

21 Mas tudo o que anda sôbre quatro pés, e que tendo os pés detrás mais compridos, salta sôbre a terra,

22 podeis comer dêle: Como é o brugo segundo a sua espécie, o ataco, o ofiômaco, e o gafanhoto, cada um segundo a sua espécie. (6)

23 Todos os animais, que voam, e têm só quatro pés, serão para vós execrandos.

24 Todo o que tocar, estando mortos, será poluto, e ficará imundo até à tarde.

25 Se lhe fôr necessário pegar em algum destes animais depois de mortos, lavará os seus vestidos, e ficará imundo até o pôr do sol.

26 Todo o animal, que tem unha mas sem ser rachada, e que não remói, será imundo; e aquêlê que o tocar, ficará contaminado.

(3) **GRIFO** — A águia marinha.

(4) **IBIS** — Uma espécie de môcho, a que os francezes chamam *gran duc*.

(5) **ONOCRÓTALO** — O pelicano.

O PORFIRILHO — O falcão egípcio.

(6) **BRUGO, ATACO, OFIOMACO** — Segundo Vigouroux, são variedades dos gafanhotos.

27 De todos os animais quadrúpedes, aquêles que andam sôbre as quatro mãos serão imundos: aquêlê, que os tocar mortos, ficará imundo até à tarde. (7)

28 Aquêlê que carregar com êsses cadáveres, lavará os seus vestidos, e ficará imundo até à tarde: Porque êstes animais são para vós imundos.

29 Também entre os animais, que se movem sôbre a terra, deveis vós reputar imundos êstes: a doninha, o rato, o crocodilo, cada um na sua espécie; (8)

30 o musaranho, o cameleão, o estelião, a lagartixa, a toupeira. (9)

31 Todos êstes animais são imundos. Aquêlê que tocar os seus cadáveres, ficará imundo até à tarde.

32 E tudo sôbre que cair alguma coisa dos seus cadáveres, ficará poluto; ou seja um vaso de pau, ou seja um vestido, ou sejam peles, e cilícios. Todos os vasos, em que se faz qualquer coisa, serão lavados em água: êles ficarão polutos até à tarde, e depois disto ficarão limpos.

33 Mas o vaso de barro, sôbre que cair alguma coisa destas, ficará poluto, e por isso se deve quebrar.

34 Se se derramar alguma água em cima de qualquer comer vosso, ficará êste imundo: e todo o líquido, que se bebe de qualquer dêstes vasos, será imundo. (10)

(7) **QUE ANDAM SOBRE QUATRO MÃOS** — O cão, o gato, o macaco, porque os pés têm quase a mesma configuração que as mãos.

(8) **O CROCODILO** — Este animal era muito conhecido dos hebreus, que o viram adorado pelos egípcios; na Palestina eram tão freqüentes, que havia um rio chamado o rio dos crocodilos, hoje Narez Zeska.

(9) **MUSARANHO** — E' o lagarto.

O ESTELIÃO — E' uma variedade do lagarto.

(10) **SE SE DERRAMAR ALGUMA ÁGUA** — A água que estiver nos vasos poluídos.

35 Se dêstes animais mortos cair alguma coisa sôbre o que quer que fôr, ficará isso imundo: ou o sôbre que caiu seja um forno, ou seja uma marmita, estas coisas se devem reputar imundas, e se devem desfazer.

36 Porém as fontes, as cisternas, e todos os depósitos d'água serão puros. Aquêlé, que tocar os sobreditos cadáveres, ficará poluto.

37 Se dêles cair alguma coisa sôbre a semente, não ficará por isso imunda.

38 Mas se alguém entornou água sôbre a semente e esta depois tocou em coisa de cadáver, no mesmo ponto ficará poluta.

39 Se morreu algum daqueles animais, de que vos é lícito comer, aquêlé que tocar o seu cadáver, ficará imundo, até à tarde.

40 O que comer alguma coisa dêle, ou tiver carregado com êle, lavará os seus vestidos, e ficará imundo até a tarde.

41 Tudo o que anda de rastos sôbre a terra, será abominável, e não se comerá dêle.

42 Não comereis nada de todo aquêlé animal que tendo quatro pés, anda sôbre o peito; nem do que tem muitos pés, ou que se arrasta pela terra: porque êstes animais são abomináveis.

43 Guardai-vos de contaminardes as vossas almas, e não toqueis nenhuma destas coisas, para não ficardes manchados.

44 Porque eu sou o Senhor vosso Deus. Sede santos, porque eu sou santo. Não mancheis as vossas almas com o toque de algum dos répteis, que se movem sôbre a terra.

45 Porque eu sou o Senhor, que vos tirei do Egito,

Levítico 11, 46-47; 12, 1-6

para ser o vosso Deus. Vós sereis santos, porque eu sou santo. (11)

46 Esta é a lei sobre as bestas, sobre as aves, sobre todo o animal vivente, que se move na água, ou que anda de rôjo pela terra;

47 para que vós conheçais a diferença do que é limpo, ou imundo; e para que saibais que é o que deveis comer ou rejeitar.

CAPÍTULO 12

LEIS SOBRE A PURIFICAÇÃO DAS MULHERES RECÉM-PARIDAS.

1 Tornou o Senhor a falar a Moisés, e lhe disse:

2 Fala aos filhos de Israel, e diz-lhes: Se uma mulher, tendo usado do matrimônio, parir macho, será imunda sete dias, e estará separada da mesma sorte, que nas suas purgações menstruais.

3 Ao oitavo dia será o menino circuncidado.

4 E ela ficará ainda trinta e três dias a purificar-se das conseqüências do seu parto. Não tocará coisa alguma santa, nem entrará no santuário, até se acabarem os dias da sua purificação. (1)

5 Se ela parir fêmea, será imunda duas semanas, como nas suas purgações menstruais; e ficará sessenta e seis dias a purificar-se das conseqüências do seu parto.

6 Completos que forem os dias da sua purificação, ou por filho, ou por filha, levará ela à porta do taberná-

(11) **QUE VOS TIREI DO EGITO** — Mais uma vez o Senhor lhes lembra a libertação e o cativoiro, para que eles não esquecessem o que deviam a Deus.

(1) **NÃO TOCARÁ COISA ALGUMA SANTA** — Neste período a impureza era menos rigorosa, e a parturiente podia tocar coisas profanas; era-lhe defeso tomar parte nas cerimônias santas.

culo do testemunho um cordeiro dum ano, para ser oferecido em holocausto, e oferecerá pelo pecado um pombinho, ou uma rôla, que entregará ao sacerdote,

7 o qual os oferecerá diante do Senhor, e rogará por ela. E assim será ela purificada das conseqüências do seu parto. Esta é a lei, que deve observar a que tenha parido macho, ou parido fêmea.

8 Se ela, porém, não teve modo de poder oferecer um cordeiro, tomará duas rôlas, ou dois pombinhos, um para ser oferecido em holocausto, outro pelo pecado: e o sacerdote orará por ela, e ela será assim purificada. (2)

CAPÍTULO 13

LEIS SOBRE O DISCERNIR DA LEPROSA DOS HOMENS, E DOS VESTIDOS.

1 Falou mais o Senhor a Moisés, e a Aarão, e lhes disse:

2 O homem, em cuja pele, ou em cuja carne se formar alguma diversidade de côr, ou alguma bostela, ou qualquer coisa de luzente que pareça a praga da lepra, será levado ao sacerdote Aarão, ou a qualquer de seus filhos.

3 Se êle vir que aparece lepra na sua pele; que o pêlo mudou de côr, e se fêz branco; que os lugares, onde aparece a lepra, estão mais encovados do que a pele, e do que a restante da carne; é sinal que aquilo é a praga da lepra; e o tal homem será separado da companhia dos outros por juízo do sacerdote. (1)

(2) **DUAS ROLAS** — Foi esta oblação feita por S. José e pela Santíssima Virgem após o nascimento de Jesus Cristo. Lc c. 2 v. 24.

(1) **QUE O PELO MUDOU DE CÔR** — Neste caso não havia dúvida sobre a existência do mal.

Levítico 13, 4-13

4 Se aparecer uma branquidão luzidia sobre a pele, sem que este lugar esteja mais encovado do que o restante da carne, e o pêlo está da cor, que sempre teve: o sacerdote o encerrará sete dias,

5 e o examinará ao dia sétimo: e se a lepra não foi por diante, e não se entranhou mais pela pele dentro, torná-lo-á a encerrar outros sete dias.

6 Ao sétimo dia examiná-lo-á: e se a lepra aparecer mais escura, e não tiver lavrado mais pela pele, declará-lo-á limpo, porque isto é sarna. Este homem lavará os seus vestidos e será limpo.

7 Se depois que ele foi visto pelo sacerdote, e declarado limpo, cresceu novamente a lepra, tornar-lho-ão a levar,

8 e ele será condenado de imundo.

9 Se a praga da lepra se achar num homem, será ele levado ao sacerdote,

10 e ele o examinará. E quando na pele apareça uma branquidão, e os cabelos tenham mudado de cor, e a mesma carne apareça viva;

11 julgar-se-á esta uma lepra muito inveterada, e muito arraigada na pele. Por isso o sacerdote o declarará imundo, e não o encerrará, porque a sua imundície bem se está vendo.

12 Se a lepra aparecer como em flor, de sorte que vá lavrando pela pele, e ela a cubra toda desde a cabeça até os pés, quanto podem ver os olhos;

13 o sacerdote o examinará, e julgará, que a lepra, que ele tem, é limpíssima, porque se tornou toda branca. Assim o tal homem será declarado limpo. (2)

(2) **LEMPÍSSIMA** — Isto é, benigna; chamava-se-lhe pura, comparada à lepra verdadeira, muito mais grave, mais contagiosa e repugnante.

14 Mas quando nêle aparecer a carne viva,

15 então será êle declarado imundo por juízo do sacerdote, e será considerado na classe dos imundos. Porque a carne viva, se está salpicada de lepra, é imunda.

16 Se ela se mudou, e de novo se tornou a fazer branca, e cobriu todo o homem,

17 o sacerdote o considerará, e o declarará limpo.

18 Quando tendo havido na carne, ou na pele de algum uma úlcera, que fôsse curada,

19 aparecer no lugar da úlcera uma cicatriz branca, ou tirando a vermelho, será êste homem levado ao sacerdote,

20 o qual vendo que o lugar da lepra está mais encovado do que tôda a mais carne, e que o pêlo se mudou, e se fez branco, declará-lo-á imundo: porque isto é a praga da lepra, que se formou na úlcera.

21 Se o pêlo está da côr que sempre teve, e a cicatriz algum tanto escura, sem estar mais encovada do que a carne vizinha, o sacerdote o terá recluso sete dias.

22 E se o mal cresceu, declarará que isto é lepra.

23 Mas se êle parou no mesmo lugar, não é outra coisa, senão a cicatriz da úlcera, e o homem será declarado limpo.

24 Quando tendo-se queimado algum homem na carne, ou na pele, estando curada a queimadura, se tornou a cicatriz branca, ou vermelha,

25 o sacerdote a considerará: e se vir que ela se fez tôda branca, e que êste lugar está mais encovado do que o restante da pele, declará-lo-á imundo: porque isto é que a praga da lepra se formou na cicatriz.

26 Se o pêlo não mudou de côr, e o lugar ferido não está mais encovado do que o resto da carne e a lepra aparece algum tanto escura, tê-lo-á fechado sete dias,

Levítico 13, 27-37

27 e ao dia sétimo o examinará. Se a lepra cresceu por cima da pele, declará-lo-á imundo.

28 Se esta mancha branca parou no mesmo lugar, e se fez algum tanto escura, isto é somente a praga da queimadura; por isso ele será declarado limpo, porque esta cicatriz é efeito do fogo, que o queimou.

29 Se nascer lepra na cabeça dum homem, ou duma mulher, ou na barba dum homem, o sacerdote o examinará.

30 E se este lugar estiver mais encovado do que o resto da carne, e o cabelo tirar para amarelo, e estiver mais delgado do ordinário: ele os declarará imundos, porque isto é lepra da cabeça, e da barba.

31 Mas se ele vir que o lugar da mancha está igual com a carne vizinha, e que o cabelo está negro, tê-lo-á fechado sete dias,

32 e examiná-lo-á no dia sétimo. Se a mancha não cresceu, e o cabelo conservou a sua cor; e o lugar da praga está igual com a mais carne;

33 será o homem rapado, menos no lugar desta mancha e tê-lo-ão recluso outros sete dias. (3)

34 Se ao dia sétimo se achar que a praga parou no mesmo lugar, e este não está mais envocado do que a mais carne, o sacerdote o declarará limpo: e ele, lavados os seus vestidos, será limpo.

35 Se depois de ele julgado limpo tornar ainda esta mancha a crescer sobre a pele,

36 não inquirirá, mas se o pêlo se mudou para amarelo: Porque a olhos vistos está imundo o homem.

37 Mas se a mancha perseverar no mesmo estado e os cabelos estiverem negros, deve o sacerdote conhecer que o homem está são, e afoitamente o pronuncie limpo.

(3) **RAPADO** — Era para ser mais facilmente examinado.

38 Se aparecer alguma branquidão na pele dum homem, ou duma mulher,

39 o sacerdote os considerará. Se êle achar que esta branquidão, que aparece sôbre a pele, é um tanto parda, saiba que isto não é lepra, mas sômente uma mancha de côr branca, e que o homem está puro.

40 Quando a um homem lhe caem os cabelos da cabeça, fica êle calvo, e é limpo.

41 Se os cabelos lhe caem de diante da cabeça, fica êle antecalvo, e é limpo.

42 Se sôbre a pele da cabeça, ou de diante da cabeça, que está sem cabelos, se formar uma malha branca, ou vermelha,

43 o sacerdote tendo-o visto, o condenará indubitavelmente, como ferido de lepra, que lhe nasceu no lugar da calva.

44 Todo o homem pois, que estiver iscado de lepra, e que foi separado por juízo do sacerdote,

45 terá os seus vestidos descosidos, a cabeça descoberta, o rosto tapado com o seu vestido, e gritará, dizendo, que êle está imundo, e sujo.

46 Por todo o tempo que êle estiver leproso, e imundo habitará só fora do campo. (4)

47 Se um vestido de lã, ou de linho fôr infecto de lepra,

48 na cadeia, ou na trama; ou se uma pele, ou qualquer coisa feita de pele:

49 dado caso que nêle se vejam umas manchas brancas, ou vermelhas, julgar-se-á que isto é lepra, e os tais vestidos, ou peles mostrar-se-ão ao sacerdote,

50 o qual depois de os examinar, tê-los-á fechados sete dias.

(4) **HABITARÁ SÓ** — E' o isolamento higiênico; ficava separado do povo.

Levítico 13, 51-59; 14, 1-2

51 Ao dia sétimo torná-los-á a ver: e se êle achar que as manchas cresceram, será isto uma lepra arrai-gada, e êle julgará que êstes vestidos, e tôdas as outras coisas, onde se acham as nódoas, estão imundas:

52 e por isso fá-las-á queimar no fogo.

53 Se êle vir que as manchas não cresceram,

54 ordenará que se lave o que aparece infecto de lepra, e tê-lo-á fechado outros sete dias.

55 E vendo que o pano, ou pele não recobrou a sua primeira côr, dado que a lepra não se aumentasse, julgará imundo o tal vestido, e queimá-lo-á no fogo: porque a lepra se difundiu pela superfície, ou o repassou todo.

56 Mas se depois de lavado o vestido, está o lugar da lepra mais escuro, rasgá-lo-á, e separá-lo-á do resto.

57 Se depois disto aparecer ainda uma lepra vaga, e volante nos lugares, que antes estavam sem mancha, deve tudo ser queimado.

58 Se as manchas desaparecerem, lavar-se-á outra vez em água o que está limpo, e êle ficará purificado.

59 Esta é a lei tocante à lepra dum vestido de lã, ou de linho, da cadeia, ou da trama, e de tudo o que é feito de pele, para se saber como o tal vestido se deve julgar limpo, ou imundo.

CAPÍTULO 14

LEIS PARA A PURIFICAÇÃO DOS LEPROSOS. LEIS SOBRE A LEpra DAS CASAS.

1 Falou mais o Senhor a Moisés, e lhe disse:

2 Eis-aqui o que vós deveis observar tocante ao leproso, quando êle deve ser declarado limpo. Será levado ao sacerdote:

3 e o sacerdote tendo saído do campo, ao achar que a lepra está bem curada,

4 ordenará ao que há de ser purificado, que ofereça por si dois pardais vivos, dos quais é lícito comer, e pau de cedro, e escarlata, e hissôpo. (1)

5 Ordenará outrossim, que um dos pardais seja imolado num vaso de barro sôbre águas vivas.

6 O outro pardal, que está vivo, êle o ensopará com o pau de cedro, escarlata, e hissôpo no sangue do pardal imolado:

7 e com êste sangue fará sete aspersões sôbre aquêle, que está para se purificar, a fim de que êle fique legítimamente purificado. Depois disto deitará o pardal vivo a voar para o campo. (2)

8 E o homem, depois de ter lavado os seus vestidos, rapará todo o pêlo do seu corpo, e lavar-se-á em água; e estando assim purificado, entrará no campo; debaixo da condição contudo, que êle estará sete dias fora da sua tenda.

9 Ao sétimo dia rapará todos os cabelos da cabeça, a barba e as sobrancelhas, e todo o pêlo do corpo. E tendo segunda vez lavado os seus vestidos, e o seu corpo.

10 ao dia oitavo tomará dois cordeiros sem defeito, e uma ovelha dum ano também sem defeito, e três dízimas de flor de farinha borrifada de azeite, para se

(1) O HISSÔPO — Segundo Vigouroux, não se trata aqui da planta vulgarmente chamada hissôpo, mas sim da que em hebreu tinha o nome de ezolo, que os autores que se têm occupado de flora bíblica, não têm podido identificar.

(2) DEITARÁ O PARDAL VIVO — Símbolo de liberdade de ir e voltar, reconquistado pelo leproso purificado.

Levítico 14, 11-20

empregar em sacrifício, é separadamente um sextário de azeite. (3)

11 E quando o sacerdote, que purifica este homem, o tiver apresentado com todas estas coisas diante do Senhor à porta do tabernáculo do testemunho,

12 tomará um dos cordeiros, e o oferecerá pelo delito com o vaso do azeite: e tendo oferecido todas estas coisas diante do Senhor,

13 degolará o cordeiro, onde se costumam imolar a hóstia pelo pecado, e o holocausto, isto é, no lugar santo. Porque a hóstia, que se oferece pelo delito, pertence ao sacerdote, bem como a que se oferece pelo pecado, e a carne fica sendo santíssima.

14 Então o sacerdote tomando do sangue da hóstia, que foi imolada pelo delito, o porá sobre a extremidade da orelha direita daquele, que se purifica, e sobre os dedos polegares da sua mão direita, e do seu pé.

15 Derramará também parte do vaso do azeite sobre a sua mão esquerda,

16 e untará no mesmo azeite o dedo da sua mão direita, e fará com ele sete aspersões diante do Senhor:

17 e o que ficar do azeite na mão esquerda, derramá-lo-á sobre a extremidade da orelha direita daquele, que se purifica, e sobre os dedos polegares da mão, e pé direito, e sobre o sangue, que foi derramado pelo delito,

18 e sobre a cabeça do homem.

19 Ao mesmo tempo o sacerdote rogará por ele diante do Senhor, fará sacrifício pelo pecado: depois imolará o holocausto,

20 e pô-lo-á sobre o altar com as libações, que o

(3) **TRÊS DÍZIMAS** — Aproximadamente onze litros e meio.

UM SEXTÁRIO — Em hebreu lug, sétima parte dum gomor ou 29 centilitros.

devem acompanhar: e ficará o homem purificado segundo a lei.

21 Se é pobre, de sorte que não possa achar tudo o que está apontado, bastará que tome um cordeiro, que se ofereça pelo delito, para que o sacerdote rogue por êle, e um dizimo de flor de farinha borrifada de azeite, para ser oferecido em sacrificio com um sextário de azeite, (4)

22 e duas rôlas, ou dois pombinhos, um dos quais será pelo pecado, e outro para holocausto:

23 e ao oitavo dia de sua purificação, oferecê-los-á ao sacerdote à porta do tabernáculo do testemunho diante do Senhor.

24 Então o sacerdote recebendo o cordeiro pelo delito, e o sextário de azeite, levá-los-á juntos:

25 e depois de ter imolado o cordeiro, tomará do seu sangue, e pô-lo-á sobre a extremidade da orelha direita de aquêlê, que se purificar, sobre os dedos polegares da sua mão, e do seu pé direito.

26 Derramará também parte do azeite em cima da sua mão esquerda;

27 e untando no mesmo azeite o dedo da sua mão direita, fará com êle sete aspersões diante do Senhor.

28 Tocará com o mesmo dedo a extremidade da orelha direita de aquêlê, que se purifica, e os dedos pole-

(4) SE É POBRE — O rigor da lei suaviza-se a favor dos pobres, como vimos também no c. 5, v. 7-11, e c. 12, v. 8. O sacrificio pelo delito, êsse deve ser, como para os ricos, dum cordeiro, porque nessa oferta consistia a parte principal da purificação. Mas no sacrificio pelo pecado, o cordeiro é substituído por uma pomba ou por uma rôla, e é igualmente um destes animais que substitui a ovelha destinada ao holocausto. Em vez de três gomores de farinha exige-se apenas um; quanto ao sextário de azeite (2 centilitros), não se reduz, por ser de si mesmo insignificante.

Levítico 14, 29-37

gares da sua mão, e do seu pé direito no mesmo lugar, que tinha sido borrifado do sangue pelo delito;

29 e porá sobre a cabeça de aquêle, que se purifica, o resto do azeite, que está na mão esquerda, para fazer que o Senhor lhe seja propício.

30 Oferecerá outrossim uma rôla, ou uma pomba;

31 um pelo delito, e outro para holocausto, com as libações, que o acompanham,

32 Este é o sacrifício do leproso, que não pode haver à mão para se purificar tudo o que foi ordenado.

33 Tornou o Senhor a falar a Moisés, e a Aarão, dizendo-lhes:

34 Depois que vós tiverdes entrado na terra de Canaã, que eu vos darei em possessão, se se achar alguma casa ferida da praga da lepra, (5)

35 aquêle, cuja é a casa, irá dar parte disso ao sacerdote, e lhe dirá: Parece-me que na minha casa há praga de lepra. (6)

36 Então mandará o sacerdote que lhe tragam tudo o que há na casa, antes que êle lá entre, e antes que veja se ela está leprosa, para que não fique imundo tudo o que na casa se acha. Depois entrará na casa, para examinar se ela está iscada de lepra.

37 E se êle vir nas paredes umas como covinhas, e uns lugares desfigurados por umas nódoas amarelas,

(5) **DEPOIS QUE VÓS TIVERDES ENTRADO NA TERRA DE CANAÃ** — Restrição muito natural, visto que se trata de casas, e que um escritor posterior não pensaria em introduzir no seu texto.

(6) **NA MINHA CASA HÁ PRAGA DE LEPRA** — Não é fácil saber em que consistia a lepra das habitações: seriam os estragos causados pelos insetos roedores, ou pela umidade? E' provável, mormente conhecendo nós hoje os estragos que certos animais causam.

ou vermelhas, e mais fundas do que o resto da superfície,

38 sairá fora da porta da casa, e fechá-la-á logo para assim estar sete dias.

39 Tornará a vir ao dia sétimo, e examiná-la-á. E se achar que a lepra se aumentou,

40 mandará que se arranquem as pedras infeccionadas da lepra; que as botem fora da cidade num lugar imundo;

41 que se raspem dentro as paredes da casa ao redor; que se sacuda para um lugar imundo fora da cidade tôda a poeira, que tenha caído da raspadura;

42 E que se ponham outras pedras em lugar das que foram tiradas, e que a casa se reboque de novo.

43 Mas se depois de tiradas as pedras, raspada a poeira, e rebocada de novo a casa,

44 entrando nela o sacerdote, achar êle que a lepra tornou, e que as paredes estão salpicadas das mesmas nódoas: é sinal que isto é uma lepra arraigada, e que a casa está imunda.

45 Sem demora pois será ela demolida, e se botarão fora da cidade num lugar imundo as pedras, as madeiras, e tôda a poeira.

46 Aquêlê, que entrar nesta casa, quando ela está fechada, ficará imundo até à tarde.

47 O que nela dormir, e comer alguma coisa, lavará os seus vestidos.

48 Se o sacerdote, entrando na casa, vir que a lepra não lavrou pelas paredes, então depois de as ter feito rebocar de novo, purificará a casa como tornada sã:

49 e para a purificar, tomará dois pardais, um pouco de pau de cedro, escarlata, e hissôpo;

50 e tendo imolado um dos pardais num vaso de barro sôbre águas vivas,

Levítico 14, 51-57; 15, 1-2

51 ensopará no sangue do pardal, imolado, e nas águas vivas, o pau de cedro, o hissôpo, a escarlata, e o outro pardal, que está vivo. Fará sete aspersões pela casa,

52 e a purificará tanto pelo sangue do pardal imolado, como pelas águas vivas, pardal vivo, pau de cedro, hissôpo, e escarlata.

53 E depois que êle tiver deitado o pardal a voar livremente para o campo, fará oração pela casa, e ela será purificada segundo a lei. (7)

54 Esta é a lei acêrca de tôdas as espécies de lepra, e de praga, que degenera em lepra;

55 como também da lepra dos vestidos, e das casas,

56 das cicatrizes, pústulas, manchas luzidias, e das diversas mudanças de côres, que sobrevêm ao corpo:

57 para se poder saber quando é que uma coisa está limpa, ou imunda.

CAPÍTULO 15

LEIS TOCANTES AS IMPURIDADES INVOLUNTARIAS DOS HOMENS, E DAS MULHERES.

1 Falou mais o Senhor a Moisés, e a Aarão, dizendo: (1)

2 Falai aos filhos de Israel, e dizei-lhes isto: O homem, que padece uma purgação, é imundo.

(7) O PARDAL A VOAR — E' uma alusão ao simbolismo do rito análogo observado na purificação dos leprosos, significando a liberdade de entrar e sair na casa purificada e reconciliada.

(1) FALOU MAIS O SENHOR — Esta nova lei respeita às impurezas provenientes da constituição física, e trata das impurezas particulares ao homem, vv. 2-15; das que são comuns ao homem e à mulher, vv. 19-33.

3 E então se julgará que êle padece êste acidente, quando a cada momento se ajunta um impuro humor, que se lhe pega à carne.

4 Todo o lugar, em que êle dormir, e todo o em que se assentar, será imundo.

5 Se qualquer homem tocar o leito dêle, lavará os seus vestidos; e tendo-se lavado êsse mesmo homem em água, estará imundo até a tarde.

6 Se se assentar onde êle estava assentado, lavará também os seus vestidos; e tendo-se lavado em água, estará imundo até à tarde.

7 O que tocar a sua carne, lavará os seus vestidos; e tendo-se lavado em água, estará imundo até à tarde.

8 Se êste homem salivar em cima de aquêlê, que está limpo, êste lavará os seus vestidos; e tendo-se lavado em água, estará imundo até à tarde.

9 A sela, sôbre que êle se assentar, ficará imunda;

10 e tudo o que tiver estado debaixo de aquêlê, que padece uma purgação branca, ficará poluto, até à tarde. O que tiver pegado em qualquer destas coisas, lavará os seus vestidos; e tendo-se êle mesmo lavado em água, estará imundo até à tarde.

11 Se um homem neste estado, antes de ter lavado as mãos, tocar com elas noutro; aquêlê, que foi tocado lavará, os seus vestidos; tendo-se lavado em água, estará imundo até à tarde.

12 Quando êste homem tenha tocado um vaso, se êle é de barro, deve-se quebrar; se é de pau, deve-se lavar em água. (2)

(2) **DEVE-SE QUEBRAR** — Os intérpretes da lei antiga interpretaram que o doente pode servir-se, durante a enfermidade, de vasos que se deviam quebrar depois de terminada a moléstia.

Levítico 15, 13-24

13 Se o que padece êste trabalho sarou dêle, contará sete dias depois da sua purificação; e tendo lavado os vestidos, e todo o corpo em águas vivas, será limpo.

14 Ao dia oitavo tomará duas rôlas, ou dois pom-binhos, e se apresentará diante do Senhor à porta do tabernáculo do testemunho, e dá-los-á ao sacerdote;

15 e êste imolará um pelo pecado, e outro em holocausto; e rogará por êle diante do Senhor, para êle ser purificado desta impureza.

16 O homem, a quem acontece o que é efecito do uso do matrimônio, lavará em água todo o seu corpo, e estará imundo até à tarde.

17 Lavará em água o vestido, e a pele, que tiver trazido sôbre si, e êsse vestido, e essa pele serão imundos até à tarde.

18 A mulher, a que êle se chegou, lavar-se-á em água, e estará imunda até à tarde.

19 A mulher, que padece o seu fluxo de sangue menstrual, estará separada sete dias.

20 Todo o que a tocar estará imundo até à tarde:

21 e tôdas as coisas, sôbre que ela tiver dormido, ou sôbre que se tiver assentado, durante os dias da sua separação, serão polutas.

22 Aquêle, que tocar o seu leito, lavará o seu vestido; e depois de êle mesmo se ter lavado em água, estará imundo até à tarde.

23 Todo o que tocar qualquer coisa, sôbre que ela se tenha assentado, lavará os seus vestidos; e tendo-se êle mesmo lavado em água, estará imundo até à tarde.

24 Se qualquer homem tiver cópula com ela, du-

rante o seu menstuo, será imundo sete dias: e todos os leitos, sôbre que êle dormir, serão polutos.

25 A mulher, que fora do tempo do seu menstuo padece por muitos dias fluxo de sangue; ou aquela, a quem continua o menstuo, quando êle já devia cessar: todo o tempo que estiver sujeita a êste acidente, estará imunda, como se andasse com o seu menstuo.

26 Todos os leitos, sôbre que ela dormir, e tôdas as coisas, sôbre que ela se assentar, serão polutas.

27 Todo o que tocar algumas destas coisas, lavará os seus vestidos; e depois de êle mesmo se ter lavado em água, estará imundo até à tarde.

28 Se o sangue parou, e deixou de correr, contará ela sete dias até ao dia da sua purificação.

29 E ao dia oitavo oferecerá por si ao sacerdote duas rôlas, ou dois pombinhos à porta do tabernáculo do testemunho.

30 E o sacerdote imolará um dêles pelo pecado, e oferecerá outro em holocausto, e rogará diante do Senhor pela mulher, e pelo fluxo da sua imundície.

31 Vós pois ensinareis aos filhos de Israel, que se guardem da impureza, para não morrerem nas suas imundícies, tendo violado o meu tabernáculo, que está no meio dêles.

32 Esta é a lei acêrca de aquêle, que padece uma purgação branca, ou que se mancha, tendo cópula com alguma mulher.

33 E esta é também a lei acêrca da mulher, que está separada por causa do que lhe acontece cada mês, ou à qual continua a indisposição dali por diante; e também acêrca do homem, que dormir com ela.

CAPÍTULO 16

ENTRADA DO PONTIFICE NO SANTUÁRIO. BODE EMISSÁRIO
CARREGADO DOS PECADOS DO POVO. FESTA DA EX-
PLIAÇÃO.

1 Falou o Senhor a Moisés depois da morte dos dois filhos de Aarão, quando, oferecendo a Deus um fogo estranho foram mortos: (1)

2 e lhe deu a ordem, dizendo: Dize a teu irmão Aarão, que não entre em todo tempo no santuário, que está para dentro do véu diante do propiciatório, que cobre a arca, para que não morra; porque eu aparecerei sobre o oráculo na nuvem.

3 Não entre ali senão depois de ter feito o seguinte: Oferecerá um novilho pelo pecado, e um carneiro em holocausto.

4 Vestir-se-á da túnica de linho; cobrirá com os calções de linho o que a honestidade manda esconder; cingir-se-á com um cinto de linho, e porá na sua cabeça uma mitra de linho, porque estas vestiduras são santas; e ele as tomará depois de se ter lavado. (2)

(1) **FALOU O SENHOR A MOISÉS** — Legislação para a festa da Expição, compreendendo três partes: 1.º ritos preparatórios, v. 2-10; 2.º ritos preparatórios da expiação, v. 11-28; 3.º repetição anual desta solenidade, v. 29-34. A festa da Expição, convém aqui notar, realizava-se no outono, a 10 de tischri, e chamava-se *Yom Kippour*. Desde a véspera era proibido trabalhar e comer; era o grande jejum imposto pela lei. Só o pontífice oficiava nesta solenidade depois de se ter purificado e revestido com os seus paramentos pontificais. Neste dia o Sumo Sacerdote penetrava no Santo dos Santos, como se lê no v. 2.

(2) **COM UM CINTO DE LINHO** — O cinto dos sacerdotes hebreus chamava-se *'abnet*, palavra derivada do egípcio *BNT*, *benc* ou *banat*. A Vulgata no c. 39 v. 28 do *Ex*, traduziu esta palavra

5 Receberá de tôda a multidão dos filhos de Israel dois bodes pelo pecado, e um carneiro para o holocausto.

6 E depois de ter oferecido o novillo, e de ter orado por si, e pela sua casa,

7 apresentará diante do Senhor os dois bodes à porta do tabernáculo do testemunho;

8 e deitando sortes sôbre os dois bodes, para ver qual dêles será imolado ao Senhor, e qual será o bode emissário,

9 oferecerá pelo pecado aquêlê bode, que a sorte tiver destinado para o Senhor:

10 e aquêlê, a quem a sorte tiver destinado para bode emissário, apresentá-lo-á diante do Senhor, para fazer sôbre êle as preces, e para o mandar para o deserto.

11 Feitas estas coisas pela ordem, que lhe foi prescrita, oferecerá o novillo; e orando por si, pela sua casa, o imolará. (3)

12 Depois pegando no turíbulo, que êle terá enchido de brasas do altar; e tomando com a mão os perfu-

por cingulum, e aqui por zona. A palavra hebraica é a mesma nas duas passagens, porém o cinto é que naturalmente não era igual. Nos tempos ordinários e festivos, o 'abnet era ornado de pedras incrustadas em preciosos bordados, lembrando a magnificência dos cintos egípcios; no dia da Expição, era de linho, sem ornato algum, como convinha a uma solenidade penitencial.

(3) OFERECERA O NOVILHO — Eram cinco os animais imolados. Um novillo e um carneiro pelo Sumo Sacerdote; dois bodes e um carneiro pelos filhos de Israel: 1.º Havia um dúplice sacrificio pelo pecado: imolação do novillo pelos pecados do pontífice, v. 11-14, e imolação de dois bodes pelos pecados do povo, v. 15-19; 2.º o anátema e a expulsão do segundo bode, como bode emissário, v. 20-25; 3.º um duplo holocausto, consistindo na imolação de dois carneiros oferecidos respectivamente pelo Sumo Sacerdote e pelo povo.

Levítico 16, 13-16

mes compostos para o incenso, entrará para dentro do véu no santo dos santos, (4)

13 a fim de que postos sobre o fogo os perfumes aromáticos, cubra a chama, e o vapor, que deles saírem, o oráculo, que está sobre o testemunho, e ele Aarão não morra.

14 Tomará também do sangue do novilho; e molhando nêle o dedo, fará com ele sete aspersões para onde está o propiciatório ao Oriente. (5)

15 E depois de ter imolado o bode do pecado do povo, levará o seu sangue para dentro do véu, conforme o que lhe foi ordenado tocante ao sangue do novilho, para fazer com ele as aspersões diante do oráculo.

16 e para expiar o santuário das impuridades dos filhos de Israel, das suas prevaricações contra a lei, e

(4) **DE BRASAS DO ALTAR** — Foi o esquecimento de esta importante prescrição da lei dos sacrificios que acarretou o castigo de morte a Nadab e Abiu, e por isso inferem os autores a necessidade que têm os que servem o altar de serem cuidadosos no cumprimento das suas obrigações, para que não profanem com seu desleixo e desatenção a Casa do Senhor.

(5) **SETE ASPERSÕES** — Já mais de uma vez notamos que o Antigo Testamento é a figura do Novo, e já o dizia S. Justino: "Na antiga Lei tudo era imagem e figura do que devia acontecer a Jesus Cristo e aos que o seguissem." Sendo assim, adverte Corblet, *Histoire du Sacrement du baptême*, pág. 32, não podiam deixar de ser figurados os sacramentos que são o princípio e o alimento da vida cristã, e em especial o batismo, que dá aos homens a vida espiritual da graça. Uma destas figuras era esta cerimônia das aspersões. Teófilato, *In Epist ad Hebr*, c. 9, diz que quando o Sumo Sacerdote aspergia o povo com o sangue e com a água, figurava o sangue que o Senhor devia derramar sobre nós e a água que devia apagar a mancha original. Mas, com mais autoridade do que os críticos, fala S. Paulo, no c. 9, *Epístola aos Hebr*, v. 13 que já tivemos ocasião de citar.

de todos os seus pecados. O mesmo fará ao tabernáculo do testemunho que foi colocado entre eles no meio das impuridades, que se cometem nas suas tendas.

17 Não esteja homem algum no tabernáculo, quando o pontífice entrar no santuário para orar pela sua pessoa, e pela sua casa, e por todo o ajuntamento de Israel, menos que ele não tenha de lá saído.

18 E ele depois que tiver saído para se chegar ao altar, que está diante do Senhor, ore por si; e tendo tomado do sangue do novilho, e do bode, entorne-o à roda em cima dos cornos do altar.

19 Tendo também molhado o dedo neste sangue, faça com ele sete aspersões, e expie, e santifique assim o altar, das impuridades dos filhos de Israel.

20 Depois de ter purificado o santuário, o tabernáculo e o altar, então oferecerá o outro bode, que está vivo;

21 e tendo-lhe pôsto ambas as mãos sobre a cabeça, confessará tôdas as iniquidades dos filhos de Israel, todos os seus delitos, e pecados; e carregará dêles com impreciação a cabeça do bode, e mandá-lo-á para o deserto por um homem destinado para isso.

22 Depois que o bode tiver levado tôdas as iniquidades dêles a um lugar solitário, e o tiverem deixado ir para andar pelo deserto,

23 voltará Aarão para o tabernáculo do testemunho; e depostos os vestidos, que antes trazia sobre si, quando entrava no santuário, e largando-os ali mesmo,

24 lavará o seu corpo no lugar santo, e se revestirá dos seus hábitos. Depois sairá: e como tiver oferecido o seu holocausto, e o do povo, fará oração pela sua pessoa, e pelo povo;

25 e fará queimar sobre o altar as banhas, que foram oferecidas pelos pecados.

26 Quanto àquele, que foi levar o bode emissário, êle lavará os seus vestidos, e o seu corpo em água; e depois disto é que tornará a entrar no campo.

27 O novilho porem, e o bode, que toram imolados pelo pecado, e cujo sangue foi levado ao santuário, para com êle se fazerem as cerimônias da expiação, levá-los-ão fora do campo, para lá lhes queimarem no fogo tanto as peles, como a carne, e a bosta.

28 Todo o que as queimar, lavará os seus vestidos, e o seu corpo em água; e feito isto, tornará a entrar no campo.

29 Esta ordenação será guardada entre vós eternamente. Ao décimo dia do sétimo mês afligireis as vossas almas, e não fareis obra alguma, tanto os que são nascidos na vossa terra, como os que vierem de fora, e que são estrangeiros entre vós. (6)

30 Neste dia é que se fará a vossa expiação, e a purificação de todos os vossos pecados: nêle vos purificareis diante do Senhor.

31 Porque êste é o sábadô do descanso, e no qual vós afligireis as vossas almas com um culto, que será perpétuo. (7)

32 Esta expiação fá-la-á o sacerdote, que tiver sido ungido, e cujas mãos tiverem sido consagradas, para exer-

(6) **ETERNAMENTE** — Depois de ter ordenado a expiação que Aarão deve fazer, o Senhor torna esta lei anual e perpétua.

SÉTIMO — Já acima dissemos que é o *tischri*, que corresponde aproximadamente ao mês de setembro. Esta solenidade servia também de preparação para a festa dos Tabernáculos.

AFLIGIREI AS VOSSAS ALMAS — Esta expressão designa o jejum imposto pela lei de Moisés nesta circunstância.

(7) **SABADO DE DESCANSO** — No original hebraico está *sabbat sabbaton*, que os Setenta traduziram "sábadô do sábadô", que os intérpretes entendem por um descanso mais santo e mais solene que os outros sábados. (Vigouroux, ob. cit.)

cer as funções do sacerdócio em vez de seu pai; e éle paramentado da estola de linho, e das santas vestimentas,

33 expiará o santuário, o tabernáculo do testemunho, e o altar, como também os sacerdotes, e de todo o povo.

34 E esta ordenação ficará sendo entre vós eterna, de orar uma vez cada ano pelos filhos de Israel, e por todos os seus pecados. Tudo isto, pois, fêz Moisés, conforme o Senhor lho tinha ordenado.

CAPÍTULO 17

PROIBIÇÃO DE OFERECER SACRIFÍCIOS NOUTRA PARTE QUE NÃO SEJA NO TABERNÁCULO. PROIBIÇÃO PARA SE NÃO COMER NEM O SANGUE DOS ANIMAIS, NEM A CARNE DE BÊSTAS MORTAS POR SI MESMAS, OU MORTAS POR OUTRAS BÊSTAS.

1 Falou mais o Senhor a Moisés, dizendo-lhe: (1)

2 Fala a Aarão, e a seus filhos, e a todos os filhos de Israel, e dize-lhes: Eis-aqui o que o Senhor ordenou, eis-aqui o que éle disse:

3 Todo o homem da casa de Israel, que matar um boi, ou uma ovelha, ou uma cabra no campo, ou fora do campo,

4 e a não oferecer à porta do tabernáculo, como uma oblação feita ao Senhor, será réu de morte e perecerá do meio do seu povo, como se éle tivesse derramado sangue. (2)

(1) **FALOU MAIS O SENHOR** — Promulgou-se a lei a respeito da imolação dos animais destinados a alimentação.

(2) **E A NÃO OFERECER, ETC.** — Esta medida tem por fim prevenir todo o perigo de idolatria, porque se proíbe matar qualquer animal suscetível de ser oferecido em sacrifício, sem o oferecer ao verdadeiro Deus, diante da porta do Tabernáculo, ainda

Levítico 17, 5-10

5 Por isso os filhos de Israel devem apresentar ao sacerdote as hóstias, que até agora imolavam nos campos, para elas serem consagradas ao Senhor diante da porta do tabernáculo do testemunho, e para eles as imolarem ao Senhor como hóstias pacíficas.

6 O sacerdote derramará o seu sangue sobre o altar do Senhor à porta do tabernáculo do testemunho, e queimará a gordura delas, como um cheiro muito agradável ao Senhor.

7 E assim eles não tornem mais a imolar as suas hóstias aos demônios, a cujo culto se entregaram. Esta será uma lei eterna para eles, e para os seus descendentes.

8 Dir-lhes-ás outrossim: Se qualquer homem da casa de Israel, ou daqueles, que vieram de fora, e que são estrangeiros entre eles, oferecer um holocausto, ou uma vítima,

9 sem a imolar à porta do tabernáculo do testemunho, para ser oferecida ao Senhor, o tal homem perecerá do meio do seu povo.

10 Se um homem, quem quer que ele fôr, da casa de Israel, ou dos estrangeiros, que vieram morar entre eles, comer sangue, eu pregarei nele os olhos da minha indignação, e o perderei do meio do seu povo;

que não tenha outro fim senão procurar a sua alimentação. Mas esta lei, aliás tão eficaz contra a superstição, só era exequível no deserto, onde Israel estava junto do Tabernáculo. Na Palestina, pelo contrário, esta lei tornava-se impraticável, e por isso na véspera da entrada de Israel na terra de Canaã. Moisés derrogará a lei do Levítico para a substituir por uma outra; Dt 12, 6s.11s. A lei do Levítico, posteriormente abrogada, permanece no Pentateuco só como uma recordação do tempo do Êxodo, e como um indelével caráter da autenticidade do livro: porque, depois que os hebreus se espalhassem na Palestina, quem pensaria em escrever esta lei, que nenhuma razão de ser teria, pela absoluta impossibilidade de ser posta em prática?

11 porque a vida da carne está no sangue, e eu dei-volo, para que vós sôbre o altar expiásseis com êles as vossas almas, e para que a alma fôsse expiada pelo sangue.

12 Por isso eu disse aos filhos de Israel: Nenhum de vós, nem dos estrangeiros, que vieram morar entre vós, comerá sangue.

13 Se qualquer homem dentre os filhos de Israel, ou dentre os estrangeiros, que vieram morar entre vós, tomou à caça qualquer fera, ou ao laço qualquer ave, de que é lícito comer, derrame o seu sangue, e cubra-o de terra.

14 Porque a vida de tôda a carne está no sangue. Por isso é que eu disse aos filhos de Israel: Vós não comereis sangue de qualquer carne que seja, porque a vida de tôda a carne está no sangue: e todo o que comer dêle será punido de morte.

15 Se algum ou do povo de Israel, ou dos estrangeiros, comer dalguma bêtea morta de si mesma, ou tomada por outra bêtea, lavará os seus vestidos, e a si mesmo em água, e ficará contaminado até à tarde, e desta maneira tornará a ficar limpo.

16 Se êle não lavar os seus vestidos, e o seu corpo, levará a pena da sua iniquidade.

CAPÍTULO 18

PROÍBE DEUS AOS ISRAELITAS OS COSTUMES DOS EGÍPCIOS, E DOS CANANEUS, E OS CASAMENTOS EM CERTOS GRAUS DE PARENTESCO. PROÍBE-LHES OFERECER SEUS FILHOS A MOLOC, E COMETER PECADOS CONTRA A NATUREZA.

1 Falou o Senhor a Moisés, dizendo:

2 Fala aos filhos de Israel e dize-lhes: Eu sou o Senhor vosso Deus.

3 Não vos conduzireis conforme os costumes da terra do Egito, nem vos portareis conforme os costumes da terra dos cananeus, na qual eu vos hei de introduzir, nem seguireis as suas leis, e máximas. (1)

4 Executareis as minhas ordenações, observareis os meus preceitos, e andareis conforme elles vos prescrevem. Eu sou o Senhor vosso Deus.

5 Guardai as minhas leis, e as minhas ordenações. O homem, que as guardar, achará nelas a vida. Eu sou o Senhor.

6 Nenhum homem se chegará àquela, que com elle tenha proximidade de sangue, para descobrir a sua fealdade. Eu sou o Senhor. (2)

7 Não descobrirás a fealdade de teu pai, e a fealdade da tua mãe. Ela é tua mãe: não descobrirás a sua fealdade. (3)

(1) **CONFORME OS COSTUMES DA TERRA DO EGITO** -- E' um novo sinal de autenticidade do livro: se este fôsse escrito em época posterior não haveria necessidade de recomendar aos hebreus que não seguissem os usos dos egípcios, que elles não conheceriam, porém immediatamente depois do Êxodo é esta prescrição de absoluta necessidade.

(2) **NENHUM HOMEM** — Este versículo contém a lei geral proibindo o casamento entre consangüíneos e afins. Os impedimentos especiais vão enumerados a seguir.

(3) **A FEALDADE DE TEU PAI** — Primeiro impedimento de consangüinidade: proíbe-se às filhas o casamento com os seus pais, e aos filhos com as suas mães. A vulgata traduziu turpitude, que o padre Pereira verteu por fealdade, o termo hebraico 'erevah, que significa nuditas, nudez. Glaire traduziu, e julgamos que com mais propriedade, nudité. Porém, facilmente se comprehende que qualquer destas palavras não está empregada em sentido próprio, e é fácil perceber o verdadeiro sentido, que é proibir o casamento entre pais e filhos, como ficou dito.

8 Não descobrirás a fealdade da mulher de teu pai, porque isso seria descobrir a vergonha de teu pai. (4)

9 Não descobrirás a fealdade de tua irmã, tanto por parte do pai, como por parte da mãe, que nasceu, ou dentro de casa, ou fora dela. (5)

10 Não descobrirás a fealdade da filha de teu filho, nem da filha de tua filha, porque isso seria descobrir a tua própria vergonha. (6)

11 Não descobrirás a fealdade da filha da mulher de teu pai, que ela pariu a teu pai, e que é tua irmã.

12 Não descobrirás a fealdade da irmã de teu pai, por que é carne de teu pai.

13 Não descobrirás a fealdade da irmã de tua mãe, porque é carne de tua mãe.

14 Não descobrirás a fealdade de teu tio paterno, nem te chegarás à sua mulher, que te é conjunta por afinidade. (7)

15 Não descobrirás a fealdade de tua nora, porque é mulher de teu filho, e deixarás coberta a sua fealdade.

16 Não descobrirás a fealdade da mulher de teu irmão, porque isso seria descobrir a vergonha de teu irmão.

17 Não descobrirás a fealdade duma mulher, e a

(4) **A MULHER DE TEU PAI** — A madrasta. E' o primeiro grau de afinidade.

(5) **DA TUA IRMÃ** — 2.º grau de consangüinidade. O casamento entre irmãos era comum no Egito, mormente na família real.

(6) **NÃO DESCOBRIRÁS**, etc. — Desde este versículo ao 13.º enumeram-se outros graus de consangüinidade proibindo o casamento entre avós e netos, entre meios irmãos e tios e sobrinhos.

(7) **NÃO DESCOBRIRÁS** — Desde este versículo ao 16.º apontam-se mais graus de afinidade, proibindo o casamento entre o sobrinho e a mulher dum tio paterno, do sogro com a nora e dos cunhados.

Levítico 18, 18-23

de sua filha. Não tomarás a filha de seu filho, nem a filha de sua filha, para descobrires a sua fealdade, porque são carne de tua mulher, e esta cópula é um incesto. (8)

18 Não tomarás a irmã de tua mulher, para a fazeres sua rival; nem descobrirás a sua fealdade, vivendo ainda tua mulher. (9)

19 Não terás acesso à mulher, que padece o seu mênstruo, e não descobrirás nela as suas imundícias.

20 Não terás cópula com a mulher de teu próximo, nem te deixarás manchar com esta vergonhosa, e ilegítima união.

21 Não darás nenhum de teus filhos para ser consagrado ao ídolo de Moloc, nem mancharás o nome do teu Deus. Eu sou o Senhor. (10)

22 Não usarás do macho, como se fôsse fêmea, porque isto é uma abominação.

23 Não te ajuntarás com bêtea alguma, nem te mancharás com ela. A mulher não se prostituirá dêste modo

(8) **NÃO DESCOBRIRAS** — 5.º e 6.º grau de afinidade; nenhum homem pode esposar a enteada, e a filha da enteada.

(9) **A IRMÃ DE TUA MULHER** — 7.º grau de afinidade.

(10) **ÍDOLO DE MOLOC** — Moloc era o deus do fogo, do sol ardente; a tradição judaica posterior representava-o sob a forma dum touro, tendo braços humanos dispostos a receber qualquer coisa; era feito de bronze, mas oco. Aquecia-se a estátua ao fogo, até ao rubro, e então na cavidade introduzia-se uma criança, que era oferecida em holocausto, e que se queimava imediatamente. Nas grandes calamidades os pais corriam a levar seus filhos a este cruelíssimo sacrifício. Vigouroux, *La Bible et les découvertes modernes*. Conhecem-se algumas gravuras e representações desta estranha divindade, e entre elas um camafeu em cornalina da coleção do cardeal Zurla, citado por Lagard na *Introduction à l'étude du culte de Mithra*.

a algum animal, porque isto é um crime da última fealdade.

24 Não vos manchareis com nenhuma dessas torpezas, com que se tem contaminado tôdas essas gentes, que eu expulsarei à vossa vista,

25 e que tem desonrado esta terra, cujos detestáveis crimes eu castigarei de sorte, que ela vomite para fora de si os seus habitantes.

26 Guardai as minhas leis, e as minhas ordenanças; e nem os que sois israelitas, nem os estrangeiros, que vieram morar entre vós, cometam alguma de tôdas estas abominações.

27 Porque tôdas estas execráveis infâmias cometeram os habitantes desta terra antes de vós, e com elas a contaminaram.

28 Vêde pois não suceda que cometendo vós os mesmos crimes que êles cometeram, vos vomite esta terra do seu seio, como vomitou todos êstes povos, que a habitaram antes de vós.

29 Todo o homem, que cometer alguma destas abominações, perecerá do meio do seu povo.

30 Guardai os meus mandamentos. Não façais o que fizeram os que foram antes de vós, e não vos mancheis com estas infâmias. Eu sou o Senhor vosso Deus.

CAPÍTULO 19

RESPEITO AOS PAIS. EVITAR A IDOLATRIA. LEIS CONTRA A AVAREZA, JURAMENTO, MALEDICENCIA, INJUSTIÇA, E VINGANÇA. OUTROS MANDAMENTOS DIVERSOS.

1 Falou o Senhor a Moisés, dizendo:

2 Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: Sêdes santos, porque eu sou santo, eu, que sou o Senhor vosso Deus.

3 Cada um respeite com temor a seu pai, e a sua

Levítico 19, 4-13

mãe. Guardai os meus sábados. Eu sou o Senhor vosso Deus.

4 Não vos volvais para os ídolos, nem façais para vós deuses fundidos. Eu sou o Senhor vosso Deus.

5 Se imolardes ao Senhor alguma hóstia pacífica, para que êle vós seja favorável;

6 comê-la-eis no mesmo dia, e no seguinte, em que ela tiver sido imolada, e consumireis ao fogo no dia terceiro tudo o que dela ficar.

7 Se algum comer dela, passados os dois dias, será profano, e será réu de impiedade.

8 Êle amargará a sua iniquidade, porque manchou o Santo do Senhor, e o tal homem perecerá do meio do seu povo.

9 Quando tu segares a seara dos teus campos, não cortarás rés do chão o que tiver crescido sobre a terra; nem enfeixarás as espigas, que tiverem ficado. (1)

10 Não recolherás também na tua vinha os cachos, que ficaram na vindima, nem os bagos, que caíram; mas deixá-los-ás tomar aos pobres, e aos peregrinos. Eu sou o Senhor vosso Deus.

11 Não fareis furtos; não mentireis; e nenhum enganará a seu próximo.

12 Não jurarás falso em meu nome, nem mancharás o nome de teu Deus. Eu sou o Senhor.

13 Não caluniarás o teu próximo, nem o oprimará com violências. O jornal do que trabalhou em teu serviço não ficará em teu poder até pela manhã.

(1) **NÃO CORTARAS RÉS DO CHÃO** — Não é precisamente isto o que está no original hebraico; o que lá se encontra é: "Tu não ceifarás um canto do teu campo". Com efeito, Deus ordena a cada um que deixe um pedaço por ceifar, para que os pobres possam aproveitar. Esta intenção divina ressalta do versículo seguinte, onde a parte do pobre está expressamente reservada na vindima.

14 Não falarás mal do surdo, nem porás tropeço diante do cego: Mas temerás o teu Deus, porque eu sou o Senhor.

15 Não farás nada contra a equidade, nem julgarás contra a justiça. Não consideres a pessoa do pobre, nem temas a presença do poderoso. Julga o teu próximo conforme a justiça. (2)

16 Não serás no teu povo nem delator de crimes, nem maldizente secreto. Não te porás contra o sangue de teu próximo. Eu sou o Senhor.

17 Não aborrecerás teu irmão no teu coração: mas repreende-o publicamente, para que não peques a seu respeito.

18 Não busques ocasião de te vingares, nem te lembres da injúria de teus concidadãos. Amarás o teu amigo, como a ti mesmo. Eu sou o Senhor.

19 Guardai as minhas leis. Não lançarás a tua bêsta doméstica a ter cópula com animais doutra espécie. Não semearás o teu campo de sementes diversas. Não usarás de vestido, que seja tecido de fios diferentes.

20 Se um homem dormir com uma mulher, e abusar da que era escrava, e em idade de casar, mas que não foi resgatada a preço de dinheiro, nem estava ainda fôrra, serão ambos acoitados; mas não morrerão, porque ela não é mulher livre.

21 Por êste seu delito oferecerá o homem ao Senhor um carneiro, à porta do tabernáculo do testemunho.

22 O sacerdote rogará por êle, e pelo seu pecado

(2) **NÃO CONSIDERES A PESSOA DO POBRE** — Isto quer dizer: “não atendas à sua pobreza, para que deixes de fazer justiça; pelo fato de ser pobre, deve ser julgado justamente: nem deve haver rigor demasiado por não ter quem o proteja, nem brandura excessiva por nada possuir.” Justo julica.

diante do Senhor, e êle lhe tornará a ser propício, e o seu pecado lhe será perdoado.

23 Quando vós tiverdes entrado naquela terra, e ti-verdes plantado nela árvores frutíferas; tereis cuidado de tirar dela os primeiros frutos por uma espécie de circuncisão. Êstes primeiros frutos vós os haveis como imundos, e não comereis dêles. (3)

24 No quarto ano porém todo o seu fruto será santificado, e consagrado em honra do Senhor.

25 No quinto ano comereis vós os frutos, colhendo os pomos, que cada uma árvore tiver produzido. Eu sou o Senhor vosso Deus.

26 Não comereis nada, que leve sangue. Não usareis de agouros, nem observareis sonhos.

27 Não cortareis os vossos cabelos em redondo, nem rapareis a barba.

28 Não fareis golpes na vossa carne, pranteando os mortos; nem fareis figuras algumas, nem marcas sobre o vosso corpo.

29 Não prostituas tua filha, para que a terra não seja contaminada e não se encha de impiedade. (4)

30 Guardai os meus sábados, e tremai diante do meu santuário. Eu sou o Senhor.

31 Não vos dirijais aos mágicos, nem consulteis os adivinhos, para que não suceda que êste comércio vos corrompa. Eu sou o Senhor, vosso Deus.

(3) **NA TERRA** — A terra por excelência, isto é, a Terra Prometida, o país do Canaã. Por esta frase também se vê ter sido êste livro escrito quando os israelitas estavam no deserto.

(4) **NÃO PROSTITUAS** — Nenhuma legislação foi tão severa contra a prostituição, como a mosaica. Enquanto que as leis modernas a toleram, a lei de Moisés a proibia terminantemente às hebréias, atingindo indígenas e estrangeiras, pelo menos pelo espírito da lei.

32 Levanta-te diante dos que têm cãs na cabeça: honra a pessoa do velho, e teme o Senhor teu Deus. Eu sou o Senhor.

33 Se algum forasteiro habitar na vossa terra, e morar entre vós, não lhe façais vitupério.

34 Mas ele seja entre vós, como se fôsse um natural; e vós o amareis, como a vós mesmos. Porque também vós fôstes estrangeiros no Egito. Eu sou o Senhor vosso Deus.

35 Não façais nada contra a equidade, nem no juízo, nem na regra, nem no pêso, nem na medida.

36 Seja justa a balança, e justos os pesos: Seja justo o alqueire, e justa a medida. Eu sou o Senhor vosso Deus, que vos tirei do Egito.

37 Guardai todos os meus preceitos, e tôdas as minhas ordenanças, e executai-as. Eu sou o Senhor.

CAPÍTULO 20

PENA DE MORTE CONTRA OS QUE DÃO SEUS FILHOS A MOLOC; QUE CONSULTAM OS ADIVINHOS; QUE AMALDIÇOAM A SEUS PAIS; CONTRA OS ADULTEROS E INCFESTUOSOS; CONTRA O PECADO DE SODOMIA, E DE BESTIALIDADE.

1 Falou mais o Senhor a Moisés, dizendo:

2 Dirás isto aos filhos de Israel: Se algum homem dentre os filhos de Israel, ou dos estrangeiros que habitam em Israel, der de seus filhos ao ídolo de Moloc, seja punido de morte, e o povo da terra o apedreje. (1)

3 Eu porei sobre êsse homem o ôlho da minha ira; e eu o cortarei do meio do seu povo, porque deu da sua des-

(1) O APEDREJE — Era a maneira vulgar de executar a sentença capital. Os idólatras e as adúlteras morriam assim.

Levítico 20, 4-12

condência a Moloc, e profanou o meu santuário, e manchou o meu santo nome.

4 Se o povo da terra, mostrando-se negligente, e como fazendo pouco caso do meu mandato, deixar ir o homem, que deu de seus filhos a Moloc, e não quiser matá-lo:

5 eu porei o olho da minha ira sobre o tal homem, e sobre a sua família; e eu o cortarei do meio do seu povo, a ele, e a todos os que consentirem na fornicção, em que ele se prostituiu a Moloc.

6 Se algum homem declinar para os mágicos, e adivinhos, e se der a eles por uma espécie de fornicção; eu porei sobre ele o olho da minha ira, e o exterminarei do meio do seu povo.

7 Santificai-vos, e sede santos, porque eu o sou o Senhor vosso Deus.

8 Guardai os meus preceitos, e ponde-os por obra. Eu sou o Senhor, que vos santifico.

9 Aquêlê que amaldiçoar a seu pai, ou a sua mãe, seja punido de morte: o seu sangue recaia sobre ele, porque amaldiçoou a seu pai, e a sua mãe.

10 Se algum abusar da mulher do outro, e cometer adultério com a mulher de seu próximo, sejam ambos punidos de morte, o adúltero, e a adúltera. (2)

11 Aquêlê, que dormir com sua madrasta, e descobrir a ignomínia de seu pai, sejam ambos punidos de morte: o seu sangue recaia sobre eles.

12 Se algum dormir com sua nora, morra um, e ou-

(2) **AMBOS PUNIDOS DE MORTE** — Era o reconhecimento do dever de fidelidade que a ambos os cônjuges assistia; o crime era igual para ambos, por conseguinte a pena era a mesma, morte moriatur, o que era uma medida de justiça e moralidade.

tro, porque, cometeram um grande crime: o seu sangue recaia sôbre êles.

13 Aquêlê que dormir com macho, abusando dêle como se fôsse fêmea, morram ambos de morte, como quem cometeu um crime execrável: o seu sangue recaia sôbre êles.

14 Aquêlê que depois de se ter desposado com a filha, se desposar com a mãe, cometeu um crime enorme: êle será queimado vivo com elas ambas; e uma ação assim detestável não ficará impunida no meio de vós.

15 Aquêlê que tiver çópula com uma bêsta, seja ela qual fôr, seja punido de morte: e vós matareis também a bêsta.

16 A mulher que se ajuntar com qualquer bruto, seja morta juntamente com êle: o seu sangue recaia sôbre ambos.

17 Se algum se chegar a sua irmã, que é filha de seu pai, ou filha de sua mãe: e se êle vir a fealdade dela, e ela a fealdade dêle; foi isto um enorme crime, que ambos cometeram; e ambos serão mortos em presença do seu povo, por terem descoberto um ao outro a sua fealdade e levarão a pena da sua iniquidade.

18 Se algum tiver cópula com mulher, a tempo que ela anda com o seu mênstruo; e êle descobrir a fealdade dela, e ela se deixar ver neste estado; serão ambos exterminados do meio do seu povo.

19 Não descobrirás a fealdade de tua tia materna, nem a de tua tia paterna: Quem isto fizer, descobrirá a ignomínia da sua carne, e ambos levarão a pena da sua iniquidade.

20 Aquêlê que se ajuntar com a mulher do tio paterno, ou materno, e descobrir a ignomínia da sua cognação; ambos levarão a pena do seu pecado, e morrerão sem filhos.

21 Se um homem tomar por mulher a mulher de seu irmão, faz uma coisa ilícita, e descobre a vergonha de seu irmão: Eles não terão filhos.

22 Guardai as minhas leis, e as minhas ordenações, e executai-as: Para que a terra, em que vós haveis de entrar, não vos vomite de si.

23 Não vos conduzaís, segundo as leis e costumes das nações, que eu hei de lançar fora da terra, onde tenho de vos estabelecer. Porque elas fizeram tôdas estas coisas, e eu as abominei.

24 Mas pelo que toca a vós, eis-aqui o que eu vos digo: Possuí a terra destes povos, que eu vos darei em herança uma terra, onde correm arroios de leite, e de mel. Eu sou o Senhor vosso Deus, que vos separei dos outros povos.

25 Separai vós pois também as bêstas limpas das imundas, e as aves puras das impuras: não mancheis as vossas almas, comendo das bêstas, e das aves, e do que tem movimento, e vive na terra, que eu vos declarei que eram imundas.

26 Vós sereis para mim santos, porque eu sou santo, eu, que sou o Senhor, que vos separei dos outros povos, para serdes meus. (3)

(3) **VOS SEPAREI DOS OUTROS POVOS** — Na Terra Santa esta separação devia ser sobretudo moral e religiosa, e também física e material, para que Israel pudesse conservar intacta a verdadeira religião. Deus subordinou tudo à missão religiosa que o seu povo devia desempenhar. Para o pôr a coberto da sedução, refugiou-o na Palestina, longe do contacto estranho. Não quis que esta raça, antes do cativoiro, se entregasse ao comércio e à indústria, para o que tantas aptidões possuía, com o fim de lhê não permitir relações com os povos vizinhos, que podiam alterar a pureza das suas crenças. Ao sul e a este, cercou-o de desertos; ao norte levantou-lhe as montanhas elevadas do Líbano; e não consentiu

27 Se qualquer homem, ou mulher tem espírito de Piton, ou espírito de adivinho, sejam punidos de morte, ambos sejam apedrejados, e o seu sangue recaia sobre eles.

CAPÍTULO 21

LEIS SOBRE OS CASAMENTOS DOS SACERDOTES. INABILIDADES, QUE EXCLUEM DO SACERDÓCIO.

1 Disse também o Senhor a Moisés: Fala aos sacerdotes, filhos de Aarão, e dize-lhes: O sacerdote nas mortes de seus compatriotas não faça nada, que o torne imundo;

2 salvo se eles forem seus consangüíneos, e dos mais chegados; a saber, pai, mãe, filho, filha, e também irmão,

3 e a irmã virgem, que não tenha ainda casado.

4 Mas ele não fará nada, que o possa contaminar, nem ainda na morte do príncipe do seu povo.

5 Os sacerdotes não raparão as cabeças, nem as barbas, e não farão golpes no seu corpo.

6 Eles serão santos para o seu Deus, e não mancharão o seu nome: Porque eles oferecem o incenso, e os pães ao Senhor, e por isso serão santos.

7 Não desposarão mulher, que fôsse desonrada: nem que se tenha prostituído à desonestidade pública, nem mulher que fôsse repudiada por seu marido: porque eles são consagrados ao seu Deus,

8 e oferecem os pães da proposição. Sejam eles pois santos, porque também eu sou santo, eu, que sou o Senhor, que os santifico.

que Israel chegasse às margens do Mediterrâneo, a grande via de comunicação dos povos naqueles tempos; tudo para que os hebreus vivessem isolados na terra de Canaã, em grande parte inacessível ao estrangeiro.

9 Se a filha de um sacerdote fôr apanhada em estupro, e desonrar assim o nome de seu pai, será queimada.

10 O pontífice, isto é, aquêle, que é o sumo sacerdote entre seus irmãos, sôbre cuja cabeça, fôr derramado o óleo da unção, e cujas mãos foram sagradas para fazer as funções do sacerdócio, e que reveste das santas vestimentas, não descobrirá a sua cabeça, nem rasgará os seus vestidos;

11 nem irá a algum morto, qualquer que êle possa ser. Não fará nada que o possa tornar imundo, nem ainda na morte de seu pai, ou de sua mãe.

12 Não sairá também dos lugares santos, para não manchar o santuário do Senhor: Porque sôbre êle foi derramado o óleo da santa unção do seu Deus. Eu sou o Senhor.

13 Tomará por mulher uma virgeni.

14 Não desposará viúva, nem repudiada, nem desonrada, nem meretriz: mas tomará uma donzela do povo de Israel. (1)

15 Não misturará o sangue da sua estirpe com uma pessoa do comum do seu povo: Porque eu sou o Senhor, que o santifico.

16 Falou mais o Senhor a Moisés, dizendo:

17 Dize isto a Aarão: Se um homem de qualquer das famílias da tua raça tiver alguma deformidade, não oferecerá os pães ao seu Deus, (2)

(1) **UMA DONZELA** — Esta prescrição era mais severa para o pontífice do que para os simples sacerdotes, que podiam esposar uma estrangeira convertida.

(2) **ALGUMA DEFORMIDADE** — Esta lei foi adotada para o sacerdócio da lei da Graça, onde se estabelecem as irregularidades *ex defectu corporis*, que tornam o indivíduo inapto para a recepção das Ordens Sacras.

18 nem se chegará ao ministério do seu altar: se fôr cego, se coxo, se de nariz ou muito pequeno, ou muito grande ou torcido:

19 se tiver o pé, ou a mão quebrada:

20 se fôr corcovado, se remeloso, se tiver alguma belida no ôlho, se tiver uma sarna contínua, ou alguma impigem espalhada por todo o corpo, ou alguma hérnia. (3)

21 Todo o homem da raça do sacerdote Aarão, que tiver qualquer defeito, não se chegará a oferecer hóstias ao Senhor, nem pães ao seu Deus.

22 Comerá todavia dos pães, que se oferecem no santuário,

23 mas de tal sorte, que não entre para dentro do véu, nem se chegue ao altar, porque tem defeito, e não deve contaminar o meu santuário. Eu sou o Senhor, que os santifico.

24 Moisés pois disse a Aarão, e a seus filhos, e a todo o Israel, tudo o que lhe havia sido mandado.

CAPÍTULO 22

PROÍBE-SE AOS SACERDOTES TOCAR AS COISAS SANTAS, ENQUANTO ELES ESTÃO IMUNDOS. QUAIS SÃO OS QUE DEVEM COMER DAS COISAS SANTAS. QUALIDADES DAS VÍTIMAS QUE SE DEVEM OFERECER.

1 Falou também o Senhor a Moisés, e lhe disse: (1)

2 Fala a Aarão, e a seus filhos, que se guardem de tocar as oferendas sagradas dos filhos de Israel, para

(3) **ALGUMA HÉRNIA** — No texto original encontra-se *moah esheq*, que corresponde a eunuco. *Cui testiculi contriti sunt, castratus*. Leopoldo, *Lexicon hebraicum et chaldaicum*.

(1) **FALOU TAMBÉM O SENHOR** — O objeto desta lei nova é a pureza requerida aos sacerdotes quando tiverem de tratar as

que não contaminem o que êles me oferecem, e o que me é consagrado. Eu sou o Senhor.

3 Dize-lhes a êles, e à sua posteridade: Todo o homem da vossa estirpe, que, estando imundo, se chegar às coisas, que foram consagradas, e que os filhos de Israel ofereceram ao Senhor, perecerá diante do Senhor. Eu sou o Senhor.

4 O homem da estirpe de Aarão, que fôr leproso, ou que padecer uma purgação branca, não comerá das coisas, que me foram santificadas, menos que êle não esteja são. Aquêle, que tocar um tornado imundo, por ter tocado algum morto, ou algum homem, que padecer purgação branca:

5 ou que tocar coisa, que se arrasta pela terra, e geralmente tudo o que é imundo, e que se não pode tocar, sem que quem o toca fique imundo:

6 será imundo até à tarde, e não comerá daquelas coisas, que foram santificadas: mas depois de ter lavado o seu corpo em água,

7 e de se ter pôsto o sol, então já limpo comerá das coisas santificadas, pois que êste é o seu sustento.

8 Êles não comerão de nenhum animal, que de si morresse, ou que fôsse tomado por outro animal, e não se mancharão com estas viandas. Eu sou o Senhor.

9 Guardem os meus preceitos, para não caírem no pecado, e não morrerem no santuário, depois de o terem manchado. Eu sou o Senhor, que os santifico. (2)

coisas santas, figura da pureza que se deve exigir nos Ungidos do Senhor, que têm de ter em suas mãos ao mesmo Deus, como a propósito escreveu S. Tomás: *Talis enim hostia continet substantiam in summo perfectionis, scilicet corpus et sanguinem D. N. Jesu Christi*, etc. Opusc. 63. De Beatitudine, cap. 2.º.

(2) **NÃO MORREREM** — Nova alusão ao castigo infligido a

10 Nenhum estrangeiro comerá das coisas santificadas: o forasteiro, que veio morar com o sacerdote, ou o jornaleiro, que está com êle, não comerão delas.

11 Porém aquêles, que o sacerdote tiver comprado, ou que tiver nascido na casa dalgum escravo seu, comerá delas.

12 Se a filha dum sacerdote casar com um homem do povo, não comerá das coisas santificadas, nem das primícias.

13 Mas se ela sendo viúva, ou repudiada, e sem filhos, voltar para casa de seu pai, comerá das viandas, de que seu pai come como ela costumava, sendo donzela. Nenhum estrangeiro terá o poder de comer de estas viandas.

14 Aquêles, que por ignorância tiver comido das coisas santificadas, ajuntará uma quinta parte ao que comeu, e dará tudo ao sacerdote para o santuário.

15 Os homens não profanem o que tiver sido santificado, e oferecido ao Senhor pelos filhos de Israel;

16 para que não suceda levarem êles a pena do seu delito, tendo comido das coisas santificadas. Eu sou o Senhor que os santifico.

17 Falou mais o Senhor a Moisés, e lhe disse: (3)

18 Fala a Aarão, a seu filhos, e a todos os filhos de Israel, e dize-lhes: Se um homem da casa de Israel, ou dos estrangeiros, que habitam convosco, apresentar a sua oblação, ou cumprindo os seus votos, ou oferecendo-a espontâneamente; seja o que quer que fôr que êle ofereça, para ser apresentado pelos sacerdotes em holocausto ao Senhor:

Nadab e Abiu, que desprezaram os preceitos do Senhor. Lev 10, 1 ss.

(3) **FALOU MAIS O SENHOR** — Nova lei relativa à qualidade das vítimas destinadas aos sacrificios.

19 se a sua oblação é de bois, ou ovelhas, ou de cabras, deve ser um macho, que não tenha defeito.

20 Se êle tiver algum defeito, vós o não oferecereis, nem êle será aceito.

21 Se um homem oferecer ao Senhor uma vítima pacífica, ou cumprindo os seus votos, ou fazendo uma oferta voluntária, quer seja de bois, quer de ovelhas; o que êle oferecer há de ser sem defeito, para ser agradável.

22 Se é um animal cego, ou que tenha qualquer membro quebrado, ou qualquer cicatriz, ou bostelas, ou sarna, ou impigem: Vós não oferecereis ao Senhor animais desta sorte, nem de semelhantes reses queimareis nada sôbre o altar do Senhor.

23 Podereis oferecer voluntariamente um boi, ou uma ovelha, a que se tenha cortado uma orelha, ou a cauda: Mas não podereis satisfazer com êle o voto, que tendes feito.

24 Não oferecereis ao Senhor animal algum, que tenha os testículos ou trilhados, ou feridos, ou cortados; e guardai-vos absolutamente de tal fazerdes na nossa terra. (4)

25 Não oferecereis ao vosso Deus pães da mão do estrangeiro, nem qualquer outra coisa, que êle queira dar: porque todos êstes dons são corruptos, e maculados: vós os não recebereis. (5)

(4) **E GUARDAI-VOS ABSOLUTAMENTE** — Os judeus viram sempre nestas palavras uma proibição terminante da castração dos animais.

(5) **DA MÃO DO ESTRANGEIRO** — Aparentemente parece haver uma contradição com o v. 18, que autoriza o estrangeiro a oferecer holocaustos ao Senhor; na realidade tal contradição não existe, desde que se atenda ao que está no texto hebraico; o que se proíbe aqui é simplesmente receber, ainda que seja dum estran-

26 Falou mais o Senhor a Moisés, dizendo: (6)

27 Quando nascer um boi, ou uma ovelha, ou uma cabra, estarão sete dias mamando debaixo de suas mães: Mas ao dia oitavo, e daí por diante, poderão ser oferecidos ao Senhor.

28 Não oferecereis num mesmo dia nem a vaca, nem a ovelha juntamente com as suas crias.

29 Se vós imolardes alguma hóstia em ação de graças ao Senhor, para que êle vos seja favorável,

30 comê-la-eis no mesmo dia, e não ficará nada dela para a manhã do dia seguinte. Eu sou o Senhor.

31 Guardai os meus mandamentos, e ponde-os por obra. Eu sou o Senhor.

32 Não mancheis o meu santo nome, para que eu seja santificado no meio dos filhos de Israel. Eu sou o Senhor, que vos santifico,

33 e que vos tirei do Egito, para ser o vosso Deus. Eu sou o Senhor.

CAPÍTULO 23

LEIS ACERCA DO SÁBADO, DA PASCOA, DO PENTECOSTES,
DA FESTA DAS TROMBETAS, DA DA EXPIAÇÃO, DA DOS
TABERNÁCULOS.

1 Tornou o Senhor a falar a Moisés, dizendo:

2 Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: Eis-aqui as festas do Senhor, que vós chamareis santas. (1)

geiro, animais defeituosos, cujo emprêgo para os sacrificios era proibido aos israelitas. Cfr. Vigouroux, *La Sainte Bible Polyglotte*.

(6) **FALOU MAIS O SENHOR** — Nova lei compreendendo três regras concernentes aos sacrificios.

(1) **QUE VÓS CHAMAREIS SANTAS** — No original hebraico está "que vós publicareis e serão santas convocações", *miqra Qodesh*, o que fez pensar a alguns intérpretes que se reuniam ao

Levítico 23, 3-8

3 Trabalhareis seis dias, e o dia sétimo se chamará santo, porque êste é o descanso do Senhor. Não fareis nêle obra alguma: Porque êste é o sábadô do Senhor em tôda parte, onde habitardes.

4 Eis-aqui logo as santas festas do Senhor, que vós deveis celebrar cada uma em seu nome.

5 No primeiro mês, no dia catorze do mês sôbre a tarde é a Páscoa do Senhor. (2)

6 E no dia quinze do mesmo mês é a solenidade dos asmos do Senhor. Por sete dias comereis pães asmos.

7 O primeiro dia será para vós celeberrimo, e santo: Não fareis nêle obra alguma servil;

8 mas oferecereis ao Senhor por sete dias um sacrificio, que será consumido no fogo. O dia sétimo será mais célebre, e mais santo; e não fareis nêle obra alguma servil.

sábadô para atos cultuais. Isto fêz-se mais tarde nas sinagogas (At 13, 14 s; 15, 21), mas o texto da Lei, parece, não prescrevia para sábadô prática alguma especial, além do descanso. Vigouroux, ob. cit. O que sabemos é que nenhuma outra prescrição foi tantas vözes inculcada, tantas repetida e tantas encarecida como esta da santificação pelo descauso e cessação de todo o trabalho servil, do dia do Senhor. Até aqui já vimos esta lei citada no Gên 2, 2; Êx 16, 23-29; 20, 8-11; 23, 12; 31, 14-17; 34, 21; 35, 2. Lev 19, 3, e até ao último dos livros santos a cada passo novas referências, novos preceitos, outras tantas recordações.

(2) **A PASCOA** — Era a mais solene de tôdas as festas, recordava a libertação dos hebreus da escravidão do Egito. Marcava também o início da primavera. A palavra Páscoa significa passagem, por alusão à passagem do anjo exterminador, que feriu os primogênitos dos egípcios e poupou os hebreus. Durante os dias desta solenidade só se comia pão asmo, isto é, pão sem fermento. Imolava-se o cordeiro pascal, sem que lhe quebrassem um osso, e que era figura de Jesus Cristo, o Cordeiro Imaculado, que derramou o seu Sangue pelos pecados dos homens. 1 Epíst. aos Cor 5, 7; Jo 19, 36.

9 Falou mais o Senhor a Moisés, dizendo:

10 Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: Depois que vós tiverdes entrado na terra, que eu vos darei, e que tiverdes segado a vossa seara, levareis ao sacerdote um molho de espigas, como primícias da vossa messe: (3)

11 e ao outro dia do sábado elevará o sacerdote este molho diante do Senhor, para que o Senhor recebendo-o, vos seja favorável, e o sacerdote o consagrará.

12 No mesmo dia, que o molho fôr consagrado, imolar-se-á ao Senhor em holocausto um cordeiro de um ano, que não tenha defeito.

13 Oferecer-se-ão com êle por presente duas dízimas de flor de farinha, misturada com azeite, para ser consumida no fogo em honra do Senhor, e para lhe ser um cheiro suavíssimo; e a quarta parte de um hin para as ofertas de vinho.

14 Não comereis nem pão, nem farinha, nem papas do grão novo até ao dia, que vós ofereçais as primícias dêle ao vosso Deus. Esta lei será eternamente observada de geração em geração em todos os lugares, onde vós habitardes.

15 Contareis logo desde o segundo dia do sábado, em que vós oferecestes o molho das primícias, sete semanas cheias,

16 até o dia de depois que a sétima semana fôr completa, isto é, cinquenta dias: e então oferecereis um sacrificio novo,

17 de dois pães das primícias de duas dízimas de

(3) **PRIMÍCIAS DA VOSSA MESSE** — Era a cerimônia religiosa da abertura da celfa. Todos os povos antigos ofereciam à divindade os primeiros frutos. Os egípcios ofereciam a Isis as primícias dos seus terrenos. Os cartagineses enviavam a Hércules de Tiro os primeiros frutos colhidos. Num antigo cilindro vê-se um altar assírio com uma oferta de trigos e frutos.

flor de farinha com fermento, a qual vós fareis cozer para ser oferecida de todos os lugares da vossa habitação, como primícias ao Senhor.

18 Oferecereis também com os pães sete cordeiros sem defeito, que não tenham senão um ano, e um novillo da manada, e dois carneiros, que serão oferecidos em holocausto com as libações, como um sacrifício de suavíssimo cheiro para o Senhor.

19 Oferecereis outrossim um bode pelo pecado, e dois cordeiros dum ano por hóstias pacíficas.

20 E depois que o sacerdote os tiver elevado diante do Senhor, serão para êle.

21 Vós chamareis êste dia o dia celeberrimo, e santíssimo: Não fareis nêle obra servil alguma. Esta ordenação será observada eternamente em tôda parte, onde morardes, e em tôda a-vossa posteridade.

22 Quando vós porém segardes a seara do vosso campo não lhe cortareis as canas rente do chão, nem enfeixareis as espigas que ficam; mas deixá-las-eis para os pobres, e para os forasteiros. Eu sou o Senhor vosso Deus.

23 Falou mais o Senhor a Moisés, e lhe disse: (4)

24 Fala aos filhos de Israel: No primeiro dia do sétimo mês celebrareis vós ao som de trombetas um dia, que o seja de descanso para vos servir de recordação; e êle se chamará santo. (5)

(4) **FALOU MAIS O SENHOR** — E' a lei relativa à festa das Trombetas.

(5) **DAS TROMBETAS** — Esta precrição deu o nome a esta solenidade, que passou a chamar-se Festa das Trombetas. O primeiro dia do sétimo mês, que era o começo do ano civil, era particularmente honrado em memória da criação do mundo, guardando-se nesta festa a lei de repouso do sábad. Tocavam-se as trombetas para anunciar ao povo esta data, impor-lhe o repouso,

25 Não fareis nêle obra alguma servil, e oferecereis nêle holocausto ao Senhor.

26 Falou mais o Senhor a Moisés, dizendo:

27 O décimo dia dêste sétimo mês será o dia das expiações, que será celeberrimo, e se chamará santo. Neste dia afligireis vós as vossas almas, e oferecereis um holocausto ao Senhor.

28 Não fareis obra servil alguma em todo êste dia, porque é um dia de propiciação, para que o Senhor vosso Deus vos seja favorável.

29 Todo o homem, que se não tiver afligido neste dia, perecerá do meio do seu povo.

30 E eu também exterminarei do seu povo aquêl, que neste dia fizer qualquer obra.

31 Não fareis pois nêle obra alguma; e esta ordenação será eternamente observada em tôda a vossa posteridade, e em todos os seus lugares, em que assistirdes.

32 Êste dia é um dia de profundo, e total descanso: e vós afligireis as vossas almas no dia nove do mês. Celebrareis as vossas festas duma tarde até à outra. (6)

33 Falou mais o Senhor a Moisés, dizendo:

34 Fala aos filhos de Israel: Desde o dia quinze dêste sétimo mês se celebrará a festa dos tabernáculos em honra do Senhor por sete dias. (7)

e lembrar-lhe que principiava o mês sabático, no qual se celebrava a festa da Expição, de que já se falou no c. 16, e que a seguir se menciona.

(6) **DUMA TARDE ATÉ A OUTRA** — Os hebreus contavam o dia do pôr do sol ao ocaso seguinte, e a Igreja conservou êste uso para a recitação do officio divino. Quando queriam exprimir um dia inteiro, o espaço de vinte e quatro horas, diziam: uma tarde e uma manhã.

(7) **FESTA DOS TABERNÁCULOS** — Chamava-se assim porque os israelitas a celebravam debaixo de barracas cobertas de

35 O primeiro dia será o mais célebre, e o mais santo, não fareis nêle obra alguma servil.

36 E por sete dias oferecereis ao Senhor holocaustos. O dia oitavo será também celeberrimo, e santíssimo, e nêle oferecereis vós ao Senhor um holocausto: porque é dia duma solene assembléia: neste dia não fareis obra servil alguma.

37 Estas são as festas do Senhor, que vós chamareis celeberrimas, e santíssimas; e nelas oferecereis ao Senhor oblações, holocaustos, e libações, conforme está ordenado para cada dia:

38 afora os sacrifícios dos outros sábados do Senhor, e as ofertas, que vós lhe fizerdes, ou seja em cumprimento de algum voto, ou por boa vontade que tivésseis.

39 Assim desde o dia quinze do sétimo mês, quando vós tiverdes recolhido todos os frutos das vossas terras, celebrareis vós uma festa em honra do Senhor por sete dias. O primeiro dia, e o oitavo serão dias de sábado, isto é, de descanso.

ramos de palmeiras e dos saigueiros (v. 40) em comemoração do tempo passado no deserto. Durava oito dias (v. 39); o primeiro e o último eram santificados pelo repouso do sábado. Havia grandes demonstrações de alegria, Josefo, *Ant. Jud* 8; 4, 7. Posteriormente introduziram novos ritos: uma libação de água da fonte de Silóé (cf. *Is* 12, 3); cantos e música, *Sl* 102-117; iluminação, canto dos Salmos graduais; uma procissão feita sete vêzes, no sétimo dia, em volta do altar, com murtas e palmas, exclamando Hosana, em memória da tomada de Jericó. Plutarco, l. 4.º. *Sympos. probl.* 5, refere-se a esta solenidade dos judeus: *Maximae et perfectissimae Judæorum solemnitatis... sub tabernaculis desident, potissimum et palmitibus et hedera quae contexuntur, et diem quae festum antecedit Tabernaculariam nominant.* "A mais importante das solenidades judaicas... os judeus acampam, sob tendas que cobrem com hera e palmas, e ao dia que antecede a festa, chamam-lhe *dia dos tabernáculos.*"

40 No primeiro dia tomareis vós dos ramos mais formosos das árvores, dos ramos de palmeiras, e dos ramos das árvores mais fechadas, e dos salgueiros de junto das torrentes, e vos alegrareis diante do Senhor vosso Deus:

41 e celebrareis cada ano por sete dias a sua solenidade. Esta lei será eternamente observada por todos os vossos vindouros. Celebrareis esta festa ao sétimo mês,

42 e habitareis debaixo da sombra dos ramos das árvores sete dias. Todo o homem da geração de Israel ficará debaixo de tendas;

43 para que os vossos descendentes saibam, que eu fiz habitar os filhos de Israel debaixo de tendas, quando os tirava do Egito. Eu sou o Senhor vosso Deus.

44 Declarou pois Moisés aos filhos de Israel tôdas estas coisas, tocantes às solenidades do Senhor.

CAPÍTULO 24

LEIS ACERCA DA CONSERVAÇÃO DAS LÂMPADAS, E DOS PÃES DA PROPOSIÇÃO. BLASFEMADOR APEDREJADO. PENA CONTRA OS BLASFEMADORES E OS HOMICIDAS. LEIS DE TALIAO.

1 Falou mais o Senhor a Moisés, e lhe disse:

2 Ordena aos filhos de Israel, que te tragam azeite de oliveiras bem puro, e bem claro, para terem sempre as lâmpadas concertadas, (1)

3 fora do véu do testemunho no tabernáculo do ajuste. Aarão as disporá diante do Senhor desde a tarde até

(1) **QUE TE TRAGAM** — Visto que os sacrifícios eram oferecidos em nome do povo, era justo que este contribuísse para as despesas do templo.

pela manhã; cerimônia, que se observará por um culto perpétuo em tôda a vossa posteridade. (2)

4 Estas lâmpadas pôr-se-ão sempre em cima do candieiro de ouro puríssimo diante do Senhor.

5 Tomarás também farinha pura, e farás cozer dela doze pães, cada um dos quais terá duas dízimas de farinha. (3)

6 E tu exporás sôbre a puríssima mesa diante do Senhor, seis duma parte, e seis da outra.

7 Porás sôbre eles um incenso bem transparente, para que este pão seja um monumento de oferta feita ao Senhor. (4)

8 Estes pães mudar-se-ão para se porem outros diante do Senhor cada sábadô, depois que forem recebidos das mãos dos filhos de Israel por um pacto eterno.

9 E eles pertencerão a Aarão, e a seus filhos, para os comerem no lugar santo: porque isto é uma coisa santíssima que lhes pertence dos sacrificios do Senhor por direito perpétuo.

10 Entretanto aconteceu que um filho duma mulher israelita, que ela tivera dum egíptano entre os filhos de Israel bulhou no campo com um israelita:

11 e como tivesse blasfemado o nome do Senhor, e

(2) **FORA DO VÉU** — Do véu que dividia o Santo do Santo dos Santos.

(3) **DUAS DIZIMAS** — Correspondem a sete litros e três quartos.

(4) **PARA QUE ESTE PÃO SEJA UM MONUMENTO** — Alguns comentadores interpretam da seguinte forma: Não se queimava o pão, queimava-se o incenso em vez do pão, incenso que estava sôbre o pão tôda a semana, e que só se queimava em honra de Deus, *Thus, enim soli Deo per ignem adoleatur*, (Cornélio a Lapide) e assim o pão ficava como monumento dêsse sinal de adoração devido, só ao Criador.

o tivesse amaldiçoado, levaram-no a Moisés. Sua mãe chamava-se Salumit, e era filha de Dabri, da tribo de Dan.

12 Puseram-no em prisão, até saberem o que o Senhor dispunha.

13 Então falou o Senhor a Moisés, e lhe disse:

14 Manda deitar fora do arraial esse blasfemador: e todos os que o ouvirem, ponham as suas mãos sobre a cabeça dêle, e todo o povo lhe atire às pedradas.

15 Dirás também aos filhos de Israel: O homem, que amaldiçoar o seu Deus, levará a pena do seu pecado;

16 e o que blasfemar o nome do Senhor, morra de morte. Todo o povo o apedrejará, ou êle seja cidadão, ou seja forasteiro. Aquêle, que blasfemar o nome do Senhor, morra de morte. (5)

17 O que ferir, e matar um homem, morra de morte.

18 O que ferir uma bêsta, dará outra em seu lugar, isto é, bêsta por bêsta.

19 O que ferir a qualquer dos seus compatriotas, far-se-lhe-á a êle, como êle fez ao outro.

20 Receberá quebradura por quebradura, e perderá ôlho por ôlho, dente por dente. Qual fôr o mal, que êle tiver feito, tal será êle constrangido a sofrer.

21 O que matar uma bêsta caseira, dará por ela outra. O que matar um homem, será punido de morte.

22 Faça-se entre vós justiça igualmente, ou o que delinquiou seja forasteiro, ou seja compatriota: porque eu sou o Senhor vosso Deus.

(5) **MORRA DE MORTE** — E' uma lei accidental, a propósito da blasfêmia do filho de Salumit, e que, pela forma como está representada, é mais um sinal da autenticidade do Pentateuco. Se este livro tivesse sido redigido posteriormente, quando a lei em questão era conhecida e praticada, limitar-se-ia o autor à inserção no código legislativo, sem outros pormenores históricos.

23 Tendo Moisés declarado estas coisas aos filhos de Israel, fizeram êles sair do campo o que tinha blasfemado, e o apedrejaram. E fizeram os filhos de Israel o que o Senhor havia ordenado a Moisés.

CAPÍTULO 25

LEIS SOBRE O DESCANSO DO SÉTIMO ANO, E O JUBILEU DO QUINQUAGÉSIMO. LEIS CONTRA A USURA. ORDENAÇÕES A FAVOR DOS ESCRAVOS HEBREUS.

1 Falou outrossim o Senhor a Moisés no monte Sinai, dizendo:

2 Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: Quando vós tiverdes entrado na terra, que eu tenho de vos dar, observareis o sábado do Senhor.

3 Semeareis os vossos campos seis anos a fio, e seis anos podareis as vossas vinhas, e recolhereis os seus frutos.

4 O ano sétimo porém será o sábado na terra, consagrado à honra do descanso do Senhor. Não semeareis os vossos campos, nem podareis as vossas vinhas. (1)

5 Não segareis o que a terra produzir espontaneamente, nem comereis os cachos da vinha, cujas primícias costumáveis oferecer, como quem a quer vindimar: porque êste é o ano do descanso da terra.

6 Mas tudo o que então nascer de si mesmo, será para vos sustentar a vós, ao vosso escravo, e à vossa es-

(1) **O ANO SÉTIMO** — Da mesma maneira que se santificava cada período de sete dias, se santificava também cada período de sete anos. Este sétimo ano tomava o nome de ano sabático, porque se devia deixar repousar a terra, e o que ela produzisse pertencia aos pobres. Os escravos recuperavam a liberdade ao cabo de sete anos de escravidão.

crava, ao jornaleiro, que trabalha para vós, e ao forasteiro que mora entre vós.

7 Outrossim servirá para sustentar as vossas famílias de casa, e os vossos rebanhos.

8 Contareis também sete semanas de anos, isto é, sete vezes sete, que fazem ao todo quarenta e nove anos:

9 e ao dia décimo do sétimo mês, que é o tempo da festa das expiações, fareis soar uma buzina em toda a vossa terra.

10 Santificareis o ano quinquagésimo, e publicareis liberdades para todos os habitantes da vossa terra: porque este é o ano do jubileu. Todo homem tornará a entrar de posse do que antes era seu, e cada um tornará para a sua primeira família: (2)

(2) **SANTIFICAREIS O ANO QUINQUAGÉSIMO** — Era o ano chamado jubilar, que seguia imediatamente o ano sabático, não se confundindo com este, segundo a opinião de Vigouroux, *La Sainte Bible Polyglotte*, embora se lhe applicassem todas as prescrições do ano sabático. Além disso durante o ano jubilar eram reunidos todos os escravos de origem hebraica; julgavam-se quites todas as dívidas, e as casas edificadas em sítios não murados voltavam aos seus antigos possuidores, não obstante todas as vendas e cessões. Vigouroux, *Manuel Biblique*, t. 1.º, pág. 654. Os sacerdotes anunciavam tocando umas trombetas, que tinham a forma das hastes do carneiro, que é o que significa a palavra *Johel*, que depois também significou alegria, e daí derivou *jubilacus*, *jubilum*, *jubilare*. Na verdade, o ano do jubileu era para os israelitas um ano de júbilo, e de perdão universal. Deste jubileu veio o jubileu cristão, de que o primeiro é figura, sendo o da Lei Nova muito mais excelente, porque o que o quinquagésimo ano produzia entre os judeus, sob o ponto de vista temporal, era nada com as grandes graças que em nossa alma caem no ano jubilar. Entre os hebreus, o ano jubilar quebrava os ferros dos prisioneiros e dava a liberdade aos escravos; o Jubileu Cristão quebra pela penitência os laços dos pecadores e livra-nos, pela Indulgência Plenária, de todas as penas temporais em que incorremos pelas nossas faltas. Durante

11 porque êste é o ano do jubileu o ano quinquagésimo. Não semearéis nada nêle; nem também segareis o que a terra tiver produzido de si mesma; nem colhereis as primícias da vossa vinha;

12 por causa de santificardes o jubileu: mas come-reis as primeiras coisas que achardes.

13 No ano do jubileu tornarão a entrar todos na posse dos bens, que antes tinham. (3)

14 Quando tu venderes qualquer coisa a algum dos teus concidadãos, ou lhe comprares a êle qualquer coisa,

o grande ano, os judeus entravam na posse dos bens vendidos ou empenhados; no nosso ano santo temos meio de reaver o patrimônio celeste, o direito à herança do Céu, e à comunicação dos Santos. O Jubileu Cristão, que sucedeu a êste ano jubilar dos hebreus, realiza-se de 25 em 25 anos, e tem o nome de Jubileu do Ano Santo, cuja publicação é feita em Roma, pelo Soberano Pontífice, nas primeiras Vésperas do Natal, com a abertura da Porta Santa da Basílica de S. Pedro; e ao mesmo tempo três cardeais praticam igual cerimônia nas Basílicas de S. João de Latrão, Santa Maria Maior e S. Paulo extramuros. V. *Ritus servandi in aperitione et clausura portæ Sanctæ*. O ano santo remonta à mais alta antiguidade. Em 1299 houve um jubileu de ano santo, ao qual concorreram muitos peregrinos, entre os quais um velho de 107 anos, que foi apresentado ao papa Bonifácio VIII, a quem contou que cem anos antes tinha vindo a Roma acompanhado por seu pai, ganhar o Jubileu. As datas dos Jubileus ordinários, de que há notícia, estão publicadas na revista pastoral da Colônia. *Koeln Pastoralblatt*, IX ano.

(3) **TORNARÃO A ENTRAR TODOS NA POSSE DOS BENS** — Esta lei não era injusta, pois que era conhecida por todos e influa nas condições da venda, v. 14. 16. Pelissier diz que só irrefletidamente se pode censurar esta disposição bíblica, que não surpreendia ninguém, e que servia de base às condições da alienação dos bens. Entre outros benéficos resultados tinha êstes: prevenia a ruína irremediável dos filhos pelas faltas dos pais; mantinha entre todos os filhos de Israel um tal ou qual equilíbrio econômico; substituíra a venda dum usufruto a alienação irreparável da propriedade.

não entristeças a teu irmão; mas comprar-lhe-ás à proporção dos anos, que se tiverem passado depois do jubileu:

15 e ele te venderá à proporção do que a coisa pode render, deitadas assim as contas.

16 Quantos mais anos restarem de um jubileu até outro jubileu, tanto mais subirá o valor da coisa; e quanto menos restar de tempo até o jubileu, tanto a coisa se venderá mais barata. Porque o que se te vende, é o tempo de gozar dos frutos.

17 Não aflijais uns homens, que formam convosco uma mesma tribo; mas cada um tema o seu Deus, porque eu sou o Senhor vosso Deus.

18 Executai os meus preceitos, guardai as minhas ordenações, e cumpri-as, para que possais habitar na terra sem mêdo nenhum;

19 e para que a terra vos produza os seus frutos, de que possais comer, e fartar-vos, sem temerdes violência de ninguém.

20 Se vós disserdes: Que comeremos nós no sétimo ano, se nós não semeamos, nem recolhemos os frutos das nossas terras? (4)

21 Eu lançarei a minha bênção sôbre vós no ano sexto, e ela produzirá tanto de frutos, quanto em três anos.

22 Porque vós semeareis no oitavo ano, e comereis os vossos antigos frutos até o ano novo. Vós vos sustentareis dos velhos até virem os novos.

23 A terra também não se venderá para sempre:

(4) **QUE COMEREMOS NÓS** — Os intérpretes aproximam estas palavras das de Nosso Senhor Jesus Cristo. "Não vos aflijais dizendo: Que comeremos ou que beberemos, ou com que nos cobriremos." Mt 6, 31.

Levítico 25, 24-31

porque ela é minha, e vós sois como uns estrangeiros, a quem eu a arrendo.

24 Portanto todos os fundos, que vós possuireis, se venderão sempre debaixo da condição do resgate.

25 Se teu irmão, achando-se pobre, vender uma pequena fazenda, que possui; o parente mais próximo poderá, se quiser, remir o que elle tinha vendido ao outro. (5)

26 No caso que elle não tenha parentes próximos, e que possa achar com que resgatar a sua fazenda,

27 avaliar-se-ão os frutos desde o tempo, que se fez a venda; a fim de que, dando ao comprador o que há de mais, recupere o primeiro dono a sua fazenda.

28 Se elle não achou com que pagar o preço da sua fazenda, ficará aquêlê, que a comprou, possuindo-a até o ano do jubileu. Porque neste ano tôda a coisa vendida tornará para o seu primeiro dono, e antigo possuidor.

29 Aquêlê, que tiver vendido uma casa dentro dos muros da cidade, terá poder de a remir dentro dum ano.

30 Se a não remiu dentro dêste tempo, e deixou passar a roda do ano, possui-la-ão para sempre o comprador, e seus descendentes, sem que ella possa ser remida, nem ainda no jubileu.

31 Se esta casa fôr numa vila, que não tem muros, será vendida conforme o costume dos campos. E se ella não foi remida antes, tornará no ano do jubileu a ser do proprietário.

(5) **ACHANDO-SE POBRE** — Para assegurar o direito do proprietário primitivo, o legislador prevê três casos, três modos de o fazer entrar na posse do que lhe pertence: 1.º modo, o resgate feito por um parente próximo, v. 25; 2.º Não tendo parentes, mas alcançando meios para recobrar o que é seu, não espera o ano jubilar, v. 27; 3.º Não conseguindo meios para pagar, consegue reavê-la no ano jubilar seguinte, v. 28. Tudo isto estava sàbiamente disposto para garantir o bem estar àquele povo.

32 As casas dos levitas, que estão nas cidades, podem sempre resgatar-se. (6)

33 Se não se resgatarem, tornarão para os proprietários no ano do jubileu; porque as casas que os levitas têm nas cidades, são a herança, que eles possuem entre os filhos de Israel.

34 Mas os seus arrabaldes não serão vendidos, por serem uns bens, que eles possuem para sempre.

35 Se teu irmão se achar muito pobre, e não puder já trabalhar de mãos; e se tu o receberes como um estrangeiro, que veio de fora, e ele viver contigo: (7)

36 não recebas usura dêle, nem o executes por mais do que o que tu lhe deste. Teme a teu Deus, para que teu irmão possa viver em tua casa.

37 Não lhe darás o teu dinheiro a usura, nem exigirás dêle mais grão do que o que tu lhe houveres dado.

38 Eu sou o Senhor vosso Deus, que vos tirei do Egito, para vos dar a terra de Canaã, e para ser vosso Deus.

39 Se a pobreza reduziu teu irmão a se te vender, não oprimas, tratando-o como escravo:

40 mas tratá-lo-ás como um jornaleiro e um inquilino. Ele trabalhará em tua casa até o ano do jubileu;

41 e ao depois sairá com seus filhos, e tornará a ir para a sua parentela, e para a herança de seus pais.

42 Porque eles são meus servos: e eu é que os tirei do Egito. Assim não se vendam, como os outros escravos.

(6) **AS CASAS DOS LEVITAS** — E' uma exceção importante a favor do sacerdócio, e de tanto maior monta quanto é certo que os bens dos levitas eram quase exclusivamente casas urbanas, e o ano jubilar não lhes aproveitaria se estivessem sujeitos à lei geral.

(7) **SE TEU IRMÃO SE ACHA MUITO POBRE** — Começa a explicação dos privilégios do ano jubilar relativos à liberdade individual.

Levítico 25, 43-53

43 Não aflijas pois a teu irmão com o teu poder; mas teme a teu Deus.

44 Os escravos, e escravas, que tiverdes, sejam das nações, que estão à roda de vós.

45 Tereis também por escravos os estrangeiros, que vieram viver convosco, ou os que nasceram dêles no vosso país.

46 Vós os deixareis à vossa posteridade por um direito hereditário, e vós sereis os seus donos para sempre: mas não oprimais pelo vosso poder os filhos de Israel, que são vossos irmãos.

47 Se um estrangeiro, que veio doutra parte, enriqueceu em vossa casa por meio do seu trabalho; e se um de vossos irmãos, por se achar muito pobre, se vendeu a êle, ou a algum da sua família;

48 poderá o tal remir-se depois da venda. Aquêles de seus parentes chegados, que o quiser remir, poderá fazê-lo;

49 o tio, o primo, e o que tiver com êle alguma razão de consangüinidade, ou de afinidade. Se êle mesmo se pode remir a si faça-o,

50 contando o número dos anos, que faltam, desde o tempo, que foi vendido, até o ano do jubileu; e abatendo do preço, porque seu senhor o comprou, o que se pode dever a êle escravo pelo tempo, que o serviu; e avaliando os seus jornais, como os de um mercenário.

51 Se restam muitos anos até o jubileu, pagará também mais dinheiro.

52 Se restam poucos, fará contas com o senhor, conforme o número dos anos, que restarem, e dar-lhe-á o dinheiro à proporção do número dos anos.

53 abatendo do preço o que se lhe dever pelo tempo que serviu. Seu senhor o não trate com dureza, e violência à vossa vista.

54 Se êle não pode remir-se dêste modo, sairá livre no ano do jubileu com seus filhos.

55 Porque os filhos de Israel são meus servos, que eu tirei do Egito.

CAPÍTULO 26

BENS, DE QUE O SENHOR ENCHERÁ O SEU POVO, SE LHE FOR FIEL. MALES, COM QUE O AFLIGIRÁ, SE LHE FOR INFIEL.

1 Eu sou o Senhor vosso Deus. Não fareis para vós ídolo algum, nem imagem esculpurada; não levantareis na vossa terra colunas, nem pedra alguma insigne, para adorardes. Porque eu sou o Senhor vosso Deus. (1)

2 Guardai os meus sábados, e tremei diante do meu santuário. Eu sou o Senhor.

3 Se vós andardes conforme os meus preceitos, se guardardes, e praticardes os meus mandamentos, eu vos darei as chuvas a seus tempos. (2)

(1) **NEM PEDRA ALGUMA INSIGNE** — E' certo que os patriarcas erigiram pedras monumentais, que consagraram pela unção do óleo. Estas pedras nada têm de comum com os betilos, a que os fenícios e outros povos orientais rendiam culto idolátrico. Moisés tinha em vista obstar a uma igual idolatria, e para isso, inspirado por Deus, proscreeu êste costume. As diferentes versões não concordam com a tradução do original *veeben maskit*, que a Vulgata verteu *Lapidem insignem*. A de Onkelos traduziu *Pedra de adoração*. O Targum de Jerusalém *Pedra do êrro*, etc. A letra original significa pedra com figura.

(2) **SE PRATICARDES OS MEUS MANDAMENTOS** — Deus premeia a obediência às suas determinações; as promessas das recompensas elevam-se da ordem material à ordem espiritual. Eu vos darei chuvas; é a primeira promessa — a fecundidade da terra. Eu darei paz, v. 6 a 8, é a segunda promessa; a paz gloriosa, que resul-

4 A terra produzirá o seu grão, e as árvores darão os seus pomos.

5 Ainda bem não tereis feito a debulha da messe, quando vos apressará a vindima; e ainda bem não estará feita a vindima, quando vos apressará o tempo das sementeiras: vós comereis o vosso pão em fartura, e habitareis na vossa terra sem temor algum.

6 Eu darei paz dentro dos vossos limites: vós dormireis descansados, sem haver quem vos inquiete. Eu alongarei de vós as alimárias nocivas, e não passará espada pelas vossas terras.

7 Vós perseguireis os vossos inimigos, e eles cairão diante de vós.

8 Cinco dos vossos perseguirão um cento dos estranhos, e cem dos vossos perseguirão dez mil deles: vossos inimigos cairão debaixo da espada à vista dos vossos olhos.

9 Eu olharei para vós, e vos farei crescer: vós vos multiplicareis, e eu ratificarei o meu pacto convosco.

10 Vós comereis os frutos da terra, que de muito tempo tínheis guardado; e botareis fora os velhos, pela grande abundância dos novos.

11 Eu estabelecerei a minha morada no meio de vós, e não vos rejeitarei.

12 Eu andarei entre vós, e serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo.

13 Eu sou o Senhor vosso Deus, que vos tirei da terra dos egípcios, para que vós os não servísseis; e eu o que esmigalhei as cadeias, que vos traziam encurvado o pescoço, para vos fazer andar com a cabeça erguida.

tará da vitória. Eu ratificarei o meu pacto convosco, v. 9. É a terceira promessa que consiste na continuação da aliança de Deus com o seu povo.

14 Porém se vós me não ouvirdes, e não executardes todos os meus mandamentos: (3)

15 se vós vos dedignardes de observar as minhas leis, e desprezardes as minhas ordenações, de sorte que não façais o que por mim vos foi prescrito, e torneis irrito o meu pacto:

16 eis-aqui de que maneira me haverei eu também convosco. Castigar-vos-ei bem depressa com a indigência, com um ardor, que vos seque os olhos, e vos consuma. Em vão semeareis o vosso grão, porque êle será destruído por vossos inimigos.

17 Eu porei sôbre vós o ôlho da minha ira: vós caíreis diante dos vossos inimigos, e vivereis sujeitos aos que vos aborrecem, e fugireis sem ninguém vos perseguir.

18 Se ainda depois disto me não obedecerdes, eu vos castigarei sete vêzes mais, por causa dos vossos pecados:

19 quebrarei a dureza da vossa soberba, e farei que o céu seja para vós de ferro, e a terra de bronze.

20 Todos os vossos trabalhos serão baldados: a terra não produzirá os seus frutos; nem as árvores darão os seus pomos.

21 Se ainda assim vos opuserdes a mim, e não quiserdes ouvir-me, eu multiplicarei sete vêzes mais as vossas pragas, por causa dos vossos pecados.

22 Mandarei contra vós as feras do campo, que vos consumam a vós, e aos vossos gados; que vos reduzam a um pequeno número, e que tornem os vossos caminhos uns desertos.

(3) **PORÉM SE VÓS ME NÃO OUVIRDES** — Depois das promessas das recompensas, vêm as ameaças dos castigos. Estas ameaças são cinco, exaradas nos vv. 16, 18, 21, 23, 27.

23 Se vós ainda depois disto não quiserdes tomar o ensino, mas continuardes a andar contra mim;

24 também eu andarei contra vós, e vos ferirei sete vezes mais, por causa dos vossos pecados.

25 Eu farei vir sobre vós a espada, que vos castigará, como violadores do meu pacto. E quando vós vos refugiardes nas cidades, mandarei eu que a peste se ponha no meio de vós, e vós sereis entregues nas mãos de vossos inimigos,

26 depois de eu ter quebrado o vosso cajado, que é o pão, em forma que dez mulheres cozam o pão num só forno, e o distribuam por pêso, e vós comendo-o não fiqueis satisfeitos.

27 Se até depois disto ainda me não ouvirdes, mas teimardes a andar contra mim;

28 também eu andarei contra vós. Eu oporei o meu furor ao vosso, e eu vos castigarei com sete novas pragas, por causa dos vossos pecados,

29 até o ponto de vos reduzir a comer a carne de vossos filhos, e de vossas filhas.

30 Eu destruirei os vossos altos, e desfarei as vossas estátuas. Vós caireis entre as ruínas dos vossos ídolos, e a minha alma vos terá em tal abominação,

31 que eu converterei as vossas cidades em ermos: Farei dos vossos santuários uns desertos, e não tornarei a receber mais de vós o suavíssimo cheiro. (4)

32 Eu assolarei o vosso país: Reduzi-lo-ei a ser o espanto dos vossos mesmos inimigos, quando êstes se fizerem senhores, e o habitarem.

33 Eu vos espalharei pelas nações: desembainharei

(4) **NÃO TORNAREI A RECEBER MAIS DE VÓS** — Referência ao sacrifícios que se oferecem a Deus como uma filial homenagem de adoração, contrição e ação de graças.

a espada atrás de vós; o vosso país ficará deserto, e as vossas casas demolidas. (5)

34 Então agradecerão à terra os dias do seu descanso, por todo o tempo que ela estiver deserta.

35 Quando vós estiverdes numa terra inimiga, ela descansará, e ela achará o seu repouso, estando só, e desamparada; pois que ela o não achou nos vossos dias de sábado, quando vós a habitáveis.

36 Quanto aos que dentre vós restarem, eu ferirei os seus corações de pavor no meio de seus inimigos: o ruído de uma fôlha, que voa, os fará tremer: Êles fugirão, como se vissem uma espada; e êles cairão sem ninguém os perseguir:

37 Cairão cada um dêles em cima de seus irmãos, como se fugissem da batalha. Nenhum de vós poderá resistir a vossos inimigos.

38 Vós perecereis no meio das nações, e morrereis numa terra inimiga.

39 Se dentre êstes ficarem ainda alguns, êles se mirrarão entre as suas iniquidades na terra de seus inimigos; e êles serão oprimidos de aflições, por causa dos pecados de seus pais, e dos seus:

40 Até que confessem as suas iniquidades, e as de seus maiores, pelas quais violaram as minhas ordenações, e andaram contra mim.

41 Eu pois também andarei contra êles, e os farei ir para uma terra inimiga, até que a sua alma incircuncidada se envergonhe. Então é que êles orarão pelas suas impiedades.

42 E eu me lembrarei do concêrto, que fiz com Jacó, Isaac, e Abraão. Eu me lembrarei também da terra,

(5) **DESEMBAINHAREI A ESPADA ATRAS DE VÓS** — Para impedir os israelitas de voltar ao seu país.

Levítico 26, 43-45; 27, 1-5

43 que sendo deixada por êles. terá complacência com os dias de sábado. levando gôsto a achar-se só, e desamparada por causa dêles. Êles. porém. rogarão pelos seus pecados, por terem rejeitado as minhas ordenações, e desprezado as minhas leis.

44 Assim ainda quando êles estavam numa terra inimiga, eu os não rejeitei de todo, nem os desprezei de sorte, que os deixasse perecer inteiramente. e tornasse vão o pacto, que com êles tinha feito. Porque eu sou o Senhor seu Deus.

45 e eu me lembrarei dêste antigo pacto, que fiz com êles. quando os tirei do Egito à vista das nações, para eu ser o seu Deus. Estas são as ordenações, preceitos, e leis, que o Senhor deu por Moisés sôbre o monte Sinai, entre êle, e os filhos de Israel.

CAPÍTULO 27

LEIS SÔBRE OS VOTOS E SÔBRE OS DÍZIMOS

1 Falou mais o Senhor a Moisés, dizendo:

2 Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: O homem, que tiver feito voto, e que tiver prometido a Deus consagrar-lhe a sua vida, pagará um certo preço, segundo a estimação seguinte. (1)

3 Se fôr varão, desde os vinte anos até aos sessenta, dará cinqüenta siclos de prata, segundo o pêsso do santuário.

4 Se fôr mulher, dará trinta.

5 Desde os cinco anos, até os vinte, o homem dará vinte siclos, a mulher dez. (2)

(1) **QUE TIVER FEITO VOTO** — Encarece-o a sublimidade do voto. *Admirabile erat se totum Deum offerre*, diz Cornélio a Lápide.

(2) **DESDE OS CINCO ANOS** — Os infantes de cinco anos

6 Dum mês até cinco anos, dar-se-ão cinco siclos pelo varão, e três pela fêmea.

7 O que tiver sessenta anos, e daí para cima, sendo homem, dará quinze siclos; sendo mulher, dez.

8 Se fôr um pobre, que não possa pagar o preço do seu voto, segundo a avaliação, apresentar-se-á diante do sacerdote, que o julgará; e ele dará tanto, quanto o sacerdote vir que ele pode pagar.

9 Se algum votou dar ao Senhor um animal, que possa ser imolado, êsse animal será santo,

10 e não poderá ser trocado; isto é, não se poderá dar nem um melhor por outro mau, nem um pior por outro bom. Se quem o votou fêz troca dêle, tanto o trocado, como o substituído em seu lugar, será consagrado ao Senhor.

11 Se algum votou dar ao Senhor um animal imundo, que não pode imolar-se-lhe, será êle trazido ao sacerdote,

12 o qual julgará se êle é bom, ou mau, e determinará o preço.

13 Se aquêlê, que ofereceu o animal quizer pagar o seu preço, ajuntará por cima da avaliação uma quinta parte.

14 Se um homem votou dar, e consagrar ao Senhor a sua casa, o sacerdote verá se ela é boa ou má, e ela será vendida pelo preço, que êle lhe tiver pôsto.

15 Se o que fêz o voto quizer remi-la, dará a quinta parte sôbre a avaliação, e ficará com a casa.

16 Se êle votou dar, e consagrar ao Senhor um campo que possui, assinar-se-lhe-á o preço à proporção da

não podiam fazer votos, porque não tinham uso de razão, mas podiam ser obrigados pelo voto dos pais.

Levítico 27, 17-27

semeadura, que êle pode levar. Se êle leva trinta alqueires de cevada, será vendido por cinqüenta siclos de prata.

17 Se um homem fêz voto de dar o seu campo logo desde o princípio do ano do jubileu, será êle avaliado em tanto, quanto pode valer.

18 Se êle fêz o voto algum tempo depois, o sacerdote contará o dinheiro segundo o número dos anos, que restam até o jubileu; e por aqui regulará o abatimento do preço.

19 Se aquêle, que tinha votado dar o seu campo, quizer remi-lo, ajuntará uma quinta parte sôbre a avaliação, que se tiver feito, e possuí-lo-á de novo.

20 Se o não quizer remir, e o campo foi vendido a outro, não poderá quem o votou tornar a remi-lo:

21 porque quando chegar o ano do jubileu, será êle consagrado ao Senhor, e porque uma fazenda consagrada ao Senhor pertence aos sacerdotes.

22 Se o campo, que foi consagrado ao Senhor, foi comprado, e quem o deu não o houve por herança de seus maiores;

23 o sacerdote fixará o preço, contando os anos, que restam até o jubileu; e aquêle que tinha feito voto dêle, dará êste preço ao Senhor.

24 Mas no ano do jubileu tornará o campo para o seu antigo dono, que o tinha vendido, e que o tinha possuído como uma fazenda própria.

25 Tôda a avaliação será feita pelo pêso do santuário. O siclo tem vinte ôbulos.

26 Ninguém poderá consagrar, nem votar os primogênitos, porque êstes pertencem ao Senhor: quer êles sejam bois, quer sejam ovelhas, êles são do Senhor.

27 Se o animal é imundo, aquêle que o ofereceu, o remirá, segundo a tua avaliação, e dará em cima a quin-

ta parte do preço. Se êle o não remir, será vendido a outro pelo preço em que tu o tiveres avaliado.

28 Tudo o que é consagrado ao Senhor, ou seja homem, ou animal, ou campo, não se venderá, nem se poderá, remir. Tudo o que uma vez fôi consagrado ao Senhor será duma santidade inviolável.

29 Tudo o que fôi oferecido por algum homem, e consagrado ao Senhor, não se remirá, mas será necessário que morra.

30 Todos os dízimos da terra, ou sejam de grão, ou de frutas das árvores, são do Senhor, e a êle se consagram. (3)

31 Mas se algum quizer remir os seus dízimos, dará uma quinta parte por cima do preço, em que êles foram avaliados.

32 Todos os dízimos de bois, ovelhas, e cabras, e de tudo o que passa por baixo do cajado do pastor, serão oferecidos ao Senhor.

33 Não se escolherá nem o bom, nem o mau, nem um se trocará por outro. Se alguém o trocar, tanto o trocado, como o substituído será consagrado ao Senhor, e não poderá remir-se.

34 Êstes são os preceitos, que o Senhor deu a Moisés para os filhos de Israel no monte Sinai. (4)

(3) **TODOS OS DÍZIMOS DA TERRA** — Desde os tempos de Abraão que se pagam os dízimos, porém foi Moisés que estabeleceu a lei.

(4) **ÊSTES SÃO OS PRECEITOS** — Quer o autor sagrado significar que os preceitos que vão ler-se nos livros seguintes foram promulgados na jornada através o deserto, ao passo que êstes o foram na estação inicial dos israelitas, junto ao Sinai.

COLOCAÇÃO DAS GRAVURAS

- I — Isaac recebe Rebeca por mulher.
- II — Mulher judia fazendo o oferecimento dos pombinhos à porta do tabernáculo.
- III — Samuel ungindo Davi.
- IV — Ira de Ozias.
- V — A boa esposa estende os seus braços para o pobre.
- VI — Daniel e a visão do anjo.
- VII — “Desde a infância foste educado nas sagradas letras .
- VIII — Deus fez a luz.
- IX — Formação de Eva.
- X — Eva.
- XI — Adão e Eva expulsos do paraíso.
- XII — Caim e Abel oferecendo os sacrificios.
- XIII — Morte de Abel.
- XIV — O Dilúvio Universal.
- XV — Uma cena do Dilúvio.
- XVI — Noé envia uma pomba à terra.
- XVII — Canaã amaldiçoado por Noé.
- XVIII — A torre de Babel.
- XIX — Agar, mãe de Ismael.
- XX — Abraão visitado por três anjos.
- XXI — Fuga de Ló.
- XXII — Agar e Ismael no deserto.
- XXIII — Abraão despede Agar.
- XXIV — Abraão e Isaac conduzindo a lenha para o sacrificio.
- XXV — Abrão enterra Sara.
- XXVI — Rebeca, mulher de Isaac.
- XXVII — Rebeca dá de beber a Eliezer.
- XXVIII — Isaac recebe Rebeca.
- XXIX — Isaac abençoa Jacó.
- XXX — O sonho de Jacó.

- XXXI — Sonho de Jacó.
- XXXII — Oração de Jacó.
- XXXIII — Jacó e Raquel.
- XXXIV — Raquel.
- XXXV — Jacó luta com um anjo.
- XXXVI — Reconciliação de Jacó e de Esaú.
- XXXVII — José é vendido por seus irmãos.
- XXXVIII — José explica os sonhos do faraó.
- XXXIX — José reconhecido por seus irmãos.
- XL — Moisés fere a pedra.

★ Composto e impresso
nas Oficinas Gráficas da
Editora Cupolo Ltda. —
R. Seminário, 137-S. Paulo



Isaac introduz Rebeca na tenda de Sara, sua mãe, e a recebe por mulher.

(Gênesis 24, 67)



Mulher judia no dia oitavo de sua purificação, oferecendo ao sacerdote, à porta do Tabernáculo, duas rôlas ou dois pombinhos para serem sacrificados.

(Levítico 15, 29)



Samuel, tomando o corno de óleo, ungiu Davi no meio de seus irmãos; e daquele dia em diante o espírito do Senhor se comunicou a Davi.

(1 Reis 16, 13)



Ozias, irado, tendo na mão o turíbulo para oferecer incenso, ameaçou os sacerdotes. Nesse momento lhe nasceu a lepra na testa, em presença dos sacerdotes, no templo do Senhor.

(2 Paralipômenos 26, 19)



A boa esposa abre a mão para o necessitado e estende os seus braços para o pobre.

(Provérbios 31, 20)



Daniel e a visão do anjo. “E quando êle ainda me estava falando, tornei eu a cair com o rosto em terra; e êle então me tocou e me fez pôr em pé”.

(Daniel 8, 18)



“E que desde a infância foste educado nas sagradas letras, que te podem instruir para a salvação, pela fé que é em Jesus Cristo”.

Exortação de S. Paulo a Timóteo.

(Segunda Epístola de S. Paulo a Timóteo 3, 15)



Deus fêz a luz.

(Gên 1, 3) Vol. 1.º, pág. 29



Formação de Eva.

(Gên 2, 21) Vol. 1.º, pág. 37



Eva.

(Gên 2, 22 e segs.) Vol. 1.º, pág. 37



Adão e Eva expulsos do Paraíso.

(Gên 3, 24) Vol. 1.º, pág. 41



Caim e Abel oferecendo os sacrifícios.

(Gên 4, 3-5) Vol. 1.º, pág. 42



Morte de Abel.

(Gên 4, 8) Vol. 1.º, pág. 42



O Dilúvio Universal.

(Gên 7, 11 e segs.) Vol. 1.º, pág. 50



Uma cena do Dilúvio.

(Gên 7, 11 e segs.) Vol. 1.º, pág. 50



Noé envia uma pomba à terra.

(Gên 8, 8) Vol. 1.º, pág. 53



Canaã amaldiçoado por Noé.

(Gên 9, 25) Vol. 1.º, pág. 57



A torre de Babel.

(Gên 11, 4) Vol. 1.º, pág. 61-62



Agar, escrava egípcia, mãe de Ismael.

(Gên 16, 1 e segs.) Vol. 1.º, pág. 77



Abraão visitado por três anjos.

(Gên 18, 2) Vol. 1.º, págs. 82-83



Fuga de Ló.

(Gên 19, 26) Vol. 1.º, pág. 90



Agar e Ismael no deserto.

(Gên 21, 14 e segs.) Vol. 1.º, pág. 95



Abraão despede Agar.

(Gên 21, 14) Vol. 1.º, pág. 95



Abraão e Isaac conduzindo a lenha para o sacrifício.

(Gên 22, 6) Vol. 1.º, pág. 99.



Abraão enterra Sara.

(Gén 23, 19) Vol. 1.º, pág. 104



Rebeca, filha de Batuel e mulher de Isaac.

(Gên 24, 15 e segs.) Vol. 1.º, pág. 106



Rebeca dá de beber a Eliezer.

(Gên 24, 17) Vol. 1.º, pág. 106



Isaac recebe Rebecca.

(Gên 24, 64) Vol. 1.º, pág. 111



Isaac abençoa Jacó.

(Gên 27, 27) Vol. 1.º, pág. 122



O sonho de Jacó.

(Gên 28, 12 e segs.) Vol. 1.º, pág. 126



Sonho de Jacó.

(Gên 28, 12 e segs.) Vol. 1.º, pág. 126



Oração de Jacó .

(Gên 28, 20) Vol. 1.º, pág. 127



Jacó e Raquel.

(Gén 29, 6 e segs.) Vol. 1.º, pág. 128



Raquel, filha de Labão e segunda esposa de Jacó.

(Gên 29, 6) Vol. 1.º, pág. 128



Jacó luta com um anjo.

(Gên 32, 24 e segs.) Vol. 1.º, pág. 144



Reconciliação de Jacó e de Esaú.

(Gên 33, 4) Vol. 1.º, pág. 145



José é vendido por seus irmãos.

(Gên 37, 28) Vol. 1.º, págs. 161-162



José explica os sonhos do faraó.

(Gên 41, 15 e segs.) Vol. 1.º, pág. 174



José reconhecido por seus irmãos.

(Gên 45, 3) Vol. 1.º, pág. 192



Moisés fere a pedra.

(Ex 17, 6) Vol. 1.º, págs. 283

NÚMEROS

O quarto livro do Pentateuco Mosaico é chamado em grego *arithmoi*, e em hebreu *vayedebber*, segundo S. Jerônimo, ou *bami ebbar*, por ser esta a palavra inicial do texto hebraico. O nome de *Números* convém-lhe por indicar o número dos guerreiros de Israel, dos primogênitos e dos levitas. (Glaire, *Introduction a l'Écriture Sainte*.)

Liga-se este livro estreitamente ao Levítico, do qual é a continuação, da mesma maneira que o Levítico é o seguimento do Êxodo. No presente livro narra-se a história do povo hebreu desde a saída do Sinai, e contam-se os acontecimentos mais notáveis, que então se deram; as revoltas sucessivas dos israelitas e os castigos que occasionaram, as leis promulgadas neste intervalo, e a conquista de parte da Palestina, situada a este do Jordão. Podemos, pois, considerar três partes:

PRIMEIRA PARTE

Preparativos para a partida do Sinai, 1-10.

- 1.º Recenseamento do povo; ordem do acampamento, 1; 2. — 2.º Recenseamento dos levitas, 3; 4. — 3.º Leis particulares, 5; 6. — 4.º Ofer-
tas dos príncipes de Israel ao Tabernáculo, 7. —
- 5.º Consagração dos levitas, 8. — 6.º Celebra-

Números

ção da Páscoa no Sinai, 9, 1-14. — 7.º A coluna do fogo e da nuvem; as trombetas para a marcha, 9, 15; 10, 10. — 8.º Partida do Sinai, 10, 11-36.

SEGUNDA PARTE

Quedas e revoltas do povo no deserto, 11-19.

1.º Murmuração dos israelitas castigada pelo fogo mandado por Deus, 11. — 2.º Murmuração de Maria e de Aarão contra Moisés; castigo de Maria, 12. — 3.º Missão de exploradores à terra de Canaã, sedição na volta, 13; 14. — 4.º Leis diversas, 15. — 5.º Revolta de Datan, Coré e Abion, 16; 17. — 6.º Prescrições diversas, 18; 19.

TERCEIRA PARTE

Acontecimentos dados e leis promulgadas durante os dez primeiros meses do quadragésimo ano do Êxodo, 20-25:

1.º Chegada ao deserto de Sin; morte de Maria em Cades, e de Aarão, no monte Hor, 20. — 2.º Vitória alcançada sobre o rei Asanomeu Arad; as serpentes; guerra contra Seru, e contra Og, — 3.º Balaam e suas profecias, 22-24. — 4.º Idolatria dos israelitas e seu castigo, 25. — 5.º Novo recenseamento do povo para a divisão da Terra Prometida, 26. — 6.º Filhas de Salfad, 27, 1-11. — 7.º Josué indicado como sucessor de Moisés, 27, 12-23. — 8.º Festas e votos, 28-30. — 9.º Vitória sobre os madianitas, 31. — 10.º Estabelecimento de Rúben, de Gad e

Números

da tribo de Manassés, 32. — 11.º Acampamento dos israelitas; limites da Terra Prometida, 33-34. — 12.º Cidades levíticas e cidades de refúgio, 35. — 13.º Prescrições para o casamento das herdeiras.

NÚMEROS

CAPÍTULO 1

CONTA DOS ISRAELITAS, QUE ERAM CAPAZES DE PEGAR EM ARMAS.

1 E falou o Senhor a Moisés no deserto do Sinai, no tabernáculo de aliança, no segundo ano depois da saída dos filhos de Israel do Egito, no primeiro dia do segundo mês e lhe disse: (1)

2 Tomai a rol todo o corpo dos filhos de Israel, por famílias, por casas e por cabeças, contando todos os varões,

3 desde vinte anos, e para cima, e todos os homens fortes de Israel: Vós os contareis pelas suas turmas, tu e Aarão. (2)

4 E serão convosco aquêles, que são os príncipes das suas tribos, e das suas casas,

5 cujos nomes são êstes. Da tribo de Rúben, Elisur filho de Sedeur. (3)

(1) E FALOU O SENHOR — A conjunção copulativa liga este livro com o precedente (Cornélio a Lápide). O Senhor falou para ordenar o recenseamento dos homens, o que se tornava indispensável para a conquista da Terra Prometida.

(2) DESDE VINTE ANOS — Ainda hoje, os beduínos da península sinaítica só recenseiam os homens válidos, não enumerando as mulheres nem as crianças.

(3) ELISUR — São oito os chefes das tribos enumeradas.

6 Da tribo de Simeão, Salamiel filho de Surisadai.

7 Da tribo de Judá, Naasson filho de Aminadab.

8 Da tribo de Issacar, Natanael filho de Suar.

9 Da tribo de Zabulon, Eliab filho de Helon.

10 E entre os filhos de José, da tribo de Efraim Elisama filho de Amiud; da tribo de Manassés, Gamaliel filho de Fadassur.

11 Da tribo de Benjamim, Abidan filho de Gedeão.

12 Da tribo de Dan, Aiezer filho de Amisadai.

13 Da tribo de Aser, Fegiel filho de Ocran.

14 Da tribo de Gad, Eliasaf filho de Ducl.

15 Da tribo de Neftali, Aíra filho de Enan.

16 Êstes eram os mais ilustres príncipes de todo o povo, dividido em tribos, e em famílias, e os chefes do exército, de Israel.

17 Moisés, e Aarão tendo pegado nêles com tôda a multidão do povo,

18 os ajuntaram no primeiro dia do segundo mês, e fizeram resenha dêles por parentelas, por casas, e por famílias, contando cada pessoa, e tomando o nome de cada um, de vinte anos, e daí para cima,

19 conforme o Senhor tinha ordenado a Moisés. Fêz-se a resenha no deserto de Sinai.

20 Da tribo de Rúben, filho primogênito de Israel, tendo sido contados pelas suas parentelas, famílias, e casas, cada um pelo seu nome, todos os machos, desde vinte anos, e daí para cima que podiam ir à guerra;

21 acharam-se quarenta e seis mil e quinhentos.

22 Dos filhos de Simeão, contados pelas suas parentelas, famílias, e casas, cada um pelo seu nome, todos

cujos nomes são formados com o nome de Deus — EL, acompanhado dum atributo.

os machos de vinte anos, e para cima, que podiam ir à guerra;

23 acharam-se cinqüenta e nove mil e trezentos.

24 Dos filhos de Gad, contados pelas suas parentelas, cada um pelo seu nome, todos os que tinham vinte anos, e para cima, e que podiam ir à guerra;

25 acharam-se quarenta e cinco mil e seiscentos e cinqüenta.

26 Dos filhos de Judá, contados pelas suas parentelas, famílias, e casas, cada um pelo seu nome, todos os que tinham vinte anos, e para cima, e que podiam ir à guerra;

27 acharam-se setenta e quatro mil e seiscentos.

28 Dos filhos de Issacar, contados pelas suas parentelas, famílias, e casas, cada um pelo seu nome, todos os que tinham vinte anos, e para cima, e que podiam ir à guerra;

29 acharam-se cinqüenta e quatro mil e quatrocentos.

30 Dos filhos de Zabulon, contados pelas suas parentelas, famílias, e casas, cada um pelo seu nome, todos os que tinham vinte anos, e para cima, e que podiam ir à guerra;

31 acharam-se cinqüenta e sete mil e quatrocentos.

32 Dos filhos de José, contados pelas suas parentelas, famílias, e casas, cada um pelo seu nome, todos os filhos de Efraim, que tinham vinte anos, e para cima, e que podiam ir à guerra;

33 acharam-se quarenta mil e quinhentos.

34 Dos filhos de Manassés, contados pelas suas parentelas, famílias, e casas, cada um pelo seu nome, todos os que tinham vinte anos, e para cima, e que podiam ir à guerra;

35 acharam-se trinta e dois mil e duzentos.

36 Dos filhos de Benjamim, contados pelas suas

parentelas, famílias, e casas, cada um pelo seu nome, todos os que tinham vinte anos, e para cima, e que podiam ir à guerra;

37 acharam-se trinta e cinco mil e quatrocentos.

38 Dos filhos de Dan, contados pelas suas parentelas, famílias, e casas, cada um pelo seu nome, todos os que tinham vinte anos, e para cima, e que podiam ir à guerra;

39 acharam-se sessenta e dois mil e setecentos.

40 Dos filhos de Aser, contados pelas suas parentelas, famílias e casas, cada um pelos seus nomes, todos os que tinham vinte anos, e para cima, e que podiam ir à guerra;

41 acharam-se quarenta e um mil e quinhentos.

42 Dos filhos de Neftali, contados pelas suas parentelas, famílias, e casas, cada um pelo seu nome, todos os que tinham vinte anos, e para cima, e que podiam ir à guerra;

43 Acharam-se cinqüenta e três mil e quatrocentos.

44 Esta é a resenha, que fizeram Moisés, Aarão, e os doze príncipes de Israel, sendo cada um contado pelas suas casas, e pelas suas famílias.

45 E feita a conta por casas, e por famílias, dos filhos de Israel, que tinham vinte anos e para cima, e que podiam ir à guerra;

46 acharam-se seiscentos e três mil quinhentos e cinqüenta homens.

47 Pelo que toca aos levitas, elles não foram contados com os outros, segundo as famílias da sua tribo. (4)

48 Porque o Senhor falou a Moisés, dizendo:

(4) DOS LEVITAS — Os levitas tiveram um recenseamento especial (Núm 3; 4), porque as suas funções sacerdotais eram incompatíveis com a milícia.

49 Não contes a tribo de Levi, nem apontes os seus nomes com os dos filhos de Israel.

50 Mas incumbe-os de curarem do tabernáculo do testemunho, de todos os seus vasos, e de tudo o que pertence às cerimônias. Eles levarão o tabernáculo, e tudo o que fôr do seu uso: empregar-se-ão no ministério, e acampar-se-ão ao redor do tabernáculo.

51 Quando se houver de partir, serão os levitas os que abaixem o tabernáculo: quando se houver de fazer acampamento, eles serão os que o levantem. Se algum estranho se chegar para fazer isto, será morto. (5)

52 Os filhos de Israel acampar-se-ão todos por turmas, cada um no seu batalhão, e nas suas companhias, de que cada um fôr composto.

53 Mas os levitas armarão as suas tendas à roda do tabernáculo, para que não suceda cair a indignação sobre a multidão dos filhos de Israel; e velarão em guarda do tabernáculo do testemunho.

54 Os filhos de Israel pois executaram tôdas as coisas, que o Senhor tinha ordenado a Moisés.

CAPÍTULO 2

ORDEM QUE OS ISRAELITAS DEVEM GUARDAR NAS SUAS MARCHAS E NOS SEUS ACAMPAMENTOS.

1 Falou mais o Senhor a Moisés, e a Aarão, dizendo: (1)

(5) **SE ALGUM ESTRANHO** — Isto é, algum que não pertença à tribo levítica, ainda que seja de Israel.

(1) **O SENHOR FALOU** — Vão ler-se novas prescrições, indicando a ordem por que deveriam seguir as tribos de Israel nas marchas e nos acampamentos, prescrições estas que só podiam ser promulgadas no deserto, e que, por isso mesmo, vem dar ao Pentateuco mais uma nova prova da sua autenticidade.

Números 2, 2-9

2 Os filhos de Israel acampar-se-ão ao redor do tabernáculo do testemunho, divididos em turmas, cada uma debaixo das insígnias e dos estandartes das suas famílias, e das suas casas. (2)

3 Judá armará as suas tendas ao Oriente, dividida toda a tribo em turmas: Naasson, filho de Aminadab, será o príncipe desta tribo. (3)

4 O número dos combatentes de Judá são setenta e quatro mil e seiscentos.

5 A tribo de Issacar acampar-se-á ao pé de Judá: o seu príncipe é Natanael, filho de Suar:

6 e o número dos seus combatentes são cinquenta e quatro mil e quatrocentos.

7 Da tribo de Zabulon é príncipe Eliab, filho de Helon:

8 e todo o corpo dos combatentes desta tribo são cinquenta e sete mil e quatrocentos.

9 E todos os que foram contados como pertencentes ao acampamento de Judá, montam a cento e oitenta e

(2) **DIVIDIDOS EM TURMAS** — As doze tribos dividir-se-iam em quatro turmas, compostas de três tribos cada uma, por esta ordem: 1.ª turma, acampava ao oriente do tabernáculo e compunha-se das tribos de Judá, Issacar e Zabulon — efetivo, 186.400 guerreiros. (Vv. 3-9.) 2.ª turma, acampava ao sul do tabernáculo, compunha-se das tribos de Rúben, Simeão e Gad, formando um efetivo de 151.450 homens. (Vv. 10-16.) 3.ª turma, acampava a oeste do tabernáculo, formada pelas tribos de Efraim, Manassés e Benjamim, compreendia um efetivo de 108.100 guerreiros. (Vv. 18-24.) 4.ª turma, acampava ao norte do tabernáculo, composta pelas tribos de Dan, Aser e Neftali, formando a totalidade de 157.600 homens. (Vv. 25-31.)

(3) **AO ORIENTE** — Era o pôsto de honra, e por isso era ocupado pela tribo de Judá, que era acompanhada pelas de Issacar e Zabulon, pois que descendiam, como Judá, de Lia, mulher de Jacó.

seis mil e quatrocentos. Eles serão os primeiros, que marchem, cada um na sua turma.

10 Os filhos de Rúben acampar-se-ão ao Meio-Dia: Elisur, filho de Sedeur, será o seu príncipe:

11 e todo o corpo dos seus combatentes, de que se fez a resenha, é de quarenta e seis mil e quinhentos.

12 Os da tribo de Simeão acampar-se-ão ao pé de Rúben: o seu príncipe é Salamiel, filho de Surisadai: (4)

13 e todo o corpo dos seus combatentes de que se fez a resenha, é de cinquenta e nove mil e trezentos.

14 Da tribo de Gad é príncipe Eliasaf, filho de Duel:

15 e todo o corpo dos seus combatentes, de que se fez a resenha, é de quarenta e cinco mil e seiscentos e cinquenta.

16 Todos os que foram pois contados para serem do campo de Rúben, fazem o número de cento e cinquenta e um mil e quatrocentos e cinquenta, distintos por suas turmas. Estes marcharão em segundo lugar.

17 O tabernáculo do testemunho será levado pelo ministério dos levitas, que marcharão distintos pelas suas turmas. Do modo que o tabernáculo fôr levantado, dêsse mesmo será deposto: e os levitas marcharão cada um no seu lugar, e na sua fileira.

18 Ao ocidente acampar-se-ão os filhos de Efraim, cujo príncipe é Elisama, filho de Amiud.

19 Todo o corpo dos seus combatentes, de que se fez a resenha, é de quarenta mil e quinhentos.

20 Ao pé dêles estará a tribo dos filhos de Manassés, cujo príncipe é Gamaliel, filho de Fadassur: (5)

(4) SIMEÃO — Era, como Rúben, filho de Lia, (Gên. 29, 32 s) Gad era filho de Zelfa, escrava de Lia. (Gên 30, 9 ss.)

(5) A TRIBO DOS FILHOS DE MANASSÉS — Descendia de José, como a de Efraim. Benjamim era, como José, o descendente de Raquel. (Gên 30, 23s; 35, 18.)

21 e todo o corpo dos seus combatentes, de que se fez a resenha, é de trinta e dois mil e duzentos.

22 Da tribo dos filhos de Benjamim é príncipe Abidan, filho de Gedeão:

23 e todo o corpo dos seus combatentes, de que se fez a resenha, são trinta e cinco mil e quatrocentos.

24 Todos os que pois foram contados para serem do campo de Efraim, fazem o número de cento e oito mil e cem homens, distintos em suas turmas. Êstes marcharão em terceiro lugar.

25 Da banda do norte acampar-se-ão os filhos de Dan, cujo príncipe é Aiezer, filho de Amisadai:

26 e todo o corpo dos seus combatentes, de que se fez a resenha, é de sessenta e dois mil e setecentos.

27 Ao pé de Dan acampar-se-ão os da tribo de Aser, cujo príncipe é Fegiel, filho de Ocran:

28 e todo o corpo dos seus combatentes, de que se fez a resenha, é de quarenta e um mil e quinhentos.

29 Da tribo dos filhos de Neftali é príncipe Aíra, filho de Enan:

30 e todo o corpo de seus combatentes são cinqüenta e três mil e quatrocentos.

31 Todos os que foram contados pois no campo de Dan, fazem o número de cento e cinqüenta e sete mil e seiscentos: e êstes marcharão em último lugar.

32 Êste é o número dos filhos de Israel, divididos em diversas turmas, segundo as suas casas, e as suas famílias, seiscentos e três mil e quinhentos e cinqüenta.

33 Os levitas porém não foram contados entre os filhos de Israel: porque assim o tinha ordenado o Senhor a Moisés.

34 E os filhos de Israel fizeram tudo o que o Senhor tinha mandado. Eles se acamparam em diversas turmas, e marcharam segundo a ordem das famílias, e das casas de seus pais.

CAPÍTULO 3

ESCOLHE DEUS OS LEVITAS, PARA O SERVIÇO DO TABERNAÍCULO. RESENHA DOS DESTA TRIBO.

1 Eis-aqui a posteridade de Aarão, e de Moisés, ao tempo que o Senhor falou a Moisés no monte Sinai.

2 Eis-aqui, digo, os nomes dos filhos de Aarão. O primogênito era Nadab, e os outros Abiu, Eleazar, e Itamar.

3 Estes são os nomes dos filhos de Aarão, que foram sacerdotes, que receberam a unção, e cujas mãos foram cheias, e consagradas, para exercerem as funções do sacerdócio. (1)

4 Ora Nadab, e Abiu, como tivessem oferecido um fogo estranho diante do Senhor no deserto de Sinai, morreram sem filhos. Pelo que Eleazar, e Itamar exerceram as funções do sacerdócio em vida de seu pai Aarão.

5 E o Senhor falou a Moisés, e lhe disse:

6 Faze chegar a tribo de Levi, e faze que os desta

(1) **CUJAS MÃOS FORAM CHEIAS** — A expressão "encher as mãos" significa consagrar e confiar uma função. No Ex 29, 24, lê-se que Moisés colocara nas mãos do sacerdote os objetos sagrados, cerimônia que passou para a liturgia católica, onde o bispo na ordenação dos presbíteros lhe entrega o cálice e a pátina, que estes tocam com as mãos, enquanto lhes diz: *Accipe potestatem offerre sacrificium Deo*, etc. E assim recebendo em suas mãos os objetos sacros ficavam aptos para o exercício das funções religiosas.

Números 3, 7-19

tribo se ponham em pé diante do sacerdote Aarão para o servirem; para estarem de vela;

7 para observarem tudo o que diz respeito ao culto, que o povo me deve render diante do tabernáculo do testemunho:

8 para terem em guarda os vasos do tabernáculo; e para fazerem todo o serviço, que é do seu santo ministério.

9 Tu darás os levitas

10 a Aarão, e a seus filhos, como um presente que lhes fazem os filhos de Israel. Tu porém estabelecerás a Aarão, e a seus filhos para as funções do sacerdócio. Todo o estrangeiro que se chegar ao santo ministério, morrerá.

11 Falou mais o Senhor a Moisés, dizendo:

12 Eu tomei os levitas dentre os filhos de Israel, em lugar de todos os primogênitos, que são os primeiros que saem do ventre de suas mães dentre os filhos de Israel: por isso os levitas serão meus.

13 Porque meus são todos os primogênitos. Desde que eu feri no Egito os seus primogênitos, consagrei eu para mim tudo o que primeiro nasce em Israel, desde os homens até às bestas; todos eles são meus: eu sou o Senhor.

14 Tornou o Senhor a falar a Moisés no deserto de Sinai, e lhe disse:

15 Conta os filhos de Levi por tôdas as casas de seus pais, e pelas suas famílias. Conta todos os machos dum mês e para cima.

16 Fêz Moisés a conta conforme o Senhor lhe ordenara;

17 e foram achados entre os filhos de Levi os que se seguem pelos seus nomes: Gérson, Caat e Merari.

18 Filhos de Gérson: Lebni, e Semei,

19 Filhos de Caat: Amráo, Jesaar, Hebron, e Ozziel.

20 Filhos de Merari: Mooli, e Musi.

21 De Gérson saíram duas famílias: a de Lebni, e a de Semei;

22 de ambas as quais, contados todos os varões dum mês, e para cima, acharam-se sete mil e quinhentos.

23 Êstes devem acampar-se detrás do tabernáculo ao ocidente,

24 tendo por príncipe a Eliasaf, filho de Lael.

25 E êles velarão sôbre o tabernáculo do concêrto,

26 e serão encarregados de guardar o mesmo tabernáculo, a sua coberta, o véu, que se tira diante da porta do tabernáculo do concêrto, e as cortinas do átrio; como também o véu, que está pendurado à entrada do átrio do tabernáculo, e tudo o que pertence ao ministério do altar, as cordas do tabernáculo, e tudo o que nêle tem uso.

27 De Caat saíram as famílias dos amramitas, jesaaritas, hebronitas, e ozielitas. Estas são as famílias dos caatitas, de que se fêz a resenha pelos seus nomes.

28 Todos os varões dum mês, e daí para cima, fazem o número de oito mil e seiscentos. Êstes estarão velando em guarda do santuário,

29 e acampar-se-ão ao Meio-Dia.

30 O seu príncipe será Elisafan, filho de Oziel.

31 Êles guardarão a arca, a mesa, o candieiro, os altares, e os vasos do santuário, que servem no santo ministério, o véu, e tôdas as mais alfaias dêste gênero.

32 Eleazar, porém, filho de Aarão, e príncipe dos príncipes dos levitas, será acima dos que velam em guarda do santuário.

33 As famílias, que vêm de Merari, são os moolitas, e os musitas, de que se fêz a resenha pelos seus nomes.

34 Todos os varões dum mês, e daí para cima, fazem o número de seis mil e duzentos. (2)

35 O seu príncipe é Suriel, filho de Abiaiel. Eles se acamparão ao norte.

36 Debaixo da sua guarda estarão as tábuas do tabernáculo, e os seus varais; as colunas com as suas bases, e tudo o que pertence a estas coisas:

37 as colunas, que cercam o Átrio com as suas bases, e os paus com as suas cordas.

38 Moisés, e Aarão com seus filhos, que têm a seu cargo a guarda do santuário no meio dos filhos de Israel, acampar-se-ão diante do tabernáculo do concêrto: todo o estranho, que se chegar, morrerá.

39 Todos os levitas dum mês, e daí para cima, de que Moisés e Aarão fizeram a resenha, segundo as suas famílias, como o Senhor tinha ordenado, fizeram o cômputo de vinte e dois mil.

40 Disse mais o Senhor a Moisés: Conta todos os primogênitos dentre os varões dos filhos de Israel, dum mês, e daí para cima, e faze-lhes a soma.

41 Tomarás para mim os levitas em lugar de todos êsses primogênitos dos filhos de Israel. Eu sou o Senhor. E os gados dos levitas serão por todos os primogênitos dos gados dos filhos de Israel.

42 Fêz Moisés pois a resenha dos primogênitos dos filhos de Israel, como o Senhor lhe ordenara;

43 e contados pelos seus nomes todos os varões

(2) **TODOS OS VARÕES DUM MÊS** — Nas outras tribos só eram recenseados os varões de vinte e um anos, na de Levi eram assim que tinham um mês. A razão disto era porque êstes eram consagrados ao Senhor em lugar dos primogênitos de Israel. Cfr. Vigouroux, ob. cit.

dum mês, e daí para cima, acharam-se vinte e dois mil duzentos e setenta e três. (3)

44 Tornou o Senhor a falar a Moisés, e lhe disse:

45 Toma os levitas pelos primogênitos dos filhos de Israel, e os gados dos levitas pelos seus gados; e os levitas serão meus. Eu sou o Senhor.

46 E pelo preço dos duzentos e setenta e três primogênitos dos filhos de Israel, que passam o número dos levitas,

47 tomarás tu cinco siclos por cabeça do pêso do santuário. O siclo tem vinte óbolos.

48 E darás êste dinheiro a Aarão, e a seus filhos por preço daqueles, que são por cima do número dos levitas:

49 Tomou pois Moisés o dinheiro dos que excediam o número, e tinham sido remidos pelos levitas,

50 pelos primogênitos dos filhos de Israel: o que fez a soma de mil trezentos e sessenta e cinco siclos do pêso do santuário:

51 e deu-o a Aarão, e a seus filhos, conforme lhe tinha mandado o Senhor.

CAPÍTULO 4

RESENHA E EMPRÊGO DAS FAMÍLIAS DOS LEVITAS

1 Falou mais o Senhor a Moisés e a Aarão, dizendo: (1)

(3) VINTE E DOIS MIL DUZENTOS E SETENTA E TRÊS — Este número refere-se aos primogênitos nascidos no espaço de um ano, e pouco mais, nas famílias que até ao êxodo não tinham tido filhos, e nas que se estabeleceram posteriormente, o que denota uma grande vitalidade do povo de Israel, e a realização da promessa divina exarada no Gên 18, 18.

(1) FALOU MAIS O SENHOR — E' o recenseamento dos

2 Faze a conta dos filhos de Caat separadamente dos outros levitas, por casas e por famílias.

3 Conta-os desde a idade de trinta anos e daí para cima, até os cinqüenta; a todos os que entram no tabernáculo do concêrto, para nêle assistirem e servirem.

4 Eis-aqui quais deverão ser as funções dos filhos de Caat, por ordem ao tabernáculo do concêrto, e ao santo dos santos.

5 Quando se houver de levantar o campo, Aarão e seus filhos entrarão no tabernáculo do concêrto, e no santo dos santos, para descerem o véu, que pende diante da porta e envolverão nêle a arca do testemunho.

6 Por-lhe-ão ainda por cima uma coberta de peles roxas; e estenderão por cima dessa coberta um pano todo de côr de jacinto e meterão os varais.

7 E envolverão também num pano de jacinto a mesa dos pães da proposição, e porão com ela os turíbulo, os graizinhos, os copos e as taças para as oblações dos licores; e sempre os pães estarão em cima dela.

8 Lançar-lhe-ão por cima um pano de escarlata, o qual êles cobrirão ainda com outro envoltório de peles roxas, e meterão os varais.

9 Tomarão também um pano de jacinto, no qual envolverão o candieiro com as suas lâmpadas, tenazes, espevitadores e todos os vasos do azeite, que são necessários para concertar as luzes.

10 Tôdas estas coisas cobrirão êles de peles roxas, e meterão os varais.

11 Outrossim envolverão o altar de ouro num pano

levitas, fêto sôbre outras bases; contam-se os que são aptos para o exercício das funções cultuais.

de jacinto: lançar-lhe-ão por cima outra coberta de peles roxas, e meterão os varais. (2)

12 Envolverão da mesma sorte num pano de jacinto todos os vasos que servem no santuário: lançar-lhes-ão por cima outra coberta de peles roxas, e meterão os varais.

13 Tirarão também as cinzas do altar, e o embrulharão num pano de púrpura. (3)

14 Porão com o altar todos os vasos que servem nele: os braseiros, as tenazes, os garfos, os tridentes, e as ferras. Cobrirão os vasos do altar todos juntos com uma coberta de peles roxas, e meterão os varais.

15 Depois que Aarão e seus filhos tiverem embrulhado o santuário com todos os seus vasos ao abalar do campo, então se chegarão os filhos de Caat para levarem todos êstes móveis embrulhados; e êles não tocarão nos vasos do santuário, por não morrerem. Êstes são os cargos, que os filhos de Caat devem levar do que pertence ao tabernáculo do concôrto.

16 Eleazar, filho do sacerdote Aarão, será acima dêles: e êle é o que terá cuidado do azeite para preparar as lâmpadas: das composições odoríferas, que se hão de queimar; do sacrificio perpétuo; do óleo da unção; de tudo que pertence ao culto do tabernáculo, e de todos os vasos que servem no santuário.

17 Falou pois o Senhor a Moisés e a Aarão, dizendo-lhes:

(2) ALTAR DE OURO — E' o altar dos perfumes descrito no Êx 30, 1-10; 37, 25-29.

(3) DO ALTAR — E' o altar dos holocaustos, a que se refere o Êx 27, 1-8; 38, 1-7.

18 Não exponhais o povo de Caat a ser exterminado do meio dos levitas: (4)

19 mas eis-aqui como vós vos deveis haver com eles para que vivam, e não morram, se tocarem nos vasos do santuário. Aarão e seus filhos entrarão e disporão o que cada um deve fazer, e assinarão o cargo, que cada um deve levar.

20 Os outros entretanto não tenham curiosidade alguma de ver as coisas, que há no santuário antes de estarem embrulhadas: De outra sorte serão eles punidos de morte.

21 Falou mais o Senhor a Moisés, e lhe disse:

22 Tira também a conta dos filhos de Gérson, por casas, por famílias, por parentelas,

23 desde os trinta anos, e daí para cima, até os cinqüenta. Conta todos os que entram, e servem no tabernáculo do concêrto.

24 Eis-aqui qual será o cargo da família dos gersonitas.

25 Eles levarão as cortinas do tabernáculo, a coberta do concêrto, a segunda coberta, e a coberta das peles roxas, que se põe por cima das outras duas; com o véu, que está pendurado à entrada do tabernáculo do concêrto;

26 as cortinas do Átrio, e o véu, que está à entrada diante do tabernáculo. Os filhos de Gérson levarão tudo o que pertence ao altar, os cordões, e os vasos do ministério,

27 segundo a ordem, que hão de receber de Aarão, e de seus filhos: e cada um saberá qual é o cargo, que deve levar.

(4) **NAO EXPONHAIS O POVO DE CAAT** — Isto é: não exponhais, pela vossa negligência, os caatitas à tentação de ver e só tocar os objetos sagrados, o que lhes acarretaria a condenação.

28 Este é o emprêgo da família dos gersonitas a respeito do tabernáculo do concôrto: e estarão sujeitos a Itamar, filho do sacerdote Aarão.

29 Farás também a conta dos filhos de Merari por famílias, e pelas casas de seus pais.

30 Desde os trinta anos, e daí para cima, até os cinqüenta; todos os que vêm fazer as funções do seu ministério, e que se applicam ao culto do concôrto do testemunho.

31 Eis-aqui os cargos, que lhes serão destinados. Eles levarão as tábuas do tabernáculo, os barrotes de atravessar, e as colunas com as suas bases;

32 como também as colunas, que estão ao redor do átrio com as suas bases, suas estacas, e seus cordões. Tomarão por conta todos os vasos, e tôdas as alfaia, e assim as levarão.

33 Este será o emprêgo da família dos meraritas, e o serviço, que eles renderão ao tabernáculo do concôrto. E eles estarão às ordens de Itamar, filho do sacerdote Aarão.

34 Moisés pois, Aarão, e os príncipes da sinagoga fizeram a resenha dos filhos de Caat por famílias, e pelas casas de seus pais, (5)

35 contando desde os trinta anos, e daí para cima até os cinqüenta, todos os que estão empregados no ministério do tabernáculo do concôrto:

36 e acharam-se dois mil e setecentos e cinqüenta.

37 Este é o número do povo de Caat, que entra no

(5) **FIZERAM A RESENHA** — O recenseamento ordenado por Deus vai ser praticado por Moisés e Aarão, assistidos pelos anciãos do povo. As três famílias levíticas são recenseadas separadamente (vv. 34.37.38.41.42.45), e depois faz-se uma recapitulação geral dos levitas, 46-49.

tabernáculo do concêrto. Moisés, e Aarão os contaram, segundo o tinha mandado o Senhor por Moisés.

38 Fêz-se também a resenha dos filhos de Gérson por famílias, e pelas casas de seus pais;

39 contados todos os que estão adictos ao ministério do tabernáculo do concêrto, desde os trinta anos, e daí para cima, até os cinqüenta:

40 e acharam-se dois mil e seiscentos e trinta.

41 Êste é o povo dos gersonitas, que Moisés, e Aarão contaram, conforme a ordem do Senhor.

42 Fêz-se também a resenha dos filhos de Merari por famílias, e pelas casas de seus pais;

43 contados todos os que estão adictos ao culto, e cerimônias do tabernáculo do concêrto, desde os trinta anos, e daí para cima até os cinqüenta:

44 e acharam-se três mil e duzentos.

45 Êste é o número dos filhos de Merari, que Moisés, e Aarão contaram, conforme o mandado, que o Senhor intimara a Moisés.

46 Todos aquêles dentre os levitas, que foram contados pelos seus nomes, e de que Moisés, e Aarão, e os príncipes de Israel fizeram a resenha por famílias, e pelas casas de seus pais,

47 desde os trinta anos, e daí para cima, até os cinqüenta, e que estavam ocupados no ministério do tabernáculo, e em levar os cargos:

48 Foram ao todo oito mil quinhentos e oitenta.

49 Dêles fêz Moisés a resenha por ordem do Senhor, nomeando a cada um segundo o seu ofício, e segundo os cargos, que deviam levar como o Senhor lho tinha ordenado.

CAPÍTULO 5

LEIS SOBRE OS QUE DEVEM SER DEITADOS FORA DO CAMPO; SOBRE AS RESTITUIÇÕES; SOBRE A PROVA DAS MULHERES SUSPEITAS DE ADULTÉRIO.

1 E falou o Senhor a Moisés, dizendo: (1)

2 Manda aos filhos de Israel, que deitem fora do campo todo o leproso, e o que padece purgação branca, e o que está imundo por ter tocado coisa morta.

3 Deitai-os fora do campo, quer êles sejam homens, quer sejam mulheres, para que não manchem o lugar, onde eu habito no meio de vós.

4 Assim o fizeram os filhos de Israel, e botaram fora do campo estas pessoas, como o Senhor tinha ordenado a Moisés.

5 Tornou o Senhor a falar a Moisés, dizendo: (2)

6 Dize isto aos filhos de Israel: Quando um homem, ou uma mulher tiverem cometido algum dos pecados, em que de ordinário caem os homens; e tiverem violado por negligência o mandamento do Senhor, e tiverem delinqüido:

7 Confessarão o seu pecado, e restituirão àquele, contra quem pecaram, o justo preço da injúria, que lhe fizeram, ajuntando ainda por cima a quinta parte. (3)

(1) **E FALOU O SENHOR** — São as leis particulares exaradas neste e no capítulo seguinte, começando tôdas pela mesma expressão: **E falou o Senhor a Moisés**. A primeira lei compreende os versículos 1-4 e refere-se aos impuros que devem ser expulsos do campo.

(2) **TORNOU O SENHOR A FALAR** — E' a segunda lei, que trata da expiação e reparação do dano feito ao próximo, vv. 5-10.

(3) **CONFESSARAO O SEU PECADO** — E' a primeira expiação — a confissão da culpa — que sempre em toda a parte se

8 Se não se achar pessoa, que o receba, dar-se-á ao Senhor, e pertencerá ao sacerdote, além do carneiro, que se oferece como vítima de expiação, para aplacar a ira do Senhor.

9 Todas as primícias, que os filhos de Israel oferecem, pertencem também ao sacerdote.

10 E tudo o que se oferece no santuário pelos particulares, e se põe nas mãos do sacerdote, será dêle.

11 Tornou o Senhor a falar a Moisés, dizendo:

12 Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: Quando uma mulher tiver caído em falta, e desprezando a seu marido,

13 tiver dormido com outro homem, de sorte que seu marido não possa descobrir a coisa, e o adultério esteja oculto, sem que ela possa ser convencida por testemunhas, porque não foi apanhada no crime:

14 Se o marido se acha agitado do espírito de ciúme contra sua mulher; que ou na realidade está manchada, ou foi acusada por uma falsa suposição:

15 Ele a trará diante do sacerdote, e oferecerá por ela de oferta a décima parte duma medida de farinha de cevada, sobre a qual ele não derramará azeite, nem porá incenso: Porque este é um sacrifício de ciúme, e uma oblação feita para descobrir o adultério.

16 O sacerdote pois a oferecerá, e a apresentará diante do Senhor.

17 E tomando da água santa num vaso de barro, lançará nela uma pouca de terra do pavimento do tabernáculo. (4)

entendeu ser um meio de reconciliação com Deus. Dr. Manuel de Jesus Lino, *Filosofia da Confissão Sacramental*, pág. 53.

(4) **ÁGUA SANTA** — Esta expressão não torna a aparecer no Antigo Testamento. Segundo uns comentadores, alude-se aqui

18 E tanto que a mulher se apresentar diante do Senhor, o sacerdote lhe descobrirá a cabeça, e lhe porá nas mãos o sacrifício de recordação, e a oferta de zelos: e ele mesmo terá as águas amaríssimas, sobre que pronunciou as maldições com execração:

19 e a esconjurará, e lhe dirá: Se um homem estranho não dormiu contigo, e tu te não manchaste, largando o leito de teu marido, não te farão mal estas águas amaríssimas, sobre que eu lancei as maldições.

20 Mas se tu te apartaste de teu marido, e te manchaste, e te deitaste com outro homem:

21 Cairão sobre ti estas maldições: O Senhor te faça um objeto de maldição, e um exemplo para todo o seu povo: Ele faça que apodreça a tua coxa, e que o teu ventre inchando arrebente.

22 Estas águas de maldição entrem no teu ventre, e inchando-te o útero, apodreça a tua coxa. E a mulher responderá, Amém, amém. (5)

23 E o sacerdote escreverá estas maldições num livro, e depois as apagará com estas águas amaríssimas, que ele carregou de maldições,

à água de aspersão a que se refere o c. 19, 9 dos Núm; outros entendem que se trata da água que estava na bacia de bronze.

UMA POUCA DE TERRA — Era o símbolo da miséria humana, e da humildade.

DO PAVIMENTO DO TABERNACULO — Para que se temesse a presença e o juízo do Senhor.

(5) **AMÉM, AMÉM** — E' a primeira vez que encontramos esta expressão na Bíblia. A palavra hebraica *amen* é quase sempre empregada nos Livros Santos adverbialmente, ora como assentimento ao que se acaba de dizer, ora para exprimir o desejo de que se cumpram os votos formulados; é nesta significação que nós traduzimos pela expressão assim seja. A repetição do termo *amém* é freqüente, e serve para dar mais força e mais realce à expressão.

24 e dar-lhas-á a beber. E depois que as tiver tragado,

25 tomará o sacerdote da mão da mulher o sacrificio de zelos e levantá-lo-á diante do Senhor, e pô-lo-á em cima do altar: mas isto de modo, que primeiro

26 tenha êle separado um punhado do que se ofereceu em sacrificio, e o queime sôbre o altar: e desta maneira dê a beber à mulher das águas amaríssimas.

27 Logo que ela as tiver bebido, se está culpada, e desprezando seu marido pecou por adultério, penetrá-la-ão as águas da maldição, e inchando-lhe o ventre lhe apodrecerá a coxa: e a mulher será em execração, e escarmento para todo o povo.

28 Porém se ela fôr inocente, não experimentará mal algum, e terá filhos.

29 Esta é a lei dos zelos. Se uma mulher se retirar de seu marido, e lhe fôr infiel,

30 e o marido agitado do espírito de zelos a apresentar diante do Senhor, e o sacerdote fizer com ela tudo o que fica escrito:

31 será o marido sem culpa, e a mulher pagará a sua maldade.

CAPÍTULO 6

SAGRAÇÃO DOS NAZARENOS. BENÇÃO, QUE OS SACERDOTES DEVEM DAR AO POVO.

1 Falou mais o Senhor a Moisés, dizendo: (1)

2 Fala aos filhos de Israel, e lhes dirás: Quando um homem, ou uma mulher fizerem voto de se santificar, e quiserem consagrar ao Senhor:

(1) **FALOU MAIS O SENHOR** — Desde êste versículo ao 21 está indicada a quarta lei, relativa ao Nazarenado. Nazareno

3 Se absterão de vinho, e de tudo o que pode embebedar. Não beberão vintagres de vinho, ou de qualquer outra beberagem, nem de tudo o que se espreme das uvas: Não comerão uvas frescas, nem passadas

4 por todo o tempo que estiverem consagrados ao Senhor pelo voto: não comerão nada que possa ser de vinha, desde a uva passada até o bagulho.

5 Por todo o tempo da separação do Nazareno não passará navalha pela sua cabeça, até que se completem os dias da sua consagração ao Senhor. Será santo, deixando crescer os cabelos da sua cabeça. (2)

6 Por todo o tempo da sua consagração não entrará onde haja algum morto,

7 nem se contaminará assistindo ao entêrro ainda de seu pai, ou de sua mãe, ou de seu irmão, ou de sua irmã, porque a consagração do seu Deus está sobre a sua cabeça.

8 Por todos os dias da sua separação será santo para o Senhor.

9 Mas se alguém morrer súbitamente diante dêle, ficará poluta a cabeça da sua consagração: a qual rapará logo no mesmo dia da sua purificação, e segunda vez no sétimo.

10 No oitavo dia porém oferecerá ao sacerdote à entrada do concêrto do testemunho duas rôlas, ou dois pombinhos,

vem do verbo nazar, que significa consagrar, reparar. O Nazareno consagrava-se a Deus dum modo particular. A presente lei estabelece: 1.º, as obrigações contraídas pelos Nazarenos, v. 2-8; 2.º, a purificação que deve sofrer o Nazareno se fôr poluído por qualquer impureza, vv. 9-12; 3.º, cerimônia com que devia terminar o seu voto.

(2) **NÃO PASSARA NAVALHA** — Um costume semelhante era praticado pelas tribos árabes.

11 e o sacerdote imolará um pelo pecado, e outro em holocausto, e rogará por êle, porque pecou, manchando-se com a presença do morto: e santificará a sua cabeça naquele dia:

12 e consagrará ao Senhor os dias da sua separação, oferecendo um cordeiro de um ano pelo pecado: mas de sorte, que os primeiros dias sejam perdidos, visto que a sua santificação foi manchada.

13 Esta é a lei da consagração. Completos que forem os dias, a que por voto se tinha obrigado, trá-lo-á à entrada do tabernáculo do concêrto,

14 e apresentará ao Senhor a sua oferta, que será um cordeiro de um ano sem defeito em holocausto, e uma ovelha de um ano sem defeito pelo pecado, e um carneiro sem defeito por hóstia pacífica.

15 e também um canistrel de pães asmos, que fôsem borrifados com azeite, e umas tortas sem fermento untadas de azeite, tudo com as suas libações:

16 as quais coisas oferecerá o sacerdote diante do Senhor, e o fará tanto pelo pecado, como em holocausto.

17 Imolará porém ao Senhor um carneiro por hóstia pacífica, oferecendo ao mesmo tempo o canistrel dos pães asmos, e as libações que por costume se devem.

18 Então à porta do tabernáculo do concêrto será rapado ao Nazareno o cabelo, da sua consagração: e o sacerdote tomará os seus cabelos, e os queimará no fogo, que está por baixo do sacrifício dos pacíficos.

19 E porá nas mãos do Nazareno, depois de lhe ser rapada a cabeça, a espádua do carneiro cozida, e uma torta asma tirada do canistrel, e um filhó asmo.

20 E recebidas dêle segunda vez estas coisas, as elevará diante do Senhor: e tendo sido santificadas, serão do sacerdote, como também o peito, que se mandou separar, e a perna: Depois disto pode o Nazareno beber vinho.

21 Esta é a lei do Nazareno, quando tiver votado a sua oferta ao Senhor pelo tempo da sua consagração, afora aquelas coisas a que êle puder chegar segundo suas posses: conforme o que prometera na sua mente, assim o fará êle para sua cabal santificação (3)

22 Falou o Senhor ainda a Moisés, dizendo:

23 Dize a Aarão e a seus filhos: Assim abençoareis os filhos de Israel, e lhes direis:

24 O Senhor te abençoe e te guarde.

25 O Senhor te mostre a sua face, e se compadeça de ti.

26 O Senhor volte o seu rosto para ti, e te dê a paz. (4)

27 E invocarão o meu nome sobre os filhos de Israel, e eu os abençoarei.

CAPÍTULO 7

OFERTAS DOS PRÍNCIPES DE ISRAEL, DEPOIS DA CRIAÇÃO DO TABERNÁCULO, E DURANTE OS DIAS DA DEDICAÇÃO DO ALTAR.

1 Aconteceu porém que no dia que Moisés acabou o tabernáculo, e o levantou, ungiu, e santificou com todos os seus vasos, como também o altar com todos os seus vasos:

(3) **PELO TEMPO DA SUA CONSAGRAÇÃO** — Estas palavras indicam que o voto era feito só por um certo espaço de tempo, que posteriormente os rabinos fixaram em trinta dias. Deve-se entretanto advertir que se o voto perpétuo não está indicado neste lugar, também não é proibido, e os Livros Santos nos dizem que foi praticado; por exemplo, Sansão foi nazareno por toda a vida. Jz 13, 7.

(4) **O SENHOR** — Neste e nos dois versículos antecedentes repete-se o nome de Deus por três vezes. Alguns padres da Igreja

Números 7, 2-11

2 Ofereceram os príncipes de Israel e os chefes das famílias que havia em cada tribo, e os capitães dos que haviam sido alistados, (1)

3 suas ofertas diante do Senhor, seis carros cobertos com doze bois. Cada dois capitães ofereceram um carro e cada um deles um boi, e os apresentaram diante do tabernáculo.

4 E disse o Senhor a Moisés:

5 Recebe-os deles, para que sirvam no ministério do tabernáculo, e entregá-los-ás aos levitas segundo a ordem do seu ministério.

6 E assim tendo Moisés recebido os carros e bois, os entregou aos levitas.

7 Deu dois carros e quatro bois aos filhos de Gérson, segundo era a necessidade que deles tinham:

8 Deu aos filhos de Merari outros quatro carros e oito bois, para se servirem deles em todas as funções dos seus cargos, à ordem de Itamar, filho do sacerdote Aarão:

9 Aos filhos de Caat porém não deu carros nem bois: Porque servem no santuário, e levam os cargos aos seus próprios ombros.

10 Portanto ofereceram os capitães para a dedicação do altar, no dia em que foi ungido, as suas oblações diante do altar.

11 E o Senhor disse a Moisés: cada um dos capitães ofereça cada dia os seus donativos para a dedicação do altar.

quiseram ver aqui um símbolo do mistério da Santíssima Trindade.
Vigouroux, La Sainte Bible traduite.

(1) OFERECERAM — Duas categorias de presentes são mencionadas neste capítulo. Primeira, presentes coletivos, dados conjuntamente pelos chefes das tribos, vv. 3-9. Segunda, ofertas particulares de cada tribo, durante doze dias consecutivos.

12 No primeiro dia fêz a sua oferta Naasson, filho de Aminadab, da tribo de Judá:

13 e o seu donativo foi um prato de prata de cento e trinta siclos de pêso, e uma redoma de prata de setenta siclos segundo o pêso do santuário, cheios ambos de farinha borrifada com azeite para o sacrifício:

14 Um gralzinho de ouro do pêso de dez siclos, cheio de incenso: (2)

15 Um boi da manada, e um carneiro, e um cordeiro de um ano para o holocausto:

16 e um bode pelo pecado:

17 e para o sacrifício dos pacíficos dois bois, cinco carneiros, cinco bodes, e cinco cordeiros de um ano: Esta foi a oferta de Naasson, filho de Aminadab.

18 No segundo dia ofereceu Natanael filho de Suar, chefe da tribo de Issacar,

19 um prato de prata, que pesava cento e trinta siclos, e uma redoma de prata de setenta siclos, segundo o pêso do santuário, cheios ambos de farinha borrifada com azeite para o sacrifício:

20 Um gralzinho de ouro do pêso de dez siclos, cheio de incenso:

21 Um boi da manada, e um carneiro, e um cordeiro de um ano para o holocausto;

22 e um bode pelo pecado;

23 e para o sacrificio dos pacíficos dois bois, cinco carneiros, cinco bodes, e cinco cordeiros de um ano: Esta foi a oferta de Natanael, filho de Suar.

(2) **DEZ SICLOS DE OURO** — O siclo de ouro valia aproximadamente nove mil réis, por consequência o gral devia valer quase cem mil réis. Cumpre notar que, se a oferta era feita oficialmente pelo chefe da tribo, todos, ou pelo menos os principais dela, deviam contribuir.

24 Ao terceiro dia Eliab, filho de Helon, e príncipe dos filhos de Zabulon,

25 ofereceu um prato de prata, que pesava cento e trinta siclos, e uma redoma de prata, que tinha setenta siclos pelo peso do santuário, cheios ambos de farinha borrifada com azeite para o santuário:

26 Um gralzinho de ouro do peso de dez siclos, cheio de incenso:

27 Um boi da manada, e um carneiro, e um cordeiro de um ano para o holocausto;

28 e um bode pelo pecado:

29 E para o sacrifício dos pacíficos, dois bois, cinco carneiros, cinco bodes, e cinco cordeiros de um ano: Esta foi a oferta de Eliab filho de Helon.

30 Ao quarto dia Elisur, filho de Sedeur, e príncipe dos filhos de Rúben,

31 ofereceu um prato de prata, que pesava cento e trinta siclos, e uma redoma de prata, que tinha setenta siclos pelo peso do santuário, cheios ambos de farinha borrifada com azeite para o santuário:

32 Um gralzinho de ouro do peso de dez siclos, cheio de incenso:

33 Um boi da manada, e um carneiro, e um cordeiro dum ano para o holocausto;

34 e um bode pelo pecado;

35 e para o sacrifício dos pacíficos dois bois, cinco carneiros, cinco bodes, e cinco cordeiros dum ano: Esta foi a oferta de Elisur, filho de Sedeur.

36 Ao quinto dia Salamiel, filho de Surisadai, príncipe dos filhos de Simeão,

37 ofereceu um prato de prata, que pesava cento e trinta siclos, e uma redoma de prata, que tinha setenta

siclos pelo pêso do santuário, cheios ambos de farinha borrifada com azeite para o sacrifício:

38 Um gralzinho de ouro, que pesava dez siclos, cheios de incenso:

39 Um boi da manada, e um carneiro, e um cordeiro dum ano para holocausto;

40 e um bode pelo pecado;

41 e para as hóstias dos pacíficos dois bois, cinco carneiros, cinco bodes, e cinco cordeiros dum ano: Esta foi a oferta de Salamiel, filho de Surisadai.

42 Ao sexto dia Eliasaf, filho de Duel, e príncipe dos filhos de Gad,

43 ofereceu um prato de prata, que pesava cento e trinta siclos, e uma redoma de prata, que tinha setenta siclos pelo pêso do santuário, cheios ambos de farinha borrifada com azeite para o sacrifício:

44 Um gralzinho de ouro do pêso de dez siclos, cheio de incenso:

45 Um boi da manada, e um carneiro, e um cordeiro dum ano para o holocausto;

46 e um bode pelo pecado;

47 e para as hóstias dos pacíficos dois bois, cinco carneiros, cinco bodes, e cinco cordeiros dum ano: Esta foi a oferta de Eliasaf, filho de Duel.

48 Ao sétimo dia Elisama, filho de Amiud, e príncipe dos filhos de Efraim,

49 ofereceu um prato de prata, que pesava cento e trinta siclos, e uma redoma de prata, que tinha setenta siclos pelo pêso do santuário, cheios ambos de farinha borrifada com azeite para o sacrifício:

50 Um gralzinho de ouro do pêso de dez siclos cheio de incenso:

51 Um boi da manada, e um carneiro, e um cordeiro dum ano para o holocausto;

52 e um bode pelo pecado;

53 e para as hóstias dos pacíficos dois bois, cinco carneiros, cinco bodes, e cinco cordeiros dum ano: Esta foi a oferta de Elisama, filho de Amiud.

54 Ao dia oitavo Gamaliel, filho de Fadassur, e príncipe dos filhos de Manassés,

55 ofereceu um prato de prata, que pesava cento e trinta siclos, e uma redoma de prata que tinha setenta siclos pelo pêso do santuário, cheios ambos de farinha borrifada com azeite para o sacrifício:

56 Um gralzinho de ouro do pêso de dez siclos, cheio de incenso:

57 Um boi da manada, e um carneiro, e um cordeiro dum ano para o holocausto;

58 e um bode pelo pecado;

59 e para as hóstias dos pacíficos dois bois, cinco carneiros, cinco bodes, e cinco cordeiros dum ano: Esta foi a oferta de Gamaliel, filho de Fadassur.

60 Ao dia nono Abidan, filho de Gedeão, e príncipe dos filhos de Benjamim,

61 ofereceu um prato de prata, que pesava cento e trinta siclos, e uma redoma de prata, que tinha setenta siclos pelo pêso do santuário, cheios ambos de farinha borrifada com azeite para o sacrifício:

62 e um gralzinho de ouro do pêso de dez siclos cheio de incenso:

63 Um boi da manada, e um carneiro, e um cordeiro dum ano para o holocausto;

64 e um bode pelo pecado;

65 e para as hóstias dos pacíficos dois bois, cinco

carneiros, cinco bodes, e cinco cordeiros dum ano: Esta foi a oferta de Abidan, filho de Gedeão.

66 Ao dia décimo Aiezer, filho de Amisadai, e príncipe dos filhos de Dan,

67 ofereceu um prato de prata, que pesava cento e trinta siclos, e uma redoma, que tinha trinta siclos pelo pêso do santuário, cheios ambos de farinha borrifada com azeite para o sacrifício:

68 Um gralzinho de ouro do pêso de dez siclos, cheio de incenso:

69 Um boi da manada, e um carneiro, e um cordeiro dum ano para o holocausto;

70 e um bode pelo pecado;

71 e para as hóstias dos pacíficos dois bois, cinco carneiros, cinco bodes, e cinco cordeiros dum ano: Esta foi a oferta de Aiezer, filho de Amisadai.

72 Ao dia undécimo Fegiel filho de Ocran, e príncipe dos filhos de Aser,

73 ofereceu um prato de prata, que pesava cento e trinta siclos, e uma redoma de prata, que tinha setenta siclos pelo pêso do santuário, cheios ambos de farinha borrifada com azeite para o sacrifício:

74 Um gralzinho de ouro do pêso de dez siclos, cheio de incenso:

75 Um boi da manada, e um carneiro, e um cordeiro dum ano para o holocausto;

76 e um bode pelo pecado;

77 e para as hóstias dos pacíficos dois bois, cinco carneiros, cinco bodes, e cinco cordeiros dum ano: Esta foi a oferta de Fegiel, filho de Ocran.

78 Ao dia duodécimo Aíra, filho de Enan, e príncipe dos filhos de Neftali,

79 ofereceu um prato de prata, que pesava cento e trinta siclos, e uma redoma de prata, que tinha seten-

ta siclos pelo pêso do santuário, cheios ambos de farinha borrifada com azeite para o sacrifício:

80 Um gralzinho de ouro do pêso de dez siclos, cheio de incenso:

81 Um boi da manada, e um carneiro, e um cordeiro dum ano para o holocausto;

82 e um bode pelo pecado;

83 e para as hóstias dos pacíficos dois bois, cinco carneiros, cinco bodes, e cinco cordeiros dum ano: Esta foi a oferta de Aira, filho de Enan.

84 Estas as coisas que se ofereceram pelos príncipes de Israel na dedicação do altar, no dia em que foi consagrado: doze pratos de prata: doze redomas de prata: e doze graizinhos de ouro:

85 pesando cada prato cento e trinta siclos, e cada redoma setenta: de sorte que todos os vasos de prata juntos pesavam dois mil e quatrocentos siclos pelo pêso do santuário:

86 doze graizinhos de ouro cheios de incenso, de dez siclos cada um pelo pêso do santuário, e todos juntos faziam cento e vinte siclos de ouro:

87 doze bois da manada para o holocausto, doze carneiros, doze cordeiros dum ano com as suas libações: doze bodes pelo pecado.

88 Para as hóstias dos pacíficos vinte e quatro bois, sessenta carneiros, sessenta bodes, sessenta cordeiros dum ano. Estas são as ofertas, que se fizeram na dedicação do altar, quando foi ungido.

89 E quando Moisés entrava no tabernáculo do concerto, para consultar o oráculo, ouvia a voz do que lhe falava desde o propiciatório que estava sôbre a arca do testemunho entre os dois querubins, donde também lhe falava.

CAPÍTULO 8

DE QUE MODO SE DEVE COLOCAR O CANDIEIRO DE OURO.
SAGRAÇÃO DOS LEVITAS.

1 Tornou o Senhor a falar a Moisés, dizendo: (1)

2 Fala a Aarão, e lhe dirás: Logo que tiveres pôsto as sete lâmpadas, levantar-se-á o candieiro na parte do meio-dia. Dá, pois, ordem, que as lâmpadas olhem do lugar oposto ao setentrião para a mesa dos pães da proposição, elas deverão alumiar aquela parte, que está fronteira ao candieiro.

3 E Aarão o fêz, e pôs as lâmpadas sôbre o candieiro, conforme o Senhor o havia ordenado a Moisés.

4 O feitio porém do candieiro era êste, todo de ouro batido ao martelo, tanto o tronco do meio, como todos os braços, que lhe saíam dos dois lados: segundo o modelo que o Senhor mostrou a Moisés, assim fêz o candieiro.

5 Falou mais o Senhor a Moisés, dizendo:

6 Toma os levitas do meio dos filhos de Israel, e os purificarás

7 com estas cerimônias: Serão borrifados com a água da expiação, e rapem todos os cabelos da sua carne. E depois que tiverem lavado os seus vestidos, e se tiverem purificado,

8 tomarão um boi das manadas, e para a sua libação flor de farinha borrifada com azeite: e tu tomarás outro boi da manada pelo pecado:

9 e farás chegar os levitas diante do tabernáculo

(1) O SENHOR FALOU — Este capítulo trata da consagração dos levitas. Começa por uma descrição do candieiro de ouro, que vem completar o que já se havia dito, Ex 25, 1-39; Lev 24, 1-4.

do concêrto, depois de convocada tôda a multidão dos filhos de Israel.

10 E quando os levitas estiverem diante do Senhor, os filhos de Israel porão as suas mãos sôbre êles:

11 e Aarão oferecerá os levitas como um dom que os filhos de Israel fazem ao Senhor, para que o sirvam no seu ministério.

12 Os levitas também porão as suas mãos sôbre as cabeças dos bois, dos quais sacrificarás um pelo pecado, e o outro em holocausto ao Senhor, para que rogues por êles.

13 E apresentarás os levitas diante de Aarão e de seus filhos, e os sagrarás depois de os terem oferecido ao Senhor,

14 e separá-los-ás do meio dos filhos de Israel, para que sejam meus:

15 e depois entrarão no tabernáculo do concêrto para me servirem. E dêste modo os purificarás e sagrarás em oferta ao Senhor: porque me foram dados como um presente pelos filhos de Israel. (2)

16 Eu os recebi em lugar de todos os primogênitos que abrem o útero em Israel.

17 Porque todos os primogênitos dos filhos de Israel assim de homens, como de animais são meus. Eu os consagrei a mim desde o dia, que feri na terra do Egito todos os primogênitos:

18 e tomei os levitas por todos os primogênitos dos filhos de Israel:

19 e dêles fiz presente a Aarão e a seus filhos do meio do povo, para me servirem por Israel no tabernáculo

(2) **PORQUE ME FORAM DADOS** — Mais uma vez Deus indica que os levitas lhe pertencem como representantes dos primogênitos de Israel.

do concêrto, e para orarem por êles, para que não venha alguma praga sôbre o povo, se se atreverem a chegar ao santuário.

20 Moisés pois e Aarão e tôda a multidão dos filhos de Israel fizeram acêrca dos levitas o que o Senhor ordenara a Moisés:

21 e foram purificados, e lavaram os seus vestidos. E Aarão os apresentou diante do Senhor, e orou por êles,

22 para que depois de purificados entrassem no tabernáculo do concêrto a fazer as suas funções diante de Aarão e de seus filhos. Como o Senhor o ordenara a Moisés acêrca dos levitas, assim se fêz.

23 E o Senhor falou a Moisés, dizendo:

24 Esta é a lei dos levitas, desde os vinte e cinco anos e daí para cima, entrarão para servirem no tabernáculo do concêrto. (3)

25 E quando completarem cinqüenta anos de idade, não servirão mais:

26 E sòmente ajudarão a seus irmãos no tabernáculo do concêrto, para guardarem as coisas que lhes forem encomendadas: mas sem se empregarem nos exercícios ordinários. Assim disporás os levitas nos seus empregos.

(3) DESDE OS VINTE E CINCO ANOS — No c. 4 dos Números tinha-se indicado a idade de trinta anos para o comêço do serviço dos levitas. Calmet explica assim esta diferença. Moisés no c. 4 refere-se aos levitas, aos quais estava incumbido o transporte do Tabernáculo, o que exigia a força e saúde dum homem daquela idade; aqui se refere às funções que os levitas tinham de desempenhar no Templo. Não nos devemos esquecer que Davi baixou mais ainda a idade do serviço do Santuário e fixou os vinte anos, alegando esta razão, que os levitas não tinham de ora avante de conduzir o Tabernáculo e os objetos do culto. 1 Par 23, 24-27.

CAPÍTULO 9

LEIS PARA A CELEBRAÇÃO DA SEGUNDA PÁSCOA. DESCRIÇÃO
DA COLUNA DE NUVEM.

1 Falou o Senhor a Moisés no deserto de Sinai, no ano segundo depois que saíram da terra do Egito, em o primeiro mês, dizendo: (1)

2 Os filhos de Israel façam a Páscoa a seu tempo,
3 no dia catorze dêste mês à tarde, segundo tôdas as suas cerimônias e leis.

4 Mandou pois Moisés aos filhos de Israel que fizessem a Páscoa.

5 Os quais a fizeram em seu tempo, no dia 14 do mês à tarde no monte Sinai. Os filhos de Israel fizeram tudo, conforme o Senhor o tinha ordenado a Moisés.

6 Eis que uns, que se achavam imundos, por se terem chegado a um morto, os quais não podiam fazer a Páscoa naquele dia, vindo ter com Moisés e Aarão. (2)

(1) **FALOU O SENHOR** — Para ordenar a celebração da segunda Páscoa, de que se vai falar nos versículos seguintes.

(2) **EIS QUE UNS** — E' curiosa esta passagem. Aquêles que tinham estado em contato com um defunto, não podiam comer carnes imoladas ao Senhor, (Lev 7, 21), nem o cordeiro pascal. O que deviam fazer? Expõem a Moisés a sua dúvida, v. 7, êste consulta o Senhor, v. 8, e promulga a sua resposta, vv. 9-14. Êste episódio é mais uma prova da autenticidade do Pentateuco; um código composto à vontade seria sistemático, e não conteria vestígios das circunstâncias particulares que obrigam a legislar para êste ou para aquêlo caso. Aqui nada há que com isso se pareça; promulga-se uma lei geral sôbre a observação da Páscoa, mas não se previu um caso especial: apresenta-se êste e só então aparece uma lei nova a completar a primeira. E isto mostra também que, a partir do Êxodo, o Pentateuco é quase um diário onde se escrevem os acontecimentos à medida que êles se vão dando.

7 Ihes disseram: Estamos imundos por causa de nos termos chegado a um morto: Por que razão havemos nós de ser privados de oferecer em seu tempo a oblação ao Senhor entre os filhos de Israel?

8 Aos quais Moisés respondeu: Esperai que eu consulte o Senhor, para saber o que ordena acêrca de vós.

9 E o Senhor falou a Moisés, dizendo:

10 Dize aos filhos de Israel: O homem que estiver imundo por causa de algum morto, ou se achar em jornada longe de vós, faça a Páscoa ao Senhor, (3)

11 no segundo mês, no dia catorze do mês, à tarde. Comê-la-á com pães asmos, e alfaces bravas:

12 Não deixarão nada dela para a manhã seguinte nem quebrarão osso nela: Guardarão todo o rito da Páscoa.

13 Se algum porém estando limpo, e não se achando de jornada, ainda não fêz a Páscoa, será aquela alma exterminada do seu povo, porque não ofereceu em seu tempo o sacrificio ao Senhor: Êle mesmo levará sôbre si o seu pecado.

14 Do mesmo modo o estrangeiro e adventício, se morarem entre vós, farão a Páscoa em honra do Senhor com tôdas as suas cerimônias e leis. O mesmo preceito será guardado entre vós tanto pelo estrangeiro como pelo natural.

15 No dia pois em que o tabernáculo foi ereto, o co-

(3) **OU SE ACHAR EM JORNADA** — Tanto nesta hipótese como na prevista no v. 6, a obrigação de comer o cordeiro pascal é espaçada por um mês. Todos os anos alguns israelitas estariam impedidos, por qualquer das circunstâncias, de celebrar a Páscoa na época legal, o que dava ocasião a que o mês seguinte fôsse santificado por muitas famílias: foi isto a que os rabinos mais tarde chamaram a pequena Páscoa.

briu uma nuvem. Da tarde porém até a manhã via-se como uma chama de fogo sôbre a tenda.

16 Assim acontecia de contínuo: De dia cobria-o uma nuvem, e de noite como uma semelhança de fogo.

17 E quando se retirava de cima a nuvem que cobria o tabernáculo, então se punham em marcha os filhos de Israel: e no lugar onde a nuvem parava, aí se acampavam.

18 À ordem do Senhor partiam, e à sua ordem assentavam o tabernáculo. Todo o tempo em que a nuvem estava parada sôbre o tabernáculo, permaneciam no mesmo lugar:

19 E se acontecia estar parada sôbre êle muito tempo, estavam os filhos de Israel de guarda ao Senhor e não partiam,

20 por todo o tempo em que a nuvem estava sôbre o tabernáculo. Ao mandado do Senhor erigiam as tendas e ao seu mandado as desarmavam.

21 Se a nuvem se detinha desde a tarde até a manhã, e logo ao romper do dia se alongava do tabernáculo, partiam: E se depois dum dia e uma noite se retirava, no mesmo ponto desmanchavam as tendas.

22 Se porém se detinha sôbre o tabernáculo dois dias ou um mês, por mais tempo, ficavam no mesmo lugar os filhos de Israel, e não partiam: mas tanto que a nuvem se retirava, levantavam o campo.

23 Ao mandado do Senhor assentavam as tendas, e ao seu mandado partiam: e estavam sempre de guarda ao Senhor, segundo a sua ordem, dada por meio de Moisés.

CAPÍTULO 10

TROMBETAS PARA DAR SINAL. DESCAMPAMENTO DOS FILHOS DE ISRAEL. MOISÉS ROGA A HOBAB, FILHO DE JETRO, QUE FIQUE COM ELE.

1 Falou mais o Senhor a Moisés, dizendo:

2 Faze para ti duas trombetas de prata batidas ao martelo, com as quais possas convocar o povo, quando se houver de levantar o campo.

3 E quando tiveres feito soar as trombetas todo o povo se ajuntará ao pé de ti, à entrada do tabernáculo do concêrto. (1)

4 Se as tocares uma só vez, virão a ti os príncipes, e os chefes do povo de Israel. (2)

5 Mas se o som fôr mais prolongado e interrompido, descamparão primeiro os que estão para a banda do oriente. (3)

6 No segundo toque porém, e igual som da trombeta, levantarão as tendas os que habitam ao Meio-Dia e do mesmo modo farão os outros, quando as trombetas fizerem sinal para a partida. (4)

(1) **E QUANDO TIVERES FEITO SOAR** — Indicam-se cinco usos de trombetas, o primeiro dos quais é este: convocar todo o povo junto do tabernáculo.

(2) **UMA SÓ VEZ** — E' o segundo uso: o toque de uma só trombeta servia para chamar apenas os chefes do povo.

(3) **PROLONGADO E INTERROMPIDO** — E' o terceiro uso: serve para o desacampamento.

A BANDA DO ORIENTE — As tribos de Judá, Issacar e Zabulon.

(4) **AO MEIO-DIA** — Ao sul: As tribos de Rúben, Simeão e Gad.

OS OUTROS — Primeiro Efraim, Manassés e Benjamim, a seguir, Dan, Aser, Neftali.

7 Mas quando se houver de congregar o povo, será o som das trombetas singelo, e não soarão interrompidamente.

8 Os filhos porém de Aarão, sacerdotes, tocarão as trombetas: e esta lei será guardada para sempre nas vossas gerações.

9 Se sairdes do vosso país para a guerra contra os inimigos que vos atacam, fareis soar interrompidamente as trombetas, e o Senhor vosso Deus se lembrará de vós, para vos livrar das mãos de vossos inimigos. (5)

10 Quando fizerdes algum banquete, e celebrardes os dias de festa, e as calendas, tocareis as trombetas sobre os holocaustos, e hóstias pacíficas, a fim de que o vosso Deus se lembre de vós. Eu sou o Senhor vosso Deus. (6)

11 No dia vinte do segundo mês do segundo ano, se levantou a nuvem do tabernáculo do concêrto: (7)

12 E os filhos de Israel partiram do deserto de Sinaí pelas suas turmas, e a nuvem repousou na solidão de Faran. (8)

13 E os primeiros, que desacamparam, conforme a ordem do Senhor intimada por Moisés,

(5) **SE SAIRDES** — Quarto uso da trombeta: chamamento para a guerra.

(6) **OS DIAS DE FESTA E AS CALENDAS** — Este é o quinto uso: serve para anunciar certas solenidades.

(7) **DO SEGUNDO MÊS** — Os hebreus tinham chegado ao Sinaí no 3.º mês do primeiro ano; estiveram pois quase um ano junto do monte santo.

(8) **NA SOLIDÃO DE FARAN** — Não se podem fixar atualmente os limites d'este deserto. E' provável que Moisés deixando o Sinaí se dirigisse para este, do lado do gôlfo de Akabah. O deserto de Faran devia seguir nesta direção, até ao ponto a que os israelitas chamaram Gibrot-Hattaavah, ou Sepulcros da Concupiscência.

14 foram os filhos de Judá pelas suas turmas: Cujo príncipe era Naasson, filho de Aminadab.

15 Na tribo dos filhos de Issacar foi príncipe Natanael, filho de Suar.

16 Na tribo de Zabulon era príncipe Eliab filho de Zabulon.

17 E foi desarmado o tabernáculo, levantado o qual se puseram a caminho os filhos de Gérson e de Merari.

18 E partiram também os filhos de Rúben, conforme as suas turmas e ordem: Sendo seu príncipe Elisur, filho de Sedeir.

19 Na tribo porém dos filhos de Simeão foi príncipe Salamiel, filho de Surisadai.

20 Mas na tribo de Gad era príncipe Eliasaf, filho de Duel.

21 E partiram também os caatitas, que levavam o santuário. E era levado o tabernáculo até chegar ao lugar, onde se devia erigir.

22 Descamparam também os filhos de Efraim pelas suas turmas, tendo por príncipe do seu corpo a Elisama, filho de Amiud.

23 Na tribo porém dos filhos de Manassés foi príncipe Gamaliel, filho de Fadassur:

24 E na tribo de Benjamim era príncipe Abidan, filho de Gedeão.

25 Os últimos que partiram de todo o campo, foram os filhos de Dan pelas suas turmas, em cujo corpo era príncipe Aiezer, filho de Amisadai.

26 Na tribo porém dos filhos de Aser era príncipe Fegiel, filho de Ocran.

27 E na tribo dos filhos de Neftali foi príncipe Aíra, filho de Enan.

28 Esta é a ordem, com que os filhos de Israel faziam as suas marchas pelas suas turmas quando moviam o campo.

29 E disse Moisés a Hobab filho de Raguel madianita, seu parente: Nós partimos para o lugar, que o Senhor nos há de dar: Vem tu conosco, para te fazermos bem: Porque o Senhor prometeu bens a Israel.

30 Ao qual elle respondeu: Não irei contigo, mas voltarei para a minha terra, na qual nasci.

31 E Moisés lhe tornou: Não nos deixes, porque tu sabes em que lugares pelo deserto devamos acampar, e serás o nosso guia.

32 E se vieres conosco, nós te daremos o melhor de tôdas as riquezas, que o Senhor nos há de entregar.

33 Partiram pois do Monte do Senhor caminho de três dias, e a arca da aliança do Senhor ia adiante dêles, apontando nos três dias o lugar para o acampamento. (9)

34 A nuvem do Senhor também era sôbre êles de dia quando marchavam.

35 E quando se elevava a Arca, dizia Moisés: Levanta-te Senhor, e dissipem-se os teus inimigos, e fujam da tua face os que te aborrecem.

36 Quando porém se depunha, dizia: Volta, Senhor, para a multidão do exército de Israel.

(9) **A ARCA DA ALIANÇA** — Era levada aos ombros dos levitas, dirigidos pela nuvem que os precedia mostrando-lhes o caminho.

CAPÍTULO 11

MURMURAÇÃO DOS ISRAELITAS CASTIGADA POR UM FOGO MANDADO POR DEUS. ESTABELECIMENTO DOS SETENTA SENADORES. MANDA DEUS AS CODORNIZES.

1 Entretanto se levantou uma murmuração do povo contra o Senhor, como de quem se queixava da fadiga que padecia. O que ouvindo o Senhor, se irou. E acendido contra eles o fogo do Senhor devorou a última parte do campo.

2 E como o povo clamasse a Moisés, orou Moisés ao Senhor, e se extinguiu o fogo.

3 E chamou àquele lugar o Incêndio; porque ali se tinha acendido o fogo do Senhor contra eles (1)

4 Porque uma multidão do povo miúdo, que tinha vindo com eles, ardeu em desejos, sentando-se e pondo-se a chorar, unindo-se-lhe também os filhos de Israel, e disse: Quem nos dará carnes para comer? (2)

5 Lembra-nos o peixe que comíamos no Egito sem nos custar nada: vem-nos à memória os pepinos, e melões, os porros e as cebolas, e os alhos.

6 A nossa alma está seca, os nossos olhos não vêem senão maná.

7 Ora, o maná era como os grãos do coentro, da cor do bdélio. (3)

8 O povo ia ao redor do campo, e colhendo-o, o moía

(1) O INCÊNDIO — No original está Tabéerah, localidade desconhecida.

(2) CARNES — Aludiam às aves que esvoaçaram aos bandos nas margens do Nilo.

(3) DA COR DO BDÉLIO — Isto é, cor branca. O bdélio é uma goma resinosa que se encontra na bdélia, espécie de palmeira.

Números 11, 9-17

numa mó, ou o pisava num gral, e cozendo-o numa panela, fazia dêle tortas de sabor como de pão amassado em azeite. (4)

9 E ao tempo que de noite caía o orvalho no campo, caía também o maná.

10 Ouviu pois Moisés chorar o povo pelas suas famílias cada um à porta da sua tenda. Então se enfureceu o Senhor fortemente: e até a Moisés pareceu isto uma coisa intolerável:

11 e disse ao Senhor: Por que afligiste a teu servo? por que não acho eu graça diante de ti? e por que puseste sôbre mim o pêso de todo êste povo?

12 Acaso concebi eu tôda esta multidão, ou a gerei, para me dizeres: Traze-os no teu seio assim como uma ama costuma trazer uma criança, e leva-os à terra que, com juramento prometi a seus pais?

13 Donde me virão carnes para dar a uma tão grande multidão? êles choram contra mim, dizendo: Dá-nos carnes para comermos.

14 Eu só não posso suportar todo êste povo, porque se me faz pesado.

15 Se a ti te parece outra coisa, peço-te que me tires a vida, e ache eu graça diante dos teus olhos, para me não ver oprimido de tamanhos males.

16 E respondeu o Senhor a Moisés: Ajunta-me setenta homens dos anciãos de Israel, que tu souberes serem os mais experimentados e mestres do povo: e os trarás à porta do tabernáculo do concêrto, e fá-los-ás esperar ali contigo,

17 para que eu desça a falar-te: e tirarei do teu es-

(4) NUM GRAL. — Um baixo relêvo egípcio mostra-nos dois homens pisando o grão num almofariz.

pírito, e lho darei a êles, para que sustentem còtigo a carga do povo, e não sejas tu só o gravado.

18 Dirás também ao povo, purificai-vos: à manhã comereis carnes; porque eu vos ouvi dizer: Quem nos dará a comer carnes? nós estávamos bem no Egito. Assim o Senhor vos dará carnes para que comais: (5)

19 Não só um dia, nem dois, nem cinco, nem dez, nem ainda vinte;

20 mas um mês inteiro, até elas vos saírem pelos narizes; e vos causarem enjôo, visto que rejeitastes o Senhor que está no meio de vós, e chorastes diante dêle, dizendo: Por que saímos nós do Egito?

21 E Moisés disse: Isto é um povo de seiscentos mil homens de pé: e tu dizes: Eu lhes darei a comer carnes todo um mês?

22 Acaso matar-se-á tanta quantidade de ovelhas e bois, que possa bastar para sua comida? ou ajuntar-se-ão num monte todos os peixes do mar, para os fartarem?

23 Ao qual o Senhor respondeu: Porventura é fraca a mão do Senhor? Agora mesmo verás tu se a minha palavra se põe por obra.

24 Veio pois Moisés, e referiu ao povo as palavras do Senhor, ajuntando setenta homens dos anciãos de Israel, os quais fêz estar junto do tabernáculo.

25 E desceu o Senhor em a nuvem, e lhe falou, e tirando do espírito que havia em Moisés, deu dêle aos se-

(5) **ASSIM O SENHOR VOS DARA** — Alteramos a tradução do padre Pereira, substituindo-a pela de Glaire, que a propósito diz: "Ce passage etant inintelligible dans la Vulgate nous l'avons traduit d'après l'hebreu". Como esta passagem é ininteligível na Vulgata fizemos a tradução diretamente do texto hebraico. Glaire, *La Sainte Bible traduite*.

tenta homens. E tendo repousado nêles o espírito, profetizaram, e não cessaram de o fazer. (6)

26 Haviam porém ficado no campo dois varões, um dos quais se chamava Eldad, e o outro Medad, sôbre os quais repousou o espírito: porque também êles mesmos tinham sido alistados, mas não haviam saído para irem ao tabernáculo.

27 E cômô profetizassem no campo, veio correndo um moço, e deu por notícia a Moisés, dizendo: Eldad e Medad profetizam no campo.

28 Então Josué, filho de Nun, ministro de Moisés, e escolhido entre muitos, disse: Meu Senhor, proíbe-lho.

29 Moisés lhe respondeu: Que zelos são êstes que mostras por mim? Quem dera que todo o povo profetizasse, e que o Senhor lhe desse o seu espírito?

30 Voltou pois Moisés para o campo com os anciãos de Israel.

31 Um vento porém excitado pelo Senhor, vindo da outra banda do mar, arrebatou consigo codornizes, e as lançou sôbre o arraial ao redor do campo por tanto espaço, quanto se pode andar num dia; e voavam pelo ar dois côvados de alto sôbre a terra. (7)

32 Levantando-se pois o povo, apanhou todo aquêlle dia, e a noite, e o outro dia, uma tão grande multidão de codornizes, que o que menos recolheu, se achou com dez medidas delas: e as puseram a secar à roda do campo. (8)

(6) **PROFETIZARAM** — O termo empregado no original hebraico não indica predizer o futuro mas sim louvar a Deus.

(7) **UM VENTO** — Deus dispôs tudo para que as codornizes chegassem no momento desejado e ao lugar preciso onde acampavam os israelitas, revelando Deus a Moisés anteriormente o que a sua Providência preparava. Cf. Sl 77, 27.

(8) **DEZ MEDIDAS** — A Vulgata traduziu por cores a pa-

33 Ainda as carnes estavam nos seus dentes, e ainda se lhes não tinha acabado êste manjar: quando o furor do Senhor se acendeu contra o povo, e o feriu com uma praga terribilíssima.

34 E aquêlê lugar se ficou chamando os sepulcros da concupiscência: porque ali sepultaram o povo, que tinha tido os desejos. Tendo partido porém dos sepulcros da concupiscência, vieram a Haserot, e ali ficaram (9)

CAPÍTULO 12

MURMURAÇÃO DE MARIA E DE AARÃO CONTRA MOISÉS.
ELOGIO, QUE DEUS FAZ A MOISÉS. MARIA FERIDA DE LEPROSA.

1 Então falaram Maria e Aarão contra Moisés por causa de sua mulher Etiopisa, (1)

2 e disseram: Porventura falou o Senhor só por Moisés? Não nos falou êle também a nós? O que tendo o Senhor ouvido,

lavra hebraica *chomer* que vale dez efis, e por consequência mais de 383 litros.

(9) **SEPULCROS DE CONCUPISCÊNCIA** — Provavelmente o *Ercvis-el-Eberig*, actual Haserote, que parece significar o acampamento permanente dum povo pastor, de que se encontram vestígios no deserto de Sinal.

(1) **A ETIOPISA** — Segundo vários comentadores esta Etiopisa era Séfora. Mas, diz Vigouroux, ob. cit. é possível que Moisés tivesse esposado uma mulher da Etiópia. Josefo conta, embora a sua narração não mereça grandes créditos, que Moisés tinha ido numa expedição do Egito à Etiópia, e que aí casara com uma princeza dessa região.

3 (porque Moisés era o mais manso de todos os homens que havia na terra). (2)

4 disse logo a Moisés, a Aarão e a Maria: Sai todos três somente ao tabernáculo do concôrto. E tanto que lá chegaram,

5 desceu o Senhor na coluna de nuvem, e pôs-se à entrada do tabernáculo, chamando a Aarão e a Maria. Os quais acudindo,

6 lhes disse: Ouvi as minhas palavras: Se entre vós se achar algum profeta do Senhor, eu lhe aparecerei em visão, ou lhe falarei em sonhos.

7 Mas não é assim a respeito de meu servo Moisés, que é o mais fiel em toda a minha casa:

8 Porque eu lhe falo cara a cara: e elle vê o Senhor claramente, e não debaixo de enigmas ou de figuras. Por que não temestes vós logo detrair de meu servo Moisés?

9 E irado contra elles, foi-se.

10 Retirou-se também a nuvem, que estava sobre o tabernáculo: e no mesmo ponto appareceu Maria toda coberta de lepra branca como neve. E como Aarão olhasse para ella, e a visse coberta de lepra, (3)

11 disse a Moisés: Rogo-te, meu Senhor, que não ponhas sobre nós este peccado que nescientemente cometemos,

12 e que esta não fique como morta, e como um abôr-

(2) **PORQUE MOISÉS ERA O MAIS MANSO** — Estas palavras estão aqui collocadas para que se saiba que nunca Moisés pensou em punir seus irmãos. Vigouroux, ob. cit., diz que por aqui se vê que há occasiões em que os homens, ainda os mais modestos, têm de aludir às más qualidades, seja por amor da justiça, seja para a edificação pública, citando a propósito S. Paulo, 2 Cor 11, 10-23, e o procedimento de Jesus Cristo narrado no Evangelho de Jo 10, 36.

(3) **RETIROU-SE TAMBÉM A NUVEM** — Em sinal do descontentamento do Senhor.

to que é arrojado do ventre de sua mãe: Vê que a lepra lhe tem já carcomido a metade da sua carne.

13 Então clamou Moisés ao Senhor, dizendo: Ó Deus, rogo-te que a sares.

14 Ao qual o Senhor respondeu: Se seu pai lhe tivesse cuspido na cara, não deveria ela estar coberta de vergonha ao menos por sete dias? Esteja apartada sete dias do campo, e depois será outra vez chamada.

15 Foi Maria pois deitada fora do campo por sete dias: e o povo não se moveu daquele lugar, enquanto Maria não foi tornada a chamar.

CAPÍTULO 13

CHEGADA DOS ISRAELITAS A FARAN. MANDA MOISÉS EXPLORAR A TERRA DE CANAÃ. MURMURAÇÃO DO POVO. FIDELIDADE DE CALEB.

1 Depois disto partiu de Haserot o povo, e foi abaracar-se no deserto de Faran: (1)

2 e neste lugar falou o Senhor a Moisés, dizendo:

3 Envia homens que reconheçam a terra de Canaã, que eu hei de dar aos filhos de Israel, escolhidos dentre os principais de cada tribo.

4 Fêz Moisés o que o Senhor mandara enviando do deserto de Faran homens dentre os principais, cujos nomes são êstes:

5 Da tribo de Rúben, a Samua, filho de Zecur.

6 Da tribo de Simeão, a Safat, filho de Huri.

7 Da tribo de Judá, a Caleb, filho de Jefone.

8 Da tribo de Issacar, a Igal, filho de José.

9 Da tribo de Efraim, a Osée, filho de Nun.

(1) **FARAN** — É o termo genérico, o lugar preciso é **Cadesbarne**.

10 Da tribo de Benjamim, a Falti, filho de Rafu.

11 Da tribo de Zabulon, a Gediel, filho de Sodi.

12 Da tribo de José, do ceptro de Manassés, a Gadi, filho de Susi.

13 Da tribo de Dan, a Amiel, filho de Gemali.

14 Da tribo de Aser, a Stur, filho de Miguel.

15 Da tribo de Neftali, a Naabi, filho de Vapsi.

16 Da tribo de Gad, a Guel, filho de Maqui:

17 Estes são os nomes dos homens, que Moisés enviou a reconhecer a terra. E a Osée filho de Nun, pôs-lhe o nome de Josué. (2)

18 Moisés pois os enviou a reconhecer a terra de Canaã, e lhes disse: Subi pela banda do Meio-Dia. E tendo chegado aos montes,

19 reconhecei que tal terra é essa: e o povo que a habita, se é valente ou fraco: Se são poucos ou muitos:

20 Se a mesma terra é boa ou má: Que tais são as cidades, se muradas ou sem muros:

21 Se o terreno é fértil ou estéril, de arvoredos ou sem árvores. Tende ânimo, e trazei-nos dos frutos da terra. Era pois o tempo em que já se achavam uvas temporãs, que se podem comer.

22 Tendo pois subido, reconheceram a terra desde o deserto de Sin até Roob, por onde se entra em Emate.

23 E subiram pela banda do Meio-Dia e vieram a Hebron, onde estavam Aquiman, Sisai, e Tolmai filhos de Enac: Porque Hebron foi fundada sete anos antes de Tânis cidade do Egito.

24 E caminhando até a torrente do Cacho, cortaram um ramo de vide com seu cacho, o qual levaram dois ho-

(2) E A OSÉE — Osée significa socorro, e Josué, aquêlê de quem Deus é o socorro.

mens numa vara, colheram também romãs e figos da-
quele mesmo lugar:

25 Que foi chamado Neelescol, isto é, a torrente do
Cacho, por causa do cacho que dali levaram os filhos de
Israel.

26 E tendo voltado os exploradores da terra passa-
dos quarenta dias, depois de terem rodeado tôda a região,

27 vieram ter com Moisés e com Aarão e com todo
o ajuntamento dos filhos de Israel no deserto de Faran,
que é em Cades. E falando com êles e com a multidão
lhes mostraram os frutos da terra:

28 e lhes deram conta, dizendo: Fomos à terra, a
que tu nos enviaste, a qual na verdade mana leite e mel,
como se pode conhecer por êstes frutos:

29 mas tem habitantes fortíssimos, e grandes cida-
des e fortificadas de muros. Ali vimos a raça de Enac.

30 Amalec habita ao Meio-Dia; os heteus, os jebu-
seus, e os amorreus estão nas montanhas: os cananeus
porém moram ao pé do mar e ao longo das ribeiras do
Jordão.

31 Entretanto Caleb para refrear a murmuração do
povo, que se levanta contra Moisés, disse: Vamos, e
possuamos a terra, porque podemos possuí-la.

32 Mas os outros, que tinham ido com êle, diziam:
De nenhuma sorte podemos ir a êste povo, porque é
mais forte do que nós.

33 E diante dos filhos de Israel infamaram o país,
que tinham visto, dizendo: A terra que fomos ver, devo-
ra os seus habitantes: o povo, que vimos, é de estatura
extraordinária. (3)

(3) A TERRA DEVORA OS SEUS HABITANTES — Isto é,
êstes destroem-se mutuamente em incessantes guerras. Estatura
extraordinária. O profeta Amós compara-os pela figura ao cedro e
pela força ao carvalho.

34 Aí vimos certos monstros filhos de Enac, da raça dos gigantes: Comparados com os quais parecíamos nós uns gafanhotos.

CAPÍTULO 14

DISCURSO SEDICIOSO DOS ISRAELITAS. DEUS OS CONDENA A MORREREM NO DESERTO. BATALHA CONTRA OS CANANEUS E AMALECITAS.

1 Tôda a multidão pois gritando chorou aquela noite:

2 e todos os filhos de Israel murmuraram contra Moisés e Aarão, dizendo:

3 Oxalá que nós tivéssemos falecido no Egito: e oxalá que pereçamos nesta vasta solidão, e que o Senhor nos não introduza nessa terra, por não sermos passados à espada, e nossas mulheres e filhos levados cativos. Aca-so não nos é melhor voltar para o Egito?

4 E disseram uns para os outros: Constituamos um por nosso capitão, e tornemos para o Egito.

5 O que tendo ouvido Moisés e Aarão, se lançaram por terra à vista de tôda a multidão dos filhos de Israel.

6 Josué, porém, filho de Nun, e Caleb filho de Jefoné, que também tinham visto a terra, rasgaram os seus vestidos,

7 e disseram a tôda a multidão dos filhos de Israel: A terra, que nós corremos em roda, é muito boa:

8 Se o Senhor nos fôr propício, êle nos introduzirá nela, e nos entregará uma terra que mana leite e mel.

9 Não sejais rebeldes contra o Senhor: Nem temais a gente desta terra, porque como pão assim os podemos

tragar. Eles se acham destituídos de toda a defesa: o Senhor está conosco: Não temais. (1)

10 E como toda a multidão levantasse o grito, e quisesse apedrejá-los, apareceu a glória do Senhor a todos os filhos de Israel sobre o tabernáculo do concêto.

11 E o Senhor disse a Moisés: até quando murmurará de mim este povo? Até quando não me acreditará depois de todos os prodígios que tenho feito diante dêle?

12 Eu pois os ferirei com peste, e os consumirei: E a ti far-te-ei príncipe duma gente grande, e mais forte do que esta é.

13 E Moisés respondeu ao Senhor: Sim, para que ouçam os egípcios, do meio dos quais tiraste a este povo, (2)

14 e os habitantes desta terra, que ouviram dizer, que tu, Senhor, habitas no meio dêste povo, que és visto face a face; e que a tua nuvem os cobre, e que vás diante dêle de dia numa coluna de nuvem, e de noite numa columna de fogo:

15 Que fizesse morrer uma tão grande multidão como se fôra um só homem, e digam:

16 Ele não pode introduzir o povo no país, que lhe

(1) **NÃO SEJAIS REBELDES** — Josué é um dos raros personagens do Antigo Testamento, que se mostrou sempre como um modelo de piedade, de fé e de confiança em Deus. Bem se pode dizer que a sua divisa foi sempre O Senhor está convosco, não temais, e o seu livro parece escrito para demonstrar como é bem fundada a confiança que temos no Senhor.

(2) **PARA QUE OUÇAM OS EGÍPCIOS** — E' notável esta prece de Moisés; nota-se uma viva eloquência e ao mesmo tempo a santa audácia com que Moisés discute a ameaça divina, procurando demonstrar ao Senhor a impossibilidade da execução, invocando a honra de Deus e a Misericórdia Infinita, respectivamente nos vv. 13-17 e 18-19.

tinha prometido com juramento: Por isso os matou no deserto.

17 Engrandeça-se pois a fortaleza do Senhor como tu juraste, dizendo:

18 O Senhor é paciente e de muita misericórdia, que tira a iniquidade e as maldades, e que a nenhum culpado deixa sem castigo, tu que visitas os pecados dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração:

19 Perdoa, te suplico, o pecado a êste povo segundo a grandeza da tua misericórdia, assim como tu lhe foste propício desde a sua saída do Egito até êste lugar.

20 E o Senhor disse: Eu lhe perdoei conforme tu me pediste.

21 Por minha vida, que tôda a terra será cheia da glória do Senhor.

22 Mas entretanto todos os homens que viram o resplendor da minha majestade, e as maravilhas que fiz no Egito e no deserto; e que me tentaram já dez vêzes, e que não obedeceram à minha voz,

23 não verão a terra que eu prometi a seus pais com juramento; nenhum dos que detraíram de mim, a verá.

24 Mas quanto a meu servo Caleb, que cheio de outro espírito me seguiu, eu o introduzirei nesta terra que rodeou tôda: e a sua posteridade a possuirá.

25 Porquanto os amalecitas e os cananeus habitam nos vales. Levantai amanhã o campo, e tornai a voltar para o deserto pelo caminho do mar Vermelho.

26 Falou mais o Senhor a Moisés e a Aarão, dizendo:

27 Até quando murmurará contra mim esta péssima multidão? Eu ouvi os queixumes dos filhos de Israel.

28 Dize-lhes pois: Por minha vida, diz o Senhor:

Assim como vós o dissestes, ouvindo-o eu, assim vo-lo-ei de eu fazer.

29 Neste deserto ficarão estendidos os vossos cadáveres. Todos vós, os que fostes contados desde vinte anos e daí para cima, e que murmurastes contra mim,

30 não entrareis na terra, na qual eu levantando a minha mão tinha jurado que vos faria habitar, exceto Caleb filho de Jefone, e Josué filho de Nun. (3)

31 Mas eu introduzirei os vossos pequenos, que dissesstes que serviriam de despôjo para vossos inimigos: para que vejam a terra, que vos desagradou.

32 Vossos cadáveres ficarão jazendo na solidão.

33 Vossos filhos andarão errantes por êste deserto quarenta anos, e pagarão a vossa infidelidade, até que os cadáveres de seus pais sejam consumidos no deserto,

34 conforme o número dos quarenta dias, em que reconhecestes a terra: Contar-se-á um ano por cada dia. E por espaço de quarenta anos pagareis a pena das vossas iniquidades, e experimentareis a minha vingança: (4)

35 Porque assim como o disse, assim o farei a toda esta péssima multidão, que se sublevou contra mim: Nesta solidão será consumida, e morrerá.

36 E assim todos os homens que Moisés tinha enviado a reconhecer a terra, e que depois de terem voltado tinham feito murmurar contra êle todo o povo, infamando a terra de má,

(3) **LEVANTANDO A MINHA MÃO** — A Bíblia acomoda-se à linguagem popular, e por isso emprega esta expressão e outras semelhantes; ex. a face de Deus Ex 33, 23. Os olhos de Deus, 1 Rs 15, 19, etc., nunca ensinando o antropomorfismo, mas declarando sempre que Deus é puro espírito.

(4) **POR ESPAÇO DE QUARENTA ANOS** — Contando-se também o ano e meio desde a saída do Egito.

37 morreram e foram feridos diante do Senhor. (5)

38 Mas Josué filho de Nun, e Caleb filho de Jefone, ficaram com vida entre os que tinham ido a reconhecer a terra.

39 E Moisés falou tôdas estas palavras a todos os filhos de Israel, e o povo chorou amargamente.

40 Mas ao outro dia levantando-se de madrugada subiram ao cume do monte, e disseram: Estamos prestes para ir ao lugar, de que o Senhor falou: Porque nós pecamos. (6)

41 Aos quais Moisés disse: Por que quereis vós transgredir a palavra do Senhor, o que não vos redundará em bem? (7).

42 Não queirais subir: porque não é o Senhor convosco: Não succeda serdes destruídos diante de vossos inimigos.

43 Os amalecitas e os cananeus estão à vossa vista, e vós cairéis debaixo da sua espada, porque não quistes obedecer ao Senhor, e o Senhor não será convosco.

44 Mas êles levados da sua cegueira subiram ao cume do monte. A arca porém do testamento do Senhor e Moisés não se apartaram do campo.

(5) **MORRERAM** — Imediatamente, porque foram os chefes da revolta.

(6) **ESTAMOS PRESTES PARA IR AO LUGAR** — Isto é, para entrar em Canaã.

(7) **POR QUÊ QUEREIS TRANSGREDIR** — O Senhor proibia os hebreus de ir avante, e obrigara-os ao regresso; ou melhor, Deus reservou-se dar-lhes o sinal das marchas por meio da coluna de nuvens.

45 E desceram os amalecitas e cananeus, que habitavam no monte: e tendo-os batido e retalhado, foram-nos perseguindo até Horma. (8)

CAPÍTULO 15

LEIS SOBRE OS SACRIFÍCIOS. PRIMÍCIAS DO PÃO DEVIDAS AOS LEVITAS. EXPIAÇÃO DOS PECADOS DE OMISSÃO. VIOLADOR DOS SÁBADOS. ORLAS NOS VESTIDOS.

1 Falou o Senhor a Moisés, dizendo: (1)

2 Fala aos filhos de Israel, e lhes dirás: Quando vós entrardes na terra da vossa habitação, que eu vos hei de dar,

3 e oferecerdes ao Senhor algum holocausto, ou vítima em cumprimento dos vossos votos, ou oferecendo dons voluntários, ou fazendo queimar nas vossas solenidades cheiro de suavidade para o Senhor, assim de bois como de ovelhas:

4 Qualquer que imolar uma vítima, oferecerá para o sacrifício a décima parte dum efi de flor de farinha, misturada com a quarta parte dum hin de azeite:

5 E dará para fazer as libações a mesma medida de vinho para o holocausto ou para a vítima. Por cada cordeiro

6 e por cada carneiro oferecerá em sacrifício duas dízimas de flor de farinha, misturada com azeite, que seja a terça parte dum hin:

(8) **HORMA** — (Sefaalte) ao sul de Bersabee, no deserto.

(1) **FALOU O SENHOR** — Os cc. 15-19 contêm as leis promulgadas e os acontecimentos que se deram durante trinta e sete anos no deserto, desde o terceiro ano da saída do Egito ao quadragésimo. O presente capítulo compreende seis leis diferentes.

7 E de vinho para as libações oferecerá a terça parte da mesma medida, em cheiro de suavidade para o Senhor.

8 Quando porém ofereceres bois em holocausto ou por hóstia para cumprires um voto ou sacrifícios de paz,

9 darás por cada boi três dízimas de flor de farinha, misturada com meio hin de azeite:

10 E de vinho para fazer as libações uma igual medida em oferta de suavíssimo cheiro para o Senhor.

11 Assim o farás

12 com todos os bois, carneiros, cordeiros, e cabritos.

13 Tanto os naturais da terra como os estrangeiros,

14 oferecerão os sacrifícios com estas mesmas cerimônias.

15 Será uma mesma lei e uma mesma ordenação tanto para vós, como para os que são estrangeiros no vosso país.

16 Falou o Senhor a Moisés, dizendo:

17 Fala aos filhos de Israel, e lhes dirás:

18 Depois que vós tiverdes chegado à terra, que eu vos hei de dar,

19 e comerdes dos pães daquela terra, separareis para o Senhor as primícias

20 de vossas comidas. Assim como separais as primícias das eiras,

21 assim também dareis ao Senhor as primícias das vossas massas.

22 E se por ignorância deixardes de fazer alguma destas coisas, que o Senhor tem dito a Moisés,

23 e que vos tem ordenado por êle, desde o primeiro dia, que começou a dar-vos os seus mandamentos até hoje,

24 e se a multidão vier a cair em qualquer falta por esquecimento: Oferecerá um bezerro da manada em holocausto de suavíssimo cheiro para o Senhor, com a sua

oferenda e libações, como o pede o cerimonial, e um bode pelo pecado:

25 E o Sacerdote rogará por tôda a multidão dos filhos de Israel e se lhes perdoará, porque não pecaram voluntariamente: Oferecerão contudo êste holocausto ao Senhor por si e pelo seu pecado e pelo seu êrro:

26 E se perdoará a todo o povo dos filhos de Israel, e aos estrangeiros que moram entre êles: Porque foi esta uma culpa que todo o povo cometeu por ignorância.

27 Porém se alguma pessoa pecar por ignorância, oferecerá uma cabra de um ano pelo seu pecado:

28 E o sacerdote rogará por ela, porque pecou diante do Senhor sem o saber: e lhe alcançará o perdão, e se lhe perdoará.

29 Uma mesma lei será para todos os que pecarem por ignorância, ou sejam naturais, ou estrangeiros.

30 Porém o que cometer algum pecado por soberba, ou êle seja cidadão, ou forasteiro (porque foi rebelde contra o Senhor) perecerá do meio do seu povo:

31 Pois que desprezou a palavra do Senhor, e tornou vão o seu preceito: por isso mesmo será exterminado, e levará sôbre si a sua iniquidade.

32 Aconteceu porém que estando os filhos de Israel no deserto, e achando um homem enfeixando lenha no dia de sábadô,

33 o apresentaram a Moisés, a Aarão, e a todo o povo.

34 Os quais o meteram em prisão, não sabendo o que deviam fazer dêle. (2)

(2) **E O METERAM EM PRISÃO** — Era assim que se procedia com os acusados antes do julgamento, e com os condenados antes da execução. Lev 24, 12. No deserto não devia existir prisão propriamente dita. O sentido do texto é que o delinqüente era guardado à vista na sua própria barraca, ou numa tenda separada.

35 Então disse o Senhor a Moisés: Êste homem morra de morte, todo o povo o apedreje fora do arraial.

36 E como o tirassem para fora, o apedrejaram, e morreu, como o Senhor o tinha mandado.

37 Disse também o Senhor a Moisés:

38 Fala aos filhos de Israel, e lhes dirás que se façam umas guarnições nos remates das suas capas, pondo nelas fitas de côr de jacinto,

39 para que, vendo-as, se recordem de todos os mandamentos do Senhor, e não sigam os seus pensamentos, nem os seus olhos se prostituam a vários objetos;

40 mas antes mais lembrados dos preceitos do Senhor, os cumpram, e sejam santos para com o seu Deus.

41 Eu sou o Senhor vosso Deus, que vos tirei da terra do Egito, para ser vosso Deus.

CAPÍTULO 16

REBELIAO DE CORÉ, DATAN E ABIRON. MURMURAÇÃO DO POVO. AARÃO DETENDO O INCÊNDIO QUE OS CONSUMIA.

1 Por êste tempo Coré filho de Isaar, filho de Caat, filho de Levi, e Datan, e Abiron filhos de Eliab, como também Hon filho de Felet da família de Rúben, (1)

2 se levantaram contra Moisés, e outros duzentos e cinqüenta dos filhos de Israel, homens principais da sinagoga, e que quando se convocava o conselho eram chamados pelos seus nomes.

(1) **POR ESTE TEMPO** — Ignora-se a data e o local do acontecimento que vai ser narrado.

CORÉ — Descendente de Levi, era invejoso do sacerdócio conferido a Aarão. Também se julga ter sido causa do seu descontentamento, Moisés não o ter investido na chefatura dos caatitas, cargo que foi conferido a Elisafan, que pertencia ao ramo de Ozziel,

3 E como se tivessem feito fortes contra Moisés e Aarão, disseram: Baste-vos que todo o povo seja um povo de santos, e que o Senhor esteja com êles: Por que vos elevais vós sôbre o povo do Senhor?

4 O que tendo ouvido Moisés, lançou-se com o rosto em terra:

5 E falando a Coré e a tôda a multidão, disse: Amanhã fará o Senhor conhecer, quais são os que lhe pertencem, e chegará a si os que são santos: e os que escolher, se chegarão a êle.

6 Fazei pois isto: Cada um tome o seu turíbulo, tu Coré, e tôda a tua companhia, (2)

7 e amanhã depois de terdes lançado fogo, ponde incenso sôbre êle diante do Senhor: e a quem êle escolher, êsse será o santo: vós vos elevais muito, ó filhos de Levi.

8 E disse de novo a Coré: Ouvi, filhos de Levi:

9 Acaso é pouco para vós, que o Deus de Israel vos tenha separado de todo o Povo, e chegado a si, para o servirdes no culto do tabernáculo e para assistirdes diante de todo o povo, fazendo as funções do vosso ministério?

10 Foi acaso para isso que êle chamou para junto

o último da família. Núm 3, 19-30. A revolta de Coré deveria ferir profundamente o coração de Moisés, porque ia deslustrar a sua própria tribo, até ali tão dedicada ao Senhor e tão fiel à sua pessoa. Datan e Abiron pretendiam ter direito ao sacerdócio, na qualidade de descendentes de Rúben.

(2) O SEU TURÍBULO — Os revoltosos fizeram turíbulos para si, duma forma rudimentar, lembrando uma pá com brasas. E' muito provável que êles imitassem os turíbulos dos egípcios. O egiptólogo J. de Morgan dá-nos notícia de um turíbulo egípcio achado em Dachour, que é composto de uma haste metálica, terminada por uma mão, onde se collocava uma pequena caldeira cheia de brasas, em que se queimavam os perfumes.

Números 16, 11-19

de si, a ti e a todos teus irmãos filhos de Levi, a fim de usurpares para vós também o sacerdócio,

11 e para tôda a tua tropa se sublevar contra o Senhor? Pois quem é Aarão para vós murmurardes contra êle?

12 Mandou pois Moisés chamar a Datan e a Abiron filhos de Eliab. Os quais responderam: Nós não vamos.

13 Porventura não estás contente com haver-nos tirado de uma terra, que manava leite e mel, para nos fazeres morrer no deserto, para também te senhoreares de nós?

14 Por certo que tu nos meteste numa terra, onde corre o leite e o mel a regatos e que nos deste possessões de campos e vinhas. Quererás tu tirar-nos também os nossos olhos? Nós não vamos.

15 E Moisés, irado grandemente, disse ao Senhor: Não olhes para os seus sacrificios: Tu sabes que eu nunca recebi dêles nem tanto como um asninho, e que nunca afligi a nenhum dêles. (3)

16 E disse a Coré: Tu e tôda a tua tropa estai amanhã de uma parte diante do Senhor, e Aarão estará noutra parte.

17 Tomai todos e cada um os vossos turíbulos, e ponde-lhes em cima o incenso, oferecendo ao Senhor duzentos e cinqüenta turíbulos: E Aarão tenha também o seu turíbulo.

18 O que tendo êles feito diante de Moisés e de Aarão,

19 e tendo contra êles ajuntado tôda a multidão à entrada do tabernáculo, apareceu a todos a glória do Senhor.

(3) **MOISÉS IRADO** — Moisés exasperou-se pelos interesses e glória de Deus; combate e mostra o seu desagrado contra a impiedade, murmuração e desobediência às ordens do Senhor.

20 E falando o Senhor a Moisés e a Aarão, disse:

21 Separai-vos do meio desta congregação, para que eu de improviso os destrua.

22 Os quais se lançaram com o rosto em terra, e disseram: O' Deus fortíssimo dos espíritos de toda a carne, acaso pelo pecado de um só homem se acenderá a tua ira contra todos?

23 E o Senhor disse a Moisés:

24 Manda a todo o povo que se separe das tendas de Coré, e de Datan e de Abiron.

25 Levantou-se pois Moisés, e foi às tendas de Datan e Abiron: e seguindo-o os anciãos de Israel,

26 disse para a turba: Apartai-vos das tendas destes homens ímpios, e não toqueis coisa que lhes pertença, para que não sejais envolvidos nos seus pecados.

27 E como se tivessem retirado todos do contorno das suas tendas, saíram fora Datan e Abiron, e estavam em pé à porta dos seus pavilhões com suas mulheres e filhos, e com toda a sua tropa.

28 Então disse Moisés: Nisto conhecereis que o Senhor é quem me enviou, para fazer tudo o que vós vedes, e que não sou eu que o inventei de minha cabeça.

29 Se êstes morrerem de uma morte ordinária entre os homens, e forem feridos de uma praga, de que também os outros homens costumam ser feridos, não é o Senhor quem me enviou:

30 Mas se o Senhor fizer por um novo prodígio, que a terra, abrindo a sua bôca, os engula com tudo o que lhes pertence, e que desçam vivos ao inferno, então sabereis que êles blasfemaram contra o Senhor. (4)

(4) AO INFERNO — No original está *schêol*, que indica a morada dos ímpios depois da morte, e em outros lugares designa em geral a habitação dos mortos, quaisquer que êles sejam, Gên 37, 35; Jó 30, 23.

31 Logo pois que êle acabou de falar, se rompeu a terra debaixo dos seus pés:

32 e abrindo a sua bôca, os tragou com as suas tendas e com tudo o que lhes pertencia.

33 E desceram vivos ao inferno cobertos de terra, e pereceram do meio da multidão.

34 Todo o Israel, porém, que estava na circunvizinhança, fugiu ao clamor dos que pereciam, dizendo: Não suceda que a terra nos engula também a nós.

35 Ao mesmo tempo saindo um fogo do Senhor, matou os duzentos e cinqüenta homens, que ofereciam o incenso.

36 E o Senhor falou a Moisés, dizendo:

37 Manda ao Sacerdote Eleazar filho de Aarão que tire os turíbulo que estão no meio do incêndio, e que espalhe o fogo duma para outra parte; porque foram santificados

38 na morte dos pecadores: e que os reduza a lâminas, e os pregue no altar, porque nêles se ofereceu incenso ao Senhor, e foram santificados, para que filhos de Israel os contemplem como sinal e monumento.

39 Tirou pois o sacerdote Eleazar os turibulos de metal, nos quais tinham oferecido os que foram consumidos pelo incêndio, e os converteu em lâminas, pregando-os no altar,

40 para que os filhos de Israel tivessem ao depois em que escarmentar, a fim de que nenhum estrangeiro, nem algum que não seja da linhagem de Aarão se chegue para oferecer incenso ao Senhor, e padeça a mesma pena, que padeceu Coré, e tôda a sua tropa, conforme o Senhor tinha dito a Moisés.

41 Mas no dia seguinte tôda a multidão dos filhos de Israel murmurou contra Moisés e contra Aarão, dizendo: Vós matastes o povo do Senhor.

42 E como se formasse sedição, e crescesse o tumulto,

43 fugiram Moisés e Aarão para o tabernáculo do concêrto. Ao qual, depois que êles entraram cobriu a nuvem, e apareceu a glória do Senhor.

44 E o Senhor disse a Moisés:

45 Retirai-vos do meio desta multidão, ainda agora os destruirei. E como se prostrassem por terra,

46 disse Moisés a Aarão: Toma o turíbulo, e pondo-lhe fogo do altar, deita-lhe em cima incenso, e vai depressa ao povo, para rogares por êle: Porque já do Senhor saiu a ira, e já a mortandade começa a sentir-se.

47 O que tendo feito Aarão, e correndo ao meio da multidão, a quem já abrasava o incêndio, ofereceu o incenso:

48 E pôsto em pé entre mortos e vivos, rogou pelo povo, e cessou a mortandade.

49 Os que porém pereceram, foram catorze mil e setecentos homens, fora os que tinham perecido na sedição de Coré.

50 E Aarão voltou para Moisés para a porta do tabernáculo do concêrto, depois que cessou a mortandade.

CAPÍTULO 17

O SACERDÓCIO CONFIRMADO A AARÃO PELO MILAGRE DE FLORESCER SUA VARA.

1 Depois falou o Senhor a Moisés, dizendo: (1)

2 Fala aos filhos de Israel, e recebe dêles uma vara por cada tribo, doze varas de todos os príncipes das tribos; e escreverás sôbre cada vara o nome de cada um:

(1) **DEPOIS FALOU O SENHOR** — O sacerdócio de Aarão tinha sido confirmado por um prodígio de justiça, 16, 31.35, e

3 Mas o nome de Aarão estará na tribo de Levi, e o das mais tribos, estará escrito separadamente cada uma sua vara:

4 e pô-las-ás no tabernáculo do concêrto diante do testemunho, onde eu te falarei:

5 o que eu escolher dentre êles, florescerá a sua vara: e dêste modo tolherei eu os queixumes dos filhos de Israel, com que murmuram contra vós.

6 E falou Moisés aos filhos de Israel: E todos os príncipes por cada uma das tribos lhe deram cada um sua vara: E acharam-se doze varas fora a vara de Aarão.

7 As quais tendo pôsto Moisés diante do Senhor no tabernáculo do testemunho:

8 voltando no dia seguinte achou que tinha brotado a vara de Aarão na casa de Levi: e que inchando os gomos tinham saído flores, que estendidas as suas fôlhas se transformaram em amêndoas. (2)

9 Moisés pois trouxe tôdas as varas de diante do Senhor a todos os filhos de Israel: e cada tribo viu e recebeu a sua vara.

10 E o Senhor disse a Moisés: Torna a levar a vara de Aarão para o tabernáculo do testemunho, para se guardar ali em memória dos rebeldes filhos de Israel, e para que cessem de formar queixas contra mim, e para que não morram. (3)

por um prodígio de misericórdia, 16, 46.48; o Senhor vai agora produzir outro que constituirá um perpétuo testemunho.

(2) **EM AMENDOAS** — A vara de Aarão era sem dúvida dum ramo de amendoeira, que é comum no Oriente. Aparece com dois nomes na Bíblia. No episódio de Jacó obtendo, por meio das varas de diversas árvores, os cordeiros das côres que desejava, a amendoeira chama-se luz, Gên 30, 35-43. No outro lugar é expressa, como aqui, pelo nome de saqed.

(3) **PARA SE GUARDAR EM MEMÓRIA** — A lembrança

11 E fez Moisés o que o Senhor lhe tinha mandado.

12 Os filhos de Israel porém disseram a Moisés: Olha que todos somos consumidos, todos perecemos:

13 Qualquer que se chega ao tabernáculo do Senhor morre: Acaso seremos todos extintos até não ficar nenhum?

CAPÍTULO 18

FUNÇÕES DOS SACERDOTES E LEVITAS. PRIMÍCIAS E DÍZIMOS PARA A SUA SUBSISTÊNCIA.

1 E o Senhor disse a Aarão: Tu, e teus filhos, e a casa de teu pai contigo pagareis as iniquidades que se cometerem contra o santuário: e tu e teus filhos juntamente dareis conta dos pecados do vosso sacerdócio.

2 Toma também contigo a teus irmãos da tribo de Levi, e o ceptro de teu pai; e eles te assistam, e te sirvam: Mas tu e teus filhos ministrareis no tabernáculo do testemunho. (1)

3 E os levitas velarão às tuas ordens, e a tôdas as obras do tabernáculo: Sem que eles todavia se cheguem aos vasos do santuário, nem ao altar, para que nem eles morram, nem vós pereçais juntamente.

4 Mas estejam contigo, e velem sobre a guarda do tabernáculo, e em tôdas as suas cerimônias. Nenhum estrangeiro se misturará convosco.

5 Vigiai na guarda do santuário; e no ministério

dêste acontecimento ficou profundamente impressa na memória do povo hebreu. Ficaram-nos, do tempo dos macabeus, alguns siclos de prata tendo no reverso gravado um ramo ornado de três flores, que se supõe a vara de Aarão. Vigouroux, ob. cit.

(1) O CETRO — Isto é, a tribo.

do altar; para que se não levante a indignação sobre os filhos de Israel.

6 Eu dei-vos os levitas vossos irmãos, separando-os do meio dos filhos de Israel, e os entreguei em dom ao Senhor, para que sirvam nos ministérios do seu tabernáculo.

7 Tu porém e teus filhos guardai o vosso sacerdócio: e tudo o que pertence ao culto do altar, e que está para dentro do véu, se faça pelo ministério dos sacerdotes. Se algum estranho se chegar, será morto.

8 Falou mais o Senhor a Aarão: Eis-aí te dei a guarda das minhas primícias. Eu te dei a ti e a teus filhos pelo ministério sacerdotal, tudo o que me foi consagrado pelos filhos de Israel, por uma lei perpétua.

9 Isto portanto receberás daquelas coisas que santificam, e forem oferecidas ao Senhor. Toda oblação, e sacrifício, e tudo o que se me oferece pelo pecado e pelo delito, e que por isso vem a ser uma coisa santíssima, será teu, e de teus filhos.

10 Tu o comerás no santuário: Sòmente os machos comerão dêle, porque é destinado para ti.

11 As primícias porém que votarem e oferecerem os filhos de Israel, eu tas dei a ti, e a teus filhos, e a tuas filhas por um direito perpétuo. Aquêlê que se achar limpo na tua casa, comerá delas.

12 Eu te dei toda a medula do azeite, do vinho, e do trigo, todas as primícias que se oferecem ao Senhor.

13 Todos os primeiros frutos, que a terra produz, e são apresentados ao Senhor, serão para os teus usos: Aquêlê que se achar limpo na tua casa, comerá dêles.

14 Tudo o que por voto derem os filhos de Israel, será teu.

15 Tudo o que primeiro sai da matriz de toda a carne, que oferecem ao Senhor, ou seja de homens, ou

de animais, pertencer-te-á por direito: Mas com esta condição, que pelo primogênito do homem receberás o preço, e farás remir todo o animal imundo.

16 cuja redenção se fará depois de um mês por cinco siclos de prata do pêso do santuário. O siclo tem vinte óbolos.

17 Mas não farás remir o primogênito do boi, nem o da ovelha, nem o da cabra, porque são consagrados ao Senhor. Sòmente derramarás o seu sangue sôbre o altar, e queimarás as banhas em suavíssimo cheiro para o Senhor.

18 As carnes porém servirão para o teu uso, bem como o peito consagrado, e a espádua direita serão teus.

19 Eu te dei a ti, a teus filhos, e filhas, por um direito perpétuo tôdas as primícias do santuário, que os filhos de Israel oferecem ao Senhor. Isto é um pacto de sal, que deve durar para sempre diante do Senhor, para ti e para teus filhos. (2)

20 Disse mais o Senhor a Aarão: Vós não possuireis nada na sua terra, nem tereis parte entre êles: Eu é que sou a tua parte e a tua herança no meio dos filhos de Israel.

21 Mas aos filhos de Levi eu dei em possessão todos os dízimos de Israel pelo ministério, em que êles me servem no tabernáculo do concêrto:

22 Para que os filhos de Israel para o futuro se não cheguem mais ao tabernáculo, nem cometam pecado que lhes cause a morte;

23 mas só os filhos de Levi me sirvam no taberná-

(2) **UM PACTO DE SAL** — Entre os árabes o sal é o emblema e símbolo da amizade e fidelidade. Todo o árabe (principalmente no Sinai) que ultrajasse um homem com quem tivesse comido sal seria desprezado pelos seus concidadãos. Cf. Pinart.

culo, e levem sôbre si os pecados do povo: Lei que será sempre observada nas vossas gerações. Nenhuma outra coisa possuirão,

24 contentando-se com as oblações dos dízimos, que separei para seu uso e para o que lhes fôr necessário.

25 Falou também o Senhor a Moisés, dizendo:

26 Ordena e manda aos levitas isto: Quando receberdes dos filhos de Israel os dízimos, que eu vos dei, oferecei ao Senhor as primícias dêles, isto é, o dízimo, do dízimo,

27 para isto se vos reputar como oblação das primícias, tanto das eiras como dos lagares: (3)

28 e de tôdas as coisas de que recebeis primícias, oferecei ao Senhor, e dai-as ao sacerdote Aarão.

29 Tudo o que oferecerdes dos dízimos, e que separardes para donativo do Senhor, será o melhor e o mais escolhido.

30 Dir-lhes-ás outrossim: Se vós oferecerdes o que nos dízimos há de mais precioso e de mais excelente, servos-á isto reputado como se dêsseis as primícias da eira e do lagar:

31 e comereis dêsseis dízimos, vós, e as vossas famílias, em todos os vossos lugares: Porque êste é o preço do serviço, que fazeis no tabernáculo do testemunho.

32 E não pecareis acêrca disto, reservando para vós o melhor e o mais pingue; não suceda que profaneis as oferendas dos filhos de Israel, e morrais.

(3) **DOS LAGARES** — Havia no Egito maneiras muito diversas de fazer vinho. Na Palestina serviam-se para pisar as avas de cubas cavadas na rocha, do que se encontram ainda hoje vestígios. Pisavam a uva numa cuba superior, e o sumo caía na inferior.

CAPÍTULO 19

SACRIFÍCIO DA VACA VERMELHA. ÁGUA DE EXPIAÇÃO. SEU USO.

1 Tornou a falar o Senhor a Moisés e a Aarão, dizendo:

2 Esta é a cerimônia da vítima que o Senhor ordenou. Manda aos filhos de Israel, que te tragam uma vaca vermelha, que esteja na força da sua idade, e sem defeito, e que não tenha ainda levado o jugo: (1)

3 E a entregareis ao sacerdote Eleazar: o qual depois de a ter tirado para fora do campo, a imolará diante de todos: (2)

4 E molhando o dedo no sangue dela fará com ele sete aspersões voltado para a porta do tabernáculo.

5 E a queimará à vista de todos, consumindo na chama tanto a pele e as carnes, como o sangue e a bosta.

6 O sacerdote lançará também no fogo, que queima a vaca, pau de cedro, hissôpo e escarlata tinta duas vezes.

7 E depois disto, lavados os seus vestidos e o seu corpo, entrará no campo e estará imundo até à tarde.

8 Assim mesmo aquêle que o tiver queimado, lavará os seus vestidos e o seu corpo, e estará imundo até à tarde.

9 E um homem limpo recolherá as cinzas da vaca, e as deitará fora do campo num lugar limpíssimo, onde as guarde a multidão dos filhos de Israel, e sirvam para água de aspersão: Porque a vaca foi queimada pelo pecado.

(1) **VERMELHA** — Esta côr simbolizava o pecado. Is 1, 18.

(2) **ELEAZAR** — E' escolhido este de preferência a Aarão para que o sumo sacerdote não contráia impureza legal.

10 E aquêle que tinha levado as cinzas, depois de ter lavado os seus vestidos, ficará imundo até à tarde. Os filhos de Israel e os estrangeiros que habitam entre êles, terão isto como santo por um fôro perpétuo. (3)

11 Aquêle que tiver tocado o cadáver dum homem, e ficar por isso imundo sete dias,

12 receberá a aspersão desta água ao terceiro dia e ao sétimo, e assim se tornará limpo. Se não receber ao terceiro dia a aspersão, não poderá ser purificado ao sétimo.

13 Todo o que tiver tocado um cadáver humano, e não fôr borrifado com esta água assim misturada, manchará o tabernáculo do Senhor, e perecerá do meio de Israel: Porque não foi purificado com a água de expiação, ficará imundo, e a sua imundície ficará sôbre êle.

14 Esta é a lei em quanto ao homem que morre na sua tenda. Todos os que entrarem na sua tenda, e todos os vasos que ali há, estarão polutos sete dias.

15 O vaso, que não tiver tapadoura, nem atadura sôbre si, será imundo.

16 Se alguém no campo tocar o cadáver de um homem violentamente morto, ou falecido de si mesmo, ou qualquer osso dêle, ou a sua sepultura, será imundo sete dias.

17 E tomarão das cinzas da combustão e do pecado, e deitarão por cima delas águas vivas dentro de um vaso:

18 Nas quais depois de ter molhado um hissôpo um

(3) **POR UM FORO PERPÉTUO** — Este modo de dizer dá bem a entender que o escritor legisla para o futuro; o historiador que narrasse fatos passados não os contaria dêste modo, principalmente depois que as circunstâncias se modificaram, não sendo possível conduzir a vaca para fora do campo por êste não existir.

homem limpo aspergirá, com êle, a tôda a tenda, e a todos os móveis, e aos homens infeccionados de semelhante contágio.

19 E por êste modo o limpo purificará o imundo ao terceiro dia e ao sétimo. E expiado no dia sétimo, lavar-se-á a si e aos seus vestidos, e estará imundo até à tarde.

20 Se alguém não fôr expiado conformê este rito, perecerá a sua alma do meio da congregação: Porque manchou o santuário do Senhor, e não foi borrifado com a água da expiação.

21 Êste será um preceito legítimo e perpétuo. Aquê-le também que faz as aspersões com a água, lavará os seus vestidos. Todo o que tocar as águas da expiação, ficará imundo até à tarde.

22 Tudo quanto um imundo tocar, ficará imundo: e a alma, que tocar qualquer destas coisas, estará imunda até à tarde.

CAPÍTULO 20

MORTE DE MARIA, IRMÃ DE MOISÉS. ÁGUAS DA CONTRADIÇÃO. MOISÉS REPREENHIDO PELA SUA DESCONFIANÇA. OS IDUMEUS RECUSANDO DAR PASSAGEM AOS ISRAELITAS. MORTE DE AARÃO. SUCEDE-LHE ELEAZAR.

1 E vieram os filhos de Israel, e tôda a multidão para o deserto de Sin, no mês primeiro: e ficou o povo em Cades. Ali faleceu Maria, e no mesmo lugar foi enterrada. (1)

(1) CADES — A nordeste dêste pitoresco lugar vê-se uma pequena colina, que Rowlands julga ser o rochedo que Moisés feriu, de onde brotou água e de onde corre hoje um regato abundante.

2 E como o povo necessitasse de água, se ajuntaram contra Moisés e Aarão;

3 e tendo excitado um motim, disseram: Oxalá que nós tivéssemos perecido entre os nossos irmãos diante do Senhor.

4 Por que tirastes vós a congregação do Senhor para o deserto, para morrermos assim nós, como os nossos animais?

5 Por que nos fizestes sair do Egito, e nos trouxestes a este péssimo lugar, que não se pode semear, e onde se não dão nem figueiras nem vinhas, nem romeiras, e em cima disto não tem água que se beba?

6 E Moisés e Aarão, deixada a turba, entraram no tabernáculo do concôrto, e tendo-se prostrado com o rosto em terra, clamaram ao Senhor, e disseram: Senhor Deus, ouve o clamor dêste povo, e abre-lhe o teu tesouro, uma fonte d'água viva, para que, saciando-se, cesse a sua murmuração. E apareceu sôbre eles a glória do Senhor.

7 E o Senhor falou a Moisés, dizendo:

8 Toma a vara, e ajunta o povo, tu e Aarão teu irmão e falai à pedra diante deles, e ela dará águas. E depois que tiveres feito sair água da pedra, beberá toda a multidão e os seus animais.

9 Tomou pois Moisés, a vara, que estava diante do Senhor, conforme lhe tinha ordenado,

10 e tendo congregado a multidão diante da pedra, lhes disse: Ouvi: rebeldes e incrédulos: Acaso poderemos nós fazer sair desta pedra água para vós? (2)

(2) **ACASO PODEREMOS NÓS FAZER SAIR DESTA PEDRA AGUA** — Vê-se que há no espírito de Moisés uma certa desconfiança, que, segundo os mais abalisados intérpretes, se não refere à Onipotência Divina, mas porque temia que as murmurações do povo ocasionassem um castigo de Deus. Veja-se o Sl 105, 32a.

11 E tendo Moisés levantado a mão ferindo duas vêzes com a vara a pederneira, saíram dela águas copiosíssimas, de sorte que bebeu o povo e os animais. (3)

12 E o Senhor disse a Moisés e a Aarão: Porque vós me não crestes para me santificardes diante dos filhos de Israel, não introduzireis êstes povos na terra, que tenho para lhes dar.

13 Esta é a água da contradição, onde os filhos de Israel murmuraram contra o Senhor, e ondê o Senhor foi santificado no meio dêles.

14 Entretanto enviou Moisés de Cades embaixadores ao rei de Edom, que lhe dissessem: Isto te envia a dizer teu irmão Israel: bem sabes os trabalhos em que nos vimos metidos,

15 de que modo desceram nossos pais ao Egito, e habitamos aí muito tempo: Como os egípcios nos afligiram a nós, e a nossos pais:

16 e como clamamos ao Senhor, e nos ouviu, e enviou um anjo, que nos tirou do Egito. Eis-aqui postos nas cidades de Cades, que está situada nos teus últimos limites,

17 te suplicamos que nos deixes passar pelo teu país. Não iremos pelos campos, nem pelas vinhas, nem beberemos das águas dos teus poços: mas iremos pela estrada real, sem declinarmos nem para a direita, nem para a esquerda, até que passemos além das tuas terras.

18 Edom lhe respondeu: Não passarás pelas minhas terras, doutra sorte armado te sairei ao encontro.

19 E os filhos de Israel replicaram: Nós marcharemos pelo caminho ordinário: e se bebermos as tuas águas nós e os nossos gados, pagar-te-emos o que fôr

(3) **FERINDO DUAS VEZES** — Nova falta de confiança da parte de Moisés, que não tinha recebido ordem senão de falar à pedra, v. 8.

justo: não haverá dificuldade alguma no preço, permite somente que passemos de corrida.

20 Mas êle respondeu: Não hás de passar: e marchou logo ao encontro dêles com infinita gente, e com um poderoso exército:

21 Nem quis condescender com o que lhe rogavam, para lhes conceder passagem pelo seu país: pelo que se desviou Israel das suas terras.

22 E tendo abalado de Cades, vieram ao monte Hor, que é nos confins da terra de Edom: (4)

23 Onde falou o Senhor a Moisés:

24 Vá, lhe diz, ajuntar-se Aarão ao seu povo: Porque êle não entrará na terra, que eu dei aos filhos de Israel, porque foi incrédulo às palavras da minha bôca, nas águas da contradição.

25 Toma a Aarão e a seu filho com êle. e leva-os ao monte Hor.

26 E depois de teres despido do seu vestido ao pai, vestirás com êle a Eleazar seu filho: Aarão será recolhido, e morrerá aí. *

27 Fêz Moisés como o Senhor lhe mandara: e subiram ao monte Hor diante de tôda a multidão. (5)

28 E depois que despojou a Aarão dos seus vestidos, vestiu com êles a Eleazar seu filho.

(4) **NO MONTE HOR** — Uma tradição bem fundamentada coloca o monte Hor nas cercanias de Petra. Ainda hoje se vê um monumento que tem o nome de túmulo de Aarão.

(5) **DIANTE DE TÔDA A MULTIDÃO** — Que estava acampada em Mosera, junto do monte.

29 E logo que aquêlê morreu no cume do monte, desceu Moisés com Eleazar.

30 E todo o povo vendo que Aarão morrera, chorou por êle com tôdas as suas famílias trinta dias.

CAPÍTULO 21

VITÓRIA DOS ISRAELITAS SOBRE OS CANANEUS. NOVA MURMURAÇÃO. SERPENTE DE METAL. GUERRA CONTRA SEON, E CONTRA OG.

1 O que ouvindo Arad, rei cananeu, que habitava ao Meio-Dia, isto é, que Israel viera pelo caminho dos exploradores, pelejou contra êle; e ficando vencedor, levou dêle os despojos. (1)

2 Mas Israel obrigando-se com voto ao Senhor, disse: Se tu entregares nas minhas mãos êste povo, eu arruinarei as suas cidades. (2)

3 E o Senhor ouviu os rogos de Israel, entregou-lhe os cananeus, que êle fêz passar à espada, destruídas as suas cidades: e chamou a êste lugar Horman, isto é, anátema.

4 E partiram também do monte Hor pela estrada, que conduz ao mar Vermelho, para rodearem o país de Edom. E começou o povo a enfasiar-se do caminho e do trabalho:

5 E falando contra Deus e contra Moisés, disse: Por que nos tiraste dô Egito, para virmos a morrer neste

(1) ARAD — Hoje Tell-Arad, a 25 quilômetros para o sul do Hebron.

(2) OBRIGANDO-SE COM VOTO — Este voto consistiu em pronunciar o anátema sobre as cidades do rei Arad. Este anátema, em hebreu kherem, tinha por fim votar as sobreditas cidades ao extermínio.

ermo? Falta-nos pão, não há água: a nossa alma se enfastia já dêste levíssimo manjar.

6 Por esta causa enviou o Senhor contra o povo umas serpentes, que queimavam como fogo, a cujas mordeduras, como fôssem muitíssimos os que morriam, (3)

7 vieram ter com Moisés e lhe disseram: Nós pecamos, porque temos falado contra o Senhor e contra ti: roga-lhe que nos livre destas serpentes. E orou Moisés pelo povo,

8 e o Senhor lhe disse: Faze uma serpente de bronze, e põe-na por sinal: todo o que sendo ferido olhar para ela, viverá. (4)

9 Fêz pois Moisés uma *Serpente de Bronze*, e pô-la por sinal: e os que, estando feridos, olhavam para ela, saravam.

10 E tendo partido os filhos de Israel, se acamparam em Obot. (5)

11 Donde tendo saído, armaram as suas tendas em Jeabarim no deserto, que olha para Moab ao Oriente.

12 E abalando dêste lugar vieram à torrente de Zared. (6)

13 Deixando a qual se acamparam defronte de Ar-

(3) **QUE QUEIMAVAM COMO FOGO** — Isto é, cuja mordedura causava uma febre ardente e uma sede intolerável. Ainda hoje na península do Sinai são freqüentes estas serpentes. Cfr. Léon de Laborde, *Commentaire géographique sur l'Exode et les Nombres*.

(4) **DE BRONZE** — Ou melhor, de cobre, porque o bronze é uma liga usada posteriormente. A palavra hebraica, *nehoset*, designa simultaneamente cobre e bronze, mas nos livros mais antigos da Bíblia significa metal simples, e não composto. Vigouroux, obra cit. A este fato se refere o Evangelho de Jo 3, 14 s, e S. Paulo, 1 Cor 10, 9.

(5) **OBOT** — A entrada de Itur.

(6) **ZARED** — Talvez o moderno Kerak.

non, que é no deserto, e sobressai nos confins dos amorreus. Porque Arnon é o têrmo de Moab, que separa os moabitas dos amorreus. (7)

14 Por isso se diz no Livro das Guerras do Senhor: Assim como fêz no mar Vermelho, assim fará nas torrentes de Arnon. (8)

15 Os rochedos das torrentes se inclinaram, para descansarem em Ar, repousarem nos confins dos moabitas. (9)

16 Ao sair daquele lugar, appareceu o poço, sôbre o qual falou o Senhor a Moisés, dizendo-lhe: Ajunta o povo, e eu lhe darei água.

17 Então cantou Israel êste cântico: Suba o poço. Cantavam acordes:

18 O poço, que os príncipes cavarain, e que os chefes

(7) ARNON — Hoje el-Modjib, que tem a sua origem nas montanhas orientais de Moab, e deságua no mar Morto, percorrendo 75 quilômetros, sôbre um leito muito escarpado.

(8) NO LIVRO DAS GUERRAS DO SENHOR — Têm os intérpretes divergido muito sôbre a significação desta frase. A Vulgata traduziu por libro a palavra hebraica *sepher*, que uns críticos entendem significar *recensio*, *recenseamento*, *enumeração*; outros sustentam que significa *narratio*, e a opinião geral entende que se deve traduzir por *liber*, o livro. Mas que livro é êste? Uns querem que seja o primelro dos Juizes, outros o dos Salmos. Calmet, porém, entende, e êsse é o parecer mais seguido, que o que Moisés chama Livro das Guerras, não era outra coisa senão as memórias que destas guerras se conservavam, e que depois se perderam. E esta também a opinião de Vigouroux, que diz que êste livro era a reunião dos cânticos e a narração dos combates que os israelitas sustentaram, e que se perdeu, como se perderam outros livros citados no Antigo Testamento.

(9) AR — Ou Ar Moab, na margem esquerda do Arnon, quase em frente de Aroer.

do povo prepararam com o que tinha dado a lei, e com os seus bordões. Desta solidão veio o povo a Matana. (10)

19 De Matana a Naaliel: de Naaliel a Bamot.

20 De Bamot a um vale que está no país de Moab, no cume de Fasga, que olha para o deserto. (11)

21 Mandou porém Israel embaixadores a Seon, rei dos amorreus, dizendo:

22 Suplico-te que me deixes passar pelo teu país: não declinaremos nem para os campos, nem para as vinhas; não beberemos águas dos teus poços; iremos pela estrada real, até passarmos os teus limites.

23 O qual não quis conceder que Israel passasse pelo seu país: Antes tendo ajuntado o seu exército, saiu a encontrar-se com ele no deserto, e veio a Jasa, e deu-lhe batalha.

24 Mas foi passado à espada por Israel, que se fez senhor da sua terra, desde Arnon até Jeboc, e até os filhos de Amon: porque as fronteiras dos amonitas estavam defendidas por fortes guarnições. (12)

25 Tomou pois Israel tôdas as suas cidades, e habitou nas cidades dos amorreus, isto é, em Hesebon, e nas aldeias vizinhas. (13)

26 Porque a cidade de Hesebon pertencia a Seon, rei dos amorreus, que pelejou contra o rei de Moab, e lhe tomou tôdas as terras que tinham sido do seu senhorio, até Arnon.

(10) **MATANA** — Segundo Eusébio, ficava a doze milhas romanas do Medaba.

(11) **FASGA** — Designa tôda ou parte da cordilheira Abarrim, a este do mar Morto.

(12) **JEBOC** — Afluente do Jordão, hoje Zerka.

(13) **HESEBON** — Capital dos amorreus; ainda hoje se vêem as ruínas sobre uma colina, a este do Jordão, quase em frente da foz deste rio.

27 Por isso se diz em provérbio: Vinde a Hesebon, edifique-se, e levante-se a cidade de Seon:

28 O fogo saiu de Hesebon, a chama da cidade de Seon, e devorou a Ar dos moabitas, e aos habitantes nas alturas de Arnon.

29 Ai de ti, Moab; pereceste, povo de Camos. Êle deixou fugir seus filhos, e entregou cativas suas filhas a Seon, rei dos amorreus. (14)

30 O seu jugo foi desfeito desde Hesebon até Dibon, chegaram cansados a Nofe, e até Medaba. (15)

31 Israel pois habitou no país dos amorreus.

32 E enviou Moisés homens que reconhecessem a Jazer: êstes tomaram os seus lugares, e se senhorearam dos seus habitantes.

33 Depois voltaram, e subiram pelo caminho de Basan, e lhes saiu ao encontro Og, rei de Basan com todo o seu povo, para lhes dar batalha em Edrai. (16)

34 E o Senhor disse a Moisés: Não tenhas medo dêle, porque em tua mão o entreguei a êle, e todo o seu

(14) **CAMOS** — Divindade a que prestavam culto os moabitas.

(15) **DIBON** — Cidade dos amorreus, dada à tribo de Gad, como Jazer (v. 32), que se tornou uma cidade levítica, caindo mais tarde em poder dos moabitas. Estava situada a dez milhas romanas a este de Rabat-Amon e a quinze ao norte de Huchon. Crê-se que as ruínas foram encontradas em Es-Sir.

(16) **BASAN** — Região a este do Jordão, limitada ao norte pelo monte Hermon, a este pelo país de Gessuri e do Machnti, ao sul por Galaad, e a oeste pelo vale do Jordão; hoje está inculta, mas foi outrora muito fértil e coberta por uma notável floresta de carvalhos.

EDRAI — Era a capital dêste reino de Basan, hoje Edra, sem água e de difficilíssimo acesso. Vêem-se aí ruínas consideráveis.

povo, e todo o seu país: e tu o tratarás como trataste a Seon, rei dos amorreus, que habitava em Hesebon.

35 Mataram pois os israelitas também a êste com seus filhos, e todo o seu povo até os acabar de todo, e fizeram-se senhores do seu país.

CAPÍTULO 22

ACAMPAM-SE OS ISRAELITAS NAS PLANÍCIES DE MOAB.
BALAC, REI DOS MOABITAS, ENVIA MENSAGEIROS A BALAAAM ADIVINHO, CUJA BURRA LHE FALA DUAS VEZES.

1 E tendo partido dali, se acamparam nas planícies de Moab, onde está situada Jericó, além do Jordão.

2 Vendo porém Balac, filho de Sefor, tudo o que Israel tinha feito aos amorreus,

3 e que os moabitas tinham concebido grande medo dêle, e não podiam aturar os seus ataques,

4 disse aos anciãos de Madian: Êste povo destruirá todos quantos moram à roda de nós, da mesma sorte que o boi costuma roer as ervas até à raiz. Êste era naquele tempo rei dos moabitas. (1)

5 Mandou pois embaixadores a Balaam, filho de Beor, o qual era um adivinho, que habitava sôbre o rio do país dos filhos de Amon, para que o chamassem, e lhe dissessem: Olha que saiu do Egito um povo, que cobriu a face da terra, o qual está acampado contra mim. (2)

(1) **DISSE AOS ANCIÃOS DE MADIAN** — Balac era rei de Moab e se dirige aos madianitas é porque êstes eram seus vizinhos e tinham a mesma origem, pois eram descendentes de Taré. É natural que os moabitas, que tinham sido vencidos pelos amorreus, procurassem socorro e fizessem alianças contra o inimigo que lhes surgia na frente.

(2) **BALAAAM** — Se atendermos à etimologia da palavra, concluiremos que Balaam deveria ser um feiticeiro terrível, tanto mais

6 Vem pois amaldiçoar êste povo, porque êle é mais forte do que eu, a fim de ver se posso por algum modo batê-lo, e lançá-lo fora do meu país. Porque eu sei que será bendito aquêle, a quem tu abençoares, e maldito aquê-le sôbre quem tu lançarês a maldição.

7 Partiram pois os senadores de Moab, e os an-

que entre os orientais é freqüente o costume de designar os homens pela sua profissão, costumes, ou qualquer acontecimento notável da sua vida. S. João, no Apocalipse, traduziu por Nicolaos a palavra Balaam, e chama aos nicolaítas os hereges que imitaram Balaam. Este aconselhou os moabitas a que seduzissem os israelitas; os nicolaítas procuravam corromper os cristãos. "*Sed habeo adversus te pauca: quia habes illic tenentes doctrinam Balaam, qui docebat Balac mittere scandalum coram filiis Israël, odere et fornicari: ita habes et tu tenentes doctrinam Nicolaitarum.*" (Apoc. 2, 12-17). Este texto mostra a relação dos erros de Balaam. Mas, posta de parte a questão etimológica, qual é o caráter moral e religioso de Balaam? E' questão debatida desde os primeiros séculos da Igreja. Para uns, Balaam era um falso profeta, um mágico, um pagão, que não conhecia a verdadeira religião e que abençoou Israel, contra a sua vontade e vencido pela Onipotência Divina. E' a opinião de Santo Ambrósio, Santo Agostinho, S. Gregório de Nisse, Teodoreto, e de muitos teólogos católicos e protestantes Witsius e Deyling, etc. Segundo outros, Balaam era um verdadeiro profeta, um homem piedoso, perdido pela avaréza. São desta opinião Tertuliano e S. Jerônimo. Cf. Buldeus, *Hist. Ecclesiástica*, pág. 753. Meignam, *Les prophetes messianiques*, sustenta que estas opiniões, por mais contraditórias que pareçam, têm um fundo verdadeiro, e que é preciso conciliá-las, afastando o que ambas têm de absoluto. Balaam não era um ímpio, pois se vangloriava da sua fé em Deus, como se vê do vers. 8, quando respondeu aos emissários de Balac: Ficaí aqui esta noite e eu vos direi tudo o que o Senhor me tiver declarado. Mas seria isto uma impostura? Se o fôsse falaria ao agrado do consultor; e como se concilia a fraude com as palavras do vers. 18: Eu não poderei trocar a palavra do Senhor; e do vers. 38: Mas poderei eu dizer outra coisa, que não seja o que Deus me pôs na bôca? Se Balaam fôsse um impostor, a Sagrada Escritura o indicava, por isso Meignam, ob. cit., pág. 485,

ciãos de Madian, levando nas mãos com que pagar ao adivinho. E como chegassem a Balaam, e lhe referissem tôdas as palavras de Balac:

8 Ele lhes respondeu: Ficaí aqui esta noite, e eu vos direi tudo o que o Senhor me tiver declarado. Estando êles em casa de Balaam, veio Deus, e disse-lhe: (3)

conclui que Balaam tinha boa fé e sinceridade quando consultava o Senhor; boa fé e sinceridade quando falava a Balac; boa fé e sinceridade quando profetizava. Mas a isto objeta-se, e com razões: Balaam mentiu até ao momento de profetizar, como se deve dar crédito à sua profecia e ao seu caráter? A isto responde-se, dizendo que se não tem Balaam por um santo, qual outro Jó, eminente pela sua virtude, e para isto basta ver que a Bíblia, no vers. 5, lhe chama adivinho, haq-qorem, ariolus, nome que na Escritura nunca se toma à boa parte, o que fez dizer ao já citado Meignam, que Balaam era um desses tipos de hierofantes desconhecidos do mundo moderno, e difficilmente compreendidos hoje, que se podia comparar aos adivinhos gregos, sendo como um Calcas, a um tempo venerado e temido, ouvido pelos povos e pelos reis; era um augeire à maneira dos romanos, lendo nos signos os destinos das batalhas, misturando a verdade com o erro, a sinceridade com o embuste, desconcertando a filosofia, e desnorteando a história. Mas, sendo assim, pergunta-se: como é que Deus o honrava com as divinas revelações? Deus, pela sua Onipotência, que tudo pode, e pela sua Onisciência, que tudo prevê, pode servir-se dêste ou daquele instrumento para os seus Sapientíssimos designios. Demais, o dom da profecia é muito distinto da santidade. *Le don de prophetie est très distinct de la sainteté*, Meignam, ob. cit. Este dom muitas vêzes não aproveita àquele que o recebe, mas redundava em favor do gênero humano. Balaam está neste caso. A sua profecia não foi um embuste, uma impostura, o que não quer dizer que elle fôsse um justo; pode admitir-se, à face do texto, que Balaam consultasse Deus com um sentimento real de fé, e Deus, em sua Bondade Infinita, Deus, que predestinava Balaam para predizer a vinda do Messias, respondia ao adivinho.

(3) **EU VOS DIREI TUDO O QUE O SENHOR** — No hebreu está Iahvéh, o que comprova que Balaam consultou o Deus dos israelitas, qualquer que fôsse a sua crença.

9 Que te querem êstes homens, que estão em tua casa?

10 Respondeu Balaam: Balac, filho de Sefor, rei dos moábitas me mandou

11 dizer: Olha que um povo que saiu do Egito, tem coberto a superfície da terra. Vem amaldiçoá-lo, para ver se eu por algum modo o posso afugentar combatendo.

12 E Deus disse a Balaam: Não vás com êles, nem maldigas o povo: Porque é bendito.

13 O qual, levantando-se pela manhã, disse aos príncipes: Tornai para a vossa terra, porque o Senhor me proibiu ir convosco.

14 Voltando os príncipes disseram a Balac: Balaam não quis vir conosco.

15 Então lhe enviou Balac de novo outros embaixadores em maior número e de maior qualidade, do que os que antes enviara.

16 Os quais chegando a casa de Balaam, lhe disseram: Eis-aqui o que diz Balac, filho de Sefor: Não te demores em vir a mim:

17 Eu estou aparelhado para te honrar e tudo quanto quizeres te darei: vem e amaldiçoas êste povo.

18 Respondeu Balaam: Ainda quando Balac me desse a sua casa cheia de prata e de ouro, eu não poderia trocar a palavra do Senhor meu Deus, para dizer ou mais, ou menos.

19 Rogo-vos que fiquéis aqui ainda esta noite, e para que eu possa saber, que é o que o Senhor me responde de novo.

20 Veio pois Deus a Balaam de noite, e lhe disse: Se êstes homens te vieram chamar, levanta-te, e vai com êles: Mas com condição, que faças o que te mandar.

21 Levantou-se Balaam de manhã, e aparelhada a sua jumenta, partiu com êles. (4)

22 E Deus se irou. E o anjo do Senhor se pôs no caminho diante de Balaam, que ia montado na jumenta, e tinha dois criados consigo. (5)

23 A jumenta, vendo o anjo parado no caminho com uma espada desembainhada, afastou-se do caminho, e ia pelo campo. E como Balaam a fustigasse, e a quisesse fazer voltar à estrada,

24 pôs-se o anjo numa azinhaga estreita entre dois muros, com que estavam cercadas as vinhas.

25 A jumenta, vendo-o, coseu-se tôda com a parede, e comprimiu o pé do que ia montado nela. Porém êle tornou a fustigar:

26 Mas o anjo passando a lugar ainda mais apertado, onde não era possível desviar-se nem para a direita, nem para a esquerda, parou adiante.

27 E a jumenta, vendo o anjo parado, caiu debaixo dos pés do que ia montado: O qual irado a fustigava mais fortemente com uma vara pelas ilhargas.

28 Mas o Senhor abriu a bôca da jumenta, e ela falou: Que te fiz? Por que me feres? Esta é já a terceira vez? (6)

(4) **A JUMENTA** — É sabido que no Oriente se serviam muito dêste animal para o transporte dos viajantes.

(5) **DEUS SE IROU** — Modo de dizer, freqüente na Bíblia. Balaam exteriormente seguia as instruções divinas, mas interiormente, sua alma estava acorrentada ao interesse, e abrasada em ódio contra Israel.

(6) **O SENHOR ABRIU A BÔCA DA JUMENTA** — Porque se trata dum fato extraordinário, sobrenatural, a crítica racionalista combate-o violentamente, sem que contudo logre aduzir argumentos convincentes. Bauer entende que isto não passa dum mito. *Hebräisch Mythologie*. Herder e Jahn sustentam que o fato narrado não

29 Respondeu-lhe Balaam: Porque tu o mereceste, e porque fizeste escárnio de mim. Quem tivera uma espada para te matar.

30 Disse-lhe a jumenta: Acaso não sou eu a tua bêsta, em que tu sempre costumaste cavalgar até hoje? Dize-me se te fiz eu jamais coisa semelhante. E êle lhe respondeu: Nunca.

31 No mesmo ponto abriu o Senhor os olhos de Balaam, e êle viu o anjo parado no caminho com a espada desembainhada, e prostrado por terra o adorou. (7)

32 Ao qual disse o anjo: Por que castigas tu terceira vez a tua jumenta? Eu vim opor-me a ti, porque o teu caminho é perverso, e contrário a mim:

33 E se a jumenta se não tivesse desviado do cami-

passou dum sonho, etc. Desde que se demonstra que o Pentateuco é autêntico, escrito com circunspecção e boa fé, não se podem ver nêle mitos, visões, sonhos, etc. Aceitam os críticos a embaixada de Balac junto de Balaam, porque rejeitam êste fato, ligado intimamente com o precedente. Se êste fato é uma ficção, por que não o é tôda a história de Balaam? As palavras da Escritura Sagrada são claras e formais. O texto diz: *Aperuit Dominus os asinæ*. Esta reflexão indica que o autor sagrado quer significar que houve um milagre; êste modo de dizer exclui a hipótese de um sonho, e mostra a existência dêsse fato. S. Pedro explica essa passagem tirando tôdas as dúvidas. *Correptionem vero habuit suae vesaniae (Balaam): subjugale mutum animal, hominis voce loquens, prohibuit prophetae insipientiam*. Deus quis confundir e humilhar Balaam, o Senhor quis mostrar-lhe o seu Poder.

(7) **ABRIU O SENHOR OS OLHOS** — Serviu-se Deus dêsste meio para mover o ânimo entenebrecido de Balaam. Um comentador faz sobre êste fato as seguintes judiciosas considerações: *Cum magno prophetae dedecore patefacta fuit prius asinae angeli gloria. Visiones extraordinarias jactabat Balaam, nunc quod bestiae oculis expositum est eum fugit. Unde haec caecitas, nisi ex avaritia quae sic et alios saepe obstupescit homines, quando lucrum sanctae vocationi Dei et ipsi prætulerunt.*

nho, cedendo-me, quando eu me opunha à tua passagem, eu te matara, e ela ficara viva.

34 Balaam lhe respondeu: Eu pequei, não sabendo que tu te opunhas a mim: Agora porém se não é do teu gosto que eu vá, voltarei.

35 Disse-lhe o anjo: Vai com êstes, mas vê, não fales senão o que eu te mandar. Êle pois se foi com os príncipes.

36 O que tendo ouvido Balac, saiu a recebê-lo numa cidade dos moabitas, que está situada na extremidade de Arnon.

37 E disse a Balaam: Eu mandei embaixadores a chamar-te, por que não vieste tu logo ver-me? Foi acaso, por que eu te não posso pagar o trabalho da jornada?

38 Respondeu-lhe Balaam: Eis-aqui me tens já: Mas poderei eu dizer outra coisa, que não seja o que Deus me puser na bôca?

39 Puseram-se pois ambos a caminho, e chegaram a uma cidade, que estava na extremidade do seu reino.

40 E Balac tendo feito matar bois, e ovelhas, mandou presentes a Balaam e aos príncipes, que eram com êle.

41 E chegada que foi a manhã, levou-o aos altos de Baal, e viu a última parte do povo. (8)

(8) BAAL — Para honrar Baal escolhiam de preferência lugares elevados, montes onde se respirava um ar puro e onde se encontravam árvores copadas, à sombra das quais os adoradores dançavam, cantavam, queimavam perfumes e se entregavam a todos os desmandos, ainda os mais torpes. Baal era o principal deus cananeu: primitivamente foi representado por uma pedra cônica; nos últimos tempos era a imagem do sol. Apareceram sucessivamente vários Baals, mas que na realidade eram o mesmo Baal, adorado em lugares diversos e sob aspectos variados, Baalhermon, Beelphegor, Baalgad, etc. Teremos ocasião de falar do culto de Baal no 3 Rs 18, 19.

CAPÍTULO 23

BALAAAM EM VEZ DE AMALDIÇOAR OS ISRAELITAS, OS ABEN-
ÇOAR POR DUAS VEZES DISTINTAS.

1 Então disse Balaam a Balac: Edifica-me aqui sete altares, e prepara outros tantos novilhos e outros tantos carneiros. (1)

2 E tendo feito Balac o que Balaam lhe havia dito, puseram juntamente um novilho e um carneiro sôbre cada altar.

3 E Balaam disse a Balac: Fica-te um pouco ao pé do teu holocausto, enquanto eu vou ver se acaso o Senhor me aparece, e te direi tudo o que êle mandar.

4 E partindo a tôda a pressa, appareceu-lhe Deus. E falando-lhe Balaam, disse: Eu levantei sete altares, e pus um novilho e um carneiro sôbre cada um.

5 E o Senhor lhe pôs a palavra na bôca, e disse: Torna para Balac, e dir-lhe-ás estas coisas.

6 Tornando, achou a Balac pôsto em pé junto do seu holocausto com todos os príncipes dos moabitas:

7 e começando a falar em parábola, disse: Balac, rei dos moabitas, me trouxe de Aram, desde os montes

(1) **SETE ALTARES** — O número sete era considerado como sagrado. A Bíblia fala dos dias da criação e do sétimo, do repouso, do ano sabático, etc. O sacerdote devia espalhar sete vêzes o sangue do sacrificio. Lev 6, 6. Jó oferece sete vítimas; o número sete é como um selo marcando os atos principais da aliança de Deus com o seu povo. Os padres da Igreja e os escritores da meia-idade escreveram muito sôbre o número sete, acêrca do qual se encontram esclarecimentos curiosos nos trabalhos de Ritter, Lommatzsch e Buhr.

do Oriente: vem, me disse, e amaldiçoa a Jacó: apressa-te, e detesta a Israel. (2)

8 Como amaldiçoarei eu a quem Deus não amaldiçoou? Como detestarei a quem o Senhor não detesta? (3)

9 Eu o verei do cume dos rochedos, e o contemplarei dos outeiros. Este povo habitará só e não será contado no número das nações. (4)

10 Quem poderá calcular o pó de Jacó, e conhecer o número dos filhos de Israel? A minha alma morra da morte dos justos, e o fim da minha vida se assemelhe aos dêstes homens. (5)

(2) **EM PARABOLA** — No hebreu está *mshaló*, similitudo, que a Vulgata traduziu por *parábola*. Esta frase inicia os quatro oráculos de Balaam, e por aqui se vê que Moisés quis estabelecer uma evidente diferença entre as profecias de Balaam e as dos outros profetas. Nós lemos à frente das profecias de Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel, etc., estas palavras: *Profecias de Isaías, Profecias de Jeremias, etc.*; e nas de Balaam estas outras: *Falou por figuras, em sentido figurado, que é a justa significação do texto original*. A expressão “parábola”, deve-se advertir, não é rigorosa, pois que Balaam não fala por parábolas, mas sim por figuras.

ARAM — A Síria e a Mesopotâmia, a oeste do Eufrates.

(3) **COMO AMALDIÇOAREI** — A inspiração divina levava Balaam a proceder assim; Balac chamou-o para amaldiçoar Israel, mas ele só abençoou o povo escolhido.

(4) **HABITARÁ SÓ** — Esta frase indica um caráter distintivo do povo hebreu, que viveu isolado das outras nações por suas leis e seus costumes, por ordm de Deus, Justino, liv. 36, c. 6; Tácito, *Hist.*, liv. V, c. 5; Juvenal, *Sátira* 14, v. 101, pintam os hebreus como homens insociáveis. O contato de Israel com os outros povos era uma infidelidade à vocação, e nessa persistência consistia a sua glória.

(5) **O PÓ DE JACÓ** — Isto é, a descendência de Jacó, tão numerosa como os grãos de poeira. Há evidentemente aqui uma alusão à profecia feita por Abraão e à bênção de Jacó. Estava nos desígnios do Altíssimo ligar o vaticínio de Balaam às solenes profecias dos séculos passados.

11 E disse Balac a Balaam: Que é isto que tu fazes? Eu chamei-te para amaldiçoares os meus inimigos; e tu pelo contrário os abençoas.

12 Êle lhe respondeu: Acaso posso eu dizer outra coisa, senão o que o Senhor me mandou?

13 Disse-lhe pois Balac: Vem comigo a outro lugar, donde tu vejas uma parte de Israel, sem que o possas ver todo por inteiro, e amaldiçoa-o daí.

14 E tendo-o levado a uma grande eminência no cume do monte Fasga, levantou ali Balaam sete altares, e postos sôbre cada altar um novillo e um carneiro,

15 disse a Balac: Deixa-te aqui ficar ao pé do teu holocausto, enquanto eu vou ver se o encontro.

16 E como o Senhor lhe apparecesse, e lhe pusesse a palavra na sua bôca, lhe disse: Torna para Balac, e dir-lhe-ás estas coisas.

17 Tornando o achou pôsto em pé junto do seu holocausto, e os príncipes dos moabitas com êle. Balac lhe perguntou: Que é o que te disse o Senhor?

18 E êle continuando com a sua parábola, disse: Levanta-te, Balac, e escuta; ouve filho de Sefor. (6)

19 Deus não é como o homem capaz de mentir, nem como o filho do homem, sujeito a mudanças. Êle pois disse, e não o fará? Falou, e não o cumprirá? (7)

(6) **LEVANTA-TE** — Começa aqui o segundo oráculo, como indica a palavra "parábola". Estas palavras Levanta-te e escuta, têm por fim conservar a atenção de Balac.

(7) **DEUS NAO É COMO O HOMEM** — Tudo o que Balaam diz aqui da imutabilidade divina, foi reproduzido em várias passagens da Sagrada Escritura, 1.º liv. dos Rs 15, 19; Mal 3, 6; Tg 1, 17. A propósito diz Meignam, ob. cit., que esta conformidade das palavras de Balaam com as que o Espírito Santo inspirou aos demais hagiógrafos prova a inspiração dêste oráculo.

20 Eu fui trazido para abençoar, não posso impedir a bênção.

21 Em Jacó não há ídolo, nem em Israel se vê simulacro. Com êle está o Senhor seu Deus, e nêle se ouve o som da vitória do rei.

22 Deus o tirou do Egito, a sua fortaleza é semelhante à do rinoceronte. (8)

23 Não há agouros em Jacó, nem adivinhações em Israel. A seus tempos se dirá a Jacó e a Israel o que Deus obrou. (9)

24 Eis-aqui o povo que se levantará como uma leoa, e se porá em pé como um leão: não se deitará, menos que não devore a prêsa, e que não beba o sangue dos que tiver morto.

25 E disse Balac a Balaam: Nem o amaldiçoes, nem o bendigas.

26 E êle respondeu: Não te disse eu que havia de fazer tudo aquilo que o Senhor me mandasse?

27 E Balac lhe disse: Vem, e levar-te-ei a outro lugar: a ver se é do agrado de Deus que tu dali os amaldiçoes.

28 E depois de o ter levado acima do cume do monte Fogor, que olha para o deserto, (10)

29 disse-lhe Balaam: Levanta-me aqui sete altares,

(8) **RINOCERONTE** — Em hebreu *re'em*; hoje supõe-se ser o búfalo selvagem, a que os assírios chamavam *rimor*, nome análogo ao hebraico. Os Setenta traduziram erradamente *re'em* por *unicornis*, o que levou o autor da Vulgata a traduzir por *rhinoceros*.

(9) **NAO HA AGOUROS EM JACÓ** — Era uma das dezesseis características dêste povo, porque nos demais povos a adivinhação e os agouros não só eram freqüentes, como constituíam uma grande honra.

(10) **FOGOR** — Ao norte de Fasgor, na cordilheira do Abarrim, perto do Hesebros.

e prepara outros tantos novilhos, e igual número de carneiros.

30 Fêz Balac o que Balaam lhe dissera: e pôs os novilhos, e os carneiros sôbre o altar.

CAPÍTULO 24

TERCEIRA VEZ ABENÇO A BALAAM OS ISRAELITAS. PROFECIAS DE BALAAM.

1 Balaam vendo que era do agrado do Senhor que abençoasse a Israel, não foi, como antes tinha ido, buscar os seus agouros: mas voltando o seu rosto para o deserto,

2 e levantando os olhos, viu a Israel acampado nas tendas pelas suas tribos: e vindo sôbre êle o Espírito de Deus,

3 tornando ao fio da sua parábola, disse: Eis-aqui o que disse Balaam, filho de Beor; eis-aqui o que disse o homem dos olhos tapados: (1)

4 Eis-aqui o que disse o ouvinte das palavras de Deus; aquêle, que viu as visões do Todo-Poderoso; aquêle, que cai, e que dêste modo se lhe abrem os olhos.

5 Que formosos são os teus pavilhões, ó Jacó; e que belas as tuas tendas, ó Israel! (2)

6 São como os vales cobertos de grandes arvoredos; como as hortas junto aos rios que as regam; como as tendas, que o Senhor plantou; como os cedros junto às ribeiras.

(1) **DISSE** — E' o terceiro oráculo, mais solene que os antecedentes.

(2) **QUE FORMOSOS SÃO OS TEUS PAVILHÕES** — Balaam ficou estupefacto com o brilho sobrenatural com que Deus circundava as tendas de Israel.

7 A água correrá do seu alcatruz, e a sua posteridade se fará semelhante às grandes águas. O seu rei será rejeitado por causa de Agag, e o reino lhe será tirado. (3)

8 Deus o tirou do Egito, a sua fortaleza é semelhante à do rinoceronte. Eles devorarão os povos, seus inimigos, e lhes quebrarão os ossos, e os traspassarão com as flechas.

9 Deitando-se adormeceu como o leão, e como a leoa, que ninguém se atreverá a acordar. O que te abençoar, será também bendito: e o que te amaldiçoar, será tido por amaldiçoado.

10 E Balac irado contra Balaam, batendo com as mãos, lhe disse: Eu tinha-te chamado para amaldiçoar os meus inimigos, e tu pelo contrário os tens abençoado já por três vêzes:

11 Volta para a tua terra. Eu na verdade tinha determinado honrar-te com magnificência, mas o Senhor te privou da honra destinada.

12 Respondeu Balaam a Balac: Pois não disse eu aos teus mensageiros, que me mandaste:

13 Ainda quando Balac me desse a sua casa atulhada de prata e de ouro, não poderia eu transgredir as ordens do Senhor meu Deus, para proferir de minha cabeça a mínima coisa, ou em bem, ou em mal: mas eu hei de dizer tudo o que o Senhor me tiver dito.

14 Contudo na volta para o meu povo, dar-te-ei um conselho, sobre o que por último há de fazer o teu povo contra este outro.

15 Prosseguindo pois a sua parábola, tornou a di-

(3) AGAG — E' um termo genérico indicando todos os reis de Amalec, e em sentido lato indica todos os povos inimigos de Israel; é todavia certo que os amalecitas foram os mais temerosos inimigos de Israel.

zer: Eis-aqui o que disse Balaam, filho de Beor: Eis-aqui o que disse o homem dos olhos tapados: (4)

16 Eis-aqui o que disse o ouvinte das palavras de Deus; o que conhece a doutrina do Altíssimo, e vê as visões do Todo Poderoso; o que caindo tem os olhos abertos.

17 Eu o verei, mas não agora: eu o contemplarei, mas não de perto. *Nascerá uma Estrêla de Jacó*, e levantar-se-á uma vara de Israel; e ferirá os capitães de Moab, e destruirá todos os filhos de Set. (5)

18 E a Iduméia será sua possessão: a herança de Seir cederá aos seus inimigos: Mas Israel obrará valerosamente.

19 De Jacó sairá o dominador, e arruinará as reliquias da cidade.

(4) **PROSEGUINDO POIS** — Começa aqui o quarto oráculo de Balaam. Prediz os destinos de Israel. A realza universal reservada a Judá aparece-lhe figurada por um cetro e por uma estrêla. Esta realza é a do Messias. O cetro de Israel deve destruir Moab, aniquilar Edon, esmagar Amalec e levar de vencida Assor.

(5) **EU O VEREI...** — Quer dizer que não vê o Messias com os seus olhos, mas que o verá mais tarde pelos olhos dos Magos; Cornélio a Lápide. Que estas palavras se referem ao Messias, prova-o a opinião unânime de cristãos e judeus. No Sohar lê-se que o derradeiro cumprimento dêste vaticínio se realizaria na vinda do Messias.

NASCE-SE UMA ESTRÊLA DE JACÓ — Esta estrêla e este cetro é o Messias, como é afirmado pela unânime tradição de judeus e cristãos. A estrêla foi sempre considerada por todos os povos como o símbolo de glória, o cetro como o sinal da realza; e com estes elementos torna-se fácil a aproximação desta passagem com a profecia de Jacó.

E DESTRUIRÁ — Bechai interpretando este lugar e provando que estas palavras se referem ao Messias, diz: *Destruet omnes filios Seth: intelligitur rex Messias de quo scriptum est: et dominabitur a mari usque ad mare.*

20 E como visse Amalec, continuando a parábola, disse: Amalec tem sido o primeiro das gentes, e por fim êle perecerá inteiramente.

21 Viu também os cineus: e prosseguindo a parábola, disse: O lugar em que tu habitas é forte: Mas quando tu tiveres estabelecido o teu ninho no rochedo,

22 e tiveres sido escolhido da estirpe de Cin, por quanto tempo poderás tu durar? Porque o assírio te cativará.

23 E outra vez prosseguindo a parábola, disse: Ai! quem se achará vivo, quando Deus fizer estas coisas?

24 Êles virão da Itália nas suas galés; vencerão aos assírios, e arruinarão os hebreus; e por fim também êles mesmos perecerão. (6)

25 E levantou-se Balaam, voltou para a sua terra: Balac também voltou pelo mesmo caminho, por onde tinha vindo.

CAPÍTULO 25

PECAM OS ISRAELITAS COM AS FILHAS DOS MOABITAS: ZELO DE FINÉIAS. DEUS LHE PROMETE O SUMO SACERDÓCIO.

1 Neste tempo estava Israel em Cetim, e o povo caiu em fornicação com as filhas de Moab, (1)

2 as quais os chamaram para os seus sacrifícios. E êles comeram, e adoraram os deuses delas,

(6). DA ITALIA — O hebreu *Kittim* designa rigorosamente os habitantes de Lítium, uma das cidades principais da Ilha de Chipre. Por extensão este nome passou a indicar toda a ilha, e posteriormente por uma mais ampla extensão servia para designar todos os países ao ocidente da Palestina e de Chipre, e é neste sentido que deve ser tomada aqui.

(1) OETIM — A este do Jordão, em frente de Galgala e de

3 e Israel se consagrou a Beelfegor: e irado o Senhor,

4 disse a Moisés: Toma todos os príncipes do povo, e pendura-os em fôrças contra o sol: Para que o meu furor se aparte de Israel.

5 E Moisés disse aos juizes de Israel: Mate cada um aos seus mais chegados, que se consagraram a Beelfegor.

6 E ao mesmo tempo um dos filhos de Israel entrou à vista de seus irmãos em casa duma prostituta madianita, vendo Moisés, e todos os filhos de Israel, que choravam diante das portas do tabernáculo.

7 O que vendo Finéias, filho de Eleazar, filho do sacerdote Aarão, levantou-se do meio do povo, e tomando um punhal,

8 entrou após o israelita naquele lugar infame, e atravessou dum só golpe a ambos, isto é, ao homem e à mulher, pelas suas partes genitais. E logo cessou a praga, que os filhos de Israel padeciam:

9 e foram mortos vinte e quatro mil homens. (2)

10 E o Senhor disse a Moisés:

11 Finéias, filho de Elcazar, filho do sacerdote Aarão, apartou dos filhos de Israel a minha ira: Porque animado do meu zêlo foi contra elles, para que eu mesmo não extinguisse os filhos de Israel no meu zêlo.

12 Por isso lhe dirás: Adverte que eu lhe dou a paz do meu concêrto,

13 e que a êle e à sua descendência lhe será dado

Jerico. Cetim quer dizer acácia, e tomou este nome dum bosque desta árvore.

(2) VINTE E QUATRO MIL HOMENS — S. Paulo, aludindo a este acontecimento, só conta 23.000 mortos (1 Cor 10, 8). Os algarismos podem ter sido alterados pelos copistas.

sacerdócio por um pacto eterno; porque foi zeloso pelo seu Deus, e expiou a maldade dos filhos de Israel.

14 O israelita porém que foi morto com a madianita, chamava-se Zambri, e era filho de Salu, chefe duma família da tribo de Simeão.

15 E a mulher madianita, que foi morta com êle, chamava-se Cozbi, e era filha de Sur, o mais ilustre príncipe dos madianitas.

16 Falou mais o Senhor a Moisés, dizendo:

17 Os madianitas vos experimentem por inimigos, e castigai-os:

18 Porque também êles vos trataram a vós como inimigos, e vos seduziram artificiosamente por meio do ídolo de Fogor, e de Cozbi sua irmã, filha do príncipe de Madian, que foi morta no dia da praga por causa do sacrilégio de Fogor.

CAPÍTULO 26

NOVA RESENHA DOS FILHOS DE ISRAEL APTOS PARA A GUERRA. FORMA COM QUE SE REPARTIRA A TERRA DA PROMISSÃO.

1 Depois que foi derramado o sangue dos culpados, disse o Senhor a Moisés e ao sacerdote Eleazar filho de Aarão:

2 Contai tôda a soma dos filhos de Israel, desde os vinte anos e daí para cima, por casas e por famílias, todos os que podem sair à campanha.

3 Moisés pois e Eleazar sacerdote, estando na planície de Moab, ao longo do Jordão defronte de Jericó, falaram aos que tinham

4 vinte anos e daí para cima, conforme lhes tinha mandado o Senhor, dos quais êste é o número:

5 Rúben primogênito de Israel: Seus filhos Enoc, do qual saiu a família dos enoquitas: e Falu, do qual saiu a família dos faluítas:

6 e Hesron, do qual saiu a família dos hesronitas: e Carni, do qual saiu a família dos carmitas.

7 Estas são as famílias da estirpe de Rúben: Que se acharam conter o número de quarenta e três mil e setecentos e trinta.

8 Eliab filho de Falu.

9 Filhos dêste, Namuel, e Datan, e Abiron. Estes Datan e Abiron foram os príncipes do povo, que se levantaram contra Moisés e Aarão na sedição de Coré, quando se revoltaram contra o Senhor.

10 E a terra abrindo a sua bôca devorou a Coré, morrendo nuítissimos, quando o fogo queimou duzentos homens. E então sucedeu o grande milagre,

11 que, perecendo Coré, não pereceram seus filhos.

12 Filhos de Simeão pelas suas famílias: Namuel, chefe da família dos namuelitas: Jamin, chefe da família dos jaminitas: Jaquin, chefe dos jaquinitas:

13 Zare, chefe da família dos zareítas: Saul, chefe da família dos saulitas:

14 Estas são as famílias da estirpe de Simeão, cujo número foi ao todo de vinte e dois mil e duzentos.

15 Filhos de Gad, pelas suas famílias: Sefon, chefe da família dos sefonitas: Agi, chefe da família dos agitas: Suni, chefe da família dos sunitas:

16 Ozni, chefe da família dos oznitas: Her chefe da família dos heritas:

17 Arod, chefe da família dos aroditas: Ariel, chefe da família dos arielitas.

18 Estas são as famílias de Gad, cujo número foi ao todo de quarenta mil e quinhentos.

19 Filhos de Judá, Her e Onan, que ambos foram mortos na terra de Canaã;

20 E foram filhos de Judá, contados pelas suas famílias: Sela, chefe da família dos selaítas: Farés, chefe dos faresitas: Zare, chefe da família dos zareítas.

21 E filhos de Farés: Hesron, do qual saiu a família dos hesronitâs: e Hamul, do qual saiu a família dos hamulitas.

22 Estas são as famílias de Judá, cujo número foi ao todo de setenta e seis mil e quinhentos.

23 Filhos de Issacar pelas suas famílias: Tola donde vem a família dos tolaítas: Fua, donde vem a família dos fuaítas:

24 Jasub, donde vem a família dos jasubitas: Semran, donde vem a família dos semranitas.

25 Estas são as famílias de Issacar, cujo número foi de sessenta e quatro mil e trezentos.

26 Filhos de Zabulon, pelas suas famílias: Sared, chefe da família dos sareditas: Elon, chefe da família dos elonitas: Jalel chefe da família dos jalelitas.

27 Estas são as famílias de Zabulon, cujo número foi de sessenta mil e quinhentos.

28 Filhos de José pelas suas famílias: Manassés, e Efraim.

29 De Manassés saiu Maquir, chefe da família dos maquiritas. Maquir gerou a Galaad, chefe da família dos galaaditas.

30 Filhos de Galaad foram: Jezer, chefe da família dos jezeritas: e Helec, chefe da família dos helecitas:

31 e Asriel, chefe da família dos asrielitas: e Sequem, chefe da família dos sequemitas:

32 e Semida, chefe da família dos semidaítas: e Hefer, chefe da família dos heferitas.

33 E Hefor foi pai de Salfaad, que não teve filhos, mas somente filhas, cujos nomes são êstes: Maala, e Noa, e Hegla, e Melca, e Tersa.

34 Estas são as famílias de Manassés, e o seu número foi de cinqüenta e dois mil e setecentos.

35 Filhos de Efraim pelas suas famílias foram êstes: Sutala, do qual procede a família dos sotalaitas: Bequer do qual procede a família dos bequeritas: Teen, do qual procede a família dos teenitas.

36 De Sutala porém foi filho Heran, do qual procede a família dos heranitas.

37 Estas são as famílias dos filhos de Efraim, cujo número foi de trinta e dois mil e quinhentos.

38 Êstes são os filhos de José pelas suas famílias: filhos de Benjamim pelas suas famílias: Bela chefe da família dos belaitas: Asbel, chefe da família dos asbelitas: Airam, chefe da família dos airamitas:

39 Sufam, chefe da família dos sufamitas: Hufam, chefe da família dos hufamitas.

40 Filhos de Bela: Hered, e Noeman. De Hered procedeu a família dos hereditas: de Noeman a família dos noemanitas.

41 Êstes são os filhos de Benjamim pelas suas famílias, cujo número foi de quarenta e cinco mil e seiscentos.

42 Filhos de Dan pelas suas famílias: Suam, donde vem a família dos suamitas. Êstes são os filhos de Dan, conforme as suas famílias.

43 Todos foram suamitas, cujo número era de sessenta e quatro mil e quatrocentos.

44 Filhos de Aser pelas suas famílias: Jena: chefe da família dos jenaítas: Jessui, chefe da família dos jessuítas: Brie, chefe da família dos brieítas.

45 Filhos de Brie foram Heber, chefe da família dos heberitas: e Melquiel, chefe da família dos melquielitas.

46 O nome duma filha de Aser foi Sara.

47 Estas são as famílias dos filhos de Aser, e o seu número foi de cinquenta e três mil e quatrocentos.

48 Filhos de Neftali pelas suas famílias: Jesiel, donde procedeu a família dos jesielitas: Guni donde procedeu a família dos gunitas:

49 Jeser, donde procedeu a família dos jeseritas: Selem, donde procedeu a família dos selemitas.

50 Estas são as famílias dos filhos de Neftali pelas suas casas, cujo número foi de quarenta e cinco mil e quatrocentos.

51 Esta é a soma dos filhos de Israel, que se contaram, seiscentos e um mil e setecentos e trinta. (1)

52 Falou depois o Senhor a Moisés, dizendo:

53 Entre êstes se repartirá a terra segundo o número dos seus nomes para êles a possuírem.

54 Aos que forem mais em número darás maior parte; e aos que forem menos, menor: a cada um dêles conforme agora foram alistados, se dará a sua possessão;

55 mas de maneira que a terra seja repartida por sortes entre as tribos e famílias.

56 Tudo o que tocar por sorte, isso receberão ou os mais, ou os menos.

57 Êste é também o número dos filhos de Levi, pelas suas famílias: Gérson, chefe da família dos gerso-

(1) **ESTA É A SOMA** — Esta recapitulação acusa uma soma total de 601.730 guerreiros, menos 1.828 homens do recenseamento precedente. (Núm 1, 46). Esta diminuição facilmente se justifica pelas numerosas revoltas dos israelitas, seguidas da morte violenta dum grande número de culpados e pela condenação que caiu sobre todo o povo, vv. 64 e 65.

nitás: Caat, chefe da família dos caatitas: Merari, chefe da família dos meraritas. (2)

58 Estas são as famílias de Levi: a família de Lobni, a família de Hebroni, a família de Coré. Mas Caat gerou a Amram,

59 que teve por mulher a Jocabed, filha de Levi, a qual lhe nasceu no Egito: Esta Jocabed teve de Amram seu marido por filhos a Aarão e a Moisés, e a Maria irmã deles.

60 De Aarão tiveram origem Nadab e Abiu, e Eleazar, e Itamar:

61 Dos quais Nadab e Abiu foram punidos de morte, por terem oferecido um fogo estranho, diante do Senhor.

62 E todos os que foram alistados fizeram o número de vinte e três mil homens dum mês e daí para cima: Porque não foram contados entre os filhos de Israel, nem lhes foi dada possessão com os outros.

63 Este é o número dos filhos de Israel, que foram alistados por Moisés e pelo sacerdote Eleazar nas planícies de Moab, ao longo do Jordão, defronte de Jericó.

64 Entre os quais não se achou nenhum daqueles, que tinham sido contados antes por Moisés e Aarão no deserto de Sinai.

65 Porque o Senhor havia dito antes, que todos eles morreriam no ermo. Por isso não ficou deles nenhum, exceto Caleb filho de Jefone, e Josué filho de Nun.

(2) **DOS FILHOS DE LEVI** — Ainda aqui os levitas são recensados à parte, pelas mesmas razões que atrás se apontaram. (Núm. 1, 47).

CAPÍTULO 27

LEI TOCANTE ÀS HERANÇAS. JOSUÉ NOMEADO POR DEUS PARA SUCEDER A MOISÉS.

1 Vieram porém as filhas de Salfaad, filho de Hefer, filho de Galaad, filho de Maquir, filho de Manassés, que foi filho de José, cujos nomes são Maala, e Noa, e Hegla, e Melca, e Tersa.

2 E apresentaram-se a Moisés e a Eleazar sacerdote, e a todos os príncipes do povo, à porta do tabernáculo do concêrto e lhes disseram:

3 Nosso pai morreu no deserto, nem se achou na se-dição, que se excitou por Coré contra o Senhor, mas morreu no seu pecado: êste não teve filhos machos. Por que razão logo se tira o seu nome da sua família, por não ter tido um filho? Dai-nos herança entre os parentes de nosso pai.

4 E Moisés remeteu a causa delas ao juízo do Senhor.

5 O qual lhe disse:

6 As filhas de Salfaad pedem uma coisa justa: dá-lhes possessões entre os parentes de seu pai, e lhe sucedam como suas herdeiras.

7 Aos filhos porém de Israel dirás estas coisas: (1)

8 Quando algum homem morrer sem filhos, a herança passará a sua filha.

(1) **DIRÁS ESTAS COISAS** — A lei que vai seguir-se refere-se à ordem da sucessão; e vem aqui a propósito dum fato particular, relatado nos versículos 1 a 6. Esta passagem é mais uma confirmação da autenticidade do Pentateuco, pois vê-se aqui o autor contemporâneo dos fatos apontados descrevendo estas minudências, e indicando a lei para êstes casos, que sucessivamente se iam dando. Um autor posterior contentar-se-ia com a citação da lei, sem descer a estas particularidades.

9 Se não tiver filha, terá por sucessores a seus irmãos:

10 Se não tiver também irmãos, dareis a herança aos irmãos de seu pai:

11 Se não tiver tampouco tios paternos, dar-se-á a herança aos parentes mais próximos: e isto será inviolavelmente guardado pelos filhos de Israel por lei perpétua, assim como o Senhor mandou a Moisés.

12 Disse outrossim o Senhor a Moisés: Sobe a este monte Abarim, e contempla daí a terra, que eu hei de dar aos filhos de Israel: (2)

13 e depois de a teres visto, irás também para o teu povo, como foi teu irmão Aarão:

14 Porque me ofendestes no deserto de Sin na contradição do povo, nem me quisestes sacrificar diante d'ele acêrca das águas: estas são as águas da contradição em Cades no deserto de Sin.

15 Ao qual respondeu Moisés:

16 O Senhor Deus dos espíritos de todos os homens escolha algum homem, que vigie sôbre esta multidão:

17 E que possa sair e entrar diante d'elles, e tirá-los ou introduzi-los: Para que o povo do Senhor não seja como ovelhas sem pastor. (3)

18 E o Senhor lhe disse: Lança mão de Josué filho de Nun, varão no qual reside o espírito, e impõe-lhe as mãos.

19 O qual se apresentará diante do sacerdote Eleazar e de toda a multidão:

20 E tu lhe darás os preceitos à vista de todos, e

(2) **ABARIM** — No país de Moab, a este do mar Morto.

(3) **QUE POSSA SAIR E ENTRAR** — E' um modo de dizer hebraico; por esta expressão os hebreus significavam todos os atos da vida humana.

uma parte da tua glória, para que toda a congregação dos filhos de Israel o ouça.

21 Sobre o que, quando se houver de empreender alguma coisa, o Sacerdote Eleazar consultará o Senhor. A palavra dêste sairá e entrará Josué, e com ele todos os filhos de Israel, e o resto do povo.

22 Fêz Moisés como o Senhor lhe tinha ordenado. E como lançasse mão de Josué, o apresentou diante do sacerdote Eleazar e de todo o ajuntamento do povo.

23 E impostas as mãos sobre a sua cabeça, lhe declarou tudo o que o Senhor lhe havia mandado.

CAPÍTULO 28

LEIS SOBRE OS SACRIFÍCIOS DE CADA DIA, E SOBRE OS DAS FESTAS.

1 Disse também o Senhor a Moisés: (1)

2 Manda aos filhos de Israel, e lhes dirás: Oferecei nos seus tempos as minhas ofertas e os pães, e o incenso de suavíssimo cheiro.

3 Estes são os sacrifícios que me deveis oferecer: Dois cordeiros de um ano sem defeito cada dia em holocausto perpétuo:

4 Oferecereis um pela manhã, e outro à tarde:

5 A décima parte de um efi de flor de farinha, que

(1) **DISSE TAMBÉM O SENHOR** — Esta lei completa o que estava preceituado acêrca da santificação dos diversos tempos e festas do ano. Prescreve-se sucessivamente: 1.º o sacrifício quotidiano, vv. 3-8; 2.º observância do sábado, vv. 9-10; 3.º as neomenias, vv. 11-15; 4.º a Páscoa, vv. 11-25; 5.º do Pentecostes, vv. 26-31; 6.º a festa das Trombetas, 29, v. 26; 7.º a festa da Expição, vv. 7-11; 8.º a festa dos Tabernáculos, vv. 12-38.

seja amassada na quarta parte de um hin de azeite puríssimo: (2)

6 Este é o holocausto perpétuo que vós oferecestes no monte de Sinai, consumido pelo fogo, em suavíssimo cheiro para o Senhor:

7 E derramareis a quarta parte dum hin de vinho por cada cordeiro no santuário do Senhor.

8 E oferecereis da mesma sorte à tarde o outro cordeiro, com as mesmas cerimônias do sacrifício da manhã, e das suas libações, oferta de suavíssimo cheiro para o Senhor.

9 Mas no dia de sábado oferecereis dois cordeiros dum ano sem defeito, com duas dízimas de flor de farinha amassada com azeite no sacrifício; e as libações (3)

10 que segundo o costume se derramam todos os sábados em holocausto perpétuo.

11 Nas calendas porém oferecereis ao Senhor, em holocausto, dois bezerros da manada, um carneiro, sete cordeiros dum ano sem defeito, (4)

12 e três dízimas de flor de farinha amassada com azeite no sacrifício de cada bezerro: e duas dízimas de flor de farinha misturada com azeite por cada carneiro:

(2) **QUARTA PARTE DE UM HIN** — A quarta parte do hin correspondia a 1 litro e 62.

(3) **DUAS DÍZIMAS** — Continham aproximadamente 7 litros e três quartos.

(4) **CALENDAS** — As calendas ou neomenias eram o começo do mês, marcado pela aparição da lua nova. Como não possuíam os conhecimentos astronômicos para poderem anunciar com antecedência o dia da lua nova, os primeiros que a observavam acendiam um facho num ponto elevado, e assim transmitiam de monte em monte esta notícia até Jerusalém, onde o sacrifício tinha lugar no dia seguinte.

13 e a dizima da dizima de flor de farinha com azeite no sacrifício de cada cordeiro. Isto é um holocausto de suavíssimo cheiro e de oblação consumida pelo fogo para glória do Senhor. (5)

14 As libações porém do vinho, que se devem derramar por cada vítima, serão estas: metade dum hin por cada bezerro, uma têrça pelo carneiro, e uma quarta pelo cordeiro. Êste será o holocausto de todos os meses, que se sucedem no decurso do ano.

15 Oferecer-se-á também ao Senhor um bode pelos pecados em holocausto perpétuo com as suas libações.

16 Mas o primeiro mês, no dia catorze do mês, será a Páscoa do Senhor,

17 e no dia quinze a Solenidade: sete dias se comerão pães asmos.

18 Dos quais o primeiro dia será venerável e santo: Vós não fareis nêle obra alguma servil.

19 E oferecereis ao Senhor em sacrifício de holocausto dois bezerros da manada, um carneiro, sete cordeiros dum ano sem defeito:

20 e os sacrifícios de cada um dêles de flor de farinha, que seja amassada com azeite, três dízimas por cada bezerro, e duas dízimas pelo carneiro,

21 e a dizima da dizima por cada cordeiro, isto é, por cada um dos sete cordeiros:

22 E um bode pelo pecado, para obterdes a expiação dêle,

23 sem contar o holocausto da manhã, que vós oferecereis sempre.

24 Assim o fareis cada dia dos sete dias para alimento do fogo, e em suavíssimo cheiro para o Senhor, que se exalará do holocausto, e das libações de cada um.

(5) DÍZIMA DA DÍZIMA — 39 centilitros.

25 O dia sétimo será também celeberrimo e santo para vós: Não fareis nêle obra alguma servil.

26 Também o dia das primícias, quando completas as semanas oferecerdes ao Senhor as novas messes, será venerável e santo: não fareis nêle obra alguma servil.

27 E oferecereis ao Senhor em holocausto dum suavíssimo cheiro dois bezerros da manada, um carneiro, e sete cordeiros dum ano sem defeito:

28 e nos sacrifícios dêstes juntareis três dízimas mais de flor de farinha borrifada de azeite por cada bezerro, pelos carneiros duas,

29 a dízima da dízima pelos cordeiros, os quais ao todo são sete cordeiros: e também um bode,

30 o qual se sacrifica pela expiação: Afora o holocausto perpétuo e as libações.

31 Tôdas estas coisas oferecereis sem mancha com as suas libações.

CAPÍTULO 29

SACRIFÍCIOS NA FESTA DAS TROMBETAS, NA DA EXPIAÇÃO, E NA DOS TABERNACULOS.

1 O primeiro dia do sétimo mês será também para vós venerável e santo: Não fareis nêle obra alguma servil, porque é o dia do sonido e das trombetas. (1)

(1) O PRIMEIRO DIA DO SÉTIMO MÊS SERÁ TAMBÉM PARA VÓS VENERÁVEL E SANTO — Os judeus contavam os meses pelas luas novas. Uma translação da lua em volta da terra gasta aproximadamente 29 dias e meio, e daí vinha que contavam alternadamente meses de 29 e 30 dias; a estes chamavam plenos; àqueles cacos. O mais solene era o sétimo. Primitivamente não tinha, como os outros, nome especial, depois foi chamado *tischri*.

2 E oferecereis ao Senhor em holocausto de suavíssimo cheiro um bezerro da manada, um carneiro, e sete cordeiros dum ano sem defeito:

3 e nos sacrifícios destes três, dízimas de flor de farinha misturada com azeite por cada um dos bezerros, duas dízimas pelo carneiro,

4 uma dízima por cada cordeiro, que por todos são sete cordeiros:

5 e um bode pelo pecado, que se oferece para expiação do povo:

6 sem contar o holocausto das Calendas com os seus sacrifícios, e o holocausto perpétuo com as libações costumadas: vós o oferecereis com as mesmas cerimônias, queimado em suavíssimo cheiro para o Senhor.

7 O dia décimo deste sétimo mês será também para vós santo venerável, e afligireis as vossas almas: Não fareis nêle obra alguma servil.

8 E oferecereis ao Senhor em holocausto de suavíssimo cheiro um bezerro da manada, um carneiro, e sete cordeiros dum ano sem defeito:

9 e nos sacrifícios dêles três dízimas de flor de farinha amassada com azeite por cada bezerro, duas dízimas pelo carneiro,

10 a dízima da dízima por cada cordeiro, os quais são ao todo sete cordeiros:

11 e um bode pelo pecado, afora as coisas, que se costumam oferecer para a expiação e o holocausto perpétuo, com o seu sacrifício e libações.

12 No dia quinze porém do sétimo mês, que será santo e venerável para vós, não fareis obra alguma servil, mas celebrareis a Solenidade do Senhor por sete dias:

13 e oferecereis ao Senhor em holocausto de suavíssimo cheiro treze bezerros da manada, dois carneiros, e catorze cordeiros dum ano sem defeito:

14 e nas suas libações, três dízimas de flor de farinha amassada com azeite por cada bezerro, que por todos são treze bezerras: e duas dízimas por um carneiro, isto é, por cada um dos dois cordeiros.

15 E a dízima da dízima por cada cordeiro, que por todos são catorze cordeiros:

16 e um bode pelo pecado, afora o holocausto perpétuo, e o sacrifício, e a sua libação.

17 No segundo dia oferecereis doze bezerras da maná, dois carneiros e catorze cordeiros de um ano sem defeito: (2)

18 e celebrareis segundo o rito os sacrifícios e libações por cada um dêles, nos bezerras e carneiros e cordeiros

19 e um bode pelo pecado, afora o holocausto perpétuo, e o sacrifício e a sua libação.

20 No terceiro dia oferecereis onze bezerras, dois carneiros, e catorze cordeiros de um ano sem defeito,

21 e celebrareis segundo o rito os sacrifícios e libações de cada um dêles nos bezerras e carneiros e cordeiros:

22 e um bode pelo pecado, afora o holocausto perpétuo e o sacrifício e a sua libação.

23 No quarto dia oferecereis dez bezerras, dois carneiros, e catorze cordeiros de um ano sem defeito:

24 e celebrareis, segundo o rito, os sacrifícios e libações de cada um dêles nos bezerras e carneiros e cordeiros:

25 e um bode pelo pecado, afora o holocausto perpétuo, o sacrifício e a sua libação.

26 No quinto dia oferecereis nove bezerras, dois carneiros, e catorze cordeiros de um ano sem defeito:

(2) NO SEGUNDO DIA — Isto é, no décimo sexto dia do mês do tischri.

27 e celebrareis, segundo o rito, os sacrifícios e as libações de cada um dêles nos bezerros e carneiros e cordeiros:

28 e um bode pelo pecado, afora o holocausto perpétuo, e o sacrifício e a sua libação.

29 No sexto dia oferecereis oito bezerros, dois carneiros, e catorze cordeiros de um ano sem defeito:

30 e celebrareis segundo o rito os sacrifícios e libações por cada um dêles nos bezerros e carneiros e cordeiros:

31 e um bode pelo pecado: afora o holocausto perpétuo, e o sacrifício e a sua libação.

32 No sétimo dia oferecereis sete bezerros, e dois carneiros, e catorze cordeiros de um ano sem defeito:

33 e celebrareis segundo o rito os sacrifícios e libações de cada um dêles nos bezerros e carneiros e cordeiros:

34 e um bode pelo pecado, afora o holocausto perpétuo, e o sacrifício e a sua libação.

35 No oitavo dia, que será o mais solene, não fareis obra alguma servil, (3)

36 oferecendo em holocausto de suavíssimo cheiro para o Senhor um bezerro, um carneiro, e sete cordeiros de um ano sem defeito:

37 e celebrareis segundo o rito os sacrifícios e libações de cada um nos bezerros e carneiros e cordeiros:

38 e um bode pelo pecado, afora o holocausto perpétuo, e o sacrifício e a sua libação.

(3) **NO OITAVO DIA** — Era o 22.º do mês do tischri. As outras festas duravam apenas sete dias; esta prolongava-se por oito dias, sendo o último o mais solene.

39 Estas coisas oferecereis ao Senhor nas vossas solenidades: Sem contar os votos e oferendas voluntárias em holocausto, em sacrifício, em libação, e em hóstias pacíficas.

CAPÍTULO 30

LEIS SOBRE OS VOTOS, E PROMESSAS DAS MULHERES.

1 Referiu pois Moisés aos filhos de Israel tudo o que o Senhor lhe tinha mandado: .

2 e disse aos príncipes das tribos dos filhos de Israel: Eis-aqui a palavra que o Senhor ordenou: (1).

3 Se algum homem fizer um voto ao Senhor, ou se obrigar com juramento: deve não faltar à sua palavra, mas cumprir tudo o que prometeu. (2)

4 Se alguma mulher fizer um voto, e se obrigar com juramento, estando em casa de seu pai, e ainda em idade de menina: se o pai sabendo do voto que ela fêz, e do juramento com que obrigou a sua alma, não disse nada, está ela obrigada ao seu voto:

5 cumprirá efetivamente tudo o que prometeu, e jurou.

6 Porém se o pai logo que o ouviu, o contradisse:

(1) **EIS-AQUI A PALAVRA** — Nova lei relativa aos votos. Examina sucessivamente os votos do homem, v. 3, e da mulher, vv. 4-16: a respeito desta notam-se quatro hipóteses, se se tratar duma donzela, vv. 4-6, duma mulher casada, ligada por voto anterior ao casamento, vv. 7-9, de mulher ruim ou repudiada, v. 10, ou duma espôsa que fêz voto depois do casamento, vv. 11-16.

(2) **UM VOTO** — No hebreu há dois termos, ambos empregados, nesta passagem: *issar*, voto negativo ou promessa de abstenção, de não fazer isto ou aquilo e *neder*, voto positivo de praticar alguma coisa.

tanto os votos como os juramentos dela serão nulos, e ela não ficará obrigada ao que prometeu, porque o contradisse o pai.

7 Se já tiver marido, e fizer algum voto, e saindo uma vez a palavra da sua bôca obrigar a sua alma com juramento:

8 No mesmo dia que seu marido o ouvir, e não contradisser, ficará ela obrigada ao voto, e cumprirá tudo o que prometera:

9 Mas se tendo-o ouvido o contradisser, e tornar nulas as suas promessas, e as palavras com que ela tinha obrigado a sua alma: o Senhor lhe perdoará.

10 A viúva e a repudiada cumprirão todos os votos que fizerem.

11 Quando uma mulher em casa de seu marido se obrigar com voto e juramento,

12 se o ouvir o marido, e não disser nada, nem se opuser à promessa, cumprirá ela tudo o que tinha prometido.

13 Porém se se opuser logo, não estará obrigada à promessa: Porque o marido a contradisse, e o Senhor lhe perdoará:

14 Se fizer voto, e se obrigar com juramento a afligir a sua alma com jejum ou com outro gênero de abstinência, ficará no arbítrio do marido fazê-lo ela, ou não o fazer:

15 Mas se ouvindo-o o marido não disser nada, e deferir para outro dia a resolução: Cumprirá ela tudo o que tiver votado, ou prometido: Visto que o marido não disse nada, logo que o ouviu.

16 Se porém contradisser depois que o soube, levará êle sôbre si o pecado dela.

17 Estas são as leis, que o Senhor intimou a Moisés, entre o marido e a mulher, entre o pai e a filha, que ainda está em idade de menina, ou que mora em casa de seu pai.

CAPÍTULO 31

DESFEITA DOS MADIANITAS. REPARTIÇÃO DA PRESA.

1 Depois falou o Senhor a Moisés, dizendo:

2 Vinga primeiro os filhos de Israel dos madianitas, e depois irás unir-te ao teu povo. (1)

3 E logo disse Moisés: Armem-se para dar batalha alguns dentre vós que possam executar a vingança do Senhor sobre os madianitas: (2)

4 Escolham-se mil homens de cada tribo de Israel para serem mandados à guerra.

5 Deram eles pois mil soldados de cada tribo, isto é, doze mil homens para combater: (3)

6 Os quais Moisés enviou com Finéias filho do sacerdote Eleazar, e lhe entregou os vasos santos, e as trombetas para tocar.

7 E tendo pelejado contra os madianitas, e vencendo-os, passaram à espada todos os machos, (4)

(1) **DOS MADIANITAS** — Este povo, descendente de Abraão por Cetura, habitava no deserto, a este dos moabitas.

(2) **A VINGANÇA DO SENHOR** — Os madianitas juntaram-se aos moabitas para chamar sobre Israel a maldição de Balaam e para fazer cair o povo de Deus na idolatria.

(3) **DOZE MIL HOMENS** — Número assaz diminuto, mas positivamente escolhido para que se pusesse em relevo a intervenção especial de Deus nesta guerra.

(4) **TODOS OS MACHOS** — Os soldados; dos outros adiante se falará.

Números 31, 8-17

8 e aos seus reis Evi, Recem, Sur, Hur, e Rebe cinco príncipes daquela nação. Mataram também com a espada a Balaam filho de Beor.

9 E tomaram-lhes as suas mulheres, e os seus filhinhos, e todos os seus gados, e tôda a sua mobília: Saquearam tudo quanto puderam alcançar:

10 Queimaram tanto as cidades como as aldeias e castelos. (5)

11 E levaram a presa, e tudo o que tinham tomado tanto de homens como de animais,

12 e o apresentaram a Moisés, e ao sacerdote Eleazar, e a tôda a multidão dos filhos de Israel: e o resto dos despojos levaram-no ao arraial nas planícies de Moab junto ao Jordão defronte de Jericó.

13 E saíram a recebê-los fora do arraial Moisés e o sacerdote Eleazar, e todos os príncipes da Sinagoga.

14 E Moisés irado contra os príncipes do exército, contra os tribunos, e centuriões que tinham vindo da batalha, (6)

15 disse: Por quê reservastes as mulheres? (7)

16 Não são elas as que seduziram os filhos de Israel por conselho de Balaam, e as que vos fizeram violar a lei do Senhor pelo pecado de Fagor, pelo qual foi castigado o povo?

17 Matai pois todos os machos, ainda os que são

(5) **CASTELOS** — Própriamente acampamento, é a significação do *tixtam*.

(6) **E MOISÉS IRADO** — Porque tinham poupado as mulheres, v. 15, que precisamente tinham sido instrumento da queda dos hebreus, v. 16.

(7) **POR QUE RESERVASTES AS MULHERES** — Moisés faz esta pergunta para lhes extorquir a confissão da sua culpa.

crianças: e degolai as mulheres, que tiveram comércio com homens: (8)

18 Mas reservai para vós as meninas e tôdas as donzelas: (9)

19 e deixai-vos ficar fora do campo sete dias. O que tiver morto homem, ou tocado em morto, purificar-se-á no dia terceiro e no sétimo.

20 Purificar-se-á também da prêsa tudo o que fôr vestido, ou vaso, ou outra qualquer coisa que possa ter uso, ou ela seja de peles ou de pelos de cabras, ou de pau.

21 O sacerdote Eleazar também falou nestes termos à gente de guerra, que tinha pelejado: Êste é o preceito da lei, que o Senhor deu a Moisés:

22 O ouro, a prata, o cobre, o ferro, o chumbo, o estanho,

23 e tudo o que pode passar pelas chamas será purificado no fogo: Porém tudo o que não pode sofrer o fogo, será santificado pela água de expiação:

24 e lavareis os vossos vestidos no dia sétimo, e depois de purificados tornareis para o campo.

25 Outrossim disse o Senhor a Moisés:

26 Faze o inventário de tudo o que foi tomado, desde os homens até os animais, tu e o sacerdote Eleazar e os príncipes do povo:

(8) **MATAI POIS TODOS OS MACHOS** — Para que desapareça por completo esta raça prevaricadora, e para que possam todos aborrecer o crime, pela enormidade do castigo. Era preciso deixar uma lição que a todos impressionasse. Cornélio a Lápide considera este fato justo, também porque Deus é o Senhor da vida e da morte. *Iuste hoc factum, quia Deus vitæ et mortis dominus est.*

(9) **MAS RESERVAI** — Uma nova lei devia regular dentro em pouco o casamento dos vencedores com as mulheres caídas em seu poder. Dt 21, 1-5.

27 e repartirás a prêsa igualmente entre os que pelejaram, e saíram à batalha, e entre todo o resto da multidão: (10)

28 e daqueles que pelejaram e se acharam na batalha, separarás uma parte para o Senhor, de cada quinhentos uma cabeça assim de homens, como de bois, asnos, e ovelhas,

29 e a darás ao sacerdote Eleazar, porque são as primícias do Senhor.

30 E da outra metade da prêsa, que pertence aos filhos de Israel, de cada cinqüenta homens, ou bois, ou asnos, ou ovelhas, ou outros quaisquer animais, tomarás um, e o darás aos levitas, que velam em guarda do tabernáculo do Senhor.

31 E Moisés e Eleazar fizeram como o Senhor tinha mandado.

32 E foi a prêsa, que o exército tinha tomado, de seiscentas e setenta e cinco mil ovelhas,

33 de setenta e dois mil bois,

34 de sessenta e um mil asnos,

35 e de trinta e duas mil pessoas do sexo feminino, que se conservavam virgens.

36 E deu-se metade aos que se tinham achado no combate, de ovelhas trezentas e trinta e sete mil e quinhentas:

37 Das quais se reservou por quinhão do Senhor seiscentas e setenta e cinco ovelhas.

38 E dos trinta e seis mil bois, se reservaram setenta e dois bois,

(10) **IGUALMENTE** — E' certo que esta palavra não está no texto original, mas deduz-se facilmente do contexto. Era justo que os guerreiros tivessem uma parte mais avultada do que os não combatentes.

39 dos trinta mil e quinhentos asnos, sessenta e um asnos:

40 Das dezesseis mil pessoas foram reservadas trinta e duas por quinhão do Senhor.

41 E Moisés entregou ao sacerdote Eleazar a conta das primícias do Senhor, como se lhe tinha mandado,

42 daquela metade dos filhos de Israel, que êle tinha separado para os que se acharam no combate.

43 E da outra metade, que tocou ao resto da multidão: Isto é, das trezentas e trinta e sete mil e quinhentas ovelhas,

44 e dos trinta e seis mil bois,

45 e dos trinta mil e quinhentos asnos,

46 e das dezesseis mil pessoas,

47 tirou Moisés uma cabeça por cada cinqüenta, e deu-a aos levitas, que velavam em guarda do tabernáculo do Senhor, como o Senhor o tinha ordenado.

48 Então chegando-se a Moisés os príncipes do exército, e os tribunos, e os centuriões, lhe disseram:

49 Nós, teus servos, fizemos a resenha de todos os soldados, que comandávamos: e nem um faltou.

50 Por esta causa cada um de nós oferece por donativo ao Senhor todo o ouro que no esbulho podemos achar, ligas de pernas, braceletes, anéis, manilhas, e colares, para que rogues por nós ao Senhor. (11)

51 Moisés pois, e o sacerdote Eleazar receberam todo o ouro em diversas espécies,

(11) **CADA UM DE NÓS OFERECE** — Espontaneamente, e como voto de ação de graças por nenhum dos doze mil hebreus ter sido morto pelos madianitas.

LIGAS DE PERNAS — Na Vulgata *Periscelides*; ainda hoje as mulheres usam destes ornamentos em várias regiões da Ásia e da África. Tanto os braceletes como os anéis, como os colares, foram muito usados na antiguidade.

52 pêso de dezesseis mil e setecentos e cinquenta si-
clos, dos tribunos e centuriões. (12)

53 Porque o que cada um tinha tomado na prêsa,
era seu.

54 E tudo o recebido meteram no tabernáculo do
testemunho, para monumento dos filhos de Israel dian-
te do Senhor.

CAPÍTULO 32

**ASSINA MOISÉS TERRITÓRIO ÀS TRIBOS DE GAD, E DE RÚBEN,
E À MEIA DE MANASSÉS, DA BANDA DE AQUÉM DO
JORDÃO.**

1 Ora os filhos de Rúben e de Gad tinham muitos
gados, e possuíam em animais um cabedal imenso. Ven-
do pois que as terras de Jazer, e de Galaad eram pró-
prias para sustentar animais, (1)

2 vieram ter com Moisés, e com o sacerdote Elea-
zar, e com os príncipes do povo, e lhes disseram:

3 Atarot, Dibon, Jazer, Nemra, Hesebon, Eleale,
Saban, Neno, Beon, (2)

(12) **DEZESSEIS MIL E SETECENTOS E CINQUENTA SI-
CLOS** — Representavam o enorme pêso de 238 quilogramas de ouro.

(1) **CABEDAL IMENSO** — Porque não só havia grande quan-
tidade de gado, como era superior a qualidade deste, porque era
muito robusto e nutrido.

GALAAD — A região transjordânica, ao norte e ao sul do Jaboc.

PRÓPRIAS PARA SUSTENTAR ANIMAIS — Porque havia
grande abundância de água, e eram terrenos fertilíssimos em pas-
tagens.

(2) **ATAROT** — Etimologicamente significa *urbs insignis et
coronata*, cidade notável e coroada; pertenceu à tribo de Gad.

DIBON — Cidade de Moab, a uma hora de Arnon.

NEMRA — Ou Betnemra, no vale do Jordão.

HESEBON — Capital de Seon.

4 terras que o Senhor feriu à vista dos filhos de Israel, são um país fertilíssimo para pastos dos animais: e nós teus servos temos muitíssimos gados:

5 e se achamos pois graça diante de ti, suplicamos-te que o dês a teus servos em possessão, e não nos faças passar o Jordão.

6 Aos quais respondeu Moisés: Porventura irão vossos irmãos para a batalha, e vós ficareis aqui mui descansados?

7 Por que mieteis vós terrores nos ânimos dos filhos de Israel, para não ousarem passar ao lugar, que o Senhor está para lhes dar?

8 Não é isto fazer o mesmo, que fizeram vossos pais, quando eu os mandei de Cadesbarne a reconhecer a terra? (3)

9 E depois de terem chegado ao Vale do Cacho, examinada toda aquella região, perverteram o coração dos filhos de Israel, para que não entrassem nos limites, que o Senhor lhes havia dado.

10 O qual irado jurou, dizendo:

11 Estes homens, que saíram do Egito, de vinte anos e daí para cima, não verão a terra, que eu prometi com juramento a Abraão, a Isaac, e a Jacó: Porque me não quizeram seguir, (4)

SABAN — Ficava perto de Hesebon, e era notável pelas suas vinhas.

NEBO — Ficava numa colina, a três milhas para sudoeste de Hesebon.

BEON — Ou Baalmeon, estava a nove milhas romanas a sudoeste de Hesebon.

(3) **CADESBARNE** — E' o mesmo que Cades.

(4) **NÃO VERÃO** — Não é está a tradução literal do que está na Vulgata, que é *si videbunt*. Glairé porém traduz da mesma maneira *Ils ne verront pas*. A Vulgata traduziu à letra o original he-

12 exceto Caleb filho de Jefone Cenezeu, e Josué filho de Nun: Estes cumpriram com a minha vontade.

13 E o Senhor irado contra Israel, o fez andar errante pelo deserto quarenta anos, até que fôsse extinta tôda a geração, que tinha pecado na sua presença.

14 E eis-aqui agora, prosseguiu Moisés, vos levantastes vós em lugar de vossos pais como uns renovaes e umas crias de homens pecadores, para aumentardes ainda o furor do Senhor contra Israel.

15 Se não quizerdes seguir o Senhor, êle deixará o povo no deserto, e vós sereis a causa da morte de todos.

16 Mas êles, chegando-se, lhe disseram: Nós edificaremos currais para as nossas ovelhas, e cavaleriças para os nossos animais, e cidades fortes para os nossos filhinhos:

17 Nós porém armados e prontos iremos ao combate na frente dos filhos de Israel até os metermos nos seus lugares. Entretanto as nossas crianças, e tudo o que podemos possuir, ficarão em cidades muradas, por causa das ciladas dos naturais do país.

18 Não voltaremos para nossas casas, menos que os filhos de Israel não possuam a sua herança:

19 Nem pretendemos coisa alguma da banda de além do Jordão, visto que já possuímos a nossa porção na sua ribeira oriental.

20 Moisés lhes respondeu: Se vós fazeis o que prometeis, marchai em presença do Senhor prontos a combater: (5)

braico, que é uma forma do juramento que corresponde a qualquer destas fórmulas: *Ne pro Deo habear*, ou *Ne sim verax*.

(5) **NA PRESENÇA DO SENHOR** — Isto é, diante da arca da aliança, como soldados do Senhor, marchando sob as suas vistas e ordens, *tanquam milites Domini, eo inspectore et ductore*. Este era com efeito o lugar assinado às tribos de Rúben e de Gad.

21 e todo o homem de guerra passe armado o Jordão, até que o Senhor destrua os seus inimigos,

22 e todo o país lhe fique submetido: Então sereis inculpáveis diante do Senhor e diante de Israel, e possuireis as terras, que desejais, diante do Senhor.

23 Mas se não fizerdes o que dizeis: é sem dúvida que pecareis contra Deus: e tende entendido que o vosso pecado vos há de apanhar.

24 Edificai pois cidades para as ovelhas e animais: e cumpri o que prometestes.

25 E responderam os filhos de Gad, e de Rúben a Moisés: Somos teus servos, faremos o que Nosso Senhor nos manda.

26 Deixaremos nas cidades de Galaad os nossos filhinhos, e mulheres, e gados, e besteiagem:

27 Nós porém teus servos iremos à guerra prontos para pelejar, como tu, Senhor, o mandas.

28 Moisés pois deu esta ordem ao Sacerdote Eleazar, e a Josué filho de Nun, e aos príncipes das famílias pelas tribos de Israel, e lhes disse: (6)

29 Se os filhos de Gad e os filhos de Rúben passarem todos convosco o Jordão armados a pelejar diante do Senhor, e vos fôr sujeita a terra: dai-lhes Galaad em possessão.

30 Mas se elles não quizerem passar armados convosco à terra de Canaã, recebam entre vós os lugares da sua morada.

31 E responderam os filhos de Gad, e os filhos de Rúben: Da mesma sorte que o Senhor disse a seus servos, assim o faremos:

(6) **MOISÉS POIS DEU ESTA ORDEM** -- Moisés sabia que não conduziria os hebreus à conquista da Palestina, missão que estava reservada a Josué; a este, portanto, cumpria vigiar por que os filhos de Gad e de Rúben cumprissem a sua promessa.

32 Nós mesmos armados, marcharemos diante do Senhor para a terra de Canaã, e confessamos que já temos recebido a nossa possessão da banda de aquém do Jordão.

33 Deu portanto Moisés aos filhos de Gad e de Rúben, e à meia tribo de Manassés, filho de José, o reino de Seon rei dos amorreus, e o reino de Og rei de Basan, e o seu território com as cidades do seu contôrno.

34 Pelo que os filhos de Gad reedificaram as cidades de Dibon, Atarot, Aroer,

35 Etrot, Sofan, Jazer, Jegbaa,

36 Betnemra, e Betaran, cidades fortificadas, e fabricaram currais para os seus gados.

37 Os filhos porém de Rúben reedificaram a Hesebon, Eleale, Cariataim,

38 Nabo, e Baalmeon, mudando-lhes os nomes, e também a Sabama: Pondo nomes às cidades, que tinham fundado.

39 E os filhos de Maquir, filho de Manassés, passaram ao país de Galaad, e o arruinaram, mortos os amorreus que o habitavam.

40 Deu pois Moisés o país de Galaad a Maquir filho de Manassés, que habitou nêle.

41 Depois passou Jair filho de Manassés ao mesmo país, e nêle se fez senhor de muitas aldeias, a que deu o nome de Havot-Jair, que quer dizer, as aldeias de Jair. (7)

42 Passou também Nobe, e tomou a Canat com as suas aldeias: e lhe deu o seu nome, chamando-a Nobe. (8)

(7) **JAIR FILHO DE MANASSÉS** — Toma-se filho por neto, pois era filho de Hesron, filho de Judá.

(8) **CANAT** — Ou Nobe, provavelmente Kuavua moderno, no Hauran meridional, a algumas horas do monte El-Klub, para o norte. Era uma das cidades de Jair.

CAPÍTULO 33

MANSÕES OU ESTAÇÕES DOS ISRAELITAS NO DESERTO, DESDE QUE SAÍRAM DO EGITO ATÉ CHEGAREM AS PLANÍCIES DE MOAB.

1 Estas são as mansões dos filhos de Israel, que saíram do Egito pelas suas turmas, debaixo da conduta de Moisés e de Aarão,

2 as quais descreveu Moisés segundo os lugares dos seus acampamentos, que eles mudavam ao mandado do Senhor.

3 Tendo pois saído de Ramessés no primeiro mês, no dia quinze do primeiro mês, ao outro dia da Páscoa os filhos de Israel protegidos da mão poderosa, à vista de todos os egípcios,

4 que sepultavam os seus primogênitos, a quem o Senhor tinha ferido (pois que até nos seus deuses tinha exercitado a sua vingança).

5 foram acampar-se em Socot.

6 E de Socot vieram a Etam, que fica na extremidade do deserto.

7 Saindo dali, vieram até defronte de Fiairot, que olha para Beelsefon, e acamparam-se diante de Magdalo.

8 E partindo de Fiairot passaram pelo meio do mar ao deserto: e tendo marchado três dias pelo deserto de Etam acamparam-se em Mara.

9 E abalando de Mara vieram a Elim, onde havia doze fontes de águas, e setenta palmeiras: ali se acamparam.

10 Mas tendo também saído dali, foram assentar o campo sobre o mar Vermelho. E partindo do mar vermelho, (1)

(1) **SOBRE O MAR VERMELHO** — Quando os hebreus se

- 11 se acamparam no deserto de Sin.
- 12 Donde saídos, vieram a Dafca.
- 13 E tendo partido de Dafca, vieram acampar-se em Alus, (2)
- 14 e tendo saído de Alus, vieram abarracar-se a Rafidim, onde faltou ao povo água para beber.
- 15 E partindo de Rafidim, vieram acampar-se no deserto do Sinai.
- 16 E abalando do deserto do Sinai, vieram aos sepulcros da Concupiscência.
- 17 E partindo dos sepulcros da Concupiscência, vieram acampar-se em Haserot.
- 18 E de Haserot vieram a Retma. (3)
- 19 E partindo de Retma, vieram acampar-se em Remonfarés.
- 20 Abalando daqui vieram a Lebna.
- 21 De Lebna foram acampar-se em Ressa.
- 22 E tendo partido de Ressa vieram a Ceelata.
- 23 Partindo daqui vieram acampar-se no monte de Sefer.
- 24 Deixando o monte de Sefer vieram a Arada.
- 25 Partindo dali vieram acampar-se em Macelot.
- 26 E partindo de Macelot, vieram a Taat.
- 27 De Taat, vieram acampar-se em Tare.
- 28 Abalando daqui, vieram abarracar-se em Metca.
- 29 E de Metca foram acampar-se em Hesmona.
- 30 E partindo de Hesmona, vieram a Moserot.
- 31 E de Moserot foram acampar-se em Benejaacan.

dirigiam de Ellm para o Sinai, o único caminho direito que se lhes apresentava para chegar ao mar era o que passa perto do Haman Farom, daí deviam descer por Schebeikoh e Taugibeh, onde devia ficar este acampamento.

(2) **DAFCA** -- Naturalmente, Mafka.

(3) **HASEROT, RETMA** — Situação incerta.

32 E partindo de Benejaacan, vieram ao monte de Gadgad.

33 Saindo daqui, foram acampar-se a Jetebata.

34 E de Jetebata vieram a Hebrona.

35 E partindo de Hebrona foram acampar-se em Asiongaber.

36 Partindo daqui, vieram ao deserto de Sin, que é o de Cades.

37 E saindo de Cades, foram acampar-se no monte Hor, nos confins do país de Edom.

38 E o sacerdote Aarão subiu por mandado do Senhor ao monte Hor: e ali morreu no primeiro dia do quinto mês do ano quadragésimo, depois da saída dos filhos de Israel do Egito,

39 tendo de idade cento e vinte e três anos.

40 Então ouviu o rei Arad cananeu, que habitava para o Meio-Dia, que os filhos de Israel eram chegados à terra de Canaã.

41 E partindo do monte Hor, vieram acampar-se em Salmona.

42 Onde tendo saído, vieram a Funon.

43 E partindo de Funon, foram acampar-se em Obot.

44 E de Obot, vieram a Ijeabarim, que é nos limites dos moabitas.

45 E abalando de Ijeabarim, vieram abarracar-se em Dibongad.

46 Onde tendo saído, foram acampar-se a Helmondeblataim.

47 E partindo de Helmondeblataim, vieram às serras de Abarim defronte de Nabo.

48 E tendo deixado as serras de Abarim, passaram às planícies de Moab sobre o Jordão defronte de Jericó.

49 E aí se acamparam nos lugares mais rasos do país dos moabitas desde Betsimot até Abelsatim, (4)

50 onde o Senhor disse a Moisés:

51 Ordena aos filhos de Israel, e dize-lhes: Depois de passardes o Jordão, entrando na terra de Canaã,

52 exterminai todos os habitantes dêste país: quebrai os seus padrões, e fazei em pedaços as suas estátuas, e deitai abaixo todos os seus altos,

53 purificando a terra, e habitando nela: Porque eu vo-la dei para a possuídes,

54 a qual repartireis entre vós por sorte. Aos que forem em maior número dareis maior porção, e aos que forem menos, porção mais pequena. Cada um receberá a sua herança, conforme o que lhe cair por sorte. E a repartição se fará por tribo e por famílias.

55 Se vós não quizerdes matar os habitantes do país: Serão para vós os que ficarem como uns cravos nos olhos e umas lanças nas ilhargas, e eles vos darão que fazer na terra da vossa habitação:

56 e todo o mal que eu tinha resolutivo fazer-lhes a eles, o farei a vós outros.

CAPÍTULO 34

LIMITES DA TERRA PROMETIDA. NOMES DOS QUE A DEVIAM REPARTIR.

1 Falou mais o Senhor a Moisés, dizendo:

2 Manda aos filhos de Israel e lhes dirás: Quando tiverdes entrado na terra de Canaã, e cada um de

(4) **ABELSATIM** — É o mesmo que Cetim, cidade dos moabitas. Foi nesta cidade que os hebreus se entregaram à superstição idolátrica, prestando culto a Beelfegor. Foi aqui que tiveram lugar os últimos acontecimentos narrados nos Números, e onde Josué

vós possuir nela o que lhe tiver caído por sorte, serão êstes os seus limites.

3 A parte meridional começará no deserto de Sin, que é perto de Edom: e terá por limites para o Oriente o mar salgadíssimo. (1)

4 Os quais irão rodeando a parte austral pela subida do Escorpião, de sorte que passem por Sena, e se estendam desde o Meio-Dia até Cadesbarne, donde irão até à aldeia chamada Adar e se estenderão até Asemona. (2)

5 E o limite irá dando volta desde Asemona até a torrente do Egito, e acabará na praia do mar grande.

6 A parte ocidental começará desde o mar grande, e nêle igualmente se terminará. (3)

7 Os têrmos pela parte setentrional começarão desde o mar grande, e se estenderão até o monte altíssimo,

8 do qual virão a Emat, até os confins de Sedada:

9 e se estenderão os confins até Zefrona, e até a aldeia de Enan: Êstes serão os têrmos da banda do Aquilão.

10 Os da banda do Oriente se medirão desde a aldeia de Enan até Sefama,

11 e de Sefama descirão os têrmos a Rebla fronteiros à fonte de Dafne, desde ali se estenderão contra o Oriente até o mar de Ceneret.

12 e se encaminharão até o Jordão, e alfim se ter-

tomou posse da direção do Povo Escolhido; em uma palavra, foi a última estação dos israelitas no deserto.

(1) **MAR SALGADÍSSIMO** — O mar Morto.

(2) **PELA SUBIDA DO ESCORPIÃO** — No original está pela subida do Acrabim. Os antigos exegetas diziam que era uma expressão metafórica, que significava que deviam voltar, como os escorpiões voltavam no seu caminho, embora outros, como Menochio, Lira, etc., entendessem que se tratava do nome de um lugar.

(3) **O MAR GRANDE** — E' o Mediterrâneo.

minarão no mar salgadíssimo. Vós possuireis esta terra pelos seus limites em circunferência.

13 Mandou pois Moisés aos filhos de Israel, dizendo: Esta será a terra, que vós possuireis por sorte, e que o Senhor mandou que se desse às nove tribos, e à meia tribo.

14 Porque a tribo dos filhos de Rúben com tôdas as suas famílias e a tribo dos filhos de Gad segundo o número das suas famílias, e metade da tribo de Manassés,

15 isto é, duas tribos e meia, receberam já a sua parte de aquém do Jordão defronte de Jericó para a banda do Oriente.

16 Disse outrossim o Senhor a Moisés:

17 Êstes são os nomes dos homens, que vos repartirão a terra, o sacerdote Eleazar, e Josué filho de Nun,

18 e um dos príncipes de cada tribo,

19 cujos nomes são êstes: Da tribo de Judá, Caleb filho de Jefone. (4)

20 Da tribo de Simeão, Samuel filho de Amiud.

21 Da tribo de Benjamim, Elidad filho de Caselon.

22 Da tribo dos filhos de Dan, Boci filho de Jogli.

23 Dos filhos de José da tribo de Manassés, Haniel filho de Efod.

24 Da tribo de Efraim, Camuel filho de Seftam.

25 Da tribo de Zabulon, Elisafan filho de Farnac.

26 Da tribo de Issacar, o príncipe Faltiel filho de Ozan.

(4) **DA TRIBO DE JUDÁ** — Não se fala da tribo de Levi, que não devia possuir território próprio na Palestina.

27 Da tribo de Aser, Aiud filho de Salomi.

28 Da tribo de Neftali, Zedael filho de Amiud.

29 Êstes são aquêles, a quem o Senhor mandou que repartissem entre os filhos de Israel a terra de Canaã.

CAPÍTULO 35

ASSINAM-SE QUARENTA E OITO CIDADES DOS LEVITAS, E ENTRE ELAS SEIS DE REFÚGIO PARA OS QUE COMETESSEM HOMICÍDIO INVOLUNTÁRIO.

1 Disse também o Senhor estas coisas a Moisés nas planícies de Moab, ao longo do Jordão, defronte de Jericó:

2 Manda aos filhos de Israel, que dêem das suas possessões aos levitas

3 cidades para habitarem, e os seus subúrbios em roda: para que êles morem nas cidades, e os subúrbios sejam para os gados e animais: (1)

4 Os quais se estenderão dos muros das cidades para fora mil passos em roda.

5 assim a sua extensão será de dois mil côvados para o Oriente, e da mesma sorte de dois mil côvados para o Meio-Dia: a mesma medida terão êles para a banda do mar que olha para o Ocidente, e por iguaes limites se terminará a banda do Setentrião: e as cidades estarão no meio, e os subúrbios fora. (2)

(1) **CIDADES PARA HABITAREM** — Os levitas não tinham um território próprio, estavam espalhados por toda a Palestina.

(2) **DOIS MIL COVADOS** — Aproximadamente 1.000 metros. Foi a estada no Egito que lhes ensinou os processos da medição de terrenos, freqüentes e necessárias aí por causa das contínuas inundações do Nilo.

6 Das mesmas cidades porém que haveis de dar aos levitas, seis serão destinadas para asilo dos fugitivos, a fim de que se refugie a elas aquêle que tiver derramado sangue; e além destas, haverá outras quarenta e duas cidades,

7 isto é, por tôdas quarenta e oito com os seus subúrbios.

8 E essas cidades que se hão de dar das possessões dos filhos de Israel, se tomarão mais dos que têm mais: e menos dos que têm menos: cada um dará cidades aos levitas à proporção da sua herança.

9 Disse o Senhor a Moisés:

10 Fala aos filhos de Israel, e lhes dirás: Quando passardes o Jordão entrando na terra de Canaã,

11 determinai que cidades devem ser para asilo dos fugitivos, que involuntariamente derramarem sangue:

12 Nas quais tanto que algum se tiver refugiado, não poderá matá-lo o parente do morto, menos que se não apresente diante do povo, e seja julgada a sua causa.

13 dessas cidades porém, que se separam para asilo dos fugitivos,

14 três serão de aquém do Jordão, e três na terra de Canaã,

15 tanto para os filhos de Israel, como para os adventícios e estrangeiros, para que a elas se refugie aquêle que involuntariamente derramar sangue.

16 Se alguém ferir com ferro, e o que foi ferido morrer: ficará réu de homicídio, e êle mesmo morrerá.

17 Se atirar uma pedrada, e o ferido morrer dela: será da mesma sorte castigado.

18 Se morrer o que foi ferido com pau: será vingado com o sangue do que o feriu.

19 O parente do morto matará ao homicida; logo que o apanhar, o matará.

20 Se um homem por ódio empurrar a outro, ou lhe atirar com alguma coisa à traição:

21 Ou sendo seu inimigo, o ferir de mãos, e êle morrer: o percursor será réu de homicídio: o parente do morto logo que der com êle o matará.

22 Porém se êle acidentalmente, e não por ódio, (3)

23 nem inimizade fez alguma destas coisas,

24 e isto se justificar diante do povo e tiver sido ventilada a causa de sangue entre o matador e o parente:

25 Será livre da mão do vingador como inocente, e por sentença se mandará para a cidade, a que se tinha refugiado, e ali ficará até à morte do sumo sacerdote, que foi sagrado com santo óleo.

26 Se o matador fora dos limites das cidades, que estão destinadas para os fugitivos,

27 fôr achado, e morto pelo vingador do sangue: Será sem culpa o que o matar:

28 Porque o fugitivo devia residir na cidade até à morte do pontífice. Mas depois que êste morrer, voltará o homicida para a sua terra.

29 Estas coisas serão perpétuas, e se guardarão como lei em tôdas as vossas habitações.

30 O homicida será castigado ouvidas as testemunhas; pelo dito de uma só testemunha ninguém será condenado.

31 Não recebereis preço daquele, que é réu de sangue, mas êle mesmo morrerá logo.

32 Os desterrados e os fugitivos de nenhum modo poderão tornar para as suas cidades, antes da morte do pontífice:

(3) **ACIDENTALMENTE** — Previne-se a hipótese de um ato involuntário, para o que se legisla no v. 25, e assim vão aparecendo sucessivamente novas disposições legais.

33 Por não succeder manchardes a terra da vossa habitação, a qual se contamina com o sangue dos innocentes: Nem pode purificar-se de outro modo, que com o sangue daquele, que derramou o sangue doutro.

34 E desta maneira se purificará a vossa terra, morando eu convosco. Porque eu sou o Senhor, que habito entre os filhos de Israel.

CAPÍTULO 36

LEI TOCANTE AOS CASAMENTOS DAS MULHERES, QUE FICAREM HERDEIRAS POR FALTA DE VARÕES.

1 Então se chegaram os príncipes das famílias de Galad filho de Maquir, filho de Manassés, da linhagem dos filhos de José: e falaram a Moisés diante dos príncipes de Israel, e lhe disseram:

2 O Senhor te ordenou a ti que és o nosso senhor, que por sorte repartisses a terra entre os filhos de Israel, e que desses às filhas de Salfaad, nosso irmão, a herança devida a seu pai:

3 As quais se os homens de outra tribo as receberem por mulheres, segui-las-á a sua possessão, e transferida a outra tribo, será diminuída da nossa herança: (1)

4 e assim acontecerá, que quando chegar o jubileu, isto é, o ano quinquagésimo da remissão, se confundirá a distribuição das sortes, e a herança de uns passará aos outros.

5 Respondeu Moisés aos filhos de Israel, e por man-

(1) SE OS HOMENS DE OUTRA TRIBO... — E' um caso que não estava ainda previsto na lei e que vem provar mais a autenticidade do livro. E' mais uma hipótese nova sobre que se providencia.

dado do Senhor, lhes disse: A tribo dos filhos de José falou bem.

6 E esta lei a respeito das filhas de Salfaad foi promulgada pelo Senhor: Casem com quem quiserem, contanto que seja com homens da sua tribo:

7 Para que a herança dos filhos de Israel se não confunda, passando duma tribo a outra. Pelo que todos os varões tomarão mulheres de sua tribo, e famílias,

8 e tôdas as mulheres tomarão maridos da mesma tribo: Para que a herança fique nas famílias,

9 e não se misturem entre si as tribos, mas fiquem assim,

10 como foram separados pelo Senhor. E as filhas de Salfaad o fizeram, como se lhes mandou:

11 e assim Maala, e Tersa, e Hegla, e Melca, e Noa casaram com os filhos de seu tio paterno,

12 da família de Manassés, que foi filho de José: e a herança, que lhes tinha sido adjudicada, permaneceu na tribo e família de seu pai.

13 Estes são os mandamentos e os juízos, que o Senhor deu por Moisés aos filhos de Israel, nas planícies de Moab sôbre o Jordão defronte de Jericó.

DEUTERONÔMIO

Este é o quinto e último livro do Pentateuco Mosai-
co. Os Rabinos chamam-lhe *Ellé Haddebarim*, que sig-
nifica: “Estas são as palavras”, porque é por esta frase
que êle começa. Os gregos e latinos chamam-lhe *Deute-
ronômio*, que quer dizer *Segunda lei*, por ser o resumo
das leis anteriormente promulgadas. Distingue-se dos
outros anteriores, com os quais se liga intimamente, por-
que não contém narrações, mas discursos pronunciados
nas planícies de Moab, em frente de Jericó, no undécimo
mês do quadragésimo ano do Êxodo. Estes discursos são
em número de três, precedidos de um título geral, 1, 1-5, e
seguidos de uma conclusão histórica, 31-34.

PRIMEIRO DISCURSO

E’ uma introdução ao Deuteronômio; compreende
os quatro primeiros capítulos, em que Moisés faz uma
resenha dos acontecimentos que sucederam desde a pro-
mulgação da lei no Sinai, e exorta o povo ao cumprimen-
to rigoroso da lei. (1-4.)

SEGUNDO DISCURSO

E’ a parte principal do Deuteronômio; compreende
os cc. 5-26, e pode subdividir-se em duas partes:

- a) Lembra aos hebreus os motivos que lhes impõe o dever de gratidão e obediência a Deus, 6, 4; 11. Só Ihavéh é o verdadeiro Deus, e portanto só a êle é devido o amor, respeito e glória, 6, 4-25. Obrigação de extirpar o culto dos ídolos de Canaã, 7, sendo os fundamentos desta obrigação os benefícios recebidos de Deus, 8, dons gratuitos da sua liberalidade, 9; 10, 11. Anátema contra os infiéis, 10, 12; 11, 32.
- b) 1.º *Direito religioso*: unidade do culto, 12; 13; proibição dos usos pagãos; declara-se defeso o uso de carnes impuras; satisfação dos dízimos, 14; o ano sabático, resgate dos primogênitos, 15; as três principais festas do ano, 16, 1-17. — 2.º *Direito público*: pessoal; determinações contra a idolatria; poder judiciário dos sacerdotes; da escolha do rei, 16, 18; 17; direitos e deveres dos levitas e dos profetas, 18. Direito real: imunidade das cidades de refúgio: testemunhas, 19. Direito de guerra: serviço militar; tratamento dos inimigos, 20; expiação dum assassinio, cujo autor é desconhecido; tratamento das mulheres cativas na guerra, 21, 1-14. — 3.º *Direito privado*: direito dos progenitores; deveres para com os menores, 21, 15-23; objetos perdidos e achados; vestuário; ninhos de aves; construção de casas, 22, 1-12; virgens, 22, 13-30; leis diversas, 23; disposições acêrca do divórcio, dos pobres e dos estrangeiros, 24; flagelação, o levirato; pesos e medidas, etc., 25; oferta dos primogênitos e dos dízimos, 26, 1-15. Peroração, exortando ao fiel cumprimento dêsse ponto, 26, 16-19.

TERCEIRO DISCURSO

Prescrições tendentes a assegurar a fidelidade no cumprimento da lei, 27-30. O discurso final compreende três partes: 1.º Compromisso que o povo hebreu deve tomar, depois de conquistar a Terra Prometida, sobre os montes Hebal e Garizim, de ser fiel à lei, 27. — 2.º Bênçãos prometidas aos obedientes, maldições reservadas aos infiéis, 28; exortações para a observância da lei, 29;30.

CONCLUSÃO HISTÓRICA

1.º Moisés indica Josué como seu sucessor; vários avisos e entre eles o da leitura da lei no ano sabático; conservação da arca, 31. — 2.º Cântico de Moisés, 32. — 3.º Bênção das tribos de Israel, 33. — 4.º Morte e luto de Moisés, 34.

Há no Deuteronomio alguma coisa que não podia ter sido escrita por Moisés; é a narração da sua morte, escrita por mão diversa, talvez a de Josué, que assim completou a história do grande legislador do povo escolhido, mas também é óbvio que daí nada se pode inferir contra a autenticidade desse livro e muito menos contra a autenticidade do Pentateuco. Quem escreveu o c. 34 sabia muito bem que os leitores não atribuiriam essa adição ao autor do Deuteronomio. Em alguns livros profanos sucede o mesmo, por exemplo no último livro dos *Commentarii de statu religionis et reipublicae Carolo V Caesare*, por Sleidan, lê-se no fim: *Octobris die ultimo Joannes Sleidanus e vita decedit atque honorifice sepelitur*, “o qual João Sleidan morreu no último dia de outubro e foi sepultado com tôdas as honras devidas”, e ninguém por isto contesta a autenticidade da obra. Assim

fica encerrada a história dêsse vulto prestigioso, cujo nome tôda a humanidade celebra, como um obreiro incansável da moralização do povo escolhido, conseguindo dominar as grosseiras inclinações de tôda aquela gente, e introduzir no meio daquele povo nômade os progressos materiais do Egito, tendo sempre em vista assegurar o progresso e o estabelecimento definitivo dos hebreus numa terra escolhida — a Terra da Promissão. — E para que a sua obra, ou melhor, para que a obra de Deus, de que êle era instrumento, fôsse por diante, sentindo avizinhar-se o termo de sua vida, escolheu um sucessor e apresentou Josué ao povo; e entre vendo ao longe a terra prometida, onde ia desenrolar-se o futuro de Israel, expirou.

DEUTERONÔMIO

CAPÍTULO 1

RESUMO DO QUE ACONTECEU AOS ISRAELITAS DESDE A SUA PARTIDA DE SINAI ATÉ A SUA SEGUNDA CHEGADA A CADES.

1 Estas são as palavras, que Moisés disse a todo o Israel na banda de aquém do Jordão na planície do deserto, defronte do mar Vermelho, entre Faran, Tofel, Laban, e Haserot, onde há muitíssimo ouro: (1)

2 a onze jornadas de Horeb pelo caminho do monte Seir até Cadesbarne.

3 No ano quadragésimo, no undécimo mês, no primeiro dia do mês, disse Moisés aos filhos de Israel tudo o que o Senhor lhe tinha ordenado que lhes dissesse:

4 Depois de ter derrotado a Seon rei dos amorreus, que habitava em Hesebon: e a Og rei de Basan, que morava em Astarot, e em Edrai,

5 da banda de aquém do Jordão, no país de Moab. Começou pois a explicar a Lei, e a dizer:

(1) **TOFEL** — Naturalmente o atual Tabileh.

LABAN — É o Lebna a que se refere o c. 33, 22 dos Núm: Isto até ao v. 5, é o título geral do Deuteronômio, anunciando os três discursos que Moisés proferiu ao povo no undécimo mês do quadragésimo ano do Êxodo.

6 O Senhor nosso Deus nos falou em Horeb, dizendo: Assaz vos tendes demorado neste monte: (2)

7 Voltai, e vinde ao monte dos amorreus, e a todos os mais lugares vizinhos, às campinas, aos montes e aos vales, que ficam para o Meio-Dia, e ao longo da costa do mar, à terra dos cananeus, e do Líbano até ao grande rio Eufrates.

8 Eis-aí, disse êle, vo-la entreguei eu: Entrai e metei-vos de posse duma terra, que o Senhor tinha prometido com juramento dar a vossos pais Abraão, Isaac, e Jacó, e à sua descendência depois dêles.

9 E eu nesse mesmo tempo vos disse:

10 Eu só não posso reger-vos: Porque o Senhor vosso Deus vos multiplicou, e sois hoje tão numerosos, como as estrêlas do céu.

11 (O Senhor Deus de vossos pais ajunte a êste número muitos milhares, e vos abençoe como prometteu.) (3)

12 Eu só não posso aturar o peso dos vossos negócios, e diferença.

13 Dai dentre vós homens sábios e capazes, e cuja

(2) O SENHOR — Moisés lembra aos hebreus os principais acontecimentos que revelam a Bondade de Deus e a sua Infinita Justiça, encaminhando o auditório para a conclusão a que pretende chegar.

(3) E VOS ABENÇOE — Vê-se nestas palavras um velho a falar, reportando-se com saudade ao passado, e esta nota é bastante frizante neste livro para que passe despercebida, pois o distingue dos outros do Pentateuco. E' o mesmo fundo de idéias, a mesma linguagem dos precedentes; há apenas a notar o modo de dizer próprio dum ancião prestes a descer à sepultura, o que é mais uma prova da autenticidade dêste livro; porque se confirma o que sabemos da pessoa do autor.

vida seja conhecida pela sua probidade nas vossas tribos, para que eu vo-los ponha por chefes.

14 Vós me respondestes então: E' uma boa coisa, a que tu queres fazer.

15 E eu tirei das vossas tribos homens sábios e nobres, e os constituí príncipes, e tribunos, e centuriões, e comandantes de cinquenta e de dez, que vos instruissem de cada coisa.

16 E lhes mandei, dizendo: Ouvi-os, e julgai o que fôr justo: Ou êle seja cidadão, ou estrangeiro. (4)

17 Nenhuma distinção haverá de pessoas, do mesmo modo ouvireis o pequeno que o grande: Nem tereis acepção de pessoa alguma, porque êste é o juízo de Deus. Mas se achardes dificuldades em alguma coisa, dai-me parte, e ouvir-vos-ei.

18 E eu vos ordenei tudo o que devíeis fazer.

19 E tendo partido de Horeb, passamos pelo grande e medonho deserto, que vistes, pelo caminho do monte do amorreu, conforme o Senhor nosso Deus no-lo tinha mandado. E tendo chegado a Cadesbarne,

20 eu vos disse: Chegastes ao monte do amorreu, que o Senhor nosso Deus nos há de dar.

21 Olha a terra, que o Senhor teu Deus te dá: Sobre e faze-te senhor dela, como o Senhor nosso Deus o prometeu a teus pais: Não temas, nem te atemorizes nada.

22 Então vos chegastes vós todos a mim, e disstes: Enviemos homens que considerem o país: e que nos ensinem por que caminho devemos entrar, e as cidades a que devemos ir.

(4) OUVI-OS — Este preceito foi escrupulosamente seguido entre o povo hebreu.

Deuteronômio 1, 23-31

23 E como me tivesse parecido bem esta lembrança, enviei doze homens dentre vós, um de cada tribo.

24 Os quais tendo-se pôsto a caminho, e passando as serras, vieram até o Vale do Cacho de Uva: e depois de considerada a terra, (5)

25 tomando dos seus frutos, para mostrarem a sua fertilidade, no-los trouxeram, e disseram: Excelente é a terra, que o Senhor nosso Deus nos há de dar.

26 E vós não quisestes subir a ela, mas incrédulos à palavra do Senhor nosso Deus,

27 murmurastes nas vossas tendas, e dissestes: O Senhor tem-nos ódio, e por isso nos tirou da terra do Egito, para nos entregar nas mãos dos amorreus, e para acabar conosco. (6)

28 Para onde subiremos? os que foram mandados aterraram o nosso coração, dizendo: E' muita a gente que há, e de estatura mais alta do que a nossa: As cidades são grandes, e fortificadas até ao céu, ali vimos os filhos dos Enacins.

29 E eu então vos disse: Não tenhais mêdo e não os temais:

30 O Senhor Deus, que é o vosso condutor, êle mesmo pelejará por vós, como o fêz no Egito à vista de todos.

31 E na solidão (tu mesmo o viste) te levou o Se-

(5) DO CACHO DE UVA — Provavelmente o vale Hebron.

(6) MURMURASTES — E' um modo freqüente de falar, attribuindo a uma geração o que outra praticou; é claro que nenhum dos que haviam murmurado existia. Também nós dizemos que vencemos em Ourique e Aljubarrota, sendo os nossos maiores os que alcançaram essas insignes vitórias, e não nós os que contamos o fato.

O SENHOR TEM-NOS ÓDIO — Atribuem a Deus o que partia do seu infinito amor. *Odio Dei important quod ex amore profectum est.*

nhor teu Deus por todo o caminho, por onde andastes, como um homem costuma levar a um seu terno filho, até que chegásseis a êste lugar.

32 E nem ainda assim destes crédito ao Senhor vosso Deus,

33 que foi diante de vós por todo o caminho, e mediu o lugar, onde devíeis assentar as vossas tendas, mostrando-vos o caminho de noite com o fogo, e de dia com a coluna de nuvem.

34 Tendo o Senhor pois ouvido as vossas murmurações, irado jurou, e disse:

35 Nenhum dos homens desta péssima ralé verá a excelente terra, que eu com juramento prometi a vossos pais:

36 Exceto Caleb filho de Jefone: Porque êste a verá, e eu lhe darei a êle, e a seus filhos a terra, que êle calcou, porque seguiu o Senhor.

37 Nem há para que alguém se espante desta indignação contra o povo, quando o Senhor irado também contra mim, por causa de vós, disse: Nem tu entrarás lá:

38 Mas em teu lugar entrará Josué filho de Nun teu ministro: Exorta-o e anima-o, porque êle é que há de repartir a terra por sorte a Israel.

39 As vossas crianças, de quem dissestes que seriam levadas cativas, e os vossos filhos que hoje ainda não sabem discernir entre o bem, e o mal, êstes entrarão: e a êles darei a terra, e a possuirão.

40 Mas vós desandai e tornai para o deserto pelo caminho do mar Vermelho.

41 E me respondestes: Nós pecamos contra o Senhor: subiremos e pelejaremos, como o Senhor nosso Deus o mandou. E quando vós armados marcháveis para o monte,

42 o Senhor me disse: Dize-lhes: Não empreendeis subir nem pelejeis, porque eu não estou convosco: Para que não caiais mortos diante de vossos inimigos.

43 Eu vo-lo disse, e não me ouvistes: Mas opondo-vos ao mandado do Senhor, e todos inchados de soberba subistes ao monte.

44 Tendo pois saído o amorreu, que habitava nas serras, e vindo em vosso encontro, êle vos perseguiu como as abelhas costumam perseguir: e vos foi retalhando desde Seir até Horma. (7)

45 E como depois de terdes voltado chorásseis diante do Senhor, êle vos não ouviu, nem se quis dobrar aos vossos rogos.

46 Assim ficastes muito tempo em Cadesbarne.

CAPÍTULO 2

JORNADA DOS ISRAELITAS DE CADESBARNE A SEON. DEUS
LHES PROÍBE GUERREAR COM OS IDUMEUS, MOABITAS.
E AMONITAS. DESFEITA DE SEON.

1 E partindo dali viemos ao deserto, que leva ao mar Vermelho, como o Senhor mo tinha dito: e andamos muito tempo à roda do monte Seir.

2 Então me disse o Senhor:

(7) O AMORREU — É necessário notar que esta palavra é empregada na Bíblia em três acepções diferentes. Uma vez designa duma maneira geral os habitantes do país de Canaã, e é neste sentido que está empregada neste lugar e em Jos 24, 15-18; Jz 6, 10. Noutros lugares indica os habitantes da Palestina meridional, Gên 15, 16. Outras vezes, num sentido mais restrito, refere-se aos dois reinos de Og e de Seon. Dt 3, 8 s. Assim não há contradição com o que está escrito no c. 14, 45 dos Núm, onde se atribui esta vitória aos amalecitas e cananeus. O nome amorreu significa o que habita no monte, o montanhês, o que imediatamente confirma o texto.

3 Basta de andares à roda dêste monte: ide para o setentrião:

4 e ordena ao povo, dizendo: Vós passareis pelos confins dos filhos de Esaú vossos irmãos, que habitam em Seir, e êles vos temerão.

5 Guardai-vos pois de os atacar: Porque eu vos não darei da terra dêles nem quanto um pé pode calcar, visto ter eu dado em possessão a Esaú o monte Seir.

6 Comprar-lhes-eis por dinheiro tudo o que houverdes de comer: e também lhes comprareis a água que tirardes e que beberdes.

7 O Senhor teu Deus te abençoou em tôdas as obras das tuas mãos: Êle conheceu o teu caminho, como passaste êste grande deserto, habitando contigo o Senhor teu Deus por espaço de quarenta anos, e não te tem faltado nada.

8 Depois que passamos as terras dos filhos de Esaú nossos irmãos, que habitavam em Seir, pelo caminho da planície de Elat, e de Asiongaber, viemos ao caminho, que guia para o deserto de Moab. (1)

9 Então me disse o Senhor: Não pelejes contra os moabitas, e não lhes faças guerra: Porque eu te não darei nada da sua terra, visto que dei Ar em possessão aos filhos de Lô.

10 Os Emins foram os seus primeiros habitantes,

(1) ELAT E ASIONGABER — Cidades situadas sôbre o mar Vermelho, na extremidade setentrional do golfo Elanítico, que tomou êste nome duma destas cidades. Na época do Êxodo pertenciam aos idumeus, mais tarde, porém, caíram sob o poder de Davi com o resto da Iduméia, partindo dos seus portos para Ofir as naus de Salomão, 3 Rs 9, 26, voltando aos seus antigos possuidores no reinado de Acáz, 4 Rs 16, 6.

povo grande, e pujante, e de tão alta estatura que como da linhagem dos Enacins, (2)

11 se tinham por gigantes, e eram semelhantes aos filhos dos Enacins. Enfim os moabitas os chamam Emins.

12 Em Seir porém habitaram primeiro os horreus: Os quais expulsos e destruídos, habitaram ali os filhos de Esaú, assim como o povo de Israel se estabeleceu na terra da sua possessão, que o Senhor lhe deu. (3)

13 Movendo-nos pois para passar a torrente de Zareb, chegamos a ela.

14 Ora o tempo, que nos pusemos em marcha desde Cadesbarne até à passagem da torrente de Zared, foram trinta e oito anos: Até que se extinguiu do campo toda a geração dos homens de guerra, como o Senhor tinha jurado:

15 Cujá mão foi sobre eles, para os fazer perecer do meio do campo.

16 Depois da morte porém de todos estes homens de guerra,

17 me falou o Senhor, dizendo:

18 Tu passarás hoje os confins de Moab, uma cidade que se chama por nome Ar:

19 E chegando às vizinhanças dos filhos de Amon, vê lá não pelejes contra eles, nem lhes faças guerra: Porque eu te não darei nada da terra dos filhos de Amon, visto tê-la dado em possessão aos filhos de Lô.

20 Este país foi reputado o país dos gigantes: Por-

(2) **EMINS** — Raça de gigantes venerados por Codorlaomor e seus aliados; habitavam a este do mar Morto. No original hebraico está *Refaim*, gigantes.

(3) **NA TERRA DA SUA POSSESSÃO** — Alude Moisés à terra de Galaad e à de Basan, que havia conquistado; é claro que não se refere à Terra da Promissão, porque nessa não tinham entrado ainda os hebreus.

que nêle em outro tempo habitaram os gigantes, que os amonitas chamam Zomzomins,

21 povo grande, e numeroso, e de alta estatura, como os Enacins, que o Senhor exterminou de diante dêles: e os fêz habitar em seu lugar,

22 como êle fizera a respeito dos filhos de Esaú, que habitam em Scir, exterminando os horreus, e dando-lhes o seu país, que possuem até ao presente.

23 Da mesma sorte aos heveus, que habitavam desde Haserim até Gaza, os lançaram fora os capadócios: Os quais tendo saído da Capadócia, os destruíram, e se estabeleceram em seu lugar. (4)

24 Levantai-vos, e passai a torrente de Arnon: Eis-aí te entreguei eu nas tuas mãos a Seon amorreu rei de Hesebon, e entra a possuir a sua terra, e peleja contra êle.

25 Hoje começarei a meter o terror e o mêdo das tuas armas nos povos, que habitam debaixo de todo o céu; para que ao ouvir o teu nome fiquem espavoridos, e à maneira das que estão para parir tremam, e sintam dores. (5)

26 Eu pois da solidão de Cademot enviei embaixadores a Seon rei de Hesebon com palavras de paz, dizendo-lhe:

27 Passaremos pela tua terra, iremos pela estrada

(4) **GAZA** — Era uma das principais cidades dos filisteus, situada na extremidade sudoeste da planície de Sefela.

OS CAPADÓCIOS — No original hebraico está Caphtorim, isto é, saídos de Caftor, que naturalmente é Creta. Alguns historiadores sustentam que os filisteus emigraram de Sidônia.

(5) **QUE HABITAM DEBAIXO DE TODO O CÉU** — É' uma hipérbole, que se deve aplicar tão sòmente aos povos conhecidos de Moisés e dos israelitas.

real: Não declinaremos nem para a direita, nem para a esquerda.

28 Vende-nos tudo o que houvermos mister para comer: dá-nos também pelo nosso dinheiro a água, que bebermos. Permite-nos somente a passagem.

29 como fizeram os filhos de Esaú, que habitam em Seir, e os moabitas, que habitam em Ar: até que chegemos ao Jordão, e passemos à terra, que o Senhor nosso Deus está para nos dar.

30 Mas Seon rei de Hesebon não nos quis dar passagem: porque o Senhor teu Deus lhe tinha obdurado o espírito, e empedernido o seu coração, para ele te ser entregue às mãos, como tu agora vês.

31 Então me disse o Senhor: Eis comecei eu a te entregar Seon com o seu país, começa a possuí-lo.

32 E Seon saiu em nosso encontro com todo o seu povo, para nos dar batalha em Jasa. (6)

33 E o Senhor nosso Deus no-lo entregou: E nós o derrotamos com seus filhos e com todo o seu povo.

34 Tomamos-lhe ao mesmo tempo tôdas as suas cidades: Mortos os seus habitantes, homens e mulheres e meninos, e nelas não deixamos nada:

35 Exceto os animais, que vieram a ser prêsa dos saqueadores: e os despojos das cidades, que tomamos

36 desde Aroer, que está sobre a ribanceira da torrente de Arnon, cidade situada no vale, até Galaad. Não houve aldeia nem cidade, que escapasse às nossas mãos: Tôdas no-las entregou o Senhor nosso Deus: (7)

37 Tirando o país dos filhos de Amon, a que não chegamos: e tudo o que está nos arredores da torrente

(6) **JASA** — Entre Dibon e Medaba.

(7) **QUE ESCAPASSE AS NOSSAS MÃOS** — No original hebraico está: Não houve cidade demasiado alta para nós.

de Jeboc, e as cidades situadas nas serras, com todos os lugares, onde o Senhor nosso Deus nos proibiu que entrássemos:

CAPÍTULO 3

NOTÍCIA DE BASAN. EXTERMINIO DO SEU POVO. PARTILHA FEITA ÀS TRIBOS DE RÚBEN, DE GAD, E À MEIA TRIBO DE MANASSÉS. NÃO PODE MOISÉS OBTER PARA SI A ENTRADA NA TERRA DA PROMISSÃO.

1 Tendo pois voltado tomamos o caminho de Basan: e Og, rei de Basan, saiu ao nosso encontro com o seu povo para nos dar batalha em Edrai.

2 Então me disse o Senhor: Não o temas: porque elle te foi entregue com todo o seu povo e o seu país: e lhe farás a elle como fizeste a Seon, rei dos amorreus, que habitava em Hesebon.

3 O Senhor nosso Deus pois entregou nas nossas mãos a Og, rei de Basan, e a todo seu povo: e os passamos a cutelo sem perdoar a nenhum,

4 devastando ao mesmo tempo todas as suas cidades: Não houve cidade, que nos escapasse: Tomamos sessenta cidades, e todo o país de Argob que era o reino de Og, em Basan. (1)

5 Todas as cidades estavam fortificadas com muros altíssimos, e portas e trancas, afora innumeráveis povoações, que não tinham muros.

6 E os destruímos, como tínhamos feito a Seon rei

(1) **SESSENTA CIDADES** — Foram mais tarde chamadas Havot Jair, porque vieram a pertencer a Jair, da tribo de Manassés.

O PAÍS DE ARGOB — Mais tarde, no tempo de Jesus Cristo, a Traconitida. O Argob é um país vulcânico, coberto de rochas basálticas.

Deuteronômio 3, 7-13

de Hesebon, arruinando-lhes tôdas as suas cidades, matando-lhes homens e mulheres e meninos:

7 E tomamos-lhes os seus gados com os despojos das cidades.

8 Nós pois neste tempo nos fizemos senhores do país dos dois reis dos amorreus, que estavam na banda de aquém do Jordão, desde a torrente de Arnon até o monte Hermon, (2)

9 o qual os sidônios chamam Sarion, e os amorreus Sanir:

10 Tôdas as cidades, que estão situadas na campina, e todo o país de Galaad e de Basan até Selca, e Edrai, cidades do reino de Og em Basan.

11 Porque Og, rei de Basan, era o único que tinha ficado da estirpe dos gigantes. Em Rabat, cidade dos filhos de Amon, se mostra o seu leito de ferro, que tem nove côvados de comprimento, quatro de largo, pela medida de um côvado de mão de homem. (3)

12 E naquele tempo entramos nós de posse dêste país desde Aroer, que é sôbre a ribanceira da torrente de Arnon, até o meio da serra de Galaad: e dei as cidades situadas nelas às tribos de Rúben e de Gad.

13 A outra parte porém de Galaad, e todo o Basan, que é o reino de Og, e todo o país de Argob, dei-os

(2) **ARNON** — Rio que vai desaguar no mar Morto.

HERMON — Cordilheira ao norte da Palestina, ramificação do Ante-Líbano.

(3) **SEU LEITO DE FERRO** — Provavelmente o sarcófago em que foi colocado depois de morto. Por ferro deve entender-se o basalto negro, freqüente naquela região, onde o ferro entra numa proporção de 20 por cento. Ainda hoje os árabes chamam ao basalto ferro.

eu à meia tribo de Manassés: e todo o país de Basan se chama a terra dos gigantes.

14 Jair filho de Manassés possuiu todo o país de Argob até os confins de Gessuri, e de Macati. E chamou do seu nome a Basan, Havot-Jair, isto é, aldeias de Jair, como elas se nomeiam ainda hoje.

15 Dei também Galaad a Maquir.

16 E às tribos de Rúben e de Gad dei da terra de Galaad até à torrente de Arnon a metade da torrente, e dos seus confins até à torrente de Jeboc, que é a fronteira dos filhos de Amon:

17 Com a campina do deserto, e o Jordão, e os limites desde Ceneret até o mar do deserto, que é salgadíssimo, até às faldas do monte Fasga para o Oriente. (4)

18 Neste mesmo tempo vos dei eu esta ordem, dizendo: O Senhor vosso Deus vos dá esta terra por herança, marchai pois armados diante dos filhos de Israel vossos irmãos, todos vós os que sois homens de valor:

19 Exceto as mulheres, e meninos e animais. Porque eu sei que tendes um grande número de gados, e êstes deverão ficar nas cidades, que eu vos dei,

20 até que o Senhor dê o descanso a vossos irmãos, assim como vo-lo deu a vós: e êles possuam também a terra, que está para lhes dar na banda de além do Jordão: Então cada um de vós voltará a gozar das terras que eu vos tenho dado.

21 Também então fiz esta advertência a Josué, dizendo: Os teus olhos viram como o Senhor vosso Deus tratou a êstes dois reis: o mesmo fará êle a todos os reinos, a que tu tens de passar.

(4) SALGADÍSSIMO — E' o mar Morto.

Deuteronômio 3, 22-29

22 Não os temas: Porque o Senhor vosso Deus pelejará por vós.

23 E eu roguei ao Senhor naquele tempo, dizendo:

24 Senhor Deus, tu começaste a mostrar ao teu servo a tua grandeza, e a tua mão poderosíssima: Porque não há outro Deus ou no céu, ou na terra, que possa fazer as tuas obras, ou comparar-se com a tua fortaleza.

25 Passarei pois, e verei essa excelente terra além do Jordão, êsse belo monte, e o Líbano. (5)

26 E o Senhor se irou contra mim por causa de vós e não me ouviu, mas disse-me: Basta: Não me fales mais nisto.

27 Sobe ao cume do monte Fasga, e lança os teus olhos em roda para o ocidente, e para o setentrião, para o meio-dia e para o oriente, e olha: Porque tu não passarás êste Jordão.

28 Dá as tuas ordens a Josué, e anima-o e fortalece-o: Porque êle é que há de marchar diante dêste povo, e que há de repartir por êles a terra que tu verás.

29 E ficamos no vale defronte do templo de Fogor.

(5) **PASSAREI POIS** — Interpretam alguns estas palavras desta forma: *Transire mihi liceat*, e porque ignoravam que isso era contra a vontade de Deus, julgando que a predição não era definitiva, não passando duma ameaça. *Nesciebat an praedictio illa erat definitiva, an tantum comminatoria.*

BELO MONTE — Toma-se a parte pelo todo, e designa tôda a terra de Canaã. Menochio pensou que se tratava do monte Moriá, no qual teve lugar o sacrifício de Isaac, ou ainda as montanhas de Betel, mais altas que o Moriá, e mais vizinhas do Jordão, pouco afastadas de Jericó.

CAPÍTULO 4

EXORTAÇÃO A OBSERVAR OS DIVINOS PRECEITOS NADA ALTERANDO. LEI DADA NO HOREB. DEUS É ESPÍRITO. AMEAÇAS CONTRA OS QUE OS VIOLAREM. TRÊS CIDADES DE REFÚGIO DA BANDA DE AQUÉM DO JORDÃO.

1 E agora, ó Israel, ouve os preceitos e os juízos, que eu te ensino: Para que observando-os, vivas, e entrando possuas a terra, que o Senhor Deus de vossos pais vos há de dar. (1)

2 Vós não ajuntareis, nem tirareis nada às palavras, que eu vos digo: Guardai os mandamentos do Senhor vosso Deus que eu vos intimo. (2)

3 Os vossos olhos viram tudo o que o Senhor fêz contra Beelfegor, como êle exterminou do meio de vós todos os seus adoradores.

4 Mas vós que vos tendes unidos ao Senhor vosso Deus, todos estais vivos até ao presente dia.

5 Sabeis que eu vos tenho ensinado os preceitos e os juízos, conforme o Senhor meu Deus me mandou: assim os praticareis pois na terra, que haveis de possuir:

6 e os observareis e cumprireis efetivamente. Porque nisto mostrareis a vossa sabedoria e inteligência aos povos, para que ouvindo todos êstes preceitos, digam: Eis-aquí um povo sábio e entendido, uma nação grande.

(1) E AGORA — Aqui começa a segunda parte do discurso de Moisés, e que termina exortando a ser fiel com o Salvador.

(2) NÃO AJUNTAREIS NEM TIRAREIS — Quer dizer que a lei devia ser observada tal qual tinha sido promulgada, de sorte que a ninguém era lícito praticar o que Deus tinha proibido, ou omitir o que estava ordenado. Mais tarde Jesus Cristo disse que não vinha destruir a lei, mas completá-la. *Non veni solvere legem.* Mt, 5, 27.

Deuteronômio 4, 7-14

7 Com efeito nenhuma outra nação há tão grande, que tenha deuses tão próximos a si, como o nosso Deus está presente a todas as nossas deprecações.

8 Porque onde há outro povo tão célebre, que tenha cerimônias, e ordenações cheias de justiça, e toda uma lei, como a que eu hoje proporei diante dos vossos olhos?

9 Guarda-te pois a ti mesmo, e a tua alma com grande cuidado. Não te esqueças das coisas, que teus olhos viram, e elas se não apaguem do teu coração por todos os dias da vida. Tu as ensinarás a teus filhos e a teus netos.

10 Desde o dia que te apresentaste ao Senhor teu Deus em Horeb, quando o Senhor me falou dizendo: Faze ajuntar todo o povo diante de mim, para que ouçam as minhas palavras, e aprendam a temer-me por todo o tempo que viverem na terra, e ensinem a seus filhos. (3)

11 Então vos chegastes às raízes do monte, que ardia até o céu: e havia nêle trevas, e nuvens, e escuridão.

12 E o Senhor vos falou do meio da chama. Vós ouvistes a voz das suas palavras, mas não vistes figura alguma. (4)

13 E êle vos mostrou o seu pacto, que ordenou que observásseis, e as dez palavras, que escreveu em duas tábuas de pedra.

14 E me mandou naquele tempo que vos ensinasse

(3) HOREB — O monte Sinai.

(4) NÃO VISTES FIGURA ALGUMA — é a prova clara que aos hebreus se não inculca o antropomorfismo, mas se ensina ser Deus puro espírito.

as cerimônias e as ordenações, que vós devíeis guardar na terra, que estais, para possuir.

15 Guardai portanto cuidadosamente as vossas almas. Vós não vistes figura alguma no dia que o Senhor vos falou em Horeb no meio do fogo:

16 Por não succeder que enganados façais para vós alguma imagem de escultura, ou alguma figura de homem ou de mulher, (5)

17 nem semelhança de qualquer animal que há sobre a terra, ou das aves que voam debaixo do céu,

18 ou dos répteis, que se movem na terra, ou dos peixes que debaixo da terra moram nas águas:

19 Não seja que levantando os olhos ao céu, vejam o sol e a lua, e todos os astros do céu, e caindo no êrro adores e dêis culto a essas coisas que o Senhor teu Deus criou para serviço de tôdas as gentes, que vivem debaixo do céu.

20 Mas o Senhor vos tirou, e fêz sair da fornalha de ferro do Egito, para ter um povo, que fôsse a sua herança, como hoje se está vendo.

21 E o Senhor se irou contra mim por causa dos vossos discursos, e jurou que eu não passaria o Jordão, e que não entraria na excelente terra, que êle está para vos dar.

22 Eis-aí morro eu nesta terra, não passarei o Jordão: Passa-lo-eis vós, e possuireis êste belo país.

23 Vê não te esqueças jamais do pacto do Senhor teu Deus, que êle fêz contigo: e não faças de escultura algu-

(5) **ALGUMA IMAGEM DE ESCULTURA** — Já vimos a extensão desta proibição no Êx 20, 4, que de nenhum modo se refere às suas imagens, mas às representações idolátricas, sendo abusiva e injustificada qualquer outra interpretação.

ma imagem das coisas, que o Senhor proibiu que se fizessem:

24 Porque o Senhor teu Deus é um fogo devorante, um Deus zeloso.

25 Se gerardes filhos e netos, e morardes na terra, e enganados formardes para vós alguma figura, cometendo a maldade diante do Senhor vosso Deus, de modo que o provoqueis à ira:

26 Eu chamo hoje por testemunhas o céu e a terra, que vós sereis bem cedo exterminados da terra, que, passado o Jordão estais para possuir: Não habitareis nela muito tempo, mas o Senhor vos destruirá,

27 e vos espalhará por todos os povos, e vós ficareis poucos entre as nações, a que o Senhor vos levará.

28 E lá servireis a deuses, que foram fabricados por mão de homens, de pau, e de pedra: Os quais não vêem, nem ouvem, nem comem, nem cheiram.

29 E quando ali buscares ao Senhor teu Deus, achá-lo-ás. Contanto porém que o busques de todo o coração e em tôda a amargura da tua alma.

30 Depois que te tiverem achado tôdas as coisas que foram preditas, tu te tornarás enfim para o Senhor teu Deus, e ouvirás a sua voz.

31 Porque o Senhor teu Deus é um Deus misericordioso; não te deixará, nem te extinguirá inteiramente, nem se esquecerá do pacto que jurou a teus pais. (6)

32 Pergunta aos séculos os mais atrasados, que te precederam desde o dia que Deus criou o homem sobre

(6) **NÃO SE ESQUECERA DO PACTO** -- As alianças na antiguidade eram ordinariamente acompanhadas de juramentos, e por isso Deus condescende com o uso, e jura aliança com o povo da sua predileção, para revestir este pacto da maior solenidade.

a terra e desde uma extremidade do céu até à outra, se aconteceu jamais coisa semelhante, ou se ouviu nunca,

33 que um povo ouvisse a voz de Deus, que lhe falava do meio das chamas, como tu o ouviste sem perdes a vida.

34 que Deus viesse escolher para si um povo do meio das nações, por meio de provas, sinais e portentos, por meio de batalhas, e mão poderosa, o braço estendido, e por visões horríveis: Segundo tôdas as coisas que por vós fêz o Senhor vosso Deus no Egito à vista de teus olhos:

35 Para que soubesses que o Senhor é que é o Deus, e que não há outro senão êle. (7)

36 Do céu te fêz ouvir a sua voz para te instruir, e sôbre a terra te mostrou o seu grandissimo fogo, e tu ouviste as suas palavras do meio do fogo,

37 porque amou a teus pais, e escolheu depois dêles a sua posteridade. E te tirou do Egito, caminhando diante de ti com o seu grande poder,

38 para exterminar na tua entrada nações grandissimas e mais fortes do que tu: e para te introduzir, e te dar em possessão a sua terra, como tu o estás vendo hoje.

39 Reconhece pois neste dia, e considera no teu coração que o Senhor êle mesmo é o Deus, que há desde o alto do Céu até ao mais profundo da terra, e que não há outro.

40 Guarda os seus preceitos e os seus mandamentos, que eu te prescrevo: Para que te suceda bem a ti,

(7) O SENHOR É QUE É DEUS — Esta passagem é a profissão de fé dos judeus, que por ela têm tanto respeito, que ainda hoje a copiam em um pergaminho, a que dão o nome de *schemior*, justamente porque é essa a palavra hebraica por que começa.

e a teus filhos depois de ti, e permaneças por muito tempo sôbre a terra, que o Senhor teu Deus está para te dar.

41 Então destinou Moisés três cidades na banda de aquê[m] do Jordão para o Oriente,

42 para que se refugie a elas aquê[m] que sem querer tiver morto a seu próximo, e sem que tivesse sido seu inimigo um ou dois dias antes, e possa acolher-se a qualquer destas cidades:

43 Foram estas: Bosor no deserto, situada na campina da tribo de Rúben: e Ramot em Galaad, que é a tribo de Gad: e Golan em Basan, que é a tribo de Manassés. (8)

44 Esta é a lei, que Moisés propôs perante os filhos de Israel,

45 e êstes são os preceitos e as cerimônias e os juízos, que êle prescreveu aos filhos de Israel, quando êles saíram do Egito,

46 estando da banda de aquê[m] do Jordão no vale que fica defronte do templo de Fogor na terra de Seon, rei dos amorreus, que habitou em Hesebon, a quem Moisés derrotou. E os filhos de Israel que saíram do Egito (9)

47 possuíram a sua terra, e a terra de Og rei de Basan, que eram os dois reis dos amorreus, que reinavam da banda de aquê[m] do Jordão para a parte do Nascente:

48 Desde Aroer, que está situada sôbre a ribanceira

(8) **BOSOR** — Hoje Kesur-el-Bescheir, a sudoeste de Dibon, conquistada aos rubenitas pelos moabitas.

GOLAN — Cidade principal da região dêste nome; parece que estava situada em Sahen-el-Djolan, a trinta quilômetros a este do lago Tiberíades.

(9) **Templo de Fogor** — Em hebreu Belt Fogor, cidade de Moab, depois de Rúben, perto do Jordão, à face de Jericó.

da torrente de Arnon, até ao monte Sião, que se chama também Hermon,

49 tódã a campina de aquém do Jordão para o Oriente, até o mar do deserto, e até as faldas do monte Fasga.

CAPÍTULO 5

REPETE MOISÉS AO POVO OS PRECEITOS DO DECALOGO, OU OS DEZ MANDAMENTOS.

1 Convocou pois Moisés a todo o Israel, e lhe disse: Ouve, ó Israel, as cerimônias, e ordenações, que eu hoje te falo aos teus ouvidos: aprende-as e põe-nas por obra.

2 O Senhor nosso Deus fêz um concêrto conosco em Horeb.

3 Não fêz pacto com nossos pais, mas fê-lo conosco que somos, e vivemos hoje.

4 Face a face nos falou no monte do meio do fogo.

5 Então eu fui o que intervim como mediador entre o Senhor e vós, para vos anunciar as suas palavras: porque vós tivestes mêdo do fogo, e não subistes ao monte, e êle disse:

6 Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito da casa da servidão. (1)

7 Não terás em minha presença deuses estranhos.

8 Não farás para ti imagem de escultura, nem fi-

(1) EU SOU O SENHOR TEU DEUS — O Senhor lembra a Moisés que é o seu Deus, o único Deus, a fim de proscriver a idolatria e o politeísmo. O monoteísmo é o primeiro artigo do credo de Moisés. O Senhor é o ser por excelência. Iahvôh, o que é e será, sem limite no tempo e sem limite no espaço, eterno e imenso, criador do céu e da terra, causa necessária de tudo quanto em si não tem razão de ser, juiz de tódã a terra (Gên 6, 13) autor e senhor da vida. Eu sou o Senhor: esta frase resume os nossos deveres para com Deus, para com o próximo e para conosco, fazendo consistir em

figura alguma de tudo o que há no alto do Céu, ou em baixo na terra, ou que está debaixo da terra nas águas.

9 Não as adorarás nem lhes darás culto. Porque eu sou o Senhor teu Deus: Deus zeloso, que castigo a iniquidade dos pais sobre os filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem,

10 e que faço misericórdia por muitos milhares dos que me amam, e guardam os meus preceitos.

11 Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão: Porque não ficará sem castigo aquêles que tomar o seu nome sobre uma coisa vã.

12 Observa o dia de sábado, para o santificardes, como o Senhor teu Deus te mandou.

13 Seis dias trabalharás, e farás tôdas as tuas obras.

14 Mas o dia sétimo é o sábado, isto é, o dia do descanso do Senhor teu Deus. Não farás nêle algum trabalho nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu escravo, nem a tua escrava, nem o teu boi, nem o teu jumento, nem animal algum teu, nem o forasteiro que vive das tuas portas para dentro; para que descanse o teu escravo, e a tua escrava, como tu também descansas.

15 Lembra-te que também tu serviste no Egito, e que de lá te tirou o Senhor teu Deus com uma mão poderosa, e com um braço estendido. Por isso te mandei que observasses o dia do sábado. (2)

16 Honra a teu pai e a tua mãe, como te mandou o Senhor teu Deus, para viveres largo tempo, e para

Deus o nosso primeiro princípio e o nosso último fim, e daí deriva naturalmente que a preocupação principal do homem deve ser, não o seu corpo, que apodrentará nas quatro tábuas de um esquite, mas a sua alma, criada à imagem e semelhança de Deus.

(2) **E QUE DE LA TE TIROU** — Moisés lembra a escravidão em que viveu o povo escolhido no Egito, e o favor que de Deus receberam os hebreus libertando-os.

sêres bem sucedido na terra que o Senhor teu Deus está para te dar.

17 Não matarás.

18 Não fornicarás.

19 Não furtarás.

20 Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.

21 Não cobiçarás a mulher do teu próximo: Nem a sua casa, nem o seu campo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que lhe pertença.

22 Estas palavras pronunciou o Senhor a tôda a vossa multidão no monte do meio do fogo, e da nuvem, e da escuridade, com uma voz forte, sem ajuntar mais nada: e as escreveu em duas tábuas de pedra, que me entregou.

23 Mas depois que vós ouvistes a voz desde o meio das trevas, e vistes arder o monte, vós todos os príncipes das tribos, e os anciãos viestes ter comigo, e me disestes:

24 Eis-aí nos mostrou o Senhor nosso Deus a sua majestade e grandeza: nós ouvimos a sua voz desde o meio do fogo, e experimentamos hoje que falando Deus ao homem, o homem ficou com vida.

25 Por que morreremos nós logo, e seremos devorados por êste grandíssimo fogo? Porque se nós tornarmos a ouvir a voz do Senhor nosso Deus, morreremos.

26 Que é tôda a carne, para que ouça a voz do Deus vivo, que fala do meio do fogo, como nós o ouvimos, e possa viver? (3)

(3) DEUS — No original hebraico está *Eloim*, forma plural que se designa sob o nome do plural de excelência, pelo respeito devido à divindade, e tanto que ordinariamente tem o verbo no sin-

27 Tu chega-te mais: e ouve tôdas as coisas que o Senhor nosso Deus te disser: Depois no-las dirás, e nós ouvindo-as as cumpriremos.

28 O que tendo ouvido o Senhor, me disse: Eu ouvi as palavras que êste povo te disse: Em tudo falaram êles bem.

29 Quem dera que êles tivessem tal coração, que me temessem, e guardassem em todo o tempo todos os meus mandamentos, para que lhes fôsse bem e a seus filhos para sempre?

30 Vai e dize-lhes: Voltai para as vossas tendas.

31 Tu porém deixa-te ficar aqui comigo, e eu te direi todos os meus mandamentos, e cerimônias e ordenações: as quais lhes ensinarás, para que as observem na terra, que eu lhes hei de dar em possessão.

32 Guardai pois e executai o que o Senhor Deus vos mandou: Não declinareis nem para a direita nem para a esquerda:

33 Mas andareis pelo caminho, que o Senhor vosso Deus vos prescreveu, para que vivaís, e vos suceda bem, e para que os vossos dias se multipliquem na terra da vossa possessão.

gular. Dizemos, ordinariamente, porque esta palavra aparece no texto sagrado umas duas mil o tantas vezes, pois em nove lugares apenas aparece o verbo no plural, e êste é um dêles, e dêstes nove casos, em cinco o nome de Eloim é acompanhado de pronomes ou qualificativos no singular. E' claro que alguns escritores querem daí concluir para o politeísmo hebraico argumento que não colhe. Que valem quatro casos para milhares? A boa crítica entende que êsses cinco casos tiveram por causa distrações dos copistas, que inconscientemente pluralizaram, olhando superficialmente para a terminação plural do nome de Deus. A prova disto está em que o Pentateuco Samaritano tem êsses mesmos verbos no singular.

CAPÍTULO 6

EXORTA MOISÉS OS ISRAELITAS A AMAR O SENHOR, E A NÃO SE ESQUECEREM JAMAIS DOS SEUS PRECEITOS, E BENEFÍCIOS.

1 Estes são os preceitos, e as cerimônias, e as ordenações, que o Senhor vosso Deus me mandou que vos ensinasse, para que as observeis na terra que ides a possuir:

2 Para que temas o Senhor teu Deus, e guardes todos os seus mandamentos e preceitos, que eu te intimo a ti, e a teus filhos, e netos, por todos os dias da tua vida, para que se prolonguem os teus dias.

3 Ouve, ó Israel, e tem cuidado de fazer o que o Senhor te mandou, para seres ditoso, e te multiplicares mais, assim como o Senhor Deus de teus pais te prometeu a terra que mana leite e mel. (1)

4 Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor.

5 Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças.

6 E estas palavras, que eu hoje te intimo, estarão gravadas no teu coração:

7 E tu as referirás a teus filhos, e as meditarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, ao deitar-te para dormir e ao levantar-te.

8 E as atarás como um sinal na tua mão: e elas estarão e se moverão diante dos teus olhos,

(1) Ouve ISRAEL — Aqui começa a primeira parte do segundo discurso mosaico, em que Moisés relembra aos hebreus os motivos que lhes impõem o dever de absoluta fidelidade ao verdadeiro Deus.

9 e as escreverás no limiar e nas portas da tua casa. (2)

10 E quando o Senhor teu Deus te tiver introduzido na terra, que êle prometeu com juramento a teus pais Abraão, Isaac, e Jacó: e te tiver dado grandes e excelentes cidades, que tu não edificaste,

11 casas cheias de tôda sorte de bens, que não fabricaste, cisternas, que não abriste, vinhas e oliveais, que não plantaste,

12 e comeres, e te fartares:

13 Olha bem, não te esqueças do Senhor, que te tirou da terra do Egito, da morada da servidão. Temerás ao Senhor teu Deus, e só a êle servirás, e não jurarás senão pelo seu nome. (3)

14 Não seguireis os deuses estrangeiros de alguma das nações, que estão à roda de vós:

15 Porque o Senhor teu Deus, que está no meio de ti, é um Deus de zelos: Não suceda que o furor do Senhor teu Deus se acenda contra ti, e te extermine da superfície da terra.

16 Não tentarás ao Senhor teu Deus, como o tentaste no lugar da tentação.

17 Guarda os preceitos do Senhor teu Deus, e as ordenações e as cerimônias, que te prescreveu:

18 E faz o que é agradável e bom aos olhos do Senhor, para sêres ditoso: e para que entrando possuas

(2) **E AS ESCRIVERÁS** — Este costume era análogo a um egípcio, que os hebreus tinham conhecido. Alguma coisa disso passou para o catolicismo; eram freqüentes nas antigas casas dísticos com palavras santas, extraídas da Escritura Sagrada, orações e imagens, pregadas nas portas de entrada.

(3) **TEMERÁS AO SENHOR TEU DEUS** — Devemos notar que as respostas que Nosso Senhor Jesus Cristo deu no deserto às três tentações do demônio foram extraídas destas passagens.

aquela terra excelente, sôbre a qual jurou o Senhor a teus pais,

19 que exterminaria diante de ti a todos os teus inimigos, como havia dito.

20 E quando teu filho pelo tempo adiante te perguntar, dizendo: Que querem dizer êstes testemunhos, e cerimônias, e juízos, que o Senhor nosso Deus nos ordenou?

21 tu lhe responderás: Nós estávamos escravos de Faraó no Egito, e o Senhor nos tirou do Egito com uma mão poderosa:

22 e à nossa vista fêz no Egito espantosos milagres e terríveis prodígios contra Faraó, e contra tôda a sua casa,

23 e nos tirou de lá, para que introduzidos nela nos desse a terra, que tinha prometido a nossos pais.

24 E o Senhor nos mandou que observássemos tôdas estas leis, e que temêssemos ao Senhor nosso Deus, para sermos bem sucedidos todos os dias da nossa vida, como nós o somos hoje.

25 E êle terá misericórdia de nós, se guardarmos e observarmos todos os seus preceitos na presença do Senhor nosso Deus, como êle no-lo mandou.

CAPÍTULO 7

ORDEM DE EXTINGUIR OS CANANEUS. SEGURANÇA DA PROTEÇÃO DO SENHOR.

1 Quando o Senhor teu Deus te tiver introduzido na terra, que vás a possuir, e tiver exterminado à tua vista muitas nações, os heteus, os gergeseus, os amorreus, os cananeus, os fereus, os heveus, e os jebuseus,

Deuteronômio 7, 2-9

que são sete povos muito mais numerosos do que tu és, e muito mais fortes do que tu: (1)

2 E o Senhor teu Deus tas tiver entregado, tu as passarás a cutelo sem que fique nem um só. Não celebrarás concêrto algum com elas, nem as tratarás com compaixão,

3 nem contrairás com elas matrimônios. Não darás tua filha a seu filho, nem tomarás sua filha para teu filho:

4 Porque ela seduzirá a teu filho, para que me não siga, e sirva antes a deuses alheios: e o furor do Senhor se acenderá, e te destruirá logo.

5 Mas antes ao contrário vós vos havereis assim com êles: Deitai abaixo os seus altares, e quebrai as suas estátuas, e cortai os seus bosques, e queimai as suas esculturas.

6 Porque tu és um povo consagrado ao Senhor teu Deus. O Senhor teu Deus te escolheu para sêres o seu povo próprio, dentre todos os povos que há na terra.

7 Não porque vós vencêsseis em número tôdas as nações, se uniu o Senhor a vós, e vos escolheu, sendo vós menos em número, do que todos os outros povos:

8 Mas foi porque o Senhor vos amou, e guardou o juramento, que tinha feito a vossos pais: e vos tirou com uma mão poderosa, e vos resgatou da casa da servidão, do poder de Faraó, rei do Egito.

9 Saberás pois que o Senhor teu Deus é êle mesmo o Deus forte e fiel, que guarda o seu pacto e a sua

(1) CANANEUS — Eram os representantes duma tribo que tinha particularmente este nome; habitava junto do Mediterrâneo, nas margens do Jordão.

misericórdia aos que cumprem os seus preceitos até mil gerações: (2)

10 E que castiga prontamente os que o aborrecem, de sorte que não deixa para mais tarde perdê-los de todo nem o dar-lhes logo a paga merecida.

11 Guarda pois os preceitos e cerimônias e ordenações, que eu hoje te mando observar.

12 Se depois de teres ouvido estas ordenações, as guardares e as praticares, também o Senhor teu Deus guardará a teu respeito o seu pacto, e a misericórdia que êle prometeu com juramento a teus pais:

13 E te amará e te multiplicará, e abençoará o fruto do teu ventre, e o fruto da tua terra, o teu trigo, e vindima, o teu azeite, e os teus bois, os teus rebanhos de ovelhas na terra, que êle prometeu com juramento a teus pais que te daria.

14 Tu serás bendito entre todos os povos. Não haverá em ti estéril nem dum nem doutro sexo, nem nos homens nem nos teus rebanhos. (3)

15 O Senhor alongará de ti tôdas as doenças: nem te ferirá com as maligníssimas enfermidades do Egito, que tu viste, mas ferirá com elas todos os teus inimigos. (4)

16 Devorarás todos os povos, que o Senhor teu Deus está para entregar. Não te deixarás tocar de com-

(2) O DEUS — No original hebraico não se encontram as palavras forte e fiel, tendo tido Moisés o cuidado de preceder a palavra El, Deus, do artigo ha, para indicar por esta expressão o Deus, que se trata aqui do Deus único e verdadeiro.

(3) NÃO HAVERÁ EM TI ESTÉRIL — A esterilidade era, entre os hebreus, considerada como um opróbrio.

(4) MALIGNÍSSIMAS ENFERMIDADES — Certos comentadores vêem aqui uma alusão às pragas do Egito, outros pensam que o autor se refere apenas às enfermidades que empestavam o Egito.

paixão para lhes perdoares, nem servirás aos seus deuses, para que não venham a ser causa da tua ruína. (5)

17 Se disseres no teu coração: Estas nações são mais numerosas do que eu, como poderei eu extingui-las?

18 não temas, mas lembra-te de como o Senhor teu Deus tratou a Faraó, e a todos os egípcios:

19 Dasquelas formidáveis pragas que os teus olhos viram, e daqueles milagres, e daqueles prodígios, e daquela mão poderosa, e daquele braço estendido, com que o Senhor teu Deus te tirou para fora: o mesmo fará êle a todos os povos que temes.

20 Além disto mandará o Senhor teu Deus vespas contra êles, até destruir, e acabar com todos os que te tiverem escapado, ou se puderem ter escondido de ti.

21 Não os temerás, porque o Senhor teu Deus está no meio de ti, aquêle Deus grande e terrível: (6)

22 Êle mesmo consumirá estas nações à tua vista pouco a pouco e por partes. Tu não as poderás destruir tôdas a um tempo: Por não succeder que se multipliquem contra ti as feras da terra.

23 Mas o Senhor teu Deus os porá diante de ti: e os fará morrer até que de todo acabem.

24 Entregar-te-á nas tuas mãos os seus reis, e fará

O padre Pereira inclinava-se tanto à primeira opinião, que arbitrariamente traduziu por pragas, o que entendemos dever corrigir, porque nem o hebreu *madveh*, nem o latim *infirmittates*, autorizam essa tradução.

(5) **PARA QUE NÃO VENHAM A SER A CAUSA DA TUA RUÍNA** — No hebreu e nos Setenta está: Porque isso é um laço (cilada) para ti. O termo hebraico *moquesh*, formado do verbo *iaqash*, significa laqueus, e em sentido metafórico *insidiae*. Cfr. Leopold. *Lexicon hebraicum et chaldaicum*.

(6) **NÃO OS TEMERAS** — No texto hebraico está: Não temas diante dêles; na versão dos Setenta: Não serás ferido na sua face.

que não fique memória de seus nomes debaixo do céu: Ninguém te poderá resistir, até que os tenhas feito em pó.

25 Queimarás no fogo as suas esculturas: Não coibizarás a prata nem o ouro, de que são feitas, nem destas tomarás nada para ti, para que não tropeces visto serem estas coisas a abominação do Senhor teu Deus (7)

26 Nem em tua casa meterás coisa alguma que seja de ídolo, por não vires a ser anátema, como ele o é também. Detestá-lo-ás como uma imundície, e abominá-lo-ás como as coisas mais hediondas e sórdidas, porque é um anátema.

CAPÍTULO 8

EXORTAÇÃO A CONSERVAR NA MEMÓRIA OS BENEFÍCIOS DO SENHOR.

1 Põe todo o cuidado em observar todos os preceitos, que eu hoje te intimo: para que possais viver, e multiplicar-vos, e tendo entrado possuais a terra que o Senhor prometeu com juramento a vossos pais.

2 E recordar-te-ás de todo o caminho, por onde o Senhor teu Deus te conduziu pelo deserto quarenta anos, para te castigar, e para te provar, e para que se descobrisse o que estava dentro do teu coração, se guardavas ou não os seus mandamentos.

3 Afligiu-te com a fome, e deu-te por sustento o maná, que tu desconhecias e teus pais: Para te mostrar que o homem não vive só do pão, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus.

(7) **A ABOMINAÇÃO DO SENHOR** — Isto é, estes ídolos são abomináveis aos olhos do Senhor. O termo hebraico *to'ebah*, que a Vulgata traduziu por *abominatio*, significa uma coisa sagrada horivelmente manchada.

Deuteronômio 8, 4-11

4 O teu vestido, com que te cobrias, não chegou a gastar-se com a velhice, e o teu pé não foi magoado, e este é o quadragésimo ano.

5 Para que recordes no teu coração, que do mesmo modo que um homem instrui a seu filho, assim te instrui a ti o Senhor teu Deus,

6 para que guardes os mandamentos do Senhor teu Deus, e andes nos seus caminhos e o temas.

7 Porque o Senhor teu Deus te há de introduzir numa terra excelente, numa terra cheia de regatos de águas e de fontes: Em cujos campos e montes arrebentam os abismos dos rios: (1)

8 Numa terra fértil de trigo, de cevada, e de vinhas, onde se dão figueiras, e romeiras, e olivais: Numa terra de azeite e de mel.

9 Onde sem alguma penúria comerás o teu pão, e gozarás da abundância de todas as coisas: Numa terra cujas pedras são ferro, e de cujos montes se tiram os metais de cobre:

10 Para que quando comeres, e fores farto, louves ao Senhor teu Deus, pela excelente terra, que te deu.

11 Toma sentido, e tem cuidado que jamais te não

(1) **TE HA DE INTRODUIR Numa Terra Excelente**
— A cada passo vai Moisés recordar essa promessa; esta insistência demonstra estar próxima a sua realização, que vai constituir uma data assinalada na história do povo de Deus, porque, realizada ela, operar-se-á uma grande transformação na vida social dos hebreus; esta insistência, porém, seria inexplicável num escritor posterior, o que constitui mais uma prova da autenticidade do Deuteronômio. Depois passa Moisés a descrever os encantos dessa terra, aludindo à abundância de água, que tornou tão notável a Palestina; a fertilidade dos seus campos, a formosura das suas vinhas, as riquezas dos seus olivais, a abundância das suas romanzelas (v. 8), a riqueza do seu solo e a opulência das suas minas (v. 9.)

esqueças do Senhor teu Deus, e que não desprezes os seus preceitos e leis e cerimônias que eu hoje te prescrevo:

12 Não suceda que depois de teres comido e fores farto, depois de teres edificado formosas casas, e morado nelas,

13 depois de teres manadas de bois e rebanhos de ovelhas, e abundância de prata e de ouro, e de tôdas as coisas,

14 se eleve o teu coração: E te não lembres do Senhor teu Deus, que te tirou da terra do Egito, da casa da servidão:

15 E que foi o teu condutor nesse vasto e temeroso deserto, onde havia serpentes que queimavam com o seu assôpro, e escorpiões e dîpsades; e onde não havia nenhuma água: Que fêz sair arroios duma pedra duríssima, (2)

16 e que na solidão te alimentou com o maná, que teus pais não conheceram. E que depois de ter afligido e provado, por fim teve compaixão de ti,

17 para que tu não dissesses no teu coração: A minha fortaleza, e a robustez de minhas mãos são as que me deram tôdas estas coisas.

18 Mas antes te lembres do Senhor teu Deus que êle mesmo te deu as fôrças, para assim cumprir o seu pacto, que jurou a teus pais, como mostra o dia presente.

19 Se, esquecendo-te porém do Senhor teu Deus, seguires deuses estranhos, e os servires e adorares: Eu desde agora te denuncio que perecrás de todo.

20 Da mesma maneira que o Senhor destruía as nações na tua entrada, assim também perecereis vós, se fordes desobedientes à voz do Senhor vosso Deus.

(2) **DÍPSADES** — E' a única passagem em que se encontra esta palavra. O dipses, ou dîpsades, é uma espécie de serpente venenosa, cuja mordedura é mortal, causando uma sede horrível.

CAPÍTULO 9

MOISÉS TRAZ À MEMÓRIA AOS ISRAELITAS AS SUAS MURMURAÇÕES, E AS SUAS INFIDELIDADES PASSADAS.

1 Ouve, ó Israel: Tu passarás hoje o Jordão, para te senhoreares de nações mui populosas e mais possantes do que tu, de grandes cidades, e muradas até o céu, (1)

2 dum povo grande e mui alto, dos filhos dos Enacins, que tu mesmo viste e ouviste, e a quem nenhum pode fazer cara.

3 Tu pois saberás hoje que o Senhor teu Deus passará êle mesmo diante de ti, como um fogo devorador e consumidor, que os fará em pó e os arruinará, e os exterminará dentro de pouco tempo como êle to prometeu.

4 Depois que o Senhor teu Deus os tiver destruído diante de ti, não digas lá no teu coração: Por causa da minha justiça é que o Senhor me introduziu nesta terra para a possuir, tendo sido estas nações destruídas por causa das suas impiedades.

5 Porque não é pela justiça, nem pela retidão do teu coração, que tu entrarás nas suas terras para as possuíres: Mas porque elas obraram impiamente, por isso foram destruídas à tua entrada: e porque o Senhor queria cumprir o que tinha prometido com juramento a teus pais Abraão, Isaac, e Jacó.

6 Sabe pois que não é pela tua justiça que o Senhor teu Deus te fará possuir esta terra tão excelente, pois que tu és um povo de cerviz duríssima. (2)

(1) **HOJE** — Deve-se entender no sentido de bem depressa, da mesma maneira que o amanhã quer muitas vezes significar mais tarde.

(2) **DE CERVIZ DURÍSSIMA** — Isto é, que se recusa a suportar o jugo de Deus e a obedecer aos seus mandamentos.

7 Lembra-te, e não te esqueças, de que modo tens provocado a ira ao Senhor teu Deus no deserto. Desde o dia que saíste do Egito até este lugar, sempre contêdeste contra o Senhor.

8 Porque já em Horeb o provocaste, e êle irado te quis destruir,

9 quando eu subi ao monte, para receber as tábuas de pedra, as tábuas do pacto que o Senhor fêz convosco: e perseverei no monte quarenta dias e quarenta noites, sem comer pão, nem beber água. (3)

10 E o Senhor me deu duas tábuas de pedra escritas com o dedo de Deus, e que continham tôdas as palavras que êle vos falou no monte do meio do fogo, estando junto todo o povo. (4)

11 E passados que foram quarenta dias, e outras tantas noites, me deu o Senhor duas tábuas de pedra, as tábuas do concêto,

12 e me disse: Levânta-te, e desce logo daqui: Porque o teu povo, que tu tiraste do Egito, prontamente desamparou o caminho, que tu lhe mostraras, e fêz para si um bezerro fundido.

13 Outrossim me disse o Senhor: Vejo que este povo é de dura cerviz.

14 Deixa que eu o faça em pó, e que apague o seu nome debaixo do Céu, e eu te farei príncipe duma gente, que seja maior e mais forte do que esta.

15 E como eu descesse do monte que ardia, e levasse nas minhas mãos as duas tábuas do concêto,

(3) SEM COMER PAO — Como o pão e a água eram os alimentos mais rudimentares, esta expressão significa que Moisés guardou abstinência completa durante os quarenta dias que passou sobre o monte.

(4) DO MEIO DO FOGO — Na versão dos Setenta falta esta frase.

16 e visse que vós tínheis pecado contra o Senhor vosso Deus, e que tínheis feito um bezerro fundido, e que depressa tínheis deixado o caminho, que êle vos havia mostrado:

17 Arrojéi das minhas mãos as tábuas, e as quebrei à vossa vista.

18 E prostrei-me diante do Senhor, como antes o tinha feito, e estive quarenta dias e quarenta noites sem comer pão, nem beber água por causa de todos os vossos pecados, que tínheis cometido contra o Senhor, e com que o provocastes à ira: (5)

19 Porque temi a sua indignação e ira, pela qual, estimulado contra vós, quis acabar-vos. E o Senhor me ouviu ainda por esta vez.

20 Irritado também sobremaneira contra Aarão quis o Senhor matá-lo, e eu orei por êle do mesmo modo.

21 E pegando no vosso pecado, que tínheis feito, isto é, no bezerro, o queimeei no fogo, e fazendo-o em pedaços, e reduzindo-o inteiramente a pó, o deitei na torrente, que desce do monte.

22 Irritastes também o Senhor no incêndio e na tentação, e nos sepulcros da concupiscência:

23 e quando vos mandou de Cadésbarne, dizendo: Subi, e tomaí posse da terra, que eu vos dei, e vós desprezastes o mandado do Senhor vosso Deus, e não lhe destes crédito, nem quisestes ouvir a sua voz:

24 Mas sempre lhe fostes rebeldes desde o dia que eu comecei a conhecer-vos.

25 E estive prostrado diante do Senhor quarenta

(5) **E PROSTREI-ME** — Para interceder pelo povo, quando Deus lhe anunciou a idolatria dos hebreus, e o seu desígnio de os punir. Esta primeira oração de Moisés não é repetida no Deuteronômio, mas encontra-se no Êx 32, 11-14.

dias e quarenta noites, em que humildemente lhe rogava, que vos não perdesse como êle o tinha ameaçado:

26 e orando disse: Senhor Deus, não percas o teu povo, e a tua herança, que tu resgataste com o teu grande poder, e que tiraste do Egito com mão poderosa.

27 Lembra-te de teus servos Abraão, Isaac, e Jacó: Não olhes para a dureza dêste povo, nem para a sua impiedade e pecado:

28 Para que não digam os habitantes do país, donde nos tiraste: Ô Senhor não podia introduzi-los na terra, que lhes havia prometido, e como os aborrecia, por isso os tirou, para os matar no deserto:

29 Os quais são teu povo e tua herança, que tu tiraste com a tua grande fortaleza, e com o teu braço estendido.

CAPÍTULO 10

SEGUNDAS TABUAS DA LEI. VOAÇÃO DOS LEVITAS. EXORTAÇÃO A OBSERVAR A LEI DO SENHOR.

1 Naquelle tempo me disse o Senhor: Corta duas tábuas de pedra, como eram as primeiras, e sobe a mim ao monte; e farás uma arca de madeira.

2 E eu escreverei nas tábuas as palavras que estavam nas que tu quebraste antes, e pô-las-ás na arca.

3 Eu pois fiz uma arca de pau de cetim. E tendo cortado duas tábuas de pedra, como as primeiras, subi ao monte, tendo-as nas mãos.

4 E escreveu nestas tábuas, o que antes tinha escrito, as dez palavras, que o Senhor tinhã falado no monte no meio do fogo, estando o povo junto: e deu-mas.

5 E voltando do monte, desci, e pus as tábuas na arca que tinha feito, as quais até ao dia de hoje estão ali, como o Senhor me ordenou.

Deuteronômio 10, 6-13

6 Ora os filhos de Israel descamparam de Berot, que era dos filhos de Jacan, e vieram a Mosera, onde Aarão morreu e foi sepultado, a quem sucedeu no sacerdócio Eleazar seu filho. (1)

7 Dali vieram a Gadgad: De onde, tendo partido, foram acampar-se em Jetebata, numa terra d'águas e de arroios.

8 Por êste tempo separou a tribo de Levi, para levar a Arca do concôrto do Senhor, e assistir diante dêle no seu ministério, e bendizer em seu nome até o dia de hoje.

9 Por isso Levi não teve parte, nem possessão com seus irmãos: Porque o Senhor mesmo é a sua possessão, como o Senhor teu Deus lhe prometeu.

10 Eu porém estive no monte, como antes, quarenta dias e quarenta noites: e o Senhor me ouviu também mais esta vez, e não quis destruir-te.

11 E me disse: Vai, e marcha adiante do povo, para que entre, e possua a terra, que eu prometi com juramento a seus pais que lhes daria.

12 Agora pois, ó Israel, que é o que o Senhor teu Deus pede de ti, senão que temas o Senhor teu Deus, e andes nos seus caminhos, e o ames, e sirvas ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma:

13 e que observes os mandamentos do Senhor e as suas cerimônias, que eu te prescrevo hoje, para que sejas feliz?

(1) **BEROT** — É a estação chamada Benejaacan nos Núm 33, 31. Estes filhos de Jacan, segundo Vigouroux, ob. cit., deviam pertencer a uma tribo nômade da Arábia Pétreia.

MOSERA — Aarão morreu sobre o monte Hor. Mosera era sem dúvida o lugar em que os israelitas armaram as suas barracas, ao sopé da montanha.

14 Bem vês que o céu é do Senhor teu Deus e o céu dos céus, a terra e tudo o que nela há:

15 e ainda assim o Senhor se uniu estreitamente com teus pais, e os amou, e escolheu a sua linhagem depois dêles, isto é, a vós dentre tôdas as nações, como hoje se prova.

16 Circuncidai pois o prepúcio do vosso coração, e não endureçais mais a vossa cerviz: (2)

17 porque o Senhor vosso Deus é o Deus dos deuses, e o Senhor dos senhores, o Deus grande e poderoso, e terrível que não faz acepção de pessoas, nem se leva de presentes.

18 Que faz justiça ao órfão e à viúva, que ama o peregrino e lhe dá o sustento e o vestido.

19 E assim vós amai os peregrinos, porque também vós fostes estrangeiros na terra do Egito. (3)

20 Temerás ao Senhor teu Deus, e só a Êle servirás: a Êle te unirás, e pelo seu nome jurarás.

21 Êle é a tua glória, e o teu Deus, que fez em teu favor estas maravilhas tão grandes e tão terríveis, quais os teus olhos viram.

(2) **CIRCUNCIDAI, ETC.** — Isto quer dizer: mortificai os vossos ruins instintos, os afetos desordenados, todos os maus o ímpios desejos. *Præputium hic est quidquid in corde ad modum præputii in carne superfuit, et cor dehonestat hoc est noxia omnia et impia desideria* (Tirinus). A esta circuncisão espiritual refere-se S. Paulo, Ep. ad Rom 12, 22-23. Outros entendem por esta palavra a dureza e cegueira do coração, que impede a visão e o conhecimento da verdade. *Est durities ac cæcitas qua cor et mens impeditur ne videat, et veritatem agnoscat.*

(3) **PORQUE TAMBÉM VÓS FOSTES ESTRANGEIROS** — Há aqui uma alusão ao cativoiro, fato relativamente recente, e que mostra ser escrita por um autor contemporâneo do Êxodo, o que é mais uma prova da autenticidade do Pentateuco.

22 Teus pais não eram mais que setenta pessoas, quando desceram ao Egito: e vês aí agora te multiplicou o Senhor teu Deus, como as estrêlas do céu.

CAPÍTULO 11

CONTINUA MOISÉS A EXORTAR OS ISRAELITAS À OBSERVÂNCIA DOS PRECEITOS DO SENHOR. ABENÇO A OS QUE OS OBSERVAREM E AMALDIÇA A OS QUE OS TRANSGREDIREM.

1 Ama pois ao Senhor teu Deus, e guarda em todo o tempo os seus preceitos, e cerimônias, os seus juízos e mandamentos. (1)

2 Conhecei hoje o que ignoram os vossos filhos, que não viram os castigos do Senhor vosso Deus, as suas maravilhas e a sua mão poderosa, e o seu braço estendido, (2)

3 os prodígios e as obras que fez no meio do Egito sôbre o rei Faraó, e sôbre todo o seu país,

4 e sôbre todo o exército dos egípcios, e sôbre os seus cavalos e carroças: de que modo as águas do mar Vermelho os cobriram, quando vos perseguiam, e como o Senhor os destruiu até o dia presente:

5 e o que vos fez no deserto, até que chegásseis a êste lugar:

6 e a Datan e a Abiron filhos de Eliab, que era fi-

(1) **EM TODO O TEMPO** — A Vulgata traduziu por *omni tempore* o hebreu *kol-haiamim*, que significa todos os dias, ao que corresponde rigorosamente a versão dos Setenta.

(2) **O QUE IGNORAM OS VOSSOS FILHOS, QUE NÃO VIRAM** — Os pais de família tinham sido testemunhas presenciais dos milagres por Deus operados à saída do Egito. Moisés invoca êste testemunho para falar aos filhos, que só sabiam de tradição êsses fatos, para lhes fazer ver quanto devem ao Senhor.

lho de Rúben, quando a terra, abrindo a sua bôca, os sorveu com as suas casas e tendas, e tudo o que possuíam no meio de Israel. (3)

7 Os vossos olhos viram tôdas as grandes obras que o Senhor fêz,

8 para que guardeis todos os seus mandamentos, que eu hoje vos prescrevo, e possais ocupar e possuir a terra, em que estais a entrar,

9 e vivais nela por muito tempo: na terra onde correm regatos de leite e de mel, e que o Senhor prometeu com juramento a vossos pais, e à sua posteridade.

10 Porque a terra, que tu vais possuir, não é como a terra do Egito, de onde saístes, na qual lançada a semente se conduz água para regar, como se faz nas hortas: (4)

11 mas é montuosa e campestre, que espera as chuvas do céu;

12 a qual o Senhor vosso Deus está sempre vendo, e seus olhos estão sôbre ela desde o princípio do ano até ao fim dêle.

13 Se vós portanto obedecerdes aos meus preceitos,

(3) **DATAN E ABIRON** — Não se faz menção de Coré, o chefe da sedição (Núm 16, 1.5.6.8) certamente por atenção com os seus filhos, que então viviam, e que não tinham sido exterminados com o pai.

(4) **COMO A TERRA DO EGITO** — Moisés pretende fazer conhecer o desconhecido pelo conhecido e para isso estabelece o paralelo com o Egito, que os filhos de Jacó muito bem conheciam; por aqui se vê quanto estava familiarizado com o Nilo e com o Egito o autor do Pentateuco, o que é outra prova da sua autenticidade. Neste mesmo versículo se faz alusão às inundações do Nilo, cujas águas são distribuídas por canais — se conduz a água para regar — ao passo que na Palestina era preciso chuva. Moisés pretende pôr em relêvo quanto era preciso na Terra Prometida o socorro de Deus.

que eu vos ponho hoje, de amar o Senhor vosso Deus, e de o servir de todo o vosso coração e de toda a vossa alma:

14 êle dará à vossa terra as chuvas temporãs e serôdias, para que recolhais pão, e vinho e azeite, (5)

15 e o feno dos campos para sustentar os vossos gados, e para que vós mesmos tenhais que comer e de que vos saciar.

16 Guardai-vos, não suceda que o vosso coração se deixe seduzir, e que vos aparteis do Senhor, e sirvais a deuses estranhos e os adoreis:

17 e que o Senhor irado feche o Céu, e não caiam as chuvas, nem a terra dê os seus frutos; e que vós dentro de pouco tempo sejais exterminados da excelente terra, que o Senhor está para vos dar.

18 Ponde nos vossos corações e nos vossos espíritos estas minhas palavras, e trazei-as suspensas nas vossas mãos por sinal, e colocai-as entre os vossos olhos.

19 Ensina a teus filhos que as meditem, quando estiveres sentado em tua casa, ou caminhares, e quando te deitares ou levantares.

20 Escrevê-las-ás sôbre os postes e as portas de tua casa:

21 para que os teus dias, e os de teus filhos se multipliquem na terra, que o Senhor jurou dar a teus pais, para a possuírem enquanto o céu cobrir a terra.

22 Porque se vós observardes os mandamentos que eu vos intimo, e os cumprirdes de modo que ameis o Senhor vosso Deus, e que andeis em todos os seus caminhos, unidos estreitamente com êle,

(5) **AS CHUVAS TEMPORÃS E SERÓDIAS** — As primeiras são as chuvas do outono, que caem em outubro e novembro, as segundas são as da primavera, que caem em março e abril. No resto do ano a chuva é excepcional na Palestina.

23 o Senhor destruirá à vossa vista tôdas estas gentes, e vós as possuireis, sendo que elas são maiores e mais poderosas do que vós.

24 Todo lugar, em que vós puserdes os pés, será vosso. Os vossos limites serão desde o deserto, e desde o Líbano, desde o grande rio Eufrates até o mar ocidental. (6)

25 Nenhum se atreverá contra vós: O Senhor vosso Deus espalhará o terror e o espanto do vosso nome sobre toda terra que haveis de pisar, como êle vo-lo prometeu.

26 Eis-aqui ponho eu hoje diante de vossos olhos a bênção e a maldição:

27 a bênção, se obedecerdes aos mandamentos do Senhor vosso Deus, que eu hoje vos prescrevo:

28 a maldição, se não obedecerdes aos mandamentos do Senhor vosso Deus, mas vos apartardes do caminho, que eu hoje vos mostro, e correrdes após os deuses estranhos, que não conheceis.

29 Quando porém o Senhor teu Deus te introduzir na terra que vais habitar, porás a bênção sobre o monte de Garizim, e a maldição sobre o monte de Hebal: (7)

30 os quais são na banda de além do Jordão, junto ao caminho que desce para o ocidente, na terra dos cananeus, que habitam nas campinas defronte de Galgala,

(6) O MAR OCIDENTAL — E' o Mediterrâneo.

(7) GARIZIM... o monte de Hebal — O monte Garizim é cortado interiormente por uma linha de rochedos; perto de Siquem, oferece a singular configuração dum triângulo; na parte inferior há cavernas abertas na rocha. Este rochedo ainda agora se vê perfeitamente do presbitério do pároco latino de Naplouse, que é a antiga Siquem, situado no vale que separa estes dois montes. Cf. Stanley, Sinai and Palestine, c. V. 1877, pag. 239, 240. Hebal é outro monte de Efraim.

a qual está junto do vale que se estende e se dilata até muito longe. (8)

31 Porque vós passareis o Jordão para possuídes a terra, que o Senhor vosso Deus vos há de dar, para a terdes e possuídes.

32 Vede pois que observeis as cerimônias e juízos, que eu hoje porei à vossa vista.

CAPÍTULO 12

COMO SE DEVEM DE HAVER OS ISRAELITAS COM OS CANANEUS. QUE SE NÃO OFEREÇAM SACRIFÍCIOS NOS MONTES, NEM NOS BOSQUES, MAS NO LUGAR QUE O SENHOR DESIGNAR. QUE SE ABSTENHAM INTEIRAMENTE DE COMER SANGUE, E OUTROS MANJARES IMUNDOS.

1 Estes são os preceitos e juízos, que vós deveis cumprir na terra, que o Senhor Deus de teus pais te há de dar, para a possuíres todos os dias, que andares sobre a terra. (1)

2 Destruí todos os lugares, em que as nações, que haveis de subjugar, adoraram os seus deuses sobre os altos montes e outeiros, e debaixo de toda a árvore frondosa.

3 Derribai os seus altares, e quebrai as suas estátuas,

(8) **DE ALÉM DO JORDÃO** — Significa aqui, a oeste deste rio.

GALGALA — Há dois locais com este nome: um ao pé do Jordão, e o outro, que é o presente, fica situado a vinte quilômetros para o sul do Garizim.

(1) **ESTES SÃO OS PRECEITOS** — Este versículo é o preâmbulo da segunda parte do discurso de Moisés, 12-26. O legislador vai rememorar resumidamente a lei que Deus o encarregou de dar ao povo, enumerando diversos pontos de direito religioso, público e privado.

ponde fogo aos seus bosques, e fazei em pedaços os seus ídolos: Extingui os seus nomes daqueles lugares. (2)

4 Não fareis porém assim com o Senhor vosso Deus:

5 Mas vireis ao lugar, que o Senhor vosso Deus escolher de tôdas as vossas tribos, para aí pôr o seu nome, e habitar nêle:

6 e oferecereis naquele lugar os vossos holocaustos e vítimas, os dízimos e as primícias das vossas mãos, e os votos e ofertas, os primogênitos das vacas e das ovelhas.

7 E aí comereis na presença do Senhor vosso Deus: e vos regozijareis vós e as vossas famílias em tôdas as coisas em que meterdes a mão, nas quais o Senhor vosso Deus vos abençoar.

8 Não fareis ali o que nós fazemos hoje aqui, cada um o que bem lhe parece.

9 Porque ainda até o presente não entrastes no repouso, e herança, que o Senhor vosso Deus está para vos dar.

10 Passareis o Jordão, e habitareis na terra, que o Senhor vosso Deus vos dará, para estardes seguros de todos os inimigos que vos cercam: e habitardes sem temor algum

11 no lugar, que o Senhor vosso Deus tiver escolhido, para nêle estar o seu nome: lá levareis tôdas as coisas que eu prescrevo, os holocaustos, e as hóstias, e os dízimos, e as primícias das vossas mãos: e tudo o melhor que houver dos dons que oferecerdes em voto ao Senhor.

(2) **DERRIBAI OS SEUS ALTARES** — A idéia dominante de que cada povo devia ter os seus deuses particulares era uma tentação para os israelitas adorarem os falsos deuses da terra de Canaã, confundindo a idolatria com o culto do verdadeiro Deus. Moisés prevê este perigo e por isso promulga esta disposição, tendente a destruir todos os vestígios da idolatria.

12 Aí vos banquetearéis diante do Senhor vosso Deus, vós e vossos filhos e filhas, servos e servas, e o levita que mora nas vossas cidades: Porque eles não têm outra porção nem herança entre vós. (3)

13 Olha, não ofereças os teus holocaustos em qualquer lugar, que vires:

14 Mas oferecerás as hóstias naquele, que o Senhor tiver escolhido, em alguma das tuas tribos, e farás tudo o que te mando.

15 Se porém quiseses comer, e gostares de comer carne, mata, e come, segundo a bênção que o Senhor teu Deus te deu nas tuas cidades: tu o comerás ou o animal seja imundo, isto é, defeituoso e estropiado; ou seja limpo, isto é, inteiro e sem defeito para se poder oferecer: como uma cabra e um veado.

16 Sòmente te absterás de sangue, o qual escorrerás sôbre a terra como água.

17 Não poderás comer nas tuas cidades o dízimo do teu trigo, e do vinho, e do azeite, nem os primogênitos de vacas, e de ovelhas, nem coisa de que tenhas feito voto, ou que voluntariamente queiras oferecer, nem as primícias das tuas mãos: (4)

18 Mas comerás destas coisas diante do Senhor teu Deus no lugar que o Senhor teu Deus tiver escolhido, tu e teu filho e tua filha, e o servo e serva, e o levita, que mora nas tuas cidades: e te alegrarás e tomarás a tua

(3) **VOS BANQUETEAREIS DIANTE DO SENHOR** — Há aqui uma referência às refeições sagradas que acompanhavam um certo número de sacrifícios, e onde o oferente da vítima consumia parte desta.

(4) **O DÍZIMO** — Além do dízimo pago aos levitas e reservado ao seu uso, os israelitas tinham um outro extraordinário, que se trazia ao lugar das festas, e que devia ser consumido junto do santuário.

refeição diante do Senhor teu Deus, em tôdas as coisas, a que estenderes a tua mão.

19 Olha, não desampares nunca o levita por todo tempo que viveres na terra.

20 Quando o Senhor teu Deus tiver dilatado os teus limites, como êle te prometeu, e tu quiseres comer das carnes, que a tua alma apetece:

21 Se estiver longe o lugar, que o Senhor teu Deus tiver escolhido, para nêle estar o seu nome, matarás das manadas e gados, que tiveres, como eu te ordenei, e comerás nas tuas cidades, como gostares.

22 Como se come a cabra e o veado, assim comerás tu estas carnes: e o limpo e o imundo se comerá indifferentemente.

23 Guarda-te somente de lhes comer o sangue: porque o sangue lhes serve de alma e por isso, não debes comer a alma com a carne: (5)

24 Mas escorrê-lo-ás sobre a terra como água:

25 Para serdes felizes tu e teus filhos depois de ti, tendo feito o que é agradável aos olhos do Senhor.

26 Quanto às coisas que tu tiveres santificado, e que tiveres votado ao Senhor tu as tomarás; e virás ao lugar, que o Senhor tiver escolhido:

27 E apresentarás as tuas oblações, a carne e o san-

(5) O SANGUE LHES SERVE DE ALMA — A Vulgata traduziu por *anima* o termo hebraico *nefesch*, que significa sôpro, respiração; e como esta é o sinal da vida, os hebreus acabaram por designar a própria vida pela mesma palavra *nefesch*.

NÃO DEVES COMER A ALMA — Isto é, o sangue, pela mesma razão por que é pelo sangue que se alenta e conserva a vida; escusado é dizer que se trata da vida animal. Quia sanguine alitur et servatur vita. Por consequência temos que alma é, aqui, sinônimo de sangue, pelo que é proibido comer carne com sangue. *Animam cum carnem idest Carnem cum sanguine*. Menochio, Lapide, etc.

gue sôbre o altar do Senhor teu Deus: derramarás o sangue das hóstias sôbre o altar: e comer-lhes-ás as carnes.

28 Observa e ouve tudo o que eu te ordeno, para serdes felizes para sempre tu e teus filhos depois de ti, tendo feito o que é bom, e agradável ao Senhor teu Deus.

29 Quando o Senhor teu Deus tiver exterminado diante de ti as gentes, que entrando vás a possuir, e as possuíres, e habitares nas suas terras:

30 Guarda-te, não as imites, depois que elas tiverem sido destruídas na tua entrada, nem te informes das suas cerimônias, dizendo: Assim como estas gentes adoraram os seus deuses, do mesmo modo também eu os adorarei.

31 Não o farás assim, com o Senhor teu Deus. Porque elas fizeram pelos seus deuses, tôdas as abominações, que o Senhor aborrece, oferecendo-lhes seus filhos e filhas e queimando-os no fogo. (6)

32 Faze sômente em honra do Senhor, aquilo que eu te ordeno: sem ajuntar, nem tirar nada.

CAPÍTULO 13

CONTRA OS FALSOS PROFETAS, E CONTRA OS QUE QUISEREM INDUZIR O POVO À IDOLATRIA.

1 Se se levantar no meio de ti um profeta, ou qualquer que diga que teve uma visão em sonhos, e predisser algum sinal ou prodígio, (1)

(6) **OFERECENDO-LHES SEUS FILHOS E FILHAS** — É a condenação formal dos sacrifícios humanos que o Senhor aborrece, e que sempre foram proscritos em Israel.

(1) **SE SE LEVANTAR** — Moisés insiste na unidade do culto, indicando os meios de obstar à invasão da propaganda idolátrica em Jerusalém.

2 e suceder assim como êle falou, e te disser: Vamos, e sigamos os deuses estranhos que não conheces e sirvamo-los:

3 não ouvirás as palavras do tal profeta ou sonhador: Porque o Senhor vosso Deus vos tenta, para se fazer manifesto, se o amais ou não, de todo o vosso coração, e de tôda a vossa alma.

4 Segui o Senhor vosso Deus, e temei-o, e guardai os seus mandamentos, e ouvi a sua voz: a êle servireis, e a êle vos unireis.

5 Aquêlê profeta porém ou aquêlê inventor de sonhos será entregue à morte: Porque vos falou com o fim de vos apartar do Senhor vosso Deus, que vos tirou da terra do Egito, e vos resgatou da casa da escravidão: Para te desviar do caminho, que o Senhor teu Deus te apontou: e tirarás o mal do meio de ti.

6 Se teu irmão filho de tua mãe, ou teu filho ou filha, ou tua mulher a quem trazes no teu seio, ou o amigo a quem amas como à tua alma, te quiser persuadir, dizendo-te em segrêdo: Vamos, e sirvamos a deuses estranhos, que tu desconheces, e teus pais desconheceraam,

7 de tôdas as nações circunvizinhas, que estão perto de ti ou longe, desde uma extremidade da terra até à outra,

8 não estejas pelo que êle te diz, nem o ouças, nem o teu ôlho lhe perdoe de modo que tenhas compaixão e o encubras,

9 mas logo o matarás: Seja a tua mão a primeira sobre êle, e depois todo o povo lhe ponha as suas. (2)

(2) **LOGO O MATARAS** — No hebreu não há têrmo algum que corresponda ao statim da Vulgata, que o padre Pereira traduziu por logo: o que está no original é matando-o, tu o matarás, gênero de repetição que tem por fim reforçar a significação do verbo.

SEJA A TUA MÃO A PRIMEIRA SOBRE ÊLE — Entre os

Deuteronômio 13, 10-17

10 Morrerá coberto de pedras: Porque quis apartar-te do Senhor teu Deus, que te tirou da terra do Egito, da casa da servidão:

11 Para que, sabendo-o todo o Israel, tema, e não torne mais a fazer coisa semelhante a esta.

12 Se ouvires que em alguma das tuas cidades, que o Senhor teu Deus te há de dar para habitação, há alguns que dizem:

13 Filhos de Belial saíram do meio de ti, e perverteram os habitantes da sua cidade, e disseram: Vamos, e sirvamos aos deuses estranhos que vos são desconhecidos: (3)

14 Informa-te com toda a exação possível, e, averiguada a verdade da coisa, se achares ser certo o que se disse, e que efetivamente se cometeu uma tal abominação,

15 imediatamente farás passar à espada os habitantes daquela cidade, e destruí-la-ás com tudo o que há nela, até os gados.

16 Ajuntarás também no meio das suas ruas todos os móveis, que nela se acharem, e queimá-los-ás juntamente com a cidade, de maneira que consumas tudo em honra do Senhor teu Deus, e fique sendo um montão eterno de ruínas: Não se tornará a reedificar,

17 e não se te pegará às mãos nada deste anátema: Para que o Senhor aplaque a ira do seu furor, e se compadeça de ti, e te multiplique como êle o jurou a teus pais, (4).

povos da antiguidade era freqüente ser a família do criminoso encarregada de punir o crime, costume que ainda agora subsiste entre alguns povos.

(3) **FILHOS DE BELIAL** — Etimologicamente Belial significa sem valor, e por extensão, malícia, mal. No Novo Testamento passou a ser sinônimo de Satã.

(4) **E NÃO SE TE PEGARÁ AS MÃOS NADA DESTA ANÁ-**

18 enquanto tu ouvires a voz do Senhor teu Deus, guardando todos os seus preceitos, que eu te intimo, hoje, para que obres o que é agradável aos olhos do Senhor teu Deus.

CAPÍTULO 14

ANIMAIS LIMPOS, E IMUNDOS. DIZIMOS, E REFEIÇÃO DIANTE DO SENHOR.

1 Sêde filhos do Senhor vosso Deus: Não fareis incisões no vosso corpo, nem vos fareis abrir calva para chardes algum morto:

2 Porque és um povo santo para com o Senhor teu Deus: E êle te escolheu dentre tôdas as nações, que há na terra, para sêres particularmente o seu povo.

3 Não comais o que é imundo.

4 Êstes são os animais que deveis comer: O boi, e a ovelha, e a cabra,

5 o veado e a corça, o búfalo, a cabra montês, o unicórnio, o órige, o camelo pardo.

6 Comereis de todo o animal, que tem a unha fendida em duas partes, e que remói.

7 Não deveis porém comer dos que sim remoem, mas não têm a unha fendida, como são o camelo, a lebre, o querogrilo: Êstes porque remoem, e não têm a unha fendida, serão imundos para vós.

8 O porco também será para vós imundo, porque ainda que tem unha fendida, não remói: Não comereis da carne dêstes animais, nem tocareis nos seus cadáveres.

TEMA — Isto é: Não guardarás para ti nenhum dos objetos que devem ser destruídos.

Deuteronômio 14, 9-23

9 De todos os animais que vivem nas águas, comeis êstes: Comei os que têm barbatanas, e escamas:

10 Mas não comais daqueles, que não têm barbatanas, nem escamas, porque são imundos.

11 Comei de tôdas as aves que são limpas.

12 Mas não comereis das imundas: Quais são a águia, e o grifo, e o esmerilhão.

13 o ixião, e o abutre e o milhano, segundo o seu gênero: (1)

14 e todo o gênero de corvos,

15 e o avestruz, e a coruja, e a gaivota, e o açor, segundo o seu gênero:

16 a cegonha e o cisne, e o íbis,

17 e o mergulho, o porfirião e o bufo,

18 e o onocrótalo, e o caradrio, cada um no seu gênero, a poupa também e o morcêgo.

19 E tudo o que anda de rastos e tem asas, será imundo, e não se comerá.

20 Comei de tudo o que é limpo.

21 Não comais coisa alguma de animal, que morresse por si: Mas dá-a para que a coma, ou vende-a ao peregrino, que vive de tuas portas para dentro: Porque tu és o povo santo do Senhor teu Deus. Não cozerás o cabrito no leite de sua mãe.

22 Porás à parte cada ano o dízimo de todos os frutos que nascem na terra,

23 e comerás na presença do Senhor teu Deus, no lugar que êle escolher para aí ser invocado o seu nome, o dízimo do teu trigo, e do vinho, e do azeite, e os primogênitos das tuas vacas e ovelhas: Para que aprendas a temer o Senhor teu Deus em todo o tempo.

(1) O IXIÃO — Espécie de avestruz: é a única ave acrescentada à lista correspondente do Levítico.

24 Mas quando fôr mais comprido o caminho, e distante o lugar que o Senhor teu Deus escolher, e te abençoar, e não puderes levar lá tôdas essas coisas,

25 Venderás tudo, e o reduzirás a dinheiro, e o levarás na tua mão, e irás ao lugar que o Senhor teu Deus escolher:

26 E comprarás com êsse mesmo dinheiro tudo o que fôr do teu gôsto, ou seja de bois, ou seja de ovelhas, como também vinho e outros licores, e tudo o que a tua alma deseja: e comê-lo-ás diante do Senhor teu Deus, regalando-te tu, e a tua família:

27 e o levita que vive das tuas portas para dentro, vê lá não o desampares, porque êle não tem outra porção na tua herança.

28 Todos os três anos separarás outro dízimo de tudo o que te nascer nesse tempo: e pô-lo-ás de reserva em tua casa.

29 E virão o levita que não tem outra porção nem herança contigo, e o peregrino, e o órfão e a viúva, que estão das tuas portas a dentro, e comerão e se fartarão: para que o Senhor teu Deus te abençoe em tôdas as obras que trabalhares com as tuas mãos.

CAPÍTULO 15

ANO SABÁTICO. ALFORRIA DOS ESCRAVOS. CUIDADOS DOS POBRES. PRIMOGENITOS, QUE SE DEVEM OFERECER AO SENHOR.

1 No sétimo ano farás a remissão,

2 a qual se deve fazer desta maneira: Aquêle a quem seu amigo, ou seu próximo, ou seu irmão dever alguma;

Deuteronômio 15, 3-8

coisa, não a poderá exigir, porque é o ano da remissão do Senhor, (1)

3 Poderás exigí-la do peregrino e do estrangeiro: mas não terás direito de a repetir dos teus compatriotas nem dos teus propínquos.

4 E absolutamente não haverá entre vós pobre algum nem mendigo: para que o Senhor teu Deus te abençoe na terra, de que êle está para te dar a posse. (2)

5 Bem entendido que se ouvires a voz do Senhor teu Deus, e guardares tudo o que êle te mandou, e o que eu hoje te prescrevo, te abençoará, como prometeu.

6 Tu emprestarás a muitos povos, e de ninguém receberás empréstimos. Tu dominarás sobre muitas nações, e a ti nenhuma te dominará. (3)

7 Se estando tu no país, que o Senhor teu Deus te há de dar, cair em pobreza um dos teus irmãos, que moram dentro da tua cidade, não endurecerás o teu coração, nem cerrarás a tua mão,

8 mas abri-la-ás para o pobre, e lhe emprestarás o que vires que êle há mister.

(1) **NÃO A PODERÁ EXIGIR** — Como no ano sabático a terra não era cultivada, ficavam os hebreus privados dos recursos que poderiam auferir nos outros anos. Sendo assim era muito justo não se lhes exigir o pagamento das suas dívidas naquele ano.

(2) **NÃO HAVERÁ ENTRE VÓS POBRE ALGUM** — Não se trata aqui duma promessa, o que estaria em contradição com o versículo 11. Estas palavras têm a força duma proibição e devem entender-se assim: "Tu não exigirás dos teus concidadãos, durante o ano sabático, pagamentos que os reduzam fatalmente à indigência e mendicidade."

(3) **TU EMPRESTARÁS A MUITOS POVOS** — Moisés não autoriza por estas palavras a usura, mas sim o empréstimo com um interesse razoável a respeito dos estrangeiros. Ao mesmo tempo promete aos hebreus a prosperidade e o domínio sobre muitas nações. Neste versículo há duas partes paralelas.

9 Guarda-te, não te deixes surpreender de ímpio pensamento, e digas lá no teu coração: Está próximo o sétimo ano da remissão; e apartes os teus olhos de teu pobre irmão, não lhe querendo emprestar o que êle te pede: não suceda que êle clame contra ti ao Senhor, e isto te seja imputado a pecado.

10 Mas lho darás: e não usarás de destreza alguma em o socorrer nas suas necessidades: para que o Senhor teu Deus te abençoe em todo o tempo, e em tôdas as coisas em que meteres a mão.

11 Não faltarão pobres na terra que hás de habitar: por isso eu te ordeno, que abras a mão para teu irmão necessitado e pobre, que vive contigo no mesmo país.

12 Quando te fôr vendido um teu irmão hebreu ou hebréia, e, te tiverem servido seis anos, no sétimo ano tu os deixarás ir livres:

13 e não deixarás ir com as mãos vazias aquêle a quem deres a liberdade:

14 Mas far-lhe-ás o alforje para o caminho dos teus rebanhos, e da tua eira, e do teu lugar, nos quais bens o Senhor teu Deus te tiver abençoado.

15 Lembra-te que também tu foste escravo na terra do Egito, e que o Senhor teu Deus te libertou, e por isso eu te ordeno agora êste preceito.

16 Porém se o teu servo te disser: Eu não quero sair: porque êle te ama a ti, e à tua casa, e julga que lhe vai bem estar contigo:

17 Pegarás numa sovela, e furar-lhe-ás a orelha à porta da tua casa, e êle te servirá para sempre: o mesmo farás à tua escrava.

18 Não apartes dêles os teus olhos, quando os despedires livres: porque êles te serviram seis anos, como te teria servido um mercenário; para que o Senhor teu Deus te abençoe em tôdas as coisas que fazes.

19 Consagrarás ao Senhor teu Deus todos os machos dentre os primogênitos das tuas vacas e das tuas ovelhas. Não trabalharás com o primogênito da vaca, nem tosquiarás os primogênitos das ovelhas.

20 Mas comê-los-ás cada ano na presença do Senhor teu Deus, tu e a tua casa no lugar, que o Senhor escolher.

21 Se o primogênito tiver algum defeito, ou se fôr côxo, ou cego, ou se tiver alguma deformidade ou debilidade em qualquer parte do corpo, não será imolado ao Senhor teu Deus:

22 Mas comê-lo-ás das portas para dentro da tua cidade: o limpo e o imundo comerão dêle indiferentemente como duma corça, ou dum veado.

23 Terás somente a cautela de não lhe comeres o sangue, mas derramá-lo-ás pela terra como água. (4)

CAPÍTULO 16

DAS TRÊS FESTAS DA PASCOA, DE PENTECOSTES, E DOS TABERNÁCULOS. DOS JUÍZES E DOS OFICIAIS DE JUSTIÇA. FUGIR DA IDOLATRIA.

1 Observa o mês dos frutos novos, que é o princípio da primavera, para celebrares nêle a Páscoa em honra do Senhor teu Deus: porque neste mês é que o Senhor teu Deus te tirou do Egito de noite.

2 E imolarás na Páscoa ao Senhor teu Deus ovelhas e bois, no lugar que o Senhor teu Deus escolher para aí habitar o seu nome.

3 Não comerás durante esta festa pão fermentado: mas por sete dias comerás pão sem fermento, pão de

(4) **COMO AGUA** — Isto é, sem valor.

aflição, porque saíste do Egito, vindo com muito medo: para que te lembres do dia da tua saída do Egito, todos os dias da tua vida. (1)

4 Por sete dias não aparecerá em todos os teus limites pão de fermento, e das carnes do que foi imolado pela tarde não ficará nada até o outro dia pela manhã.

5 Não poderás imolar a Páscoa indiferentemente em qualquer das tuas cidades, que o Senhor teu Deus tem para te dar:

6 Mas somente no lugar, que o Senhor teu Deus tiver escolhido, para aí habitar o seu nome: e imolarás a Páscoa de tarde ao pôr do sol, tempo em que saíste do Egito.

7 E a cozerás, e comerás no lugar, que o Senhor teu Deus tiver escolhido, e levantando-te pela manhã voltarás para as tuas tendas.

8 Seis dias comerás pães asmos: e no dia sétimo, porque é a coleta do Senhor teu Deus, não farás obra alguma.

9 Contarás sete semanas desde o dia em que meteres a foice na seara: (2)

10 e celebrarás a festa das semanas em honra do Senhor teu Deus, apresentando-lhe a oblação voluntária da tua mão, a qual oferecerás segundo a bênção do Senhor teu Deus:

11 e te banquetearás diante do Senhor teu Deus, tu, teu filho, e tua filha, o teu servo, e a tua escrava, o levita que mora das tuas portas para dentro, o estrangeiro e o órfão e a viúva, que vivem contigo: no lugar

(1) **PÃO FERMENTADO** — Para recordar a partida precipitada dos israelitas, que não tiveram tempo de levedar o pão.

(2) **DESDE O DIA EM QUE METERES A FOICE NA SEARA** — Isto é, desde a festa da Páscoa, que inaugurava a ceifa, que o Pentecostes encerrava.

Deuteronômio 16, 12-20

que o Senhor teu Deus tiver escolhido, para aí habitar o seu nome:

12 e recordar-te-ás que foste escravo do Egito: e guardarás e cumprirás as coisas que te foram mandadas.

13 Celebrarás também por sete dias a solenidade dos tabernáculos, quando tiveres recolhido da eira e do lagar os teus frutos:

14 e te banquetearás nesta festa, tu, teu filho, e filha, o teu servo e a escrava e também o levita e o estrangeiro, o órfão e a viúva que estão das tuas portas para dentro.

15 Por sete dias celebrarás esta festa em honra do Senhor teu Deus no lugar, que o Senhor eleger: e o Senhor teu Deus te abençoará em todos os teus frutos, e em todo o trabalho das tuas mãos, e tu viverás alegre.

16 Todos os teus varões aparecerão três vezes no ano diante do Senhor teu Deus no lugar que êle escolher: na solenidade dos pães asmos, na solenidade das semanas, e na solenidade dos tabernáculos. Êles não aparecerão diante do Senhor com as mãos vazias:

17 Mas cada um oferecerá à proporção do que tiver, segundo a bênção que o Senhor teu Deus lhe tiver dado.

18 Estabelecerás juizes e magistrados em tôdas as tuas portas, que o Senhor teu Deus te houver dado em cada uma das tuas tribos: para que julguem o povo com retidão de justiça,

19 sem se inclinarem para parte alguma. Não farás aceitação de pessoa, nem receberás dádivas: porque as dádivas cegam os olhos dos sábios, transtornam as palavras dos justos.

20 Administrarás a justiça com retidão: para que

vivas e possuas a terra, que o Senhor teu Deus te houver dado.

21 Não plantarás bosque, nem árvore alguma ao pé do altar do Senhor teu Deus.

22 Não farás para ti, nem levantarás estátua: que são coisas que o Senhor teu Deus aborrece:

CAPÍTULO 17

JUDEUS IDÓLATRAS CASTIGADOS DE MORTE. CONSULTAS DOS SACERDOTES NAS COISAS DIFÍCEIS. ELEIÇÃO DUM REI.

1 Não imolarás ao Senhor teu Deus ovelha, ou boi, que tenha qualquer defeito, ou qualquer vício: porque isto é uma abominação para o Senhor teu Deus.

2 Quando forem achados na tua cidade, dentro dalguma das tuas portas, que o Senhor teu Deus te tiver dado, homem ou mulher que cometam o mal diante do Senhor teu Deus, e violem o seu pacto,

3 indo a servir a deuses estranhos e a adorá-los, ao sol e à lua, e toda a milícia do céu, contra o que eu mandei:

4 e te derem aviso disto, e tendo ouvido te informares com exação, se souberes que assim foi, e que esta abominação se cometeu em Israel:

5 Farás conduzir às portas da tua cidade o homem ou mulher, que cometeram um crime tão detestável, e serão apedrejados.

6 Sobre o depoimento de duas, ou três testemunhas morrerá aquêle que houver de ser castigado de morte. E nenhum será morto sobre o testemunho duma só pessoa.

7 As testemunhas serão as primeiras, que lhe atirem, depois atirar-lhe-á todo o resto do povo: para que tires o mal do meio de ti.

8 Se acontecer que penda diante de ti algum negócio difícil e escabroso entre sangue e sangue, entre causa e causa, e entre lepra e lepra: e vires que dentro das tuas portas, são vários os pareceres dos juizes: levanta-te, e sobe ao lugar, que o Senhor teu Deus tiver escolhido.

9 e encaminhar-te-ás aos sacerdotes da linhagem de Levi, e ao juiz, que nesse tempo fôr: e consultá-los-ás, e êles te descobrirão a verdade do juízo. (1)

10 E farás tudo o que te disserem os que presidem no lugar, que o Senhor tiver escolhido, e tudo o que êles te ensinarem,

11 segundo a lei do Senhor; e seguirás seus pareceres: sem declinares nem para a direita nem para a esquerda.

12 Aquêlê porém que inchado de soberba, não quiser obedecer ao mandado do sacerdote, que nesse tempo fôr o ministro do Senhor teu Deus, e ao decreto do juiz, êsse homem morrerá, e tu tirarás o mal do meio de Israel:

13 E todo o povo ouvindo isto temerá, para que daí em diante nenhum se inche de soberba.

14 Quando entrares na terra, que o Senhor teu Deus te há de dar, e tiveres tomado posse dela, e nela habitares, e disseres: Eu constituirei um rei para me governar, como têm tôdas as nações em roda: (2)

(1) **ENCAMINHAR-TE-AS AOS SACERDOTES DA LINHAGEM DE LEVI** — O sacerdócio, sob a presidência do Pontífice, formava um tribunal superior para dirimir pleitos duvidosos. Parece que neste lugar há uma faculdade dada aos interessados, que podem ou não usar dela; não há, porém, direito para os sacerdotes de levar estas causas ao seu tribunal.

(2). **EU CONSTITUIREI UM REI** — Moisés conhecendo bem o seu povo, que tinha vindo do Egito e de Canaã, previa que êle,

15 Elegerás aquêlê, que o Senhor teu Deus tiver escolhido do número de teus irmãos. Não poderás fazer rei a homem doutra nação, que não seja teu irmão.

16 E quando êsse fôr constituído, não multiplicará os seus cavalos, nem fará voltar o povo ao Egito, confiado na sua numerosa cavalaria, principalmente tendo-vos o Senhor ordenado, que não torneis mais a voltar pelo mesmo caminho. (3)

17 Não terá muitas mulheres, que lhe atraíam o seu coração, nem imensas somas de prata e ouro.

18 E depois que êle estiver sentado no trono do seu reino, fará escrever para seu uso num livro o Deuteronômio desta lei recebendo o exemplar dos sacerdotes da tribo de Levi, (4)

19 e tê-lo-á consigo, e o lerá todos os dias da sua vida, para que aprenda a temer o Senhor seu Deus, e a guardar as suas palavras e cerimônias, que estão prescritas na lei.

arrastado pelo espírito da imitação, começaria pedindo um rei, porque os egípcios tinham um Faraó, e os cananeus vários príncipes. E' muito acreditável que tivesse por mais duma vez falado nesta autoridade, cuja escolha referia a Deus "aquêlê que o Senhor tiver escolhido".

(3) **NEM FARÁ VOLTAR O POVO AO EGITO** — Este receio só podia ser concebido no deserto, quando os hebreus, desalentados pelas provações, falaram em voltar para a terra de Gessen. Certamente um escritor que tivesse composto êste livro posteriormente, ao tempo de Davi, Salomão, Acab ou Ezequias, como podia aludir a êste abandono da Palestina e à recondução para o Egito? Isto é, uma data precisa inscrita no Dt.

(4) **O DEUTERONÔMIO DESTA LEI** — Isto é, um duplicado, um segundo exemplar desta lei.

Deuteronômio 17, 20; 18, 1-5

20 Não se eleve o seu coração de soberba sobre seus irmãos, e não decline nem para a direita nem para a esquerda, para assim reinar muito tempo sobre Israel, ele, e seus filhos. (5)

CAPÍTULO 18

QUINHÃO DOS SACERDOTES, E DOS LEVITAS. PROIBIÇÃO DE CONSULTAR OS ADIVINHOS. PROFETA, QUE DEUS HA DE SUSCITAR. SINAL PARA DISTINGUIR OS PROFETAS FALSOS.

1 Os sacerdotes e os levitas, e todos os da mesma tribo, não terão parte nem herança alguma com o resto de Israel, porque hão de comer dos sacrificios do Senhor, e das oblações que lhe forem feitas.

2 e não receberão outra alguma coisa do que seus irmãos possuírem: Porque o mesmo Senhor é a sua herança, como ele lhes disse.

3 Este será o direito dos sacerdotes a respeito do povo, e dos que oferecem vítimas: Se sacrificarem um boi, ou uma ovelha, darão ao sacerdote a espádua e o peito: (1)

4 As primícias do pão, do vinho, e do azeite, e uma parte das lãs da tosquia das ovelhas.

5 Porque o Senhor teu Deus escolheu o sacerdote

(5) **E SEUS FILHOS** — Estas palavras são o fundamento do direito hereditário, regulador da transmissão do poder soberano.

(1) **A ESPADUA E O PEITO** — No hebreu está: a espádua, as maxilas e o ventre, o que constitui uma divergência com o texto paralelo do Lev 7, 34. Uns intérpretes consideram esta prescrição do Deuteronômio como uma modificação da do Lev, outros como um complemento. O contexto favorece esta última interpretação, que é a tradicional constatada por Josefo, Míchna, e outros dos antigos judeus.

dentre tôdas as suas tribos, para que assista, e sirva ao nome do Senhor êle, e seus filhos para sempre.

6 Se um levita sair de alguma das tuas cidades de todo o Israel onde êle habita, e quiser por devoção ir morar no lugar que o Senhor tiver escolhido,

7 exercitará o seu ministério em nome do Senhor seu Deus, assim como todos os levitas seus irmãos, que nesse tempo assistirem diante do Senhor.

8 Êle terá a mesma porção de alimentos que os outros: Além daquilo que na sua cidade se lhe deve pela sucessão paterna.

9 Quando tiveres entrado na terra, que o Senhor tei Deus te há de dar, guarda-te, não queiras imitar as abominações daquelas gentes:

10 Nem se ache entre vós quem pretenda purificar seu filho, ou filha, fazendo-os passar pelo fogo: Nem quem consulte adivinhos, ou observe sonhos e agouros, nem quem seja feiticeiro,

11 ou encantador, nem quem consulte Piton ou adivinhos, nem quem indague dos mortos a verdade. (2)

12 Porque tôdas estas coisas abomina o Senhor, e por semelhantes maldades exterminará êle êstes povos à tua entrada:

13 Tu serás perfeito, e sem mancha com o Senhor teu Deus.

14 Estas nações, cujo país tu possuirás, ouvem os agoureiros e os adivinhos: Tu porém foste instruído outra sorte pelo Senhor teu Deus.

(2) PITON — A Vulgata foi buscar êste nome à mitologia grega, porém, não está nem no original hebraico, nem na versão dos Setenta.

Deuteronômio 18, 15-16

15 O Senhor teu Deus te suscitará um *Profeta*, como eu, da tua nação, e dentre teus irmãos: A éste ouvirás, (3)

16 como o pediste ao Senhor teu Deus em Horeb, onde todo o povo estava junto, e disseste: Eu não ouvirei

(3) **UM PROFETA COMO EU** — Estamos em frente duma outra profecia messiânica, que requer estudo mais demorado, tanto pelo profeta, que é Moisés, como pelo objeto da profecia, que é Jesus Cristo. Moisés acaba de impor ao seu povo o abandono das práticas supersticiosas da adivinhação, da magia, da necromancia, etc., porque tôdas estas coisas são abomináveis à vista de Deus, o Único Senhor em quem devemos depositar tôda a confiança; e acrescenta: Iahvéh deve suscitar um **Profeta como eu**. Quem é éste profeta? Três opiniões vogam; duas errôneas e uma verdadeira. Uns sustentam que o Profeta indicado é Josué ou Jeremias, tais são: Aben Essa, Bechaï, Jalkut. Outros entendem que Moisés se quis referir a todos os profetas em geral, e que éste nome é coletivo; entre outros os judeus Kinchi, Lipman e os racionalistas Rosenmüller, Baumgarten-Crusius, etc. A terceira opinião, a ortodoxa, aplica ao Messias esta profecia de Moisés, e é baseada na Sagrada Escritura, na tradição constante, e na própria análise do texto. Que o profeta não é Josué, e que a éste se não podem aplicar as palavras de Moisés, vê-se no c. 34 do Dt, vv. 9.10, onde se lêem estas palavras: **E Josué foi filho de Nun, foi cheio do espírito da sabedoria, porque Moisés lhe tinha pôsto as mãos. E não se levantou mais em Israel profeta algum como Moisés.** E' grande a glória de Josué, mas foi êle porventura semelhante a Moisés? Em quê? E qualquer dos outros profetas pode ser pôsto em paralelo com o sábio legislador do povo escolhido? Mas poder-se-á entender esta profecia em sentido coletivo, e assim interpretar-se que Moisés se tinha referido a todos os profetas que Israel teria? A análise do texto rebate por completo esta opinião. A expressão nabi, profeta, está no singular, como no singular estão tôdas as demais palavras que a êle se referem; e pelas três vêzes que o nome aparece, sempre tem a mesma concordância; ora é sabido que nos nomes coletivos o singular alterna sempre com o plural. Além disto nunca, em lugar algum da Escritura, o termo nabi, empregado só, exprime na Bíblia a idéia coletiva dos profetas. As outras versões, a Vulgata, a dos Setenta,

mais a voz do Senhor meu Deus, nem tornarei a ver mais este grandíssimo fogo, para que me não suceda morrer.

17 E o Senhor me disse: Eles falaram bem em tudo.

18 Eu lhes suscitarei do meio de seus irmãos um

a de Onkelos, a Siríaca e a Samaritana, interpretaram nabi no singular, sem lhe ligar idéia alguma de pluralidade. Tôda a Sagrada Escritura, tôda a tradição judaica e cristã aplica estas palavras a Jesus Cristo, excluindo tôda a idéia de pluralidade, a começar no próprio Messias. O Divino Mestre disse: Se vós crêsseis em Moisés certamente acreditariêis também em mim, porque êle escreveu de mim, Jo 5, 46. S. Pedro falando aos judeus, lembra-lhes esta passagem: Moisés sem dúvida disse: Porquanto o Senhor vosso Deus vos suscitará um profeta dentre vossos irmãos, semelhante a mim, a este ouvireis em tudo o que êle vos disser. At 3, 22, e assim prova que Moisés falou do Messias, quando profetizou que Deus suscitaria um profeta no meio do seu povo. Santo Estêvão, pregando também aos judeus, recorda-lhes este mesmo lugar, e cita-lhes estas palavras de Moisés. At. 7, 37. O Apóstolo S. Filipe refere-as *ipsis verbis*. O povo judaico exclamou: *Hic est vere propheta, qui venturus est in mundum*. Este é o verdadeiro profeta que há de vir ao mundo. Os Padres da Igreja unânimesmente julgaram da mesma sorte. Tertulliano, Liv. 4.^o contra Marcião, 22, diz terminantemente que a Cristo se refere a profecia de Moisés. Santo Agostinho pergunta elegantemente a quem se podem referir, senão a Cristo, as palavras de Moisés? *Dicat mihi quem prophetam promiserat Deus cum ait Moysi: Suscitabo illis prophetam sicut te?* Liv. 16 Contra Fausto, c. 10. Finalmente, de não pequena importância é o argumento que se deduz das palavras *sicut me*, em hebreu *Camôni*. Só em Jesus Cristo encontramos traços de semelhança com Moisés, não obstante a distância infinita que separa o Deus feito Homem do legislador de Israel. Entre outros, apontaremos estes: ambos legisladores, ambos libertadores do povo de Deus; Moisés introduz os hebreus na terra de Canaã; Jesus Cristo conduz os Cristãos à Jerusalém Celestial; Moisés vence o demônio, Jesus domina o inferno; Moisés era o amigo de Deus; Jesus o filho dileto do Eterno Pai; o Senhor ordena ao povo que escute Moisés; do alto do Céu ouve-se a voz que manda ouvir a Jesus *ipsum audite*; Moisés foi, por assim dizer, o enviado plenipotenciá-

Deuteronômio 18, 19-22

profeta semelhante a ti: E porei na sua bôca as minhas palavras, e ele lhes dirá tudo o que eu lhe mandar. (4)

19 Mas o que não quizer ouvir as suas palavras, que ele falar em meu nome, eu me vingarei dêle.

20 Se um profeta porém corrompido da sua soberba empreender falar em meu nome, e disser coisas, que eu lhe não mandei dizer, ou se ele falar em nome dos deuses estranhos, será morto. (5)

21 E se tu disseres lá no teu coração: Como poderei eu discernir qual é a palavra, que o Senhor não disse?

22 terás êste sinal: Se o que aquêle profeta predisse em nome do Senhor, não succedeu assim: Isto não o disse o Senhor, mas o profeta por soberba do seu ânimo o fingiu: E por isso não o temerás.

rio de Deus, destinado a executar uma missão formidável; Jesus foi enviado por seu Pai Celeste para redimir os homens; Moisés quebrou as tábuas da lei quando viu a idolátrica prevaricação do povo de Deus; Jesus tomou do látego para expulsar os vendilhões que profanavam o templo; finalmente, Moisés e Jesus falavam em nome de Deus. E agora pergunta-se com Santo Agostinho: Qual é o profeta que se pode igualar a Moisés? A quem se podem aplicar as palavras sicut me? Responda-se com a resposta já apontada do Deuteronômio. Só a Cristo se referem, porque ele é o maior dos Profetas, pois no dizer de S. Pedro, o Cristo está nos Profetas e os Profetas em Cristo.

(4) **E LHE DIRÁ TUDO** — E' sabido que Jesus Cristo falou sempre em nome do Pai Celeste que O tinha enviado. E agora note-se como, com o decorrer dos tempos, o conceito messiânico, a idéia do Messias, se vai aclarando, como uma imagem oculta ao viandante por um denso nevoeiro, que o sol a pouco é pouco vai desfazendo. Jacó no-lo desenha como aquêle que devia trazer o cetro de Judá: Balaam, como a estréla que esclarecerá o mundo; Moisés, como o profeta, intérprete da vontade de Deus sobre a terra.

(5) **SERÁ MORTO** — A aplicação mais memorável desta lei teve lugar no tempo de Acab, quando foram executados quatrocentos e cinqüenta sacerdotes do culto de Baal, 3 Rs, 18, 19-40.

CAPÍTULO 19

CIDADE DE REFÚGIO. HOMICÍDIOS. PROIBIÇÃO DE MUDAR OS
MARCOS. PUNIR OS FALSOS TESTEMUNHOS. PENA DE
TALIAO.

1 Quando o Senhor teu Deus tiver exterminado os povos, cuja terra êle te há de dar, e a possuíres, e habitares nas suas cidades e casas:

2 Destinarás para ti três cidades no meio da terra, que o Senhor teu Deus te há de dar em possessão,

3 aplainando com cuidado o caminho: e dividirás em três porções iguais todo o distrito da tua terra: para que o que está fugitivo por homicídio, tenha um lugar vizinho a que se acolha.

4 Esta será a lei do homicida fugitivo, cuja vida se deve conservar: o que ferir a seu próximo sem o cuidar, e não se prova que tivesse inimizade com êle nem ontem nem anteontem:

5 Senão que indo com êle simplesmente fazer lenha a uma mata, e ao tempo que cortava a lenha lhe escapou o machado da mão, e saindo o ferro fora do cabo, feriu a seu amigo, e o matou: êle se acolherá a uma das sobre-ditas cidades, e viverá:

6 Por não suceder que algum parente daquele, cujo sangue foi derramado, estimulado da sua dor, o siga e o prenda, se o caminho fôr muito comprido, e mate a um homem, que não merece a morte: visto não se provar que tivesse antes tido inimizade com o que foi morto.

7 Portanto te mando, que ponhas estas três cidades em igual distância uma da outra.

8 E quando o Senhor teu Deus tiver alargado os teus limites, segundo êle o assegurou a teus pais, e te tiver dado tôda a terra, que lhes prometeu,

9 (se contudo guardares os seus mandamentos, e cumprires o que eu hoje te prescrevo, que é, que ames o Senhor teu Deus, e andes em todo o tempo pelos seus caminhos) ajuntarás outras três cidades, e dobrarás assim o seu número:

10 Para que se não derrame o sangue inocente no meio da terra, que o Senhor teu Deus te fará possuir, e tu não fiques réu do homicídio.

11 Mas se algum tendo inimizade com seu próximo, armar traições à sua vida, e atacando-o o ferir, e matar, e se acolher a uma das sobreditas cidades,

12 os anciãos daquela cidade mandarão buscá-lo, e o tirarão do lugar do refúgio, e o entregarão nas mãos do parente daquele cujo sangue foi derramado, e êle morrerá.

13 Não terás compaixão dêle, e tirarás de Israel o sangue inocente, para que te suceda bem.

14 Não tomarás, nem transporás os marcos de teu próximo, que teus predecessores fixaram na tua herança, que o Senhor teu Deus te há de dar na terra, que tiveres de possuir. (1)

15 Não valerá contra alguém uma só testemunha, seja qual fôr o delito, ou crime: mas tudo passará por constante sôbre o depoimento de duas ou três testemunhas.

16 Se se apresentar uma testemunha falsa contra um homem, para o acusar de prevaricação, (2).

(1) **OS MARCOS DO TEU PRÓXIMO** — Entre os povos antigos os limites eram considerados como coisa sagrada, sobretudo entre os assírios, gregos e romanos. Moisés proibiu que se mudem, amaldiçoando os transgressores desta lei, 27, 17.

(2) **UMA TESTEMUNHA FALSA** — O autor sagrado reúne aqui duas categorias, que posteriormente deviam ser distintas pelo Direito: falsos acusadores e falsas testemunhas; contra uns e outros

17 ambos os que entre si têm esta diferença, comparecerão diante do Senhor, presentes os sacerdotes e juizes que forem naqueles dias.

18 E quando depois duma exatíssima averiguação tiverem conhecido que a testemunha falsa se arrojou a dizer uma mentira contra seu irmão:

19 Tratá-lo-ão como êle tinha intento de tratar a seu irmão, e assim tirarás o mal do meio de ti:

20 Para que os outros ouvindo isto tenham mêdo, e de nenhuma sorte se atrevam a fazer semelhantes coisas.

21 Não terás misericórdia com êle, mas far-lhe-ás pagar vida por vida, ôlho por ôlho, dente por dente, mão por mão, pé por pé.

CAPÍTULO 20

LEIS SOBRE A GUERRA. ORDENAÇÕES SOBRE OS ASSÉDIOS DAS PRAÇAS. TRATAMENTO PARA COM OS CANANEUS.

1 Se saindo a fazer guerra contra os teus inimigos, e tendo visto a sua cavalaria, e as suas carroças, achares que o exército contrário é mais numeroso do que o teu, não os temerás: Porque contigo está o Senhor teu Deus, que te tirou da terra do Egito.

2 E quando estiver perto de se dar a batalha, o pontífice se porá na frente do exército, e falará assim ao povo: (1)

profere a mesma sentença e impõe a mesma pena, que seria a que havia de ter o acusado, se porventura se não tivesse provado a falsidade da acusação, ou a mentira do iníquo depoimento.

(1) O PONTÍFICE — Advirta-se que nem sempre foi o Pontífice designado para fazer a proclamação da guerra, pois vimos nos Núm 31, 6, Finéas, filho do pontífice Eleazar, desempenhar-se desta missão.

3 Ouve, ó Israel, vós estais hoje para combater contra os vossos inimigos: não se atemorize o vosso coração, não temais, não recueis, nem lhes tenhais medo:

4 Porque o Senhor vosso Deus está no meio de vós, e êle pelejará por vós contra os vossos inimigos, para vos livrar do perigo. .

5 Os oficiais também cada um na frente do seu corpo dirão gritando, ouvindo o exército: Há algum homem que tenha edificado uma casa nova, e a não tenha ainda dedicado? vá-se, e torne para sua casa: não suceda que êle morra no combate, e outro a estréia. (2)

6 Há algum homem que tenha plantado uma vinha, e ainda a não tenha feito comum, para que todos possam comer dela? vá-se, e torne para sua casa: não suceda que êle morra na peleja, e faça outro o que a êle lhe tocava.

7 Há alguém que se tenha desposado com uma mulher e todavia a não tenha ainda em seu poder? vá-se, e torne para sua casa, não suceda que êle morra na batalha, e algum outro a tome.

8 Ditas estas coisas, acrescentarão êles, e dirão ao povo o seguinte: Há algum medroso, e de coração tímido? vá-se, e volte para sua casa, para não fazer desmaiar o coração de seus irmãos, assim como êle está assustado de medo.

9 E logo que os oficiais do exército se calarem, e

(2) **E A NÃO TENHA AINDA DEDICADO** — O padre Pereira traduziu *dedicavit* por *estrear*. Alteramos com Glaire, que empregou *dedicé*, seguindo à letra a Vulgata, o que é conforme com os costumes dos hebreus, que antes da posse duma casa recentemente edificada faziam uma espécie de dedicação religiosa. Os pagãos, e dum modo particular os romanos, não construíam edificio algum, sem que precedesse a cerimônia das consagrações, que variavam conforme os tempos e os lugares,

acabarem de falar, cada um preparará os seus esquadões para a batalha.

10 Quando te chegares para combater uma cidade, primeiramente lhe oferecerás a paz.

11 Se ela a aceitar, e te abrir as portas, todo o povo, que houver nela, será salvo, e te ficará sujeito pagando tributo.

12 Mas se não quiser aceitar as condições, e começar a fazer guerra contra ti, atacá-la-ás.

13 E quando o Senhor teu Deus ta houver entregado às mãos, passarás ao fio da espada todos os varões que nela haja,

14 reservando as mulheres e os meninos, os animais e tudo o mais, que se achar na cidade. Distribuirás o esbulho todo pelo exército, e sustentar-te-ás dos despojos de teus inimigos, que o Senhor teu Deus te tiver dado.

15 Assim é que hás de fazer a tôdas as cidades, que estiverem muito longe de ti, e que não são daquelas, que hás de receber em possessão.

16 Quanto àquelas cidades porém, que te hão de ser dadas, nenhum absolutamente deixarás com vida:

17 Mas passá-los-ás todos ao fio da espada; convém a saber; aos heteus, e aos amorreus, aos cananeus, aos fereus, e aos heveus, e aos jebuseus, assim como o Senhor teu Deus te mandou: (3)

18 Para que não suceda que vos ensinem a cometer tôdas as abominações, que elles mesmos fizeram a

(3) **AO FIO DA ESPADA** — Esta determinação é mais uma prova da autenticidade do Pentateuco, pois indica que é anterior à conquista da Palestina; esta passagem, só por si, refuta Kuenen, que pretendeu fazer remontar o Deuteronomio ao tempo de Josias, acabando por confessar que realmente este lugar contradizia a sua opinião.

Deuteronômio 20, 19-20; 21, 1-3

seus deuses, e venhais a pecar contra o Senhor vosso Deus. (4)

19 Quando te detiveres muito tempo no sítio de uma cidade, e a tiveres cercado com máquinas para a tomar, não cortarás as árvores de cujo fruto se pode comer, nem deves deitar abaixo a golpes de machado os arvoredos do país circunvizinho: porque isto são paus, e não homens, nem podem aumentar o número dos teus inimigos.

20 Mas se houver algumas árvores, que não sejam frutíferas, mas silvestres, e boas para outros usos, cortas-as, e engenha delas máquinas, até que tomes a cidade, que peleja contra ti.

CAPÍTULO 21

EXPOSIÇÃO DE UMA MORTE, DE QUE SE IGNORA O AUTOR. MATRIMÔNIO COM UMA CATIVA. DIREITOS DOS PRIMOGÊNITOS. FILHOS DESOBEDIENTES. CORPOS TIRADOS DO PATÍBULO.

1 Quando no país, que o Senhor teu Deus te há de dar, fôr achado o cadáver de um homem, que foi morto, sem que se saiba quem foi o matador,

2 sairão os anciãos, e os teus juizes, e medirão o espaço que vai desde onde está o cadáver até cada cidade do contorno:

3 E tendo conhecido qual é a mais vizinha de tôdas,

(4) **QUE VOS ENSINEM** — Aqui está a razão justificativa das leis acima promulgadas; era preciso salvar os israelitas do contágio da Idolatria, que lhes seria comunicado pelos cananeus, e para isso tornava-se necessário o extermínio. E' claro que estas leis são cruéis; mas é preciso que o leitor da Bíblia se transporte aos tempos de Moisés, e tenha presente os costumes de então. De resto era o cristianismo que devia impor a brandura e aniquillar os abusos de então.

os anciãos desta cidade tomarão da manada uma novilha, que não tenha ainda carregado com o jugo, nem fendido a terra com a relha do arado,

4 e levá-la-ão a um vale áspero e pedregoso, que nunca tivesse sido lavrado, nem semeado: e ali cortarão o pescoço à novilha:

5 E se chegarão os sacerdotes filhos de Levi, que o Senhor teu Deus tiver escolhido para serem seus ministros, e para darem a bênção em seu nome, e por sentença dêles se determine tôda a causa, e o que é limpo, ou imundo.

6 E virão os anciãos daquela cidade junto onde está o morto, e lavarão as suas mãos sôbre a novilha, que foi degolada no vale,

7 e dirão: As nossas mãos não foram as que deramaram êste sangue, nem os nossos olhos viram:

8 Senhor, sê propício ao teu povo de Israel, que tu remiste, não lhe imputes o sangue inocente no meio do teu povo de Israel. Assim se tirará dêles o reato dêste sangue:

9 E tu não ficarás responsável pelo sangue do inocente, que foi derramado, quando tiveres feito o que o Senhor mandou.

10 Se saíres a pelejar contra os teus inimigos, e o Senhor teu Deus os entregar nas tuas mãos, e os levares cativos,

11 e vires entre o número dos prisioneiros uma mulher formosa, e te namorares dela, e a queiras ter por espôsa, (1)

(1) **A QUEIRAS TER POR ESPÔSA** — Não se trata aqui das cananéias, que deviam ser exterminadas, mas das mulheres doutra raça, porque os hebreus deviam ter numerosos inimigos.

12 introduzi-la-ás em tua casa: ela rapará os cabelos, e cortará as unhas, (2)

13 e despirá o vestido com que foi aprisionada: e ficando assentada em tua casa, chorará a seu pai e a sua mãe um mês: e depois disto a tomarás para ti, e dormirás com ela, e ficará sendo tua mulher.

14 Se porém depois ela te não agradar, deixá-la-ás ir livre, nem a poderás vender por dinheiro, nem oprimir com alguma violência: pois que a humilhaste.

15 Se um homem tiver duas mulheres, uma a quem ama, outra a quem aborrece, e tendo ambas tido filhos dêle, e o filho da que êle aborrece fôr o primogênito,

16 e quiser repartir os seus bens entre os seus filhos: não poderá fazer seu primogênito o filho daquela, que êle ama, nem preferi-lo ao filho da outra, que aborrece,

17 mas reconhecerá por primogênito o filho daquela, a quem aborrece, e dar-lhe-á dobrada porção de tudo o que possui: porque êste é o primogênito de seus filhos, e a quem é devida a primogenitura.

18 Se um homem tiver um filho contumaz, e insolente, que não está pelo que seu pai e sua mãe lhe ordenam, e castigado recusar com desprezo obedecer-lhes:

19 Pegarão nêle, e o levarão aos anciãos daquela cidade, e à porta onde se fazem os juízos, (3)

20 e lhes dirão: êste nosso filho é um rebelde e contumaz, despreza ouvir as nossas admoestações, passa a vida em comesainas, e dissoluções e banquetes:

(2) **RAPARA OS CABELOS** — Cerimônias simbólicas, destinadas a mostrar que a cativa deixava por completo tudo quanto lhe recordasse a sua impura origem, e assim pudesse entrar, como filha adotiva, entre o Povo de Deus.

(3) **PEGARAO NÊLE** — Tanto no original hebraico, como no texto grego dos Setenta, está "o seu pai e a sua mãe o tomarão."

21 O povo da cidade o apedrejará, e êle morrerá, para que assim tireis o mal do meio de vós, e todo o Israel ouvindo-o tema.

22 Quando um homem tiver cometido um crime digno de morte, e tendo sido condenado à morte, fôr pendurado num patíbulo:

23 o seu cadáver não ficará no lenho, mas no mesmo dia será sepultado: Porque maldito é de Deus aquê-
le que está pendente dum lenho: e tu de nenhuma sorte contaminarás a terra, que o Senhor teu Deus te der em possessão. (4)

CAPÍTULO 22

CARIDADE COM O PRÓXIMO. PROIBIÇÃO DE SE TROCAREM OS VESTIDOS DE QUALQUER DOS DOIS SEXOS. SINAIS DA VIRGINDADE. PENA CONTRA OS DESFLORADORES DAS DONZELAS.

1. Vendo extraviados o boi, ou a ovelha de teu irmão não passarás de largo: Mas conduzi-los-ás a teu irmão,

(4) O SEU CADAVER, ETC. — A êste lugar se refere o Evangelista Jo 19, 31, e S. Paulo na Epistola ad Galatas, 3, 13. 14, referindo-se à morte ignominiosa de Jesus Cristo: Ele (Jesus Cristo) nos remiu da maldição da lei tendo-se feito maldito por nós, segundo o que está escrito. Maldito todo aquê-
le que está pendente num lenho. Interpretam vários exegetas a expressão porque maldito é de Deus, porque só se suspendiam do lenho os que cometiam um crime muito grave contra Deus. — *Suspensi tantum blasphemæ et idolatriæ*, e por isso esta pena era considerada ignominiosíssima. *Hoc erat supplicium gravissimum et ignominiosissimum* (Nachman in Genesis.) Virgílio chama-lhe *mors turpissima*; Sêneca, *Stipes infamis*, cfr. 101, e Tito Lívio *Signum infelix*. C. 14. E foi a êste sacrifício que se sujeitou Jesus Cristo, para remir os homens! E sujeitou-se espontaneamente *oblatas est quia ipse voluit*.

2 ainda quando não seja teu parente, nem tu o conheças: Levá-los-ás para tua casa, e lá estarão, até que teu irmão os venha buscar e os receba.

3 O mesmo farás a respeito do jumento, e do vestido, e de outra qualquer coisa de teu irmão, que se perdesse: Se a achares não a desprezes como coisa alheia.

4 Se vires o jumento ou o boi de teu irmão caídos no caminho, não te mostrarás indiferente, mas ajudá-lo-ás a levantá-los.

5 A mulher não se vestirá de homem, nem o homem se vestirá de mulher: Porque aquêle que tal faz é abominável diante do Senhor.

6 Se indo por um caminho achares numa árvore ou na terra o ninho duma ave, e a mãe posta sôbre os filhinhos ou sôbre os ovos: Não apanharás a mãe com os filhinhos:

7 Mas tomando os filhinhos, deixarás ir a mãe: Para que sejas bem sucedido, e vivas muito tempo.

8 Quando edificares uma casa nova, farás um parapeito à roda do teto: Para que se não derrame sangue em tua casa, e tu fiques culpado, se algum cair, ou se precipitar.

9 Não semearás a tua vinha doutra semente: Para que não suceda que tanto o que semeaste, como o que nasce da vinha, um e outro se corrompam.

10 Não lavrarás com boi e asno juntamente.

11 Não te vestirás de coisa, que seja tecida de lã e de linho.

12 Porás nas orlas da capa com que te cobrires uns cordõezinhos aos quatro cantos.

13 Se um homem casar com uma mulher e depois lhe criar aversão,

14 e buscar pretexto para a repudiar, imputando-lhe um crime vergonhoso, e disser: Eu me recebi com

esta mulher; mas quando me fui deitar com ela, não a achei virgem:

15 Seu pai e sua mãe pegarão nela, e levarão consigo os sinais da sua virgindade aos anciãos da cidade que estão à porta;

16 e o pai dirá: Eu dei minha filha por mulher a este homem: Mas como ele agora lhe tem aversão,

17 impõe-lhe um crime vergonhoso, dizendo: Eu não achei virgem tua filha: e contudo eis-aqui os sinais da virgindade de minha filha: Ao mesmo tempo estenderão a roupa na presença dos anciãos da cidade:

18 e os anciãos daquela cidade pegarão no marido, e fá-lo-ão açoitar,

19 condenando-o em cima a pagar cem siclos de prata, que ele dará ao pai da moça: Porque desonrou com uma acusação de infâmia uma virgem de Israel: e ela ficará sendo sua mulher, e a não poderá repudiar enquanto viver.

20 Porém se o que ele opõe é verdade, e a moça não se achou virgem:

21 Lançá-la-ão fora das portas da casa de seu pai, e os habitantes daquela cidade a apedrejarão, e morrerá: Porque cometeu um crime detestável em Israel, tendo caído em fornicção em casa de seu pai: e tu tirarás o mal do meio de ti.

22 Se um homem dormir com a mulher do outro, morrerão ambos, isto é, o adúltero e a adúltera: e tu tirarás o mal do meio de Israel. (1)

23 Se um homem se tiver desposado com uma moça virgem, e achando-a algum na cidade a desflorar,

(1) **MORRERÃO AMBOS** — E' a condenação à morte para os adúlteros. Esta penalidade porém era anterior a Moisés, pois já vimos Judá condenar à morte Itamar.

Deuteronômio 22, 24-30; 23, 1-2

24 trarás um e outro à porta daquela cidade, e serão apedrejados: a moça, porque estando na cidade não gritou: e o homem, porque abusou da noiva de seu próximo: e tu tirarás o mal do meio de ti.

25 Se fôr porém no campo que um homem ache uma moça, que está desposada, e fazendo-lhe violência a desonrar, morrerá êle somente:

26 a moça não padecerá nada, nem é ré de morte: Porque da mesma sorte que um ladrão se levanta contra seu irmão, e lhe tira a vida, assim também padeceu a moça:

27 Ela estava só no campo: Gritou, e não houve alguém que a livrasse.

28 Se um homem achar uma moça virgem, que não está desposada, e tomando-a por força a desonrar, devolvida a causa a juízo,

29 dará o que desonrou a moça cinqüenta siclos de prata a seu pai, e casará com ela, porque a humilhou: Nem a poderá repudiar-em todos os dias da sua vida.

30 Nenhum homem tomará a mulher de seu pai, nem descobrirá nela o que o pejo oculta.

CAPÍTULO 23

QUAIS SÃO AQUELES, QUE SE NÃO DEVEM ADMITIR NAS CONGREGAÇÕES DO SENHOR. PUREZA DO CAMPO. USURA. VOTOS.

1 O eunuco a quem foram trilhados os testículos, e cortado o membro viril, não entrará na congregação do Senhor.

2 O bastardo, isto é, o que nasceu de mulher pública, não entrará na congregação do Senhor até à décima geração.

3 O amonita e o moabita não entrarão jamais na congregação do Senhor, ainda depois da décima geração: (1)

4 Porque não quiseram sair a receber-vos com pão e água no caminho quando saístes do Egito: e porque conduziram contra ti a Balaam, filho de Beor, da Mesopotâmia da Síria, para que te amaldiçoasse: (2)

5 Mas o Senhor teu Deus não quis ouvir a Balaam e trocou a sua maldição em bênção tua, porque te amava.

6 Não farás pazes com eles, nem lhes procures bens alguns por todos os dias da tua vida para sempre.

7 Não abominarás o idumeu, porque é teu irmão: Nem o egípciano, porque tu foste estrangeiro na sua terra. (3)

8 Os que nascerem dêles, entrarão à terceira geração na congregação do Senhor.

9 Quando saíres a pelejar contra os teus inimigos, terás cuidado de te abster de toda a ação ruim.

10 Se houver de entre vós homem, que de noite te

(1) **O MOABITA** — Os moabitas descendiam de Ló por Moab. Formavam uma tribo a este do Canaã, não muito distante do Jordão e do mar Morto.

NÃO ENTRARÃO JAMAIS — Houve contudo uma exceção a favor de Aquior, chefe amonita, por causa dos serviços que prestou ao Povo Escolhido. Judite, 14, 6.

(2) **DA MESOPOTÂMIA DA SÍRIA** — O texto hebreu diz: "de Pethor na Mesopotâmia." Sucede, porém, que as modernas inscrições cuneiformes revelaram a situação desta cidade; estava de fato na Síria, no confluente do Eufrates e de Sagour.

(3) **NÃO ABOMINARÁS O IDUMEU** — Isto é mais uma prova da autenticidade do Deuteronômio, pois mais tarde, estas boas disposições a respeito dos idumeus desapareceram, e os descendentes de Isaac foram tidos como os inimigos mais irreconciliáveis dos filhos de Jacó.

Deuteronômio 23, 11-20

nha padecido impureza entre sonhos, sairá para fora do arraial,

11 e não voltará, menos que à tarde se não tenha lavado em água: e depois do sol pôsto tornará a ir para o campo.

12 Terás fora do arraial um lugar, onde vás satisfazer as necessidades da natureza,

13 levando um pauzinho no cinto: e tendo satisfeito à tua necessidade, cavarás ao redor e cobrirás com a terra que tiraste.

14 Aquilo de que te aliviaste (porque o Senhor teu Deus anda no meio do campo, para te livrar de todo o perigo, e para te entregar os teus inimigos) e o teu campo seja santo, e não apareça nêle coisa de fealdade, para que te não desampare.

15 Não entregarás a seu Senhor o escravo que se tiver acolhido a ti:

16 Ele habitará contigo no lugar que lhe agradar, e descansará em uma das tuas cidades: não o molestes.

17 Não haverá entre as filhas de Israel meretriz, nem prostituidor nos filhos de Israel. (4)

18 Não oferecerás na casa do Senhor teu Deus o ganho da prostituta, nem o preço do cão por qualquer voto, que tenhas feito: porque uma e outra coisa é abominável diante do Senhor teu Deus.

19 Não emprestarás com usura a teu irmão nem dinheiro, nem grão, nem outra qualquer coisa que seja:

20 Mas somente ao estrangeiro. A teu irmão porém emprestarás o que êle houver mister, sem daí tirares

(4) **NÃO HAVERA, ETC.** — Os Setenta juntam a palavra "sagrado". Nenhuma legislação foi mais severa contra a prostituição, do que a mosaica, condenando ao fogo a filha do sacerdote que se prostituísse. Lev 21, 9.

algum interesse: para que o Senhor teu Deus te abençoe em tudo o que fizeres na terra, em cuja posse estás para entrar.

21 Quando tiveres feito algum voto ao Senhor teu Deus, não tardarás em o cumprir: porque o Senhor teu Deus, te pedirá conta d'ele: e se te demorares, ser-te-á imputado o pecado.

22 Se não quizeres prometer, não pecarás.

23 Mas a palavra que uma vez saiu da tua bôca, tu a observarás, e cumprirás, assim como prometeste ao Senhor teu Deus, pois o fizeste de tua própria vontade, e o declaraste pela tua bôca.

24 Se entrares na vinha de teu próximo, come quantas uvas quizeres: mas não as leves contigo para fóra.

25 Se entrares na seara de teu amigo, poderás colher das espigas, e machucá-las entre as mãos: mas, não segá-las com foice.

CAPÍTULO 24

LEIS SOBRE O REPÚDIO. DOS PENHORES DO DEVEDOR. DEIXAR PARA OS POBRES O RESPIGO DEPOIS DA CEIFA E DA VINDIMA.

1 Se um homem tomar uma mulher, e a tiver consigo, e ela não fôr agradável a seus olhos por causa de algum defeito vergonhoso fará um escrito de repúdio, e lho dará na mão e a despedirá de sua casa. (1)

(1) **DEFEITO VERGONHOSO** — Traduzimos assim com Glai-re a *Vulgata foeditatem*, afastando-nos do padre Pereira, que verteu por fealdade. Os intérpretes entendem de várias formas estas palavras *Nuditatem*, *turpitudinem rei*, *Vitium corporis*, *odiosi mores*, *defectus corporis* latentes lepra, *epilepsia*, *mania*, *sterilitas*, porém, todos estão de acôrdo em ver nestas palavras uma coisa grave. Mo-

Deuteronômio 24, 2-6

2 E se ela depois de ter saído casar com outro,

3 e êste também a aborrecer, e lhe der escrito de repúdio, e a despedir de sua casa, ou se êle veio a morrer:

4 Não poderá o primeiro marido torná-la a tomar por mulher: Porque ela ficou poluta, e se fêz abominável diante do Senhor: não sofras que se contamine a tua terra, que o Senhor teu Deus te dará em possessão.

5 O homem que fôr casado de pouco tempo, não sairá à guerra, nem se lhe imporá cargo algum público; mas poderá sem culpa alguma estar descansado em sua casa, e passar um ano em alegria com sua mulher.

6 Não receberás em lugar de penhor nem a mó de cima, nem a de baixo: porque te deu por penhor a sua própria vida. (2)

sés encontrou o repúdio inveterado nos costumes da sua nação, e corrente entre os demais povos; vendo porém nêle uma violação da lei primitiva do matrimônio, tolerou-o, porque, conhecendo bem o caráter dos homens que tinha de reger, e sendo êste uso antigo, e estando a êle muito aferrado, viu que tinha de condescender por causa da dureza dos corações daqueles homens, não que o aprovasse, nem que fôsse assim desde o princípio. Claramente afirma Jesus Cristo: *Quoniam Moyses ad duritiam cordis vestri permisit vobis dimittere uxores vestras; ab initio autem non fuit sic.* Porém, prescreveu restrições tendentes a dificultar cada vez mais êste inconveniente abuso. Começou por exigir a causa grave, *propter aliquam fœditatem*, não consentiu que se repudiassem verbalmente, impedindo assim que a libertinagem ou um capricho do espôso fôsse motivo suficiente para o repúdio, e proíbe que os esposos divorciados se tornem a casar, e que os sacerdotes se casem com mulheres repudiadas. A história do povo hebreu nos diz como foram salutarese estas prescrições de Moisés, que tornaram muito raro o repúdio. Salomão aconselha que ninguém abandone a mulher que desposou na sua mocidade, e pinta com as côres mais horríveis a abominação da mulher, que abandonou o seu marido. Prov 5, 18. 19 e 11, 6.

(2) **NEM A MÓ DE CIMA** — Cada família tinha dois moinhos, onde moía quotidianamente, para obter a farinha de que fazia

7 Se se achar que um homem solicitou a um seu irmão dos filhos de Israel, e tendo-o vendido recebeu o preço, será morto, e tu tirarás o mal do meio de ti.

8 Evita com sumo cuidado que não incorras na praga da lepra, mas farás tudo o que os sacerdotes da linhagem de Levi te ensinarem, conforme o que eu lhes mandei, e cumpre-o à risca.

9 Lembrai-vos do que o Senhor vosso Deus obrou a respeito de Maria no caminho depois que vós saístes do Egito.

10 Quando requereres do teu próximo alguma coisa que ele te deve, não entrarás em sua casa para dela levares algum penhor:

11 Mas estarás fora, e ele te trará o que tiver:

12 Mas se ele é pobre, não pernoitará em tua casa o penhor,

13 porém lho tornarás a dar antes de se pôr o sol: A fim de que ele dormindo na sua roupa, te abençoe, e tu tenhas merecimento de justo diante do Senhor teu Deus. (3)

14 Não negarás a paga a teu irmão indigente, e pobre, ou ao peregrino, que mora contigo na terra, e está de tuas portas a dentro:

15 Mas pagar-lhe-ás no mesmo dia o preço do seu trabalho antes do sol pôsto, porque é pobre, e disso sustenta a sua vida: Não suceda que ele clame contra ti ao Senhor, e isto se te impute a pecado.

o pão; é por isso que Moisés faz esta proibição, para evitar que ficassem privados dum objeto de primeira necessidade, cuja falta os reduziria à morte pela fome. Estes moinhos eram de braços, e ainda hoje são usados pelos árabes.

(3) **SUA ROUPA** — Esta roupa é o manto que os orientais usam e que lhes serve à noite de cobertor.

16 Não se farão morrer os pais pelos filhos, nem os filhos pelos pais, mas cada um morrerá pelo seu pecado.

17 Não perverterás a justiça na causa do estrangeiro, nem do órfão; nem tirarás por penhor o vestido da viúva.

18 Lembra-te que foste escravo no Egito, e que o Senhor teu Deus te tirou de lá. Por isso te mando que faças isto.

19 Quando segares a messe no teu campo, e deixares por esquecimento alguma gavela, não voltarás para a levares: Mas deixá-la-ás tomar ao estrangeiro, e ao órfão, e à viúva, para que o Senhor teu Deus te abençoe em tôdas as obras das tuas mãos.

20 Se colhêres o fruto das oliveiras, não voltarás a colher o que ficasse nas árvores: mas deixá-lo-ás para o estrangeiro, para o órfão, e para a viúva.

21 Se tiveres vindimiado a tua vinha, não irás colher os cachos que ficaram; êles serão para o estrangeiro, para o órfão; e para a viúva.

22 Lembra-te que também tu foste escravo no Egito, e por isso te mando que faças isto.

CAPÍTULO 25

PENA DE AÇOITES. IRMÃO OBRIGADO A DESPOSAR-SE COM A MULHER DE SEU IRMÃO DEFUNTO. ORDEM DE DESTRUIR OS AMALECITAS.

1 Se se mover pleito entre alguns, e houver recurso para os juizes: Êsses adjudicarão a palma da justiça ao que acharem que a tem: e condenarão de impiedade ao ímpio.

2 E se virem que o delinqüente merece açoites, deitá-lo-ão em terra, e fá-lo-ão açoitar na sua presença. O número dos golpes regular-se-á pela qualidade do pecado:

3 Bem entendido todavia: que êles não passem de quarenta: Para que teu irmão se não retire feiamente maltratado diante de teus olhos (1)

4 Não atarás a bôca ao boi, que trilha na eira as tuas messes.

5 Quando morarem irmãos juntamente, e um dêles morrer sem filhos, a mulher do defunto não casará com outro; mas recebê-la-á o irmão do defunto, e suscitará descendência a seu irmão:

6 E ao filho primogênito que tiver dela porá o nome de seu irmão, para que o nome dêste não fique esquecido em Israel.

7 Mas se êle não quizer receber a mulher de seu irmão, a qual lhe é devida segundo a lei, irá esta mulher à procedência da cidade, isto é, à porta da cidade, e recorrerá aos anciãos, e lhes dirá: O irmão de meu marido não quer suscitar o nome de seu irmão em Israel: Nem receber-me por sua mulher.

8 E êles o farão logo comparecer, e lhe farão perguntas. Se êle disser: Eu não a quero receber por mulher:

9 a mulher se chegará a êle diante dos anciãos, e lhe tirará o sapato dum pé, e lhe cuspirá na cara, e dirá: Assim será tratado aquêlê, que não edifica a casa de seu irmão.

10 E a sua casa se chamará em Israel a casa do Descalçado.

11 Se acontecer levantar-se alguma pendência entre dois homens, e um começar a renhir contra o outro e a mulher dum, querendo livrar a seu marido da mão

(1) **NÃO PASSEM DE QUARENTA** — Flávio Josefo diz que estava introduzido o uso de se aplicar apenas 39 açoites, para que não succedesse ser transgredido êste preceito. S. Paulo confirma esta noticia do historiador judaico na sua 2 Cor 11, 24.

Deuteronômio 25, 12-19; 26, 1-2

do mais forte, lançar a mão, e lhe pegar pelas suas vergonhas:

12 Far-lhe-ás cortar a mão, e não te moverás de compaixão alguma por ela.

13 Não terás no teu saco diversos pesos, maior e menor:

14 Nem haverá em tua casa um alqueire maior e outro mais pequeno:

15 Terás um pêso justo, e verdadeiro, e o teu alqueire será igual, e sempre o mesmo: Para assim viveres muito tempo na terra, que o Senhor teu Deus te der:

16 Porque o Senhor teu Deus abomina ao que faz estas coisas, e aborrece tôda a injustiça.

17 Lembra-te do que te fêz Amalec no caminho quando saías do Egito:

18 De como êle te saiu ao encontro: e matou os últimos do teu exército, que cansados ficavam atrás, quando tu estavas consumido de fome e de fadiga, sem que êle tivesse algum temor de Deus.

19 Quando pois o Senhor teu Deus te tiver dado descanso, sujeitando a ti tôdas as nações tuas circunvizinhas na terra, que êle te prometeu: Apagarás o seu nome debaixo do céu. Olha, não te esqueças disto.

CAPÍTULO 26

CERIMONIAS QUE SE DEVEM OBSERVAR, QUANDO SE OFERECEM AS PRIMÍCIAS DOS FRUTOS.

1 Depois que tu tiveres entrado na terra, de que o Senhor teu Deus está para te meter de posse, e fores Senhor dela, e estiveres nela estabelecido:

2 Tomarás as primícias de todos os teus frutos, e

as porás num cêsto, e irás ao lugar, que o Senhor teu Deus tiver escolhido, para aí ser invocado o seu Nome: (1)

3 e chegarás ao sacerdote, que nesse tempo fôr, e lhe dirás: Confesso hoje diante do Senhor teu Deus, que eu entrei na terra, que êle tinha prometido com juramento a nossos pais que no-la daria.

4 E o sacerdote, tomando da tua mão o cêsto, o porá diante do altar do Senhor teu Deus:

5 e dirás na presença do Senhor teu Deus: O sírio perseguia a meu pai, o qual desceu ao Egito, e lá assistiu como estrangeiro, tendo mui poucas pessoas consigo: e se multiplicou até formar um povo grande e poderoso, e de uma infinita multidão. (2)

6 E os egípcios nos afligiram e nos perseguiram impondo-nos cargas pesadíssimas,

7 e clamamos ao Senhor Deus de nossos pais: o qual nos ouviu, e olhou para a nossa aflição e trabalho, e angústia:

8 e nos tirou do Egito com a sua mão forte, e braço estendido, com grande espanto, com sinais e portentos:

9 e introduziu neste lugar, e nos deu esta terra que mana leite e mel.

10 E por isso ofereço eu agora as primícias dos frutos da terra, que o Senhor me deu. E deixá-las-ás

(1) **CÊSTO** — A palavra correspondente que está no original hebraico é *tene*, que é a egípcia, *tena*, e que tem a mesma significação; como dissemos no c. 2 do Ex v. 5, encontram-se várias vezes no Pentateuco termos egípcios que denotam o conhecimento que Moisés tinha da língua, usos e costumes daquele país.

(2) **O SÍRIO** — No original hebraico está *meu pai* era um arameu nômade, alusão a Labão perseguindo Jacó.

diante do Senhor teu Deus, e depois de teres adorado o Senhor teu Deus.

11 E te banquetearás com todos os bens, que o Senhor teu Deus te tiver dado a ti, e à tua casa, tu e o levita, e o estrangeiro que mora contigo.

12 Quando tiveres acabado de dar o dízimo de todos os teus frutos, darás no terceiro ano os dízimos ao levita, e ao estrangeiro, e ao órfão, e à viúva, para que comam dentro das tuas portas, e se fartem:

13 E dirás diante do Senhor teu Deus: Eu tirei de minha casa o que te é consagrado, e o dei ao levita e ao estrangeiro, e ao órfão e à viúva, como tu me ordenaste: Não preteri as tuas ordenações, nem me esqueci do teu preceito.

14 Não comi dessas coisas no meu luto, nem as separei para me servir delas em algum uso impuro, nem empreguei coisa alguma delas em funerais. Obedeci à voz do Senhor meu Deus, e fiz tudo assim como me ordenaste. (3)

15 Olha desde o teu santuário, e desde a excelsa morada dos Céus, e abençoa o teu povo de Israel, e a terra, que mana leite e mel.

16 O Senhor teu Deus te mandou hoje que obser-

(3) **NEM EMPREGUEI COISA ALGUMA DELAS EM FUNERAIS** — E' sabido que entre os egípcios eram freqüentes as ofertas aos mortos, como entre os outros povos da antiguidade. Enterravam os objetos necessários para a existência: vestuário, armas, adornos; entornavam vinho para minorar a sede aos mortos, e alimentos para o seu sustento. Eurípedes, *Ifig. em Taur.* 163. Virgílio, *Eneida*, V. 76, 80. VI, 225. Os museus estão cheios de lápidas, baixos-relevos e monumentos, que atestam estes costumes. No Egito o culto dos mortos era extremamente supersticioso, e como os hebreus tivessem presenciado essas práticas, que iam de encontro à sua religião, Moisés proíbe-as expressamente, para que elles não caíssem na idolatria.

ves estas ordenações e leis: E que as guardes e cumpras de todo o teu coração e de toda a tua alma.

17 Tu escolheste hoje o Senhor, para ser o teu Deus, e para andares pelos seus caminhos, e guardares as suas cerimônias, e ordenações e leis, e para obedeceres aos seus mandamentos.

18 E o Senhor te escolheu hoje para que sejas o seu povo especial, conforme êle te declarou, e guardes todos os seus preceitos:

19 E para te fazer o povo mais ilustre de tôdas as nações que êle criou, para seu louvor, e honra, e glória: E para que sejas o povo santo do Senhor teu Deus, como êle disse.

CAPÍTULO 27

ORDEM DE LEVANTAR CERTOS PADRÕES NA BANDA DE ALÉM DO JORDÃO. CERIMÔNIAS QUE SE HÃO DE OBSERVAR NO LANÇAR AS MALDIÇÕES, E AS BÊNÇÃOS SOBRE OS MONTES DE GARAZIM, E HEBAL.

1 E mandou Moisés e os anciãos de Israel ao povo, dizendo: Observai tôdas as ordenações que eu vos prescrevo hoje.

2 E quando passares o Jordão para a terra, que o Senhor teu Deus te há de dar, levantarás umas pedras grandes, e as alisarás com cal, (1)

3 para que possas escrever nela tôdas as palavras desta lei, quando tiveres passado o Jordão: para entra-

(1) E AS ALISARÁS COM CAL — Não quer o texto dizer que essas pedras fôsem revestidas de cal para sobre esta se escrever a Lei; porque o Decálogo foi gravado na pedra; esta porém era branqueada com a cal, para que as letras gravadas se distinguissem melhor na brancura da pedra calada.

res na terra, que o Senhor teu Deus está para te dar, terra que mana leite e mel, como êle o jurou a teus pais.

4 Logo pois que tiverdes passado o Jordão, levantarai as pedras, que eu vos ordeno hoje, no monte de Hebal, e as alisarás com cal:

5 E edificarás aí ao Senhor teu Deus um altar de pedras, que o ferro não tenha tocado,

6 e de pedras brutas e por polir: e oferecerás sobre êle holocaustos ao Senhor teu Deus,

7 e imolarás hóstias pacíficas, e ali comerás, e te regalarás diante do Senhor teu Deus.

8 E escreverás distinta e claramente sobre as pedras tôdas as palavras desta lei. (2)

9 Então Moisés e os sacerdotes da linhagem de Levi disseram a todo o Israel: Está atento, e ouve, ó Israel: hoje fôste feito povo do Senhor teu Deus:

10 Ouvirás pois a sua voz, e observarás os preceitos e as ordenações, que eu te prescrevo.

11 E nesse mesmo dia ordenou Moisés ao povo, dizendo:

12 Passado o Jordão, pôr-se-ão para abençoarem o povo sobre o monte de Garizim êstes: Simeão, Levi, Judá, Issacar, José, e Benjamim.

13 E êstes outros se porão da outra parte sobre o monte de Hebal para deitarem a maldição: Rúben, Gad, e Aser, e Zabulon, Dan e Neftali.

(2) **E ESCRIVERÁS** — Esta insistência de Moisés mandando escrever, mostra como êle estava eivado dos costumes egípcios, onde tudo se escrevia, ora na pedra, ora na tela, ora na madeira, ora no papiro, o que não admira, visto ter sido educado no Egito, e estar falando a homens iniciados nos usos do vale do Nilo, o que é mais outra prova da autenticidade dêste livro.

14 E os levitas pronunciarão, e dirão em alta voz a todos os varões de Israel:

15 Maldito o homem, que faz imagem de escultura ou fundida, que é a abominação do Senhor, a obra da mão dos artífices, e a põe num lugar escondido: e todo o povo responderá, e dirá: Amém. (3)

16 Maldito o que não honra a seu pai, e a sua mãe: e todo o povo responderá: Amém.

17 Maldito o que transpõe os marcos de seu próximo: e todo o povo responderá: Amém.

18 Maldito o que faz que o cego erre o caminho: e todo o povo responderá: Amém.

19 Maldito o que perverte a justiça do estrangeiro, do órfão, e da viúva: e todo o povo responderá: Amém.

20 Maldito o que dorme com a mulher de seu pai, e que levanta o cobertor da sua cama: e todo o povo responderá: Amém.

21 Maldito o que dorme com toda a casta de animais: e todo o povo responderá: Amém.

22 Maldito o que dorme com sua irmã, filha de seu pai ou de sua mãe: e todo o povo responderá: Amém.

23 Maldito o que dorme com sua sogra: e todo o povo responderá: Amém.

24 Maldito o que à traição fere a seu próximo: e todo o povo responderá: Amém.

(3) **QUE FAZ IMAGEM** — É preciso não esquecer que Moisés falava a um povo que tinha presenciado práticas de idolatria, e que fundiu o bezerro de ouro para o adorar. Moisés amaldiçoa a idolatria por estas palavras, que devem entender-se: Maldito o que fizer imagens de ídolos, e os adorem, o que é abominação do Senhor, a quem só é devida a adoração e glória.

25 Maldito o que aceita dádivas para derramar o sangue inocente: e todo o povo responderá: Amém.

26 Maldito o que não permanece firme nas ordenações desta lei, e que as não cumpre efetivamente: e todo o povo responderá: Amém.

CAPÍTULO 28

BÊNÇÃOS PROMETIDAS AOS QUE OBSERVAREM A LEI DO SENHOR. MALDIÇÕES, COM QUE SERÃO PUNIDOS OS QUE A VIOLAREM.

1 Se tu porém ouvires a voz do Senhor teu Deus, cumprindo, e guardando tôdas as suas ordenações, que eu hoje te prescrevo, o Senhor teu Deus te exaltará sôbre tôdas as nações, que há na terra.

2 Tôdas estas bênçãos virão sôbre ti, e te alcançarão contanto que obedeças aos seus preceitos. (1)

3 Tu serás bendito na cidade, e bendito no campo.

4 Será bendito o fruto do teu ventre, e o fruto da tua terra, e o fruto dos teus animais, as manadas dos teus bois, e os rebanhos das tuas ovelhas.

5 Benditos os teus celeiros, e benditas as tuas sobras.

6 Serás bendito ao entrar e ao sair.

7 O Senhor fará que caiam diante dos teus olhos os teus inimigos, que se levantam contra ti: êles virão contra ti por um caminho, e por sete fugirão da tua presença.

8 O Senhor derramará a sua bênção sôbre os teus

(1) **CONTANTO QUE OBEDEÇAS** — E' a condição para que o Senhor Deus exalte Israel e abençoe o povo. Obediência aos preceitos do Senhor, estabelece-se aqui, é indispensável aos indivíduos e às nações, para que obtenham as graças e favores do Céu.

celeiros, e sôbre tôdas as obras das tuas mãos: e te abençoará na terra, que receberes. (2)

9 O Senhor te levantará como um povo santo para si, conforme êle to jurou: se guardares os mandamentos do Senhor teu Deus, e andares nos seus caminhos.

10 E todos os povos da terra verão que trazes sôbre ti o nome do Senhor, e temer-te-ão.

11 O Senhor te fará abundante de todos os bens, do fruto do teu ventre, e do fruto dos teus gados, do fruto da terra, que o Senhor prometeu com juramento á teus pais que te havia de dar.

12 O Senhor abrirá o seu riquíssimo tesouro, que é o céu, para derramar sôbre a terra a chuva em seu tempo: e êle abençoará tôdas as obras das tuas mãos. E tu emprestarás a muitas gentes, e de nenhum receberás em prestado.

13 O Senhor fará que sejas o primeiro, e não o derradeiro: e sempre estarás em cima, e não debaixo: contanto que obedeças aos mandamentos do Senhor teu Deus que eu hoje te prescrevo, e os guardes e cumpras,

14 e não te desvies dêles nem para a direita, nem para a esquerda, nem sigas os deuses estranhos, nem lhes dêes culto.

15 Porém se tu não quiseres ouvir a voz do Senhor teu Deus, e não guardares e praticares tôdas as suas ordenações e as cerimônias, que eu hoje te prescrevo, virão sôbre ti, e te alcançarão tôdas estas maldições. (3)

16 Tu serás maldito na cidade, maldito no campo.

(2) **QUÊ RECEBERES** — No original hebraico está: Que Deus te dá.

(3) **PORÉM SE TU NÃO QUISERES OUVIR** — Moisés insiste nas ameaças, pois conhecia a índole daquele povo, e sabia que êste passaria a viver sob o império do temor.

17 Maldito o teu celeiro, e malditas as tuas sobras.

18 Maldito o fruto do teu ventre, e o fruto da tua terra, as manadas dos teus bois, e os rebanhos das tuas ovelhas.

19 Tu serás maldito ao entrar, e maldito ao sair.

20 O Senhor mandará sobre ti a indigência e a fome, e a maldição sobre tôdas as tuas obras que tu fizeres: Até te reduzir a pó, e te acabar dentro de pouco tempo, por causa dos teus péssimos desígnios em que tu me abandonaste.

21 O Senhor te mande peste, até que te faça perecer da terra, que estás para entrar a possuir.

22 O Senhor te castigue com pobreza, com febre e frio, com calor e secura, com infecção de ar e com ferugem, e te persiga até que pereças.

23 O céu, que está por cima de ti, se torne de bronze: E a terra, que pisas, se torne de ferro.

24 Em lugar de chuva mande o Senhor sobre a tua terra nuvens de poeira, e do céu desça cinza sobre ti, até que sejas consumido.

25 O Senhor te faça cair diante de teus inimigos: Por um caminho saias tu contra êles, e por sete fujas, e sejas derramado por todos os reinos da terra:

26 Que o teu cadáver sirva de pasto às aves do céu, e às feras da terra, e não haja quem as enxote. (4)

(4) QUE O TEU CADAVER SIRVA DE PASTO — Precisamente porque o culto dos mortos era praticado com notas de especial piedade pelos povos antigos, o maior castigo seria a ameaça de ser privado da inumação. Este terrível castigo era considerado pelos povos da antiguidade a pena de maior importância com que se punham os crimes da máxima gravidade, segundo os testemunhos de Esquilo, Sófocles, Antígono, 198. Eurípedes Fen. (veja-se Fustel de Coulanges, *La cité antique*), pág. 12, e para impressionar vivamente os hebreus, Moisés o deixou aqui exarado.

27 O Senhor te castigue com as úlceras do Egito, e fira de sarna, e de comichão aquela parte do teu corpo, por onde se lança o excremento: De sorte que não possas curar-te.

28 O Senhor te fira de loucura e de cegueira e de frenesi,

29 de sorte que andes às apalpadelas no pino do dia, como costuma fazer o cego às escuras, e não acertes nos teus caminhos. E em todo o tempo sejas dene-grido de calúnias, e oprimido de violências, nem tenhas quem te livre.

30 Recebas por tua uma mulher, e outro durma com ela. Edifiques uma casa, e não a habites. Plantes uma vinha, e não a vindimes.

31 O teu boi seja imolado diante de ti, e não comas dêle. O teu jumento te seja arrebatado diante dos teus olhos, e não te seja restituído. As tuas ovelhas dêem-se aos teus inimigos, e não haja quem te ajude.

32 Os teus filhos e as tuas filhas sejam entregues a outro povo, vendo-o os teus olhos. e secando-se de os ver todo o dia, e as tuas mãos te fiquem sem nenhuma força.

33 Os frutos da tua terra, e todos os teus trabalhos coma-os um povo que tu não conheces: e experimentes sempre as calúnias, e sejas oprimido todos os dias,

34 e fiques atônito de terror pelas coisas, que os teus olhos hão de ver.

35 O Senhor te fira com a chaga a mais maligna nos teus joelhos e nas barrigas das tuas pernas, e não possas ser sarado desde a planta do pé até o alto da cabeça. (5)

(5) A CHAGA A MAIS MALIGNA — Provavelmente uma es-

Deuteronômio 28, 36-47

36 O Senhor te levará a ti, e a teu rei, que terás estabelecido sobre ti, a uma gente, que nem tu, nem teus pais conhecem: e lá servirás a deuses estranhos, ao pau e à pedra.

37 E ver-te-ás na última miséria como o ludíbrio e a fábula de todos os povos, onde o Senhor te houver levado.

38 Lançarás muita semente à terra, e recolherás muito pouco: porque os gafanhotos comerão tudo.

39 Plantarás a vinha, e a cavarás: mas não lhe beberás o vinho, nem dela colherás coisa alguma, porque será destruída dos bichos.

40 Terás oliveiras em tôdas as tuas terras, e não terás azeite com que te untes: porque tudo cairá, e se perderá.

41 Gerarás filhos e filhas, e não te gozarás dêles: porque tos levarão cativos.

42 Tôdas as tuas árvores e os frutos da tua terra consumi-los-á a ferrugem.

43 O estrangeiro, que vive contigo na tua terra, subirá sobre ti, e estará mais alto: e tu descerás, e ficarás mais abatido.

44 Ele te emprestará com usura, e tu não lhe emprestarás: Ele estará na cabeceira, e tu estarás aos pés.

45 E tôdas estas maldições descarregarão sobre ti, e, perseguindo-te te alcançarão, até que pereças: porque não ouviste a voz do Senhor teu Deus, nem guardaste os mandamentos, e as cerimônias que ele te prescreveu.

46 E ver-se-ão em ti e na tua posteridade para sempre sinais e prodígios:

47 Porque não serviste ao Senhor teu Deus com

pécie de lepra, localizada na parte inferior do corpo humano. Vigouroux, ob. cit.

gôsto, e alegria de coração, por causa da abundância que tinhas de tôdas as coisas:

48 Servirás ao inimigo, que o Senhor há de enviar: contra ti, com fome, com sêde, com desnudez, e com falta de tudo: e êle porá sôbre o teu pescoço um jugo de ferro, até que te destrua.

49 O Senhor mandará de longe, e das extremidades da terra sôbre ti uma nação, à semelhança da águia que voa impetuosamente: cuja língua tu não possas entender: (6)

50 Nação atrevidíssima, que não terá respeito algum ao velho, nem se compadecerá do menino,

51 e devorará tudo o que nascer dos teus gados, e os frutos da tua terra: até que pereças, e não te deixará nem pão, nem vinho, nem azeite, nem manadas de bois, nem rebanhos de ovelhas: até que te haja destruído;

52 e te haja aniquilado em tôdas as tuas cidades; e até que em tôda a tua terra sejam derribados os teus fortes e altos muros em que punhas a tua segurança. Serás sitiado dentro das tuas portas em tôda a tua terra, que o Senhor teu Deus te dará:

53 E comerás o fruto do teu ventre, e as carnes de teus filhos e de tuas filhas que o Senhor teu Deus te houver dado na angústia e desolação, com que te oprimirá o teu inimigo. (7)

(6) **MANDARA DE LONGE** — Esta profecia applica-se, no entender dos melhores intérpretes, aos romanos, que deviam aniquilar totalmente o poder judaico.

DA ÁGUIA — As águias eram muito freqüentes e conhecidas na Palestina, e por isso familiares aos escritores sagrados: encontram-se aí algumas variedades desta ave de rapina, como a águia imperial, a águia comum, a águia pintada, etc.

(7) **A CARNE DE TEUS FILHOS** — Isto succedeu durante o cerco de Jerusalém por Tito, segundo atesta Flávio Josefo no seu livro *Antiguidades Judaicas*.

54 O homem mais delicado dos teus, e o mais entregue a prazeres, será mesquinho com seu irmão, e com sua mulher, que dorme com êle,

55 e não lhe dará das carnes de seus filhos, que êle comerá: por não ter outra alguma coisa no cêrco e na penúria, a que te reduzirão os teus inimigos dentro de tôdas as tuas portas.

56 A mulher tenra e mimosa, que não podia andar sôbre a terra, nem firmar nela um pé por causa da sua demasiada brandura e delicadeza, será mesquinha com seu marido, que dorme ao seu lado, das carnes de seu filho e de sua filha,

57 e da asquerosa hediondez das páreas, que sairão do seu ventre, e dos filhos que no mesmo momento lhe nascerem: porque os comerão ocultamente pela falta de tôdas as coisas, no cêrco e desolação, com que te oprimirá o teu inimigo dentro das tuas portas.

58 Se não guardares e não cumprires tôdas as palavras desta lei, que estão escritas neste volume; e se não temeres o seu nome glorioso, e terrível, isto é, ao Senhor teu Deus:

59 O Senhor aumentará cada vez mais as tuas pragas, e as pragas de teus filhos, pragas grandes e perseverantes, doenças malignas e incuráveis:

60 E voltará contra ti tôdas as aflições do Egito, que tanto temeste, e elas se não separarão de ti:

61 E demais disto enviará o Senhor sôbre ti até te destruir tôdas as enfermidades e pragas, que não estão escritas no livro desta lei:

62 E vós ficareis poucos em número: os que antes pela multidão éreis como as estrêlas do céu, porque não ouvistes a voz do Senhor teu Deus.

63 E assim como antes se comprazia o Senhor em vós fazendo-vos bem, e multiplicando-vos: assim se comprazerá em acabar-vos, e destruir-vos, para serdes exterminados da terra, em cuja posse estais a entrar.

64 O Senhor te espalhará por todos os povos desde uma extremidade da terra até os seus fins: e lá servirás a deuses estranhos, que tu e teus pais ignoram, a pausar e a pedras. (8)

65 Tampouco terás repouso entre êstes povos, nem a planta do teu pé achará descanso. Porque o Senhor te dará ali um coração medroso, e uns olhos descaídos, e uma alma consumida de tristeza.

66 E a tua vida estará como suspensa diante de ti. Temerás de dia e de noite, e não crerás na tua vida.

67 Pela manhã dirás: Quem me dera chegar à tarde? e à tarde: Quem me dera ver a manhã? por causa do temor com que serás aterrado em teu coração, e por causa daquelas coisas, que verás com os teus olhos.

68 O Senhor vos fará tornar por mar ao Egito, donde êle vos tinha dito que não tornásseis mais a tomar o caminho. Lá sereis vendidos aos teus inimigos para serdes escravos e escravas, e não haverá quem vos compre. (9)

(8) **O SENHOR TE ESPALHARÁ** — Ainda agora estão os hebreus por toda a parte, sem pátria e com a maldição na fronte, cumprindo-se o que está escrito.

(9) **SEREIS VENDIDOS** — Tito vendeu no Egito muitos judeus como escravos, depois da tomada de Jerusalém, porém só foram comprados os que tinham menos de dezessete anos, morrendo os outros de fome, no mais completo abandono. Flávio Josefo. Antig. Jud.

CAPÍTULO 29

CONCERTO QUE DE NOVO JURAM OS ISRAELITAS FEITO COM O SENHOR. TERRÍVEIS AMEAÇAS CONTRA OS QUE QUEBRAREM ESTE CONCERTO.

1 Estas são as palavras do concêrto, que o Senhor mandou a Moisés que fizesse com os filhos de Israel na terra de Moab: além daquele outro concêrto, que fizera com êles em Horeb.

2 Convocou pois Moisés a todo o Israel, e lhe disse: Vós vistes tudo o que o Senhor fêz diante de vós na terra do Egito a Faraó, e a todos os seus servos, e a todo o seu reino.

3 As grandes provas, que teus olhos viram; aquêles sinais, e prodígios extraordinários,

4 e até o presente dia não vos tem o Senhor dado um coração inteligente, nem uns olhos de ver, nem umas orelhas que possam ouvir.

5 Êle vos conduziu quarenta anos pelo deserto: não se romperam os vossos vestidos, nem se gastaram com a velhice os sapatos dos vossos pés. (1)

6 Não comestes pão, nem bebestes vinho nem outro algum licor: para que soubésseis que eu sou o Senhor vosso Deus.

(1) OS SAPATOS — O sistema de calçado dos hebreus era análogo ao dos egípcios com quem êles conviveram por muito tempo; consistia numa sandália de couro ou de madeira, ligada por uma correia que passava pelo peito do pé a qual se ligava outra que passava pelo artelho. Vigouroux supõe que os hebreus só usavam êste calçado quando caminhavam, andando descalços no interior das suas habitações. Cfr. Vigouroux, *La Sainte Bible Polyglotte*, edição ainda em publicação.

7 E viestes a êste lugar: e Seon rei de Hesebon, e Og rei de Basan, marcharam em nosso encontro para nos combater. E nós os derrotamos,

8 e lhes tomamos o seu país, e o demos a Rúben e a Gad, e à meia tribo de Manassés, para êles o possuírem.

9 Guardai pois as palavras dêste pacto, e cumpri-as: De sorte que tudo o que fizerdes o façais com inteligência.

10 Vós estais hoje todos na presença do Senhor vosso Deus, os vossos príncipes, e as tribos, e os anciãos, e os doutores, todo o povo de Israel,

11 os vossos filhos, e as vossas mulheres, e o estrangeiro que mora contigo no arraial, sem contar os que cortam lenha, e os que acarretam água:

12 Para que tu passes no concêrto do Senhor teu Deus, e no juramento que o Senhor teu Deus faz hoje contigo:

13 e assim suscite em ti um povo seu, e êle seja o teu Deus como to disse, e como jurou a teus pais, Abraão, Isaac e Jacó.

14 E não só convosco faço eu êste concêrto, e estabeleço êstes juramentos,

15 mas também com todos os presentes e ausentes.

16 Porque vós sabeis de que modo habitamos nós na terra do Egito, e como passamos pelo meio das nações, e ao passá-las,

17 vistes as suas abominações e imundícies, isto é, os seus ídolos, o pau e a pedra, a prata e o ouro, que elas adoravam.

18 Não suceda que entre vós se ache homem ou mulher, família ou tribo, cujo coração esteja hoje apartado do Senhor nosso Deus: De modo que vá servir aos

deuses daquelas nações: e seja entre vós uma raiz que produza fel e amargura. (2)

19 E que quando ouvir as palavras dêste juramento, se lisonjeie no seu coração, dizendo: Eu viverei em paz, e andarei na depravação do meu coração: e que a embriaguez absorva o sequioso, (3)

20 e o Senhor lhe não perdoe: Mas fumegue então mais o seu furor e zêlo contra aquêlê homem, e se ponham de assento sôbre êle tôdas as maldições, que estão escritas neste livro: e apague o Senhor o seu nome de baixo do céu,

21 e o consuma arrancando-o de tôdas as tribos de Israel, conforme as maldições, que se contêm no livro desta lei e concêrto.

22 E dirá a geração vindoura, e os filhos que nascerem daí por diante, e os estrangeiros, que vierem de

(2) **FEL E AMARGURA** — O termo hebraico que se encontra no original é *ros*, que indica veneno violento; a *amargura* deve ser o *absinto*, segundo o original hebraico, planta muito amarga, empregada várias vezes na Bíblia para servir de termo de comparação, e exprimir por semelhança as amarguras da vida. Este absinto é frequente na Palestina, onde cresce espontaneamente e se conhecem sete variedades diferentes.

(3) **E QUE A EMBRIAGUEZ ABSORVA O SEQUIOSO** — Afastamo-nos da versão do P.^e Figueiredo seguindo a Vulgata à letra e a tradução francesa de Glaire, que verteu esta difficilima passagem da seguinte forma: *Que la racine bien abreuvé consume celle qui a soif*. O hebreu diz: Eu juntarei a embriaguez à sede; que poderá ser um provérbio cujo sentido deve ser este: juntarei o que já fiz ao que ainda hei de fazer, o pecado cometido à tentação nova; acumularei faltas sôbre faltas. Cornélio a Lapidè interpreta assim: Não diga o mau no seu coração, que êle se entregará aos seus apetites, para ajuntar àquele que bebeu muito com o que não bebeu nada; Sacy entende desta forma: Para que não succeda que embriagado dêste êrro arraste consigo os inocentes.

longe, ao ver as pragas desta terra, e as doenças, com que o Senhor a terá afligido,

23 quando a abrasar com enxôfre e com ardor de sal, de maneira que se não semeie jamais, nem se crie nela verdura alguma, à semelhança da ruína de Sodoma e Gomorra, Adama e Seboim, que o Senhor destruiu na sua ira e furor,

24 e tôdas as nações dirão: Por que se houve o Senhor assim com esta terra? Que ira imensa é esta do seu furor?

25 E responder-lhe-ão: Porque êles deixaram totalmente o pacto, que o Senhor tinha feito com seus pais, quando os tirou da terra do Egito:

26 E serviram, e adoraram a deuses estranhos, que lhes eram desconhecidos, e a cujo culto não tinham sido destinados: (4)

27 Por isso o furor do Senhor se acendeu contra esta terra, para fazer vir sôbre ela tôdas as maldições, que estão escritas neste livro:

28 E por isso com ira e sanha, e indignação grande os lançou fora da sua terra, e atirou com êles para uma terra estrangeira, como hoje se está vendo.

29 Segredos são êstes do Senhor nosso Deus: Que Êle nos manifestou a nós e a nossos filhos para sempre, para que guardemos tôdas as palavras desta lei.

(4) **ADORARAM** — Durante muito tempo os autores sagrados empregaram um mesmo termo para exprimir a idéa de adorar, quer a adoração fôsse rendida ao verdadeiro Deus, quer fôsse prestada às falsas divindades. A partir de Is 44, 15 e principalmente depois do cativoiro, os escritores bíblicos empregaram um outro termo — *sagad*, para designar o culto prestado aos ídolos.

CAPÍTULO 30

OS JUDEUS SE CONVERTERÃO AO SENHOR, E O SENHOR SE COMPADECERÁ DELES. BENS E MALES QUE MOISÉS LHES PROPÕE À ESCOLHA. OS MANDAMENTOS DE DEUS NÃO SÃO IMPOSSÍVEIS.

1 Quando pois vierem sôbre ti tôdas estas coisas, a bênção, ou-a maldição, que eu pus diante de ti: E tu tocado de arrependimento no fundo do teu coração entre tôdas as nações, para onde o Senhor teu Deus te tiver espalhado, (1)

2 e tornares para êle com teus filhos, e obedeceres aos seus mandamentos de todo o teu coração, e de toda a tua alma, como eu te ordeno hoje:

3 O Senhor teu Deus te fará voltar do teu cativeiro, e se compadecerá de ti, e te congregará de novo, tirando-te do meio de todos os povos, para onde antes te havia derramado.

4 Ainda quando tenhas sido lançado para os pólos do céu, daí te tirará o Senhor teu Deus,

5 e te tomará, e te introduzirá na terra, que teus pais possuíram, e tu a alcançarás: e abençoando-te, fará que sejas em maior número do que o foram teus pais.

6 O Senhor teu Deus circuncidará o teu coração, e o coração de teus filhos: para que ames o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, para que possas viver. (2)

(1) **TOCADO DE ARREPENDIMENTO** — Estas palavras indicam que os hebreus acreditavam na liberdade, e por consequência na responsabilidade da vontade humana. Muitas outras passagens vêm corroborar esta conclusão, tais como Jos 24, 14 e Is 1, 19 e Jer 21, 8 etc., etc.

(2) **CIRCUNCIDARA TEU CORAÇÃO** — Purificá-lo-á das suas funestas inclinações.

7 E ele converterá tôdas estas maldições contra teus inimigos, e contra os que te aborrecem, e te perseguem.

8 Tu porém voltarás, e ouvirás a voz do Senhor teu Deus: e observarás todos os mandamentos, que eu te prescrevo hoje:

9 E o Senhor teu Deus te encherá de bens em tôdas as obras das tuas mãos: no fruto do teu ventre, e no fruto dos teus gados, na fecundidade da tua terra, e numa abundância de tôdas as coisas. Porque o Senhor tornará a comprazer-se em ti, cumulando-te de todos os bens, como ele se comprazeu em teus pais:

10 Contanto todavia que tu ouças a voz do Senhor teu Deus, e observes os seus preceitos e cerimônias, que estão escritas nesta lei, e te voltes para o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma.

11 Êste mandamento, que eu hoje te intimo, não está sôbre ti, nem está longe de ti, (3)

12 nem está no céu, de sorte que possas dizer: Qual de nós pode subir ao céu, para que no-lo traga, e o ouçamos, e o ponhamos por obra?

13 Também não está da banda de além do mar: Para que te desculpes, e digas: Qual de nós poderá passar o mar, e trazer-no-lo: Para que possamos ouvir, e cumprir o que se nos manda?

14 Mas esta palavra está muito perto de ti, na tua bôca está, e no teu coração, para a cumprires.

15 Considera que eu te pus hoje diante dos olhos a vida e o bem; e ao contrário, a morte e o mal:

16 Para que tu ames o Senhor teu Deus, e andes nos seus caminhos, e guardes os seus mandamentos e

(3). NEM ESTA LONGE DE TI — Moisés quer dizer que a lei imposta não é de difficil cumprimento, está ao alcance de todos, e não exige esforços sobre-humanos.

Deuteronômio 30, 17-20; 31, 1-2

cerimônias e ordenações: E para que vivas, e Ele te multiplique, e te abençoe na terra, que estás para entrar a possuir.

17 Se porém o teu coração se arredar d'Ele, e o não quiseres ouvir, e se deixando-te levar do êrro adorares deuses estranhos, e os servires,

18 eu te profetizo neste dia que perecerás, e que não morarás longo tempo na terra, em que, passado o Jordão, entrarás de posse.

19 Eu chamo hoje por testemunhas o céu, e a terra, de como vos propus a vida, e a morte, a bênção e a maldição. Escolhe pois a vida, para que vivas tu, e a tua posteridade:

20 e ames o Senhor teu Deus, e obedeças à sua voz, e te unas a Ele (como quem é a tua vida, e quem prolonga os teus dias), a fim de que habites na terra, que o Senhor jurou a teus pais Abraão, Isaac, e Jacó, que lhes havia de dar.

CAPÍTULO 31

MOISÉS NOMEIA A JOSUÉ POR SEU SUCESSOR. ORDENA QUE SE LEIA A LEI AO POVO TODOS OS SETE ANOS. DEUS LHE ANUNCIA PRÓXIMA A SUA MORTE, E LHE MANDA QUE COMPONHA UM CÂNTICO.

1 Foi Moisés pois e declarou tôdas estas coisas a todo o Israel,

2 e lhes disse: Eu acho-me hoje com cento e vinte anos, não posso daqui em diante sair, nem entrar, principalmente tendo-me dito o Senhor: Tu não passarás êste Jordão. (1) ,

(1) **CENTO E VINTE ANOS:** — Esta idade está perfeitamente de acôrdo com as anteriores; os hebreus passaram quarenta

3 O Senhor teu Deus pois passará diante de ti: Ele mesmo extinguirá à vista de teus olhos tôdas estas nações, e tu as possuirás: E êste Josué passará adiante de ti, como o Senhor disse. (2)

4 E o Senhor tratará a êstes povos, como tratou a Seon e a Og, reis dos amorreus, e ao seu país, e os exterminará.

5 Quando êle pois vos tiver também entregado êstes, vós vos haveis com êles da maneira que vos tenho mandado.

6 Portai-vos varonilmente, e tende ânimo: não temais, nem vos atemorizeis à vista dêles: Porque o mesmo Senhor teu Deus é o teu condutor, e não te deixará, nem te desampará.

7 Chamou pois Moisés a Josué, e lhe disse diante de todo o Israel: Tem ânimo, e sê robusto: Porque tu hás de introduzir êste povo na terra, que o Senhor jurou a

anos no deserto, e Moisés tinha oitenta anos quando se dirigiu a Faraó, da parte de Deus. Ex 7, 7.

(2) JOSUÉ — Filho de Nun, da tribo de Efraim, 1 Par 8, 27, aparece-nos como servo de Moisés no Ex 24, 13. Era dotado de destreza para a arte da guerra. Ex 17, 93; Jos 8, 1. 26 e 10, 9. 43 e foi destinado por Deus, que o elegeu sucessor de Moisés, para conquistar a Terra Santa, Núm 27, 18-23. Tornou-se Josué digno de tão grande honra, já pela sua fé veemente, já pelo seu inquebrantável valor; da sua confiança em Deus deu prova exuberante em Cadesbarne, Núm 14, 6-9 onde mostrou ao mesmo tempo ser dotado dum ânimo corajoso e audaz. Foi esta valentia e mais ainda esta crença ardente na proteção do Céu que lhe valeu a graça de entrar, como Caleb, na Terra Prometida. Núm 14, 30-38. E' porém agora, quando Moisés o investe na sua missão, que êle aparece com tôdas essas virtudes em grau sublimado; a sua fé torna-se entusiasta; o seu ânimo invencível; o seu caráter inquebrantável; o seu valor irrealizável: sabe-se impor, e sabe mandar; é dócil e enérgico: é violento e caritativo, ousado e refletido.

Deuteronômio 31, 8-14

teus pais que lhes havia de dar, e tu lha repartirás por sorte.

8 E o Senhor que é o vosso condutor, êle mesmo será contigo: êle te não deixará, nem te desampará: Não temas, nem te assustes.

9 Escreveu pois Moisés esta lei, e a entregou aos sacerdotes filhos de Levi, que levavam a arca do concêrto do Senhor, e a todos os anciãos de Israel. (3)

10 E lhes ordenou, dizendo: Passados sete anos, no ano da remissão, na solenidade dos tabernáculos, (4)

11 quando todos os filhos de Israel se ajuntarem para aparecer diante do Senhor teu Deus, no lugar que o Senhor tiver escolhido, lerás as palavras desta lei diante de todo o Israel, ouvindo-as êles,

12 e estando congregado todo o povo num mesmo lugar, assim homens, como mulheres, meninos, e estrangeiros, que vivem das tuas portas para dentro: Para que ouvindo-a, a aprendam, e temam o Senhor vosso Deus, e guardem e cumpram tôdas as palavras desta lei:

13 E também seus filhos, que agora as ignoram; para que as possam ouvir, e temam o Senhor seu Deus todo o tempo que viverem na terra, que, passado o Jordão, ides a possuir.

14 Então disse o Senhor a Moisés: Olha que estão perto os dias da tua morte: Chama a Josué, e apresentai-vos diante do tabernáculo do testemunho, para eu lhe

(3) **ESTA LEI** — Estas palavras constituem mais uma prova da origem mosaica do Pentateuco; porque mesmo que se admitisse que elas se devem entender estritissimamente, referindo-as só ao Deuteronômio, como êste é o resumo dos quatro livros antecedentes e pressupõe a sua existência, necessariamente tinha de concluir ser o Pentateuco de Moisés.

(4) **ANO DA REMISSÃO** — E' o ano sabático.

dar as minhas ordens. Partiram pois Moisés e Josué, e se apresentaram diante do tabernáculo do testemunho:

15 e apareceu ali o Senhor na coluna de nuvem, a qual parou à entrada do tabernáculo.

16 E disse o Senhor a Moisés: Eis-aí vás tu a dormir com teus pais, e este povo, levantando-se, se prostituirá a deuses estranhos na terra, em que está para entrar e para habitar nela: Ali me abandonará, e violará o concerto, que eu fiz com êle.

17 E o meu furor se acenderá naquele dia contra êle: E eu o deixarei, e esconderei dêle o meu rosto, e êle será devorado: Sobre êle virão todos os males e aflições, sobremaneira que dirá naquele dia: Em verdade, que por Deus não estar comigo, me vieram êstes males.

18 Mas eu esconderei e ocultarei a minha face naquele dia, por causa de todos os males que êle fez, por ter seguido a deuses estranhos.

19 Agora pois escrevei para vós este cântico, e ensinai-o aos filhos de Israel: Para que êles o saibam de cor, e o cantem, e para que este cântico me sirva de testemunho entre os filhos de Israel. (5)

20 Porque eu o introduzirei na terra, que prometi com juramento a seus pais, que mana leite e mel. E depois que tiverem comido, e se tiverem fartado, e engordado, êles se converterão para deuses alheios, e os servirão: E falarão contra mim, e violarão o meu pacto.

(5) **ESCREVEI ESTE CÂNTICO:** — É o cântico de Moisés que vem no capítulo seguinte; está escrito em verso para ser mais facilmente retido pelo povo. Era costume, na antiguidade, reduzir a verso a narração dos fatos importantes que interessavam à vida dum povo, para que este os não esquecesse. Até os legisladores recorreram a este meio; mas não é preciso ir tão longe, porque ainda agora o povo retém facilmente quaisquer fatos ou preceitos, civis ou religiosos, quando escritos em verso.

21 Depois que tiverem caído sobre êles muitos males e aflições, falará em testemunho contra êle este cântico, o qual, andando na bôca de seus filhos, nunca jamais se apagará por esquecimento. Porque eu conheço os seus pensamentos, e o que êle há de fazer hoje, antes que eu o introduza na terra, que lhes prometi.

22 Escreveu Moisés pois o cântico, e o ensinou aos filhos de Israel.

23 E ordenou o Senhor a Josué filho de Nun, e lhe disse: Tem ânimo, e sê robusto: Porque tu introduzirás os filhos de Israel na terra, que eu lhes prometi, e eu serei contigo. (6)

24 Logo pois que Moisés acabou de escrever num livro as palavras desta lei:

25 Mandou aos levitas, que levavam a arca do concôrto do Senhor, dizendo:

26 Tomai este livro, e ponde-o ao lado da arca do concôrto do Senhor vosso Deus, para aí servir de testemunho contra ti.

27 Porque eu sei a tua porfia, a dureza grande da tua cerviz. Ainda vivendo eu, e andando convosco, vos portastes vós sempre teimoso cōtra o Senhor: Quanto mais depois que eu morrer?

28 Fazei que venham perante mim todos os anciãos das vossas tribos, e doutores e eu pronunciarei diante dêles estas palavras, e invocarei contra êles o céu e a terra.

29 Porque sei que depois da minha morte vós procedereis iniquamente, e que depressa vos arredareis do caminho, que eu vos prescrevi: E sobrevir-vos-ão calamidades nos últimos tempos, quando fizerdes o mal diante do Senhor, irritando-o com as obras das vossas mãos.

(6) **E ORDENOU O SENHOR A JOSUÉ** — E' pela vez primeira que o Senhor se dirige diretamente só a Josué.

30 Pronunciou Moisés pois as palavras dêste cântico, e o recitou até o fim, ouvindo-o todo o ajuntamento de Israel.

CAPÍTULO 32

ÚLTIMO CÂNTICO DE MOISÉS. ELE SOBE AO MONTE ABARIM,
E CONTEMPLA A TERRA DE CANAÃ.

1 Ouvi, céus, o que vou a dizer: ouça a terra as palavras da minha bôca.(1)

2 Cresça como chuva a minha doutrina, distilem como orvalho as minhas palavras, como chuvisco sôbre a erva, e como gôtas de água sôbre as relvas.

3 Porque eu invocarei o nome do Senhor: magnificai ao nosso Deus.

4 As obras de Deus são perfeitas, e todos os seus caminhos são cheios de equidade. Deus é fiel, e sem nenhuma iniquidade, justo e reto.

5 Pecaram contra êle, não já seus filhos em imundícies: geração depravada e perversa.

6 Assim é que tu, povo louco e insensato, mostras

(1) OUVI, CÉUS — E' um dos mais belos monumentos da poesia hebraica. Fénelon disse que Moisés excedia Homero, principalmente neste cântico. Bossuet escreveu: "Antes de morrer, Moisés compôs êste extenso e admirável cântico, que começa por estas palavras: Oh céus! escutai a minha voz; ouça a terra as palavras da minha bôca! No silêncio de tôda a natureza fala ao povo com uma força inimitável; prevendo as suas infidelidades, revela-lhes o seu horror. De repente, sai de si mesmo, como que achando a palavra humana desproporcionada à grandeza do assunto; narra o que o Senhor diz, e repete as palavras de Deus com tal elevação e tal doçura que se não sabe o que mais inspira, se temor, se confusão, se amor e confiança". *Discours sur l'histoire universelle*.

Deuteronômio 32, 7-14

o teu agradecimento ao Senhor? Não é Êle teu pai, que te possuiu, e tẽ fêz, e te criou?

7 Consulta os séculos antigos, considera o que se tem passado no decurso de tôdas as gerações: pergunta aos teus maiores, e êles te dirão.

8 Quando o Altíssimo dividia as nações: quando separava os filhos de Adão, êle designou os limites dos povos, segundo o número dos filhos de Israel.

9 A porção porém do Senhor é o seu povo: Jacó a corda da sua herança. (2)

10 Êle o achou numa terra deserta, num lugar horroroso, e numa vasta solidão: êle o conduziu por diversos caminhos: e o ensinou: e o guardou como a menina do seu ôlho.

11 Como uma águia provoca seus filhos a voar, e de contínuo voa sôbre êles, assim o Senhor estendeu as suas asas sôbre o seu povo, e o tomou, e o levou sôbre seus ombros.

12 O Senhor só foi o seu condutor: e não era com Êle deus algum estranho.

13 Êle o estabeleceu sôbre uma terra alta: para que comesse os frutos dos campos, para que chupasse o mel que saía da pedra, e gostasse do azeite que se dava nos mais duros rochedos.

14 Da manteiga das vacas, e do leite das ovelhas, com a gordura dos cordeiros, e dos carneiros dos filhos de Basan: e dos cabritos com a medula do trigo, e para que bebesse mui puro o sangüíneo licor da uva. (3)

(2) **A CORDA DA SUA HERANÇA** — No Egito, mediam-se as grandes extensões de terreno com as cordas, e dêste uso deriva esta expressão.

(3) **FILHOS DE BASAN** — Isto é, do país de Basan, muito abundante em pastagens.

15 Mas o amado engrossado, recalcitrou: engrossado, engordado, alargado, abandonou a Deus seu Criador, e se apartou de Deus seu Salvador. (4)

16 Eles o irritaram, adorando deuses estranhos, e com as suas abominações o provocaram à ira.

17 Ofereceram sacrifícios não a Deus, mas aos demônios, aos deuses, que eles desconheciam: vieram deuses novos e recentes, que seus pais não tinham adorado.

18 Deixaste ao Deus que te gerou, e esqueceste-te do Senhor teu Criador.

19 Viu isto o Senhor, e se acendeu em ira: porque o provocaram seus filhos e filhas.

20 Então disse: eu esconderei d'elles a minha face, e considerarei o fim que os espera: porque esta é uma geração perversa, e uns filhos infieis.

21 Eles me provocaram a zelos com aquêlê que não era Deus, e me irritaram com as suas vaidades: e eu os provocarei a zelos com aquêlê que não é povo, e os irritarei com uma nação insensata.

22 O fogo se acendeu no meu furor, e arderá até o mais profundo do inferno: e devorará a terra com as suas mais pequenas ervas, e queimará os montes até às raízes. (5)

23 Eu amontoarei sôbre eles os males, e empregarei nêles tôdas as minhas setas.

24 A fome os consumirá e as aves os despedaça-

(4) O AMADO — A Vulgata traduziu por *dilectus* o termo hebraico *ishrun*, que é um nome próprio simbólico que se aplica ao povo de Israel, derivado do verbo *lashar* e significando *rectulus*, *justulus*. Cfr. Leopold, *Lexicon hebraicum et chaldaicum*.

(5) DO INFERNO — No hebreu está *scheol* ou habitação dos mortos. O último *scheol*, ou o mais profundo do inferno, é o lugar destinado às almas carregadas de pecados. Prov 9, 8.

Deuteronômio 32, 25-33

rão com as suas cruéis mordeduras: eu armarei contra êles os dentes das feras, e o furor das que se revolvem e arrastam sôbre a terra.

25 Por fora os devastará a espada, e por dentro o pavor, ao mancebo juntamente com a virgem, à criança que ainda mama, e ao homem velho.

26 Eu disse: Onde estão êles? Eu farei apagar dentre os homens a sua memória.

27 Mas eu deferi executá-lo por causa da arrogância dos inimigos: para que os seus inimigos se não ensoberbecessem, e dissessem: Não foi o Senhor, mas sim a nossa mão poderosa, a que fêz tôdas estas coisas.

28 E' uma gente sem conselho e sem prudência.

29 Oxalá que êles tivessem sabedoria, e inteligência, e previssem os fins.

30 Como pode ser que um persiga a mil, e dois façam fugir a dez mil? Não é isto, por que o seu Deus os vendeu, e o Senhor os fechou?

31 Porque o nosso Deus não é como os deuses dêles: e os nossos mesmos inimigos são os juizes.

32 A sua vinha é da vinha de Sodoma, e dos subúrbios de Gomorra: as suas uvas são uvas de fel, e os seus cachos amaríssimos.

33 O seu vinho é fel de dragões, e veneno de áspides incurável. (6)

(6) **DRAGÕES** — Esta palavra dragões designa um animal real e não simbólico, uma espécie de serpente.

ASPIDES — Áspides, em hebreu petên, é uma serpente muito venenosa; é a serpente urçeus, que aparece nos monumentos egípcios, o nadaja hadje do vale do Nilo. Os encantadores de serpentes procuram atraí-las com os seus encantos, não obtendo sempre resultado lisonjeiro. A áspide oculta-se nos buracos dos muros, e nas fendas dos rochedos; dilata o colo em forma de disco, erguendo-se de frente para a presa. E' muito freqüente na Palestina do Sul.

34 Porventura não tenho eu guardadas estas coisas comigo, e seladas nos meus tesouros? (7)

35 Minha é a vingança, e eu lhes darei o pago a seu tempo, quando resvalar o seu pé: perto está o dia da sua perdição, e os momentos dela se apressam por chegar.

36 O Senhor julgará o seu povo, e se compadecerá dos seus servos. Ele verá que as mãos estão sem força, e que também os que estavam fechados desfaleceram, e que os que tinham ficado foram consumidos.

37 E dirá: Onde estão os seus deuses, nos quais tinham pôsto a sua confiança?

38 De cujas vítimas comiam as banhas, e bebiam o vinho das suas libações: levantem-se e venham em vosso socorro, e protejam-vos na vossa necessidade.

39 Vêde que só eu sou Deus, e que não há outro fora de mim: eu matarei, e eu farei viver: ferirei, e curarei: e não há quem possa tirar da minha mão coisa alguma.

40 Eu levantarei a minha mão ao céu, e direi: Eu sou o que vivo eternamente.

41 Se eu afiar como raio a minha espada, e a minha mão se armar para fazer justiça: eu me vingarei de meus inimigos, e darei o pago aos que me aborrecem.

42 Eu embriagarei as minhas setas em sangue dos mortos, e a minha espada devorará as carnes dos inimigos, que estão no cativeiro com a cabeça rapada. (8)

(7) **E SELADAS** — O uso dos selos era muito comum no Oriente; encontram-se aos centenares na Caldéia, no Egito e na Pérsia. Descobertas modernas têm-nos fornecido belos exemplares de selos que serviram aos antigos israelitas.

(8) **EU EMBRIAGAREI...** — E' muito obscuro este texto, tanto no original como na Vulgata. Várias interpretações têm sido apresentadas; reproduzimos a de Menochio, a mais simples, a mais

43 Louvai, ó gentes, o seu povo, porque ela vingará o sangue dos seus servos: e tomará vingança dos seus inimigos, e se mostrará propícia à terra do seu povo.

44 Veio pois Moisés, e com Josué, filho de Nun, proferiu tôdas as palavras dêste cântico diante do seu povo.

45 E acabou tôdas estas palavras, falando a todo o Israel:

46 E lhes disse: Aplicai vossos corações a tôdas as palavras que eu hoje vós testifico, recomendai a vossos filhos que guardem, e pratiquem, e cumpram tudo o que está escrito nesta lei:

47 Porque não debalde vos foram postos êstes preceitos, mas sim para que cada um de vós ache nêles a vida, e guardando-os moreis por muito tempo no país, que ides a possuir, depois que passardes o Jordão.

48 No mesmo dia falou o Senhor a Moisés, dizendo:

49 Sobe à êste monte de Abarim, isto é, das passagens, ao monte Nebo, que é o país de Moab defronte de Jericó: e contempla a terra de Canaã, cuja posse darei aos filhos de Israel, e tu morrerás no monte. (9)

50 Ao qual tendo subido, irás unir-te a teus povos, assim como Aarão teu irmão morreu no monte Hor, e se foi unir aos seus povos:

natural e a mais seguida pelos intérpretes de maior nome: "Eu castigarei as nações, porque estas derramaram o sangue dos israelitas, trazendo-os do cativeiro, cortando-lhes os cabelos como se cortam aos escravos." Nos tempos antigos era costume cortar os cabelos aos cativos em sinal de escravatura.

(9) **ESTE MONTE DE ABARIM** — Abarim está no plural porque significa uma cordilheira do país de Moab.

O MONTE NEBO — Hoje Nebbeh, a seis horas do mar Morto; do alto desfruta-se um excelente panorama.

51 Porque vós prevaricastes contra mim no meio dos filhos de Israel nas águas da contradição em Cades, do deserto de Sin: e não me santificastes entre os filhos de Israel.

52 Tu verás defronte de ti a terra, que eu hei de dar aos filhos de Israel, e não entrarás nela.

CAPÍTULO 33

ABENÇOÁ MOISÉS AS DOZE TRIBOS DE ISRAEL, E PREDIZ O QUE HÁ DE SUCEDER A CADA UMA.

1 Esta é a bênção, que deu Moisés homem de Deus, aos filhos de Israel, antes da sua morte.

2 E disse: O Senhor veio de Sinai, e nasceu de Seir para nós: Apareceu sobre o monte Faran, e milhares de santos com êle. Na sua direita vinha a lei do fogo. (1)

3 Ele amou os povos; todos os santos estão na sua mão: E os que se chegam a seus pés, receberão da sua doutrina. (2)

(1) SEIR... FARAN. — O monte Seir estava na Zoloméia e o de Faran numa região do país dos ismaelitas, à qual dava o nome. Deve-se notar que Moisés cita o Sinai, Seir e Faran, não em relação à sua situação geográfica, visto que Faran está mais perto do Sinai do que Seir, mas relativamente ao caminho que os israelitas tomaram quando se dirigiam para a Terra Santa. Moisés reúne estes três lugares, porque foram todos três notabilizados pelas maravilhas que o Senhor aí operou.

A LEI DO FOGO — Os intérpretes têm dado vários sentidos a esta expressão, uns dizem que Moisés empregou esta frase, porque a lei foi dada no meio do fogo, *Ignea dicitur Lex quia ex igne profecta* Dt 5, 22. Pérsico. Menochio diz *De medio ignis legem dedit eis*: etc. Outros dizem que Moisés chama à Lei ígnea porque é semelhante ao fogo, e citam Jer 23, 29, porque incendia o nosso coração *inflammans cor nostrum* (Tirino).

(2) OS POVOS — Deve entender-se aqui esta frase em sentido amplo, todos os povos, referindo-se, segundo os melhores in-

Deuteronômio 33, 4-7

4 Moisés nos prescreveu a lei para ser a herança de todos os filhos de Jacó. (3)

5 Será junto do retíssimo o rei, estando congregados os príncipes do povo com as tribos de Israel. (4)

6 Viva Rúben, e não morra, mas ele seja em pequeno número. (5)

7 Esta é a bênção de Judá. Ouve, Senhor, a voz de Judá, e introduze-a no seu povo: As suas mãos pelejarão por ele e ele será o seu protetor contra os seus adversários.

térpretes, às doze tribos de Israel: *Tribus Israel qui populi dicentur* (Oleaster. Vatablus, etc.). Em idêntico sentido foi usada esta expressão nos Jz 5, 14 e nos At 4, 27.

NA SUA MÃO — Isto é, debaixo da sua guarda, sob a sua particularíssima proteção.

OS QUE SE CHEGAM A SEUS PÉS — Os seus discípulos que vêm ouvir as suas instruções. Antigamente, e ainda hoje nalguns países do Oriente, os alunos sentavam-se aos pés dos seus mestres. Cf. At 22, 3. Contudo o sentido desta frase deve ser, se atendermos ao texto grego, os que estão submissos.

(3) **A HERANÇA** — Isto é, que a Lei passe por direito hereditário a todos os filhos de Israel, para que aí permaneça e se conserve inalterável. Chama Moisés à Lei herança: 1.º porque seria transmitida pelos presentes aos futuros; 2.º porque é dada com a herança; 3.º pela sua excelência e suprema importância que valia mais do que todos os tesouros que pudessem ser legados. *Lex hereditas dicitur. I quia presentibus futuris dabatur*, etc. Cornelio a Lapide.

(4) **O REI** — Todos os intérpretes entendem que esta expressão se aplica a Moisés, o qual, embora nunca usasse o título de Rei, desfrutou a autoridade e as prerrogativas régias. *Rex fuit (Moyses) non quidem nomine et pompa sed jure regis populo gubernabit* (Menochio.)

(5) **VIVA RÚBEN** — Moisés imita a Jacó; abençoou em geral todo o povo de Deus, e vai conferir uma bênção particular para cada tribo, excetuada a de Simeão, porque esta, segundo a profecia de Jacó, estava em parte dispersa em Israel (Vigouroux, ob. cit.)

8 Disse também a Levi: A tua perfeição, e a tua doutrina é para o teu santo varão, que tu provaste na tentação, e julgaste nas águas da contradição. (6)

9 Os que disseram a seu pai, é a sua mãe: Eu não vos conheço: E a seus irmãos: Eu não sei quem vós sois: E que não conheceram seus próprios filhos. Estes são os que executaram a tua palavra, e os que guardaram o teu pacto,

10 os teus juízos, ó Jacó, e a tua lei, ó Israel: Estes oferecerão incenso no tempo do teu furor, e porão o holocausto sobre o teu altar.

11 Abençoa, Senhor, a sua fortaleza, e aceita as obras das suas mãos. Fere as costas dos seus inimigos: E os que o aborrecem, não se levantem.

12 Disse também a Benjamim: O muito amado do Senhor habitará nêle confiadamente: Morará como em tálamo nupcial todo o dia, e descansará entre os seus braços. (7)

13 Disse também a José: A tua terra seja cheia das bênçãos do Senhor, dos frutos do céu, e do orvalho, e do abismo que está debaixo.

14 Dos frutos produzidos por virtude do sol, e da lua:

15 Dos frutos, que crescem sobre os montes antigos, e sobre os outeiros eternos:

16 E dos frutos da terra, e de toda a sua abundância. A bênção daquele, que apareceu na sarça, venha sobre

(6) **A LEVI** — Os Levitas constituíam a tribo sacerdotal, e permaneceram fiéis ao verdadeiro Deus, quando as outras tribos caíram na idolatria, adorando o bezerro de ouro.

(7) **ENTRE OS SEUS BRAÇOS** — Segundo os melhores intérpretes, é o próprio Deus que havia de descansar em Benjamim, escolhendo Jerusalém, cidade desta tribo, para aí estabelecer o seu santuário.

Deuteronômio 33, 17-23

bre a cabeça de José, e sobre o alto da cabeça do Nazareno entre seus irmãos.

17 A sua formosura é como a do primogênito do touro; os seus cornos são como os cornos do rinoceronte: Com êles levantará ao ar tôdas as gentes até às extremidades da terra: Tais são as tropas inumeráveis de Efraim: E tais são os milhares de Manassés.

18 Disse também a Zabulon: Alegra-te Zabulon, na tua saída, e tu, Issacar, nas tuas tendas. (8)

19 Êles chamarão os povos ao monte: aí imolarão vítimas de justiça. Êles chuparão como leite as riquezas do mar, e os tesouros escondidos nas areias. (9)

20 Disse também a Gad: Bendito Gad na vastidão da sua partilha: Êle repousou como leão, e arrebatou o braço e a cabeça. (10)

21 Êle conheceu a sua prerrogativa, porquanto na sua partilha estava depositado o doutor: Êle andou com os príncipes do seu povo, e observou as leis do Senhor, e as suas ordens com Israel.

22 Disse também a Dan: Dan, cachorro de leão se estenderá largamente desde Basan.

23 Disse mais a Neftali: Neftali gozará da abundância, e será cheio das bênçãos do Senhor: Possuirá o mar e o meio-dia.

(8) **NAS TUAS TENDAS** — Uma parte da fértil planície de Esdrelon foi encravada no território de Issacar, sendo esta planície teatro de invasões, que obrigavam os filhos de Issacar a fugir, acampando debaixo das tendas.

(9) **OS TESOUROS ESCONDIDOS NAS AREIAS DE BELUS** — E' uma referência ao vidro fabricado pelos fenícios.

(10) **COMO UM LEÃO** — Gad teve alguma coisa do caráter do leão de Judá. Como o leão, habitou as florestas, ao sul de Jaboc, a este do Jordão, e tornou-se notável pela sua força e célebre valentia. 1 Par 12, 8-15.

24 Disse outrossim a Aser: Bendito Aser entre os filhos, êle caia em graça a seus irmãos e banhe em azeite o seu pé.

25 O ferro e o bronze serão seu calçado. Os dias da tua velhice sejam como os da tua mocidade. (11)

26 Não há outro Deus, como o Deus do retíssimo: E teu protetor é aquêlê que sobe ao mais alto dos céus. Pelo seu poder correm as nuvens,

27 a sua habitação é lá no alto, e cá em baixo seus braços eternos: Êle fará fugir da tua presença o inimigo, e dirá: Sê reduzido a pó.

28 Israel habitará em plena segurança, e habitará só. Os olhos de Jacó verão a sua terra cheia de pão e de vinho, e os céus se escurecerão com o orvalho.

29 Bem-aventurado tu, ó Israel: Quem semelhante a ti, ó povo, que és salvo em o Senhor? êle é o escudo do teu socorro, e a espada da tua glória: Os teus inimigos não te reconhecerão, mas tu lhes porás o pé no pescoço.

CAPÍTULO 34

MORTE DE MOISÉS. SUA SEPULTURA DESCONHECIDA. JOSUÉ LHE SUCEDE. ELOGIO DE MOISÉS.

1 Subiu pois Moisés da campina de Moab ao monte Nebo, ao alto de Fasga, defronte de Jericó: E o Senhor lhe mostrou todo o país de Galaad até Dan. (1)

(11) O FERRO E O BRONZE SERÃO SEU CALÇADO — Uns querem entender por esta forma: — Tudo o que calçares será ferro e bronze; ou por esta outra: — Na tua terra haverá tal abundância de ferro e de bronze, que vos podeis calçar com estes metais. Tanta copia aeris et ferri ut possis ex iis calceos conficere (Tirino). Porém, segundo a opinião mais corrente, estas palavras designam a força e o valor nunca desmentido da tribo a quem se referem: Fors sicut aes et ferrum habitatio tua. Cornélio a Lapide.

(1) SARIA MOISÉS — Os intérpretes concordam em que

Deuteronômio 34, 2-5

2 e todo o Neftali, e tôda a terra de Efraim e de Manassés, e todo o país de Judá até o mar último, (2)

3 e a parte meridional, e o espaçoso campo de Jericó cidade das Palmeiras até Segor. (3)

4 E o Senhor lhe disse: Eis-aí a terra, pela qual jurei a Abraão, Isaac e Jacó dizendo-lhe: Eu a darei à tua posteridade. Tu a viste com os teus olhos, e não passarás a ela.

5 E morreu ali Moisés, servo do Senhor, na terra de Moab, por mandado do Senhor; (4)

êste capítulo tenha por autor um escritor posterior, provavelmente Josué; assim entenderam os próprios exegetas hebraicos. Dicunt Hebraei hoc caput scriptum fuisse a Josue. Cornélio a Lapide.

(2) **MAR ÚLTIMO** — E' o Mediterrâneo.

(3) **CIDADE DAS PALMEIRAS** — Uns querem que seja Engaddi, cidade notável pelas suas palmeiras, urbem palmetis nobilem, como entende Calmet; outros, citando Plínio, opinam por Jericó, e procuram confirmar a sua opinião com o dito de Estrabão, t. VI, pág. 763. Hierichunten palmetis consitam.

(4) **E MORREU ALI MOISÉS** — Aqui está a notícia lacônica da morte do grande legislador do povo escolhido. Moisés foi o homem de Deus, querido do Senhor e dos homens, fiel servo de Iahvéh, legislador, poeta, historiador, notável pelas suas virtudes, grande pela sua fé, superior pela sua coragem, irrealizável pela sua piedade e obediência, zelo pela glória de Deus e amor pelo seu povo. E não se levantou mais em Israel profeta algum como Moisés; nestas palavras do v. 10 está traçado, por inspiração divina, todo o elogio do libertador de Israel. Razão pois tem Bossuet quando escreveu: "Moisés não só foi admirado pelo seu povo, como por todos os povos do mundo; legislador algum goza tão grande renome entre os homens. Da mesma maneira que Roma reverenciava as leis de Rômulo, de Numa e das Doze tábuas; Atenas as de Sólon; Lacedemônia as de Licurgo, o povo hebreu citava a cada passo, e com o máximo acatamento, as de Moisés. De resto, êste sábio legislador tinha regulado tôdas as coisas com tão elevado critério, que nunca houve necessidade de alterar disposição alguma. E' porque o corpo de direito judaico não é a compilação de dife-

6 e o sepultou no vale da terra de Moáb, defronte de Fogor: e nenhum homem tem sabido até hoje o lugar da sua sepultura.

7 Tinha Moisés cento e vinte anos, quando morreu: nunca a vista se lhe diminuiu, nem os dentes se lhe abalaram.

8 E os filhos de Israel o choraram na planície de Moab por trinta dias: e se completaram os dias do pranto dos que choravam a Moisés.

9 E Josué pois, filho de Nun, foi cheio do espírito de sabedoria, porque Moisés lhe tinha imposto as suas mãos. E os filhos de Israel lhe obedeceram, e fizeram como o Senhor tinha mandado a Moisés.

10 E não se levantou mais em Israel profeta algum como Moisés, com quem o Senhor tratasse cara a cara:

11 Nem semelhante em sinais e portentos, como os que em virtude da sua missão fêz na terra do Egito a Faraó, e a todos os seus servos, e a todo o seu reino,

12 nem semelhante em tôdas as coisas fortes, e maravilhas grandes, quais as que obrou Moisés à vista de todo o Israel.

rentes leis feitas em ocasiões diferentes: Moisés, esclarecido por Deus, previu tudo... Mas o que há ainda de mais belo nesta lei, é que preparava o caminho para uma outra lei mais augusta, mais singela no cerimonial, mas mais fecunda em virtudes. "Bossuet, *Discours sur l'histoire universelle*, II, III." E' claro, porém, e isso já foi dito, mas não é demais repeti-lo, que esta adição, que não teve por autor Moisés, nada prova contra a origem mosaica do Pentateuco. Num livro bem conhecido, que contém uma série de artigos do padre José Agostinho de Macedo, *O Desengano*, o anônimo compilador escreveu, no fim, uma nota em que declara quando adoeceu e morreu, o autor, sem que isso de modo algum vá contender com a autenticidade do que está anteriormente escrito.

J O S U É

O Livro de Josué é um dos *livros históricos* do Antigo Testamento, que vai continuar a história do povo de Deus, começada no *Êxodo, Números e Deuterônimo*, contendo a narração da conquista da Terra Prometida e a divisão do país conquistado entre as tribos de Israel. Podemos dividi-lo em duas grandes partes: 1.^a Conquista da Palestina, compreendendo os capítulos 1 a 12; 2.^a Divisão do território, os capítulos 13 a 21. Termina por um suplemento, que compreende: 1.^o A narração de fatos relativos às tribos do outro lado do Jordão, 22. 2.^o Os avisos de Josué a Israel, nos últimos dias da sua vida, 23. 3.^o As suas despedidas e exortação final, 24, 1-4. 4.^o O restabelecimento da aliança dos hebreus com Deus, 24, 25-28. 5.^o A narração da morte de Josué e Eleazar, 24, 33. Quem é o autor dêste livro? A resposta a esta pergunta tem sido objeto de importantes e curiosas discussões; porém, a *tradição judaica*, consignada no Talmud e seguida pelos melhores críticos, atribui a composição ao próprio Josué, excetuada, é claro, a narração da sua morte e a de Eleazar. Várias razões intrínsecas confirmam êste parecer; entre elas apontaremos as seguintes: 1.^a O emprêgo da primeira pessoa, por três vêzes, no texto original, no c. 4, 23, *óbrenou*, e ainda no 5, 1. 6. 2.^a O Livro dos *Juízes*, como teremos

ocasião de notar, foi escrito no tempo do estabelecimento da realza em Israel; ora não se pode admitir que o livro de Josué não estivesse já escrito. 3.^a O modo como o autor conta incidentalmente a história de Josué, escrevendo como tendo sido testemunha ocular, parece indicar a própria mão de Josué. 4.^a O último discurso, que vem no c. 24, está escrito com tal acento, que nos deixa ver que o orador e o escritor são o mesmo personagem. 5.^a Não se encontra em todo o Livro de Josué uma única palavra de elogio a êste Santo Patriarca; ora não é crível que, sendo o autor posterior, não tivesse tido uma palavra de louvor para um homem de tão elevada estatura, como aliás sucedeu com o autor do *Eclo*, 46, 1-12, que lhe tece rasgados elogios. Tôdas estas razões são suficientes para nos levarem a acreditar na tradição universalmente seguida; mas ainda há uma outra razão: E' que Josué tinha grande utilidade em fixar pela escrita todos êstes fatos, para o bom cumprimento da missão, que lhe havia sido confiada. Finalmente, a unidade que se encontra em todo o livro, a uniformidade do estilo e da expressão, as semelhanças com a linguagem do *Pentateuco*, sem que contudo apareçam os arcaísmos usados por Moisés, são provas da autenticidade e integridade dêste livro, em que pese à crítica racionalista, que não consegue opor um argumento sério, bem fundado, contra esta autenticidade.

JOSUÉ

CAPÍTULO 1

JOSUÉ CONFORTADO PELO SENHOR, ORDENA AO POVO QUE SE PONHA PRESTES PARA PASSAR O JORDÃO; E QUE CONDUZA, COMO IRMÃO, OS DAS TRIBOS DE RÚBEN, DE GAD, E DA MEIA DE MANASSÉS.

1 Foi assim, que depois da morte de Moisés, servo do Senhor, falou o Senhor a Josué filho de Nun, ministro de Moisés, e lhe disse: (1)

2 Moisés, meu servo, é morto: Levanta-te e passa êsse Jordão tu, e todo o povo contigo, para entrar na terra, que eu darei aos filhos de Israel.

3 Todo o lugar, que pisarem as plantas de vossos pés, eu vo-lo entregarei, como disse a Moisés.

4 Os vossos limites serão desde o deserto e desde o Líbano até o grande rio Eufrates, todo o país dos heteus até o mar grande para o poente. (2)

5 Nenhum vos poderá resistir todo o tempo que viveres: Como eu fui com Moisés, assim serêi contigo: Não te deixarei, nem desampararei.

(1) **JOSUÉ** — Segundo o testemunho de Flávio Josefo, Josué deveria ter neste tempo 85 anos. Antig. Jud. 6, 29.

(2) **O MAR GRANDE** — E' um dos nomes do Mediterrâneo.

6 Tem ânimo, e sê robusto: Porque tu hás de repartir por sorte a êste povo a terra, que prometi com juramento a seus pais, que lhes havia de entregar.

7 Tem ânimo pois, e revestê-te de grande valor, para observares, e cumprires tôda a lei, que Moisés meu servo te deixou prescrita: Não te arredes dela nem para a direita nem para a esquerda, a fim de entenderes tudo o que fazes.

8 Não se aparte da tua bôca o livro desta lei: Mas meditarás nêle de dia e de noite, para observares e cumprires tudo o que nêle está escrito: Então levarás o teu caminho direito, e te conduzirás por êle com inteligência. (3)

9 Olha que eu to mando, tem ânimo, e sê robusto. Não temas, nem hajas mêdo: Porque o Senhor teu Deus é contigo para qualquer parte que fores.

10 Mandou pois Josué aos príncipes do povo, dizendo: Passai pelo meio do arraial, e dai ao povo esta ordem, e dizei-lhe:

11 Provei-vos de mantimentos: Porque depois do terceiro dia haveis de passar o Jordão, e entrareis a possuir a terra, que o Senhor vosso Deus vos há de dar. (4)

12 Disse também aos da tribo de Rúben e aos da tribo de Gad, e à meia tribo de Manassés:

13 Lembrai-vos do que vos ordenou Moisés, servo

(3) **NÃO SE APARTE DA TUA BOCA O LIVRO DESTA LEI** — Querem estas palavras dizer: que seja a base de tôdas as instruções que forem dirigidas ao povo.

(4) **PROVEI-VOS DE MANTIMENTOS** — Não de maná, que ainda caía, segundo se vê no c. 5, v. 12 dêste mesmo livro, mas que se não podia conservar, porque facilmente se deteriorava, mas doutras provisões alimentícias, ao alcance dos hebreus em virtude das suas conquistas. Cfr. Vigouroux.

do Senhor, dizendo: O Senhor vosso Deus vos deu descanso e toda esta terra.

14 Vossas mulheres, e filhos e animais ficarão na terra, que Moisés vos entregou desta banda do Jordão: Mas vós todos os que sois valentes, passai armados na frente de vossos irmãos, e pelejai por eles, (5)

15 até que o Senhor dê descanso a vossos irmãos, bem como vo-lo deu a vós, e também eles possuam a terra, que o Senhor vosso Deus tem de lhes dar: E depois disto voltareis vós para a terra que possuís, e habitareis naquela que vos deu Moisés servo do Senhor, desta banda do Jordão para o nascente.

16 E eles responderam a Josué, e disseram: Nós faremos tudo o que nos ordenaste: E iremos para onde quer que nos mandares.

17 Assim como em tudo obedecemos a Moisés, do mesmo modo obedeceremos também a ti: Sòmente que o Senhor teu Deus seja contigo, assim como foi com Moisés.

18 Aquêlê que contradisser as palavras da tua bôca, e não obedecer a tudo o que lhe mandares, morra: Sòmente que tenhas ânimo, e obres com valor.

CAPÍTULO 2

MANDA JOSUÉ DOIS ESPIAS A RECONHECER A CIDADE DE JERICÓ. RAAB OS SALVA: ELES LHE PROMETEM QUE A ELA SE LHE CONSERVARÁ A VIDA.

1 Enviou, pois Josué filho de Nun secretamente desde Cetim dois espias e lhes disse: Ide, e reconhecei bem a terra e a cidade de Jericó. Eles partiram e entraram em

(5) **VOSSAS MULHERES E FILHOS** — Não se deve tomar à letra esta expressão, porque não é crível que ficassem ali

casa de uma mulher prostituta, por nome Raab, e pousaram em sua casa. (1)

2 E deu-se notícia ao rei de Jericó, e foi-lhe dito: Olha que entraram aqui de noite uns homens dos filhos de Israel, para reconhecer a terra.

3 Mandou pois o rei de Jericó dizer a Raab: Faze sair êsses homens, que vieram a ti, e entraram em tua casa: Porque são espias, e vieram reconhecer tôda a terra. (2)

4 Mas a mulher tomando os homens, os escondeu, e disse: Confesso que êles vieram a minha casa; mas eu não sabia de onde eram.

5 E quando se fechava a porta, sendo já escuro, saíram êles ao mesmo tempo, e não sei para onde foram: Ide após êles depressa, e encontrá-los-eis.

6 Ela porém tinha feito subir os homens ao terraço da sua casa, e os tinha coberto com a palha de linho, que ali havia. (3)

mulheres e crianças, expostas às agressões das tribos vizinhas, não tendo quem as defendesse. De fato, sabe-se que o recenseamento dos Núm 26 acusava, para as tribos de Rúben, Gad, e metade de Manassés, um total de 110 mil soldados, dos quais só 40 mil passaram o Jordão, para a conquista de Canaã:

(1) **OETIM** — Ou Abeatim, ficava a este do Jordão, de frente de Jericó.

JERICÓ — Falar-se-á no c. 6.

(2) **PORQUE SÃO ESPIAS** — Os espões são de todos os tempos, e em vários lugares a Sagrada Escritura faz referências à sua existência; veja-se o que dizem o Gên 42, 9-14 e os Núm 13, 26. Uma pintura de Tebas representa o castigo infligido pelos egípcios aos espões heteus.

(3) **TERRAÇO** — As casas dos hebreus tinham um terraço de madeira e betume, com uma balaustrada e duas escadas, uma interior e outra exterior, e duas portas, uma para fora e outra para dentro de casa. Estes terraços eram planos. Tecto ibi plana erant, ne quis decideret (Lapide), e por isso, sem receio, podiam

7 E os que tinham sido enviados, os foram seguindo pelo caminho, que conduz ao vau do Jordão: E logo que eles saíram se fechou a porta.

8 Ainda os homens, que estavam escondidos, não tinham pegado no sono, eis que subiu a eles a mulher, e lhes disse:

9 Eu sei que o Senhor vos tem entregado a terra: Porque o terror do vosso nome se apoderou de nós, e todos os habitantes da terra desanimaram.

10 Nós ouvimos que o Senhor secou as águas do mar Vermelho à vossa entrada, quando saístes do Egito: E o que tínheis feito aos dois reis dos amorreus, que estavam da banda de além do Jordão: A Seon e a Og, os quais matastes.

11 E quando isto ouvimos tivemos grande medo, e o nosso coração desmaiou, e não ficou alento em nós à vossa entrada: Porque o Senhor vosso Deus, êsse mesmo é o Deus lá em cima no céu, e cá em baixo na terra.

12 Agora pois jurai-me por êste Senhor, que usareis com a casa de meu pai da mesma misericórdia, de que eu usei convosco: E que me dareis um sinal seguro, (4)

13 de que salvareis a meu pai e a minha mãe, a meus irmãos e a minhas irmãs, e a tudo o que fôr dêles, e livrareis as nossas almas da morte.

14 Eles lhe responderam: A nossa alma seja por vós até à morte, contanto que tu nos não faças traição: E quando o Senhor nos entregar êste país, usaremos contigo de misericórdia e de verdade. (5)

estar ali várias pessoas. A Vulgata traduziu o hebreu *hagagah* por *solarium*, porque êstes terraços estavam expostos ao sol. *Solaria dicta sunt, quia Soli exposita* (Lapide).

(4) **JURAI-ME POR ÊSTE SENHOR** — Fórmula de juramento, já por várias vezes empregada na Bíblia.

(5) **A NOSSA ALMA SEJA POR VÓS ATÉ A MORTE** —

15 Ela pois os fêz descer por uma corda pela janela: Porque a sua casa estava pegada com o muro. (6)

16 E disse-lhes: Subi para a montanha, não suceda que êles vos encontrem quando voltarem: E deixai-vos lá estar escondidos três dias até que êles tornem, e depois tomareis o vosso caminho. (7)

17 Êles lhe responderam: Nós seremos inocentes no tocante a êste juramento, que tu nos fizeste dar:

18 Se quando nós entrarmos nesta terra, estiver por sinal êste cordão de escarlata, e o atares à janela, por onde nos fizeste descer. Se tiveres recolhido em tua casa a teu pai e a tua mãe, e a teus irmãos e a tôda a tua parentela.

19 Se algum sair da porta de tua casa, o seu sangue cairá sôbre a sua cabeça e nós ficaremos sem culpas, mas o sangue de todos os que estiverem contigo em tua casa cairá sôbre a nossa cabeça, se algum os tocar.

20 Porém se tu nos quiseses fazer traição, e publicares isto que te dizemos, ficaremos desobrigados dêste juramento, com que tu nos conjuraste.

21 E ela respondeu: Faça-se assim, como vós disestes: e deixando-os partir, pendurou o cordão de escarlata à sua janela.

22 E êles andando chegaram aos montes, e lá se

Isto é, que antes morramos do que deixemos de cumprir o vosso pedido.

(6) **UMA CORDA** — As cordas eram feitas de elementos muito resistentes, que podiam com semelhante pêso; entravam na sua composição o linho, o pêlo do camelo, as fibras da palmeira, etc.

(7) **MONTANHA** — Que se chama hoje da Quarentena, por ter sidô af que Jesus Cristo jejuou por quarenta dias. Mt 4, 1. Está a oeste de Jericó e por consequência do lado oposto ao caminho que conduz ao Jordão, e que era o que os espiões deviam seguir.

deixaram estar três dias, até que voltaram os que iam em seu seguimento: porque êstes, tendo-os buscado por todo o caminho, não os acharam. (8)

23 E depois que êles entraram na cidade, os espias, tendo descido do monte, deram volta: E passado o Jordão, chegaram a Josué filho de Nun, e lhe contaram tudo o que lhes havia acontecido,

24 e disseram-lhe: O Senhor entregou todo êste país nas nossas mãos, e todos os seus habitantes estão consternados de medo.

CAPÍTULO 3

PASSAM OS ISRAELITAS MILAGROSAMENTE O JORDÃO A PÉ ENXUTO.

1 Josué pois, levantando-se de noite, descampou o exército: E saindo de Cetim êle e todos os filhos de Israel, chegaram ao Jordão, e aí se detiveram três dias.

2 Passados êstes, atravessaram os pregoeiros pelo meio do arraial, (1)

3 e começaram a dizer em alta voz: Logo que vós virdes a arca da aliança do Senhor vosso Deus, e os sacerdotes da linhagem de Levi levando-a, levantai-vos vós também, e ide em seguimento dos que forem adiante: (2)

4 e haja entre vós e a arca o espaço de dois mil covados: A fim de a poderdes ver de longe, e conhecer o

(8) **E LA SE DEIXARAM ESTAR** — Provavelmente nas cavernas, freqüentes naquela região.

(1) **PREGOEIROS** — Segundo o texto original, êstes eram os príncipes do povo.

(2) **A ARCA DA ALIANÇA** — E não mais a coluna de fogo e de nuvem, cujo papel terminou.

Josué 3, 5-13

caminho por onde deveis ir: Porque nunca antes por êle andastes: E vêde, não vos chegueis perto da arca. (3)

5 E Josué disse ao povo: Santificai-vos: Porque amanhã fará o Senhor maravilhas entre vós.

6 E disse aos sacerdotes: Tomai a arca do concêrto, e caminhai adiante do povo. E êles executando a sua ordem tomaram a arca, e caminharam adiante dêles.

7 E disse o Senhor a Josué: Hoje começarei eu a exaltar-te diante de todo o Israel: Para que êles saibam que eu sou contigo, bem como fui com Moisés.

8 Manda pois aos sacerdotes, que levam a arca do concêrto, e dize-lhes: Tanto que tiverdes entrado em parte da água do Jordão, paraí aí.

9 E Josué disse aos filhos de Israel: Chegai-vos cá, e ouvi a palavra do Senhor vosso Deus.

10 E acrescentou: Nisto conhecereis vós que o Senhor, o Deus vivo, está no meio de vós, e que êle destruirá a vossos olhos os cananeus e os heteus, os heveus e os fereuseus, os gergeseus e os jebuseus e os amorreus.

11 Eis-aí que a arca da aliança do Senhor de tôda a terra irá adiante de vós atravessando o Jordão. (4)

12 Tende prontos doze homens das tribos de Israel, cada um de sua tribo.

13 E logo que os sacerdotes, que levam a arca do

SACERDOTES — A arca ordinariamente era conduzida pelos simples levitas, caatitas, Núm 4, 15; 7, 9, etc. Em circunstâncias solenes eram os sacerdotes que a transportavam. Cf. Jos 6, 6; 3 Rs 8; 3, etc.

(3) **DOIS MIL CÔVADOS** — Um quilômetro pouco mais.

(4) **SENHOR DE TÔDA A TERRA** — E' uma designação nova, a que não estamos habituados: ainda que haja semelhança de linguagem com o Pentateuco, contudo vê-se, por estas novas maneiras de dizer, que há um novo autor, que escreveu, não muito depois, e que ostenta uma linguagem sua.

Senhor Deus de toda a terra, tiverem metido as plantas de seus pés nas águas do Jordão, as águas debaixo seguirão a sua corrente e minguarão: E as que vêm de cima, pararão feitas num corpo. (5)

14 Saiu pois o povo das suas tendas, para passar o Jordão: e os sacerdotes, que levavam a arca do concerto, caminhavam adiante d'êles.

15 E tanto que êstes entraram no Jordão, e a água lhes começou a molhar os pés (porque o Jordão como em tempo da ceifa inundava as margens do seu leito,) (6).

16 as águas que vinham de cima, pararam num lugar e levantando-se à maneira dum monte se desco-

(5) **LEVAM A ARCA DO SENHOR** — Os milagres de Josué não se ligam à sua pessoa, como os de Moisés; foi a palavra, a mão e a vara do Legislador dos hebreus que operou no Egito os grandes prodígios; agora é a arca da aliança que separa as águas do Jordão; bem depressa serão as trombetas dos sacerdotes que farão cair os muros de Jericó, 6, 20. Todavia, foi a palavra de Josué que realizou um dos mais estupendos milagres do Antigo Testamento, a paragem do Sol na batalha de Gabaon, 10, 12-14.

(6) **JORDÃO** — Este rio, tão notável na História Sagrada, atravessa a Terra Santa de norte a sul, e toma o nome da rapidez da sua carreira. Tem três nascentes: 1.^a a de Banias (a Cesaréia de Filipe, do tempo de Nosso Senhor), que brota do fundo de uma gruta cavada na rocha; 2.^a, a de Dan, a mais abundante, a cinco quartos de hora de Banias, em Tell-el-Khadi; 3.^a, a de Hasbani ou de Hasbeya, situada perto do lugar d'êste nome, sobre o Hermon. Esta nascente está a 563 metros acima do nível do mar; a de Banias, 383, e a de Tell-el-Khadi, 185. Vignes, *Extrait des notes d'un voyage d'exploration à la mer Morte*, 1865, pág. 13. Depois de ter atravessado o Honteh vai ao lago de Genesaré, um dos mais belos do mundo. Tem 20 quilômetros de comprimento por 10 de largura; e tem a forma de um oval irregular; está a 212 metros acima do nível do Mediterrâneo. A sua água é clara, límpida e fresca; abundante em pesca. Chamou-se lago Tiberíades e mar da Galiléia; hoje tem o nome de Bahr Tabariyeh. Saindo do lago de Genesaré, o Jordão prossegue na sua carreira, tem a sua foz no

briam assim de longe desde a cidade, que se chama Adom até o lugar de Sartan: as debaixo porém continuaram a correr para o mar do deserto, (que agora se chama o mar Morto) até que faltaram de todo. (7)

17 E o povo caminhava em direitura a Jericó: e os sacerdotes, que levavam a arca do concôrto do Senhor, se conservavam quedos e prestes sôbre a terra sêca no meio do Jordão, e todo o povo passava através do rio a pé enxuto.

mar Morto, onde desaparece. Na margem direita não tem afluentes prôpriamente ditos; na esquerda recebe o Hiromax e o Jaboc, chamados hoje respectivamente o Yarmak e o Zerka.

COMO EM TEMPO DE CEIFA — A narração bíblica corresponde exatamente ao que ainda hoje sucede. Os israelitas atravessaram o Jordão quatro dias antes da Páscoa. Então, como hoje, a ceifa fazia-se em abril e no comêço de maio, precedendo a colheita da cevada duas ou três semanas. Então, como ainda agora, há uma notável elevação das águas do rio, que sai muitas vêzes das suas margens, estendendo-se a inundação pelas terras de semeadura (Dr. Robinson). Não é fácil precisar com rigor o local em que se efetuou a passagem, apenas sabemos que este lugar era fronteiro a Jericó. Os israelitas desciam das alturas do Moab, acamparam na planície junto das montanhas, perto duma cidade chamada Cetim, cujo nome devia derivar dos seus bosques de acácias. Núm 23, 48. 49. Daí partiram para as margens do Jordão, e permaneceram ali antes da passagem do rio, num ponto que fica defronte de Jericó (Porter).

(7) **PARARAM NUM LUGAR** — E' impossível deixar de reconhecer aqui um fato sobrenatural. Alguns têm pretendido reduzir às proporções dum acontecimento natural este fato, dizendo que os hebreus tinham transposto o rio a vau; porém, a leitura do capítulo torna inadmissível e fantasiosa esta interpretação. Josué confessa o maravilhoso do acontecimento e refere-o à casualidade Divina.

ADOM — E' provavelmente o Tell Danieh atual.

SARTAN — Talvez o moderno Tell-es-Saren.

CAPÍTULO 4

MONUMENTOS QUE JOSUÉ PÔS DEPOIS DA PASSAGEM DO JORDÃO.

1 Depois que êles passaram, disse o Senhor a Josué:

2 Escolhe doze homens, um de cada tribo:

3 e manda-lhes que tomem do meio da madre do Jordão, onde os pés dos sacerdotes estiveram parados, doze pedras duríssimas, as quais vós poreis no lugar do acampamento, em que esta noite haveis de plantar as tendas.

4 Chamou pois Josué os doze homens, que tinha escolhido dentre os filhos de Israel, um de cada tribo,

5 e disse-lhes: Ide diante da arca do Senhor vosso Deus ao meio do Jordão, trazei de lá cada um sua pedra sôbre vossos ombros, segundo o número dos filhos de Israel,

6 para que seja sinal entre vós: e quando amanhã vos perguntarem vossos filhos, dizendo: Que significam estas pedras?

7 vós lhes respondereis: As águas do Jordão desapareceram diante da arca do concôrto do Senhor, quando passava por êle: e por isso se puseram estas pedras para servirem aos filhos de Israel dum eterno monumento.

8 Fizeram pois os filhos de Israel como Josué lhes tinha ordenado, levando do meio do leito do Jordão doze pedras, segundo o número dos filhos de Israel, como o Senhor tinha mandado a Josué. até o lugar onde se acamparam, e ali as puseram.

9 Pôs também Josué outras doze pedras no meio do leito do Jordão, onde pararam os sacerdotes, que leva-

Josué 4, 10-17

vam a arca do concêrto: e ali se conservam até ao dia de hoje. (1)

10 Os sacerdotes porém que levavam a arca, estavam parados no meio do Jordão, até se cumprir tudo o que o Senhor tinha mandado a Josué que dissesse ao povo, e que Moisés lhe tinha dito. E o povo se apressou, e passou.

11 E logo que passaram todos, passou também a arca do Senhor, e os sacerdotes iam adiante do povo.

12 E os filhos de Rúben, e de Gad, e a meia tribo de Manassés, iam também armados adiante dos filhos de Israel, conforme lhes tinha ordenado Moisés:

13 e quarenta mil combatentes marchavam debaixo das suas bandeiras, e em diversos corpos, pelas planícies e campinas da cidade de Jericó.

14 Neste dia engrandeceu o Senhor a Josué diante de todo o Israel, para êles o reverenciarem, como tinham reverenciado a Moisés, quando ainda vivia. (2)

15 E lhe disse:

16 Manda aos sacerdotes, que levam a arca do concêrto, que saiam do Jordão.

17 Êle lho mandou, dizendo: Saí do Jordão.

(1) **AO DIA DE HOJE** — Esta locução encontra-se trezo vêzes em hebreu no livro de Josué, a saber: 4, 9; 5, 9; 6, 25; 7, 26 (duas vêzes); 8, 29; 9, 27; 10, 27; 13, 13; 14, 14; 15, 63; 22, 3.17; além disto a Vulgata inseriu-a no 14, 10, em que não há correspondência no original. E' possível, diz Vigouroux, que em tôdas estas passagens estejamos em presença duma glosa aposta mais tarde ao texto original, mas anterior à tomada de Jerusalém, que teve lugar no oitavo ano do reinado de Davi, pois que nós vemos, 15, 63, que a tribo de Judá não tinha podido ainda expulsar os jebuseus desta cidade.

(2) **ENGRANDECEU O SENHOR** — Para assim firmar aos olhos do povo, que estava incumbido de dirigir, as graças e favores que a Providência magnânimamente lhe liberalizara.

18 E tendo saído levando a arca do concôrto do Senhor, logo que começaram a pisar a terra sêca, tornaram as águas à sua madre, e correram como costumavam antes.

19 O povo porém saiu do Jordão, no dia dez do primeiro mês, e se acamparam em Galgala pela banda oriental da cidade de Jericó.

20 Colocou também Josué em Galgala as doze pedras, que tinham tomado do fundo do Jordão,

21 e disse aos filhos de Israel: Quando vossos filhos amanhã perguntarem a seus pais, e lhes disserem: Que querem dizer estas pedras?

22 Vós os ensinareis, e lhes direis: Israel passou a pé enxuto êste Jordão,

23 tendo o Senhor vosso Deus secado as suas águas à vossa vista, até que passásseis:

24 Assim como Êle o tinha feito antes no mar Vermelho, ao qual secou até que passássemos:

25 Para que todos os povos da terra conheçam, que a mão do Senhor é poderosíssima: e vós também em todo o tempo temais o Senhor vosso Deus.

CAPÍTULO 5

OS ISRAELITAS RECEBEM A CIRCUNCISÃO E CELEBRAM A PASCOA. CESSA O MANÁ. UM ANJO APARECE A JOSUÉ.

1 Depois que todos os reis dos amorreus, que habitavam na outra banda do Jordão, ao ocidente, e todos os reis de Canaã, que possuíam os lugares vizinhos ao mar grande, ouviram que o Senhor tinha secado as águas do Jordão à vista dos filhos de Israel até que passassem, enfraqueceu-se-lhes o coração, e não ficou nêles alento, temendo a entrada dos filhos de Israel.

2 Naquele tempo disse o Senhor a Josué: Faze umas facas de pedra, e circuncida segunda vez aos filhos de Israel. (1)

3 Fêz Josué o que o Senhor lhe mandara, e circuncidou os filhos de Israel no Outeiro dos Prepúcios.

4 E a causa desta segunda circuncisão é esta: Todos os varões de entre o povo, que tinham saído do Egito em idade de tomar armas, tinham falecido no deserto em os larguíssimos rodeios do caminho,

5 e êstes todos tinham sido circuncidados. Porém o povo que nasceu no deserto,

6 durante os quarenta anos de marcha por aquela vastíssima solidão estava por circuncidar: Até que morreram aquêles que não tinham ouvido a voz do Senhor, e aos quais Ele antes tinha jurado que lhes não mostraria a terra que manava leite e mel. (2)

7 Os filhos dêstes sucederam no lugar de seus pais, e foram circuncidados por Josué: Porque estavam com o seu prepúcio, assim como tinham nascido, e ninguém os tinha circuncidado no caminho.

8 Porém depois que todos foram circuncidados, ficaram no mesmo lugar do acampamento, até que sarassem.

9 E disse o Senhor a Josué: Hoje tirei eu de cima

(1) **FACAS DE PEDRA** — Os antigos egípcios serviam-se de facas de sílex. Os Setenta dizem, 24, 30, que posteriormente foram depostos no túmulo de Josué os instrumentos que tinham servido em Galgala. Ora, no túmulo descoberto por Vítor Guérin em 1863, e que se julga, segundo tôdas as probabilidades, ser o de Josué, o padre Richard achou, em 1870, facas de sílex, que deviam ser muito semelhantes às usadas pelos hebreus para a circuncisão.

(2) **ESTAVA POR CIRCUNCIDAR** — As condições de vida de desertos rodeados de tribos hostis, vivendo como nômadas, tornaram impraticável a circuncisão, principalmente porque o circuncidado precisava de uns dias para a sua cura.

de vós o opróbrio do Egito. E ficou aquêlê lugar chamando-se Galgala, até o dia presente. (3)

10 E permaneceram os filhos de Israel em Galgala, e celebraram a Páscoa, no dia catorze do mês pela tarde, na planície de Jericó:

11 e ao outro dia comeram dos frutos da terra, pães asmos, e farinha de cevada torrada do mesmo ano.

12 E depois que êles comeram dos frutos da terra, cessou o maná, nem os filhos de Israel usaram mais dêste alimento, mas comeram dos frutos, que a terra de Canaã tinha dado aquêlê ano.

13 E estando Josué no campo da cidade de Jericó, levantou os olhos, e viu um homem pôsto em pé diante dêle, que tinha uma espada nua, e foi ter com êle, e disse-lhe: Tu és dos nossos, ou dos inimigos?

14 O qual lhe respondeu: Não: Mas sou o príncipe do exército do Senhor, e agora venho.

15 Josué se lançou com o rosto em terra. E adorando-o disse: Que diz meu Senhor ao seu servo?

16 Tira, lhe disse êle, o calçado de teus pés: Porque o lugar, em que estás, é santo. E Josué fêz como se lhe havia mandado.

CAPÍTULO 6

CERCO E TOMADA DE JERICÓ. RAAB É SALVA COM OS DA SUA FAMÍLIA. MALDIÇÕES CONTRA AQUELE QUE REEDIFICAR JERICÓ.

1 Jericó porém estava fechada e bem fortificada, pelo temor que nela havia dos filhos de Israel, e nenhum ousava sair nem entrar. (1)

(3) **GALGALA** — Hoje Tell-el-Djeldjul, colina situada a meio caminho entre o Jordão e Jericó.

(1) **JERICÓ** — Notam-se três localidades diferentes com

Josué 6, 2-6

2 E disse o Senhor a Josué: Eis-aí pus eu na tua mão a Jericó, e ao seu rei, e a todos os seus valentes homens.

3 Dai volta à cidade todos os homens de guerra uma vez no dia: e fareis o mesmo seis dias.

4 Mas no dia sétimo os sacerdotes tomem as sete trombetas, de que se usa no ano do jubileu, e marchem adiante da arca do concêrto: rodeareis sete vêzes a cidade, e os sacerdotes tocarão as trombetas. (2)

5 E quando as trombetas fizerem um sonido mais largo e penetrante, e vos ferir os ouvidos, todo o povo a uma voz dará um grande grito, e então cairão os muros da cidade até os fundamentos, e cada um entrará por aquêlê lugar que lhe ficar defronte.

6 Chamou pois Josué filho de Nun os sacerdotes, e lhes disse: Tomai a arca do concêrto, e outros tantos

êste nome: a primeira, que é esta de que se trata aqui; a segunda, a do tempo de Jesus Cristo; e a terceira, a do tempo de Eusébio e de S. Jerônimo, que é a Riha dos árabes. Quando os israelitas atravessaram o rio, ergueu-se diante dêles Jericó. Era uma das cidades mais importantes da Palestina, situada no vale do Jordão, sendo a chave da terra de Canaã; possuía uma rica floresta de palmeiras, das quais a última desapareceu em 1838; regada por salutíferas águas, dotada duma vegetação abundante, sobravam nela todos os recursos. Era, porém, difícil de invadir, porque a cercavam altas muralhas.

(2) **TROMBETAS** — Neste versículo e no seguinte o original hebraico designa estas trombetas por três palavras diferentes: *sofar*, que é o nome especial da trombeta; *geren*, que significa chifre, porque as primeiras trombetas foram feitas dos chifres dos animais; e finalmente *yobel*, onomatopaico e que significa carneiro; segundo o Talmud, os judeus usavam só o chifre do carneiro, em memória do carneiro substituído ao sacrifício de Isaac; as armas do boi eram proscritas por causa da idolatria do bezerro de ouro.

sacerdotes tomem as sete trombetas do jubileu, e marchem adiante da arca do Senhor.

7 Disse também ao povo: Ide, e dai volta à cidade armados, indo adiante da arca do Senhor.

8 E tanto que Josué acabou de dizer estas palavras, os sete sacerdotes tocaram as sete trombetas adiante da arca do concôrto do Senhor,

9 e todo o exército armado marchava adiante, a outra gente ia atrás da arca, e por tôdas as partes retinha o sonido das trombetas.

10 Josué porém tinha ordenado ao povo, dizendo: Vós não gritareis, nem se ouvirá a vossa voz, nem sairá da vossa bôca uma só palavra, menos que não chegue o dia em que eu vos diga: Gritai, e dai vozes.

11 Deu pois a arca do Senhor volta à cidade uma vez no dia, e tornando para o arraial, ficou ali.

12 Levantando-se, pois, Josué, antes de amanhecer, tomaram os sacerdotes a arca do Senhor,

13 e sete dêles tomaram as sete trombetas, que servem no ano do jubileu: e marchavam adiante da arca do Senhor andando e tocando as trombetas: E o povo armado marchava adiante dêles, e o resto da gente seguia a arca, e ressoavam as trombetas.

14 E tendo dado volta à cidade uma vez no segundo dia, tornaram para o arraial. Assim fizeram seis dias.

15 Mas ao dia sétimo, levantando-se de madrugada, deram volta à cidade sete vêzes, como se lhes tinha ordenado.

16 E quando os sacerdotes tocavam as trombetas à sétima volta, disse Josué a todo o Israel: Gritai: Porque o Senhor vos entregou a cidade.

17 E esta cidade, e tudo o que há nela seja anátima ao Senhor: Fique só com vida a prostituta Raab

com todos os que estão em sua casa: Porque occultou os mensageiros que enviamos. (3)

18 Vós porém guardai-vos de tocar alguma destas coisas, contra o que se vos mandou, e de que sejais réus de prevaricação, e tragaiis sôbre todo o campo de Israel a turbação e o pecado.

19 Mas tudo o que se achar de ouro e prata, e de vasos de bronze e de ferro, seja consagrado ao Senhor, e depositado nos seus tesouros.

20 Com isto levantando todo o povo a grita, e soando as trombetas, tanto que a voz e o sonido chegou aos ouvidos da multidão, caíram de repente os muros: E cada um subiu pelo lugar, que lhe ficava defronte: E tomaram a cidade, (4)

21 e mataram a todos os que nela encontraram, desde os homens até as mulheres, e desde as crianças

(3) **TUDO O QUE HA NELA SEJA ANATEMA** — As coisas e as pessoas. Jericó era a primeira cidade de Canaã, que ia cair em posse dos israelitas; parece porém que Deus quis reservar para Si as primícias da Terra Prometida, exigindo que os despojos desta cidade fôsem para o tesouro do Santuário.

(4) **CAIRAM DE REPENTE OS MUROS** — E' mais um milagre notável, contra o qual a critica racionalista tem dirigido os mais rudes ataques. Uns supuseram que se tratava apenas dum vulgar terremoto, que desmoronou os muros; outros entenderam que Josué durante os dias precedentes tinha minado os muros, e que os passeios ao redor da cidade tinham por fim disfarçar o que se estava fazendo; outros dizem que houve apenas um assalto em forma, e que o sinal combinado era o toque das trombetas; e outros, finalmente, dizem que não há mais do que a linguagem figurada, dizendo que os muros de Jericó caíram ao estrépito das trombetas de guerra. Porém, diz Vigouroux, se tais explicações fôsem verdadeiras, a narração de Josué seria uma mentira. Basta ler o c. 6 para que nos convençamos de que é inconciliável com estas interpretações e que o autor entende contar um milagre, humanamente inexplicável.

até os velhos. Passaram também ao fio da espada bois e ovelhas e jumentos.

22 Então disse Josué aos dois homens, que tinham sido enviados por espias: Entrai em casa da mulher prostituta, e fazei-a sair com tudo o que lhe pertence, como vós lho prometestes com juramento.

23 E tendo entrado na casa os dois mancebos, tiraram para fora a Raab, e a seus pais, também a seus irmãos e a todos os móveis, e a toda a parentela, e fizeram-nos ficar fora do campo de Israel.

24 E puseram fogo à cidade, e a tudo o que se achou nela, à exceção do ouro e da prata, dos vasos de bronze e de ferro, que consagraram para o tesouro do Senhor.

25 Mas a Raab prostituta, e a casa de seu pai, com tudo o que ela tinha, salvou Josué a vida: e ficaram habitando no meio de Israel até o dia de hoje: porque ela ocultara os mensageiros, que elle tinha enviado a reconhecer a Jericó. Então proferiu Josué esta imprecação, dizendo:

26 Maldito seja diante do Senhor o homem que levantar e reedificar a cidade de Jericó: Morra-lhe o seu primogênito, quando lhe lançar os fundamentos, e perca o último de seus filhos, quando lhe puser as portas.

27 Foi pois o Senhor com Josué, e o seu nome se divulgou por toda a terra.

CAPÍTULO 7

ATACAM OS ISRAELITAS A CIDADE DE HAI: SÃO RECHACADOS COM PERDA. CRIME DE ACAN DESCOBERTO E PUNIDO.

1 Mas os filhos de Israel violaram o mandamento, e tomaram para si do anátema. Porque Acan, filho de Carmi, filho de Zabdi, filho de Zará, da tribo de Judá,

tirou alguma coisa do anátema: e o Senhor se irou contra os filhos de Israel.

2 E enviando Josué de Jericó homens contra Hai, que é ao pé de Betaven, ao nascente da cidade de Betel, lhes disse: Subi e reconhecei a terra. Eles cumprindo com as ordens reconheceram Hai. (1)

3 E voltando lhe disseram: Não suba todo o povo, mas vão só dois ou três mil homens, e destruam a cidade: por que se há de fatigar debalde todo o povo contra tão poucos inimigos? (2)

4 Subiram pois três mil combatentes. Os quais voltando logo as costas,

5 foram acutilados pelos da cidade de Hai, e caíram mortos trinta e seis homens: e os inimigos os foram perseguindo desde a porta até Sabarim, e morreram fugindo pela encosta abaixo: e o coração do povo tomou medo, e se derreteu como água. (3)

6 Josué, porém, rasgou os seus vestidos, e se lançou com o rosto em terra diante da arca do Senhor, tanto êle como todos os anciãos de Israel até à tarde: e puseram cinza sobre as suas cabeças,

7 e Josué disse: Ah, Senhor Deus, por que quiseste tu que êste povo passasse o rio Jordão, para nos entregares nas mãos dos amorreus, e para nos perderes? Oxalá

(1) **HAI** — Junto de Betel estão as ruínas de Khirbet-el-Kudeireh, que determina, segundo Guérin, a posição de Hai.

BETAVEN — Na região árida que se estende a sudeste de Betel.

SUBI — Hai estava a mais de mil metros de altitude acima de Jericó.

(2) **POUCO NUMEROSOS** — Hai contava só doze mil habitantes.

(3) **SABARIM** — Localidade desconhecida, e da qual se não fala em mais nenhuma outra parte.

que nós tivéssemos ficado da outra banda do Jordão, como tínhamos começado.

8 Que direi eu, Senhor Deus meu, vendo que Israel dá costas aos seus inimigos?

9 Os cananeus, e todos os habitantes da terra o ouvirão, e unindo-se todos nos cercarão, e apagarão a nossa memória da terra: E que farás tu ao teu grande nome?

10 E o Senhor disse a Josué: Levanta-te: Por que jazes tu prostrado em terra?

11 Israel pecou, e violou o meu pacto: Pois êles tomaram do anátema, e furtaram e mentiram, e esconderam-no entre os seus móveis.

12 Israel não poderá ter-se diante dos seus inimigos, antes fugirá dêles: Porque se manchou com o anátema: Eu não serei mais convosco, enquanto não consumirdes aquêlê, que está réu desta maldade.

13 Levanta-te, santifica o povo, e dize-lhe: Estai santificados para amanhã: Porque eis-aqui o que diz o Senhor Deus de Israel: O anátema está no meio de ti, ó Israel: tu não poderás estar diante de teus inimigos, até não ser exterminado do meio de ti o que se acha manchado dêste crime.

14 E amanhã apresentar-vos-eis cada um nas vossas tribos; e a tribo sôbre que cair a sorte, se apresentará pelas suas famílias, e cada família pelas suas casas, e cada casa pelas suas pessoas. (4)

(4) CAIR A SORTE — No original hebraico está: E a tribo que Iahvéh designar, tendo a Vulgata traduzido por sorte a palavra Iahvéh, pelo que Vigouroux interpreta desta maneira: que os chefes das doze tribos tinham sido convocados para junto do grande sacerdote, e que no momento em que pãssava o chefe da tribo de Judá, de alguma maneira se manifestasse a culpabilidade desta tribo. Também, continua o sábio exegeta, se pode supor que os

15 E qualquer que se achar culpado nesta maldade, será queimado com tôdas as suas coisas: Porque violou o pacto do Senhor, e cometeu uma coisa detestável em Israel.

16 Josué pois levantando-se pela manhã, fêz ajuntar a Israel pelas suas tribos, e caiu a sorte sôbre a tribo de Judá.

17 E apresentada esta pelas suas famílias, caiu a sorte sôbre a família de Zaré. E apresentando também a esta pelas suas casas, caiu sôbre Zabdi:

18 E tomando os varões desta casa um a um, caiu sôbre Acan, filho de Carmi, filho de Zabdi, filho de Zaré, da tribo de Judá.

19 E Josué disse a Acan: O' meu filho, dá glória ao Senhor Deus de Israel, e confessa-me, e declara-me o que fizeste, não o ocultes.

20 E respondeu Acan a Josué, e disse-lhe: Na verdade eu pequei contra o Senhor Deus de Israel, e fiz assim e assim

21 porque tendo visto entre os despojos uma capa de escarlata muito boa, e duzentos siclos de prata, e uma régua de ouro de cinqüenta siclos: E cobiçando tirei estas coisas, e as escondi na terra no meio da minha tenda, e cobri o dinheiro numa cova com terra. (5)

nomes dos chefes das doze tribos, depois dos chefes de cada família e de cada casa fôsem postos numa urna e tirados sucessivamente à sorte. Vigouroux, *La Sainte Bible Polyglotte*.

(5) **UMA CAPA DE ESCARLATA** — No original hebraico está uma capa de Senaar, e na versão dos Setenta está uma vestimenta de diversas côres: uma capa de Senaar quer dizer da Babilônia, cujos estofos eram célebres, não só pela qualidade do tecido, como pela variedade e viveza das côres, predominando as côres berrantes. A correspondência encontrada em Tell-el-Amarna prova as relações freqüentes que existiam entre a Babilônia, a Palestina e o Egito. Encontram-se também despojos destes tecidos.

22 Mandou pois Josué ministros: Que, correndo à tenda de Acan, acharam tudo escondido no mesmo lugar, e o dinheiro juntamente.

23 E tirando-o da tenda o levaram a Josué, e a todos os filhos de Israel, e o lançaram fora. diante do Senhor. (6)

24 Então Josué (e todo o Israel com êle) pegando em Acan, filho de Zaré, e na prata, e na capa, e na régua de ouro, e em seus filhos e filhas, nos seus bois e jumentos, e ovelhas, e na mesma tenda, e em tudo quanto tinha, os levaram ao vale de Acor: (7)

25 Onde Josué lhe disse: Pois que tu nos turbaste, o Senhor te turbe neste dia. E todo o Israel apedrejou a Acan: E tudo o que lhe pertencia foi consumido no fogo.

26 E ajuntaram sôbre êle um grande montão de pedras, o qual permanece até o presente dia. E com isto se apartou dêles o furor do Senhor. E até hoje se chama aquêlê lugar o vale de Acor. (8)

DUZENTOS SICLOS DE PRATA — Aproximadamente cento e catorze mil réis.

UMA RÉGUA DE OURO — Uma lâmina alongada em forma de língua, que é o que significa o termo Ishon, empregado no texto original.

(6) **DIANTE DO SENHOR** — Isto é, diante da arca.

(7) **PEGANDO... EM SEUS FILHOS E FILHAS** — Porque tinham sido cúmplices, pelo menos pelo seu silêncio.

(8) **VALE DE ACOR** — Dêste fato lho veio o nome, que significa perturbação, em memória das palavras proferidas por Josué. Segundo êste, 15, 7, êste vale devia ser procurado ao sul de Galgala, talvez el-Kelt.

CAPÍTULO 8

TOMADA DA CIDADE DE HAI. BÊNÇÃOS, E MALDIÇÕES PRONUNCIADAS SOBRE OS MONTES HEBAL E GARIZIM.

1 E disse o Senhor a Josué: Não temas, nem te acobardes: Leva contigo todos os combatentes, e levantando-te sobe à cidade de Hai: Eis-aí te entreguei eu na tua mão o seu rei, e o povo, e a cidade e a terra.

2 E farás à cidade de Hai, e ao seu rei, como fizeste a Jericó, e ao seu rei: Mas repartireis entre vós a presa e todos os animais: Põe uma emboscada à cidade por detrás dela.

3 Levantou-se pois Josué, e com êle toda a gente de guerra, para marcharem contra Hai: E mandou de noite trinta mil homens escolhidos dos mais valentes, (1)

4 e lhes ordenou, dizendo: Disponde uma emboscada por detrás da cidade: Não vos alongueis muito: E estareis apercebidos todos:

5 Mas eu, e toda a gente, que está comigo, marcharemos pela parte oposta contra a cidade. E quando êles saírem contra nós, fugiremos, e dar-lhes-emos as costas, como primeiro fizemos:

6 Até que seguindo-nos se tenham pôsto longe da

(1) TRINTA MIL HOMENS — Há uma contradição entre este número e o que se encontra no v. 12. Aqui se referem 30.000, no versículo indicado cinco mil. Têm aparecido várias hipóteses para a conciliação destes dois lugares; assim dizem uns que dentre os trinta mil, só cinco mil eram válidos; outros sustentam que houve dois assaltos, um com trinta mil homens, e o outro com cinco mil. Porém, o que parece mais provável, segundo a opinião autorizada de Vigouroux, é que o número de trinta mil provém dum erro do copista, e que se deve aqui ler cinco mil, como no v. 12.

cidade: Porque hão-de cuidar que fugimos como a primeira vez.

7 Fugindo pois nós, e eles seguindo-nos, saíreis vós da emboscada, e destruireis a cidade: E o Senhor vosso Deus vo-la entregará nas mãos.

8 E depois que a tiverdes tomado, ponde-lhe fogo, e fareis tudo assim, como eu o mandei.

9 E despediu-os, e eles foram para o lugar da emboscada, e se puseram entre Betel e Hai, ao poente da cidade de Hai: E Josué ficou aquela noite no meio do povo,

10 e levantando-se de madrugada fêz revista dos que o acompanhavam, e marchou com os anciãos na frente do exército, sustido dum corpo de bons soldados.

11 E tendo chegado e subido fronteiros à cidade, fizeram alto no lado setentrional da cidade, entre a qual e eles mediava um vale.

12 Mas Josué tinha escolhido cinco mil homens, e os tinha pôsto de emboscada entre Betel e Hai, ao poente da mesma cidade:

13 E todo o mais resto do exército marchava em batalha para o setentrião, de sorte que os últimos daquela multidão alcançavam até o poente da cidade. Marchou pois Josué aquela noite, e ficou no meio do vale.

14 O que tendo visto o rei de Hai, saiu a grã pressa ao amanhecer com todo o exército, que havia na cidade e encaminhou as suas tropas para a banda do deserto, não sabendo que lhe ficava atrás uma emboscada. (2)

(2) **DESERTO** — Em hebraico esta palavra precedida do artigo ha'Arabâh, é um nome próprio, que designa o vale que se estende do lago Tiberíades ao golfo Elanítico, passando pelo mar Morto. Dt 1, 1-7; 2, 18; 3, 17. Jos 13, 1. 3. 8. Aqui se refere à planície do Jordão, que se estende ao norte do mar Morto.

Josué 8, 15-22

15 Josué porém e todo o Israel se foram retirando, fingindo medo, e fugindo pelo caminho do deserto.

16 E os de Hai levantando, ao mesmo tempo, uma grande grita, e animando-se mutuamente, os foram perseguindo. E quando já estavam longe da cidade,

17 sem que tivesse ficado nem sequer um em Hai e em Betel, que não saísse em alcance de Israel: (Deixando as suas cidades abertas de onde tinham saído de tropel),

18 disse o Senhor a Josué: Levanta contra a cidade de Hai o escudo, que tens na mão, porque eu ta entregarei. (3)

19 E tendo êle levantado o seu escudo contra a cidade, no mesmo ponto saíram os que estavam escondidos na emboscada: e encaminhando-se à cidade, a tomaram, e lhe puseram fogo.

20 Os da cidade porém, que perseguiram a Josué olhando para trás, e vendo o fumo da cidade que subia até o céu, não puderam já fugir nem para cá nem para lá: Principalmente quando os que davam mostra de fugir, e que caminhavam para o deserto, atacaram com o maior esforço aos que os tinham perseguido.

21 E vendo Josué e todo o Israel que a cidade estava tomada, e que dela subia o fumo, voltando-se contra os de Hai os passou a cutelo.

22 Porque os que tinham tomado e queimado a cidade, saindo dela para se unir com os seus, começaram a dar nos inimigos que estavam no meio. E como fôssem

(3) O ESCUDO — O termo hebraico *kidon* significa dardo, lança. O ato mandado por Deus a Josué tinha um duplo fim: servir de sinal aos soldados, e um como que símbolo da intervenção divina nesta batalha, semelhante à ação de Moisés durante a luta com Amalec, Ex 17, 9-13.

feridos por uma e por outra parte os adversários, de modo que nem sequer um se salvou de tão grande número,

23 tomaram também vivo o rei da cidade de Hai, e o apresentaram a Josué.

24 Mortos pois todos aquêles, que tinham perseguido a Israel ao fugir para o deserto, e feito no mesmo lugar um destrôço, voltaram os filhos de Israel e destruíram a cidade.

25 Os que morreram neste dia, homens e mulheres, foram doze mil, e todos da cidade de Hai.

26 E Josué não retirou a mão, que tinha levantada, tendo o escudo, até que foram mortos todos os habitantes de Hai.

27 Mas os animais e o despôjo da cidade o repartiram entre si os filhos de Israel, como o Senhor tinha mandado a Josué.

28 O qual pôs fogo à cidade, e a reduziu para sempre a um montão de ruínas.

29 Fêz também suspender dum patíbulo o rei de Hai até à tarde e ao pôr do sol. E mandou Josué, que descessem o seu cadáver da cruz: e êles o lançaram na mesma entrada da cidade, pôsto sôbre êle um grande montão de pedras que ali permanece até o presente dia.

30 Então edificou Josué um altar ao Senhor Deus de Israel sôbre o monte Hebal:

31 Conforme o que Moisés, servo do Senhor, tinha ordenado aos filhos de Israel, e está escrito no livro da lei de Moisés: o altar porém era de pedras tôscas, nas quais não tocou ferro: e ofereceu sôbre êle holocaustos ao Senhor, e imolou vítimas pacíficas. (4)

(4) NO LIVRO DA LEI DE MOISÉS — Deve-se notar que esta passagem não só pressupõe o Pentateuco, como o considera encerrado, e como um livro absolutamente distinto d'este de Josué.

32 Escreveu também Josué sobre as pedras o Deuteronômio da lei de Moisés, que êle tinha explicado diante dos filhos de Israel.

33 Todo o povo porém, e os anciãos, e os capitães, e os juizes estavam em pé a um e outro lado da arca, diante dos sacerdotes que levavam a arca do concôrto do Senhor, como os estrangeiros assim também os naturais. A metade dêles ao pé do monte Garizim, e a outra metade ao pé do monte Hebal, como o tinha mandado Moisés servo do Senhor. E primeiramente abençoou Josué o povo de Israel. (5)

34 Depois disto leu tôdas as palavras da bênção e da maldição, e tudo o que estava escrito no livro da lei.

35 Não omitiu nada de quantas coisas Moisés tinha mandado, mas repetiu tudo diante de tôda a multidão de Israel, às mulheres e aos meninos e aos estrangeiros, que moravam entre êles.

CAPÍTULO 9

OS GABAONITAS SURPREENDEM A JOSUÉ, E AOS ANCIÃOS DO POVO COM UMA MENTIRA. FAZ-SE ALIANÇA COM ÊLES. MAS DEPOIS, CONHECIDO O SEU EMBUSTE, SÃO OS GABAONITAS CONDENADOS A CORTAR LENHA E A TRAZER ÁGUA À CASA DO SENHOR.

1 Tanto que estas coisas soaram, todos os reis de aquém do Jordão, que moravam nos montes e nas planícies, nos lugares marítimos e nas praias do mar grande,

(5) **A METADE DÊLES** — As tribos de Judá, Simeão, Levi, Issacar, José e Benjamim.

A OUTRA METADE — As tribos de Rúben, Zabulon, Dan, Neftali, Gad e Aser. Cfr. Vigouroux, *La Sainte Bible Polyglotte*.

e também os que moravam ao pé do Líbano, o heteu e o amorreu, o cananeu, o fereseu, e o heveu, e o jebuseu, (1)

2 fizeram liga entre si, para combater contra Josué e contra Israel de comum acôrdo, e com um mesmo desígnio.

3 Porém os habitantes de Gabaon, ouvindo tudo o que Josué havia feito a Jericó e a Hai:

4 e usando de astúcia, tomaram consigo víveres, carregando sobre os seus jumentos uns costais velhos, e uns odres de vinho rotos e recosidos, (2)

5 e sapatos muito velhos, que em sinal de muito uso, estavam cheios de tombas: Êles vestidos de trapos, e até os pães, que levavam para o caminho, eram duros, e desfeitos em pedaços,

6 e assim vieram apresentar-se a Josué, que então assistia no acampamento de Galgala, e lhe disseram a êle, e juntamente a todo o Israel: Nós viemos duma terra mui distante, com o desejo de fazer pazes convosco. E os filhos de Israel lhes responderam, e disseram:

7 Não sejais vós talvez moradores da terra, que nos é devida por sorte; e assim não possamos fazer aliança convosco.

8 Mas êles disseram a Josué: Nós somos teus servos. Aos quais Josué disse: Quem sois vós? e donde viestes?

(1) **TODOS OS REIS** — A terra de Canaã está dividida em muitos pequenos estados, cujos reis eram apenas senhores duma cidade e seus arredores, sendo por isso muito circunscrito o seu poderio, como ainda hoje o é, o dos chefes das tribos árabes, que acampam nos desertos vizinhos.

NAS PLANÍCIES — No hebreu está Sefela, que designa propriamente a planície dos filisteus.

(2) **USANDO DE ASTÚCIA** — Para fazer crer que vinham de longe, e que não habitavam Canaã.

9 Êles responderam: Os teus servos vieram duma terra mui distante em nome do Senhor teu Deus. Porque ouvimos a fama do seu poder, tudo o que obrou no Egito,

10 e como tratou os dois reis dos amorreus que estavam da outra banda do Jordão, a Seon rei de Hesbon, e a Og rei de Basan, que estava em Astarot:

11 e os anciãos, e todos os habitantes da nossa terra nos disseram: Tomai convosco mantimentos para uma tão larga jornada, e ide apresentar-vos a êles, e diizei-lhes: Nós somos vossos, fazei aliança conosco.

12 Eis-aqui os pães, que tomamos quando partimos de nossas casas, para virmos ter convosco, e agora estão todos secos e desfeitos, por demasiadamente antigos.

13 Êstes odres eram todos novos, quando nós os enchemos de vinho; e agora estão rotos e desfeitos: Os hábitos que nos cobrem, e os sapatos que trazemos nos pés, se safaram com um tão longo caminho, e quase estão acabados.

14 Tomaram pois os israelitas dos víveres dêles, e não consultaram o Oráculo do Senhor.

15 E Josué os tratou como amigos: e fazendo aliança com êles lhes deu palavra de lhes salvar a vida: o que também os príncipes do povo lhes juraram.

16 Mas três dias depois de se ter feito a aliança, ouviram que êles habitavam perto, e que haviam de viver entre êles.

17 E os filhos de Israel abalaram do campo, e vieram três dias depois às cidades dêles, cujos nomes são êstes: Gabaon, e Cafira, e Berot, e Cariatiarim. (3)

(3) **CAFIRA** — E' hoje Kefir.

BEROT — Fica ao norte de Jerusalém: o nome significa pego, e é assim chamado pelas nascentes de água.

18 E não os mataram, porque os príncipes do povo lhes tinham dado juramento em nome do Senhor Deus de Israel. Pelo que todo o povo murmurou contra os príncipes.

19 Os quais lhe responderam: Nós demos-lhes juramento em nome do Senhor Deus de Israel, e por isso não os podemos tocar nas suas pessoas.

20 Mas tratá-los-emos assim. Fiquem embora salvos com vida, para que não se levante contra nós a ira do Senhor, se faltarmos ao juramento:

21 Mas vivam de modo que cortem a lenha, e tragam a água, para o serviço de todo o povo. Estando eles dizendo isto:

22 Chamou Josué os gabaonitas, e lhes disse: Por que quistes vós surpreender-nos com a vossa mentira, dizendo: Nós habitamos muito longe de vós, sendo que viveis no meio de nós?

23 Por isso pois estareis debaixo de maldição, e não faltará da vossa linhagem quem corte lenha, e traga água para casa de meu Deus.

24 Eles responderam: A nós teus servos veio-nos a notícia, que o Senhor teu Deus tinha prometido a Moisés seu servo, que vos havia de dar tôda a terra, e extinguir todos os seus habitantes. Tivemos pois muito medo, e obrigados do terror, que vós metíeis, tomamos este expediente para segurarmos as nossas vidas.

25 Mas agora estamos nas tuas mãos: faze de nós o que julgares que é bom e justo.

26 Fêz pois Josué o que tinha dito, e livrou-os das mãos dos filhos de Israel, não permitindo que os matassem.

27 E determinou naquele dia que fôsem empregados no serviço de todo o povo, e do altar do Senhor, cortando lenha, e trazendo água ao lugar, que o Senhor escolhesse, como até o presente fazem.

CAPÍTULO 10

GABAON SITIADA. JOSUÉ MARCHA EM SEU SOCORRO. FAZ PARAR O SOL. MATA OS REIS VENCIDOS. TOMA MUITAS CIDADES.

1 Adonisedec, rei de Jerusalém, tendo ouvido que Josué tomara, e destruíra a cidade de Hai, (porque êle fêz a Hai, e ao seu rei o que fizera a Jericó, e ao seu rei) e que os gabaonitas se tinham passado para Israel, e se tinham feito seus aliados,

2 teve muito mêdo. Porque Gabaon era uma cidade grande, e uma das cidades reais, e maior do que a cidade de Hai e todos os seus guerreiros mui valentes.

3 Enviou pois Adonisedec rei de Jerusalém seus mensageiros a Oham rei de Hebron, e a Faran rei de Jerimot, e Jafia rei de Láquis, e a Dabir rei de Eglon, os quais lhes disseram: (1)

4 Subi a mim, e dai-me socorro, a fim de tomarmos a Gabaon, porque ela passou para Josué, e para os filhos de Israel.

5 Pelo que unidos saíram os cinco reis dos amorreus com as suas tropas, o de Jerusalém, o rei de He-

(1) **JERIMOT** — Cidade da planície de Judá, sôbre uma alta colina, a três horas de Elenterópolis.

LAQUIS — Mais tarde cidade de Judá, à entrada da planície de Sefela, a noroeste de Eglon.

EGLON — Hoje Adglan, na estrada de Jerusalém a Gaza, a quatro horas a sudoeste de Elenterópolis.

bron, o rei de Jerimot, o rei de Láquís, o rei de Eglon, e se acamparam junto a Gabaon, sitiando-a.

6 Os habitantes porém da cidade sitiada de Gabaon, mandaram dizer a Josué, que estava então acampado em Galgala: Não recuses acudir em socorro de teus servos: Vem depressa, e livra-nos, e dá-nos socorro: Porque se uniram contra nós todos os reis dos amorreus, que habitam nos montes.

7 Subiu pois Josué de Galgala, e com êle tôda a gente de guerra, homens valentíssimos.

8 E o Senhor disse a Josué: Não os temas, porque eu os entreguei nas tuas mãos. Nenhum dêles te poderá resistir.

9 Josué pois tendo marchado tôda a noite desde Galgala, deu de repente sôbre êles.

10 E o Senhor os pôs em desordem à vista de Israel: E Josué fêz nêles grande estrago junto a Gabaon, e os foi perseguindo pelo caminho que sobe a Bethoron, e dando nêles até Azeca e Maceda.

11 E quando êles iam fugindo dos filhos de Israel, e estavam na descida de Bethoron, fêz o Senhor cair do céu grandes pedras em cima dêles até Azeca: E morreram mais pela chuva de pedra que lhes caiu, do que pelos golpes da espada dos filhos de Israel. (2)

12 Então falou Josué ao Senhor naquele dia, em que entregou os amorreus nas mãos dos filhos de Israel, e disse em presença dêles: Sol, detém-te sôbre Gabaon; e tu, lua, pára sôbre o vale de Ajalon. (3)

(2) **GRANDES PEDRAS** — Os comentadores de melhor nome, e mais segura autoridade, entendem que estas grandes pedras são pedras de granito, duma consistência e dimensões fora do vulgar.

AZECA — Não está precisamente determinado o sítio desta cidade.

(3) **FALOU JOSUÉ AO SENHOR** — Isto, segundo as melho-

13 E o sol e a lua pararam, até que o povo se vingou de seus inimigos. Não está isto escrito no livro dos justos? Parou pois o sol no meio do céu, e não se apressou a pôr-se durante o espaço dum dia, (4)

res opiniões, deve entender-se: e dirigiu Josué uma prece ao Senhor, depois da qual, cheio de confiança na Onipotência e na Bondade de Deus, mandou parar o sol; a prece recitou-a particularmente, a apóstrofe foi feita em presença dos filhos de Israel. *Glaire, Les livres saints vengés*, t. 2.º, pág. 18.

(4) **E O SOL E A LUA PARARAM** — E' um prodígio sobrenatural, que assinalou esta batalha, que ficou memorável nos anais da humanidade. E' claro que devemos confessar que ignoramos os meios de que Deus se serviu para obrar êste estupendo milagre, mas também devemos afirmar que as objeções que contra êle se levantam não têm valor algum. A primeira pergunta a que devemos responder, é a seguinte: Em que momento do dia ordenou Josué a paragem do sol? Devia ter sido quando estivesse perto o ocaso, pois que a lua já então era visível, e porque, no ardor do combate, só se devia lembrar de pedir um tal prodígio quando a noite se aproximasse, impedindo-o de prosseguir na derrota dos inimigos. E' certo que alguns intérpretes, prendendo-se à frase da Vulgata no meio do céu, pretenderam que estas palavras queriam indicar o meio-dia, quando porém é certo que equivalem simplesmente a — no céu. Por que meios realizou Deus o milagre? E' a segunda pergunta, à qual só podemos responder com conjeturas, pois que a narração bíblica não descreve nenhuma circunstância particular que autorize de preferência esta ou aquela explicação. Podemos aventar duas hipóteses: 1.ª Deus parou o globo terrestre; 2.ª fêz com que o sol ficasse realmente visível para Josué todo o tempo necessário, sem que a terra parasse. Contra a primeira hipótese, objetam que a paragem súbita da terra importaria o caos universal; os astros sairiam fora das suas órbitas, e a terra precipitar-se-ia. A resposta é bem fácil: Aquêle, a cuja ordem parasse a terra, é infinitamente sábio e poderoso para prevenir as consequências naturais dessa paragem. Na segunda hipótese torna-se indispensável admitir um desvio milagroso dos raios solares, para que êstes iluminassem por todo o tempo a Palestina, desvio que podia Deus ter produzido imediatamente, dirigindo pela sua onipotência a prolon-

gação das ondas luminosas no espaço, ou mediatamente por meio de elementos materiais aptos para a refração e reflexão, podendo-se apresentar várias hipóteses sobre a natureza, origem e modo de ação desses refratores ou refletos miraculosos. Em resumo: a Deus tudo é possível. Os adversários têm imaginado várias objeções contra a realidade deste prodígio; assim dizem: — 1.º Que este fato não tem realidade histórica, porque os annos dos povos antigos nada dizem dum acontecimento tão extraordinário. Esta objeção não tem valor algum, porque não existem os annos dos povos desta época, e ninguém assevera, nem se deduz do texto sagrado, que a prolongação do dia existisse fora da Palestina: contudo é certo que em escritos muito antigos, principalmente chineses, algumas allusões apparecem, que talvez possam ser referidas a este fato. Cfr. Du Clot, *La Sainte Bible vengée des attaques de l'incrédulité*, t. 1.º, pág. 253, t. 3.º, pág. 387. — 2.º Os astros, como toda a Natureza, estão sujeitos a leis regulares que se não podem alterar; este fato importava essa alteração, logo é inadmissível. A isto respondemos que quem estabeleceu as leis da Natureza foi a vontade livre do Criador: admitir porém que Deus é o autor das leis da Natureza e negar-lhe o poder de as suspender em ordem ao cumprimento dos seus altíssimos desígnios é um estulto paradoxo. Foi a sua livre vontade que estabeleceu a ordem física, mas com isso não esgotou a plenitude da sua onipotência. S. Tomás 1 p. q. 19, a 3 e 4, e *Quaest. disp. de Potentia*, q. 6, e de *Miraculis* — 3.º Admitir que o sol parou é admitir o movimento do sol e a immobillidade da terra, o que vai de encontro aos mais rudimentares princípios da cosmogonia. Não oferece difficuldade a objeção, porque ninguém interpreta à letra o texto sagrado. Já foi dito que a Bíblia não é um tratado científico, e que os Escriitores sagrados falam sempre por uma forma vulgar, empregando uma linguagem singela, despretensiosa e ao alcance de todas as intelligências. Também nós hoje, a cada passo, dizemos e escrevemos: "o levantar do sol, o surgir da lua, o cair da tarde," etc., e contudo todos sabemos a teoria do movimento da terra: de maneira que se podem interpretar as palavras do texto por uma paragem aparente do sol, porque certamente o autor, naquelle momento, não se preocupava com as theorias astronômicas. A Igreja, pelos seus melhores theólogos, assim o entendeu, e nunca veio buscar este texto para provar o sistema de Ptolomeu; pelo contrário. O Cardeal Nicolau de Cusa foi o primeiro a impugnar o geocentrismo; o padre Copérnico expôs o seu sistema,

14 Não houve nem antes nem depois dia tão comprido, obedecendo o Senhor à voz dum homem, e pelejando por Israel. (5)

15 E Josué voltou em todo o Israel para o campo de Galgala.

16 Mas os cinco reis tinham fugido, e se tinham escondido numa cova da cidade de Maceda.

17 E noticiaram a Josué, que se tinham achado os cinco reis escondidos numa cova da cidade de Maceda. (6)

18 E elle ordenou aos que o acompanhavam, e disse: Arrastai umas pedras bem grandes para a bôca da cova, e ponde homens capazes, que guardem os que nela estão escondidos:

19 vós porém não estejais assim parados, mas per-

aceito pelos altos dignitários da Igreja. A sua obra *De orbium cœlestium revolutionibus*, em que estava exposta e defendida a sua teoria do movimento da terra, foi publicada a instâncias do Cardeal Schomberg e dedicada ao Pontífice Paulo III. Este sistema foi defendido na Alemanha pelo jesuíta Cristóvão Clarius, por Zuguiga na Espanha, por Tiscarina na Itália, e em Roma pelo Cardeal Barberini. depois papa sob o nome de Urbano VIII, que alguns ousam apresentar como perseguidor de Galileu, o que é de todo o ponto inexacto, pois este pontífice subsidiou-o largamente; e nenhum ato pontifical ex cathedra combateu o sistema de Copérnico, como em nenhum documento pontifício, ou publicado com autoridade pontifícia, se obriga a interpretar esta passagem à letra. Cfr.

(5) **DIA TÃO COMPRIDO** — E' impossível determinar com rigor qual foi a prolongação d'este dia, mas devemos advertir que o texto original se afasta da Vulgata, pois aquêlê diz simplesmente não houve dia como este, sem explicar de que maneira este dia differiu dos outros, mas as expressões do mesmo original, no v. 13, indicam uma prolongação considerável, que Tirino entende ser de doze horas.

(6) **MACEDA** — Esta cidade estava provavelmente situada nas faldas da montanha junta e quase confundindo-se com a planície. Stanley, Sinai and Palestine, 1856.

segui os inimigos, e matai os fugitivos que forem ficando atrás: nem deixeis entrar nos castelos das suas cidades aquêles, que o Senhor vos entregou nas mãos.

20 Tendo feito pois grande destrôço nos inimigos, e quase até o ponto de os acabar de todo, aquêles que puderam escapar de Israel, se acolheram às cidades fortes.

21 E todo o exército voltou para Josué a Maceda, onde então era o campo, sem ter recebido dano algum nem perdido um só homem: E ninguém se atreveu a boquear contra os filhos de Israel.

22 E mandou Josué, dizendo: Abri a bôca da cova, e trazei-me cá os cinco reis, que nela estão escondidos.

23 E os ministros fizeram como lhes fôra mandado: E tirando da cova os cinco reis, trouxeram à presença dêle o rei de Jerusalém, o rei de Hebron, o rei de Jerimot, o rei de Láquis, o rei de Eglon.

24 E tendo sido conduzidos perante êle, chamou a todos os varões de Israel, e disse aos príncipes do exército que estavam com êle: Ide, e ponde o pé sôbre os pescoços dêstes reis. Tendo êles chegado, e pôsto os pés sôbre os pescoços dos subjugados reis,

25 disse-lhes de novo: Não temais, nem vos acobardeis, tende ânimo e sêde robustos: Porque assim fará o Senhor a todos os vossos inimigos contra quem pelejais.

26 E Josué os feriu, e lhes tirou a vida, e os mandou pendurar em cinco lenhos. E estiveram assim pendurados até à tarde.

27 E ao pôr do sol, mandou aos sócios que os descessem dos patíbulos. E depois de descidos os botaram na cova, em que tinham estado escondidos, e puseram na bôca da mesma umas grandes pedras, que ali se conservam até hoje.

28 No mesmo dia tomou também Josué a Maceda,

e a passou ao fio da espada, e matou ao seu rei, e a todos os seus habitantes: Não deixou nela com vida nem sequer um. E houve-se com o rei de Maceda, assim como se tinha havido com o rei de Jericó.

29 De Maceda passou a Lebna com todo o Israel, e pelejando contra ela:

30 O Senhor a entregou com o seu rei nas mãos de Israel: E passaram ao fio da espada a cidade, e todos os seus habitantes: Não deixaram nela resto algum. E trataram o rei de Lebna, assim como tinham tratado o rei de Jericó.

31 De Lebna passou a Láquis com todo o Israel: e postado com o exército em torno da cidade a combatia. (7)

32 E o Senhor entregou Láquis nas mãos de Israel, que a tomou no seguinte dia, e passou ao fio da espada e a toda a gente que estava dentro, assim como fizera em Lebna.

33 Neste tempo subiu Horão rei de Gazer, em socorro de Láquis: mas Josué o derrotou com todo o seu povo sem ficar um só.

34 E de Láquis passou a Eglon, e a sitiou,

35 e no mesmo dia tomou: e fêz passar ao fio da espada toda a gente que estava dentro, conforme tudo o que fizera a Láquis.

36 Passou depois com todo o Israel de Eglon a Hebron, e combateu contra ela:

37 tomou-a, e passou também ao fio da espada ao seu rei, e a todos os povos daquela região, e a toda a gente, que nela morava: não deixou ali a ninguém com vida: assim como tinha feito a Eglon, assim também

(7) **LEBNA** — Cidade real dos cananeus, na planície de Sefela, entre Maceda e Láquis, a sudoeste desta última.

fêz a Hebron, passando à espada tudo o que encontrou nela.

38 Dali voltou a Dabir, (8)

39 que êle tomou e destruiu: passou também ao fio da espada o seu rei e a todos os povos do contôrno: não deixou nela relíquia alguma: e assim como tinha feito a Hebron e Lebna e aos seus reis, do mesmo modo obrou com Dabir e com o seu rei.

40 Arrasou pois Josué todo o território das montanhas e do meio-dia e das campinas, e a Asedot com os seus reis: não deixou ali resto algum, mas matou tudo o que tinha fôlego, assim como lho tinha ordenado o Senhor Deus de Israel,

41 desde Cadesbarne até Gaza. Todo o país de Gosen até Gabaon,

42 e a todos os reis e a tôdas as suas terras, de uma mesma expedição tomou e devastou: porque o Senhor Deus de Israel pelejou por êle.

43 E voltou com todo o Israel para o acampamento de Galgala.

CAPÍTULO 11

VITÓRIAS DE JOSUÉ SOBRE O REI DE ASOR, E SOBRE OUTROS MUITOS REIS CONFEDERADOS CONTRA ISRAEL.

1 Tendo Jabin rei de Asor ouvido estas novas, enviou mensageiros a Jobab rei de Madon, e ao rei de Semeron, e ao rei de Acsaf: (1)

(8) **DABIR** — Chamada também Carlatsefer ou cidade dos vivos. E' incerta a sua situação.

(1) **ASOR** — Cidade inexpugnável, colocada sobre uma eminência, perto do lago Meron e da cidade de Cedes, provavelmente o Tell-el-Khoreibeh atual.

2 e aos reis do setentrião, que habitavam nas montanhas e na planície ao meio-dia de Cenerot, e aos das campinas e dos territórios de Dor junto ao mar:

3 aos cananeus também do nascente e do poente, e aos amorreus e aos heteus e aos fereseus e aos jebuseus das montanhas; e aos heveus que habitavam nas faldas de Hermon na terra de Masfa.

4 E todos êstes saíram com as suas tropas, uma multidão de gente tão numerosa como a areia que há nas praias do mar, e um número imenso de cavalos e carroças.

5 E todos êstes reis se vieram unir junto às águas de Meron, para pelejarem contra Israel. (2)

6 E disse o Senhor a Josué: Não os temas: porque amanhã a esta mesma hora tos entregarei eu a todos para serem passados à espada à vista de Israel: jarretarás os seus cavalos, e queimarás as suas carroças.

7 E veio Josué e com êle todo o exército, contra êles até às águas de Meron de improviso, e deram sobre êles:

8 e o Senhor os entregou nas mãos de Israel. Êstes os acutilaram, e foram perseguindo até à grande Sidônia; e até às águas de Maserefot, e até o campo de Masfe, que está ao seu lado oriental. Josué os passou a todos à espada, de sorte que não deixou vivo um só: (3)

9 e fez como o Senhor lhe tinha mandado: jarretou os seus cavalos, e pôs fogo às sua carroças.

(2) **AGUAS DE MERON** — O lago Meron, hoje el-Houleh, ao norte do lago Tiberíades.

(3) **GRANDE SIDÔNIA** — Esta expressão é uma importante nota da autenticidade d'êste livro. Sidon, ou Sidônia, foi a capital da Fenícia, e êste modo de dizer, grande Sidônia, mostra que na época em que foi escrito o Livro de Josué, Sidon gozava ainda da sua preeminência, sendo a primeira capital fenícia. E' porém sa-

10 E voltando logo tomou a Asor: E matou à espada o seu rei. Porque de tempos antigos Asor era a capital de todos êstes reinos.

11 E passou à espada tôda a gente, que ali morava: Não deixou nela coisa com vida; mas destruiu tudo até às últimas, e reduziu a mesma cidade a cinzas.

12 E tomou, feriu e devastou tôdas as cidades circunvizinhas, e os seus reis, como lho tinha ordenado Moisés servo do Senhor.

13 Queimou Israel tôdas as cidades, exceto as que estavam situadas nos outeiros, e nos cabeços: Sòmente Asor, cidade fortíssima, foi tôda queimada.

14 E os filhos de Israel, depois de matarem todos os homens, repartiram entre si todos os despojos e gados destas cidades.

15 Como o Senhor o tinha mandado a Moisés seu servo, assim o mandou Moisés a Josué, e êste tudo cumpriu: Não omitiu nem sequer uma palavra de todos os mandamentos, que o Senhor tinha ordenado a Moisés.

16 Tomou pois Josué tôda a terra das montanhas e do meio-dia, e a terra de Gosen, e a planície, e o distrito ocidental, è o monte de Israel, e as suas campinas:

17 E uma parte do monte que sobe para a banda de Seir até Baalgad pela planície do Líbano na falda do monte Hermon: tomou todos os seus reis, derrotou-os e matou-os.

18 Por muito tempo pelejou Josué contra êstes reis. (4)

bido que esta capital foi destruída pelos filisteus no tempo dos Juizes, obtendo a preponderância Tiro, que por sua vez foi cognominada grande. Ora um escritor posterior não falaria de Sidon, chamando-lhe grande.

(4) **POR MUITO TEMPO** — Flávio Josefo nas Antiquidades Judaicas, vol. 2.º entende que são cinco anos.

19 Não houve cidade, que se entregasse aos filhos de Israel, à exceção dos heveus, que assistiam em Gabaon: Porque tôdas as outras tomou à força de armas.

20 Porque esta fôra a sentença do Senhor, que os seus corações se empedernissem, e que pelejassem contra Israel, e que fôsssem derrotados, e que não me-recessem piedade alguma, e que enfim perecessem, como o Senhor o tinha ordenado a Moisés.

21 Naquele tempo veio Josué, e tirou a vida aos Enacins das montanhas de Hebron, e de Dabir, e de Anab, e de tôdas as montanhas de Judá e de Israel, e arrasou as suas cidades.

22 Não deixou nem sequer um da raça dos Enacins, na terra dos filhos de Israel: Tirando as cidades de Gaza, e de Get, e de Azot, em que só ficaram subsistindo.

23 Tomou pois Josué tôda a terra, conforme o Senhor o tinha prometido a Moisés, e a entregou em possessão aos filhos de Israel conforme as suas porções e tribos: e a terra cessou de ter guerras.

CAPÍTULO 12

RECAPITULAÇÃO DOS REIS VENCIDOS PELOS ISRAELITAS.

1 Êstes são os reis, que os filhos de Israel desbaratarem, e cujas terras possuíram da banda de além do Jordão para o nascente, desde a torrente de Arnon até o monte Hermon, e todo o país oriental, que olha para o deserto.

2 Seon rei dos amorreus, que habitava em Hesbon, dominou desde Aroer, que está situada sobre a ribanceira da torrente de Arnon, e desde o meio do

vale, e metade de Galaad, até a torrente de Jaboc, que é termo dos filhos de Amon: (1)

3 E desde o deserto até o mar de Cenerot para o nascente, e até o mar do deserto, que é o mar salgadíssimo, para o lado oriental pelo caminho que vai a Betsimot: E desde a parte do meio-dia, que está abaixo de Asedot até Fasga.

4 Os termos de Og rei de Basan, que tinha ficado dos Rafains, o qual habitava em Astarot e em Edrai, e dominava no monte Hermon, e em Saleca, e em todo o território de Basan, até aos confins

5 de Gessuri, e de Macati, e da metade de Galaad: Que eram os limites de Seon rei de Hesebon.

6 Moisés servo do Senhor, e os filhos de Israel os destruíram, e Moisés deu as suas terras em possessão aos da tribo de Rúben, e aos da tribo de Manassés.

7 Estes são os reis, que Josué e os filhos de Israel derrotaram da banda de aquém do Jordão para o poente, desde Baalgad no campo do Líbano, até o monte, parte do qual se eleva para a banda de Seir: E Josué deu esta parte em possessão às tribos de Israel, a cada uma seu quinhão,

8 tanto nas montanhas como nas planícies e campinas. Em Asedot, e no deserto, e ao meio-dia, habitava o heteu e o amorreu, o cananeu e o fereseu, o heveu e o jebuseu.

9 Um rei de Jericó: Um rei de Hai, que está ao lado de Betel,

10 um rei de Jerusalém, um rei de Hebron,

11 um rei de Jerimot, um rei de Láquis,

12 um rei de Eglon. um rei de Gazer,

(1) **HESEBON** — O el-Ariseh, que separa o Egito da Palestina.

Josué 12, 13-24; 13, 1-4

- 13 um rei de Dabir, um rei de Gader,
- 14 um rei de Herma, um rei de Hered,
- 15 um rei de Lebna, um rei de Odulão,
- 16 um rei de Maceda, um rei de Betel,
- 17 um rei de Tafua, um rei de Ofer,
- 18 um rei de Afec, um rei de Saron,
- 19 um rei de Madon, um rei de Asor,
- 20 um rei de Semeron, um rei de Acsaf,
- 21 um rei de Tenac, um rei de Magedo,
- 22 um rei de Cades, um rei de Jacanan do Carmelo,
- 23 um rei de Dor, e da província de Dor, um rei das nações de Galgal,
- 24 um rei de Torsa: Por todos trinta e um reis.

CAPÍTULO 13

MANDA DEUS A JOSUÉ QUE REPARTA PELAS OUTRAS NOVE TRIBOS AS TERRAS QUE TINHA CONQUISTADO.

1 Achando-se Josué velho, e mui avançado em anos lhe disse o Senhor: Tu estás velho, e de muita idade, e resta ainda um dilatadíssimo espaço de terra, que ainda não foi repartido por sorte:

2 A saber, tôda a Galiléia, o território dos filisteus e tôda a terra de Gessuri.

3 Desde o rio turvo, que rega o Egito, até os confins de Acaron para o norte. A terra de Canaã, que está dividida entre cinco régulos dos filisteus, o de Gaza, e o de Azot, o de Ascalon, o de Get, e o de Acaron. (1)

4 Ao meio-dia estão os heveus, tôda a terra de Canaã, e Maara dos sidônios até Afeca e os têrmos do amorreu,

(1) O RIO TURVO — O el-Arisch, que separa o Egito da Palestina.

5 e suas fronteiras. Também o país do Líbano para o nascente desde Baalgad na raiz do monte Hermon, até à entrada de Emat.

6 Todos os que habitam no monte desde o Líbano até às águas de Maserefot, e todos os sidônios. Eu sou o que os hei de exterminar da face dos filhos de Israel. Venha, pois, êste terreno a ser parte da herança de Israel, como eu to ordenei.

7 E agora reparte tu a terra, que devem possuir as nove tribos, e a meia tribo de Manassés,

8 com a qual tribo Rúben, e Gad possuíram a terra, que lhes deu Moisés servo do Senhor, na outra banda do Jordão, para a parte oriental.

9 Desde Aroer, que está na ribanceira da torrente de Arnon, e no meio do vale, e tôda a campina de Medaba, até Dibon:

10 e tôdas as cidades de Seon, rei dos amorreus, que dominou desde Hesebon até aos limites dos filhos de Amon:

11 e Galaad, e os territórios de Gefuri e de Macati, e todo o monte Hermon, e todo o Basan, até Saleca.

12 todo o reino de Og em Basan, o qual reinou em Astarót e em Edrai, êle era dos Rafains que ficaram: aos quais matou, e destruiu Moisés.

13 E os filhos de Israel não quiseram extinguir os de Gessuri e de Macati: e assim ficaram êstes habitando no meio de Israel até o dia de hoje.

14 Mas à tribo de Levi não deu herança: porque os sacrificios e as vítimas do Senhor Deus de Israel são o seu quinhão, assim como o Senhor lho tinha dito.

15 Deu pois Moisés o seu quinhão à tribo dos filhos de Rúben, segundo as suas famílias.

16 E fôram os seus limites desde Aroer, que está situada sôbre a ribanceira da torrente de Arnon, e no

Josué 13, 17-27

meio do vale da mesma torrente: toda a planície, que vai a Medaba,

17 e Hesebon com todas as suas aldeias, que estão nas campinas: como também Dibon, e Bamotbaal, e a cidade de Baalmaon,

18 e Jassa, e Cedimot, e Mefaat,

19 e Cariataim, e Sabama, e Saratasar, no monte do vale.

20 Belbfogor e Asedot, Fassa e Betiesimot,

21 e todas as cidades da campina, e todos os reinos de Seon, rei dos amorreus, que dominou em Hesebon, a quem Moisés derrotou com os príncipes de Madian: Hevi, e Recem, e Sur, e Hur, e Rebe capitães de Seon que habitavam na terra.

22 Mataram também os filhos de Israel à espada ao adivinho Balaam, filho de Beor, com os mais que foram mortos.

23 E ficou o rio Jordão sendo o termo dos filhos de Rúben. Estas são as cidades e aldeias que possuem os rubenitas segundo as suas famílias.

24 Deu também Moisés à tribo de Gad e a seus filhos segundo as suas famílias a sua herança, cuja divisão é esta:

25 O termo de Jazer, e todas as cidades de Galaad, e a metade da terra dos filhos de Amon, até Aroer, que está defronte de Raba:

26 e desde Hesebon até Ramot. Masfe, e Betonim: e desde Manim até os confins de Dabir:

27 no vale também a Betaran, e a Betnemra, e a Socot, e a Safon, e ao resto do reino de Seon, rei de Hesebon: é também seu termo o Jordão até à extremidade do mar de Ceneret na outra banda do Jordão para o nascente:

28 esta é a herança, as cidades e aldeias, que se deram aos filhos de Gad segundo as suas famílias.

29 Deu também à meia tribo de Manassés, e a seus filhos segundo as suas famílias o seu quinhão,

30 o qual compreendia desde Manaim todo o Basan, e todos os reinos de Og rei de Basan, e tôdas as aldeias de Jair, que são em Basan, e ao todo sessenta povoações:

31 e metade de Galaad, e Astarot, e Edrai cidades do reino de Og em Basan, aos filhos de Maquir, filho de Manassés, isto é, a metade dos filhos de Maquir segundo as suas famílias.

32 Esta é a repartição que fêz Moisés nas campinas de Moab na outra banda do Jordão, defronte de Jericó para o nascente.

33 Mas não deu quinhão à tribo de Levi: porque o Senhor Deus de Israel é a sua herança, como êle lho tinha dito.

CAPÍTULO 14

**PEDE CALEB QUE SE LHE DÊ PARA SUA HERANÇA HEBRON,
E ASSIM SE FAZ.**

1 Isto é o que os filhos de Israel possuíram na terra de Canaã, que lhes deram o sacerdote Eleazar, e Josué filho de Nun, e os príncipes das famílias de cada tribo de Israel:

2 Repartindo tudo por sorte, como o Senhor o tinha mandado por Moisés, entre as nove tribos, e meia tribo.

3 Porque às outras duas tribos e meia tinha Moisés dado a sua possessão na outra banda do Jordão: não

Josué 14, 4-11

se contando os levitas, que não receberam porção alguma de terra entre seus irmãos:

4 Mas em seu lugar sucederam Manassés e Efraim, filhos de José, divididos em duas tribos: nem os levitas receberam outra parte na terra, senão as cidades para habitarem, e os arrabaldes delas para sustentarem os seus animais.

5 Fizeram os filhos de Israel assim como o Senhor tinha mandado a Moisés, e repartiram a terra.

6 Chegaram pois os filhos de Judá a Josué em Galgala, e Caleb filho de Jefone Cenezeu lhe disse: Tu sabes o que o Senhor disse de mim e de ti a Moisés, homem de Deus, em Cadesbarne.

7 Eu tinha quarenta anos quando Moisés servo do Senhor me mandou a Cadesbarne, para eu reconhecer a terra, e eu lhe referi o que me parecia verdade.

8 Porém meus irmãos, que tinham ido comigo, fizeram descoroçar o povo: e eu ainda assim não deixei de seguir o Senhor meu Deus. (1)

9 E naquele dia me jurou Moisés, dizendo: A terra, em que tu puseste os pés, será a tua possessão, e a de teus filhos para sempre: porque seguiste o Senhor meu Deus.

10 O Senhor pois me conservou a vida até o presente dia, como prometeu. Quarenta e cinco anos há que o Senhor disse esta palavra a Moisés, quando Israel andava pelo deserto: hoje tenho oitenta e cinco anos,

11 e acho-me tão robusto, como ao tempo que fui enviado a reconhecer a terra: o mesmo vigor, que eu

(1) **FIZERAM DESCOROÇAR O POVO** — Tirando-lhe toda a coragem, e incutindo-lhe terror com a falsa informação que lhe deram da terra e dos seus habitantes.

tinha então, me dura até hoje, tanto para pelear como para andar.

12 Dá-me pois êste monte, que o Senhor me prometeu, ouvindo-o tu mesmo, no qual estão os Enacins, e há cidades grandes e fortes: porventura será o Senhor comigo, e eu poderei extingui-los, como êle me prometeu. (2)

13 Abençoou-o pois Josué: e deu-lhe a Hebron em herança:

14 E desde então pertenceu Hebron a Caleb, filho de Jefone Cenezeu até o dia presente, por ter seguido ao Senhor Deus de Israel.

15 Hebron chamava-se antes por nome Cariat-Arbe: ali está enterrado Adão, que foi o maior entre os Enacins: e descansou a terra de guerras. (3)

CAPÍTULO 15

HERANÇA DA TRIBO DE JUDÁ. TOMADA DE CARIAT-SEFER. CIDADES DA TRIBO DE JUDÁ.

1 A sorte pois dos filhos de Judá segundo as suas famílias foi esta: Desde os limites da Iduméia, o deserto de Sin para o meio-dia, e até à extremidade do lado meridional. (1)

(2) **ENACINS** — Raça de gigantes.

(3) **ADÃO** — A Vulgata traduziu como nome próprio o termo hebreu adam, que deve ser tomado como um nome comum, homo, homem, e refere-se a Arbe. O sentido desta passagem, segundo Vigouroux, é: Hebron chamava-se outrora a cidade de Arbe, o maior dos homens entre os Enacins, e que tem aí o seu túmulo. La Sainte Bible Polyglotte.

(1) **JUDÁ** — Ocupou as montanhas do sul e uma pequena parte da planície de Sefela, a maior parte da qual ficou em poder dos filisteus. A cidade mais importante desta tribo era Hebron e também Belém, onde nasceu Jesus Cristo.

2 O seu princípio é desde a ponta do mar salgadíssimo, e desde a língua, que êle forma olhando para a região austral. (2)

3 E estende-se para a subida do Escorpião, e passa até Sina: e sobe para Cadesbarne, e vem até Esron, subindo para Adar, e dando volta a Carcaa,

4 e passando dali para a banda de Asemona, chega até à torrente do Egito: e os seus limites serão o mar grande: êstes serão os limites pelo lado do meio-dia.

5 Mas pela banda do nascente começaram pelo mar salgadíssimo até à extremidade do Jordão: e pela banda do norte desde a língua que forma o mar até o mesmo rio Jordão:

6 E a sua fronteira sobe a Bet Hagla, e passa do norte a Bet Araba; subindo à Pedra de Boem filho de Rúben:

7 E estendendo-se até os fins de Debera desde o vale de Acor para o norte olhando para Galgala, que está defronte da subida de Adomim, pela parte austral da torrente: e passa as águas, que se chamam a Fonte do Sol: e vem a acabar na Fonte de Rogel:

8 E sobe pelo vale do filho de Enom pela banda meridional dos jebuseus, onde está Jerusalém: e dali subindo até ao cume do monte, que está fronteiro a Geenon para o poente na extremidade do vale dos Rafains para o norte:

9 E passa desde o cume do monte até à Fonte de Neftoa, e chega até as aldeias do monte Efron: e baixa depois a Baala, que é Cariatiarim, isto é, a cidade dos Bosques:

(2) **MAR SALGADÍSSIMO** — Mar Morto. A língua a que se refere este versículo, é a extremidade meridional do mar Morto, que se chama el-Lischam, a língua.

10 E de Baala dá volta para o poente, até o monte Seir, e costeia o monte Jarim ao norte para a banda de Queslon: e desce a Betsames, e passa até Tamna:

11 E chega até o lado setentrional de Acaron: e baixa para Secrona, e passa o monte Baala: e estende-se até Jebneel, e termina-se enfim da banda do poente no mar grande.

12 Estes são os limites dos filhos de Judá por todo o seu contorno segundo as suas famílias.

13 E segundo o que o Senhor lhe tinha ordenado, deu a Caleb filho de Jefone por seu quinhão no meio dos filhos de Judá, a Cariat-Arbe do pai de Enac, que é Hebron.

14 E Caleb exterminou dela os três filhos de Enac, Sesai e Aiman e Tolmai da raça de Enac.

15 E subindo daqui marchou para os habitantes de Dabir, que antes se chamava Cariat-Sefer, isto é, Cidade das Letras.

16 E disse Caleb: eu darei minha filha Axa por mulher àquele que investir e tomar a Cariat-Sefer.

17 E tomou-a Otoniel filho de Cenez irmão mais moço de Caleb: e Caleb lhe deu por mulher a Axa sua filha.

18 E caminhando todos de companhia, seu marido lhe aconselhou que pedisse a seu pai um campo: e Axa como ia assentada num jumento, deu um suspiro. Caleb lhe disse: Que é o que tens?

19 Ela porém lhe respondeu: Dá-me a tua bênção: tu me deste uma terra posta ao meio-dia e sêca, ajuntalhe outra de regadio. Deu-lhe pois Caleb uma terra, que se regava nos altos e nos baixos.

20 Esta é a possessão da tribo dos filhos de Judá segundo as suas famílias.

21 E as cidades dos filhos de Judá nas extremida-

Josué 15, 22-45

des meridionais pelas fronteiras da Iduméia, eram: Cabseel e Eder e Iagur,

22 e Cina e Dimona e Adada,

23 e Cades e Asor e Jetnam,

24 Zif e Telem e Balot,

25 Asor a nova e Cariot, Hesron, que é Asor,

26 Amam, Sama, e Molada,

27 e Asergada e Hassemon e Betfelet,

28 e Hasersula e Bersabee e Baziotia,

29 e Baala e Jim e Esem,

30 e Eltolad e Cesil e Harma,

31 e Siceleg e Medemena e Sensena,

32 Lebaot, e Selim e Aen e Remon: Ao todo vinte e nove cidades com as suas aldeias. (3)

33 Nas campinas porém: Estaol e Sarea e Asena,

34 e Zanoé e Enganim e Tafua e Enaim,

35 e Jerimot e Adulam, Soco e Azeca,

36 e Saraim e Aditaim e Gederá, e Gederotaim: Catorze cidades com as suas aldeias.

37 Sanan e Hadassa e Magdalgad,

38 Delean e Masefa e Jectel,

39 Láquis e Bascat e Eglon,

40 Kebon e Leeman e Cetlis,

41 e Giderot e Betdagon e Naama, e Maceda: Dezesseis cidades com as suas aldeias.

42 Labana e Eter e Asan,

43 Jefta e Esna e Nesib,

44 e Ceila e Aczib e Maresa: Nove cidades com as suas aldeias.

45 Acaron com as suas aldeias e lugarejos.

(3) VINTE E NOVE CIDADES — A Vulgata indica trinta e seis, mas estão duplicados vários nomes.

46 De Acaron até o mar: Todo o país que verga para a banda de Azot e as suas aldeias.

47 Azot com as suas aldeias e lugarejos, Gaza com as aldeias e lugarejos, até à torrente do Egito, e o mar grande é o seu termo.

48 E nos montes: Samir e Jeter e Socot,

49 e Dana e Cariatsena, que é Dabir:

50 Anab e Istemo e Anim,

51 Gosen e Olom e Gilo: Onze cidades com as suas aldeias.

52 Arab e Ruma e Esaan

53 e Janum e Bettafua e Afeca,

54 Atmata e Cariat-Arbe, que é Hebron, e Sior: Nove cidades com as suas aldeias.

55 Maon e Carmel e Zif e Jota,

56 Jezrael e Jucadam e Zanoë,

57 Acain, Gâbaa e Tamna: Dez cidades com as suas aldeias.

58 Halhul, e Bessur, e Gedor,

59 Maret e Betanot, e Eltecon: Seis cidades com as suas aldeias.

60 Cariatbaal, que é Cariatiarim cidade dos Bosques, e Areba: Duas cidades com as suas aldeias.

61 No deserto Betaraba, Medin, e Sacaca,

62 e Nebsan, e a cidade do Sal, e Engadi: Seis cidades com as suas aldeias.

63 Porém os filhos de Judá não puderam extinguir os jebuseus, que habitavam em Jerusalém: e habitaram os jebuseus em Jerusalém com os filhos de Judá até o dia de hoje.

CAPÍTULO 16

HERANÇA DA TRIBO DE EFRAIM.

1 Caiu a sorte aos filhos de José desde o Jordão defronte de Jericó e das suas águas para o nascente: o deserto que sobe de Jericó ao monte de Betel:

2 e de Betel sai a Luza: e passa os termos de Arquí para a banda de Atarot:

3 e desce pelo poente perto dos confins de Jefleti, até os termos de Bet-horon a baixa, e de Gazer: e o seu território fenece no mar grande:

4 e esta foi a possessão de Manassés e de Efraim filhos de José.

5 E foi o termo dos filhos de Efraim pelas suas famílias: e a sua possessão para o nascente Atarot-Adar até Bet-horon a alta. (1)

6 E os seus confins saem ao mar: Macmetat porém olha para o norte, e cerca os seus termos defronte do nascente em Tanatselo, e passa desde o nascente até Janoe:

7 e desce desde Janoe até Atarot e Naarat: e vem a Jericó, e termina-se no Jordão.

8 De Tafua passa para a banda do mar ao Vale do Canavial, e se termina no mar salgadíssimo. Esta é a herança da tribo dos filhos de Efraim pelas suas famílias.

(1) EFRAIM — Ocupou, ao norte de Benjamin, a montanha a que deu o seu nome, isto é, o centro da Palestina. Estendia-se desde o Jordão a este, e a oeste até ao Mediterrâneo. Siquem, e mais tarde a Samaria, estavam no centro do seu território; pertenciam-lhe Betel e Sils. As suas montanhas de calcáreo, e muito íngremes tornaram-na de difícil acesso, como uma fortaleza inexpugnável.

9 E foram separadas cidades para os filhos de Efraim no meio da herança dos filhos de Manassés, e também suas aldeias.

10 Mas os filhos de Efraim não exterminaram os cananeus, que habitavam em Gazer: e até o dia de hoje habitaram os cananeus no meio de Efraim sendo-lhe tributários.

CAPÍTULO 17

HERANÇA DA TRIBO DE MANASSÉS.

1 Caiu também a sorte à tribo de Manassés (porque êste é o primogênito de José); a Maquir primogênito de Manassés pai de Galaad, que foi um homem guerreiro, e possuiu o país de Galaad e de Basan: (1)

2 e aos filhos de Manassés pelas suas famílias, aos filhos de Abiezer, aos filhos de Helec, e aos filhos de Esriel, e aos filhos de Sequem, e aos filhos de Hefer, e aos filhos de Semida: Êstes são os filhos varões de Manassés, filhos de José, pelas suas famílias.

3 Mas Salfaad filho de Hefer, filho de Galaad, filho de Maquir, filho de Manassés, não tinha filhos, mas somente filhas, cujos nomes são êstes: Maala e Noa e Hegla e Melca e Tersa.

4 Estas vieram apresentar-se ao sacerdote Eleazar, e a Josué filho de Nun, e aos príncipes, dizendo: O Senhor ordenou a Moisés, que se nos desse um quinhão no meio de nossos irmãos. E José lhes deu seu quinhão

(1) A TRIBO DE MANASSÉS — Cisjordânica, confinava ao norte com Aser; a nordeste com Issacar; as duas metades cisjordânica e transjordânica eram, segundo Josefo, separadas apenas por um rio; a tribo transjordânica ficava a oeste do Jordão, para lá da terra de Galaad.

no meio dos irmãos de seu pai conforme o mandado do Senhor.

5 E caíram à tribo de Manassés dez quinhões, fora o país de Galaad e Basan na outra banda do Jordão.

6 Porque as filhas de Manassés possuíram a sua herança no meio dos filhos desta tribo. E o país de Galaad coube em sorte aos outros filhos de Manassés.

7 E o têrmo de Manassés foi desde Aser até Macmetat que olha para Siquem: e se estende pela direita até perto dos que habitam a Fonte de Tafua.

8 Porque na sorte de Manassés tinha caído o território de Tafua, o qual chega ao têrmo de Manassés, e é dos filhos de Efraim.

9 E esta fronteira desce ao Vale do Canavial para o meio-dia da torrente das cidades de Efraim, que estão no meio das de Manassés: o têrmo de Manassés é desde o setentrião da torrente, e vai terminar-se no mar:

10 assim a porção de Efraim está ao meio-dia, e a de Manassés ao norte, e ambas ficam cerradas pelo mar, e se encontram na tribo de Aser, pelo norte, e na tribo de Issacar pelo nascente.

11 E teve Manassés por herança na tribo de Issacar e na tribo de Aser, a Betsan com as suas aldeias, e a Jeblaam com as suas aldeias, e aos habitantes de Dor com as suas aldeias, aos habitantes também de Endor com as suas aldeias, e da mesma sorte aos habitantes de Tenac com as suas aldeias, e aos habitantes de Magedo com as suas aldeias: e a têrça parte da cidade de Nofet.

12 E os filhos de Manassés não puderam destruir estas cidades, mas começaram os cananeus a habitar nesta sua terra.

13 Porém depois que os filhos de Israel engrossa-

ram em forças, sujeitaram os cananeus, e os fizeram seus tributários, e não os mataram.

14 E falaram os filhos de José com Josué, e disseram: por que me não deste tu senão uma parte por herança, sendo eu como sou um povo tão numeroso, e tendo-me o Senhor abençoado?

15 Aos quais disse Josué: se tu és um povo tão numeroso, sobe ao bosque, e faze-te maior lugar no país dos fereus e dos Rafains: porque o monte de Efraim é para ti uma herança muito estreita.

16 Os filhos de José lhe responderam: nós não poderemos ganhar as montanhas, visto que os cananeus que habitam na campina, onde está Betsan com as suas aldeias, e Jezrael ocupando o meio do vale, usam de carroças armadas de ferro.

17 E Josué disse à casa de José, Efraim e Manassés: Tu és um povo muito numeroso, e de grandes forças, não terás só uma sorte,

18 mas passarás ao monte, e cortarás para ti, e alimparás maior terreno para habitares: e poderás passar ainda mais adiante depois que tiveres destruído os cananeus, que tu dizes que têm carroças armadas de ferro, e que são uma gente fortíssima.

CAPÍTULO 18

O TABERNÁCULO LEVANTADO EM SILO. HERANÇA DA TRIBO DE BENJAMIM.

1 E todos os filhos de Israel se ajuntaram em Silo, e puseram ali o tabernáculo do testemunho, e a terra se lhes sujeitou. (1)

(1) **SILO** — Esta cidade esteve esquecida por muito tempo; foi encontrada em 1838 pelo viajante americano Robinson. O seu

2 Porém tinham ficado sete tribos dos filhos de Israel, que ainda não tinham recebido a sua herança.

3 Aos quais disse Josué: Até quando vos consumirá o ócio, e não vos metcreis de posse da terra, que o Senhor Deus de vossos pais vos deu?

4 Escolhei três homens de cada tribo para que eu os envie a dar um giro à terra, e façam a sua demarcação segundo o número de cada tribo: e me tragam a demarcação que fizerem.

5 Dividi entre vós a terra em sete partes: Judá ficou nos seus limites da banda do meio-dia, e a casa de José da banda do setentrião:

6 A terra que medeia entre eles dividi-a em sete partes: e depois vinde cá ter comigo, para que eu na presença do Senhor vosso Deus vos lance aqui as sortes:

7 Porque os levitas não têm entre vós parte algu-

nome moderno é Selloun, e conserva ainda agora uma forma arcaica, que em tudo diz com a descrição bíblica. Sobre um montículo vêem-se as ruínas da povoação. A este e ao norte, o horizonte é cerrado pelas colinas de calcáreo cinzentas, ao sul desliza uma planície. Ao norte, atrás da cidade, um vale profundo; nas encostas, túmulos abertos na rocha. Segundo os judeus, em Silo esteve, durante 363 anos, o Tabernáculo da Arca. No cume da colina, para o norte das ruínas, vê-se uma espécie de retângulo irregular, inclinado um pouco para oeste. O rochedo foi grosseiramente talhado numa extensão de mais de 120 metros, em dois lados, entre os quais há uma cavidade de 23 metros de largo e de 1m de altura; era aqui o lugar em que parece ter estado o Tabernáculo, conforme os estudos da comissão científica inglesa que, em 1877, estudou a Palestina, servindo-se dos dados fornecidos pelo Mischna dos Jaders Conder, *Tentwork in Palestine*, 1878, t. I, 83, 84. O local era realmente apropriado, porque todo o povo acampado na planície podia ver, e reverenciar o Tabernáculo, prestando assim as homenagens devidas à divindade. Desapareceram hoje as vinhas do tempo de Josué e dos Juizes, agora a mais completa aridez, vendo-se apenas alguns pastores guardando os seus rebanhos.

ma, porque o sacerdócio do Senhor é a sua herança. A tribo porém de Gad e de Rúben, e a meia de Manassés já tinham recebido as suas porções antes de passarem o Jordão ao nascente: as quais lhes deu Moisés servo do Senhor.

8 E quando êstes homens se levantaram para ir fazer a demarcação da terra, mandou-lhes Josué, dizendo: Dai volta à terra, e demarcai-a, e voltai a mim: para que eu vos lance as sortes aqui em Silo diante do Senhor.

9 Partiram pois: e reconhecendo-a cuidadosamente a dividiram em sete partes, que descreveram num livro. E tornaram para Josué ao arraial de Silo.

10 O qual lançou as sortes diante do Senhor em Silo, e dividiu a terra em sete partes entre os filhos de Israel,

11 e caiu a primeira sorte aos filhos de Benjamim pelas suas famílias, para possuírem por quinhão o país situado entre os filhos de Judá e os filhos de José. (2)

12 E a sua fronteira foi para a banda do setentrão pela margem do Jordão: Estendendo-se para a banda setentrional de Jericó, e daí subindo as montanhas para o poente, e chegando até o deserto de Betaven,

13 e passando ao meio-dia pelo pé de Luza, que é Betel: e desce a Atarot-Adar perto do monte, que está ao meio-dia de Bet-horon a baixa:

14 E dando volta torce para a banda do mar ao meio-dia do monte que olha para Bet-horon da banda de África: e termina-se em Cariatiarim cidade dos filhos

(2) **BENJAMIM** — Estendia-se a este de Dan e ao norte de Judá, desde o Jordão até perto da planície dos filisteus. Jericó e Jerusalém faziam parte do seu território.

de Judá: Esta é a sua extensão para o mar, pelo lado do poente.

15 Mas pelo meio-dia da parte de Cariatiarim se estendem os termos para a banda do mar, e chega até à Fonte das águas de Neftoa.

16 E desce até àquela parte do monte, que olha para o vale dos filhos de Enom: e que está da banda do setentrião na extremidade do vale dos Rafains. E desce a Geenom (isto é, ao vale de Enom) ao lado dos jebuseus pelo meio-dia: e chega até à fonte de Rogel,

17 passando para a banda do setentrião, e estendendo-se até Ensemes, isto é, até à fonte do Sol:

18 E passa até os cabeços, que estão defronte da subida de Adomim: e desce até Abenboen, isto é, até à pedra de Boen filho de Rúben: e passa pelo lado do setentrião até às campinas: e desce à planície,

19 e passa para a banda do setentrião além de Bet-hagla: e termina-se na ponta setentrional do mar salgadoíssimo na embocadura do Jordão que olha para o meio-dia:

20 Que a termina da banda do nascente: esta é a herança dos filhos de Benjamim com os seus limites à roda, e segundo as suas famílias.

21 E as suas cidades foram: Jericó e Bet-hagla e o vale de Casis.

22 Bet Araba e Samarim e Betel,

23 e Avim e Afara e Ofer,

24 a cidade de Emona e Ofni e Gabee: doze cidades com as suas aldeias.

25 Gabaon e Rama e Berot,

26 e Mesfe e Cafara e Amosa,

27 e Recem, Jarefel e Tarela,

28 e Sela, Elef, e Jebus, que é Jerusalém, Gabaat e Cariat: catorze cidades com as suas aldeias. Esta é a possessão dos filhos de Benjamim segundo as suas famílias.

CAPÍTULO 19

HERANÇA DAS OUTRAS SEIS TRIBOS.

1 E saiu a segunda sorte aos filhos de Simeão pelas suas famílias: e foi a herança

2 dêles no meio da herança dos filhos de Judá: Bersabee e Sabee e Molada

3 e Hasersual, Bala e Asem

4 e Eltolad, Betul e Harma

5 e Siceleg e Betmarcabot, e Hasersusa

6 e Betlebaot e Saroen: treze cidades com as suas aldeias.

7 Ain e Remon e Atar e Asan: quatro cidades com as suas aldeias:

8 Todos os lugarejos dos contornos destas cidades até Baalat Beer Ramat da banda do meio-dia. Esta é a herança dos filhos de Simeão segundo as suas famílias. (1)

9 Na possessão e território de Judá: porque era maior: e por isso os filhos de Simeão tiveram o seu quinhão no meio da herança daqueles.

10 E caiu a terceira sorte aos filhos de Zabulon pelas suas famílias: e a fronteira da sua herança se estende até Sarid. (2)

(1) **BALAAT BEER RAMAT** — No Negeb, localidade desconhecida, que se pode explicar como encerrando dois nomes: Balaat Beer, Ramat Negebe.

(2) **ZABULON** — O seu território tinha por fronteiras, se-

Josué 19, 11-24

11 E sobe do mar e de Merala, chega a Debaset até a torrente que está defronte de Jeconam.

12 E volta de Sared para o nascente até os confins de Ceselettabor: e sai a Daberet, e sobe para Jafie.

13 E dali passa até o lado oriental de Getefer e Tacasin: e estende-se a Remon, Amtar e Noa.

14 E dá volta pelo norte para a banda de Hanaton: e termina-se no vale de Jeftael,

15 e Catet e Naalol e Semeron e Jedala e Belém: doze cidades com as suas aldeias. (3)

16 Esta é a herança da tribo dos filhos de Zabulon pelas suas famílias, com as suas cidades e lugarejos.

17 Saiu a quarta sorte a Issacar pelas suas famílias:

18 e a sua herança compreende a Jezrael e Casalot e Sunem,

19 e Hafaraim e Seon, e Anaarat,

20 e Rabot e Cesion, e Abes,

21 e Ramet, e Enganim, e Enada, e Betfeses.

22 E a sua fronteira chega até Tabor e Saesima e Betsames: e fenece no Jordão: dezesseis cidades com as suas aldeias, (4)

23 Esta é a herança dos filhos de Issacar pelas suas famílias, com as suas cidades e lugarejos.

24 E caiu a quinta sorte à tribo dos filhos de Aser pelas suas famílias: (5)

gundo o testemunho de Josefo, a este o lago de Genesaré, a oeste o Carmelo e o Mediterrâneo, ao sul Issacar, ao norte Neftali e Aser.

(3) **BELÉM** — De Zabulon, ao sul de Dgeda.

DOZE CIDADES — Sòmente são citadas cinco; é provável que tivesse desaparecido uma linha do texto por um erro do copista.

(4) **TABOR** — Montanha na extremidade nordeste da planície de Esdrelon.

(5) **ASER** — Situada a oeste na margem do Mediterrâneo; era limitada a sudeste por Zabulon; a este por Neftali, e ao norte

25 e a sua fronteira se estende desde Halcath e Calim e Beten e Axaf

26 e Elmelec e Amaad e Messal: e chega até ao Carmelo do mar e a Sior e a Labanath.

27 E volta pelo Oriente para a banda de Betdagon: e passa até Zabulon e ao vale de Jeftael para o norte até Betemec e Neiel. E estende-se pela esquerda até Cabul,

28 e Abran e Roob e Hamon e Dana, até a grande Sidônia:

29 e volta para a banda de Horma até a fortíssima cidade de Tiro, e até Hosa: e termina-se no mar do território de Achziba:

30 também Ama e Afe e Roob: vinte e duas cidades com as suas aldeias.

31 Esta é a herança dos filhos de Aser pelas suas famílias, com as suas cidades e lugares.

32 Caiu a sexta sorte aos filhos de Neftali pelas suas famílias: (6)

33 e a sua fronteira começa desde Helef e Elon e Saananim, e Adami, que se chama Neceb, e desde Jebnael até Lecum; e acaba no Jordão;

34 e volta a sua fronteira pelo ocidente para Azanot-tabor, e dali se estende até Hucuca, e passa por Zabulon da parte do meio-dia, e por Aser da parte do ocidente, e por Judá da parte do Jordão pelo oriente.

pela Fenícia. Era porém de grande fertilidade, muito abundante em trigo e azeite.

(6) NEFTALI — Era a mais setentrional das tribos de Israel. Estava limitada: a este pelo Jordão, lago Meron e o Genemet; ao sul estava Zabulon; a oeste Aser; ao norte o rio Lontes. O seu território era o mais variado de todas as tribos: ao norte, montanhas; ao sul, planícies, que são o jardim da Palestina.

35 Suas cidades fortificadíssimas Assedim, Ser, e Emat, Recat e Ceneret,

36 e Edema e Arama, Asor,

37 e Cedes e Edrai, Enasor,

38 e Jeron e Magdalel, Horem e Betanat e Betsames: dezenove cidades com as suas aldeias.

39 Esta é a herança da tribo dos filhos de Neftali pelas suas famílias, com as suas cidades e lugarejos.

40 Saiu a sétima sorte à tribo dos filhos de Dan pelas suas famílias: (7)

41 e foram os têrmos da sua herança Sara e Estaol, e Hirsemes, isto é, cidade do sol,

42 Selebin e Aialon e Jetela,

43 Elon e Temna e Acron,

44 Eltece, Gebeton e Balaat,

45 e Jud e Bane e Barac e Getremon.

46 e Meiarcon e Arecon, com os seus confins que olham para Jope,

47 e que se terminam neste mesmo lugar. Mas os filhos de Dan subiram, e pelejaram contra Lesem, e a tomaram: e passaram ao fio da espada, e a herdaram, e possuíram, e a povoaram, chamando-a Lesem Dan, do nome de Dan seu pai.

48 Esta é a herança da tribo dos filhos de Dan pelas suas famílias com as suas cidades e lugarejos.

49 E tendo Josué acabado de repartir a terra por sorte por cada uma das tribos, os filhos de Israel deram a Josué filho de Nun por herança no meio dêles,

50 conforme o preceito do Senhor, a cidade de

(7) DAN — Ficava encravada na tribo de Judá. Era a mais pequena, pelo que mais tarde procurou expandir-se para o norte.

Tamnath Saraa sobre o monte de Efraim, a qual elle tinha pedido: e edificou uma cidade, e nela morou. (8)

51 Estas são as possessões, que dividiram por sorte o sacerdote Eleazar, e Josué filho de Nun, e os príncipes das famílias, e das tribos dos filhos de Israel em Silo, diante do Senhor à porta do tabernáculo do testemunho, e repartiram a terra.

CAPÍTULO 20

CIDADES DE REFÚGIO ESTABELECIDAS POR ORDEM DO SENHOR.

1 E falou o Senhor a Josué, dizendo: Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes:

2 Separai as cidades dos que se refugiam, das quais eu vos falei por meio de Moisés:

3 a fim de que todo o que matar um homem sem querer, se retire a elas: e possa evitar a ira do mais próximo parente do morto, que quizer vingar o seu sangue:

4 quando elle se refugiar a uma destas cidades, apresentar-se-á à porta da cidade, exporá aos anciãos de lá tudo o que possa comprovar a sua inocência: e dêste modo o receberão, e dar-lhe-ão onde habite. (1).

5 E se aquêle que quer vingar o morto o perseguir, não lho entregarão às suas mãos: porque matou por ignorância a seu próximo, nem se prova, que dois, ou três dias antes fôsse seu inimigo.

(8) **TAMNATH SARAA** — Hoje Tibneh, a duas horas e meia de caminho a nordeste de Djifneh, a antiga Gofna, no meio das montanhas de Efraim.

(1) **AOS ANCIÃOS** — Os anciãos, nas cidades israelitas, como na época patriarcal, desempenhavam as funções de Juizes e chefes da cidade.

6 E habitará nesta cidade, até que compareça em juízo, para dar conta do que fêz, e até que morra o sumo sacerdote, que fôr naquele tempo: então voltará o homicida, e entrará na sua cidade e na sua casa donde tinha fugido.

7 E decretaram que fôsem cidades de refúgio Cedes na Galiléia sôbre o monte de Neftali, e Siquem, sôbre o monte de Efraim, e Cariatarbe, que é Hebron no monte de Judá.

8 E na outra banda do Jordão para o nascente de Jericó destinaram a Bosor, que está situada na planície do deserto da tribo de Rúben, e a Ramot em Galaad da tribo de Gad, e a Gaulon em Basan da tribo de Manassés.

9 Estas foram as cidades constituídas para todos os filhos de Israel, e para os estrangeiros que habitavam entre êles: para que aquêle que tivesse morto a alguém sem querer, se pudesse refugiar nelas, e não morresse às mãos do parente, que quisesse vingar o sangue derramado, até se apresentar ante o povo, e defender a sua causa.

CAPÍTULO 21

CIDADES QUE SE DERAM AOS LEVITAS PARA SUA HABITAÇÃO.

1 E os príncipes das famílias de Levi vieram ter com o sacerdote Eleazar e com Josué filho de Nun, e com os chefes das famílias de cada tribo dos filhos de Israel: (1)

(1) LEVI — A tribo de Levi era a única que não tinha território, nem lhe tinham sido dadas as cidades que lhe foram prometidas.

2 E lhes falaram em Silo da terra de Canaã, e disseram: O Senhor mandou por meio de Moisés, que se nos dessem cidades em que habitássemos, e os arrabaldes delas para manter os nossos animais.

3 E deram os filhos de Israel das suas heranças cidades com os seus arrabaldes, conforme o mandamento do Senhor.

4 E saíram por sorte à família de Caat dos filhos do sacerdote Aarão, treze cidades das tribos de Judá, e de Simeão, e de Benjamim:

5 e aos outros filhos de Caat, isto é, aos levitas que ficavam, dez cidades das tribos de Efraim, e de Dan, e da meia tribo de Manassés.

6 Aos filhos porém de Gérson saiu a sorte de receberem treze cidades das tribos de Issacar e de Aser e de Neftali, e da meia tribo de Manassés em Basan.

7 E aos filhos de Merari pelas suas famílias doze cidades das tribos de Rúben e de Gad e de Zabulon. (2)

8 E deram os filhos de Israel estas cidades e os seus arrabaldes aos levitas, como o Senhor o tinha mandado por meio de Moisés, repartindo-as a cada um por sorte.

9 Deu pois Josué das tribos dos filhos de Judá e de Simeão as cidades, cujos nomes são estes:

10 Aos filhos de Aarão das famílias de Caat da linhagem de Levi (pois que a eles saiu a primeira sorte)

11 Cariatarbe do pai de Enac, que se chama Hebron, no monte de Judá, com os seus arrabaldes em roda.

(2) **AOS FILHOS DE MERARI** — As suas doze cidades estão designadas nos vv. 34 e 38. A maior parte já foi indicada nos capítulos precedentes, a propósito da divisão da Palestina entre as doze tribos.

12 Porque tinha dado os seus campos, e aldeias a Caleb filho de Jefone para os possuir.

13 Deu pois aos filhos do sacerdote Aarão Hebron cidade de refúgio com os seus arrabaldes, e Lobna com os seus arrabaldes:

14 e Jeter, e Estemo,

15 e Helon, e Dabir,

16 e Ain, e Jeta, e Betsames, com os seus arrabaldes: nove cidades de duas tribos como fica dito.

17 Da tribo pois dos filhos de Benjamim, Gabaon, e Gabae,

18 e Anatot e Almon, com os seus arrabaldes: quatro cidades. (3)

19 Assim pelo todo foram dadas treze cidades com os seus arrabaldes, aos filhos do sacerdote Aarão.

20 E às outras famílias dos filhos de Caat da linhagem de Levi, foi dada a possessão que se segue:

21 Da tribo de Efraim as cidades de refúgio, Siquem com os seus arrabaldes sobre o monte de Efraim, e Gazer,

22 e Cibsaim e Bet-horon, com os seus arrabaldes, quatro cidades.

23 E da tribo de Dan, Elteco e Gabaton, (4)

24 e Ajalon, e Getremon, com os seus arrabaldes, quatro cidades.

25 E da meia tribo de Manassés, Tanac, e Getremon, com os seus arrabaldes, duas cidades.

26 Ao todo foram dadas aos filhos de Caat, que

(3) **ANATOT** — Pátria de Jeremias, hoje Anata, perto de Jerusalém, para o norte.

(4) **ELTECO** — Acha-se numa inscrição de Senaquerib, sob a forma *Alta-ku*, como tendo sido teatro duma grande batalha entre o exército deste príncipe e o dos egípcios. Não se descobriu o seu local.

eram de inferior grau, dez cidades, com os seus arrabaldes.

27 Deu também da meia tribo de Manassés aos filhos de Gérson da linhagem de Levi as cidades de refúgio, Gaulon em Basan, e Bosram, com os seus arrabaldes, duas cidades.

28 E da tribo de Issacar, Cesion, e Daberet,

29 e Jaramot, e Enganim com os seus arrabaldes, quatro cidades.

30 E da tribo de Aser, Masal e Abdon,

31 e Helcat, e Roob, com os seus arrabaldes, quatro cidades.

32 E da tribo de Neftali as cidades de refúgio, Cedes em Galiléia, e Hamot-Dor, e Cartan, com os seus arrabaldes, três cidades.

33 Todas as cidades das famílias de Gérson foram treze, com os seus arrabaldes.

34 Aos filhos porém de Merari, levitas de inferior ordem, segundo as suas famílias foram dadas da tribo de Zabulon, Jecnam e Carta, (5)

35 e Damna, e Naalol, quatro cidades com os seus arrabaldes.

36 Da tribo de Rúben na banda de além do Jordão, defronte de Jericó, as cidades de refúgio, Bosor no deserto, Misor e Jaser e Jetson e Mefaat, quatro cidades com os seus arrabaldes.

37 Da tribo de Gad as cidades de refúgio, Ramot em Galaad, e Manaim e Hesebon e Jazer, quatro cidades com os seus arrabaldes.

38 Todas as cidades dos filhos de Merari, segundo as suas famílias e casas, foram doze.

(5) **DE INFERIOR ORDEM** — No original está o resto dos Levitas, isto é, o grupo formando a heróica e última família dos levitas.

39 Pelo que tôdas as cidades dos levitas no meio das heranças dos filhos de Israel foram quarenta e oito,

40 com os seus arrabaldes, distribuídas cada uma segundo a ordem das famílias.

41 E o Senhor Deus deu a Israel tôda a terra, que tinha prometido com juramento que daria a seus pais: e êles a possuíram, e povoaram.

42 E lhes deu paz com tôdas as nações do contôrno: e nenhum dos seus inimigos ousou resistir-lhes, mas todos ficaram sujeitos ao seu domínio. (6) -

43 Nem uma só palavra do que tinha prometido dar-lhes, ficou sem efeito, mas tudo se cumpriu por obra.

CAPÍTULO 22

DESPEDIDA DAS TRIBOS DE RÚBEN, E DE GAD, E DA MEIA TRIBO DE MANASSÉS PARA O SEU PAÍS; MONUMENTO QUE ÊLES ERIGEM NA MARGEM DO JORDÃO. QUANTO OS OUTROS ISRAELITAS O LEVARAM A MAL. SATISFAÇÃO QUE LHES DERAM.

1 Neste mesmo tempo chamou Josué os rubenitas, e os gaditas, e à meia tribo de Manassés, (1)

2 e lhes disse: Vós tendes feito tudo o que Moisés servo do Senhor vos ordenou: a mim também me tendes obedecido em tôdas as coisas, (2)

(6) **NENHUM DOS SEUS INIMIGOS OUSOU RESISTIR-LHES** — Estas palavras resumem as relações dos israelitas com os cananeus durante os primeiros anos que seguiram à conquista, e enquanto que os hebreus ficaram fiéis às suas promessas.

(1) **NESSE MESMO TEMPO** — Imediatamente depois da divisão da Terra Prometida.

(2) **O QUE MOISÉS... VOS ORDENOU** — Estas tribos tinham recebido ordem de cooperar na conquista de Canaã, ainda que o seu território já havia sido adquirido a este do Jordão. Núm 32; 20-22. Dt 3, 18-20.

3 e por um tão largo tempo até o dia de hoje, não tendes desamparado a vossos irmãos, guardando o mandamento do Senhor vosso Deus. (3)

4 Como pois o Senhor vosso Deus deu paz e sossêgo a vossos irmãos, como êle lho tinha prometido: Tornai, e ide-vos para as vossas tendas, e para a terra da vossa possessão, que Moisés, servo do Senhor, vos deu da outra banda do Jordão:

5 Com a condição porém de que guardeis, e cumprais exatamente o mandamento e a lei que Moisés, servo do Senhor, vos prescreveu, de maneira que ameis ao Senhor vosso Deus, e andeis em todos os seus caminhos, e observeis os seus mandamentos, e vos unais a êle, e o sirvais de todo o vosso coração, e de tôda a vossa alma.

6 Depois lhes deu Josué a bênção, e os despediu. E eles voltaram para as suas tendas.

7 Moisés porém tinha dado à meia tribo de Manassés as terras que devia possuir em Basan: e por isso Josué deu a sua sorte à outra meia, que tinha ficado entre os outros seus irmãos na banda de aquém do Jordão para o ocidente. E depois de os ter despedido para as suas tendas, e de os ter abençoado,

8 lhes disse: Vós voltais para vossas casas com muitos bens, e riquezas, com prata e ouro, cobre e ferro, e vestidos de tôda a qualidade: Reparti pois com vossos irmãos a prêsa dos inimigos.

9 Assim os filhos de Rúben, e os filhos de Gad, com a meia tribo de Manassés, voltaram, e se separaram da companhia dos filhos de Israel, em Silo, que está situada em Canaã, para entrarem em Galaad, terra da sua pos-

(3) **TÃO LARGO TEMPO** — A guerra tinha durado sete anos.

sessão, que tinham obtido por meio de Moisés conforme o mandado do Senhor. (4)

10 E tendo chegado às reprêsas do Jordão, na terra de Canaã, edificaram junto ao Jordão um altar de imensa grandeza. (5)

11 O que tendo ouvido os filhos de Israel, e sabendo por mensageiros seguros, que os filhos de Rúben, e de Gad, e os da meia tribo de Manassés tinham edificado um altar na terra de Canaã, sobre os cabeços do Jordão, defronte dos filhos de Israel:

12 Congregaram-se todos em Silo, para marcharem e pelejarem contra êles.

13 E entretanto lhes enviaram à terra de Galaad a Finéias filho do sacerdote Eleazar,

14 e dez dos príncipes com êle, cada um de sua tribo.

15 Os quais foram ter com os filhos de Rúben, e de Gad, e com os da meia tribo de Manassés na terra de Galaad, e lhes disseram:

16 Eis-aqui o que todo o povo do Senhor vos manda dizer: Que transgressão é esta? por que deixastes vós o Senhor Deus de Israel, levantando um altar sacrilego, e apartando-vos do seu culto?

17 Acaso parece-vos pouco ter pecado em Beelfe-

(4) **GALAAD** — Este nome aqui é empregado em sentido lato e indica tôdas as possessões de Israel a este do Jordão.

(5) **REPRÊSAS** — No original hebraico está *gilloth* e *gilalah*, que significa *tractus terræ*, e que a Vulgata traduziu por *túmulos*, o padre Pereira por *cabeços* e Glaire por *digues*: é o território que está na vizinhança do Jordão.

UM ALTAR DE IMENSA GRANDEZA — No monte dos rube-nitas e gaditas este altar era apenas um monumento religioso, comemorativo da aliança feita por Deus com Israel. As tribos trans-jordanicas viram aí um altar, destinado à oblação dos sacrifícios, considerando um cisma e um prelúdio da idolatria, pelo que se aprestaram para a guerra, v. 12.

gor, e que a mácula dêste crime ainda até hoje não esteja apagada em nós? pois por isso pereceram muitos do povo.

18 E vós deixastes hoje o Senhor, e amanhã cairá a sua ira sôbre todo o Israel.

19 Se cuidais que a terra da vossa herança é imunda, passai para a terra, onde se acha o tabernáculo do Senhor, e habitai entre nós: Contanto que vos não aparteis do Senhor, nem da nossa sociedade, edificando um altar contra o altar do Senhor nosso Deus.

20 Não é assim que Acan filho de Zaré violou o mandado do Senhor, e veio a sua ira sôbre todo o povo de Israel? E êle era um só homem, e oxalá que só êle tivera perecido pela sua maldade.

21 E os filhos de Rúben e de Gad, e os da meia tribo de Manassés responderam aos príncipes da legação de Israel:

22 O Senhor Deus fortíssimo, êle o sabe, e também o saberá Israel: Se nós com ânimo de prevaricação levantamos êste altar, êle nos não proteja, mas desde agora nos castigue:

23 e se o fizemos com ânimo de oferecer sôbre êle holocaustos, e sacrificios, e vítimas pacíficas, êle nos peça disso conta e nós julgue:

24 e se antes pelo contrário o não fizemos com ânimo e desígnio de dizer: Amanhã dirão os vossos filhos aos nossos: Que tendes vós com o Senhor Deus de Israel? (6)

25 O Senhor pôs o rio Jordão por têrmo entre nós e vós, ó filhos de Rúben, e ó filhos de Gad: e assim não tendes parte no Senhor. E esta será uma ocasião, de que

(6) QUE TENDES VÓS COM O SENHOR DEUS DE ISRAEL?

— Isto é, que aliança existe entre Deus e vós?

vossos filhos apartem os nossos do termo do Senhor. Portanto assim julgamos por melhor,

26 e dissemos: Façamos um altar, não para oferecermos nêle holocaustos, nem vítimas,

27 mas para testemunho entre nós e vós, e entre a nossa posteridade e a vossa, de que servimos ao Senhor, e de que temos direito de lhe oferecer holocaustos e vítimas, e hóstias pacíficas: e de nenhuma sorte digam amanhã vossos filhos aos nossos: Vós não tendes parte no Senhor.

28 Porque, se o quiserem dizer, responder-lhes-ão: Eis-aqui o altar do Senhor, que fizeram nossos pais, não para holocaustos, nem sacrifícios, mas para testemunho entre nós e vós. (7)

29 Longe de nós tamanho crime que nos apartemos do Senhor, e deixemos de seguir as suas pisadas, edificando altar para oferecer holocaustos, e sacrifícios, e vítimas fora do altar do Senhor nosso Deus, que foi levantado diante do seu tabernáculo.

30 Quando isto ouviram, o sacerdote Finéias, e os príncipes da legação de Israel, que com êle estavam, se apaziguaram: e admitiram mui contentes as palavras dos filhos de Rúben, e de Gad, e da meia tribo de Manassés.

31 E o sacerdote Finéias filho de Eleazar lhes disse: Agora sabemos que o Senhor é convosco, visto que estais alheios desta prevaricação, e que livrastes os filhos de Israel da vingança do Senhor.

32 E deixando aos filhos de Rúben e de Gad, êle com os príncipes voltou da terra de Galaad, que confina

(7) **EIS-AQUI O ALTAR** — No hebreu está "eis-aqui a cópia do altar", o que faz supor que copiaram o altar dos holocaustos.

com Canaã, para os filhos de Israel, e lhes deu conta de tudo.

33 E todos os que ouviram se satisfizeram com isto. E os filhos de Israel louvaram a Deus, e nem lhes veio mais ao pensamento sair a combater contra eles, nem a destruir a terra que possuíam.

34 E os filhos de Rúben, e os filhos de Gad chamaram ao altar que tinham edificado, testemunho nosso, que o Senhor mesmo é Deus.

CAPÍTULO 23

EXORTA JOSUÉ OS FILHOS DE ISRAEL A QUE OBSERVEM PONTUALMENTE A LEI DO SENHOR. AMEAÇA-OS DE GRANDES CASTIGOS, SE FIZEREM O CONTRÁRIO.

1 Passado pois muito tempo, que o Senhor tinha dado a paz a Israel, subjugadas tôdas as nações circunvizinhas, e sendo já Josué ancião e duma idade mui avançada: (1)

2 Chamou Josué a todo o Israel, e aos anciãos, e aos príncipes, e aos capitães, e aos magistrados, e lhes disse: Eu estou velho, e acho-me numa idade mui adiantada: (2)

(1) **PASSADO POIS MUITO TEMPO** — Terminada que foi a conquista da Terra da Promissão, Josué retirou-se para Tamnatsaré, onde viveu como qualquer particular. Estava acabada a missão que lhe foi incumbida pelo Senhor; recolheu-se, não querendo exercer o supremo poder, o que não agradaria naquele tempo ao povo. Sentindo, porém, avizinhar-se o termo da sua vida, sai da obscuridade para recordar aos hebreus os benefícios que Iahvéh tinha liberalizado ao povo escolhido.

(2) **TODO O ISRAEL** — Segundo o original hebreu, devem entender-se apenas os chefes mencionados no versículo — anciãos, príncipes, capitães — que eram os legítimos representantes de todo

3 e vós vêdes tudo o que o Senhor vosso Deus tem feito a tôdas as nações circunvizinhas, e como êle mesmo tem pelejado a vosso favor:

4 e que agora vos repartiu por sorte tôda a terra, desde a banda oriental do Jordão até o mar grande e pôsto que restem ainda muitas nações;

5 o Senhor vosso Deus as acabará e as tirará da vossa vista, e vós possuireis a terra, como êle vos prometeu,

6 contanto que sejais constantes e solícitos em guardar tôdas as coisas que estão escritas no livro da lei de Moisés; e não vos arredeis dela nem para a direita nem para a esquerda:

7 Para que depois de entrardes para o meio destas nações, que hão-de estar entre vós, não jureis pelo nome dos seus deuses, nem os sirvais, nem os adoreis:

8 Mas vos conserveis unidos ao Senhor vosso Deus, como tendes feito até êste dia.

9 E então dissipará o Senhor vosso Deus da vossa presença a estas nações grandes e pujantes, e nenhuma vos poderá resistir.

10 Um só dentre vós perseguirá mil dos inimigos: Porque o Senhor vosso Deus êle mesmo pelejará por vós, como o prometeu.

11 Isto sòmente procurai com todo o cuidado, que ameis ao Senhor vosso Deus.

12 Mas se vós quizerdes seguir os erros dêstes povos, que habitam entre vós, e contrair com êles matrimônios, e fazer amizades;

13 sabej já daqui que o Senhor vosso Deus não os exterminará de diante de vós, mas que êles virão a ser

o. Israel. Esta reunião tem lugar ou em Tamnatsaré, onde Josué habitava, ou em Silo, onde estava a arca.

para vós uma cova e um laço, e uma pedra de tropêço ao vosso lado, e um espinho nos vossos olhos, até que vos tire e vos extermine desta excelente terra que vos deu: (3)

14 Vêde que eu hoje estou a entrar no caminho de tôda a terra, e vós reconhecereis com tôda a certeza que de tôdas as palavras que o Senhor prometeu cumprir-vos, nem uma só ficou sem cumprimento. (4)

15 Pois assim como cumpriu por obra suas promessas, e tudo vos tem sucedido felizmente: assim fará êle cair sôbre vós todos os males de que vos ameaçou, até que vos tire e vos extermine desta excelente terra que vos deu,

16 se tiverdes violado o pacto que o Senhor vosso Deus fêz convosco, e se tiverdes servido e adorado a deuses estrangeiros: porque então depressa e súbitamente se levantará contra vós o furor do Senhor, e vós sereis tirados desta excelente terra, que vos deu. (5)

CAPÍTULO 24

TRAZ JOSUÉ A MEMÓRIA AOS FILHOS DE ISRAEL TUDO O QUE DEUS FIZERA POR SEUS PAIS, E POR ÊLES. ÊLES LHE PROMETEM QUE SEMPRE ESTARÃO UNIDOS COM O SENHOR. MORTE DE JOSUÉ, E DE ELEAZAR.

1 E Josué reuniu tôdas as tribos de Israel em Siquem, e chamou aos anciãos, e aos príncipes, e aos juí-

(3) **ESPINHO** — A Bíblia tira dos espinhos várias comparações, tôdas para significar a idéia de embaraço crescente.

(4) **HOJE** — Hebraísmo que significa "bem depressa".

(5) **VÓS SEREIS TIRADOS** — Predição realizada durante o cativeiro da Babilônia e sobretudo após a morte de Jesus Cristo.

zes, e aos magistrados: e eles se apresentaram diante do Senhor: (1)

2 E Josué falou assim ao povo: Eis-aqui o que diz o Senhor Deus de Israel: Vossos pais, Taré pai de Abraão, e de Nacor, desde o princípio habitaram na banda de além do rio: e serviram a deuses estranhos.

3 Mas eu tirei a Abraão vosso pai dos confins da Mesopotâmia: e o trouxe à terra de Canaã: e multipliquei a sua descendência,

4 e dei-lhe Isaac: e a este dei Jacó e Esaú. E a Esaú, um destes, dei em possessão o monte de Seir: Jacó porém e seus filhos desceram ao Egito.

5 Depois mandei Moisés e Aarão, e castiguei o Egito com muitos milagres e portentos.

6 E vos fiz sair a vós e a vossos pais do Egito, e viestes ao mar: e os egípcios perseguiram a vossos pais com carroças e cavalaria até o mar Vermelho. (2)

7 Os filhos de Israel porém clamaram ao Senhor: o qual pôs trevas entre vós e os egípcios, e fez vir o mar sobre eles, e os cobriu. Vossos olhos viram tôdas as coisas que eu fiz no Egito, e vós habitastes no deserto muito tempo:

8 E eu vos introduzi na terra do amorreu, que habitava na banda de além do Jordão. E quando pelejavam

(1) **REUNIU TÔDAS AS TRIBOS** — Desta vez, como claramente se lê no texto bíblico, não foram só os chefes, mas tôdas as tribos.

SIQUEM — Sem dúvida a arca tinha sido transportada para Siquem, com este mesmo fim, pois o texto diz que "se apresentaram diante do Senhor".

(2) **E CAVALARIA** — Isto é, os cavalos atrelados aos carros, pois no tempo de Moisés eram desconhecidos os cavaleiros no exército egípcio. Os carros eram montados por dois soldados; um dirigia o carro, e levava o escudo, o outro levava o arco.

contra vós, eu os entreguei nas vossas mãos, e vós vos apoderastes do seu país, e os passastes ao fio da espada.

9 E levantou-se Balac filho de Sefor rei de Moab, e pelejou contra Israel. E mandou chamar a Balaam filho de Beor, para que vos amaldiçoasse:

10 E eu o não quis ouvir, antes pelo contrário vos abençoei pela sua bôca, e vos livreí de suas mãos.

11 E passastes o Jordão, e chegastes a Jericó. E pelejaram contra vós os homens dessa cidade, os amorreus, e os fereseus, e os canancus, e os heteus, e os ger-geseus, e os heveus, e os jebuseus: e eu os entreguei nas vossas mãos.

12 E mandei adiante de vós vespas: e lancei fora do seu país aos dois reis dos amorreus, não com a tua espada nem com o teu arco.

13 E vos dei uma terra, que não lavrastes; e umas cidades que não edificastes para habitardes nelas: vinhas e olivais, que não plantastes.

14 Agora pois temei ao Senhor, e servi-o com um coração perfeito e mui sincero: e tirai os deuses, a que vossos pais serviram na Mesopotâmia e no Egito, e servi ao Senhor.

15 Porém se vos achais mal com servir ao Senhor, na vossa mão está a escolha: escolhei hoje o que mais vos agradar, e a quem principalmente deveis servir, se aos deuses a quem serviram vossos pais na Mesopotâmia, ou aos deuses dos amorreus, em cuja terra habitais: porque eu e minha casa havemos de servir ao Senhor.

16 E o povo respondeu, e disse: Longe de nós que abandonemos o Senhor, e sirvamos a deuses estranhos.

17 O Senhor nosso Deus êle mesmo nos tirou a nós, e a nossos pais da terra do Egito; da casa da servi-dão: e fêz à nossa vista grandes prodígios, e nos guar-

Josué 24, 18-26

dou por todo o caminho, por onde andamos, e por entre todos os povos, por onde passamos.

18 E expulsou tôdas estas nações, ao amorreu habitador da terra, em que nós entramos. Nós pois serviremos ao Senhor, porque êle é o nosso Deus.

19 E Josué disse ao povo: Vós não podereis servir ao Senhor: porque êle é um Deus santo, e zelador forte, e não perdoará as vossas maldades e pecados.

20 Se vós largardes o Senhor, e servirdes a deuses estranhos, êle se voltará contra vós, e vos afligirá, e destruirá depois dos bens que vos tem feito.

21 E disse o povo a Josué: Não será assim, como tu dizes, mas nós serviremos ao Senhor.

22 E Josué respondeu ao povo: Vós sois testemunhas de que vós mesmos escolhestes o Senhor para o servir. E responderam: Nós somos testemunhas.

23 Agora pois, disse Josué, tirai do meio de vós os deuses estranhos, e inclinai os vossos corações para o Senhor Deus de Israel.

24 E o povo disse a Josué: Nós serviremos ao Senhor nosso Deus, e seremos obedientes aos seus preceitos.

25 Fêz portanto Josué o concôrto naquele dia, e propôs ao povo os preceitos e ordenações em Siquem.

26 Escreveu também tôdas estas coisas no livro da lei do Senhor: e tomou uma pedra muito grande, e a pôs debaixo de um carvalho, que estava no santuário do Senhor: (3)

(3) **ESCREVEU...** — Estas palavras confirmam a tradição judaica, que atribui êste livro a Josué. Não há, com efeito, razão alguma que autorize a restrição do sentido desta passagem, só às últimas palavras de Josué. Havia grande utilidade em fixar para o futuro, a distribuição do território feita entre as diversas tribos, e custa a crer que o conquistador de Canaã não o tivesse feito, porque isto representava o resto do cumprimento da sua missão.

27 E disse para todo o povo: Esta pedra que vêdes, servir-vos-á de testemunho, de que ela ouviu tôdas as palavras que o Senhor vos disse: para que depois o não possais negar, nem mentir ao Senhor vosso Deus.

28 E despediu o povo, para que fôsse cada um para as suas terras.

29 Depois disto morreu Josué filho de Nun servo do Senhor, de cento e dez anos. (4)

30 E o sepultaram nos confins da sua herdade em Tamnatsaré, que está situada sôbre o monte de Efraim, para a banda setentrional do monte Gaas. (5)

(4) **SERVO DO SENHOR** — Agora, neste versículo, que evidentemente não é de Josué, é que nos aparece a primeira frase elogiosa para o conquistador da Palestina. Se o autor desta passagem fôsse o do resto do livro, como se explicaria êste modo de falar de Josué? Só se explica admitindo que Josué é o autor, e que por isso mesmo se não referiu com o menor louvor à sua pessoa.

(5) **TAMNATSARÉ** — Vitor Guérin achou um túmulo, que diz ser o de Josué, em 31 de agosto de 1863, como prova por argumentos convincentes, embora nem todos os críticos estejam de acôrdo. Deve-se ler a obra de Guérin *Description de la Palestine Samarie*, bem como Saulcy, *Voyage en Terre Sainte*. Guérin com o doutor Smith, seguindo os trabalhos anteriores de Robinson, começou por localizar Tamnatsaré, que entende ser a mesma cidade Khirbet Tibneh, da montanha de Efraim, que está precisamente ao norte do monte Gaar, na antiga montanha, e cita o texto sagrado *Thamnath-Saré, que est sita in monte Ephraim, a septentrionali parte montis Gaas*. Em abono da sua opinião refere que S. Jerônimo no seu *Epitaphium Paulæ*, v. 13, nos diz que esta illustre romana subia ao monte Efraim para venerar os túmulos de Josué e Eleazar. No livro de Eusébio, traduzido pelo mesmo santo doutor. De *situ et nominibus locorum hebraicorum*, lê-se: *Gaas, mons in tribu Ephraim, in cujus septentrionali plaga sepultus est Josué filius Nave, et usque hodie juxta vicum. Thama sepulcrum ejus insigne monstratur*. S. Hieronymus, *Opera*, edic. Vallarsl, t. III. De resto, o túmulo tem todos os caracteres da mais alta antiguidade; é uma escavação sepulcral com uns simples pilares no vestibulo, onde de-

31 E serviu Israel ao Senhor todo o tempo da vida de Josué e dos anciãos que viveram muito tempo depois dêle, e que sabiam tôdas as obras que o Senhor tinha feito em Israel.

32 E também os ossos de José, que os filhos de Israel tinham trazido do Egito, os sepultaram em Siquem, naquele lugar do campo, que Jacó comprara aos filhos de Hebron pai de Siquem, por cem cordeiros, e ficou em possessão aos filhos de José.

33 Morreu também Eleazar filho de Aarão: e o sepultaram em Gabaat, que pertencia a Finéias seu filho, que lhe foi dada no monte Efraim. (6)

veria existir qualquer inscrição ou escultura, pois segundo as tradições judaicas o túmulo de Josué tinha esculpida a imagem do sol, em memória do milagre da batalha de Bethorm. Smith, *Dictionnary of the Bible*, t. III, pág. 1504. Depois de Guérin estudaram este túmulo Saulcy, ob. cit., e Aurés, que publicou na *Revue Archéologique*, outubro de 1866, pág. 222 a 242, um interessante estudo sobre as dimensões deste túmulo, e em que demonstra ter sido construído segundo o antigo sistema métrico egípcio, de que os hebreus usaram na época de que se julga ser o túmulo de Josué. *Étude des dimensions du tombeau de Josué*. Posteriormente veio a descoberta dos Sflex, do padre Richard, encontrados neste túmulo, que confirmam o acréscimo da versão dos Setenta, que ao hebreu e à Vulgata juntaram que tinham sido enterrados os instrumentos de pedra com que Josué havia circuncidado os filhos de Israel. *Revue Archéologique*, 1870, pág. 378. *Études religieuses*, 1875, dezembro, pág. 856.

(6) **ELEAZAR** — Morreu pouco depois de Josué, como Aarão e Moisés morreram também com pequenos intervalos.

O LIVRO DOS JUIZES

INTRODUÇÃO

Este livro é assim denominado, porque contém a história dos chefes que governaram os israelitas desde a morte de Josué até Saul, que foi o primeiro Rei de Israel. Estes chefes denominaram-se *schefetim*, que significa *juizes*, embora não fôsem as suas atribuições só a administração da justiça, pois que tiveram a supremacia do poder, tanto na paz, como na guerra. Glaire, *Introduction à l'Ecriture Sainte*, tomo II.

Compreende este livro uma introdução e sete seções formando o corpo da obra, e dois apêndices.

Introdução — Contém duas partes:

- a) A primeira descreve o estado político de Israel, após a morte de Josué, relativamente aos cananeus, que ainda estavam na posse das suas antigas terras, 1; 2, 5.
- b) A segunda retrata o estado religioso dos hebreus, pondo em relêvo a sua tibieza e hesitação entre a fidelidade e infidelidade, prósperos quando servem ao Senhor, castigados quando caem na idolatria, até que façam penitência, 2, 6; 3, 6.

As sete seções ocupam-se dos juizes de Israel, que foram treze ou catorze, conforme se conte ou não Abimelec, que usurpou o poder real em Siquem. O autor sagrado apenas nos conta minuciosamente a vida de sete, limitando-se a apresentar os restantes. São as seguintes: 1.^a Otoniel, 3, 7-11; 2.^a Aod (e Samgar), 3, 12-31; 3.^a Débora e Barac, 4-5; 4.^a Gedeão 6; 8, 32; 5.^a Abimelec (Tola e Jair), 8, 33; 10, 5; 6.^a Jefté (Abesan, Abriqlon e Abedon), 10, 6; 12; 7.^a Sansão, 13-16.

Apêndices — O primeiro apêndice narra-nos a história da idolatria dos Danitas, 17-18, e o segundo o crime dos habitantes de Gabaa, que levaram a guerra à tribo dos Benjamins, 19-21. Êstes dois fatos não têm relação necessária com os antecedentes, juntam-se como suplementos, por isso que tiveram lugar no mesmo período, imediatamente antes e logo depois da morte de Josué.

Postos de parte êstes apêndices o Livro dos Juizes forma um todo homogêneo, em volta dum único pensamento. E' uma série de retratos, pintados pelo mesmo artista, destinados à mesma galeria; a introdução é o vestibulo necessário, que prepara e explica o que se segue.

A unidade resulta das fórmulas seguintes, regularmente repetidas. *Fecerunt malum. Clamanerunt ad Dominum* etc. O fim que ressalta de tôdas as narrações é provar por exemplos que Israel só pode ser feliz servindo e obedecendo ao Senhor; uma vez em pecado para logo cai no opróbrio e na abjeção; arrependido, levanta-se e obtém o perdão. O autor enunciou esta tese no capítulo 2, versículos 11-19, e prova-a com fatos no decurso da obra, deduzindo a conclusão prática, que naturalmente deriva, que é a necessidade, para o pecador, de reconhecer a sua culpa, arrepender-se e voltar para Deus.

Esta unidade pressupõe necessariamente um só au-

tor, em que pese aos racionalistas, e autor que usa frequentemente das mesmas palavras, pelas quais parece ter certa predileção; por exemplo *za'ag*, ou *tsa'ag*, encontram-se a cada passo.

O autor do Livro dos Juízes, segundo a tradição talmúdica, é Samuel, e esta opinião partilham os insuspeitos Kimchi e Arbabanel, e esta é a opinião dos mais notáveis comentadores cristãos. Muito aproximadamente se poderá fixar a data do Livro dos *Juízes*: 1.º Como a morte de Sansão põe termo à narração, e como está indicada a duração da opressão dos filisteus, segue-se que êste livro não podia ter sido escrito antes da vitória de Samuel. 1 Rs 7, 1-14. Depois temos estas palavras: *Neste tempo não havia rei em Israel*, que são terminantes, e que nos indicam que quando êste livro foi escrito já os havia, por conseguinte, depois de Saul. 2.º De outro lado, como está expressamente dito, 1, 21, que os jebuseus estão ainda em Jerusalém com os Benjamitas, e como nós sabemos que esta tribo foi expulsa por Davi, segue-se que o autor escreveu antes desta expulsão. Finalmente, resta-nos dizer que neste livro não só se encontram descritos os fatos importantes dêste período da história dos hebreus e as maravilhas que Deus operou em favor do seu povo, como também se encerram lições de altíssimo valor moral, capazes de nos excitarem a praticar o bem, levando-nos a aborrecer o mal.

O LIVRO DOS JUÍZES

CAPÍTULO 1

A TRIBO DE JUDÁ É NOMEADA PARA MARCHAR NA FRENTE DAS OUTRAS TRIBOS. DERROTA DE ADONIBEZEC. TOMADA DE JERUSALÉM. MUITAS TRIBOS PERDOAM AOS CANANEUS.

1 Depois da morte de Josué consultaram os filhos de Israel o Senhor, dizendo: Quem marchará à nossa frente contra os cananeus, e será o nosso general na guerra? (1)

2 E o Senhor respondeu: Judá subirá: Eis-aí lhe entreguei eu a terra nas suas mãos. (2)

3 E disse Judá a Simeão seu irmão: Sobe comigo à minha sorte, e peleja contra os cananeus, e eu depois irei contigo à tua sorte. E foi com êle Simeão. (3)

4 E subiu Judá, e o Senhor lhe entregou nas mãos os cananeus e os ferezeus: e mataram em Bezec dez mil homens.

(1) **CONSULTARAM O SENHOR** — Pelo Urim e Thumim — estando reunidos todos em Silo (Corn. a Lap.).

(2) **JUDÁ SUBIRA** — E' a preeminência prometida a esta tribo por Jacó.

(3) **SOBE COMIGO** — As duas tribos de Judá e Simeão eram vizinhas.

5 E acharam em Bezec a Adonibezec, e pelejaram contra êle, e derrotaram aos cananeus, e fereseus. (4)

6 E fugiu Adonibezec: e indo em seu alcance o apanharam, e lhe cortaram as extremidades das mãos e dos pés. (5)

7 E disse Adonibezec: Setenta reis a quem tinham sido cortadas as extremidades das mãos e pés apanhavam debaixo da minha mesa os sobejos: assim como eu fiz, assim Deus me fêz: E levaram-no a Jerusalém, e ali morreu. (6)

8 Os filhos de Judá porém combatendo a Jerusalém, a tomaram, e passaram ao fio da espada, pondo fogo a tôda a cidade.

9 E depois, baixando, pelejaram contra os cananeus, que habitavam nas montanhas, e ao meio-dia, e nas planícies.

10 E Judá marchando contra os cananeus, que habitavam em Hebron, (chamada antigamente Cariat-Arbe) desfez a Sesai, e Aiman, e Tolmai:

11 e partindo dali foi contra os habitantes de Dabir, que antigamente se chamava Cariat-Sefer, isto é, cidade das letras.

(4) **ADONIBEZEO** — Este nome significa senhor de Bezec, e é um título, que não nome pessoal.

(5) **CORTARAM AS EXTREMIDADES DAS MÃOS E DOS PÉS** — Era um suplicio vulgar em Canaã. Achou-se uma carta de Bournabourias, rei da Babilônia, em que se conta que um governador cananeu cortou os pés dos seus soldados e lhes arrancou as mãos. O fim com que foi infligido este suplicio, indica o Menochio "*Ne deinceps arma tractare posset, aut pedibus effugere*", para que não pudessem voltar a tomar armas ou a escapar às mãos dos que os tinham aprisionado.

(6) **SETENTA REIS** — Evidentemente estes reis eram apenas os chefes das cidades das tribos.

12 E disse Caleb: Eu darei minha filha Axa por mulher, ao que tomar e destruir a Cariat-Sefer.

13 E como a tomasse Otoniel filho de Cenez irmão mais moço de Caleb, êste deu por mulher a sua filha Axa.

14 Indo ela de caminho lhe advertiu seu marido, que pedisse a seu pai um campo. E como ela suspirasse montada num jumento, disse Caleb: Que tens?

15 E ela respondeu: Dá-me a tua bênção, já que me deste uma terra sêca: dá-me também outra que se possa regar. Caleb pois lhe deu uma terra, que se regava nos altos, e nos baixos.

16 Os filhos porém de Cineu parente de Moisés saíram da cidade das Palmeiras com os filhos de Judá ao deserto, que era da sorte dêstes, e fica ao meio-dia de Arad, e habitaram com êles.

17 Depois marchou Judá com Simeão seu irmão, e juntos derrotaram aos cananeus que habitavam em Sefaat, e os passaram à espada. E chamou-se esta cidade Horma, isto é, anátema.

18 E tomou Judá a Gaza com os seus contornos, e a Ascalon, e a Acaron com os seus têrmos.

19 E foi o Senhor com Judá, e êste se apoderou de tôda a terra das montanhas: mas não pôde derrotar os que habitavam no vale, porque êstes tinham muitas carroças armadas de foices.

20 E conforme o que Moisés tinha dito, deram Hebron a Caleb, que exterminou dela os três filhos de Enac.

21 Mas os filhos de Benjamim não destruíram aos jebuseus, que moravam em Jérusalém: e os jebuseus habitaram em Jerusalém com os filhos de Benjamim, até o dia de hoje.

Juizes 1, 22-32

22 A casa de José também marchou contra Betel, e o Senhor era com êles.

23 Porque tendo sitiado a cidade, que antes se chamava Luza,

24 viram sair da cidade a um homem, e lhe disseram: Mostra-nos a entrada da cidade, e usaremos de misericórdia contigo.

25 Tendo-lha êle mostrado, passaram ao fio da espada todos os da cidade: mas deixaram livre aquêlê homem, e tôda a sua família.

26 O qual, pôsto em liberdade, foi-se para a terra de Hetim, e fundou lá uma cidade, e lhe pôs o nome de Luza: a qual assim se chama até o presente dia.

27 Também Manassés não destruiu a Betsan, e a Tanac com os seus lugarejos, nem aos habitantes de Dor, e de Jeblaam, e de Magedo com os seus lugarejos, e começaram os cananeus a habitar com êles. (7)

28 Mas tanto que Israel cobrou mais fôrças, fê-los sim tributários, mas não os quis extinguir.

29 Efraim também não matou os cananeus, que habitavam em Gazer, mas ficou habitando com êles.

30 Tampouco exterminou Zabulon os habitantes de Cêtron, e de Naalol: os cananeus habitaram no meio dêle, e lhe foram tributários.

31 Nem também Aser destruiu os habitantes de Aco, e de Sidônia, de Aalab, de Acazib, e de Helba, e de Afec, e de Roob:

32 Antes morou no meio dos cananeus habitantes daquela terra, e não os exterminou.

(7) **BETSAN** — Chamada a porta do Paraíso, não longe do Jordão, a este do monte Gelboé.

JEBLAAM — Talvez Belamah, nas vizinhanças de Engannim, ao sul desta cidade.

MAGEDO — Na planície de Esdremon.

33 Neftali também não extinguiu os habitantes de Betsames, e de Betanat: mas morou entre os cananeus habitantes daquela terra, e os Betsamitas e Betanitas lhe foram tributários.

34 E os amorreus tiveram os filhos de Dan encerrados no monte, nem lhes deram lugar de descer para as planícies:

35 E habitaram no monte de Hares, que se interpreta monte de argila, em Ajalon e em Salebim. Mas a casa de José carregou sobre elles, e os fez seus tributários. (8)

36 E os limites dos amorreus foram desde a subida do Escorpião, Petra, e os lugares mais altos.

CAPÍTULO 2

UM ENVIADO DE DEUS REPREENDE OS ISRAELITAS POR TEREM PERDOADO AOS CANANEUS. INFIDELIDADE DOS ISRAELITAS DEPOIS DA MORTE DE JOSUÁ.

1 E o anjo do Senhor subiu de Galgala ao lugar dos que choram, e disse: Eu vos tirei do Egito, e vos meti de posse da terra, que eu tinha jurado dar a vossos pais: e vos prometi guardar para sempre o pacto. que fiz convosco: (1)

2 Mas com a condição que não faríeis concêrto

(8) **HARES** — Este monte não está identificado. Esta palavra hebraica Hares significa argila, o que explica a adição da Vulgata *quod interpretatur testaceo*, que não está no original nem na versão dos Setenta.

(1) **DOS QUE CHORAM** — No hebreu está para Bokim, que a Vulgata traduziu *flentium*. Os Masoretas entendem que há aqui uma lacuna, e há uma tradução grega que parece referir-se a uma frase hebraica assim concebida: Bokim perto de Retel, Cfr. Vigoureux, *La Sainte Bible Polyglotte*.

Juízes 2, 3-11

com os habitantes desta terra, mas que havíeis de destruir os seus altares: e vós não quísestes ouvir a minha voz: por que fizestes isso? (2)

3 Por esta razão não quis eu extingui-los da vossa presença: para que os tenhais por inimigos, e os seus deuses sejam a vossa ruína.

4 Ao tempo que o anjo do Senhor dizia estas palavras a todos os filhos de Israel, levantaram êles a sua voz, e choraram.

5 E foi aquêlê lugar chamado: o lugar dos que choram, ou das lágrimas: e ofereceram nêlê hóstias ao Senhor.

6 Despediu pois Josué o povo, e os filhos de Israel foram cada um para a terra, que lhes tinha cabido em sorte para a possuírem:

7 E serviram ao Senhor todo o tempo da vida de Josué, e dos anciãos que lhes sobreviveram por largo tempo, e que sabiam tôdas as obras que o Senhor tinha feito a favor de Israel.

8 Morreu porém Josué filho de Nun, servo do Senhor, de centô e dez anos,

9 e sepultaram-no nos confins de sua herdade em Tamnatsaré, no monte de Efraim, ao setentrião do monte Gaas.

10 E tôda aquella geração se foi unir a seus pais: e levantaram-se outros, que não conheciam o Senhor, nem as obras que tinha feito a favor de Israel.

11 E os filhos de Israel obraram o mal diante do Senhor, e serviram aos Baalins.

(2) **NÃO QUISESTES OUVIR A MINHA VOZ** — Exprobra o anjo o procedimento dos israelitas, que desobedeceram ao Senhor, permitindo a permanência dos cananeus, o que constituía um perigo político e religioso, porque deixavam medrar os seus inimigos irreconciliáveis.

12 E deixaram o Senhor Deus de seus pais, que os havia tirado da terra do Egito: e seguiram aos deuses dos povos que habitavam em torno deles, e adoraram-nos: e provocaram o Senhor à ira,

13 deixando a esta para servirem a Baal e a Astarot. (3).

14 Irado pois o Senhor contra Israel, os entregou nas mãos dos que os despojassem: êstes os tomaram, e venderam aos inimigos que habitavam ao redor: e eles não puderam resistir aos seus adversários:

15 mas para qualquer parte que quisessem ir, a mão do Senhor estava sobre eles, assim como tinha dito, e jurado: e foram em extremo afligidos.

16 E o Senhor lhes suscitou Juízes, que os livrassem das mãos dos seus opressores: mas nem a eles quiseram ouvir, (4)

17 prostituindo-se a deuses estranhos, e adorando-os. Deixaram depressa o caminho, por onde seus pais

(3) **ASTAROT** — Era uma divindade fenícia, conhecida também pelos nomes de Astoret ou Astartéia, e que tinha muitas afinidades com Vênus. E' citada muitas vezes com Baal, é símbolo da lua, emblema da beleza feminina, figura da força e da destruição. No Museu do Louvre, há uma estátua de Astartéia, ostentando na cabeça um crescente de ouro.

(4) **JUIZES** — No hebreu está sofet, que significa libertador, vingador. A função dos Juizes era militar, e está indicada neste mesmo versículo: Juizes que os livrassem das mãos dos seus opressores. Não é preciso sustentar que os Juizes comandavam todo o Israel, e que se succedessem ininterrompidamente. Muitos deles não tiveram sob a sua autoridade as doze tribos; o seu poder foi quase sempre circunscrito, exceto Heli e Samuel, que exerceram autoridade mais ampla, estabelecendo a transição deste regímen para a realza. Terminada a sua missão (pelo menos os primeiros), voltaram ao seu lar, não monopolizando o poder. Cfr. Vigouroux, ob. cit.

tinham andado: e tendo ouvido os mandamentos do Senhor, tudo fizeram pelo contrário.

18 E quando o Senhor lhes suscitava Juízes, enquanto estes viviam, ele se deixava dobrar da misericórdia, e ouvia os gemidos dos aflitos, e os livrava da crueldade dos que os saqueavam.

19 Mas depois que o Juiz era morto, reincidiam, e cometiam muito piores coisas do que tinham feito seus pais, seguindo os deuses estranhos, servindo-os e adorando-os. Não deixaram as suas invenções, nem o caminho duríssimo, por onde costumavam andar.

20 Acendeu-se pois contra Israel o furor do Senhor, e ele disse: Pois que este povo tem violado o pacto, que eu tinha feito com seus pais, e desprezou ouvir a minha voz,

21 também eu não destruirei as nações, que Josué deixou quando morreu:

22 Para assim ver, se os filhos de Israel guardam ou não o caminho do Senhor, e se andam por ele, como seus pais guardaram.

23 Por isso deixou o Senhor persistir tôdas estas nações, e não as quis destruir em pouco tempo, nem as entregou nas mãos a Josué.

CAPÍTULO 3

SERVIDÃO DOS ISRAELITAS SOB CUSAN. OTONIEL E' O SEU LIBERTADOR. SERVIDÃO SOB EGLON. AOD OS LIVRA DELA. SANGAR TERCEIRO JUIZ DE ISRAEL.

1 Estas são as gentes, que o Senhor deixou para instruir por meio delas a Israel, e a todos aquêles que não tinham conhecido as guerras dos cananeus:

2 para que depois aprendessem seus filhos a combater contra seus inimigos, e se azezassem a pelejar:

3 Cinco sátrapas dos filisteus, e todos os cananeus, e os sidônios, e os heveus, que habitavam no monte Libano, desde o monte de Baal-Hermon até à entrada de Emat. (1)

4 E deixou-os, para provar com êles a Israel, para vêr se êle obedecia, ou não aos mandamentos do Senhor, que êle tinha intimado a seus pais por Moisés.

5 Os filhos pois de Israel habitaram no meio dos cananeus, e dos heteus, e dos amorreus, e dos fereus, dos heveus, e dos jebuseus:

6 e tomaram por mulheres as filhas dêstes, e deram suas filhas aos filhos dos mesmos, e serviram aos seus deuses.

7 E fizeram o mal diante do Senhor, e esqueceram-se do seu Deus, servindo aos Baalins e a Astarot.

8 Irado pois o Senhor contra Israel, entregou-os às mãos de Cusan Rasataim rei da Mesopotâmia, e lhe estiveram sujeitos oito anos.

9 E clamaram ao Senhor: que lhes suscitou um Salvador, que os livrou, a saber a Otoniel filho de Cenez, irmão mais moço de Caleb: (2)

10 e o espírito do Senhor estêve nêle, e julgou a Israel. E saiu à campanha, e o Senhor lhe entregou às mãos a Cusan Rasataim rei da Síria, e o derrotou. (3)

11 E ficou a terra em paz quarenta anos, e morreu Otoniel filho de Cenez.

(1) SATRAPAS — A Vulgata traduziu imprópriamente o hebreu *serânim* por sátrapas, nome dado no tempo de S. Jerônimo aos governadores persas. Cfr. Vigouroux, ob. cit.

(2) OTONIEL — Era da tribo de Judá, ao sul da Palestina, o que faz supor que Cusan, vindo pelo norte, tivesse subjugado toda a região situada na margem do Mediterrâneo.

(3) E O DERROTOU — Obrigando Cusan a deixar a Palestina.

12 Então tornáram os filhos de Israel a fazer o mal diante do Senhor: que levantou contra eles a Eglon rei de Moab: porque tinham pecado na sua presença.

13 E lhe uniu os filhos de Amon, e de Amelec, e se avançou, e derrotou a Israel, e se apoderou da cidade das Palmeiras.

14 E serviram os filhos de Israel a Eglon rei de Moab dezoito anos:

15 e depois disto clamaram ao Senhor: o qual lhes suscitou um Salvador por nome Aod, filho de Gera, filho de Jemini, que se servia de ambas as mãos como da direita. E por êle mandaram os filhos de Israel seus presentes a Eglon rei de Moab.

16 O qual Aod mandou fazer para si uma adaga, que tinha os copos da largura da palma da mão, e a cingiu debaixo do vestido ao lado direito.

17 E presenteou os regalos a Eglon rei de Moab. E Eglon era em extremo gordo.

18 E depois de lhe ter apresentado os regalos, foi seguindo os companheiros, que tinham vindo com êle.

19 E voltando de Galgala, onde estavam os ídolos, disse ao rei: Tenho que dizer-te, ó rei, uma palavra em segredo. E êle lhe mandou que se calasse: e tendo saído para fora todos os que o rodeavam,

20 entrou Aod a êle: e estando o rei só sentado no seu quarto de verão, lhe disse: Tenho que dizer-te uma palavra da parte de Deus. O rei se levantou logo do seu trono. (4)

21 E Aod estendendo a sua mão esquerda, tirou a adaga do lado direito, e lha cravou no ventre, (5)

(4) **QUARTO DE VERÃO** — Usavam um quarto na parte superior da casa, mais fresca, e de que se serviam no verão.

(5) **LHA CRAVOU NO VENTRE** — O ato de Aod, repreensível em si mesmo, não o é tanto quando se têm presentes as cir-

22 com tanta força, que os copos entraram com a fôlha pela ferida, e ficou apertada na muita gordura. E não tirou a adaga; mas como a cravou, assim a deixou no corpo; e logo os excrementos do ventre saíram pelas suas vias naturais.

23 Aod porém tendo muito bem fechado e segurado com o ferrolho as portas do quarto,

24 saiu por um postigo. E entrando os criados do rei viram fechadas as portas do quarto, e disseram: Talvez esteja aliviando o ventre no seu quarto de verão.

25 E esperando muito tempo até ficarem confusos, e vendo que ninguém lhes abria, tomaram a chave: e abrindo acharam a seu amo estendido morto em terra.

26 E enquanto êles estavam nesta turbação, saiu Aod, e passou pelo lugar dos ídolos, donde tinha voltado atrás. E chegou a Seirat:

27 E logo tocou a trombeta no monte de Efraim; e os filhos de Israel desceram com êle, marchando na frente.

28 O qual lhes disse: Segui-me: Porque o Senhor entregou em nossas mãos os moabitas nossos inimigos. E desceram seguindo-o, e tomaram os vaus do Jordão, por onde se vai a Moab, e não deixaram passar a nenhum:

29 mas mataram desta feita perto de dez mil moa-

cunstâncias do tempo, lugar e intenções. Ato destes não eram tidos como criminosos na antiguidade; os romanos glorificaram Múcio Cévola, os atenienses Harmódio e Aristógiton. Note-se, porém, que a Escritura em parte alguma faz a apologia do ato de Aod; limita-se apenas a contar o fato. Santo Agostinho na quest. XXII sobre os Juízes, exime-o de culpa, e da mesma maneira pensa Herder. *Histoire de la poesie des Hebreux*, e Rohrbacher, *Histoire Universelle de l'Eglise*, 1650, t. II, pág. 24 e seguintes.

Juizes 3, 30-31; 4, 1-5

bitas, todos homens robustos e esforçados: nenhum dêles pôde escapar.

30 E neste dia ficou Moab humilhado debaixo da mão de Israel: e a terra ficou em paz oitenta anos.

31 Depois dêste foi Samgar filho de Anat, que matou a seiscentos filisteus com a relha dum arado: e êle mesmo defendeu a Israel.

CAPÍTULO 4

SERVIDÃO SOB JABIN. DÉBORA, E BARAC DESFAZEM A SISARA GENERAL DE JABIN.

1 E os filhos de Israel tornaram a fazer o mal na presença do Senhor depois da morte de Aod.

2 E o Senhor os entregou nas mãos de Jabin rei de Canaã, que reinou em Asor: e êste teve por general do seu exército a um chamado Sisara, o qual habitava em Haroset das Gentes.

3 E os filhos de Israel clamaram ao Senhor: porque Jabin tinha novecentas carroças armadas de foices, e os havia estranhamente oprimido por vinte anos.

4 Havia uma profetisa chamada Débora, mulher de Lapidot, a qual naquele tempo julgava o povo. (1)

5 E se assentava debaixo duma palmeira, que se chamava do seu nome, entre Rama e Betel no monte de

(1) **DÉBORA** — Este nome significa abelha. Dt 1, 43; Jz 14, 13; Sl 118 (117), 12. Ewald diz que a esta está junta a significação de chefe, de rainha. Veja *Jahrbücher der biblischen Wissenschaft*, t. XI, pág. 206. O que é fato é que esta mulher gozava de singular fama em Israel, pela sua extraordinária prudência e rara virtude, tendo alcançado notável ascendência sobre o povo. Devotada à sua pátria, o amor pela sua terra não lhe permitia tolerar a opressão do estrangeiro; indignava-a a cobardia dos seus concidadãos; a tibieza duns, o medo de outros, e a indiferença de quase todos. Dotada de

Efraim, e os filhos de Israel vinham ter com ela em tôdas as suas diferenças.

6 Esta pois mandou chamar a Barac filho de Abinoem de Cedes de Neftali, e lhe disse: O Senhor Deus de Israel te ordena, vai, e leva o exército ao monte Tabor, e tomarás contigo dez mil combatentes dos filhos de Neftali, e dos filhos de Zabulon: (2)

7 E estando tu junto à torrente de Cison, eu farei que venham à tua presença Sisara general do exército

espírito profético, sabia também que o momento da libertação não devia tardar, e então procurava em volta de si um chefe que levasse os hebreus ao combate, já que ela não podia ir à frente; escolheu Barac, filho de Abinoem, v. 6.

(2) **BARAC** — Vivía na região em que mais se fazia sentir a tirania de Jabin, e por isso devia estar disposto a sacudir o jugo opressor. Parece que algumas vezes este nome sofreu uma alteração gráfica, escrevendo-se Badac, mudando o resh em daleth, e outras vezes Badan, mudando o caph final em noun final, que gráficamente se podem confundir, e assim parece ter sucedido no 1 Rs 12, 11.

CEDES DE NEFTALI — De toda a região montanhosa de Neftali, a cidade mais importante é Cedes. Os fragmentos de colunas que ainda se encontram, os túmulos, ruínas de construções domésticas formam o todo mais notável dos vestígios arqueológicos de todas as cidades da Galiléia. Cfr. Stanley, *Sinal and Palestine*, cap. IX, pág. 335.

TABOR — Este monte é de conhecida importância bíblica, tão notórios foram os fatos que aí se deram. Está situado na tribo de Issacar, sobre a fronteira de Zabulon. Destaca-se das outras montanhas da Palestina, pela sua forma e pela vegetação abundante; na encosta como no cume a arborização é variada e opulenta. Do alto domina-se toda a planície de Esdrelon, constituindo assim um bom ponto estratégico, porque dali não podia escapar-lhes o menor movimento aos inimigos.

DEZ MIL COMBATENTES — Pertencentes às tribos do norte, Zabulon, Neftali, Issacar, que eram as que tinham maior razão de queixa, porque sentiam de mais perto a opressão de Jabin; Efraim, Manassés e Benjamim enviaram alguns socorros. C. 5, 16.17.

Juízes 4, 8-15

de Jabin, e as suas carroças, e tôdas as suas tropas, e tos entregarei nas mãos. (3)

8 E Barac lhe disse: Se vieres comigo, irei: se não quiseres vir comigo, não irei.

9 Ela lhe respondeu: Eu irei certamente contigo, mas desta feita não te será atribuída a vitória, porque Sisara será entregue nas mãos de uma mulher. Levantou-se pois Débora, e partiu com Barac para Cedes.

10 O qual, chamando os de Zabulon e Neftali, marchou com dez mil combatentes, tendo a Débora em sua companhia.

11 Mas Haber Cineu havia muito tempo que se tinha separado dos outros Cineus seus irmãos filhos de Hobab, parente de Moisés: e tinham estendido as suas tendas até o vale chamado Senim, e estava junto a Cedes.

12 E deu-se noticia a Sisara, que Barac filho de Abinoem se tinha avançado até o monte Tabor:

13 E êle logo ajuntou novecentas carroças armadas de foices, e fêz marchar todo o exército desde Haroset das Gentes até à torrente de Cison.

14 E disse Débora a Barac: Levanta-te, porque êste é o dia em que o Senhor entregou nas tuas mãos a Sisara: atende que êle mesmo é o teu condutor. Desceu pois Barac do monte Tabor e dez mil combatentes com êle.

15 E o Senhor aterrou a Sisara, e a tôdas as suas carroças, e a tôdas as suas tropas, que caíram ao fio da

(3) **TORRENTE DE CISON** — Na planície de Esdremon ou de Jezrael; nasce na vertente nordeste de Telon, banha em tôda a sua extensão de nordeste a noroeste a planície de Esdremon, e deságua no Mediterrâneo. Tem muitos afluentes que secam no verão, mas que engrossam consideravelmente no tempo das chuvas.

espada logo que Barac se deixou ver: de sorte que Sisara saltando da sua carroça, fugiu a pé, (4)

16 e Barac foi seguindo as carroças fugitivas, e todo o exército até Haroset das Gentes, e tôda a multidão dos inimigos foi morta sem escapar um só.

17 Sisara porém chegou fugindo para a tenda de Jael, mulher de Haber Cineu. Porque havia paz entre Jabin rei de Asor, e a casa de Haber Cineu. (5)

18 Saindo pois Jael ao encontro de Sisara, lhe disse: Entre cá, meu Senhor: Entre, não tema. Entrou êle na tenda, e coberto por ela com a capa,

19 lhe disse: Peço-te que me dês uma pouca de água, porque trago muita sede. Ela abriu um odre de leite, e lhe deu de beber, e o cobriu.

20 E Sisara lhe disse: Põe-te à porta da tenda: e se alguém vier perguntar-te, e disser: Está aqui alguém? responder-lhe-ás: Não está ninguém.

21 Tomou pois Jael, mulher de Haber um prego dos da tenda, tomando também com êle um martelo: e entrando em silêncio, e pé ante pé, applicou o prego à fonte da cabeça de Sisara, e dando com o martelo o cravou pelo cérebro até entrar pela terra: e ajuntando o seu profundo sono com a morte desfaleceu, e morreu. (6)

(4) **ATERROU A SISARA** — Porque êste estava desprevenido e viu.

(5) **TENDA DE Jael** — No Oriente a tenda das mulheres era um asilo inviolável. Maspero, *Histoire ancienne des peuples de l'Orient*.

(6) **PREGO** — Assim verteu o padre Pereira a *Vulgata clavam*, sustentando que era de metal, porém o termo hebraico *yâted* significa cavilha de madeira ou de metal; ora as cavilhas com que se prendiam ao solo as barracas, eram de madeira muito consistente.

E MORREU — Todos os comentadores sustentam que a morte de Sisara era justa, porque êle era um inimigo declarado do povo

Juizes 4, 22-24; 5, 1-2

22 Ao mesmo tempo chegou Barac em seguimento de Sisara: e Jael saindo-lhe ao encontro, lhe disse: Vem, e eu te mostrarei o homem que buscas. O qual entrando aonde ela estava, viu a Sisara estirado morto, e o prego encravado na sua fonte.

23 Naquele dia pois humilhou Deus a Jabin rei de Canaã diante dos filhos de Israel:

24 Os quais cresciam cada dia, e apertavam com mão forte a Jabin rei de Canaã, até que de todo o destruíram.

CAPÍTULO 5

CANTICO DE DÉBORA

1 E naquele dia Débora e Barac filho de Abinoem, cantaram, dizendo: (1)

2 Vós os que dentre os filhos de Israel espontaneamente oferecestes as vossas vidas ao perigo, bendizeis ao Senhor.

judeu, a que pertencia Jael. Oppressor erat populi Dei (Lapide). O direito da guerra daqueles tempos, a conduta que teriam os cananeus em igualdade de circunstâncias, justificam este proceder, que nós hoje consideraríamos elevada traição, não devendo olvidar-se que estes fatos se passaram muito antes de que Jesus Cristo viesse ao mundo pregar as doutrinas do perdão e do amor aos inimigos. Cfr. Glaire, *Introduction aux livres de l'Ancien et du Nouveau Testament*, e Bergier, *Dictionnaire de Théologie sobre Jael*; Herder acrescenta "para aplicar-lhes as leis da guerra e da moral modernas, seria preciso transformar aquelas hordas indisciplinadas em tropas regulares, como as de agora". Ob. cit.

(1) **CANTARAM** — Este cântico de Débora compõe-se de três partes, cada uma de três estrofes: I Introdução, 5, 2-8; 1.º Invocação, 2. 3. 2.º Poderio de Iahvêh, penhor de vitória para os hebreus fiéis, 4. 5. 3.º Desgraças de Israel antes de Débora, 6-8. II Preparativo de combate, 9-17: 1.º Nova invocação a todos os

3 Ouvi, reis, escutai atentos, príncipes: Eu sou, eu sou a que cantarei ao Senhor, a que entoarei hinos ao Senhor Deus de Israel.

4 Senhor, quando Tu saías de Seir, e passavas pelo país de Edom, a terra se moveu, e os céus e as nuvens distilaram águas.

5 Os montes se derreteram à face do Senhor, e o Sinai à face do Senhor Deus de Israel.

6 Nos dias de Samgar filho de Anat, nos dias de Jael, não se trilhavam os caminhos: e os que haviam de passar por êles, iam por atalhos desviados.

7 Cessaram os valentes em Israel, e desapareceram: até que se levantou Débora, até que se levantou uma mãe em Israel.

8 O Senhor escolheu novas guerras, e êle mesmo derribou as portas dos inimigos: não apareceu nem escudo nem lança nos quarenta mil de Israel.

9 O meu coração ama aos príncipes de Israel: vós os que voluntários vos oferecestes ao perigo, bendizei ao Senhor.

10 Vós os que montais sôbre luzidios jumentos, e os que ocupais as cadeiras da justiça, e os que andais pelo caminho, falai.

11 Aí onde foram quebradas as carroças, e se afo-

que deviam bendizer o Senhor, 9-12. 2.º Enumeração dos combatentes, 12-15. 3.º Censuras às tribos que não socorreram seus irmãos, 15-17. III Descrição do combate e das suas conseqüências, 18-31: 1.º Descrição da batalha, 18-22. 2.º Maldição de Meroz, bênção de Jael, 23-27. 3.º Desassossêgo e ilusões da mãe e dos irmãos de Sisara, final 28-31. Herder chama a êste cântico o mais belo cântico heróico dos hebreus, onde tudo é presente, vivo, comovedor, *Histoire de la poesie des Hebreux*, trad. de Mme. de Carlowitz. Deve-se notar que a poetisa não celebrou o valor dos soldados, mas só tece louvores a Deus; os chefes e os soldados estão em segundo lugar, Deus é que tem o principal.

gou o exército dos inimigos, aí sejam contadas as justças do Senhor e a sua clemência para com os valentes de Israel; então desceu o povo do Senhor às portas, e alcançou o principado.

12 Levanta-te, levanta-te, Débora, levanta-te, levanta-te, e entoa um cântico: levanta-te, Barac, e toma posse dos teus cativos, filho de Abinoem.

13 Salvaram-se as relíquias do povo, o Senhor pe-
lejou nas pessoas dêstes valentes.

14 Um de Efraim os derrotou em Amalec, e depois dêle um de Benjamim contra os teus povos, ó Amalec: de Maquir desceram os príncipes, e de Zabulon os que comandassem o exército para batalhar. (2)

15 Os capitães de Issacar se acharam com Débora, e seguiram as pisadas de Barac, o qual se lançou no perigo, como num precipício e num abismo: dividido Rúben contra si mesmo, se acharam em contenda os seus homens de valor.

16 Por que habitas tu entre dois têrmos, para ouvires os balidos dos rebanhos? Dividido Rúben contra si mesmo, se acharam em contenda os seus homens de valor.

17 Galaad estava descansado da banda de além do Jordão, e Dan se ocupava em equipar as suas naus: Aser habitava na costa do mar, e se deixava estar nos seus portos.

(2) **EM AMALEO** — Este versículo é obscuro, tanto no original como na Vulgata. Por esta expressão em Amalec talvez se entenda uma montanha situada na tribo de Efraim, na qual estava a cidade de Faraton. Teodocião traduz por vale de Lison.

MAQUIR — Significa, geralmente, a tribo de Manassés, mas trata-se aqui de parte da tribo estabelecida a oeste do Jordão, enquanto que a outra é designada pelo nome de Galaad.

18 Mas Zabulon e Neftali se expuseram à morte na terra de Merome.

19 Vieram os reis e pelejaram: pelejaram os reis de Canaã em Tanac junto às águas de Magedo, e ainda assim não levaram prêsa alguma. (3)

20 Do céu se pelejou contra êles: As estrêlas persistindo na sua ordem e no seu curso, pelejaram contra Sisara.

21 A torrente de Cison arrastou os seus cadáveres, a torrente de Cadumim, a torrente de Cison: Põe o pé, alma minha, sôbre êstes valentes. (4)

22 As unhas dos cavalos caíram com o ímpeto da fuga, e os mais robustos dos inimigos se precipitaram na sua ruína: (5)

23 Amaldiçoai a terra de Meroz, disse o anjo do Senhor, amaldiçoai os seus habitantes, porque não acudiram a socorrer o Senhor, a ajudar os mais valentes dos seus guerreiros.

(3) **MAGEDO** — A planície de Magedo, também chamada de Esdrelon e de Israel, é o grande campo de batalha da Palestina. A história do Egito mostra-nos ser o lugar preferido para os combates dos cananeus. Cfr. Maspero, ob. cit.

(4) **ARRASTOU OS SEUS CADAVERES** — Era no tempo de tempestade, a torrente ia muito cheia, justificando-se assim a interpretação de Menochio "quare milites ejus fugientes per torrentem Cison eo per Dei providentiam aquis redundante et tumido, hausti mersique sunt." A torrente do Cison chama-se hoje, em memória dêste fato, Nahr-el-Monkatta, que quer dizer a Ribeira do Massacre.

(5) **AS UNHAS DOS CAVALOS CAÍRAM** — Alguns querem ver nestas expressões um modo de dizer poético para significar a corrida vertiginosa com que se retiravam; outros, entendem que êste modo de dizer corresponde à verdade, e que êste fato foi ocasionado pela aspereza dos caminhos, pelo ímpeto da fuga, aumentado pelo temor da tempestade.

24 Bendita seja entre as mulheres Jael espôsa de Haber Cineu, e seja bendita na sua tenda.

25 Ela deu leite ao que lhe pedia água, e numa taça de príncipes lhe presenteou manteiga.

26 Estendendo a mão esquerda a um prego, e a direita a um martelo dos oficiais, buscando na cabeça lugar para a ferida, deu o golpe em Sisara, trespassando-lhe com grande fôrça as fontes.

27 Caiu entre os seus pés: Desfalceceu, e expirou: Revolveria-se ante os seus pés, e jazia morto e miserável.

28 A mãe de Sisara olhando pela janela, gritava, e desde o seu quarto dizia: Por que tarda tanto em voltar a sua carroça? por que são tão pesados os pés dos seus quatro cavalos?

29 Mas uma das suas mulheres mais advertida do que as outras, respondeu à sogra estas palavras:

30 Talvez que a esta hora reparta o esbulho, e escolha para si a mais formosa das cativas: Vestidos de várias côres se dão do despôjo a Sisara, e várias jóias se lhe destinam para o adôrno do seu pescoço.

31 Assim pereçam, Senhor, todos os teus inimigos: Os que porém te amam, brilhem como o sol quando nasce.

32 E estêve a terra em paz quarenta anos.

CAPÍTULO 6

SERVIDÃO DOS ISRAELITAS SOB OS MADIANITAS. GEDEÃO ESCOLHIDO POR DEUS PARA OS LIVRAR.

1 Tornaram os filhos de Israel a fazer o mal diante do Senhor: Que os entregou por sete anos nas mãos dos madianitas, (1)

(1) **MADIANITAS** — Eram os descendentes de Madian, e conseguintemente de Abraão por Cetura, parecendo que elles fala-

2 e foram muito oprimidos por eles. E fizeram para si covas e cavernas nos montes, e fortalezas para lhes poderem resistir.

3 E tendo os israelitas feito as suas semeaduras, vinham os madianitas e os amalecitas, e os outros povos orientais:

4 e pondo as suas tendas nos seus campos, talavam tudo quanto ainda estava em erva até à entrada de Gaza: e não deixavam aos israelitas nada do necessário para a vida, nem ovelhas, nem bois, nem jumentos.

5 Porque eles vinham com todos os seus rebanhos e tendas, e à maneira de gafanhotos cobriam tudo com uma multidão inumerável de homens, e camelos, destruindo tudo quando tocavam.

6 E Israel foi em extremo humilhado na presença de Madian. (2)

7 Clamaram pois ao Senhor pedindo socorro contra os madianitas.

8 E o Senhor lhes mandou um profeta, que lhes disse: Eis-aqui o que diz o Senhor Deus de Israel: Eu vos fiz sair do Egito, e vos tirei da casa da servidão,

9 e vos livreí do poder dos egíptanos, e de todos os inimigos que vos afligiam: e lancei fora os amorreus à vossa chegada, e entreguei-vos a sua terra.

10 E disse: Eu sou o Senhor vosso Deus, não temais os deuses dos amorreus, em cuja terra habitais. E vós não quisestes ouvir a minha voz.

11 Veio pois o anjo do Senhor, e assentou-se debaixo dum carvalho, que havia em Efra, e pertencia a

vam ainda uma linguagem semelhante aos hebreus, no tempo de Gedeão. C. 7, v. 13.

(2) **FOI EM EXTREMO HUMILHADO** — Em castigo da sua prevaricação. Tinham caído na idolatria, adoravam Baal e Aschera, v. 25-27 e seguintes. Vieram os madianitas, os amalecitas

Joás pai da família de Ezri. E estando Gedeão seu filho sacudindo e alimpando o seu trigo no lagar, para o esconder dos madianitas, (3)

12 lhe apareceu o anjo do Senhor, e disse: o Senhor é contigo, o homem o mais valente de todos.

13 E Gedeão lhe disse: Se o Senhor é conosco, peço-te, Senhor meu, que me digas, por que caíram sobre nós todos os males? Onde estão aquelas suas maravilhas, que nossos pais nos têm contado, dizendo: O Senhor nos tirou do Egito? mas agora nos tem o Senhor desamparado, e nos entregou nas mãos dos madianitas.

14 E o Senhor olhou para êle, e lhe disse: Vai nessa tua fortaleza, e livrarás a Israel do poder dos madianitas: sabe que eu sou quem te manda.

e os filhos do Oriente, que são os árabes nômadas que vagueavam no deserto, a este da Palestina, do lado de Hauran, chamados em hebreu Benêqedem (filhos do Oriente).

(3) O ANJO DO SENHOR — Barac tinha sido chamado por uma profetisa. Gedeão é chamado por um anjo, que opera um prodígio, v. 21, para assinalar o caráter sobrenatural desta vocação.

CARVALHO — E' o terebinto, árvore comum no sul e a este da Palestina, quase sempre isolada.

EFRA — Localidade situada a este do Jordão, na tribo de Manassés.

NO LAGAR — Robinson descreve dois lagares que encontrou na Terra Santa, um em Hableh, na Palestina Central, e outro no Líbano, Biblical Researches, t. III. Na cerca dos frades franciscanos em Konbeibeh, onde vão quase todos os peregrinos da Terra Santa, vêem-se cinco lagares cavados na rocha viva; têm três partes: uma cuba redonda mais elevada, onde se pisavam as uvas ou as azeitonas; uma outra mais em baixo, para onde corria o mosto, e num plano mais inferior uma outra cuba da mesma forma, onde caía o vinho ou o azeite. Gedeão servia-se do lagar e não da eira, para debulhar o trigo, por causa dos vexames dos madianitas, guardando o trigo na cuba que era destinada a recolher o vinho.

15 Gedeão lhe replicou: Dize-me, te peço, meu Senhor, como poderei eu livrar a Israel? Tu sabes que a minha família é a última de Manassés, e que eu sou o último na casa de meu pai.

16 E o Senhor lhe respondeu: Eu serei contigo: e tu derrotarás os madianitas, como se fôssem um só homem.

17 E prosseguiu Gedeão: Se eu achei graça diante de ti, dá-me um sinal por onde conheça que tu és quem me fala.

18 E não te vás daqui, menos que eu não volte trazendo um sacrifício, para to oferecer. E ele lhe respondeu: Eu esperarei até que voltes. (4)

19 Gedeão pois entrou em casa, e cozeu um cabrito, e fêz duma certa medida de farinha pães asmos: e pondo a carne num cêsto, e deitando o caldo da carne numa panela, trouxe tudo ao lugar debaixo do carvalho, e lho apresentou. (5)

20 O anjo do Senhor lhe disse: Toma esta carne e esses pães asmos, e põe-nos sobre essa pedra, e derrama-lhes por cima esse caldo. Tendo-o assim feito Gedeão,

21 estendeu o anjo do Senhor a ponta da vara, que tinha na mão, e tocou a carne e os pães asmos: e imediatamente saiu da pedra fogo, e consumiu a carne, e os pães asmos: e o anjo do Senhor desapareceu de seus olhos.

22 E vendo Gedeão que era um anjo do Senhor,

(4) **UM SACRIFÍCIO** — A Vulgata traduziu por *sacrificium* a palavra hebraica *minka*, que significa sacrifício incruento, mas que significa também dom, oferta. Gên 32, 13.18. Ora pelo que se diz adiante, parece que se trata apenas duma refeição que ele ofereceu ao Anjo, o que era aliás um dever de hospitalidade.

(5) **UM CABRITO** — Era um manjar de luxo, com que se obsequiavam os hóspedes de distinção.

disse: Ai de mim, Senhor meu Deus, que vi o anjo do Senhor face a face.

23 E o Senhor lhe disse: A paz seja contigo: Não temas, não hás-de morrer.

24 Ali mesmo pois edificou Gedeão um altar ao Senhor, e o chamou, a Paz do Senhor, nome que conserva até o dia de hoje. E estando êle ainda em Efra, que pertence à família de Ezri,

25 naquela noite lhe disse o Senhor: Toma um touro de teu pai, e outro touro de sete anos, e derribarás o altar de Baal, que é de teu pai: e corta o bosque, que cerca o altar:

26 e edificarás um altar ao Senhor teu Deus no alto desta pedra, sôbre a qual puseste antes o sacrifício: e tomarás o segundo touro, e o oferecerás em holocausto sôbre uma fogueira da lenha, que terás cortado do bosque.

27 Gedeão tendo tomado dez dos seus servos, fêz o que o Senhor lhe mandara. Mas temendo a família de seu pai, e os homens da cidade, não o quis fazer de dia, mas cumpriu tudo de noite.

28 E como os homens daquela cidade tendo-se levantado pela manhã, vissem derrubado o altar de Baal, e cortado o bosque, e o outro touro pôsto sôbre o altar, que acabava de se ter erigido,

29 disseram uns para os outros: Quem fêz isto? E averiguando o autor da obra, se lhes disse: Gedeão filho de Joás fêz tôdas estas coisas.

30 E disseram a Joás: faze vir aqui teu filho, para que morra: porque destruiu o altar de Baal, e cortou o bosque.

31 Joás lhes respondeu: Acaso sois vós os vingadores de Baal, para combaterdes por êle? Aquêle que é seu inimigo, morra antes que chegue o dia de amanhã: se êle é Deus, vingue-se de quem destruiu o seu altar.

32 Daquelle dia em diante foi Gedeão chamado Jerobaal, por causa daquelle dito de Joás: Vingue-se Baal daquelle que destruiu o seu altar. (6)

33 Entretanto todos os madianitas e os amalecitas e os povos do Oriente se ajuntaram num corpo; e tendo passado o Jordão, acamparam no vale de Jezrael. (7)

34 O Espírito do Senhor porém entrou em Gedeão, o qual tocando com a trombeta convocou a casa de Abiezer, para que o seguisse.

35 Enviou também mensageiros por tôda a tribo de Manassés, que também o seguiu: e enviou outros mensageiros às tribos de Aser e de Zabulon e Neftali, que lhe saíram ao encontro.

36 E disse Gedeão a Deus: Se tu hás de livrar a Israel, por meio da minha mão, como disseste,

37 porei eu na eira êste velo de lã: se o orvalho cair só no velo, e tôda a terra ficar sêca, conhecerei eu daí que salvarás a Israel pela minha mão, segundo prometteste.

38 E assim succedeu. E levantando-se ainda de noite espremendo o velo, encheu uma concha de orvalho.

(6) **JEROBAAL** — Quer dizer, “que Baal se vingue”. Êste nome era tanto mais injurioso para Baal, porque era um dos nomes de Hércules Fenício. Movers, *Die Phönizien*, t. I, pág. 434. Êste nome Jerobaal encontra-se sob a forma Yerubeset (2 Sam 11, 21), cuja significação parece ser ainda mais deprimente, porque boset significa ignomínia, ídolo.

(7) **ACAMPARAM NO VALE DE JEZRAEL** — Na vertente setentrional do monte Gelboé. Esta planície exerceu sempre sobre os homens do deserto uma irresistível fascinação; com razão, porque, pelos seus encantos, seduz todos os viajantes que se deiletam contemplando a riqueza do seu solo e a exuberância da sua vegetação. E' tão opulenta esta, que um homem a cavallo desaparece entre os numerosos arbustos que se erguem de ambos os lados do caminho.

39 Tornou Gedeão a dizer a Deus: Não se acenda contra mim o teu furor se eu ainda fizer outra prova, pedindo sinal no velo. Peço que só o velo esteja sêco, e tôda a terra molhada do orvalho.

40 E naquela noite fêz o Senhor o que Gedeão lhe pedira: e só no velo houve secura, e orvalho em tôda a terra.

CAPÍTULO 7

DESBARATA GEDEÃO SÓ COM TREZENTOS HOMENS O EXÉRCITO DOS MADIANITAS.

1 Jerobaal pois que também se chamava Gedeão, levantando-se de noite, veio acompanhado de todo o povo à fonte chamada Harad: os madianitas porém estavam acampados no vale na parte setentrional de um outeiro eminente.

2 E disse o Senhor a Gedeão: Tu tens contigo muito povo. Madian não será entregue nas tuas mãos: para que não se glorie Israel contra mim, e diga: Por minhas forças fui livre.

3 Fala ao povo, e manda deitar êste pregão: Aquê-le que é medroso e tímido, volte. E retiraram-se do monte de Galaad, e se foram vinte e dois mil homens do povo, e só ficaram dez mil.

4 E disse o Senhor a Gedeão: Ainda é muito o povo, leva-os às águas, e lá os provarei: e aquê-le que eu te disser que parta contigo, êsse vá: e a quem eu o proibir, volte.

5 E tendo o povo descido para perto da água, disse o Senhor a Gedeão: Porás a um lado os que lambem a água com a língua, assim como os cães costumam

lamber: e os que beberem de joelhos, estarão noutra parte. (1)

6 Foi pois o número dos que tinham lambido a água, lançando-a com a mão à boca, trezentos homens: todo o resto da gente tinha dobrado os joelhos para beber.

7 E disse o Senhor a Gedeão: Com êstes trezentos homens, que lamberam a água, vos livrarei, e te hei de entregar nas mãos a Madian: tôda a outra gente porém volte para suas casas.

8 Gedeão, tomando víveres, e trombetas à proporção do número, mandou que tôda a mais multidão se retirasse às suas tendas: e êle com trezentos homens saiu à batalha. Estava o campo de Madian em baixo no vale.

9 Naquela mesma noite lhe disse o Senhor: Levanta-te, e desce ao campo: porque eu tos tenho entregado às tuas mãos:

10 Se tens mêdo de ir só, vá contigo o teu criado Fara.

11 E tendo ouvido o que êles falam, então se confortarão as tuas mãos, e descerás com segurança sôbre o campo dos inimigos. Desceu pois êle e Fara seu criado para aquela parte do campo, onde estavam as sentinelas do exército.

12 Os madianitas e amalecitas, e todos os povos do Oriente estavam estendidos no vale, como um bando de gafanhotos: os camelos também eram inumeráveis, como a areia que há na praia do mar.

13 E aproximando-se Gedeão, um dêles contava a

(1) **PERTO DA AGUA** — Da fonte de Aïn-Harod, hoje Aïn-Djalon, fonte abundante, perto do monte Gelboé, a noroeste. Nasce num rochedo, e cai numa grande bacia de forma semi-circular, onde a água se espalha.

Juízes 7, 14-19

outro o seu sonho: e dêste modo lhe referia o que vira: Eu tive um sonho, e me parecia que via como um pão de cevada cozido debaixo do rescaldo que rolava para baixo, e se deixava cair sôbre o campo dos madianitas: e tendo chegado a uma tenda, a sacudiu, e contrastou, e lançou de todo por terra.

14 Respondeu o outro, a quem êle falava: Isto não é outra coisa senão a espada de Gedeão filho de Joás homem israelita: porque o Senhor lhe entregou nas suas mãos a Madian, e a todo o seu campo.

15 Gedeão tendo ouvido êste sonho, e a sua interpretação, adorou a Deus: e voltou ao campo de Israel, e disse: Levantai-vos, porque o Senhor nos entregou às mãos o campo de Madian.

16 E dividiu os seus trezentos homens, em três batalhões, e deu a cada um sua trombeta, e sua bilha vazia com sua lanterna no meio de cada bilha. (2)

17 E disse-lhes: Fazei o mesmo que me virdes fazer: eu entrarei por um lado do campo, e segui o que eu fizer.

18 Quando soar a trombeta que tenho na minha mão, tocai vós também as vossas ao redor do campo, e clamai de chusma, ao Senhor, e a Gedeão.

19 E entrou Gedeão e os trezentos homens que acompanhavam por um lado do campo, ao princípio da

(2) **LANTERNA** — No Cairo viam-se, ainda há pouco tempo, umas lanternas que relembram estas dos hebreus. O agha da polícia, diz Lane, quando faz as rondas noturnas, traz consigo uma lanterna, que arde sem chama, exceto quando se agita ao ar, em que aparece então uma luz brilhante (fazendo o mesmo serviço da lanterna furta-fogo, que hoje se usa entre nós). A extremidade está oculta num vaso de terra ou de qualquer outra matéria, e quando se quer obter a chama expõe-se à ação da atmosfera. Lane, *Modern Egyptians*, 1837. Londres, pág. 164. Eram estas

vigília da meia-noite, e despertadas as sentinelas, começaram a tocar as trombetas, e a quebrar as bilhas, umas nas outras.

20 E tocando em três lugares distintos ao redor do campo, logo que quebraram as bilhas, tomaram as luzes na mão esquerda, e tocando as trombetas com a direita gritaram juntos: A espada do Senhor e de Gedeão.

21 Conservando-se cada um no seu pôsto ao redor do campo inimigo. Imediatamente todo o campo dos madianitas se pôs em desordem, e dando grandes gritos, e urros fugiram:

22 E com tudo isso insistiram os trezentos homens tocando trombetas. E o Senhor enviou a espada em todo o campo, e eles se matavam uns aos outros,

23 fugindo até Betseta, e até o têrmo de Abelme-hula em Tebat. Porém os filhos de Israel das tribos de Neftali, e de Aser e todos os da tribo de Manassés gritando juntos perseguiram a Madian.

24 E Gedeão enviou mensageiros a todo o monte de Efraim, dizendo: Saí a encontrar-vos com Madian, e apoderaí-vos das águas até Betbera, e até ao Jordão. Todo o Efraim pois levantou a grita e se antecipou a ocupar as águas, e passos do Jordão até Betbera.

25 E tendo apanhado a dois homens dos madianitas, Oreb, e Zed, mataram a Oreb no Penhasco de Oreb, e a Zeb, no lugar de Zeb. E perseguiram a Madian, levando as cabeças de Oreb e de Zeb a Gedeão ao outro lado do rio Jordão.

lanternas, pode supor-se com razão, de que usavam os soldados de Gedeão, o que explica a expressão "lanterna no meio de cada bilha".

CAPÍTULO 8

GEDEÃO APAZIGUA AOS FILHOS DE EFRAIM. DÁ A MORTE A ZEBÉE, E A SALMANA. FAZ UM EFOD. GEDEÃO TENDO GOVERNADO QUARENTA ANOS MORRE; E O POVO TORNA A CAIR NA IDOLATRIA.

1 Então lhe disseram os filhos de Efraim: Que é isto que pretendeste fazer, não nos querendo chamar, quando ias pelear contra os madianitas? e queixando-se amargamente, pouco faltou para virem às mãos.

2 Gedeão lhe respondeu: Que coisa podia eu fazer, que igualasse ao que vós fizestes? porventura não vale mais um cacho de Efraim, do que as vindimas de Abiezer? (1)

3 O Senhor vos entregou nas mãos os príncipes de Madian, Oreb, e Zeb: que pude eu fazer, que chegasse ao que vós fizestes? E dizendo isto, se aplacou a ira daqueles homens que se tinham enfurecido contra êle.

4 E tendo chegado ao Jordão, passou êste rio com os trezentos homens, que trazia consigo: e de cansados não podiam perseguir os que fugiam.

5 Disse pois aos moradores de Socot: Rogo-vos que me deis pão para esta gente, que aqui trago, porque se acham em extremo desfalecidos, a fim de podermos ir em alcance de Zebée e Salmana, reis de Madian.

6 Os príncipes de Socot responderam: Talvez tens tu já em teu poder as palmas das mãos de Zebée e a Salmana, e por isso nos pedes que demos pão ao teu exército.

(1) **UM CACHO DE EFRAIM** — O sentido desta frase é este: Porventura a tribo de Efraim só não vale mais do que toda a família dos Abiezeritas, a que eu pertenco? Eu comeci a guerra, vós a acabastes. Vigouroux, ob. cit.

7 Disse-lhes Gedeão: Pois quando o Senhor me tiver entregado às mãos a Zebée e a Salmana, eu vos moerei as carnes com os espinhos, e abrolhos do deserto.

8 E abalando dali, veio a Fanuel: e fez a mesma súplica aos moradores d'este país. E elles lhe deram a mesma resposta, que os de Socot.

9 Gedeão lhes disse também: Quando eu voltar em paz, vitorioso, derrubarei esta tórre.

10 Ora Zebée, e Salmana estavam em descanso com o resto do exército. Porque de tôdas as tropas do Oriente só tinham ficado quinze mil homens, por haverem sido mortos cento e vinte mil combatentes homens de armas.

11 E Gedeão tomando o caminho dos que habitavam em tendas, da banda oriental de Nobe, e de Jegbaa, destroçou o campo dos inimigos que se davam por seguros, sem recearem nada de contrário.

12 E Zebée e Salmana fugiram, Gedeão indo em seu seguimento os prendeu, pondo em desordem todo o seu exército.

13 E tendo voltado da batalha antes do nascer do sol, (2)

14 tomou um servo dos de Socot: e perguntou-lhe os nomes dos príncipes e anciãos de Socot, e descreveu a nota de setenta e sete pessoas. (3)

15 E veio a Socot, e disse-lhes: Eis-aqui tendes a Zebée, e a Salmana, a respeito dos quais me motejaste, dizendo: talvez estão já em teu poder as mãos de Zebée

(2) NASCER DO SOL — Alguns comentadores traduzem por um nome de lugar o hebreu *Hehkerès*, localidade desconhecida.

(3) OS NOMES DOS PRÍNCIPES — Que tinham sido cúmplices nas faltas cometidas, para que não ficassem impunes, e não fôsse castigados os inocentes. *Nomina Principum, qui partícipes fuerent criminis ne innoxios cum reis puniret.* Cornélio a Lapide.

Juízes 8, 16-21

e de Salmana, e por isso pedes que demos pão à tua gente, que está cansada e desfalecida.

16 Tomou pois os anciãos da cidade e espinhos e abrolhos do deserto, e moeu com êles, e despedaçou aquêles homens de Socot.

17 Botou também abaixo a torre de Fanuel, depois de ter morto os habitantes da cidade.

18 E disse a Zebée e a Salmana: Que tais eram aquêles homens, que vós matastes no Tabor? Responderam êles: Semelhantes a ti, e um dêles como filho de um rei.

19 E êle lhes respondeu: Pois êsses foram meus irmãos, filhos de minha mãe. Viva o Senhor, que se vós lhe tivésseis salvado a vida, eu vos não mataria. (4)

20 E disse para Jeter seu filho primogênito: Levanta-te, e mata-os. Porém Jeter não tirou pela espada: Porque como era ainda rapaz, tinha medo.

21 E disseram Zebée e Salmana: Vem tu mesmo, e lança-te sôbre nós; porque segundo a idade do homem, assim é o seu esforço. Lavantou-se Gedeão, e matou a Zebée e a Salmana: e tomou os ornamentos e crescentes, que se costumam pôr por adôrno em os pescoços dos camelos dos reis. (5)

(4) **FORAM MEUS IRMÃOS** — Gedeão queria vingar a morte de seus irmãos. Era um dever que se cumpria religiosamente na antiguidade, e ainda hoje entre alguns povos. Os beduínos nas suas pilhagens fogem de cometer o assassinio, para se não exporem à vingança.

(5) **ORNAMENTOS E CRESCENTES** — Eram objetos de ouro, prata e qualquer outro metal, que usavam as pessoas. Também ainda se conserva o costume de ornar o pescoço dos camelos com vários objetos metálicos e de porcelana, como o Cauri da África Ocidental. Saulcy, citado por Vigouroux, diz que o uso dos crescentes passou para os exércitos modernos, o que ainda se vê no exército português.

22 E todos os filhos de Israel disseram a Gedeão: Sê nosso príncipe, tu, e teu filho, e o filho de teu filho: Porque nos livraste do poder de Madian.

23 E êle lhes respondeu: Nem eu, nem meu filho vos dominará, mas o Senhor terá domínio sôbre vós.

24 E lhes disse: Uma só coisa vos peço: Dai-me as arrecadas da vossa prêsa. Porque os ismaelitas costumavam trazer arrecadas de ouro.

25 Êles responderam: Nós tas daremos de muito boa vontade. E estendendo no chão uma capa, botaram nelas as arrecadas havidas da prêsa:

26 E pesaram as arrecadas pedidas, mil e setecentos siclos de ouro, fora os ornamentos e colares, e vestidos de escarlata, de que os reis de Madian costumavam usar, e fora as colciras de ouro dos camelos.

27 E disto fêz Gedeão um Efod, e o pôs na sua cidade de Efra. O que deu ocasião a que todo o Israel idolatrasse, e foi a ruína de Gedeão e de tôda a sua casa. (6)

28 Foram pois humilhados os madianitas 'diante dos filhos de Israel, nem puderam mais levantar cabeça: Mas todo o país ficou em paz os quarenta anos, que Gedeão governou.

29 Retirou-se pois Jerobaal filho de Joás, e habitou em sua casa:

30 E teve setenta filhos, que saíram da sua coxa: Porque tinha muitas mulheres.

(6) **FÊZ GEDEÃO UM EFOD** — A linguagem bíblica pouco censura Gedeão. Alguns padres da Igreja censuram êste fato da vida de Gedeão, que os modernos comentadores justificam, porque Gedeão não calu em idolatria. Teodoreto condena a ação em si, mas justifica a intenção. *Contra legem quidem erat quod factum fuit...* 'Gedeonis, tamen intentio minimæ vergerat ad impletatem... At hoc populo conciliavit contagionem iniquitatis. Quant. XVII in Jud, t. LXXX, col. 503.

31 E uma concubina, que êle tinha em Siquem, lhe pariu um filho chamado Abimelec.

32 E morreu Gedeão filho de Joás numa boa velhice, e foi sepultado no jazigo de Joás seu pai em Efra que pertencia à família de Ezri.

33 Mas depois que Gedeão morreu, se rebelaram os filhos de Israel, e se contaminaram com Baal. E fizeram aliança com Baal, para que fôsse seu Deus:

34 Nem se recordaram do Senhor seu Deus que os livrou das mãos de todos os seus inimigos que os cercavam:

35 Nem usaram de piedade com a casa de Gedeão chamado Jerobaal em reconhecimento de todos os benefícios, que tinha feito a Israel.

CAPÍTULO 9

ABIMELEC, MORTOS SEUS IRMÃOS, USURPA COM TIRANIA PARA SI O MUNDO: OS SIQUEMITAS LHE ARMAM TRAIÇÃO. ABIMELEC TOMA SIQUEM. E' MORTO NO CERCO DE TEBES POR UMA MULHER.

1 E Abimelec filho de Jerobaal foi-se a Siquem aos irmãos de sua mãe, e falou com êles, e com tôda a parentela da casa do pai de sua mãe, dizendo:

2 Representai a todos os homens de Siquem: Qual é melhor para vós, serdes dominados por setenta homens, filhos todos de Jerobaal, ou por um só? considerai também que eu sou osso vosso, e carne vossa.

3 E falaram os irmãos de sua mãe a favor dêle assim a todos os homens de Siquem, e inclinaram o coração dêles a favor de Abimelec, dizendo: E' nosso irmão.

4 E os siquemitas lhe deram setenta siclos de prata do templo de Baalberit. Com êste dinheiro tomou êle a

seu sôlido uma tropa de gente miserável e vagabunda, que o seguiu.

5 E passou a Efra a casa de seu pai, e matou em cima duma mesma pedra a setenta irmãos seus filhos, de Jerobaal: e ficou sòmente Joatão, que era o filho mais moço de Jerobaal que se escondeu.

6 Então se ajuntaram todos os siquemitas, e tôdas as famílias da cidade de Melo: e foram, e constituíram por seu rei a Abimelec junto a um carvalho, que havia em Siquem.

7 Tendo sido avisado disto Joatão, foi, e parou sôbre o cume do monte de Garizim: e elevando a voz, clamou, e disse: Ouvi-me, moradores de Siquem, assim Deus vos ouça.

8 Foram uma vez as árvores a eleger sôbre si um rei: e disseram à oliveira: Reina sôbre nós. (1)

9 Ela respondeu: Acaso posso eu deixar o meu óleo, de que se servem tanto os deuses como os homens, para vir a ser superior às outras árvores?

10 E disseram as árvores à figueira: Vem, e toma o reinado sôbre nós.

11 Ela lhes respondeu: Acaso posso eu deixar a minha doçura, e suavíssimos frutos, para ir a sobressair entre as outras árvores?

12 E disseram as árvores à videira: Vem, e toma o mando sôbre nós.

13 Ela lhes respondeu: Porventura posso eu deixar o meu vinho, que é alegria de Deus e dos homens, para vir tomar o primeiro lugar entre as mais árvores?

(1) **FORAM UMA VEZ AS ARVORES** — Desde este versículo ao 15, Joatão, que escapou do massacre, val contar uma fábula, notável pela sua beleza. Saint Marc Girardin escreveu a seu respeito: *Elle est d'une beauté et d'une grandeur admirables. La Fontaine et les fabulistes, 1867, pág. 239, t. I.*

14 E tôdas as árvores disseram ao espinheiro: Vem, e serás nosso rei.

15 Êle lhes respondeu: Se vós deveras me constituís por vosso rei, vinde, e repousai debaixo da minha sombra: Se o não quereis assim, saia fogo do espinheiro, e devore os cedros do Líbano.

16 Agora pois, se com retidão, e sem pecado constituístes por vosso rei a Abimelec, e vos portastes bem com Jerobaal, e com a sua casa, e correspondestes como devíeis aos benefícios daquele que pelejou por vós,

17 e que expôs a sua própria vida aos perigos, para vos livrar do poder de Madian:

18 Vós, que agora vos levantastes contra a casa de meu pai, e tirastes a vida a setenta varões seus filhos sôbre uma mesma pedra, e constituístes rei dos habitantes de Siquem a Abimelec filho duma sua escrava, porque é vosso irmão:

19 Se pois vós vos tendes portado com retidão, e sem pecado com Jerobaal e com a sua casa, alegrai-vos hoje com Abimelec, e êle se alegre convosco.

20 Mas se obrastes perversamente: Saia fogo dêle, e devore aos habitantes de Siquem, e a cidade de Melo: e dos moradores de Siquem, e da cidade de Melo saia fogo, e devore a Abimelec.

21 Tendo dito estas palavras, fugiu Joatão, e foi-se a Bera: e habitou ali por temer a Abimelec seu irmão.

22 Reinou pois Abimelec sôbre Israel três anos. (2)

23 Mas o Senhor enviou um péssimo espírito en-

(2) **REINOU SÔBRE ISRAEL** — Estas palavras devem ser tomadas em sentido restrito, porque Bera não podia estar sob a dominação de Abimelec. O nome de Baal-Berít, o Baal da liga, adorado em Siquem, indicava, segundo alguns, uma confederação entre esta cidade, Aremale e Tebes, que lhe ficavam vizinhas.

tre Abimelec e os habitantes de Siquem, que começaram a detestá-lo,

24 e a imputar a atrocidade da morte dos setenta filhos de Jerobaal; e a efusão do seu sangue a Abimelec, seu irmão, e aos outros príncipes dos siquemitas, que o tinham ajudado.

25 E armaram contra êle ciladas no alto dos montes: e enquanto ali esperavam que viesse, cometiam roubos, despojando aos que passavam: e disto foi avisado Abimelec.

26 Veio pois Gaad filho de Obed com seus irmãos, e passou a Siquem. A cuja chegada animados os siquemitas,

27 saíram aos campos devastando as vinhas e pisando aos pés os cachos: e formados coros de cantores entraram no templo do seu Deus, e enquanto comiam e bebiam, amaldiçoavam a Abimelec, (3)

28 clamando Gaal filho de Obed: Quem é Abimelec? e que cidade é Siquem, para que nós lhe estejamos sujeitos? Não é êle filho de Jerobaal, e não constituiu a Zebul, seu servo, para príncipe da casa de Hemor pai de Siquem? Por que razão pois o serviremos?

29 Prouvera a Deus, que alguém me desse o mando dêste povo, para eu dar cabo de Abimelec. E foi dito a Abimelec: Ajunta um exército numeroso, e vem.

30 Porque Zebul governador da cidade, tendo ouvi-

(3) **DEVASTANDO AS VINHAS** — O verbo basar, que a Vulgata traduziu por vastantes, não significa propriamente devastar, mas "cortar as uvas, vindimar". Cf. Lev 25, 5.11. Dt 24. Drach, Catholicon Lexicon.

COROS DE CANTORES — As vindimas na Palestina eram acompanhadas de festas e cantares, terminando por uma lauta refeição.

do o que dissera Gaal, filho de Obed, ficou por extremo irado,

31 e enviou secretamente correios a Abimelec que lhe dissessem: Adverte que Gaal, filho de Obed veio a Siquem com seus irmãos, e anda sublevando a cidade contra ti.

32 Portanto sai de noite com as tropas, que tens contigo, e deixa-te estar escondido no campo:

33 e pela manhã ao sair do sol, dá de golpe sobre a cidade: e saindo Gaal contra ti com a sua gente, faze-lhe o que puderes.

34 Abimelec pois marchou de noite com todo o seu exército, e pôs emboscadas em quatro lugares ao pé de Siquem.

35 E saiu Gaal, filho de Obed, e fez alto à entrada da porta da cidade. E saiu Abimelec do lugar das emboscadas com todo o exército.

36 Quando Gaal viu aquela gente, disse a Zebul: Repara quanta gente desce dos montes. Zebul lhe respondeu: Tu vês as sombras dos montes, que te parecem cabeças de homens, e com isto te enganas.

37 Mas Gaal lhe replicou: Olha que multidão desce das alturas da terra, e que esquadrão vem vindo pelo caminho que olha para o carvalho.

38 Zebul lhe respondeu: Onde está agora aquela audácia, com que tu dizias: Quem é Abimelec para lhe estarmos sujeitos! Não é este o povo, que tu desprezavas? Sai e peleja contra ele.

39 Saiu pois Gaal à vista de todo o povo de Siquem, e pelejou contra Abimelec,

40 que o foi seguindo na fugida, e o constrangeu a entrar na cidade: e morreram muitos dos seus até à porta da cidade:

41 e Abimelec se deteve em Ruma: Zebul porém

lançou fora da cidade a Gaal e a seus companheiros e não sofreu que morasse nela.

42 Ao outro dia saiu o povo à campanha. O que tendo sabido Abimelec,

43 tomou o seu exército, e o dividiu em três batalhões, dispondo emboscadas nos campos. E vendo que o povo saía da cidade, pôs-se em movimento e deu sobre eles

44 com o seu batalhão, combatendo, e sitiando a cidade: Porém os outros dois batalhões perseguiram os inimigos, que estavam derramados pelo campo.

45 E Abimelec todo aquêle dia esteve combatendo a cidade: e a tomou depois de mortos os seus habitantes, e a destruiu de sorte que a semeou de sal.

46 O que tendo ouvido os que habitavam na torre de Siquem, entraram no templo do seu deus Berit, onde tinham feito aliança com êle, e daqui tinha tomado o nome o lugar, que era mui forte.

47 Abimelec também ouvindo que os homens da torre de Siquem estavam nela juntos e apinhados,

48 subiu ao monte de Selmon com tôda a sua gente: e, tomando um machado, cortou um ramo duma árvore, e trazendo-o pôsto ao ombro, disse aos seus companheiros: Fazei depressa o mesmo que me vêdes fazer.

49 Cortando pois à porfia ramos de árvores, seguiram o seu general. E cercando a fortaleza, lhe puseram fogo, e por êste modo aconteceu que por causa do fumo e do fogo morreram mil pessoas, tanto homens como mulheres, que habitavam na torre de Siquem.

50 Partindo dali, Abimelec veio à cidade de Tebes, à qual bloqueando sitiou com o seu exército.

51 Havia no meio da cidade uma alta torre, para onde se tinham refugiado tanto homens como mulheres, e tôdas as pessoas principais da cidade, fechada a porta

com toda a segurança, e estando sobre o telhado da torre para se defender. (4)

52 E Abimelec chegando-se ao pé da torre, combatia fortemente: e aproximando-se à porta intentava meter-lhe fogo por baixo:

53 Eis que pois uma mulher lançando de cima o pedaço duma mó, feriu a Abimelec na cabeça, e lhe quebrou o cérebro.

54 No mesmo ponto chamou êle ao seu escudeiro, e lhe disse: Desembainha a tua espada, e mata-me: Porque se não diga, que fui morto por uma mulher. E cumprindo êste as ordens, o matou. (5)

55 E morto Abimelec, todos os filhos de Israel, que com êle estavam, se voltaram para suas casas: (6)

56 E assim deu Deus o pago a Abimelec pelo mal que tinha feito a seu pai tirando a vida a setenta irmãos seus:

(4) **UMA ALTA TORRE** — Os hebreus encontraram na Palestina um grande número de povoações fortificadas. Estas fortificações consistiam num muro feito de tijolos secos e de pedra, flanqueado de torres, com um ante-muro de proteção e uma ponte forte. Na parte mais elevada havia uma cidadela onde estava o santuário do deus principal e o palácio do rei.

(5) **MORTO POR UMA MULHER** — Porque era considerado como ignomínia ser um homem morto por uma mulher; assim o entendiam não só êstes como os demais povos da antiguidade. 2 Rs 11, 21, e Sêneca, na sua obra *Hercules Artus*

O turpefatum! femina Herculae necis
Auctor feretur.

(6) **MORTO ABIMELEC** — Assim morreu êste homem a quem não faltava nem bravura nem engenho, mas a quem uma ambição desmesurada perverteu, tornando-o fautor de crimes que o precipitaram na ruína. E por isso não surtiu efeito a primeira tentativa para o estabelecimento da realza em Israel.

57 E assim também pagaram os siquemitas o mal que fizeram, e veio sôbre êles a maldição de Joatão filho de Jerobaal.

CAPÍTULO 10

TOLA E JAIR JUÍZES DE ISRAEL. SERVIDÃO DEBAIXO DOS FILISTEUS, E AMONITAS.

1 Depois de Abimelec foi constituído chefe de Israel Tola filho de Fua, tio paterno de Abimelec, varão da tribo de Issacar, que morou em Samir do monte de Efraim:

2 E julgou a Israel vinte e três anos, e morreu, e foi sepultado em Samir.

3 A êste sucedeu Jair de Galaad, que foi juiz de Israel vinte e dois anos.

4 o qual tinha trinta filhos que montavam em trinta potros de jumentas, e eram príncipes de trinta cidades na terra de Galaad, que até o dia de hoje se chamam do seu nome Havot-Jair, isto é, cidades de Jair. (1)

5 E morreu Jair e foi sepultado no lugar que chamam Camon.

6 Mas os filhos de Israel ajuntando novos aos antigos pecados, fizeram o mal na presença do Senhor, e adoraram os ídolos, a Baal, e a Astarot, e os deuses da Síria e de Sidônia e de Moab e dos filhos de Amon e dos filisteus: e deixaram o Senhor, e não lhe deram culto.

(1) **TRINTA CIDADES** — O 1 Par 2; 4, 20, menciona vinte e três. Estes erros são frequentes e explicam-se pela semelhança dos caracteres hebraicos, que podem ocasionar facilmente erros aos copistas.

7 E o Senhor irado contra êles, os entregou nas mãos dos filisteus e dos filhos de Amon. (2)

8 E todos os que habitavam na outra banda do Jordão no território dos amorreus, que é em Galaad, foram aflitos, e cruelmente oprimidos por dezoito anos:

9 De sorte que os filhos de Amon, tendo passado o Jordão, devastaram as tribos de Judá e de Benjamim e de Efraim: e Israel se viu numa extrema aflição.

10 E clamando ao Senhor, disseram: Nós pecamos contra ti, porque deixamos ao Senhor nosso Deus, e servimos a Baal.

11 E o Senhor lhes disse: Porventura não vos oprimiram os egípcios, e os amorreus e os filhos de Amon, e os filisteus,

12 e também os sidônios, e os amalecitas, e os cananeus, e vós clamastes a mim, e eu vos livreí das suas mãos?

13 E com tudo isto vós me tendes deixado e tendes adorado deuses estranhos: por isso eu vos não livrarei jamais para o diante:

(2) **FILISTEUS** — Eram originários de Creta, tendo emigrado de Caftos ou Sidônia. Formavam uma confederação que, no reinado de Ramsés III do Egito, tinha invadido a Síria. Este rei bateu-os, estabelecendo os que restavam numa região que tomou o seu nome. Mais tarde, no fim da XX.^a dinastia egípcia, aproveitando-se da fraqueza dos Faraós, assenhorearam-se de toda a rica planície de Sefela. Perto do Mediterrâneo possuíram três cidades, Gaza ao sul, Ascalon ao centro, Azot ao norte. No interior tinham outras duas cidades importantes, Get e Acaran. Estas cidades eram a sede dos seranim ou príncipes confederados: todas ainda subsistem, exceto Get. É do nome dos filisteus que deriva o nome de Palestina, dado pelos gregos à terra de Canaã. Os filisteus foram os inimigos irreconciliáveis do povo de Deus. Fala-se deles aqui incidentalmente, porque a glória de os humilhar estava reservada a Sansão.

14 Ide, e invocai êsses deuses que escolheistes: Êles vos livrem no tempo da angústia.

15 E os filhos de Israel disseram ao Senhor: Pecamos, faz tu de nós o que te parecer: Sòmente livra-nos agora.

16 Dizendo estas coisas, lançaram fora de suas terras todos os ídolos dos deuses estranhos, e serviram ao Senhor Deus, que se compadeceu de suas misérias.

17 E os filhos de Amon tendo-se ajuntado com grande algazarra se acamparam em Galaad: e os filhos de Israel, congregando-se contra êles, se acamparam em Masfa. (3)

18 E disseram os príncipes de Galaad uns para os outros: O primeiro de nós que começar a pelear contra os filhos de Amon, será o chefe do povo de Galaad.

CAPÍTULO 11

JEFTÉ ESCOLHIDO PARA SER O CHEFE DOS ISRAELITAS, ATACA OS AMONITAS: E ESTANDO PARA OS COMBATER FAZ UM VOTO. VENCE A SEUS INIMIGOS, E SACRIFICA A SUA FILHA, QUE LHE SAI AO ENCONTRO.

1 Havia por êste tempo um homem de Galaad, chamado Jefté, mui alentado e guerreiro, que era filho de Galaad, e duma meretriz. (1)

2 Galaad porém era casado, e teve filhos de sua mu-

(3) **MASFA** — De Galaad, ao nordeste de Jabés Galaad.

(1) **JEFTÉ** — Era filho, como se vê dêste versículo, duma união ilegítima; seu pai Galaad habitava o país do mesmo nome; seus irmãos, porque êle não era legítimo, expulsaram-no, refugian-do-se no país de Tob, região desconhecida mas situada provavelmente a nordeste do reino dos amonitas, a este do lago Tiberíades, em Suriyeh. Richur, *Handwörterbuch des biblischen Altertums*, 1894, pág. 1701.

Juízes 11, 3-11

lher: Os quais, depois que cresceram, lançaram fora a Jefté, dizendo: Tu não podes ser herdeiro na casa de nosso pai, visto teres nascido doutra mãe.

3 Jefté pois fugindo e retirando-se dêles habitou no país de Tob: e alguns homens miseráveis, e que viam de latrocínios, se agregaram a êle, e o seguiam como a seu capitão.

4 A êste mesmo tempo pelejavam os filhos de Amon contra Israel.

5 Como êstes os apertassem fortemente foram os anciãos de Galaad a buscar Jefté do país de Tob, para auxílio seu:

6 E lhe disseram: Vem, e sê o nosso príncipe para combateres contra os filhos de Amon.

7 Êle lhes respondeu: Não sois vós aquêles que me aborrecestes, e que me lançastes fora da casa de meu pai, e agora viestes ter comigo constangidos da necessidade?

8 E os príncipes de Galaad disseram a Jefté: Pois por esta causa viemos nós agora buscar-te, para que venhas conosco, e pelejes contra os filhos de Amon, e sejas o chefe de todos os que habitam em Galaad.

9 Jefté lhes disse também: Se sinceramente viestes buscar-me para que peleje em defesa vossa contra os filhos de Amon, e o Senhor mos entregar às mãos, serei eu o vosso príncipe? (2)

10 Êles lhe responderam: O Senhor que nos ouve, seja o medianeiro e a testemunha de que cumpriremos as nossas promessas.

11 Foi pois Jefté com os príncipes de Galaad, e todo

(2) **SEREI EU O VOSSO PRÍNCIPE?** — Há aqui um passo dado para a realeza; Jefté não aceita a investidura no poder senão com a condição de não o perder durante a vida.

o povo o elegeu por seu príncipe. Jefté fêz tôdas as suas protestações. na presença do Senhor em Masfa.

12 E enviou mensageiros ao rei dos filhos de Amon, que lhe dissessem da sua parte: Que tens tu comigo, que vieste contra mim para destruíres a minha terra? (3)

13 Êle lhes respondeu: E' porque Israel vindo do Egito, me tomou a minha terra, desde os confins de Arnon até a Jaboc e até o Jordão: agora pois restitui-ma em boa paz.

14 Tornou Jefté a enviar os mesmos, e lhes mandou que dissessem ao rei de Amon:

15 Eis-aqui o que te manda dizer Jefté: Israel não tomou a terra de Moab, nem a terra dos filhos de Amon:

16 Mas quando saiu do Egito andou pelo deserto até o mar Vermelho, e chegou a Cades.

17 E enviou mensageiros ao rei de Edom, dizendo-lhe: Deixa-nos passar pela tua terra. E êle não lho quis consentir. Mandaram também ao rei de Moab, o qual lhes não quis dar passagem. Deteve-se pois em Cades,

18 e rodeou por um lado a terra de Edom, e a terra de Moab: e veio pelo lado oriental da terra de Moab, e se acampou da outra banda de Arnon: nem quis entrar nos têrmos de Moab: Porque Arnon é a fronteira da terra de Moab.

19 Enviou pois Israel mensageiros a Seon, rei dos amorreus, que habitava em Hesebon, e disseram-lhe: Deixa-nos passar pelas tuas terras até ao rio.

20 E desprezando êle também a petição de Israel, não o deixou passar pelos seus têrmos: mas antes tendo

(3) **ENVIU MENSAGEIROS** — Para firmar as condições de paz. Aqui mostra Jefté ser político tão hábil como chefe valente, empregando todos os meios diplomáticos para a conciliação antes de romper as hostilidades.

ajuntado uma infinita multidão, saiu a encontrar-se contra êle em Jasa, e fortemente lhe resistia.

21 Porém o Senhor o entregou nas mãos de Israel com todo o seu exército, que o desbaratou, e se fez senhor de tôdas as terras dos amorreus, que habitavam naquela região,

22 e de todos os seus limites desde Arnon até Jabc, e desde o deserto até o Jordão.

23 Assim o senhor Deus de Israel destruiu aos amorreus, pelejando contra êles o seu povo de Israel: e agora pretendes tu possuir a sua terra?

24 Porventura não te é devido por direito tudo o que possui o teu deus Camos? Logo também a nós pertencerá o que o Senhor nosso Deus alcançou com as suas vitórias: (4)

25 Se não é que tu sejas de melhor condição do que Balac filho de Sefor, rei de Moab: Ou que possas mostrar que êle teve contendas com Israel e lhe fêz guerra,

26 enquanto êste habitou em Hesebon e suas aldeias, em Aroer, e em seus lugarejos, ou em tôdas as cidades vizinhas ao Jordão, por espaço de trezentos anos. Por que razão em um tão largo tempo não fizestes vós diligência alguma por recobardes isto?

27 Não sou eu logo o que te faço injúria a ti, mas tu és o que ma fazes a mim, declarando-me uma guerra injusta. O Senhor, que é Árbitro, decida hoje isto entre Israel, e os filhos de Amon.

28 Porém o rei dos filhos de Amon não quis estar pelo que Jefté lhe mandara dizer por os seus mensageiros.

(4) **TEU DEUS CAMOS** — Jefté emprega uma linguagem diplomática, da qual se não pode inferir que Jefté acreditasse na divindade de Camos. Destas palavras somente se deduz que o Juiz de Israel falasse ao rei dos amonitas com todo o respeito, procurando ser-lhe agradável, a fim de obter a paz que solicitava.

29 Entrou pois o espírito do Senhor em Jefté, e dando volta por Galaad, e pelo país de Manassés, e por Masfa de Galaad, e passando dali até os filhos de Amon,

30 fez um voto ao Senhor, dizendo: Se tu me entregares nas mãos os filhos de Amon,

31 a primeira pessoa, seja ela qual fôr, que sair da porta de minha casa, e se encontrar comigo, quando eu tornar vitorioso dos filhos de Amon, eu a oferecerei ao Senhor em holocausto. (5).

32 E passou Jefté às terras dos filhos de Amon a pelejar contra êles: aos quais o Senhor entregou nas suas mãos.

33 E Jefté fez uma grande mortandade em vinte cidades, desde Aroer até chegar a Menit, e até Abel, que está plantada de vinhas: e foram humilhados os filhos de Amon pelos filhos de Israel.

34 Mas voltando Jefté para sua casa em Masfa, eis que saiu a recebê-lo dançando ao som de tambores sua filha única: porque não tinha outros filhos. (6)

(5) **SEJA ELE QUAL FÔR** — Foi este considerado voto que deu maior celebridade à judicatura de Jefté, e que teve como consequência imolar sua própria filha.

(6) **SUA FILHA ÚNICA** — E' certo que o texto sagrado não pormenoriza a imolação da filha de Jefté, lançando como que um véu sobre esta cena sangrenta, que contudo à face do mesmo texto não pode ser interpretada de outro modo. Todavia modernamente, Van Hoonacker, *O voto de Jefté*, Louvain, 1893, pág. 43, sustenta que o holocausto de Jefté foi simbólico e que ofereceu uma vítima ordinária em lugar de sua filha, e Tr. Kaulen, *Commentatio de rebus Jephté*, 1895, entende que se trata apenas da consagração a Deus da filha de Jefté. Porém a análise do texto não autoriza estas engenhosas interpretações, porque: 1.º Jefté promete exclusivamente a Deus uma pessoa, como o disse Santo Agostinho, *Non utique his verbis pecus aliquod vovit... Procul dubio nihil aliud quam hominem cogitavit*. Quest., XLIX, in Juda, t. XXXIV, col. 812, onde este santo doutor trata larga e erudita-

35 E quando a viu, rasgou os seus vestidos, e disse: Desgraçado de mim, filha minha, que me enganaste, e te enganaste também a ti: eu abri a minha bôca falando ao Senhor, e não poderei fazer outra coisa.

36 Ela lhe respondeu: Meu pai, se deste a tua palavra ao Senhor, dispõe de mim o que prometeste, pois que te concedeu a vingança e a vitória de teus inimigos.

37 E disse a seu pai: Concede-me sòmente o que te peço: Deixa-me andar pelos montes dois meses, e que chore a minha virgindade com as minhas companheiras. (7)

mente desta interessante questão bíblica. 2.º Não se encontra a palavra holocausto tomada em sentido metafórico. 3.º O voto de virgindade era desconhecido nesta época entre os judeus; os próprios Nazarenos que pertenciam a Deus por um modo particular, casaram-se. Jz 12, 5; 14, 2 e ss. 2 Rs 1, 25; 8. 4.º Em vista do exposto, parece-nos que não pode restar dúvida alguma sôbre o cumprimento do voto, acêrca do qual diz S. Tomás: "Foi louco no seu voto, porque não usou discrição, e foi ímpio no seu cumprimento". In vovendo fuit stultus quia discretionem non habuit, et in reddendo impius. Sum. 2ª 2ªe q 88 a 2 ad 2m. Não se invoque, para justificar Jefté, o texto da Epístola de S. Paulo aos hebreus, 11, 32, porque não se alude a este fato, limitando-se o Apóstolo das Gentes a louvar Jefté pela sua fé, o que não quer dizer que aprove todos os atos da sua vida; também menciona e exalta Sansão e Davi, e contudo ninguém querará afirmar que S. Paulo aprovou os atos menos regulares e pecaminosos que estes praticaram. E' certo que não há uma censura formal contra o proceder de Jefté, mas não é lícito daí inferir a sua não culpabilidade, porque a Sagrada Escritura menciona muitos fatos sem os julgar. Mas há a tradição judaica e a tradição cristã até ao século XI, comprovando a imolação e censurando Jefté, diante de quem exclamou Santo Ambrósio: Dura promissio, acerbior solutio, quam necesse habuit lugere etiam ipse qui fecit. De officiis, I, III, e XII, n.º 78.

(7) CHORE A MINHA VIRGINDADE — Um costume ainda em vigor no Sinai lembra este fato, a que alude o texto sagrado. Quando se anuncia a uma donzela que vai casar-se, o costume

38 Jefté lhe respondeu: Pois vai. E deixou-a ir por dois meses. E tendo ido com as suas companheiras e amigas, chorava a sua virgindade nos montes.

39 E passados dois meses, tornou ela para seu pai: e êle cumpriu o que tinha votado, com a que não tinha conhecido varão. E daqui veio o costume de Israel, e se tem conservado o uso:

40 De que uma vez cada ano se ajuntam as filhas de Israel, para chorarem a filha de Jefté de Galaad por quatro dias.

CAPÍTULO 12

**GUERRA CONTRA EPHRAIM, E GALAAD. MORTE DE JEFTÉ.
ABESAN, AIALON, E ABDON, JUÍZES DE ISRAEL.**

1 Eis que porém se levantou uma sedição em Ephraim. Porque os desta tribo passando para a banda do setentrião, disseram a Jefté: Por que razão nos não quisesse tu chamar quando ias pelejar contra os filhos de Amon, para nós irmos contigo? Por isso queimaremos a tua casa.

2 Jefté lhes respondeu: Eu e o meu povo estávamos metidos numa grande contenda contra os filhos de Amon: Pedi-vos que me dêsseis socorro, e vós não o quisteses fazer.

3 O que vendo eu, pus a minha alma nas minhas mãos, e passei aos filhos de Amon, e o Senhor mos entregou. Que fiz eu nisto para que vós vos levanteis contra mim a fazer-me guerra?

tradicional obriga-a a retirar-se para os montes, principalmente na tribo de Emzeineh, em que a noiva vai passar três dias nos montes; noutras tribos, porém, ocultam-se junto de seus pais durante estes dias, simulando assim a ausência. Palmer, *The desert of the Exodus*, t. I, pág. 90 e 91.

4 E tendo convocado todos os de Galaad, pelejou contra os de Efraim: e os de Galaad derrotaram a Efraim, porque êste tinha dito: Galaad é um fugitivo de Efraim, que mora no meio de Efraim e de Manassés.

5 Porém os de Galaad se apoderaram dos vaus do Jordão, por onde os de Efraim haviam de voltar. E quando algum dos fugitivos de Efraim chegava a êles, e dizia: Peço-vos que me deixeis passar: Os de Galaad lhe diziam: Acaso és tu Efrateu? e respondendo: Não sou:

6 Êles lhe replicavam: Pois dize, Sibolet, que significa uma espiga. E quando o outro pronunciava Sibolet; não podendo exprimir a palavra espiga com a mesma letra: imediatamente prêso o degolavam na mesma passagem do Jordão. E assim naquele tempo foram mortos quarenta e dois mil homens de Efraim.

7 Assim Jefté de Galaad julgou a Israel seis anos: e morreu, e foi sepultado na sua cidade de Galaad.

8 Depois dêste foi juiz de Israel Abesan de Belém: (1)

9 Que teve trinta filhos, e outras tantas filhas, as quais pondo fora as casou, e introduzindo para sua casa igual número de mulheres, as casou com seus filhos. O qual julgou a Israel sete anos:

10 E morreu, e foi sepultado em Belém.

11 Sucedeu-lhe Aialon zabulonita: que julgou a Israel dez anos:

12 E morreu, e foi sepultado em Zabulon.

13 Depois dêste foi juiz de Israel Abdon, filho de Ilei de Faraton:

14 Que teve quarenta filhos, e dêles trinta netos

(1) **BELÉM** — Do norte, segundo as melhores opiniões, e não de Belém de Judá. Cfr. Vigouroux, ob. citada.

que montavam em setenta potros de jumentas, e julgou a Israel oito anos:

15 E morreu, e foi sepultado em Faraton da terra de Efraim, no monte de Amalec.

CAPÍTULO 13

SERVIDÃO DEBAIXO DOS FILISTEUS. NASCIMENTO DE SANSÃO.

1 Tornando os filhos de Israel a fazer o mal na presença do Senhor, êle os entregou nas mãos dos filisteus por quarenta anos.

2 Havia pois um homem de Saraa, e da linhagem de Dan, chamado Manué, cuja mulher era estéril. (1)

3 À qual appareceu o anjo do Senhor e lhe disse: Tu és estéril e sem filhos: mas tu conceberás e parirás um filho.

4 Vê pois não bebas vinho, nem coisa que possa embebedar, nem comas coisa alguma imunda:

5 porque conceberás, e parirás um filho, por cuja cabeça não passará navalha: pois que êle será Nazareno de Deus desde a sua infância, e desde o ventre de sua mãe: e êle mesmo começará a livrar a Israel das mãos dos filisteus.

6 Ela tendo ido buscar a seu marido, lhe disse: Veio a mim o homem de Deus, que tinha um rosto de anjo, em extremo terrível. E tendo-lhe perguntado quem

(1) SARAÁ — E' actualmente uma povoação de trezentos habitantes, que conservou a primitiva denominação, apenas modificada na forma Sar'ah. Está situada sobre uma colina, em cujas encostas há muitas grutas sepulcrais. A pequena distância corre uma fonte.

Juízes 13, 7-15

era, e donde tinha vindo, e como se chamava, não mo quis dizer:

7 mas só me deu esta resposta: Olha que hás de conceber e parir um filho: vê, não bebas vinho, nem outra coisa que possa embebedar, e nem comas coisa alguma imunda: porque o menino será Nazareno de Deus desde a sua infância, desde o ventre de sua mãe até o dia da sua morte.

8 Fêz Manué oração ao Senhor, e lhe disse: Peça-te, Senhor, que o homem de Deus, a quem enviaste, venha outra vez, e nos ensine o que devemos fazer acêrca do menino, que há de nascer.

9 E ouviu o Senhor a oração de Manué, e apareceu segunda vez o anjo de Deus a sua mulher, estando assentada no campo. Não estava então com ela seu marido Manué. A qual tendo visto o anjo,

10 se apressou, e correu a seu marido: e lhe noticiou, dizendo: Eis-aí me apareceu o homem, que eu antes tinha visto.

11 Manué se levantou e seguiu sua mulher: e tendo chegado ao homem lhe disse: Tu és o que falaste a esta mulher? E êle respondeu: Eu sou.

12 Manué lhe disse: Quando se tiver cumprido o que tu disseste, que queres tu que faça o menino? ou de que coisa se deverá êle abster?

13 E o anjo do Senhor respondeu a Manué: Abstinha-se de tudo o que eu declarei a tua mulher:

14 e não coma nada do que nasce da vinha: não beba vinho, nem outra coisa que possa embebedar, não coma coisa alguma imunda: cumpra e guarde o que eu lhe ordenei.

15 E Manué disse ao anjo do Senhor: Rogo-te que consintas nas minhas súplicas, e que te preparemos um cabrito.

16 O anjo lhe respondeu: Por mais que me estes, eu não comerei o teu pão: mas se queres fazer um holocausto: oferece-o ao Senhor. E Manué não sabia que era um anjo do Senhor.

17 E lhe disse: Como te chamas tu, para que, verificada que seja a tua palavra, te honremos?

18 O anjo lhe respondeu: Por que queres tu saber o meu nome, que é admirável?

19 Tomou pois Manué um cabrito com as suas libações, e pô-lo sobre uma pedra, oferecendo-o ao Senhor, que obra maravilhas: e elle e sua mulher estavam vendo.

20 E quando subiu a chama do altar ao céu, subiu também o anjo do Senhor junto com a chama. O que tendo visto Manué e sua mulher, caíram com o rosto em terra.

21 E depois não se lhes mostrou mais o anjo do Senhor, e logo conheceu Manué que aquêle era um anjo do Senhor,

22 e disse para sua mulher: Certamente morreremos, porque vimos o Senhor.

23 A mulher lhe respondeu: Se o Senhor nos quisesse matar, não teria elle recebido de nossas mãos o holocausto e as libações, nem nos teria mostrado tôdas estas coisas, nem nos teria predito o que está para acontecer.

24 Ella pois pariu um filho, e o chamou por nome Sansão. E o menino cresceu, e o Senhor o abençoou. (2)

25 E o espírito do Senhor começou a ser com elle no campo de Dan entre Saraa e Estaol.

(2) SANSÃO — Em hebreu Schimschon, parece ser um diminutivo de schemesch, sol.

CAPÍTULO 14

SANSÃO TOMA POR ESPOSA UMA FILISTEIA. ELA O ENTREGA:
SANSÃO A DEIXA, E SE RETIRA A CASA DE SEU PAI.

1 Desceu depois Sansão a Tamnata: e tendo ali visto a uma mulher das filhas dos filisteus,

2 voltou, e noticiou a seu pai, e a sua mãe, dizendo: Eu vi em Tamnata uma mulher das filhas dos filisteus, rogo-vos que ma deis por esposa. (1)

3 Seu pai e sua mãe lhe disseram: Pois não há mulheres entre as filhas de teus irmãos, e entre todo o nosso povo, para que tu queiras casar com uma dentre os filisteus, que são incircuncidados? E Sansão disse a seu pai: Dá-me esta, porque agradou aos meus olhos.

4 Ora seus pais não sabiam que isto se fazia por disposição do Senhor, e que buscava ocasião de ir contra os filisteus: porque naquele tempo dominavam os filisteus sobre Israel.

5 Veio pois Sansão com seu pai e com sua mãe a Tamnata. E quando tinham chegado às vinhas da cidade, apareceu um leão novo, feroz, e que rugia, e se pôs diante de Sansão. (2)

6 Mas o espírito do Senhor se apossou de Sansão, que despedaçou o leão, fazendo-o em quartos como se fôra um cabrito sem ter coisa alguma na mão: e não quis delatar isto a seu pai nem a sua mãe.

7 Depois desceu e falou com a mulher que tinha agradado aos seus olhos.

8 E voltando alguns dias depois para casar com

(1) **UMA MULHER DAS FILHAS DOS FILISTEUS** — Tamnata naquele tempo estava no poder dos filisteus.

(2) **UM LEÃO NOVO** — Nestes lugares eram outrora abundantes os animais ferozes, como atestam os próprios nomes de certas povoações: Leboat, as leas; Soalbim, os chacais.

ela, se apartou do caminho para ver o cadáver do leão, e eis que estava na bôca do leão um enxame de abelhas e um favo de mel. (3)

9 E tomando-o nas mãos, ia comendo nêlo pelo caminho: e chegando onde estavam seu pai e sua mãe, deu-lhes uma parte, que êles também comeram; mas não lhes quis descobrir, que aquêle mel o tinha êle tirado do corpo do leão.

10 Veio pois seu pai a casa desta mulher, e fêz um banquete por conta de seu filho Sansão: porque assim o costumavam fazer os mancebos.

11 Como pois os habitantes daquele lugar o vissem, deram-lhe trinta companheiros para estarem com êle.

12 Aos quais disse Sansão: Propor-vos-ei um problema: e se vós souberdes decifrá-lo dentro dêstes sete dias de boda, dar-vos-ei trinta lençóis, e outras tantas túnicas.

13 mas se o não souberdes decifrar, dar-me-eis a mim trinta lençóis, e outras tantas túnicas. Êles lhe responderam: Propõe o problema, para que o ouçamos.

14 E Sansão lhes disse: Do comedor saiu comida,

(3) **UM FAVO DE MEL** — Alguns críticos têm pretendido impugnar a veracidade desta narração por esta frase, argumentando com o fato das abelhas terem horror à podridão, sustentando assim a impossibilidade de existir um favo de mel num cadáver em decomposição. A esta objeção responde Stolberg, dizendo que é verdade as abelhas fugirem dos cadáveres, mas que não fogem dos ossos descarnados. A expressão depois de alguns dias, segundo o *Usus loquendi* bíblico, pode designar um espaço considerável de tempo, e nada obsta a que Sansão tivesse há muito tempo ajustado o casamento, e ao passar encontrasse, nos últimos despojos do leão morto, o favo de mel. Heródoto, V, 114, conta que no crânio de Onesilos, tirano da ilha de Chipre, se encontraram favos de mel. Stolberg, *Geschichte der Religion*, II, pág. 292.

e do forte saiu doçura; êles por três dias não puderam soltar o enigma proposto.

15 E como se chegasse o dia sétimo, disseram à mulher de Sansão: Acaricia a teu marido, e faz que êle te descubra o que significa o enigma: e se o não quizeres fazer, queimar-te-emos a ti, e a casa de teu pai: acaso nos convidastes vós para a vossa boda, só para nos despojardes?

16 A mulher se punha a chorar diante de Sansão, e se queixava dizendo: Tu não me amas, antes me aborreces; por isso me não queres declarar o enigma que propuseste aos mancebos do meu povo. Mas êle lhe respondeu: Eu não quis descobrir a meu pai, nem a minha mãe: e como to poderei declarar?

17 Ela pois chorava diante dêle os sete dias da boda: e enfim ao dia sétimo, como lhe fôsse molesta lho declarou. O que ela logo descobriu aos seus compatriotas.

18 E êles no dia sétimo antes de se pôr o sol, lhe disseram: Que coisa há mais doce do que o mel, e que coisa há mais forte do que o leão? E êle lhes respondeu: Se vós não tivésseis lavrado com a minha novilha, não teríeis percebido o meu enigma.

19 Veio portanto o espírito do Senhor sôbre Sansão, e tendo ido a Ascalon, matou lá a trinta homens: aos quais tirou os vestidos, e os deu àqueles que tinham explicado o enigma. E sobremaneira irado, voltou para casa de seu pai: (4)

(4) **O ESPÍRITO DO SENHOR** — Não significa neste lugar a inspiração Divina, mas o espírito e força com que o Senhor decorou Sansão, para desempenhar a missão que lhe fôra confiada — abater os filisteus, inimigos de Israel. — A Escritura Sagrada nos diz que essa força não era natural, representava um dom de Deus, que ia refletir-se em todo o povo escolhido.

20 Sua mulher porém se casou com um dos amigos, e dos que o tinham acompanhado na boda.

CAPÍTULO 15

SANSÃO PÕE FOGO ÀS SEARAS DOS FILISTEUS. MATA MIL FILISTEUS COM A QUEIXADA DUM JUMENTO.

1 Pouco tempo depois, estando já próximos os dias da ceifa do trigo, querendo Sansão ver sua mulher, foi, e lhe levou um cabrito. E como quisesse entrar, como costumava na sua câmara, o pai dela o impediu, dizendo:

2 Eu cuidei que a aborrecias, e por isso a dei a um teu amigo: mas ela tem uma irmã, que é mais moça e mais formosa do que ela, toma-a por mulher em seu lugar.

3 Sansão lhe respondeu: De hoje em diante não poderão os filisteus queixar-se de mim: eu vos farei todo o mal que puder.

4 E partiu, e tomou trezentas rapôsas, e ajuntou-as umas às outras pelas caudas, e no meio atou uns fachos: (1)

5 E tendo-lhes chegado fogo, largou-as, para irem cada uma para seu cabo. Elas partiram logo a correr pelo

(1) **TREZENTAS RAPOSAS** — A Vulgata traduziu por *Vulpes*, rapôsa, o termo hebraico *schu'al*, que significa o chacal. Os chacais vivem em bandos, de noite traem-se, porque soltam uivos estridentes, que denunciam a sua presença, tornando-se fácil prendê-los.

JUNTOU-AS UMAS ÀS OUTRAS — Para que não pudessem correr tão velozes que se apagasse o facho, nem tão morosamente que pudessem ser agarradas. *Binis taedam alligavit, potiusquam singulis, quia duae vulpes in varia saepe tendentes, nec tam celeriter taeda extingui posset, nec tam late vagari poterant.* Rosenmüller, *Judices*, 328.

meio das searas dos filisteus. E incendiadas estas, tanto os trigos enfeixados, como os que ainda estavam por segar, se queimaram de tal modo que o mesmo fogo consumiu também as vinhas e oliveais.

6 E disseram os filisteus: Quem fez isto? respondeu-se-lhes: Foi Sansão, genro daquele de Tamnata, porque lhe tirou sua mulher, e a deu a outro. E foram os filisteus: e queimaram tanto a mulher, como a seu pai.

7 Então lhes disse Sansão: Não obstante terdes feito isto, eu ainda assim não deixarei de me vingar de vós, e então sossegarei.

8 E fez nêles um grande destrôço, de sorte que atônitos punham as pernas sôbre as coxas. E descendo dali, morou na cova do Rochedo de Etan. (2)

9 Tendo pois vindo os filisteus ao país de Judá, se acamparam no lugar, que depois se chamou Lequi, que quer dizer, Queixada, onde o seu exército foi desbaratado.

10 E os da tribo de Judá lhes disseram: Por que viestes contra nós? Êles lhes responderam: Viemos prender a Sansão, e pagar-lhe o mal que nos fez.

11 Então vieram três mil homens da tribo de Judá, à cova do Rochêdo de Etan, e disseram a Sansão: Tú não sabes, que estamos sujeitos aos filisteus? pois por que quiseste fazer-lhes isto? Êle lhes respondeu: Eu fiz-lhes como êles me fizeram a mim.

12 Nós viemos, replicaram êles, para te prender, e para te entregar nas mãos dos filisteus. Pois juraí-me, lhes disse Sansão, e prometei-me, que me não haveis de matar.

(2) **PUNHAM AS PERNAS SÔBRE AS COXAS** — Expressão proverbial, que significa que os feriu por todos os modos, designando uma derrota completa.

13 Êles lhe responderam: Não te mataremos, mas entregar-te-emos prêso. Ligaram-no pois com duas cordas novas, e tiraram-no do Rochedo de Etan. (3)

14 E chegando ao lugar da Queixada, e saindo-lhe ao encontro os filisteus com apupadas, caiu sôbre êle o espírito do Senhor: e como o linho costuma consumir-se ao cheiro do fogo, assim quebrou êle, e desfez as cordas, com que estava ligado.

15 E pegando na queixada de um jumento, que achou à mão, e que jazia ali, matou com ela mil homens,

16 e disse: Eu com a queixada de um jumento, com a queixada de um potro de jumenta os derrotei, e matei mil homens.

17 E logo que acabou de cantar estas palavras, lançou a queixada da mão, e chamou àquele lugar Ramatlequi, que quer dizer, elevação da queixada.

18 E sentindo grande sêde, clamou ao Senhor, e disse: Tu foste o que salvaste o teu servo e o que lhe deste esta grande vitória: eis agora morro eu de sêde, e cairei nas mãos dos incircuncidados.

19 Abriu pois o Senhor um dos dentes molares na queixada do jumento, e saíram dêle águas. E bebendo delas Sansão recobrou alento e recuperou as fôrças. Por isso foi àquele lugar chamado até o dia de hoje fonte do que invoca da queixada.

20 E julgou a Israel vinte anos nos dias dos filisteus.

(3) **ROCHEDO DE ETAN** — Provavelmente uma das numerosas cavernas que se encontram na extremidade oriental de Sêfela, perto de Lekisch e Deir Dubban.

CAPÍTULO 16

SANSÃO LEVA ÀS COSTAS AS PORTAS DE GAZA. DALILA LHE CORTA OS SEUS CABELOS. ELE FAZ CAIR EM CIMA DE SI O TEMPLO DE DAGON.

1 Depois foi Sansão para Gaza, e como ali visse a uma mulher pública, entrou a ela.

2 O que tendo ouvido os filisteus, e espalhado que foi entre eles o rumor, de que Sansão era entrado na cidade, cercaram-no, pondo guardas às portas da cidade: e ali o esperaram mui calados tôda a noite, para pela manhã ao sair o matarem.

3 Sansão porém dormiu até à meia-noite: levantando-se depois pegou em ambas as metades da porta com os seus postes e fechaduras, e pondo às costas, as levou até o alto do monte, que olha para Hebron. (1)

4 Depois amou a uma mulher, que assistia no vale de Sorec, e se chamava Dalila. (2)

5 E com esta vieram ter os príncipes dos filisteus, e lhe disseram: Engana-o, e sabe dêle, donde lhe vem tamanha fôrça, e de que modo o poderemos vencer, e maltratá-lo depois de atado. Se assim o fizeres, cada um de nós te daremos mil e cem moedas de prata.

6 Disse pois Dalila a Sansão: Dize-me, te peço, em que esteja esta tua tão grande fôrça, e que coisa haverá que possa ligar-te de modo que não possas quebrá-la?

7 Sansão lhe respondeu: Se me atarem com sete

(1) **HEBRON** — A tradição mostra ainda hoje o sítio em que Sansão colocou esta porta dos filisteus; é uma colina chamada el-Montar.

(2) **DALILA** — A significação dêste nome é incerta: Berthean entende que é “minha querida”, Ervald “a traidora”.

cordas de nervos, ainda não secos, e ainda úmidos, ficarei eu tão fraco como os mais homens.

8 Trouxeram-lhe pois os príncipes dos filisteus sete cordas, como ela tinha dito, com as quais o atou,

9 e estando êles de emboscada escondidos na sua casa, e esperando na sua câmara o sucesso da traição, gritou ela: Sansão: Eis-aí os filisteus sôbre ti. Êle quebrou as prisões, como se quebra um fio torcido de má estôpa, ao chegar-lhe o cheiro do fogo: e não se pôde conhecer em que consistia a sua fôrça.

10 Dalila lhe disse: Eis-aí zombaste tu de mim, e não me disseste a verdade: sequer agora descobre-me com que deves ser atado.

11 Êle lhe respondeu: Se me atarem com umas cordas novas, que ainda não tenham servido, ficarei eu sem fôrça, e semelhante aos outros homens.

12 Dalila o atou segunda vez com elas, e gritou: Sansão, eis-aí os filisteus sôbre ti, pois estavam escondidos na câmara homens de emboscada. Êle quebrou logo as prisões como os fios duma teia.

13 E Dalila lhe tornou a dizer: Até quando me hás de tu enganar, e dizer-me falsidades? descobre-me com que é preciso que te atem. Sansão lhe respondeu: Se tece-res sete tranças dos cabelos da minha cabeça com os liços da teia, e atares isto a um prego, e cravares êste na terra, ficarei eu fraco.

14 O que tendo feito Dalila, disse-lhe: Sansão, eis-aí os filisteus sôbre ti. Êle espertando do sono, arrancou o prego com os cabelos e os liços.

15 E Dalila lhe disse: Como dizes tu que me amas, quando o teu afeto não propende para mim? Tens-me mentido por três vêzes, e nunca me quiseste dizer em que está essa tua grande fôrça.

16 E como o importunasse, e por muitos dias se não

tirasse do pé dêle, sem lhe dar tempo para descansar, desmaiou enfim o ânimo de Sansão, e caiu num mortal desfalecimento.

17 Então descobrindo-lhe a verdade da coisa, disse-lhe: Sôbre a minha cabeça nunca se pôs ferro, porque sou Nazareno, isto é, consagrado a Deus desde o ventre de minha mãe: se me fôr rapada a cabeça ir-se-á de mim a minha fortaleza, e eu desfalecerei, e serei como os mais homens. (3)

18 E vendo ela que Sansão lhe tinha patenteado seu coração, enviou aos príncipes dos filisteus, e lhes fêz dizer: Vinde ainda esta vez, porque êle me descobriu agora o seu coração. Vieram êles, trazendo o dinheiro que lhe tinham prometido.

19 E ela fêz que Sansão dormisse sôbre os seus joelhos, e reclinasse a cabeça no seu seio. E chamou a um barbeiro e lhe fêz cortar sete tranças do seu cabelo, e começou a enxotá-lo, e a lançá-lo de si: Pois que no mesmo ponto se foi dêle a fôrça.

20 E disse-lhe: Sansão, eis-aí os filisteus sôbre ti. Espertando êle do sono, disse em seu coração: Sairei, como antes fiz, e me desembaraçarei dêles, porque não sabia que o Senhor se tinha retirado dêle.

21 Mas os filisteus tendo-o tomado às mãos lhe tiraram logo os olhos, e o levaram a Gaza atado com cadeias, e encerrando-o no cárcere, o fizeram andar com uma mó. (4)

(3) SE ME FÔR RAPADA A CABEÇA — A cabeleira de Sansão era a causa real da sua fôrça? O sentimento comum dos melhores intérpretes é que não passava dum sinal externo, que significava também a sua consagração ao Senhor.

(4) ANDAR COM UMA MÓ — Mister fatigante e sobremaneira humilhante e por isso reservado aos cativos e escravos.

22 E já os seus cabelos lhe tinham começado a renascer,

23 quando os príncipes dos filisteus se ajuntaram para imolarem solenes hóstias ao seu deus Dagon, e para se banquetear, dizendo: O nosso deus nos entregou nas mãos a Sansão nosso inimigo. (5)

24 O que vendo também o povo, louvou o seu deus, e dizia o mesmo: O nosso deus nos entregou nas mãos o nosso adversário, que arruinou a nossa terra, e matou a muitos.

25 E alegrando-se nos banquetes, depois de terem já comido, mandaram que se chamasse Sansão, para lhes servir de brinco. E tendo-o tirado do cárcere, os divertia, e o fizeram estar em pé entre duas colunas.

26 E ele disse para o moço que o guiava: Deixa-me chegar a tocar as colunas, em que se sustém tôda a casa, e arrimar-me a elas, e descansar um pouco. (6)

27 Estava a casa pois cheia de homens e mulheres, e estavam ali todos os príncipes dos filisteus, algumas três mil pessoas dum e outro sexo, que do teto e do pavimento estavam vendo brincar a Sansão.

28 Êle porém invocando o Senhor disse: Senhor Deus, lembra-te de mim, e torna-me a dar agora a minha primeira fôrça, Deus meu, para me vingar de meus inimigos, e fazer pagar duma só vez a perda dos meus dois olhos.

(5) **DAGON** — O deus principal dos filisteus: no Museu do Louvre guarda-se um baixo-relêvo assírio com a figura dêste deus; o tronco é de homem, desde a cintura é um peixe.

(6) **AS COLUNAS** — Este fato teve lugar no belt, templo dos filisteus, que compreendia um espaço aberto, ao ar livre, chamado gag, e o santuário onde estava uma estátua de Dagon, chamado cela; aqui estavam as colunas, amondim, semelhantes às colunas que posteriormente foram colocadas no templo de Salomão.

29 E abraçando-se com as duas colunas, em que a casa se sustinha, e pegando numa com a mão direita e na outra com a esquerda, (7)

30 disse: Morra Sansão com os filisteus: e sacudindo com grande força as colunas, caiu a casa sobre todos os príncipes, e sobre todo o povo, que ali estava: e foram muitos mais os que matou morrendo, do que os que matara antes quando vivo.

31 E vindo seus irmãos e toda a parentela, levaram o seu corpo, e o enterraram entre Saraa e Estaol no sepulcro de seu pai Manué: Depois de ter sido juiz de Israel vinte anos. (8)

(7) **ABRAÇANDO-SE COM AS DUAS COLUNAS** — Não se quer dizer que fôsem só duas as colunas; havia mais, mas Sansão abraçou duas delas; também não se pode determinar com precisão a forma deste edificio. Stark, Gaza und die philistäische Kuste.

(8) **O ENTERRAMENTO** — Guérin julgou ter encontrado este túmulo em Chei Gherib, no meio de Khirbet Avelin, perto de Saraa e Achtoua. A propósito e com a rapidez que exige uma nota, diremos que esta passagem tem sido objeto dos mais rudes ataques da escola racionalista, sobressaindo o alemão Steintal na sua obra *Zeitschrift für Völkerpsychologie* e o francês Hyacinthe Husson, que publicou na *Revue Archéologique* um artigo intitulado *La légende de Samson et les Mythes solaires*, em que conclui que a história de Sansão é um mito astronômico. A isto responderam vários críticos ortodoxos vingando o texto sagrado, e a sua legítima interpretação, mormente Guérin de Rocher, *Histoire véritable des temps fabuleux*, que demonstrou que, admitidos os princípios dessa exegese, tínhamos que ver igualmente o sol em Ciro, Júlio César ou Napoleão I. Por isso Herder insuspeitamente pergunta: "Uma história tão completa, tão precisa como a de Sansão, pode porventura ser apenas uma ficção poética?" *Histoire de la poésie des Hébreux*. E sobre todos demonstra a autenticidade incontestável desta passagem Vigouroux, *Les livres saints et la critique rationaliste*, p. 191, 217.

CAPÍTULO 17

ÍDOLO DA CASA DE MICAS

1 Naquele tempo houve um homem do monte de Efraim por nome Micas,

2 que disse a sua mãe: As mil e cem moedas de prata que tinhas pôsto à parte, e sôbre as quais tinhas jurado diante de min, eis-aqui as tenho eu, e estão em meu poder. Ela lhe respondeu: Bendito seja do Senhor meu filho.

3 Entregou-as pois a sua mãe, a qual lhe tinha dito: Eu consagrei e fiz promessa dêste dinheiro ao Senhor, para que meu filho o receba da minha mão, e faça dêle uma imagem de escultura e de fundição: e por isso to dou agora.

4 Entregou-as pois a sua mãe: Que tomou duzentas moedas de prata, e as deu a um ourives, para daquela matéria fazer uma imagem de escultura, e de fundição, que ficou em casa de Micas.

5 O qual edificou também nela uma capela para o Deus, e fêz um cfod, e uns terafins, isto é, vestidura sacerdotal, e ídolos: e encheu a mão dum de seus filhos, e o criou sacerdote.

6 Naquele tempo não havia rei em Israel, mas cada um fazia o que lhe parecia melhor.

7 Houve também outro mancebo de Belém de Judá, desta mesma família: e era levita, e habitava ali. (1)

(1) **OUTRO MANCEBO DE BELÉM DE JUDÁ, DESTA MESMA FAMÍLIA** — Pelo lado da sua mãe, por quem pertencia à tribo de Judá, porque por seu pai pertencia à de Levi. O escritor sagrado faz esta advertência para explicar a razão por que ficava em Belém de Judá, que não pertencia aos levitas; o texto hebraico ainda é mais claro do que a Vulgata, pois diz, da família de Judá.

8 E tendo saído da cidade de Belém, quis mudar de domicílio onde achasse maior comodidade. E como tivesse chegado ao monte de Efraim, seguindo o seu caminho, e desviando-se um pouco para a casa de Micas,

9 perguntou-lhe este de onde vinha. Ele lhe respondeu: Eu sou um levita de Belém de Judá, e vou estabelecer-me onde puder, e onde vir que me faz conta.

10 E Micas lhe disse: Fica comigo, servir-me-ás de pai e de sacerdote, dar-te-ei cada ano dez moedas de prata, e dois vestidos, e o que te fôr necessário para sustento.

11 Acomodou-se a isto, e ficou em sua casa, e Micas o tratou como a um de seus filhos,

12 e Micas lhe encheu a mão, e teve consigo a este moço em qualidade de sacerdote.

13 Dizendo: Agora sei que Deus me fará bem, pois que tenho comigo um sacerdote da linhagem de Levi.

CAPÍTULO 18

SEISCENTOS HOMENS DA TRIBO DE DAN VÃO ESTABELECEM-SE EM LAIS. LEVAM O SACERDOTE, E OS ÍDOLOS DE MICAS.

1 Naqueles dias não havia rei em Israel, e a tribo de Dan buscava terras, onde se estabelecer: porque até então não tinha entrado a possuir a sua sorte entre as outras tribos.

2 Os filhos de Dan, pois, enviaram de Saraa, e de Estaol cinco homens fortíssimos da sua linhagem e família, para explorar e reconhecer cuidadosamente o país, e lhes disseram: Ide e examinaí bem a terra. Postos a caminho, chegaram ao monte de Efraim e entraram em casa de Micas, e nela descansaram:

3 E conhecendo pela fala o moço levita, e servindo-se da sua pousada, lhe disseram: Quem te trouxe aqui? Que é o que aqui fazes? Por que causas quiseste vir a êste lugar?

4 Êle lhes respondeu: Micas me fêz tais e tais coisas, e me assalariou, para ser seu sacerdote.

5 Pediram-lhe pois que consultasse ao Senhor, para poderem saber se a sua jornada seria feliz, e se a sua empresa se efetuariá.

6 Êle lhes respondeu: Ide em paz: o Senhor favorece a vossa jornada, e o caminho que levais.

7 Saindo dali pois êstes cinco homens vieram a Lais: e acharam o povo desta cidade, como era costume entre os sidônios, sem nenhum temor, em paz e segurança, não havendo absolutamente quem os inquietasse, e muito rico, e distante de Sidônia e separado de todos os outros homens. (1)

8 E voltando para seus irmãos em Saraa e Estaol, e perguntando-lhes êstes o que tinham feito, responderam-lhes:

9 Levantai-vos, vamos a êles: porque nós vimos um país muito rico e fértil: não sejais descuidados, não vos detenhais. Vamos, e metamo-nos de posse dêle, não haverá trabalho algum.

10 Entraremos num povo, que vive em segurança num terreno mui dilatado: e o Senhor nos dará um lugar onde não falta nada, do que se dá na terra.

11 Partiram pois da linhagem de Dan, isto é, de

(1) LAIS — Esta palavra significa leão, naturalmente porque êstes animais eram ali vulgares. Estava situada a nordeste de Sidon, sobre um montículo, hoje Tell-el-Gadi, perto de Hermon, num dos pontos mais pitorescos e mais férteis da Palestina. Hoje restam apenas algumas ruínas de muros desmoronados e um moinho.

Saraa e de Estaol seiscentos homens armados em guerra, (2)

12 e chegando a Cariatiarim da tribo de Judá, se acamparam ali: e este sítio desde então se chamou o campo de Dan, por detrás de Cariatiarim.

13 Dali passaram ao monte de Efraim. E tendo chegado a casa de Micas,

14 os cinco homens, que primeiro tinham sido enviados a reconhecer o país de Lais, disseram aos outros seus irmãos: Vós sabeis que nesta casa há um efod, e uns terafins, e uma imagem de escultura, e de fundição: vêde o que vos parece isto.

15 Tendo-se pois apartado um pouco do caminho, entraram no quarto do moço levita, que estava em casa de Micas: e o saudaram com amizade.

16 Entretanto os seiscentos homens, assim armados como estavam, ficaram à porta.

17 Mas os que tinham entrado em casa do moço, procuravam levar a imagem de escultura, e o efod, e os terafins, e a imagem fundida, e o sacerdote estava ante a porta, e os seiscentos homens valorosos estavam não longe esperando.

18 Os que tinham pois entrado, levaram a imagem de escultura, o efod e os ídolos, e a imagem fundida. Aos quais disse o sacerdote: Que fazeis?

19 Eles lhe responderam: Cala-te e põe o dedo sobre a tua bôca: e vem conosco, para que nos sirvas de pai, e de sacerdote. Qual é melhor para ti, ser sacerdote na casa dum particular, ou sê-lo numa tribo e em uma família de Israel?

20 O levita tendo ouvido isto, acomodou-se ao que

(2) PARTIRAM POIS DA LINHAGEM DE DAN, ISTO É, DE SARAA E DE ESTAOL — Com suas mulheres, bens e rebanhos.

êles lhe diziam, e tomou o efod, os ídolos, e a imagem de escultura, e se foi com êles.

21 Indo êles no caminho, e tendo feito ir adiante de si os meninos e as cavalgadas, e tudo o que era precioso,

22 e estando já longe da casa de Micas, os homens que habitavam em casa de Micas, dando vozes os seguiam,

23 e começaram a gritar atrás dêles. Êles voltando o rosto, disseram a Micas: Que queres? por que gritas?

24 Êle lhes respondeu: Vós me levastes os meus deuses, que eu tinha feito para mim, e o sacerdote, e tudo o que tenho, e perguntais-me: Que é o que tens?

25 E os filhos de Dan lhe disseram: Guarda-te de nos falar mais nisto, não suceda que se lancem sobre ti uns homens cheios de indignação, e tu mesmo peças com a tua casa.

26 E dêste modo continuaram o seu caminho começado. E Micas vendo que aquêles homens eram mais fortes do que êle, voltou para sua casa.

27 Mas os seiscentos homens levaram o sacerdote e o que acima dissemos: e tendo chegado a Lais, acharam um povo descansado e seguro, e o passaram ao fio da espada: e puseram fogo à cidade,

28 sem que alguém os socorresse, por habitarem longe de Sidônia, e por não terem sociedade, nem comércio com pessoa alguma. Estava situada a cidade no país de Roob: e, reedificando-a de novo, a povoaram,

29 chamando-a cidade de Dan, do nome de seu pai, que foi filho de Israel, quando ela antes se chamava Lais.

30 E erigiram para si uma estátua de escultura, e estabeleceram a Jonatan, filho de Gersam, filho de Moi-

Juizes 18, 31; 19, 1-7

sés, e a seus filhos por sacerdotes na tribo de Dan, até o dia do seu cativeiro.

31 E o ídolo de Micas ficou entre êles, por todo o tempo que a casa de Deus estêve em Silo: naqueles dias não havia rei em Israel.

CAPÍTULO 19

AFRONTA QUE OS DE GABAA FIZERAM À MULHER DUM LEVITA.

1. Houve um certo homem levita, que habitava a um lado do monte de Efraim, o qual se tinha casado com uma mulher de Belém de Judá:

2 Esta o deixou, e tornou para Belém para casa de seu pai, e ficou morando com êle quatro meses.

3 E seu marido a foi buscar, querendo reconciliar-se com ela, acariciá-la, e torná-la a levar consigo, trazendo para isto um criado e dois jumentos: a mulher o acolheu, e o introduziu em casa de seu pai. O seu sogro, quando soube isto e o viu, saiu a recebê-lo alegre,

4 e o abraçou. E o genro se deteve três dias em casa do sogro, comendo e bebendo com êle familiarmente.

5 Ao quarto dia porém levantando-se o levita antes de amanhecer, quis partir. O sogro o deteve, e lhe disse: Come primeiro um bocado de pão, e conforta o estômago, e depois partirás.

6 E assentaram-se ambos juntos, e comeram e beberam. Depois disse o pai da moça a seu genro: Peço-te que te deixes ficar aqui ainda hoje, e nos divirtamos de companhia.

7 Mas êle levantando-se, se pôs em ação de querer partir. E todavia o sogro com as suas instâncias o deteve, e fêz ficar consigo.

8 Ao outro dia pela manhã preparava-se o levita para partir. E o sogro lhe tornou a dizer: Peço-te que comas primeiro um bocado, e cobrando fôrças, até que seja mais dia, depois partirás. Comeram pois juntamente.

9 E o mancebo se levantou para partir com sua mulher e com o criado. Mas o sogro lhe disse outra vez: Olha que o dia está mui perto do ocaso, e que chega a noite: Fica comigo ainda hoje, e leva em alegria o dia, e amanhã partirás para ires para tua casa.

10 Não quis o genro estar por êstes rogos: Mas partiu logo, e chegou à vista de Jebus, que por outro nome se chamava Jerusalém, levando consigo dois jumentos carregados, e a sua mulher.

11 E já estavam perto de Jebus, e o dia se mudava em noite: e disse o criado a seu amo: Tomemos, te peço, o caminho da cidade dos jebuseus, e fiquemos nela.

12 O amo lhe respondeu: Eu não entrarei numa cidade de gente estrangeira, que não é dos filhos de Israel, mas passarei até Gabaa: (1)

13 E depois que lá chegarmos, descansaremos nela, ou ao menos na cidade de Rama.

14 Deixaram pois a Jebus, e continuando o seu caminho, se lhes pôs o sol ao pé de Gabaa, que é da tribo de Benjamim:

15 E entraram nela, para ali pousarem. E entrando que foram, se assentaram na praça da cidade, e não houve sequer um que os quisesse hospedar.

16 E eis-que appareceu um homem velho, que voltava do campo e do seu trabalho ao anoitecer, o qual

(1) **GABAA** — Hoje Tell-el-Foul, a colina das Favas, cidade da tribo de Benjamim. Ficava ao norte de Jerusalém e ao sul de Rama, na estrada de Silo. Hoje resta apenas uma torre retangular, que fazia parte duma antiga fortaleza em ruínas, colocada no alto.

também era do monte de Efraim, e habitava como forasteiro em Gabaa. Porque os homens desta região eram filhos de Jemini.

17 E levantando os olhos, viu o velho ao levita assentado na praça da cidade com a sua pequena bagagem: e lhe disse: De onde vens tu? e para onde vais?

18 O qual lhe respondeu: Nós partimos de Belém de Judá, e vamos para nossa casa, que é ao lado do monte de Efraim, de onde tínhamos ido a Belém: e agora vamos à casa de Deus, e ninguém nos quer hospedar na sua morada,

19 tendo nós palha e feno para sustento dos jumentos, e pão e vinho para mim e para esta tua serva, e para o criado, que está comigo: De nenhuma coisa necessitamos mais que de pousada.

20 O velho lhe respondeu: A paz seja contigo, eu te darei tudo o que fôr necessário: Rogo-te somente que não fiques na praça.

21 E assim os introduziu em sua casa, e deu de comer aos jumentos: e depois que lavaram os seus pés, os fez assentar à mesa.

22 Ceando eles, e refazendo os seus corpos da fadiga do caminho com a comida e bebida, chegaram uns homens daquela cidade, filhos de Belial (isto é, sem jugo), e cercando a casa do velho, começaram a bater à porta, gritando ao dono da casa, e dizendo: Deita cá para fora esse homem, que entrou para tua casa, para abusarmos dêle. (2)

(2) **BELIAL** — Esta palavra significa *sem valor*, e nunca é empregada no Antigo Testamento como nome próprio, significando ímpio, injusto, prevaricador, apóstata. No Novo Testamento é empregada por S. Paulo para significar o mau por excelência, o demônio. Ep. 2 aos Cor 6, 15.

23 É o velho saiu fora a ter com êles, e disse: Não queirais, irmãos, não queirais cometer semelhante maldade; porque eu hospedei êste homem em minha casa, e deixai-vos desta loucura:

24 Eu tenho uma filha donzela, e êste homem tem sua mulher: Eu vo-las tirarei cá para fora, para vos servirdes delas, e satisfazerdes o vosso apetite: sômente vos peço, que não obreis com o homem tal maldade contra a natureza.

25 Não queriam os homens estar pelo que êle lhes dizia: o que vendo o levita, lhes trouxe sua mulher e a entregou aos seus ultrajes: e depois de terem abusado dela tôda a noite a largaram ao amanhecer.

26 Mas a mulher, tanto que amanheceu, veio à porta da casa, onde estava seu senhor, e caiu ali.

27 Quando já era dia, levantou-se o marido, e abriu a porta para continuar o seu caminho: e eis-que sua mulher estava estirada no limiar da porta com as mãos estendidas.

28 Cuidando êle que ela estava dormindo, disse-lhe: Levanta-te, e vamo-nos. Não respondendo ela nada, conhecendo que estava morta, pegou nela, e pô-la sôbre o jumento, e voltou para sua casa.

29 Tanto que aí chegou, tomou um cutelo, e, dividindo o cadáver de sua mulher com os seus ossos em doze partes, pedaço a pedaço, os enviou a todos os limites de Israel.

30 E quando tal viram, exclamaram: Nunca tal coisa se viu em Israel, desde o dia que nossos pais saíram do Egito até hoje: Dizei o que sentis, e resolvi de comum acôrdo o que se deve fazer neste caso.

CAPÍTULO 20

VINGAM OS ISRAELITAS NOS DE BENJAMIM O ULTRAJE
FEITO AO LEVITA.

1 Saíram pois todos os filhos de Israel, e se ajuntaram num corpo, como se fôra um só homem, desde Dan até Bersabée, e a terra de Galaad, para consultarem o Senhor em Masfa:

2 E todos os chefes dos povos, e tôdas as tribos de Israel acudiram à assembléa do povo de Deus em número de quatrocentos mil infantes, homens de guerra.

3 (E não se ocultou aos filhos de Benjamin, que os filhos de Israel tinham concorrido a Masfa). E perguntando ao marido da mulher, que fôra morta, de que modo se cometera tão atroz maldade,

4 respondeu: Eu cheguei a Gabaa de Benjamin com minha mulher, e ali me hospedei:

5 eis-que vieram uns homens daquela cidade e cercaram de noite a casa, onde eu estava, querendo-me matar, ultrajando a minha mulher com um incrível furor de lascívia, por último ela morreu.

6 E eu pegando no seu cadáver, o dividi em pedaços, e os enviei repartidos a tôdas as terras que possuí: Porque nunca se cometeu tão grande maldade, nem crime tão abominável em Israel.

7 Vós vos achais presentes, todos os filhos de Israel, resolvi o que deveis fazer.

8 E todo o povo estando em pé respondeu, como se falara um só homem: Não voltaremos às nossas tendas, e ninguém entrará em sua casa:

9 enquanto de comum acôrdo não executarmos isto contra Gabaa.

10 Escolham-se dentre tôdas as tribos de Israel dez homens de cada cento, e cem de cada mil, e mil de cada

dez mil, para que levem víveres ao exército, e possamos pelejar contra Gabaa de Benjamim, e dar-lhe pelo crime a recompensa que merece.

11 Assim se coligou contra esta cidade todo o Israel como se fôra um só homem, com um mesmo espírito, e uma mesma resolução:

12 e mandaram mensageiros a tôda a tribo de Benjamim, para que lhe dissessem: Por que se cometeu entre vós tão detestável maldade?

13 Entregai-nos os homens de Gabaa, que estão culpados desta atrocidade, para que morram, e para que se tire êste mal de Israel. Não quizeram os benjamitas dar ouvidos à embaixada de seus irmãos os filhos de Israel:

14 Mas ajuntaram-se de tôdas as cidades, que eram da sua repartição, em Gabaa, para lhes darem auxílio, e para pelejarem contra todo o povo de Israel.

15 E acharam-se da tribo de Benjamim vinte e cinco mil homens de guerra, fora os habitantes de Gabaa,

16 que eram setecentos homens valentíssimos, que pelejavam igualmente com a esquerda que com a direita: e eram tão destros em atirar pedras com funda, que poderiam acertar num cabelo, sem que o golpe da pedra desse noutra parte.

17 Da banda dos filhos de Israel também fora os de Benjamim contaram quatrocentos mil homens de armas, e prestes para o combate.

18 Os quais levantando-se vieram à casa de Deus, isto é, a Silo: e consultaram ao Senhor, e disseram: Quem há de ser em o nosso exército o general para a peleja contra os filhos de Benjamim? O Senhor lhes respondeu: Judá seja o vosso general. (1)

(1) CASA DE DEUS — S. Jerônimo traduzindo o hebreu

19 E logo os filhos de Israel marchando ao amá-nhecer, se acamparam junto a Gabaa:

20 e avançando dali para pelejarem contra Benjamim, começaram a sitiá-la cidade.

21 Mas os filhos de Benjamim tendo saído de Gabaa, mataram dos filhos de Israel naquele dia vinte e dois mil homens.

22 Segunda vez os filhos de Israel confiados nas suas forças e no seu número, se puseram em batalha no mesmo lugar, onde primeiro tinham combatido:

23 Mas antes de se moverem foram chorar até à noite diante do Senhor: e o consultaram, e disseram: Devemos continuar ainda em pelejar contra os filhos de Benjamim nossos irmãos, ou não? O Senhor lhes respondeu: Ide contra eles, e dai a batalha.

24 E ao outro dia tendo marchado os filhos de Israel para pelejarem contra os filhos de Benjamim,

25 saíram os filhos de Benjamim com ímpeto das portas de Gabaa: e vindo a seu encontro, fizeram nêles tão grande mortandade, que derrubaram dezoito mil guerreiros.

26 Pelo que todos os filhos de Israel vieram à casa de Deus, e assentados choravam diante do Senhor: e jejuaram aquêlê dia até à tarde, e lhe ofereceram holocaustos, e hóstias pacíficas,

27 e o consultaram sôbre o seu estado. Naquele tempo a Arca do concêrto de Deus estava naquele lugar,

28 e Finéias filho de Eleazar, filho de Aarão, residia na casa. Consultaram pois o Senhor, e disseram:

Beth-El, juntou-lhe com explicação a frase isto é, a Silo. Porém trata-se aqui de Betel hoje Beitin, a quatro horas de Gabaa, para o norte, para onde havia sido transportada temporariamente a Arca. Silo estava muito mais distante. Vigouroux, *La Sainte Bible Polyglotte*.

Devemos ainda sair a pelejar contra os filhos de Benjamim nossos irmãos, ou desistir? E o Senhor lhes respondeu: Marchai porque amanhã os entregarei nas vossas mãos.

29 E os filhos de Israel puseram emboscadas à roda da cidade de Gabaa:

30 e terceira vez assim como da primeira e segunda, marcharam em batalha contra Benjamim.

31 Mas os filhos de Benjamim saíram também ousadamente da cidade, e perseguiram por mais extensão os seus inimigos na fugida, de sorte que feriram alguns d'êles, como no primeiro e segundo dia, e mataram alguns trinta homens dos que fugiam por duas veredas, uma das quais ia a Betel, e outra a Gabaa:

32 Porque cuidaram que os levavam de vencida como costumavam. Mas êles fingindo com arte a fugida, formaram o desígnio de os alongar da cidade, e como em retirada levá-los às sobreditas veredas.

33 Portanto saindo todos os filhos de Israel das suas estâncias, ordenaram a batalha no sítio chamado Baaltamar. Os que estavam de emboscada ao redor da cidade, começaram também a deixar-se ver pouco a pouco, (2)

34 e a marchar pela parte ocidental da cidade. E de mais outros dez mil homens escolhidos do exército de Israel desafiavam aos moradores da cidade para o combate. E obstinou-se a batalha contra os filhos de Benjamim; e êles não entenderam que de tóda a parte lhes estava iminente a morte. (3)

(2) **BAALTAMAR** — Cidade da tribo de Benjamim, nos airdores de Gabaa, a este de Tell-el-Foul; sôbre um alto cume de nome Ras-el-Thaonil encontram-se umas ruínas de cisternas, grutas, montões de pedras que provavelmente são os restos desta cidade.

(3) **ESCOLHIDOS** — Com Glaire acrescentamos esta pala-

35 E assim o Senhor os destruiu à vista dos filhos de Israel, os quais naquele dia mataram d'elles vinte e cinco mil e cem homens, todos guerreiros e homens de armas. (4)

36 Mas os filhos de Benjamim, vendo que elles eram inferiores, começaram a fugir. O que vendo os filhos de Israel, deram-lhes lugar para fugirem, a fim de que viessem a cair nas emboscadas, que tinham pôsto junto à cidade.

37 E êstes saindo de repente dos seus esconderijos, e voltando Benjamim as costas aos que os acutilavam, entraram na cidade, e a passaram ao fio da espada.

38 Ora os filhos de Israel tinham dado por sinal aos que tinham pôsto de emboscada, que logo que tomassem a cidade, acendessem fogo, para que, elevando-se ao alto o fumo, dessem aviso de estar tomada a cidade.

39 O que vendo os filhos de Israel estando ainda no combate, (porque os de Benjamim cuidando que os de Israel fugiam, foram-nos perseguindo com mais instância, depois de lhe terem morto do seu exército trinta homens,)

40 e como vissem que da cidade subia como uma coluna de fumo: Os benjamitas olhando também para trás, conheceram que a cidade estava tomada, e as chamas subiam ao alto:

41 Os israelitas que antes davam mostras de fugir, voltando os rostos resistiam com mais valentia. O que, visto pelos filhos de Benjamim, puseram-se em fugida,

vra que está no original hebraico, e que é indispensável ao bom sentido do texto, mas que se não encontra na Vulgata. *Glaire, La Sainte Bible selon la Vulgate.*

(4) O SENHOR OS DESTRUIU — Os israelitas atribuíam a vitória a Deus, que reconheciam como seu verdadeiro chefe.

42 e começaram a ganhar o caminho do deserto, perseguindo-os até ali os inimigos: Mas também os que tinham queimado a cidade, os cortaram.

43 E dêste modo succedeu serem destroçados por uma e outra parte pelos inimigos, e morriam sem cessar. Ficaram estendidos, e foram prostrados na parte oriental da cidade de Gabaa.

44 Os que porém ficaram mortos naquele lugar, foram dezoito mil homens, todos guerreiros valentissimos.

45 O que tanto que viram os benjamitas que tinham ficado, fugiram para o deserto: e se encaminharam para o Rochedo chamado Remon. Mas como estavam derrotados, e iam dispersos, ainda naquela fugida foram mortos cinco mil homens. E passando adiante no alcance, os perseguiram e mataram ainda mais dois mil. (5)

46 E succedeu, que todos os que ficaram mortos da tribo de Benjamin em diversos lugares, foram vinte e cinco mil homens guerreiros destríssimos para pelear.

47 Pelo que de tôda a gente de Benjamin ficaram seiscentos homens, que puderam escapar, e achar guarida no deserto: e se detiveram quatro meses no Rochedo de Remon.

48 E os filhos de Israel tendo voltado, passaram ao fio da espada tudo o que restou na cidade, desde os homens até aos animais, e tôdas as cidades, e lugarejos de Benjamin foram consumidos pela voracidade das chamas.

(5) REMON — O rochedo da romeira, que segundo Eusébio ficava 15 milhas romanas ao norte de Jerusalém; é provável que seja o sítio chamado hoje Remmoun, ao nascente de Betel.

RUÍNAS DE JABÉS DE GALAAD. DÃO-SE MULHERES AOS BENJAMITAS.

1 Juraram também os filhos de Israel em Masfa, e disseram: Nenhum de nós dará sua filha por mulher aos filhos de Benjamim.

2 E vieram todos a casa de Deus em Silo, e assentados na sua presença até à tarde, levantaram a voz, e começaram a chorar com grande pranto, dizendo:

3 Senhor Deus de Israel, por que aconteceu ao teu povo esta desgraça, o ser hoje cortada de nós uma das tribos?

4 E ao outro dia, tendo-se levantado de madrugada, erigiram um altar: e ofereceram nêle holocaustos, e hóstias pacíficas, e disseram: (1)

5 Quem dentre tôdas as tribos de Israel não marchou com o exército do Senhor? Porque, estando em Masfa, se tinham obrigado com um grande juramento a matar aos que não se achassem.

6 E os filhos de Israel tocados de pesar pelo que tinha acontecido a seu irmão Benjamim, começaram a dizer: Foi cortada de Israel uma tribo, (2)

(1) **ERIGIRAM UM ALTAR** — Já existia um altar, visto que já tinham oferecido holocaustos e hóstias pacíficas, 20, 26, o que dá ocasião a perguntar a razão por que o texto indica aqui a ereção dum altar. A resposta é que certamente o primitivo altar era insufficiente nesta ocasião, em que estavam reunidas as tribos, e queriam oferecer sacrificios ao Senhor, tornando-se necessário levantar um novo altar. *Hoc novum Altare erectum est ob necessitatem. Cum enim omnes Tribus congregatæ essent, ac singulæ plures vellent Deo offerre hostias, unum altare Tabernaculi illis capiendi non sufficeret.* (Cornélio a Lapide).

(2) **SEU IRMÃO BENJAMIM** — Isto é, seus irmãos da tribo

7 de onde hão de tomar mulheres? porque nós juramos todos à uma, que lhes não daríamos nossas filhas.

8 Por isso disseram: Quem é de tôdas as tribos de Israel, que não veio ao Senhor a Masfa? E eis que se achou que os habitantes de Jabés-Galaad não tinham estado naquele exército.

9 (E ainda no tempo em que estiveram em Silo não se achou ali nenhum dêles.)

10 Mandaram pois dez mil homens fortíssimos, e ordenaram-lhes: Ide, e passai ao fio da espada os habitantes de Jabés-Galaad, tanto a suas mulheres como a meninos.

11 E eis-aqui o que deveis observar: Matai todos os varões, e tôdas as mulheres casadas, mas deixai com vida as donzelas.

12 E acharam-se em Jabés-Galaad quatrocentas donzelas, que não tinham conhecido varão, e as trouxeram ao campo de Silo, à terra de Canaã.

13 E mandaram mensageiros aos filhos de Benjamim, que estavam no Rochedo de Remon, e lhes ordenaram que as recebessem em paz.

14 E vieram para êles os filhos de Benjamim, e se lhes deram por mulheres as donzelas de Jabés-Galaad: e não acharam outras, que lhes dessem da mesma maneira.

15 E todo o Israel teve grande pena, e arrependimento pela destruição duma das tribos de Israel.

16 E os mais velhos disseram: Que faremos dos outros, que não receberam mulheres? tôdas as mulheres da tribo de Benjamim pereceram,

17 e nós devemos prover com grande cuidado, e

de Benjamim. Aqui, como em muitos outros lugares, usa-se uma linguagem tropológica, tomando o fundador da tribo pela própria tribo.

com forte desvêlo, que não pereça uma das tribos de Israel.

18 Porquanto nós não podemos dar-lhes nossas filhas, estando ligados com o juramento, e com as imprecacões que fizemos, dizendo: Maldito o que der sua filha por mulher aos filhos de Benjamim.

19 Tomaram pois a resolução, e disseram: Eis-aí se avizinha a solenidade anual do Senhor em Silo, que está situada ao setentrião da cidade de Betel, e ao oriente do caminho, que vai de Betel a Siquem, e ao meio-dia da cidade de Lebona. (3)

20 E ordenaram aos filhos de Benjamim, e disseram: Ide, e escondei-vos nas vinhas. (4)

21 E quando virdes que as moças de Silo saem, segundo o costume, a formar as suas danças, saí de repente das vinhas, e cada um roube a sua para mulher, e parti para a terra de Benjamim. (5)

22 E quando vierem seus pais, e irmãos, e começarem a queixar-se, e a gritar contra vós, nós lhe diremos: Tende compaixão dêles: Pois não as roubaram por direito de guerra, nem como vencedores, mas suplicando-

(3) **A SOLENIDADE ANUAL DO SENHOR** — Era a festa dos Tabernáculos, em que todo o povo se devia reunir junto da Arca, e que se celebrava na Primavera.

LEBONA — Ficava ao norte de Silo. Cfr. Vigouroux, *La Sainte Bible Polyglotte*.

(4) **ESCONDEI-VOS NAS VINHAS** — Neste tempo as vinhas tinham muitas parras, debaixo das quais se podiam os homens esconder. Estas vinhas que, no tempo de Josué e dos juízes, circundavam Silo, desapareceram.

(5) **AS SUAS DANÇAS** — A dança fazia parte das cerimônias culturais em tôdas as religiões, e não tinha sido excluída do cerimonial judaico. E' sabido que Davi dançou diante da arca da Aliança, 2 Rs 6, 14.15.16.

vos que lhas désseis, vós lhas negastes, e assim a culpa veio da vossa parte. (6)

23 E os filhos de Benjamim fizeram como se lhes havia mandado: e roubaram para suas mulheres das donzelas que dançavam tantas, quantos êles eram: e retiraram-se para suas casas, edificando suas cidades, e habitando nelas.

24 Os filhos de Israel voltaram para as suas tendas pelas suas tribos e famílias. Naquele tempo não havia rei em Israel: Mas cada um fazia o que lhe parecia justo.

(6) **DA VOSSA PARTE** — Porque traíram o juramento.

O LIVRO DE RUTE

INTRODUÇÃO

O Livro de Rute pode com razão ser considerado um suplemento ao Livro dos Juizes. Enquanto êste nos conta as infidelidades de Israel, os seus arrependimentos, castigos e prêmios, o Livro de Rute mostra-nos o interior duma família belemita, apresentando-nos um quadro completo da vida doméstica ornada de sublimes virtudes. Nos Juizes vemos o ardor dos combates, aqui a ingênua serenidade do lar; lá a guerra, agora a paz mais doce e a tranqüilidade mais suave. Por isso Goethe chamou a êste livro o mais “delicioso poema que nos legou a musa de idílio”, palavras perfilhadas por Humboldt, *Commentar Zum West-östlichen Divan*, traduzido no *Cosmos* por Faye et Galuski, Cfr. Vigouroux, *Manuel Biblique*. Não é fácil encontrar uma figura tão bem traçada, rigorosamente definida, como a de Booz, homem de fé viva, possuído da idéia de Deus, diligente e cuidadoso no cumprimento dos seus deveres, caritativo para com os servos, amado de todos, observante da lei. Ao lado de Rute a insinuante e simpática Noemi, mulher religiosa, fiel cumpridora dos seus deveres, aliando a prudência ao discernimento, alentando-se sempre com a esperança em Deus, não menos na hora da adversidade e

O Livro de Rute

da dor do que no dia de júbilo e da tranqüilidade. E para que em tão belo quadro não faltassem as sombras, que mais realçassem as côres das principais figuras, apparece-nos Orfa, que não tem constância nem fé, e que acaba por ficar pagã. O escopo principal dêste livro é fazer-nos conhecer a genealogia de Davi e consequentemente a de Jesus Cristo, *Cur scripta est de Ruth historia? Primum propter Christum Dominum* segundo Teodoreto in *Ruth* t. LXXX c. 518. Qual é o autor dêste livro? Tem sido objeto de acaloradas discussões. Uns querem que fôsse Samuel, outros Ezequias, não podendo uns e outros apresentar argumentos convincentes. O estilo nem é o do Livro dos Juizes, nem dos dois primeiros dos Reis, e por isso Vigouroux confessa a ignorância, que neste caso é o mais seguro. *Nous ne savons pas davantage quel est l'auteur de cet écrit.* Como se não sabe quem é o autor também se ignora o tempo em que foi escrito, parecendo provável que tivesse sido composto pouco depois da morte de Davi, porque a genealogia final pára neste rei. 22. Teodoreto, *In Ruth*, loc. cit.

O LIVRO DE RUTE

CAPÍTULO 1

ELIMELEC SE RETIRA DE BELÉM DE JUDÁ AO PAÍS DE MOAB, E LÁ MORRE. SEUS FILHOS TOMAM MULHERES DO MESMO PAÍS. SUA MULHER NOEMI PARTE PARA BELÉM COM RUTE SUA NORA.

1 No tempo de um juiz, quando os juizes governavam, houve uma fome na terra. E um homem de Belém de Judá saiu, a peregrinar no país de Moab com sua mulher e dois filhos:

2 Chamava-se êle Elimelec, e sua mulher Noemi: e os dois filhos, um se chamava Maalon, e outro Quelion, eram de Efrata de Belém de Judá. E tendo entrado no país dos moabitas, moraram ali.

3 E morreu Elimelec marido de Noemi: ela ficou com os filhos.

4 Os quais casaram com mulheres de Moab, uma chamava-se Orfa, e a outra Rute. E assistiram ali dez anos,

5 e morreram ambos, a saber, Maalon e Quelion: e ficou sem os dois filhos e sem marido.

6 E resolveu-se a tornar para a sua pátria com as suas duas noras moabitas: porque tinha ouvido que o Senhor tinha olhado para o povo, e lhe havia dado de que se sustentar.

Rute 1, 7-14

7 Saiu pois do lugar da sua peregrinação com as suas duas noras: e indo já no caminho de volta para a terra de Judá,

8 disse para elas: Ide para casa de vossa mãe, o Senhor use convosco de misericórdia, bem como vós usastes com os que morreram e comigo. (1)

9 E ele vos faça achar descanso em poder dos maridos, com quem tiverdes a sorte de casar. Depois beijou-as. E elas em alta voz começaram a chorar.

10 e a dizer: Nós havemos de ir contigo para o teu povo.

11 Ela lhes respondeu: Voltai, minhas filhas, por que quereis vós ir comigo? Porventura tenho eu ainda alguns filhos no meu ventre, para que possais esperar de mim maridos? (2)

12 Voltai, minhas filhas, e ide-vos: Porque já estou acabada de velhice, e incapaz de tornar a casar. Ainda quando eu pudesse conceber esta mesma noite, e parir filhos,

13 se vós quisésseis esperar até que crescessem, e chegassem aos anos de puberdade, primeiro vos faríeis velhas, do que casásseis. Não, minhas filhas, não queirais tal porque a vossa aflicção acrescenta a minha, e a mão do Senhor descarregou sobre mim.

14 Elas, levantando a voz, começaram de novo a

(1) **IDE PARA CASA DE VOSSA MÃE** — As mulheres habitavam em aposentos separados dos homens; as raparigas ficavam no quarto de sua mãe.

(2) **PARA QUE POSSAIS ESPERAR DE MIM MARIDOS?** — Se Noemi tivesse outros filhos varões, segundo a lei do levirato, o mais velho deveria esposar a viúva de seu irmão defunto. Cfr. Gên 38, 8, Dt 25, 5. Foi ainda em virtude desta lei, aplicada ao parente mais próximo, na falta de irmão, que Rute esposou Booz.

chorar: Orfa beijou a sua sogra, e foi-se; porém Rute acompanhou a sua sogra.

15 E Noemi lhe disse: Eis se foi tua cunhada para o seu povo, e para os seus deuses, vai tu com ela.

16 A qual lhe respondeu: Não te ponhas contra mim obrigando-me a deixar-te e a ir-me: Porque para onde quer que tu fores, irei eu; e onde quer que tu ficares, ficarei eu também. O teu povo será o meu povo, e o teu Deus o meu Deus. (3)

17 A terra em que tu morreres, nessa morrerei: e ali terei o meu sepulcro. Isto me faça o Senhor, e ainda mais, se outra coisa que a morte me separar de ti. (4)

18 Vendo pois Noemi, que Rute tão obstinadamente insistia em querer ir com ela, não a quis mais contradizer, nem persuadir-lhe que voltasse para os seus:

19 E partiram juntas, e chegaram a Belém. Na qual cidade tanto que entraram, logo por todos correu esta notícia: e as mulheres diziam: esta é aqueia Noemi.

20 Às quais ela respondeu: Não me chameis Noemi, (isto é formosa) mas chamai-me Mara, (isto é, amargosa) porque o Todo-poderoso me encheu de extrema amargura.

21 Eu saí daqui cheia, e o Senhor me fêz voltar vazia. Por que me chamais logo Noemi, a quem o Senhor humilhou, e o Todo-poderoso afligiu?

(3) **O TEU DEUS O MEU DEUS** — Estas palavras não indicam já uma conversão, traduzem pelo menos muito boa disposição de parte de Rute, para adorar o verdadeiro Deus.

(4) **ISTO ME FAÇA O SENHOR E AINDA MAIS** — Fórmula de juramento solene muito usado nos Livros dos Reis, e que consiste em chamar sobre si a maldição divina, em caso de infidelidade ao próprio juramento.

Rute 1, 22; 2, 1-8

22 Veio pois Noemi com Rute moabita, sua nora, da terra da sua peregrinação: e voltou para Belém, quando se começavam a segar as cevadas. (5)

CAPÍTULO 2

**RUTE VAI AO RESPIGO DAS ESPIGAS NA SEARA DE BOOZ:
BOOZ SE PORTA COM ELA BENIGNAMENTE.**

1 Ora havia um homem poderoso, e muito rico, chamado Booz, que era consanguíneo de Elimelec.

2 E Rute moabita disse a sua sogra: Se o mandas, irei ao campo apanhar as espigas que tiverem escapado das mãos dos segadores, onde quer que eu ache algum pai de famílias, que se mostre clemente para comigo. E ela lhe respondeu: Vai, minha filha.

3 Foi Rute pois, e apanhava as espigas por detrás dos segadores. Aconteceu porém que aquêlê campo tinha por dono a um homem chamado Booz, que era da família de Elimelec.

4 Eis que chegou êle de Belém, e disse aos segadores: o Senhor seja convosco. Êles lhe responderam: O Senhor te abençoe.

5 E disse Booz para o mancebo, que tomava sentindo nos segadores: De quem é esta moça?

6 Êle lhe respondeu: Esta é a moabita, que veio com Noemi, do país de Moab,

7 e pediu-me que a deixasse apanhar as espigas, que ficassem atrás dos segadores: e anda no campo desde a manhã até agora, sem ter voltado a casa nem por um momento.

8 E disse Booz a Rute: Ouve, filha, não vás a ou-

(5) **A SEGAR AS OEVADAS** — Na Páscoa, isto é, nos começos de abril.

tro campo a respigar, não te apartes dêste lugar: Mas ajunta-te com as minhas moças.

9 E segue-as por onde tiverem segado. Porque eu ordenei aos meus criados, que nenhum te moleste: e ainda quando tiveres sêde, vai aos barris, e bebe da água de que também bebem os meus criados.

10 Ela, prostrando o seu rosto em terra, e fazendo-lhe uma profunda reverência, lhe disse: De onde me vem a dita de ter achado graça diante de ti, e de que te dignasses de fazer caso de mim, que sou uma mulher estrangeira?

11 Ao que Booz respondeu: Tem-se-me contado tudo o que tens feito a respeito de tua sogra, depois da morte de teu marido: e como deixaste a teus parentes e a terra onde nasceste, e vieste para um povo, que antes não conhecias.

12 O Senhor te dê o galardão do bem que fizeste, e recebas uma plena recompensa do Senhor Deus de Israel, para quem vieste, e debaixo de cujas asas te acolheste.

13 Ela respondeu: Tenho achado graça diante de teus olhos, meu Senhor, que me consolaste, e falaste ao coração da tua escrava, que não me assemelho a uma das tuas moças.

14 E Booz lhe disse: Quando chegar a hora de comer, vem aqui, e come o pão, e molha o teu bocado no vinagre. Ela pois se assentou ao lado dos segadores, e preparou para si umas papas de farinha torrada, e comeu e ficou satisfeita, e levantou os sobejos.

15 E depois levantou-se dali para continuar a colher as espigas segundo o costume. Booz porém deu esta

Rute 2, 16-22

ordem aos seus moços, dizendo: Ainda que ela queira segar convosco, não lho embaraceis: (1)

16 E de propósito deixai cair algumas espigas das vossas gavelas, e que fiquem ali, para que ela as apanhe sem rubor, e nenhum a repreenda quando as apanhar.

17 Estêve pois Rute apanhando no campo até à tarde: e tendo batido e sacudido com uma vara as espigas que havia colhido, achou quase a medida de um efi de cevada, isto é, três alqueires. (2)

18 E carregando com êles voltou para a cidade, e os mostrou a sua sogra: e além disso tirou para fora, e lhe deu dos sobejos da comida, de que ela se tinha fartado.

19 E sua sogra lhe pergunta: Onde respigaste tu hoje, e onde trabalhaste? Abençoado seja quem se compadeceu de ti. E ela lhe disse onde tinha trabalhado: e que o dono se chamava Booz.

20 Ao que Noemi respondeu: Abençoado seja êle do Senhor: Porque a mesma boa vontade que mostrara aos vivos, a mostrou também aos mortos. E ajuntou: Esse homem é nosso parente chegado. (3)

21 E Rute disse: Êle me deu também ordem, que me ajuntasse aos seus segadores, até que se acabasse tôda a ceifa.

22 A sogra lhe respondeu: Melhor é, minha filha,

(1) **COLHER AS ESPIGAS SEGUNDO O COSTUME** — Os pobres tinham direito a recolher as espigas que escapavam aos ceifeiros. Lev 19, 9; 23, 22.

(2) **SACUDIDO COM UMA VARA** — Havia formas várias para bater o trigo e a cevada: as espigas pisadas pelos bois; ou com um rôlo, chamado moraz, e ainda o processo mais primitivo, que consistia em batê-la com varas, o que servia só para pequenas quantidades. Efi, 38 litros aproximadamente.

(3) **NOSSO PARENTE** — O texto hebreu diz ainda mais — e um dos nossos vingadores.

que vás segar entre as moças dêsse homem, não suceda que noutro campo te moleste alguém.

23 Ela pois se incorporou com as moças de Booz: e continuou a andar segando com elas, até que as cevadas e os trigos se recolheram nos celeiros.

CAPÍTULO 3

VAI RUTE DEITAR-SE AOS PÉS DE BOOZ. BOOZ LHE PROMETE QUE CASARÁ COM ELA.

1 Tendo Rute voltado para sua sogra, esta lhe disse: Minha filha, eu ando cuidando em te pôr em descanso, e o farei de modo que fiques bem.

2 Êste Booz, com cujas moças tu andaste unida no campo, é nosso parente chegado, e esta noite há de alimpar a sua cevada na eira.

3 Lava-te pois, e unge-te e toma os teus melhores vestidos, e vai à sua eira. Não te veja êste homem, menos que não tenha acabado de comer e beber.

4 E quando se fôr deitar, nota bem o lugar em que dorme: e irás, e levantar-lhe-ás a capa com que se cobre da parte dos pés, e ali te deitarás, e te deixarás estar: e êle te dirá o que deves fazer.

5 Ela lhe respondeu: Farei tudo o que ordenas.

6 E partiu para a eira, e fêz tudo o que sua sogra lhe tinha mandado.

7 E quando Booz, depois de ter comido, estava mais alegre, e se foi deitar a dormir ao pé duma meda, veio ela muito de mansinho, e tendo-lhe levantado a capa pelos pés, deitou-se ali.

8 E eis que pela meia-noite espertou o homem espavorido, e turbado: e viu uma mulher deitada aos pés,

9 e lhe disse: Quem és tu? Ela lhe respondeu: Sou

Rute 3, 10-18

Rute tua escrava. Estende a tua capa sôbre a tua serva, porque és parente chegado.

10 E êle disse: Filha, bendita sejas do Senhor, que excedeste a tua primeira bondade com esta de agora: Pois que não buscaste mancebos pobres, ou ricos.

11 Não temas pois que eu te farei tudo que me disseres: Porque todo o povo, que mora das portas para dentro da minha cidade, sabe que és uma mulher de virtude.

12 Nem eu nego que sou teu parente, mas há outro mais próximo.

13 Descansa esta noite: e quando fôr manhã, se êle te quiser receber pelo direito de parentesco, muito embora: Mas se o não quiser, viva o Senhor, que eu indubitavelmente te hei de receber. Dorme até pela manhã.

14 Dormiu ela pois a seus pés, até que se passou a noite. E levantou-se antes que os homens se pudessem entreconhecer, e Booz lhe disse: Vê, não saiba ninguém que vieste aqui.

15 E ajuntou: Estende a capa com que te cobres, segura-a bem com ambas as mãos. Tendo-a Rute estendido, e segurando-a, êle lhe mediu seis alqueires de cevada, e lhos pôs em cima. Ela carregada com êles entrou na cidade,

16 e voltou para sua sogra. Esta lhe disse: Que fizeste, filha? E ela lhe contou tudo o que o homem lhe fizera.

17 E acrescentou: Eis-aqui seis alqueires de cevada que êle me deu, dizendo: Não quero que tornes vazia para tua sogra.

18 E Noemi lhe disse: Espera, filha, até vermos em que pára êste negócio: Porque Booz não há de descansar, enquanto não cumprir o que disse.

CAPÍTULO 4

BOOZ CASA COM RUTE. NASCE DENTRE AMBOS OBED, AVO DE DAVI.

1 Foi pois Booz pôr-se à porta, e assentou-se ali. E vendo passar o parente, de que antes falamos, chamando-o pelo seu nome, lhe disse: Vem cá por um pouco, e assenta-te aqui. Veio êle, e assentou-se. (1)

2 Então Booz tomando de parte a dez homens dos anciãos da cidade, lhes disse: Assentai-vos aqui.

3 Assentados êles, falou Booz ao seu parente: Noemi, que voltou do país de Moab, está para vender uma parte do campo de Elimelec nosso irmão:

4 o que eu quis que tu saibas, e dizer-to diante de todos os que estão aqui assentados, e dos anciãos do meu povo. Se o queres possuir pelo direito do parentesco, compra-o, e fica-te com êle: e se te desagrada, dize-mo, para que eu saiba o que devo fazer: Porque não há outro parente senão tu, que és o primeiro, e eu que sou o segundo. E êle respondeu: Eu comprarei o campo.

5 Booz lhe disse: Logo que compres o campo de Noemi, é também necessário que cases com Rute moabita, que foi mulher do defunto: Para que ressuscites o nome do teu parente na sua herança. (2)

6 Êle respondeu: Eu cedo do direito de parentesco: Porque não devo extinguir a posteridade da minha família: Usa tu do meu privilégio, do qual eu declaro que me desfaço de boamente.

(1) **A PORTA** — Era à porta das cidades que se ministrava a justiça, e onde se tratavam os negócios mais importantes.

(2) **O NOME DO TEU PARENTE** — O que comprava a herança de seu parente defunto contraía o encargo de esposar a viúva, Dt 25, 5.

Rute 4, 7-13

7 Este pois era um costume antigo em Israel entre os parentes, que quando um cedia o seu direito a outro, para a cessão ser válida, o que cedia tirava o seu sapato, e o dava a seu parente. Este era o testemunho de cessão em Israel. (3)

8 Disse pois Booz a seu parente: Tira o teu sapato. E êle o tirou logo do seu pé.

9 E Booz disse aos anciãos, e a todo o povo: Vós sois hoje testemunhas, de que entro a possuir tudo o que era de Elimelec, e Quelion, e Maalon, entregando-mo Noemi:

10 E de que recebo por mulher a Rute moabita, casada que foi com Maalon, para eu fazer reviver o nome do defunto na sua herança, para o seu nome se não extinguir na sua família e irmãos, e no seu povo. Vós, torno a dizer, sois testemunhas desta coisa.

11 Respondeu todo o povo que estava à porta, e os anciãos: Nós somos testemunhas: o Senhor faça a esta mulher, que entra na tua casa, assim como a Raquel, e a Lia, que fundaram a casa de Israel: Para que seja exemplo de virtude em Efrata, e tenha um nome célebre em Belém: (4)

12 E a tua casa seja, como a casa de Farés, que Tamar pariu a Judá, pela posteridade que o Senhor te dê desta mulher moça.

13 Tomou pois Booz a Rute, e casou com ela: e tendo-a conhecido, fêz-lhe o Senhor a graça de que concebesse, e parisse um filho.

(3) **TIRAVA O SEU SAPATO** — Quando o cunhado duma viúva não queria esposar a que tinha sido consorte de seu irmão, esta tirava o sapato do pé, dizendo-lhe: "Assim é que se faz a um homem que não sustenta a família de seu irmão". A casa d'este homem chamava-se a casa do descalço, Dt 25, 10. Daqui provêlo o costume de descalçar-se o que renuncia ao seu direito.

(4) **RAQUEL E LIA** — As espôsas de Jacó.

14 E disseram as mulheres a Noemi: Bendito seja o Senhor, que não permitiu que faltasse sucessor a tua família, e que o seu nome se conservasse em Israel.

15 E que tenhas quem console a tua alma e te sustentente na velhice: Porque nasceu um menino da tua nora, que te ama: e é para ti muito melhor, do que se tiveras sete filhos. (5)

16 E Noemi tomando o menino o pôs no seu regaço, e fazia às vêzes de ama, levando-o nos braços.

17 E as mulheres suas vizinhas lhe davam os parabéns, e diziam: Nasceu um filho a Noemi: E chamaram ao menino Obed: Este é pai de Isai, que foi pai de Davi. (6)

18 Estas são as gerações de Farés: Farés gerou a Esron.

19 Esron gerou a Aram, Aram gerou a Aminadab,

20 Aminadab gerou a Naasson, Naasson gerou a Salmon,

21 Salmon gerou a Booz, Booz gerou a Obed,

22 Obed gerou a Isai, Isai gerou Davi.

FIM DO SEGUNDO VOLUME

(5) **SETE FILHOS** — O número sete é tomado aqui em sentido genérico e designa o grande número.

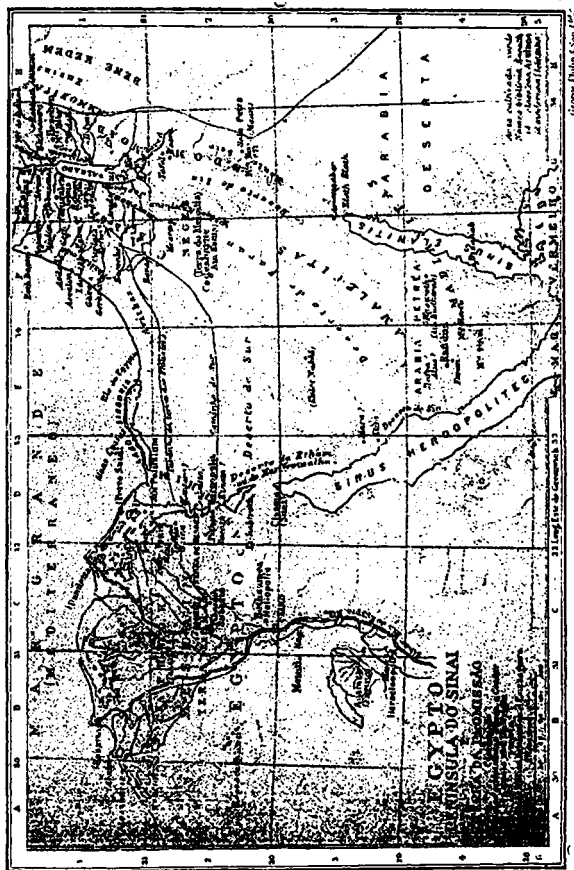
(6) **OBED** — Significa servo de Deus.

COLOCAÇÃO DAS GRAVURAS

- I — Mapa do Egito e da Palestina.
- II — Abraão dirige-se para a terra de Canaã.
- III — Eliezer e Rebeca.
- IV — A mulher de Putifar.
- V — Jacó dirige-se para o Egito.
- VI — Moisés no cestinho de junco.
- VII — Moisés salvo pela filha de Faraó.
- VIII — A filha de Faraó.
- IX — Aarão lança a sua vara diante de Faraó e de seus servos, e ela se converte em serpente.
- X — Quinta praga: a peste.
- XI — A praga das trevas.
- XII — Décima e última praga: morte dos primogénitos dos egípcios.
- XIII — Faraó conjura Moisés a que sala do Egito.
- XIV — O exército de Faraó afoga-se nas águas do Mar Vermelho.
- XV — Moisés faz brotar água de uma rocha.
- XVI — Promulgação da lei sobre o monte Sinai.
- XVII — Moisés descendo do Sinai.
- XVIII — Coré, Datan e Abiron tragados pela terra.
- XIX — Moisés e a serpente de bronze.
- XX — Balaam é detido por um anjo.
- XXI — Os hebreus atravessam o rio Jordão.
- XXII — Um anjo aparece a Josué.
- XXIII — A queda do muro de Jericó ao soar das trombetas dos hebreus.
- XXIV — Josué salva a vida de Raab, a prostituta.
- XXV — Acan apedrejado.
- XXVI — Josué entrega às chamas a cidade de Hai.

-
- XXVII — O exército dos amorreus destruído por uma chuva de pedras.
- XXVIII — Josué faz parar o sol.
- XXIX — Jael mata Sisara.
- XXX — Débora entoando o seu cântico.
- XXXI — Gedeão escolhe os seus soldados.

★ Composto e impresso
nas Oficinas Gráficas da
Editora Cupolo Ltda. —
R. Seminário, 187-S. Paulo



Mapa do Egito e da Palestina.



Abraão dirige-se para a terra de Canaã.

(Gên 12, 4.5) Vol. 1.º, pág. 67



Eliczer, mordomo de Abraão, e Rebeca, filha de Batuel.

(Gên 24, 15-27) Vol. 1.º, págs. 106 e 107



A mulher de Putifar.

(Gên 39, 7-19) Vol. 1.º, pág. 167 e 168



Jacó dirige-se para o Egito.

(Gên 46, 1) Vol. 1.º, pág. 195



Moisés no cestinho de junco.

(êx 2, 3-6) Vol. 1.º, págs. 221 e 222

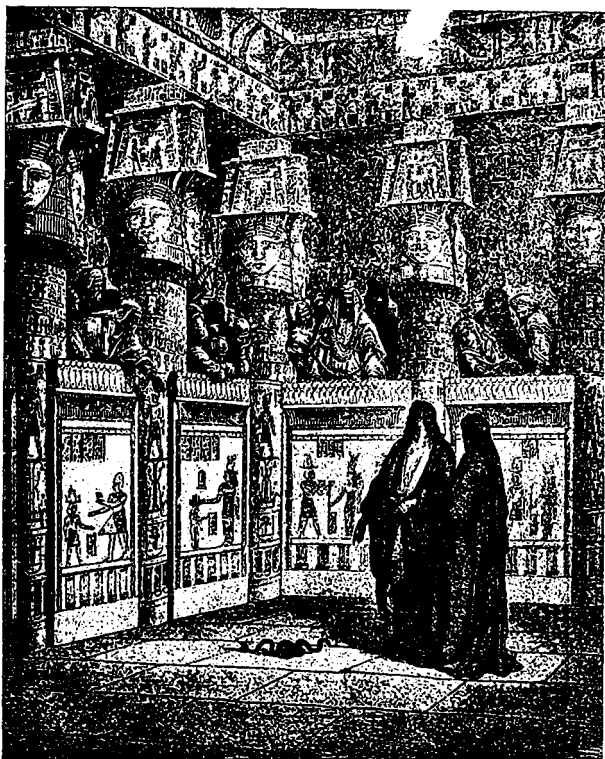


Moisés salvo pela filha de Faraó.

(Êx 2, 3-6) Vol. 1.º, págs. 221 e 222



A filha de Faraó.
(Ex 2, 5-10) Vol. 1.º, págs. 222 e 223



Aarão lança a sua vara diante de Faraó e de seus servos, e ela se converte em serpente.

(Ex 7, 10) Vol. 1.º, pág. 240



Quinta praga: a peste. Todos os animais dos egípcios morreram.

(Ex 9, 6) Vol. 1.^o, pág. 248



A praga das trevas.

(Ex 10, 22 ss) Vol. 1.º, pág. 256



Décima e última praga: morte dos primogênitos dos egípcios.
(Ex 12, 29.30) Vol. 1.º, pág. 262



Faraó conjura Moisés a que saia do Egito.

(Êx 12, 31.32) Vol. 1.º, págs. 262 e 263



O exército de Faraó afoga-se nas águas do mar Vermelho. (Ex 14, 23-30) Vol. 1.º, págs. 272 e 273



Moisés faz brotar água de uma rocha.

(Êx 17, 6) Vol. 1.º, pág. 283



A terra, rompendo debaixo dos pés de Coré, Datan e Abiron,
tragou-os com suas tendas.

(Núm 16, 31-33) Vol. 2.º, pág. 72



Moisés e a serpente de bronze.

(Núm 21, 9) Vol. 2.º, pág. 86



Balaam é detido por um anjo.

(Núm 22, 22.23) Vol. 2.º, pág. 94



Os hebreus atravessam o rio Jordão.

(1.ª 3. 15-17) Vol. 2.º, págs. 283 e 284



Um anjo aparece a Josué.

(Jos 5, 13-16)

Vol. 2.º, pág. 289



Os muros de Jericó caem ao soar das trombetas dos hebreus.

(Jos 6, 20) Vol. 2.º, pág. 292



Josué salva a vida de Raab a prostituta.
(Jos 6, 25) Vol. 2.º, pág. 293



Acan apedrejado.

(Jos 7, 25) Vol. 2.º, pág. 297

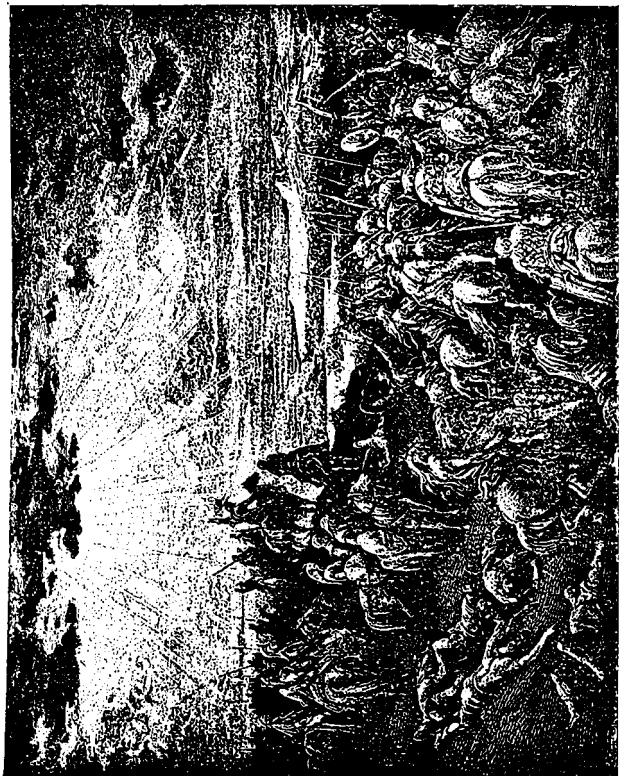


Josué entrega às chamas a cidade de Hai.
(Jos 8, 19) Vol. 2.º, pág. 300



O exército dos amorreus destruído por uma chuva de pedras.

(Jos 10, 11) Vol. 2.º, pág. 207



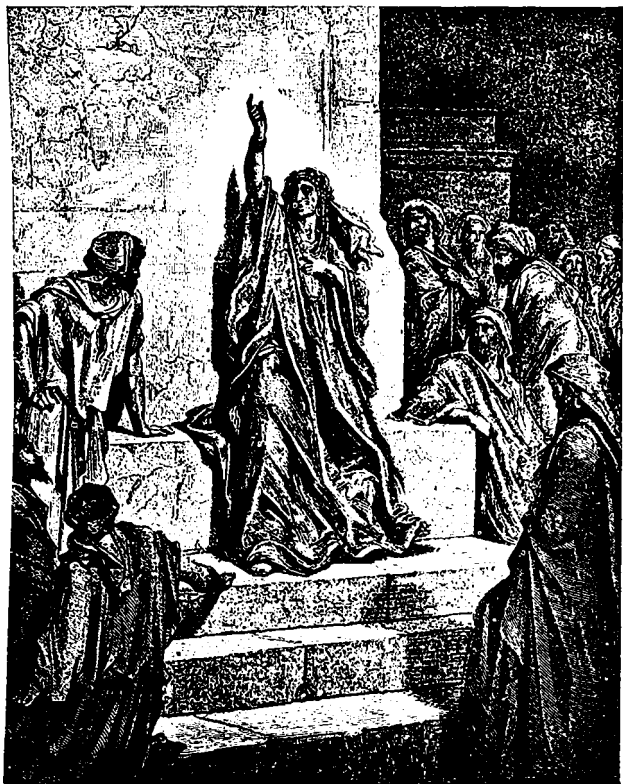
Josué faz parar o sol.

(Jos 10, 12-14) Vol. 2.º, págs. 307 a 310



Jael, mulher de Haber, mata Sisara, general do exército de Jabin, cravando-lhe um prego no cérebro.

(Jz 4, 21) Vol. 2.º, pág. 375



Débora entoando o seu cântico.

(Jz 5) Vol. 2.º, págs. 376 a 380



Gedão escolhe os seus soldados.

(12 7, 5-8) Vol. 2.º, págs. 386 e 387

O LIVRO DOS REIS

INTRODUÇÃO

Sob esta denominação são conhecidos quatro livros, que formam duas obras distintas, embora intimamente ligadas entre si, tendo cada uma o seu nome particular, em grupos de dois livros. O primeiro grupo tem o título de *Sefer Schemouel*, Livro de Samuel; o segundo é chamado *Sefer Melachim*, Livro dos Reis.

I — LIVRO DE SAMUEL, OU PRIMEIRO E SEGUNDO LIVRO DOS REIS

Compreende, como se deduz da epígrafe, dois livros, porém primitivamente era apenas um, sendo dividido pelos Setenta e pela Vulgata. Chamam-se de Samuel, não porque se julgue que tivesse sido Samuel o seu autor, mas porque é o primeiro personagem de quem se fala. Estes dois livros dividem-se em três grandes seções:

- a) *Infância e judicatura de Samuel*, onde se nos mostra como se introduziu o regímen monárquico em Israel 1 Rs 1-12
- b) *História do reinado de Saul*, onde a Sagrada Escritura põe em relêvo as qualidades que tornam mau um rei 12-32.

- c) *História do reinado de Davi*, ou seja o ideal dum rei teocrático 2 Rs 1-24.

Nota-se em tôdas estas seções uma tal unidade de plano e de linguagem, que supõe necessariamente um só autor dêstes dois livros. Esta obra pertence ao período áureo da literatura hebraica; quem quer que tenha sido o autor, escreveu com a máxima pureza, correção e clareza. Em nenhum dêles se encontram os arcaísmos de Moisés, nem os provincianismos dos juizes. Quem é o autor? Várias conjecturas têm sido apresentadas pelos críticos; uns querem que fôsse Samuel, outros Davi, Isaías, Jeremias, Ezequias ou Esdras. Entretanto, adverte Vigouroux, nenhuma destas hipóteses assenta sôbre um fundamento sólido: ignoramos quem é o autor "*nous ignorons quel en est l'auteur*", *Manuel Biblique*, 2.^o vol., pág. 71.

II — O TERCEIRO E QUARTO LIVRO DOS REIS

Êstes dois livros, também divididos pelos Setenta, contêm a história dos Reis desde a morte de Davi até ao cativoiro: e daí lhes vem o nome. Dividem-se também em três seções.

- a) *Reinado de Salomão* 3 Rs 1-11 (1015-975).
b) *História dos reinos separados de Judá e Israel* 12; 4 Rs 17 (975-721).
c) *História do reino de Judá desde a ruína de Israel até ao cativoiro de Babilônia* 4 Rs 18-25 (721-588).

O Livro dos Reis

O autor procurou realçar a intervenção da Providência no governo do seu povo, e para conseguir êste desejo imprimiu à sua obra um cunho de incontestável unidade. Sempre o mesmo plano: descreve o comêço, carácter e fim de cada reino; indica a morte, sepultura de cada rei; aprecia, à face da lei mosaica, os seus atos, e marca com cuidado a cronologia.

Quem é o autor? O Talmude e muitos dos antigos comentadores atribuíram êstes livros a Jeremias. Esta opinião é hoje defendida pelos exegetas de melhor nome, que fundamentam esta sua opinião na semelhança entre esta obra e os demais escritos do profeta. Esta apreciação não se pode julgar certa; é contudo muito provável, visto essa semelhança de estilo. O que não resta dúvida é que não é o mesmo do que os dois anteriores; o estilo é muito outro, e a linguagem muito menos pura, porque a cada passo se encontram neologismos, aramaísmos e muitos caldaísmos. A exatidão dêstes livros em relação aos acontecimentos políticos está universalmente provada e confirmada pela história dos outros povos e principalmente pelas modernas descobertas das inscrições assírias dêstes últimos tempos. Têm pois os livros dos Reis grande importância e sôbre êles têm-se feito estudos importantíssimos.

R E I S
LIVRO PRIMEIRO
PRIMEIRO LIVRO DE SAMUEL

CAPÍTULO 1

ELCANA, E SUAS DUAS MULHERES. ANA ALCANÇA DE DEUS UM FILHO QUE FOI CHAMADO SAMUEL. ANA O CONSAGRA AO SENHOR.

1 Houve um homem efrateu de Ramataim Sofim do monte de Efraim, cujo nome era Elcana, filho de Jeroboão, filho de Eliu, filho de Tou, filho de Suf: (1)

2 E teve duas mulheres, uma por nome Ana, e outra por nome Fenena. E Fenena tinha filhos: Ana porém não os tinha.

3 E este homem nos dias determinados subia da sua cidade a Silo a adorar, e a oferecer sacrificios ao Senhor dos exércitos. E assistiam ali dois filhos de Heli, Ofni e Finéias, sacerdotes do Senhor. (2)

(1) **EFRATEU** — Habitante da montanha de Efraim, mas que, pela sua origem, pertencia à tribo de Levi.

RAMATAIM SOFIM — Hoje Neby-Samonil ao norte de Jerusalém.

(2) **DIAS DETERMINADOS** — Isto é, os dias consagrados às três grandes solenidades do ano, Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos.

1 Reis 1, 4-11

4 Veio pois. um dia, e Elcana ofereceu o seu sacrifício, e deu a Fenena sua mulher, e a todos seus filhos e filhas seus quinhões.

5 A Ana porém com tristeza deu só um quinhão, porque amava a Ana. Mas o Senhor a tinha feito estéril.

6 Afligia-a também sua rival, e a atormentava excessivamente, ao ponto de lhe lançar em rosto, que o Senhor a tinha feito estéril:

7 E assim o fazia todos os anos, quando chegava o tempo de irem ao templo do Senhor: e dêste modo a insultava: Mas Ana se punha a chorar, e não comia. (3)

8 Disse-lhe pois Elcana, seu marido: Ana, por que choras? e por que não comes? e por que se aflige o teu coração? acaso não sou eu melhor para ti, do que dez filhos?

9 Ana porém se levantou depois de ter comido e bebido em Silo. E estando o pontífice Heli assentado na sua cadeira à porta do templo do Senhor, (4)

10 Ana, com o coração cheio de amargura, orou ao Senhor derramando copiosas lágrimas,

11 e fêz um voto, dizendo: Senhor dos exércitos, se tu te dignares de olhar para a aflição da tua serva, e se te lembrares de mim, se te não esqueceres da tua serva, e se deres à tua escrava um filho varão: eu to

(3) **AO TEMPLO** — No original hebraico está a casa do Senhor.

(4) **HELI** — E' o primeiro pontífice que nos aparece como juiz. Descendia de Aarão por Itamar, e julga-se ser o primeiro dêste ramo que ascendeu ao pontificado. Não exerceu a judicatura da mesma maneira que os seus antecessores, e o seu govêrno é mais abundante em ensinamentos religiosos do que em feitos políticos, entrando no seu tempo em pleno exercício a religião mosaica. *Religionis doctrinaeque... non aliae hoc tempore ratio fuit quam sub Mose. Idemque de cultu Numinis externo censendum.* Budeé, *Historia Ecclesiastica Veteris Testamenti*, II, 11, 14, pág. 741.

oferecerei por todos os dias da sua vida, e não passará navalha pela sua cabeça. (5)

12 Aconteceu pois que repetindo ela as preces na presença do Senhor que observasse Heli o movimento dos seus beijos.

13 Ana porém falava no seu coração, e só se moviam os seus beijos, e não se lhe percebia palavra alguma. Julgou pois Heli que ela estava bêbada,

14 e disse-lhe: Até quando estarás tu bêbada? Coze um pouco o vinho, de que estás bêbada.

15 Ana respondendo, disse: Não é assim, meu Senhor, porque eu sou uma mulher por extremo desgraçada, e não bebi vinho, nem outra alguma coisa que possa embebedar, mas dilatei a minha alma na presença do Senhor.

16 Não reputes a tua escrava como uma das filhas de Belial: e porque pelo excesso da minha dor, e da minha aflição, é que falei até agora.

17 Então lhe disse Heli: Vai em paz: e o Deus de Israel te conceda a súplica, que lhe fizeste.

18 E ela lhe respondeu: Praza a Deus que a tua escrava ache graça aos teus olhos. E a mulher se foi seu caminho, e comeu, e o seu semblante não se lhe mudou mais.

19 E levantaram-se de manhã, e adoraram ao Senhor e voltaram, e chegaram a sua casa em Ramata. E Elcana conheceu a sua mulher Ana: e o Senhor se lembrou dela.

(5) **SENHOR DOS EXÉRCITOS** — Esta expressão, que ainda não tinha sido encontrada no texto, é própria do autor deste livro, sendo depois usada por outros escritores.

NÃO PASSARÁ NAVALHA PELA SUA CABEÇA — Era o voto do nazariato, que só obrigava depois dos vinte ou trinta anos, mas que aqui devia começar desde o nascimento.

1 Reis 1, 20-28

20 E sucedeu que passado o círculo dos dias, concebeu Ana, e pariu um filho, a quem pôs o nome de Samuel porque o tinha pedido ao Senhor. (6)

21 Subiu pois Elcana, seu marido, e toda a sua família a imolar ao Senhor a hóstia solene, e a cumprir seu voto,

22 e Ana não foi: porque disse a seu marido: Eu não irei, menos que o menino não seja desmamado, para o levar a fim de aparecer na presença do Senhor, e para ficar para sempre.

23 E Elcana, seu marido, lhe disse: Faze o que bem parecer, e fica até o desmamares: e eu rogo ao Senhor, que cumpra a sua palavra. Ficou pois Ana, e deu leite a seu filho, até que o desmamou.

24 E depois de o ter desmamado, o levou consigo, e três novinhos, e três alqueires de farinha, e um cântaro de vinho, e o trouxe a Silo à casa do Senhor. O menino porém era ainda muito criança:

25 E sacrificaram um novillo e apresentaram o menino a Heli.

26 E Ana disse: Rogo-te, senhor meu, por tua vida, senhor: eu sou aquela mulher, que estive aqui em tua presença orando ao Senhor.

27 Eu lhe pedi que me desse este menino, e o Senhor me concedeu a petição, que eu lhe fiz.

28 Portanto eu o entrego também ao Senhor por toda a vida que o Senhor fôr servido conceder-lhe: E adoraram ali ao Senhor. E Ana orou, e disse:

(6) **SAMUEL** — Significa obtido de Deus. Pedido ou esperado de Deus, como explicam Filon e Josefo.

CAPÍTULO 2

CÂNTICO DE ANA, MÃE DE SAMUEL, EM AÇÃO DE GRAÇAS.
DESCONCERTO DOS FILHOS DE HELI. SAMUEL SERVE
DIANTE DO SENHOR. HELI REPREENDE COM DEMASIA-
DA BRANDURA SEUS FILHOS. DEUS LHE FAZ PREDIZER
POR OUTRO A RUÍNA DA SUA CASA.

1 O meu coração exultou ao Senhor, e a minha
fôrça foi exaltada no meu Deus: a minha bôca se dila-
tou para responder a meus inimigos; porque me alegrei
na salvação que vem de ti. (1)

2 Não há santo, como é o Senhor: porque não há
outro fora de ti, e nenhum há tão forte como o nosso
Deus.

3 Não queirais falar tanto, vangloriando-vos de
coisas altas: não saia mais da vossa bôca a antiga lin-
guagem: porque Deus que tudo sabe, é o Senhor, e para
êle se preparam os pensamentos.

4 O arco dos fortes se quebrou, e os fracos foram
armados de fôrça. (2)

5 Os que antes estavam abundantes de bens, assa-
lariaram-se para terem pão: e os famintos se fartaram,
até que a estéril teve muitos filhos: e a que tinha mui-
tos, se impossibilitou de os ter.

(1) **O MEU CORAÇÃO EXULTOU** — Neste admirável cân-
tico, Ana, inspirada por Deus, eleva-se do benefício pessoal ao
benefício nacional e universal que provinha do nascimento de seu
filho, a saber: a consagração do primeiro rei, a ruína dos inimigos
de Deus e o Messias venturo. A Santíssima Virgem, em seu Mag-
nificat, aproveitou alguns pensamentos d'êste cântico.

(2) **O ARCO** — O arco era um emblema da fôrça e de
poder, por causa do esforço que era preciso empregar, para o seu
manejo, e porque era uma arma terrível para os que dela sabiam
usar.

1 Reis 2, 6-14

6 O Senhor é o que tira a vida e a dá, leva à sepultura e tira dela.

7 O Senhor é o que empobrece e enriquece: êle abate e eleva.

8 Levanta do pó ao necessitado, e do estêrco eleva o pobre: para o fazer assentar entre os príncipes, e para lhe dar um trono de glória. Do Senhor pois são os pólos da terra e sôbre êles pôs o mundo.

9 Êle guardará os pés dos seus Santos, e os ímpios ficarão mudos nas trevas: porque o homem não será forte na sua robustez.

10 Do Senhor tremerão seus inimigos: e Êle tropejará sôbre êles dos céus: o Senhor julgará as extremidades da terra, e dará o império ao seu rei, e sublimará a glória do seu Cristo. (3)

11 E retirou-se Elcana para sua casa a Ramata: e o menino ministrava na presença do Senhor diante do pontífice Heli.

12 Mas os filhos de Heli eram uns filhos de Belial, que não conheciam ao Senhor,

13 nem as obrigações de sacerdotes a respeito do povo: porque quando algum imolava a vítima, vinha o moço do sacerdote, quando se cozia a carne, e tinha na sua mão um garfo de três pontas,

14 e metia-o no caldeirão, ou na caldeira ou na panela, ou na marmita: e tudo o que podia trazer acima

(3) **SEU CRISTO** — Os melhores intérpretes entendem o Messias. A paráfrase caldaica tem *Dabit fortitudinem Regi suo; et multiplicabit regnum Messiae sui*. Cornélio a Lapide escreve: *Id autem de Christo etiam intelligendum est, juxta Luc 2 "Dabit illi regnum David"*. E' pela primeira vez que aparece o nome de Messias ou Cristo na Sagrada Escritura. Calmet diz que Ana, ou antes o Espírito Santo, tinha simultâneamente em vista dois assuntos: a mudança para o regímen monárquico, e o reinado glorioso do Messias.

com o garfo, tomava-o o sacerdote para si. Assim faziam a todos os de Israel que vinham a Silo.

15 Assim mesmo antes que queimassem a gordura da hóstia, vinha o moço do sacerdote, e dizia ao que imolava: Dá-me essa carne para a cozer para o sacerdote: porque eu não receberei de ti carne cozida, mas quero-a crua.

16 E dizia-lhe o imolante: Queime-se hoje primeiro a gordura como é costume, e toma para ti quanto quiseses. Mas ele lhe replicava: Não: hás-de dar-ma agora, senão tirar-ta-ei por força.

17 Era pois grande o pecado destes moços diante do Senhor: porque retraíam os homens do sacrifício do Senhor. (4)

18 Entretanto o menino Samuel ministrava diante do Senhor, vestido de um efod de linho.

19 E sua mãe lhe fazia uma pequena túnica, que lhe levava nos dias determinados, quando vinha com seu marido oferecer o sacrifício solene.

20 E Heli abençoou a Elcana, e a sua mulher e disse-lhe: O Senhor te dê sucessão desta mulher, em recompensa da prenda que depositaste na mão do Senhor. E eles voltaram para sua casa.

21 Visitou pois o Senhor a Ana, e ela concebeu e pariu três filhos, e duas filhas: e o menino Samuel foi engrandecido diante do Senhor.

22 Heli porém era muito velho, e soube o modo com que seus filhos se portavam com todos os de Israel; e que também dormiam com as mulheres, que vinham estar de vigia à entrada do tabernáculo:

(4) **ERA POIS GRANDE O PECADO** — A audácia dos filhos de Heli, os crimes a que se entregavam, a impunidade que fruíam permitem-nos avaliar quanto era grande a autoridade e a influência sacerdotal.

1 Reis 2, 23-28

23 E disse-lhes: Por que fazeis estas coisas, que chegam aos meus ouvidos, êstes crimes detestáveis, de que todo o povo murmura?

24 Não obreis assim, meus filhos: porque não é boa fama, que eu ouço de que fazeis prevaricar o povo do Senhor.

25 Se um homem pecar contra outro, pode Deus perdoar-lhe: mas se pecar contra o Senhor, quem orará por êle? E êles não ouviram a voz de seu pai, porque o Senhor os queria matar. (5)

26 Ora o menino Samuel aproveitava, e crescia, e era agradável tanto ao Senhor, como aos homens.

27 E um homem de Deus veio ter com Heli, e lhe disse: Eis-aqui o que diz o Senhor: Porventura não me dei eu a conhecer visivelmente à casa de teu pai, quando êles estavam no Egito na casa de Faraó?

28 E eu o escolhi entre tôdas as tribos de Israel para ser meu sacerdote, para subir ao meu altar, e para me oferecer incensos, e para trazer o efod diante de

(5) **MAS SE PECAR CONTRA O SENHOR** — As faltas de um homem contra outro são mais fáceis de perdoar, porque só indiretamente respeitam a Deus; mas se ofendemos diretamente o Senhor blasfemando, desprezando o seu culto, cometendo sacrilégios, ridicularizando as cerimônias pelo mesmo Senhor prescritas, como se poderá abrandar a sua justiça? O perdão, conquanto não seja impossível, é pelo menos muito difícil. *In talibus autem criminibus Deus deprecationes non semper audit, ut apparet Jer 7, 16. Ez 8, 18, Jo 5, 16.* Cornélio a Lapide.

QUEM ORARÁ POR ÊLE? — Isto é, quem oferecerá outro sacrifício ou oração solene, pelo qual se aplaque Deus em nosso favor, e expie nossos pecados? *Quis subministrabit aliquod sacrificium, aut orationem solemnem qua vobis placetur Deus et a peccatis expiamini?* (Tírios).

PORQUE O SENHOR — Os quis abandonar a si mesmos; não lhes deu as graças necessárias, pela sua obstinação na culpa.

mim: e de todos os sacrifícios dos filhos de Israel dei parte a casa de teu pai.

29 Por que pisastes vós aos pés as minhas vítimas, e os meus donativos, que eu mandei que se me oferecessem no templo: e por que honraste tu mais a teus filhos do que a mim, para comeres as primícias de todos os sacrifícios do meu povo de Israel?

30 Portanto diz o Senhor Deus de Israel: Falando eu falei que a tua casa, e a casa de teu pai serviria para sempre diante da minha face. Mas agora diz o Senhor: Longe de mim tal coisa: porque eu glorificarei a quem me glorificar: e os que me desprezam, serão desprezados. (6)

31 Eis-aquí são chegados os dias, em que eu cortarei o teu braço, e o braço da casa de teu pai, para que não haja ancião algum em tua casa.

32 E no meio de tôdas as prosperidades de Israel, verás o teu êmulo no templo: e não haverá ancião algum em tua casa.

33 Sem embargo disto eu não tirarei de todo do meu altar homem da tua linhagem: mas será para que os teus olhos se escureçam, e a tua alma se mirre: e uma grande parte da tua casa morrerá, quando chegar à idade varonil.

34 Êste será para ti o sinal, que acontecerá aos teus dois filhos, Olni e Finéias: Ambos morrerão no mesmo dia.

35 E eu suscitarei para mim um sacerdote fiel, que obrará segundo o meu coração e a minha alma: e lhe

(6) A TUA OASA — Trata-se aqui da descendência de Aarão, e não sòmente da família de Itamar, à qual pertencia Heli.

FALANDO EU FALEI — Modo de dizer que servia para imprimir à frase mais vigor e energia.

1 Reis 2, 36; 3, 1-4

estabelecerei uma casa fiel, e êle andar sempre diante do meu Cristo.

36 Então acontecerá, que todo o que restar da tua casa, virá para que se rogue por le, e oferecerá um real de prata, e uma torta de pão, e dirá: Rogo-te que me admitas a alguma porção sacerdotal, para ter um bocado de pão que coma.

CAPÍTULO 3

O SENHOR CHAMA A SAMUEL, E LHE DESCOBRE OS JUÍZOS QUE ÊLE ESTÁ PARA EXERCITAR CONTRA HELI. HELI OBRIGA A SAMUEL QUE LHE DESCUBRA O QUE O SENHOR LHE REVELOU. SAMUEL  RECONHECIDO POR PROFETA EM ISRAEL.

1 O menino Samuel porém ministrava ao Senhor junto a Heli, e a palavra do Senhor era preciosa naqueles dias, e não havia visão manifesta. (1)

2 Aconteceu pois em certo dia, que Heli estava deitado no seu lugar, e os seus olhos se tinham escurecido, e não podia ver:

3 Antes que se apagasse a lâmpada de Deus, dormia Samuel no templo do Senhor, onde estava a arca de Deus. (2)

4 E chamou o Senhor a Samuel. O qual respondendo, disse: Eis-me aqui. (3)

(1) **NÃO HAVIA VISÃO MANIFESTA** — O dom da profecia não era vulgar nesse tempo.

(2) **A LÂMPADA DE DEUS** — O candeelro dos sete braços.

(3) **E CHAMOU O SENHOR** — Os intérpretes não concordam na interpretação destas palavras; dizem que era uma voz interior pela qual Deus se revelava, a maioria porém inclina-se a que Deus usou de sons articulados.

5 E foi correndo a Heli, e lhe disse: Eis-me aqui: Pois tu me chamaste. Ele lhe respondeu: Eu não te chamei, volta, e dorme. E ele se retirou, e dormiu. (4)

6 E prosseguiu o Senhor chamando outra vez a Samuel. E Samuel levantando-se, foi a Heli, e disse: Eis-me aqui: Pois me chamaste. Heli lhe tornou a dizer: Não te chamei, meu filho: Volta e dorme.

7 Mas Samuel ainda não conhecia o Senhor, porque lhe não tinha sido revelada a palavra do Senhor.

8 E tornou ainda o Senhor a chamar a Samuel pela terceira vez. O qual levantando-se foi a Heli,

9 e disse: Eis-me aqui, pois tu me chamaste. Conheceu então Heli que o Senhor chamava o menino: Disse a Samuel: Vai-te e dorme. E se te chamarem outra vez, responderás: Fala, Senhor, porque o teu servo ouve. Tornou pois Samuel para o seu lugar, e dormiu.

10 E veio o Senhor, e parou: e chamou como tinha feito das outras vezes: Samuel, Samuel. E respondeu-lhe Samuel: Fala, Senhor, porque o teu servo ouve.

11 E o Senhor disse a Samuel: Eis-aqui vou eu a fazer uma coisa em Israel: a qual todo o que a ouvir, ficar-lhe-ão tinindo ambos os ouvidos.

12 Naquele dia suscitarei eu contra Heli tôdas as coisas que tenho dito sobre a sua casa: Começarei, e o cumprirei.

13 Porque eu lhe predisse que exercitaria o meu juízo contra a sua casa para sempre, por causa da iniquidade, porque sabia que seus filhos procediam indignamente, e não os repreendeu.

(4) **E LHE DISSE: EIS-ME AQUI** — Esta expressão traduz a pronta disposição para a obediência. *Hæc locutio promptum animum ad parendum significat.*

14 Por isso jurei à casa de Heli que a iniquidade de sua casa nunca jamais se expiaria nem com vítimas nem com donativos.

15 Samuel porém dormiu até pela manhã, e foi abrir as portas da casa do Senhor. E Samuel temia dizer a Heli a visão.

16 Chamou pois Heli a Samuel, e disse-lhe: Samuel, meu filho! O qual, respondendo, disse: Aqui estou.

17 E Heli lhe perguntou: Que é o que o Senhor te disse? Não mo encubras, te peço: o Senhor te trate com tôda a sua severidade, se tu me encobrires algumas das coisas, que te foram ditas.

18 Samuel pois lhe descobriu tôdas as palavras, e não lhas ocultou. E Heli respondeu: Ele é o Senhor: Faça-se o que fôr agradável aos seus olhos.

19 Samuel porém crescia, e o Senhor era com êle, e nenhuma das suas palavras caiu no chão.

20 E todo o Israel desde Dan até Bersabée conheceu que Samuel era fiel profeta do Senhor. (5)

(5) **PROFETA DO SENHOR** — Samuel é pois o primeiro dos profetas que predisseram o futuro em nome de Deus. O termo hebraico empregado no original é *nabi*. E' aqui porém o lugar de se determinar precisamente o valor d'este termo, os sentidos diversos em que é tomado na Escritura, estabelecendo assim bases para esclarecimentos que a seu tempo têm de ser apresentados. Os hebreus tinham dois termos análogos: *raah*, o vidente, e *nabi*, o profeta. Estes dois termos, porém, não eram empregados indistintamente, porque cada um tem a sua significação própria e bem definida. O vidente é aquêle que tem visões ou revelações divinas; o profeta é mais do que isso: tem o poder de prever o futuro, falando em nome e da parte de Deus, como legado da divindade que o inspira, e nessa qualidade dirige-se ao povo, a quem fala cheio de entusiasmo, e é isto mesmo o que se deduz da força da palavra *nabi*, que deriva do verbo *naba*, tendo afinidades com o verbo *nabah*, que em Hifil significa anunciar. Cfr. Leopold, *Lexicon Hebraicum*

21 E o Senhor continuou a aparecer em Silo, porque em Silo é que o Senhor se descobrira a Samuel, segundo a palavra do Senhor. E cumpriu-se a palavra de Samuel dita a todo o Israel.

CAPÍTULO 4

GUERRA DOS FILISTEUS CONTRA OS ISRAELITAS. FAZEM ESTES VIR A ARCA. ELA É TOMADA. OFNI, E FINÉIAS SÃO MORTOS. MORTE DE HELI, E DA MULHER DE FINÉIAS.

1 E aconteceu naqueles dias, que os filisteus se reuniram para sair à campanha: e saiu Israel ao encontro para pelejar com os filisteus, e acampou-se junto à Pedra do Socorro. Os filisteus porém vieram a Aícc,

2 e se dispuseram para pelejar contra Israel. Travada porém a batalha, deu Israel costas aos filisteus, e morreram naquele combate dispersos pelos campos perto de quatro mil homens.

3 E depois que o povo tornou para o arraial, disseram os anciãos de Israel: Por que nos destroçou o Senhor hoje diante dos filisteus? Tragamos para nós de Silo a arca do concêrto do Senhor, e venha para o meio de nós para que nos salve da mão de nossos inimigos.

4 Enviou pois o povo a Silo, e trouxeram de lá a arca do concêrto do Senhor dos exércitos, assentada sobre os querubins: e os dois filhos de Heli, Ofni, e Finéias, estavam com a arca do concêrto do Senhor.

et Chaldaicum. Advirta-se porém que algumas vezes se emprega na Escritura este termo sem ser na sua acepção rigorosa, como orador, cantor de hinos, etc.

1 Reis 4, 5-13

5 E tanto que a arca do concêrto do Senhor veio para o campo, rompeu todo o Israel numa grande vozzeria, e ressonou a terra.

6 E os filisteus ouviram a voz do clamor, e disseram: Que gritaria é esta tão grande no campo dos hebreus? E souberam que a arca do Senhor tinha vindo para o campo.

7 E os filisteus temeram, dizendo: Chegou Deus ao campo. E gemeram, dizendo:

8 Ai de nós! porque os hebreus não estavam com esta alegria nem ontem, nem anteontem: Ai de nós! Quem nos salvará da mão dêstes Deuses excelsos? Êstes Deuses são os que feriram o Egito com tôda a sorte de pragas no deserto. (1)

9 Mas ânimo, ó filisteus, e portai-vos varonilmente: Não venhais a ser escravos dos hebreus assim como êles também o foram vossos: Alentai-vos, e pelejai.

10 Pelejaram pois os filisteus, e foi derrotado Israel, e fugiu cada um para a sua tenda: e foi sobremaneira grande o destrôço: e ficaram mortos de Israel trinta mil homens de pé.

11 E a arca de Deus foi tomada: e os dois filhos de Heli, Ofni e Finéias, foram mortos. (2)

12 No mesmo dia um homem da tribo de Benjamim escapando da batalha, veio correndo a Silo, rasgados os vestidos, e coberta a cabeça de pó.

13 Ao chegar êle, estava Heli assentado numa cadeira, olhando para a estrada. Porque estava o seu co-

(1) **ESTES DEUSES** — Os filisteus não conheciam o Deus uno de Israel, e julgavam que os hebreus adoravam várias divindades.

(2) **OS DOIS FILHOS DE HELI** — Heli não acompanhou o exército por causa da sua avançada idade; foram os seus filhos que tomaram parte no combate:

ração tremendo de medo pela arca de Deus. Depois que este homem entrou, espalhou a notícia pela cidade: e toda a cidade se pôs em lamentáveis brados.

14 E Heli ouviu o ruído dos clamores, e disse: Que ruído de tumulto é este? E o homem chegou a grã pressa, e veio, e deu a notícia a Heli.

15 Tinha pois Heli noventa e oito anos, e os seus olhos tinham cegado, e não podia ver.

16 E disse a Heli: Eu sou o que venho da batalha, e o que escapei hoje do combate. Heli lhe disse: Que succedeu, meu filho?

17 E o que trazia a nova, respondendo, disse: Israel fugiu à vista dos filisteus, e houve grande mortandade no povo: além disto também os teus dois filhos, Ofni e Finéias, foram mortos: e a arca de Deus ficou cativa. (3)

18 E logo que elle nomeou a arca de Deus, caiu Heli da cadeira para trás ao pé da porta, e quebrando a cabeça expirou. Elle era homem velho e muito avançado em anos: e tinha julgado a Israel quarenta anos. (4)

19 Mas sua nora, mulher de Finéias, estava prenhe, e próxima ao parto: e ouvida a nova de que a arca de Deus ficara cativa, e que seu sogro, e seu marido eram mortos, encurvou-se e pariu: porque de repente foi acometida das dores.

20 E quando ela estava para expirar, disseram-lhe as que estavam de roda ao pé dela: Não temas, pois pariste um filho. Ela não respondeu nada, nem mesmo deu atenção a isto.

(3) **FICOU CATIVA** — Os israelitas tinham conduzido a arca por seu próprio desígnio.

(4) **CAIU HELI** — Por causa de ter sido tomada a arca, o que lhe causou enorme angústia.

1 Reis 4, 21-22; 5, 1-5

21 E chamou Icabod ao menino, dizendo: Foi-se a glória de Israel, porque foi cativa a arca de Deus, e pela morte de seu sogro, e de seu marido:

22 E disse: Foi-se a glória de Israel, porque foi cativa a arca de Deus.

CAPÍTULO 5

É POSTA A ARCA DO SENHOR NO TEMPLO DE DAGON. CAI E QUEBRA-SE ESTE IDOLO. PRAGAS COM QUE DEUS CASTIGA OS FILISTEUS. ESTES SE VÊEM OBRIGADOS A RECAMBIAR A ARCA.

1 Os filisteus pois tomaram a arca de Deus, e a levaram desde a Pedra do Socorro até Azoto. (1)

2 E tomaram os filisteus a arca de Deus, e a meteram no templo de Dagon, e a colocaram junto a Dagon. (2)

3 E ao outro dia tendo-se levantado ao amanhecer os de Azoto, eis que acharam a Dagon caído com o rosto em terra diante da arca do Senhor: e levantaram a Dagon, e o restituíram ao seu lugar.

4 E no dia seguinte tendo-se também levantado de manhã, acharam a Dagon caído de bruços em terra diante da arca do Senhor: mas a cabeça de Dagon, e as duas mãos estavam cortadas sobre o limiar da porta:

5 E só o tronco de Dagon tinha ficado no seu lugar. Pela qual razão até o dia de hoje os sacerdotes de Dagon, e todos os que entram no seu templo, não pisam o limiar da porta de Dagon em Azoto.

(1) **PEDRA DO SOCORRO** — E' Aben-Ezer.

AZOTO — Este era o nome de uma das cinco cidades dos filisteus, na planície de Sáfala, situada ao norte de Ascalon.

(2) **DAGON** — Divindade dos filisteus. Veja c. 16 Jz, nota 5.

6 A mão porém do Senhor descarregou pesadamente sôbre os de Azoto, e os reduziu à última miséria: e feriu tanto os da cidade, como os do seu têrmo, com um mal na parte mais oculta do seu corpo. E ferveram as aldeias e os campos no meio daquela região em ratos que apareceram, e a cidade se viu consternada pela grande mortandade.

7 Os de Azoto porém vendo esta praga, disseram: Não fique conosco a arca do Deus de Israel, porque a sua mão descarrega duramente sôbre nós, e sôbre Dagón nosso Deus.

8 E mandando convocar a todos os príncipes dos filisteus, disseram: Que faremos nós da arca do Deus de Israel? E os de Get lhes responderam: Leve-se a arca do Deus de Israel de cidade em cidade. E assim levaram a arca do Deus de Israel.

9 E levando-a êles assim, a mão do Senhor fazia grande mortandade em cada cidade, desde o menor até o maior, e saindo-lhes os intestinos para fora apodreciam. E os de Get tomaram conselho, e fizeram para seu uso assentos de peles.

10 Mandaram pois a arca de Deus a Acaron. E chegando a arca de Deus a Acaron, clamaram os acarônitas, dizendo: Trouxeram-nos a arca do Deus de Israel, para ela nos matar a nós e ao nosso povo.

11 Enviaram pois a ajuntar todos os príncipes dos filisteus, os quais disseram: recambiai a arca do Deus de Israel, e torne para o seu lugar, e não nos mate a nós e ao nosso povo.

12 Porque cada cidade estava cheia de mêdo de morrer, e a mão de Deus se fazia sentir nelas horrendamente; aquêles também que não morriam, eram feridos na parte mais oculta dentre as nádegas: e os alaridos de cada cidade subiam até ao céu.

CAPÍTULO 6

**RECAMBIAM OS FILISTEUS A ARCA. CHEGA A BETSAMES.
OS BETSAMITAS SÃO FERIDOS DE MORTE, POR TEREM
OLHADO PARA ELA.**

1 Estêve pois a arca do Senhor na terra dos filisteus sete meses.

2 E os filisteus chamaram os sacerdotes, e os adivinhos, e lhes disseram: Que faremos da arca do Senhor? Dizei-nos como a havemos de remeter ao seu lugar. Êles responderam:

3 Se vós remeteis a arca do Deus de Israel, não a remetais vazia, mas dai-lhe o que deveis pelo pecado, e então sereis curados e sabereis por que a sua mão se não tira de cima de vós.

4 Êles disseram: Que é o que nós lhe devemos dar pelo delito? E êles responderam:

5 Fareis cinco ânus de ouro, e cinco ratos de ouro, segundo o número das províncias dos filistens: porque todos vós, e os vossos príncipes fostes feridos duma mesma praga. Fareis pois as figuras dos vossos ânus, e imagens dos ratos, que devastaram a terra, e dareis glória ao Deus de Israel: para ver se tira a sua mão de cima de vós, e dos vossos deuses e da vossa terra.

6 Por que endureceis os vossos corações, como o Egito, e Faraó endureceu o seu coração? Porventura não foi depois de ser castigado, que êle os deixou ir, e êles se foram?

7 Agora pois tomai e fazei um carro novo, e metei-lhe duas vacas paridas, às quais se não tenha pôsto o jugo, e encerrai os seus bezerros no curral. (1)

(1) **UM CARRO NOVO** — Os carros orientais de agora, chamados arabas, são provavelmente semelhantes aos que usavam

8 E tomareis a arca do Senhor, e a poreis no carro, e poreis ao seu lado numa boceta as figuras de ouro que lhe pagastes pelo pecado e deixai-a ir.

9 E reparareis: e se ela fôr pelo caminho dos seus limites para a banda de Betsames, o Deus de Israel foi quem nos fêz êste grande mal; se ela porém não fôr para lá, conheceremos que não foi a sua mão a que nos feriu, mas que succedeu por acaso.

10 Êles pois assim o fizeram: e tomando duas vacas, que davam leite aos seus bezerros, as ataram ao carro, e depois encerraram no curral os seus bezerros.

11 E puseram a arca do Senhor sôbre o carro, e a boceta, que continha os ratos de ouro e as figuras dos ânus.

12 As vacas pois iam directamente, pela estrada que vai a Betsames, e seguiam o mesmo caminho sem parar e bramando: e não declinavam nem para a direita, nem para a esquerda: e os príncipes dos filisteus também foram seguindo até os têrmos de Betsames. (2)

13 Mas os betsamitas segavam trigo num vale: e levantando os seus olhos, viram a arca, e se alegraram quando a viram.

14 E o carro chegou ao campo de Josué betsamita, e parou ali. Havia no mesmo lugar uma grande pedra, e os betsamitas fizeram em achas a madeira do carro, e puseram as vacas em cima delas em holocausto ao Senhor.

15 E os levitas desceram a arca do Senhor, e a boceta, que estava ao seu lado, onde vinham as figuras de ouro, e puseram-nas sôbre aquela grande pedra. Os

os filisteus e os hebreus, e que eram expulsos por dois bois. E' o único veículo de rodas hoje usado na Palestina.

(2) **BETSAMES** — Cidade da tribo de Judá.

1 Reis 6, 16-21; 7, 1

betsamitas porém ofereceram holocaustos, e imolaram vítimas naquele dia ao Senhor.

16 E os cinco príncipes dos filisteus o viram, e voltaram no mesmo dia para Acaron.

17 Êstes porém são os ânus de ouro, que os filisteus deram ao Senhor pelo pecado: Azot deu um, Gaza um, Ascalon um, Get um, Acaron um:

18 E os ratos de ouro segundo o número das cidades, das cinco províncias dos filisteus, desde as cidades muradas até às aldeias sem muros, e até a grande Abel, sob a qual puseram a arca do Senhor, que esteve até àquele dia no campo de Josué betsamita.

19 Mas o Senhor feriu os habitantes de Betsames, porque tinham visto a arca do Senhor: e matou setenta homens do povo, e cinquenta mil da plebe. E chorou o povo, por ter o Senhor ferido a plebe com uma tão grande praga.

20 E disseram os betsamitas: Quem poderá subsistir na presença dêste Senhor Deus tão Santo? e para quem irá desde nós?

21 E mandaram mensageiros aos habitantes de Cariatiarim dizendo: Os filisteus remeteram a arca do Senhor; vinde, e reconduzi-a para vós.

CAPÍTULO 7

TRANSPORTE DA ARCA A CARIATIARIM. SAMUEL EXORTA O POVO A TORNAR PARA O SENHOR. LIVRA A ISRAEL DA MÃO DOS FILISTEUS.

1 Vieram pois os de Cariatiarim, e transportaram a arca do Senhor, e puseram-na em casa de Abinadab em Gabaa: e santificaram a seu filho Eleazar, para que guardasse a arca do Senhor.

2 E sucedeu que desde o dia em que a arca do Senhor repousou em Cariatiarim, se passaram muitos dias (pois havia já vinte anos) e toda a casa de Israel descansou seguindo ao Senhor. (1)

3 Falou pois Samuel a toda a casa de Israel, dizendo: Se vós tornais de todo o vosso coração para o Senhor, botai fora do meio de vós os deuses estrangeiros, Baal e Astarot: e preparai os vossos corações para o Senhor, e servi a êle só, e êle vos livrará da mão dos filisteus.

4 Lançaram pois fora os filhos de Israel a Baal e a Astarot, e serviram só ao Senhor.

5 E Samuel disse: Convocai em Masfat a todo o Israel, para eu orar por vós ao Senhor. (2)

6 E se ajuntaram em Masfat: e tiraram água, e a entornaram diante do Senhor, e jejuaram aquêlê dia, e disseram no mesmo lugar: Pecamos contra o Senhor. Samuel porém julgou os filhos de Israel em Masfat. (3)

7 E os filisteus ouviram que os filhos de Israel se tinham ajuntado em Masfat, e os príncipes dos filisteus subiram contra Israel. O que tendo sabido os filhos de Israel, temeram o encontro dos filisteus. (4)

(1) **CARIATIARIM** — Nas montanhas, ao nordeste de Jerusalém, sobre a estrada de Jafa, no ponto de encontro das fronteiras de Judá, Benjamim e Dan. Cfr. Poels, *Le Sanctuaire de Kiriath-Jearim*, Lovaina, 1894.

(2) **MASFAT** — Ou Masfa, é provavelmente o Neli-Samonil actual, na extremidade ocidental da tribo de Benjamim. Domina todo o país, a oeste de Jerusalém. Está a duas horas de distância desta última cidade e a meia hora de Gaham.

(3) **A ENTORNARAM** — A efusão de água era um rito simbólico exprimindo a penitência.

SAMUEL JULGOU — Desde aquêlê momento em que se collocou à frente do povo exerceu a judicatura.

(4) **SUBIRAM** — O nome das cidades ocupadas pelos israelitas, Gabaon, Ramataim, Masfa, indica que estavam colocadas sobre

1 Reis 7, 8-16

8 E disseram a Samuel: Não cesses de clamar por nós ao Senhor nosso Deus, para que nos salve da mão dos filisteus.

9 Samuel pois tomou um cordeiro que ainda mamava, e o ofereceu inteiro em holocausto ao Senhor: e clamou Samuel ao Senhor por Israel, e o Senhor o ouviu.

10 E aconteceu que ao tempo que Samuel oferecia o holocausto, começaram os filisteus o combate contra Israel: mas o Senhor trovejou aquêle dia com um estrondo espantoso sobre os filisteus, e os aterrou de medo, e foram derrotados pelo encontro de Israel.

11 E os israelitas saindo de Masfat foram perseguido aos filisteus, e os mataram até o lugar que está por baixo de Betcar. (5)

12 E Samuel tomou uma pedra, e a pôs entre Masfat e entre Sen: e apelidou êste lugar, a Pedra do Socorro. E disse: Até aqui nos socorreu o Senhor.

13 E ficaram humilhados os filisteus, e não ousaram mais vir sobre as terras de Israel. A mão pois do Senhor foi sobre os filisteus em todo o tempo de Samuel.

14 E foram restituídas a Israel, as cidades que os filisteus tinham tomado a Israel, desde Acaron até Get, e seus têrmos: e Samuel livrou aos israelitas da mão dos filisteus, e havia paz entre Israel e os amorreus.

15 E Samuel julgou a Israel durante tôda a sua vida; (6)

16 E ia todos os anos dando volta a Betel e a Galgala e a Masfat, e fazia justiça nos sobreditos lugares.

eminências, o que justifica o termo original gala'h, que significa subir, e que a Vulgata verteu por ascendere.

(5) **BETCAR** — A letra significa a casa do cordeiro, provavelmente a nordeste de Masfa.

(6) **DURANTE TODA A SUA VIDA** — A duração exata da vida e judicatura de Samuel não está indicada na Escritura.

17 E depois voltava para Ramata: porque ali era a sua casa, e ali julgava a Israel: edificou também ali um altar ao Senhor.

CAPÍTULO 8

CONSTITUI SAMUEL A SEUS FILHOS POR JUÍZES DE ISRAEL. PEDEM OS ISRAELITAS AO SENHOR UM REI. SAMUEL LHES REPRESENTA O DIREITO DE REI. ELES MESMO ASSIM PERSISTEM NA SUA PETIÇÃO.

1 Aconteceu pois que tendo Samuel envelhecido constituísse por juízes de Israel a seus filhos. (1)

2 E seu filho primogênito chamava-se Joel: e o segundo Abia, que eram juízes em Bersabée.

3 Mas seus filhos não seguiram os caminhos de seu pai: senão que se deixaram corromper da avareza, e receberam presentes, e perverteram os juízos.

4 Tendo-se pois ajuntado todos os anciãos de Israel vieram ter com Samuel a Ramata.

5 E lhe disseram: Bem vês que tu estás velho e que teus filhos não seguem os teus caminhos: constitui-nos pois um rei, como o têm tôdas as nações, para que êle nos julgue.

6 Desagradou a Samuel esta proposição, porque lhe diziam: Dá-nos um rei para que nos julgue. E Samuel fez oração ao Senhor.

7 O Senhor pois disse a Samuel: Ouve a voz dêsse povo em tudo o que êles te dizem. Porque não é a ti que êles rejeitam, mas a mim, para eu não reinar sôbre êles.

(1) **A SEUS FILHOS** — E' o primeiro que transmite o poder aos filhos; nenhum dos seus predecessores o tinha feito, o que é um sinal característico da sua judicatura, que marca a transição para a realza.

1 Reis 8, 8-18

8 Assim é que êles sempre têm feito desde o dia que eu os tirei do Egito até hoje: assim como me deixaram a mim, e serviram a deuses estranhos, assim também te fazem a ti.

9 Ouve pois o que êles te dizem: Mas logo de primeiro faze-os compreender bem e declara-lhes o direito do rei que reinar sôbre êles.

10 Referiu pois Samuel tôdas as palavras do Senhor ao povo, que lhe tinha pedido um rei,

11 e disse: Êle tomará os vossos filhos, e os porá em as suas carroças para as governarem, e fará dêles moços de cavalo e que vão correndo adiante dos seus coches,

12 e os constituirá seus tribunos, e seus centuriões, e lavradores dos seus campos, e segadores das suas meses, e fabricantes das suas armas e carroças.

13 E fará de vossas filhas suas perfumadeiras, e cozinheiras, e padeiras.

14 Tomará também o melhor dos vossos campos, e das vossas vinhas, e dos vossos olivais, e dá-lo-á aos seus servos.

15 E também dizimará vossos trigos, e o rendimento das vinhas, para ter que dar aos seus eunucos e oficiais.

16 E até vos tomará os vossos servos, e escravas, e os mancebos mais bem feitos, e as cavalgadas, e os empregará no seu trabalho.

17 Dizimará também os vossos rebanhos, e vós sereis seus servos.

18 E naquele dia clamareis vós sôbre o vosso rei, que vós mesmos elegestes: e o Senhor vos não ouvirá naquele dia, porque vós mesmos pedistes um rei.

19 Mas o povo não quis dar ouvidos às razões de Samuel, antes disseram: Não: Mas queremos ter um rei sobre nós,

20 e seremos também como tôdas as nações: e o nosso rei nos julgará, e marchará à nossa frente e pelejará por nós nas nossas guerras.

21 E Samuel ouviu tôdas as palavras do povo, e as referiu ao Senhor.

22 E o Senhor disse a Samuel: Faze o que elles te dizem, e estabelece sobre elles um rei. E Samuel disse ao povo de Israel: Cada um volte para a sua cidade. (2)

CAPÍTULO 9

SAUL BUSCANDO AS JUMENTAS DE SEU PAI, VAI TER COM SAMUEL, QUE O HOSPEDA.

1 Havia pois um homem na tribo de Benjamim por nome Cis, filho de Abiel, filho de Seror, filho de Becorat, filho de Afia, filho dum homem de Jemini, alentado em fôrça.

(2) E O SENHOR DISSE — Samuel elege um rei, não para aceder às instâncias do povo, mas para obedecer às ordens do Senhor, executando a sua Santíssima Vontade. Mas o rei de Israel devia extremar-se dos demais reis dos povos vizinhos: a nova realleza ia ser teocrática; o poder real subordinado ao poder divino; a autoridade temporal sujeita à autoridade espiritual exarada na lei mosaica; a sua jurisdição inferior à do Sumo Sacerdote, que conservava todos os seus poderes, de sorte que o rei era apenas o executor da vontade de Deus. O rei escudado com a suprema autoridade sacerdotal, executando os designios desta, tendo diante dos seus olhos a lei divina, impondo o seu cumprimento, assegurava a felicidade do povo, e apresentava-se como legado, cuja missão era fazer cumprir as ordens de Deus.

I Reis 9, 2-9

2 E êle tinha um filho chamado Saul, escolhido e bom: e não havia entre os filhos de Israel outro melhor do que êle: Desde o ombro para cima sobressaía a todo o povo.

3 Tinham-se perdido umas jumentas de Cis, pai de Saul, e disse Cis a Saul, seu filho: Toma contigo um criado, e diligente vai, e busca as jumentas. Tendo êles atravessado o monte de Efraim,

4 e o território de Salisa, e não as tendo achado, recorreram também ao têrmo de Salim, e tampouco as acharam; e o mesmo pela terra de Jemini, e não as acharam.

5 Quando êles porém chegaram à terra de Suf, disse Saul para o criado que levava consigo: Vem e voltemos, não suceda estar já meu pai com mais cuidado em nós, do que nas jumentas.

6 O criado lhe disse: Adverte, nesta cidade há um homem de Deus, varão famoso: Tudo o que êle diz, succede assim infalivelmente: Vamo-lo pois buscar agora, a ver se êle nos dá alguma luz sôbre o negócio que aqui nos trouxe.

7 E Saul disse ao seu criado: Vamos lá: Mas que levaremos nós ao homem de Deus? acabou-se já o pão que trazíamos em os nossos alforjes, e não temos dinheiro, nem outra coisa que oferecer ao homem de Deus.

8 E de novo respondeu o criado a Saul, e disse: Eis-aqui um quarto dum siclo de prata, que por acaso achei na mão, demo-lo ao homem de Deus, para que nos encaminhe em nossa jornada.

9 Antigamente em Israel todo o que ia consultar a Deus dizia assim: Vinde, e vamos ao Vidente. Porque aquêle que hoje se chama profeta se chamava então Vidente.

10 E Saul respondeu ao seu criado: Dizes muito bem, anda, vamos. E foram à cidade, onde residia o homem de Deus.

11 E quando elles subiram pela costa da cidade, encontraram umas raparigas que saíam a buscar água, e lhes disseram: Está cá o Vidente? (1)

12 Elas respondendo-lhes, disseram: Cá está: Ei-lo aí tens diante, vai depressa: Porque elle veio hoje à cidade, porquanto hoje é o sacrificio do povo no alto.

13 Ao entrar na cidade, achá-lo-eis antes que suba ao alto para comer. Nem o povo comerá, menos que elle não tenha vindo: Porque elle é o que benze a hóstia, e depois comem os que foram convidados. Subi pois agora, porque hoje o achareis. (2)

14 Subiram elles pois à cidade. E quando passavam pelo meio della appareceu Samuel que se encontrou com elles para subir ao alto.

15 Ora o Senhor tinha revelado a Samuel a vinda de Saul, um dia antes que elle chegou, dizendo:

16 Amanhã a esta mesma hora te enviarei eu um homem da tribo de Benjamim, e tu o ungirás para chefe do meu povo de Israel: e elle salvará o meu povo da mão dos filisteus: Porque eu olhei para o meu povo, pois os seus clamores chegaram a mim.

17 E pondo Samuel os olhos em Saul, o Senhor lhe disse: Eis-aí o homem, que eu te disse, este reinará sobre o meu povo.

18 Saul pois se chegou a Samuel no meio da porta, e disse: Peço-te que me digas, onde é a casa do Vidente.

(1) **VIDENTE** — No original está o termo *raah*, cuja significação já atrás indicamos.

(2) **SUBA AO ALTO PARA COMER** — E' porque a casa de jantar estava collocada na parte superior da habitação.

19 E Samuel respondeu a Saul, dizendo: Eu sou o Vidente: Sobe adiante de mim ao alto, para que comas hoje comigo, e pela manhã te despedirei: e descobrir-te-ei tudo o que tens no teu coração.

20 E pelo que toca às jumentas, que tu perdeste anteontem, não te dê isso cuidado, porque já se acharam. E para quem será tudo o que há de melhor em Israel? Não será porventura para ti e para toda a casa de teu pai?

21 Saul porém respondendo, disse: Acaso não sou eu filho de Jemini da mais pequena tribo de Israel, e não é a minha família a menor de todas as famílias da tribo de Benjamin? por que me falas tu logo assim?

22 Samuel pois tomando a Saul, e ao seu criado, levou-os para a sala do jantar, e os fez assentar à frente de todos os convidados: que eram perto de trinta pessoas.

23 E Samuel disse ao cozinheiro: Dá cá aquela porção, que eu te dei, e que mandei que guardasses à parte.

24 Tomou pois o cozinheiro a espádua, e a pôs diante de Saul. E Samuel disse: Eis-aí o que ficou, põe-no diante de ti, e come: Porque expressamente se reservou para ti, quando convidei o povo. E Saul comeu com Samuel naquele dia.

25 E desceram do alto para a cidade, e Samuel falou com Saul no soalheiro, onde fez pôr uma cama a Saul, e este dormiu.

26 E levantando-se pela manhã, e raiando já o dia, chamou a Saul no soalheiro, dizendo: Levanta-te, despachar-te-ei. E levantou-se Saul: e saíram ambos, a saber, êle e Samuel.

27 E quando descendo se acharam no mais baixo da cidade Samuel disse a Saul: Dize ao criado que passe,

e vá adiante de nós: e tu demora-te um pouco, para te fazer saber a palavra do Senhor.

CAPÍTULO 10

SAMUEL UNGE A SAUL. SAUL PROFETIZA. E' ELEITO REI POR SORTE. E' RECONHECIDO PELO POVO. ELE SE RETIRA A GABAA.

1 Tomou pois Samuel uma pequena redoma de óleo, e a derramou sobre a cabeça de Saul, e o beijou, e disse: Eis-aqui te ungiu o Senhor por príncipe sobre a sua herança, e tu livrarás o seu povo da mão de seus inimigos, que o cercam. E este será o sinal de que Deus te ungiu príncipe. (1)

2 Quando te apartares de mim, acharás dois homens junto ao Sepulcro de Raquel nos termos de Benjamim, na parte austral, e eles te dirão: As jumentas que tu tinhas ido buscar, já se acharam: e teu pai não se lembrando mais delas, todo o seu cuidado é por vós, e diz: Que farei eu por meu filho?

3 E logo que partires daí, e passares adiante, e chegares ao Carvalho de Tabor, encontrarás aí três homens, que vão adorar a Deus em Betel, levando um três cabritos, e o outro três tortas de pão, e o outro uma quarta de vinho:

4 E depois de te saudarem, te darão eles dois pães, e tu os receberás das suas mãos.

5 Depois virás ao Outeiro de Deus, onde há uma guarnição de filisteus: e quando entrares na cidade, en-

(1) **TE UNGIU** — A unção tornou-se condição essencial da realza. Esta cerimônia santificava o rei, tornava-o inviolável e mostra também que a realza é uma instituição divina. A unção dos reis passou para a religião católica.

1 Reis 10, 6-10

contrarás um rancho de profetas descendo do alto, precedidos de saltérios, e de tambores, e de flautas, e de cítaras, e eles profetizando. (2)

6 E o espírito do Senhor se apoderará de ti, e tu profetizarás com eles, e ficarás mudado noutro homem.

7 Quando pois te acontecerem todos estes sinais fazes tudo o que achar a tua mão: porque o Senhor é contigo.

8 E descerás primeiro que eu a Galgala, (porque eu irei ter contigo) para ofereceres um sacrifício, e para imolares hóstias pacíficas: e esperarás sete dias, até que eu venha ter contigo, e te declare o que deves fazer.

9 Tanto pois que Saul deu costas deixando a Samuel, Deus lhe mudou o coração, e todos estes sinais aconteceram no mesmo dia.

10 E chegaram ao outeiro sobredito, e eis que se encontrou com ele um bando de profetas: e o espírito do Senhor se apoderou de Saul, e ele profetizou no meio deles. (3)

(2) **OUTEIRO DE DEUS** — Esta expressão quer dizer um monte elevado, pois que os hebreus empregavam a palavra *eloim* para formar o superlativo, assim diziam monte de Deus. Chamavam aos trovões voz de Deus, etc. Parece que este era Gabaa de Benjamim.

(3) **BANDO DE PROFETAS** — Na Vulgata está *Cuneus prophetarum* correspondente ao hebreu *hebelnibim*. Desta expressão conclui-se a existência duma agremiação de indivíduos que se entregavam à música, v. 5, chamados profetas, mas que não tinham residência fixa; eram reuniões acidentais, realizadas aqui ou ali consoante as necessidades ou as circunstâncias, ao princípio; assim estiveram em Gabaa, mais tarde em Ramata, onde habitaram casas especiais, Nalot, c. 19, v. 19, deste livro, em tempo de Elias em Galgala, Betei, donde passaram para as margens do Jordão, edificando por último a sua habitação no Carmelo. Cfr. Cornélio a Lápide, e também se deve ler a propósito do estabelecimento no Carmelo o nosso Sant'Ana. Crônica dos Carmelitas, Ora, deve-

11 Todos os que o tinham conhecido pouco antes, vendo que êle estava com os profetas, e que profetizava, diziam entre si: Que é o que aconteceu ao filho de Cis? Porventura Saul é também profeta?

12 E um respondeu ao outro, dizendo: E quem é o pai destes outros? por isso passou em provérbio o dizer-se: Porventura Saul é também profeta?

13 E cessou de profetizar, e foi Saul para o alto.

14 E um tio paterno de Saul lhe disse a êle, e ao seu criado: Aonde fostes? Êles lhe responderam: Fomos em busca das jumentas, e como as não achássemos, fomos ter com Samuel.

15 E seu tio lhe disse: Dize-me, que é o que te disse Samuel?

16 E Saul respondeu a seu tio: Disse-nos que se tinham achado as jumentas. Mas não descobriu a seu tio nada do que Samuel lhe tinha dito tocante ao reino.

17 E convocou Samuel o povo diante do Senhor em Masfa:

18 E disse aos filhos de Israel: Eis-aqui o que diz o Senhor Deus de Israel: Eu sou o que tirei do Egito a Israel, e que vos livreí da mão dos egíptanos, e do poder de todos os reis que vos afligiam.

-se já notar, que o primitivo caráter errante destas agremiações não se compadece com a interpretação que sustenta a existência de escolas fixas. Mas que sentido devemos dar a este termo *prophetas*, e ao verbo *profetizar*? Cornélio a Lapide, cuja autoridade é de todo o ponto incontestável, sustenta que o termo *prophetar* equivale a *psallere*, e que não se trata aqui de profetas na acepção estrita do termo, mas de varões religiosos, que afastando-se das multões se consagravam a Deus e cantavam os seus louvores, Cornélio a Lapide. *Commentarium in librum I Regum*, cap. X n. 5, e sublinham-se estas palavras porque teremos necessidade de as citar de novo. Cfr. também *Pasnage Antiquités Judaïques*.

1 Reis 10, 19-26

19 Mas vós rejeitastes hoje o vosso Deus que foi o que só vos salvou de todos os vossos males, e tribulações: e dissestes: Não há de ser assim: mas constitui um rei sôbre nós. Agora pois ponde-vos diante do Senhor pelas vossas tribos, e famílias.

20 E sorteceu Samuel tôdas as tribos de Israel, e caiu a sorte sôbre a tribo de Benjamin.

21 E deitou sortes sôbre a tribo de Benjamin, e sôbre suas famílias, e caiu a sorte sôbre a família de Metri, e enfim chegou até Saul, filho de Cis. Buscaram-no pois, e não o acharam.

22 E depois disto consultaram ao Senhor se porventura êle viria para ali. E o Senhor respondeu: Está certamente escondido em casa.

23 Foram pois correndo e trouxeram-no de lá: E êle se pôs no meio do povo, e viu-se que era mais alto que todo o povo do ombro para cima.

24 E disse Samuel a todo o povo: Vós bem vêdes a quem o Senhor escolheu, porque não há em todo o povo quem lhe seja semelhante. E todo o povo o aclamou, e disse: Viva o rei.

25 Pronunciou pois Samuel diante do povo a lei do reino, e a escreveu num livro e o depositou diante do Senhor: E despediu Samuel todo o povo, cada um para a sua casa. (4)

26 E voltou também Saul para Gabaa a sua casa, e foi com êle uma parte do exército, que eram aquêles cujos corações Deus tinha tocado.

(4) **A LEI DO REINO** — Podem entender-se as ordens de Moisés referentes aos Reis (Dt 18, 15-22) ou, segundo Josefo, o que Samuel prescreveu (8, 11-18) novas determinações atinentes ao bom govêrno, ou simplesmente o próprio ato de eleição de Saul.

27 Os filhos porém de Belial disseram: Acaso poder-nos-á êste salvar? E o desprezaram, e não lhe fizeram presentes: mas Saul dissimulava, como se os não ouvisse.

CAPÍTULO 11

OS AMONITAS SITIAM A JABÉS DE GALAAD. VAI SAUL EM SOCORRO DESTA CIDADE, E PÕE EM FUGIDA OS INIMIGOS. E' NOVAMENTE RECONHECIDO REI EM GALGALA.

1 Quase um mês depois succedeu que Naás amonita saiu em campanha, e começou a combater a Jabés de Galaad. E todos os habitantes de Jabés disseram a Naás: Faze aliança conosco, e nós te seremos sujeitos.

2 E Naás amonita lhes respondeu: A aliança que eu farei convosco, será tirar-vos todos os olhos direitos, e fazer-vos o opróbrio de todo o Israel.

3 E os anciãos de Jabés lhe disseram: Concedenos sete dias, para nós enviarmos mensageiros por todos os limites de Israel: E se se não achar quem nos defenda, entregar-nos-emos a ti.

4 Vieram pois os mensageiros a Gabaa, onde estava Saul, e referiram estas palavras, ouvindo-as o povo: e todo o povo levantou a voz, e se pôs a chorar.

5 E eis-aqui Saul vinha do campo, atrás dos seus bois, e disse: Que tem o povo para chorar? E lhe contaram a mensagem dos habitantes de Jabés.

6 E o espírito do Senhor se apoderou de Saul ao ouvir esta mensagem, e se acendeu o seu furor sobremaneira.

7 E tomando os dois bois, os fez em quartos, e os mandou por mão duns mensageiros a tôdas as terras de Israel, dizendo: Assim é que se fará aos bois de to-

1 Reis 11, 8-15

dos aquêles que se não puserem em campanha e que não seguirem a Saul e a Samuel. Entrou pois no povo o temor do Senhor, e saíram como se fôsem um só homem.

8 E passou-lhes Saul revista em Bezek: e acharam-se trezentos mil homens da tribo de Judá. (1)

9 E disseram aos mensageiros, que tinham vindo: Direis assim aos habitantes de Jabés de Galaad: Amanhã sereis socorridos, quando o sol aquestar. Vieram pois os mensageiros, e deram a notícia aos habitantes de Jabés, que se alegraram.

10 E disseram: Amanhã nos renderemos a vós: e fareis de nós o que bem vos parecer.

11 E succedeu que ao outro dia pela manhã, dividiu Saul o povo em três partes: e ao apontar do dia entrou pelo meio do campo, e deu de rijo sôbre os amonitadas até que o sol começou a aquestar: e os que escaparam foram desmantelados, de sorte que não ficaram dêles dois juntos.

12 E disse o povo de Samuel: Quem são os que disseram: Saul não reinará sôbre nós? Dai-nos para cá êsses homens, e matá-los-emos.

13 Porém Saul disse: Hoje não se há de matar ninguém, porque no dia de hoje o Senhor salvou Israel.

14 E disse Samuel ao povo: Vinde, e vamos a Galgala, e renovemos lá a eleição do rei. (2)

15 Partiu pois todo o povo para Galgala; e aclamaram ali por seu rei a Saul na presença do Senhor em Galgala, e imolaram ali vítimas pacíficas na presença

(1) **BEZEC** — Hoje Ibzik, na estrada de Siquém a Betsan.

(2) **GALGALA** — Provavelmente a cidade d'êste nome, a este de Jericó.

do Senhor. E Saul, e todos os israelitas se alegraram ali por extremo. (3)

CAPÍTULO 12

TOMA SAMUEL TODO O POVO POR TESTEMUNHA DA INOCÊNCIA COM QUE SEMPRE SE PORTOU. REPRESENTA-LHE AS MISERICÓRDIAS DO SENHOR, E A MÁ CORRESPONDÊNCIA DO POVO A ELAS. EXORTA-OS A SE UNIREM SÓ AO SENHOR.

1 E disse Samuel a todo o Israel: Bem tendes visto, que eu vos ouvi em tudo o que me dissestes, e que estabeleci rei sobre vós. (1)

2 E já o rei vai adiante de vós: eu porém envelheci. e estou cheio de cãs: meus filhos porém estão convosco: tendo pois vivido entre vós desde a minha mocidade até êste dia, aqui me tendes presente.

3 Declarai agora diante do Senhor, e diante do seu Cristo, se eu tomei o boi, o jumento de alguém; se impusci a alguém falsos crimes, se o oprimi com violência, se aceitei presentes da mão de algum: e eu me desfarei hoje dêle, e vo-lo restituirei.

4 E êles responderam: Tu não nos caluniaste, nem nos oprimiste, nem tomaste coisa alguma da mão de ninguém.

5 E Samuel lhes disse: O Senhor pois é testemunha hoje contra vós, e o seu Cristo também testemunha

(3) **E ACLAMARAM ALI POR SEU REI** — Era o ato do reconhecimento solene da sua realeza. Ignora-se, porém, em que consistia esta cerimônia.

(1) **E DISSE SAMUEL** — Este discurso devia ter sido pronunciado imediatamente depois do ato solene do reconhecimento. Samuel contudo não abandonou por completo as suas funções, pois, como ficou dito no c. 8, 15, julgou durante toda sua vida.

1 Reis 12, 6-14

de que vós não achastes na minha mão coisa alguma. E responderam: E' testemunha.

6 E Samuel disse ao povo: O Senhor que fêz a Moisés e a Aarão, e que tirou a nossos pais da terra do Egito.

7 Agora pois apresentai-vos, para eu vos acusar diante do Senhor, do mal que tendes correspondido a tôdas as misericórdias que vos fêz a vós, e a vossos pais:

8 Como Jacó entrou no Egito, e vossos pais clamaram ao Senhor; e o Senhor enviou a Moisés e a Aarão, e tirou a vossos pais do Egito: e os colocou neste país.

9 Os quais se esqueceram do Senhor seu Deus, e os entregou nas mãos de Sisara, general do exército de Hasor, e nas mãos dos filisteus, e nas mãos do rei de Moab, os quais pelejaram contra êles.

10 Mas depois clamaram ao Senhor, e disseram: Pecamos porque deixamos o Senhor, e servimos a Baal e a Astarot: Agora pois livra-nos da mão de nossos inimigos, e servir-te-emos.

11 E o Senhor enviou a Jerobaal, e a Badan, e a Jefté, e a Samuel, e vos livrou da mão de vossos inimigos que vos rodeavam, e habitastes sem receio. (2)

12 Vendo porém que Naás, rei dos filhos de Amon, tinha vindo contra vós, vós me dissestes: Não por certo, mas um rei nos governará: quando o Senhor vosso Deus governava sôbre vós.

13 Agora pois aí tendes o vosso rei, que escolhesteis, e pedistes: eis-aí vos deu o Senhor um rei.

14 Se temerdes ao Senhor, e o servirdes, e ouvirdes a sua voz, e não exasperardes o rosto do Senhor: tanto vós como o rei que vos governa, ireis após o Senhor vosso Deus:

(2) **BADAN** — Provavelmente Basac, a que se refere o livro dos Jz 4, 6.

15 Se porém não ouvirdes a voz do Senhor, e vos fizerdes rebelde à sua palavra, será a mão do Senhor sobre vós, e sobre vossos pais.

16 Mas também adverti agora, e considerai bem esta grande coisa, que o Senhor vai a fazer diante dos vossos olhos.

17 Não é este agora o tempo da sega do trigo? pois eu invocarci o Senhor, e enviará trovões e chuvas: e sabereis, e vereis que fizestes um grande mal para vós diante do Senhor, pedindo um rei sobre vós. (3)

18 Clamou pois Samuel ao Senhor, e o Senhor enviou naquele dia trovões e chuvas.

19 E todo o povo temeu sobremaneira ao Senhor e a Samuel, e todo o povo disse a Samuel: Roga ao Senhor teu Deus pelos teus servos, para que não morramos: porque a todos os nossos pecados juntamos o mal de pedirmos um rei.

20 E Samuel disse ao povo: Não temais, vós fizestes todo este mal: ainda assim não deixeis de seguir o Senhor, mas servi-o de todo o vosso coração.

21 E não vos desvieis seguindo as coisas vãs, que não vos aproveitarão, nem vos livrarão, porque são vãs.

22 E o Senhor por causa do seu grande nome não desampará o seu povo: porque o Senhor jurou fazer de vós o seu povo. (4)

23 Longe de mim pois este pecado contra o Senhor, que eu cesse de orar por vós, e eu vos mostrarei um caminho bom e direito.

(3) **TROVÕES** — Assim traduziu e corretamente, embora livremente, o P.e Pereira o termo voces, vozes da Vulgata, porque, como já ficou dito, os hebreus chamavam ao trovão Kol-Iahvéh, a voz de Deus.

(4) **POR CAUSA DE SEU GRANDE NOME** — Da fama que lhe valeram as maravilhas que operou entre o povo.

24 Temei pois ao Senhor, e servi-o em verdade, e de todo o vosso coração: porque vós tendes visto as maravilhas que tem obrado entre vós.

25 Se porém perseverardes na malícia: assim vós como o vosso rei perecereis juntamente.

CAPÍTULO 13

GUERRA ENTRE OS FILISTEUS, E OS ISRAELITAS. JÔNATAS DERROTA A GUARNIÇÃO DE GABAA OS FILISTEUS AJUNTAM O SEU EXÉRCITO. SAUL OFERECE SACRIFÍCIOS CONTRA A ORDEM DO SENHOR. SAMUEL LHE DECLARA QUE DEUS O REJEITOU.

1 Era Saul filho de um ano quando começou a reinar: e reinou dois anos sobre Israel. (1)

2 E Saul escolheu para si três mil de Israel: e estavam com Saul dois mil em Macmas, e no monte de Betel: e mil com Jônatas em Gabaa de Benjamim: e o resto do povo mandou êle que fôsse cada um para as suas tendas. (2)

3 E Jônatas bateu a guarnição dos filisteus, que estava em Gabaa. O que sabendo os filisteus, Saul o fêz

(1) **DE UM ANO** — Várias são as interpretações que se dão a esta frase. Uns, como o Parafraseante Caldeu, Teodoreto, S. Gregório Magno, etc., interpretam desta forma: "era de tal simplicidade, pureza e inocência, como se tivesse um ano". Arias Montano e outros dão-lhe esta significação — "Era Saul filho de um ano no reino, e reinou outro ano sobre Israel. Os modernos exegetas porém entendem que no original primitivo estava designada a idade; as letras sumiram-se por qualquer circunstância facilíma de se dar e as versões substituíram por uma cifra arbitrária, Vigouroux, *La Sainte Bible Polyglotte*.

(2) **MACMAS** — Ao nordeste de Jerusalém, hoje Moukmas.

publicar por toda a terra ao som de trombeta, dizendo: Ouçam os hebreus. (3)

4 E assim todo o Israel soube esta notícia: Saul destruiu a guarnição dos filisteus: Israel cobrou ânimo contra os filisteus. O povo pois clamou seguindo a Saul em Galgala (4)

5 E os filisteus se ajuntaram para combaterem contra Israel, com trinta mil carroças, e seis mil cavalos, e o resto do povo tão numeroso, como a areia que há na praia do mar. E vieram acampar-se em Macmas ao oriente de Betavem. (5)

6 Vendo porém os israelitas a estreiteza em que estavam postos; (porque o povo se achava consternado) esconderam-se em covas e em subterrâneos, e em rochedos, e em cisternas.

7 Os hebreus porém passaram o Jordão para ir ao país de Gad e de Galaad. E estando ainda Saul em Galgala, se encheu de terror todo o povo, que o seguia:

8 E esperou sete dias, conforme o apazado por Samuel, e Samuel não veio a Galgala, e o povo pouco a pouco ia deixando a Saul.

9 Disse pois Saul: Trazei-me o holocausto, e as pácificas. E ofereceu o holocausto.

10 Apenas elle tinha acabado de oferecer o holocausto, eis que chegou Samuel: e Saul lhe saiu ao encontro para o saudar.

11 E Samuel lhe disse: Que fizeste? Saul lhe respondeu: Vendo que os israelitas me deixavam, e que tu

(3) **GABAA** — Em hebreu está Geba; não é a Gabaa de Saul, mas a moderna de Geba, em frente de Macmas.

(4) **O POVO, ETC.** — Isto é, o povo seguiu Saul, ou segundo o texto do original reuniu-se junto de Saul em Galgala.

(5) **BETAVEM** — Ficava a este de Betel.

1 Reis 13, 12-17

não vinhas nos dias aprazados, e que os filisteus se tinham ajuntado em Macmas,

12 disse: Agora virão os filisteus contra mim a Galgalá, e eu não tenho aplacado o Senhor. Obrigado desta necessidade, ofereci o holocausto.

13 E Samuel disse a Saul: Obraste nesciamente, e não guardaste o mandamento que te deu o Senhor teu Deus. Se não tiveras feito isto já, desde agora teria o Senhor confirmado para sempre o teu reino sobre Israel, (6)

14 porém o teu reino não subsistirá para o futuro. O Senhor buscou para si um homem segundo o seu coração: E o Senhor lhe mandou que fôsse o chefe do povo, porque não observaste o que o Senhor te ordenou.

15 Levantou-se pois Samuel, e foi-se de Galgala a Gabaa de Benjamim. E o resto do povo seguiu a Saul contra as tropas, que salteavam aos que iam de Galgala a Gabaa, no outeiro de Benjamim. E Saul tendo feito revista do povo, que tinha ficado com êle, achou como uns seiscentos homens.

16 E Saul e Jônatas, seu filho, e a gente que tinha ficado com êles, achavam-se em Gabaa de Benjamim: Os filisteus porém tinham feito assento em Macmas.

17 E saíram do campo dos filisteus três destacamentos a fazer prêsas. Um destacamento tomou o caminho de Efra para a terra de Sual:

(6) OBRASTE NESCIAMENTE — O ato de Saul era uma transgressão grave da lei, porque, oferecendo o holocausto, usurpava os poderes sacerdotais. Aqui fica condenada toda a invasão do poder civil nas coisas sagradas, estabelecendo-se a distinção dos dois poderes — sagrado e civil, sem que a este seja permitido invadir a esfera do primeiro.

18 O outro tomou pelo caminho de Bet-horon: e o terceiro voltou-se para o caminho do termo que está sobre o vale de Seboim contra o deserto.

19 Mas em toda a terra de Israel não se achava um ferreiro: Porque os filisteus tinham precavido que os hebreus não forjassem espadas e lanças.

20 Pelo que todo o Israel tinha que ir aos filisteus, para cada um afiar a sua relha e o enxadão, e a machadinha, e o sacho.

21 Estavam portanto embotados os fios das relhas, e dos enxadões, e das forquilhas, e das machadinhas, até uma aguilhada, que se houvesse de aguçar.

22 E quando chegou o dia do combate, não se achou espada nem lança na mão de todo o povo que estava com Saul e Jônatas, a exceção de Saul e de Jônatas, seu filho.

23 A guarnição porém dos filisteus saiu a postar-se na passagem de Macmas.

CAPÍTULO 14

JÔNATAS ACOMPANHADO DO SEU ESCUDEIRO ATACA OS FILISTEUS. TERROR QUE CAIU SOBRE O CAMPO DELES. SAUL VAI EM SEU ALCANCE. JÔNATAS CHEGADO A TERMOS DE MORRER, POR TER VIOLADO, SEM O SABER, O JURAMENTO DE SEU PAI. VITÓRIAS DE SAUL.

1 Aconteceu um dia o dizer Jônatas, filho de Saul, ao moço seu escudeiro: Vem, e passemos ao campo dos filisteus, que é além daquele lugar. A seu pai porém não disse nada.

2 E Saul morava na extremidade de Gabaa, debaixo duma romeira, que havia em Magron: e tinha consigo um trôço de quase seiscentos homens.

3 E Aquias, filho de Aquitob, irmão de Icabod, filho de Finéias, que era filho de Heli, pontífice do Se-

1 Reis 14, 4-12

nhor em Silo, trazia o efod. Mas o povo não sabia aonde tinha ido Jônatas.

4 Ora a subida, por onde Jônatas intentava passar à guarnição dos filisteus, eram dois rochedos por ambas as partes mui altos, e como uns cachopos por um lado e outro, e mui escarpados à maneira de dentes, o nome dum era Boses, e o nome do outro Sene:

5 Um destes cachopos se elevava pela banda do norte olhando para Macmas, e outro pelo meio-dia frente a Gabaa.

6 Disse pois Jônatas ao moço seu escudeiro: Vem, passemos até o campo destes incircuncidados, talvez obrará o Senhor por nós: porque não é difícil ao Senhor dar vitória ou com muitos, ou com poucos.

7 E o seu escudeiro lhe respondeu: Faze o que bem te aprouver: vai onde desejas, e eu te seguirei em toda a parte onde quiseres.

8 E disse Jônatas: Olha que nós passamos a esses homens. E se logo que nos virem,

9 nos falarem assim: Esperai, até que passemos a vós: deixemo-nos estar no nosso lugar, e não subamos a eles.

10 Porém se disserem: Subi para cá: subamos, porque o Senhor os pôs nas nossas mãos: Isto nos servirá de sinal.

11 Logo que a guarnição dos filisteus viu a ambos disseram os filisteus: Eis os hebreus saem das cavernas, onde estavam escondidos.

12 E alguns do campo dos filisteus falaram e disseram a Jônatas e ao seu escudeiro: Subi cá e mostrá-vos-emos uma coisa. Então disse Jônatas ao seu escu-

deiro: Subamos, segue-me: Porque o Senhor os entregou nas mãos de Israel. (1)

13 Trepou pois Jônatas engatinhando com as mãos e pés, e o seu escudeiro atrás d'ele. Uns pois caíram diante de Jônatas, e aos outros matava o seu escudeiro que o seguia.

14 E esta foi a primeira desfeita, em que Jônatas e o seu escudeiro mataram perto de vinte homens, na metade de uma jeira que uma junta de bois costuma lavar num dia. (2)

15 E logo sobreveio um maravilhoso espanto em o arraial, pelos campos: Porém não só tôda a gente da guarnição d'elles, que tinham saído a prear, ficou tomada de espanto, mas também todo o país se conturbou: e êste successo foi como um milagre de Deus. (3)

16 E as sentinelas de Saul, que estavam em Gabaa de Benjamim, puseram-se a olhar, e eis que viram um grande número d'elles prostrados por terra, e que fugiam para aqui e para ali.

17 E disse Saul ao povo que estava com êle: Perguntai, e vêde quem é que saiu dentre nós. E tendo-se inquirido, achou-se que faltava Jônatas, e o seu escudeiro.

(1) **MOSTRAR-VOS-EMOS UMA COISA** — Esta frase irônica mostra o desprezo dos filisteus para com Jônatas e a confiança em seus recursos.

(2) **UMA JUNTA DE BOIS, ETC.** — Esta frase não está no original hebraico; é uma adição da Vulgata para determinar a medida da jeira. O texto original é de difícil compreensão: aclara-o a versão dos Setenta que escreve — mataram vinte homens com dardos, fundas, e pedras.

(3) **UM MILAGRE** — No texto hebreu está — *hardah* eloim, que significa terror de Deus. Cfr. Leopoldo, *Lexicon hebraicum et chaldaicum*. Deus permitiu que os filisteus fossem assaltados por um enorme pânico.

18 Disse pois Saul a Aquias: Chega-te à arca de Deus. (Porque a arca de Deus estava naquele dia com os filhos de Israel.)

19 E falando Saul ao sacerdote, levantou-se um grande tumulto no campo dos filisteus que crescia pouco a pouco, e se percebia cada vez mais. Disse pois Saul ao sacerdote: Encolhe a tua mão.

20 Clamou pois Saul e todo o povo que estava com êle, e chegaram até ao lugar da batalha: e viram que os filisteus se tinham atravessado com as suas mesmas espadas uns a outros, e que tinha havido grande mortandade.

21 Mas os hebreus que tinham estado com os filisteus nos dias antecedentes, e que tinham ido com êles no exército, vieram agregar-se aos israelitas, que estavam com Saul e Jônatas.

22 E também todos os israelitas, que estavam escondidos no monte de Efraim, sabendo que os filisteus tinham fugido, se uniram com os seus na batalha. E achavam-se com Saul perto de dez mil homens.

23 E naquele dia salvou o Senhor a Israel: e a refrega chegou até Betavem.

24 E os israelitas se reuniram naquele dia: Saul porém conjurou o povo, dizendo: Maldito o homem que comer pão antes da tarde, menos que eu me não vingue de meus inimigos. E todo o povo se absteve de comer:

25 E todo o povo do país veio a um bosque, onde havia mel sôbre a superfície do campo.

26 Entrou a gente pois no bosque, e viu correr o mel, e nenhum o levou com a mão à sua bôca: Porque o povo respeitava o juramento.

27 Mas Jônatas não tinha ouvido quando seu pai conjurou o povo: e estendendo a ponta da vara que ti-

nha na mão, molhou-a num favo de mel: chegou a sua mão à bôca, e aclararam-se-lhe os olhos.

28 E avisando-o um do povo, disse: Teu pai ligou o povo com um juramento, dizendo: Maldito o homem que comer hoje pão: (e o povo estava já desfalecido.)

29 E Jônatas respondeu: Meu pai turbou tôda a terra: vós mesmos vistes que se me aclararam os olhos, porque comi um pouco dêsse mel: (4)

30 Quanto mais que se o povo tivesse comido do que encontrou da prêsa de seus inimigos? não seria muito maior o destrôço dos filisteus?

31 E foram retalhando naquele dia aos filisteus desde Macmas até Aialon. Mas o povo desfaleceu em extremo:

32 E lançando-se à prêsa, tomou ovelhas, e bois, e novilhos, e os mataram na terra: e o povo os comeu com sangue.

33 Noticiaram pois a Saul dizendo que o povo tinha pecado contra o Senhor, comendo com sangue. E êle disse: Vós quebrastes a lei: trouxe-me aqui já uma pedra grande.

34 E acrescentou Saul: Ide por todo o povo, e dizei-lhe, que traga cada um cá seu boi, e seu carneiro, e degolai-os sôbre esta pedra, e comei, e não pecareis contra o Senhor comendo com sangue. Cada um pois do povo trouxe pela sua mão o seu boi até que foi noite: e mataram-nos ali.

35 Edificou pois Saul um altar ao Senhor; e foi êste o primeiro altar que edificou ao Senhor. (5)

(4) ACLARARAM OS OLHOS — Isto é, voltaram as forças.

(5) EDIFICOU UM ALTAR — Era o costume: oferecia-se a Deus um sacrifício em ação de graças pela vitória alcançada. O

1 Reis 14, 36-41

36 E disse Saul: Invistamos esta noite com os filisteus, e destruamo-los até que seja dia, e não deixemos um homem deles. E o povo respondeu: Faze tudo o que bem te parecer. E disse o sacerdote: Chegemos aqui a Deus.

37 E consultou Saul ao Senhor: Acaso perseguirei eu aos filisteus? Acaso os entregarás tu nas mãos de Israel? E o Senhor não lhe respondeu naquele dia. (6)

38 E disse Saul: Fazei vir aqui todos os príncipes do povo: e examinaí, e vêde por culpa de quem succedeu hoje êste pecado.

39 Eu juro pelo Senhor que é o Salvador de Israel, que se por culpa de Jônatas meu filho succedeu, sem remissão morrerá. Sôbre o que nenhum de todo o povo lhe replicou.

40 E disse a todo o Israel: Ponde-vos todos a uma parte, e eu com meu filho Jônatas estarei da outra parte. E o povo respondeu a Saul: Faze o que bem te parecer.

41 E disse Saul ao Senhor Deus de Israel: Senhor Deus de Israel, dá-nos a conhecer: por que é que não respondeste hoje ao teu servo? Se esta maldade está em mim, ou em meu filho Jônatas, descobre-no-la: mas se esta iniquidade está no teu povo, santifica-o. E saíram

altar ficava erguido para os vindouros como monumento do triunfo obtido pelo divino auxílio — *Ut posteris monumentum esset victoriæ divino beneficio adoptæ. Menochio.*

(6) **E O SENHOR NÃO LHE RESPONDEU** — S. João Crisóstomo pensa que esta falta de resposta fôsse castigo pelo seu voto temerário; S. Gregório por causa de sua hipocrisia — *Offensus enim erat Deus, vel Sauli ob legem temere latam, ait Chrysost., vel ob hypocrisim, inquit Greg. Cornélio a Lapide.*

compreendidos na sorte Jônatas e Saul; o povo porém ficou livre. (7)

42 E disse Saul: Lançai sortes entre mim, e entre Jônatas, meu filho. E caiu a sorte sôbre Jônatas.

43 Disse pois Saul a Jônatas: Descobre-me o que fizeste. E Jônatas lho confessou e disse: Tomei um pouco de mel na ponta duma vara que tinha na mão, e comi dêle e por isso eu morro.

44 E Saul disse: Assim me faça Deus, e ainda mais, se tu não morreres, ó Jônatas.

45 E disse o povo a Saul: Pois que há de morrer Jônatas, que salvou a Israel tão prodigiosamente? Isto não pode ser: Viva o Senhor, que não lhe há de cair no chão nem um só cabelo da sua cabeça, porque êle ajudado de Deus obrou hoje. Livrou pois o povo a Jônatas, para que não morresse.

46 E retirou-se Saul, e não perseguiu os filisteus: mas os filisteus se recolheram também para as suas terras.

47 E Saul, firmado o seu trono em Israel, pelejava contra todos os seus inimigos que viviam no contorno, contra Moab, e contra os filhos de Amon, e contra Edom, e contra os reis de Soba, e contra os filisteus: e para onde quer que voltava as suas armas, era vitorioso.

48 E tendo ajuntado um exército, destroçou aos amalecitas, e livrou a Israel das mãos dos que o devastavam.

49 E os filhos de Saul foram Jônatas e Jessui, e Melquisua: e de duas filhas que teve, a primogênita chamava-se Merob, e a mais moça Micol.

(7) **SANTIFICA-O** — Descobrimdo o criminoso, porque castigado o delinqüente o povo recobrarla a santidade perdida pelo peccado cometido, e ficaria explada a culpa.

50 E a mulher de Saul chamava-se Aquinoam, filha de Aquimaas: e o general do seu exército era Abner, filho de Ner, primo de Saul. (8)

51 Porque Cis era pai de Saul, e Ner pai de Abner, filho de Abiel.

52 E por todo o tempo de Saul houve uma forte guerra contra os filisteus. Porque Saul a qualquer homem que via valente, e hábil para a guerra, o agregava a si. (9)

CAPÍTULO 15

GUERRA CONTRA OS AMALECITAS. SAUL PERDOA AO REI. SAMUEL O ARGÜI DA SUA DESOBEDIÊNCIA, E LHE DECLARA QUE DEUS O REJEITOÜ. FAZ DEPOIS VIR A AGAG, E O ATASSALHA POR SUAS PRÓPRIAS MÃOS. SEPARA-SE DE SAUL.

1 E disse Samuel a Saul: O Senhor me enviou que te ungisse rei sobre o seu povo de Israel: Ouve pois agora a voz do Senhor:

2 Eis-aqui o que diz o Senhor dos Exércitos: Eu me recordei de tudo quanto Amalec tem feito a Israel, e de que modo se opôs no caminho quando saía do Egito.

3 Vai pois agora, e fere a Amalec, e destrói tudo o que elle tiver: Não lhe perdoes a elle, e nem cobices coisa alguma sua: mas mata desde o homem até à mu-

(8) **GENERAL DE SEU EXÉRCITO** — A letra melhor se diria — príncipe do exército. Saul foi o primeiro que organizou um exército permanente, collocando à sua frente Abner, como príncipe de milícia, desempenhando as funções de general.

(9) **O AGREGAVA A SI** — Em tempo de guerra eram muito considerados os homens valentes e de boas disposições físicas — *Belli tempore viri fortes suo pretio æstimantur.* Grotius.

lher, e o menino, e o que é de mama, o boi e a ovelha, o camelo e o jumento. (1)

4 Fêz Saul pois ajuntar o povo, e os contou como cordeiros: Duzentos mil de pé, e dez mil homens da tribo de Judá.

5 E tendo marchado Saul até à cidade de Amalec, dispôs emboscadas ao longo da torrente.

6 E disse Saul aos cineus: Ide-vos, retirai-vos, e separai-vos dos amalecitas: não suceda que eu vos envolva com êles: porque vós usastes de misericórdia com todos os filhos de Israel, quando vinham do Egito. Retiraram-se pois os cineus do meio dos amalecitas.

7 E Saul cortou nos amalecitas desde Hevila até chegar a Zur, que está defronte do Egito.

8 E tomou vivo a Agag, rei dos amalecitas: E fêz passar ao fio da espada todo o povo.

9 Mas Saul, e o povo perdoaram a Agag, e ao melhor dos rebanhos de ovelhas e de vacadas, e aos vestidos e carneiros, e em geral a tudo o que era de preço, e não o quiseram destruir: Mas tudo o que houve de vil e desprezível, isso destruíram.

10 E o Senhor dirigiu a sua palavra a Samuel, dizendo:

11 Pesa-me de ter feito rei a Saul: Porque me deixou, e não cumpriu as minhas ordens. E entristeceu-se Samuel, e clamou ao Senhor tôda a noite. (2)

(1) **FERE AMALEO** — Realiza-se aqui o que Moisés havia predito — Amalec será inteiramente destruído — estava reservado a Saul ser o executor desta condenação.

(2) **PESA-ME DE TER FEITO REI A SAUL** — Esta frase deve-se entender em termos hábeis. Fala-se aqui humanamente, porquanto Deus imutável e sapientíssimo não muda de desígnios. *Loquitur humano more. Proprie in Deum, cum sit immutabilis, sapientissimus et beatissimus, nulla cadit poenitentia, sed poenitet cum cum beneficia sua retractat et revocat.* Lapide,

12 E tendo-se levantado Samuel antes do dia, para ir ter com Saul pela manhã, vieram dizer a Samuel que Saul tinha ido ao Carmelo, e que tinha levantado a si um arco triunfal, e que, voltando de lá, tinha passado, e descido a Galgala. Veio pois Samuel em busca de Saul e Saul estava oferecendo ao Senhor um holocausto das primícias da prêsa, que tinha trazido de Amalec. (3)

13 E chegando Samuel a Saul disse-lhe Saul: Bendito sejas tu do Senhor, já cumpri a ordem do Senhor.

14 E disse Samuel: E que berros são êstes de rebanhos, que ressoam nos meus ouvidos, e de vacas, que eu estou escutando?

15 E disse Saul: Trouxeram-nos de Amalec: porque o povo perdoou a tudo o que havia de melhor nas ovelhas e nas vacas, para se imolarem ao Senhor teu Deus: O mais tudo matamos.

16 E Samuel disse a Saul: Permite-me declarar-te o que o Senhor me disse esta noite. E respondeu Saul: Dize-o.

17 E prosseguiu Samuel: Porventura quando tu eras pequeno aos seus olhos, não foste feito chefe de tôdas as tribos de Israel? E o Senhor te ungiu rei sobre Israel.

18 E o Senhor te mandou a esta guerra, e disse: Vai, e faz passar ao fio da espada os pecadores de Amalec, e peleja contra êles até não deixares nenhum vivo.

19 Por que não ouviste tu logo a voz do Senhor: mas te deixaste arrastar da cobiça da prêsa, e pecaste aos olhos do Senhor?

(3) **CARMELO** — Cidade de Judá, cujas ruínas ainda existentes conservaram o antigo nome; fica a três léguas para o sudeste de Hebron, entre Zif e Maon.

UM ARCO TRIUNFAL — No texto original está mão, uma pedra destinada a perpetuar a recordação da vitória de Saul.

20 E respondeu Saul a Samuel: Antes eu pelo contrário ouvi a voz do Senhor, e executei a empresa a que o Senhor me mandou e trouxe a Agag, rei de Amalec, e destruí os amalecitas.

21 Mas o povo tomou da presa ovelhas e vacas, que são as primícias do que foi passado a cutelo, para as imolar ao Senhor seu Deus em Galgala.

22 E disse Samuel: Porventura quer o Senhor os holocaustos e as vítimas, e não quer que antes se obedeça à voz do Senhor? A obediência pois é melhor do que as vítimas: e mais vale obedecer do que oferecer a gordura dos carneiros:

23 Porque o resistir é como o pecado de adivinhação: e não querer submeter-se é como o crime de idolatria. Como pois tu rejeitaste a palavra do Senhor, o Senhor te rejeitou a ti, para que tu não sejas rei.

24 E disse Saul a Samuel: Pequei, porque obrei contra os teus mandados, temendo o povo, e condescendendo com a sua voz.

25 Mas agora toma sobre ti, te peço, o meu pecado, e vem comigo, para adorar ao Senhor.

26 E disse Samuel a Saul: Não irei contigo, porque rejeitaste a palavra do Senhor, e porque o Senhor te rejeitou, para que não sejas rei de Israel.

27 E voltou Samuel as costas em ação de se ir: mas Saul lhe pegou pela ponta da sua capa, a qual se rasgou.

28 E disse-lhe Samuel: Hoje rasgou de ti o Senhor o reino de Israel, e o entregou ao teu próximo que é melhor do que tu.

29 Mas o triunfador em Israel não perdoará, e nem se dobrará pelo arrependimento: porque não é um homem que se arrependa.

30 E Saul disse: Pequei, mas honra-me nesta ocasião diante dos anciãos do meu povo, e diante de Israel, e volta comigo, para eu adorar o Senhor teu Deus.

31 Voltando pois Samuel seguiu a Saul: e adorou Saul o Senhor.

32 E disse Samuel: Trazei-me a Agag, rei de Amalec. E foi-lhe apresentado Agag, que era mui gordo, e todo tremendo. E Agag disse: Assim me separa a morte amarga? (4)

33 E disse Samuel: Assim como a tua espada tirou os filhos às mães, assim perderá tua mãe entre as mulheres os seus filhos. E Samuel o dividiu em quartos diante do Senhor em Gailala.

34 Voltou pois Samuel para Ramata: Saul porém foi para sua casa em Gabaa.

35 E não viu Samuel mais a Saul até ao dia da sua morte: Porém Samuel chorava a Saul, porque o Senhor se tinha arrependido de o ter constituído rei sobre Israel. (5)

CAPÍTULO 16

E' SAMUEL MANDADO POR DEUS A BELÉM PARA UNGIR A DAVI. SAUL É ATORMENTADO PELO ESPÍRITO MALIGNO. DAVI O ALIVIA COM O TOQUE DA SUA HARPA.

1 E disse o Senhor a Samuel: Até quando chorarás tu a Saul, tendo-o eu rejeitado, para não reinar sobre Israel? Enche o teu corno de óleo, e vem. para eu

(4) **ASSIM ME SEPARA** — Entende-se das delícias do poder, das riquezas e da vida. Vieira traduziu assim: E' possível, morte amarga, que assim me apartes?

(5) **CHORAVA A SAUL** — Não para mudar a divina sentença, que era irrevogável, mas compadecido pela sua desgraça.

te enviar a Isai de Belém: Porque dentre os seus filhos tenho escolhido para mim um rei.

2 E disse Samuel: Como hei de ir? Porque Saul o ouvirá, e matar-me-á. E o Senhor disse: Tomarás contigo um novillo da manada, e dirás: Eu vim para imolar ao Senhor.

3 E chamarás a Isai ao sacrificio, e eu te mostrarei o que deves fazer, e tu ungrás ao que eu te designar. (1)

4 Fêz pois Samuel como o Senhor lhe disse. E veio a Belém, e os anciãos da cidade se maravilharam vindo a recebê-lo, e disseram: Porventura vens tu com espírito de paz?

5 E êle disse: Em paz vim para fazer um sacrificio ao Senhor; purificai-vos, e vinde comigo para eu oferecer a vítima. Purificou pois Samuel a Isai e a seus filhos, e chamou-os ao sacrificio. (2)

6 E tendo êles entrado, viu Samuel a Eliab, e disse: Porventura está diante do Senhor o seu Cristo? (3)

(1) **AO SACRIFICIO** — Isto é, para comer a vítima. Nos sacrificios pacíficos comiam a melhor parte da vítima na companhia dos amigos.

TE UNGIRÁS AO QUE EU TE DESIGNAR — Por isto se vê que Davi não foi um usurpador. Deus não permitiria as invasões do poder, nem sancionaria os ataques à legítima realza. Davi foi o escolhido por Deus, porque sabia que êle devia ser um homem segundo a sua vontade, o verdadeiro rei teocrático que o Senhor destinava ao seu povo.

(2) **PARA EU OFERECER A VÍTIMA** — Desde que o tabernáculo tinha ficado em Silo, os sacrificios faziam-se em diferentes lugares.

(3) **ÊLES ENTRADO** — Os filhos de Isai.

PORVENTURA ESTÁ DIANTE DO SENHOR O SEU CRISTO — Deve entender-se esta frase neste sentido — Porventura, Senhor, está na vossa presença um futuro rei? Estue coram te Domine futurus Rex. Menochio.

1 Reis 16, 7-15

7 E disse o Senhor a Samuel: Não olhes para o seu vulto, nem para a altura da sua estatura: Porque eu o rejeitei, nem eu julgo do homem pelo que aparece à vista: Porque o homem vê o que está patente, mas o Senhor olha para o coração.

8 E chamou Isai a Abinadab, e o apresentou a Samuel. O qual disse: Nem este é o escolhido do Senhor.

9 Trouxe pois Isai a Sama, do qual disse Samuel: Também a este não escolheu o Senhor.

10 Fêz pois vir Isai os seus sete filhos diante de Samuel: e disse Samuel a Isai: A nenhum destes escolheu o Senhor.

11 E disse Samuel a Isai: Acaso não tens tu outros filhos? Isai respondeu: Ainda falta um pequeno, que anda apascentando as ovelhas. E disse Samuel a Isai: Manda-o vir: porque não nos havemos de assentar à mesa menos que ele não venha aqui.

12 Mandou-o pois chamar, e o apresentou. Era porém ruivo, e formoso de rosto, e de gentil presença: E o Senhor disse: Levanta-te, unge-o, porque este mesmo é.

13 Tomou pois Samuel o corno de óleo, e o ungiu no meio de seus irmãos: E daquele dia em diante se comunicou sempre o espírito do Senhor a Davi: e levantando-se Samuel partiu para Ramata.

14 O espírito do Senhor se retirou de Saul, e atormentava-o um espírito maligno, que o Senhor lhe enviou. (4)

15 E os servos de Saul lhe disseram: Eis, o espírito maligno enviado por Deus te vexa.

(4) **UM ESPIRITO MALIGNO** — A maior parte dos comentadores entendem que Saul foi possesso do demônio. Segundo Vigouroux, ob. cit., pode entender-se que o demônio se contentava em exercitar a maldade natural do caráter de Saul.

16 Mande-o nosso Senhor, e os teus servos, que estão em tua presença, buscarão algum homem que saiba tocar harpa para que, quando o maligno espírito enviado pelo Senhor te atormentar, toque êle com sua mão, e experimentes assim algum alívio.

17 E disse Saul aos seus servos: Buscai-me alguém que saiba tocar bem, e trouxe-me à minha presença.

18 E respondendo um dos seus criados, disse: Eis eu vi um dos filhos de Isai de Belém que sabe tocar harpa, e é mui forçoso, e homem guerreiro, e sizado nas palavras, e de gentil presença: E o Senhor é com êle.

19 Mandou pois Saul mensageiros a Isai, dizendo: Manda-me cá teu filho Davi, que anda com os rebanhos.

20 Isai pois tomou um jumento carregado de pães, e um cântaro de vinho, e um cabrito, e o mandou a Saul por seu filho Davi.

21 E veio Davi ter com Saul, e se apresentou à sua vista: Mas êle o amou muito em extremo, e o fez seu escudeiro. (5)

(5) **E VEIO DAVI TER COM SAUL** — Davi, que quer dizer "bem amado", era o mais velho dos filhos de Isai, da tribo de Judá. Nasceu em Belém. Cfr. 1 Par 11, 17; 2 Rs 19, 37.38; Jer 41, 17; Lc 2, 4. Deus escolheu-o para rei, quando era pastor. Como se vê desta passagem, foi talvez nesta fase da sua vida que êle compôs alguns dos Salmos, provavelmente os 8, 18, 22, 28. Deus preparou-lhe o espírito na humildade da vida pastoril, e depois pela sua assistência junto de Saul, pela vitória sobre Golias, pela amizade que o prendia a Jônatas, pelo seu casamento com Micol, filha de Saul, pela sua magnanimidade, e pela popularidade que logrou alcançar pelos seus salmos, que lhe mereceram o epíteto de egregius psalter Israel, para o exercício do supremo poder real, para o qual o destinava.

22 E mandou Saul dizer a Isai: Fique Davi junto à minha pessoa: Porque me caiu em graça.

23 Assim tôdas as vêzes que o maligno espírito enviado pelo Senhor se apoderava de Saul, Davi tomava a harpa, e a tocava com a sua mão, e Saul sentia alívio, e se achava melhor: Porque então se retirava dêlo o espírito maligno.

CAPÍTULO 17

GUERRA DOS FILISTEUS CONTRA ISRAEL. INSULTOS QUE LHE DIZ GOLIAS. DAVI PROSTRA ESTE GIGANTE COM UM TIRO DE FUNDA.

1 Ajuntando pois os filisteus as suas tropas para a guerra, vieram unir-se em Soco de Judá: e se acamparam entre Soco e Azeca, no país de Domim. (1)

2 Saul porém e os filhos de Israel tendo-se congregado vieram ao vale do Terebinto, e formaram o exército em batalha para pelejarem contra os filisteus.

3 E os filisteus estavam duma parte sôbre um monte, e Israel estava da outra parte sôbre outro monte: e havia um vale entre êles.

4 E saiu do campo dos filisteus um homem bastardo chamado Golias, de Get, que tinha seis côvados e um palmo de altura:

5 e trazia na cabeça um capacete de cobre, e vinha vestido duma couraça escameada: o pêso pois da couraça era perto de cinco mil siclos de cobre:

(1) **SOCO** — Hoje Schouwekeh, perto de Séfela, onde habitavam os filisteus.

DOMIM — Em hebreu Ephraim-Damnini, que aparece no 1 dos Par 11, 13, na forma Phesdomim, fica no vale de Elah ou de Terebinto.

6 e trazia cobertas as pernas dumas botas de cobre: e um escudo de cobre cobria os seus ombros:

7 a haste da sua lança era como o órgão dum tear, e o mesmo ferro da sua lança pesava seiscentos siclos de ferro: e o seu escudeiro vinha adiante dêle.

8 E pôsto em pé clamava contra os esquadrões de Israel, e lhes dizia: Por que viestes vós dispostos a dar batalha? Acaso não sou eu filisteu, e vós servos de Saul? Escolhei dentre vós um homem, e venha bater-se comigo só por só.

9 Se êle puder pelear comigo, e me tirar a vida, seremos nós vossos escravos: Mas se eu o levar debaixo, e o matar, vós sereis nossos escravos, e ficar-nos-eis sujeitos.

10 E dizia o filisteu: Eu insultei hoje os esquadrões de Israel: Dai-me um homem, e saia a bater-se comigo só por só.

11 Ouvindo pois Saul, e todos os israelitas que o filisteu falava assim, estavam atônitos, e temiam em extremo.

12 Davi porém era filho daquele homem efrateu de Belém de Judá, do qual acima falamos, chamado Isai, que tinha outros filhos, e era um dos mais velhos, e dos mais idosos do tempo de Saul.

13 Mas os três filhos maiores dêste tinham seguido a Saul na guerra: e os nomes dos seus três filhos que tinham ido à guerra, eram Eliab o primogênito, e o segundo Abinadab, e o terceiro Sama.

14 Davi porém era o mais pequeno. E tendo seguido a Saul os três maiores,

15 Davi deixou a Saul, e voltou a apascentar o gado de seu pai em Belém.

16 O filisteu pois saía de manhã e de tarde ao campo, e continuou assim por quarenta dias.

1 Reis 17, 17-25

17 Disse porém Isai a seu filho Davi: Toma para teus irmãos um efi de trigo assado, e êstes dez pães, e corre a levá-los ao campo a teus irmãos, (2)

18 e levarás também êstes dez queijos para o seu tribuno: e verás como passam teus irmãos: e informa-te, em que companhia servem.

19 Saul porém, e êles, e todos os filhos de Israel pelejavam contra os filisteus no Vale do Terebinto.

20 Davi pois levantou-se de manhã, e encomendou o rebanho a um guarda: e carregado foi caminho do campo, como lho tinha mandado Isai. E chegou ao lugar de Magala, e ao exército, que tendo saído a dar a batalha, gritava em sinal de combate.

21 Israel porém tinha pôsto em ordem as suas tropas, mas também os filisteus da outra parte se preparavam para os atacar.

22 Davi pois deixando o que trouxera, entregue ao cuidado de um guarda das bagagens, correu ao lugar da batalha e se informou do estado de seus irmãos, e se passavam bem.

23 E quando êle estava ainda falando sôbre isto, apareceu aquêlê homem bastardo chamado Golias, filisteu de Get, vindo do campo dos filisteus: e Davi o ouviu dizer as mesmas palavras.

24 Todos os israelitas, porém, tanto que viram o homem fugiram da sua presença, porque o temiam muito.

25 E um dos de Israel disse: Não vistes a êsse homem, que saiu? pois êle saiu a insultar Israel. Ao

(2) **TRIGO ASSADO** — Isto é, as espigas e as massarocas assadas. Modernamente um viajante, dr. Hanelquist, citado por Vigouroux, conta que ainda hoje isto se usa, pois encontrou entre Acre e Seyde um pastor, cuja refeição consistia em espigas de trigo que êle torrava ao fogo. Cfr. Vigouroux, *La Sainte Bible Polyglotte*.

homem pois que o matar, o rei encherá de grandes riquezas, e dar-lhe-á por mulher sua filha, e à casa de seu pai isentará de tributos em Israel.

26 E falou Davi aos que estavam ao pé dêle, dizendo: Que se dará a quem matar êste filisteu, e tirar o opróbrio de Israel? Quem é pois êste filisteu incircuncidado, que insultou o exército de Deus vivo?

27 O povo porém lhe repetia as mesmas palavras, dizendo: Dar-se-á isto, e isto a quem o matar.

28 O que tendo ouvido Eliab, seu irmão mais velho, falando Davi com os outros, irou-se contra êle, e disse-lhe: Por que vicste cá, e por que deixaste tu no deserto essas poucas ovelhas? eu conheço a tua altivez, e a malignidade do teu coração: porque tu vieste para veres o combate.

29 E Davi disse: Que fiz eu? não direi eu uma palavra? (3)

30 E apartou-se um pouco dêle para o pé de outro, e disse a mesma coisa. E o povo lhe respondeu como dantes.

31 Foram pois ouvidas as palavras que falou Davi, e se relataram na presença de Saul.

32 E tendo sido conduzido Davi perante êle, disse-lhe: Não desmaie alguém por causa dêste filisteu: eu, teu servo, irei, e pelejarei contra êle.

33 E Saul disse a Davi: Tu não poderás resistir a êste filisteu, nem combater com êle: Porque tu és um rapaz, e êste é um homem guerreiro desde a sua mocidade.

34 E Davi respondeu a Saul: O teu servo apascentava o rebanho de seu pai; vinha acaso um leão, ou um urso, e levava um carneiro do meio do rebanho;

(3) **NÃO DIREI EU UMA PALAVRA?** — Quer dizer: Não é permitido dizer uma palavra e tomar qualquer informação?

1 Reis 17, 35-43

35 e eu corria após êles, e os matava, e arrancava-lhes a prêsa da sua bôca: e êles se levantavam contra mim, e eu os agarrava pelas queixadas, e os afogava, e matava.

36 Assim também eu teu servo matei um leão, e um urso: e o mesmo que fiz a êles, farei a êsse filisteu incircuncidado. Agora irei, e tirarei o opróbrío do povo: porque quem é êste filisteu incircuncidado, que se atreveu a amaldiçoar o exército do Deus vivo?

37 E disse Davi: O Senhor, que me livrou das garras do leão, e das do urso, me livrará também da mão dêste filisteu. E Saul disse a Davi: Vai, e o Senhor seja contigo.

38 E Saul vestiu a Davi das suas armas e pôs sobre a sua cabeça um elmo de cobre, e o guarneceu de couraça.

39 Cingido pois Davi com a espada de Saul sobre os seus vestidos, começou a ver se poderia andar assim armado: porque não estava acostumado. E disse Davi a Saul: Eu não posso andar assim, porque não tenho uso disso. E largou as armas,

40 e tomou o seu cajado, que sempre trazia na mão: e escolheu da torrente cinco pedras mui limpas, e meteu-as no surrão de pastor, que trazia consigo, e tomou a funda na mão: E saiu contra o filisteu.

41 Ia pois o filisteu andando, e aproximando-se a Davi, e o seu escudeiro vinha diante dêle.

42 E quando o filisteu viu, e reconheceu a Davi, desprezou-o. Porque era um moço ruivo, e de gentil aspecto.

43 E disse o filisteu a Davi: Acaso sou eu algum cão, para tu vires a mim com um pau? E depois amaldiçoou o filisteu a Davi nos seus deuses:

44 E disse a Davi: Vem a mim, e eu lançarei as tuas carnes às aves do céu e às bestas da terra.

45 Mas Davi respondeu ao filisteu: Tu vens a mim com espada, e lança, e escudo: eu porém venho a ti em nome do Senhor dos exércitos, do Deus das tropas de Israel, as quais tu insultaste.

46 Hoje, o Senhor te entregará nas minhas mãos, e eu te matarei, e te cortarei a cabeça: E darei às aves do céu e às bestas da terra os cadáveres dos filisteus que estão no campo: Para que toda a terra saiba, que há Deus em Israel:

47 E para que toda esta multidão de homens conheça que o Senhor salva não pela espada, nem pela lança: Porque ele é o Árbitro da guerra, e o que vos entregará nas nossas mãos.

48 Como pois se levantasse o filisteu, e viesse chegando para Davi, apressou-se Davi, e correu ao combate em frente do filisteu.

49 E meteu a mão no surrão, e tirou uma pedra. e a arrojou com a funda, e dando-lhe volta feriu ao filisteu na testa: E a pedra se encravou na sua testa, e ele caiu com o rosto em terra.

50 E assim venceu Davi ao filisteu com a funda e com a pedra, e o feriu e matou. E como Davi não tivesse espada à mão, (4)

51 correu, e se lançou sobre o filisteu, e pegou da sua espada, e tirou-a da bainha e acabou de lhe tirar a vida, e lhe cortou a cabeça. Os filisteus porém vendo que o mais valente deles era morto, fugiram.

52 E os israelitas com os de Judá deram sobre eles com grande grita, e perseguiram aos filisteus até o vale.

(4) **E ASSIM VENCEU** — Este versículo falta na edição sistina. Está porém na Poliglota de Compluto.

1 Reis 17, 53-58; 18, 1

e até às portas de Acaron, e caíram feridos muitos dos filisteus no caminho de Saraim até Get, e até Acaron.

53 E voltando os filhos de Israel depois de perseguirem os filisteus, saquearam o seu campo.

54 Tomando pois Davi a cabeça do filisteu, a levou a Jerusalém: E pôs as armas d'ele na sua tenda. (5)

55 Ao tempo que Saul viu partir Davi contra o filisteu disse para Abner, general do seu exército: Abner, de que geração descende este rapaz? E Abner lhe respondeu: Por tua vida, ó rei, que o não sei. (6)

56 E disse o rei: Pergunta tu, de quem é filho este rapaz?

57 E tendo voltado Davi, depois de morto o filisteu, Abner o trouxe, e o introduziu à presença de Saul, tendo a cabeça do filisteu na mão.

58 E Saul lhe disse: De que família és tu, ó rapaz? E Davi respondeu: Eu sou filho do teu servo Isai de Belém. (7)

CAPÍTULO 18

AMIZADE DE JÔNATAS E DE DAVI. CIÔME DE SAUL CONTRA DAVI. DAVI DESPOSADO COM MICOL, SEGUNDA FILHA DE SAUL.

1 Aconteceu pois que acabando Davi de falar com Saul a alma de Jônatas se congelou com a de Davi, e Jônatas o amou como a si mesmo.

(5) **JERUSALÉM** — A cidadela estava ainda neste tempo ocupada pelos jebuseus, mas a cidade estava na posse dos israelitas.

(6) **DE QUE GERAÇÃO, ETC.** — Saul conhecia Davi; naquele momento não o reconheceu por causa da sua alienação mental. Abner fingiu também não o conhecer para não afligir Saul pondo em evidência o estado de desarranjo de seu espírito.

(7) **NOTA** — O fim deste capítulo também não está na edição sistina, que o adiciona em nota, precedida da rubrica in

2 E desde êste dia Saul o tomou para sua companhia, e não lhe permitiu que tornasse para casa de seu pai.

3 E Davi e Jônatas fizeram concêrto entre si porque Jônatas o amava como a si mesmo.

4 Por isso se despojou Jônatas da túnica, dè que estava vestido, e a deu a Davi com o resto dos seus vestidos até a sua espada e o seu arco, e o seu talabarte.

5 E Davi ia a tudo a que Saul o mandava, e conduzia-se com prudência: E Saul lhe deu o mando sôbre a gente de guerra, e era Davi muito aceito aos olhos de todo o povo, e mais que tudo para com os officiaes de Saul.

6 Mas quando Davi voltou, depois de ter morto o filisteu, saíram as mulheres de tôdas as cidades de Israel ao encontro do rei Saul, cantando, e dançando, em testemunho de alegria, ao som de tambores, e de sistros. (1)

7 E dançavam as mulheres cantando, e dizendo: Saul matou mil, e Davi dez mil.

8 Irou-se porém Saul em extremo, e lhe desagradou esta expressão: e disse: Deram dez mil a Davi, e a mim mil: Que lhe falta senão só o reino?

9 Daquele dia pois e em diante não via Saul a Davi com bons olhos.

10 Ao outro dia, porém, o espírito maligno mandado por Deus se apoderou de Saul, e profetizava no meio de sua casa: E Davi tocava a harpa com a sua mão, como todos os dias: E Saul tinha uma lança, (2)

aliquot libris haec sequuntur. Encontra-se na citada Poliglota, e vem nas edições officiaes da Santa Sé.

(1) **SISTROS** — Instrumentos muito comuns no antigo Egito. Consistiam em anéis de metal atravessados por cordas metálicas.

(2) **PROFETIZAVA** — No original está — delirava — e com esta interpretação concordam todos os críticos.

1 Reis 18, 11-19

11 e a arrojou, cuidando que poderia traspassar a Davi com a parede: porém Davi se desviou, e evitou o golpe por duas vezes.

12 E Saul temeu a Davi, porque o Senhor era com Davi, e se tinha retirado dêle.

13 Por isso o alongou Saul do pé de sua pessoa, e o fêz comandante de mil homens: e êle saía e entrava à frente desta tropa.

14 Conduzia-se também Davi em tôdas as suas ações com prudência, e o Senhor era com êle.

15 Viu pois Saul que êle era em extremo prudente, e começou a acautelar-se dêle.

16 Mas todo o Israel e Judá amava a Davi: porque êle entrava e saía adiante dêles.

17 E disse Saul a Davi: Aqui tens a Merob minha filha maior, que eu te darei por mulher: contanto que sejas homem valoroso, e combatas nas guerras do Senhor. Saul porém meditava, dizendo: Não seja a minha mão a que o mate, mas sim a dos filisteus. (3)

18 Respondeu porém Davi a Saul: Quem sou eu, ou qual é a minha vida, ou a família de meu pai em Israel, para vir a ser genro do rei? (4)

19 Mas tendo chegado o tempo em que Merob, filha de Saul, devia ser dada a Davi, foi ela dada por mulher a Hadriel molatita. (5)

(3) **GUERRAS DO SENHOR** — Eram os combates contra os filisteus, inimigos de Deus e do seu povo.

(4) **SAUL E' A MINHA VIDA** — Isto quer dizer, qual é a minha situação, a minha posição.

(5) **HADRIEL** — Era provavelmente de Abul Mahuta, Jz 7, 23 Os filhos que nasceram desta união pereceram às mãos dos gabaanitas.

20 Micol porém filha segunda de Saul tinha inclinação a Davi. O que foi contado a Saul, e êle se comprouzo disso.

21 E disse Saul: Dar-lhe-ei esta para que êle lhe sirva de ocasião de ruína, e êle caia nas mãos dos filisteus. E disse Saul a Davi: Por dois motivos serás hoje meu genro. (6)

22 E mandou Saul aos seus servos: Falai a Davi como que o não sei, dizendo: Eis estás tu no agrado do rei, todos os seus servos te amam. Cuida logo em vir a ser genro do rei.

23 E os servos de Saul repetiram tôdas estas coisas aos ouvidos de Davi. E Davi respondeu: Acaso parece-vos pouca coisa ser genro do rei? Eu por mim sou um pobre, e humilde. (7)

24 E os servos de Saul lhe referiram isto, dizendo: Davi deu-nos esta resposta.

25 Disse porém Saul: Falai assim a Davi: O rei não necessita de dons para os esponsais senão sòmente de cem prepúcios de filisteus, para se tomar vingança dos inimigos do rei. Mas Saul intentava entregar a Davi nas mãos dos filisteus. (8)

(6) **POR DOIS MOTIVOS** — Menochlo e outros apresentam êstes — a morte de Gollas e o ataque contra os filisteus. Outros querem que estas palavras sofram esta interpretação: tu podes ser meu genro por duas maneiras, porque eu tenho duas filhas, e podes esposar a segunda depois de teres esposado a primeira. Alguns traduzindó o hebreu entendem por esta outra forma — uma segunda vez, esposando Micol.

(7) **SOU UM POBRE** — Era costume em todo o Oriente ser o noivo que levava o dote, e presenteava a família da noiva. Davi temia que Saul exigisse uma soma considerável, muito superior aos seus recursos.

(8) **CEM PREPÚCIOS** — Linguagem tropológica, que quer significar a morte de cem filisteus. Saul fazia esta exigência jul-

1 Reis 18, 26-30; 19, 1-3

26 E tendo os servos de Saul referido a Davi as palavras, que dissera Saul, agradou a Davi a proposição para vir a ser genro do rei.

27 E poucos dias depois saindo Davi marchou com a gente, que estava debaixo do seu mando. E matou a duzentos filisteus, e trouxe os prepúcios dêles, e os deu por conta ao rei, para vir a ser seu genro. Deu-lhe pois Saul por mulher a sua filha Micol.

28 E viu Saul, e conheceu que o Senhor era com Davi. Micol porém filha de Saul amava a Davi.

29 E Saul começou a temer cada vez mais a Davi: e Saul se fazia maior inimigo de Davi todos os dias.

30 E saíram os príncipes dos filisteus à campanha: ao princípio porém da sua saída Davi se portava com maior prudência do que todos os oficiais de Saul, e o seu nome se fêz mui célebre.

CAPÍTULO 19

**JONATAS APLACA A SEU PAI, QUE QUERIA MATAR A DAVI.
SAUL SE IRRITA CONTRA DAVI. DAVI SE RETIRA PARA
O PÉ DE SAMUEL.**

1 Falou pois Saul a Jônatas, seu filho, e a todos os seus oficiais, para que matassem a Davi. Mas Jônatas, filho de Saul, amava extremosamente a Davi.

2 E Jônatas avisou a Davi, dizendo: Saul meu pai procura matar-te: pelo que te rogo que te guardes amanhã, e te retires ocultamente, e te escondas.

3 E eu sairei com meu pai, e irei ao campo para onde tu te tiveres retirado: e eu falarei acêrca de ti a meu pai, e te avisarei de tudo o que souber.

**gando que Davi pereceria antes de ter levado a cabo a sangüinária
empresa,**

4 Jônatas pois falou em favor de Davi a Saul seu pai: e lhe disse: Não peques, ó rei, contra Davi teu servo, porque não pecou contra ti, e os seus serviços têm sido para ti importantíssimos.

5 E expôs a sua vida ao último perigo, e matou ao filisteu, e o Senhor salvou a todo o Israel por um modo maravilhoso: Tu o viste e te alegraste: Por que queres tu logo pecar derramando o sangue inocente, matando a Davi, que está sem culpa?

6 O que tendo Saul ouvido, aplacado com as razões de Jônatas, jurou: Por vida do Senhor, que êle não morrerá.

7 Chamou pois Jônatas a Davi, e contou-lhe tôdas estas coisas: E Jônatas introduziu Davi à presença de Saul, e ficou vivendo ao pé dêle, como dantes.

8 Renovou-se depois a guerra: E saindo Davi, pelejou contra os filisteus: E fêz nêles grande destrôço, e os obrigou a fugir.

9 E o espírito maligno, mandado pelo Senhor, se apoderou de Saul: Estava pois assentado em sua casa, e tinha uma lança: Davi porém tocava a harpa com a sua mão.

10 E Saul se esforçou para atravessar a Davi com a lança contra a parede, e Davi se desviou da presença de Saul: E a lança sem o ofender fincou-se na parede, e Davi fugiu, e se salvou aquela noite.

11 Mandou pois Saul os seus guardas a casa de Davi para lho terem seguro, e para ser morto pela manhã. Do que avisado Davi por Micol, sua mulher, que lhe disse: Se te não puseres em salvo esta noite, amanhã morrerás:

12 Ela o fêz descer por uma janela: E êle se foi e fugiu, e se salvou.

13 E tomou Micol uma estátua, e deitou-a em cima da cama, e pôs-lhe ao redor da cabeça uma pele de cabra com o pêlo, e cobriu-a com a roupa. (1)

14 Mandou pois Saul uns beleguins, que trouxessem prêso a Davi, e se lhe respondeu que êle estava doente.

15 E mandou segunda vez Saul mensageiros para que vissem a Davi, dizendo-lhes: Trazei-mo no seu mesmo leito, para ser morto.

16 E tendo chegado os mensageiros, acharam em cima da cama a estátua, que tinha em roda da cabeça uma pele de cabra.

17 E disse Saul a Micol: Por que me iludiste tu assim, e deixaste escapar o meu inimigo? E Micol respondeu a Saul: Foi porque êle me disse: Deixa-me ir senão matar-te-ei.

18 E Davi fugiu, e se salvou, e foi ter com Samuel em Ramata, e lhe contou tudo o que Saul lhe tinha feito: E retiraram-se êle e Samuel, e ficaram em Naiot.

19 Noticiaram pois a Saul, dizendo: Olha que Davi está em Naiot de Ramata. (2)

20 Mandou pois Saul beleguins, para prenderem a Davi: Os quais tendo visto a um rancho de profetas profetizando, e a Samuel presidindo-lhes, o espirito do Se-

(1) **UMA ESTATUA** — Não se sabe que estátua era esta. O hebreu emprega a palavra *teraphim*, que designa ordinariamente ídolos. Em todo o caso aqui deve significar uma figura humana. Vigouroux, ob. cit.

(2) **NAIOT** — No original é nome comum, e não nome próprio como verteu a Vulgata, e significa habitações rústicas.

nhor se apoderou também dêles, e começaram também êles a profetizar. (3)

21 Avisado disto Saul, mandou segundos mensageiros: E êstes também profetizaram. E de novo mandou Saul terceiros mensageiros: e também êstes profetizaram. E abrasado em ira Saul,

22 foi também êle a Ramata, e chegou até à grande cisterna, que há em Soco, e perguntou, dizendo: Em que lugar estão Samuel e Davi? E respondeu-se-lhe: Estão em Naiot de Ramata.

23 E partiu para Naiot de Ramata, e ao mesmo tempo se apoderou também dêle o espírito do Senhor, e ia andando, e profetizava por todo o caminho até que chegou a Naiot de Ramata.

24 E ainda por si mesmo se despojou dos seus vestidos, e profetizou com os outros diante de Samuel, e estêve nu por terra todo aquêlê dia e noite. E daqui saiu o provérbio: Também Saul entre os profetas?

(3) **PRESIDINDO-LHES** — Na Vulgata está: *stantem super eos*; isto é, Samuel presidia a estas assembléias; diz Cornélio a Lápide: *Samuel praesidebat eis quasi eorum praecentor et choragus*. Esta primazia advinha-lhe da missão que o Senhor lhe confiara e do prestígio que tinha adquirido. Não se diga, porém, que Samuel era mestre de escola, porque o mestre ensina, e aqui só há a idéia de presidir, estar à frente, dirigir. Presidir não é ensinar, e é preciso forçar o texto para encontrar aqui idéia de ensinar, e a idéia de escola.

PROFETIZAR — Como já dissemos, êste verbo é tomado na acepção de *psallere*, de maneira que se trata aqui de reuniões presididas por Samuel, onde se dirigiam orações e louvores ao Senhor. O já citado Cornélio a Lápide, a propósito dêste texto torna a repetir que se não trata aqui de profetas no sentido rigoroso da palavra, mas de varões religiosos, que se reuniam sob a direção de Samuel, e cantavam louvores ao Senhor.

CAPÍTULO 20

JONATAS E DAVI RENOVAM O SEU AJUSTE. SAUL PERSEVERA NA DETERMINAÇÃO DE PERDER A DAVI. JONATAS O AVISA DISTO.

1 Mas Davi fugiu de Naiot, que é em Ramata, e vindo disse a Jônatas: Que fiz eu? Que maldade é a minha, e que pecado é o meu contra teu pai, que procura o como me tirará a vida?

2 E êle lhe respondeu: Não, tu não hás de morrer: Porque meu pai não faz coisa alguma, nem grande nem pequena sem primeiro me dar parte: Será logo só esta que meu pai me queira ocultar? De nenhum modo acontecerá isto.

3 E novamente o jurou a Davi. E Davi lhe disse: Teu pai sabe muito bem que eu te caí em graça e dirá: Não saiba isto Jônatas, para que se não entristeça. Antes eu te juro pelo Senhor, e te juro pela minha vida, que não há senão um degrau (por assim dizer) entre a minha vida e a minha morte.

4 E Jônatas respondeu a Davi: Eu farei por ti tudo o que me disseres.

5 E Davi disse a Jônatas: Amanhã é o primeiro dia do mês, e eu costume assentar-me junto ao rei para comer: Deixa-me logo ir esconder num campo até à tarde do terceiro dia. (1)

6 Se, reparando, teu pai perguntar por mim, tu lhe responderás: Davi me pediu que levasse eu a bem que êle fôsse com presteza a Belém, sua pátria; porque se faz lá um solene sacrificio por todos os da sua tribo.

(1) **O PRIMEIRO DIA DO MÊS** — A neomênia, ou festa da lua nova.

7 Se êle te disser: Nenhum mal irá ao teu servo: Mas se êle se enfadar, assenta que a sua má vontade chegou ao seu auge.

8 Faze pois esta graça ao teu servo: já que quisesse que eu teu servo fizesse contigo concôrto de amizade no Senhor: Mas se eu tenho alguma culpa, tira-me tu mesmo a vida, e não me obrigues a aparecer diante de teu pai.

9 E disse Jônatas: Deus te livre de tal desgraça: Porque não é possível que se eu souber de certo que está consumada a malícia de meu pai contra ti, eu te não avise.

10 E respondeu Davi a Jônatas: Quem me há de avisar, se por acaso teu pai te responder com aspereza a meu respeito?

11 E respondeu Jônatas a Davi: Vem, e saiamos fora ao campo. E tendo ambos saído ao campo,

12 disse Jônatas a Davi: Senhor Deus de Israel, se eu descobrir o intento de meu pai amanhã ou depois de amanhã, e houver alguma coisa favorável para Davi, e eu to não mandar imediatamente dizer e to não fizer participar,

13 o Senhor trate a Jônatas com tôda a sua severidade. Mas se a má vontade de meu pai perseverar contra ti, eu te avisarei disso, e te deixarei ir em paz, e o Senhor seja contigo, como foi com meu pai.

14 E se eu viver, usarás comigo da misericórdia do Senhor: Se porém fôr morto,

15 não cessarás nunca de usar da compaixão com a minha casa, quando o Senhor tiver arrancado todos os inimigos de Davi um por um: tire o Senhor a Jônatas de sua casa, e vingue-se dos inimigos de Davi.

16 Fêz Jônatas pois concôrto com a casa de Davi: E o Senhor se vingou dos inimigos de Davi.

17 E fêz Jônatas a Davi êste novo juramento, pelo amor que lhe tinha: Porque o amava como a sua própria vida.

18 E disse-lhe Jônatas: Amanhã é o primeiro dia do mês, e perguntar-se-á por ti:

19 Porque o teu lugar se verá desocupado êstes dois dias. Descerás pois sem demora, e irás para o sítio em que deves esconder-te o dia que fôr de trabalho, e esperarás junto à pedra chamada Ezel. (2)

20 E eu atirarei junto a ela com três setas, e as arrojarei como quem se exercita em atirar ao alvo.

21 E mandarei também um criado e lhe direi: Vai, e traze-me as setas.

22. Se eu disser ao criado: Olha que as setas estão para lá de ti, levanta-as: Vem tu ter comigo, porque tudo está em paz por ti e não há mal algum que temer, e vive o Senhor. Mas se eu disser ao criado: Olha que as setas estão para lá de ti: Vai-te em paz, porque o Senhor quer que te retires.

23 No que toca porém à palavra que nós nos demos um ao outro, o Senhor seja dela para sempre a testemunha entre mim e ti.

24 Escondeu-se pois Davi no campo, e chegado o primeiro dia do mês pôs-se o rei à mesa para comer.

25 E tendo-se assentado, segundo o costume, na sua cadeira que estava junto à parede, levantou-se Jônatas, e Abner se assentou ao lado de Saul e o lugar de Davi apareceu vazio.

(2) O DIA QUE FÔR DE TRABALHO — Um dia que não seja o sábado. A versão siríaca traduzia apenas — o dia de ontem.

EZEL — Segundo uns, é o nome dum rochedo; na opinião de outros, significa pedra do caminho, isto é, que indica o caminho.

26 E naquele primeiro dia não disse Saul nada: Porque creu que talvez Davi se não tivesse achado limpo, nem purificado. (3)

27 E chegando o segundo dia depois das Calendas, apareceu ainda vazio o lugar de Davi. E disse Saul a seu filho Jônatas: Por que não veio o filho de Isai comer nem ontem, nem hoje?

28 E respondeu Jônatas a Saul: Ele me pediu com instância, que o deixasse eu ir a Belém,

29 e disse-me: Deixa-me ir porque há na nossa cidade um solene sacrifício: Um de meus irmãos me veio convidar: Agora pois se eu achei graça diante dos teus olhos, irei depressa, e verei a meus irmãos. E por esta razão não tem vindo comer com o rei.

30 Mas Saul irado contra Jônatas, disse-lhe: Filho de má mulher, não sei eu porventura que amas ao filho de Isai para confusão tua, e para confusão de tua infame mãe?

31 Porquanto em todo o tempo que o filho de Isai viver na terra, nunca estarás seguro nem da vida, nem do reino. Assim manda buscá-lo para já e traze-mo à minha presença: Porque é filho de morte. (4)

32 E Jônatas respondendo a Saul, seu pai, disse: Por que há de êle morrer? Que fêz?

33 E Saul pegou na sua lança para o passar com ela. Conheceu pois Jônatas, que seu pai tinha resolutio o fazer morrer a Davi.

(3) **NEM PURIFICADO** — Não era permitido tomar parte nos festins dos sacrificios, estando manchado por uma impureza legal.

(4) **FILHO DE MORTE** — Hebraísmo por — digno de morte. — Saul considera Davi como um usurpador, e incurso por esta razão na pena de morte.

34 Levantou-se pois Jônatas da mesa todo encolerizado, e não comeu neste segundo dia das Calendas. Ficou porém muito sentido por causa de Davi, porque seu pai o ultrajara a êle mesmo. (5)

35 Ao outro dia pela manhã, saiu Jônatas ao campo conforme o ajuste feito com Davi, e levou consigo um rapaz.

36 e disse a êste seu criado: Vai, e traze-me as setas, que vou atirar. E tendo corrido o rapaz, atirou outra seta mais para lá donde êle estava.

37 Chegou pois o rapaz ao lugar onde Jônatas tinha atirado a seta: e Jônatas gritou atrás dêle, e disse: Olha que a seta está muito mais para lá de ti.

38 E tornou Jônatas a gritar atrás do moço, dizendo: Vai depressa, não te demores. E o moço recolheu as setas e trouxe-as a seu amo:

39 E absolutamente não percebia o que se fazia: porque só Jônatas e Davi o entendiam.

40 Deu Jônatas pois as suas armas ao rapaz, e disse-lhe: Vai, leva-as à cidade.

41 E logo que o rapaz se foi, saiu Davi do lugar onde estava que olhava para o meio-dia, e inclinando-se até à terra lhe fêz três profundas reverências: E beijando-se um ao outro, choraram ambos, mas Davi mais.

42 Disse pois Jônatas a Davi: Vai-te em paz: tudo o que nós juramos ambos em nome do Senhor, dizendo: O Senhor seja para sempre testemunha entre mim e ti, e entre a minha geração e a tua geração.

43 E levantou-se Davi, e se retirou: E Jônatas tornou para a cidade.

(5) **SEGUNDO DIA DAS CALENDAS** — Isto é, o segundo dia do mês.

CAPÍTULO 21

DAVI VAI PARA NOBE PARA O PONTÍFICE AQUIMELEC. DEPOIS RETIRA-SE PARA CASA DE AQUIS, REI DE GET.

1 Porém Davi veio para Nobe, para o pontífice Aquimelec: e Aquimelec se espantou da vinda de Davi, E disse-lhe: Como vens tu só, e ninguém vem contigo? (1)

2 E Davi respondeu ao pontífice Aquimelec: O rei me deu uma ordem, e disse: Não saiba ninguém a causa por que eu te envie, nem que mandados são os que te dei: E por isso também eu disse a meus criados que me esperassem em tal e tal lugar.

3 Agora pois se tens à mão alguma coisa, ainda que não sejam senão cinco pães, dá-mos, ou qualquer outra coisa que achares.

4 E respondendo o pontífice a Davi, disse-lhe: Eu não tenho à mão pães de leigos, mas somente o pão santo: Se todavia os moços estão limpos, principalmente no que toca a mulheres?

5 E Davi respondeu ao pontífice, e disse: No tocante a mulheres, certamente: Desde ontem e anteontem que partimos, não nos temos chegado a elas, e os vasos dos criados foram santos: é verdade que este caminho não é puro, mas também ele será hoje purificado com os vasos.

(1) NOBE — Estava ao norte de Jerusalém, à pequena distância da cidade, mas a sua posição é incerta.

AQUIMELEC — Filho de Aquitob, residia em Nobe onde estava a arca desde que foi trazida dos filisteus. Este foi o último descendente de Heli, que morreu sendo sumo sacerdote, porque seu filho Abiatar foi deposto por Salomão, e o supremo pontificado passou para a família de Eleazar: era a realização das ameaças feitas por Deus a Heli. 1 Rs 2, 33.

1 Reis 21, 6-12

6 Deu-lhe pois o pontífice do pão santificado, porque não havia ali pão, senão os pães da proposição, que tinham sido tirados da presença do Senhor, para se porem outros quentes. (2)

7 Achava-se então ali dentro do tabernáculo do Senhor certo homem dos criados de Saul, o qual se chamava Doeg idumeu, o mais poderoso dos pastôres de Saul. (3)

8 Disse porém Davi a Aquimelec: Tens acaso aqui à mão uma lança, ou uma espada? porque eu não trouxe comigo a minha espada, nem as minhas armas: Porque a ordem do rei era apertada.

9 E respondeu o pontífice: Eis-ali está a espada de Golias o filisteu, a quem tu mataste no Vale do Te-rebinto, está embrulhada num pano detrás do efod: Se a queres levar, leva-a. Porque não há outra senão esta. E Davi disse: Não há outra como esta, dá-ma cá.

10 Levantou-se pois Davi, e fugiu naquele dia da presença de Saul: e foi refugiar-se em casa de Aquis, rei de Get:

11 E os criados de Aquis lhe disseram tendo visto a Davi: Acaso não é este Davi o rei da terra? Não é este aquêle a quem cantavam nas danças públicas, dizendo: Saul matou mil, e Davi dez mil?

12 Considerou porém Davi estas palavras no seu ânimo, e teve muito medo de Aquis, rei de Get.

(2) **PAO SANTIFICADO** — Os pães da proposição deviam ser comidos no santuário pelos sacerdotes. Lev 24, 6-9. A extrema necessidade de Davi justifica a transgressão referente apenas à consumição dos pães. Jesus Cristo aprovou este procedimento. Mt 12, 3. 4; Mc 2, 25. 26; Lc 6, 3. 4.

(3) **DOEG** — Era o chefe dos pastôres de Saul e um dos seus principais servos.

13 E demudou o seu rosto diante dêles, e deixava-se cair entre as suas mãos, e dava com a cabeça pelos postigos das portas, e deixava correr a saliva pela barba.

14 E disse Aquis aos seus criados: Bem vistes que êste homem está louco: Por que o trouxestes à minha presença?

15 Acaso faltam-nos loucos, porque introduzistes a êste, para fazer loucuras na minha presença? Que me metêsseis em casa um tal homem?

CAPÍTULO 22

RETIRO DE DAVI NA COVA DE ODOLÃO, E DEPOIS EM CASA DO REI DE MOAB. TORNA PARA JUDÁ. SAUL MANDA MATAR TODOS OS SACERDOTES DE NOBE. ABIATAR SE SALVA, E SE RETIRA PARA JUNTO DE DAVI.

1 Saiu pois Davi de Get, e se retirou para a cova de Odolão. O que tendo ouvido seus irmãos, e tôda a casa de seu pai, foram lá ter com êle. (1)

2 E todos os que se viam em apêto, e se achavam oprimidos de dúvidas, e de desgosto, se ajuntaram ao pé dêle: e êle se fêz seu general, e eram com êle perto de quatrocentos homens.

3 E dali foi Davi para Masfa, que é em terra de Moab: E disse ao rei de Moab: Peço-te que meu pai e minha mãe fiquem convosco, até eu saber que ordena o Senhor de mim.

4 E deixou-os encomendados ao rei de Moab: E ficaram com êle por todo o tempo que Davi estêve nesta fortaleza.

(1) ODOLÃO — Provavelmente é o atual Ad-el-ma. Perto dêste lugar há uma caverna suficientemente espaçosa e onde Davi podia habitar.

1 Reis 22, 5-11

5 E disse o profeta Gad a Davi: Não fiques nesta fortaleza; sai, e vai para a terra de Judá. E partiu Davi daquele lugar, e veio para o bosque de Haret.

6 E soube Saul que Davi tinha aparecido, e a gente que o acompanhava. Saul porém como permanecesse em Gabaa, e se achasse num bosque, que há em Rama, tendo uma lança na mão, e estando rodeado de todos os seus servos,

7 disse para os seus servos que lhe assistiam: Ouvi-me agora, filhos de Jemini: Acaso o filho de Isai dar-vos-á a vós todos campos e vinhas, far-vos-á a todos seus tribunos e centuriões; (2)

8 para que todos vós vos tenhais conjurado contra mim, e não haja ninguém que me dê algum aviso, principalmente tendo-se também meu filho ligado estreitamente com o filho de Isai? não há dentre vós quem se lastime da minha desgraça, nem quem me avise: E até meu próprio filho tem sublevado contra mim um dos meus servos, que não cessa até o dia de hoje de me armar traições.

9 Respondendo porém Doeg, idumeu, que estava presente, e era o primeiro dos criados de Saul, disse: Eu vi o filho de Isai em Nobe, em casa do pontífice Aquimelec, filho de Aquitob.

10 O qual consultou o Senhor por êle, e lhe deu o mantimento: E até lhe deu a mesma espada do filisteu Golias.

11 Mandou pois o rei buscar o pontífice Aquimelec, filho de Aquitob, com todos os sacerdotes da casa de seu

(2) **FILHOS DE JEMINI** — São os benjamitas, aos quais Saul confiou a guarda da sua própria pessoa.

pai, que estavam em Nobe, os quais todos vieram à presença do rei.

12 E disse Saul a Aquimelec: Ouve, filho de Aquitob. Ele respondeu: Aqui me tens, Senhor!

13 E Saul lhe disse: Por que vos conjurastes vós contra mim, tu, e o filho de Isai, e lhe destes pães e espada, e consultastes a Deus por ele, para se levantar contra mim, persistindo em me armar traições até o dia de hoje?

14 E respondendo Aquimelec ao rei, disse: E quem há entre todos os teus servos, que te seja tão leal como Davi, e genro do rei, e o executor das tuas ordens e tão autorizado na tua casa?

15 Porventura é de hoje que eu comecei a consultar o Senhor por ele? Longe de mim tal: Não suspeite o rei semelhante coisa nem de mim seu servo, nem de toda a casa de meu pai: Porque o teu servo não soube, nesse particular, nem pouco nem muito.

16 E o rei disse: Morrerás para já, Aquimelec, tu, e toda a casa de teu pai.

17 E disse o rei para os emissários que o rodeavam: Voltai-vos contra os sacerdotes do Senhor, e matai-os: Porque eles têm inteligência com Davi: Sabiam que este tinha fugido, e não me avisaram disso. Porém os criados do rei não quiseram estender as suas mãos contra os sacerdotes do Senhor.

18 E disse o rei a Doeg: Vai tu, e lança-te sobre esses sacerdotes. E Doeg, idumeu, voltando-se contra os sacerdotes, se lançou sobre eles, e matou naquele dia oitenta e cinco homens, que estavam vestidos do efod de linho.

19 E passou ao fio da espada aos de Nobe, cidade sacerdotal, homens, e mulheres, e crianças, e meninos

1 Reis 22, 20-23; 23, 1-5

de mama, e passou também ao fio da espada bois, e jumentos, e ovelhas.

20 Mas escapando um filho de Aquimelec, filho de Aquitob, que se chamava Abiatar, fugiu para Davi,

21 e participou-lhe que Saul tinha feito morrer os sacerdotes do Senhor.

22 E disse Davi a Abiatar: Eu bem sabia aquêlê dia, que tendo-se achado ali Doeg, idumeu, certamente o havia de dizer a Saul: Eu sou a causa de tôdas as mortes da casa de teu pai.

23 Fica comigo, não temas: Se alguém buscar a minha vida, buscará também a tua, e salvar-te-ás comigo.

CAPÍTULO 23

DAVI LIVRA A CEILA. RETIRA-SE AO DESERTO DE ZIF. SAUL O PERSEGUE NO DESERTO DE MAON.

1. Noticiaram porém a Davi, dizendo: Eis-aí os filisteus atacam Ceila, e roubam as eiras. (1)

2 Consultou pois Davi o Senhor, dizendo: Marcharei eu contra êstes filisteus, e desbaratá-los-ei? E o Senhor respondeu a Davi: Vai, e desbaratarás os filisteus, e salvarás a Ceila.

3 E os homens, que estavam com Davi, lhe disseram: Vês, que estando nós aqui na Judéia temos medo: Quanto mais se formos a Ceila contra os esquadrões dos filisteus?

4 Segunda vez pois Davi consultou o Senhor, que respondendo lhe disse: Levanta-te e vai a Ceila: Porque eu entregarei os filisteus nas tuas mãos.

5 Abalou pois Davi com a sua gente para Ceila, e pelejou contra os filisteus, e fêz nêles grande mortan-

(1) **CEILA** — Ficava nas vizinhanças da região dos filisteus.

dade, e levou-lhes os seus gados: E salvou Davi os habitantes de Ceila.

6 Mas no tempo em que Abiatar, filho de Aquimelec, fugia para Davi em Ceila, tinha êle ido levando consigo o efod.

7 Noticiou-se porém a Saul que Davi tinha ido para Ceila: e disse Saul: Deus o entregou nas minhas mãos, e está apanhado, pois que entrou numa cidade que tem portas e fechaduras.

8 E mandou Saul a todo o povo que marchasse a Ceila para a peleja: E que sitiasse a Davi, e aos seus. (2)

9 Tendo Davi sido avisado que Saul lhe maquinava secretamente a ruína, disse para o pontífice Abiatar: Toma o efod.

10 E Davi disse: Senhor Deus de Israel, o teu servo soube que Saul se prepara para vir a Ceila, para destruir esta cidade por minha causa.

11 Entregar-me-ão pois os habitantes de Ceila nas suas mãos? e virá Saul, como o teu servo o ouviu? Senhor Deus de Israel, dá a conhecer isto ao teu servo. E respondeu o Senhor: Há-de vir.

12 E disse Davi: Acaso os habitantes de Ceila me entregarão a mim, e a gente que está comigo, nas mãos de Saul? E o Senhor respondeu: Não-de entregar.

13 Dispôs-se logo Davi e a sua gente, que eram perto de seiscentos homens, e tendo partido de Ceila, marchavam incertos ora para cá ora para lá: E avisou-se a Saul que Davi tinha fugido de Ceila, e se salvara: Pela qual razão Saul dissimulou querer sair.

14 Davi porém assistia no deserto em lugares mui seguros, e ficou no monte do deserto de Zif, monte co-

(2) MANDOU SAUL — O chamamento às armas era uma prerrogativa da realza.

1 Reis 23, 15-22

berto de arvoredo: Saul todavia o buscava incessantemente: Mas Deus não lho entregou nas suas mãos. (3)

15 E viu Davi que Saul tinha saído em busca da sua vida. Mas Davi estava no deserto de Zif numa brenha.

16 E levantou-se Jônatas, filho de Saul, e foi ter com Davi na brenha, e o confortou muito em Deus: E disse-lhe:

17 Não temas: Porque não te há de achar a mão de Saul meu pai, e tu reinarás sobre Israel, e eu serei o segundo depois de ti, e até mesmo Saul meu pai sabe isto.

18 Ambos pois fizeram aliança diante do Senhor: E ficou Davi na brenha: Jônatas porém tornou para sua casa.

19 Entretanto os de Zif vieram ter com Saul a Gabaa, dizendo: Tu não sabes que Davi está escondido entre nós nos lugares mais recatados do bosque, no outeiro de Haquila, que é à direita do deserto?

20 Agora pois, visto que o teu coração desejou achá-lo, vem: E por nós fica entregar-mo-lo nas mãos do rei.

21 E disse Saul: Abençoados sejais do Senhor porque vos condoestes dos meus males.

22 Ide pois, vos rogo, e fazei tôdas as diligências, e buscai com a maior curiosidade, e esquadrinhai o lugar onde êle possa estar, ou quem o poderá ter visto aí: Porque êle bem entende lá para si, que eu com manha o ando espreitando.

(3) NO DESERTO — De Judá, que fica entre as montanhas de Judá e a margem ocidental do mar Morto.

ZIF — Era a parte do deserto de Judá situada nos arredores da cidade de Zif, a sudeste de Hebron, ao norte do Carmelo e de Maon.

23 Examinai e averiguii todos os seus esconderijos, onde êle se oculta: E depois de certificados vinde-mo dizer, para eu ir convosco: Pois ainda quando êle se tenha escondido nas entranhas da terra, eu o buscarei entre todos os milhares de Judá. (4)

24 Êles porém partindo foram a Zif adiante de Saul: Mas Davi e os seus estavam no deserto de Maon, na planície à direita de Jesimon. (5)

25 Foi pois Saul e tôda a sua gente em busca dêle: O que se noticiou a Davi, e imediatamente se retirou para o rochedo, e morava no deserto de Maon: O que tendo Saul sabido, entrou pelo deserto de Maon para perseguir a Davi.

26 E costeava Saul o monte por uma parte: Davi porém e os seus costeavam o monte pela outra parte: Mas Davi desesperava de poder escapar das mãos de Saul: Porque Saul e os seus tinham cercado a Davi e a sua gente em forma de coroa, para os prender.

27 Eis que chegou um mensageiro a Saul, dizendo: Apressa-te, e vem, porque os filisteus invadiram o país.

28 Tornou-se pois Saul deixando de perseguir a Davi, e foi-se encontrar com os filisteus: E por isso se chamou aquêlê lugar, o Rochedo da separação.

(4) **ENTRE TODOS OS MILHARES DE JUDÁ** — Quer dizer, entre todos os homens de Judá.

(5) **MAON** — A cidade dêste nome, situada a duas horas para o sul de Zif; dava o nome ao deserto que a rodeava.

CAPÍTULO 24

DAVI SE RETIRA À COVA DE ENGADI. ENTRA SAUL NELA SÓ.
DAVI LHE CORTA A PONTA DO VESTIDO. SAUL RECO-
NHECE A INOCÊNCIA DE DAVI.

1 Saiu pois Davi dali: E habitou nos lugares mais seguros de Engadi. (1)

2 E tendo voltado Saul de perseguir os filisteus, noticiaram-lhe, dizendo: Adverte, que Davi está no deserto de Engadi.

3 Tomando Saul pois consigo três mil homens escolhidos de todo o Israel, saiu a buscar a Davi e à sua gente, até sobre os rochedos mais escarpados onde só podem subir as cabras montesas.

4 E chegou a uns currais de ovelhas, que encontrou no caminho: E havia lá uma cova onde entrou Saul, a fazer as suas necessidades: Mas Davi e os seus estavam escondidos no interior da mesma cova.

5 E disseram a Davi os seus criados: Eis-aqui o dia, do qual o Senhor te disse: Eu te entregarei o teu inimigo, para fazeres dê-lo o que bem te parecer. Chegou-se pois Davi, e cortou muito de mansinho a orla do manto de Saul.

6 E logo depois bateu o coração de Davi, por ter cortado a orla do manto de Saul. (2)

(1) **ENGADI** — Cidade amorreia, pertencente à tribo de Judá, a oeste do mar Morto. Seus arredores eram férteis em vinhas e palmeiras. Chamava-se também Asason-Tamar.

(2) **BATEU O CORAÇÃO DE DAVI** — Sinal de arrependimento depois do remorso. Este explica-se porque Davi considerava o rei como representante direto da Divindade. A Vulgata exprime-se assim: — *Post haec percussit cor suum David*, — não sendo fácil saber qual é o sujeito e qual o complemento direto. O original hebraico tira-nos as dúvidas, porque está assim: *bateu o coração*

7 E disse para a sua gente: Deus me guarde de que eu faça uma tal coisa ao que é meu amo, ao ungido do Senhor, nem que eu estenda a mão contra êle, pois é o Cristo do Senhor.

8 E com estas palavras conteve Davi os seus, e impediu que êles se lançassem sôbre Saul: Pelo que Saul, saindo da caverna, prosseguia o seu caminho.

9 Levantou-se também Davi depois dêle: E tendo saído da caverna, gritou por detrás das costas de Saul, dizendo: Rei, meu senhor. E olhou Saul para trás: e Davi, abaixando-se até o chão, lhe fêz uma profunda reverência,

10 e disse a Saul: Por que dás tu ouvidos às palavras dos que te dizem: Davi intenta fazer-te mal?

11 Eis-aqui viste tu hoje com os teus olhos que o Senhor te entregou nas minhas mãos na caverna: e eu mesmo tive pensamentos de te matar, mas não o quis fazer: Porque disse: Não estenderei a mão sôbre meu amo, porque é o ungido do Senhor.

12 Antes vê, meu pai, e reconhece se é a orla do teu manto esta que tenho na minha mão: pois cortando a extremidade do teu vestido não quis estender a minha mão contra ti: adverte pois, e olha, que eu não sou culpável de algum mal, nem de alguma injustiça, e que não pequei contra ti: Mas tu andas buscando os meios de me tirares a vida.

13 O Senhor seja o juiz entre mim e ti, e o Senhor me vingue de ti: mas nunca a minha mão seja contra ti.

de Davi a êle, e mesmo o verbo empregado *nakah*, significa *percutere*, mas também *palpitare* (cor). Cfr. Leopoldo, ob. cit.; com

1 Reis 24, 14-23

14 E assim como se diz em antigo provérbio: Dos ímpios sairá a impiedade: Mas nunca a minha mão seja contra ti.

15 A quem persegues tu, ó rei de Israel? a quem persegues? Persegues a um cão morto, e a uma pulga.

16 Seja o Senhor juiz, e julgue entre mim e ti: e veja, e julgue a minha causa, e me livre das tuas mãos.

17 Como pois tivesse Davi acabado de dizer a Saul estas palavras, disse Saul: Porventura é esta a tua voz, ó meu filho Davi? E levantou Saul a sua voz, e chorou:

18 E disse a Davi: Tu és mais justo do que eu: Porque tu só me tens feito bem: e eu só te tenho feito mal.

19 E tu mostraste hoje os bens que me tens feito: Pois que tendo-me o Senhor entregue nas tuas mãos, tu me não tiraste a vida.

20 Porque quem há que achando a seu inimigo, o deixe ir sem lhe fazer mal? Mas o Senhor te pague esta benevolência, pelo que hoje obraste para comigo.

21 E agora porque sei que certissimamente hás-de reinar, e que hás-de ter em tua mão o reino de Israel:

22 Jura-me pelo Senhor, que não hás-de aniquilar a minha geração depois de mim, nem hás-de extinguir o meu nome da casa de meu pai.

23 E assim o jurou Davi a Saul. Voltou pois Saul para sua casa: e Davi, e a sua gente se retirou a lugares mais seguros.

razão o padre Pereira apresenta esta significação: logo depois remordeu a Davi a sua consciência.

CAPÍTULO 25

MORTE DE SAMUEL. DAVI SE RETIRA AO DESERTO DE FARAN. NABAL LHE NEGA OS VÍVERES QUE ELE LHE PEDIA. ABIGAIL APLACA A DAVI. MORTO NABAL, TOMA DAVI POR MULHER A ABIGAIL, E A AQUINOÃO: MICOL É DADA A FALTI.

1 E faleceu Samuel, e todo o Israel se juntou a chorá-lo, e o enterraram na sua casa em Ramata. E Davi se retirou para o deserto de Faran.

2 Havia porém no deserto de Maon um homem, que tinha as suas possessões no Carmelo, e este homem era muito rico, e tinha três mil ovelhas, e mil cabras: E succedeu fazer-se a tosquia do seu gado no Carmelo.

3 Chamava-se pois o tal homem Nabal, e sua mulher chamava-se Abigail: E era esta uma mulher prudentíssima e formosíssima: Seu marido porém era um homem duro, e péssimo, e malicioso: E vinha da linhagem de Caleb. (1)

4 Como pois Davi tivesse sabido no deserto que Nabal fazia a tosquia do seu rebanho,

5 enviou lá dez mancebos, e disse-lhes: Subi ao Carmelo, e ide a casa de Nabal e saudai-o da minha parte cortêsmente.

6 E dir-lhe-eis: Paz seja a meus irmãos, e a ti, e a paz seja à tua casa, e paz seja a tudo o que tens.

7 Eu ouvi dizer, que os teus pastôres, que viviam conosco no deserto, estão na tosquia: Nós nunca os molestamos, nem a eles lhes faltou nunca coisa alguma do

(1) NABAL — Se atendermos à etimologia da palavra, significa insensato, e Caleb significa cão.

1 Reis 25, 8-14

rebanho, por todo o tempo que estiveram conosco no Carmelo. (2)

8 Pergunta-o aos teus criados, e êles to dirão. Agora pois achem teus servos graça diante de teus olhos: Pois viemos em tão bom dia: Dá a teus servos, e a Davi teu filho, qualquer coisa que tiveres à mão. (3)

9 E chegando os criados de Davi, disseram a Nabal tôdas estas coisas da parte de Davi: e ficaram calados.

10 Respondendo pois Nabal aos criados de Davi, disse: Quem é Davi? e quem é o filho de Isai? Hoje não se vê outra coisa senão servos que fogem a seus amos.

11 Pegarei eu portanto no meu pão, e na minha água, e na carne das reses, que matei para os que tosquiavam as minhas ovelhas; dá-las-ei a uns homens, que eu não sei de onde são?

12 Voltaram pois os criados de Davi a tomar o seu caminho, e tendo chegado, lhe contaram tôdas as palavras que Nabal lhes tinha dito.

13 Então disse Davi à gente: Tome cada um a sua espada. E cingiram todos as suas espadas, e cingiu também Davi a sua: E foram seguindo a Davi perto de quatrocentos homens: E ficaram duzentos com a equipagem.

14 E um dos criados de Nabal noticiou a Abigail, sua mulher, dizendo: Sabe que Davi enviou do deserto mensageiros, para cumprimentarem a nosso amo: e êle os repeliu muito vilmente:

(2) **LHES FALTOU NUNCA COISA ALGUMA** — Nesta região os rebanhos estão expostos aos assaltos dos bandos de beduínos salteadores.

(3) **EM TÃO BOM DIA** — Isto é, num dia de festa. A tosquia dos rebanhos terminava por uma festa campestre.

15 Estes homens têm-nos sido muito úteis, e nunca nos foram molestos: E enquanto nós vivemos com eles no deserto, nada se perdeu:

16 Eles nos serviam como de muro, assim de noite como de dia, por todo o tempo que nós apascentamos entre eles os rebanhos.

17 Portanto considera, e vê o que deves fazer: porque o mal está de todo decretado contra teu marido, e contra a tua casa, e elle é um filho de Belial, de maneira que ninguém é ousado a falar-lhe.

18 Apressou-se pois Abigail, e tomou duzentos pães, e dois odres de vinho, e cinco carneiros cozidos, e cinco alqueires de farinha, e cem cachos de passas de uvas, e duzentas pastas de figos secos, e pôs tudo em cima de jumentos: (4)

19 E disse aos seus criados: Ide adiante de mim: Que eu vos seguirei logo: E não disse nada disto a Nabal, seu marido.

20 Montada pois num jumento, a tempo que descia pelas faldas do monte, descia também Davi com a sua gente para ela: e Abigail se encontrou com elles:

21 E disse Davi: Em verdade que de nada me serviu ter eu conservado no deserto tudo o que era deste homem, sem que se lhe perdesse nunca coisa alguma: E elle me tornou mal por bem.

22 Deus trate com todo o seu rigor os inimigos de Davi, se eu até amanhã deixar viva coisa que seja dêle, ainda a um dos que urinam à parede. (5)

(4) OEM CACHOS DE PASSAS DE UVAS — Em hebreu está *debelâh*, espécie de bôlo redondo, feito de figos e uvas pisadas, ainda hoje vulgar no Oriente, e que serve de farnel nas expedições e viagens.

(5) UM DOS QUE URINAM A PAREDE — Querem alguns que esta frase seja uma forma proverbial e hiperbólica dos hebreus para

23 Mas Abigail tanto que viu Davi, apressou-se, e desceu do jumento, e prostrou-se diante de Davi sobre o seu rosto, e fêz-lhe uma profunda reverência,

24 e lançou-se a seus pés, e disse: Sobre mim caia, meu senhor, esta iniquidade: Peço-te que permitas à tua escrava falar-te: E ouve o que te diz a tua serva.

25 Não faça abalo, te peço no coração de meu senhor, e de meu rei a injustiça de Nabal: Porque como o denota o seu nome, é um insensato, e a loucura está com êle: Mas eu, tua escrava, não vi os criados que tu, meu senhor, enviaste.

26 Agora pois, meu senhor, viva o Senhor, e viva a tua alma, pois que o Senhor te impediu que não vieses derramar sangue, nem te vingasses pela tua mão: E sejam agora como Nabal os teus inimigos, e os que buscam fazer mal a meu senhor.

27 Portanto aceita esta bênção, que a tua escrava te trouxe a ti, meu senhor, e reparte dela com os que te seguem, meu senhor.

28 Perdoa a tua escrava êste pecado: Porque certissimamente o Senhor estabelecerá em ti, meu senhor, uma casa permanente, pois que por êle combates, meu senhor: Não se ache pois culpa em ti por todos os dias da tua vida.

29 Porque se em algum tempo se levantar alguém para te perseguir, e buscar a tua alma, será a alma do meu senhor guardada como no ramallete dos que vi-

significar perifrasticamente o cão: Bochart e outros críticos entendem que se refere ao homem, e para esta interpretação se inclina Vigouroux, devendo entender-se por esta expressão todos os indivíduos do sexo masculino, o que confirmam as outras passagens em que se encontra esta frase.

vem no Senhor teu Deus: E a alma de teus inimigos será arrojada, como com giro e ímpeto de funda. (6)

30 Quando o Senhor pois te tiver feito a ti, meu senhor, todos os bens que êle predisse de ti, e te tiver estabelecido por general sôbre Israel,

31 não terás no coração êste pesar, nem êste remorso, meu senhor, de que derramaste o sangue inocente, e de que te vingaste a ti mesmo: E quando o Senhor tiver feito a meu senhor êstes bens, lembrar-te-ás da tua escrava.

32 E Davi respondeu a Abigail: Bendito seja o Senhor Deus de Israel, que te enviou hoje a meu encontro, e bendita a tua palavra,

33 e bendita tu, que me tolheste hoje o derramar sangue, e vingar-me pela minha mão.

34 De outro modo juro pelo Senhor Deus de Israel, que me impediu que te não fizesse mal: Que se tu não vieras logo ao meu encontro não teria ficado nada com vida até amanhã em casa de Nabal, ainda um dos que urinam à parede.

35 Aceitou pois Davi da sua mão tudo o que Abigail lhe tinha trazido, e disse-lhe: Vai-te em paz para tua casa, bem vês que fiz o que me pediste, e que honrei a tua presença.

36 E voltou Abigail para Nabal, e eis que achou que êle fazia em sua casa um banquete, como um banquete de rei, e que o seu coração nadava em alegria: Porque tinha bebido vinho com excesso: E não lhe quis falar nem pouco nem muito até pela manhã.

6 NO RAMALHETE DOS QUE VIVEM NO SENHOR — Esta expressão designa a reunião dos bons no céu, ou dos justos que militam na terra. As iniciais desta frase encontram-se como fecho de todos os epitáfios dos túmulos dos judeus no Oriente.

37 Ao outro dia muito cedo quando Nabal tinha já digerido o vinho, contou-lhe sua mulher tudo o que se tinha passado, e o seu coração ficou como morto interiormente, imóvel como uma pedra. (7)

38 E passados dez dias, feriu o Senhor a Nabal, e este morreu.

39 E tendo Davi ouvido a morte de Nabal, disse: Bendito seja o Senhor, que me vingou do avilanado modo com que Nabal se houvera comigo, e preservou a seu servo do mal, e fez que a iniquidade de Nabal recaísse sobre a sua cabeça. Entretanto enviou Davi mensageiros a Abigail, que lhe falassem, que elle a queria tomar por sua mulher.

40 E vieram os mensageiros de Davi ter com Abigail ao Carmelo, e lhe falaram, dizendo: Davi nos enviou a ti, para te significar que elle deseja casar contigo.

41 No mesmo ponto se lançou Abigail por terra, e disse: Eis-aqui a tua criada, que será uma escrava. para lavar os pés aos criados de meu senhor.

42 E levantando-se depressa Abigail, montou num jumento, e foram com ela cinco moças, criadas suas, e seguiu os mensageiros de Davi: E elle casou com ela.

43 E Davi se desposou também com Aquinoão, que era de Jezrael: E foi uma e outra sua mulher.

44 Saul porém tinha dado Micol, sua filha, mulher de Davi, a Falti, filho de Lais, que era de Galim.

(7) **E O SEU CORAÇÃO FICOU COMO MORTO** — E' muito verossímil que este homem, dum temperamento exaltado e irascível, fôsse acometido por um insulto apoplético, castigo infligido por Deus contra as suas prevaricações.

CAPÍTULO 26

SEGUNDA VEZ SE RETIRA DAVI PARA O DESERTO DE ZIF. VEM SAUL ALI BUSCÁ-LO. DAVI ENTRA DE NOITE NA TENDA DE SAUL, E LHE LEVA A SUA LANÇA, E O SEU COPO. SAUL RECONHECE A INOCÊNCIA DE DAVI.

1 E vieram ter os de Zif com Saul a Gabaa, dizendo: Sabe que Davi está escondido no outeiro de Haquila, que é defronte do deserto.

2 E levantou-se Saul, e desceu ao deserto de Zif, e tomou consigo três mil homens escolhidos de todo o Israel, para buscar a Davi no deserto de Zif.

3 E acampou-se Saul em Gabaa no outeiro de Haquila, que é defronte do deserto sobre o caminho: Davi pois morava no deserto. E vendo que Saul o tinha vindo buscar pelo deserto,

4 enviou uns espias, e soube certissimamente que Saul era chegado ali.

5 E partiu Davi caladamente, e veio ao lugar onde estava Saul: e tendo reconhecido o lugar onde dormia Saul, e Abner, filho de Ner, general das suas tropas, e que Saul dormia na sua tenda, e ao redor dêle toda a mais gente,

6 disse Davi para Aquimelec heteu, e para Abisai, filho de Sarvia, irmão de Joab: Quem descerá comigo ao campo de Saul? E respondeu Abisai: Eu descerei contigo.

7 Vieram pois Davi e Abisai de noite meter-se entre aquela gente, e acharam a Saul deitado e dormindo na sua tenda, e a sua lança pregada na terra à sua cabeceira, Abner e toda a sua gente dormindo ao redor dêle.

8 E disse Abisai a Davi: Deus te entregou hoje nas mãos o teu inimigo: Agora pois eu o atravessarei

1 Reis 26, 9-15

com a lança até o chão dum só golpe, e não será necessário segundo.

9 Mas Davi disse a Abisai: Não o mates: Pois quem estenderá a sua mão contra o ungido do Senhor, e será inocente? (1)

10 E disse Davi: Viva o Senhor, que menos que o Senhor o não mate, ou chegue o dia da sua morte, ou estando em batalha pereça:

11 Não permita o Senhor que eu estenda a minha mão contra o ungido do Senhor. Agora pois toma a lança, que está à sua cabeceira, e o copo d'água, e vamos-nos.

12 Tomou pois Davi a lança, e o copo d'água, que estava à cabeceira de Saul, e foram-se: E não houve ninguém, que os visse, nem que se percebesse, nem que acordasse, mas todos dormiam, porque um profundo sono do Senhor se tinha apoderado d'êles. (2)

13 E como Davi tivesse passado à parte contrária, e parasse ao longe no alto do monte, e havendo entre êles grande distância,

14 bradou Davi à gente, e a Abner, filho de Ner, dizendo: Pois que, Abner, não me responderás? E respondendo Abner, disse: Quem és tu que estás gritando, e desassossegas o rei?

15 E disse Davi a Abner: Não és tu êsse valente homem? e quem há em Israel tal como tu? como pois não guardaste tu o rei, teu senhor? porque aí veio um do povo para matar o rei, teu senhor.

(1) **UNGIDO DO SENHOR** — A consagração tornara Saul inviolável.

(2) **SONO DO SENHOR** — Isto é, enviado pelo Senhor, como livre e injustificadamente traduziu o padre Pereira; mas melhor interpretação nos parece considerar a palavra Senhor como superlativo, tendo êste sentido — estavam imersos num profundíssimo sono.

16 Não é bom isto, que fizeste: Viva o Senhor, que vós mereceis a morte, vós outros que tão mal guardastes a vosso amo, ao ungido do Senhor: Vêde pois agora onde está a lança do rei, e onde está o copo d'água, que estava à sua cabeceira.

17 Conheceu pois Saul a voz de Davi, e disse: Não é esta a tua voz, meu filho Davi, e Davi disse: Minha voz é, ó rei meu senhor.

18 E disse: Por que persegue o meu senhor o seu servo? que fiz eu? ou que maldade se acha na minha mão?

19 Ouve pois agora, te rogo, rei meu senhor, as palavras de teu servo: Se o Senhor te incita contra mim, recceba êle o cheiro do sacrifício: Se porém são os filhos dos homens, malditos são diante do Senhor: Porque me arrojavam hoje, para que eu não habite na herança do Senhor, dizendo: Vai, serve a deuses estranhos.

20 Agora pois não se derrame o meu sangue na terra diante do Senhor: Porque saiu o rei de Israel em busca de uma pulga, assim como se persegue uma perdiz nos montes.

21 E Saul disse: Pequei, vem tu, meu filho Davi: Em verdade não te tornarei a fazer mal daqui em diante, pois que a minha vida foi hoje preciosa diante dos teus olhos; porque bem se vê que tenho obrado nesciamente, e que ignorei muitas e muitas coisas.

22 E respondendo Davi, disse: Eis-aqui a lança do rei: Venha cá um de seus criados, e leve-a.

23 O Senhor pois retribuirá a cada um conforme a sua justiça, e fidelidade: Porque o Senhor te entregou hoje na minha mão, e eu não quis estender a minha mão contra o ungido do Senhor.

24 E assim como foi a tua alma hoje preciosa, diante de meus olhos, assim a minha alma seja preciosa

1 Reis 26, 25; 27, 1-5

diante dos olhos do Senhor, e êle me livre de tôda a tribulação.

25 Disse pois Saul a Davi: Bendito sejas tu, meu filho Davi: e certamente serás bem sucedido nas tuas emprêsas, e o teu poder será grande. Com isto se foi Davi ao seu caminho, e Saul voltou para sua casa.

CAPÍTULO 27

DAVI SE RETIRA OUTRA VEZ PARA CASA DE AQUIS, REI DE GET. ESTE PRÍNCIPE LHE DA' SICELEG. DAVI FAZ VÁRIAS CORRERIAS CONTRA OS INIMIGOS DE ISRAEL.

1 E disse Davi no seu coração: Por fim em algum dia virei a cair nas mãos de Saul: Não é logo melhor que eu fuja, e me salve no país dos filisteus, para que Saul perca de todo as esperanças, e cesse de me buscar por tôdas as terras de Israel? Fugirei portanto das suas mãos.

2 E partiu Davi, e se foi com os seus seiscentos homens, para Aquis, filho de Maoc, rei de Get. (1)

3 E habitou Davi com Aquis em Get, êle e os seus; cada um com as suas famílias; e Davi com as suas duas mulheres, Aquinoão de Jezrael, e Abigail, mulher que foi de Nabal do Carmelo.

4 E foi Saul avisado de que Davi se tinha retirado a Get, e não cuidou mais em o buscar.

5 Davi porém disse a Aquis: Se eu achei graça diante dos teus olhos, dá-me lugar em uma das cidades dêste país, onde eu habite: Pois a que fim assistirá o teu servo contigo na cidade real?

(1) **GET** — Uma das cinco cidades dos filisteus.

6 Aquis pois lhe deu naquele dia a Siceleg: E deste modo veio Siceleg aos reis de Judá, até ao dia de hoje. (2)

7 E o tempo que morou Davi nas terras dos filisteus, foi o de quatro meses.

8 E Davi saía com a sua gente, e faziam prêsas sobre Gessuri, e Gerzi, e sobre os amalecitas: Porque estas aldeias eram antigamente habitadas naquela terra, desde o caminho de Sur até à terra do Egito. (3)

9 E Davi matava tudo quanto encontrava no país, sem deixar com vida nem homem nem mulher: E tirando as ovelhas, e os bois, e os vestidos, voltava, e vinha para Aquis.

10 E Aquis lhe perguntava: Para que parte fizeste tu hoje a correria? Respondia-lhe Davi: Para o meio-dia de Judá, e para o meio-dia de Jerameel, e para o meio-dia de Ceni. (4)

11 Não deixava Davi com vida nem homem, nem mulher, nem trazia nenhum a Get, dizendo: Não suceda que falem contra nós: Assim é que Davi se portava: E esta foi a sua determinação por todo o tempo que habitou entre os filisteus.

12 Aquis pois se confiava de Davi, dizendo: Ele tem feito grandes males a Israel seu povo: Por isso estará sempre a meu serviço.

(2) **SICELEG** — Ao sul de Judá; não se conhece hoje a sua situação precisa. Foi propriedade particular de Davi.

(3) **FAZIAM PRÊSAS** — Ainda hoje persiste este costume. Davi e os amalecitas assaltavam-se mutuamente.

(4) **AO MEIO-DIA DE JUDÁ** — Onde residiam os amalecitas.
JERAMEEL — Da tribo de Judá.

CAPÍTULO 28

ÚLTIMA GUERRA DOS FILISTEUS CONTRA SAUL. E' DAVI OBRIGADO A ACOMPANHAR A AQUIS, REI DE GET. SAUL CONSULTA UMA PITONISA, QUE INVOCA A SAMUEL.

1 Sucedeu pois naquele tempo, ajuntarem os filisteus as suas tropas, para se prepararem, para combater contra Israel: E disse Aquis a Davi: Tem por certíssimo, que tu hás de vir comigo à campanha, tu, e a tua gente.

2 E Davi disse a Aquis: Tu verás agora o que há de fazer o teu servo. E disse Aquis a Davi: E eu te terei para sempre por guarda da minha pessoa.

3 Samuel porém era falecido, e todo o Israel o tinha chorado, e o enterraram em Ramata, sua pátria. E Saul tinha lançado fora da terra os mágicos, e adivinhos.

4 E ajuntaram-se os filisteus, e vieram acampar-se a Sunam: Saul porém ajuntou também tôdas as tropas de Israel, e veio a Gelboé. (1)

5 E vendo Saul o exército dos filisteus, penetrou-se de medo, e seu coração se intimidou sobremaneira.

6 E consultou ao Senhor, e não lhe respondeu nem por sonhos, nem por sacerdotes, nem por profetas.

7 E disse Saul para os seus servos: Buscai-me uma mulher que tenha o espírito de Piton, e eu irei ter com ela, e a consultarei. E os seus servos lhe disseram: Em Endor há uma mulher que tem o espírito de Piton.

8 Mudou pois Saul seus hábitos: E tomou outros vestidos, e partiu êle, e dois homens o acompanhavam, e chegaram de noite a casa da mulher, e disse-lhe: Adi-

(1) SUNAM — Ou Semem, na planície de Esdreion, ao norte de Jezrael, ao sul de Naim.

vinha-me pelo espírito de Piton, e faze-me aparecer quem eu te disser.

9 E a mulher lhe respondeu: Tu bem sabes tudo o que fez Saul, e como êle exterminou da terra os mágicos e os adivinhos: Por que me armas tu logo um laço à minha vida, para me matarem? (2)

10 E Saul lhe jurou, pelo Senhor, dizendo: Viva o Senhor, que disto não te virá mal algum.

11 E disse-lhe a mulher: Quem queres tu que te apareça? Disse Saul: Faze-me aparecer a Samuel.

12 E a mulher tendo visto Samuel aparecer deu um grande grito: E disse a Saul: Por que me enganaste tu? Tu pois és Saul. (3)

13 E o rei lhe disse: Não temas: Que viste tu? E disse a mulher a Saul: Vi deuses que subiam da terra. (4)

14 E disse-lhe Saul: Como é a sua figura? Respondeu a mulher: Subiu um homem ancião, e êsse coberto com uma capa. E entendeu Saul que era Samuel, e fêz-lhe uma profunda reverência, e prostrou-se por terra.

(2) **PARA ME MATAREM** — Moisés tinha condenado a nigromancia como uma abominação, e ameaçado com a pena de morte o que a praticasse. Lev 19, 31; 20, 6-27.

(3) **E A MULHER TENDO VISTO SAMUEL APARECER** — Os melhores exegetas, baseados nas mais autorizadas opiniões dos intérpretes judeus, católicos e sobretudo Padres da Igreja, sustentam que Samuel apareceu realmente em pessoa a Saul, por uma intervenção sobrenatural da Onipotência divina. Esta opinião é a que mais se conforma com o texto, e modernamente é defendida por Vigouroux, cuja autoridade é incontestável.

(4) **VI DEUSES** — A palavra *Eloim* é forma plural de excelência, com que se designa a Divindade. Também se aplica aos anjos, juizes e magistrados, porém aqui pluraliza-se para indicar o profundo respeito pelo Deus verdadeiro. Vigouroux, *ob. cit.*

15 Disse pois Samuel a Saul: Por que me inquietaste fazendo-me vir cá? E Saul lhe respondeu: Eu acho-me no último apêrto: Porque os filisteus me fazem guerra, e Deus se retirou de mim, e não me quis ouvir nem por profetas, nem por sonhos: Por essa razão te chamei, para que me declarasses o que devo fazer.

16 E disse Samuel: Para que me perguntas, quando o Senhor te tem desamparado, e se passou para o teu rival?

17 Porque o Senhor te tratará, como eu to disse da sua parte, e dividirá o teu reino da tua mão, e o dará a Davi, teu parente mais próximo:

18 Já que não obedeceste à lei do Senhor, nem executaste o decreto da sua ira contra os amalecitas: Por isso te fez hoje o Senhor isso que padeces.

19 E o Senhor até entregará contigo Israel nas mãos dos filisteus: Amanhã pois tu, e teus filhos se-reis comigo: E até o Senhor entregará também nas mãos dos filisteus o campo de Israel.

20 E imediatamente caiu Saul estendido por terra: Porque se espantou com as palavras de Samuel, e lhe faltaram as forças, porque não tinha comido nada todo aquêle dia.

21 Estando Saul assim turbado, veio aquela mulher a êle, e lhe disse: Bem vês que a tua escrava obedeceu a tua voz, e que eu expus a minha vida por ti: E ouvi as palavras que me disseste.

22 Ouve pois agora também a tua escrava, e pôr-te-ei diante um bocado de pão, para que, comendo-o, recobres forças, e possas fazer jornada.

23 Êle o recusou, e disse: Não comerei. Porém os seus servos e aquela mulher o constrangeram a isso, e tendo enfim cedido a seus rogos se levantou do chão, e se assentou num leito.

24 A mulher porém tinha em sua casa um gordo novilho, e apressou-se, e matou-o: E tomando farinha, a amassou e cozeu uns pães asmos,

25 e pôs tudo diante a Saul, e aos seus servos. E tendo comido, se levantaram, e caminharam tôda aquela noite.

CAPÍTULO 29

OS PRÍNCIPES DOS FILISTEUS OBRIGAM AQUIS A REMETER DAVI A SICELEG.

1 Ajuntaram-se pois todos os esquadrões dos filisteus em Afec: Mas Israel também veio acampar-se à fonte que havia em Jezrael. (1)

2 E os príncipes dos filisteus marchavam na frente das suas companheiras e dos seus regimentos: Davi porém e a sua gente iam na retaguarda com Aquis.

3 E disseram os príncipes dos filisteus a Aquis: A que fim vêm aqui êsses hebreus? E Aquis respondeu aos príncipes dos filisteus: Pois vós não conheceis a Davi, que serviu a Saul, rei de Israel, e que está em minha companhia há muitos dias, ou anos, e que nunca achei nêla coisa que me desagradasse, desde o dia que êle se refugiou para mim até o dia de hoje?

4 Mas os príncipes dos filisteus se iraram contra êle e lhe disseram: Vá-se embora êsse homem, e deixe-se estar no seu lugar, em que tu o puseste, e não se ache conosco na batalha, não suceda voltar-se contra nós, quando começarmos o combate: Pois como poderá êle

(1) AFEC — Ficava a este de Naim, ao norte de Simen.

FONTE QUE HAVIA EM JEZRAEL — E', segundo uns, a fonte de Ain Harod, a que se refere o c. 7 dos Jz, v. 5; segundo outros, é a fonte que está perto de Zerim, a antiga Jezrael.

1 Reis 29, 5-11

de outro modo aplacar a seu amo, senão com as nossas cabeças?

5 Acaso não é êste aquêlê Davi, em cujo louvor cantavam as dançantes dizendo: Saul matou mil e Davi dez mil?

6 Chamou pois Aquis a Davi, e lhe disse: Viva o Senhor, que tu és justo, e bom diante dos meus olhos: E que saíste e entraste no meu exército: E nunca achei em ti coisa que me desgostasse desde o dia que vieste para mim, até ao dia de hoje: Mas tu não agradas aos príncipes. (2)

7 Retira-te pois, e vai-te em paz, por não dares nos olhos aos príncipes dos filisteus.

8 E disse Davi a Aquis: Pois que fiz eu e que achaste tu no teu servo desde o tempo que eu te apareci até êste dia, para que eu não vá a pelear contra os inimigos do rei, meu senhor?

9 Mas Aquis respondendo, disse a Davi: Eu bem sei que és bom nos meus olhos, como um anjo de Deus: Mas os príncipes dos filisteus disseram: Êle não há de ir conosco à batalha.

10 Assim levanta-te amanhã pela manhã, tu e os servos de teu amo, que vieram contigo: E, levantando-vos de noite, parti logo que principie a raiar a aurora.

11 Levantou-se pois Davi ainda de noite e a sua gente, para partirem pela manhã, e voltarem para a terra dos filisteus: Os filisteus porém marcharam para Jezrael.

(2) **VIVA O SENHOR** — Juramento expresso por Aquis para dar certeza a Davi.

CAPÍTULO 30

DAVI NA SUA VOLTA ACHA A SICELEG SAQUEADA PELOS AMALECITAS. ELE OS PERSEGUE, CORTA NELES, E SE FAZ SENHOR DA PRÊSA, QUE É REPARTIDA PELAS SUAS TROPAS, E PELOS ANCIÃOS DE JUDÁ.

1 E tendo ao terceiro dia chegado Davi e os seus a Siceleg, os amalecitas tinham do lado austral feito uma invasão em Siceleg, e a tinham tomado e queimado. (1)

2 E tinham levado dali cativas as mulheres, desde o mais pequeno até o maior: E não tinham morto a ninguém, mas tinham levado tudo consigo, e voltavam pelo seu caminho.

3 Como pois chegassem Davi e a sua gente à cidade, e a achassem queimada, e suas mulheres e seus filhos, e filhas levados cativos,

4 levantaram as suas vozes Davi e a sua gente que se achava com êle, e choraram até se lhes esgotarem as lágrimas.

5 Porque também tinham ido cativas as duas mulheres de Davi, Aquinoão de Jezrael, e Abigail, viúva de Nabal do Carmelo.

6 E Davi se desgostou por extremo: Porque o povo o queria apedrejar, porque todos estavam amargurados em seu coração por causa de seus filhos, e filhas: Mas Davi se confortou no Senhor seu Deus.

7 E disse para o pontífice Abiatar, filho de Aquimelec: Chega-me cá o efod. E Abiatar chegou o efod a Davi,

8 e Davi consultou ao Senhor, dizendo: Perseguirei eu a êstes ladrõezinhos, e apanhá-los-ei eu, ou não?

(1) DO LADO AUSTRAL — Na Palestina do sul, a Negeb.

1 Reis 30, 9-15

E o Senhor lhe respondeu: Persegue-os: Porque indubitavelmente os apanharás, e os esbulharás da prêsa.

9 Partiu pois Davi, êle os seiscentos homens que o acompanhavam, e vieram à torrente de Besor: E alguns que iam cansados fizeram alto. (2)

10 Prosseguiu pois Davi, e os quatrocentos homens: porque os duzentos que tinham ficado de cansados não puderam passar a torrente de Besor.

11 E acharam no campo a um egípcio, e o trouxeram a Davi: E deram-lhe pão a comer, e a beber água, (3)

12 e também um pedaço de pasta de figos secos, e duas penduras de passas de uvas. E tanto que comeu, cobrou alento, e recuperou fôrças: Porque havia três dias e três noites que não tinha comido pão, nem bebido água.

13 Disse-lhe pois Davi: De quem és tu? Ou donde vens? E para onde vais? E êle disse: Eu sou um moço egípcio, servo de um amalecita: Meu senhor porém me deixou, porque adoeci há três dias.

14 Porque nós fizemos uma irrupção para a banda meridional de Cereti, e para a banda de Judá, e para o meio-dia de Caleb, e pusemos fogo a Siceleg.

15 E disse-lhe Davi: Poderás tu guiar-me até onde está essa quadrilha? Êle respondeu: Jura-me tu por Deus, que me não hás de matar, e que me não hás de entregar nas mãos de meu senhor, e eu te guiarei até onde está essa quadrilha. E Davi lho jurou.

(2) **TORRENTE DE BESOR** — Esta torrente devia passar perto de Siceleg, ao sul e lançar-se no Mediterrâneo ao sul de Gaza. Cfr. Vigouroux, *ob. cit.*

(3) **UM EGÍPCIO** — O território dos amalecitas era vizinho do Egito, pelo que não admira que êles estivessem escravos desta região.

16 Tendo pois conduzido o egípcio, eis que eles estavam recostados em terra por todo o campo comendo e bebendo, e como celebrando um dia de festa, por toda a prêsa, e esbulho que tinham tomado da terra dos filisteus, e da terra de Judá.

17 E Davi fez matança nêles desde aquela tarde até à tarde do outro dia, e não lhe escapou dêles algum, exceto quatrocentos mancebos, que montaram nos seus camelos, e fugiram.

18 Recobrou Davi pois tudo o que os amalecitas tinham tomado, e livrou as suas duas mulheres.

19 Não faltou coisa alguma nem pequena nem grande, assim de filhos como de filhas, e do despôjo, e geralmente recobrou Davi tudo o que eles tinham apanhado.

20 E recobrou todos os rebanhos e manadas, e os fez caminhar adiante de si: E disseram: Esta é a prêsa de Davi.

21 Veio pois Davi ajuntar-se com os duzentos homens, que de cansados tinham parado, e não puderam seguir a Davi e aos quais tinha dado ordem que ficassem à torrente de Besor: Eles vieram ao encontro de Davi e dos que o acompanhavam. E Davi chegando-se a eles, os saudou em paz.

22 E respondendo alguns malvados e perversos de entre aquêles que tinham ido com Davi, disseram: Como esta gente não veio conosco, não lhe havemos de dar nada da prêsa, que nós tomamos: Contentem-se cada um de si, e torne a dar sua mulher e filhos: E logo que os receberem, vão-se.

23 Mas Davi disse: Não o fareis assim, meus irmãos, do que o Senhor nos entregou e nos conservou, já que pôs em nossas mãos êsses ladrõesinhos, que se lançaram sobre nós.

1 Reis 30, 24-31

24 Ninguém dará ouvidos a esta proposição que fazeis, porque tanto o que pelejou, como o que ficou guardando a bagagem, terão igual parte na prêsa, e ela se dividirá igualmente.

25 E isto ficou em prática desde aquêlê dia, e ao diante se estabeleceu e foi pôsto como uma lei em Israel até o dia de hoje.

26 Chegou pois Davi a Siceleg, e mandou seus dons da prêsa aos anciãos de Judá seus próximos, dizendo: Aceitai esta bênção dos despojos dos inimigos do Senhor. (4)

27 Aos que viviam em Betel, e aos de Ramot para o meio-dia, e aos de Jeter, (5)

28 e aos de Aroer, e aos de Sefamot, e aos de Estamo, (6)

29 e aos de Racal, e aos das cidades de Jerameel, e aos da cidade de Ceni, (7)

30 e aos de Arama, e aos do lago de Asan, e aos da Atac, (8)

31 e aos de Hebron, e a todos os outros que viviam naqueles lugares, onde o mesmo Davi tinha morado com os seus.

(4) **ESTA BÊNÇÃO** — Este presente, êste dom.

(5) **JETER** — Nas montanhas de Judá, cidade sacerdotal. Jos 21, 14.

(6) **AROER** — No Ararah.

SEFAMOT — Cidade desconhecida.

ESTAMO — Chamado também Estemo e Istemo, cidade sacerdotal das montanhas de Judá, ao sul de Hebron. Jos 21, 14.

(7) **RACAL** — Cidade desconhecida. Os Setenta lêem Carmelo, de que já falamos.

(8) **ARAMA** — Ou Horma Sefaat, Núm 14, 45.

SOBRE O LAGO DE ASAN — Lugar desconhecido. Diversos manuscritos e várias versões lêem Bor ou Ber Asan, isto é, o poço de Asan.

ATAQ — Lugar desconhecido.

CAPÍTULO 31

**BATALHA DOS FILISTEUS CONTRA SAUL. MORTE DE SAUL,
E DE SEUS FILHOS.**

1 Os filisteus porém pelejavam contra os israelitas: E à vista dos filisteus fugiram os israelitas, e morreram muitos dêles no monte de Gelboé.

2 E os filisteus investiram com Saul, e com seus filhos, e mataram a Jônatas, e Abinadab e Melquisua, filhos de Saul.

3 E todo o pêso do combate caiu sôbre Saul: E alcançaram-no os frecheiros, e êstes o feriram mui gravemente.

4 E disse Saul para o seu escudeiro: Desembainha a tua espada, e atravessa-me com ela: Para que não venham êstes incircuncidados, e me tirem a vida, escarnecendo de mim. Mas o seu escudeiro o não quis fazer: Porque se apoderou dêle um excessivo terror; tomou pois Saul a sua espada, e deixou-se cair sôbre ela.

5 O que vendo o seu escudeiro, que Saul era morto, lançou-se também êle mesmo sôbre a sua espada, e morreu ao pé dêle.

6 Morreu pois Saul e seus três filhos, e o seu escudeiro, e todos os que se achavam junto à sua pessoa naquêle dia.

7 Vendo porém os israelitas, que estavam da banda do vale, e de além do Jordão, que tinham fugido os israelitas, e que era morto Saul, e seus filhos, desampararam as suas cidades, e fugiram: E vieram os filisteus, e se estabeleceram nelas. (1)

(1) **DO VALE** — De Jezrael.

ALÉM DO JORDÃO — Era o país a oeste do Jordão, entre Gelboé e êste rio.

8 Ao outro dia porém vieram os filisteus despójar os mortos, e acharam a Saul e seus três filhos estirados no monte de Gelboé.

9 E cortaram a cabeça a Saul e despojaram-no das armas: E enviaram por toda a terra dos filisteus, para que se publicasse esta notícia no templo dos seus ídolos, e entre os povos. (2)

10 E puseram as armas de Saul no templo de Ashtarot, e penduraram o seu corpo no muro de Betsan.

11 Como os habitantes de Jabes de Galaad souberam tudo o que os filisteus tinham feito a Saul,

12 saíram todos os mais valentes, e marcharam toda a noite, e tiraram o cadáver de Saul, e os cadáveres de seus filhos do muro de Betsan: E voltaram para Jabes de Galaad, e ali os queimaram:

13 E tomaram os seus ossos, e sepultaram-nos no bosque de Jabes, e jejuaram sete dias. (3)

(2) **DOS SEUS ÍDOLOS** — Os principais deuses dos filisteus eram Dagon, que tinha templos em Azote Gaza; Desquéu em Ascalon, e Baal-Zebub, que tinha um oráculo em Acaron.

(3) **JEJUARAM** — Em sinal de luto. O jejum e o luto eram inseparáveis. *Sic in luctu publico fieri solebat* (Grotio).

R E I S

LIVRO SEGUNDO

SEGUNDO LIVRO DE SAMUEL

CAPÍTULO 1

TEM DAVI NOTÍCIA DA FUGIDA DE ISRAEL, E DA MORTE DE SAUL, E DE JONATAS. MANDA MATAR AO QUE SE GLO-RIAVA DE TER MORTO A SAUL. PRANTO DE DAVI PELA MORTE DOS DOIS.

1 Sucedeu depois da morte de Saul, que Davi, voltando da desfeita dos amalecitas, estêve dois dias em Siceleg. (1)

2 Ao terceiro dia porém appareceu um homem que vinha do campo de Saul com o vestido rasgado, e a cabeça coberta de pó: E tanto que chegou a Davi, prostrou-se com o rosto em terra, e o adorou. (2)

3 E Davi lhe disse: De onde vens tu? E êle lhe respondeu: Eu me salvei do exército de Israel.

4 E disse-lhe Davi: Como foi lá isso? dize-mo. E êle respondeu: O povo fugiu da batalha, e muitos do

(1) **SUCEDOU DEPOIS** — A narração segue ininterrompidamente, como dissemos na introdução.

(2) **VESTIDO RASGADO E A CABEÇA COBERTA DE PÓ** — Dois sinais de luto comuns entre os povos da antiguidade.

2 Reis 1, 5-12

povo caíram mortos: E até Saul e seu filho Jônatas pereceram. (3)

5 E disse Davi ao moço, que lhe dava esta nova: Como sabes tu que Saul, e Jônatas, seu filho morreram?

6 E respondeu-lhe o moço que lhe dava a notícia: Por acaso vim ao monte de Gelboé, e achei a Saul que se firmava sobre a sua lança: E as carroças, e cavaleiros se avizinham a êle, (4)

7 e olhando para trás, e vendo-me me chamou. E como lhe respondesse: Aqui me tens:

8 Perguntou-me: Quem és tu? E eu lhe respondo: Sou um amalecita.

9 E êle me disse: Lança-te a mim, e mata-me: Porque estou muito angustiado, e tôda a minha alma está ainda em mim.

10 E chegando-me a êle o matei: Porque via que êle não podia viver depois do estrago: E tomei o diadema que tinha na sua cabeça, e o bracelete do braço, e aqui to trouxe a ti, meu Senhor. (5)

11 Davi porém apanhando os seus vestidos os rasgou, e todos os que estavam com êle.

12 E prantearam, e choraram, e jejuaram até a tarde sobre Saul, e sobre Jônatas, seu filho, e sobre o Povo do Senhor, e sobre a Casa de Israel, por terem perecido à espada.

(3) **SAUL E SEU FILHO JÔNATAS** — Nomeia somente êstes, porque só êles queriam obstar ao futuro reinado de Davi. Os outros eram de somenos importância. *Hos tantum nominat, quia hi soli futuro Davidis regno obstare videbantur. Reliqui minus celebres erant.*

(4) **POR ACASO** — Não está no hebreu.

(5) **O BRACELETE** — Os homens de posição elevada usavam braceletes. Também é sabido que os romanos decoravam com coroas de ouro os vencedores dos seus combates.

13 E Davi disse ao moço que lhe trouxera a notícia: De onde és tu? O qual lhe respondeu: Eu sou filho de um homem estrangeiro de Amalec.

14 E Davi lhe disse: Como não temeste tu estender a mão para matares ao ungido do Senhor?

15 E chamando um dos seus criados, lhe disse: Lança-te a êsse homem, e mata-o. E êle o feriu, e morreu. (6)

16 E disse-lhe Davi: O teu sangue caia sôbre a tua cabeça: Porque tua própria bôca falou contra ti, dizendo: Eu matei o ungido do Senhor.

17 Fêz pois Davi êste cântico fúnebre sôbre Saul, e sôbre Jônatas, seu filho,

18 (e ordenou que ensinassem aos filhos de Judá o arco, conforme está escrito no Livro dos Justos). E disse: Considera, Israel, aos que morreram cobertos de feridas, sôbre os teus altos. (7)

19 Os nobres, ó Israel, foram mortos nos teus montes: Como caíram os valorosos?

20 Não o noticieis em Get: Nem o publiqueis nas praças de Ascalon: Não suceda alegrarem-se as filhas dos filisteus, não suceda triunfarem as filhas dos incircuncidados. (8)

21 Montes de Gelboé, nem orvalho nem chuva caia sôbre vós, nem haja campos de que oferecer primícias:

(6) **MORREU** — Esta execução sumária, que não era vulgar entre os judeus, que não condenavam só pela confissão da culpa, explica-se aqui pela necessidade que Davi tinha de vingar a honra da realza.

(7) **CONVIDOU ISRAEL** — Começa aqui a elegia da morte de Saul, belo trecho de poesia hebraica, composto com muita arte, e que os críticos comparam à ode XX do 1.º livro de Horácio, e à elegia de Malherbe a Duperrier pela morte de seu filho.

(8) **GET** — Uma das cinco cidades principais dos filisteus, perto das montanhas de Judá.

2 Reis 1, 22-27; 2, 1-2

Porque lá foi lançado por terra o escudo dos fortes, o escudo de Saul, como se não tivesse sido ungido com óleo.

22 A seta de Jônatas nunca voltou para trás sem sangue de mortos, sem gordura de fortes, nem a espada de Saul se retirou em vão.

23 Saul e Jônatas amáveis, e majestosos na sua vida, também na morte se não separaram: Mais ligeiros do que as águias, mais valentes do que os leões.

24 Filhas de Israel, chorai sobre Saul, que vos vestia de escarlata entre as delícias, e que vos dava os ornamentos de ouro para vosso enfeite.

25 Como caíram os fortes no combate? Como foi morto Jônatas nos teus montes?

26 Por ti me encho de mágoa, meu irmão Jônatas, o mais gentil, e o mais amável sobre as mais amáveis das mulheres. Eu te amava bem como uma mãe ama a seu filho único.

27 Como caíram os robustos e pereceram as armas guerreiras?

CAPÍTULO 2

E' DAVI UNGIDO REI DE JUDA. ISBOSET, FILHO DE SAUL É FEITO REI DE ISRAEL. BATALHA ENTRE O EXÉRCITO DE DAVI, E O DE ISBOSET. DAVI FICA VITORIOSO.

1 Depois disto consultou Davi o Senhor, dizendo: Irei eu para alguma das cidades de Judá? E o Senhor lhe respondeu: Vai. E disse Davi: Para qual irei? E o Senhor lhe respondeu: Para Hebron,

2 Foi pois Davi, e as suas duas mulheres, Aquinoã de Jezrael, e Abigail, viúva de Nabal do Carmelo;

3 Levou também Davi consigo a gente, que estava com êle, cada um com a sua família: E ficaram morando nas vilas de Hebron.

4 E vieram os da tribo de Judá, e ungiram ali a Davi para reinar sobre a casa de Judá. E noticiaram a Davi que os de Jabes de Galaad tinham sepultado a Saul. (1)

5 Mandou pois Davi mensageiros aos de Jabes de Galaad, a dizer-lhes: Benditos sejais vós do Senhor, por esta humanidade que usastes com Saul vosso Senhor, e porque o sepultastes.

6 E agora vos recompensará certamente o Senhor, segundo a sua misericórdia e verdade: E eu também vos galardoarei por esta ação que obrastes.

7 Cobrem alento vossas mãos, e sede homens de valor: Porque ainda que Saul, vosso senhor, é morto, contudo a casa de Judá me ungiu por seu rei.

8 Abner porém filho de Ner, general do exército de Saul, pegou em Isboset, filho de Saul, e o levou por todo o campo,

9 e o constituiu rei sobre Galaad e sobre Gessuri, e sobre Jezrael, e sobre Efraim, e sobre Benjamim, e sobre todo o Israel.

10 Tinha Isboset, filho de Saul, quarenta anos, quando começou a reinar em Israel, e reinou dois anos: E só a casa de Judá seguia a Davi. (2)

(1) **UNGIRAM** — Davi tinha já recebido a unção real; aqui se trata do reconhecimento oficial e público feito pelo povo, como se tinha praticado a respeito de Saul.

(2) **REINO DOIS ANOS** — Subentende-se — em paz. — E' indispensável esta restrição, pois que Isboset reinou enquanto Davi esteve no Hebron, isto é, sete anos e meio. No v. 1 do c. 3 lê-se que houve uma longa guerra entre a casa de Saul e de Davi.

2 Reis 2, 11-21

11 E o número dos dias, que permaneceu Davi, reinando em Hebron, sobre a casa de Judá, foi o de sete anos e seis meses.

12 E Abner, filho de Ner, com a gente de Isboset, filho de Saul, saiu do seu campo para Gabaon..

13 Mas Joab, filho de Sarvia, e as tropas de Davi saíram, e encontraram-se com eles perto da piscina de Gabaon. E tendo-se aproximado, acamparam-se um à vista do outro: Êstes da banda de cá da piscina, e aquêles da banda de lá.

14 E disse Abner a Joab: Saíam alguns dos moços, e escaramucem diante de nós. E Joab respondeu: Saíam.

15 Levantaram-se pois, e saíram em número de doze de Benjamim, por parte de Isboset, filho de Saul, e doze da gente de Davi.

16 E cada um dêles tomando pela cabeça ao seu competidor afincou a espada pelo costado do seu contrário, e morreram todos a um mesmo tempo: E ficou-se aquêlê lugar chamando: O campo dos valentes de Gabaon.

17 E seguiu-se uma crua peleja naquele dia: E foi pôsto em fuga Abner e os soldados de Israel pelas tropas de Davi.

18 Achavam-se pois no combate os três filhos de Sarvia, Joab, e Abisai, e Asael: Mas Aşael era mui ligeiro na carreira, como as cabras montesas, que habitam nas selvas.

19 Perseguia porém Asael a Abner, e não declinou nem para a direita, nem para a esquerda sem se descuidar de alcançar a Abner.

20 Olhou depois para trás Abner, e disse: Tu não és Asael? E êste respondeu: Sou eu.

21 E disse-lhe Abner: Corre para a direita, ou para a esquerda, e apanha algum dêsses moços, e toma

os seus despojos. Mas Asael não quis cessar de o perseguir.

22 E outra vez disse Abner a Asael: Retira-te, não me sigas, para que não me veja eu obrigado a te atravessar, e não possa eu mais aparecer diante de Joab, teu irmão.

23 Asael desprezou ouvi-lo, e não quis desviar-se: Pelo que Abner voltada a lança o feriu na virilha, e o atravessou, e morreu ali mesmo: E todos os que passavam por aquêlê lugar, onde Asael caíra morto, paravam.

24 Enquanto porém Joab, e Abisai seguiam a Abner que ia fugindo, pôs-se o sol: E chegaram até o outeiro do aqueduto, que está defronte do vale, pelo caminho que vai do deserto para Gabaon.

25 E os filhos de Benjamim se uniram com Abner: E cerrados em um batalhão, fizeram alto no cimo de um cabeço.

26 E gritou Abner a Joab, e disse: Acaso se embravecerá a tua espada até não ficar nenhum? Ignoras porventura que é coisa perigosa a desesperação? Para quando guardas dizer ao povo que deixe de perseguir seus irmãos?

27 E Joab respondeu: Viva o Senhor, que se tu o tivesses dito, desde manhã teria cessado o povo de perseguir a seus irmãos.

28 Mandou pois Joab fazer sinal com a trombeta e fêz alto todo o exército, nem perseguiram mais a Israel, nem travaram peleja.

29 Abner porém e a sua gente caminharam pelos campos tôda aquela noite: E passaram o Jordão, e decorrido todo o país de Bet-horon, chegaram ao seu arraial.

2 Reis 2, 30-32; 3, 1-5

30 Mas Joab tendo desistido de perseguir a Abner, voltando para trás ajuntou todo o povo: E da gente de Davi faltaram dezenove homens sem contar a Asael.

31 Mas as tropas de Davi feriram, dos de Benjamim, e dos soldados que vinham com Abner, trezentos e sessenta homens, que também ficaram mortos.

32 E tomaram o corpo de Asael, e o enterraram no jazigo de seu pai em Belém: E marcharam tôda a noite Joab e a gente que estava com êle, e ao raiar do dia chegou a Hebron.

CAPÍTULO 3

**LONGA GUERRA ENTRE A CASA DE DAVI, E A DE SAUL.
ABNER LARGA O PARTIDO DE ISBOSET PARA SEGUIR O
DE DAVI. E' MORTO A TRAIÇÃO POR JOAB. CHORA A
DAVI SUA MORTE.**

1 Houve pois uma longa guerra entre a casa de Saul e a casa de Davi: Davi prosperando e fortificando-se cada vez mais, a casa porém de Saul indo cada vez a menos. (1)

2 E nasceram filhos a Davi em Hebron, e foi o seu primogênito Amon, que teve de Aquinoão de Jezrael.

3 E depois dêste Queleab que houve de Abigail, viúva de Nabal do Carmelo: E o terceiro Absalão, filho de Maaca, filha de Tolmai, rei de Gessur.

4 O quarto porém Adonias, filho de Hagit: E o quinto Safatia, filho de Abital.

5 E o sexto Jetraão, filho de Eglá, mulher de Davi em Hebron.

(1) **DAVI PROSPERANDO** — Esta prosperidade era devida à proteção de Deus e a causas políticas.

6 Havendo pois guerra entre a casa de Saul e a casa de Davi, Abner, filho de Ner, governava a casa de Saul.

7 E Saul tinha uma concubina, chamada Resfa, filha de Aia. E Isboset disse a Abner:

8 Por que te aproximaste da concubina de meu pai? Abner em extremo irado por essas palavras de Isboset, disse: Acaso sou eu hoje algum cabeça de cão contra Judá, porque usei de piedade com a casa de Saul, teu pai, e com seus irmãos, e parentes, e porque te não entreguei nas mãos de Davi? E tu buscas hoje em mim motivo para me argüires por respeito duma mulher? (2)

9 Deus trate a Abner com tôda a sua severidade, se eu não procurar para Davi, o que o Senhor lhe jurou,

10 fazendo que o reino seja transferido da casa de Saul: E que o trono de Davi seja elevado sôbre Israel, e sôbre Judá, desde Dan até Bersabée.

11 E não lhe pôde responder coisa alguma porque o temia.

12 Enviou pois Abner mensageiros a Davi que lhe dissessem da sua parte: A quem pertence a terra? E que acrescentassem: Faze comigo amizade, e eu te servirei, e reduzirei ao teu mando todo o Israel.

13 Davi respondeu: Ôtimamente: Eu farei amizade contigo: Mas peço-te uma coisa, dizendo: Tu não me verás sem primeiro me trazeres a Micol, filha de Saul: E dêste modo virás e me verás.

14 Enviou depois Davi mensageiros a Isboset, filho de Saul, dizendo: Restitui-me a Micol, minha mulher, que eu desposei por cem prepúcios de filisteus.

(2) **POR QUE TE APROXIMASTE** — Esta pergunta foi feita em virtude do costume que proibia a um particular esposar a mulher do rei. Este uso não existia só entre os hebreus e era vulgar entre os demais povos.

2 Reis 3, 15-23

15 Enviou-a pois Isboset, e a tirou a seu marido Faltiel, filho de Lais.

16 E a seguia seu marido chorando até Baurim: E disse-lhe Abner: Vai, e torna. E êle voltou. (3)

17 Fêz também Abner uma fala aos anciãos de Israel, dizendo: Muito tempo há que vós desejáveis que Davi reinasse sôbre vós.

18 Fazei-o pois agora: Porquanto o Senhor falou a Davi, dizendo: Eu salvarei por meio de meu servo Davi o meu povo de Israel da mão dos filisteus, e de todos os seus inimigos.

19 E do mesmo modo falou Abner aos de Benjamim. E foi buscar a Davi em Hebron para dizer-lhe tudo o que os de Israel, e todos os de Benjamim tinham resolutu. (4)

20 E se apresentou a Davi em Hebron com vinte homens: E Davi deu um banquete a Abner, e aos que tinham vindo com êle.

21 E disse Abner a Davi: Eu irei, para te ajuntar a ti, meu Senhor e rei, todo o Israel, e farei concêrto contigo, para teres o império sôbre todos, assim como o deseja teu coração. Tendo pois Davi despedido a Abner, e tendo-se êste ido em paz,

22 chegaram logo as gentes de Davi, e de Joab, que, vindo de matar uns ladrões, traziam uma grande prêsa: Abner porém não estava já com Davi em Hebron, porque o tinha despedido, e êle se tinha retirado em paz.

23 E Joab, e todo o exército, que estava com êle, chegaram depois: Não faltou porém quem desse a Joab

(3) **BAURIM** — Localidade de Benjamim, no caminho de Jerusalém a Jericó, perto do monte das Oliveiras.

(4) **BENJAMIM** — Porque esta tribo era muito afeiçoada a Davi.

à nova e lhe dissesse: Abner, filho de Ner, veio ao rei, e este o despediu, e ele se foi em paz.

24 E foi Joab ter com o rei, e disse: Que fizeste? Abner acaba de estar contigo: Por que o despediste tu, e o deixaste retirar?

25 Tu não sabes quem é Abner, filho de Ner, e que ele veio ter contigo a fim de te enganar e para saber as tuas saídas e as tuas entradas e para sondar tudo quanto fazes?

26 Retirando-se pois Joab de Davi, enviou mensageiros atrás de Abner, e o fez voltar da cisterna de Sira, sem Davi o saber. (5)

27 E voltando Abner a Hebron, Joab o levou ao meio da porta para lhe falar aleivosamente: E aí mesmo o feriu na virilha, e foi morto em vingança do sangue de Asael, seu irmão. (6)

28 O que ouvindo Davi que a coisa era já feita disse: Eu para todo sempre estou e o meu reino inocente diante do Senhor do sangue de Abner, filho de Ner,

29 e ele caia sobre a cabeça de Joab, e sobre toda a casa de seu pai: E não falte nunca na casa de Joab quem padeça uma vergonhosa purgação nem quem seja leproso, nem quem pegue no fuso, nem quem seja morto à espada, nem quem mendigue o pão. (7)

(5) **A CISTERNA DE SIRA** — Ficava, na opinião de Josefo, perto de Hebron, para o lado do norte.

(6) **AO MEIO DA PORTA** — Era ali que se reuniam tratando dos negócios públicos e domésticos.

(7) **QUEM PEGUE NO FUSO** — Modo de dizer, para significar homem efeminado, ou como o eunuco, que se entretém a fiar e a tecer.

2 Reis 3, 30-38

30 Joab pois e Abisai, seu irmão, mataram a Abner, porque tinha morto seu irmão Asael na batalha de Gabaon.

31 E disse Davi a Joab, e a todo o povo, que estava com êle: Rasgai os vossos vestidos, e cobri-vos de sacos, e chorai no funeral de Abner: E o rei Davi ia seguindo o féretro.

32 E logo que enterraram a Abner em Hebron, levantou o rei Davi a sua voz, e chorou sôbre a sepultura de Abner: E chorou também todo o povo.

33. E o rei, pranteando-o e chorando-o, disse: Abner não morreu como costumam morrer os cobardes.

34 As tuas mãos não foram atadas, nem os teus pés carregados de grilhões: Mas tu caíste, bem como os que costumam cair diante dos filhos da iniquidade. E o povo repetindo o mesmo chorou sôbre êle.

35 E tendo vindo todos comer com Davi, sendo ainda dia claro, jurou Davi, dizendo: Deus me trate com todo o seu rigor, se eu provar algum bocado de pão, ou que quer que seja antes do sol pôsto.

36 E todo o povo ouviu, e lhes pareceu bem tudo o que o rei fizera à vista de todo o povo:

37 E conheceu tôda a plebe, e todo o Israel naquele dia que Davi não tivera parte alguma no assassinato de Abner, filho de Ner.

38 Disse também o rei aos seus servos: Acaso não sabeis que quem hoje morreu em Israel é um dos seus maiores príncipes?

39 Eu porém ainda estou pouco seguro, bem que ungido rei: Mas êstes homens filhos de Sarvia são muito violentos para mim: O Senhor se haja com o que faz mal segundo a sua malícia.

CAPÍTULO 4

BAANA, E RECAP, SERVOS DE ISBOSET, TRAZEM A DAVI A CABEÇA DESTES PRÍNCIPE. DAVI OS MANDA MATAR.

1 Ouviu pois Isboset, filho de Saul, que Abner fôra morto em Hebron: E perdeu com isso a força de suas mãos, e todo o Israel ficou perturbado.

2 Tinha o filho de Saul a seu serviço dois capitães de salteadores, um dos quais se chamava Baana, e outro Recab, filhos de Remon de Berot, da tribo de Benjamim: Porque foi reputada Berot pertencente a Benjamim. (1)

3 Mas os berotitas fugiram para Getaim, e moraram lá como forasteiros até àquele tempo. (2)

4 Jônatas porém, filho de Saul, tinha um filho estropeado dos pés: Porque tinha cinco anos, quando chegou de Jezrael a nova da morte de Saul e de Jônatas: Sua ama pois tomando-o, fugiu: E como se apressasse em fugir, caiu o menino, e ficou coxo: E o seu nome foi Mifiboset.

5 Vindo pois Recab e Baana, filhos de Remon de Berot, entraram em casa de Isboset no maior calor do dia: Êle estava no seu leito dormindo a sesta. E a por-

(1) **CAPITÃES DE SALTEADORES** — Depois da desorganização do exército de Saul, os soldados entregaram-se à pilhagem, escolhendo chefes a seu bel prazer.

BEROT — Provavelmente é a moderna El-Biret.

(2) **GETAIM** — Parece que é Getremom. Jos 21, 24.

2 Reis 4, 6-12

teira de casa estando alimpando trigo, se deixou adormecer. (3)

6 Entraram pois na casa sem ser sentidos Recab e Baana, seu irmão, levando umas espigas de trigo, e feriram a Isboset na virilha, e fugiram.

7 Porque quando entraram em casa, êle dormia em cima do seu leito no seu quarto, e ferindo-o o mataram: E cortando-lhe a cabeça, andaram tôda a noite pelo caminho do deserto,

8 e trouxeram a cabeça de Isboset a Davi a Hebron: E disseram ao rei: Eis-aqui a cabeça de Isboset, filho de Sâul, teu inimigo, que procurava tirar-te a vida: E o Senhor vingou hoje ao rei, meu senhor, de Saul, e da sua linhagem.

9 Mas Davi respondendo a Recab, e a Baana, seu irmão, filhos de Remon de Berot, disse-lhes: Viva o Senhor, que livrou a minha alma de tôda a angústia,

10 porque se aquêle, que me anunciou, e disse: Ê morto Saul: cuidando que me trazia uma boa nova, fiz que o prendessem, e o matassem em Siceleg, quando parecia ter merecido pela nova as alvíssaras.

11 Quanto mais agora quando uns malvados mataram a um homem inocente dentro da sua mesma casa, sôbre o seu leito, não vingarei eu o seu sangue sôbre vós, e vos exterminarei da terra?

12 Deu ordem pois Davi aos seus criados, e êles os mataram: E cortando-lhes as mãos e os pés, os penduraram junto da piscina de Hebron: E tomaram a cabeça de Isboset, e a enterraram no sepulcro de Abner em Hebron.

(3) **DORMINDO A SESTA** — O uso de dormir durante o dia é comum no Oriente.

CAPÍTULO 5

E' DAVI UNGIDO REI SOBRE TODO O ISRAEL. TOMA JERUSALÉM. HIRÃO, REI DE TIRO, LHE ENVIA SEUS EMBAXADORES. VITÓRIAS DE DAVI SOBRE OS FILISTEUS.

1 E vieram tôdas as tribos de Israel ter com Davi em Hebron, dizendo: Aqui nos tens, que somos teus ossos e tua carne.

2 E ainda ontem e antes de ontem, quando Saul era rei sôbre nós, eras tu o que conduziás e fazias voltar a Israel: E o Senhor te disse: Tu apascentarás o meu povo de Israel, e tu serás o condutor de Israel.

3 Vieram também os anciãos de Israel buscar ao rei em Hebron, e ali fêz o rei Davi aliança com êles diante do Senhor: E êles ungiram a Davi em rei sôbre Israel. (1)

4 Tinha Davi trinta anos, quando começou a reinar, e reinou quarenta anos.

5 Reinou em Hebron sete anos e meio sôbre Judá: E trinta e três anos em Jerusalém sôbre todo o Israel e sôbre Judá.

(1) **FÊZ O REI DAVI ALIANÇA** — Davi comprometeu-se a conduzir o povo, segundo as leis de Deus, e os anciãos, em nome de todo o povo, juraram-lhe obediência, pois nesta mútua promessa consistia o pacto. *Hoc fœdus erat mutua promissio, qua promissit David se recturum juxta leges et populus, se illi obediens et fideles fore.* Cornélio a Lapide.

DIANTE DO SENHOR — Os intérpretes entendem de várias maneiras: 1.º Na presença real de Deus, chamado como testemunha da aliança (Menochio). 2.º Diante de tôda a assembléia dos fiéis, à qual presidia Deus (Malvenda). 3.º Em frente da arca, ou do tabernáculo, que Davi tinha construído no Hebron. Cornélio a Lapide. Vigouroux apresenta esta última.

6 E foi o rei, e toda a tropa que tinha consigo, a Jerusalém, contra os jebuseus, que moravam ali: E estes disseram a Davi: Não entrarás cá, menos que não lances fora os cegos e os coxos que dizem: Davi não há de cá entrar.

7 Tomou pois Davi a fortaleza de Sião, esta é a cidade de Davi: (2)

8 Porque naquele dia tinha Davi proposto um prêmio a quem batesse os jebuseus, e subisse às biqueiras dos telhados, e lançasse fora os cegos e coxos, que aborreciam a alma de Davi: Por isso se diz em provérbio: Nem cego nem coxo entrarão no templo. (3)

9 Habitou porém Davi na Fortaleza: E a chamou, cidade de Davi: E levantou edifícios ao redor desde Melo e no interior.

(2) **CIDADE DE DAVI** — E' Jerusalém, que estava destinada a ser a mais notável das cidades do mundo. Cartago, Atenas e Roma, e todas as famosas cidades que tanta grandeza atingiram, desapareceram; o poderio de Jerusalém subverteu-se também, a sua glória perdeu-se, o sol dos seus triunfos eclipsou-se, mas alguma coisa de extraordinário ali ficou, qual fênix atraindo todos os corações, ou luz iluminando todos os espíritos — o túmulo de Jesus. — Ficava esta cidade no coração da Palestina. Jerusalém torna-se singular pela sua elevação; Vigouroux chama-lhe *Une ville de montagne*, e é por isso que o salmista lhe chamou o Monte do Senhor e o Monte Santo. Foi esta sua aproveitável situação topográfica que a tornou preferível para capital da Judéa. O vale Gê-Hinnon, Ben Hinnon, que quer dizer do filho de Hinnon, que a circunda, formou-lhe um fôssco natural e profundíssimo para o lado do sul, e as montanhas que estão próximas são como um baluarte ou fortalezas avançadas. Agora é que se pode dizer que vai começar a sua história, pois vai desempenhar um importante papel político e religioso nos destinos do povo escolhido.

(3) **AS BIQUEIRAS DOS TELHADOS** — Segundo as probabilidades mais seguras trata-se aqui dum aqueduto, descoberto, sujeito às intempéries, destinado a recolher as águas da cidadela para as conduzir à piscina de Silóé.

10 E Davi se ia fortificando e crescendo mais e mais, e o Senhor Deus dos exércitos era com êle.

11 Hirão, rei de Tiro, enviou também mensageiros a Davi, com um donativo de madeira de cedro, e carpinteiros, e canteiros para os muros: E edificaram a casa de Davi.

12 E reconheceu Davi que o Senhor o havia confirmado rei sobre Israel, e que tinha exaltado o seu reino sobre o seu povo de Israel.

13 Tomou porém Davi ainda concubinas e mulheres de Jerusalém, depois que veio de Hebron: E teve delas outros filhos e filhas:

14 E estes são os nomes dos que lhe nasceram em Jerusalém, Samua, e Sobab, e Natan, e Salomão,

15 e Jebaar, e Elisua, e Nefeg,

16 e Jafia, e Elisama e Elioda, e Elifalet.

17 Os filisteus pois ouviram que Davi fôra ungido rei sobre Israel: E subiram todos em busca de Davi: O que sabendo Davi, se retirou a um lugar forte.

18 Mas vindo os filisteus se estenderam pelo Vale dos Rafains:

19 E Davi consultou o Senhor, dizendo: Marcharei eu contra os filisteus? E entregarmos-ás tu nas minhas mãos? E respondeu o Senhor a Davi: Vai, que eu entregarei, e porei os filisteus nas tuas mãos.

20 Veio pois Davi a Baal Farasim, e os derrotou aí, e disse: Dividiu o Senhor meus inimigos à minha vista, bem como se dividem as águas. Por isso aquêl lugar se chamou Baal Farasim. (4)

(4) **BAAL FARASIM** — Lugar de dispersões. Este lugar foi posto de parte, porque os filisteus tinham all sido desbaratados. Ficava na tribo de Judá e no Vale dos Rafains, ao nordeste de Jerusalém.

2 Reis 5; 21-25; 6, 1-2

21 E os filisteus deixaram lá os seus ídolos, os quais Davi, e a sua gente trouxeram.

22 E tornaram a vir os filisteus, e se espalharam pelo Vale dos Rafains.

23 Consultou pois Davi o Senhor, dizendo: Irei eu contra os filisteus, e entregar-mos-ás tu nas minhas mãos? O Senhor lhe respondeu: Não vás direito a êles, mas toma por detrás dêles, e vai a êles por defronte das pereiras. (5)

24 E quando ouvires a ramalha dum que anda por cima das pereiras, então travarás a batalha: Porque o Senhor marchará então adiante de ti, para destruir o campo dos filisteus.

25 Fêz pois Davi como o Senhor lhe tinha mandado, e derrotou os filisteus desde Gabaa, até chegar a Gezer.

CAPÍTULO 6

VAI DAVI BUSCAR A ARCA A CARIATIM. OZA FERIDO DE MORTE POR TER TOCADO NELA. DAVI A DEIXA EM CASA DE OBEDEDOM. PASSA-A PARA JERUSALÉM. E' CENSURADO POR MICOL.

1 Ajuntou pois Davi de novo tôda a flor de Israel em número de trinta mil.

2 E levantou-se Davi, e partiu, e todo o povo com êle, para trazerem a arca de Deus, sôbre a qual é invocado o nome do Senhor dos exércitos, que tem o seu assento nêle sôbre os querubins. (1)

(5) **PEREIRAS** — No original hebraico está beka'im, cuja identificação é incerta.

(1) **PARA TRAZEREM A ARCA DE DEUS** — A trasladação da arca para Jerusalém devia dar à cidade uma altíssima importância.

3 E puseram a arca de Deus sôbre um carro novo: E levaram-no da casa de Abinadab, que estava em Gabaa: Oza porém e Aio, filhos de Abinadab, conduziam o carro novo.

4 E tendo-a tirado da casa de Abinadab, que estava em Gabaa, Aio ia adiante da arca guardando a arca de Deus.

5 Davi porém, e todo o Israel tocavam diante do Senhor tôda a casta de instrumentos de madeira, cítaras e violas e tambores e flautas e tímbores.

6 Mas logo que chegaram à eira de Nacon, lançou Oza a mão à arca de Deus, e a susteve: Porque os bois escouceavam, e a tinham feito pender.

7 E o Senhor se indignou em grande maneira contra Oza, e o feriu pela sua temeridade: E caiu morto ali mesmo junto à arca de Deus.

8 Mas Davi se contristou, porque o Senhor ferira a Oza: E ficou-se chamando aquêlê lugar até o dia de hoje: O castigo de Oza.

9 E temeu Davi ao Senhor naquele dia, dizendo: Como entrará a arca do Senhor em minha casa?

10 E não quis que levassem a arca do Senhor para sua casa na cidade de Davi: Mas fê-la entrar em casa de Obededom de Get.

11 E estêve a arca do Senhor três meses em casa de Obededom de Get: E o Senhor abençoou a Obededom, e a tôda a sua casa.

12 E vieram dizer ao rei Davi que o Senhor tinha abençoado a Obededom, e a tudo o que lhe pertencia, por causa da arca de Deus. Foi pois Davi, e trouxe de casa de Obededom a arca de Deus para a cidade de Davi com gôzo: E levava Davi consigo sete coros, e um novillo para vítima.

13 E quando os que levavam a arca do Senhor tinham dado seis passos, imolava êle um boi e um carneiro, (2)

14 e Davi dançava diante do Senhor com tôdas as suas forças: Davi porém estava vestido dum efod de linho. (3)

15 E Davi, e tôda a casa de Israel conduziam a arca do testamento do Senhor, com júbilo, e ao som de trombetas. (4)

16 E tendo entrado a arca do Senhor na cidade de Davi, Micol, filha de Saul, olhando duma janela, viu ao rei Davi bailando, e saltando diante do Senhor: E lá no seu coração o teve em pouca conta.

17 Introduziram pois a arca do Senhor, e a collocaram no seu lugar, no meio do tabernáculo, que Davi lhe tinha preparado: E Davi ofereceu holocaustos e sacrificios de ação de graças diante do Senhor.

18 E tendo acabado de oferecer os holocaustos e sacrificios de ação de graças, abençoou o povo em nome do Senhor dos exércitos. (5)

(2) **OS QUE LEVAVAM A ARCA DO SENHOR** — Eram os levitas os condutores da arca, segundo o que estava prescrito nos Núm 4, 15.

(3) **DAVI DANÇAVA** — Porque a dança era usada nas grandes cerimônias profanas e religiosas.

(4) **AO SOM DE TROMBETAS** — Iam outros instrumentos, além destas trombetas, cuja enumeração se encontra no 1 Par c. 15, 16-23.

(5) **ABENÇOOU O POVO** — Não se trata aqui de bênção solene, porque essa era reservada ao Sumo Sacerdote. Querem uns que estas palavras traduzam votos de felicidade, e outros que signifiquem distribuir comer e graças ao povo. *Benedixisse dicitur quod cibum illis distribueret, nam benedictio interdum donum significat (Sanctius).*

19 E distribuiu a todo o povo de Israel, tanto a homens como a mulheres, a cada um uma empada de pão, e uma posta de vaca assada, e flor de farinha frita em azeite: E retirou-se todo o povo, cada um para a sua casa.

20 Retirou-se também Davi a sua casa, para a abençoar: E Micol, filha de Saul, tendo saído a receber a Davi, disse: Que glória teve hoje um rei de Israel despindo-se diante das escravas de seus vassalos, e aparecendo nú, como faria um chocarreiro! (6)

21 E Davi respondeu a Micol: Diante do Senhor, que me escolheu preferindo-me a teu pai, e a toda a sua casa, e que me mandou que fôsse eu o condutor do povo do Senhor, em Israel,

22 não só bailarei, mas também me farei mais vil do que me tenho feito: E serei humilde em meus olhos: E com isto apparecerei com mais glória diante das escravas de que falaste.

23 Por esta razão Micol, filha de Saul, não teve filhos até o dia da sua morte.

CAPÍTULO 7

ENTRA DAVI NA IDÉIA DE FUNDAR UM TEMPLO AO SENHOR. NATAN LHE DECLARA QUE ESTA HONRA ESTÁ RESERVADA PARA SEU FILHO. PROMESSAS A FAVOR DE DAVI. DAVI DÁ GRAÇAS AO SENHOR PELOS BENEFÍCIOS QUE LHE TEM FEITO, E O CONJURA QUE CUMpra AS SUAS PROMESSAS.

1 Aconteceu pois que estando já o rei de assento em sua casa, e tendo-lhe o Senhor dado paz de todas as partes com todos os seus inimigos,

(6) NU — Sem insígnias de realaleza, mas com a túnica.

2 Reis 7, 2-10

2 disse êle ao profeta Natan: Tu não vês que eu estou morando numa casa de cedro, e que a arca de Deus está posta debaixo dumas peles? (1)

3 E Natan respondeu ao rei: Vai, fazê tudo o que tens no coração porque o Senhor é contigo.

4 Mas succedeu naquela mesma noite que o Senhor falou a Natan, dizendo:

5 Vai, e dize ao meu servo Davi: Eis-aqui o que diz o Senhor: Porventura serás tu que me edifiques uma casa onde eu habite?

6 Porque eu desde que tirei da terra do Egito os filhos de Israel até o dia de hoje, não tenho tido casa nenhuma: Mas tenho estado debaixo de um pavilhão, e de uma tenda.

7 Por todos os lugares, por onde passei com todos os filhos de Israel, tenho eu porventura falado palavra a alguma das tribos de Israel, a que mandei que pastoreasse o meu povo de Israel, dizendo: Por que me não tendes vós edificado uma casa de cedro?

8 Agora pois dirás a meu servo Davi: Eis-aqui o que diz o Senhor dos exércitos: Eu te tirei das pastagens, quando ias seguindo os gados, para que fôsses o condutor do meu povo de Israel:

9 E por tôda a parte por onde andaste, estive contigo, e exterminei todos os teus inimigos de diante dos teus olhos: E fiz o teu nome tão ilustre, como o dos grandes que há na terra.

10 E eu fixarei lugar ao meu povo de Israel, e plantá-lo-ei ali, e habitará nêle, e não será mais pertur-

(1) NATAN — Representante de Deus junto do poder teocrático. Aqui se põe em relêvo o contraste entre Davi e Saul, a propósito do procedimento dêle com Samuel.

bado: Nem os filhos da iniquidade tornarão a afligi-lo como dantes,

11 desde o tempo em que eu constitui juízes sobre o meu povo de Israel: E eu te darei paz com todos os teus inimigos: E o Senhor te diz desde já que o mesmo Senhor estabelecerá a tua casa. (2)

12 E completos que forem os teus dias, e tiveres dormido com teus pais, suscitarei depois de ti a teu filho, que procederá do teu ventre, e firmarei o seu reino,

13 ele edificará uma casa em meu nome: E eu estabalecerei para sempre o trono do seu reino. (3)

14 E eu lhe serei pai, e ele me será filho: Se ele cometer alguma coisa injusta, eu o castigarei com vara de homens, e com açoites de filhos de homens.

15 Porém não retirarei d'ele a minha misericórdia, como a retirei de Saul, a quem lancei de diante da minha face.

16 E a tua casa será estável, e o teu reino se perpetuará diante do teu rosto, e o teu trono será firme para sempre.

17 Segundo tôdas estas palavras, e conforme tôda esta visão, assim falou Natan a Davi. (4)

18 Entrou pois o rei Davi, e se assentou diante do Senhor, e disse: Quem sou eu, ó Senhor Deus, e que casa é a minha, para tu me teres elevado a êste ponto?

(2) **ESTABELECERA A TUA CASA** — Hebraísmo, por conceder-te-á uma numerosa descendência.

(3) **ESTABELECEREI PARA SEMPRE** — Estas palavras applicam-se ao Messias, cujo reino é eterno; não se podem referir a Salomão, porque a posteridade dêste terminou com Sedecias. Cf. Dan 2, 44; Lc 1, 32. 33.

(4) **SEGUNDO TÔDAS ESTAS PALAVRAS** — Esta profecia de Natan é deveras importante, porque indica a família da qual deve nascer o desejado Messias. Muitas das suas palavras se referem

2 Reis 7, 19-25

19 Mas isto mesmo te pareceu a ti pouco, ó Senhor Deus, se não falasses também da casa de teu servo para tempos distantes: Porque esta é a lei de Adão, ó Senhor Deus. (5)

20 Que coisa pois poderá acrescentar ainda Davi, que te possa dizer? Porque tu, ó Senhor Deus, conheces a teu servo.

21 Por atenção à tua palavra, e segundo o teu coração, fizeste tu tôdas estas maravilhas, até o ponto de as dares a saber a teu servo.

22 Pelo que, ó Senhor Deus, bem tens mostrado a tua magnificência, porque não há semelhante a ti, nem há Deus fora de ti, segundo tudo o que temos ouvido com os nossos ouvidos.

23 Que nação pois há na terra, como o teu povo de Israel, a quem Deus foi a resgatar, para fazê-lo povo seu, e dar a si nome, e obrar a seu favor à vista do teu povo, que tiraste da escravidão do Egito, maravilhas, e prodígios terríveis contra a sua terra, a sua gente e o seu deus?

24 Porque tu estabeleceste a Israel, para ser eternamente teu povo: E tu te fizeste o seu Deus, ó Senhor Deus.

25 Agora pois, ó Senhor Deus, faz que tenha efeito para sempre a palavra que falaste acêrca de teu servo, e da tua casa: E faz como disseste,

a Salomão, e neste rei se realizaram; porém estas expressões — trono eterno, reino perpétuo, o teu trono será firme para sempre, indicam um tempo que vai além da época de Salomão, e assinalam a duração eterna da estirpe de Davi. E na verdade a família de Davi persiste em Jesus Cristo, rei dos séculos, e que vive por todo o sempre.

(5) **LEI DE ADÃO** — Isto é, lei de homem, porque o nome adam do original não é nome próprio. O homem vive pouco tempo, mas perpetua-se na sua posteridade.

26 para que o teu nome seja eternamente engrandecido, e se diga: O Senhor dos exércitos é o Deus de Israel. E a casa de teu servo Davi permanecerá estável diante do Senhor,

27 porque tu, ó Senhor dos exércitos, Deus de Israel, descobriste à orelha de teu servo, dizendo: Eu te edificarei casa: Por isso o teu servo achou o seu coração para te fazer esta rogativa.

28 Agora pois, ó Senhor Deus, tu és o Deus, e as tuas palavras achar-se-ão verdadeiras: Porque tu mesmo disseste a teu servo êstes bens.

29 Começa pois, e abençoa a casa de teu servo, para que ela subsista eternamente diante de ti: Porque tu, ó Senhor Deus, é que falaste, e com a tua bênção será para sempre bendita a casa de teu servo.

CAPÍTULO 8

VITÓRIAS DE DAVI SÔBRE DIVERSOS POVOS. TOU, REI DE EMAT, ENVIA SEU FILHO A FELICITAR DAVI. NOMES DOS PRINCIPAIS OFICIAIS DE DAVI.

1 Depois disto foi que Davi desbaratou os filisteus, e os humilhou, e tirou Davi o freio do tributo da mão dos filisteus. (1)

2 Destroçou também aos moabitas, e mediu-os com os cordéis, fazendo-os deitar por terra: E dos dois cordéis de medida, a um destinou para morte, a outro para vida: E ficou Moab sujeito a Davi pagando-lhe tributo.

(1) **FREIO DO TRIBUTO** — Segundo o que se depreende do 1 Par 18, 1, Davi foi tirar aos filisteus Get e as outras cidades suas dependentes. A situação exata de Get não é conhecida.

2 Reis 8, 3-10

3 Desfez também Davi a Adarezer, filho de Roob, rei de Soba, quando marchou para estender os seus domínios até o rio Eufrates.

4 E tendo-lhe tomado Davi mil e setecentos de cavalo e vinte mil de pé, cortou os nervos das pernas a todos os cavalos das carroças: E dêles reservou somente para cem carroças.

5 Vieram também os siros de Damasco, para darem socorro a Adarezer, rei de Soba: E Davi matou vinte e dois mil siros.

6 E pôs Davi guarnição na Síria de Damasco: E a Síria se sujeitou a Davi ficando-lhe tributária: E o Senhor guardou a Davi em tôdas as expedições a que foi.

7 E tomou Davi as armas de ouro, que tinham os servos de Adarezer, e levou-as para Jerusalém.

8 E de Bete, e de Berot, cidades de Adarezer, tomou Davi uma prodigiosa quantidade de cobre. (2)

9 Mas Tou, rei de Emat, ouviu que Davi quebrara tôdas as forças a Adarezer. (3)

10 e Tou enviou Jorão, seu filho, ao rei Davi para o cumprimentar dando-lhe os parabéns, e para lhe dar graças por ter vencido, e destruído a Adarezer. Porque Tou era inimigo de Adarezer, e trazia na sua mão vasos de ouro, e de prata, e de cobre: (4)

(2) **BETE** — No lugar paralelo do 1 Par 18, 8, está com o nome de Tebat.

BEROT — Confundem alguns com Beirout; era uma cidade de Aram-Soba, talvez o moderno Bercitan, na Coelesíria.

(3) **EMAT** — Ou Hamat, cidade ou região habitada pelos amateus, tribo cananéia, ou hetéia. Sob a denominação de Selêucidas foi chamada Epifania da Síria; atualmente chama-se Hanah.

(4) **JORÃO** — No citado capítulo dos Par, v. 10, é chamado Adorão. Os embaixadores eram encarregados de apresentar felicitações ou condolências.

11 Os quais o rei Davi consagrou também ao Senhor, com a prata e ouro, que lhe tinha consagrado do despójo de todas as nações, que sujeitara.

12 Da Síria, e de Moab, e dos filhos de Amon, e dos filisteus, e de Amalec, como os despojos de Adarezer, filho de Roob, rei de Soba.

13 Adquiriu também Davi para si grande nome, quando na volta da conquista da Síria matou dezoito mil homens no Vale das Salinas: (5)

14 E pôs na Iduméia governadores, e estabeleceu uma guarnição: E toda a Iduméia ficou sujeita a Davi em todas as empresas que acometeu.

15 Reinou pois Davi sobre todo o Israel: E julgava também Davi, e fazia justiça a todo o seu povo. (6)

16 Joab porém, filho de Sarvia, era o general dos seus exércitos: E Josafat, filho de Ailud, era cronista-mor:

17 E Sadoc, filho de Aquitob, e Aquimelec, filho de Abiatar, eram pontífices: E Saraías era secretário.

18 Banaías porém, filho de Jojada, mandava nos cereteus e feleteus: E os filhos de Davi eram sacerdotes.

CAPÍTULO 9

DAVI MANDA VIR PARA JUNTO DA SUA PESSOA A MIFIBOSET, FILHO DE JONATAS.

1 E disse Davi: Sabeis se ficou algum da casa de Saul, para que eu lhe faça bem por amor de Jônatas?

(5) **VALE DAS SALINAS** — E' muito provavelmente a planície modernamente chamada Gor, que fica ao sul do mar Morto. Os idumeus deveriam ter aproveitado a ocasião em que os israelitas faziam guerra contra a Síria para invasão da Palestina meridional.

(6) **E FAZIA JUSTIÇA** — Davi outorgou ao seu reino uma organização judiciária.

2. Reis 9, 2-10

2 Ora havia um criado da casa de Saul, chamado Siba: A quem tendo o rei chamado à sua presença, lhe disse: Tu és Siba? Êle respondeu: Eu sou teu servo.

3 E o rei disse: Porventura ficou algum da casa de Saul, a quem eu possa fazer grandes mercês? E Siba respondeu ao rei: Ficou ainda um filho de Jônatas, aleijado dos pés.

4 Onde está êle? disse Davi. Siba disse ao rei: Está em Lodabar em casa de Maquir, filho de Amiel.

5 Mandou pois o rei Davi buscá-lo, e o fêz trazer de Lodabar de casa de Maquir, filho de Amiel.

6 E Mifiboset, filho de Jônatas, filho de Saul, tendo chegado à presença de Davi, se prostrou com o rosto por terra, e o adorou. E disse Davi: Mifiboset? Êle respondeu: Aqui estou, teu servo.

7 E disse-lhe Davi: Não temas, porque eu estou resolutos a fazer-te todo o bem em atenção a Jônatas, teu pai, e te restituirei todos os campos de Saul, teu pai, e tu comerás sempre à minha mesa. (1)

8 E Mifiboset, inclinando-se profundamente, disse: Quem sou eu teu servo, para tu teres olhado para um cão morto qual eu sou?

9 Mandou pois o rei chamar a Siba, criado de Saul, e lhe disse: Eu dei ao filho de teu amo tudo o que pertencia a Saul, e a tôda a sua casa.

10 Tu pois, e teus filhos, e teus servos, trabalhar-lhe-eis as suas terras. E cuidarás de subministrar ao filho de teu amo alimentos para que se sustente: Mas Mifiboset, filho de teu amo, comerá sempre à minha mesa. E Siba tinha quinze filhos, e vinte servos.

(1) **NÃO TEMAS** — Mifiboset receava que fôsse exterminado com todos os da sua família, porque os vencedores tinham o hábito de aniquilar todos os membros da dinastia vencida.

11 E Siba disse ao rei: Conforme tu mandaste, ó rei meu senhor, ao teu servo, assim o fará teu servo: E Mifiboset comerá à minha mesa, como um dos filhos do rei.

12 Ora Mifiboset tinha um filho ainda criança chamado Mica: E toda a parentela da casa de Siba servia a Mifiboset.

13 Vivia pois Mifiboset em Jerusalém: Porque todos os dias comia à mesa do rei: E ele era coxo de ambos os pés.

CAPÍTULO 10

**O REI DOS AMONITAS ULTRAJA OS EMBAIXADORES DE DAVI.
DERROTA DOS AMONITAS E SIROS.**

1 Aconteceu depois disto morrer o rei dos amonitas, e em seu lugar reinou Hanon, seu filho.

2 E disse Davi: Eu mostrarei o meu afeto a Hanon, filho de Naás, como seu pai mo mostrou a mim. Enviou pois Davi embaixadores, para o consolar na morte de seu pai. Mas chegados que foram os enviados de Davi às terras dos amonitas,

3 disseram os príncipes dos amonitas a seu amo Hanon: Tu cuidas que em honra de teu pai te enviou Davi êstes homens para te consolar, e não te enviou os seus servos a fim de investigarem, e de reconhecerem a cidade, e para a destruírem?

4 Prendeu pois Hanon os servos de Davi, e lhes mandou rapar a metade da barba, e cortar-lhes a metade dos seus vestidos até o alto das coxas, e os despediu. (1)

(1) **LHES MANDOU RAPAR A METADE DA BARBA** — No Oriente sempre se considerou a barba como uma honra e sinal de virilidade, força e valentia, e por isso cortá-la era infligir a mais

2 Reis 10, 5-11

5 Davi tanto que lhe foi dada esta notícia, enviou a encontrá-los: Porque estavam os homens sobremaneira corridos com a afronta, e mandou-lhes dizer Davi: Deixai-vos estar em Jericó, até que vos cresça a barba, e então voltareis.

6 Considerando pois os amonitas que tinham injuriado a Davi, mandaram aos siros de Roob, e aos siros de Soba, e tomaram dêles a seu sôldo vinte mil homens de pé, e do rei de Maaca mil homens e de Istob doze mil homens.

7 Advertido disto Davi, mandou a Joab com tôdas as suas tropas.

8 E saíram os amonitas à campanha, e dispuseram o seu exército em batalha à mesma entrada da porta: E os siros de Soba, e os de Roob, e os de Istob, e os de Maaca estavam separados no campo.

9 Joab pois vendo que estava preparada a batalha contra êle, assim pela frente, como pela retaguarda, escolheu de tôda a flor de Israel, e formou linha de batalha contra os siros:

10 O resto porém do exército o entregou a seu irmão Abisai, que dirigiu o combate contra os amonitas. (2)

11 E disse Joab: Se os siros prevalecerem contra mim, vem tu em meu socorro: Mas se os amonitas prevalecerem contra ti, eu te socorrerei.

abominável humilhação, e representava o infimo desprezo. Foi este o castigo que os lacedemônios impuseram aos soldados cobardes. *Fugientibus ex acie, ignominiae causa barbam partim radunt, partim promittunt.* Plutarco na vida de Agelisan.

(2) **ABISAI** — Sobrinho de Davi, chefe dos fortes, tendo sob as suas ordens os três grupos de 200 homens, fortes e bravos, resolutos e duma inextinguível valentia, *gibborim*, como se exprimiu o original.

12 Mostra-te com valor, e pelejemos pelo nosso povo, e pela cidade do nosso Deus, e o Senhor obrará como bem lhe parecer. (3)

13 Travou pois Joab, e a gente que estava com êle, o combate contra os siros: Os quais logo fugiram de diante dêle.

14 Os amonitas porém vendo que os siros tinham fugido, fugiram também êles de diante de Abisai, e se retiraram à cidade: E voltou Joab dos filhos de Amon, e veio para Jerusalém. (4)

15 Os siros pois vendo que tinham ficado desbaratados à vista de Israel, tornaram a refazer-se.

16 E enviou Adarezer, e fêz pôr em campo aos siros que estavam da outra banda do rio, e conduziu as suas tropas: Sobac porém, general do exército de Adarezer, as comandava.

17 Do que informado Davi, ajuntou todo o Israel, e passou o Jordão, e foi até Helam: E os siros ordenaram o seu exército defronte de Davi, e batalharam contra êle.

18 Mas os siros se puseram em fugida à vista de Israel, e Davi desbaratou setecentos carros dos siros e quarenta mil homens de cavalo: E feriu a Sobac, general do exército, o qual logo morreu. (5)

19 Vendo porém todos os reis, que socorriam Adarezer, que êles estavam vencidos pelos israelitas, tiveram

(3) **CIDADE DO NOSSO DEUS** — Jerusalém, recente capital do reino de Judá. Sem dúvida a arca foi transportada para o campo de batalha.

(4) **E SE RETIRARAM À CIDADE** — Foram para Midaba.

(5) **SETECENTOS CARROS** — Estes números não conferem com os do citado lugar paralelo dos Paralipômenos. A divergência attribui-se à fácil confusão dos caracteres hebraicos, que servem para indicar os algarismos.

mêdo e fugiram à vista dos israelitas cinqüenta e oito mil homens. E fizeram pazes com os israelitas: E ficaram-lhes sujeitos, e de então por diante não ousaram os siros dar socorro aos amonitas.

CAPÍTULO 11

CAI DAVI EM ADULTÉRIO COM BETSABÉE, MULHER DE URIAS. DÁ ORDEM A JOAB DE EXPOR URIAS AO PERIGO. MORTO URIAS, DESPOSA DAVI CONSIGO A BETSABÉE.

1 Sucedeu porém que tendo decorrido um ano, ao tempo em que os reis costumavam ir para a guerra, enviou Davi a Joab, e aos seus oficiais com êle, e a todo o Israel e destruíram aos amonitas, e puseram sítio a Raba: Mas Davi ficou em Jerusalém. (1)

2 Quando assim passavam as coisas, succedeu que levantando-se Davi de dormir a sesta se pôs a passear no terraço do palácio real: E viu a uma mulher em extremo formosa. (2)

3 Mandou o rei pois saber quem era aquella mulher: E disseram-lhe que era Betsabée, filha de Elião, mulher de Urias heteu.

4 E enviou Davi mensageiros, e fêz que lha trouxessem: Chegada que foi Betsabée caiu em adultério: E ella se purificou logo da sua imundícia: (3)

(1) **AO TEMPO EM QUE OS REIS** — Era a primavera e o verão.

RABA — Rabat-Amon, capital dos amonitas, sôbre o Nahr-Aman, ao norte de Hesebon, na estrada de Bosra.

(2) **NO TERRAÇO** — Já dissemos que na Palestina as casas têm um terraço onde vão gozar a frescura da tarde.

(3) **CAIU EM ADULTÉRIO** — Tradução mais livre do dormivit cum ea da Vulgata.

5 E voltou para sua casa, tendo concebido. E enviou a avisar Davi, e a dizer-lhe: Eu concebi.

6 E Davi mandou dizer a Joab: Remete-me a Urias heteu. E Joab remeteu Urias a Davi.

7 E apresentou-se Urias a Davi: E Davi lhe perguntou, se passava bem Joab, e o povo, e como ia a guerra:

8 E disse Davi a Urias: Vai para tua casa, e lava os teus pés. E saiu Urias do palácio do rei, e após ele foram mandados uns pratos da sua mesa. (4)

9 Mas Urias passou a noite ao pé da porta do palácio do rei com os outros oficiais do seu senhor, e não foi a sua casa. (5)

10 Avisaram disto a Davi, dizendo: Urias não foi a sua casa. E Davi disse a Urias: Não vieste tu duma jornada? Por que não foste a tua casa?

11 E Urias respondeu a Davi: A arca de Deus e Israel e Judá ficam debaixo dumas tendas, e meu senhor Joab, e os servos de meu senhor dormem na terra nua: E irei eu para minha casa comer e beber, e dormir com minha mulher? Pela tua vida, e pela saúde da tua alma eu não farei tal coisa.

12 Disse pois Davi a Urias: Fica cá ainda hoje, e amanhã te enviarei. Ficou Urias em Jerusalém aquêlê dia e o seguinte:

13 E Davi o convidou a comer e a beber em sua presença, e o embebedou: E Urias saindo já de noite, dormiu

(4) **LAVA OS TEUS PÉS** — Uso frequente e imprescindível no Oriente, onde usavam apenas sandálias.

(5). **AO PÉ DA PORTA DO PALÁCIO** — No pátio, ou nas dependências, onde se alojavam os oficiais da casa do rei, à entrada do palácio.

2 Reis 11, 14-23

na sua cama com os oficiais do seu senhor, e não foi a sua casa.

14 Chegada pois a manhã, escreveu Davi a Joab uma carta: E lhe enviou por mão de Urias, (6)

15 tendo escrito na carta: Ponde a Urias na frente de um batalhão, onde fôr mais rijo o combate: E desamparai-o para que ferido pereça.

16 Joab pois tendo sitiado a cidade, pôs a Urias bem defronte do lugar onde sabia que estavam os homens mais valentes.

17 E tendo os da cidade feito uma sortida, carregaram sobre Joab, e morreram alguns do exército de Davi, e morreu também Urias heteu.

18 Enviou pois Joab quem relatasse a Davi tudo o que se tinha passado no combate:

19 E ordenou ao correio, dizendo: Depois que tu tiveres acabado de contar ao rei tudo o que se passou no exército,

20 se vires que êle se indigna, e diz: Por que fostes vós combater tão perto dos muros? Vós não sabíeis que são muitos os dardos que se arremessam do alto muro?

21 Quem matou a Abimelec, filho de Jerobaal? Não foi uma mulher que do alto da muralha deitou em cima dêle um pedaço de uma mó de moinho, e o matou em Tebes? Por que vos chegastes vós tanto aos muros? Tu lhe dirás: Também morreu teu servo Urias heteu.

22 Partiu pois o correio, e foi, e referiu a Davi tudo o que Joab lhe tinha mandado.

23 E o mensageiro disse a Davi: Os inimigos prevaleceram contra nós, e fizeram uma saída ao nosso cam-

(6) **UMA CARTA** — E' a primeira vez que na Bíblia se faz menção da escrita, mas o uso de escrever era muito mais antigo, pois que os caracteres cuneiformes de Tell el-Amarna, são anteriores alguns séculos a Davi.

po: Mas dando nós sôbre êles os perseguimos até à porta da cidade.

24 E os frecheiros dirigiram os tiros contra os teus servos desde o alto do muro: E morreram alguns dos servos do rei, e até morreu também Urias heteu, teu servo.

25 E Davi disse ao correio: Dirás isto a Joab: Não percas por isso o ânimo: Porque os sucessos da guerra são vários, ora perece um, ora perece outro aos golpes da espada: Conforta os teus soldados, e esforça-os contra a cidade, para a destruíres.

26 Mas a mulher de Urias ouviu que Urias, seu marido, era morto, e o chorou.

27 E passado o tempo do luto enviou Davi, e a fêz trazer para o seu palácio, e tomou-a por sua mulher, e ela lhe pariu um filho: Mas o que Davi fizera, foi desagradável aos olhos do Senhor. (7)

CAPÍTULO 12

REPREENDE NATAN A DAVI O SEU PECADO. ESTE PRÍNCIPE O RECONHECE, E OBTÉM PERDÃO DELE. MORTE DO FILHO QUE ERA O FRUTO DO SEU CRIME. NASCIMENTO DE SALOMÃO. TOMADA DE RABAT. RIGORES EXECUTADOS CONTRA OS AMONITAS.

1 Enviou o Senhor pois Natan a Davi: E Natan tendo entrado à sua presença, lhe disse: Havia numa cidade dois homens, um rico, e outro pobre. (1)

(7) **LUTO** — Os hebreus, como todos os orientais davam ao seu pesar as formas mais sensíveis e variadas. O luto pesado durava sete dias, durante os quais vestiam de sacos e cilícios, terminando por uma refeição fúnebre. Durante outros trinta dias continuavam as lamentações e os choros, que se prolongavam o tempo que cada um queria.

(1) **HAVIA NUMA CIDADE** — Este apólogo é um primor, porque com a máxima energia o profeta censura o criminoso pro-

2 O rico tinha ovelhas, e manadas de bois em grande número:

3 O pobre porém não tinha coisa alguma, senão uma ovelhinha, que êle comprara, e criara, e que tinha crescido em sua casa juntamente com seus filhos, comendo do seu pão, e bebendo do seu mesmo copo, e dormindo no seu regaço: E êle lhe queria como a sua filha.

4 Como pois um forasteiro viesse ver o rico, não querendo êste tocar nas suas ovelhas, nem nos seus bois, por dar um banquete àquele forasteiro, que lhe tinha chegado, tomou a ovelhinha daquele pobre homem, e a preparou para dar de comer ao hóspede que tinha vindo a sua casa.

5 Davi porém sumamente indignado contra aquêl homem, disse para Natan: Viva o Senhor, que um homem que tal fêz, é digno de morte.

6 Êle há de pagar o quádruplo da ovelha, por ter feito dela o que fêz, e por não ter perdoado ao pobre.

7 Mas Natan disse a Davi: Tu és êste homem. Eis-aqui o que diz o Senhor Deus de Israel: Eu te ungi em rei sobre Israel, e eu te livrei da mão de Saul,

8 e te dei a casa de teu amo, e as mulheres de teu amo no teu seio, e te dei a casa de Israel e de Judá: E se isto é pouco, te ajuntarei ainda coisas muito maiores.

9 Por que desprezaste tu logo a palavra do Senhor, até cometeres o mal diante de meus olhos? Fizeste pecar à espada a Urias heteu, e tomaste para ti a que era sua mulher, e mataste-lo com a espada dos filhos de Amon.

ceder de Davi. E' extraordinário, porém, quando Natan exclama: Tu és êste homem. Tu es ille vir. Êste foi um texto notável dum sermão pregado diante de Luís XIV. E como pode ser aproveitado pelos pregadores modernos, mormente pelos párocos, sempre que queiram pregar contra os adúlteros. Tu es ille vir! pondo em relêvo o castigo que Deus inflige aos que faltam à fidelidade conjugal.

10 Por esta razão não se apartará jamais a espada da tua casa, por me teres desprezado, e por teres tomado a mulher de Urias heteu, para ser tua mulher.

11 Eis-aqui pois o que diz o Senhor: Eu suscitarei da tua mesma casa o mal sobre ti, e tomarei as tuas mulheres à tua vista, e dá-las-ei a um teu próximo, e ele dormirá com as tuas mulheres aos olhos dêste sol.

12 Porque tu fizeste isto às escondidas. Mas eu farei estas coisas à vista de todo o Israel, e à vista do sol.

13 E Davi disse a Natan: Pequei contra o Senhor. E Natan respondeu a Davi: Também o Senhor transferiu o teu pecado: Não morrerás.

14 Todavia, como tu pelo que fizeste deste lugar a que os inimigos do Senhor blasfemem, morrerá certamente o filho, que te nasceu. (2)

15 E voltou Natan para sua casa. E o Senhor feriu de enfermidade ao menino, que a mulher de Urias tinha parido a Davi, e perdeu-se a esperança de que vivesse.

16 E fêz Davi oração ao Senhor pelo menino: E jejuou Davi com rigoroso jejum: E pôsto em retiro prostrou-se sobre a terra.

17 Vieram porém os oficiais-mores da sua casa instando-lhe muito para que se levantasse do chão: Mas elle não quis fazer, nem comeu com elles.

18 Aconteceu que ao sétimo dia morreu o menino: E os servos de Davi não ousavam dizer-lhe que o menino era morto: Porque diziam: Quando o menino ainda vivia, nós lhe falávamos, e não queria elle ouvir-nos: Quan-

(2) **MORRERA CERTAMENTE** — Na Vulgata estão as mesmas palavras com que condena na Lei mosaica o adultério, morte morietur. Esta pena transferia-se para o filho do crime, mas este castigo devia ser horrível para Davi.

to mais se afligirá êle, se lhe dissermos que o menino morreu!

19 Davi porém vendo a seus servos em segredinhos, entendeu que o menino era morto: E disse aos seus criados: Porventura é morto o menino? Êles lhe responderam: E' morto.

20 Levantou-se pois Davi do chão: E lavou-se e se ungiu: E tendo mudado de vestido, entrou na casa do Senhor: E o adorou, e veio para sua casa, e pediu que lhe pusessem de comer, e comeu. (3)

21 E os seus servos lhe disseram: Como assim fizeste? Tu jejuaste, e choraste pelo menino, quando ainda vivia: E agora que êle morreu, levantaste-te, e comeste.

22 E Davi respondeu: Eu jejei e chorei pelo menino, enquanto vivo: Porque dizia: Quem sabe se talvez o Senhor mo dará, e viva o menino?

23 Mas agora que êle morreu, por que hei de jejuar? Acaso posso eu fazê-lo ainda viver? Mais irei eu para êle, do que êle tornará para mim.

24 Depois consolou Davi a sua mulher Betsabée, e entrando dormiu com ela: Ela gerou um filho, e lhe pôs o nome de *Salomão*, e o Senhor o amou.

25 E enviou o Profeta Natan, e deu o nome *de Amável ao Senhor*, porque o Senhor o amava. (4)

26 E Joab continuava em bater a Rabat dos amonitas, e tinha pôsto no último apêto a cidade real.

(3) **LAVOU-SE E SE UNGIU** — Era o uso no fim do luto. A mudança de vestidos indica que durante o luto usavam vestidos próprios; assim era, vestiam de côr sombria, e os seus fatos eram rasgados.

(4) **ENVIOU O PROFETA NATAN E DEU O NOME** — Foi Natan que lhe deu o nome da parte do Senhor, e foi êle o encarregado da sua educação, e o que obrigou Davi a elegê-lo seu sucessor.

27 E enviou Joab correios a Davi, dizendo: Tenho combatido contra Rabat, e a cidade das águas está a tomar-se.

28 Agora pois ajunta o resto do povo, e vem ao sítio da cidade, e toma-a: Para não suceder, que tendo eu destruído a cidade, se atribua ao meu nome a vitória.

29 Ajuntou pois Davi todo o povo, e marchou contra Rabat: E depois de combatida, a tomou.

30 E tirou da cabeça do rei dos amonitas o seu diadema, que pesava um talento de ouro, enriquecido de pedras preciosíssimas, e foi pôsto na cabeça de Davi. E tirou também da cidade um esbulho de muita importância: (5)

31 E trazendo os seus moradores os mandou serrar, e que passassem por cima dêles carroças ferradas: E que os fizessem em pedaços com cutelos, e os botassem em fornos de cozer tijolo: Assim o fez com tôdas as cidades dos amonitas: E voltou Davi e todo o exército para Jerusalém.

CAPÍTULO 13

AMON, FILHO DE DAVI, COMETE UM INCESTO COM TAMAR, IRMÃ DE ABSALÃO. O SEU AMOR SE TROCA EM ÓDIO CONTRA ELA. ABSALÃO FAZ MATAR A AMON, E SE SALVA EM CASA DE TOLOMAI, REI DE GESSUR.

1 Aconteceu depois disto que Amon, filho de Davi, se namorou de Tamar, irmã de Absalão, filho de Davi, a qual era duma rara beleza:

(5) **UM TALENTO** — Têm os exegetas escrito muito sobre esta palavra, sustentando várias e contrárias hipóteses, para a explicação desta passagem, visto que o talento pesa aproximadamente 43 quilos, o que era peso excessivo para um diadema. A mais cor-

2 Reis 13, 2-8

2 E se apaixonou de sorte por ela, que por causa do seu amor caiu doente: Porque sendo ela virgem, parecia difícil a Amon fazer com ela coisa alguma contra a honestidade.

3 Tinha porém Amon um amigo, homem muito sagaz, chamado Jonadab, filho de Semaa, irmão de Davi.

4 Êste disse a Amon: Como assim de dia em dia vais emagrecendo, ó filho do rei? Por que te não descobres tu comigo? E Amon lhe respondeu: Eu amo a Tamar, irmã de meu irmão Absalão.

5 Respondeu-lhe Jonadab: Deita-te na tua cama, e finge que estás doente: E quando teu pai te vier visitar, dize-lhe: Peço-te que tragas aqui minha irmã Tamar, para que me dê de comer, e me guise algum prato que eu possa comer da sua mão. (1)

6 Deitou-se pois Amon na cama, e começou a dar-se por doente: E tendo vindo o rei visitá-lo, disse Amon ao rei: Peço-te que mandes vir a minha irmã Tamar, para que faça à minha vista dois pratinhos, que eu coma da sua mão.

7 Mandou pois Davi a casa de Tamar, a dizer-lhe: Vem à casa de teu irmão Amon, e faze-lhe alguma coisa de comer. (2)

8 E veio Tamar à casa de seu irmão Amon, que estava na cama: E tomando uma pouca de farinha a misturou: E adelgaçando-a, cozeu à sua vista uns caldinhos.

rente é que o diadema não tinha o pêso, mas o valor dum talento de ouro, porque era ornado de pedras preciosas. E' esta a opinião de Vigouroux, que achamos preferível. Mariana entende que a coroa estava suspensa do trono por cima da cabeça, mas esta interpretação não é autorizada pelo texto.

(1) **TAMAR** — Significa palmeira.

(2) **A CASA DE TEU IRMÃO** — Cada um dos filhos do rei tinha uma habitação separada nas dependências da residência real.

9 E tomando o que tinha cozido, lançou-o num prato, e pôs-lhe diante, e Amon não quis comer, e disse: Façam sair todos para fora. E tendo feito sair todos para fora,

10 disse Amon para Tamar: Chega-me cá à alcova essa vianda, para que eu a coma da tua mão. Tomou pois Tamar o que tinha cozido, e levou-o a seu irmão Amon à alcova.

11 E logo que lhe pôs diante o manjar, pegou dela. e disse: Vem, minha irmã, deita-te comigo.

12 Ela lhe respondeu: Não, meu irmão, não me faças esta violência, pois que isto não é lícito em Israel: Não faças tal loucura.

13 Porque eu não poderei sofrer o meu opróbrio, e tu passarás em Israel por um insensato: Mais vale que fales ao rei e êle não me negará a ti.

14 Porém Amon não quis ceder a seus rogos, mas podendo mais do que ela a forçou, e a desflorou.

15 E Amon lhe cobrou uma muito estranha aversão: De sorte que o ódio que concebeu contra ela excedia muito ao amor que antes lhe tivera. E Amon lhe disse: Levanta-te e vai-te.

16 E ela lhe respondeu: Êste ultraje que tu agora obras para comigo, lançando-me fora, ainda é maior do que o que primeiro me fizeste. E Amon não a quis ouvir.

17 Antes chamando a um criado que o servia lhe disse: Deita-a fora, e fecha logo a porta nas suas costas.

18 Ia Tamar vestida duma túnica talar: Porque êste era o traje que costumavam trazer as donzelas filhas do rei. E o criado de Amon a deitou fora: E fechou a porta após ela. (3)

(3) **TÚNICA TALAR** — No hebreu está túnica de diversas côres; objeto de preço digno dos filhos de reis.

2 Reis 13, 19-27

19 Tamar porém lançando cinza sobre a sua cabeça, e rasgando a túnica talar, e postas as mãos na cabeça, se foi dali dando gritos.

20 E Absalão, seu irmão, lhe disse: Acaso teu irmão Amon abusou de ti? Agora porém, ó minha irmã, cala-te: E' teu irmão: Nem se angustie o teu coração por isso. Ficou pois Tamar em casa de seu irmão Absalão definhando-se de pena.

21 E o rei Davi tendo ouvido estas coisas, se apaixonou muito, mas não quis contristar o ânimo de Amon, seu filho primogênito.

22 E Absalão não falou a Amon nem mal, nem bem: Porque Absalão aborrecia a Amon, por ter violado a sua irmã Tamar.

23 Dois anos depois aconteceu tosquiarem-se as ovelhas de Absalão em Baalhasor, que é ao pé de Efraim: E Absalão convidou a todos os filhos do rei, (4)

24 e foi ter com o rei, e lhe disse: Dou-te parte, que se tosquam as ovelhas de teu servo: Rogo pois que venha o rei com os seus príncipes a casa de seu servo.

25 E o rei disse a Absalão: Não, meu filho, não nos peças que vamos todos, e te sejamos pesados. Instando-lhe porém Absalão, e não condescendendo Davi, deu-lhe a sua bênção.

26 E Absalão lhe disse: Se tu não queres vir, suplico-te que ao menos venha conosco meu irmão Amon. E o rei lhe respondeu: Não é necessário que êle vá contigo.

27 Finalmente instou-lhe mais Absalão, e Davi deixou ir com êle a Amon e a todos os mais filhos do rei. E

(4) **BAALHASOR** — Cidade da tribo de Efraim, assim chamada por causa do culto de Baal, que ali fôra praticado.

Absalão tinha preparado um banquete como um banquete real. (5)

28 Absalão porém tinha dado ordem aos seus criados, dizendo: Estai com sentido quando Amon começar a estar turbado do vinho, e eu vos der sinal, dai nêle, e matai-o: Não tenhais mêdo: Porque eu sou quem vo-lo mando: Tende ânimo, e sêde homens de valor.

29 Executaram pois os criados de Absalão a respeito de Amon, o que seu amo lhes havia ordenado. E todos os filhos do rei, levantando-se da mesa, montaram cada um na sua mula, e fugiram.

30 Indo êles ainda no caminho, chegou aos ouvidos de Davi o rumor, dizendo: Absalão matou a todos os filhos do rei, e não ficou dêles nem um só.

31 Levantou-se então o rei, e rasgou os seus vestidos: E lançou-se por terra, e todos os seus criados, que assistiam, rasgaram os seus vestidos.

32 Mas respondendo Jonadab, filho de Semaa, irmão de Davi, disse: Não imagine o rei, meu senhor, que foram mortos todos os seus filhos: Só morreu Amon, porque assim o tinha resolutivo fazer Absalão desde o dia que Amon forçara a sua irmã Tamar.

33 Não se lhe meta pois na cabeça ao rei meu senhor tal notícia, que diz: Todos os filhos do rei foram mortos: Porque só morreu Amon.

34 Fugiu porém Absalão: E eis que levantando os olhos o criado, que estava de sentinela, viu uma grande tropa de gente, que vinha por um caminho escuso ao lado do monte.

(5) **UM BANQUETE REAL** — Os israelitas timbravam por seus banquetes, notando-se os dos reis pela sua extraordinária magnificência.

2 Reis 13, 35-39; 14, 1-3

35 E Jonadab disse ao rei: Eis lá vêm os filhos do rei: Sucedeu o caso como o disse teu servo.

36 E acabando êle de falar, apareceram os filhos do rei: E entrando levantaram a voz e choraram: E o rei e todos os seus servos também choraram com pranto mui amargo.

37 Porém Absalão fugindo, foi para casa de Tolomai, filho de Amiud, rei de Gessur. E Davi chorou a seu filho todos os dias.

38 E Absalão tendo fugido e refugiando-se em Gessur, estêve ali três anos.

39 E o rei Davi deixou de perseguir a Absalão porque já se tinha consolado da morte de Amom.

CAPÍTULO 14

JOAB ALCANÇA DE DAVI A TORNADA DE ABSALÃO. ABSALÃO TORNA PARA JERUSALÉM. JOAB OBTÉM DO REI QUE ÊLE VENHA À SUA PRESENÇA.

1 Joab, filho de Sarvia, conhecendo que o coração do rei estava inclinado para Absalão,

2 enviou a Técuá, fêz trazer de lá uma mulher mui sabida: E lhe disse: Finge que estás de nojo, e toma um vestido de dó, e não te unjas com óleo, para pareceres como uma mulher que há muito tempo que chora a um morto: (1)

3 e entrando junto do rei, dir-lhe-ás tais e tais palavras. E Joab lhe pôs na bôca tudo o que havia de dizer. (2)

(1) **TÉCUA** — Hoje Khirbert-Thekouah, aldeia em ruínas situada sobre uma colina, e que fica a duas horas de Belém, para a banda de sudeste.

(2) **ENTRANDO JUNTO DO REI** — Os monarcas de direito divino eram muito acessíveis ao povo, que os encontrava ao seu lado, e lhes falava a cada momento.

4 Tendo-se pois apresentado ao rei esta mulher de Técuá, deitou-se por terra diante d'êlé, e o adorou, e disse: Salva-me, ó rei.

5 E o rei lhe disse: Que tens? Ela respondeu: Ai! eu sou uma mulher viúva: Morreu meu marido.

6 E a tua serva tinha dois filhos: Os quais tiveram uma briga no campo entre si, e não havia ninguém que os pudesse apartar: E um feriu o outro, e o matou.

7 E eis que agora tôda a parentela levantando-se contra a tua serva, diz: Dá-nos para cá a êsse que matou a seu irmão, para o matarmos em castigo do sangue de seu irmão, a quem matou, e tirarmos do mundo ao herdeiro: E assim pretendem extinguir a única faísca, que me ficou, para que não se conserve o nome de meu marido, nem resto algum sôbre a terra.

8 E o rei disse à mulher: Vai para tua casa, eu darei ordem em teu favor.

9 E a mulher de Técuá disse ao rei: Sôbre mim, ó rei meu senhor, recaia a culpa, e sôbre a casa de meu pai: Mas o rei, e o seu trono seja inocente.

10 E disse o rei: Se alguém te contradisser, traze-o à minha presença, e está certa que êle te não inquietará mais.

11 E ela disse: Recorde-se o rei do Senhor seu Deus, para que se não multipliquem os parentes de sangue para tomarem vingança, e de modo algum matem a meu filho. Êle respondeu: Viva o Senhor, que não há de cair no chão nem um cabelo de teu filho. (3)

12 Disse porém a mulher: Permite que a tua serva diga uma palavra ao rei meu senhor. E êle disse: Fala.

(3) **PARENTES DE SANGUE** — Em hebreu, *goel*; porque eram os parentes mais chegados os que, segundo a lei, deviam ser os vingadores do sangue derramado. Núm 35, 19.

2 Reis 14, 13-19

13 E disse a mulher: Por que pensaste tu uma tal coisa contra o povo de Deus, e por que tem o rei determinado fazer êste mal, e não faz antes voltar o seu desterrado?

14 Nós morremos todos, e corremos pela terra bem como as águas, que não tornam mais: Nem Deus quer que alguma alma pereça; mas pensadamente suspende o castigo, para que se não perca de todo o que foi rejeitado.

15 Por isso é pois que eu vim dizer esta palavra ao rei meu senhor, diante do povo. E a tua serva disse: Falarei ao rei, a ver se de algum modo consigo dêle a graça que lhe peço.

16 E o rei me ouviu, para livrar a sua serva da mão de todos os que me queriam exterminar da herança de Deus, e a meu filho também.

17 Permite pois à tua serva dizer que a palavra do rei meu senhor se execute como um sacrifício. Porque o rei meu senhor é como um anjo de Deus, que se não move nem de bênçãos, nem de maldições: E por isso também o Senhor teu Deus está contigo. (4)

18 E respondendo o rei, disse à mulher: Não me encubras o que te vou a perguntar. E a mulher lhe respondeu: Fala, ó rei meu senhor.

19 E disse o rei: Não é verdade que a mão de Joab anda contigo em tudo isto? Respondeu a mulher, e disse: Por tua vida, ó rei meu senhor, em nada se aparta de tudo o que disse o rei meu senhor, nem para a direita, nem para a esquerda: Porque com efeito

(4) **QUE A PALAVRA DO REI... SE EXECUTE COMO UM SACRIFÍCIO** — O que está no texto original é: — que a palavra do rei meu senhor conceda repouso e perdão.

o teu servo Joab é quem me deu esta ordem, e quem pôs tôdas estas palavras na bôca da tua serva. (5)

20 Teu servo Joab me mandou que te falassê eu assim em parábola: Mas tu, ó rei meu senhor, és sábio como o é um anjo de Deûs, para entenderes tudo o que se passa sôbre a terra.

21 E o rei disse a Joab: Eis-aí eu aplacado te concedo o que pedes: Vai pois, e fazê voltar o moço Absalão.

22 E Joab prostrando-se por terra sôbre o seu rosto adorou e felicitou ao rei: E disse Joab: Hoje, ó rei meu senhor, conheceu o teu servo, que eu achei graça diante de teus olhos: Porque deferiste à supplica de teu servo.

23 Partiu pois Joab e foi a Gessur, e conduziu Absalão para Jerusalém.

24 Mas o rei disse: Torne para sua casa, e não veja a minha face. Voltou pois Absalão para sua casa, e não viu a face do rei.

25 Mas em todo o Israel não havia homem tão bem feito, nem tão gentil, como Absalão: Da planta do pé até à cabeça não havia nêle defeito algum.

26 E quando cortava o cabelo (o que êle fazia uma vez cada ano, porque lhe carregava o cabelo) o cabelo da sua cabeça pesava duzentos siclos, pelo pêso ordinário. (6)

(5) **NEM PARA A DIREITA NEM PARA A ESQUERDA** — Fórmula vulgar no Oriente, que significa aqui, que o rei havia compreendido todos e que não fôra de modo nenhum possível occultar-lhe fôsse o que fôsse.

(6) **O CABELO DA SUA CABEÇA PESAVA DUZENTOS SICLOS** — Os hebreus usavam os cabelos compridos, apreciando muito uma farta cabeleira, que consideravam como um irrecusável sinal de força e virilidade. Também era costume usar os cabelos cortados, o que de ordinário se fazia em cumprimento de um voto,

2 Reis 14, 27-33

27 Teve porém Absalão três filhos: E uma filha chamada Tamar, de elegante parecer.

28 E estêve Absalão em Jerusalém dois anos, e não viu a face do rei.

29 Mandou pois chamar a Joab, para o enviar ao rei: O qual não quis vir a êle. E como o mandasse chamar segunda vez, e êle não quisesse ainda vir ter com êle,

30 disse aos seus servos: Vós sabeis que Joab tem um campo ao pé do meu, que está semcado de cevada: Ide pois, e lançai-lhe o fogo. Os servos pois de Absalão puseram fogo à seara. E vindo os servos de Joab ter com seu amo, rasgados os seus vestidos, lhe disseram: Os servos de Absalão queimaram parte do teu campo.

31 E Joab se levantou, e foi a casa de Absalão, e disse: Por que puseram os teus servos fogo à minha seara?

32 E respondeu Absalão a Joab: Eu mandei-te chamar, pedindo-te que viesses ter comigo, para te enviar ao rei, e lhe dizeses: Por que vim eu de Gessur? melhor me era estar lá: Peço pois a graça de ver a face do rei; e se êle está lembrado da minha iniquidade, mande-me matar.

33 Joab porém apresentando-se ao rei, contou-lhe tudo: E foi chamado Absalão, e entrou à presença do rei, e o adorou prostrado o seu rosto em terra em sua presença: E o rei deu o ósculo a Absalão.

oferecendo à divindade o peso correspondente em ouro ou qualquer outro objeto precioso. Os duzentos siclos correspondiam aproximadamente a 288 gramas.

CAPÍTULO 15

ABSALÃO SE FAZ ACLAMAR REI EM HEBRON. DAVI FOGE DE JERUSALÉM. ETAI GETEU SEGUE O SEU PARTIDO. DAVI REMETE A ARCA A JERUSALÉM COM OS PONTIFICES. ENVIA LÁ TAMBÉM A CUSAI, PARA DESMANCHAR OS CONSELHOS DE AQUITOFEL.

1 E depois disto mandou Absalão aprontar para si carroças, e gente de cavalo, e cinqüenta homens, que andassem adiante dêle.

2 E levantando-se Absalão de manhã, parava á entrada da porta, e a todo o que tinha algum negócio e vinha a pedir justiça ao rei, chamava-o Absalão a si, e lhe dizia: De que cidade és tu? E êle respondia dizendo: Iêu teu servo sou de tal tribo de Israel.

3 E Absalão lhe dizia: O teu negócio me parece ser de razão e de justiça. Mas não há pessoa constituída pelo rei para te ouvir: E acrescentava Absalão:

4 O' quem me dera ser juiz sôbre a terra, que viessem a mim todos os que têm negócios, e eu os decidisse segundo a justiça?

5 E quando se chegava a êle algum homem a cortejá-lo, estendia a sua mão, e abraçando-o o beijava.

6 E isto praticava com todos os de Israel, que vinham para que o rei os ouvisse, e julgasse, e atraía a si o coração dos homens de Israel.

7 Mas depois de quarenta anos, disse Absalão ao rei Davi: Eu tenho que ir a Hebron para cumprir os votos que fiz ao Senhor. (1)

(1) QUARENTA ANOS — No Keré do texto hebreu está escrito — quatro anos —, e o mesmo número se encontra na versão árabe. Nem Absalão podia ter quarenta anos, porque nasceu quando Davi estava em Hebron, nem Davi tinha quarenta anos de reinado.

8 Porque quando o teu servo estava em Gessur da Síria, fêz êste voto, dizendo: Se o Senhor me restituir a Jerusalém, eu oferecerei um sacrifício ao Senhor.

9 E o rei Davi lhe disse: Vai em paz. E êle saiu, e foi para Hebron.

10 Absalão porém enviou emissários por tôdas as tribos de Israel, dizendo: Tanto que tiverdes ouvido o som da trombeta, publicai: Absalão reina em Hebron.

11 Mas com Absalão foram duzentos homens de Jerusalém por êle convocados, que o seguiam inocentemente, e que de todo não penetraram a sua intenção. (2)

12 Chamou também Absalão a Aquitofel gilonita, conselheiro de Davi, que era da sua cidade de Gilo. E quando se imolavam as vítimas fêz-se uma poderosa conjuração, e crescia o povo que tomava o partido de Absalão. (3)

13 Chegou logo um correio a Davi dizendo: Todo o Israel segue Absalão com tôdas as veras.

14 E disse Davi aos seus criados, que estavam com êle em Jerusalém: Levantai-vos, fujamos: Porque não poderemos escapar das mãos de Absalão: Apressai-vos a sair, não suceda que êle chegando nos apanhe, e traga sôbre nós a ruína, e mande passar ao fio da espada a cidade. (4)

(2) **DUZENTOS HOMENS** — O rei e seus filhos eram acompanhados nas suas viagens por uma escolta; assim se explica que êles desconhecessem as intenções de Absalão.

(3) **AQUITOFEL** — Aquitofel era avô de Betsabée, e ferido na sua honra pelo procedimento de que sua neta tinha sido vítima, entrou na conjuração.

(4) **LEVANTAI-VOS, FUJAMOS** — Esta fuga, que inspirou a Davi os Sl 3; 11, foi um ato de prudência, pois que mais tarde conseguiu triunfar da revolta.

15 E os servos do rei lhe disseram: Nós teus servos executaremos de boa vontade tudo o que mandar o rei nosso senhor.

16 Saiu pois o rei, e toda a sua família a pé: E deixou dez mulheres suas concubinas para guardarem o palácio.

17 E tendo saído o rei e todo o Israel a pé, parou estando já longe da sua casa: (5)

18 E todos os seus servos iam ao pé d'ele, e as legiões dos cereteus e feleteus, e todos os geteus, fortes guerreiros, em número de seiscentos homens de pé, que o tinham seguido em Get, iam adiante do rei.

19 E disse o rei a Etai geteu: Por que vens tu conosco? Volta, e vai viver com o rei, porque és forasteiro, e saíste da tua terra.

20 Ontem vieste, e hoje serás obrigado a sair conosco? Eu porém irei para onde devo ir: Tu volta, e leva contigo a teus irmãos, e o Senhor usará contigo de misericórdia, e de verdade, porque deste mostras da tua gratidão e fidelidade.

21 E Etai respondeu ao rei, dizendo: Viva o Senhor, e viva o rei meu amo: Porque em qualquer estado em que tu te achares, ó rei meu senhor, quer seja na morte, quer na vida, aí se achará o teu servo.

22 E Davi disse a Etai: Vem, e passa. E passou Etai geteu, e todos os homens que estavam com elle, e toda a mais multidão. (6)

(5) **LONGE DA SUA CASA** — No original hebraico está *têt hammerkah*; à letra "casa de afastamentos", que parece ser um nome próprio, que designa um lugar algum tanto afastado de Jerusalém, no vale de Cedron, talvez situado entre os muros da cidade e o monte das Oliveiras.

(6) **E PASSA** — O Cedron.

2 Reis 15, 23-30

23 E todos choravam a grandes vozes, e passava todo o povo: O rei também passava a torrente de Cedron, e todo o povo tomava o caminho, que olha para o deserto. (7)

24 Veio pois também o pontífice Sadoc, e com êle todos os levitas que traziam a arca do testamento de Deus, e assentaram a arca de Deus: E subiu Abiatar, até que tivesse passado todo o povo, que tinha saído da cidade.

25 E disse o rei a Sadoc: Torna a levar a arca de Deus para a cidade: Se eu achar graça diante dos olhos do Senhor, êle me restituirá, e fará que eu veja a sua arca, e o seu tabernáculo.

26 Se êle porém me disser: Tu não me agradas: Eu estou pronto, faça de mim o que bem lhe parecer.

27 E disse o rei ao pontífice Sadoc: O' Vidente, torna em paz para a cidade: E estejam convosco vossos dois filhos Aquimaas, teu filho, e Jônatas, filho de Abiatar. (8)

28 Olhai que eu me vou esconder nas campinas do deserto, até que vós me mandeis novas do estado das coisas.

29 Sadoc pois, e Abiatar tornaram a levar para Jerusalém a arca de Deus: E lá ficaram.

30 E Davi ia subindo a costa das oliveiras, e a subiu chorando, caminhando com os pés descalços e a

(7) **A TORRENTE DO CEDRON** — A este e ao sul de Jerusalém; está quase sempre sêco, mesmo no inverno, a não ser quando chove.

(8) **VIDENTE** — No original está "Vês tu?" e nos Setenta "Vêde". Esta designação podia convir ao Sumo Sacerdote que consultava o Senhor, porém, a tradução da Vulgata é duvidosa. Vigouroux, ob. cit.

cabeça coberta, e todo o povo que ia com êle, subia também chorando coberta a cabeça.

31 E deu-se notícia a Davi que Aquitofel também entrava na conjuração de Absalão, e disse Davi: Peço-te, Senhor, que enfatues o conselho de Aquitofel.

32 E quando Davi subia ao cume do monte, onde devia adorar ao Senhor, eis se encontrou com êle Cusai de Arac, rasgados os vestidos, e coberta a cabeça de terra.

33 E Davi lhe disse: Se vieres comigo, ser-me-ás pesado:

34 Mas se tu voltares para a cidade, e disseres a Absalão: Eu, ó rei, sou teu servo, e eu te servirei a ti, como servi a teu pai: Dissiparás os desígnios de Aquitofel.

35 Tu porém tens contigo aos pontífices Sadoc, e Abiatar: E tudo o que ouvires da casa do rei avisarás aos pontífices Sadoc e Abiatar.

36 E com êles estão seus dois filhos Aquimaas, filho de Sadoc, e Jônatas, filho de Abiatar: E por êles me avisarás de tudo o que ouvires.

37 Chegando pois Cusai amigo de Davi à cidade, entrou também Absalão em Jerusalém. (9)

CAPÍTULO 16

SIBA, SERVO DE MIFIBOSET, CALUNIA A SEU AMO NA PRESENÇA DE DAVI. SEMEI INSULTA A DAVI. ABSALÃO ENTRA EM JERUSALÉM. CUSAI SE LHE APRESENTA. ABSALÃO ABUSA PÚBLICAMENTE DAS CONCUBINAS DE SEU PAI.

1 Tendo pois Davi passado algum tanto, do alto do monte, lhe saiu ao encontro Siba, criado de Mifibo-

(9) AMIGO DE DAVI — Era um título que se conferia na Palestina ao conselheiro íntimo do rei.

2 Reis 16, 2-9

set, com dois jumentos carregados de duzentos pães, e de cem penduras de passas de uvas, e de cem camadas de figos, e de um odre de vinho.

2 E disse o rei a Siba: Para que é isto? E Siba lhe respondeu: Os jumentos são para se montarem nêles os criados do rei: Os pães e os figos, para os teus criados: E o vinho, para beber quem se achar fraco no deserto.

3 E disse o rei: Onde está o filho do teu amo? E Siba respondeu ao rei: Ficou em Jerusalém, dizendo: Hoje me restituirá a casa de Israel o reino de meu pai.

4 E disse o rei a Siba: Teu é tudo o que era de Mifiboset. E Siba respondeu: O que eu desejo, ó rei meu senhor, é achar graça diante de ti.

5 Chegou pois o rei Davi até Baurim: E eis que saía dali um homem da parentela da casa de Saul, chamado Semei, filho de Gera, que se adiantava no seu caminho, e amaldiçoava.

6 e atirava pedradas contra Davi, e contra todos os servos do rei Davi: Todo o povo porém e todos os homens de guerra marchavam à direita, e à esquerda do rei. (1)

7 E Semei amaldiçoando ao rei, dizia assim: Sai, sai, homem sangüinário, e homem de Belial.

8 O Senhor te deu agora o pago de todo o sangue da casa de Saul: Porquanto lhe usurpaste o reino, e o Senhor o pôs na mão de teu filho Absalão: E olha como os males te oprimem, porque és um homem sangüinário.

9 Então disse Abisai, filho de Sarvia, ao rei: Por que amaldiçoa êste cão morto ao rei meu senhor? Eu vou, e cortar-lhe-ei a cabeça.

(1) **HOMENS DE GUERRA** — No original hebraico está os **gibborim**, isto é, os fortes, que formavam um corpo escolhido de 600 homens subdivididos em três grupos de 200 cada.

10 E o rei disse: Que tenho eu convosco, filhos de Sarvia? Deixai-o maldizer: Porque o Senhor lhe mandou que maldissesse a Davi: E quem se atreverá a dizer: Por que o fêz êle assim?

11 E disse o rei a Abisai, e a todos os seus servos: Vós vêdes que meu filho, que eu gerei das minhas entranhas, procura tirar-me a vida: Quanto mais agora um filho de Jemini? Deixai-o maldizer conforme a ordem do Senhor:

12 Talvez que o Senhor olhe para a minha aflição: E me faça o Senhor bem pelas maldições dêste dia.

13 Prosseguia pois Davi o seu caminho acompanhado dos seus. Mas Semei ia pelo alto costeando o monte, defronte dêle, maldizendo-o, e atirando pedras contra êle, e espalhando pó.

14 Chegou enfim o rei, e com êle todo o povo fatigados, e ali descansaram. (2)

15 Mas Absalão e todos os do seu partido entraram em Jerusalém, e com êle também Aquitofel.

16 Como pois Cusai de Arac, amigo de Davi, se tivesse apresentado a Absalão, lhe disse: Deus te salve, ó rei, Deus te salve, ó rei.

17 E Absalão lhe respondeu: Pois êsse é o teu agradecimento para com o teu amigo? Por que não foste com o teu amigo?

18 E respondeu Cusai a Absalão: De nenhuma sorte: Porque eu hei de ser daquele, a quem elegeu o Senhor, e todo êste povo, e todo o Israel, e hei de ficar com êle.

(2) **FATIGADOS** — Assim traduziu o padre Pereira o latim *lassus* da Vulgata, correspondente ao termo hebraico *ayefim*, porém êste designa provavelmente um nome próprio duma localidade desconhecida, onde o rei e os vassallos acabavam de chegar.

2 Reis 16, 19-23; 17, 1-2

19 E ainda quero acrescentar mais isto: A quem hei eu de servir? Não é ao filho do rei? Como obedeci a teu pai, assim te obedecerei a ti também.

20 E disse Absalão a Aquitofel: Consultai entre ambos que é o que devemos fazer.

21 E Aquitofel disse a Absalão: Entra às concubinas de teu pai, que êle deixou para guardarem o palácio: Para que em soando por todo o Israel que fizeste esta afronta a teu pai, se unam êles mais fortemente ao teu partido.

22 Armou-se pois para Absalão uma tenda no terraço e êle à vista de todo o Israel abusou das concubinas de seu pai. (3)

23 Os conselhos porém que Aquitofel dava naqueles dias, eram considerados como os oráculos de um Deus. E assim se consideravam todos os conselhos de Aquitofel, tanto quando estava com Davi, como quando estava com Absalão.

CAPÍTULO 17

AQUITOFEL ACONSELHA PERSEGUIR DAVI. CUSAI DESTRÓI ESTE CONSELHO, E NOTICIA-O A DAVI. DAVI PASSA O JORDÃO. AQUITOFEL SE ENFORÇA. ABSALÃO PERSEGUE A DAVI. DAVI RECEBE CERTOS REFRESCOS.

1 Disse pois Aquitofel a Absalão: Farei para mim escolha de doze mil homens, e sairei em busca de Davi esta noite.

2 E dando sôbre êle (pois que está cansado e frouxo das mãos) o destroçarei: E logo que fugir todo o povo, que vem com êle, matarei o rei abandonado.

(3) **TERRAÇO** — Deve ser o mesmo em que Davi concebeu a sua paixão criminosa por Betsabée, tendo a mesma situação a que atrás nos referimos.

3 E reconduzirei todo o povo, bem como costuma voltar um só homem: Pois que tu a um só homem buscas: E todo o povo ficará em paz.

4 E agradou o seu parecer a Absalão, e a todos os anciãos de Israel.

5 Todavia Absalão disse: Chamai a Cusai de Arac, e ouçamos também que é o que êle diz.

6 E chegando Cusai à presença de Absalão, Absalão lhe disse: Eis-aqui o conselho, que Aquitofel nos deu: Devemo-lo nós seguir ou não? Que nos aconselhas tu?

7 E Cusai respondeu a Absalão: Não é bom o conselho, que Aquitofel deu esta vez.

8 E acrescentou mais Cusai: Tu conheces bem que teu pai, e que a gente, que está com êle, são uns homens valentíssimos e que estão com o coração amargurado, como uma ursa, que discorre enfurecida pelo bosque por lhe terem roubado os seus cachorros: E também teu pai é homem guerreiro e não se demorará com a sua gente.

9 Talvez agora está êle escondido nalguma caverna, ou outro qualquer lugar, que tenha escolhido: Se nos princípios perecer alguns dos teus, publicar-se-á isto, e quem o ouvir, dirá: Foi destroçado o povo que seguia a Absalão.

10 E os mais fortes, cujos corações são como leões, desfalecerão de pavor: Porque todo o povo de Israel sabe que teu pai é valente, e que todos que estão com êle são esforçados.

11 Mas o conselho que me parece acertado é êste: Ajunte-se a ti todo o Israel, desde Dan até Bersabée, que será inumerável como a areia do mar: E tu estarás no meio dêles.

12 E daremos sôbre êle em qualquer lugar em que fôr achado: E cobri-lo-emos, como costuma cair o orva-

lho sôbre a terra: E não deixaremos nem um só homem dos que estão com êle.

13 Porém se êle se retirar para alguma cidade, todo o Israel cingirá aquela cidade com cordas, e trazê-la-emos arrastando até um ribeiro para que não apareça dela nem a mais pequena pedrinha.

14 E disse Absalão, e todos os magnates de Israel: O conselho de Cusai de Arac é melhor do que o conselho de Aquitofel: Mas por disposição do Senhor foi dissipado o útil conselho de Aquitofel, para que o Senhor fizesse cair o mal sôbre Absalão.

15 E disse Cusai aos pontífices Sadoc e Abiatar: Dêste e dêste modo aconselhou Aquitofel a Absalão, e aos anciãos de Israel: E eu o aconselhei assim e assim.

16 Agora pois mandai a tôda a diligência avisar a Davi, dizendo-lhe: Não fiques esta noite nas planícies do deserto, mas passa sem dilação à outra banda: Não seja que fique absorvido o rei, e todo o povo que com êle está.

17 Jônatas porém e Aquimaas estavam esperando junto à fontê de Rogel: E uma escrava lhe foi dar o aviso: E êles partiram a dar parte ao rei Davi: Porque não deviam ser vistos, nem entrar na cidade. (1)

18 Viu-os todavia um rapaz, e avisou a Absalão: Mas êles apertando o passo entraram em casa de um homem de Baurim, que tinha um poço à entrada da casa ao qual desceram. (2)

19 E a mulher tomou uma coberta, e a estendeu sôbre o bocal do poço. como quem queria secar cevada pilada: E assim ficou a coisa oculta.

(1) **FONTE DE ROGEL** — E' o moderno poço de Jó, a sudoeste de Jerusalém. Veja L. 3 Rs c. 1 v. 9.

(2) **UM RAPAZ** — Filho da mesma escrava.

AO QUAL DESCERAM — Era uma cisterna sem água.

20 E tendo chegado à casa os servos de Absalão, disseram à mulher: Onde estão Aquimaas e Jônatas? E a mulher lhes respondeu: Foram-se apressadamente, depois de beberem uma pouca de água. E os que os buscavam, como os não achassem, voltaram para Jerusalém.

21 E logo que se retiraram, saíram Aquimaas e Jônatas do poço, e continuando o seu caminho avisaram ao rei Davi e lhe disseram: Marchai, e passai depressa o rio: Porque Aquitofel deu êste conselho contra vós.

22 Marchou pois Davi, e tôda a sua gente que estava com êle e passaram o Jordão antes de amanhecer: E não ficou nem só um que não passasse o rio.

23 Aquitofel porém vendo que se não tinha seguido o seu conselho, aparelhou o seu jumento, e levantou-se e foi para a sua cidade: E tendo disposto todos os negócios da sua casa, se enforcou, e morreu, e foi sepultado no jazigo de seu pai.

24 Depois chegou Davi ao arraial, e Absalão passou o Jordão, êle e na sua companhia todo o Israel.

25 E Absalão deu o mando do exército a Amasa em lugar de Joab: Amasa porém era filho dum homem de Jezrael chamado Jetra, que era casado com Abigail, filha de Naas, irmã de Sarvia, que foi mãe de Joab.

26 E Israel se acampou com Absalão no país de Galaad.

27 E tendo Davi chegado ao arraial, Sobi, filho de Naas de Rabat dos amonitas, e Maquir, filho de Amiel de Lodabar, e Berzelai galaadita de Rogelim,

28 lhe trouxeram um presente de camas, e de tapêtes, e louça de barro, trigo, e cevada, e farinha, e cevada torrada, e favas, e lentilhas, e grãos fritos,

29 e mel, e manteiga, ovelhas, e novilhos gordos: E deram tudo isto a Davi, e ao povo que com êle estava, para que comessem: Porque creram que o povo estaria quebrantado de fome, e de sede no deserto.

CAPÍTULO 18

VITÓRIA DO EXÉRCITO DE DAVI CONTRA ABSALÃO. ABSALÃO FUGINDO FICA PENDURADO DUMA ARVORE. JOAB O ATRAVESSA COM TRÊS LANÇAS. DAVI CHORA AMARGAMENTE A SUA MORTE.

1 Davi pois tendo feito resenha da sua gente nomeou para êles tribunos e centuriões,

2 e deu um têrço das suas tropas ao mando de Joab, e outro têrço ao mando de Abisai, filho de Sarvia, irmão de Joab, e outro têrço ao mando de Etai de Get: E disse o rei à sua gente: Eu sairei também convosco.

3 E a sua gente lhe respondeu: Não sairás: Porque quando os inimigos nos ponham em fugida não terão isto por uma grande coisa: E quando a metade das nossas tropas fique derrotada, não lhes dará isso maior cuidado: Porque tu só és considerado como dez mil: Logo é melhor que fiques na cidade para nos dares socorro.

4 O rei lhes disse: Farei o que vos parecer ajustado. E pôs-se o rei junto à porta: E o povo ia desfilar formado em seus esquadrões de cento em cento, e de mil em mil.

5 E o rei ordenou a Joab, e a Abisai, e a Etai, dizendo: Salvai-me com vida o moço Absalão. E todo o povo ouviu a ordem que o rei dava a todos os seus generais para salvarem a vida de Absalão.

6 Assim saiu o povo à campanha contra Israel, e deu-se a batalha no bosque de Efraim.

7 E ali foi o povo de Israel desbaratado pelo exército de Davi, e naquele dia houve uma grande mortandade de vinte mil homens.

8 E os que ali combateram foram dispersos por toda a face da terra, e foram muitos mais os que do povo consumiu o bosque, do que aquêles que pereceram à espada naquele dia.

9 Aconteceu pois que indo Absalão montado num macho se encontrou com a gente de Davi: E tendo entrado o macho por baixo dum espesso e grande carvalho, se lhe embaraçou a cabeça no carvalho: E passando adiante o macho em que ia montado, ficou pendurado entre o Céu e a terra.

10 Vendo porém isto um homem, avisou a Joab, dizendo: Eu vi Absalão pendurado dum carvalho.

11 E Joab disse ao homem, que lhe tinha dado a noticia: Se o viste, por que o não atravessaste com a terra, e eu teria dado dez siclos de prata, e um boldrié? (1)

12 Ele respondeu a Joab: Ainda quando pusesses nas minhas mãos mil siclos de prata, de nenhuma sorte estenderia eu a minha mão contra o filho do rei: Porque todos nós ouvimos a ordem que o rei te deu a ti, e a Abisai, e a Etai, dizendo: Guardai-me o moço Absalão.

13 Mas também se eu com risco da minha vida tivesse obrado tão temerariamente, de nenhum modo isto se poderia ocultar ao rei, e tu mesmo te oporias.

(1) **DEZ SICLOS DE PRATA** — O siclo de prata pesava tanto como o de ouro, 14 gramas e 20. O seu valor em prata era aproximadamente de cinco tostões da nossa moeda, e o siclo de ouro regulava por cerca de dez mil réls.

BOLDRIÉ — Era uma correia que se trazia a tiracolo, e que servia para suspender o sabre. Entre os israelitas consistia num cinto mais ou menos ornamentado, conforme a posição daquelle que o trazia.

14 E disse Joab: Não será assim como tu querês, mas à tua mesma vista o matarei. Tomou pois na mão três lanças, e traspassou com elas o coração de Absalão: E quando êle ainda palpitava pendurado no carvalho,

15 correram dez mancebos escudeiros de Joab, e a golpes o acabaram de matar.

16 Deu pois Joab sinal com a trombeta, e querendo perdoar à multidão, impediu que a sua gente não fôsse no alcance dos israelitas que fugiam.

17 E levaram a Absalão, e o lançaram numa grande cova em o bosque, e arremessaram sôbre êle um muito grande montão de pedras: E todos os israelitas fugiram para as suas tendas. (2)

18 Ora Absalão, quando ainda vivia, se tinha feito levantar uma coluna no vale do rei: Porque tinha dito: Eu não tenho filhos, e êste será um monumento do meu nome. E deu o seu nome a esta coluna, e ainda hoje se chama ela a Mão de Absalão. (3)

19 Aquimaas porém, filho de Sadoc, disse: Eu irei correndo, e darei por notícia ao rei, que o Senhor lhe fêz justiça vingando-o do poder de seus inimigos.

20 Joab lhe disse: Não lhe levarás hoje a notícia, mas noutro dia: Não quero que dêes hoje a notícia porque é morto o filho do rei. (4)

21 E disse Joab a Cusi: Parte e vai anunciar ao rei o que viste. Cusi lhe fêz uma profunda reverência, e partiu a correr.

(2) **MONTÃO DE PEDRAS** — Era costume seguido entre os judeus, do qual ainda agora restam vestígios.

(3) **NO VALE DO REI** — Provavelmente o vale de Cedron. Vê-se ainda aí um monumento que se chama o túmulo de Absalão. O emprêgo destas colunas — estelas — era comum na antiguidade; em Cartago foram encontradas bastantes.

(4) **NÃO LHE LEVARAS HOJE A NOTICIA** — Joab não quis expor o seu amigo à cólera do rei, e por isso falou desta sorte.

22 E tornou Aquimaas, filho de Sadoc, a dizer a Joab: Que embaraço há para que eu não vá também correndo depois de Cusi? E Joab lhe respondeu: Por que queres tu correr, ó meu filho? Não serás portador de boa nova.

23 Aquimaas respondeu: Que importa pois se eu correr? E Joab lhe disse: Corre. Correndo pois Aquimaas por um atalho, passou a Cusi. (5)

24 Davi porém estava assentado entre as duas portas: E a sentinela, que estava em cima da muralha no alto da porta, levantando os olhos, viu vir um homem correndo só.

25 E clamando o disse ao rei, e o rei respondeu: Se êle vem só, traz alguma boa nova. Vindo êle a grã pressa, e estando já próximo,

26 descobriu a sentinela outro homem, que corria, e gritando de cima, disse: Eu vejo lá vir correndo outro homem só. E o rei disse: Êste também traz alguma boa nova.

27 Mas a sentinela disse: Observo que o modo de correr do primeiro me parece ser o correr de Aquimaas, filho de Sadoc. E disse o rei: E' um honrado homem: E êle vem trazer alguma boa nova.

28 E gritando Aquimaas, disse ao rei: Deus te guarde, ó rei. E prostrado em terra adorando o rei em sua presença, disse: Bendito seja o Senhor teu Deus, que destróçou os homens que se tinham sublevado contra o rei meu senhor.

29 E o rei disse: Está vivo o moço Absalão? e respondeu-lhe Aquimaas: Quando teu servo Joab me en-

(5) **POR UM ATALHO** — No texto original está "o caminho de Kikkar", isto é, o vale do Jordão. O caminho era de fato mais curto, atalhava-se muito, mas era muito mais incômodo do que o da planície.

2 Reis 18, 30-33; 19, 1

viou a ti que sou teu servo, ó rei, vi eu um grande tumulto: Não sei outra coisa.

30 O rei lhe disse: Passa, e espera aqui. Tendo êle passado, e estando pôsto no seu lugar,

31 appareceu Cusi: E chegando disse: O' rei meu senhor, trago-te uma boa nova: Porque o Senhor julgou hoje em teu favor vingando-te da mão de todos aquêles que se sublevaram contra ti.

32 E o rei disse a Cusi: E' vivo o moço Absalão? Cusi respondendo-lhe, disse: Assim suceda aos inimigos do rei meu senhor, e a todos os que se sublevam contra êle. para o perderem, como succedeu àquele mancebo.

33 O rei pois cheio de tristeza, subiu a uma sala que estava por cima da porta e se pôs a chorar. E andando dizia assim: Meu filho Absalão, Absalão meu filho. Quem me dera que eu morrera por ti, Absalão, meu filho, filho meu Absalão? (6)

CAPÍTULO 19

CONTINUA DAVI A CHORAR ABSALÃO. JOAB O OBRIGA A MOSTRAR-SE AO POVO. A TRIBO DE JUDÁ O CONDUZ A JERUSALÉM. DAVI PERDOA A SEMEI. RECEBE A MIFIBOSET. BERZELAI LHE DEIXA SEU FILHO. MURMURAÇÃO DE ISRAEL CONTRA JUDÁ.

1 Noticiaram pois a Joab que o rei chorava e lamentava a seu filho:

(6) **E SE PÓS A CHORAR** — Não chora Davi o filho rebelde, chora a eterna condenação do mesmo, e vê em tudo isto um castigo de Deus, reconhecendo-se êle mesmo a causa de tantos males. *Lug et David aeternum filii exitium, et quod periisset hic filius forte ex nimia ipsius indulgentia. Sensit manum Domini super se, et quod ipse occasio fuisset tantorum malorum* (Martene). Do mesmo sentir é Santo Agostinho "Não chora Davi ao filho rebelde, porque en-

2 E a vitória se converteu em luto naquele dia para todo o povo: Porque o povo ouviu dizer naquele dia: O rei está de nojo por seu filho.

3 E o povo se absteve aquêlê dia de entrar na cidade, como costuma abster-se um povo derrotado e que foge da batalha.

4 Mas o rei estava com a cabeça coberta, e dizia a alta voz: Meu filho Absalão, Absalão meu filho, filho meu. (1)

5 Mas Joab entrando no quarto à presença do rei, disse: Tu cobriste hoje de confusão a todos os teus servos, que salvaram a tua vida, e a vida de teus filhos, e de tuas filhas, e a vida de tuas mulheres, e a vida de tuas concubinas.

6 Amas aos que te aborrecem, e aborreces aos que te amam: E mostraste hoje que se te não dá nem dos teus oficiais: E na verdade conheci agora, que se Absalão vivesse, e todos nós fôssemos mortos, então ficârias tu contente.

7 Agora pois levanta-te, e sai, e falando satisfaze a teus servos: Porque eu te juro pelo Senhor, que se não saíres, nem sequer um homem ficará contigo esta noite: E isto te será pior do que todos os males, que têm vindo sobre ti, desde a tua mocidade até o presente.

8 O rei pois se levantou e se assentou à porta: E avisou-se a todo o povo que o rei estava sentado à porta: E tôda a multidão veio apresentar-se diante do rei: Mas os de Israel se retiraram às suas tendas.

quanto vivo esperava que Deus o convertesse do seu péssimo procedimento. Agora que o vê morrer impenitente, chora como bom pai a eterna condenação de seu filho". Santo Agostinho. L.^o II, Contra a Epístola de Gaudêncio, c. 14.

(1) COM A CABEÇA COBERTA — Sinal de luto então vulgar.

2 Reis 19, 9-18

9 E todo o povo em tôdas as tribos de Israel porfiava dizendo: O rei nos livrou da mão de nossos inimigos, êle mesmo nos salvou do poder dos filisteus: E agora fugiu da sua terra por causa de Absalão.

10 E Absalão, a quem tínhamos ungido por nosso rei, morreu na batalha: Até quando estareis em inação, e por que não fazeis voltar o rei?

11 O rei Davi porém mandou dizer aos pontífices Sadoc, e Abiatar: Falai aos anciãos de Judá, e dizei-lhes: Por que sois vós os últimos em convidar o rei que venha para sua casa? Porque tinham chegado à notícia do rei em sua casa as palavras de todo o Israel.

12 Vós sois meus irmãos, sois meu osso, e minha carne; por que sois vós os últimos em fazer chamar o rei?

13 E dizei a Amasa: Não és tu meu osso, e minha carne: Deus me trate com todo o seu rigor, se eu te não fizer para sempre general do meu exército junto à minha pessoa em lugar de Joab.

14 E ganhou êle o coração de todos os de Judá, como se foram um só homem: E enviaram a dizer ao rei: Volta e todos os teus servos.

15 E voltou o rei, e chegou até o Jordão, e todos os de Judá vieram até Galgala, para receber o rei, e para o acompanharem na passagem do Jordão.

16 Mas Semei de Baurim, filho de Gera, filho de Jemini, veio a grã pressa com os de Judá a encontrar-se com o rei Davi,

17 com mil homens de Benjamim, e Siba servo da casa de Saul: E quinze filhos seus, e vinte servos na sua companhia: E metendo-se pelo Jordão, adiante do rei,

18 passaram o vau, para fazerem passar a família do rei, e para executarém as suas ordens: Mas Semei

filho de Gera prostrado diante do rei, quando já tinha passado o Jordão, (2)

19 Ihe disse: Não castigues, meu Senhor, a minha maldade, nem te lembres das injúrias de teu servo, meu rei e senhor, no dia que saístes de Jerusalém, nem as conserves, ó rei, no teu coração.

20 Porque eu teu servo conheço o meu pecado: E por isso vim hoje o primeiro de toda a casa de José, e saí a receber ao rei meu senhor. (3)

21 Respondendo porém Abisai, filho de Sarvia, disse: Acaso bastarão estas palavras para Semei não ser morto, depois de ter amaldiçoado ao ungido do Senhor? (4)

22 E Davi disse: Que tenho eu convosco, filhos de Sarvia? por que vindes vós hoje a servir-me de adversários? Pois quê? há de hoje tirar-se a vida a um israelita? Ignoro eu acaso que hoje fui feito rei sobre Israel?

23 E o rei disse para Semei: Não morrerás. E assim lho jurou.

24 Veio também Mifiboset, filho de Saul, a receber o rei, sem ter lavado os pés nem ter feito a barba: E não tinha lavado seus vestidos desde o dia que o rei tinha saído, até o dia em que tinha chegado em paz.

(2) QUANDO JA' TINHA PASSADO O JORDÃO — O rei não tinha ainda transposto o rio. Esta expressão significa que no mesmo momento em que Semei acabava de passar o Jordão, lançava-se aos pés de Davi.

(3) A CASA DE JOSÉ — Toma-se, ora por toda a casa de Israel, ora pela casa de Israel, distinta da de Judá. E' neste sentido que se deve entender nesta passagem.

(4) AO UNGIDO DO SENHOR — Pela unção divina a pessoa do rei tornava-se inviolável, e qualquer ultraje à sua pessoa tornava-se como se fôsse simultaneamente ultrajada a divindade.

25 E tendo saído a receber o rei em Jerusalém, disse-lhe o rei: Mifiboset, por que não foste tu comigo?

26 E respondeu-lhe, dizendo: Meu rei e senhor, o meu criado me desatendeu: Porque eu teu servo lhe disse que me aparelhasse um jumento para me montar nêle, e ir com o rei: Pois eu teu servo sou coxo.

27 E êle demais disto me acusou a mim, teu servo diante de ti, meu rei e senhor: Mas tu, meu rei e senhor, és como um anjo de Deus, fazes o que bem te parecer.

28 Porque a casa de meu pai para com o rei meu senhor não foi digna senão de morte: Porém tu me puseste a mim, teu servo, entre os convidados à tua mesa: De que poderei eu pois queixar-me com justiça? ou que motivo terei eu para importunar mais o rei? (5)

29 E o rei lhe respondeu: Para que hás de falar mais? o que eu mandei, há-de subsistir: Tu, e Siba reparti a fazenda. (6)

30 E Mifiboset respondeu ao rei: Fique êle muito embora com tudo; uma vez que o rei meu senhor se recolheu em paz a sua casa.

31 Também Berzelai de Galaad, tendo vindo de Rogelim acompanhou o rei na passagem do Jordão, pronto para o seguir ainda da outra banda do rio. (7)

32 Era pois Berzelai de Galaad muito velho, isto é, de oitenta anos, e êle mesmo tinha provido o rei de ví-

(5) **SENAO DE MORTE** — Davi, conformando-se com os costumes do seu tempo, podia ter exterminado toda a descendência de Saul.

(6) **TU E SIBA REPARTI** — E' provável que Davi tivesse alguma suspeita acêrca de Mifiboset; assim se explica dar-lhe metade dos seus bens, repartindo o restante com Siba, que pareceu muito afeiçoado ao rei e ao seu governo.

(7) **ROGELIM** — Cidade do país de Galaad.

veres, quando estava nos arraiais: Porque era um homem muito rico.

33 O rei pois disse a Berzelai: Vem comigo, para viveres em minha companhia descansando em Jerusalém.

34 E Berzelai respondeu ao rei: Quantos são os dias dos anos da minha vida, para que eu suba com o rei a Jerusalém?

35 Oitenta anos tenho hoje: Acaso estão os meus sentidos com vigor para discernir entre o doce e o amargo? ou pode teu servo perceber sabor no que come e no que bebe? ou posso ouvir já a voz dos cantores, e das cantoras? porque há de teu servo servir de carga ao rei e meu senhor! (8)

36 Eu, teu servo, te acompanharei ainda um pouco da outra banda do Jordão: Tal mudança não me faz conta,

37 mas rogo-te que permitas a teu servo o voltar, e morrer na minha cidade, e ser enterrado junto do sepulcro de meu pai, e de minha mãe. Mas aqui está Camaam, teu servo, vá êle mesmo contigo, ó meu rei e senhor, e fazê dêle o que fôr mais do teu gosto. (9)

38 E o rei lhe disse: Passe comigo Camaam, e eu lhe farei tudo o que quiseres, e conceder-te-ei tudo o que me pedires. (10)

39 E como o rei e todo o povo tivessem passado o Jordão, beijou o rei a Berzelai, e o abençoou: Êle voltou para sua casa.

(8) **A VOZ DOS CANTORES** — Os reis tinham ordinariamente um côro de músicos, e os seus festins eram acompanhados com cânticos.

(9) **JUNTO DO SEPULCRO DE MEU PAI** — Os hebreus tinham em máxima consideração a sepultura da família. Vimos no Gên 50, 24, as recomendações feitas por José acerca da sua sepultura e dos seus.

(10) **CAMAAM** — Filho de Berzelai; aceitou o convite de Davi e ffixou-se perto de Belém, 3 Rs 2, 7 e Jer 41, 17.

40 Passou pois o rei a Galgala, e Camaam com êle: Mas tôda a tribo de Judá tinha acompanhado o rei ao passar o rio, e só se tinha achado ali metade do povo de Israel.

41 Pelo que acudindo juntos todos os de Israel ao rei, lhe disseram: Por que te roubaram nossos irmãos os de Judá, e fizeram passar ao rei o Jordão, e a tôda a gente de Davi com êle? (11)

42 E todos os homens de Judá responderam aos homens de Israel: E' porque o rei nos toca a nós mais de perto: Por que vos enojais por isso? Acaso comemos nós alguma coisa do rei, ou têm-se-nos dado alguns presentes?

43 E respondendo os de Israel aos de Judá, disseram: Nós somos dez tantos mais do que vós para servir ao rei e assim mais nos toca Davi a nós do que a vós: Por que nos fizestes êste agravo, e não se nos deu aviso antes, para fazermos voltar o nosso rei? Porém os homens de Judá responderam com maior desabrimento aos de Israel.

CAPÍTULO 20

SEBA EXCITA UMA NOVA SUBLEVAÇÃO CONTRA DAVI. JOAB FORMALIZA-SE DA CONFIANÇA QUE DAVI MOSTRA FAZER DE AMASA E O MATA. VAI SITIAR ABELA PARA ONDE SEBA SE HAVIA RETIRADO. SEBA É MORTO.

1 Sucedeu também achar-se ali um homem de Belial, por nome Seba, filho de Bocri, da cidade de Jemini: E tocou a trombeta, e disse: Nós não temos parte

(11) **A GENTE DE DAVI** — Os que o tinham acompanhado na sua fuga.

em Davi, nem herança no filho de Isai: Volta-te para as tuas tendas, Israel. (1)

2 E todo o Israel se separou de Davi, e seguiu a Seba, filho de Bocri: Mas os de Judá não se separaram do seu rei desde o Jordão até Jerusalém.

3 E o rei, depois que chegou ao seu palácio de Jerusalém, mandou que as dez concubinas, que ele tinha deixado para o guardarem, fôsem encerradas numa casa, dando-lhes de que se alimentassem: E não se chegou mais a elas, mas ficaram encerradas vivendo como viúvas até o dia da sua morte.

4 Disse porém o rei a Amasa: Faze-me vir dentro de três dias todos os de Judá, e acha-te presente com eles.

5 Partiu logo Amasa para ajuntar os de Judá, mas tardou além do tempo que o rei lhe aprazara.

6 Disse pois Davi a Abisai: Agora afligir-nos-á Seba, filho de Bocri, muito mais do que fêz Absalão: Portanto toma os servos de teu senhor, e vai em seu alcance, não suceda que ele ache cidades fortes, e nos escape. (2)

7 Saíram logo com ele as gentes de Joab, e também os cereteus e os feleteus: E todos os homens mais valentes de Jerusalém saíram para perseguirem a Sêba filho de Bocri.

8 E quando eles estavam junto da grande pedra, que há em Gabaon, lhes saiu ao encontro Amasa. Estava pois Joab vestido duma túnica estreita que lhe ficava justa ao corpo, e sôbre ela levava cingida a espada pen-

(1) **UM HOMEM DE BELLAL** — Homem libertino, revoltoso, desobediente, refratário a toda a sujeição. *Vir improbus et seditiosus, jugum scilicet excutiens.* (Menochio).

(2) **OS SERVOS DE TEU SENHOR** — Os que constituíam o exército permanente, em opposição ao exército improvisado que Amasa recrutava, conforme o que lhe havia sido ordenado.

2 Reis 20, 9-15

dente até às ilhargas, dentro da sua bainha, que tendo sido feita com tal arte, num momento podia sair e ferir.

9 Disse pois Joab a Amasa: Paz seja contigo, meu irmão. E com a mão direita tomou a Amasa pela barba, como para beijá-lo. (3)

10 Mas Amasa não reparou na espada que trazia Joab, e êste o feriu num lado, e lhe lançou por terra os intestinos, e sem ser necessário segundo golpe, caiu morto. Porém Joab, e Abisai seu irmão marcharam contra Seba, filho de Bocri.

11 Entretanto alguns dos companheiros de Joab, parando junto ao cadáver de Amasa, disseram: Eis-aqui quem quis ser general de Davi em lugar de Joab. (4)

12 E Amasa estava estendido no meio do caminho, todo envolto no seu sangue. Mas um tal, vendo que todo o povo parava a vê-lo, tirou-o do caminho para o campo, e o cobriu com um manto, para os que passavam não pararem ao pé dêle.

13 Tirado pois que foi Amasa do caminho, passaram todos os que iam com Joab em seguimento de Seba filho de Bocri.

14 Mas êste tinha atravessado tôdas as tribos de Israel até Abela, e Betamaaca: E tinha-se-lhe ajuntado tôda a gente escolhida.

15 Vieram pois, e sitiaram-no em Abela, e em Betmaaca, e levantaram baterias contra a cidade, e ficou esta cercada: E tôda a gente que estava com Joab trabalhava em arruinar os muros.

(3) **PARA BEIJA-LO** — Ainda subsiste êste costume entre os orientais, em particular árabes e persas; beijam-se em sinal de amizade e boas relações.

(4) **EIS-AQUI QUEM QUIS** — O que o texto original parece querer indicar, é o seguinte: que Joab postou um homem junto

16 E uma mulher da cidade que tinha muito siso gritou: Ouvi, ouvi, dizei a Joab: Que chegue cá, que lhe quero falar.

17 E tendo êle chegado, lhe disse a mulher: Tu és Joab? E êle respondeu: Sou. E ela lhe falou assim: Ouve as palavras de tua escrava. Êle lhe respondeu: Ouço.

18 E a mulher prosseguiu: Noutro tempo costumava-se dizer: Os que buscam conselho, peçam-no a Abela: E assim concluíam os seus negócios.

19 Acaso não sou eu a que respondo a verdade em Israel, e tu queres arruinar uma cidade, e destruir uma metrópole em Israel? Por que te fadigas tu em destruir a herança do Senhor?

20 E Joab respondeu, dizendo: Longe de mim que eu tal faça: Eu não destruo, nem demulo.

21 A coisa não é assim, senão que um homem do monte de Efraim chamado Seba, filho de Bocri, se levantou contra o rei Davi: Entregai-nos só êste, e retirar-nos-emos da cidade. E disse a mulher a Joab: Agora mesmo te será lançada a sua cabeça pelo muro.

22 Ela pois foi ter com todo o povo, e falou-lhes sàbiamente: Êles, cortada a cabeça de Seba, filho de Bocri, a lançaram a Joab, e êle tocou a trombeta, e se retiraram da cidade cada um para as suas tendas, e Joab voltou a ver-se com o rei em Jerusalém.

23 Joab pois era general de todo o exército de Israel: Banaías, filho de Jojada, porém comandava os cere-teus e os feleteus.

do cadáver, pronunciando estas palavras: "Quem ama Joab e é por Davi, siga Joab". Vigouroux, *ob. cit.*

24 Aduram porém era superintendente dos tributos: Josafat, filho de Ailud, cronista-mor. (5)

25 Siva porém secretário: Sadoc e Abiatar pontífices.

26 Ira de Jair porém era sacerdote de Davi.

CAPÍTULO 21

FOME DE TRÊS ANOS EM ISRAEL. DAVI ENTREGA AOS GABAONITAS SETE PESSOAS DA FAMÍLIA DE SAUL. PIEDADE DE RESFA PARA COM OS CORPOS DESTES PRÍNCIPES. DAVI OS MANDA SEPULTAR. GUERRA CONTRA OS FILISTEUS.

1 Houve também em tempo de Davi uma fome que durou três anos contínuos: E Davi consultou o oráculo do Senhor. E o Senhor lhe respondeu: Por causa de Saul, e da sua casa sangüinária, porque tinha morto os gabaonitas.

2 E chamados os gabaonitas, o rei lhes disse: (Ora os gabaonitas não eram dos filhos de Israel, mas umas relíquias dos amorreus: Porque os israelitas se tinham aliado com eles por juramento, e Saul empreendeu o extingui-los, com um zelo, como em favor dos filhos de Israel e de Judá.) (1)

(5) **DOS TRIBUTOS** — Para a sustentação do exército e da corte, os reis lançavam impostos.

CRONISTA-MOR — Entre os egípcios, caldeus, assírios e persas havia o costume de tomar nota de todos os fatos importantes; este costume também era seguido aqui.

(1) **OS GABAONITAS NÃO ERAM DOS FILHOS DE ISRAEL, MAS UMAS RELÍQUIAS DOS AMORREUS** — Subsistiam ainda com os heveus, heteus e fereseus nos arredores de Betsan, e os jebuseus, perto de Jerusalém. Foram empregados por Salomão na construção do Templo.

3 Disse pois Davi aos gabaonitas: Que quereis que eu vos faça? E que satisfação vos darei, para que abençoéis a herança do Senhor?

4 E os gabaonitas lhe responderam: Não é nossa pretensão sobre ouro, nem prata, senão contra Saul e contra a sua casa: Nem queremos que pereça homem de Israel. E o rei lhes disse: Que é pois o que quereis que vos faça?

5 Eles responderam ao rei: Aquêlê homem, que iniquamente nos esmagou, e oprimiu, nós o devemos acabar de modo que não fique da sua linhagem nem um só em todos os limites de Israel.

6 Dêem-se-nos sete de seus filhos, para os crucificarmos à honra do Senhor em Gabaa de Saul, que foi noutro tempo o escolhido do Senhor. E o rei disse: Eu os darei.

7 E perdoou o rei a Mifiboset, filho de Jônatas, filho de Saul, por causa do juramento do Senhor, que tinha mediado entre Davi e entre Jônatas, filho de Saul.

8 Mas tomou os dois filhos de Resfa, filha de Aia, chamados Armoni, e Mifiboset, os quais ela houvera de Saul: E cinco filhos que Micol, filha de Saul, tinha gerado a Hadriel, filho de Berzelai, que era de Molati, (2).

9 e entregou-os nas mãos dos gabaonitas, que os crucificaram no monte diante do Senhor: Assim acaba-

(2) MICOL — Tem este nome oferecido assunto para várias disputas entre os exegetas, que encontravam aqui "um monte de dificuldades, porque Micol quando Davi a deixou, não casou com Hadriel, mas com Falti, filho de Lais; quem esposou Hadriel foi Merob. Afinal reduz-se a pouco a explicação d'êste lugar obscuro. A palavra Micol é um erro manifesto do copista, pois no 1 Rs 18, 19, diz-se claramente que foi Merob, irmã de Micol, que casou com Hadriel, o malatita. A maior parte dos comentadores judaicos e cristãos entendem, segundo a versão caldaica, que foi Merob quem deu os cinco filhos a Hadriel, mas que foram educados por Micol.

2 Reis 21, 10-16

ram êstes sete homens mortos todos juntos nos primeiros dias da ceifa, quando se começava a segar as cevadas.

10 Porém Resfa, filha de Aia, tomando um pano de cilício o estendeu debaixo de si, sôbre uma pedra desde o princípio da ceifa, até que a água do céu caiu sôbre êles: E cuidou em que as aves os não despedaçassem de dia, nem as feras de noite.

11 E foi contado a Davi o que fizera Resfa, filha de Aia, concubina de Saul.

12 E foi Davi e tomou os ossos de Saul, e os ossos de Jônatas, seu filho, aos vizinhos de Jabés de Galaad, que os tinham roubado da praça de Betsan, na qual os filisteus os tinham pendurado quando mataram a Saul em Gelboé:

13 E transportou dali Davi os ossos de Saul, e os ossos de Jônatas, seu filho: E tendo feito ajuntar os ossos dos que tinham sido crucificados,

14 os enterraram com os ossos de Saul e de Jônatas, seu filho, no país de Benjamim, a um lado, no jazigo de Cis, seu pai: E cumpriram tôdas as ordens do rei, e depois disto se aplacou Deus com a terra. (3)

15 Ateou-se porém de novo a guerra dos filisteus contra Israel, e saiu Davi, e a sua gente com êle, e pelejavam contra os filisteus. E desfalecendo Davi,

16 Jesbibenob, que era da linhagem de Arafa, que ia armado de uma lança, cujo ferro pesava trezentas on-

(3) **OS ENTERRARAM** — Mais uma prova do profundo respeito que os hebreus tinham pelo culto dos mortos, e a veneração em que tinham as sepulturas.

ças, e que cingia uma espada nova se esforçou por ferir a Davi. (4)

17 Mas Abisai, filho de Sarvia, lhe serviu de broquel, e ferindo ao filisteu o matou. Então fizeram as gentes de Davi um juramento, dizendo: Tu não tornarás a sair à batalha conosco, para que não apagues a lâmpada de Israel.

18 Houve ainda uma segunda guerra em Gob contra os filisteus: Então Sobocai de Husati matou a Saf, da linhagem de Arafa, da raça dos gigantes.

19 Houve mais outra terceira guerra em Gob contra os filisteus na qual Adeodato, filho de Bosque, que tecia panos de côres em Belém, matou a Golias de Get, que levava uma lança, cuja haste era como o órgão do tear dos tecelões.

20 A quarta guerra foi em Get: Nela se achou um homem de grande estatura, que tinha seis dedos em cada mão e em cada pé, isto é, vinte e quatro dedos, e era da casta de Arafa. (5)

21 Êste blasfemou contra Israel: Mas matou-o Jônatas, filho de Semaa, irmão de Davi. (6)

22 Êstes quatro homens tinham nascido de Arafa em Get, e foram mortos à mão de Davi, e das suas gentes. (7)

(4) **TREZENTAS ONÇAS** — Hebraicas, equivalentes a 300 . sicles, e aproximadamente quatro quilogramas.

(5) **GET** — Uma das cinco cidades dos filisteus.

(6) **ÊSTE BLASFEMOU** — Quer dizer que o insultou com violência.

(7) **TINHAM NASCIDO DE ARAFA** — Isto é, eram também gigantes.

CAPÍTULO 22

CANTICO QUE DAVI PRONUNCIOU EM AÇÃO DE GRAÇAS, POR DEUS O TER LIVRADO DE TODOS OS SEUS INIMIGOS.

1 E Davi falou ao Senhor as palavras dêste cântico, no dia em que o Senhor o livrou da mão de todos os seus inimigos, e da mão de Saul, (1)

2 e disse: O Senhor é o meu rochedo, e o meu esforço, e o meu Salvador. (2)

3 E' o meu Deus forte, nêle esperarei: E' o meu escudo, e a fortaleza da minha salvação: O meu exaltador e o meu refúgio: O' meu Salvador, tu me livrarás da iniquidade.

4 Eu invocarei o Senhor digno de louvor: e serei salvo de meus inimigos.

5 Porque me cercaram quebrantos de morte: Torrentes de Belial me atemorizaram.

6 Cordas de inferno me cingiram todo: Laços de morte me apanharam descuidado.

7 Na minha tribulação invocarei o Senhor, e clamarei ao meu Deus: E êle ouvirá a minha voz lá do seu templo, e o meu clamor chegará aos seus ouvidos.

8 A terra se comoveu e estremeceu: Os fundamentos dos montes foram agitados, e abalados, porque se irou contra êles.

9 O fumo de seus narizes se elevou ao alto, e fogo devorados sairá da bôca: Por êle serão acesos carvões.

(1) **AS PALAVRAS DESTE CÂNTICO** — Este poema chamado o "Cântico do Rochedo", por causa da imagem empregada no v. 2, é como que o testamento em que o velho rei exprime a confiança ou promessa que o Senhor fêz de eternizar a sua descendência.

(2) **MEU ROCHEDO** — Os rochedos da Palestina são uma poderosa defesa para as cidades, daí a imagem.

10 Abaixou os céus, e desceu: E a escuridade debaixo de seus pés.

11 E subiu sobre os querubins, voou: E desceu sobre as asas dos ventos. (3)

12 Pôs trevas ao redor de si para se ocultar: Joiando as águas das nuvens do céu.

13 Pelo esplendor da sua presença se acenderam carvões de fogo.

14 O Senhor trovejara do céu: E o Altíssimo fará soar a sua voz.

15 Disparou setas e dissipou os raios, e consumiu-os.

16 E apareceram as profundidades do mar, e descobriram-se os fundamentos da terra, ao ameaçar do Senhor, ao assôpro do espírito do seu furor.

17 Enviou do alto, e recebeu-me: E tirou-me das muitas águas.

18 Livrou-me do meu inimigo poderosíssimo, e daqueles que me tinham ódio: Porque eram mais fortes do que eu.

19 Preveniu-me no dia da minha tribulação, e o Senhor se fez o meu firme esteio.

20 E ele me tirou ao largo: Livrou-me, porque lhe agradei.

21 O Senhor me retribuirá segundo a minha justiça: E ele me galardoadá segundo a pureza das minhas mãos.

22 Porque eu guardei os caminhos do Senhor, e não obrei impiamente, contra o meu Deus.

23 Todos os seus pensamentos pois estão diante dos meus olhos: E não me arredei dos seus preceitos.

24 E serei perfeito com ele: E guardar-me-ei da minha iniquidade.

(3) **SOBRE AS ASAS DOS VENTOS** — Expressão que indica a prontidão com que Deus livrou Davi das mãos dos seus inimigos.

2 Reis 22, 25-37

25 E o Senhor me retribuirá segundo a minha justiça: E segundo a pureza de minhas mãos, diante dos seus olhos.

26 Com o santo serás santo: E com o robusto perfeito. (4)

27 Com o puro serás puro: E com o perverso far-te-ás perverso.

28 E salvarás o povo pobre: E com os teus olhos humilharás os soberbos. (5)

29 Porque tu, Senhor, és a minha candeia: E tu, Senhor, alumiarás as minhas trevas.

30 Contigo pois correrei armado a combater: Com o meu Deus saltarei o muro.

31 O caminho de Deus é imaculado, a palavra do Senhor é purificada ao fogo: E é o escudo de todos os que esperam nêle.

32 Que Deus há senão o Senhor? e que forte há senão o nosso Deus?

33 O Deus que me cingiu de fortaleza: E aperfeiçoou o meu caminho.

34 Que iguala os meus pés com os dos servos, e me põe sôbre as minhas alturas.

35 Que instrui as minhas mãos para a peleja, e faz os meus braços como um arco de bronze.

36 Tu me deste o escudo da tua salvação: E a tua benignidade me engrandeceu.

37 Alargaste os meus passos debaixo de mim: E não desfaleceram os meus artelhos,

(4) **COM O SANTO SERÁS SANTO** — Isto é, usarás de bondade e clemência com os bons, ao passo que se devem castigar os perversos.

(5) **POVO POBRE** — Isto é, povo humilde, assegurando assim a proteção aos fracos.

38 perseguirei os meus inimigos, e fá-los-ei em migalhas: E não tornarei atrás até que os consuma.

39 Consumi-los-ei e desfazê-los-ei de modo que se não levantem: Caíram debaixo dos meus pés.

40 Tu me guarneceste de força para o combate: Fizeste acurvar debaixo de mim os que resistiam.

41 Fizeste que voltassem as costas meus inimigos que me aborreciam, e eu os arruinarei de todo.

42 Clamarão, e não haverá ninguém que os socorra: Clamarão ao Senhor, e êle os não ouvirá.

43 Eu os moerei como o pó da terra: Trilhá-los-ei, e desfá-los-ei, como o lódo das ruas. (6)

44 Tu me salvarás das contradições do meu povo: Conservar-me-ás para ser o chefe das nações: Um povo, que eu não conheço, me servirá.

45 Os filhos estranhos me resistirão, em me ouvindo me obedecerão.

46 Os filhos estranhos se desfizeram, e serão espreitados nos seus encerramentos.

47 Viva o Senhor, e seja bendito o meu Deus: E será exaltado o Deus forte da minha salvação.

48 Tu és, ó Deus, o que me vingas, o que sujeitas os povos debaixo de mim.

49 Tu o que me tiras dentre os meus inimigos, e o que me exaltas sobre os que me resistem: Tu me livrarás do homem injusto:

50 Por isso, Senhor, te darei as graças no meio das nações: E entoarei louvores ao teu nome.

51 O que engrandece as saúdes do seu rei, e usa de misericórdia com Davi seu ungido, e com a sua descendência para sempre.

(6) **COMO O PÓ DA TERRA** — O pó é o símbolo de extermínio e de aniquilamento. Aqui vinha o costume de derramar pó sobre a cabeça, nos lutos e nas grandes catástrofes.

CAPÍTULO 23

ÚLTIMAS PALAVRAS DE DAVI. NOMES DOS MAIS VALENTES HOMENS DOS SEUS EXÉRCITOS.

1 Estas são as últimas palavras de Davi. Disse Davi, filho de Isai: Disse o varão, a favor do qual se decretou sobre o Cristo do Deus de Jacó, excelente salmista de Israel. (1)

2 O espírito do Senhor falou por mim, e a sua palavra pela minha língua. (2)

3 O Deus de Israel me disse, o forte de Israel falou, o dominador dos homens, o justo dominador dos que temem a Deus. (3)

4 Como a luz da aurora que resplandece pela manhã ao sair do sol, sem nuvens, e como a erva da terra que brota com as chuvas.

5 A minha casa não era tal diante de Deus, que devesse ele fazer comigo um pacto eterno, firme, e em tudo incontrastável. Porque ele é toda a minha salvação, e toda a minha vontade: E não há coisa alguma que daqui não tenha a sua origem.

6 Mas os prevaricadores serão arrancados todos como os espinhos: Que não se tocam com as mãos.

7 E se alguém quizer tocá-los, armar-se-á de ferro e dum pau de lança, e pegando-lhes fogo serão queimados, até não ficar nada deles.

(1) **EXCELENTE SALMISTA DE ISRAEL** — Foi durante a sua vida pastoral que Davi se tornou o excelente salmista de Israel. Davi é, sem dúvida alguma, o principal poeta lírico de Israel, merecendo bem o nome de salmista por excelência.

(2) **O ESPÍRITO DO SENHOR** — Os cânticos de Davi têm muitas vezes um caráter profético inspirado pelo Espírito Santo.

(3) **O DOMINADOR DOS HOMENS** — Este dominador é o Messias, do qual um dos principais caracteres é o temor de Deus.

8 Eis-aqui os nomes dos valentes de Davi. O que se assenta em cadeira, príncipe sapientíssimo entre três, êle é como o pequeno verme da madeira, e êle foi o que dum feita matou oitocentos. (4)

9 Depois dêste, Eleazar aoíta, filho de seu tio paterno, era o segundo entre os três valentes, que se acharam com Davi quando insultaram aos filisteus, e se ajuntaram ali para a batalha.

10 E tendo subido os israelitas, se apresentou Eleazar, e bateu os filisteus até lhe cansar a mão, e ficar pegada à espada: E concedeu o Senhor naquele dia uma sinalada vitória: E o povo, que tinha fugido, voltou a tirar os despojos dos mortos.

11 E depois dêste era Semia, filho de Age de Arari: E os filisteus se ajuntaram num sítio onde havia um campo cheio de lentilhas. E tendo fugido o povo de diante dos filisteus,

12 êle se fêz firme no meio do campo, e o defendeu, e derrotou os filisteus: E concedeu o Senhor uma grande vitória.

13 Assim também antes tinham descido os três que eram os primeiros entre os trinta, e tinham vindo no tempo das messes ter com Davi à cova de Odolão: E os filisteus tinham o seu arraial no Vale dos Gigantes.

14 E Davi estava num lugar forte: E ao mesmo tempo havia em Belém uma guarnição de filisteus.

15 Davi pois teve desejos, e disse: Oh! se algum me dera a beber água da cisterna que há em Belém junto à porta!

16 No mesmo ponto êstes três valentes romperam pelo campo dos filisteus, e foram tirar água à cisterna

(4) COMO O PEQUENO VERME DA MADEIRA — Os críticos concordam em que o texto foi alterado, e que se deve ler: levantou a sua lança e matou. Vigouroux, ob. cit.

de Belém, que estava junto à porta, e a trouxeram a Davi: Mas êle a não quis beber, mas ofereceu-a ao Senhor. (5)

17 dizendo: Guarde-me o Senhor de que tal faça: Beberei eu o sangue dêstes homens, que foram buscá-la, aventurando as suas vidas? Não quis pois bebê-la: Assim o fizeram êstes três fortíssimos.

18 Abisai também irmão de Joab, filho de Sarvia, era o primeiro dos três: Êste é o que levantou a sua lança contra trezentos, que matou, afamado entre os três,

19 e o mui insigne dêles, e seu Príncipe, mas não igualava os três primeiros.

20 E Banaías de Cabsel, filho de Jojada, que foi um homem valentíssimo e de grandes feitos: Êle matou os dois leões de Moab, e êle mesmo desceu, e matou um leão no meio de uma cisterna e em tempo de neve. (6)

21 Êle foi também o que matou a um egípcio, homem digno de se ver, que tinha uma lança na mão: E tendo-se chegado a êle com uma vara, arrancou por força a lança da mão do egípcio, e o matou com a sua própria lança:

22 Isto é o que fêz Banaías filho de Jojada.

23 E êle era nomeado entre os três valentes, que eram os mais insignes entre os trinta: Mas não chegava aos três primeiros: E Davi o tinha feito seu conselheiro, e escrivão da Puridade.

24 Asael irmão de Joab era dos trinta, Eleanan de Belém, filho de seu tio paterno,

(5) **OFERECEU-A AO SENHOR** — Como em sacrifício de ação de graças.

(6) **DOIS LEÕES DE MOAB** — Uns tomam a palavra leão em sentido próprio, outros que deve significar os guerreiros, que seriam chamados Ariel, porque Ariel significa “leão de Deus”, o que pode significar leão corajoso.

- 25 Sema de Harodi, Elica de Harodi,
- 26 Heles de Falti, Hira de Técua filho de Acés.
- 27 Abiezer de Anatot, Mobonai de Husati,
- 28 Selmon de Ahoh, Maarai de Netofat,
- 29 Heled filho de Baana, que também era de Netofat, Itai filho de Ribai de Gabaat na tribo de Benjamim,
- 30 Banaia de Faraton, Heldai da Torrente de Gaas,
- 31 Abialbon de Arbat, Azmavet de Beromi,
- 32 Eliaba de Salaboni, Jonatan, dos filhos de Jassen,
- 33 Sema de Orori, Aiam de Aror, filho de Sarar,
- 34 Elifelet, filho de Aasbai, filho de Macati, Eliam, filho de Aquitofel de Gelon,
- 35 Hesrai do Carmelo, Farai de Arbi,
- 36 Igaal, filho de Natan, de Soba, Boni de Gadi.
- 37 Selec de Amoni, Naarai de Berot escudeiro de Joab, filho de Sarvia,
- 38 Ira, de Jetrit, Gareb também de Jetrit,
- 39 Urias heteu. Por todos trinta e sete.

CAPÍTULO 24

**FAZ DAVI RESENHA DO SEU POVO. E' POR ISSO REPREEN-
DIDO PELO PROFETA GAD. PESTE QUE DEUS MANDOU A
ISRAEL.**

1 Tornou-se de novo a acender o furor do Senhor contra Israel e excitou o Senhor contra eles a Davi, permitindo que dissesse: Vai, numera a Israel e a Judá. (1)

(1) **E EXCITOU** — A Escritura atribui muitas vêzes à ação de Deus aquilo que Deus somente permite. O recenseamento de Israel não era em si um mal. Deus podia pois levar Davi a fazê-lo, sem que contudo de sua Santíssima Vontade fôsem as más disposições, pelas quais incorreu no desagrado do Senhor.

2 Disse pois Davi a Joab general do seu exército: Corre tôdas as tribos de Israel desde Dan até Bersabée, e fazei resenha do povo, para eu saber o seu número.

3 E Joab respondeu ao rei: O Senhor teu Deus queira multiplicar o teu povo outro tanto do que agora é, e ainda cem vêzes mais aos olhos do rei meu senhor: Mas que intenta o rei meu senhor com isso?

4 Todavia a ordem do rei prevaleceu às representações de Joab e dos generais do exército: E saiu Joab da presença do rei com os primeiros oficiais da tropa, a contar o povo de Israel.

5 E tendo êles passado o Jordão, vieram a Aroer ao lado direito da cidade, que está no vale de Gad:

6 E por Jazer passaram a Galaad, e à terra baixa de Hodsi, e vieram aos bosques de Dan. E caminhando pelo contôrno de Sidônia,

7 passaram perto das muralhas de Tiro, e tôda a terra dos heveus e dos cananeus, e chegaram até Bersabée, ao meio-dia de Judá.

8 E tendo decorrido tôda a terra, voltaram para Jerusalém depois de nove meses e vinte dias. (2)

9 Deu pois Joab ao rei a lista do povo, e acharam-se em Israel oitocentos mil homens robustos, capazes de puxar pela espada: E em Judá quinhentos mil combatentes. (3)

10 Mas, depois que foi contado o povo, sentiu Davi um remorso no seu coração: E disse Davi ao Senhor: Eu cometi nesta ação um grande pecado: Mas rogo-te,

(2) **TODA A TERRA** — Correu Joab com os outros tôda a região, mas não contou todos os habitantes, porque no 1 Par 21, 6 diz-se: Benjamin non numeravit, eo quod Joab invitus exsequatur Regis imperium.

(3) **OITOCENTOS MIL HOMENS...** — Soma um total de 1.570.000, número elevado pelo copista.

ó Senhor, que perdoes a iniquidade de teu servo, porque obrei muito nesciamente.

11 Levantou-se pois Davi pela manhã, e o Senhor dirigiu a sua palavra a Gad profeta e vidente de Davi, dizendo:

12 Vai, e dize a Davi: Eis-aqui o que diz o Senhor: De três coisas se te dá a opção, escolhe qual destas que- res que te mande.

13 E Gad tendo-se apresentado a Davi, lho intimou, dizendo: Ou virá fome por sete anos à tua terra: Ou por três meses irás fugindo de teus inimigos, e eles perseguindo-te: Ou ao menos haverá peste na tua terra por três dias. Delibera pois agora, e vê que resposta hei de levar a quem me enviou.

14 E Davi respondeu a Gad: Eu me acho muito perplexo: Mas melhor é que eu caia nas mãos do Senhor (porque são muitas as suas misericórdias) do que nas mãos dos homens.

15 Mandou pois o Senhor a peste a Israel, desde a manhã até o tempo sinalado, e morreram do povo desde Dan até Betsabée setenta mil homens.

16 E tendo estendido o anjo do Senhor a sua mão sobre Jerusalém para a destruir, o Senhor se compadeceu da sua aflição, e disse ao anjo exterminador do povo: Basta: Detém agora a tua mão: E o anjo do Senhor estava junto da eira de Areuna jebuseu. (4)

17 E Davi logo que viu ao anjo ferindo o povo disse ao Senhor: Eu sou o que pequei, eu obrei mal: Que fizeram êstes, que são as ovelhas? Volte-se, te peço, a tua mão contra mim, e contra a casa de meu pai.

(4) JUNTO DA EIRA DE AREUNA — Sobre o monte Moriá: êste nome recebeu-o posteriormente, 2 Par 3, 1, mas como se sabe passou para o uso vulgar por causa da tradição, que identifica esta colina com o monte Moriá, onde Abraão quis imolar seu filho Isaac.

2 Reis 24, 18-25

18 E veio Gad naquele dia buscar a Davi, e lhe disse: Vai, e levanta um altar ao Senhor na eira de Areuna jebuseu.

19 E Davi subiu conforme o que Gad lhe tinha dito por ordem do Senhor.

20 E como Areuna levantasse os olhos, viu que vinham para ele o rei e os seus servos:

21 E adiantando-se o adorou prostrado o rosto em terra, e disse: Que motivo há para o rei meu senhor vir buscar a seu servo? Davi lhe respondeu: Para comprar-te a eira, e para edificar nela um altar ao Senhor, e para que cesse a mortandade que grassa no povo.

22 E Areuna disse a Davi: Tome-a o rei meu senhor, e sacrifique como bem lhe parecer: Eis-aqui estão bois para o holocausto, e um carro, e jugos de bois para lenha:

23 E o rei Areuna deu tudo ao rei: E disse Areuna ao rei: O Senhor teu Deus receba o teu voto. (5)

24 O rei respondendo-lhe, disse: Eu não posso receber o que tu me ofereces, mas comprá-lo-ei pelo que vale, e não oferecerei ao Senhor meu Deus holocaustos que me não custem nada. Comprou pois Davi a eira e os bois por cinquenta siclos de prata:

25 E edificou ali Davi um altar ao Senhor, e ofereceu holocaustos, e hóstias pacíficas: E o Senhor se aplacou com a terra, e cessou o flagelo que assolava a Israel.

(5) O REI AREUNA — Areuna não era rei; esta palavra está aqui repetida por um erro do copista, pois não se encontra nem na versão dos Setenta nem na siríaca, nem na árabe. Falta também em quatro manuscritos da Vulgata, que existiram na Biblioteca da Congregação do Oratório, e que foram examinados pelo padre Pereira, conforme ele dá notícia na nota a este versículo. Cfr. a edição aprovada pelo Sr. Cardeal Patriarca Dom Guilherme.

R E I S

LIVRO TERCEIRO

CAPÍTULO 1

ABISAG ESCOLHIDA PARA AQUENTAR A DAVI NA SUA VELHICE. ADONIAS FORMA SEU PARTIDO PARA SER ACLAMADO REI. MAS SALOMÃO LHE É PREFERIDO POR DILIGÊNCIAS DE SUA MÃE BETSABÉE. SALOMÃO PERDOA A ADONIAS.

1 O rei Davi porém tinha envelhecido, e achava-se numa idade mui avançada: E por mais que o cobriam de roupa, não aquecia. (1)

2 Disseram-lhe pois os seus criados: Busquemos para o rei nosso senhor uma rapariga virgem, que esteja diante do rei e o aquece, durma ao seu lado, e preserve do grande frio o rei nosso senhor.

3 Buscaram pois em tôdas as terras de Israel uma rapariga formosa: E acharam a Abisag de Sunam, e a trouxeram ao rei. (2)

(1) **TINHA ENVELHECIDO** — Devia ter aproximadamente setenta anos.

(2) **ABISAG** — Foi dada a Davi, porque se tolerava e permitia a poligamia.

SUNAM — Ficava ao norte do monte Gelbai e pertencia à tribo de Issacar.

3 Reis 1, 4-13

4 Era esta unia rapariga de extrema beleza, e dormia com o rei, e o servia, mas o rei a deixou sempre virgem.

5 Adonias porém, filho de Hagit, se elevava, dizendo: Eu reinarei. E mandou fazer para si coches e tomou gente de cavalo, e cinqüenta homens, que corressem adiante dêle.

6 E nunca seu pai o repreendeu, nem disse: Por que fazes isto? E êle era também muito gentil, e o segundo gênito depois de Absalão.

7 E tinha intelligência com Joab, filho de Sarvia, e com o pontífice Abiatar, que sustentavam o partido de Adonias.

8 Mas nem o pontífice Sadoc, nem Banaías, filho de Jojada, nem o profeta Natan, nem Semci, nem o rei, nem o grosso do exército de Davi eram por Adonias.

9 Adonias pois tendo imolado carneiros e novilhos, e tôda a sorte de vítimas gordas ao pé da pedra de Zoel, que está junto da Fonte de Rogel, convidou a todos os seus irmãos, filhos do rei, e a todos os de Judá, criados do rei. (3)

10 Mas não convidou nem ao profeta Natan, nem a Banaías, nem a algum dos mais valentes, nem a Salomão seu irmão.

11 Disse pois Natan a Betsabée, mãe de Salomão: Tu não ouviste que Adonias filho de Hagit se tem feito rei, e que nosso senhor Davi ignora isto?

12 Vem pois agora, toma o meu conselho, e salva a tua vida, e a de teu filho Salomão.

13 Vai, e entra ao rei Davi, e dize-lhe: Porventura tu, ó rei meu senhor, não me juraste a mim tua escrava,

(3) **A FONTE DE ROGEL** — Hoje é o poço de Jacó, Birdjub; fica na junção do vale Hemnour e do vale de Cedron. Tem 38 metros de altura.

dizendo: Salomão, teu filho, reinará depois de mim, e êle se assentará no meu trono? Por que reina logo Adonias? (4)

14 E estando tu ainda falando com o rei, eu sobrevirei depois de ti, e acabarei as tuas razões.

15 Entrou pois Betsabée ao rei no seu quarto: E o rei era já muito velho, e Abisag de Sunam o servia:

16 Inclinou-se Betsabée profundamente, e adorou o rei. E o rei lhe disse: Que é o que queres?

17 Ela respondendo, disse: Meu senhor, tu juraste à tua escrava pelo Senhor teu Deus: Salomão, teu filho, reinará depois de mim, e êle se assentará no meu trono.

18 E agora eis-aí Adonias reina, sem tu, ó rei meu senhor, o saberes.

19 Êle imolou bois, e tôda a sorte de gordas vítimas e muitos carneiros, e convidou a todos os filhos do rei, e ao pontífice Abiatar, e a Joab general do exército: Mas não convidou a Salomão, teu servo.

20 Todavia todo o Israel está com os olhos em ti, ó rei meu senhor, para que tu lhe declares, ó rei meu senhor, quem é o que deve assentar-se no teu trono. (5)

21 Porque tanto que o rei meu senhor dormir com seus pais, eu e meu filho seremos os pecantes.

22 E falando ela ainda com o rei, eis que chegou o profeta Natan.

23 E avisaram ao rei, dizendo: Eis-aí está o profeta Natan. E tendo entrado à presença do rei, e tendo-o adorado, prostrando-se em terra,

(4) **REINARA** — A maior parte dos intérpretes entendem que Davi fez esta promessa a Betsabée após a morte do primeiro filho, a fim de a consolar dessa perda.

(5) **PARA QUE TU LHE DECLARES** — Entre os antigos povos do Oriente, a hereditariedade não obstava a que o rei desig-

3 Reis 1, 24-32

24 disse Natan: O' rei meu senhor: Acaso disseste tu: Adonias reine depois de mim e êle seja o que se assente no meu trono?

25 Porque êle desceu hoje, e imolou bois, e vítimas gordas, e muitos carneiros, e convidou a todos os filhos do rei e aos generais do exército, e ao pontífice Abiatar: E comendo êles, e bebendo diante dêle, e dizendo: Viva o rei Adonias:

26 Não me convidou a mim que sou servo teu, nem ao pontífice Sadoc, nem a Banaías, filho de Jojada, nem a teu servo Salomão.

27 Acaso saiu esta ordem da parte do rei meu senhor? Mas não é assim que tu me declaraste a mim teu servo, quem era o que devia depois do rei meu senhor assentar-se sôbre o seu trono?

28 E o rei Davi respondeu, dizendo: Chamai-me cá a Betsabée. E tendo-se ela apresentado ao rei, e estando em pé diante dêle,

29 jurou o rei, e disse: Viva o Senhor, que livrou a minha alma de tôda a angústia.

30 que assim como eu te jurei pelo Senhor Deus de Israel, dizendo: Salomão, teu filho, reinará depois de mim, e êle se assentará em meu lugar sôbre o meu trono: Assim o cumprirei hoje.

31 E Betsabée prostrando-se com o rosto em terra, adorou o rei dizendo: Viva: Viva Davi, meu senhor, para todo sempre.

32 Disse mais o rei Davi: Chamai-me cá ao pontífice Sadoc, e ao profeta Natan, e a Banaías filho de Jojada. E tendo êles entrado à presença do rei,

nasse qual o filho que lhe havia de suceder. Heródoto conta-nos que o rei designava o sucessor antes de entrar numa expedição.

33 disse-lhes: Tomai convosco os servos de vosso amo, e fazei montar na minha mula a meu filho Salomão, e levai-o a Gion. (6)

34 E o pontífice Sadoc com o profeta Natan o unjam ali em rei de Israel: E vós fareis soar a trombeta, e direis: Viva o rei Salomão. (7)

35 E voltareis em seu seguimento, e ele virá, e assentar-se-á sobre o meu trono, e reinará em meu lugar: E eu lhe ordenarei que governe a Israel e a Judá.

36 E Banaías, filho de Jojada, respondeu ao rei, dizendo: Amém: Assim o confirme o Senhor Deus do rei meu amo.

37 Bem como o Senhor foi com o rei meu senhor, assim seja ele com Salomão, e eleve o seu trono ainda acima do trono do rei Davi, meu amo.

38 Desceram pois o pontífice Sadoc, e o profeta Natan, e Banaías filho de Jojada, com os cereteus, e os feleteus: E fizeram montar a Salomão na mula do rei Davi, e o levaram a Gion.

39 E o pontífice Sadoc tomou do tabernáculo o vaso do óleo, e ungiu a Salomão: E tocaram a trombeta, e disse todo o povo: Viva o rei Salomão.

40 E subiu tôda a multidão após ele, e o povo cantando ao som de flautas, e mostrando grande regozijo, e a terra retiniu com as suas aclamações. (8)

(6) **GION** — A fonte de Gion, hoje fonte da Virgem, fica a este de Jerusalém, fora dos muros da cidade; é cisterna coberta. Também é um ponto de reunião, como a fonte de Rogel, e a maior parte das fontes do Oriente.

(7) **O UNJAM** — Davi quer que a unção real seja conferida a seu filho pelos representantes de Deus, para que mais se assinala o caráter religioso e teocrático da realza escolhida.

(8) **E A TERRA RETINIU** — O vale de Cedron e de Himeom são de tão extraordinárias condições acústicas, que se ouvem as palavras recitadas ao longe como se fôsem ditas ali mesmo.

41 Ouviu pois Adonias, e ouviram todos os que êle tinha convidado, a tempo que o banquete estava já acabado: Mas Joab, como ouvisse soar a trombeta, disse: Que quer dizer êste ruído de cidade alvoroçada?

42 Ainda êle falava, eis que chega Jônatas, filho do pontífice Abiatar: Ao qual disse Adonias: Entra, porque tu és um valente homem, e nos trazes boas novas.

43 E respondeu Jônatas a Adonias: Não por certo: Porque o rei Davi, nosso senhor, constituiu rei a Salomão,

44 e enviou com êle ao pontífice Sadoc, e ao profeta Natan, e a Banaias, filho de Jojada, e aos cereteus, e aos feleteus, e êstes o fizeram montar na mula do rei.

45 E o pontífice Sadoc, e o profeta Natan o ungiram rei em Gion, e dali voltaram cheios de alegria, e a cidade retumbou em clamores: Êste é o estrondo que vós ouvistes.

46 E até Salomão está já assentado no trono do rei.

47 E os servos do rei entraram a dar o parabém ao rei Davi nosso senhor, dizendo: Deus faça o nome de Salomão ainda mais ilustre do que o teu, e êle eleve o seu trono sôbre o teu trono. E o rei fêz adoração no seu leito: (9)

48 E disse: Bendito seja o Senhor Deus de Israel, que me fêz ver hoje com os meus próprios olhos ao que se assenta sôbre o meu trono.

49 Aquêles pois a quem Adonias tinha convidado se encheram de mêdo, e se levantaram, e cada um foi para sua parte.

(9) E O REI FÊZ ADORAÇÃO NO SEU LEITO — A adoração podia fazer-se, dispensando-se a prostração, pois esta não a podia realizar Davi por causa da sua doença. Jacó também adorou a Deus em seu leito, quando estava prestes a morrer. Gên 47, 31.

50 Adonias porém tendo a Salomão, se levantou, e se foi abraçar com o chifre do altar. (10)

51 E noticiaram a Salomão, dizendo: Eis-aí Adonias que por temer ao rei Salomão está agarrado ao chifre do Altar, dizendo: O rei Salomão me jure hoje, que ele não fará morrer seu servo à espada.

52 E Salomão respondeu: Se ele se houver como homem de bem, não cairá em terra nem um só cabelo da sua cabeça: Mas se se achar nêle maldade, morrerá. (11)

53 Mandou pois o rei Salomão, que o fôsem tirar do altar: E Adonias tendo entrado adorou o rei Salomão: E Salomão lhe disse: Vai para tua casa.

CAPÍTULO 2

ÚLTIMOS CONSELHOS DE DAVI A SALOMÃO. MORTE DO MESMO DAVI. ADONIAS, JOAB, E SEMEI MORTOS POR ORDEM DE SALOMÃO. ABIATAR DESTERRADO PELO MESMO.

1 Aproximando-se pois o dia da morte de Davi, deu êle êstes mandamentos a Salomão, seu filho, dizendo:

2 Eis-me-aquí perto do têrmo de todos os mortais: Arma-te de valor, e porta-te como homem.

(10) **COM O CHIFRE DO ALTAR** — Os quatro cantos do altar tinham a forma dos paus do boi; eram feitos de madeira, revestidos de bronze, por causa do sangue das vítimas. Refugiou-se ali para o não matarem, por causa da imunidade dos templos entre os hebreus. *Immunitatis privilegium maxime altari tribuebatur* (Menochio). *Et accessit ut tutus esset* (Martene).

(11) **MORRERÁ** — Os reis orientais matavam muitas vezes a seus irmãos para que ficasse assegurada a posse pacífica do trono. A poligamia arruinava o amor fraternal, tornando inimigos os irmãos filhos de diversas mães, suscitava inimizades e era a causa de tôdas estas crueldades. Salomão, porém, portou-se com notável magnanimidade.

3 Reis 2, 3-8

3 E observa tudo o que o Senhor teu Deus te mandou, andando pelos seus caminhos, guardando as suas cerimônias, e os seus preceitos, e as suas ordenações, e as suas leis, conforme está escrito na lei de Moisés: Para que entendas tudo o que fizeres, e para onde quer que te voltares:

4 Para que o Senhor confirme as suas palavras, que êle falou de mim, dizendo: Se os teus filhos vigiarem sôbre os seus caminhos, e andarem diante de mim em verdade, de todo o seu coração, e de tôda a sua alma, terás tu sempre algum dos teus descendentes assentado no trono de Israel.

5 Tu sabes também como me tratou Joab, filho de Sarvia, e o que êle fêz aos dois generais do exército de Israel, a Abner filho de Ner, e a Amasa filho de Jeter: Os quais êle matou, e derramou o seu sangue em tempo de paz como se fôsse na guerra, e tingiu com êle o beldrié que trazia sôbre seus rins, e os sapatos, que tinha nos pés. (1)

6 Farás pois conforme a tua sabedoria, e não permitirás que as suas cãs o levem em paz à sepultura.

7 E mostrarás também o teu agradecimento aos filhos de Berzelai de Galaad, e êles comerão à tua mesa: Porque me saíram ao encontro quando eu fugia de diante de Absalão, teu irmão.

8 Tens também contigo a Semei de Gera filho de Jemini de Baurim, que me maldisse com uma péssima maldição, quando eu ia para o arraial: Mas pôrque êle veio encontrar-se comigo passando eu o Jordão, eu lhe jurei pelo Senhor, dizendo: Não te matarei à espada:

(1) **COMO ME TRATOU JOAB** — Joab depois de matar Absalão, favoreceu a pretendida usurpação do reino por Adonias.

9 Não deixes sem castigo o seu crime. Homem entendido és, para saberes como te hás de haver com êle, e levarás as suas cãs à sepultura com morte violenta.

10 Adormeceu pois Davi com seus pais, e foi sepultado na cidade de Davi.

11 E o tempo que Davi reinou sôbre Israel, foram quarenta anos: Em Hebron reinou sete anos: Em Jerusalém, trinta e três.

12 Salomão porém tomou posse do trono de Davi seu pai, e o seu reino se fortificou sobremaneira. (2)

13 E entrou Adonias, filho de Hagit, a ver a Betsabée, mãe de Salomão. Ela lhe disse: E' porventura de paz a tua entrada? Êle lhe respondeu: De paz é.

14 E ajuntou: Tenho uma palavra que te dizer. Ela lhe respondeu: Dize-a. E êle disse:

15 Tu sabes que o reino era meu, e que todo o Israel me tinha escolhido com preferência para seu rei: Mas o reino foi transferido, e passou para meu irmão: Porque o Senhor o destinou para êle.

16 Agora pois uma só coisa te peço, não me faças passar pela vergonha de ma recusares. Ela lhe disse: Explica-te.

17 E Adonias disse: (Como o rei Salomão não pode negar-te nada) peço-te que lhe digas, que me dê a Abisag de Sunam por mulher.

18 E Betsabée respondeu: Está bem, eu falarei por tí ao rei.

19 Veio pois Betsabée ter com o rei Salomão, para lhe falar por Adonias: E o rei se levantou a vir recebê-

(2) **E O SEU REINO SE FORTIFICOU** — Pelos seus primeiros atos inspirados na prudência e energia, moderados sem fraqueza, firmes sem crueldade.

3 Reis 2, 20-26

-la, e a saudou com profunda reverência, e se assentou no seu trono: E pôs-se um trono para a mãe do rei, a qual se assentou à sua mão direita. (3)

20 E disse-lhe: Eu só uma pequena coisa te peço: não me envergonhes com a repulsa. E o rei lhe disse: Pede, minha mãe: Porque não é justo que tu vás descontente. (4)

21 Disse Betsabée: Dê-se Abisag de Sunam por mulher a Adonias, teu irmão.

22 E respondeu o rei Salomão, e disse a sua mãe: Por que pedes tu Abisag de Sunam para Adonias? Pede também para: êle o reino: Porque êle é meu irmão mais velho, e tem por si ao pontífice Abiatar, e a Joab, filho de Sarvia.

23 Jurou pois o rei Salomão pelo Senhor, dizendo: Deus me trate com todo o seu rigor, se não é verdade que Adonias por esta palavra falou contra a sua própria vida.

24 E agora juro pelo Senhor, que me segurou, e que me colocou no trono de Davi meu pai, e que estabeleceu a minha casa como tinha dito, que Adonias será hoje morto. (5)

25 E mandou o rei Salomão com esta ordem a Banaías filho de Jojada, o qual o matou, e assim morreu.

26 Disse também o rei ao pontífice Abiatar: Vai para Anatot para o teu campo, que na verdade és digno

(3) **O REI SE LEVANTOU** — No Oriente a rainha mãe gozava de profunda consideração, exercendo algumas vêzes decisiva influência; o seu nome é citado no advento de cada um dos reis de Judá, o que manifesta êsse respeito.

(4) **UMA PEQUENA COISA** — Betsabée mostrava não ligar importância ao pedido.

(5) **SERÁ HOJE MORTO** — Era processo sumário em conformidade com os costumes do tempo e neste caso exigido pelas razões do Estado e justificado pela perfídia de Adonias.

de morte: Mas eu te não matarei hoje, porque levaste a arca do Senhor Deus diante de meu pai Davi, e acompanhaste a meu pai em todos os trabalhos que padeceu. (6)

27 Desterrou pois Salomão a Abiatar, para não ser mais pontífice do Senhor, para se cumprir a palavra que o Senhor tinha proferido em Silo acerca da casa de Heli.

28 E chegou esta notícia a Joab, porque Joab tinha seguido o partido de Adonias, e não o de Salomão: Fugiu pois Joab para o Tabernáculo do Senhor, e pegou-se ao chifre do altar.

29 E vieram dizer ao rei Salomão, que Joab tinha fugido para o Tabernáculo do Senhor, e estava ao pé do altar: e Salomão mandou a Banaías filho de Jojada, dizendo: Vai, mata-o.

30 E foi Banaías ao Tabernáculo do Senhor, e disse a Joab: O rei manda isto: Sai daqui. Êle respondeu: Não sairei, mas morrerei neste lugar. Deu Banaías parte disto ao rei, dizendo: Eis-aqui o que disse Joab, e o que me respondeu.

31 E o rei lhe disse: Faze como êle te disse: E mata-o, e sepulta-o, e com isto tolherás, que nem eu, nem a casa de meu pai fiquemos encarregados no sangue inócete, que Joab derramou.

32 E o Senhor fará recair o sangue dêle sobre a sua cabeça, porque assassinou a dois homens justos, e melhores do que êle: E êle os matou à espada, sem meu pai Davi o saber, a Abner, filho de Ner, general do exército de Israel, e Amasa, filho de Jeter, general do exército de Judá:

(6) ANATOT — Cidade sacerdotal de Benjamim, perto de Jerusalém, ao nordeste desta cidade.

33 E o sangue dêstes recairá para sempre sôbre a cabeça de Joab, e sôbre a cabeça da sua posteridade. Mas a Davi e à sua descendência, e à sua casa, e ao seu trono dê o Senhor paz para sempre.

34 Partiu pois Banaías, filho de Jojada, e arremetendo a Joab o matou: E foi sepultado em sua casa no deserto. (7)

35 E em lugar de Joab constituiu o rei a Banaías filho de Jojada por general do exército, e em lugar de Abiatar por pontífice a Sadoc.

36 Mandou o rei também chamar a Semei, e lhe disse: Faze para ti casa em Jerusalém, e habita aí: E não saias andando duma parte para a outra.

37 Em qualquer dia pois que daqui saíres, e que passares a torrente de Cedron, sabe que serás morto: O teu sangue recairá sôbre a tua cabeça.

38 E disse Semei ao rei: Justa ordem é esta. Como o disse o rei meu senhor, assim o executará o seu servo. Morou pois Semei em Jerusalém largo tempo.

39 Mas passados três anos aconteceu que os escravos de Semei fugiram para Aquis, filho de Maaca rei de Get: E vieram dizer a Semei que os escravos tinham ido para Get. (8)

40 Levantou-se pois Semei, e silhou o seu jumento: E foi ter com Aquis a Get em busca dos seus escravos, e tornou-os a trazer de Get.

41 E avisou-se a Salomão que Semei tinha ido de Jerusalém a Get, e que tinha voltado.

42 E mandou-o chamar, e lhe disse: Não te conjurei eu pelo Senhor, e não te avisei antes, dizendo: Sa-

(7) **O MATOU** — A execução no Oriente segue imediatamente à sentença: assim se acabava de praticar com Adonias.

(8) **AQUIS** — Naturalmente o mesmo junto de quem se refugiara Davi, ou o seu sucessor.

be que em qualquer dia que saíres a uma, ou outra parte, morrerás? E tu me respondeste: Justa ordem é esta que acabo de ouvir.

43 Por que não guardaste tu logo o juramento do Senhor, e a ordem que eu te tinha dado?

44 E o rei disse a Semei: Tu sabes todo o mal que a tua consciência te acusa teres feito a Davi meu pai: O Senhor fez recair a tua malícia sobre a tua cabeça.

45 E o rei Salomão será abençoado, e o trono de Davi será para sempre estável diante do Senhor.

46 Deu pois o rei ordem a Banaías filho de Jojada: O qual, tendo saído, o feriu, e ele morreu.

CAPÍTULO 3

SALOMÃO SE DESPOSA COM A FILHA DE FARAÓ. PEDE A DEUS SABEDORIA. DEUS LHA DÁ SOBRE AS RIQUEZAS, E A GLÓRIA. JUÍZO QUE ELE FEZ ENTRE DUAS MULHERES.

1 Confirmou-se pois o reino na mão de Salomão, e este se aparentou com Faraó, rei do Egito, porque, casou com uma sua filha, e levou-a para a cidade de Davi, até que acabasse de edificar a sua casa, e a casa do Senhor, e o muro à roda de Jerusalém. (1)

2 Entretanto o povo imolava sobre os altos: Porque até àquele dia se não tinha edificado templo ao nome do Senhor.

3 Mas Salomão amava o Senhor, conduzindo-se segundo os preceitos de Davi, seu pai, exceto que sacrificava e queimava incenso nos altos.

(1) **FARAÓ** — Era provavelmente Psonsenés II, faraó da XXI dinastia, que residia em Tanés. Este casamento naturalmente teve lugar pouco depois da morte de Davi.

3 Reis 3, 4-9

4 Foi Salomão pois a Gabaon, para lá sacrificar: Porque êste era o mais considerável entre todos os altos: E ofereceu mil hóstias em holocausto sôbre aquêlê altar em Gabaon. (2)

5 Apareceu pois o Senhor a Salomão em sonhos de noite, dizendo: Pede-me o que queres que eu te dê.

6 E Salomão lhe respondeu: Tu usaste de grande misericórdia com meu pai Davi, teu servo, segundo foi a verdade, e justiça com que êle andou na tua presença, e segundo a retidão de coração para contigo: Tu lhe guardaste a tua grande misericórdia, e lhe deste um filho que se assentasse sôbre o seu trono, como hoje o está.

7 E agora, ó Senhor Deus, tu me fizeste reinar a mim teu servo em lugar de Davi meu pai: Mas eu sou um menino pequenino, e que não sei por onde hei de sair nem por onde hei de entrar.

8 E o teu servo se acha no meio dum povo, que tu escolheste, de um povo infinito, que não pode contar-se nem reduzir-se a número pela sua multidão. (3)

9 Tu pois darás a teu servo um coração dócil, para poder julgar o teu povo, e discernir entre o bem e o mal: Porque quem poderá julgar a êste povo, a êste teu povo tão vasto? (4)

(2) **GABAON** — Hoje el-Djib, situado sôbre uma das numerosas colinas, que se elevam sôbre a terra de Benjamim. Gabaon, etimologicamente, significa lugar elevado. Ficava em frente de Marfa. A este há uma abundante fonte, nascida dum rochedo, para a qual havia um reservatório, de que se vêem ainda ruínas. Eram as grandes águas do Gabaon, de que fala o profeta Jeremias, 41, 12.

(3) **DE UM POVO INFINITO** — O império que Salomão tinha herdado de seu pai era duma grande extensão. Suas fronteiras iam da torrente do Egito até ao Eufrates.

(4) **JULGAR** — Era uma das principais atribuições da realeza oriental. Entre os hebreus a idéia do juiz era associada à do príncipe, porque a êste competia dum modo especial a judicatura.

10 Agradou pois ao Senhor esta oração, por ter Salomão pedido uma tal coisa.

11 E o Senhor disse a Salomão: Pois que esta foi a petição que me fizeste, e não pediste para ti nem muitos dias, nem riquezas, nem a morte de teus inimigos, mas pediste-me para ti a sabedoria para discernires o que é justo:

12 Eis pois te fiz o que me pediste, e te dei um coração tão cheio de sabedoria e de inteligência, que nenhum antes de ti te foi semelhante, nem se levantará tal depois de ti.

13 Mas eu te dei também o que tu me não pediste: A saber, riquezas, e glória em tal grau, que não se achará um semelhante a ti entre os reis de todos os séculos passados.

14 Se tu porém andares nos meus caminhos, e guardares os meus preceitos, e os meus mandamentos, como teu pai os guardou, eu prolongarei os teus dias.

15 Então despertou Salomão, e entendeu que era sonho: E tendo vindo a Jerusalém, se pôs diante da arca. do concôrto do Senhor, e ofereceu holocaustos, e vítimas pacíficas, e deu a todos os seus criados um grande banquete.

16 Nesta ocasião vieram ter com o rei duas mulheres prostitutas, e se puseram diante dêle. (5)

17 Uma das quais disse: Faça-te, meu senhor, esta súplica: Eu e esta mulher habitávamos numa mesma casa, e eu pari na mesma câmara em que ela estava.

(5) PROSTITUTAS — O termo *nokriyah* significa estrangeira, porém, como as prostitutas entre os hebreus eram estrangeiras, applicava-se-lhes este nome. Eram ordinariamente assírias e fenícias, onde eram freqüentes por causa do culto de Astarte.

18 E três dias depois de ter parido, pariu ela também: E nós estávamos juntas, e não havia na casa outra alguma pessoa conosco, senão nós ambas.

19 E uma noite morreu o filho desta mulher: porque estando dormindo o abafou.

20 E levantando-se no mais profundo silêncio da noite, me tirou a meu filho do meu lado quando eu, tua escrava, dormia, e o pôs junto a si: e pôs junto a mim a seu filho, que estava morto.

21 E levantando-me eu pela manhã para dar de mamar a meu filho, apareceu-me morto: e olhando para êle com mais atenção, já dia claro, achei que êle não era o meu que eu tinha gerado.

22 E a outra mulher respondeu: Não é assim como tu dizes, mas o teu filho morreu, o meu porém está vivo. A primeira pelo contrário replicava: Mentos: Porque o meu filho está vivo, e o teu é o que morreu. E dêste modo disputavam diante do rei.

23 Então disse o rei: Esta diz, o meu filho está vivo, e o teu filho está morto. E a outra responde: Não, mas o teu filho é o que morreu, e o meu é o que está vivo.

24 Disse pois o rei: Trazei-me cá uma espada. E como fôsse trazida uma espada diante do rei, (6)

25 dividi, disse êle, em duas partes o menino que está vivo, e dai metade a uma, e metade à outra.

26 A mulher porém, cujo filho estava vivo, disse ao rei: (porque as suas entranhas se lhe enterneceram por seu filho:) Senhor, eu te peço que dêes a ela o menino vivo, e não o mates. A outra pelo contrário dizia: Não seja nem para mim, nem para ti, mas divida-se.

(6) **DISSE POIS O REI** — Numa casa de Pompéia foi achado em 1893 um fresco aludindo ao juízo de Salomão. Guarda-se no Museu de Nápoles. No *Journal Officiel*, 30 de setembro de 1880, encontra-se a descrição numa nota com a mesma gravura.

27 Respondeu o rei, e disse: Dai a esta o menino vivo, e não se mate: porque esta é sua mãe.

28 Tendo pois ouvido todo o Israel como o rei havia sentenciado êste negócio, temeram ao rei, vendo que nêle estava a sabedoria de Deus para fazer justiça.

CAPÍTULO 4

PRINCIPAIS MINISTROS DE SALOMÃO. EXTENSÃO DOS SEUS DOMÍNIOS. PAZ DURANTE O SEU REINADO. SABEDORIA DÊSTE PRÍNCIPE.

1 Mas o rei Salomão reinava sôbre todo o Israel: (1)

2 E êstes eram os principais ministros que tinha: Azarias filho do pontífice Sadoc:

3 Eliorel e Aia, filhos de Šisa, secretários de estado: Josafat, filho de Ailud, era cronista-mor.

4 Banaías, filho de Jojada, era general dos exércitos: Sadoc porém, e Abiatar eram pontífices.

5 Azarias filho de Natan tinha a intendência sôbre os que assistiam ao rei: O sacerdote Zabud, filho de Natan, era privado do rei:

6 e Aizar era mordomo-mor: E Adonirão filho de Abda superintendente dos tributos. (2)

(1) **SALOMÃO REINAVA** — Foi Salomão que procedeu à organização administrativa do seu reino. Davi esboçou a traços largos a organização do país; criou o exército, estabeleceu um regime administrativo, regulou o serviço religioso, firmou a unidade do seu povo, dando-lhe uma capital — Jerusalém — que se tornou o coração da nação, o centro da vida civil, política e religiosa de Israel. Salomão completou e acabou a obra começada; foi, pelo seu fausto, um verdadeiro monarca oriental.

(2) **DOS TRIBUTOS** — Até esta época os israelitas apenas pagavam os dízimos e satsifaziam as primícias; eram dons religiosos, não havendo tributos propriamente ditos.

3 Reis 4, 7-18

7 E Salomão tinha estabelecido doze governadores sobre todo o Israel, que tinham a seu cargo prover a mesa do rei, e a de toda a sua casa; porque todos os meses no ano, cada um subministrava o necessário.

8 E estes são os seus nomes: Benur, no monte de Efraim.

9 Bendecar, em Maces, e em Salebim, e em Betsames, e em Elon, e em Betanan.

10 Benhesed em Arubot: e ao mesmo pertencia Soco, e toda a terra de Efer. (3)

11 Benabinadab, que tinha na sua repartição todo o país de Nefat-dor, era casado com Tafet filha de Salomão. (4)

12 Bana, filho de Ailud, era governador de Tanac e de Magedo, e de todo o país de Betsan, que é vizinho de Sartana debaixo de Jezrael, desde Betsan até Abelmeula defronte de Jecamaan.

13 Bengaber em Ramot de Galaad: E este tinha as aldeias de Jair, filho de Manassés em Galaad, este mesmo governava em todo o país de Argob, que é em Basan, sessenta cidades grandes e muradas, que tinham fechadura de bronze.

14 Ainadab, filho de Ado, era governador em Manaim.

15 Aquimaas em Neftali: E este também tinha por mulher a Basemat filha de Salomão.

16 Baana filho de Husi, em Aser, e em Balot.

17 Josafat filho de Farue, em Issacar.

18 Semei filho de Ela, em Benjamim.

(3) **ARUBOT** — Cidade de Judá, próximo de Soco.

(4) **ERA CASADO** — Isto diz-se por antecipação, porque naquele tempo Salomão não tinha nenhum filho núbil.

19 Gaber filho de Uri, na província de Galaad, no país de Seon rei dos amorreus, e de Og rei de Basan, sobre quanto havia nesta terra. (5)

20 Judá e Israel eram pela multidão inumeráveis, como a areia do mar: Comiam, e bebiam, e se alegravam.

21 E tinha Salomão debaixo do seu domínio todos os reinos desde o rio do país dos filisteus até à fronteira do Egito: E lhe ofereciam presentes, e lhe estiveram sujeitos por todos os dias da sua vida.

22 Os viveres para a mesa de Salomão eram cada dia trinta coros de flor de farinha, e sessenta coros de farinha ordinária,

23 dez bois gordos, e vinte bois dos que andavam a pastar: E cem carneiros, além da caça de veados, corças, e bois monteses, e de aves cevadas. (6)

24 Porque elle era o Senhor de todo o país, que estava da banda de cá do rio, desde Tapsa até Gaza, e de todos os reis destas províncias: E por toda a parte tinha paz com os vizinhos.

25 E habitava Judá, e Israel sem temor algum, cada qual debaixo da sua parreira, e debaixo da sua figueira, desde Dan até Bersabée por todo o tempo que Salomão reinou.

26 E tinha Salomão quarenta mil manjedouras de cavalos para as carroças, e doze mil cavalos de montar.

(5) **NESTA TERRA** — Esta divisão do reino não correspondia à divisão em doze tribos, porque estas eram desiguais para fornecerem a mesma soma de impostos igualmente. Nesta divisão attendeu-se à população, riqueza, fertilidade, de maneira a poder cada seção manter mensalmente a casa real.

(6) **DEZ BOIS GORDOS** — Calcula-se, em vista dos elementos fornecidos pelo texto, que o pessoal da corte de Salomão compunha-se de cerca de catorze mil pessoas. Thierlinus. *Die Bücher der Könige*, 1849, pág. 44.

27 E a todos sustentavam os sobreditos oficiais do rei: E até também nos tempos competentes proviam com sumo cuidado o necessário para a mesa do rei Salomão.

28 Levavam também para o sítio em que estava o rei, cevada e palha para os cavalos e bēstas de carga, conforme lhe fôra ordenado.

29 Deu mais Deus a Salomão uma sabedoria, e prudência sobremaneira prodigiosa, e grandeza de coração como a areia, que há na praia do mar. (7)

30 E a sabedoria de Salomão excedia a sabedoria de todos os orientais e egípcios, (8)

31 e era mais sábio do que todos os homens: Mais sábio do que Etan ezraíta, e do que Heman, e do que Calcol, e do que Dorda, filhos de Maol: Era nomcado por tôdas as nações circunvizinhas.

32 Propôs também Salomão três mil parábolas: E foram os seus cânticos mil e cinco.

(7) **SABEDORIA E PRUDÊNCIA** — A sabedoria para conhecer os homens e as coisas, e a prudência referente à administração.

(8) **ORIENTAIS** — No original está Bené-Qédem, e este nome designa sempre os árabes nômadas ou beduínos, que habitam a Arábia deserta. Por extensão pode este termo aplicar-se aos demais povos, e assim aos árabes e também aos caldeus, persas e índios, de reconhecido saber. . . *Arabum qui preclari jam olim in omni parte philosophia. Necnon Chaldaeorum, Persarum, Indorum, qui tunc plurimum in philosophia, mathematica, astrologia et magia florebant* (Martene). A notavelmente rara sabedoria de Salomão tornou-se lendária em todó o Oriente; foi assunto de contos árabes; atribuíram-lhe poderes extraordinários, etc. Existe ainda hoje na Abissínia uma seita judaica, sob o nome de Falascas, que pretende descender de Salomão.

33 E tratou de tôdas as árvores desde o cedro, que há no Líbano, até o hissôpo, que sai da parede: E tratou dos animais, e das aves, e dos répteis, e dos peixes. (9)

34 E de todos os povos vinham gentes a ouvir a sabedoria de Salomão, e de todos os reis da terra vinham homens a ouvir a sua sabedoria.

CAPÍTULO 5

ALIANÇA ENTRE HIRÃO, E SALOMÃO. HIRÃO LHE MANDA AS MADEIRAS NECESSÁRIAS PARA A CONSTRUÇÃO DO TEMPLO. SALOMÃO ESCOLHE DENTRE OS FILHOS DE ISRAEL OS QUE HAVIAM DE TRABALHAR NESTE EDIFÍCIO.

1 Enviou também Hirão de Tiro servos a Salomão: Pois ouviu que êle tinha sido ungido rei em lugar de seu pai: Porque Hirão sempre fôra amigo de Davi.

2 E Salomão mandou dizer a Hirão:

3 Tu sabes o desejo de Davi meu pai, e que lhe não foi possível edificar uma casa ao nome do Senhor seu Deus em razão das guerras que lhe sobrevinham de tôdas as partes, enquanto o Senhor lhe não metesse debaixo dos pés os seus inimigos. (1)

4 Porém agora o Senhor meu Deus me concedeu descanso por tôda a parte: E não há contrário, nem mau encontro.

5 Pelo que intento edificar um templo ao nome do Senhor meu Deus, conforme o que o Senhor ordenou a

(9) O HISSOPO — Não é o hissôpo propriamente dito, mas um musgo cujas folhas são semelhantes àquele. Outros querem que fôsse o hissôpo vulgar.

(1) O DESEJO DE DAVI — De fato foi Davi quem concebeu o projeto de construção do templo, que não conseguiu levar a efeito; recolheu o ouro e a prata necessária e uma parte dos materiais que deviam entrar na construção.

3 Reis 5, 6-12

Davi meu pai dizendo: Teu filho, que eu farei assentar em teu lugar sôbre o teu trono, êste edificará um templo ao meu Nome.

6 Dá ordem pois a teus servos que me cortem cedros do Líbano, e os meus servos estarão com os teus: E eu darei a teus servos qualquer paga que tu me peças: Porque tu sabes que no meu povo não há ninguém que saiba cortar madeira como os sidônios. (2)

7 Hirão como ouvisse as palavras de Salomão, alegrou-se em extremo, e disse: Bendito seja hoje o Senhor Deus, que deu a Davi um filho sapientíssimo sôbre êste tão grande povo.

8 E Hirão mandou dizer a Salomão: Eu ouvi tudo o que me mandaste dizer: Eu executarei tudo o que dejes acêrca das madeiras de cedro e de faia.

9 Os meus servos as levarão do Líbano até ao mar: E eu os farei conduzir em jangadas até o lugar que tu me designares, e eu as farei aí transportar, e tu as mandarás receber, e dar-me-ás o necessário para sustentação da minha casa.

10 Deu pois Hirão a Salomão madeiras de cedro, e madeiras de faia, conforme todo o seu desejo.

11 E Salomão dava a Hirão para sustento da sua casa vinte mil coros de trigo, e vinte coros de puríssimo azeite: Êstes os provimentos que Salomão dava a Hirão todos os anos.

12 Deu o Senhor também a sabedoria a Salomão, conforme lho tinha prometido: E havia paz entre Hirão e Salomão, e fizeram ambos entre si aliança.

(2) **CEDROS DO LÍBANO** — O cedro era muito apreciado; julgavam-no incorruptível, e pelo menos é de uma grande duração. E' a árvore por excelência para as construções. Ainda hoje no Líbano subsiste o tronco dum destes cedros seculares, que tem 13m,80 de circunferência.

13 E escolheu o rei Salomão obreiros em todo o Israel, e ordenou que fôsses trinta mil homens.

14 E ele os mandava ao Líbano por seu turno, dez mil cada mês, de sorte que ficavam dois meses em suas casas e Adonirão era o encarregado do cumprimento desta ordem.

15 E teve Salomão setenta mil que acarretavam as cargas, e oitenta mil cabouqueiros no monte:

16 fora os aparelhadores de cada obra, em número de três mil e trezentos que davam as ordens ao povo e aos que trabalhavam.

17 E o rei mandou que tirassem pedras grandes, pedras de preço para os alicerces do Templo, e que as facessem:

18 E lavraram-nas os canteiros de Salomão, e os canteiros de Hirão: os de Gíbios porém aparelharam as madeiras e as pedras para se edificar a casa.

CAPÍTULO 6

ÉPOCA E DESCRIÇÃO DO TEMPLO DE SALOMÃO.

1 Sucedeu pois que aos quatrocentos e oitenta anos da saída dos filhos de Israel da terra do Egito, no quarto ano do reinado de Salomão, no mês de Zio (que é o segundo mês) se começou a edificar a casa para o Senhor. (1)

2 A casa porém que Salomão edificou em honra do Senhor, tinha sessenta côvados de comprido, e vinte côvados de largo, e trinta côvados de alto. (2)

(1) **SE COMEÇOU A EDIFICAR** — Segundo a cronologia geralmente seguida, os trabalhos da construção do templo começaram no ano 1011 antes de Cristo, quarto ano do reinado de Salomão.

(2) **A CASA** — Davi tinha já escolhido o local, o monte Moriá. A propósito escreve Vigne: "Le mont Moriah est certai-

3 E havia um pórtico diante do Templo de vinte côvados de comprimento, conforme a medida da largura do Templo: E tinha dez côvados de largo ante a face do Templo.

4 E fêz no Templo janelas oblíquas.

5 E edificou sôbre a parede do Templo diversos andares ao redor nas paredes da casa pelo contôrno do Templo e do oráculo, e fêz vários quartos à roda.

6 O andar debaixo tinha cinco côvados de largo, o terceiro andar sete côvados de largo. E pôs vigas ao redor da casa pela parte de fora para que não estribassem nas paredes do Templo.

7 E quando a casa se edificava, faziam-na de pedras lavradas e perfeitas: E não se ouviu martelo, nem machado, nem instrumento algum de ferro, enquanto ela se edificava. (3)

8 A porta do lado do meio estava na parte direita da casa: E subiam por um caracol ao andar do meio, e dêste ao terceiro. (4)

nement un des points les plus venerables de la terre... Non seulement il a pendant dix siècles porté le Temple de Jerusalem, c'est à dire le premier sanctuaire de l'ancien monde, l'autel du vrai Dieu, mais encore, aux époques ante-historiques il paraît avoir été l'objet d'un culte qui nous reporte aux premiers âges du monde. Le souvenir de ce culte est déposé dans un cycle de traditions, groupé autour du sommet de la colline, on peut l'y découvrir sous la grossière enveloppe que l'entoure". De Vogne, *Le Temple de Jerusalem*, Prefácio.

(3) **PEDRAS LAVRADAS** — Extraídas das pedreiras de Beatz. Ainda hoje se visitam, ao norte de Jerusalém, as vastas escavações de onde foram extraídas, das quais a principal é Megharet-el-Kettam. A rocha é branca, raiada de vermelho, por causa dos óxidos de ferro; é mole, fácil de trabalhar, endurecendo depois de exposta à ação do tempo. Cfr. Cepp *Jerusalem und das heilige land* 1878 t. 1.º, pág. 287.

(4) **SUBIAM** — Para as selas, que eram aproximadamente 30, e que serviam de habitação aos sacerdotes e de arrecadação.

9 E edificou a casa, e a acabou: Cobriu também a casa com pranchões de cedro.

10 E fêz por cima de tôda a casa um madeiramento de cinco côvados de altura, e cobriu a casa de madeira de cedro.

11 E falou o Senhor a Salomão, dizendo:

12 Esta casa, que tu edificas, se tu andares nos meus preceitos, e executares as minhas ordenanças, e guardares todos os meus mandamentos, caminhando por êles: Eu verificarei em ti as palavras que disse a Davi teu pai.

13 E habitarei no meio dos filhos de Israel, e não desampararei o meu povo de Israel.

14 Salomão pois edificou a casa, e a acabou.

15 E guarneceu as paredes da casa pelo interior, de tábuas de cedro, desde o pavimento da casa até o mais alto das paredes, e até ao travejamento, as vestiu por dentro de madeira de cedro: E cobriu o pavimento da casa de tábuas de faia.

16 Fêz também uns repartimentos de madeiras de cedro de altura de vinte côvados no fundo do templo, desde o pavimento até o mais alto: E destinou o lugar do fundo do oráculo para Santo dos Santos.

17 O templo porém desde a porta do oráculo tinha quarenta côvados. (5)

18 E tôda a casa pelo interior estava forrada de cedro, tendo suas entalhaduras, e juntas feitas com grande arte e entalhe de relêvo: Tudo estava coberto de tábuas de cedro: Nem se descobria coisa alguma de pedra na parede.

(5) O TEMPLO — Era a parte do templo compreendida entre o Vestíbulo e o Santo dos Santos.

3 Reis 6, 19-24

19 Fêz assim mesmo o oráculo no meio do Templo na parte mais interior, para pôr nêle a arca do concôrto do Senhor. (6)

20 O oráculo porém tinha vinte côvados de comprimento, e vinte côvados de largo, e vinte côvados de alto: E o cobriu e guarneceu de puríssimo ouro: E também cobriu o altar de cedro. (7)

21 Cobriu mais de puríssimo ouro a parte do templo fronteira do oráculo, e pregou as chapas com pregos de ouro. (8)

22 E nada havia no Templo que não fôsse coberto de ouro: E até cobriu de ouro todo o altar do oráculo. (9)

23 E pôs no oráculo dois querubins de pau de oliveira, de dez côvados de altura.

24 Uma das asas de um querubim tinha cinco côvados, e a outra asa do querubim tinha também cinco côvados: Isto é, tinham dez côvados desde a extremidade de uma das asas até à extremidade da outra.

(6) O ORÁCULO — E' o Santo dos Santos.

(7) PURÍSSIMO OURO — E' impossível descrever por uma forma precisa a ornamentação do interior do Templo, mas ainda assim pode fazer-se uma idéia bastante exata dessa decoração, combinando os dados dos livros Santos com os que nos fornecem os monumentos descobertos no Egito e na Assíria, e principalmente as descobertas de Numisse. Vogne diz desta forma: "La decoration intérieure du Temple était d'une grande richesse. Les murs, le plafond, le sol avaient été lambrissés en planches de cèdre, de manière à cacher entièrement la pierre. Les parois latérales furent couvertes d'ornements sculptés en relief, puis on plaqua le tout de feuilles d'or, fixés par des clous du même métal. Dans le Saint, les bas reliefs représentaient des coloquintes et les fleurs épanouies; dans le Saint des Saints, des palmiers et des keroubins se mêlaient aux fleurs. Ob. cit.

(8) A PARTE FRONTEIRA DO ORÁCULO — O Santo que precede o Santo dos Santos.

(9) O ALTAR DO ORÁCULO — O que estava diante da arca.

25 O segundo querubim tinha também dez côvados: Com a mesma dimensão, e a obra de ambos os querubins era a mesma,

26 isto é, o primeiro querubim tinha dez côvados de altura, e o segundo querubim da mesma sorte.

27 E pôs os querubins no meio do templo interior: Porém os querubins tinham as suas asas estendidas, e uma asa tocava na parede, e a asa do segundo querubim tocava na outra parede: E as asas ajuntavam-se no meio do templo.

28 Cobriu também de ouro os querubins.

29 E fêz esculpir tôdas as paredes do templo em roda de entalhes e molduras: E nelas fêz querubins, e palmas, e diversas figuras, como sobrepujando, e saindo da parede.

30 Cobriu também de ouro o pavimento do templo por dentro e por fora. (10)

31 E fêz à entrada do oráculo umas pequenas portas de pau de oliveira, e os seus postes de cinco esquinas.

32 E as duas portas de madeira de oliveira: E entalhou nelas figuras de querubins, e palmas, e relevos mui saídos fora, e os cobriu de ouro: Também cobriu de ouro assim os querubins como as palmas, e o demais.

33 E pôs à entrada do templo os postes de madeira de oliveira quadrangulares:

34 E duas portas de pau de faia, uma dum lado, outra de outro: E ambas as portas eram dobradiças, e se abriam tendo-se uma à outra.

35 E entalhou querubins, e palmas, e relevos mui sacados fora: E cobriu tudo de chapas de ouro obra esquadriada à régua.

(10) **POR DENTRO E POR FORA** — No Santo e no Santo dos Santos,

36 Edificou também o átrio interior de três ordens de pedras polidas, duma ordem de paus de cedro. (11)

37 Lançaram-se os fundamentos da casa do Senhor no quarto ano de Zio:

38 E no ano undécimo, no mês de Bul (que é o oitavo mês) foi a casa inteiramente acabada em tôdas as partes, e tudo o que nela havia de servir: E Salomão a edificou em sete anos.

CAPÍTULO 7

DESCRIÇÃO DO PALÁCIO DE SALOMÃO. DIVERSAS OBRAS PARA O TEMPLO.

1 Edificou Salomão o seu palácio, e o completou dentro do espaço de treze anos.

2 Edificou também a casa do bosque do Líbano, que tinha cem côvados de comprido e cinquenta côvados de largo, e trinta côvados de alto: E havia quatro gale-
rias entre columnas de cedro: Porque para estas columnas tinha êle mandado cortar paus de cedro. (1)

(11) O ATRIO INTERIOR — Chamava-se o pátio dos Sacerdotes (Par 4, 9), e pátio Superior (Jer 36, 10), porque era destinado aos sacerdotes, com exclusão dos outros israelitas.

PAUS DE CEDRO — Não se pode rigorosamente descrever a forma exata d'êste pátio. Parece que tinha uma balaustrada de cedro. O que sabemos é que devia ter uma grande extensão e que também servia de arrecadação de objetos do culto, o que justificava a sua amplitude.

(1) A CASA DO BOSQUE DO LIBANO — Esta casa tomou êste nome, não porque estivesse situada no Líbano, mas por ser feita das madeiras de cedro do Líbano, e porque o pavimento inferior apresentava o aspecto de uma verdadeira floresta. Reuss escreve a êste propósito: "Voici l'idée que nous faisons de cette construction: trois étages de pièces chacun de quinze pièces, reposaient sur une

3 E forrou de madeira de cedro todo o teto, que se sustentava em quarenta e cinco colunas. E cada ordem tinha quinze colunas.

4 Postas umas defronte das outras,

5 e as colunas correspondendo-se em frente umas às outras em igual distância, e sobre as colunas havia umas vigas quadradas em tudo iguais.

6 E fez um pórtico de colunas, que tinha cinqüenta côvados de comprido e trinta côvados de largo: E outro pórtico defronte do pórtico maior: Com colunas, e arquiv-traves sobre as colunas.

7 Fêz também o pórtico do trono, onde estava o tribunal: E forrou-o de madeiras de cedro desde o pavimento até o alto. (2)

8 E a casinha, onde êle se assentava para dar audiência, estava no meio do pórtico, e era de uma semelhante obra. Fêz também para a filha de Faraó (com a qual Salomão se casará) um palácio da mesma arquitetura, que êste pórtico. (3)

9 Todos êstes edifícios eram de finíssimas pedras, que tinham sido serradas de uma mesma forma e medida

colonnade, laquelle en formait le rez du chaussée; cette colonnade, ainsi que les planchers intermédiaires, était en bois de cedre. Les quarante cinq pièces étaient disposées de manière qu'elles aient vue sur une cour intérieur... Toute cette description est d'ailleurs purement conjecturale". *Histoire des Israélites*, 1817, pag. 435.

(2) ONDE ESTAVA O TRIBUNAL — Uma das funções essenciais da realza era a administração da justiça.

(3) A CASINHA — A residência do rei.

COM A QUAL SALOMÃO SE CASARA — Tudo isto prova a importância ligada ao casamento de Salomão, em virtude do grande prestígio de que gozava o Egito em todo o Oriente, o que por sua vez atesta a consideração que tinha também o povo de Israel. Por isso o rei rodeava agora de todo o esplendor a residência da rainha sua consorte, demonstrando assim o respeito que por ela tinha.

3 Reis 7, 10-18

tanto por dentro, como por fora, desde os fundamentos até o cimo das paredes, e por fora até o átrio maior.

10 Os fundamentos também eram de pedras grandes de dez ou de oito côvados.

11 E dali para cima havia pedras belíssimas cortadas em igual medida, e cobertas também de cedro.

12 E o átrio maior era redondo, de três ordens de pedras cortadas, e de uma ordem de cedro lavrado: E o mesmo tanto no átrio interior da casa do Senhor, como no pórtico da casa.

13 Mandou também o rei Salomão, que de Tiro viesse Hirão,

14 filho duma mulher viúva da tribo de Neftali, e cujo pai era de Tiro, que trabalhava em bronze, e era cheio de sabedoria, e de inteligência, e de ciência para fazer todo o gênero de obras de bronze. Tendo pois vindo Hirão para o rei Salomão, fêz tôdas as suas obras.

15 E fundiu duas colunas de bronze: Cada uma delas era de dezoito côvados de altura: E a ambas as colunas dava voltas uma linha de doze côvados. (4)

16 Fêz também dois capitéis de bronze fundido para os pôr sobre o alto das colunas: Um capitel tinha cinco côvados:

17 E via-se como uma espécie de rêde, e de cadeias entrelaçadas umas nas outras com admirável artifício. Ambos os capitéis das colunas eram fundidos: Havia sete ordens de medalhas num capitel, e outras sete no outro capitel.

18 E rematou as colunas com duas ordens de romãs ao redor de cada uma das malhas, para cobrir os

(4) **DEZOITO CÔVADOS** — Esta proporção é acentuadamente egípcia, e acha-se nas colunas do templo de Khous.

capitéis que estavam no alto: E o mesmo fêz também no segundo capitel.

19 Os capitéis porém, que estavam no alto das colunas no pórtico, eram fabricados em feitio de açucena: e tinham quatro côvados.

20 E além disto no alto das colunas sôbre as malthas outros capitéis proporcionados à medida da coluna: Na circunferência porém do segundo capitel havia duzentas romãs postas em duas ordens.

21 E pôs estas duas colunas no pórtico do templo, e tendo levantado a coluna direita, chamou-a por nome Jaquin: Levantou do mesmo modo a segunda coluna: E chamou-a por nome Booz.

22 E por cima das colunas pôs um lavor a modo de açucena: E acabou-se a obra das colunas.

23 Fêz também um mar de fundição de dez côvados duma borda à outra, redondo em circunferência: A sua altura era de cinco côvados: E cingia-o um cordão de trinta côvados. (5)

24 E por baixo da borda corria uma talha por dez côvados que rodeava o mar: Duas ordens de canais eram entalhados de fundição.

25 E firmava-se sôbre doze bois, três dos quais olhavam para o setentrião, e três para o ocidente, e três para o meio-dia, e três para o oriente, e o mar estava em cima dêles: As partes posteriores dêles tôdas se escondiam para a parte de dentro.

26 A grossura da bacia era de três polegadas; e a sua borda era como a borda de um copo, e como a fôlha de uma açucena aberta: Ela levava dois mil batos.

27 Fêz mais dez bases de bronze, cada uma das

(5) **UM MAR** — Contendo a água necessária para os padres lavarem as mãos, o que era vulgar em todos os templos antigos,

quais tinha quatro côvados de comprido, e quatro côvados de largo, e três côvados de alto.

28 E a obra mesma das bases era de várias peças: E havia suas talhas entre as juntas.

29 E entre as coroas e laçadas havia leões e bois e querubins: E também nas juntas da parte de cima: E debaixo dos leões e dos bois, como pendentos, uns loros de cobre.

30 Cada base tinha quatro rodas com seus eixos de bronze: E nos quatro cantos debaixo do lavatório havia uns como ombrinhos fundidos, em correspondência uns dos outros. (6)

31 Havia também dentro no alto da base uma cavidade em que encaixava a bacia: E o que se via por fora, era de um côvado, todo redondo, e todo junto tinha côvado e meio: E nos cantos das colunas havia vários abertos: E os intercolúnios, que mediavam, eram quadrados e não redondos.

32 E as quatro rodas que havia nos quatro cantos da base, correspondiam-se umas às outras por baixo da base: E cada roda tinha côvado e meio de altura.

33 E as rodas eram como as que costumam fazer-se em uma carroça: E os seus eixos, e raios, e caibras, e cubos, tudo era de fundição.

34 Porque até os quatro ombrinhos que estavam nos quatro cantos de cada base, eram fundidos e pegados com a mesma base.

35 No alto da base porém havia uma redondeza de meio côvado, feita de tal modo que se podia pôr em cima a bacia, e tinha suas talhas, com variedade de relevos que saíam dela mesma.

(6) BASE — Estas bases eram suportes com bacias destinadas aos transportes, quando fôsse necessário, da água e da carne da vítima.

36 Lavrou também naqueles taboleiros, que eram de bronze, e nos cantos, querubins, leões e palmas, como representando a figura de um homem em pé, de tal modo que êstes não pareciam gravados, mas de vulto postos ao redor.

37 Dêste modo fêz dez bases, fundidas do mesmo estilo, da mesma medida, e por semelhante entalhadura.

38 Fêz também dez bacias de bronze: Cada uma das quais continha quarenta batos, e era de quatro côvados: E pôs cada bacia sôbre cada uma das dez bases. (7)

39 E das dez bases pôs cinco à parte direita do templo, e cinco à esquerda: E pôs o mar à parte direita do templo entre o oriente e o meio-dia.

40 Fêz também Hirão caldeirões e panelas, e hâmulos, e acabou tôda a obra do rei Salomão no templo do Senhor.

41 As duas colunas, e os dois cordões dos capitéis sôbre os capitéis das colunas: E as duas rêdes, para cobrir os dois cordões, que estavam no alto das colunas.

42 E quatrocentas romãs nas duas rêdes: Duas ordens de romãs em cada rêde, para cobrir os cordões dos capitéis que estavam no alto das colunas.

43 E dez bases, e dez bacias sôbre as bases.

44 E um mar, e doze bois por baixo do mar.

45 E caldeirões, e panelas, e hâmulos: Todos os vasos, que Hirão fêz ao rei Salomão na casa do Senhor, eram de latão fino.

46 O rei os fêz fundir nos campos do Jordão numa terra barrenta entre Socot e Sartan.

(7) CADA UMA DAS QUAIS (BACIAS) CONTINHA QUARENTA BATOS — Cêrca de 15,5 hectolítros. A água precisa para as bacias encontrava-se no próprio monte Moriá. No Haran vê-se ainda um certo número de cisternas, das quais uma, a de Sakkrak, deve ser como a de Salomão.

3 Reis 7, 47-51; 8, 1-2

47 E Salomão pôs todos êstes vasos: E pelo seu excessivo número ignorava-se o pêso do metal.

48 E fêz Salomão todos os vasos para a casa do Senhor: O altar de ouro, e a mesa de ouro, sôbre a qual se pusessem os pães da proposição: (8)

49 E os candeieiros de ouro, cinco à direita, cinco à esquerda, de fino ouro diante do oráculo: E em cima havia umas flores de açucenas, e lâmpadas de ouro,

50 e quartas para água, e os garfos, e os copos, e os graís, e os turíbulos, de ouro puríssimo: E as couceiras das portas da casa interior do Santo dos Santos, e as das portas da casa do templo, eram de ouro.

51 E acabou Salomão tôda a obra, que mandou fazer para a casa do Senhor, e meteu nela a prata, e o ouro, e os vasos, e as coisas que seu pai Davi tinha consagrado e as depositou nos tesouros da casa do Senhor.

CAPÍTULO 8

DEDICAÇÃO DO TEMPLO. ORAÇÃO DE SALOMÃO A DEUS.
NÚMERO DAS VÍTIMAS IMOLADAS NESTA SOLENIDADE.

1 Então se congregaram todos os anciãos de Israel com os príncipes das tribos, e os chefes das famílias dos filhos de Israel junto ao rei Salomão em Jerusalém: Para trasladarem a arca do concêrto do Senhor, da cidade de Davi, isto é, de Sião. (1)

2 E todo o Israel concorreu ao rei Salomão num solene dia do mês de Etanim, que é o sétimo mês. (2)

(8) O ALTAR DE OURO — O altar dos perfumes colocado no Santo, era de cedro, laminado de ouro.

(1) OS ANCIÃOS — Os mais velhos do Sinédrio, "governadores e magistrados". Senatores magni Synedrui, senatores seu iudicis, seu denique gubernatores et magistratus.

(2) ETANIM — Chamado também Tischri. Começa na lua nova de setembro; era o sétimo mês do ano.

3 E vieram todos os anciãos de Israel, e tomaram os sacerdotes a arca,

4 e levaram a arca do Senhor e o tabernáculo do concêrto, e todos os vasos do santuário, que havia no tabernáculo: E os sacerdotes, e levitas os levavam.

5 O rei Salomão porém, e todo o povo de Israel que tinha concorrido a êle, iam adiante da arca, e imolavam ovelhas, e bois sem taxa e sem número.

6 E os sacerdotes puseram a arca do concêrto do Senhor no seu lugar, no oráculo do templo, no Santo dos Santos, debaixo das asas dos querubins.

7 Porque os querubins tinham estendidas as asas sôbre o lugar da arca, e cobriam por cima a arca, e os seus varais.

8 E como os varais sobressaíssem, e as suas pontas apparecessem fora do santuário diante do oráculo, já não appareciam mais por fora, e assim ficaram ali até o presente dia.

9 Na arca porém não havia senão as duas tábuas de pedra, que Moisés tinha metido nela em Horeb, quando o Senhor fêz aliança com os filhos de Israel, logo que saíram da terra do Egito. (3)

10 Aconteceu porém que logo que os sacerdotes saíram do santuário, uma névoa encheu a casa do Senhor,

11 e os sacerdotes não podiam ter-se em pé nem fazer as funções do seu ministério por causa da névoa: Porque a glória do Senhor tinha enchido a casa do Senhor.

(3) **AS DUAS TABUAS DE PEDRA** — Bastavam para dar à arca toda a sua significação, porque eram o monumento atestando a aliança entre Deus e o seu povo.

12 Então disse Salomão: O Senhor disse que êle habitaria numa névoa. (4)

13 Eu desvelado edifiquei esta casa para tua morada, teu trono firmíssimo para sempre.

14 E o rei voltou o seu rosto, e abençoou todo o ajuntamento de Israel, porque todo o ajuntamento de Israel estava ali.

15 Salomão disse: Bendito seja o Senhor Deus de Israel, que falou pela sua bôca a meu pai Davi, e que pelo seu poder executou a sua palavra, dizendo:

16 Desde o dia em que eu tirei do Egito o meu povo de Israel, não escolhi cidade alguma de tôdas as tribos de Israel, para se me edificar nela uma casa, e para nela se estabelecer o meu nome: Mas escolhi a Davi para ser o chefe do meu povo de Israel:

17 E meu pai Davi quis edificar uma casa ao nome do Senhor Deus de Israel,

18 mas o Senhor disse a Davi meu pai: Quando tu no teu coração intentaste edificar uma casa ao meu nome, fizeste bem, meditando no teu entendimento isto mesmo.

19 Todavia tu não edificarás uma casa, mas teu filho, que nascerá dos teus rins, êsse edificará uma casa ao meu nome.

20 Verificou o Senhor a sua palavra, que lhe disse: E eu fiquei em lugar de Davi meu pai, e eu me assentei sôbre o trono de Israel, bem como o Senhor o disse: E edifiquei uma casa ao nome do Senhor Deus de Israel.

21 E ali constituí o lugar para a arca, em que está o concêrto, que o Senhor fêz com nossos pais, quando saíram da terra do Egito.

(4) O SENHOR DISSE — Deus repetidas vêzes se tinha manifestado encoberto numa nuvem ou numa névoa no deserto, como repetidas vêzes se lê no Êxodo (Calmet).

22 Depois pôs-se Salomão diante do altar do Senhor à vista do ajuntamento de Israel, e estendeu as suas mãos para o Céu,

23 e disse: Senhor Deus de Israel, não há Deus semelhante a ti, nem no mais alto do céu, nem abaixo sobre a terra: Tu conservas o pacto e a misericórdia para os teus servos, que caminham adjante de ti de todo o seu coração. (5)

24 Tu guardaste ao teu servo Davi meu pai, o que lhe prometeste: Tu lho disseste por tua bôca, e cumpriste pelas tuas mãos, assim como o prova êste dia.

25 Agora pois, Senhor Deus de Israel, conserva ao teu servo Davi meu pai, o que lhe prometeste, dizendo: Não te faltarão descendentes, que diante de mim se assentem sobre o trono de Israel: Contanto todavia que teus filhos guardem os teus caminhos, andando em minha presença, como tu andaste diante de mim.

26 Agora pois, Senhor Deus de Israel, cumpram-se as tuas palavras, que disseste ao teu servo Davi meu pai.

27 E' pois crível que Deus habite verdadeiramente sobre a terra? Porque se o céu, e os céus dos céus te não podem compreender, quanto menos esta casa, que eu edifiquei? (6)

(5) **E DISSE** — Começa aqui a oração de Salomão, que é a um tempo uma obra literária de subido valor e um monumento de acrisolada piedade; o rei faz sete pedidos correspondentes a sete casos, nos quais o povo o deve invocar em seu templo; cada súplica termina com esta frase: Tu ouvirás do Céu.

NÃO HA DEUS SEMELHANTE A TI — Afirmação solene, precisa, inequívoca, de monoteísmo, que neste caso reveste singular importância.

(6) **OS CÉUS DOS CÉUS** — Superlativo exprimindo a maior extensão que se pode conceber. Salomão afirma aqui a onipresença

28 Mas atende, Senhor Deus meu, à oração do teu servo: Ouve o hino e a oração, que teu servo faz hoje em tua presença:

29 Para que os teus olhos estejam abertos de noite e de dia, sobre esta casa, da qual disseste: O meu nome estará nela: Para ouvires a oração, que teu servo te oferece neste lugar.

30 Para ouvires a deprecação de teu servo, e do teu povo de Israel, em tudo o que te pedirem neste lugar: E para as ouvires do lugar da tua morada no céu, e para que, tendo-as ouvido, lhe sejas propício.

31 Quando algum homem pecar contra seu próximo, e houver de fazer algum juramento, com que se li-gue: E vier à tua casa por motivo do juramento diante do teu altar,

32 tu ouvirás do céu: E farás justiça a teus servos, condenando o ímpio, e fazendo recair a sua perfídia sobre a sua cabeça, e justificarás o justo, e retribuindo-lhe conforme a sua justiça.

33 Quando o teu povo de Israel tiver fugido diante dos seus inimigos (porque algum dia pecará êle contra ti) e fazendo penitência, e dando glória ao teu nome, vierem, e orarem e te implorarem nesta casa; (7)

34 ouve-os do céu, e perdoa o pecado do teu povo de Israel, e torna-os a levar à terra, que deste a seus pais.

35 Quando o céu se tiver fechado, e não cair chuva alguma por causa dos seus pecados, e êles orando neste

de Deus, em contrário do sentir pagão, que supunha que a divindade residia no templo, à maneira dos homens.

(7) **ISRAEL TIVER FUGIDO** — Tõda a história do povo de Deus, e em especial o que está nos Juizes, mostra-nos que Israel triunfa ou sucumbe, conforme se aproxima ou se afasta do seu Deus.

lugar fizerem penitência em honra do teu nome, e se converterem dos seus pecados por causa da sua aflição: (8)

36 Ouve-os do céu, e perdoa os pecados de teus servos, e do teu povo de Israel: E mostra-lhes o caminho direito por onde andem, e derrama chuva sôbre a tua terra, que tu deste ao teu povo para a possuírem. (9)

37 Quando vier sôbre a terra fome, ou peste, ou corrupção do ar, ou ferrugem, ou gafanhoto, ou qualquer maligno humor, ou quando apertar ao teu povo o seu inimigo sitiando as suas portas, tôda a praga, tôda a enfermidade,

38 tôda a rogativa, e súplica, que fizer qualquer homem do teu povo de Israel: Se algum conhecer a chaga do seu coração, e estender as suas mãos para ti nesta casa,

39 tu o ouvirás do céu no lugar de tua morada, e tu propício te reconciliarás com êle, e obrarás dando a a cada um conforme tôdas as suas obras, e segundo vires o seu coração (porque só tu conheces o interior dos corações de todos os filhos dos homens),

40 para que êles tenham temor de ti por todo o tempo que viverem sôbre a face da terra, que tu deste a nossos pais. (10)

41 Também quando algum estrangeiro, que não é do teu povo de Israel, vier de algum país remoto por cau-

(8) QUANDO O CÉU SE TIVER FECHADO — Quer dizer, quando por castigo de Deus não chover e houver esterilidade (Martene).

(9) DERRAMA CHUVA — Os estios são muito raros na Palestina, sendo muito para temer as secas.

(10) TENHAM TEMOR — O temor era o sentimento dominante na religião mosaica.

sa do teu nome (porque ouvirá a grandeza do teu nome, e a força da tua mão, e o poder do teu braço, (11)

42 dilatado por toda a parte) quando vier por isso fazer oração neste lugar,

43 tu o ouvirás do céu, do firmamento da tua morada, e farás tudo o que o estrangeiro te pedir: Para que todos os povos da terra aprendam a temer o teu nome, como faz o teu povo de Israel, e para que experimentem que o teu nome foi invocado sobre esta casa, que eu edifiquei.

44 Quando o teu povo sair à guerra contra os seus inimigos, indo pelo caminho, por que tu o tiveres mandado, se te fizerem as suas preces olhando para o caminho da cidade, que tu escolheste, e para a casa, que eu edifiquei ao teu nome,

45 tu também ouvirás do céu as suas orações, e as suas preces, e lhes farás justiça.

46 Porém se pecar contra ti, (porque não há homem que não peque) e tu irado os entregares nas mãos de seus inimigos, e eles forem levados cativos ou perto ou longe para terra inimiga, (12)

47 e fizerem penitência do íntimo do seu coração no lugar do seu cativeiro, e convertidos te suplicarem no seu cativeiro, dizendo: Nós pecamos, nós cometemos a iniquidade, nós obramos impiamente,

48 e se eles se voltarem para ti de todo o seu coração, e de toda a sua alma na terra de seus inimigos, para

(11) **ALGUM ESTRANGEIRO** — A lei de Moisés era favorável aos estrangeiros, permitindo o ingresso no Tabernáculo aos que viviam entre os israelitas, consentindo-lhes que apresentassem ofertas.

(12) **CATIVOS** — Os hebreus, povo escolhido, separado dos outros povos, estabelecidos numa terra que o seu Deus lhes havia dado, consideraram sempre o cativeiro como um dos maiores males.

onde foram levados cativos, e orarem voltados para o caminho da sua terra, que tu deste a seus pais, e para a cidade que tu escolheste, e para o templo que eu edifiquei ao teu nome:

49 Tu ouvirás do céu, no firmamento do teu trono, as suas orações, e as suas preces, e defenderás a sua causa:

50 E te mostrarás propício ao teu povo que pecou contra ti, e perdoarás tôdas as suas iniquidades com que tiverem prevaricado contra ti: E inspirarás ternura aos que os levaram cativos, para dêles terem compaixão.

51 Porque êles são o teu povo, e a tua herança, a quem tiraste da terra do Egito, do meio da fôrnalha de ferro. (13)

52 Os teus olhos estejam abertos às deprecações do teu servo, e do teu povo de Israel, e os ouças em tudo por que êles te invocarem.

53 Porque tu, ó Senhor Deus, os separaste de todos os povos da terra para tua herança, como tu o declaraste por teu servo Moisés, quando tiraste a nossos pais do Egito.

54 Sucedeu pois, que tendo Salomão acabado de fazer oração, e esta rogativa, se levantou de diante do altar do Senhor: Porque êle tinha pôsto ambos os joelhos em terra, e tinha as mãos estendidas para o céu.

55 Pôs-se logo em pé, e abençoou a todo o ajuntamento de Israel, dizendo em alta voz: (14)

56 Bendito seja o Senhor, que deu descanso ao seu povo de Israel, conforme tôdas as promessas que tinha

(13) **FORNALHA DE FERRO** — Usavam um forno cujo fundo era de ferro, que ficava ao rubro em virtude da elevação da temperatura.

(14) **ABENÇOOU** — Não se trata da bênção solene, pois essa era reservada ao Sumo Sacerdote.

3 Reis 8, 57-65

feito: Não falhou nem sequer uma palavra de todos os bens, que êle nos tinha prometido por seu servo Moisés.

57 O Senhor nosso Deus seja conosco, bem como foi com nossos pais, não nos desamparando, nem nos afastando de si.

58 Mas êle incline os nossos corações, para andarmos em todos os seus caminhos, e para guardarmos os seus mandamentos, e as suas cerimônias, e tôdas as ordenações que êle prescreveu a nossos pais.

59 E as palavras desta minha oração, com que deprequei diante do Senhor, sejam presentes de dia e de noite ao Senhor nosso Deus, para que cada dia faça êle justiça ao seu servo, e ao seu povo de Israel:

60 De sorte que todos os povos da terra saibam que é êle o Senhor e o Deus, e que não há outro fora êle.

61 Seja também o nosso coração perfeito com o Senhor nosso Deus, para andarmos nos seus decretos, e guardarmos os seus mandamentos, como fazemos hoje.

62 O rei pois, e todo o Israel com êle imolaram vítimas diante do Senhor.

63 E degolou Salomão por hóstias pacíficas que imolou ao Senhor vinte e dois mil bois, e cento e vinte mil ovelhas: E o rei com os filhos de Israel dedicaram o templo do Senhor.

64 Naquele dia consagrou o rei o meio do átrio, que estava diante da casa do Senhor: Ofereceu pois ali holocaustos, e sacrifícios, e as bandas das hóstias pacíficas: Porque o altar de bronze, que estava diante do Senhor, era pequeno, e não podiam caber nêle os holocaustos, e os sacrifícios, e as banhas das hóstias pacíficas.

65 Fêz pois Salomão naquele tempo uma festa muito célebre, e todo o Israel com êle, tendo concorrido em grandes enxames desde a entrada de Emat até

o rio do Egito, diante do Senhor nosso Deus, por sete dias, e por outros sete, isto é, por catorze dias.

66 E ao dia oitavo despediu êle os povos: Os quais, abençoando o rei, voltaram para suas tendas alegres, e com o coração contente por todos os bens, que o Senhor tinha feito a Davi seu servo, e ao seu povo de Israel. (15)

CAPÍTULO 9

APARECE O SENHOR SEGUNDA VEZ A SALOMÃO. ESTE PRINCIPE DA VINTE CIDADES AO REI DE TIRO. EDIFICA OUTRAS DE NOVO, E SUJEITA VÁRIOS POVOS. MANDA UMA FROTA AO PAÍS DE OFIR.

1 Sucedeu pois que tendo Salomão acabado de edificar a casa do Senhor, e o palácio do rei, e tudo o que tinha desejado e quizera fazer,

2 lhe apareceu o Senhor segunda vez como lhe tinha aparecido em Gabaon.

3 E o Senhor lhe disse: Eu ouvi a tua oração e a tua súplica que fizeste em minha presença: Eu santifiquei esta casa que me edificaste, para nela estabelecer para sempre o meu nome, e nela estarão sempre os meus olhos e o meu coração.

4 Se tu também andares na minha presença, como andou teu pai, em simplicidade de coração, e em equidade: E se fizeres tudo o que te tenho mandado, e guardares as minhas leis e as minhas ordenações,

(15) **COM O CORAÇÃO CONTENTE** — Era tão notável a magnificência e o esplendor de Salomão, que impressionou profundamente o povo. Desde então o suntuoso templo foi o orgulho, a força de Israel, e o prazer dos seus olhos.

3 Reis 9, 5-12

5 eu estabelecerei o trono do teu reino sôbre Israel para sempre, como eu o prometi a Davi teu pai, dizendo: Não faltará varão da tua linhagem sôbre o trono de Israel.

6 Mas se obstinadamente vos desviardes de mim vós e vossos filhos, não me seguindo, nem guardando os meus preceitos, e as minhas cerimônias, que eu vos prescrevi, mas se vos retirardes e derdes culto a deuses estranhos, e os adorardes:

7 Eu exterminarei Israel da superfície da terra, que lhes dei, e lançarei longe da minha presença o templo, que consagrei ao meu nome, e Israel será o escárnio, e a fábula de todos os povos. (1)

8 E esta casa servirá de exemplo: Todo o que passar por diante dela ficará pasmado, e a insultará, e dirá: Por que se houve o Senhor assim com esta terra, e com esta casa?

9 E responder-lhe-ão: Porque êstes povos deixaram o Senhor seu Deus, que tirou da terra do Egito a seus pais, e porque êles seguiram deuses estranhos, e os adoraram, e lhes renderam culto: Por isso o Senhor descarregou sôbre êles todo êste mal.

10 Mas vinte anos andados, depois que Salomão edificara as duas casas, isto é, a casa do Senhor, e a casa do rei,

11 (mandando Hirão, rei de Tiro, a Salomão madeira de cedro e de faia, e o ouro todo quanto havia mister) deu Salomão a Hirão vinte cidades no país de Galiléia,

12 E saiu Hirão de Tiro, para ver as cidades, que Salomão lhe tinha dado, mas não lhe agradaram,

(1) **SERÁ O ESCARNIO** — O oráculo cumpriu-se completamente,

13 e disse: São estas, irmão, as cidades que tu me deste? e as chamou a terra de Cabul, até ao dia de hoje.

14 Tinha Hirão também mandado ao rei Salomão cento e vinte talentos de ouro. (2)

15 Esta é a soma das despesas, que fêz Salomão na fábrica da casa do Senhor e da sua casa, em Melo, e dos muros de Jerusalém, e a de Heser, e Magedo, e Gazer. (3)

16 Faraó, rei do Egito, veio, e tomou Gazer, e a queimou: E matou os cananeus que habitavam na cidade, e a deu em dote a sua filha, mulher de Salomão. (4)

17 Salomão pois reedificou Gazer e Beton a baixa,

18 e Balaat, e Palmira na terra do deserto. (5)

19 E fortificou tôdas as aldeias, que lhe pertenciam, e que não tinham muros, e as cidades dos coches e as cidades da gente de cavalo, e tudo o que êle lhe aprouve edificar em Jerusalém, e no Líbano, e em tôda a extensão do seu domínio.

20 Todo o povo, que tinha ficado dos amorreus, e dos heteus, e dos fereus, e dos heveus, e dos jebuseus, que não eram dos filhos de Israel,

(2) **CENTO E VINTE TALENTOS DE OURO** — Cada talento de ouro valia, segundo os cálculos de Vigouroux, 26:370\$000 réis.

(3) **MELO** — Trabalhos de fortificação ou da cidadela.

HESER — Ficava ao pé do Líbano.

MAGEDO — Entre Tabor e o Mediterrâneo.

(4) **GAZER** — Perto de Abon Cherché, cerca de quatro quilómetros de Konida, à direita da estrada que vai de Jafa a Jerusalém.

(5) **PALMIRA** — A cidade das palmas, em pleno deserto, ao pé duma cordilheira que passa de sudoeste a nordeste. E' hahmada por duas fontes pouco abundantes, mas que alimentam as palmeiras, das quais lhe vem o nome. Esta cidade teve uma grande importância comercial. Cfr. Reuss, *L'histoire des Israelites*.

3 Reis 9, 21-28

21 aos filhos dêstes, que tinham ficado no país, aos quais os filhos de Israel não puderam extinguir, fêz Salomão tributários até o dia de hoje.

22 Ele não quis que algum dos filhos de Israel servisse de escravo, mas eram os seus homens de guerra, e os seus ministros, e os seus primeiros oficiais, e os capitães, e os comandantes dos coches e da cavalaria.

23 Havia pois quinhentos e cinquenta homens estabelecidos sôbre tôdas as obras de Salomão, os quais tinha o povo sujeito, e eram os superintendentes de tôdas as obras determinadas.

24 Veio pois a filha de Faraó da cidade de Davi para a sua casa, que Salomão lhe tinha edificado: Então edificou Melo.

25 Oferecia também Salomão três vêzes cada ano holocaustos e vítimas pacíficas sôbre o altar, que tinha levantado ao Senhor, e queimava perfumes diante do Senhor: E o templo se completou.

26 Equipou mais o rei Salomão uma frota em Asiongaber, que é perto de Ailat na praia do mar Vermelho, na terra de Iduméia. (6)

27 E mandou Hirão nesta frota servos seus, homens marinheiros, entendidos em a náutica, juntamente com os servos de Salomão.

28 Os quais, tendo chegado a Ofir, trouxeram ao rei Salomão quatrocentos e vinte talentos de ouro, dali conduzido. (7)

(6) **ASIONGABER** — Sôbre o gôlfo Elanítico.

(7) **OFIR** — Provavelmente Abira, na Índia.

CAPÍTULO 10

A RAINHA DE SABÁ VEM BUSCAR SALOMÃO. SABEDORIA E RIQUEZAS DESTE PRÍNCIPE. DESCRIÇÃO DO TRONO QUE ELE MANDOU FAZER.

1 E até a rainha de Sabá, ouvida a fama de Salomão no nome do Senhor, veio fazer experiência nêle por enigmas, (1)

2 E tendo entrado em Jerusalém com grande comitiva, e rica equipagem, com camelos que traziam aromas, e infinita quantidade de ouro, e pedras preciosas, se apresentou diante do rei Salomão, e lhe descobriu tudo quanto trazia no seu peito:

3 E Salomão a instruiu em tôdas as coisas, que ela lhe tinha proposto: Não houve nenhuma que o rei ignorasse, e sôbre a qual êle lhe não respondesse.

4 Vendo pois a rainha de Sabá tôda a sabedoria de Salomão, e a casa, que êle tinha feito,

5 e os manjares da sua mesa, e os aposentos dos seus officiais, e as diversas classes dos que o serviam, e

(1) SABA — E' a capital dos sabeus, na Arábia feliz, onde se encontram os preciosos tesouros de ouro, pedrarias, incensos e bálsamos.

A RAINHA DE SABA — Tôdas as tradições orientais confirmam esta passagem bíblica. A recordação desta viagem impressionou indelêvelmente os povos orientais, que ainda conservam a recordação de tão notável fato. Os antigos reis da Etiópia pretenderam descender dum filho, que ela houve de Salomão, e nesta crença persistiram até à ruína da sua dinastia no fim do século XVIII. Na Abissínia ainda agora existe uma seita judaica, conhecida pelo nome de Falascas, que quer dizer — emigrados —, que pretende remontar até Salomão. Contam assim a sua origem: A rainha de Sabá teve de Salomão um filho chamado Menelik. Este foi educado em Jerusalém, sob as vistas de seu pai. Mais tarde Menelik foi aclamado

3 Reis 10, 6-11

os seus vestidos, e copeiros, e holocaustos, que êle oferecia na casa do Senhor: Estava tôda transportada:

6 E disse ao rei: E' verdadeiro o que eu no meu reino ouvi,

7 acêrca da tua conversação, e da tua sabedoria: E contudo eu não acreditava aos que mo diziam, até que eu mesma vim, e vi com meus olhos, e tenho reconhecido que se me não dizia a metade do que era: E' maior a tua sabedoria e as tuas obras, do que a fama que tenho ouvido.

8 Bem-aventurados os teus homens, e bem-aventurados os teus servos, que gozam sempre da tua presença, e que ouvem a tua sabedoria.

9 Bendito seja o Senhor teu Deus, a quem agradaste, e que te colocou sôbre o trono de Israel, porque o Senhor amou a Israel para sempre e te constituiu rei, para governar com equidade e justiça.

10 Deu pois ao rei cento e vinte talentos de ouro, e infinitos aromas, e pedras preciosas: Desde então não se trouxeram a Jerusalém tantos aromas, como os que a rainha de Sabá deu ao rei Salomão.

11 (Mas até a frota de Hirão, que trazia o ouro de Ofir, trouxe de Ofir uma prodigiosa quantidade de paus odoríferos, e pedras preciosas.

rei da Etiópia; seus companheiros esposaram mulheres indígenas e tornaram-se os pais dos Falascas. (Entretanto outros Falascas descendem ou pretendem descender dos judeus que fugiram para o Egito no tempo de Jeremias; ou dos que deixaram a Palestina após a destruição de Jerusalém por Tito. Cfr. Helevey, *Prières des Falascas*). Os monumentos assírios dão-nos conta duma rainha de Sabá. Nos anais de Teglathalasar III, é nomeada Samsi rainha de Sabá. Além de Samsi é também indicada Zalibi, rainha da terra dos Aricis (Árabes) que lhe pagavam um tributo de ouro, prata e ferro. Cfr. Talbot, *Records of the past*.

12 E o rei mandou fazer das madeiras cheirosas os balaústres da casa do Senhor, e da casa do rei, e cítaras e violas para os músicos: Não se trouxeram, nem se viram mais semelhantes madeiras odoríferas até ao presente dia.)

13 O rei Salomão porém deu à rainha de Sabá tudo o que ela desejou, e lhe pediu: Fora os presentes, que êle mesmo lhe fez com real liberalidade. A rainha voltou, e se foi para o seu reino com os seus servos.

14 E o pêso de ouro, que se trazia a Salomão cada ano, era de seiscentos e sessenta e seis talentos de ouro:

15 Fora o que lhe traziam os homens, que eram os recebedores dos tributos, e os negociantes, e todos os que vendiam quinquilharias, e todos os reis da Arábia, e os governadores da terra.

16 Fêz mais o rei Salomão duzentos escudos de ouro puríssimo, e deu para as chapas de cada escudo seiscentos siclos de ouro. (2)

17 E trezentos broquéis de ouro fino: Trezentas minas de ouro revestiam cada broquel: E o rei os pôs na casa do bosque do Líbano. (3)

18 Fêz mais o rei Salomão um grande trono de marfim: E o guarneceu de ouro mui luzente,

19 o qual tinha seis degraus: E o alto do trono era redondo pelo espaldar: E duas mãos uma duma parte, outra doutra sustinham o assento: E havia dois leões ao pé de cada mão.

(2) **DUZENTOS ESCUDOS** — Os escudos eram de duas formas e de dois comprimentos. Uns eram grandes quadriláteros ovais; os outros eram pequenos, mais ou menos arredondados. Uns e outros eram de madeira, revestidos de ouro.

(3) **TREZENTAS MINAS** — Cada mina de ouro equivalia a cinqüenta siclos, e cada siclo a catorze gramas e vinte centigramas. Cfr. Vigouroux, *La Sainte Bible Polyglotte*.

3 Reis 10, 20-28

20 E doze leõezinhos postos sôbre os seis degraus duma parte e doutra: Não se fêz obra semelhante em nenhum dos reinos.

21 Mas até todos os vasos, por onde bebia o rei Salomão, eram de ouro: E tôda a sua baixela da casa do bosque do Líbano era de ouro puríssimo: Não havia prata, nem se fazia aprêço algum dela em tempo de Salomão,

22 porque a frota do rei Salomão ia por mar com a frota de Hirão uma vez cada três anos a Tarsis, a trazer dali ouro, e prata, e dentes de elefantes, e bugios, e pavões

23 Excedeu logo o rei Salomão todos os reis do mundo em riquezas, e sabedoria.

24 E tôda a terra desejava conhecer de vista a Salomão, para ouvir a sabedoria, que Deus tinha depositado no seu coração.

25 E cada um lhe mandava todos os anos seus presentes, vasos de prata e de ouro, vestidos, e armas de guerra, até aromas e cavalos machos.

26 E ajuntou Salomão um grande número de coches, e de cavaleiros, e teve mil e quatrocentos coches, e doze mil homens de cavalo: E êle os distribuiu pelas cidades fortificadas, e em Jerusalém junto da pessoa dêle rei.

27 E fêz que houvesse tanta abundância de prata em Jerusalém, quanta era também a das pedras: E fêz tão óbvios os cedros, como os sicômoros, que nascem nas campinas.

28 Sacavam-se também do Egito, e de Coa cavalos para Salomão. Porque os feitores do rei os compravam em Coa, e lhos traziam por um certo preço.

29 Saía-lhe porém do Egito um tiro de quatro cavalos por seiscentos siclos de prata, e um cavalo por cento e cinqüenta. E assim lhe vendiam cavalos todos os reis dos heteus e da Síria.

CAPÍTULO 11

SALOMÃO SE DEIXA ARRASTAR DO AMOR DAS MULHERES. ELAS O FAZEM CAIR NA IDOLATRIA. ADVERSÁRIO QUE DEUS LHE SUSCITA. O PROFETA AÍAS PROMETE A JEROBOÃO O REINO DAS DEZ TRIBOS. MORTE DE SALOMÃO. ROBOÃO LHE SUCEDE.

1 Mas o rei Salomão amou apaixonadamente a muitas mulheres estrangeiras, também à filha de Faraó, e a mulheres moabitas, amonitas, iduméias, e sidônias, e hetéias:

2 Das nações, de quem o Senhor tinha dito aos filhos de Israel: Não tomeis as suas mulheres, nem êles as vossas: Porque elas certissimamente vos perverterão os vossos corações para seguirdes os seus ídolos. A estas pois se uniu Salomão com um amor ardentíssimo.

3 E êle teve setecentas mulheres, que eram como rainhas, e trezentas concubinas, e as mulheres lhe perverteram o coração.

4 E sendo já velho, o seu coração foi pervertido pelas mulheres para seguir os deuses alheios: Nem o seu coração era perfeito diante do Senhor seu Deus, como o fôra o de Davi, seu pai. (1)

5 Mas Salomão dava culto a Astarte, deusa dos sidônios, e a Moloc ídolo dos amonitas.

(1) **DEUSES ALHEIOS** — A religião era nessa época essencialmente nacional. Cada divindade era exclusiva do país em que era adorada.

3 Reis 11, 6-17

6 E fêz Salomão o que não era agradável ao Senhor, e não seguiu o Senhor perfeitamente, como o seguiu Davi, seu pai.

7 Naquele tempo edificou Salomão um templo a Camos, ídolo dos moabitas, no monte que está fronteiro a Jerusalém, e a Moloc, ídolo dos filhos de Amon.

8 E o mesmo fêz êle por tôdas as suas mulheres estrangeiras, que queimavam incenso, e sacrificavam a seus deuses.

9 O Senhor pois se irou contra Salomão, por se ter o seu espírito apartado do Senhor Deus de Israel, que lhe tinha aparecido segunda vez,

10 e lhe tinha proibido expressamente que não seguisse a deuses estrangeiros, e êle não guardou o que o Senhor lhe mandara.

11 Disse pois o Senhor a Salomão: Pois que tu assim te portaste, e não guardaste o meu pacto, nem os mandamentos, que eu te ordenei, eu rasgando dividirei o teu reino, e o darei a um dos teus servos.

12 Contudo não o farei em teus dias por atenção a Davi, teu pai: Eu o dividirei da mão de teu filho.

13 Nem lhe tirarei o reino todo, mas darei a teu filho uma tribo, em atenção a meu servo Davi, e a Jerusalém que eu escolhi.

14 Suscitou pois o Senhor por inimigo de Salomão, a Adad, idumeu de sangue real, que vivia em Edom.

15 Porque quando Davi estava em Iduméia, e veio Joab, general do seu exército, a sepultar os que tinham sido mortos, e a matar em Iduméia todos os varões,

16 (porque seis meses se demorou ali Joab e todo o Israel, enquanto matava todos os varões de Iduméia,)

17 fugiu o mesmo Adad de lá, e com êle os idumeus, servos de seu pai, para se retirar ao Egito: E Adad era de mui tenra idade.

18 Saindo de Madian vieram a Faran, e levaram consigo homens de Faran, e entrando no Egito se apresentaram a Faraó, rei do Egito: O qual lhe deu casa, e consignou-lhe alimentos, e lhe adjudicou terras.

19 E Adad caiu tanto em graça a Faraó, que êste o casou com a própria irmã da rainha Tafnes, sua mulher.

20 E desta irmã de Tafnes teve Adad um filho chamado Genubat, e Tafnes o criou na casa de Faraó: E Genubat habitava no palácio de Faraó com os filhos do rei.

21 E tendo Adad ouvido no Egito, que Davi adormecera com seus pais, e que Joab, general do seu exército, era morto, disse a Faraó: Deixai-me ir para a minha terra.

22 E Faraó lhe disse: Pois que é o que te falta em minha casa, para cuidares em voltar para a tua terra? E êle lhe respondeu: Nada: Mas suplico-te que me deixes ir.

23 Suscitou-lhe Deus também por inimigo a Razon, filho de Eliada, que tinha fugido de Adarezer, rei de Soba, seu senhor:

24 E juntou gente contra êle, e se fez capitão de ladrões quando Davi lhes fazia guerra: Êstes se retiraram para Damasco, e fizeram ali assento e o constituíram rei em Damasco, (2)

25 e foi inimigo de Israel em todo o tempo de Salomão: E êste é o mal de Adad, e o ódio contra Israel: E êle reinou na Síria. (3)

(2) **DAMASCO** — Capital da Síria, sobre o Abania que, pelas suas águas abundantes, torna esta cidade fertilíssima.

(3) **NA SÍRIA** — Mais precisamente em Edom ou na Iduméia, conforme dizem os Setenta. As palavras de Aram (Síria) e Edom, são muito semelhantes no hebraico, diferindo apenas num *resh* e *dalet*, pelo que se encontram muitas vezes confundidas na Bíblia.

26 Jeroboão também filho de Nabat, efrateu, de Sareda, servo de Salomão, cuja mãe era uma mulher viúva por nome Sarva, se sublevou contra Salomão.

27 E o motivo da rebelião contra ele foi este, que Salomão tinha edificado a Melo, e terraplanado o profundo sorvedouro da cidade de Davi, seu pai.

28 Era pois Jeroboão um homem valente e poderoso: E Salomão, vendo que era um moço de inteligência e capacidade, o tinha feito intendente das tribos de toda a casa de José.

29 Aconteceu pois naquele tempo que Jeroboão saiu de Jerusalém, e que Aías, silonita profeta, coberto com uma capa nova, encontrou Jeroboão no caminho: Estavam sós os dois no campo.

30 E Aías tomando a sua capa nova, de que vinha coberto, a rasgou em doze partes.

31 E disse a Jeroboão: Toma para ti dez retalhos: Porque isto é o que diz o Senhor Deus de Israel: Eis-aqui eu rasgarei o reino das mãos de Salomão, e dar-te-ei dez tribos.

32 Porém a ele ficará uma tribo, em atenção a meu servo Davi, e à cidade de Jerusalém, que eu escolhi dentre todas as tribos de Israel: (4)

33 Porque Salomão me deixou, e adorou a Astarte, deusa dos sidônios, a Camos, deus de Moab, e a Moloc, deus dos filhos de Amon: E não andou pelos meus caminhos, para fazer o que era justo diante de mim, e para observar os meus preceitos, e as minhas ordenações como Davi, seu pai.

34 Eu lhe não tirarei todo o reino das suas mãos, mas o deixarei governar todos os dias da sua vida por

(4) **UMA TRIBO** — A de Benjamim, que ficou fiel a Roboão, não é contada por causa da sua nula importância territorial.

causa de Davi meu servo, a quem escolhi, o qual guardou os meus mandamentos e os meus preceitos.

35 Tirarei porém o reino das mãos de seu filho, e te darei dez tribos:

36 A seu filho porém darei uma tribo, para que sempre fique a meu servo Davi uma lâmpada diante de mim na cidade de Jerusalém, que eu escolhi a fim de ser nela reverenciado o meu nome.

37 E a ti eu te tomarei, e tu reinarás sobre tudo o que a tua alma deseja, e serás rei em Israel.

38 Se tu pois ouvires tudo o que eu te ordenar, e se andares pelos meus caminhos, se fizeres o que é reto diante de mim, guardando as minhas ordenações e os meus preceitos, assim como fez Davi, meu servo: Eu serei contigo, e te edificarei uma casa que seja estável, bem como a que fiz a meu servo Davi, e te entregarei Israel:

39 E afligirei neste ponto a descendência de Davi, mas não para sempre.

40 Quis pois Salomão matar a Jeroboão: O qual se retirou e fugiu para o Egito, para Sesac, rei do Egito, e ficou no Egito até à morte de Salomão.

41 O resto porém das ações de Salomão, assim o que êle fez, como a sua sabedoria: Tudo está escrito no livro da história do reinado de Salomão. (5)

42 O tempo, que Salomão reinou em Jerusalém sobre todo o Israel, foram quarenta anos.

(5) NO LIVRO DA HISTÓRIA DO REINADO DE SALOMÃO — Este livro perdeu-se, e era provavelmente um apontamento de memórias, talvez diárias, de Salomão, onde estavam compilados os fatos da sua vida e os anais do seu governo, como era vulgar entre os persas e babilônios, e dêle só resta esta notícia: Este livro devia conter esclarecimentos assaz importantes, para a história do povo de Deus.

3 Reis 11, 43; 12, 1-7

43 E Salomão adormeceu com seus pais, e foi enterrado na cidade de seu pai, Davi, e Roboão, seu filho, reinou em seu lugar.

CAPÍTULO 12

ROBOÃO DA LUGAR À SEPARAÇÃO DAS DEZ TRIBOS, QUE ELEGEM A JEROBOÃO POR SEU REI. ROBOÃO SE PREPARA PARA FAZER GUERRA A JEROBOÃO. O PROFETA SEMEIAS LHO PROÍBE. CULTO IMPIO DOS BEZERROS DE OURO ESTABELECIDO POR JEROBOÃO.

1 Veio pois Roboão a Siquém: Porque todo o Israel se tinha ali ajuntado para o constituir rei.

2 Porém Jeroboão, filho de Nabat, achando-se ainda no Egito refugiado da face do rei Salomão, sabida a sua morte, voltou do Egito.

3 E ó avisaram para que se recolhesse: Veio pois Jeroboão e todo o povo de Israel, e falaram a Roboão, dizendo:

4 Teu pai nos tinha impôsto um jugo duríssimo: Tu pois agora diminui alguma coisa da dureza do governo de teu pai, e daquele pesadíssimo jugo, que êle nos impôs, e nós te serviremos.

5 Roboão lhes respondeu: Ide-vos, e daqui a três dias vinde ter comigo. E tendo-se retirado o povo,

6 teve o rei Roboão conselho com os velhos, que faziam côrte a Salomão seu pai, quando êste ainda vivia, e lhes disse: Que me aconselhais vós que eu responda a êste povo?

7 Êles lhe disseram: Se tu agora obedeceres a êste povo, e cederes, e condescenderes com a sua petição, e lhe falares com brandura, êles serão teus servos para sempre.

8 Ele abandonou o conselho, que lhe tinham dado os velhos, e consultou os moços, que tinham sido criados com ele, e que lhe assistiam, (1)

9 e disse-lhes: Que me aconselhais vós que eu responda a êste povo, que me disse: Adoça um pouco o jugo que teu pai impôs sôbre nós?

10 E disseram-lhe os moços que tinham sido criados com ele: Assim dirás a êste povo, que te falou, dizendo: Teu pai fêz o nosso jugo pesadíssimo, tu alivia-nos: Assim lhes dirás: O meu dedo meminho é mais grosso do que o costado de meu pai.

11 E se meu pai pôs sôbre vós um jugo pesado, eu ainda acrescentarei sôbre o vosso jugo: Meu pai açoitou-vos com correias, e eu açoitar-vos-ei com escorpiões. (2)

12 Voltou pois Jeroboão, e todo o povo a Roboão no terceiro dia, conforme o que o rei lhes tinha ordenado, dizendo: Tornai a vir ter comigo ao terceiro dia.

13 E o rei respondeu duramente ao povo, desprezando o conselho que os velhos lhe tinham dado.

14 e lhes falou conforme o que lhe tinham aconselhado os moços, dizendo: Meu pai impôs-vos um jugo pesado, eu ainda acrescentarei o pêso do vosso jugo: Meu pai açoitou-vos com correias, e eu açoitar-vos-ei com escorpiões.

15 E não deu o rei ouvidos ao povo: Porque o Senhor tinha apartado dêle a sua face, para verificar a sua palavra, que havia dito a Jeroboão, filho de Nabat, pelo profeta Aías silonita.

(1) **CRIADOS COM ELE** — Isto é, educados. Estes jovens-falam com a presunção da sua idade.

(2) **COM ESCORPIÕES** — Espécie de açoite, com pontas de ferro na extremidade.

16 Vendo logo o povo que o rei o não queria ouvir, respondeu-lhe dizendo: Que parte temos nós com Davi? ou que herança no filho de Isai? Vai-te pois para as tuas tendas, ó Israel, e tu, ó Davi, trata agora da tua casa. E Israel se retirou para as suas tendas. (3)

17 E reinou Roboão sôbre todos os filhos de Israel, que habitavam nas cidades de Judá.

18 Enviou pois o rei Roboão a Adurão, que era o superintendente dos tributos: E todo o Israel o apedrejou, e êle morreu. E o rei Roboão a tôda a pressa montou no seu coche, e fugiu para Jerusalém: (4)

19 E Israel se separou da casa de Davi, até o dia de hoje.

20 Sucedeu pois que tendo ouvido todo o Israel que Jeroboão tinha voltado, congregados em côrtes, o mandaram chamar e o aclamaram rei sôbre todo o Israel: E não houve alguém que seguisse a casa de Davi, senão sômente a tribo de Judá. (5)

21 Veio pois Roboão a Jerusalém, e fêz ajuntar tôda a casa de Judá, e a tribo de Benjamim, cento e oitenta mil homens de guerra escolhidos, para pelejar contra a casa de Israel, e reduzir o reino à obediência de Roboão, filho de Salomão.

22 Então dirigiu o Senhor a sua palavra a Semeias homem de Deus, dizendo:

23 Fala a Roboão, filho de Salomão, rei de Judá, e a tôda a casa de Judá, e de Benjamim, e a todo o resto do povo, dizendo:

(3) **COM DAVI** — Pela família de Davi, a estirpe régia.

(4) **ADURÃO** — Era mal visto, em virtude do odioso da sua posição.

(5) **JEROBOÃO** — Tinha voltado do Egito, onde se tinha refugiado, perto de Sesac, para escapar à perseguição de Salomão.

24 Eis-aqui o que diz o Senhor: Não vos ponhais em campanha, nem façais guerra contra os filhos de Israel que são vossos irmãos: Cada um torne para sua casa, porque eu é que fiz isto. Ouviram êles a palavra do Senhor, e se retiraram da sua jornada, conforme o Senhor lhes havia mandado.

25 E Jeroboão reedificou a Siquém sôbre o monte de Efraim, e residiu ali: E tendo saído daqui reedificou a Fanel. (6)

26 E disse Jeroboão em seu coração: Agora tornará o reino para a casa de Davi,

27 se este povo fôr a Jerusalém para lá oferecer sacrificios na casa do Senhor: E o coração dêste povo torna para seu senhor Roboão, rei de Judá, e êles me matarão, e se voltarão para êle.

28 E depois de ter bem considerado fêz dois bezerros de ouro, e disse ao povo: Não torneis mais a ir a Jerusalém: Eis-aqui, ó Israel, os teus deuses, que te tiraram da terra do Egito.

29 E pôs um em Betel, e o outro em Dan:

30 E isto foi uma ocasião de pecado: Porque o povo ia até Dan para lá adorar o bezerro.

31 E levantou templos nos altos, e pôs por sacerdotes os ínfimos do povo, que não eram dos filhos de Levi.

32 Ordenou também um dia de Festa no oitavo mês, no dia décimo quinto do mês, à semelhança da solenidade que se celebrava em Judá. E subindo ao altar, o mesmo fêz em Betel, oferecendo sacrificios aos bezerros, que tinha fabricado: E estabeleceu em Betel sacerdotes dos altos, que edificara.

(6) REEDIFICOU — Este verbo é empregado aqui na acepção de engrandecer, embelezar e aperfeiçoar.

33 Ao décimo quinto dia do oitavo mês, que êle tinha feito solene à sua fantasia, subiu Jeroboão ao altar que tinha construído em Betel, e fêz celebrar uma solene festa aos filhos de Israel, e subiu ao altar para oferecer incenso.

CAPÍTULO 13

**UM PROFETA PREDIZ DIANTE DE JEROBOÃO O MERECE-
MENTO DE JOSIAS, E A DESTRUIÇÃO DOS ALTOS. ESTE MESMO
PROFETA É MORTO POR UM LEÃO, POR TER DESOBE-
DECIDO AO MANDADO DE DEUS. JEROBOÃO PERSISTE NA
SUA IMPIEDADE.**

1 E ao tempo que Jeroboão estava sôbre o altar, e lançava o incenso, eis que um homem de Deus veio de Judá a Betel por ordem do Senhor. (1)

2 E exclamou contra o altar da parte do Senhor, e disse: Altar, altar, eis-aqui o que diz o Senhor: Na casa de Davi nascerá um filho, que se chamará Josias, e êle degolará sôbre ti os sacerdotes dos altos, que agora queimam sôbre ti incensos, e queimará sôbre ti ossos de homens.

3 E naquele dia deu um testemunho, dizendo: Eis-aqui o sinal por onde o Senhor falou: O altar se partirá, e a cinza que está por cima se espalhará.

4 E tendo o rei ouvido as palavras do homem de Deus, que êle proferira em alta voz contra o altar em Betel, estendeu a sua mão desde o altar, dizendo: Pren-

(1) **UM HOMEM DE DEUS** — Um profeta do verdadeiro Deus, cujo nome não é conhecido. Flávio Josefo chama-lhe Jadon. Tertuliano no seu livro *O Jejum, Semeias*; S. Jerônimo no *Comentário aos Parallipômenos*, Jado.

dei-o. E logo a mão, que êle estendera contra o homem de Deus, se secou: E êle a não pôde trazer a si.

5 O altar também se dividiu, e se espalhou a cinza do altar, conforme o sinal que o homem de Deus tinha dado em nome do Senhor.

6 E disse o rei ao homem de Deus: Faze oração ao Senhor teu Deus, e roga-lhe por mim, para que se me restitua a minha mão. E o homem de Deus fêz oração ao Senhor e o rei trouxe a si a sua mão, e ela ficou como antes era.

7 Disse mais o rei ao homem de Deus: Vem jantar comigo a minha casa, e eu te farei presentes.

8 E o homem de Deus respondeu ao rei: Ainda quando tu me houvesses de dar metade da tua casa, eu não irei contigo, nem comerei pão, nem beberei água neste lugar:

9 Porque assim me foi mandado da parte do Senhor, que me ordenou: Tu não comerás pão, nem beberás água, nem voltarás pelo caminho por onde vieste.

10 Êle pois se foi por outro caminho, e não voltou pelo mesmo por onde tinha ido a Betel.

11 Em Betel porém morava um velho profeta, com o qual vieram ter seus filhos, e lhe disseram tôdas as obras, que o homem de Deus tinha feito aquêle dia em Betel: E contaram a seu pai as palavras que êle tinha dito ao rei. (2)

12 E seu pai lhes disse: Por que caminho se foi êle? Os filhos lhe mostraram o caminho, por onde voltara o homem de Deus, que tinha vindo de Judá.

(2) **UM VELHO PROFETA** — Um falso profeta, segundo a paráfrase caldéia, que diz *Propheta mendax unus senex*, e outros; verdadeiro profeta, segundo Cornélio a Lápide, etc., mas profeta infiel e enganador nesta circunstância. Teodoreto desculpa-o dizendo que era homem rúde e simples.

3 Reis 13, 13-22

13 E êle disse a seus filhos: Aparelhai-me o ju-mento. E como o tivessem aparelhado, montou nêle,

14 e foi após o homem de Deus, e o achou assentado debaixo dum terebinto, e disse-lhe: Tu és o homem de Deus que vieste de Judá? Êle lhe respondeu: Sou eu mesmo.

15 E êle lhe disse: Vem comigo a casa, comer pão.

16 Êle lhe respondeu: Não posso voltar, nem ir contigo, nem eu comerei pão, nem beberei água neste lugar:

17 Porque o Senhor com palavras de Senhor me mandou, dizendo: Não comerás pão, nem beberás água nesse lugar, nem voltarás pelo caminho por onde tiveres ido.

18 Aquêie homem lhe disse: Eu também sou profeta como tu: E um anjo me falou da parte do Senhor dizendo: Leva-o contigo a tua casa, para que êle coma pão, e beba água. Enganou-o, (3)

19 e levou-o consigo: Comeu pois o pão em sua casa, e bebeu água.

20 E estando à mesa, falou o Senhor ao profeta, que o tinha feito voltar.

21 E exclamou ao homem de Deus, que tinha vindo de Judá, dizendo: Eis-aquí o que diz o Senhor: Porque tu não obedeceste à palavra do Senhor, e não guardaste o mandamento, que o Senhor teu Deus te tinha pôsto,

22 e voltaste, e comeste pão, e bebeste água no lugar em que te mandou que não comesses pão, nem be-

(3) O ANJO ME FALOU — Contraste com os termos empregados pelo profeta de Judá: O Senhor me falou.

besses água, o teu cadáver não será levado ao sepulcro de teus pais. (4)

23 E logo que comeu e bebeu, aparelhou o velho profeta o seu jumento para o profeta, a quem tinha feito voltar.

24 E indo no caminho, um leão lhe saiu ao encontro, e o matou, e o seu cadáver ficou estendido no caminho: O jumento porém estava parado junto a êle, e o leão ficou ao pé do cadáver.

25 E eis que, passando por ali certos homens viram o cadáver estirado no caminho, e o leão pôsto ao pé do cadáver. E foram e o publicaram na cidade, onde morava aquêlê velho profeta.

26 Tendo ouvido isto o profeta, que o tinha feito voltar do caminho, disse: E' o homem de Deus, que foi desobediente à palavra do Senhor, e o Senhor o entregou a um leão, e o despedaçou, e o matou conforme a palavra que o Senhor lhe falou. (5)

27 E disse a seus filhos: Aparelhai-me o jumento. O que como êles fizessem,

28 e êle tivesse partido, achou o cadáver estendido no caminho, e o jumento e o leão postos ao pé do cadáver: Não tinha o leão comido do cadáver, nem feito mal ao jumento. (6)

29 Pegou pois o profeta do cadáver do homem de Deus, e o pôs em cima do seu jumento, e voltando o levou à cidade dêle, velho profeta, para o chorar.

(4) **O TEU CADAVER NÃO SERÁ LEVADO** — Os hebreus tinham em grande conta a sepultura, desejando os túmulos junto dos seus maiores.

(5) **TENDO OUVIDO** — Ficou dilacerado pelos remorsos e quer reparar a sua falta dando-lhe sepultura.

(6) **NÃO TINHA O LEÃO COMIDO DO CADAVER** — Sem dúvida, dizem os intérpretes, por permissão de Deus, que queria mostrar ter sido o castigo suficiente.

3 Reis 13, 30-34; 14, 1-2

30 E meteu o cadáver no seu sepulcro: E eles o choraram: Ai, ai, meu irmão!

31 E tendo-o pranteado disse êle a seus filhos: Quando eu morrer, sepultai-me no sepulcro, em que foi enterrado o homem de Deus: Ponde os meus ossos ao pé dos seus ossos.

32 Certamente pois se verificará o que êle predisse da parte do Senhor contra o Altar que está em Betel, e contra todos os templos dos altos, que existem nas cidades de Samaria. (7)

33 Depois destas coisas não se converteu Jeroboão da sua péssima vida, antes ao contrário dos ínfimos do povo fêz sacerdotes dos altos: Todo o que queria enchia a sua mão, e era feito sacerdote dos altos.

34 E por esta causa pecou a casa de Jeroboão, e foi destruída, e extinta da face da terra.

CAPÍTULO 14

ENVIA JEROBOÃO SUA MULHER A CONSULTAR O PROFETA AÍAS SOBRE A DOENÇA DE SEU FILHO. MORTE DE JEROBOÃO. SUCEDE-LHE NADAB. SESAC, REI DO EGITO, DESPOJA O TEMPLO DE JERUSALÉM. MORRE ROBOÃO: SUCEDE-LHE ABIAO.

1 Naquele tempo adoeceu Abia, filho de Jeroboão.

2 E Jeroboão disse a sua mulher: Levanta-te e muda de traje, para que não conheçam que és mulher de

(7) **CIDADES DE SAMARIA** — No meio das montanhas, a nordeste de Siquém, levanta-se uma colina isolada, que pertencera a um israelita chamado Somer. No c. 16, 24, teremos ocasião de falar desta cidade; aqui basta notar que Samaria deu o nome ao país inteiro.

Jeroboão: E vai a Silo, onde está o profeta Aías, que me predisse, que eu reinaria sôbre êste povo. (1)

3 Leva contigo dez pães, e uma torta, e uma botija de mel, e vai ter com êle: Porque êle te mostrará o que tem de acontecer a êste menino.

4 Fêz a mulher de Jeroboão como êle lhe tinha dito e levantando-se partiu para Silo, e foi à casa de Aías: Mas êle não podia ver, porque os olhos se lhe tinham escurecido por causa da muita idade.

5 O Senhor porém disse a Aías: Eis-aí vem a mulher de Jeroboão consultar-te sôbre seu filho que está doente: Tu lhe dirás isto e isto. Como a mulher de Jeroboão entrasse, e dissimulasse quem era,

6 ouviu Aías o estrondo dos seus pés ao entrar pela porta, e disse: Entra, mulher de Jeroboão: Por que finges tu sêres outra? Mas eu fui enviada para dar-te uma dura nova.

7 Vai, e dize a Jeroboão: Eis-aqui o que diz o Senhor Deus de Israel: Eu te elevei do meio do povo, e te constitui chefe do meu povo de Israel: (2)

8 E dividi o reino da casa de Davi, e to dei a ti, e tu não fôste como meu servo Davi, que guardou os meus mandamentos, e que me seguiu de todo o seu coração, fazendo o que me era agradável:

9 Mas obraste maiores males do que todos quantos têm havido antes de ti, e fabricaste para ti deuses estrangeiros, e fundidos, para me provocares a ira, e a mim lançaste-me para trás das costas:

10 Por isso eu meterei grandes males dentro da casa de Jeroboão, e farei morrer da casa de Jeroboão até

(1) MUDA DE TRAJO — Precaução inútil, porque Aías era cego.

(2) EU TE ELEVEI — Deus enumera os seus benefícios a fim de pôr em evidência a ingratidão de Jeroboão.

o que urina à parede, e o encerrado, e o último em Israel: E varrerei os resíduos da casa de Jeroboão como se costuma varrer o estêrco até não ficar rastro.

11 Os que morrerem da casa de Jeroboão na cidade, serão comidos dos cães: E os que morrerem no campo, serão comidos das aves do céu: Porque o Senhor falou. (3)

12 Vai-te pois, e torna para tua casa, e ao mesmo tempo que puseres os pés na cidade, morrerá o menino,

13 e todo o Israel o chorará, e o sepultará: Porque só êste da casa de Jeroboão será metido no sepulcro, porque nêle achou o Senhor Deus de Israel uma coisa boa, entre os da casa de Jeroboão.

14 Mas o Senhor constituirá para si um rei sôbre Israel, que arruinará a casa de Jeroboão neste dia, e neste tempo:

15 E o Senhor Deus ferirá a Israel, bem como uma cana costuma mover-se nas águas: E êle arrancará a Israel desta excelente terra, que deu a seus pais, e os sacudirá para além do rio: Porque consagraram à sua impiedade bosques, para irritarem o Senhor.

16 E o Senhor entregará Israel por causa dos pecados de Jeroboão, que pecou, e fêz pecar a Israel.

17 Levantou-se pois a mulher de Jeroboão, e se foi, e veio para Tersa: E quando ela entrava o limiar da porta, morreu o menino, (4)

(3) **DOS CÃES** — Era um sinal da maldição divina. Os cães sem donó abundam no Oriente, sustentando-se de tôdas as imundícies.

(4) **TERSA** — Cidade capital do reino de Israel, hoje Talonza, importante povoação a nordeste de Siquém, a três horas de Samaria, situada num lugar elevado, de onde se desfruta um largo horizonte. Era proverbial a sua beleza. Cânticos 6, 4. Ficou capital até ao segundo ano do reinado de Amri, que fundou a cidade de Samaria e aí fixou a residência real.

18 e o sepultaram. E todo o Israel o chorou conforme a palavra do Senhor, a qual proferiu pela bôca do profeta Aías seu servo.

19 O mais porém das ações de Jeroboão, as guerras que teve, e o como reinou, está escrito no Livro dos Anais dos reis de Israel.

20 O tempo porém que reinou Jeroboão, foram vinte e dois anos: E êle adormeceu com seus pais: E em seu lugar reinou seu filho Nadab.

21 Mas Roboão, filho de Salomão, reinou em Judá. Êle tinha quarenta e um anos, quando começou a reinar: Reinou dezessete anos na cidade de Jerusalém, que o Senhor tinha escolhido de entre tôdas as tribos de Israel para estabelecer nela o seu nome. Sua mãe chamava-se Naama, e era amonita.

22 E Judá fêz o mal diante do Senhor, e o irritaram mais do que tinham feito seus pais com os crimes que tinham cometido.

23 Porque êles mesmos levantaram também para si altares, e estátuas, e bosques em cima de todos os outeiros, e debaixo de tôdas as árvores frondosas:

24 E até houve também na terra efeminados, e cometeram tôdas as abominações das gentes, que o Senhor tinha destruído à vista dos filhos de Israel.

25 No quinto ano porém do reinado de Roboão veio a Jerusalém Sesac rei do Egito, (5)

26 e levou os tesouros da casa do Senhor, e os tesouros do rei, e roubou tudo: Até os mesmos escudos de ouro, que Salomão fizera:

(5) **SESAC** — Fundador da XXII dinastia egípcia, de origem estrangeira; tinha esposado Karamat, filha do faraó Piseban I. Em seus monumentos de Carnac deixou a memória das suas vitórias sobre o reino de Judá.

3 Reis 14, 27-31; 15, 1-3

27 Em lugar dos quais fez o rei Roboão escudos de bronze, e os entregou nas mãos dos capitães da guarda, e dos que faziam sentinela diante da porta da casa do rei.

28 E quando o rei entrava na casa do Senhor, os que tinham o ofício de ir adiante levavam estes escudos: E depois os tornavam a pôr na casa das armas dos da guarda.

29 O resto porém das ações de Roboão, e tudo o que êle fez, acha-se escrito no Livro dos Anais dos reis de Judá.

30 E por todo o tempo houve guerra entre Roboão e Jeroboão.

31 E Roboão adormeceu com seus pais, e foi sepultado com êles na cidade de Davi: O nome de sua mãe foi Naama, que era amonita: E reinou em seu lugar Abião seu filho.

CAPÍTULO 15

ABIAO IMITA A IMPIEDADE DE ROBOÃO. MORRE: E ASA SEU FILHO LHE SUCEDE. ESTE IMITA A PIEDADE DE DAVI. SUCEDE-LHE SEU FILHO JOSAFAT. NADAB REI DE ISRAEL E' MORTO POR BAASA, QUE REINA EM SEU LUGAR.

1 No décimo oitavo ano pois do reinado de Jeroboão, filho de Nabat, reinou Abião sôbre Judá.

2 Reinou três anos em Jerusalém: Sua mãe se chamava Maaca filha de Abessalão.

3 Êle se entregou a todos os pecados, que seu pai tinha cometido antes dêle: Nem o seu coração era perfeito diante do Senhor seu Deus, como o fôra o coração de seu pai Davi.

4 Mas o Senhor seu Deus em atenção a Davi lhe deu uma lâmpada em Jerusalém, suscitando a seu filho depois dêle, para restabelecer a Jerusalém:

5 Porque Davi tinha feito o que era reto aos olhos do Senhor, e em nada se tinha afastado de tudo o que lhe mandara em todos os dias da sua vida, exceto o que se passou a respeito de Urias heteu.

6 Todavia entre Roboão e Jeroboão houve guerra, todo o tempo da vida de Roboão.

7 O resto porém das ações de Abiã, e tudo o que êle fêz, está escrito no Livro dos Anais dos reis de Judá. E houve uma batalha entre Abiã e Jeroboão.

8 E adormeceu Abiã com seus pais, e o sepultaram na cidade de Davi: E seu filho Asa reinou em seu lugar.

9 No ano pois vigésimo de Jeroboão, rei de Israel reinou Asa, rei de Judá, (1)

10 e reinou quarenta anos em Jerusalém. Sua mãe se chamava Maaca, filha de Abessalão.

11 E Asa fêz o que era reto aos olhos do Senhor, bem como Davi seu pai:

12 E tirou da terra os efeminados, e a limpou de tôdas as imundícias dos ídolos, que seus pais tinham fabricado.

13 E além disto removeu a sua mãe, para que não fôsse princesa nos sacrifícios de Priapo, e no bosque, que

(1) NO ANO VIGÉSIMO — Abiã reinou apenas dois anos completos, pois morreu no décimo oitavo ano do reinado de Jeroboão, mas, no v. 2, diz-se que reinara três anos; isto porém não envolve contradição, porque, segundo o modo de contar dos hebreus, um ano começado era contado como um ano de governo, não indicando meses nem dias. Abiã completou os dois anos, e entrou no terceiro, e por isso dizem que reinou três anos, querendo significar que entrou no terceiro ano do seu governo, e assim desaparece qualquer aparência de contradição.

3 Reis 15, 14-21

lhe tinha consagrado: E arruinou a sua gruta, e despedaçou o ídolo torpíssimo, e o queimou no vale de Cedron:

14 Mas não tirou os altos. Ainda assim o coração de Asa foi perfeito tôda a sua vida para com o Senhor.

15 Meteu também na casa do Senhor o que seu pai tinha consagrado, e votado dar, prata e ouro, e vasos.

16 E houve guerra entre Asa, e Baasa, rei de Israel, todo o tempo da vida dêles.

17 E Baasa, rei de Israel, veio a Judá, e edificou Rama, para que ninguém pudesse sair nem entrar nos estados de Asa, rei de Judá.

18 Tomando pois Asa tôda a prata, e o ouro, que tinha ficado nos tesouros da casa do Senhor, e nos tesouros do palácio do rei, os pôs nas mãos dos seus servos: E os enviou a Benadad, filho de Tabremon, filho de Hezion, rei da Síria, que habitava em Damasco, dizendo: (2)

19 Entre mim, e ti há aliança como a houve entre meu pai e teu pai: Por isso te mandei êsses presentes de prata e ouro: E suplico-te que venhas, e que quebres a aliança, que tens com Baasa, rei de Israel, para que êle se retire das minhas terras.

20 Benadad, condescendendo com os rogos do rei Asa, mandou os generais do seu exército contra as cidades de Israel, e tomaram a Aion, e a Dan, e a Abel casa de Maaca, e a todo o distrito de Cenerot, isto é, todo o território de Neftali.

21 O que tendo ouvido Baasa, deixou de edificar Rama, e voltou para Tersa.

(2) **PÓS NAS MÃOS DOS SEUS SERVOS** — A entrega do presente era a forma ordinária de solicitar uma aliança.

BENADAD — O primeiro rei de Damasco dêste nome mencionado na Bíblia.

22 E despachou o rei Asa correios por toda a Judeia com esta ordem: Ninguém se escuse: E tomaram as pedras de Rama, e as suas madeiras, que Baasa havia empregado em a edificar, e delas fundou o rei Asa a Gabaa de Benjamim, e a Masfa.

23 O resto de todas as ações de Asa, e todas as suas empresas de valor, e todos os seus feitos, e as cidades que edificou, se acham escritas no Livro dos Anais dos reis de Judá. Todavia no tempo da sua velhice padecceu dos pés.

24 E adormeceu com seus pais, e foi sepultado com eles na cidade de seu pai Davi. Josafat, seu filho, reinou em seu lugar.

25 Nadab porém filho de Jeroboão, reinou sobre Israel no segundo ano de Asa rei de Judá: E reinou sobre Israel dois anos.

26 E ele fez o mal diante do Senhor, e andou nos caminhos de seu pai, e nos pecados, que ele tinha feito cometer a Israel.

27 Mas Baasa filho de Aías da casa de Issacar armou-lhe uma traição, e o matou em Gebeton, que é uma cidade dos filisteus: Porque Nadab e todo o Israel sitiavam Gebeton (3)

28 Baasa pois no terceiro ano de Asa, rei de Judá, matou a Nadab, e reinou em lugar dêle.

29 E tanto que reinou, matou toda a casa de Jeroboão: Não deixou com vida nem sequer um da sua linhagem, até acabar inteiramente com ela, conforme a palavra que o Senhor tinha dito por boca de seu servo Aías de Silo,

(3) DA CASA — Quer dizer da tribo Gebbethon, da cidade levítica da tribo de Dan, de que os filisteus se tinham apoderado.

3 Reis 15, 30-34; 16, 1-4

30 por causa dos pecados de Jeroboão, que êle cometera, e pelos que fizera cometer a Israel: E por causa do delicto com que tinha irritado o Senhor Deus de Israel.

31 O resto das ações de Nadab, e tudo o que êle fêz está escrito no Livro dos Anais dos reis de Israel.

32 E houve guerra entre Asa, e Baasa rei de Israel, todo o tempo de sua vida.

33 No terceiro ano de Asa, rei de Judá, reinou Baasa, filho de Aías, sôbre todo o Israel e Tersa vinte e quatro anos.

34 E êle fêz o mal diante do Senhor, e andou no caminho de Jeroboão, e nos pecados, que tinha feito cometer a Israel.

CAPÍTULO 16

JEÚ PREDIZ A BAASA A RUÍNA DA SUA FAMÍLIA. MORTE DE BAASA. SUCEDE-LHE ELA. ZAMBRI MATA A ELA E SE FAZ REI DE ISRAEL. AMRI É ELEITO REI PELO POVO. ZAMBRI SE QUEIMA NO SEU PALÁCIO. MORTE DE AMRI. SUCEDE-LHE ACAB. ESTE CASA COM JEZABEL.

1 Dirigiu pois o Senhor a sua palavra a Jeú, filho de Hanani, contra Baasa, dizendo: (1)

2 Porquanto eu te levantei do pó, e te constitui chefe sôbre o meu povo de Israel, e tu andaste no caminho de Jeroboão, e fizeste pecar o meu povo de Israel, provocando-me a ira com os seus pecados:

3 Eis-aí, eu segarei a posteridade de Baasa, e a posteridade de sua casa: E farei da tua casa o que fiz da casa de Jeroboão, filho de Nabat.

4 Aquêle da linhagem de Baasa que morrer na cidade, comê-lo-ão os cães: E o que morrer no campo, comê-lo-ão as aves do céu.

(1) **HANANI** — Sem dúvida o que foi aprisionado por Asa.

5 O resto porém das ações de Baasa, e todos os seus feitos, e batalhas estão escritos no Livro dos Anais dos reis de Israel.

6 Adormeceu pois Baasa com seus pais, e foi enterrado em Tersa: E reinou por êle seu filho Ela.

7 Mas tendo o profeta Jeú, filho de Hanani, declarado o que o Senhor pronunciara contra Baasa, e contra a sua casa, e contra todos os males, que êle tinha feito aos olhos do Senhor, irritando-o com as obras das suas mãos, para o Senhor tratar a sua casa como a de Jeroboão: Por esta razão o matou êle, isto é, a Jeú profeta, filho de Hanani. (2)

8 No ano vigésimo sexto de Asa, rei de Judá, reinou Ela, filho de Baasa, sôbre Israel em Tersa dois anos.

9 E rebelou-se contra êle seu servo Zambri, comandante de metade da sua cavalaria: E achava-se Ela em Tersa bebendo, e embriagado em casa de Arsa governador de Tersa. (3)

10 Caindo pois Zambri sôbre êle, o feriu, e matou. no ano vigésimo sétimo de Asa rei de Judá, e reinou em seu lugar.

11 E logo que êle reinou, e subiu ao seu trono, extinguiu tôda a casa de Baasa, e não deixou dela resto algum, assim parentes seus, como amigos.

12 E destruiu Zambri tôda a casa de Baasa, conforme a palavra que o Senhor tinha feito dizer a Baasa pela bôca do profeta Jeú,

(2) **POR ESTA RAZÃO** — Estas últimas palavras do versículo são uma adição da Vulgata, pois não se encontram nem no hebreu nem nos Setenta, e alteram o sentido do original.

(3) **METADE DA SUA CAVALARIA** — Os numerosos carros de guerra construídos por Salomão estavam espalhados pelas diversas cidades de Israel, porém metade estava em Tersa, que era a capital.

13 por causa de todos os pecados de Baasa, e dos pecados de seu filho Ela, que tinham pecado, e fizeram pecar a Israel irritando o Senhor Deus de Israel com as suas vaidades.

14 O mais das ações de Ela, e tudo o que êle fêz, está escrito no Livro dos Anais dos reis de Israel.

15 No ano vinte e sete de Asa, rei de Judá, reinou Zambri em Tersa sete dias: E o exército sitiava a Gebeton cidade dos filisteus.

16 E tendo ouvido que Zambri se tinha rebelado, e havia morto o rei, todo o Israel constituiu seu rei a Amri, o qual era general do exército de Israel que estava então em campanha. (4)

17 Retirou-se pois Amri, e todo o Israel com êle de Gebeton, e vieram sitiar a Tersa.

18 E vendo Zambri que a cidade estava a ponto de ser tomada, entrou no palácio e se queimou a si juntamente com a casa real: E morreu, (5)

19 nos seus pecados, que tinha cometido, obrando o mal diante do Senhor, e andando pelo caminho de Jeroboão, e no seu pecado, com que êle fêz pecar a Israel.

20 O mais das ações de Zambri, e da sua tirania, está escrito no Livro dos Anais dos reis de Israel.

21 Então se dividiu o povo de Israel em dois partidos: Metade do povo seguia a Tebni, filho do Ginet, para o constituir rei: E a outra metade seguia Amri.

22 Mas o povo, que estava com Amri, prevaleceu contra o povo que seguia Tebni, filho de Ginet: E morreu Tebni, e reinou Amri.

(4) **TODO O ISRAEL** — Isto é, todo o exército que Amri comandava, e que assim lhe testemunhava a sua confiança.

(5) **NO PALÁCIO** — O sentido do hebreu parece ser a residência real.

23 No ano trinta e um de Asa, rei de Judá, reinou Amri sôbre Israel doze anos: Em Tersa reinou seis anos.

24 E comprou o monte de Samaria a Somer por dois talentos de prata: E edificou-o, e chamou a cidade que êle tinha edificado Samaria do nome de Semer, senhor do monte. (6)

25 Amri porém fêz o mal diante do Senhor: E cometeu mais crimes do que todos os seus predecessores.

26 E andou em todo o caminho de Jeroboão, filho de Nabat, e nos seus pecados com que êle tinha feito pecar a Israel: Para irritar o Senhor Deus de Israel com as suas vaidades.

27 O resto das ações de Amri, e as suas batalhas, que êle deu, acham-se escritas nos Livros dos Anais dos reis de Israel.

28 E Amri dormiu com seus pais, e foi sepultado em Samaria: E em seu lugar reinou seu filho Acab.

29 Acab pois, filho de Amri, reinou sôbre Israel no ano trinta e oito de Asa, rei de Judá. E reinou Acab, filho de Amri, sôbre Israel em Samaria vinte e dois anos.

30 E Acab, filho de Amri, fêz o mal diante do Senhor mais que todos os que tinha havido antes dêle.

31 Nem se contentou com andar nos pecados de Jeroboão filho de Nabat: Ainda mais tomou por mulher

(6) **SAMARIA** — Pela sua posição topográfica convinha para capital do reino do norte. Adquirida por Amri tornou-se a "coroa de orgulho de Efraim", Is 28, 1. Teve tanta importância que, sendo tomada por Alexandre Magno, êste lhe deixou uma guarnição siro-macedônios. Mais tarde João Hyrcano destruiu-a, mas Herodes a fêz surgir das ruínas embelezando-a com suntuosas colunas, de que ainda agora se conservam vestígios.

3 Reis 16, 32-34; 17, 1-3

a Jezabel filha de Etbaal, rei dos sidônios. E foi, e serviu a Baal, e o adorou. (7)

32 E pôs um altar a Baal no templo de Baal, que tinha edificado em Samaria,

33 e plantou um bosque: E acumulou Acab seus crimes, irritando o Senhor Deus de Israel mais do que todos os reis de Israel, que o tinham precedido.

34 Durante o seu reinado fundou Hiel de Betel, a Jericó: Lançando os seus alicerces lhe morreu Abirão, seu primogênito, e quando lhe pôs as portas, lhe morreu Segub, seu último filho: Conforme o que o Senhor tinha predito por bôca de Josué, filho de Nun.

CAPÍTULO 17

ELIAS DECLARA A ACAB, QUE NÃO CHOVERIA ATÉ QUE DEUS O NÃO DECLARASSE PELA SUA BÔCA. ESTE PROFETA, SUSTENTADO PELOS CORVOS, VAI A SAREPTA À CASA DUMA VIÓVA, A QUEM ELE MULTIPLICA O AZEITE, E A FARINHA. O FILHO DESTA VIÓVA MORRE. ELIAS O RESUSCITA.

1 E Elias tesbita, dos habitantes de Galaad, disse a Acab: Viva o Senhor Deus de Israel, em cuja presença estou, que nestes anos não cairá nem orvalho nem chuva, senão conforme as palavras da minha bôca.

2 E dirigiu o Senhor a sua palavra a Elias, dizendo:

3. Retira-te daqui, e vai para a banda do oriente, e esconde-te ao pé da Torrente de Carit, que é defronte do Jordão, (1)

(7) **ETBAAL** — A significação da palavra Etbaal é “com Baal”, que quer dizer “o que goza o favor de Baal”.

(1) **TORRENTE DE CARIT** — Segundo a opinião comum é o Relt atual, que desemboca perto de Jericó, correndo entre dois montes selvagens onde abundam os corvos.

4 e lá beberás da torrente: E eu mandei aos corvos que te sustentem ali mesmo.

5 Partiu pois, e obrou em conformidade da ordem do Senhor, e tendo-se retirado, se alojou ao pé da torrente de Carit, que é defronte do Jordão.

6 E os corvos lhe traziam pela manhã pão e carne, e êle bebia da torrente.

7 Mas passados dias secou-se a torrente: Porque não tinha chovido sôbre a terra.

8 Falou-lhe pois o Senhor, dizendo:

9 Levanta-te, e vai para Sarepta dos sidônios e ali estarás: Porque eu ordenei a uma mulher viúva que te sustente. (2)

10 Levantou-se, e foi para Sarepta. E quando êle tinha chegado à porta da cidade, lhe appareceu uma mulher viúva apanhando lenha, e êle a chamou, e lhe disse: Dá-me num vaso uma pouca d'água para beber.

11 E quando ela lha ia buscar, gritou Elias após ella, dizendo: Traz-me também, te peço, um bocado de pão na tua mão.

12 Ella lhe respondeu: Viva o Senhor teu Deus, que eu não tenho pão, senão sòmente obra de um punhado de farinha numa panela, e um pouco de azeite na almotolia: Eis-aqui ando eu ajuntando uns pauzinhos para ir prepará-lo para mim, e para meu filho para comer-mos, e depois morrer.

13 Elias lhe disse: Não temas, mas vai, e faze como disseste: Contudo faze primeiro para mim dessa pouca de farinha um pãozinho cozido debaixo do rescaldo, e traze-mo: Para ti e para teu filho o farás depois.

(2) SAREPTA — Cidade fenícia perto do mar, sôbre o Mediterrâneo entre Tiro e Sidon, notável pelas suas vinhas.

3 Reis 17, 14-23

14 Porque eis-aqui o que diz o Senhor Deus de Israel: A farinha que está na panela não faltará, nem se diminuirá na almotolia o azeite até o dia em que o Senhor faça cair chuva sobre a terra.

15 Foi pois a mulher, e fez como Elias tinha dito: E comeu êle, e ela e tôda a sua casa: E desde aquêlê dia

16 não faltou a farinha da panela, nem se diminuiu o azeite da almotolia, conforme o que o Senhor tinha predito por Elias.

17 Depois aconteceu o adoecer o filho desta viúva, mãe de família, e a doença era tão forte, que já não respirava.

18 Disse ela pois a Elias: Que te fiz eu, ó homem de Deus? Acaso vieste tu a minha casa, para excitares em mim a memória de meus pecados, e me matares meu filho?

19 E Elias lhe disse: Dá-me cá o teu filho. E tomou-o do seu regaço e o levou à câmara onde êle mesmo assistia, e o pôs em cima do seu leito.

20 E clamou ao Senhor, e disse: Senhor meu Deus, que até a uma viúva, que me sustenta como pode, afligiste matando-lhe seu filho?

21 E estendeu-se depois, e se mediu três vêzes sobre o menino, e gritou ao Senhor, e disse: Senhor meu Deus, faze, te rogo, que a alma dêste menino torne às suas entranhas.

22 E o Senhor ouviu a voz de Elias, e a alma do menino tornou a entrar nêle e êle recobrou a vida.

23 E Elias tomou o menino, e o desceu da sua câmara à casa de baixo, e o entregou a sua mãe, e lhe disse: Eis-aí tens vivo a teu filho.

24 E a mulher respondeu a Elias: Agora nisto conheço eu que tu és um homem de Deus, e que a palavra do Senhor é verdadeira na tua bôca. (3)

(3) UM HOMEM DE DEUS — Elias é sem dúvida alguma a mais preeminente figura desta época. Os holandistas chamam-lhe, e com razão, o prodigiosus Thesbites; e Arbabanel diz d'ele *Omnium suae aetatis prophetarum facile princeps, et si a Mose discesseris, nulli secundus*. Smith's, Dictionary of the Bible. Na verdade depois de Moisés nenhum outro personagem do Antigo Testamento se apresenta com tão singular grandeza e nenhum outro é pintado pelo hagiógrafo com tão vivas côres. Suas aparições raras, curtas e repentinas, sua coragem indomável, seu zêlo ardente, sua fé inabalável, seus milagres, seu arrebatamento ao céu, a calma beleza da sua presença na majestade do Tabor, tudo isto o circunda duma auréola refulgente e irrealizável. Denodado campeão da causa de Deus, ergueu sempre a sua voz para condenar a impiedade; a sua fé mereceu um singular galardão; venerar aquela da qual havia de nascer o Messias, entrevendo-a na nuvem, de onde promanavam para a terra as mais abundantes graças — Maria Santíssima. A lembrança do seu nome vive no Carmelo e na sua Ordem, que do Carmo tem o nome. Vejam-se as *Acta Sanctorum*. De S. Elia *propheta in Palaestina commentarius historicus, de cultu, gestis, raptu et reditu*. E' ele o fautor e príncipe do monaquismo; viveu na castidade perpétua e na obediência inteira. *Virgo, obediens noster princeps Elias* S. Jerônimo Ep. IV ad Rus. Polidoro citado por Cassiano nas *Institutions monastiques*, escreve: *Quia quidquid virtutis et perfectionis est in quovis monastico ordine a castissimo propheta et patre Elia tamquam ab Eremitorum Monachorum et etiam universorum Religiosorum institutore velut a fontali principio manavit*. O Cardeal Belarmino — De *Monachis*, c. 2, diz-nos que a vida monástica começa em Elias. O P.^e João de Cartagena, franciscano, demonstra que foi S. Elias o primeiro patriarca dum instituto religioso, destinado a honrar a Deus, e à observância da obediência, pobreza e castidade. De *Sacra antiquitate Ordinis B. Mariæ de Monte Carmelo*: Antuérpia 1620. Os Santos Padres Sixto IV, João XXII, Júlio III, Pio V, Gregório XIII, Clemente VIII, consideram S. Elias como o patriarca da Ordem Carmelita (Bulário Carmelitano), logo consideram-no como o primeiro dos monges. Leia-se os nos-

CAPÍTULO 18

MANDA O SENHOR A ELIAS QUE SE APRESENTE DIANTE DE ACAB. ELIAS PERSUADE A ABDIAS QUE VÁ ANUNCIAR A ACAB A SUA VINDA. ENTREVISTA DE ACAB E DE ELIAS. ELIAS FAZ DESCER O FOGO SOBRE O SEU SACRIFÍCIO, E MATA OS FALSOS PROFETAS DE BAAL. PROMETE CHUVA, E ELA CAI.

1 Muito tempo depois dirigiu o Senhor a sua palavra a Elias, no terceiro ano, dizendo: Vai, e apresentate diante de Acab, para eu dar chuva sobre a terra. (1)

2 Partiu pois Elias, para se mostrar a Acab: E a fome era extrema em Samaria.

3 E chamou Acab a Abdias, mordomo da sua casa: Abdias porém temia muito o Senhor. (2)

4 Porque quando Jezabel matava os profetas do Senhor, elle Abdias tomou cem profetas, e os escondeu nu-

—
 sos Fr. Antônio do Espírito Santo, *Primatus sive principatus Eliæ*; Fr. Francisco Maia, *História profética. Sant'Ana, Crônica dos Carmelitas*, t.I p. I, c. 1 a 12. Guizot, falando das origens da vida religiosa, declara que esta não constitui uma inovação do cristianismo nem da religião mosaica do tempo de Elias. *Ce n'etait point la une innovation chretienne...* etc. Da vida penitente dos que em sua companhia viviam, seguindo os seus exemplos, fala o douto Cornélio a Lapide: *Erant hi discipuli Eliæ, Elisæus, viri religiosi... totos se dabant Deo...* Elias ante raptum ea hic visitat, ut suos alumnos in vera fide et asperæ vitæ instituto confirmet, e de sua obediência para com o seu patriarca escreve Calmet, egisse antem in comuni vitam tamquam sub Prælato suo monachos.

(1) NO TERCEIRO ANO — Provavelmente da sua estada em Sarepta. A fome durou três anos e meio.

(2) ABDIAS — Significa servo de Deus. Este nome é muito comum no Antigo Testamento. Uma tradição identifica este intendente da casa de Acab, com o profeta Abdias, não sendo fácil averiguar quais são os seus fundamentos.

mas cavernas, cinqüenta numa e cinqüenta noutra, e os sustentou de pão e água. (3)

5 Disse pois Acab a Abdias: Vai por estas terras tôdas às fontes de águas, e a todos os vales, a ver se podemos achar erva e salvar a vida aos cavalos, e aos machos e não pereçam de todo os animais.

6 E repartiram entre si as terras, para discurrerem por elas: Acab ia por um caminho, e Abdias separadamente ia por outro.

7 E quando Abdias estava em caminho, Elias se encontrou com êle: E Abdias tendo-o conhecido, se prostrou com o rosto em terra, e disse: És tu, Elias meu senhor?

8 Êle lhe respondeu: Sou eu. Vai, e dize a teu amo: Eis-aqui está Elias.

9 E êle disse: Que pecado cometi eu, para me entregares nas mãos de Acab a mim teu servo, para êle me matar?

10 Viva o Senhor, teu Deus, que não há nação, nem reino, onde meu amo te não tenha mandado buscar: E dizendo-lhe todos: Não está aqui: Tem êle conjurado um por um a todos os reis e povos, por te não acharem.

11 E agora me dizes tu: Vai, e dize a teu amo: Eis-aqui está Elias.

12 E quando eu me apartar de ti, te levará o espírito do Senhor para um lugar que eu ignoro: E entrando a Acab lho direi, e não te achando, êle me matará: Mas teu servo teme o Senhor desde a sua infância.

13 Acaso não se te disse a ti meu Senhor, o que eu fiz, quando Jezabel matava os profetas do Senhor, que escondi cem dêstes profetas do Senhor numas cavernas

(3) JEZABEL MATAVA OS PROFETAS — Para destruir o culto do verdadeiro Deus.

3 Reis 18, 14-21

cinquenta numa e cinquenta noutra, e os sustentei de pão e água?

14 E agora dizes tu: Vai, e dize a teu amo: Eis-aqui está Elias: Para êle me matar.

15 E Elias disse: Viva o Senhor dos exércitos, em cuja presença estou, que eu me apresentarei hoje diante dêle.

16 Foi pois Abdias ter com Acab, e o avisou: E Acab saiu a encontrar-se com Elias.

17 E vendo-o, disse: Acaso és tu aquêle que trazes perturbado a Israel?

18 E Elias respondeu: Não sou eu o que perturbei a Israel, mas és tu, e a casa de teu pai, por terdes deixado os mandamentos do Senhor, e por terdes seguido a Baal. (4)

19 Mas, não obstante, manda agora, e faz ajuntar todo o povo de Israel no monte Carmelo, e os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal, e os quatrocentos profetas dos bosques, que comem da mesa de Jezabel.

20 Mandou pois Acab buscar todos os filhos de Israel, e ajuntou os profetas no monte Carmelo.

21 E Elias chegando-se a todo o povo, disse: Até quando claudicareis vós para duas partes? Se o Senhor

(4) **BAAL** — Era o principal deus cananeu. Baal significa Senhor e Mestre. Primitivamente foi representado sob a forma duma pedra cônica. Posteriormente por uma cabeça circundada de raios. Era o sol divinizado, e a divinização da natureza. Distinguiram vários Baals, que originaram deuses diversos. Ocupando o lugar primacial, presidindo aos pactos e alianças, estava Baal Berit, Jz 9, 4, que entre os amonitas tomou o nome de Moloc, Milcom ou Malcom; como deus das moscas e de todos os insetos importunos na Palestina, foi chamado Beelzebuc, 4 Rs 1, 2. No monte Hermon deram-lhe o nome de Baalhermon, Jz 3, 5, e Baalgadi; em Hazor tomou o nome de Baalhazor, 2 Rs 13, 23; em Peor, Beelfegor. O seu culto era celebrado com desusada pompa, 3 Rs 19, 40; Jer 2, 28.

é o Deus, segui-o: Se porém o é Baal, segui-o. E o povo lhe não respondeu nem uma só palavra.

22 E tornou a dizer Elias ao povo: Eu sou o único que fiquei dos profetas do Senhor: Mas os profetas de Baal chegam a quatrocentos e cinqüenta homens.

23 Dêem-se-nos dois bois, e eles escolham para si um boi, e fazendo-o em quartos, o ponham sobre a lenha, mas não lhe metam fogo por baixo: E eu tomarei o outro boi, e o porei sobre a lenha, mas não lhe meterei fogo por baixo.

24 Invocai vós os nomes dos vossos deuses, e eu invocarei o nome do meu Senhor; E o Deus que ouvir mandando fogo, esse seja o Deus. Todo o povo respondendo, disse: Ótima proposição.

25 Disse pois Elias aos profetas de Baal: Escolhei para vós um boi, e começai vós primeiro, porque sois em maior número: E invocais os nomes dos vossos deuses, e não ponhais fogo por baixo.

26 Eles pois tendo tomado o boi, que lhes foi dado, o sacrificaram: e invocavam o nome de Baal, desde a manhã até ao meio-dia, dizendo: Baal ouve-nos. Mas não se percebia voz, nem quem respondesse: E passavam saltando da outra parte do altar que tinham feito.

27 E sendo já meio-dia, Elias os motejava, dizendo: Gritai mais alto: Porque esse deus, ou está talvez falando a alguém; ou está em alguma estalagem, ou no caminho, ou talvez dorme, e necessita que o acordem.

Ofereciam-lhe holocaustos e vítimas humanas, Jer 19, 5. Era a adoração do génio do mal, que passou à posteridade, e que ainda agora se perpetua no satanismo, cujo culto está mais espalhado e radicado do que a alguns se afigura, tendo sido sempre desigual, constante e temerosa a luta com os espíritos malignos, que vagueiam pelo mundo para perdição das almas. *Qui ad perditionem animarum pervagantur in mundo.* (Leão XIII. Oração no fim da Missa em honra de S. Miguel).

28 Eles pois gritavam ainda mais de rijo, e se retalhavam segundo o seu costume com canivetes e lancêtas, até se cobrirem de sangue. (5)

29 Mas passado o meio-dia, e enquanto eles profetizavam chegou o tempo em que era costume oferecer-se o sacrifício, e não se ouvia voz, nem havia quem respondesse, nem ouvisse seus rogos.

30 Disse Elias a todo o povo: Chegai-vos a mim. E chegando-se o povo a êle, refez Elias o altar do Senhor, que tinha sido destruído. (6)

31 E tomou doze pedras conforme o número das tribos dos filhos de Jacó, a quem o Senhor dirigira a sua palavra, dizendo: Israel será o teu nome.

32 E destas pedras edificou um altar em nome do Senhor: E fêz um regueiro, como de dois pequenos regos ao redor do altar,

33 e consertou a lenha: E dividido o boi em quartos, o pôs sobre a lenha,

34 e disse: Enchei de água quatro talhas, e entornai-as sobre o holocausto, e sobre a lenha. E disse outra vez: Fazei isto ainda segunda vez. E tendo-o êles feito segunda vez, disse: Fazei ainda terceira vez isto mesmo. E êles o fizeram terceira vez,

(5) **CORTAVAM-SE** — Certos derviches ainda conservam estes usos sangrentos, mas a sua invulnerabilidade não é absoluta. "Têm, diz Championnière, a pretensão da invulnerabilidade, mas esta asserção é de todo o ponto contrária aos fatos. Se os acidentes sérios são raros, é porque êles tomaram tôdas as precauções, salvando as regiões perigosas". J. Lucas-Championnière, *Contribution... les chissonas*, 18, pág. 20.

(6) **REFEZ ELIAS O ALTAR DO SENHOR** — Quando o culto de Baal tinha conseguido a preeminência, destruíram o altar do Deus Verdadeiro. Ainda existe no Carmelo um monumento antiqússimo, que memora sem dúvida o lugar do sacrifício de Elias.

35 e as águas corriam ao redor do altar, e o regueiro se encheu.

36 E sendo já o tempo de se oferecer o holocausto, chegando-se o profeta Elias, disse: Senhor Deus de Abraão, e de Isaac, e de Israel, mostra hoje que tu és o Deus de Israel, e que eu sou teu servo, e que por tua ordem eu fiz tôdas estas coisas.

37 Ouve-me, Senhor, ouve-me: Para que êste povo aprenda que tu és o Senhor Deus, e que tu converteste novamente o seu coração.

38 Caiu pois fogo do Senhor, e devorou o holocausto, e a lenha, e as pedras, lambendo o mesmo pó, e a água, que estava no regueiro.

39 O que tendo visto todo o povo, prostrou-se com o rosto em terra, e disse: O Senhor é o Deus, o Senhor é o Deus.

40 E Elias lhes disse: Apanhai os profetas de Baal, e não escape dêles nem um só. E, tendo-os o povo agarrado, Elias os levou à torrente de Cison, e ali os matou.

41 E disse Elias a Acab: Vai, come, e bebe: Porque se ouve o ruído duma grande chuva.

42 Acab se retirou a comer e beber: Elias porém subiu ao alto do Carmelo, e inclinado por terra meteu o seu rosto entre os seus joelhos,

43 e disse ao seu criado: Vai, e olha para a banda do mar: Tendo êste ido, e tendo olhado disse: Não há nada. E Elias lhe disse segunda vez: Torna a ir sete vêzes.

44 E à sétima vez, eis-que uma pequena nuvem se levantava do mar, bem como a pegada de homem. Disse-lhe Elias: Vai, e dize a Acab: Faze meter os cavalos no teu coche e corre, não te apanhe a chuva.

45 E quando êle se voltava para uma e para outra parte, eis que se cobriu o céu de trevas, e vieram nuvens,

e vento, e caiu uma grande chuva. Acab pois subindo ao coche foi para Jezrael:

46 E a mão do Senhor foi sobre Elias, e tendo-se cingido os rins, corria adiante de Acab, até chegar a Jezrael.

CAPÍTULO 19

JEZABEL QUER MATAR A ELIAS. O PROFETA SE RETIRA AO MONTE HOREB. O SENHOR LHE MANDA QUE VÁ UNGIR A HAZAEL, REI DA SÍRIA, E A JEÚ REI DE ISRAEL. ELISEU RECEBE O ESPÍRITO DE PROFECIA, E SE AGREGA A ELIAS.

1 Referiu pois Acab a Jezabel tudo o que Elias havia feito, e como êle matara à espada todos os profetas.

2 E Jezabel enviou um mensageiro a Elias, dizendo: Os deuses me tratem com tôda a sua severidade, se eu amanhã a esta mesma hora te não fizer perder a vida, como tu fizeste perder a cada um dêles.

3 Elias pois teve mêdo, e levantando-se se ausentou para onde quer que o seu desejo o levava: E chegou a Bersabée em Judá, e despediu ali o seu criado,

4 e andou pelo deserto, o caminho dum dia. E tendo chegado, e assentando-se debaixo dum junípero, desejou para si a morte, e disse: Basta-me de vida, Senhor, tira a minha alma: Porque eu não sou melhor do que meus pais. (1)

5 E lançou-se em terra, e adormeceu à sombra do junípero: E eis que um anjo do Senhor o tocou, e lhe disse: Levanta-te, e come.

(1) **JUNÍPERO** — Árvore muito abundante no deserto de Bersabée. É a planta maior que ali se encontra; nasce também em alguns pontos estéréis do Saara.

6 Olhou êle, e viu junto à sua cabeça um pão cozido debaixo da cinza, e um vaso de água, comeu pois, e bebeu, e tornou a adormecer.

7 E voltou segunda vez o anjo do Senhor, e o tocou, e lhe disse: Levanta-te, e come: Porque te resta um grande caminho.

8 Tendo-se êle levantado, comeu e bebeu, e com o vigor daquela comida caminhou quarenta dias, e quarenta noites, até o monte de Deus, Horeb. (2)

9 E tendo chegado ali, ficou numa caverna: E eis-que o Senhor lhe dirigiu a sua palavra, e lhe disse: Que fazes aqui, Elias? (3)

10 E êle respondeu: Eu me consumo de zêlo pelo Senhor Deus dos exércitos, porque os filhos de Israel deixaram o teu pacto: Destruíram os teus altares, mataram os teus profetas à espada; eu fiquei só, e êles me procuram para me tirarem a vida.

11 E disse-lhe: Sai e tem-te no monte diante do Senhor, e eis que passa o Senhor e um vento impetuoso e rijo, que transtorna os montes, e esmigalha as pedras diante do Senhor. O Senhor não estará no vento, e depois do vento haverá tremor: E o Senhor não estará no tremor,

12 e depois do tremor acender-se-á um fogo: O Senhor não estará no fogo, e depois do fogo ouvir-se-á o assôpro duma branda viração.

(2) **QUARENTA DIAS E QUARENTA NOITES** — Deus quis experimentar a fé e a confiança do seu profeta, como outrora tinha feito a Moisés na passagem do deserto, não porque Deus não o conhecesse bem, por isso que é onisciente, mas para que ficasse à humanidade uma lição proveitosa, porque proveitosos são sempre os exemplos das virtudes.

(3) **NUMA CAVERNA** — Sem dúvida uma escavação conhecida, em que os viajantes se recolhiam costumadamente.

13 Tendo Elias ouvido isto, cobriu o seu rosto com a capa, e tendo saído, pôs-se à entrada da caverna, e eis que sai uma voz que lhe dizia: Que fazes aqui, Elias? E êle respondeu:

14 Eu me consumo de zêlo pelo Senhor Deus dos exércitos, porque os filhos de Israel deixaram o teu pacto: Destruíram os teus altares, mataram os teus profetas à espada, e eu fiquei só, e êles me procuram para tirar-me a vida.

15 E o Senhor lhe disse: Vai, e torna ao teu caminho pelo deserto para Damasco: E quando lá tiveres chegado, ungarás a Hazael em rei da Síria,

16 e a Jeú, filho de Namsi, ungarás em rei sôbre Israel: E a Eliseu, filho de Safa, que é de Abelmeula, o ungarás profeta em teu lugar.

17 E acontecerá que todo o que escapar à espada de Hazael, Jeú o matará: E todo o que escapar à espada de Jeú, Eliseu o matará.

18 E eu me reservarei para mim em Israel sete mil homens, que não dobraram os joelhos diante de Baal, e não beijaram as mãos com a bôca para o adorar. (4)

19 Tendo pois Elias partido dali, achou a Eliseu, filho de Safat, lavrando com doze juntas de bois: E êle mesmo conduzia um dos arados das doze juntas de bois: E chegando Elias a Eliseu, pôs a sua capa sôbre êle. (5)

20 Êle imediatamente deixando os bois correu após Elias, e disse: Permite-me, te rogo, que vá beijar meu

(4) **PARA O ADORAR** — Os pagãos tinham êste costume: quando adoravam beijavam a mão, para enviar por êste gesto um beijo ao ídolo. Jó 31, 27-28, fala desta maneira de adorar os falsos deuses, e declara esta prática eminentemente pecaminosa.

(5) **ELISEU** — Ignora-se se Elias conhecia já Eliseu ou se o encontrou pela primeira vez agora. Etimologicamente, a palavra Eliseu significa "Deus é a minha salvação".

pai, e minha mãe, e assim seguir-te-ei. E Elias lhe respondeu: Vai, e volta: Porque eu fiz por ti o que era da minha parte.

21 E tendo Eliseu deixado a Elias, tomou uma junta de bois, e os matou, e com o arado dos bois cozeu as carnes, e as deu ao povo, e comeram: E levantando-se partiu, e seguiu a Elias, e o servia.

CAPÍTULO 20

CERCO DE SAMARIA POR BENADAD. DERROTA DO SEU EXÉRCITO. OUTRA DERROTA DO EXÉRCITO DOS SIROS. ACAB FEZ ALIANÇA COM BENADAD. E' POR ISSO REPREENDIDO POR UM PROFETA.

1 Benadad porém, rei da Síria, ajuntou todo o seu exército, e com êle trinta e dois reis, e cavalos e carroças: E subindo pelejou contra Samaria, e a sitiou. (1)

2 E enviando à cidade mensageiros a Acab, rei de Israel,

3 disse: Eis-aqui o que diz Benadad: A tua prata, e o teu ouro é meu: E as tuas mulheres, e os teus filhos mais gentis, são meus.

4 E o rei de Israel respondeu: Como tu dizes, ó rei meu senhor, eu sou teu, e tôdas as minhas coisas.

5 E voltando os mensageiros, disseram: Eis-aqui o que diz Benadad, que nos enviou a ti: Tu me hás-de dar a tua prata, e o teu ouro, e as tuas mulheres, e os teus filhos.

6 Amanhã pois a esta mesma hora te enviarei os meus servos, e esquadrinharão tua casa, e a casa de

(1) **BENADAD** — Filho daquele que se tinha apoderado de muitas cidades da Galiléia, no tempo de Baasa.

teus servos: E êles tomarão com as suas mãos tudo o de que gostarem e o levarão.

7 Chamou pois o rei de Israel todos os anciãos do povo, e disse: Considerai, e vêde, que êle nos arma algum laço: Porque me mandou mensageiros a pedir minhas mulheres, e filhos, e a prata, e o ouro, e eu não disse que não.

8 E todos os anciãos, e todo o povo lhe responderam: Não lhe dêis ouvidos, nem condescendas com êle.

9 E assim respondeu aos mensageiros de Benadad: Dizei ao rei meu senhor: Eu farei tôdas as coisas que tu me enviaste a pedir no princípio a mim teu servo: Mas esta coisa não a posso fazer.

10 E voltando os mensageiros, lhe referiram a resposta. O qual os tornou a enviar e disse: Os deuses me tratem com a sua última severidade, se o pó de Samaria bastar para encher os punhados de todo o povo que me segue.

11 E o rei de Israel respondendo, disse: Dizei-lhe: Não se vanglorie o que toma as armas do mesmo modo como o que as larga.

12 Sucedeu pois que, quando Benadad ouviu esta resposta, êle estava bebendo nas suas tendas com os reis, e disse aos seus servos: Cercai a cidade. E êles a cercaram.

13 E eis que chegando-se um profeta a Acab rei de Israel, lhe disse: Eis-aqui o que diz o Senhor: Viste tôda esta inumerável multidão? Pois eu te declaro, que hoje ta entregarei nas tuas mãos: Para que tu saibas, que eu sou o Senhor. (2)

14 E disse Acab: Por quem? E êle lhe respondeu: Eis-aqui o que diz o Senhor: Pelos criados de pé dos

(2) **EU SOU O SENHOR** — Deus é sempre o chefe de um povo, e só a Êle se deve a vitória, como prova evidentemente a desigualdade das forças.

príncipes das províncias. E disse Acab: Quem começará a pelejar? E o profeta lhe disse: Tu.

15 Fêz Acab pois revista dos criados dos príncipes das províncias, e achou que eram duzentos e trinta e dois: E depois dêles fêz revista do povo, de todos os filhos de Israel, e achou que eram sete mil:

16 E saíram ao meio-dia. Benadad porém já embriagado estava bebendo na sua tenda, e com êle os trinta e dois reis, que tinham vindo em seu socorro. (3)

17 Os criados pois dos príncipes das províncias marchavam na primeira frente. E Benadad mandou espias. Os quais lhe vieram dizer: E' gente que saiu de Samaria.

18 E êle disse: Ou êles venham tratar de paz, tomai-os vivos: Ou venham a pelejar, prendei-os vivos.

19 Avançaram-se pois os criados dos príncipes das províncias, e o resto do exército os seguia:

20 E cada um dêles matou os que se lhe puseram diante: E logo os siros fugiram, e Israel os perseguiu. Benadad, rei da Síria, também fugiu a cavalo com os seus cavaleiros.

21 E o rei de Israel tendo também saído matou os cavalos, e destruiu as carroças, e maltratou a Síria com um grande estrago.

22 (Vindo pois um profeta ter com o rei de Israel, disse-lhe: Vai, e cobra ânimo, e sabe, e vê o que tens para fazer: Porque no ano seguinte virá o rei da Síria contra ti.)

23 Os servos porém do rei da Síria lhe disseram: Os deuses dos montes são seus deuses, e por isso êles nos venceram: Mas é melhor que pelejemos com êles em campo raso, e vencê-los-emos.

(3) **ESTAVA BEBENDO** — Porque confiava cegamente no êxito da vitória.

3 Reis 20, 24-31

24 Tu pois faze isto: Aparta do exército todos os reis, e põe em seu lugar os primeiros oficiais:

25 E restabelece o número dos soldados, que morreram dos teus, e os cavalos conforme eram antes, e as carroças segundo o número das que tinhas antes: E nós pelejaremos contra êles em campo raso, e tu verás que os desbarataremos. Creu êle no conselho dêles, e assim o fêz.

26 Portanto tendo passado um ano, fêz Benadad revista dos siros, e veio a Afec, para combater contra Israel. (4)

27 E fêz-se também revista dos filhos de Israel, e providos de víveres marcharam contra os siros, e se acamparam em frente dêles, como dois pequenos rebanhos de cabras: Os siros porém cobriam a terra.

28 (E vindo um homem de Deus disse ao rei de Israel: Eis-aqui o que diz o Senhor: Porque os siros disseram: O Deus dos montes é o Senhor e não é o Deus dos vales: Eu te entregarei nas mãos tôda esta grande multidão, e sabereis que eu sou o Senhor.)

29 E estiveram os exércitos ordenados em batalha sete dias, êstes em frente daqueles, e ao sétimo dia se deu batalha: E os filhos de Israel mataram num dia cem mil homens de pé dos siros.

30 Os que escaparam, fugiram para a cidade de Afec: E caiu o muro sôbre vinte e sete mil homens, que tinham restado. Mas Benadad fugindo entrou na cidade, e retirou-se ao lugar mais secreto duma câmara:

31 E disseram-lhe os seus servos: Atende, nós temos ouvido dizer que os reis da casa de Israel são cle-

(4) AFEC — Há várias povoações com êste nome. Aqueia de que aqui se trata está situada a este do Jordão, na estrada real da Palestina a Damasco; o seu nome atual é El-Fick.

mentes: Ponhamos pois sacos sôbre os nossos rins, e cordas à roda das nossas cabeças, e vamos buscar o rei de Israel: Talvez que êle nos salve as vidas.

32 Pelo que êles se cingiram com sacos pelos rins, e puseram cordas nas suas cabeças, e vieram ter com o rei de Israel, e lhe disseram: O teu servo Benadad diz: Concede-me, eu te peço, a vida. E êle respondeu: Se êle ainda vive êle é meu irmão. (5)

33 O que tomaram os homens por bom presságio: E tomaram logo a palavra da sua bôca, e disseram: Teu irmão Benadad. E êle lhes disse: Ide, e trazei-mo. Veio pois Benadad à presença de Acab, e êste o fêz montar sôbre a sua carroça.

34 E Benadad lhe disse: Eu te restituirei as cidades, que meu pai tomou a teu pai: E faz para ti praças em Damasco, assim como meu pai as fêz em Samaria, e eu me retirarei de ti depois de feita a aliança. Fêz pois a aliança e o deixou ir. (6)

35 Então um dos filhos dos profetas disse da parte do Senhor a um seu companheiro: Fere-me. Mas êle o não quis ferir.

36 E êle lhe disse: Porque tu não quiseste ouvir a voz do Senhor, logo que te apartares de mim te matará um leão. E tendo-se êle apartado um pouco dêle, um leão o encontrou, e o matou.

37 Mas encontrando também outro homem, disse-lhe: Fere-me. Êste homem lhe deu e o feriu.

(5) **PUSERAM CORDAS NAS SUAS CABEÇAS** — Era o sinal de submissão ao vencedor, e símbolo da perda da liberdade.

(6) **FÊZ POIS A ALIANÇA** — Os documentos assírios dão-nos motivo para que acreditemos que esta aliança foi contratada pelo rei de Israel, para se defender contra as investidas de Salmanasar II, que dia a dia era mais temível. Esta aliança foi censurada porque deixa entrever uma falta de confiança em Deus.

3 Reis 20, 38-43; 21, 1

38 Retirou-se pois o profeta, e encontrou o rei no caminho, e disfarçou-se cobrindo de pó o seu rosto e os seus olhos.

39 E passando o rei, gritou ao rei, e disse-lhe: O teu servo saiu a pelejar de perto: E como fugisse um homem, outro mo trouxe, e me disse: Guarda-me este homem: Se ele se escapar, a tua vida responderá pela vida dele, ou tu pagarás um talento de prata.

40 E quando eu todo turbado andava às voltas dum parte para a outra, de repente desapareceu. E o rei de Israel lhe disse: Esta é a tua sentença que tu mesmo pronunciaste.

41 Mas logo limpou o pó do seu rosto, e o rei de Israel conheceu que era um dos profetas.

42 E ele lhe disse: Eis-aqui o que diz o Senhor: Porque tu deixaste escapar das tuas mãos um homem digno de morte, a tua vida responderá pela vida dele, e o teu povo pelo seu povo.

43 O rei de Israel porém voltou para sua casa, não fazendo caso de ouvir, e enfurecido veio para Samaria.

CAPÍTULO 21

NABOT RECUSA VENDER A SUA VINHA A ACAB. JEZABEL FAZ CONDENAR NABOT A SER APEDREJADO. ELIAS FAZ TERRIVEIS AMEAÇAS A ACAB. ESTE PRÍNCIPE SE HUMILHA, E DESVIA DE CIMA DE SI OS MALES DE QUE ESTAVA AMEAÇADO.

1 Passadas pois estas coisas, tinha naquele tempo Nabot de Jezrael, que estava em Jezrael, uma vinha ao pé do palácio de Acab, rei de Samaria. (1)

(1) **JEZRAEL** — Cidade fronteira a Issacar, na extremidade oriental da planície de Esdrelon, ao norte de Enganmir, e ao sul de Sumem e de Naim.

2 E Acab falou a Nabot, dizendo: Dá-me a tua vinha, para fazer para mim uma horta, porque está vizinha, e ao pé de minha casa, e dar-te-ei por ela uma vinha melhor: Ou, se te faz mais conta, o dinheiro pelo preço que ela vale.

3 Nabot lhe respondeu: Deus me guarde, que eu te dê a herança de meus pais. (2)

4 Veio pois Acab para sua casa agastado e encolerizado por causa da palavra, que Nabot jezraelita lhe dera, dizendo: Eu te não darei a herança de meus pais. E deitando-se na sua cama, voltou o rosto para a parede, e não comeu pão. (3)

5 E Jezabel, sua mulher, veio ter com êle, e disse-lhe: Que é isto, de onde te vem esta tristeza? E por que não comes pão?

6 Êle lhe respondeu: Falei a Nabot de Jezrael, e lhe disse: Dá-me a tua vinha recebendo o dinheiro, ou se te faz mais conta, dar-te-ei por ela outra vinha melhor. E êle me respondeu: Eu te não darei a minha vinha.

7 Disse-lhe pois Jezabel, sua mulher: Grande autoridade é a tua, e bem governas tu a Israel. Levanta-te, e come, e sossega o teu espírito, eu te darei a vinha de Nabot de Jezrael.

8 Logo escreveu ela uma carta em nome de Acab e a selou com o sêlo do rei, e a enviou aos anciãos, e aos príncipes, que havia na sua cidade, e habitavam com Nabot.

9 E o teor da carta era êste: Publicai um jejum, e fazei assentar Nabot entre os primeiros do povo,

(2) **A HERANÇA DE MEUS PAIS** — Nabot, fiel ao Senhor, não queria transgredir a lei do Lev 25, 23-28, Núm 36, 7, etc. Cada família procurava, por um respeitoso sentimento de piedade, conservar a herança de seus pais.

(3) **NÃO COMEU PÃO** — Isto é, não tomou alimento algum.

3 Reis 21, 10-19

10 e ganhai contra êle dois homens filhos de Belial, e profiram um falso testemunho: Nabot blasfemou contra Deus e contra o rei: E trazei-o fora da cidade, e o apedrejai, e assim morra.

11 E os seus cidadãos mais velhos, e os primeiros, que viviam com êle na cidade, o fizeram como Jezabel lhes havia mandado, e como se continha na carta que ella lhes enviara:

12 Publicaram o jejum, e fizeram assentar Nabot entre os primeiros do povo.

13 E tendo feito vir dois homens filhos do diabo, os fizeram assentar defronte dêle: E êles, como homens diabólicos, deram testemunho contra Nabot diante do ajuntamento, dizendo: Nabot blasfemou contra Deus e contra o rei: Pelo que o fizeram levar fora da cidade, e o mataram às pedradas.

14 E mandaram dizer a Jezabel: Nabot foi apedrejado, e morreu.

15 Sucedeu pois que tendo Jezabel ouvido que Nabot fôra apedrejado, e morrera, foi dizer a Acab: Vai, e faze-te senhor da vinha de Nabot de Jezrael, que te não quis fazer a vontade, nem dar-ta por dinheiro de contado: Porque Nabot já não vive, mas é morto.

16 Acab, tendo ouvido que Nabot era morto, levantou-se, e ia para a vinha de Nabot de Jezrael, para se apossar dela.

17 A êste tempo dirigiu o Senhor a sua palavra a Elias tesbita, dizendo:

18 Levanta-te, e vai encontrar-te com Acab, rei de Israel, que está em Samaria: Porque eis-aí vai êle à vinha de Nabot, para tomar posse dela:

19 E tu lhe falarás dizendo: Eis-aqui o que te diz o Senhor: Tu o mataste, e em cima te senhoreaste. E depois acrescentarás: Isto é o que diz o Senhor: Neste

lugar em que os cães lamberam o sangue de Nabot, lamberão eles também o teu sangue.

20 E Acab disse a Elias: Porventura achaste que eu fôsse teu inimigo? Elias lhe respondeu: Eu o achei em tu seres vendido, para fazeres o mal aos olhos do Senhor.

21 Eis-aí farei eu cair o mal sobre ti, e arrancarei a tua posteridade, e matarei da casa de Acab até o que urina à parede, e o encerrado e o último filho de Israel.

22 E eu darei a tua casa como a casa de Jeroboão, filho de Natat, e como a casa de Baasa filho de Aía: Porque obraste de modo que me provocaste à ira, e fizeste pecar a Israel.

23 E também de Jezabel falou o Senhor, dizendo: Os cães comerão a Jezabel no campo de Jezrael.

24 Se Acab morrer na cidade, comê-lo-ão os cães: Mas se morrer no campo comê-lo-ão as aves do céu.

25 Não houve pois outro tal como Acab, que se vendeu para fazer o mal aos olhos do Senhor: Porque Jezabel, sua mulher, o incitou,

26 e ele se tornou tão admirável, que seguia os ídolos dos amorreus, que o Senhor tinha exterminado à face dos filhos de Israel.

27 Portanto tendo Acab ouvido estas palavras, rasgou os seus vestidos, e cobriu a sua carne dum cilício, e jejuou e dormiu com o saco, e andou de cabeça baixa.

28 E o Senhor dirigiu a sua palavra a Elias tesbita, dizendo:

29 Não viste a Acab humilhado diante de mim? Porque ele pois se humilhou por minha causa, não farei eu cair o mal enquanto ele viver, mas em tempo de seu filho farei cair o mal sobre a sua casa.

CAPÍTULO 22

ACAB, E JOSAFAT SE LIGAM CONTRA OS SIROS. OS FALSOS PROFETAS DE ACAB PREDIZEM A VITÓRIA. MIQUEÍAS LHE PREDIZ A SUA MORTE. ACAB MORRE. OCOZIAS LHE SUCEDE. MORRE TAMBÉM JOSAFAT E SUCEDE-LHE JORÃO.

1 Passaram-se pois três anos sem haver guerra alguma entre a Síria e Israel.

2 Mas ao terceiro ano, veio Josafat, rei de Judá, ter com o rei de Israel.

3 (E disse o rei de Israel aos seus servos: Ignorais vós que a cidade de Ramot de Galaad é nossa, e nós não curamos de a recobrar das mãos do rei da Síria?)

4 E disse a Josafat: Virás tu comigo à guerra contra Ramot de Galaad?

5 E Josafat respondeu ao rei de Israel: Tu podes dispor de mim, como de ti mesmo: O meu povo, e o teu povo são um mesmo: E a minha cavalaria é a tua cavalaria. E disse Josafat ao rei de Israel: Consulta hoje, te peço, a vontade do Senhor.

6 O rei de Israel pois ajuntou os seus profetas, perto de quatrocentos homens, e disse-lhes: Devo eu ir a pelejar contra Ramot de Galaad, ou deixar-me estar quieto? Eles lhe responderam: Vai, e o Senhor a entregará nas mãos do rei.

7 Mas Josafat disse: Não há aqui nenhum profeta do Senhor, para nós o consultarmos por êle?

8 E o rei de Israel respondeu a Josafat: Ficou um homem, por quem nós podemos consultar o Senhor: Mas eu o aborreço porque êle me não profetiza o bem, mas o mal, Miquéias, filho de Jemla. E Josafat lhe disse: O' rei, não fales assim.

9 Chamou pois o rei de Israel um eunuco, e lhe disse: Traze-me aqui depressa a Miquéias, filho de Jemla.

10 E o rei de Israel, e Josafat, rei de Judá, estavam assentados cada um no seu trono, vestidos com magnificência real, numa eira junto à porta de Samaria, e todos os profetas profetizavam diante deles.

11 Fêz também para si Sedecias, filho de Canaana, umas pontas de ferro, e disse: Eis-aqui o que diz o Senhor: Com estas armas agitarás a Síria, até a destruíres de todo. (1)

12 E todos os profetas profetizavam da mesma maneira, dizendo: Vai contra Ramot de Galaad, e marcha felizmente, e o Senhor a entregará nas mãos do rei.

13 O mensageiro porém que tinha ido a chamar a Miquéias, lhe falou, dizendo: Eis-aí todos os profetas a uma voz predizem bom sucesso ao rei: Sejam pois as tuas palavras semelhantes às deles, e anuncia novas favoráveis.

14 Miquéias lhe respondeu: Viva o Senhor, que eu não direi senão o que o Senhor me disser.

15 Apresentou-se pois diante do rei, e o rei lhe disse: Miquéias, devemos nós ir pelejar contra Ramot de Galaad, ou ficarmos quedos? Miquéias lhe respondeu: Vai, e marcha felizmente, e o Senhor a entregará nas mãos do rei. (2)

16 Mas o rei lhe disse: Eu te conjuro uma e outra vez em nome do Senhor, que me não fales senão a verdade.

17 E êle lhe disse: Eu vi todo o Israel disperso pelos montes, como ovelhas que não têm pastor: E o Senhor

(1) **FEZ TAMBÉM PARA SI SEDECIA, FILHO DE CANAANA, UMAS PONTAS DE FERRO** — Expressão metafórica, que indica a força. Sedecias quer anunciar a vitória sobre os da Síria, e exprime-se deste modo.

(2) **MARCHA FELIZMENTE** — Esta expressão é irônica, e Acab percebeu-o bem, por isso o conjurou que lhe dissesse toda a verdade.

3 Reis 22, 18-25

disse: Êles não têm condutor: Torne cada um em paz para sua casa.

18 (Disse pois o rei de Israel para Josafat: Não te disse eu, que êste homem nunca me profetiza o bem, mas sempre o mal?)

19 Miquéias porém acrescentando, disse: Por isso ouve a palavra do Senhor: Eu vi o Senhor assentado sobre o seu trono, e todo o exército do Céu ao redor dêle, à direita e à esquerda,

20 e o Senhor disse: Quem enganará a Acab rei de Israel, para que êle marche, e pereça em Ramot de Galaad? E um disse uma coisa, e outro outra.

21 Mas o espírito maligno se adjantou, e se apresentou diante do Senhor, e disse: Eu o enganarei. E o Senhor lhe disse: De que modo?

22 E êle respondeu: Eu sairei, e serei um espírito mentiroso na bôca de todos os seus profetas. E o Senhor disse: Tu o enganarás, e prevalecerás: Sai, e faze-o assim. (3)

23 Eis-aqui pois agora pôs o Senhor um espírito de mentira na bôca de todos os teus profetas, que aqui estão, e o Senhor pronunciou o mal contra ti.

24 Chegou-se pois Sedecias, filho de Canaana, e deu uma bofetada em Miquéias na maçã do rosto, e disse: Logo a mim me largou o espírito do Senhor, e te falou a ti.

25 E Miquéias disse: Tu o verás naquele dia, quando entrares de câmara em câmara para te esconderes.

(3) **TU O ENGANARÁS** — Deus permite que o espírito maligno engane Acab, o que fêz dizer a Santo Agostinho: "Era justo que Acab, que não tinha crido no Deus verdadeiro, fôsse enganado pelo falso". Êste texto confirma a intervenção dos espíritos maus, *volente et permittente Deo*.

26 E disse o rei de Israel: Tomai a Miquéias, e fi-
que em poder de Amon, governador da cidade, e de Joás,
filho de Amelec,

27 e dizei-lhes: Eis-aqui o que o rei ordena: Metei
êste homem na cadeia e sustentai-o com pão de tribula-
ção, e água de angústia, até que eu volte em paz. (4)

28 E Miquéias disse: Se tu voltares em paz, não
falou o Senhor por mim. E prosseguiu: Ouvi, povos todos.

29 Com isto marchou o rei de Israel, e Josafat, rei
de Judá, contra Ramot de Galaad. (5)

30 Disse pois o rei de Israel a Josafat, rei de Judá:
Toma as armas e entra no combate, e veste os teus ves-
tidos. Mas o rei de Israel mudou de traje, e entrou na
batalha.

31 O rei da Síria porém tinha ordenado aos trinta
e dois capitães das suas carroças, dizendo: Não pelea-
reis contra algum pequeno ou grande, mas somente con-
tra o rei de Israel.

32 Os capitães das carroças pois tendo visto a Jo-
safat, imaginaram que êle era o rei de Israel, e caindo
com ímpeto pelejavam contra êle: E Josafat exclamou.

33 E os capitães das carroças conheceram que não
era o rei de Israel, e cessaram de o investir.

34 Um homem porém armou o seu arco, apontando
a seta à ventura, e por acaso feriu o rei de Israel entre o
bofe e o estômago. Mas êle disse ao seu cocheiro: Torna
a volta, e tira-me do exército, porque estou gravemente
ferido.

(4) **ÁGUA DE ANGÚSTIA** — Expressão proverbial, que sig-
nifica a quantidade mínima, estritamente indispensável à vida. O
suplício da sede é particularmente penoso numa região quente como
a Palestina, onde há o hábito de beber a cada momento.

(5) **JOSAFAT** — O profeta Jeú o censurou desta culplici-
dade com a impiedade. 2 Par 19, 2.

35 Deu-se pois a batalha naquele dia, e o rei de Israel estava na sua carroça voltado para os siros: E corria o sangue da ferida sobre toda a carroça, e ele morreu de tarde,

36 e antes que o sol se pusesse, tocou um pregoeiro a trombeta por todo o exército, dizendo: Cada um volte para a sua cidade, e para a sua terra. (6)

37 Morreu pois o rei, e foi levado a Samaria: E enterraram o rei em Samaria,

38 e lavaram a sua carroça na piscina de Samaria, e os cães lamberam o seu sangue, e lavaram as rédeas conforme a palavra que o Senhor tinha pronunciado.

39 O resto pois das ações de Acab, e tudo o que ele fez, a casa de marfim, que fabricou e todas as cidades, que fundou, estão escritas no Livro dos Anais dos Reis de Israel. (7)

40 Dormiu pois Acab com seus pais, e reinou em seu lugar Ocozias, seu filho.

41 E Josafat, filho de Asa, tinha começado a reinar sobre Judá no quarto ano de Acab, rei de Israel.

42 Tinha trinta e cinco anos quando começou a reinar, e reinou vinte e cinco anos em Jerusalém: Sua mãe chamava-se Azüba, filha de Salai.

43 E andou em todos os caminhos de Asa, seu pai, e não se desviou deles: E fez o que era reto diante do Senhor. (8)

44 Não destruiu contudo os altos: Porque ainda o povo sacrificava, e queimava incenso nos altos.

(6) **TOCOU UM PREGOEIRO A TROMBETA** — No fim do combate chamavam às armas ao som da trombeta.

(7) **CASA DE MARFIM** — Isto é, ornada interiormente de marfim.

(8) **NÃO SE DESVIOU** — Asa tinha abandonado a lei do Senhor nos últimos anos.

45 E Josafat teve paz com o rei de Israel.

46 O mais das ações de Josafat, e os seus feitos, e as suas guerras, estão tôdas escritas no Livro dos Anais dos reis de Judá. (9)

47 Extirpou também da tetra os restos dos afeminados, que tinham ficado do tempo de seu pai Asa.

48 E então não havia rei constituído em Edom. (10)

49 E o rei Josafat tinha preparado frotas no mar, que navegassem para Ofir por causa do ouro: Mas não puderam ir, porque se destroçaram em Asiongaber.

50 Então disse Ocozias, filho de Acab, a Josafat: Vão os meus servos embarcados com os teus. Mas Josafat não quis.

51 E dormiu Josafat com seus pais, e foi sepultado com êles na cidade de Davi, seu pai: E Jorão, seu filho, reinou em seu lugar.

52 Ocozias porém filho de Acab começou a reinar sôbre Israel em Samaria, no ano dezessete de Josafat rei de Judá, e reinou sôbre Israel dois anos.

53 E êle obrou o mal diante do Senhor, e andou no caminho de seu pai, e de sua mãe, e no caminho de Jeroboão filho de Nabat, que tinha feito pecar a Israel.

54 Serviu também a Baal, e o adorou, e irritou o Senhor Deus de Israel conforme tudo o que seu pai tinha feito.

(9) **AÇÕES DE JOSAFAT** — A descrição dêste reinado importante e glorioso vem minuciosamente contada no livro II dos Par 17-20.

(10) **NÃO HAVIA REI** — Estas palavras significam que Edom estava sob o poder de Josafat e não tinha rei indígena. O hebreu acrescenta: "um intendente ou rei", isto é, as funções governativas eram desempenhadas por um oficial que governava em nome de Josafat, o que explica o fato de ter o rei de Judá feito construir navios em Assiregaber, que pertencia ao reino de Edom.

LIVRO QUARTO

CAPÍTULO 1

MOAB SACODE O JUGO DE ISRAEL. OCOZIAS MANDA CONSULTAR A BELZEBU SOBRE A SUA DOENÇA. ELIAS LHE PREDIZ QUE MORRERÁ. ESTE PRÍNCIPE MANDA GENTE, QUE LHE PRENDA A ELIAS. MORTE DE OCOZIAS. SUCEDE-LHE JORÃO.

1 Depois da morte de Acab, sacudiu Moab o jugo de Israel. (1)

2 E Ocozias caiu pelas grades dum quarto alto, que tinha em Samaria, e adoeceu: E enviou mensageiros, dizendo-lhes: Ide, consultai a Belzebu, deus de Acaron, se poderei eu convalescer desta minha moléstia. (2)

3 O anjo porém do Senhor falou a Elias tesbita, dizendo: Levanta-te, e vai sair ao encontro dos mensageiros do rei de Samaria, e lhes dirás: Acaso não há um Deus em Israel, para vós irdes consultar a Belzebu, deus de Acaron?

4 Por isso eis-aqui o que diz o Senhor: Tu te não levantarás da cama, em que jazes mas certissimamente morrerás. E Elias partiu.

(1) SAUDIU MOAB — A causa da revolta foram os impostos excessivos que pesavam sobre ele.

(2) ACARON — Uma das cinco grandes cidades dos filisteus, na planície de Sáfela.

5 E os mensageiros voltaram para Ocozias, o qual lhes disse: Por que voltastes?

6 Êles porém lhe responderam: Um homem nos saiu ao encontro, e nos disse: Ide, e tornai para o vosso rei, que vos mandou, e lhe direis: Eis-aqui o que diz o Senhor: Acaso, porque não há um Deus em Israel, mandas a consultar a Belzebu, deus de Acaron? Pois por isso te não levantarás tu da cama em que jazes, mas certissimamente morrerás.

7 E êle lhes disse: Que figura, e que hábito é o dêsse homem, que se encontrou convosco, e vos disse essas palavras?

8 E êles responderam: E' um homem coberto de cabelos, e que anda cingido sôbre os rins com uma cinta de couro. Êle disse: E' Elias tesbita. (3)

9 E logo lhe enviou um capitão de cinqüenta homens, e os cinqüenta soldados que estavam debaixo do seu mando. O qual foi ter com Elias: E estando êle assentado no cume dum monte, lhe disse: Homem de Deus, o rei mandou que venhas.

10 E respondendo Elias, disse ao capitão dos cinqüenta soldados: Se eu sou homem de Deus, desça fogo do céu, e te devore a ti, e aos teus cinqüenta homens. Desceu pois fogo do céu, e o devorou, e aos cinqüenta homens que estavam com êle. (4)

11 E enviou outra vez Ocozias segundo capitão de cinqüenta soldados, e os seus cinqüenta com êle. O qual

(3) **COBERTO DE CABELOS** — Naturalmente envolto num manto feito da pele do camelo.

CINTA DE COURO — Sinal de pobreza e de austeridade da vida; os ricos usavam um estôfo precioso, os pobres cingiam-se com uma faixa de linho ou de couro, e assim patenteia Elias o seu amor à austeridade e pobreza.

(4) **FOGO DO CÉU** — O raio ou um fogo sobrenatural.

lhe disse: Homem de Deus, o rei diz isto: Apressa-te, e vem.

12 Respondendo Elias, disse: Se eu sou homem de Deus, desça fogo do céu, e te devore a ti, e os teus cinqüenta homens. Desceu pois fogo do céu, e o devorou e os seus cinqüenta homens. (5)

13 Enviou outra vez Ocozias terceiro capitão de cinqüenta homens, e os cinqüenta homens, que estavam com êle. O qual tendo chegado, se pôs de joelhos diante de Elias e lhe suplicou, e disse: Homem de Deus, não desprezes a minha alma, nem as almas dos teus servos que estão comigo.

14 Eis-aí desceu o fogo do céu, e devorou os dois primeiros capitães dos cinqüenta homens, e os cinqüenta que estavam com êles: Mas agora eu te suplico que te compadeças da minha alma.

15 E o anjo do Senhor falou a Elias, dizendo: Desce com êle, não temas. Levantou-se pois, e desceu com êste capitão a buscar o rei,

16 e lhe disse: Eis-aqui o que diz o Senhor: Porque tu enviaste mensageiros a consultar a Belzebu, deus de Acaron, como se não houvesse um Deus em Israel, que tu pudesses consultar, por isso tu te não levantarás da cama, em que jazes, mas certissimamente morrerás.

17 Morreu pois Ocozias conforme a palavra do Senhor, que pronunciou Elias, e em seu lugar reinou Jorão, seu irmão, no segundo ano de Jorão, filho de Josafat rei de Judá: Porque Ocozias não tinha filho. (6)

(5) **E DEVOROU-OS** — Assim Deus vingava o desprezo do seu profeta. Ita ostendit se Deus vindicem Prophetiae contemptae et sacri ministri.

(6) **NO SEGUNDO ANO DE JORÃO** — Há aqui uma contradição. No c. 3, v. 1, diz-se que Jorão, filho de Acab, começara a reinar em Israel no ano décimo oitavo de Josafat, rei de Judá; e no

18 O resto porém das ações de Ocozias está escrito no Livro dos Anais dos reis de Israel.

CAPÍTULO 2

ARREBATAMENTO DE ELIAS. ESTE PROFETA PROMETE A ELISEU, QUE LHE COMUNICARÁ O SEU ESPÍRITO, E LHE DEIXA A SUA CAPA. ELISEU SEPARA AS ÁGUAS DO JORDÃO, E TORNA SADIAS AS ÁGUAS DE JERICÓ. QUARENTA E DOIS MENINOS SÃO DEVORADOS POR DOIS URSOS POR TEREM FEITO ZOMBARIA DÊSTE PROFETA.

1 Aconteceu pois que quando o Senhor quis arrebatá Elias ao Céu por um remoinho, vinham Elias e Eliseu de Galgala. (1)

2 E Elias disse a Eliseu: Fica aqui, porque o Senhor me mandou a Betel. Eliseu lhe respondeu: Viva o Senhor, e viva a tua alma, que eu não te deixarei. E indo para Betel, (2)

c. 8, v. 16, lê-se que Jorão, filho de Josafat, tomou posse do reino no ano quinto de Jorão, rei de Israel. Como é que se diz aqui, que Jorão, filho de Acab, começou a reinar em vez de Ocozias, seu irmão, no ano segundo de Jorão, filho de Josafat? Para conciliar, ou se deve admitir, o que é muito verossímil, um erro do copista, ou supor que, segundo um uso vigente entre os hebreus e muitos outros povos do Oriente, Josafat tinha associado seu filho Jorão ao governo no décimo sexto ano do seu reinado. Com efeito, admitida esta hipótese, o décimo sexto ano do seu reinado era realmente o segundo de seu filho. Grócio e Cappel partilham a primeira opinião; Martene, Cornélio a Lapide e outros, admitem a segunda hipótese, à qual se inclina modernamente o abalizado e autorizadíssimo Vigouroux.

(1) **GALGALA** — Ficava ao sudoeste de Silo; hoje é Dgildgilia, diversa da planície de Galgala, junto ao Jordão. Esta fica situada numa colina escarpada, a 744 metros de altitude.

(2) **ELISEU LHE RESPONDEU** — Como quem por divina revelação sabia o que o Senhor estava para dispor de Elias.

3 saíram os filhos dos profetas que estavam em Betel, a receber Eliseu, e disseram-lhe: Acaso sabes tu que o Senhor te há de levar hoje teu amo? Êle respondeu: Eu também o sei: Calai-vos. (3)

4 Disse pois Elias a Eliseu: Fica aqui, porque o Senhor me mandou a Jericó. E êle respondeu: Viva o Senhor, e viva a tua alma, que eu te não hei de deixar. E tendo chegado a Jericó,

5 vieram os filhos dos profetas, que estavam em Jericó, ter com Eliseu, e disseram-lhe: Acaso sabes tu que o Senhor há de tirar hoje teu amo? E êle disse: Eu também o sei: Calai-vos.

6 Disse-lhe pois Elias: Fica aqui, porque o Senhor me mandou até ao Jordão. E êle respondeu: Viva o Senhor, e viva a tua alma, que eu te não hei de deixar. Foram pois ambos juntos,

7 e cinqüenta dos filhos dos profetas os seguiram, os quais também pararam defronte dêle, de longe: E êles ambos se puseram à borda do Jordão.

8 E tomou Elias a sua capa, e dobrou-a, e feriu as águas, as quais se dividiram para as duas bandas, e passaram ambos a pé enxuto.

(3) **FILHOS DOS PROFETAS** — Segundo Calmet, esta expressão deve-se entender no sentido de como "discípulos dos profetas", isto é, os que viviam em comunidade com os profetas, professando uma vida santa; e agora, por mero incidente, ocorre dizer-se que nas comunidades monásticas os bons religiosos são justamente chamados discípulos dos seus Santos Patriarcas, sendo todavia certo que êstes só lhes legaram os exemplos salutare das suas vidas, e os preceitos moralizadores das suas regras. Eliseu mostra bem estar investido em superior autoridade; basta a forma intimativa como diz silete, calai-vos, autoridade muito superior à autoridade do mestre. Não há vislumbre de escola, mas há todos os traços característicos duma agremiação em que os seus membros

9 E tendo passado, disse Elias a Eliseu: Pede-me o que queres que eu te alcance, antes que eu seja arrebatado de ti. E Eliseu respondeu: Peço que seja dobrado em mim o teu espírito.

10 Elias respondeu: Dificultosa coisa pediste: Todavia se tu me vires, quando me arrebatarem de ti, terás o que pediste: Mas se me não vires, não o terás.

11 E continuando o seu caminho, e caminhando a conversar entre si, eis-que um carro de fogo, e uns cavalos de fogo os separaram um do outro: E Elias subiu ao céu por meio de um remoinho, (4)

12 e Eliseu o viu, e clamava: Meu pai, meu pai, meu pai. carro de Israel, e seu condutor. E não o viu mais: E tomou os seus vestidos e os rasgou em duas partes.

13 E levantou do chão a capa, que Elias lhe tinha deixado cair: E voltando parou à borda do Jordão,

14 e pegando na capa, que Elias lhe tinha deixado cair, feriu as águas, e elas não se dividiram: E disse: Onde está ainda agora o Deus de Elias? E feriu as águas, e elas se dividiram duma, e doutra parte, e Eliseu as passou.

15 Vendo pois os filhos dos profetas, que estavam em Jericó defronte, disseram: O espírito de Elias repou-

se applicavam a louvar a Deus e a estudar a lei, agremiação que continuou no decorrer dos tempos, à qual pertenceram os varões de mais extremada austeridade que floresceram na lei velha, e entre elles o Precursor de Jesus Cristo, S. João Batista, conforme afirmam os Santos Padres, cujos textos se encontram citados e traduzidos na Crônica dos Carmelitas, de Sant'Ana, t. I, c. 1 a 12.

(4) EIS-QUE UM CARRO DE FOGO E UNS CAVALOS DE FOGO — S. João Crisóstomo entende que se tratava dum carro e duns cavalos de fogo, mas, segundo a maior parte dos exegetas de melhor nome, por estas palavras deve entender-se um turbilhão luminoso que circundou o profeta no momento do seu arrebatamento.

sou sôbre Eliseu. E vindo sair-lhe ao encontro, se prostraram por terra a seus pés com profundo respeito,

16 e disseram-lhe: Sabe que entre os teus servos há cinqüenta homens fortes, que podem ir a buscar teu amo, porque talvez que o espirito do Senhor o levasse, e atirasse com êle para algum monte, ou para algum vale. Eliseu respondeu: Não mandeis.

17 E o constrangeram, até que êle condescendeu, e disse: Mandai. Mandaram êles pois cinqüenta homens, os quais tendo-o buscado três dias, o não acharam.

18 E voltaram para Eliseu: E êle estava em Jericó, e lhes disse: Não vos disse eu: Não mandeis?

19 Disseram também a Eliseu os habitantes desta cidade: A habitação desta cidade é muito cômoda, como tu mesmo, Senhor, vês: Mas as águas são péssimas, e a terra estéril.

20 E êle respondeu: Trazei-me um vaso novo, e deitai-lhe sal. Como lho tivessem trazido,

21 saiu êle à fonte das águas, e deitou o sal nela, e disse: Eis-aqui o que diz o Senhor: Eu serei estas águas, e elas não causarão mais nem morte, nem esterilidade. (5)

22 Tornaram-se pois sadias as águas até ao dia de hoje conforme a palavra que disse Eliseu.

23 E dali veio para Betel: e indo pelo caminho, uns meninos pequenos saíram da cidade, e zombavam dêle, dizendo: Sobe, calvo, sobe, calvo.

(5) **A FONTE** — Ou fonte de Eliseu, hoje Ain-es-Soultau, "fonte do Sultão", nasce junto do monte de Quarentena; é abundante, a água é fresca e muito agradável ao paladar. Na sua nascente forma um pequeno regato, que corre junto da povoação chamada **El-Riha**, ladeado de tamareiras, com uma vegetação luxuriante, magnífica sombra, pelas altas e copadas árvores, onde se abrigam milhares de pássaros.

24 Eliseu virando-se para êles, os viu, e os amaldiçoou em nome do Senhor: E saíram dois ursos do bosque, e despedaçaram dêles quarenta e dois meninos.

25 Retirou-se pois dali para o monte Carmelo, e de lá voltou para Samaria.

CAPÍTULO 3

O REI DE MOAB RECUSA PAGAR O TRIBUTO AO REI DE ISRAEL. MARCHA ÊSTE PRÍNCIPE CONTRA ÊLE COM O REI DE JUDÁ, E O REI DE EDOM. ELISEU LIVRA O SEU EXÉRCITO DE MORRER DE SÊDE. OS MOABITAS SÃO VENCIDOS.

1 Jorão porém, filho de Acab, reinou sôbre Israel em Samaria no décimo oitavo ano de Josafat rei de Judá. E reinou doze anos.

2 E êle obrou o mal diante do Senhor, mas não tanto como seu pai, e sua mãe: Porque tirou as estátuas de Baal, que seu pai tinha feito.

3 Perseverou todavia sêmpre nos pecados de Jeroboão, filho de Nabat, que fêz pecar a Israel e se não apartou dêles.

4 Ora Mesa, rei de Moab, sustentava muitos gados, e pagava ao rei de Israel cem mil cordeiros, e cem mil carneiros com os seus velos. (1)

(1) MESA — Um acontecimento importante veio improvavelmente esclarecer esta passagem; foi a descoberta dum monumento epigráfico moabita, conhecido hoje pelo nome de Estela de Mesa. Esta descoberta é devida a Clermont Gauneau, chanceler do consulado de França em Jerusalém, e está guardada no Museu do Louvre, seção judaica, da qual é o tesouro mais precioso. E' um bloco monolítico de basalto negro, tendo a forma usual das estelas egípcias, arredondado na parte superior e quadrado na inferior. A inscrição está gravada muito à superfície, por causa da resistência do basalto. Compreende trinta e quatro linhas, e está escrita em

5 Porém depois da morte de Acab, quebrou o ajuste que tinha feito com o rei de Israel.

6 Por isso o rei Jorão saiu naquele dia de Samaria, e fêz revista de todo o Israel.

7 E mandou dizer a Josafat, rei de Judá: O rei de Moab se sublevou contra mim, vem tu comigo a pelejar contra êle. Josafat respondeu: Eu irei. O que é meu é teu: O meu povo é teu povo: E os meus cavalos são teus cavalos.

8 E disse: Por que caminho iremos? E Jorão respondeu: Pelo deserto da Iduméia.

9 Marcharam pois o rei de Israel, e o rei de Judá, e o rei de Edom, e andaram rodeando com uma marcha

dialecto moabita, isto é, uma língua, que é, pouco mais ou menos, a língua da Bíblia. Tôdas as palavras que lá estão, encontram-se, ao menos nas suas raízes, no texto hebraico do Antigo Testamento. Os caracteres são os do antigo hebreu, chamados samaritanos ou fenícios. A estela tem 1 metro de altura por 0,60 de largo. Foi gravada pelos anos 898 ou 897 antes de Cristo, e desde então até 1870 conservou-se junto a um outeiro, perto de Dibon, a este do mar Morto, a três dias de marcha nas cercanias de Jerusalém. A pedra foi quebrada em pedaços pelos beduínos em 1870, porque vendo êstes a importância que os europeus ligavam a esta pedra, julgaram-na um tesouro que ali estava oculto, e quebraram-na para destruir o fantástico depósito. Conseguiu-se, porém, obter a reconstituição com o auxílio de vinte pedaços, que se encontraram. Esta estela de Mesa, além do seu grande valor histórico e bíblico, é importantíssima como monumento arqueológico e paleográfico. E' o mais antigo espécimen conhecido da escritura alfabética. Servirá de ora avante como termo de comparação, para apreciar a idade dos monumentos escritos com caracteres análogos. Tôdas as palavras estão aqui separadas por pontos, e as frases, ou membros da frase, por traços perpendiculares, o que é auxiliar poderoso na tradução dos velhos textos, em que as palavras não são distintas umas das outras. A tradução literal, quanto possível, da inscrição do rei moabita, é a seguinte, segundo Vigouroux, *La Bible et les decouvertes modernes*, advertindo que as palavras que estão em tipo diverso,

de sete dias, e não havia água para o exército, nem para as bestas, que os seguiam.

10 E disse o rei de Israel: Ai, ai, ai! O Senhor nos ajuntou três reis, para nos entregar nas mãos de Moab.

11 E disse Josafat: Aqui não há nenhum profeta do Senhor, para implorarmos por êle o Senhor? E um dos servos do rei de Israel respondeu: Aqui está Eliseu, filho de Safat, que dava água às mãos a Elias.

12 E disse Josafat: A palavra do Senhor está nêle. E foram ter com êle o rei de Israel, e Josafat, rei de Judá, e o rei de Edom.

13 E Eliseu disse ao rei de Israel: Que tenho eu contigo? Vai ter com os profetas de teu pai, e de tua

são intercaladas para a melhor inteligência da escrita; as que estiverem entre parênteses, são as que conjeturalmente suprem as lacunas; o ponto de interrogação indica que o sentido é duvidoso; os traços correspondem aos da inscrição:

1 Eu sou Mesa, filho de Camos (rei) de Moab, o (Di)

2 bonita / Meu pai reinou em Moab trinta anos, e eu reinei

3 depois de meu pai. / Eu fiz êste bamah (significa lugar alto, aqui designa a estela). (Nota de Vigouroux) em Camos, em Qoska ba (moab de Mé

4 sa) porque me salvou de todos os agressores e me fêz ver todos os meus inimigos vencidos / A (sur)

5 i ERA rei de Israel, e oprimiu Moab durante inúmeros dias, porque Camos estava irritado contra a sua (terr)

6 a / E seu filho ACAB lhe sucedeu e lhe disse: Eu oprimirei Moab / Em meus dias e falou.

7 Mas eu o vi a MEUS PÊS, êle e a sua casa / E ISRAEL morreu, morreu para sempre (?) E Asuri tinha tomado a (ter)

8 ra de Medeba e Israel habitara (durante os dias do tempo de Amri / E a metade dos dias. . .

9 Camos em meus dias, no meu tempo / e eu levantei Baal-meon, fiz reservatórios (?) e eu (construí)

10 Cariataim / E os homens de Gad habitaram na terra de (Ataro)th. /

11 E eu ataquei a cidade, tomci-a / e matei todos os homens

4 Reis 3, 14

mãe. E o rei de Israel lhe disse: Por que ajuntou o Senhor êstes três reis, para os entregar nas mãos de Moab?

14 E Eliseu lhe respondeu: Viva o Senhor dos exércitos em cuja presença estou, que se não fôsse por respeitar a pessoa de Josafat rei de Judá, eu sem dúvida te não atenderia, nem poria em ti os olhos.

12 Da cidade, espetáculo agradável em Camos e em Moab / E eu levei de lá Ariel Dode e eu o (colo)

13 quei por terra defronte de Camos em Carlot / E aí fiz habitar os homens de Sacon, e os homens

14 de Makarat (?) / E Camos me disse: Vai, toma Nabo sobre Israel (o Eu)

15 fui de noite e combati contra êle desde o romper da lua até ao meio dia / (E eu)

16 a tomei e matei tudo, isto é SETE mil homens e suas mulheres (E deixei vivas as virgens).

17 (As filhas es)cravas, porque em Astar Camos as tinha consagrado / E tomei de lá (os va)

18 sos de Jeová e os coloquei em Camos / E o rei de Israel tinha construído.

19 Gaza, e habitava aí quando investiu comigo / E Camos o expulsou da sua frente.

20 Eu tomei duzentos homens de Moab, tôda a cabeça, seus chefes / levei-os contra Gaza e a tomei

21 para ajuntar a Dibon / Levantei Qoska o muro de Garisim e o muro

22 de Ofel (?) / E construí suas portas e tôrres / e

23 edifiquei a casa do rei / fiz dois reservatórios (?) (para a água) no mei(o da)

24 cidade / E não havia poço no meio da cidade em Qoska e eu disse a todo o povo Fazei

25 vós cada um poço em casa / E en FIZ abrir canais, PARA CONDUZIR A ÁGUA para Qoska, pelos prisioneiros (?)

26 de Israel. Construí (Aro) er e a estrada de Arnon.

27 Edifiquei Bet-Barrot, que estava em ruínas / Construí Bosor, porque em ruínas

28 (se tinha tomado. Os chefes) de Dibon ERAM cinqüenta porque o Dibon obedecia / E reinei

15 Mas agora mandai-me cá um harpista. E quando êste cantava ao som da harpa, foi a mão do Senhor sobre Eliseu, e disse:

16 Eis-aqui o que diz o Senhor: Fazei várias poças pela madre desta torrente.

17 Porque eis-aqui o que diz o Senhor: Vós não vereis vento, nem chuva: Mas esta madre se encherá de água, e bebereis vós e os vossos servos, e as vossas bêstas. (2)

18 E isto é pouco na presença do Senhor: Ainda mais êle entregará também Moab nas vossas mãos.

19 E vós destruireis tôdas as cidades fortes, e tôdas as praças as mais importantes, e cortareis pelo pé tôdas as árvores frutíferas, e entupireis tôdas as fontes

29 sobre (?) com CHEFES nas cidades que juntei à terra de Moab. E construí

30 Medaba e Bet-Diblataim / Bet-Baal-Meon e tomei os pastores

31 ...rebanhos da terra / E Orenaïm, habitava...

32 E Camos me disse: Desce e combate contra Orenaïm e Eu...

33 Camos entregou-me em meus dias e subi

34 E eu...

Tal é a inscrição, onde se encontram os nomes das cidades moabitas, a que se refere o texto sagrado. Mesa conta-nos os seus sucessos, nada nos diz dos seus reveses. Levantou um monumento que celebrasse as suas conquistas, mas não deixou outro, que memorasse as suas desgraças. O Livro dos Reis completa a notícia da ruína dessas cidades que edificou, e de cujos melhoramentos tanto se gloriara. Pena é estar esta inscrição mutilada, e por consequência sempre incompleta, mas nem por isso perde o seu altíssimo valor, pois é uma das conquistas mais preciosas da nossa época para a exegese bíblica, e para a confirmação dos livros santos.

(2) VÓS NÃO VEREIS — A tempestade devia rebentar no sul nas montanhas da Iduméia, longe do campo, e engrossar as torrentes que correm neste lugar do sul para o norte.

4 Reis 3, 20-27

de água, e cobrireis de pedras todos os campos mais férteis.

20 Sucedeu pois pela manhã, quando se costuma oferecer o sacrifício, e eis que desceram as águas pelo caminho de Edom, e a terra se encheu de água.

21 Todos os moabitas porém sabendo que eram vindos os reis para pelejarem contra eles, ajuntaram todos os que pegavam em armas, e os esperaram nas fronteiras.

22 E levantando-se ao romper da manhã, e raian-do já o sol sobre as águas, viram os moabitas defronte de si as águas vermelhas como sangue, (3)

23 e disseram: E' sangue derramado pela espada: Os reis pelejaram contra si, e de parte a parte se mata-ram: Marcha agora, ó Moab, à prêsa.

24 E vieram ao campo de Israel: Mas os israelitas levantando-se bateram os moabitas: Êstes fugiram à sua vista. Os vencedores vieram em seu alcance, e mata-ram os moabitas,

25 e destruíram as cidades: E encheram todos os campos os mais férteis de pedras, que cada um lançou: E entupiram tôdas as fontes de água: Deitaram abaixo tôdas as árvores frutíferas de modo que ficaram só em pé os muros feitos de barro: E a cidade foi cercada pe-los que atiravam com funda, e em uma grande parte ficou demolida.

26 Vendo o rei de Moab que os inimigos prevale-ciam, tomou consigo setecentos homens de guerra, que investissem o rei de Edom: Mas eles não puderam.

27 E pegando em seu filho primogênito, que havia de reinar depois dêle, o ofereceu em holocausto sobre o

(3) **AS AGUAS VERMELHAS** — Naturalmente porque tinham tomado a côr dos terrenos por onde passavam em sua impetuosa corrente, e ainda pelos clarões do sol ardentíssimo.

muro, e os israelitas se indignaram em extremo, e logo se retiraram dêle, e voltaram para o seu país.

CAPÍTULO 4

ELISEU MULTIPLICA O AZEITE A UMA POBRE VIÓVA. ALCANÇA DE DEUS UM FILHO A UMA SUNAMITA. RESSUSCITA-LHE ESTE MENINO. ADOÇA A AMARGURA DE ALGUMAS ERVAS. FARTA A CEM PESSOAS COM POUCOS PÃES.

1 Mas uma mulher que o era de um dos profetas gritou a Eliseu, dizendo: Teu servo meu marido morreu, e tu sabes que teu servo era temente ao Senhor: E agora eis vem o credor levar-me os meus dois filhos para serem seus escravos. (1)

2 Eliseu lhe disse: Que queres que eu te faça? Diz-me, que tens em tua casa? E ela respondeu: Eu tua serva não tenho em minha casa outra coisa senão um pouco de azeite, para me ungir.

3 Disse-lhe Eliseu: Vai, pede emprestadas às tuas vizinhas bastantes vasilhas despejadas.

4 E entra, e fecha a tua porta, depois que estiveres de dentro tu, e teus filhos: E deita do azeite em tôdas estas vasilhas: E estando cheias, tirá-las-ás.

5 Foi pois a mulher, e fechou a porta sôbre si, e sôbre seus filhos: Os filhos lhe chegavam as vasilhas, e ela as enchia.

6 Cheias que foram as vasilhas, disse ela a um de seus filhos: Chega-me cá ainda alguma outra vasilha. E êle lhe respondeu: Não a tenho. E o azeite parou.

(1) O CREDOR — A lei judaica não autorizava o credor a escravizar o devedor insolúvel; mas estava estabelecido em uso. No Lev 25, 39-47, diz-se sômente que o indigente pode ser vendido como escravo.

7 Veio pois ela, e o declarou ao homem de Deus. E êle disse: Vai, vende o azeite, e paga ao teu credor: E tu, e teus filhos vivei do resto.

8 Aconteceu também que Eliseu um dia passava por Sunam: E havia ali uma mulher grave, a qual teve mão nêle para comer o pão: E como êle passava frequentemente por ali, ia pousar em sua casa para tomar a sua refeição.

9 A qual disse a seu marido: Tenho observado que êste homem, que passa tantas vêzes por nossa casa, é um homem de Deus, e um santo.

10 Façamos-lhe pois um pequeno quarto, e ponhamos nêle uma cama, e uma mesa, e uma cadeira, e um candeeiro, para que quando vier a nossa casa, se acomode ali.

11 Aconteceu pois que um dia veio, e se alojou no quarto, e descansou nêle.

12 E disse a Giezi, seu criado: Chama esta sunamita. E tendo-a êle chamado, e estando ela em pé diante dêle,

13 disse ao seu criado: Dize-lhe: Tu nos tens tratado com todo o desvêlo, que queres que eu te faça? Aca-so tens algum negócio, e queres que fale ao rei, ou ao general dos seus exércitos? Ela respondeu: Eu vivo no meio do meu povo.

14 E disse: Que quer pois que eu lhe faça? E Giezi respondeu: E' escusado perguntar-lho: Porque ella não tem filhos, e seu marido é já velho.

15 Mandou-lhe pois que a chamasse: E chamada que ela foi, e tendo-se pôsto diante da porta,

16 Eliseu lhe disse: Neste tempo e nesta mesma hora, se Deus te conservar com vida, terás um filho no teu ventre. E ella respondeu: Não meu senhor, homem de Deus, não enganes, te peço, a tua escrava.

17 E a mulher concebeu, e pariu um filho no mesmo tempo, e à mesma hora, que Eliseu lhe dissera.

18 E o menino cresceu. E tendo ido um dia buscar a seu pai, que estava com os ceifeiros,

19 disse a seu pai: Dói-me a cabeça, dói-me a cabeça. E êle disse a um servo: Toma êste menino e leva-o a sua mãe. (2)

20 E tendo o servo pegado nêle, e levado a sua mãe, ela o pôs sôbre os seus joelhos, até o meio-dia, e morreu.

21 Mas a mãe subiu, e pôs o menino em cima da cama do homem de Deus, e fechou a porta: E saindo,

22 chamou a seu marido, e lhe disse: Manda comigo, te peço, um dos teus servos, e uma jumenta, para eu ir à pressa até o homem de Deus, e voltarei.

23 O marido lhe disse: Por que vais ter com êle? Hoje não são Calendas, nem Sábado. Ela respondeu: Eu irei.

24 E fêz aparelhar a jumenta, e disse ao servo: Guia-me, e apressa-te, não me demores no caminho: E faze o que te ordeno.

25 Partiu pois, e foi ter com o homem de Deus ao monte Carmelo: E o homem de Deus tendo-a visto vir para êle, disse para o seu criado Giezi: Eis-aí vem aquella sunamita.

26 Vai pois a recebê-la, e dize-lhe: Vai-te bem a ti, e a teu marido e a teu filho? Respondeu-lhe ela: Muito bem. (3)

27 E tendo vindo ter com o homem de Deus ao monte, se deitou a seu pés: E Giezi se chegou para a retirar. Mas o homem de Deus lhe disse: Deixa-a: Por-

(2) **DÓI-ME A CABEÇA** — Resultado das insolações, o que era freqüente na Palestina.

(3) **MUITO BEM** — Resposta evasiva; a sunamita não julga necessário dar mais esclarecimentos a Giezi.

que a sua alma está em amargura, e o Senhor mo encobriu, e não mo manifestou. (4)

28 Ela lhe disse: Acaso pedi-te eu algum filho, meu senhor? Não te disse eu: Não me enganes?

29 E Eliseu disse a Giezi: Cinge os teus rins, e toma o meu bordão na mão, e parte. Se encontrares alguém não o saúdes: E se alguém te saudar, não lhe respondas: E porás o meu bordão sobre o rosto do menino. (5)

30 Porém a mãe do menino disse: Viva o Senhor, e viva a tua alma, que eu não te largarei. Partiu êle pois e a seguiu. (6)

31 Giezi porém tinha ido adiante dêles, e tinha pôsto o bordão de Eliseu sobre o rosto do menino, mas êle não tinha nem fala, nem sentidos: E voltou a encontrar-se com êle, e lho noticiou, dizendo: O menino não ressuscitou.

32 Entrou pois Eliseu na casa, e o menino estava morto em cima da sua cama:

33 E tendo entrado cerrou a porta sobre si, e sobre o menino: E fêz oração ao Senhor.

34 E subiu à cama, e deitou-se sobre o menino: E pôs a sua bôca sobre a bôca dêle, e os seus olhos sobre os olhos dêle, e as suas mãos sobre as mãos dêle: E encurvou-se sobre êle, e cobrou calor a carne do menino.

(4) **SE DEITOU A SEUS PÉS** — Era costume trivial, ainda subsistente no Oriente, de se prostrar o que suplicava perdão ou auxílio, em sinal de respeito, humildade e arrependimento dos seus crimes, ou como prova do seu desânimo e abandono.

(5) **O MEU BORDÃO** — Atualmente, no Oriente, os grandes personagens fazem-se representar enviando um mensageiro, que conduz o seu bastão.

(6) **NÃO TE LARGAREI** — A sunamita mostra a grande confiança que tem no profeta, mas só nêle.

35 E êle descendo deu duas voltas pela casa: E subiu e estendeu-se sôbre êle: E o menino bocejou sete vêzes, e abriu os olhos.

36 Então êle chamou a Giezi, e lhe disse: Chama essa sunamita: A qual sendo chamada entrou no quarto onde êle estava. E Eliseu lhe disse: Toma o teu filho.

37 Chegou-se ela, lançou-se a seus pés, e o adorou prostrada em terra: E tomou seu filho, e saiu,

38 e Eliseu voltou para Galgala. E neste país havia fome, e os filhos dos profetas habitavam com êle: E disse a um dos seus criados: Pega numa panela grande, e faze de comer para os filhos dos profetas.

39 E saiu um ao campo para apanhar umas ervas bravas: E achou uma como parra silvestre, e colheu dela as colquintidas do campo, e encheu a sua capa, e tendo voltado, as cortou em pedaços dentro da panela das papas mas não conhecia o que era. (7)

40 Deram pois delas aos companheiros para comerem: E tendo provado do guisado, gritaram, dizendo: Homem de Deus, a panela tem coisa mortífera. E não puderam comer.

41 Mas êle lhes disse: Trazei-me farinha. E tendo-lha trazido, a lançou na panela, e disse: Deita à gente, para que coma. E não houve mais amargor algum na panela.

42 Veio também um homem de Baalsalisa que trazia ao homem de Deus uns pães das primícias, vinte pães de cevada, e trigo novo no seu alforje. E Eliseu disse: Dá ao povo para que coma. (8)

(7) **COLOQUINTIDAS** — E' uma planta que produz uns frutos semelhantes na forma e volume à nossa laranja, tendo porém violentas propriedades purgativas.

(8) **BAALSALISA** — No distrito de Salisa, perto de Galgala, hoje Dgildgilia.

43 E o seu criado lhe respondeu: Que é isto, para eu o pôr diante a cem pessoas? Êle disse outra vez: Dá ao povo para que coma: Porque eis-aqui o que diz o Senhor: Comerão e sobejará.

44 Pôs-lhos pois diante: Comeram, e ainda sobrou, conforme a palavra do Senhor.

CAPÍTULO 5

NAAMAN E' CURADO DE LEPROA POR ELISEU. GIEZI E' FERIDO DO MESMO MAL POR TER RECEBIDO PRESENTES DE NAAMAN.

1 Naaman, general do exército do rei da Síria, era um homem poderoso, e de grande privança junto a seu amo: Porque por êle salvou o Senhor a Síria: E era um homem valente e rico, mas leproso. (1)

2 Ora uns ladrões haviam saído da Síria, e tinham levado cativa do país de Israel uma rapariga pequena, que estava ao serviço da mulher de Naaman,

3 a qual disse a sua ama: Prouvera a Deus que meu senhor tivera ido buscar o profeta, que está em Sa-

(1) **NAAMAN** — Habitava Damasco, e, segundo o testemunho de Josefo, foi o assassino involuntário do rei Acab com uma flecha arremessada ao acaso. 3 Rs 22, 34. Conserva-se nítida a recordação dêste personagem e a casa da sua habitação é agora um hospital de leprosos, onde se recolhem homens e mulheres completamente desfigurados. A pior espécie de lepra é a tuberculosa, hipertrofica e ulcerosa, cuja marcha é progressiva e lenta, afetando os órgãos essenciais à vida: é incurável e mortal, e era neste estado que se encontrava Naaman, quando Eliseu o curou. O dr. Guiboset escreveu acêrca da casa de Naaman: *Nous avons visité cette antique maison de Naaman devenue, pour consacrer le souvenir de sa guérison miraculeuse une léproserie.* Dr. Guiboset, Jerusalem, Le Caire, Damas, 1889, pág. 293.

maria: Sem dúvida êle o tivera curado da lepra, que padece.

4 Sobre isto foi Naaman ter com seu amo, e declarou-lhe, dizendo: Uma rapariga do país de Israel disse isto e isto.

5 E o rei da Síria lhe respondeu: Vai, eu enviarei uma carta ao rei de Israel. Partindo pois Naaman, e levando consigo dez talentos de prata, e seis mil escudos de ouro, e dez vestidos para mudar,

6 levou ao rei de Israel a carta concebida nestes termos: Quando tu tiveres recebido esta carta, saberás que eu te enviei Naaman meu servo, para o curares da sua lepra.

7 E tendo o rei de Israel lido a carta, rasgou os seus vestidos, e disse: Acaso sou eu Deus, para poder tirar, e dar vida, como assim êste me enviou um homem, para eu o curar da sua lepra? Adverti, e vêde que anda buscando ocasião de romper comigo.

8 O que tendo ouvido Eliseu, homem de Deus, a saber, que o rei de Israel rasgara os seus vestidos, mandou-lhe dizer: Por que rasgaste os teus vestidos? Venha ter comigo, e saiba que há um profeta em Israel.

9 Veio pois Naaman com os seus cavalos, e carroças, e parou à porta da casa de Eliseu,

10 e Eliseu lhe enviou um mensageiro, dizendo: Vai, lava-te sete vêzes no Jordão, e a tua carne será curada, e ficarás limpo.

11 Naaman agastado se retirava, dizendo: Eu cuidava que êle sairia a buscar-me, e que pôsto em pé invocaria o nome do Senhor seu Deus, e que me tocaria com a sua mão o lugar da lepra, e que me curaria.

12 Acaso Abana, e Farfar, rios de Damasco, não são melhores do que tôdas as águas de Israel, para eu

4 Reis 5, 13-18

me lavar nelas e ficar limpo? Como êle pois voltasse, e se retirasse enfadado, (2)

13 chegaram-se a êle os seus servos, e lhe disseram: Pai, ainda quando o profeta te houvesse ordenado uma coisa muito difícil, devêras tu sem dúvida fazê-la: Quanto mais agora que êle te disse: Lava-te e ficarás limpo.

14 Foi êle pois, e lavou-se sete vêzes no Jordão conforme a palavra do homem de Deus, e a sua carne se tornou, bem como a carne dum menino muito tenro, e ficou limpo.

15 E voltando para o homem de Deus com tôda a sua comitiva, veio, e se apresentou diante dêle, e disse: Eu sei certamente que não há outro Deus em tôda a terra, senão o que há em Israel. Rogo-te pois que recebas de teu servo alguma oferta.

16 Mas êle respondeu: Viva o Senhor, em cuja presença estou, que eu a não receberei. E por mais que instasse, absolutamente não condescendeu.

17 E disse Naaman: Seja como tu queres: Mas peço-te que me permitas levar dois machos carregados da terra dêste país: Porque o teu servo não sacrificará mais holocaustos, ou vítimas aos deuses estrangeiros, senão ao Deus de Israel.

18 Esta só coisa porém há pela qual rogues ao Senhor pelo teu servo, quando meu amo entrar no templo de Remon, para adorar: E segurando-se êle no meu braço, se eu adorar no templo de Remon, adorando êle

(2) **ABANA E FARFAR** — Damasco é banhada por dois rios importantes, chamados hoje Barada e Aonadj. O Barada, nome árabe, que quer dizer "o frio", "o gelo", é o Abana. Fertiliza os jardins e vai desaguar a vinte quilômetros da cidade, no lago el-Atribh. O Farfar é o Aonadj, que significa "recurvado". Não passa em Damasco, mas banha o seu território e vai até ao lago Zeldjaim.

no mesmo lugar, que o Senhor me perdoe a mim teu servo por esta causa (3)

19 Eliseu lhe respondeu. Vai-te em paz. Retirou-se pois dêle no melhor tempo do ano.

20 E Giezi criado do homem de Deus disse: Meu amo perdoou a êste Naaman siro, não querendo receber nada do que êle lhe trouxera: Viva o Senhor, que eu correrei atrás dêle, e receberei dêle alguma coisa.

21 E Giezi foi em alcance de Naaman: O qual, vendo-o vir correndo para êle, saltou do coche a recebê-lo, e disse: Está tudo bom?

22 E êle respondeu: Muito bom: Meu amo me enviou a dizer-te: A esta hora chegaram do monte de Efraim dois moços dos filhos dos profetas: Dai-lhes um talento de prata, e dois vestidos para mudarem.

23 E disse Naaman: Melhor é que aceites dois talentos. E obrigou-o a isso, e atou os dois talentos de prata, e os dois vestidos em dois sacos, e carregou com êles dois dos seus servos, que os levaram diante de Giezi.

24 E chegada já a tarde, tomou-os êle das suas mãos, e os guardou em sua casa, e despediu os homens, e êles se foram:

25 Tendo êle pois entrado, pôs-se diante de seu amo. E Eliseu lhe disse: De onde vens, Giezi? Êle lhe respondeu: Teu servo não foi a parte alguma.

(3) ESTA SÓ COISA — Os intérpretes justificam o pedido de Naaman e o despacho de Eliseu. O primeiro tinha de ir ao templo acompanhando o rei, dando-lhe o braço, e prostrando-se quando o seu senhor se prostrava; mas nisto não havia outra coisa senão um simples serviço prestado ao rei, sem que no seu coração houvesse outro sentimento que não fôsse o da fé e obediência ao verdadeiro Deus. E' verdade que suplica a indulgência do Senhor, mas é porque teme que a sua ação seja mal interpretada por aquêles que a presenciarem, e para que fique um documento da sua humildade e fé em Deus.

26 Mas Eliseu lhe replicou: Pois não tinhas presente o meu espírito, quando aquêlê homem desceu do coche ao teu encontro? Tu agora pois recebeste vestidos, para comprares olivais, vinhas e ovelhas, e bois, e servos, e servas.

27 Mas também a lepra de Naaman se pegará a ti, e a tôda a tua geração para sempre. E Giezi saiu da sua presença leproso como a neve.

CAPÍTULO 6

ELISEU FAZ VIR ACIMA DA ÁGUA O FERRO DUM MACHADO. DESCOBRE AO REI DE ISRAEL A EMBOSCADA, QUE LHE QUERIA ARMAR O REI DA SÍRIA. ÊSTE MANDA SOLDADOS, QUE PRENDAM O PROFETA. O REI DA SÍRIA CERCA A SAMARIA, E CAUSA NELA UMA FOME HORROROSA.

1 Disseram porém os filhos dos profetas a Eliseu: Vê que o lugar, em que moramos contigo, é estreito para nós.

2 Vamos até o Jordão, cada um de nós corte madeiras do bosque, para edificarmos aí lugar para nós habitar. Êle respondeu: Ide.

3 E um dêles lhe disse: Pois vem tu também com os teus servos. Êle respondeu: Eu irei.

4 E foi com êles. E chegados êles ao Jordão, cortavam madeiras.

5 Aconteceu porém que um cortando uma árvore, caiu na água o ferro do machado: E êle gritou, e disse: Ai, ai, ai, meu Senhor! Que êste mesmo o tinha eu pedido emprestado:

6 E o homem de Deus disse: Onde caiu? E êle lhe mostrou o lugar. Cortou pois Eliseu um pau, e o lançou no mesmo lugar: E o ferro saiu acima nadando,

7 e disse: Tira-o. Estendeu êle a mão, e o tirou.

8 Ora o rei da Síria pelejava contra Israel, e teve conselho com os seus oficiais, dizendo: Armemos emboscadas em tal, e em tal lugar. (1)

9 Mandou pois o homem de Deus dizer ao rei de Israel: Acautela-te, não passes por acolá: Porque os siros estão ali de emboscada.

10 Mandou pois o rei de Israel ao lugar que o homem de Deus lhe dissera, e tomou-o de antemão, e assim se guardou mais duma e de duas vêzes.

11 E turbou-se com êste acidente o coração do rei da Síria: E convocados os seus servos, disse: Por que não descobris vós quem é o que me faz traição junto ao rei de Israel?

12 E um dos seus servos respondeu: Não é assim, ó rei meu senhor, mas o profeta Eliseu, que está em Israel, descobre ao rei de Israel tudo o que dizes no teu gabinete. (2)

13 E êle lhes disse: Ide, e vêde onde êle está, para eu o mandar prender. E o avisaram, dizendo: Eliseu está em Dotan.

14 Mandou logo cavalaria e coches, e as suas melhores tropas: E tendo êles chegado de noite, cercaram a cidade.

15 Porém levantando-se ao amanhecer o criado do homem de Deus, saindo fora, viu o exército em tórno da cidade, e a cavalaria e os coches: E o avisou disso, dizendo: Ai, ai, ai, meu senhor, que faremos?

(1) O REI DA SÍRIA — Êste rei a quem se refere o texto é Benadad II. Poder-se-ia supor que Goran, por causa dos reveses sucedidos, se negasse a continuar na liga, o que explica êste plano da invasão do rei da Síria.

(2) UM DOS SEUS SERVOS — Querem alguns que fôsse Naaman.

16 Mas Eliseu respondeu: Não temas: Muitos mais estão conosco, do que com êles.

17 E fazendo oração Eliseu, disse: Senhor, abre os olhos dêste, para que veja. E abriu o Senhor os olhos do criado, e viu: E eis que se vê o monte cheio de cavalos, e de carroças de fogo ao redor de Eliseu. (3)

18 Os inimigos porém desceram a êle: E Eliseu fêz a sua oração ao Senhor, dizendo: Fere, te peço, de cegueira a esta gente. E o Senhor os feriu de cegueira, conforme a palavra de Eliseu. (4)

19 E Eliseu lhes disse: Êste não é o caminho, nem esta a cidade: Segui-me, e eu vos mostrarei o homem que vós buscais. Êle pois os levou a Samaria:

20 E tendo êles entrado em Samaria, disse Eliseu: Senhor, abre-lhes os olhos, para que vejam. E abriu-lhes o Senhor os olhos, e viram que estavam no meio de Samaria:

21 E o rei de Israel tendo-os visto, disse a Eliseu: Matá-los-ei, meu pai?

22 Mas êle respondeu: Não os matarás: Porque tu os não cativaste com a tua espada, nem com o teu arco para os matar: Mas manda-lhes pôr diante pão, e água, para que comam, e bebam, e tornem para seu amo.

23 E apresentou-se-lhes uma grande quantidade de alimentos, e comeram, e beberam, e os despediu, e êles voltaram para seu amo, e não tornaram mais os ladrões da Síria às terra de Israel.

24 E aconteceu depois que Benadad, rei da Síria, ajuntou tôdas as suas tropas, e veio sitiar Samaria.

(3) O MONTE — A colina isolada sôbre a qual está situado Dotan.

(4) E O SENHOR OS FERIU — Vigouroux, ob. cit., entende que Deus não os cegou realmente, permitiu sômente que fôsem vítimas de uma ilusão.

25 E houve uma grande fome em Samaria: E continuou o seu assédio até ao extremo de se vender a cabeça de um jumento por oitenta moedas de prata, e a quarta parte dum cabo de estêrco de pombas, por cinco moedas de prata.

26 E passando o rei de Israel pelo muro, gritou-lhe uma mulher, dizendo: Salva-me, ó rei meu senhor. (5)

27 O qual disse: O Senhor te não salva: Como posso eu salvar-te? Da eira, ou do lagar? E o rei lhe disse: Que é o que tu queres? Ela respondeu:

28 Esta mulher me disse: Dá-me o teu filho, para o comermos hoje, e amanhã comeremos o meu filho.

29 Cozemos pois o meu filho, e o comemos. E ao outro dia lhe disse eu: Dá o teu filho para o comermos. E ela escondeu o seu filho.

30 O rei tendo isto ouvido, rasgou os seus vestidos, e ia passando pelo muro. E todo o povo viu o cilício, que êle trazia vestido à raiz da carne.

31 E o rei disse: Deus me trate com todo o seu rigor, se a cabeça de Eliseu, filho de Safat, lhe ficar hoje sôbre os ombros.

32 Eliseu porém estava assentado em sua casa, e estavam assentados com êle uns velhos. Mandou pois o rei um homem: E antes que êste mensageiro chegasse, disse para os velhos: Não sabeis vós que êste filho do homicida mandou que se me cortasse a cabeça? Tende pois cuidado, que quando o mensageiro chegar, fecheis a porta, e não o deixeis entrar: Porque eis aí sinto eu o estrondo dos pés de seu amo, que vem após êle.

33 Quando Eliseu ainda estava falando com êle, eis que apareceu o mensageiro, que vinha para êle. E êle

(5) PELO MURO — Sem dúvida o muro que cercava a cidade de Samaria.

disse: Vêde que tão extrema desgraça nos vem do Senhor: Que mais esperarei eu do Senhor? (6)

CAPÍTULO 7

ELISEU PREDIZ UMA GRANDE ABUNDANCIA DE VÍVERES EM SAMARIA. OS SIROS FOGEM, E DEIXAM TODOS OS SEUS PROVIMENTOS. UM OFICIAL DO REI, QUE NÃO TINHA CRIDO NA PREDIÇÃO DE ELISEU, É MORTO, PISADO, E ABAFADO À PORTA DA CIDADE.

1 E Eliseu lhe respondeu: Ouvi a palavra do Senhor: Eis-aqui o que diz o Senhor: Amanhã a esta hora dar-se-á um módio de pura farinha, por um estáter, e se darão módios de cevada, por um estáter na porta de Samaria. (1)

2 Respondendo um dos grandes, a cujo braço estava o rei encostado, ao homem de Deus, disse: Ainda quando o Senhor faça chover víveres do céu, poderá acaso ser o que tu dizes? Êle lhe disse: Tu o verás com os teus olhos, e não comerás daí.

3 Estavam pois quatro homens leprosos à entrada da porta: Os quais disseram entre si: Para que estamos nós aqui até morrermos?

4 Se quisermos entrar na cidade, morreremos de fome: Se ficarmos aqui, morreremos também: Vamo-nos pois, e passemos para o campo dos siros. Se êles se

(6) **E ELE DISSE** — Oferece dúvida quem é este “êle”. O texto hebreu atual traz male'ak “o mensageiro”, mas no texto primitivo estava melek “o rei”, e por isso entende-se que era o mesmo rei. Opinião de Josefo, Teodoreto, Nicolau de Lira, Caniêres, Vigoureux. etc.

(1) **UM MÓDIO** — Correspondia a 13 litros.

ESTATER — Equivalente a um siclo, aproximadamente quinhentos réis.

compadecerem de nós, viveremos, e se nos quizerem matar, sem dúvida morreremos.

5 Partiram pois à tarde, para darem consigo no campo dos siros. E tendo chegado à entrada do campo dos siros, não acharam ali ninguém.

6 Porque o Senhor tinha feito ouvir no campo dos siros um estrondo de carroças, e de cavalos, e de um exército muito numeroso: E os siros disseram entre si: Sem dúvida que o rei de Israel fez assoldadar contra nós os reis dos heteus, e dos egípcios, e ei-los aí vêm sobre nós. (2)

7 Abalaram pois, e fugiram de noite, e deixaram no campo as suas tendas, e os seus cavalos, e jumentos, e fugiram cuidando somente de salvar as suas vidas.

8 Tendo pois chegado aquêles leprosos à entrada do campo, entraram numa barraca; e comeram, e beberam: E levaram dali prata e ouro, e vestidos, e retiraram-se, e os esconderam: E tornaram outra vez a outra barraca, e tirando da mesma sorte o esconderam.

9 E disseram um para o outro: Não fazemos bem: Porque êste é um dia de boa nova. Se nós nos calarmos, e não quisermos avisar até amanhã seremos argüídos de um crime: Vamos, e avisemos em a côrte do rei.

10 E tendo chegado à porta da cidade, contaram-lhes, dizendo: Nós fomos ao campo dos siros, e não achamos lá homem algum, mas somente cavalos, e jumentos presos, e as suas tendas armadas.

(2) OS REIS DOS HETEU E DOS EGÍPCIOS — Os heteus ao norte, na Síria até ao Eufrates, e ao sul os egípcios, eram os povos mais poderosos nas vizinhanças de Israel. Os sírios julgavam que eles vinham em auxílio dos israelitas.

4 Reis 7, 11-18

11 Foram pois os guardas da porta, e deram aviso aos de dentro no palácio do rei. (3)

12 Ele se levantou de noite, e disse aos seus oficiais: Vêde em que deram os siros contra nós: Como sabem que a fome nos aperta, e por isso saíram do seu arraial, e estão escondidos pelos campos, dizendo: Logo que saírem da cidade, nós os apanharemos vivos, e então poderemos entrar na cidade.

13 Mas um dos servos do rei respondeu: Tome-mos os cinco cavalos, que ficaram na cidade (porque só êstes restaram de tão grande número que havia em Israel, porque os outros foram consumidos) e mandando êstes, poderemos descobrir o que vai.

14 Tomaram pois dois cavalos, e o rei mandou ao campo dos siros, dizendo: Ide, e vêde.

15 Êles foram em seu seguimento até o Jordão: E acharam que todo o caminho estava cheio de vestidos, e de armas, que os siros tinham arrojado com a sua turbação: e voltando os mensageiros deram conta ao rei.

16 E tendo saído o povo esbulhou o campo dos siros: E um módio de pura farinha foi vendido por um estáter, e dois módios de cevada por um estáter, conforme a palavra do Senhor.

17 E o rei pôs à porta aquêle official, no braço do qual êle se segurava: Ao qual atropelou o concurso do povo à entrada da porta, e morreu, conforme lho tinha predito o homem de Deus, quando o rei o veio buscar.

18 E assim se cumpriu segundo a palavra que o homem de Deus tinha predito ao rei, quando lhe disse:

(3) OS GUARDAS DA PORTA — As sentinelas encarregadas de defender a cidade dum ataque imprevisto do inimigo, e por isso lhes cumpria dar aviso de tudo quanto acontecesse.

Amanhã a esta mesma hora darão à porta de Samaria por um estáter dois módios de cevada, e um módio de pura farinha por um estáter:

19 Quando aquêles oficial tinha respondido ao homem de Deus, e tinha dito: Ainda quando o Senhor faça chover víveres do céu, poderá acaso ser o que tu dizes? E lhe disse: Tu o verás com os teus olhos, e não comerás daí.

20 Como Eliseu lhe tinha predito, assim lhe sucedeu, e o povo o atropelou na porta, e morreu.

CAPÍTULO 8

A SUNAMITA TORNA A VIR PARA ISRAEL DEPOIS DOS SETE ANOS DE FOME. ELISEU VAI A DAMASCO, E PREDIZ A MORTE DE BENADAD, E O REINADO DE HAZAEL. JORÃO, FILHO DE JOSAFAT, REINA EM JUDA. REVOLTA DOS IDUMEUS. MORTE DE JORÃO. SUCEDE-LHE OCOZIAS.

1 Eliseu porém falou àquela mulher, cujo filho êle ressuscitara, dizendo: Levanta-te, vai tu e a tua família, e sai do teu país por onde quer que puderes: Porque o Senhor chamou a fome, e ela virá sôbre a terra por sete anos.

2 Levantou-se ela, e fez conforme o que o homem de Deus lhe tinha dito: E indo com tôda a sua família, peregrinou largo tempo na terra dos filisteus. (1)

3 Passados que foram os sete anos, voltou a mulher da terra dos filisteus: E foi ter com o rei a reclamar pela sua casa, e pelas suas fazendas.

(1) **TERRA DOS FILISTEUS** — A planície de Sêfela, coberta de verdejantes jardins e de magníficos vergéis; era duma fertilidade espantosa, produzindo o trigo em tal abundância, que lhe chamavam o celeiro, que era o refúgio em tempos de fome.

4 Falava pois o rei com Giezi, criado do homem de Deus, dizendo: Conta-me tôdas as maravilhas que Eliseu tem feito.

5 E referindo êle ao rei como Eliseu tinha ressuscitado um morto, apareceu a mulher, cujo filho êle tinha ressuscitado reclamando ao rei pela casa, e pelas suas fazendas. E disse Giezi: O' rei meu senhor, esta é a mulher, e êste é o seu filho, que Eliseu ressuscitou.

6 E perguntou o rei à mulher: E ela lho contou. E o rei lhe deu um eunuco, dizendo: Faze-lhe restituir tudo o que é seu, e todos os réditos de suas fazendas desde o dia em que ela deixou a terra até o presente.

7 Veio também Eliseu a Damasco, e Benadad, rei da Síria, estava doente: E avisaram-no, dizendo: O homem de Deus é chegado aqui.

8 E disse o rei a Hazael: Toma contigo presentes, e vai ao encontro do homem de Deus, e consulta por êle o Senhor, dizendo: Se eu poderei escapar desta minha doença.

9 Foi pois Hazael encontrar-se com o homem de Deus, levando consigo presentes, e tudo o mais precioso de Damasco, que faziam as cargas de quarenta camelos. E tendo-se apresentado a Eliseu, disse: Teu filho Benadad, rei da Síria, me enviou a ti, dizendo: Se poderei sarar desta minha doença?

10 E Eliseu respondeu: Vai, dize-lhe: Sararás: Mas o Senhor me mostrou que êle morrerá certamente. (2)

11 E ficou parado com Hazael, e se turbou até corar pelo rosto: E o homem de Deus chorou.

(2) **SARARÁS** — Isto é, não morrerás desta doença, que não é de morte. Na verdade no v. 15 vê-se que Benadad não morreu de enfermidade, porque foi assassinado por Hazael, o que prova ter escapado nesta conjuntura.

12 E Hazael lhe disse: Por que choras meu senhor? E Eliseu lhe respondeu: Porque sei quantos males virás tu a fazer aos filhos de Israel. Queimarás as suas cidades fortes, e passarás à espada os seus mancebos: E machucarás as suas crianças, e rasgarás pelo meio o ventre das prenhas.

13 E Hazael lhe disse: Quem sou eu teu servo, não um cão para fazer tão grandes coisas? E Eliseu respondeu: O Senhor me mostrou que tu serás rei da Síria.

14 Êle, depois de deixar Eliseu, voltou para seu amo, o qual lhe disse: Que te disse Eliseu? E êle lhe respondeu: Disse-me: Que recobrarás a saúde.

15 E ao outro dia, pegou Hazael num pano, e molhou-o em água, e o estendeu sôbre o rosto do rei: E morto êle, reinou Hazael em seu lugar. (3)

16 No ano quinto de Jorão, filho de Acab, rei de Israel, e de Josafat, rei de Judá, reinou Jorão, filho de Josafat, rei de Judá.

17 Tinha trinta e dois anos, quando começou a reinar, e reinou oito anos em Jerusalém.

18 Êle andou pelos caminhos dos reis de Israel, como tinha andado a casa de Acab: Porque a filha de Acab era sua mulher: E êle obrou o mal diante do Senhor.

19 Mas o Senhor não quis perder inteiramente a Judá, por causa de Davi seu servo, conforme a promessa que lhe tinha feito, que lhe daria uma lâmpada luzente a êle, e a seus filhos para sempre.

20 Em tempo do seu reinado se rebelou Edom para não estar debaixo do jugo de Judá, e constituiu para si um rei.

(3) PEGOU HAZAEL NUM PANO — Para asfixiar o seu senhor. Benadad teve a mesma sorte de Tibério.

4 Reis 8, 21-29

21 E veio Jorão a Seir com tôdas as suas carroças: E saiu de noite, e bateu os idumeus, que o tinham cercado, e aos comandantes das carroças, mas o povo fugiu para as suas tendas.

22 Separou-se pois Edom para não estar sujeito a Judá até ao dia de hoje. Então se rebelou também Lobna.

23 O résto das ações de Jorão, e tudo o que êle fêz, se acha escrito no Livro dos Anais dos reis de Judá.

24 E Jorão adormeceu com seus pais, e foi sepultado com êles na cidade de Davi, e em seu lugar reinou seu filho Ocozias.

25 No ano duodécimo de Jorão, filho de Acab, rei de Israel, subiu ao trono Ocozias, filho de Jorão, rei de Judá.

26 Tinha Ocozias vinte e dois anos, quando começou a reinar, e reinou um ano em Jerusalém: Sua mãe chamava-se Atália, filha de Amri, rei de Israel.

27 E êle andou nos caminhos da casa de Acab: E obrou o mal diante do Senhor como a casa de Acab: Porque era genro da casa de Acab.

28 Êle marchou também com Jorão, filho de Acab, a pelejar contra Hazael, rei da Síria, em Ramot de Galaad, e os siros feriram a Jorão: (4)

29 O qual voltou a Jezrael, para se curar: Porque os siros o tinham ferido em Ramot, pelejando contra Hazael rei da Síria. E Ocozias, filho de Jorão, rei de Judá, veio a Jezrael para visitar a Jorão, filho de Acab, porque estava lá doente.

(4) **RAMOT DE GALAAD** — Jorão, aproveitando o assassinio de Benadad, entrou na posse desta cidade.

CAPÍTULO 9

JEÚ E' UNGIDO EM REI DE ISRAEL, E RECEBE ORDEM DE EXTINGUIR A CASA DE ACAB. MATA A JORÃO. OCOZIAS E' MORTO PELOS SEUS. JEZABEL E' PRECIPITADA DA SUA JANELA.

1 E chamou o profeta Eliseu um dos filhos dos profetas, e lhe disse: Cinge os teus rins, e toma na mão esta redomazinha de óleo, e vai a Ramot de Galaad.

2 E quando lá tiveres chegado, verás a Jeú, filho de Josafat, filho de Namsi: E depois de entrardes o tirarás da roda de seus irmãos, e o levarás para um aposento retirado. (1)

3 E tomando a redomazinha de óleo lha derramarás sôbre a cabeça, e dirás: Eis-aqui o que diz o Senhor: Eu te ungi rei sôbre Israel. E abrirás a porta, e fugirás, e não te demorarás ali.

4 O moço, pois, criado de Eliseu, partiu para Ramot de Galaad,

5 e entrou ali: E viu assentados os principais officiais do exército, e disse: O' príncipe, eu tenho que te

(1) JEÚ — Era filho de Namsi, conforme diz o texto. Em Nimrosod foi encontrada uma inscrição contendo 190 linhas gravadas em basalto negro, medindo 1m, 97, que se conserva hoje no British Museum, e que confirma a narração bíblica referente a este Jeú, enumerando as viagens e os tributos prestados a Salmanasar II. Numa das faces vê-se Jeú, como rei tributário, com esta lenda explicativa: — Tributo de Jeú, filho de Amri: prata viva, lâmina e taças e vasos do mesmo metal, cetros, bastões, tudo isto eu recebi. Salmanasar chama a Jeú filho de Amri, não porque queira dizer ser Amri o pai dele, que era Namsi, mas porque os assírios chamavam ao reino de Israel mat bit-Humrí, ou mat Humrí, terra da casa do Amri, por ser este o fundador de Samaria, capital de Israel. Este nome e esta dinastia foram muito célebres entre os países estrangeiros; daí o nome attribuído pelos assírios ao país que elle governou.

4 Reis 9, 6-14

dar uma palavra. E Jeú disse: A qual de nós queres tu falar? E êle respondeu: A ti, ó príncipe.

6 Jeú pois se levantou e entrou para um quarto: E o moço lhe derramou óleo sôbre a cabeça, e lhe disse: Eis-aquí o que diz o Senhor Deus de Israel: Eu te ungi em rei sôbre Israel povo do Senhor.

7 E extinguirás a casa de Acab, teu amo, e eu vingarei da mão de Jezabel o sangue dos profetas meus servos, e o sangue de todos os servos do Senhor.

8 E perderei tôda a casa de Acab, e matarei da casa de Acab até o que urina à parede, desde o primeiro até o último em Israel.

9 E tratarei a casa de Acab, como a casa de Jeroboão, filho de Nabat, e como a casa de Baasa, filho de Aía.

10 Jezabel será também comida dos cães no campo de Jezrael, e não se achará quem a enterre. E êle abriu a porta, e fugiu.

11 E Jeú saiu para onde estavam os oficiais de seu amo: Os quais lhe disseram: Vai tudo bem? Que é o que te veio dizer êsse louco? Êle lhe respondeu: Vós bem conheceis o homem, e o que êle me diria.

12 Porém êles replicaram: Não é assim: Mas conta-no-lo antes. Jeú lhes disse: Êle me declarou tal coisa, e acrescentou: Eu te ungi em rei sôbre Israel.

13 Com isto êles se levantaram apressados, e tomando cada um a sua capa, as puseram debaixo dos pés de Jeú, como uma espécie de trono, e tocaram a trombeta e disseram: Jeú é nosso rei.

14 Jeú pois, filho de Josafat, filho de Nainsi, fez uma conjuração contra Jorão: Porque Jorão com todo o Israel tinha cercado a Ramot de Galaad, contra Hazael, rei da Síria.

15 E tinha voltado para se curar em Jezrael das feridas, que lhe tinham feito os siros, quando pelejava contra Hazael, rei da Síria: E disse Jeú: Se vos parece, ninguém saia nem fuja para fora da cidade, para que não vá dar a nova a Jezrael.

16 E êle partiu, e marchou contra Jezrael: Jorão pois estava ali doente, e Ocozias, rei de Judá, tinha vindo a visitar Jorão.

17 A sentinela pois que estava no alto da tôrre de Jezrael, viu a tropa de Jeú que vinha, e disse: Eu vejo uma tropa. E disse Jorão: Toma um coche, e envia ao seu encontro, e quem fôr pergunte: Acaso vai tudo bem? (2)

18 Foi pois o que tinha montado no coche, a encontrar-se com Jeú, e lhe disse: O rei te diz isto: Está tudo em paz? E Jeú lhe respondeu. Que tens tu com a paz? Passa, e segue-me. Deu a sentinela também aviso, dizendo: O mensageiro chegou a êles e não volta. (3)

19 Mandou Jorão ainda segundo coche de cavalos: E o mensageiro chegou a êles, e disse: O rei diz isto: Está tudo em paz? E respondeu Jeú: Que tens tu com a paz? Passa, e segue-me.

20 E a sentinela avisou, dizendo: Êle chegou a êles, e não volta: Mas o andar parece-se com o andar de Jeú, filho de Namsi, porque vem precipitadamente.

21 E disse Jorão: Metam os cavalos no coche. E meteram os cavalos no seu coche, e saiu Jorão, rei de Israel, e Ocozias rei de Judá, cada um no seu coche, e

(2) **DA TORRE** — A maior parte das cidades fortificadas tinham uma tôrre de observações, de onde a sentinela podia descobrir os movimentos do inimigo.

(3) **QUE TENS TU COM A PAZ** — Isto é, que tens tu com as minhas intenções e resoluções?

saíram a encontrar-se com Jeú, e o acharam no campo de Nabot jezraelita.

22 E Jorão tanto que viu a Jeú, disse: Temos paz, Jeú? Mas êle lhe respondeu: Que paz? Ainda as idolatrias e crimes de Jezabel, tua mãe, e os seus muitos encantamentos estão em vigor.

23 Logo voltou Jorão as rédeas, e fugindo disse para Ocozias: Estamos traídos, Ocozias.

24 Mas Jeú armou o seu arco, e feriu a Jorão por entre as espáduas: E a flecha lhe saiu pelo coração, e caiu logo morto no seu coche.

25 E disse Jeú ao capitão Badacer: Pega nêle, e deita-o no campo de Nabot jezraelita: Porque quando eu e tu sentados no coche seguíamos a Acab, pai dêste, pronunciou o Senhor esta profecia contra êle, dizendo:

26 Eu juro, diz o Senhor, que neste campo vingarei em ti o sangue de Nabot, e o sangue de seus filhos, que eu vi derramar ontem. Agora pois pega nêle, e deita-o no campo, conforme a palavra do Senhor.

27 Mas Ocozias, rei de Judá, vendo isto fugiu pelo caminho da casa do jardim: E Jeú foi em seguimento dêle e disse: Mata também a êste no seu coche: E o feriram na subida de Gaver que está ao pé de Jebllaam: E êle fugiu para Magedo, e ali morreu. (4)

28 E seus servos o puseram sôbre o coche, e o levaram para Jerusalém: E o sepultaram no sepulcro de seus pais na cidade de Davi.

(4) CASA DO JARDIM — A Vulgata traduziu por *domus horti* o hebreu *beth haggan* “casa do jardim”, que é o nome duma cidade, naturalmente Engannim, hoje Djenim, na estrada de Jezrael a Samaria. Da narração sumária do 2 Par 22, 8.9, podemos concluir que Ocozias, depois de ferido se ocultou na Samaria, onde foi descoberto pela gente de Jeú, que o trouxeram para Magedo, onde morreu.

29 No ano undécimo de Jorão, filho de Acab, reinou Ocozias sôbre Judá, (5)

30 e veio Jeú a Jezabel. Mas Jezabel tendo sabido a sua chegada, pintou os seus olhos com antimônio, e adornou a sua cabeça, e olhou pela janela

31 para Jeú que entrava pela porta, e disse: Que paz se pode esperar de quem, como Zambri, matou seu amo?

32 E Jeú levantou o rosto para a janela, e disse: Quem é esta? E dois ou três eunucos lhe fizeram uma profunda reverência.

33 Mas Jeú lhe disse: Precipitai-a daí abaixo: E eles a precipitaram, e a parede ficou salpicada de sangue, e as patas dos cavalos a pisaram.

34 E tendo Jeú entrado para comer, e para beber, disse: Ide ver aquela desgraçada, e sepultai-a: Porque é filha de rei.

35 E tendo ido para a enterrar, não acharam senão a caveira, e os pés, e as extremidades das mãos.

36 E vieram-no dizer a Jeú. E êle disse: Isto é o que o Senhor tinha pronunciado por Elias tesbita, seu servo, dizendo: No campo de Jezrael comerão os cães a carne de Jezabel,

37 e a carne de Jezabel será no campo de Jezrael como o estêrco sôbre a face da terra, de sorte que os que passarem, digam: Esta é aquela Jezabel?

(5) REINOU — Não como rei pròpriamente dito, mas como associado à realza, conforme se disse no c. 8, v. 25, a não ser que haja um êrro de cópia em qualquer destas passagens.

CAPÍTULO 10

JEÚ FAZ MORRER OS FILHOS DE ACAB, E OS IRMÃOS DE OCOZIAS. EXTINGUE OS FALSOS PROFETAS DE BAAL, DESTRÓI O SEU TEMPLO, E QUEIMA A SUA ESTATUA. HAZAEL ALCANÇA GRANDES VANTAGENS SOBRE ISRAEL. MORTE DE JEÚ. SUCEDE-LHE JOACAZ.

1 Acab pois tinha setenta filhos em Samaria: E Jeú escreveu uma carta, e a mandou a Samaria aos principais da cidade, aos anciãos, e aos aios dos filhos de Acab, dizendo: (1)

2 Tanto que vós receberdes esta carta, vós que tendes em vosso poder os filhos do vosso amo, e coches, e cavalos, e cidades fortes, e armas,

3 escolhei o mais considerável, e aquêlê que mais vos agradar, dentre os filhos do vosso amo, e ponde-o no trono de seu pai, e pelejai pela casa de vosso amo.

4 Êles se atemorizaram muito, e disseram: Dois reis não puderam ter-se contra êle, pois como podere-mos nós resistir-lhe?

5 Pelo que os mestres do palácio do rei, e os oficiais da cidade, e os anciãos e os aios, mandaram dizer a Jeú: Nós somos teus servos, faremos tudo que nos ordenares: Nem elegeremos rei sôbre nós: Faze tudo o que vos agradar.

6 Mas Jeú lhes tornou a escrever segunda carta, dizendo: Se vós sois meus, e me obedeceis, cortai as cabeças aos filhos do vosso rei, e vinde ter comigo amanhã a esta mesma hora a Jezrael. E os filhos do rei que

(1) **SETENTA FILHOS** — E netos.

AOS PRINCIPAIS DA CIDADE — Provavelmente o prefeito do palácio e o governador de Samaria.

eram setenta, se criavam em casa dos principais da corte. (2)

7 E logo que êles receberam a carta, pegaram nos setenta filhos do rei, e os mataram, e meteram as suas cabeças nuns câstos, e lhas mandaram a Jezrael.

8 Veio pois o mensageiro, e o avisou, dizendo: Trouxeram as cabeças dos filhos do rei. Êle respondeu: Ponde-as em dois montes à entrada da porta até pela manhã.

9 E tanto que amanheceu, saiu, e pôsto em pé, disse a todo o povo: Vós sois justos: Se eu conspirei contra meu amo, e se eu o matei, quem é o que matou todos êstes?

10 Considerai pois agora não caiu em terra palavra alguma do Senhor, que o Senhor proferiu contra a casa de Acab, e como o Senhor cumpriu o que predisse pela bôca do seu servo Elias.

11 Fêz pois Jeú morrer todos os que restavam da casa de Acab em Jezrael, e todos os seus grandes e amigos, e os sacerdotes, até não ficar dêle resto algum.

12 E levantou-se, e veio para Samaria: E como no caminho chegasse a uma cabana de pastôres, (3)

13 achou os irmãos de Ocozias, rei de Judá, e lhes disse: Quem sois vós? Êles responderam: Somos os irmãos de Ocozias, e viemos a cumprimentar os filhos do rei, e os filhos da rainha.

(2) **CORTAI AS CABEÇAS** — Para assegurar a posse pacífica do poder, o novo soberano exterminava tôda a descendência do seu predecessor. Êste caso estêve em voga na antiguidade. A cabeça do Himti foi enviada a Dionísio, e a César a de Pompeu. Nos monumentos assírios há inúmeras alusões a êste costume.

(3) **A CABANA DE PASTORES** — Ê, segundo as melhores probabilidades, o nome duma localidade. Eusébio e S. Jerônimo dão-nos notícia duma povoação que ficava na planície de Esdremon, entre Jezrael e Samaria, chamada Betsan e a duas horas de Djerim, para este.

4 Reis 10, 14-21

14 Jeú disse: Apanhai-os vivos. E como os apanhassem vivos, os degolaram em uma cisterna perto da cabana, a quarenta e dois homens, e não deixou dêles algum.

15 E partindo dali, achou a Jonadab, filho de Recab, que se lhe fêz encontradiço, e Jeú o saudou. E lhe disse: Porventura tens tu o coração reto, como o meu o é com o teu coração? E Jonadab respondeu: Tenho. Se assim é, disse Jeú, dá-me a tua mão. E Jonadab lhe deu a sua mão. E Jeú o fêz subir ao seu coche:

16 E lhe disse: Vem comigo, e verás o meu zêlo pelo Senhor. E tendo-o feito assentar no seu coche,

17 o levou a Samaria. E matou a todos os que restavam da casa de Acab em Samaria sem perdoar a um só, conforme a sentença que o Senhor tinha pronunciado por Elias.

18 Ajuntou pois Jeú todo o povo, e lhes disse: Acab deu pequeno culto a Baal: Mas eu lhe tributarei maior culto.

19 Fazei-me pois vir agora todos os seus ministros, e todos os seus sacerdotes: Não falte nenhum que deixe de vir, porque quero fazer um grande sacrifício a Baal: Todo o que faltar, morrerá. Mas isto em Jeú era artifício, para dar cabo dos adoradores de Baal.

20 E disse: Fazei uma festa solene a Baal. E enviou,

21 a chamá-los por todos os limites de Israel, e vieram todos os servos de Baal: Não ficou nem um só que não viesse. E entraram no templo de Baal: E encheu-se a casa de Baal desde o princípio até o fim.

22 E disse aos que guardavam as vestimentas: Tiraí vestimentas para todos os ministros de Baal. E êles lhe trouxeram as vestimentas. (4)

23 E tendo entrado Jeú e Jonadab, filho de Recab, no templo de Baal, disse aos adoradores de Baal. Examinai, e vêde bem não esteja entre vós algum dos ministros do Senhor, mas que estejam sòmente os servos de Baal.

24 Entraram êles pois para oferecerem as suas vítimas, e os seus holocaustos: Jeú, porém, tinha prontos da parte de fora oitenta homens, e tinha-lhes dito: Se escapar um só homem dêstes que eu vos entregar às mãos, a vossa vida me será responsável pela sua.

25 E aconteceu que, oferecido o holocausto, ordenou Jeú aos seus soldados, e oficiais: Entrai, e matai nêles, não escape nenhum. E os soldados e os capitães os passaram ao fio da espada, e os lançaram fora: E foram à cidade do templo de Baal,

26 e tiraram do templo a estátua de Baal, e a queimaram,

27 e a reduziram a pó. Destruíram também o templo de Baal, e em lugar dêle fizeram umas latrinas que ainda hoje persistem.

28 Dêste modo aboliu Jeú de Israel a Baal:

29 Mas êle não se apartou dos pecados de Jeroboão, filho de Nabat, que fêz pecar a Israel, nem abandonou os novilhos de ouro, que estavam em Betel, e em Dan. (5)

30 Disse pois o Senhor a Jeú: Porque tu cumpriste cuidadosamente o que era justo, e agradável aos meus

(4) **AS VESTIMENTAS** — Os sacerdotes pagãos usavam nas cerimônias cultuais dumas vestes, que deixavam no templo.

(5) **NÃO SE APARTOU** — Jeú foi instrumento de Deus, mas nem sempre obrou segundo o seu espírito, pelo que recebeu o devido castigo.

4 Reis 10, 31-36; 11, 1-2

olhos, e executaste contra a casa de Acab tudo o que eu tinha no meu coração, teus filhos se assentarão sobre o trono de Israel até à quarta geração.

31 Mas Jeú não teve o cuidado de andar de todo o seu coração na lei do Senhor Deus de Israel: Porque não se apartou dos pecados de Jeroboão, que tinha feito pecar a Israel.

32 Neste tempo começou o Senhor a ter tédio de Israel: e Hazael os derrotou em tôdas as fronteiras de Israel,

33 desde o Jordão para a banda do oriente, tôda a terra de Galaad, e de Gad, e de Rúben, e de Manassés, desde Aroer, que estava sobre a Torrente de Arnon, e Galaad, e Besan.

34 O mais das ações de Jeú, e todos os seus feitos e o seu valor, estão escritos no Livro dos Anais dos Reis de Israel.

35 E adormeceu Jeú com seus pais, e foi sepultado em Samaria: E em seu lugar reinou seu filho Joacaz.

36 E o tempo, que Jeú reinou sobre Israel em Samaria, foram vinte e oito anos.

CAPÍTULO 11

ATÁLIA FAZ MATAR TÔDA A DESCENDÊNCIA REAL, E USURPA A COROA. JOÁS ESCAPA DESTA MATANÇA, E E' DEPOIS ACLAMADO REI. ATÁLIA E' ENTREGUE À MORTE.

1 Mas Atália, mãe de Ocozias, vendo morto seu filho, levantou-se, e matou tôda a descendência real.

2 Porém Josabá, filha do rei Jerão, irmã de Ocozias, pegando em Joás, filho de Ocozias, o furtou do meio dos filhos do rei, quando os estavam matando, e também furtou do leito à sua ama: E o escondeu da presença de Atália para que o não matasse.

3 E êle estêve seis anos oculto com a ama na casa do Senhor: E Atália reinou sôbre a terra.

4 No ano sétimo porém enviou Jojada, e tomando os centuriões, e os soldados os introduziu consigo no templo do Senhor, e fêz com êles um tratado: E juramentando-os na casa do Senhor, lhes mostrou o filho do rei:

5 E ordenou-lhes, dizendo: Eis-aqui o que haveis de fazer:

6 Uma têrça parte de vós entrará no sábadó, e fará guarda à casa do rei. A outra têrça parte ficará à porta de Sur: E a terceira têrça parte esteja à porta, que está por detrás do quartel dos escudeiros: E fareis a guarda à casa de Messa.

7 E duas partes de vós, todos os que saírem de semana, estarão de sentinela em a casa do Senhor junto ao rei.

8 E o rodeareis, tendo as armas nas vossas mãos: E se alguém entrar no recinto do templo, seja morto: E estareis com o rei quando entrar e quando sair.

9 E executaram os centuriões tudo o que o pontífice Jôjada lhes havia ordenado: E tomando cada um a sua gente, que entrava de semana, com os que saíam dela vieram ter com o pontífice Jojada.

10 O qual lhes deu as lanças, e as armas do rei Davi que estavam na casa do Senhor.

11 Puseram-se pois cada um com as armas na mão à roda do rei desde a banda direita do templo, até à banda esquerda do altar, e do templo.

12 E Jojada lhes apresentou o filho do rei, e pôs-lhe sôbre a cabeça o diadema, e o livro da lei: E êles o constituíram rei, e o ungiram: E batendo com as mãos, gritaram: Viva o rei.

4 Reis 11, 13-21

13 E Atália ouviu o clamor do povo que concorria: E entrando por entre as turbas no templo do Senhor,

14 viu o rei assentado no trono segundo o costume, e ao pé d'ele os cantores, e os trombetas, e todo o povo da terra muito alegre, e tocando trombetas: E ela rasgou os seus vestidos, e gritou: Traição, traição.

15 Mas Jojada ordenou aos centuriões, que comandavam as tropas, e lhes disse: Levai-a para fora do recinto do templo, e todo o que a seguir, morra à espada. Porque tinha dito o pontífice: Não seja morta dentro do templo do Senhor.

16 E lançaram-lhe as mãos, e a levaram aos empurrões ao caminho da entrada dos cavalos, junto ao Palácio, e ali foi morta.

17 Jojada pois fêz uma aliança entre o Senhor e entre o rei, e entre o povo para que êle fôsse o povo do Senhor, e entre o rei e o povo.

18 E todo o povo da terra entrou no templo de Baal, e deitaram abaixo os seus altares, e fizeram as suas imagens em mil pedaços: E mataram a Matam, sacerdote de Baal, diante do altar. E o príncipe pôs guardas na casa do Senhor.

19 E tomou consigo os centuriões, e as legiões de Ceret e de Felet, e todo o povo da terra, e conduziram o rei fora da casa do Senhor: E foram ao palácio pelo caminho da porta dos escudeiros, e o rei se assentou no trono dos reis.

20 E todo o povo da terra se alegrou, e a cidade ficou em paz: Atália porém foi passada à espada na casa do rei.

21 E tinha Joás sete anos, quando começou a reinar.

CAPÍTULO 12

JOÁS MANDA REPARAR O TEMPLO. HAZAEL VEM SITIAR JERUSALÉM. MORTE DE JOÁS. SUCEDE-LHE AMASIAS.

1 No ano sétimo de Jeú reinou Joás: E reinou quarenta anos em Jerusalém. Sua mãe chamava-se Sebia de Bersabée.

2 E procedeu Joás justamente diante do Senhor todo o tempo, que foi dirigido pelo pontífice Joadá.

3 Todavia não tirou os altos: Porque ainda o povo sacrificava, e oferecia incenso nos altos.

4 E disse Joás aos sacerdotes. Todo o dinheiro consagrado, que fôr oferecido no templo do Senhor pelos que passam, que se oferece por preço da sua alma, e que espontâneamente e ao arbítrio de seu coração trazem ao templo do Senhor:

5 Os sacerdotes o recebam segundo a sua ordem, e façam os reparos na casa do Senhor, se virem que alguma coisa necessita de consêrto.

6 Mas até o ano vigésimo terceiro do rei Joás, os sacerdotes não fizeram reparos alguns no templo.

7 E o rei chamou o pontífice Joadá e os sacerdotes, e lhes disse: Por que não fazeis vós os reparos do templo? Não recebeis logo mais dinheiro segundo a ordem do vosso ministério, mas restituí-o para os reparos do templo.

8 E os sacerdotes foram proibidos de receberem mais dinheiro do povo e de fazerem os reparos da casa.

9 E pegou o pontífice Joadá num cofre, e fêz-lhe abrir um buraco por cima, e o pôs ao pé do altar à mão direita dos que entravam na casa do Senhor, e os sacerdotes, que guardavam as portas, deitavam nêle todo o dinheiro que se trazia ao templo do Senhor:

4 Reis 12, 10-18

10 E quando viam que havia muito dinheiro no cofre, vinha o escrivão do rei, e o pontífice, e despejavam e contavam o dinheiro, que se achava na casa do Senhor.

11 E o depositavam por conta e por pêsos nas mãos dos que presidiam aos que trabalhavam na fábrica do Senhor: Os quais o dispendiam com os carpinteiros e com os pedreiros, que trabalhavam na casa do Senhor,

12 e faziam os consertos: E com os que cortavam as pedras e para se comprarem as madeiras, e as pedras que se lavravam, de maneira que se completasse o conserto da casa do Senhor, de tudo o que necessitava de despesa para se reparar a casa.

13 Não se faziam contudo dêste dinheiro que se trazia ao templo do Senhor, nem as talhas do templo do Senhor, nem os garfos, nem os turíbulos, nem as trombetas, nem vaso algum de ouro ou prata:

14 Porque se dava aos que trabalhavam para se reparar o templo do Senhor:

15 E não se tomava conta aos homens que recebiam o dinheiro para se distribuir pelos trabalhadores, mas eles o empregavam com fidelidade.

16 Não metiam porém no templo do Senhor o dinheiro por delito, e o dinheiro pelos pecados, porque era dos sacerdotes.

17 Então veio Hazael, rei da Síria, e sitiou a Get, e a tomou: E fez rosto a marchar contra Jerusalém.

18 Por êste motivo Joás, rei de Judá, tomou tôdas as oferendas santificadas, que tinham consagrado Josafat, e Jorão, e Ocozias, reis de Judá, seus pais, e as que êle mesmo tinha oferecido: E todo o dinheiro, que se pôde achar nos tesouros do templo do Senhor, e no palácio do rei, o mandou a Hazael, rei da Síria, o qual desistiu de vir a Jerusalém.

19 E o resto das ações de Joás, e tudo o que êle fêz está escrito no Livro dos Anais dos reis de Judá.

20 Porém os servos de Joás se levantaram, e fizeram uma conspiração entre si, e mataram a Joás, na casa de Melo na descida de Sela.

21 Porque Josacar filho de Semaat, e Jozabad filho de Somer, seus servos, o mataram, e morreu: E o sepultaram com seus pais na cidade de Davi, e em seu lugar reinou Amasias seu filho.

CAPÍTULO 13

JOACAZ, REI DE ISRAEL É OPRIMIDO PELO REI DA SÍRIA. MORRE. SUCEDE-LHE JOAS. PREDIZ-LHE ELISEU QUE ELE DERROTARÁ TRÊS VÊZES O REI DA SÍRIA. MORTE DE ELISEU. UM MORTO LANÇADO NA SUA SEPULTURA RESSUSCITA LOGO.

1 No ano vinte e três de Joás, filho de Ocozias, rei de Judá, reinou Joacaz, filho de Jeú, sôbre Israel em Samaria dezessete anos.

2 E obrou o mal diante do Senhor, e seguiu os pecados de Jeroboão filho de Nabat, que tinha feito pecar a Israel e não se apartou dêles.

3 E acendeu-se o furor do Senhor contra Israel, e os entregou todo êste tempo nas mãos de Hazael, rei da Síria, e nas mãos de Benadad, filho de Hazael.

4 Mas Joacaz fêz uma oração diante da face do Senhor, e o Senhor o ouviu: Pois viu o apêto de Israel, porque os tinha destrôgado o rei da Síria:

5 E o Senhor deu um salvador a Israel, e êle foi livre da mão do rei da Síria: E os filhos de Israel habitaram nas suas tendas como dantes. (1)

(1) O SENHOR DEU UM SALVADOR A ISRAEL E ELE FOI LIVRE — Segundo Smith, o salvador a quem se refere aqui o

4 Reis 13, 6-14

6 Eles todavia se não apartaram dos pecados da casa de Jeroboão, que tinha feito pecar a Israel, mas caminharam nêles: Porque até o bosque permaneceu em Samaria.

7 E não tinham ficado a Joacaz do povo senão cinquenta cavaleiros, e dez coches, e dez mil homens de pé: Porque o rei da Síria os tinha morto, e os tinha reduzido como o pó da eira onde se debulha. (2)

8 O resto das ações de Joacaz, e todos os seus feitos, e o seu valor, estão escritos no Livro dos Anais dos reis de Israel.

9 E Joacaz adormeceu com seus pais, e o sepultaram em Samaria: E Joás, seu filho, reinou em seu lugar.

10 No ano trinta e sete de Joás, rei de Judá, reinou Joás, filho de Joacaz, sobre Israel em Samaria por espaço de dezesseis anos,

11 e obrou o que é mau diante do Senhor: Não se apartou de pecado nenhum de Jeroboão, filho de Nabat, que tinha feito pecar a Israel, mas nêles andou.

12 O resto porém das ações de Joás, e tudo o que ele fez, e o seu valor, e como pelejou contra Amasias rei de Judá, tudo isto está escrito no Livro dos Anais dos reis de Israel.

13 E Joás adormeceu com seus pais: E Jeroboão subiu ao seu trono. Mas Joás foi sepultado em Samaria com os reis de Israel.

14 E Eliseu estava doente da enfermidade de que morreu: E Joás rei de Israel o veio ver, e chorava diante

texto, é Salmanasar, que bateu durante muito tempo Benadad, aniquilando-lhe o prestígio, e dando aos israelitas tempo de respirar. Smith, *The Assyrian Eponym Canon*, pág. 152.

(2) **COCHES** — No hebreu está *morag*, que significa um carro destinado à debulha do trigo.

dêle, e dizia: Meu pai, meu pai, tu és o carro de Israel e seu condutor.

15 E Eliseu lhe disse: Traz-me cá um arco, e flechas. E como lhe trouxesse um arco, e flechas,

16 Eliseu disse ao rei de Israel: Põe a tua mão sobre o arco. E tendo êle pôsto a sua mão, Eliseu pôs as suas mãos sobre as do rei,

17 e disse: Abre a janela que olha para o oriente. E tendo-a aberto, disse Eliseu: Atira com uma flecha. E a atirou. E Eliseu disse: Flecha da salvação do Senhor, flecha da salvação contra a Síria: E tu ferirás a Síria em Afec, até a consumires. (3)

18 E disse: Pega das flechas. E tendo o rei pegado delas, disse-lhe outra vez: Fere a terra com a flecha. E tendo êle ferido três vêzes, e parando,

19 o homem de Deus se enfadou com êle, e disse: Se tiveras ferido a terra cinco, ou seis, ou sete vêzes, terias derrotado a Síria até à sua total ruína: Mas agora só a derrotarás três vêzes.

20 Morreu pois Eliseu e o enterraram. Neste mesmo ano porém vieram uns ladrões de Moab sobre a terra, (4)

21 e uns que estavam enterrando um homem, viram os ladrões, e lançaram o cadáver no sepulcro de Eliseu. E tanto que o cadáver tocou os ossos de Eliseu, ressuscitou o homem, e se levantou sobre os seu pés.

22 Hazael, porém, rei da Síria, tinha afligido a Israel por todo o reinado de Joacaz:

(3) **QUE OLHA PARA O ORIENTE** — Os sírios ocupavam o território israelita a este do Jordão.

(4) **MORREU POIS ELISEU** — Numa idade muito avançada, porque desde a morte de Acab ao começo do reinado de Joás vão cinquenta e sete anos.

23 E compadeceu-se o Senhor dêles, e tornou para êles por causa do pacto que tinha feito com Abraão, e Isaac, e Jacó, e não os quis perder, nem rejeitar inteiramente até o presente tempo.

24 E morreu Hazael, rei da Siria, e reinou por êle seu filho Benadad. (5)

25 Mas Joás, filho de Joacaz, recobrou de Benadad, filho de Hazael, as cidades, que êste havia tomado a Joacaz seu pai pelo direito da guerra, e Joás o bateu por três vêzes, e restituiu a Israel as cidades. (6)

CAPÍTULO 14

AMASIAS MANDA MATAR OS MATADORES DE SEU PAI. BATE OS IDUMEUS. E' VENCIDO POR JOÁS, REI DE ISRAEL. MORTE DE JOÁS. SUCEDE-LHE JEROBOÃO. AMASIAS E' MORTO PELOS SEUS. AZARIAS REINA DEPOIS DELE. MORTE DE JEROBOÃO. EM SEU LUGAR REINA ZACARIAS.

1 No segundo ano de Joás, filho de Joacaz, rei de Israel, reinou Amasias, filho de Joás, rei de Judá.

2 Tinha vinte e cinco anos quando começou a reinar: Vinte e nove anos reinou em Jerusalém, sua mãe se chamava Joadan de Jerusalém.

3 E êle fêz o que era justo diante do Senhor, mas não como Davi seu pai. Êle procedeu em tudo, como seu pai Joás o tinha feito:

4 Exceto que não tirou os altos: Porque ainda o povo imolava e queimava incensos nos altos.

(5) **BENADAD** — O terceiro, que não tinha nem o valor nem a diplomacia de seu pai.

(6) **RESTITUIU A ISRAEL AS CIDADES** — Joás entretanto não conseguiu reaver a parte do seu reino, situado a este do Jordão. Esta glória estava reservada a Jeroboão II, seu filho e seu sucessor,

5 E tanto que teve o reino seguro, fêz matar aqueles de seus servos, que tinham morto o rei seu pai:

6 Mas não fêz morrer os filhos dêstes matadores, segundo o que está escrito no Livro da Lei de Moisés, conforme o preceito do Senhor, que diz: Não morrerão os pais pelos filhos, nem os filhos morrerão pelos pais: Mas cada um morrerá pelo seu pecado.

7 Êste mesmo foi que bateu dez mil idumeus no Vale das Salinas, e tomou na peleja a fortaleza que chamou Jecteel, como ela ainda hoje se chama. (1)

8 Então enviou Amasias mensageiros a Joás, filho de Joacaz, filho de Jeú, rei de Israel, dizendo: Vem, e vejamo-nos. (2)

9 E Joás, rei de Israel, mandou a Amasias, rei de Judá, esta resposta: O cardo do Líbano mandou dizer ao cedro, que está no Líbano: Dá tua filha por mulher a meu filho. E passaram as feras do bosque que estão no Líbano, e pisaram aos pés o cardo.

10 Tu ficaste superior em batalha aos idumeus, e o teu coração se ensoberbeceu: Contenta-te com a glória, e repousa em tua casa: Chamas pelo mal, para perceres tu e Judá contigo? (3)

(1) **FORTALEZA** — No original hebraico está Sela, que foi depois traduzido por Petra, que quer dizer rochedo. Foi esta designação que deu o nome à Arábia Petrêa.

JECTEEL — Significa conquistado por Jeová. Era um antigo uso, para significar a dominação sobre uma coisa, mudar-lhe o nome.

(2) **TEM E VEJAMO-NOS** — Êste desafio irônico apparece-nos applicado no 2 Par 25, 6-13, onde se diz que Amasias depois de ter assalariado cem mil homens, os despedira, e que êstes, descontentes, assolaram o norte de Judá, desde a Samaria a Beto-ron. Amasias deliberou vingar-se.

(3) **O TEU CORAÇÃO TE ENSOBERBECEU** — Foi em castigo do seu orgulho e desmesurada valdade, que Amasias caiu na idolatria.

4 Reis 14, 11-20

11 Porém Amasias não sossegou: E Joás, rei de Israel, subiu, e viram-se êle e Amasias, rei de Judá, em Betsames, cidade de Judá.

12 E Judá foi desfeito por Israel: E fugiram cada um para as suas tendas.

13 E Joás, rei de Israel, tomou em Betsames a Amasias, rei de Judá, filho de Joás, filho de Ocozias, e o levou a Jerusalém: E rompeu o muro de Jerusalém o espaço de quatrocentos côvados, desde a porta de Efraim até à porta do ângulo.

14 E tomou todo o ouro e prata, e todos os vasos, que se acharam na casa do Senhor, e nos tesouros do rei, e os reféns, e voltou para Samaria.

15 O resto das ações de Joás, e o valor com que pelejou contra Amasias, rei de Judá, está escrito no Livro dos Anais dos reis de Israel.

16 E Joás adormeceu com seus pais, e foi sepultado em Samaria com os reis de Israel: E em seu lugar reinou seu filho Jeroboão.

17 Mas Amasias, filho de Joás, rei de Judá, viveu quinze anos, depois da morte de Joás, filho de Joacaz, rei de Israel.

18 O resto das ações de Amasias está escrito no Livro dos Anais dos reis de Judá

19 E contra êle se forjou em Jerusalém uma conjuração: Mas êle fugiu para Laquis. E êles enviaram após êle a Laquis e ali o mataram. (4)

20 E o transportaram em cima de uns cavalos, e foi sepultado em Jerusalém com seus pais na cidade de Davi.

(4) **LAQUIS** — à entrada da planície dos filisteus, a sudoeste de Jerusalém.

21 E todo o povo de Judá tomou a Azarias em idade de dezesseis anos: E o constituíram rei em lugar de seu pai Amasias.

22 Êste foi que edificou Elat, e a restituiu a Judá, depois que o rei adormeceu com seus pais. (5)

23 No décimo quinto ano de Amasias, filho de Joás, rei de Judá, reinou em Samaria Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel quarenta e um anos:

24 E obrou o mal diante do Senhor. Não se apartou de pecado nenhum de Jeroboão, filho de Nabat, que tinha feito pecar a Israel.

25 Êste mesmo restabeleceu os limites de Israel desde a entrada de Emat até o mar do deserto, conforme a palavra do Senhor Deus de Israel, a qual havia pronunciado por seu servo o profeta Jonas, filho de Amati, que era de Get, que está em Ofer.

26 Porque viu o Senhor a cruelíssima aflição de Israel, e que haviam sido consumidos até os encarcerados, e os derradeiros do povo, e não havia quem socorresse a Israel.

27 Nem o Senhor decretou que êle apagaria o nome de Israel debaixo do Céu, mas êle os salvou por mão de Jeroboão, filho de Joás. (6)

28 O mais das ações de Jeroboão, e tudo o que êle fez, e o valor com que êle pelejou, e o como restituiu Damasco, e Emat a Judá em Israel, tudo isto está escrito no Livro dos Anais dos reis de Israel.

(5) ELAT — No extremo setentrional do golfo Elanítico.

(6) POR MÃO DE JEROBOÃO — Este príncipe foi tributário de Ramanizar III, como Jeú o tinha sido de Salmanasar II. Aproveitou-se da decadência do poder da Síria, no reinado de Mariha, sucessor de Benadad III (800-770 A. C.), para reaver, com o auxílio do rei da Assíria, a parte dos estados que possuíam os sírios,

CAPÍTULO 15

AZARIAS, REI DE JUDÁ, E' FERIDO DE LEPRO. GOVERNA JOATÃO EM SEU LUGAR. ZACARIAS, REI DE ISRAEL, E' MORTO POR SELUM QUE REINA DEPOIS DELE. MANA-EM SUCEDE A SELUM, E TEM POR SUCESSOR A FACÉIAS, E DEPOIS DELE A FACÉIA. TEGLATFALASAR TRANSPORTA PARA A ASSÍRIA UMA GRANDE PARTE DOS ISRAELITAS. LEVANTA-SE OSÉIAS CONTRA FACÉIA, E OCUPA O QUE LHE HAVIA FICADO EM ISRAEL. EM JUDÁ, MORTO JOATÃO, LHE SUCEDE SEU FILHO ACAZ.

1 No ano vinte e sete de Jeroboão, rei de Israel, reinou Azarias, filho de Amasias, rei de Judá.

2 Tinha dezesseis anos, quando começou a reinar, e reinou cinqüenta e dois anos em Jerusalém: Sua mãe chamava-se Jequelia de Jerusalém.

3 E êle fêz o que era agradável diante do Senhor, conforme tudo o que fêz Amasias seu pai.

4 Todavia não demoliu os altos: Ainda o povo sacrificava, e queimava incenso nos altos.

5 Mas o Senhor feriu o rei, e ficou leproso até o dia da sua morte, e vivia à parte numa casa retirada: E Joatão, filho do rei, governava o palácio, e julgava o povo da terra. (1)

6 O restó porém das ações de Azarias, e tudo o que êle fêz, está escrito no Livro dos Anais dos reis de Judá.

7 E Azarias adormeceu com seus pais: E o sepultaram com os seus maiores na cidade de Davi, e Joatão seu filho reinou em seu lugar.

(1) NUMA CASA RETIRADA — À letra a casa livre. No lugar paralelo, 2º Par 26, 21, lê-se a casa separada. O hebreu apresenta nas duas passagens: a casa da enfermidade, e da doença.

8 No ano trinta e oito de Azarias, rei de Judá, reinou Zacarias, filho de Jeroboão, sobre Israel em Samaria seis meses:

9 E obrou o que era mau diante do Senhor, como tinham feito seus pais: Não se apartou dos pecados de Jeroboão, filho de Nabat, que tinha feito pecar a Israel.

10 E contra ele se conjurou Selum, filho de Jabes: E o atacou, e matou publicamente, e reinou em seu lugar:

11 E o resto das ações de Zacarias está escrito no Livro dos Anais dos reis de Israel.

12 Assim se cumpriu o que o Senhor tinha dito a Jeú: Teus filhos estarão assentados sobre o trono de Israel até à quarta geração. E assim sucedeu. (2)

13 No ano trinta e nove de Azarias, rei de Judá, reinou Selum, filho de Jabes, só um mês em Samaria.

14 E subiu de Tersa Manaem, filho de Gadi: E veio a Samaria, e investiu com Selum, filho de Jabes, em Samaria, e o matou, e reinou em seu lugar.

15 E o resto das ações de Selum, e a conspiração, que ele urdiu atraçadamente, isto está escrito no Livro dos Anais dos reis de Israel.

16 Então destruiu Manaem a Tapsa, e a todos os que nela estavam, e os seus confins desde Tersa: Porque lhe não quizeram abrir a porta: E matou todas as mulheres prenes, fazendo-as rasgar pelo ventre.

17 No ano trinta e nove de Azarias, rei de Judá, reinou sobre Israel em Samaria Manaem, filho de Gadi, dez anos.

(2) **TEUS FILHOS** — Com Zacarias acaba a dinastia de Jeú e começa a decadência de Israel. Até Ozias, seu último rei, o reino esteve na mais dissolvente anarquia, pois que dos seis reis que sucederam a Jeroboão II, todos, à exceção de Manaem, foram vítimas de conspirações.

18 E obrou o que era mau diante do Senhor: Não se apartou dos pecados de Jeroboão, filho de Nabat, que tinha feito pecar a Israel, durante todo o seu reinado.

19 Veio a esta terra Ful, rei dos assírios, e Manaem deu a Ful mil talentos de prata, para que êle o socorresse, e lhe firmasse o seu reino. (3)

20 Manaem ordenou a imposição dêste dinheiro sobre tôdas as pessoas poderosas, e ricas, para o dar aos assírios, cinqüenta siclos de prata por cabeça: E voltou-se o rei dos assírios, e não se demorou no país.

21 O resto das ações de Manaem, e tudo o que êle fêz, está escrito no Livro dos Anais dos reis de Israel.

22 E adormeceu Manaem com seus pais: E Facéias, seu filho, reinou em seu lugar.

23 No ano cinqüenta de Azarias, rei de Judá, reinou Facéias, filho de Manaem, sobre Israel dois anos:

24 E obrou o que era mau diante do Senhor: Não se apartou dos pecados de Jeroboão, filho de Nabat, que tinha feito pecar a Israel.

25 Mas Facéia, filho de Romelia, general das suas tropas, fêz uma conjuração contra êle, e o feriu em Samaria na tôrre da casa real ao pé de Argob, e ao pé de Arié, e com êle a cinqüenta homens dos filhos dos galaaditas, e matou, e reinou em seu lugar. (4)

26 O resto das ações de Facéias, e tudo o que êle fêz, está escrito no Livro dos Anais dos reis de Israel.

27 No ano cinqüenta e dois de Azarias, rei de Judá, reinou Facéia, filho de Romelia, sobre Israel em Samaria vinte anos.

(3) TEL — O mesmo que Teglathfalsar III, que, segundo rezam os anais assírios, reinou dezoito anos, combatendo Israel e apoderando-se de várias cidades.

(4) ARGOB E ARIÉ — Segundo o hebreu, são nomes de homem.

28 E obrou o que era mau diante do Senhor: Não se apartou dos pecados de Jeroboão, filho de Nabat, que tinha feito pecar a Israel.

29 Em tempo de Facéia, rei de Israel, veio Teglathfalar, rei dos assírios, e tomou Aion, e Abel, casa de Maaca, e Janoe, e Cedec, e Asor, e Galaad, e Galiléia, e o país de Neftali: E transportou todos os seus habitantes para a Assíria. (5)

30 Mas Oséias, filho de Ela, fez uma conspiração e armou emboscada contra Facéia, filho de Romelia, e o feriu, e o matou: E reinou em seu lugar no vigésimo ano de Joatão, filho de Ozias.

31 Mas o resto das ações de Facéia, e tudo o que êle fez, está escrito no Livro dos Anais dos reis de Israel.

32 No ano segundo de Facéia, filho de Romelia, rei de Israel, reinou Joatão, filho de Ozias, rei de Judá.

33 Êle tinha vinte e cinco anos quando começou a reinar, e reinou dezesseis anos em Jerusalém: Sua mãe chamava-se Jerusa, filha de Sadoc.

34 E êle fez o que era agradável ao Senhor: E procedeu em tudo como tinha feito Ozias seu pai.

35 Todavia não destruiu os altos: Porque ainda o povo sacrificava, e queimava incenso nos altos: Êle edificou a mais alta porta da casa do Senhor.

36 O resto das ações de Joatão, e tudo o que êle fez, está escrito no Livro dos Anais dos reis de Judá.

37 Neste mesmo tempo começou o Senhor a enviar contra Judá a Rasin, rei da Síria, e a Facéia filho de Romelia.

(5) AION — Cidade de Neftali; é a mesma que Ahilmanson de Maaca, que ficava sobre uma colina a este de Desdera.

JANOE — Segundo tôdas as probabilidades ficava nas montanhas setentrionais da Galiléia, sendo talvez o Yameh moderno, perto de Cedec, em Neftali.

38 E Joatão adormeceu com seus pais, e foi sepultado com eles na cidade de Davi seu pai, e em seu lugar reinou seu filho Acaz.

CAPÍTULO 16

ACAZ SE ENTREGA AO CULTO DOS ÍDOLOS. É CERCADO EM JERUSALÉM POR RASIN, E POR FACÉIA. CHAMA EM SEU SOCORRO AO TEGLATFALASAR. MANDA LEVANTAR EM JERUSALÉM UM ALTAR COMO O DE DAMASCO. MORRE. SUCEDE-LHE EZEQUIAS.

1 No ano décimo sétimo de Facéia, filho de Romelia, reinou Acaz, filho de Joatão, rei de Judá.

2 Tinha Acaz vinte anos, quando começou a reinar, e reinou dezesseis anos em Jerusalém: Não fez o que era agradável na presença do Senhor seu Deus, como Davi seu pai:

3 mas andou pelo caminho dos reis de Israel: E até consagrou seu filho, fazendo-o passar pelo fogo segundo a idolatria das gentes: Que o Senhor tinha destruído na entrada dos filhos de Israel.

4 Imolava também vítimas, e oferecia incenso nos altos, e nos outeiros, e debaixo de toda a árvore frondosa.

5 Então vieram Rasin, rei da Síria, e Facéia, filho de Romelia, rei de Israel contra Jerusalém para pelejar: e tendo cercado a Acaz, não o puderam vencer. (1)

6 Naquelle tempo Rasin, rei da Síria, recobrou a Aila, da Síria, e lançou fora de Aila os judeus: E os idumeus vieram para Aila, e habitaram ali até ao dia de hoje.

(1) RASIN E FACÉIA — Aproveitaram-se da juventude do novo rei e invadiram os seus estados.

7 Mas Acaz mandou mensageiros a Teglathfalasar, rei dos assírios, dizendo: Eu sou teu servo, e teu filho: Vem, e salva-me da mão do rei da Síria, e das mãos do rei de Israel, que se aliaram contra mim. (2)

8 E tendo ajuntado a prata e ouro, que se pôde achar na casa do Senhor, e nos tesouros do rei, mandou presentes ao rei dos assírios.

9 E êste condescendeu com a sua vontade: Veio pois o rei dos assírios sôbre Damasco, e a arrasou: E transportou os seus moradores para Cirene, e matou a Rasin. (3)

10 E foi o rei Acaz ao encontro de Teglathfalasar, rei dos assírios, em Damasco: E como visse o altar erguido em Damasco, mandou o rei Acaz ao pontífice Urias o seu modelo, e semelhança conforme tôda a obra dêle (4)

11 E o pontífice Urias fez um altar em conformidade de tudo o que o rei Acaz lhe tinha ordenado de Damasco, e assim o fez o pontífice Urias, até que o rei Acaz viesse de Damasco.

12 E tendo o rei vindo de Damasco, viu o altar, e o venerou: e subiu a êle e inolou holocaustos, e o seu sacrifício.

13 e fez oblações de licores, e derramou o sangue das pacíficas, que tinha oferecido sôbre o altar.

14 E o altar de bronze, que estava na presença do Senhor, o transportou de diante do templo, e do lugar

(2) **MANDOU MENSAGEIROS** — Não obstante os conselhos de Isaías. Esta falta de confiança em Deus acarretou funestas consequências.

(3) **TRANSFERIU OS SEUS MORADORES** — Era uma regra assente por êste rei deportar os vencidos para regiões afastadas. Em muitas inscrições e baixos relevos assírios encontram-se alusões claras a êste procedimento.

(4) **FOI O REI ACAZ AO ENCONTRO DE TEGLATFALASAR, REI DOS ASSÍRIOS** — Para apresentar as suas homenagens.

4 Reis 16, 15-20

do altar, e do lugar do templo do Senhor: E o pôs ao lado do altar para o setentrião.

15 Ordenou também o rei Acaz ao pontífice Urias, dizendo: Tu oferecerás sôbre o altar-mor o holocausto da manhã, e o sacrifício da tarde, e o holocausto do rei, e o seu sacrifício, e o holocausto de todo o povo da terra, e os seus sacrifícios, e as libações: E derramarás sôbre êle todo o sangue do holocausto, e todo o sangue da vítima: porém o altar de bronze estará pronto à minha vontade.

16 Executou pois o pontífice Urias conforme tudo o que o rei Acaz tinha ordenado.

17 Tirou também o rei Acaz as bases entalhadas, e a bacia, que estava em cima: e tirou o mar de cima dos bois de bronze, que o sustinham, e pô-lo sôbre o pavimento lajeado de pedra.

18 Tirou outrossim a tribuna do sábado, que tinha mandado fazer no templo: E mudou o passadiço exterior por onde o rei ia para o templo do Senhor, por causa do rei dos assírios. (5)

19 O mais das ações de Acaz está escrito no Livro dos Anais dos reis de Judá.

20 E adormeceu Acaz com seus pais, e foi sepultado com êles na cidade de Davi, e em seu lugar reinou seu filho Ezequias.

(5) **A TRIBUNA DO SÁBADO** — Isto é, que serve ao sábado. No original hebraico está *Musath*, que significa o que está coberto. Esta tribuna estava coberta de tapeçarias, e estava no átrio do templo, sendo transportada para o átrio dos sacerdotes.

CAPÍTULO 17

CERCO DE SAMARIA POR SALMANASAR. E' TOMADA TODA A CIDADE, E OS ISRAELITAS TRANSPORTADOS À ASSÍRIA. COLÔNIAS MANDADAS PARA SAMARIA EM LUGAR DOS ISRAELITAS.

1 No ano duodécimo de Acáz, rei de Judá, reinou em Samaria sobre Israel Oséias, filho de Ela, nove anos.

2 E obrou o mal diante do Senhor: Mas não como os reis de Israel, que o tinham precedido. (1)

3 Contra êle marchou Salmanasar, rei dos assírios, e Oséias ficou sendo servo dêle, e lhe pagava tributos. (2)

4 Mas tendo o rei dos assírios, descoberto a Oséias, meditando rebelar-se, tinha mandado mensageiros a Sua, rei do Egito, para não pagar os tributos ao rei dos assírios como todos os anos costumava, cercou-o, e depois de prêso o meteu numa prisão. (3)

5 E tinha Salmanasar feito correrias por todo o país: E chegando a Samaria, a sitiou três anos.

6 Mas no ano nono de Oséias, tomou o rei dos assírios Samaria, e transportou os israelitas para Assíria: E os pôs em Hala, e em Habor, cidades dos medos, perto do rio Gozan. (4)

(1) **MAS NÃO COMO OS REIS DE ISRAEL** — Porque, como dizem os comentadores, êste rei consentiu que o povo fôsse a Jerusalém adorar o verdadeiro Deus.

(2) **SALMANASAR REI DOS ASSÍRIOS** — Sucessor de Teglatfalasar III e predecessor de Sargão, que reinou desde 727 a 722 (A. C.), começando em seu govêrno a tomada de Samaria.

(3) **SUA** — Ou Saabac, rei etiópico, pertencente à XXV dinastia egípcia, prestou auxílio aos israelitas e foi batido pelos assírios, após a queda de Samaria.

(4) **HABOR** — E' um rio do país de Gozan, afluente do Eufrates, chamado hoje Khabour. Há uma pequena diferença com

4 Reis 17, 7-13

7 Sucedeu pois que tendo os filhos de Israel pecado contra o Senhor seu Deus, que os tinha tirado da terra do Egito, do poder de Faraó, rei do Egito, adoraram a deuses estranhos.

8 E viviam segundo os costumes das gentes, que o Senhor exterminara na entrada dos filhos de Israel, e dos reis de Israel: Porque tinham feito o mesmo.

9 E os filhos de Israel tinham ofendido o Senhor seu Deus com ações más: E tinham edificado para si altos em tôdas as suas cidades desde a torre dos guardas até à cidade forte. (5)

10 E fizeram para si estátuas e bosques em todos os mais altos outeiros, e debaixo de tôdas as árvores frondosas:

11 E ali queimavam incenso sôbre os altares à maneira das gentes, que o Senhor tinha exterminado na entrada dêles: E cometiam ações criminosíssimas irritando o Senhor.

12 E adoravam as abominações, que o Senhor expressamente lhes tinha proibido que não fizessem.

13 E o Senhor tinha protestado em Israel e em Judá por todos os seus profetas, e videntes, dizendo: Voltai dos vossos caminhos corrompidos, e guardai os meus preceitos, e cerimônias conforme tôdas as leis que eu prescrevi a vossos pais: E do mesmo modo que eu vello tenho declarado pelos profetas meus servos.

o que está no 1 Par 5, 26, que se pode attribuir a uma falta do copista.

HALA — E' a Calcitida, entre Antemusa e Gozan, na Mesopotâmia.

GOZAN — Limítrofe de Calcitida, na Mesopotâmia.

(5) **DESDE A TORRE DOS GUARDAS A CIDADE FORTE** — Quer dizer desde a mais pequena aldeia até às mais importantes cidades.

14 Êles o não quiseram ouvir, mas endureceram a sua cabeça, como as de seus pais, que não quiseram obedecer ao Senhor seu Deus.

15 E tinham rejeitado as suas leis, e o pacto, que fizera com seus pais, e as representações que contra êles fizera: E tinham corrido após as suas vaidades, e obrado vãmente: E seguiram as nações, de que estavam rodeados, acêrca das quais o Senhor lhes tinha defendido que não fizessem assim como elas faziam. (6)

16 E tinham abandonado tôdas as ordenações do Senhor seu Deus: E tinham feito para si dois bezerros fundidos, e bosques, e tinham adorado todos os astros do Céu: E tinham servido a Baal,

17 e sacrificavam seus filhos, e suas filhas pelo fogo: E davam-se a adivinhações, e agouros: E se entregavam a fazer o mal diante do Senhor, para o irritar.

18 E o Senhor se indignou sobremaneira contra Israel, e os rejeitou de diante da sua face, e não ficou senão sòmente a tribo de Judá.

19 Mas nem essa mesma tribo de Judá guardou os mandamentos do Senhor seu Deus: Antes andou nos erros, que Israel tinha obrado.

20 E o Senhor abandonou a tôda a linhagem de Israel, e os affligiu, e os deu em prêsa dos que os saqueavam, até que os lançou da sua presença: (7)

21 Já desde aquêl tempo, que Israel se separou da casa de Davi, e êles constituíram por seu rei a Jeroboão filho de Nabat: Porque Jeroboão separou Israel do Senhor, e os fêz cair num grande pecado.

(6) **AS VAIDADES** — E' um dos nomes que a Escritura dá aos ídolos.

(7) **TODA A LINHAGEM DE ISRAEL** — Isto é, as dez tribos de Israel, que abandonaram o Senhor seu Deus.

22 E andaram os filhos de Israel em todos os pêcados que tinha cometido Jeroboão: E não se apartaram dêles,

23 até que enfim repeliu o Senhor a Israel, de diante da sua face, como êle tinha predito por todos os profetas, seus servos: E foi Israel transferido do seu país para a Assíria, até ao dia de hoje.

24 Mas o rei dos assírios trouxe gente de Babilônia, e de Cuta, e de Ava, e Emat, e de Sefarvaim: E os pôs nas cidades de Samaria em lugar dos filhos de Israel: E êles possuíram a Samaria, e habitaram nas suas cidades. (8)

25 E quando tinham começado a habitar nelas, não temiam o Senhor: E o Senhor mandou contra êles leões que os matavam.

26 E avisaram ao rei dos assírios, dizendo: Os povos, que tu transferiste, e que mandaste, que habitassem nas cidades de Samaria, ignoram o culto do Deus do país: E o Senhor mandou contra êles leões, e atende que os matam, porque não sabem o culto do Deus da terra.

27 E o rei dos assírios ordenou, dizendo: Mandai para Samaria um dos sacerdotes, que vós de lá trouxestes cativos, e vá, e habite com êles, e lhes ensine o culto do Deus da terra.

(8) O REI DOS ASSÍRIOS — Sargão, sucessor de Salmanasar.

BABILÔNIA — A capital da Caldéia, sobre o Eufrates.

OUTA — Hoje Tell Ibraim, a 16 quilômetros a nordeste na Babilônia.

SEFARVAIM — Ou os dois Sipara, hoje Tell Abon Habba, a sudoeste de Bagdá, um pouco a este do leito atual do Eufrates, outrora sobre o mesmo Eufrates. As suas ruínas ocupam uma superfície de mais de 3 quilômetros de circunferência.

28 Tendo logo vindo um dos sacerdotes, que tinham sido levados cativos de Samaria, habitou em Betel, e lhes ensinava o modo como deviam honrar ao Senhor.

29 E cada um destes povos forjou para si seu Deus: E os puseram nos templos dos altos, que os samaritanos tinham edificado, cada nação na sua cidade onde habitava.

30 Porque os babilônios fizeram a Socotbenot: E os cuteus fizeram a Nergel: E os de Emat fizeram a Asima. (9)

31 E os heveus fizeram a Nebaaz e Tartac. Mas os que eram de Sefarvaim queimavam os seus filhos no fogo em honra de Adremelec e de Anamelec, deuses de Sefarvaim, (10)

32 e todavia adoravam o Senhor. Eles fizeram os ínfimos do povo sacerdotes dos seus altos, e os punham nos templos dos altos.

33 E ainda que adorassem o Senhor, serviam também aos seus deuses à moda das nações, do meio das quais tinham sido transferidos para Samaria. (11)

(9) **SOCOTBENOT** — Provavelmente Zirbanit, a deusa fecunda adorada na Babilônia.

NERGEL — O deus leão, chamado nos monumentos cuneiformes "o deus dos homens de Guta".

(10) **NEBAAZ E TARTAC** — Os sábios modernos não encontraram ainda elementos seguros para a explicação destes nomes. Segundo os rabinos, o primeiro tinha a forma dum cão, o segundo a dum burro.

ADREMELEC — Isto é Adarmelec, é um rei solar, muitas vezes representado nas inscrições assírias.

ANAMELEC — Ame ou Onameleck era o demiurgo; representavam-no metade homem, metade peixe.

(11) **A MODA DAS NAÇÕES** — Um dos erros mais espalhados naquela época, era que cada país devia ter o seu deus. Cada povo devia adorar a divindade adorada pelos seus maiores. Mas

4 Reis 17, 34-41

34 E ainda hoje seguem o antigo costume: Não temem o Senhor nem guardam as suas cerimônias, nem ordenações, nem leis, nem os preceitos, que o Senhor deu aos filhos de Jacó, a quem deu o sobrenome de Israel:

35 E com os quais tinha contratado aliança, e lhes tinha mandado, dizendo: Não temais os deuses estrangeiros, e não os adorareis, nem os sirvais, e nem lhes sacrifiqueis:

36 Mas sim ao Senhor vosso Deus, que vos tirou da terra do Egito, por grande poder, e o braço estendido, a êle temei, e a êle adorai, e a êle oferecei os sacrifícios.

37 Guardai também as cerimônias, e as ordenações, e as leis e os preceitos, que êle vos deu por escrito, observando-os todos os dias: E não tenhais medo dos deuses estrangeiros.

38 E não vos esqueçais da aliança, que êle fêz convosco: Nem honreis deuses estrangeiros,

39 mas temei ao Senhor vosso Deus, e êle vos livrará do poder de todos os vossos inimigos.

40 Mas êles não deram ouvidos, mas obraram seguindo o seu antigo costume.

41 E assim êstes povos perseveraram em temer ao Senhor, mas todavia serviram também os seus ídolos: Porque tanto seus filhos, como seus netos ainda hoje fazem como fizeram seus pais.

quando uma revolução o forçava a mudar de pátria, julgava-se obrigado a juntar a adoração do deus hereditário à adoração da divindade tutelar do país em que ia habitar.

CAPÍTULO 18

EZEQUIAS RESTITUI O CULTO DO SENHOR A SUA PUREZA. SENAQUERIB SE CHEGA A JERUSALÉM. DISCURSOS IMPIOS E AMEAÇADORES DE RABSACES, OFICIAL DE SENAQUERIB.

1 No ano terceiro de Oséias, filho de Ela, rei de Israel, reinou Ezequias, filho de Acáz, rei de Judá.

2 Tinha vinte e cinco anos, quando começou a reinar: E reinou vinte e nove anos em Jerusalém: Sua mãe chamava-se Abi, filha de Zacarias.

3 E ele fez o que era bom na presença do Senhor, segundo tudo o que tinha feito Davi seu pai.

4 Ele destruiu os altos, e esmigalhou as estátuas e deitou abaixo os bosques, e fez em pedaços a serpente de metal, que Moisés tinha fabricado: Porque os filhos de Israel até então lhe haviam queimado incenso: E a chamou Noestan. (1)

5 Pôs a sua esperança no Senhor Deus de Israel: Portanto depois dêle não houve dentre todos os reis de Judá quem lhe fôsse semelhante, bem assim como o não tinha havido entre aquêles que foram antes dêle:

6 E se chegou ao Senhor, e não se apartou dos seus caminhos, e observou os seus mandamentos, que o Senhor tinha dado a Moisés.

7 E por isso o Senhor era com elle, e se conduzia com sabedoria em tôdas as coisas, que empreendia. Sacudiu também o jugo do rei dos assírios, e não lhe estêve sujeito. (2)

(1) NOESTAN — Esta palavra em hebraico significa feito de bronze, ou, segundo outros, serpente de bronze.

(2) SACUDIU TAMBÉM O JUGO — Diz-nos a história que uma grande parte das tributárias de Sargão revoltaram-se nos últimos anos da sua vida e na época da sua morte.

4 Reis 18, 8-15

8 Ele destruiu aos filisteus até Gaza, e tôdas as suas terras desde a torre dos guardas até à cidade fortificada.

9 No ano quarto do rei Ezequias, que era o sétimo ano de Oséias, filho de Ela, rei de Israel, veio Salmanasar, rei dos assírios, a Samaria, e sitiou-a,

10 e tomou-a. Porque foi tomada Samaria ao cabo de três anos, no sexto ano de Ezequias que é o ano noveno de Oséias, rei de Israel:

11 E o rei dos assírios transportou os israelitas para a Assíria, e os fez habitar em Hala, e em Habor, cidades dos medos perto do rio Gozan:

12 Porque eles não tinham ouvido a voz do Senhor seu Deus, mas tinham violado a sua aliança: E não tinham nem ouvido, nem praticado as ordenações, que Moisés, servo do Senhor, lhes havia prescrito.

13 No ano décimo quarto do rei Ezequias, veio Senaquerib, rei dos assírios, atacar tôdas as cidades fortes de Judá: E as tomou. (3)

14 Então mandou Ezequias, rei de Judá, mensageiros ao rei dos assírios a Laquis, dizendo: Eu pequei, retira-te das minhas terras: E eu sofrerei tudo o que tu me impuseres. O rei pois dos assírios impôs a Ezequias, rei de Judá, trezentos talentos de prata, e trinta talentos de ouro. (4)

15 E Ezequias lhe deu tôda a prata que se achou na casa do Senhor, e nos tesouros do rei.

(3) **SENAQUERIB, REI DOS ASSÍRIOS** — Filho e sucessor de Sargão, ocupou o trono de Nínive desde o ano 605 a 731 A. C. A campanha contra a Palestina teve lugar no ano de 701. O nome Senaquerib significa "O Deus Sin (a lua) multiplicou os irmãos".

(4) **LAQUIS** — Hoje Dumm-Lakis, cidade a sudoeste de Judá, a oeste de Eglon, na estrada de Jerusalém a Gaza. Nas ruínas do palácio de Senaquerib em Nínive, foi achado um baixo-relêvo representando este monarca recebendo em Laquis os tributos dos judeus, confirmando-se assim em tudo o texto sagrado.

16 Nesta ocasião despedaçou Ezequias as duas meias portas do templo do Senhor, e as chapas de ouro, de que êle mesmo as tinha forrado, e deu-as ao rei dos assírios.

17 E o rei dos assírios enviou de Laquis a Tartan, e a Rabsaris, e a Rabsaces ao rei Ezequias, com grande poder contra Jerusalém: Os quais, tendo subido, vieram a Jerusalém, e fizeram alto ao pé do aqueduto da piscina superior, que está em o caminho do campo do lavandeiro. (5)

18 E chamaram o rei: Saiu pois a ter com êles Eliacim filho de Helcias, mordomo-mor da casa do rei, e Sobna secretário de estado, e Joaé filho de Asaf cronista-mor.

19 E Rabsaces lhes disse: Dizei a Ezequias: Eis-aqui o que diz o grande rei, o rei dos assírios: Que confiança é esta, em que tu te estribas?

20 Acaso tomaste a resolução de te preparares para a batalha? Em que confias, para ousares resistir-me?

21 Esperas porventura no Egito que é um bordão de cana e rachada, sôbre a qual se o homem se firmar esmigalhada se lhe meterá pela mão, e a traspassará? Assim é Faraó rei do Egito para todos os que confiam nêle.

22 Se vós me disserdes: Nós temos a nossa confiança no Senhor nosso Deus: Cujos altares e altos destruiu Ezequias: E ordenou a Judá e a Jerusalém: Diante deste altar vós adorareis em Jerusalém?

23 Marchai pois agora contra o rei dos assírios meu amo, e eu vos darei dois mil cavalos, e vêde se podeis achar homens para montar nêles.

(5) **TARTAN, RABSARIS E RABSACES** — Não são nomes próprios, mas títulos de dignidades assírias. O tartan é o general do exército; rabsaris é o chefe da casa do rei; e rabsaces é o mordomo.

24 E como podereis vós ter-vos diante dum só capitão dos últimos servos de meu amo? Acaso tens confiança no Egito por causa das carroças e cavaleiros?

25 Porventura sem a vontade de Deus vim eu a êsse lugar para o destruir? O Senhor me disse: Entra nesta terra, e arrasa-a. (6)

26 Disseram pois a Rabsaces Eliacim, filho de Elcias, e Sobna, e Joaé: Nós te suplicamos que fales a teus servos em siríaco: Porque entendemos esta língua: E não nos fales em língua judaica, ouvindo o povo, que está em cima do muro.

27 E Rabsaces lhes respondeu, dizendo: Meu amo me mandou a teu amo e a ti, para assim falar, e não antes aos homens que estão sôbre o muro, para que comam os seus excrementos, e bebam o seu mijo convosco.

28 Rabsaces pois se pôs em pé, e gritou em alta voz, em língua judaica, e disse: Ouvi as palavras do grande rei, do rei dos assírios.

29 Eis-aqui o que diz o rei: Não vos seduza Ezequias: Porque êle vos não poderá livrar da minha mão.

30 Nem vos faça confiar sôbre o Senhor dizendo: O Senhor infalivelmente nos livrará, e esta cidade não será entregue na mão do rei dos assírios.

31 Não queirais ouvir a Ezequias. Porque eis-aqui o que diz o rei dos assírios: Tratai comigo o que vos é

(6) O SENHOR ME DISSE — Nestas palavras está o reconhecimento do verdadeiro Deus. Esta frase adapta-se às idéias religiosas dos assírios, que, admitindo o politeísmo, subordinavam todos os deuses a um, que reconheciam onipotente — o deus Assur, e assim aparece a crença num Ente Supremo, embora desorientada pelos grosseiros erros da gentilidade.

útil, e vinde para mim: E cada um de vós comerá da sua vinha, e da sua figueira, e bebereis das águas das vossas cisternas,

32 até que eu venha: E vos transfira para uma terra, que é semelhante à vossa terra, para uma terra frutífera, e fértil de vinho, terra de pão e de vinhas, terra de oliveiras, e de azeite e de mel, e vivereis, e não morrereis. Não queirais dar ouvidos a Ezequias, que vos engana, dizendo: O Senhor vos livrará.

33 Acaso os deuses das gentes livraram as suas terras da mão do rei dos assírios?

34 Que é feito do deus de Emat, e do deus de Arfad? Que é do deus de Sefarvaim, e de Ana, e de Ava? Acaso livraram eles da minha mão a Samaria? (7)

35 Quais são eles entre todos os deuses das terras, que livraram da minha mão o seu próprio país, para que o Senhor possa livrar da minha mão a Jerusalém?

36 Calou-se pois o povo, e não lhe respondeu uma só palavra: Porque eles tinham recebido ordem do rei, para que lhe não respondessem.

37 E veio Eliacim, filho de Helcias, mordomo-mor, e Sobna secretário do estado, e Joaé, filho de Asaf, cronista-mor, ter com Ezequias, rasgados os vestidos, e lhe referiram as palavras de Rabsaces. (8)

(7) **ARFAD** — Hoje Tell Erfad, ao norte de Alep, cidade muitas vezes mencionada nos monumentos assírios. Estas duas cidades tinham sido vencidas por Sargão logo depois da tomada de Samaria.

(8) **RASGADOS OS VESTIDOS** — Porque a blasfêmia que acabavam de ouvir-lhes parecia uma grande desgraça e uma causa de luto.

CAPÍTULO 19

EZEQUIAS MANDA CONSULTAR A ISAIAS. ÊSTE PROFETA O CONSOLA. SENAQUERIB MARCHA CONTRA A ETÍOPIA, E BLASFEMA NOVAMENTE CONTRA O SENHOR. EZEQUIAS FAZ ORAÇÃO AO SENHOR. ISAIAS PRFDIZ A DESFEITA DE SENAQUERIB. O ANJO DO SENHOR EXTERMINA O EXÉRCITO DESTE PRÍNCIPE.

1 O que tendo ouvido o rei Ezequias, rasgou os seus vestidos, e cobriu-se de saco, e entrou na casa do Senhor.

2 E mandou a Eliacim, mordomo-mor da sua casa, e a Sobna, secretário de estado, e aos mais velhos dos sacerdotes cobertos de sacos, ao profeta Isaías, filho de Amós.

3 Os quais lhe disseram: Eis-aqui o que diz Ezequias: Êste dia é um dia de tribulação, e de increpação, e de blasfêmia: Os filhos chegaram ao ponto de nascer, porém a que está com as dores, não tem forças. (1)

4 O Senhor teu Deus talvez terá ouvido as palavras de Rabsaces, a quem enviou o rei dos assírios seu amo, para blasfemar o Deus vivo, e para o insultar com palavras, que o Senhor teu Deus ouviu: Faze pois oração ao Senhor por êste resto que ainda se acha.

5 Foram pois os servos do rei Ezequias ter com Isaías.

6 E Isaías lhes respondeu: Direis a vosso amo o seguinte: Não temas essas palavras, que ouviste, nas quais os servos do rei dos assírios me blasfemaram.

(1) OS FILHOS — Ezequias compara a sua situação e a do seu povo à duma parturiente, cuja falta de forças lhe não permite concluir o parto, e que, a não ser que venha em seu auxílio um socorro extraordinário, está às portas da morte.

7 Eu estou para lhe enviar um espírito, e êle ouvirá uma nova, e voltará para a sua terra, e eu o farei perecer à espada na sua terra.

8 Voltou pois Rabsaces, e achou o rei dos assírios sitiando a Lobna: Porque tinha sabido que o rei se havia retirado de Laquis.

9 E como Senaquerib tivesse ouvido aos que diziam de Taraca, rei da Etiópia: Olha que êle saiu para pelejar contra ti: E indo contra êle, enviou mensageiros a Ezequias, dizendo: (2)

10 Direis a Ezequias, rei de Judá: Vê não te seduzas o teu Deus, no qual tens confiança: Nem digas: Jerusalém não será entregue nas mãos do rei dos assírios.

11 Porque tu mesmo tens ouvido o que os reis dos assírios fizeram a tôdas as terras, e como se arruinaram: Acaso pois tu só te poderás salvar?

12 Porventura os deuses das gentes livraram os povos, que meus pais devastaram, a saber, a Gozan, e a Haram, e a Resefe, e aos filhos de Eden, que estavam em Telassar?

13 Que é feito do rei de Emat e do rei de Arfad, e do rei da cidade de Sefarvaim, de Ana e de Ava?

14 Ezequias pois tendo recebido a carta da mão dos mensageiros, e lendo-a foi para a casa do Senhor, e estendeu a carta diante do Senhor,

(2) **TARACA, REI DA ETIÓPIA** — E' o terceiro rei da dinastia etiópica, mas não era herdeiro direto nem de Sua, o primeiro rei, nem de Saabatac, o segundo. Apoderou-se pela força do trono dos faraós, que occupou durante vinte anos, acabando por ser vencido por Asaradon, sucessor de Senaquerib. A expedição de Taraca teve lugar pelo ano 701 A. C. No museu do Cairo está uma estatueta de Taraca, na qual se vêem os povos que êle tinha vencido. São os Lasu, árabes; os Heta, os fenícios; Amoc e Naaraim ou a Mesopotâmia. Vejam Rougé, *Étude sur les monuments de Tharaka*.

4 Reis 19, 15-24

15 e fez a sua oração diante dêle, dizendo: Senhor Deus de Israel, que estás assentado sôbre os querubins, tu és só o que és o Deus de todos os reis da terra: Tu fizeste o céu e a terra.

16 Inclina a tua orelha, e ouve: Abre, Senhor, os teus olhos, e vê: Ouve tôdas as palavras de Senaquerib, que mandou se blasfemasse diante de nós o Deus vivente.

17 E na verdade, Senhor, os reis dos assírios destruíram as nações e as terras de todos.

18 E lançaram os seus deuses no fogo: Porque êles não eram deuses, mas obras das mãos dos homens, de pau e de pedra, e deram cabo dêles.

19 Salva-nos pois agora, Senhor nosso Deus, das suas mãos, para que todos os reinos da terra saibam que só tu és o Senhor Deus.

20 Mandou pois dizer Isaías, filho de Amós, a Ezequias: Eis-aqui o que diz o Senhor Deus de Israel: Eu ouvi a oração que tu me fizeste tocante a Senaquerib, rei dos assírios.

21 Eis-aqui o que o Senhor disse dêle: A virgem filha de Sião te desprezou, e te escarneceu: Jerusalém sacudiu a sua cabeça por trás de ti:

22 A quem insultaste, e de quem blasfemaste? Contra quem levantaste a tua voz, e ergueste ao alto os teus olhos? Contra o Santo de Israel.

23 Tu blasfemaste o Senhor por meio dos teus servos, e disseste: Com a multidão das minhas carroças, subi ao alto dos montes no cume do Líbano, e deitei abaixo os seus altos cedros, e as suas mais formosas, e as suas mais notáveis faias. E penetrei até os seus limites e até o bosque do seu Carmelo,

24 eu o cortei. E bebi as águas estrangeiras e sequei com as plantas de meus pés tôdas as águas que estavam fechadas.

25 Tu logo não ouviste dizer o que eu fiz desde o princípio? Desde os dias antigos eu formei êste projeto, e agora o executei: E as fortes cidades serviram de ruína dos outeiros que pelejam. (3)

26 E os que nelas habitam, abatidas as fôrças, se atemorizaram, e ficaram confundidos, tornaram-se como o feno dos campos, e como a erva verde dos telhados, que se secou antes de amadurecer.

27 Eu previ a tua habitação, e a tua saída, e a tua entrada, e o teu caminho, e o teu furor contra mim.

28 Tu te fizeste louco contra mim, e a tua soberba subiu até às minhas orelhas: Eu te porei pois um círculo nos teus narizes, e uma mordança nos teus beiços, e te farei voltar pelo caminho por onde vieste.

29 Tu porém, ó Ezequias, terás êste sinal: Come neste ano o que achares: No seguinte ano, o que nascer por si mesmo: Mas no terceiro, semeai e recolhei: Plantai vinhas, e comei os frutos delas.

30 E tudo o que ficar da casa de Judá, lançará raízes para baixo, e produzirá o seu fruto para cima.

31 Porque de Jerusalém sairão as relíquias, e do monte de Sião o que será salvo: O zêlo do Senhor dos exércitos fará isto.

32 Portanto eis-aqui o que do rei dos assírios diz o Senhor: Êle não entrará nesta cidade, nem despedirá setas contra ela, nem será investida pela fôrça dos escudados, nem será cercada de trincheiras.

33 Êle voltará pelo caminho, por onde veio: E não entrará nesta cidade, diz o Senhor.

(3) **TU LOGO NÃO OUVISTE DIZER** — Deus ensinara a Senaquerib attribuir ao seu poder a destruição dos reinos e cidades, quando êle apenas foi o instrumento de que o Senhor se servia para punir os pecados do povo.

34 E eu protegerei esta cidade, e a salvarei por amor de mim, e por amor de meu servo Davi.

35 Aconteceu pois que naquela noite veio o anjo do Senhor, e matou no campo dos assírios cento e oitenta e cinco mil homens. E Senaquerib tendo-se levantado ao amanhecer, viu todos êstes corpos dos mortos: E retirando-se, foi-se, (4)

36 e retirou-se Senaquerib, rei dos assírios, e ficou em Nínive. (5)

37 E quando êle adorava no templo a Nesroc seu deus, Adramelec e Sarasar, seus filhos, o mataram às estocadas, e fugiram para a terra dos armênios, e em lugar dêle reinou seu filho Asaradon. (6)

(4) **E MATOU** — Ignoramos de que maneira. Alguns entendem que foi pela peste, outros pelo raio, outros pelo fogo. *Igné velut fulmine vel pestilentia.* (Cornélio a Lapide.) Sem dúvida, porém, que êste extraordinário fato foi um milagre. Larcher pretendeu atacar a sobrenaturalidade dêste acontecimento, porém retratou-se e deu as seguintes razões: 1.^a Nos arredores da Palestina não havia águas estagnadas, que exalassem emanções pútridas que corrompessem o ar e alterassem a saúde dos assírios. 2.^a Suposto que as houvesse, como poderiam causar a morte em três dias a 185.000 homens? Por consequência é preciso aceitar o milagre, e termina com estas palavras que trasladamos como estão no original. *En cherchant à decréditer les Livres Saints, on tombe sans l'en apercevoir, dans des absurdités revoltantes.* Larcher, *História de Heródoto*, t. II, pág. 477. Esta confissão é importante, e de atualidade. Devemos porém confessar que na Palestina há pântanos, em Lobna porém não os há.

(5) **RETIROU-SE** — Os desastres que sofreu não lhe permitiam aparecer de novo. Nunca mais o vencido voltou às margens do Mediterrâneo, Oppert, *Memoires de l'Academie des Inscriptions*, mas foi para Nínive, onde, como nos ensina a Bíblia e a cronologia, ficou imóvel, sobrevivendo dezoito ou dezenove anos. Menaut, *Annales des rois de l'Assyrie*.

(6) **SEUS FILHOS O MATARAM** — Os textos assírios nada contam acêrca da morte de Senaquerib, certamente por causa do

CAPÍTULO 20

DOENÇA DE EZEQUIAS. RETROGRADAÇÃO DO SOL. EMBaixada DO REI DE BABILÔNIA. EZEQUIAS E' REPREENDIDO POR TER MOSTRADO OS SEUS TESOUROS A ESTES ESTRANGEIROS. MORTE DE EZEQUIAS. SUCEDE-LHE MANASSÉS.

1 Neste tempo adoeceu Ezequias de morte: E o profeta Isaías, filho de Amós, veio ter com êle, e lhe disse: Eis-aqui o que diz o Senhor Deus: Ordena a tua casa: Porque tu morrerás, e não viverás.

2 Êle virou o rosto para a parede, e fêz oração ao Senhor, dizendo:

3 Peço-te, Senhor, lembra-te, te suplico, de que modo eu andei diante de ti em verdade, e com um coração perfeito, e que fiz o que era do teu agrado. Depois derramou Ezequias grande cópia de lágrimas.

4 E antes que Isaías tivesse passado metade do átrio, o Senhor lhe falou, dizendo:

5 Volta, e dize a Ezequias condutor do meu povo: Eis-aqui o que diz o Senhor Deus de Davi teu pai: Eu ouvi a tua oração, e vi as tuas lágrimas: E olha que eu te dei saúde, daqui a três dias irás ao templo do Senhor.

6 E acrescentarei quinze anos aos dias da tua vida: Além disto eu te livrarei a ti, e a esta cidade da mão do rei dos assírios, e protegerei esta cidade, por amor de mim, e por amor de Davi meu servo.

paricídio que pôs termo à sua existência, mas a Crônica Babilônica diz que "Senaquerib, rei da Assíria, foi morto pelo seu filho". Oppert, *Chronique babylonienne du Musée britannique*. O prisma de Nabonide, publicado pelo padre Fr. V. Schell em 1895, diz de Senaquerib: "Quanto ao rei da Assíria, seu filho o matou com suas armas". *Inscription de Nabonide, separata do Recueil des travaux relatifs à la Philologie et à l'Archeologie égyptiennes et assyriennes*.

7 E disse Isaías: Trazei-me cá uma massa de figos. Como lha trouxessem, e a pusessem sôbre a úlcera do rei, ficou curado.

8 Mas Ezequias tinha dito a Isaías: Qual será o sinal, de que o Senhor me sarará, e que dentro em três dias irei ao templo do Senhor?

9 Isaías lhe respondeu: Êste será o sinal da parte do Senhor, de que o Senhor há de cumprir a palavra que disse: Queres que a sombra se adiante dez linhas, ou que ela retroceda outros tantos graus?

10 E Ezequias disse: E' fácil que a sombra se adiante dez linhas: Não quero que isto se faça, senão que volte atrás dez graus.

11 Invocou pois o profeta Isaías o Senhor, e fêz que a sombra voltasse pelas linhas, pelas quais já tinha passado no relógio de Acaz dez graus atrás. (1)

12 Naquele tempo Berodac Baladan, filho de Balandan, rei dos babilônios, enviou uma carta e presentes a Ezequias: Porque tinha sabido que Ezequias havia estado doente. (2)

13 E Ezequias se alegrou com a sua vinda, e lhe mostrou a casa dos aromas, e o ouro e a prata, e vários bálsamos, e os ungüentos e a estância de seus vasos, e

(1) **E FÊZ QUE A SOMBRA** — Muitos intérpretes sustentam que o sol retrocedeu, porém outros, firmando-se no próprio texto, entendem que se deve crer que a sombra é que retrocedera. Não é raro na Escritura tomar o sol pelos efeitos do mesmo sol. Com esta interpretação concorda o que se lê em Is 38, 8. *Ecce ego reverti faciem umbram linearum, per quas descenderat in horologio Acha in sole retrorsum decem lineis. Et reversus est sol.*

(2) **BERODAC BALADAN** — O verdadeiro nome é Merodac-baladan, que significa "o deus Merodac deu um filho". Era um rei da baixa Caldéia, que se tinha tornado rei da Babilônia e que estava em guerra com Senaquerib.

tudo o que podia ter em seus tesouros. Não houve nada no seu palácio, nem coisa que fôsse sua, que Ezequias lhe não mostrasse.

14 Veio pois o profeta Isaías buscar o rei Ezequias, e lhe disse: Que te disseram êstes homens? Ou de onde vieram êles para te falar? Ezequias lhe respondeu: Vieram ver-me de um país mui remoto, de Babilônia.

15 E êle respondeu: Que viram êles em tua casa? Respondeu Ezequias: Viram tudo quanto há no meu palácio: Não há nada nos meus tesouros que eu lhes não mostrasse.

16 Então disse Isaías a Ezequias: Ouve a palavra do Senhor.

17 Eis virão dias em que será transportado para Babilônia tudo o que há em tua casa, e tudo o que teus pais ajuntaram até êste dia: Não ficará coisa alguma, diz o Senhor. (3)

18 E até teus mesmos filhos, que saíram de ti, e que tu terás gerado, serão levados, e serão eunucos no palácio do rei de Babilônia.

19 Ezequias respondeu a Isaías: E' justa a palavra do Senhor que tu me annuncias: Haja paz e verdade em meus dias.

20 O resto das ações de Ezequias, o seu grande valor, e de que modo fêz a piscina, e o aqueduto, e como metesse água dentro da cidade, tudo isto está escrito no Livro dos Anais dos reis de Judá. (4)

(3) **PARA BABILONIA** — E' uma das mais admiráveis profecias dos Livros Santos, para annunciar aqui o poderio da Babilônia cêrca de 110 anos antes de ter chegado êsse período de esplendor, e sem haver nada que pudesse fazer conjeturar essa grandeza profetizada.

(4) **FAZ PISCINA NO AQUEDUTO** — Provavelmente o aqueduto subterrâneo aberto na rocha, que conduz a água da fonte da

21 Adormeceu pois Ezequias com seus pais, e em seu lugar reinou seu filho Manassés.

CAPÍTULO 21

IMPIEDADE DE MANASSÉS. AMEAÇAS DO SENHOR CONTRA JERUSALÉM. AMON SUCEDE A MANASSÉS, E JOSIAS A AMON.

1 Manassés tinha doze anos, quando começou a reinar, e reinou cinqüenta e cinco anos em Jerusalém: Sua mãe chamava-se Hafsiba.

2 E ele obrou o mal diante do Senhor, seguindo os ídolos das gentes, que o Senhor tinha expulsado na entrada dos filhos de Israel.

3 E perverteu-se, e reedificou os altos, que seu pai Ezequias tinha destruído: E levantou os altares de Baal, e plantou bosques como tinha feito Acab, rei de Israel, e adorou todos os astros do céu e lhes rendeu culto.

4 E constituiu altares na casa do Senhor, da qual o Senhor tinha dito: Eu estabelecerei o meu nome em Jerusalém.

5 E dedicou altares a todos os astros do céu nos dois átrios do templo do Senhor.

6 E fez passar seu filho pelo fogo: E amou adivinhações, e observou agouros, e instituiu pitões, e multiplicou os arúspices, de sorte que cometeu o mal aos olhos do Senhor, e o irritou.

7 Pôs também o ídolo do bosque, que tinha plantado no templo do Senhor, do qual o Senhor tinha dito a Davi, e a Salomão seu filho: Neste templo e em Jerusalém, que

Virgem, a sudeste de Jerusalém, para a piscina do Chibé, ao sul da cidade.

escolhi dentre tôdas as tribos de Israel, estabelecerei o meu nome para sêmpre. (1)

8 E eu mais não permitirei que Israel ponha o pé fora da terra, que eu dei a seus pais: Contanto que êles guardem tudo o que eu lhes mandei, e tôda a lei, que meu servo Moisés lhes deu.

9 Êles porém não ouviram: Mas foram seduzidos por Manassés para fazerem ainda pior do que tinham feito as gentes, que o Senhor desfez na entrada dos filhos de Israel.

10 Falou pois o Senhor pelos profetas seus servos dizendo:

11 Porque Manassés, rei de Judá, cometeu estas abominações ainda mais detestáveis, do que tudo quanto os amorreus tinham feito antes dêle, e fêz pecar também a Judá com as suas infâmias:

12 Portanto diz o Senhor Deus de Israel: Eis-aí farei eu vir tais pragas sôbre Jerusalém e Judá, que todo o que as ouvir, ficar-lhe-ão retinindo ambas as orelhas.

13 E estenderei sôbre Jerusalém o cordão de Samaria, e o pêso da casa de Acab: e eu apagarei a Jerusalém como se apaga o que está escrito numa tábua: E riscando a varrerei, e repassarei muitas vêzes o ponteiro por cima da sua superfície.

14 E abandonarei os restos da minha herança, e os entregarei nas mãos de seus inimigos: E servirão para serem assolados e roubados por todos os seus adversários:

(1) O ÍDOLO DO BOSQUE — Por esta frase traduziu a Vulgata o termo *Aschera*, do original, que significa a boa deusa, e que é um dos nomes de Astartéia, companheira de Baal, cujo culto torpe era prestado nos bosques que rodeavam os templos que lhe eram consagrados.

4 Reis 21, 15-26

15 Porque eles cometeram o mal diante de mim, e continuaram em me irritar, desde o dia em que seus pais saíram do Egito, até hoje.

16 Além disso derramou também Manassés arroios de sangue inocente, enchendo Jerusalém até à bôca: Fora os seus pecados, com que tinha feito pecar a Judá, para fazer o mal diante do Senhor.

17 O resto das ações de Manassés, e tudo o que ele fez, e o pecado que ele cometeu, tudo isto está escrito no Livro dos Anais dos reis de Judá.

18 E adormeceu Manassés com seus pais, e foi sepultado no jardim de Oza: E em seu lugar reinou seu filho Amon.

19 Tinha Amon vinte e dois anos quando começou a reinar: E reinou dois anos em Jerusalém: Sua mãe chamava-se Messalemet filha de Haro de Jeteba.

20 E ele fez o mal diante do Senhor, como havia feito Manassés seu pai.

21 E andou por todos os caminhos, por onde tinha andado seu pai: E serviu as abominações, a que tinha servido seu pai, e as adorou,

22 e abandonou o Senhor Deus de seus pais, e não andou no caminho do Senhor.

23 E seus servos lhe armaram traições, e mataram o rei em sua casa.

24 Mas o povo da terra matou todos aquêles que tinham conspirado contra o rei Amon: E constituíram a Josias seu filho para reinar em seu lugar.

25 O resto das ações de Amon está escrito no Livro dos Anais dos reis de Judá.

26 E o enterraram no seu jazigo, no jardim de Oza: E em seu lugar reinou seu filho Josias.

CAPÍTULO 22

PIEIDADE DE JOSIAS. ACHA-SE NO TEMPLO O LIVRO DA LEI.
JOSIAS ATEMORIZADO COM A SUA LEITURA CONSULTA
A PROFETISA HOLDA.

1 Josias tinha oito anos quando começou a reinar, e reinou trinta e um anos em Jerusalém: Sua mãe chamava-se Idida, filha de Hadaia de Besecat. (1)

2 E êle fêz o que era do agrado do Senhor, e andou em todos os caminhos de Davi seu pai: Não declinou nem para a direita nem para a esquerda. (2)

3 No ano décimo oitavo do rei Josias, enviou o rei a Safan filho de Aslia, filho de Messulão, secretário do templo do Senhor, dizendo-lhe: (3)

4 Vai ter com o pontífice Helcias, para se ajuntar o dinheiro, que se tem metido no templo do Senhor, o qual os porteiros do templo têm recebido do povo, (4)

5 e se dê aos oficiais pelos aparelhadores da casa do Senhor: Os quais também o distribuam pelos que trabalham no templo do Senhor, para fazerem os reparos do templo:

6 Isto é, pelos carpinteiros e pedreiros, e pelos que consertam os muros que tem abertas: E para que também se comprem madeiras, e pedras das pedreiras para se reparar o templo do Senhor.

(1) **BESECAT** — Cidade situada perto de Laquis.

(2) **NÃO DECLINO** — Josias mereceu este elogio por causa da sua rara piedade. Já aos dezesseis anos procurava o Deus de Davi, 2 Par 24, 3, e aos vinte anos, quando viu consolidado o seu poder, declarou guerra a toda a idolatria.

(3) **SAFAN** — Era o pai de Aicam, e avô de Godolias, que foi governador de Judá, por nomeação de Babilônia.

(4) **HELCIAS** — Era filho de Selom, pai ou avô de Saraias. 1 Par 6, 13; era ascendente de Esdras.

7 Todavia não se lhes dê por conta o dinheiro que recebem, mas o tenham em seu poder, e sua boa fé.

8 E disse o pontífice Helcias ao secretário Safan: Eu achei um Livro da Lei na casa do Senhor: E Helcias deu êste Livro a Safan, que também o leu. (5)

9 Veio também o secretário Safan ao rei, e lhe deu conta do que lhe tinha mandado, e disse: Os teus servos ajuntaram o dinheiro que se achou na casa do Senhor: E o deram para os aparelhadores das obras do templo do Senhor distribuírem pelos oficiais.

10 Contou mais o secretário Safan ao rei, dizendo: O pontífice Helcias me deu um livro. E como Safan o lesse diante do rei,

11 e o rei tivesse ouvido as palavras do Livro da Lei do Senhor, rasgou os seus vestidos. (6)

12 E ordenou ao pontífice Helcias, e a Aicão, filho de Safan, e a Acobor, filho de Mica, e a Safan, secretário, e a Asaías, oficial do rei, dizendo:

13 Ide, consultai o Senhor acêrca de mim, e do povo, e de todo o Judá, sôbre as palavras dêste livro, que se achou: Porque a ira do Senhor se acendeu grandemente contra nós: Porque nossos pais não ouviram as palavras

(5) O LIVRO DA LEI — Naturalmente o Dt, que continha a lei. Muitos julgaram que o volume achado por Helcias era o autógrafo de Moisés, que havia sido conservado oculto durante o governo dos reis assírios que governaram Judá. Mas nada há que autorize esta opinião, pois não se deduz dos Par; pode significar que êsse escrito continha a lei que Deus tinha dado ao povo por intermédio de Moisés.

(6) SE O REI TIVESSE OUVIDO — Destas palavras não se pode inferir que a lei mosaica fôsse desconhecida nesta época; porém, como nos reinados de Manassés e Amon tivesse sido desprezada, esta descoberta causou grande comoção em Jerusalém, e a leitura fez reviver muitas prescrições que tinham caído em desuso.

dêste livro, deixando de fazer tudo o que nos fôra prescrito.

14 Portanto o pontífice Helcias, e Aicão e Acobor, e Safan, e Asaías foram ter com a profetisa Holda, mulher de Selum filho de Tecuas, filho de Araáz, guardad-roupa, a qual habitava em Jerusalém na Segunda: E falaram-lhe.

15 E ela lhes respondeu: Eis-aqui o que diz o Senhor Deus de Israel: Dizei ao homem que vos mandou a mim:

16 Eis-aqui o que diz o Senhor: Eis-aí estou eu para fazer cair males sôbre êste lugar, e sôbre os seus habitantes, conforme tôdas as palavras da lei que o rei de Judá leu:

17 Porque êles me deixaram, e ofereceram sacrificios a deuses estrangeiros, irritando-me em tôdas as obras de suas mãos: E a minha indignação se acenderá contra êste lugar, e não se extinguirá.

18 Ao rei porém de Judá, que vos enviou a consultar o Senhor, assim direis: Eis-aqui o que diz o Senhor Deus de Israel: Porque tu ouviste as palavras do livro,

19 e o teu coração se atemorizou, e tu te humilhaste diante do Senhor, depois de ouvidas as palavras contra êste lugar, e os seus habitantes, porque sem dúvida êles viriam a ser objeto do espanto, e da execração: E porque tu rasgaste os teus vestidos, e choraste diante de mim, eu também te ouvi, diz o Senhor:

20 Por isso eu te farei descansar com teus pais, e serás sepultado em paz no teu sepulcro, para que os teus olhos não vejam todos os males que eu hei de fazer cair sôbre êste lugar. (7)

(7) **TODOS OS MALES** — Os males anunciados são o cativo da Babilônia, a ruína da cidade e destruição do templo de

CAPÍTULO 23

JOSIAS TENDO AJUNTADO TODO O POVO, RENOVA A ALIANÇA COM O SENHOR. DESTRÓI AS RELÍQUIAS DA IDOLATRIA, E ORDENA A CELEBRAÇÃO DA PASCOA. É MORTO NUMA BATALHA. SUCEDE-LHE JOACAZ, E A JOACAZ SUCEDE JOAQUIM.

1 Êles pois referiram ao rei o que a profetisa dissera. O qual mandou ajuntar em sua presença todos os anciãos de Judá e de Jerusalém.

2 E o rei foi ao templo do Senhor, e todos os varões de Judá, e todos que habitavam em Jerusalém com êle, sacerdotes e profetas, e tódo o povo desde o mais pequeno até o maior: E leu, ouvindo todos êles, tôdas as palavras do livro do concêrto, que fôra achado na casa do Senhor.

3 E o rei se pôs em pé sôbre um degrau: E fêz concêrto com o Senhor, que andariam pelo caminho do Senhor, e observariam os seus preceitos, e ordenações, e cerimônias de todo o seu coração, e com tôda a sua alma, e cumpriariam as palavras dêste concêrto, que estavam escritas naquele livro: E o povo estêve pelo pacto.

4 E mandou o rei ao pontífice Helcias, e aos sacerdotes da segunda ordem, e aos porteiros, que lançassem fora do templo do Senhor todos os vasos, que tinham sido feitos para Baal, e no bosque, e para tôda a milícia do céu: E êle os queimou fora de Jerusalém no Vale de Cedron, e fêz levar as suas cinzas para Betel.

5 Aboliu também os agoureiros, que tinham sido constituídos pelos reis de Judá para sacrificarem nos

Jerusalém por Nabucodonosor. Josias morreu no campo de batalha; mas entrou em paz no seu túmulo, porque não viu êsses males, pouco depois da sua morte.

altos nas cidades de Judá, e em tôrno de Jerusalém: E os que ofereciam incenso a Baal, e ao sol, e à lua, e aos doze signos, e a tôda a milícia do Céu.

6 E mandou que se levasse o bosque da casa do Senhor para fora de Jerusalém ao Vale de Cedron, e o queimou aí, e o reduziu a cinzas, e as fêz lançar sôbre os sepulcros do povo.

7 Derrubou mais as casinhas dos efeminados, que havia na casa do Senhor, para as quais as mulheres teciam uns como pavilhões do bosque.

8 E ajuntou todos os sacerdotes das cidades de Judá: E profanou os altos, onde os sacerdotes sacrificavam desde Gabaa até Bersabée: E destruiu os altares das portas à entrada da casa de Josué príncipe da cidade, que ficava à esquerda da porta da cidade. (1)

9 Mas os sacerdotes dos altos não subiam ao altar do Senhor em Jerusalém: Mas comiam somente do pão asmo no meio de seus irmãos.

10 Contaminou também o lugar de Tofet, que é no Vale do filho de Enom: Para que ninguém sacrificasse seu filho ou filha pelo fogo a Moloc. (2)

11 Tirou também os cavalos, que os reis de Judá tinham dado ao sol, à entrada do templo do Senhor perto da pousada do eunuco Natamelec, que era em Farurim: E queimou as carroças do sol.

12 Destruiu também o rei os altares, que estavam sôbre a cúpula da câmara de Acáz, os quais os reis de Judá tinham feito, e os altares que Manassés tinha cons-

(1) **PORTA DA CIDADE** — Provavelmente a porta principal, porque não há outro meio de explicar o artigo que se encontra no texto original.

(2) **VALE DO FILHO DE ENOM** — Ou do Ben Enom, a oeste e sul de Jerusalém.

4 Reis 23, 13-19

truído nos dois átrios do templo do Senhor: E correu daí, e lançou as cinzas dêles no ribeiro de Cedron.

13 Contaminou também o rei os altos, que havia em Jerusalém à parte direita do monte do escândalo, os quais Salomão, rei de Israel, tinha edificado a Astarot ídolo dos sidônios, e a Camos trôpêço de Moab, e a Meicom abominação dos filhos de Amon. (3)

14 E fêz em migalhas as estátuas, e cortou os bosques: E encheu êstes lugares de ossadas de mortos.

15 E até também o altar, que estava em Betel, e o alto que tinha edificado Jeroboão, filho de Nabat, que tinha feito pecar a Israel: E destruiu aquêlê altar, e o alto, e queimou-os, e reduziu-os a cinzas, e incendiou também o bosque.

16 E tornando Josias, viu neste lugar os sepulcros, que havia pelo monte: E mandou tirar os ossos dos sepulcros, e os queimou sôbre o altar, e o profanou segundo a palavra do Senhor, que pronunciou o homem de Deus, que tinha predito estas coisas.

17 E disse: Que monumento é êste, que eu vejo? E os cidadãos daquela cidade lhe responderam: E' o sepulcro do homem de Deus, que veio de Judá, e que predisse estas coisas, que tu fizeste sôbre o altar de Betel.

18 E disse: Deixai-o, ninguém toque nos seus ossos. E os seus ossos ficaram intactos com os ossos do profeta, que tinha vindo de Samaria.

19 Até destruiu também Josias todos os templos dos altos que havia nas cidades de Samaria, que os reis de Israel tinham edificado para irritarem o Senhor: E lhes fêz tudo, assim como o havia feito em Betel.

(3) MONTE DO ESCÂNDALO — Em hebreu da corrupção, da perdição; é o monte das Oliveiras, assim chamado por causa da idolatria que ali se praticava.

20 E matou todos os sacerdotes dos altos, que nêles curavam dos altares: E queimou sôbre êstes altares ossos humanos: E recolheu-se a Jerusalém.

21 E ordenou a todo o povo, dizendo: Celebrai a páscoa em honra do Senhor vosso Deus, do modo que está escrito no livro dêste concêrto.

22 Porque não se celebrou páscoa tal desde o tempo dos juizes, que julgaram Israel, e em todo o tempo dos reis de Israel, e dos reis de Judá,

23 como se fêz esta páscoa em honra do Senhor em Jerusalém, no ano décimo oitavo do rei Josias. (4)

24 E aboliu também Josias os pitões, e os adivinhos, e as figuras dos ídolos, e as abominações, que tinha havido no país de Judá, e de Jerusalém: Para cumprir com as palavras da lei, que estavam escritas no livro que o pontífice Helcias achou no templo do Senhor.

25 Não houve rei antes de Josias que lhe fôsse semelhante, que se convertesse ao Senhor de todo o coração, e de tôda a sua alma, e de tôda a sua força, conforme em tudo à lei de Moisés: Nem depois dêle houve outro semelhante a êle.

26 Contudo o Senhor não desistiu do seu extremo furor, com que se tinha acendido a sua indignação contra Judá: Por causa dos crimes, com que Manassés o tinha irritado.

27 Por isso disse o Senhor: Eu arrojarei também a Judá de diante da minha face, como arrojiei a Israel: E eu abandonarei a esta cidade de Jerusalém, que eu escolhi, e a casa da qual eu disse: O meu nome estará ali.

(4) COMO SE FEZ ESTA PASCOA — A Páscoa foi sempre celebrada de alguma maneira, mas tinham-se desprezado muitas prescrições mosaicas. Desta vez também se deu o caso de serem convocadas as dez tribos.

28 O resto das ações de Josias, e tudo o que êle fêz, está escrito no Livro dos Anais dos reis de Judá.

29 No seu tempo Faraó Necau, rei do Egito, marchou contra o rei dos assírios para a banda do Eufrates: E o rei Josias lhe foi sair ao encontro: E tanto que o viu, foi morto em Magedo. (5).

30 E seus servos o levaram morto de Magedo: E o transportaram a Jerusalém, e o sepultaram no seu jazigo. E o povo da terra pegou em Joacaz, filho de Josias: E o ungiram, e o constituíram rei em lugar de seu pai.

31 Tinha Joacaz vinte e três anos quando começou a reinar, e reinou três meses em Jerusalém: Sua mãe chamava-se Amital, filha de Jeremias, de Lobna.

32 E êle fêz o mal diante do Senhor, conforme em tudo o que haviam feito seus pais.

33 E Faraó Necau o prendeu em Rebla, que é no país de Emat, para que êle não reinasse em Jerusalém: E multou a terra, em cem talentos de prata, e num talento de ouro.

34 E Faraó Necau constituiu rei a Eliacim, filho de Josias, para reinar em lugar de Josias seu pai, e lhe mudou o nome em Joaquim: E levou a Joacaz, e o conduziu ao Egito, e ali morreu.

35 E Joaquim deu a Faraó a prata, e ouro, do imposto que havia estabelecido por cabeça sobre a terra, para se pagar a contribuição conforme a ordem de Faraó: E exigiu de cada um do povo da terra a proporção dos seus teres, tanto prata como ouro para dar a Faraó Necau.

(5) NECAU — II Faraó da XXVI dinastia, que reinou desde 611 a 595 A. C. O seu nome não foi encontrado nas inscrições cuneiformes; apenas no museu de Boulaq esta um antigo monumento egípcio que nos fala das conquistas d'êste Necau. Mariette. *Monuments divers recueillis en Égypte et en Nubie*, Paris, 1872.

36 Tinha Joaquim vinte e cinco anos, quando começou a reinar: E reinou onze anos em Jerusalém: Sua mãe chamava-se Zébida filha de Fadaia, de Ruma.

37 E ele fez o mal diante do Senhor, conforme em tudo o que fizeram seus pais.

CAPÍTULO 24

JOAQUIM É SUJEITADO AO REI DE BABILÔNIA. MORRE. SUCEDE-LHE OUTRO JOAQUIM. NABUCODONOSOR SITIA A JERUSALÉM. OS PRINCIPAIS HABITANTES DESTA CIDADE SÃO TRANSPORTADOS A BABILÔNIA. SEDECIA É POSTO EM LUGAR DE JOAQUIM.

1 Em seu tempo marchou Nabucodonosor rei de Babilônia, e Joaquim ficou sendo seu servo três anos: E ao depois se rebelou contra ele. (1)

2 E o Senhor mandou contra ele salteadores da Caldéia, e salteadores da Síria, e salteadores de Moab, e salteadores dos filhos de Amon: E os fez vir contra Judá, para o extinguirem segundo a palavra do Senhor que tinha dito pelos profetas seus servos.

3 E aconteceu isto em virtude da palavra do Senhor contra Judá, para o tirar da sua presença, por causa de todos os crimes que Manassés tinha cometido,

4 e por causa do sangue inocente que ele derramou, tendo enchido a Jerusalém de sangue de inocentes: E por isso o Senhor não quis mostrar-se propício.

(1) NABUCODONOSOR — Etimologicamente significa "o deus Nebo protege a coroa". Era filho de Nabopolassar, rei da Babilônia; reinou desde 607 a 561 A. C. É um dos monarcas mais célebres que cingiram a coroa. Babilônia deve-lhe a maior parte da sua glória. Ofuscou o reinado de seu pai e da mesma maneira os seus sucessores esmorecem diante do brilho da sua grandeza. General hábil, protetor das artes e grande empreendedor, fez da sua capital

5 O resto das ações de Joaquim, e tudo o que êle fêz, está escrito no Livro dos Anais dos Reis de Judá. E Joaquim adormeceu com seus pais:

6 E em seu lugar reinou seu filho Joaquim.

7 E o rei do Egito daquele tempo em diante não saiu mais do seu reino: Porque o rei de Babilônia tinha levado tudo o que tinha sido do rei do Egito, desde o regato do Egito até ao rio Eufrates.

8 Tinha Joaquim dezoito anos quando começou a reinar, e reinou três meses em Jerusalém: Sua mãe chamava-se Noesta, filha de Elnatan, de Jerusalém.

9 E êle fêz o mal diante do Senhor, conforme em tudo o que seu pai tinha feito.

10 Naquele tempo vieram os oficiais de Nabucodonosor, rei de Babilônia, contra Jerusalém, e a cidade foi bloqueada com entrincheiramentos.

11 E veio Nabucodonosor, rei de Babilônia, com as suas gentes contra a cidade, para a combater.

12 E Joaquim, rei de Judá, saiu à presença do rei de Babilônia, êle e sua mãe, e seus servos, e seus príncipes, e seus eunucos: E o rei de Babilônia o recebeu no oitavo ano do seu reinado.

13 E levou dali todos os tesouros da casa do Senhor, e os tesouros da casa do rei, e despedaçou todos os vasos de ouro, que Salomão, rei de Israel, tinha feito no templo do Senhor, conforme a palavra do Senhor.

uma das maravilhas do universo. Foi o destruidor de Jerusalém, o executor das ameaças dos profetas. As inscrições de Nabucodonosor são muito sóbrias acérca da sua história; não se referem aos seus feitos bélicos, mas dão-nos notícia dos edifícios que construiu e do esplendor da Babilônia que tanto engrandeceu, porque nisso se comprazia com muito desvanecimento, e desejava que a posteridade tivesse conhecimento das suas obras.

14 E transferiu tôda a Jerusalém, todos os príncipes, e todos os valentes do exército, dez mil cativos, e todos os artífices e lapidários: E não ficou nada à exceção dos pobres dentre o povo da terra.

15 Transferiu também para Babilônia a Joaquim, e a mãe do rei, e as mulheres do rei e os seus eunucos: E levou cativos de Jerusalém a Babilônia todos os juizes da terra.

16 E a todos os homens robustos em número de sete mil, e os artífices, e lapidários em número de mil, todos os homens fortes e guerreiros, e o rei de Babilônia os levou cativos para Babilônia.

17 E constituiu rei em seu lugar a Matanias seu tio paterno: E lhe pôs o nome de Sedecias.

18 Tinha Sedecias vinte e um anos, quando começou a reinar, e reinou onze anos em Jerusalém: Sua mãe chamava-se Amital, filha de Jeremias, de Lobna.

19 E êle fêz o mal diante do Senhor, conforme em tudo o que fizera Joaquim.

20 Porque a ira do Senhor crescia contra Jerusalém e contra Judá, até os lançar da sua presença: E Sedecias se rebelou contra o rei de Babilônia.

CAPÍTULO 25

ÚLTIMO SÍTIO DE JERUSALÉM POR NABUCODONOSOR. SEDECIAS E' TOMADO, E LEVADO A BABILÔNIA. NABUCODONOSOR PÕE FOGO À CIDADE, E TRANSPORTA DELA OS HABITANTES. GODOLIAS E' CONSTITUÍDO GOVERNADOR DO PAÍS. O POVO FOGE PARA O EGITO. JOAQUIM E' FAVORECIDO DE EVILMERODAC.

1 Aconteceu pois que no ano nono do seu reinado, no décimo dia do décimo mês, veio Nabucodonosor rei de Babilônia, êle e todo o seu exército contra Jerusalém, e lhe pôs cerco; e levantaram trincheiras ao redor dela.

4 Reis 25, 2-11

2 E a cidade ficou fechada e circunvalada até o undécimo ano do rei Sedecias,

3 no dia nove do mês: E a cidade se viu apertada da fome, nem havia pão para o povo da terra. (1)

4 E abriu-se brecha na cidade: E todos os homens de guerra fugiram de noite pelo caminho da porta, que está entre os dois muros perto do jardim do rei (enquanto os caldeus apertavam o cerco da cidade), fugiu pois Sedecias pela estrada, que vai para as campinas do deserto.

5 E o exército dos caldeus foi em seguimento do rei, e o alcançou na planície de Jericó e todos os guerreiros que estavam com êle, foram desmantelados, e o desampararam.

6 Tendo pois apanhado às mãos o rei, o levaram a Reblata ao rei de Babilônia: O qual lhe pronunciou a sua sentença.

7 E matou os filhos de Sedecias à vista dêle, e vazou-lhe os olhos, e o prendeu com cadeias, e o levou para Babilônia.

8 No dia sétimo do quinto mês, que é o décimo nono ano do rei de Babilônia, veio a Jerusalém Nabuzardan, general do exército, e servo do rei de Babilônia.

9 E queimou a casa do Senhor, e a casa do rei: E as casas de Jerusalém, e entregou às chamas todos os edifícios.

10 E todo o exército dos caldeus, que estava com o general da tropa, deitou abaixo em roda os muros de Jerusalém.

11 E Nabuzardan, general do exército, transportou todo o resto do povo, que tinha ficado na cidade e os

(1) **E A CIDADE SE VIU APERTADA DA FOME** — Confiando no socorro do Egito, Sedecias tinha recusado entregar-se como lhe aconselhou Jer 21, 37.38.

desertores, que se tinham passado ao rei de Babilônia, e o resto da plebe.

12 E dos pobres da terra deixou para cultivarem as vinhas e os campos.

13 E os caldeus despedaçaram as colunas de bronze, que estavam no templo do Senhor, e as bases, e o mar de bronze, que estava na casa do Senhor, e transportaram para a Babilônia todo o bronze.

14 Levaram também as panelas de bronze, e as jarras, e os garfos, e as taças, e os grais, e todos os vasos de bronze que se usavam no ministério.

15 E assim mesmo os turíbulos, e os copos: O que era de ouro à parte: E o que era de prata, à parte levou o general do exército,

16 a saber: duas colunas, um mar, e as bases que Salomão tinha feito no templo do Senhor: Era infinito o pêso de todos os vasos de bronze.

17 Cada coluna tinha dezoito côvados de altura: E sôbre si um capitel de bronze, de três côvados de alto: E uma rêde, e romãs sôbre o capitel da coluna, tudo de bronze: E a segunda coluna tinha os mesmos ornatos.

18 Levou também o general do exército a Saraias primeiro sacerdote, e a Sofonias, segundo sacerdote, e a três porteiros, (2)

19 e um eunuco da cidade, que comandava a gente de guerra: E a cinco homens dos que assistiam ao rei, os quais achou na cidade: E a Sofer inspetor do exército, que exercitavam os soldados bisonhos do povo da terra: E a sessenta homens do povo, que se acharam na cidade.

(2) **E A SOFONIAS, SEGUNDO SACERDOTE** — Para fazer as vêzes do primeiro sacerdote que era o pontífice, quando este se achava impedido, costumava eleger-se outro, que fôsse como seu vigário, ou substituto; e a este é que chamavam Segundo Sacerdote.

4 Reis 25, 20-27

20 E tomando-os Nabuzardan, general do exército, os levou ao rei de Babilônia a Reblata.

21 E o rei de Babilônia os feriu, e os matou em Reblata na terra de Emat: E Judá foi transladado fora do seu país.

22 E do povo que tinha ficado na terra de Judá, que Nabucodonosor, rei de Babilônia, tinha deixado, entregou o comando a Godolias, filho de Aicão, filho de Safan.

23 O que tendo sabido todos os oficiais do exército, êles, e as gentes que estavam com êles, a saber, que o rei de Babilônia havia nomeado governador a Godolias: Vieram ter com Godolias em Masfa, Ismael filho de Natánias, e Joanan, filho de Caréc, e Saraia filho de Taneumet Netofatites, e Jezonias, filho de Maacati, êles e os seus companheiros.

24 E Godolias lhes jurou a êles e aos seus companheiros, dizendo: Não se vos dê de servir os caldeus: Ficai no país, e servi ao rei de Babilônia, e bem vos sucederá.

25 E a cabo de sete meses aconteceu que veio Ismael, filho de Natánias, filho de Elisama de sangue real, e dez homens em sua companhia: E feriram a Godolias, que morreu: E também aos judeus, e caldeus, que estavam com êle em Masfa,

26 E levantando-se todo o povo desde o pequeno até o maior, e os oficiais do exército temendo os caldeus fugiram para o Egito.

27 E aconteceu no ano trigésimo sétimo da transmigração de Joaquim, rei de Judá, no dia vinte e sete do duodécimo mês: Que Evilmerodac, rei de Babilônia, no ano em que começou a reinar, aliviou a pessoa de Joaquim, rei de Judá, tirando-o do cárcere.

28 E lhe falou benignamente: E pôs o seu trono acima do trono dos reis, que estavam com êle em Babilônia.

29 E lhe mudou os vestidos de que tinha usado no cárcere, e comia o pão sempre à sua vista, todos os dias da sua vida.

30 Assinou-lhe também alimentos perpétuos, que diàriamente lhe dava o rei em todos os dias da sua vida.

PARALIPÔMENOS

INTRODUÇÃO

Designação. — Derivada do grego, a palavra *paralipômenos* significa *coisas omitidas*, dando-se êste nome a êste livro porque nêle se narram fatos omitidos nos Livros dos Reis. O escopo dêste livro é pois contar fatos novos, esclarecer outros já narrados, e ainda pôr em relêvo que a prosperidade de Israel estava na razão direta da fidelidade à lei mosaica, e na obediência ao Senhor Deus, procurando incutir no ânimo dos leitores uma aversão profunda pela idolatria, e uma fé viva no Deus de Abraão, Isaac e Jacó. E' sem dúvida para atingir êste fim que, a propósito da elevação de Joás ao trono, se põe em fogo a parte ativa que tomaram os levitas, 2 Par 23, circunstância não mencionada no 4 Rs 11.

Nome. — Os judeus chamavam a êstes livros *dibré hayyamim*, isto é, *palavras dos dias*, o que corresponde às crônicas, como lhe chamou S. Jerônimo *Septimus dibré ajamin*, *id est verba dierum quod significantius Chronicon totius divinæ historiæ possumus appellare, qui liber apud nos Paralipomenon primus et secundus inscribitur* (Hieronymus Prolog. Galeat.)

Data. — Pela análise dêste livro nós podemos determinar aproximadamente a sua época. Deve ter sido escrito depois do cativeiro, pois refere-se ao edito de Ciro

Paralipômenos

que o terminou. — *Hæc dicit Cyrus rex Persarum, etc.* 2 Par. 36, 23. Encontra-se no texto original do Par. 29, 7 a menção dos *dáricos*, moedas persas de Dario, o que prova datar da dominação persa e não da época dos Selêucidas. Idêntica conclusão se deduz do termo *birah* dado ao templo, 1 Par. 29, 1-19, porque um autor posterior a Neemias, não podia, sem perigo de grande confusão, e sem dar lugar a muitos equívocos, designar por este nome a casa de Deus: com efeito Neemias tinha construído em Jerusalém, à imitação das cidades da Pérsia, uma fortaleza — *birih*, distinta do templo, que mais tarde veio a ter o nome de *Arx Antonia*.

Autor. — A tradição judaica cristã atribui a Esdras a composição dos Paralipômenos, e o que se diz da época da sua redação abona esta hipótese. Porém os caracteres intrínsecos destes livros favorecem e confirmam esta opinião. Nota-se a igualdade do estilo, a ligação dos acontecimentos, as recapitulações e aclarações rigorosamente concatenadas, as conclusões logicamente deduzidas, e comparando tudo isto com o livro de Esdras convencemo-nos de que é um e o mesmo autor. Há uma perfeita identidade na conclusão do 2 Par 36, 23 e o início do Livro de Esdras, que apresenta o edito de Ciro, embora mais completo. Nos *Paralipômenos* como no Livro de Esdras encontra-se a mesma insistência nas genealogias, e em tudo o que é concernente à tribo levítica; locuções particulares que têm uma significação própria nestas duas obras; por exemplo: *Kammischpat* segundo a lei, *hithyakhés*, fazer-se, inserir, etc., e numerosos caldaísmos. Os próprios protestantes e alguns racionalistas aceitam esta opinião. Eichorn diz que esta se deve aceitar sem hesitar. *Esrilet Band. III, 494.*

Divisão. — Os Paralipômenos contêm duas partes principais: a primeira encerra as genealogias dos tem-

Paralipômenos

pos primitivos e das tribos de Israel, 1 Par cc. 1-9; a segunda narra a história do povo de Deus desde Davi ao edito de Ciro, que permitia aos judeus cativos em Babilônia o regresso à sua pátria, 1 Par c 10-2 Par cc. 1-36. A parte genealógica subdivide-se em seis grupos distintos, a saber:

PRIMEIRA PARTE

- 1.º Genealogia patriarcal desde Adão ao filho de Isaac, c. 1.
- 2.º " dos filhos de Jacó de Judá, e de Davi, cc. 2-4, 23.
- 3.º " de Simeão e das tribos transjordânicas, Rúben, Gad. Manassés, cc. 4, 24. c. 5, 26.
- 4.º " de Levi, com a indicação das cidades que habitavam os padres e os levitas, c. 6.
- 5.º " do resto das tribos, Issacar, Benjamim, Neftali, Manassés (parte) Efraim, Aser da casa de Saul, cc. 7-8. (Falta Dan e Zabulon).
- 6.º " dos antigos habitantes de Jerusalém, (c. 9, 1-34). Para servir de transição à história dos reis, a genealogia de Saul é repetida. c. 9, 35-44.

SEGUNDA PARTE

Esta compreende quatro seções:

- a) *Reinado de Davi*: 1.º Narração da morte de Saul. c. 10; 2.º Governo de Davi. cc. 11-29. 3.º Catálogo dos *fortes de Davi que o ajudaram*, cc. 11, 10-12, 40. 4.º Translação da arca; construção

Paralipômenos

do palácio; organização do culto, cc. 13-16. 5.º Projeto da construção do templo, c. 17. 6.º Guerras de Davi, cc. 18-20. 7.º Recenseamento da população; a peste, c. 21. 8.º Preparativos para a construção do templo c. 22. 9.º Catálogo das famílias sacerdotais e levíticas, seu ministério, cc. 23-26. 10.º Ordem do serviço militar, c. 27. 11.º Aviso de Davi a Salomão; sua morte, cc. 28-29.

b) *Reinado de Salomão*; 1.º Sacrifício solene oferecido pelo novo rei, 2 Par c. 1. 2.º Construção e dedicação do templo, cc. 2-7. 3.º Magnificência de Salomão; sua glória, riqueza, e morte, cc. 8-9.

c) *Cisma das dez tribos*, c. 10.

d) *História do reino de Judá, excluído de Israel, desde Roboão a Sedecias*, cc. 11, 1-36, 21. O autor conclui com a citada referência ao edito de Ciro autorizando a volta dos judeus à sua pátria, 36, 22 S.

PARALIPÔMENOS

LIVRO PRIMEIRO

CAPÍTULO 1

GENEALOGIA DE ADÃO ATE' NOÉ, E DESDE NOÉ ATÉ ABRAÃO.
FILHOS DE ABRAÃO. POSTERIDADE DE ESAÚ.

1 Adão, Set, Enos.

2 Cainan, Malaleel, Jared,

3 Enoc, Matusalém, Lamec,

4 Noé, Sem, Cam, e Jafet.

5 Filhos de Jafet: Gomer, e Magog, e Madai, e Javan, Tubal, Mosoc, Tiras.

6 E filhos de Gomer: Ascenez, e Rifat, e Togorma.

7 E filhos de Javan: Elisa e Tarsis, Cetim e Dodanim.

8 Filhos de Cam: Cus, e Mesraim, e Fut, e Canaã.

9 E filhos de Cus: Saba e Hevila, Sabata, e Regma, e Sabataca. E filhos de Regma: Saba, e Dadan.

10 Porém Cus gerou a Nemrod: Este começou a ser poderoso na terra.

11 E Mesraim gerou a Ludim, e a Anamim, e a Laabim, e a Neftuim,

1 Paralipômenos 1, 12-32

12 e a Fetrusim, e a Casluim: Dos quais procederam os filisteus, e os caftorins.

13 E Canaã gerou a Sidon seu primogênito, e o he-teu também,

14 e o jebuseu, e o amorreu, e o gergeseu,

15 e o heveu, e o araceu, e o sineu.

16 Também o aradio, e o samareu, e o hamateu.

17 Filhos de Sem: Elão, e Assur, e Arfaxad, e Lud, e Arão, e Hus, e Hul, e Geter, e Mosoc.

18 Arfaxad porém gerou a Sale, que também foi pai de Heber.

19 Heber porém teve dois filhos, um dos quais foi chamado Faleg, porque em seu tempo se dividiu a terra: E o nome de seu irmão foi Jectan.

20 Jectan porém gerou a Elmodad, e a Salef, e a Asarmot, e a Jare,

21 e a Adorão, e a Huzal, e a Decla,

22 assim também a Rebal, e a Abimael, e a Saba, e também

23 a Ofir, e a Hevila, e a Jobab: Todos êstes eram filhos de Jectan:

24 Sem, Arfaxad, Sale,

25 Heber, Faleg, Ragau,

26 Serug, Nacor, Taré,

27 Abrão, êste é Abraão.

28 E filhos de Abraão, Isaac e Ismael.

29 E estas são as suas gerações. Nabaiot, primogênito de Ismael, e Cedar, e Adbeel, e Mabsão,

30 e Masma, e Duma, Massa, Hadad, e Tema,

31 Jetur, Nafis, Cedma: Êstes são os filhos de Ismael.

32 Mas os filhos que Abraão teve de Cetura sua concubina, foram: Zamran, Jecsan, Madan, Madian, Jes-

boc, e Sue. E filhos de Jacsan: Saba, e Dadan. E filhos de Dadan: Assurim, e Latussim, e Laomim.

33 E filhos de Madian: Efa, Efer, e Enoc, e Abida, e Eldaa: Todos êstes eram filhos de Cetura.

34 E Abraão gerou a Isaac, que teve por filhos Esaú, e a Israel.

35 Filhos de Esaú: Elifaz, Rael, Jeus, Ielom, e Coré.

36 Filhos de Elifaz: Teman, Omar, Sefi, Gatan, Cenez, Tamna, Amalec.

37 Filhos de Rael: Naat, Zara, Sama, Meza.

38 Filhos de Seir: Lotan, Sobal, Sebeon, Ana, Dison, Eser, Disan.

39 Filhos de Lotan: Hori, e Homão. Irmã porém de Lotan foi Tamna.

40 Filhos de Sobal: Alian, e Manaat, e Ebal, Sefi, e Onão. Filhos de Sebeon: Aia e Ana. Filhos de Ana, Dison.

41 Filhos de Dison: Hamrão, e Eseban, e Jetran e Caran.

42 Filhos de Eser: Balaan, e Zavan, e Jacan. Filhos de Disan: Hus e Aran.

43 Os reis, que reinaram na terra de Edon, antes que houvesse rei sôbre os filhos de Israel, são êstes: Bale filho de Beor: a sua cidade se chamava Denaba.

44 E morreu Bale, e reinou em seu lugar Jobab filho de Zaré de Bosra.

45 E depois da morte de Joab, reinou em seu lugar Husão da terra dos temanos.

46 E também faleceu Husão e reinou em seu lugar Adad filho de Badad, que derrotou os madianitas na terra de Moab: E a sua cidade se chamava Avit.

47 E depois da morte de Adad, reinou em seu lugar Semla de Masreca.

1 Paralipômenos 1, 48-54; 2, 1-6

48 E faleceu também Semla, e reinou em seu lugar Saul de Roobot, que está situada sôbre o rio.

49 E, morto Saul, reinou em seu lugar Balanan filho de Acobor.

50 E êste também morreu, e reinou em seu lugar Adad: cuja cidade se chamava Fau, e a sua mulher Mectabel, filha de Matred, filha de Mezaab.

51 E morto Adad, começou a haver em Edom governadores em lugar de reis: O governador Tamna, o governador Alva, o governador Jetet,

52 o governador Oolibama, o governador Ela, o governador Finon,

53 o governador Cenez, o governador Teman, o governador Mabsar,

54 o governador Magdiel, o governador Hirão: Êstes foram os governadores de Edom.

CAPÍTULO 2

FILHOS DE JACÓ. POSTERIDADE DE JUDÁ ATÉ DAVI. FILHOS DE CALEB.

1 E os filhos de Israel foram: Rúben, Simeão, Levi, Judá, Issacar, e Zabulon;

2 Dan, José, Benjamim, Neftali, Gad, e Aser.

3 Filhos de Judá: Her, Onan e Sela: Êstes três teve êle duma cananéia, filha de Sue. Her, porém, primogênito de Judá, foi mau aos olhos do Senhor, e Deus o matou.

4 Tamar porém, nora de Judá, pariu dêle a Farés e a Zara: Foram logo todos os filhos de Judá cinco.

5 E os filhos de Farés: Hesron, e Hamul.

6 E os filhos de Zara: Zamri, e Etan, e Eman, e Calcal, e Dâra, por todos cinco.

7 Filhos de Carmi: Acar, que turbou a Israel e pecou num furto de anátema.

8 Filho de Etan: Azarias.

9 E os filhos que nasceram de Hesron; Jerameel, e Rão, e Calubi.

10 E Rão gerou a Aminadab. E Aminadab gerou a Naasson, príncipe dos filhos de Judá.

11 Naasson também gerou a Salma, do qual procedeu Booz.

12 Ora Booz gerou a Obed, o qual também gerou a Isai.

13 Isai teve por primogênito a Eliab, o segundo Abinadab, o terceiro Simaa,

14 o quarto Natanael, o quinto Radaí,

15 o sexto Asom, o sétimo Davi.

16 Irmãs dêste foram Sarvia e Abigail. Os filhos de Sarvia foram três, Abisai, Joab, e Asael. (1)

17 Abigail foi mãe de Amasa, cujo pai foi Jeter ismaelita.

18 Caleb porém filho de Hesron tomou por mulher uma chamada Azuba, da qual houve a Jeriot: e foram seus filhos, Jaser, e Sobab, e Ardon. (2)

19 Mas depois que morreu Azuba, tomou Caleb por mulher uma de Efrata da qual houve a Hur.

20 E Hur gerou a Uri, e Uri gerou a Bezeleel.

(1) **SARVIA E ABIGAIL** — Não costuma a Escritura mencionar as mulheres; esta exceção atribui-a Calmet a uma distinção que Deus lhes quis fazer por serem irmãs de Davi, para assim ficar nos Livros Santos mais um esclarecimento relativo ao Rei Profeta.

(2) **AZUBA** — Nem o texto hebreu nem a versão dos Setenta concordam com a Vulgata. Daí o discutir-se muito para se aclarar o verdadeiro sentido do texto. Carrières apresenta esta interpretação: "Caleb, filho de Hesron, tomou mulher a Azuba e por concubina a Jeriot, e os filhos que teve de Azuba foram Jaser, Sobah, Ardon".

1 Paralipômenos 2, 21-36

21 Ao depois tomou Hesron por mulher a filha de Maquir pai de Galaad, e a recebeu tendo sessenta anos: dela houve a Segub.

22 E Segub também gerou a Jair, e foi senhor de vinte e três cidades na terra de Galaad.

23 E Gessur e Aarão tomaram as cidades de Jair, como também a Canat com os lugarejos de sessenta cidades; todos êstes eram filhos de Maquir pai de Galaad.

24 Depois da morte de Esron, casou Caleb com Efrata. Mas Esron teve outra mulher por nome Abia, da qual houve a Asur pai de Técua.

25 E Jerameel primogênito do mesmo Esron teve por seu filho primogênito a Rão, depois Buna, e Aarão, e Asom, e Aquia.

26 E também. Jerameel casou com outra mulher chamada Atara, que foi mãe de Onão.

27 Mas Rão, primogênito de Jerameel, teve por filhos a Moos, a Jamin, e Acar.

28 E Onão teve por filhos a Semei, a Jada, e os filhos de Semei: Nadab, e Abisur.

29 E a mulher de Abisur chamou-se Abiaíl, a qual pariu dêle a Aoban, e a Molid.

30 Nadab foi pai de Saled, e Afaim. Mas Saled morreu sem filhos.

31 E Afaim teve um filho chamado Jesi: o qual Jesi gerou a Sesan: E Sesan gerou Oolai.

32 E os filhos de Jada, irmão de Semei, foram: Jeter, e Jonatan. Mas Jeter também morreu sem filhos.

33 E Jonatan houve a Falet, e a Ziza. Êstes foram os filhos de Jerameel.

34 Sesan porém não teve filhos, mas filhas: e um escravo egíptico por nome Jeraa.

35 E deu a êste em matrimônio sua filha: a qual lhe pariu a Etei.

36 E Etei gerou a Natan, e Natan gerou a Zabad.

37 Zabad também gerou a Ofal, e Ofal gerou a Obed.

38 Obed gerou a Jeú, Jeú gerou a Azarias.

39 Azarias gerou a Heles, e Heles gerou a Elasa.

40 Elasa gerou a Sisamoi, Sisamoi gerou a Selum.

41 Selum gerou a Icamia, e Icamia gerou a Elisama.

42 Ora de Caleb, irmão de Jerameel, foram filhos: Mesa seu primogênito, êste é o pai de Zif, e os filhos de Maresa pai de Hebron.

43 E os filhos de Hebron foram: Coré, e Tafua, e Recem, e Sama.

44 Sama porém gerou a Raão, pai de Jercaão, e Recem gerou a Samai.

45 Samai teve um filho chamado Maon: E Maon foi pai de Betsur.

46 Ora Efa, concubina de Caleb, pariu-lhe a Haran, e a Mosa, e a Gezez. E Haran gerou a Gezez.

47 E os filhos de Jaadai foram: Regom, e Joatan, e Gesan, e Falet, e Efa, e Saaf.

48 Maaca, concubina de Caleb, pariu a Saber, e Tarana.

49 Mas Saaf, pai de Madmena, gerou a Sue pai de Machena, e pai de Gabaa. Acsa foi filha de Caleb.

50 Êstes eram os filhos de Caleb, filho de Hur, primogênito de Efrata, Sobal, pai de Cariatiarim.

51 Salma pai de Belém, Harif pai de Betgader.

52 Sobal, pai de Cariatiarim, o qual gozava metade do país do Descanso, teve filhos.

53 E das famílias que êles fundaram em Cariatiarim, descenderam os jeteus, e os afuteus, e os semateus, e os masereus. Dêstes procederam os saraitas, e os estaolitas.

1 Paralipômenos 2, 54-55; 3, 1-5

54 Os filhos de Salma foram, Belém, e Netofati, Coroas da casa de Joab, e metade do país do Descanso dos descendentes de Sarai.

55 E as famílias também dos escribas, que habitavam em Jabes, e que se recolhem em tendas cantando e tocando. Êstes os cineus, que vêm de Calor, chefe da casa de Recab. (3)

CAPÍTULO 3

DESCENDENTES DE DAVI, E DOS REIS DE JUDÁ SEUS SUCESSORES.

1 Davi teve êstes filhos que nasceram em Hebron: o primogênito foi Amon havido em Aquinoão de Jezrael: o segundo Daniel havido em Abigail do Carmelo, (1)

2 o terceiro Absalão filho de Maaca filha de Tolmai rei de Gessur, o quarto Adonias filho de Agit,

3 o quinto Safatias filho de Abital, o sexto Jetraão filho de Eglá sua mulher.

4 E assim nasceram-lhe seis filhos em Hebron, onde reinou sete anos e seis meses. E em Jerusalém reinou trinta e três anos.

5 Mas em Jerusalém nasceram-lhe êstes filhos: Simaa, Sobab, e Natan, e Salomão, os quatro havidos em Betsabée filha de Amiel, (2)

(3) **E AS FAMÍLIAS DOS ESCRIBAS** — Isto é, dos jurisperitos e doutores, que pertenciam à tribo de Levi; eram porém recensados por habitarem na tribo de Judá "*idest Jurisperitorum, doctorum, isti erant ex tribu Levi; hic autem recensentur, quia in tribu Judae habitabant*". Menochio.

(1) **JEZRAEL** — E' opinião mais seguida ser Jezrael da tribo de Judá, e não da outra da tribo de Issacar.

(2) **OS QUATRO HAVIDOS EM BETSABÉE** — Nos Prov 4, 3, diz-se que Salomão era *unigenitus ex matre sua*. Os intérpretes di-

6 teve mais a Jebaar e Elisama,
7 e Elifalet, e Noge, e Nefeg, e Jafia,
8 como também a Elisama, e a Eliada, e Elifalet,
nove por todos:

9 Todos êstes foram os filhos de Davi afora os filhos das concubinas: E tiveram uma irmã chamada Tamar. (3)

10 E o filho de Salomão foi Roboão, cujo filho Abia gerou Asa. Dêste nasceu também Josafat,

11 pai de Jorão: O qual gerou a Ocozias, do qual nasceu Joás:

12 E Amasias filho dêste gerou a Azarias. Mas Joatão filho de Azarias

13 gerou a Acaz pai de Ezequias, de quem nasceu Manassés.

14 E Manassés também gerou a Amon pai de Josias.

15 E os filhos de Josias foram Joanan o primogênito, o segundo Joaquim, o terceiro Sedecias, o quarto Selum. (4)

16 De Joaquim nasceu Jeconias, e Sedecias.

17 Filhos de Jeconias foram, Asir, Salatiel, (5)

zem que o termo *unigenitus* deve ser tomado na acepção de *unice dilectus*, não havendo contradição com o que aqui se diz.

(3) **TIVERAM UMA IRMÃ** — No original hebraico está *irmã dêles*, da parte do pai, porque só de Absalão era irmã uterina.

(4) **FILHOS DE JOSIAS** — Aqui se indicam quatro enquanto que no 2 Rs 23, 24 referem três apenas. A razão é porque nesse lugar omite-se Selum, que não gozou da realeza, e só se indicam os que foram reis. *Nimirum tres priores regnum tenuerunt Sellum illic omittitur, quod regnum non sit assecutus. Martene.*

(5) **FILHOS DE JECONIAS** — E' uma passagem difícil da Escritura, porquanto Jer 22, 30, declarou-o estéril. *Scribe virum istum sterilem. Uns intérpretes, e entre êstes Calmet, sustentam que êste lugar de Jeremias se deve entender de modo que o sentido*

1 Paralipômenos 3, 18-24; 4, 1-2

18 Melquirão, Fadaia, Seneser e Jecemia, Sama, e Nadabia.

19 De Fadaia nasceram Zorobabel e Semei: Zorobabel gerou a Mosolão, a Hananias, e a Salomit irmã dêles:

20 E também êstes cinco, Hasaban, Ool, e Baraquia, e Hasadian, e Josabesed.

21 E Hananias teve por filho a Faltias, pai de Je-seias, cujo filho foi Rafaia: E o filho dêste foi Arnan, do qual veio Obdia, de que foi filho Sequenias.

22 Filho de Sequenias, foi Semeia: Do qual foram filhos Hatus, e Jegaal, e Baria, e Naaria, e Safat, seis em número.

23 Filhos de Naaria foram três, Elioenai, e Ezequias, e Ezricão.

24 E os filhos de Elioenai foram sete: Oduia, e Elia-sub, e Feleia, e Acub, e Joanan, e Dalaia, e Anani.

CAPÍTULO 4

DESCENDENTES DE JUDÁ, E DESCENDENTES DE SIMEÃO.

1 Filhos de Judá foram: Farés, Hesron, e Carmi, e Hur, e Sobal. (1)

2 Raia, porém, filho de Sobal, gerou a Jaat, de quem nasceram Aumai, e Laad: Estas as famílias dos Saratitas.

seja que nenhum dos filhos de Jeconias reinaria em Judá, e que êle seria reduzido ao estado dum homem que carece de posteridade; outros entendem que, de fato, Jeconias não teve filhos, mas êstes o são somente pelo direito de sucessão. *Filli, non natura, nam sine liberis extinctus est Jeremias XXII, 30, sed successionis jure, quoad Nathan, filli David, et fratris Salomonis, posteris devolvetur.*

(1) **FILHOS DE JUDÁ** — Isto é, descendentes, porque só Farés é filho de Judá, os restantes são netos. Esron foi neto. Carmi bisneto, etc.

3 Esta é também a posteridade de Etão: Jezrael, e Jesema, e Jédebos. E a irmã teve por nome, Asalefuni.

4 E Fanuel foi pai de Gedor, e Ezer pai de Hosa: Êstes são os filhos de Hur, primogênito de Efrata, pai de Belém.

5 E Assur pai de Técua teve duas mulheres, Halaa, e Naara.

6 E de Naara houve a Oozão, e Hefer, e os temanos e aastaranos: Êstes são os filhos de Naara.

7 E os filhos de Halaa foram, Seret, Isaar, e Etnam.

8 E Cós gerou a Anob, e a Soboba, e a família de Aareel filho de Arum. (2)

9 Mas Jabes foi mais illustre do que seus irmãos, e sua mãe lhe pôs o nome de Jabes, dizendo: Porque eu o pari com dores.

10 Ora Jabes invocou o Deus de Israel, dizendo: Se tu me encheres das tuas bênçãos, e dilatares os meus limites, e a tua mão fôr comigo, e não permitires que eu seja oprimido pela malícia. E Deus lhe concedeu o que êle lhe tinha pedido.

11 E Caleb, irmão de Sua, gerou a Mair, que foi pai de Eston.

12 E Eston gerou a Betrofa, e a Fesse, e a Teina, pai dos habitantes da cidade de Naas: Êstes são os povoadores de Reca.

13 E os filhos de Cenez foram, Otoniel, Hatat, e Maonati.

14 Maonati gerou a Ofra, e Sarai gerou a Joab pai dos habitantes do Vale dos Artífices: Porque ali habitavam os artífices.

(2) CÓS — Segundo o douto Calmet, êste Cós é o mesmo que Cenez, de que se faz menção no v. 13.

1 Paralipômenos 4, 15-23

15 Os filhos, porém, de Caleb, filho de Jefone, foram, Hir, e Ela, e Naão. E o filho de Ela, Cenez.

16 E os filhos de Jaleleel foram Zif, e Zifa, Tiria, e Asrael.

17 E os filhos de Ezra foram, Jeter, e Meted, e Efer, e Jalon; teve mais a Maria e a Samai, e a Jesba pai dos habitantes de Estamo.

18 E sua mulher Judaia pariu a Jared pai de Gedor, e a Heber pai de Soco, e a Icutiel pai de Zano: E êstes são os filhos de Betia, filha de Faraó, com quem casou Mered.

19 E filhos de sua mulher Odaia, irmã de Naão pai de Ceila foram, Garim, e Estamo, que era de Macati.

20 E os filhos de Simão foram, Amnon e Rina, o qual êle houve de Hanan, e Tilon. E os filhos de Jesi, Zoet, e Benzoet.

21 Filhos de Sela, filho de Judá foram: Her, pai de Leca, e Laada, pai de Maresa, e as famílias da casa dos fabricantes de linho fino na casa do juramento. (3)

22 E o que fez parar o sol, e os homens de Mentira, e Afoito, e o que Queima, que foram príncipes em Moab, e que tornaram para Laem: E estas são as antigas memórias. (4)

23 Êstes são os oleiros que habitavam nas Hortas, e nos Serrados, nas casas do rei trabalhando para êle, e ali moravam.

(3) **CASA DO JURAMENTO** — A Vulgata traduziu um nome próprio por um nome comum. O que está no original é *Casa de Asthacath*.

(4) **O QUE FEZ PARAR O SOL** — Segundo os melhores intérpretes, êste versículo não é outra coisa mais do que uma interpretação dos nomes que traz o Hebreu e que assim mesmo conservaram nas versões os Setenta, que dizem: "E Joaquim e os homens de Cozeba e Joas e Saraf que foram príncipes de Moab".

24 Filhos de Simeão foram: Namuel e Jamin, Jariib, Zara, Saul.

25 Selum seu filho, foi pai de Mapsão, o qual teve por filho a Masma.

26 Os filhos de Masma: Hamuel seu filho, Zacur filho dêste, Semei seu filho.

27 Semei teve dezesseis filhos, e seis filhas: mas seus irmãos não tiveram muitos filhos, e tôda a sua posteridade não pôde igualar o número dos filhos de Judá.

28 E eles se estabeleceram em Bersabée, e em Molad, e em Hasarsual,

29 e em Bala, e em Asom, e em Tolad,

30 e em Batuel, e em Horma, e em Siceleg,

31 e em Betmarcabot, e em Hasarsusim, e em Betherai, e em Saarim: Estas são as suas cidades até o reinado de Davi.

32 E as suas povoações: Etão, e Aen, Remon, e Toquen, e Asan, cinco cidades.

33 E todos os seus lugarejos nos arredores destas cidades até Baal: Esta é a sua habitação e a distribuição das suas vivendas.

34 E Mosabab, e Jemlec, e Josa filho de Amasias,

35 e Joel, e Jeú filho de Josabia, filho de Saraia, filho de Asiel,

36 e Elioenai, e Jacoba, e Isuaia, e Asaia, e Adiel, e Ismiel e Banaia,

37 e Ziza, filho de Sefei, filho de Alon, filho de Idaia, filho de Semri, filho de Samaia.

38 Êstes são os príncipes afaçados nas suas linhagens, que se multiplicaram em extremo nas casas de suas alianças.

39 E saíram para se apoderarem de Gador até o oriente do vale, e para buscarem pastos para os seus gados.

1 Paralipômenos 4, 40-43; 5, 1-2

40 E acharam pastagens abundantes e muito excelentes, e uma terra espaçosíssima e quieta, e fértil, onde antes tinham habitado os da linhagem de Cam.

41 Êstes pois, que nós assim nomeamos, vieram em tempo de Ezequias rei de Judá: Deitaram abaixo as suas tendas, e mataram os habitantes que ali acharam, e os destruíram até ao dia de hoje: E ficaram habitando em lugar dêles, porque acharam ali pastos abundantíssimos.

42 E também quinhentos homens dos filhos de Simão passaram ao monte de Seir, tendo por chefes a Faltias e Naarias e Fafaías, e Oziel filhos de Jesi:

43 E desbarataram os restos dos amalecitas, que puderam escapar, e habitaram ali em seu lugar até ao dia de hoje.

CAPÍTULO 5

DESCENDENTES DE RÚBEN, DE GAD, E DA MEIA TRIBO DE MÁNASSÉS.

1 E os filhos de Rúben, primogênito de Israel, (porque êste foi seu primogênito: Mas porque violou o leito de seu pai, foi o seu direito de primogenitura dado aos filhos de José, filho de Israel: E Rúben não foi mais reputado o primogênito.

2 Judá, porém, que era o mais valente de todos os seus irmãos, da sua estirpe saíram príncipes: Mas o direito da primogenitura foi conservado a José:) (1)

(1) **DA SUA ESTIRPE SAIRAM PRÍNCIPES** — A tribo de Judá pertenciam Davi e todos os reis que lhe sucederam até ao cativeiro da Babilônia, e desta tribo devia nascer o Messias prometido.

1 Paralipômenos 5, 3-14

3 Os filhos pois de Rúben, primogênito de Israel, foram: Enoc, e Falu, Ebron, e Carmi.

4 Filhos de Joel foram: Samaia, pai de Gog, cujo filho foi Semei.

5 Mica foi filho de Semei, Reia filho de Mica, Baal filho de Reia.

6 Beera filho de Baal, a quem levou cativo Telgat-falnasar rei dos assírios, e foi príncipe da tribo de Rúben.

7 E seus irmãos, e toda a sua parentela, quando se fez a lista deles por famílias, tiveram por príncipes a Jeiel, e a Zacarias.

8 E Bala filho de Azaz, filho de Sama, filho de Joel, estabeleceu-se em Aroer até Nebo e Beelmeon.

9 Habitou também até o país oriental, até a entrada do deserto e até o rio Eufrates. Porque possuíam grande quantidade de gado na terra de Galaad.

10 Mas no reinado de Saul pelejaram contra os agareus, e os passaram a cutelo e habitaram em lugar deles nas suas tendas, em todo o território, que olha para o oriente de Galaad.

11 Os filhos porém de Gad se estabeleceram de frente deles no país de Basan até Selca:

12 Joel era cabeça, e Safan o segundo: E Janai, e Safat governavam em Basan.

13 E seus irmãos, segundo as casas das suas parentelas, eram Miguel, e Mosolão, e Sebe, e Jorai, e Jâcan, e Zie, e Heber, sete. (2)

14 Êstes foram filhos de Abiail, filho de Uri, filho de Jara, filho de Galaad, filho de Miguel, filho de Jesesi filho de Jedo, filho de Buz.

(2) SEUS IRMÃOS — Não no sentido carnal da palavra, mas por pertencerem à mesma tribo, ou pela igualdade da jerarquia. *Fratres sub proximi dignitate*. Menochio.

1 Paralipômenos 5, 15-22

15 Foram também seus irmãos os filhos de Abdiel, filho de Guni, príncipe da casa nas suas linhagens.

16 E habitaram em Galaad, e em Rasan, e nas aldeias, e em todos os subúrbios de Saron, de um termo a outro.

17 Todos êstes foram contados em tempo de Joatão rei de Judá e em tempo de Jeroboão rei de Israel. (3)

18 Os filhos de Rúben, Gad, e da meia tribo de Manassés foram homens muito guerreiros, que traziam escudos, e espadas, e que manejavam o arco, e destros para a guerra quarenta e quatro mil e setecentos e sessenta que marchavam em batalha.

19 Tiveram guerra com os agareus: Mas os itureus, e os de Nafis, e de Nodab,

20 lhes deram auxílio. E foram entregues às mãos os agareus, e todos os que os haviam auxiliado, porque invocavam a Deus quando pelejavam: E êle os ouviu, porque tinham fé nêle.

21 E se fizeram senhores de tudo o que possuíam; de cinqüenta mil camelos, e duzentas e cinqüenta mil ovelhas, e dois mil jumentos, e cem mil homens.

22 E muitos dos feridos caíram mortos: Porque foi guerra do Senhor. E habitaram em seu lugar até à transmigração. (4)

(3) **EM TEMPO DE JEROBOÃO** — Não se sabe se era Jeroboão primeiro, se o segundo. Inclina-se alguns ao primeiro, porque êste era o mais célebre, e por se lhe não adicionar esclarecimento algum "quia celebris est sermo esse videtur, cum nihil aliud additur" Lapide. Outros sustentam ser o segundo, citando o 2 Rs 14, 23, como quer Menochio.

(4) **GUERRA DO SENHOR** — E' sabido que os hebreus formavam o superlativo juntando o nome de Deus; assim encontra-se vento de Deus, por vento fortíssimo; monte do Senhor, por monte elevado, etc. E' neste sentido que se entende esta frase, que significa guerra cruenta e renhida, e ao mesmo tempo duradoura.

23 Também os filhos da meia tribo de Manassés possuíram as terras desde as extremidades de Basan até Baal, Hermon, e Sanir, e o monte de Hermon, porque eram em muito grande número.

24 Êstes foram os príncipes das casas de suas linhagens: Efer, e Jesi, e Eilel, e Ezriel, e Jeremias, e Odoias, e Jediel, homens fortíssimos, e possantes, e generais de grande reputação entre as suas famílias.

25 Mas deixaram o Deus de seus pais, e se prostituíram seguindo os deuses dos povos da terra, que Deus exterminou na sua presença:

26 E o Deus de Israel suscitou o espírito de Ful, rei dos assírios, e o espírito de Telgathfnasar rei de Assur: E transportou a tribo de Rúben, e a tribo de Gad, e a meia tribo de Manassés e os levou para Laela, e para Habor, e para Ara, e para o rio Gozan, até ao dia de hoje.

CAPÍTULO 6

POSTERIDADE DE LEVI. DESCENDENTES DE AARÃO. FUNÇÕES DOS SACERDOTES E LEVITAS. CIDADES QUE LHE FORAM ASSINALADAS PARA ELES AS HABITAREM.

1 Filhos de Levi foram: Gérson, Caat, e Mera-ri. (1)

2 Filhos de Caat: Amrão, Isaar, Hebron, e Oziel.

3 Filhos de Amrão: Aarão, Moisés, e Maria: Filhos de Aarão: Nadab e Abiú, Eleazar, e Itamar.

4 Eleazar gerou a Finéias, e Finéias gerou a Abisué.

5 E Abisué gerou a Boci, e Boci gerou a Ozi.

(1) **FILHOS DE LEVI** — Depois de Simeão, pela ordem de nascimento, seguia-se Levi. Advirta-se que nem todos os que vão enumerados foram sumos sacerdotes.

I Paralipômenos 6, 6-20

6 Ozi gerou a Zariaas, e Zariaas gerou a Meraiot.

7 E Meraiot gerou a Amarias, e Amarias gerou a Aquitob.

8 Aquitob gerou a Sadoc, e Sadoc gerou a Aquimaas.

9 Aquimaas gerou a Azarias, e Azarias gerou a Joanan.

10 Joanan gerou a Azarias: êste é o que exerceu o sacerdócio no templo que Salomão tinha fundado em Jerusalém. (2)

11 Azarias porém gerou a Amarias, e Amarias gerou a Aquitob.

12 Aquitob gerou a Sadoc, e Sadoc gerou a Selum.

13 Selum gerou a Helcias, e Helcias gerou a Azarias,

14 Azarias gerou a Saraías, e Saraías gerou a Josedec.

15 Mas Josedec saiu, quando o Senhor transferiu a Judá, e a Jerusalém por meio de Nabucodonosor.

16 Filhos de Levi pois foram: Gérson, Caat, e Merari.

17 Êstes são os nomes dos filhos de Gérson: Lobni, e Semei.

18 Filhos de Caat: Amrão, e Isar, e Hebron, e Oziel.

19 Filhos de Merari: Mooli, e Musi. E estas são as famílias de Levi segundo as suas descendências.

20 Gérson, Lobni, seu filho, Jaat seu filho, Zama seu filho.

(2) **ESTE É O QUE EXERCEU O SACERDÓCIO** — Já outros tinham exercido o sacerdócio no templo de Salomão. Deveu esta menção especial ao valor com que resistiu ao rei Ozias, quando êste se atreveu a pegar no turíbulo, e oferecer nêle o incenso como se fôsse sacerdote.

21 Joá seu filho, Ado seu filho, Zara seu filho, Jetrai seu filho.

22 Filhos de Caat, Aminadab seu filho, Coré seu filho, Asir seu filho,

23 Elcana seu filho, Abiasaf seu filho, Asir seu filho,

24 Taat seu filho, Uriel seu filho, Saul seu filho.

25 Filhos de Elcana: Amasai e Aquimot,

26 e Elcana: Filhos de Elcana: Sofai seu filho, Naat seu filho,

27 Eliab seu filho, Jeroboão seu filho, Elcana seu filho.

28 Filhos de Samuel: Vasseni primogênito, e Abia (3).

29 E filhos de Merari, Mooli: Lobni seu filho, Semei seu filho, Oza seu filho,

30 Samaa seu filho, Hagia seu filho, Asaias seu filho,

31 Êstes são os que Davi constituiu sôbre os cantores da casa do Senhor, desde que a arca foi colocada:

32 E cantando ministravam diante do tabernáculo do testemunho, até que Salomão edificou a casa do Senhor em Jerusalém: E exercitavam o seu ministério segundo o seu turno.

33 E êstes são os que serviam justamente com seus filhos, dos filhos de Caat, Hemam cantor filho de Joel, filho de Samuel,

34 filho de Elcana, filho de Jeroão, filho de Eliel, de Tou,

(3) VASSENI — Este nome aparece aqui certamente por um erro de cópia, pois no 1 Rs 8, 2, encontra-se Joel, e no v 33 Johel. No original está Filhos de Samuel, o primogênito Johel; nos Setenta a mesma coisa, e da mesma maneira a versão árabe.

1 Paralipômenos 6, 35-52

35 filho de Suf, filho de Elcana, filho de Maat, filho de Amasai,

36 filho de Elcana, filho de Joel, filho de Azarias, filho de Sofonias,

37 filho de Taat, filho de Asir, filho de Abiasaf, filho de Coré,

38 filho de Isaar, filho de Caat, filho de Levi, filho de Israel.

39 E seu irmão Asaf, que estava à sua direita, Asaf filho de Baraquias, filho de Samaa,

40 filho de Miguel, filho de Basaías, filho de Melquias,

41 filho de Atanai, filho de Zara, filho de Adaia,

42 filho de Etan, filho de Zama, filho de Semei,

43 filho de Jet, filho de Gérson, filho de Levi.

44 E seus irmãos filhos de Merari tinham à esquerda, Etan filho de Cusi, filho de Abdi, filho de Maloc,

45 filho de Hasabias, filho de Amasias, filho de Helcias,

46 filho de Amasai, filho de Boni, filho de Somer,

47 filho de Mooli, filho de Musi, filho de Merari, filho de Levi.

48 E seus irmãos os levitas, que foram destinados para todo o serviço do tabernáculo da casa do Senhor.

49 Mas Aarão, e seus filhos queimavam as vítimas sobre o altar dos holocaustos, e sobre o altar dos perfumes, em tudo o que pertencia ao Santo dos Santos: E para que fizessem oração por Israel, seguindo tudo que Moisés, servo do Senhor, havia prescrito.

50 Estes porém são os filhos de Aarão: Eleazar seu filho, Finéias seu filho, Abisué seu filho,

51 Boci seu filho. Ozi seu filho, Zariaas seu filho,

52 Meraiot seu filho, Amarias seu filho, Aquitob seu filho,

53 Sadoc seu filho, Aquimaas seu filho.

54 E estas são as suas moradas pelas povoações, e arredores, isto é, pelos filhos de Aarão, pelas parentelas dos caatitas: Porque lhes tinham caído por sorte.

55 Deram-lhes pois, Hebron na terra de Judá, e os subúrbios que a rodeiam:

56 Os campos porém da cidade, e os casais, tinham sido dados a Caleb filho de Jefone.

57 Deram-se pois aos filhos de Aarão cidades para refúgio, Hebron, e Lobna, com seus subúrbios,

58 como também Jeter, e Estemo com seus subúrbios, e também Helon, e Dabir com os seus subúrbios,

59 Asan também, e Betsames e os seus subúrbios.

60 E da tribo de Benjamim, Gabee e os seus subúrbios, e Almat com os seus subúrbios, e Anatot com os seus subúrbios: Ao todo treze cidades, pelas suas famílias. (4)

61 E aos filhos de Caat que restaram da sua família deram-se em possessão dez cidades da meia tribo de Manassés.

62 E aos filhos de Gérson pelas suas famílias deram-se da tribo de Issacar, e da tribo de Aser, e da tribo de Neftali, e da tribo de Manassés em Basan, treze cidades.

63 E aos filhos de Merari pelas suas famílias deram-se em sorte doze cidades da tribo de Rúben, e da tribo de Gad, e da tribo de Zabulon.

64 Deram pois os filhos de Israel aos levitas cidades com os seus subúrbios:

65 E lhes deram por sorte estas cidades, da tribo dos filhos de Judá, e da tribo dos filhos de Simeão, e da

(4) **AO TODO TREZE CIDADES** — No contexto aparecem onze, o que se atribui a omissão das duas que faltam, Jeta e Gabaa, que estão indicadas em Jos 21, 16-17.

1 Paralipômenos 6, 66-78

tribo dos filhos de Benjamim, as quais chamaram dos seus nomes,

66 e também aos que eram da parentela dos filhos de Caat, e tiveram no seu distrito cidades da tribo de Efraim.

67 Deram-lhes pois estas cidades para refúgio, Si-quém com os seus subúrbios no monte de Efraim e Gazer com os seus subúrbios,

68 e Jecmaan com os seus subúrbios, e da mesma sorte Betoron,

69 e assim também Helon com os seus subúrbios, e Getremon da mesma maneira.

70 E da meia tribo de Manassés, deram Aner e os seus subúrbios, Baalão e os seus subúrbios: Aquêles pois que ainda restavam da família dos filhos de Caat.

71 E aos filhos de Gérson deram da meia tribo de Manassés, Gaulon em Basan, e os seus subúrbios, e As-tarot com os seus subúrbios.

72 Da tribo de Issacar, Cedes e os seus subúrbios, e Dabaret com os seus subúrbios,

73 e também Ramot e os seus subúrbios, e Anem com seus subúrbios.

74 E da tribo de Aser: Masal com os seus subúrbios, e Abdon semelhantemente,

75 e também Hucac e os seus subúrbios, e Roob com os seus subúrbios.

76 E da tribo de Neftali, Cedes em Galiléia e os seus subúrbios, Hamon com os seus subúrbios, e Caria-taim, e os seus subúrbios.

77 E aos filhos de Merari que ainda restavam: Da tribo de Zabulon, Remono e os seus subúrbios, e Tabor com os seus subúrbios:

78 E da banda de além do Jordão defronte de Jericó ao oriente do Jordão, da tribo de Rúben, Bosor no

deserto com os seus subúrbios, e Jassa com os seus subúrbios.

79 Assim também Cademot e os seus subúrbios, e Mefaat com os seus subúrbios.

80 Como também da tribo de Gad, Ramot em Gallaad e os seus subúrbios, e Manaim com os seus subúrbios,

81 e mais Hesebon com os seus subúrbios, e Jezer com os seus subúrbios.

CAPÍTULO 7

POSTERIDADE DE ISSACAR, DE BENJAMIM, DE NEFTALI, DE MANASSÊS, DE EFRAIM, E DE ASER.

1 E os filhos de Issacar foram quatro: Tola, e Fua, Jasub, e Simeron.

2 Os filhos de Tola foram: Ozi e Rafaia, e Jeriel, e Jemai, e Jebsem, e Samuel, que foram príncipes das casas de suas linhagens. Da linhagem de Tola foram contados em tempo de Davi vinte e dois mil e seiscentos homens valorosíssimos.

3 Filhos de Ozi: Izraia, do qual nasceram Miguel, e Obadia, e Joel, e Jesia todos cinco príncipes. (1)

4 E eles tiveram seus ramos e famílias, trinta e seis mil homens fortíssimos, e prontos para combater; porque tiveram muitas mulheres, e filhos.

5 E dos seus irmãos em toda a casa de Issacar se contaram oitenta e sete mil combatentes valorosíssimos.

6 Os filhos de Benjamim foram três: Bela, e Becor, e Jadiel. (2)

(1) **CINCO PRÍNCIPES** — Incluindo o pai.

(2) **OS FILHOS DE BENJAMIM FORAM TRÊS** — Há aqui uma outra aparente contradição; no Gên 46, 21, contam-se dez;

1 Paralipômenos 7, 7-16

7 Os filhos de Bela foram: Esbon, e Ozi, e Oziel, e Jerimot, e Urai, cinco chefes de famílias, e homens valentíssimos para o combate, e o número destes foi de vinte e dois mil e trinta e quatro.

8 E os filhos de Becor foram: Zamira, e Joás, e Eliezer, e Eliocnai, e Amri, e Jerimot, e Abia, e Anatot, e Almat: Todos estes filhos de Becor.

9 E foram contados nas suas famílias pelos ramos das suas linhagens vinte mil e duzentos, mui valorosos para a guerra.

10 E os filhos de Jadiel foram: Balan. E filhos de Balan foram: Jeús, e Benjamim, e Aod, e Canana, e Zetan, e Tarsis, e Aisaar:

11 Todos estes filhos de Jadiel foram príncipes das suas famílias, homens mui valorosos dezesetê mil e duzentos que saíam ao combate.

12 E Sefão, e Hafão foram filhos de Hir: e Hasim filho de Aer.

13 E os filhos de Neftali foram: Jasiel, e Guni, e Jeser, e Selum, que descendiam de Bala.

14 E Esriel foi filho de Manassés, e de uma siriana sua concubina teve Maquir pai de Galaad.

15 E Maquir tomou mulheres para seus filhos Hafim, e Safan: E teve uma irmã por nome Maaca: E o nome do segundo foi Salfaad e Salfaad teve só filhas:

16 E Maaca mulher de Maquir pariu um filho, ao qual ela chamou por nome Farés: E seu irmão se chamou Sares: e seus filhos foram, Ulão e Recen.

nos Núm 26, 38, cinco. Esta diferença explica-se, admitindo que Benjamim tivesse dez filhos, dos quais cinco apenas tiveram sucessão, extinguindo-se duas destas últimas tribos, ficando três depois da guerra das dez tribos contra os benjamitas, o que vem no livro dos Jz 20, 46, e assim desaparece a discordância.

17 E o filho de Ulão foi Badaç. Estes são os filhos de Galaad, filho de Maquir, filho de Manassés.

18 E sua irmã Rainha pariu um varão formoso e Abiezer, e Moola.

19 E os filhos de Semida foram Ain, e Sequem, e Leci, e Anião.

20 E os filhos de Efraim foram: Sutala, Bared seu filho, Taat seu filho, Elada seu filho, Taat seu filho, Zabad seu filho,

21 e Sutala seu filho, e Ezer e Elad filhos dêste: Mas os habitantes de Get os mataram, por êles terem vindo roubar as suas terras. (3)

22 Por muitos dias pois os chorou Efraim seu pai, e seus irmãos vieram para o consolar. (4)

23 Depois ajuntou-se com sua mulher: e ela concebeu, e pariu um filho, e o chamou Béria, por ter nascido no meio dos pesares da sua família:

24 E sua filha foi Sara, que reedificou a alta e a baixa Betoron, e Ozensara.

25 E seu filho foi Rafa, e Resef, e Tale, de quem nasceu Taan,

26 que foi pai de Laadan: dêste foi também filho Amiud, que gerou a Elisama,

27 do qual nasceu Nun, que foi pai de Josué.

28 E as suas possessões e a sua morada foram Betel com as suas dependências, e Noran da banda do oriente, e Gazer, com o que lhe pertence da banda do ocidente, como também Siquém com as suas dependências, até Aza, com as suas dependências.

(3) OS MATARAM — Os filhos ou netos de Efraim.

(4) SEUS IRMÃOS — Já dissemos o sentido em que se emprega o termo irmão na Vulgata; foram os parentes, os consanguíneos que o foram acompanhar.

1 Paralipômenos 7, 29-40; 8, 1

29 E nos confins dos filhos de Manassés, a Betsan e as suas dependências, Tanac e suas dependências, Magedo e suas dependências, Dor e suas dependências: Nestes lugares habitaram os filhos de José, filho de Israel.

30 Filhos de Aser foram: Jemna, e Jesua, e Jessui, e Baria, e Sara sua irmã.

31 E filhos de Baria: Heber, e Melquiel: Êste é o pai de Barsait.

32 E Heber gerou a Jeflat, e Somer, e Hotão, e Suaa sua irmã.

33 Filhos de Jeflat: Fosec, e Camaal, e Asot: Êstes são os filhos de Jeflat.

34 E filhos de Somer: Aí, e Roaga, e Haba, e Aarão.

35 E filhos de Helem seu irmão: Sufa, e Jemna, e Seles, e Amal.

36 E filhos de Sufa: Sue, Harnafer, e Sual, e Beri, e Jamra,

37 Bosor, e Hod, e Sama, e Salusa, e Jetran, e Bera.

38 Filhos de Jeter: Jefone, e Fasfa, e Ara.

39 Filhos de Ola: Aree, e Haniel, e Resia.

40 Todos êstes são filhos de Aser, chefes de famílias, capitães distintos e valorosíssimos dos dentre os comandantes dos exércitos: E o número dos que estavam em idade de tomar armas, montava a vinte seis mil.

CAPÍTULO 8

DESCENDENTES DE BENJAMIM ATÉ SAUL. FILHOS DE SAUL.

1 Benjamim gerou a Bale seu primogênito, a Asbel o segundo, a Aara o terceiro, (1)

(1) BENJAMIM — Vem agora o recenseamento da tribo de Benjamim, e que é apresentado com mais desenvolvimento, visto ser o prólogo da história que vai seguir-se.

2 a Noaa o quarto, e a Rafa o quinto.

3 E filhos de Bale foram: Adar, e Gera, e Abiud,

4 e Abisué e Naaman, e Aoe,

5 como também Gera, e Sefufan, e Hurão.

6 Êstes são os filhos de Aod, chefes das famílias que habitaram em Gabaa, e que foram transportados para Manaat.

7 E Naaman, e Aquia; e Gera o mesmo que os transportou, e o que gerou a Oza, e a Aiud.

8 Mas Saaraim teve filhos no país de Moab, depois que deixou a Husim e a Bara suas mulheres.

9 Teve pois de Hodes sua mulher a Jobab, e a Sebia, e a Mosa, e a Molcom,

10 e também a Jeús, e a Sequia, e a Marma: êstes foram seus filhos chefes em suas famílias.

11 E Meusim gerou a Abitob, e a Elfaal.

12 E filhos de Elfaal foram: Heber, e Misaão, e Samad: êste fundou Ono, e Lod, com os lugares dos seus distritos.

13 E Baria, e Sana, chefes dos ramos que se estabeleceram em Aialon: êstes afugentaram os habitantes de Get.

14 E Aio, e Sesac, e Jerimot,

15 e Zabadia, e Arod, e Heder,

16 e Miguel; Jesfa, e Joá, filhos de Baria.

17 E Zabadia, e Mosolão, e Hezici, e Heber,

18 e Jesamaria, e Jezlia, e Jobab filhos de Elfaal,

19 e Jacim, e Zecri, e Zabdi,

20 e Elioenai, e Seletai, e Eliel,

21 e Adaia, e Baraia, e Samarat filhos de Semei.

22 E Jesfão, e Heber, e Eliel,

23 e Abdon, e Zecri, e Hanan,

24 e Hanania, e Elão, e Anatotia,

1 Paralipômenos 8, 25-40

25 e Jefdaia, e Fanuel filhos de Sesac:

26 e Samsari, e Sooria, e Otolia,

27 e Jersia, e Elia, e Zecri, filhos de Jeroão:

28 Êstes são os patriarcas, e os chefes das famílias, que habitaram em Jerusalém:

29 Em Gabaon porém habitaram Abigabaon, e a sua mulher chamada Maaca:

30 E seu filho primogênito Abdon, e Sur, e Cis, e Baal, e Nadab:

31 Como também Gedor, e Aio, e Zaquer, e Macelot:

32 E Macelot gerou a Samaa: e êstes habitaram em Jerusalém com os do mesmo ramo da parte oposta a seus irmãos.

33 Ner porém gerou a Cis, e Cis gerou a Saul: mas Saul gerou Jônatas, e Melquisua, e Abinadab, e Esbaal.

34 E filho de Jônatas foi Meribaal: E Meribaal foi pai de Mica.

35 Filhos de Mica, Fiton, e Melec, e Taraa, e Aaz:

36 E Aaz gerou a Joadá: e Joadá gerou a Alamat, e Azmot, e Zamri: Zamri porém gerou a Mosa,

37 e Mosa gerou a Banaa, cujo filho foi Rafa, da qual veio Elasa, que gerou a Asel.

38 E Asel teve seis filhos com êstes nomes, Ezricão, Bocru, Ismael, Saria, Obdia, e Hanan: Todos êstes foram filhos de Asel.

39 E filhos de Esec seu irmão, foram Ulão primogênito, e Jeús o segundo, e Elifalet o terceiro.

40 E os filhos de Ulão foram homens robustíssimos, e de grandes fôrças no atirar do arco: E que tiveram muitos filhos e netos até cento e cinqüenta. Todos êstes, filhos de Benjamim.

CAPÍTULO 9

PRIMEIROS HABITANTES DE JERUSALÉM, DEPOIS DA TOR-
NADA DO CATIVEIRO DE BABILÔNIA. NOMES DOS SACER-
DOTES E DOS LEVITAS, QUE VIERAM AO TEMPLO. GE-
NEALOGIA DE SAUL.

1 Foi pois todo o Israel contado: E o seu número foi escrito no Livro dos Reis de Israel, e de Judá: e eles foram transportados a Babilônia por causa dos seus delitos.

2 E os que primeiro se restabeleceram nas suas possesões, e nas suas cidades, foram os de Israel, e os sacerdotes e os levitas, e os natineus. (1)

3 Restabeleceram-se em Jerusalém da tribo de Judá, e da tribo de Benjamim, e também das tribos de Efraim, e de Manassés.

4 Otei filho de Amiud, filho de Anri, filho de Omrai, filho de Boni, um dos filhos de Fares filhos de Judá.

5 E de Siloni: Asaia filho primogênito, e os seus filhos.

6 E dos filhos de Zara: Jeuel, e os irmãos dêstes, em número de seiscentos e noventa.

7 E da tribo de Benjamim: Salo filho de Mosolão filho de Oduia, filho de Asana:

8 E Jobania filho de Jeroão: e Ela filho de Ozi, filho de Mocori: E Mosolão filho de Safatias, filho de Rael, filho de Jebanias,

(1) E OS QUE PRIMEIRO SE RESTABELECERAM... FORAM... E OS NATINEUS — São os gabaonitas que tinham sido oferecidos para o serviço do templo, e daí lhes vem o nome, que deriva do verbo natan, que significa dar. *Nathinaci Levitis, Levitae sacerdotibus ministrabant.* Martene.

1 Paralipômenos 9, 9-19

9 e os irmãos dêstes por suas famílias, até o número de novecentos e cinqüenta e seis. Todos êstes chefes de famílias nas casas de seus pais.

10 E dos sacerdotes: Jedaia, Joiarib, e Jaquin:

11 Como também Azarias filho de Helcias, filho de Mosolão, filho de Sadoc, filho de Maraiot, filho de Aquitob, pontífice da casa do Senhor.

12 E Adaias filho de Jeroão, filho de Fassur, filho de Melquias: E Maasai filho de Adiel, filho de Jezra, filho de Mosolão, filho de Mosolamit, filho de Emer:

13 E os irmãos dêstes chefes de suas famílias, até o número de mil setecentos e sessenta, homens fortíssimos em robustez para cumprirem as fadigas do ministério na casa do Senhor.

14 E dos levitas foram: Semeia, filho de Hassub, filho de Ezricão, filho de Hasebia dos filhos de Merari.

15 E Bacbacar carpinteiro, e Galal, e Matanias filho de Mica, filho de Zecri, filho de Asaf:

16 E Obdja filho de Semeias, filho de Galal, filho de Iditun: Baraquia filho de Asa, filho de Elcana, que morou nos arrabaldes de Netofati.

17 E os porteiros: Selum, e Acub, e Telmion, e Airmão: E Selum seu irmão o primeiro,

18 até aquêl tempo, estavam os filhos de Levi de guarda por seu turno à porta do rei que ficava ao oriente. (2)

19 E Selum filho de Coré, filho de Abiasaf, filho de Coré, com seus irmãos, e tôda a casa de seu pai, êstes são os coritas estabelecidos sôbre as obras do ministério, guardas das portas do tabernáculo: E as suas

(2) A PORTA DO REI — A porta por onde o rei entrava.

famílias revesadas guardavam a entrada do arraial do Senhor.

20 Finéias porém, filho de Eleazar, era o seu chefe diante do Senhor.

21 E Zacarias, filho de Mosolamia, era o porteiro da porta do tabernáculo do testemunho.

22 Todos êstes escolhidos para guardar as portas, eram em número de duzentos e doze: E estavam descritos nas suas cidades: Aos quais estabeleceram Davi e Samuel o Vidente, segundo a sua fé,

23 tanto a êstes, como a seus filhos, para guardarem por seu turno as portas da casa do Senhor, e as do tabernáculo.

24 Os porteiros estavam alojados nos lugares correspondentes aos quatro ventos: Isto é, ao oriente, e ao ocidente, e ao setentrião, e ao meio-dia.

25 E seus irmãos moravam nas suas aldeias, e vinha cada um dêles no seu sábadó de tempo em tempo.

26 A êstes quatro levitas estava confiado todo o número dos porteiros, e eram os encarregados das câmaras, e dos tesouros da casa do Senhor.

27 A sua vivenda era à roda do templo do Senhor cada um na sua guarda: para que quando fôsse hora, abrissem êles mesmos as portas pela manhã.

28 Da linhagem dêstes eram também os que tinham a seu cuidado os móveis do ministério: Porque os móveis se traziam e se tiravam por conta.

29 Dêstes eram também os que tinham a seu cargo os utensílios do santuário, e que tinham cuidado da farinha, e do vinho, e do azeite, e do incenso, e dos aromas.

30 Mas os filhos dos sacerdotes faziam os ungüentos dos aromas.

31 E o levita Matatias, filho primogênito de Selum Corita, tinha a intendência sôbre o que se frigia na sertã,

1 Paralipômenos 9, 32-44

32 E alguns dos filhos de Caat seus irmãos, tinham a seu cargo os pães da proposição, para os prepararem sempre frescos em todos os sábados.

33 Êstes eram os primeiros dentre os cantores das famílias dos levitas, que moravam nas pousadas do templo, para de contínuo preencherem de dia e de noite o seu ministério,

34 Os chefes dos levitas, príncipes das suas famílias, ficaram em Jerusalém,

35 Mas em Gabaon moraram Jeiel pai dos gabao-nitas, e sua mulher que se chamava Maaca.

36 Abdon seu filho primogênito, e Sur, e Cis, e Baal, e Ner, e Nadab,

37 como também Gedor, e Aio, e Zacarias, e Macelot.

38 E Macelot foi pai de Samaan: Êstes moraram em Jerusalém com os da sua casa, defronte de seus irmãos.

39 E Ner foi pai de Cis: E Cis pai de Saul: E Saul gerou a Jônatas, e a Melquisua, e a Abinadab, e a Esbaal.

40 E Jônatas teve por filho a Meribaal: E Meribaal foi pai de Mica.

41 E filhos de Mica foram: Fiton e Melec, e Taa-raa, e Aaz.

42 E Aaz gerou a Jara, e Jara gerou a Alamat, e a Azmot, e a Zamri; e a Zamri gerou a Mosa.

43 E Mosa gerou a Banaa, cujo filho Rafaia gerou a Elasa: Do qual nasceu Azel.

44 E Azel teve seis filhos com êstes nomes, Ezri-cão, Bocru, Ismael, Sária, Obdia, Hanan: Êstes são os filhos de Azel.

CAPÍTULO 10

MORTE DE SAUL E DE SEUS FILHOS.

1 Mas os filisteus pelejavam contra Israel, e os israelitas fugiram dos palestinos, e um grande número dêles caíram mortos no monte de Gelboé.

2 E aporpinquando-se os filisteus indo no alcance de Saul, e seus filhos, mataram Jônatas, e Abinadab, e Melquisua filhos de Saul.

3 E o combate se fêz mais rijo contra Saul, e os frecheiros o reconheceram, e o traspassaram com as setas.

4 E disse Saul ao seu escudeiro: Desembainha a tua espada, e mata-me: Não suceda virem êstes incircuncidados, e zombem de mim. Mas o escudeiro possuído de temor não quis tal fazer: Saul pois pegou na sua espada, e se lançou sôbre ela.

5 O que tendo visto o seu escudeiro, que Saul certamente estava morto, êle mesmo se lançou também sôbre a sua própria espada, e morreu.

6 Morreu pois Saul, e três filhos seus, e tôda a sua casa pereceu juntamente.

7 E tendo visto êste successo os israelitas que habitavam nos campos, fugiram: E, mortos Saul e seus filhos, desampararam as suas cidades, e se espalharam cada um para seu cabo: e vieram os filisteus, e se estabeleceram nelas.

8 Ao outro dia pois tirando os filisteus os despojos dos mortos, acharam a Saul, e a seus filhos estendidos no monte de Gelboé.

9 E tendo-o também despojado a êle, e tendo-lhe cortado a cabeça, e depois de lhe despirem as armas, o mandaram para a sua terra, para ser visto por tôdas as partes, e para que fôsse exposto nos templos dos seus ídolos, e aos olhos dos povos:

1 Paralipômenos 10, 10-14; 11, 1-2

10 E consagraram as suas armas no templo do seu deus, e pregaram a cabeça no templo de Dagon.

11 Como os habitantes de Jabes de Galaad ouviram isto, a saber, tudo o que os filisteus haviam feito a Saul,

12 juntaram-se os mais fortes d'elles, partiram, e tiraram os cadáveres de Saul e dos seus filhos: E os trouxeram a Jabes, e enterraram os seus ossos debaixo do carvalho, que havia em Jabes, e jejuaram sete dias.

13 Morreu pois Saul por causa das suas iniquidades, porque tinha prevaricado o mandamento que o Senhor lhe tinha pôsto, e o não tinha observado: Mas até também consultara uma pitonisa,

14 e não pusera a sua esperança no Senhor: Pelo que o matou, e transferiu o seu reino para Davi filho de Isai. (1)

CAPÍTULO 11

DAVI SAGRADO REI DE ISRAEL. CÊRCO DE JERUSALÉM. JOAB
GENERAL DOS EXÉRCITOS DE DAVI. NOMES DOS MAIS
HOMENS QUE ESTAVAM COM DAVI.

1 Congregou-se pois todo o Israel com Davi em Hebron, dizendo: Nós somos teus ossos, e tua carne. (1)

2 E já muito dantes quando ainda reinava Saul, tu eras o que capitaneavas, e conduziás a Israel: Porque

(1) **NÃO PUSERA A SUA ESPERANÇA NO SENHOR** — Não só foi descrente de Deus, como se mostrou confiado no demônio, que consultou na pessoa da pitonisa. Sed físus est diabolus, quod apparbat ex illa consultatione Pythonissae. Lapide.

(1) **TODO O ISRAEL** — Há aqui uma ampliação; deve entender-se esta frase neste sentido: "Reuniram-se todos os combatentes de cada uma das tribos". (Lapide).

a ti disse o Senhor teu Deus: Tu apascentarás o meu povo de Israel, e tu serás o seu príncipe.

3 Todos os anciãos de Israel pois vieram ter com o rei em Hebron, e Davi fêz concêrto com êles diante do Senhor: E o ungiram rei sôbre Israel, em conformidade da palavra do Senhor, que êle proferira por bôca de Samuel.

4 E marchou Davi, e todo o Israel para Jerusaleém: Esta é Jebus, onde estavam os gebuseus habitantes do país.

5 E disseram os que habitavam em Jebus a Davi: Tu não entrarás aqui. Mas Davi tomou a fortaleza de Sião, que é a cidade de Davi,

6 e disse: Todo o que primeiro matar um jebuseu será príncipe e general. Subiu pois primeiro Joab filho de Sarvia, e foi feito príncipe.

7 E Davi habitou na fortaleza, e por isso se chamou cidade de Davi.

8 E edificou a cidade no seu contôrno desde Melo até a outra extremidade, e Joab reparou o resto da cidade.

9 E fazia Davi progressos adiantando-se e fortalecendo-se, e o Senhor dos exércitos era com êle. (2)

10 Eis-aqui os principais entre os homens fortes de Davi, que o ajudaram para se fazer rei sôbre todo o Israel, segundo a palavra que o Senhor tinha dito a Israel.

11 Eis-aqui o número dos valentes de Davi: Jesbaão filho de Hacamoni príncipe entre trinta: Êste le-

(2) **E O SENHOR DOS EXÉRCITOS ERA COM ELE** — Por que vivia na observância da lei de Moisés, trabalhando para glorificar o Senhor e engrandecer o povo de Deus, cujos destinos se ligavam com os seus.

1 Paralipômenos 11, 12-20

vantou a sua lança sobre trezentos que feriu de uma só vez.

12 E depois dêste Eleazar aolita filho de seu tio paterno, que era entre os três poderosos.

13 Êste se achou com Davi em Fesdomim, quando os filisteus se ajuntaram ali para dar batalha: E o campo daquele lugar estava cheio de cevada, e o povo tinha fugido dos filisteus.

14 Êstes se tiveram firmes no meio do campo, e o defenderam: E tendo destrornado os filisteus, deu o Senhor uma grande prosperidade ao seu povo.

15 Desceram porém os três dos trinta príncipes à rocha, onde estava Davi ao pé da caverna de Odolão, quando os filisteus vieram acampar-se no vale de Rafaim.

16 E Davi estava no presídio, e uma guarnição de filisteus estava em Belém.

17 Davi pois sentiu uma grande sede, e disse: Oh! se algum me desse água da cisterna de Belém que está na porta.

18 Logo êstes homens atravessaram pelo meio do campo dos filisteus, e tiraram água da cisterna de Belém, que estava à porta, e a trouxeram a Davi, para que bebesse: Êle a não quis beber, mas antes a ofereceu em libação ao Senhor,

19 dizendo: Longe que eu tal faça na presença do meu Deus, e que eu beba o sangue dêstes homens: Porque me trouxeram água com perigo das suas vidas. E por esta causa a não quis beber. Isto fizeram êstes três valentíssimos.

20 E Abisai, irmão de Joab, êle mesmo era o primeiro dos outros três, e êle levantou a sua lança contra trezentos que matou, e êle mesmo era o mais nomeado entre os três,

21 e o mais notável de entre os três segundos, e seu chefe: Todavia não igualava aos três primeiros.

22 Banaías de Cabseel filho de Jojada, homem valentíssimo, que se assinalou em grandes feitos: Êste matou os dois Ariéis de Moab: E êle desceu e matou um leão no meio de uma cisterna em tempo de neve. (3)

23 Êste matou também um egípcio, cuja estatura era de cinco côvados e tinha uma lança como o órgão de tear dos tecelões: Desceu pois contra êle com uma vara, e lhe tirou a lança que tinha na mão: E o matou com a sua mesma lança,

24 Estas coisas fêz Banaías filho de Jojada, que era o mais afamado entre os três valentes,

25 o primeiro entre os trinta; todavia, não igualava os três primeiros e Davi o admitiu ao seu conselho.

26 Porém os mais valentes do exército eram Asael, irmão de Joab, e Elcanan de Belém filho de seu tio paterno,

27 Samot de Arori, Heles de Faloni,

28 Ira de Têcua filho de Aces, Abiezer de Anatoti,

29 Sobocai de Husati, Hilai de Aó,

30 Maarai de Netofati, Heled filho de Baana, de Netofati,

(3) OS DOIS ARIÉIS DE MOAB — Pretendem alguns sábios descobrir na esteia de Mesa uma alusão a êstes Ariéis, porém, segundo as melhores opiniões, êste parecer carece de fundamento. A palavra Ariel, etimologicamente considerada, significa leão de Deus, ou seja grande leão: por isso S. Jerônimo também verteu desta outra forma: Percussit duos leones Moab. E estas palavras estão aqui empregadas em sentido próprio ou translato? Divergem os intérpretes; uns querem que se entendam no sentido próprio, outros por dois homens de extraordinária força e bravura, outros, duas fortalezas.

1 Paralipômenos 11, 31-46; 12, 1

31 Etaí filho de Ribai de Gadaat, da tribo de Benjamim, Banaia de Faraton,

32 Hurai da Torrente de Gaas, Abiel de Harbat, Azmot de Baurami, Eliaba de Salaboni.

33 Os filhos de Assen gezonita, Jonatan filho de Sage de Arari,

34 Aião filho de Sacar de Arari,

35 Elifal, filho de Ur,

36 Efer de Mequerat, Aía de Feloni.

37 Hesro do Carmelo, Naarai filho de Asbai,

38 Joel irmão de Natan, Mibaar filho de Agarai,

39 Selec de Anoni, Naarai de Berot escudeiro de Joab filho de Sarvia,

40 Ira de Jetrei, Gareb de Jetrei,

41 Urias heteu, Zabad filho de Ooli.

42 Andina filho de Siza da tribo de Rúben chefe dos rubenitas, e com êles trinta:

43 Hanan filho de Maaca, e Josafat de Matani,

44 Ozia de Astarot, Sama, e Jeiel filhos de Hotão de Arori,

45 Jediel filho de Samri, e Joá seu irmão de Tosa,

46 Eliel de Maumi, e Jeribai, e Josaia, filhos de Elnaem, e Jetma de Moab, Eliel, e Obed, e Jasiel de Masobia.

CAPÍTULO 12

LISTAS DOS QUE SE AJUNTARAM A DAVI, DURANTE A PERSEGUIÇÃO DE SAUL, E DOS QUE VIERAM DAR-LHE A INVESTIDURA DE REI EM HEBRON DEPOIS DA MORTE DAQUELE PRÍNCIPE.

1 Êstes também vieram achar-se com Davi em Siceleg, quando ainda fugia de Saul filho de Cis, os quais eram homens fortíssimos e excelentes guerreiros,

2 que manejavam o arco, e que arremessavam com ambas as mãos pedras com fundas e que disparavam setas: Dos irmãos de Saul de Benjamim.

3 O príncipe Aiezer, e Joás filhos de Samaa, de Gabaat, e Jaziel e Falet filhos de Azmôt, e Baraca, e Jeú de Anatoti.

4 E Samaia, de Gabaon o mais valente entre os trinta e comandante dos trinta. Jeremias, e Jeeziel, e Joanan, e Jezabad de Gaderot:

5 E Eluzai, e Jerimut, e Baalia, e Samaria, e Safatia de Harufi.

6 Elcana, e Jesia, e Azareel, e Joezer, e Jesbaão de Careim:

7 E Joela, e Zabadia filhos de Jeroão de Gedor.

8 E também de Gadi se passaram para Davi quando estava oculto no deserto, homens mui valentes, e soldados ótimos, armados de escudo e lança; a sua catadura era como a de leão, e velozes bem como as cabras montanhasas:

9 O primeiro era Ezer, o segundo Obdias, o terceiro Eliab,

10 o quarto Masmana, o quinto Jeremias,

11 o sexto Eti, o sétimo Eliel,

12 o oitavo Joanan, o nono Elzebad,

13 o décimo Jeremias, o undécimo Macbanai:

14 Êstes da tribo de Gad, tinham o comando do exército: O menor comandava cem soldados e o maior mil. ~

15 Êstes foram os que passaram o Jordão no primeiro mês, quando êle costuma transbordar por cima de suas ribeiras: E puseram em fugida a todos os que habitavam nos vales, assim ao oriente como ao ocidente.

16 E vieram também da tribo de Benjamim, e da tribo de Judá ao forte, onde habitava Davi.

17 E Davi lhes saiu ao encontro, e disse: Se vós vindes pacificamente a socorrer-me, o meu coração se unirá ao vosso: Mas se vós vindes por parte de meus inimigos a surpreender-me, como eu não faça mal nenhum, o Deus de nossos pais seja disto testemunha, e juiz.

18 Amasai porém, o primeiro entre os trinta, se revestiu de espírito, e disse: Nós somos teus, ó Davi, e contigo, ó filho de Isai. A paz, a paz seja contigo, e a paz seja com os teus defensores: Porque o teu Deus te protege. Davi pois os recebeu, e os fez comandantes das tropas.

19 E também da tribo de Manassés se passaram para Davi, quando êle marchava com os filisteus contra Saul, para pelejar: Mas não pelejou com êles: Porque os príncipes dos filisteus tendo feito conselho o despediram, dizendo: Êle com perigo das nossas vidas voltará para Saul seu amo.

20 Quando êle pois voltou para Siceleg, fugiram para êle da tribo de Manassés, Ednas e Jozabad, e Jediel, e Miguel, e Ednas, e Jozabad, e Eliú, e Salati, comandantes de mil homens na tribo de Manassés.

21 Êstes deram auxílio a Davi contra os ladrões: Porque todos eram homens fortíssimos, e foram feitos capitães no exército. (1)

22 Mas assim cada dia concorriam a Davi para o auxiliarem até que se fêz um grande número, como um exército poderosíssimo.

23 E êste é o número dos capitães do exército, que vieram ter com Davi, quando estava em Hebron, para

(1) **CONTRA OS LADRÕES** — Contra os amalecitas, que, estando Davi ausente de Siceleg, a roubaram. 1 Rs 30.

transferirem nêle o reino de Saul, conforme a palavra do Senhor. (2)

24 Filhos de Judá, que manejavam escudo e lança, seis mil e oitocentos homiens prestes para a peleja.

25 Dos filhos de Simeão, homens alentadíssimos para a guerra, sete mil e cem.

26 Dos filhos de Levi, quatro mil e seiscentos.

27 E Jojada príncipe da linhagem de Aarão, e com êle três mil e seiscentos.

28 E Sadoc, moço de excelente índole, e a casa de seu pai, vinte e dois chefes de família.

29 E dos filhos de Benjamin irmãos de Saul, três mil: Porque a maior parte dêste seguia ainda a casa de Saul.

30 E dos filhos de Efraim, vinte mil e oitocentos homens mui esforçados, e de nome nas suas famílias.

31 E da meia tribo de Manassés, dezoito mil, cada um pelos seus nomes vieram para estabelecer rei a Davi.

32 E dos filhos de Issacar, homens eruditos, e que sabiam notar todos os tempos para ordenarem a Israel o que devia fazer, duzentos chefes: E todo o resto da tribo seguia o seu conselho.

33 E dos de Zabulon, que iam à guerra, e que se punham em campo providos de armas de guerra, vieram cinquenta mil em auxílio, sem algum refolho de coração.

34 E dos de Neftali, mil oficiais: E com êles trinta e sete mil homens armados de escudos e de lanças.

35 E dos de Dan, vinte e oito mil seiscentos prontos para a guerra.

(2) E ESTE É O NÚMERO DOS CAPITAES DO EXÉRCITO QUE VIERAM TER COM DAVI — Depois da morte de Isboset, filho de Saul.

1 Paralipômênos 12, 36-40; 13, 1-2

36 E dos de Aser, quarenta mil, que marchavam em batalha, e prestes para atacar.

37 E vieram da banda de além do Jordão cento e vinte mil dos filhos de Rúben, e de Gad, e da meia tribo de Manassés, providos de armas de guerra.

38 Todos êstes bravos guerreiros prontos para pelear, vieram com um coração sincero, a Hebron, para constituir rei a Davi sôbre todo o Israel: Mas também todo o resto de Israel estava com um mesmo coração, em que se fizesse a Davi seu rei.

39 E êles se demoraram lá junto a Davi três dias comendo e bebendo: Porque seus irmãos lhes tinham feito as provisões.

40 Mas além dos vizinhos até os de Issacar, e de Zabulon, e de Neftali, traziam em jumentos, e camelos, e machos, e bois, víveres para se sustentarem: Traziam farinhas, figos, passas de uva, vinho, azeite, bois e carneiros em abundância e de sobejo: Porque havia regozijo em Israel.

CAPÍTULO 13

A ARCA É LEVADA DE CARIATIRIM. OZA FERIDO DE MORTE POR TÊ-LA TOCADO. A ARCA DEPOSITADA EM CASA DE OBEDEDOM.

1 Davi porém teve conselho com os tribunos e centuriões, e com todos os príncipes. (1)

2 e disse a todo o ajuntamento de Israel: Se vós sois de parecer: E se vem do Senhor nosso Deus, o que eu vós proponho: Enviaremos a todos os outros nossos

(1). **TEVE CONSELHO** — Aqui, deve notar-se, é diversa a ordem por que se narram os acontecimentos. Narra o hagiógrafo o conselho que Davi toma com os tribunos e centuriões, que 7 tinham

irmãos por tôdas as províncias de Israel, e aos sacerdotes e levitas, que habitam nos arrabaldes das cidades, para que se ajuntem conosco.

3 e reconduzamos para nós a Arca do nosso Deus: Porque nós a não buscamos nos dias de Saul.

4 E todo o ajuntamento respondeu que assim se fizesse: Porque a todo o povo agradara a proposição.

5 Congregou pois Davi todo o Israel desde o rio Sior do Egito até à entrada de Emat, para conduzir a Arca de Deus de Cariatiarim.

6 E Davi saiu, e todos os varões de Israel ao outeiro de Cariatiarim, que é na tribo de Judá, para de lá trazer a Arca do Senhor Deus, que está assentado sobre os querubins onde é invocado o seu nome.

7 E puseram a Arca de Deus em cima dum carro novo, levando-a da casa de Aminadab: E Oza e seu irmão conduziam o carro.

8 Mas Davi e todo o Israel faziam ver a sua alegria diante de Deus com toda a sua força em cânticos, e tangendo cítaras e saltérios, e tambores, e tímbores, e trombetas. (2)

9 E tendo chegado à Eira de Quidon, estendeu Oza a sua mão para sustentar a Arca, porque um boi respingando a tinha feito inclinar.

10 Irritou-se pois o Senhor contra Oza, e o feriu por ter tocado a Arca, e morreu ali diante do Senhor.

11 E Davi se afligiu, porque o Senhor tivesse ferido a Oza: E chamou àquele lugar: A Divisão de Oza, até o dia de hoje.

acompanhado a Jerusalém, consultando-os sobre vários assuntos, e entre eles a transferência da Arca; depois é convocado todo o Israel, mostrando assim Davi querer proceder de harmonia com todos.

(2) **DIANTE DE DEUS** — Isto é, em honra de Deus, ou então diante da Arca, símbolo de Deus.

1 Paralipômenos 13, 12-14; 14, 1-10

12 E temeu Davi então a Deus, dizendo: Como poderei eu trazer para minha casa a Arca de Deus?

13 E por esta razão a não fez vir para sua casa, isto é, para a cidade de Davi, mas a fez levar para casa de Obbedom de Get.

14 Ficou pois a Arca de Deus em casa de Obbedom três meses: E o Senhor abençoou a sua casa, e tudo o que lhe pertencia.

CAPÍTULO 14

EMBAIXADA DE HIRÃO A DAVI. MULHERES E FILHOS DE DAVI. SUAS VITÓRIAS CONTRA OS FILISTEUS.

1 Hirão rei de Tiro enviou também mensageiros a Davi, e paus de cedro, e pedreiros, e carpinteiros: Para lhe fazerem uma casa.

2 E conheceu Davi que o Senhor o tinha confirmado rei sobre Israel, e que se tinha elevado o seu reino sobre o seu povo de Israel.

3 E tomou ainda Davi em Jerusalém outras mulheres: E teve filhos, e filhas.

4 E estes são os nomes dos que lhe nasceram em Jerusalém: Samua, e Sobad, e Natan, e Salomão.

5 Jebaar, e Elisua, e Elifalet,

6 e Noga, e Nafeg, e Jafia,

7 Elisama, e Baaliada, e Elifalet.

8 Ora os filisteus tendo ouvido que Davi havia sido ungido em rei sobre todo o Israel, ajuntaram-se todos para o investirem; o que tendo sabido Davi, saiu a encontrar-se com eles.

9 Vindos pois os filisteus, espalharam-se pelo vale de Rafaim.

10 E Davi consultou o Senhor, dizendo: Irei eu contra os filisteus, e entregarmos-ás tu às minhas mãos?

E o Senhor lhe respondeu: Vai, e eu tos entregarei nas tuas mãos.

11 Tendo êles pois chegado a Baalfarasim, Davi os desbaratou aí, e disse: O Senhor dividiu por meio da minha mão os meus inimigos, bem como se dividem as águas: E por isso êste lugar se chamou Baalfarasim.

12 E os filisteus deixaram ali os seus deuses, aos quais Davi mandou queimar. (1)

13 Mas os filisteus fizeram ainda outra irrupção, e se espalharam pelo vale.

14 E Davi consultou segunda vez a Deus, e Deus lhe disse: Não subas atrás dêles, retira-te dêles, e virás contra êles por diante das pereiras.

15 E quando ouvires o ruído de quem anda pelos altos das pereiras, então sairás tu à peleja. Porque saiu Deus adiante de ti, para desfazer o campo dos filisteus. (2)

16 Fêz pois Davi como o Senhor lhe tinha mandado, e desbaratou o campo dos filisteus desde Gabaon até Gazera.

17 E a reputação de Davi se espalhou por todos os povos, e o Senhor o fêz formidável a tôdas as gentes.

CAPÍTULO 15

TRANSPORTE DA ARCA DA CASA DE OBEDEDOM. MICOL FAZENDO ZOMBARIA DE DAVI.

1 Edificou também casa para si na cidade de Davi: e preparou um lugar para a Arca de Deus, e levantou-lhe um tabernáculo.

(1) **MANDOU QUEIMAR** — Em observância do que estava preceituado na lei mosaica. Vejam o Dt 7, 25.

(2) **E QUANDO OUVIRES** — Segundo os comentadores, era o sinal da vinda invisível dos anjos em favor de Davi.

1 Paralipômenos 15, 2-12

2 Então disse Davi: não é permitido que a Arca de Deus seja levada por alguém senão pelos levitas, aos quais o Senhor escolheu para levarem, e para serem os seus ministros para sempre.

3 E congregou a todo o Israel em Jerusalém, para a Arca de Deus ser levada ao seu lugar, que lhe tinha destinado.

4 Como também os filhos de Aarão, e aos levitas.

5 Dos filhos de Caat, Uriol era o príncipe: e seus irmãos cento e vinte.

6 Dos filhos de Merari, Asaia era o príncipe: e seus irmãos duzentos e vinte.

7 Dos filhos de Gérson, Joel era o príncipe: e seus irmãos cento e trinta.

8 Dos filhos de Elisafan, Semeias era o príncipe: e seus irmãos duzentos.

9 Dos filhos de Hebron, Eliel era o príncipe: e seus irmãos oitenta.

10 Dos filhos de Oziel, Aminadab era o príncipe: e seus irmãos cento e doze.

11 E chamou Davi aos sacerdotes Sadoc, e Abiatar, e aos levitas, Uriel, Asaia, Joel, Semeia, Eliel, e Aminadab:

12 E disse-lhes: Vós, que sois os chefes das famílias levíticas, purificai-vos com vossos irmãos, e trazei a Arca do Senhor Deus de Israel ao lugar que lhe foi preparado: (1)

(1) VÓS QUE SOIS OS CHEFES DAS FAMÍLIAS LEVÍTICAS, PURIFICAI-VOS — E' imposta aqui a purificação legal, determinada no Êx 19, 10. Esta purificação fazia-se pela ablução da água. Lotione vestium, abstinencia concubitus si quis est immundus purificatur. Lapide.

13 Para que como no princípio, porquanto não estáveis presentes, nos feriu o Senhor, não nos aconteça agora o mesmo, fazendo alguma coisa ilícita.

14 Os sacerdotes pois, e os levitas se purificaram, para trazerem a Arca do Senhor Deus de Israel.

15 E os filhos de Levi tomaram a Arca de Deus aos seus ombros pelos varais, como tinha ordenado Moisés conforme a palavra do Senhor.

16 E disse Davi aos príncipes dos levitas, que constituíssem de seus irmãos cantores com instrumentos musicos, como nablos, e lira, e tímboles, para soar em os altos o som de alegria.

17 Constituíram pois dos levitas: a Hemam filho de Joel, e dentre os seus irmãos a Asaf filho de Baraquias: e dos filhos de Merari, seus irmãos e Etan filho de Casaia.

18 E com eles a seus irmãos: Na segunda ordem a Zacarias, e Ben, e Jaziel, e Semiramot, e Jaiel, e Ani, Eliab, Banaias e Maasias, e Matatias, e Elifalu, e Macenias, e Obedom, e Jeiel, que eram porteiros.

19 Ora os cantores, Heman, Asaf, e Etan, tocavam tímboles de metal.

20 Mas Zacarias, e Oziel, e Semiramot, e Jaiel, cantavam ao som dos nablos misteriosos hinos.

21 Obedom, e Jeiel, e Ozaziú, cantavam epinícios ao som das cítaras pela oitava.

22 E Conenias príncipe dos levitas presidia à profecia, para entoar a sinfonia: porque era muito entendido. (2)

(2) **PRESIDIA A PROFECIA** — Isto é, dirigia os cânticos em honra do Senhor, pois já ficou dito que o termo *prophetare* corresponde a *psallere*.

1 Paralipômenos 15, 23-29; 16, 1-2

23 E Baraquias, e Elcana eram porteiros da Arca.

24 E os sacerdotes Sebenias, e Josafat, e Natanael, e Amasai, e Zacarias, e Banaías, e Eliezer, tocavam trombetas diante da Arca de Deus: e Obededom, e Jeias eram os porteiros da Arca.

25 Portanto Davi, e todos os anciãos de Israel, e os tribunos foram com alegria para transportarem da casa de Obededom a arca do concêrto do Senhor.

26 E tendo Deus assistido aos levitas, que levavam a arca do concêrto do Senhor, imolavam-se sete touros e sete carneiros.

27 E Davi estava vestido de uma túnica de linho fino, e todos os levitas que levavam a arca, e os cantores e Conenias príncipe da profecia entre os cantores: mas Davi estava também vestido de um efod de linho.

28 E todo o Israel acompanhava a arca do concêrto do Senhor com vozes de júbilo, e ao som de buzinas, e trombetas, e tímbores, e nablos, e cítaras.

29 E tendo a arca do concêrto do Senhor chegado até à cidade de Davi, Micol filha de Saul olhando da janela, viu que o rei Davi vinha saltando e dançando, e ela o desprezou lá no seu coração.

CAPÍTULO 16

E' COLOCADA A ARCA NO TABERNÁCULO. CANTICO QUE SE CANTOU NESTA CERIMÔNIA. LEVITAS CONSTITUÍDOS PARA CANTAREM DIANTE DO SENHOR.

1 Levaram pois a Arca de Deus, e a colocaram no meio do tabernáculo que Davi lhe tinha levantado: e ofereceram holocaustos e pacíficos diante de Deus.

2 E tendo Davi acabado de oferecer os holocaustos, e os sacrifícios, abençoou o povo em nome do Senhor,

3 E distribuiu a todos um por um, tanto a homens como a mulheres, uma torta de pão, e um pedaço de carne de búfalo assada, e flor de farinha frita em azeite.

4 E estabeleceu de entre os levitas os que haviam de servir diante da Arca do Senhor, e se recordassem das suas obras, e glorificassem, e louvassem ao Senhor Deus de Israel.

5 Asaf o primeiro: e a Zacarias o segundo: E depois Jaiel, Semiramot, e Jeiel, e Matatias, e Eliab, e Banaías, e Obedom. Jeiel para tocar o saltério e liras: e Asaf para tocar os tímbores;

6 e aos sacerdotes Banaías e Jaziel, para tocarem continuamente trombetas diante da Arca do concêrto do Senhor.

7 Naquele dia fêz Davi a Asaf primeiro cantor, para cantar os louvores ao Senhor com seus irmãos.

8 Louvai o Senhor, e invocai o seu nome: fazei conhecidas entre os povos as suas obras. (1)

9 Cantai os seus louvores, e tocai para glória sua os saltérios: E anunciai tôdas as suas maravilhas.

10 Louvai o seu santo nome: Alegre-se o coração dos que buscam o Senhor.

11 Buscai o Senhor, e a sua fortaleza: Buscai sempre a sua face. (2)

12 Lembrai-vos das maravilhas que êle fêz: Dos seus prodígios e dos juízos da sua bôca.

13 Vós que sois os descendentes de Israel seu servo: Filhos de Jacó seu escolhido.

14 Êle é o Senhor nosso Deus: Em tôda a terra exercita os seus juízos.

(1) LOUVOU AO SENHOR — Este cântico está no Saltério, formando parte do Sl 104, e do 95.

(2) A SUA FORTALEZA — Isto é, a Arca, que na Escritura se costuma chamar fortaleza de Deus.

1 Paralipômenos 16, 15-30

15 Lembrai-vos para sempre do seu pacto: Da lei, que prescreveu para mil gerações.

16 Da lei que êle pacteou com Abraão: E do seu juramento com Isaac.

17 E o confirmou a Jacó como lei: E a Israel como pacto eterno,

18 dizendo: Eu te hei de dar a terra de Canaã, penhor da vossa herança.

19 Quando êles eram em pequeno número, pobres e seus colonos.

20 E passaram de nação em nação, e de um reino para outro povo.

21 Não permitiu que alguém lhes fizesse mal antes por seu respeito castigou reis.

22 Não toqueis os meus ungidos: E não façais mal aos meus profetas.

23 Cantai ao Senhor, vós os habitantes de tôda a terra: Anunciai de dia em dia a salvação que vos deu.

24 Publicai a sua glória entre as gentes: E as suas maravilhas entre todos os povos.

25 Porque o Senhor é grande, e digno de louvores infinitos: E terrível mais que todos os deuses.

26 Porque todos os deuses das gentes são ídolos: mas o Senhor fez os Céus.

27 Louvor e magnificência diante dêle: Fortaleza e gôzo na sua morada.

28 Tributai ao Senhor, ó famílias dos povos: Tributai ao Senhor glória e império.

29 Dai ao Senhor a glória, em honra de seu nome, trazei hóstias, e vinde à sua presença: E adorai o Senhor com santo respeito.

30 Trema tôda a terra diante da sua face: Porque êle estabeleceu a redondeza imóvel.

31 Alegrem-se os Céus, e exulte a terra: E diga-se entre as nações: O Senhor reinou.

32 Brame o mar, e quanto nêle se contém: Regozijem-se os campos, e tudo o que há nêles.

33 Então as árvores do bosque cantarão os louvores diante do Senhor: Porque êle veio julgar a terra.

34 Dai glória ao Senhor, porque é bom: Porque a sua misericórdia é eterna.

35 E dizei: Salva-nos, ó Deus nosso Salvador, e ajunta-nos, e tira-nos do meio das gentes: Para que nós demos glória ao teu santo nome e nos alegremos em teus cânticos.

36 Bendito seja o Senhor Deus de Israel desde a eternidade até à eternidade: E todo o povo diga: Amém, e cante hinos ao Senhor.

37 Davi pois deixou ali diante da Arca do concêrto do Senhor a Asaf, e a seus irmãos para servirem continuamente na presença da Arca todos os dias, e por seus turnos.

38 E também a Obededom, e a seus irmãos que eram sessenta e oito, constituiu por porteiros a Obededom filho de Iditun, e a Hosa.

39 E ao sacerdote Sadoc, e a seus irmãos sacerdotes, diante do Tabernáculo do Senhor no alto que havia em Gabaon,

40 para oferecerem continuamente holocaustos ao Senhor em cima do altar dos holocaustos, de manhã e de tarde, conforme tudo o que está escrito na lei, que o Senhor prescreveu a Israel.

41 E depois dêle a Heman, e a Iditun, e aos outros escolhidos, a cada um por seu nome, para bendizerem o Senhor: Porque a sua misericórdia é eterna.

42 E também a Heman, e a Iditun, que tocavam a trombeta, e batiam os tímbores, e todos os instrumen-

1 Paralipômicos 16, 43; 17, 1-8

tos músicos, para cantarem louvores a Deus: E estabeleceu em porteiros os filhos de Iditun.

43 E voltou todo o povo para sua casa: E também Davi para abençoar a sua família.

CAPÍTULO 17

ENTRA DAVI EM INTENTOS DE EDIFICAR UM TEMPLO AO SENHOR. NATAN LHE DECLARA QUE ESTA HONRA ESTÁ GUARDADA PARA SEU FILHO. ORAÇÃO DE DAVI NESTE CASO.

1 Habitando pois Davi no seu palácio, disse ao profeta Natan: Eis habito eu numa casa de cedro: E a arca do concêrto do Senhor está debaixo dumas peles.

2 E respondeu Natan a Davi: Faze tudo o que tens no coração: Porque Deus é contigo.

3 Mas naquella noite falou o Senhor a Natan, dizendo:

4 Vai, e fala a Davi meu servo: Isto diz o Senhor: Tu não me edificarás casa para eu habitar.

5 Porque eu não tenho tido casa certa desde o tempo em que eu libertei Israel até ao presente: Mas tenho sempre mudado os lugares do tabernáculo, e estive debaixo de tendas.

6 morando com todo o Israel. Porventura falei eu ao menos a algum dos juizes de Israel, a quem tinha mandado que apascentassem o meu povo, e lhe disse: Por que me não tendes vós edificado uma casa de cedro?

7 Agora pois dirás assim ao meu servo Davi: Eis-aqui o que diz o Senhor dos exércitos: Quando tu conduzas os rebanhos a pastar, eu te direi para seres comandante do meu povo de Israel.

8 E eu fui contigo por onde quer que tu andavas: E extingui à tua vista todos os teus inimigos e fiz o teu

homem tão ilustre como o de um dos grandes, que são célebres no mundo.

9 E dei um lugar fixo ao meu povo de Israel: Nêle será confirmado, e nêle habitará e nunca mais será movido dêle. Nem os filhos da iniquidade os humilharão, como no princípio,

10 desde o tempo em que dei juizes ao meu povo de Israel, e humilhei todos os teus inimigos. Eu pois te declaro que o Senhor te há de estabelecer a tua casa.

11 E quando os teus dias forem completos para ires para teus pais, eu suscitarei depois um do teu sangue, que será de teus filhos: E estabecerei o seu reino.

12 Esse me edificará casa, e firmarei o seu trono para sempre.

13 Eu serei seu pai, e êle será meu filho: E eu não tirarei dêle a minha misericórdia, como a tirei de teu predecessor.

14 Mas eu o estabecerei na minha casa, e no meu reino para sempre; e o seu trono será perpétuamente firmíssimo.

15 Segundo tôdas estas palavras, e segundo tôda esta visão, assim falou Natan a Davi.

16 E tendo vindo o rei Davi diante do Senhor, e tendo ali parado, disse: Quem sou eu, Senhor Deus, e que casa é a minha, para me prestares tais coisas?

17 Mas isso pareceu ainda pouco em tua presença, e por isso falaste sôbre a casa de teu servo, ainda para o futuro: E me fizeste mais notável do que todos os homens, Senhor Deus.

18 Que mais pode acrescentar Davi, tendo tu glorificado assim o teu servo, e conhecendo-o?

19 Senhor, por amor do teu servo conforme o teu coração obraste tôda esta magnificência e quiseste que êle conhecesse estas tão grandes coisas.

1 Paralipômenos 17, 20-27

20 Senhor, não há outro semelhante a ti: E não há outro Deus senão tu, entre todos, de quem temos ouvido falar.

21 Que outro povo há pois como o teu povo de Israel, nação única na terra, à qual se encaminhou Deus, para a livrar, e para a fazer o seu povo, e para pelo seu poder e pelos seus terrores expulsar as nações de diante dêste povo, a quem tinha livrado do Egito?

22 Assim tu estabeleceste o teu povo de Israel por teu povo para sempre, e tu, ó Senhor, te constituíste o seu Deus.

23 Pois agora, Senhor, confirme-se para sempre a promessa, que fizeste a teu servo, e sôbre a sua casa, e cumpre-a segundo a tua palavra. (1)

24 E para sempre permaneça e seja glorificado o teu nome: E diga-se: O Senhor dos exércitos é o Deus de Israel: E a casa de Davi, seu servo, persista sempre diante dêle.

25 Porque tu, Senhor meu Deus, revelaste ao ouvido de teu servo, que lhe estabelecerias a casa: E por isso o teu servo se encheu de confiança, para orar em tua presença.

26 Agora, pois, ó Senhor, tu és o Deus: E anunciaste tão grandes benefícios a teu servo.

27 E começaste a abençoar a casa de teu servo, para que subsista sempre diante de ti: Pois abençoando-a tu, ó Senhor, para sempre será abençoada.

(1) **CONFIRME-SE PARA SEMPRE A PROMESSA** — Isto é, seja firme e perdurável o prometimento. Os intérpretes referem estas palavras ao Messias: *Haec debent referri ad promissiones de Christo Rege factas. Lapide.*

CAPÍTULO 18

DIVERSAS VITÓRIAS DE DAVI. TOU REI DE EMAT LHE ENVIA SEU FILHO PARA O FELICITAR. LISTA DOS PRINCIPAIS OFICIAIS DE DAVI.

1 Depois disto sucedeu que Davi escalou os filisteus, e os humilhou, e tomou das mãos dos filisteus a Get, e suas dependências,

2 e destroçou Moab, e os moabitas ficaram sujeitos a Davi, pagando-lhe tributos.

3 Neste tempo desbaratou Davi também a Adarezer rei de Soba no país de Hemat, quando partiu para dilatar o seu império até ao rio Eufrates.

4 Davi pois lhe tomou mil carroças tiradas a quatro cavalos, e sete mil homens de cavalo, e vinte mil homens de pé, e cortou os nervos das pernas a todos os cavalos das carroças, afora cem tiros de quatro cavalos que reservou para si.

5 E sobrevieram também os siros de Damasco, em socorro de Adarezer rei de Soba: Mas também destes desbaratou Davi vinte e dois mil homens.

6 E pôs guarnição em Damasco, para que também tivesse a si sujeita a Síria, e lhe fôsse tributária. E o Senhor o ajudou em tudo quanto empreendeu.

7 Tomou Davi também as aljavas de ouro, com que vieram armados os soldados de Adarezer, e as trouxe para Jerusalém. (1)

8 Tomou também de Tebat e de Cun, cidades sujeitas ao rei Adarezer, grande quantidade de bronze, de onde Salomão fêz o mar de bronze, e as colunas, e os vasos de bronze.

(1) **ALJAVAS** — Assim verteu a Vulgata; os Setenta traduziram por colares, a versão siríaca por pérolas, e a árabe por chapas.

1 Paralipômenos 18, 9-17; 19, 1

9 O que tendo ouvido Tou rei de Hemat, que Davi com efeito desfizera todo o exército de Adarezer rei de Soba,

10 enviou a Adorão seu filho ao rei Davi, para lhe pedir sua aliança, e para lhe dar os parabéns, por ter desfeito e vencido a Adarezer; Porque Tou era inimigo de Adarezer.

11 Consagrou também o rei Davi ao Senhor todos os vasos de ouro, e de prata, e de bronze com a prata e ouro que tinha tomado a todos os povos assim da Iduméia, e de Moab, e dos amonitas, como também aos filisteus e aos amalecitas.

12 Abisai, porém, filho de Sarvia desfez dezoito mil idumeus no Vale das Salinas:

13 E pôs presidio na Iduméia, para que a Iduméia ficasse na obediência de Davi: E o Senhor salvou a Davi em tôdas as expedições que êle fêz.

14 Reinou Davi pois sôbre todo o Israel, e julgava e fazia justiça a todo o seu povo.

15 E Joab filho de Sarvia era generalíssimo dos exércitos, e Josafat filho de Ailud cronista-mor.

16 E Sadoc filho de Aquitob, e Aimelec filho de Abiatar, eram sacerdotes: E Susa secretário de estado.

17 E Banaías filho de Jojada comandava as legiões dos cereteus, e dos feleteus: E os filhos de Davi eram os primeiros depois do rei.

CAPÍTULO 19

O REI DOS AMONITAS ULTRAJA OS EMBAIXADORES DE DAVI. DESFEITA DOS AMONITAS E DOS SIROS.

1 Acontecendo pois o ter falecido Naas rei dos amonitas, reinou seu filho em seu lugar. (1)

(1) **ACONTECENDO** — Este capítulo concorda com o 2 Rs, c. 10.

2 E disse Davi: Eu quero mostrar o meu afeto a Hanon filho de Naas: Pois que seu pai me fêz favor. E Davi mandou mensageiros para o consolarem na morte de seu pai. Os quais tendo chegado ao país dos amonitas, para consolarem a Hanon,

3 os grandes dos amonitas disseram a Hanon: Tu cuidas talvez que Davi por honrar a memória de teu pai te mandou homens que te consolassem: E não advertes, que os seus servos vieram a reconhecer, e a investigar, e a esquadrinhar o teu país.

4 Hanon pois fêz rapar a cabeça, e a barba aos servos de Davi, e lhes fêz retalhar as suas túnicas da cintura até os pés, e despediu-os.

5 Tendo-se êles retirado, e tendo avisado disto a Davi, mandou ao encontro dêles (porque era grande o ultraje que tinham padecido) e lhes ordenou que ficassem em Jericó, até lhes crescer a barba, e então voltassem. (2)

6 Vendo pois os amonitas, que tinham ofendido a Davi, assim Hanon, como o demais povo mandaram mil talentos de prata, para tomarem a seu sôlido carroças de guerra, e cavalaria da Mesopotâmia, e da Síria de Maaca, e de Soba.

7 E assoldadaram trinta e duas mil carroças, e o rei de Maaca com o seu povo. E tendo êles marchado, acamparam-se defronte de Medaba. E os amonitas tendo-se ajuntado das suas cidades, saíram para a guerra.

8 Informado Davi disto, mandou a Joab, e todo o exército de homens valentes:

(2) **EM JERICÓ** — Isto é, no sítio onde foi Jericó, porque desde a sua destruição por Josué ficou esta cidade em ruína até que Acab a reedificou.

1 Paralipômenos 19, 9-17

9 E tendo saído os amonitas, postaram-se em batalha junto da porta da cidade: E os reis, que tinham vindo em seu socorro, fizeram alto separadamente na campina.

10 Pelo que Joab, entendendo que lhe queriam dar batalha pela frente, e pela retaguarda, escolheu os homens mais esforçados de todo o Israel, e marchou contra os sírios.

11 E o resto do exército deu o comando a Abisai seu irmão; e marcharam contra os amonitas.

12 E disse: Se os siros me vencerem, tu virás socorrer-me: E se os amonitas te vencerem, eu te socorrerei.

13 Esforça-te, e pelemos valorosamente pelo nosso povo, e pelas cidades do nosso Deus: E o Senhor fará o que bem lhe parecer.

14 Marchou pois Joab, e o povo que estava com êle, contra os siros para a batalha: E os pôs em fugida.

15 E os amonitas vendo que tinham fugido os siros, fugiram êles também de Abisai irmão de Joab, e entraram na cidade: E Joab também voltou para Jerusalém. (3)

16 Mas vendo-os os siros vencidos por Israel, mandaram mensageiros, e fizeram vir os siros, que viviam da banda de além do rio: Safac general do exército de Adarezer, era o seu comandante.

17 Do que avisado Davi, ajuntou todo o Israel, e passou o Jordão, e deu de repente sobre êles, e os acometeu pela frente com o seu exército formado em batalha, pelejando êles contra.

(3) NA CIDADE — A cidade de que se faz menção neste lugar é a de Medaba, como se deduz do v. 7 d'êste capítulo.

18 Mas os siros fugiram de diante de Israel: E Davi destroçou dos siros sete mil carroças; e matou quarenta mil homens de pé, e Sofac general do exército.

19 Vendo pois os servos de Adarezer, que eram vencidos pelos israelitas, passaram para Davi, e lhe ficaram sujeitos: E os siros não quiseram mais dar socorro aos amonitas.

CAPÍTULO 20

TOMADA DE RABA. RIGORES EXECUTADOS CONTRA OS AMONITAS. VITÓRIAS ALCANÇADAS DOS FILISTEUS.

1 Succedeu pois que tendo decorrido um ano, naquele tempo, em que os reis costumavam ir para a guerra, ajuntou Joab o exército, e a flor das tropas, e assolou o país dos amonitas, e passou adiante e pôs sítio a Raba: Davi porém ficou em Jerusalém, enquanto Joab bateu Raba, e a destruiu. (1)

2 E Davi tirou a coroa de cima da cabeça de Melcom, e achou nela o pêso de um talento de ouro, e pedras preciosíssimas, e de que fez para si um diadema: Levou também muitos despojos da cidade:

3 Mandou também sair o povo, que havia nela, e fez passar por cima dêles trilhos e grades, e carros ferrados, até que ficassem despedaçados e esmigalhados: O mesmo fez em tôdas as cidades dos amonitas: E voltou para Jerusalém com todo o seu povo.

(1) **ENQUANTO JOAB BATEU RABA** — Carrières parafraseou desta sorte este texto: “Quanto a Davi ele ficou em Jerusalém enquanto Joab bateu Raba, mas avisado de que tinham aberto brecha, veio tomá-la e mandou-a destruir”. A razão desta interpretação, comumente aceita, é conciliar esta passagem com o 2 Rs 12, 26 e seg., de onde consta que na tomada e destruição de Raba estava presente Davi, o que neste lugar se não encontra.

1 Paralipômenos 20, 4-7; 21, 1-2

4 Depois disto fêz guerra em Gazer contra os filisteus: Onde Sobocai de Husat matou a Safai da raça de Rafaim, e os humilhou.

5 Fêz-se ainda outra guerra contra os filisteus, onde Adeodato filho do Bosque de Belém matou a um irmão de Golias de Get, de cuja lança a haste era como um órgão dos tecelões. (2)

6 E ainda houve outra guerra em Get, onde se achou um homem por extremo alto, que tinha seis dedos em pés e mãos, isto é, vinte e quatro por todos: O qual em si era também da raça de Rafa.

7 Êste ultrajava insolentemente os israelitas: E Jonatan, filho de Samaa, irmão de Davi, o matou. Êstes são os filhos de Rafaim de Get, que foram mortos pela mão de Davi e da sua gente.

CAPÍTULO 21

**FAZ DAVI RESENHA DO SEU POVO. E' POR ISSO REPREEN-
DIDO PELO PROFETA GAD. PESTE QUE DEUS MANDA A
ISRAEL.**

1 Levantou-se pois Satanaz contra Israel: E incitou a Davi a fazer resenha de Israel. (1)

2 E disse Davi a Joab, e aos principais do povo: Ide, e fazei a conta a Israel desde Bersabée até Dan: E trazei-me o número para eu o saber.

(2) **ADEODATO FILHO DO BOSQUE DE BELÉM** — A Vulgata traduziu por apelativos os nomes próprios que estavam no original.

(1) **INCITOU A DAVI** — Quem? Pelo contexto o demônio; mas no 2 Rs 24, 1, está Jehovah incitavit. Como conciliar êstes dois textos? Responda o douto Cornélio a Lápide: "Deus incitou Davi, enquanto causa primária de todos os movimentos, enquanto são movimentos; Satanaz como causa dos pecados enquanto, Nempe,

3 E Joab respondeu: O Senhor multiplique o seu povo cem vêzes mais do que êle é: Acaso, rei meu senhor, não são todos servos teus? Por que quer meu Senhor averiguar isto que se imputará a pecado a Israel?

4 Contudo prevaleceu mais a ordem do rei: Partiu, e correu à roda todo o Israel, e voltou para Jerusalém.

5 E deu a Davi o rol daqueles a quem passou revista: E acharam-se de Israel em todo o número, um milhão e cem mil homens capazes de tomar armas: E de Judá quatrocentos e setenta mil homens de guerra. (2)

6 Não contou Joab os da tribo de Levi, nem os da tribo de Benjamim: Porque executava de má mente a ordem do rei.

7 E desagradou a Deus esta ordem, e feriu a Israel.

8 E disse Davi a Deus: Eu cometi um grande pecado em fazer isto: Peço-te que perdoes a culpa a teu servo, porque obrei nesciamente.

9 E falou o Senhor a Gad vidente de Davi, dizendo: (3)

10 Vai, e fala com Davi, e dize-lhe: Eis-aqui o que diz o Senhor: Eu te dou a escolha de três coisas: Escolhe uma, qual quiseres, e eu ta farei.

Deus incitavit Davidem, ut causa prima omnium motuum quatenus motus sunt, Satan vero, ut causa peccatorum quatenus peccata sunt." Fazer o recenseamento do povo não era, em si, considerado pecado algum; porém fazendo-o por um ato de orgulho e vaidade isso é que tornava maior o fato, e por isso Deus castigou Davi com a perda de setenta mil vassalos.

(2) **UM MILHÃO E CEM MIL HOMENS** — Há aqui uma diferença do que se encontra no citado lugar do 2 Rs 24, 9, que todos os intérpretes atribuem a erro do copista.

(3) **VIDENTE DE DAVI** — Isto é, profeta que Davi consultava: quem David consulere solebat. Martene.

1 Paralipômenos 21, 11-17

11 E tendo vindo Gad, à presença de Davi, disse-lhe: Eis-aqui o que diz o Senhor: Escolhe o que quiseses,

12 ou sofrer a fome três anos: Ou fugir diante de teus inimigos três meses, e sem poderes escapar da sua espada: Ou estar debaixo da espada do Senhor três dias, e grassando a peste na terra, e o anjo do Senhor fazendo estragos em tôdas as terras de Israel: Vê pois agora que hei de responder a quem me enviou.

13 E respondeu Davi a Gad: De tôda a parte me vejo em grandes apertos: Mas para mim é melhor o cair nas mãos do Senhor, porque é de muita misericórdia, do que cair nas mãos dos homens.

14 Mandou pois o Senhor a peste a Israel, e morreram de Israel setenta mil homens.

15 Mandou também o seu anjo a Jerusalém, para a assolar: E ao tempo que estava ferida, olhou o Senhor, e compadeceu-se dum castigo tão terrível: E mandou ao anjo exterminador: Basta, cesse já a tua mão. Pois que o anjo do Senhor estava perto da cira de Ornan jebuseu.

16 E Davi, levantando os olhos, viu o anjo do Senhor que estava entre o céu e a terra, e uma espada desembainhada na sua mão, e voltada contra Jerusalém: Então assim Davi, como os seus anciãos cobertos de cilícios, se prostraram com os rostos por terra.

17 E Davi disse a Deus: Não sou eu o que mandei que se contasse o povo? Eu sou o que pequei: Eu o que fiz o mal: Mas êste rebanho que mereceu êle? Volte-se pois te peço, Senhor meu Deus, a tua mão contra mim, e contra a casa de meu pai: Mas o teu povo não seja castigado.

18 E o anjo do Senhor mandou a Gad, que dissesse a Davi que viesse e que levantasse um altar ao Senhor Deus na eira de Ornan jebuseu.

19 Foi Davi pois conforme a ordem de Gad; Que lhe havia intimado da parte do Senhor.

20 Mas Ornan e quatro filhos seus, que com êle estavam, tendo levantado os olhos, e visto o anjo, se esconderam: Porque naquele tempo estava debulhando trigo na eira.

21 Quando Davi pois se vinha chegando para Ornan, viu-o Ornan, e saindo da sua eira em seu encontro, lhe fêz uma profunda reverência, abaixando-se até ao chão.

22 E Davi lhe disse: Dá-me o lugar da tua eira, para eu edificar nêle um altar ao Senhor: De modo que recebas a quantia do seu valor, e cesse a praga de cima do povo.

23 E respondeu Ornan a Davi: Toma-a, e o rei meu senhor faça dela o que fôr do seu agrado: Eu darei também os bois para o holocausto, e os trilhos para lenha, e trigo para o sacrificio: Darei tudo de muito boa vontade.

24 E o rei Davi lhe disse: Não se fará assim, mas eu não devo tirar-te o teu, e oferecer ao Senhor holocaustos que não me custem nada.

25 Deu pois Davi a Ornan pelo terreno seiscentos siclos de ouro de bom pêso.

26 E levantou ali um altar ao Senhor, e ofereceu holocaustos, e pacíficos, e invocou o Senhor, e êle o ouviu, mandando do Céu fogo sôbre o altar do holocausto.

27 E mandou o Senhor ao anjo: E êle meteu a sua espada na bainha.

28 Logo pois Davi, vendo que o Senhor o tinha ouvido na eira de Ornan jebuseu, imolou ali vítimas.

1 Paralipômenos 21, 29-30; 22, 1-5

29 E o tabernáculo do Senhor, que Moisés tinha feito no deserto e o altar dos holocaustos, estavam então no alto de Gabaon.

30 E não teve Davi força para ir até ao altar para ali fazer oração a Deus: Porque tinha ficado em extremo aterrado, ao ver a espada do anjo do Senhor.

CAPÍTULO 22

PREPARA DAVI TODOS OS MATERIAIS NECESSARIOS PARA EDIFICAR O TEMPLO DO SENHOR. MANDA A SALOMÃO E AOS PRÍNCIPES DE ISRAEL QUE EMPREENHAM E FAÇAM ESTA OBRA.

1 E disse Davi: Esta é a casa de Deus, e êste é o altar para os holocaustos que Israel há-de oferecer. (1)

2 E mandou que se ajuntassem todos os prosélitos da Terra de Israel, e tomou dêles os cabouqueiros para cortarem e lavrarem as pedras, para se edificar a casa de Deus.

3 Fêz Davi também um grande provimento de ferragem para os pregos das portas, e para travar as juntas: E inumerável pêso de bronze.

4 Não tinham outrossim preço as madeiras de cedro, que os sidônios e tírios tinham trazido a Davi.

5 E disse Davi: Meu filho Salomão é um moço pequeno e tenro, a casa porém que eu desejo que se edifique ao Senhor, deve ser tal que seja nomeada em todos os países: Preparar-lhe-ei pois para êle o necessário. E por esta razão antes da sua morte dispôs tôdas as coisas precisas.

(1) **ESTA É A CASA DE DEUS** — Davi soube que era ali que se devia levantar o santuário, porque fôra sobre aquêle local que havia descido o fogo sagrado sobre o altar do holocausto.

6 E chamou a seu filho Salomão: E ordenou-lhe que edificasse a casa ao Senhor Deus de Israel.

7 E disse Davi a Salomão: Meu filho, a minha intenção foi edificar uma casa ao nome do Senhor meu Deus,

8 mas o Senhor me falou, dizendo: Tu tens derramado muito sangue, e tens dado muitas batalhas: Tu não poderás edificar templo ao meu nome depois de tanto sangue derramado na minha presença: (2)

9 O filho que te nascer será um homem quietíssimo: Porque eu o porei em paz em quanto a todos os seus inimigos em roda: E por esta causa será chamado Pacifico: E eu darei paz e descanso a Israel durante todos os seus dias. (3)

10 Êle edificará uma casa ao meu nome, e êle será meu filho, e eu serei seu pai: E eu firmarei o trono do seu reino sôbre Israel eternamente.

11 Agora pois o Senhor seja contigo, meu filho, sê ditoso, e edifica uma casa ao Senhor teu Deus, como êle predisse de ti.

(2) **TENS DERRAMADO MUITO SANGUE** — S. Jerônimo entende que estas palavras se referem ao assassinato de Urias, o não às guerras justas que empreendeu. *Quod erat vir sanguinarius, non est, plerique existimant, propter bella, sed propter homicidium.* Calmet e outros críticos rejeitam esta opinião, fundando-se no fato da Escritura dizer claramente que o sangue por que Deus excluiu Davi, foi o que êle derramara nas muitas guerras que teve, e explica "porque, ainda quando estas guerras são justas, contudo determinaram uma certa incompatibilidade com o exercício das coisas sagradas, o que está no sentir unânime dos povos, pois os gentios não permitiam aos que vinham da guerra tocar os seus ídolos". Virgílio exprime-se desta sorte: *Tu genitor, cape sacra manu patrisque Me bello e tanto digressum, et caede Penates recenti. Attrectare nefas.* Eneida, L. 1, v. 701.

(3) **PACIFICO** — No original está Salomão, nome próprio,

1 Paralipômenos 22, 12-19

12 O Senhor te dê também prudência e siso, para que possas reger a Israel, e guardar a lei do Senhor teu Deus.

13 Porque então tu serás bem sucedido, se guardares os mandamentos, e as leis que o Senhor mandou a Moisés que ensinasse a Israel: Arma-te de fortaleza, e obra varonilmente, não tenias nada, nem te desalentes.

14 Já que vês que na minha pobreza preparei para os gastos da casa do Senhor, cem mil talentos de ouro e um milhão de talentos de prata: O bronze, porém, e o ferro não têm pêso, porque o número é excedido pela quantidade: Tenho prontas madeiras e pedras para todos os gastos.

15 Tens também infinitos oficiais, canteiros e pedreiros e carpinteiros, e de tôdas as artes os mais apurados na execução da obra.

16 Em ouro, e em prata, e em cobre, e em ferro, que não tem número. Levanta-te pois, e mete mãos à obra, e o Senhor será contigo.

17 E mandou Davi a todos os chefes de Israel, que ajudassem a seu filho Salomão.

18 Vós vêdes, lhes disse, que o Senhor vosso Deus está convosco, e que vos deu a paz por tôdas as partes, e que entregou todos os vossos inimigos nas vossas mãos, e que a terra está sujeita diante do Senhor, e diante do seu povo.

19 Disponde logo os vossos corações e as vossas almas, para buscardes o Senhor vosso Deus, e levantai-vos e edificai o santuário ao Senhor Deus, para que a Arca do concôrto do Senhor, e os vasos consagrados ao Senhor, sejam trasladados para a casa, que se vai a edificar ao nome do Senhor.

CAPÍTULO 23

DECLARA DAVI A SALOMÃO REI DE ISRAEL. REGULA A ORDEM E FUNÇÕES DOS DESTINADOS PARA DIVERSOS OFÍCIOS DA CASA DO SENHOR.

1 Achando-se pois Davi velho, e cheio de dias, constituiu rei sobre Israel a seu filho Salomão. (1)

2 E ajuntou todos os príncipes de Israel, e aos sacerdotes e levitas.

3 E foram contados os levitas de trinta anos, e para cima: E acharam-se trinta e oito mil homens.

4 Dêstes foram escolhidos, e distribuídos vinte e quatro mil para o ministério da casa do Senhor: E para propósitos e juizes seis mil.

5 E quatro mil porteiros: E outros tantos cantores que cantavam os louvores do Senhor ao som dos instrumentos, que tinha mandado fazer para se tocarem.

6 E Davi os distribuiu por turnos dos filhos de Levi, a saber, de Gérson, de Caat, e de Merari.

7 Filhos de Gérson foram: Leedan e Semei.

8 Filhos de Leedan: Jaiel, chefe, e Zetan, e Joel, três.

9 Filhos de Semei três: Salomit, e Hosiel, e Aran: Estes são os chefes das famílias de Leedan.

10 E filhos de Semei: Leet, e Ziza, e Jaus, e Baria: Estes são os filhos de Semei, quatro.

(1) CONSTITUIU REI — Uma circunstância accidental fez precipitar os acontecimentos. Adonias, pretextando a velhice de seu pai, procurou apoderar-se do governo. Aliciou alguns partidários, entre eles Joab, general dos exércitos israelitas, e com o auxilio destes fez-se proclamar rei de Jerusalém. Davi ao saber isto entrou Salomão.

1 Paralipômenos 23, 11-24

11 Leet pois era o primeiro, Ziza o segundo: Jaus porém e Baria não tiveram muitos filhos, e por isso foram contados numa só família e numa só casa.

12 Filhos de Caat quatro: Amrão, e Isaar, Hebron, e Oziel.

13 Filhos de Amrão: Aarão e Moisés. E Aarão foi separado para servir no Santo dos Santos, êle, e seus filhos perpétuamente, e para oferecer incenso ao Senhor, segundo o seu rito, e para bendizer o seu nome para sempre.

14 Os filhos de Moisés homem de Deus também foram contados na tribo de Levi.

15 Filhos de Moisés: Gérson, e Eliezer.

16 Filhos de Gérson: Sobuel o primeiro.

17 E os filhos de Eliezer foram: Roobia o primeiro: E não teve Eliezer outros filhos. Mas os filhos de Roobia se multiplicaram muito.

18 Filhos de Isaar: Salomit o primeiro.

19 Filhos de Hebron: Jeriau o primeiro, Amarias o segundo, Jaaziel o terceiro, Jecmaão o quarto.

20 Filhos de Oziel: Mica o primeiro, Jesia o segundo.

21 Filhos de Merari: Mooli, e Musi. Filhos de Mooli: Eleazar, e Cis.

22 E Eleazar morreu, e não teve filhos, senão filhas: E casaram com os filhos de Cis seus irmãos.

23 Filhos de Musi três: Mooli, e Heder, e Jerimot.

24 Eis-aqui os filhos de Levi chefes das suas parentelas, e famílias, contados um por um, que serviam por turnos nas funções do ministério da casa do Senhor desde vinte anos, e para cima. (2)

(2) **DESDE VINTE ANOS** — Davi altera o que Moisés tinha determinado, pois como é sabido, nos Núm 4, 3, preceitua-se que

25 Porque disse Davi: O Senhor Deus de Israel deu paz ao seu povo, e habitação em Jerusalém para sempre.

26 E ao diante não será mais do cargo dos levitas o levarem o tabernáculo, e todos os vasos do seu ministério.

27 Também segundo as últimas ordenanças de Davi contar-se-á o número dos filhos de Levi, desde vinte anos, e para cima.

28 E estarão sujeitos aos filhos de Aarão para o culto da casa do Senhor, nos vestibulos, e nas câmaras, e no lugar da purificação, e no santuário, e em tôdas as funções do ministério do Templo do Senhor:

29 Porém os sacerdotes terão a intendência sôbre os pães da proposição, e sôbre o sacrificio da farinha, e sôbre os bolos asmos, e sôbre o que se assa, e sôbre todos os pesos e medidas.

30 E os levitas assistam pela manhã a cantar os louvores do Senhor: E do mesmo modo à tarde,

31 tanto na oferta dos holocaustos oferecidos ao Senhor, como nos dias de sábado, e nos primeiros dos meses, e nas outras solenidades, conforme o número, e as cerimônias de cada coisa, continuamente na presença do Senhor.

32 E observarão cuidadosamente as ordenanças que respeitam ao Tabernáculo do concêrto, e ao culto do San-

os levitas não entrassem a servir no Tabernáculo antes dos trinta anos: Davi atendendo a que tinham cessado os transportes do Tabernáculo, não sendo preciso que os levitas fôsem de extraordinária fôrça, e a que a majestade do culto exigia grande número de sacerdotes, para assim ser mais sensível e respeitável ao povo, ordenou que os levitas servissem nos seus ministérios desde os vinte anos.

1 Paralipômenos 24, 1-7

tuário, e à obediência dos filhos de Aarão seus irmãos, para ministrarem na casa do Senhor.

CAPÍTULO 24

REGULA DAVI A ORDEM E AS FUNÇÕES DOS SACERDOTES.

1 E os filhos de Aarão foram repartidos nestas classes: Filhos de Aarão foram: Nadab, e Abiú, e Eleazar, e Itamar.

2 Mas Nadab, e Abiú morreram antes de seu pai sem deixar filhos: E Eleazar, e Itamar exerceram as funções do sacerdócio.

3 E repartiu-os Davi, isto é, a Sadoc dos filhos de Eleazar, e a Aimelec dos filhos de Itamar, fixando os seus turnos e ministérios.

4 Mas achou-se que eram muitos mais os filhos de Eleazar entre os chefes de famílias do que os filhos de Itamar, e dividiu-os, isto é, aos filhos de Eleazar em dezesseis famílias, cada uma com seu príncipe, aos filhos de Itamar em oito pelas suas famílias e casas.

5 E repartiu por sorte ambas as famílias entre si: Porque havia príncipes do santuário, e príncipes de Deus tanto dos filhos de Eleazar, como dos filhos de Itamar.

6 E Semeias filho de Natanael da tribo de Levi, secretário, fez o rol deles, na presença do rei, e dos príncipes, e do sacerdote Sadoc, e de Aimelec filho de Abiatar, e diante dos chefes das famílias sacerdotais e levíticas: Tomando primeiro a casa de Eleazar, que era sobre as outras: E deu a outra casa de Itamar, que tinham outras subordinadas a si.

7 Assim a primeira sorte saiu a Joiarib, a segunda a Jedei,

- 8 a terceira a Harim, a quarta a Seorim,
9 a quinta a Melquia, a sexta a Maiman,
10 a sétima a Acos, a oitava a Abia,
11 a nona a Jesua, a décima a Sequenia,
12 a undécima a Eliasib, a duodécima a Jacim,
13 a décima terceira a Hopfa, a décima quarta a Isbaab,
14 a décima quinta a Belga, a décima sexta a Emer,
15 a décima sétima a Hezir, a décima oitava a Afses,
16 a décima nona, a Fetéia, a vigésima a Hezequiel,
17 a vigésima primeira a Jaquim, e a vigésima segunda a Gamul,
18 a vigésima terceira a Dalaiau, a vigésima quarta a Maaziau.
19 Esta é a sua distribuição segundo os seus ministérios, para servirem na casa do Senhor, e segundo o seu rito debaixo da direção de Aarão seu pai como o tinha mandado o Senhor Deus de Israel.
20 E dos filhos de Levi, de que se não falou, dos filhos de Amrão era Subael, e dos filhos de Subael era Jeedeia.
21 E dos filhos de Roobia o chefe era Jésias.
22 E Salemot, filho de Isaari e Jaat, filho de Salemot:
23 E Jeriau seu filho primogênito, Amarias o segundo, Jaaziel o terceiro, Jecmaan o quarto.
24 Filho de Oziel, foi Mica: Filho de Mica, foi Samir.
25 Irmão de Mica, Jésia: E filho de Jésia, era Zacarias.
26 Filhos de Merari: Mooli e Musi. Filho de Oziau: Beno.

1 Paralipômenos 24, 27-31; 25, 1-4

27 E filhos de Merari foram: Oziau e Soão e Zacur e Hebri.

28 E filho de Mooli: Eleazar, que não teve filhos.

29 E filho de Cis, Jeranieel.

30 Filhos de Musi foram: Mooli, Eder, e Jerimot: Êstes são os filhos de Levi, segundo as casas de suas famílias.

31 E êstes também lançaram sortes com seus irmãos filhos de Aarão, em presença do rei Davi, e de Sadoc, e de Aimelec, e dos chefes das famílias sacerdotais e levíticas: Assim os anciãos como os mais moços: A todos a sorte distribuiu igualmente.

CAPÍTULO 25

REGULA DAVI A ORDEM DOS CANTORES E DOS INSTRUMENTISTAS.

1 Davi pois, e os principais oficiais do exército escolheram para o ministério os filhos de Asaf, e de Heman, e de Iditun: Para tocarem cítaras, e saltérios, e tímboles, servindo segundo o seu número o emprêgo que lhes fôra destinado.

2 Dos filhos de Asaf: Zacur, e José, e Natania, e Asarela, filhos de Asaf: Debaixo da direção de Asaf que cantava ao lado do rei.

3 Quanto a Iditun: Os filhos de Iditun, Godolias, Sori, Jeseias, e Hasabias, e Matatias, seis, debaixo da direção de seu pai Iditun, que cantava ao som da cítara presidindo aos que cantavam e louvavam o Senhor.

4 Quanto a Heman: Os filhos de Heman, Bociau, Mataniau, Oziel, Subuel e Jerimot, Hananias, Hanani, Eliata, Gedelti, e Romemtiezer, e Jesbacassa, Meloti, Otir, Maaziot:

5 Todos êstes eram filhos de Heman, vidente do rei nos louvores de Deus, para exaltar o seu poder: Deu Deus a Heman catorze filhos e três filhas.

6 Todos estavam repartidos debaixo do magistério de seu pai, para cantarem no Templo do Senhor, ao som de tímboles e de saltérios e de cítaras, para os ministérios da casa do Senhor conforme a ordem do rei: A saber, os filhos de Asaf, e de Iditun, e de Heman.

7 E o número dêstes com seus irmãos, todos mestres, que ensinavam os cânticos do Senhor, era de duzentos e oitenta e oito.

8 E êles deitaram sortes pelas suas classes, igualmente tanto maior como menor, e assim o douto, como o indouto. (1)

9 E saiu a primeira sorte a José, que era da casa de Asaf. A segunda a Godolias, assim para êle como para seus filhos, e irmãos, que eram doze.

10 A terceira a Zacur, a seus filhos e irmãos, que eram doze.

11 A quarta a Isari, a seus filhos e irmãos, que eram doze.

12 A quinta a Natánias, a seus filhos e irmãos, que eram doze.

13 A sexta a Bociau, a seus filhos e irmãos, que eram doze.

14 A sétima a Isreela, a seus filhos e irmãos, que eram doze.

15 A oitava a Jesaia, a seus filhos e irmãos, que eram doze.

(1) O DOUTO COMO O INDOUTO — No original hebraico está. — Mestres ou discípulos — Calmet entende que êstes discípulos ou indoutos estavam ao cuidado dos mestres que os tomaram para os ensinar, sem que êstes aprendizes entrassem no número dos duzentos e oitenta e oito músicos.

1 Paralipômenos 25, 16-31.

16 A nona a Matania, a seus filhos e irmãos que eram doze.

17 A décima a Semeias, a seus filhos e irmãos, que eram doze.

18 A undécima a Azareel, a seus filhos e irmãos, que eram doze.

19 A duodécima a Hasabia, a seus filhos e irmãos, que eram doze.

20 A décima terceira a Subael, a seus filhos e irmãos que eram doze.

21 A décima quarta a Matatias, a seus filhos e irmãos, que eram doze.

22 A décima quinta a Jerimot, a seus filhos e irmãos, que eram doze.

23 A décima sexta a Hananias, a seus filhos e irmãos, que eram doze.

24 A décima sétima a Jesbacassa, a seus filhos e irmãos, que eram doze.

25 A décima oitava a Hanani, a seus filhos e irmãos, que eram doze.

26 A décima nona a Meloti, a seus filhos e irmãos, que eram doze.

27 A vigésima a Eliata, a seus filhos e irmãos, que eram doze,

28 A vigésima primeira a Otir, a seus filhos e irmãos, que eram doze.

29 A vigésima segunda a Gedelti, a seus filhos e irmãos, que eram doze.

30 A vigésima terceira a Maaziot, a seus filhos e irmãos, que eram doze.

31 A vigésima quarta a Romemtiezer, e seus filhos e irmãos, que eram doze.

CAPÍTULO 26

ORDEM DOS PORTEIROS DO TEMPLO, E DOS GUARDAS DOS
TESOUROS E VASOS SAGRADOS. ORDEM DOS LEVITAS
DESTINADOS A ENCHER AS FUNÇÕES DE CHEFES E DE
JUIZES EM ISRAEL.

1 As distribuições porém dos porteiros foram assim: Dos coritas Meselemlia, filho de Coré, dos filhos de Asaf.

2 Filhos de Meselemlia foram: Zacarias o primogênito, Jadiel o segundo, Zabadias o terceiro, Jatanael o quarto,

3 Elão o quinto, Joanan o sexto, Elioenai o sétimo.

4 E filhos de Obededom: Semeias o primogênito, Jozabad o segundo, Joab o terceiro, Sacar o quarto, Natanael o quinto,

5 Amiel o sexto, Issacar o sétimo, Folati o oitavo: Porque o Senhor o abençoou.

6 Semei, seu filho, teve filhos chefes de suas famílias: Porque eram homens esforçadíssimos:

7 E filhos de Semeias foram: Otni e Rafael, e Obed; Elzabad e seus irmãos, homens fortíssimos: Como também Eliú e Samaquias.

8 Todos êstes eram filhos de Obededom: Êles e seus filhos e irmãos robustíssimos para o seu emprêgo sessenta e dois da casa de Obededom.

9 E os filhos de Meselemlia, e seus irmãos mui valentes, eram dezoito.

10 Mas de Hosa, isto é, dos filhos de Merari: Semri o chefe, porque seu pai não tinha tido primogênito, e por isso lhe tinha dado o primeiro lugar.

11 Helcias o segundo, Tabelias o terceiro, Zacarias o quarto: Todos êstes filhos, e irmãos de Hosa eram treze.

1 Paralipômenos 26, 12-24

12 Êstes foram destinados para porteiros, de tal sorte que os capitães das guardas, assim como os seus irmãos, servissem sempre na casa do Senhor.

13 Deitaram-se pois sortes por igual, assim a pequenos, como a grandes, pelas suas famílias, para cada uma das portas.

14 Caiu pois a sorte da porta do Oriente, a Selémias. E a Zacarias seu filho, homem prudentíssimo e habilíssimo, coube em sorte a do Setentrião.

15 A do Meio-dia a Obededom e seus filhos: Nesta parte da casa estava o conselho dos Anciãos.

16 A Sefim e Hosa caiu a do Ocidente, junto da porta que guia para a estrada da Subida: Uma guarda defronte de outra guarda. (1)

17 Ao Oriente pois seis levitas: E ao Setentrião quatro por dia: E ao Meio-dia do mesmo modo quatro por dia: E onde estava o conselho de dois em dois.

18 E nas celas dos porteiros ao Ocidente estavam quatro no caminho, e dois a cada cela.

19 Eis-aqui as distribuições dos porteiros, filhos de Coré e de Merari.

20 Aquias porém era o guarda dos tesouros da casa de Deus, e dos vasos sagrados.

21 Filhos de Ledan, filhos de Gersoni: De Ledan vieram êstes chefes de famílias, Ledan e Gersoni, e Jeieli.

22 Filhos de Jeieli.: Zatan, e Joel seus irmãos, guardas dos tesouros da casa do Senhor,

23 com os das famílias de Amrão, e de Isaar, e de Hebron, e de Oziel.

24 E Subael filho de Gérson, filho de Moisés, era o superintendente dos tesouros.

(1) **ESTRADA DA SUBIDA** — Por onde se sobe para o palácio do rei. A esta estrada e sua porta se refere Josefo, *Antig. Jud.*, L. XV, 14.

25 E Eliezer seu irmão, do qual foi filho Raabia, e filho destes Isaías, filho deste Jorão, e filho deste Zecri, e filho deste Selemít.

26 O mesmo Selemít, e seus irmãos eram oficiais dos tesouros das coisas santas, que o rei Davi, e os príncipes das famílias, e os tribunos, e os centuriões, e os cabos do exército tinham consagrado,

27 das guerras, e dos despojos das batalhas, que eles tinham consagrado para a construção, e alfaias do Templo do Senhor.

28 E todas estas coisas consagrou Samuel o Vidente, e Saul filho de Cis, e Abner filho de Ner, e Joab filho de Sarvia: Todos os que ofereciam estes donativos os punham nas mãos de Selemít, e de seus irmãos.

29 E aos da família de Isaar presidia Conenias, e seus filhos, e cuidavam dos negócios de fora, que tocavam a Israel, para instruí-los e julgá-los.

30 E Hasabias da família de Hebron, e seus irmãos, homens mui fortes, mil e setecentos, governavam os israelitas além do Jordão para o Ocidente, em todas as coisas pertencentes ao serviço do Senhor e do rei.

31 E Jeria foi chefe da posteridade de Hebron, pelas suas famílias e ramos. No ano quadragésimo do reinado de Davi fêz-se a resenha, e acharam-se em Jazer de Galaad homens fortíssimos,

32 e seus irmãos de mais robusta idade dois mil setecentos chefes de famílias. E o rei Davi os constituiu sobre a tribo de Rúben, e a de Gad, e sobre a meia tribo de Manassés, para o serviço que respeitava a Deus, e ao rei.

CAPÍTULO 27

DIVISÃO DO POVO EM DOZE TURMAS, PARA SERVIR POR
TURNO, JUNTO AO REI. NOMES DOS CHEFES DAS TRIBOS.
OFICIAIS DA CASA DE DAVI.

1 E os filhos de Israel segundo o seu número, os chefes de famílias, os tribunos, os centuriões, e prefeitos, que serviam ao rei, distribuídos pelas suas turmas, entrando e saindo de guarda todos os meses do ano, êstes comandavam a vinte e quatro mil homens. (1)

2 A primeira turma no primeiro mês comandava Jesboão filho de Zabdiel, e estavam às suas ordens vinte e quatro mil. (2)

3 Era da casa de Farés, o primeiro entre todos os príncipes comandantes do exército no primeiro mês.

4 Dudia aoita comandava a turma do segundo mês, e subordinado a êle outro chamado Macelot, que comandava uma parte desta tropa de vinte e quatro mil.

5 E o chefe da terceira turma no terceiro mês, era o sacerdote Banaías filho de Jojada: E tinha a sua divisão de vinte e quatro mil.

6 Êste é aquêlê Banaías o mais valente dentre os trinta, e superior aos trinta: E seu filho Amizabad comandava a turma que lhe era subordinada.

(1) **E OS FILHOS DE ISRAEL** — Calmet interpreta êste texto pela seguinte forma: "O número dos filhos de Israel que entravam por turmas no serviço da guarda do rei, e que se iam render todos os meses do ano, eram vinte e quatro mil homens de cada vez, tendo cada turma seus chefes de famílias, seus tribunos, seus centuriões, e seus prefeitos".

(2) **JESBOÃO** — Calmet e Carrières são de parecer que êste Jesboão é o mesmo que no c. 11, v. 2 se chamou Jesboão, filho de Hacamoni.

7 O quarto, no quarto mês, era Asael irmão de Joab, Zabadias seu filho depois dêle e a sua turma era de vinte e quatro mil. (3)

8 O quinto chefe, no quinto mês, era Samaot de Jezer: E na sua turma havia vinte e quatro mil.

9 O sexto, no sexto mês, era Hira filho de Acés de Técuá, que tinha na sua turma vinte e quatro mil.

10 O sétimo, no sétimo mês, era Heles de Faloni da tribo de Efraim: e a sua turma era de vinte e quatro mil.

11 O oitavo, no oitavo mês, era Sobocai de Husat da estirpe de Zarai: E a sua turma era de vinte e quatro mil.

12 O nono, em o nono mês, era Abiezer de Anatot dos filhos de Jemini: E a sua turma era de vinte e quatro mil.

13 O décimo, no décimo mês, era Marai, e êle era de Netofat descendente de Zarai: E a sua turma era de vinte e quatro mil.

14 O undécimo, no undécimo mês, era Banaías de Faraton da tribo de Efraim: E a sua turma era de vinte e quatro mil.

15 O duodécimo, no duodécimo mês, era Holdai de Netofat, descendente de Gotoniel: e a sua turma era de vinte e quatro mil. (4)

16 E o príncipe das tribos de Israel, da de Rúben,

(3) **DEPOIS DÊLE** — Pode entender-se por abaixo dêle, de sorte que Zabadias fôsse subalterno de seu pai Asael; ao depois dêle, de maneira que o filho sucedesse ao pai. Os melhores intérpretes aceitam esta segunda opinião, visto constar do 2 Rs 2, 23, que Asael fôra morto por Abner, logo nos princípios do reinado de Davi, quando Isboset, seu émulo, reinava em Maanaim.

(4) **HOLDAI** — Naturalmente é o mesmo que Heled, filho de Baana, descendente de Gotoniel ou Otoniel, genro de Caleb.

I Paralipômenos 27, 17-25

era Eliezer filho de Zecri: E da de Simcão, Safatias filho de Maaca: (5)

17 Da de Levi, Hasabias filho de Camuel: Da de Aarão, Sadoc:

18 Da de Judá, Eliu irmão de Davi: Da de Issacar, Amri filho de Miguel.

19 Da de Zabulon, Jesmaias filho de Abdias: Da de Neftali, Jerimot filho de Ozriel:

20 Da de Efraim, Oséias filho de Ozaziu: Da meia tribo de Manassés, Joel filho de Fadaia:

21 E da outra meia tribo de Manassés em Galaad, Jado filho de Zacarias: E da de Benjamim, Jasiel filho de Abner.

22 E da de Dan, Ezriel filho de Joroão: Estes eram os príncipes dos filhos de Israel. (6)

23 Não quis porém Davi contar os que eram para baixo de vinte anos: Porque o Senhor tinha dito que êle multiplicaria Israel como as estrêlas do Céu.

24 Joab, filho de Sarvia, tinha começado a fazer o seu arrolamento, mas não o acabou: Porque por isto a ira de Deus tinha caído sobre Israel: E por isso o número dos que estavam já contados, não se referiu nos fastos do rei Davi.

25 E o tesoureiro-mor do rei era Azmot filho de Adiel: O intendente porém dos tesouros, que havia nas

(5) **PRÍNCIPE DAS TRIBOS** — Na tribo o principado era conferido pela idade; na guarda do rei era alcançado pelo valor. Aqui se trata dos príncipes das tribos no tempo em que Davi os fêz recensear.

(6) **ESTES ERAM OS PRÍNCIPES** — Exceto as tribos de Aser e Gad, de que aqui se não fala. Procuram os intérpretes explicar este silêncio; uns atribuem-no a omissão dos copistas, outros a não ter achado referências a elas nas memórias que o hagiógrafo consultou.

idades, e nas vilas, e nos castelos, era Jonatan filho de Ozias.

26 E Ezri filho de Quelub era o superintendente da agricultura, e dos lavradores, que cultivavam as terras:

27 E Semeias de Romati era o das vinhas: E Zabdias de Afoni, era das adegas.

28 E Balanan de Geder era o dos olivais, e figueiraes, que estavam nos campos: e Joás era dos armazéns do azeite.

29 E dos rebanhos, que pastavam no campo de Saron, era o intendente Setrai saronita: E dos bois que se criavam nos vales Safat filho de Adli:

30 E Ubil ismaelita curava dos camelos: E Jadas de Meronat dos jumentos:

31 E Jazis Agareu das ovelhas: Todos êstes eram os intendentes da fazenda do rei Davi.

32 Jonatan porém tio paterno de Davi, homem prudente e letrado, era seu conselheiro: Êle e Jaiel filho de Hacamon estavam com os filhos do rei.

33 Aquitofel também era conselheiro do rei, e Cusai Araquites era privado do rei.

34 Depois de Aquitofel eram Jojada filho de Banaías, e Abiatar. E Joab era o generalíssimo do exército do rei.

CAPÍTULO 28

EXORTA DAVI OS PRÍNCIPES DE ISRAEL, E A SEU FILHO SALOMÃO, A QUE SEJAM FIEIS AO SENHOR. DÁ A SALOMÃO O DESENHO DO TEMPLO E DE TÓDAS AS SUAS PERTENÇAS.

1 Convocou pois Davi a Jerusalém todos os príncipes de Israel, os chefes das tribos, e os comandantes dos corpos que serviam ao rei: E também aos tribunos

1 Paralipômenos 28, 2-9

e centuriões, e os administradores da fazenda, e possesões do rei: E seus filhos com os eunucos, e os mais poderosos e valorosos do exército.

2 E tendo-se levantado o rei, e pôsto em pé, disse: Ouvi-me, irmãos meus; e povo meu. Eu tinha considerado edificar casa, onde descansasse a arca do concôrto do Senhor, o escabêlo dos pés do nosso Deus: E tenho preparado tudo o necessário para a construção do edificio.

3 Mas Deus me disse: Tu não edificarás casa ao meu nome: Porque és um homem guerreiro, e tens derramado sangue:

4 Entretanto o Senhor Deus de Israel escolheu-me de tôda a casa de meu pai, para me fazer rei de Israel para sempre: Porque de Judá, escolheu os príncipes: E da casa de Judá, escolheu a casa de meu pai: E entre os filhos de meu pai, se dignou escolher-me a mim, para me constituir rei sôbre todo o Israel.

5 E até de meus filhos (como o Senhor me deu muitos filhos) escolheu êle a meu filho Salomão, para se assentar no trono do reino do Senhor sôbre Israel,

6 e me disse: Teu filho Salomão edificará a minha casa, e os meus átrios: Porque eu o escolhi para meu filho, e eu serei para êle seu pai.

7 E firmarei para sempre o seu reino, se perseverar em cumprir os meus preceitos, e os meus juízos, como êle o faz ao presente.

8 Agora pois vos conjuro na presença de todo o ajuntamento de Israel, ouvindo o nosso Deus, que guardeis e estudeis todos os mandamentos do Senhor nosso Deus: A fim de possuiredes esta terra cheia de bens, e de a deixardes para sempre a vossos filhos depois de vós.

9 E tu, meu filho Salomão, conheces o Deus de teu pai, e serve-o com um coração perfeito, e uma plena vontade: Porque o Senhor sonda todos os corações, e pene-

tra todos os pensamentos do espírito. Se tu o buscares, achá-lo-ás: Mas se o deixares, êle te rejeitará para sempre.

10 Agora pois já que o Senhor te escolheu para edificares a casa do santuário, anima-te, e completa a obra.

11 E Davi deu a Salomão seu filho o desenho do pórtico, e o do templo, e das suas oficinas, e das suas salas, e dos seus aposentos interiores, e da casa da propiciação,

12 e também o de todos os átrios que êle tinha delineado, e o dos cubículos que devia haver em roda para os tesouros da casa do Senhor, e para os tesouros dos sagrados móveis,

13 e o das repartições dos sacerdotes e dos levitas, para tôdas as funções da casa do Senhor, e para todos os vasos do ministério do Templo do Senhor.

14 Especificando o pêsos do ouro, conforme a diversidade dos vasos e dos feitios.

15 E deu também o ouro para os candeeiros de ouro, e para as suas lâmpadas, segundo o tamanho de cada candeeiro, e das lâmpadas. E do mesmo modo deu o pêsos de prata para os candeeiros de prata e para as suas lâmpadas, segundo a diversidade dos tamanhos.

16 Deu também o ouro para as mesas da propiciação, segundo a diversidade das mesas: E igualmente a prata para outras mesas de prata.

17 Também para os garfos, e copos, e turíbulo de ouro puríssimo, e para os leõezinhos de ouro, segundo os seus tamanhos, proporcionou o pêsos para cada um dos leõezinhos. E assim também para os leões de prata separou diverso pêsos de prata.

18 E para o altar, em que se queima o incenso, deu do ouro mais puro, para que dêle se fizesse a figura de

1. Paralipômenos 28, 19-21; 29, 1-2

um carro de querubins, que estendessem as suas asas, e cobrissem a arca do concôrto do Senhor.

19 Tôdas estas coisas, disse o rei, me foram dadas escritas pela mão de Deus, para que eu compreendesse tôdas as obras do modêlo. (1)

20 Disse mais Davi a seu filho Salomão: Obra varonilmente, e anima-te, e mete mãos à obra: Não temas nada, e não te desanimes: Porque o Senhor meu Deus será contigo, e não te largará, nem te desampará, menos que tu não tenhas acabado tôda a obra para o serviço da casa do Senhor.

21 Eis-aqui as classes dos sacerdotes e dos levitas, que estão ao teu lado, e estão prontos para tudo o que respeita ao ministério da casa do Senhor, e assim os príncipes como o povo saberão executar tôdas as tuas ordens.

CAPÍTULO 29

OFERTAS DE DAVI E DOS SEUS GRANDES PARA A CONSTRUÇÃO DO TEMPLO. DAVI LOUVA O SENHOR, E ORA PELO SEU POVO, E POR SEU FILHO. SEGUNDA UNÇÃO DE SALOMÃO. MORTE DE DAVI.

1 E disse o rei Davi a tôda a congregação: Deus escolheu só a meu filho Salomão, que é moço e tenro: A emprêsa é grande: Porque não se prepara a morada para algum homem, mas para Deus.

2 Eu pois com tôdas as minhas fôrças me empreguei em ajuntar o que era necessário para as despesas

(1) **ME FORAM DADAS ESCRITAS PELA MÃO DE DEUS**
— Estas palavras têm dado ocasião a interpretações variadas, tanto mais que o original hebraico oferece alguma dificuldade. Diz assim à letra: "Tudo isto só escrito da mão do Senhor sôbre mim, me fêz conhecer tôda esta obra". Calmet explica desta maneira: "Quer

da casa do meu Deus. O ouro para os vasos de ouro, e prata para os de prata, bronze para as obras de bronze, ferro para as de ferro, madeira para as de madeira: E preparei também pedras cornalinas, e semelhantes ao alabastro, e diversas côres, e tôda a casta de pedras preciosas, e mármores de Paros em suma quantidade:

3 Fora estas coisas, que ofereci para a casa de meu Deus dou do meu bolsinho o ouro e prata para o templo do meu Deus, sem falar do que eu preparei para o santuário.

4 Três mil talentos de ouro, do ouro de Ofir: E sete mil talentos de prata finíssima para se dourarem as paredes do templo.

5 E quando convenha de ouro, façam-se de ouro as obras, e onde quer que fôr precisa a prata, se façam de prata as obras pelas mãos dos artífices: Mas se alguém por sua vontade oferecer alguma coisa ao Senhor, encha hoje as suas mãos, e ofereça ao Senhor o que bem lhe parecer.

6 Prometeram os chefes das famílias, e os nobres das tribos de Israel, e os tribunos, e os centuriões, e os intendentés da fazenda do rei.

7 E deram para as obras da casa de Deus cinco mil talentos de ouro, e dez mil soldos: Dez mil talentos de prata, e dezoito mil talentos de cobre: E cem mil talentos de ferro.

8 E até todos os que tinham pedras preciosas, as

dizer que durante um êxtase, numa revelação, estando a mão de Deus sobre ele, viu diante de seus olhos, e compreendeu, por uma luz sobrenatural, tôda a obra, cujos modelos fez traçar os modelos que entregou Salomão". Outros querem que recebesse a descrição do templo da mão de Samuel, ou do profeta Natan. Cfr. Palloux, *Monographie du Temple de Salomon*.

1 Paralipômenos 29, 9-17

deram para os tesouros da casa do Senhor, por mão de Jaiel gersonita.

9 E o povo se alegrou, ao fazer estas oferendas voluntárias: Porque as ofereciam de todo o seu coração ao Senhor: E o rei Davi da mesma sorte se alegrou em extremo.

10 E louvou o Senhor diante de toda esta multidão, e disse: Bendito és tu, ó Senhor Deus de Israel nosso, pai, de eternidade em eternidade.

11 Tua é, Senhor, a grandeza, o poder, a glória, e o vencimento; e a ti é devido o louvor: Porque tudo o que há no céu, e na terra, é teu: Teu é, Senhor, o império, e tu és acima de todos os príncipes.

12 Tuas são as riquezas, e tua é a glória: Tu és o dominador de tudo, na tua mão está a fortaleza e o mando de todas as coisas.

13 Agora pois, ó nosso Deus, nós te engrandecemos, e louvamos o teu ínclito Nome.

14 Porque quem sou eu, e quem é o meu povo, para te podermos oferecer todas estas coisas? Teu é tudo: E o que recebemos da tua mão, nós isso mesmo te oferecemos.

15 Porque nós somos peregrinos, e estrangeiros diante de ti, como todos os nosso pais. Os nossos dias são como a sombra sobre a terra, e não há consistência alguma.

16 Senhor nosso Deus, toda esta riqueza, que ajuntamos para se edificar uma casa ao teu santo Nome, veio da tua mão, e tuas são todas as coisas.

17 Eu sei, Deus meu, que sondas os corações, e que amas a simplicidade, e por isso eu também te ofereci alegre todas estas coisas na simplicidade do meu coração: e eu vi que o teu povo, que aqui está junto, te ofereceu os seus presentes com grande alegria.

18 Senhor Deus de nossos pais Abraão, Isaac e Israel, conserva eternamente esta vontade do seu coração, e faz que permaneça sempre nesta resolução de te venerarem.

19 Dá também a meu filho Salomão um coração perfeito, para que ele guarde os teus mandamentos, as tuas leis, e as tuas cerimônias e cumpra tudo: E edifique a casa para a qual preveni as despesas.

20 Ordenou pois Davi a todo o ajuntamento: Bendizei o Senhor nosso Deus. E todo o povo bendisse o Senhor Deus de seus pais: E se prostraram e adoraram a Deus, e depois ao rei. (1)

21 E imolaram vítimas ao Senhor: E ao outro dia ofereceram holocaustos, mil touros, mil carneiros, mil cordeiros, com as suas libações, e com todo o rito em suma abundância para todo o Israel.

22 E comeram e beberam naquele dia em presença do Senhor com grande regozijo. E ungiram segunda vez a Salomão filho de Davi. E ungiram-no ao Senhor em rei, e a Sadoc em pontífice.

23 E Salomão se assentou no trono do Senhor como rei em lugar de Davi seu pai, e agradou a todos: E todo o Israel lhe rendeu obediência.

24 E todos os príncipes e os grandes, e todos os filhos do rei Davi também prestaram vassalagem e sujeitaram-se ao rei Salomão.

25 Elevou o Senhor pois a Salomão sôbre todo o

(1) **DEPOIS AO REI** — Emprega o autor o mesmo verbo adorar. Não quer porém significar o texto que se rendesse ao rei o mesmo culto que se prestava a Deus. A razão do emprêgo do mesmo termo dá-a Grécio, dizendo que os gestos eram os mesmos, sendo todavia muito diverso o ânimo com que elles o tributam, ora a Deus, ora ao rei. *Pari gestu, sed animo diverso.* Grécio.

I Paralipômenos 29, 26-30

Israel: E lhe deu em seu reinado tal glória, qual antes dêle não teve nenhum rei de Israel.

26 Davi, pois, filho de Isai reinou sôbre todo o Israel.

27 E o tempo que reinou sôbre Israel, foi de quarenta anos, e em Jerusalém trinta e três anos.

28 E morreu numa ditosa velhice, cheio de dias, e de bens, e de glória, e reinou Salomão seu filho em lugar dêle.

29 E as primeiras e últimas ações do rei Davi estão escritas no Livro de Samuel o Vidente, e no livro do profeta Natã, e no volume de Gad o Vidente: (2)

30 E o que passou em todo o seu reinado, e a sua fortaleza, e os acontecimentos, que houveram em seu tempo, assim em Israel, como em todos os reinos da terra. (3)

FIM DO TERCEIRO VOLUME

(2) **NO LIVRO DE SAMUEL — GAD, NATAN** — De onde se extraíram os dois livros de Samuel e os dois dos Reis.

(3) **EM TODOS OS REINOS DA TERRA** — O que está no original é — daquelas terras —, como se vê pelo demonstrativo hebraico; sendo assim, são as dos filisteus, de Moab, etc. Menochio termina estes comentários com estas palavras: *Ibi scriptæ res tum Israelitici regni, tum externorum.*

COLOCAÇÃO DAS GRAVURAS

- I — Samuel manda dar morte a Agag.
- II — Transporte da arca do Senhor para a casa de Abinadab.
- III — Morte de Absalão.
- IV — Abisai salva a vida a Davi.
- V — Cedros do Líbano destinados à construção do templo.
- VI — Salomão recebe a rainha de Sabá.
- VII — O profeta de Betel.
- VIII — Elias faz perecer os sacerdotes de Baal.
- IX — Acab mata cem mil sírios.
- X — Morte de Acab.
- XI — Elias lança um raio contra os enviados de Ocozias.
- XII — Elias é arrebatado num carro de fogo.
- XIII — Fome em Samaria.
- XIV — Jeú manda precipitar Jezabel de sua janela.
- XV — Os companheiros de Jeú encontram a cabeça e os membros de Jezabel.
- XVI — Morte de Atália.
- XVII — Gedeão com apenas trezentos homens espalha o terror no exército de Madian.
- XVIII — Morte dos filhos de Jerobaal.
- XIX — Morte de Abimelec.
- XX — A filha de Jefté vem ao encontro de seu pai.
- XXI — A filha de Jefté e as suas companheiras.
- XXII — Sansão vence um leão.
- XXIII — Sansão mata mil filisteus com a queixada de um jumento.
- XXIV — Dalila.
- XXV — Sansão e Dalila.
- XXVI — Sansão leva às costas as portas de Gaza.
- XXVII — Sansão derruba as colunas do templo de Dagon.
- XXVIII — A mulher do levita ultrajada.
- XXIX — O levita leva o corpo de sua mulher sobre um jumento.
- XXX — Noemi e suas noras.
- XXXI — Rute no campo de Booz.

★
Composto e Impresso
na
Editora Capelo Ltda.
Rua Seminário, 137
São Paulo

★



Samuel manda dar morte a Agag.

(1 Reis 15, 33) Vol. 3.º, pág. 60



Transporte da arca do Senhor para a casa de Abinadab.

(1 Reis 7, 1) Vol. 3.º, pág. 28



Morte de Absalão.

(2 Reis 18, 9 e segs.) Vol. 3.º, pág. 177



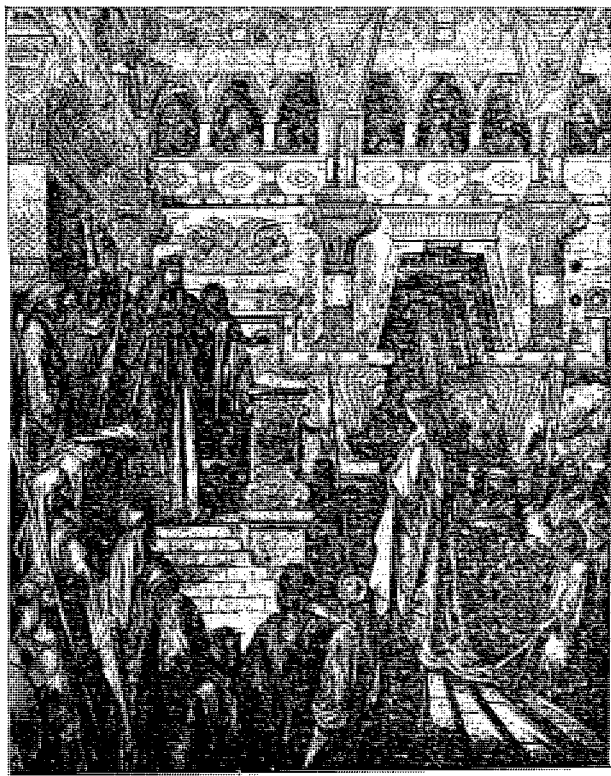
Abisai salva a vida a Davi.

(2 Reis 21, 17) Vol. 3.º, pág. 193



Cedros do Líbano destinados à construção do templo.

(3 Reis 5, 6 e segs.) Vol. 3.º, pág. 226



Salomão recebe a rainha de Sabá.

(3 Reis 10, 1 e segs.) Vol. 3.º, pág. 251



O profeta de Betel.

(3 Reis 13, 23 e segs.) Vol. 3.º, pág. 267



Elias faz perecer os sacerdotes de Baal.

(3 Reis 18, 40) Vol. 3.º, pág. 289



Acab mata cem mil sírios.

(3 Reis 20, 29) Vol. 3.º, pág. 296



Morte de Acab.

(3 Reis 22, 35) Vol. 3.º, pág. 306



Elias lança um raio contra os enviados de Ocozias.

(4 Reis 1, 14) Vol. 3.º, pág. 310



Elias é arrebatado num carro de fogo.

(4 Reis 2, 11) Vol. 3.º, pág. 313



Fome em Samaria.

(4 Reis 6., 25) .Vol. 3.º, pág. 333. ,



Jeú manda precipitar Jezabel de sua janela.

(4 Reis 9, 33) Vol. 3.º, pág. 345



Os companheiros de Jeú encontram a cabeça e os membros de Jezabel.

(3 Reis 9, 35) Vol. 3.º, pág. 345



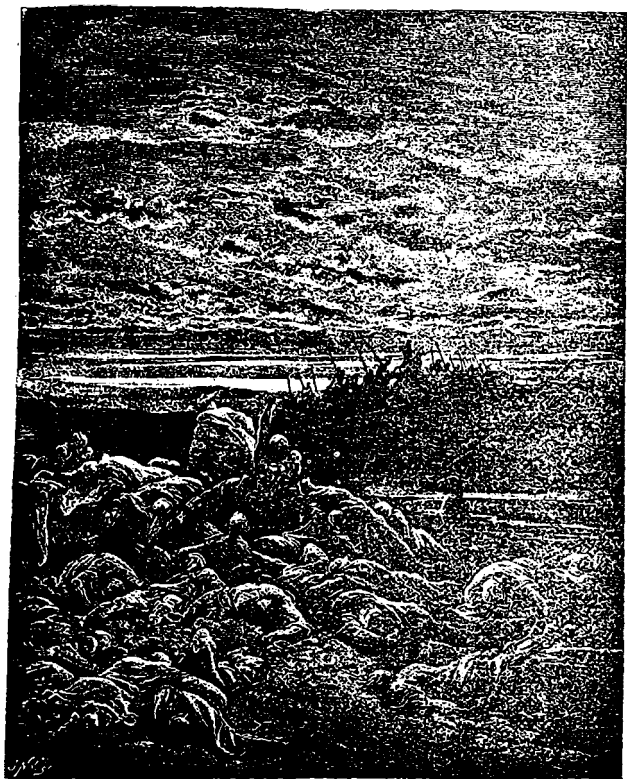
Morte de Atália.

(4 Reis 11, 20) Vol. 3.º, pág. 352



Gedeão com apenas trezentos homens espalha o terror no exército de Madian.

(Juizes 7, 19) Vol. 2.º, pág. 388



Morte dos filhos de Jerobaal.

(Juizes 9, 5) Vol. 2.º, pág. 395



Morte de Abimelec.

(Juízes 9, 54) Vol. 2.º, pág. 400



A filha de Jefté vem ao encontro de seu pai.

(Juizes 11, 34) Vol. 2.º, pág. 407



A filha de Jefé e as suas companheiras. (Júdes 11, 37) Vol. 2.º, pág. 408



Sansão vence um leão.

(Juizes 14, 6) Vol. 2.º, pág. 414



Sansão mata mil filisteus com a queixada de um jumento.

(Juízes 15, 15) Vol. 2.º, pág. 419



Dalila.

(Juízes 16, 4 e segs.) Vol. 2.º, pág. 420



Sansão e Dalila.

(Jufzes 16, 4 e segs.) Vol. 2.º, pág. 420



Sansão leva às costas as portas de Gaza (Juizes 16, 3) Vol. 2.^a, pág. 420



Sansão derruba as colunas do templo de Dagon.

(Juízes 16, 29 e segs.) Vol. 2.º, pág. 424



A mulher do levita ultrajada.

(Juizes 19, 25) Vol. 2.º, pág. 433



O levita leva o corpo de sua mulher sôbre um jumento.

(Juizes 19, 28) Vol. 2.º, pág. 433



Noemi é suas noras.

(Rute 1, 6 e segs.) Vol. 2.º, pág. 447



Rute no campo de Booz.

(Rute 2, 3 e segs.) Vol. 2.º, pág. 450

PARALIPÔMENOS

LIVRO SEGUNDO

CAPÍTULO 1

SACRIFÍCIOS DE SALOMÃO SOBRE O ALTAR DE GABAON.
DEUS LHE DÁ SABEDORIA, E RIQUEZAS.

1 Foi pois confirmado Salomão filho de Davi no seu reino, e o Senhor seu Deus era com êle, e o levou a um alto grau.

2 E Salomão mandou ajuntar a todo o Israel, aos tribunos, e centuriões, e capitães, e aos jūizes de todo o Israel, e aos chefes das famílias:

3 E foi com tôda esta multidão ao alto de Gabaon, onde estava o tabernáculo do concôrto de Deus, que Moisés servo de Deus tinha feito no deserto. (1)

(1) GABAON — E' a moderna El-Djib, situada na mais elevada colina fronteira a Masfa, banhada por abundantes águas, que são sem dúvida "as grandes águas do Gabaon", de que fala Jeremias, 41, 12. Vigouroux, acompanhado por Camus e pelo padre Sejourné, da ordem dos pregadores, visitou este lugar em 1894, acêrca do qual escreve: "Nous allons tout droit d'El-Byar sur El-Djib et nous ne faisons que traverser la route qui va directement à Belthoron. Avant d'arriver à la route, nous avions franchi un petit ravin ou il y avait de l'eau. Nous montons à El-Djib. Nous y arrivons à dix heures... Nous descendons de palanquin devant une maison

2 Paralipômenos 1, 4-10

4 Davi pois tinha trazido a arca de Deus de Cariatirim para o lugar que lhe tinha preparado, e onde lhe tinha erigido um tabernáculo, isto é, para Jerusalém.

5 E o altar de bronze, que tinha feito Beseleel filho de Uri filho de Hur, estava ali diante do tabernáculo do Senhor: E Salomão e toda a multidão foi em busca dêle.

6 Subiu pois Salomão ao altar de bronze, que estava diante do tabernáculo do concerto do Senhor, e imolou em cima dêle mil vítimas. (2)

7 Aquela mesma noite lhe apareceu Deus, dizendo: Pede-me o que tu queres que eu te dê.

8 E disse Salomão a Deus: Tu obraste com Davi meu pai grande misericórdia: E a mim que constituíste rei em seu lugar.

9 Agora pois, Senhor Deus, cumpra-se a tua palavra, que prometeste a meu pai Davi: Pois que tu me estabeleceste rei sobre o teu grande povo, que é tão sem conta, como o pó da terra.

10 Dá-me sabedoria e inteligência, para eu me ha-

construite sur le roc. Dans ce roc a été probablement un tombeau. Il est transformé en four. Nous descendons du village à notre gauche, vers la fontaine, des femmes vont y puiser de l'eau. La fontaine est abondante, à deux, ou trois metres au dessous du niveau du sol. L'El-Djib actuelle s'élève sur la colline du nord... Il y a une nappe d'eau, à peu près à la même hauteur dans les deux collines... A quelques pas au dessous de la fontaine est une ancienne piscine rectangulaire avec des murs batis en petites pierres. Actuellement elle est à sec et cultivé. C'est la l'ancienne piscine où eut lieu le combat des hommes de Joab. II Reg. II, 12, 16. Vigouroux, La Bible et les decouvertes modernes.

(2) SUBIU, POIS, SALOMÃO AO ALTAR E IMOLOU — Foi uma cerimônia magnífica e digna da piedade do novo rei de Israel. Ali, em presença de todos os chefes das tribos, oferece mil vítimas em holocausto sobre o altar de bronze. O ruído dos instrumentos e os clamores da multidão fizeram ressoar ao longe os ecos desta festa solene, que lhe havia inspirado o seu profundo espírito de

ver com o teu povo: Porque quem poderá governar dignamente êste teu povo, que é tão grande?

11 E disse Deus a Salomão: Pois que isso agradou mais ao teu coração, e não me pediste riquezas, nem bens, nem glória, nem a morte dos que te aborrecem, e nem ainda muitos dias de vida: Pois me pediste sabedoria e ciência, para poderes governar o meu povo, sobre o qual eu te constituí rei.

12 A sabedoria e a ciência te são dadas: e demais te darei riquezas e bens e glória, de modo que nenhum rei nem antes de ti, nem depois de ti, te seja semelhante.

13 Desceu pois Salomão do alto de Gabaon de diante do tabernáculo do concôrto para Jerusalém, e reinou sobre Israel.

14 E juntou um grande número de carroças, e de cavalaria, e teve mil e quatrocentas carroças, e doze mil homens de cavalo: E os fêz estar nas cidades das carroças, e em Jerusalém junto ao rei.

15 E o rei tornou o ouro e a prata tão comuns em Jerusalém como as pedras, e os cedros como os sicômos, que nascem nos campos e em grande quantidade.

16 E eram-lhe trazidos cavalos do Egito, e de Coa pelos negociantes do rei, que iam, e os compravam por certo preço,

17 um tiro de quatro cavalos por seiscentos siclos de prata, e um cavalo por cento e cinqüenta: E assim se fazia a compra em todos os reinos dos heteus, e dos reis da Síria.

plidade. Salomão quis por êste modo inaugurar o seu reinado, firmar o seu prestígio, consolidar a sua autoridade, apresentando-se ao povo rodeado de esplendor e impetrando do céu os necessários auxílios. Deus recompensou a sua fé, aparecendo-lhe na noite seguinte, dizendo-lhe: "Pede-me o que te aprouver". 3 Rs 3, 5-15, pedindo êle sabedoria para bem governar. Prov 16, 12.

CAPÍTULO 2

SALOMÃO PEDE A HIRÃO, REI DE TIRO, UM HOMEM HABIL QUE DIRIJA A EMPRESA DA CONSTRUÇÃO DO TEMPLO, E PEDE-LHE MADEIRAS PARA O MESMO EDIFÍCIO. OBREIROS DESTINADOS PARA A OBRA.

1 Resolveu pois Salomão fundar a casa ao nome do Senhor, e o palácio para si.

2 E ordenou setenta mil homens, que às costas acarretassem os materiais, e oitenta mil para cortar pedras nos montes, e três mil e seiscentos por seus inspetores.

3 Enviou também a dizer a Hirão rei de Tiro: Do mesmo modo que fizeste com Davi meu pai, e lhe enviaste paus de cedro, para edificar para si o palácio, em que com efeito habitou:

4 Obra assim comigo para que eu edifique casa ao nome do Senhor meu Deus, e a consagre para queimar o incenso na sua presença, e fumeguem os aromas, e estejam sempre expostos os pães da proposição, e para os holocaustos da manhã e da tarde, e nos sábados, e Neomênias, e solenidades do Senhor nosso Deus perpétuamente, como está mandado a Israel.

5 Porque o templo, que eu desejo edificar, deve ser grande: Visto que o nosso Deus é grande sobre todos os deuses.

6 Quem poderá logo julgar-se capaz de lhe edificar uma casa digna? Se o céu, e os céus dos céus o não podem conter: Quem sou eu que possa edificar-lhe uma casa? mas somente para que se queime incenso na sua presença.

7 Envia-me pois um homem hábil, que saiba trabalhar em ouro e em prata, em bronze e em ferro, em

obras de púrpura, de escarlata, e de jacinto, e que saiba esculpir entalhes com os oficiais que eu tenho junto a mim na Judéia, e em Jerusalém, os quais Davi meu pai tinha escolhido.

8 E manda-me também paus de cedro, e de faia, e de pinho do Líbano: Porque sei que os teus servos são destros em cortar madeiras do Líbano, e os meus servos trabalharão com os teus,

9 para que se me aparelhem madeiras em grande quantidade. Porque a casa que eu desejo edificar, deve ser muito grandiosa, e magnífica.

10 E darei para o sustento dos obreiros teus, servos, que hão de cortar as madeiras, vinte mil coros de trigo, e outros tantos de cevada, e vinte mil metretas de vinho e vinte mil sats de azeite. (1)

11 E Hirão, rei de Tiro, na carta que enviou a Salomão, lhe disse: Porque o Senhor amou o seu povo, por isso te constituiu a ti rei d'ele.

12 Ainda ajuntou, dizendo: Bendito seja o Senhor Deus de Israel, que fêz o céu e a terra, que deu ao rei Davi um filho sábio e entendido e cordato e prudente, para edificardes um templo ao Senhor, e um palácio para si.

13 Eu te envio pois um homem sábio e inteligente, Hirão meu pai, (2)

(1) **COROS** — Carrières traduziu por sacos.

METRETAS — Medida grega. Carrières verteu por barris.

SATOS — Medida incerta. O Bato valia 80 litros. O padre Pereira diz, a propósito: "Daqui mesmo se vê quam incertas sejam tôdas as reduções de moedas, pesos e medidas antigas".

(2) **EU TE ENVIO** — Assim ficou Salomão seguro do concurso de Hirão.

MEU PAI — O rei de Tiro chama a este Hirão pai, porque era costume honrar com o título de pai os homens eminentes em posições, ciência ou arte: *Homines eximii olim patres vocabantur, ut summe magistri*. Menochio.

2 Paralipômenos 2, 14-18; 3, 1

14 filho de uma mulher das filhas de Dan, cujo pai foi Tírio, que sabe trabalhar em ouro, e em prata, em bronze, em ferro, e em mármore e madeira, também em púrpura, e em jacinto, e em linho fino, e em escarlata: E que sabe lavrar todo o gênero de escultura, e inventar engenhosamente tudo quanto é necessário em tôda a casta de obras, e trabalhará com os teus artífices, e com os artífices de teu pai Davi, meu senhor.

15 Manda pois, meu senhor, para os teus servos o trigo, e a cevada, e o azeite, e o vinho, que prometeste.

16 E nós faremos cortar no Líbano as madeiras, que houveres mister, e nós as faremos pôr em jangadas para irém por mar até Joze: E tu as mandarás transportar a Jerusalém.

17 Fêz Salomão pois tomar a rol todos os homens prosélitos, que havia na terra de Israel, depois do arrolamento, que tinha mandado fazer Davi seu pai, e achou-se que eram cento e cinqüenta e três mil e seiscentos.

18 E dêstes escolheu setenta mil, que levassem as cargas às costas, e oitenta mil que cortassem pedra nos montes: E três mil e seiscentos para inspetores das obras do povo.

CAPÍTULO 3

COMEÇA SALOMÃO A EDIFICAR O TEMPLO. PLANO DESTES EDIFÍCIO. DESCRIÇÃO DOS QUERUBINS QUE ESTAVAM NO SANTUÁRIO E DAS COLUNAS QUE ESTAVAM DE AMBAS AS BANDAS DA PORTA.

1 Começou pois Salomão a edificar o templo do Senhor em Jerusalém no monte Moriá, que tinha sido mostrado a Davi seu pai, no lugar que Davi tinha disposto na eira de Ornan jebuseu. (1)

(1) **COMEÇOU POIS** — Segundo a melhor cronologia, no quarto ano do seu reinado, no ano 1011 antes de Jesus Cristo.

2 E começou este edificio no segundo mês do quarto ano do seu reinado.

3 E este foi o plano, que lançou Salomão para construir a casa de Deus, sessenta côvados de comprido pela primeira medida, e de largura vinte côvados.

4 E o pórtico da frontaria, era do comprimento em correspondência da largura da casa, de vinte côvados: Mas a altura era de cento e vinte côvados: E Salomão o fez dourar todo por dentro de ouro puríssimo.

5 Fêz também forrar a parte maior do templo de madeira de faia, e fêz chapear tudo de lâminas de puríssimo ouro: E gravou nela palmas, e unas como cadeia-zinhas, que se enlaçavam umas com as outras. (2)

6 Fêz pavimentar o templo dum mármore preciosíssimo, no último primor.

7 E o ouro das lâminas, de que fêz cobrir o edifi-

NO MONTE MORIA — Davi tinha escolhido este local. Esta colina está situada na parte oriental de Jerusalém, na margem do vale que hoje se chama de Josafat. E' um dos lugares mais venerandos da terra, porque ali se levantou o primeiro santuário do mundo antigo em honra do verdadeiro Deus. Fergusson começa o seu livro *The Temple of the Jews* por estas palavras: "It is, perhaps no exaggeration to say that there is not, in the whole world, any spot of the same limited area, in which so much interest of a religious or archeological character has been so long centred as in the Harau area at Jerusalem".

(2) **MADEIRA DE FAIA** — A madeira empregada nas construções ordinárias era o sicômoro, e esse mesmo relativamente raro na Palestina, porque o sicômoro não se dava naquela região; porém Salomão tinha encontrado no rei de Tiro o auxiliar poderoso que lhe fornecia o que lhe faltava. Clermont Ganneau achou num fragmento de bronze do templo de Baal-Lebanon, adquirido em 1878 pelo gabinete de antiguidades de Paris, o nome de Hirão, rei dos sidônios, e sobre este escreveu na revista *The Athenæum*, 17 abril 1880, um artigo intitulado *Hiram and Baal of Lebanon*, e outro no *Journal asiatique*, julho 1880.

2 Paralipômenos 3, 8-13

cio, e as suas traves, e as pilastras, e as paredes, e as portas, era finíssimo: E fêz também esculpir uns querubins nas paredes.

8 E fêz a casa do Santo dos Santos: O comprimento que correspondia à largura do templo, era de vinte côvados: E a largura tinha igualmente vinte côvados: E a cobriu de lâminas de ouro, de quase seiscientos talentos de pêso. (3)

9 E fêz também os pregos de ouro, de modo que cada um dêles pesava cinqüenta siclos: E revestiu de ouro as câmaras.

10 Fêz também na casa do Santo dos Santos duas estátuas de querubins: E as cobriu de ouro. (4)

11 As asas dos querubins tinham de extensão vinte côvados, de sorte que uma asa tinha cinco côvados, e tocava na parede do templo: E a outra asa, que tinha cinco côvados, tocava na asa do segundo querubim.

12 Da mesma sorte a asa do segundo querubim tinha cinco côvados, e tocava na parede: E a outra asa dêste era de cinco côvados, e tocava a asa do primeiro querubim.

13 As asas pois dêstes dois querubins estavam abertas, e tinham vinte côvados de extensão: Êles esta-

(3) **VINTE CÔVADOS** — Modernamente não é fácil conferir os dados bíblicos com as ruínas existentes, por causa das destruições e reedificações sucessivas que alteraram o plano primitivo. De Vogne, *Le temple de Jerusalem*. Porém Scroley, *Histoire de l'art judaïque*, dedicou-se a êsse trabalho, e pôde confirmar os dados bíblicos.

(4) **DUAS ESTATUAS DE QUERUBINS** — Eram esculpidas em madeira de oliveira. Estavam de pé, olhando para a arca, e tinham cerca de cinco metros de altura. Cfr. Riehl, *Die Cherubim in der Stiftshütte und im Tempel*.

vam postos em pé, e os seus rostos virados para o templo exterior.

14 Fêz também um véu de Jacinto, de púrpura, de escarlata, e de linho fino, e fêz bordar nêle querubins. (5)

15 E fêz diante da porta do templo duas colunas que tinham trinta e cinco côvados de altura: E os seus capitéis eram de cinco côvados.

16 E fêz também como umas miúdas cadeias no santuário, e pô-las sôbre os capitéis das colunas: E cem romãs, que entrelaçou nas cadeiazinhas.

17 E pôs estas colunas no vestíbulo do templo, uma à direita, e outra à esquerda: A que estava à direita, chamou-a Jaquim: E a que estava à esquerda, chamou-a Booz.

CAPÍTULO 4

DESCRIÇÃO DO ALTAR DOS HOLOCAUSTOS, DO MAR DE BRONZE, DAS BACIAS, DOS CANDEEIROS, MESAS E OUTROS MÓVEIS DO TEMPLO.

1 Fêz também Salomão um altar de bronze de vinte côvados de comprido, e de vinte de largo, e de dez de alto.

2 E um mar fundido que tinha dez côvados de uma borda à outra, e redondo na circunferência: Tinha cinco côvados de alto, e um cordão de trinta côvados guarnecia todo o seu âmbito. (1)

(5) **UM VÉU** — Este véu era preso por umas anilhas a uma vara, para poder correr. Este sistema ainda hoje tão usado nas nossas cortinas, é da mais alta antiguidade. Encontram-se nas fôlhas de Khorsabad. Botta, *Lettres sur les découvertes de Khorsabad*. Também eram usadas nos templos fenícios. Cfr. Perrot, *Histoire de l'art*.

(1) **UM MAR** — Era uma bacia de forma redonda, feita de bronze. Nos templos da antiguidade era vulgar, mormente entre os egípcios. Perrot, *Histoire de l'art dans l'antiquité*. Diz-se que a

2 Paralipômenos 4, 3-8

3 E por baixo do cordão havia figuras de bois, e por dez côvados no exterior alguns relevos, que, divididos em duas ordens, rodeavam o bojo do mar. E os bois eram fundidos:

4 E o mesmo mar estava assentado sôbre doze bois, três dos quais olhavam para o setentrião, e outros três para o ocidente, e outros três para o meio-dia, os três que restavam para o Oriente, tendo o mar em cima de si: E as partes posteriores dos bois estavam para a parte interior do mar.

5 E a sua grossura era de um palmo, e a sua borda era como a dum copo, ou como a de uma açucena aberta: E levava três mil metretas. (2)

6 Fêz também dez bacias: E pôs cinco à direita, e cinco à esquerda, para lavarem nelas tudo o que se houvesse de oferecer em holocausto: Os sacerdotes porém lavavam-se no mar.

7 Fêz mais dez candeieiros de ouro na forma que se tinha ordenado que se fizesse: E pô-los no templo, cinco à direita e cinco à esquerda. (3)

8 E fêz também dez mesas: E pô-las no templo,

fonte dos leões, no palácio de Alhambra, em Granada, foi feita para imitar este mar de bronze. Kitto, *A Cyclopædia of Biblical Literature*, t. III p. 802. A água que abastecia o mar de bronze nascia no mesmo monte Moriá. No Haran subterrâneo ainda estão as cisternas, de onde hoje se extrai muita água para Jerusalém. A chamada cisterna de Sakrale deve ser contemporânea do templo salomônico.

(2) **TRÊS MIL METRETAS** — E' erro do copista. Continha dois mil batos de água, ou sejam 777 hectolitros aproximadamente.

(3) **DEZ CANDEEIROS** — O texto não nos descreve a forma destes candelabros, dizendo-nos sômente que eram ornados de flores, 3 Rs 7, 49, mas tudo faz crer que fôsem semelhantes aos que Moisés tinha feito executar no deserto. Êx 25, 31-37; 37, 17-24. A julgar pelo candelabro do templo de Herodes, representado sôbre o arco de triunfo de Tito, era composto duma haste vertical, termi-

cinco à direita, e cinco à esquerda: E cem fialas de ouro. (4)

9 Fêz também o átrio dos sacerdotes, e o grande átrio: E portas no átrio que revestiu de bronze.

10 E colocou o mar ao lado direito contra o Oriente ao meio-dia.

11 Fêz Hirão também caldeirões, e garfos, e fialas: E acabou tôda a obra do rei no templo de Deus:

12 Isto é, duas colunas, e os seus epistílios, e os capitéis, e como uma espécie de rêdes, que cobriam os capitéis por cima dos epistílios.

13 E quatrocentas romãs, e duas rêdes, de sorte que se ajuntavam duas ordens de romãs a cada uma das rêdes que cobriam os epistílios, e os capitéis das colunas.

14 Fêz também as bases, e as bacias, que pôs sobre as bases:

15 Um mar, e doze bois por baixo do mar.

16 E os caldeirões, e os garfos, e as fialas. Hirão seu pai fêz a Salomão todos os vasos de bronze mui puro para a casa do Senhor.

17 O rei os fêz fundir na região do Jordão em uma terra argilosa entre Socot e Saredata.

18 E a multidão dos vasos era inumerável, de modo que se não sabia o pêso do bronze.

19 E fêz Salomão todos os vasos do templo de Deus,

nando num bocal, e dêle saíam para cada lado três ramos terminando da mesma sorte. No museu judaico do Louvre está a representação dum desses candeeiros, encontrada em Tiberíades. Veja-se Heron de Villefosse, *Notice des monuments de la Palestine conservés au Musée de Louvre*, 1876. Havia uma prescrição talmúdica proibindo reproduzir os objetos cultuais, que estavam no templo, porém este candeeiro era algumas vezes gravado nas sepulturas dos judeus. Já atrás dissemos o que havia sobre estes candeeiros.

(4) FIALAS — Vasos em que se faziam as libações.

2 Paralipômenos 4, 20-22; 5, 1-4

e o altar de ouro, e as mesas, e sôbre elas os pães da proposição:

20 Fêz mais de puríssimo ouro os candeeiros com as suas lâmpadas para arderem diante do Oráculo, segundo o rito:

21 E uns florões, e os mecheiros, e as tenazes de ouro: Tudo se fêz de ouro puríssimo.

22 E as caçoulas, e os turíbulos, e os copos, e os graís de puríssimo ouro. E fêz que se abrissem labores nas portas do templo interior, isto é, do Santo dos Santos: E as portas do templo pela parte de fora eram de ouro. E assim se completaram tôdas as obras, que Salomão fêz na casa do Senhor.

CAPÍTULO 5

CERIMÔNIA DO TRANSPORTE DA ARCA PARA O SANTUÁRIO.

1 Recolheu pois Salomão tudo o que Davi seu pai tinha prometido em voto, pôs a prata, e o ouro, e todos os vasos nos tesouros da casa de Deus.

2 Depois disto congregou para Jerusalém todos os anciãos de Israel, e todos os príncipes das tribos, e os chefes das famílias dos filhos de Israel, para transportarem a arca do concêrto do Senhor da cidade de Davi, que é Sião.

3 E vieram à presença do rei todos os varões de Israel no solene dia do sétimo mês. (1)

4 E tendo vindo todos os anciãos de Israel, levaram os levitas a Arca,

(1) **NO SOLENE DIA** — Salomão designou para a Dedicação do Templo o sétimo dia antes da festa dos Tabernáculos, no mês de Tishri, que corresponde a setembro ou outubro.

5 e a meteram dentro, com tudo o que pertencia ao Tabernáculo. E os sacerdotes com os levitas levaram os vasos do Santuário, que havia no Tabernáculo.

6 Mas o rei Salomão, e todo o povo de Israel, e todos os que se tinham congregado diante da arca, imolavam carneiros e bois sem número: Tanta pois era a multidão das vítimas.

7 E puseram os sacerdotes a arca do concôrto do Senhor no seu lugar, isto é, no oráculo do templo, no Santo dos Santos, debaixo das asas dos querubins:

8 De sorte que os querubins estendiam as suas asas sôbre o lugar em que estava posta a arca, e cobriam a mesma arca e os seus varais.

9 E as extremidades dos varais, com que se levava a arca, porque eram um pouco mais compridos, apareciam diante do oráculo: Mas se alguém estava um tanto fora, não os podia ver. E ali tem estado a arca até o presente dia.

10 E não havia na arca outra coisa mais do que as duas Tábuas, que Moisés tinha pôsto em Horeb, quando o Senhor deu a Lei aos filhos de Israel na sua saída do Egito.

11 E logo que os sacerdotes, que saíam do Santuário, (porque todos os sacerdotes que puderam ali achar-se, se purificaram: Nem ainda naquele tempo estavam repartidos entre êles os turnos e ordem dos ministérios).

12 Assim os levitas, como os cantores, isto é, os que estavam debaixo da direção de Asaf, e os que estavam debaixo da direção de Eman e de Iditun, seus filhos, e irmãos revestidos de vestes de linho fino, tocavam tímbores, e saltérios, e cítaras, postos em pé ao lado oriental do altar, e com êles cento e vinte sacerdotes, que tocavam trombetas.

2 Paralipômenos 5, 13-14; 6, 1-5

13 Assim pois formando todos um concêrto com trombetas, e vozes, e tímboles, e órgãos, e diversos outros instrumentos músicos, e fazendo soar altamente as vozes: De longe se ouvia o estrondo, quando deram princípio a cantar e dizer: Bendizei ao Senhor, porque é bom, e porque a sua misericórdia é eterna: Se encheu a casa de Deus duma nuvem,

14 nem os sacerdotes podiam estar nem ministrar por causa da escuridão. Porque a glória do Senhor tinha enchido a casa de Deus.

CAPÍTULO 6

ORAÇÃO DE SALOMÃO, DIA DA DEDICAÇÃO DO TEMPLO.

1 Então disse Salomão: O Senhor tinha prometido que êle habitaria num nevoeiro: (1)

2 Eu porém edifiquei uma casa ao seu nome, para que habitasse nela para sempre.

3 E o rei voltou o seu rosto, e abençoou todo o ajuntamento de Israel (porque tôda a multidão estava em pé atenta) e disse:

4 Bendito seja o Senhor Deus de Israel, que cumpriu o que prometeu a Davi meu pai, dizendo:

5 Desde o dia em que eu fiz sair o meu povo da terra do Egito, não escolhi cidade alguma entre tôdas

(1) **ENTÃO** — Depois de sete anos de trabalhos a Dedicção revestiu-se da máxima suntuosidade digna da majestade de Salomão. Nunca Israel presenciou festa tão solene, porém o que excedeu tôdas as pompas foram os sentimentos de piedade que se revelam nesta oração que êle dirige ao Senhor na inauguração de seu Santo Templo. Esta oração é simultaneamente um cântico de ação de graças e uma súplica fervorosa ao Senhor, para que ouça as preces do povo, lhe perdoe os pecados e o livre das calamidades.

as tribos de Israel, para nela se levantar uma casa ao meu nome: Nem escolhi algum outro homem, para ser o condutor do meu povo de Israel,

6 mas escolhi a Jerusalém, para nela se honrar o meu nome, e escolhi a Davi, para o constituir sôbre o meu povo de Israel.

7 E havendo meu pai Davi feito o propósito de edificar uma casa ao nome do Senhor Deus de Israel,

8 o Senhor lhe disse: Já que tu tiveste vontade de levantar uma casa ao meu nome, certamente fizeste bem em tomar esta resolução:

9 Mas não serás tu o que edifiques a casa, porém teu filho, que sairá de tuas entranhas, êsse edificará casa ao meu nome.

10 Assim tem cumprido o Senhor a sua palavra, que tinha dito: E eu sucedi a Davi meu pai: E me assentei sôbre o trono de Israel, como o Senhor o tinha dito: E eu edifiquei uma casa ao nome do Senhor Deus de Israel.

11 E nela pus a Arca, na qual está o pacto, que o Senhor fêz com os filhos de Israel.

12 Conservou-se pois Salomão em pé diante do altar do Senhor defronte de todo o ajuntamento de Israel, e estendeu as suas mãos.

13 Porque Salomão tinha feito uma base de bronze de cinco côvados de comprido, e outros tantos de largo, e três de alto, que tinha colocado no meio do átrio: E pôs-se em pé sôbre ela: E depois pôsto de joelhos, com o rosto virado para tôda a multidão de Israel, e as mãos levantadas ao céu,

14 disse: Senhor Deus de Israel, não há Deus semelhante a ti nem no céu, nem na terra: A ti que observas o pacto e a misericórdia com os teus servos, que andam diante de ti de todo o seu coração:

2 Paralipômenos 6, 15-23

15 Que cumpriste a teu servo Davi meu pai tudo o que lhe disseste: E que com efeito cumpriste as promessas que fizeste por tua bôca, assim como agora se verifica.

16 Cumpre pois agora, Senhor Deus de Israel, a favor de Davi meu pai, e teu servo, tudo o que tu lhe prometeste, dizendo: Não faltará de ti varão diante de mim, que se assente sôbre o trono de Israel: Mas debaixo de condição de que teus filhos guardem os seus caminhos, e andem segundo a minha lei, assim como tu também andaste na minha presença.

17 E presentemente, Senhor Deus de Israel, confirme-se a tua palavra, que deste a teu servo Davi.

18 E' pois crível que habite Deus com os homens sôbre a terra? Se o céu e os céus dos céus te não podem conter, quanto menos esta casa, que eu edifiquei?

19 Mas ela foi sômente feita a fim de atenderes à oração de teu servo, e às suas súplicas. Senhor meu Deus: E a fim de ouvires as rogativas, que o teu servo faz na tua presença:

20 Para de dia e de noite teres os teus olhos abertos sôbre esta casa, sôbre o lugar no qual tu prometeste que se invocaria o teu Nome,

21 e que escutarias a oração, que o teu servo nêle te faz: E ouvirias as súplicas do teu servo e as do teu povo de Israel. Ouve, Senhor, da tua morada, que é o Céu, todos os que neste lugar orarem, e sê propício.

22 Se alguém pecar contra seu próximo, e se apresentar para dar juramento contra êle, e se ligar com alguma maldição diante do teu altar nesta casa:

23 Tu ouvirás do céu, e farás justiça aos teus servos, de maneira que faças recair a perfídia do culpado sôbre a sua cabeça, e vingues o justo, retribuindo-lhe segundo a sua justiça.

24 Se o teu povo de Israel fôr vencido dos seus inimigos (porque pecou contra ti) e convertidos fizerem penitência, e invocarem o teu Nome, e vierem suplicar neste lugar, (2)

25 tu os ouvirás do céu, e perdoarás o seu pecado ao teu povo de Israel, e os restituirás à terra, que lhes deste a eles, e a seus pais.

26 Se fechado o céu, a chuva não cair por causa dos pecados do povo, e eles te rogarem neste lugar, e dando glória ao teu Nome, e convertendo-se, e fazendo penitência dos seus pecados, quando os afligires,

27 ouve-os lá do céu, Senhor, e perdoa os pecados dos teus servos e do teu povo de Israel, e ensina-lhes o bom caminho, por onde andem: E derrama a chuva sobre a terra, que tu deste ao teu povo para possuir.

28 Se sobrevier à terra fome ou peste, mela, ou corrupção do ar, e alguma praga de gafanhotos, ou de pulgão, ou os inimigos, depois de destruídos os campos, sitiarem as portas da cidade, e se tôda a casta de males e de doenças a oprimir:

29 Se algum do teu povo de Israel, considerando a sua praga, e doença te suplicar, e levantar as suas mãos para ti nesta casa,

30 tu o ouvirás do céu, certamente desde a tua sublime morada, e serás propício, e darás a cada um conforme as suas obras, que conheces que êle tem no seu coração: (Pois que só tu conheces os corações dos filhos dos homens).

31 Para que eles te temam, e para que andem pelos

(2) **INVOCAREM O TEU NOME** — No original hebraico está **darão glória ao teu nome**, isto é, confessando-se justamente castigados, proclamando a justiça de Deus que os condena, a eles pecadores.

2 Paralipômenos 6, 32-38

teus caminhos todos os dias que viverem sôbre a face da terra, que deste a nossos pais.

32 Se mesmo um estrangeiro, que não fôr do teu povo de Israel, vier dum país remoto, atraído da fama do teu grande Nome, e da tua fortaleza, e do poder do teu braço estendido, e te adorar neste lugar,

33 tu o ouvirás do céu, tua firmíssima habitação, e concederás tôdas as coisas, pelas quais aquêle peregrino te invocar: Para que todos os povos da terra saibam o teu Nome, e te tenham, como o teu povo de Israel: E reconheçam que o teu nome foi invocado nesta casa, que eu edifiquei. (3)

34 Se o teu povo sair a campanha contra os seus inimigos pelo caminho, pelo qual tu os tiveres mandado, te adorarem com a face virada para o caminho, onde está situada esta cidade, que tu escolheste e a casa que eu edifiquei ao teu Nome:

35 Tu ouvirás do céu as suas orações, e as suas súplicas, e os vingarás.

36 Se êles porém pecarem contra ti, (porque não há homem que não peque) e tu te irares contra êles, e os entregares aos inimigos, e êstes os levarem cativos para um país remoto, ou talvez para mais vizinho,

37 e êles convertendo-se do seu coração na terra, para onde foram levados cativos, fizerem penitência, e recorrerem a ti na terra do seu cativoiro, dizendo: Nós pecamos, nós cometemos a iniquidade: Nós obramos injustamente:

38 E se voltarem para ti de todo o seu coração, e

(3) **QUE O TEU NOME FOI INVOCADO** — Isto é, para que entendam que esta casa é com razão dita o Templo do Verdadeiro e Único Deus, no qual o Senhor ouve as graças de todos que o invocam.

de toda a sua alma, no país do seu cativeiro, a que foram levados, te adorarem virados para o caminho da sua terra, que deste a seus pais, e da cidade que escolheste, e do templo, que eu edifiquei ao teu nome:

39 Tu ouvirás do céu, isto é, da tua firme morada as suas rogativas, e farás justiça, e perdoarás ao teu povo, ainda que pecador:

40 Porque tu és o meu Deus: Abram-se, te peço, os teus olhos, e estejam atentos os teus ouvidos à oração que se fizer neste lugar.

41 Levanta-te pois agora, Senhor Deus, e vem para o teu descanso, tu e a arca da tua fortaleza: Os teus sacerdotes, Senhor Deus, sejam revestidos da salvação, e os teus santos se alegrem em os bens.

42 Senhor Deus, não apartes o rosto do teu Cristo: Lembra-te das misericórdias, que usaste com teu servo Davi. (4)

CAPÍTULO 7

DESCE UM FOGO DO CÉU A CONSUMIR AS VITIMAS. A MAJESTADE DO SENHOR ENCHE O TEMPLO. CONTINUA A SOLENIDADE POR SETE DIAS. DEPOIS CELEBRA-SE A FESTA DOS TABERNACULOS. O SENHOR APARECE DE NOVO A SALOMÃO.

1 Tendo pois Salomão acabado a sua oração, desceu fogo do céu, e consumiu os holocaustos e as vítimas: E a Majestade do Senhor encheu a casa.

2 De sorte que os sacerdotes não podiam entrar no templo do Senhor, porque a Majestade do Senhor tinha enchido o seu templo.

3 E também todos os filhos de Israel viram descer

(4) **DO TEU CRISTO** — Isto é, do teu Ungido, que sou eu, como rei constituído por ti.

2 Paralipômenos 7, 4-11

o fogo, e a glória do Senhor sôbre o templo: E, prostrados com o rosto em terra sôbre o pavimento lajeado de pedra, adoraram e louvaram o Senhor, dizendo: Êle é bom, e a sua misericórdia é eterna.

4 O rei, pois, e todo o povo imolavam vítimas diante do Senhor.

5 O rei Salomão pois sacrificou as vítimas de vinte e dois mil bois e cento e vinte mil carneiros: E o rei com todo o povo dedicou a casa do Senhor.

6 Mas os sacerdotes estavam aplicados às suas funções: E os levitas faziam soar ao som dos instrumentos músicos os hinos do Senhor, que o rei Davi compôs para louvar o Senhor: Porque a sua misericórdia é eterna; cantavam os hinos de Davi ao som dos instrumentos que tocavam com as suas mãos: E os sacerdotes diante dêles tocavam as suas trombetas, e todo o Israel estava em pé.

7 Consagrou Salomão também o meio do átrio diante do templo do Senhor: Porque ali tinha êle oferecido os holocaustos e as banhas das vítimas pacíficas: Porque o altar de bronze, que êle fizera, não podia bastar para os holocaustos e sacrificios e banhas.

8 E fêz Salomão então uma solene festa por sete dias, e todo o Israel com êle, sendo muito grande o ajuntamento, desde a entrada de Emat até a torrente do Egito.

9 E ao oitavo dia celebrou a festa do solene ajuntamento, porque nos sete dias tinha êle feito a dedicação do altar, e celebrado a solenidade dos tabernáculos por sete dias.

10 Assim no dia vigésimo terceiro do sétimo mês despediu os povos para as suas tendas, cheios de alegria e de contentamento pelas graças, que o Senhor tinha feito a Davi e a Salomão, e ao seu povo de Israel.

11 Acabou pois Salomão a casa do Senhor, e o

palácio do rei, e tudo o que êle dentro em seu coração tinha proposto fazer na casa do Senhor, e no seu próprio palácio, e foi bem sucedido.

12 E o Senhor lhe apareceu de noite, e disse: Eu ouvi a tua oração e escolhi para mim êste lugar para casa de sacrifício.

13 Se acaso eu fechar o céu, e não cair chuva, e mandar e ordenar aos gafanhotos que devorem a terra, e eu mandar a peste ao meu povo: (1)

14 E convertendo-se o meu povo, sôbre que foi invocado o meu nome, me rogar, e buscar a minha face, e fizer penitência dos seus maus caminhos: Eu também o ouvirei do Céu, e perdoarei os seus pecados, e purificarei a sua terra.

15 Os meus olhos também se abrirão, e os meus ouvidos atenderão à oração daquele que orar neste lugar.

16 Porque eu escolhi, e santifiquei êste lugar, para nêle estar o meu nome para sempre, e para nêle estarem fixos os meus olhos, e o meu coração em todo o tempo.

17 Tu também, se andares na minha presença, como andou Davi teu pai, e se obrares em tudo conforme as ordens, que tenho dado, e guardares os meus preceitos e leis:

18 Eu conservarei o trono do teu reino, bem assim como o prometi a Davi teu pai, dizendo: Não faltará varão da tua linhagem, que seja príncipe em Israel.

19 Mas se vós vos desviardes de mim, e deixardes as minhas leis, e os mandamentos, que eu vos propus, e seguirdes o serviço dos deuses estranhos, e os adorardes,

20 eu vos arrancarei da minha terra, que vos dei: E lançarei para longe da minha presença êste templo,

(1) **QUE DEVOREM A TERRA** — Toma-se aqui o continente pelo conteúdo; a terra pelas árvores e frutos.

2 Paralipômenos 7, 21-22; 8, 1-5

que consagrei ao meu nome, e o entregarei para servir de fábula, e de exemplo a todos os povos.

21 E esta casa se tornará em provérbio para todos os que passarem, e cheios de espanto dirão: Por que se houve o Senhor assim com esta terra, e com esta casa?

22 E lhes responderão: Porque deixaram o Senhor Deus de seus pais, que os tinha tirado da terra do Egito, e porque tomaram deuses estranhos, e os adoraram e reverenciaram; por isso vieram sobre eles todos estes males.

CAPÍTULO 8

SALOMÃO FUNDA VÁRIAS CIDADES. FAZ SEUS TRIBUTARIOS OS RESTOS DOS CANANEUS. ORDENA OS OFICIOS DOS SACERDOTES E DOS LEVITAS. MANDA UMA FROTA A OFIR.

1 Passados pois vinte anos depois que Salomão edificara a casa do Senhor e o seu palácio:

2 Reedificou as cidades, que Hirão tinha dado a Salomão, e fêz habitar nelas os filhos de Israel.

3 Foi também a Emat de Suba, e apossou-se dela.

4 E fundou Palmira no deserto, e edificou outras cidades fortíssimas em Emat.

5 E fundou Betoron tanto a alta, como a baixa, cidades muradas, que tinham portas e ferrolhos e fechaduras: (1)

(1) **CIDADES MURADAS** — Salomão não pensou só no aforoseamento de Jerusalém, atendeu também à sua segurança, pondo a cidade ao abrigo de qualquer invasão. Ao norte construiu as praças fortes de Hazor, situada junto do Líbano, dominando a fronteira da Palestina pelo lado da Síria, e Magedo entre o Tabor e o Mediterrâneo que era a chave da planície de Jezrael. Pelo sul fortificou Gezer e Betorom, que se levantaram na frente de Sefela e do país dos filisteus; e para que a obra de fortificação ficasse completa levantou Tadinós ou Palmira no deserto, onde se erguia como sentinela avançada.

6 E também a Balaat e a tôdas as mais fortes praças, que foram de Salomão, e a tôdas as cidades das carroças, e as cidades dos homens de cavalo: Salomão edificou tudo o que quis e dispôs assim em Jerusalém, como no Líbano, em tôda a extensão de seus Estados.

7 Todos os povos, que tinham ficado dos heteus, e dos amorreus, e dos fereseus, e dos heveus, e dos jebuseus, que não eram da linhagem de Israel,

8 mas sim dos filhos, e descendentes daqueles que os filhos de Israel tinham deixado com vida, Salomão os fêz seus tributários até o dia de hoje.

9 Porém dos filhos de Israel não lançou êle mão para trabalharem nas obras do rei: porque eram homens de guerra, e os primeiros oficiais e os comandantes das suas carroças e cavalaria.

10 E todos os maiores oficiais do exército do rei Salomão chegavam ao número de duzentos e cinqüenta, que amestravam o povo.

11 E mudou a filha de Faraó da cidade de Davi para a casa que lhe tinha edificado: Porque disse o rei: Não habitará minha mulher na casa de Davi rei de Israel, porque foi santificada: Porque entrou nela a arca do Senhor.

12 Então ofereceu Salomão holocaustos ao Senhor sôbre o altar do Senhor, que tinha levantado diante do pórtico,

13 para oferecer nêle cada dia sacrificios conforme a ordenação de Moisés nos sábados, e nas Neomenias, e nos dias solenes, três vêzes no ano, a saber, na festa dos Asmos, e na festa das Semanas, e na festa dos Tabernáculos.

14 E ordenou conforme a ordem de Davi seu pai as obrigações dos sacerdotes em os seus ministérios: E a ordem dos levitas, para cantarem os louvores, e para

2 Paralipômenos 8. 15-18

servirem diante dos sacerdotes segundo o rito de cada dia: E a distribuição dos porteiros por cada uma das portas: Porque assim o tinha mandado Davi, homem de Deus.

15 E não transgrediram as ordens do rei, tanto os sacerdotes como os levitas em tudo o que lhes tinha mandado, e nas guardas dos tesouros.

16 Teve Salomão preparadas tôdas as coisas necessárias, desde o dia em que lançou os fundamentos da casa do Senhor até o dia em que a acabou.

17 Então foi Salomão a Asiongaber, e a Ailat à praia do mar Roxo, que é na terra de Edom.

18 E o rei Hirão lhe mandou por seus vassallos naus, e marinheiros práticos do mar, e foram com a gente de Salomão a Ofir e de lá trouxeram ao rei Salomão quatrocentos e cinqüenta talentos de ouro. (2)

(2) OFIR — Têm-se escrito volumes sobre Ofir. Uns collocam-no na Arábia, (Vivien S. Martin, *Année géographique*, 1872, p. 45) outros em Sofala, ou em Ceilão, Malaca, Sumatra e até na América. Cfr. Ritter, *Erdkunde*, t. XIV, *Die Salomonische Fahrt nach Ophir*, Erläuterung 5, p. 414, 431. Calmet supôs a sua existência na América ou na Colchida. *Dissertation sur le pays d'Ophir*: Hard na Frigia, *Dissert d'Ophir*; Oldermann na Ibéria, *Dissert de regione Ophir*; Arias Montanas no Peru. Quando Cristóvão Colombo chegou a Verágua, e encontrou as cavernas profundamente cavadas na terra, julgou ter encontrado Ofir de Salomão, e alguns exegetas o acompanharam na sua opinião com Vatablo. *Biblia Sacra*, Paris, 1729. A título de curiosidade reproduzimos as palavras de Colombo: "No digo salvo lo yo vigo de los naturales de la tierra. De una oso decir, por que hay tantos testigos, y es que yo vide en esta tierra de Veragua mayor señal de oro en dos dias primeros que en la Española en quatro años. El oro es excelentissimo: del oro se hace tesoro, e con el, quien le tiene, hace quanto quiere en el mundo, y llega á que ccha la almas el paraíso. Los señores de aquellas tierras de la comarca de Veragua quando mueren entierran el oro con el cuerpo, así te dicen ¡ á Salomon llevaron de un camino seiscien-

CAPÍTULO 9

A RAINHA DE SABA VEM VER A SALOMÃO. RIQUEZAS DESTE PRÍNCIPE. DESCRIÇÃO DE SEU TRONO. MORTE DE SALOMÃO. SUCEDE-LHE ROBOÃO.

1 A rainha de Sabá, tendo também ouvido a fama de Salomão, veio a Jerusalém para o sondar por enigmas, trazendo consigo grandes riquezas e camelos, que vinham carregados de aromas, e de grande quantidade de ouro, e de pedras preciosas. Tanto que ela se apresentou a Salomão, expôs-lhe tudo o que tinha no seu coração. (1)

2 Salomão lhe explicou tudo o que ela lhe propusera: não houve coisa alguma que elle lhe não pusesse claro.

tos e sessenta y seis quintales de oro. Josefo quiere que este oro so hobiesse en la Acrea, si assí fuese digo que aquellas minas de la Acrea son unas y se convienen con estas de Veragua." Navarrette, *Collection de los viajes y descubrimientos*. Porém as três opiniões que melhores argumentos têm são as seguintes: primeira na África, segunda na Arábia e terceira na Índia. A terceira é a mais aceitável, e tem em seu favor a tradição judaica, representada por Josefo. *Antig. Jud.*, VIII, VI, 4, e os Setenta, Eusébio no *Onomasticon* S. Jerónimo etc. Os modernos julgam ser esta a mais segura. "L'opinion qui paraît avoir pris plus de faveur par l'autorité de ses partisans, avouait déjà longtemps avant les decouvertes philologiques de notre siècle le célèbre geographe de Auville, est celle qui place Ophir dans quelque contrée des Indes orientales". *Mémoires de l'Academie des Inscriptions*, t. XXX, 1764. Vigouroux, conquanto não julgue o problema definitivamente resolvido, tem esta última hipótese como a mais provável, L'opinion qui place dans l'Inde le pays d'Ophir nous paraît donc la plus probable. Cfr. *La Bible et les decouvertes modernes*.

(1) RAINHA DE SABA — Já escrevemos sobre esta personagem.

PARA O SONDAR POR ENIGMAS — Isto é, para o interrogar acerca de questões difíceis e problemas graves, não só das coisas humanas mas das divinas, *Questionibus arduis, de rebus non tantum*

2 Paralipômenos 9, 3-11

3 Logo que ela viu a sabedoria de Salomão, e a casa que êle edificara,

4 e também os manjares da sua mesa, e os aposentos dos seus servos, e os officios dos que o serviam, e os seus vestidos, também os copeiros e os seus vestidos e as vítimas que imolava na casa do Senhor: ficou espantada como fora de si.

5 E disse ao rei: E' verdade o que das tuas virtudes e da tua sabedoria ouvi no meu reino.

6 Eu não acreditava aos que me contavam, até que eu mesma vim, e vi com os meus olhos, e me desenganei. que apenas se me tinha dito metade da tua sabedoria: As tuas virtudes sobreexcedem a mesma fama.

7 Bem-aventurados os teus povos, e bem-aventurados os teus servos, que estão sempre diante de ti, e que ouvem a tua sabedoria.

8 Bendito seja o Senhor teu Deus, que quis collocar-te sôbre o seu trono como rei, fazendo as vêzes do Senhor teu Deus. Como Deus ama a Israel, e quer conservá-lo para sempre, por isso te estabeleceu por seu rei, para o julgares e lhe administrares a justiça.

9 E presenteou ao rei com cento e vinte talentos de ouro, e uma prodigiosa quantidade de aromas, e pedras preciosíssimas: Não se viram jamais perfumes tão excellentes, como os que a rainha de Sabá deu ao rei Salomão.

10 E os servos de Hirão com os de Salomão trouxeram também ouro de Ofir, e madeiras de tino, e pedras de sumo preço:

11 Das quais madeiras, isto é, das madeiras de tino,

humanis, sed etiam Divinis, Marianna; e por isso foi louvado por Cristo (Mt 12) e não receberia este louvor se tratasse apenas de coisas fúteis. Et ex Math. 12 ubi laudatur a Christo, qui eam non laudasset, si curiosas tantum quaestiones, non autem utiles, et ad pietatem pertinentes, proposuisset. Estlo.

fêz o rei os degraus da casa do Senhor, e no palácio real, e as cítaras, e os saltérios dos músicos: Nunca se viram na terra de Judá madeiras semelhantes.

12 E o rei Salomão deu à rainha de Sabá tudo o que ela desejou, e o que ela pediu, e muito mais do que ela lhe tinha trazido: e ela, retirando-se, voltou para a sua terra com a sua comitiva.

13 E o pêsso do ouro, que todos os anos se trazia a Salomão, era de seiscentos e sessenta e seis talentos de ouro:

14 Sem contar aquela soma, que lhe costumavam trazer os deputados de várias nações, e os negociantes, e todos os reis da Arábia, e os governadores das províncias, que traziam ouro e prata a Salomão.

15 Fêz pois o rei Salomão duzentas lanças de ouro do pêsso de seiscentos siclos, que se despendiam em cada uma das lanças:

16 E também trezentos escudos de ouro de trezentos siclos de ouro, com que se cobria cada escudo: E o rei os pôs no seu arsenal, que estava situado no bosque.

17 Fêz mais o rei um grande trono de marfim, e o revestiu de puríssimo ouro.

18 E os seis degraus, pelos quais se subia ao trono, e um estrado de ouro, e dois braços de uma e outra parte, e dois leões ao pé dos dois braços,

19 e mais outros doze leõezinhos postos de uma e outra parte sôbre os seis degraus: Não houve trono semelhante em todos os reinos.

20 E todos os vasos da mesa do rei eram de ouro, e a baixela do palácio do bosque do Líbano era de ouro puríssimo. Porque então reputava-se por nada a prata.

21 Porque as frotas do rei iam de três em três anos

2 Paralipômenos 9, 22-29

com a gente de Hirão a Tarsis: E traziam de lá ouro e prata, e marfim, e bugios, e pavões.

22 Por isso o rei Salomão foi exaltado acima de todos os reis do mundo em riquezas e em glória.

23 E todos os reis da terra desejavam ver o rosto de Salomão, para ouvirem a sabedoria, de que Deus dotara o seu coração:

24 E o presenteavam todos os anos com vasos de prata, e de ouro, e vestidos, e armas, e aromas, cavalos, e machos.

25 Teve também Salomão quarenta mil cavalos nas suas cavalaria, e doze mil coches, e doze mil homens de cavalo, e os repartiu pelas cidades destinadas para as carroças, e por Jerusalém onde estava o rei.

26 Exerceu também seu poder sobre todos os reis, que havia desde o rio Eufrates até a terra dos filisteus, e até às fronteiras do Egito.

27 E fêz que em Jerusalém fôsse tão comum a prata como as pedras: E que houvesse tanta multidão de cedros como são os sicômoros, que nascem nos campos. (2)

28 Traziam-se-lhe também cavalos do Egito, e de todos os países.

29 As mais ações de Salomão, tanto as primeiras como as últimas estão escritas nos livros do profeta

(2) E QUE HOUVESSE TANTA MULTIDÃO DE CEDROS COMO SÃO OS SICÔMOROS QUE NASCEM NOS CAMPOS — Ainda hoje se vêem os jardins de Salomão — Bestan Soleyman, que, apesar da beleza que ostentam, são uma sombra do que foram no tempo do grande rei, e por isso pergunta Vigouroux "Qui ont ils du être du temps du grand roi, lorsqu'ils étaient cultivés et arrosés infiniment mieux, qu'ils ne le sont aujourd'hui, puisque actuellement ils sont encore toutes verdoyants et pleins de grace."

Natan, e nos livros de Aías de Silo, e na Visão do Vidente Ado, contra Jeroboão filho de Nabat.

30 Reinou pois Salomão em Jerusalém sôbre todo o Israel quarenta anos.

31 E adormeceu com seus pais, e foi sepultado na cidade de Davi: E reinou Roboão seu filho em seu lugar.

CAPÍTULO 10

SEPARAÇÃO DAS DEZ TRIBOS. ROBOÃO FICA REI DE JUDÁ E DE BENJAMIM.

1 Partiu pois Roboão para Siquém: Porque todo o Israel se tinha lá ajuntado para o constituir rei. (1)

2 O que tendo ouvido Jeroboão filho de Nabat, que estava no Egito (pois tinha fugido para lá da presença de Salomão), voltou logo.

3 E chamaram-no, e veio com todo o Israel, e falaram a Roboão, dizendo:

4 Teu pai nos oprimiu com um jugo duríssimo, trata-nos com mais brandura do que teu pai, que nos impôs uma grave servidão, e alivia-nos um pouco a carga, e nós seremos teus servos.

(1) **ROBOÃO** — O fulgor dos dias de Salomão desapareceu; o sol daquele reinado tem o seu ocaso quando o famoso rei de Israel se sumiu no túmulo. Sucede-lhe Roboão, seu filho, que não sonda ou não quis conhecer a situação em que se encontrava nem media as responsabilidades que contraíra ao assumir o poder, em circunstâncias tão melindrosas, desdenhando das reclamações que lhe faziam os chefes das tribos, reclamações justas, e que a prudência mandaria atender. Não quis e esse foi o seu mal. O grito de revolta que se ouviu depois da morte de Davi, retiniu de novo, mas com toda a violência. Porém devia-se cumprir o que o Senhor tinha profetizado a Salomão e a Jeroboão, 3 Rs 11, 11. 28. 35.

2 Paralipômenos 10, 5-15

5 Êle lhes disse: Tornai a vir daqui a três dias. E depois que o povo se foi,

6 teve Roboão conselho com os anciãos, que tinham sido ministros de Salomão seu pai durante a sua vida, dizendo: Que me aconselhais que eu responda ao povo?

7 Êles lhe disseram: Se contentares a êste povo, e o afagares com palavras doces, êles te servirão para sempre.

8 Mas êle desaprovou o conselho dos anciãos, e começou a consultar os moços que haviam sido criados com êle, e estavam na sua companhia.

9 E lhes disse: Que vos parece: O que devo eu responder a êsse povo, que me veio dizer: Alivia-nos o jugo, que teu pai nos impôs?

10 Mas êles lhe responderam como moços, e como criados com êle nas delícias, e disseram: Assim responderás ao povo, que te veio dizer: Teu pai fêz pesadíssimo o nosso jugo, tu alivia-o: E assim lhe responderás: O meu dedo mínimo é mais grosso do que o costado de meu pai.

11 Meu pai pôs-vos um jugo pesado, e eu lhe acrescentarei maior pêso: Meu pai açoitou-vos com correias, eu porém açoitar-vos-ei com escorpiões.

12 Ao terceiro dia pois veio Jeroboão, e todo o povo ter com Roboão, segundo êle lhes tinha ordenado.

13 E o rei não fazendo caso do conselho dos anciãos, respondeu-lhes desabridamente:

14 E falou-lhes segundo o conselho dos moços: Meu pai pôs-vos um jugo pesado, o qual eu farei mais pesado: Meu pai açoitou-vos com correias, e eu porém açoitar-vos-ei com escorpiões.

15 E não condescendeu com as súplicas do povo: Porque era da vontade de Deus que se cumprisse a palavra, que tinha dito a Jeroboão filho de Nabat por meio de Aías de Silo.

2 Paralipômenos 10, 16-19; 11, 1-4

16 Todo o povo porém, com tão dura resposta do rei, assim lhe disse: Não temos parte com Davi, nem herança com o filho de Isai. Volta, Israel, para as tuas tendas, e tu, Davi, cuida da tua casa. E assim se retirou Israel para as suas tendas.

17 Roboão pois reinou sobre os filhos de Israel, que habitavam nas cidades de Judá.

18 E enviou o rei Roboão a Adurão, que era superintendente dos tributos, mas os filhos de Israel o apedrejaram, e ele morreu: Mas o rei Roboão apressadamente montou no seu coche, e fugiu para Jerusalém.

19 E Israel se separou da casa de Davi, até ao dia de hoje.

CAPÍTULO 11

PROÍBE DEUS A ROBOÃO FAZER GUERRA ÀS DEZ TRIBOS. OS SACERDOTES, OS LEVITAS, E TODOS OS QUE TEMIAM A DEUS, VÊM AJUNTAR-SE A ROBOÃO, FILHOS QUE ESTE PRÍNCIPE TEVE.

1 Roboão veio portanto para Jerusalém, e convocou toda a tribo de Judá e de Benjamim, cento e oitenta mil homens escolhidos e guerreiros, para pelejar contra Israel e para o reunir ao seu império.

2 Mas o Senhor dirigiu a sua palavra a Semeias homem de Deus, dizendo:

3 Vai dizer a Roboão filho de Salomão rei de Judá, e a todo o Israel, que se contém na Tribo de Judá, e de Benjamim:

4 Eis-aqui o que diz o Senhor: Não vos poreis em campanha, nem pelejareis contra vossos irmãos: Cada um volte para sua casa, porque isto aconteceu por minha vontade. Eles tendo ouvido a palavra do Senhor, tornaram para trás, e não marcharam contra Jeroboão.

2 Paralipômenos 11, 5-18

5 E Roboão habitou em Jerusalém, e fortificou várias cidades muradas em Judá.

6 E fortificou Belém, e Etam, e Técuá,

7 e também a Betsur, e Soco, e Odolão,

8 e assim mesmo a Get, e Maresa, e Zif,

9 e Adurão também, e Laquis, e Azeca,

10 e Saraa, e Aialon, e Hebron, que eram em Judá e Benjamim, cidades fortíssimas.

11 E tendo-as fechado de muros, pôs nelas governadores, e armazéns de víveres, isto é, de azeite, e de vinho.

12 E estabeleceu também em cada cidade um arsenal de escudos e de lanças, e as fortaleceu com sumo cuidado, e reinou Roboão sobre Judá e Benjamim.

13 Mas os sacerdotes e os levitas, que havia em todo o Israel, vieram para êle de tôdas as suas residências,

14 deixando os seus subúrbios e suas fazendas, retirando-se para Judá e para Jerusalém: Porque Jeroboão e seus filhos os tinham lançado fora, para não exercerem o sacerdócio do Senhor.

15 O qual Jeroboão constituiu para si sacerdotes dos altos, e dos demônios, e dos novilhos que êle mandara fazer.

16 E também de tôdas as tribos de Israel, todos aquêles que se tinham determinado de seu coração a buscar o Senhor Deus de Israel, vieram a Jerusalém, para imolarem as suas vítimas na presença do Senhor Deus de seus pais.

17 E corroboraram o reino de Judá, e confirmaram a Roboão filho de Salomão por três anos: Porque só três anos andaram nos caminhos de Davi e de Salomão.

18 E casou Roboão com Maalat, filha de Jerimot, filho de Davi: E também com Abiail, filha de Eliab, filho de Isai,

2 Paralipômenos 11, 19-23; 12, 1-3

19 da qual teve os filhos Jeus, e Somorias, e Zoom.

20 Depois desta tomou também por mulher a Maaca filha de Absalão, da qual teve a Abia, e a Etai, e a Ziza, e a Salomit.

21 Roboão pois amou a Maaca filha de Absalão sobre tôdas as suas mulheres, e concubinas: Porque êle tinha casado com dezoito mulheres, e tinha sessenta concubinas: E teve vinte e oito filhos, e sessenta filhas.

22 Pôs porém a Abia filho de Maaca por cabeça, e príncipe sobre todos os seus irmãos: Porque tinha o intento de o fazer rei, (1)

23 porque era o mais avisado, e o mais poderoso do que todos os seus filhos, e em todos os territórios de Judá, e de Benjamim, e em tôdas as cidades muradas: E lhes deu alimentos em suma abundância, e pediu para êles muitas mulheres.

CAPÍTULO 12

ROBOÃO DEIXA O SENHOR. SESAC REI DO EGITO ROUBA O TEMPLO DE JERUSALÉM. ROBOÃO MORRE. ABIA LHE SUCEDE.

1 Firmado pois e fortalecido o reino de Roboão, deixou êste a lei do Senhor, e com êle todo o Israel.

2 Mas no quinto ano do reinado de Roboão, marchou Sesac rei do Egito contra Jerusalém (porque tinham pecado contra o Senhor).

3 Com mil e duzentas carroças de guerra, e sessenta mil homens de cavalo: E era inumerável a população que com êle tinha vindo do Egito, a saber, os líbios, e os trogloditas, e os etíopes.

(1) **ABIA** — Por aqui se vê, em que pese a Grócio, que Abia não era o seu primogênito mas o mais dileto. Roboão seguiu o exemplo de Davi, que preferiu Salomão aos mais velhos.

2 Paralipômenos 12, 4-9

4 E êle se apoderou das praças mais fortes de Judá, e chegou até Jerusalém.

5 E o profeta Semeias veio ter com Roboão, e com os príncipes de Judá, que se tinham ajuntado em Jerusalém, fugindo de Sesac, e lhes disse: Eis-aqui o que diz o Senhor: Vós desamparastes-me, e eu vos desamparei também nas mãos de Sesac. (1)

6 E consternados os príncipes de Israel e o rei disseram: O Senhor é justo.

7 E vendo o Senhor, que se tinham humilhado, o Senhor fêz ouvir a sua palavra a Semeias, dizendo: Pois que êles se humilharam, eu os não perderei, mas dar-lhes-ei algum socorro, e não farei cair o meu furor sobre Jerusalém por mão de Sesac.

8 Todavia êles lhe ficarão sujeitos, para conhecerem a diferença que há entre o servir-me a mim, e o servir os reis da terra.

9 Sesac pois rei do Egito se retirou de Jerusalém, depois de ter tirado os tesouros da casa do Senhor, e do palácio do rei, e levou tudo consigo, e os escudos de ouro, que Salomão tinha mandado fazer,

(1) **SESAC** — Estava reservada ao século XIX uma descoberta que vinha confirmar o sagrado texto marcando uma data importante na história da crítica bíblica. Foi a descoberta de Carnac. A 23 de novembro de 1828, Champollion encontrou nas ruínas de Carnac a imagem dum Faraó, que de braço erguido azorragava os prisioneiros ajoelhados diante dêle. Na retaguarda uma extensa fila de cento e cinquenta personagens, barbados. Consequentemente são egípcios, tendo várias inscrições. No vigésimo nono desses personagens encontrou o erudito egptólogo esta legenda: Yutaha melek. O rei de Judá. O monarca egípcio era Sesac, o judeu Roboão, filho de Salomão. E assim o Egito veio formar a confirmação da narração do c. 14 do terceiro Livro dos Reis e do c. 12 do 2.º dos Paralipômenos. Por isso nos *Discours sur les rapports entre la science et la religion* revelée; (tradução de Genoude) o Cardeal Wiseman dizia

10 em lugar dos quais mandou o rei fazer outros de bronze, e os entregou aos capitães dos escudeiros, que guardavam o átrio do palácio.

11 E quando o rei entrava na casa do Senhor, vi-nham os escudeiros, e os tomavam, e depois tornavam-nos a levar para o seu arsenal.

12 Mas porque eles se tinham humilhado, se apartou de cima deles a ira do Senhor, e não foram de todo extintos: Porque ainda se acharam obras boas em Judá.

13 Fortificou-se pois o rei Roboão em Jerusalém, e reinou: E tinha quarenta e um anos quando começou a reinar, e reinou dezessete anos em Jerusalém, cidade que o Senhor tinha escolhido entre tôdas as das tribos de

a propósito dêste baixo-relêvo: "Certes nous pouvons dire qu'aucun monument découvert jusqu'a ce jour n'a donné une nouvelle preuve aussi convaincante de l'authenticité de l'Histoire Sainte." No original hebraico está Schischaq, que a Vulgata traduziu por Sesac, e nos monumentos egípcios, Scheschang ou Schaschang. Os seus títulos completos, hoje perfeitamente averiguados, são: Ra-ou-to-khorep Sotep en-ra Miamunr Scheschang. Era de origem estrangeira; Brugsch, *Geschichte Aegyptiens unter den Pharaonen* supõe que Sesac descendo de reis assírios. Maspero combate esta asserção na *Revue Historique*, de setembro de 1879, e sustenta a origem semítica da família de Sesac. C'était bien une famille semite, que le hasard des evenements portait jusqu'au thrône d'Egypte. *Histoire des peuples de l'Orient*, 3.^a edição, e na quarta edição diz que "la famille de Sesac était libyenne d'origine." Não é fácil aventar, sem receio de erro, uma hipótese sobre esta questão. O que se sabe é que era casado com Caramat, filha de Pirebean I, irmão do grande sacerdote Menkheperra. Também está averiguado que Sesac reinava no Egito antes da morte de Salomão. O que é importante, é que Sesac não nos deixou somente a lembrança da sua vitória sobre a capital de Judá. Mandou gravar longas listas hieroglíficas das cidades e regiões que conquistara. Alguns nomes desapareceram, outros designam localidades desconhecidas, mas não obstante essas mutilações e obscuridades, o conjunto confirma e completa satisfatoriamente a narração bíblica. Não é possível reproduzir essas listas, cujo texto

2 Paralipômenos 12, 14-16; 13, 1-3

Israel, para nela estabelecer o seu nome: E sua mãe chamava-se Naama amonita.

14 Mas elle fêz o mal, e não preparou o seu coração para buscar o Senhor.

15 As ações porém de Roboão, assim as primeiras como as últimas, estão escritas nos livros do profeta Semeias, e de Ado o Vidente, e expostas com diligência: E Roboão, e Jeroboão tiveram guerra entre si em todos os seus dias.

16 E Roboão adormeceu com seus pais, e foi sepultado na cidade de Davi. E em seu lugar reinou seu filho Abia.

CAPÍTULO 13

GUERRA ENTRE ABIA REI DE JUDÁ, E JEROBOÃO REI DE ISRAEL. DESFEITA DE JEROBOÃO.

1 No ano décimo oitavo do rei Jeroboão, reinou Abia sobre Judá. (1)

2 Reinou três anos em Jerusalém, sua mãe chamava-se Micaia, filha de Huriel de Gabaa: E havia guerra entre Abia e Jeroboão.

3 E Abia pondo-se em estado de dar batalha, e tendo consigo gentes fortíssimas, e quatrocentos mil homens escolhidos: Jeroboão pôs também em batalha um exército de oitocentos mil homens os quais também eram soldados escolhidos, e valentíssimos para guerrear.

foi publicado por Rosellini, Monumenti reali, e estudadas por Brugsch e Maspero, Notes sur quelques points de grammaire et d'histoire; porém é indispensável dizer que enumeram muitas cidades fortificadas indicadas nos 2 Par 11, v. 6, e seguintes, a saber: Adulma que é Adular ou Odolão; Aylon, Chialon; Schanke, Soco; Adoran, Aduram etc.

(1) JUDÁ — Subentende-se Benjamim.

4 Abia pois se acampou em cima do monte Seme-ron que era na tribo de Efraim, e disse: Ouve, Jeroboão, e todo o Israel.

5 Acaso ignorais vós que o Senhor Deus de Israel deu para sempre a Davi, e a seus descendentes a soberania sobre Israel por um pacto de sal?

6 E que Jeroboão, filho de Nabat, vassalo do Salomão, filho de Davi, se levantou: E se rebelou contra seu senhor.

7 E que uma multidão de gentes de nada, e filhos de Belial se ajuntaram a êle: E fizeram-se mais fortes do que Roboão filho de Salomão: Porque Roboão era um homem sem experiencia, e de coração cobarde, nem lhes pôde resistir. (2)

8 Agora pois vós dizeis que podeis resistir ao reino do Senhor, que êle possui pelos descendentes de Davi, e que tendes uma grande multidão de povo, e os novilhões de ouro que Jeroboão vos fêz para vossos deuses.

9 E vós deitastes fora os sacerdotes do Senhor, filhos de Aarão, e os levitas: E fizestes para vós sacerdotes bem como todos os povos da terra: Todo o que vier, e consagrar a sua mão pela imolação dum novilho, e de sete carneiros, é feito sacerdote daqueles que não são deuses.

10 Mas o nosso Senhor é Deus, a quem não deixamos e ao Senhor servem os sacerdotes da linhagem de Aarão, e os levitas o servem na sua ordem:

11 E cada dia de manhã e de tarde oferecem holocaustos ao Senhor, e perfumes compostos segundo os preceitos da lei, e expõem-se os pães numa mesa, limpíssima, e temos o candeieiro de ouro, e as suas lâmpadas, que

(2) GENTES DE NADA — Isto é, de todo o ponto inúteis.

PORQUE ROBOÃO ERA UM HOMEM SEM EXPERIÊNCIA — No hebreu está menino, não pela idade, mas por lhe faltar discernimento e prudência para lutar.

2 Paralipômenos 13, 12-20

sempre se acendem de tarde: porque nós guardamos os preceitos do Senhor nosso Deus, a quem vós deixastes.

12 Assim o capitão do nosso exército é Deus, e os seus sacerdotes são os que tocam as trombetas, e as fazem retinir contra vós: Filhos de Israel, não queirais pelejar contra o Senhor Deus de vossos pais, porque isto vos não convém.

13 Dizendo Abia estas coisas, procurava Jeroboão surpreendê-lo por detrás. E estando acampado defronte dos inimigos, rodeava com o seu exército a Judá sem êste o perceber.

14 Mas tendo Judá voltado a cabeça reconheceu que vinham sôbre êle por diante e por detrás, e clamou ao Senhor: E os sacerdotes começaram a tocar as trombetas.

15 E todo o exército de Judá levantou uma grande vozeria: E eis que quando êles assim gritavam, infundiu Deus o temor em Jeroboão, e em todo o Israel que estava defronte de Abia e de Judá.

16 E os filhos de Israel apertaram a fugir à vista de Judá, e Deus lhos entregou nas suas mãos.

17 Abia pois, e a sua gente os desbarataram com grande destrôço: E morreram feridos da banda de Israel quinhentos mil homens valentes.

18 E foram humilhados os filhos de Israel naquele tempo, e os filhos de Judá cobraram grandíssimo alento, porque tinham pôsto a sua confiança no Senhor Deus de seus pais.

19 E Abia foi perseguindo a Jeroboão que fugia, e lhe tomou as suas cidades, a Betel e as suas dependências, e a Jesana e as suas dependências, a Efron e as suas dependências:

20 E Jeroboão não pôde mais resistir durante o reinado de Abia: E o Senhor feriu a Jeroboão, e o matou.

21 Abia pois, firmado o seu reino, tomou catorze mulheres: E teve vinte e dois filhos e dezesseis filhas.

22 Mas o resto das ações de Abia, e dos seus costumes, e feitos está escrito com toda a exacção no livro do profeta Ado.

CAPÍTULO 14

MORTE DE ABIA. SUCEDE-LHE ASA. ZARA REI DA ETIÓPIA VEM ATACAR ASA. ESTE PORÉM ALCANÇA VITÓRIA CONTRA ELE.

1 E adormeceu Abia com seus pais, e sepultaram-no na cidade de Davi: E em seu lugar reinou Asa seu filho, em cujo tempo esteve a terra em paz dez anos.

2 E fez Asa o que era justo e grato aos olhos do seu Deus, e destruiu os altares de culto estranho, e os altos, e quebrou as estátuas, e cortou os bosques:

3 E mandou a Judá que buscasse o Senhor Deus de seus pais, e observasse a lei, e todos os preceitos:

4 E tirou de todas as cidades de Judá os altares e os ídolos, e reinou em paz. (1)

5 Fêz também reparar as cidades fortes de Judá, porque estava quieto, e não havia guerra alguma em seus dias, dando o Senhor a paz.

6 Disse pois a Judá: Reparemos estas cidades e cingamo-las de muros, e fortifiquemo-las com torres, e portas, e fechaduras, enquanto tudo está quieto de guerras, porque buscamos o Senhor Deus de nossos pais, e Ele nos deu paz com os povos vizinhos. Repararam pois as praças, e não houve coisa que estorvasse o seu reparo.

7 Asa pois teve no seu exército trezentos mil homens de Judá armados de escudos e lanças, e de Benjamim du-

(1) **OS ALTARES** — Da idolatria.

2 Paralipômenos 14, 9-15

zentos e oitenta mil homens, armados de escudos, e de flechas, tôdas estas gentes de muito valor.

9 E veio contra êles Zara etiope com o seu exército composto dum milhão de homens. e trezentas carroças: E chegou até Maresa:

10 Porém Asa marchou ao seu encontro, e formou o exército em batalha no vale de Sefata, que está perto de Maresa:

11 E invocou o Senhor Deus, e disse: Senhor, não há diferença alguma para contigo quando tu queres socorrer, ou com poucos, ou com muitos: Socorre-nos pois, Senhor nosso Deus: Porque confiados em ti, e no teu Nome, viemos contra esta multidão. Senhor, tu és o nosso Deus, não prevaleça o homem contra ti. (2)

12 Aterrou portanto o Senhor aos etíopes, à vista de Asa e de Judá: E os etíopes fugiram.

13 E os foi perseguindo Asa, e o povo, que com êle estava, até Gerara: E foram derrotados os etíopes sem ficar nenhum, porque foram destroçados pelo Senhor que os feria, e pelo seu exército que pelejava. Levaram pois muitos despojos,

14 e destruíram tôdas as cidades nos arredores de Gerara: Porque um grande temor se tinha apossado de todos: E saquearam as cidades, e levaram grande prêsa.

15 E destruindo também as malhadas das ovelhas, levaram consigo infinidade de gados, e de camelos: E voltaram para Jerusalém.

(2) **NÃO HÁ DIFERENÇA** — Porque é Onipotente e Imutável e Infinitamente bom, o Senhor não precisa de coisa alguma para socorrer o necessitado e fortalecer o fraco. *Non eges multitudine ad adjuvandum eum cui non est fortitudo.* Lápide.

CAPÍTULO 15

PREDIÇÃO DO PROFETA AZARIAS. ZÊLO DE ASA CONTRA A IDOLATRIA. RESTAURAÇÃO DO PACTO COM O SENHOR. ASA TIRA A AUTORIDADE A SUA MÃE, POR ELA TER LEVANTADO UM ÍDOLO.

1 Azarias, filho de Oded, recebido em si o Espírito de Deus,

2 saiu ao encontro de Asa, e lhe disse: Ouvi-me, Asa, e todos vós, povo de Judá e de Benjamim: O Senhor foi convosco, porque vós fostes com êle. Se vós o buscardes achá-lo-eis: Mas se o deixardes, êle vos deixará.

3 Passar-se-ão muitos dias em Israel sem o verdadeiro Deus, e sem sacerdotes que os instruem, e sem lei. (1)

4 E se êles na sua angústia se converterem para o Senhor Deus de Israel, e o buscarem, achá-lo-ão.

5 Naquele tempo não haverá paz para o que saia, nem para o que entre, mas de tôdas as partes haverá terror em todos os habitantes da terra:

6 Porque levantar-se-á uma nação contra outra nação, e uma cidade contra outra cidade, porque o Senhor os conturbará com tôda a aflição.

7 Vós pois alentai-vos, e não se enfraqueçam as vossas mãos: Porque a vossa obra será recompensada.

8 E ouvindo Asa estas falas, e a predição de Azarias, filho de Oded Profeta, cobrou ânimo, e exterminou os ídolos de tôdas as cidades da terra de Judá, e de Benjamim, e das cidades do monte de Efraim, que êle tinha

(1) **PASSAR-SE-ÃO MUITOS DIAS EM ISRAEL SEM O VERDADEIRO DEUS** — Uns referem esta profecia ao cativo da Babilônia, outros à idolatria do reino de Israel, outros ao estado presente em que se encontram os judeus.

2 Paralipômenos 15, 9-18

tomado, e renovou o altar do Senhor que estava diante do átrio do Senhor.

9 E congregou todo o povo de Judá e de Benjamim, e com eles os estrangeiros de Efraim, e de Manassés, e de Simeão: Porque tinham fugido para ele muitos israelitas, vendo que o Senhor seu Deus era com ele.

10 E vindos que foram a Jerusalém no terceiro mês, do ano décimo quinto do reinado de Asa,

11 imolaram ao Senhor naquele dia setecentos bois, e sete mil carneiros, do esbulho, e da prêsa, que tinham trazido.

12 E o rei entrou, segundo o costume, para ratificar o concôrto, de buscarem de todo o seu coração, e de tôda a sua alma, o Senhor Deus de seus pais.

13 E se algum, disse ele, não buscar o Senhor Deus de Israel, morra, desde o pequeno até o maior, desde o homem até a mulher.

14 E prestaram juramento ao Senhor em altas vozes, com júbilo, e toque das trombetas, e ao som de buzinas;

15 todos os que estavam em Judá acompanharam com execrações este juramento: Porque juraram de todo o seu coração, e buscaram a Deus com tôda a sua vontade, e o acharam: E o Senhor lhes deu descanso com todos os seus vizinhos.

16 E depôs Asa também do poder soberano a Maaca sua mãe, porque ela tinha levantado num bosque o ídolo de Priapo: o qual esmigalhou inteiramente, e fazendo-o em pedaços o queimou no Vale de Cedron.

17 Mas ficaram em Israel os altos: O que não obstante o coração de Asa foi perfeito em todos os seus dias.

18 E meteu no templo do Senhor, o que seu pai, e ele tinham prometido em voto, prata e ouro e vasos de diversos feitios.

19 E não houve guerra até o ano trigésimo quinto do reinado de Asa.

CAPÍTULO 16

CHAMA ASA EM SEU SOCORRO O REI DA SÍRIA CONTRA BAASA REI DE ISRAEL: E É POR ISSO REPREENDIDO PELO PROFETA HANANI. DOENÇA E MORTE DE ASA.

1 No ano trigésimo sexto do seu reinado, veio Baasa rei de Israel a Judá, e fortificava Rama com um muro à roda, para que nenhum do reino de Asa pudesse seguramente sair nem entrar. (1)

2 Tirou pois Asa o ouro e a prata dos tesouros da casa do Senhor, e dos tesouros do rei, remeteu-os a Benadad rei da Síria, que habitava em Damasco, dizendo:

3 Há uma aliança entre mim e ti, meu pai também e o teu conservaram concórdia entre si: Por esta razão tẽ mandei prata e ouro, para que, rôta a aliança, que tens com Baasa rei de Israel, o obrigues a retirar-se de meus Estados.

4 Sabido o que, Benadad despediu os generais dos seus exércitos contra as cidades de Israel: Os quais destruíram Aion, e Dan, e Abelmaim, e a tôdas as cidades muradas de Neftali.

5 O que tendo ouvido Baasa, cessou de edificar a Rama, e não prosseguiu na sua obra.

6 Mas o rei Asa pegou em tôda a gente de Judá, e fêz tirar de Rama as pedras, e a madeira, que Baasa

(1) **NO ANO TRIGÉSIMO SEXTO** — Há aqui uma aparente contradição, pois é sabido que Baasa morreu no vigésimo sétimo de Asa, 3 Rs 15, 33, isto é, cerca de dez anos antes; a isto responde-se dizendo que o texto se refere ao trigésimo sexto ano da separação das tribos, que era o décimo sexto do reinado de Asa, conforme o que está dito no capítulo precedente.

2 Paralipômenos 16, 7-12

tinha preparado para a edificar, e com elas reparou Gabaa, e Masfa.

7 Naquele tempo veio ter o profeta Hanani com Asa rei de Judá, e lhe disse: Porque te confiaste no rei da Síria, e não no Senhor teu Deus, por isso o exército do rei da Síria escapou das tuas mãos. (2)

8 Acaso não eram os etíopes e os líbios muito mais em número em carroças, e em cavalaria, e numa multidão imensa: Aos quais, quando tu confiaste no Senhor, ele os entregou nas tuas mãos?

9 Porque os olhos do Senhor contemplam toda a terra, e inspiram força aos que confiam nêle com um coração perfeito. Tu pois obraste loucamente, e por isso mesmo desde agora estão a levantar-se guerras contra ti.

10 E Asa, irado contra o Vidente, mandou que o metessem no cepo: Porque se tinha irritado muito por esta causa: E nesta ocasião mandou ele matar muitos do povo. (3)

11 Quanto às ações de Asa, desde as primeiras até às últimas, elas estão escritas no livro dos reis de Judá e de Israel.

12 Caiu depois Asa doente no ano trinta e nove do seu reinado, de uma veementíssima dor nos pés, e

(2) **PORQUE TE CONFIASTE NO REI DA SÍRIA** — Censura-se a sua pouca fé neste versículo, cujo sentido é este: "Se tu tivesses colocado a tua confiança no Senhor, não só vencerias Baasa, como o próprio rei da Síria. *Si Deo nixus fuisses, non solum Baasan vicisscs, sed et Benadad Regnum Syriæ, ipsi confederatum.* Martene.

(3) **MANDOU MATAR MUITOS DO POVO** — Não diz o texto a razão, mas com fundamento se pode inferir que a causa deste excesso foi ter o povo reprovado o assassinio do Vidente.

2 Paralipômenos 16, 13-14; 17, 1-3

nem na sua enfermidade êle recorreu ao Senhor, mas antes pôs a sua confiança na ciência dos médicos. (4)

13 E adormeceu com seus pais: E morreu no ano quarenta e um do seu reinado.

14 E sepultaram-no no seu sepulcro que êle tinha mandado fazer para si na cidade de Davi: E puseram-no sôbre o seu leito todo cheio de aromas e de ungüentos meretrícios, que tinham sido compostos pela arte dos perfumadores, e os queimaram sôbre êle com extraordinária pompa.

CAPÍTULO 17

JOSAFAT SUCEDE A ASA. A SUA PIEDADE, SUAS RIQUEZAS. CUIDADO QUE TEVE DE FAZER INSTRUIR O POVO. LISTA DOS SEUS OFICIAIS DE GUERRA.

1 Em seu lugar pois reinou seu filho Josafat, e prevaleceu contra Israel. (1)

2 E estabeleceu o número de soldados por tôdas as cidades de Judá, que estavam cercadas de muros. E pôs guarnições na terra de Judá, e nas cidades de Efraim, que Asa seu pai tinha tomado.

3 E o Senhor foi com Josafat, porque andou pelos

(4) PÓS A SUA CONFIANÇA NA CIÊNCIA DOS MÉDICOS — E' necessário entender esta passagem em termos hábeis. Asa não foi castigado por recorrer à medicina, nem se condena aqui a confiança na ciência; o que se castiga e censura é o esquecimento de Deus, a quem sempre devemos recorrer, cujo auxílio devemos implorar, e com cuja esperança nos devemos fortalecer; porque sem o auxílio de Deus de nada valem as luzes dos homens. *Non reprehenditur quod medicorum usus sit opera, sed quod Deum penitentia ac prece non adierit, sine quo nihil valet medicorum auxilium.* Grotio.

(1) PREVALECEU — Isto é, venceu pela força Israel.

2 Paralipômenos 17, 4-14

primeiros caminhos de Davi seu pai, e não pôs a sua confiança nos ídolos,

4 mas sim no Deus de seu pai, e porque caminhou nos seus mandamentos, e não seguiu os pecados de Israel.

5 E o Senhor firmou o reino na sua mão, e todos os de Judá fizeram seus presentes a Josafat: Ele adquiriu infinitas riquezas, e muita glória.

6 E tendo o seu coração tomado esforço por amor dos caminhos do Senhor, fez também deitar abaixo em Judá os altos e os bosques.

7 E no terceiro ano do seu reinado, enviou dos primeiros senhores da sua corte a Benail, e a Obdias, e a Zacarias, e a Natanael, e a Miquéias, para ensinarem nas cidades de Judá:

8 E com estes os levitas, Semeias, e Natânias, e Zabadias, e Asael, e Semiramot, e Jonatan, e Adonias, e Tobias, e Tobadonias, levitas, e com eles os sacerdotes Elisama, e Jorão,

9 e eles instruíam o povo em Judá, levando consigo o livro da lei do Senhor, e iam por tôdas as cidades de Judá, e doutrinavam o povo.

10 Dêste modo se espalhou o terror do Senhor por todos os reinos da terra, que confinavam com o de Judá, e não se atreviam a tomar as armas contra Josafat.

11 Mas até os filisteus traziam a Josafat donativos, e tributo de prata, e os árabes traziam-lhe gados, sete mil e setecentos carneiros, e outros tantos bodes.

12 Cresceu pois Josafat, e se engrandeceu até ao maior ponto de grandeza: E edificou em Judá fortalezas em forma de tôrres, e cidades muradas.

13 E empreendeu muitas obras em as cidades de Judá: E tinha também gentes de guerra, e homens mui valentes em Jerusalém,

14 e este é o número dêles pelas casas e famílias

de cada um: Em Judá os primeiros oficiais do exército, o general Ednas, que tinha às suas ordens trezentos mil homens valentíssimos.

15 Depois dêste Joanan príncipe e com êle duzentos e oitenta mil.

16 E depois dêste Amasias, filho de Zecri, consagrado ao Senhor, e com êle duzentos mil homens de valor.

17 Seguia-se a êste Eliada formidável na peleja, e com êle duzentos mil armados de arcos e escudos.

18 E depois dêste Jozabad, e com êle cento e oitenta mil soldados de tropas ligeiras.

19 Todos êstes tinha o rei à mão, sem falar dos outros, que êle tinha pôsto nas cidades muradas, por todo o Judá.

CAPÍTULO 18

JOSAFAT SE LIGA COM ACAB CONTRA OS SÍRIOS. OS FÁLSOS PROFETAS PROMETEM A VITÓRIA A ACAB. MIQUEIAS PREDIZ A MORTE DÊSTE PRÍNCIPE. BATALHA EM QUE ACAB É FERIDO E MORTO.

1 Foi Josafat pois muito rico e muito ilustre, e se enlaçou por afinidade com Acab. (1)

2 E, passados anos, foi vê-lo a Samaria. Acab à sua chegada mandou matar muitos carneiros e bois para êle, e para o povo, que com êle tinha vindo: E lhe persuadiu que marchasse contra Ramot de Galaad.

3 Acab pois rei de Israel disse a Josafat rei de Judá: Vem comigo a Ramot de Galaad. E Josafat lhe respondeu: Como eu, assim também tu: Como o teu povo, assim também o meu povo: E nós te acompanharemos na guerra.

(1) **SE ENLAÇOU** — Não êle, mas seu filho Jorão, a quem fêz o casamento com Atália, filha de Acab.

2 Paralipômenos 18, 4-12

4 E Josafat disse ao rei de Israel: Peço-te que consultes hoje a vontade do Senhor.

5 O rei de Israel pois ajuntou quatrocentos profetas, e lhes disse: Devemos nós ir atacar a Ramot de Galaad ou deixar-nos estar quedos? E eles responderam: Vai, e Deus a entregará nas mãos do rei. (2)

6 E disse Josafat: Não há aqui algum profeta do Senhor, para também o consultarmos?

7 E o rei de Israel disse a Josafat: Aqui há um homem, pelo qual nós podemos consultar a vontade do Senhor: Mas eu o aborreço, porque nunca me profetiza coisa boa, mas sempre o mal: E' Miquéias, filho de Jemla. E Josafat lhe disse: O' rei, não fales assim.

8 Mandou o rei de Israel pois chamar um dos seus eunucos, e lhe disse: Faze-me aqui vir logo a Miquéias filho de Jemla.

9 Mas o rei de Israel, e Josafat rei de Judá estavam assentados cada um em seu trono, vestidos com magnificência real: E estavam assentados no terreiro que está junto à porta de Samaria, e todos os profetas profetizavam diante dêles.

10 Então Sedecias filho de Canaana fêz para si uns cornos de ferro, e disse: Eis-aqui o que diz o Senhor: Com êstes sacudirás tu a Síria, até a destruíres.

11 E todos os profetas profetizavam do mesmo modo, e diziam: Marcha para Ramot de Galaad, e tu serás bem sucedido, e o Senhor os entregará nas mãos do rei.

12 O mensageiro porém, que tinha ido chamar Miquéias, disse a êste: Saberás que todos os profetas profetizam a uma bôca ao rei bom sucesso: Peço-te pois

(2) **PROFETAS** — O termo é empregado na acepção mais lata; equivale a sacerdotes de Baal.

que as tuas palavras não difiram das dêles, e que profetizes um sucesso favorável.

13 Ao qual respondeu Miquéias: Viva o Senhor, que eu não direi, senão o que me disser o meu Deus.

15 Veio pois à presença do rei. E o rei lhe disse: Miquéias, devemos nós ir contra Ramot de Galaad para a sitiá, ou deixarmo-nos estar quedos? Êle lhe respondeu: Ide: Porque tôdas as coisas vos sairão bem, e os inimigos serão entregues nas vossas mãos.

15 E disse o rei: Eu te conjuro uma, e outra vez, que me não fales senão o que é verdade, em nome do Senhor.

16 Então disse Miquéias: Eu vi a Israel disperso pelos montes, como ovelhas sem pastor: E o Senhor disse: Estas gentes não têm chefes: Cada um volte em paz para sua casa.

17 E disse o rei de Israel para Josafat: Não te disse eu, que êste homem nunca me profetiza coisa alguma de bem, mas sempre o que é mau?

18 Mas Miquéias prosseguiu: Ouvi pois a palavra do Senhor: Eu vi o Senhor assentado no seu trono, e todo o exército do céu assistindo-lhe à direita e à esquerda.

19 E o Senhor disse: Quem enganará a Acab rei de Israel, para que êle marche e pereça em Ramot de Galaad? E dizendo um de um modo, e outro de outro:

20 Chegou-se o espírito maligno, e se apresentou diante do Senhor, e disse: Eu o enganarei. E o Senhor lhe disse: Como o enganarás tu?

21 E êle respondeu: Irei, e serei um espírito mentiroso na bôca de todos os seus profetas. E disse o Senhor: Tu o enganarás, e prevalecerás: Vai, e faze-o assim.

22 Repara pois agora como o Senhor pôs um es-

2 Paralipômenos 18, 23-33

pírito de mentira na bôca de todos os teus profetas, e o Senhor pronunciou contra ti desgraças.

23 E Sedecias filho de Canaana se chegou e deu uma bofetada em Miquéias, e disse: Por que caminho passou de mim o espírito do Senhor, para te falar a ti?

24 E respondeu Miquéias: Tu mesmo o verás na-quele dia, quando fores entrando de cubículo em cubículo para te esconderes.

25 Mas o rei de Israel ordenou, dizendo: Pegai em Miquéias, e levai-o a Amon governador da cidade, e a Joás filho de Amelec.

26 E direis: Isto manda o rei: Metei êste homem no cárcere; e dai-lhe um pouco de pão, e uma pouca de água, até que eu volte em paz.

27 E respondeu Miquéias: Se tu voltares em paz, não falou o Senhor pela minha bôca. E acrescentou: Ouvi isto, povos todos.

28 O rei de Israel pois, e Josafat rei de Judá marcharam contra Ramot de Galaad.

29 E o rei de Israel disse para Josafat: Eu mudarei de trajo, e assim irei a combater, mas tu, vem com os teus vestidos. E o rei de Israel, mudado o trajo, foi para o combate.

30 Mas o rei da Síria mandou aos comandantes da sua cavalaria, dizendo: Não pelejeis contra o pequeno, nem contra o grande, mas sòmente contra o rei de Israel.

31 Assim logo que os comandantes da cavalaria viram a Josafat, disseram: Êste é o rei de Israel. E o cercaram carregando sôbre êle: Mas êste príncipe gritou ao Senhor, que o socorreu, e os apartou dêle.

32 Porque como os comandantes da cavalaria viram, que êste não era o rei de Israel, deixaram-no.

33 Mas aconteceu que um homem do povo atirou

à toa uma flecha, e feriu com ela o rei de Israel entre o pescoço e as costas, mas êle disse ao seu cocheiro: Volta de rédea, e tira-me do combate, porque estou ferido.

34 E acabou-se a peleja naquele dia: E o rei de Israel ficou no seu coche até à tarde fazendo cara aos siros, e morreu ao pôr do sol.

CAPÍTULO 19

**JOSAFAT É REPREENDIDO POR TER DADO SOCORRO A ACAB.
VISITA OS SEUS ESTADOS, E NELES ORDENA JUÍZES.**

1 E Josafat rei de Judá voltou em paz para sua casa em Jerusalém. (1)

2 Ao qual saiu ao encontro o Vidente Jeú filho de Hanani, e lhe disse: Tu dás socorro a um ímpio, e fazes liga com os que aborrecem o Senhor, e tu te fizeste digno da ira do Senhor:

3 Mas em ti se acharam certas obras boas, porque tu exterminaste da terra de Judá os bosques e dispuseste o teu coração a buscar o senhor Deus de teus pais.

4 Habitou pois Josafat em Jerusalém: E saiu outra vez a visitar o povo desde Bersabée até ao monte de Efraim, e os reduziu ao culto do Senhor Deus de seus pais.

5 Estabeleceu também juizes na terra em tôdas as cidades fortes de Judá em cada um dos seus lugares.

(1) **EM PAZ** — Quer dizer, incólume, sem que lhe tivesse sucedido o menor perigo.

2 Paralipômenos 19, 6-11

6 e ordenando aos juizes, disse: Vêde o que fazeis: Porque não exerceis a justiça de um homem, mas sim a do Senhor: E tudo o que vós julgardes, recairá sobre vós.

7 O temor do Senhor seja convosco, e fazei tôdas as coisas com diligência: Porque no Senhor nosso Deus não há iniquidade, nem acepção de pessoas, nem cobiça de dádivas.

8 Estabeleceu também Josafat em Jerusalém levitas, e sacerdotes, e príncipes das famílias de Israel, para fazerem justiça aos seus habitantes, nos negócios pertencentes ao Senhor. (2)

9 E lhes ordenou, dizendo: Assim obraceis no temor do Senhor com fidelidade, e com um coração perfeito.

10 Em tôda a causa, que vos vier de vossos irmãos, que habitam nas suas cidades entre famílias, e famílias, tôdas as vêzes que a questão fôr sobre a lei, sobre os mandamentos, sobre as cerimônias, e sobre os preceitos; instruí-os, para que não pequem contra o Senhor, e que a sua ira não caia sobre vós e sobre vossos irmãos: Se vós pois assim obrardes, não pecareis.

11 E o sacerdote Amarias e vosso pontífice, presidirá nas coisas que tocam a Deus: E Zabadias filho de Ismael, que é o chefe da casa de Judá, presidirá nos negócios que tocam ao serviço do rei: E tendes convosco por mestres os levitas, confortai-vos, e sede diligentes, e o Senhor será convosco aumentando-vos os bens.

(2) NOS NEGÓCIOS PERTENCENTES AO SENHOR — O hebreu acrescenta: “e nos que respeitassem aos particulares”.

CAPÍTULO 20

OS AMONITAS, OS MOABITAS, E OS SEUS ALIADOS MARCHAM CONTRA JOSAFAT. RECORRE ÊSTE PRÍNCIPE A DEUS, E OS SEUS INIMIGOS SE MATAM UNS AOS OUTROS. FAZ SOCIEDADE COM OCOSIAS, E É POR ISSO REPREENDIDO.

1 Depois disto se ajuntaram os filhos de Moab, e os filhos de Amon, e com êles dos amonitas, contra Josafat para lhe fazerem guerra. (1)

2 E vieram mensageiros, e avisaram a Josafat, dizendo: Eis-aí vem contra ti uma grande multidão daqueles lugares, que estão da banda de além do mar, e da Síria e estão acampados em Asasontamar, que é Engadi. (2)

3 E Josafat, passado de mêdo, se applicou inteiramente a rogar ao Senhor, e fêz publicar um jejum em todo o Judá.

4 E Judá se ajuntou para implorar o Senhor: E até todos saíram das suas cidades, para lhe fazerem rogativas.

5 E pondo-se em pé Josafat no meio da congregação de Judá, e de Jerusalém, na casa do Senhor, diante do átrio novo,

6 disse: Senhor Deus de nossos pais, tu és o Deus

(1) **DOS AMONITAS** — Esta expressão tem ocasionado várias discussões entre os exegetas, pois que ha uma repetição; o texto diz filhos de Amon, e a seguir; e com êles dos amonitas, Lapede entende que o hagiógrafo quer significar aquêles que se queriam fazer passar por amonitas, os amalecitas e os idumeus. Hi (scilicet Amalecitarum vel Idumaeorum) autem non suo, sed Ammonitarum nomine venerant; acceperunt signa Ammonitarum et conjunxerunt se exercitui eorum. Sacy e Carrières fugindo a estas pequenas difficuldades traduziram “e os seus aliados”.

(2) **DE ALÉM DO MAR** — Do mar Morto, ou do lago Asphaltite.

2 Paralipômenos 20, 7-14

do céu, e tu dominas sobre todos os reinos das nações, na tua mão está a fortaleza e o poder, e ninguém te pode resistir.

7 Acaso tu, ó nosso Deus, não deste cabo de todos os habitantes desta terra na presença do teu povo de Israel, e a deste para sempre à posteridade de Abraão teu amigo?

8 E habitaram nela, e nela fizeram um santuário ao teu nome, dizendo:

9. Se vierem sobre nós os males, a espada do juízo, a peste, e a fome, nós nos apresentaremos diante de ti nesta casa, onde o teu nome foi invocado: E nós clamaremos para ti em nossas aflições, e tu nos ouvirás, e nos salvarás. (3)

10 Agora pois vê, que os filhos de Amon, e de Moab, e os montanhese de Seir, pelas terras dos quais não permitiste a Israel que passasse quando eles saíram do Egito, mas se desviaram deles, e os não mataram:

11 Eles o fazem pelo contrário, e pretendem lançar-nos fora da posse, que tu nos deste.

12 Deus nosso, logo não julgarás estes? Em nós certamente não há tantas forças, que possamos resistir a esta multidão, que vem sobre nós. Mas como não sabemos o que devemos fazer, por isso não nos fica outro recurso mais, que voltar para ti os nossos olhos.

13 E todo o Judá estava em pé diante do Senhor, com as suas crianças, e mulheres, e filhos. (4)

14 Achava-se ali também Jaaziel, filho de Zacarias, filho de Banaías, filho de Jeiel, filho de Matanias,

(3) **ESPADA DO JUÍZO** — A manifestação do castigo de Deus. *Justo Dei judicio inimicus propter scelera.* Martene.

(4) **TODO O JUDÁ** — Entende-se um de cada família; e emprega-se aqui o todo pela parte.

levita da família de Asaf, sobre o qual desceu o Espírito do Senhor no meio da turba,

15 e disse: Ouvi todos vós, povo de Judá, e vós os que habitais em Jerusalém, e também tu, ó rei Josafat: Eis-aqui o que vos diz o Senhor: Não vos assusteis, nem tenhais medo desta multidão; porque não é vossa a peleja mas sim de Deus.

16 Amanhã ireis vós contra eles: Porque eles hão de subir pela encosta do monte chamado Sis, e vós os achareis na extremidade da torrente, que olha defronte do deserto de Jeruel.

17 Não sereis vós os que combatereis: Mas somente tende confiança, e vereis o socorro do Senhor sobre vós, ó Judá, e ó Jerusalém: Não vos assusteis nem tenhais medo: Vós marchareis amanhã contra eles, e o Senhor será convosco.

18 Então Josafat, e o povo de Judá, e todos os moradores de Jerusalém se prostraram por terra diante do Senhor, e o adoraram.

19 E os levitas da família de Caat, e da de Coré cantaram os louvores do Senhor Deus de Israel em alta voz, até ao céu.

20 E levantando-se pela manhã, marcharam pelo deserto de Técuá: Tanto que se puseram em caminho, estando em pé Josafat no meio deles, disse: Ouvi-me, homens de Judá, e todos os habitantes de Jerusalém: Ponde a vossa confiança no Senhor vosso Deus, e nada tereis a temer: Crede os seus profetas, e tudo vos sairá bem.

21 E deu êstes conselhos ao povo, e estabeleceu os cantores do Senhor, para o louvarem por suas turmas, e para marcharem adiante do exército, e dizerem a uma voz: Louvai o Senhor, porque a sua misericórdia é eterna.

2 Paralipômenos 20, 22-29

22 E tendo êles começado a cantar os louvores, o Senhor revirou as ciladas dos inimigos contra si mesmos, isto é, os desígnios dos filhos de Amon, e de Moab, e dos montanhês de Seir, os quais saíram a pelejar contra Judá, e foram desbaratados.

23 Porque os filhos de Amon, e de Moab se puseram a combater os moradores do monte Seir, com o fim de os matar e acabar: E tendo-o assim executado, voltando as armas contra si mesmos, uns a outros se deram cabo às cutiladas.

24 Tendo pois chegado o exército de Judá ao alto, que olha para o deserto, viu de longe que tôda aquela dilatada campina estava juncada de corpos mortos, e que não tinha ficado um só que pudesse escapar à morte.

25 Veio pois Josafat, e tôda a sua gente com êle para tirar os despojos dos mortos: E acharam entre os cadáveres tôda a casta de mobília, e vestidos, e vasos preciosíssimos, que êles tomaram, de modo que não puderam levar tudo, nem tirar em três dias os despojos de grande que foi a prêsa.

26 E ao quarto dia êles se ajuntaram no Vale da Bênção: Porque como ali tinham êles louvado o Senhor, chamaram a êste lugar o Vale da Bênção até o presente dia.

27 Depois todo o Judá, e os habitantes de Jerusalém e Josafat à frente dêles se voltaram para Jerusalém com grande alegria, porque o Senhor os tinha feito triunfar de seus inimigos.

28 E entraram em Jerusalém no templo do Senhor ao som de saltérios, e cítaras, e de trombetas.

29 E o terror do Senhor caiu de repente sôbre todos os reinos da terra, depois que ouviram que o Senhor tinha pelejado contra os inimigos de Israel.

30 E o reino de Josafat ficou quieto, e Deus lhe deu paz pelo contôrno.

31 Reinou pois Josafat sôbre Judá e tinha trinta e cinco anos quando começou a reinar: E reinou vinte e cinco anos em Jerusalém, e sua mãe chamava-se Azuba filha de Selai.

32 E êle andou nos caminhos de seu pai Asa, e não se afastou dêles fazendo o que era agradável aos olhos do Senhor.

33 Não destruiu contudo os altos, e o povo não tinha ainda convertido o seu coração para o Senhor Deus de seus pais.

34 O resto porém das ações de Josafat, assim primeiras como últimas, estão escritas na história de Jeú filho de Hanani, que as inseriu nos livros dos Reis de Israel. (5)

35 Depois disto travou Josafat rei de Judá amizade com Ocosias rei de Israel, cujas obras foram impiíssimas.

36 E conveio com êle que equipassem navios que fôssem a Tarsis: E construíram uma armada em Asiongaber.

37 Porém Eliezer filho de Dodau de Maresa profetizou a Josafat, dizendo: Pois que tu fizeste aliança com Ocosias, destruiu o Senhor as tua obras, e despedaçaram-se as tuas naus, e não puderam ir a Tarsis.

(5) **DE ISRAEL** — Daqui em diante encontra-se muitas vêzes o nome de Israel por Judá. Porque como o autor escrevia num tempo em que o reino de Israel estava destruído e disperso, quando os filhos de Judá com os que se lhe tinham unido representavam todo o Israel, podia usar duma expressão que já então nada tinha de equívoca, visto ter cessado a diferença dos dois reinos. Adiante c. 21; 23, 2; 24, 16; 28, 19. 23. 27; 33, 18. Padre Perelra.

CAPÍTULO 21

**MORTE DE JOSAFAT. JORÃO LHE SUCEDE. ESTE IMITA A
IMPIEDADE DE ACAB REI DE ISRAEL. OS IDUMEUS SE
LHE REBELAM. CARTA QUE ÊLE RECEBEU DO PROFETA
ELIAS. SUBLEVAÇÃO DOS FILISTEUS E DOS ÁRABES.
MORTE DE JORÃO.**

1 E adormeceu Josafat com seus pais, e foi sepultado com êles na cidade de Davi: E em seu lugar reinou seu filho Jorão.

2 O qual teve por irmãos os filhos de Josafat, Azarias, e Jaiel, e Zacarias, e Azarias, e Miguel, e Safatias; todos êstes, filhos de Josafat rei de Judá.

3 E seu pai lhes deu muitos dons em prata, e ouro, e em pensões, e cidades mui fortes em Judá: Mas entregou o reino a Jorão por ser o primogênito.

4 Tomou logo Jorão posse do reino de seu pai: E depois que se viu bem seguro, mandou matar à espada todos os seus irmãos, e alguns dos grandes de Israel.

5 Tinha Jorão trinta e dois anos quando começou a reinar: e, reinou oito anos em Jerusalém.

6 E andou nos caminhos dos reis de Israel, como tinha feito a casa de Acab: Porque sua mulher era filha de Acab, e êle fez o mal na presença do Senhor. (1)

7 O Senhor porém não quis perder a casa de Davi, em atenção ao pacto que havia feito com êle: E porque tinha prometido que lhe daria uma lâmpada a êle, e a seus filhos para sempre.

8 Naquele tempo se rebelou Edom, para não ser mais sujeito a Judá, e constituiu para si rei.

9 E Jorão tendo-se passado àquela província com os seus generais, e com tôda a cavalaria, que tinha con-

(1) **PORQUE SUA MULHER** — Era Atália, filha de Acab.

sigo, se levantou de noite, e desbaratou a Edom e todos os comandantes da sua cavalaria, que o tinham cercado.

10 Todavia, Edom se manteve rebelde até o dia de hoje, para não estar debaixo do poder de Judá: No mesmo tempo se rebelou também Lobna para não estar debaixo da sua obediência. Porque tinha abandonado o Senhor Deus de seus pais:

11 Além disto fabricou os altos nas cidades de Judá, e induziu os habitantes de Jerusalém para idolatram, e fêz que Judá fôsse prevaricador.

12 E foi-lhe trazida uma carta do profeta Elias, em que estava escrito: Eis-aqui o que diz o Senhor Deus de Davi teu pai: Porque tu não andaste pelos caminhos de teu pai Josafat, nem pelos caminhos de Asa rei de Judá, (2)

13 mas seguiste o caminho dos reis de Israel, e fizeste cair na idolatria a Judá, e aos habitantes de Jerusalém, imitando a idolatria da casa de Acab, e de mais a mais mataste a teus irmãos, da casa de teu pai, e melhores do que tu:

14 Sabe que também o Senhor te ferirá com um grande flagelo a ti, e a teu povo, e aos teus filhos, e às tuas mulheres e a tudo o que te pertence:

15 Tu serás ferido no teu ventre de uma doença maligníssima, até que te saiam pouco a pouco as entranhas em cada dia.

16 Suscitou pois o Senhor contra Jorão o espírito dos filisteus, e dos árabes, que confinam com os etíopes:

17 E entraram na terra de Judá, e a assolaram,

(2) **UMA CARTA** — Elias impõe mais uma vez a sua autoridade por todos reconhecida. Os críticos têm discutido o lugar de onde Elias mandou esta missiva, e se este fato é anterior ou posterior ao seu arrebatamento, e outros há que julgam, mas sem fundamento sério, que o texto se refere a outro Elias.

2 Paralipômenos 21, 18-20; 22, 1

e saquearam tudo o que acharam no palácio do rei, e além disso seus filhos, e mulheres: De sorte que lhe não ficou filho algum, senão Joacaz, que era o mais moço em idade.

18 E em cima de tudo isto o feriu o Senhor com uma doença incurável nas entranhas.

19 E sucedendo-se os dias uns a outros, e volvendo-se o espaço dos tempos, se completou o período de dois anos: E definhado assim com a longa podridão, de modo que até lançava fora as suas entranhas, acabou o seu mal com a vida. E morreu de uma terribilíssima enfermidade, e o povo não lhe fêz as exéquias segundo o costume de lhe queimarem perfumes, assim como tinham feito a seus maiores.

20 Tinha Jorão trinta e dois anos, quando começou a reinar, e reinou oito anos em Jerusalém. E não andou com retidão, e sepultaram-no na cidade de Davi: Mas não em o sepulcro dos reis. (3)

CAPÍTULO 22

OCOSIAS SUCEDE A JORÃO. OCOSIAS REI DE JUDÁ, E JORÃO REI DE ISRAEL SÃO MORTOS POR JEÚ. ATÁLIA MANDA MATAR TODOS OS FILHOS DE OCOSIAS. SÓ JOÁS ESCAPA DESTA MORTANDADE.

1 Os habitantes porém de Jerusalém constituíram rei em lugar dêle a Ocosias seu filho, mais moço: Porque os salteadores árabes, que haviam feito uma irrupção no campo, tinham morto todos os seus irmãos mais

(3) **MAS NÃO EM O SEPULCRO DOS REIS** — Não se contentaram em o privar das exéquias e demais honras fúnebres, v. 19, não lhe franquearam o túmulo real. Daqui se vê que o costume de privar das honras fúnebres aos que se afastam dos deveres religiosos, remonta à mais alta antiguidade.

velhos, que tinhâ havido antes dêle: E reinou Ocosias filho de Jorão rei de Judá.

2 Tinha Ocosias quarenta e dois anos quando começou a reinar, e reinou um ano em Jerusalém, e sua mãe chamava-se Atália filha de Amri. (1)

3 Mas êle seguiu também os caminhos da casa de Acab: Porque sua mãe o impeliu a obrar com impiedade.

4 Fêz pois o mal na presença do Senhor, como a casa de Acab: Porque os desta lhe serviam de conselheiros depois da morte de seu pai, para a sua ruína.

5 E andou segundo os seus conselhos. E foi a Ramot de Galaad com Jorão filho de Acab rei de Israel, a fazer guerra contra Hazael rei da Síria: E os siros feriram a Jorão.

6 Êle voltou para se curar em Jezrael: Porque tinha recebido muitas feridas nesta batalha. Ocosias pois filho de Jorão rei de Judá, foi visitar a Jorão filho de Acab que estava doente em Jezrael.

7 Porque foi vontade de Deus contra Ocosias, que êste fôsse visitar a Jorão: E que logo que chegasse, saísse com êle contra Jeú filho de Namsi, a quem o Senhor tinha ungido para extinguir a casa de Acab.

8 Quando pois Jeú ia para arruinar a casa de Acab, achou os príncipes de Judá, e os filhos dos irmãos de Ocosias, que o serviam, e os matou.

9 E buscando também ao mesmo Ocosias, que se tinha escondido em Samaria, o fêz prender: E trazido que foi à sua presença, o matou, e o sepultaram: Porque era filho de Josafat, que tinha buscado o Senhor

(2) **FILHA DE AMRI** — Amri era pai de Acab, por conseguinte o termo filha toma-se no sentido de neta, o que aliás é vulgar na língua hebraica.

2 Paralipômenos 22, 10-12; 23, 1-3

de todo o seu coração: E não ficava jamais esperança alguma de que pudesse reinar algum da linhagem de Ocosias:

10 Porque Atália sua mãe, vendo que era morto seu filho, levantou-se, e fêz matar a tôda a real estirpe da casa de Jorão.

11 Porém Josabet filha do rei pegou em Joás filho de Ocosias, e o furtou do meio dos filhos do rei, a tempo que os iam matando: E o escondeu a êle com a sua ama na câmara dos leitos: E Josabet, que o tinha assim escondido, era filha do rei Jorão, mulher do pontífice Jojada, irmã de Ocosias, e por isso Atália o não matou. (3)

12 Estêve logo Joás escondido com os sacerdotes na casa do Senhor durante os seis anos em que reinou Atália sôbre a terra.

CAPÍTULO 23

O PONTÍFICE JOJADA FAZ RECONHECER REI DE JUDÁ A JOÁS. ESTE MANDA MATAR A ATÁLIA. CONGREGA O POVO PARA RENOVAR A ALIANÇA COM O SENHOR.

1 No sétimo ano, cheio Jojada de intrepidez, tomou consigo os centuriões, a saber, Azarias filho de Jeroão, e Ismael filho de João, e Azarias filho de Obed, e Maasias filho de Adaia, e Elisafat filho de Zecri: E concertou-se com êles.

2 Os quais tendo decorrido por Judá, congregaram os levitas de tôdas as cidades de Judá e os chefes das famílias de Israel, e vieram para Jerusalém.

3 Tôda esta multidão pois fêz na casa de Deus um ajuste com o rei: E Jojada lhes disse: Eis-aqui o

(2) **NA CÂMARA DOS LEITOS** — Os aposentos onde se recolhiam os sacerdotes e levitas, que ali ficavam.

filho do rei que deve reinar, segundo o que o Senhor disse a favor dos descendentes de Davi.

4 Eis-aqui logo o que vós deveis fazer:

5 A têrça parte de vós, sacerdotes e levitas, e porteiros, que entraís de semana no Templo, estará nas portas: E a outra têrça parte se porá junto ao palácio do rei: E a outra têrça à porta, que se chama do fundamento: E todo o resto do povo estará nos átrios da casa do Senhor. (1)

6 Nenhum outro entre na casa do Senhor, senão os sacerdotes, e os levitas que estão em serviço: Êstes sòmente entrem, porque estão santificados: E todo o resto do povo esteja guardando a porta da casa do Senhor.

7 Mas os levitas rodearão o rei, tendo cada um as suas armas: (E se algum outro entrar no templo, seja morto) e acompanhem o rei, quando êle entrar ou quando êle sair.

8 Os levitas pois, e todo o Judá executaram tudo o que o pontífice Jojada lhes havia ordenado: E tomou cada um aos que tinha às suas ordens, e entravam por turno de semana, com os que o tinham já cumprido, e deviam sair: O pontífice Jojada não tinha permitido que se retirassem as turmas, que costumavam suceder umas às outras tôdas as semanas.

9 E o sumo sacerdote Jojada deu aos centuriões as lanças, e os escudos e broquéis do rei Davi, os quais tinha consagrado na casa do Senhor.

10 E dispôs todo o povo armado de espadas na mão desde o lado direito do templo até o lado esquerdo do templo, diante do altar e do templo, ao redor do rei.

(1) **DO FUNDAMENTO** — A porta mais baixa do Templo, que ficava na ladeira por onde se ia para o palácio real.

2 Paralipômenos 23, 11-16

11 E trouxeram o filho do rei, e lhe puseram a coroa na cabeça, e o testemunho e lhe deram a lei, para que a tivesse na sua mão, e o declararam rei e o pontífice Jojada assistido de seus filhos o ungiu: E o aclamaram, e disseram: Viva o rei, (2)

12 O que tendo Atália ouvido, isto é, a voz dos que corriam e abençoavam o rei, se apresentou ao povo no templo do Senhor.

13 E como ela viu o rei pôsto em pé sobre um estrado à entrada, e os príncipes, e as tropas ao redor dêle, e todo o povo da terra muito alegre, tocando as trombetas, e cantando ao som de tôda a casta de instrumentos, e as vozes dos que o aclamavam, rasgou os seus vestidos, e disse: Traição, traição.

14 Então o pontífice Jojada chegando-se aos centuriões, e aos chefes do exército, lhes disse: Tirai-a para fora do recinto do templo, e lá fora matai-a. E mandou o sumo sacerdote que não fôsse morta na casa do Senhor.

15 E agarraram-a pelo pescoço: E quando ela tinha entrado a porta dos cavalos da casa do rei, ali a mataram.

16 E fêz Jojada aliança entre si, e o povo todo e o rei, para serem o povo do Senhor. (3)

(2) **E O TESTEMUNHO** — E' o livro da lei, certamente o Dt, mas o hebreu *heduth* também significa ornamento, e por isso Carriêres verteu o texto hebraico desta forma: "Depois trouxeram o filho do rei, e lhe puseram a coroa na cabeça. Eles o vestiram dos ornamentos da sua dignidade, puseram-lhe na mão o livro da lei e o declararam rei."

ASSISTIDO DOS SEUS FILHOS — Dos quais o principal era Zacarias.

O UNGIU — Depois de Salomão não se ungiam os seus sucessores; Joás foi ungido por causa de Atália.

(3) **ALIANÇA** — Este pacto foi duplo, entre Deus e o povo

17 Assim que todo o povo entrou no templo de Baal, e o destruíram: E quebraram os seus altares e simulacros: Mataram também a Matan sacerdote de Baal diante dos altares.

18 E estabeleceu Jojada oficiais para a guarda do templo do Senhor, subordinados aos sacerdotes e aos levitas, segundo a distribuição que dêles tinha feito Davi na casa do Senhor: Para oferecerem holocaustos ao Senhor, como está escrito na lei de Moisés, com alegria e com cânticos, segundo a determinação de Davi.

19 Pôs também porteiros às portas da casa do Senhor, para nela não entrar imundo algum, por qualquer causa que fôsse.

20 E tomou os centuriões, e os homens de maior valor, e os primeiros do povo, e tôda a gente do país, e fizeram descer o rei da casa do Senhor, e fizeram-no entrar por meio da porta superior para o palácio do rei, e puseram-no sôbre o trono real. (4)

21 E todo o povo da terra se alegrou, e a cidade ficou em paz: E Atália foi morta à espada.

CAPÍTULO 24

PIEIDADE DE JOÁS. ÊLE FAZ REPARAR A CASA DO SENHOR. DEPOIS ABANDONA O CULTO DO VERDADEIRO DEUS, E MANDA APEDREJAR A ZACARIAS. POR ÚLTIMO E' ASSASSINADO. SUCEDE-LHE AMASIAS.

1 Joás era de sete anos quando começou a reinar: E reinou quarenta anos em Jerusalém; sua mãe chamava-se Sebia de Bersabée.

para que êste renunciasse à idolatria que abraçara, e entre o rei e o povo.

(4) **PORTA SUPERIOR** — Isto é, a porta principal, que era guardada pelos satélites e cursores do rei.

2 Paralipômenos 24, 2-11

2 E fêz o que era bom aos olhos do Senhor todo o tempo que viveu o pontífice Jojada.

3 E Jojada o fêz casar com duas mulheres, da quais teve filhos e filhas.

4 Depois disto projetou Joás o reparar a casa do Senhor.

5 E fêz ajuntar os sacerdotes, e os levitas, e lhes disse: Saí por tôdas as cidades de Judá, e cobrai de todo o Israel o dinheiro, para a reparação do templo do vosso Deus, todos os anos, e fazei isto com tôda a diligência: Mas os levitas houveram-se com negligência.

6 Mandou pois o rei chamar o pontífice Jojada, e lhe disse: Por que não tiveste tu cuidado de obrigar os levitas a trazerem de Judá e de Jerusalém o dinheiro, que foi determinado por Moisés servo do Senhor, com que contribuísse todo o povo de Israel para o tabernáculo do testemunho?

7 Porque a impiíssima Atália, e seus filhos tinham destruído a casa de Deus, e com tudo o que tinha sido consagrado no templo do Senhor ornaram o templo de Baal.

8 Mandou pois o rei, que fizessem um cofre: E puseram-no junto da porta da casa do Senhor da parte de fora.

9 E publicou-se em Judá e em Jerusalém, que cada um viesse trazer ao Senhor a contribuição que Moisés servo de Deus tinha disposto sôbre todo o Israel no deserto.

10 E alegraram-se todos os príncipes, e todo o povo e concorrendo lançaram no cofre do Senhor o dinheiro: E tanto lançaram que ficou cheio.

11 E quando era tempo de levar êste cofre à presença do rei por mãos dos levitas (porque eles viam que havia muito dinheiro) entrava o escrivão do rei com aquêle, que o sumo pontífice tinha designado, e

despejavam o dinheiro que havia no cofre: Depois tornavam a levar o cofre para o seu lugar: E assim o faziam todos os dias, e com isto se recolheu uma imensa quantia de dinheiro.

12 A qual o rei e Jojada deram aos inspetores das obras da casa do Senhor: E êles pagavam com êle aos canteiros e aos artífices de cada uma das obras, para se reparar a casa do Senhor: E aos oficiais que trabalhavam em ferro e em bronze, para se segurar o que ameaçava ruína.

13 E êstes obreiros trabalhavam com muita indústria, e por suas mãos cerraram as fendas das paredes, e restituíram a casa do Senhor ao seu antigo estado, e fizeram com que ficasse firme.

14 E depois que tiveram feitas tôdas as obras, levaram ao rei, e a Jojada o remanescente do dinheiro: E dêle se fizeram os vasos para o ministério do templo, e para os holocaustos, e copos, e outros vasos de ouro e prata: E ofereciam-se continuamente holocaustos na casa do Senhor durante tôda a vida de Jojada.

15 Mas Jojada envelheceu, e cheio de dias morreu, tendo de idade cento e trinta anos: (1)

16 e sepultaram-no com os reis na cidade de Davi, por êle ter feito bem a Israel, e à sua casa.

17 Depois que Jojada morreu, entraram os príncipes de Judá, e prestaram ao rei grandes obséquios, o qual atraído das suas lisonjas, conveio com êles. (2)

18 E abandonaram o Templo do Senhor Deus de seus pais, e serviram aos bosques, e às estátuas, e êste

(1) **CHEIO DE DIAS** — Quando não desejava viver mais. No hebreu está saturado de dias, que exprime bem esta idéia de "farto de viver".

(2) **CONVEIO COM ÊLES** — Isto é, permitiu-lhes que renovassem o culto de Baal.

2 Paralipômenos 24, 19-24

pecado chamou pela ira do Senhor contra Judá e contra Jerusalém. (3)

19 E lhes enviava profetas que os fizessem tornar para o Senhor, os quais por mais que protestassem, êles lhes não queriam dar ouvidos.

20 O Espírito de Deus pois encheu o sumo sacerdote Zacarias filho de Jojada, e êle se apresentou diante do povo, e lhe disse: Eis-aqui o que diz o Senhor Deus: Por que violais vós os preceitos do Senhor, o que vos não será de proveito, e por que abandonastes vós o Senhor para êle vos abandonar?

21 Êles congregando-se contra êle, o apedrejaram no átrio da casa do Senhor, conforme a ordem do rei.

22 E o rei Joás não se lembrou da misericórdia, que Jojada pai de Zacarias tinha usado com êle, mas matou-lhe seu filho. O qual quando expirava disse: O Senhor o veja, e lhe peça contas. (4)

23 E no cabo dum ano, veio o exército da Síria contra Joás: E veio a Judá e a Jerusalém, e matou a todos os príncipes do povo, e remeteu ao rei a Damasco tôda a prêsa.

24 E é certo que tendo vindo os siros em mui pequeno número, o Senhor lhes entregou nas suas mãos uma multidão infinita, porque êles tinham deixado o

(3) **AOS BOSQUES** — Que eram consagrados aos falsos deuses, e aos ídolos que ali eram adorados.

(4) **O SENHOR O VEJA** — O sentido é este: veja, e vingue a minha inocência, a impiedade e ingratidão do rei. Zacarias não dizia isto por desejo de vingança, mas pelo zelo que tinha de justiça, e culto do verdadeiro Deus, e como advertência profética que dá a este rei dos castigos que vemos verificados nos versículos seguintes: *Non imprecaturis ex privato appetitu vindictae, sed zele et amore justitiæ, sicut Apostolus 2 Tim IV. Lapide.*

Senhor Deus de seus pais: E ao mesmo Joás trataram ignominiosamente.

25 E retirando-se o deixaram em grandes dores: E seus servos se levantaram contra ele para vingarem o sangue do filho do pontífice Jojada, e o assassinaram no seu leito, e morreu: E sepultaram-no na cidade de Davi, mas não no jazigo dos reis.

26 Os que conspiraram contra ele foram Zabad filho de Semaat amonita, e Josabad filho de Semarit moabita.

27 E os seus filhos, e a soma de dinheiro, que se ajuntou em seu tempo, e o restabelecimento da casa de Deus acham-se escritos com maior diligência nos livros dos reis: E reinou em seu lugar seu filho Amasias.

CAPÍTULO 25

AMASIAS TOMA A SEU SÓLDO TROPAS DO REI DE ISRAEL.
DESBARATA OS IDUMEUS. E' VENCIDO PELOS REIS DE
ISRAEL. E' MORTO PELOS SEUS PRÓPRIOS VASSALOS.

1 Amasias tinha vinte e cinco anos quando começou a reinar, e reinou vinte e nove anos em Jerusalém; sua mãe chamava-se Joadan de Jerusalém.

2 E fez o bem na presença do Senhor: Mas não com um coração perfeito. (1)

3 E como visse o seu império seguro, mandou matar os servos que tinham assassinado o rei seu pai, (2)

(1) **FEZ O BEM** — Isto é, serviu ao Senhor, abraçando e promovendo o exercício da verdadeira religião.

(2) **MANDOU MATAR** — Entendem os intérpretes ser justo este procedimento, porque castigara uma injustiça e porque eles (os servos) não tinham autoridade para matar o rei. Recte. Nam etsi Joas, respectu Dei, justas poenas impletatis dederat; tamen ipsi percussores non habuerunt justas causas trucidandi Regis sui. Non habebant illi auctoritatem occidendi Regem.

2 Paralipômenos 25, 4,11

4 mas não mandou matar os filhos dêles, como está escrito no livro da lei de Moisés, onde o Senhor pôs êste preceito, dizendo: Não serão mortos os pais pelos filhos, nem os filhos por seus pais, mas cada qual morrerá pelo seu delito.

5 Amasias pois congregou todo o Judá, e o distribuiu por famílias, e por tribunos, e por centuriões, em todo o Judá, e Benjamim: E alistou desde vinte anos e para cima, e achou trezentos mil mancebos, que podiam ir à guerra, e levar lança e escudo.

6 Tomou também a sôlido cem mil homens robustos do reino de Israel, por cem talentos de prata.

7 Mas veio ter com êle um homem de Deus, e lhe disse: O' rei, não marche o exército de Israel contigo: Porque o Senhor não é com Israel, nem com todos os filhos de Efraim: (3)

8 Se tu imaginas que o successo da guerra depende da fôrça do exército, Deus fará que tu sejas vencido pelos inimigos: Porque só Deus pode socorrer, e pôr em fuga.

9 E disse Amasias ao homem de Deus: Que será logo feito de cem talentos que eu dei aos soldados de Israel? E o homem de Deus lhe respondeu: Assaz Deus tem de onde te pode dar muito mais do que isso.

10 Assim Amasias separou o exército, que lhe tinha vindo de Efraim, para que voltasse para a sua terra: Êles em extremo irritados contra Judá voltaram para o seu país.

11 E Amasias cheio de confiança fêz marchar o seu povo, e foi até o Vale das Salinas, e derrotou dez mil dos filhos de Seir.

(3) **UM HOMEM DE DEUS** — Segundo a tradição judaica e cristã foi Amós, pai de Isafas, irmão do mesmo rei.

12 E os filhos de Judá fizeram prisioneiros a outros dez mil homens, e tendo-os levado ao escarpado dum rochedo, os precipitaram do alto a baixo, e todos êles arrebrandaram.

13 Porém aquêlê exército, que Amasias tinha recambiado para não vir à guerra com êle, espalhou-se pelas cidades de Judá desde Samaria até Betoron, e depois de ter morto a três mil homens fêz uma grande prêsa.

14 E Amasias depois da matança dos idumeus, e depois de ter trazido os deuses dos filhos de Seir, fêz dêles seus próprios deuses, e os adorava, e lhes oferecia incenso.

15 Portanto, irritado o Senhor contra Amasias, lhe enviou um profeta, que lhe disse: Por que adoraste tu deuses, que não livraram seu povo de tuas mãos?

16 E dizendo-lhe isto o profeta, êle respondeu: Acaso és tu o conselheiro do rei? Cala-te, não te custe o contrário a vida. E retirando-se o profeta, disse: Eu sei que Deus tem decretado a tua morte, por teres feito êste mal, e sôbre isto não deste ouvidos ao meu conselho. (4)

17 Amasias pois rei de Judá tomando uma péssima resolução, mandou dizer a Joás filho de Joacaz, filho de Jeú, rei de Israel: Vem, vejamo-nos um ao outro.

18 Mas êste lhe tornou a mandar os mensageiros, dizendo: O cardo, que está no Líbano, mandou dizer ao cedro do Líbano: Dá a tua filha por mulher ao meu filho: Eis senão quando as bêstas que estavam no bosque do Líbano, passaram e pisaram o cardo.

19 Tu disseste: Eu desbaratei a Edom, e por isso

(4) EU SEI — Amasias sobreviveu a Joás quinze anos e morreu de morte violenta; veja-se o v. 27 dêste capítulo.

2 Paralipômenos 25, 20-27

teu coração se ensoberbeceu: Deixa-te estar em tua casa; por que buscas a desgraça contra ti para pereceres tu, e Judá contigo? (5)

20 Não o quis Amasias ouvir, porque era vontade do Senhor entregá-lo nas mãos dos inimigos por causa dos deuses de Edom. (6)

21 Saiu pois Joás rei de Israel em marcha, e puseram-se os exércitos à vista um do outro: E Amasias rei de Judá estava acampado em Betsames de Judá:

22 E Judá caiu diante de Israel, e fugiu para as suas tendas.

23 Enfim Joás rei de Israel apanhou a Amasias rei de Judá, filho de Joás, filho de Joacaz em Betsames, e o levou a Jerusalém: E derribou o muro da cidade desde a porta de Efraim até à porta do ângulo quatrocentos côvados.

24 E trouxe para Samaria todo o ouro, e prata, e todos os vasos, que achou na casa de Deus, e na de Obedom, e nos tesouros da casa real, e assim mesmo os filhos dos que estavam em reféns. (7)

25 E Amasias filho do rei Joás, rei de Judá, viveu quinze anos depois da morte de Joás, filho de Joacaz, rei de Israel.

26 E o resto das ações de Amasias tanto as primeiras como as últimas estão escritas nos livros dos reis de Judá e de Israel.

27 E depois que este príncipe abandonou o Senhor, armaram uma conjuração contra ele em Jeru-

(5) **DISSESTE** — Isto é, pensaste contigo.

(6) **NAO O QUIS AMASIAS OUVIR** — A propósito desta passagem cita Grotio: *Quos Deus vult perdere, eis mentem excaecat.*

(7) **NA DE OBEDEDOM** — Isto é, na dos seus descendentes, que tinham sido escolhidos para tesoureiros do Templo 1 Par 26, 15 e 20.

salém. E tendo fugido para Laquis, os conjurados mandaram homens, e êstes o mataram aí.

28 E trazendo-o sôbre uns cavalos, o enterraram com os seus maiores na cidade de Davi. (8)

CAPÍTULO 26

OZIAS SUCEDE A AMASIAS. PIEDADE DESTES PRÍNCIPE. GUERRA CONTRA OS FILISTEUS, ÁRABES, E AMONITAS. NÚMERO DAS TROPAS DE OZIAS. ÊLE LANÇA A MÃO AO TURIBULO, E E' POR ISSO FERIDO DE LEPRO. JOATÃO REINA EM SEU LUGAR.

1 Todo o povo de Judá constituiu rei a seu filho Ozias em idade de dezesseis anos, em lugar de Amasias seu pai. (1)

2 E reedificou a Ailat, e a restituiu ao domínio de Judá depois que o rei adormeceu com seus pais.

3 Tinha Ozias dezesseis anos quando começou a reinar, e reinou cinqüenta e dois anos em Jerusalém; sua mãe chamava-se Jequelia de Jerusalém.

4 E êle fêz o que era reto aos olhos do Senhor conforme tudo o que tinha feito Amasias seu pai.

5 E buscou o Senhor enquanto viveu Zacarias homem inteligente e profeta de Deus: E como êle buscava o Senhor, o Senhor o dirigiu em tudo.

6 Enfim êle se pôs em campanha, e fêz guerra aos filisteus e destruiu os muros de Get, e os muros de Jabnia, e os muros de Azoto: Edificou também praças fortes em Azoto, e nas terras dos filisteus.

7 E Deus o ajudou contra os filisteus, e contra os

(8) **SÔBRE UNS CAVALOS** — Sôbre um carro puxado por cavalos. Idest, super curru quem trahebant equi. Vatablo.

(1) **OZIAS** — Também chamado Azarias, como se vê no 4 Rs 14, 21, foi aliado do rei de Hamat, contra o assírio.

2 Paralipômenos 26, 8-15

árabes, que habitavam em Gurbaal, e contra os amonitas. (2)

8 E os amonitas pagavam tributos a Ozias: E a sua reputação se difundiu até o Egito por causa das suas freqüentes vitórias.

9 E levantou Ozias tôrres em Jerusalém sôbre a porta do ângulo, e sôbre a porta do vale, e outras mais no mesmo lanço do muro, e fortificou-as.

10 Edificou também tôrres no deserto, e mandou abrir muitas cisternas, porque tinha muito gado, assim nos campos, como pelo vasto ermo: Tinha também vinhas e vinhateiros nos montes, e no Carmelo: Porque era homem afeiçoado à agricultura.

11 E o exército dos seus guerreiros, que saíam à campanha estava debaixo do mando de Jeiel secretário, e de Maasias doutor da lei, e debaixo do mando de Hananias, que era um dos generais do rei.

12 E todo o número dos príncipes das famílias dos homens de valor, montava a dois mil e seiscentos.

13 E estava debaixo das suas ordens o exército, que era de trezentos e sete mil e quinhentos soldados: Os quais eram gente guerreira, e pelejavam pelo rei contra os inimigos.

14 E Ozias os proveu, isto é, a todo o exército, de escudos, e de lanças, e de capacetes, e de couraças, e de arcos, e de fundas para atirar pedras.

15 E mandou fazer em Jerusalém tôda a casta de máquinas, as quais mandou pôr nas tôrres, e nos cantos das muralhas, para se arrojarem flechas, e grossas pedras: E a fama do seu nome voou até muito longe, porque o Senhor o auxiliava, e o fortalecia.

(2) GURBAAL — Segundo S. Jerônimo, citado pelo padre Pereira e Gesare.

16 Mas tendo chegado a tanto poder, o seu coração se elevou de soberba para ruína sua: E desprezou o Senhor seu Deus: E tendo entrado no templo do Senhor, quis oferecer incenso sôbre o Altar dos perfumes. (3)

17 E entrou logo após êle o pontífice Azarias, e com êle oitenta sacerdotes do Senhor, homens da maior firmeza,

18 e se opuseram ao rei, e disseram: A ti, Ozias, não é que pertence o queimar incenso ao Senhor, mas aos sacerdotes, isto é, aos filhos de Aarão, que foram consagrados para êste ministério: Sai do santuário, não queiras fazer êste desprêzo: Porque esta ação não te será reputada em glória pelo Senhor Deus. (4)

19 E Ozias irado, tendo na mão o turíbulo para oferecer incenso, ameaçou os sacerdotes. E no mesmo ponto lhe nasceu lepra na testa em presença dos sacerdotes, no templo do Senhor, junto do altar dos perfumes.

20 E como o pontífice Azarias, e todos os outros sacerdotes pusessem nêle os olhos, viram a lepra na sua testa, e sem mais detença o lançaram fora. E êle mesmo

(3) **QUIS OFERECER INCENSO** — Quis usurpar as funções sacerdotais. Ao príncipe cumpre cuidar e zelar dos interesses de Deus, em tudo o que se refere ao culto e a fazer respeitar a verdadeira religião pelo seu povo; não lhe é permitido porém intrometer-se nos atos cultuais, arrogando-se o direito de exercer funções, que por instituição divina são privativas do sacerdócio; êste sacrilégio sempre foi condenado nos livros santos.

(4) **NÃO É QUE PERTENCE** — Admirável exemplo de santa energia e louvável desassombro de sacerdócio da velha lei, expulsando do santuário o príncipe intruso, que abusivamente usurpa funções sacerdotais... Aqui já está condenado o regalismo, que confere ao padroeiro pretendidos direitos de intervir e legislar nas cerimônias religiosas, com desprêzo das leis da Igreja.

2 Paralipômenos 26, 21-23; 27, 1-2

passado de medo, deu pressa a sair, porque logo sentiu a praga com que o Senhor o tinha ferido. (5)

21 O rei Ozias pois foi leproso até o dia da sua morte, e morou numa casa separada, cheio de lepra, por amor da qual tinha sido lançado fora da casa do Senhor. Joatão seu filho governava a casa do rei, e fazia justiça ao povo da terra.

22 O resto das ações de Ozias assim das primeiras como das últimas foi escrito pelo profeta Isaías, filho de Amós.

23 E Ozias adormeceu com seus pais, e foi enterado no campo dos sepulcros dos reis, porque era leproso: E em seu lugar reinou seu filho Joatão.

CAPÍTULO 27

PIEDADE DE JOATÃO. VITÓRIA QUE ALCANÇA DOS AMONITAS. SUCEDE-LHE ACAZ.

1 Joatão era de vinte e cinco anos quando começou a reinar, e reinou dezesseis anos em Jerusalém: Sua mãe chamava-se Jerusa filha de Sadoc.

2 E êle fêz o que era reto diante do Senhor conforme tudo o que havia feito Ozias seu pai, exceto que não entrou no templo do Senhor, e ainda o povo prosseguia a delinqüir. (1)

(5) **O LANÇARAM FORA** — Por causa da lepra, em obediência à lei de Moisés. Mas esta lepra já de si era o castigo de Deus pelo seu sacrilégio. E aqui está também, em que pese aos regalistas, conferido o direito de separar do grêmio da Igreja os que sobre ela exercem violências, sobretudo abusando da sua autoridade.

(1) **QUE NÃO ENTROU NO TEMPLO** — Entende-se desta sorte: não pretendeu usurpar as funções sacerdotais, como fizera Ozias seu pai.

3 Ele edificou a porta grande da casa do Senhor, e mandou fazer muitas obras sobre o muro de Ofel. (2)

4 Mandou também fundar cidades nos montes de Judá, e castelos, e tôrres nos bosques.

5 O mesmo fêz guerra ao rei dos amonitas, e os venceu, e por êsse tempo lhe deram os filhos de Amon cem talentos de prata, e dez mil coros de trigo, e outros tantos de cevada: Isto lhe deram os filhos de Amon no segundo e tercciro ano.

6 E Joatão se fêz pujante, porque tinha dirigido os seus caminhos na presença do Senhor seu Deus.

7 Mas o resto das ações de Joatão, e tôdas as suas guerras, e emprêsas, estão escritas no livro dos reis de Israel e de Judá.

8 E ele tinha vinte e cinco anos quando entrou a reinar, e reinou dezesseis anos em Jerusalém.

9 E adormeceu Joatão com seus pais e enterraram-no na cidade de Davi: E em lugar dêle reinou seu filho Acaz.

CAPÍTULO 28

IMPIEDADE DE ACAZ. OS SÍRIOS E OS ISRAELITAS ASSOLAM O REINO DE JUDÁ. UM PROFETA OBRIGA OS ISRAELITAS A REMETER OS CATIVOS DE JUDÁ. OS ASSÍRIOS MARCHAM CONTRA ACAZ. ESTE MORRE. SUCEDE-LHE EZEQUIAS.

1 Acaz tinha vinte anos quando começou a reinar e reinou dezesseis anos em Jerusalém: Ele não fêz o que era reto na presença do Senhor como Davi seu pai:

2 Mas andou pelos caminhos dos reis de Israel e até mandou fundir estátuas a Baal.

3 Ele foi o que ofereceu incenso no Vale de Bene-

(2) **PORTA GRANDE** — Ficava do lado oriental.

2 Paralipômenos 28, 4-9

nom, e o que fêz passar seus filhos pelo fogo, segundo o rito das ações, que o Senhor destruiu na chegada dos filhos de Israel.

4 E sacrificava, e queimava perfumes nos altos e nos outeiros, e debaixo de tôdas as árvores frondosas.

5 E o Senhor seu Deus o entregou nas mãos do rei da Síria, que o desbaratou, e que levou para Damasco uma grande prêsa do seu domínio: Entregou-o também nas mãos do rei de Israel, e foi ferido de uma grande calamidade.

6 Porque Facéia, filho de Romélia, matou os cento e vinte mil homens de Judá num só dia, todos homens guerreiros: Porque êles tinham abandonado o Senhor Deus de seus pais. (1)

7 No mesmo tempo Zecri, homem poderoso de Efraim, matou a Maasias filho do rei, e a Ezrica mordomo-mor da sua casa, e a Elcanão o segundo abaixo do rei.

8 E os filhos de Israel fizeram cativos duzentos mil, de seus irmãos, mulheres, meninos, e meninas, e um grande esbulho: E os levaram para Samaria.

9 Achava-se então lá um profeta do Senhor, por nome Oded: O qual saindo ao encontro ao exército que

(1) **FACÉIA** — Aliou-se com Rasín, rei de Damasco, formando ambos o plano da destruição de Judá, que seria dividida entre êles. No fim do reinado de Joatão, filho de Ozias, começou a Judéa a sentir os perniciosos efeitos desta terrível aliança. E' claro que compreenderam a situação em que se encontrava Acáz: novo, inexperiente, fraco e sem caráter, tendo de lutar ao norte com os reis confederados da Síria e de Israel, a oeste com os filisteus, ao sul com os idumeus, o novo monarca estava na mais crítica posição; conhecedores disto puseram o cerco a Jerusalém.

CENTO E VINTE MIL HOMENS — E' considerável esta soma, que bem se pode atribuir a erro de copista. Cfr. Manuel Biblique, de Bacuez e Vigouroux, 9.^a ed., t. II, n.º 507, pág. 144.

vinha para Samaria, lhes disse: Vós vêdes que o Senhor Deus de vossos pais, irado contra Judá, vo-los entregou às mãos, e vós os matastes desumanissimamente, de sorte que a vossa crueldade chegou até ao céu.

10 Além disto quereis ainda sujeitar os filhos de Judá, e de Jerusalém, para serem escravos e escravas: O que vós não deveis fazer: Porque nisso pecastes vós contra o Senhor vosso Deus.

11 Mas ouvi o meu conselho, e reconduzi os cativos, que vós trouxestes de entre vossos irmãos, porque um grande furor do Senhor está a descarregar sobre vós.

12 Assim alguns dos príncipes dos filhos de Efraim, a saber, Azarias filho de Joanan, Baraquias filho de Mosolamot, Ezequias filho de Selum, e Amasa filho de Adali se puseram diante dos que voltavam da batalha,

13 e lhes disseram: Não introduzais aqui os cativos, não suceda que pequemos contra o Senhor: Por que quereis vós ajuntar novos pecados aos que já temos cometido, e acumulá-los aos antigos delitos? Porque é um grande pecado, e a ira do furor do Senhor está a descarregar sobre Israel.

14 E aquêles homens guerreiros deixaram a presa, e tudo o que tinham tomado, diante dos príncipes, e de toda a multidão.

15 E os sujeitos, de que falamos acima, pararam, e pegando nos cativos, e em todos os que estavam nus, vestiram-nos dos despojos: E depois de os vestirem, e calçarem, e de os refazerem de comer e de beber, de os ungirem para os aliviarem do cansaço, e cuidarem dêles: A todos os que não podiam andar, e eram fracos do corpo, os puseram em bēstas, e os levaram a Jericó, cidade das Palmeiras, a seus irmãos, e eles voltaram para Samaria.

2 Paralipômenos 28, 16-25

16 Neste tempo o rei Acaz mandou pedir socorro ao rei dos assírios.

17 E vieram os idumeus, e mataram a muitos de Judá, e tomaram uma grande prêsa.

18 Os filisteus também se espalharam pelas cidades campestres, e ao Meio-dia de Judá, e tomaram a Betsames, e Aialon, e Gaderot, e Soco, e Tamnan, e Gamzo, com as suas aldeias, e estabeleceram-se nelas.

19 O Senhor pois tinha humilhado a Judá por causa de Acaz rei de Judá, porque o tinha despojado de socorro, e porque havia desprezado o Senhor.

20 Fêz o Senhor também vir contra êle a Telgath-falnasar rei dos assírios, que também o bateu, e destruiu sem resistência alguma. (2)

21 Acaz pois, despojada a casa do Senhor, e o palácio dos reis, e dos príncipes, presenteou ao rei dos assírios, e todavia lhe não serviu de nada.

22 Além disto ainda no tempo da sua maior aflicção, aumentou o desprêzo contra o Senhor; o rei Acaz, por si mesmo,

23 imolou vítimas aos deuses de Damasco, como autores das suas desgraças, e disse: Os deuses do rei da Síria dão socorro a êstes, a quem eu farei favoráveis com os sacrifícios, e êles me assistirão, quando pelo contrário êles foram a sua ruína, e de todo o Israel.

24 Acaz pois, tendo tomado, e feito em pedaços todos os vasos da casa de Deus, fechou as portas do templo de Deus, e mandou levantar altares a si em tôdas as praças de Jerusalém.

25 Levantou também altares em tôdas as cidades

(2) **TELGATFALNASAR** — Há uma inscrição assíria, cuja data é provavelmente 734-732 A. C., que se refere a' este fato praticado por este rei. Smith, *The Assyrian E. Canon*, pag. 121.

de Judá para oferecer incenso, e provocou a ira do Senhor Deus de seus pais.

26 O resto das suas ações, e de todo o seu procedimento, desde o princípio até ao fim está escrito no livro dos reis de Judá e de Israel.

27 E Acaz adormeceu com seus pais, e o enterraram na cidade de Jerusalém: Mas não o puseram no jazigo dos reis de Israel, e em lugar dêle reinou seu filho Ezequias.

CAPÍTULO 29

**EZEQUIAS FAZ ABRIR E PURIFICAR O TEMPLO, E RESTA-
BELECE O CULTO DO SENHOR.**

1 Ezequias pois começou a reinar, tendo de idade vinte e cinco anos, e reinou vinte e nove em Jerusalém: Sua mãe chamava-se Abia, filha de Zacarias. (1)

2 E êle fêz o que era agradável aos olhos do Senhor, conforme tudo o que tinha feito Davi seu pai.

3 No primeiro ano, e mês do seu reinado, êle fêz abrir as portas da casa do Senhor, e as refez de novo:

4 Fêz também vir os sacerdotes e os levitas, e ajuntou-os na praça do Oriente.

5 E lhes disse: Ouvi-me levitas, e purificai-vos, limpai a casa do Senhor Deus de vossos pais, e tirai do Santuário tôda a imundície.

(1) **EZEQUIAS** — Iniciou o seu reinado numa situação sobremaneira melindrosa. Contemporâneo de Salmanazar IV, viu o cerco de Samaria, a ruína das dez tribos, a sorte do Egito, e do rei de Gaza, a tomada de Azot, etc. Porém era um rei piedoso; em Deus punha tôda a sua confiança; a sua fé era ardente e a sua esperança firme; mais do que qualquer auxílio terreno, procurava a mais estrita observância da lei, e a todos os cálculos políticos preferia o cumprimento do dever.

2 Paralipômenos 29, 6-13

6 Nossos pais pecaram, e cometeram o mal diante do Senhor nosso Deus, abandonando-o: Apartaram os seus rostos do tabernáculo do Senhor, e deram-lhe as costas.

7 Fecharam as portas que havia no pórtico, e apagaram as lâmpadas, e não queimaram incenso, e não ofereceram holocaustos no santuário ao Deus de Israel.

8 Assim a ira do Senhor se inflamou contra Judá e Jerusalém, e ele os entregou à turbação, e à ruína, e aos assobios, como vós mesmos o estais vendo com os vossos olhos. (2)

9 Reparai, que nossos pais pereceram à espada, e que nossos filhos, e nossas filhas, e nossas mulheres foram levadas cativas em pena de tão grande crime.

10 Eu sou logo de parecer que renovemos a aliança com o Senhor Deus de Israel, e ele apartará de cima de nós o furor da sua ira.

11 Filhos meus, não sejais negligentes: O Senhor escolheu-vos para estardes em sua presença, e para o servirdes, e para lhe dardes culto, e para lhe queimardes incenso. (3)

12 Levantaram-se pois os levitas: Dentre os descendentes de Caat, Maat filho de Amasai, e Joel filho de Azarias: E dos descendentes de Merari, Cis filho de Abdi, e Azarias filho de Jalaleel. E dos descendentes de Gérson, Joá filho de Zema, e Eden filho de Joá.

13 E dos descendentes de Elisafan, Samri, e Jaiel. E dos descendentes de Asaf, Zacarias, e Matanias:

(2) **AOS ASSOBIOS** — Aos escárnios e insultos dos inimigos.

(3) **NÃO SEJAIS NEGLIGENTES** — Incita o sacerdócio ao cumprimento dos seus sagrados deveres; daqui se vê a obrigação que o padroeiro tem de apresentar ao serviço do Senhor quem seja cumpridor de todos os deveres do seu cargo e capaz de dar honra e glória a Deus.

14 E dos descendentes de Eman, Jaiel, e Semei: E dos descendentes de Iditun, Semeias e Oziel.

15 E congregaram a seus irmãos, e se purificaram, e entraram segundo a ordem do rei e o mandamento do Senhor para purificarem a casa de Deus.

16 E tendo os sacerdotes entrado no templo do Senhor para o santificarem, tiraram para fora toda a imundície que acharam dentro no vestibulo da casa do Senhor, a qual tomaram os levitas, e a levaram fora à torrente do Cedron.

17 E começaram a limpar no primeiro dia do primeiro mês, e ao oitavo dia do mesmo mês entraram no pórtico do templo do Senhor, e no espaço de oito dias expiaram o templo: E no dia décimo sexto do mesmo mês acabaram o que tinham começado.

18 E foram ao palácio do rei Ezequias, e lhe disseram: Nós temos santificado toda a casa do Senhor, e o altar dos holocaustos, e os seus vasos, e assim mesmo a mesa da proposição com todos os seus vasos,

19 e todas as alfaias do templo, que o rei Acaz tinha profanado no seu reinado depois que prevaricou: E eis-aí está tudo exposto diante do altar do Senhor.

20 E o rei Ezequias, levantando-se de madrugada, convocou todos os príncipes da cidade, e subiu à casa do Senhor:

21 E todos ofereceram juntos sete touros, e sete carneiros, sete borregos, e sete bodes pelo pecado, pelo reino, e pelo santuário, e por Judá, e disse aos sacerdotes descendentes de Aarão que os oferecessem sobre o altar do Senhor.

22 Os sacerdotes pois imolaram os touros, e tomaram o sangue, e o derramaram sobre o altar, imolaram também os carneiros, e derramaram também o

2 Paralipômenos 29, 23-31

seu sangue sôbre o altar, e imolaram os borregos, e deramaram o sangue sôbre o altar.

23 E trouxeram diante do rei, e de tôda a multidão os bodes pelo pecado, e impuseram-lhes as suas mãos:

24 E os sacerdotes os imolaram, e derramaram o seu sangue diante do altar para expiação de todo o Israel: Porque tinha mandado o rei que se oferecesse o holocausto por todo o Israel, e pelo pecado.

25 Estabeleceu também os levitas na casa do Senhor com tímbores, e saltérios, e citaras, segundo o disposto do rei Davi, e de Gad Vidente, e de Natã profeta: Porque o Senhor assim o tinha ordenado pelo ministério dos seus profetas.

26 E os levitas se puseram em pé tendo os instrumentos de Davi, e os sacerdotes as trombetas.

27 E mandou Ezequias que oferecessem os holocaustos sôbre o altar: E quando se ofereciam os holocaustos, começaram êles a cantar louvores ao Senhor, e a tocar as trombetas, e a tanger os diversos instrumentos músicos, que Davi rei de Israel tinha disposto.

28 E enquanto todo o povo adorava, os cantores, e os que tinham as trombetas, cumpriam com o seu ministério, até que o holocausto se acabasse.

29 E finda que foi a oblação, prostrou-se o rei, e todos os que estavam com êle, e adoraram.

30 E Ezequias, e os senhores da côrte mandaram aos levitas, que cantassem os louvores a Deus pelas palavras de Davi, e do profeta Asaf: e êles o louvaram com grande alegria, e postos de joelhos o adoraram.

31 E a isto ajuntou Ezequias ainda o seguinte: Vós encheistes as vossas mãos para o Senhor, chegai-vos, e oferecei vítimas, e louvores na casa do Senhor. Ofereceu pois tôda a multidão hóstias, e louvores, e holocaustos com um espírito cheio de devoção.

32 E o número dos holocaustos, que a multidão ofereceu, foi este: Setenta touros, cem carneiros, e duzentos borregos.

33 Consagraram também ao Senhor seiscentos bois, e três mil ovelhas.

34 Os sacerdotes porém eram poucos, e não podiam bastar para esfolar as vítimas dos holocaustos: E por isso os levitas seus irmãos os ajudaram até se acabar o ministério, e se purificarem os prelados: Porque os levitas se purificavam com menos cerimônias do que os sacerdotes. (4)

35 Foram pois muitos os holocaustos, as banhas das hóstias pacíficas, e as libações dos holocaustos: E restabeleceu-se o culto da casa do Senhor.

36 E Ezequias, e todo o povo se alegrou, por se ter restituído o ministério do culto do Senhor. Porque êle quis que isto se fizesse de improviso. (5)

CAPÍTULO 30

EZEQUIAS CONVIDA ISRAEL E JUDÁ A QUE VENHAM A JERUSALÉM CELEBRAR A PASCOA. CELEBRAM-NA ELES COM GRANDE SOLENIDADE.

1 Enviou também Ezequias por todo o Israel e Judá e escreveu cartas aos de Efraim e de Manassés, para que viessem à casa do Senhor, em Jerusalém, e celebrassem a Páscoa ao Senhor Deus de Israel. (1)

(4) **ERAM POUCOS** — Depois da apostasia de Acáz tinham fugido os sacerdotes, vagueando pelos campos à fome e ao frio.

(5) **E TODO O POVO SE ALEGROU** — O povo crente entristeceu-se sempre com as perseguições religiosas e rejubila com a paz e restauração do culto.

(1) **POR TODO O ISRAEL** — As dez tribos,

2 Paralipômenos 30, 2-9

2 Tendo pois conselho o rei com os grandes, e com todo o povo em Jerusalém, determinaram celebrar a Páscoa no segundo mês. (2)

3 Porquanto a não tinham podido celebrar no seu tempo, porque não se tinham santificado sacerdotes que pudessem bastar, e porque não se tinha ainda ajuntado o povo em Jerusalém.

4 E tomou esta resolução o rei, e todo o povo.

5 E ordenaram que se mandassem mensageiros por todo o Israel desde Bersabée até Dan, para que viessem, e celebrassem a Páscoa do Senhor Deus de Israel em Jerusalém: Porque muitos a não tinham celebrado como estava prescrito pela lei.

6 E partiram os correios com as cartas por mandado do rei e dos seus grandes, para todo o Israel e Judá, conforme o que o rei tinha ordenado, publicando: Filhos de Israel, tornai para o Senhor Deus de Abraão, e de Isaac, e de Israel: E êle tornará para os restos, que escaparam da mão do rei dos assírios.

7 Não façais como vossos pais e irmãos, que se retiraram do Senhor Deus de seus pais, que os entregou à morte, como vós vêdes.

8 Não endureçais as vossas cervizes, como vossos pais: Dai as mãos ao Senhor, e vinde ao seu santuário, que êle santificou para sempre: Servi ao Senhor Deus de vossos pais, e se apartará de vós a ira do seu furor.

9 Porque se vós voltardes para o Senhor: Vossos

(2) **COM TODO O POVO** — Na Vulgata está *universi cœtus*, que se entende os membros do Sinédrio e do Senado urbano de Jerusalém, e das pessoas importantes vindas de outras partes.

NO SEGUNDO MÊS — Era uma prescrição legal, constante dos Núm 9, 10, 11, em virtude da qual os que não tinham podido celebrar a Páscoa no dia próprio, a celebrassem no segundo mês que corresponde ao nosso abril e maio.

irmãos e filhos acharão misericórdia diante de seus senhores, que os levaram cativos, e eles tornarão para esta terra: Porque o Senhor vosso Deus é piedoso e clemente, e não apartará de vós o seu rosto, se vós voltardes para êle.

10 Iam pois os correios a tôda a diligência, de cidade em cidade, por tôda a terra de Efraim, e de Manassés, até à de Zabulon: Zombando êstes dêles, e insultando-os com insolência.

11 Todavia alguns homens de Aser, e de Manassés, e de Zabulon, estando pelo conselho, vieram a Jerusalém.

12 Quanto porém a Judá, a mão do Senhor foi nêles dando-lhes um só coração, para cumprir a palavra do Senhor conforme a ordem do rei, e dos grandes.

13 E ajuntaram-se muitos povos em Jerusalém para celebrar a solenidade dos asmos, no segundo mês:

14 E, levantando-se, destruíram os altares, que havia em Jerusalém, e derribando tudo aquilo, em que se queimava incenso aos ídolos, o lançaram na torrente do Cedron. (3)

15 E imolaram a Páscoa no dia catorzeno do segundo mês. E os sacerdotes, e os levitas, que enfim se tinham santificado, ofereceram holocaustos na casa do Senhor.

16 E se puseram na sua ordem conforme a ordenança, e Lei de Moisés homem de Deus: E os sacerdotes recebiam da mão dos levitas o sangue que se havia de derramar,

17 por causa de que um crescido número não se tinha santificado: E por isso os levitas imolaram a Páscoa por aquêles que não tinham vindo para santificar-se ao Senhor.

(3) OS ALTARES — Dos ídolos, que tão criminosamente Acáz tinha mandado erigir em tôdas as praças de Jerusalém.

2 Paralipômenos 30, 18-24

18 E ainda uma grande parte do povo de Efraim, e de Manassés, e de Issacar, e de Zabulon, que se não tinha santificado, comeu a Páscoa, não segundo o que está escrito: Mas Ezequias fez oração por êles, dizendo: O Senhor, que é bom, será propício (4)

19 para todos os que buscam de todo o seu coração o Senhor Deus de seus pais: E êle lhes não imputará falta de não estarem bem purificados.

20 Ouviu-o o Senhor, e se mostrou favorável ao povo. (5)

21 E os filhos de Israel, que se acharam em Jerusalém, celebraram a solenidade dos asmos por sete dias com grande júbilo, louvando todos os dias o Senhor: E os levitas também, e os sacerdotes tocando os instrumentos, que correspondiam ao seu ofício.

22 E falou Ezequias ao coração de todos os levitas, que tinham boa inteligência nas coisas do Senhor: E comeram sete dias da solenidade, imolando vítimas pacíficas, e louvando ao Senhor Deus de seus pais.

23 E conveio tôda a multidão em que celebrasse ainda outros sete dias: O que êles também fizeram com um grande contentamento.

24 Porque Ezequias rei de Judá tinha dado à multidão mil touros, e sete mil ovelhas: E os grandes deram ao povo mil touros, e dez mil ovelhas: E assim um grande número de sacerdotes se purificou.

(4) **NÃO SEGUNDO O QUE ESTA ESCRITO** — Porque não estavam purificados. Ezequias apela para a bondade de Deus, vistas as presentes circunstâncias.

(5) **E SE MOSTROU FAVORÁVEL AO POVO** — No original hebraico está "e socorreu o povo", o que exprime melhor a idéia do que a Vulgata *Placatus est populo*. Quer dizer "o Senhor purificou-os da impureza em que se encontravam. *Virtute Spiritus me purificavit*. Junius.

25 E todo o povo de Judá, assim os sacerdotes e os levitas, como toda a multidão que viera de Israel se banhou de alegria: E os mesmos prosélitos da terra de Israel, e os que habitavam em Judá.

26 E fez-se uma grande solenidade em Jerusalém, qual não tinha havido naquela cidade desde o tempo de Salomão filho de Davi, rei de Israel.

27 Enfim os sacerdotes e os levitas se levantaram para abençoar o povo: E a sua voz foi ouvida: E a sua oração chegou até à santa morada do céu.

CAPÍTULO 31

OS ISRAELITAS QUEBRAM OS ÍDOLOS E DESTROEM OS SEUS ALTARES. OFERTAS DAS PRIMÍCIAS E DOS DÍZIMOS. REGULAMENTOS DO MINISTÉRIO DOS SACERDOTES E LEVITAS.

1 Feitas estas coisas segundo o rito, todos os israelitas, que se achavam nas cidades de Judá, saíram, e despedaçaram as estátuas, e talaram os bosques, demoliram os altos, e destruíram os altares, não só em toda a terra de Judá e de Benjamim, senão também na de Efraim e de Manassés, até os destruírem de todo: E voltaram todos os filhos de Israel para as suas possessões, e para as suas cidades.

2 Mas Ezequias restabeleceu as classes dos sacerdotes, e levitas segundo as suas divisões, a cada um no seu próprio officio, a saber, tanto dos sacerdotes como dos levitas, para os holocaustos e pacíficos, para servirem e louvarem a Deus, e cantarem às portas do arraial do Senhor. (1)

(1) **AS PORTAS DO ARRAIAL DO SENHOR** — As portas do Templo, ou melhor as portas do átrio, onde formavam os mi-

2 Paralipômenos 31, 3-10

3 E a parte, com que contribuía o rei, era que da sua própria fazenda se oferecesse o holocausto perpétuo da manhã e da tarde. Também dos sábados, e calendas, e mais festas solenes, como está escrito na lei de Moisés.

4 Mandou também ao povo que morava em Jerusalém que desse aos sacerdotes, e aos levitas as suas porções, para se poderem aplicar ao cumprimento da lei do Senhor. (2)

5 O que tendo chegado aos ouvidos do povo, os filhos de Israel ofereceram muitas primícias de trigo, de vinho, e de azeite, e de mel: E ofereceram o dízimo de tudo o que a terra produz.

6 E os filhos de Israel e de Judá, que moravam nas cidades de Judá, ofereceram também o dízimo dos bois e das ovelhas, e o dízimo das coisas santificadas, que tinham prometido em voto ao Senhor seu Deus: E, levando tudo, fizeram grandes montões.

7 Começaram a recolher os primeiros montões no terceiro mês, e os acabaram no sétimo mês.

8 E tendo entrado Ezequias, e os grandes da sua côrte, viram os montões, e louvaram ao Senhor e ao povo de Israel.

9 E perguntou Ezequias aos sacerdotes e aos levitas, porque estavam os montões assim expostos.

10 E o sumo sacerdote Azarias, da linhagem de Sadoc, lhe respondeu, dizendo: Desde que começaram a oferecer primícias na casa do Senhor, temos nós comido, e nos temos fartado delas, e tem sobejado muito, por-

nistros do Senhor. Dei ministri, qui quasi in castrensi militia erant collocati, in stationibus suis ordine et decenter omnia peragentes. Martene.

(2) QUE DESSE AOS SACERDOTES E AOS LEVITAS AS SUAS PORÇÕES — São os dízimos e as primícias, conforme estava ordenado na lei.

que o Senhor abençoou o seu povo: E das sobras é esta grande abastança, que vês.

11 Mandou pois Ezequias que se aprontassem celeiros na casa do Senhor. O que tendo-se feito, (3)

12 recolheram dentro fielmente, assim as primícias, como os dízimos, e tudo o que tinham oferecido em voto. E disto foi feito superintendente o levita Conenias, e Semei seu irmão, em segundo lugar,

13 depois dêste Jaiel, e Azarias, e Naat, e Asael, e Jerimot, e Jozabad, e Eliel, e Jesmaquias, e Maat, e Banaías, foram subordinados debaixo da autoridade de Conenias, e de Semei seu irmão, por ordem do rei Ezequias e de Azarias, pontífice da casa de Deus, aos quais competia tudo.

14 O levita Coré, porém, filho de Jemna e guarda da porta oriental, estava encarregado dos dons que voluntariamente se ofereciam ao Senhor, e das primícias e das coisas consagradas ao Santo dos Santos.

15 E debaixo da sua inspeção estavam Eden, e Benjamim, Jesué, e Semeias, e Amarias, e Sequenias nas cidades dos sacerdotes, para distribuírem fielmente aos seus irmãos as porções, tanto a pequenos como a grandes:

16 compreendidos até os meninos machos desde a idade de três anos e daí para cima, enfim a todos os que entravam no templo do Senhor, e de tudo aquilo que era conducente diariamente para todos os ministérios, e officios segundo as suas distribuições, (4)

(3) **SE APRONTASSEM CELEIROS** — Mandou juntar novos celeiros àqueles que Salomão tinha feito construir.

(4) **COMPREENDIDOS ATÉ OS MENINOS MACHOS** — Assim traduz o padre Pereira a Vulgata *Exceptis maribus*, e com razão, porque o termo hebraico *milbad* pode tomar-se na acepção do inclusive. Confira-se o Lev 23, 38, que a Vulgata traduziu

2 Paralipômenos 31, 17-21; 32, 1

17 aos sacerdotes por famílias, e aos levitas de vinte anos e daí para cima, pelas suas classes e turmas,

18 e à toda a multidão, tanto às mulheres, como a seus filhos dum e outro sexo, se davam fielmente alimentos daquelas coisas que tinham sido oferecidas. (5)

19 E também dos filhos de Aarão estavam dispostos pelos campos, e pelos arrabaldes de cada cidade homens, que distribuíssem as porções a todo o sexo masculino que eram dos sacerdotes, e levitas.

20 Cumpriu pois Ezequias tudo o que temos dito em todo o reino de Judá: E fêz o que era bom e reto, e verdadeiro na presença do Senhor seu Deus .

21 em tudo o que é concernente ao serviço da casa do Senhor, segundo a lei e as cerimônias, com a vontade de buscar ao seu Deus de todo o seu coração. Êle o fêz e foi bem sucedido.

CAPÍTULO 32

MARCA SENAQUERIB CONTRA JERUSALÉM. EXORTA EZEQUIAS O SEU POVO. BLASFÊMIAS DE SENAQUERIB. UM ANJO EXTERMINA O SEU EXÉRCITO. GLÓRIA DE EZEQUIAS. SUA MORTE. SUCEDE-LHE MANASSÉS.

1 Depois de executadas estas coisas, e como fielmente fica referido, veio Senaquerib, rei dos assírios,

Exceptis Sabbatis Domini e Núm 28, 23-31. E que assim é, vê-se do v. 18, dêste mesmo capítulo, onde está bem claro que as crianças de ambos os sexos entravam a seu tempo pelo direito de seus pais na repartição.

(5) **TODA A MULTIDÃO** — Da família de Levi.

SE DAVAM FIELMENTE ALIMENTOS — Para que os ministros do santuário não se distraíssem dos seus deveres para angariarem meios de subsistência. A propósito escreve o padre Pereira. "Isto imitaram louvavelmente e ainda excederam a piedade de Ezequias dotando amplissimamente os reais mosteiros de Santa Cruz, Alcobaça, S. Vicente, Mafra, e Coração de Jesus."

e tendo entrado nas terras de Judá, pôs cêrco às cidades fortificadas, com o desígnio de as conquistar. (1)

2 O que vendo Ezequias, isto é, que Senaquerib tinha vindo, e que todo o ímpetô da guerra se dirigia contra Jerusalém,

3 teve conselho com os grandes, e com os mais valentes oficiais, sôbre que se tapassem as nascentes das fontes, que havia fora da cidade: E sendo todos dêste parecer,

4 ajuntou muita gente, e taparam tôdas as fontes, e o regato, que corria pelo meio da terra, dizendo: Não aconteça que venham os reis dos assírios, e achem abundância de água.

5 Reparou também, esmerando-se muito, todos os muros, que se achavam desmantelados, e fêz em cima tôrres e outros muros por fora: E reedificou o forte de Melo na cidade de Davi, mandou que se fizessem armas e escudos de todo o gênero:

6 E nomeou oficiais que comandassem o exército: E ajuntando-os todos na praça da porta da cidade, falou-lhes ao coração, dizendo:

7 Sêde homens de valor, e alentai-vos: Não temais, nem se vos dê do rei dos assírios, nem de tôda a multidão, que o acompanha: Porque muitos mais estão conosco, do que os que estão com êle.

(1) **VEIO SENAQUERIB** — Não para vencer só êsse cânto da Palestina, onde reinava Ezequias; o seu plano era muito mais vasto; o objetivo de Senaquerib ia muito além. No Museu Britânico, entre outros monumentos de altíssima importância referentes a Senaquerib, encontra-se um baixo-relêvo onde está gravado o cêrco de Laquis, cidade de Judá, por Senaquerib. Cfr. Layard *Nineveh and Babylon*, e ainda o célebre prisma Taylor ou Cilindro de Senaquerib. E' também muito notável e digna de se ler a monografia intitulada *Ezechias et Sennacherib*, publicada por Dellatre em julho de 1877 nos *Études religieuses*. Com êstes dados pode o

2 Paralipômenos 32, 8-13

8 Porque com̃ êle está um braço de carne: Conheço o Senhor nosso Deus, que é nosso auxiliador, e que pelega por nós. E o povo cobrou ânimo com essas palavras de Ezequias rei de Judá. (1)

9 Depois que estas coisas succederam, Senaquerib, rei dos assírios, enviou os seus mensageiros a Jerusalém (porque êle como todo o exército estava sitiando Laquis) dizendo a Ezequias, rei de Judá, e a todo o povo, que havia na cidade:

10 Eis-aqui o que manda dizer Senaquerib rei dos assírios: Em quem estais vós confiados para vos deixardes estar cercados em Jerusalém?

11 Porventura Ezequias vos engana, para vos fazer morrer à fome e à sede, afirmando que o Senhor vosso Deus vos livrará da mão do rei dos assírios?

12 Não é pois êste o Ezequias, que destruiu os seus altos, e os seus altares, e o que ordenou em Judá e em Jerusalém dizendo: Diante de um só altar vós adorareis, e no mesmo queimareis incenso?

13 Ignorais acaso o que temos feito eu, e meus pais a todos os povos da terra? Porventura tiveram poder os deuses das nações e de tôdas as terras para livrar os seus países da minha mão?

estudioso adquirir conhecimentos exatos sôbre êste notável monarca, filho de Sargão, a quem succedeu a 31 de agosto de 704 a. J. -C. Oppert, *Memoires de l'Academie des inscriptions*. Possuimos a narração official das suas guerras, omisso os seus reveses, mas desenvolvidos os seus triunfos, e o citado prisma ou cilindro contém a descripção exata da guerra de Judá. Como esclarecimento bibliográfico deve dizer-se que além dos trabalhos citados é muito notável o livro de Menant, *Annales des Rois d'Assyrie et l'inscription de Barian*, estudo de Pognon na *Bibliothèque des Hautes Études*, fasc. XXXIX, 1879, 1880.

(1) **UM BRAÇO DE CARNE** — Quer dizer, não tem outros auxílios senão os da sua força material.

14 Qual é de todos os deuses das nações, às quais meus antepassados devastaram, que tivesse força para tirar das minhas mãos o seu povo, de sorte que possa também o vosso Deus livrar-vos de um tal poder?

15 Não vos engane logo Ezequias, nem zombe de vós por uma vã persuasão, nem lhe deis crédito. Porque se nenhum dos deuses de tôdas as nações e de todos os reinos pôde livrar o seu povo da minha mão nem da de meus pais, logo conseqüentemente o vosso Deus vos não poderá livrar da minha mão.

16 Outras muitas coisas disseram ainda os mensageiros de Senaquerib contra o Senhor Deus, e contra o seu servo Ezequias:

17 Êle escreveu também cartas cheias de blasfêmias contra o Senhor Deus de Israel, e disse contra êle: Assim como os deuses das outras nações não puderam livrar o seu povo da minha mão, assim também o Deus de Ezequias não poderá livrar o seu povo dêste poder.

18 E além disto a alta voz falava em língua judaica ao povo, que estava sôbre as muralhas de Jerusalém, para os atemorizar, e para se assenhorear da cidade.

19 E falou contra o Deus de Jerusalém, bem como contra os deuses dos povos da terra, que são obras das mãos dos homens.

20 Fizeram pois oração o rei Ezequias, e o profeta Isaías filho de Amós, contra esta blasfêmia, e levantaram gritos até o céu.

21 E o Senhor mandou um anjo, que matou todo o homem forte, e guerreiro, e o general do exército do rei dos assírios: E Senaquerib se recolheu com ignomínia ao seu país. E tendo entrado no templo do seu deus os filhos que tinham saído das suas entranhas, ô mataram à espada.

2 Paralipômenos 32, 22-30

22 E o Senhor salvou a Ezequias e aos habitantes de Jerusalém da mão de Senaquerib, rei dos assírios, e da mão de todos, e lhes deu paz em os contornos.

23 E muitos traziam a Jerusalém vítimas, e oferendas ao Senhor, e presentes a Ezequias rei de Judá: O qual depois disto foi engrandecido entre tôdas as nações.

24 Neste tempo adoeceu Ezequias mortalmente, e fêz a sua oração ao Senhor: E êle o ouviu, e lhe deu um sinal. (2)

25 Mas não correspondeu aos benefícios, que tinha recebido, porque o seu coração se elevou: E a ira do Senhor se acendeu contra êle, e contra Judá e contra Jerusalém.

26 Mas depois, por se ter elevado seu coração, se humilhou tanto êle como os habitantes de Jerusalém: E por isso não veio sôbre êles a ira do Senhor durante a vida de Ezequias.

27 Ezequias porém foi rico, e de grande fama, e ajuntou para si grandes tesouros de prata e de ouro e de pedraria preciosa, de aromas, e de tôda a casta de armas, e de vasos de grande preço.

28 Teve também grandes celeiros de trigo, de vinho, e de azeite, e cavaliariças para tôda a casta de animais, e currais para os gados,

29 e edificou também cidades para si: Porque tinha inumeráveis rebanhos de ovelhas, e de gado grosso, porque o Senhor lhe tinha dado uma extraordinária abundância de bens.

30 Êste é o mesmo Ezequias, que tapou a fonte de cima das águas de Gion, e as fêz correr por baixo da

(2) **LHE DEU UM SINAL** — Que foi retroceder o sol tantas linhas no relógio de Acáz.

terra para o poente da cidade de Davi: Em tôdas as obras que empreendeu foi bem sucedido.

31 Todavia na embaixada dos príncipes de Babilônia, que lhe tinham sido enviados, para se informarem do prodígio, que tinha acontecido na terra, Deus o desamparou para que fôsse tentado, e para se fazer patente tudo o que êle tinha no seu coração.

32 E o resto das ações de Ezequias, e das suas obras de misericórdia, estão escritas na visão do profeta Isaías filho de Amós, e no Livro dos reis de Judá e de Israel.

33 E adormeceu Ezequias com seus pais, e sepultaram-no sôbre os jazigos dos filhos de Davi: E todo o Judá, e todos os moradores de Jerusalém celebraram as suas exéquias: E em seu lugar reinou seu filho Manassés. (3)

CAPÍTULO 33

**IMPIEDADE DE MANASSÉS. SEU CATIVEIRO. SEU ARREPEN-
DIMENTO. SUA TORNADA PARA JERUSALÉM: SUA MOR-
TE. SUCEDE-LHE AMON SEU FILHO. IMPIEDADE DESTES
PRÍNCIPE: COMO FOI MORTO: COMO LHE SUCEDEU
JOSIAS.**

1 Manassés tinha doze anos quando começou a reinar, e reinou cinqüenta e cinco anos em Jerusalém.

2 Mas êle fêz o mal diante do Senhor seguindo as abominações dos povos, que o Senhor tinha exterminado à vista dos filhos de Israel.

3 E restaurou os altos, que seu pai Ezequias tinha demolido: E levantou altares a Baal, e plantou bosques, e adorou tôda a milícia do céu, e lhe deu culto.

(3) **SOBRE OS JAZIGOS** — Na parte superior, em testemunho de consideração pela sua piedade.

2 Paralipômenos 33, 4-9

4 Edificou também altáres na casa do Senhor, da qual o Senhor tinha dito: O meu nome estará eternamente em Jerusalém.

5 E ele os edificou à honra de todo o exército celestial nos dois átrios da casa do Senhor.

6 Fêz também passar seus filhos pelo fogo no vale de Benenom: Observava os sonhos, seguia os agouros, dava-se às artes mágicas, tinha consigo mágicos, e encantadores: E cometeu muitos males diante do Senhor, para o irritar.

7 Pôs também um ídolo, e uma estátua fundida na casa do Senhor, da qual Deus falou a Davi, e a seu filho Salomão, dizendo: Nesta casa e em Jerusalém, a qual eu escolhi entre tôdas as tribos de Israel, eu estabelecerei o meu nome para sempre.

8 E eu não farei mais sair a Israel da terra, que dei a seus pais: Contanto que êles procurem cumprir o que eu lhes tenho mandado, e tôda a lei, e as cerimônias, e os preceitos dados por intervenção de Moisés.

9 Manassés pois seduziu a Judá, e aos habitantes de Jerusalém, para fazerem maiores males do que tôdas as nações, que o Senhor tinha destruído em presença dos filhos de Israel. (1)

(1) **SEDUZIU A JUDÁ... ETC.** — A perícope que começa neste versículo, e vai até ao 13.º, inclusive, tem sido objeto dos ataques mais violentos, por parte dos racionalistas, que a julgam imaginária, porque os fatos aqui narrados não o são no livro dos Reis. A sua argumentação baseia-se em não ser um fato histórico, segundo êles, a preponderância da Assíria, nesta época (700-650), na Ásia, e não se compreender que Manassés fosse desterrado para Babilônia e não para Nínive. Entre outros adversários do texto citam-se Rosenmüller, de Welk, Bertheau, Evrard, etc. Contudo, é certo que a apologia, com os seus argumentos irrespondíveis, vinga e justifica, ainda que indiretamente, esta passagem dos Livros Santos. Em primeiro lugar, em que pese a Graf. *Theologische Studien und Kritiken*, 1859, pag. 473, as ins-

10 E o Senhor lhe falou a êle, e ao seu povo, e o não quiseram ouvir.

11 Por isso fêz vir Deus sôbre êles os príncipes do exército do rei dos assírios: E êstes aprisionaram a Manassés, e o levaram para Babilônia prêso com cadeias, e em grilhões. (2)

12 Êle depois que se viu reduzido a um grande apêrto, orou ao Senhor seu Deus: E fêz grande penitência diante do Deus de seus pais.

13 E suplicou-o e rogou-o fervorosamente: E o Senhor ouviu a sua deprecação, e tornou-o a trazer a Jerusalém ao seu reino, e Manassés reconheceu que o Senhor mesmo era o Deus.

14 Depois disto fêz edificar o muro, que está fora da cidade de Davi ao ocidente de Gion no vale, desde a entrada da porta dos peixes, em roda até Ofel, e o levantou muito: E pôs oficiais do exército em tôdas as cidades fortes de Judá:

15 E tirou da casa do Senhor os deuses estranhos, e o ídolo: E os altares, que tinha mandado levantar no monte da casa do Senhor, e em Jerusalém, e fêz lançar tudo fora da cidade.

16 Restituiu também o Altar do Senhor, e imolou

crições cuneiformes, prisma de Assaradon, Smith, ob. cit., provam que Assaradon dominava todo o Egito e Síria; em segundo lugar, o mesmo prisma na linha 13 apresenta Manassés como um dos tributários do mesmo Assaradon. Neste cilindro encontra-se o nome de Manassés entre os vinte e dois reis, que beijaram os pés de Assurbanípal. Mas por que é que Manassés foi conduzido para Babilônia e não para Nínive? Veja-se a nota seguinte.

(2) O LEVARAM PARA BABILONIA — A razão é clara: foi porque Assurbanípal estava em Babilônia, nesse tempo, e julgou ser um ato político eficaz mostrar aos rebeldes como sabia castigar os que se revoltavam, apresentando o exemplo do rei de Judá,

2 Paralipômenos 33, 17-22

sobre ele vítimas, e hóstias pacíficas, e de ação de graças: E ordenou a Judá que servisse o Senhor Deus de Israel.

17 Contudo ainda o povo imolava nos altos ao Senhor seu Deus.

18 O resto dos feitos de Manassés: E a oração que ele fez ao seu Deus: E as palavras dos profetas, que lhe falaram da parte do Senhor Deus de Israel, se encerram nos Livros dos reis de Israel.

19 A oração também que ele fez e como foi ouvido, e todos os seus pecados, e desprezos, os lugares também em que fez edificar os altos, em que fez plantar os bosques e as estátuas antes de fazer penitência, se acha tudo escrito no Livro de Hozai.

20 Adormeceu pois Manassés com seus pais, e foi sepultado em sua casa: E em seu lugar reinou Amon seu filho.

21 Tinha Amon vinte e dois anos quando começou a reinar, e reinou dois anos em Jerusalém.

22 E ele fez o mal na presença do Senhor como o tinha feito seu pai Manassés: E sacrificou e serviu a todos os ídolos que Manassés mandara fabricar.

PRÊSO COM CADEIAS — Graf, pretendendo sustentar a falsidade do texto sagrado, diz ser destituída de verdade a afirmação de Manassés ser prêso com cadeias e com grilhões. Porém o crítico racionalista foi muito infeliz neste argumento. Os anais de Assurbanípal estão cheios de fatos semelhantes, baixos-relêvos, cilindros, etc. Botta, Monument de Ninive, reproduz um baixo-relêvo onde se vê um rei espicaçando os olhos a um prisioneiro de guerra, e outros manietados com cadeias. No cilindro de Rassan está a descrição dos tratos infligidos a Necas, que foi carregado de ferros por Assurbanípal, e por este mesmo restituído ao poder. Que há pois de estranhar que ele praticasse da mesma maneira com Manassés, que depois de deportado para Babilônia foi restaurar o trono de Jerusalém?

23 E não respeitou a face do Senhor, como seu pai Manassés a tinha respeitado: Mas cometeu muito maiores delitos.

24 E tendo-se conjurado contra êle seus servos, o mataram em sua casa.

25 Mas o resto do povo, depois de terem dado a morte aos matadores de Amon, constituíram rei a Josias seu filho em lugar dêle.

CAPÍTULO 34

PIEIDADE DE JOSIAS. ELE MANDA REPARAR O TEMPLO. ACHA-SE NÊLE O LIVRO DA LEI. JOSIAS MANDA CONSULTAR A PROFETISA OLDÁ. RENOVAÇÃO DO PACTO DE ISRAEL COM O SENHOR.

1 Josias tinha oito anos, quando começou a reinar, e reinou trinta e um anos em Jerusalém.

2 E fêz o que era reto na presença do Senhor, e andou nos caminhos de Davi seu pai: Não declinou nem para a direita, nem para a esquerda.

3 Desde o oitavo ano do seu reinado, sendo ainda muito moço, começou a buscar o Deus de Davi seu pai: E no duodécimo ano depois que começara a reinar, purificou a Judá e Jerusalém dos altos, e dos bosques, e das estátuas de fundição e de escultura: (1)

4 E destruíram na sua presença os altares de Baal: E quebraram os ídolos, que se tinham collocado em cima: Mandou cortar os bosques, e fazer em pedaços os ídolos: E ordenou que os pedaços fôsem lançados sôbre as

(1) **DESDE O OITAVO ANO** — Quando tinha dezesseis anos.

NO DUODÉCIMO — Quando atingiu os vinte anos, e por consequência tinha já autoridade.

2 Paralipômenos 34, 5-11

sepulturas daqueles que tinham tido o costume de lhes oferecer vítimas.

5 Além disto queimou os ossos dos sacerdotes sobre os altares dos ídolos, e expurgou a Judá e a Jerusalém.

6 E até nas cidades de Manassés, e de Efraim, e de Simeão, até Neftali destruiu tudo isto.

7 E depois que destruiu os altares, e os bosques, e fêz em pedaços os ídolos, e arrasou todos os templos por tôda a terra de Israel, voltou para Jerusalém.

8 Assim no ano décimo oitavo do seu reinado, depois de já purificada a terra, e o Templo do Senhor, mandou a Safan filho de Eselias, e a Maasias governador da cidade, e a Joá filho de Joacaz seu cronista-mor, que reparassem a casa do Senhor seu Deus. (2)

9 Vieram êles ter com o sumo sacerdote Helcias: E depois de recebido dêle o dinheiro, que se tinha trazido à casa do Senhor, e que os levitas e os porteiros tinham cobrado de Manassés, e de Efraim, e de tudo o que tinha ficado de Israel, também de todo o Judá e Benjamin, e dos moradores de Jerusalém,

10 o entregaram nas mãos dos que eram os superintendentes dos oficiais que trabalhavam na casa do Senhor, para restabelecerem o Templo, e para repararem tôdas as suas ruínas.

11 E êstes o deram aos artífices, e aos canteiros para comprarem pedras de cantaria, e madeiras para o emadeiramento do edifício, e para os sobrados das casas que os reis de Judá tinham destruído.

(2) NO ANO DÉCIMO OITAVO — Seis anos depois da purificação.

QUE REPARASSEM A CASA DO SENHOR — Que se entendessem com o sumo sacerdote sobre a reparação.

12 Eles fizeram tudo fielmente. E os superintendentes dos oficiais eram Jaat e Abdias, da linhagem de Merari, Zacarias e Mosolão, da linhagem de Caat, os quais diligenciavam a pressa da obra: Todos levitas que sabiam tocar instrumentos.

13 Mas sôbre os que carregavam com os pesos para diversos usos, eram inspetores os escrivães, juizes, e porteiros da ordem dos levitas.

14 Quando porém se transportava o dinheiro, que se tinha levado ao Templo, o pontífice Helcias achou um livro da lei do Senhor dada pelas mãos de Moisés. (3)

15 E Ele disse ao secretário Safan: Eu achei o livro da lei na casa do Senhor: E entregou-lho.

16 Mas Safan levou o livro ao rei, e deu-lhe conta, dizendo: Tudo o que tu mandaste a teus servos, executava-se fielmente.

17 Eles recolheram a prata, que se achou na casa do Senhor: E se deu aos prefeitos dos artífices, e dos que trabalhavam em diversos misteres.

18 Além disto o pontífice Helcias me entregou êste livro. E como êle o lêsse diante do rei,

19 e êste ouvisse as palavras da lei, rasgou os seus vestidos: (4)

20 E ordenou a Helcias, e a Aicão, filho de Safan, e a Abdon filho de Mica, e ao secretário Safan, e a Asaas, servo do rei dizendo:

(3) **LIVRO DA LEI** — Sacy, em virtude do entusiasmo que ocasionou esta descoberta, entende que êste livro era o original da lei, colocado por Moisés junto à Arca, e a que se refere o Dt 31, 26; outros críticos entendem que se trata duma cópia de que se usava no Templo.

(4) **E ÊSTE OUVISSE AS PALAVRAS DA LEI, RASGOU OS SEUS VESTIDOS** — Certamente ao ouvir ler as condenações contidas no Dt, e nas quais tinha incorrido o povo.

2 Paralipômenos 34, 21-26

21 Ide, e rogai ao Senhor por mim, e pelas relíquias de Israel, e de Judá, acêrca de tôdas as palavras dêste Livro, que se achou: Porque está a ponto de cair sôbre nós a grande ira do Senhor, porque nossos pais não guardaram as palavras do Senhor, cumprindo tudo o que está escrito neste Livro.

22 Foi pois Helcias, e os que tinham sido enviados juntamente pelo rei a consultar a profetisa Olda mulher de Selum, filho de Tecuat, filho de Hasra, guarda dos vestidos: A qual habitava em Jerusalém na Segunda: E êles lhe disseram as palavras, que referimos acima. (5)

23 E Olda lhes respondeu: Eis-aqui o que diz o Senhor Deus de Israel: Dizei ao homem que cá vos mandou:

24 Isto disse o Senhor: Eu estou para fazer cair sôbre êste lugar e sôbre seus habitantes os males, e tôdas as maldições que estão escritas neste livro, que foi lido diante do rei de Judá.

25 Porque êles me abandonaram, e ofereceram sacrificios aos deuses estranhos, provocando-me a ira por tôdas as obras das suas mãos, por isso o meu furor se derramará sôbre êste lugar, e não se aplacará.

26 E quanto ao rei de Judá, que vos enviou para implorardes a misericórdia do Senhor, assim lhe direis: Eis-aqui o que diz o Senhor Deus de Israel: Porque tu ouviste as palavras do livro,

(5) NA SEGUNDA — Isto é, no lugar da segunda dignidade do Templo. Assim se chamava a parte da cidade entre o muro e o antemural. Jerusalém estava dividida em três partes: a cidade de Davi, no monte Trijon, onde era a residência régia; a segunda no monte Moriá, onde estava o Templo, e a terceira o restante.

27 e se enterneceu o teu coração, e tu te humilhaste diante de Deus por causa dos males, que foram cominados contra êste lugar, e os habitantes de Jerusalém, e porque temendo o meu rosto, rasgaste os teus vestidos, e choraste diante de mim: Eu também te ouvi, diz o Senhor.

28 Por isso eu te ajuntarei com teus pais e serás pôsto em paz no teu sepulcro: E os teus olhos não verão todos os males, que eu estou para mandar sôbre êste lugar, e sôbre os seus moradores. Êles pois vieram referir ao rei tudo o que a profetisa lhes tinha dito.

29 E o rei, depois de convocados todos os anciãos, de Judá e de Jerusalém,

30 subiu à casa do Senhor, e juntamente com êle todos os homens de Judá e os anciãos de Jerusalém, os sacerdotes e os levitas, e todo o povo desde o mais pequeno até o maior. E ouvindo êles na casa do Senhor leu o rei tôdas as palavras do livro.

31 E, pôsto em pé no seu tribunal, fêz concêrto com o Senhor, que caminharia após êle, e que guardaria os seus preceitos, e ordenanças, e as suas cerimônias, de todo o seu coração, e de tôda a sua alma, que cumpriria tudo o que estava escrito naquele livro, que acabava de ler.

32 E fêz prestar juramento sôbre isto a todos os que se tinham achado na tribo de Jerusalém e na tribo de Benjamim: E os moradores de Jerusalém o cumpriram, conforme o pacto do Senhor Deus de seus pais.

33 Tirou pois Josias tôdas as abominações de tôdas as terras dos filhos de Israel: E obrigou todos os que restavam em Israel, a servir ao Senhor seu Deus. E enquanto êle viveu, não se separaram do Senhor Deus de seus pais.

PASCOA CELEBRADA EM JERUSALÉM POR JOSIAS. ESTE PRÍNCIPE ATACA O REI DO EGITO, E É MORTO NA BATALHA.

1 Depois celebrou Josias em Jerusalém a Páscoa do Senhor, a qual foi imolada no décimo quarto dia do primeiro mês:

2 E estabeleceu os sacerdotes nos seus ministérios, e os exortou a servirem na casa do Senhor.

3 E aos levitas, por cujas instruções Israel estava santificado para o Senhor, disse: Ponde a Arca do santuário do templo, que edificou Salomão filho de Davi rei de Israel, porque vós não tornareis a carregar mais com ela: Agora porém servi ao Senhor vosso Deus, e ao seu povo de Israel. (1)

4 Preparai-vos pois pelas vossas casas, e pelas vossas famílias, segundo a distribuição de cada um de vós, assim como ordenou Davi rei de Israel, e assim o escreveu Salomão seu filho.

5 E ministrai no Santuário, segundo a distribuição das famílias e das turmas levíticas,

6 e depois de santificados, imolai a Páscoa: E dispõe também vossos irmãos para que a possam celebrar segundo o que o Senhor ordenou por meio de Moisés.

7 Deu além disso Josias a todo o povo, que se tinha ajuntado na solenidade da Páscoa, cordeiros e cabritos dos rebanhos, e do resto do seu gado, até trinta mil e três bois: Tudo isto da fazenda do rei.

(1) **PONDE A ARCA NO SANTUÁRIO** — A arca tinha sido tirada no tempo de Acáz, para ali não estar com os ídolos, e esteve em casa de Selum, de onde Josias a mandou tirar para o templo, segundo uns, segundo outros, no tempo de Manassés.

8 Os seus oficiais também ofereceram o que tinham prometido voluntariamente tanto ao povo, como aos sacerdotes e aos levitas. Mas Helcias, e Zacarias, e Jaiel príncipes da casa do Senhor, deram aos sacerdotes para celebrar a Páscoa duas mil e seiscentas reses de gado miúdo, e trezentos bois.

9 Conenias porém, e Semeias, e Natanael seus irmãos, como também Hasabias, e Jeiel, e Jozabad, chefes dos levitas, deram aos outros levitas para celebrarem a Páscoa, cinco mil reses miúdas, e quinhentos bois.

10 E preparou-se tudo para a função, e puseram-se os sacerdotes na sua ordem: E também os levitas divididos por turmas, segundo o mandado do rei.

11 Imolou-se pois a Páscoa: E os sacerdotes com as suas mãos derramaram o sangue, e os levitas esfolaram os holocaustos: (2)

12 E os separaram para os distribuírem pelas casas e famílias de cada um, e para os oferecerem ao Senhor, conforme o que está escrito no livro de Moisés: E o mesmo fizeram eles aos bois.

13 Depois assaram a Páscoa sobre o lume, como está escrito na lei: Mas as hóstias pacíficas eles as cozeram em marmitas, e caldeirões, e panelas, e as distribuíram prontamente a todo o povo: (3)

14 E depois as prepararam para si, e para os sacerdotes. Porque os sacerdotes estiveram ocupados até à noite na oblação dos holocaustos e das banhas: Pelo que os levitas prepararam o comer para si e para os sacerdotes filhos de Aarão em último lugar.

15 E os cantores filhos de Aşaf também estavam

(2) **ESFOLARAM OS HOLOCAUSTOS** — Não que lhes pertencesse esse serviço, mas por causa da brevidade.

(3) **ASSARAM A PASCOA** — Isto é, os cordeiros pascaes.

2 Paralipômenos 35, 16-22

na sua ordem, conforme o mandamento de Davi, e de Asaf, e de Heman, e de Iditun, profetas do rei. Os porteiros porém guardavam também cuidadosamente tôdas as portas, sem se apartarem um só momento do seu ministério: Por conta do que também os levitas seus irmãos lhes prepararam o comer. (4)

16 Portanto todo o culto do Senhor foi cumprido conforme o rito naquele dia, celebrando-se a Páscoa, e oferecendo-se os holocaustos sôbre o altar do Senhor, segundo o mandado do rei Josias.

17 E os filhos de Israel, que ali se acharam, naquele tempo celebraram a Páscoa, e a solenidade dos asmos por sete dias.

18 Não houve Páscoa semelhante a esta em Israel desde o tempo do profeta Samuel: E dentre todos os reis de Israel não houve nenhum que fizesse Páscoa como a que fez Josias, com os sacerdotes, e com os levitas, e com todo o povo de Judá, e com tudo o que se achou de Israel, e com os habitantes de Jerusalém.

19 Foi celebrada esta Páscoa no ano décimo oitavo do reinado de Josias.

20 Depois que Josias reparou o templo, foi Necau rei do Egito fazer guerra em Carcames junto ao Eufrates: E Josias marchou ao seu encontro.

21 Mas aquêle príncipe, mandando-lhe mensageiros, lhe disse: Por que te embaraças tu comigo, ó rei de Judá? Não venho contra ti hoje, mas eu vou fazer guerra a outra nação, contra a qual me mandou Deus que marchasse a tôda a diligência: Cessa pois de te opores aos desígnios de Deus, o qual é comigo, não suceda que êle te mate.

22 Não quis Josias tornar atrás, mas preparou-se

(4) **PROFETAS DO REI** — Cantores que estavam ao serviço do rei, ou porque Davi costumasse cantar com êles.

para o combater, e não estêve pelo que Necau lhe disse da parte de Deus: Mas marchou por diante para lhe dar batalha no campo de Magedo.

23 E ali sendo ferido pelos frecheiros, disse para os seus criados: Tirai-me da peleja, porque estou muito ferido.

24 Êles o passaram dum coche para outro coche, que o seguia de reserva, segundo o costume dos reis, e o trouxeram para Jerusalém, e morreu, e foi sepultado no mausoléu de seus pais, e todo Judá e Jerusalém o prantearam.

25 E muito particularmente Jeremias, cujas Lamentações sôbre Josias se cantam até êste tempo por todos os músicos e músicas, costume que ficou em Israel como lei: Elas se acham escritas entre as Lamentações.

26 O resto das ações de Josias, e as suas boas obras, conformes com o que ordena a lei do Senhor:

27 E as suas façanhas tantô primeiras como últimas, estão escritas no Livro dos reis de Judá e de Israel.

CAPÍTULO 36

JOACAZ SUCESSOR DE JOSIAS, É LEVADO PARA O EGITO.
JOAQUIM, SEU SUCESSOR, É TRANSPORTADO A BABILÔNIA. SUCEDE-LHE OUTRO JOAQUIM QUE EXPERIMENTA A MESMA DESGRAÇA. SEDECIA REINA EM LUGAR DE JOAQUIM. NABUCODONOSOR DESTRÓI A JERUSALÉM. CIRO PERMITE AOS JUDEUS QUE VOLTEM PARA ESTA CIDADE.

1 Pegou logo o povo da terra em Joacaz filho de Josias, e o aclamou rei em Jerusalém em lugar de seu pai.

2 Tinha Joacaz vinte e três anos, quando começou a reinar, e reinou em Jerusalém três meses.

2 Paralipômenos 36, 3-10

3 Porque o rei do Egito tendo vindo a Jerusalém o depôs, e condenou a terra à contribuição de cem talentos de prata, e um talento de ouro.

4 E em lugar de Joacaz constituiu a Eliaquim seu irmão, rei sobre Judá e sobre Jerusalém: E mudou-lhe o nome em Joaquim: E pegou no mesmo Joacaz, e o levou consigo para o Egito. (1)

5 Joaquim tinha vinte e cinco anos quando começou a reinar, e reinou onze anos em Jerusalém: Mas ele fez o mal diante do Senhor seu Deus.

6 Contra este marchou Nabucodonosor, rei dos caldeus, e carregado de cadeias o levou para Babilônia.

7 Transportou também para esta cidade os vasos do Senhor, e os pôs no seu Templo.

8 E o resto das ações de Joaquim, e das suas abominações, que ele cometeu, e o que se achou nele, se contém no Livro dos reis de Judá e de Israel. Em seu lugar porém reinou seu filho Joaquim.

9 Joaquim tinha oito anos, quando começou a reinar, e reinou três meses e dez dias em Jerusalém, e ele fez o mal na presença do Senhor. (2)

10 E tendo decorrido o espaço de um ano, mandou o rei Nabucodonosor tropas, que o conduziram a Babilônia, levando juntamente os mais preciosos vasos da casa do Senhor. E ele em lugar de Joaquim constituiu

(1) **E MUDOU-LHE O NOME EM JOAQUIM** — Significa constituído por Deus "Ut semper meminerit divinitus per Regem Aegypti regnum consecutum, utque se illi subesse fateretur". Marianna.

(2) **OITO ANOS** — Quando começou a reinar com o pai, porque quando começou o seu reinado sobre si tinha dezoito. 4 Rs 24, 3. "Octo annorum quando eum patre regnare coepit; 18 annorum quando solus regnavit." Lapidé.

rei sôbre Judá e sôbre Jerusalém a Sedecias seu tio paterno. (3)

11 Sedecias tinha vinte e um anos quando começou a reinar, e reinou onze anos em Jerusalém.

12 E êle fêz o mal diante dos olhos do Senhor seu Deus, e não teve respeito à pessoa do profeta Jeremias, que lhe falava da parte do Senhor.

13 Sublevou-se também contra o rei Nabucodonosor, a quem tinha dado juramento de fidelidade em nome de Deus: Êle pois endureceu a sua cerviz e o seu coração, para não voltar para o Senhor Deus de Israel.

14 E até também todos os príncipes dos sacerdotes, e o povo, se entregaram a tôdas as abominações gentílicas, e profanaram a casa do Senhor, que a tinha santificado para si em Jerusalém.

15 Mas o Senhor Deus de seus pais lhes dirigia freqüentemente a sua palavra por meio dos seus mensageiros, levantando-se de noite, e admoestando-os todos os dias: Porque queria perdoar ao seu povo, e à sua casa. (4)

16 Mas êles zombavam dos mensageiros de Deus, e desprezavam as suas palavras, e mofavam dos seus profetas, até que o furor do Senhor se levantou contra o seu povo, e não houve remédio algum.

17 Porque fêz vir contra êles o rei dos caldeus, e degolou seus filhos na casa do seu santuário, não tendo piedade nem do moço, nem da donzela, nem do velho, nem

(3) A SEDECIAS SEU TIO PATERNO — Assim comò a Vulgata os Setenta. Contudo o hebreu diz, a Sedecias seu irmão. O que se não pode verificar, senão no sentido em que Abraão chamou irmão a Lô seu sobrinho, (Gên 13, 8) tomando talvez irmão por parente, conforme temos dito é vulgar na língua hebraica.

(4) DE NOITE — No original está levantando-se de manhã, como diz Marianna, o diligente pai de família.

2 Paralipômenos 36, 18-23

do decrépito, mas Deus lhós entregou todos nas suas mãos.

18 Trasladou também para Babilônia todos os vasos da casa do Senhor, assim grandes, como pequenos, e os tesouros do templo, e os do rei, e dos príncipes.

19 Os inimigos queimaram a casa de Deus e arruí­naram os muros de Jerusalém, e puseram fogo a tôdas as tôrres, e destruíram tudo o que havia de precioso.

20 Se algum tinha escapado da espada, êsse levado a Babilônia, foi ser escravo do rei, e de seus filhos, até que teve o império o rei dos persas,

21 e se cumpriu a palavra do Senhor pronunciada por bôca de Jeremias, e a terra celebrou os seus sábados: Porque durante todo o tempo da sua desolação ela estêve num sábado continuado até que se completaram setenta anos.

22 Mas no primeiro ano de Ciro rei dos persas, para se cumprirem as palavras, que o Senhor tinha dito por bôca de Jeremias, tocou o Senhor o coração de Ciro rei dos persas: O qual mandou publicar por todo o reino, e ainda expedir Patentes, dizendo: (5)

23 Eis-aqui o que diz Ciro rei dos persas: O Senhor Deus do céu pôs nas minhas mãos todos os reinos da terra, e êle me mandou também que lhe fizesse uma casa em Jerusalém, que é na Judéia: Qual dentre vós se acha ser de todo o seu povo? O Senhor seu Deus seja com êle e vá-se.

(5) NO PRIMEIRO ANO — Não da monarquia persa, mas da dos caldeus. Com estas palavras começa também o livro de Esdras.

OS LIVROS DE ESDRAS

INTRODUÇÃO

São dois os livros conhecidos sob a designação de “livros de Esdras”, embora na Bíblia hebraica só o primeiro tenha o título de Esdras, e o segundo de Neemias, ao que se refere a Vulgata quando diz *Liber Nehemiæ qui et Esdræ Secundus dicitur*.

PRIMEIRO LIVRO DE ESDRAS

Autor — O primeiro livro de Esdras sempre a êsse escritor foi atribuído — *Esdras scripsit librum suum*, diz o Talmude, *Bahathra*, 1.º, 15, 1.67. Disto é indício o uso freqüente da primeira pessoa. Os críticos racionalistas apresentam alguns argumentos para combater esta asserção.

Objeção — Assim dizem que neste livro se encontram termos aramaicos, o que faz supor outra origem. A isto responde-se dizendo que o hebreu era a língua dos filhos de Abraão antes do cativo, mas que a língua aramaica se tornou depois corrente. Sendo assim, era natural que Esdras, referindo documentos, os trasladasse na língua aramaica, em que êles tinham sido escritos. Além disso o fragmento, do cap. 4, 8; 6, 18, já Esdras o encon-

O Livro de Esdras

trou redigido em aramaico, intercalando-o na sua obra, porque assim lhe era necessário. Também objetam com o emprêgo sucessivo da terceira e primeira pessoa. Esta mudança era freqüente em autores judaicos, como provam várias passagens dos Livros Santos. *Is* 7, 3, *Jer* 20, 16. 7, etc. Também nada se pode concluir das palavras do 7, 6: *Esdras... scriba velox in lege Moysi*, porque estas palavras não são um elogio, mas um título. Vigouroux, *Manuel Biblique*.

Missão de Esdras — Esdras foi o primeiro dos escribas ou doutores da lei. 1 *Esdr* 7, 11, e o reorganizador de Israel. Foi êle que fixou o Cânon da Bíblia hebraica, e que lançou os fundamentos definitivos da instituição das sinagogas, convocando o povo a reuniões públicas para lhe ensinar a lei.

Divisão — O primeiro livro de Esdras divide-se em duas partes:

PRIMEIRA PARTE

Compreende os capítulos 1 a 6, e narra os fatos sucedidos desde o fim do cativeiro de Babilônia até Esdras. Podemos apontar cinco subdivisões:

- a) Reprodução do edito de Ciro. 1, 1-4. Obtem os judeus a permissão do regresso à Palestina; restituição dos vasos sagrados que Nabucodonosor tinha saqueado. 5-11.
- b) Lista dos principais judeus que voltaram à pátria, e das suas ofertas para a reconstrução do Templo. 2.
- c) Estabelecimento do altar dos holocaustos, celebração da festa dos Tabernáculos, e lançamento dos alicerces do novo templo. 3,

O Livro de Esdras

- d) Inveja dos samaritanos, nas intrigas e entaves à restauração do templo. Êste capítulo contém uma carta dos inimigos dos judeus a Artaxerxes e da resposta dêste rei. 4, 5.
- e) As exortações dos profetas Ageu e Zacarias, incitando Zorobabel e o sumo sacerdote Josué a que reconstruam o templo. 5; 6.

SEGUNDA PARTE

Abrange os capítulos 7-10, e compreende três subdivisões:

- a) Viagem de Esdras da Babilônia a Jerusalém, no sétimo ano de Artaxerxes Longimano. 7.
- b) Catálogo dos companheiros de Esdras e relação da viagem. 8.
- c) Prescrições de Esdras proibindo o casamento dos judeus com estrangeiras; lista dos nomes daqueles que repudiaram espôsas pagãs. 9; 10.

SEGUNDO LIVRO DE ESDRAS OU DE NEEMIAS

Autor — E' Neemias, e o livro é uma espécie de autobiografia; conta, empregando a primeira pessoa, a sua viagem a Jerusalém, e o que aí fêz.

Escopo — O fim que Neemias teve em vista, foi fazer conhecer o que fêz em favor do povo, já êle só, já com o auxílio de Esdras. Completa o primeiro livro de Esdras, ao qual se liga intimamente.

Divisão — Êste livro compreende uma introdução e três seções:

Introdução: Neemias conta que, sabendo do estado triste a que estava reduzida a cidade de Jerusalém, dirige-se ao Senhor pela oração e jejum, e depois pede permissão ao rei para ir restaurar os muros da capital da Judéia, para onde parte no ano 445 A. C. 1, 1-2, 10.

Primeira seção: Descreve a restauração da cidade: — 1.º Chegada a Jerusalém, inspeção dos lugares e exortação aos seus irmãos. 2, 11-20. — 2.º Lista das famílias que levantam as portas e os muros da cidade. 3. — 3.º Obstáculos da parte dos judeus e da parte das mourarias, que entravam a realização do intento de Neemias, que supera as dificuldades e consegue triunfar. 6.

Segunda seção: Apontam-se as medidas tomadas para a defesa de Jerusalém e para a prosperidade religiosa e política da cidade e do povo. 7-12: — 1.º Catálogo dos que voltaram da Babilônia com Zorobabel. 8. — 2.º Leitura da lei ao povo feita por Esdras, numa reunião do povo, no sétimo mês, por ocasião da festa dos Tabernáculos. Juramento de obediência às prescrições mosaicas, particularmente no que se refere ao culto. 8-10. — 3.º Meios empregados para o aumento da população de Jerusalém, lista das famílias judaicas e em particular das famílias sacerdotais. 11; 12, 26. — 4.º Consagração solene dos muros da cidade. 12; 27, 46.

Terceira seção: Medidas tomadas por Neemias em favor de Jerusalém, na sua segunda viagem; cessam os abusos cometidos durante a sua ausência relativamente ao culto; casamento e observância da lei. Ignora-se quanto durou esta ausência, como se não sabe também como e quando terminou Neemias a sua vida. Josefo, *Ant. Jud.*, 11; 5, 8, diz que ele morreu em idade avançada.

PRIMEIRO LIVRO DE ESDRAS

CAPÍTULO 1

CIRO PERMITE AOS JUDEUS TORNAR PARA JERUSALÉM, E REEDIFICAR O SEU TEMPLO. ELE LHE RESTITUI OS VASOS SAGRADOS.

1 No primeiro ano de Ciro rei dos persas para se cumprir a palavra do Senhor pronunciada por bôca de Jeremias, suscitou o Senhor o espírito de Ciro rei dos persas: E êste fêz publicar em todo o seu reino, até por escrito, esta ordem, dizendo: (1)

(1) CIRO — Foi o libertador dos judeus cativos em Babilônia. Na planície de Nurgab, num pilar, encontra-se um baixo-relêvo que os críticos dizem ser o retrato de Ciro. Lenormant, *Histoire ancienne de l'Orient* — Na parte inferior está escrita em caracteres persas esta legenda: "Eu sou Ciro, rei; Aquemênida". E' sabido que Ciro pretendeu conquistar a Ásia. Em 1879 foi descoberta uma inscrição cuneiforme, muito mutilada, mas que nos dá elementos preciosos sôbre os anos que precederam e seguiram a tomada de Babilônia por Ciro. E' uma lápide de argila crua, de 0m,11 de altura por 0m,09 de largo, tendo em cada uma das faces duas colunas de escrita, de vinte a vinte e oito linbas. Da primeira coluna pouco se pode ler. Das restantes conhecemos quando Ciro atacou Babilônia; a volta do país de Acab favorecendo os seus projetos; a fuga do rei da Babilônia.

A PALAVRA DO SENHOR — Jeremias tinha profetizado que o cativo dos judeus em Babilônia duraria setenta anos.

1 Esdras 1, 2-8

2 Eis-aqui o que diz Ciro rei dos persas: O Senhor Deus do Céu me deu todos os reinos da terra, e êle mesmo me mandou que lhe edificasse um templo em Jerusalém que é na Judéia. (2)

3 Qual é dentre vós de todo o seu povo? O seu Deus seja com êle. Vá para Jerusalém, que é na Judéia, e edifique a casa do Senhor Deus de Israel, êsse mesmo é o Deus que está em Jerusalém.

4 E todos os varões que tiverem ficado em os lugares onde habitam, os ajudem do lugar onde estão, com prata, e com ouro, e com fazenda, gados, e fora o que êles oferecerem voluntariamente ao templo de Deus, que é em Jerusalém.

5 E os príncipes das famílias paternas de Judá, e de Benjamim, e os sacerdotes, e os levitas, e todos aquêles, cujo coração tinha Deus tocado, se prepararam para ir reedificar o templo do Senhor, que havia em Jerusalém.

6 E todos os que moravam nos arredores, os ajudaram com as suas baixelas de prata, e de ouro com os seus bens, gados, e com os seus móveis, fora o que êles tinham oferecido voluntariamente.

7 O rei Ciro entregou também os vasos do Templo do Senhor, que Nabucodonosor tinha levado de Jerusalém, e que tinha pôsto no templo do seu Deus.

8 Ciro rei dos persas as fêz entregar por Mitridates,

(2) O SENHOR DEUS DO CÉU — Não foi Ciro o único rei dos gentios que conheceu que o império de que gozava, lhe vinha do Deus de Israel. O mesmo succedeu com Nabucodonosor. Davi 2, 47.

E ME DEU TODOS OS REINOS — Isaias tinha predito que sujeitaria ao império de Ciro muitas nações e muitos reis "*Haec dicit Dominus Christo meo Cyro, cujus apprehendi dexteram, ut subjiciam ante faciem ejus gentes, et dorsum regum vertam*", Is 45, 1-2. E isto se verificou quando êle foi senhor dos medos, babilônios e persas.

filho de Gazabar, e os deu por conta a Sassabasar, príncipe de Judá. (3)

9 E eis-aqui o número dêles: Trinta copos de ouro, mil copos de prata, vinte e nove facas, trinta taças de ouro,

10 quatrocentas e dez taças de prata de segundo tamanho: Outros mil vasos.

11 Todos os vasos de ouro e de prata eram cinco mil e quatrocentos: Todos levou Sassabasar, com os que tornaram do cativeiro de Babilônia para Jerusalém. (4)

CAPÍTULO 2

LISTA DOS FILHOS DE ISRAEL, QUE VOLTARAM DE BABILÔNIA PARA A JUDEIA COM ZOROBABEL.

1 Êstes são pois os filhos da provincia, que tendo sido levados cativos para Babilônia por Nabucodonosor rei de Babilônia, voltaram para Jerusalém e para a Judéia. cada um para a sua cidade.

2 Os que vieram com Zorobabel, foram Josué, Neemias, Saraias, Raelaias, Mardocai, Belsan, Mesfar, Beguai, Reum, Baana. Eis-aqui o número dos varões do povo de Israel: (1)

(3) **SASSABASAR** — Muitos críticos entendem que Sassabasar e Zorobabel são dois nomes duma só pessoa. Outros sustentam a opinião contrária; a primeira porém é a mais seguida e tem pelo seu lado Lyra, Menochio, Carrières, Vatablo, etc.

(4) **CINCO MIL E QUATROCENTOS** — Certamente é erro do copista.

(1) **NEEMIAS** — Calmet e Carrières sustentam que este Neemias é o mesmo que o autor do segundo livro chamado de Esdras; outros críticos entendem que não, baseando-se no fato que o hagiógrafo só veio a Jerusalém no ano vigésimo de Artaxerxes Longimano, quarto rei depois de Ciro. Ainda confirmam isto citando o c. 7, 5, onde Neemias diz que achara um livro que trazia a lista dos

1 Esdras 2, 1-2

que primeiro tinham vindo com Zorobabel, entre eles Neemias; sendo assim, dizem, este Neemias, que veio com Zorobabel para Jerusalém, não é de modo nenhum o Neemias escritor.

EIS-AQUI O NÚMERO DOS VARÕES DO POVO DE ISRAEL —

Conferida esta lista de Esdras com a que traz Neemias no c. 7, v. 6, acha-se primeiro, que os números parciais de uma lista diferem muito dos da outra, porque na terceira adição, que é a dos filhos da Arca, Esdras conta setecentos e setenta e dois, e Neemias seiscentos e cinquenta e dois. Na sexta adição, que é a dos filhos do Zetua, Esdras conta novecentos e quarenta e cinco, e Neemias oitocentos e quarenta e cinco. Enfim, em quarenta e duas adições, de que ao todo se compõe esta lista, só há vinte e três, que num e outro livro sejam iguais. Acha-se segundo, que ainda que ambos os livros concordem na soma total de quarenta e dois mil trezentos e sessenta, contudo, se nós somamos tôdas as adições particulares da lista referida por Esdras, não nos sairá por soma total, senão o número de vinte e nove mil oitocentos e dezoito; e se fazemos o mesmo com as adições particulares da lista referida por Neemias, não nos sairá por soma total, senão o número de trinta e um mil e oitocentos e nove. Sobre isto se podem fazer duas dificuldades.

Primeira: Como pode ser que as adições particulares não dêem a soma total? Ao que se responde. Primeiro, que podia aqui haver alguns descuidos da parte dos copistas. Segundo, que na soma total poderiam ambos os dois escritores compreender muitos mais do que os que vêm apontados na lista, ou porque eles não partiram de Babilônia com Zorobabel, e chegaram depois que a lista foi feita; ou porque eles não eram da tribo de Judá, e de Benjamim, ou porque se não pode achar a sua genealogia, para se saber a que casa ou a que família se deviam eles reduzir.

Segunda: Por que razão as adições particulares da lista feita por Neemias não são em tudo semelhantes às que se acham na lista que traz Esdras? A isto se responde. Primeiro, que pode ser que no apontar as adições parciais errassem os copistas por inadvertência os números. Segundo, que tendo-se feito os catálogos dos que haviam de voltar para Jerusalém, antes dêles partirem para Babilônia, mudaram alguns de resolução, e deferiam a sua ida para outro tempo. Também podia suceder, que muitos que não tinham sido alistados para serem do número dos que deviam partir, pedissem depois licença para o fazer, e sem ser alistados se ajuntavam aos que iam para Jerusalém. Isto não fazia mudar as listas já fei-

- 3 Filhos de Faros, dois mil cento e setenta e dois. (2)
- 4 Filhos de Sefatia, trezentos e setenta e dois.
- 5 Filhos de Aréia, setecentos e setenta e cinco.
- 6 Filhos de Faat Moab, dos filhos de Josué: De Joab, dois mil e oitocentos e doze.
- 7 Filhos de Elão, mil e duzentos cinqüenta e quatro.
- 8 Filhos de Zetua, novecentos e quarenta e cinco.
- 9 Filhos de Zacai, setecentos e sessenta.
- 10 Filhos de Bani, seiscentos e quarenta e dois.
- 11 Filhos de Bebai, seiscentos e vinte e três
- 12 Filhos de Azgad, mil duzentos e vinte e dois.
- 13 Filhos de Adonirão, seiscentos e sessenta e seis.
- 14 Filhos de Beguai, dois mil e cinqüenta e seis.
- 15 Filhos de Adin, quatrocentos e cinqüenta e quatro.
- 16 Filhos de Ater, que vinham de Ezequias, noventa e oito.
- 17 Filhos de Besai, trezentos e vinte e três.
- 18 Filhos de Jora, cento e doze.
- 19 Filhos de Hasum, duzentos e vinte e três.
- 20 Filhos de Gebar, noventa e cinco.
- 21 Filhos de Belém, cento e vinte e três.
- 22 Homens de Netufa, cinqüenta e três.
- 23 Homens de Anatot, cento e vinte e oito;
- 24 Filhos de Azmavet, quarenta e dois.
- 25 Filhos de Cariatiarim, de Cefira, e de Berot, setecentos e quarenta e três.

tas; mas entretanto não faltava quem fizesse outras, conforme ao número dos que tinham partido. Eis-aquí de onde podia proceder a diversidade que se observa entre a lista de Esdras e a de Neemias. Assim discorre o moderno anônimo, que escreveu uma douda prefação ao livro de Neemias, que anda no fim do Tomo V da Bíblia de Carrières da edição novíssima de 1769. Pereira.

(2) **FILHOS** — Toma-se, como mais duma vez temos dito, na aceção de descendentes.

1 Esdras 2, 26-46

26 Filhos de Rama e de Gabaa, seiscentos e vinte um.

27 Homens de Macmas, cento e vinte e dois.

28 Homens de Betel e de Hai, duzentos e vinte e três.

29 Filhos de Nebo, cinqüenta e dois.

30 Filhos de Megbis, cento e cinqüenta e seis.

31 Filhos de outro Elão, mil e duzentos e cinqüenta e quatro.

32 Filhos de Harim, trezentos e vinte.

33 Filhos de Lod, de Hadid, de Ono, setecentos e vinte e cinco.

34 Filhos de Jericó, trezentos e quarenta e cinco.

35 Filhos de Senaa, três mil e seiscentos e trinta.

36 Sacerdotes: Os filhos de Jadaia na casa de Josué, novecentos e setenta e três.

37 Filhos de Emer, mil e cinqüenta e dois.

38 Filhos de Fesur, mil e duzentos e quarenta e sete.

39 Filhos de Harim, mil e dezessete.

40 Levitas: Os filhos de Josué, e de Cedmiel dos filhos de Odovia, setenta e quatro.

41 Cantores: Os filhos de Asaf, cento e vinte oito.

42 Filhos dos porteiros: Os filhos de Selum, os filhos de Ater, os filhos de Telmon, os filhos de Acub, os filhos de Hatita, os filhos de Sobai, por todos cento e trinta e nove.

43 Natineus: Os filhos de Sia, os filhos de Hasufa, os filhos de Tabaot,

44 os filhos de Ceros, os filhos de Siaa, os filhos de Fadon,

45 os filhos de Lebana, os filhos de Hagaba, os filhos de Acub,

46 os filhos de Hagab, os filhos de Semlai, os filhos de Hanan,

47 os filhos de Gadel, os filhos de Gaer, os filhos de Raaia,

48 os filhos de Rasin, os filhos de Vecoda, os filhos de Gazão,

49 os filhos de Asa, os filhos de Facéia, os filhos de Besée,

50 os filhos de Asena, os filhos de Munim, os filhos de Nefusim,

51 os filhos de Bachuc, os filhos de Hacufa, os filhos de Hatur,

52 os filhos de Beslut, os filhos de Maida, os filhos de Harsa,

53 os filhos de Bercos, os filhos de Sisara, os filhos de Tema,

54 os filhos de Nasia, os filhos de Hatifa,

55 os filhos dos servos de Salomão, os filhos de Sotai, os filhos de Soferet, os filhos de Faruda,

56 os filhos de Jala, os filhos de Dercon, os filhos de Gedel,

57 os filhos de Safatia, os filhos de Hatil, os filhos de Foqueret, que eram de Asebaim, os filhos de Ami:

58 Todos os natineus, e os filhos dos servos de Salomão, eram trezentos e noventa e dois.

59 E êstes foram os que vieram de Telmala, de Telharsa, de Querub, e de Adon, e de Emer: E que não puderam mostrar qual era a casa de seus pais, e a sua linhagem, se acaso eram de Israel. (3)

60 Os filhos de Dalaia, os filhos de Tobias, os filhos de Necoda, eram seiscentos e cinquenta e dois.

(3) **E QUE NÃO PUDERAM MOSTRAR** — Era sempre grande a diligência e escrúpulo em formar a árvore genealógica, porque pela lei de Moisés não podia ascender ao sacerdócio senão quem pertencesse à descendência de Aarão, havendo por isso todo o cuidado em que não houvesse alguma usurpação.

61 E dos filhos dos sacerdotes: Os filhos de Hobia, os filhos de Acos, os filhos de Berzelai, que tomou por mulher uma das filhas de Berzelai de Galaad, e que foi chamado do seu nome:

62 Estes buscaram o livro da sua genealogia, e o não acharam, e foram excluídos do sacerdócio.

63 E Atersata lhes intimou que não comessem do Santo dos Santos, até que se levantasse um pontífice douto e perfeito. (4)

64 Tôda esta multidão era como um só homem, e compreendia quarenta e duas mil trezentas e sessenta pessoas:

65 Sem falar nos seus servos, e nas suas servas, que eram sete mil trezentos e trinta e sete: E entre eles havia duzentos cantores, e cantoras.

66 Os seus cavalos eram setecentos e trinta e seis, os seus machos, duzentos e quarenta e cinco,

67 os seus camelos, quatrocentos trinta e cinco, os seus jumentos, seis mil e setecentos e vinte.

68 E alguns dos chefes das famílias, tendo entrado no templo do Senhor, que está em Jerusalém, fizeram oferendas espontâneas à casa de Deus para se reedificar no seu lugar. (5)

69 Deram conforme as suas fôrças para a despesa da obra, sessenta e um mil soldos de ouro, cinco mil minas de prata, e cem vestimentas sacerdotais.

(4) **NAO COMESSEM DO SANTO DOS SANTOS** — Isto é, das oferendas que só pertenciam ao sacerdócio. Lev 2, 3; 24, 9.

UM PONTIFICE DOUTO E PERFEITO — O que está no hebraico é: Um pontífice que trouxesse o Urim e Thummim, isto é, que pudesse ser consultado pelo seu saber e que pela sua virtude fôsse assistido por Deus.

(5) **NO TEMPLO DO SENHOR** — Isto é, no lugar onde primeiro tinha sido edificado o mesmo templo.

70 Os sacerdotes pois, e os levitas, e os do povo, e os cantores, e os porteiros, e os natineus se estabeleceram nos seus territórios, e todo o povo de Israel ficou nas suas cidades.

CAPÍTULO 3

LEVANTA-SE O ALTAR DOS HOLOCAUSTOS. CELEBRA-SE A FESTA DOS TABERNACULOS. LANÇAM-SE OS FUNDAMENTOS DO TEMPLO.

1 Tinha pois chegado o sétimo mês, e os filhos de Israel estavam nas suas cidades: Ajuntou-se porém o povo todo como um só homem em Jerusalém.

2 E levantou-se Josué, filho de Josedec, e seus irmãos sacerdotes e Zorobabel, filho de Salatiel, e seus irmãos, e edificaram o altar do Deus de Israel, para oferecerem nêle holocaustos, conforme o que está escrito na lei de Moisés, homem de Deus: (1)

3 E colocaram o altar de Deus sôbre as suas bases ainda que os povos dos países confinantes procuravam tolhê-los, e êles ofereceram ao Senhor sôbre o altar o holocausto da manhã e da tarde: (2)

4 E celebraram a festa dos tabernáculos bem assim como está prescrito, e ofereceram o holocausto cada dia,

(1) **E ZOROBABEL, FILHO DE SALATIEL, ETC.** — Filho de Salatiel chama também S. Mateus a Zorobabel, Mat 1, 12. Mas como o autor do 1 Par 3, 10, diz que Zorobabel nasceu de Fadaia, suspeita Calmet que ou Salatiel se chamou também Fadaia, ou que sendo Fadaia o verdadeiro pai de Zorobabel, se chamou contudo Salatiel seu pai, pelo título da educação que lhe dera, não sendo na realidade senão seu tio. **Perelra.**

(2) **AINDA SE OS POVOS DOS PAÍSES CONFINANTES, ETC.** — Os povos vizinhos como os samaritanos, e outros, que não podiam sofrer que os judeus tornassem a reflorescer. **Perelra.**

1 Esdras 3, 5-11

segundo a sua ordem conforme o que estava mandado observar dia por dia.

5 E depois disto ofereceram o holocausto perpétuo, tanto nas Calendas, como em tôdas as solenidades que estavam consagradas ao Senhor, e em tôdas aquelas em que ofereciam voluntariamente donativos ao Senhor.

6 Desde o primeiro dia do sétimo mês começaram a oferecer o holocausto ao Senhor: Mas ainda se não tinham lançado os fundamentos do templo de Deus.

7 Deram pois dinheiro aos canteiros, e pedreiros: E pão e vinho, e azeite aos sidônios, e aos tírios, para que trouxessem madeiras de cedro do Líbano ao mar de Joze, conforme o que lhes havia ordenado Ciro rei dos persas.

8 E no segundo ano da chegada dêles ao templo de Deus em Jerusalém, no segundo mês começaram Zorobabel, filho de Salatiel, e Josué, filho de Josedec, e os outros seus irmãos sacerdotes, e levitas, e todos os que tinham vindo do cativeiro para Jerusalém, e constituíram levitas de idade de vinte anos, e daí para cima, para apressarem a obra do Senhor.

9 E apresentou-se Josué e seus filhos, e seus irmãos, Cedmiel e seus filhos, e os filhos de Judá, como um só homem para darem pressa aos que trabalhavam no templo de Deus: Assim também os filhos de Henadad, e seus filhos, e seus irmãos que eram levitas.

10 Lançados pois os alicerces do templo do Senhor pelos pedreiros, apresentaram-se os sacerdotes revestidos dos seus ornamentos com as trombetas: E os levitas filhos de Asaf com tímbores, para louvarem a Deus com os salmos de Davi, rei de Israel.

11 E cantavam hinos, e publicavam a glória do Senhor: Porque êle é bom, e a sua misericórdia foi sempre sobre Israel. Todo o povo também levantava grandes cla-

mores louvando o Senhor, por se terem lançado os fundamentos do Templo do Senhor:

12 E muitos dos sacerdotes e dos levitas, e os chefes das famílias, e os anciãos, que tinham visto o primeiro Templo, quando à sua vista se tinham lançado os fundamentos dêste Templo, choravam dando grandes vozes: E muitos levantavam a voz, gritando de contentamento.

13 Ninguém podia discernir os gritos dos que se regozijavam, nem a voz do choro do povo: Porque o povo gritava confusamente com grande clamor, e o sonido retinha ao longe.

CAPÍTULO 4

OS SAMARITANOS ACUSAM OS JUDEUS DIANTE DE ARTAXERXES. ESTE PRÍNCIPE PROÍBE QUE SE NÃO REEDIFIQUE JERUSALÉM.

1 Os inimigos porém de Judá, e de Benjamim, souberam que os filhos do cativoiro edificavam o Templo ao Senhor Deus de Israel: (1)

2 E vindo ter com Zorobabel, e com os chefes das famílias, lhes disseram: Deixai-nos edificar convosco, porque nós buscamos o vosso Deus assim como vós: E nós lhe temos sempre imolado vítimas, desde o tempo de Asor Hadan, rei da Assíria, que nos mandou para aqui.

3 E Zorobabel e Josué, e outros chefes das famílias de Israel lhes responderam: Não nos convém edificar convosco a casa ao nosso Deus, mas nós mesmos sós a

(1) **OS INIMIGOS DE JUDÁ** — Eram os diversos povos, que habitavam na Samaria descendentes daqueles, que os reis assírios tinham mandado para lá.

FILHOS DO CATIVEIRO — Isto é, os israelitas, que tinham vindo do cativoiro de Babilônia.

1 Esdras 4, 4-10

edificaremos ao Senhor nosso Deus, como Ciro, rei dos persas, no-lo-á ordenado.

4 Sucedeu pois que todo o povo da terra impedisse o trabalho do povo de Judá e os inquietasse na obra.

5 Ganharam também por dinheiro contra eles os conselheiros, para arruinarem o seu projeto durante todo o tempo de Ciro, rei dos persas, e até o reinado de Dario, rei dos persas.

6 Mas no reinado de Assuero, quando êle começou a reinar, ofereceram por escrito uma acusação contra os habitantes de Judá e de Jerusalém.

7 E no reinado de Artaxerxes escreveu Beselão Mitridates, a Tabeel, e os outros, que eram do conselho destes, a Artaxerxes, rei dos persas: E a carta de acusação era escrita em siríaco, e se lia na língua dos siros.

8 Reum Beelteem, e Samsai, secretário, escreveram de Jerusalém uma carta ao rei Artaxerxes, do teor seguinte:

9 Reum Beelteem, e Samsai, secretário, e os outros seus conselheiros, os dineus, e os afarsataqueus, os terfaleus, e os afarseus, os ercueus, os babilônios, os susanequeus, os dievos, e os elamitas,

10 e os outros dentre as nações, que o grande e o glorioso Asenafar transportou: E que êle fez morar em paz nas cidades de Samaria, e nas outras províncias da banda de além do rio: (2)

(2) **ASENAFAR** — Não concordam os intérpretes sobre quem era este Asenafar. Uns querem que fôsse Salmanasar, aquêle de quem diz a escriptura, 4 Rs 17, 24, que foram levados cativos para a Assíria os israelitas habitantes de Samaria; e que em lugar destes mandara para Samaria muitas gentes de Babilônia, de Cuta, de Avat, de Emat, e de Sefarvaim. Com efeito alguns Códices antigos da Vulgata, que cita Nicolau de Lyra, traziam aqui **Salmanasar**, onde os de hoje trazem **Asenafar**. Todavia outros se persuadem, de que este Asenafar é Asaradom. Pereira.

11 (Esta é a cópia da carta que lhe mandaram.) O' rei Artaxerxes, os teus servos, os varões que habitam da banda de além do rio, te enviam saudar.

12 Saiba o rei, que os judeus que transitaram do pé de ti para nós, vieram a Jerusalém, cidade rebelde e péssima, a qual reedificam construindo os seus muros, e reparando as paredes.

13 Agora pois seja notório ao rei, que se esta cidade fôr reedificada, e os seus muros restaurados, não pagarão mais os tributos, nem os rendimentos anuais, e esta perda chegará até os reis.

14 E nós lembrando-nos do sal, que comemos em palácio, e julgando como coisa injusta o ver os prejuízos do rei, por isso mandamos dar aviso ao rei, (3)

15 para que examines os livros das histórias de teus predecessores, e acharás escrito nos seus comentários, e saberás que esta cidade é uma cidade rebelde, e inimiga dos reis e das províncias, e que de tempos antigos se tem nela excitado guerras: Pelo que também a mesma cidade foi já destruída.

16 Nós pois declaramos ao rei, que se esta cidade fôr reedificada, e os seus muros restabelecidos, não possuirás as terras da banda de além do rio.

17 O rei respondeu a Reum Beelteem, e a Samsai, secretário, e aos outros habitantes de Samaria que eram do conselho deles, e aos mais que moravam da banda de além do rio, desejando-lhes saúde e paz.

18 A acusação, que vós nos enviastes, foi manifestamente lida na minha presença:

19 E foi ordenado por mim: Que se examinassem as memórias, e acharam que de tempos antigos se tem

(3) **DO SAL** — Está aqui a parte pelo todo; o sal por todo. o alimento, visto ser um elemento indispensável à vida.

1 Esdras 4, 20-24; 5, 1-2

esta cidade revoltado contra os reis, e que nela se têm excitado sedições, e guerras:

20 Porque em Jerusalém houve reis muito valentes, que também foram senhores de tôdas as terras, que estão da outra banda do rio: E que recebiam também delas tributos e impostos, e rendimentos.

21 Agora pois ouvi o que eu ordeno: Embaraçai êsses homens que não reedifiquem essa cidade, até que eu não mande o contrário.

22 Vêde não sejais negligentes em executar esta ordem, e não suceda crescer o mal pouco a pouco contra o interesse dos reis.

23 A cópia pois dêste edito do rei Artaxerxes foi lida diante de Reum Beelteem, e de Samsai, secretário, e dos seus conselheiros: E a grã pressa o foram levar a Jerusalém aos judeus, e lhes impediram de mão armada a obra.

24 Então foi interrompida a obra da casa do Senhor em Jerusalém, e não se trabalhou nela até o segundo ano do reinado de Dario, rei dos persas.

CAPÍTULO 5

AGEU E ZACARIAS EXORTAM OS JUDEUS A CONTINUAREM A CONSTRUÇÃO DO TEMPLO. OS OFICIAIS DE DARIO O INFORMAM DISTO.

1 E profetaram o profeta Ageu, e Zacarias, filho de Ado, profetizando em nome do Deus de Israel aos judeus, que estavam em Judéia, e em Jerusalém. (1)

2 Então se deram pressa Zorobabel, filho de Salatiel, e Josué, filho de Josedec, e começaram a edificar o

(1) **FILHO DE ADO** — Isto é, neto, porque era filho de Baraquias.

templo de Deus em Jerusalém, e com êles os profetas de Deus que os ajudavam.

3 E no mesmo tempo veio ter com êles Tatanai, que era chefe dos da banda de além do rio, Estarbuzanai, e os seus conselheiros: E lhes disseram assim: Quem vos aconselhou que edificásseis este templo, e que restabelecêsseis os seus muros?

4 Ao que nós lhes respondemos, nomeando os homens que eram autores daquela edificação.

5 Mas Deus olhou favoravelmente para os anciãos dos judeus, e não puderam tolhê-los. Entretanto determinou-se que se participasse o negócio a Dario, e que então os judeus respondessem àquela acusação. (2)

6 Eis-aqui a cópia da carta, que ao rei Dario mandaram Tatanai governador da província de além do rio, e Estarbuzanai, e seus conselheiros os arfasaqueus, que habitavam da banda de além do rio.

7 A carta, que êles lhe mandaram, era escrita nestes termos: Ao rei Dario tôda a paz.

8 Saiba o rei que nós fomos à província da Judéia, à casa do grande Deus, que se está edificando de pedras tôscas, e onde se estão pondo os sobrados sobre as paredes: E esta obra se edifica com grande cuidado, e se adianta nas suas mãos: (3)

9 Nós pois nos informamos daqueles anciãos, e lhes dissemos assim: Quem vos deu poder para edificardes esta casa, e para restaurardes êstes muros?

(2) **DARIO** — Era Dario filho de Hístaspes.

(3) **PEDRAS TÔSCAS** — Assim traduziu o padre Pereira a Vulgata *Lapido impolito*, palavras que têm dado ocasião a variadas interpretações. Os Setenta entendem por pedras escolhidas *Lapidibus electis*. Porém, Estin analisando o texto hebraico, diz que se deve traduzir — pedra grande. — *Vox Hebraea non sign. impolitum, sed magnum, vel molem.*

1 Esdras 5, 10-16

10 E perguntamos-lhes também pelos seus nomes. para tos declararmos: E escrevemos os nomes daqueles varões, que são entre êles os principais.

11 Êles nos responderam assim, dizendo: Nós somos servos do Deus do Céu, e da terra, e reedificamos um templo, que há muitos anos tinha sido fundado, e que um grande rei de Israel tinha edificado, e construído. (4)

12 Mas depois que nossos pais provocaram à ira o Deus do Céu, êle os entregou nas mãos de Nabucodonosor rei de Babilônia na Caldéia, o qual destruiu também esta casa, e transportou o seu povo para Babilônia. (5)

13 No primeiro ano porém de Ciro rei de Babilônia, o rei Ciro saiu com um edito para que esta casa de Deus se reedificasse.

14 Porque também os vasos de ouro e de prata do templo de Deus, que Nabucodonosor tinha levado do templo, que estava em Jerusalém, e transportara para o templo de Babilônia, tirou o rei Ciro do templo de Babilônia e foram dados a Sassabasar, a quem o rei também nomeou príncipe,

15 e lhe disse: Toma êstes vasos e vai, e põe-nos no templo, que havia em Jerusalém, e reedifique-se a casa de Deus no mesmo lugar onde estava.

16 Então, pois, veio aquêle Sassabasar a Jerusalém e pôs os fundamentos do templo de Deus em Jerusa-

(4) **UM GRANDE REI** — E' Salomão.

(5) **MAS DEPOIS QUE NOSSOS PAIS... ETC.** — Estas palavras são para prevenir tácitamente uma objeção que podia ser formulada pelos samaritanos, pela seguinte maneira: "Se vós fósseis servos de Deus, e se êste Templo a Deus pertencesse, o Senhor conservar-vos-ia e manteria ileso a sua casa." Então respondem desde já: "Mas depois que somos pais", etc.

lém e de então para cá se está edificando, e ainda não está acabado.

17 Agora pois, se parece bem ao rei, mande que se examine na real biblioteca, que está em Babilônia, se é verdade que o rei Ciro ordenou que se reedificasse a casa de Deus em Jerusalém, e sôbre isto nos faça saber sua real vontade. (6)

CAPÍTULO 6

DARIO CONFIRMA A ORDEM DE CIRO A FAVOR DOS JUDEUS.
ACABA-SE O TEMPLO. E' DEDICADO. CELEBRA-SE A PASCOA.

1 Então o rei Dario mandou: E examinaram na biblioteca dos livros, que estavam depositados em Babilônia,

2 e achou-se em Ecbátana, que é um castelo da província da Média, um livro, onde estava escrita a seguinte memória:

3 No primeiro ano do rei Ciro: O rei Ciro ordenou que a casa de Deus, que há em Jerusalém, fôsse reedificada no lugar onde se ofereçam sacrifícios, e que se lhe pusessem uns fundamentos que sustentem a altura de sessenta côvados de alto, e a largura de sessenta côvados,

4 três fiadas de pedras por polir, e do mesmo modo fileiras de madeira nova: E que a despesa se fizesse da casa do rei.

5 E que se restituíssem também os vasos de ouro e prata do templo de Deus, que Nabucodonosor tirara

(6) NA REAL BIBLIOTECA — No original hebraico está "na casa dos tesouros do rei". Certamente na parte destinada às preciosidades estariam manuscritos, etc. Não se deve, pois, dar à frase o sentido restrito que nós hoje lhe damos.

1 Esdras 6, 6-11

do templo de Jerusalém, e que levara para Babilônia, e que se reconduzissem para o templo de Jerusalém para o seu lugar, os quais também se puseram no templo de Deus.

6 Agora pois vós, Tatanai governador das terras, que estão de além do rio, Estarbuzanai, vossos conselheiros os afarsaqueus, que viveis de além do rio, retirai-vos longe dos judeus,

7 e deixai que se faça aquêlo templo de Deus pelo chefe dos judeus, e pelos seus anciãos, para que edifiquem aquela casa de Deus no seu lugar.

8 E tenho também ordenado como é que se deve proceder com aquêles anciãos dos judeus, para que se reedifique a casa de Deus, e vem a ser que do bolsinho do rei, isto é, dos tributos que se pagam das terras de além do rio, se dê com pontualidade àqueles homens o que fôr necessário para as despesas, para que não se embarace a obra.

9 E que, sendo necessário, se lhes dê todos os dias novilhos, e borregos, e cabritos para se oferecerem em holocausto ao Deus do Céu, o trigo, o sal, o vinho, e o azeite, conforme o rito dos sacerdotes, que assistem em Jerusalém, para que não haja em coisa alguma motivo de queixa.

10 E ofereçam sacrifícios ao Deus do Céu, e roguem pela vida do rei, e de seus filhos.

11 Portanto foi por mim decretado: Que todo o homem que contravier a êste edito, se arranque um pau de sua casa, e se levante em alto, e o preguem nêle, e a sua casa seja confiscada. (1)

12 E o Deus que estabeleceu o seu nome naquêlo

(1) E A SUA CASA SEJA CONFISCADA — Os Setenta acrescentam “para a câmara do rei”.

lugar, dissipe todos os reinos, e o povo que estender a sua mão para o contradizer, e para destruir aquela casa de Deus, que está em Jerusalém. Eu Dario ordenei êste edito, e quero que êle se cumpra pontualmente. (2)

13 Tatanai pois o governador do território de além do rio, e Estarbuzanai, e os seus conselheiros, conforme o que havia ordenado o rei Dario, assim o executaram.

14 E os anciãos dos judeus edificavam, e eram bem sucedidos conforme a profecia do profeta Ageu, e de Zacarias, filho de Ado: E edificaram e construíram o edificio pelo mandado do Deus de Israel, e pela ordem de Ciro, e de Dario, e de Artaxerxes, reis dos persas:

15 E completaram esta casa de Deus, no dia três do mês de Adar, que é o sexto ano do reinado do rei Dario. (3)

16 E os filhos de Israel, os sacerdotes e os levitas, e os mais filhos que tinham voltado do cativeiro, fizeram a dedicação da casa de Deus com regozijo. (4)

17 E ofereceram para a dedicação da casa de Deus, cem novilhos, duzentos carneiros, quatrocentos borregos, doze bodes pelo pecado de todo o Israel, conforme o número das tribos de Israel.

18 E estabeleceram sacerdotes nas suas ordens, e levitas nos seus turnos sobre as obras de Deus em Jeru-

(2) **E O DEUS** — Claramente conhece o Deus Verdadeiro, confessa o seu poder e justiça, distinguindo-o das falsas divindades.

(3) **MÊS DE ADAR** — E' o duodécimo mês, que corresponde a parte de fevereiro e princípios de março.

SEXTO ANO — Querem alguns que fôsse terminada no sexto ano de Dario somente a parte interior do Templo, e que o restante só foi concluído no nono ano, anno sexto Darii pars interior Templi, quao proprio templum vocabatur perfecta est; sed anno nono Darii atria, porticus, aliaque ornamenta Templi perfecta erant. Lápide.

(4) **FILHOS DE ISRAEL** — Isto é, os judeus e os benjamitas e outros. E' uma sinédoque.

1 Esdras 6, 19-22; 7, 1

salém, segundo está escrito no Livro de Moisés.

19 E os filhos de Israel que eram tornados do cativo, celebraram a Páscoa, no dia catorze do primeiro mês.

20 Porque os sacerdotes e os levitas se tinham purificado, como se fôsem um só homem: Todos puros imolaram a Páscoa para todos os israelitas tornados do cativo, e para os sacerdotes seus irmãos, e para si mesmos.

21 E os filhos de Israel, que tinham voltado do cativo, comeram a Páscoa, e todos aquêles que se tinham separado da corrupção dos povos do país unidos a êles, para buscarem o Senhor Deus de Israel. (5)

22 E fizeram a solenidade dos asmos por sete dias com júbilo, porque o Senhor os tinha enchido de contentamento, e tinha mudado o coração do rei da Assíria a favor dêles para êste os ajudar na obra da casa do Senhor Deus de Israel. (6)

CAPÍTULO 7

ESDRAS E' ENVIADO À JUDEIA POR ARTAXERXES. EDITO DÊSTE PRÍNCIPE A FAVOR DOS JUDEUS.

1 E depois destas coisas no reinado de Artaxerxes, rei dos persas, Esdras, filho de Saraias, filho de Azarias, filho de Helcias, (1)

(5) **QUE SE TINHAM SEPARADO DA CORRUPÇÃO** — Isto é, os prosélitos ou neo-convertos de gentilismo que abraçavam a religião judaica na qual entravam pela circuncisão. E' sabido que os circuncidados podiam participar da Páscoa. Êx 12, 48.

(6) **E TINHA MUDADO O CORAÇÃO DO REI DA ASSÍRIA** — Depois de Ciro tinham-se reunido num só império da Pérsia os dos assírios, babilônios e medos.

(1) **NO REINADO DE ARTAXERXES** — E' Artaxerxes Longimano, neto de Dario.

2 filho de Selum, filho de Sadoc, filho de Aquitob,
3 filho de Amarias, filho de Azarias, filho de Ma-
raiot,

4 filho de Zaraías, filho de Ozi, filho de Boci,

5 filho de Abisué, filho de Finéias, filho de Eleazar,
filho de Aarão, que foi o primeiro pontífice.

6 O mesmo Esdras veio de Babilônia, e êle era es-
criba expedito na lei de Moisés que o Senhor Deus tinha
dado a Israel: O rei conforme a mão do Senhor seu
Deus que era com êle lhe concedeu tudo o que pediu. (2)

7 E muitos dos filhos de Israel, e dos filhos dos
sacerdotes, e dos filhos dos levitas, e dos cantores, e dos
porteiros, e dos natineus vieram para Jerusalém no sétimo
ano do rei Artaxerxes. (3)

8 E chegaram a Jerusalém no quinto mês do sétimo
ano dêste rei.

9 Porque êle partiu de Babilônia no primeiro dia
do primeiro mês, e chegou a Jerusalém no primeiro dia
do quinto mês, porque a mão favorável do seu Deus era
com êle.

10 Porque Esdras tinha preparado o seu coração
para buscar a lei do Senhor, e para cumprir e ensinar
em Israel os seus preceitos e as suas ordenanças.

11 Esta é pois a cópia da carta de Editó, que o rei
Artaxerxes deu a Esdras sacerdote, doutor instruído nas
palavras e nos preceitos do Senhor, e nas cerimônias que
êle prescreveu a Israel.

12 Artaxerxes, rei dos reis a Esdras sacerdote dou-
tor eruditíssimo na lei de Deus do Céu, saúde.

(2) **ESCRIBA EXPEDITO** — Assim traduzimos a Vulgata *scriba velox*, palavras estas a que já nos referimos na introdução, onde dissemos que não constituem um elogio.

(3) **FILHOS DE ISRAEL** — A saber, das outras tribos, se-
gundo entende Martene.

1 Esdras 7, 13-22

13 Tenho decretado que no meu reino todo aquêlo do povo de Israel, e dos seus sacerdotes, e dos levitas que queira ir para Jerusalém, vá contigo.

14 Porque tu és enviado pelo rei e pelos seus sete conselheiros, para visitares a Judéia, e a Jerusalém segundo a lei do teu Deus, que está na tua mão:

15 E para lebares a prata e o ouro, que o rei e os seus conselheiros ofereceram espontaneamente ao Deus de Israel, cujo Tabernáculo está em Jerusalém.

16 E tôda a prata e ouro que achares em tôda a província de Babilônia, e que o povo quizer oferecer, e tudo o que os sacerdotes espontaneamente oferecerem à casa de Deus, que está em Jerusalém,

17 recebe-o com liberdade, e compra diligentemente com êste dinheiro novilhos, carneiros, borregos e hóstias e as suas libações, e oferece-as sôbre o altar do templo do vosso Deus, que está em Jerusalém.

18 Mas se tu, e teus irmãos achardes por bem dispor de qualquer outra sorte do resto da prata e do ouro, obrai conforme a vontade do vosso Deus.

19 Os vasos também, que te foram dados para o ministério do Templo do teu Deus, entrega-os na presença de Deus em Jerusalém.

20 E ainda para as demais coisas, que fôrem necessárias para a casa do teu Deus, tudo quanto fôr preciso para se despendar, dar-se-á do tesouro, e da câmara do rei,

21 e por mim. Eu, o rei Artaxerxes, ordenei e mandei a todos os tesoureiros do erário público, que estão além do rio, que tudo o que vos pedir Esdras sacerdote, doutor da lei do Deus do Céu, lho deis sem demora,

22 até à quantia de cem talentos de prata, e até cem coros de trigo, e até cem batos de vinho, e até cem batos de azeite, e o sal sem medida.

23 Tudo o que pertence ao rito do Deus do Céu, se dê pontualmente na casa do Deus do Céu: Não suceda irar-se êle contra o reino do rei, e de seus filhos.

24 Nós vos declaramos também que tocante a todos os sacerdotes, e levitas, e cantores, e porteiros, natineus, e ministros da casa dêste Deus, vós não tereis poder de impordes nem talha, nem tributo, nem outros encargos sôbre êles.

25 E tu, Esdras, segundo a sabedoria que recebeste do teu Deus, estabelece juizes e presidentes, que julguem todo o povo, que está além do rio, isto é, todos aquêles que conhecem a lei do teu Deus, e ensina também com liberdade aos que a ignoram.

26 E todo o que não observar exatamente a lei do teu Deus, e a ordenação do rei, será condenado ou à morte, ou a destêrro, ou a alguma multa sôbre os seus bens, ou certamente à prisão.

27 Bendito seja o Senhor Deus de nossos pais, que pôs no coração do rei êste pensamento de glorificar a casa do Senhor, que está em Jerusalém, (4)

28 e que mostrou em mim a sua misericórdia diante do rei e dos seus conselheiros, e diante de todos os príncipes poderosos da côrte do rei: Portanto confortado eu da mão do Senhor meu Deus, que estava sôbre mim, ajuntei os primeiros de Israel para virem comigo.

CAPÍTULO 8

ESDRAS MANDA AJUNTAR OS LEVITAS. CHEGA A JERUSALÉM. CATALOGO DOS QUE VOLTARAM DE BABILÔNIA COM ESDRAS.

1 Êstes são pois os chefes das famílias, e genealogia daqueles que vieram comigo de Babilônia no reinado do rei Artaxerxes.

(4) **BENDITO SEJA** — Aqui é Esdras que fala.

1 Esdras 8, 2-15

2 Dos filhos de Finéias, Gérson. Dos filhos de Itamar, Daniel. Dos filhos de Davi, Harto. (1)

3 Dos filhos de Sequenias, filhos de Faros, Zacarias: E contaram-se com êle cento e cinqüenta homens.

4 Dos filhos de Faat Moab, Elionai, filho de Zaree; e com êle duzentos homens.

5 Dos filhos de Sequenias, o filho de Ezequiel, e com êle trezentos homens. (2)

6 Dos filhos de Adan, Abed, filho de Jonatan, e com êle cinqüenta homens.

7 Dos filhos de Alão, Isaías filho de Atália, e com êle setenta homens.

8 Dos filhos de Safatias, Zebedia filho de Miguel, e com êle oitenta homens.

9 Dos filhos de Joab, Obedia, filho de Jaiel, e com êle duzentos e dezoito homens.

10 Dos filhos de Selomit, o filho de Josfias, e com êle cento e sessenta homens. (3)

11 Dos filhos de Bebai, Zacarias filho de Bebai, e com êle vinte e oito homens.

12 Dos filhos de Azgad, Joanan, filho de Ecetan, e com êle cento e dez homens.

13 Dos filhos de Adonirão, que eram os últimos: E êstes são os seus nomes: Elifelet, e Jeiel, e Samaías, e com êles sessenta homens.

14 Dos filhos de Begui, Utai, e Zacur, e com êles setenta homens.

15 Eu os congreguei junto do rio, que corre para

(1) **FILHOS DE FINÉIAS** — Netos de Aarão e filhos de Eleazar, vide c. 7, 5.

(2) **FILHO DE EZEQUIEL** — Na versão dos Setenta e no árabe está: Dos filhos de Zatoé, Sequenias filho de Ezequiel.

(3) **DOS FILHOS DE SELOMIT, O FILHO DE JOSFIAS** — Os Setenta: Dos filhos de Baani, Selomit, filho de Josfias.

Aava, e ficamos ali três dias: E busquei entre o povo e os sacerdotes homens dos filhos de Levi, e não os achei aí (4)

16 Enviei pois Eliezer, e Ariel, e Semeias, e Elnatan, e Jarib e outro Elnatan, e Natan, e Zacarias, e Mosolão que eram dos chefes: E Joiarib, e Elnatan que eram sábios.

17 E eu os enviei a Edo, que era o chefe no lugar de Casfia, e lhes pus na bôca as palavras que deviam dizer a Edo, e aos natineus seus irmãos, no lugar de Casfia para nos trazerem os ministros da casa do nosso Deus. (5)

18 E como a mão favorável do nosso Deus era sobre nós, êles nos trouxeram um homem doutíssimo dos filhos de Mooli filho de Levi, filho de Israel, e Sarabias com seus filhos e seus irmãos que eram dezoito.

19 E Hasabias e com êle Isaías dos filhos de Merari, e seus irmãos, e seus filhos que eram vinte:

20 E dos natineus, que Davi, e os príncipes tinham instituído para o ministério dos levitas, duzentos e vinte natineus: Todos êstes estavam distinguidos pelos seus nomes.

21 E estando junto ao rio Aava publiquei ali um

(4) **QUE CORRE PARA AAVA** — Adiante, vv. 21 e 31. *Aava* é o mesmo nome do rio. Mas nenhuma dificuldade pode haver em que o rio tivesse o mesmo nome que a província para onde corria, a qual província crêem alguns doutos comentadores ser a *Adiabena*, onde Ptolomeu reconhece o rio *Diava*, ou *Ediava*, e juntamente a cidade de *Ohana*, ou de *Ovana*. Quanto mais que os Setenta dizem aqui: "Junto ao rio Evi." O terceiro de Esdras no grego diz, "Junto ao rio Téia" no latim "Junto ao rio Tia". — *Pereira*.

(5) **NO LUGAR DE CASFIA** — O comum dos intérpretes com Júnio, e Grócio, tem que êste lugar era nos montes Cáspios, entre a Média e a Hircânia, para onde os reis de Babilônia tinham mandado êstes judeus, depois da ruína de Jerusalém. — *Pereira*.

jejum para nos humilharmos diante do Senhor nosso Deus, e para lhe pedirmos uma feliz jornada para nós, e para nossos filhos, e para tudo o que levávamos conosco.

22 Porque tive vergonha de pedir ao rei uma escolta de gente de cavalo, que nos defendesse de nossos inimigos pelo caminho: Porque tínhamos dito ao rei: A mão de nosso Deus é sobre todos os que o buscam em bondade: E o seu império e o seu poder, e o seu furor é sobre todos os que o deixam.

23 Nós pois jejuamos, e fizemos por isto oração ao nosso Deus: E tudo nos sucedeu com felicidade.

24 E escolhi doze dentre os primeiros dos sacerdotes, Sarabias, e Hasabias, e com eles dez de seus irmãos.

25 E pesei diante deles a prata e o ouro, e os vasos consagrados da casa do nosso Deus, que o rei e os seus conselheiros, e os seus príncipes, e todos os que se tinham achado em Israel, haviam oferecido:

26 E entreguei nas suas mãos o pêso de seiscentos e cinqüenta talentos de prata, e cem vasos de prata, cem talentos de ouro:

27 E vinte taças de ouro, que tinham de pêso mil soldos, e dois vasos de um bronze mui caro e brilhante, tão belos como ouro.

28 E eu lhes disse: Vós sois os Santos do Senhor, e Santos são os vasos, e a prata e o ouro, que foi espontaneamente oferecido ao Senhor Deus de nossos pais:

29 Vigiai e guardai-os, até que os peseis em Jerusalém na presença dos príncipes dos sacerdotes, e dos levitas, e dos chefes das famílias de Israel, para se conservarem no tesouro da casa do Senhor.

30 E os sacerdotes e os levitas receberam o pêso

da prata, e do ouro, e dos vasos, para o levarem a Jerusalém à casa do nosso Deus.

31 Partimos pois do rio Aava no dia doze do primeiro mês para irmos para Jerusalém: E a mão do nosso Deus foi sobre nós, e nos livrou das mãos do inimigo e dos que nos armavam ciladas pelo caminho.

32 E chegamos a Jerusalém, e ficamos ali três dias.

33 E no dia quarto se pesou a prata, e o ouro, e os vasos na casa do nosso Deus por mão de Meremot, filho do sacerdote Urias, e com êle Eleazar, filho de Finéias, e com êles Jozabed, filho de Josué, e Noadaia filho do levita Benoi,

34 tudo conforme a sua conta e pêso: E então se descreveu todo o pêso.

35 E também os filhos da transmigração, que tinham voltado do cativoiro, ofereceram holocaustos ao Deus de Israel, doze novilhos por todo o povo de Israel, noventa e seis carneiros, setenta e sete cordeiros, doze bodes pelo pecado: Tudo em holocausto ao Senhor.

36 E entregaram os editos do rei aos sátrapas, que eram da côrte do rei, e aos governadores de além do rio, e exaltaram o povo e a casa de Deus.

CAPÍTULO 9

ESDRAS SABE QUE MUITOS ISRAELITAS TOMARAM MULHERES ESTRANGEIRAS. ORAÇÃO QUE ELE FAZ A DEUS NESTE PASSO.

1 E depois de sucedidas estas coisas, vieram à minha presença os príncipes, dizendo: O povo de Israel, os sacerdotes, e os levitas não se separaram dos povos dêste país, nem das suas abominações, a saber: dos cananeus, dos heteus, dos fereseus, dos jebuseus, e dos amonitas, e dos moabitas, e dos egípcios, e dos amorreus:

1 Esdras 9, 2-8

2 Porque êles tomaram das suas filhas para si e para seus filhos, e misturaram a linhagem santa com os povos destas terras: Até os príncipes e os magistrados entraram nesta primeira transgressão.

3 E quando eu ouvi estas palavras, rasguei a minha capa e a minha túnica, e arranquei os cabelos da minha cabeça e da minha barba, e assentei-me triste. (1)

4 E se ajuntaram ao pé de mim todos os que temiam a palavra do Deus de Israel, por causa da transgressão daqueles que tinham tornado do cativoiro, e eu perseverava assentado triste até ao sacrificio da tarde: (2)

5 E ao sacrificio da tarde eu me levantei da minha consternação, e rasgada a minha capa e a minha túnica, me pus de joelhos, e estendi as minhas mãos para o Senhor meu Deus,

6 e disse: Meu Deus, eu estou confundido, e envergonho-me de levantar a minha face para ti: Porque as nossas iniquidades se multiplicaram sobre as nossas cabeças, e os nossos delitos cresceram até o Céu,

7 desde o tempo de nossos pais: E nós mesmos também temos cometido graves pecados até o dia de hoje, e em as nossas iniquidades nós temos sido entregues, nós e os nossos reis, e os nossos sacerdotes nas mãos dos reis da terra, e entregues à espada, e ao cativoiro, e à rapina, e à confusão de nossos rostos, bem como ainda hoje o estamos.

8 E agora como há pouco e por um momento têm sido admitidos os nossos rogos pelo Senhor nosso Deus, para que nos ficassem algumas relíquias, e se nos desse

(1) **RASGUEI A MINHA CAPA** — Sinal de luto e de dor.

(2) **ATÉ AO SACRIFÍCIO DA TARDE** — Todos os dias se oferecia um holocausto de manhã e de tarde.

uma pequena estaca no seu Santo lugar, e nos alumiasse os olhos o nosso Deus e nos desse algum tempo de vida na nossa escravidão, (3)

9 porque nós somos escravos, e o nosso Deus não nos desamparou no nosso cativeiro, mas antes nos fez achar misericórdia diante do rei dos persas, para nos dar a vida, e para sublimar a casa do nosso Deus, e para a reedificar depois da sua desolação, e para nos deixar uma sebe em Judá e em Jerusalém. (4)

10 E agora, Deus nosso, que diremos nós depois disto? porque nós temos violado os teus mandamentos,

11 que tu nos tinhas dado pelos profetas teus servos, dizendo: A terra que vós ides possuir, é uma terra imunda segundo a imundície dos povos, e das outras terras, com abominações de que êles a encheram de uma extremidade à outra com a sua hediondez.

12 Por isso não deis vossas filhas a seus filhos, e não tomeis suas filhas para vossos filhos, e não procureis jamais nem a sua paz nem a sua prosperidade: Para que venhais a ser poderosos, e para que comais os bens desta terra, e para que tenhais por herdeiros a vossos filhos para sempre.

13 Mas depois de tudo o que nos tem sucedido por causa de nossas desordenadíssimas obras, e dos nossos

(3) **UMA PEQUENA ESTACA** — Para sustermos as nossas tendas, ou para pendurarmos dela as nossas alfalas. Com o que quer Esdras significar, que Deus lhe dera um pequeno estabelecimento na Judéa, e em Jerusalém, chamados na Escltura Santos lugares, pela especial habitação que nêles tinha o Deus de Israel, isto é, o verdadeiro, e único Deus. Pereira.

(4) **E PARA NOS DEIXAR UMA SEBE, ETC.** — Sebe é um cêrco que se faz de tábuas, ou de paus, para defender que não entrem nas fazendas homens ou animais daninhos. Aqui significa lugar de retiro.

grandes pecados, tu, ó nosso Deus, nos livraste da nossa iniquidade, e nos salvaste como nós o vemos hoje,

14 e para que nós não violássemos os teus mandamentos, nem celebrássemos matrimônios com os povos dados a estas abominações. Porventura estarás tu irado contra nós até nos perderes inteiramente sem nos deixares nenhum resto do povo para que se salve?

15 Senhor Deus de Israel, tu és justo: Porque nós fomos deixados, para sermos salvos como nós hoje o vemos. Eis-aqui estamos nós delinquentes diante de ti: Porque depois disto não se pode estar em tua presença.

CAPÍTULO 10

OS ISRAELITAS SE ARREPENDEM. ESDRAS LHES ORDENA QUE DEMITAM DE SI SUAS MULHERES. LISTA DOS QUE TINHAM COMETIDO ESTA PREVARICAÇÃO.

1 Orando pois assim Esdras, e implorando, e chorando, e jazendo prostrado diante do templo de Deus, uma grande multidão do povo de Israel de homens e de mulheres e de meninos se ajuntou ao pé dêle, e o povo derramou um mar de lágrimas. (1)

2 E respondeu Sequenias, filho de Jeiel dos filhos de Elão, e disse para Esdras: Nós temos prevaricado contra o nosso Deus, e tomamos mulheres estrangeiras das nações da terra, mas agora se disto Israel se arrepende,

3 façamos concôrto com o Senhor nosso Deus, que lançaremos fora tôdas as mulheres, e os que delas são

(1) **PROSTRADO DIANTE DO SENHOR** — Chorando e tomando sôbre si os pecados do povo. *Deflet hic peccatum, non suum, sed populi, cujus personam et peccatum in se suscipit, in eo typus Christi. Lapidé.*

nados conformando-nos com a vontade do Senhor, e com a dos que reverenciam os preceitos do Senhor nosso Deus: Faça-se segundo a lei. (2)

4 Levanta-te, a ti pertence determinar, e nós sere-mos contigo: Cobra alento, e obra.

5 Levantou-se pois Esdras e obrigou com juramen-to os príncipes dos sacerdotes e dos levitas, e a todo o Israel, que fariam o que se acaba de dizer, e eles o ju-raram.

6 E levantou-se Esdras de diante da casa de Deus, e foi à casa de Joanan, filho de Eliasib, e entrou ali, não comeu pão, nem bebeu água: Porque chorava o pecado daqueles que tinham voltado do cativeiro.

7 E deitou-se pregão em Judá, e em Jerusalém a todos os filhos que tinham vindo do cativeiro, para que se ajuntassem em Jerusalém:

8 E que todo o que se não achassé dentro de três dias conforme a ordem dos príncipes e dos anciãos, se lhe tomariam todos os seus bens, e seria lançado fora do ajuntamento dos que tinham vindo do cativeiro.

9 Assim concorreram todos os homens de Judá, e de Benjamim dentro de três dias a Jerusalém, no dia vinte do nono mês: E todo o povo se pôs quieto no ter-reiro do templo de Deus, tremendo por causa dos seus pecados, e por causa das chuvas. (3)

(2) **LANÇAREMOS FORA TODAS AS MULHERES** — O texto nos certifica no v. 19, que elles assim o fizeram: mas não declara se tomaram outras. Porém, os expositores assentam que sendo os tais casamentos prohibidos expressamente por Deus no Êxo-do e no Deuteronomio, vinham elles a ser não só illeitos, mas tam-bém inválidos.

(3) **OS HOMENS DE JUDÁ** — E de outras tribos, que de ora avante tomaram o nome de Judá.

NO DIA VINTE DO NONO MÊS — Corresponde ao nosso no-vembro, tempo de abundantíssimas chuvas.

10 E levantou-se o sacerdote Esdras, e lhes disse: Vós tendes transgredido, e vos casastes com mulheres estrangeiras, para acrescentardes mais os delitos de Israel.

11 Agora pois dai glória ao Senhor Deus de vossos pais, e fazei o que é do seu agrado, e separai-vos dos povos da terra, e das mulheres estrangeiras.

12 E tôda a multidão respondeu, e disse em alta voz: Faça-se assim segundo tu nos tens dito.

13 Mas porque o povo é grande, e é tempo de chuva, e não podemos estar de fora, e isto não é obra dum dia, nem dois, (porque temos gravissimamente pecado nisto), (4)

14 estabeleçam-se uns chefes dentre tôda a multidão: E todos os que em nossas cidades casaram com mulheres estrangeiras, venham em tempos determinados, e com êles os anciãos, e os magistrados de cada cidade, até que se aparte de nós a ira de nosso Deus, por causa dêste pecado.

15 Foram pois estabelecidos para isto Jonatan, filho de Azael, e Jaasia, filho de Tecué, e os ajudaram os levitas Mosolão, e Sebetai:

16 E assim o fizeram os filhos que tinham vindo do cativeiro. E o sacerdote Esdras, e os chefes das famílias foram às casas dos pais dêles, e todos pelos seus nomes, e se assentaram no primeiro dia do décimo mês para averiguar a coisa.

17 E levaram a fazer a conta de todos os varões

(4) **NÃO É OBRA DUM DIA** — Quer dizer que é trabalho de algum tempo, que se não pode fazer precipitadamente: pois que não deviam abandonar as mulheres desumanamente, o que seria também pecaminoso, já que criminosa fôra a união com elas. *Opus est aliquo tempore, ne quid, precipitanter fiat aut perperam; ne uxores nimium inhumaniter dimittendo, sicut prius cupide accipiendo denuo peccemus. Lapide.*

que tinham tomado mulheres estrangeiras, até ao primeiro dia do primeiro mês.

18 E dos filhos dos sacerdotes achou-se que tinham casado com mulheres estrangeiras êstes: Dos filhos de Josué, os filhos de Josedec e seus irmãos, Maasia, e Eliezer, e Jarib, e Godolia.

19 E convieram em lançar fora suas mulheres, e oferecer um carneiro do rebanho pelo seu delito.

20 E dos filhos de Emer, Hanani, e Zebedia.

21 E dos filhos de Harim, Maasia, e Elia, e Semeia, e Jeiel, e Ozias.

22 E dos filhos de Fesur, Elioenai, Maasia, Ismael, Natanael, Jozabed, e Elasa.

23 E dos filhos dos levitas Jozabed, e Semei, e Celaia, que por outro nome se chama Calita, Fataia, Judá, e Eliezer.

24 E dos cantores, Eliasib. E dos porteiros, Selum. Telem, e Uri.

25 E do povo de Israel, dos filhos de Faros, Remeia, e Jezia, e Melquia, e Miamin, e Eliezer, e Melquia, e Banéia.

26 E dos filhos de Elão, Matania, Zacarias, e Jeiel, e Abdi, e Jerimot, e Elia.

27 E dos filhos de Zetua, Elioenai, Eliasib, Matania, e Jerimut, Zabad e Aziza.

28 E dos filhos de Bebai, Joanan, Hanania, Zabai, Atalai.

29 E dos filhos de Bani, Mosolão, e Meluc, e Adaia, Jasub, e Saal, e Raïmot.

30 E dos filhos de Faat Moab, Edna, e Calal, Banaías, e Maasias, Matanias, Beseleel, Benui, e Manassés.

31 E dos filhos de Herem, Eliezer, Josué, Melquias, Semeias, Simeão.

32 Benjamim, Maloc, Samarias.

1 Esdras 10, 33-44

33 E dos filhos de Hasoim, Matanai, Matata, Zabad, Elifelet, Jermai, Manassés, e Semci.

34 Dos filhos de Bani, Maadi, Amrão, e Vel.

35 Banéias, e Badaias, Queliau,

36 Vania, Marimut, e Eliasib,

37 Matanias, Matanai, e Jasi,

38 e Bani, Benui, Semei,

39 e Salmias, e Natan, e Adaias,

40 e Mecnedebai, Sisai, Sarai,

41 Ezrel, e Selemiau, Semeria,

42 Selum, Amaria, José.

43 Dos filhos de Nebo, Jeiel, Matatias, Zabad, Zabina, Jedu, e Joel, e Banaia.

44 Todos êstes tinham tomado mulheres estrangeiras, e destas havia mulheres que tinham tido filhos.

SEGUNDO LIVRO DE ESDRAS

OU DE NEEMIAS

CAPÍTULO 1

NEEMIAS É INFORMADO DO TRISTE ESTADO DE JERUSALÉM.
ORAÇÃO QUE DIRIGE AO SENHOR.

1 História de Neemias, filho de Helquias. E aconteceu no mês de Casleu, no ano vigésimo, quando eu estava no castelo de Susa. (1)

2 E veio Hanani, um de meus irmãos, êle com alguns da tribo de Judá: E lhes perguntei pelos judeus, que tinham ficado, e sobreviviam ainda depois do cativoiro, e acêrca de Jerusalém. (2)

3 E êles me responderam: Os que ficaram depois do cativoiro, e foram deixados ali na província, estão numa grande aflição, e em ignomínia: E os muros de Jerusalém foram destruídos, e as suas portas consumidas do fogo. (3)

(1) **NO ANO VIGÉSIMO** — Do rei Artaxerxes, como melhor se vê no c. 2, v. 1.

(2) **UM DE MEUS IRMÃOS** — Quer dizer, um dos meus companheiros ou patrícios da mesma tribo.

(3) **NA PROVÍNCIA** — Isto é, na Judéa, que estava reduzida à condição de província da Pérsia.

2 Esdras 1, 4-10

4 E como eu ouvi estas palavras, assentei-me, e chorei, e derramei lágrimas por muitos dias: Jejuei, e orei na presença de Deus do céu. (4)

5 E disse: Peço-te, Senhor Deus do céu, forte, grande e terrível, que guardas o teu pacto, e a tua misericórdia para com aqueles que te amam, e observam os teus mandamentos:

6 Atendam os teus ouvidos, e os teus olhos se abram para ouvires a oração do teu servo, que eu hoje faço em tua presença de noite e de dia pelos filhos de Israel, teus servos: E confesso os pecados dos filhos de Israel, que têm cometido contra ti: Eu, e a casa de meu pai pecamos,

7 nós fomos seduzidos pela vaidade, e não guardamos os teus mandamentos, e as tuas cerimônias, e as tuas ordenanças que tu prescreveste a teu servo Moisés (5)

8 Lembra-te da palavra, que deste a Moisés, teu servo, dizendo: Quando vós transgredirdes, eu vos espalharei pelos povos:

9 Mas se vós vos converterdes a mim, e guardardes os meus preceitos, e os cumprirdes: Ainda quando vós tendes sido espalhados até as extremidades do mundo, eu vos ajuntarei dêsses países e eu vos reconduzirei ao lugar, que eu escolhi, para nêle habitar o meu nome. (6)

10 E êstes são os teus servos, e o teu povo, os quais

(4) **ASSENTEI-ME** — Subentende-se, na terra ou na cinza.

(5) **FOMOS SEDUZIDOS PELA VAIDADE** — O orgulho, a ambição, os tinham perdido; abraçaram a mentira, desprezando a verdade, prestando culto aos ídolos da gentildade. Ou segundo outra interpretação mais em conformidade com o texto hebraico, que diz: — “obramos vãmente”, que quer dizer, “não pensamos, não quisemos refletir, e seguimos os vãos ditames do coração pervertido”.

(6) **SE VOS CONVERTERDES** — Pela verdadeira penitência, mostrando por fatos o arrependimento.

tu resgataste na tua soberana fortaleza, e na tua mão poderosa. (7)

11 Peço-te, Senhor, que estejam atentos os teus ouvidos à oração do teu servo, e às orações dos teus servos, que querem temer o teu Nome: E conduzê hoje o teu servo, e faze-o achar misericórdia diante dêste homem: Porque eu era copeiro-mor do rei.

CAPÍTULO 2

NEEMIAS ALCANÇA DE ARTAXERXES PERMISSÃO DE A IR REEDIFICAR. VAI A JERUSALÉM, E EXORTA OS JUDEUS A QUE RESTAUREM OS SEUS MUROS.

1 Sucedeu pois no mês de Nisan no ano vigésimo do reinado de Artaxerxes: E estava pôsto vinho diante dêle e eu tomei o vinho, e o ministrei ao rei: E eu estava como abatido na sua presença. (1)

2 E o rei me disse: Por que está triste o teu rosto, não te vendo estar doente? Isto não é sem causa, e não sei que mal há no teu coração. E eu me enchi de um temor grande, e excessivo.

3 E disse ao rei: O' rei, vive eternamente: Por que não há de estar o meu rosto amargurado pois que a cidade que é a casa dos sepulcros de meus pais, está deserta, e as suas portas foram queimadas pelo fogo? (2)

4 E o rei me disse: Que me pedes tu? E fiz eu oração ao Deus do Céu, (3)

(7) **SÃO OS TEUS SERVOS** — Como tu sejas o Senhor e nós os servos, tu o Rei e nós os vassallos.

(1) **NO MÊS DE NISAN** — O primeiro do ano sacro, e o sétimo do ano civil.

(2) **O REI VIVE ETERNAMENTE** — Fórmula de cumprimento dirigido aos reis persas.

(3) **FIZ EU ORAÇÃO** — Para que a sua palavra pudesse mover o ânimo endurecido do rei.

5 e disse ao rei: Se é do agrado do rei, e o teu servo é aceito em tua presença, peço-te que me mandes à Judéia, à cidade dos sepulcros de meus pais, e eu a reedificarei. (4)

6 E disse-me o rei, e a rainha, que estava assentada a par dêle: Que tempos durará a tua jornada, e quando voltarás tu? Eu lhe apontei o tempo: E aprazeu na presença do rei, e me permitiu que fôsse.

7 E disse ao rei: Se ao rei parece bem, eu lhe suplico que me dê cartas para os governadores das províncias de além do rio, para que me dêem passagem, até eu chegar à Judéia:

8 E uma carta para Asaf guarda do bosque do rei, a fim de me dar madeiras, com que cubra as portas das tôrres da casa, e os muros da cidade, e a casa em que eu me alojar. E o rei me concedeu tudo, segundo era comigo a mão favorável do meu Deus. (5)

9 E fui ter com os governadores do país de além do rio, e lhes apresentei as cartas do rei. E o rei tinha enviado comigo oficiais de guerra, e gente de cavalo.

10 E Sanabalat horonita, e Tobias servo amonita o souberam: E ficaram em extremo tristes, por ter vindo um homem, que buscava o bem dos filhos de Israel.

11 E cheguei a Jerusalém, e estive ali três dias,

12 e me levantei de noite, eu e poucas pessoas comigo, e não disse a ninguém o que Deus me tinha inspi-

(4) **SE É DO AGRADO DO REI** — Quer dizer, se encontrarei favor junto da tua real pessoa.

(5) **BOSQUE DO REI** — Entendem os intérpretes a região que ficava entre o Líbano e o Antilíbano, a que se dava o nome de bosque, por causa da amenidade do local, em cuja extremidade ficava o sítio denominado Paraíso, a que se refere Plínio, 5, 23 — Martene. — Outros entendem que era parte do Monte Líbano reservada para o rei passear e caçar. — Júnio.

rado no meu coração para fazer em Jerusalém: E eu não tinha ali cavalo, senão o em que estava montado.

13 E saí de noite pela porta do vale, e ante a fonte do Dragão, e à porta da esterqueira, e contemplava os muros de Jerusalém deitados abaixo, e as suas portas que tinham sido queimadas pelo fogo.

14 E passei à porta da fonte, e ao aqueduto do rei, e não havia lugar por onde pudesse passar o cavalo em que eu ia montado.

15 E subi de noite pela torrente, e eu considerava os muros, e voltando cheguei à porta do vale, e recolhi-me.

16 E os magistrados não sabiam onde eu tinha ido, nem o que eu fazia: E até então não tinha eu descoberto nada, nem aos judeus nem aos sacerdotes, nem aos magnates, nem aos magistrados, nem aos mais dos que tinham a intendência das obras.

17 E eu lhes disse: Vós vêdes a aflição em que estamos: Porque Jerusalém está deserta, e as suas portas foram consumidas pelo fogo: Vinde, e restauremos os muros de Jerusalém, não sejamos mais o opróbrio.

18 E eu lhes referi o como a mão do meu Deus era favorável para comigo, e as palavras que o rei me tinha dito, e digo: Vinde, e reedifiquemos. E as suas mãos se fortaleceram para o bem.

19 Mas Sanabalat horonita, e Tobias servo amonita, e Gosem Árabe, o souberam, e fizeram zombaria de nós, e desprezaram-nos, e disseram: Que é isso que vós fazeis? Porventura vós vos rebelais contra o rei?

20 E eu lhes respondi, e lhes disse: O Deus do Céu é o que nos ajuda, e nós somos seus servos: Levantemo-nos e reedifiquemos: Porque vós não tendes parte, nem direito, nem sois conhecidos em Jerusalém.

CAPÍTULO 3

LISTA DOS QUE TRABALHARAM NA REEDIFICAÇÃO DOS MUROS DE JERUSALÉM.

1 E levantou-se o sumo pontífice Eliasib, e os sacerdotes seus irmãos, e reedificaram a porta do rebanho: Êles a consagraram, e assentaram as suas portas e êles a consagraram até à torre de cem côvados, até à torre de Hananeel. (1)

2 E junto a êle edificaram os homens de Jericó: E ao pé dêle edificou Zacur filho de Amri.

3 E os filhos de Asnaa edificaram a porta dos peixes: E êles a cobriram, e puseram as suas duas portas, e as fechaduras e as trancas. Ao pé dêles edificou Marimut, filho de Urias, filho de Acus.

4 E ao pé dêste edificou Mosolão, filho de Baraquias, filho de Mesezebel: E ao pé dêles edificou Sadoc, filho de Baana:

5 E ao pé dêstes edificaram os de Técua; mas os principais dentre êles não se sujeitaram a trabalhar na obra de seu Senhor.

6 E Jojada, filho de Faséia, e Mosolão, filho de Besodia, edificaram a porta velha: Êles a cobriram, e lhe puseram as suas portas, e as fechaduras, e as trancas.

7 E ao pé dêles, edificaram Meltias gabaonita, e Jadon meronatita, homens de Gabaon, e de Masfa, pelo governador que estava no país de além do rio.

8 E ao pé dêle edificou Eziel, filho de Araia ourives: E ao pé de Eziel, Ananias, filho de um perfumador: E deixaram aquela parte de Jerusalém até ao muro da rua larga.

(1) E LEVANTOU-SE — Quer dizer, e pôs em prática a reedificação do templo.

9 E ao pé dêle edificou Rafaia, filho de Hur, capitão de um bairro de Jerusalém.

10 E ao pé dêle defronte de sua casa edificou Jedaia, filho de Haromaf: E ao pé dêle edificou Hato, filho de Hasebonias.

11 Melquias, filho de Herem, e Hasub, filho de Faat Moab edificaram a metade de um bairro, e a tôrre dos fornos.

12 E ao pé dêles edificaram Selum, filho de Aloés, capitão de metade de um bairro de Jerusalém, êle e suas filhas.

13 E a porta do vale edificaram-na Hanun, e os habitantes de Zanoë: Êstes a edificaram, e lhe puseram as suas portas, e as fechaduras, e as trancas, e refizeram mil côvados do muro até à porta da esterqueira.

14 E a porta da esterqueira edificou a Melquias, filho de Recab, capitão do bairro de Betacaram: Êle a edificou, e lhe pôs as suas portas, e as fechaduras, e as trancas.

15 E a porta da fonte edificou-a Selum filho de Colhoza, capitão do bairro de Masfa: Êle a edificou, e a cobriu, e lhe pôs as fechaduras, e as trancas, e refez os muros da piscina de Siloé ao longo do jardim do rei, e até os degraus que descem da cidade de Davi.

16 Depois dêle edificou Neemias, filho de Azboc, capitão de metade do bairro de Betsur até defronte do sepulcro de Davi, e até à piscina, que tinha sido feita com grande trabalho, e até à casa dos Valentes.

17 Depois dêle edificaram os levitas, Reum, filho de Beni: E depois dêle edificou Hasebias capitão de metade do bairro de Ceila no seu bairro.

18 Depois dêle edificaram seus irmãos Bavai, filho de Enaðade, capitão de metade de Ceila.

19 E depois dêle trabalhou Aser, filho de Josué, ca-

2 Esdras 3, 20-29

pitão de Masfa, outro tanto espaço defronte da subida do ângulo fortíssimo.

20 Depois dêle Baruc, filho de Zacai, edificou no monte outro tanto espaço, desde o ângulo até à porta da casa do sumo sacerdote Eliasib.

21 Depois dêle Merimut, filho de Urias, filho de Haco, edificou outro tanto espaço, desde a porta da casa de Eliasib, até onde se estendia a casa de Eliasib.

22 Depois dêle edificaram os sacerdotes habitantes das planícies do Jordão.

23 Depois dêle edificaram Benjamim e Hasub defronte de suas casas: E depois dêles edificou Azarias filho de Maasias, filho de Ananias, defronte de sua casa.

24 Ao pé dêle edificou Benui, filho de Henadad, outro tanto espaço, desde a casa de Azarias até a volta, e até o ângulo.

25 Falel, filho de Ozi, edificou defronte da volta e da torre, que se levanta acima da alta casa do rei, isto é, no átrio do cárcere: E depois dêle Fadaias, filho de Faros.

26 Os natineus porém habitavam no bairro de Ofel, até defronte da porta das águas para o Oriente, e até à torre que estava sobranceira. (2)

27 Depois de Fadaias edificaram os de Técua outro tanto espaço defronte desde a torre grande e eminente até o muro do Templo.

28 Os sacerdotes edificaram acima desde a porta dos cavalos, cada um defronte de sua casa.

29 Ao pé dêles edificou Sadoc, filho de Emer, defronte de sua casa. E depois dêle edificou Semaia, filho de Sequenias, guarda da porta do Oriente.

(2) NATINEUS — São os gibeonitas, segundo Cornélio a Lápide

30 Ao pé d'ele Hanania, filho de Selemias, e Hanun sexto filho de Selef, edificaram outro tanto espaço: E junto d'ele edificou Mozolão, filho de Baraquias, o muro, defronte do seu gazofilácio. E ao pé d'ele edificou Melquias, filho do ourives até à casa dos natineus; e dos adelos defronte da porta judiciária, até a câmara do ângulo.

31 E entre a câmara do ângulo na porta do rebanho edificaram os ourives e os negociantes.

CAPÍTULO 4

OS INIMIGOS DOS JUDEUS PRETENDEM EMBARAÇAR A REEDIFICAÇÃO DOS MUROS DE JERUSALÉM. ORDEM QUE DA NEEMIAS PARA SE SEGURAR DA SUA VIOLENCIA.

1 Sucedeu pois que tendo ouvido Sanabalat, que nós reedificávamos os muros, irou-se em extremo: E muito encolerizado escarneceu dos judeus, (1)

2 e disse diante de seus irmãos, e dum grande número de samaritanos: Que fazem êstes pobres judeus? Acaso deixá-los-ão os povos? Acaso sacrificarão êles, e acabarão a sua obra num dia? Acaso poderão edificar com as pedras, que pelo fogo foram reduzidas a um montão de pó? (2)

3 E até Tobias amonita que estava próximo a êle, disse: Edifiquem embora: Se vier uma rapôsa, saltará por cima do seu muro de pedras.

4 Ouve, Deus nosso, que estamos feitos o desprezo:

(1) **IROU-SE EM EXTREMO** — A causa da ira foi a inveja e prosperidade dos judeus.

(2) **DE SEUS IRMÃOS** — Não só os dos irmãos pelo sangue como dos patrícios e colegas.

2 Esdras 4, 5-13

Faze recair os insultos sôbre as suas cabeças, e torna-os objeto de vilipêndio numa terra de cativeiro. (3)

5 Não cubras a sua iniquidade, e o seu pecado não se apague de diante dos teus olhos, porque êles escarneceram dos que edificavam.

6 Nós pois reedificamos o muro, e o unimos todo até a metade: E o ânimo do povo se estimulou para trabalhar.

7 E succedeu que ouvindo Sanabalat, e Tobias, e os árabes, e os amonitas, e os de Azot, que a cicatriz do muro de Jerusalém se tinha fechado, e que se começavam a reparar as suas brechas, iraram-se sobremodo.

8 E ajuntaram-se todos de comum acôrdo para vi-rem, e atacarem Jerusalém, e armarem-nos emboscadas.

9 Nós pois fizemos oração ao nosso Deus, e pusemos guardas de dia e de noite sôbre o muro contra êles.

10 E os de Judá disseram: As fôrças dos que acarretam estão enfraquecidas, e há ainda muita terra que tirar, e nós não poderemos edificar o muro.

11 E disseram os nossos inimigos: Não saibam, nem percebam êles até que demos sôbre êles, e os matemos, e façamos cessar a obra.

12 E aconteceu que vindo os judeus, que moravam junto dêles, e tendo-nos descoberto por dez vêzes todos os lugares de onde vinham contra nós, (4)

13 arranjei por ordem o povo por detrás dos muros ao redor da cidade com as suas espadas, e lanças, e arcos.

(3) **OUVE, DEUS NOSSO, ETC.** — E' uma apóstrofe, ou exclamação intermédia de Neemias a Deus, pedindo-lhe vingança dos inimigos do seu povo: ou por melhor dizer com Estio, profetizando o castigo que havia de vir sôbre êles: que desta sorte mostro eu em as notas aos Salmos, que se deviam entender estas e outras semelhantes, que parecem imprecações dos varões Santos. — **Perceira.**

(4) **DEZ VÊZES** — Quer dizer, muitas e muitas vêzes.

14 E examinei e fui: E disse aos magnates e magistrados, e ao resto do povo: Não temais diante dêles. Lenibrai-vos do Senhor grande e terrível, e pelejai pelos vossos irmãos, pelos vossos filhos, e pelas vossas filhas, e pelas vossas mulheres, e pelas vossas casas.

15 Mas aconteceu, que tendo sabido nossos inimigos, que nós tínhamos sido avisados, dissipou Deus o desígnio dêles. E nós nos recolhemos às muralhas, cada um para a sua obra.

16 E daquele dia em diante sucedeu que uma metade da gente moça trabalhava na obra, e a outra metade estava prestes para a peleja, com lanças, e escudos, e arcos, e couraças, e os chefes atrás dêles em tôda a casa de Judá:

17 Os que edificavam os muros, e os que acarretavam, e os que carregavam: Com uma mão faziam a obra, e com a outra pegavam na espada:

18 Porque cada um dos que edificavam tinha a sua espada à cinta. E trabalhavam, e tocavam a trombeta ao pé de mim.

19 E disse eu aos magnates, e aos magistrados, e ao resto do povo: Esta obra é grande, e extensa, e nós estamos aqui no muro separados longe uns dos outros:

20 Em qualquer lugar que vós ouvirdes o som da trombeta, correi ali a socorrer-nos: O nosso Deus pelejará por nós.

21 E nós mesmos continuemos a obra: E a metade dos nossos tenha empunhadas as lanças desde o ponto da aurora até que saiam as estrêlas.

22 Neste mesmo tempo disse eu ao povo: Cada um fique com o seu moço no meio de Jerusalém, e revezemo-nos de noite, e de dia, para trabalhar.

23 Eu porém e meus irmãos, e os meus moços, e os guardas que me acompanhavam, não largávamos os nos-

2 Esdras 5, 1-7

soz vestidos: sòmente se despia cada um para se lavar. (5)

CAPÍTULO 5

MURMURAÇÃO DOS POBRES CONTRA OS RICOS. EXORTAÇÃO DE NEEMIAS AOS RICOS. SEU DESINTERESSE.

1 E levantou-se um grande clamor do povo, e de suas mulheres contra os judeus seus irmãos.

2 E havia quem dissesse: Nossos filhos, e nossas filhas são em excessivo número: vendamo-los, e compremos trigo para nos sustentar, e para vivermos.

3 Havia também quem dizia: Empenhemos os nossos campos, e as nossas vinhas, e as nossas casas, para termos trigo durante a fome.

4 E outros diziam: Tomemos dinheiro emprestado para pagarmos os tributos do rei, e demos os nossos campos e vinhas:

5 E agora a nossa carne é como a carne de nossos irmãos, e os nossos filhos são como os filhos deles: Eis-aqui nós reduzimos nossos filhos, e nossas filhas à escravidão, e de nossas filhas são as escravas, e não temos com que poder resgatá-las, e estranhos são os que possuem nossos campos, e nossas vinhas.

6 E eu me enfadei muito quando ouvi os seus clamores segundo estas palavras:

7 E considerei isto, comigo, mesmo no meu coração: E repreendi os magnates e os magistrados, e lhes disse: Porventura cada um de vós pretendeis de vossos irmãos usura? E convoquei contra eles um grande ajuntamento,

(5). PARA SE LAVAR — Isto é, para as abluções legais e lavagens higiênicas.

8 e lhes disse: Nós, como sabeis, segundo nossas posses, resgatamos os judeus nossos irmãos, que tinham sido vendidos às gentes: E vós vendereis agora vossos irmãos, e que nós os tenhamos de resgatar? E êles ficaram em silêncio, e não souberam que me responder.

9 E eu lhes disse: Não é boa coisa o que vós fazeis: Porque não andais vós no temor do nosso Deus, não suceda que nos lancem isto em rosto os povos nossos inimigos?

10 E eu, e meus irmãos, e os meus criados temos emprestado a muitos dinheiro e trigo: Convenhamos todos em não lhes pedir nada, e em os dar por quites do que êles nos devem.

11 Restitui-lhes hoje os seus campos, e as suas vinhas, e os seus olivais, suas casas: Pagai ainda mesmo por êles a centésima do dinheiro, do trigo, do vinho, e do azeite, que vós costumáveis cobrar dêles.

12 E responderam: Nós lho restituiremos, e não lhe pediremos nada: E faremos assim como tu dizes. E chamei os sacerdotes, e fiz-lhes prestar juramento, que o fariam como eu tinha dito.

13 Depois disto sacudi os meus vestidos, e disse: Assim sacuda Deus da sua casa, e do lôgro dos seus trabalhos todo aquêle homem, que não cumprir o que eu disse: Assim o seja êle sacudido, e fique sem coisa alguma. E todo o povo respondeu: Amém. E êles louvaram a Deus. Fêz pois o povo segundo se tinha dito.

14 E desde o dia em que o rei me tinha mandado que eu fôsse governador no país de Judá, desde o ano vinte do reinado de Artaxerxes até o trinta e dois por espaço de doze anos, nem eu, nem meus irmãos comemos das rendas, que eram devidas aos governadores.

15 Mas os primeiros governadores, que tinham sido antes de mim, oprimiram o povo, cobrando dêle todos

os dias quarenta siclos em pão, vinho, e dinheiro: E sôbre isto o carregavam ainda os seus oficiais. Mas pelo que é de mim eu o não fiz assim porque temo a Deus:

16 Antes eu mesmo trabalhei nos reparos do muro, sem comprar campo algum, e a minha gente se achou sempre junta no trabalho.

17 Os mesmos judeus e os magistrados até o número de cento e cinqüenta pessoas, e os que dentre os povos, estavam à roda de nós, vinham ter conosco, todos comiam à minha mesa.

18 Porque todos os dias se me preparava um boi, e seis carneiros escolhidos, fora as aves, e de dez em dez dias distribuía eu vinhos diversos, e muitas outras coisas: E além disso não cobreí as rendas do meu cargo de governador: Porque estava o povo extremamente atenuado. (1)

19 Lembra-te de mim, Deus meu, para usares comigo de misericórdia, à medida de todo o bem, que eu fiz a êste povo.

(1) **DISTRIBUÍA EU VINHOS DIVERSOS** — Assim em termos a Vulgata: "*Et inter dies decem vina diversa.*" O que se pode entender de dois modos: ou que nunca na mesa se punha vinho da mesma casta mais de dez dias, ou que só de dez em dez dias se punha na mesa vinho para todos, ou vinho em abundância. O segundo sentido é o que se colhe do hebreu, que diz assim: "*Intra decem dies omnibus vinum præbetur*": de dez a dez dias se dá a todos vinho. E do siríaco, que diz: "*Semel denis quibusque diebus multum vini.*" Por que de muitos outros lugares da Escritura se sabe, que entre os orientais nem sempre nos banquetes havia vinho, mas somente nos banquetes solenes. Ecl 30, 17; 32, 7; 49, 2. Pelo que Sacy, e de Carrières traduzem assim o presente lugar: "*De dix en dix jours je distribuais une grande abondance de vin.*" Le Grossi adotou ambos os sentidos vertendo: "*Et de dix jours en dix jours je faisais servir diverses sortes de vin en abondance.*"

CAPÍTULO 6

OS INIMIGOS DOS JUDEUS SE ESFORÇAM INÚTILMENTE POR SURPREENDER, E INTIMIDAR A NEEMIAS. ELE ACABA OS MUROS DE JERUSALÉM.

1 Sucedeu pois, que sabendo Sanabalat, e Tobias, e Gossem árabe, e os outros nossos inimigos, que eu tinha reedificado os muros, e que nêles já não havia brecha alguma (pôsto que até então eu não tinha pôsto as portas nos portais).

2 Sanabalat, e Gossem me mandaram dizer: Vem, e façamos aliança entre nós em qualquer das aldeias do campo de Ono. Mas êles intentavam fazer-me mal.

3 Eu pois lhes enviei mensageiros, que lhes dissessem: Eu tenho entre mãos uma grande obra, e não posso ir: Para que não suceda que se pare com ela, enquanto eu fór ter convosco.

4 E êles mandaram-me dizer a mesma coisa quatro vêzes: E eu lhes respondi como da primeira vez.

5 E Sanabalat me enviou ainda pela quinta vez um dos seus criados em conformidade da primeira proposta, e que trazia na sua mão uma carta do teor seguinte:

6 Corre voz entre o povo e Gossem publicou, que tu e os judeus tens resolvido rebelar-te, e que por isso reedificas os muros, e que pretendes constituir-te rei sobre êles: Por cuja causa,

7 dispuseste também profetas, que falem de ti com louvor em Jerusalém, dizendo: Há rei em Judéia. O rei há de ser informado destas coisas, por isso vem agora, para de acôrdo deliberarmos.

8 E lhes mandei a dizer: Não é assim segundo o que tu dizes: Porque tu inventas isto da tua cabeça.

9 Porque todos êstes procuravam aterrar-nos, ima-

2 Esdras 6, 10-14

ginando que nós cessariamos da obra, e largariamos o trabalho: Mas eu por isso mesmo cobrei mais ânimo: (1)

10 E entrei secretamente em casa de Semaías, filho de Dalaias, filho de Metabeel. Ele me disse: Consultemos entre nós na casa de Deus no meio do templo, e fechemos as portas do templo: Porque eles hão de vir para te matarem, e hão de vir de noite para te darem a morte.

11 E eu lhe respondi: Porventura uma personagem como eu há de fugir? E quem como eu entrará no templo, e há de viver? Eu não entrarei. (2)

12 E conheci que não era Deus quem o tinha enviado, mas que ele me falara como se fôra profeta, e que Tobias, e Sanabalat o tinham peitado:

13 Porque ele tinha recebido dinheiro para que eu intimidado o fizesse, e para que eu pecasse, e eles tivessem maldades de que me argüir.

14 Lembra-te de mim, Senhor, em quanto a Tobias e a Sanabalat, conforme estas suas obras: E lembra-te também do que fez o profeta Noadias, e os outros profetas, que me atemorizavam. (3)

(1) **PROCURAVAM ATERRAR-NOS** — Para que desistissem de seu intento.

(2) **ENTRARA NO TEMPLO, E HÁ DE VIVER?** — Assim à letra a Vulgata: *Et quis ut ego ingredietur templum, et vivet?* E entendido assim o texto, é este um dos fundamentos, por que Vatablo, Grócio, Calmet e outros muitos foram de opinião que Neemias não era sacerdote da tribo de Levi, mas príncipe leigo da tribo de Judá. Outros porém com Estio, de Carrières, e de Gross vertem assim o presente lugar: “E quem é o homem como eu, que entra no templo, para salvar lá a sua vida?” E entendidas assim as palavras do texto, já daqui se não pode fazer argumento pelo estado de leigo de Neemias, o qual com efeito se acha nomeado sacerdote no segundo livro dos macabeus, c. 1. — Pereira.

(3) **E LEMBRA-SE TAMBÉM DO QUE FEZ O PROFETA**

15 E acabou-se de reedificar o muro no dia vinte e cinco do mês de Elul, em cinqüenta e dois dias.

16 Aconteceu pois que tendo ouvido isto os nossos inimigos, se atemorizaram todos os povos nossos circunvizinhos, e se consternaram dentro de si mesmo, e reconheceram que esta obra era a obra de Deus.

17 E por aquêlo tempo muitos dos magnates dos judeus se carteavam com Tobias, e Tobias com êles.

18 Porque havia muitos na Judéia seus ajuramentados, por êle ser genro de Sequenias, filho de Aréia, e porque Joanan, seu filho, tinha casado com a filha de Mosolão, filho de Baraquias:

19 E até o louvaram diante de mim, e lhe passavam o que eu dizia: E Tobias mandava cartas para me aterrar.

CAPÍTULO 7

NEEMIAS ESTABELECE GUARDAS EM JERUSALÉM. LISTA DOS QUE TINHAM VINDO COM ZOROBABEL. OFERENDA FEITA AO TEMPLO.

1 E depois que o muro se acabou, e que eu pus as portas, e fiz a revista dos porteiros, e dos cantores e dos levitas;

2 ordenei a meu irmão Hanani, e a Hananias, príncipe da casa em Jerusalém (o qual me parecia homem sincero e temente a Deus mais do que os outros),

3 e lhes disse: Não se abram as portas de Jerusalém, menos que o sol não esteja alto. E quando êles ainda estavam presentes, as portas se fecharam e trancaram: E pus guardas dos habitantes de Jerusalém, cada um por seu turno, e cada um diante da sua casa.

NOADIAS — O hebreu diz: "Profetiza Noadia." Mas os Setenta, o siro, e o árabe estão pela Vulgata. — Pereira.

2 Esdras 7, 4-18

4 A cidade porém era muito larga e grande, e dentro dela era pouco o povo, e não estavam edificadas as casas.

5 Deus pois inspirou no meu coração o ajuntar os magnates, e os magistrados, e o povo, para lhes passar revista: E achei o livro de arrolamento daqueles, que tinham vindo primeiro, e nêle se achou escrito. (1)

6 Êstes são os filhos da província, que vieram do cativeiro da transmigração aos quais tinha transportado Nabucodonosor, rei de Babilônia, e voltaram para Jerusalém, e para Judéia, cada um para a sua cidade.

7 Os que vieram com Zorobabel foram Josué, Neemias, Azarias Raamias, Naamani, Mardoqueu, Bel-são, Mesfarat, Begoai, Naum, Baana. O número dos homens do povo de Israel é êste:

8 Filhos de Faros, dois mil cento e setenta e dois:

9 Filhos de Safatia, trezentos setenta e dois:

10 Filhos de Aréia seiscentos e cinqüenta e dois.

11 Filhos de Faat Moab, da família de Josué e de Joab, dois mil oitocentos e dezoito.

12 Filhos de Elão, mil e duzentos e cinqüenta e quatro:

13 Filhos de Zetua, oitocentos e quarenta e cinco:

14 Filhos de Zacai, setecentos e sessenta:

15 Filhos de Banui, seiscentos e quarenta e oito:

16 Filhos de Bebai, seiscentos e vinte e oito:

17 Filhos de Azgad, dois mil trezentos vinte e dois:

18 Filhos de Adonicam, seiscentos e sessenta e sete:

(1) **E ACHEI O LIVRO DO ARROLAMENTO DAQUELES** — Esta lista é a mesma que tinha dado Esdras no c. 2 da sua História: o livro onde Neemias a achou podia ser outro.

E ACHEI O LIVRO DE ARROLAMENTO DAQUELES QUE TINHAM VINDO PRIMEIRO — Isto é, da primeira vez, quando Zorobabel os trouxe de Babilônia para Jerusalém. — Pereira.

- 19 Filhos de Beguai, dois mil sessenta e sete:
- 20 Filhos de Adin, seiscentos e cinqüenta e cinco:
- 21 Filhos de Ater, filho de Hezecias, noventa e oito:
- 22 Filhos de Hazem, trezentos e vinte e oito:
- 23 Filhos de Besai, trezentos e vinte e quatro:
- 24 Filhos de Haref, cento e doze:
- 25 Filhos de Gabon, noventa e cinco.
- 26 Filhos de Belém, e Netufa, cento e oitenta e oito.
- 27 Homens de Anatot, cento e vinte e oito.
- 28 Homens de Betazmot, quarenta e dois.
- 29 Homens de Cariatiarim, de Cefira, e de Berot, setecentos e quarenta e três.
- 30 Homens de Rama e Geba, seiscentos e vinte e um.
- 31 Homens de Macmas, cento e vinte e dois,
- 32 Homens de Betel e de Hai, cento e vinte e três.
- 33 Homens de outra Nebo cinqüenta e dois.
- 34 Homens de outra Elão, mil e duzentos e cinqüenta e quatro.
- 35 Filhos de Harem, trezentos e vinte.
- 36 Filhos de Jericó, trezentos e quarenta e cinco.
- 37 Filhos de Lod de Hadid e de Ono, setecentos e vinte e um.
- 38 Filhos de Senaa, três mil novecentos e trinta.
- 39 Sacerdotes: Os filhos de Idaia na casa de Josué, novecentos setenta e três.
- 40 Os filhos de Emer, mil e cinqüenta e dois.
- 41 Os filhos de Fasur, mil e duzentos e quarenta e sete.
- 42 Os filhos de Arem, mil e dezessete. Levitas:
- 43 Os filhos de Josué e de Cedmiel, filhos
- 44 de Oduia, setenta e quatro. Cantores:
- 45 Os filhos de Asaf, cento e quarenta e oito.
- 46 Porteiros: Os filhos de Selum, os filhos de Ater,

2 Esdras 7, 47-61

os filhos de Telmon, os filhos de Acub, os filhos de Hattita, os filhos de Sobai, cento e trinta e oito.

47 Natineus: Os filhos de Soa, os filhos de Hasufa, os filhos de Tebaot,

48 os filhos de Ceros, os filhos de Siaa, os filhos de Fadon, os filhos de Lébana, os filhos de Hágaba, os filhos de Selmai,

49 os filhos de Hanan, os filhos de Gedel, os filhos de Gaer,

50 os filhos de Raaia, os filhos de Rasin, os filhos de Necoda,

51 os filhos de Gezern, os filhos de Aza, os filhos de Faséia,

52 os filhos de Besai, os filhos de Munim, os filhos de Nefussim,

53 os filhos de Bacbuc, os filhos de Hacufa, os filhos de Harur,

54 os filhos de Beslot, os filhos de Maida, os filhos de Harsa,

55 os filhos de Bercos, os filhos de Sisara, os filhos de Tema,

56 os filhos de Nasia, os filhos de Hatifa,

57 os filhos dos servos de Salomão, os filhos de Sotai, os filhos de Soferet, os filhos de Farida,

58 os filhos de Jaala, os filhos de Darcon, os filhos de Jedel,

59 os filhos de Safatia, os filhos de Hatil, os filhos de Foquerot, que era de Sabaim, filho de Amon.

60 Todos os natineus, e os filhos dos servos de Salomão, eram trezentos e noventa e dois.

61 E êstes são os que vieram de Telmela, de Telharsa, de Querub, de Adon, e de Emer: E que não puderam declarar a casa de seus pais, nem a sua raça e se êles eram de Jerusalém.

62 Os filhos de Dalaia, os filhos de Tobias, os filhos de Necoda, seiscentos quarenta e dois.

63 E dos sacerdotes, os filhos de Habia, os filhos de Acos, os filhos de Berzelai, que tinha casado com uma das filhas de Berzelai de Galaad: E foi chamado do seu nome.

64 Estes buscaram a sua genealogia no arrolamento, e não a acharam, e foram excluídos do sacerdócio.

65 E Atersata lhes intimou que não comessem das ofertas sagradas, até que houvesse um sacerdote douto e erudito.

66 Tôda esta multidão como se fôsse um só homem, era de quarenta e duas mil trezentas e sessenta. pessoas,

67 sem falar nos seus escravos e escravas, que eram sete mil trezentos e trinta e sete, e entre êles duzentos e quarenta e cinco cantores e cantoras.

68 Êles tinham setecentos e trinta e seis cavalos: Duzentos e quarenta e cinco machos:

69 Quatrocentos e trinta e cinco camelos: Seis mil setecentos e vinte jumentos.

* *Até aqui refere-se o que estava escrito no livro do arrolamento, e por diante segue-se a história de Neemias.* (2)

70 Mas alguns dos chefes das famílias contribuíram para a obra. Atersata deu para o tesouro mil dracmas

(2) **ATÉ AQUI REFERE-SE, ETC.** — Esta nota não vem no hebreu, nem nos Setenta, nem em alguma das outras versões, nem mesmo na de S. Jerônimo, da edição de Martianay. Pelo que toca aos manuscritos latinos, uns a trazem, outros a não trazem, outros, se a trazem, é posta na margem. Por outra parte, os donativos de que se fala nos quatro versículos seguintes, parecem ser os mesmos, que os de que se falou no livro de Esdras 2, 68 e seguintes; ou seja porque estes versículos são ainda uma continuação da lista, ou que alguém os ajuntou ao livro de Esdras, de onde êles passassem para

2 Esdras 7, 71-73; 8, 1-2

de ouro, cinquenta fialas, e quinhentas e trinta túnicas sacerdotais. (3)

71 E alguns dos chefes das famílias deram para o tesouro da obra vinte mil dracmas de ouro, e duas mil e duzentas minas de prata.

72 E o que deu o resto do povo, foram vinte mil dracmas de ouro, e duas mil minas de prata, e sessenta e sete túnicas sacerdotais.

73 E os sacerdotes, e os levitas, e os porteiros, e os cantores, e o resto do povo, e os natineus, e todo o Israel, ficaram habitando nas suas cidades.

CAPÍTULO 8

ESDRAS LÊ A LEI DIANTE DO POVO. CELEBRAÇÃO DA FESTA DOS TABERNÁCULOS.

1 Chegou o sétimo mês: E os filhos de Israel estavam nas suas cidades. E congregou-se todo o povo como um só homem no terreiro que está diante da porta das águas: E disseram a Esdras escriba que trouxesse o livro da lei de Moisés, que o Senhor tinha prescrito a Israel. (1)

2 O sacerdote Esdras pois trouxe a lei para diante

o de Neemias. Quanto às edições da Vulgata, eu acho a dita cota constantemente em tôdas as que examinei, como na de Roma de 1471, na de Nápoles de 1476, e nas Venezianas de 1478, 1483, 1490 e 1497. — Pereira.

(3) **ATERSATA DEU PARA O TESOURO ETC.** — Se este versículo é ainda continuação da lista, pode este Atersata ser diferente de Neemias, e o mesmo que Zorobabel, segundo o que deixamos notado no v. 65. Se o não é, pode este Atersata ser Neemias, que, como elle mesmo escreve no c. 8, v. 9, tinha entre os persas este nome, que quer dizer copeiro: porque Neemias o era do rei Artaxerxes Longimano. — Pereira.

(1) **COMO UM SÓ HOMEM** — Isto é, com a mais absoluta unanimidade.

da multidão dos homens e das mulheres, e de todos os que a podiam entender, no primeiro dia do sétimo mês.

3 E êle leu neste livro claramente no meio do terreiro que fica diante da porta das águas, desde manhã até ao meio-dia, na presença dos homens e das mulheres, e dos entendidos: E todo o povo tinha os ouvidos atentos à leitura do livro.

4 E Esdras escriba se pôs em pé sôbre o estrado de madeira, que êle tinha feito para falar: E estavam em pé junto a êle à sua direita, Matatias, e Semeia, e Ania, e Uria, e Helcia, e Maasia: E à sua esquerda, Fadaia, Misael, e Melquias, e Hasum, e Hasbadana, Zacarias, e Mosolão.

5 E abriu Esdras o livro diante de todo o povo: Porque êle estava elevado acima de todo o povo: E logo que o abriu, todo o povo se pôs em pé. (2)

6 E Esdras bendisse o Senhor Deus Grande: E todo o povo respondeu: Amém, Amém: Levantando as suas mãos: E inclinaram-se, e prostrados por terra adoraram a Deus. (3)

7 E Josué, e Bani, e Serebia, Jamim, Acub, Septae, Odia, Maasia, Celita, Azarias, Jozabed, Hanan, Falaia, levitas, faziam estar calado o povo, para ouvir a lei: E o povo estava em pé nos seus lugares. (4)

O LIVRO DA LEI — O Pentateuco e principalmente o Deuterônômio. Restaurada a cidade era preciso recordar às leis, segundo as quais deviam viver. *Urbe structa et impleta, restabat ut in memoriam revocarentur leges secundum quas vivendum erat.*

(2) **ACIMA DE TODO O POVO** — Estava num lugar elevado, para que pudesse ser visto e ouvido por todo o povo.

(3) **BENDISSE O SENHOR** — Certamente começou por um hino, ou por qualquer outra forma laudatória; ou, segundo outros, por uma invocação ao Senhor, impetrando o divino auxílio; quaisquer destas formas são prescritas ainda hoje na eloquência sacra.

(4) **LEVITAS** — Eram os sacerdotes.

2 Esdras 8, 8-15

8 E êles leram no livro da lei de Deus distinta e claramente para se entender: E o povo entendia quanto se estava lendo.

9 E Neemias (que se chama também o Atersata) e Esdras sacerdote e escriba, e os levitas que interpretavam a lei a todo o povo, disseram: Êste dia é consagrado ao Senhor nosso Deus, e não estejais tristes, e não choreis. Porque todo o povo ouvindo as palavras da lei se desfazia em lágrimas. (5)

10 E êle lhes disse: Ide, comei viandas gordas, e bebei vinho misturado com mel, e mandai quinhões aos que não têm nada preparado para si: Porque êste é um dia santo do Senhor, e não estejais contristados: Porque a alegria do Senhor é a nossa fortaleza.

11 Os levitas porém faziam estar todo o povo em silêncio, dizendo: Estai calados, e não vos aflijais, porque é dia santo.

12 E todo o povo logo se foi a comer, e a beber, e mandou quinhões, e fêz grande regozijo: Porque tinham entendido as palavras, que Esdras lhes havia ensinado.

13 E ao outro dia os chefes das famílias de todo o povo, os sacerdotes, e os levitas, se congregaram na presença de Esdras escriba, para que lhes interpretasse as palavras da lei.

14 E acharam escrito na lei, ter mandado o Senhor por ministério de Moisés, que os filhos de Israel habitassem debaixo de tendas, no dia solene do sétimo mês:

15. E que êles apregoassem, e divulgassem por tôdas as suas cidades, e em Jerusalém, dizendo: Saí ao

(5) **DISSERAM** — Não ao mesmo tempo, porque isso acarretaria uma terrível confusão, mas em ocasiões e locais diversos.

monte, e trouxe ramos de oliveira, e ramos das mais formosas árvores, e ramos de murta, e ramos de palmas, e ramos das árvores as mais copadas, com que se façam as tendas conforme está escrito. (6)

16 Saiu pois o povo, e trouxeram os ramos. E fizeram para si tendas, cada um nos seus átrios, e no átrio da casa de Deus, e no terreiro da porta das águas, e no terreiro da porta de Efraim. (7)

17 E todo o ajuntamento dos que tinham vindo do cativeiro, fêz tendas, e habitaram nessas tendas: Porque o não tinham feito assim os filhos de Israel desde o tempo de Josué, filho de Nun, até àquele dia. E foi extraordinário o contentamento.

18 E Esdras leu no livro da lei de Deus todos os dias desde o primeiro até ao último: E celebraram esta solenidade por sete dias, e ao terceiro dia a Coleta segundo o rito.

CAPÍTULO 9

PENITÊNCIA DO POVO. ORAÇÃO QUE OS LEVITAS FAZEM A DEUS. RENOVAÇÃO DO CONCERTO.

1 E no dia vinte e quatro dêste mês se ajuntaram os filhos de Israel em jejum, e vestidos de sacos, e cobertos de terra. (1)

2 E os da linhagem dos filhos de Israel foram se-

(6) **FORMOSAS ÁRVORES** — No original está *árvores oleosas*. Os Setenta traduzem por ciprestes, a versão árabe por nogueira, etc.

(7) **NOS SEUS ÁTRIOS** — Nos terraços das suas casas, que eram os telhados, planos, onde eles estavam freqüentes vêzes, onde tratavam assuntos sérios, e onde os mestres ensinavam os discípulos; são bem conhecidas aquelas palavras de Jesus Cristo: *Quod in auro auditis prædicare super tecta*.

(1) **NO DIA VINTE E QUATRO** — Depois da festa dos tabernáculos.

2 Esdras 9, 3-7

parados de todos os filhos estrangeiros: E êles se apresentaram, e confessavam os seus pecados, e as iniquidades de seus pais. (2)

3 E levantaram-se para se porem em pé: E leram no volume da lei do Senhor seu Deus, quatro vêzes no dia, e quatro vêzes bendiziam e adoravam o Senhor seu Deus.

4 E puseram-se sôbre o degrau dos levitas Josué, e Bani, e Cedmiel, Sabania, Boni, Sarebias, Bani, e Canani: E levantaram as suas vozes, e gritaram ao Senhor seu Deus.

5 E os levitas Josué, e Cedmiel, Boni, Hasebnia, Serebia, Odaia, Sebnia, Fataia disseram: Levantai-vos, bendizei o Senhor vosso Deus de século em século: E êles bendigam, ó Senhor, o sublime nome de tua glória, dando-lhe tôda a sorte de bênção e de louvor. (3)

6 Tu só és o Senhor, tu só fizeste o céu, e o céu dos céus, e todo o seu exército: A terra, e tudo o que há nela: Os mares, e tudo o que nêles se contém: E tu dás vida a tôdas estas coisas, e o exército do céu te adora.

7 Tu mesmo és, ó Senhor nosso Deus, o que escolheste Abrão, e que o tiraste do fogo dos caldeus, e lhe deste o nome de Abraão. (4)

(2) **FORAM SEPARADOS** — Das mulheres estrangeiras e dos filhos destas. Cornélio a Lapide vê neste proceder um sinal de eficaz penitência. "*Haec vera poenitentia nota, ut, relictis et renunciatis illis rebus quibus Deum offenderis, ad meliora convertere*".

(3) **E OS LEVITAS JOSUÉ, ETC.** — São os mesmos indicados no v. 4, mas alguns com outro nome, o que se explica por ser freqüente entre os hebreus ter dois nomes o mesmo homem.

(4) **DO FOGO DOS CALDEUS** — Interpretam os críticos de diverso modo. Uns, e com êstes o padre Pereira, dizem: Isto é, que a tiraste de Ur, cidade dos caldeus, cujo nome em hebreu significa fogo. Outros, e entre êles, Tirino e Cornélio a Lapide, dizem: Isto é, da tribulação sofrida entre os caldeus, por não querer adorar o

8 E achaste o seu coração fiel aos teus olhos: E fizeste concôrto com êle, que lhe darias a terra dos cananeus, dos heteus, e dos amorreus, e dos fereus, e dos jebuseus, e dos gergeseus, para a dares à sua descendência: E tu cumpriste as tuas palavras, porque és justo.

9 E viste a aflição de nossos pais no Egito: E ouviste os seus clamores sôbre o mar Vermelho.

10 E obraste maravilhas e prodígios sôbre Faraó, e sôbre todos os seus servos, e sôbre todo o povo daquele país: Porque sabias que êles os tinham tratado com soberba: E tu alcançaste para ti nome; assim como no dia de hoje.

11 E tu dividiste o mar diante dêles, e êles passaram em sêco pelo meio do mar: E tu precipitaste os seus perseguidores no fundo, como uma pedra que cai em águas profundas.

12 E tu fôste o seu condutor de dia pela coluna de nuvem, e de noite pela coluna de fogo, para conhecerem o caminho, por onde iam.

13 Tu também desceste ao monte Sinai, e do céu falaste com êles, e lhes deste ordenanças justas, e uma lei de verdade, cerimônias e bons preceitos:

14 E os ensinaste a santificar o teu sábadó, e lhes prescreveste por Moisés teu servo os mandamentos, e as cerimônias, e a lei.

15 Tu lhes deste também pão do céu, quando tiveram fome, e tu lhes fizeste arrebentar água do rochedo, quando tinham sede, e lhes disseste que entrassem e possuísem a terra, sôbre a qual levantaste tua mão jurando que lha darias.

16 Mas êles e nossos pais obraram soberbamente,

fogo "idest de tribulatione quam a Chaldaeis perpessus est, quod ignem nollet adorare".

e endureceram as suas cervizes, e não ouviram os teus mandamentos.

17 E não quiseram ouvir, e não se lembraram das tuas maravilhas, que tinhas obrado a seu favor. E endureceram as suas cervizes, e se obstinaram voltando para a sua escravidão, como de teima. Mas tu, ó Deus propício, clemente, e misericordioso, sempre paciente, e de muita compaixão, tu não os desamparaste,

18 ainda mesmo quando êles fizeram para si um bezerro fundido, e que disseram: Êste é o teu Deus, que te tirou do Egito: E cometeram grandes blasfêmias.

19 Mas tu pela multidão das tuas misericórdias não os desamparaste no deserto: A coluna de nuvem não se apartou dêles de dia para os guiar pelo caminho, nem a coluna de fogo durante a noite, para lhes mostrar o caminho por onde deviam ir.

20 E tu lhes deste o teu bom espírito que os ensinasse, e tu não retiraste o teu maná da sua bôca, e lhes deste água na sua sede. (5)

21 Tu os sustentaste quarenta anos no deserto, e não lhes faltou nada: Os seus vestidos não se fizeram velhos, e os seus pés não se trilharam.

22 E tu lhes deste reinos, e povos, e lhos repartiste por sortes: E êles possuíram o país de Seon, e o país do rei de Hesebon, e o país de Og, rei de Basan.

23 E multiplicaste os seus filhos como as estrêlas do Céu, e os trouxeste à terra, onde tinhas prometido a seus pais que êles entrariam e possuiriam.

24 E vieram seus filhos, e possuíram a terra, e tu humilhaste diante dêles os cananeus habitantes da terra,

(5) O TEU BOM ESPÍRITO — O espírito profético de que Deus tinha dotado Moisés, legislador dos israelitas; também se entende como espírito de penitência.

e lhos entregaste nas suas mãos, e os seus reis e os povos do país, para fazerem deles como lhes desse na vontade. (6)

25 Eles pois tomaram fortes cidades, e um bom terreno, e possuíram casas cheias de toda a sorte de bens: Cisternas que outros tinham edificado, vinhas, e olivais, e muitas árvores frutíferas: E comeram, e fartaram-se, e engordaram, e abundaram em delícias pela tua grande bondade;

26 Mas eles te provocaram à ira, e se retiraram de ti, e rejeitaram com desprezo a tua lei: E mataram os teus profetas, que os conjuravam que voltassem para ti: E cometeram grandes blasfêmias.

27 E tu os entregaste nas mãos de seus inimigos, e estes os oprimiram. E no tempo da sua tribulação clamaram a ti, e tu os ouviste do Céu, e segundo a multidão das tuas misericórdias lhes deste salvadores, que os salvassem das mãos de seus inimigos. (7)

28 E quando se viram em descanso, tornaram a fazer o mal diante de ti: E tu os deixaste nas mãos de seus inimigos, que se senhorearam deles. E depois eles se converteram, e clamaram a ti: E tu os ouviste do Céu, e os livraste uma e muitas vezes a efeito das tuas misericórdias.

29 E tu os solicitaste para que tornassem para a tua lei. Mas eles obraram soberbamente, e não ouviram os teus mandamentos e pecaram contra as tuas ordenanças, as quais se o homem as observar, acha nelas a vida: E eles te deram as costas, e endureceram a sua cerviz, e não te deram ouvidos.

(6) CANANEUS — Entendem-se os povos que ali habitavam.

(7) E SEGUNDO A MULTIDÃO DAS TUAS MISERICÓRDIAS LHE DESTE SALVADORES — Refere-se ao tempo dos Juizes, em que Deus livrou os israelitas dos seus inimigos e opressores. Jz 3, 9.

2 Esdras 9, 30-37

30 E tu por muitos anos deferiste o castigá-los, e os exortaste com teu espírito por meio dos teus profetas: E eles não deram ouvidos, e tu os entregaste nas mãos dos povos da terra.

31 Mas tu pela multidão de tuas misericórdias não os confundiste de todo, nem mesmo os desamparaste: Porque és um Deus misericordioso, e clemente.

32 Agora pois, ó Deus nosso, grande, e terrível, que conservas o teu pacto e a tua misericórdia, não apartes de tua face todos os males que nos têm oprimido a nós, aos nossos reis, e aos nossos príncipes, e aos nossos sacerdotes, e aos nossos profetas, e a nossos pais, e a todo o teu povo desde o tempo do rei da Assíria até hoje.

33 E tu és justo em tôdas as coisas, que têm vindo sobre nós: Porque tu obraste segundo a verdade, e nós nos conduzimos impiamente.

34 Os nossos reis, os nossos príncipes, os nossos sacerdotes, e nossos pais não guardaram a tua lei, não atenderam os teus mandamentos, nem os teus testemunhos que nêles declaraste.

35 E eles nos seus reinos, e na muita abundância de bens que lhes tinhas dado, e na terra tão espaçosa e fértil, que tu lhes entregaste na sua presença, eles te não serviram, nem se converteram das suas corrompidas inclinações.

36 Tu vês que nós mesmos hoje somos escravos: Como também o é a terra, que tu tinhas dado a nossos pais, para lhe comerem o pão, e os frutos que ela produziu, nós mesmos também somos escravos nela.

37 E os seus frutos se multiplicam para os reis, que tu puseste sobre as nossas cabeças por causa dos nossos pecados, e eles dominam sobre os nossos corpos, e

sobre os nossos animais, como bem lhes apraz, e nós estamos numa grande tribulação.

38 Em atenção a tôdas estas coisas nós mesmos celebramos um pacto, e o escrevemos e o assinam os nossos príncipes, os nossos levitas, e os nossos sacerdotes.

CAPÍTULO 10

NOMES DOS QUE ASSINARAM O PACTO. DIVERSOS REGULAMENTOS PARA A OBSERVÂNCIA DA LEI.

1 Os que assinaram foram Neemias, Atersata, filho de Haquelai, e Sedecias,

2 Saraías, Azarias, Jeremias,

3 Fesur, Amarias Melquias,

4 Hato, Sebenia, Meluc,

5 Harem, Merimut, Obdias,

6 Daniel, Genton, Baruc,

7 Mosolão, Abia, Miamin,

8 Maazia, Belgai, Semeia: Estes eram sacerdotes.

9 Os levitas eram Josué, filho de Azanias, Benui, dos filhos de Henadad, Cedmiel,

10 e seus irmãos Sebenia, Odaia, Celita, Falaia, Hanan,

11 Mica, Roob, Hasebia,

12 Zacur, Serebia, Sabania,

13 Odaia, Bani, Baninu.

14 Os chefes do povo eram Faros, Faatmoab, Elão, Zetu, Bani.

15 Boni, Azgad, Bebai.

16 Adonia, Begoai, Adin,

17 Ater, Hezecia, Azur,

18 Odaia, Hasum, Besai,

19 Haref, Anatot, Nebai,

20 Megfias, Mosolão, Hazir,

21 Mesizabel, Sadoc, Jedua,

22 Feltia, Hanan, Anaia,
23 Osée, Hanania, Hasub,
24 Aloés, Faléia, Sobec,
25 Reum, Hasebna, Maasia,
26 Ecaia, Hanan, Anan,
27 Meluc, Haran, Baana:

28 E o resto do povo, os sacerdotes, os levitas, os porteiros, e os cantores, os natineus, e todos os que se tinham separado dos povos das terras para abraçarem a lei de Deus, as suas mulheres; os seus filhos, e as suas filhas, (1)

29 todos os que tinham discernimento deram palavra por seus irmãos: Os seus magnates, e os que vieram prometer, e jurar, que andariam na lei de Deus, que o Senhor tinha dado por meio de Moisés servo de Deus, que guardariam, e observariam todos os mandamentos do Senhor nosso Deus, e as suas ordenanças e as suas cerimônias, (2)

30 e que assim não daríamos as nossas filhas ao

(1) **SUAS MULHERES** — Entendem os melhores intérpretes, seguindo mais de perto o texto hebraico, que este lugar se deve interpretar da seguinte forma: "Quanto ao resto do povo e a todos os outros sacerdotes ou levitas, porteiros ou cantores, natineus, geralmente todos os que se haviam separado dos povos da terra para abraçarem a lei de Deus, suas mulheres, seus filhos e suas filhas, e todos os que eram capazes de discernimento: os principais dentre eles responderam por seus irmãos, e vieram prometer e jurar que...", etc. Segundo este parecer só assinaram o tratado aqueles que estão indicados; os restantes aderiram e juraram o que os outros tinham pactuado.

(2) **TODOS OS QUE TINHAM DISCERNIMENTO** — No texto original está "todos os que são capazes de ruminar", e são estes os que prometiam e juravam em seu nome, e no dos outros.

povo da terra, nem tomaríamos as filhas dêles para os nossos filhos. (3)

31 E aos povos da terra, que nos trouxerem coisas de venda, e tudo o necessário para o uso da vida, em o dia de sábado para venderem, nós não lho compraremos nem no sábado nem no dia santificado. E deixaremos o sétimo ano, e perdoaremos tôdas as dívidas.

32 Nós nos imporemos a obrigação da dar cada ano a têrça parte dum siclo para as obras da casa do nosso Deus, (4)

33 para os pães da proposição, e para o sacrifício perpétuo, e para o holocausto eterno nos sábados, nas calendas, nas festas solenes, e nos sacrifícios pacíficos, e nos sacrifícios pelo pecado: Para se rogar por Israel, e para todo o ministério da casa do nosso Deus.

34 E deitamos sortes entre os sacerdotes, e os levitas, e o povo acêrca da oferenda da lenha, para que fôsse levada à casa do nosso Deus pelas casas de nossos pais, no tempo que fôsse assinalado, de ano a ano: Para se queimar sôbre o altar do Senhor nosso Deus, conforme está escrito na lei de Moisés:

35 E que traríamos todos os anos à casa do Senhor as primícias da nossa terra, e as primícias dos frutos de tôdas as árvores.

36 E os primogênitos dos nossos filhos, e dos nossos gados, como está escrito na lei, e os primogênitos dos nossos bois, e das nossas ovelhas, para serem oferecidos na casa do nosso Deus, aos sacerdotes que servem na casa do nosso Deus:

(3) AO POVO DA TERRA — Isto é, aos gentios, em conformidade com o que estava preceituado na lei.

(4) NÓS NOS IMPOREMOS — Lei que êles promulgavam e a que espontaneamente se obrigavam.

2 Esdras 10, 37-39; 11, 1-3

37 E traríamos aos sacerdotes, para o tesouro do nosso Deus, as primícias dos nossos alimentos, e dos nossos licores, e dos frutos de tôdas as árvores e da vinha, e do azeite, e pagar o dízimo da nossa terra aos levitas. Os mesmos levitas receberão de tôdas as cidades os dízimos de nossos trabalhos.

38 E o sacerdote da linhagem de Aarão terá parte com os levitas nos dízimos que os levitas receberem: E os levitas oferecerão na casa do nosso Deus o dízimo do dízimo, que tiverem recebido, para se guardar na casa do tesouro.

39 Porque os filhos de Israel, e os filhos de Levi trarão as primícias do trigo, do vinho, e do azeite à casa do tesouro: E ali estarão os vasos consagrados, e os sacerdotes, e os cantores e os porteiros, e os ministros, e nós não deixaremos a casa do nosso Deus.

CAPÍTULO 11

NOMES DOS QUE FICARAM EM JERUSALÉM. CIDADES HABITADAS PELAS TRIBOS DE JUDÁ, E DE BENJAMIM.

1 Os príncipes do povo habitaram em Jerusalém: Mas o resto do povo deitou sortes, para tirarem uma parte de dez, que habitaria em Jerusalém, cidade santa, e as outras nove partes residissem nas outras cidades. (1)

2 E o povo abençoou todos os homens que se ofereceram voluntariamente para habitar em Jerusalém.

3 Êstes são pois os príncipes da província que habitaram em Jerusalém, e nas cidades de Judá. Cada um pois habitou na sua herança, e nas suas cidades, o povo

(1) **UMA PARTE DE DEZ** — Para que a cidade fôsse defendida, e se levantassem novas edificações.

de Israel, os sacerdotes, os levitas, os natineus, e os filhos dos servos de Salomão.

4 E em Jerusalém residiram dos filhos de Judá, e dos filhos de Benjamim: Dos filhos de Judá, Ataias, filho de Azião, filho de Zacarias, filho de Amarias, filho de Safatias, filho de Malateel: Dos filhos de Farés.

5 Maasia, filho de Baruc, filho de Colhoza, filho de Hazia, filho de Adaia, filho de Joarib, filho de Zacarias, filho de um silonita:

6 Todos êstes filhos de Farés, que habitaram em Jerusalém, eram quatrocentos e sessenta e oito homens valentes.

7 E êstes são os filhos de Benjamim: Selum filho de Mosolão, filho de Joed, filho de I'adaia, filho de Colaia, filho de Masia, filho de Eteel, filho de Isaías,

8 e depois dêle Gebai, Selai, novecentos e vinte oito homens,

9 e Joel, filho de Zecri, seu prepósito, e Judas, filho de Senua, segundo sôbre a cidade.

10 E dos sacerdotes, Idaia, filho de Joarib, e Jaquim,

11 Saraia, filho de Helcias, filho de Mosolão, filho de Sadoc, filho de Merajot, filho de Aquitob príncipe da casa de Deus,

12 e seus irmãos ocupados nas funções do templo: Oitocentos e vinte dois. E Adaia, filho de Jeroão, filho de Felelia, filho de Amsi, filho de Zacarias, filho de Fesur, filho de Melquias,

13 e seus irmãos príncipes das famílias: Duzentos e quarênta e dois. E Amassai, filho de Azreel, filho de Aazi, filho de Mosolamot, filho de Emer,

14 e seus irmãos homens poderosíssimos: Cento e vinte oito, e seu chefe Zabdiel, filho de um dos poderosos.

15 E dos levitas Semeia, filho de Hasub, filho de

2 Esdras 11, 16-25

Azaricão, filho de Hasabia, filho de Boni,

16 e Sabatai e Jozabed, intendentess de tôdas as obras, que se faziam exteriormente na casa de Deus, dos principais dos levitas.

17 E Matania, filho de Mica, filho de Zebedei, filho de Asaf, o chefe dos que louvavam, e publicavam a glória do Senhor orando, e Bebecia o segundo dentre seus irmãos, e Abda, filho de Samua, filho de Galal, filho de Iditum:

18 Todos os levitas na cidade santa duzentos e oitenta e quatro.

19 E os porteiros, Acub, Telmon, e seus irmãos, que guardavam as portas: Eram cento e setenta e dois.

20 E o resto dos sacerdotes de Israel e dos levitas em tôdas as cidades de Judá, cada um na sua herança.

21 E os natineus, que habitavam em Ofel, e Siaa, e Gasfa dos natineus.

22 E o chefe dos levitas em Jerusalém, era Azi, filho de Bani, filho de Hasabia, filho de Matanias, filho de Mica. Dos filhos de Asaf os cantores no serviço da casa de Deus.

23 Porque o rei tinha pôsto um preceito sôbre êles, e a ordem que se devia observar todos os dias entre os cantores. (2)

24 E Fataia, filho de Mesezebel, dos filhos de Zara, filho de Judá, comissário do rei, em todos os negócios do povo,

25 e sôbre as habitações por tôdas as suas terras. Dos filhos de Judá habitaram em Cariatarbe, e nas suas dependências: E em Dibon, e nas suas dependências: E em Cabseel, e nas suas aldeias,

(2) O REI — Segundo uns, o rei Davi, conforme o que se diz no livro I Par 25, 1.2. Outros querem que este rei fôsse o rei dos persas.

26 e em Jesué, e em Molada, e em Betfalet,

27 e em Hasersual, e em Bersabée, e nas suas dependências,

28 e em Siceleg, e em Mocona, e nas suas dependências,

29 e em Remon, e em Saraa, e em Jerimut,

30 em Zanoa, em Odolão, e nas aldeias, em Laquis e nas suas dependências, e em Aseca, e nas suas dependências. E ficaram em Bersabée até o vale de Enom.

31 E os filhos de Benjamim se estabeleceram desde Geba, em Mecmas, e em Hai, e em Betel, e nas suas dependências:

32 Em Anatot, em Nob, em Anania,

33 em Asor, em Rama, e em Getaim,

34 em Hadid, em Seboim, e em Nebalat, em Lod,

35 e em Ono vale dos artífices.

36 E os levitas tinham as suas repartições em Judá e Benjamim.

CAPÍTULO 12

NOMES DOS PRINCIPAIS DENTRE OS SACERDOTES, E LEVITAS, QUE VOLTARAM COM ZOROBABEL. DEDICAÇÃO DOS MUROS DE JERUSALÉM.

1 Êstes são os sacerdotes e os levitas, que voltaram com Zorobabel, filho de Salatiel, e com Josué: (1) Saraia, Jeremias, Esdras, (2)

(1) E COM JOSUÉ — Com Josué pontífice como se colhe do v. 7.

(2) ESDRAS — Nada há que nos obrigue a crer que este Esdras era o escriba ou doutor da lei conhecido debaixo deste nome, porque este escriba ou doutor não veio a Jerusalém senão setenta anos depois no reinado de Artaxerxes Longimano. O Esdras que aqui se nomeia, vem outra vez repetido no v. 13. Por onde se vê que ele era diferente do escriba ou doutor da lei, nomeado depois no v. 26. — Pereira.

2 Esdras 12, 2-21

2 Amaria, Meluc, Hato,

3 Sebenias, Reum, Merimut.

4 Ado, Genton, Abia,

5 Miamin, Madia, Belga,

6 Semeia, e Joiarib, Idaia (3), Selum (4), Amoc, Helcias,

7 Idaia. Êstes eram os principais dentre os sacerdotes, e seus irmãos em tempo de Josué.

8 Os levitas porém eram, Jesua, Benui, Cedmiel, Sarebia, Judá, Matanias, que presidiam com seus irmãos aos hinos:

9 E Becbecia e Hani, e seus irmãos, cada um no seu emprêgo.

10 Josué porém gerou a Joacim e Joacim gerou a Eliasib, e Eliasib gerou a Jojada,

11 e Jojada gerou a Jonatan, Jonatan gerou a Jedoa.

12 E em tempo de Joacim eram os sacerdotes e os chefes das famílias: Da de Saraia, Maraia: Da de Jeremias, Hanania:

13 Da de Esdras, Mosolão: Da de Amaria, Joanan:

14 Da de Milico, Jonatan: Da de Sebenias, José:

15 Da de Haram, Edna: Da de Maraiot, Helci:

16 Da de Adaia, Zacarias: Da de Genton, Mosolão:

17 Da de Abia, Zecri: Da de Miamim e de Moadia, Felti:

18 Da de Belga, Samua: Da de Semaia, Jonatan:

19 Da de Joiarib, Matanai: Da de Jodaia, Azi:

20 Da de Selai, Celai, da de Amoc, Heber:

21 Da de Helcias, Hasebia: Da de Idaia, Natanael.

(3) **IDAIA** — O intérprete siro parece ter lido no original Iodaia, como o traz a Vulgata no v. 19. — **Pereira.**

(4) **SELUM** — Ou segundo o hebreu, Sela: de onde no v. 20, se formou Selai — **Pereira.**

22 Os levitas em tempo de Eliasib, e de Jojada, e de Joanan, e de Jedoa, chefes das famílias, e sacerdotes, foram escritos sob Dario, rei dos persas. (5)

23 Os filhos de Levi chefes das famílias foram escritos no livro dos Anais, até o tempo de Jonatan, filho de Eliasib.

24 E os chefes dos levitas eram Hasebia, Serebia, e Josué, filho de Cedmiel: E seus irmãos pelas suas classes, para cantarem e publicarem os louvores conforme o preceito de Davi homem de Deus, e para servirem igualmente segundo o seu turno.

25 Matania, Becbecia, Obedia, Mosolão, Telmon, Acub, eram os guardas das portas e dos vestibulos ante as portas.

26 Estes eram em tempo de Joacim, filho de Josué, filho de Josedec, e em tempo de Neemias governador, e de Esdras sacerdotes e escriba.

27 Ao tempo porém da dedicação do muro de Jerusalém, buscaram-se os levitas de todos os seus lugares, para os trazerem a Jerusalém, e para fazerem a dedicação e a solenidade com ações de graças e em cânticos, e ao toque de tímbores, de saltérios e de cítaras.

28 Ajuntaram-se pois os filhos dos cantores do campo dos arredores de Jerusalém, e das aldeias de Netufati,

29 e da casa de Galgal, e dos cantões de Geba e de Azmavet: Porque os cantores tinham edificado aldeias para si à roda de Jerusalém.

30 E tendo-se purificado os sacerdotes e os levitas, purificaram também o povo, e as portas, e os muros.

31 Eu porém fiz subir os príncipes de Judá sobre o muro, e pus dois grandes coros dos que cantavam os

(5) JEDOA — Segundo o sentir dos intérpretes este Jedoa é o mesmo que Jado.

2 Esdras 12, 32-41

louvores. E caminharam para a direita sôbre o muro para a banda da porta da esterqueira.

32 E depois dêles foi Osaias, e metade dos príncipes de Judá.

33 E Azarias, Esdras, e Mosolão, Judas e Benjamim, e Semeia, e Jeremias.

34 E dos filhos dos sacerdotes com as trombetas, Zacarias, filho de Jonatan, filho de Semeia, filho de Matanias, filho de Micaia, filho de Zecur, filho de Asaf,

35 e seus irmãos Semeia, e Azareel, Malalai, Gálalai, Maai, Natanael, e Judas, e Hanani com os instrumentos músicos de Davi homens de Deus: E Esdras escriba estava diante dêles na porta da Fonte.

36 E defronte dêles subiram pelos degraus da cidade de Davi na elevação do muro por cima da casa de Davi, e até à porta das Águas para o Oriente. (6)

37 E o segundo coro dos que davam graças caminhava em frente, e eu o seguia, e a metade do povo sôbre o muro e sôbre a tôrre dos fornos, e até à maior largura do muro,

38 e sôbre a porta de Efraim, e sôbre a porta velha, e sôbre a porta dos peixes, e sôbre a tôrre de Hanneel, e sôbre a tôrre de Emat, e até à porta do rebanho: E êles pararam à porta da prisão,

39 e pararam os dois coros dos que cantavam os louvores do Senhor diante da casa de Deus, e eu e a metade dos magistrados comigo.

40 E os sacerdotes, Eliaquim, Maasia, Miamin, Miquéia, Elioenai, Zacarias, Hanania com as trombetas,

41 e Maasia, e Semeia, e Eleazar, e Azi e Joanan, e Melquia, e Elão, e Ezer. E os cantores cantavam em voz clara, com Jezraia seu prefeito:

(6) **PELOS DEGRAUS DA CIDADE DE DAVI** — Isto é, pelos degraus por onde se subia da cidade baixa à cidade de Davi.

42 E naquele dia imolaram formosas vítimas, e se alegraram: Porque Deus os tinha enchido duma alegria extraordinária, e também suas mulheres e filhos se encheram de gozo, e a alegria de Jerusalém se ouviu de longe. (7)

43 Escolheram-se também naquele dia entre os sacerdotes e levitas homens que fôsem intendentess das câmaras do tesouro, para as libações, e primícias, e dízimos para que pelas suas mãos se apresentassem os magnates da cidade em honorífica ação de graças: Porque Judá se alegrou estando assistindo os sacerdotes e os levitas.

44 E êles observaram a ordenança do seu Deus, e a da expiação, e os cantores, e os porteiros conforme o preceito de Davi e de Salomão seu filho,

45 porque desde o princípio em tempo de Davi e de Asaf se tinham estabelecido chefes dos cantores, que em hinos cantavam, e publicavam os louvores de Deus.

46 E todo o Israel, em tempo de Zorobabel, e em tempo de Neemias davam aos cantores e aos porteiros as suas porções diárias, e santificavam aos levitas, e os levitas santificavam aos filhos de Aarão. (8)

(7) **FORMOSAS VÍTIMAS** — Assim verteu o padre Pereira o latim da Vulgata. *Victimas magnas*; porém, o sentido é este: muitas, numerosas vítimas.

(8) **SANTIFICAVAM AOS LEVITAS** — Santificar alguém é dar-lhe alguma coisa sagrada. *Sanctificaro aliquem hic est dare illi rem sacram*. Grocio, por conseguinte, quer dizer que lhes pagavam o dízimo dos seus frutos, prescrição exarada na lei mosaica, o que se considerava como dever sagrado, *puta decimas quae sacra erant Deo*.

CAPÍTULO 13

TENDO NEEMIAS IDO PARA ARTAXERXES, AO TORNAR PARA JERUSALÉM ACHA MUITAS DESORDENS, A QUE ELE PÕE REMÉDIO.

1 Naquele dia leu-se no volume de Moisés ouvindo o povo: E achou-se escrito nêle que os amonitas e os moabitas não deviam entrar jamais na igreja de Deus: (1)

2 Porque não tinham vindo a receber os filhos de Israel com pão e água: E porque assalariaram a Balaão, para os amaldiçoar: Mas o nosso Deus converteu a maldição em bênção.

3 Sucedeu pois que quando ouviram a lei, separaram de Israel todos os estrangeiros.

4 E isto era encarregado ao sacerdote Eliasib, que havia sido intendente do tesouro da casa do nosso Deus, e se tinha aparentado com Tobias. (2)

5 Fêz êle pois para si uma câmara grande e ali estavam ante êle os que depositavam os donativos, e o incenso, e os vasos, e os dízimos do trigo, do vinho, e do azeite, as porções dos levitas, e dos cantores, e dos porteiros, e as primícias sacerdotais.

6 E em todo êste tempo não me achei em Jerusalém, porque no ano trinta e dois de Artaxerxes rei de Babilônia vim eu ter com o rei, e no cabo dos dias supliquei ao rei.

7 E voltei para Jerusalém e soube do mal que

(1) **NAQUELE DIA** — Devia ser o da festa dos tabernáculos, em que era costume ler-se a lei.

(2) **E SE TINHA APARENTADO COM TOBIAS** — Com Tobias amonita, que antes tinha sido inimigo declarado dos judeus.

Eliasib tinha cometido por servir a Tobias, fazendo-lhe um aposento nos átrios da casa de Deus. (3)

8 E o mal me pareceu em extremo grande. E dei-tei os móveis da casa de Tobias fora da câmara:

9 E ordenei que se purificassem os aposentos: O que assim se fêz: Reconduzi para ali os vasos da casa de Deus, as oferendas, e o incenso. (4)

10 Soube também que os quinhões dos levitas não lhes foram dados: E que cada um dos levitas e dos cantores, e dos que serviam no templo, tinham fugido para o seu país:

11 E tratei a causa contra os magistrados, e lhes disse: Por que deixamos nós a casa de Deus? E os congreguei, e os fiz ficar nas suas estâncias.

12 E todo o Judá trazia para os celeiros os dízimos do trigo, do vinho e do azeite.

13 E nós estabelecemos por intendentes dos celeiros a Selemia sacerdote, e a Sadoc escriba, e a Fadaia dentre os levitas, e com elles a Hanan filho de Zacur, filho de Matanias: Porque se tinham achado fiéis, e se lhes tinham confiado as porções de seus irmãos.

14 Lembra-te de mim, Deus meu, por estas coisas, e não apagues as boas obras, que eu fiz na casa do meu Deus, e a respeito das suas cerimônias.

15 Naquele tempo vi em Judá homens, que pisavam nos lagares ao sábadó, que carretavam molhos, e que carregavam sobre os jumentos vinho, e uvas, e figos, e tôda a casta de cargas, e que as traziam a Jerusalém em dia de sábadó. E eu lhes ordenei expressamente, que vendessem nos dias em que era lícito vender.

(3) **FAZENDO-LHE UM APOSENTO** — Permitindo-lhe que constituisse um aposento no templo.

(4) **QUE SE PURIFICÁSSEM OS APOSENTO** — Porque estavam poluídos pela habitação dum homem impuro.

16 E os tirios moravam na cidade e traziam peixe, e tôdas as coisas de venda: E as vendiam em Jerusalém aos filhos de Judá em os sábados:

17 E repreendi os magnates de Judá, e lhes disse: Que maldade é esta que cometeis, profanando o dia de sábado?

18 Não é isto o mesmo que fizeram nossos pais, e nosso Deus fez cair tôda esta calamidade sôbre nós e sôbre esta cidade? E vós aumentais a sua ira sôbre Israel violando o sábado?

19 Sucedeu pois, que quando começavam as portas de Jerusalém a estarem em descanso no dia de sábado, disse: Que fechassem as portas, e mandei que as não abrissem até passado o sábado: Pus a alguns de meus criados às portas para que ninguém fizesse entrar carga alguma em dia de sábado. (5)

20 E os negociantes, e os que traziam para vender tôda a casta de coisas de venda, ficaram uma ou duas vêzes fora de Jerusalém.

21 E eu lhes protestei, e lhes disse: Por que vos pondes defronte tão perto dos muros? Se outra vez fizerdes tal far-vos-ei castigar, portanto daquele tempo em diante não tornaram mais em o sábado.

22 E ordenei também aos levitas que se purificassem, e que viessem guardar as portas, e santificar o dia de sábado: E por isso lembra-te de mim, Deus meu, e perdoa-me, segundo a multidão das tuas misericórdias.

23 E naquele mesmo tempo vi eu judeus que se casavam com mulheres de Azot, de Amon, e de Moab.

24 E seus filhos falavam meia língua Azótica, e

(5) NO DIA DE SABADO — Isto é, sobrevivendo a véspera de sábado.

não podiam falar Judio, e falavam conforme a linguagem destes dois povos.

25 E eu os repreendi e amaldiçoei. E castiguei alguns deles, e lhes fiz rapar os cabelos, e os fiz jurar por Deus, que não dariam suas filhas aos filhos dos estrangeiros, e não tomariam filhas estrangeiras para seus filhos, nem para si mesmos, dizendo: (6)

26 Não é assim que pecou Salomão rei de Israel? E certamente não havia rei semelhante a ele entre todos os povos, e ele era amado do seu Deus, e Deus o tinha constituído rei sobre todo o Israel: E contudo as mulheres estrangeiras o fizeram cair no pecado.

27 Porventura também nós desobedientes faremos este tão grande mal, que prevariquemos contra o nosso Deus, e nos casemos com mulheres estrangeiras?

28 E dentre os filhos de Jojada, filho de Eliasib Sumo sacerdote, havia um, que era genro de Sanabalat Honorita, a quem afugentei.

29 Senhor Deus meu, lembra-te contra aquêles que mancham o Sacerdócio, e o direito Sacerdotal e Levítico.

30 Eu os purifiquei pois de todos os estrangeiros, e restabeleci a ordem dos sacerdotes e dos levitas, cada um no seu ministério:

31 E na oblação da lenha nos tempos assinados, e na oferta das primícias: Lembra-te de mim, Deus meu, para usares comigo de misericórdia. Amém. (7)

(6) **AMALDIÇOEI** — Por esta maldição entenderam os intérpretes que Neemias os excomungou.

(7) **AMÉM** — Esta palavra não está no original nem nos Setenta.

TOBIAS

INTRODUÇÃO

Do nome de Tobias — O nome de Tobias é em hebreu *Tobiyah*, e significa *Iahvé é meu bem*. Aparece algumas vezes a forma abreviada *Tobi*, porque o segundo elemento da palavra *yah* pode subentender-se nos nomes próprios.

Texto original — Segundo S. Jerônimo (*Præfatio in Tobiam*, t. 29, col. 23) foi escrito em aramaico, mas há outros críticos que entendem que foi escrito em hebreu, e, segundo outros, em grego. O texto primitivo perdeu-se, mas em 1877 foi descoberto um texto aramaico, que foi publicado em 1878, mas que não é certamente o texto original (*The book of Tobit; a Chaldee text from a unique Ms. in the Bodleyan Library with other rabbinical texts, English translations and the Itala*, edited by Neubauer, Oxford, 18-78). Os críticos modernos inclinam-se a que fôsse originariamente escrito em hebreu.

Caráter histórico do livro de Tobias — E' sabido que os protestantes consideram êste livro apenas como um romance piedoso; porém a sua realidade histórica é confirmada pelas minudências da narração, pela genealogia do personagem principal, e pelos dados preciosos sôbre geografia, história e cronologia.

Objeções — Dizem que se narram fatos sobrenaturais, porém isto nada prova contra o caráter histórico dêste livro, porque, admitida a Onipotência de Deus, não se pode negar que o Ente Supremo intervenha sobrenaturalmente nas coisas criadas.

Afirmam que Ragés, cidade da Média, foi construída em data muito posterior, mas esta asserção é destituída de fundamento, porque ela é muito antiga, e Estrabão, cujo testemunho invocam, apenas diz que Seleuco mudou o nome de Ragés no de Eurôpos, *Estrabão*, 11-13, 6, da edição Didot.

Há, sustentam ainda, incorreções gráficas, mas estas explicam-se pela perda do original e erros de cópias.

Autor e data da composição — A tradição constante atribuiu a Tobias pai e ao filho a redação da sua história. Na verdade, em tôdas as versões (exceto na de S. Jerônimo) Tobias fala na primeira pessoa, desde o capítulo 1 até ao versículo 7 do capítulo 3 comêço da história de Sara. Além disto, no texto grego, 12, 2.º, lê-se que o anjo Rafael ordenou a Tobias que escrevesse a sua história, e do capítulo seguinte vê-se que êle cumpriu essa determinação. Deve ter sido escrito nos primeiros tempos que seguiram a deportação dos israelitas para a Assíria, pois foi nesta época que viveu o principal personagem e autor.

Canonicidade— Os protestantes negam a canonicidade dêste livro, não o considerando como fazendo parte da Sagrada Escritura, Videuse. *La Bible mutilée par les protestants*, 2.ª edição, 1847, porém não tem razão alguma em que se baseie a sua falsa opinião.

1.º A Igreja romana, cuja antiguidade e apostolicidade se não pode negar, e que recebeu a Bíblia dos judeus helenistas, sempre aceitou e teve como canônico o livro de Tobias. Assim nós vemos nas catacumbas de

Roma, no Cemitério de S. Saturnino, um fresco, descoberto em 1849, em que está o Tobias apresentando o peixe ao anjo, que está revestido com a sua comprida túnica. Perret, *Les Catacombes de Rome*. Um outro fresco, do segundo século, mostra-nos Tobias conduzido pelo anjo. D'Azincourt, *Histoire de l'art par les monuments*. Ora é sabido também que estas representações, repetidas em Cemitérios, nas Basílicas da primitiva Igreja, não se faziam sem a autoridade da mesma Igreja, o que prova evidentemente que o livro de Tobias foi desde os primeiros tempos inserido no Cânon dos Livros Santos.

2.º A antiga versão Itala, que remonta aos tempos dos Apóstolos, e que foi constantemente usada nas Igrejas Latinas até S. Jerônimo, contém este livro de Tobias.

3.º No catálogo dos livros canônicos, ordenado pelo 3.º Concílio de Cartago, está indicado claramente. Na epístola do papa Inocêncio I.º a Exupério, bispo de Tolosa; no concílio romano, presidido pelo papa Gelásio e no decreto de Eugênio IV aos armênios, indica-se o livro de Tobias como canônico. De igual sentimento foram os padres gregos e latinos, cujos comentários a este livro são importantíssimos. S. Policarpo. S. Clemente de Alexandria, S. Cipriano, Santo Hilário, Santo Ambrósio.

4.º O concílio de Trento solenemente o definiu.

Divisão — Este livro forma um todo perfeitamente coordenado e disposto com saber e arte. Divide-se em cinco seções intimamente ligadas, a saber:

1.ª — Virtudes e provas por que passou Tobias.
1, 1-3, 6.

2.ª — Virtudes e provas por que passou Sara,
3, 7-23.

Tobias

3.^a — Viagem do menino Tobias na Média, 3, 24-6, 9.

4.^a — Seu casamento com Sara, 6, 10-9, 38.

5.^a — Regresso a Nínive, 10-11.

6.^a — *Conclusão*: Aparição do anjo S. Rafael, últimos anos de Tobias, 12-14.

Valor literário — Todos os exegetas celebram o valor literário dêste livro, onde há simplicidade das narrações, à elegância das descrições se junta a simplicidade das preces, e a poesia dos cânticos, sendo de notar o cântico de Tobias (13), que é um dos trechos belíssimos da Sagrada Escritura, onde a magnificência das expressões corresponde à nobreza dos pensamentos.

TOBIAS

CAPÍTULO 1

ORIGEM DE TOBIAS. A SUA FIDELIDADE EM OBSERVAR A LEI. O SEU CASAMENTO. NASCENÇA DE SEU FILHO. ÊLE PERSEVERA FIEL NO SEU CATIVEIRO. SITUAÇÃO EM QUE ÊLE SE ACHA SOB SALMANASAR, SOB SENAQUERIB, E SOB ASSARBADON.

1 Tobias da tribo, e cidade de Neftali (que é na parte superior da Galiléia acima de Naasson, por detrás do caminho, que guia para o ocidente, tendo à esquerda a cidade de Sefet)

2 tendo sido levado cativo em tempo de Salmanasar rei dos assírios, e todavia no seu cativeiro, não abandonou o caminho da verdade,

3 de sorte que tudo, quanto podia ter, distribuía todos os dias pelos seus irmãos que estavam cativos com êle, e que eram da sua linhagem.

4 E sendo que êle era o mais moço de todos os da tribo de Neftali, não obrava contudo ação alguma pueril.

5 Enfim quando todos iam adorar os bezerros de ouro, que Jeroboão rei de Israel tinha feito, êle só fugia da companhia de todos,

6 e ia a Jerusalém ao templo do Senhor, e aí ado-

rava ao Senhor Deus de Israel, oferecendo fielmente tôdas as suas primícias, e o dízimo dos seus bens,

7 de sorte que cada três anos distribuía aos prosélitos e aos estrangeiros tôda a dizimação.

8 Estas coisas e outras semelhantes conformemente com a lei de Deus observava o menino.

9 Porém depois que chegou à idade varonil, casou-se com Ana mulher da sua tribo e teve dela um filho, a quem pôs o seu nome,

10 ao qual ensinou desde a infância a temer a Deus, e a abster-se de todo o pecado.

11 Portanto, quando êle foi levado cativo com sua mulher, e filho, e tôda a sua tribo à cidade de Nínive,

12 (ainda que todos comessem das viandas dos gentios) êle conservou a sua alma, e não se manchou nunca com as suas comidas.

13 E porque êle de todo o coração se lembrou do Senhor, Deus lhe concedeu graça diante do rei Salmanasar,

14 o qual lhe deu faculdade de ir aonde quisesse, tendo liberdade para fazer tudo que quera.

15 Ia pois ter com todos os que estavam cativos, e dava-lhes saudáveis conselhos.

16 Mas como tivesse ido a Ragés cidade dos medos, e levasse dez talentos de prata daqueles com que tinha sido presenteado pelo rei: (1)

(1) **RAGÉS, CIDADE DOS MEDOS** — Há, em todos os textos, confusão entre Ragés, cidade de Gabael, e a cidade onde habita Raguel. E' provável que houvesse engano da parte dos copistas. Os escritores racionalistas, como fica dito na Introdução, citando falsamente Estrabão, dizem que esta cidade é muito posterior; mas o que Estrabão diz é que foi reconstruída e aformoseada por Seleno Nicanor. Também neste sentido se diz que Nabucodonosor construiu Babilônia, e Evandro, Roma; é conhecido aquêlo verso de Virgílio,

17 E vendo em necessidade entre o grande número dos da sua nação a Gabelo, que era da sua tribo, lhe deu a sobredita quantia de prata debaixo de um escrito de sua própria mão. (2)

18 Mas muito tempo depois, morto o rei Salmanassar, reinando Senaquerib, seu filho em seu lugar, e tendo em ódio aos filhos de Israel em sua presença:

19 Tobias todos os dias ia visitar a todos os da sua parentela, e consolava-os, e por cada um distribuía dos seus bens, segundo as suas posses:

20 Alimentava os famintos, e vestia os nus, e cuidadoso dava supultura aos falecidos e aos que tinham sido mortos.

21 Finalmente, quando se tinha retirado o rei Senaquerib fugindo da Judéia à praga, com que Deus o castigara pelas suas blasfêmias, e irado mandasse matar a muitos dos filhos de Israel, Tobias sepultava os seus cadáveres.

22 Mas quando isto se noticiou ao rei, mandou que o matasse, e tirou-lhe todos os seus bens.

23 Mas Tobias, despojado de tudo, fugindo com seu filho, e com sua mulher, se escondeu, porque muitos lhe queriam bem.

24 Mas daí a quarenta e cinco dias assassinaram o rei seus próprios filhos.

25 e Tobias voltou para a sua casa, e tôda a sua fazenda lhe foi restituída.

Um rex Evandrus Romanae conditor arcis. Além do que o Zend Avesta já fala em Ragés.

(2) **LHE DEU A SOBREDITA QUANTIA** — Ou dádiva, segundo uns, ou empréstimo, na opinião de outros.

CAPÍTULO 2

ZELO DE TOBIAS PELA SEPULTURA DOS MORTOS. VEM A FICAR CEGO. A SUA CONSTÂNCIA NO MEIO DAS SUAS AFLIÇÕES. IMPROPÉRIOS QUE LHE DIZIAM SEUS PARENTES, E SUA MESMA MULHER.

1 Depois disto porém, como fôsse chegado um dia de festa do Senhor, e se fizesse um grande banquete em casa de Tobias,

2 disse a seu filho: Vai e traze aqui alguns da nossa tribo, que sejam tementes a Deus, para comermos conosco.

3 E tendo ido, na volta noticia ao pai que um dos filhos de Israel jazia degolado na rua. E logo, levantando-se do seu assento, deixando o jantar, em jejum chegou ao pé do cadáver:

4 E tomando-o, o levou secretamente para sua casa, a fim de que ao pôr do sol, o sepultasse a bom recato.

5 E tendo escondido o cadáver, comeu o pão com lágrimas e tremor,

6 recordando-se do que o Senhor dissera pelo profeta Amós: Os vossos dias de festa converter-se-ão em lamentação e pranto.

7 Depois que foi sol pôsto, saiu, e sepultou-o.

8 Mas todos os seus próximos o argüiam, dizendo: Já por êste motivo te mandaram matar, e com custo escapaste da sentença de morte, e novamente tu sepultas os mortos?

9 Mas Tobias, temendo mais a Deus do que ao rei, levava os corpos dos que tinham sido mortos, e escondia-os em sua casa e sepultava-os no meio da noite.

10 Sucedeu um dia que cansado de enterrar mortos vindo para sua casa, e deitando-se ao pé duma parede, e adormecendo,

11 quando-ê ele dormia lhe caiu dum ninho de andorinhas um pouco de lixo quente sobre seus olhos e ficou cego.

12 Permitiu pois Deus que lhe acontecesse esta prova, para que a sua paciência assim servisse de exemplo aos vindouros, como a do Santo Jó.

13 Porque tendo sempre temido a Deus desde sua infância, e guardado os seus mandamentos, não se entristeceu contra Deus, por lhe ter acontecido o trabalho da cegueira,

14 mas permaneceu imóvel no temor de Deus, dando graças a Deus todos os dias da sua vida.

15 Porquanto bem como os reis insultavam ao bem-aventurado Jó, assim os parentes, e cognatos de Tobias escarneciam do seu modo de vida, dizendo: (1)

16 Onde está a tua esperança, pela qual tu fazias esmolas, e sepultavas os mortos?

17 Mas Tobias os repreendia, dizendo: Não faleis assim:

18 Porque nós somos filhos dos Santos, e esperamos aquela vida que Deus há de dar aos que dêle nunca mudam a sua fé.

19 E Ana sua mulher ia todos os dias pôr-se ao tear, e do trabalho de suas mãos trazia, o que podia ganhar para viver.

20 Sucedeu pois que tendo recebido um cabrito o trouxe para casa: (2)

(1) **OS REIS** — Isto é, Elifaz, Baldade e Sofar, homens poderosos entre os idumeus e os árabes, por cuja razão se lhes atribua o nome de príncipes e de reis.

(2) **QUE TENDO RECEBIDO UM CABRITO** — Ou em paga do seu trabalho, ou por lho terem dado fora do que lhe era devido pelo mesmo trabalho.

Tobias 2, 21-23; 3, 1-6

21 E seu marido, tendo-o ouvido dar balidos, disse: Vêde, não seja furtado, restitui-o a seus donos, porque a nós não nos é lícito comer, nem tocar coisa alguma furtada.

22 A isto lhe respondeu sua mulher com ira: Bem se vê, como as tuas esperanças são vãs, e agora se fizeram ver as tuas esmolas.

23 E com estas, e outras semelhantes palavras o insultava.

CAPÍTULO 3

ORAÇÕES DE TOBIAS, E DE SARA, FILHA DE RAGUEL. O SENHOR AS OUVI, E MANDA EM SEU SOCORRO AO ANJO RAFAEL.

1 Então Tobias deu um suspiro, e começou a orar com lágrimas,

2 dizendo: Tu és justo, Senhor, e todos os teus juízos são justos, e todos os teus caminhos são misericórdia, e verdade, e justiça.

3 Agora pois, Senhor, lembra-te de mim, e não tomes vingança dos meus pecados nem te lembres dos meus delitos, nem dos de meus pais.

4 Porque não obedecemos aos teus preceitos, por isso fomos entregues à pirataria, e ao cativoiro, e à morte, e para servirmos de fábula, e de escárnio a todas as nações, por entre as quais nos espalhastes.

5 E agora, Senhor, os teus juízos são grandes, porque nós não obramos segundo os teus preceitos, e nem andamos sinceramente na tua presença.

6 E agora, Senhor, trata-me segundo a tua vontade, e manda que a minha alma seja recebida em paz: Porque mais conveniente me é morrer do que viver.

7 Neste mesmo dia pois aconteceu que Sara, filha de Raguel estando em Ragés cidade dos medos, ouviu-se ela mesma ser ultrajada por uma das criadas de seu pai,

8 porque ela tinha sido casada com sete maridos, e um demônio chamado Asmodeu os tinha morto, quando êles se chegavam para ela. (1)

9 Como Sara pois repreendesse a moça por uma sua falta, ela lhe respondeu, dizendo: Não vejamos nós jamais de ti filho, nem filha sôbre a terra, ó matadora de teus maridos.

10 Acaso queres tu também matar-me a mim, assim como mataste já a sete maridos? A esta palavra subiu Sara ao quarto mais alto da sua casa: E três dias, e três noites nem comeu, nem bebeu,

11 mas perseverando em oração pedia a Deus com lágrimas, que a livrasse dêste opróbrio.

12 Sucedeu pois ao terceiro dia, quando acabava a sua oração, que, bendizendo ao Senhor,

13 disse: Bendito seja o teu nome, ó Deus de nossos pais: Que depois de te irares, farás misericórdia, e no tempo da aflição perdoas os pecados aos que te invocam.

14 Para ti, Senhor, volto a minha face, para ti dirijo os meus olhos.

15 Peço-te, Senhor, que me livres do laço dêste impropério, ou que ao menos me tires de cima da terra.

16 Tu sabes, Senhor, que eu nunca desejei marido,

(1) **E UM DEMÔNIO CHAMADO ASMODEU** — O nome de Asmodeu vem, segundo uns, do persa *azmudeu* "tentar", segundo outros do hebreu chamad "perder". Parece ser o demônio da concupiscência. "Nosse debemus non omnes daemones universas hominibus inferre, passiones, sed unicuique vitio certos spiritus incitare". Caniano. Cfr. Suarez, De Angelis.

Tobias 3, 17-25

e que conservei a minha alma pura de toda a concupiscência.

17 Nunca me comuniquiei com os que folgavam: Nem tive comércio com os que se conduziam com leviandade.

18 Eu porém consenti a receber marido no teu temor, e não por prazer meu.

19 E, ou eu fui indigna dêles ou talvez êles não foram dignos de mim: Porque tu acaso me tens reservado para outro marido.

20 Porque não está no poder dos homens o teu conselho.

21 Mas todo o que te rende cultos, tem de certo que a sua vida se fôr provada será coroada: E se fôr atribulada, será livre: E se fôr castigada, poderá obter a tua misericórdia.

22 Porque tu não te deleitas com os nossos males, porque depois da tormenta, dás a bonança, e depois das lágrimas e suspiros, infundes a alegria.

23 Seja o teu nome, ó Deus de Israel, bendito pelos séculos.

24 Naquele tempo foram ouvidas as orações de ambos diante da glória do sumo Deus:

25 E Rafael, santo Anjo do Senhor, foi enviado para curar a êles ambos, cujas orações tinham sido ao mesmo tempo expostas na presença do Senhor. (2)

(2) **RAFAEL** — Este nome é formado de duas palavras hebraicas: *Raph*, que significa medicina, e *el*, de Deus, derivando da missão que Deus lhe havia destinado, ensinando ao jovem Tobias os meios de se livrar da morte e como havia de curar seu velho pai. Este anjo tomou forma humana. S. Tomás, I q. 51, a 2, ad 2^m, para o desempenho da missão que veio exercer na terra. Os escritores racionalistas, pretendendo atacar a autenticidade deste livro, dizem que o emprêgo deste termo Rafael é posterior ao cativoiro da Ba-

CAPÍTULO 4

INSTRUÇÕES DE TOBIAS A SEU FILHO. ELE LHE DÁ A SABER
A SOMA QUE DEPOSITARA NAS MÃOS DE GABELO.

1 Julgando pois Tobias que seria ouvida a oração que ele tinha feito de poder morrer, chamou a si a seu filho Tobias,

2 e disse-lhe: Ouve, filho meu, as palavras da minha boca, e imprime-as no teu coração, como fundamento.

3 Depois que Deus tiver recebido a minha alma, sepulta o meu corpo: E honra a tua mãe por todos os dias da sua vida:

4 Porque te debes lembrar quantos e quão grandes perigos padeceu por amor de ti trazendo-te no seu ventre.

5 E quando ela também tiver acabado o tempo da sua vida, a sepultarás ao pé de mim.

6 Tem a Deus em teu espírito todos os dias da tua vida: E guarda-te de consentir jamais em o pecado e de violar os preceitos do Senhor nosso Deus.

7 Faze esmola dos teus bens, e não voltes a tua cara a nenhum pobre: porque desta sorte sucederá que também não se aparte de ti a face do Senhor.

8 Da maneira que puderes, sê caritativo.

9 Se tiveres muito, dá muito: Se tiveres pouco, procura dar de boamente também êsse pouco.

10 Porque assim entesouras uma grande recompensa para o dia da necessidade:

11 Porque a esmola livra de todo o pecado e da morte, e não deixará cair a alma nas trevas.

bilônia. Glaire responde, notando que este nome é de origem semítica, e que era conhecido antes do cativoiro, ficando, portanto, sem valor a argumentação apresentada pelos adversários.

12 A esmola servirá duma grande confiança diante do Sumo Deus para todos os que a fazem.

13 Preserva-te, meu filho, de toda a impureza, e fora de tua mulher nunca consintas em conhecer o crime.

14 Nunca permitas que a soberba domine nos teus pensamentos, ou nas tuas palavras, porque nela teve princípio toda a perdição.

15 A todo o homem que te tiver feito algum trabalho, paga-lhe logo o salário, e nunca fique em teu poder a paga do mercenário.

16 Acautela-te, não faças nunca a outro o que tu levarias a mal que outro te fizesse.

17 Come o teu pão com os pobres e com os que tem fome, e veste dos teus vestidos os que estão nus.

18 Põe o teu pão, e o teu vinho sobre a sepultura do justo, e não comas nem bebas com os pecadores: (1)

19 Pede sempre conselho ao sábio.

20 Bendize a Deus em todo o tempo: E pede-lhe que dirija os teus caminhos, e que todos os teus intentos se firmem nêle.

21 Também te advirto, filho meu, que, quando tu ainda eras criança, dei eu dez talentos de prata a Gabelo, estando em Ragés, cidade dos medos, e que eu tenho em meu poder o seu escrito:

22 E por isso busca o modo de o achar, e cobrar dêle

(1) **SÔBRE A SEPULTURA DO JUSTO** — Não se veja nesta passagem anulado o supersticioso uso vigente entre vários povos orientais, de colocar alimentos sobre as sepulturas dos mortos; mas, atendendo à força dos termos empregados, o que quer dizer o texto é que dê o seu pão e o vinho aos pobres, para que a prática dessas obras de caridade reverta em favor dos que morrem em justiça. Aqui está uma lição que nos ensina que as obras de caridade servem de alívio para as almas dos mortos, não dos que morrem fora da justiça, em pecado mortal, mas dos que morrem na graça de Deus.

a sobredita quantia de prata, e de lhe entregares o seu escrito.

23 Não temas, meu filho. Em verdade nós vivemos pobres, mas nós teremos muitos bens, se temermos a Deus, e nos desviarmos de todo o pecado, e obrarmos bem.

CAPÍTULO 5

O ANJO RAFAEL SE ENCARREGA DE ACOMPANHAR ATÉ RAGÉS A TOBIAS, O MOÇO. LÁGRIMAS DE SUA MÃE NA DESPEDIDA: CONFIANÇA DE SEU PAI.

1 Então respondeu Tobias a seu pai, e disse: Meu pai, tudo o que me mandaste farei.

2 Mas não sei de que modo poderei cobrar êste dinheiro: Porque nem êle me conhece a mim, nem eu o conheço a êle: Que sinal lhe darei eu? Eu nem ainda sei o caminho, por onde se vai à tal terra.

3 Então seu pai lhe respondeu, e disse: Eu tenho em meu poder a obrigação de seu punho: A qual, quando tu lha mostrares, êle logo te pagará.

4 Mas agora vai, e busca algum homem que te seja fiel, que vá contigo pagando-se-lhe o seu trabalho: Para que tu cobres o dinheiro enquanto ainda eu estou vivo.

5 Então tendo Tobias saído, achou a um gentil mancebo, que estava cingido, e como prestes a caminhar.

6 E não sabendo que era um Anjo de Deus, o saudou, e disse: De onde és tu, galhardo mancebo?

7 E êle respondeu. Eu sou um dos filhos de Israel. E Tobias lhe disse: Tu sabes o caminho que leva à terra dos medos?

8 O Anjo lhe respondeu: Sei: E tenho andado muitas vêzes êstes caminhos, e tenho estado em casa

Tobias 5, 9-19

de Gabelo nosso irmão, que mora em Ragés, cidade dos medos, que está situada sôbre o monte de Ecbátana.

9 Tobias lhe disse: Suplico-te que esperes por mim, até que eu avise meu pai disto mesmo.

10 Então Tobias tendo entrado, referiu a seu pai tudo isto. Do que admirado o pai, lhe rogou que entrasse em sua casa.

11 Tendo pois entrado saudou a Tobias, e disse: A alegria seja sempre contigo.

12 E disse Tobias: Que alegria poderei eu ter, eu que sempre estou em trevas, e que não vejo a luz do céu?

13 O mancebo lhe disse: Tem bom ânimo, perto está o tempo em que Deus te cure.

14 Disse-lhe pois Tobias: Acaso poderás tu levar meu filho a casa de Gabélo em Ragés, cidade dos medos? e quando tu voltares, eu te pagarei o teu trabalho.

15 E o anjo lhe disse: Eu o levarei, e to reconduzirei.

16 Tobias lhe respondeu: Peço-te que me digas, de que família, ou de que tribo és tu?

17 O anjo Rafael lhe disse: Procuras saber da família do mercenário, ou o mesmo mercenário, que vá com teu filho?

18 Mas para que eu te não ponha em cuidados, eu sou Azarias, filho do grande Ananias. (1)

19 E Tobias lhe respondeu: Tu és duma ilustre prosápia. Mas peço-te que te não agastes por eu desejar conhecer a tua geração.

(1) **EU SOU AZARIAS** — Azarias quer significar socorro de Deus, e assim o anjo indica ser o auxílio que o céu envia a Tobias. *Socius itineris Tobiae natura erat Angelus*, diz a propósito Leonardo de S. Martinho, *sed in esse representativo erat Azarias quia effligem et formam Azariae prae se ferebat*, — *Summa scripturistica*.

20 E o anjo lhe disse: Eu levarei teu filho com saúde e to reconduzirei com saúde.

21 E respondendo Tobias, disse: Fazei boa jornada, e Deus seja convosco no vosso caminho, e o seu anjo vá em vossa companhia.

22 Então preparado tudo o que se havia levar na jornada, despediu-se Tobias de seu pai, e de sua mãe, e partiram ambos de companhia.

23 Tanto que partiram, começou sua mãe a chorar, e a dizer: Tu nos tiraste o bordão da nossa velhice, e o apartaste de nós.

24 Oxalá que nunca tivesse havido êste dinheiro, pelo qual tu o mandaste.

25 Bastava-nos a nossa pobreza, para contarmos como riquezas o vermos o nosso filho.

26 E disse-lhe Tobias: Não chores, nosso filho chegará salvo e voltará salvo para nossa companhia, e tu o verás com os teus olhos.

27 Porque eu creio que o bom anjo de Deus o acompanha, e que êle regula tudo o que lhe diz respeito, de modo que tornará cheio de alegria para nossa companhia.

28 A esta palavra cessou a mãe de chorar, e calou-se.

CAPÍTULO 6

**CAMINHANDO TOBIAS O MOÇO, UM PEIXE O QUER DEVORAR.
TOBIAS O APANHA POR ORDEM DO ANJO. ÊSTE LHE
ACONSELHA QUE CASE COM SARA, FILHA DE RAGUEL.**

1 Partiu pois Tobias, e um cão o seguiu, e ficou na primeira pousada ao pé do rio Tigre. (1)

(1) **DO RIO TIGRE** — Querem uns que fôsse no célebre rio dêste nome que banhava a antiga Nínive, o que indicava habitar o israelita a margem direita dêste rio, outros que fôsse o grande ou

Tobias 6, 2-6

2 E saiu a lavar os seus pés, e eis que sai da água um peixe monstruoso para o tragar. (2)

3 À sua vista espavorido Tobias clamou em alta voz, dizendo: Senhor, êle lança-se a mim.

4 E disse-lhe o anjo: Pega-lhe pelas guelras, e puxa-o para ti. Tendo-o assim feito, puxou-o para a terra, e o peixe começou a palpar a seus pés.

5 Então disse-lhe o anjo: Tira as entranhas a êsse peixe, e toma para ti o coração, e'o fel, e o fígado: Porque te serão necessárias estas coisas para remédios úteis. (3)

6 O que feito, assou Tobias parte da sua carne, e a levaram consigo para o caminho: salgaram o mais que lhes bastasse, até chegarem a Ragés cidade dos medos.

pequeno Zab, afluentes do Tigre, para o lado dêste, a que se dava também êste nome de Tigre.

(2) **UM PEIXE MONSTRUOSO** — Tobias quis lavar os pés no rio, e eis que um grande peixe saiu para o tragar, segundo a Vulgata, *ecce piscis immanis exivit, ad devorandum eum*, a versão itala traz *exilivit*, e o códice Sinaitico o grego correspondente a *et circumplexus est pedes ejus* "lançou-se aos pés, agarrando-lhos." Não se pode rigorosamente determinar a espécie dêste peixe, mas atendendo ao códice Sinaitico e a Calmet, seria o peixe que os franceses chamam Brechet, o lúcio, que atinge enormes proporções, e que é muito voraz, encontrando-se algumas vezes nêle despojos humanos. "*Le Brechet est très vorace; il n'épargne pas même son espèce; il ne se contente pas des poissons. On a trouvé dans sa gueule des parties du corps humain.*" Block, *Histoire naturelle des poissons*, Berlim, 1785, pag. 183, 185. Oken conta que na Cracóvia uma donzela foi vítima dum dêstes peixes, ficando sem um pé, citado por Gutberlet, *Das Buch Tobias*, pag. 187. Tem barbatanas e escamas e guelras, como diz o texto.

(3) **PARA REMÉDIOS ÚTEIS** — Os intérpretes católicos divergem de opinião sôbre se se trata de propriedades naturais dêstes órgãos, ou sobrenaturais. Entrê os modernos, Vigouroux segue a

7 Então perguntou Tobias ao anjo, e disse-lhe: Irmão Azarias, suplico-te que me digas de que remédio servirão estas coisas, que tu mandaste guardar do peixe?

8 E o anjo, respondendo, lhe disse: Se tu puseres um pedacinho do seu coração sôbre as brasas acesas, o seu fumo afugenta tôda a casta de demônios, tanto do homem, como da mulher, de sorte que não tornam mais a chegar a êles.

9 E o fel é bom para untar os olhos, que tem algumas névoas, e sararão.

10 E disse-lhe Tobias: Onde queres que nós nos pousemos?

11 E respondendo, o anjo disse: Aqui, há um homem chamado Raguel, teu parente da tua tribo, e êste tem uma filha por nome Sara, e fora ela não tem mais filho, nem filha.

12 Todos os seus bens te pertencem, e importa que tu a recebas por mulher.

13 Pede-a pois a seu pai, e êle ta dará em casamento.

14 Então Tobias lhe respondeu, e disse: Eu sei que ela fôra já casada com sete maridos, e que morreram: E também soube que um demônio os matara.

15 Temo pois não me suceda também o mesmo: Ê como sou filho único de meus pais, temo conduzir a sua velhice com tristeza até a sepultura.

segunda opinião, dizendo que essas propriedades eram miraculosas, para que permanecesse o anjo incógnito até ao fim, podendo livremente desempenhar-se da missão auxiliadora que lhe fôra confiada. "Nous pensons qu'il s'agit ici des propriétés miraculeuses que Dieu leur confère, afin que son ange puisse conserver jusqu'à la fin l'incognito et remplir néanmoins la mission secourable qui lui a été confiée." Manuel Biblique, t. 2.º, pag. 139.

Tobias 6, 16-22; 7, 1-3

16 Então o anjo Rafael lhe disse: Ouve-me, e eu te mostrarei quais são aquêles sôbre quem o demônio tem poder.

17 Êstes são pois os que se casam de maneira que lançam a Deus fora de si e do seu espírito, e se entregam tanto ao seu deleite, como o cavalo e o macho, que não têm entendimento: Então tem o demônio poder sôbre êles.

18 Mas tu quando a tiveres recebido, tendo entrado na câmara, viverás com ela em continência por três dias, e não cuidarás noutra coisa que em fazeres orações com ela.

19 E nesta mesma noite, queimando o fígado do peixe, se afugentará o demônio.

20 E na segunda noite serás associado aos santos Patriarcas.

21 E na terceira noite, conseguirás a bênção, para que de vós nasçam filhos robustos.

22 E passada a terceira noite, receberás esta donzela em temor do Senhor, levado mais do desejo de teres filhos do que por sensualidade, a fim de conseguires nos filhos a bênção reservada à descendência de Abraão.

CAPÍTULO 7

CASAMENTO DE TOBIAS O MOÇO COM SARA FILHA DE RAGUEL.

1 Entraram pois em casa de Raguel, e Raguel os recebeu com alegria.

2 E pondo Raguel os olhos em Tobias, disse para Ana sua mulher: Como êste moço é parecido com meu primo!

3 E proferindo isto, disse: De onde sois vós, nos-

sos irmãos mancebos? E eles responderam: Somos da tribo de Neftali, dos cativos de Nínive.

4 E disse-lhes Raguel: Vós conheceis a meu irmão Tobias? Responderam eles: Conhecemos.

5 E como dissesse muitos bens dêle, o anjo disse a Raguel: Tobias, por quem perguntas, é o pai dêste moço.

6 E Raguel se lançou a êle, e o beijou com lágrimas, e chorando sôbre o seu pescoço,

7 disse: Abençoado sejas, meu filho, porque és filho dum homem de bem e virtuosíssimo.

8 E Ana sua mulher, e Sara sua filha derramavam lágrimas.

9 E depois que falaram, mandou Raguel matar um carneiro e preparar um banquete. E quando êle os rogava que se pusessem à mesa,

10 disse Tobias: Eu não comerei nem beberei aqui hoje, menos que tu me não despaches a minha petição, e prometas dar-me Sara tua filha.

11 Ouvido isto, Raguel se assustou, sabendo o que tinha acontecido aos sete maridos, que se tinham chegado a ela: E começou a temer não sucedesse também o mesmo a êste: E como vacilasse, e não desse resposta alguma à petição que lhe fazia,

12 o anjo lhe disse: Não temas dar tua filha a êste moço, porque a êste, que é temente a Deus, lhe é devida tua filha para espôsa: E por isso nenhum outro a pôde ter.

13 Então Raguel respondeu: Não duvido que Deus aceitasse em sua presença as minhas orações e as minhas lágrimas.

14 E creio que por isso êle permitiu que vós viésseis a mim, para que esta filha se desposasse com um

Tobias 7, 15-20; 8, 1-2

da sua parentela segundo a lei de Moisés: Assim não duvides que eu ta não haja de dar.

15 E pegando na mão direita de sua filha, a pôs na mão direita de Tobias, dizendo: O Deus de Abraão, e o Deus de Isaac, e o Deus de Jacó seja convoseo, e êle mesmo vos ajunte, e cumpra a sua bênção em vós.

16 E tomando papel, fizeram a escritura de casamento.

17 E depois fizeram um banquete, bendizendo a Deus. (1)

18 E Raguel chamou a Ana sua mulher, e ordenou-lhe que preparasse outro aposento.

19 E introduziu Ana no tal aposento a Sara, sua filha, e se pôs a chorar. (2)

20 E ela lhe disse: Tem bom ânimo, minha filha: o Senhor do Céu te encha de alegria pelos dissabores que tens padecido.

CAPÍTULO 8

TOBIAS E SARA PASSAM A PRIMEIRA NOITE DA VODA EM ORAÇÃO. TOBIAS NÃO EXPERIMENTA ACIDENTE ALGUM DANOSO. RAGUEL BENDIZ POR ISSO A DEUS, E LHES FEZ CELEBRAR A SUA VODA.

1 E depois de terem ceado, introduziram o moço onde ela estava.

2 E Tobias lembrando-se do que lhe tinha dito o anjo, tirou da sua bôlsa um pedacinho do fígado do peixe e pô-lo sôbre uns carvões acesos.

(1) **BENDIZENDO A DEUS** — Quer dizer que davam graças ao Senhor pelos benefícios que o céu lhes tinha prodigalizado.

(2) **SE PÔS A CHORAR** — Pelo que se segue, vê-se que quem chorava era Sara.

3 Então o anjo Rafael pegou no demônio, e o ligou no deserto do alto Egito. (1)

4 Então exortou Tobias a donzela, e lhe disse: Sara, levanta-te, e façamos oração a Deus hoje, amanhã, e ao outro dia: Porque estas três noites nos unimos a Deus: E depois da terceira noite, viveremos no nosso matrimônio:

5 Porque nós somos filhos de Santos, e não devemos juntar-nos como fazem os gentios, que não conhecem a Deus.

6 E levantando-se juntamente, oravam ambos juntos com instância que lhes fôsse conservada a saúde.

7 E Tobias disse: Senhor Deus de nossos pais, bendigam-vos o Céu e a terra, e o mar e as fontes, e os rios e tôda as tuas criaturas, que nêles se encerram.

8 Tu fizeste a Adão do limo da terra, e lhe deste para socorro a Eva.

9 E agora, Senhor, tu sabes que não é para satisfazer o meu apetite, que eu tomo minha irmã por mulher, mas só por amor dos filhos, pelos quais o teu nome seja bendito pelos séculos dos séculos.

10 E Sara disse: Compadece-te de nós, Senhor, compadece-te de nós, e vivamos juntos até à velhice em perfeita saúde.

(1) PEGOU NO DEMONIO E O LIGOU NO DESERTO — E' sabido que os espiritos malignos, segundo a ortodoxia católica, operam volente et permittente Deo. Este ficou privado de exercer a sua maléfica ação fora deste lugar. Os espiritos não estão num lugar circunscritivamente, como os seres corpóreos, mas definitivamente. "*Angelus vel daemon non commensuratur loco, sed est ita in uno loco, ut non sit simul in alio loco.*" S. Tomás, tomo I, q. 52, a 2. Cfr. Santo Agostinho, Cidade de Deus, I, 20, v. 8, t. 41. O deserto do alto Egito, para onde o Anjo Rafael desterrou este demônio, é uma região árida e povoada de animais ferozes e serpentes terríveis.

Tobias 8, 11-22

11 E sucedeu que ao cantar do galo, mandou Raguel que fôsem chamados os seus criados, e se foram com êle a abrir uma sepultura.

12 Porque dizia: Não suceda talvez a êste o mesmo que aos outros sete homens, que estiveram com ela.

13 Depois que tiveram preparado a cova, voltando Raguel, a sua mulher, disse-lhe:

14 Manda uma das tuas criadas, a ver se êle morreu, para o sepultar antes que amanheça.

15 E ela mandou uma das suas criadas. E esta tendo entrado na câmara, os achou sãos e salvos, dormindo ambos juntamente.

16 E voltando, deu esta boa nova: Então tanto Raguel como Ana sua mulher louvaram o Senhor,

17 e disseram: Nós te bendizemos, Senhor Deus de Israel, por não haver sucedido o que cuidávamos.

18 Porque usaste conosco de tua misericórdia, e lançaste para longe de nós o inimigo que nos perseguia.

19 E tiveste compaixão de dois filhos únicos. Faze, Senhor, que êles te bendigam mais e mais: E te ofereçam o sacrifício do louvor a ti devido e pela sua saúde, a fim de que tôdas as nações conheçam que só tu és o Deus em tôda a terra.

20 E logo mandou Raguel aos seus criados, que enchessem a cova que tinham feito, antes que fôsse dia.

21 E disse a sua mulher, que dispusesse um banquete, e preparasse todos os provimentos necessários a quem havia de fazer jornada.

22 E fêz matar duas vacas gordas, e quatro carneiros, e que se aparelhasse o banquete para todos os seus vizinhos, e para todos os seus amigos.

23 E esconjurou Raguel a Tobias, que ficasse com êle duas semanas. (2)

24 E de tudo o que possuía Raguel deu metade a Tobias, e declarou por um escrito, que a outra metade, que restava, passaria a Tobias depois da sua morte.

CAPÍTULO 9

VAI O ANJO BUSCAR A GABELO: RECEBE DELE O DINHEIRO, DEPOSITADO, E O LEVA À VODA DE TOBIAS.

1 Então Tobias chamou a si o anjo, que êle cria ser homem, e lhe disse: Irmão Azarias, peço-te que escutes as minhas palavras.

2 Quando eu me entregasse a ti por teu escravo, não poderia corresponder dignamente aos teus cuidados.

3 Peço-te, contudo, que tomes para ti bêstas e servos, e que vás buscar a Gabelo em Ragés cidade da Média, e lhe entregues o seu escrito, e recebas dêle o dinheiro, e o rogues que venha à minha voda.

4 Porque tu sabes que meu pai conta os dias: E que se eu tardar um dia mais, se contristará a sua alma.

5 Tu vês também de que modo Raguel me esconjurou, e eu não posso desprezar suas tão fortes instâncias.

6 Então Rafael tomando quatro criados de Raguel, e dois camelos, foi-se à cidade de Ragés na Média: E achando a Gabelo, lhe entregou o seu escrito, e recebeu dêle todo o dinheiro.

7 E contou-lhe tudo o que tinha sucedido a Tobias filho de Tobias: E o fêz vir consigo à voda.

8 E tendo Gabelo entrado em casa de Raguel, achou

(2) **QUE FICASSE COM ÊLE DUAS SEMANAS** — Para assim testemunhar o seu júbilo.

Tobias 9, 9-12; 10, 1-4

Tobias à mesa: E levantando-se se beijaram mutuamente: E Gabelo chorou e louvou a Deus,

9 e disse: O Deus de Israel te abençoe, porque és filho dum homem virtuosíssimo, e justo, e temente a Deus, e esmoler,

10 abranja também a bênção a tua mulher, e a vossos pais:

11 E vejaís a vossos filhos, e aos filhos de vossos filhos, até à terceira e quarta geração: E a tua descendência seja bendita do Deus de Israel, que reina por séculos dos séculos. (1)

12 E tendo todos respondido, Amém, puseram-se à mesa: E também com temor do Senhor celebravam o banquete da voda.

CAPÍTULO 10

CUIDADO DO PAI, E DA MÃE DE TOBIAS O MOÇO. RAGUEL E TOBIAS SE SEPARAM.

1 Quando porém o moço Tobias se demorava, por causa da sua voda, estava seu pai Tobias em cuidados, dizendo: Quem sabe por que tarda meu filho, e por que se tem lá detido?

2 Acaso morreria Gabelo, e não haja ninguém que lhe restitua o dinheiro?

3 Começou êle pois a entristecer-se em extremo, e Ana sua mulher com êle: E ambos juntos se puseram a chorar: Porque seu filho não voltara para êles no dia assinalado.

4 Mas sua mãe derramava lágrimas inconsoláveis,

(1) **E VEJAIS A VOSSOS FILHOS, E AOS FILHOS DE VOSSOS FILHOS** — Estas palavras repete a Igreja, rememorando a piedade de Sara aos cônjuges nas bênçãos matrimoniais.

e dizia: Ai, ai de mim, meu filho, para que te mandamos nós tão longe, a ti que eras a luz dos nossos olhos, o bordão da nossa velhice, a consolação da nossa vida, e a esperança da nossa posteridade?

5 Nós que em ti só tínhamos juntas tôdas as coisas não devíamos alongar-te da nossa companhia.

6 Tobias lhe dizia: Cala-te, e não te turbes, nosso filho passa com saúde: Aquêlê homem com o qual nós o enviamos, é muito fiel.

7 Mas ela não se podia consolar de modo algum, mas saindo todos os dias fora, andava olhando para tôdas as partes, e corria por todos os caminhos, por onde esperava que o filho poderia tornar, para o ver vir ao longe, se lhe fôsse possível.

8 Mas porém Raguel dizia a seu genró: Fica-te aqui, e eu mandarei a Tobias teu pai um mensageiro com novas da tua saúde.

9 Tobias lhe respondeu: Eu sei que meu pai e minha mãe contam agora os dias, e que seu espírito está num contínuo tormento.

10 E tendo Raguel feito ainda muitas instâncias a Tobias, e não querendo êste de modo algum condescender com êle, lhe entregou sua filha Sara, e metade de tudo o que possuía em servos, em servas, em rebanhos, em camelos, e em vacas, e em grande quantidade de dinheiro: E o deixou ir de sua companhia são e alegre,

11 dizendo: O santo anjo do Senhor seja no vosso caminho, e vos conduza sem perigo algum, e que acheis tudo bem em casa de vossos pais, e que os meus olhos vejam a vossos filhos antes que eu morra.

12 E tomando os pais a sua filha, a beijaram, e a deixaram ir:

13 Advertindo-a que honrasse a seus sogros, que amasse a seu marido, que regesse a sua família, que go-

vernasse a sua casa, e que ela mesma se comportasse irrepreensível.

CAPÍTULO 11

TOBIAS O MOÇO, E RAFAEL CHEGAM A NINIVE. TOBIAS PAI RECOBRA A VISTA. CHEGA SARA. CELEBRA-SE A VODA.

1 E voltando, chegaram no undécimo dia a Caran, que está no meio do caminho indo para Nínive. (1)

2 E disse o anjo: Irmão Tobias, tu sabes o estado em que deixaste a teu pai.

3 Se assim pois te parece bem, vamos nós adiante, e os teus domésticos sigam-nos devagar com tua mulher, e com os gados.

4 E tendo pois concordado em que fôsem, disse Rafael a Tobias: Traze contigo o fel do peixe, porque será necessário. Tomou portanto Tobias do fel, e foram seu caminho.

5 Ana porém todos os dias se ia assentar ao pé da estrada, no alto dum monte, de onde ela podia descobrir ao longe.

6 E quando do mesmo lugar espreitava a sua vinda, viu ao longe, e logo reconheceu seu filho que vinha: E correu a dar a nova a seu marido, dizendo: Eis-aí vem teu filho.

7 E ao mesmo tempo disse Rafael a Tobias: Tanto que tiveres entrado em tua casa, adora logo ao Senhor teu Deus: E dando-lhe graças, chega-te a teu pai, e dá-lhe um beijo.

8 E imediatamente unta-lhe os seus olhos com êste fel de peixe, que trazes contigo: porque está certo que

(1) **NO MEIO DO CAMINHO** — Esta expressão não deve ser tomada à letra, mas que estava entre Caran e Nínive. O grego diz expressamente: que, quando os dois ajustaram entre si adiantar-se, estavam ella perto de Nínive.

logo os seus olhos se abrirão, e teu pai verá a luz do Céu, e se alegrará com a tua vista.

9 Então o cão, que os tinha seguido pelo caminho, correu adiante: E como que trazendo a nova mostrava o seu contentamento festejando com a sua cauda.

10 E levantando-se assim cego seu pai, começou tropeçando com os pés a correr: E dando a mão a um criado, foi encontrar-se com seu filho. (2)

11 E acolhendo-o, o beijou a sua mulher, e ambos começaram a chorar de gôsto.

12 E depois que adoraram a Deus, e lhe deram graças, assentaram-se.

13 Então Tobias tomando do fel do peixe untou os olhos de seu pai. (3)

14 E susteve-lhe o fel nos olhos quase meia hora: E começou a despegar de seus olhos uma belida, como a película de um ovo.

15 Tobias pegando nela tirou-a dos seus olhos, e no mesmo ponto recobrou a vista.

16 E glorificaram a Deus, a saber êle, e sua mulher, e todos os que o conheciam.

17 E dizia Tobias: Eu te bendigo, Senhor Deus de Israel, por me teres castigado, e por me teres curado: E eis-aqui estou agora vendo a Tobias, meu filho.

18 Passados sete dias chegou também Sara mulher de seu filho, e tôda a sua família com saúde, e os rebanhos, e os camelos, e grande soma de dinheiro de

(2) **TROPEÇANDO COM OS PÉS** — Sacy, Calmet traduziram a Vulgata *offendens pedibus* "apalpando o caminho com os pés". Outros traduzem caindo a cada passo.

(3) **TOMANDO DO FEL** — Foi o emprêgo dum meio natural, que operou um resultado que transcende as forças da causa, o que mostra ter Deus operado um milagre em favor de seu servo.

Tobias 11, 19-21; 12, 1-3

sua mulher: E também aquêlê dinheiro que tinha cobrado de Gabelo: (4)

19 E Tobias contou a seus pais todos os benefícios, que Deus lhe tinha feito, por meio dêsse homem, que o conduzira.

20 E vieram Aquior e Nabat, primos de Tobias, regozijar-se com Tobias, e congratular-se com êle por todos os bens, que Deus tinha feito a seu favor.

21 E banquetecendo-se por sete dias, todos se alegraram com grandes regozijos.

CAPÍTULO 12

TOBIAS QUER GALARDOAR A RAFAEL. ESTE LHE DESCOBRE QUEM E', E DESAPARECE.

1 Então chamou Tobias a seu filho, e lhe disse: Que poderemos nós dar a êste santo homem, que veio contigo?

2 Tobias respondendo, disse a seu pai: Meu pai, que galardão lhe daremos nós? ou que coisa poderá haver proporcionada aos seus benefícios?

3 Êle me levou e me trouxe salvo, êle recebeu de Gabelo o dinheiro, êle me fêz ter mulher, e êle expeliu dela o demônio, êle encheu de alegria a seus pais, êle me livrou a mim mesmo de ser tragado do peixe, e a ti fêz-

(4) **PASSADOS SETE DIAS, ETC.** — No grego não há vestígio desta tardança tão prolongada de Sara. E com effeito, se quando Rafael e Tobias se adiantaram a Sara, estavam êles já perto do Nínive, como se demorou Sara sete dias, antes que ali chegasse? Um moderno crítico suspeitava que em lugar de sete dias, se deveria ler na Vulgata dois. Porém em matéria de números, quem poderá conciliar textos com textos, versões com versões, lugares com lugares? — Pereira.

-te ver a luz do céu, e por êle nós fomos cheios de todos os bens. Que lhe poderemos nós dar que iguale tais benefícios?

4 Mas rogo-te, meu pai, que lhe peças, se digne ao menos aceitar para si metade de tudo o que nós trouxemos.

5 E chamando-o, a' saber o pai, e o filho, o trouxeram à parte: e começaram a rogar-lhe que quisesse de boa mente receber metade de tudo o que tinham trazido.

6 Então lhes falou o anjo assim em segredo: Bendizei ao Deus do céu, e dai-lhe glória diante de todos os viventes, por ter usado convosco da sua misericórdia.

7 Porque é bom conservar escondido o segredo do rei: Mas é coisa de honra manifestar e publicar as obras de Deus.

8 E' boa a oração acompanhada de jejum, e da esmola mais do que ajuntar tesouros de ouro:

9 Porque a esmola livra da morte, e ela é a que apaga os pecados, e faz achar a misericórdia e a vida eterna.

10 Mas os que cometem pecado, e iniquidade, são inimigos das suas almas.

11 Eu pois vos descubro a verdade, e não vos ocultarei o que está em segredo.

12 Quando tu oravas com lágrimas, e enterravas os mortos, e deixavas o teu jantar, e ocultavas os mortos em tua casa de dia, e os enterravas de noite, presentei eu as tuas orações ao Senhor.

13 E porque tu eras aceito a Deus, por isso foi necessário que a tentação te provasse.

14 E agora me enviou o Senhor a curar-te, e a livrar do demônio a Sara, mulher de teu filho.

15 Porque eu sou o Anjo Rafael, um dos sete que assistimos diante do Senhor.

Tobias 12, 16-22; 13, 1-2

16 E ao ouvir estas palavras, se turbaram, e espavoridos caíram com o rosto em terra.

17 E o anjo lhes disse: A paz seja convosco, não temais.

18 Porque quando eu estava convosco, eu o estava por vontade de Deus: Bendizei-o, e cantai-lhe louvores.

19 A vós parecia-vos que eu comia, e bebia convosco: mas eu sustento-me de um manjar invisível, e duma bebida, que não pode ser vista dos homens.

20 E' pois tempo que eu volte para aquêlle que me enviou: Vós porém bendizei a Deus, e contaí tôdas as suas maravilhas. (1)

21 E tendo dito estas palavras, desapareceu de diante dêles, e êles o não puderam ver mais.

22 Então tendo-se prostrado sôbre o rosto por três horas, bendisseram a Deus: E erguendo-se contaram tôdas as suas maravilhas.

CAPÍTULO 13

CÂNTICO DE TOBIAS.

1 E o velho Tobias abrindo a sua bôca, abençoou ao Senhor, e disse: Tu, Senhor, és grande na eternidade, e o teu reino é por todos os séculos: (1)

2 Porque tu castigas, e tu salvas: Tu levas até à sepultura, e tu ressuscitas: E ninguém há que escape da tua mão.

(1) **E CONTAÍ TODAS AS SUAS MARAVILHAS** — O grego diz: E escrevei num livro tudo o que succedeu, de onde se depreende que Tobias escreveu êste livro por ordem do anjo.

(1) **E DISSE** — O seguinte cântico é ao mesmo tempo uma profecia, na qual Tobias prediz a libertação dos israelitas, a restauração de Jerusalém, ou applicando o sentido, o estabelecimento da Igreja e a conversão futura do povo judaico.

3 Dai graças ao Senhor, filhos de Israel, e louvai-o diante das nações:

4 Porque êle por isso vos espalhou por entre os povos, que o não conhecem, para que vós publiqueis as suas maravilhas, e para que lhes façais saber, que não há outro Deus todo poderoso senão êle.

5 Êle nos castigou por causa das nossas iniquidades: Êle mesmo nos salvará por causa da sua misericórdia.

6 Considerai pois o que êle obrou conosco, e bendizei-o em temor e tremor: E exaltai ao rei dos séculos pelas vossas obras.

7 Eu porém o confessarei na terra do meu cativeiro: Porque manifestou a sua majestade sobre uma nação pecadora.

8 Convertei-vos pois, ó pecadores, e obrai justiça diante de Deus, crendo que êle obrará conosco a sua misericórdia.

9 Eu também, e a minha alma nos regozijaremos nêle.

10 Bendizei ao Senhor todos vós os seus escolhidos: Festejai os dias de alegria, e rendei-lhe louvores.

11 Jerusalém, cidade de Deus, o Senhor te castigou por causa das obras das tuas mãos. (2)

12 Dá graças ao Senhor pelos teus bens, e bendize ao Deus dos séculos para que restabeleça em ti o seu tabernáculo, e para que chame a ti todos os cativos, e para que te alegres por todos os séculos dos séculos.

(2) O SENHOR TE CASTIGOU, ETC. — Aqui temos profetizada como passada, a ruína de Jerusalém por Nabucodonosor, que foi posterior ao tempo de Tobias mais de um século. Porque, segundo o sistema de Usset, Tobias pai morreu no ano 663 antes da era cristã; e Jerusalém foi tomada por Nabucodonosor no ano 590 antes da mesma era. Pereira.

Tobias 13, 13-23

13 Tu brilharás com uma refulgente luz: E tôdas as extremidades da terra te adorarão.

14 As nações virão a ti desde os países mais remotos: E trazendo-te dádivas, adorarão em ti o Senhor, e terão a tua terra por santuário.

15 Porque invocarão o seu grande nome no meio de ti. (3)

16 Mãlditos serão os que te desprezarem: E serão condenados tôdos os que blasfemarem contra ti: E serão benditos os que se edificarem.

17 Tu porém alegrar-te-ás nos teus filhos, porque serão abençoados todos, e se reunirão ao Senhor.

18 Bem-aventurados todos os que se amam, e os que se alegram na tua paz.

19 O' alma minha, bendize ao Senhor, porque livrou a sua cidade de Jerusalém de todos os seus males, êle é o Senhor nosso Deus.

20 Ditoso serei, se restar ainda algum da minha descendência para ver o esplendor de Jerusalém.

21 As portas de Jerusalém se edificarão de safiras e de esmeraldas: E de pedras preciosas todo o circuito dos seus muros.

22 Tôdas as suas praças serão calçadas de pedras brancas e belas: E em todos os seus bairros se cantará Aleluia.

23 Bendito o Senhor que a exaltou, e o seu reino seja nela pelos séculos dos séculos. Amém.

(3) O GRANDE NOME — O nome de Deus, cfr. Strack, *Grammaire hebraïque*.

CAPÍTULO 14

DERRADEIRAS PALAVRAS DE TOBIAS. ELE PREDIZ A RUÍNA DE NÍNIVE, E A RESTAURAÇÃO DE JERUSALÉM. TOBIAS O MOÇO SAI DE NÍNIVE. SUA MORTE.

1 E acabaram-se as palavras de Tobias. E Tobias, depois que recobrou a sua vista, viveu quarenta e dois anos, e viu os filhos de seus netos.

2 E tendo completado cento e dois anos, foi sepultado honorificamente em Nínive. (1)

3 Porque tendo cinquenta e seis anos perdeu a vista de seus olhos, e a recobrou tendo sessenta.

4 E o restante da sua vida o passou em alegria, e com grande aproveitamento no temor de Deus se foi em paz.

5 E à hora da sua morte chamou à sua presença a Tobias, seu filho, e a sete moços filhos dêste, seus netos, e disse-lhe:

6 A ruína de Nínive está próxima: Porque não falha a palavra do Senhor: E os nossos irmãos, que foram dispersos fora da terra de Israel, tornarão para ela.

7 E todo o seu país deserto será povoado outra vez, e a casa de Deus, que nela foi queimada, se reedificará de novo: E para ela tornarão todos os que temem a Deus.

8 E os gentios deixarão os seus ídolos, e virão a Jerusalém, e habitarão nela,

9 e nela se alegrarão todos os reis da terra, adorando o rei de Israel.

10 Ouvi pois, meus filhos, a vosso pai: Servi ao Senhor em verdade, trabalhai por fazerdes o que fôr do seu agrado:

(1) CENTO E DOIS ANOS — No grego está cento e cinquenta anos.

11 E recomendai a vossos filhos que façam obras de justiça, e esmolas, que se lembrem de Deus, e que o bendigam em todo o tempo em verdade, e com tôdas as suas fôrças.

12 Ouvi-me pois agora, meus filhos, e não fiquéis aqui: Mas tanto que vós tiverdes sepultado a vossa mãe, junto a mim em um mesmo sepulcro, desde logo dirigi vossos passos para sairdes daqui:

13 Porque eu vejo que a sua iniquidade há de dar cabo dela. (2)

14 E succedeu que Tobias depois da morte de sua mãe, saiu de Nínive com sua mulher, filhos, e filhos de seus filhos, e voltou para casa de seus sogros:

15 E os achou ainda com saúde numa ditosa velhice: E tomou cuidado dêles, e êle mesmo lhes fechou os seus olhos: E êle se apossou de tôda a herança da casa de Raguel: E viu até à quinta geração, os filhos de seus filhos.

16 E tendo vivido noventa e nove anos no temor do Senhor, o sepultaram em alegria. (3)

17 E tôda a sua parentela, e tôda a sua geração perseverou na boa vida, e num santo procedimento, de modo que foram aceitos tanto a Deus, como aos homens, e a todos os habitantes do país.

(2) **HÁ DE DAR CABO DELA** — Assim succedeu no ano 626, antes da era cristã, e quinze depois da morte de Tobias, ou, segundo outros, no ano 713 A. C., quando Nínive foi tomada por Nabopolassar, pai de Nabucodonosor.

(3) **EM ALEGRIA** — Pela certeza em que estavam, de que seu pai morria na paz do Senhor.

JUDITE

INTRODUÇÃO

Texto original — Não possuímos o texto original dêste livro, pelo que ignoramos a língua em que primitivamente foi escrito. Desta falta de certeza derivam várias conjecturas, mais ou menos fundamentadas, defendidas pelos exegetas. S. Jerônimo entende que foi escrito em aramaico, *Praef. in Judith*, t. 29. O que é certo é que não foi redigido em grego, porque a versão dos Setenta está cheia de hebraísmos e frases orientais; o modo de dizer, as construções das frases tudo tem sabor hebraico, de sorte que um hebraizante pode, sem esforços, reconstruir a frase primitiva. Acentua-se neste livro grande pobreza de partículas, e algumas passagens pouco inteligíveis, que se explicam facilmente restabelecendo o texto mal compreendido.

Variantes — O texto da Vulgata difere muito do grego. S. Jerônimo omite muitas coisas que estão nos Setenta, e por sua vez no grego faltam particularidades que se lêem no latim. S. Jerônimo explica desta sorte "*Sepositis occupationibus, quibus vehementer arctabar, huic libro unam lucubratiunculam dedi, magis sensum e sensu quam ex verbo verbum transferens. Multorum codicum varietatem vitiosissimam amputavi; sola ea quae intelligentia integra in verbis in chaldæis inveniri potui,*

latinis expressis". Pelas citações dos Santos Padres podemos conhecer a grande variedade de versões do texto. Cfr. Capell. *Commentarii et notae criticae in P. T.* Atribui-se êste estado do texto do livro de Judite pela sua grande popularidade. Como era muito lido era também muito copiado; as cópias nem sempre eram acuradas, e daí a introdução de muitas variantes. "*Quoique S. Jerome traduisit le livre assez librement, magis sensum e sensu, quam ex verbo verbum transferens, il faut considérer sa version, en somme comme la restitution la plus fidèle du texte original, lors même que le texte grec, en certains endroits, serait plus exact.*" Welte, *Diction. Encycl. de la théologie catholique*, t. 12.

Autor — Também são muito variadas as opiniões sobre êste ponto. S. Jerônimo atribui-o a Judite; Wolf, a Aquior o amonita; Huet e Calmet a Josué, filho de Josedec, companheiro de Zorobabel; Glaire a Eliacim.

Data — Não se pode precisar a data, como se não pode determinar autor e texto original. Uns fixam o ano 784 A. C., e outros o ano 117 ou 118 da nossa era. As descobertas assiriológicas que vêm esclarecer e confirmar o livro de Judite, permitem assegurar com muita probabilidade que os fatos narrados neste livro passaram-se no reinado de Assurbanípal, rei da Assíria, durante o cativeiro de Manassés em Babilônia. Rouibion, *Deux questions de chronologie et d'histoire éclaircies par les Annales d'Assurbanipal*. Na verdade não era fácil passados muitos anos reter na memória tantas minuciosidades tão complicadas, e descritas com tanta precisão.

Canonicidade — Em todos os cânones e catálogos dos concílios, incluindo o primeiro concílio de Nicéia, e dos padres da Igreja, está incluído o livro de Judite, como S. Clemente Romano, S. Clemente de Alexandria.

Judite

A objeção apresentada pelos adversários dizendo que este livro se não encontra no catálogo de Orígenes e de S. Atanásio, e de alguns escritores eclesiásticos da meia-idade, não colhe, porque estes escritores se limitaram a apresentar o cânon dos hebreus, os quais não incluíam senão os livros escritos em hebreu.

Divisão — Compreende sete seções: .

- a) Causas que determinaram a expedição de Holofernes contra a Ásia Ocidental, 1.
- b) As três primeiras batalhas de Holofernes contra a Ásia Ocidental, 2-3
- c) Terror de Israel, que se prepara para a resistência 4-5.
- d) História de Aquior, 5-6.
- e) Deus suscita Judite para libertar Betúlia, 7-8.
- f) Judite realiza o seu projeto e mata Holofernes, 9, 1-13, 10.
- g) Vitória de Israel sobre os assírios, após a morte de Holofernes, 13, 11-16, 31.

Objeto do livro de Judite — Como se vê por esta divisão o assunto deste livro é a libertação de Betúlia, e a descrição da simpática figura de Judite. A marcha de Holofernes, os seus combates, o terror que inspira aos povos, as suas conquistas, os destroços que causa aos inimigos, estão descritos com precisão e vivacidade dignas do assunto. O discurso de Judite é vigoroso e uma bela peça literária, como também é notável o cântico com que ela celebra a vitória obtida, e a ação de graças prestada pelo povo.

•



JUDITE

CAPÍTULO 1

FORÇAS E PODER DE ARFAXAD. ELE E' VENCIDO POR NABUCODONOSOR, O QUAL, DEPOIS DESTA VITÓRIA, QUER QUE OS POVOS VIZINHOS LHE RENDAM TAMBÉM VASSALAGEM.

1 Arfaxad pois, rei dos medos, tinha sujeitado ao seu império muitas nações, e êle edificou uma cidade poderosíssima, a que chamou Ecbátana, (1)

2 de pedras cortadas à esquadria: Fêz os seus muros de setenta côvados de largo, e de trinta côvados de alto, e pôs-lhe tôrres de cem côvados de altura.

3 E na sua quadratura se estendia cada lado no espaço de vinte pés, e fêz-lhe as suas portas da mesma altura que as tôrres:

4 E se jactava como poderoso pela força do seu exército, e pela magnificência das suas carroças.

5 Porém no ano duodécimo do seu reinado Nabucodonosor rei dos assírios, que reinava na grande cidade de Nínive, fêz guerra a Arfaxad, e o venceu (2)

(1) **ARFAXAD** — Arfaxad é provavelmente o nome, alterado pelos copistas, de Fraorta ou Afraarte, sucessor de Dejoces, rei dos medos. Cfr. Montfaucon, *Verité de la histoire de Judite*.

(2) **NABUCODONOSOR** — E' Assurbanpal. Nenhum rei da

Judite 1, 6-12; 2, 1

6 na grande planície, que se chama de Ragau, junto do Eufrates, e do Tigre, e do Jadason no campo de Erioc rei dos élicos.

7 Então se elevou o reino de Nabucodonosor, e o seu coração se ensoberbeciu: E enviou a todos os que habitavam na Cilícia, e em Damasco, e no Líbano,

8 e aos povos que habitam no Carmelo e em Cedar, e aos que habitavam na Galiléia no grande campo de Esdreton,

9 e a todos os que viviam em Samaria, e da banda de além do rio Jordão até Jerusalém, e em tôda a terra de Jessé, até aos confins da Etiópia.

10 A todos êstes enviou Nabucodonosor rei dos assírios mensageiros:

11 Os quais todos de comum acôrdo os contradisseram, e os despediram vazios, e os lançaram fora sem honra.

12 Então o rei Nabucodonosor, indignado contra tôda aquela terra, jurou pelo seu trono e pelo seu reino, que se vingaria de tôdas estas regiões.

CAPÍTULO 2

ENVIA NABUCODONOSOR A HOLOFERNES COM UM PODEROSO EXÉRCITO A SUJEITAR TODOS OS POVOS VIZINHOS. PRIMEIRAS CONQUISTAS DESTES GENERAL. ELE SE AVANÇA ATÉ DAMASCO.

1 No ano décimo terceiro do reinado de Nabucodonosor, aos vinte e dois dias do primeiro mês, se fêz conselho no palácio de Nabucodonosor, rei dos assírios, sôbre êle se vingar.

Assíria usou dêste nome, porque o Deus Nebo só era adorado na Babilônia, e não neste país. Entretanto, como Assurbanípal reinava também na Babilônia, podia ter usado um nome que rendia homenagem à divindade da região. Assurbanípal conta em suas inscri-

2 E chamou todos os mais velhos e todos os seus generais, e guerreiros, e comunicou-lhes o segredo do seu conselho:

3 E declarou que o seu pensamento era sujeitar ao seu império toda a terra.

4 O qual projeto tendo parecido bem a todos, chamou o rei Nabucodonosor a Holofernes, general das suas tropas,

5 e disse-lhe: Vai atacar os reinos do Ocidente, e principalmente aqueles que desprezaram o meu mandado.

6 O teu olho não perdoe a reino algum, e tu me sujeitarás todas as cidades fortes.

7 Então convocou Holofernes os chefes, e oficiais das tropas dos assírios: E contou para se pôr em campanha, segundo a ordem que lhe deu o rei, cento e vinte mil combatentes de pé, e doze mil frecheiros a cavalo.

8 E fez marchar adiante toda a sua bagagem em uma multidão inumerável de camelos, com copiosos proventos que podiam ser necessários aos exércitos, e manadas de bois, e rebanhos de ovelhas, sem número.

9 Mandou que em toda a Síria se aprontasse trigo para a sua passagem.

10 E levou da casa do rei somas imensas de ouro e de prata.

11 E partiu ele, e todo o exército com as carroças, e cavalaria, e frecheiros, que cobriram a face da terra, como gafanhotos.

12 E tendo passado os confins da Assíria, veio aos

ções, que venceu os medos. Depois desta vitória, intentou restabelecer o seu poder na Asia Ocidental, desde a Lídia, onde reinava Gigés, até Mênfis, no Egito, onde reinava Psamético, filho de Necas. Cfr. Vigouroux, Manuel Biblique, t. 2, p. 148.

Judite 2, 13-18

grandes montes de Angé, que ficam à esquerda da Cilícia, e entrou por todos os seus castelos, e se apoderou de tôdas as fortalezas. (1)

13 E destruiu a famosíssima cidade de Meloti, e saqueou todos os filhos de Tarses, e os filhos de Ismael, que habitavam em frente do deserto, e ao meio-dia da terra de Celon.

14 E passou o Eufrates, e veio à Mesopotâmia: E levou à força tôdas as grandes cidades que ali havia, desde a ribeira de Mambre até chegar ao mar:

15 E fêz-se senhor dos seus territórios, desde a Cilícia até aos confins de Jafet, que são ao meio-dia.

16 E levou consigo todos os filhos de Madian, e saqueou tôdas as suas riquezas, e passou ao fio da espada todos os que lhe resistiam.

17 E depois desceu aos campos de Damasco ao tempo da ceifa, e queimou tôdas as searas, e fêz cortar tôdas as árvores, e as vinhas:

18 E o temor dêle se espalhou por todos os habitantes da terra.

(1) A ESQUERDA DA CILÍCIA — Neste lugar ficava Baictilait, da qual falam Ptolomeu e Estrabão. O monte Angé é, segundo tôdas as probabilidades, o monte Arges, que é o mais alto de tôdas estas regiões. Estrabão afirma que está sempre coberto de neve, e é de muito difficil acesso, constatando os raros que puderam fazer a ascensão ao cume, que do alto se vêem o Ponto Euxino e o mar da Cilícia. O grego não fala d'este Monte de Angé, referindo-o apenas a Baictilait. Sobre esta passagem escreve Calmet: "Ptolomée marque Bactalalle dans la Syrie. Strabon place aussi dans la Cappadoce la grande campagne de Bagdania, entre les monts Argee et Saurus, tout cela est à la gauche, c'est à dire au septentrion de la Haute Cilicie et revient fort bien à la Vulgate, qui ne parle point de Bactiliet, mais que met le mont Angé, qui est à la gauche de la haute Cilicie. Commentaire sur le livre de Judith."

CAPÍTULO 3

DIVERSOS POVOS ENVIAM MENSAGEIROS A HOLOFERNES, PROMETENDO-LHE OBEDIÊNCIA. ÊLE DESCE DOS MONTES A ÊLES, DESTRÓI-LHES AS SUAS CIDADES, E CORTA-LHES OS SEUS BOSQUES SAGRADOS, A FIM DE QUE SÓ NABUCODONOSOR SEJA ADORADO.

1 Então os reis, e príncipes de tôdas as cidades e províncias, a saber da Síria da Mesopotâmia, e da Síria de Sobal, e da Líbia, e da Cilícia enviaram os seus embaixadores, os quais, apresentando-se a Holofernes, disseram:

2 Cesse a tua indignação contra nós: Porque melhor é que vivamos sendo vassalos do grande rei Nabucodonosor, e que nos sujeitemos a ti, do que morrer, e com a nossa ruína padecer os males da nossa escravidão.

3 Tôdas as nossas cidades, e tôdas as nossas possessões, todos os nossos montes, e outeiros, e campos, e as manadas de bois, e os rebanhos de ovelhas, e cabras, e de cavalos e de camelos, e tôdas as nossas riquezas e famílias estão no teu poder:

4 Tudo está debaixo da tua lei.

5 Nós, e nossos filhos somos teus escravos.

6 Vem ser para nós um senhor pacífico, e emprega-nos no teu serviço, como bem te aprouver.

7 Então êle desceu dos montes com a cavalaria e com grande exército, e apoderou-se de tôdas as cidades, e de todos os habitantes da terra.

8 E tomou de tôdas as cidades para suas tropas auxiliares os homens valentes, e capazes para a guerra.

9 E tão grande mêdo assaltou aquelas províncias, que os principais, e os honrados moradores de tôdas as cidades juntamente com os povos saíram a encontrar-se com êle na sua vinda,

10 recebendo-o com coroas, e com lâmpadas, fazendo danças ao som de tambores, e de flautas.

11 Nem contudo fazendo isto, puderam abrandar a ferocidade do seu coração:

12 Porque nem só lhes destruiu as suas cidades, mas também lhes cortou os seus bosques:

13 Porque o rei Nabucodonosor lhe tinha mandado que exterminasse todos os deuses da terra, e isto a fim de que só ele se chamasse Deus por aquelas nações, que pudessem ser subjugadas pelo poder de Holofernes.

14 E, atravessando a Síria Sobal, e tôda a Apaméia, e tôda a Mesopotâmia, veio aos idumeus na terra de Gabaa,

15 e conquistou as suas cidades, e ele se demorou ali trinta dias, nos quais mandou que se ajuntassem tôdas as tropas do seu exército.

CAPÍTULO 4

**TERROR DOS ISRAELITAS AO APROXIMAR-SE HOLOFERNES.
O SUMO PONTÍFICE ELIAQUIM DÁ AS ORDENS NECESSÁRIAS, E EXORTA O POVO A IMPLORAR O DIVINO SOCORRO.**

1 Ouvindo então estas coisas os filhos de Israel, que habitavam na terra de Judá, tiveram muito medo da presença de Holofernes. (1)

2 O susto, e o pavor se apoderou dos seus corações, temendo não fizesse ele a Jerusalém e ao templo do Senhor, o que tinha feito às outras cidades, e aos seus templos.

(1) **HOLOFERNES** — Os israelitas estavam então abandonados dos seus aliados; Manassés estava prisioneiro em Babilônia; contudo não quiseram deixar de travar o combate.

3 E enviaram por tôda a fronteira de Samaria até Jericó, e ocuparam tôdos os cumes dos montes:

4 E cercaram as suas aldeias de muros, e fizeram provimento de trigos preparando-se para a guerra.

5 O pontífice Eliaquim também escreveu a todos os que habitavam para as partes de Esdrelon, que está fronteira à grande planície junto a Dotain, e a todos os dos lugares, que podiam ser de passagem, (2)

6 que se apoderassem das subidas dos montes, por onde se podia ir a Jerusalém, e que pusessem guarnições nos lugares, onde podia ser o caminho estreito entre os montes.

7 E os filhos de Israel assim o executaram como lhes tinha mandado Eliaquim pontífice do Senhor.

8 E todo o povo clamou ao Senhor com grande instância, e humilharam as suas almas em jejuns, e orações êles e suas mulheres.

9 E os sacerdotes se vestiram de cilício, e prostraram os meninos diante do templo do Senhor, e cobriram de cilício o altar do Senhor:

10 E clamaram ao Senhor Deus de Israeli unânime-mente, que não fôsem dados em prêsa seus filhos, e suas mulheres para serem separadas, e as suas cidades para serem destruídas, e o seu Santuário para ser profanado, e êles fôsem feitos o opróbrio das nações.

(2) O PONTÍFICE ELIAQUIM — O fato do pontífice assumir a direção de tudo, de se dirigir ao povo, como investido de autoridade suprema temporal e espiritual explica-se, pelo cativoiro de Manassés, segundo Houbigaut e Melchior Cano. Calmet, porém, diz que Manassés já tinha regressado, mas depois do revés sofrido ocupou-se só de obras de religião, deixando a administração do povo. Parece-nos porém mais aceitável a primeira opinião, embora não deixemos de acatar o parecer do doutíssimo Calmet.

11 Então, Eliaquim, sumo pontífice do Senhor, decorreu por todo o Israel, e lhes falou,

12 dizendo: Sabei que o Senhor vos ouvirá as vossas súplicas, se permanecerdes constantes nos jejuns, e nas orações diante do Senhor.

13 Lembrai-vos de Moisés, servo do Senhor, que destróçou a Amalec que confiava na sua fôrça, e no seu poder, e no seu exército, e nos seus escudos, e nas suas carroças, e na sua cavalaria, pelejando não com o ferro, mas rogando com santas orações:

14 Assim sucederá a todos os inimigos de Israel: Se vós perseverardes nesta obra, que tendes começado.

15 E a estas exortações que lhes fazia, permaneciam na presença do Senhor, orando ao Senhor,

16 de sorte que ainda aquêles, que ofereciam os holocaustos ao Senhor, vestidos de cilícios, e com as suas cabeças cobertas de cinza ofereciam os sacrifícios ao Senhor.

17 E de todo o seu coração todos rogavam a Deus, que visitasse o seu povo de Israel.

CAPÍTULO 5

HOLOFERNES OUVINDO DIZER QUE OS FILHOS DE ISRAEL SE DISPUNHAM A RESISTIR-LHE, QUER SABER QUE GENTE ERA ESTA. AQUIOR LHOS DÁ A CONHECER. COM O SEU DISCURSO SE IRRITA O EXÉRCITO.

1 Deu-se pois aviso a Holofernes general das tropas dos assírios, que os filhos de Israel se preparavam para resistir, e que tinham fechado as passagens dos montes,

2 e com demasiado furor se inflamou em grande cólera: E chamou todos os príncipes de Moab e os chefes dos amonitas,

3 e disse-lhes: Dizei-me que povo é êste, que ocupa os montes: E quais ou quantas sejam as suas cidades: Que poder seja também o dêste povo, ou qual a sua multidão: Ou quem seja o general do seu exército:

4 E por que dentre todos, os que habitam no Oriente, êstes nos desprezaram, e não vieram ao nosso encontro, para nos receberem em paz?

5 Então Aquior, chefe de todos os filhos de Amon, respondendo, disse: Meu senhor, se tu te dignas de ouvir-me, eu te direi a verdade na tua presença, no tocante a êste povo que habita nos montes, e da minha bôca não sairá palavra falsa.

6 Êste povo é da raça dos caldeus.

7 Êle habitou primeiramente em Mesopotâmia, porque não quiseram seguir os deuses de seus pais, que moravam na terra dos caldeus.

8 Tendo pois deixado as cerimônias de seus pais, que consistiam na multidão de deuses,

9 adoraram a um só Deus do Céu, o qual lhes mandou que saíssem dali, e que fôssem assistir em Caran. Mas como sobreviesse em todo o país uma grande fome, desceram ao Egito, e ali pelo espaço de quatrocentos anos se multiplicaram, de sorte que o seu exército era inumerável.

10 E como o rei do Egito os tratasse duramente, e os sujeitasse a trabalhar em barro e ladrilho, para se edificarem as suas cidades, clamaram ao seu Senhor, e êste feriu tôda a terra do Egito com várias pragas.

11 E como os egípcios os lançassem de si, e a praga os deixasse, e quisessem outra vez sujeitá-los, e reduzi-los à sua escravidão,

12 o Deus do Céu lhes abriu o mar quando fugiam, de modo que duma e doutra parte as águas se fizeram

Judite 5, 13-22

sólidas como um muro, e eles passaram a pé enxuto atravessando o fundo do mar.

13 A tempo que o inumerável exército dos egípcios ia em alcance deles neste lugar, de tal sorte ficou este coberto das águas, que não escapou nem sequer um que contasse à sua posteridade o sucesso.

14 Depois de saírem do mar Vermelho, acamparam-se nos desertos do monte Sina, onde nunca homem algum pôde habitar, e onde ninguém assistiu.

15 Ali as fontes amargas se tornaram doces para eles beberem, e por espaço de quarenta anos alcançaram do Céu o sustento.

16 Em toda a parte onde entravam sem arco e sem flecha, e sem escudo e sem espada, o seu Deus pelejou a favor deles, e venceu.

17 E não achou nunca quem insultasse a este povo, senão quando se apartou do culto do Senhor seu Deus.

18 Porque todas as vezes que eles adoraram outro Deus que não fôsse o seu, foram entregues ao roubo, à espada, e ao opróbrio.

19 E todas as vezes que se arrependeram de ter deixado o culto do seu Deus, o Deus do Céu lhes deu forças para resistirem.

20 Por último assolaram o rei dos cananeus, e dos jebuseus, e dos fereus, e dos heteus, e dos heveus, e dos amorreus, e todos os poderosos de Hesebon, e se apossaram das suas terras, e das suas cidades:

21 E enquanto não pecaram contra o seu Deus, eram felizes: Porque o seu Deus aborrece a iniquidade.

22 E ainda há poucos anos, havendo-se desviado do caminho, que Deus lhes tinha mostrado, para andarem nêle, foram eles dispersos em batalhas por diversas nações, e muitos deles foram levados cativos a uma terra estranha.

23 Mas agora de pouco tendo-se voltado para o Senhor seu Deus, êles se tornaram a ajuntar dos lugares por onde tinham sido dispersos, e subiram a todos êstes montes, e estão outra vez de posse de Jerusalém, onde têm o seu santuário.

24 Agora pois, meu Senhor, informa-te tu se êste povo tem cometido algum pecado na presença do seu Deus: E vamos a êles, porque o seu Deus sem dúvida os entregará às tuas mãos, e ficarão sujeitos debaixo do teu poder.

25 Mas se êste povo não tem ofendido ao seu Deus, nós não lhe poderemos resistir: Porque o seu Deus os defenderá: E nós seremos o opróbrio de tôda a terra.

26 E succedeu, que tendo Aquior cessado de falar assim, todos os magnates de Holofernes se encolerizaram, e cuidavam em o matar, dizendo um para o outro: (1)

27 Quem é êste que diz que os filhos de Israel podem resistir ao rei Nabucodonosor, e aos seus exércitos, sendo êles uns homens sem armas, e sem fôrças, e sem ciência na arte de pelejar?

28 Para que logo Aquior conheça que nos engana, vamos aos montes: E depois que forem tomados os valentes dentre êles, então o passaremos com êles ao fio da espada:

(1) **TENDO AQUIOR CESSADO DE FALAR** — Holofernes perguntara a Aquior qual a situação e recursos dos israelitas, que ousavam impor-se à sua marcha. Aham alguns críticos heterodoxos inverossímil esta pergunta de Holofernes, pois não acham natural esta ignorância. O reparo, porém, não tem razão de ser. Israel ocupava um lugar imperceptível aos olhos dos estrangeiros na história do mundo. Holofernês, como o seu nome indica, era de origem ariana, e não semítica, e, por consequência, ainda menos ao corrente das condições políticas dos israelitas.

29 Para que saiba tôda a gente que Nabucodonosor é o deus da terra, e que fora êle não há outro.

CAPÍTULO 6

HOLOFERNES FAZ TERRÍVEIS AMEAÇAS A AQUIOR. MANDA QUE O LEVEM A BETÚLIA, E O ENTREGUEM AOS FILHOS DE ISRAEL. AQUIOR LHES E' ENTREGUE, E LHES CONTA O QUE LHE HAVIA SUCEDIDO.

1 Sucedeu pois que tendo deixado de falar, Holofernes, fortemente endurecido, disse a Aquior:

2 Já que tu profetizaste, dizendo-nos, que o povo de Israel há-de ser defendido pelo seu Deus, para eu te mostrar que não há outro Deus, senão Nabucodonosor:

3 Quando nós os tivermos mortos a todos como a um só homem, então tu mesmo cairás também com êles debaixo dô ferro dos assírios, e todo o povo de Israel perecerá contigo:

4 Conhecerás tu que Nabucodonosor é o Senhor de tôda a terra: E então a espada dos meus soldados passará o teu corpo, e tu cairás atravessado entre os feridos de Israel: E não respirarás mais até que sejas exterminado com êles.

5 Mas porém se tu crês que a tua profecia é verdadeira, não se abata o teu rosto, a palidez de que está coberto o teu semblante, te deixe, se imaginas que estas minhas palavras se não podem cumprir.

6 E para que pois conheças que tens de experimentar com êles esta infelicidade, serás desde já associado a êste povo, a fim de que quando receberem as dignas penas da minha espada, fiques tu também sujeito à vingança juntamente.

7 Então mandou Holofernes à sua gente que prendessem a Aquior, e que o levassem a Betúlia, e o entregassem nas mãos dos filhos de Israel. (1)

8 E tendo pegado em Aquior os servos de Holofernes, partiram pelas campinas, mas estando perto dos montes, saíram contra êles os atiradores de funda.

9 E êles desviando-se do lado do monte, ataram Aquior de mãos e pés a uma árvore, e assim prêso com cordas o deixaram, e voltaram para seu senhor.

10 Ora os filhos de Israel descendo de Betúlia, vieram ter com êle: E desatando-o o levaram para Betúlia, e tendo-o pôsto no meio do povo, perguntaram-lhe por que motivo os assírios o deixaram atado.

11 Por êste tempo eram ali chefes Ozias, filho de Mica da tribo de Simeão, e Carmi, que também se chamava Gotoniel.

12 E Aquior pôsto no meio dos anciãos, e em presença de todos, contou tudo o que êle tinha falado sendo perguntado por Holofernes e como a gente de Holofernes o quisera matar por ter falado assim,

13 e como o mesmo Holofernes cheio de cólera

(1) **BETÚLIA** — Esta cidade apenas é indicada neste livro; daí a dificuldade de a identificar, Vigouroux, *Manuel Biblique*; porém o autor sagrado nos diz que ficava nos arredores de Dotain, na estrada que ia da planície de Esdremon para o centro da Terra Prometida. Jdt 7, 1-3. Não obstante êste esclarecimento, a sua localização rigorosa ainda não está resolvida por uma forma concludente. Schulz, cônsul da Prússia em Jerusalém, no ano de 1847 pretendeu reconhecer Betúlia na aldeia de Beit-Hfa, a meio caminho da estrada de Zerayn (Jezrael) a Beysan (Citópolis). De Sanley sustenta ser a aldeia fortificada de Sanour e que fica a hora e meia para o sul de Tell-Dotan, onde são as ruínas de Dotain. A pequena distância para êste ficam uns lugares chamados Meitelonso, nome que parece lembrar Betúlia. Saulcy, *Dictionnaire topographique abrégé de la Terre Sainte*.

Judite 6, 14-21

mandara que o entregassem aos israelitas por esta causa: A fim de que depois que êle tivesse vencido aos filhos de Israel, fizesse então também morrer ao mesmo Aquior com diversos suplicios, por êle ter dito: O Deus do Céu é o seu defensor.

14 E tendo Aquior referido tôdas estas coisas, todo o povo se prostrou com o rosto em terra, adorando ao Senhor, e misturando os seus gritos e prantos ofereceram concordemente as suas orações ao Senhor,

15 dizendo: Senhor Deus do Céu e da terra, lança os olhos para a soberba dêstes homiêns, e considera o nosso abatimento, e atende ao voto dos que tu santificaste, e mostra que não desamparas aos que presumem de ti: E que humilhas aos que presumem de si mesmos, e se gloriam do seu poder.

16 Acabado pois o choro, e completa a oração dos povos, que durou todo o dia, consolaram a Aquior,

17 dizendo: O Deus de nossos pais, cujo poder tu publicaste, êle te dará por isso a recompensa, para que tu vejas antes a ruína dêles.

18 E quando o Senhor nosso Deus tiver dado esta liberdade aos seus servos, Deus seja também contigo no meio de nós: Para que, segundo fôr dô teu agrado, assim vivas conosco, tu e todos os teus.

19 Então Ozias, despedida a assemblêia, o recebeu em sua casa, e deu-lhe uma grande ceia.

20 E convidados todos os anciãos, depois de completo jejum, tomaram juntos a sua refeição.

21 Depois porém foi convocado todo o povo, e fizeram por tôda a noite oração dentro da igreja, pedindo socorro ao Deus de Israel. (2)

(2) **DENTRO DA IGREJA** — Aqui a palavra significa os lugares públicos que havia fora de Jerusalém, onde se juntavam os

CAPÍTULO 7

CERCA HOLOFERNES A BETÚLIA: SUSTO, E ESPANTO DOS ISRAELITAS. HOLOFERNES SE APODERA DE TÔDAS AS FONTES, OS HABITANTES DE BETÚLIA APERTADOS DA SÊDE QUEREM RENDER-SE-LHE. OZIAS PROMETE ENTREGAR A CIDADE PASSADOS CINCO DIAS.

1 No dia seguinte porém mandou Holofernes marchar os seus exércitos contra Betúlia.

2 E os combatentes de pé eram cento e vinte mil, e vinte e dois mil homens de cavalaria, sêm contar as recrutas dos homens, aos quais tinha aprisionado, e de tôda a mocidade que tinha levado por fôrça das províncias e das cidades.

3 Todos se prepararam a um tempo para combater contra os filhos de Israel, e vieram ao longo do monte até o cume, que olha para Dotain, desde o lugar chamado Belma, até a Quelmon, que está defronte de Esdrelon.

4 Mas os filhos de Israel, tanto que viram a multidão dêles, lançaram-se por terra, cobrindo as suas cabeças de cinza, pedindo unânimemente ao Deus de Israel que fizesse resplandecer sôbre êles a sua misericórdia.

5 E tomando as suas armas de guerra se postaram nos lugares, que vão ter à vereda de um atalho entre os montes, e estavam ali guarnecendo-os todo o dia e tôda a noite.

6 Mas Holofernes, ao tempo que averiguava em roda, achou que a fonte que corria para dentro. trazia

israelitas, não só para fazerem oração, como para ouvirem ler o livro da lei. Pelo decurso do tempo chamaram-se-lhes sinagogas.

a sua direção da parte do meio-dia por um aqueduto da parte de fora da cidade: E mandou que se lhes cortasse o aqueduto.

7 Havia contudo fontes e não longe dos muros, donde se via que os sitiados iam às furtadelas tirar água mais para aliviar a sede do que para beber.

8 Mas os amonitas, e os moabitas foram ter com Holofernes, e lhe disseram: Os filhos de Israel não confiam nem nas lanças, nem nas flechas, mas os montes os defendem, e outeiros escarpados os fortificam.

9 Porém para que tu os possas vencer sem travar peleja, põe guardas às fontes, para não tirarem delas água, e sem puxares pela espada os matarás, ou ao menos fatigados da sede eles entregarão a sua cidade, a qual como posta sobre um monte têm por inconquistável.

10 Agradou pois este conselho a Holofernes e aos seus oficiais, e ele pôs cem homens de guarda ao redor de cada fonte.

11 E tendo-se feito esta guarda por vinte dias, esgotaram-se as cisternas, e conservas de água a todos os moradores de Betúlia, de maneira que não havia dentro da cidade de onde se pudessem saciar nem um só dia, porque todos os dias se repartia a água por medida ao povo.

12 Então todos os homens, e mulheres, moços, e meninos, vieram juntos ter com Ozias, e todos a uma voz

13 lhe disseram: Deus seja juiz entre nós e ti, porque tu nos trouxeste estes males, não querendo falar de paz com os assírios, e por isso nos entregou Deus nas suas mãos.

14 E assim não há quem nos socorra, quando aos seus olhos nos achamos prostrados de sede, e de grande miséria.

15 Agora pois fazе ajuntar todos os que há na cidade, para que todos nós nos rendamos voluntariamente ao povo de Holofernes.

16 Porque melhor é que cativos bendigamos ao Senhor, vivendo, do que morramos, e sejamos em opróbrio a todos os homens, vendo morrer aos nossos olhos as nossas mulheres, e as nossas crianças.

17 Nós te conjuramos hoje diante do céu, e da terra, e diante do Deus de nossos pais, o qual se vingue de nós segundo nossos pecados, para que entregueis para já a cidade entre as mãos do exército de Holofernes, e para que o nosso fim se abrevie ao fio da espada, o qual se torna mais dilatado pelo ardor da sede.

18 E tendo elles assim falado, levantou-se um grande pranto, e alarido em todo o ajuntamento, e por muitas horas clamaram a uma voz a Deus, dizendo:

19 Nós pecamos com os nossos pais, obramos injustamente, cometemos iniquidades. (1)

20 Tu, que és piedoso, compadece-te de nós, ou com o teu flagelo castiga as nossas iniquidades, e não entregues os que te bendizem a um povo, que te não conhece,

21 para que não digam entre as nações: Onde está o seu Deus?

22 E depois de cansados com estes clamores, e com estes prantos ficaram em silêncio,

23 levantando-se Ozias banhado em lágrimas, disse: Tende bom ânimo, irmãos, e por estes cinco dias esperemos misericórdia do Senhor.

24 Talvez pois que aplaque a sua ira, e dê glória ao seu nome.

(1) NÓS PECAMOS — Confissão pública dos seus desmandos, que tinham atraído os rigores da Divina Justiça.

25 Mas se, passados êstes cinco dias nos não vier socorro, faremos o que vós dissestes.

CAPÍTULO 8

GENEALOGIA, E PRENDAS DE JUDITE. ELA DEPOIS DE OUVIR O QUE OZIAS DISSERA, REPREENDE A SUA RESOLUÇÃO, E DECLARA QUE VAI EXECUTAR UM GRANDE PROJETO.

1 Aconteceu pois que tendo ouvido estas palavras Judite viúva, a qual era filha de Merari, filho de Idox, filho de José, filho de Ozias, filho de Elai, filho de Janor, filho de Gedeão, filho de Rafaim, filho de Aquitob, filho de Melquia, filho de Enan, filho de Natania, filho de Salatiel, filho de Simeão, filho de Rúben: (1)

2 E seu marido chamava-se Manassés, que morreu ao tempo da ceifa das cevadas:

3 Porque ao tempo que êle apressava os que atavam os feixes no campo, deu-lhe o ardor da calma na cabeça, e morreu em Betúlia, sua cidade, e foi ali sepultado com seus pais.

4 Havia já três anos e meio que Judite tinha ficado viúva dêle.

(1) **JUDITE** — Alguns escritores protestantes e racionalistas, que atacam violentamente a autenticidade dêste livro, dizem que nêle nada há histórico, nem o nome da heroína, nem o dos personagens citados no decurso da narração. Oppert, *Le Livre de Judith*. O nome Judite quer dizer “a Judia”, mas isso nada prova, porquanto êste nome, antes do cativoiro de Babilônia, significava originária da tribo de Judá. Judite tirava o seu nome da sua raça, indicando que a sua família era da tribo de Judá. Nada mais simples; também entre nós muitas famílias e indivíduos tomam os seus apelidos das suas terras: Portugal, Almeida, Guimarães, Basto; e os franceses Lenormant, Lebreton, e ainda Lefrançais.

FILHO DE RÚBEN — Estas palavras não se acham no grego, mas em seu lugar estas outras, filho de Israel, nome que também

5 E no andar superior de sua casa fêz ela para si um quarto retirado, no qual se conservava clausurada com as suas criadas,

6 e tendo um cilício sôbre os seus rins, jejuava todos os dias de sua vida, exceto os sábados, e as neomênias, e as festas da casa de Israel. (2)

7 E era de mui formosa presença, e seu marido lhe tinha deixado muitas riquezas, e uma grande família e fazendas, cheias de manadas de bois, e de rebanhos de ovelhas.

8 E era ela estimadíssima de todos, porque tinha muito temor de Deus, e não havia ninguém que dissesse dela uma palavra de desdouro.

9 Tendo pois ela sabido que Ozias tinha prometido entregar a cidade passados cinco dias, mandou chamar aos anciãos Cabri, e Carmi,

10 e elles vieram ter com ela, e lhes disse: Que palavra é esta, em que conveio Ozias, de entregar a cidade aos assírios, se dentro de cinco dias vos não viesse socorro?

11 E quem sois vós, que tentais ao Senhor?

12 Não são estas as palavras, que conciliem a sua misericórdia, mas antes são palavras de excitar ira, e de acender furor.

foi dado a Jacó. E na verdade, nem no Gênesis, nem no Êxodo, nem nos Paralipômenos, onde vêm nomeados todos os filhos de Rúben, não se acha nenhum que se chame Simeão. E o que é ainda mais urgente, Judite mesma no seguinte c. 9, v. 2, se faz da tribo de Simeão. Pelo que graves intérpretes, seguindo a S. Fulgêncio, crêem que o nome de Rúben neste lugar da Vulgata, foi erro, que escapou aos copladores. E' também para notar que contando a Vulgata quinze avós de Judite, o grego só nomeia doze. — Pereira.

(2) NEOMENIAS — Isto é, os primeiros dias de cada mês. Confira-se a nota ao v. 4 do c. 2 Par. — Pereira.

Judite 8, 13-23

13 Vós prescrevestes o termo à misericórdia do Senhor, e ao vosso arbítrio lhe assinastes o dia.

14 Mas porque o Senhor é paciente, arrependamó-nos disto mesmo, derramando lágrimas imploremos a sua misericórdia:

15 Porque Deus não ameaça como os homens, nem êle se inflama em ira como os filhos dos homens.

16 E por isso humilhemos a êle as nossas almas, e pôstos num espírito de abatimento, como servos seus,

17 digamos ao Senhor com lágrimas, que segundo a sua vontade assim use conosco da sua misericórdia: Para que como se perturbou o nosso coração por causa da soberba daqueles, assim também nos gloriemos pela nossa humildade:

18 Porque nós não seguimos os pecados de nossos pais, que deixaram o seu Deus, e adoraram os deuses estranhos,

19 por cujo crime foram entregues à espada, e ao roubo, e à confusão de seus inimigos: Mas nós não conhecemos outro Deus senão o nosso.

20 Esperemos com humildade as suas consolações, e êle vingará o nosso sangue das aflições que nos fazem nossos inimigos, e humilhará todas as nações quantas se levantam contra nós e as cobrirá de ignomínia o Senhor nosso Deus.

21 E agora, irmãos, como vós sois os anciãos do povo de Deus, e de vós depende a sua vida, com as vossas palavras alentai os seus corações, para que se lembrem, que nossos pais foram tentados para serem experimentados, se êles verdadeiramente serviam ao seu Deus.

22 Devem recordar-se como nosso pai Abraão foi tentado, e provado por muitas tribulações veio a ser o amigo de Deus.

23 Assim Isaac, assim Jacó, assim Moisés, e todos

os que agradaram a Deus, passaram fiéis por muitas tribulações.

24 Aquêles, porém, que não receberam as provas com o temor do Senhor, e que mostraram a sua impaciência e impropério das suas murmurações contra o Senhor,

25 foram exterminados pelo exterminador, e pereceram pelas serpentes. (3)

26 E nós pois não nos impacientemos por isto que padecemos,

27 mas considerando que êstes mesmos castigos são menores do que os nossos pecados, creiamos que êstes flagelos do Senhor, com que como seus servos somos castigados, nos vieram para a nossa emenda, e não para nossa perdição.

28 E Ozias, e os anciãos lhe responderam: Tudo isto, que nos tens dito, é verdade, e nada há repreensível nas tuas palavras.

29 Agora pois ora por nós, porque tu és uma mulher santa e temente a Deus.

30 E Judite lhes disse: Assim como reconheceis que o que eu vos disse é de Deus,

31 assim também provai se o que eu resolvi a fazer vem de Deus, e rogai para que Deus faça eficaz o meu intento.

32 Vós pôr-vos-eis esta noite à porta, e eu sairei com a minha criada: E fazei oração, para que assim, como vós dissestes, o Senhor dentro dêstes cinco dias olhe para o seu povo de Israel. (4)

(3) **PERECERAM PELAS SERPENTES** — Alusão aos que pelas suas murmurações morreram no deserto. Núm 11, 1; 14, 12; 20, 4. 5. 6.

(4) **MINHA CRIADA** — Assim traduziu o padre Pereira o latim abra; era porém uma escrava a quem ela libertou, como se vê

33 Mas não quero que vós espreiteis o que eu determino fazer, e enquanto eu mesma não vos avisar, não se faça outra coisa senão rogar por mim ao Senhor nosso Deus.

34 E Ozias, príncipe de Judá, lhe disse: Vai em paz, e o Senhor seja contigo, para se vingar de nossos inimigos. E voltando se retiraram.

CAPÍTULO 9

FAZ JUDITE ORAÇÃO A DEUS, PEDINDO-LHE QUE DIRIJA E PROSPERE O QUE ELA MEDITA FAZER.

1 Depois que eles se retiraram, entrou Judite no seu oratório: E vestindo-se de cilício, pôs cinza sobre a sua cabeça, e prostrando-se diante do Senhor, clamava ao Senhor, dizendo: (1)

2 Senhor Deus de meu pai Simeão, que lhe deste a espada para se vingar dos estrangeiros, que por uma paixão impura foram violadores, e ultrajaram com afronta o poder de uma virgem: (2)

3 E que deste suas mulheres à prêsa, e suas filhas em cativeiro: Todos os seus despojos em partilha aos teus servos, que se abrasaram em teu zelo: Socorre, te rogo, Senhor meu Deus, a esta viúva.

4 Porque tu fizeste as coisas primeiras, e determinaste que umas sucedessem a outras, e aquilo se fez que tu quiseste.

no c. 16, 28. Era contudo pessoa muito de sua confiança, pois no grego lê-se que era quem lhe governava os seus haveres.

(1) **VESTINDO-SE DE CILÍCIO** — E' a prática da penitência como meio de obter o perdão das culpas, e atrair as bênçãos do Céu.

(2) **DOS ESTRANGEIROS** — Alude Judite à matança que Simeão e Levi fizeram nos siquemitas, por terem ultrajado a sua irmã Dina. Gén 34.

5 Porque todos os teus caminhos estão preparados, e tu estabeleceste todos os teus juízos na tua providência.

6 Lança agora os olhos sôbre o campo dos assírios, bem como noutro tempo te dignaste lançá-los sôbre o campo dos egípcios, quando armados corriam atrás dos teus servos, fiando-se nas suas carroças, e na sua cavalaria, e na multidão dos soldados.

7 Tu porém lançaste os olhos sôbre o seu campo, e as trevas os cansaram.

8 O abismo reteve os seus pés, e as águas os cobriram.

9 Assim pereçam também, Senhor, êstes que confiam na sua multidão, e se gloriam nas suas carroças, e nos dardos, e nos escudos e nas suas flechas, e lanças,

10 e que não sabem que tu mesmo és o nosso Deus, que desfazes as guerras desde o princípio, e que o teu nome é o Senhor.

11 Levanta o teu braço como desde o princípio, e com a tua fôrça quebra a sua fortaleza, pela tua ira caia a fôrça dêstes que se prometem violar o teu Santuário, e profanar o tabernáculo do teu nome, e derrubar com a espada a majestade de teu altar.

12 Faze, Senhor, que a sua soberba seja cortada pela própria espada:

13 Fique prêso em mim com laço de seus olhos, e fere-o com as palavras de meu carinho.

14 Dá-me constância no coração, para eu o desprezar: E fortaleza, para o perder.

15 Êste será pois um monumento do teu nome, quando a mão duma mulher o derrubar.

16 Porque o teu poder, Senhor, não está na multidão, nem tu te comprazes na fôrça dos cavalos, nem desde o princípio te agradaram os soberbos: Mas sempre te agradou a súplica dos humildes e dos mansos.

Judite 9, 17-19; 10, 1-4

17 Deus dos Céus, Criador das águas, e Senhor de todo o criado, ouve a esta miserável que te suplicâ, e que presume da tua misericórdia.

18 Lembra-te, Senhor, do teu pacto, e põe as palavras na minha bôca, e fortifica a resolução do meu coração, para que a tua casa permaneça em te santificar:

19 E tôdas as nações conheçam que tu és Deus, e que não há outro senão tu.

CAPÍTULO 10

JUDITE SE ENFEITA, E TOMANDO CONSIGO UMA ESCRAVA, SAI, E VAI TER AO CAMPO DOS ASSÍRIOS. E' ALI APANHADA, E LEVADA A PRESENÇA DE HOLOFERNES, O QUAL FICA LOGO CATIVO DA SUA BELEZA.

1 Sucedeu pois que tendo Judite cessado de clamar ao Senhor, se levantou do lugar, onde se tinha prostrado em terra diante do Senhor.

2 E chamou a sua escrava, e descendo à sua casa, tirou de si o cilício, e despiu-se dos hábitos de sua viuvez,

3 e lavou o seu corpo, e ungiu-se de preciosos cheiros, e entrançou os cabelos de sua cabeça, e pôs uma coifa magnífica sôbre a sua cabeça, e vestiu-se com os vestidos da sua gala, e calçou os seus pés de sandálias, e pôs braceletes, e jóias do feitio de açucenas, e arrecadas, e anéis, e ornou-se com todos os seus enfeites. (1)

4 O Senhor lhe acrescentou a gentileza: Porque todo êste adôrno procedia não de algum mau desejo, mas de virtude: E por isso o Senhor lhe aumentou tal

(1) **E ORNOU-SE COM TODOS OS SEUS ENFEITES** — Não por intento de vaidade, nem por qualquer outro mau desejo, mas sim para praticar um ato de justiça.

formosura, que aparecesse aos olhos de todos de incomparável beleza.

5 Deu pois para levar à sua escrava uma garrafinha de vinho, e uma almotolia de azeite, e farinha, e figos passados, e pão, e queijo, e partiu.

6 E tendo ela chegado à porta da cidade acharam a Ozias, e aos anciãos da cidade, que a estavam esperando.

7 Êles vendo-a de pasmados se admiraram sobremaneira da sua beleza.

8 Não lhe perguntando contudo coisa alguma, deixaram-na passar, dizendo: O Deus de nossos pais te dê graça, e corrobore com a sua fortaleza tôdas as resoluções do teu coração, para que Jerusalém se glorie em ti, e o teu nome seja no número dôs Santos e Justos.

9 E os que estavam ali presentes disseram todos a uma voz: Assim seja, assim seja.

10 Mas Judite, orando ao Senhor, passou as portas, ela e a sua escrava.

11 E sucedeu que quando ela descia do monte, ao amanhecer do dia, lhe saíram ao encontro as guardas avançadas dos assírios, e a prenderam, dizendo: De onde vens tu? Ou para onde vais?

12 Respondeu ela: Eu sou uma das filhas dos hebreus, e eu por isso fugi da presença dêles, porque previ que êles vos hão de ser entregues a saque, porque desprezando-vos, não quiseram render-se-vos voluntariamente para encontrarem misericórdia em vossa presença.

13 E por esta causa pensei comigo, dizendo: Irei à presença do príncipe Holofernes, para lhe descobrir os seus segredos, e para lhe mostrar por que entrada os

possa tomar, sem que pereça um só homem do seu exército. (2)

14 E tendo aquêles homens ouvido as suas palavras, consideravam o seu rosto, e nos seus olhos estava o pasmo, porquanto sobremodo se maravilhavam de sua formosura.

15 E disseram-lhe: Tu salvaste a tua vida porque tomaste tal resolução de vir ter com o nosso príncipe.

16 E debes saber isto, que quando te apresentares diante dêle, êle te há de tratar bem, e tu lhe hás de ganhar o coração. Levaram-na pois à tenda de Holofernes, noticiando-lhe quem ela era.

17 E tendo entrado à sua presença, logo Holofernes ficou cativo de seus olhos.

18 E os seus oficiais lhe disseram: Quem poderá desprezar o povo dos hebreus, que tem mulheres tão belas, que devamos com razão pelejar contra êles para as possuirmos?

19 E Judite vendo a Holofernes assentado debaixo de um mosquiteiro, que era de púrpura, e tecido de ouro, e de esmeraldas, e de pedras preciosas:

20 E depois de ter olhado para o seu rosto, o ado-

(2) **PARA LHE MOSTRAR** — E' certo que mentia, por não ser aquela a sua intenção, porém o fim que tinha em vista era a salvação do seu povo; porém é de notar que a Escritura não louva esta mentira; aplaude o ter-se enfeitado, mas não o ter mentido. S. Tomás, com a sua incontestável autoridade, escreve: "*Quidam commendatur in Scriptura non propter perfectam virtutem, sed propter quandam virtutis indolem, scilicet quia apparebat in eis aliquis laudabilis affectus, ex quo monebantur ad quaedam indebita facienda; et hoc modo Jndith laudatur, non quia mentita est Holoferni, sed propter affectum, quem habuit ad salutem populi, pro qua periculis se exposuit*". 2a. 2a1 q. 110, a. 3 ad 8m.

rou, prostrando-se em terra. E os oficiais de Holofernes a levantaram, por mandado do seu senhor. (3)

CAPÍTULO 11

HOLOFERNES PERGUNTA A JUDITE POR QUE RAZÃO DEIXOU ELA O SEU POVO PARA VIR TER COM ELE. ELA LHE RESPONDE, LISONJEANDO AS SUAS ESPERANÇAS. ELE LHE FAZ GRANDES PROMESSAS.

1 Então Holofernes lhe disse: Tem bom ânimo, e não te assustes em teu coração: Porque eu nunca fiz mal a homem algum, que quisesse servir ao rei Nabucodonosor.

2 E se o teu povo me não tivesse desprezado, não teria eu levantado contra ele a minha lança.

3 Mas dize-me agora, por que causa os deixaste tu, e te resolveste a vir para nós?

4 E Judite lhe respondeu: Escuta as palavras de tua serva, porque se tu seguires as palavras de tua serva, o Senhor te completará a empresa. (1)

5 Viva pois Nabucodonosor rei da terra, e viva o seu poder, que tu tens para castigo de todas as almas desencaminhadas: Porque não somente os homens por ti o servem, mas até as feras do campo lhe obedecem.

6 Porque a sabedoria do teu espírito é célebre em todas as nações, e por todo o mundo se publicou que tu

(3) **E DEPOIS DE TER OLHADO PARA O SEU ROSTO, O ADOROU** — Não no sentido místico do termo, mas prostrando-se por terra, como então era costume fazer às pessoas de elevada categoria.

(1) **O SENHOR TE COMPLETARÁ A EMPRESA** — O texto grego é mais expressivo e perceptível, pois diz assim: "O Senhor acabará contigo todo o negócio, e o meu Senhor não verá frustrados os seus intentos."

Judite 11, 7-18

és o único bom, e poderoso em todo o seu reino, e por tôdas as províncias a tua perícia militar se apregoa.

7 Sabe-se também o que disse Aquior, e não se ignora o modo como tu mandaste que êle fôsse tratado.

8 Porque é constante que o nosso Deus está de tal sorte irritado pelos pecados, que mandou dizer ao povo pelos seus profetas, que o entregaria por causa das suas ofensas.

9 E porque os filhos de Israel ofenderam o seu Deus, o temor de ti está sôbre êles.

10 Além disto a fome os aperta, e pela falta de água se reputam já como mortos.

11 Êles finalmente têm resolvido matar as suas bêstas, e beberem o sangue delas:

12 E as coisas consagradas ao Senhor seu Deus que Deus mandou que se não tocassem, no pão, no vinho, e no azeite, êles resolveram gastá-las, e querem consumir o que não deveriam nem tocar com as mãos: Logo como obram assim, é certo que se hão de perder.

13 O que sabendo eu tua serva, fugi dêles, e o Senhor me enviou a descobrir-te estas coisas.

14 Porque eu tua serva adoro a Deus, ainda agora estando diante de ti: E a tua serva sairá, e orará a Deus,

15 e êle me dirá quando há de recompensar o seu pecado, e eu to virei dizer, de modo que eu te levarei pelo meio de Jerusalém, e terás todo o povo de Israel como as ovelhas, que não têm pastor, e não ladrará nem um só cão contra ti:

16 Porque isto me foi revelado pela providência de Deus.

17 E porque Deus está irado contra êles, eu fui enviada para te anunciar estas mesmas coisas.

18 E tôdas estas palavras agradaram a Holofer-

nes, e aos seus oficiais, e admiraram a sua sabedoria, e diziam uns para os outros:

19 Não há sôbre a terra mulher semelhante a esta no aspecto, e na formosura, e na prudência das palavras.

20 E Holofernes lhe respondeu: Bem fez Deus, que te enviou adiante do teu povo, para no-lo entregares às nossas mãos:

21 E já que a tua promessa é boa, se o teu Deus me fizer isto, será êle também o meu Deus, e tu serás grande na casa de Nabucodonosor, e o teu nome será afamado em tôda a terra.

CAPÍTULO 12

JUDITE RECUSA COMER DA MESA DE HOLOFERNES, E ASSEGURA-LHE, QUE O PROVIMENTO QUE ELA TROUXERA LHE BASTARÁ. SAI ÀS NOITES AO CAMPO PARA ORAR. HOLOFERNES DÁ UMA CEIA, E FAZ VIR A ELA JUDITE, E EMBEBEDA-SE.

1 Então mandou que ela entrasse onde estavam os seus tesouros, e mandou que ela ficasse ali, e ordenou o que se lhe havia de dar da sua mesa.

2 Judite lhe respondeu, e disse: Eu não poderei comer agora dessas coisas, que tu mandaste que se me dessem, para não vir sôbre mim a indignação: Mas comerei daquelas coisas que eu trouxe para mim.

3 Holofernes lhe replicou: Se o que trouxeste contigo, te faltar, o que te faremos?

4 E Judite lhe disse: Juro pela tua vida, meu senhor, que a tua serva não gastará tôdas estas coisas sem que Deus faça pela minha mão o que tenho meditado. E os criados de Holofernes a conduziram à tenda, que ela tinha ordenado.

5 E ao entrar, pediu Judite que se lhe desse licença

Judite 12, 6-14

de sair fora à noite e antes de amanhecer, para fazer oração, e invocar o Senhor.

6 E Holofernes mandou aos seus camaristas, que a deixassem sair, e entrar conforme lhe agradasse, para adorar o seu Deus, por três dias:

7 E saía pelas noites ao vale de Betúlia e lavava-se numa fonte de água, (1)

8 E tanto que subia, orava ao Senhor Deus de Israel, que a guiasse no seu caminho, para livramento do seu povo.

9 E entrando, ficava pura na sua tenda, até que tomava a sua refeição pela tarde.

10 E sucedeu que ao quarto dia deu Holofernes uma ceia aos seus domésticos, e disse a Vagao seu eunuco: Vai, e persuade a esta hebréia que consinta de boamente em vir habitar comigo.

11 Porque é coisa vergonhosa para os assírios, que uma mulher zombe de um homem, obrando de modo que se retire dêle isenta.

12 Então foi ter Vagao com Judite, e lhe disse: Não receie uma tão boa moça entrar à presença do meu senhor, para ser honrada diante dêle, para comer com êle, e beber vinho em alegria.

13 Judite lhe respondeu: Quem sou eu para contradizer a meu senhor?

14 Eu farei tudo o que fôr bom, e o melhor diante de seus olhos. Porque tudo o que fôr do seu agrado, isto será também para mim o melhor em todos os dias da minha vida. (2)

(1) **E LAVAVA-SE** — Para se justificar das impurezas legais provenientes do contacto com os maus.

(2) **EU FAREI TUDO O QUE FÔR BOM** — Nestas palavras está a confirmação de que tomou o convite feito por Vagao como um ato de mera cortesia; e de fato, nas palavras dêste (v. 12),

15 E levantou-se, e ornou-se de seus vestidos, e entrando se pôs em sua presença.

16 E o coração de Holofernes se abalou: Porque ardia de paixão por ela.

17 E disse-lhe Holofernes: Bebe agora, e assenta-te a comer alegremente, porque achaste graça diante de mim.

18 E Judite lhe disse: Eu beberei, senhor, porque a minha alma recebeu hoje maior glória que em todos os meus dias.

19 E tomou, e comeu, e bebeu diante dêle o que sua serva lhe tinha preparado.

20 E Holofernes se alegrou diante dela, e bebeu muito vinho em demasia, tanto quanto nunca tinha bebido em sua vida.

CAPÍTULO 13

JUDITE, FICANDO SÓ AO PÉ DE HOLOFERNES, LHE CORTA A CABEÇA, E SAI PARA FORA COM A SUA ESCRAVA. CHEGA A BETÚLIA, ONDE E' RECEBIDA COM ESPANTO, E APLAUSO. MANDA-SE VIR AQUIOR QUE RECONHECE SER AQUELA CABEÇA A DE HOLOFERNES.

1 Mas tanto se fêz tarde, os criados de Holofernes se retiraram apressados para os seus quartos, e Vagao fechou as portas da câmara, e foi-se:

2 Estavam pois todos sopitos do vinho:

3 E Judite estava só na câmara.

nada há que delxe claramente perceber uma torpe intenção, e assim se justifica a aquiescência de Judite. "Quem sou eu, para contradizer meu Senhor?" Se Vagao tivesse repetido as palavras de Holofernes, Judite não poderia aceitar o convite, que devia repelir como afrontoso à sua virtude. De Hamel entende que as palavras "Quem sou eu para contradizer o meu Senhor", as referiu Judite a Deus.

Judite 13, 4-13

4 E Holofernes estava deitado no leito, profundamente adormecido pelo muito vinho.

5 E Judite disse à sua escrava, que estivesse de fora à porta da câmara, e vigiasse.

6 E Judite estava em pé diante do leito, orando com lágrimas, e movendo os beiços em silêncio,

7 disse: Senhor Deus de Israel, fortifica-me, e sê-me favorável neste momento ao que a minha mão vai fazer, a fim de que, assim como tu prometeste, levantes a tua cidade de Jerusalém: E eu acabe o que cri que se podia fazer por teu meio.

8 E tendo assim falado, chegou-se à coluna, que estava à cabeceira do seu leito, e desprende o seu alfanje, que estava pendurado prêso nela.

9 E tendo-o desembainhado, agarrou nos cabelos da cabeça de Holofernes, e disse: Senhor Deus, dá-me alento nesta hora:

10 E feriu-o no pescoço por duas vêzes, e cortou-lhe a cabeça, e despegou das colunas o seu pavilhão, e deitou por terra o seu corpo descabeçado. (1)

11 E pouco tempo depois saiu, e entregou à sua escrava a cabeça de Holofernes, e mandou que a metesse no seu saco.

12 E saíram ambas, conforme o seu costume, como se fôsem para a oração, e passaram além do campo, e rodeando o vale, chegaram à porta da cidade.

13 E disse Judite de longe aos guardas dos muros: Abri as portas, porque Deus é conosco, êle assinou o seu poder em Israel.

(1) **E FERIU-O** — Holofernes era um inimigo declarado do povo judeu; pelas leis e costumes vigentes considerava-se um ato de justiça matar um inimigo, e no Oriente de nenhum modo se julgava como uma violação do direito das gentes, ao contrário, eram atos que mereciam louvor.

14 E sucedeu que tendo os homens ouvido a sua voz, chamaram aos anciãos da cidade.

15 E todos concorreram a ela, desde o mais pequeno até ao maior: Porque já não esperavam que ela tornasse.

16 E acendendo luminárias ajuntaram-se todos ao redor dela: E Judite subindo a um lugar mais alto, mandou que houvesse silêncio. E estando todos calados,

17 disse Judite: Louvai o Senhor nosso Deus, que não desamparou os que esperavam nêle:

18 E que cumpriu por mim sua serva a sua misericórdia, que tinha prometido à casa de Israel: E que matou esta noite pela minha mão o inimigo do seu povo.

19 E tirando do sacco a cabeça de Holofernes, mostrou-lha dizendo: Eis-aqui a cabeça de Holofernes, general do exército dos assírios, e eis-aqui o seu pavilhão, debaixo do qual êle estava deitado bêbado, onde o Senhor nosso Deus o degolou pela mão duma mulher.

20 E vive o mesmo Senhor, porque o seu Anjo me guardou tanto ao sair desta cidade, como ao demorar-me lá, e como ao voltar para aqui, e não permitiu o Senhor que eu sua serva fôsse manchada, mas êle me fêz tornar para vós sem nenhuma mácula de pecado, cheia de alegria por sua vitória, pela minha salvação, e pelo vosso livramento. (2)

21 Louvai-o todos, porque é bom, porque sua misericórdia é eterna.

22 Todos porém adorando o Senhor, lhe disseram: O Senhor te abençoou com a sua fortaleza, porque êle por ti aniquilou os nossos inimigos.

23 E Ozias, príncipe do povo de Israel, lhe disse:

(2) O SEU ANJO ME GUARDOU — Notam os exegetas esta passagem assinalando a crença nos anjos da guarda.

Judite 13, 24-31

O' filha, tu és bendita do Senhor Deus Altíssimo, sôbre tôdas as mulheres que há na terra. (3)

24 Bendito o Senhor, que criou o Céu e a terra, que te dirigiu para cortares a cabeça ao chefe dos nossos inimigos:

25 Porque hoje engrandeceu o teu nome tanto, que nunca o teu louvor se apartará da bôca dos que se lembrarem eternamente do poder do Senhor, por amor dos quais tu não poupaste a tua vida, por causa das angústias, e da atribulação do teu povo, mas tu impediste a ruína na presença do nosso Deus.

26 E todo o povo respondeu: Assim seja, assim seja.

27 E Aquior sendo chamado veio, e Judite lhe disse: O Deus de Israel, de quem tu testemunhaste que êle tinha poder para se vingar dos seus inimigos, êsse mesmo cortou esta noite pela minha mão o chefe de todos os incrédulos.

28 E para que tu aproves que assim é, eis-aqui a cabeça de Holofernes, que na insolência da sua soberba desprezou o Deus de Israel, e te ameaçava a morte, dizendo: Logo que o povo de Israel fôr feito cativo, eu mandarei que te trespasssem as ilhargas com a espada.

29 E Aquior vendo a cabeça de Holofernes, aterrado de pavor, caiu de bruços em terra e ficou esvaído de sentidos.

30 Mas depois que, recobrado o ânimo, tornou a si, lançou-se aos seus pés, e a adorou, e disse:

31 Tu és bendita do teu Senhor em tôda a casa de Jacó, porque entre todos os povos, que ouvirem o teu nome, o Deus de Israel será em ti glorificado.

(3) **E OZLAS, PRÍNCIPE** — Isto é, governador de Betúlia, porque naquele tempo era rei de Judá Manassés.

CAPÍTULO 14

JUDITE ACONSELHA AOS ISRAELITAS, QUE INVISTAM AOS ASSÍRIOS. AQUIOR ABRAÇA A RELIGIÃO DOS JUDEUS. OS ISRAELITAS AVANÇAM AOS ASSÍRIOS, OS QUAIS SABENDO DA MORTE DE HOLOFERNES, SÃO ASSALTADOS DE TURBAÇÃO.

1 Disse pois Judite a todo o povo: Ouvi-me, irmãos, pendurai esta cabeça no alto dos nossos muros:

2 E assim quando tiver saído o sol, tome cada um as suas armas, e saí com ímpeto, não para descerdes até os inimigos, mas como querendo acometê-los.

3 Então será necessário que as guardas avançadas fujam para despertar o seu general para a batalha.

4 E quando os seus capitães tiverem corrido para a tenda de Holofernes, e o acharem descabeçado nadando no seu sangue, cairá sobre eles o temor.

5 E quando os virdes fugir, ide afoitos atrás dêles, porque o Senhor os pisará debaixo dos vossos pés.

6 Então Aquior vendo a maravilha, que o Deus de Israel tinha feito, deixadas as superstições da gentiidade, creu em Deus, e circuncidou-se e foi incorporado no povo de Israel, e tôda a descendência da sua linhagem até o dia de hoje.

7 Tanto que apareceu o dia, penduraram de cima dos muros a cabeça de Holofernes, e cada um tomou as suas armas, e saíram com muito estrondo e alarido.

8 O que vendo as sentinelas avançadas, correram à tenda de Holofernes.

9 Mas os que estavam na tenda, vindo e fazendo

Judite 14, 10-18

estrépito à entrada da câmara, a fim de o despertar, com arte procuravam que Holofernes acordasse sem ser despertado, mas sim pelo ruído que faziam.

10 Porque nenhum ousava batendo, nem entrando, abrir a câmara do general dos assírios.

11 Mas tendo vindo os seu capitães e tribunos, e todos os oficiais maiores do exército do rei dos assírios, disseram aos camaristas:

12 Entrai, e acordai-o porque saíram os ratos das suas cavernas, e tiveram o atrevimento de nos desafiar para o combate.

13 Então Vagao tendo entrado na câmara de Holofernes, pôs-se diante da cortina, e bateu com as suas mãos: Porque imaginava que êle dormia com Judite.

14 Mas como aplicando o ouvido, não percebesse nenhum movimento de quem dormia, chegou aproximando-se à cortina, e levantando-a e vendo o cadáver de Holofernes sem cabeça, que jazia estirado sôbre a terra banhado do seu sangue, exclamou em alta voz com lágrimas, e rasgou os seus vestidos.

15 E tendo entrado em a tenda de Judite, não a achou e correu fora para o povo,

16 e disse: Uma mulher hebréia meteu a confusão na casa do rei Nabucodonosor, porque eis-aí Holofernes jaz estirado por terra, e sem cabeça o seu corpo.

17 E tendo ouvido isto os chefes do exército dos assírios, rasgaram todos os seus vestidos, e um insupportável temor e susto os surpreendeu, e seus ânimos se turbaram em extremo.

18 E levantou-se um incomparável clamor no meio do seu acampamento.

CAPÍTULO 15

O MEDO SE DIFUNDE POR TODO O CAMPO DOS ASSÍRIOS. ELES SE PÕEM EM FUGIDA. OS ISRAELITAS SE LANÇAM SOBRE ELES, PERSEGUEM-NOS, APODERAM-SE DOS SEUS DESPOJOS, E DÃO A JUDITE OS DE HOLOFERNES.

1 Quando pois todo o exército soube que Holofernes estava degolado, perderam a razão, e o conselho, e agitados unicamente do temor e do medo, buscaram a sua salvação fugindo,

2 de sorte que nenhum falava ao seu companheiro, mas de cabeça baixa, desamparado tudo, apressavam-se em escapar dos hebreus, os quais êles ouviam dizer que vinham de mão armada sobre êles, que fugiam pelos caminhos dos campos e pelas veredas dos outeiros.

3 Os israelitas pois vendo-os fugir, foram em seguimento dêles. E desceram tocando trombetas, e gritando após êles.

4 E como os assírios desordenados, iam fugindo precipitadamente: E os israelitas os perseguiam juntos em um só batalhão, destroçavam todos quantos podiam encontrar.

5 Mandou pois Ozias mensageiros a tôdas as cidades e províncias de Israel.

6 Assim cada província, e cada cidade, mandou em seu alcance escolhidos mancebos armados, e os perseguiram ao fio da espada até as extremidades dos seus confins. (1)

7 E os que tinham ficado em Betúlia, entraram no

(1) **E OS PERSEGUIRAM, ETO.** — Foi esta derrota dos assírios tal, que cooperou para o restabelecimento do império dos medos depois da morte de Fraertes, segundo escreve Sacy.

campo dos assírios, e levaram o despojo, que os assírios na sua fugida tinham deixado, e se carregaram muito.

8 Aquêles porém que tornaram vitoriosos para Betúlia, trouxeram consigo tudo o que era dos assírios, de modo que eram inumeráveis os gados, e os animais, e tôdas as suas bagagens, de sorte que todos, desde o mais pequeno até o maior, ficaram ricos dos seus despojos.

9 E o sumo pontífice Joacim veio de Jerusalém a Betúlia com todos os seus anciãos, para ver a Judite. (2)

10 A qual tendo saído a recebê-los, êles a abençoaram todos a uma voz, dizendo: Tu és a glória de Jerusalém, tu a alegria de Israel, tu a honra do nosso povo:

11 Porque obraste varonilmente, e o teu coração se fortificou, porque amaste a castidade, e depois de teu marido, não conhecestes outro homem: Por isso não só a mão do Senhor te fortaleceu, mas também serás bendita eternamente.

12 E todo o povo respondeu: Assim seja, assim seja.

13 E por trinta dias apenas pôde o povo de Israel recolher os despojos dos assírios.

14 Mas tudo aquilo que se conheceu que pertencia a Holofernes, o deram a Judite, em ouro, e em prata, e em vestidos, e em pedraria preciosa, em tôda a sorte de alfaias, e tudo lhe foi dado pelo povo.

15 E todos os povos, mulheres, e donzelas, e manebos mostravam o seu regozijo ao som dos instrumentos músicos, e das cítaras. (3)

(2) **E O SUMO PONTÍFICE JOACIM VEIO DE JERUSALÉM, ETC.** — Atrás, no c. 4, v. 5, se lhe deu o nome de *Eliaquim*, donde se vê que êle tinha dois nomes. — *Pereira*.

(3) **TODOS OS POVOS E MULHERES, ETC.** — No texto grego se diz que tôdas as mulheres judias vieram a ver Judite, e que formaram um côro de danças, que puseram coroas de oliveira

CAPÍTULO 16

CÂNTICO DE JUDITE. ELA VAI A JERUSALÉM COM O POVO A CELEBRAR A SUA VITÓRIA. VOLTA DEPOIS PARA BETÓLIA, ONDE MORREU CHEIA DE GLÓRIA, E MUI AVANÇADA EM IDADE.

1 Então cantou Judite ao Senhor este cântico, dizendo:

2 Começai os louvores do Senhor ao som dos tambores, cantai em glória ao Senhor ao som dos tímbores, entoai-lhe em melodiosos cânticos um novo salmo, exaltai e invocai o seu nome.

3 O Senhor que faz em pó os exércitos, o seu nome é o Senhor.

4 Que pôs o seu campo no meio do seu povo, para nos livrar da mão de todos os nossos inimigos.

5 O assírio veio dos montes da parte do Aquilão com multidão de sua força: Cuja multidão esgotou as torrentes, e a sua cavalaria cobriu os vales.

6 Ele jurou que havia de queimar as minhas terras, e que havia de passar ao fio da espada os meus mancebos, que havia de dar em prêsa as minhas crianças, e que havia de fazer cativas as minhas donzelas.

7 Porém o Senhor todo poderoso o feriu e o entregou nas mãos duma mulher, que lhe tirou a vida.

8 Porque o poderoso entre eles não foi prostrado às mãos dos mancebos, nem os filhos de Titã, o feriram, nem desmarcados gigantes se lhe opuseram, mas

não só em Judite, mas na sua escrava, fazendo as outras mulheres com ramos em as mãos danças ao som de instrumentos, e os homens armados, e coroados iam em seu seguimento, cantando hinos.
— Tirino.

Judite 16, 9-16

Judite, filha de Merari, o derrubou com a formosura do seu rosto. (1)

9 Ela pois se despiu do traje de viúva, e se ataviou com os vestidos de alegria para exultação dos filhos de Israel.

10 Ela ungiu o seu rosto com pomadas cheirosas, e enastrou os anéis de seus cabelos com uma coifa, vestiu-se dumas roupas novas para o enganar.

11 As suas sandálias lhe arrebataram os olhos, a sua beleza lhe cativou a alma, ela lhe cortou a cabeça com o alfanje.

12 Os persas se espantaram da sua constância, e os medos da sua afoiteza. (2)

13 Então bramaram os arraiais dos assírios, quando apareceram os meus humildes mirrados da sêde.

14 Os filhos das mulheres moças os traspassaram a golpes, e os mataram como a meninos que fogem: Êles pereceram no combate em a presença do Senhor meu Deus.

15 Cantemos um hino ao Senhor, cantemos um novo hino ao nosso Deus.

16 Adonai, Senhor, tu és grande, e esclarecido pela tua fortaleza, e a quem ninguém pode vencer. (3)

(1) **NEM OS FILHOS DE TITAS, ETC.** — Titãs, segundo a fábula, são os antigos gigantes, filhos do céu e da lua, que pretenderam lançar fora do trono a Júpiter. O intérprete grego e latino exprimia por Titanes o Rephaim dos hebreus, assim como os Setenta verteram Vale dos Gigantes pelo Vale dos Rephains, do hebreu, no livro 2 Rs 23, 13. O siríaco traduz assim este lugar: Não são os filhos dos poderosos, nem os homens de extraordinária grandeza que prostraram, etc. — Pereira.

(2) **OS PERSAS, ETC.** — Depois de vencido Arfaxad, ou este seja Dejoces ou seja Fraertes, ficaram os persas e medos sujeitos ao rei dos assírios. — Pereira.

(3) **ADONAI, SENHOR, ETC.** — Adonai está sem dúvida

17 Tôdas as tuas criaturas te obedeam: Porque tu falaste, e foram feitas: Tu mandaste o teu espírito, e foram criadas, e não há quem resista à tua voz.

18 Os montes desde os fundamentos serão abalados com as águas: Os penhascos, bem como a cêra, se derreterão diante da tua face.

19 Porém aquêles que te temem, serão grandes diante de ti em tôdas as coisas.

20 Desgraçada a nação que se levantar contra o meu povo: Porque o Senhor todo poderoso se vingará dela, e a visitará no dia do juízo.

21 Êle fará vir sôbre as suas carnes o fogo e os bichos, para serem queimados, e para sentirem eternamente.

22 E succedeu então que todo o povo depois da vitória veio a Jerusalém a adorar o Senhor: E tanto que se purificaram, todos ofereceram os seus holocaustos, e cumpriram os seus votos, e as suas promessas.

23 Mas Judite ofereceu como um anátema de esquecimento todos os arnezes de Holofernes, que o povo lhe tinha dado, e o pavilhão, que ela mesma tinha tirado do leito dêle. (4)

24 E o povo estêve em grande regozijo à vista dos santos lugares, e a alegria desta vitória foi celebrada com Judite por espaço de três meses.

pôsto aqui em lugar de Jahvéh, que é em língua santa o grande nome de Deus, o nome inefável, que os hebreus não pronunciavam, e ao qual êles substituem o nome Adonai, que quer dizer Meu Senhor. Cfr. Strack, ob. cit.

(4) **COMO UM ANATEMA DE ESQUECIMENTO** — Isto é, como um padrão contra o esquecimento. O grego não faz menção de esquecimento. E alguns suspeitam que na Vulgata em lugar de *in anathema oblivionis*, se deveria ler *in anathema obletionis*, isto é, como um monumento consagrado ao Senhor. — **Pereira.**

Judite 16, 25-31

25 E passados aquêles dias, cada um tornou para sua casa, e Judite ficou sendo célebre em Betúlia, e era a pessoa mais considerável de tôda a terra de Israel.

26 Porque a castidade estava junta à sua virtude, de tal sorte que nunca em todos os dias da sua vida conheceu mais homem, desde que morreu Manassés seu marido.

27 E nos dias de festa aparecia em público com grande glória.

28 E morou na casa de seu marido até à idade de cento e cinco anos, e deu carta de alforria à sua escrava, e faleceu e foi sepultada em Betúlia com seu marido.

29 E todo o povo a chorou por sete dias.

30 E em todo o tempo de sua vida, e muitos anos depois da sua morte, não houve quem perturbasse a Israel.

31 E o dia da festividade desta vitória foi pôsto pelos hebreus na classe dos dias santos, e desde aquêlo tempo até hoje é festejado pelos judeus. (5)

(5) O DIA DA FESTIVIDADE DESTA VITÓRIA, ETC. — Esta cláusula não vem no grego, mas nem por isso se deve dar por suppositícia, porque também no grego se lêem algumas circunstâncias, que se não acham na Vulgata, tanto neste livro, como em outros; e nem por isso se reputam apócrifas as tais circunstâncias. — Pereira.

LIVRO DE ESTER

INTRODUÇÃO

Denominação — Este livro é assim chamado porque contém a história de Ester, ilustre mulher da tribo de Benjamim, que logrou obter do rei da Pérsia a liberdade e a vida dos judeus, que por um edito do mesmo tinham sido condenados à morte.

Autor — E' desconhecido. O Talmude, *Bababathra*, 15. a, 1, 4, 6, atribui-o à Sinagoga; Clemente de Alexandria, Aben Esra, e outros, a Mardoqueu. O c. 9, no versículo 20, parece confirmar esta opinião, mas o versículo 31 mostra que o final lhe não pode pertencer. Os críticos modernos, Glaire, *Introduction à l'Écriture Sainte*, Vigouroux, *Manuel Biblique*, e outros, sustentam que a maior parte desta história foi composta por Mardoqueu.

Data de sua composição — Pela análise do texto vê-se que supõe a existência do império persa, cujos costumes, hábitos e modo de vida o narrador mostra conhecer perfeitamente; e além disto refere-se aos Anais dos Medos e Persas, 10, 2. Encontram-se tantas minuciosidades e pormenorizam-se tão circunstanciadamente tantos episódios, que se não pode duvidar que o autor acompanhasse de perto os fatos que narra, e que os escrevesse muito próximo da sua realização. Haja vista à descrição do banquete de Assuero, o conhecimento dos nomes

dos oficiais e dos eunucos, etc. A ausência de alusões a Judá e Jerusalém confirma que o livro foi escrito na Pérsia, em Susa.

O Estilo — E' simples e geralmente puro; encontram-se porém muitas palavras persas, e bastantes expressões aramaicas, semelhantes às que se lêem em Esdras, e em algumas passagens dos *Paralipômenos*.

Caráter do livro de Ester — Êste livro, em que pese aos racionalistas, que o consideram uma fábula, *Confictam esse universam parabolam* (Semler), é um livro histórico. Para nos certificarmos, basta que se apliquem as mais elementares regras da boa hermenêutica. Alude o autor à festa dos *Purim*, Est 9, 28, que ainda hoje é celebrada nas sinagogas. O 13 de adar, véspera da festa, é um dia de jejum, em cuja tarde se lê todo o livro de Ester. A história profana confirma a narração dêste livro relativa aos usos e costumes dos persas. Nada há, pois, que não seja rigorosamente histórico. E' certo que na parte chamada proto-canônica do livro de Ester, se não encontra uma só vez o nome da Divindade, certamente por ter sido escrito entre pagãos; mas se não está o nome augusto de Deus expresso, está claramente indicada a ação eficaz e sobrenatural da Providência.

Os apêndices do livro de Ester — O livro de Ester compreende o livro propriamente dito e uns apêndices, juntos por S. Jerônimo, que constituem uma segunda parte dêste livro. Conquanto não se conheça o texto original, é certo que se encontram nas mais antigas e autorizadas versões. De Rossi sustenta que existiu um original aramaico do livro de Ester, mais completo do que o texto hebreu atual, contendo êsses fragmentos apensos por S. Jerônimo. *Specimen variarum lectionum sacri textus et chaldaica Estheris additamenta*, Tubingue, 1783.

Livro de Ester

Canonicidade — Quanto ao livro de Ester, não há dúvidas sobre a sua canonicidade; já não assim na segunda parte, isto é, com respeito aos aditamentos de que acima falamos, que os protestantes não aceitam como divinamente inspirada, nem como autêntica. Não têm, porém, razão. Josefo aceitou e citou como autênticas e inspiradas estas passagens. *Antig.*, 11, 6, seg. A tradição constante na Igreja, desde os primeiros tempos, reconheceu a autoridade destas passagens, da mesma maneira que a do livro de Ester. Nos Setenta, na versão de Teodociação e na Ítala, como nas siríaca, árabe, etiópica, copta e armênia, encontram-se estes aditamentos, como fazendo parte do livro de Ester. O citado Rossi encontrou os manuscritos antigos aramaicos, um na biblioteca de Pio VI, outro na Vaticana, outro na Ambrosiana.

Divisão — Podemos considerar as duas partes: proto e deutero-canônica. A primeira parte ou livro de Ester, propriamente dito, compreende seis seções:

- 1.^a — Elevação de Ester à dignidade de rainha. 1-3.
- 2.^a — Decreto de perseguição publicado por Assuero, a instâncias de Aman, 3.
- 3.^a — Ester, para obter de Assuero a salvação do seu povo, oferece-lhe um festim, 4-5.
- 4.^a — Honras que Aman confere a Mardoqueu, 6.
- 5.^a — Queda de Aman, 7.
- 6.^a — Os judeus vingam-se do seu inimigo, 8-9.

A segunda parte compreende:

- 1.^a — Sonho de Mardoqueu e descoberta da conspiração contra o rei, 10. 11. 12.

Livro de Ester

- 2.^a — Explicação do sonho, 12, 13.
- 3.^a — Edito de Aman contra os judeus, 13.
- 4.^a — Orações de Mardoqueu e de Ester, 13, 8; 14.
- 5.^a — Mensagem de Mardoqueu a Ester, 15, 1-3.
- 6.^a — Visita de Ester ao rei Assuero, 15, 4-19.
- 7.^a — Edito de Mardoqueu, 16.

LIVRO DE ESTER

CAPÍTULO 1

BANQUETE DADO POR ASSUERO. A RAINHA VASTI RECUSA ASSISTIR A ELE. ASSUERO A REPUDIA.

1 Em tempo de Assuero, que reinou desde a Índia até a Etiópia sobre cento e vinte sete Províncias: (1)

2 Quando êle se assentou no trono do seu reino, era a cidade de Susa a capital do seu império. (2)

3 E no ano terceiro do seu império fêz um grande convite a todos os príncipes, e gentes da sua côrte, aos

(1) ASSUERO — Este Assuero é, segundo as modernas descobertas, Xerxes filho de Dario 1.º, filho de Histaspes Aquimênide. Foi pelo estudo de uma inscrição trilingüe que se fêz a identificação de Assuero. Oppert, *Commentaire historique et philologique du livre d'Esther d'après la lecture des inscriptions perses*. Na verdade tudo o que se diz de Assuero convém a Xerxes. Reinou sobre 127 províncias, medinoth, desde a Índia à Etiópia. Em baixos-relêvos do tempo vemos Assuero sentado num trono, o que confirma o texto (v. 2), e Heródoto conta-nos que sobre um trono assistiu ao combate das Termópilas. Plutarco, Temístocles XIII, refere o mesmo acêrca da batalha de Salamina. Subiu ao trono no ano 485 A. C.

(2) SUSA — Era uma das mais antigas cidades do mundo, situada sobre o Choaspe, afluente oriental do Tigre. Insuportável no verão por causa do calor intensíssimo, que atinge 72 graus centígrados ao sol em junho, ascendendo muito em julho e agosto. Dieulafoy, *L'Acropole de Suse*, diz que Susa era residência de in-

Ester 1, 4-6

mais valorosos dos persas, e ilustres dos medos, e aos governadores das províncias estando êle presente,

4 para ostentar as riquezas da glória do seu reino, e mostrar a grandeza do seu poder, por muito tempo, a saber, de cento e oitenta dias.

5 E quando se cumpriam os dias dêste convite, convidou a todo o povo, que se achava em Susa, desde o maior até o menor: E ordenou que por sete dias se preparasse um banquete no átrio do jardim, e do bosque que estava plantado de real mão e com magnificência real.

6 E pendiam de tôdas as partes pavilhões de côr celeste e branca e de jacinto, sustidos de cordões de finíssimo linho, e de púrpura, que passavam por anéis de marfim, e se sustinham em colunas de mármore. Havia também dispostos leitos de ouro, e de prata sôbre o pavimento

verno dos reis da Pérsia. Compreendia a cidade, pròpriamente dita, onde habitava o povo e a Acrópole que era a residência real. E' a esta a que se refere aqui o texto. No original está *Susan hab birah*. S. Jerônimo traduziu *birah*, que é de origem persa, por *civitas*, porém a significação própria desta palavra é fortaleza, *castrum*. E isso mesmo se depreende da passagem do c. S, 15, onde se lê que Mardoqueu, após o triunfo, saiu da fortaleza, *birah*, para ir à cidade. Da cidade só restam ondulações pouco sensíveis de terreno. Os edifícios da Acrópole estão soterrados, e foi nessa espécie de túmulo que os eruditos os foram estudar. A superfície da Acrópole de Susa era considerável: media cento e vinte hectares, a partir das muralhas. Era separada da cidade, com a qual comunicava por meio de uma ponte colocada ao sul. O lado oriental era ocupado pelos aposentos reais, que se compunham de dois grandes compartimentos, *biroum*, exterior, e *anderoum*, interior, reservado às mulheres. Completamente destacado do palácio levantava-se um outro edifício importante, denominado o *apadana* ou sala do trono. Era um enorme recinto de perto de um hectare de superfície, colocado para nordeste da Acrópole. Em volta desta sala estavam os jardins, a que chamavam *pardés*, donde vem a palavra *paradisum* e *paraíso*.

semeado de esmeraldas e de mármore de Paros: Embutido com admirável variedade de figuras.

7 E os convidados bebiam por vasos de ouro, e os manjares se serviam em baixela sempre diferente. Servia-se assim mesmo vinho em abundância, e excelente, como correspondia à magnificência de um rei. (3)

8 Ninguém constrangia a beber os que o não queriam: Antes tinha ordenado o rei que um dos grandes da sua côrte presidisse a cada mesa, para que cada um tomasse o de que gostava.

9 A rainha Vasti também fêz um banquete para as mulheres no palácio, em que o rei Assuero costumava residir.

10 E ao dia sétimo, quando o rei estava mais alegre, e no calor do vinho, que êle tinha bebido com excesso, mandou a Mauman, e Bazata, e Harbona, e Bagata, e Abgata, e Zetar, e Carcas, sete eunucos, que assistiam ao seu serviço,

11 que introduzissem à presença do rei a rainha Vasti, com o seu diadema na cabeça, para que todos os seus povos, e grandes da côrte vissem a sua beleza: Porque era em extremo formosa.

12 Porém ela recusou obedecer, e se dedignou de ir, conforme o rei lhe tinha mandado intimar pelos eunucos. Do que irado o rei, e todo transportado em furor,

13 consultou os sábios, que sempre andavam juntos da sua pessoa, conforme o costume ordinário de todos os reis, e por cujo conselho fazia êle tôdas as coisas, porque sabiam as Leis, e ordenações antigas:

(2) **BEBIAM POR VASOS DE OURO** — Note-se a fidelidade da narração do texto, em vista dos dados fornecidos pela história profana e descobertas modernas. Brisson reuniu tudo o que se sabe sobre os festins dos persas. De regio persarum principatu, e nada há que esteja em contradição com o que aqui está.

14 (Ora os primeiros e os mais próximos eram Carsena, e Setar, e Admata, e Tarsis, e Marés e Marsana, e Mamucã, que eram os sete principais dos persas, e dos medos, que nunca perdiam de vista o rei, e que costumavam ser os primeiros que se assentavam ao pé d'ele.)

15 A que pena estava sujeita a rainha Vasti, por não haver obedecido à ordem de el-rei Assuero, que lhe havia enviado pelos eunucos.

16 E respondeu Mamucã em presença do rei, e dos grandes: A rainha Vasti não sòmente ofendeu ao rei, mas também a todos os povos, e a todos os príncipes, que há por tôdas as províncias do rei Assuero.

17 Porque o que fêz a rainha chegará à notícia de tôdas as mulheres, para que tenham em pouco a seus maridos, e digam: O rei Assuero mandou vir a rainha Vasti à sua presença, e ela não quis. (4)

18 E à sua imitação as mulheres de todos os persas e medos desprezarão os mandados de seus maridos: O que suposto a ira do rei é justíssima.

19 Se é pois do teu agrado, faze que se publique um edito, e que se escreva conforme a lei dos persas e medos, que não é permitido violar, que a rainha Vasti não torne

(4) ASSUERO — Devemos aqui advertir como se encontra este nome escrito em hebraico com o aleph, heth, shin, van, resh, shin, o que dá akhshverush, que a tradução siríaca verteu abshirush, que depois deu no persa Khsayarsa, de onde os gregos Xerxes, Xerses, e Xersius. Cfr. Oppert *Commentaire du livre d'Esther*. A propósito, e pode caber já aqui, deve responder-se à pergunta seguinte: houve dois reis da Pérsia com este nome, o primeiro filho de Dario, o segundo de Artaxerxes Longimano; qual foi destes o que esposou Ester? E' o filho de Dario. E com estes dados é fácil fixar a cronologia do livro de Ester e precisar diversos fatos a que o autor sagrado apenas alude vaga e geralmente.

jamais à presença do rei, senão que receba o seu reino outra que seja melhor que ela. (5)

20 E isto seja publicado por todo o domínio das tuas províncias (que é mui dilatado), e tôdas as mulheres tanto de grandes, como de pequenos darão honra a seus maridos:

21 Pareceu bem o conselho ao rei, e aos grandes: E o rei o fêz conforme o conselho de Mamucã.

22 E enviou cartas a tôdas as províncias do seu reino, em diversas línguas, e caracteres, conforme cada nação o pudesse entender, e ler, dizendo, que os maridos são os senhores, e os superiores em suas casas: E que isto se publicasse por todos os povos.

CAPÍTULO 2

ESTER VEM A SER ESPOSA DE ASSUERO. MARDOQUEU DESCOBRE A CONJURAÇÃO DE DOIS EUNUCOS.

1 Passadas assim as coisas, quando a ira do rei era já aplacada, lembrou-se êle de Vasti, e do que ela tinha feito e do que tinha padecido: (1)

2 E disseram-lhe os criados do rei, e seus ministros: Busquem-se para o rei donzelas, que sejam virgens e formosas,

3 e enviem-se por tôdas as províncias pessoas que escolham donzelas de bom parecer e virgens: E tragam-

(5) **QUE NÃO É PERMITIDO VIOLAR** — Estas leis eram promulgadas com certa solenidade, e apazimento dos grandes; o próprio rei não tinha poder para as revogar arbitrariamente.

(1) **LEMBROU-SE ÊLE DE VASTI** — No antigo persa Vahista, excelente, Heródoto V. 18, diz que ela tinha tido razão em não querer comparecer ante uma reunião de êbrios; certamente o rei compreendendo isso agora, lembrou-se dela, inclinando-se a torná-la a admitir.

Êster 2, 4-8

-nas à cidade de Susa, e ponham-se na casa das mulheres em poder do eunuco Egeu, que está encarregado de guardar as mulheres do rei: E aprontem-se-lhes todos os seus atavios, e o mais que houverem mister.

4 E aquela que entre tôdas mais agradar aos olhos do rei, essa será rainha em lugar de Vasti. Agradou êste parecer ao rei: E mandou-lhes que fizessem conforme tinham aconselhado.

5 Havia na cidade de Susa um homem judeu, por nome Mardoqueu, filho de Jair, filho de Semei, filho de Cis, da linhagem de Jemini, (2)

6 que tinha sido trasladado de Jerusalém naquele tempo, que Nabucodonosor, rei de Babilônia, tinha feito levar para esta cidade a Jeconias, rei de Judá. (3)

7 Tinha êle criado uma filha do seu irmão, chamada Edissa, e por outro nome Ester: E tinha ela perdido pai e mãe: Era em extremo formosa, e engraçada. E havendo falecido seu pai, e sua mãe, Mardoqueu a tinha adotado por filha. (4)

8 Como pois por tôda a parte se tivesse publicado

(2) **MARDOQUEU** — Este nome é de origem babilônica, e não da Palestina, o que parece indicar que tinha nascido na Babilônia.

(3) **QUE TINHA SIDO TRASLADADO** — Alguns intérpretes, prendendo-se a estas palavras, entendem que Mardoqueu tinha sido transportado de Jerusalém, no tempo de Jeconias, isto é, cerca do ano de 599, A. C., o que lhe acarreta a avançada idade de 120 anos. Porém exegetas autorizados, antigos e modernos, referem esta passagem a Cis, bisavô de Mardoqueu, porquanto a expressão *Qui translatus*, que tinha sido trasladado, pode referir-se, segundo uso freqüente entre os hebreus, aos seus antepassados "*Qui translatus, id est, cujus majores translati fuerant; saepe enim Hebraei parenti et liberorum nomina inter se mutant*". Menochio.

(4) **ESTER** — Nome persa, que também tem a forma de *Astra*, que significa estrêla.

o mandado do rei, e se trouxessem a Susa muitas donzelas formosíssimas, e se entregassem ao eunuco Egeu: Trouxeram-lhe também entre as outras a Ester, para ser guardada com as mulheres.

9 Ela lhe agradou, e achou graça em seus olhos. E mandou a um eunuco, que se desse pressa aos enfeites, e lhe desse o que lhe pertencia, e sete donzelas das de melhor parecer da casa do rei, e que atendessem ao adorno e bom tratamento assim dela como das suas criadas.

10 Ester não lhe quis dizer de que terra nem de que nação era: Porque Mardoqueu lhe tinha ordenado que guardasse nisso um grande segredo:

11 Ele todos os dias passeava diante do vestibulo da casa, onde estavam guardadas as virgens escolhidas, cuidadoso do estado em que se acharia Ester, e desejoso de saber o que lhe aconteceria.

12 E quando chegou o tempo em que cada uma das donzelas, pela sua ordem, devia ser apresentada ao rei, e concluídas tôdas as coisas que correspondiam ao seu adorno, ia já correndo o mês duodécimo: Porquanto, por seis meses se ungiam com óleo de mirra, e por outros seis usavam de certos unguentos e aromas.

13 E quando se haviam de apresentar ao rei lhes davam tudo quanto pediam concernente ao seu adorno, e ataviando-se a seu gosto, desde a habitação das mulheres passavam à câmara do rei.

14 E a que havia entrado à noite, saía pela manhã, e dali era levada a outra segunda habitação, que estava ao cuidado do eunuco Susagazi, que tinha o governo das concubinas do rei: E não podia já voltar de novo ao rei, se o rei, o não quisesse, e por seu nome a mandasse vir.

15 Passado pois um certo tempo, estava já próximo o dia em que devia ser apresentada ao rei Ester,

Ester 2, 16-20

filha de Abiail, irmão de Mardoqueu, à qual êste havia adotado por filha. Não pediu ela nada para se ataviar, mas o eunuco Egeu que tinha inspeção sôbre as donzelas, lhe deu o que quis para que se enfeitasse. Porque era de um ar mui formoso, e de incrível beleza, e parecia aos olhos de todos engraçada e amável.

16 Foi pois levada à câmara do rei Assuero no décimo mês, chamado Tebet, no sétimo ano do seu reino.

17 O rei a amou mais do que a tôdas as outras mulheres, e ela achou graça e favor diante dêle mais que tôdas as mulheres, e pôs sôbre a sua cabeça a coroa real, e a fêz rainha em lugar de Vasti.

18 E mandou que se preparasse um banquete magnificêntissimo para todos os grandes, e para os seus criados pelo casamento e vodas de Ester. E concedeu alívio a tôdas as províncias, e fêz donativos dignos da magnificência dum tão grande príncipe.

19 E enquanto a segunda vez se buscavam virgens, e se ajuntavam num mesmo lugar, estêve Mardoqueu sempre assistindo à porta do rei. (5)

20 Ester conforme a sua ordem, contudo não havia ainda manifestado a sua pátria, e nação. Porque Ester cumpria pontualmente quanto êle mandava: E tudo fa-

(5) **E ENQUANTO A SEGUNDA VEZ SE BUSCAVAM VIRGENS, ETC.** — Esta diligência que se diz fazer-se em busca de donzelas por todo o império se chama "Segunda", e diz relação à primeira, executada antes das vodas da rainha Vasti: e a Escritura a repete aqui de novo, para que possa entender-se o modo com que se descobriu por Mardoqueu a conspiração que vai a descobrir-se dos dois eunucos contra a vida do rei Assuero. A principal causa do ódio implacável, que Aman concebeu contra êle, como se depreende do c. 12, v. 6, foi que os dois eunucos eram íntimos amigos seus, e tinham concertado com êle tirar a vida a Assuero, para lhe pôr a coroa na cabeça. Daqui depende todo êste grande successo, que tem por objeto a liberdade dos judeus, e é a matéria dêste livro,

zia do mesmo modo que costumava fazê-lo, quando sendo menina a criava.

21 Naquele tempo pois em que Mardoqueu estava à porta do rei, mostraram-se mal contentes Bagatan, e Tarés, dois eunucos do rei, que eram porteiros, e cuidavam da primeira entrada do palácio: E intentaram levantar-se contra o rei, e matá-lo. (6)

22 O que descobriu Mardoqueu, e imediatamente deu disso parte à rainha Ester: E ela ao rei em nome de Mardoqueu, que lhe havia dado aviso.

23 Fizeram-se as averiguações, e se achou ser verdade: E ambos morreram em uma fôrca. E tudo foi registrado nas histórias e pôsto nos anais na presença do rei.

CAPÍTULO 3

EXALTAÇÃO DE AMAN. O SEU ÓDIO CONTRA MARDOQUEU.
AMAN ALCANÇA UM EDITO DO REI, EM QUE SE MANDAVAM MATAR TODOS OS JUDEUS SUJEITOS A ASSUERO.

1 Depois disto exaltou o rei Assuero a Aman, filho de Amadat, que era da linhagem de Agag: E pôs o seu assento sôbre todos os príncipes que tinha. (1)

(6) **BAGATAN, E TARÉS, ETC.** — A antiga versão itala os nomela, Barthageo e Thidectes. Calmet.

(1) **AMAN** — Durante muito tempo julgou-se que Aman era amalecita, porque um dos reis de Amalec se chamava Agag, e certamente porque este nome era tomado como a designação dos pagãos da Europa; os Setenta traduziram o hebreu Agagi, por Macedon, o macedônico. Contudo o nome de Aman, assim como o de seu pai, acusa uma origem medo-persa. Agora, pelas descrições de Corsabad, sabe-se que o país de Agag fazia parte da Média. E eis como esta particularidade vem confirmar o valor histórico do livro de Ester. Oppert, *Commentaire historique et philologique du livre d'Esther*.

2 E todos os servos do rei, que estavam à porta do palácio, dobravam os joelhos diante de Aman, e o adoravam: Porque assim o tinha mandado o imperador: Só Mardoqueu não dobrava os joelhos diante dêle, nem o adorava.

3 E os servos do rei que presidiam às portas do palácio, lhe disseram: Porque não cumpres as ordens do rei como os outros.

4 E depois de lhe dizerem isto muitas vêzes, vendo que êle os não queria ouvir, disseram-no a Aman, querendo saber se êle persistiria nesta resolução: Porque lhes tinha dito que êle era judeu.

5 O que ouvido por Aman, e tendo conhecido por experiência que Mardoqueu não dobrava os joelhos diante dêle, e não o adorava, concebeu grande ira,

6 mas êle reputava por nada empregar as suas mãos só em Mardoqueu: Porque tinha ouvido que era judeu de nação: E quis antes acabar com tôda a nação dos judeus, que assistiam ao reino de Assuero.

7 No ano duodécimo do reino de Assuero, no primeiro mês (chamado Nisan) foi diante de Aman lançada na urna a sorte, que em hebreu se chamava Fur, para se saber em que dia e em que mês se devia matar tôda a nação judaica: E caiu a sorte no duodécimo mês chamado Adar. (2)

8 Então disse Aman ao rei Assuero: Há um povo disperso por tôdas as províncias do teu reino, e separado entre si mutuamente, que pratica novas leis e cerimônias, e que de mais a mais despreza as ordenações do rei.

(2) **LANÇADA NA URNA A SORTE** — Os persas tinham por uso consultar a sorte em todos os seus negócios graves. Heródoto 3, 28. *Ciropeia*, I, 6, 46.

E tu sabes muito bem que é do interesse do teu reino não sofrer que a licença o torne ainda mais insolente.

9 Ordena logo, se te apraz, que êle pereça, e eu pagarei aos tesoureiros do teu erário dez mil talentos.

10 Então o rei tirou do seu dedo o anel, que costumava trazer, e o deu a Aman, filho de Amadati, da linhagem de Agag, inimigo dos judeus,

11 e disse-lhe: Guarda para ti a prata, que me ofereces, e no tocante ao povo faz o que quizeres.

12 E foram chamados os secretários do rei no mês primeiro de Nisan, no dia treze do mesmo mês: E foi escrito, como tinha ordenado Aman, a todos os sátrapas do rei, e aos juizes das províncias, e das diversas nações, como cada uma delas o podia ler e ouvir conforme a variedade de línguas em nome do rei Assuero: E as cartas seladas com o seu anel,

13 foram enviadas pelos correios do rei a tôdas as províncias para que matassem e acabassem com todos os judeus, desde o menino até o velho, meninos, e mulheres, em um mesmo dia, isto é, a treze do mês duodécimo, que se chama Adar, e saqueassem os seus bens. (3)

14 E esta era a substância das cartas, para que tôdas as províncias o soubessem, e se prevenissem para o dito dia.

15 Os correios, que se enviaram, se apressavam a cumprir a ordem do rei. E logo se afixou em Susa o edito, a tempo que o rei e Aman faziam banquete, e que todos os judeus, que havia na cidade, se debulhavam em lágrimas.

(3) **CORREIOS DO REI** — Estes correios tinham sido instituídos por Ciro, Brisson; *Do regis Persarum principatu*, t. 1.

CAPÍTULO 4

CONSTERNAÇÃO DOS JUDEUS. MARDOQUEU INFORMA ESTER DO QUE SE PASSAVA. ELA SE DISPÕE A IR FALAR AO REI.

1 Mardoqueu tendo sabido isto, rasgou os seus vestidos, e vestiu-se de saco, cobrindo a cabeça de cinza: E clamava em altas vozes no meio da praça da cidade, dando a conhecer a amargura do seu coração, (1)

2 e vindo com êste pranto até à porta do palácio. Porque não era permitido entrar vestido de saco no palácio do rei. (2)

3 Em tôdas as províncias, cidades, e lugares, onde êste cruel edito do rei tinha chegado, era grande a consternação entre os judeus, os jejuns, os lamentos, e os prantos, usando muitos de cilícios e de cinza em lugar de leito.

4 E as criadas de Ester e os eunucos entraram a dar-lhe a notícia. E quando o ouviu ficou consternada. E enviou um vestido, para que despindo o saco, lho vestissem: Mas êle o não quis receber.

5 E chamando Ester ao eunuco Atac, que o rei lhe tinha dado para a servir, mandou-lhe que fôsse ter com Mardoqueu, e soubesse dêle por que fazia isto.

6 E saindo Atac, foi em busca de Mardoqueu, que estava na praça da cidade, diante da porta do palácio:

7 E êste o informou de tudo o que havia passado, de que maneira Aman prometeu pôr uma soma de dinheiro nos tesouros do rei pela matança dos judeus:

(1) **TENDO SABIDO** — Ou por conhecer o edito, ou porque o avisassem, ou porque o ouvisse aos inimigos.

RASGOU OS SEUS VESTIDOS — Sinal de penitência e sumador.

(2) **VINDO COM ÊSTE PRANTO ATÉ A PORTA DO PALÁCIO** — Isto é, ao pátio que está diante da porta do rei.

8 Deu-lhe também uma cópia do edito, que estava afixado em Susa, para a mostrar à rainha, e para a advertir que fôsse ter com o rei, e lhe rogasse pelo seu povo.

9 Tendo voltado Atac, referiu a Ester tudo o que Mardoqueu lhe tinha dito.

10 Ela lhe respondeu, e mandou que dissesse a Mardoqueu:

11 Todos os servos do rei, e tôdas as províncias que estão debaixo do seu domínio, sabem que se um homem ou uma mulher entrar, sem ser chamado, na câmara do rei, no mesmo ponto sem recurso é morto: Exceto se o rei estende para êle o seu cetro de ouro em sinal de clemência, e lhe salva assim a vida. Como poderei eu logo ir ter com o rei, quando há já trinta dias que êle me não mandou chamar?

12 O que ouvido por Mardoqueu,

13 mandou ainda dizer a Ester: Não te persuadas que por isso que estás na casa do rei, salvarás tu só a vida entre todos os judeus:

14 Porque se tu agora te calares, por outro caminho se salvarão os judeus: Mas tu e a casa de teu pai perecereis. E quem sabe se porventura fôste elevada a rainha, para que estivesse pronta em tal conjuntura?

15 E de novo mandou Ester dizer a Mardoqueu estas palavras:

16 Vai e ajunta todos os judeus, que achares em Susa, e orai todos por mim. Não comais nem bebaís por três dias, e três noites: E eu jejuarei da mesma sorte com as minhas criadas, e depois disto irei buscar o rei obrando contra a lei sem ser chamada, e expondo-me à morte e ao perigo. (3)

Ester 4, 17; 5, 1-6

17 Foi logo Mardoqueu, e executou tudo o que Ester lhe tinha ordenado.

CAPÍTULO 5

ESTER SE APRESENTA DIANTE DE ASSUERO. CONVIDA-O A QUE VENHA AO BANQUETE, QUE ELA LHE TEM PREPARADO. AMAN TOMA A RESOLUÇÃO DE FAZER PENDURAR A MARDOQUEU.

1 Ao terceiro dia tomou Ester vestidos reais, e apresentou-se no quarto interior do palácio real, defronte da sala do rei: E êle estava sentado sôbre o seu trono no fundo do palácio defronte da porta da sala.

2 E tendo visto parada a rainha Ester, ficou dela agradado, e estendeu para ela o cetro de ouro, que tinha na mão. E chegando-se Ester, beijou a ponta do seu cetro.

3 E o rei lhe disse: Que é o que queres, rainha Ester? Que petição é a tua? Ainda quando tu me peças metade do reino, se te dará.

4 E ela respondeu: Se agrada ao rei, suplico que venhas hoje ao meu quarto, e Aman contigo a um banquete, que tenho disposto.

5 E o rei sem mais demora disse: Chamai logo a Aman para que obedeça à vontade de Ester. Vieram pois o rei e Aman ao banquete, que a rainha lhes havia aparelhado.

6 E o rei lhe disse, depois de bem farto de vinho: Que desejas tu que eu te dê? E que é o que me pedes?

(3) **NAO COMAIS NEM BEBAIS** — E' a prática da penitência para obter a proteção do céu, e aplacar a justiça divina. Em memória dêste jejum costumam os judeus jejuar no dia 13 de Adar, a que chamam o jejum de Ester.

Ainda que tu me peças a metade do meu reino, a alcançarás.

7 E Ester lhe respondeu: A minha petição, e os meus rogos são êstes:

8 Se tenho achado graça diante do rei, e se ao rei lhe apraz conceder-me o que peço, e cumprir a minha petição: Venha o rei e Aman ao banquete que lhes tenho aparelhado, e amanhã declararei ao rei a minha vontade.

9 Saiu pois Aman aquêlê dia alegre e contente. E havendo visto a Mardoqueu sentado às portas do palácio, e que não só não se havia levantado para o cortejar, senão que nem sequer se havia movido do seu assento, se irritou em extremo:

10 E dissimulando a ira, voltou para sua casa e convocou os seus amigos, e a Zarés sua mulher:

11 E patenteou-lhe a grandeza das suas riquezas, e o grande número de seus filhos, e a alta glória a que o rei o tinha elevado sôbre todos os grandes e seus cortesãos.

12 E acrescentou depois disto: A rainha Ester a nenhum outro chamou para o banquete com o rei, senão a mim: E amanhã tenho de comer também no seu quarto com o rei.

13 Mas ainda que tenho tudo isto, nada me parece ter, enquanto vir o judeu Mardoqueu assentado diante das portas do palácio.

14 E Zarés sua mulher, e os outros amigos lhe responderam: Manda levantar uma viga bem grande, que tenha cinqüenta côvados de altura, e dize pela manhã ao rei que faça pendurar nela a Mardoqueu, e assim irás alegre para o banquete com o rei. Agradou-lhe o conselho, e mandou que se preparasse uma cruz bem alta. (1)

(1) **UMA CRUZ BEM ALTA** — Cruz ou coluna alta para que

CAPÍTULO 6

HONRAS FEITAS A MARDOQUEU. CONFUSÃO DE AMAN.

1 Passou o rei aquela noite sem dormir, e mandou que lhe trouxessem as histórias e os anais dos tempos precedentes. E quando êles se liam diante dêle,

2 chegou-se àquele lugar onde estava escrito como Mardoqueu tinha avisado da conjuração dos eunucos Bagatan e Tarés, que haviam intentado assassinar o rei Assuero.

3 O que tendo ouvido o rei, disse: Que honra e que recompensa recebeu Mardoqueu por esta fidelidade? Os seus servos e ministros lhe disseram: Não tem recebido a menor recompensa.

4 E o rei imediatamente disse: Quem está na ante-câmara? Porque Aman havia entrado no quarto interior da casa real, para sugerir ao rei que mandasse pôr a Mardoqueu no patíbulo, que lhe tinha preparado.

5 Responderam os criados: Aman está na ante-câmara. E disse o rei: Entre.

6 E havendo entrado, lhe disse: Que deve fazer-se com aquêlê homem, a quem o rei deseja honrar? E Aman pensando no seu coração, e crendo que o rei a nenhum outro queria honrar, senão a êle,

7 respondeu: O homem, a quem o rei deseja honrar,

8 deve ser adornado de vestiduras reais, e montar

ficasse bem patente a sua ignomínia. Menochio sustenta que foi a cruz pela crueldade dêste tormento que era familiar nos persas, e considerado por êstes o mais ignominioso. "*Supplicium crucis delgit, ut maxime acerbum: Persis familiare, ignominiosum.*"

sôbre um cavalo, dos de que se serve o rei, e levar sôbre a sua cabeça a coroa real,

9 e que o primeiro dos príncipes, e dos grandes do rei leve pelas rédeas o seu cavalo, e indo pela praça da cidade, diga em alta voz: Assim é que será honrado todo aquêlo a quem o rei quizer honrar. (1)

10 E disse-lhe o rei: Vai depressa, e tomando o manto real, e o cavalo, fazê tudo que tens dito ao judeu Mardoqueu, que está assentado diante das portas do palácio. Vê não deixes de fazer coisa alguma das que disteste.

11 Tomou pois Aman o manto real, e o cavalo, e tendo vestido a Mardoqueu na praça da cidade, e depois de o montar a cavalo, ia êle diante, e clamava: De tal honra é digno aquêlo a quem o rei quizer honrar.

12 E voltou Mardoqueu para a porta do palácio: E Aman se recolheu a tôda a pressa para sua casa, chorando e com a cabeça coberta:

13 E contou a Zarés sua mulher, e aos amigos tudo o que lhe tinha acontecido. E os sábios, com quem êle se aconselhava, e sua mulher lhe responderam: Se êste Mardoqueu, diante do qual tu começaste a cair, é da linhagem dos judeus, tu não lhe poderás resistir, mas cairás diante dêle.

14 Ao tempo que êles ainda falavam, chegaram os eunucos do rei, e o obrigaram a ir à pressa ao banquete, que a rainha havia preparado.

(1) ASSIM É QUE SERÁ HONRADO TODO AQUELE A QUEM O REI — Aquêles a quem os reis persas queriam honrar eram ornados com uma túnica e uma coroa de ouro, segundo contam os historiadores profanos. Heródoto, 3, 20; Xenofonte, *Ciropeia* VIII.

CAPÍTULO 7

**DESCOBRE ESTER AO REI A DANADA RESOLUÇÃO DE AMAN.
E' AMAN PENDURADO NO MESMO PATÍBULO QUE TINHA
MANDADO LEVANTAR PARA MARDOQUEU.**

1 Entrou pois o rei e Aman, para beber com a rainha.

2 E disse-lhe o rei também neste segundo dia, depois de se ter aquecido com o vinho: Que é o que tu me pedes, para que se te conceda? E que queres que se faça? Ainda que peças a metade do meu reino, a terás.

3 Ester lhe respondeu: O' rei, se eu achei graça aos teus olhos, e assim te apraz, concede-me a minha vida, pela qual te rogo, e a do meu povo, pelo qual intercedo.

4 Porque nós fomos entregues eu e o meu povo, a sermos destruídos, degolados e perecer. E oxalá fôssemos ao menos vendidos por escravos e por escravas: Êste mal seria suportável, e lastimando me calaria: mas agora há um nosso inimigo, cuja crueldade redundava sobre o mesmo rei.

5 E respondendo o rei Assuero disse: Quem é êsse, e qual é o seu poder, para que tenha a ousadia de fazer isso?

6 E disse Ester: O nosso inimigo e perseguidor é êste malvado Aman. Êle ouvindo isto ficou logo aturrido, não podendo suportar nem o aspecto do rei nem da rainha.

7 E o rei se levantou irado, e do lugar do convite entrou em um jardim plantado de árvores. Aman se levantou também, para rogar à rainha Ester pela própria vida, porque conheceu que o rei lhe havia disposto a ruína.

8 Tendo Assuero voltado do jardim plantado de árvores, e tendo entrado no lugar do banquete achou que Aman se tinha lançado no leito, em que estava Ester, e disse: Até estando eu presente, quer na minha mesma casa fazer violência à rainha. Ainda não havia saído da boca do rei esta palavra, quando logo lhe cobriram a cara. (1)

9 E disse Harbona, um dos eunucos, que era do serviço ordinário do rei: Sabei que em casa de Aman está levantado um madeiro, que tem cinqüenta côvados de altura, que tinha preparado para Mardoqueu, que falou em defesa do rei. E o rei lhe disse: Pendurai-o nêle. (2)

10 Foi Aman pois pendurado no patíbulo que êle tinha preparado para Mardoqueu: E a ira do rei se aplacou.

CAPÍTULO 8

EXALTAÇÃO DE MARDOQUEU. EDITO A FAVOR DOS JUDEUS.

1 No mesmo dia doou o rei Assuero à rainha Ester a casa de Aman inimigo dos judeus, e Mardoqueu

(1) **SE TINHA LANÇADO NO LEITO** — Prostrara-se junto do leito, sobre o qual Ester estava recostada para comer, segundo o uso, suplicando a sua intercessão junto do rei.

(2) **PENDURAI-O NÊLE** — Os exegetas racionalistas censuram a Ester a sua crueldade; porém a censura cai por terra, mormente quando se estuda o elevado caráter da libertadora do povo de Deus. Pura em seus costumes, fiel e dedicada a seus irmãos desgraçados, corajosa até ao martírio, terrível para os seus inimigos, Ester resume em si tôdas as virtudes da mulher antiga. O esquecimento das injúrias, o amor às afrontas, a magnanimidade no triunfo, são anacronismos nos tempos bíblicos. Foi necessário que Jesus Cristo viesse à terra e ensinasse o diligite inimicos vestros, benefacite his qui oderunt vos, amai os inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, preceito novo *mandatum novum*...

foi apresentado ao rei. Porque Ester lhe tinha confessado que elle era seu tio paterno.

2 E o rei tomou o anel, que tinha mandado tirar a Aman, e o deu a Mardoqueu. Ester fêz também a Mardoqueu intendente da sua casa.

3 E não contente com isto, ella se lançou aos pés do rei, e com lágrimas lhe falou e lhe pediu, que desse ordem, para que não tivesse effeito o mau desígnio de Aman, filho de Agag, nem as suas iníquas machinações, que havia excogitado contra os judeus.

4 E o rei, segundo o costume, estendeu com a sua mão para ella o cetro de ouro, para lhe dar mostras de clemência: E levantando-se ella se pôs em pé diante do rei, (1)

5 e disse: Se assim apraz ao rei, e se tenho achado graça nos seus olhos, e não lhe parece ser injusto o meu rogo, suplico, que com novas cartas, sejam revogadas as primeiras de Aman, perseguidor e inimigo dos judeus, com as quaes mandava que fôsses estes exterminados em todas as províncias do rei. (2)

6 Porque como poderei eu soffrer a matança e estrago do meu povo?

7 E o rei Assuero respondeu à rainha Ester, e ao

(1) **O CETRO DE OURO** — São estas, à primeira vista, insignificantes particularidades, que dão alto valor a este livro, deitando por terra as pretensões dos adversários. As modernas descobertas comprovam estes usos, que também encontramos descritos em Heródoto, Xenofonte, etc. Num mosaico de Pompéia, existente no museu de Nápoles, na sala Flora, n.º 100, 20, achado na casa de Fano, está gravado Dario com o cetro de ouro, e a túnica de púrpura, que eram insígnias exclusivas de realaleza. Cfr. Gsell Fells. *Unter Italian*, Leipzig, 1889.

(2) **NOVAS CARTAS** — Dirigidas aos governadores das províncias, os sátrapas, governadores das satrápias, que tinham o nome de *ahasdarpénim*.

judeu Mardoqueu: Eu doeí a Ester a casa de Aman, e a êle mandei-o pregar numa cruz, porque se atreveu a estender a sua mão contra os judeus.

8 Escrevei pois aos judeus em nome do rei, como bem vos parecer, e selai as cartas com o meu anel. Porque êste era o costume, que ninguém se atrevia a opor-se às cartas, que se enviavam em nome do rei, e eram seladas com o seu anel.

9 E chamados os secretários e escrivães do rei, (e como então era o terceiro mês, que se chama Sibán) e o dia vinte e três do mesmo mês foram escritas as cartas, da maneira que quis Mardoqueu, e dirigidas aos judeus, e aos príncipes, e aos governadores e aos juizes, que presidiam a cento e vinte sete províncias do reino, desde a Índia até à Etiópia, província por província, e povo por povo, conforme as suas línguas e caracteres, e aos judeus, para que pudessem lê-las e entendê-las. (3)

10 E estas cartas, que se enviavam em nome do rei, foram seladas com o seu anel, e levadas pelos seus postilhões: Os quais, percorrendo com diligência por tôdas as províncias, prevenissem as primeiras cartas com estas segundas ordens.

11 O rei lhes mandou ao mesmo tempo que em cada cidade buscassem os judeus, e lhes ordenassem que se ajuntassem e se aprontassem todos, para defender as suas vidas, e para matarem e exterminarem os seus inimigos, com as suas mulheres e filhos e tôdas as suas casas, e que saqueassem os seus despojos. (4)

(3) **SIBAN** — Corresponde a parte do mês de maio e princípio de junho. Sacy.

FORAM ESCRITAS AS CARTAS — O teor desta carta acha-se no c. 16.

(4) **COM AS SUAS MULHERES, ETC.** — Êste era o costume dos persas, envolver nas penas de um criminoso tôda a sua família.

12 E assinou-se a tôdas as províncias um mesmo dia para a vingança, a saber, o dia treze do duodécimo mês chamado Adar. (5)

13 E a substância da carta foi esta, que se notificasse em tôdas as terras e povos sujeitos ao domínio do rei Assuero, que os judeus estavam prontos para tomarem vingança de seus inimigos.

14 E partiram incontinenti os postilhões levando os avisos, e o edito do rei foi afixado em Susa.

15 Mardoqueu, pois, saindo do palácio, e da presença do rei, resplandecia com a real opa côr de jacinto e de azul celeste, levando uma coroa de ouro na cabeça, e vestido de um manto de sêda e de púrpura. E tôda a cidade se encheu de regozijo e de alegria.

16 E aos judeus parecia-lhes ter-lhes nascido uma nova luz, gôsto, honra e alvoroço. (6)

17 Em todos os povos, cidades e províncias, onde chegaram as ordens do rei, havia uma alegria extraordinária, banquetes e convites, e dias de festas: De tal sorte que muitos das outras nações e seitas abraçaram a sua religião e cerimônias: Porque o nome do povo judaico tinha enchido dum grande terror a todos os espíritos.

Unius obnoxam omnis posteritas perit, diz Amilano Marcelino. Por muito injusta e cruel que fôsse esta lei, os judeus em a executarem contra os seus inimigos, não obravam senão por autoridade pública, e por ordem do príncipe.

(5) **O DIA TREZE DO DUODÉCIMO MÊS** — Era o mesmo dia que estava determinado por Aman para mandar matar os judeus. Assim, c. 3, v. 7, e em comemoração da libertação dos judeus, e como já ficou dito, e adiante se repete, a instituição da festa chamada *Purim*.

(6) **UMA NOVA LUZ** — Quer dizer alegria.

CAPÍTULO 9

OS JUDEUS, SEGUNDO A ORDEM DO REI, MATAM A TODOS OS QUE TINHAM CONSPIRADO NA SUA PERDA. INSTITUEM UMA FESTA EM MEMÓRIA DESTES SEUS LIVRAMENTOS.

1 Assim no dia treze do duodécimo mês, que nós já dissemos antes chamar-se Adar, quando se destinava a matança de todos os judeus, e quando os seus inimigos estavam ansiosos do seu sangue, os judeus pelo contrário começaram a ser mais fortes, e a vingar-se dos seus adversários.

2 E se ajuntaram em cada uma das cidades, povos e lugares, para atacarem os seus inimigos e perseguidores. E nenhum ousava resistir-lhes, porque o medo do seu poder se tinha apoderado de todos os povos.

3 Porque tanto os juizes das províncias como os governadores e os intendentes, e todos os de qualquer dignidade, que em cada lugar presidiam às obras, punham os judeus nas nuvens, pelo temor que tinham de Mardoqueu: (1)

4 O qual elles sabiam ser o principal do palácio, e que tinha grande poder: E a fama do seu nome crescia de dia em dia, e andava voando pelas bocas de todos.

(1) **JUIZES DAS PROVÍNCIAS, GOVERNADORES, E OS INTENDENTES** — Está aqui resumida a divisão administrativa dos persas, confirmada pelos historiadores profanos, e monumentos recentemente descobertos, constituindo mais uma prova do rigor histórico deste livro. De fato havia estas três autoridades, a saber: os que estavam à frente dos governos, que tomavam o nome de Chschatrapa, nome composto de Chschatra, que significa terra, e de pavan, que significa o protetor, da qual fizemos por abreviatura sátrapa, que no original hebraico algumas vezes aparece sob a forma *ahashdarpenim*, que eram os mais graduados dos sátrapas. Estes governavam as satrápias ou reuniões de províncias. A seguir os go-

5 Fizeram pois os judeus grande carniçaria nos seus inimigos, e os mataram, retribuindo-lhes o mal que eles tinham intentado fazer:

6 A ponto tal que até em Susa mataram quinhentos homens, sem contar os dez filhos de Aman Agagita inimigo dos judeus: Cujos nomes são êstes:

7 Farsandata, e Delfon, e Esfata,

8 e Forata, e Adalia, e Aridata,

9 e Fermesta, e Arisai, e Aridai, e Jezata.

10 Tendo-os morto, não quiseram os judeus tocar no despôjo de seus bens.

11 E logo se referiu ao rei o número dos que tinham sido mortos em Susa.

12 E ele disse à rainha: Na cidade de Susa mataram os judeus quinhentos homens, fora os dez filhos de Aman: Que grande cuidas tu que será a mortandade que eles fazem em tôdas as províncias? Que mais me pedes, e que queres tu que eu mande se faça?

13 E ela lhe respondeu: Se ao rei assim lhe apraz, dê-se poder aos judeus de fazerem ainda amanhã em Susa o que fizeram hoje, e os dez filhos de Aman sejam pendurados em patíbulos. (2)

14 E o rei mandou que assim se fizesse. E logo foi

vernadores de segunda ordem, chamados pehah, pahot no plural, nome de origem assírio-caldaica, adotado pelos persas depois da conquista da Babilônia, que tinham a seu cargo cada uma das províncias, que constituíam uma satrápia. Além dos sátrapas e dos pehah, ou pahot havia os sare'am, ou chefes do povo, porque cada povo conquistado pelos reis da Pérsia tinha à sua frente um chefe oficial, o que chegava a ser uma necessidade por causa das diferenças da linguagem, usos e costumes. Um fato análogo dá-se hoje no império otomano.

(2) **EM PATÍBULOS** — Para mais infâmia e terror dos inimigos dos judeus.

afixado em Susa o edito, e os dez filhos de Aman foram pendurados.

15 E juntos os judeus no dia catorze do mês de Adar, foram mortos trezentos homens em Susa: Porém êles não lhes saquearam os seus bens.

16 E da mesma sorte por tôdas as províncias, que estavam sujeitas ao império do rei, se puseram os judeus em defesa das suas vidas, matando os seus inimigos e perseguidores: Em tanto número, que chegaram os mortos a setenta e cinco mil homens, e nenhum pôs a mão em coisa alguma de seus bens.

17 E no dia treze do mês de Adar começou a matança em tôda a parte, e cessou no dia catorze. O qual êles ordenaram que fôsse solene, que se celebrasse por todos os séculos seguintes com banquetes, júbilos e festins.

18 E os que haviam executado a mortandade na cidade de Susa, empregaram nela o dia treze e catorze do mesmo mês: E cessaram de matar no dia quinze. E por esta razão estabeleceram que se solenizasse o mesmo dia com banquetes e regozijos.

19 Os judeus porém, que assistiam nas vilas não muradas e nas aldeias, decretaram o dia catorze do mês de Adar, para os banquetes e regozijo, de modo que neste dia fazem grandes divertimentos, e mandam uns aos outros alguma coisa dos seus banquetes, e iguarias. (3)

20 Mardoqueu pois escreveu tôdas estas coisas, e resumindo-as numa carta a mandou aos judeus, que habitavam em tôdas as províncias do rei, tanto nas mais próximas como nas mais remotas,

21 a fim de que o dia catorze e o dia quinze do

(3) **DIA CATORZE DO MÊS DE ADAR** — Corresponde ao nosso mês de fevereiro, segundo opinião de Sacy.

mês de Adar fôsem para êles dias de festa, e que os celebrassem todos os anos para sempre com solenes honras:

22 Porque nestes dias se vingaram os judeus dos seus inimigos, e o seu luto e tristeza se mudou em alegria e gôsto, e que êstes dias fôsem de banquete e de regozijo, e nêles mandassem uns aos outros porções das suas iguarias, e fizessem seus presentinhos aos pobres.

23 E os judeus admitiram entre os seus ritos solenes tudo o que começaram a fazer naquele tempo, e que Mardoqueu na sua carta lhes mandou que fizessem. (4)

24 Porque Aman, filho de Amadati, da raça de Agag, inimigo e adversário dos judeus, formou contra êles o mau projeto de os matar, e de os extinguir: E lançou sôbre isto fur, que na nossa língua significa o mesmo que sorte.

25 Mas Ester depois foi ter com o rei, suplicando-lhe que previna os desígnios de Aman com uma carta do rei e que faça cair sôbre a sua cabeça o mal que êle tinha projetado contra os judeus. Com efeito os pregaram numa cruz a êle e a seus filhos,

(4) ADMITIRAM ENTRE OS SEUS RITOS — Mal avisados andam os que sustentam que os judeus não podiam instituir uma nova solenidade, encurtando-se aquelas palavras "que aos mandados de Deus nada se aumente ou diminua" porque estas palavras são aqui descabidas. Nada há que proíba instituir outros dias festivos, além dos prescritos na Lei, em memória dos benefícios recebidos por Deus. Assim sabemos que foram prescritos novos jejuns, Jer 41, Zac 7, 3-5. A propósito escreve Lápide, "*Nova hujus ferti institutione non est peccatum in legem illam (qua praeceptum erat ut mandatis Dei nihil vel adderetur, vel demeretur) quia hoc festum non est institutum ut perse esset cultus Dei, sed tantum esset memoriale liberationis*".

26 e desde aquêles dias se chamaram furim, isto é, das sortes: Porque o fur, ou a sorte foi lançada na urna. E tôdas as coisas, que passaram se contêm no volume de uma carta, isto é, dêste livro.

27 E em memória do que padeceram, e da mudança que depois houve, os judeus tomaram a seu cargo, e dos seus descendentes, e de todos os que quizeram agregar-se à sua religião, que a nenhum fôsse lícito passar êstes dois dias sem solenidade: Os quais se notam nesta escritura, e se observam em certos tempos, pelos anos que se hão de seguir perpétuamente.

28 Êstes são uns dias, que nunca se apagarão da memória dos homens: E aos quais tôdas as províncias de geração em geração celebrarão por tôda a terra: E não há cidade alguma, onde os dias de furim, isto é, das sortes, não sejam guardados pelos judeus, e por seus filhos que estão obrigados a estas cerimônias.

29 Porque a rainha Ester, filha de Abiail, e Mardoqueu judeu, escreveram ainda segunda carta, para que com o maior cuidado ficasse estabelecido êsse dia solene para o futuro:

30 E mandaram dizer a todos os judeus, que moravam nas cento e vinte e sete províncias do rei Assuero, para que tivessem paz, e recebessem a verdade,

31 observando os dias das Sortes, e celebrando-os a seu tempo com grande alegria: Assim como o haviam ordenado Mardoqueu e Ester, e êles se obrigaram por si, e pela sua descendência, a guardar os jejuns, e clamores, e dias das Sortes.

32 e tudo o que se contém na história dêste livro, que se chama Ester.

CAPÍTULO 10

GRANDEZA DE ASSUERO. PODER DE MARDOQUEU. EXPLICAÇÃO DO SONHO QUE ÊLE TIVERA.

1 E o rei Assuero havia feito tributária tôda a terra, e tôdas as ilhas do mar:

2 E no livro dos medos, e dos persas se acha escrito qual foi o seu poder, e o seu domínio e a sublimidade de grandeza a que êle elevou Mardoqueu:

3 E de que modo Mardoqueu, judeu de nação, veio a ser o segundo depois do rei Assuero: E grande entre os judeus e amado do comum de seus irmãos, procurando bens ao seu povo e falando aquilo que conduzia à tranqüilidade da sua nação. (1)

** Com tôda a fidelidade trasladei o que se acha no Hebraico. Mas o que se segue, o achei escrito na edição Vulgata, como se contém nos exemplares gregos: E entretanto no fim do livro estava pôsto êste capítulo: o que, segundo o nosso costume, notamos com uma argula. (2)*

4 E disse Mardoqueu: Deus é quem fêz isto.

5 Lembro-me de um sonho que vi, que significa isto mesmo: E nada dêle tem ficado sem se cumprir.

6 A pequena fonte, que cresceu até se fazer um rio, e que foi convertida em luz, e em sol, e derramou

(1) Até aqui chega o texto hebreu do livro de Ester, como se diz na nota seguinte, que é de S. Jerônimo. Tudo o demais é tirado da versão grega, na qual se acham as coisas nos seus respectivos lugares e capítulos dêste livro, conforme a série histórica. — Pereira.

(2) COM TÔDA A FIDELIDADE TRASLADEI O QUE SE ACHA NO HEBRAICO, ETC. — Esta nota e as seguintes que vão em grifo por entre o texto, são de S. Jerônimo, tradutor do livro de Ester, segundo o hebreu.

águas em grandíssima abundância: E' Ester, a qual o rei tomou por mulher, e quis que fôsse rainha.

7 Os dois dragões: Sou eu, e Aman.

8 As gentes que se ajuntaram: São aquêles que intentaram apagar o nome dos judeus.

9 E o meu povo é o de Israel, o qual clamou ao Senhor, e o Senhor salvou o seu povo: E nos livrou de todos os males, e fêz grandes demonstrações e portentos no meio das nações:

10 E mandou que houvesse duas sortes, uma para o povo de Deus e outra para tôdas as gentes.

11 E uma e outra sorte saiu para tôdas as gentes diante do Senhor no dia sinalado já desde aquêle tempo:

12 E o Senhor se lembrou do seu povo: E teve misericórdia da sua herança.

13 E se observarão êstes dias no mês de Adar, o dia catorze e o quinze do mesmo mês, com tôda a devoção, e júbilo do povo que se congregará em um ajuntamento perpétuamente por tôdas as gerações do povo de Israel.

CAPÍTULO 11

SONHO DE MARDOQUEU.

1 No ano quarto reinando Ptolomeu, e Cleópatra, Dositeu, que se dizia ser sacerdote, e da linhagem de Levi, e Ptolomeu seu filho trouxeram esta carta de furim, que disseram haver sido traduzida em Jerusalém por Lisímaco, filho de Ptolomeu. (1)

(1) **NO QUARTO ANO REINANDO PTOLOMEU, ETC.** — Os intérpretes modernos convêm bastantemente entre si, que êste rei foi Ptolomeu Filopator, cujo ano quarto coincide com o ano 17 antes da era de Cristo. Onias e Dositeu eram os generais das suas tropas, êste último foi o que trouxe de Jerusalém a tradução do

* *Êste princípio estava também na edição Vulgata, o qual não se acha nem no hebreu nem tampouco em algum dos intérpretes.*

2 No ano segundo, reinando o mui grande Artaxerxes, no primeiro dia do mês de Nisan, viu um sonho Mardoqueu filho de Jair, filho de Semei, filho de Cis, da tribo de Benjamim:

3 Homem judeu, que morava na cidade de Susa, varão grande, e dos primeiros da côrte do rei.

4 E era do número dos cativos que Nabucodonosor rei de Babilônia havia trazido de Jerusalém com Jeconias rei de Judá:

5 E o seu sonho foi êste: Pareceu-lhe ouvir vozes, e estrondos, e trovões, e terremotos, e perturbação sôbre a terra:

6 E eis que apareceram dois grandes dragões a ponto de combater um contra outro.

7 Ao estrépito dêles se moveram tôdas as nações, para fazer guerra contra a nação dos justos. (2)

8 E foi aquêle um dia de trevas e de perigo, de tribulação e de angústia, e houve grande temor sôbre a terra.

9 E conturbou-se a nação dos justos temendo os seus males, e preparada para morrer.

10 E clamaram a Deus: E quando êles levantavam o grito, uma pequena fonte se fêz um rio muito grande, e derramou águas em grandíssima abundância.

livro de Ester, que do hebreu, ou do caldeu, fizera para o grego Lisímaco, e os judeus de Alexandria em reconhecimento dêste presente, apontaram nesta nota, que não é nem do original, nem do tradutor, o ano em que êles o tinham recebido, e os nomes dos que lho tinham trazido. Calmet.

(2) **CONTRA A NAÇÃO DOS JUSTOS** — Isto é, dos judeus que se chamavam justos por oposição aos idólatras. Sacy.

11 Nasceu a luz e o sol, e os humildes foram exaltados, e devoraram aos grandes.

12 Quando Mardoqueu viu isto, levantou-se de seu leito, e andava considerando no que queria Deus fazer: E levava isto gravado no seu coração desejando saber que poderia significar o sonho.

CAPÍTULO 12

DESCOBRE MARDOQUEU A CONSPIRAÇÃO MAQUINADA PELOS EUNUCOS CONTRA O REI, COMO SE VÊ DO CAPÍTULO SEGUNDO.

1 E morava então na cõrte do rei com Bagata e Tara eunucos do rei, os quais eram porteiros do palácio.

2 E havendo entendido os seus pensamentos, e conhecido exatamente os seus desígnios, averiguou que intentavam pôr a mão no rei Artaxerxes, e se avisou disso ao rei.

3 O qual, feito o processo aos dois, depois de confessarem, os sentenciou à morte.

4 E o rei fêz escrever nos Anais o que havia passado: E Mardoqueu o fêz também por escrito para memória do caso.

5 E ordenou-lhe o rei, que vivesse em um quarto do palácio, dando-lhe presentes pelo aviso.

6 Mas Aman, filho de Amadati bugou, estava em grande crédito para com o rei, e quis arruinar a Mardoqueu, e ao seu povo por causa dos dois eunucos do rei, que haviam sido mortos.

Até aqui o Proêmio.

O que se segue estava pôsto naquele lugar do livro onde se acha escrito.

Ester 13, 1-5

E saquearam seus bens, ou suas riquezas.

O que sòmente na edição Vulgata temos achado.

E êste era o traslado da carta.

CAPÍTULO 13

TRASLADO DA CARTA DO REI ENVIADA POR AMAN AOS GOVERNADORES DAS PROVÍNCIAS, ACERCA DO EXTERMINIO DOS JUDEUS; E A ORAÇÃO DE MARDOQUEU PELO SEU LIVRAMENTO.

1 O mui grande rei Artaxerxes desde a Índia até à Etiópia, aos príncipes e governadores das cento e vinte e sete províncias, que estão sujeitas ao seu império, saúde.

2 Tendo eu o império de muitíssimas nações, e havendo submettido ao meu domínio tôda a terra, jamais quis em modo algum abusar da grandeza do meu poder, senão governar com clemência e com mansidão aos meus vassalos, para que, passando a vida com sossêgo sem mêdo algum, gozassem a paz que apeteceem todos os mortais.

3 E perguntando eu aos do meu conselho, como poderia isto conseguir-se, um que excedia aos demais em sabedoria, e fidelidade e era o segundo depois do rei, chamado Aman,

4 me significou que havia um povo disperso por tôda a terra, que seguia umas novas leis, e que opondo-se ao costume de tôdas as gentes desprezava as ordens dos reis, e alterava com as suas discórdias a paz de tôdas as nações.

5 Do que tudo tendo-nos nós inteirado, vendo que uma só nação contrária a todo o gênero de homens segue leis perversas, e se opõe a nossos mandamentos, e per-

turba a paz e concórdia das províncias que nos estão sujeitas,

6 temos ordenado que todos os que sinalar Aman, que tem a inspeção de tôdas as províncias, e é o segundo depois do rei, e a quem honramos em lugar de pai sejam exterminados por seus inimigos juntamente com suas mulheres e filhos no dia catorze do mês duodécimo de Adar dêste ano, sem que dêles se compadeça alguém:

7 Para que êstes homens malvados perecendo em um mesmo dia, restituaem ao nosso império a paz, que haviam perturbado.

Até aqui o traslado da carta.

O que se segue, o achei escrito naquele lugar, onde se lê:

E foi Mardoqueu, e fêz tudo o que Ester lhe tinha mandado.

Mas isto não se acha no texto hebraico, nem se refere em algum dos intérpretes.

8 E Mardoqueu fêz oração ao Senhor, trázendo à memória tôdas as suas obras,

9 e disse: Senhor, Senhor Rei Onipotente, porque no teu poder estão postas tôdas as coisas, e não há quem possa resistir à tua vontade, se tens determinado salvar Israel.

10 Tu fizeste o Céu e a terra, e tudo quanto se contém no âmbito do Céu.

11 Tu és Senhor de tôdas as coisas, e não há quem resista à tua majestade.

12 Tu tudo conheces, e sabes que não por soberba nem por desprêzo, nem por alguma cobiça de glória tenho feito isto, de não adorar ao altivo Aman,

13 (porque pela salvação de Israel pronto estaria a beijar com gôsto os vestígios das suas pisadas),

14 mas temi trasladar para um homem a honra

Ester 13, 15-18; 14, 1-5

de meu Deus, e adorar a outro algum, que não fôsse o meu Deus.

15 E agora tu, ó Senhor Rei, Deus de Abraão, tem misericórdia do teu povo, porque nossos inimigos querem acabar e destruir a tua herança.

16 Não desprezes a tua porção, que para ti resgataste do Egito.

17 Escuta os meus rogos, e mostra-te propício à tua sorte e herança, e muda o nosso pranto em gozo, para que vivendo louvemos, Senhor, o teu nome, e não feches a bôca dos que te louvam.

18 E todo o Israel clamou do mesmo modo ao Senhor orando com um mesmo coração, porque uma morte inevitável os ameaçava.

CAPÍTULO 14

LUTO E PRANTO DE ESTER, A QUAL EM ESPÍRITO DE HUMILDADE FAZ ORAÇÃO AO SENHOR.

1 A rainha Ester, temendo o perigo que estava iminente, recorreu ao Senhor.

2 E tendo deposto os vestidos reais, tomou um traje próprio de pranto e luto, em lugar de variedade de ungüentos, cobriu a sua cabeça de cinza e de pó, e humilhou o seu corpo com jejuns: E todos os lugares em que antes costumava alegrar-se, encheu dos cabelos que arrancava.

3 E orava ao Senhor Deus de Israel, dizendo: Meu Senhor, tu que só és nosso rei, socorre-me a mim desamparada, e que não tenho outro favorecedor fora de ti.

4 O meu perigo está nas minhas mãos.

5 Eu ouvi contar a meu pai, como tu, ó Senhor,

tomaste a Israel de entre tôdas as nações, e a nossos pais de entre todos os seus maiores que haviam sido antes, para os possuíres por herança eterna, e obraste com êles assim como o havias prometido.

6 Pecamos em tua presença, e por isso nos entregaste nas mãos de nossos inimigos:

7 Porque temos adorado os seus deuses. Justo és, ó Senhor:

8 E agora não se contentam só com oprimir-nos com uma escravidão mui dura, senão que atribuindo ao poder dos seus ídolos a força das suas mãos,

9 pretendem transtornar as tuas promessas, e destruir a tua herança, e fechar as bôcas dos que te louvam, e extinguir a glória do teu templo e do teu altar, (1)

10 para abrir as bôcas dos gentios, e que louvem o poder dos seus ídolos, e engrandeçam para sempre a um rei mortal.

11 Não entregues, Senhor, o teu cetro aêques que não são nada, para que não escarneçam da nossa ruína: Mas volta contra êles os seus designios, e destrói aquêle que tem começado a ser cruel contra nós.

12 Lembra-te de nós, Senhor, e mostra-nos a tua face no tempo da nossa tribulação, e dá-me força, Senhor rei dos deuses, e de tôdas as potestades: (2)

13 Põe na minha bôca palavras próprias na presença do leão, e muda o seu coração para que aborreça

(1) **A GLÓRIA DO TEU TEMPLO E DO TEU ALTAR** — O templo do que a rainha Ester fala neste lugar, era o que Dario Histaspes havia dado ordem que se reedificasse em Jerusalém alguns anos antes, e pelo qual o mesmo Mardoqueu havia feito jornada com outros muitos às ordens de Zorobabel. — Pereira.

(2) **SENHOR REI DOS DEUSES** — Isto é, dos príncipes e dos grandes da terra, que na Escritura se chamam deuses. O grego lê Senhor rei das nações. Tirino.

Ester 14, 14-19

ao nosso inimigo, e que êste pereça, e os demais, que estão de acôrdo com êle. (3)

14 E livra-nos com a tua mão, e socorre-me, que não tenho outro auxílio, senão a ti, Senhor, que conheces tôdas as coisas,

15 e sabes que aborreço a glória dos iníquos, e detesto o leito dos incircuncisos, e de todo o estrangeiro.

16 Tu sabes a minha necessidade, e que abomino o distintivo da soberba e da minha glória, que levo sôbre a minha cabeça nos dias em que devo comparecer em público, que detesto como um pano asqueroso, e que não o levo, nos dias do meu silêncio. (4)

17 E que não tenho comido na mesa de Aman, nem me tem servido de gôsto os convites do rei, nem tenho bebido vinho das libações: (5)

18 E que a tua serva, desde o dia em que foi trasladada para aqui até ao presente, nunca teve contentamento, senão em ti, Senhor Deus de Abraão.

19 Deus forte sôbre todos, ouve a voz daqueles, que não têm nenhuma outra esperança, e livra-nos da mão dos iníquos, e livra-me do meu temor.

(3) **NA PRESENÇA DO LEÃO** — Epíteto metafórico de Assuero, para indicar a sua fortaleza.

(4) **O DISTINTIVO DA SOBERBA, ETC.** — Entende-se da coroa real. — Pereira.

(5) **NEM TENHO BEBIDO VINHO DAS LIBAÇÕES** — Entende-se em geral das mesas profanas, e de tôdas as libações, e coisas oferecidas sôbre o altar dos ídolos, que expressamente são proibidas pela lei. — Pereira.

CAPÍTULO 15

POR ORDEM DE MARDOQUEU SE APRESENTA ESTER AO REI,
E AO VÊ-LO DESMAIA.

Também achei estas adições na edição Vulgata.

1 E enviou a dizer-lhe (sem dúvida que foi Mardoqueu a Ester) para que entrasse à presença do rei, e lhe rogasse pelo seu povo e pela sua pátria.

2 Lembra-te (lhe disse) dos teus dias humildes, e de como foste criada pela minha mão, pôsto que Aman, que é o segundo depois do rei, tem falado contra nós para nos fazer morrer:

3 Tu pois invoca ao Senhor, e fala por nós ao rei, e livra-nos da morte.

E assim mesmo também o que se segue.

4 E no dia terceiro deixou ela os vestidos em que ia, e adornou-se com os da sua glória.

5 E brilhando neste traje real, e invocando a Deus, que é governador e Salvador de todos, tomou duas das suas criadas,

6 e se ia firmando sobre uma, como se por delicadeza e demasiada debilidade não pudesse sustentar seu corpo:

7 E a outra criada ia detrás de sua senhora, levando-lhe a cauda que ia arrastando pela terra.

8 E ela banhado seu rosto em uma viva cor de rosa, e com os olhos engraçados e brilhantes, ocultava a tristeza do seu coração, penetrado de um vivo temor.

9 E tendo passado uma por uma tôdas as portas,

Ester 15, 10-19

sê pôs defronte do rei, onde êle estava sentado sôbre o sólio do seu reino, vestido de manto real, e resplandecendo com o ouro, e pedras preciosas, e o seu aspecto era terrível.

10 E havendo levantado o rosto, e manifestado em seus olhos cintilantes o furor de seu peito, desmaiou a rainha, e trocando-se a sua côr em palidez, deixou cair a sua cabeça vacilante sôbre a criada.

11 Mas Deus trocou em clemência o coração do rei, e apressurado e temeroso saltou do trono, e sustendo-a com seus braços, até que tornou em si, a animava com estas palavras:

12 Que tens, Ester? Eu sou o teu irmão, não temas. (1)

13 Não morrerás: Porque esta lei não foi estabelecida para ti, senão para todos.

14 Chega-te pois, e toca o cetro.

15 E como ela não falasse, tomou a vara de ouro, e pôs-lha sôbre o seu colo, e beijou-a, e disse: Por que não me falas a mim?

16 Ela lhe respondeu: Eu te vi, Senhor, como um anjo de Deus, e o meu coração se turbou com o temor da tua majestade.

17 Porque tu, Senhor, és em extremo admirável, e o teu rosto está cheio de graças.

18 E estando ainda falando desmaiou de novo, e ficou quase sem sentidos.

19 E o rei se perturbava, e todos os seus ministros a consolavam.

(1) **EU SOU TEU IRMÃO** — Palavras de que usa a Sagrada Escritura para significar o mais estreito amor assim como nos Cantares 8, 1 o espôso chama irmã, à espôsa santa. — **Pereira.**

CAPÍTULO 16

CARTA DE ASSUERO PELO LIVRAMENTO DOS JUDEUS, E
EXTERMINIO DOS SEUS INIMIGOS EM TÔDAS AS PROVÍNCIAS
DO REINO ANULANDO A CARTA DE AMAN.

** Cópia da carta do rei Artaxerxes, a qual enviou a tôdas as províncias do seu reino a favor dos judeus: A qual também se não acha no texto hebraico.*

1 O grande Artaxerxes rei desde a Índia até à Etiópia aos governadores e príncipes das cento e vinte e sete províncias que estão sujeitas ao nosso império, saúde.

2 Muitos têm abusado da bondade dos príncipes e das honras, que dêles têm recebido, para ensoberbecer-se:

3 E não só procuram oprimir os vassallos dos reis senão que não moderando êles a autoridade que receberam, armam traições contra os mesmos que lha deram.

4 E não se contentam com serem ingratos aos benefícios, e com violar em si mesmo os direitos da humanidade, senão que presumem também poder escapar do juízo de Deus que tudo vê.

5 E chegam a tal grau de loucura, que aos que cumprem exatamente com os cargos que lhes têm sido confiados, e procedem em tudo de sorte que se fazem dignos do comum aplauso, intentam arruinar com máquinas de mentira,

6 surpreendendo com cautelosa sagacidade os sinceros ouvidos dos príncipes, que julgam dos outros como de si mesmos.

7 O que se comprova já com as histórias antigas, já também com o que acontece cada dia, de modo que as

Ester 16, 8-16

boas inclinações dos reis se pervertem pelas más sugestões de alguns.

8 De onde se deve dar providência à paz de tôdas as províncias.

9 Nemi entendais, que se variamos as ordens, nasce isto da ligeireza ou inconstância do nosso ânimo, senão que acomodamos os juízos à condição e necessidade dos tempos, como o pede o bem da república.

10 E para que melhor entendais o que dizemos: Aman, filho de Amadati, macedônio de coração e de origem, e alheio do sangue dos persas, e que tem desacreditado a nossa piedade com a sua crueldade, sendo estrangeiro lhe demos acolhimento:

11 E depois de haver experimentado para consigo tão grande humanidade, que era chamado nosso pai, e adorado de todos depois do rei:

12 Êste chegou a tal extremo de arrogância, que intentou privar-nos do reino e da vida. (1)

13 Porque com inauditas e novas traças maquinou a morte a Mardoqueu, a cuja lealdade e benefício devemos a vida, e também à minha consorte no reino, Ester com tôda a sua nação.

14 Tendo em vista depois de os matar, de armar ciladas à nossa soidade, e trasladar o reino dos persas para os macedônios.

15 Porém nós não havemos achado a menor culpa nos judeus destinados a morrer pelo pior dos homens, antes pelo contrário seguem leis justas.

16 E que são filhos do Deus Altíssimo, onipotente, e que vive para sempre por cujo benefício foi dado o

(1) **QUE INTENTOU PRIVAR-NOS DO REINO E DA VIDA**
— Alude à conjuração que Mardoqueu descobriu de Bagatan e Tarés eunucos, amigos de Aman.

reino a nossos pais, e a nós mesmos, e até ao dia de hoje nos é guardado.

17 Pelo que deveis saber, que são de nenhum valor as cartas que êle expediu em nosso nome.

18 Por cuja maldade o mesmo que as maquinou, e tôda a sua parentela foram postos em patíbulo às portas desta cidade, isto é, de Susa, dando-lhe Deus, e não nós outros o castigo que merecia.

19 E êste edito que agora enviamos se afixará em tôdas as cidades, para que seja permitido aos judeus guardar as suas leis.

20 Aos quais deveis dar auxílio, para que no dia treze do mês duodécimo, que se chama Adar, possam dar morte àqueles que estavam prevenidos para lha dar a êles: (2)

21 Pois o Deus onipotente lhes trocou em dia de alegria êste, que o devia ser de tristeza e pranto.

22 Pelo que vós outros contaí também êste dia entre os outros dias solenes, e celebrai-o com tôda a alegria, para que se saiba também para o futuro,

23 como todos os que obedecem fielmente aos persas, recebem a recompensa digna pela sua fidelidade: E os que conspiram contra o seu reino, perecem pela sua culpa.

(2) POSSAM DAR MORTE, ETC. — Em tudo o que executaram Mardoqueu e Ester, devemos supor que obraram por divina inspiração. Dêste modo apartaremos tôda a suspeita de crueldade, e de vingança, fazendo reflexão que eram guiados por aquêlê Senhor, que havia dado ordem para passar à espada sem a menor exceção a todos os habitantes de Jericó, e a todos os povos, que possuíam a terra de Canaã. Deus, que é Senhor da vida dos homens, quis conservar ao seu povo o sossêgo, fazendo à vista de tôda a Pérsia um exemplar memorável de severidade, para reprimir com o temor a todos os que tanto aborreciam a êste seu povo.

Ester 16, 24

24 E tôda a província ou cidade que não quiser ter parte nesta solenidade, perecerá a cutelo e a fogo, e será de tal maneira exterminada, que fique para sempre despovoada não só de homens, senão também de feras, para escarmento dos contumazes, e dos desobedientes.

JÓ

INTRODUÇÃO

Caráter do livro de Jó — Este livro é ao mesmo tempo *histórico* e *didático*, e por isso está colocado entre os livros históricos, que são os que o precedem, e os didáticos que o seguem. Vigouroux, *Manuel Biblique*, considera-o como livro didático, já porque na sua quase totalidade se ocupa de questões morais, já porque está escrito em verso, como os Salmos e os Provérbios.

Opiniões diversas sobre o seu caráter histórico — Três opiniões podemos notar sobre o caráter histórico dêste livro. 1.º Segundo uns, é uma pura ficção, como pretende o judeu Samuel Bas Nachman, que diz no Talmude, *Babos Bathra*, 15 a “Jó nunca existiu; é um ente ideal, a sua história é uma parábola”. 2.º Outros, menos radicais, entendem que no livro de Jó há uma parte fictícia, fabulosa, e outra verdadeira. Podemos apresentar como corifeu desta opinião Lutero, que sustenta que, no livro de Jó, o romance se alia à história. 3.º A última opinião é a que tem este livro como histórico, opinião partilhada por judeus e cristãos.

Provas do caráter histórico do livro de Jó — 1.º A existência de Jó é atestada por muitos escritores sagrados. Ezequiel 14, 14. nomeia Jó a par de Noé e Daniel, e como não consta da existência de outro Jó senão o herói

dêste livro, segue-se que o autor o considera tanto como os outros nomeados. No livro de Tobias 2, 12 há uma referência clara e indúbia à paciência de Jó.

Ao mesmo Jó se refere da mesma maneira a Epístola de S. Tiago 5, 2, relembrando aos judeus a paciência de Jó, e a recompensa obtida pela sua virtude. Que prova mais concludente do que o Santo Apóstolo e aqueles a quem se dirigia acreditarem na existência real de Jó e por conseguinte na realidade histórica do livro que narra a sua vida? Como se compreenderia, no caso contrário, que exortasse os fiéis à imitação do exemplo dêste varão santo? Com razão diz Ceillier "*Certes il est contre toute sorte d'apparence que le Saint Esprit voulant proposer aux hommes l'exemple d'une patience consommée, ait emprunté pour cela une histoire feint... Un procédé de cette nature était également indigne de Dieu et inutile à l'homme.*" *Histoire générale des auteurs sacrés.*

2.º Os Padres da Igreja Orígenes, S. Cipriano, S. Basílio, S. Jerônimo, S. Ambrósio, S. Agostinho, S. Gregório Magno, falaram de Jó, nunca duvidando da sua existência. Bem sabemos que nem todos êstes escreveram *ex professo* sobre o livro de Jó, mas referiam-se a êle, citaram-no, mostrando assim a sua crença na autoridade dêste livro. O segundo concílio de Constantinopla condena solenemente o êrro de Teodoro, que ensinava que no livro de Jó havia narrações fabulosas. Mauri, *Hist. dos Concílios*, t. 9, col. 224, 225.

3.º Não é argumento de somenos importância o fato de estar inscrito nos mais antigos martirólogos o nome de Jó, tanto romanos como gregos. Êstes celebram a sua festa a 6 de maio, e os cristãos da Arábia, Etiópia, Egito, russos e latinos a 10 do mesmo mês.

4.º A análise intrínseca dêste livro e a aplicação das regras de boa hermenêutica convencem-nos que é um livro

verdadeiramente histórico. Indicam-se com precisão pessoas e circunstâncias de tempo e lugar, o que não sucede com as parábolas. Além dos nomes próprios de Jó e de sua mulher, ainda os de seus antepassados e amigos, a lista completa dos seus rebanhos, o nome da sua terra, etc. E' uma história minuciosa, em que se não omite o seu proceder íntimo com os seus filhos e criados, anos de sua existência, e outras particularidades que não podiam ser descritas numa narração fictícia.

5.º A única objeção séria que se pode apresentar contra o caráter histórico dêste livro é a sua forma literária. Mas, e esta é a opinião dos melhores intérpretes, pode-se crer que Jó, pronunciando o seu discurso, contasse a sua vida simplesmente e que a dicção pertença ao autor sagrado que o compôs, sem que isto autorize a considerar tôda a obra uma ficção poética.

Data da composição e autor do livro de Jó — A questão mais difficil relativa ao livro de Jó é a que respeita à data de composição e autor dêste livro. Uns attribuíram-no à pena e ao tempo de Moisés. S. Gregório Nazianzeno considera-o como obra de Salomão.

Outros querem que seja de Isaías; não falta quem assine o nome de Daniel; e Warburton pretendeu que fôsse escrito durante o cativo de Babilônia. Estas opiniões estão postas de parte, por falta de fundamento sério em que se baseiem. A leitura atenta do livro pode conduzir-nos a indicar com alguma segurança o tempo em que foi redigido, mas não certeza. O estilo, os conhecimentos de astronomia, história natural, arquitetura, minas, uso de armas fazem-nos supor que foi composto êste livro à luz da civilização, num século instrutivo, e em que fôsse cultivada a poesia e a eloquência. Daqui se conclui com um tal ou qual fundamento que lhe quadra a época de Salomão, notável por tantos pro-

gredimentos, período áureo da história e da literatura hebraica. E sendo desta época, é verossímil atribuí-lo ao mesmo Salomão, porque ninguém, como êle, possuiu tão vastos e tão extensos conhecimentos dos assuntos indicados neste livro. Glaire, *Introduction à l'Ecriture Sainte*, t. 3 p. 380 apresenta uma opinião, sobremaneira sensata, e por isso muito aceitável. Diz o erudito crítico: "Para nós foi Jó quem compôs o fundo da obra, porque ninguém poderia com exatidão reproduzir todos os discursos, todos os diálogos e outras particularidades que aí se encontram; mas não admitimos que o escritor sacro que lhe deu a forma atual seja apenas um tradutor: é mais alguma coisa. Quanto ao nome dêste escritor, ou ao tempo em que viveu, podem os caracteres intrínsecos do poema fornecer-nos indícios, de que os críticos se têm servido para estabelecer as mais opostas opiniões. Nós não nos pronunciaremos sobre êste assunto, nem sobre o autor, nem sobre a época em que foi composto, dizendo apenas que os usos e costumes aí descritos remontam a tempos muito antigos." Vigouroux, ob. cit. apresenta a mesma conclusão. Natal Alexandre que apresenta uma extensa lista de opiniões diversas, que não reproduzimos, para que não se alongue esta introdução, conclui. *In tanta ergo opinio-num de auctore libri Job, nihil asserere, nise incertum esse a que scriptus fuerit; Historia Ecclesiastica. Veteris Novique Testamenti*, f. 271.

Escopo do livro de Jó — O fim do livro de Jó é a justificação da Providência e a solução do problema do mal no mundo. A ocasião das desgraças de Jó, a sua casa, a maneira como as suporta, a forma como os amigos as apreciam, a razão que Deus lhes dá, eis todo o livro.

Autenticidade e integridade do livro de Jó — 1.º Alguns autores atacaram a autenticidade do prólogo e

do epílogo, isto é, a narração histórica inicial e final. Mas isto seria sustentar que o autor faria uma composição sem princípio nem fim.

2.º Também, sem fundamento, atacaram a descrição do hipopótamo e do crocodilo, 40, 10. 19. 20; 41, 25; mas esta descrição está exata e bem disposta.

3.º Constatam alguns críticos a fidedignidade do discurso de Eliú. É certo que Eliú intervém improvisadamente; porém esta intervenção é justificada, porque ela vem, muito a propósito, fazer uma exposição completa, e uma interpretação segura de boa doutrina.

Canonicidade — O livro de Jó foi sempre universalmente reconhecido como canônico nas sinagogas e igrejas cristãs. Encontra-se nos catálogos dos judeus e está no primitivo cânon dos cristãos. Padres gregos e latinos admitiram unânimemente a sua canonicidade.

Belezas literárias do livro de Jó — Todos os críticos religiosos e profanos consideram unânimemente o livro de Jó como um magnífico monumento literário. Consideram-no alguns como uma excelente composição dramática, que excede os lances mais veementes de Ésquilo e de Sófocles "*Elucet quid quid tragædia vetus unquam Sophocleo vel Eschylo molita est Cothurno, infra magnitudinem, gravitatem, ardorem, animositatem horum affectuum infinitum, quantum subsidere.* Alb. Schulteus. *Praef. comment. in Job.* Rau exclama: "Tu, gênio divino, que produziste o poema de Jó, soubeste pintar com tanta verdade os erros da sabedoria humana, a persuasão duma Providência Infinita, que ninguém te excedeu: *Discours sur l'excellence et la perfection du talent poetique considerés dans les trois poëtes du premier ordre, l'auteur du livre de Job, Hamère et Ossian, traduit du latin de S. F. Rau, professeur à Leyde.* Da mesma maneira se exprime Niemeyer. *Caracteristiques de la Bible* e outros. Byron disse: Tive idéia de

compor um Jó, achei-o muito sublime; não há poesia que se lhe possa comparar. Medwin. *Journal of the Conversations of Lord Byron in 1821 and 1822. Paris 1824.*

Forma poética do livro de Jó — Excetuado o prólogo e o epílogo, todo o livro de Jó está escrito em verso. Como o característico de toda a poesia hebraica é o *parallelismo*, cada versículo se compõe de dois membros paralelos ou dois versos, quase sempre de sete sílabas. (1)

Alguns consideraram o poema de Jó como uma epopéia; hoje classificam-no como um drama, no sentido lato do termo.

O prólogo é uma exposição, ou introdução que lembra as exposições das tragédias de Eurípedes. Apresentado o enredo, desenvolve-se nas três discussões que se seguem, sob a forma de diálogos entre Jó e os seus amigos. Vem o discurso de Eliú aclarar o enredo; prepara-se a intervenção da Divindade, completada no epílogo. Assim a ação vai-se desenvolvendo e sempre num crescendo empolgante, despertando o interesse gradualmente.

Divisão do livro de Jó — Compõe-se de cinco partes. 1.º Prólogo, cc 1e 2. 2.º Discussão entre Jó e seus três amigos, cc. 3 a 31. 3.º Discurso de Eliú, cc. 32 a 37. 4.º Aparição de Deus, cc. 38 a 42. 5.º Epílogo, c. 42, vv. 7 a 16.

(1) No entender de todos os orientalistas a característica particular da poesia hebraica, que lhe imprime uma feição muito própria, é o *parallelismo*, que consiste na correspondência dum verso com outro, por exemplo Louvai ao Senhor todas as gentes — louvai-o todos os povos. *Laudate Dominum omnes gentes, laudate eum omnes populi.* Sl 116. Segundo Bickell, o verso hebreu tem um determinado número de sílabas sem distinção de breves ou longas; uma sílaba acentuada com uma não acentuada. O verso mais usado é o *heptassílabo*, ou de sete sílabas, de que é exemplo o livro de Jó, 3-42, 6. Bickell, *Metrices biblicæ regulæ exemplis illustratæ e Carmina Veteris Testamenti metricæ* 1882.

PRÓLOGO

- 1.º — Piedade de Jó, 1, 1-5.
- 2.º — Resolução que Deus toma de o experimentar, 1, 6-12.
- 3.º — Jó sofre sete sucessivas provas, cinco temporais, atingindo seus bens e pessoa, e duas morais, a saber: as recriminações de sua mulher, e as acusações dos seus amigos, 2.

SEGUNDA PARTE

Primeira discussão: 1.º Monólogo de Jó, 3. — 2.º Discurso de Elifaz, 4-5. — 3.º Discurso de Jó e resposta de Elifaz, 6 e 7. 4.º Discurso de Baldad, 8. — 5.º Novo discurso de Jó, cc. 9 e 10. — 6.º Discurso de Sofar, 11. — 7.º Quarto discurso de Jó, respondendo a Sofar, 12 a 14.

Segunda discussão: 1.º Segundo discurso de Elifaz, 15. — 2.º Quinto discurso de Jó, 2, resposta de Elifaz, 16-17. — 3.º Discurso de Baldad, 18. — 4.º Sexto discurso de Jó, 19. — 5.º Discurso de Sofar, 20. — 6.º Sétimo discurso de Jó, 21.

Terceira discussão: 1.º Discurso de Elifaz, 22. — 2.º Resposta de Elifaz, 23-24. — 3.º Discurso de Baldad, 25. — 4.º Nono discurso de Jó, 26. — 5.º Décimo discurso de Jó, 27-28. — 6.º Décimo primeiro discurso de Jó, 29-31.

TERCEIRA PARTE

- 1.º — Discussão de Eliú, 32-33.

- 2.º — Nono discurso de Eliú. Apologia da justiça divina, 34.
- 3.º — Outro discurso de Eliú sobre a confiança com Deus, 35.
- 4.º — Outro discurso de Eliú. Teorias do arrependimento excitado pelas contrariedades, 36-37.

QUARTA PARTE

- 1.º — Intervenção de Deus, 38-41.
- 2.º — Resposta de Jó, 42, 1-6.

QUINTA PARTE

Epílogo, 42, 7-16.

Finda a prova por que Jó passou, Deus proclama a inocência do seu servo: Jó recebe o prêmio da sua singular virtude, ficando na posse do dôbro dos bens que tinha perdido, os quais gozou 140 anos, morrendo cheio de virtudes.

Jó

CAPÍTULO 1

ORIGEM DE JÓ. SUA VIRTUDE. SUAS RIQUEZAS. DEUS PERMITE AO DEMÔNIO QUE O TENTE. JÓ PERDE OS SEUS BENS, E OS SEUS FILHOS.

1 Havia um varão na terra de Hus, por nome Jó, e era este um varão sincero, e reto, e que temia a Deus, e se retirava do mal. (1)

(1) JÓ — O patriarca Jó é posterior a Abraão e Esaú, visto que dois dos seus amigos, Elifaz e Baldad, descendem de Abraão, o primeiro por Teman, filho de Esaú, o segundo por Suas, filho de Abraão e de Cetura. Parece porém que é anterior a Moisés, porque na sua história não se encontra nenhuma alusão aos fatos que se passaram durante e depois do Êxodo, enquanto que a cada passo se lêem referências a todos os acontecimentos notáveis precedentes, a criação, à queda do primeiro homem, aos gigantes, ao dilúvio, à destruição de Sodoma, etc. Também os críticos aludem à menção da antiga moeda qesitáh, citada apenas no Gên 33, 19, inferindo daí a sua existência ante-mosaica. Jó atingiu a avançada idade de duzentos anos, pois quando foi ferido pelas enormes adversidades, que puseram em evidência a sua virtude, deveria ter sessenta ou setenta anos, e depois viveu ainda cento e quarenta anos 42, 16.

HUS — Há duas opiniões principais sobre a situação deste país. 1.º Segundo uns, ficava nos confins da Iduméia, como expressamente afirmam os Setenta, provavelmente a sudeste de Judá. Cfr. Jer 25, 20. Todos os amigos de Jó eram árabes ou idumeus. Devia

Jó 1, 2-5

2 E nasceram-lhe sete filhos, e três filhas.

3 E possuía sete mil ovelhas, três mil camelos, e quinhentas juntas de bois, e quinhentas jumentas, e família numerosíssima: E êste varão era grande entre todos os orientais.

4 E seus filhos iam, e se banqueteavam em suas casas, cada um em seu dia. E mandavam convidar as suas três irmãs para virem comer e beber com êles.

5 E tendo decorrido o turno de dias de banquete, mandava Jó chamar a seus filhos, e os purificava, e levantando-se de madrugada oferecia holocaustos por cada um dêles. Porque dizia: Talvez que os meus filhos tenham pecado, e que tenham ofendido a Deus nos seus corações: Assim o fazia Jó todos os dias. (2)

habitar perto da Arábia ou da Iduméia; mas, adverte Vigouroux, Manuel Biblique, não basta para fixar rigorosamente o local onde se deram os fatos narrados. 2.º Na opinião de S. Jerônimo, seguida pelos melhores críticos modernos, a terra de Hus estava situada na parte setentrional do deserto da Arábia, o que parece confirmado pelo fato de Jó ser chamado Ben-Qêdon, palavra que designa propriamente os árabes. Cfr. Jer 49, 28; Josefo, Ant. Jud. 1; 6, 4. Ptolomeu 5, 19. A tradição síriaca e a tradição muçulmana colocam Hus no Haurau, perto de Damasco, no país chamado El-Bethenijé, onde está o mosteiro de Deir Ejub, levantado em honra do Santo patriarca.

(2) **TENHAM OFENDIDO A DEUS** — Assim traduziu o Padre Pereira a Vulgata *Et benedixerunt Deo in cordibus suis*. E justifica em nota a sua tradução com as seguintes palavras, que copiamos: — “E que tenham ofendido a Deus, etc. A nossa Vulgata diz aqui: *Et benedixerunt Deo in cordibus suis*. O que tomado à letra soa: E que tenham bendito a Deus nos seus corações. Mas vários intérpretes advertem, que por um hebraísmo freqüente na Escritura, se toma aqui o verbo de bendizer por antífrase num sentido contrário, por formar algum mau pensamento, como neste mesmo c. 1 v. 11, e no c. 2 v. 9, e como quando 3 Rs 21, 10, dizem os Baalitas que Nabot *Benedixit deum et regem*; querendo significar, que blasfema contra êles. — Pereira.” Esta opinião, porém, é

6 Mas um certo dia como os filhos de Deus se tivessem apresentado diante do Senhor, achou-se também entre êle Satanaz. (3)

7 E o Senhor lhe disse: Donde vens tu? Êle respondeu, dizendo: Girei a terra, e andei-a tôda.

8 E o Senhor lhe disse: Acaso consideraste tu a meu servo Jó, que não há semelhante a êle na terra, varão sincero e reto, e que teme a Deus, e que se afasta do mal?

9 Satanaz respondendo, disse: Acaso Jó teme de balde a Deus?

10 Não o circunvalaste tu a êle, e a sua casa, e a todos os seus bens, não tens abençoado as obras de suas mãos, e as suas possessões não têm crescido na terra?

11 Mas estende tu um pouco a tua mão, e toca em tudo o que êle possui, e verás se êle te não amaldiçoa na tua mesma cara.

12 Disse pois o Senhor a Satanaz: Olha, tudo o

seguida por vários comentadores. *Benedicero hic promitur pro maledicere*, Menochio, Martene e outros. Porém outros explicam esta passagem por esta forma: "Jó temia que êles pecassem quando bendiziam ao Senhor, por lhes faltar o sentimento da humanidade ou porque estivessem muito apegados às riquezas e aos prazeres imoderados." *Timebat ne etiam benedicendo Deo peccarent, nempe, propter divitias sive voluptates immoderate lactarentur. Deo que benedicerent quomodo illi praedatores Zac 2, 5, Ant. Pharisaeus in Luc 18, 11, et ne inflarentur Animi illorum ex opibus.*" Cfr. Cornélio a Lapide.

(3) **UM CERTO DIA** — No original hebraico está no dia, que parece designar não um dia indeterminado, mas um dia certo.

OS FILHOS DE DEUS — Os Setenta verteram os anjos! porque êstes são chamados *fili Dei Angeli boni hic no cantus filii Dei*, (Vatablo) e são assim chamados por causa da sua semelhança na criação, essencial, espiritual, etc. *Sic autem vocantur, propter creationem, essentiae spiritualis et voluntatis similitudinem, amorem, obedientiam et gratiam.* Tirino.

que êle tem está em teu poder: Sòmente não estendas a tua mão contra êle, e Satanaz saiu da presença do Senhor.

13 E um dia em que seus filhos e filhas estavam comendo e bebendo vinho em casa de seu irmão primogênito,

14 veio ter com Jó um mensageiro, que lhe disse: Os bois lavravam, e as jumentas pastavam junto a êles.

15 e vieram sôbre êles de repente os sabeus, e levaram tudo, e passaram à espada os criados, e só eu escapei para te trazer a nova. (4)

16 E estando ainda êste falando veio outro, e disse: Fogo de Deus caiu do céu, e ferindo as ovelhas, e aos pastôres os consumiu, e escapei eu só para te trazer a nova.

17 Ainda êste falava, e eis que chegou outro, e disse: Os caldeus se dividiram em três esquadrões, e se lançaram sôbre os camelos, e os levaram, e até também passaram à espada os criados, e só eu escapei para te trazer a nova. (5)

18 Ainda êste estava falando, e eis que entrou outro, e disse: Estando teus filhos e filhas comendo e bebendo vinho em casa de seu irmão mais velho,

19 de repente se levantou um vento muito rijo da banda do deserto; e abalou os quatro cantos da casa, a qual caindo esmagou a teus filhos e morreram, e só eu escapei para te trazer a nova.

(4) **OS SABEUS** — São uns povos da Arábia, descendentes de Saba, neto de Abraão, e de Cetura. Gên c. 25, v. 1, os quais em todos os tempos se ocuparam em roubos e piratarias. Menochio.

(5) **OS CALDEUS, ETC.** — Nos Setenta em lugar de caldeus se lê a gente do cavalo; como os caldeus estavam em grande distância da terra de Hus, forçosamente haviam de fazer as suas saídas e correrias a cavalo. Menochio.

20 Então se levantou Jó, e rasgou os seus vestidos, e, tosquiada a cabeça, prostrando-se em terra, adorou,

21 e disse: Nu saí do ventre de minha mãe, e nu tornarei para lá: O Senhor o deu, o Senhor o tirou: Como foi do agrado do Senhor, assim sucedeu: Bendito seja o nome do Senhor. (6)

22 Em tôdas estas coisas não pecou Jó pelos seus lábios, nem falou coisa alguma indiscreta contra Deus.

CAPÍTULO 2

JÓ FERIDO DUM HORROROSO MAL. SUA MULHER O INSULTA. SEUS AMIGOS, TENDO VINDO PARA O CONSOLAR, DEIXAM-SE ESTAR AO PÉ DELE, SEM DIZEREM PALAVRA.

1 E sucedeu que em certo dia viessem os filhos de Deus: E apresentando-se diante do Senhor, veio também Satanaz entre êles, e pôs-se na sua presença,

2 e disse o Senhor a Satanaz: Donde vens tu? Êle respondeu, dizendo: Girei a terra, e andei-a tôda.

3 E disse o Senhor a Satanaz: Não tens considerado ao meu servo Jó, que não há outro semelhante a êle na terra, varão sincero e reto, e que teme a Deus, e que se retira do mal, e que ainda conserva a sua inocência? Mas tu me tens incitado contra êle para o afligir em vão.

4 E Satanaz respondeu, dizendo: O homem dará pele por pele, e deixará tudo o que possui pela sua vida: (1)

(6) **E NU TORNAREI PARA LÁ, ETC.** — Quando morrendo tornar para o seio de outra mãe, da mãe comum, que é a terra, de que todos somos formados, e onde todos vamos na sepultura parar. — Pereira.

(1) **PELE POR PELE** — É um adágio tirado da permuta das coisas, querendo significar que, considerando a vida preciosíssima, daria tudo o que lhe fôsse exigido, isto é, daria a pele dos

5 E senão estende a tua mão, e toca-lhe nos ossos e na carne, e então verás se êle te não amaldiçoa cara a cara.

6 Disse pois o Senhor a Satanaz: Eis-aqui êle está debaixo da tua mão, mas guarda a sua vida. (2)

7 Tendo pois saído Satanaz da presença do Senhor, feriu a Jó duma chaga maligna, desde a planta do pé até o alto da cabeça: (3)

8 Jó assentado num monturo, raspava com um pedaço de telha a podridão. (4)

9 E sua mulher lhe disse: Ainda tu perseveras na tua simplicidade? Louva a Deus e morre.

10 Jó lhe respondeu: Falaste como uma das mulheres

bols, dos camelos, e até dos filhos pela sua própria pele, ou ainda a pele alheia pela sua.

(2) **GUARDA A SUA VIDA** — No latim está, *Animam illius serva*. Deus, segundo alguns exegetas, põe limites ao espírito maligno. Outros entendem que estas palavras se devem interpretar assim: “mas não lhe perturbes o espírito, não lhe turbes a razão”.

(3) **DESDE A PLANTA DO PÉ AO ALTO DA CABEÇA** — Segundo todos os caracteres indicados em várias passagens do livro de Jó, a doença de que êle foi atacado era a lepra nodosa, assim chamada porque se manifesta pela erupção de pústulas, que tem a forma de nós; cobre o corpo todo de chagas, e os pés e pernas cobertas de crostas incham descomunalmente, e daí lhe vem o nome de *elephantiasis*. As dores são horríveis, e o atacado experimenta uma fome insaciável, uma tristeza profunda, não pode falar, senão com dificuldade, havendo casos em que cal num mutismo completo, nem consegue facilmente conciliar o sono. E contudo êste horroroso estado pode prolongar-se vinte e mais anos. Her. De Elephantiasi Graecorum et Arabum, Breslau 1842. Por estar atacado de mal tão terrível teve de sair para fora da povoação, e aí se sentou no lugar a que a Vulgata chama *sterquilinio*.

(4) **NUM MONTURO** — Assim verteu o Padre Pereira o termo da Vulgata *sterquilinio*, no qual se sentava Jó, mas no texto do original lê-se que Jó se sentara sobre as cinzas, e a Revue ar-

tolas: Se nós temos recebido os bens da mão de Deus, por que não receberemos também os males? Em tôdas estas coisas não pecou Jó com os seus lábios.

11 Portanto três amigos de Jó tendo ouvido todo o mal, que lhe havia sucedido, vieram cada um do seu lugar a verem-no, Elifaz de Teman, e Baldad de Suas, e Sofar de Naamat. Porque se tinham ajustado para juntos o virem visitar, e para o consolarem.

12 Tendo pois de longe levantado os olhos, não o conheceram, e exclamando choraram, e rasgados os seus vestidos lançaram pó ao ar sôbre as suas cabeças.

13 E se assentaram com êle na terra sete dias e sete noites, e nenhum lhe dizia palavra: Porque viam que a dor era excessiva. (5)

cheologique, 1860 insere um artigo intitulado *Representation inédite de Job sur un sarcophage de Arlés* em que se descreve Jó sentado sôbre as cinzas. Esta diferença entre o original hebraico e a versão dos Setenta e a Vulgata explica-a do seguinte modo Wetzstein. "A entrada de tôdas as povoações de Hauran havia um lugar ondê se lançavam as imundícies dos estábulos e que se chama mézblé e que excede as mais elevadas construções da povoação. Aí eram queimadas e as cinzas foram-se aglomerando durante anos e séculos, e transformando-se, pela ação das chuvas, numa massa compacta, de elevada altura, servindo depois de lugar de observação e de reunião nas tardes de calor; para aí iam também, para esmolar, os leprosos, que se recolhiam de noite entre essas cinzas aquecidas pelo sol. Algumas povoações modernas foram construídas sôbre êstes antigos mézblé. Foi pois para um destes lugares que se retirou Jó". Notas do cônsul Wetzstein. Das *Buch Job*, pág. 365.

(5) **SETE DIAS** — Entendem os comentadores que não foram sete dias consecutivos e ininterruptos, mas que durante sete dias vinham ali freqüentes e demoradas vêzes. Toma-se o todo pela parte, o que é freqüente na Sagrada Escritura.

CAPÍTULO 3

JÓ AMALDIÇO A O DIA DO SEU NASCIMENTO, E CHORA A SUA MISÉRIA.

1 Depois disto abriu Jó a sua bôca, e amaldiçoou o dia do seu nascimento,

2 e falou assim:

3 Pereça o dia em que eu fui nado, e a noite em que se disse: Foi concebido um homem. (1)

4 Converta-se aquêlê dia em trevas. Deus desde o alto Céu não olhe para êle, nem êle seja esclarecido pela luz.

5 Escureçam-no as trevas, e a sombra da morte, cerque-o uma negra escuridão, e seja envolto em amargura.

6 Um tenebroso redemoinho ocupe aquela noite, não se conte entre os dias do ano, nem se numere entre os meses.

7 Seja aquela uma noite solitária, e não digna de louvor:

8 Amaldiçoem-na aquêles que amaldiçoam o dia, e os que estão prontos para sucitar a Leviatã: (2)

(1) PEREÇA O DIA — Este monólogo de Jó encerra três idéias principais: 1.ª Jó amaldiço a o dia em que nasceu, 3, 10. — 2.ª Lastima não ter morrido, 11, 19. — 3.ª Pergunta por que se deu a vida ao miserável. Jó tinha reprimido até ali a sua dor; porém agora rompe o silêncio com veemência. Queixa-se e dá a razão dos seus lamentos. Jó não é um estóico, um Titã ou um Prometeu revoltado, é um homem que sofre; a doença arranca-lhe gritos de angústia; mas conta sempre com a justiça de Deus. Sente vivamente o sofrimento; mas anima-o a confiança inabalável no Juízo do Senhor.

(2) LEVIATA — Isto é, o demônio. Per Leviathanem serpentem intelligo, cum multis viris doctis, diabolum. — Menochio.

9 Escureçam-se, as estrélas pela sua negridão: Ela espere a luz e não a veja, nem o nascimento da aurora quando raia:

10 Porque ela não fechou as portas do ventre que me trouxe, nem apartou de meus olhos os males.

11 Por que não morri eu dentro do ventre de minha mãe, por que não pereci tanto que saí dêle?

12 Por que fui recebido entre os joelhos? Por que me alimentaram com o leite dos peitos?

13 Porque agora dormindo estaria em silêncio, e descansaria no meu sono:

14 Juntamente com os reis e conselheiros da terra, que fabricam para si solidões. (3).

15 Ou com os príncipes, que possuem o ouro, e que enchem as suas casas de prata:

16 Ou como abôrto que se oculta não existiria, ou como os que depois de concebidos não viram a luz. (4).

17 Ali os ímpios cessaram de tumultos, e ali acharam descanso os cansados de fôrças. (5)

18 E os encarcerados em outro tempo estão já sem moléstia, nem ouviram a voz do exator. (6)

(3) **QUE FABRICAM PARA SI SOLIDÕES** — Menochio o entende dos que fabricam túmulos magníficos para elles sós; outros o entendem dos que fabricam casas de campo em sítios solitários; e também se pode entender dos que fundaram grandes cidades para adquirirem nome, ou dos que renovavam fortificações arruinadas para viver com segurança nelas. Jó mostra nisto que os homens na morte são todos iguais. — Pereira.

(4) **NÃO VIRAM A LUZ** — Segundo o sentir dos intérpretes, quer dizer os que não nasceram. *Non editi sunt in lucem, non nati.* — Menochio.

(5) **ALI OS ÍMPIOS CESSARAM DE TUMULTOS** — Isto é, na sepultura cessam por fim as maldades dos ímpios. — Pereira.

(6) **E OS ENCARCERADOS EM OUTRO TEMPO** — Jó não fala das penas da outra vida, mas de modo ordinário de falar, diz na morte se acabam os trabalhos desta vida. — Sacy.

19 O pequeno e o grande ali estão e, o escravo está livre de seu Senhor.

20 Por que foi concedida luz ao miserável, e vida aos que estão em amargura de ânimo?

21 Os que esperam a morte, e não lhes vem, como os que cavam em busca de um tesouro:

22 E que ficam transportados de alegria quando acham o sepulcro.

23 A um homem que não sabe o caminho, e a quem Deus cercou de trevas?

24 Suspiro antes de comer: E os meus gemidos são bem, como águas que inundam:

25 Porquanto o temor, que temia, me veio: E me aconteceu o que receava.

26 Porventura não dissimulei? Não me calei? Não estive sossegado? E veio sobre mim a indignação.

CAPÍTULO 4

ELIFAZ ACUSA A JÓ DE IMPACIÊNCIA. SUSTENTA QUE O HOMEM NÃO PODE SER ATRIBULADO, SENÃO PELOS SEUS PECADOS: E QUE JÓ NÃO SE DEVE CRER INOCENTE DIANTE DE DEUS.

1 Então respondendo Elifaz de Teman, disse: (1)

(1) **ELIFAZ** — Depois do monólogo de Jó, aparecem sucessivamente a falar os seus três amigos. Elifaz, grave, digno, mais refletido que os seus dois amigos, é o primeiro que fala, porque é o mais velho, 15, 10, e talvez por ser de Teman, cuja sabedoria é célebre. Jer 49, 7; Bar 3, 22. 23. Testemunha muita simpatia a Jó, em cuja inocência não crê, chegando a ser injusto com o Santo Patriarca. Enceta a discussão com um ar profético, filho da confiança que inspira a experiência.

TEMAN — Era a cidade real, onde estavam os príncipes da Iduméia.

2 Se começarmos a falar-te, talvez que tu o leves de má mente, mas quem poderá conter a palavra concebida!

3 Eis-aqui a ensinaste a muitos, e deste vigor a mãos cansadas:

4 As tuas palavras firmaram aos que vacilavam: E fortaleceste aos joelhos trêmulos.

5 Porém agora veio sobre ti o açoite, e desfaleceste: Feriu-te, e tu te perturbaste.

6 Onde está aquêlê teu temor, a tua fortaleza, a tua paciência, e a perfeição dos teus caminhos?

7 Lembra-te, te peço, que inocente pereceu jamais? Ou quando foram os justos destruídos? (2)

8 Antes bem tenho visto, que os que obram iniquidade, e semeiam dores, e as segam,

9 percceram a um assôpro de Deus, e foram consumidos pelo espírito da sua ira.

10 O rugido do leão, e a voz da leoa, e os dentes dos cachorros dos leões se quebraram. (3)

(2) **QUE INOCENTE PERECEU JAMAIS? OU QUANDO FORAM OS JUSTOS DESTRUÍDOS?** — Esta proposição é verdadeira respectivamente à vida eterna, mas não a este mundo, onde os justos vivem expostos à perseguição dos ímpios; é também falsa pela aplicação que Elifaz refere a Jó perseguido e aflito, pois o não é por castigo mas sim para ser provado. Advirta-se com Estio, Menochio, e outros graves intérpretes, que as palavras dos amigos de Jó não têm na Igreja autoridade de palavra de Deus, ainda que nelas se encontram muitas sentenças de que os autores eclesiásticos se têm servido, mas a maior parte delas eram applicadas a Jó, porque os seus amigos o reputavam um pecador, a quem Deus castigava. — *Pereira.*

(3). **O RUGIDO DO LEÃO** — E' uma expressão poética com que se representa o fim desgraçado do poder, violência e tirania dos grandes da terra, que compara aos leões e tigres. — *Tirino.*

11 O tigre morreu, porque não tinha presa, e os cachorros dos leões foram dissipados.

12 Mas a mim se me disse uma palavra em segredo, e os meus ouvidos como às furtadelas perceberam uma parte do seu ruído.

13 No horror duma visão noturna, quando o sono costuma ocupar os sentidos dos homens,

14 assaltou-me o medo, e o tremor, e todos os meus ossos estremeçeram.

15 E ao passar diante de mim um espírito, os cabelos da minha carne se arripiaram.

16 Parou diante um, cujo rosto eu não conhecia, um vulto diante dos meus olhos, e ouvi uma voz como de branda viração.

17 Porventura o homem, em comparação de Deus, será justificado, ou o varão será mais puro que o seu Criador?

18 Ainda os mesmos que o servem, não são estáveis, e entre os seus anjos achou crime:

19 Quanto mais aquêles que moram em casas de lodo, que tem o fundamento de terra, serão consumidos como pela traça? (4)

20 Da manhã até à tarde serão destroçados: E porque nenhum tem inteligência, perecerão para sempre.

21 Aquêles porém que dêles restarem, serão arrebatados: Morrerão e não em sabedoria. (5)

(4) **QUE MORAM EM CASAS DE LODO** — Entende-se que são formadas de terra, e expostas à podridão. — Menochio.

(5) **MORRERÃO E NÃO EM SABEDORIA** — Isto é, morrerão na mesma loucura em que viveram, sem sabedoria nem reflexão; nisto alude aos grandes da terra, que, preocupados do seu luzimento, correm na sua vaidade, sem saber discernir os verdadeiros bens dos males. — Calmet.

CAPÍTULO 5

ELIFAZ SUSTENTA QUE A PROSPERIDADE DOS ÍMPIOS SEMPRE É LOGO DISSIPADA. ELE EXORTA A JÓ, A QUE RECORRA A DEUS PELA PENITÊNCIA.

1 Chama pois, se há alguém que te responda, e volta-te para algum dos Santos. (1)

2 Certamente a ira mata o fátuo, e a inveja mata o pequeno. (2)

3 Eu vi o insensato com profundas raízes, e logo amaldiçoei o seu luzimento.

4 Longe estarão seus filhos da salvação, e serão pisados aos pés na porta, e não haverá quem os livre.

5 A sua messe comê-la-á 'o faminto, e o armado o arrebatará, e os sequiosos beberão as suas riquezas.

6 Nada se faz na terra sem causa, e da terra não nasce a dor.

7 O homem nasce para o trabalho, e a ave para voar.

8 Por isso eu rogarei ao Senhor, e a Deus dirigirei a minha fala:

9 O qual faz coisas grandes e impenetráveis e maravilhas sem número:

10 Que derrama a chuva sôbre a face da terra, e tudo rega com as águas:

11 Que exalta aos humildes, e aos tristes levanta com felicidade:

(1) **E VOLTA-TE PARA ALGUM DOS SANTOS** — Isto é, considera se algum dos santos foi castigado por Deus, como tu o tens sido, e reconhece que não és do número dos justos. — Estio.

(2) **CERTAMENTE A IRA MATA O FATUO, ETC.** — Elifaz chama aqui fátuo àquele que em lugar de reconhecer que os seus pecados são a verdadeira causa dos males que sofre, se queixa da Divina justiça. — Sacy.

12 Que dissipa os pensamentos malignos, para que as suas mãos não possam acabar o que tinham começado:

13 Que apanha os sábios na sua própria astúcia, e que dissipa o desígnio dos malvados:

14 De dia se verão em trevas, e ao meio-dia andarão às apalpadelas como de noite.

15 Porém êle salvará ao desvalido da espada da bôca dêles, e ao pobre da mão do homem violento.

16 E terá esperança o desvalido, e a iniquidade comprimirá a própria bôca.

17 Bem-aventurado o homem a quem Deus corrige. Não desprezes pois a correção do Senhor:

18 Porque êle fere, e cura: Dá o golpe, e as suas mãos curarão.

19 Em seis tribulações êle te livrará, e à sétima o mal não te tocará.

20 No tempo da fome êle te salvará da morte, e no tempo da guerra do poder da espada.

21 Estarás em seguro do açoite da língua, e não temerás a calamidade quando chegar.

22 Na desolação, e fome te rirás, não temerás as feras da terra.

23 Até farás concôrto com as pedras dos campos. e as feras da terra te serão pacíficas.

24 E saberás que há paz na tua casa; e visitando a tua espécie, não pecarás. (3)

(3) **E VISITANDO A TUA ESPÉCIE** — Entende-se que visitando a sua morada, filhos e família disposta em boa ordem, terá muitos motivos de dar graças a Deus pelos benefícios recebidos. Ou, segundo o hebreu: "E tu visitarás a tua morada, e não pecarás", isto é, "governarás a tua casa com justiça, e verás com alegria a tua família bem regulada e próspera, e não se frustrará a tua esperança" — Calmet.

25 E saberás também que se multiplicará a tua descendência, e a tua posteridade como erva da terra.

26 Entrarás com abundância na sepultura, como se recolhe o montão de trigo a seu tempo.

27 Olha, que isto é assim, como temos alcançado: O que tens ouvido, medita-o no entendimento.

CAPÍTULO 6

JUSTIFICA JÓ AS SUAS QUEIXAS. DESEJA MORRER, POR NÃO PERDER A PACIÊNCIA. ESTRANHA EM SEUS AMIGOS A INJUSTIÇA DAS SUAS ACUSAÇÕES.

1 Jó pois respondendo, disse:

2 Oxalá se pesassem numa balança os meus pecados, pelos quais mereci a ira: E a calamidade que padeço. (1)

3 Ver-se-ia que esta era mais pesada que a areia do mar: Pelo que as minhas palavras estão também cheias de dor:

4 Porque as setas do Senhor estão em mim cravadas, e a malignidade delas devora o meu espírito, e terrores do Senhor combatem contra mim.

5 Porventura ornejará o onagro, quando tiver erva? ou mugirá o boi quando tem diante a manjedoura cheia?

6 Ou poderá comer-se a vianda insulsa, que não foi

(1) **OXALÁ SE PESASSEM NUMA BALANÇA** — O hebreu e os Setenta lêem: "Oxalá que tôdas as minhas queixas se pudessem pôr em uma balança, e os males que padeço em outra, e ver-se-ia que as minhas aflições e trabalhos pesam mais que a areia do mar". Jó neste capítulo responde aos cargos que lhe tinha feito Elifaz, de que ele era castigado por causa das suas culpas; Jó não diz que não seja pecador, mas que as suas culpas têm tanta desproporção dos males que padece, como toda a areia do mar, em comparação do peso que se pode pôr em uma balança. — Calmet.

temperada de sal? ou pode alguém gostar o que mata a quem o come?

7 As coisas que antes não queria tocar a minha alma, agora pela aflição são o meu sustento.

8 Quem dera que se cumprisse a minha petição: E que Deus me concedesse o que espero?

9 E aquêlê que começou, êsse mesmo me fizesse em pó: Que soltasse a sua mão, e me cortasse pela raiz? (2)

10 E esta seria a minha consolação, que afligindo-me com a dor, não me perdoasse, nem eu contraditaria as palavras do Santo. (3)

11 Pois que fortaleza é a minha para poder sofrer? ou qual o meu fim, para me portar com paciência? (4)

12 Nem a fortaleza das pedras é a minha fortaleza, nem a minha carne é de bronze.

13 Bem vêdes que eu não acho socorro em mim, e que até os meus próximos me têm desamparado.

14 Aquêlê que não tem compaixão de seu amigo, abandona o temor do Senhor.

(2) **E AQUELE QUE COMEÇOU** — Isto é, o Senhor que me chagou todo, levantando a sua mão contra mim, a deixe cair e acabe com a minha vida temporal, ou se a sua divina justiça não está ainda satisfeita, continue o Senhor em afligir-me. — Calmet.

(3) **QUE AFLIGINDO-ME COM A DOR NÃO ME PERDOASSE** — Não quero, diz Jó, opor-me à vontade do santo por essência, que assim me castiga, antes desejaria, que agravando-se mais a sua cólera, acabasse comigo, e eu morresse perfeitamente resignado com a sua Divina vontade. — Pereira.

(4) **POIS QUE FORTALEZA É A MINHA** — Neste vers. pergunta Jó se há proporção entre as aflições que padece e as suas forças, ou paciência precisa para as sofrer sem impaciência; e conhecendo que as suas forças não são suficientes para persistir na sua constância, pede a Deus a morte para que não suceda cair em tentação. — Sacy.

15 Meus irmãos passaram ao longe de mim, como a torrente que arrebatadamente corre pelos vales.

16 Os que temem a geada, cairá sobre eles neve. (5)

17 No tempo em que fôrem dissipados, perecerão: E logo que vier o calor, desaparecerão do seu lugar.

18 Embaraçadas são as veredas dos seus passos: Andarão sobre o vácuo, e perecerão.

19 Considerai as veredas de Tema, os caminhos de Saba, e esperai um pouco.

20 Eles ficaram confusos, porque esperei: Vieram também até perto de mim, e ficaram cobertos de pejo.

21 Agora viestes: E tanto que viste a minha chaga tivestes medo.

22 Acaso disse-vos eu: Trazei-me, e dai-me dos vossos bens?

23 Ou, livrai-me da mão do inimigo, e tirai-me do poder dos valentes.

24 Ensinai-me, e eu me calarei: E se eu talvez ignorei alguma coisa, instruí-me.

25 Porque murmurastes vós de umas palavras de verdade, não havendo de vós algum que me possa argüir?

26 Compondes discursos somente com o fim de increpar, e proferis palavras ao vento.

27 Arremeteis contra um pupilo, e esforçai-vos por arruinar o vosso amigo.

28 Com tudo isso acabai o que começastes: Aplicaí o ouvido, e vêde se eu minto.

29 Respondei vos peço sem contenda: E dizendo o que é justo, julgai.

(5) OS QUE TEMEM A GEADA — Isto é, os que, assustados com a desgraça de um amigo, o desamparam, por evitar um pequeno mal, vão a cair em maiores males e trabalhos. Os Setenta lêem assim: "Os que dantes me respeitavam, se lançam agora sobre mim, como a névoa, a geada". — Calmet.

30 E não achareis iniquidade alguma na minha língua, nem na minha boca soará estultícia alguma.

CAPÍTULO 7

JÓ DESCREVE AS CALAMIDADES DA VIDA HUMANA. ELE REPRESENTA AO SENHOR A SUA MISÉRIA, E FRAQUEZA, E LHE PEDE PERDÃO DE SEUS PECADOS.

1 A vida do homem sobre a terra é uma guerra: E os seus dias são como os dias dum jornaleiro. (1)

2 Assim como o escravo deseja a sombra, e como o jornaleiro espera pelo fim do seu trabalho: (2)

3 Assim também eu tive meses vazios, e noites trabalhosas contei para mim. (3)

4 Se durmo, digo: Quando me levantarei eu? E de novo esperarei a tarde, e fartar-me-ei de dores até à noite.

5 A minha carne está coberta de podridão e de imundícia do pó, a minha pele se secou, e se encolheu.

6 Os meus dias passaram mais depressa do que a teia é cortada pelo tecelão, e consumiram-se sem nenhuma esperança.

(1) **A VIDA DO HOMEM** — A vida humana é como uma contínua guerra, ou, segundo lêem os Setenta, um lugar de tentação, onde o homem sempre está em perigo de pecar, e esta é uma das causas por que Jó desejava a morte. — Pereira.

(2) **ESPERA PELO FIM DO SEU TRABALHO** — Isto é, segundo os Setenta, pela paga do seu trabalho.

(3) **EU TIVE MESES VAZIOS** — Isto é, sem descanso, e consolação, mas de aflicção e tristeza. Daqui se infere que a moléstia de Jó fôra prolongada. Passei muitas vezes esperando em vão pela morte, para me aliviar dos meus trabalhos. — Sacy.

7 Lembra-te que a minha vida é um assôpro, e que os meus olhos não tornarão a ver os bens. (4)

8 Nem me verá mais vista de homem: Teus olhos estão sôbre mim, e não subsistirei.

9 Assim como se desfaz a nuvem, e passa: Assim aquêlê que descer aos infernos, não subirá. (5)

10 Nem tornará mais a sua casa, nem o lugar onde estava o conhecerá jamais.

11 E por isso não reprimirei a minha língua, falarei na tribulação do meu espírito, conversarei com a amargura da minha alma.

12 Acaso sou eu o mar, ou baleia, para tu me teres encerrado como num cárcere? (6)

13 Se eu disser: Consolar-me-á o meu leito, e terei alívio falando comigo mesmo na minha cama:

14 Tu me assustarás com sonhos, e me horrorizarás com espantosas visões.

15 Por isso mesmo escolheu a minha alma um laço, e os meus ossos a morte. (7)

(4) **LEMBRA-TE, ETC.** — Aqui dirige Jó as suas palavras a Deus.

(5) **ASSIM AQUELE QUE DESCER AOS INFERNOS NÃO TORNARÁ A SUBIR** — A palavra inferno toma-se ordinariamente na Escritura por sepultura, como já noutros lugares se advertiu. Ita vocatur respectu corporis omnis locus qui non vitæ conservandæ, sed destruendæ, est. — Lapide.

(6) **A BALEIA** — A palavra hebraica significa geralmente todo o animal monstruoso da terra, ou do mar. O sentido d'êste versículo é êste: Acaso sou eu tão bravo como o mar, que precise limites para conter-me, ou como uma fera, que precise estar encerrado com tanto apêrto. — Sacy, segundo Lapide e Martene.

(7) **POR ISSO ESCOLHEU MINHA ALMA UM LAÇO** — Jó expressa aqui o desejo que a veemência do mal excitara no seu animo, preferindo morrer numa cruz, do que sofrer um tormento e uma morte contínua nos seus ossos. O latim stipendium, que o

16 Perdi as esperanças, não viverei jamais. Perdoa-me, que nada são os meus dias.

17 Que coisa é o homem para o engrandeceres? e por que pões sôbre êle o teu coração?

18 Tu o visitas pela manhã, e de repente o experimentas: (8)

19 Até quando me não perdoarás e não permitirás que eu trague a minha saliva? (9)

20 Pequei, que te farei eu, ó Libertador dos homens? por que me puseste contrário a ti, e me tenho feito pesado a mim mesmo?

21 Por que não me tiras o meu pecado, e por que não apagas a minha iniquidade? eis-aí vou agora dormir no pó: E se tu me buscares pela manhã, não subsistirei.

CAPÍTULO 8

BALDAD SUSTENTA QUE AS INFELICIDADES DE JÓ SÃO PENA DE SEUS PECADOS. TRATA DE HIPOCRISIA A VIRTUDE DE JÓ, E O EXORTA A QUE RECORRA A DEUS.

1 Respondendo pois Baldad Suita, disse: (1)

padre Pereira verteu por laço, significa, no entender dos intérpretes, morte violenta e cruel. Mortem violentam vel durissimam. — Junio.

(8) **TU O VISITAS PELA MANHÃ** — Isto é, desde os primeiros instantes da sua vida. — Sacy.

(9) **ATÉ QUANDO ME NÃO PERDOARÁS?** — E' como se Jó dissesse: "Deus meu, estas provas são muito fortes para a fraqueza em que estou, temo ceder a elas, se não afrouxas um pouco, e me não permites ao menos de respirar." — Pereira.

(1) **BALDAD** — Etimologicamente este nome significa filho do respeito. Este segundo amigo de Jó não tem originalidade nem grande independência; baseia o que diz nos ditames da antiguidade e na autoridade de Elifaz, seu amigo mais idoso. Mostra um temperamento mais violento do que o de Elifaz; tem menos argu-

2 Até quando falarás tu semelhantes coisas, e as palavras da tua boca serão um espírito multiplicado?

3 Porventura Deus perverte seus juízos? ou o Todo-Poderoso destrói o que é justo?

4 Ainda que teus filhos hajam pecado contra êle, e os haja deixado no poder da sua iniquidade:

5 Contudo se tu te levatares pela manhã para Deus, e humilde rogares ao Onipotente:

6 Se caminhares com limpeza e retidão, logo despertará para te acudir, e fará pacífica a morada da tua justiça:

7 De tal sorte, que se os teus princípios tiverem sido pequenos, também os teus fins crescerão com excesso.

8 Pergunta pois às gerações passadas, e examina com cuidado as memórias de nossos pais:

9 (Porque nós somos de ontem, e o ignoramos, porquanto os nossos dias passam como a sombra sôbre a terra).

10 E êles te instruirão, te falarão, e do seu coração tirarão palavras.

11 Porventura um junco pode conservar-se verde sem umidade? ou crescer um canavial sem água?

mentos e mais invectivas; a sua linguagem é pobre e a sua palavra não é carinhosa. Baldad tomou a resposta de Jó a Elifaz como uma acusação de injustiça contra Deus. O pensamento dominante de todo o arrazoado de Baldad é fazer com que Jó acredite que a felicidade dos maus não é perdurável, e que Deus pune àqueles que merecem castigo, invocando o testemunho das passadas gerações. A seqüência das suas idéias é esta: 1.º Censura Jó que falou de Deus com menos respeito, no seu entender, 2, 7. — 2.º Apêlo ao sentimento das passadas gerações, que atestam que os maus são votados à perdição, 8, 19. — 3.º Horizonte de felicidade que se descobre para Jó, se êste se converter, 20, 22.

12 Quando ainda está em flor, sem que mão lhe toque, se seca antes que as outras ervas:

13 Assim são os caminhos de todos os que se esquecem de Deus, e a esperança do hipócrita perecerá:

14 A êle mesmo lhe não agradará a sua loucura, e como a teia de aranhas é a sua confiança.

15 Se estribará sôbre a sua casa, e não permanecerá: Pôr-lhe-á espeque e não se levantará:

16 Uma planta se vê fresca antes que venha o sol, e quando êle nasce brotará o seu pimpolho.

17 As suas raízes se condensarão entre um montão de pedras, e ficará entre penhascos.

18 Se alguém a arrancar do seu lugar, a desconhecerá, e dirá: Não te conheço.

19 Esta pois é a alegria do seu caminho, que de novo brotem da terra outros pimpolhos.

20 Deus não rejeitará ao homem sincero, nem dará a mão a malignos:

21 Até que a tua bôca se encha de riso, e os teus lábios de júbilo:

22 Os que te aborrecem serão cobertos de confusão: E a casa dos ímpios não subsistirá.

CAPÍTULO 9

JÓ CONFESSA QUE DEUS É INFINITAMENTE JUSTO NOS SEUS JUÍZOS. EXALTA A SABEDORIA E O PODER DO SENHOR. HUMILHA-SE, E CONFUNDE-SE DIANTE DELE. PEDE-LHE QUE LHE CONCEDA ALGUM ALÍVIO.

1 E respondendo Jó, disse:

2 Eu sei verdadeiramente, que isto é assim, e que o homem comparado com Deus não é justo. (1)

(1) **EU SEI VERDADEIRAMENTE QUE ISTO É ASSIM —**

3 E se quizer disputar com Deus, não lhe poderá responder por mil coisas uma sequer.

4 Êle é sábio de coração, e forte em poder: Quem lhe resistiu e ficou em paz?

5 Êle transferiu os montes, e aquêles mesmos que subverteu no seu furor, não o conheceram.

6 Êle move a terra do seu lugar, e as suas colunas são abaladas.

7 Êle manda ao sol, e o sol não nasce: Êle tem as estrêlas encerradas como debaixo de um sêlo: (2)

8 Êle só formou a extensão dos céus, e anda sobre as ondas do mar. (3)

9 Êle criou as estrêlas da Ursa, e do Orion, e das Híadas, e as mais próximas ao meio-dia.

10 Êle faz coisas grandes, e incompreensíveis, e maravilhosas, as quais não têm número.

11 Se Êle vier a mim, eu não o verei: se se fôr, eu não o perceberêi. (4)

Baldad tinha dito que Deus é justo, e que não teria castigado Jó, sendo inocente; ao que Jó responde afirmando com a palavra *verê*, que denota juramento, que a justiça de Deus é indefectível, pois que o homem comparativamente a Deus, é como nada, porque o que êle tem de bom lhe veio de Deus, e seria grande temeridade disputar com êle. — Pereira.

(2) **ELE MANDA AO SOL, ETC.** — Jó exprime aqui o poder absoluto de Deus, dizendo: "Que se êle mandasse, nem o sol, nem as estrêlas dariam claridade alguma. — Sacy.

(3) **E ANDA SOBRE AS ONDAS DO MAR** — Isto é, como Senhor absoluto, manda às ondas do mar que se levantem e que se apaziguem. Os expositores gregos, como Santo Atanásio, observaram que muitas das maravilhas que Jó aqui relata, são alegóricas a Cristo e que o sol escureceu na ocasião da sua morte, à passagem de Cristo sobre as águas, etc. — Pereira.

(4) **SE ÊLE VIER A MIM, EU NÃO O VEREI** — Isto é, por ser incompreensível tanto na sua essência como nas suas obras

12 Se Êle perguntar de repente quem lhe responderá? ou quem lhe pode dizer: Por que fazes isto?

13 Deus, a cuja ira ninguém pode resistir, e sob o qual se curvam os que sustentam o mundo sôbre seus ombros.

14 Quem sou eu logo para lhe responder e para ousar falar-lhe?

15 Que ainda quando em mim haja algum vestígio de justiça, não lhe responderei, mas que implorarei ao meu juiz.

16 E ainda quando me ouvir deprecando-lhe, eu não creerei que êle ouvisse a minha voz.

17 Porque me desfará com um redemoinho, e multiplicará as minhas feridas ainda sem causa.

18 Não concede que meu espírito repouse, e me enche de amarguras.

19 Se se busca fortaleza, é robustíssimo: Se equidade de juízo, ninguém ousa dar testemunho em meu favor.

20 Se eu pretender justificar-me, a minha bôca me condenará: Se mostrar-me inocente, êle me convencerá de culpado.

21 Ainda quando eu seja sincero, isto mesmo ignorará a minha alma, e me será tedjosa a minha vida.

22 Uma só coisa é que digo, Deus aflige assim o inocente como o ímpio. (5)

e juízos. Atos dos Apóstolos, c. 17, 27. S. Paulo aos romanos, c. 11, 35. — Pereira.

(5) **DEUS AFLIGE ASSIM O INOCENTE COMO O ÍMPIO.** — Nestas palavras quis Jó dizer a Baldad, que quando Deus castiga a um homem, não é prova de que seja mau, ou que o castigue pelos seus delitos. Deus castiga ao mau em pena dos seus pecados, aflige ao bom nesta vida, para provar a sua virtude e dar-lhe coroa e prêmio mais abundante na outra vida. — Pereira.

23 Se Ele fere, mate por uma vez, e não se ria das penas dos inocentes.

24 A terra foi entregue nas mãos do ímpio, cobre com um véu os olhos dos seus juízos: Se não é Deus, quem é logo?

25 Os dias da minha vida foram mais velozes do que um corréio: Fugiram, e não viram o bem.

26 Passaram como navios que levam fruta, como a águia que voa à sua comida.

27 Quando disser: Já não falarei assim: Mudo o meu rosto, e de dor me atormento.

28 Eu me temia de tôdas as minhas obras, sabendo que não perdoavas ao delinqüente.

29 Mas se ainda assim sou um ímpio, porque trabalhei eu em vão:

30 Ainda que me lavasse como com água de neve, e brilhassem as minhas mãos como as mais limpas: (6)

31 Contudo me cobrirás de imundícies, e os meus próprios vestidos me abominarão. (7)

32 Porque o meu caso não é responder a um homem semelhante a mim: Nem contestar com ele como com um meu igual.

33 Não há quem possa ser árbitro entre ambos, nem meter a sua mão entre os dois.

34 Tire ele a sua vara de cima de mim, e não me amedronte o seu terror.

(6) **AINDA QUE ME LAVASSE** — Isto é, “ainda que a minha consciência fôsse tão pura como a branquidão da neve. — Pereira.

(7) **CONTUDO ME COBRIRÁS DE IMUNDÍCIES** — Nisto quer Jó dizer: “Que se Deus desse a conhecer as suas manchas ocultas, ele appareceria como um leproso, e até os seus mesmos vestidos teriam horror de tocar suas carnes.” — Pereira.

35 Falarei, e não o temerei: Porque eu não posso cheio de medo responder.

CAPÍTULO 10

DIRIGE JÓ A DEUS AS SUAS QUEIXAS. HUMILHA-SE DIANTE DELE. PEDE-LHE QUE LHE DÊ ALGUM ALÍVIO ANTES DA MORTE.

1 A minha alma tem tédio à minha vida, soltarei a minha língua contra mim, falarei na amargura da minha alma. (1)

2 Direi a Deus: Não me condenes: Mostra-me por que assim me julgas? (2)

3 Porventura parece-te bem caluniar-me e oprimires-me a mim que sou obra das tuas mãos, e favoreceres o desígnio dos ímpios?

4 Acaso tens tu olhos de carne: ou vês tu as coisas, bem como as vê o homem? (3)

5 Acaso são os teus dias como os dias do homem, ou são os teus anos como os tempos do homem,

(1) **A MINHA ALMA TEM TÉDIO** — Quer dizer, tenho tédio aos males que sofro e dos quais se queixa.

(2) **DIREI A DEUS** — Isto é, apelarei para Deus, que é justo e sumo juiz, que pelo seu poder e ciência infinita me não trate como réprobo, mas como justificado. *Ne agas mecum ut cum damnato, sed ut cum justificato et filio tuo.*

(3) **OLHOS DE CARNE** — Olhos humanos, sujeitos aos defeitos a que estão os dos homens, que só conhecem as aparências das coisas, não perscrutando da realidade, enganando-se a cada passo, por julgarem só das exterioridades. A segunda parte deste versículo dão os comentadores esta interpretação: — O homem pode oprimir o inocente por se enganar, pois que só conhece as extremas aparências; mas Deus é onisciente. — *Homo per errorem potest innocentem affligere, quia videt tantum externa; at tu omniscienus es.* — Schulteus, *Liber Jobi*.

6 para te informares da minha iniquidade, e averigues o meu pecado?

7 Ainda que tu sabes que eu não cometi impiedade alguma, não havendo ninguém que possa arrancar-me da tua mão.

8 As tuas mãos me fizeram, e me formaram todo em roda: E assim de repente me despenhas?

9 Lembra-te, eu to peço, que como barro tu me formaste, e que me hás de reduzir a pó.

10 Porventura não me mungiste como leite, e como queijo me coalhaste? (4)

11 De pele e de carne me vestiste: De ossos e de nervos me compuseste:

12 Vida, e misericórdia me concedeste, e a tua assistência conservou o meu espírito.

13 Ainda que tu escondas estas coisas em teu coração, eu sei todavia que tu te lembras de tudo. (5)

14 Se eu pequei, tu me perdoaste na mesma hora: Por que não permites tu que eu esteja limpo da minha iniquidade?

15 Sê fôr mau, desgraçado de mim: Mas se fôr justo, não levantarei cabeça, farto de aflição e de miséria.

16 E por causa da minha soberba, tu me apanharás como a uma leoa, e me tornarás a atormentar de um modo terrível.

(4) **PORVENTURA NÃO ME MUNGISTE COMO LEITE, ETC.**

— A primeira parte do versículo é interpretada desta forma: *Ex semine liquido simili lacti fecisti me.* A segunda dêste modo: *Semen mulieris initio decurrens est lacti simile, album et liquidum, quod postea, adveniente virili semine, ejus calore sratitur et concrescit ut fiat embryo.* — Martene.

(5) **TE LEMBRAS DE TUDO** — Dêste versículo até ao fim Jó pede ao Senhor que lhe minore os seus males antes da sua morte.

17 Tu renovas contra mim as testemunhas, e multiplicas contra mim a tua ira, e as penas combatem contra mim.

18 Por que me tiraste tu do ventre de minha mãe? Oxalá que eu tivera perecido, para que nenhum ôlho me visse.

19 Que tivera sido como se não fôra, desde o ventre trasladado para a sepultura.

20 Porventura o pequeno número de meus dias não se acabará em breve? Deixa-me pois que eu chore um pouco a minha dor:

21 Antes que vá para não tornar para aquela terra tenebrosa, e coberta da escuridade da morte:

22 Terra de miséria, e de trevas, onde habita a sombra da morte, e não há nenhuma ordem, senão um sempiterno horror.

CAPÍTULO 11

SOFAR ACUSA A JÓ DE PRESUNÇÃO, E DE SOBERBA. EXORTA-O A SE CONVERTER AO SENHOR.

1 Depois respondendo Sofar de Naamat, disse: (1)

2 Porventura o que fala muito, não ouvirá também? ou bastará a um homem ser grande falador para justificar-se?

3 Para ti só se hão de calar os homens? e depois de zombares dos outros, ninguém te há de confundir? (2)

(1) **SOFAR** — E' o terceiro dos amigos de Jó. Difere dos seus dois companheiros; novo, a sua palavra é arrebatada e violenta, por vêzes injuriosa, sobretudo no seu segundo discurso, 20; retrata os espíritos mesquinhos e presos aos prejuízos do seu tempo.

(2) **NINGUÉM TE HÁ DE CONFUNDIR** — No texto original está: E não haverá quem te repreenda, e confunda, mostrando-te que, falando muito, muito erras.

4 Porque tu disseste: As minhas palavras são puras, e eu estou limpo na tua presença.

5 E oxalá que Deus falasse contigo, e abrisse a sua bôca,

6 para te descobrir os segredos da sua sabedoria, e que a sua lei é de muitas maneiras, e que entendesse que é muito menos o com que êle te castiga em comparação do que merece a tua maldade. (3)

7 Acaso alcançarás os caminhos de Deus, e conhecerás perfeitamente o Todo-Poderoso?

8 Êle é mais elevado do que o céu e que farás tu? é mais profundo do que o inferno, e como o conhecerás?

9 A sua medida é mais comprida do que a terra, e mais larga que o mar.

10 Se êle destruir tôdas as coisas ou as apinhoar em uma, quem o contrastará?

11 Por que êle conhece a vaidade dos homens, e vendo a iniquidade dêles, acaso a considera?

12 O homem vão eleva-se em soberba, e julga ter nascido livre, como a cria do asno montês. (4)

13 Mas tu endureceste o teu coração, e levantaste a tua mão para Deus.

14 Se lançares fora de ti a iniquidade, que está na tua mão, e se a injustiça não assistir na tua casa:

15 Então poderás levantar o teu rosto sem mácula, e serás estável e não temerás.

16 Também te esquecerás da tua miséria, e lembrar-te-ás dela como de águas, que passaram.

(3) **DE MUITAS MANEIRAS** — Dizem uns que estas palavras se referem à Lei Escrita e outros à Lei Natural; porém a maioria dos intérpretes referem-nas a esta última.

(4) **COMO A CRIA DO ASNO MONTÊS** — Para não conhecer jugo nem freio, como se dissesse: Assim tu também, Jó, não suportas com resignação o jugo a que o Senhor te sujeita, nem reconheces a ordem da sua justiça.

Jó 11, 17-20; 12, 1-4

17 E se levantará pela tarde sôbre ti uma luz como a do meio-dia: E quando te julgares consumido, nascerás como a estrêla dalva. (5)

18 E terás firmeza na esperança, que te propuseste, e enterrado dormirás seguro. (6)

19 Repousarás, e não haverá quem te amedronte: e rogarão muitos a tua face. (7)

20 Mas os olhos dos ímpios desfalecerão, e não lhes ficará refúgio, e a esperança dêles será abominação da sua alma. (8)

CAPÍTULO 12

JÓ REPREENDE EM SEUS AMIGOS A FALSA CONFIANÇA QUE TEM NOS SEUS CONHECIMENTOS. ENGRANDECE O SOBERANO PODER DE DEUS.

1 Mas respondendo Jó, disse:

2 Logo só vós sois homens, e convosco morrerá a sabedoria?

3 Eu também tenho entendimento, como vós, e não vos sou inferior: Pois quem ignora isto, que vós sabeis?

4 Aquêlê que é escarnecido pelo seu amigo como eu invocará a Deus e êle o ouvirá: Porque se zomba da simplicidade do justo.

(5) **UMA LUZ** — Quer dizer: Passará a noite dêsse sofrimentos, a escuridão das misérias, e brilhará a alegre luz das felicidades e da consolação.

(6) **NA ESPERANÇA QUE TE PROPUSESTE** — Refere-se à esperança com que morrem os justos na recompensa eterna.

(7) **REPOUSARÁS** — No original está empregado o verbo *rabatz*, que significa deitar na terra, como os animais; é pois uma metáfora tomada dos rebanhos.

(8) **E A ESPERANÇA DELES** — A vã esperança nas coisas terrenas converte-se em desolação e castigo.

5 E' lâmpada desprezada no conceito dos ricos, aparelhada para o tempo determinado. (1)

6 As casas dos ladrões abundam, e atrevidamente provocam a Deus, quando Êle lhes põe tudo nas suas mãos. (2)

7 Pergunta pois aos animais, e elles te ensinarão: E às aves do Céu, e elas to indicarão.

8 Fala com a terra, e ella te responderá: E os peixes do mar te instruirão.

9 Quem ignora que a mão de Deus fêz tôdas estas coisas?

10 Na sua mão está a alma de todo o vivente, e o espirito de toda a carne humana.

11 Porventura o ouvido não julga das palavras, e o paladar de quem come não julga do sabor?

12 A sabedoria acha-se nos velhos, e a prudência na vida dilatada.

13 A sabedoria e a fortaleza está em Deus, êle possui o conselho e a intelligência.

14 Se êle destruir, ninguém há que edifique: Se clausurar um homem, ninguém há que o solte.

15 Se retiver as águas, tudo se secará: E se as largar, alagarão a terra.

16 Nêle residem a fortaleza e a sabedoria: Êle conhece assim ao que engana, como ao que é enganado.

(1) **E' LÂMPADA DESPREZADA, ETC.** — Jó compara o justo com uma lâmpada que Deus tem preparada para luzir e brilhar em sua casa, no tempo que tem determinado, que é desprezada dos ricos e poderosos, que só cuidam do ouro, da prata, e das grandezas mundanas. — Pereira.

(2) **AS CASAS DOS LADRÕES ABUNDAM, ETC.** — Este é um exemplo palpável de que a felicidade temporal não provém sempre da virtude, nem os castigos temporais provém sempre da culpa. — Pereira.

Jó 12, 17-25; 13; 1

17 Ele conduz aos conselheiros a um fim imprudente, e conduz à estupidez aos juizes.

18 Ele desata o boldrié aos reis, e cinge os seus rins com uma corda. (3)

19 Deixa ir aos sacerdotes sem glória, e abate aos magnates.

20 Muda a linguagem aos que amam a verdade, e tira dos velhos a doutrina.

21 Derrama desprezo sôbre os príncipes, elevando outra vez aos que foram oprimidos.

22 Ele tira das trevas o que estava escondido e põe em claro a sombra da morte.

23 Ele multiplica as nações e as destrói, e depois de destruídas as restitui ao seu primeiro estado.

24 Ele muda o coração dos príncipes do povo da terra, e os engana, para os fazer andar debalde por caminhos desviados: (4)

25 Andarão às apalpadelas como em trevas, e não em luz, e os fará desatinar como bêbados.

CAPÍTULO 13

CONTINUA JÓ A DEFENDER-SE CONTRA AS ACUSAÇÕES DE SEUS INIMIGOS. DIRIGE A DEUS AS SUAS QUEIXAS.

1 Eis-aqui tôdas estas coisas vii o meu ôlho, e ouviu o meu ouvido, e as compreendi tôdas.

(3) **ELE DESATA O BOLDRIÉ AOS REIS, ETC.** — Significa privá-los da sua dignidade, e das honras que lhes são devidas, e que em lugar de seu boldrié real, estejam presos com cordas em uma cadeia. — *Tirino*.

(4) **E OS ENGANA, ETC.** — Deus que é a mesma verdade, não pode enganar os perversos, porque o homem é infalivelmente enganado tanto que se aparta da luz, e verdade de Deus. — *Sacy*.

2 Isso que vós sabeis, também eu o alcanço: E não vos sou inferior.

3 Com tudo isso falarei ao Todo-Poderoso e com Deus desejo conversar:

4 Fazendo antes ver que vós sois uns forjadores de mentiras, fautores de perversos dogmas. (1)

5 E oxalá que vós vos calásseis, para poderdes passar por sábios.

6 Ouvi pois a minha correção, a atendei ao juízo dos meus lábios.

7 Acaso necessita Deus das vossas mentiras, para que em sua defesa faleis dolosamente?

8 Porventura olhais para o seu rosto, e vos esforçais a sentenciar a favor de Deus? (2)

9 Ou será isto do agrado daquele, a quem nada se pode ocultar? ou será êle surpreendido como um homem, com os vossos enganos?

10 Êle mesmo vos condenará, porque dissimuladamente olhais para o seu rosto.

(1) **QUE VÓS SOIS UNS FORJADORES DE MENTIRAS, ETC.** — O hebreu e os Setenta lêem: "Que vós todos sois uns falsos médicos; que em lugar de virdes aliviar meus males com palavras de consolação e amor, os aumentais com os vossos impertinentes e desarrazoados discursos". — *Pereira.*

(2) **PORVENTURA OLHAIS PARA O SEU ROSTO, ETC.** — Olhar para o rosto é frase forense, que denota que se sentenciava uma causa, mais por respeito à pessoa, que à razão. "Per faciem hic intelligitur quæ in oculis judicis incurrent præter meritum causæ: ut sicut amicitia, potentia, etc." Pois a amizade e poder influam muito no ânimo dos juizes. Nisto lhe diz Jó: Já que vós quereis constituir juizes em lugar de Deus, ao menos obrai segundo as regras da razão: para defender a sua providência, e justiça, não deveis faltar à verdade, nem à caridade. Pois para que Deus seja bom e justo, não é preciso que eu seja mau, porque se padeço inocente, êle premiará na outra vida a minha inocência, e a minha paciência. — *Pereira.*

Jó 13, 11-25

11 Logo que se mover, vos perturbará, e o seu terror cairá sobre vós.

12 A vossa memória será semelhante à cinza, e as vossas cabeças reduzir-se-ão como a lodo.

13 Calai-vos por um pouco, para que eu vos diga tudo o que o meu espirito me sugerir.

14 Por que razão despedaço eu as minhas carnes com os meus dentes, e por que trago eu a minha vida nas minhas mãos?

15 Ainda quando êle me matasse, nêle esperarei: Mas acusarei na sua presença os meus caminhos. (3)

16 E Êle mesmo será o meu salvador: Porque nenhum hipócrita ousará aparecer diante dos seus olhos.

17 Ouvi as minhas palavras, e dai ouvidos aos meus enigmas.

18 Se eu fôr julgado, sei que hei de ser achado justo.

19 Quem há que queira ser julgado comigo? venha: Por que calando me consumo?

20 Duas coisas ao menos não obres comigo, e então não me esconderei da tua face:

21 Desvia a tua mão longe de mim, e não me consterne o teu terror.

22 Chama por mim, e eu te responderei: Ou bem eu falarei, e tu responde-me.

23 Quantas iniquidades e pecados tenho eu, mostra-me as minhas maldades e delitos.

24 Por que escondes tu de mim o teu rosto, e por que me julgas tu teu inimigo?

25 Contra uma fôlha, que é arrebatada do vento, ostentas o teu poder, e persegues a uma palha sêca:

(3) OS MEUS CAMINHOS — Entende-se as minhas culpas.
— Sacy.

26 Pois escreves contra mim amarguras, e queres-me consumir pelos pecados da minha mocidade. (4)

27 Tu puseste os meus pés em um cêpo, e observaste tôdas as minhas veredas, e consideraste os vestígios de meus pés. (5)

28 E que como a podridão hei-de ser consumido, e como vestido que é comido da traça.

CAPÍTULO 14

EXPÕE JÓ A BREVIDADE, E AS MISÉRIAS DA VIDA HUMANA. CONSOLA-SE COM A ESPERANÇA NA RESSURREIÇÃO.

1 O homem nascido da mulher, que vive breve tempo, é cercado de muitas misérias.

2 Que como flor sai e é pisado, e foge como a sombra, e jamais permanece num mesmo estado.

3 E tu te julgas digno de abrir os teus olhos sobre êste tal, e trazê-lo a juízo contigo?

4 Quem pode fazer puro ao que foi concebido de imunda semente? Quem senão tu que és só? (1)

(4) POIS ESCRIVES CONTRA MIM AMARGURAS, ETC. — Isto é, decretas contra mim castigos e sentenças severíssimas. — *Pereira.*

(5) EM UM CÊPO, ETC. — Jó se compara ao criminoso que está prêso, e a quem para mais segurança lhe metem os pés em uns cêpos de pau para evitar não fuja. — *Pereira.*

(1) QUEM PODE FAZER PURO, ETC. — Em lugar desta sentença, que é segundo o hebreu, trazem os Setenta aqui esta outra: Quem há que seja isento de mácula? Ninguém, ainda que seja um menino nascido de um dia. Com o qual texto provaram os Padres do quinto século a geral transfusão do pecado original por todos os filhos de Adão, contra os pelagianos.

QUEM SENÃO TU QUE ÉS SÓ? — Puro, segundo alguns entendem: outros explicam assim estas palavras qui solus es, porque de ti mesmo, e não de outro algum tens o ser eternamente, e necessariamente, visto o atributo da asseidade: ens a se.

5 Breves são os dias do homem, em teu poder está o número dos seus meses: Tu lhe demarcaste os limites, dos quais ele não pode passar.

6 Retira-te um pouco d'ele, para que descanse, até que chegue o seu dia desejado, como o do jornaleiro. (2)

7 Uma árvore tem esperança: Se fôr cortada, torna a reverdecer, e brotam os seus ramos.

8 Se se envelhecer na terra a sua raiz, e morrer o seu tronco no pó,

9 ao cheiro d'água reverdecerá, e fará copa, como no princípio quando foi plantada:

10 Mas o homem quando morrer, despojado que seja e consumido, diz-me, que é d'ele?

11 Como se do mar se retirassem as águas, e se se esgotasse um rio, ficaria sêco:

12 Assim como o homem quando dormir, não ressuscitará, menos que o céu não seja consumido, não desperpetará, nem se levantará do seu sono.

13 Quem me dera que tu me encobrisses no sepulcro, e me escondesses nêlo, até ter passado o teu furor, e que tu me sinalasses o tempo, em que te lembres de mim? (3)

14 Crês porventura que morto um homem tornará a viver? Todos os dias, que passo agora nesta guerra, estou esperando até que chegue a minha imutação. (4)

(2) **RETIRA-TE UM POUCO DELE, ETC.** — Isto é, cessar de afligi-lo para que descanse, até que chegue o dia último da sua vida, que espera assim como o jornaleiro espera pelo dia em que há de acabar a sua empreitada. — Pereira.

(3) **QUE TU ME ENCOBRISSES NO SEPULCRO** — A Vulgata diz: *Ut in inferno protegas me.* Sacy traduziu: *No inferno.* Calmet e Carrières traduziram: *No sepulcro, porque é coisa bem notória, que na frase dos hebreus se chama muitas vêzes o sepulcro inferno, como se disse já.*

(4) **A MINHA IMUTACÃO** — Isto é, a mudança gloriosa

15 Tu me chamarás, e eu te responderei: Tu entenderás a tua destra para a obra de tuas mãos.

16 Em verdade tu contaste todos os meus passos, mas perdoa-me os meus pecados.

17 Tu selaste como em um saco os meus delitos mas curaste a minha iniquidade. (5)

18 Um monte destrói-se caindo, e um rochedo é trasladado do seu lugar.

19 As águas escavam as pedras, e a terra pouco a pouco se consome com as aluviões: Assim mesmo pois acabarás ao homem.

20 Tu o fortaleceste por um pouco de tempo, a fim de que acabasse para sempre: Mudarás o seu rosto, e o farás sair.

21 Ou os seus filhos estejam exaltados, ou estejam abatidos, êle o não conhecerá.

22 Contudo a sua carne enquanto êle viver, padecerá dores, e a sua alma chorará sôbre si mesmo. (6)

do corpo e alma na ressurreição. Esta é a minha esperança, e firme nela passarei com alegria os meus trabalhos, ou também como se Jó dissera: "Ainda que pela gravidade das minhas enfermidades eu me deva antes reputar como morto, do que vivo, tu que podes ressuscitar os mortos, também podes mudar a minha sorte, livrando-me das opressões a que estou reduzido." — Pereira.

(5) **COMO EM UM SACO** — É uma metáfora. Quando se queria significar que se guardava para não aparecer uma coisa, dizia-se escondida num saco. *Ut res quae accurate custodire volumus in meum saeculus collisimus.* — Martene.

MAS CURASTE A MINHA INIQUIDADE — Quer dizer: Com os males que me enviaste, curaste as minhas iniquidades, e portanto tenho lugar de esperar na tua misericórdia.

(6) **CHORARÁ SÔBRE SI MESMO** — Depois de ter dito Jó no versículo antecedente que o homem depois de morto não terá mais conhecimento do que respeita a sua família, ajunta agora que enquanto vivo tem de padecer aflições e dores do corpo e da

CAPÍTULO 15

ELIFAZ ACUSA A JÓ DE BLASFEMO. E SUSTENTA, QUE OS MAUS SEMPRE SÃO ATORMENTADOS NESTA VIDA.

1 Mas respondendo Elifaz de Teman, disse:

2 Porventura o sábio responderá como se falasse ao vento, e encherá de ardor o seu peito?

3 Argúis com palavras àquele que não é teu igual, e falas o que te não convém. (1)

4 Quanto é em ti, tens feito vão o temor e tens desterrado os rogos diante de Deus. (2)

5 Porque a tua iniquidade ensinou a tua bôca, e tu imitas a linguagem dos blasfemadores.

6 Pois a tua própria bôca te condenará, e não eu: E os teus lábios te responderão.

7 Acaso és tu o primeiro homem que nasceu, e foste tu formado antes dos outeiros? (3)

8 Acaso entraste tu no conselho de Deus, e sua sabedoria será inferior à tua?

9 Que sabes tu que nós ignoremos? Que entendes tu que nós não saibamos?

alma, e que esta triste consideração o inclinava a preferir a morte a uma vida cheia de misérias e de trabalhos. — Pereira.

(1) **AQUELE QUE NÃO É TEU IGUAL** — Entende-se Deus, a quem tratas com irreverência, e ofendes com tuas palavras. — Calmet.

(2) **E TENS DESTERRADO OS ROGOS DIANTE DE DEUS** — Isto é, presumindo vaidosamente da tua própria justiça, perdeste o temor de Deus, e o desterraste do teu coração. e por isso desprezas recorrer à graça do Criador pela oração. S. Gregório 50, 12, Moral, c. 15.

(3) **ACASO ÉS TU O PRIMEIRO HOMEM** — O hebreu traz: "Porventura foste criado primeiro que Adão?"

10 Também há entre nós velhos, e anciãos muito mais antigos que teus pais.

11 Será porventura dificultoso a Deus consolar-te? Porém as tuas perversas palavras o impedem.

12 Por que te ensoberbece o teu coração, e como pensando coisas grandes, tens os olhos pasmados?

13 Por que se incha o teu espírito contra Deus, para proferires por tua bôca tão estranhos discursos?

14 Que é o homem, para ser immaculado, e para parecer justo tendo nascido duma mulher?

15 Olha como entre os seus mesmos santos nenhum há imútável, e como nem os céus são puros na sua presença. (4)

16 Quanto mais o homem abominável e inútil, que bebe a iniquidade como a água?

17 Eu te mostrarei, ouve-me: Eu te contarei o que tenho visto.

18 Os sábios o publicam, e não occultam saberem-no de seus pais.

19 Àqueles sòmente foi dada a terra, e não passou estranho por meio dêles. (5)

20 Em todos os seus dias o ímpio se ensoberbece, e o número dos anos da sua tirania é incerto.

21 A zoadá do terror está sempre em seus ouvidos: E ainda quando há paz, êle sempre receia traições.

(4) **NENHUM HA IMUTÁVEL** — Até os anjos não foram criados com uma absoluta perfeição de justiça, porque segundo o primeiro estado da sua criação, poderão perder aquela justiça, e com effeito alguns a perderam. Depois é que foram por especial graça de Deus confirmados em justiça para lhes recompensar a sua fidelidade. — Pereira.

(5) **E NÃO PASSOU ESTRANHO POR MEIO DELES** — E' para mostrar que esta tradição não foi corrompida nem alterada com a comunicação dos estranhos, nem pela invasão dos inimigos. — Sacy.

22 Não crê que se possa voltar das trevas à luz, vendo em roda de tôdas as partes a espada.

23 Quando se mover para buscar pão conhece que está preparado na sua mão o dia das trevas.

24 A tribulação o aterrorará, e a angústia o cercará, como a um rei que se prepara para a batalha.

25 Porque estendeu a sua mão contra Deus, e se fêz forte contra o Todo-poderoso.

26 Correu contra êle com o pescoço levantado, e armou-se duma soberba inflexível.

27 A gordura cobriu todo o seu rosto, e a enxúndia lhe pende das suas ilhargas.

28 Habitou em cidades assoladas, e em casas desertas que estão reduzidas a montões.

29 Não se enriquecerá, nem os seus bens persistirão, nem lançarão suas raízes pela terra.

30 Não sairá de trevas: A chama secará os seus ramos, e com o assôpro da sua bôca será arrebatado. (6)

31 Não crerá, baldadamente enganado pelo êrro, que possa ser resgatado por algum preço.

32 Antes dos seus dias se completarem, perecerá: E as suas mãos se secarão.

33 Será ferido como a vinha na sua primeira flor, e como a oliveira que deixa cair a sua flor.

34 Porque tudo o que o hipócrita ajunta será estéril, e o fogo devorará as casas dos que gostam de receber presentes.

35 Êle concebeu dor, e pariu iniquidade e o seu coração inventa enganos.

(6) **DA SUA BÔCA** — O caldeu lê: "Da bôca de Deus." — Sacy.

CAPÍTULO 16

JÓ SE LAMENTA DA DUREZA DE SEUS AMIGOS. REPETE OS SEUS MALES, E PÕE SUA CONFIANÇA EM DEUS, QUE É TESTEMUNHA DA SUA INOCÊNCIA.

1 Mas Jó respondendo, disse:

2 Eu tenho ouvido muitas vêzes semelhantes discursos, todos vós sois uns consoladores importunos.

3 Acaso não se acabarão nunca êstes discursos de vento? Ou te dá alguma moléstia o falar?

4 Eu também pudera falar como vós: E oxalá que a vossa alma estivera em lugar da minha. (1)

5 Eu também vos consolaria com os meus discursos, e mostraria com o movimento da minha cabeça o que sentia de vós.

6 Eu vos fortaleceria com as minhas palavras, e moveria os meus lábios, como compadecendo-me de vós.

7 Mas que farei: Se eu falar, nem por isso se aplacará a minha dor: E se eu me calar, nem por isso me deixará ela.

8 Mas agora me aperta a minha dor, e todos os meus membros estão reduzidos a nada.

9 As minhas rugas dão testemunho contra mim, e se levanta um caluniador para me contradizer na minha cara. (2)

(1) **E OXALÁ QUE A VOSSA ALMA ESTIVERA EM LUGAR DA MINHA** — Jó não fala assim por espírito de vingança ou malevolência, antes quer dizer que se elle visse os seus amigos no estado em que elle se achava, não obraria, nem falaria como elles.

(2) **AS MINHAS RUGAS DÃO TESTEMUNHO CONTRA MIM** — Isto é, o meu semblante macilento e aflito, parece favorecer aos meus caluniadores e mostrar que sou castigado pelos meus delitos, porém a prova disto é a multidão das minhas dores; e os mesmos de quem eu esperava consolação me contradizem na minha cara, o que se deve aplicar a Elifaz.

10 Recolheu o seu furor contra mim, e ameaçando-me, rangeu os seus dentes contra mim: Com os olhos terríveis me olhou o meu inimigo. (3)

11 Abriram as suas bôcas contra mim, e cobrindo-me de opróbrios me feriram no queixo, e se fartaram das minhas penas.

12 Deus me fechou debaixo do poder do injusto, e me entregou nas mãos dos ímpios.

13 Eu, aquêlê em outro tempo tão opulento, de repente fui reduzido a pó: Tomou-me pelo pescoço, quebrantou-me, e pôs-me por alvo dos seus tiros.

14 Cercou-me com as suas lanças, atravessou-me os rins, não me perdoou, e derramou sôbre a terra as minhas entranhas. (4)

15 Despedaçou-me com feridas sôbre feridas: Lançou-se a mim como um gigante.

16 Levo um cilício cosido sôbre a minha pele, e cobri de cinza a minha carne.

17 O meu rosto inchou à fôrça de chorar, e as minhas pálpebras se escureceram.

18 Padeci isto sem maldade das minhas mãos, quando eu oferecia a Deus puras rogativas.

(3) **RECOLHEU O SEU FUROR CONTRA MIM** — Jó começa aqui a fazer uma forte e patética relação dos males que padecia. Alguns intérpretes julgam que Elifaz é o cruel inimigo de quem se fala, mas parece que deve estender-se à multidão das aflições com que o demônio, por permissão de Deus, o afligia, valendo-se para isso até de seus maiores amigos. E assim se entende, porque umas vêzes fala no singular e outras no plural, tanto neste versículo como nos seguintes. — Pereira.

(4) **CERCOU-ME COM AS SUAS LANÇAS** — E' uma metáfora, significando com dores agudas. *Jaculatores sunt ulcera quae dolores ei acutos, velut saggitas, intingebant.* — Martene.

19 Terra, não cubras o meu sangue, nem os meus clamores achem lugar de se esconderem no teu seio. (5)

20 Porque eis-aqui a minha testemunha está no céu, e nas alturas o que me conhece.

21 Os meus amigos se desfazem em falar: Mas o meu ôlho se desfaz em lágrimas diante de Deus.

22 E oxalá se fizera o juízo entre Deus e o homem, como se faz o de um filho do homem com o seu vizinho.

23 Vê pois que passam os meus breves anos, e eu caminho por uma vereda, pela qual não voltarei. (6)

CAPÍTULO 17

JÓ SE QUEIXA DOS INSULTOS DE SEUS AMIGOS, E OS EXORTA A QUE ENTREM EM SI.

1 O meu espírito se vai atenuando, os meus dias se abreviam, e só me resta o sepulcro.

2 Não pequei, e em amarguras se demoram os meus olhos. (1)

3 Livra-me, Senhor, e põe-me junto a ti, e arme-se contra mim a mão de quem quer que fôr.

4 Tu alongaste da inteligência o coração dêles, por isso não serão exaltados.

(5) **TERRA, NÃO CUBRAS O MEU SANGUE** — Este sangue é o que corria das suas chagas, testemunho dos seus males e das suas dores; por isso rogava à terra de o não secar nem cobrir, para que, diz Jó, as minhas aflições não sejam desconhecidas dos homens, pois não me basta que Deus só seja sabedor dos meus males. — Sacy.

(6) **E EU CAMINHO POR UMA VEREDA** — Isto é, caminho para a morte, e o tempo passado não volta. — Sacy.

(1) **E EM AMARGURAS SE DEMORAM OS MEUS OLHOS** — Quer dizer: Em roda de mim não vejo senão quem escarneça de mim, e me moleste, e é o que se colhe do hebreu, que diz: “Não há comigo senão escarnecedores, e os meus olhos se empregam em ver as suas contradições ou ultrajes”. — Sacy.

5 Ele promete a presa aos companheiros e os olhos de seus filhos desfalecerão. (2)

6 Ele me reduziu a ser como a fábula do povo, e estou feito diante deles um exemplo.

7 Escureceram-se de indignação meus olhos, e os meus membros foram como reduzidos a nada.

8 Os justos pasmarão disto, e o inocente se levantará contra o hipócrita.

9 E o justo persistirá no seu caminho, e às mãos puras acrescentará fortaleza. (3)

10 Voltai portanto vós todos, e vinde, e não acharei entre vós nenhum sábio.

11 Os meus dias passaram, os meus pensamentos se desvaneceram, sendo verdugos do meu coração.

12 Trocaram a noite em dia, e de novo depois das trevas espero a luz. (4)

13 Se eu suportar, o sepulcro será a minha casa, e eu tenho preparado o meu leito nas trevas.

14 Eu disse à podridão: Tu és meu pai; e aos bichos, vós sois minha mãe, e minha irmã.

15 Onde está logo agora a minha esperança, e quem considera a minha paciência?

(2) **ELE PROMETE A PRESA** — Parece que se deve entender de Elifaz, e que o sentido é este: Assim como os guerreiros prometem repartir a presa com seus filhos e amigos, e ficam muitas vezes frustradas as suas esperanças, do mesmo modo sucederá a Elifaz e a seus companheiros, que, esperando alcançarem vitória contra mim, ficaram vencidos e confusos. — *Pereira.*

(3) **E AS MÃOS PURAS ACRESCENTARÁ FORTALEZA** — Quer dizer: O justo com as tribulações se fortificará mais na virtude. Alguns em lugar do mundis da Vulgata, lêem mundus.

(4) **TROCARAM A NOITE EM DIA** — Assim em termos a Vulgata Latina: Noctem verterunt in diem. Mas parece que Jó deveria dizer pelo contrário: "Eles trocaram o dia em noite." E assim com efeito o traz o hebreu. — *Pereira.*

16 Todas as minhas coisas desceram ao mais profundo do sepulcro: E acaso crês tu que ao menos neste lugar terei eu descanso? (5)

CAPÍTULO 18

BALDAD ACUSA A JÓ DE DESESPERAÇÃO, E EXAGERA AS INFELICIDADES, E O DESGRAÇADO FIM DOS MAUS.

1 E respondendo Baldad Suíta, disse:

2 Até quando direis palavras vãs? Entendei primeiro, e depois falaremos.

3 Por que havemos nós sido reputados por animais, e sórdidos nos vossos olhos?

4 Tu que no teu furor perdes a tua alma, porventura por amor de ti se despovoará a terra, e serão transferidos os rochedos do seu lugar?

5 Porventura a luz do ímpio não se apagará, e não resplandecerá a chama do seu fogo? (1)

6 A luz se obscurecerá na sua casa, e a lâmpada que está sobre êle, se apagará.

7 Estreitar-se-ão os passos do seu poder, e o seu conselho o precipitará.

8 Porque meteu os seus pés na rêde, e anda entre as suas malhas. (2)

(5) **TÓDAS AS MINHAS COISAS DESCERAM AO MAIS PROFUNDO DO SEPULCRO** — Alguns intérpretes entendem que Jó fala aqui do limbo, onde as almas dos Santos Padres estavam esperando pelo Messias, para onde havia de ir com tôdas as suas coisas, isto é, com tôdas as boas ou más obras que tivesse feito. — Sacy.

(1) **A LUZ DO ÍMPIO** — Isto é, a felicidade temporal dos ímpios.

(2) **E ANDA ENTRE AS SUAS MALHAS** — Segue-se uma comparação com as aves ou animais que se apanham em rêdes, os quais querendo livrar-se duma malha caem noutra, e ficam

9 O seu pé ficará prêso pelo laço, e incender-se-á sede contra êle.

10 Está escondido debaixo da terra o seu laço e ao longo da vereda a armadilha.

11 De tôdas as partes o amedrontarão temores, e lhe enredarão os pés.

12 Pela fome se enfraquecerá sua robustez, e a falta de alimento acometerá o seu estômago.

13 A morte a mais terrível devorará o nédio da sua pele, e consumirá os seus braços.

14 A sua confiança será arrancada da sua casa, e o calcará como rei, a morte. (3)

15 Os companheiros de quem já não é, habitarão na casa dêle, a sua tenda será defumada de enxôfre. (4)

16 Por baixo as suas raízes secarão, e por cima a sua seara será destruída.

17 A sua memória perecerá da terra, e não será celebrado seu nome em as praças.

18 Lançá-lo-á da luz para as trevas, e do mundo o transportará. (5)

19 Não subsistirá a sua linhagem, nem a sua posteridade no seu povo, nem relíquia alguma no seu país.

mais embaraçados, assim também o ímpio uma vez entregue à concupiscência, acostumado ao pecado, cada vez mais se entrega aos vícios. — **Tirino.**

(3) **A SUA CONFIANÇA SERÁ ARRANCADA DA SUA CASA** — Isto é, as suas riquezas, honras e família. Alguns entendem pela palavra tabernáculo o corpo, e assim a confiança de que aqui se fala é a saúde e robustez do corpo, pois sôbre ela é que o ímpio funda a esperança de uma dilatada e feliz vida. — **Pereira.**

(4) **SERÁ DEFUMADA DE ENXÔFRE** — Em sinal de maldição. É um hebraísmo.

(5) **LANÇÁ-LO-A DA LUZ PARA AS TREVAS** — Isto é, da vida para a morte. — **Sacy.**

20 No seu dia pasmarão os últimos, e aos primeiros invadirá o horror. (6)

21 Tais pois serão as moradas do iníquo, e tal o paradeiro daquele que não conhece a Deus.

CAPÍTULO 19

JÓ SE TORNA A QUEIXAR DA OBSTINAÇÃO DE SEUS AMIGOS.
EXPÕE AS SUAS PENAS. CONSOLA-SE COM A ESPERANÇA
DE RESSURGIR.

1 E respondendo Jó, disse:

2 Até quando afligireis a minha alma, e me atormentareis com os vossos discursos?

3 Eis-aí são já dez vêzes que vós me quereis confundir, e não vos envergonhais de me oprimir.

4 Embora haja eu errado, o meu êrro ficará comigo.

5 Porém vós levantai-vos contra mim, e me argüis com as minhas calamidades.

6 Entendei sequer agora que Deus não é por um juízo de justiça que me afligiu, e me feriu com os seus açoites.

7 Clamarei pois padecendo violência, e ninguém me ouvirá: Bradarei, e não há quem faça justiça.

8 Por tôdas as partes fechou o meu caminho, e não posso passar, e no meu caminho pôs trevas.

9 Despojou-me da minha glória, e tirou-me a coroa da cabeça.

10 Destruiu-me por todos os lados, e pereço, e como à árvore arrancada me tirou a minha esperança.

(6) NO SEU DIA, ETC. — Isto é, da sua calamidade e perdição. *Primi*, os primeiros são os mais anciãos, que cotejando o passado com o presente, se horrorizaram. — *Pereira*.

11 O seu furor se acendeu contra mim, e assim me tratou como a seu inimigo.

12 Mancomunados vieram os seus salteadores, e fizeram para si caminho sôbre mim, e cercaram em roda a minha casa. (1)

13 Pôs longe de mim a meus irmãos, e os meus conhecidos como estranhos se apartaram de mim.

14 Os meus propínquos me desampararam: E os que me conheciam, esqueceram-se de mim.

15 Os que moravam em minha casa, e as mesmas minhas servas me reputaram como um estranho, e fui como um peregrino nos seus olhos.

16 Chamei ao meu servo e êle não me respondeu, e por minha própria bôca eu o rogava.

17 Minha mulher teve horror do meu bafo, e tinha eu que rogar aos filhos das minhas entranhas. (2)

18 Até os fátuos me desprezavam, e retirando-me dêles, detraíam de mim.

19 Os que noutro tempo eram meus conselheiros me tiveram em execração: E aquêle a quem eu mais amava, me voltou as costas.

20 À minha pele, consumidas as carnes, se pega-

(1) **OS SEUS SALTEADORES, ETC.** — Expressão metafórica, significando as enfermidades, a pobreza, a morte de meus filhos, uma imensidade de males, etc. Os Setenta em lugar de *Iatronos*, lêem *tentationes*.

(2) **E TINHA EU QUE ROGAR AOS FILHOS DAS MINHAS ENTRANHAS** — Isto é, quando necessitava de alguma coisa, tinha que humilhar-me e suplicar. Alguns expositores entendem que os filhos de que se fala neste versículo, sejam os seus netos, porque os filhos imediatos tinham perecido, c. 1, v. 18.19. Outros, segundo os Setenta, pretendem que sejam os filhos das suas concubinas, e outros o explicam assim: “E eu rogava a minha mulher que me não desamparasse pelo amor de nossos filhos que já tinham perecido, ou nossos netos que estavam ali presentes”.

ram os meus ossos, e só me restam os lábios ao redor dos meus dentes.

21 Compadecei-vos de mim, compadecei-vos de mim, sequer vós, que sois meus amigos, porque a mão do Senhor me feriu.

22 Por que me perseguis, como Deus, e vos fartais das minhas carnes? (3)

23 Quem me dera que as minhas razões fôsem escritas? Quem me dera que se imprimissem em um livro,

24 com ponteiro de ferro, ou em lâmina de chumbo, ou que com cinzel se gravassem em pederneira? (4)

25 Porque eu sei que o meu remidor vive, e que eu no derradeiro dia surgirei da terra:

26 E serei novamente revestido da minha pele, e na minha própria carne verei a meu Deus. (5)

(3) **E VOS FARTAI DAS MINHAS CARNES** — Perseguido-me e despedaçando-me com as vossas palavras.

(4) **COM PONTEIRO DE FERRO** — Como em tempo de Jó ainda as folhas dos livros não eram de papel nem de pergaminho, mas de tábuas de pau enceradas, por isso ele não faz menção da pena, mas de ponteiros. — Pereira.

OU QUE COM CINZEL, ETC. — Vieira, num dos sermões do tomo VI, falando da Ascensão de Cristo diz: "Trocou o amor das setas pelo cinzel, e não em lâminas de chumbo, que podia derreter o fogo, mas na pederneira mais dura (que foi a segunda eleição de Jó) vel celte sculpantur in silice; ali abriu e esculpiu aquelas duas estampas da sua amorosa partida." Até aqui este discreto orador. Mas é de saber que em lugar do ablativo celte, que eu traduzi com o cinzel, traziam muitas Bíblias manuscritas e impressas antes da correção romana, o advérbio certe, que quer dizer ao menos. E Melchior Cano se inclinava a esta lição. Mas o termo original lagad significa também in perpetuum, eternamente. Em 13 Mss. está certe, em 16 está celte. — Brugensis in variantia SS. Eca.

(5) **E NA MINHA PRÓPRIA CARNE VEREI A MEU DEUS** — Ninguém ainda depois do Evangelho falou da Ressurreição dos

27 A quem eu mesmo hei-de ver, e meus olhos hão de contemplar, e não outro: Esta minha esperança está depositada no meu peito.

28 Porque dizeis pois agora: Persigamo-lo, e achemos raiz de palavras contra êle? (6)

29 Fugi pois de diante da espada, porque há espada vingadoura das iniquidades: E sabeí que há juízo. (7)

CAPÍTULO 20

SOFAR CONTINUA EM DESCREVER OS CASTIGOS, COM QUE DEUS PUNE OS ÍMPIOS.

1 E respondendo Sofar de Naamat, disse:

2 Por isso a mim me vêm pensamentos sôbre pensamentos, e o meu espírito é arrebatado a diversas coisas.

3 Ouvirei a doutrina, com que me argúis, e o espírito da minha inteligência responderá por mim.

4 Isto sei eu desde o princípio, desde que o homem foi pôsto sôbre a terra,

5 que é breve o louvor dos ímpios, e a alegria do hipócrita como de um momento.

6 Se a sua soberba subir até ao céu, e a sua cabeça tocar nas nuvens:

7 Enfim perecerá como um monturo: E os que o viam, dirão: Onde está?

8 Como sonho que voa não será achado, desaparecerá como visão noturna.

mortos tão expressamente como antes do Evangelho o fêz Jó — S. Jerônimo.

(6) **E ACHEMOS RAIZ DE PALAVRAS** — Isto é, busquemos motivo e pretexto de o caluniar e perseguir. — Pereira.

(7) **FUGI POIS DE DIANTE DA ESPADA** — Da ira de Deus, que castiga aos caluniadores. — Pereira.

9 O olho que o havia visto, não o verá, nem o verá mais a sua morada.

10 Os seus filhos serão consumidos da pobreza, e as suas mãos lhe tornarão a sua dor. (1)

11 Os seus ossos se encherão dos vícios da sua mocidade, e com elle dormirão no pó.

12 Porque quando o mal fôr doce na sua bôca, escondê-lo-á debaixo da sua língua. (2)

13 Poupá-lo-á, e não o deixará, e o reterá na sua garganta.

14 O seu pão nas suas entranhas se converterá interiormente em fel de áspides. (3)

15 Vomitará as riquezas, que devorou, e Deus lhas fará sair das entranhas.

16 Chupará a cabeça de áspides, e a língua da víbora o matará.

17 Jamais veja elle correntes de rio, nem torrentes de mel, e de manteiga. (4)

18 Pagará tudo o que fêz, mas nem por isso será

(1) **E AS SUAS MÃOS LHE TORNARÃO A SUA DOR** — Os seus próprios crimes, as injúrias e violências que fêz ao seu próximo, se voltarão contra o ímpio e lhe causarão o seu maior tormento. — Sacy.

(2) **QUANDO O MAL FÔR DOCE NA SUA BÔCA** — Compara aqui o homem que põe todos os seus prazeres em pecar, ao glutão e guloso, que demora na bôca o que lhe agrada, ou o bocado de que mais gosta. — Sacy.

(3) **O SEU PÃO NAS SUAS ENTRANHAS SE CONVERTERÁ** — Isto é, o gosto com que cometeu o pecado lhe será transmutado em fel ou veneno de áspides; são as funestas conseqüências que o pecado produz na alma e no corpo. — Sacy.

(4) **JAMAIS VEJA ELE CORRENTES DE RIO** — Elegante apóstrofe que se entende por abundância de bens, de felicidades, etc., e em tôdas as suas obras não achará senão penas, amarguras e aflicção. — Menochio.

consumido: Segundo a multidão de seus embustes, assim será a sua pena. (5)

19 Porque oprimindo despia os pobres: Roubou casas, e não as edificou.

20 Nem se saciou o seu ventre: E quando tiver o que havia cobiçado, não o poderá possuir.

21 Não sobrou da sua comida, e por isso nada permanecerá de seus bens. (6)

22 Depois que se fartar padecerá ansias, e se abraçará e toda a sorte de dores virá sobre ele.

23 Oxalá se encha o seu ventre para que envie contra ele a ira do seu furor, e faça chover sobre ele a sua vingança.

24 Fugirá das armas de ferro, e cairá no arco de bronze. (7)

25 A espada tirada, e que sai da sua bainha, e que rutila como o relâmpago em sua amargura: Irão, e virão sobre ele os horríveis. (8)

26 Todas as trevas estão escondidas no interior da sua alma: Devorá-lo-á fogo, que não se acende, será penetrado de aflição o que ficar na sua tenda.

(5) **PAGARÁ TUDO O QUE FEZ, MAS NEM POR ISSO, ETC.** — Esta é a imagem terrível da duplicada desgraça dos reprovados, que é verem-se não só privados da presença de Deus, mas também condenados a tormentos eternos. — Beda, in Job, liv. 2, c. 3.

(6) **NÃO SOBROU DA SUA COMIDA** — Isto é, dos seus festins nada deixou para os pobres. — Sacy.

(7) **E CAIRÁ NO ARCO DE BRONZE** — Isto é, na seta despedida pelo arco de bronze, quer dizer, fugirá de um mal que lhe parece grave, e cairá em outro mais grave, fugirá das mãos dos homens, cairá nas de Deus. — Pereira.

(8) **OS HORRÍVEIS** — Terríveis e espantosos inimigos, que são os demônios. O hebreu lê “andarão sobre ele médos.” — Pereira.

27 Os céus revelarão a sua iniquidade, e a terra se levantará contra êle.

28 Ficarão ao desamparo o fruto da sua casa, será arrancado no dia do furor de Deus. (9)

29 Esta é a sorte que receberá de Deus o homem ímpio, e a herança que haverá do Senhor pelas suas palavras.

CAPÍTULO 21

JÓ SUSTENTA QUE OS ÍMPIOS GOZAM MUITAS VÊZES DUMA LONGA PROSPERIDADE, E QUE DEPOIS DA SUA MORTE E' QUE DEUS ORDINARIAMENTE EXERCE AS SUAS VINGANÇAS CONTRA ÊLES.

1 E respondendo Jó, disse:

2 Ouvi, vos peço, as minhas razões, e fazei penitência. (1)

3 Sofrei-me, e eu falarei, e depois, se vos parecer, zombai das minhas palavras.

4 Porventura é com um homem a minha disputa, para que não tenha motivo de angustiar-me?

5 Olhai para mim, e pasmai, e ponde o dedo sobre a vossa boca:

6 E eu mesmo quando me recordo, me assombro, e estremece toda a minha carne.

7 Por que razão pois vivem os ímpios, por que são exaltados, e crescem em riquezas?

8 Seus filhos se conservam diante dêles, à sua vista têm uma multidão de parentes, de netos.

(9) **FICARÃO AO DESAMPARO O FRUTO DA SUA CASA** — Os desastres do ímpio chegam a toda a sua posteridade. — *Pereira.*

(1) **E FAZEI PENITÊNCIA** — Isto é, mudai de pensamento, segundo lêem os Setenta, para que eu tenha sequer de vós esta consolação. — *Pereira.*

9 As suas casas estão seguras, e em paz, e a vara de Deus não está sobre êles.

10 A sua vaca concebeu, e não abortou: Pariu a sua vaca, e não se lhe malogrou a sua cria.

11 Saem como a manadas os seus filhos, e os seus pequenos saltam, e brincam.

12 Levam pandeiro, e alaúde, saltam ao som dos instrumentos músicos.

13 Êles passam os seus dias em prazeres, e num momento descem à sepultura.

14 Êstes são os que disseram a Deus: Retira-te de nós, pois nós não queremos conhecer os teus caminhos.

15 Quem é o Todo-Poderoso para que o sirvamos? e que nos aproveita que lhe façamos orações?

16 Mas porquanto não estão na mão dêles os seus bens, longe esteja de mim o conselho dos ímpios.

17 Quantas vêzes se apagará a lucerna dos ímpios, e lhes sobrevirá inundaçào, e lhes repartirá as dores do seu furor? (2)

18 Serão como as palhas ao soprar do vento, e como a cinza espalhada pelo redemoinho:

19 Deus reservará para seus filhos a pena do pai: E quando lhe der o pago, então escarmentará. (3)

20 Verão os seus próprios olhos a sua total ruína, e do furor do onipotente beberá.

(2) **QUANTAS VEZES SE APAGARA A LUCERNA DOS ÍMPIOS, ETC.** — Entende-se da decadência da fortuna, e propriedade do ímpio, para um abismo de misérias e desastres, com que Deus castiga os seus excessos. Também alguns intérpretes o entendem da morte do ímpio, o que liga melhor com o texto que se segue. — *Pereira.*

(3) **ENTÃO ESCARMENTARA** — Isto é, quando o pai vir pelos seus crimes castigado o seu filho, então conhecerá que existe uma providência, que vigia sobre tôdas as ações dos homens, e uma justiça que castiga os pecadores. — *Pereira.*

21 Pois que se lhe dá a êle do que será feito da sua casa depois da sua morte? E que Deus corte pela metade o número dos seus meses? (4)

22 Acaso pretenderá alguém ensinar alguma coisa a Deus, que julga os mais elevados?

23 Um morre robusto e são, rico e feliz.

24 As suas entranhas estão cheias de gordura, e os seus ossos estão regados de tutanos:

25 Outro porém morre em amargura da sua alma sem bens alguns:

26 E todavia ambos êles dormem igualmente no pó, e os bichos os comerão.

27 Eu conheço bem os vossos pensamentos, e injustos juízos contra mim. (5)

28 Por que vós dizeis: Onde está a casa dêste príncipe, e onde as tendas dos ímpios?

29 Perguntai a qualquer dos viandantes, e sabereis que êle entende isto mesmo. (6)

(4) O NÚMERO DOS SEUS MESES? — Dos meses de quem? Dos meses de seus filhos, expõem de Carrières e Calmet, os quais supõem que êste v. 21 depende do v. 19. — Pereira.

(5) EU CONHEÇO BEM OS VOSSOS PENSAMENTOS, ETC. — Jó vai a responder neste vers. e seguintes à objeção que seus amigos lhe podiam opor, que é: sendo verdade que Deus concede aos ímpios dilatadas prosperidades, dizei-nos que fim tiveram êsses tiranos, êsses ímpios que tão grande brado deram durante a sua vida? não se sabe que êles morreram debaixo da mão de Deus? — Calmet.

(6) PERGUNTAI, ETC. — Segue-se a resposta de Jó, que diz: Perguntai a qualquer passageiro, aos mesmos que têm decorrido mais províncias, êles vos responderão, que se encontram muitos ímpios opulentos, como também muitos homens retos na desgraça. O ímpio ainda que nesta vida tenha prosperidades, fica-lhe reservado para o dia da perdição o castigo de seus crimes, como Jó diz no vers. seguinte. — Calmet.

30 Porque o mau é reservado para o dia da perdição, e será conduzido ao dia do furor.

31 Quem acusará diante dele o seu caminho? e quem lhe dará o pago do que fêz?

32 Ele mesmo será levado aos sepulcros e estará vigilante no montão dos mortos.

33 Doce foi ele às aréias do Cocito e arrastará atrás de si todo o homem, e diante de si a inumeráveis. (7)

34 Como pois me consolais em vão, tendo-se visto que as vossas respostas se opõem à verdade?

CAPÍTULO 22

ELIFAZ REPREENDE A JÓ DE CRIMINOSO, E O EXORTA A QUE SE CONVERTA AO SENHOR.

1 E respondendo Elifaz de Teman, disse: (1)

2 Acaso pode o homem ser comparado com Deus, ainda quando ele fôsse de uma ciência consumada?

3 De que serve a Deus que tu sejas justo? ou que lhe acrescentas, se fôr sem mácula o teu caminho?

(7) **DOCE FOI ELE AS AREIAS DO COCITO, ETC.** — O Cocito é um dos rios fabulosos que banham o inferno, segundo a opinião dos poetas; e Homero faz ser o Cocito um dos ramos da Estige. S. Jerônimo meteu na sua tradução este termo para designar a descida do ímpio ao inferno. Mas nem o hebreu, nem as versões gregas dizem algo deste rio. Nem parece crível, que Jó aludisse a uma fábula, cuja invenção se supõe que foi muito posterior a ele. — Calmet.

(1) **DISSE** — Elifaz insiste de novo, e pretende mostrar que Deus castiga a Jó porque é um ímpio, e que se ele fôsse justo, Deus não permitiria que fôsse afligido, dizendo-lhe: se pretendes saber de Deus o motivo das tuas aflições, és um temerário, querendo sondar os seus arcanos secretos; se o buscares em ti mesmo, como deves, acharás serem os seus pecados a causa do que padece; e portanto se te não confessares culpado, ofendes a Deus, e a sua Divina Providência. — Pereira.

4 Acaso temeroso te argüirá, ou entrará contigo em juízo,

5 e não antes pela tua grandíssima malícia, e pelas tuas inumeráveis maldades? (2)

6 Porque tu sem causa tiraste os penhores a teus irmãos, e aos nus despojaste dos seus vestidos.

7 Negaste água ao fatigado, e tiraste pão ao faminto.

8 Com a força de teu braço possuías a terra, e como mais poderoso te levantavas com ela.

9 Despediste as viúvas sem socorro, e os braços dos órfãos quebrantaste. (3)

10 Por isso tu estás cercado de laços, e um repentino temor te turba.

11 E julgavas que nunca verias as trevas, nem serias oprimido na impetuosa inundação das águas?

12 Acaso não ponderas que Deus é mais alto que o Céu e que se eleva sobre o cume das estrêlas?

13 E dizes: Pois que sabe Deus? êle julga como entre trevas.

14 Nas nuvens está escondido, nem tem cuidado das nossas coisas e passeia pelos pólos do céu.

(2) **E. PELAS TUAS INUMERÁVEIS MALDADES** — Elifaz vai acusando a Jó de todos os crimes que pode cometer um príncipe ou juiz que, abusando da sua autoridade, é ao mesmo tempo cruel, tirano, ambicioso, etc., supondo que êle havia de ter cometido algum destes crimes, porque aliás Deus o não teria assim afligido, pois não é crível que Elifaz julgasse ser Jó criminoso de todos estes males, se não fundasse as suas acusações em que Deus não costumava afligir os justos, mas somente os ímpios. — Sacy.

(3) **DESPEDISTE AS VIÚVAS SEM SOCORRO, ETC.** — Veremos quanto Jó estava distante de semelhante desumanidade, adiante, c. 29, 15s; 31, 16s. — Pereira.

15 Acaso queres seguir a rota dos séculos, que pisaram os homens iníquos? (4)

16 Os quais foram arrebatados antes do seu tempo, e um rio destruiu os seus fundamentos: (5)

17 Que diziam a Deus: Retira-te de nós: E que reputavam o Onipotente, como se não pudesse fazer nada:

18 Sendo êle o que cumulou de bens as suas casas: Cujo modo de pensar seja longe de mim. (6)

19 Os justos verão e alegrar-se-ão, e o inocente os insultará. (7)

20 Porventura não foi cortada a sua soberba, e o fogo não devorou as suas relíquias? (8)

21 Submete-te pois a êle, e terás paz; e assim colherás mui excelentes frutos.

(4) **ACASO QUERES SEGUIR A ROTA DOS SÉCULOS, ETC.** — Alude ao erro dos incrédulos, que antes do Dilúvio julgavam que a Divindade e a Providência se não estendiam às coisas mundanas, e por isso se entregavam a toda a sorte de crimes e impiedades. — Calmet.

(5) **E UM RIO DESTRUIU, ETC.** — Isto é, a impetuosidade da cólera de Deus, ou segundo alguns, nisto se alude ao dilúvio, ou ao successo dos egípcios no mar Roxo. — Pereira.

(6) **CUJO MODO DE PENSAR, ETC.** — Como chelo de impiedade e de blasfêmias, próprio de ateístas. — Pereira.

(7) **OS JUSTOS VERAÕ, ETC.** — Ou se alude a Noé, e aos da sua família, que viram perecer aos que nas águas do Dilúvio se afogaram, ou em geral aos justos, que todos os dias presenciavam semelhantes exemplos da justiça de Deus contra os ímpios. Alegrar-se-ão, não por espírito de vingança, mas por zelo de glória de Deus, tendo em vista a equidade dos seus juizes. E o inocente os insultará, escarnecendo da incredulidade com que desprezaram a Lei de Deus, escarnecendo da esperança dos justos. — Sacy.

(8) **E O FOGO NÃO DEVOROU AS SUAS RELÍQUIAS?** — Aqui julgam alguns intérpretes fazer-se alusão ao incêndio de Sodoma. — Tirino.

22 Recebe a lei da sua bôca, e grava as suas palavras no teu coração.

23 Se voltares para o Todo-Poderoso, serás restabelecido, e afugentarás de tua casa a iniquidade.

24 Ele te dará em lugar da terra o rochedo, e em lugar de rochedo torrentes de ouro.

25 E o Todo-Poderoso se declarará contra os teus inimigos, e tu terás prata a montes.

26 Então abundarás em delícias no Todo-Poderoso, e levantarás o teu rosto para Deus.

27 Tu lhe rogarás, e ele te ouvirá, e cumprirá os teus votos.

28 Formarás os teus projetos, e terão feliz êxito, e a luz brilhará em teus caminhos.

29 Porque aquêle que se humilhar, será em glória; e aquêle que tiver abaixado os seus olhos, êsse será salvo. (9)

30 O inocente será salvo, mas será salvo pela pureza de suas mãos.

CAPÍTULO 23

DESEJA APRESENTAR-SE JÓ NO TRIBUNAL DIVINO, E APARECER NÊLE APOIADO PELO MEDIADOR, EM QUEM ELE ESPERA. E' TOCADO DE CONFIANÇA, DE TEMOR E DE RECONHECIMENTO.

1 E respondendo Jó, disse: (1)

2 Ainda agora estão em amargura as minhas pala-

(9) **E AQUELE QUE TIVER ABAIXADO OS SEUS OLHOS** — Os olhos baixos e humildes manifestam modéstia, assim como os levantados e altivos são indício de soberba. — Pereira.

(1) **E RESPONDENDO JÓ, ETC.** — Ele responde a Elifaz insistindo na defesa da sua vida e inocência,

bras, e a violência da minha chaga se agravou sobre o meu gemido. (2)

3 Quem me dera que o conhecesse, e o achasse, e eu chegasse até ao seu trono? (3)

4 Exporia ante êle a minha causa, e encheria a minha bôca de queixas. (4)

5 Para saber o que êle me responderia, e para compreender o que êle me poderia dizer.

6 Não quero que com muita fortaleza contenda comigo, nem que me oprima com o pêso da sua grandeza.

7 Proponha contra mim a equidade, e chegará à vitória o meu juízo.

8 Se eu fôr ao Oriente, não aparece: Se ao Ocidente, não o perceberei.

9 Se à esquerda, que hei de fazer? não o alcançarei: Se me voltar à direita, não o verei.

10 Mas êle sabe o meu caminho, e êle me prova como ouro que passa pelo fogo.

11 O meu pé seguiu as suas pisadas, eu guardei o seu caminho, e não me desviei dêle.

12 Dos preceitos de seus lábios não me aparteï, escondi no meu seio as palavras da sua bôca.

13 Porque êle é só, e ninguém pode inverter seus pensamentos: E a sua vontade tudo o que quis, isso fêz.

(2) **SE AGRAVOU SOBRE O MEU GEMIDO** — Isto é, a violência do meu mal é tão grande, que a não posso explicar pelos meus gemidos, pôsto que vos pareçam excessivos. Ou, segundo outros: os meus gemidos fizeram aumentar a violência da minha chaga ou dos males. — Sacy.

(3) **QUEM ME DERA QUE O CONHECESSE** — Entende-se a Deus. Este desejo de comparecer diante do seu juiz, prova bem a retidão de Jó. — Pereira.

(4) **DE QUEIXAS** — De humildes queixas a Deus, ou razões e provas para defender a minha causa, e argüir e convencer os meus contrários. — Estio.

14 Quando tiver cumprido em mim a sua vontade, ainda tem à mão outras muitas coisas semelhantes. (5)

15 E por isso eu estou turbado na sua presença, e quando o considero, sou agitado de temor.

16 Deus amolçou o meu coração, e o Todo-Poderoso me turbou.

17 Porque não tenho perecido não obstante as trevas que estão sobre mim, nem a escuridade cobriu meu rosto.

CAPÍTULO 24

JÓ SUSTENTA QUE O CRIME FICA MUITAS VEZES IMPUNIDO NESTA VIDA, PORQUE DEUS GUARDA ORDINARIAMENTE A VINGANÇA PARA DEPOIS DA MORTE.

1 Ao Todo-Poderoso os tempos não são ocultos: Mas os que o conhecem a êle, ignoram os seus dias. (1)

2 Uns passaram além dos limites, roubaram rebanhos, e os apascentaram. (2)

3 Levaram o jumento dos pupilos, e tomaram em penhor o boi da viúva.

4 Transtornaram o caminho dos pobres, e oprimiram juntamente os mansos da terra.

(5) **AINDA TEM A MÃO OUTRAS MUITAS COISAS SEMELHANTES** — Isto é, Deus cumpriu a sua vontade em afligir-me por tão diferentes modos, e se me quiser ainda mais afligir e provar, tem mil meios e caminhos para o fazer. — Pereira.

(1) **MAS OS QUE O CONHECEM A ELE IGNORAM, ETC.** — Deus sabe, pelos seus eternos decretos, como e quando há de castigar o ímpio e premiar o justo: mas êle reservou este conhecimento a si só, a ninguém o comunicou, nem mesmo aos seus maiores amigos. — Calmet.

(2) **UNS PASSARAM ALÉM DOS LIMITES** — Jó vai mostrando quantos homens, que ignorando o dia do seu juízo particular e universal, se atrevem impunemente a cometer crimes horrendos. — Pereira.

5 Outros como asnos monteses no deserto saem à sua obra: Madrugando para roubar, aprontam o pão para seus filhos. (3)

6 Ceifam o campo que não é seu: E vindimam a vinha daquele, a quem oprimiram com violência.

7 Deixam nus aos homens, tirando vestidos aos que não têm com que se cobrir no frio:

8 A quem as chuvas nos montes repassam: E que não tendo com que se cubram, se abraçam com os rochedos. (4)

9 Fizeram violência roubando aos pupilos e ao povo pobre despojaram.

10 Aos nus e que iam sem vestido, e aos famintos tiraram as espigas. (5)

11 Eles repousam ao meio-dia entre os montões daqueles, que depois de terem pisado a uva nos lagares, padecem sede. (6)

12 Fizeram gemer aos homens nas cidades, e a

(3) **OUTROS COMO ASNOS MONTESES** — Isto é, sem jugo nem dependência de leis, cometendo roubos e as maiores violências aos pobres. — Menochio.

(4) **SE ABRAÇAM COM OS ROCHEDOS** — Quer dizer: Expostos à chuva e às injúrias do tempo, que cai sobre eles; não têm mais abrigo que as cavernas dos rochedos para se recolherem. — Calmet.

(5) **TIRARAM AS ESPIGAS** — Aquelas espigas que tinham escapado aos segadores, e que eles tinham apanhado uma por uma. — Pereira.

(6) **ÊLES REPOUSAM, ETC.** — Descansam e folgam com o trabalho dos outros, servindo-se dos seus bens e privando violentamente dos seus frutos àqueles mesmos que com o seu trabalho os colheram. Os pobres depois de terem pisado nos lagares destes homens desumanos, não podiam sequer alcançar um copo de vinho para beber, ainda que estalassem à sede.

alma dos feridos gritou, e Deus não deixa tais coisas sem castigo. (7)

13 Eles foram rebeldes à luz, não conheceram os caminhos dêle, nem voltaram pelas suas veredas.

14 O homicida levanta-se ao amanhecer, mata o mendigo e o pobre: E de noite será como um ladrão.

15 O ôlho do adúltero observa a escuridade, dizendo: Ninguém me verá: E cobrirá o seu rosto.

16 Arromba nas trevas as casas, como de dia haviam ajustado e não advertiram que era dia. (8)

17 Se de súbito aparece a aurora, crêem que é a sombra da morte: E assim andam pelas trevas como pela luz.

18 E' mais inconstante que a superfície da água: Maldita seja a sua porção sôbre a terra, e não ande pelo caminho das vinhas. (9)

(7) **FIZERAM GEMER AOS HOMENS NAS CIDADES** — Não só nos campos, mas também nas cidades, cometeram mil desordens; a alma dos feridos, ou sangue dos mortos pelas suas violências, clamará contra eles e Deus não deixará sem castigo, e ainda que Deus os não castigue neste mundo, eles não deixarão de receber na outra vida o seu merecido castigo para sempre. — **Pereira.**

(8) **E NÃO ADVERTIRAM QUE ERA DIA** — Isto é, aborrecem, fogem, e escondem-se da claridade do dia, e só de noite é que saem para fazerem os seus roubos. — **Calmet.**

(9) **É MAIS INCONSTANTE QUE A SUPERFÍCIE DA AGUA** — O ímpio é semelhante ao mar que se move com qualquer assôpro de vento, como se lê em Is 57, 20, e para saciar e cumprir os seus depravados e ambiciosos desejos atravessará rios e mares. — **Sacy.**

E NÃO ANDE PELO CAMINHO DAS VINHAS — Isto é, por sítios amenos, ou, segundo Calmet: Maldita seja a porção do ímpio sôbre a terra, e Deus não olhe para as suas vinhas, nem êle logre o fruto dos seus campos.

19 Ele passe das águas da neve para um excessivo calor, e o seu pecado vá até aos infernos.

20 A misericórdia se esqueça dêle: Os bichos sejam a sua doçura: Não haja dêle memória, mas seja feito em pedaços como árvore que não dá fruto.

21 Porque êle sustentou a estéril, que não pare, e não fêz bem à viúva.

22 Destroçou os valentes com a sua fortaleza: E quando estiver em pé, não se fiará na sua vida. (10)

23 Deus lhe deu lugar de penitência, e êle abusa disto para soberba: E os olhos de Deus estão nos seus caminhos.

24 Elevaram-se um pouco, mas não subsistirão, e serão humilhados, e arrebatados como tôdas as coisas, e como cabeças de espigas serão quebrantados. (11)

25 Se isso não é assim, quem me poderá convencer de mentira, e acusar as minhas palavras diante de Deus?

CAPÍTULO 25

BALDAD SUSTENTA QUE O HOMEM NÃO PODE SEM PRESUNÇÃO PRETENDER JUSTIFICAR-SE DIANTE DE DEUS.

1 E respondendo Baldad Suíta, disse:

2 O poder e o terror estão na mão daquele, que mantém a concórdia nas suas alturas. (1)

(10) **NÃO SE FIARÁ NA SUA VIDA** — Quer dizer, ainda no meio das suas prosperidades viverá sobressaltado e inquieto; a toda a hora estão os ímpios em perigo de perderem a vida por efeitos da justiça de Deus, de cuja bondade e paciência abusaram, para se aumentarem mais em soberba, como se lê no versículo seguinte. — Sacy.

(11) **COMO CABEÇAS DE ESPIGAS** — Expressão empregada para designar a facilidade com que se viam quebrantados, idest *repent, vel facile et nullo negatio*. — Sculter.

(1) **QUE MANTÉM A CONCÓRDIA, ETC.** — Esta concórdia

3 Porventura têm número os seus soldados? e sobre quem não surgirá a sua luz? (2)

4 Acaso pode justificar-se o homem, comparado com Deus, ou aparecer puro o que nasceu da mulher?

5 Eis-aí que a mesma lua não resplandece, e as mesmas estrêlas não são limpas na sua presença:

6 Quanto menos o homem que é podridão, e o filho do homem que é um bichinho?

CAPÍTULO 26

JÓ EXALTA A GRANDEZA, E PODER DO SENHOR.

1 E respondendo Jó, disse:

2 De quem és tu ajudador? Porventura do fraco? e sustentas o braço daquele que não tem fôrça?

3 A quem deste conselho? talvez àquele que não tem sabedoria, e fazes alarde da tua grande prudência.

4 A quem quiseste tu ensinar? não é àquele que fez a respiração?

5 Eis-aí os mesmos gigantes gemem debaixo das águas, e os que habitam com êles. (1)

e harmonia se entende dos corpos celestes, pelo que respeita à ordem e concôrto dos seus movimentos e alterações. — Estio.

(2) OS SEUS SOLDADOS — Alguns intérpretes entendem que se fala das estrêlas, que são tantas, que não é possível contarem-se; outros, como S. Gregório, o entendem dos anjos, que são milhares de milhares. Apc v. 12. E outros o entendem de tôdas as criaturas que são executoras das ordens da Divina Providência.

— Sacy.

(1) OS MESMOS GIGANTES, ETC. — Aqui se vê a antiga tradição que ensina que os gigantes (chamados em hebreu Raphaîns) foram sepultados nas águas. Ou ela fôsse tirada das Santas Escripturas, que nos informa que os gigantes ficaram afogados nas águas do dilúvio, ou se derivasse de outra alguma fonte, ela

6 Aberto está o inferno diante dêle, e não há véu algum que cubra a perdição.

7 Êle é o que estende o Pólo Setentrional sôbre o vazio, e o que suspende a terra sôbre o nada. (2)

8 Êle é o que prende as águas nas suas nuvens, para que tôdas à uma se não precipitem para baixo.

9 O que esconde à vista o seu trono, e espalha sôbre êle as suas nuvens.

10 Pôs em roda limites às águas, até que se acabem a luz e as trevas.

11 As colunas do céu estremecem, e tremem ao seu aceno.

12 Com a sua fortaleza de repente se congregaram os mares, e a sua sabedoria feriu ao soberbo.

se acha muito bem expressa nos poetas e historiadores profanos. Como quando Apolônio põe o gigante Tifon sepultado debaixo das águas do Lago Sirbônico. E quando Virgílio representa os Titãs metidos no fundo dos abismos. Salomão nos provérbios chama ao inferno o ajuntamento dos gigantes. Isafas falando do rei de Babilônia e Ezequiel falando dos reis de Tiro e do Egito, os ameaçam, que na sua chegada ao inferno os hão de vir cortejar e receber os gigantes. — Calmet.

(2). **ELE E' O QUE ESTENDE O PÓLO SETENTRIONAL SOBRE O VAZIO** — Jó considera o céu suspenso sôbre a terra, como um vasto pavilhão sustentado pelo Pólo Setentrional, como por um ponto imóvel, dirigido ao seu centro; enquanto todos os astros que ornem esta magnífica concavidade, tem cada um o seu movimento regular e uniforme. E o fazer êle só menção do Pólo Setentrional, é porque da Iduméia, onde êle vivia, não se via outro. Quanto à terra, Jó a concebe como um corpo sólido e maciço, a quem nada sustenta, que é o mesmo que depois disse Ovídio nos Fastos, Liv. VI, v. 269, comparando a terra a uma péla.

Terra pilæ, similis nullo fulcimine nixæ

Calmet.

13 O seu espírito adornou os céus, e por obra da sua mão, foi tirada à luz a cobra tortuosa. (3)

14 Eis-aqui, isto é uma parte dos seus caminhos, e se apenas temos ouvido uma pequena gôta do que dêle se pode dizer, quem poderá compreender o trovão da sua grandeza?

CAPÍTULO 27

JÓ PERSISTE EM DEFENDER A SUA INOCÊNCIA. EXPÕE OS INFORTÚNIOS QUE AMEAÇAM AO HIPÓCRITA, E AO ÍMPIO.

1 Acrescentou também Jó, continuando a sua parábola, e disse: (1)

2 Vive Deus, que desviou a minha causa, e o Onipotente, que trouxe à amargura a minha alma. (2)

3 Porque enquanto em mim houver alento, e o Espírito de Deus nos meus narizes,

(3) **A COBRA TORTUOSA** — Sobre qual seja esta serpente tortuosa, formada nos céus, há grande variedade de pareceres. Uns querem que seja o demônio, que Deus criou pelo seu poder e precipitou pela sua justiça. Assim os setenta intérpretes e S. Gregório Magno. Outros que seja o dragão, ou monstro marinho. Assim Calmet, seguindo a Malvenda. Outros que seja aquêle complexo de certas estrêlas que chamam Via Láctea e que forma a figura duma serpente. Assim o padre de Carrières. Outros outras coisas mui diversas. — *Pereira.*

(1) **A SUA PARÁBOLA** — Isto é, o estilo figurado, ou sentencioso e grave: esta palavra no hebreu significa também discurso. — *Sacy.*

(2) **QUE DESVIOU, ETC.** — Jó perseguido das calúnias de seus amigos e certo da sua inocência, não duvida apelar para o testemunho da mesma verdade, ainda que o Senhor defira tomar a sua defesa e persiga-o de calamidades. Basta que Deus me conheça, diz Jó, êle pode deferir e fazer-me justiça, mas não me recusará. — *Pereira.*

4 não falarão os meus lábios iniquidade, nem a minha língua inventará mentira.

5 Guarde-me Deus de vos ter por justos: Enquanto eu viver, não me apartarei da minha inocência.

6 Não deixarei a justificação, que tenho começado a seguir: Porque o meu coração nada me remorde em toda a minha vida.

7 Seja como ímpio, o meu inimigo: E o meu adversário, seja como iníquo? (3)

8 Pois qual é a esperança do hipócrita se rouba por avareza, e Deus não livra a sua alma? (4)

9 Acaso ouvirá Deus o seu clamor quando lhe sobrevier a angústia? (5)

10 Ou poderá êle deleitar-se no Todo-Poderoso, e invocar a Deus em todo o tempo?

11 Eu vos ensinarei com o auxílio de Deus o que se encerra no Todo-Poderoso, eu não vo-lo esconderei.

12 Mas todos vós o sabeis, e por que pois falais inutilmente palavras vãs?

13 Esta é a sorte que diante de Deus terá o homem:

(3) **SEJA COMO ÍMPIO O MEU INIMIGO, ETC.** — Porque falsamente me reputa criminoso, por ver que sou perseguido. — Tirino.

(4) **POIS QUAL É A ESPERANÇA DO HIPÓCRITA? ETC.** — Jó responde à calúnia que lhe tinham imputado de ser hipócrita, dizendo que não seria tão firme a sua esperança em Deus se fôr hipócrita. Pois que aproveita ao homem ganhar todo o mundo se perder a sua alma. — Mt 16, 26.

(5) **QUANDO LHE SOBREVIER A ANGÚSTIA** — No tempo da sua morte, segundo S. Gregório, suceder-lhe-á o mesmo que aconteceu a Antíoco. 2 Mac 9, 13, "rogava o malvado ao Senhor, de quem não havia de alcançar misericórdia", porque os ímpios somente se movem pelo temor do castigo, e não pelo ódio do crime, nem por amor da justiça. — Menochio.

ímpio, e a herança que os violentos receberão do Todo-Poderoso.

14 Se os seus filhos se multiplicarem, serão para a espada, e os seus netos não serão fartos de pão.

15 Os que ficarem dêle, serão sepultados na sua ruína, e as suas viúvas não chorarão. (6)

16 Se êle amontoar prata como terra, e se ajuntar vestidos como lama:

17 Êle sim os ajuntará, mas o justo se vestirá com êles, e o inocente repartirá a sua prata.

18 Lavrou como a traça a sua casa, e como o guarda fêz a sua choupana. (7)

19 O rico quando dormir, nada levará consigo: Abrirá os seus olhos, e nada achará.

20 A miséria o surpreenderá como inundação, de noite o oprimirá a tempestade.

21 Um vento abrasador o tirará, e levará, êle o arrebatará do seu lugar, como um redemoinho.

(6) **SERÃO SEPULTADOS NA SUA RUÍNA** — Segundo alguns intérpretes, morrerão de morte violenta, como de peste, ou outra epidemia; e, segundo outros, serão sepultados sem honras nem pompas. — Calmet.

E AS SUAS VIÚVAS NÃO CHORARÃO — Isto é, ninguém terá compaixão das suas viúvas. Como a poligamia era permitida, deixavam por sua morte muitas viúvas. Pode também significar que não ficaria quem os chorasse, porque as suas viúvas pereceriam juntamente com êles. — Pereira.

(7) **LAVROU COMO A TRAÇA A SUA CASA, ETC.** — Para mostrar a pouca duração da casa dos ímpios, alude à traça, que, roendo a madeira ou o vestido, destrói o que lhe há de servir de casa, e também alude à choupana do guardador da vinha, a qual se desmancha logo que se acaba a vindima, e este último é o sentido que se colhe do hebreu. — Sacy.

22 E lançará sobre ele, e não perdoará: Da sua mão irá fugindo a toda a pressa. (8)

23 O que vir o seu lugar, baterá sobre ele as suas mãos, e assobiará sobre ele. (9)

CAPÍTULO 28

JÓ AVERIGUANDO A ORIGEM, O PRINCÍPIO, E A FONTE DE SUA SABEDORIA.

1 A prata tem um princípio das suas veias: O ouro tem um próprio lugar onde se forma. (1).

2 O ferro tira-se da terra: E a pedra derretida no fogo torna-se em metal.

3 Pôs termo às trevas, e ele mesmo considera o fim de todas as coisas também a pedra da escuridão, e a sombra da morte. (2)

4 A torrente divide do povo viandante aquêles de

(8) **E LANÇARA SOBRE ELE, ETC.** — Isto é: "Deus lançará sobre o ímpio, males sobre males e não lhe perdoará; fará todo o possível para fugir das suas mãos, mas inutilmente". — Pereira.

(9) **BATERÁ SOBRE ELE AS SUAS MAOS, ETC.** — Por escárnio e admirando os justos juízos de um Deus vingador dos seus agravos. — Pereira.

(1) **A PRATA, ETC.** — Nos primeiros versículos deste capítulo refere Jó muitos descobrimentos admiráveis, que os homens têm feito, com os quais têm aperfeiçoado as artes, e têm tirado à luz o que a mesma natureza parece queria ter oculto. — Pereira.

(2) **PÓS TERMO AS TREVAS** — Parece que no princípio deste versículo há alguma falta de palavras, e por isso é escuríssimo. Alguns entendem que se alude ao modo de medir o espaço de noite pelas observações celestes, mas parece que continua a falar dos metais e pedras preciosas, que todos os dias a indústria e cobiça do homem descobre e saca do interior e profundo da terra, como da escuridão, e sombra da morte. — Sacy.

quem o pé do homem pobre se esqueceu, e que estão fora do caminho. (3)

5 A terra, da qual nascia o pão como do seu lugar, foi destruída pelo fogo.

6 Há lugares cujas pedras são safiras e cujos torrões são grãos de ouro.

7 A ave ignorou a sua rota, e o ôlho do abutre não a viu.

8 Os filhos dos negociantes não a trilharam, nem a leoa passou por ela.

9 Estendeu a sua mão contra os rochedos, tornou os montes desde as suas raízes.

10 Cortando os penhascos fez arrebentar arroios, e o seu ôlho viu tudo o que há precioso,

11 Investigou também até o fundo dos rios, e pôs às claras o que estava escondido.

12 Mas a sabedoria onde se acha ela? E qual é o lugar da inteligência?

13 O homem não conhece o seu preço, nem ela se acha na terra dos que vivem em delícias.

14 O abismo diz: Ela não está em mim: E o mar publica: Ela não está comigo.

15 Não se dará por ela ouro o mais puro, nem se pesará prata em câmbio dela.

16 Não será comparada com as côres mais vivas da Índia, nem com a pedra sardônica preciosíssima, nem com a safira.

(3) **A TORRENTE DIVIDE DO POVO, ETC.** — Assenta-se ser este um dos lugares mais obscuros de toda a Escritura. Alguns expositores têm para si que Jó compreende aqui uma profecia dos descobrimentos do Novo Mundo, ou América. E outros julgam que Jó neste versículo fala da ambição de possuir o ouro, a prata e as pedras preciosas, que obriga aos homens a passar mares para ir

17 Não se lhe igualará o ouro nem o cristal, e ela se não dará em troca pelos vasos de ouro:

18 Quanto há grande e elevado, não se nomeará em comparação dela: Mas a sabedoria se tira de coisas ocultas.

19 Não se lhe igualará o topázio da Etiópia, nem será comparada com as tintas mais brilhantes.

20 De onde vem pois a sabedoria? E qual é o lugar da inteligência?

21 Escondida está aos olhos de todos os viventes, até às aves do céu está oculta.

22 A perdição e a morte disseram: Aos nossos ouvidos chegou a sua fama.

23 Deus entende o seu caminho, e êle mesmo conhece o seu lugar. (5)

24 Porque êle vê as extremidades do mundo: E vê tudo o que há debaixo do céu.

25 Êle é o que deu pêso aos ventos, e pesou as águas com medida.

26 Quando prescrevia certa lei às chuvas, quando designava certo caminho às tempestades ruidosas:

27 Então a viu, e a manifestou, e preparou, e investigou.

28 E disse ao homem: Eis-aí o temor do Senhor, êle é a mesma sabedoria: E apartar-se do mal, é a inteligência.

buscar êstes tesouros entre povos distantes e estrangeiros. — P'reira.

(5) **DEUS ENTENDE O SEU CAMINHO, ETC.** — Só êle é que pode ensinar ao homem aonde habita a sabedoria, e o caminho que se deve seguir para alcançá-la. Segundo Tg c. 1, 5. — Sacy.

CAPÍTULO 29

FAZ JÓ A DESCRIÇÃO DO SEU PRIMEIRO ESTADO

1 Acrescentou também Jó, continuando a sua parábola, e disse:

2 Quem me dera ser como eu fui nos meses antigos, como nos dias em que Deus me guardava?

3 Quando a sua lâmpada luzia sobre a minha cabeça, e quando eu guiado pela sua luz caminhava nas trevas?

4 Como fui nos dias da minha mocidade, quando Deus habitava secretamente em minha casa?

5 Quando o Todo-Poderoso estava comigo: E os meus filhos em torno de mim?

6 Quando eu lavava os meus pés em manteiga, e quando a pedra derramava para mim arroios de azeite? (1)

7 Quando eu saía até à porta da cidade, e me preparavam uma cadeira na praça pública?

8 Viam-me os mancebos, e se escondiam: E os velhos, levantando-se, se punham em pé.

9 Os príncipes cessavam de falar, e punham o dedo sobre a sua boca.

10 Os maiores continham a sua voz, e a sua língua ficava pegada ao seu paladar.

11 A orelha que me ouvia, chamava-me bem-aventurado, e o olho que me via dava testemunho de mim.

12 Porque eu tinha livrado o pobre que gritava, e o órfão, que não tinha quem o socorresse.

(1) QUANDO EU LAVAVA OS PÉS EM MANTEIGA — E' uma exageração para mostrar a abundância de gados e fartura de azeite que então possuía. — Sacy.

13 A bênção do que estava a perecer vinha sobre mim, e consolei o coração da viúva. (2)

14 Eu me revesti da justiça: E a equidade me serviu, como de vestido e de diadema.

15 Eu fui o olho do cego, e o pé do coxo. (3)

16 Eu era o pai dos pobres: E as causas de que eu não tinha conhecimento, eu me instruía delas com toda a diligência.

17 Eu quebrava os queixos do iníquo, e tirava-lhe a presa dentre os dentes. (4)

18 E eu dizia: Eu morrerei no meu ninhozinho, e multiplicarei os meus dias como a palmeira. (5)

(2) **A BÊNÇÃO DO QUE ESTAVA A PERECER** — Porque eu o tinha socorrido na sua necessidade, ou porque lhe tinha administrado justiça. — Menochio.

(3) **EU FUI O OLHO DO CEGO** — Ajudando com o meu conselho ao que precisava d'ele, e socorrendo o desvalido, declarando-me seu defensor. — Tirino.

(4) **EU QUEBRAVA OS QUEIXOS DO INÍQUO** — Isto é, reprimia a violência que os homens poderosos e injustos faziam às viúvas, aos órfãos e aos pobres. — Menochio.

(5) **COMO A PALMEIRA** — O hebreu tem aqui Chol, nome que em todos os mais lugares da Escritura, onde se encontra, e ele se encontra muitas vezes, sempre se toma na significação de areia. E para significar palmeira, sempre, exceto aqui, traz o hebreu Thamar. Movidos desta razão, vertem aqui muitos e mul habéis intérpretes, como Vatablo, Pagnino e Aires Montano: "E eu multiplicarei os meus dias como a areia", que é como também o trazem o caldeu, o siríaco, o arábico. E querem que em dar ao nome Chol a significação de palmeira, se enganassem aqui os Setenta. Esta é a opinião que Calmet segue. O grande Duguet na sua "explicação ao livro de Jó", sem rejeitar absolutamente este segundo sentido, em que o nome Chol se toma por areia, prefere o da Vulgata, e traduz assim o hebreu: "Eu morrerei em paz no meu ninho, e passando então a uma nova vida, multiplicarei os meus dias, como o arrebento da palmeira." Porque esta árvore se perpetua nos seus arrebentos, ainda depois de cortada. — Calmet,

19 A minha raiz descoberta está junto às águas, e na minha seara fará assento o orvalho.

20 A minha glória sempre se renovará, e o meu arco se fortificará na minha mão.

21 Os que me ouviam, esperavam a minha sentença, e em silêncio estavam atentos ao meu conselho.

22 Não ousavam ajuntar nada às minhas palavras, e minhas razões caíam sobre eles como orvalho.

23 Esperavam-me como a chuva, e abriam a sua bôca como às águas tardias.

24 Se alguma vez me ria com eles, não o criam, e a luz do meu rosto não caía no chão. (6)

25 Se eu queria ir vê-los, assentava-me no primeiro lugar: Quando eu estava assentado como um rei, rodeado de guardas, era todavia o consolador dos aflitos.

CAPÍTULO 30

DESCREVE JÓ O DEPLORAVEL ESTADO EM QUE CAIU.

1 Porém agora zombam de mim os de menos idade, cujos pais noutro tempo não me dignaria eu pôr com os cães do meu rebanho: (1)

2 Aquêles, cuja força de mãos reputava eu em nada, e eram estimados como indignos de viver.

3 Estéreis pela pobreza e pela fome, que andavam roendo pelo deserto, esqueléticos pela calamidade e pela miséria.

(6) **NÃO CAÍA NO CHÃO** — Quer dizer, que qualquer ar de agrado nos olhos, que elle mostrasse, nada passava por alto aos circunstantes.

(1) **CUJOS PAIS NOUTRO TEMPO, ETC.** — Esta expressão figurada, e poética, significa que os pais de alguns dos que o insultavam durante a sua desgraça, eram de mul baixo nascimento e de menor consideração do que os criados a quem elle fiava o cuidado de tratar dos seus cães. — Estlo.

4 E comiam ervas, e cascas de árvores, e que se sustentavam das raízes dos juníperos.

5 Que arrebatando dos vales estas coisas, logo que as achavam, corriam a elas com gritaria.

6 Habitavam nas concavidades dos rios e nas cavernas da terra, ou sôbre os penhascos.

7 Que achavam a sua alegria entre tais coisas, e reputavam por delícia estar debaixo dos espinhos.

8 Filhos de gente insensata e desprezível, e que nem ainda aparecem na terra.

9 Agora tenho chegado a ser a sua canção e me tenho feito objeto dos seus escárnios. (2)

10 Êles me abominam e fogem para longe de mim, e não receiam cuspir-me no rosto.

11 Porque abriu a sua aljava e me afligiu, e pôs um freio na minha bôca. (3)

12 Logo que comecei a aparecer se levantaram à minha destra as minhas calamidades: Transtornaram os meus pés, e me oprimiram com as suas veredas, como com ondas. (4)

13 Desbarataram-me os meus caminhos, armaram-

(2) **AGORA TENHO CHEGADO, ETC.** — Foi Jó em tudo isto figura expressa de Jesus Cristo, que padeceu tantos insultos, e escárnios dos seus amigos, e dos do seu povo, do mesmo modo que o Senhor depois os padeceu da Sinagoga e dos judeus. Estas gentes, de que se faz menção nestes versículos, são certos árabes que os gregos chamaram Troglodnas, e comiam raízes de árvores.

(3) **PORQUE ABRIU A SUA ALJAVA, ETC.** — E' uma expressão figurada, com a qual quer dar a entender, que Deus o afligiu com tôda a sorte de trabalhos, pondo-o como alvo das suas setas. — Pereira.

(4) **LOGO QUE EU COMECEI A APARECER, ETC.** — Nisto mostra a pouca duração das suas prosperidades, e que apenas Deus começou a afligi-lo, logo se levantou contra elle uma imensidade de males. — Pereira.

-me traições, e prevaleceram, e não houve quem me socorresse.

14 Como na brecha de uma muralha, e por uma porta aberta se lançaram sobre mim, e me vieram acabar na minha miséria.

15 Reduzido me vejo a um nada, arrebataste o meu desejo como vento: E como nuvem passou a minha saúde.

16 E agora dentro de mim mesmo se murcha a minha alma, e me possuem dias de aflição.

17 De noite os meus ossos são traspassados de dores: E os que me devoram não dormem. (5)

18 Com a multidão dêstes se consome o meu vestido, e me cercaram como com cabeção de túnica. (6)

19 Sou comparado ao lodo, e sou semelhante ao pó e à cinza.

20 Clamo a ti e não me ouves: Ponho-me diante de ti e não olhas para mim.

21 Trocaste-te em severo para comigo, e na dureza da tua mão te mostras inimigo para comigo. (7)

22 Elevaste-me, e como pondo-me sobre o vento, me arrojaste com violência.

23 Sei que me entregarás à morte, onde há casa estabelecida para todo o vivente.

24 Mas não estendes a tua mão para consumi-los inteiramente: E se caírem, tu mesmo os salvarás.

(5) **E OS QUE ME DEVORAM, ETC.** — Uns o entendem de bichos, que manavam das úlceras; outros dos inimigos que o perseguiam. — *Pereira.*

(6) **COMO COM CABEÇÃO DE TÚNICA, ETC.** — Isto é, segundo o hebreu: Os meus inimigos me rodearam, e cercaram, bem como o cabeção da túnica, que cinge o pescoço. — *Sacy.*

(7) **EM SEVERO, ETC.** — À letra: Cruel; não porque ele o seja, mas porque assim o imaginava Jó, o qual, segundo S. Gregório, não atendia à qualidade do Juiz, mas à sua imaginação, que afligida assim lho representava. — *Pereira.*

25 Eu chorava algum dia sobre aquêle que estava aflito: A minha alma se compadecia do pobre.

26 Esperava bens, e vieram-me males: Esperava a luz e saíram trevas.

27 As minhas entranhas ferveram sem descanso algum: Os dias da aflição me surpreenderam.

28 Caminhava triste, mas sem furor: Levantando-me gritava no meio da gente.

29 Fui irmão de dragões, e companheiro de avestruzes. (8)

30 Denegrida está a minha pele sobre mim, e os meus ossos se secaram pelo ardor.

31 A minha cítara se trocou em tristes lamentos, e o meu órgão nas vozes dos que choram.

CAPÍTULO 31

JÓ SE JUSTIFICA, EXPONDO O SEU MODO DE PROCEDER

1 Fiz concôrto com os meus olhos de certamente não cogitar, nem ainda em uma virgem. (1)

2 Pois que parte teria Deus em mim lá de cima, e que herança o Onipotente desde as alturas?

3 Porventura não há perdição para o malvado, e estranheza para os que obram injustiça?

(8) **FUI IRMÃO DE DRAGÕES, ETC.** — Conta-se que os dragões quando são vencidos dos elefantes dão espantosos silvos e bramidos; o mesmo se refere dos avestruzes, particularmente das fêmeas quando buscam, e não acham os ovos, que ocultaram entre as areias. — *Pereira.*

(1) **FIZ CONCÔRTO, ETC.** — Acaba Jó de contar os seus trabalhos, e passa a referir a sua conduta, mostra logo o grande cuidado que põe em conservar a sua alma pura de todo o mau desejo, e impuros pensamentos. — *Pereira.*

4 Porventura não considera Êle os meus caminhos, e conta todos os meus passos?

5 Se caminhei em vaidade, e se se apressou o meu pé para o engano:

6 Pese-me Deus em balança justa, e conheça a minha singeleza.

7 Se os meus pés se desviaram do caminho, e se o meu coração seguiu os meus olhos, e se às minhas mãos se pegou mácula. (2)

8 Semeie eu, e outro o coma: E seja a minha descendência arrancada até à raiz.

9 Se o meu coração foi seduzido por causa de mulher, e se eu armei traições à porta do meu amigo:

10 Seja minha mulher desonestada por outro, e prostitua-se à paixão de outros.

11 Porque êste é um crime enorme, e uma grandíssima maldade.

12 E' fogo que consome até ao extermínio, e que desarraiga até às mais pequenas vergönteas.

13 Se eu me dedignei de entrar em juízo com o meu servo, ou com a minha serva, quando êles disputavam contra mim.

14 Pois que farei quando Deus se levantar para me julgar? E quando me perguntar, que lhe responderei?

15 Porventura o que me formou no ventre a mim, não o criou também a êle: E não foi um o que nos formou no ventre da mãe?

16 Se neguei aos pobres o que queriam, e se fiz esperar os olhos da viúva.

17 Se comi sòzinho o meu bocado, e se o órfão não comeu dêle:

(2) SE DESVIARAM DO CAMINHO, ETC. — Da justiça, e da lei de Deus. — Menochio.

18 (Porque desde a minha infância cresceu comigo a comisseração: E do ventre de minha mãe saiu comigo).

19 Se desprezei ao que perecia, porque não tinha de que vestir-se, e ao pobre que não tinha com que cobrir-se:

20 Se os seus membros me não abençoaram, e não se aquentou com os velos das minhas ovelhas:

21 Se eu levantei a minha mão contra o pupilo, ainda quando me via superior na porta: (3)

22 Caia o meu ombro da sua juntura, e quebre-se o meu braço com os seus ossos.

23 Porque eu sempre temi a Deus como a umas ondas, que gravitavam sobre mim, e eu não pude suportar o seu pêso.

24 Se eu julguei que o ouro era a minha força, e se eu disse ao ouro mais puro: Tu és minha confiança..

25 Se eu me alegrei com as minhas grandes riquezas, e com os grandes bens que ajuntei pela minha mão.

26 Se eu olhei para o sol no seu luzimento, e para a lua quando caminhava com claridade:

27 E o meu coração sentiu algum oculto contentamento, e beijei a minha mão com a minha bôca. (4)

(3) **NA PORTA** — Era a assembléia dos juizes, ou o tribunal, onde se julgava: Os Setenta vertem: “Confiado em que a mim me sobra o favor.” — **Pereira.**

(4) **E BEIJEI A MINHA MÃO** — Todos os intérpretes convêm em que Jó quis significar com isto que havia tido grande cuidado de abster-se da idolatria, especialmente de olhar para o sol e para a lua, como costumavam os orientais, e entre elles os árabes, como em sinal do culto externo que os idólatras davam aos seus deuses. 3 Rs 19, 13. E para isto, umas vèzes beijavam ao mesmo ídolo, outras lhe tocavam com a mão e logo a beijavam; outras a levantavam para o ídolo, para o sol e para a lua, e depois de havê-la levantado a beijavam, dando a entender com esta ação,

28 O que é o sumo da iniquidade, e um renunciar ao altíssimo Deus.

29 Se eu folguei com a ruína daquele que me tinha ódio, e se eu exultei com o mal que lhe sobreveio.

30 Pois não permiti que pecasse a minha garganta, demandando com imprecções a sua morte.

31 Se as pessoas da minha casa não disseram: Quem nos dará da sua carne para nos fartarmos dela? (5)

32 O peregrino não ficou de fora, a minha porta estêve aberta para o viandante:

33 Se encobri como homem o meu pecado, e ocultei no meu coração a minha iniquidade. (6)

34 Se a grande multidão me aterrou, ou se eu fiquei atemorizado pelo desprezo que de mim faziam os meus parentes: E se eu pelo contrário não me conservei em silêncio, sem sair da minha porta.

35 Quem me dera um que me ouvisse, e que o Onipotente escutasse os meus desejos: E que escrevesse o livro o mesmo que julga.

que desejavam dar-lhe as maiores demonstrações de culto. — Pereira.

(5) SE AS PESSOAS DE MINHA CASA, ETC. — Observe-se que desde o v. 24 d'êste capítulo quantas vezes se principia com a partícula se, deve subentender-se: Seja eu desgraçado, castigue-me Deus, padeça eu justamente êstes males, se acaso os cometi. — Pereira.

(6) SE ENCOBRI COMO HOMEM, ETC. — O justo que peca sete vezes é o primeiro a acusar-se (Prov 18, 17) das faltas em que cai, ou por surpresa ou por descuido, ou por falta de atenção. A maior parte dos homens, por atenções e respeitos humanos, procuram ocultar as próprias faltas, ou justificá-las, ou ao menos escusá-las. Jó, pelo contrário, as confessava com sinceridade, e por esta confissão que queria padecer diante dos homens, a sua virtude cada dia se fazia mais pura e mais perfeita aos olhos de Deus. De onde parece, que ainda no tempo de Jó havia algum uso da pública confissão dos pecados. — Pereira.

36 Para levá-lo sobre o meu ombro, e rodear-me com êle como coroa?

37 A cada um dos meus passos o publicarei, e lho apresentarei como a príncipe.

38 Se a terra que eu possuo clama contra mim, e se os seus regos choram com ela:

39 Se comi seus frutos sem dinheiro, e se afligi o coração dos que a cultivaram: (7)

40 Ela me produza abrolhos em lugar de trigo, e espinhos em lugar de cevada.

Findaram as palavras de Jó. (8)

CAPÍTULO 32

ELIÚ ACUSA A SEUS AMIGOS DE FALTOS DE SABEDORIA, E EXALTA A SUA PRÓPRIA CAPACIDADE.

1 Cessaram porém êstes três homens de responder a Jó, porque se tinha por justo.

2 Mas Eliú, filho de Baraquiel de Buz, da família de Ram, se irou, e encheu de cólera: E inflamou-se em

(7) SE COMI SEUS FRUTOS SEM DINHEIRO, ETC. — Isto é, demorando ou deixando de pagar o jornal ao trabalhador que cultivou a terra. Para prova de que Jó nunca cometeu semelhantes violências e injustiças, acaba a sua defesa com a imprecação que se lê no seguinte versículo.

(8) FINDARAM AS PALAVRAS DE JÓ — Esta cláusula quer dizer que Jó não falara mais aos seus amigos, mas só com Deus. Nempe cum amicis histribus habitá pro sua defensione. — Sculter. Mas a Bíblia da edição de Xisto V omitia-a como apócrifa, dado que ela se ache no hebreu, na versão arábica e na siríaca, e na antiga Vulgata itala. E de não fazerem conta dela nos seus Comentários nem S. Gregório Magno nem o venerável Beda, nem o cardeal Hugo, nem Dionísio Cartuxo, nem Nicolau de Lira, infere Calmet, que a tal cláusula faltava nos seus exemplares.

ira contra Jó, porque dizia que êle era justo diante de Deus. (1)

3 Irritou-se também contra os seus amigos, por não terem achado resposta conveniente, senão que sòmente haviam condenado a Jó.

4 Eliú pois esperou que Jó falasse: Porquanto eram mais velhos os que haviam falado.

5 Mas como viu que os três lhe não puderam responder, se indignou fortemente.

6 E respondendo Eliú, filho de Baraquel de Buz, disse: Sou o mais moço em idade, e vós mais provectos; portanto abaixando a minha cabeça, não me atrevi a expor-vos o meu parecer. (2)

(1) **ELIÚ** — E' um jovem, oriundo provavelmente de um ramo colateral da família de Abraão, 32, 2-6. Cfr. Gên 22, 21. Tinha ouvido o que se dissera em silêncio; intervém agora por disposição divina. São quatro os seus discursos, em que fala violentamente e com manifesta vaidade. Faz porém realçar uma idéa nova — a utilidade do sofrimento para instrução e purificação do homem, demonstrando que o justo pode ser amargurado pelos sofrimentos, preparando assim a manifestação de Deus, fazendo cessar os males suportados pelo seu servo. S. Gregório Magno escreve acêrca da intervenção e modo de dizer de Eliú: "*Magna Eliu ac valde fortia pretulit, sed hoc unus quisque arrogans habere proprium solet, quod dum vera ac mystica loquitur subito per tumorem cordis quaedam inanitas et superba permiscet.*" S. Gregório Magno, *Moralia in Job.* liv. 24, c. 12.

SE IROU E ENCHEU DE CÓLERA, ETC. — Eliú persuadido erradamente de que Jó acusava de injusto a Deus para salvar a sua própria justiça e inocência, se indignou contra êle. Na opinião de S. Gregório, e do venerável Beda, pecou Eliú nas palavras que disse a Jó, pelo modo altivo e orgulhoso com que lhe falou, pôsto que nelas disse muitas verdades. — Sacy.

(2) **DISSE** — Até aqui houve uma introdução em prosa, em que ficou descrita a indignação de Jó, e se declaram as razões que determinaram o silêncio de Eliú; agora chegou o momento em que

7 Porque esperava que falasse a idade mais pro-
vecta, e que os muitos anos ensinassem sabedoria.

8 Mas, pelo que vejo, o espírito está nos homens,
e a inspiração do Todo-Poderoso dá a inteligência.

9 Não são os sábios os de muita idade, nem os an-
ciãos os que julgam o que é justo. (3)

10 Portanto falarei: Ouvi-me; eu vos mostrarei
também a minha sabedoria.

11 Porque tenho dado lugar aos vossos discursões,
tenho ouvido as vossas razões, enquanto têm durado as
vossas disputas:

12 E enquanto eu cria, que vós dizíeis alguma coisa,
atendia: Mas, pelo que vejo, não há entre vós quem possa
argüir a Jó, nem responder às suas razões.

13 Não digais porventura: Nós achamos a sabedo-
ria, Deus é que a lançou de si, e não algum homem.

14 Ele não falou nada para mim, nem eu lhe res-
ponderei também a ele segundo os vossos arrazoados.

15 Ei-os aí intimidados, e não deram mais respos-
ta, e a si mesmos se taparam a bôca.

16 E pois eu tenho esperado, e não têm falado: Fi-
caram mudos, e não tiveram já que responder:

17 Responderei eu também pela minha parte, e
mostrarei a minha ciência:

18 Porque estou cheio de razões, e me aperta o
espírito no meu peito. (4)

Este entendeu dever intervir, declarando que se tinha calado por
ser o mais moço.

(3) **NÃO SÃO OS SÁBIOS** — Cordier diz a este propósito:
Muitas vezes Deus estima muito os jovens — *Saepe a Deo juvenes
magno pretis aestimantur.* — Cordier, *Job elucidatus*.

(4) **E ME APERTA O ESPÍRITO NO MEU PEITO** — No
meu coração, no meu entendimento, na minha alma. E neste mes-
mo sentido repetidas vezes se toma nos Sl 21, 51; 39, 9. Prov
20, 2. Is 14, 18. — Pereira.

19 Eis-aqui o meu peito é como o mosto sem respiradouro, o qual faz estoirar as vasilhas novas.

20 Falarei, e respirarei um pouco: Abrirei os meus lábios, e responderei.

21 Não farei aceitação de pessoa, e não igualarei a Deus com o homem.

22 Porque não sei o tempo que subsistirei, e se daqui a pouco me levará o meu Criador.

CAPÍTULO 33

ELIÚ ACUSA A JÓ DE SE TER LEVANTADO CONTRA DEUS, E DE TER ABUSADO DOS DIFERENTES CAMINHOS, DE QUE DEUS SE SERVE PARA REPREENDER OS HOMENS.

1 Ouve pois. Jó, as minhas palavras, e escuta todos os meus discursos.

2 Eis-aqui abri a minha bôca, fale a minha língua nas minhas fauces.

3 Os meus discursos sairão da simplicidade do meu coração e os meus lábios pronunciarão sentimentos apurados.

4 O espírito de Deus me fêz, e o assôpro do Todo-Poderoso me deu vida.

5 Se podes, responde-me, e põe-te a fazer-me frente.

6 Eis-aqui, Deus me fêz, a mim, assim como a ti, e do mesmo lôdo também eu fui formado.

7 Pelo que nada há de maravilhoso em mim que te espante, e a minha eloquência não te será pesada.

8 Disseste pois nos meus ouvidos, e ouvi a voz das tuas palavras:

9 Eu estou limpo e sem pecado: Eu estou sem mácula, e em mim não há iniquidade.

10 Porque Deus achou contra mim queixas, por isso me considerou como seu inimigo.

11 Pôs os meus pés no cepo, e observou tôdas as minhas veredas. (1)

12 Isto pois é, no que tens mostrado que não és justo; responder-te-ei, que Deus é maior do que o homem.

13 Disputas contra êle, por que não respondeu a tôdas as tuas palavras?

14 Deus fala uma vez, e segunda vez não repete uma mesma coisa. (2)

15 Por sonho de visão noturna, quando cai sopor sobre os homens, e estão dormindo no seu leito. (3)

16 Então abre os ouvidos dos homens, e admoestando-os lhes adverte o que devem fazer. (4)

17 Para apartar o homem daquilo que faz e para o livrar da soberba: (5)

(1) **PÓS OS MEUS PÉS NO CEPO, ETC.** — Estas palavras de Jó, e as que se referem no c. 13 e 14, são como dum homem miserável que implora com submissão a clemência do juiz, e não como quem o argúi e murmura da sua justiça; portanto Eliú interpreta injustamente as palavras de Jó dando-lhes um mau sentido, tanto neste lugar como no cap. seguinte. — Sacy.

(2) **DEUS FALA UMA VEZ** — Isto é, não deve esperar que à segunda vez te responda o contrário do que te disse da primeira, ou que revogue a sentença que pronunciou contra ti; bastante-mente te tem respondido, e nisso mesmo que padeces, podes conhecer a sua resposta e persuadir-te que a tua vida tem sido injusta. — Tirino.

(3) **SOPOR, ETC.** — No hebreu denota sono pesado, e segundo os Setenta, com espanto, o que nós chamamos pesadelo. Deus em sonhos avisa de muitas coisas. Veja-se Num 22, 5-8, e a cada passo. — Pereira.

(4) **ABRE OS OUVIDOS DOS HOMENS** — E' frase mui usada e se significa por ela, que Deus abre os ouvidos do corpo e o sentido da alma, para que entenda o que o Senhor quer manifestar pelo sonho que envia.

(5) **DAQUILO QUE FAZ, ETC.** — O hebreu tem: para apartar ao homem da sua obra, isto é, do pecado, porque esta é a obra

18 Salvando a sua alma de corrupção: E a sua vida, para que não passe por espada. (6)

19 Corrige-o também por meio das dores na cama, e faz que todos os seus ossos se mirrem. (7)

20 Neste estado se lhe faz aborrecido o pão, e o manjar que noutro tempo apetecia a sua alma.

21 Consumir-se-á a sua carne, e os ossos que haviam estado cobertos, se descobrirão.

22 Aproximou-se a sua alma à corrupção, e a sua vida ao que traz a morte.

23 Se houver algum Anjo, um entre milhares, que fale a seu favor, e instrua o homem no seu dever:

24 Se compadecerá dêle, e dirá: Livra-o, para que não desça à corrupção: Eu achei por que lhe fazer graça.

25 A sua carne está consumida dos castigos, torne aos dias da sua mocidade.

26 Êle pedirá perdão a Deus, e Deus se lhe aplacará: E êle verá com júbilo a sua face, e Deus justificará de novo a êste homem.

27 Tornará a olhar para os homens, e dirá: Pe-

própria do homem caído. Pelo contrário, a obra quando é boa, não é dêle, senão que lhe vem de Deus, e é de Deus.

(6) **SALVANDO A SUA ALMA DA CORRUPÇÃO** — O hebreu tem: "Estorvará, livrará a sua alma do sepulcro da morte, e a sua vida de passar por espada ou por seta." É uma "hipalage": quer dizer: o livrará de que espada ou seta lhe acabe a vida. No primeiro se pode também entender a morte, que provém da enfermidade, e no segundo a que vem por violência. A alma e vida significam uma mesma coisa, como em outros muitos lugares da Escritura fica advertido.

(7) **CORRIGE-O TAMBÉM POR MEIO DAS DORES** — Quando o homem se faz surdo aos avisos do Senhor, e às suas palavras, ou de seus ministros, então lhe fala pelos fatos, como são as enfermidades e trabalhos, o que sem dúvida Eliú applicava a Jó, ainda que falsamente.

quei, e deveras delinqüi, e não tenho sido castigado como merecia.

28 Deus livrou a sua alma para que não caminhasse à morte senão que vivendo visse a luz. (8)

29 Ora Deus obra tôdas estas coisas três vêzes em cada um. (9)

30 Para retrain as suas almas da corrupção, e para as esclarecer com a luz dos viventes.

31 Atende, Jó, e ouve-me: E cala-te, enquanto eu falo.

32 Se contudo tens alguma coisa que dizer, responde-me, fala: Porque quero que compareças justo.

33 Se não a tens, ouve-me: Cala-te, e eu te ensinarei a sabedoria.

CAPÍTULO 34

ELIÚ ACUSA A JÓ DE BLASFEMO. ENGRANDECE A JUSTIÇA INFINITA DE DEUS, A SUA SABEDORIA, O SEU PODER.

1 Continuando pois Eliú o seu discurso, disse também o que se segue:

2 Ouvi, sábios, as minhas palavras; eruditos, escutai-me. (1)

3 Porque o ouvido julga das palavras, assim como o paladar distingue os manjares pelo gôsto.

(8) **SENÃO QUE VIVENDO VISSSE A LUZ** — Na Vulgata estas palavras são ditas pelo Senhor; porém no texto hebreu se têm como ditas por este homem, a quem Deus livrou pela sua misericórdia. "Livrou, diz, a minha alma de passar ao profundo, e a minha alma verá na luz."

(9) **TRÊS VÊZES EM CADA UM** — Isto é, repetidas vêzes; na Escritura, ordinariamente, vem um número determinado por um número indeterminado. — Estio.

(1) **OUVI, SÁBIOS; AS MINHAS PALAVRAS** — Aqui parece que dirige o seu discurso aos amigos de Jó e não a ele, a quem tinha por néscio.

4 Tratemos nós em comum a causa, e vejamos entre nós o que seja o melhor.

5 Porque Jó disse: Eu sou justo, e Deus transtornou a minha causa.

6 Porquanto no juízo que se faz de mim, há mentira: Violenta é a minha seta sem pecado algum.

7 Que homem há semelhante a Jó, que bebe o escárnio como a água:

8 Que anda com os que obram a iniquidade e caminha com os homens ímpios?

9 Porque disse: O homem não agradará a Deus, ainda que vá correndo com êle.

10 Vós pois os cordatos, ouvi-me, a impiedade está longe de Deus, e a injustiça longe do Todo-Poderoso.

11 Porque êle pagará ao homem a sua obra, e recompensará a cada um segundo os seus caminhos.

12 Porque certamente Deus não condenará sem razão, nem o Onipotente atropelará a justiça.

13 A qual outro estabeleceu sobre a terra? Ou a quem pôs sobre o mundo, que fabricou? (2)

14 Se voltasse a êle o seu coração, atrairia a si o espírito e alento dêle. (3)

15 Tôda a carne pereceria ao mesmo tempo, e o homem se tornaria em cinza.

(2) A QUAL OUTRO ESTABELECEU SOBRE A TERRA? — E' como se dissera: Acaso pretendes attribuir a alguém, que não seja a Deus, esta injustiça, como se êle tivesse constituido alguém em seu lugar para governar o mundo que criou. Enganas-te, Jó, porque não há outro que o governe, e portanto se vê que é justíssimo o teu castigo, porque não pode haver injustiça no Todo-Poderoso, a quem devemos ter por autor do castigo que padeces, — Sacy.

(3) SE VOLTASSE A ÊLE O SEU CORAÇÃO — Isto é, se olhasse para êle com rigor, ou na força da sua ira. — Pereira.

16 Portanto se tens entendimento, ouve o que se diz, e escuta a voz do meu discurso.

17 Acaso pode ser curado aquêlê que não ama a justiça? E como condenas tu tão afoitamente aquêlê, que é o justo?

18 O que diz ao rei, apóstata: E chama ímpios aos grandes:

19 Aquêlê que não guarda respeito à pessoa dos príncipes: E que não conheceu o tirano, quando disputava contra o pobre: Porque todos são obra das suas mãos.

20 Êles morrerão de improviso, e no meio da noite se sublevarão os povos, e passarão, e tirarão o violento sem se ver a mão.

21 Porque os olhos de Deus estão sôbre os caminhos dos homens, e considera todos os seus passos.

22 Não há trevas, e não há sombra de morte, de maneira que se escondam ali os que obram a iniquidade.

23 Porque já não está mais no poder do homem, o vir a Deus a ser julgado. (4)

24 Êle destruirá a uma inumerável multidão, e porá outros em seu lugar.

25 Porque conhece as suas obras: E por isso enviará a noite, e êles serão moídos. (5)

26 Feriu-os como ímpios à vista de todos. (6)

(4) **JA NÃO ESTA MAIS NO PODER DO HOMEM, ETC.** — Condenado uma vez que seja o homem por Deus, não pode apelar para outro tribunal, nem para outro juiz, nem impedir ou retardar a execução da sentença, nem usar daquelas fraudes que se costumam entre os homens.

(5) **ENVIARÁ A NOITE, ETC.** — Isto é, envolvê-los-á nas trevas e escuridão da morte.

(6) **FERIU-OS COMO ÍMPIOS A VISTA DE TODOS** — O que executa ainda nesta vida em muitos ímpios, o executará por fim em todos, no juízo universal.

27 Os que como de propósito se apartaram d'êlê, e que não quizeram compreender todos os seus caminhos:

28 Para fazerem que o clamor do indigente subisse até êle, e que ouvisse a voz dos pobres.

29 Porque se êle concede a paz, quem há que o condene? E se êle esconde o seu rosto, quem o poderá contemplar, seja isto sôbre as gentes, seja sôbre todos os homens?

30 Êle é o que faz reinar o homem hipócrita por causa dos pecados do povo.

31 E pois que eu tenho falado de Deus, também te não estorvarei a ti. (7)

32 Se eu errei, corrige-me tu: Se falei com iniquidade, não acrescentarei mais.

33 Porventura te pedirá Deus a ti conta do que eu falei que te desagradou? Mas tu foste o primeiro a falar, e não eu: Se sabes coisa melhor, dize-a.

34 Falem-me homens inteligentes, e ouça-me um homem sábio.

35 Mas Jó falou nesciamente, e as suas palavras não soam boa doutrina.

36 Pai meu, seja provado Jó até ao fim: Não retires a tua mão de um homem iníquo. (8)

(7) E POIS QUE EU TENHO FALADO DE DEUS, ETC. — Isto é, se falei de Deus em sua defesa, segundo me parece, dize tu agora, com tôda a franqueza, se tens que dizer em contrário disto alguma coisa.

(8) PAI MEU, ETC. — Comumente entendem os expositores que esta apóstrofe de Ellú é a Deus, para lhe fazer esta terrível imprecação contra Jó. Sem dúvida cansado já êste de ouvir tantas impertinências e razões fora de propósito, que la amontoando Ellú, mostrou por algum sinal exterior, que não aprovava o seu discurso. E como Ellú estava com grandíssima satisfação de si mesmo, e do seu saber, o que tem dado bem a entender desde que começou a falar, lhe pareceu que era muito em seu desprezo; e por isso

37 Porque ajunta a blasfêmia sobre os seus pecados, entremos nós o apertemos: E depois apele para o juízo de Deus nos seus discursos.

CAPÍTULO 35

PROSSEGUE ELIÚ EM CALUNIAR A JÓ. SUSTENTA, QUE PARA CONVENIÊNCIA DOS HOMENS ESTÁ DEUS SEMPRE ATENTO A PREMIAR O BEM, E CASTIGAR O MAL. EXORTA A JÓ, QUE PREVINÁ A SEVERIDADE DA DIVINA JUSTIÇA.

1 Mas Eliú de novo falou desta maneira:

2 Parece-te acaso justo o teu pensamento, quando disseste: Mais justo sou eu que Deus? (1)

3 Porque tu disseste: O que é justo não te agrada: Ou que conveniência tiras tu, se eu pecar?

4 Assim que eu responderei aos teus discursos, e aos teus amigos contigo.

5 Levanta os olhos ao céu, e vê, e contempla o firmamento que é mais alto que tu.

6 Se pecares, em que danarás tu a Deus? E se as tuas iniquidades se multiplicarem, que farás tu contra êle?

7 Demais disso se obrares com justiça, que lhe darás? Ou que receberá êle da tua mão?

8 A tua impiedade poderá fazer mal a um homem, que é teu semelhante: E a tua justiça poderá ser útil ao filho do homem.

arrebatado em cólera e cheio de indignação, rompeu nas fortes expressões que se lêem desde o v. 25. Agora por último voltando-se a Deus, lhe pede que não levante a sua mão, até que mostrando-se convencido, confesse o seu pecado. — Pereira.

(1) **MAIS JUSTO SOU EU QUE DEUS?** — Jó tal não disse, porém Eliú tira esta falsa consequência das palavras de Jó para o increpar. — Sacy.

9 Eles clamarão por causa da multidão dos caluniadores: E se lamentarão pela força do braço dos tiranos.

10 E nenhum disse: Onde está o Deus que me fez, que deu canções na noite? (2)

11 O qual nos instrui mais que aos animais da terra, e nos ilustra mais que às aves do céu.

12 Eles clamarão então, e Deus os não ouvirá, por causa da soberba dos maus.

13 Não em vão pois ouvirá Deus, e verá o Onipotente as causas de cada um.

14 Ainda quando disseres: Não atende: Julga-te a ti mesmo na sua presença, e espera-o.

15 Porque não é agora quando êle exercita o seu furor, nem castiga os delitos com severidade.

16 Logo Jó em vão abre a sua bôca, e sem ciência multiplica palavras.

CAPÍTULO 36

INSISTE AINDA ELIÚ EM DEFENDER A EQUIDADE DOS JUÍZOS DE DEUS. EXORTA A JÓ A QUE SE APROVEITE DAS PENALIDADES, COM QUE DEUS O CASTIGA. EXALÇA O PODER DE DEUS.

1 E acrescentou Eliú, e falou assim:

2 Escuta-me um pouco, e eu me explicarei, contigo: Porque ainda tenho que falar em defesa de Deus.

3 Tornarei a pegar no discurso que eu fazia desde o princípio, e provarei que o meu Criador é justo.

4 Porque o certo é que nos meus discursos não há mentira, e será da tua aprovação uma ciência consumada. (1)

(2) QUE DEU CANÇÕES NA NOITE? — A canção na noite é a alegria na tribulação. — S. Gregório Magno, ob. citada.

(1) UMA CIÊNCIA CONSUMADA — O hebreu tem: "Per-

5 Deus não rejeita os poderosos, visto que também ele é poderoso.

6 Mas não salva os ímpios, e faz justiça aos pobres.

7 Não tirará os seus olhos do justo, e põe aos reis sobre o trono para sempre, e eles são exaltados.

8 E se estiverem em cadeias e atados com os laços da pobreza:

9 Ele lhes fará ver as suas obras, e as suas maldades, porque foram violentos.

10 E lhes abrirá também o seu ouvido para os re-preender: E lhes falará, para que se convertam da sua iniquidade.

11 Se ouvirem e cumprirem, acabarão os seus dias em bem, e os seus anos em glória:

12 Porém se não ouvirem passarão por espada, e serão consumidos na sua sandice.

13 Os dissimulados, e dobres do coração provocam contra si a ira de Deus, nem clamarão, quando se virem manietados.

14 A sua alma morrerá na tempestade, e sua vida acabará entre os depravados. (2)

15 Ele livrará da sua angústia, ao pobre, e lhe abrirá o ouvido na tribulação.

16 Ele te salvará pois da bôca da angústia, e que não tem fundo debaixo de si largamente: E o descanso da tua mesa estará cheio de gordura. (3)

feito de sabedorias contigo, isto é: porque eu disputo contigo com razões sólidas e próprias de uma ciência consumada". Este homem altivo, protestando não querer outra defesa que a da causa de Deus, que julgava combatida por Jó, para conseguir que o escutassem com maior atenção, rompe a cada passo em expressões cheias de satisfação própria e de soberba, o que bem notou S. Gregório.

(2) **NA TEMPESTADE, ETC.** — Segundo o hebreu, na sua mocidade, isto é, morrerão na flor dos seus anos, repentinamente.

(3) **ELE TE SALVARÁ POIS DA BÔCA DA ANGÚSTIA** —

17 A tua causa tem sido julgada, como a de um ímpio; ganharás a causa e sentença. (4)

18 Não te vença pois a ira, para oprimires a algum: Nem te dobre multidão de dádivas. (5)

19 Reprime a tua grandeza sem tribulação, e todos os robustos com fortaleza. (6)

20 Não dilates a noite, para que subam os povos por êles. (7)

21 Guarda-te de declinares para a iniquidade: Porque tu a começaste a seguir depois que caíste na miséria.

22 Olha como Deus é excelso na sua fortaleza, e nenhum semelhante a êle entre os legisladores.

Eliú, neste e no precedente versículo, diz a Jó: Se tivesses imitado ao pobre na sua fé e esperança, Deus te teria livrado dos males que padeces, e dêste abismo do desesperação em que estás submergido. — Calmet.

(4) **A TUA CAUSA TEM SIDO JULGADA COMO A DE UM ÍMPIO** — Segundo alguns intérpretes, quer dizer: Até agora tens sido tratado como réu de grandes delitos, porém, se te humilhares e reconheceres os teus crimes, ganharás a causa e recobrarás tudo o que perdeste. E segundo outros: Pelos teus crimes mereceste o castigo dos ímpios, e por isso serás julgado como êles.

(5) **NÃO TE VENÇA, POIS A IRA** — Estes são os conselhos que Eliú dá a Jó para seguir para o futuro, e assim tácitamente o vai increpando de se ter conduzido mal, lançando-lhe em rosto que por isso se via perseguido de tais misérias e calamidades.

(6) **REPRIME A TUA GRANDEZA, ETC.** — Isto é, reprime o teu orgulho, sem que seja necessário para isso o açoite da segunda tribulação. E reprime a todos os que quizerem abusar do seu poder para oprimir ao pobre.

(7) **PARA QUE SUBAM OS POVOS POR ÊLES** — São muitos variados os sentidos que se dão a êste versículo: Não te deites a dormir de noite descuidado, ou não a passes em largas celas, para que os teus súditos te possam achar quando o necessitarem, e patenteando-te suas queixas, lhes administres a justiça que pedirem. Não a dilates só por atender à tua comodidade, nem faças esperar aos que vierem buscar-te, para que possam voltar aos seus negó-

23 Quem poderá esquadrinhar os seus caminhos?
Ou quem poderá dizer-lhe: Tu fizeste uma injustiça?

24 Lembra-te que não compreendes a sua obra, da
qual cantaram os homens. (8)

25 Todos os homens o vêem, mas cada um o vê
de longe.

26 Com efeito. Deus é grande, que sobreexcede a
nossa ciência: Os seus anos são inumeráveis.

27 Ele detém as gôtas da chuva, e verte as águas
do céu como arroios.

28 As quais caem das nuvens, que cobrem tudo
por cima.

29 Se quiser estender as nuvens como pavilhão seu,

30 e fuzilar relâmpagos com a sua luz desde o alto,
cobrirá também as extremidades do mar.

31 Porque por meio destas coisas exercita os seus
juízos sobre os povos, e alimenta a muitos mortais.

32 Nas suas mãos esconde a luz, e lhe manda que
torne de novo.

33 Faz conhecer a quem ama, que esta é possessão
sua, e que até ela pode subir.

cios. "Não te fatigues de noite, pensando como hajas de destruir
os povos"; como se toda a sua ocupação de noite, enquanto não
dormia, fôsse noutro tempo excogitar meios para empobrecer aos
povos e enriquecer com os seus despojos. — Pereira.

(8) **DA QUAL CANTARAM OS HOMENS** — Filósofos, pro-
fetas e o comum dos homens. Parece fala da obra da criação, a
qual cantavam os homens, ou porque tinham escritas em verso as
suas maravilhas, ou porque ela publica a bondade, a sabedoria e
o poder do Criador. — Santo Agostinho. De Verba, serm. 55.

CAPÍTULO 37

CONTINUA ELIÚ EM DESCREVER OS EFEITOS DO PODER, E DA SABEDORIA DE DEUS.

1 Sôbre isto se espantou o meu coração, e se moveu do seu lugar.

2 Ouvi, ouvi a sua voz terrível, e o sonido que sai da sua bôca. (1)

3 Êle considera tudo o que há debaixo dos céus, e difunde a sua luz sôbre as extremidades da terra.

4 Após êle rugirá sonido, trovejará pela voz da sua grandeza, e não será compreendida, quando fôr ouvida a sua voz.

5 Trovejará Deus maravilhosamente com a sua voz, o que faz coisas grandes e impenetráveis.

6 O que manda à neve que desça sôbre a terra, e às chuvas do inverno, e às impetuosas águas das grandes tormentas.

7 O que põe como um sêlo sôbre a mão de todos os homens, para que cada um conheça as suas obras.

8 A fera entrará no seu esconderijo, e ficará na sua cova. (2)

(1) **OUVI, OUVI, A SUA VOZ TERRÍVEL** — Esta é uma descrição viva e poética do trovão, que na Escritura se nomêla ordinariamente "a voz de Deus." Sl 28, 8.28; 103, 7, já pelo espantoso e terrível do seu estampido, já também por soar, segundo o nosso parecer, no Céu, sem causa visível e manifesta. O trovão é precedido da luz do relâmpago, cuja celeridade é incrível. Mat 24, 27. E isto é o que quer significar Eliú quando diz que a sua luz vai de uma parte à outra da terra.

(2) **A FERA ENTRARÁ NO SEU ESCONDERIJO** — Toma o futuro pelo presente, é um hebraísmo. No tempo da tempestade as feras se acolhem às suas covas para evitar os seus estragos. — Menochio.

9 De lugares ocultos sairá a tempestade, e do Arcturo o frio. (3)

10 O caramelo se forma' ao assôpro de Deus, e depois se derramam as águas em grande abundância.

11 O trigo deseja as nuvens, e as nuvens espalham a sua luz.

12 Elas esclarecem em tórno, por onde quer que as conduz a vontade daquele que as governa, a tudo quanto êle lhes manda sôbre a face de tôda a terra:

13 Ou seja numa tribo estrangeira, ou numa terra sua, ou em qualquer lugar onde a sua bondade lhes mandar que se achem.

14 Ouve, Jó, estas coisas: Pára, e considera as maravilhas de Deus.

15 Acaso sabes tu, quando mandou Deus às chuvas, que fizessem aparecer a luz das suas nuvens?

16 Porventura conheces as grandes veredas das nuvens, e as suas perfeitas inteligências?

17 Não é assim que os teus vestidos estão quentes, quando o vento do meio-dia assopra sôbre a terra?

18 Talvez formaste tu com êle os céus, que são tão sólidos como se fôsem de metal.

19 Mostra-nos o que lhe diremos: Porque nós outros cá estamos envolvidos em trevas.

20 Quem lhe referirá o que falo? se o homem se atrever a falar, será oprimido.

21 Mas agora não vem a luz: O ar repentinamente se condensará em nuvens, e um vento que passa as dissipará.

(3) **ARCTURO** — E' uma das estrêlas da Ursa. Toma-se pela parte setentrional, ou pelo norte. — Pereira.

22 Do Setentrião vem o ouro, e o louvor de Deus seja com temor. (4)

23 Não podemos compreendê-lo como merece: Grande em fortaleza, e em juízo, e em justiça, e ele é inefável.

24 Por isso o temerão os homens, e não ousarão contemplá-lo todos aquêles que se persuadem ser sábios. (5)

CAPÍTULO 38

O SENHOR MOSTRA A JÓ QUANTA É A DISTÂNCIA QUE VAI DA CRIATURA AO CRIADOR.

1 E respondendo o Senhor a Jó, do meio de um redemoinho, disse: (1)

2 Quem é êste, que mistura sentenças com discursos ignorantes? (2)

3 Cinge os teus lombos como homem: Perguntar-te-ei, e responde-me. (3)

(4) **DO SETENTRIÃO VEM O OURO, ETC.** — Alguns intérpretes explicam à letra êste lugar, do ouro que aos habitantes da Arábia e Palestina lhes vinha da Armênia e de Colchos, que lhes ficava ao Setentrião, e outros o explicam do vento norte, de ordinário brilhante como o ouro, e que traz o tempo sereno. — Sacy.

(5) **POR ISSO O TEMERÃO OS HOMENS, ETC.** — Eliú pretende em conclusão do seu discurso, que Jó louve a Deus, o respeite, adore os seus conselhos, e não pretenda, sendo tão ignorante, penetrar as disposições da Divina Providência, que são impenetráveis ainda aos mais sábios da terra. — Tirino.

(1) **DO MEIO DE UM REDEMOINHO** — O anjo que falava da parte de Deus excitou êste redemoinho, que era uma densa nuvem, que despedia de si relâmpagos e trovões para infundir terror e respeito aos que estavam presentes. — Sacy.

(2) **QUEM É ÊSTE, ETC.** — Alguns intérpretes julgaram estas palavras de Deus proferidas acêrca de Jó, mas S. Gregório, Beda, e outros muitos, como Estio, a applicam a Eliú.

(3) **CINGE OS TEUS LOMBOS, ETC.** — Aqui dirige o Se-

4 Onde estavas tu, quando eu lançava os fundamentos da terra? dize-mo, se é que tens inteligência.

5 Quem deu as medidas para ela, se é que o sabes? ou quem lhe lançou o cordel?

6 Sôbre que foram firmadas as suas bases? ou quem assentou a sua pedra angular,

7 quando os astros da manhã me louvavam todos juntos, e quando todos os filhos de Deus estavam transportados de júbilo? (4)

8 Quem pôs diques ao mar para o ter encerrado, quando êle transbordava saindo como do ventre de sua mãe: (5)

9 Quando lhe punha nuvem por vestidura, e o envolvia em obscuridade, como com envolvedouro de infância?

10 Eu o encerrei nos limites que lhe prescrevi, e lhe pus ferrolhos, e portas:

11 E eu lhe disse: Até aqui chegarás, e não passarás mais longe, e aqui quebrarás as tuas empoladas ondas.

12 Acaso és tu o que depois do teu nascimento des-

nhor as suas palavras a Jó e lhe manda que cinja os seus lombos, porque usando os orientais de vestidos talares, costumavam arregaçá-los e atá-los à cintura para poderem livremente caminhar, trabalhar, correr, pelejar, etc. — Sacy.

(4) **E QUANDO TODOS OS FILHOS DE DEUS, ETC.** — Em lugar de “filhos de Deus”, puseram os Setenta “os meus anjos”, que são os mesmos, que nós já vimos no c. 1, v. 6, chamara Jó “filhos de Deus”. — E a inteligência comum dos Sagrados Expositores é que no presente lugar “os astros da manhã, e os filhos de Deus” são uma e a mesma coisa; e que serem os anjos chamados “astros da manhã”, denota que êles foram as primeiras criaturas que Deus formou. — Pereira.

(5) **COMO DO VENTRE DE SUA MÃE?** — Os hebreus para exprimir a formação e a origem de qualquer coisa, empregavam esta metáfora.

te lei à estrêla dalva, e o que mostraste à aurora o seu lugar?

13 E tomaste a terra pelas suas extremidades, para fazê-la estremecer, e sacudir dela os ímpios? (6)

14 A figura impressa será restabelecida como o barro, e ficará como um vestido: (7)

15 Tirar-se-á aos ímpios a sua luz, e quebrar-se-á o seu excelso braço.

16 Acaso entraste tu até o fundo do mar, e andaste passeando no mais profundo do abismo?

17 Porventura abriram-se-te as portas da morte, e viste tu essas portas tenebrosas? (8)

18 Consideraste tôda a extensão da terra? declare-me. se sabes tôdas estas coisas.

(6) **E TOMASTE A TERRA PELAS SUAS EXTREMIDADES** — Como se faz com um criblo que se move para limpar as palhas e joio do trigo. Parece que neste versículo e dois seguintes alude Deus ao govêrno da terra e ao modo com que separou os ímpios dos justos no dilúvio universal. Em Am 9, 9 e Lc 22, 31, se acha também uma igual comparação do criblo, para explicar a separação que Deus faz entre os justos e os ímpios. — Calmet.

(7) **A FIGURA IMPRESSA ETC.** — Este versículo é mui escuro. Alguns intérpretes entendem que se fala dos ímpios, que tendo sido como sacudidos da terra. Deus dispõe, que haja outros homens em seu lugar, de modo que uns continuamente sucedam os outros. Segundo os Setenta, continua Deus a falar com Jó, perguntando-lhe: "Ou tu tomando lodo, formaste algum vivente, e capaz de falar o puseste sôbre a terra". O hebreu tem: "O seu sêlo se mudará como o barro, e êles virão a ser como um vestido." De Carrières, supondo que o nominativo restituiretur é a terra, que no versículo precedente se menciona, verte dêste modo: "Ela será restabelecida, como na terra mole se reimpri-me um sêlo." — Pereira.

(8) **PORVENTURA ABRIRAM-SE-TE AS PORTAS DA MORTE** — Segundo os Setenta, "e os porteiros do inferno se espantaram à tua vista". O que, segundo S. João Crisóstomo, succedeu quando Jesus Cristo desceu aos infernos. — Pereira,

19 Em que caminho habita a luz, e qual é o lugar das trevas?

20 Para que leves cada coisa aos seus lugares, e saibas as veredas da sua casa.

21 Sabias tu então que havias de nascer? e tinhas averiguado o número dos teus dias?

22 Entraste porventura nos tesouros da neve, ou viste os tesouros da saraiva? (9)

23 Que eu preparei para o tempo do inimigo, para o dia da guerra e da batalha?

24 Por que caminho se difunde a luz, e se espalha o calor sôbre a terra?

25 Quem deu curso à tempestade impetuosa, e passagem ao estampido do trovão,

26 para que chovesse sôbre a terra sem homem, em deserto onde não mora nenhum dos mortais, (10)

27 para inundá-la, ainda que inacessível, e desolada, e que criasse as ervas com o seu verdor?

28 Quem é o pai da chuva? ou quem produziu as gôtas do orvalho?

29 De que seio saiu a geada? e quem gerou o gêlo do céu?

30 As águas se endurecem a modo de pedra, e a superfície do abismo se aperta.

(9) **TESOUROS DA SARAIVA, ETC.** — Chama tesouros às coisas que Deus tem destinado para produzir estes efeitos, e que em certa maneira as tem como entesouradas e juntas, e tanto à mão, como se de muitos anos as tivesse já prevenido. — Pereira.

(10) **SÔBRE A TERRA SEM HOMEM, ETC.** — Assim à letra o texto latino: *Super terram absque homine*. O que pode ter dois sentidos. Ou este: "Para fazer chover numa terra, que está sem homem", isto é, num deserto; ou este outro: "Para fazer chover sem o socorro do homem numa terra deserta." O primeiro sentido é o que lhe deu De Carrières; o segundo Calmet e Sacy.

31 Acaso poderás tu ajuntar as brilhantes estrêlas Plêiadas ou poderás impedir a revolução do Arcturo? (11)

32 Acaso és tu o que fazes aparecer a seu tempo o luzeiro, ou que se levante de tarde o Véspero sôbre os filhos da terra?

33 Acaso entendes a ordem do céu, e darás tu disso a razão estando na terra?

34 Levantarás porventura a tua voz até às nuvens, e te cobrirá um dilúvio de água? (12)

35 Porventura enviarás os relâmpagos, e irão, e te dirão quando voltarem: Aqui estamos?

36 Quem pôs a sabedoria no coração do homem? ou quem deu inteligência ao galo? (13)

37 Quem contará o modo de proceder dos céus, e quem fará cessar a harmonia do céu?

38 Quando se fundia o pó, em massa de terra, e se formavam os seus torrões?

39 Porventura caçarás tu prêsa para a leoa, e saciarás a fome das suas crias,

40 quando estas estão deitadas nos seus covis, e à espreita nas suas cavernas?

(11) **AS BRILHANTES ESTRÊLAS PLÊIADAS** — São sete estrêlas que estão entre os joelhos do signo de Tauro, as quais os poetas fingiram que eram filhas de Atlante, rei da Mourama, e da ninfa Plêione. — Pereira.

(12) **E TE COBRIRÁ UM DILÚVIO DE AGUA** — Isto é, e logo te obedecerão, derramando sôbre ti as suas águas em abundância. — Pereira.

(13) **INTELIGENCIA AO GALO** — A voz hebraica se interpreta por alguns o velador, entendendo o coração do homem; e assim, com diferentes palavras, vem a ser a mesma sentença. Mas S. Jerônimo entende o galo, e o instinto que Deus lhe deu para cantar ao meio-dia, à meia-noite e ao amanhecer. Os Setenta vertem: "Quem deu à mulher a arte de tecer, e a ciência de bordar?" — Pereira.

41 Quem prepara ao corvô o seu sustento, quando os seus filhinhos, vagueando, gritam a Deus, por não terem que comer?

CAPÍTULO 39

CONTINUA O SENHOR A MOSTRAR A JÓ QUANTO VAI DA CRIATURA AO CRIADOR. JÓ RECONHECE A SUA BAIXEZA, E SE CONDENA AO SILÊNCIO.

1 Porventura sabes o tempo do parto das cabras montesas nos rochedos, ou tens observado quando parem as corças? (1)

2 Contaste tu os meses da sua prenhez, e sabes o tempo do seu parto?

3 Encurvam-se para darem à luz a sua cria, e parem dando rugidos.

4 Apartam-se seus filhos, e vão a pascer: Saem, e não voltam a elas.

5 Quem deixou o asno montês em liberdade, e quem soltou as suas prisões?

6 A êle lhe dei casa no deserto, e lugar onde albergar-se em terra estéril.

7 Despreza a multidão da cidade, não ouve os gritos do exator.

8 Olha para tôdas as partes, para os montes dos seus pastos, e anda buscando tudo quanto está verde.

(1) **PORVENTURA SABES, ETC.** — Com êste exemplo mostra Deus a Jó e a todos os homens, a fraqueza do espírito humano e a sua ignorância e que não sendo o homem capaz de conhecer os efeitos da natureza dos animais, muito menos deve querer profundar os impenetráveis segredos da Divina Providência, e que antes se deve ocupar em admirar os seus maravilhosos efeitos, não só a favor dos homens, mas até dos mesmos animais. — Sacy,

9 Acaso quererá o rinoceronte servir-te, ou ficará êle na tua cavalaria? (2)

10 Prenderás tu porventura o rinoceronte ao teu arado para lavrar? ou será êle o que após ti estorroe os vales?

11 Porventura terás confiança na sua grande fôrça, e lhe deixarás o cuidado da tua lavoura?

12 Porventura fiarás dêle que te torne o que semeaste, e que te encha a tua eira?

13 A pena do avestruz é semelhante às penas da cegonha, e do falcão. (3)

14 Quando êle desampara em terra os seus ovos, acaso os aquestrarás tu no pó?

15 Não tem cuidado de que algum pé lhos pise, ou de que algum animal do campo lhos quebre.

16 E' cruel com seus filhos como se não foram seus, trabalhou debalde sem que algum temor o obrigasse.

17 Porque Deus lhe negou sabedoria, e não lhe deu inteligência.

18 Quando chega a ocasião, levanta ao alto as asas: E faz zombaria do cavalo, e do cavaleiro.

19 Porventura darás fortaleza ao cavalo, ou cercarás de rincho o seu pescoço?

20 Porventura o farás dar saltos como os gafanhotos? o fogoso respirar das suas ventas faz terror.

(2) **ACASO QUERERA O RINOCERONTE SERVIR-TE? —** E' como se dissessem: "Os bois servem ao homem, porque eu os criei para êsse fim, mas não assim o rinoceronte, e para te venceres, põe tôdas as tuas fôrças e experimenta se te é possível domesticá-lo, e verás que êle se não sujeitará."

(3) **A PENA DO AVESTRUZ, ETC. —** Nesta descrição que Deus faz do avestruz, oferece a Jó uma viva idéia da sua grandeza e da sua Providência. — Pereira.

21 Escava a terra com a sua unha, salta com brio: Corre ao encontro dos armados.

22 Não conhece medo, nem cede à espada.

23 Sobre ele fará ruído a aljava, se vibrará a lança e o escudo.

24 Arrojando espuma e rinchando, sorve a terra, e não faz caso do som da trombeta.

25 Logo que houve a buzina, diz: Vai, cheira de longe a batalha, a exortação dos capitães, e o alarido do exército. (4)

26 Porventura cobre-se o falcão de penas pela tua sabedoria, estendendo as asas para o Austro? (5)

27 Porventura a teu mandado se remontará a águia, e porá o seu ninho em lugares altos?

28 Nas brenhas faz a sua mansão, e nos penhascos escarpados mora, e nas rochas inacessíveis.

29 Dali contempla a sua prêsa, os seus olhos descobrem muito ao longe.

30 Os seus filhinhos chupam o sangue: E ela onde houver carne morta, logo se acha.

31 E acrescentou o Senhor, e disse a Jó:

32 Porventura o que disputa com Deus, tão fácil-

(4) **VAI, ETC.** — Os Setenta lêem Euge, bom ânimo, vamos. É uma expressão figurada e poética, pela qual como se tivesse uso de razão, se dão ao cavalo palavras com que mostra o seu brio e ardor, o que faz, porque tem um certo instinto, e como pressentimento da batalha. Veja-se Plínio, Lib. 7, c. 42.

(5) **PORVENTURA COBRE-SE O FALCÃO DE PENAS** — Pelo falcão se entendem aqui tôdas as demais aves de rapina, que precisam ter asas fortíssimas, e que todos os anos as renovam; e para isto a Providência lhes ensina que no tempo de maior calor tenham as asas expostas ao vento do Meio-dia, e enchendo-se os poros da cutis com este ar quente, lhes facilita despojar-se das penas velhas, revestir-se de outras novas, como se lê em Eliano, liv. 22, c. 41. — Sacy.

mente o deixa? por certo o que argüi a Deus deve responder-lhe.

33 Jó respondendo ao Senhor, disse:

34 Eu que tenho falado com leveza, que coisa posso responder? porei a minha mão sôbre a minha bôca.

35 Uma coisa tenho falado, que oxalá não a houvera dito: E outra também, às quais nada mais acrescentarei. (6)

CAPÍTULO 40

CONTINUA AINDA O SENHOR A MOSTRAR A JÓ A DISTÂNCIA DA CRIATURA AO CRIADOR, DESCRIÇÃO DE BEEMOT, E DE LEVIATÃ.

1 E respondendo o Senhor a Jó desde o redemoinho, disse:

2 Cinge os teus lombos como homem: Eu te perguntarei: E me responderás.

3 Porventura farás tu vão o meu juízo: E me condenarás a mim, por te justificares a ti?

4 E se tu tens braço como Deus, e trovejas com voz semelhante?

5 Reveste-te de formosura, e levanta-te em alto, e atavia-te de glória, e adorna-te de magníficos vestidos.

6 Dissipa os soberbos no teu furor, e humilha os insolentes com um só olhar.

7 Põe os olhos em todos os soberbos, e confunde-os, e quebranta aos ímpios no seu lugar.

(6) **UMA COISA TENHO FALADO** — Jó confessa que mais de uma vez falou com menos humildade do que devia, contra Deus, e que tinha exagerado as suas boas obras, e agora confessa que nada mais falaria; é a lição dos Setenta: Eu falei uma vez, mas não falarei uma segunda vez. — Calmet.

8 Esconde-os no pó a um mesmo tempo: E mergulha no sepulcro as suas cabeças:

9 E eu confessarei que poderá salvar-te a tua destra.

10 Considera a Beemot, que eu criei contigo, come-
rá feno como o boi. (1)

(1) **CONSIDERA A BEEMOT, ETC.** — Os Santos Padres altamente persuadidos de que as divinas escrituras, e principalmente o livro de Jó, cobrem debaixo do véu do sentido literal e imediato, um sentido mais profundo, e que enche melhor toda a energia das expressões do texto, creram que debaixo do nome de Beemot e de Leviatã, descritos no presente capitulo, intentara Deus significar a Lúcifer, príncipe dos demônios, e a sociedade dos maus, de que elle é cabeça. S. Jerônimo, na carta 18, exortando a Eustáquio a que se abstenha de certos alimentos, que pela sua qualidade são capazes de acender o fogo da concupiscência, escreve assim: "Ouve o que do demônio pensava Jó, aquêle homem tão querido de Deus: A sua força, diz elle, está nos rins, e o seu poder no umbigo", designando assim honestamente com uns nomes mudados, as partes naturais dos dois sexos. Santo Agostinho, tanto no livro 11, da cidade de Deus, c. 15, como na Enaração 4, do Salmo 103. num. 9, explica do demônio o que no v. 14 diz Jó de Beemot, segundo a versão dos Setenta: "Ele é o principio da obra de Deus, e Deus o fez para servir de desfado aos seus anjos". Da mesma sorte S. Gregório Magno no livro 32 dos Morais, c. 16, expõe muito por extenso do demônio, tudo o que em Jó se afirma de Beemot e de Leviatã. Não obstante este consenso dos Padres em entenderem mysticamente do demônio estes dois capitulos de Jó, os modernos se não dão por desobrigados de indagar que monstros sejam, os que debaixo dos nomes de Beemot e Leviatã se devam aqui entender à letra. O padre De Carrières e o abade de Vence, como a maior parte dos que lhes precederam, entendem por Beemot o elefante, e por Leviatã a baleia. Bochart, e com elle o padre Houbigant, querem que Beemot seja o hipopótamo, ou cavalo marinho, e que Leviatã seja o crocodilo. Calmet sustenta a opinião média. Porque seguindo a opinião comum, julga que Beemot é o elefante; e seguindo a Bochart, julga que Leviatã é o crocodilo. — **Pereira.**

11 A sua fortaleza está nos seus lombos, e o seu vigor no umbigo do seu ventre. (2)

12 Aperta a sua cauda como cedro, os nervos dos seus testículos estão entrelaçados um no outro. (3)

13 Os seus ossos são como canas de bronze, e as suas cartilagens como umas lâminas de ferro.

14 Ele é o princípio dos caminhos de Deus; aquêle que o fêz, aplicará a sua espada. (4)

15 Os montes lhe produzem ervas: E tôdas as alimárias do campo virão ali retouçar. (5)

16 Dorme à sombra no esconderijo dos canaviais, e em lugares úmidos.

17 As sombras cobrem a sua sombra, os salgueiros da torrente o rodearão.

18 Ele absorverá um rio, e não o terá por excesso: E ele se promete que o Jordão entrará pela sua bôca. (6)

(2) **A SUA FORTALEZA ESTA NOS SEUS LOMBOS** — E' notório que os elefantes nas batalhas levavam sôbre seus lombos tôrres de madeira, que continham até trinta e dois homens armados. 1 Mac 6, 37. — Pereira.

(3) **A SUA CAUDA** — Alguns intérpretes são de parecer que se fala aqui da tromba do elefante, e outros que seja dos nervos ou músculos que servem à propagação da sua espécie. — Pereira.

(4) **ELE É O PRINCÍPIO DOS CAMINHOS DE DEUS** — Os Setenta lêem: "Ele é o principio da obra de Deus". Chama-se assim o elefante, por ser o maior e o mais forte de tôdas as feras. — Calmet e De Carrières.

(5) **E TÔDAS AS ALIMÁRIAS DO CAMPO VIRÃO ALI RETOUÇAR** — Prova da sua natural mansidão; contenta-se da pastagem e não offende os outros animais que também pastam em roda dêle. — Sacy.

(6) **ELE ABSORVERÁ UM RIO** — E' esta uma nobre hipóbole, com que se significa bem quanta água há mister o elefante para matar a sede. Aristóteles assegura que já se viu beber um elefante duma assentada catorze ânforas ou talhas da Mace-

19 Nos seus olhos como um anzol o apanhará, e com paus agudos furará os seus narizes. (7)

20 Porventura poderás tirar com anzol o Levitã, e ligarás a sua língua com uma corda?

21 Porventura porás argola nos seus narizes, ou furarás a sua queixada com anel? (8)

22 Porventura multiplicará muitos rogos para contigo, ou te dirá palavras brandas? (9)

23 Porventura fará êle concertos contigo, e recebê-lo-ás tu por escravo para sempre?

24 Porventura brincarás com êle como com um pássaro, ou o atarás para as tuas servas?

25 Parti-lo-ão em troços os teus amigos, dividi-lo-ão os negociantes?

26 Porventura encherás rêdes com a sua pele, e nassa de peixes com a sua cabeça? (10)

dônia. E também se dá por certo que o elefante atura a sêde oito dias. — Calmet.

(7) **NOS SEUS OLHOS** — Os olhos são a parte por onde Plínio, no livro 8, c. 12, confirma que as serpentes salteiam e tomam o elefante. De onde vem que êstes animais freqüentemente morrem de fome e de dor. Também se pode dizer que o elefante é prêso pelos olhos, enquanto ordinariamente é prêso por estratagemas que lhe armam, e quando ao reclamo da fêmea vem cobri-la. E do que cai nos braços do amor é frase da Escritura dizer que foi prêso pelos olhos (Gên 39, 7, Jud 10, 7, Jó 30, 1, Prov 23, 33). — Calmet.

(8) **COM ANEL?** — Quer dizer, que não pode domesticar-se, nem por-se-lhe freio, como se faz a um novilho para domá-lo e sujeitá-lo ao trabalho. — Pereira.

(9) **PORVENTURA ETC.** — Nestes quatro versículos se vê uma elegante e poética prosopopéia, por onde se mostra que o homem não pode domar de maneira alguma êste animal, e também se compara a fraqueza do homem relativamente à grandeza de Deus, manifestada na criação dêstes animais. — Pereira.

(10) **PORVENTURA ENCHERÁS RÊDES COM A SUA PELE**

27 Põe a tua mão sôbre êle: Lembra-te da guerra, e não continues mais a falar.

28 Êle enfim se enganará nas suas esperanças, e será precipitado à vista de todos.

CAPÍTULO 41

CONTINUA-SE EM DESCREVER A LEVIATA.

1 Não como cruel o despertarei eu: Porque quem pode resistir ao meu semblante? (1)

2 Quem me deu a mim antes, para que eu haja de retribuir-lhe? quanto há debaixo do céu, meu é.

3 Não lhe terei respeito a êle nem às suas palavras eficazes, e compostas para rogar.

4 Quem descobrirá a superfície do seu vestimento? e quem entrará no meio da sua bôca?

5 Quem abrirá as portas do seu rosto? em roda dos seus dentes está o terror.

6 O seu corpo é como escudos fundidos, apinhoados de escamas que se apertam. (2)

— E' uma sinédoque, a parte pelo todo; porque não há rêde que possa sujeitar uma baleia, e menos a nassa, que é uma rêde na qual só podem entrar os peixes pequenos, e portanto nenhuma rêde serve. — Pereira.

(1) **NÃO COMO CRUEL, ETC.** — Êste primeiro versículo pode expor-se dêste modo: "O que intentar ou ousar pôr-se diante e tocar a êste monstro marinho, será cruel contra si mesmo, e ficará mui escarmentado, mas eu sem ser cruel contra mim mesmo, com a maior facilidade sômente com querer o provocarei à ira, o vencerei e desfarei, porque, quem há que possa fazer-me frente ou resistir-me?" O hebreu tem: "Não há cruel que a despertes", o que confirma esta mesma exposição. — Pereira.

(2) **O SEU CORPO E' COMO ESCUDOS FUNDIDOS** — Alguns intérpretes julgam que não é da baleia que se fala aqui,

7 Uma está unida à outra, de sorte que nem um assôpro passa por entre elas:

8 Uma com a outra estará pegada, e juntas entre si de nenhuma maneira se separarão.

9 O seu espírito é resplendor do fogo, e os seus olhos como as pestanas da aurora.

10 Da sua bôca saem umas lâmpadas como tochas de fogo acesas.

11 Dos seus narizes sai fumo, como o de uma panela incendiada e que ferve.

12 O seu hálito faz incender os carvões, e da sua bôca sai chama.

13 No seu pescoço fará assento a fortaleza, e adiante dêle vai a fome.

14 Os menibros do seu corpo bem unidos entre si: Enviarão raios contra êle, e não o farão mover para outro lugar.

15 O seu coração se endurecerá como pedra e se apertará como bigorna de ferreiro.

16 Quando se elevar temerão os anjos, e espantados se purificarão. (3)

porque ela não tem escamas nem conchas, mas sim do crocodilo ou de algum monstro marinho. Outros, contudo, explicam êste lugar da mesma baleia, aludindo à dureza da sua pele, que se descreve com exageração poética neste e nos dois seguintes versículos.

— Pereira.

(3) QUANDO SE ELEVAR TEMERÃO OS ANJOS — Explicando da baleia êste versículo, eis aqui como De Carrières parafraseia: "Quando êste monstro se elevar acima das águas, temerão os anjos", isto é, os homens mais valerosos e mais afoitos; e neste temor êles se purificarão dos seus pecados e se prepararão para irem aparecer diante de Deus no dia do juízo final. Calmet, explicando-o do crocodilo, expõe assim: "Quando êle se elevar acima das águas, temerão os anjos", isto é, os grandes, os poderosos, e no seu temor se purificarão, enquanto o mesmo temor e sobressalto os fará urinar, e expelir de si o próprio excremento. — Pereira.

17 Ainda quando uma espada o alcançar, não valerá ela contra êle, nem lança nem couraça.

18 Porque êle reputará o ferro como as palhas, e o metal, como um pau podre.

19 Não o fará fugir homem frecheiro, as pedras da funda se tornarão em palhas.

20 Reputará o martelo como uma aresta, e se rirá do vibrar da lança.

21 Os raios do sol estarão debaixo dêle, e êle andará por cima do ouro como por cima do lôdo. (4)

22 Fará ferver o fundo do mar como uma panela, e o tornará como quando fervem os ungüentos.

23 A luz brilhará sôbre as suas pegadas, e reputará o abismo como cheio de cãs. (5)

24 Não há poder sôbre a terra, que se lhe compare, pois foi feito para que não temesse a nenhum.

25 Todo o alto vê, êle é o rei de todos os filhos da soberba. (6)

(4) **ÊLE ANDARA POR CIMA DO OURO, COMO POR CIMA DO LÔDO** — O hebreu tem: "Ele se deita sôbre os vasos quebrados e sôbre os bicos mais agudos". De onde se vê que o ouro se põe aqui para denotar uma matéria dura e áspera, bem como o lôdo para denotar uma matéria mole, e isto para dar idéia da dureza e impenetrabilidade da pele dêste monstro, ou êle seja a baleia ou o crocodilo. E também se pode entender do fundo do mar cheio de riquezas e preciosidades, que pelos naufrágios se sepultam ali todos os dias, e que a baleia se deita sôbre estes tesouros como sôbre o lôdo. — Pereira.

(5) **REPUTARA O ABISMO** — Verá branquejar o fundo do mar ou do rio, pelas escumas que levantará ao passar. — Pereira.

(6) **ÊLE É O REI DE TODOS OS FILHOS DA SOBERBA** — Esta é uma conclusão de tudo o que se tem dito até aqui do Leviatã. Filius superbiæ, é o mesmo que superbus, isto é, a todos os monstros marinhos, por grandes e disformes que sejam. Os Setenta lêem: "E êle é o rei de todos os que estão nas águas. Todas estas expressões acreditam mais, que êstes dois animais,

CAPÍTULO 42

JÓ SE HUMILHA DIANTE DO SENHOR. O SENHOR REPREENDE OS TRÊS AMIGOS DE JÓ. JÓ LHE ROGA POR SEUS RESTABELECIMENTO DE JÓ. A SUA MORTE.

1 E respondendo Jó ao Senhor, disse:

2 Sei que tudo podes, e que nenhum pensamento te é oculto.

3 Quem é este que falto de ciência encobre o conselho? Por isso eu tenho falado nescientemente, e o que sem comparação excedia a minha ciência. (1)

4 Ouve, e eu falarei: Perguntar-te-ei, e responde-me.

5 Eu te ouvi por ouvido de orelha, mas agora te vê o meu olho.

6 Por isso me repreendo a mim mesmo, e faço penitência no pó e na cinza.

Beemot e Leviatã, sejam os que fôrem à letra, não são aqui senão símbolos, debaixo dos quais representa Deus a Lúcifer pai da soberba, para fazer entender a Jó que não pode, pela sua própria força, nem vencer este monstro, nem pôr-se a coberto, ou livrar-se dos seus ataques. Uma só palavra no fim da descrição descobre todo o mistério e o desígnio de Deus: "Ele é o rei de todos os filhos da soberba". Com dificuldade se entenderão estas palavras de outro, que do demônio, e assim não nos fica a menor dúvida, de que tudo o que precede tem por objeto a Satanaz, pai da mentira e do orgulho, implacável inimigo dos homens, a quem só Deus pode sujeitar, e que a Jó era necessário o socorro do Céu para o vencer. A aplicação particular de tudo o que fica dito, se pode ver dos Santos, Padres, especialmente em S. Gregório Magno e Santo Tomás. — Pereira.

(1) **QUEM É ESTE QUE FALTO DE CIÊNCIA** — Jó repete as mesmas palavras de Deus, acima capítulo 38, 2, para condenar-se mais vivamente, aplicando-as a si mesmo como uma santa indignação, confessando que tinha ousado falar da providência e justiça de Deus com menos circunspecção do que devia, e isto por falta de ciência.

7 E depois que o Senhor falou daquela sorte a Jó, disse para Elifaz de Teman. O meu furor se acendeu contra ti, e contra os teus dois amigos, porque vós não falastes diante de mim o que era reto, como falou o meu servo Jó.

8 Tomai pois sete touros, e sete carneiros, e ide ao meu servo Jó, e oferecei holocaustos por vós: O meu servo Jó porém orará por vós: Admitirei propício a sua face, para que se vos não impute esta estultícia: Porque vós não falastes de mim o que era reto, como o meu servo Jó.

9 Foram pois Elifaz de Teman, e Baldad de Su, e Sofar de Naamat, e fizeram como o Senhor lhes tinha dito, e o Senhor atendeu a Jó.

10 O Senhor também se deixou dobrar à vista da penitência de Jó, quando orava pelos seus amigos. E o Senhor lhe tornou em dôbro tudo o que êle antes possuía.

11 E vieram a êle todos os seus irmãos, e tôdas as suas irmãs, e todos os que antes o haviam conhecido, e comeram com êle pão em sua casa: E moveram sôbre êle a cabeça, e o consolaram de tôdas as tribulações que o Senhor lhe havia enviado: E cada um dêles lhe deu uma ovelha, e umas arrecadas de ouro. (2)

(2) **E MOVERAM SOBRE ELE A CABEÇA** — Manifestando com êstes movimentos a terna compaixão e ao mesmo tempo, como expressam os Setenta, a dor que lhe causavam as tribulações, e trabalhos qué tinha experimentado. — *Pereira.*

E CADA UM DÊLES LHE DEU UMA OVELHA — Os Setenta, o caldeu, o siríaco, e o arábico dizem aqui, “um cordeiro”. Grocio, e Mercér o entendem duma moeda marcada com a effigie dum cordeiro.

E UMAS ARRECADAS DE OURO — Os Setenta põem em seu lugar, uma moeda de ouro do valor de quatro dracmas. Symmaco, “um brinco do nariz sem marca”, ornato antigamente assa-

12 Mas o Senhor abençoou a Jó no seu último estado ainda mais do que no seu princípio. E chegou êle a ter catorze mil ovelhas, e seis mil camelos, e mil juntas de bois, e mil jumentas.

13 Teve também sete filhos, e três filhas.

14 E chamou o nome da primeira Dia; e o nome da segunda Cássia, e o nome da terceira Cornustíbio. (3)

15 E não foram achadas em tôda a terra mulheres tão formosas como as filhas de Jó: E deu-lhes seu pai herança entre seus irmãos. (4)

16 Depois disto viveu Jó cento e quarenta anos, e viu a seus filhos e aos filhos de seus filhos até à quarta geração, e morreu velho e cheio de dias. (5)*

ordinário nos homens daquele país, e de que ainda hoje usam as mulheres em várias terras do Oriente. — **Pereira.**

(3) **DIA** — O hebreu, em terminação feminina tem: De iom, o dia, como se dissera: "Bela como a luz do dia". A segunda Cassia, ou espécie de canela mui fina, isto é cheirosa, agradável, preciosa como a cássia. A terceira Cornustíbio, ou de enfeite, para significar a sua peregrina formosura. Os Setenta trasladam "Corno de Amaltéia ou Cornucópia", aludindo assim à cabra de Amaltéia, querendo dar a entender que a sua sorte se havia mudado, e passado a outra melhor. Estes nomes, segundo Vatablo, os pôs Jó para ter sempre na memória o estado de uma e outra fortuna.

(4) **E DEU-LHES SEU PAI HERANÇA ENTRE SEUS IRMÃOS** — A lei de Moisés não permitia às mulheres entrar em parte da herança quando tinham irmãos; mas o que aqui se refere, ou foi por costume do país ou por graça particular que quis fazer Jó a suas filhas, como parece colher-se do texto. — **Pereira.**

(5) **DEPOIS DISTO VIVEU JÓ CENTO E QUARENTA ANOS** — A opinião dos hebreus é que esta enfermidade de Jó durara um ano, e que fôra curado dela aos setenta anos da sua idade, tendo depois vivido cento e quarenta, como se diz neste versículo, veio a viver ao todo duzentos e dez anos.

* No fim da versão dos Setenta se acha uma adição de que que se fez memória na prefacção a êste livro, a qual se diz fôra traduzida sôbre um exemplar siríaco e conservada por Teodocion,

e se encontra em todos os Padres antigos gregos e latinos antes de S. Jerônimo, mas sem embargo disto não foi recebido por eles como parte do Texto Sagrado, diz o seguinte: "Acha-se escrito, que Jó ressuscitará com os que Deus há-de ressuscitar." E depois segue-se: Jó habitava na Ausitide nos confins da Iduméia e da Arábia, que o seu primeiro nome era Jobab, e tendo casado com uma mulher árabe tivera dela um filho por nome Enon. Ele era filho de Zoaré dos descendentes de Esaú, e sua mãe chamava-se Bosra, de sorte que era o quinto depois de Abraão". E depois se segue uma Genealogia dos reis de Edom, que parece ser extraída do c. 36 do Gen. — Sacy.

E assim termina a prova a que Jó foi sujeito. Foi proclamada a sua inocência, galardoada a sua inabalável confiança no Senhor e a sua heróica resignação. S. Gregório Magno nota, no seu prefácio sobre Jó, que este Santo Patriarca foi a figura de Jesus Cristo, não só pelas suas palavras como pelos seus sofrimentos. Jó, inocente, sofre grandes torturas como o Justo por excelência devia também sofrer inocentemente; Jó foi como o Salvador, abandonado por todos, e como Jesus recebeu a recompensa da sua paciência e resignação. *Libri moralium*.

FIM DO 4.º VOLUME.

ÍNDICE DAS GRAVURAS

- I — O Dilúvio Universal.
- II — O anjo do Senhor impede Abraão de sacrificar seu filho Isaac.
- III — Davi perdoa a Saul.
- IV — Abigail, mulher de Nabal e, depois, de Davi.
- V — Combate dos doze campeões de Isboset e de Davi.
- VI — Davi inconsolável pela morte de Absalão.
- VII — Resfa protege os corpos de seus filhos.
- VIII — Elias alimentado por um anjo.
- IX — Salomão.
- X — Justiça de Salomão.
- XI — Juízo de Salomão.
- XII — A Rainha de Sabá.
- XIII — Um anjo extermina o exército de Senaquerib.
- XIV — Nabucodonosor manda matar os filhos de Sedecias.
- XV — Ciro, rei dos persas, permite aos judeus a reconstrução do Templo.
- XVI — Ciro, rei dos persas, entregando os vasos do Templo de Jerusalém.
- XVII — Esdras ensina o texto da Lei.
- XVIII — Artaxerxes concede a liberdade aos israelitas.
- XIX — Esdras orando.
- XX — Neemias e seus companheiros às portas de Jerusalém.
- XXI — Sara, mulher de Tobias.
- XXII — Tobias, o Anjo e o peixe.
- XXIII — A família de Tobias vê desaparecer o anjo Rafael.
- XXIV — Judite.
- XXV — Judite degola Holofernes.
- XXVI — Judite mostra a cabeça de Holofernes.
- XXVII — A rainha Vasti recusa a obedecer às ordens do rei Assuero.
- XXVIII — Triunfo de Mardoqueu.
- XXIX — Ester.
- XXX — Ester confunde Aman.
- XXXI — Desmaio de Ester.

Composto e impresso na
EDITORA CÚPOLO LTDA.,
R. Seminário, 187 - S. Paulo



O Dilúvio Universal.

(Gênesis 7, 10 ss) Vol. 1.º, pág. 50



O anjo do Senhor impede Abraão de sacrificar seu filho Isaac.
(Gênesis 22, 12) Vol. 1.º, pág. 99



Davi perdoa a Saul.

(1 Reis 24, 18 e segs) Vol. 3.º, pá



Davi inconsolável pela morte de Absalão.

(2 Reis 19, 4) Vol. 3.º, pág. 181



Resfa protege os corpos de seus filhos.

(2 Reis, 21, 10) Vol. 3.º, pág. 192



Elias alimentado por um anjo.

(3 Reis 19, 5 e segs) Vol. 3.º, pág. 290



Salomão.

(3 Reis 1 e segs) Vol. 3.º, pág. 205



Justiça de Salomão.

(3 Reis 3, 16 e segs) Vol. 3.º, pág. 219



Juízo de Salomão.

(3 Reis 16 e segs) -- Vol. 3.º, pág. 219



A Rainha de Sabá.

(3 Reis 10, 1 e segs) Vol. 3.º, pág. 251



Um anjo extermina o exército de Senaquerib.

(4 Reis 19, 35) Vol. 3.º, pág. 384



Nabucodosor manda matar os filhos de Sedecias.
(4 Reis 25, 7) Vol. 3.º, pág. 402



Ciro, rei dos persas, permite aos judeus a reconstrução do Templo.

(1 Esdras 1, 2 e segs) Vol. 4.º, pág. 122



Ciro, rei dos persas entregando os vasos do Templo de Jerusalém.
(1 Esdras 1, 7) Vol. 4.º, pág. 122



Esdras ensina o texto da Lei.

(1 Esdras 7, 6 e segs) Vol. 4.º, pág. 141



Artaxerxes concede a liberdade aos israelitas.

(1 Esdras 7, 13) Vol. 4.º, pág. 142



Esdras orando.

(1 Esdras 9, 5 e segs) Vol. 4.º, pág. 148



Nehemias e seus companheiros às portas de Jerusalém.
(2 Esdras 2, 11 e segs) Vol. 4.º, pág. 158



Sara, mulher de Tobias.

Tobias 3, 7 e segs) Vol. 4.º, pág. 211

Tobias, o Anjo e o peixe.
(Tobias 6, 2) Vol. 4.º, pág. 218





A família de Tobias vê desaparecer o anjo Rafael.

(Tobias 12, 21) Vol. 4.º, pág. 230



Judite.

(Judite 8 e segs) Vol. 4.º, pág. 259



Judite degolà Holofernès.

(Judite 13, 10) Vol. 4.º, pág. 272



Judite mostra a cabeça de Holofernes.

(Judite 13, 19) Vol. 4.º; pág. 273



A rainha Vasti recusa a obedecer às ordens do rei Assuero.

(Ester 1, 12) Vol. 4.º, pág. 239



Triunfo de Mardoqueu

(Ester 6, 11) Vol. 4.º, pág. 303



Ester.

• (Ester 2, 7) Vol. 4.º, pág. 304



Ėster confunde Aman.

(Ester 7, 6) Vol. 4.º, pág. 304



Desmaio de Ester.

(Ester 15, 10) Vol. 4.º, pág. 324

O LIVRO DOS SALMOS

INTRODUÇÃO

Todos os Livros Santos têm sido objeto de profundos estudos; acêrca de cada um tem-se escrito muito, mas nenhum tem sido estudado tão profundamente, e dado ocasião a maior número de importantes trabalhos, como o *Livro dos Salmos*. Sobem a mil e duzentos os comentários ao *Saltério*; e facilmente se percebe pela sua grande importância, e pelo lugar proeminente que ocupam êstes cânticos na Sagrada Liturgia.

O sacerdote repete-os quotidianamente; os fiéis recitam-nos freqüentes vêzes, sendo por isto a parte mais vulgarizada e mais conhecida da Sagrada Escritura, o que importa a necessidade de ser a mais estudada para ser melhor compreendida. Por esta razão disse Santo Agostinho: *Si sacerdos psalterium ignorat, nomen sacerdotis nise constabit in eo*; e o Cardeal Belarmino, no seu comentário aos *Salmos*, queixava-se ao Papa Paulo V da falta do estudo do *Saltério* nestes têrmos: *Liber Psalmorum quem Ecclesiastici omnes legunt pauci admedium intelligunt, recordando ao mesmo tempo as palavras de S. Jerônimo: Nemquan de manu et oculis tuis recedat liber discatus Psalterium ad verbum.*

Tudo isto obriga-nos a um trabalho mais desenvol-

O Livro dos Salmos

vido e a um estudo mais acurado desta importantíssima parte das Sagradas Escrituras.

Nomes dos Salmos — Ignora-se o nome com que os hebreus designavam a coleção dos *Salmos*. Modernamente na Bíblia hebraica aparecem sob a designação de *Thehillim*, que significa os louvores. Os Setenta é que deram a denominação de *Salmos*.

Autenticidade — A Igreja recebeu das mãos dos judeus o *Saltério*, não só como fazendo parte da Bíblia, mas como livro litúrgico usado nas sinagogas.

Números dos Salmos — Segundo o testemunho constante dos autores antigos, o número dos *Salmos* é de cento e cinqüenta. Notam-se algumas diferenças resultantes da desigualdade das divisões dos manuscritos. A versão grega, reproduzida pela Vulgata, reúne os *Salmos* 9 e 10, 114 e 115 do hebreu; divide o *Salmo* 116 em dois, aos quais deu respectivamente os números 114 e 115. A versão siríaca afasta-se do hebreu e do grego; reúne, como o grego, os *Salmos* 114 e 115 e divide o *Salmo* 147. Estas pequenas variantes, que se referem apenas às divisões dos poemas, não têm importância, porque não afetam a integridade do texto.

Divisão do Saltério — A tradição judaica divide os *Salmos* em cinco livros. Os Padres da Igreja aceitaram esta divisão. S. Epifânio diz: *Nec illud latere te debet, honestarum rerum studiose, Psalterium ab Hebreis quinque in libros esse partitum, nova ut indidem Pentateuchus oriatur, (Libri de mensario et ponderibus)*. O fim dos quatro primeiros livros está indicado no texto por uma doxologia colocada no fim dos *Salmos* 40, 14; 81, 19; 88, 53 e 105, 48.

Os cinco livros distinguem-se pelo diferente emprêgo do nome de Deus. No primeiro livro encontra-se 272 vê-

zes o nome de Jahvéh, sòmente 150 de Eloim (neste número não se incluem os casos em que Eloim é empregado com sufixos ou pronomes, nem os títulos nem os doxológicos). No segundo vemos 164 vêzes Eloim e 34 Jahvéh. No terceiro livro está em 33 lugares Eloim e 44 Jahvéh. No quarto e no quinto emprega-se exclusivamente Jahvéh, exceção feita a duas passagens insignificantes do último.

Títulos dos Salmos — Nos *Salmos* há uma característica de suma importância. Todos os *Salmos*, à exceção de 34 em hebreu (vinte na Vulgata), têm um título, em que se indica o nome do autor, a maneira como deviam ser cantados, as circunstâncias em que foram compostos. Advirta-se, porém, que êste título diverge no texto hebreu dos Setenta e da Vulgata. Êstes títulos consideram-se como fazendo parte integrante do *Saltério*, não havendo dúvida que remontam à mais alta antiguidade, do que é prova a sua forma obscura e por vêzes enigmática.

Autores dos Salmos — Alguns Padres atribuíram todos os *Salmos* a Davi, porém o estilo, a linguagem e as indicações dos títulos provam que são de autores diferentes, e compostos em épocas diversas. Davi é, sem dúvida alguma, o principal autor desta coleção, em que se revela como o maior poeta lírico de Israel. O Concílio Tridentino, no Cânon das Escrituras, n.º 35, indica o *Psalterium Davidium*, mas não entende por isto que todos os *Salmos* sejam de Davi. *In excipiendis divinis libris... optabant aliqui ne Psalmi generatim Psalmi Davidis appellarentur, cum ex multorum sententia, ille non omnium auctor fuerit. Episcopus Feltriensis, qui Decretum per ea verba conceperat, respondebat: Illa ex Florentino Concilio a se excepta; addebatque Bituntinus: Totius appellationem desumi a majoris partis ratione,*

Pallavicini, *Historia Concilii Tridentini*. L. 4 e 14. Os salmos de Davi distinguem-se pelo sentimento e delicadeza de expressão. Na maior parte começam por uma descrição dos seus sofrimentos e terminam por uma profunda confiança em Deus. São composição sua quase dois terços dos *Salmos*, pelo que com justiça merece ser antonomásticamente chamado o salmista, como lhe chama o Eclesiástico, 47, 8-10. *Egregius Psoltes Israel*.

A darmos o crédito que merecem aos títulos, temos doze *Salmos* com o nome de Asaí, mestre de música, de Davi, se bem que êstes *Salmos* foram compostos ou por um dos seus descendentes, ou por um outro salmista de igual nome. Cfr. Vigouroux, *Manuel Biblique*, pag. 246, n.º 653. São os *Salmos* 49, 72 a 82.

Outros onze são atribuídos aos filhos de Coré. O autor não é designado individualmente, exceto no *Salmo* 88, obra de Heman o ezraíta. São os *Salmos* 41 com 42-48, 83, 84, 86, 87.

O *Salmo* 88 tem por autor Etan o ezraíta, um dos cantores de Davi. Os outros pertencem a autores vários e desconhecidos.

Data da composição dos Salmos e da sua coleção — Não sendo todos os *Salmos* do mesmo autor, segue-se naturalmente que também não são do mesmo tempo. O mais antigo é o *Salmo* 89, que se atribui a Moisés, e os mais recentes são do tempo de Esdras; os de Davi datam do século 11, antes da Era Cristã; aos que não têm autor conhecido não se lhes pode fixar uma data. Os *Salmos* 1, 2, 10, ainda que não tenham título, são de Davi. Os *Salmos* 74 e 75 são do tempo da invasão de Senaquerib; 91, 99, que têm um acentuado caráter histórico, pertencem à época que decorre entre Salomão

mão e o cativoiro; o 106 foi composto depois do regresso do cativoiro; 110-115 pela mesma época; e 116-117 foram escritos para a festa da dedicação do segundo Templo. A maior parte dos salmos graduais, 119-133, são posteriores ao cativoiro. Os *Salmos* 146-150 foram provavelmente escritos para a restauração dos muros de Jerusalém, no tempo de Neemias. Pretenderam alguns críticos reconhecer nos últimos livros dos *Salmos*, cânticos da época dos macabeus; mas esta asserção não assenta em bases sólidas. Vigouroux, *Manuel Biblique*, 654, n.º 247.

O primeiro dos cinco livros dos *Salmos* é exclusivamente Davidico, e foi, segundo tôdas as probabilidades, composto pelo Rei Profeta. O segundo, em parte Davidico, em parte Levítico, foi compilado, segundo muitos críticos, no tempo de Ezequias. O terceiro e o quarto foram colecionados antes de Esdras, em cujo tempo foi coordenado o quinto.

Objeto ordinário dos Salmos — O assunto dos *Salmos* resume-se em duas palavras: Deus e o homem. Deus na sua Infinita Grandeza, Onipotência, Onisciência, Bondade e Justiça; e o homem na sua fraqueza, abatimento, misérias, infelicidades e carência absoluta de socorro do Criador.

Classificação dos Salmos — E' impossível apresentar uma rigorosa e científica classificação dos *Salmos*. Santo Agostinho organizou uma, geralmente seguida, e que se encontra na *Epistola ad Marcellinum*, sendo digna de menção a que apresenta Carpzow no seu livro intitulado *Introductio ad libros poeticos Veteris Testamenti*. Feita sôbre a primeira, tendo por base a idéia principal e dominante em cada salmo, é a seguinte de Vigouroux, que passamos a apresentar, por nos parecer a melhor. Compreende seis grupos.

O Livro dos Salmos

I HINOS EM HONRA DE DEUS:

- a) *Para celebrar os seus atributos em geral*: — 8, 17, 18, 23, 28, 33, 45, 46, 47, 49, 64, 65, 75, 76, 92, 94-96, 98, 110, 112, 113, 133, 138, 141, 148, 150.
- b) *Agradecimento dos benefícios dispensados a Israel* — 45, 47, 65, 67, 75, 80, 84, 97, 104, 123, 125, 128, 134, 135, 149.
- c) *Agradecimento a Deus dos benefícios dispensados aos bons* — 22, 33, 35, 90, 99, 102, 106, 117, 120, 144, 145.
- d) *Bondade de Deus* — 9, 17, 21, 29, 39, 74, 102, 107, 115, 117, 137, 143.

II ORAÇÕES:

- a). *Para obter o perdão dos pecados* — 6, 24, 31, 36, 50, 101, 129, 142.
- b) *Confiança em Deus* — 3, 15, 26, 30, 53, 55, 56, 60, 61, 70, 85-12: 21, 66, 87.
- c) *Recurso ao Senhor na aflição* — 4, 5, 10 (11), 27, 40, 54, 58, 63, 69, 108, 119, 139, 140, 142.
- d) *Súplica de socorro* — 7, 16, 25, 34, 43, 59, 73, 78, 79, 82, 88, 93, 101, 128, 36.
- e) *Intercessão* — 19, 66, 121, 131, 143.
- f) *Desejo de visitar o tabernáculo e o templo* — 41, 42, 62, 83.

III SALMOS DIDÁTICOS:

- a) *Os bons e os maus* — 1, 5, 7, 9-11, 13, 14, 16, 23, 24, 31, 33, 35, 36, 49, 51, 52, 57, 72, 74, 83, 90, 91, 93, 111, 120, 124, 126, 127, 132.
- b) *A lei de Deus* — 18, 118.
- c) *Vaidade humana* — 38, 48, 89.
- d) *Deveres dos governantes* — 81, 100.

IV SALMOS PROFÉTICOS:

2, 8, 15, 18, 21, 39, 44, 67, 68, 71, 96, 101, 109, 117. Nestes se compreendem os chamados salmos *Messiânicos*, de altíssima importância no estudo da teologia. Como o seu próprio nome indica, salmos messiânicos são aqueles que se referem ao Messias. Uns temo-los por messiânicos, porque assim foram considerados pelos Autores do Novo Testamento e consenso unânime da Igreja. São os salmos 2, 8, 15, 18, (?), 21, 34, (?), 39, 40, 44, 67, 68, 71, 77, 96, 101, 108, 109, 116, 117. Outros têm traços particulares, mais ou menos claros, referentes a Jesus Cristo 20, 23, 46, 84, 86, 88, 95, 98, 131. Outros são aplicados ao Messias por acomodação 3, 17, 48, 16, 54, 58, 66, 69, 70, 110. Advirta-se desde já que se não enumeram entre os salmos messiânicos aqueles que a liturgia aplica, num sentido acomodaticio, a Jesus Cristo na sua Igreja *per nudam accommodationem*. Também se deve aqui dizer que entre os salmos messiânicos, uns referem-se ao Messias no próprio *sentido literal*, outros em *sentido figurado*. Os primeiros só se podem entender referidos ao Messias; os segundos em seu sentido próprio, referem-se a personagens ou a acontecimentos

O Livro dos Salmos

do Antigo Testamento, mas essas pessoas e fatos são figuras da Lei nova, de Jesus Cristo e da sua Igreja. Os principais salmos exclusivamente messiânicos, geralmente reconhecidos como tais, são os salmos 2, 15, 21, 44. 68 (?), 71, 109, e os que, em sentido figurado, se aplicam ao Messias, são, segundo as citações do Novo Testamento, os salmos 8, 18, 34, 39, 40, 67, 77, 96. 101, 108, 116, 117. O Antigo Testamento é citado no Novo 283 vezes; pois dessas citações 116 são tiradas do saltério, por causa do sentido profético dos salmos. À Igreja aplicam-se os salmos 45, 47, 78, 79, 86, 121, 126. 147.

V SALMOS EM HONRA DE JERUSALÉM E DO TEMPLO:

14, 23, 67, 80, 86, 131, 133, 134.

VI RESUMO DA HISTÓRIA DO POVO DE DEUS:

77, 104, 105.

Traduções dos Salmos — Pela sua importância devem ser conhecidas as diversas versões, que ministram conhecimentos de grande alcance no estudo exegético dos salmos. A mais antiga é a versão dos Setenta, feita no ano 130 antes de Jesus Cristo, Vigouroux *Manuel Biblique*, n.º 659, pág. 255. Esta tradução, embora tenha em seu favor a sua antiguidade, não pode ser julgada de todo o ponto correta. Há algumas inexactidões, sobretudo na versão dos verbos, que foram traduzidos à letra, empregando-se na tradução o futuro quando o sentido exigia o presente, e o pretérito quando devia ser empregado o futuro; nalgumas passagens não foram percebidas as palavras hebraicas, havendo divergências entre o hebreu e a versão. Cf. Talhofer, *Erklärung des Psalmen*, 1881. Não obstante estas imperfeições, a versão dos Setenta

tem a maior importância: 1.º porque é a mais antiga; 2.º porque dela são as citações dos salmos feitas no Novo Testamento; 3.º porque a *Vulgata*, que conservou para os salmos a antiga versão Ítala, não é mais do que uma tradução latina desta versão grega.

Sendo assim, podemos com Vigouroux chamar à nossa tradução latina dos salmos uma tradução em segunda mão *Ob. cit.* S. Jerônimo, a instâncias do papa S. Damaso, fez algumas correções nesta versão latina; porém estas foram em pequeno número, porque o Santo Doutor receava perturbar os fiéis que sabiam os salmos de cor. *Nos emendantes olim Psalterium ibicunque sensus idem est, veterum interpretum consuetudinem mutare nolimus, ne nimia novitate lectoris studium terreremus.* Ep. CVI, *ad Sumariam et Fretelam.* E' esta revisão de S. Jerônimo que tem o nome de *Saltério romano*. Posteriormente, pelos anos 387 a 391, o mesmo S. Jerônimo empreendeu uma nova revisão do saltério, correta e modificada, feita sobre a versão Ítala. Esta segunda edição foi adotada pela Igreja dos Gállos, de onde lhe veio o nome de *Saltério gálico*.

A biblioteca de Lião possui um manuscrito do vi século em que estão estas duas revisões. *Journal Officiel, séance de l'Academie des Inscriptions*, 12, agosto 1879. Mabillon, na sua obra *Liturgia gálica*, apresenta uma larga notícia sobre o Saltério gálico. Depois foi feita uma nova versão sobre o texto hebreu: é o chamado *Saltério hebraico*. Porém os fiéis estavam tão familiarizados com a versão Ítala, que a Igreja entendeu dever conservar esta nas edições da *Vulgata*.

Visto que assim é, torna-se necessário concluir que a versão da *Vulgata* participa das imperfeições dos Setenta. A este propósito escreve o eminente escritor padre Desjacques, S. J.: "*Notre vieux sautier latin a des dé-*

fauts... il est souvent d'un style incorrect, obscur en plusieurs endroits, et même quelquefois il ne rend pas exactement le sens de l'original" — *Etudes religieuses*, março 1878, p. 359. Porém estas diferenças, que são numerosas, entre o texto hebreu e o texto latino, não afetam a doutrina nêles contida, nem alteram o sentido moral que nos *Salmos* se encerra. "*Has diversitates, escreve o douto Bossuet, nihil ad fidei morumque normam pertinere; namque in originali textu, in que interpretationibus Ecclesiarum non celebratis, atque ideo in Vulgata nostra eandem esse doctrinæ summam, ne ino quidem opice detracto; tum confutandis erroribus, ac stabiliendis asserendisque dogmatibus idem robur; denique auctoritatem summam veramque pietatem*" Bossuet *Dissertatio de Psalmis CV. Œuvres* Ed. Lebel.

Também os críticos são concordes em confessar que a versão da Vulgata tem uma fôrça e concisão admiráveis, uma forma elegante, que impressiona o espírito e facilmente se grava e retém na memória.

Advirta-se porém que, para conseguir um conhecimento sólido e uma compreensão perfeita dos *Salmos*, é necessário recorrer ao original, ou pelo menos a uma tradução feita sobre o texto hebraico. Com esta preparação dissipam-se muitas obscuridades da nossa versão, e aprecia-se melhor o sabor literário dêste belo monumento de literatura sagrada. E o já egrégio doutor S. Jerônimo o recomendava *Sciendum quid hebraica veritas habeat*. Ob cit.

Particularidades de construção — Devemos advertir que a construção hebraica difere totalmente da grega e da latina. Entre os *Salmos*, como já foi dito, há alguns proféticos, que como tais se devem entender. E' sabido que na gramática hebraica há apenas o perfeito e o im-

perfeito, com os quais se exprime o pretérito, presente e futuro. Para significar uma ação futura, mas de cuja realização há a certeza, empregam os hebraicos o perfeito. Cfr. Strack, *Grammaire hebraïque*. Ora, os Setenta consideraram o perfeito como um pretérito, e o imperfeito como futuro, e como tais os traduziram. Da mesma maneira procedeu o tradutor latino dos *Salmos*. Daqui resulta que o pretérito e futuro latinos são empregados indiferentemente na Vulgata para exprimir os três tempos. Por exemplo: *Confitebor tibi*, está no futuro, e deve traduzir-se: Eu vos louvo. *Dominus regnavit*, Deus reina.

Sentido literal e espiritual dos Salmos — No estudo dos *Salmos* é indispensável perscrutar o pensamento do autor, conhecer as circunstâncias em que escreveu, fim que se propôs, reunir os antecedentes, juntar os consequentes e estabelecer a seqüência lógica das idéias e fatos. O estudo da poética hebraica, e a divisão das estrofes, contribuem muito para se apurar este sentido. Conhecido o sentido literal, deve-se estudar o seu sentido espiritual e moral. Estes versos têm esta particularidade, os seus ensinamentos não são para um povo, são para todos os homens, menos para um determinado país, são cosmopolitas, não pertencem a uma certa época, são de todos os tempos. A voz do salmista não é só a voz de Davi, é a voz de Deus falando a toda a humanidade. *Psalmus pro Ecclesiæ*, lhe chamou S. Ambrósio *Præf. in Psal.* Uma vez que tenhamos percebido o sentido espiritual e moral dos *Salmos*, estes são o compêndio ensinando todo o fiel a bem querer, bem pedir, bem praticar e bem receber.

Lá encontramos tudo o que devemos saber relativamente à criação, redenção e santificação do homem, afervorando-nos a fé.

O Livro dos Salmos

Pelos *Salmos* aprendemos a rogar o socorro do céu em nossas aflições, alentando-nos a esperança na proteção do céu. E ainda nos *Salmos* encontramos como havemos de praticar a virtude, como nos devemos justificar para receber os sacramentos. Ensinam-nos a amar a Deus, e a amar o próximo pelo amor de Deus. São uma bela lição de caridade, no que esta virtude tem de mais santo e de mais sublime.

O LIVRO DOS SALMOS

SALMO 1

SALMO DOUTRINAL. OS JUSTOS SÃO DITOSOS; E OS MAUS SÃO INFELIZES (*)

1 Bem-aventurado o varão que não se deixou ir após o conselho dos ímpios, e que não se deteve no caminho dos pecadores, e que não se assentou na cadeira empestada pelo vício. (1)

(*) Nesta explicação dos Salmos indicar-se-á o assunto de cada um, título, quando o tiver, divisão, autor, etc.

Este Salmo não tem título no original hebreu. Ignora-se quem seja o seu autor, mas a maior parte dos intérpretes atribuem-no a Davi. É como que uma introdução a toda a coleção dos Salmos. Descreve-se o caráter dos bons, e, por contraposição, também o dos maus; exortam-se os homens à piedade, oferecendo-lhes como recompensa a Eterna Bem-aventurança. Tem três estrofes de cinco versos, segundo os modernos trabalhos de Bickell, professor em Inspruck, *Carmina Veteris Testamenti metrica*, 1882. A primeira estrofe compreende os dois primeiros versículos, e canta a felicidade do justo que evita o mal, 1, e o que observa a lei praticando o bem, 2. A segunda compreende o v. 3, onde se compara o justo ao arbusto ornado de virentes folhas, produzindo bons frutos. A terceira compreende os vv. 4, 5 e 6, em que se descreve a desgraça do pecador, semelhante ao pó que o vento leva, que não poderão suportar o rigor do juízo de Deus, 5, porque o Onisciente conhece a vida do justo, e o caminho de perdição por onde ele trilha.

(1) **QUE NÃO SE DETEVE** — Não disse “Que não andou

Salmo 1, 2-6

2 Mas a sua vontade está posta na lei do Senhor, e na sua lei meditará de dia e de noite.

3 E será como a árvore, que está plantada junto à margem dum ribeiro ameno, que a seu tempo dará o seu fruto:

E cuja fôlha não cairá: E tôdas as coisas que êle fizer, serão prósperas.

4 Não assim os ímpios, não assim: Senão como o pó que o vento espalha de cima da face da terra. (2)

5 Por isso os ímpios não ressurgirão no juízo; nem os pecadores na congregação dos justos. (3)

6 Porque o Senhor conhece o caminho dos justos: E o caminho dos ímpios perecerá.

pelo caminho dos pecadores, porque isso é impossível, visto que nenhum homem é sem pecado, mas disse "Que não se deteve no caminho dos pecadores, porque o justo não se demora nêle, não persevera no mal, mas procura logo meter-se no caminho do Senhor pela penitência. S. Jerônimo.

NA CADEIRA — A cadeira da pestilência (*Cathedra pestilentiae*) é a cadeira da falsa doutrina ou do mau exemplo, que como peste corrompe os espíritos. — Bossuet (*Dissert. in Psalmos*).

(2) **NÃO ASSIM** — Esta repetição é própria da Vulgata, pois falta no hebreu. — Bossuet.

(3) **NÃO RESSURGIRÃO NO JUÍZO** — O hebreu tem: "Não subsistirão, isto é, perderão a causa — Bossuet. Melhor fôra *stambunt* em vez de *ressurgent*, ressurgirão.

SALMO 2

SALMO PROFÉTICO EM QUE SE DESCREVE O ESTABELECIMENTO DO REINO DE JESUS CRISTO, CONTRA TODOS OS ESFORÇOS DOS HOMENS. A CRISTO REI DE TÓDAS AS NAÇÕES HÃO DE OBEDECER TODOS OS QUE DESEJAM A SALVAÇÃO. (*)

1 Por que se embraveceram as nações, e os povos meditaram coisas vãs? (1)

2 Os reis da terra se sublevaram, e os príncipes se coligaram contra o Senhor, e contra o seu Cristo. (2)

(*) Também este Salmo não tem título; mas do contexto depreende-se que Davi é o seu autor. O seu sentido é, segundo a opinião dos mais sábios intérpretes, relativo a Jesus Cristo e ao poder do reino Messiânico. Compreende quatro estrofes, respectivamente de 7, 6, 7 e 8 versos. — 1.^a (Compreende os vv. 1-3). Os gentios querem em vão revoltar-se contra Deus. — 2.^a (4 a 6). Deus desdenha dos seus esforços. — 3.^a (7 a 9.) Discurso do Messias, sua eternidade e Onipotência. — 4.^a (10 a 13). Conclusão do Salmista. E' necessário obedecer ao Messias, e proclamar venturoso o que nêle se confia. Este Salmo é muitas vêzes citado no Novo Testamento. Os atos 4, 25, 28, indicam a realização desta profecia na coligação feita entre judeus e gentios contra Jesus Cristo e a sua Igreja. S. Paulo aos hebreus, 1, 5 e 5, 5, cita-o para provar a Geração Eterna do Verbo. Alguns comentadores judeus, os Socinianos e racionalistas sustentam que este Salmo só se pode referir a Davi, porém não há fato histórico na vida deste monarca, a que convenham as afirmações e as palavras contidas neste Salmo. Pexeda diz: "Eu só o refiro a Cristo, embora não negue que o reinado de Davi é uma figura do Reinado de Jesus Cristo". Ego de solo Christo expono: interim non nego Regnum Davidis typum Regni Christi fuisse.

(1) **POR QUE** — Esta interrogação indica a sem razão da revolta e o seu insucesso.

(2) **CONTRA O SEU CRISTO** — Tem-se escrito muito por causa desta palavra. A quem se pode aplicar o termo Cristo, que quer dizer ungido? E' a questão. O termo hebraico *mashiah*, do

3 Rompamos as algemas com que nos prendem: E sacudamos de nós o seu jugo. (3)

4 Aquêlê que habita no céu zombará dêles, o Senhor os escarnecerá. (4)

5 Êle lhes falará então na sua ira, e os encherá de turbacção no seu furor.

6 Eu porém fui por êle constituído rei sôbre Sião, seu monte santo, para promulgar o seu decreto.

7 O Senhor disse para mim: Tu és meu Filho, eu te gerei hoje. (5)

8 Pede-me, e eu te darei as nações em tua herança, e em tua possessão as extremidades da terra. (6)

verbo *mashah unxit*, applica-se aos Patriarcas, Sl 55, 15; aos Profetas, 3 Rs 19, 16; aos Sumos Sacerdotes, aos reis, por exemplo, a Saul 1 Rs 12, 3, mas applica-se antomásticamente a Jesus Cristo, porque é o Ungido por excelência — Sacerdote e rei. — E como êste lugar não pode convir a Davi, como lhe não convém o v. 7, pois não há razão alguma que justifique tal interpretação, podemos concluir com Lapide (*Constat totum de una persona loqui; quam Christum esse docent. At 4, 26, nec vers. 7 ad Davidem accommodari potest*) que só ao Messias se devem referir estas palavras.

(3) **ROMPAMOS AS ALGEMAS** — E' dito em nome e na pessoa dos Impios, que pretendem sacudir o jugo dos mandamentos de Deus e do seu Cristo. — Pereira.

(4) **AQUÊLE QUE HABITA** — Quer dizer o que preside, como juiz que há de ditar a lei e proferir a sentença. Deus está em tôda a parte em ato e essencialmente.

(5) **TU ÉS MEU FILHO** — Meu Filho, próprio e verdadeiro; que isso quer dizer aquêlê eu te gerei; meu Filho gerado ab eterno e sempre gerado, que isso quer dizer aquêlê hoje, que na frase da Escritura significa eternidade, a que tudo é presente, nada pretérito, nem futuro. Por isso dêste texto prova S. Paulo na epístola aos hebreus, 1, 5, a divindade e geração eterna de Jesus Cristo.

(6) **EU TE DAREI AS NAÇÕES EM TUA HERANÇA** — Esta é aquella generalidade da extensão, que nos escritos de Santo Agos-

9 Tu as governarás com uma vara de ferro, e quebrá-la-ás como um vaso de frágil barro.

10 E agora, ó reis, entendei: Instruí-vos, os que julgais a terra. (7)

11 Servi ao Senhor em temor: E alegrai-vos nêle com tremor. (8)

12 Rendei-lhe homenagem para que não suceda que se ire o Senhor, e vos aparteis do caminho da justiça. (9)

13 Quando daqui a pouco se incender a sua ira, bem-aventurados todos os que confiam nêle.

SALMO 3

SALMO HISTÓRICO. DAVI NESTE SALMO SE VOLTA A DEUS, E NELE ENCONTRA FORÇA CONTRA TODOS OS INSULTOS DOS SEUS INIMIGOS: SEGURO COM AS EXPERIÊNCIAS PASSADAS, IMPLORA O SEU AUXÍLIO, E PEDE-LHE QUE NOVAMENTE O DEFENDA.

1 Salmo de Davi quando fugia à vista de Absalão seu filho (2 Rs 15, 14) (1).

tinho e dos teólogos polémicos mostra a catolicidade da Igreja Cristã, e forma uma das suas notas mais características — **Pereira**.

(7) **JULGAIS A TERRA** — A Vulgata traduziu por *Judicare* o verbo hebraico *shaphath*, que significa também governar, porque uma das atribuições dos governantes é a administração da justiça.

(8) **EM TEMOR** — Isto é, temendo a justiça indefectível de Deus.

COM TREMOR — Quer dizer: Que se alegrem com santo júbilo, auxiliado pela graça divina, não confiando em si, e receando a queda na culpa, que lhes atraía a inimizade de Deus.

(9) **RENDEI-LHE HOMENAGEM** — Na Vulgata está *Apprehendit disciplinam*, que o padre Pereira traduziu: “Tomai o ensino”; mas o que está no original é: **Beijai o Filho**, o que com Vigouroux traduzimos — **Rendei-lhe homenagem**.

(1) **SALMO** — No hebreu *Mizmór*, que a Vulgata traduziu

Salmo 3, 2-7

2 Senhor por que são em tão grande número os que me perseguem? muitos se levantam contra mim.

3 Muitos dizem à minha alma: Não há salvação para êle em seu Deus.

4 Porém tu, Senhor, és o meu protetor, a minha glória e o que exaltas a minha cabeça.

5 Com a minha voz clamei ao Senhor: E me ouviu desde o seu santo monte. (2)

6 Eu dormi e estive sepultado no sono: E levantei-me, porque o Senhor me amparou. (3)

7 Não temerei aquêles milhares de povo que me cercam: Levanta-te, Senhor, salva-me, Deus meu. (4)

por *Psalmus*, composição rítmica destinada a ser cantada com acompanhamento de instrumento musical, especialmente de harpa. São 57 os Salmos que têm este nome. Neste, Davi quer indicar que são numerosos os seus inimigos, mas que coisa alguma lhe abalará a confiança no Senhor; e certamente o que mais ressalta da leitura deste Salmo é que, ainda nas maiores adversidades, devemos confiar sempre no auxílio do Deus. Compreende quatro estrofes, a saber: 1.^a (vv. 2.3). Multidão de inimigos de Davi. — 2.^a (4.5). Não se atemoriza, porque espera o auxílio de Deus. — 3.^a (6.7.) Adormece e desperta tranqüillo, porque Deus é o seu auxílio. — 4.^a (7-9). Que Deus o livre dos seus inimigos e que abençoe o seu povo. O título está indicado neste primeiro versículo — Salmo de Davi quando fugia à vista de seu filho Absalão. — E' histórico este salmo; contudo, o seu sentido místico é verdadeiramente profético, e alusivo a Jesus Cristo o à sua paixão, assim como o sentido moral alude a todos os justos que na perseguição confiam em Deus.

(2) **SANTO MONTE** — Quer dizer desde o Céu, onde estás em tua santidade e glória. De Cœlo sublimi, ubi in tua santitate et gloria insides.

(3) **E LEVANTEI-ME** — Isto é, acordei, como tem o hebreu, "evigilavi". A Igreja acomoda este versículo a Jesus Cristo resurgindo dos mortos. — Bossuet.

(4) **AQUÊLES MILHARES DE POVO** — Alude Davi ao que lhe dissera um mensageiro: Toto corde universus Israel sequitur

8 Porque tu tens ferido a todos os que me perseguem sem causa: Quebraste os dentes dos pecadores.

9 Do Senhor é a salvação: E sôbre o teu povo a tua bênção. (5)

SALMO 4

SALMO HISTÓRICO. DAVI PERSEGUIDO DOS SEUS INIMIGOS PÕE A SUA CAUSA NAS MÃOS DE DEUS; E OS EXORTA A QUE VOLTEM SOBRE SI, E SE RECONHEÇAM, PROTESTANDO QUE SÓ NO SENHOR TEM POSTA TODA A SUA CONFIANÇA E GLÓRIA.

1 Ao regente do côro, com acompanhamento de instrumentos de corda, salmo de Davi. (1)

Absalon. "Todo o povo de Israel segue de todo o coração o partido de Absalão contra ti". 2 Rs 16, 13. — Bossuet.

(5) DO SENHOR É A SALVAÇÃO — A salvação nos vem de Deus, e éle abençoa o seu povo, isto é, os predestinados pelos merecimentos de Jesus Cristo. Santo Agostinho observou que a primeira parte do verso era afirmativa, e a segunda deprecativa.

(1) AO REGENTE DO CORO — A Vulgata traduziu este título *in finem in carminibus*, e o padre Pereira desta maneira, não menos, senão mais confusa: "Para o fim entre os cânticos", o que não dava idéia do que era. O *in finem* da Vulgata, que assim traduziu dos Setenta, e o Para o fim, do padre Pereira, e a tradução errada do hebreu *lamnatracakh*, que significa ao regente do côro. E' uma espécie de advertência, significando que o Salmo deve ser remetido ao presidente do côro dos Levitas. E' provável que o autor da Vulgata traduzisse o grego dos Setenta por *in finem*, referindo estas palavras ao fim dos tempos, isto é, à época do Messias.

INSTRUMENTOS DE CORDA — A Vulgata traduziu *carminibus* e o padre Pereira cânticos, o termo hebraico *Neghinot*, que era um instrumento de corda. Giustiniani e Houbigaut querem que este instrumento fôsse uma cítara de oito cordas. Davi compôs, ao que parece, este Salmo no tempo em que era perseguido por seu filho Absalão, ou por Saul, seu sogro. O escopo deste Salmo parece ser implorar a misericórdia do Senhor e excitar a constân-

Salmo 4, 2-4

2 Quando eu invoco o Senhor da minha Justiça, Ele me ouve, e na tribulação o seu auxílio expande a minha alma. (2)

Tem compaixão de mim, e ouve a minha oração.

3 Filhos dos homens, até quando sereis de pesado coração? por que amais a vaidade, e buscais a mentira? (3)

4 Sabei pois que o Senhor exaltou ao seu santo, o Senhor me ouvirá quando eu clamar a Ele. (4)

cia nos que o acompanhavam. O sentido moral, segundo os mais abalizados críticos, é mostrar a força e a ação da Providência, exortando os bons à resignação e à perseverança, e persuadindo os maus à penitência. Compreende cinco estrofes; a primeira e a última têm três versos, as restantes quatro, a saber: 1.^a estrofe (2). Deus ouve a oração quando todos o abandonam (seguindo Absalão). — 2.^a (3 e 4) Aos seus caluniadores diz que terminem as suas afrontas, porque o Senhor aceita a sua súplica. — 3.^a (5 e 6). Que confiem em Deus. — 4.^a (6 e 8). Os que ficaram fiéis procuram a felicidade; Deus faz brilhar sobre nós o bem do seu rosto. — 5.^a (9 e 10). Tranquilidade de Davi e sua confiança ilimitada em Deus.

(2) **QUANDO EU INVOCO** — Traduz-se pelo presente, conforme se disse na introdução. Afastamo-nos um pouco da tradução do padre Pereira, para melhor inteligência do Salmo.

(3) **FILHOS DOS HOMENS** — O hebreu diz: "Filhos de varão até quando convertereis a minha glória em ignomínia?" "Filhos de varão, isto é, conforme a frase hebraica: "Filhos de homem ilustre, ou varões ilustres." E' uma apóstrofe aos oficiais e comandantes das onze tribos, os quais, depois da morte de Saul, recusaram por largo tempo reconhecer por seu rei a Davi, 2 Rs 2, 9; 3, 1. — P. Scio.

(4) **AO SEU SANTO** — A mim seu Ungido. O hebreu "E sabeis que o Senhor apartou para si ao pio; isto é, me apartou e me elegeu, dotando-me de verdadeira piedade, para que eu restabelecesse o seu culto". — P. Scio.

5 Irai-vos e não queirais pecar: Do que dizeis nos vossos corações compungi-vos nos vossos leitos. (5)

6 Sacrificai sacrifício de justiça, e esperai no Senhor: Muitos dizem: Quem nos patenteará os bens? (6)

7 Gravado está, Senhor, sobre nós o lume do teu rosto: Deste alegria no meu coração. (7)

8 Pelo produto do seu trigo, vinho e azeite se multiplicaram.

9 Em paz dormirei nêle mesmo, e repousarei. (8)

10 Porque tu, Senhor, de uma maneira singular me tens firmado na esperança.

(5) **IRAI-VOS** — E' uma forma hipotética, expressa por este imperativo, e que corresponde a "se vos irardes", etc. *Hypothetica Hebraeorum formula per imperativum, pro Si irascimini.* Cfr. *Synopsis criticorum S. Scripturae.*

(6) **SACRIFICAI SACRIFÍCIO DE JUSTIÇA** — Quer dizer, ofereci sacrifício justo, isto é, oferecido por uma forma reta, com pureza de intenção, e ofereci-o pelos vossos pecados. Como se dissesse: Rebeldes! conhecei as vossas culpas, e arrependidos ofereci sacrifícios ao Senhor. *O conjurati peccatum vestrum agnoscite, et in illius expiationem offerite sacrificium Deo.* — *Vatablo.*

(7) **DESTE ALEGRIA NO MEU CORAÇÃO** — No hebreu se lêem estas últimas palavras unidas com o verso seguinte desta maneira: "Deste alegria no meu coração, ao tempo que o trigo dêles, e o mosto se multiplicou. Pode também ser alusivo aos frescos que foram levados às tropas de Davi, quando fugia de Absalão. Rs 17, 28. A Igreja em uma Antífona aplica este verso ao sustento e multiplicação que recebem os fiéis pela Eucaristia. — *P. Scio.*

(8) **E REPOUSAREI** — O hebreu diz: "Em paz a um mesmo tempo me encostarei, e dormirei". Outros: *Idipsum e simul* ou juntamente. — *Pereira.*

SALMO 5

SALMO IMPETRATIVO E DIDÁTICO. PEDE DAVI A DEUS QUE SE DIGNE DE OUVIR OS SEUS CONTÍNUOS ROGOS, E QUE POIS ABORRECE A INIQUIDADE, LHE DÊ ASILO NA SUA GRAÇA, E DESTRUA A SEUS INIMIGOS E PERSEGUIDORES, PARA QUE À VISTA DISTO SE ALEGRE A SUA IGREJA, E TOME MATÉRIA PARA LOUVÁ-LO.

1 Ao regente do côro com acompanhamento de flauta.
Salmo de Davi. (1)

2 Senhor, dá ouvidos às minhas palavras, escuta o meu clamor.

3 Atende à voz da minha súplica, rei meu e Deus meu.

4 Porque a ti orarei: De manhã, Senhor, ouvirás a minha voz.

5 Ao despontar do dia me coloco na tua presença e te verei: Porque tu, Deus. não queres a iniquidade.

(1) COM ACOMPANHAMENTO DE FLAUTA — Assim traduzimos o hebreu *el-han-nekhilloth*, que a Vulgata traduziu por *quæ hereditatem consequitur*, e o padre Pereira “que consegue a herança”. Estas palavras do título deram ocasião a comentários variados; hoje porém é assente que *nekhilloth* designa a flauta, e que este título indica que o salmo devia ser acompanhado com este instrumento. Os Setenta e depois a Vulgata entenderam esta frase relativa ao povo de Israel, que é a herança de Deus. E’ evidentemente uma oração da manhã, que Davi recitaria antes de ir à casa de Deus por ocasião de algumas perseguições mencionadas no salmo antecedente. Tem quatro estrofes de seis versos. 1.^a estrofe (2 a 5). Davi invoca o Senhor desde o amanhecer, e roga a Deus ouça a sua prece. — 2.^a (5 a 7). Confia na bondade infinita de Deus. — 3.^a (8 a 11). Vai cheio de confiança ao Tabernáculo pedir socorro contra os maus. — 4.^a (11 a 13). Pede a condenação daqueles para alegria dos justos.

6 Não habitará ao pé de ti o maligno: Nem os injustos permanecerão diante de teus olhos.

7 Aborreces a todos os que obram a iniquidade: Perderás a todos os que preferem a mentira.

O Senhor abominará o varão sangüinário e doloso:

8 Eu porém, confiado na multidão da tua misericórdia,

entrarei na tua casa, e cheio de temor teu te adorei no teu santo templo.

9 Senhor, guia-me na tua justiça: Dirige diante de teus olhos o meu caminho, por causa de meus inimigos.

10 Porque na boca deles não há verdade: O seu coração é vão.

11 A sua garganta é um sepulcro aberto, com as suas línguas urdiram enganos, tu, Deus, os julgas.

Caíam de seus pensamentos, lança-os segundo a multidão das suas impiedades, porque te irritaram, Senhor.

12 E alegrem-se todos aquêles que esperam em ti: exultarão eternamente: E tu habitarás nêles,

E em ti se gloriarão todos os que amam o teu nome,

13 porque tu abençoarás o justo.

Senhor, de tua boa vontade nos coroaste, como com escudo.

SALMO 6

SALMO IMPETRATÓRIO. DAVI ULTRAJADO POR SEUS INIMIGOS SE VOLTA A DEUS IMPLORANDO A SUA MISERICÓRDIA: CONTA COM A VITÓRIA CONFIANDO NA DIVINA PROTEÇÃO.

1 Ao regente do côro, com acompanhamento de instrumentos de corda, salmo de Davi, com vozes graves. (1)

(1) COM VOZES GRAVES — Voz de baixo, é o que quer dizer o termo hebraico *scheminith*, que a Vulgata traduziu *pre*

Salmo 6, 2-7

2 Senhor, não me arguas no teu furor, nem me castigues na tua ira.

3 Tem misericórdia de mim, Senhor, porque sou enfêrmo: Sara-me, Senhor, porque os meus ossos estão comovidos.

4 E a minha alma se turbou em extremo: Mas tu, Senhor, até quando?

5 Volta-te, Senhor, e livra a minha alma: Salva-me pela tua misericórdia.

6 Porque na morte não há quem se lembre de ti: E no inferno quem te louvará? (2)

7 Trabalhado me vejo no meu gemido, lavarei tôdas as noites o meu leito: Regarei com minhas lágrimas o meu estrado.

octava. O objeto dêste Salmo é pedir a Deus que abraque o rigor da sua justiça. Alguns expositores entendem que o Salmista dirigira êste cântico ao Senhor, sofrendo de alguma grave moléstia; outros pensam que foi composto quando sobre ele pesava o castigo de adultério que tinha cometido, e da cruel morte de Urias. Como quer que seja, êle é a nobre expressão do coração aflito, que só do Senhor espera alívio ao seu padecimento. Tem 3 estrofes: a média mais extensa do que as outras. E' o primeiro dos Salmos Penitenciais, e o que nêle se encontra tanto pode ser repetido por um pecador arrependido das suas faltas, como por um justo vergado ao pêso do infortúnio. Na primeira estrofe (2-4) Davi apela para a Misericórdia Divina, para que o não castigue, rogando ao Senhor se compadeça dêle, fraco e cheio de temor e tremendo diante de Deus. Na segunda (5-8) reza ao Senhor que por piedade lhe anime o semivivo peito, e que ouça os seus gemidos durante a noite. A terceira (9-11) é a chamada estrofe do triunfo — Deus escutou a prece, e triunfa dos seus inimigos.

(2) **NA MORTE NÃO HA QUEM SE LEMBRE DE TI** — Esta expressão é freqüente nos Salmos; encontra-se nos 113, 17; 114, 9; 145, 4; 29, 10; 87, 6.11.13; e daqui, sem razão, censuram alguns o salmista de ignorar a vida futura, e circunscrever as esperanças do homem à vida presente. A esta objeção responderá-

8 O meu ôlho se turvou à vista do furor: Tenho envelhecido no meio de todos os meus inimigos. (3)

9 Apartai-vos de mim todos os que obraís iniquidade: Porque o Senhor ouviu a voz do meu pranto.

10 O Senhor ouviu o meu humilde rogo, o Senhor recebeu a minha oração.

11 Sejam confundidos, e em extremo conturbados todos os meus inimigos: Convertam-se, e sejam cobertos de ignomínia num instante. (4)

mos com Vigouroux: 1.º Deus não revelou no Antigo Testamento, com a mesma precisão que se lê no Novo, o estado das almas depois da morte; 2.º que se servia das promessas e ameaças temporais para conter os judeus na observância da Lei; 3.º que as palavras do salmista não são uma negação da Imortalidade da alma ou da vida futura, mas sim a afirmação de que não podiam louvar a Deus no limbo. Manuel Biblique. Demais é também certo que antes da vinda de Jesus Cristo estavam privados da Bem-aventurança e da visão beatífica, e por consequência a morte tinha um horror particular. Bossuet, *Dissertatio in Psalmis*, 101, 10. Há porém muitos Salmos em que são evidentes as passagens que atestam a crença numa outra vida. Sl 15, 9-10; 61, 8-9; 83, 5; 72, 23-25; 16, 15; 47, 15; 36, 18.

E NO INFERNO — Inferno aqui, assim como noutros muitos lugares da Escritura, toma-se pelo sepulcro. — Bossuet e Duhamel.

(3) A VISTA DO FUROR — Isto é, pelo furor dos meus inimigos. S. Jerônimo verte do hebreu; *Collignavit proe amaritudine*, o meu ôlho cegou por causa da amargura; isto é, pela cópia de lágrimas, que eles me faziam chorar. — Bossuet e Duhamel.

(4) NUM INSTANTE — A palavra hebraica significa logo logo e se declara bem exatamente com o *valde velociter* da Vulgata. A palavra convertantur uns a entendem da “conversão” a Deus, que deseja Davi a seus inimigos, como figura daquele que disse desde a cruz: *Parce illis*. Outros pelo mesmo que voltar, pedindo que fujam logo os que combatiam o seu sossêgo espiritual e temporal. — P. Scio.

SALMO DIDÁTICO. DAVI PATENTEANDO AO SENHOR AS INJÚRIAS QUE RECEBE DE SEUS PERSEGUIDORES, LHE PEDE O SEU SOCORRO, E ANUNCIA A SUA RUÍNA: COM O QUE SE PREPARA PARA MOSTRAR O SEU AGRADECIMENTO, E CANTAR-LHE OS DEVIDOS LOUVORES.

1 Salmo de Davi, que cantou ao Senhor, por causa das palavras de Cus o benjamita (2 Rs, 16.) (1).

2 Senhor, Deus meu, em ti esperei: Salva-me de todos os que me perseguem, e livra-me.

3 Para que como leão não arrebate ultimamente a minha alma, quando não haja quem me livre, nem quem me reduza a pó e me salve.

(1) SALMO — Assim traduziu a Vulgata o termo hebraico *Schaiggyôn* o qual é diferente do *mizmor* — *psalmus*. Não se conhece perfeitamente a significação deste termo, que parece designar uma ode irregular e ditirâmbica, em que o autor, arrastado pelo entusiasmo, não se prendeu com a ligação das idéias, nem com a uniformidade do ritmo. Cantio erratica lhe chamaram.

CUS O BENJAMITA — Cus equivale a etiópico. E' desconhecido o personagem da tribo de Benjamim, a quem se refere o salmista, divergindo os antigos e modernos intérpretes. Mathei suspeita que fôsse algum cantor, mas sem razão; outros entendem que fôsse Semei; outros alguns dos partidários de Saul, que, como Doeg e os Zifeus, aproveitassem a ausência de Davi caluniando-o, e excitassem contra elle a cólera do rei. Ainda que os livros históricos não determinem este personagem, os pormenores do 1 dos Rs esclarecem muitas passagens deste salmo. Davi, e este é o objeto do Salmo, pede a Deus que vingue as injúrias do mau. Tem seis estrofes de número variado de versos. A primeira (2-3) é uma invocação a Deus para que o salve dos seus inimigos. A segunda (4-6) é um protesto, sob a forma duma impreciação, contra a falsa acusação que lhe imputa Cus. Terceira (7-9) Que Deus o julgue e lhe faça justiça. Quarta (10-11) Que Deus, seu socorro e salvador, ponha fim à injustiça. Quinta (12-14) Deus é justo, e cas-

4 Senhor Deus meu, se eu fiz isso, se há iniquidade nas minhas mãos: (2)

5 Se paguei mal aos que me faziam, caia eu com razão debaixo dos meus inimigos sem esperança.

6 Persiga o inimigo a minha alma, e apodere-se dela, e pise juntamente com a terra a minha vida, e reduza minha glória.

7 Levanta-te, Senhor, na tua ira: Mostra a tua grandeza no meio dos meus inimigos. E levanta-te, Senhor, Deus meu, segundo o preceito que tu ordenaste: (3)

8 E a multidão dos povos se unirá em roda de ti.

E por amor desta remonta-te ao alto:

9 O Senhor julga os povos.

Julga-me, Senhor, segundo a minha justiça, e segundo a inocência que há em mim.

10 Será consumida a malícia dos pecadores, e caminharás ao justo, ó Deus, que sondas os corações e as entranhas. (4)

11 Justo é o meu auxílio que vem do Senhor, o qual salva os retos de coração.

tiga o pecador, que não pode subtrair-se aos rigores dos seus juízos. Sexta (15-18) O pecador tem a sorte que merece; cai no abismo que cavou. Deus louvado.

(2) **SE EU FIZ ISSO** — Isto que Saul suspeita de mim, que é que eu lhe procuro fazer mal. A qual suspeita o mesmo Davi remove de si. 1 Rs 24, 10-12. — Bossuet.

(3) **SEGUNDO O PRECEITO, ETC.** — Segundo o decreto que tu ordenaste para que eu fôsse rei de todo o Israel. Vatablo. Ou também: esta oração de Davi nos representa a Ressurreição e triunfo de Jesus Cristo. Levanta-te, segundo o eterno decreto com que estabeleceste ressuscitar ao Filho, depois de morrer pela salvação de todos os homens. — Scio.

(4) **E AS ENTRANHAS** — À letra: os "rins" ou já sejam os afetos e os movimentos da vontade. — Pereira.

12 Deus, Juiz justo, forte, e paciente: Ira-se acaso todos os dias?

13 Se vós vos não converterdes, vibrará a sua espada: Armou o seu arco, e o tem pronto.

14 Já pôs nêle os instrumentos da morte; já preparou as suas setas ardentes. (5)

15 Olha como êle causou a injustiça: Concebeu dor, e produziu a iniquidade.

16 O fôssô abriu, e o cavou: Mas precipitou-se na cova por si aberta.

17 A sua dor se voltará contra a sua cabeça: E sôbre a sua fronte recairá a sua iniquidade.

18 Glorificarei ao Senhor seguindo a sua justiça: E exaltarei o seu nome Santo, sôbre as altas nuvens, até ao Céu.

SALMO 8

SALMO GRATULATÓRIO. DAVI NESTE SALMO ENGRANDECE A ADMIRÁVEL PROVIDÊNCIA, QUE DEUS USOU COM O HOMEM, TANTO NA SUA PRIMEIRA CRIAÇÃO COMO NA SUA RENOVAÇÃO POR MEIO DE JESUS CRISTO.

1 Ao regente do côro. Com acompanhamento da cítara de Get, salmo de Davi. (1)

(5) **AS SUAS SETAS ARDENTES** — Quer dizer: os seus juízos.

(1) **CÍTARA DE GET** — Parece ser esta a significação da palavra *Githith*, que a Vulgata verteu por *torcularibus* e o Pe. Pereira por *lagares*, o que evidentemente não faz sentido. E' verdade que se não pode julgar de todo o ponto certa esta tradução (Vigouroux, *Manuel Biblique*) porém é a que se aproxima mais da verdade. Cítara de Get, tanto pode ser a Cítara usada em Get, ou significar a música que se cantava naquela cidade dos filisteus, que Davi tinha habitado. Explicavam os comentadores a tradução da Vulgata, feita sôbre os Setenta, que êste Salmo tinha sido com-

2 Senhor, nosso dominador soberano, quão admirável é o teu nome em toda a terra!

Porque a tua magnificência se elevou sobre os céus.

3 Tu fizeste sair da boca dos infantes e dos que mamam um louvor perfeito, por causa de teus inimigos, para destruíres ao inimigo e o vingativo. (2)

4 Porque eu hei de ver os teus céus, obra dos teus dedos: A lua e as estrelas que tu estabeleceste.

5 Que é o homem, para tu te lembrares dele? ou que é o filho do homem para tu o visitares?

6 Pouco menor o fizeste que os anjos, de glória e de honra o coroaste:

7 E tu o puseste sobre as obras das tuas mãos.

8 Todas as coisas sujeitaste debaixo de seus pés, as ovelhas e as vacas todas: E além destes os outros animais do campo. (3)

posto para ser cantado nas vindimas. Mas a este propósito adverte judiciosa e engraçadamente o nosso Pe. Sousa Caldas, que traduziu em verso os Salmos de Davi, na nota a este Salmo: "No seu título lê-se salmo de Davi para os lagares. Não percebo a relação que tem este título com o objeto do Salmo." Os modernos exegetas dão-nos a tradução que apresentamos, fundada em boas razões, e que torna inteligível o título do Salmo.

Começa e termina da mesma sorte, com dois versos, e além destas quatro estrofes de quatro versos. "Este poema, escreve Rems, tão despretensioso, não precisa de comentário algum. E' sublime pela sua simplicidade. Põe-se em relevo a grandeza de Deus revelada pelo universo, obra das suas mãos, e manifestado pelas próprias criaturas o papel que o homem desempenha, rodeado de todos estes séres." — Le Psautier, p. 77.

(2) **TU FIZESTE SAIR DA BÓCA DOS INFANTES** — Este lugar acomodou Cristo a si, em ocasião em que com efeito o louvavam os meninos de Jerusalém. Mt 21, 16. — Bossuet.

(3) **TODAS AS COISAS** — S. Paulo, Hebr 2, 5, nos ensina que isto só a Cristo convém perfeitamente. — Bossuet.

Salmo 8, 9-10; 9, 1-5

9 As aves do Céu, e os peixes do mar, que discorrem pelas veredas do mar.

10 Senhor, nosso dominador soberano, que admirável é o teu nome em tôda a terra!

SALMO 9

SALMO EUCARÍSTICO, EM QUE DAVI SE MOSTRA AGRADECIDO AO SENHOR PELO HAVER LIVRADO POR UM MODO SINGULAR DOS SEUS INIMIGOS.

1 Ao regente do côro, no tom de *Mouth Labben* (morte do filho?) salmo de Davi. (1)

2 Eu te glorificarei, Senhor, com todo o meu coração, cantarei tôdas as tuas maravilhas.

3 Alegrar-me-ei, e regozijar-me-ei em ti: Cantarei o teu nome, ó Altíssimo.

4 Porque fizeste pôr em fuga ao meu inimigo: Serão debilitados, e perecerão diante de ti.

5 Porque julgaste e defendeste a minha causa:

(1) **MOUTH LABBEN** — Propositadamente mantivemos as palavras do original, e entre parênteses a tradução, embora duvidosa. A ser exata quererá dizer que este Salmo deve ser cantado com a música conhecida por estas palavras. O Targum diz que este Salmo se refere a triunfo alcançado sobre Golias. Tem dez estrofes de quatro versos cada. 1.ª (2-3) Glorifica Davi ao Senhor. 2.ª (4-5) Porque alcançou vitória e justiça. 3.ª (6-8) Descreve a derrota dos inimigos. 4.ª (8-9) Grandeza e justiça de Deus vencedor. 5.ª (10-11) Deus é o refúgio de todos os oprimidos. 6.ª (12-13) Exorta ao agradecimento a Deus que vingou o seu povo. 7.ª (14-16) Oração de Davi para que o livre dos inimigos. 8.ª (16-17) Fruto desta oração. Queda das nações no abismo que cavaram. 9.ª (18-19) O futuro. Punição do mau e libertação do oprimido. 10.ª (20-21) Oração a Deus para que defenda o seu povo dos ataques dos gentios. Também os intérpretes consideram este Salmo alusivo à vida e morte do nosso Redentor Jesus Cristo.

Assentaste-te sobre o trono tu que julgas segundo a justiça.

6 Tu repreendeste as nações, e o ímpio pereceu: Apagaste o nome dêle para sempre, e por todos os séculos dos séculos.

7 As espadas do inimigo perderam a sua força para sempre: E destruíste as suas cidades.

A memória dêles pereceu com ruído:

8 E o Senhor permaneceu eternamente.

Ele preparou o seu trono para exercer o juízo:

9 E ele mesmo julgará toda a terra em equidade, ele julgará os povos em justiça.

10 O Senhor se fez o refúgio para o pobre: Socorrendo-o oportunamente na angústia.

11 Em ti pois esperem os que conhecem o teu nome: Porque tu, Senhor, não desamparaste aos que te buscam.

12 Cantai ao Senhor, que habita em Sião: Anunciai entre as nações os seus conselhos:

13 Porque demandando o sangue dêles os teve presentes: Não se esqueceu do clamor dos pobres. (2)

14 Tem compaixão de mim, Senhor: Vê a humilhação a que meus inimigos me reduziram.

15 Tu que me retiras das portas da morte, para que publique todos os teus louvores nas portas da filha de Sião.

(2) PORQUE DEMANDANDO O SANGUE DELES, ETC. — Este verso se pode explicar de duas maneiras; requirrens, exercendo a sua justa vingança, recordatus est sanguinem eorum, ou requirrens sanguinem eorum, recordatus est, non est oblitus clamorem pauperum, vingando o Sangue injustamente derramado dos que o buscam e esperam nêle; tem mui presentes o não se esquece dos clamores dos atribulados e oprimidos. — P. Scio.

Salmo 9, 16-21

16 Exultarei na tua salvação: Cravaram-se as gentes na ruína, que me haviam preparado. (3)

No mesmo laço que esconderam, ficou prêso o pé dêles.

17 Conhecido será o Senhor que faz justiça: Nas obras das suas mãos foi prêso o pecador.

18 Sejam precipitados todos os pecadores no inferno, tôdas as nações que se esquecem de Deus. (4)

19 Porque nem para sempre haverá esquecimento do pobre: Nem a paciência dos pobres será para sempre frustrada.

20 Levanta-te, Senhor, não se fortifique o homem: Sejam julgadas as nações em tua presença.

21 Senhor, estabelece sôbre êles um legislador: Para que as nações conheçam que são homens.

(3) **EXULTAREI NA TUA SALVAÇÃO, ETC.** — In salutari tuo é um hebraísmo; isto é, pela salvação que me hás de dar. — *Pereira.*

NA RUÍNA QUE ME HAVIAM PREPARADO — O hebreu lê: “no fôssco que fizeram.” Tôdas estas expressões são tomadas do que se costuma praticar na caça das feras e das aves. — *P. Scio.*

(4) **SEJAM PRECIPITADOS TODOS OS PECADORES, ETC.** — O sentido dêste verso, segundo a Vulgata, parece ser o que damos na versão. O hebraico diz assim: “Sejam condenados os ímpios ao inferno: tôdas as nações esquecidas de Deus.” O que unido com o que precede, pode expor-se dêste modo: Deus é conhecido quando faz resplandecer a sua justiça com algum castigo exemplar, e quando se vê que o pecador fica enredado nas mesmas rêdes, nos mesmos laços, que preparava para os outros. E fazendo depois uma apóstrofe a Deus, diz: Faze, pois, Deus meu, destes escarmentos: precipita no inferno aos ímpios, pois do contrário vendo as nações que êles vivem e morrem impunemente, dirão que não há Deus que vingue os delitos. O que se há de tomar como profecia e não como imprecação. — *P. Scio.*

SALMO 10

SEGUNDO OS HEBREUS (1)

1 Porque te apartaste, tu, Senhor, para longe, desamparas-nos nas necessidades, na tribulação?

2 Entretanto que o ímpio se ensoberbece, é abraçado o pobre: Eles são apanhados nos pensamentos de que o seu espírito está ocupado.

3 Porque o pecador tira louvor nos desejos da sua alma: E o iníquo é abençoado.

4 O pecador irritou ao Senhor, não o buscará segundo a grandeza da sua indignação.

5 Não há Deus diante dêle: Os seus caminhos são maculados em todos os tempos.

Os teus juízos estão tirados de diante dêle: Ele dominará a todos os seus inimigos.

6 Porque ele disse do seu coração: Não serei abalado de geração em geração, sem mal. (2)

7 A sua bôca está cheia de maledicência, e de amargura e de dolo: Debaixo da sua língua está o trabalho e a dor.

8 Está de assento em emboscada com os ricos em lugares ocultos, para matar ao inocente.

(1) **SEGUNDO OS HEBREUS** — Os Setenta e a Vulgata consideram este Salmo como a continuação do anterior, ao passo que os hebreus o consideram como um outro, resultando daqui uma diferença na numeração. Compreende onze estrofes que versam sobre o mesmo assunto das precedentes.

(2) **PORQUE ELE DISSE NO SEU CORAÇÃO, ETC.** — Todo este verso vem assim na versão de S. Jerônimo: *Loquitur in corde suo. Non movebor: in generatione ero sine malo.* Da mesma sorte o lê e expõe segundo a versão dos Setenta S. João Crisóstomo. — **Pereira.**

9 Os, seus olhos estão voltados contra o pobre: Arma ciladas em secreto, como o leão na sua cova.

Arma ciladas para arrebatara ao pobre: Para arrebatara ao pobre atribuindo-o a si. (3)

10 Êle o abaterá no seu laço, se inclinará, e deixará cair, logo que se apoderar dos pobres.

11 Porque êle disse no seu coração: Deus se esqueceu, apartou o seu rosto para não ver jamais.

12 Levanta-te, Senhor Deus, eleve-se a tua mão: Não te esqueças dos pobres:

13 Por que razão irritou o ímpio a Deus? Por que disse no seu coração? Êle não perguntará por isso.

14 Tu o vês, porque tu consideras o trabalho e a dor: Para os entregares às tuas mãos.

Para ti se reservou o cuidado do pobre: Tu serás o que ajudes o órfão.

15 Quebra o braço do pecador e do maligno: O seu pecado buscar-se-á, e não se achará. (4)

16 O Senhor reinará eternamente, e por séculos de séculos: Vós, ó Nações, sereis exterminadas da sua terra.

17 O Senhor ouviu o desejo dos pobres: A tua orelha entendeu a disposição do seu coração.

18 Para julgares a favor do pupilo e do humilde, a fim de que o homem não empreenda mais engrandecer-se sobre a terra.

(3) **ARMA CILADAS, ETC.** — E' uma bela descrição de um ladrão de estradas, que espera embuscado nos caminhos para cair sobre os passageiros e roubá-los. Nesta imagem, se representam todos aquêles que por meio de violências, enganos e más artes, enganam aos outros. — P. Scio.

(4) **O SEU PECADO BUSCAR-SE-Á, E NÃO SE ACHARÁ** — Pecado se toma aqui pelas coisas que se buscaram e alcançaram por meio d'ele. — Bossuet.

SALMO 10

SALMO DIDÁTICO. DAVI NESTE SALMO, CONTEMPLANDO AO SENHOR JUSTO DEFENSOR DA INOCÊNCIA, E SEVERO JUIZ DOS QUE VIOLENTAMENTE A PERSEGUEM, PÕE ELE TODA A SUA CONFIANÇA CONTRA O TEMOR QUE LHE PODIAM CAUSAR OS ARTIFÍCIOS DE SEUS INIMIGOS.

1 Ao regente do cântico, salmo de Davi. (1)

2 No Senhor confio: Por que dizeis à minha alma: Foge para o monte como pássaro?

3 Porque eis-aí os pecadores estenderam o seu arco, prepararam as suas setas na aljava, para as dispararem na obscuridade contra os que são de coração reto.

4 Por que destruíram o que tu tinhas acabado: E que fez o justo? (2)

5 O Senhor habita no seu templo, o trono do Senhor é no Céu.

Os seus olhos olham para o pobre: As suas pálpebras fazem perguntas aos filhos dos homens.

6 O Senhor faz perguntas ao justo e ao ímpio: Aquêlê porém que ama a iniquidade, aborrece a sua alma.

(1) SALMO DE DAVI — O objeto d'êste Salmo é — recusar-se a fugir ao perigo que ameaça a sua vida, porque tem toda a confiança em Deus. Compreende duas estrofes de oito e nove versos. A 1.^a (2-4) mostra-nos os amigos de Davi aconselhando-o a que fuja na hora do perigo; na 2.^a (5-8) responde-lhes que a sua consciência está tranqüilla, que confia em Deus e na sua justiça.

(2) POR QUE DESTRUÍRAM, ETC. — A versão de S. Jerônimo diz com mais individuação: Quia leges dissipatae sunt: Porque as leis foram dissipadas. E pelo que a Vulgata acrescenta no pretérito, *justus autem quid fecit*. E que fez o justo; verte Le Gros com Bossuet no futuro: *Que fará, ou que poderá fazer o justo?* a saber, onde não há leis nenhuma. — Pereira.

7 Fará chover laços sôbre os pecadores: O fogo, e o enxôfre, e as tempestades são a parte que lhes toca. (3)

8 Porque o Senhor é justo, e êle amou a justiça: O seu rosto olha para a equidade.

SALMO 11

SALMO HISTÓRICO E DIDÁTICO. DAVI EXPONDO AO SENHOR AS MALDADES DE SEUS INIMIGOS PEDE A DEUS O LIVRE DELES A ELE E A TODOS OS QUE O SERVEM, O QUE ANUNCIA QUE O SENHOR SALVARIA, E ESTABELECERIA A SUA IGREJA, FAZENDO QUE OS SEUS MESMOS PERSEGUIDORES CONTRIBUISSEM PARA A SUA MAIOR EXALTAÇÃO, E GLÓRIA.

1 Ao regente do côro, com vozes de baixo, salmo de Davi.

2 Salva-me, Senhor, porque faltou homem santo: Porque vieram a menos as verdades entre os filhos dos homens. (1)

3 Cada um deles falou coisas vãs ao seu próximo: Lábios dolosos com coração dobrado.

4 Destrua o Senhor todos os lábios dolosos, e a língua audaz.

(3) **SÃO A PARTE QUE LHES TOCA** — Traduzindo à letra, *pars calicis eorum*, diríamos: São a parte do seu cálice. E a metáfora foi tirada ou do cálice de onde se extraíam as sortes, ou do cálice que nos banquetes servia de medida do que cada um havia de beber. — **Pereira.**

(1) **SALVA-ME** — Davi pede ao Senhor que o livre dos maus que o cercam. Compreende cinco estrofes. 1.^a (2-3) Davi invoca o Senhor no meio dos perigos que o cercam. 2.^a (4-5) Que Deus destrua os ímpios. 3.^a (6) Resposta de Deus que quer salvar os desvalidos e os miseráveis. 4.^a (7) O Salmista compara ao ouro mais puro as palavras de Deus. 5.^a (8-9) Pede ao Senhor que guarde os seus que estão no meio dos maus.

5 Os que disseram: Queremos soltar livres a nossa língua, nossos lábios de nós são, quem é nosso Senhor?

6 Pela miséria dos desvalidos, e o gemido dos pobres agora me levantarei, diz o Senhor. (2)

Eu os porei em salvo: Nisto eu obrarei confiadamente.

7 As palavras do Senhor, palavras sinceras: Prata purificada ao fogo, acendrada em crisol, passada sete vêzes por ardente prova.

8 Tu, Senhor, nos guardarás: E nos preservarás desta geração para sempre.

9 Os ímpios andam ao derredor: Segundo o teu altíssimo conselho, multiplicaste os filhos dos homens.

SALMO 12

SALMO IMPETRATÓRIO. DAVI CHEIO DE CONSOLAÇÃO PELA FIRME ESPERANÇA QUE ACHA NA DIVINA MISERICÓRDIA, PEDE AO SENHOR QUE O LIVRE DA VIOLÊNCIA DE SEUS INIMIGOS, DOS QUAIS SE VÊ LARGA E PERTINAZMENTE PERSEGUIDO.

1 Ao regente do cântico, salmo de Davi. (1)

(2) **PELA MISÉRIA DOS DESVALIDOS** — Isto é, como visto pelas calamidades que os afligem.

(1) **SALMO DE DAVI** — Este Salmo exprime a situação de uma alma atribulada que, cheia de confiança no Senhor, lhe expõe o seu mal e O invoca num grande perigo. Tem três estrofes de três versos. 1.^a (1-3) Queixa-se Davi de se ver abandonado por Deus. 2.^a (4-5) Oração ao Senhor rogando o divino socorro. 3.^a (6) Esperança no Auxílio Celeste. E' incerta a ocasião em que foi composto este Salmo; alguns crêem que ele se refere "à perseguição de Saul; outros à rebelião de Absalão; e outros, que o seu objeto é expor os sentimentos dos justos que existiam cativos em Babilônia.

Até quando, Senhor, te esquecerás de mim para sempre? Até quando apartarás de mim a tua face? (2)

2 Até quando enchei a minha alma de designios, cada dia com dor no meu coração? (3)

3 Até quando será o meu inimigo exaltado sobre mim?

4 Olha para mim, e ouve-me, Senhor Deus meu.

Alumia os meus olhos para que eu não durma jamais na morte: (4)

5 Para que nunca o meu inimigo diga: Eu prevaleci contra êle.

Os que me atribulam, exultarão se eu fôr abalado:

6 Porém eu esperei na tua misericórdia.

O meu coração exultará na salvação que me virá de ti: Cantarei ao Senhor que me deu bens: E entoarei salmos ao nome do Senhor altíssimo. (5)

(2) **ATÉ QUANDO** — Em latim *usque quo*, é uma interrogação de queixa, *interrogatio lamentatio* (Caetano) mas que tem também força impetratória, equivalente a uma súplica.

(3) **ATÉ QUANDO ENCHEREI A MINHA ALMA DE DESIGNIOS, ETC.** — *Ponere consilia in anima*, explica o estado de perplexidade em que se acha aquêlê que não está certo em alguma coisa. — P. Scio.

(4) **NAO DURMA JAMAIS NA MORTE** — Hebraísmo, que significa “dormir na morte” e morrer eternamente. — S. Jerônimo.

(5) **QUE ME DEU BENS, ETC.** — O hebraico tem: “porque me retribuiu” premiou a minha inocência nesta causa; me deu a recompensa do meu trabalho, paciência e esperança; e não se lê aqui: *Et psallam nomini tuo altissime*, como se lê no salmo 9, 2. — P. Scio.

SALMO 13

SALMO DIDACTICO. DAVI, DEPOIS DE DESCREVER AO VIVO A GERAL CORRUPÇÃO, E EXTREMA IMPIEDADE QUE REINAVA NO MUNDO, E A CRUEL PERSEGUIÇÃO QUE ESTE PRATICA CONTRA OS FIEIS, INTIMA O TERRÍVEL JUÍZO DE DEUS AOS MUNDANOS, E CONCLUI PROFETIZANDO A VINDA DO MESSIAS PARA SALVAR O SEU POVO.

1 Ao regente do côro, salmo de Davi. (1)

O insensato disse no seu coração. Não há Deus.

Corromperam-se, e se fizeram abomináveis nos seus desejos: Não há quem faça o bem, não há nem sequer um.

2 O Senhor olhou desde o céu para os filhos dos homens, para ver se há quem tenha inteligência, ou quem busque a Deus.

3 Todos se desviaram, à uma se fizeram inúteis: Não há quem faça o bem, não há nem sequer um.

A sua garganta é sepulcro aberto: Com as suas línguas urdiam enganar, veneno de áspides debaixo dos seus lábios.

(1) SALMO DE DAVI — Dizem os cânticos, e com razão, que tudo é incerteza a respeito deste Salmo; incerteza do autor, incerteza do tempo em que foi composto, do motivo que ocasionou a sua composição, e incerteza sobre a sua integridade. O que é certo é que o que se encontra na Vulgata não corresponde ao original hebraico. Nesta há mais os seguintes versos:

Sepulchrum patens, etc., que estão assim traduzidos:

A sua garganta é sepulcro aberto: com as suas línguas urdiam enganar, veneno de áspides debaixo dos seus lábios.

Cuja boca está coberta de maldição e de amargura; os seus pés são ligeiros para derramar sangue.

Aflicção e calamidade nos caminhos deles e não conheceram o caminho da paz; não há temor de Deus diante dos seus olhos.

Estes versos porém encontram-se citados por S. Paulo na epístola aos Romanos, 3, 20, sendo certamente esta a causa da sua

Cuja bôca está cheia de maldição e de amargura: Os seus pés são ligeiros para derramar sangue.

Aflição e calamidade nos caminhos dêles, e não conheceram o caminho da paz: Não há temor de Deus diante de seus olhos.

4 Acaso não terão conhecimento todos os que obra-ram a iniquidade, os que devoram o meu povo, como um pedaço de pão.

5 Não invocaram o Senhor, ali tremaram de medo, onde não havia que temer.

6 Porque Deus está com a geração dos justos, confundiste o conselho do pobre: porque o Senhor é a sua esperança.

7 Quem dará de Sião a salvação de Israel? Quando o Senhor puser fim ao cativeiro do seu povo, exultará Jacó, e alegrar-se-á Israel. (2)

inclusão na Vulgata. S. Jerônimo explica este fato dizendo que nessa Epístola são freqüentes as passagens do Antigo Testamento, e que o Santo Apóstolo, sem seguir ordenadamente a cópia d'este Salmo, o interpolou com estes versos, que se encontram respectivamente no Salmo 5, 139, 9, e com um trecho de Isaias. Muitos críticos rejeitam a opinião de S. Jerônimo, porém esta é a mais seguida. O texto hebraico compreende seis estrofes de 4 versos cada. As três primeiras (1-2-3) descrevem o quadro da maldade dos homens; a 4.^a (4-5) descreve o castigo, que os fará reconhecer a Onipotência do Senhor, cuja existência negam; 5.^a (5-6) aterro-ri-za-se os maus, temendo Deus que protege os justos; 6.^a (7) que venha a salvação de Sião a Israel e que Jacó se alegre findo o cativeiro.

(2) AO CATIVEIRO DO SEU POVO — Bossuet o entende da redução do povo à obediência de Davi, depois que Absalão o sublevara. Outros, a quem segue o padre de Carrières, o entendem do cativeiro de Babilônia. Calmet não só refere este verso ao cativeiro de Babilônia, mas, sem se embarçar com o título que lemos na Vulgata, é de opinião que todo este salmo fôra composto no tempo do mesmo cativeiro. — Pereira.

SALMO 14

SALMO DIDÁTICO. O PROFETA NESTE SALMO DIZ QUE OS VERDADEIROS MEMBROS DA IGREJA SÃO AQUELES QUE VIVEM EM JUSTIÇA, E QUE POR ELA TERÃO LUGAR NA CELESTIAL SIÃO.

1 Salmo de Davi. (1)

Senhor, quem habitará no teu tabernáculo? Ou quem descansará no teu santo monte?

2 O que caminha na inocência, e faz obras de justiça:

3 O que fala verdade no seu coração, o que não fez engano com a sua língua:

Nem fez mal a seu próximo, nem consentiu que se infamassem seus próximos.

4 O que nos seus olhos olha o malvado como um nada: Mas honra aos que temem ao Senhor: (2)

O que jura a seu próximo, e não o engana. (3)

5 O que não deu a usura o seu dinheiro, nem recebeu dádivas sobre o inocente:

O que faz estas coisas descansará eternamente.

(1) **SALMO DE DAVI** — Este Salmo parece ter sido composto quando a arca da Aliança foi colocada no monte de Sião. Tem cinco estrofes, que muito facilmente se compreendem, visto que o poeta muito claramente exprime que só a virtude é digna da Eterna recompensa, que só os justos gozam na Bem-aventurança. As ações virtuosas que ele considera merecedoras do prêmio de ir descansar com o Senhor no seio do seu Santo Monte, ou de habitar com ele no seu Tabernáculo, reduzem-se à prática dos deveres de caridade.

(2) **COMO UM NADA** — Quer dizer que não estima o mau e honra o justo.

(3) **O QUE JURA A SEU PRÓXIMO** — O hebreu tem: jurou ao mau, e não mudou: quer dizer: que cumpre a sua palavra e juramento, ainda que aquêle a quem o fez seja um homem perverso. — P. Scio.

SALMO 15

SALMO PROFÉTICO, PELO QUAL DAVI RECORRE A DEUS PEDINDO-LHE SOCORRO, PROTESTANDO QUE TUDO ESPERA DA SUA BONDADE, POR CUJA CONSIDERAÇÃO DAVI DÁ GRAÇAS AO SENHOR.

1 Cântico de Davi. (1)

Guarda-me, Senhor, porque eu esperei em ti. (2)

(1) CÂNTICO DE DAVI — Assim traduzimos a palavra hebraica *Miktham*, cujo sentido é obscuro, que a Vulgata verteu por *Tituli inscriptio*. Cfr. Leopold. *Lexicon Hebraicum et Chaldaicum*.

Esta oração foi composta por Davi durante a sua permanência em Siceleg. 1 Rs 30, ou pelo menos enquanto esteve entre os filisteus. O objeto é incutir a confiança em Deus, nosso refúgio nos maiores perigos. Divide-se em quatro estrofes de cinco, seis e sete versos. 1.^a (1-3) Pede a Deus que o guarde, pois fora de Deus não há bem algum; 2.^a (4-5) Os que se afastam de Deus são desgraçados, não se une a eles: Deus é a sua herança; 3.^a (6-8) A parte que lhe toca é bela; agradece-a a Deus; 4.^a (9-10) Está cheio de alegria e a sua esperança não será confundida. Entre os comentadores católicos, uns consideram este salmo como messiânico no sentido literal, outros no sentido figurado. Alguns versículos são mais exatamente messiânicos. Nos Atos dos Apóstolos vê-se que S. Pedro, pregando às gentes de Jerusalém acerca de Jesus, intendendo demonstrar que o Divino Mestre era o Messias preanunciado pelos profetas e esperado pelas nações, cita a autoridade de Davi, repetindo os últimos versos deste Salmo. S. Paulo, pregando aos gentios em Antióquia, para provar-lhes a Divindade de Jesus Cristo, serviu-se do mesmo argumento, e, referindo-se ao verso décimo deste Salmo, analisa-o e mostra que ele não podia referir-se a Davi, cujo corpo a morte desfizera, mas a Jesus Cristo, que ressurgiu imortal, glorioso e impassível.

(2) GUARDA-ME SENHOR, ETC. — Jesus Cristo implora o socorro do Padre para si, e para todo aquêle corpo místico, de quem ele era cabeça. Hebr 5, 7. Em Jesus Cristo não houve esperança teológica pelo que respeita à bem-aventurança da alma, porque nesta consideração, foi bem-aventurado desde o instante da sua

2 Eu disse ao Senhor: Tu és o meu Deus, porque não tens necessidade dos meus bens. (3)

3 Para os Santos, que estão na terra dêle, fêz maravilhosas tôdas as minhas vontades nêles. (4)

4 Multiplicaram-se as enfermidades dêles: Depois correram aceleradamente. (5)

Encarnação; mas esperava a glória de seu corpo, e desta é de que se fala neste salmo. D. Thom. III Quaest. VII. Art. IV. — P. Scio.

(3) **PORQUE NÃO TENS NECESSIDADE, ETC.** — Deus de nada necessita, e nada pode receber do homem. O bem que êste faz redunda em utilidade do mesmo homem. O hebraico diz: O meu bem não sôbre ti; isto é, o bem que eu fizer, não vem a ti, porque até nada te falta, nem eu posso dar-te coisa alguma. S. Jerônimo trasladou: *Bene mihi non est sine te: Sem ti não posso eu esperar nenhum bem.* — P. Scio.

(4) **PARA OS SANTOS, ETC.** — Que são os seus escolhidos: alusão ao povo do Senhor, que habitava na terra da promessa. -- *Pereira.*

TÔDAS AS MINHAS VONTADES, ETC. -- Os Setenta trazem: Tôdas as suas vontades, referindo-o a seu Eterno Pai. O hebreu: "Aos Santos que estão na terra, e aos grandes em virtude, tôda a minha afeição nêles; isto é, todos os meus pensamentos, tôda a minha afeição está posta em teus Santos, em teus escolhidos, nos teus verdadeiros filhos, nos herdeiros do teu reino, pois por êles, e por seu amor baixei do Céu, e me ofereci em voluntário sacrificio. Assim ora Jesus Cristo ao Eterno Padre. — P. Scio.

(5) **MULTIPLICARAM-SE AS ENFERMIDADES DÊLES** — Muitos explicam êste verso, e o seguinte dos ímpios, de onde diz: "Multiplicaram-se os ídolos, outros os tormentos dêles, dos povos circunvizinhos, correram aceleradamente atrás de outro Deus: Não gostarei das suas libações, que são de sangue, nem tomarei os seus nomes nos meus lábios. E conforme isto, o postea da Vulgata se lê separado nos Setenta, post ea." Por libações, se entendem não sômente as que se faziam com vinho, e outros licores, mas tudo o que pertencia ao serviço dos ídolos; pois tudo isto era abominável diante de Deus, e muito mais os sacrificios humanos, e as libações que costumavam fazer os gentios com sangue humano em obséquio dos seus falsos deuses. Mas parece mais natural, e mais conforme

Não congregarei os seus conventículos sangüinários: Nem me lembrarei de seus nomes ainda para pronuncíá-los. (6)

5 O Senhor é a porção da minha herança, e do meu cálice: Tu és o que me restituirás a minha herança. (7)

6 O meu quinhão me caiu em lugares deliciosos: Porque a minha herança é excelente para mim. (8)

7 Louvarei ao Senhor, que me deu inteligência: E

ao que diz S. Paulo na carta aos hebreus 10, 4-9. A exposição dos que dizem, que à proporção que o mundo viu multiplicadas as suas misérias desejou com mais ânsia o soberano médico acudir com o remédio, tem por sua parte a Santo Agostinho, que diz: Multiplicaram-se as enfermidades, não para a ruína, senão para remédio. — Pereira.

(6) **NEM ME LEMBRAREI DE SEUS NOMES, ETC.** — Bossuet adverte que pela lei de Deus era proibido nomear os falsos deuses. Veja-se o Ex 23, 13. Dt 12, 3. Os 2, 16. 17. Ef 5, 3.

(7) **O SENHOR É A PORÇÃO DA MINHA HERANÇA** — Em vós, meu Deus, estão reservados todos os bens, que haveis destinado dar-me pela minha porção, e pela minha herança. Menath no hebreu é um termo tomado das porções de comida e bebida que se determinavam para cada um nos banquetes. Gên 43, 31, etc. 1 Rs 1, 4; 9, 23. — P. Scío.

O QUE ME RESTITUIRÁS A MINHA HERANÇA — A minha herança que eu havia perdido pelo pecado. — Pereira.

(8) **O MEU QUINHÃO** — O sentido dêste verso vem a ser o mesmo que o do antecedente, tomado da divisão de terrenos, que se costumava fazer, e medir com cordas na Palestina. Dt 32, 9. Por esta sorte deve entender-se a redenção do género humano, e a glória a que por ela foi sublimada a humanidade do Divino Redentor, e também a dos Santos, como se refere nos At 26, 18. Ef 1, 11. Col 1, 12. O hebreu diz assim: “As cordas me caíram em lugares deleitosos; assim mesmo herança formosa sobre mim: isto é, me toca uma formosa herança, que é o mesmo Deus, e o possuir a Deus. — P. Scío.

além disso ainda durante a noite me increparam as minhas entranhas. (9)

8 Contemplava eu sempre ao Senhor diante de mim: Porquanto está à minha direita para que não seja eu comovido. (10)

9 Portanto alegrou-se o meu coração, e regozijou-se a minha língua: E além disso também a minha carne repousará em esperança. (11)

10 Porque não deixarás a minha alma no inferno: Nem permitirás que o teu Santo veja corrupção. (12)

A mim me fizeste conhecer os caminhos da vida, encher-me-ás de alegria com teu rosto: Deleites na tua direita para sempre.

(9) **ME INCREPARAM AS MINHAS ENTRANHAS** — Em S. Jerônimo se lê: “Me instruíram os meus rins.” Os gregos e os latinos colocam o principal lugar dos afetos no coração e no peito; e os hebreus nos rins, e nas entranhas. — P. Scio.

(10) **CONTEMPLAVA EU SEMPRE** — S. Pedro nos At 2. 25, explica este verso, e os seguidores de Jesus Cristo, e a sua exposição se pode ver no dito lugar. — P. Scio.

(11) **E REGOZIJOU-SE A MINHA LÍNGUA** — No texto hebreu se lê: “e se gozou a minha glória.” Isto é, a minha alma, chamada assim porque é a glória, e a honra do homem. A minha carne repousará no sepulcro com a esperança da ressurreição. — P. Scio.

(12) **NO INFERNO** — Aqui se entende por inferno o seio de Abraão, aonde desceu a Alma de Cristo para tirar dali aos padres que esperavam o tempo da redenção: mas por respeito ao seu Corpo é chamado sepulcro. — Pereira.

NEM PERMITIRÁS QUE O TEU SANTO — O teu Santo, e Ungido por excelência. O seu Corpo Sacratíssimo não somente não padeceu corrupção no sepulcro senão que nem podia padecê-la, em razão do Verbo que habitava nele: At 2, 31; 13, 35, aonde se faz também patente que estas palavras tomadas ainda literalmente só podem convir a Jesus Cristo, segundo a carne, e de nenhum modo a Davi. — P. Scio.

DELEITES NA TUA DIREITA — O hebreu tem: Fartura de alegria no teu rosto: cujo sentido é o mesmo. — Pereira.

SALMO 16

SALMO MORAL EM QUE DAVI PEDE A DEUS O LIVRE DAS
TRAÍÇÕES, CRUELDADES DE SEUS INIMIGOS: RECO-
MENDA A BONDADÉ, E PACIÊNCIA DE DEUS.

1 Oração de Davi. (1)

Ouve, Senhor, a minha justiça: Atende ao meu
humilde rogo. (2)

Chegue aos teus ouvidos a oração que te faço, não
com lábios enganosos.

2 Do teu rosto saia o meu juízo: Vejam teus olhos
a equidade.

3 Provaste o meu coração, e o visitaste de noite: No
fogo me examinaste, e não se achou em mim a iniqui-
dade. (3)

4 Para que a minha boca não fale as obras dos ho-

(1) **ORAÇÃO DE DAVI** — Assim se traduz o hebreu *Th. fillah*, e na verdade é uma verdadeira oração, muito fervorosa, que o profeta rei dirige ao Senhor, pedindo-lhe que o socorra e ampare contra a injusta perseguição de Saul, quando Davi se ocultava no deserto de Maon, que ficava a três horas de Hekon (1 Rs 23, 25 ss). Compreende seis estrofes. 1.^a (1-2) Suplica ao Deus da justiça para que faça triunfar a sua causa; 2.^a (3-5) Protesta a sua inocência; 3.^a (6-7) Que Deus se digne de o escutar; 4.^a (8-9) Que o guarde com a pupila dos olhos, do ataque dos inimigos; 5.^a (10-12) Imagem dos seus inimigos, semelhantes ao leão que devora a sua presa. 6.^a (13-15) Que Deus o salve mostrando-lhe a sua proteção.

(2) **A MINHA JUSTIÇA** — Expressão equivalente “a mim que sou justo”.

(3) **NO FOGO ME EXAMINASTE** — Expressão metafórica, que quer dizer que o Senhor o tinha purificado com muitas tribulações.

mens: Por amor às palavras de teus lábios tenho guardado caminhos penosos. (4)

5 Firma os meus passos nas tuas veredas: Para que os meus pés não vacilem. (5)

6 Eu clamei, porque tu me tens ouvido, ó Deus: Inclina para mim a tua orelha, e ouve as minhas palavras.

7 Faze que sejam maravilhosas as tuas misericórdias tu que salvas aos que esperam em ti.

8 Guarda-me dos que resistem à tua direita, como à menina do olho.

Debaixo da sombra das tuas asas defende-me

9 da face dos ímpios que me afligiram. Os meus inimigos cercaram a minha alma,

10 cerraram as suas entranhas: A sua boca falou com soberba.

11 Depois de me terem lançado fora me cercam agora: E resolveram abaixar os seus olhos para a terra.

12 Eles me receberam como leão preparado à presa: E como um cachorro do leão, que habita nos lugares ocultos.

13 Levanta-te, Senhor, vem antes dêle, e prostra-o: Livra a minha alma do ímpio, tua espada, (6)

14 dos inimigos da tua destra.

Separa-os, Senhor, em vida dêles, dos que são pou-

(4) **TENHO GUARDADO CAMINHOS PENOSOS** — Bossuet interpreta os caminhos estreitos, que são os que guiam para a vida eterna. (Mt 7, 14), para a consecução da qual é preciso o sofrimento.

(5) **PARA QUE OS MEUS PÉS NÃO VAOILEM** — Palavras de um homem que sabe, que não pode fazer o bem, nem perseverar nêle sem o socorro da divina graça.

(6) **LIVRA A MINHA ALMA DO ÍMPIO** — Do ímpio quo é a tua espada, acrescenta na sua versão S. Jerônimo. Ab ímpio qui est gladius tuus. Porque do ímpio usa Deus como de instrumento para castigar. — Bossuet.

Salmo 16, 15; 17, 1 .

cos sôbre a terra: De tuas coisas escondidas se tem repleto o seu ventre. (7)

Fartaram-se de filhos: Deixaram suas sobras aos seus pequeninos. (8)

15 Mas eu com justiça comparecerei na tua presença: Saciar-me-ei quando aparecer a tua glória.

SALMO 17

SALMO HISTÓRICO E PROFÉTICO EM QUE DAVI DESCREVE OS GRAVÍSSIMOS PERIGOS, EM QUE SE TINHA VISTO, E DA SOLENES GRAÇAS AO SENHOR PELO TER LIVRADO DE TODOS ELES E PELO TER CONSTITUÍDO REI.

1 Ao regente do côro do servo do Senhor, de Davi, que pronunciou para glória do Senhor as palavras deste cântico, no dia em que o Senhor o livrou da mão de todos os seus inimigos, assim como poder de Saul, e disse: (2 Rs 22, 2). (1).

(7) **SEPARA-OS, SENHOR** — A Igreja quer, segundo a parábola, que ainda nesta vida se separe o joio do trigo, os maus dos bons, ou dos escolhidos, que são poucos. Mas debalde o quer: porque eis-aqui a divina resposta que lemos no mesmo c. 13, v. 30. *Sinite utrosque crescere usque ad messem.* Deixai que cresçam uns e outros até o tempo da messe. — S. Jerônimo.

(8) **AOS SEUS PEQUENINOS** — Em lugar do que a Vulgata diz, *parvulis suis*, aos seus pequeninos, tem S. Jerônimo *parvulis eorum*, aos pequeninos d'elles, isto é, aos netos. — Bossuet.

(1) E' o Salmo mais extenso. Divide-se em duas partes muito distintas: 2, 31. 32. 51. A primeira parte compõe-se de nove estrofes, a segunda de seis. **Primeira parte:** 1.^a estrofe (2 a 4.) Davi ama a Deus, porque O Eterno e a sua força livra-o dos seus inimigos. — 2.^a (5 a 7.) Descreve os males de que o Senhor o salvou. — 3.^a a 5.^a (8 a 18.) O poder de Deus socorrendo Davi. — 6.^a (17 a 20.) Davi é salvo. — 7.^a (21 a 24.) Recompensa da sua piedade. — 8.^a (25 a 28.) Deus trata o homem conforme os

2 Eu te amarei, Senhor, que és a minha fortaleza:

3 O Senhor é a firmeza, e o meu refúgio, e o meu libertador.

Ele é meu Deus, meu favorecedor, e nele esperarei.

Meu protetor, e a força da minha salvação, e meu amparador.

4 Louvando-o, invocarei ao Senhor: E serei salvo de meus inimigos.

5 Cercaram-me de dores de morte: E torrentes de iniquidade me conturbaram.

6 Dores de inferno me cercaram: Surpreenderam-me laços de morte.

7 Na minha tribulação invoquei o Senhor, e clamei ao meu Deus.

E ele ouviu desde o seu santo templo a minha voz: E o clamor que eu dei na sua presença, entrou nos seus ouvidos.

8 Comoveu-se a terra, e tremeu: Os fundamentos dos montes estremeeceram, e se abalaram, porque se indignou contra eles. (2)

seus méritos. — 9.^a (29 a 31.) Deus é a proteção de todos os que nele confiam. — Segunda parte: 1.^a estrofe (32 a 35.) Só Iahvéh é Deus o nós tudo Lhe devemos. 2.^a e 3.^a (36 a 43.) E' a força de Davi que assim, consegue triunfar dos seus inimigos. — 4.^a (44 a 46.) Torna-o rei e enche-o de glória. — 5.^a (47 a 49.) Bendito Deus pelos benefícios que liberaliza. — 6.^a (50 a 51.) Davi louvará sempre o Senhor. Discrepam os intérpretes sobre a ocasião em que este Salmo foi composto. S. Boaventura é de parecer que Davi dirigiu este cântico ao Senhor no último dia da sua vida; porém está escrito com tanto vigor, e num estilo tão elevado e enérgico, que se vê não poder ser a composição dum moribundo. Outros entendem que foi composto depois da morte de Saul. S. Paulo na Ep. aos Romanos, 15, 9, aplicou este Salmo a Jesus Cristo.

(2) **COMOVEU-SE A TERRA** — O hebreu diz: "E bramiu

9 Subiu fumo na ira dêle: E saiu fogo ardendo do seu rosto: Por êle foram incendiados carvões.

10 Inclinou os céus, e desceu: E obscuridade debaixo de seus pés. (3)

11 E subiu sôbre querubins, e voou: Voou sôbre as asas dos ventos. (4)

12 E se ocultou nas trevas como em um pavilhão seu, que o cercava: Água tenebrosa nas nuvens do ar. (5)

13 Pelo resplendor da sua presença se desfizeram as nuvens em chuva de pedra, e carvões de fogo. (6)

14 E o Senhor trovejou desde o céu, e o Altíssimo fêz ouvir a sua voz: E caíram pedra e carvões de fogo.

e tremeu a terra, e os fundamentos dos montes se encheram de horror e bramiram", outros têm: "Estremeceram, porque estava incendiado". E' tóda esta uma maravilhosa descrição poética, em que pinta com as mais vivas côres os efeitos da terrível ira com que o Senhor espantou e aterrou a todos os inimigos de Davi, querendo dar a entender com ela que o havia tirado de todos os perigos por meios milagrosos. Outros o entendem dos prodígios que Deus fêz para livrar o seu povo dos egípcios. Também se pode aplicar isto às maravilhas que Deus fêz na pregação do Evangelho. — P. Scio.

(3) **INCLINOU OS CÉUS E DESCEU** — Os Santos Padres da Igreja aplicam isto à Encarnação do verbo Divino, quando, fazendo-se homem, se humilhou e habitou entre nós para nos salvar.

(4) **E SUBIU SOBRE QUERUBINS** — O hebreu: "Montou sôbre um querubim", querendo significar a velocidade com que Deus acode em socorro dos seus. Os Padres, com S. Jerônimo, reconhecem nisto uma imagem da Ascensão de Jesus Cristo aos Céus. — P. Scio.

(5) **COMO EM UM PAVILHÃO** — Formou em roda de si um denso pavilhão, que o ocultava, e as nuvens fecundas de água, que o cobriam, ameaçavam uma horrível tempestade. — P. Scio.

(6) **SE DESFIZERAM AS NUVENS** — E abrindo caminho por meio das nuvens o resplendor de sua majestade, se resolveram elas em granizo e em raios ardentes pelo favor do Todo-Poderoso. — P. Scio.

15 E enviou as suas setas e desbaratou-os: Multiplicou relâmpagos, e os aterrou.

16 E apareceram os mananciais das águas, e ficaram descobertos os fundamentos da terra:

Às tuas ameaças, ó Senhor, ao sôpro impetuoso da tua ira.

17 Enviou desde o alto, e me tomou: E me tirou das muitas águas. (7)

18 Êle me livrou de meus fortíssimos inimigos, e dos que me aborreciam: Porque se tinham feito mais poderosos do que eu.

19 Êles me atacaram no dia da minha aflição: E o Senhor se declarou meu protetor.

20 Êle me tirou ao largo: Êle me salvou, por efeito de me querer bem.

21 E o Senhor me retribuirá segundo a minha justiça, e êle me retribuirá segundo a pureza das minhas mãos.

22 Porque guardei os caminhos do Senhor, e não procedi impiamente contra o meu Deus.

23 Porque todos os seus juízos estão diante de mim: E porque não repeli de diante de mim as suas justičas.

24 E serei sem mácula diante dêle: E me guardarei da minha iniquidade.

25 E o Senhor me retribuirá segundo a minha justiça: E segundo a pureza das minhas mãos que é presente aos seus olhos.

26 Tu serás santo com o santo, e serás inocente com varão inocente: (8)

(7) **ENVIU DESDE O ALTO** — Enviou o padre desde o alto ao verbo que tomou a natureza humana, o se desposou com a Igreja, e nos tirou dos males pelas águas do batismo. — *Pereira.*

(8) **SERÁS SANTO COM O SANTO** — Este versículo e o se-

Salmo 17, 27-31

27 E com escolhido escolhido serás: E serás perverso com o perverso.

28 Porque tu salvarás ao povo humilde: E humilharás os olhos dos soberbos.

29 Pois que tu, Senhor, alumias a minha candeia: Esclarece, meu Deus, as minhas trevas.

30 Porque por ti saírei livre da tentação, e com o meu Deus traspassarei a muralha. (9)

31 Meu Deus, sem mácula é o caminho do Senhor: As suas palavras são examinadas no fogo: Ele é o protetor de todos os que nêle esperam.

guinte têm dado ocasião a interpretações muito diversas. O que está no original hebraico, traduzido à letra é o seguinte:

“Com o misericordioso, vós sois misericordioso,

Com o homem íntegro, vós sereis íntegro;

Com o que se purifica, vós sois puro;

Com o astucioso, obraceis com rodeios;

O sentido porém destas palavras é este: “Senhor, vós tratais o homem segundo os seus méritos; sois para êle, como êle é para vós. O que difere do sentido vulgar em que frequentes vêzes este texto é empregado, que para muitos tem o mesmo valor do que o ditado português. “Dize-me com quem lidas...” ou então a outro “Aproxima-te dos bons e serás um deles”.

E’ frequente aplicar este texto para provar a influência benéfica das boas companhias, com os santos serás santo, e o contágio das más, com os perversos. Porém, como acima fica dito, o sentido não é este. O Bispo Belley pregava um dia diante de S. Francisco de Sales, e applicou este texto para que os ouvintes evitassem as más companhias. Ao descer do púlpito o Santo Doutor perguntou ao pregador, mostrando desagrado, porque tinha mudado o sentido do texto. Respondeu-lhe êle, que era uma alusão. Bem sei, retorquiu o sábio o santo Bispo, mas devíeis dizer que este não era o sentido literal: “*mais du moins devriez vous dire que ce n’était pas là le sens littéral*”. *Esprit de S. François de Salles*.

(9) TRASPASSAREI A MURALHA — O hebreu tem: Porque em ti, pela tua virtude, ou Contigo desbaratarei um exército. — Sacy,

32 Porque quem é Deus fora do Senhor? Ou que Deus há fora do nosso Deus?

33 Ele é o Deus que me revestiu de fôrça: E fêz que o caminho fôsse immaculado.

34 Que fêz os meus pés como de servos, e me estabeleceu sôbre lugares altos.

35 Que adestra as minhas mãos para a peleja: E formaste os meus braços, como arco de bronze. (10)

36 Que me deste a tua proteção para me salvar: E a tua direita me susteve:

A tua disciplina me corrigiu até o fim: E essa tua mesma disciplina ela me ensinará.

37 Alargaste os mesmos passos debaixo de mim: E não se enfraqueceram os meus pés:

38 Perseguirei os meus inimigos, e apanhá-los-ei: E não me volverei até que eles acabem.

39 Eu lhes quebrarei as fôrças, e eles não poderão ter-se em pé: E cairão debaixo de meus pés.

40 Porque tu me guarneceste de fôrça para a guerra: E abateste debaixo de mim aos que se levantaram contra mim:

41 E fizeste que os meus inimigos me dessem costas, e aniquilaste aos que me aborreciam.

42 Gritaram, e não havia quem os salvasse, ao Senhor: E não os ouviu.

43 E os desfarei, como o pó que o vento espalha: Fá-los-ei desaparecer como a lama das ruas.

44 Livrar-me-ás das contradições do povo: Estabelecer-me-ás em cabeça das gentes.

(10) **E FORMASTE OS MEUS BRAÇOS COMO ARCO DE BRONZE** — O hebreu tem: E um arco do bronze seja quebrado com os meus braços, o que parece aludir à fôrça maravilhosa de Davi. 1 Rs 17, 35.

45 Um povo, que não conheci, me serviu: Ao ouvir a minha voz me foi obediente.

46 Os filhos estranhos me mentiram, os filhos estranhos se envelheceram, e claudicaram dos seus caminhos.

47 Viva o Senhor, e seja bendito o meu Deus, e seja exaltado o Deus da minha salvação.

48 Deus que me dás vinganças, e sujeitas os povos debaixo de mim, meu libertador dos meus inimigos enfurecidos.

49 E tu me elevarás por cima daqueles, que se levantam contra mim: Tu me livrarás do homem iníquo.

50 Por isso eu, Senhor, te louvarei entre as nações: E cantarei um salmo ao teu nome. (11)

51 O qual engrandece com magnificência a salvação do rei, e que faz misericórdia a Davi seu Cristo, e fará à sua posteridade por todos os séculos.

SALMO 18

SALMO DE LOUVOR, E DE EXORTAÇÃO. A FORMOSURA, E ORDEM DOS CÉUS, E A IMUTABILIDADE DA LEI SÃO UNS PREGOEIROS DA SABEDORIA DE DEUS.

1 Ao regente do côro, salmo de Davi. (1)

(11) **POR ISSO EU, SENHOR** — S. Paulo, como advertimos ao princípio, applica este verso a Jesus Cristo, a quem sem dificuldade pode também applicar-se todo o salmo. O Divino Salvador se vê aqui figurado na pessoa de Davi, e nos inimigos deste o povo ingrato dos hebreus. Prova pois o apóstolo por este lugar a vocação dos gentios à fé. Ep. ad Rom. c. 15, 9. — *Pereira.*

(1) **SALMO DE DAVI** — O objeto deste salmo é: 1.º a manifestação da glória de Deus pelo esplendor das coisas criadas na ordem natural; 2.º pela beleza de sua lei na ordem moral. Compreende dez estrofes. — *Primeira parte* 1.ª Est (2-3) Os Céus

2 Os céus publicam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos.

3 Um dia diz uma palavra a outro dia, e uma noite mostra sabedoria a outra noite.

4 Não há linguagem, nem fala, por quem não sejam entendidas as suas vozes.

5 O seu som se estendeu por toda a terra: E as suas palavras até as extremidades do mundo. (2)

6 No sol pôs o seu tabernáculo: E ele como espôso que sai do seu tálamo:

Deu saltos como gigante para correr o caminho,

7 a sua saída é desde uma extremidade d'ele: E não há quem se esconda do seu calor.

celebram a glória de Deus; 2.^a (4-6) O som da palavra, conquanto não seja articulada, repercute-se nas extremidades da terra; 3.^a (6-7) O sol dardeja os seus raios dum extremo a outro do orbe, e nada escapa ao seu calor. Segunda parte 4.^a (8) Perfeição de Deus; 5.^a (9) As suas ordens alegram o coração e brilham aos olhos dos homens; 6.^a (10) Subsiste sempre o seu temor; os seus juízos são verdadeiros e justos; 7.^a (11) Mais preciosos do que o ouro, mais doces do que o mel; 8.^a (12-13) Teu servo é esclarecido por esses juízos; 9.^a (14) Pede que o livre das faltas que desconhece, que estas o não dominem, para que seja sem mancha; 10.^a (15) E que sejam agradáveis a Deus as suas palavras, que os seus pensamentos cheguem à presença de Deus, seu apoio e seu redentor. Juntamente com uma notável elevação de estilo, há neste salmo uma grande filosofia. O profeta rei, depois de deduzir a verdade da existência de Deus, da contemplação das obras da natureza, e de admirar o poder do Criador refletindo sobre a ordem admirável do Universo, reconhece que ela só pode proceder de um ente infinitamente sábio. Algumas passagens deste Salmo aplicam-se, no sentido espiritual, à pregação dos apóstolos.

(2) **O SEU SOM SE ESPALHOU** — S. Paulo, ad Rom 10, 18, refere este verso à pregação dos apóstolos, e mais ministros evangélicos, mas, como ficou dito, no sentido espiritual.

8 A lei do Senhor que é imaculada converte as almas: O testemunho do Senhor é fiel, e dá sabedoria aos pequeninos.

9 As justiças do Senhor são retas, que alegram os corações: O preceito do Senhor é claro, que esclarece os olhos.

10 O temor do Senhor é santo, que permanece por séculos: Os juízos do Senhor são verdadeiros, cheios de justiça em si mesmos.

11 Êles são mais para desejar do que o muito ouro e as muitas pedras preciosas: E são mais doces do que o mel e o favo. (3)

12 Pelo que o teu servo os guarda, e em os guardar há grande recompensa.

13 Quem é que conhece os seus delitos? purificame dos que me são ocultos:

14 E perdoa ao teu servo os alheios. (4)

Se êles se não senhorearem de mim, serei eu imaculado: E serei purificado do delito máximo. (5)

(3) **DO QUE O MUITO OURO** — O hebreu tem: “E mais que uma grande quantidade de finíssimo ouro:” a palavra hebraica, que se traslada comumente obrizum, a entende Calmet, no Gên 2, 11, de Phasis, de onde naqueles tempos, assim como da Cólchida, se tirava o ouro. O *multum* do texto não é advérbio, mas adjetivo, que deve unir-se com os substantivos, como claramente se vê nos Setenta, e no hebreu. — P. Scio.

(4) **E PERDOA AO TEU SERVO OS ALHEIOS** — Isto é, os delitos dos outros, em que eu de qualquer modo tenha parte. Ou dos delitos, que eu cometa por indução dos outros. Assim entende Santo Agostinho, e com êle Bossuet, o que a Vulgata diz, *et ab alienis parce servo tuo*. Contudo o hebreu, segundo o expõe Le Gros seguindo a S. Jerônimo, tem: “E preserva ao teu servo das impressões da soberba.”

(5) **DELITO MÁXIMO** — Referência ao pecado de Adão, que abrangeu o mundo inteiro, e exigiu, para ser perdoado, o sacrifício do homem Deus.

15 Então as palavras de minha bôca te serão agradáveis: E a meditação do meu coração será sempre na tua presença.

Senhor, favorecedor meu, e Redentor meu.

SALMO 19

SALMO DEPRECATÓRIO, POR OCASIÃO DE PARTIR O REI
PARA A GUERRA.

1 Ao regente do côro, salmo de Davi. (1).

2 O Senhor te ouça no dia da tribulação: O nome de Deus de Jacó te proteja. (2)

3 Envie-te socorro desde o santuário: E desde Sião te proteja.

4 Êle se lembre de todos os teus sacrifícios: E o holocausto que tu lhe ofereces lhe seja agradável.

5 Reparta contigo segundo o teu coração: E cumpre todos os teus desígnios.

6 Alegrar-nos-emos na tua salvação: E em nome do nosso Deus seremos engrandecidos. (3)

7 Cumpra o Senhor tôdas as tuas petições: Agora tenho conhecido que o Senhor salvou o seu CRISTO:

(1). **SALMO DE DAVI** — Dividem-no em nove estrofes, e quase correspondentes aos versículos, e o seu objeto é pedir a Deus que conceda a proteção ao rei no tempo de guerra.

(2) **NO DIA DA TRIBULAÇÃO** — Da tribulação da guerra, que sempre é uma grande calamidade. — Bossuet.

(3) **NA TUA SALVAÇÃO** — Cantaremos pela vitória, e pela salvação que nos dará o Senhor. O latim salutaris significa propriamente a "salvação que nos vem do Salvador." — Bossuet.

E EM LOUVOR DE NOSSO DEUS SEREMOS ENGRANDECIDOS — O hebraico lê, "alçaremos" ou "tremularemos bandeiras" em honra do nosso Deus, em sinal de vitória. — Pereira.

Salmo 19, 8-10; 20, 1-5

Ele o ouvirá desde o seu santo céu: Nos potentados a salvação é da sua direita.

8 Êstes confiam nas suas carroças, e aquêles nos seus cavalos: Mas nós invocaremos o nome do Senhor nosso Deus.

9 Eles ficaram atados, e caíram: Mas nós nos levantamos e fomos sustidos.

10 Senhor, salva ao rei: E ouve-nos no dia em que te invocarmos.

SALMO 20

SALMO DE AÇÃO DE GRAÇAS, AO VOLTAR O REI VITORIOSO.

1 Ao regente do côro, salmo de Davi. (1)

2 Senhor, o rei se alegrará na tua fortaleza: E na tua salvação se regozijará em grande maneira.

3 Tu lhe cumpriste o desejo de seu coração: E não o defraudaste da vontade de seus lábios.

4 Porque tu o preveniste de bênçãos de doçuras: E puseste sobre a sua cabeça uma coroa de pedras preciosas.

5 Vida te pediu a ti: E lhe concedeste diuturnidade de dias pelo século, e pelos séculos dos séculos.

(1) **SALMO DE DAVI** — É um hino de ação de graças depois da vitória. Tem sete estrofes. 1.ª (2-3) O rei regozija-se com a sua vitória; 2.ª (4-5) Deus coroou-o de glória e lhe concedeu larga vida; 3.ª (6-7) A vitória que Deus lhe proporcionou engrandeceu-o e o encheu de alegria; 4.ª (8-9) Porque pôs a sua confiança em Deus, o Senhor o livrará dos seus inimigos; 5.ª (10) Deus queimará e aniquilará os que lhe querem mal; 6.ª (11-12) Perderá a sua raça, se ela tramar contra ele; 7.ª (13-14) Afugentará e perseguirá os seus inimigos. — Que Deus seja louvado. Seu povo o louvará sempre. O sentido místico deste Salmo, segundo alguns comentadores, é Jesus Cristo triunfando da morte e do pecado, suplicando a vitória sobre os seus inimigos.

6 Grande é a sua glória na tua salvação: Glória e grande formosura porás sôbre êle.

7 Porque tu o darás para bênção pelos séculos dos séculos: Enche-lo-ás de alegria com o teu rosto. (2)

8 Porquanto o rei espera no Senhor: E na misericórdia do Altíssimo não será comovido.

9 Caia a tua mão sôbre todos os teus inimigos: Caia a tua destra sôbre todos os que te aborrecem.

10 Tu os porás como um forno aceso ao mostrar-lhes teu rosto: O Senhor na sua ira os conturbará, e o fogo os devorará. (3)

11 Seu fruto exterminarás da terra: E a sua descendência de entre os filhos dos homens.

12 Porque urdiram contra mim males: Maquiaram conselhos que não puderam estabelecer.

(2) **PORQUE TU O DARÁS PARA BÊNÇÃO** — Em Cristo que nascerá do seu sangue, e em quem serão benditas tôdas as nações. — **Pereira.**

ENCHE-LO-AS DE ALEGRIA — Nos seus perigos, e trabalhos achará a maior consolação, e o gôsto mais completo, vendo que estais sempre a seu lado, e que não o perdeis jamais de vista. Pode também expor-se em êste outro sentido: E depois dos trabalhos desta vida, e de haver triunfado de todos os seus inimigos o encherá de glória em vossa presença. O que convém muito bem ao Divino Redentor, exaltado por seu eterno Padre, depois de haver triunfado do inferno, e da morte. — **P. Scio.**

(3) **AO MOSTRAR-LHES TEU ROSTO** — Sejam devorados vossos inimigos pelo fogo do vosso semblante irado. O que se pode entender, ou da ruína de Jerusalém pelas chamas abrasadoras, ou do fogo do inferno, que abrasará eternamente aos perseguidores de Cristo e da sua Igreja. E assim o entendeu e expôs também Bossuet; advertindo que na frase da Escritura se toma algumas vèzes o rosto de Deus, que isso quer dizer vultus, pelo aspecto irado, como no salmo 33, 17. — **Pereira.**

Salmo 20, 13-14; 21, 1

13 Porquanto os porás em fuga: Nos teus resíduos prepararás o rosto deles. (4)

14 Exalta-te, Senhor, no teu poder: Cantaremos e louvaremos as tuas maravilhas.

SALMO 21

SALMO PROFÉTICO: CRISTO NA CRUZ ORA A DEUS: REFERE OS SEUS TORMENTOS: DECLARA QUE ELE SERÁ LIVRE PELA SUA RESSURREIÇÃO: LIVRES OS JUDEUS ESCOLHIDOS, E OS GENTIOS, QUE SE HÃO DE CONVERTER, PELA SUA PAIXÃO. O MESMO CRISTO CRUCIFICADO NOS ENSINOU QUE ESTE SALMO FALAVA DELE. MT 27, 46. MC 15, 34. DÊSTE SALMO DEU O GRANDE BOSSUET SEPARADAMENTE UMA TRADUÇÃO, E UMA EXPLICAÇÃO LITERAL SOBRE O HEBREU, E SOBRE OS SETENTA.

1 Ao regente do cântico, salmo de Davi, com o tom do canto *Ayyeleth asch-schakhar*. (1)

(4) **PORQUANTO OS PORÁS EM FUGIDA** — O hebreu diz: "Porquanto os porás aparte". Outros têm: "Por alvo da tua ira". Outros: "Os obrigará a voltar as costas". O que pode explicar-se deste modo: os obrigará a voltar as costas, mas nem por isso escaparão, porque, ainda fugindo, lhes sairá ao encontro com o teu arco, e deste modo tanto pela frente como pelas costas terão fim com as tuas setas." — P. Scio.

(1) **AYYELETH ASCH-SCHAKHAR** — Estas palavras indicam o tom em que se deve cantar este Salmo. Significam: Uma ária que começava por estas palavras. A significação inicial de raiz. Alal é corça, veado. Este canto é desconhecido e por isso Leopold no seu dicionário traduz estas palavras carminis, ad quibus modum Ps. canendus. A Vulgata traduziu susceptio matutina, e o Pe. Perelra socorro da manhã, termos desconexos com o objeto do Salmo. O assunto é anunciar os sofrimentos do Messias, cuja Paixão se descreve duma maneira clara. Ut non tam prophetia quam historia videatur, segundo diz Cassiodoro. No Antigo Testamento não se encontra personagem algum a quem este Salmo possa convir. As pa-

2 Deus, Deus meu, olha para mim: Por que me desamparaste? Os clamores de meus pecados são causa de estar longe de mim a salvação. (2)

3 Meu Deus, clamarei durante o dia, e tu não me ouvirás: Clamarei de noite, e não por insipiência minha.

4 Mas tu moras no lugar santo, ó Glória de Israel. (3)

lavras iniciais foram as que Jesus Cristo repetiu na Cruz: Deus, Deus meus, quare me dereliquisti? Meu pai por que me abandonaste? Mt 27, 46, Mc 15, 34. O Sítio, tenho sede, é a realização da profecia do v. 16. — Secou-se como barro, etc. Os dados lançados sobre a túnica estão preditos no v. 19, e as torturas da crucificação, as dores das mãos e dos pés, a sede ardente, estão descritas nos vv. 15-18. "Quio pictor, escreve Bossuet, "Crucifixam Jesum tam ad vivum expressit quim est Ille apud Davidem, confossis manibus predibuscquo, effusa virtute omni, distractis denudatis que ossibus suspensi ac dilaniati corporis. Dissert. de Psalm. c. 2, n. 17. A Igreja, no IV concílio de Constantinopla, condenou Teodoro de Mopsuesto, que entendia este Salmo num sentido puramente histórico e não profético. Tem doze estrofes irregulares, as quais formam três partes. Primeira parte, 1.ª a 4.ª estrofes (2-12) O Messias na Cruz abandonado por seu Pai e escarnecido por todos. Segunda parte, 5.ª a 8.ª (13-22) Descrição dos tormentos da Paixão. Terceira parte, 9.ª a 12.ª (23-32) Glória da Ressurreição.

(2) OLHA PARA MIM — Este período falta no hebreu, e assim não é de admirar que Cristo o omitisse na sua oração da Cruz, formada do princípio deste salmo. Porém, trazem-no os Setenta, e deles o tomou a Vulgata. — Pereira.

OS CLAMORES DE MEUS PECADOS — Isto é, dos nossos, que ele fez seus, enquanto os tomou sobre si para satisfazer por eles ao Eterno Pai, como vítima expiatória.

(3) Ó GLÓRIA DE ISRAEL — O hebreu tem: "E tu, Santo habitante, louvores de Israel", isto é: "E tu és o Santo por essência, ou a mesma santidade, o imutável nos teus conselhos e promessas". Salmo 101, 13. 28, e o único objeto de todas as graças e bênçãos que te dá teu povo. Em nome deste verdadeiro Israel, cujo rei sou, te invoco, para que a Ressurreição, que eu te peço, seja princípio da ressurreição de todo o Israel. — P. Scio,

5 Em ti esperaram nossos pais: Esperaram, e os livraste.

6 A ti clamaram, e foram salvos: Em ti esperaram, e não foram confundidos.

7 Mas eu sou bichinho, e não homem: O opróbrio dos homens, e a abjeção da plebe.

8 Todos os que me viam escarneceram de mim: Falaram com os lábios, e mençaram a cabeça. (4)

9 Esperou no Senhor, livre-o: Salve-o: se é que o ama. (5)

10 Porque tu és o que me tiraste do ventre: A minha esperança desde os peitos de minha mãe. (6)

11 Eu fui lançado nos teus braços desde o seu seio: Tu és o meu Deus desde o ventre de minha mãe.

12 Não te retires de mim: (7)

Porque a tribulação está próxima: Porque não há quem me ajude.

13 Um grande número de novilhos me cercaram: Eu me vi sitiado de gordos touros. (8)

(4) **ESCARNECERAM DE MIM** — Como à letra sucedeu na sua Santíssima Paixão, e estando na Cruz. Mt 27, 39. — P. Scio.

(5) **SALVE-O, SE É QUE O AMA** — Dêste modo, e com as mesmas palavras lançavam os judeus a Jesus Cristo na Cruz, não os seus delitos, que não os podia ter, mas a sua mesma piedade. Mt 27, 43. — Bossuet.

(6) **A MINHA ESPERANÇA DESDE OS PEITOS** — A versão de S. Jerônimo tem aqui: "Tu foste o meu defensor, etc." O que se verificou, quando logo ao nascer o livrou Deus da perseguição e crueldade de Herodes. — Bossuet.

(7) **NÃO TE RETIRES DE MIM** — Aquele principia uma viva pintura da Paixão do Senhor, que descreve por semelhanças muito próprias, para manifestar a grandeza das suas aflições. A palavra *quoniam* no hebreu, e no grego, é aqui com mais propriedade conjuntiva do que causal. — P. Scio.

(8) **UM GRANDE NÚMERO DE NOVILHOS ME CERCA-**

14 Abriram sôbre mim a sua bôca, como leão roubador e que dá rugidos.

15 Eu me derramei como água, e todos os meus ossos se desconjuntaram. (9)

O meu coração, no meio das minhas entranhas se tornou como cêra que se derrete.

16 Secou-se como barro cozido o meu vigor, e a minha língua se pegou às minhas fauces: E me tens conduzido até ao pó da sepultura. (10)

17 Porquanto me rodearam muitos cães: Uma turba de malignos me sitiou.

Êles trespassaram as minhas mãos e os meus pés: (11)

RAM — Os judeus, os príncipes dos sacerdotes, os escribas, e ainda os mesmos soldados de Pilatos são figurados na imagem de novilhos indômitos e de furiosos touros. No hebreu se lê: **Fortes touros do Basan**: Porque era o território onde se criavam mais gordos, e ferozes. Dt 32, 14. — Sacy.

(9) **EU ME DERRAMEI COMO ÁGUA** — Sucedeu isto pontualmente, quando viu o Senhor correr o seu Sangue orando no Horto, nos açoites à coluna, e quando o crucificaram no Calvário. — P. Scio.

(10) **E A MINHA LÍNGUA SE PEGOU AS MINHAS FAUCES** — Descreve a sede, que é nos tormentos a que mais aflige, e debilita, e foi a de que unicamente se queixou o Redentor. Jo 19, 28. — Bossuet.

(11) **ÊLES TRESPASSARAM AS MINHAS MÃOS, E OS MEUS PÉS** — Um texto tão claro, e tão decisivo pela crucificação de Cristo, pretenderam tirar-nos os judeus modernos, corrompendo a antiga e primitiva lição hebraica Caaru, ou Caru, que quer dizer, “traspassaram” com lhes substituírem Caari, que quer dizer “Como um leão” e que é hoje a vulgar nos exemplares hebraicos. De sorte que em lugar do que trazem os Setenta e a Vulgata, *Foderunt manus meas et pedes meos*: Êles me trespassaram as minhas mãos, e os meus pés: lêem os Rabinos nos seus Códices. *Sicut leo manus meæ, et pedes mei*. Como um leão as minhas mãos, e os meus pés; o que não faz nenhum sentido. Ou *Sicut leo manus meas et pedes*

Salmo 21, 18-20

18 Contaram todos os meus ossos.

E eles mesmos me estiveram considerando e olhando: (12)

19 Repartiram entre si os meus vestidos, e lançaram sorte sobre a minha túnica.

20 Mas tu, Senhor, não afastes de mim o teu socorro: Aplica-te a me defenderes.

meos, subentendendo mordent, ou lacerant: Como um leão mordem, ou despedaçam as minhas mãos e os meus pés: Como se costumasse o leão acometer as mãos e pés do homem, e não todo o corpo. Para convencer a falsificação deste famoso texto, pouca força terá para com os Rabinos de hoje a autoridade de alguns poucos Códices Hebraicos, em que Galatino, o nosso Paiva e Andrade, Buxtorf, e Martianay testificam, que acharam Caaru e não Caari, visto que a sua extrema raridade os faz como não entrar em conta. Também lhe não argumentaremos com o testemunho dos Setenta Intérpretes, que por mais grave que se suponha, não pode competir com o do original. Mas que dirão eles a um Padre do segundo século do Cristianismo, e seu nacional, qual S. Justino Mártir, que é tanto no Diálogo com o judeu Trifão, como na sua Apologia pelos Cristãos, alega verificado em Jesus Cristo o verso do presente Salmo, *Foderunt manus meas et pedes meos*, como ele se acha nos Setenta e na Vulgata? Que dirão a um S. Jerônimo, que traduzindo o Saltério segundo o hebreu, que no quarto século corria por autêntico, verteu o mesmo verso assim: *Fixerunt manus meas et pedes meos*? Se isto não é uma prova evidente de que a lição primogênita deste texto era a que hoje lemos em todos os códices gregos, e latinos: Produzam os Rabinos pela sua outros dois testemunhos tão antigos, e tão graves, e então desistiremos da empresa de mostrar-lhes que a Crucificação de Cristo, referida nos Evangelhos, estava profetizada mil anos antes pelo Real Profeta. O doutíssimo Calmet escreveu e publicou sobre este verso uma Dissertação, deveras notável.

(12) **ME ESTIVERAM CONSIDERANDO** — Dando cruel pasto à sua paixão, e aos seus olhos com a minha miséria, como se assistissem a um espetáculo mul agradável. Lc 23, 35. — P. Scio.

21 Livra, ó Deus, a minha alma da espada: E da mão do cão a minha vida. (13)

22 Salva-me a mim da bôca do leão: E a minha humildade dos cornos dos unicórnios.

23 Então anunciarei o teu nome a meus irmãos: No meio da Igreja te louvarei. (14)

24 Vós os que temeis ao Senhor, louvai-o: Vós todos os que sois a descendência de Jacó, glorificai-o:

25 Tema-o tôda a posteridade de Israel: Porque êle não desprezou, nem se indignou da humilde súplica do pobre:

Nem apartou de mim a sua face: Mas êle me ouviu quando eu lhe clamava.

26 Para contigo o meu louvor na Igreja grande: Eu cumprirei os meus votos em presença dos que o temem. (15)

27 Os pobres comerão, e serão fartos: E os que buscam ao Senhor louvá-lo-ão: Os seus corações viverão pelos séculos dos séculos. (16)

(13) **A MINHA VIDA** — Na Vulgata está unicam meam, que o Pe. Pereira traduziu a minha única, o que não faz sentido; porém o termo original *iahhid* na poesia significa vida. Cfr. Leopold, *Lexicon hebraicum et chaldaicum*.

(14) **A MEUS IRMÃOS** — Aos Apóstolos, Mt 28, 10. A todos os verdadeiros fiéis adotados pela graça do Padre, regenerados pelo Espírito Santo, e feitos irmãos de Jesus Cristo, e herdeiros juntamente com êle do seu Reino, Jo 20, 17, Rom 8, 29, e S. Paulo Hebr. 2, 10-12, aplica êste texto a Jesus Cristo. — P. Scio.

(15) **PARA CONTIGO O MEU LOUVOR** — O hebreu tem "De ti o meu louvor" e o mesmo os Setenta, ao que também se reduz o sentido da Vulgata. Em ti, e de ti começarão todos os meus louvores na Igreja grande, e estendida por tôdas as partes da terra, qual é a Igreja Católica, formada de tôdas as nações do Universo reunidas em uma mesma fé. — Calmet.

(16) **OS POBRES COMERÃO** — Alude aos banquetes dos sacrifícios em ação de graças, para os quais eram convidados os

Salmo 21, 28-32; 22, 1

28 Lembrar-se-ão, e converter-se-ão ao Senhor todos os limites da terra:

E adorarão na sua presença tôdas as famílias das gentes. (17)

29 Porquanto dô Senhor é o reino, êle mesmo reinará sôbre as gentes.

30 Comeram e o adoraram todos os poderosos da terra: Diante dêle se prostraram todos os que descem à terra. (18)

31 E a minha alma viverá para êle: E a minha descendência o servirá a êle mesmo.

32 A geração que há de vir será chamada com o nome do Senhor: E anunciarão os céus a justiça dêle ao povo que há de nascer, ao qual fez o Senhor. (19)

SALMO 22

SALMO MORAL. A QUEM DEUS APASCENTA, NADA LHE FALTA.

1 Salmo de Davi. (1)

peregrinos, os pupillos, e as viúvas. Dt 16, 11-14. E aos convites da Igreja primitiva, quando os recém-convertidos comiam todos juntos com alegria, e simplicidade de coração. At 2, 46. E finalmente ao banquete do Santíssimo Sacramento. — Bossuet.

(17) **AS FAMÍLIAS DAS GENTES** — Acima no v. 23 falou dos judeus, chamando-os seus irmãos; agora neste fala dos gentios, que também por fim se hão de converter ao verdadeiro Deus, como declara o verso seguinte. — Bossuet.

(18) **TODOS OS PODEROSOS DA TERRA** — Os grandes, os potentados, os reis hão de com humildade dar culto a Deus, e vir ao seu banquete. — Bossuet.

(19) **AO POVO QUE HÁ DE NASCER** — Ao novo povo, à nação santa, ao povo conquistado, como lhe chama o príncipe dos apóstolos. 1 Pedr 2, 9. — Bossuet.

(1) **SALMO DE DAVI** — Deus como bom pastor é o objeto

O Senhor me governa, e nada me faltará: (2)

2 Em um lugar de pastos ali me colocou.

Ele me conduziu junto a uma água de refeição:

3 Converteu a minha alma.

Levou-me por veredas de justiça, e por amor do seu nome.

4 Pois ainda quando andar no meio da sombra da morte, não temerei males: Porquanto tu estás comigo.

A tua vara, e o teu báculo, eles me consolaram.

5 Preparaste uma mesa diante de mim, à vista daqueles que me angustiavam.

Ungiste com o óleo pingue a minha cabeça: E o meu cálice que embriaga quam precioso é! (3)

6 E a tua misericórdia irá após de mim todos os dias da minha vida.

E a fim de que eu habite na casa do Senhor, por diuturnidade de dias.

dêste Salmo. Não é fácil determinar o motivo que Davi tem para a composição dêste Salmo. E' opinião verossímil que fôra composto no deserto de Zif, no tempo das grandes tribulações que o Profeta Rei experimentou, quando, abandonado dos seus, não podia já ter outra confiança, senão a que lhe inspirava a sua piedade, esperando de Deus o remédio de seus males. Tem cinco estrofes. Nas três primeiras o Salmista exprime a felicidade que goza o que vive sob a guarda de Deus, comparando estes ao rebanho guiado pelo pastor fiel. Este mesmo pensamento está nas duas últimas, sob uma outra imagem familiar aos hebreus. Deus serve um festim aos seus, que a ele assistem depois de se terem perfumado, terminando por pedir a Deus habitar na sua casa por Todo o Sempre.

(2) O SENHOR ME GOVERNA — O hebreu tem "O Senhor é o meu pastor". — Carrières.

(3) UNGISTE COM O ÓLEO PINGUE A MINHA CABEÇA — Assim se costumava nos banquetes e mais ocasiões de alegria. — Bossuet.

SALMO 23

SALMO HISTÓRICO, E MORAL. AS FAUSTAS ACLAMAÇÕES DO POVO COM O REI, AO TRASLADAR-SE A ARCA DA CASA DE OBEDEDOM PARA O TABERNACULO DE SIÃO, EM FIGURA DO TRIUNFO DA ASCENSÃO AO CÉU.

1 Para o primeiro dia da semana, Salmo de Davi. (1)
Do Senhor é a terra, e tudo o que a enche: A redondeza da terra, e todos os seus habitantes.

2 Porque êle a fundou sôbre os mares: E a estabeleceu sôbre os rios. (2)

3 Quem subirá ao monte do Senhor? Ou quem estará no seu santo lugar?

4 O inocente de mãos e limpo de coração, o que

(1) **PARA O PRIMEIRO DIA DA SEMANA** — Estas palavras não estão no original hebraico, foram acrescentadas pelos Setenta. Este Salmo, no entender de S. Agostinho e S. Atanásio, foi composto para celebrar o primeiro dia da criação do Universo. Os rabinos Kimche e Aben-Esra afirmam que foi composto em consequência da revelação que Deus se dignou fazer a Davi, pela voz do profeta Natan, do sítio em que êle queria que sôbre o monte Sião se lhe edificasse o templo em que devia ser adorado. Du Pin e Bossuet inclinam-se a que este Salmo foi composto quando se transferia a Arca da Aliança. 2 Rs 6, 17. O contexto mostra que é um cântico de alegria, e que o seu fim é inspirar o respeito, que devemos a Deus, e a pureza do coração com que cumpre nos apresentemos em o seu templo. Este Salmo toma-se como o cântico de entrada do Messias no templo, Mal 3, 1. Os Padres applicaram-no à Ascensão e a Igreja à entrada em Jerusalém. Herder supõe que era cantado parte pelo povo e parte por vozes em separado. Herder, *Histoire de la poésie des Hebreux*.

(2) **SÔBRE OS MARES** — Assim mais adiante, “sôbre os rios” e em ambos os lugares quer dizer o salmista que Deus fundara a terra superior aos mares, e aos rios, pelos altos montes, e despenhadas serranias, de que cercou as águas, para com estas, como fortalezas, que lhes impôs, cobrir a sua fúria. — Bossuet.

não recebeu em vão a sua alma, nem fêz juramentos dolo-
sos ao seu próximo. (3)

5 Este receberá a bênção do Senhor: E a miseri-
córdia de Deus seu salvador.

6 Esta é a geração dos que o buscam, dos que bus-
cam a face do Deus de Jacó.

7 Levantai, ó príncipes, as vossas portas, levantai-
-vos, ó portas eternas: E entrará o rei da glória.

8 Quem é êste rei da glória? O Senhor forte e po-
deroso: O Senhor poderoso na batalha.

9 Levantai, ó príncipes, as vossas portas, levantai-
-vos, ó portas eternas: E entrará o rei da glória.

10 Quem é êste rei da glória? O Senhor das vir-
tudes, êsse é o rei da glória.

SALMO 24

**SALMO DEPRECATÓRIO, EM QUE DAVI, ANGUSTIADO DAS
PERSEGUIÇÕES DE SEUS INIMIGOS, PEDE A DEUS QUE
LHE PERDOE OS SEUS PECADOS, QUE OS REDUZA AO
CAMINHO DIREITO, E QUE O LIVRE DOS ADVERSÁRIOS.**

1 Ao regente do cântico, salmo de Davi. (1)

A ti, Senhor, elevei a minha alma:

2 Deus meu, em ti confio, não seja eu envergonhado.

3 Nem me insultem meus amigos: Porque todos
os que em ti esperam, não serão confundidos.

(3) **O QUE NÃO RECEBEU EM VÃO A SUA ALMA** — O
que não julgou falso contra a sua alma. — Bossuet.

(1) **AO REGENTE DO CANTO** — Nem o hebreu, nem os Se-
tenta trazem esta parte da inscrição. E o hebreu nem diz: "Salmo
de Davi, mas somente, "De Davi". Muitos intérpretes querem que
fôsse este Salmo composto por Davi, durante a guerra que lhe fêz
seu filho Absalão em castigo dos dois grandes pecados que havia
cometido, a saber, adultério, e homicídio. E' um dos Salmos que se

Salmo 24, 4-8

4 Sejam confundidos todos os que em vão comem iniquidades.

Mostra-me, Senhor, os teus caminhos: E ensina-me as tuas veredas.

5 Dirige-me na tua verdade, e ensina-me: Porque tu és o Deus meu salvador, e te tenho esperado todo o dia.

6 Lembra-te, Senhor, das tuas comiserações, e das tuas misericórdias, que tem sido desde o século. (2)

7 Não te recordes dos delitos da minha mocidade, nem das minhas ignorâncias. (3)

Mas lembra-te de mim segundo a tua misericórdia: Por amor da tua bondade, Senhor.

8 Doce e reto é o Senhor: Por isso dará êle a lei aos que pecam no caminho. (4)

chamam "Acrósticos", porque no hebreu cada versículo tem por inicial uma letra do alfabeto pela sua ordem, principiando da primeira, que é aleph, e continuando o versículo que segue pela segunda heth, e assim por diante. Bem que neste Salmo se acha omitida a sexta letra vau, e na sua falta se repete no último verso a décima sétima; e com isto se enche o número das vinte e duas letras de que consta o alfabeto hebreu. Sobre isto se discorre com variedade, crendo todos que não carece de grande mistério, não podendo entender-se o verdadeiro, mas só, sim, que semelhantes Salmos (que são mais seis) merecem singular consideração. Contém este uma oração excelente de uma alma aflita e que suspira pelo seu Deus, vendo-se oprimida; e cercada por todos os lados de inimigos. Convém a todo o homem perseguido, que se acha em perigo. — P. Scio.

(2) **E DAS TUAS MISERICÓRDIAS** — Isto é, lembra-te das misericórdias que usaste com nossos pais em todo o tempo desde o princípio do mundo. — P. Scio.

(3) **NEM DAS MINHAS** — O que se peca por ignorância, em que não obstante há alguma culpa, porém que se perdoa mais facilmente. "Alcançei", diz S. Paulo 1 Tim 1, 13, misericórdia, porque fiz com ignorância. — P. Scio.

(4) **POR ISSO DARA ÊLE A LEI AOS QUE PECAM** — Isto

9 Conduzirá aos mansos em justiça: Ensinará aos humildes os seus caminhos.

10 Todos os caminhos do Senhor são misericórdia e verdade, para os que buscam a sua aliança e os seus mandamentos.

11 Por amor de teu nome, Senhor, me hás-de perdoar o meu pecado: Porque é grande.

12 Quem é o homem, que teme ao Senhor? Ele lhe constituiu uma lei, no caminho que escolheu.

13 A sua alma morará em bens: E a sua descendência terá por herança a terra.

14 O Senhor é o firme apoio dos que o temem, e o testamento d'Ele é para que lhes seja manifestado a eles. (5)

15 Os meus olhos se elevam sempre ao Senhor: Porquanto Ele tirará do laço os meus pés. (6)

16 Olha para mim, e tem misericórdia de mim: Porque eu sou só e pobre.

17 As tribulações do meu coração se multiplicaram: Livra-me das minhas aflições.

é: Ensinará aos que erram no caminho da vida presente a lei que devem praticar para voltar à justiça; e esta é a lei da penitência, e não há outra, e o mesmo Senhor lhes dará para isso os seus auxílios. — P. Scio.

(5) **O SENHOR É O FIRME APOIO DOS QUE O TEMEM** — O hebreu tem: "O segredo do Senhor aos que o temem", isto é: o Senhor tratará como a íntimos amigos aos que deveras o temem, e lhes revelará os seus conselhos e segredos, pelo que pertence a sua salvação, e a todos os meios que tem estabelecidos para que o consigam. Jo 15, 15. At 5, 20; 20, 27. — P. Scio.

(6) **TIRARA DO LAÇO OS MEUS PÉS** — O que pode aludir-se ou aos seus pecados, ou aos seus inimigos, que o perseguiram de morte. — Pereira.

Salmo 24, 18-22; 25, 1

18 Olha para o meu abatimento, e para o meu trabalho: E perdoa todos os meus pecados. (7)

19 Olha meus inimigos como se têm multiplicado, e com ódio injusto me têm em aborrecimento.

20 Guarda a minha alma, e livra-me: Não seja eu confundido havendo esperado em ti.

21 Os inocentes e os justos se têm unido comigo: Porque tenho esperado.

22 Livra, ó Deus, a Israel de tôdas as suas tribulações.

SALMO 25

SALMO DEPRECATORIO. DAVI EXPÕE A SUA INOCÊNCIA A DEUS, PATENTEANDO O SEU AFETO DE VIVER NA CASA DO SENHOR, E LHE ROGA QUE O PURIFIQUE DA CONTAMINAÇÃO DE SEUS INIMIGOS.

1 Salmo de Davi. (1)

Julga-me, Senhor, porque eu andei na minha inocência: e esperando no Senhor não serei enfraquecido.

(7) **E PERDOA TODOS OS MEUS PECADOS** — Pois que são a causa das minhas tribulações, e das minhas penas. — *Pereira.*

(1) **SALMO DE DAVI** — Davi, ausente de Sião, pede ao Senhor que lhe permita poder louvá-lo em sua Santa Casa. Naturalmente foi composto durante a revolta de Absalão. 2 Rs 15, 6-25. Davi lamenta não poder louvar o Senhor no seu tabernáculo; é o pensamento principal deste Salmo, que tem doze estrofes, correspondentes aos doze versículos. Calmet é de opinião que este Salmo e os dois seguintes são a continuação do precedente, formando os quatro um só cântico. Seja como fôr, o que resulta deste Salmo é o desejo duma alma, que confia na própria inocência, e que ardentemente quer tornar-se cada vez mais digna de cantar os louvores do Senhor. A Igreja repete cotidianamente parte deste salmo, no Santo Sacrifício da Missa, quando o sacerdote lava as mãos.

2 Prova-me, Senhor, e sonda-me: Abrasa os meus rins e meu coração. (2)

3 Porque a tua misericórdia eu a tenho diante de meus olhos: E na tua verdade me tenho comprazido.

4 Não me sentei no congresso da vaidade: E não tratarei com os que obram a iniquidade. (3)

5 Eu aborreço a sociedade dos malignos: e não me assentarei com os ímpios.

6 Mas lavarei as minhas mãos entre os inocentes: E estarei, Senhor, ao redor do teu altar: (4)

7 Para ouvir a voz dos teus louvores, e narrar tôdas as tuas maravilhas.

8 Senhor, eu amei a formosura da tua casa, e o lugar onde habita a tua glória.

9 Não percas, ó Deus, com os ímpios a minha alma, nem com os homens sangüinários a minha vida:

10 Em cujas mãos estão as iniquidades: A destra dêles está cheia de subornos.

11 Porque eu andei na minha inocência: Resgata-me, e tem compaixão de mim.

(2) **ABRASA OS MEUS RINS** — O hebreu tem: "Fundo as minhas entranhas," isto é: acrisola, e purifica os meus afetos. Sl 7, 10; 15, 7.

(3) **NO CONGRESSO DA VAIDADE** — Com os idólatras, porque não há coisa mais vã que os ídolos: 1 Cor 8, 4, nem maior impiedade que trasladar às criaturas o culto que só se deve ao criador. "Com os que obram a iniquidade." Outros vertem: "Com os hipócritas". — P. Scio.

(4) **MAS LAVAREI AS MINHAS MÃOS** — Com efeito pela lei de Moisés os que se chegavam ao altar lavavam as mãos, e os pés. Êx 30, 19.20. — Bossuet.

ESTAREI, SENHOR, AO REDOR DO TEU ALTAR — Cerimônia que se usava nas solenes ações de graças, enquanto se fazia a oferta dos sacrificios de louvor, ou depois de feita. — P. Scio.

Salmo 25, 12; 26, 1-2

12 O meu pé estêve na retidão: nas igrejas te bendirei, ó Senhor.

SALMO 26

SALMO DEPRECATORIO. DAVI PROTESTA QUE A FÉ QUE TEM NO SENHOR O PÔE A SALVO DO TERROR QUE LHE PODERIAM CAUSAR OS SEUS INIMIGOS, E MOSTRA O ARDENTE DESEJO QUE TEM DE HABITAR SEMPRE NO TEMPLO.

1 Salmo de Davi antes de ser ungido. (1)

O Senhor é a minha luz, e a minha salvação, a quem temerei?

O Senhor é o defensor da minha vida, de quem tremerei?

2 Enquanto se chegam a mim os daninhos, para comer as minhas carnes:

Êstes meus inimigos que me angustiam, êles mesmos se debilitaram e caíram.

(1) **ANTES DE SER UNGIDO** — Estas palavras não estão no original, mas mostram que êste Salmo foi composto antes da submissão de Israel. Tem duas partes e compreende onze estrofes. **Primeira parte:** E' como que o cântico de confiança triunfante. 1.^a estrofe (1). Davi não teve medo, porque Deus é o seu protetor; — 2.^a (2). Os seus inimigos caem por terra quando o atacam; — 3.^a (3). Sempre cheio de confiança, ainda que se levantem exércitos contra êle; — 4.^a (4). Só pede uma coisa, estar junto da arca; — 5.^a (5 e 6). Deus recolhe-o em seu tabernáculo, onde estará forte como um rochedo; — 6.^a (6). Onde estará superior aos ataques dos inimigos e onde louvará ao Senhor. **Segunda parte:** E' o cântico da confiança suplicante; — 7.^a (7 e 8). Que Deus ouça a sua oração; — 8.^a (9). Que não o abandone; — 9.^a (10 e 11). Que o guie, visto não ter pai nem mãe; — 10.^a (11 e 12). Que o não entregue aos seus inimigos; — 11.^a (13 e 14). Em Deus confia, e firme espera o auxílio do Senhor.

3 Ainda que se levantem exércitos contra mim, não temerá o meu coração.

Ainda quando se levante batalha contra mim, nisto mesmo esperarei eu.

4 Uma só coisa pedi ao Senhor, esta tornarei a pedir, que habite eu na casa do Senhor todos os dias da minha vida.

Para ver as delícias do Senhor, e visitar o seu templo.

5 Porquanto me escondeu no seu tabernáculo; no dia dos males me pôs a coberto no escondido do seu tabernáculo. (2)

6 Na pedra me exaltou: E agora tem exaltado a minha cabeça sobre os meus inimigos.

Dei voltas, e sacrifiquei no seu tabernáculo hóstia com vozes de júbilo: cantarei, e direi salmo ao Senhor. (3)

7 Ouve, Senhor, a minha voz, com que clamei a ti: tem compaixão de mim, e ouve-me.

8 O meu coração te falou a ti, os meus olhos te buscaram: teu rosto hei-de buscar, Senhor.

9 Não apartes de mim a tua face. E não te retires do teu servo na tua ira.

Sê minha ajuda: Não me deixes, nem me desprezes, ó Deus meu Salvador.

10 Porque meu pai, e minha mãe me deixaram: Mas o Senhor me recolheu. (4)

(2) **NO DIA DOS MALES** — O hebreu lê todo o texto que se segue no futuro. Porquanto me esconderás, etc. — Sacy.

(3) **DEI VOLTAS** — No hebreu se lê esta palavra unida com a precedente, dêste modo: E agora exalçará a minha cabeça sobre os meus inimigos que me cercam, ou que estão em roda de mim. — Bossuet e De Carrières.

(4) **PORQUE MEU PAI E MINHA MÃE ME DEIXARAM** — Isto pode entender-se de quando, havendo corrido a ele seu

Salmo 26, 11-14; 27, 1

11 Prescreve-me, Senhor, a lei no teu caminho: E guia-me pela vereda direita por causa dos meus inimigos.

12 Não me entregues às almas dos que me atribulam: Porque se têm levantado contra mim testemunhas falsas, mas a iniquidade mentiu em seu dano. (5)

13 Creio ver os bens do Senhor na terra dos viventes.

14 Espera ao Senhor, porta-te varonilmente: E fortifique-se o teu coração, e está firme esperando ao Senhor. (6)

SALMO 27

SALMO DEPRECATÓRIO. DAVI CERCADO DE SEUS INIMIGOS PÕE A SUA CONFIANÇA EM DEUS, PARA NÃO PERECER COM ÊLES; E VENDO O BOM EFEITO DAS SUAS ORAÇÕES, RENDE GRAÇAS AO SENHOR, E LHE ROGA POR TODO O POVO.

Salmo do mesmo Davi. (1)

1 A ti clamarei, Senhor Deus meu, não estejas em

pai, sua mãe e todos os seus, se viu na precisão de os deixar em Masfa, debaixo da proteção dos moabitas, e de voltar logo só a Odolão, de onde teve que sair pouco depois por insinuação do profeta Gad. 1 Rs 22, 3. 4. 5. Ou em sentido figurado, com esta expressão se considerava Davi como um órfão destituído de todo o socorro humano; e neste conceito esperava unicamente do Senhor todo o auxílio, como o explica, com outros, Calmet.

(5) **POR QUE SE TÊM LEVANTADO CONTRA MIM TESTEMUNHAS FALSAS** — As mesmas que diziam a Saúl: David quæret malum adversum te; Davi intenta fazer-te mal. 1 Rs 24, 10. — Bossuet.

(6) **ESPERA AO SENHOR** — Palavras de quem exorta a sua alma. — Bossuet.

(1) **SALMO DO MESMO DAVI** — Provavelmente foi composto quando saiu de Jerusalém, pela rebelião de Absalão. Tem oito estrofes de quatro versos.

silêncio comigo: Não suceda que, calando tu, seja eu como aquêles que descem à sepultura.

2 Ouve, Senhor, a voz da minha deprecação quando a ti oro: Quando levanto as minhas mãos ao teu santo Templo. (2)

3 Não me arrastes juntamente com os pecadores: E não me percas com os que obram a iniquidade:

Os quais falam de paz com o seu próximo. E nos seus corações só cuidam em lhe fazer mal.

4 Dá-lhes a êles segundo as suas obras, e segundo a malignidade dos seus projetos.

Dá-lhes a êles segundo as obras das suas mãos: Dá-lhes a recompensa que lhes é devida.

5 Porquanto não compreenderam as obras do Senhor, nem o que fizeram as mãos dêle, tu os destruirás; e não os restabelecerás.

6 Bendito o Senhor: Porque ouviu a voz da minha deprecação.

7 O Senhor é a minha ajuda, e o meu protetor: Nêle esperou o meu coração, eu fui ajudado:

E refloresceu a minha carne: E do meu coração o louvarei. (3)

8 O Senhor é a fortaleza do seu povo: E o protetor que salva ao seu Ungido. (4)

(2) **AO TEU SANTO TEMPLO** — O hebreu lê: "Ao Oráculo da Santidade, ao Sanctum Sanctorum", ou ao Santuário onde descansa a tua arca. Sempre que se fala de Templo, quando Salomão não o havia ainda edificado, se há de entender do tabernáculo, e do lugar que ocupava. — Sacy.

(3) **E REFLORESCEU A MINHA CARNE** — Os Padres reconhecem nestas palavras a Ressurreição gloriosa do Divino Salvador. — P. Scio.

E DO MEU CORAÇÃO O LOUVAREI — O hebreu lê: "E se regozijou o meu coração e do meu cântico o louvarei". — Sacy.

(4) **O SENHOR É A FORTALEZA DO SEU POVO** — Este

Salmo 27, 9; 28, 1-2

9 Salva, Senhor, ao teu povo, e abençoa a tua herança: Conduze-o, e exalta-o até à eternidade.

SALMO 28

SALMO GRATULATÓRIO. DAVI DESCREVE NESTE SALMO OS MARAVILHOSOS EFEITOS DA ONIPOTENCIA DO SENHOR, MANIFESTADA PELA VOZ DO TROVÃO.

Salmo de Davi.

1 Na consumação do Tabernáculo. (1)

Trazei ao Senhor, ó filhos de Deus: Trazei ao Senhor tenros cordeiros.

2 Rendei ao Senhor glória e honra. Rendei ao Senhor a glória devida ao Senhor: Adorai ao Senhor, no átrio do seu Santuário. (2)

versículo e o seguinte são o cântico de louvores ao Senhor. Tudo o que aqui se diz se aplica literalmente a Jesus Cristo, que é a fortaleza e a glória do novo povo de Israel. Pede a seu eterno padre que, pois salvou e glorificou ao seu Ungido, salve também ao seu povo, que é uma nova herança. — P. Scio.

(1) **NA CONSUMAÇÃO DO TABERNACULO** — Estas palavras não estão no original, mas referem-se ao momento da trasladação da arca, em que se ouviu um enorme trovão, por isso a este Salmo chamam alguns críticos o Salmo dos trovões. E' um poema descritivo de grande valor. No original admira-se a harmonia imitativa do estilo, em virtude de onomatopéias de grande merecimento, o que não pode ser reprodução pela tradução. Tem cinco estrofes. Nesta descrição há duas cenas que formam um admirável contraste, uma sôbre a terra, a outra no Céu.

(2) **NO ATRIO DO SEU SANTUARIO** — O átrio do Santuário, ou Tabernáculo, era o lugar onde se congregava o povo para assistir ao culto e aos sacrificios, e representava a Igreja Cristã, na qual os fiéis dão a Deus o verdadeiro culto e oferecem o sacrifício do cordeiro imaculado. — P. Scio.

3 Voz do Senhor sôbre as águas, o Deus da majestade trovejou: O Senhor sôbre muitas águas. (3)

4 Voz do Senhor em poder: Voz do Senhor em magnificência.

5 Voz do Senhor que quebra os cedros: E o Senhor quebrará os cedros do Líbano:

6 E os fará em pequenos pedaços como a um bezerro do Líbano: E ao filho amado do unicórnio. (4)

7 Voz do Senhor que divide a chama do fogo:

8 Voz do Senhor que abala o deserto: Porque o Senhor fará tremer o deserto de Cades.

9 Voz do Senhor que prepara os veados, e descobrirá as espessuras: E no seu templo todos anunciarão a sua glória. (5)

(3) **VOZ DO SENHOR SÓBRE AS ÁGUAS** — O trovão se chama a cada passo na Escritura a Voz de Deus. Com esta linguagem sublime se simboliza a palavra do Evangelho, anunciada pelos apóstolos a toda a terra, cuja soada se ouviu como um trovão. — Calmet.

(4) **E OS FARÁ EM PEQUENOS PEDAÇOS** — O hebreu diz: "E os fará saltar como ao bezerro, ao Líbano e ao Sarion, como filhos de unicórnios. Isto é, esmagará os cedros com os seus raios e com violentos furacões os arrancará; e desencaixando-se os penhascos do Líbano e do Sarion com terremotos, saltarão pelo ar, como saltam os bezerrinhos e os filhos dos unicórnios. O texto dos Setenta e os da Vulgata são mui obscuros, por se haver trasladado o nome próprio hebraico, que é o do monte Sarion ou Hermion. Dt 3. A voz amada se refere sem dúvida ao verbo encarnado, ao Unigênito do Padre, em cuja virtude os apóstolos obraram coisas maravilhosas na conversão do mundo. — P. Scio.

(5) **QUE PREPARA OS VEADOS** — Assim diz o hebreu, o que comumente se explica desta maneira: O ruído espantoso do trovão prepara as corças e as dispõe para que se descarreguem das suas crias antes de tempo, porque, segundo o curso ordinário da natureza, experimentam para isto maior trabalho e dificuldade que a maior parte dos outros animais. Veja-se Jó 39, 1. O Concurrēntis

Salmo 28, 10-11; 29, 1-4

10 O Senhor faz habitar no dilúvio: E o Senhor sentar-se-á como rei para sempre. (6)

11 O Senhor dará fortaleza ao seu povo: O Senhor bendirá ao seu povo em paz.

SALMO 29

SALMO GRATULATÓRIO. DAVI CONVIDA A TODOS OS POVOS A QUE SE UNAM A ELE PARA DAR GRAÇAS AO SENHOR, PELO TER LIVRADO DE GRANDES TRIBULAÇÕES, E DA MORTE, DE QUE ESTAVA AMEAÇADO.

Salmo ou Cântico de Davi.

1 Na dedicação da casa de Davi. (1)

2 Eu te glorificarei, Senhor, porque me recebeste: E não comprazeste a meus inimigos em meu dano.

3 Senhor meu Deus, eu clamei a ti, e tu me saraste.

4 Senhor, tiraste do inferno a minha alma: Puseste-me a salvo dos que descem ao lago.

desertum Cudes do verso 8, também se deve trasladar no mesmo sentido. — Pereira.

(6) **O SENHOR FAZ HABITAR** — Lugar escuríssimo, como mostram as várias traduções que dêle se encontram nos autores. Porque De Carrières traduz: “O Senhor faz demorar sobre a terra um dilúvio de água”. Sacy: “O Senhor é o que suspende no ar um dilúvio”. Berthier: “O Senhor faz habitar os homens no lugar mesmo do dilúvio”. Um douto moderno preferiu: “O Senhor faz deter o dilúvio”. Eu segui à letra a Vulgata, deixando ao juízo de cada um a escolha. — Pereira.

(1) **NA DEDICAÇÃO DA CASA DE DAVI** — Talvez depois da revolta de Absalão e a seguir a uma doença, O Cardeal Belarmino sustenta que este cântico foi composto para celebrar a primeira dedicação da casa edificada por Davi sobre o monte Sion, depois que conquistara Jerusalém aos jebuseus. Esta opinião é perfilhada por Aben-Esra, e Le Clerc Grocio é de parecer que foi composto para celebrar a segunda dedicação da casa de Davi de-

5 Santos do Senhor, cantai-lhe hinos: E celebrai a memória da sua santidade.

6 Porque êle nos fere na sua ira: E êle nos dá a vida na sua boa vontade. (2)

De tarde estaremos em lágrimas: E de manhã em alegria. (3)

7 Ora eu tinha dito na minha abundância: Não terei jamais mudança. (4)

8 Senhor, por teu querer deste firmeza à minha prosperidade. (5)

Apartaste de mim teu rosto, e eu fiquei conturbado.

pois que êle a reedificara e a purificara das profanações e impurezas praticadas por seu filho Absalão. Calmet opina que êste cântico foi entoado quando Davi dedicou ao Senhor um altar em memória da misericórdia que usou com o seu povo, na casa de Ornan, edificada sobre o monte Sion. Teodoreto entende que êste cântico deve ser attribuído a Ezequias depois da milagrosa derrota de Senaquerib. A primeira opinião é a mais seguida. Salmo é uma ação de graças.

(2) **PORQUE ÊLE NOS FERE NA SUA IRA** — O hebreu lê: "Porque a sua ira é momentânea". O que a Vulgata verte *Quoniam ira in indignatione ejus, et vita involuntate ejus*. O que Sacy verte: "Porque o castigo é a consequência da sua indignação, e a vida é um puro efeito de seu amor". De Carrières: "Porque a ira vem da sua indignação, e a vida é um puro efeito da sua boa vontade". Eu segui a versão de Calmet, por me parecer mais simples, e desembaraçada. — Pereira.

(3) **DE TARDE ESTAREMOS EM LÁGRIMAS** — Neste sentido disse Jesus Cristo aos seus apóstolos: "Mas a vossa tristeza se converterá em gozo". E com esta comparação se confirma o que fica dito no antecedente verso. — Sacy.

(4) **NA MINHA ABUNDÂNCIA** — O hebreu tem: no estado da minha prosperidade; e assim o exprimiu Le Gros. — Pereira.

(5) **DESTE FIRMEZA A MINHA PROSPERIDADE** — O hebreu tem: "Senhor, por tua vontade, e favor, fizeste estar na minha mente a fortaleza; deste estado firme ao meu reino, cujo assento estava no monte de Sião. — P. Scio.

Salmo 29, 9-13; 30, 1-4

9 A ti, Senhor, clamarei: E ao meu Deus rogarei.

10 Que proveito há no meu sangue, se desço à corrupção?

Porventura dirá o pó o teu louvor, ou publicará êle a tua verdade?

11 O Senhor me ouviu, e se compadeceu de mim: O Senhor se fez meu ajudador.

12 Tu converteste o meu pranto em gôzo: Tu rasgaste o meu saco, e todo me cercaste de alegria:

13 Para que te cante na minha glória: E eu não tenha penas: Senhor Deus meu, eu te louvarei eternamente.

SALMO 30

SALMO DEPRECATÓRIO. DAVI SUPLICA AO SENHOR QUE O LIVRE DAS AMARGURAS EM QUE SE ACHA SEM ESPERANÇA DE PODER ESCAPAR, E FOI DE REPENTE LIVRE. POR TER PÔSTO TÔDA A SUA CONFIANÇA EM DEUS.

1 Ao regente do côro, salmo de Davi. (1)

2 Em ti, Senhor, esperei, não permitas que eu seja eternamente confundido: Livra-me, segundo a tua justiça.

3 Dá ouvidos aos meus rogos, acode pronto a livrar-me.

Ache eu em ti um Deus protetor, e uma casa de refúgio para me fazeres salvo.

4 Porque tu és a minha fortaleza, e o meu refú-

(1) **SALMO DE DAVI** — Davi perseguido entrega-se nas mãos de Deus — provavelmente no tempo da perseguição de Saul. Alguns dizem que foi quando fugiu para Get, buscando o asilo do rei Aquis, e outros que fôra quando chegara ao seu conhecimento a notícia da rebelião, excitada contra êle por seu filho Absalão. Tem dez estrofes, as oito primeiras pedem a libertação; as três últimas consideram-na já alcançada.

gio: E por amor do teu nome me conduzirás, e me sustentará.

5 Tu me tirarás dêste laço, que me armaram escondidamente: Porque tu és o meu protetor.

6 Nas tuas mãos encomendo o meu espírito: Tu me remiste, Senhor Deus da verdade. (2)

7 Aborreces aos que observam coisas vãs, inútilmente, (3)

Mas eu no Senhor esperei:

8 Regozijar-me-ei, e alegrar-me-ei na tua misericórdia.

Porque viste a minha humilhação, salvaste das angústias a minha alma. (4)

9 E não me encerraste nas mãos do inimigo: Puseste os meus pés em lugar espaçoso.

10 Tem misericórdia de mim, Senhor, que estou atribulado: Conturbado com o pesar está o meu ôlho, a minha alma, e as minhas entranhas:

(2) **NAS TUAS MÃOS ENCOMENDO O MEU ESPÍRITO** — Estas palavras pronunciou Cristo na Cruz. Lc 23, 46; e isto para nos ensinar, diz Santo Agostinho, que era ele o que falava neste salmo. *Non sine causa voluit verba hujus psalmi sua esse, ut te admoneret se locutum esse in hoc psalmo.* — Pereira.

(3) **ABORRECES AOS QUE OBSERVAM** — Sinaladamente parece que se insinuam aqui os muitos, que, no reinado de Saul, se valliam de adivinhos, pretendendo conhecer o futuro por meio das suas vãs superstições. O mesmo Saul, ainda que havia dado leis mui severas contra esta classe de gente, que sabia ser muito abominável na presença de Deus, Dt 18, isto não obstante na desesperação, e apêto em que se achou no dia que precedeu a sua morte, passou disfarçado a consultar a pitonisa. 1 Rs 28, 7 ss. — P. Scio.

(4) **PORQUE VISTE A MINHA HUMILHAÇÃO** — O hebreu tem: "Porque viste a minha aflicção, e conhecestes a minha alma nas angústias. — P. Scio.

Salmo 30, 11-16

11 Porque a minha vida tem desfalecido com a dor:
E os meus anos com os gemidos.

Tem-se debilitado pela pobreza a minha fôrça: E
os meus ossos estão conturbados.

12 Estou feito o opróbrio para todos os meus inimigos, e muito mais para os meus vizinhos: E o horror para os meus conhecidos. (5)

Os que me viam, fugiam para longe de mim:

13 Fui pôsto em esquecimento, no coração dêles como morto.

Fiquei sendo como vaso quebrado:

14 Porque tenho ouvido as injúrias de muitos no meio dos quais eu estava. (6)

Quando deliberavam juntos contra mim, resolveram tirar-me a vida. (7)

15 Mas eu em ti esperei, Senhor: Disse: Meu Deus és tu:

16 Nas tuas mãos estão as minhas sortes. (8)

Livra-me das mãos dos meus inimigos, e dos que me perseguem.

(5) **PARA TODOS OS MEUS INIMIGOS** — Os Setenta lêem: “entre todos os meus inimigos”, e assim o traslada também S. Jerônimo. — **Pereira.**

(6) **PORQUE TENHO OUVIDO** — O hebreu tem: Porque tenho ouvido opróbrios de muitos, espanto de tôdas as partes, enquanto juntos consultam contra mim, e andam maquinando tirar-me a vida. — **P. Scio.**

(7) **RESOLVERAM TIRAR-ME A VIDA** — Não se demoraram os conselheiros em ponderar se eu era réu, ou inocente; só maquinaram o modo de tirar-me a vida. O mesmo praticaram os pontífices, e fariseus contra Jesus Cristo, quando fizeram conselho em Jerusalém. — **P. Scio.**

(8) **AS MINHAS SORTES** — Isto é, os sucessos da minha vida, como verteu Le Gros. S. Jerônimo em lugar de *sortes meæ*, as minhas sortes, *pôs tempora mea*, os meus tempos, ou prósperos, ou adversos. — **Pereira.**

17 Resplandeça a claridade do teu rosto sôbre o teu servo, salva-me segundo a tua misericórdia:

18 Senhor, não seja eu confundido, pois que te invoquei.

Envergonhem-se os ímpios, e sejam conduzidos ao inferno: (9)

19 Tornem-se mudos os lábios enganadores.

Que falam contra o Justo palavras de iniquidade, com soberba, e com desprezo.

20 Que grande é, Senhor, a abundância da tua doçura, que tens reservada para os que te temem!

Tu a deste completa àqueles que esperam em ti à vista dos filhos dos homens.

21 Tu os esconderás no secreto da tua face contra a turbção dos homens.

Tu os defenderás no teu tabernáculo da contradição das línguas.

22 Bendito o Senhor: Porque maravilhosamente tem usado comigo da sua misericórdia na cidade fortificada. (10)

23 Mas eu disse no transporte do meu ânimo: Lançado fui diante dos teus olhos. (11)

(9) **CONDUZIDOS AO INFERNO** — O hebreu lê assim: Sejam envergonhados os ímpios; emudeçam na sepultura; isto é: põem freio à sua maledicência exterminando os da terra. Aqui a palavra inferno com toda a propriedade se toma pelo lugar em que são atormentados os condenados ao eterno tormento; e estes mesmos padecem eterna confusão, e é uma profecia do que havia de suceder aos perseguidores do Justo por excelência. — P. Scio.

(10) **NA CIDADE FORTIFICADA** — Aquis, rei de Get, a quem procurou Davi para salvar a vida lhe deu a cidade de Siceleg, que ficou depois incorporada no reino de Judá. 1 Rs 27, 6. Pode-se também entender este verso da proteção de Deus que lhe servia de asilo fortíssimo. — Calmet.

(11) **NO TRANSPORTE DO MEU ANIMO** — A palavra he-

Portanto ouviste a voz da minha oração, quando a ti clamava.

24 Amai ao Senhor todos os que sois seus santos: Porque o Senhor perguntará pela verdade, e retribuirá abundantemente aos que obruam com soberba. (12)

25 Obrai varonilmente, e fortaleça-se o coração de todos vós os que esperais no Senhor.

SALMO 31

SALMO DEPRECATÓRIO E DIDÁTICO. AFETOS DE DAVI PENITENTE: PODENDO CHAMAR-SE TAMBÉM ESTE SALMO, COMO O CORAÇÃO DE DAVI. OS SANTOS PADRES COM O APÓSTOLO NOS FAZEM RECONHECER NÊLE A GRAÇA DA JUSTIFICAÇÃO COMO UM EFEITO SÓ DA DIVINA PROVIDÊNCIA.

De Davi, *Maskil*. (1)

braica significa propriamente na minha pressa, ou precipitação, ou que, quando eu precipitado e aturdido, e espavorido saí fugindo. O que pode convir a Davi, quando saiu de Jerusalém fugindo de seu filho Absalão. Porém a expressão dos Setenta é: “no rapto da minha mente, no meu êxtase, cuja palavra talvez desse motivo a intitular-se este salmo pelo êxtase; e S. Jerônimo trasladou: in stupore meo, que denota a aflição, e agonia em que se achava o profeta, a qual o obrigava como a queixar-se de que o Senhor o havia desamparado. — P. Scio.

(12) **E RETRIBUIRA ABUNDANTEMENTE** — Paga o Senhor conforme o merecimento dos que são soberbos fora de medida. Muitos saltérios antigos com Santo Agostinho uniram o advérbio *abundanter* com o *facientibus superblam*. — P. Scio.

(1) **MASKIL** — Termo hebraico que o Pe. Pereira, segundo a Vulgata, traduziu *De inteligência*. Esta palavra derivada do verbo *Shakal* significa o que entende, mas como substantivo significa *carmem*, cântico, Leopoldo, obr. cit. e designa o cântico destinado a instruir. É o segundo dos salmos penitenciais, e foi composto quando Davi obteve o perdão dos seus pecados. Tem sete estrofes.

1 Bem-aventurados aquêles cujas iniquidades são perdoadas: E cujos pecados são cobertos. (2)

2 Bem-aventurado o homem, a quem o Senhor não imputou pecado, e cujo espirito é isento de dolo. (3)

3 Porque calei, e envelhecera os meus ossos enquanto clamava todo o dia. (4)

4 Porque a tua mão se fez pesada sobre mim de dia e de noite: Eu me converti da minha miséria, enquanto se crava a espinha.

5 Eu te manifestei o meu pecado: E não oculte a minha injustiça.

Eu disse: Confessarei ao Senhor contra mim a mi-

1.^a (1-2) Escreve a felicidade do homem a quem foram perdoados os pecados. 2.^a (3-4) O estado moral do pecador antes de obter o perdão. 3.^a (5) Resolução de manifestar o seu pecado, confessando a sua culpa. 4.^a e 5.^a (6-7-8) A alegria que experimenta o que se concilia com Deus. 6.^a e 7.^a (9-10-11) Exortação para não resistir à graça, a fim de se participar da alegria dos justos.

(2) **E CUJOS PECADOS SÃO COBERTOS** — Assim Deus reveste ao homem da justiça, e inocência de Jesus Cristo, para não registrar nêlo o que moveria a sua justa ira a desampará-lo, e a apartá-lo de si inteiramente, Gal 3, 14. Apc 3, 18. Esta justiça porém de tal sorte cobre, que de todo apaga o pecado, e justifica a alma de maneira que fica feita amiga de Deus. Neste sentido cita o apóstolo este versículo. Rom 4, 7. — P. Scio.

(3) **E' ISENTO DE DOLO** — Isto é, de hipocrisia, ou malícia, e conversão dissimulada, que é incompatível com a verdadeira fé justificante. 1 Tim 1, 5. Assim como o sol dissipa as trevas, da mesma sorte a caridade apaga e destrói o pecado tão perfeitamente, que já não se imputa mais, como se nunca se houvesse cometido. — P. Scio.

(4) **PORQUE CALEI** — Porque não descarreguei a minha consciência com uma sincera confissão dos meus pecados a Deus, procurando por meio da oração o verdadeiro remédio da graça. Quanto a confissão dos pecados nos alivia dêles, tanto a sua reticência os agrava mais. *Quantum confessio peccata levat, tantum dissimulantia exaggrat.* Tertuliano no livro Da Penitência.

Salmo 31, 6-9

nha injustiça: E tu me perdoaste a impiedade do meu pecado. (5)

6 Por isso orará a ti todo o santo no tempo oportuno. (6)

Mas na inundação das muitas águas, a êle não se chegaram.

7 Tu és o meu refúgio na tribulação, que me cercou: Alegria minha, livra-me dos que me cercam.

8 Inteligência te darei, e instruir-te-ei neste caminho, em que hás-de andar: Fixarei sôbre ti os meus olhos.

9 Não queirais ser como o cavalo e o mulo, que não têm entendimento. (7)

Com o bocado e com a brida aperta as queixadas daquelles que não se chegam a ti. (8)

(5) **A IMPIEDADE DO MEU PECADO** — O que no pecado é mortal diante de ti, porque quanto ao resto, Deus ainda depois do perdão, reserva para si a correção paternal do pecador, e a cura da chaga, ou enfermidade da alma, com muitas calamidades e penas temporais, com as quais o mesmo Davi foi visitado. Sl 38, 2; 108, 24. — P. Scio.

(6) **POR ISSO ORARÁ A TI TODO O SANTO** — Aqui temos as preces dos justos em comunidade pelos enfermos. — Bossuet.

(7) **NÃO QUEIRAIS SER COMO O CAVALO** — Alguns que-rem, que continuando o Senhor a sua resposta, seja êste um aviso que faz aos pecadores, para que se não endureçam, e se obstinem no pecado. Outros são de parecer que é apóstrofe que faz Davi aos mesmos, exortando-os a que se aproveitem do seu exemplo, e não se entreguem à sua sensualidade, como animais indômitos, e sem razão. — P. Scio.

(8) **COM O BOCADO E COM A BRIDA** — O hebreu: "Com cabresto, e com freio se há de apertar a sua bôca, para que não se cheguem a ti, e te mordam, e façam danos". Assim como êstes instrumentos são os que domam a rebeldia dos brutos, assim as calamidades dêste mundo são os meios, de que Deus se costuma valer, para coibir a nossa. — Bossuet.

10 Muitos são os açoites para o pecador, mas o que espera no Senhor misericórdia o cercará.

11 Alegrai-vos no Senhor e regozijai-vos, ó justos, e gloriiai-vos no reto do coração.

SALMO 32

EXORTA DAVI AOS FIEIS A QUE LOUVEM O SENHOR, POR CAUSA DAS OBRAS DO SEU PODER, E DA FIDELIDADE DAS SUAS PROMESSAS, E DA PARTICULAR PROVIDÊNCIA COM QUE GOVERNA E ATENDE PELA SUA IGREJA: TENDO SEMPRE PRESENTE A RUÍNA, E EXTERMINIO DOS ÍMPIOS.

Salmo de Davi. (1)

1 Exultai, ó justos, no Senhor: Aos retos convém que o louvem. (2)

2 Louvai ao Senhor com a cítara: Cantai-lhe hinos a êle com o saltério de dez cordas.

3 Cantai-lhe a êle um novo cântico: Celebrai-o com concêrto de instrumentos e de vozes.

4 Porque a palavra do Senhor é reta, e a sua fidelidade resplandece em tôdas as suas obras.

5 Êle ama a misericórdia e a justiça: Da misericórdia do Senhor está cheia tôda a terra.

(1) **SALMO DE DAVI** — Este título não aparece no hebreu. Este Salmo foi composto quando Israel foi livre do jugo estrangeiro. O paralelismo sinonímico é mantido em todo o poema. Tem dez estrofes.

(2) **AOS RETOS CONVÉM QUE O LOUVEM** — No que não devem ter parte os hipócritas, e ímpios, que profanam o Nome de Deus, se estando longe d'êle o seu coração o pronunciam com a bôca. Vejam-se sobre isto o Sl 108, 7. Prov 28, 9. Zac 11, 5. — P. Scio.

Salmo 32, 6-13

6 Pela palavra do Senhor se firmaram os céus: E pelo Espírito da sua bôca tôda a sua virtude. (3)

7 Êle ajunta como em odre as águas do mar: Êle põe os abismos em tesouros.

8 Tôda a terra tema ao Senhor: E todos os que habitam o universo tremam dêle.

9 Porque êle disse, e foram feitas as coisas: Êle mandou e foram criadas.

10 O Senhor dissipa os projetos das nações: E reprova os intentos dos povos, e arruína os conselhos dos príncipes. (4)

11 Mas o conselho do Senhor permanece eternamente: Os pensamentos do seu coração de geração em geração.

12 Bem-aventurada a gente que tem ao Senhor por seu Deus: O povo, a quem escolheu em herança para si. (5)

13 Desde o céu olhou o Senhor e viu todos os filhos dos homens. (6)

(3) **PELA PALAVRA DO SENHOR** — Pela manifestação da sua vontade e eficaz Decreto: ou pela sua palavra subsistente, que é a Pessoa do Verbo, pelo Espírito da sua bôca, que é a terceira pessoa da Trindade, inseparável das duas, assim na essência, como nas operações. Gên 1, 2. 26, Jó 28, 4. Neste versículo se dá idéia das três Pessoas da Santíssima Trindade, pelas palavras; *Dominus, Verbum, et Spiritus*. — P. Scio.

(4) **E ARRUÍNA OS CONSELHOS DOS PRÍNCIPES** — Estas últimas palavras não se lêem no hebreu, lêem-se na versão dos Setenta. — Pereira.

(5) **O POVO A QUEM ESCOLHEU** — Isto conveio ao povo dos hebreus; porém com maior razão, e melhor título se apropriou aos cristãos, que é *genus electum, regale Sacerdotium, gens sancta*, 1 Pdr 2, 9. — P. Scio.

(6) **DESDE O CÉU** — O que explica a admirável Providência com que o Senhor atende a tôdas as coisas humanas, e as governa. — Pereira.

14 Desde a sua morada que tem preparada olhou
sôbre todos os que habitam a terra.

15 Ele é o que formou o coração de cada um dêles:
O que entende tôdas as suas obras. (7)

16 Não se salva o rei por grande exército: Nem o
gigante se salvará pela sua fôrça.

17 Enganoso o cavalo para a salvação: E em a sua
grande fôrça não se salvará. (8)

18 Eis-aquí os olhos do Senhor sôbre os que o temem:
E em aquêles que esperam sôbre a sua misericórdia.

19 Para livrar da morte as suas almas: E para os
sustentar na sua fome.

20 A nossa alma espera ao Senhor: Porque é nosso
favorecedor e protetor. (9)

21 Porque nêle se alegrará o nosso coração: E no
seu santo Nome temos esperado.

22 Faça-se, Senhor, sôbre nós a tua misericórdia:
Da maneira que em ti temos esperado. (10)

(7) **ELE E' O QUE FORMOU O CORAÇÃO** — Dêste texto deduzia S. Jerônimo que as nossas almas não propagadas umas das outras, as dos filhos das dos pais, mas criadas imediatamente por Deus cada uma de per si. — Pereira.

(8) **NÃO SE SALVARÁ** — Isto é, não se salvará a si, nem a quem o monta, nem a multidão, nem a fôrça da cavalaria poderá defender, ou pôr a salvo, e fora de todo o perigo ao que não tem a Deus em seu favor, nem conta com ele em tôdas as suas empressas. — P. Scio.

(9) **A NOSSA ALMA ESPERA AO SENHOR** — O sustinet da Vulgata no sentido de expectat, quer significar: que espera com paciência que o Senhor lhe assista, e o socorra. — P. Scio.

(10) **DA MANEIRA QUE EM TI TEMOS ESPERADO** — Daquí se colhe quão grande era a esperança de Davi, que por ela quer que o Senhor meça a sua misericórdia sôbre ele. — Teodoro.

SALMO 33

SALMO DIDACTICO. DAVI CONVIDA OS FIEIS A ENGRANDECER A MISERICORDIA DO SENHOR, QUE LIVRA AOS SEUS DE TODO O MAL. PÕE PATENTE OS BENS QUE SE ENCERRAM EM CONFIAR EM DEUS, E EM OBEDECER-LHE E PELO CONTRARIO, OS TERRIVEIS MALES COM QUE CASTIGA AOS IMPIOS.

1 Salmo de Davi, quando mudou o seu rosto diante de Aquimelec, que o despediu, e elle se foi. (1 Rs 21.) (1)

2 Bendirei o Senhor em todo o tempo: Seu louvor será sempre na minha bôca. (2)

3 No Senhor se gloriará a minha alma: Ouçam-no os humildes, e alegrem-se.

4 Engrandeci comigo ao Senhor: E exaltemos o seu nome todos à uma.

(1) **QUANDO MUDOU O SEU ROSTO** — Davi tendo escapado das ciladas de Saul, se refugiou, sem ser conhecido, na côrte de Aquis, rei geteu, onde havendo sido depois reconhecido, por salvar a sua vida, se fingiu demente, do que resultou lançarem-no logo fora dali. Depois retirando-se à cova de Odolão, nela compôs este Salmo, dando graças ao Senhor por havê-lo livrado daquelle perigo. 1 Rs 21, 13. Este Salmo é acróstico e alfabético, assim como o 24. Tem 22 dísticos.

DIANTE DE AQUIMELEC — Os modernos concordam que não era Aquimelec Sumo Pontífice, ao qual Davi pediu os pães da proposição: 1 Rs 21, 3, mas Aquimelec, rei de Get, cidade principal dos filisteus, ao qual a Escritura chama Aquis. Este nome de Aquimelec, que no hebreu e nos Setenta se lê Abimelec, era comum aos reis da Palestina, assim como o de Faraó o era aos do Egito. — Pereira.

(2) **EM TODO O TEMPO** — Seja ou de prosperidade, ou de adversidade. “Deus dá as consolações, diz Santo Agostinho, e Deus as tira; porém de si mesmo não priva aquêle que o bendiz, e que o louva”. — P. Scio.

5 Busquei ao Senhor, e me ouviu: E me livrou de tôdas as minhas tribulações. (3)

6 Chegai-vos a êle, e sereis iluminados: E vossos rostos não serão confundidos.

7 Êste pobre levantou o grito, e o Senhor o ouviu: E êle o salvou de tôdas as suas tribulações. (4)

8 O anjo do Senhor andarà à roda dos que o temem: E os livrarà.

9 Gostai, e vêde quão suave é o Senhor: Ditoso o homem, que espera nêle. (5)

10 Temei ao Senhor todos vós os seus Santos: Porque os que o temem, não caem em pobreza.

11 Os ricos necessitaram e tiveram fome: Mas os que buscam ao Senhor, não serão privados de bem algum.

12 Vinde, filhos, ouvi-me: Eu vos ensinarei o temor do Senhor.

13 Quem é o homem que quer a vida: E que deseja ver os dias bem-aventurados?

14 Guarda a tua língua do mal: E os teus lábios não falem engano.

(3) **BUSQUEI AO SENHOR E ME OUVIU** — Logo os que não são ouvidos não buscam ao Senhor. — Santo Agostinho.

(4) **LEVANTOU O GRITO** — Assim falava Davi de si mesmo; ou introduz aos fiéis ensinando-lhes o modo com que devem falar com Deus especialmente na oração. Depois dêste versículo devia haver outro, que principiasse pela letra *vau*, porém não sucede assim, mas salta ao *zuin*: o mesmo que notamos no Salmo 24, 6. — P. Scio.

(5) **GOSTAI, E VEDE QUÃO SUAVE É O SENHOR** — Muitos Padres com Santo Atanásio expõem êste versículo do gosto, e doçura que recebem os fiéis na comida, e bebida do corpo, e do sangue de Cristo na Eucaristia. "Como pode êste dar-nos a sua carne?" pergunta Santo Agostinho; e logo acrescenta o Santo "se o ignoras gusta, e experimenta quão suave é êste Senhor". — P. Scio.

Sálmo 33, 15-23; 34, 1

15 Desvia-te do mal, e fazes o bem: Busca a paz, e vai em seu seguimento.

16 Os olhos do Senhor estão sôbre os justos: E os ouvidos aos rogos dêles.

17 Mas o rosto do Senhor sôbre os que fazem o mal: Para apagar da terra a sua memória.

18 Os justos clamaram, e o Senhor os ouviu: E os salvou de tôdas as suas tribulações.

19 Perto está o Senhor daqueles que têm o coração atribulado: E aos humildes de espírito os salvará.

20 Muitas as tribulações dos justos, e de tôdas estas os livrará o Senhor. (6)

21 O Senhor guarda todos os seus ossos: E nem sequer um dêles se quebrará.

22 E' péssima a morte dos pecadores: E os que aborrecem o justo, perecerão. (7)

23 O Senhor remirá as almas dos seus servos: E todos os que esperam nêle não perecerão.

SALMO 34

DAVI PERSEGUIDO DE SEUS INIMIGOS, NÃO SE VINGA POR SI, MAS REMETE A SUA CAUSA À JUSTIÇA DE DEUS.

1 Do mesmo Davi. (1)

(6) **MUITAS AS TRIBULAÇÕES DOS JUSTOS** — O hebreu tem: "Muitos são os males", as aflições do Justo; o que, com o que se diz no versículo seguinte, se deve entender principalmente do Justo por excelência, que é Jesus Cristo; e de cada um de nós está escrito, que por meio de muitas tribulações é necessário entrar no reino dos Céus. At 14, 21. — P. Scio.

(7) **É PÉSSIMA A MORTE DOS PECADORES** — O hebreu lê: "Matará ao ímpio a maldade"; de tal sorte que a sua mesma malícia será cruel verdugo que o acaba. — Sacy.

(1) **DE DAVI** — Foi escrito no tempo da perseguição a

Julga, Senhor, aos que me fazem dano, expugna aos que me combatem.

2 Toma as tuas armas e o teu escudo: E levanta-te em meu socorro.

3 Tira da espada, e conclui contra aquêles que me perseguem: Dize à minha alma: Eu sou a tua salvação.

4 Sejam confundidos e envergonhados os que buscaram a minha alma.

Voltem atrás, e sejam confundidos os que meditam contra mim.

5 Sejam feitos como o pó ante a face do vento: E o Anjo do Senhor os coarcte.

6 Torne-se o seu caminho em trevas e escorregadio: E o Anjo do Senhor os persiga. (2)

7 Porquanto sem razão me esconderam o seu laço da morte: Sem causa encheram de opróbrios a minha alma.

8 Venha sôbre êle um laço que ignora: E a rêde que escondeu o prenda a êle: E caia no mesmo laço que êle armou.

9 Mas a minha alma regozijar-se-á no Senhor: E deleitar-se-á em seu Salvador.

10 Todos os meus ossos dirão: Senhor, quem é semelhante a ti?

Saul. Davi implora a assistência de Deus contra os seus inimigos. Tem doze estrofes.

(2) **TORNE-SE O SEU CAMINHO EM TREVAS** — Nas suas empresas, e obras não tenham luz alguma, nem guia de bom conselho, nem firmeza sôbre que possam subsistir. E acrescenta Santo Agostinho: as trevas são ignorância, e o escorregadio a impureza; "vaticina que lhes aconteceriam êstes males". Tudo isto pontualmente succede à infeliz nação, que com tanta perfídia condenou a morte Jesus Cristo. — P. Scio.

Salmo 34, 11-17

Que livras ao desvalido das mãos dos mais fortes que êle: Ao necessitado e ao pobre dos que o roubam.

11 Levantando-se testemunhos iníquos, coisas que não sabia me perguntavam.

12 Tornavam-me a mim males por bens: Esterilidade à minha alma.

13 Porém eu quando me eram molestos, me vestia de cilício.

Humilhava a minha alma com o jejum: E a minha oração dava voltas no meu seio. (3)

14 Como a próximo, e como a irmão nosso assim lhe comprazia: Como um que traz luto e está em tristeza assim me humilhava. (4)

15 E se alegraram e contra mim se ajuntaram: amontoaram-se sôbre mim açoites, e não o sabia. (5)

16 Foram dissipados, e não se arrependeram, tentaram-me, insultaram-me com escárnios: Rangeram sôbre mim os seus dentes.

17 Senhor, quando tornarás a olhar-me? resgata a minha alma da malignidade dêles, dos leões a única minha.

(3) **DAVA VOLTAS NO MEU SEIO** — Convertetur, por *convertebatur*, conforme se acha em alguns Saltérios antigos. Têrmo tomado da maneira de orar dos antigos, com a cabeça inclinada. Desta oração de Jesus Cristo fala altamente o Apóstolo. Ad Heb. 5. — P. Scio.

(4) **COMO A PRÓXIMO** — No texto hebreu lê-se: "Como por meu companheiro, como por meu irmão andava, como o que chora a sua mãe, enlutado me encurvava." — Calmet.

(5) **AMONTOARAM-SE SOBRE MIM AÇOITES** — A palavra hebraica se pode trasladar flagela e flagelantes. Diz também o hebreu: "E no meu coxear se alegraram", isto é: quando me viram derribado e caído. — P. Scio.

18 Glorificar-te-ei na Igreja grande, no meio do povo numeroso te louvarei. (6)

19 Não se regozijem sôbre mim os que me são contrários injustamente: Os que me aborrecem sem causa e acenam com os olhos. (7)

20 Porque na verdade me falavam com demonstrações de paz: Mas falando na comoção da terra, maquinavam enganos. (8)

21 E alargaram sôbre mim a sua bôca: E disseram: Bem, bem, tem visto os nossos olhos.

22 Tu o tens visto, Senhor, não cales: Senhor, não te apartes de mim.

23 Levanta-te e atende ao meu juízo: Deus meu, e Senhor meu, na minha causa.

24 Julga-me segundo a tua justiça, Senhor Deus meu, e não se alegrem sôbre mim.

25 Não digam em seus corações: Ainda bem, ainda bem, para nossa alma: Nem digam: Nós o temos devorado.

26 Fiquem envergonhados, e confundidos todos juntos, os que se congratulam dos meus males.

(6) **NO MEIO DO POVO NUMEROSO** — O hebreu tem: “Entre um povo forte, etc.” — P. Scio.

(7) **E ACENAM COM OS OLHOS** — O que pode entender-se de vários modos: ou manifestando no semblante o que não tem no coração, como explica Santo Agostinho, ou para zombarem de mim, acenando com os olhos, como maquinando-me a morte, ou outro mal, e comprazendo-se nisso mesmo com os movimentos e trejeitos dos olhos. — P. Scio.

(8) **NA COMOÇÃO DA TERRA** — Esta expressão, que representa a terra como enfurecida, convém ao estado, em que se achavam os inimigos de Jesus Cristo, desde que se ajuntaram em Jerusalém para lhe dar a morte, caluniando-o como a “perturbador público”, — Pereira.

Salmo 34, 27-28; 35, 1-3

Vestidos sejam de confusão e de vergonha os que falam com orgulho sobre mim.

27 Regozijem-se e alegrem-se os que querem a minha justiça: E digam sempre: Engrandecido seja o Senhor, os que querem a paz do seu servo.

28 A minha língua publicará a tua justiça, todo o dia o teu louvor. (9)

SALMO 35

SALMO DIDÁTICO. A PROFUNDA MALÍCIA DOS ÍMPIOS: OS PROFUNDOS JUÍZOS DE DEUS SOBRE OS MAUS, E A SUA GRANDE MISERICÓRDIA PARA COM OS BONS.

1 Ao regente do côro, do mesmo Davi servo do Senhor. (1)

2 Disse o injusto entre si mesmo, que êle delinqüiria: Não há temor de Deus ante seus olhos.

3 Porque êle obrou dolosamente na sua presença: De sorte que a sua iniquidade o fêz objeto do ódio. (2)

(9) **PUBLICARÁ, ETC.** — A leira: Meditará; se exercitará em louvor e exaltará a tua justiça. E se entende de Cristo quando ressuscitado falou com os seus Apóstolos "do reino de Deus". At 1, 3 — P. Scio.

(1) O objeto dêste Salmo é descrever a perversidade dos incrédulos, e mostrar a Infinita Misericórdia de Deus, que por tantos modos o chama para o caminho da verdade e salvação. Tem três estrofes. A 1.^a (2-5) é o retrato do ímpio, na 2.^a (6-9) exalta a bondade de Deus, a 3.^a (10-13) é uma súplica para obter a graça de permanecer fiel no serviço do Senhor e evitar assim a desgraça do mau.

(2) **DE SORTE QUE A SUA INIQUIDADE O FEZ OBJETO DO ÓDIO** — Objeto do ódio de Deus, que especialmente aborrece aos pecados que se cometem, não por ignorância ou fragilidade, mas com um ânimo deliberado e por mera malícia, como os do ímpio, de que fala o verso antecedente. — Bossuet,

4 As palavras da sua bôca são iniquidade e engano: Não quis instruir-se para fazer o bem.

5 Meditou a iniquidade na sua cama: Deixou-se estar em todos os caminhos que não eram bons, e não aborreceu a malícia.

6 Senhor, a tua misericórdia está no céu e a tua verdade até às nuvens.

7 A tua justiça é como os montes de Deus: Os teus juízos são um abismo profundo. (3)

Tu, Senhor, salvarás os homens, e as béstas:

8 Segundo tens multiplicado a tua misericórdia, ó Deus. (4)

Mas os filhos dos homens esperarão à sombra das tuas asas.

9 Embriagar-se-ão da abundância da tua casa: E os farás beber na torrente das tuas delícias.

(3) OS MONTES DE DEUS — Isto é: Os montes os mais altos. Na Escritura é freqüente este epíteto, quando quer significar alguma coisa grande ou extraordinária, como já em outras notas advertimos. — Pereira.

TU, SENHOR, SALVARAS OS HOMENS E AS BÊSTAS — Quer dizer: A tua providência se estende aos homens e às béstas, e isto em utilidade dos homens, a quem elas servem. No sentido alegórico significa que Deus é o Salvador não só do homem justo, mas também do sensual, que é comparável a uma bêsta, e dos pecadores, contanto que se convertam à penitência. E também se pode isto aplicar aos filhos de Israel, que vivem como homens e como racionais, e aos gentios, que, entregues aos seus apetites, vivem sem razão e como béstas, e de todos o Senhor é Salvador. — P. Scio.

(4) SEGUNDO TENS MULTIPLICADO — Neste tom de admiração e de exclamação é que o hebreu exprime o que na Vulgata se diz com menos energia: *Quemadmodum multiplicasti misericordiam tuam, Deus.* — Pereira.

Salmo 35, 10-13; 36, 1

10 Porque em ti está a fonte da vida: E no teu lume veremos o lume. (5)

11 Estende antes a tua misericórdia sobre os que te conhecem, e a tua justiça sobre aquêles que têm o coração reto.

12 Não venha sobre mim pé de soberba: E mão de pecador não me comova. (6)

13 Ali caíram os que obram a iniquidade: Foram empurrados, e não se puderam levantar. (7)

SALMO 36

SALMO DIDÁTICO. OS QUE ESTÃO DEBAIXO DA PROTEÇÃO DE DEUS, NÃO DEVEM INVEJAR A FELICIDADE DOS ÍMPIOS.

1 Salmo do mesmo Davi. (1)

Não queiras imitar aos malignos: Nem invejes aos que obram iniquidade.

(5) **E NO TEU LUME VEREMOS O LUME** — Os teólogos explicam assim: E pelo lume da glória que tu produzirás nos espíritos bem-aventurados, veremos nós o lume incriado, que és tu. Alguns Padres, depois de Orígenes, lêem assim: E no teu Verbo, que é um lume do lume, te veremos nós a ti, que és o pai dos lumes.

(6) **NÃO VENHA SOBRE MIM PÉ DE SOBERBA** — Não me torne a meter debaixo dos pés o soberbo Saul. — Calmet.

(7) **ALI CAÍRAM, ETC.** — Ali, isto é, naquele miserável estado, naquela extrema infelicidade, em que elles me queriam precipitar, nessa caíram elles. E' o que succedeu ao perversíssimo Saul, quando desesperado disse ao seu escudeiro: Sta super me, et interfice me. "Chega-te a mim e mata-me." — Bossuet.

(1) **SALMO DO MESMO DAVI** — Querem alguns que Davi compusesse este salmo no tempo da guerra de Absalão, para alentar e animar aos que seguiam o seu partido. Outros expositores têm para si que elle é dirigido particularmente aos desgraçados

2 Porque êles como feno se secaram velozmente:
E como verduras de ervas logo se murcharam.

3 Espera no Senhor e faz obras boas: E habita na terra, e te sustentarás com as riquezas dela. (2)

4 Deleita-te no Senhor: E te outorgará as petições do teu coração.

5 Descobre ao Senhor o teu caminho, e espera nêle; e êle fará. (3)

6 E fará brilhar como lume a tua justiça: e o teu juízo como o meio-dia: (4)

7 Está obediente ao Senhor, e roga-lhe.

Não queirais invejar ao que tem prosperidade no seu caminho: Ao homem que faz injustiça.

prisioneiros da Babilônia, porque nêle se fala frequentemente da herança e da posse da terra feliz, o que no sentido literal diz respeito à cidade de Jerusalém. Davi se anima e se fortifica a si mesmo e aos demais contra o escândalo que causa ordinariamente a prosperidade dos maus no espírito dos que não vivem senão de uma verdadeira fé. O salmo é alfabético ou acróstico, e cada dois versículos correspondem a cada uma das letras do alfabeto hebraico. Tertuliano chama-lhe *Providentia speculum*, e S. Isidoro *Votio contra murmur*. Tem vinte e duas estrofes.

(2) **E HABITA NA TERRA** — Estas palavras repetidas tantas vezes neste salmo, deram motivo a que Calmet julgasse que êle dizia respeito ao povo judaico, cativo em Babilônia, a quem então nada consolava tanto como a esperança de tornar para a Palestina. Porém os Santos Padres entendem êste “habitar a terra” no sentido figurado, por habitar a morada dos bem-aventurados, a qual o mesmo Profeta-Rei chama noutra parte a região dos vivos. Salmo 26, 23. — *Pereira*.

(3) **DESCOBRE AO SENHOR O TEU CAMINHO** — O hebreu diz: Volta sôbre o Senhor o teu caminho. Isto é, acode à oração para pôr nas suas mãos todos os teus negócios, ações e pensamentos. Sl 54, 23. — *P. Scio*.

(4) **E FÁRA BRILHAR COMO LUME** — Fazendo-a triunfar de tôdas as calamidades, e dando claras demonstrações de que a aprova e ama, — *Pereira*.

Salmo 36, 8-16

8 Guarda-te da ira, e deixa o furor: Não te mova a emulação para te fazeres mau.

9 Porque os que fazem maldade, serão exterminados: Mas os que esperam o Senhor, êles herdarão a terra. (5)

10 E ainda um pouco, e não existirá o pecador: E buscarás o lugar dêle e não o acharás. (6)

11 Mas os mansos herdarão a terra, e deleitar-se-ão em abundância de paz.

12 O pecador espreitará ao justo: E rangerá com os dentes contra êle.

13 Mas o Senhor zombará dêle: Porque vê que há de chegar o seu dia. (7)

14 Os pecadores desembainharam a espada: Estenderam o seu arco.

Para arruinarem o pobre e o indigente: Para assassina-rem os retos do coração.

15 A espada dêles traspasse o seu coração: E o arco dêles seja quebrado.

16 Mais vale o pouco a um justo, que as muitas riquezas aos pecadores.

(5) **HERDARÃO A TERRA** — Isto é: Viverão na terra e gozarão os seus bens, e depois serão trasladados, àquele que com tôda a propriedade se chama terra dos viventes: Aquêles onde reina a eternidade. — Santo Agostinho.

(6) **E BUSCARÁS O LUGAR DELE E NÃO O ACHARÁS** — Não achará ao pecador naquele lugar, ou estado em que antes o havias visto. A letra *vau*, que representa um cajado de pastor, e que está omitida nos dois salmos acrósticos que precedem, se acha aqui não só na inicial do primeiro dêstes dois versículos, senão que estando êle composto de três hemístiquos, se lê repetida no princípio de cada um dêles, e por conseguinte três vêzes. — P. Scio.

(7) **O SEU DIA** — O seu dia último, o seu dia do juízo, o dia da sua perdição. — Pereira.

17 Porque os braços dos pecadores serão quebrados: Aos justos porém fortalece-os o Senhor.

18 O Senhor conhece os dias dos que são imaculados: A herança dêles será eterna.

19 Eles não serão confundidos no tempo mau, e serão fartos nos dias da fome:

20 Porque os pecadores perecerão.

Mas os inimigos do Senhor tanto que tiverem sido honrados e exaltados, faltarão, e se desvanecerão como o fumo.

21 O pecador pedirá emprestado, e não pagará: O justo porém tem compaixão e dará.

22 Porque os que o bendizem herdarão a terra: mas os que o maldizem perecerão.

23 Os passos do homem serão dirigidos pelo Senhor: E o seu caminho será aprovado por êle.

24 Quando cair, não se ferirá: Porque o Senhor lhe põe a mão por baixo.

25 Mancebo fui, e já sou velho: E não vi o justo desamparado, nem a sua descendência mendigando pão.

26 Todo o dia exercita a misericórdia, e dá emprestado: E a sua descendência será abençoada.

27 Desvia-te do mal, e faze o bem: E terás uma morada eterna.

28 Porque o Senhor ama a equidade, e não desampará os seus santos: Serão eternamente conservados.

Os injustos serão punidos: E a descendência dos ímpios perecerá.

29 Mas os justos herdarão a terra: E morarão sobre ela por todos os séculos.

30 A bôca do justo meditará sabedoria, e a sua língua falará prudência. (8)

31 A lei do seu Deus está no seu coração: E não se armará ardil enganoso aos seus passos.

32 Espreitará o pecador ao justo: E procura como há de dar-lhe a morte.

33 Mas o Senhor não o deixará nas suas mãos: Nem o condenará quando fôr d'ele julgado. (9)

34 Espera no Senhor, e guarda o seu caminho: E te exaltará para que tomes em herança a terra: Quando perecerem os pecadores então verás.

35 Vi ao ímpio sumamente exaltado, e elevado como os cedros do Líbano. (10)

36 E passei, e eis-que não era: E o busquei, e não foi achado o lugar d'ele. (11)

37 Guarda a inocência, e atende à equidade: Porque há resíduos para o homem pacífico.

38 Mas os injustos perecerão igualmente: As relíquias dos ímpios serão destruídas.

não fala senão depois de ter meditado as coisas dentro de si mesmo, e de havê-las consultado, e cotejado com a lei de Deus; e por isso as suas palavras saem do coração cheias de sabedoria, e de prudência. — P. Scio.

(9) **QUANDO FÔR DELE JULGADO** — D'ele pecador: se bem que este pronome falta no hebreu. — Bossuet.

(10) **VI AO ÍMPIO SUMAMENTE EXALTADO** — Isto diz o real profeta porque viu o fim de Saul, o fim de Absalão, o fim de Naas amonita, o fim de Goliath filisteu, o fim de Doeg idumeu. — Teodoreto.

(11) **E PASSEI** — E' clássica a tradução d'este e do versículo anterior, feita pelo célebre Racine, na Ester, at. V.

"J'ai vu l'impie adoré sur la terre.

Pareil au cedre, il cachait dans les cieux

Son front audacieux

il semblait à son gré gouverner le tonnerre

Foulait aux pieds ses ennemis vaincus

Je n'ai fait que passer, il était cja plus",

39 Mas a salvação dos justos vem do Senhor: E
êle é o seu protetor no tempo da aflição.

40 E o Senhor os ajudará, e os livrará: E os tirará
da mão dos pecadores, e os salvará: Porque esperaram
nêle.

SALMO 37

SALMO DEPRECATORIO. DAVI TEMENDO A IRA DE DEUS, A
QUEM IRRITOU PELOS SEUS CRIMES, DESCREVE O ES-
TADO DE HUMILHAÇÃO E PENITÊNCIA EM QUE SE ACHA-
VA, PELO DESAMPARO DOS SEUS AMIGOS E SUBLEVAÇÃO
DOS SEUS VASSALOS. CONFESSA-SE PECADOR, E RE-
CORRE À DIVINA MISERICÓRDIA.

1 Salmo de Davi, em memória do sábadô. (1)

2 Senhor, não me repreendas no teu furor, nem me
castigues na tua ira.

3 Porque as tuas setas se me cravaram: E assen-
taste sôbre mim a tua mão.

(1) **SALMO DE DAVI** — Este salmo, que é um dos peni-
tenciais, julgam alguns que fôra composto por Davi na revolta de
Absalão, e manifesta perfídia dos seus, no que reconhece a divina
vingança. Assim Bossuet. Outros, a quem Calmet segue, supõem
composto este salmo numa doença que padeceu depois do adul-
tério com Betsabée. Os Santos Padres reconhecem aqui debaixo da
figura de Davi a Jesus Cristo, reduzido ao estado de maior aflição
pelas culpas dos homens. — Pereira.

EM MEMÓRIA DO SABADO — A Vulgata diz, in rememora-
tionem de sabbato. O hebreu simplesmente, ad commemorandum,
para memória, sem nomear sábadô. Por onde atendido o hebreu,
se pode traduzir assim este título: "Salmo de Davi, para servir de
monumento." Atendendo à Vulgata, o traduziu Calmet assim: "Sal-
mo memorável de Davi para o dia de sábadô." E que respeito diga
este salmo ao sábadô, ou que sábadô seja este, é ponto em que
ainda se não conformaram os Padres, e expositores. E assim seja
este um dos títulos sumamente escuros, que se acham no saltério.
Tem onze estrofes.

Salmo 37, 4-12

4 Não há parte sã na minha carne na face da tua ira: Não há paz nos meus ossos à vista dos meus pecados.

5 Porque as minhas iniquidades se elevaram por cima da minha cabeça: E como carga pesada se agravaram sobre mim. (2)

6 Apodreceram e corromperam-se as minhas cicatrizes, à vista da minha estultícia.

7 Eu me tornei miserável, e todo encurvado: Todo o dia andava oprimido de tristeza.

8 Porque os meus lombos estão cheios de ilusões: E não há parte alguma sã na minha carne.

9 Estou aflito, e grandemente abatido: Rugia pela força do gemido do meu coração.

10 Senhor, diante de ti está todo o meu desejo: E o meu gemido te não é oculto.

11 O meu coração está conturbado, a minha força me desamparou: E ainda o mesmo lume dos meus olhos não está já comigo. (3)

12 Os meus amigos, e os meus propínquos se chegaram, e se puseram contra mim. (4)

(2) **SE ELEVARAM POR CIMA DA MINHA CABEÇA** — Isto é, me inundam até mais acima da minha cabeça. Sl 41, 8. Ou também excedem o número dos cabelos da minha cabeça. Sl 39, 13. — P. Scio.

SE AGRAVARAM SOBRE MIM — Isto é, sobre as minhas forças. — Pereira.

(3) **O MEU CORAÇÃO ESTÁ CONTURBADO** — O hebreu diz com maior valentia: "O meu coração está palpitando," isto é, palpitando de pavor. — Bossuet.

(4) **OS MEUS AMIGOS** — Estes versos e os que se seguem, pôsto que convenham a Davi, contudo confrontando-se com a história da Paixão do Senhor, escrita pelos Evangelistas, se vê claramente, que mais convém a Jesus Cristo, a quem os Santos Padres os applicam. — P. Scio.

E os que estavam perto de mim, se puseram de longe:

13 E faziam seus esforços os que buscavam a minha alma.

E os que me procuravam males, falaram coisas vãs:
E todo o dia maquinavam enganos.

14 Mas eu como um surdo não ouvia: E como um mudo que não abre a sua boca.

15 E tornei-me como homem que não ouve; e que não tem na sua boca palavras com que se defenda.

16 Porque em ti, Senhor, esperei: Tu me ouvirás, Senhor Deus meu.

17 Porque disse: Nunca triunfem de mim meus inimigos: E enquanto meus pés estão vacilantes, falaram com orgulho contra mim.

18 Porque aparelhado estou para os açoites: E a minha dor está sempre diante de mim.

19 Porque eu publicarei a minha iniquidade: E meditarei sobre o meu pecado.

20 Mas os meus inimigos vivem, e se têm fortificado sobre mim: E se têm multiplicado os que me aborrecem injustamente.

21 Os que tornam males por bens, murmuravam de mim, porque eu seguia o que era bom.

22 Não me desampares, Senhor Deus meu: Não te apartes de mim.

23 Acode prontamente em meu socorro, Senhor Deus da minha salvação.

SALMO DIDÁTICO. DAVI PREFERE SOFRER EM SILÊNCIO OS MALES COM QUE O SENHOR O AFLIGE, E NÃO RESPONDER AOS INSULTOS DOS SEUS INIMIGOS, CONTENTANDO-SE COM EXPOR AO SENHOR OS SEUS TRISTES GEMIDOS. PÕE EM DEUS A SUA ESPERANÇA, E LHE PEDE O LIVRE DA TRIBULAÇÃO QUE PADECE.

1 Ao regente do côro, a Iditum, Cântico de Davi. (1)

2 Disse: Guardarei os meus caminhos: Para não delinquir com a minha língua. (2)

Pus guarda à minha bôca, quando o pecador estava em frente contra mim.

3 Emudeci, e me humilhei, e nem ainda falei de coisas boas: E a minha dor se renovou. (3)

(1) **IDITUM** — Este título indica que este Salmo é dirigido a Iditum, nome próprio dum dos três chefes do côro do tempo de Davi. Este Salmo foi naturalmente composto depois da revolta de Absalão. Tem quatro estrofes. A primeira descreve o abatimento em que se encontra Davi, aspirando debalde ao repouso, e prestes a cair na impaciência; na segunda expõe as suas queixas; na terceira e quarta Davi confia em Deus, e pede perdão de seus pecados. A idéia dominante em todo este Salmo é o sentimento maior das coisas do mundo.

(2) **GUARDAREI OS MEUS CAMINHOS** — Isto é: Velarei e terei cuidado sobre tôdas as minhas ações, e palavras, para não cair em culpa alguma.

QUANDO O PECADOR ESTAVA — Quando Semei me saiu ao caminho para praguejar-me, e me ultraja. 2 Rs 16, 5.6. — Pereira.

(3) **E NEM AINDA FALEI** — Isto é, não proferi o que me era lícito dizer em defesa da minha inocência, queixando-me ao meu Deus, e implorando a sua justiça. Contive-me de dizer tudo o que pudera com toda a justiça, por me não expor a dizer mais do que convinha, no movimento e calor da ira: e a violência com que me reprimi, para afogar o natural ressentimento, serviu para que se aumentasse, e fôsse mais viva a minha dor. — P. Scio.

4 O meu coração se escandeceu dentro de mim: E na minha meditação se incenderá fogo.

5 Falei com a minha língua: Faze-me conhecer, Senhor, o meu fim.

E o número dos meus dias qual é: Para que eu saiba o que me resta.

6 Eis-aqui puseste os meus dias em medida: E a minha subsistência é como nada diante de ti.

• Todavia é pura vaidade todo o homem que vive.

7 Pois certamente o homem passa como em sombra: E assim em vão se conturba.

Entesoura, e não sabe para quem ajunta aquelas coisas.

8 E agora qual é a minha esperança? porventura não é o Senhor? pois em ti está a minha subsistência. (4)

9 Livra-me de tôdas as minhas iniquidades: Tu me fizeste um objeto de opróbrio para o insensato.

10 Emudeci, e não abri a minha boca, porque tu o fizeste:

11 Aparta de mim os teus flagelos.

12 Debaixo da força da tua mão eu desfaleci quando me repreendeste: Tu por causa da iniquidade castigaste ao homem.

E fizeste que a sua alma se consumisse como aranha: Certamente em vão se conturba todo o homem.

13 Ouve, Senhor, a minha oração e a minha súplica: Recebe em teus ouvidos as minhas lágrimas.

(4) **E AGORA QUAL É A MINHA ESPERANÇA?** — O hebreu tem: "E agora que esperança, Senhor? A minha esperança em ti está." Mas ainda que sei muito bem que a morte põe fim a meus males; isto não obstante não está aqui a minha verdadeira consolação, senão na tua graça e salvação. *In ipso vivimus, movemur, et sumus.* At 17. — P. Scio.

Salmo 38, 14; 39, 1-3

Não te cales: Porque adventício sou adiante de ti, e peregrino como todos os meus pais.

14 Deixa que tome algum alento, antes que me vá, e não exista mais. (5)

SALMO 39

SALMO PROFÉTICO. A LEMBRANÇA DE O TER DEUS LIVRADO DOS MALES PASSADOS, CONDUZ A DAVI A ESPERAR QUE ELE O LIVRARA TAMBÉM DOS PRESENTES. ENTRETANTO PREDIZ O SACRIFÍCIO DE CRISTO, EM LUGAR DAS ANTIGAS VÍTIMAS.

1 Ao regente do côro, salmo de Davi. (1)

2 Aguardei com expectação ao Senhor, e me atendeu.

3 E ouviu os meus rogos: E me tirou de um lago de miséria, e de um lôdo imundo.

(5) **DEIXA QUE TOME ALGUM ALENTO** — Levanta a mão, e modera já o teu rigor, e a violência da minha aflição, para que possa acabar em paz, e com uma ditosa morte a carreira da minha vida.

(1) **SALMO DE DAVI** — Salmo profético, composto nos últimos tempos da perseguição de Saul. S. Paulo, Epístola aos hebreus 10, 5-10, aplica a Jesus Cristo as palavras deste Salmo, opinião depois sustentada por Santo Agostinho, e que é a mais geralmente seguida pelos Santos Padres e mais abalizados exegetas. A construção deste Salmo é irregular, tem mais o caráter duma oração do que o duma composição lírica. Tem sete estrofes. Na primeira (2 a 4) Davi agradece ao Senhor tê-lo livrado de perigo. Na segunda (5 e 6) Declara feliz o homem que confia em Deus, cujas maravilhas são inumeráveis. Na terceira (7 a 9) Como agradecer a Deus tantos benefícios? Por sacrifícios? Não, pela obediência. Na quarta (10 e 11) Manifesta o salmista a bondade do Senhor. Na quinta (12 e 13) Precisando de novas graças pede perdão dos seus pecados. Na sexta (14 a 16) O triunfo sobre os seus inimigos. Na sétima (17 e 18) A alegria e a salvação para os bons.

E pôs os meus pés sôbre pedra: E dirigiu os meus passos. (2)

4 E pôs um novo cântico na minha bôca, canção ao nosso Deus.

Muitos o verão e temerão: E esperarão no Senhor.

5 Bem-aventurado o varão cuja esperança é o nome do Senhor: E não voltou os olhos para as vaidades e necedades enganosas. (3)

6 Senhor Deus meu, tu tens feito muitas obras maravilhosas: E não há quem te seja semelhante nos teus conselhos.

Eu os anunciei e falei: Tem-se multiplicado inumeravelmente. (4)

7 Sacrifício e oferta não quiseste: deste-me ouvidos perfeitos. (5)

(2) **E PÔS OS MEUS PÉS SOBRE PEDRA** — Enquanto a Cristo se verificou tudo na sua gloriosa Ressurreição. Se se fala de Cristo como Cabeça do Corpo Místico que compreende a todos os fiéis, é fácil conhecer que Cristo nos tirou do lago da condenação, e que nos estabeleceu sôbre si mesmo como firme pedra, pela qual conduzirá os nossos passos pelo caminho dos seus Santos Mandamentos. — P. Scio.

(3) **E NÃO VOLTOU OS OLHOS PARA AS VAIDADES** — O hebreu tem: "E não olhou para os soberbos, nem para os que declinam para a mentira": e não fundam as suas esperanças e empressas sôbre os reis e príncipes do mundo. Sl 61, 10; 117, 8; 145, 3, nem sôbre algum meo, ou socorro de profanos e idólatras. Foi efeito da Paixão do Senhor o livrar o mundo da idolatria. — P. Scio.

(4) **TEM-SE MULTIPLICADO** — O intérprete Latino disse multiplicati atendendo à voz grega que é masculina: do mesmo modo que na Sab 1, 7, se diz também: Spiritus Domini replevit orbem terrarum et hoc, quod continet omnia scientiam habet voeis: onde hoc e continet omnia se referem à voz grega pneuma (Spiritus) do gênero neutro. — P. Scio.

(5) **OUVIDOS PERFEITOS** — O que está no original é —

E holocaustos pelo pecado não pediste (6)

8 Então disse: Eis-aqui venho.

Na cabeceira do livro está escrito de mim. (7)

9 Para fazer a tua vontade: Deus meu, eu o quis, e no íntimo do meu coração desejei se cumprisse tua lei.

10 Anunciei a tua justiça na Igreja grande, eis-aqui não demorarei os meus lábios: Senhor, tu o sabes. (8)

11 Não escondi a tua justiça no meu coração: Mostrei a tua verdade e o teu Salvador. (9)

“Vós me feristes os ouvidos”. A Vulgata traduziu: *Aures perfecisti mihi*, correspondendo este *perfecisti* a *perforasti*, o que comenta Mariana desta sorte: *Aures fecisti cavas, ut te audirem, et tibi obediens forem*. Perfuraram-se os ouvidos para melhor ouvir e melhor obedecer. Além disto os ouvidos furados indicam a sujeição, pois que era esse o sinal dos escravos. Note-se que S. Paulo, seguindo os Setenta, verteu: “Mas tu me acomodaste um corpo”, o que tudo, no entender de Calmet, se refere a Jesus Cristo, que, assumindo a natureza humana, tomou um corpo e um rosto para ser obediente, *factus est obediens*, até à morte e morte de Cruz. *Usque ad mortem, mortem autem crucis*.

(6) **NÃO PEDISTE** — Subentende-se a mim, para expiar os pecados dos eleitos, *ad expiandum peccata electorum*.

(7) **NA CABECEIRA DO LIVRO** — O que é principal em qualquer livro, isto se diz que vem na cabeceira dele. Ora o decreto, pelo qual Deus determinou entregar seu Filho à morte, e a aceitação deste Decreto pelo Filho para redenção dos homens, não há dúvida que é o primário objeto de toda a Escritura do Testamento Velho. Nesta suposição não discrepa o sentido da Vulgata, *In capite libri*, do sentido do hebreu, *In volumine libri*. E ou se traduza in *capite libri*, na cabeceira do livro, como fez Sacy, cingindo-se à Vulgata, ou in *capite libri*, em todo o livro, como fez de Carrières, cingindo-se ao hebreu: sempre ambos os sentidos coincidem num mesmo sentido, quanto à substância da coisa. — *Pereira*.

(8) **NA IGREJA GRANDE** — Assim chama ao povo dos judeus; porém atende principalmente à vocação dos gentios, denotando aquela Igreja, em que estão reunidas todas as nações, e é por excelência grande. — *P. Scio*.

(9) **NÃO ESCONDI** — Nem por temor dos meus inimigos.

Não escondi a tua misericórdia, e a tua verdade a uma congregação numerosa.

12 Mas tu, Senhor, não alongues de mim as tuas misericórdias: A tua misericórdia e a tua verdade sempre me ampararam.

13 Porquanto me cercaram males, que não têm número: Senhorearam-me as minhas iniquidades, e eu não pude vê-las. (10)

Multiplicaram-se mais do que os cabelos da minha cabeça: E o meu coração me desamparou. (11)

14 Seja do teu agrado, Senhor, o livres-me: Senhor, volta os olhos para me socorreres.

15 Sejam confundidos e envergonhados a um tempo aquêles que buscam a minha vida, para tirar-ma.

Voltem atrás, e fiquem confundidos os que me desejam males.

16 Sofram incontinenti a sua confusão, os que me dizem: Bem, bem. (12)

17 Regozijem-se e alegrem-se sobre ti todos os que te buscam: Os que amam teu Salvador, digam sempre: Engrandecido seja o Senhor. (13)

nem por omissão, e descuido no meu ministério, o missão, me fiz conhecer por aquêles Salvador, mandado na tua misericórdia para dar vida e salvação a todos os homens. — P. Scio.

(10) **AS MINHAS INIQUIDADES** — Que fiz minhas, tomando sobre mim as de todos os homens, para satisfazer por elas. Is 53, 4, *Peccata nostra portavit*. — P. Scio.

(11) **O MEU CORAÇÃO, ETC.** — A sua vista, e consideração. Assim o experimentou o mesmo Senhor, quando as considerou no Horto de Getsemani.

(12) **BEM, BEM** — E' uma interjeição de insultar, e de escarnecer, que S. Jerônimo trasladou *vah, vah*, como se lê no Evangelho. Mt 27, 40. Mc 15, 29. — P. Scio.

(13) **OS QUE AMAM TEU SALVADOR** — Quer dizer o Salvador que tu nos enviarás. — P. Scio.

18 Mas eu sou mendigo, e pobre: O Senhor está cuidadoso de mim. (14)

Favorecedor meu, e protetor meu és tu: Deus meu, não tardes. (15)

SALMO 40

SALMO DEPRECATÓRIO E PROFÉTICO. DAVI FUGINDO DE ABSALÃO, FOI ASSISTIDO DO VELHO BERZELAI, E DE OUTROS (2 RS 17, 27.). MOVIDO DA CARIDADE, E LIBERALIDADE DESTES, APREGOA BEM-AVENTURADOS AOS QUE SE COMPADECEM DO POBRE, E NECESSITADO. PASSA DEPOIS A QUEIXAR-SE DAS SUAS CALAMIDADES. E DA PERFDIA, QUE OS SEUS USAVAM COM ELE, E PÕE EM DEUS TODA A SUA ESPERANÇA.

1 Ao regente do côro, salmo do mesmo Davi. (1)

2 Bem-aventurado o que cuida sobre o necessitado, e o pobre: O Senhor o livrará no dia mau.

3 O Senhor o guarde, e lhe dê vida, e o faça bem-aventurado na terra: E não o entregue ao poder de seus inimigos.

4 O Senhor lhe dê auxílio sobre o leito da sua dor: Tôda a sua cama revolveste na sua enfermidade. (2)

(14) **MAS EU SOU MENDIGO E POBRE** — Torna a pôr presente o estado de tôda a sua vida mortal, e particularmente o que teve no tempo da sua Paixão. — P. Scio.

(15) **NÃO TARDES** — Assiste-me logo ressuscitando-me sem tardança a uma vida imortal, e gloriosa. — P. Scio.

(1) Este salmo foi composto durante a revolta de Absalão. Todos os intérpretes entendem que este Salmo é alusivo a Jesus Cristo. Tem quatro estrofes. Primeira (2-4). E' feliz o bentazejo, Deus não o abandonará. Segunda e Terceira (5-10). Os inimigos de Davi desejam a sua morte, e os amigos também o traem. Quarta (11-13). Davi pede a Deus que o salve.

(2) **TÔDA A SUA CAMA REVOLVESTE** — Alguns pela palavra revolveste entendem afofaste; é uma apóstrofe a Deus, ser-

5 Eu disse: Senhor, compadece-te de mim: Sara a minha alma, porque pequei contra ti.

6 Os meus inimigos falaram contra mim dizendo: Quando morrerá, e perecerá o seu nome?

7 E se algum entrava a ver-me, falava coisas vãs: O seu coração recolheu em si iniquidade. (3)

Ele saía fora, e falava sobre isso mesmo.

8 Contra mim murmuravam todos os meus inimigos: Contra mim urdiam males.

9 Palavra injusta decretaram contra mim: Porventura o que dorme não se poderá outra vez levantar? (4)

10 Ainda o homem da minha paz, em quem eu confiei: O que comia o meu pão, engrandeceu sobre mim a sua traição. (5)

vindo-se nêle de um termo figurado, que se toma de quando se faz a cama a algum pobre enfermo, que se procura que lhe fique branda e macia, para que logre algum repouso e consolação, o que explica admiravelmente a bondade e misericórdia do Senhor, com os que igualmente usam de misericórdia com os seus próximos. — *Pereira.*

(3) **RECOLHEU EM SI INIQUIDADE** — Tudo isto convém, e se acomoda ao traidor Judas, que tratando familiarmente e como amigo com o Senhor, chelo o coração de veneno, buscava ocasiões para o vender, e para o entregar aos judeus. — *P. Scio.*

(4) **PALAVRA INJUSTA** — Pode também expor-se neste sentido: Uma coisa injusta resolveram contra mim, e é, tirarem-me d'este mundo: mas ainda que tenham tomado uma resolução tão cruelmente, poderão por isso despojar-me do poder que tenho de me ressuscitar? O que propriamente se entende de Cristo. — *Calmet.*

(5) **ENGRANDECEU SOBRE MIM** — Para que não se entendesse que Davi fala de Aquitofel, ou de outro traidor semelhante, o mesmo Jesus Cristo, applica este versículo ao traidor Judas, como se pode ver em Jo 13, 18. No hebreu se lê: "Engrandeceu contra mim o calcanhar; ou como se lê em S. João: "Levabit contra me calcaneum suum." Isto é: será o primeiro que há de levantar o pé para me dar coices. — *Calmet.*

Salmo 40, 11-14; 41

11 Tu pois, Senhor, tem compaixão de mim, e ressuscita-me: E eu lhes retribuirei. (6)

12 Nisto conheci eu que tu me querias bem: Em que o meu inimigo se não alegrará sobre mim.

13 Porque tu me tomaste na tua proteção por causa da minha inocência: E tu me fortificaste diante de ti para sempre. (7)

14 O Senhor Deus de Israel seja bendito por todos os séculos: Assim seja, assim seja. (8)

SALMO 41

DESEJO ANSIOSO DO REAL PROFETA DE VER O TABERNÁCULO DO SENHOR, QUANDO ANDAVA AUSENTE POR CAUSA DA PERSEGUIÇÃO OU DE SAUL, OU DE ABSALÃO.

Ao regente do côro.

(6) **E EU LHES RETRIBUIREI** — Todos sabem muito bem as calamidades que vieram sobre os judeus depois da morte de Jesus Cristo. — P. Scio.

(7) **POR CAUSA DA MINHA INOCÊNCIA** — De Jesus Cristo é de quem propriamente se pode dizer que seu pai o recebeu como entre os seus braços por causa da sua inocência, e que o estabeleceu depois da sua ressurreição para que estivesse eternamente diante de seus olhos, e à sua direita, porque, ainda que feito homem por nós, o mesmo era filho de Deus, Deus verdadeiro, e o esplendor da sua glória, e a imagem da sua substância, ou a sua imagem substancial: quanto foi mais abatido à vista dos homens, tanto foi mais exaltado na presença do Senhor. — Santo Agostinho.

(8) **ASSIM SEJA, ASSIM SEJA** — O hebreu: *Amém, Amém*. Estas duas palavras se acham no fim de cada um dos cinco livros, em que já de tempos muito antigos foram divididos os salmos; e este é o último do primeiro livro. A Igreja tomou também o costume, que se tem conservado universalmente, de fazer rezar no fim de cada salmo o *Gloria Patri*, que corresponde em certo modo àquele elogio que punham os hebreus no fim de cada livro dos salmos. — P. Scio.

- 1 Instrução aos filhos de Coré. (1)
- 2 Assim como o servo suspira pelas fontes das águas: Assim a minha alma suspira por ti, ó Deus.
- 3 A minha alma está ardendo de sede pelo Deus

(1) INSTRUÇÃO AOS FILHOS DE CORÉ — Antes que tudo, devemos notar que no original este salmo e o seguinte formam um só, é o que afirma um antigo midrasch, ou explicação judaica, o que já reconhecia Eusébio falando do salmo seguinte. *Præcedentis pars videtur esse, quod utique cum ex similibus utriusque verbis, tum ex affini sententia monstratur*". Com. in Ps. XLII. Esta unidade é hoje admitida sem contestação, e confirmada pela mesma forma de poema. Os dois salmos formam três estrofes absolutamente regulares e semelhantes, e as pares têm uma idêntica terminação, segundo Vigouroux, Manuel Biklikue. Este salmo é um maskil, uma instrução. Teve por autores os filhos de Coré. A Vulgata traduziu pelo dativo, por julgar que o tamed do original é o sinal deste caso, porém, emprega-se também para indicar a pessoa de quem vem uma obra, e chama-se o tamed auctoris. Cfr. Strack, obr. cit. Coré é nome muito conhecido no Antigo Testamento pela sua revolta contra Moisés. (Núm 16, 1-33). Este Coré era levita. Teve descendentes que exerceram funções importantes no Templo (1 Par 9, 17-19; 26, 1-19). No tempo de Davi era notável Heman o corafta. Foi um ou vários descendentes de Coré os autores deste salmo? Ignora-se. Quando foi composto? Também não é assunto esclarecido perfeitamente. Rosenmüller, Thalhoffer e Patrizi sustentam que o autor deste salmo foi contemporâneo de Davi, e que compartilhou o exílio do seu rei, durante a revolta de Absalão. O sentido do salmo é claro. O autor procura Deus; tem sede de Deus e compara-se ao veado, que sequioso procura uma fonte para se dessementar. Os primeiros cristãos aplicaram esta comparação à sede de felicidade espiritual que atormentava os catecúmenos, que sedentamente pediam o batismo. Por isso este salmo era cantado quando eles eram conduzidos à pia batismal. Martigny, Dictionnaire des antiquités chrétiennes, p. 158. Ainda hoje a Igreja o entoa no Sábado Santo, na procissão que se dirige à Fonte Batismal. Na primeira estrofe (2 e 5) o exilado suspira pela casa de Deus, como o veado sequioso pela fonte. Segunda (7 a 11) é um sentimento de tristeza, queixando-se. Terceira, é o salmo 42.

Salmo 41, 4-6

forte e vivo: Quando virei e apparecerei diante da face de Deus. (2)

4 As minhas lágrimas foram o meu pão de dia e de noite: Enquanto se me diz cada dia: Onde está o teu Deus?

5 Eu me lembrei destas coisas, e derramei a minha alma dentro de mim: Porque eu passarei ao lugar do tabernáculo admirável, até à casa de Deus: (3)

Com voz de regozijo, e louvor: Som festivo de quem se banqueteia. (4)

6 Por que estás triste, alma minha? E por que me conturbas?

Espera em Deus, porque eu ainda tenho de o louvar: Salvação do meu rosto,

(2) **DIANTE DA FACE DE DEUS** — Chama face de Deus a arca do testamento, na qual Deus declarava a sua presença. — Bossuet.

(3) **EU ME LEMBREI, ETC.** — Aqui há um exemplo fritzante de má tradução dos tempos dos verbos, de que já falamos. Deve traduzir-se pelo presente. De resto a tradução dêste versículo está errada, o que se deve attribuir à má leitura do original, ou engano de cópia, muito sensível por causa da grande semelhança de muitos caracteres do hebreu escrito. Assim a palavra *sak*, multidão, foi confundida com *son kah*, tenda. Em lugar de *edaddem*, eu avançava, leram *adereh*, magnificência, e daí as expressões *tabernaculi admirabilis*, tabernáculo admirável, quando a tradução feita segundo o original é esta: Com a multidão eu avançarei até à casa de Deus.

(4) **SOM FESTIVO** — A tradução literal é multidão em festa. O poeta recorda-se com saudade das grandes solenidades de Sião. Apresentamos para melhor intelligência do texto a tradução de Laciée dêste v. 5.

Lembro-me na íntima efusão de minha alma.

Como também ia com a multidão em cortejo até à casa de Deus; em grita de alegria e louvor duma turba em festa. *Correspondance Catholique. Année biblique, 1894-1895.*

7 e Deus meu.

Dentro de mim mesmo está conturbada a minha alma: Pelo que me lembrarei de ti na terra de Jordão, e de Hermon desde o monte pequeno. (5)

8 Um abismo chama outro abismo, à voz das tuas cataratas.

Tôdas as tuas coisas altas, e as tuas ondas sôbre mim passaram. (6)

9 No dia enviou o Senhor a sua misericórdia e de noite o seu cântico.

Dentro de mim orarei ao Deus de minha vida

10 dizendo a Deus: Tu és meu amparador.

Por que te esqueceste de mim? E por que ando triste enquanto me aflige o inimigo? (7)

11 Ao tempo que os meus ossos se quebram, me improperam os meus inimigos que me perseguem:

Dizendo-me todos os dias: Onde está o teu Deus?

12 Por que estás tu triste, alma minha? E por que me conturbas?

Espera em Deus, porque ainda tenho de o louvar: Salvação do meu rosto, e Deus meu.

(5) **ME LEMBRAREI DE TI** — Isto é: Me consolarei lembrando-me dos grandes prodígios, que em outro tempo fizeste na terra do Jordão, e nos montes de Hermon pela salvação de Israel. Pode também significar os lugares em que Davi vivia desterrado, que eram as vizinhanças do Jordão, o monte Hermon, e outro pequeno monte Misaar, como o hebreu exprime. — Bossuet.

(6) **TODAS AS TUAS COISAS ALTAS** — Isto é, as tuas tempestades, tôdas as tuas águas levantadas como umas serras, etc. Pôsto que a Vulgata não exprime águas, mas diz, omnia excelsa tua, o hebreu tem claramente, omnes gurgites tui. — Pereira.

(7) **E POR QUE ANDO TRISTE** — O hebreu tem: Enlutado, vestido de negro, ou de luto, o que se fazia em tempo de tristeza, e de calamidade pública. — P. Scio.

SALMO 42

CONTINUAÇÃO DO ANTECEDENTE. VIVENDO ENTRE INFIÉIS, SUSPIRA DAVI POR VER A JERUSALÉM, E O TABERNACULO DO SENHOR. COM ESTA ESPERANÇA SE CONSOLA, E ANIMA.

Salmo de Davi. (1)

1 Julga-me, ó Deus, e separa a minha causa de uma gente não santa, livra-me do homem iníquo, e enganador. (2)

(1) SALMO DE DAVI — Este Salmo é a continuação do anterior, como já foi dito. Este salmo tem grande importância, pois é salmo que a Igreja coloca nos lábios dos seus sacerdotes no começo da Santa Missa, e com razão, porque exprime admiravelmente os sentimentos de confiança e perturbação de que deve estar possuído o ministro do Senhor, aproximando-se do altar para oferecer ao Eterno Pai a Hóstia Imaculada. O uso de recitar um salmo no começo da Missa foi introduzido provavelmente pelo Papa S. Celestino (422-432) a exemplo do que havia indicado Santo Ambrósio, e do que se praticava nas Igrejas Orientais. A este salmo, não determinado, dava-se o nome de *ingressa*. Porém já se encontra em livros litúrgicos anteriores ao meado do século IX prescrito o salmo *Judica me Deus*. Dr. Vasconcelos, *Compêndio de Liturgia Romana*, pág. 180. Na liturgia mosarabe ou gótica, abolida por Gregório VII, também se indicava este salmo, com a mesma antífona *Introito*, que se repetia antes do salmo. O Papa S. Pio V (1566-1572) inseriu o salmo *Judica me* no Missal Romano. A frase inicial é *Julga-me*. O salmista pede ao Senhor que seja seu juiz e patrono misericordioso, e imediatamente pede para ser separado da gente ímpia, *gente non sancta*, e que supõe que o ministro de Deus não vive com os maus. Por isso repetindo estas palavras acodem-nos à mente aquelas palavras do Autor da Imitação *O quam mundae debent esse manus illae, quam purum es, quam sanctum corpus, quam immaculatum cor erit sacerdotis, ad quem toties ingreditur autor puritatis*. De *Imit. Crist IV-XI*, 6.

(2) DE UMA GENTE — Alguns unem estas palavras com as seguintes: *salva-me, ou livra-me de uma gente ímpia, incrédula*.

2 Porque és, ó Deus, a minha fortaleza: Por que me repeliste? E por que ando triste, quando me aflige o meu inimigo?

3 Envia a tua luz e a tua verdade: Estas me conduzirão, e me levarão ao teu santo monte, e aos teus Tabernáculos. (3)

4 E entrarei ao Altar de Deus: O Deus que alegra a minha mocidade. (4)

Ó Deus, Deus meu, eu te louvarei com a cítara: (5)

la... e de um homem injusto. O primeiro pode entender-se dos babilônios, que eram idólatras; ou também dos cortesãos, e vassallos do rei Aquis: ou em geral dos inimigos de Davi, gente cruel e sem piedade. O segundo de Saul, ou em geral dos perseguidores de Davi, e também dos babilônios, inimigos do povo de Deus. — P. Scio.

(3) **ENVIA A TUA LUZ** — Convencido da sua impotência, o servo de Deus invoca o Santo que pode vir em seu auxílio. Os dois verbos estão no perfeito na Vulgata, mas traduzem-se no futuro pela razão atrás exposta.

SANTO MONTE — E' Sião, onde está o Tabernáculo do Senhor. Para o sacerdote, é o altar eucarístico, cujos degraus vai subir.

(4) **ENTRAREI AO ALTAR DE DEUS** — E' o voto Supremo do levita exilado. Queria voltar e entrar de novo neste Tabernáculo de Sião, testemunho visível da presença do Senhor, no meio do seu povo. Como não deve ser ardente este voto no sacerdócio da lei da graça? *Habemus altare, de quo edere non habent potestatem qui tabernaculo deserviunt.* Heb 13, 10.

QUE ALEGRA A MINHA MOCIDADE — O que está no hebreu não é precisamente isto. As versões traduziram o nome comum *simchah*, "alegria" pelo verbo *simmoch* "alegrar-se". A palavra *gil*, que se segue, significa primordialmente alegria, mas as versões deram-lhe uma significação secundária: idade. A letra dever-se-ia traduzir esta frase assim: "O Deus alegria da minha alegria". De resto esta tradução ajusta-se ao sentido do salmo, porque Deus é o princípio da única verdadeira alegria. E para o fiel e para o sacerdote no altar está a origem das alegrias mais puras.

(5) **COM A CÍTARA** — No original está: eu vos louvarei

Salmo 42, 5; 43, 1

5 Por que estás tu triste, alma minha? e por que me conturbas?

Espera em Deus, porque ainda tenho de o louvar: Salvação do meu rosto, e Deus meu.

SALMO 43

SALMO PROFÉTICO. A IGREJA NA EXTREMA OPRESSÃO QUE PADECE SE CONSOLA COM A MEMÓRIA DOS BENEFÍCIOS DO SENHOR. E PONDO-SE TÔDA NAS SUAS MÃOS LHE ROGA HUMILDEMENTE QUE ACUDA LOGO EM SEU SOCORRO.

1 Ao regente do côro para instrução dos filhos de Coré. (1)

com o kinnor. O kinnor era um instrumento portátil, feito dum arco de madeira, com cordas sonoras. Mais tarde aperfeiçoou-se, puseram-lhe caixa de ar, e foram-no modificando de tal sorte que veio a ser a harpa. Os sons do kinnor eram alegres, e por isso os levitas os aproveitavam nas cerimônias religiosas. Este salmo também serve para recordar ao sacerdote o seu ingresso na Eternidade, e o juízo que se lhe segue judica me; após o juízo, a expiação do purgatório. *Quare me repulisti et quare tristis incedo*, dirá a alma do padre momentaneamente apartada do seu Deus, suplicando ansiosamente que lhe brilhe o esplendor da luz eterna. *Emitte lucem tuam*.

(1) **AO REGENTE DO CORO, ETC.** — Este salmo foi composto por Davi com um espírito profético, do que haviam de padecer os macabeus, e os outros judeus na perseguição de Antíoco, ou talvez os Santos Mártires da Igreja, e os cristãos perseguidos pelo furor dos tiranos, para o que o mesmo S. Paulo se serviu do v. 14, na Ep aos Rom 8, 36. Tôdas as pessoas quo se acharem em apêto de aflição, e perseguidas, acharão neste salmo muitos motivos de confiança na consideração das misericórdias do Senhor, e de temor e humildade à vista dos rigores da sua justiça. O título fica já explicado no 41. Este salmo foi composto durante a guerra dos sirios e amonitas. Tem seis estrofes.

2 Nós, ó Deus, com as nossas orelhas ouvimos: Nossos pais nos anunciaram.

A obra que fizeste nos dias dêles, e nos dias antigos.

3 A tua mão exterminou as gentes, e os plantaste a êles: Afligiste os povos, e os lançaste fora: (2)

4 Porque não foi com a sua espada que possuíram a terra, e o seu braço não os salvou: (3)

Senão a tua destra, e o teu braço, e a luz do teu rosto: Porque te comprazeste nêles.

5 Tu mesmo és o meu rei, e o meu Deus: Que dispões as salvações de Jacó. (4)

6 Por ti nos esforçaremos em arruinar nossos inimigos, em teu nome desprezaremos aos que se levantam contra nós.

7 Porque não esperarei no meu arco: E a minha espada não me salvará.

8 Porque nos salvaste dos que nos afligiam: E confundiste aos que nos tinham aborrecimento.

(2) **E OS LANÇASTE FORA** — Da terra da promessa. O Senhor exterminou da terra de Canaã as sete nações que a habitavam e possuíam; e passou a ela, e plantou nela, como pela sua mão aos descendentes de Israel, para que êles a gozassem, e a herdassem. — Sacy.

(3) **PORQUE NÃO FOI COM A SUA ESPADA QUE POSSUÍRAM A TERRA, ETC.** — Porque ainda que a manejaram com muito valor, nunca houvera produzido aquêles efeitos maravilhosos, que excediam todo o poder humano, e eram verdadeiros milagres do poder de Deus. — P. Scio.

(4) **QUE DISPÕES AS SALVAÇÕES, ETC.** — Produzidas pela tua onipotente palavra, que dá o ser, e a lei a tôdas as coisas. Sl 41, 9; 67, 29. Ou que mandas aos teus Anjos, que salvem ao povo de Jacó, ou de Israel. Mandas que sejam salvos, e os salvas; porque a ordem e mandamento de Deus sempre se cumpre. — P. Scio.

Salmo 43, 9-19

9 Em Deus nos gloriaremos todo o dia: E em teu nome diremos louvores eternamente.

10 Mas agora tu nos lançaste fora e cobriste de confusão: E tu, ó Deus, não andarás à testa dos nossos exércitos.

11 Tu nos fizeste voltar as costas a nossos inimigos: E que fôssemos prêsa dos que nos tinham em aborrecimento.

12 Tu nos enganaste como ovelhas de matadouro: E nos espalhaste entre as nações.

13 Vendeste o teu povo sem preço: E não houve concurso nos mercados dêles.

14 Puseste-nos no opróbrio aos nossos vizinhos, por escárnio e zombaria àqueles que estão ao redor de nós.

15 Puseste-nos em provérbio às gentes por exemplo de irrisão nos povos. (5)

16 A minha ignomínia está todo o dia diante de mim, e a confusão do meu rosto me tem coberto. (6)

17 À voz do que me afronta, e vitupera: À vista do inimigo, e do que me persegue.

18 Tôdas estas coisas vieram sôbre nós, e ainda assim nós nos não temos esquecido de ti: E não temos cometido iniquidade contra o teu pacto.

19 O nosso coração não tornou atrás: Nem tu desviaste do teu caminho os nossos passos: (7)

(5) **POR EXEMPLO DE IRRISAO, ETC.** — A letra: "por movimento de cabeça," que é gesto de escárnio, e de irrisão. 4 Rs 19, 21; Jó 16, 5; Sl 21, 8. — P. Scio.

(6) **E A CONFUSÃO DO MEU ROSTO ME TEM COBERTO** — Quer dizer: Tenho diante dos meus olhos ocasiões contínuas de confusão, que me cobrem a cara de vergonha. — Pereira.

(7) **NEM TU DESVIASTE DO TEU CAMINHO, ETC.** — A Vulgata tem *et declinasti*, mas está aqui, *nem tu desviaste*. Mas o mesmo traduziu Sacy. E a razão é: porque a negação, que pre-

20 Porque tu nos humilhaste no lugar da aflição, e a sombra da morte nos cobriu.

21 Se nós nos esquecemos do nome do nosso Deus, e se estendemos as nossas mãos para algum Deus estranho:

22 Porventura não há de pedir Deus conta disso? porque êle conhece os segredos do coração.

Pois por amor de ti somos entregues à morte cada dia: Somos reputados assim como ovelhas do matadouro. (8)

23 Levanta-te, por que dormes, Senhor? levanta-te e não nos desampares para sempre. (9)

24 Por que apartas teu rosto, te esqueces da nossa miséria e da nossa tribulação?

cedeu no primeiro período, se deve tornar a entender no segundo; de sorte que segundo o costume da língua hebraica, o mesmo é, *et declinasti*, que, *nec declinasti* S. Jerônimo o viu belamente, quando traduziu neste lugar: *nec declinaverunt gressus nostrea semita tua*: nem os nossos passos se extraviaram do teu caminho. E este mesmo *nec declinasti*, nem tu desviaste, é outro hebraísmo, para se significar o mesmo que, *nec declinare permisisti*, nem tu permitiste que se desviassem. Ambas estas duas observações são de Bos-suet. E contudo o Padre de Carrières não duvidou verter afirmativamente (como à primeira vista traz a Vulgata) dizendo, e parafraseando assim: *et cependant vous avez détourné nos pas de votre voie, en nous laissant enlever de la terre, que vous nous avez donnée.* — Pereira.

(8) **COMO OVELHAS DO MATADOURO** — Isto é, destinados ao matadouro. Este versículo aplica S. Paulo na Ep. aos Rom 8, 36, aos Apóstolos e Mártires da primitiva Igreja. E, pode aplicar-se aos sacerdotes perseguidos a cada passo.

(9) **LEVANTA-TE POR QUE DORMES, ETC.** — Parece que Deus em certo modo dorme, quando tarda em socorrer ao homem que padece, e se acha em miséria: mas, *non dormitat, neque dormiet, qui custodit Israel*. Sl 120, 4; e quando exercita com trabalhos aos seus, sabe muito bem o tempo em que os há de livrar dêles com maior glória e proveito. — P. Scio.

25 Porquanto nossa alma está humilhada até ao pó:
Pegado está com a terra o nosso ventre. (10)

26 Levanta-te, Senhor, ajuda-nos: E resgata-nos
por amor do teu nome.

SALMO 44

**SALMO PROFÉTICO E EPITALÂMICO, EM QUE SE CELEBRA O
DESPOSÓRIO DE CRISTO COM A SUA IGREJA. VITÓRIAS
SE HÃO DE ALCANÇAR PELA PREGAÇÃO DO EVANGELHO,
E ESTABELECIMENTO DO REINO DE JESUS CRISTO. REU-
NIÃO FELIZ DE TÓDAS AS NAÇÕES EM UM CORPO.**

1 Ao regente do côro. Sôbre o *scheschanim*. Dos
filhos de Coré. Instrução. Cântico amoroso. (1)

2 Saiu do meu coração com grande ímpeto uma pa-
lavra boa: Eu digo ao rei as minhas obras. (2)

(10) **PEGADO ESTA COM A TERRA O NOSSO VENTRE**
— Isto é: Nós nos vemos reduzidos ao maior abatimento: não
podemos levantar-nos por nós mesmos: venha, Senhor, o teu so-
corro; ajuda-nos e resgata-nos. Venha a êsse fim o único Liberta-
dor e Redentor do homem. — P. Scio.

(1) **SCHESCHANIM** — Esta palavra traduziu a Vulgata qui
commutabuntur, e o padre Pereira, que hão de ser mudados, o que
não faz sentido. Esta palavra significa o lírio, e é, ou uma ária
conhecida, o estilo de certo cântico, em que êste devia ser cantado,
ou então um instrumento de música, com o acompanhamento do
qual devia ser entoado. Êste salmo é aplicado pelos comentadores
ao casamento da filha de Faraó com Salomão. E' certamente Messiâ-
nico. — Vigouroux, ob. cit.

(2) **UMA PALAVRA BOA** — Um discurso de coisas excelen-
tes e misteriosas, como são os louvores de Jesus Cristo. — P. Scio.

AO REI, ETC. — Ao rei Cristo, a quem celebro, e que é o ob-
jecto immediato dêste salmo; no que convêm os Santos Padres, e os
mais doutos dos rabinos. — P. Scio.

A minha língua é pena de escrivão, que escreve ve-
lozmente. (3)

3 Vistoso em formosura sôbre os filhos dos homens,
a graça se derramou nos teus lábios: Por isso te bendis-
se Deus para sempre. (4)

4 Cinge a tua espada ao teu lado, ó poderosis-
simo. (5)

5 Com a tua beleza e com a tua formosura enteza o
arco, vai adiante felizmente, e reina.

Por meio da verdade e da mansidão, e da justiça: E
a tua destra te conduzirá a coisas maravilhosas.

6 As tuas setas são agudas nos corações dos inimi-
gos do rei, debaixo de ti cairão os povos.

7 O teu trono, ó Deus, subsistirá por todos os sé-
culos: Vara de retidão é a vara do teu reino. (6)

(3) **A MINHA LÍNGUA É PENA DE ESCRIVÃO, ETC.** — Quer dizer: Eu nisto não tenho outra parte, senão aquela que tem o que escreve vezoamente o que outro lhe dita. O sentido é: "E o Espírito Santo se serve da minha língua para que eu publique isto". — Santo Agostinho.

(4) **VISTOSO EM FORMOSURA, ETC.** — Aqui, principiam os louvores de Cristo, vistoso e magnífico em formosura, e perfeito em toda a virtude, e tal te descobres à tua Igreja. Is 33, 17. — P. Scio.

POR ISSO, ETC. — O propterea se explica como causa do que precede no sentido de propterea quod: és belo, e engraçado; porque o Senhor te abençoou. Outros o entendem na sua natural significação obid: estes são os dois motivos ou fundamentos, aos quais tem atendido Deus teu Pai para estabelecer o teu reino eterno. — P. Scio.

(5) **CINGE A TUA ESPADA, ETC.** — Por esta espada se denota a efficacissima e penetrante palavra do Evangelho. Is 49, 2; ad hebr. 4, 12; Apc 1, 16 e 19, 15. — P. Scio.

(6) **VARA DE RETIDÃO** — Dirige o seu discurso a Jesus Cristo, o qual, além do reino de glória eterna, e essencial, possui também o reino com que manda a todo o criado em qualidade de medianoiro, e o excita pela união das duas naturezas. S. Paulo apli-

8 Amaste a justiça, e aborreceste a iniquidade: Por isso te ungiu Deus o teu Deus com óleo de alegria sobre teus companheiros. (7)

9 Cheiro de mirra, de aloés, e de cássia sai de teus vestidos, desde as casas de marfim: Com as quais coisas te alegraram (8)

ca este versículo a Jesus Cristo, e prova por ele a sua divindade, segundo a palavra de Deus que se lhe atribui. Ad hebr. 1, 8. — P. Scio.

(7) **POR ISSO TE UNGIU** — O propterea se pode explicar em os dois sentidos que ficam notados no v. 3. Porque tu só pela tua perfeitíssima justiça és digno de ser o rei da Igreja: Deus te tem destinado, e consagrado para este ofício, não só pela tua pessoa, que é igual com a do padre, senão ainda no teu ser de homem te tem dotado sem medida dos dons do seu espírito; o que figuravam as antigas unções dos reis. Jo 3, 34, e 1 Jo 2, 20-27. A primeira unção de Cristo foi na sua Encarnação, quando o Verbo se uniu hipostaticamente com a natureza humana. Ela precede a todo o mérito, e é de todo gratuita. A segunda unção foi na sua Ressurreição, quando o padre encheu a Cristo da glória que merecia. Pode o texto explicar-se de uma e outra maneira. S. Paulo parece o entendeu no primeiro sentido, como se o Deus estivesse em vocativo, ó Deus, conforme a versão dos Setenta, ó Deus, o teu Deus. E Santo Agostinho insiste no mesmo, por ser o texto uma prova evidente da divindade de Jesus Cristo. Veja-se Enarr. in hunc psalmó numero 19. — P. Scio.

SOBRE TEUS COMPANHEIROS — Sobre todos os verdadeiros fiéis santificados pelo mesmo espírito, e dotados das suas graças para serem reis, e sacerdotes. Apc 1, 6 e 4, 10; mas que não recebem senão uma porção, e essa por medida. 1 Cor 13, 7-11, Ef 4, 7. Mas Jesus Cristo tem toda a enchente e plenidão. Jo 3, 34. — P. Scio.

(8) **DE TEUS VESTIDOS** — Dos dons do Espírito Santo de que estás revestido, e que derramam um cheiro suavíssimo de graça e de virtude: Cant 1, 3 e por meio deles atraístes a todas as nações. — P. Scio.

DESDE AS CASAS DE MARFIM — Desde o Céu, palácio real de Jesus Cristo. Costumavam os reis cobrir as paredes dos seus gabinetes, com pranchas de marfim. O hebreu tem: "Todos os teus

10 as filhas dos reis na tua glória.

Apresentou-se a rainha à tua destra com manto de ouro: Cercada de variedade. (9)

11 Escuta, ó filha, e vê, e inclina o teu ouvido: E esquece-te do teu povo, e da casa de teu pai. (10)

12 E cobiçará o rei a tua beleza: Porque êle é o Senhor teu Deus, e adorá-lo-ão.

13 E as filhas de Tiro com dádivas farão deprecções em tua presença: E todos os ricos do povo.

14 Tôda a glória da que é filha do rei é de dentro, em franjas de ouro.

15 Tôda vestida de vários adornos. (11)

Serão apresentadas ao rei virgens após ela: As suas companheiras te serão conduzidas.

vestidos são mirra, aloés, e cássia", que espalham o seu cheiro desde os palácios de marfim, desde os Céus onde tens a tua morada cheio de um eterno gozo. — P. Scio.

(9) **COM MANTO DE OURO** — O hebreu diz: "Em coroa de Ofir:" De ouro puríssimo: Jó 22, 24. Mas não se lêm as palavras: *circumdata varietate*. Este ouro, e vários adornos da Espôsa são a caridade, e variedade de virtudes, e dons de graça, dos quais está ricamente adornada a Igreja. 1 Cor 12, 6. 7. 8. Hbr 2, 4. S. Bernardo, S. Ildefonso, e outros muitos intérpretes aplicam à rainha dos anjos o que neste salmo se diz da espôsa, a quem muito bem se atribuem quantos adornos e graças insinua aqui o profeta. — P. Scio.

(10) **E ESQUECE-TE DO TEU POVO** — Renuncia ao mundo, e à infidelidade, que é como a casa paterna, de onde foste tirada por chamamento do padre, para estar unida perfeitamente com teu espôso, segundo a lei do matrimônio, Gen 2, 24, Flp 14. — P. Scio.

(11) **TÔDA VESTIDA DE VÁRIOS ADORNOS** — O hebreu: "Tôda gloriosa é a filha d'el-rei, de dentro: recamado de ouro o seu vestido", e os versículos seguintes dizem assim no hebreu: "Em vestidos bordados será levada ao rei: virgens após ela; as suas companheiras serão trazidas à tua presença; serão conduzidas com alegria, e com festas: Entrarão no palácio d'el-rei".

Salmo 44, 16-18; 45, 1-5

16 Serão conduzidas com alegria e com regozijo:
Conduzi-las-ão ao templo do rei.

17 Em lugar de teus pais te nascerão filhos: Estabelecê-los-ás príncipes sôbre tôda a terra.

18 Lembrar-se-ão do teu nome por tôda a geração e geração. (12)

Por isto os povos te louvarão eternamente: E pelos séculos dos séculos.

SALMO 45

SALMO DIDÁTICO. O AUTOR DESTES SALMO ENGRANDECENDO UMA SINALADA VITÓRIA DA IGREJA, TOMA DAQUI ARGUMENTO, E ASSUNTO, PARA QUE SE PONHA EM DEUS TÔDA CONFIANÇA: E CONVIDA A TODOS OS HOMENS A QUE CONTEMPEM AS SUAS GRANDES OBRAS, E POR ELAS LHE DÊEM GLÓRIA E LOUVOR.

1 Ao regente do côro, dos filhos de Coré. Para voz de soprano. Salmo (1)

2 O nosso Deus é refúgio, e esforço: Favorecedor nas tribulações, que com excesso nos tem compreendido.

3 Por isso não temeremos ainda que seja comovida a terra: E trasladados os montes ao meio do mar.

4 Bramaram, e turbaram-se as suas águas: Estremeceram os montes pela sua fortaleza.

5 O ímpeto do rio alegra a cidade de Deus: Santificou o seu Tabernáculo o Altíssimo.

(12) **LEMBRAR-SE-ÃO DO TEU NOME** — O texto hebreu diz: "Publicarei a memória do teu nome por tôdas as idades." Palavras do profeta a Jesus Cristo. — P. Scio.

(1) **PARA VOZ DE SOPRANO** — E' o que significa, na opinião dos melhores intérpretes, a palavra hebraica *Al'alamoth*, que a Vulgata traduziu por *pro arcanis*. Este salmo naturalmente foi composto por ocasião da guerra dos moabitas, dos amonitas e dos idumeus, no tempo de Josafá. Tem três estrofes. **Primeira** (2-4), Deus

6 Deus está no meio dela, ela não será comovida: Deus a ajudará desde o raiar da manhã. (2)

7 As nações se conturbaram, e os reinos se humilharam: Deu a sua voz, moveu-se a terra. (3)

8 O Senhor dos exércitos é conosco: Nosso amparador o Deus de Jacó:

9 Vinde, e vêde as obras do Senhor, as maravilhas, que pôs sobre a terra:

10 Que aparta as guerras até à extremidade da terra.

Quebrará o arco, e romperá as armas: E queimará ao fogo os escudos. (4)

11 Cessai, e vêde que eu sou o Deus: Serei exaltado entre as gentes, e serei exaltado na terra.

12 O Senhor dos exércitos é conosco: Nosso amparador o Deus de Jacó.

é o nosso socorro no meio das tempestade e perigos. Segunda (5-7), Jerusalém é inatacável, porque Deus a protege. Terceira (9-11), Deus destrói todos os seus inimigos. No original hebraico, no fim do último versículo está a palavra *Selah*, que se encontra 71 vezes em 39 salmos. A significação não é perfeitamente conhecida; uns querem que seja um sinal musical correspondente ao forte da música moderna, outros que indique uma pausa.

(2) **DESDE O RAIAR** — Nunca será comovida a Igreja, cidade de Deus, porque Deus está no meio dela, e lhe assiste e assistirá em todas as ocasiões, e no tempo oportuno, como assistiu já ao seu povo outras vezes, nas suas tribulações. — Pereira.

(3) **DEU A SUA VOZ** — Descrição figurada do milagroso socorro de Deus sem meios humanos. Sl 17, 3. — P. Scio.

MOVEU-SE A TERRA — O hebreu tem: "Tremeu a terra, e à voz dos seus trovões"; isto é, dos seus prodígios, e sinais da sua ira, ficaram hirtos de espanto os habitantes da terra. — P. Scio.

(4) **E QUEIMARÁ AO FOGO OS ESCUDOS** — A palavra hebraica significa propriamente uma coisa redonda; e daqui uns trasladam escudos, e outros rodas, e destas por *Sinédoque* entendem os carros. Esta profecia principiou a ter seu cumprimento

SALMO 46

NESTE SALMO PROFÉTICO, DEBAIXO DA FIGURA DA ENTRADA DA ARCA EM SIÃO, SE DESCREVE O REINO ESPIRITUAL DE JESUS CRISTO NA SUA ASCENSÃO AOS CÉUS: E JUNTAMENTE SE CONTÉM UMA CLARA PROFECIA DA VOCAÇÃO DOS GENTIOS.

1 Ao regente do côro. Dos filhos de Coré, salmo. (1)

2 Tôdas as gentes aplaudi com as mãos: Celebrai a Deus com vozes de regozijo. (2)

3 Porque o Senhor é excelso, terrível: Rei grande sôbre tôda a terra.

4 Submeteu-nos os povos a nós, e as gentes debaixo de nossos pés.

quando se converteram à fé de Cristo os imperadores romanos, especialmente Constantino; quando arruinados os ídolos, e acabadas as perseguições, todo o mundo se fêz cristão. — P. Scio.

(1) **SALMO** — Muitos críticos consideram este salmo um cântico de vitória, entoado depois da condução da arca para o monte Sião. A tradição eclesiástica applicou-o geralmente à Ascensão de Nosso Senhor. Tem 5 estrofes: Primeira (2-3): Saudação a Deus. Segunda (4-5): Porque submete os povos ao domínio de Jacó. Terceira (6-7): Grandeza de Deus, dever de exaltar a sua glória. Quarta (8-9): porque é rei de tôda a terra. Quinta. E tudo lhe pertence.

(2) **TODAS AS GENTES** — O profeta convida todos os povos da terra a manifestar o seu reconhecimento, publicando a grandeza, e as vitórias de Jesus Cristo. Ou talvez a mesma Igreja convida a tôdas as nações a cantar a glória do Onipotente, que havia feito grandes prodígios a seu favor. Tôdas estas expressões são figuradas, e sômente significam o excesso de alegria, que deviam mostrar no triunfo glorioso de Jesus Cristo: Em cuja celebridade procedam acordes, diz Santo Agostinho, as mãos, e a língua: Esta confesse, e obrem aquelas. — P. Scio.

5 Escolheu para nós a sua herança: A formosura de Jacó, à qual amou. (3)

6 Subiu Deus com júbilo: E o Senhor com voz de trombeta. (4)

7 Cantai salmos ao nosso Deus, cantai salmos: Cantai salmos ao nosso Rei, cantai salmos.

8 Porque Deus é o Rei de toda a terra: cantai salmos sãbiamente.

9 Deus reinará sobre as nações: Deus está sentado sobre o seu santo trono.

10 Os príncipes dos povos se reuniram com o Deus de Abraão: Porque os deuses fortes da terra têm sido grandemente exaltados. (5)

(3) **ESCOLHEU PARA NÓS** — O hebreu tem: “Ele nos escolherá a nossa herança: A formosura de Jacó, a qual amou: Ele nos deu uma excelente herança, escolhida sobre todas as outras, na qual está toda a nossa glória. O que literalmente pertencia à terra da promessa, e nela a cidade de Jerusalém, que formava toda a glória do povo de Israel, e que distinguiu o Senhor com particulares demonstrações do seu amor e proteção.

(4) **COM VOZ DE TROMBETA** — Isto à letra pode entender-se da Arca do testamento, trasladada, com grande pompa, e festa, ou por Davi, à sua cidade, 2 Rs 6, 12, ou por Salomão ao Templo, 3 Rs 8, 4. Mas no sentido profético, que é o principal, se refere em doutrina dos Santos Padres à Ascensão de Jesus Cristo, como no Sl 67, 25.26, o qual por sua própria virtude subiu aos Céus. — Pereira.

(5) **OS PRÍNCIPES DOS POVOS SE REUNIRAM** — O hebreu tem: “Os príncipes dos povos se agregaram ao povo do Deus de Abraão”: isto é, de todos os povos se formou um só, do qual se compõe a Igreja de Jesus Cristo. E’ uma profecia da vocação dos gentios. — Bossuet.

OS DEUSES FORTES DA TERRA — Por estes se entendem comumente os mesmos príncipes que têm domínio na terra, e que, agregando-se à Igreja de Cristo, e chegando a ser membros do corpo d’ele, foram elevados à dignidade de filhos de Deus. Outros por “deuses fortes” entendem os apóstolos. — Calmet.

SALMO 47

SALMO GRATULATÓRIO. O PROFETA EXALTA O PODER E MISERICÓRDIA DO SENHOR, QUE RESPLANDECE NA DEFENSA, E CONSERVAÇÃO MILAGROSA DA SUA IGREJA, À QUAL ENCHEM DE GLÓRIA OS ESFORÇOS INÓTEIS DOS SEUS MESMOS INIMIGOS. SÃO CONVIDADOS TODOS OS POVOS PARA QUE VENHAM A CONTEMPLAR A SUA FORTALEZA, E MAGNIFICÊNCIA ESPIRITUAL.

1 Salmo. Cântico dos filhos de Coré no segundo dia da semana. (1)

2 Grande é o Senhor, e muito digno de louvor na cidade de nosso Deus, no seu monte santo.

3 Fundado é com júbilo de toda a terra o monte de Sião, os lados do Aquilão, cidade do rei grande. (2)

GRANDEMENTE EXALTADOS — O hebreu oferece outro sentido: "Porque de Deus são os escudos da terra" quer dizer: Deus é o protetor, e governador de todo o mundo: "êle é muito exaltado e por isso é justo que todos o reconheçam, e o sirvam como a um só Deus, e rei imortal. — P. Scio.

(1) **NO SEGUNDO DIA DA SEMANA** — Estas palavras foram adicionadas pela Vulgata. Foi composto na libertação de Jerusalém depois da libertação de Facéias, rei de Israel, e Razin, rei da Síria. 4 Rs 16, 5. Tem cinco estrofes irregulares. Primeira (2-3) Glorifica o Senhor pela beleza da cidade santa. Segunda (4-8) Descreve rapidamente o exército disperso, como uma nau despeçada pela tempestade. Terceira (9) Compara os acontecimentos de então aos antigos milagres. Quarta (10-12) E' uma ação de graças. Quinta (13-15). Descreve a força de Jerusalém pela bondade de Deus.

(2) **FUNDADO É COM JÚBILLO** — Também isto pode servir ao restabelecimento do Templo no meio dos gritos de alegria, e júbilo de todo o povo. 1 Esdr 3, 2. O hebreu tem: "de formosa situação, gozo de toda a terra é o monte de Sião: os lados do Aquilão, a cidade do grande rei". A situação formosa não tanto convinha a Jerusalém pelas bênçãos temporais, pelas quais foi cha-

4 Conhecido será Deus nas casas dela, quando houver de as proteger.

5 Porque eis-aqui os reis da terra se congregaram: Se conjuraram unânimemente contra ela.

6 Eles quando a viram se admiraram, se conturbaram, foram comovidos:

7 Tremor se apoderou d'elles.

Ali sentiram dores como mulher que está de parto,

8 com vento impetuoso quebrarás as naus de Tarsis. (3)

9 Como o ouvimos, assim o vimos na cidade do Senhor das virtudes, na cidade do nosso Deus: Deus a fundou para sempre.

10 Recebemos, ó Deus, a tua misericórdia: No meio do teu templo.

11 Segundo o teu nome, ó Deus, assim também o teu louvor se estende até aos fins da terra: De justiça está cheia a tua destra.

mada a rainha do Oriente, quanto pelas espirituais da presença de Deus, do estabelecimento do seu culto, e a promessa de que nela havia de cumprir o Messias a obra de redenção, que havia de encher de inefável gozo a toda a terra. "Os lados do Aquilão": assim era chamada a parte setentrional da cidade de Jerusalém, onde estava o monte Moriá, e sobre elle fabricado o Templo em frente do monte Sião, que estava para a parte do meio-dia. "A cidade do rei grande", que Deus tem escolhido para a fazer como corte sua; aonde acudiu todo o seu povo a receber as suas ordens, e a oferecer-lhe sacrificios e homenagens. — Calmet.

(3) **QUEBRARAS AS NAUS** — Dissiparás todos os grandes apparatus, e armamentos dos homens contra a tua cidade. Naves Tharsis, eram aquellas naus grandes com que os de Tarso, e os fenícios costumavam fazer largas viagens por mar; e os hebreus applicaram depois este nome a todos os navios, ainda que fôsem de outra nação, que tinham o mesmo uso. Outros o dizem das naus do Mediterrâneo: e outros em geral do mar. Veja-se 3 Rs 10, 22. — P. Scio.

Salmo 47, 12-15; 48, 1-3

12 Alegre-se o monte de Sião, e regozijem-se as filhas de Judá, pelos teus juízos, Senhor. (4)

13 Dai voltas a Sião, e considerai-a ao redor: Contai as tôrres dela. (5)

14 Aplicai-vos a considerar a fôrça dela: E fazei resenha das suas casas, para que o conteis em outra geração.

15 Porque êste é Deus, Deus nosso para sempre, e pelo século do século: Êle nos governará pelos séculos.

SALMO 48

SALMO DIDÁTICO. CONVIDA O SALMISTA A TODOS OS MORTAIS, PARA QUE APLIQUEM A SUA ATENÇÃO AO COTEJO QUE FAZ DA VÁ CONFIANÇA QUE PÕEM OS PECADORES NO PRÓPRIO PODER, E RIQUEZAS, COM A ESPERANÇA QUE ÊLE, E TODOS OS VERDADEIROS FIEIS PÕEM EM DEUS. FORTIFICA AOS JUSTOS CONTRA A TENTAÇÃO QUE SE EXCITA AO VER EM PROSPERIDADE AOS PECADORES.

1 Ao regente do côro, aos filhos de Coré, salmo. (1)

2 Ouvi isto, tôdas as gentes: Percebei-o nos ouvidos todos os que povoais a terra:

3 Assim os nascidos de plebeus, como de homens ilustres: À uma juntamente o rico e o pobre.

(4) **AS FILHAS DE JUDÁ** — As cidades da tribo de Judá, chamadas filhas em atenção a Jerusalém que era a metrópole.

(5) **DAI VOLTAS A SIÃO** — O hebreu tem: "Rodeai a Sião, e cercai-a: contai as suas tôrres. E' uma representação poética, na qual o mundo é convidado a considerar a fôrça inexpugnável, e a magnificência da Igreja por virtude da presença de Deus: ao modo que aos forasteiros se mostram as singularidades e fortalezas de uma cidade, para que levem ao longe a notícia das suas excelências.

(1) **SALMO** — Êste salmo começa por uma espécie de preâmbulo e compreende duas estrofes (9-12) (14-20) terminadas ambas por um estribilho (13). Muitos versículos são obscuros.

4 A minha boca falará sabedoria: E a meditação do meu coração prudência.

5 Inclinarei à parábola o meu ouvido: Exporei com o saltério a minha proposição. (2)

6 Por que temerei eu no dia mau? a iniquidade do meu calcanhar me terá cercado. (3)

7 Aos que confiam nas suas forças: E se gloriam na multidão das suas riquezas. (4)

8 O irmão não resgata, não resgatará o homem: Não dará a Deus a sua propiciação. (5)

9 Nem o preço do resgate da sua alma: E estará em trabalho eternamente.

10 E viverá não obstante até ao fim. (6)

(2) **A MINHA PROPOSIÇÃO** — O hebreu tem: O meu enigma; isto é, um discurso cheio de graves sentenças, ou coisas que não são atingíveis.

(3) **A INIQUIDADE DO MEU CALCANHAR** — Isto é, o fim da minha vida, a maldade em que morrerei: ou a iniquidade de meus passos e das minhas obras será a que me cercará por todos os lados, e me fará réu ante o tribunal do justo juiz. — Pereira.

(4) **AOS QUE CONFIAM** — Quer dizer: Assim também a iniquidade rodeará aos que confiam nas suas forças. Outros com Calmet e Genebrardo, o explicam por apóstrofe e como aviso aos ricos e poderosos da terra.

(5) **O IRMÃO NÃO RESGATA** — Se se ler sem interrogação, a negação do primeiro membro se há de suprir no segundo: *Frater non redimit, non redimet homo?* mas não é necessário sempre que se vir a nota de interrogação; dêste modo *frater non redimit, redimet homo?* O hebreu diz: Nenhum, por mais rico que seja, resgatando resgatará, de nenhum modo poderá livrar da morte ao irmão, nem dará a Deus o seu resgate... Nenhum o poderá fazer, nem para si nem para outro. — P. Scio.

(6) **E VIVERÁ NÃO OBSTANTE** — Porque a redenção da sua alma é de grande preço, e não se fará jamais; de modo que viva por diante para sempre, e não veja a sepultura. Outros expõem isso em diversos modos: Tão longe estará de poder resgatar a sua vida à força de dinheiro, que pelo contrário virá a cair no inferno,

11 Não verá a morte, quando vir morrer os sábios: Igualmente o insensato, e o néscio perecerão. (7)

E deixarão aos estranhos as suas riquezas:

12 E os seus sepulcros serão as suas casas para sempre.

Sua morada no decurso de tôdas as gerações: Para aquêles que deram os seus nomes às suas terras. (8)

13 E o homem, quando estava na honra, não o entendeu: Foi comparado aos brutos irracionais, e se fez semelhante a êles. (9)

14 Êste caminho dêles lhes serve de ruína: E depois na sua bôca se comprazerão.

15 Como ovelhas são postos no inferno: E êles serão pasto da morte.

para viver ali eternamente padecendo. Quer dizer o profeta que se o homem enquanto lhe dura esta vida não procura empregá-la em aplacar a divina justiça com o exercício das boas obras, vindo a morte, nenhum poder humano, nem tôdas as riquezas do mundo bastarão para livrar a sua alma das penas em que incorreu pelas suas culpas. — P. Scio.

(7) **NÃO VERA A MORTE** — Tôda a obscuridade dêste versículo cessa lendo-se com interrogação, em cujo caso é uma comparação de maior a menor: Non videbit interitum, cum viderit sapientes morientes? O hebreu segue êste sentido: Porque o verá, a sepultura: os sábios morrerão: juntamente o néscio e o ignorante perecerão. Os sábios, os pios, e os virtuosos morrerão, porque esta é uma lei comum para todos os homens: porém os sábios morrerão para tornar a viver sempre felizes; mas os néscios, ímpios, e pecadores morrerão, porém morrerão uma vez, para perecer eternamente. — P. Scio.

(8) **QUE DERAM OS SEUS NOMES AS SUAS TERRAS** — Isto é: Os que pretenderam imortalizar a sua memória, denominando as suas terras com os seus nomes; ou, segundo outros, os que pretenderam com os seus sepulcros conservar no mundo ou a sua posteridade a memória dos seus nomes. — Sacy.

(9) **E SE FEZ SEMELHANTE A ÊLES** — O homem criado à semelhança de Deus não entendeu esta condição da sua nobreza,

E os justos terão domínio sobre eles na manhã: E passada a sua glória tudo o que tiveram se envelhecerá no inferno. (10)

16 Mas Deus na verdade resgatará a minha alma do poder do inferno, quando me tomar. (11)

17 Não te dê cuidado quando o homem se enriquecer: E quando se acrescentar a glória da sua casa.

18 Porque em morrendo nada levará ele consigo: E nem a sua glória descenderá com ele.

19 Porque enquanto ele vive será louvada a sua alma: Confessar-te-á quando lhe fizeres bem. (12)

20 Entrará no lugar da morada de seus pais e não verá jamais a luz.

21 O homem, quando estava na honra, não o entendeu: Foi comparado aos brutos irracionais, e se fez semelhante a eles.

e se degradou pelo amor às coisas sensíveis, até fazer-se em grande parte semelhante aos brutos. Também pode expor-se d'este modo: O homem quando se vê em elevação, e em postos altos se esquece facilmente da sua miséria; não considera no que o espera depois desta vida, nem quer entender o que é justo, e conforme a razão para o praticar; antes revestindo-se de costumes ferinos, não segue outra lei, que a que lhe dita o seu apetite, e a sua paixão. Ecl 3, 19.
— P. Scio.

(10) **NA MANHÃ** — Os Santos Padres, Jerônimo, Agostinho, Crisóstomo, e Teodoro, entendem aqui por *manhã* a ressurreição universal. — Calmet.

(11) **QUANDO ME TOMAR** — Ou me chamar a si por meio da morte. — Pereira.

(12) **SERÁ LOUVADA A SUA ALMA** — A sua alma se toma aqui pela sua pessoa. Este se glorificará, quando lhe dê riquezas, porque são o objeto único dos seus desejos. Muitos intérpretes expõem este lugar como uma apóstrofe que repentinamente faz a Deus o profeta. Te louvará o Senhor, pelo seu próprio interesse, quando lhe fizeres bem; mas depois que isto cessar se esquecerá de ti eternamente. — P. Scio.

SALMO 49

SALMO DIDÁTICO. O SALMISTA ANUNCIA A VINDA DO SENHOR: MOSTRA A INSUFICIÊNCIA DOS SACRIFÍCIOS DA LEI ANTIGA: E REPREENDE AOS ÍMPIOS AS SUAS PREVARICAÇÕES.

1 Salmo de Asaf. (1)

O Deus dos Deuses, o Senhor falou: E convocou a terra.

Desde o oriente do sol até ao seu ocaso:

2 De Sião é que vem o resplendor da sua formosura.

3 Deus virá manifestamente: Deus nosso, e não guardará silêncio. (2)

Fogo se incendará na sua presença: E em roda dêle tempestade forte. (3)

4 Chamará de cima ao céu: E a terra para julgar ao seu povo.

5 Congregai junto dêle os seus santos: Que compõem aliança com êle sobre sacrifícios. (4)

6 E anunciaram os céus a justiça dêle: Porquanto Deus é o juiz.

(1) Este salmo é destinado a inculcar a inutilidade dum culto puramente exterior. Tem três estrofes. Primeira (1-6) Descrição da aparição de Deus que vai falar. Segunda (7-15) Discurso de Deus aos fiéis, a quem recomenda que deseja um sacrifício que traduza a adoração do coração. Terceira (16-23) Discurso aos judeus pecadores, que esperam obter o perdão das suas culpas só pela oblação dos sacrifícios: Deus só perdoa aos que se arrependem.

(2) **DEUS VIRÁ MANIFESTAMENTE** — Cheio de majestade, e de glória, e não como na sua primeira vinda, em traje humilde, e conhecido de mui poucos. — Calmet.

(3) **FOGO SE INCENDERÁ** — Um fogo abrasador precederá a sua vinda, que reduzirá tudo a cinza; e ao redor espantosas tempestades, que porão em consternação ao mundo. — P. Scio.

(4) **QUE COMPÕEM ALIANÇA** — O hebreu diz: "Que têm

7 Ouve, povo meu, e eu falarei: Ouve, Israel, e testificarei contra ti: Deus, o teu Deus sou eu. (5)

8 Não te argüirei sobre os teus sacrifícios: Porque os teus holocaustos estão sempre adiante de mim.

9 Não receberei de tua casa bezerras: Nem cabritos dos teus rebanhos.

10 Porque minhas são tôdas as feras das selvas, os animais nos montes e bois.

11 Conheço tôdas as aves do céu: E a formosura do campo comigo está.

12 Se tiver fome não to direi a ti: Porque minha é a redondeza da terra, e a sua plenidão.

13 Porventura comerei carnes de touros? ou beberei sangue de cabritos?

14 Oferece a Deus sacrificio de louvor: E paga ao Altíssimo os teus votos.

15 E invoca-me no dia da tribulação: Livrar-te-ei, e honrar-me-ás.

16 Mas ao pecador disse Deus: Por que falas tu dos meus mandamentos, e tomas o meu testamento na tua bôca?

17 Pôsto que tu tens aborrecido a disciplina: E postergaste as minhas palavras.

18 Se vias um ladrão, corrias com êle: E com os adúlteros fazias sociedade.

19 A tua bôca abundou de malícia: E a tua língua urdia enganos.

20 Estando sentado falavas contra teu irmão, e punhas tropêço contra o filho da tua mãe:

feito comigo ato com sacrificio." S. Jerônimo diz: Qui feriunt pactum meum. A nova aliança foi selada com o sangue do cordeiro. — P. Scio.

(5) **OUVE, POVO MEU** — Aqui principia a falar o juiz até o fim do salmo. — Pereira.

21 Isto fizeste, e eu me calei.

Creste a iniquidade, que serei tal como tu: Argüir-te-ei, e to porei diante da tua cara. (6)

22 Entendei isto os que vos esqueceis de Deus: Não suceda que vos arrebate, e não haja quem vos livre.

23 Sacrifício de louvor me honrará: E ali o caminho, por onde lhe mostrarei a salvação de Deus.

SALMO 50

SALMO DEPRECATÓRIO E PENITENCIAL. DAVI CHEIO DE CONFUSÃO PELOS SEUS PECADOS PEDE A DEUS HUMILDEMENTE QUE LHE PERDOE CONFESSANDO-OS COM SINCERIDADE: SUPLICA-LHE QUE SE Digne DE RENOVAR NÉLE A PAZ, E A ALEGRIA DE CONSCIÊNCIA: PROMETE-LHE FAZER PENITENCIA POR ÊLES: DE MANEIRA QUE O SEU EXEMPLO SIRVA A OUTROS DE INSTRUÇÃO, E DE ESCARMENTO PARA A GLÓRIA DO MESMO DEUS: ÚLTIMAMENTE LHE PEDE, E ROGA POR TÔDA A IGREJA.

1 Ao regente do cântico, salmo de Davi. (1)

2 Quando veio buscá-lo o profeta Natã, depois de haver pecado com Betsabée. (2 Rs 12) (2).

(6) **CRESTE A INIQUIDADE** — Alguns o traduzem como advérbio: existimasti inique, cresce nesciamente; e é mais conforme aos Setenta, onde se lê: extimuiisti iniquitatem; e o hebreu: Creste que certamente seria eu semelhante a ti. — Pereira.

(1) **SALMO DE DAVI** — Tem quatro estrofes: Na primeira (3-6) confessa o crime; na segunda pede que seja lavada a alma da mancha que sobre ela caiu; na terceira que a alma seja renovada; na quarta promete o reconhecimento e um sacrifício de louvores. Com razão escreve Vigouroux, ob. cit.: “Há poucas páginas na Bíblia que encerrem tantas verdades em tão poucas linhas”.

(2) **DEPOIS DE HAVER PECADO COM BETSABÉE** — Do mesmo título deste salmo se vê claramente qual seja o seu argumento. Davi no tempo da sua penitência, animado do espírito pro-

3 Tem piedade de mim, ó Deus, segundo a tua grande misericórdia. (3)

E segundo as muitas mostras da tua clemência, apaga a minha maldade.

4 Lava-me mais e mais da minha iniquidade: E purifica-me do meu pecado. (4)

5 Porque a minha maldade eu a conheço: E o meu pecado diante de mim está sempre.

6 Contra ti só pequei, e fiz o mal diante dos teus olhos: Para que sejas justificado nas tuas palavras e venças quando fôres julgado. (5)

fético, compôs um salmo que convém a todos os tempos, e que também podia convir aos judeus cativos em Babilônia. Tem quatro estrofes.

(3) **TEM PIEDADE DE MIM** — Davi mostra aqui no entender dos bons exegetas, que sabia que a Deus o que mais agrada, após a culpa do pecador, é a súplica de perdão e de misericórdia, na qual vai o arrependimento sincero, e com este o propósito de emenda.

SEGUNDO A TUA GRANDE MISERICÓRDIA — A propósito destas palavras S. Bernardo confronta com os pecados a misericórdia de Deus, dizendo que com os homens esta misericórdia é mais do que com os Anjos, aos quais logo castigou, quando caíram. S. Basílio, no comentário a este salmo, diz que Davi, conhecendo a grandeza da sua culpa, pediu a Deus usasse com ele de toda a sua misericórdia, até se esgotar com ele a fonte dela. Magnus David, universam, in se gratia offendi, et totum miserationem fontem in peccati in ulcere evacuarit orat.

(4) **E PURIFICA-ME DO MEU PECADO** — Torna-me a lavar, pôsto que já esteja lavado, porque quando Davi dizia isto, já havia ouvido por boca de Natã, que o Senhor lhe havia perdoado. Quer dizer: purifica bem as manchas do pecado que ficaram na minha alma. Aumenta na minha alma a caridade, e a graça, para estar purificado mais na tua presença. Admirável paralelismo com a frase inteira.

(5) **CONTRA TI SÓ PEQUEI** — Davi havia pecado também contra os homens, já pela injúria particular feita a Betsabée e a

7 Eis-aqui sabes que eu fui concebido em iniquidades: E em pecados me concebeu minha mãe. (6)

8 E bem vejo que tu amaste a verdade: E me revelaste o segredo, e o escondido do teu saber.

9 Tu me borrifarás com o hissope, e serei purifi-

Urias, e já pelo escândalo público que havia causado; mas para agravar mais o seu delito, também para conseguir o perdão, e o remédio daquele, em quem só podia achá-lo, se apresenta como culpado, e réu diante só de Deus; dando a entender que a ofensa feita aos homens é de pouco peso em comparação da que se faz àquela infinita Bondade, e Majestade ofendida, cuja lei é violada em todo o pecado: e também para mostrar que nenhuma escusa, perdão, acepção de pessoas, ou poder humano o podia livrar do juízo de Deus; ainda que em qualidade de rei estivesse isento do castigo dos homens. Gên 20, 6; 39, 9. Lev 5, 19; 6, 2. 3. 4. — P. Scio.

SEJAS JUSTIFICADO -- Perdoa-me, Deus meu, para que sejas reconhecido fiel nas tuas palavras, e fiquem vencidos, e confundidos os ímpios que se atrevem a duvidar de tuas promessas, em virtude das quais perdoas ao pecador que se arrepende. Vatablo. Este sentido é o mesmo em que o cita S. Paulo. Rom 3, 4. O hebreu tem: "Para que sejas reconhecido justo no teu falar, e puro no teu julgar; quer dizer: para que te seja dada toda a glória nos juízos, e castigos que podes pronunciar, e executar contra mim. S. João Crisóstomo. Alguns o expõem deste modo: Tu és justo nas sentenças, e não havendo outro juiz superior a quem recorrer, e em vão pretender apelar do que uma vez pronunciastes, e assim beijarei a mão que me castigue. O texto da Vulgata pode reduzir-se sem violência a este mesmo sentido, sempre que judicaris se tome em significação ativa, por judicaveris conforme ao texto hebreu. — P. Scio.

(6) **CONCEBIDO EM INIQUIDADES** — Não somente confesso o meu pecado neste feito, senão também em geral no vício da minha natureza corrupta pela culpa original, que me infeccionou pela geração. Como quem dissera: Não somente tenho feito este mal, senão que sou malvado por natureza. Jó 14, 4; Jo 3, 6; Rom 5, 12; Ef 4, 23. Todos os Padres reconhecem nestas palavras a culpa original, que contrai o homem na sua formação, conforme

cado: Lavar-me-ás, e me tornarei mais branco que a neve. (7)

10 Ao meu ouvido darás gôzo e alegria: E se regozijarão os meus ossos humilhados.

11 Aparta o teu rosto dos meus pecados: E apaga tôdas as minhas maldades.

12 Cria em mim, ó Deus, um coração puro: E renova nas minhas entranhas um espírito reto.

13 Não me arremesses da tua presença: E não tires de mim o teu espírito santo. (8)

14 Dá-me a alegria da tua salvação: E conforta-me por meio do espírito principal. (9)

15 Ensinarei aos iníquos os teus caminhos: E os ímpios se converterão a ti.

aquela expressão de Orígenes: *Quaecumque animu in carne nascitur, iniquitatis et peccati corde polluitur*, 8, in *Lev.* Veja-se S. Agostinho neste lugar e no Livro I contra Julianos. — Pereira.

(7) **E SEREI PURIFICADO** — Obrando em mim o efeito que se figurava nas purificações cerimoniaes. Lev 14, 4. 49. 51. 52. Num 19, 18, cujo efeito e causa só a verdadeira e perfeita expiação, que se consegue em virtude do sangue e morte de Jesus Cristo, por onde nos vem a mundificar-se a nossa alma de toda a obra morta, como nos ensina o apóstolo. Hbr 9, 13. 14. — P. Scio.

(8) **E NÃO TIRES DE MIM O TEU ESPÍRITO SANTO** — Isto é, a graça santificante, ainda que alguns Padres explicam também o *Spiritum Sanctum tuum* do espírito de profecia, que temia haver perdido pelo pecado. — P. Scio.

(9) **DO ESPÍRITO PRINCIPAL**. — A palavra hebraica se interpreta voluntária, livre: quer dizer, o espírito da tua graça, que é o autor da verdadeira liberdade espiritual nos fiéis. Rom 8, 2. Os livra do pecado, e da morte, e faz que com vontade e gôsto sirvam ao Senhor. Outros trasladam como na Vulgata, principal ou real, de maneira que o Senhor seja realmente pelo seu espírito o Árbitro, e Governador da alma, e de todos os seus pensamentos e movimentos, como é a alma do corpo. Jó 30, 15. Outros, com S. Jerônimo, trasladam *Spiritu potenti*, e o expõem do espírito da fortaleza, para não tornar a cair na desgraça do pecado. — Calmet.

16 Livra-me dos sangues, Deus, Deus da minha salvação, e a minha língua exaltará a tua justiça. (10)

17 Senhor, abrirás os meus lábios: E a minha bôca anunciará o teu louvor.

18 Porque se tu quisesses sacrifício, o houvera na verdade oferecido: Tu não te deleitarás com holocaustos.

19 Sacrifício para Deus é o espirito atribulado: Ao coração contrito, e humilhado não o desprezarás, ó Deus.

20 Senhor, faz bem a Sião de tua vontade: Para que se edifiquem os muros de Jerusalém.

21 Então aceitarás sacrifício de justiça, oferendas, e holocaustos: Então porão sôbre o teu altar bezerras. (11)

(10) **LIVRA-ME DOS SANGUES** — Diz dos sangues no número plural: porque não foi só um o homicídio, que Davi cometeu, mas foram tantos, quantos eram os que ele expôs com Urias a uma morte certa. Assim Bossuet. Mas Santo Agostinho considera que por estes sangues entende Davi a corrupção, que se contrai na nossa conceição. — Pereira.

(11) **ENTÃO ACEITARAS** — Quando perdoares o meu pecado, pelo qual todo o corpo do povo está contaminado por mim, que sou a sua cabeça, tornando-te benigno para conosco, para aceitares os nossos sacrificios. Havia dito Davi que Deus não buscava, nem queria sacrificios carnaes, senão o verdadeiro do coração contrito, e humilhado, e que este só era o que aceitava. Penetrado deste sentimento, e temendo que o Senhor castigasse ao povo, e à cidade de Jerusalém pelos seus pecados, se volta a fazer-lhe uma nova súplica, pedindo-lhe que a gravidade dos que havia cometido não o movesse a suspender o curso dos seus favores, e piedades sôbre Sião, e sôbre Jerusalém; que se dignasse defendê-la, e conservar em pé os seus muros, não permitindo que fôsse destruída. Com o que ele, e o seu povo lhe ofereceriam sacrificios, que lhe fôsse agradáveis, ou de justiça, acompanhados do mais terno afeto, e do mais vivo reconhecimento a tão grandes misericórdias. Então, por esta palavra indica Davi o tempo da vinda do verdadeiro Salvador de Israel, e pede a Deus que, segundo a sua eterna eleição, e a sua infinita misericórdia, tivesse a bem fazer fabricar a verdadeira Sião, e a espiritual Jerusalém, adiantando o estabe-

SALMO 51

SALMO DIDACTICO. DAVI, DEPOIS DE HAVER DADO EM ROSTO A DOEG COM A SUA PERFIDIA, INUMANIDADE, O AMEAÇA COM O TREMEMENTO JUÍZO DE DEUS, EM QUEM TEM POSTA TODA A SUA CONFIANÇA E A SEGURANÇA DA SUA PESSOA.

1 Ao regente do côro. Por instrumentos de Davi.

2 Quando veio Doeg idumeu, e noticiou a Saul: Davi veio para casa de Aquimelec. (1 Rs 22, 9.) (1).

3 Por que te glorias na malícia tu, que és poderoso em iniquidades?

4 Todo o dia excogitou injustiça a tua língua: Como navalha aguda fizeste engano. (2)

5 Quiseste mais o mal que o bem: A linguagem da iniquidade mais que a da justiça.

6 Amas tôdas as palavras de ruína, ó língua enganadora. (3)

lecimento da sua Igreja; porque o seu santo espírito lhe fazia conhecer, que então o grande sacrificio de justiça, que, segundo Santo Ambrósio, é o adorável do Corpo de Jesus Cristo, sacrificado à divina justiça pela santificação dos pecadores, seria agradável ao Padre Eterno sobre todos os outros sacrificios, que só serviam para figurá-lo e annunciá-lo. — P. Scio.

(1) QUANDO VEIO DOEG — O título dêste salmo nos declara o seu argumento. Tem três estrofes.

(2) COMO NAVALHA AGUDA — Ou afiada, que passando mui suavemente, e como para cortar a barba somente, se crava e fere como afagando: assim Doeg, havendo estado com Davi e Aquimelec no Tabernáculo do Senhor, mostrando-lhes amizade, ou quando menos indiferença, perfidamente, e com a maior aleivosia, foi depois causa com a sua maliciosa acusação de que se derramasse tanto sangue inocente. 1 Rs 21, 9. — P. Scio.

(3) PALAVRAS DE RUÍNA — O hebreu diz: "Palavras de devoção." Os Setenta, "de submersão," cujo sentido é o mesmo. — Pereira.

Salmo 51, 7-11; 52, 1

7 Por isso Deus te destruirá para sempre, arrancar-te-á e transplantar-te-á a ti da tua morada: E à tua estirpe da terra dos viventes.

8 Vê-lo-ão os justos, e temerão, e dêles se rirão, e dirão:

9 Eis-aqui o homem que não tomou a Deus por seu protetor:

Mas que esperou na multidão das suas riquezas: E prevaleceu na sua vaidade.

10 Mas eu, como oliveira frutífera na casa do Deus, esperei na misericórdia de Deus para sempre: E pelos séculos dos séculos.

11 Louvar-te-ei para sempre por que fizeste: E esperarei no teu Nome, porque é bom diante dos teus Santos. (4)

SALMO 52

SALMO DIDÁTICO. DESCREVE DAVI A IMPIEDADE, E GERAL CORRUPÇÃO DOS MUNDANOS, E A PERSEGUIÇÃO QUE ÊLES TÊM DECLARADO CONTRA OS FIEIS: AMEAÇA-OS COM O JUÍZO DE DEUS, DESEJANDO QUE SEJA PRONTAMENTE EXECUTADO PARA VERDADEIRO ALÍVIO E CONSOLAÇÃO DA SUA IGREJA.

Ao regente do coro.

1 Sôbre Maelet Panreiteia inteligência de Davi. (1)

(4) **E ESPERARNI** — Esperarei com paciência, e conformidade o favor, e graça do teu nome.

PORQUE É BOM — Bonum pode referir-se a nomen: por êle é doce, e amável aos teus Santos: E também a tódá a frase expectabo nomen tuum porque o “esperar no teu Nome” é coisa excellentíssima por confissão, e experiência dos teus servos, para merecer a continuação dos teus benefícios. — P. Scio.

(1) **MAELET** — Esta palavra significa doença, e provavelmente applica-se a um salmo composto por ocasião duma enfermidade.

Disse o néscio no seu coração: Não há Deus.

2 Perverteram-se, e se têm feito abomináveis em iniquidades: Não há quem faça bem.

3 Deus desde o céu olhou sôbre os filhos dos homens: Para ver se há quem tenha inteligência, ou busque a Deus.

4 Todos se desviaram, juntamente se fizeram inúteis: Não há quem faça bem, não há sequer um só.

5 Porventura não virão em conhecimento todos os que oprimem iniquidade, os que devoram o meu povo como quem come pão?

6 Não invocaram a Deus: Ali tremeram de medo, onde não havia que temer. (2)

Porque Deus dissipou os ossos daqueles que contentam aos homens: Foram confundidos, porque Deus os desprezou. (3)

7 Quem dará de Sião a salvação a Israel? Quando Deus puser fim ao cativeiro do seu povo, regozijar-se-á Jacó, e alegrar-se-á Israel. (4)

dade. De resto este salmo é o mesmo que o Salmo 13, à exceção de algumas palavras que o autor alterou, talvez para melhor o acomodar à música em que devia ser cantado.

(2) **ALI TREMERAM DE MEDO** — O sentido é: Que devendo temer a Deus, temeram aos homens, a quem não deviam procurar agradar. — Sacy.

(3) **PORQUE DEUS** — Este versículo não se lê no Sl 13. Deus destrói o poder daqueles que por contentar aos homens atropelam a sua divina Lei. Padecerão eterna confusão, porque Deus os apartará de si. — P. Scio.

(4) **E ALEGRAR-SE-A ISRAEL** — Quando sairá de Sião o Salvador de Israel, aquêle que há-de pôr fim à opressão que padece Israel livrando ao seu povo da escravidão do pecado, e do demônio? O que alegrará em grande maneira a Jacó, e celebrará o novo povo de Israel com cânticos e festas. — P. Scio.

SALMO 53

SALMO DEPRECATÓRIO. DAVI VENDO-SE APERTADO DE SEUS INIMIGOS, PEDE A DEUS QUE O LIVRE DO SEU FUROR: E CHEIO DE CONFIANÇA NA PROTEÇÃO DO SENHOR, LHE PROMETE QUE OS SEUS BENEFÍCIOS ETERNAMENTE LHE NÃO CAIRÃO DA MEMÓRIA.

Ao regente do côro com acompanhamentos de instrumentos de corda.

1 Para instrução de Davi,

2 quando vieram os zifeus, e disseram a Saul: Pois que não está Davi escondido na nossa terra? (1 Rs 23, 19; 26, 1.) (1).

3 Salva-me, ó Deus, em teu Nome: E com o teu poder julga a minha causa.

4 Escuta, ó Deus, a minha oração: Percebe nos teus ouvidos as palavras da minha bôca.

5 Porque os estranhos se têm levantado contra mim, e os fortes buscaram a minha alma: E não puseram a Deus diante de si. (2)

6 Mas eis-aqui Deus me favorece: E o Senhor é o protetor da minha alma.

7 Faze voltar os males sôbre os meus inimigos: E na tua verdade destrói-os.

(1) **ZIFEUS** — Foi composto por ocasião da traição dos zifeus 1 Rs 13, 19. Tem duas estrofes: a primeira é uma queixa; a segunda a confiança no Céu.

(2) **PORQUE OS ESTRANHOS** — Assim chama Saul, aos do seu partido, e aos zifeus, ainda que estes eram da tribo de Judá, porque se portavam com ele sem humanidade alguma, como bárbaros, e totalmente estranhos. Sl 17, 4; 142, 3. Is 1, 7. Como a palavra *hostis* não significa outra coisa senão estrangeiro, forasteiro, os romanos mostravam a sua moderação em dar este nome a um inimigo. Cicer. de Offic. Lib. I. — Pereira.

8. Eu te oferecerei um sacrifício voluntário, e louvarei o teu nome, Senhor: Porque é bom.

9 Porquanto de toda a tribulação me tens livrado: E os meus olhos olharam com desprezo sobre os meus inimigos. (3)

SALMO 54

SALMO DEPRECATÓRIO. DAVI EXPÕE AO SENHOR A PERFDIA DE SEUS INIMIGOS. E PEDE-LHE SOCORRO. ANUNCIA A SUA RUÍNA. EXORTA AOS JUSTOS A QUE PONHAM TODA A SUA CONFIANÇA NO SENHOR.

1 Ao regente do côro. Com acompanhamento de instrumentos de corda. Instrução de Davi. (1)

2 Ouve, ó Deus! A minha oração, e não desprezes o meu humilde rogo:

3 Atende-me a mim, e ouve-me.

Estou contristado na consideração que me exercita: e estou conturbado. (2)

4 Pela voz do inimigo, e pela perseguição do pecador.

(3) **OLHARAM COM DESPREZO** — O hebreu e os Setenta têm expressões, que com toda a propriedade significam “olhar para o que está debaixo, ou olhar para baixo, e com desprezo:” e esta é a força do verbo de que usa a Vulgata *despexit*: porque Davi confiado em Deus podia ver e olhar para seus inimigos sem os temer, e também se pode dizer que com desprezo. — Pereira.

(1) **DE DAVI** — Este salmo é, como o Salmo 40, do tempo da revolta de Absalão. Refere-se a um amigo que o traiu, que é Aquitofel, em quem os exegetas vêem a figura de Judas Iscariote.

(2) **NA CONSIDERAÇÃO** — O hebreu tem: “Me lamento na minha meditação, e no meu desassossêgo.” Tudo o que se segue nos versículos seguintes convém justamente a Jesus Cristo, na tristeza e agonia que padeceu no horto, considerando a atrocidade dos tormentos, e morte que supunha já próxima. — P. Scio.

Porque lançaram iniquidades sobre mim: E com ira me eram molestos.

5 O meu coração está conturbado dentro de mim: E medo de morte caiu sobre mim.

6 Temor e tremor vieram sobre mim: E cobriram-me trevas:

7 Então disse: Quem me dará asas como de pomba, e voarei, e descansarei? (3)

8 Eis-aqui me alonguei fugindo: E permaneci na soledade.

9 Ali aguardava àquele que me salvou do abatimento de espírito, e de tempestade. (4)

10 Destrói, Senhor, confunde as línguas deles: Porque tenho visto a injustiça, e a contradição na cidade. (5)

11 Dia e noite a cercará sobre seus muros a iniquidade: E opressão está no meio dela,

12 e injustiça.

E não faltou de suas praças usura, e engano.

(3) **QUEM ME DARÁ ASAS, COMO DE POMBA** — Entende-se para voar a um lugar seguro, e apartado de meus inimigos. Isto concorda belamente com o que lemos, que Davi dissera aos seus: *Surgite, fugiamus; neque enim erit nobis effugium a facie Absalam*; Levantai-vos, e fujamos, porque à vista de Absalão não poderemos escapar. 2 Rs 15, 14. — Bossuet.

(4) **DO ABATIMENTO DE ESPÍRITO** — Do abatimento de espírito em que me tem pôsto a tempestade, que se tem levantado contra mim; a conspiração de Absalão, e seus sequazes. O hebreu diz: "apressar-me-ei para escapar do vento impetuoso do furacão." isto é, da fúria e violência dos meus inimigos. — P. Scio.

(5) **DESTROÍ** — Vê-se aqui a confiança que o salmista tinha no Senhor. Com o espírito inteiramente preocupado das desgraças e calamidades que oprimiam Jerusalém, e cheio de indignação contra os autores de tantos males, pede ao Senhor confunda, como outrora em Babel, os seus inimigos. Veja-se a propósito o 2 Rs 15, 31.

13 Porque se o meu inimigo houvera falado mal de mim, eu o houvera sofrido por certo.

E se aquêlê que me tinha em aborrecimento, houvera falado de mim com insolência, talvez me houvesse escondido dêle.

14 Mas tu homem de um coração comigo, minha guia, e meu conhecido: (6)

15 Que juntamente comigo tomavas doces manjares: Na casa do Senhor andamos acordes. (7)

16 Venha a morte sôbre êles: E desçam vivos ao inferno:

Porque há malícia nas moradas dêles, no meio dêles.

17 Mas eu clamei a Deus: E o Senhor me salvará.

18 De tarde, e manhã, e ao meio-dia narrá-lo-ei, e publicá-lo-ei: E êle ouvirá a minha voz. (8)

(6) **E MEU CONHECIDO** — O que tudo convém a Aquitofel. 2 Rs 15, 22; 16, 23. O sentido na Vulgata fica suspenso, e se deve suprir. Mas que farei sendo o aleivoso tu? *homo unanims*. No hebreu do mesmo modo, ainda que está ordenado desta outra maneira: "Porque não inimigo me afrontou, que o sofreria; nem o que me aborrecia falou insolentemente contra mim, que me guardaria dêle; senão tu homem, segundo a minha estimação, meu governador", meu conselheiro ordinário e meu familiar; que comunicávamos docemente um ao outro nossos segredos, e fâmos de companhia à casa de Deus. — P. Scio.

(7) **TOMAVAS DOES MANJARES** — Tudo isto se applica igualmente ao traidor Judas: "Qui intingit mecum manum in paropside hic me tradet. Mt 26, 23. E comia não só os manjares comuns, mas que comeu também, como parece, o pão eucarístico. O que faz mais horrenda a sua traição. — P. Scio.

(8) **DE TARDE, E MANHÃ** — Os hebreus começavam a contar o dia desde a tarde. Aqui se insinuam os três tempos da oração cõtídiana, que se observavam no povo de Deus, nas casas particulares. Dan 6, 10. At 3, 1; 10, 3. 9. 10, exemplo que foi seguido dos primeiros cristãos. Davi nisto significa: que dirigia a Deus contínuos rogos gemendo, até conseguir que Deus ouvisse os seus clamores. — Calmet.

19 Redimira em paz a minha alma livrando-a dos que me cercam: Porque êles eram muitos contra mim. (9)

20 Ouvir-me-á Deus, e humilhá-los-á o que é antes dos séculos.

Porquanto não há nêles mudança, e não temeram a Deus:

21 Estendeu a sua mão para lhes retribuir. (10)

Contaminaram o seu testamento,

22 foram dissipados pela ira do seu rosto: E o seu coração se aproximou.

As suas palavras são mais suaves que o azeite: E elas são ao mesmo tempo dardos. (11)

23 Lança sôbre o Senhor o teu cuidado, e êle te sustentará: Não deixará que flutue o justo para sempre. (12)

(9) **DOS QUE ME CERCAM** — O verbo *apropinqua* na Vulgata denota muitas vezes assaltar, sitiá, combater, perseguir. Outros trasladam: Porque ainda que muitos sejam, são muitos mais os que estão a meu lado em minha defesa; entendendo-o dos anjos que estão destinados para guardar a cada um dos servos do Senhor, especialmente a Jesus Cristo, 4 Rs 6, 16. — P. Scio.

(10) **ESTENDEU A SUA MÃO** — Na Vulgata se fala aqui de Deus, e o sentido está interrompido; porém no hebreu se lê desta maneira: Estendeu, Absalão, ou Aquitofel, as suas mãos contra os seus pacíficos; profanou, violou a sua aliança. — Calmet.

(11) **E ELAS SÃO AO MESMO TEMPO DARDOS** — Aquitofel, o maior amigo de Davi, na aparência, deu contra êle um conselho de morte. Judas, um dos apóstolos de Jesus Cristo, e seu Ecônomo, o entregou com aleivosia a seus inimigos por meio do ósculo que havia dado por sinal de paz. — P. Scio.

(12) **LANÇA SOBRE O SENHOR O TEU CUIDADO** — Põe no Senhor todos os teus cuidados, e nada te faltará; e se alguma vez parece que deixa ao justo flutuando entre as ondas da perseguição, não se esquece; êle o sustém, e ultimamente o conduz ao porto com toda a segurança. — Pereira.

24 Mas tu, ó Deus, os conduzirás ao poço da perdição. (13)

Os homens sangüinários, e enganadores não chegam à metade de seus dias: Mas eu em ti esperei, Senhor.

SALMO 55

SALMO DEPRECATORIO. DAVI REPRESENTANDO AO SENHOR O ÓDIO IMPLACAVEL QUE LHE TINHAM OS SEUS INIMIGOS, IMPLORA O SEU SOCORRO CONTRA ELES, E PONDO NELE TODA A SUA CONFIANÇA, NÃO TEME OS EFEITOS DA VIOLÊNCIA, E INJUSTIÇA DOS HOMENS.

Ao regente do côro. *Yonath élem rekhoquim.* (1)

1 Davi pôs esta inscrição por título, quando os filisteus o detiveram em Get. (1 Rs 20, 12.) (2)

2 Tem misericórdia de mim, ó Deus, porque me

(13) CONDUZIRAS AO POÇO — O que pode ser alusivo à desgraçada morte de Absalão, e de um grande número dos seus parciais, que pereceram aos flos da espada no bosque onde se deu a batalha; e o mesmo sucede cada dia, castigando aos pecadores com mortes apressadas, e imprevistas.

(1) YONATH ÉLEM REKHOQUIM — Estas palavras não são facilmente traduzíveis, porque se ignora o seu verdadeiro sentido. A Vulgata traduziu *Pro populo*, quia a *Santis longe factus est*, e o P. Pereira em português, *Pelo povo, que se achava longe dos santos*: mas o que tem o inconveniente de não corresponder ao original. A letra estas expressões querem dizer: a pomba muda de longe, o que não se comprehende; parece, porém, que era com a música dum canto que tinha esta letra, que se devia entoar este salmo, e então traduzem este obscuro título desta forma: "Ao regente do côro; para ser cantado com a ária da pomba muda longínqua". Tem quatro estrofes.

(2) FILISTEUS — Na Vulgata está *Allophylo* o termo grego empregado pelos Setenta, que o P. Pereira traduziu por *Estrangeiros*, mas é sabido que era esta a denominação com que naquela versão eram indicados os filisteus. Cfr. 1 Rs 21, 12.

atropelou o homem, angustiou-me combatendo todo o dia contra mim.

3 Pisaram-me os meu inimigos todo o dia: Porque são muitos os que pelejam contra mim.

4 Na altura do dia temerei: Mas eu em ti esperei. (3)

5 Em Deus louvarei as palavras que me tem dado, em Deus tenho esperado: Não temerei o que me possa fazer a carne. (4)

6 Todo o dia abominavam as minhas palavras: Contra mim eram todos os pensamentos dêles para me fazerem mal.

7 Congregar-se-ão e esconder-se-ão: Eles armaram insídias ao meu calcanhar. (5)

(3) **NA ALTURA DO DIA** — Ou no meio-dia. Parece que o sentido é que temia a luz do dia por não ser descoberto, sendo tantos os que iam em seu seguimento; mas que pondo em Deus a sua confiança, nada tinha que temer, ainda que se visse cercado de inimigos na maior claridade, ou luz do dia, que é quando o sol está mais alto. Outros o explicam de outros modos. O hebreu diz: "Porque são muitos os que pelejam contra mim, ó alto, ó Deus Altíssimo, "de dia te temerei: eu em ti confiarei. — P. Scio.

(4) **EM DEUS LOUVAREI AS PALAVRAS** — À letra: "as minhas palavras." O hebreu tem a palavra *dêle*. Estas eram as promessas que Deus lhe havia feito, de lhe dar o reino de Saul, ou de Israel para ele, e para a sua posteridade. — Pereira.

(5) **CONGREGAR-SE-ÃO** — Fala dos cortesãos de Saul, emprega-se o futuro pelo pretérito: se ajuntavam em Conciliábulos, dissimulavam, e me espiavam. Porém no rigor da letra, é um sentido profético, que alude aos Conciliábulos dos judeus, depois de conspirarem contra a vida de Jesus Cristo, e por temor do povo não se atreviam a manifestar os seus perversos desígnios. O *inhabitabunt* denota, segundo o texto hebreu, "o Congregarem-se em conventículos." — P. Scio.

EM TIRAR-ME A VIDA — No hebreu pertence isto ao versículo precedente: "observam os meus passos, como esperando ocasião para tirar-me a vida. — P. Scio.

Como êles porfiaram em tirar-me a vida,
8 tu de nenhum modo os salvarás: Com ira quebrantarás êstes povos.

9 O' Deus, a ti tenho manifestado a minha vida:
Tu viste as minhas lágrimas diante de ti,
conforme a tua promessa: (6)

10 Então serão postos em fuga os meus inimigos.
Em qualquer dia que eu te invocar: Eis-que conheço que tu és o meu Deus.

11 Em Deus louvarei a palavra, no Senhor louvarei a promessa: Em Deus esperarei, não temerei o que o homem me possa fazer.

12 Sobre mim estão, ó Deus, os teus votos que cumprirei com louvores a ti. (7)

(6) CONFORME A TUA PROMESSA — Na versão seguimos a distribuição, e pontuação que têm as palavras na Vulgata. Outros o dispõem, e explicam dêste modo: Creio seguramente, que segundo as tuas promessas, serão dissipados os meus inimigos no mesmo tempo que a tua providência tem destinado; e em qualquer tempo que te invoco, imediatamente me fazes conhecer que tu és o meu Deus. O hebreu nos oferece outro sentido, e outras imagens bellissimas: "Tu terás contado as minhas fugidas", isto é: Tu, Senhor, sabes quantas vêzes tenho andado peregrino por tua causa; fugindo, e escondendo-me da violência, e tirania dos meus inimigos. "Põe as minhas lágrimas no teu odre;" não permitas que sejam perdidas tantas lágrimas, e suspiros; tem conta com elas, guarda-as na tua memória, e faz delas como um depósito, ou reservatório, para que a sua abundância te mova a socorrer-me. "Porventura não estão no teu registo? então os meus inimigos voltarão as costas no dia que eu clamar; pois sei que Deus está por mim. — Pereira.

(7) SOBRE MIM ESTÃO, Ó DEUS — Isto é: Sobre mim estão os meus inimigos como uma carga de que me livrarei, quando cumprir os votos que fiz de te louvar, o que alude aos sacrificios de louvor que estão prevenidos pela lei, para dar graças pelos benefícios recebidos. Outros, com Calmet, traduzem: Eu conservo,

13 Porquanto livraste a minha alma da morte, e os meus pés da queda: Para que eu seja aceito diante de Deus no lume dos viventes. (8)

SALMO 56

SALMO DEPRECATÓRIO. DAVI PEDE SOCORRO CONTRA OS SEUS INIMIGOS.

Ao regente do côro.

1 Não destruas, Davi pôs esta inscrição *Miktham* quando fugindo da presença de Saul se retirou à cova. (1 Rs 22, 1; 24, 4.) (1)

2 Tem piedade de mim, ó Deus, tem piedade de mim: Porque em ti confia a minha alma.

ó Deus, a lembrança dos votos que te tenho feito, e dos louvores de que te sou devedor. — Percirn.

(8) **NO LUME** — Alguns aplicam isto aos desejos de ir a Jerusalém: “Entre a luz, e alegria do povo de Jerusalém; considerando a Davi como entre as trevas, por se achar metido no meio de uns povos idólatras. — P. Scio.

(1) **MIKTHAM** — A Vulgata traduziu esta palavra por *titulus*; é o nome dos seus Salmos 15, 55, 59. A sua significação é obscura, mas parece querer significar um salmo dum sentido profundo e oculto.

QUANDO FUGINDO — Davi compôs este salmo quando se viu obrigado a refugiar-se na cova de Odolão, fugindo do furor de Saul, que ia em seu seguimento. 22, 1. As palavras, no *disperdas*, se explicam comumente como saindo da boca de Davi falando com Deus: Não me entregues a meus inimigos para que me tirem a vida. Mas outros confessam ingenuamente que não sabem a que propósito estão aqui. No hebreu lhes correspondem, *Al thasteth*: e se crê que são ou princípio de uma canção vulgar, a cujo som se devia cantar este salmo, ou título de orações feitas em perigos graves da vida, ou nome de instrumento: e assim trasladam o título do hebreu deste modo: “*Hicthâm de Davi quando se retirou à cova fugindo de Saul, dado ao Mestre dos músicos sôbre Al tascheth.*”

E na sombra das tuas asas esperarei, até que passe a iniquidade. (2)

3 Clamarei ao Deus altíssimo: Ao Deus que me fez bens.

4 Enviou desde o céu, e livrou-me: Cobriu de opróbrio aos que me pisavam.

Enviou Deus a sua misericórdia, e a sua verdade,

5 e tirou a minha alma do meio dos cachorros dos leões: conturbado dormi. (3)

Fillhos dos homens, os dentes são armas e setas e a sua língua espada aguçada.

6 Exalta-te a ti, ó Deus, sobre os céus: E brilhe a tua glória por toda a terra.

7 Eles têm preparado laço aos meus pés: E têm feito encurvar a minha alma.

Cavaram diante de mim uma cova: E caíram nela.

8 Aparelhado está o meu coração, ó Deus, aparelhado o meu coração: Cantarei, e direi salmo.

9 Levanta-te, glória minha, levanta-te, saltério e cítara: Levantar-me-ei de manhã. (4)

Duguet havendo observado que os salmos, que têm por título *No disperdas*, estão cheios de ameaças contra os pecadores, e de promessas a favor dos justos, crê ser esta uma oração breve, e a epígrafe do salmo. Este salmo é muito regular; tem quatro estrofes de seis versos. — Miktham.

(2) **ATÉ QUE PASSE A INIQUIDADE** — *Donec transeant serumn*. Os tormentos, e tribulações que me ocasionam a iniquidade, e o ódio dos meus contrários. — Pereira.

(3) **CONTURBADO DORMI** — Outros dizem: *inter quos dormivi conturbatus*; porque o temor de me ver cercado dêles, não me deixava repousar, ou conciliar o sono. No hebreu se expõem de diversos modos. “A minha alma dormiu no meio de ferozes leões”, outros aplicam o *Feroces affili hominum* d’este modo: *Feroces sunt filii hominum: dentes eorum*. — P. Scio.

(4) **LEVANTAR-ME-EI DE MANHÃ** — E’ uma *prosopopéia*

Salmo 56, 10-12; 57, 1-2

10 Louvar-te-ei entre os povos, Senhor: E salmo te direi entre as Nações:

11 Porque a tua misericórdia tem sido engrandecida até aos céus, e a tua verdade até às nuvens.

12 Exalta-te a ti, ó Deus, sôbre os céus: E brilhe a tua glória sôbre tôda a terra.

SALMO 57

SALMO DIDÁTICO. LAMENTA-SE DAVI NESTE SALMO PELAS INJUSTIÇAS DOS CONSELHEIROS, E CORTESÃOS DE SAUL: ROGA AO SENHOR QUE OS CONFUNDA, PARA QUE OS JUSTOS SE CONSOLEM, E TENHAM MATÉRIA DE LHE DAR GRAÇAS.

Ao regente do côro.

1 Al'thaschekchett de Davi *Miktham*. (1)

2 Se verdadeiramente falais justiça: Julgai com retidão, ó filhos dos homens. (2)

sôbre o que diz Santo Agostinho: "Persuado-me que reconheceis nestas palavras a Cristo que ressuscita." — Pereira.

(1) **AL'THASCHEKCHETH** — E' esta a segunda palavra do salmo no original, que a Vulgata traduziu *Ne disperdas*, a que corresponde, segundo o P. Pereira, o termo português *não destruas*. Não se conhece a significação d'este termo; sabe-se porém, segundo as melhores opiniões, que é o nome dum cântico. A linguagem d'este salmo é viva, as imagens mais frequentes do que nos outros. Tem quatro estrofes. Primeira (2-3) Apóstrofe aos juizes que violam o direito. Segunda (4-6) Quadro dos maus, que o são como a vibora que oculta o seu veneno; e como o áspide insensível à voz do encantador. Terceira (7-10) Oração a Deus, para que sejam aniquilados como animais perigosos. Quarta (11-12) E que o justo triunfe das perseguições.

(2) **JULGAI COM RETIDÃO** — O hebreu com maior ênfase e veemência: Porventura: ó consistório de verdade, pronunciais justiça? filhos de Adão, julgais retamente? Dirige o seu discurso

3 Porquanto obrais maldades no coração: As vossas mãos tramam injustiças na terra.

4 Os pecadores desde a sua origem se alienaram, erraram desde que saíram do ventre de sua mãe: Falarão falsidades.

5 O furor deles é semelhante ao da serpente: Como o de áspide surdo, e que fecha os seus ouvidos. (3)

6 Que não ouvirá a voz de encantadores: Nem a de mago que encanta segundo a sua arte.

7 Deus lhes quebrará os dentes na sua bôca: Os queixos dos leões quebrará o Senhor.

aos conselheiros, e cortesãos de Saul, como se dissera: Por que blasonais, e vos prezais tanto de justiceiros, trazendo de contínuo vamente o nome de justiça na vossa bôca, e desmentindo a cada passo as vossas palavras com a injustiça de vossas obras? *Non sit justitia labiorum, sed factorum.* — T. Scio.

(3) **SURDO, E QUE FECHA OS SEUS OUVIDOS** — Tudo o que o salmista diz neste verso, e no seguinte, sobre o taparem as serpentes as orelhas, à primeira voz que ouvem do encantador, e sobre os artifícios de que este se vale para as encantar se deve entender num sentido popular, e segundo as opiniões que então corriam, e ainda hoje correm entre o comum dos homens, sem que daqui precisamente se possa tirar como indubitável, nem que a natureza desse às serpentes o instinto de taparem as orelhas, nem que culpa nas forças naturais do homem podê-las encantar, e muito menos que seja lícito o uso da arte mágica. Porque os escriptores sagrados, ainda que cheios de luz sobrenatural, e infalível pelo que toca aos mistérios da religião, à doutrina dos costumes, e à narração dos fatos históricos por eles atestados, nas matérias contudo que concernem a natureza física das coisas, nas comparações, nos modos de falar, costumam ordinariamente explicar-se por termos populares, supondo até as preocupações, e falsas crenças do vulgo, para se acomodarem à capacidade e luzes de cada um. Dêste assunto é digníssima de se ler a Dissertação de Calmet, que tem por título: *Sobre os encantamentos das serpentes, de que se fala no salmo 57.* — Pereira.

8 Reduzir-se-ão ao nada como água que corre: Entesou o seu arco até que sejam abatidos. (4)

9 Serão destruídos como a cêra que se derrete: Caiu fogo de cima, e não viram o sol. (5)

10 Antes que os vossos espinhos se vejam feitos arbustos: Assim êle os devorará como ainda vivos. (6)

11 Alegrar-se-á o justo quando vir a vingança: As suas mãos lavará no sangue do pecador.

12 E dirá o homem: Se de certo há fruto para o justo: De certo há Deus que os julga sôbre a terra.

SALMO 58

SALMO DEPRECATÓRIO. DAVI POSTO EM GRANDE PERIGO DE CAIR NAS MÃOS DE SAUL, RECORRE A DEUS E LHE SUPLICA HUMILDEMENTE, QUE TOME POR SUA CONTA A VINGANÇA; PELO QUE SE OBRIGA A MOSTRAR O SEU AGRADECIMENTO, E EMPREGAR-SE EM LOUVA-LO.

Ao regente do côro.

1 *Al'thaschkchett* de Davi *Miktham* quando enviou Saul, e pôs guardas à sua casa para o matar. (1 Rs 19, 11.)

(4) **ATÉ QUE SEJAM ABATIDOS** — O hebreu diz: “Arroje Deus as suas setas, e em um instante sejam cortadas:” ou sejam como se houvessem sido decepados: “caminhem como caracol que se desfaz:” passem dêste mundo: “como o aborto de uma mulher, não vejam o sol.” — P. Scio.

(5) **CAIU FOGO DE CIMA** — Venha sôbre vós o fogo da vingança divina, que vos prive do uso da luz comum a todos os viventes como priva a um aborto. — Calmet.

(6) **ANTES QUE OS VOSSOS ESPINHOS** — O' ímpios, que desde o vosso nascimento sois nocivos como os espinhos. Deus vos destrua com tempo antes que cresça, e se fortifique a vossa malícia, à maneira de verde e tenro espinho, que por último vem a crescer, e formar-se arbusto, endurecendo-se, e armando-se de duros e agudos espinhos com que se fere, e atravessa a mão que se lhe chega, ou o toca. — S. Jerônimo.

2 Livra-me, meu Deus, de meus inimigos: E livra-me dos que se levantam contra mim.

3 Livra-me dos que obram iniquidade: E salva-me dos varões sangüinários.

4 Pois eis-aqui que fizeram prêsa da minha alma: Vieram sôbre mim os fortes. (1)

5 Nem maldade minha, nem pecado meu é causa disto, Senhor: Sem injustiça corri, e ordenei os meus passos.

6 Levanta-te ao meu encontro, e considera: E tu, Senhor Deus das virtudes, Deus de Israel, (2)

atende a visitar tôdas as gentes, não uses de piedade com todos os que obram iniquidade.

7 Voltarão junto à tarde: E padecerão fome como cães, e rodearão a cidade. (3)

8 Eis-aqui falarão com à sua bôca, e espada está nos lábios dêles: Porque quem tem ouvido? (4)

9 Mas tu, Senhor, zombarás dêles: Olharás como um nada tôdas as gentes.

(1) **VIERAM SOBRE MIM OS FORTES.** — Os soldados e gente que havia enviado Saul, para o prender na sua mesma casa. O hebreu diz: “se juntaram sôbre mim fortes.” — Pereira.

(2) **LEVANTA-TE AO MEU ENCONTRO** — Corre prontamente a defender-me. Tu és, Senhor, o Deus de Israel, o Deus dos exércitos. Castiga exemplarmente estes ímpios, que cada dia acrescentam delitos, e se fazem indignos da tua misericórdia. — Pereira.

(3) **E RODEARÃO A CIDADE** — Descreve o cuidado, e ousadia dos ministros de Saul para surpreender a Davi, e os compara a cães danados. — P. Scio.

(4) **PORQUE QUEM TEM OUVIDO?** — Alguns explicam este lugar dêste modo: bem podemos falar com liberdade; porque ninguém nos ouve nem há quem disto possa dar aviso a Davi. O hebreu diz: “Porque quem há que a ouça?” O que muitos aplicam aos que não crêem que há Providência, ou juízo de Deus — P. Scio.

10 Depositarei em ti a minha fortaleza, porque tu és Deus amparador meu:

11 Deus meu, a misericórdia dêle se antecipará.

12 Deus me dará a conhecer acêrca dos meus inimigos, não os mates: Porque talvez não se esqueçam os meus povos. (5)

Espalha-os com o teu poder: E abate-os, Senhor, protetor meu!

13 Pelo pecado da sua bôca, pelas palavras dos seus lábios: E que fiquem prêsos na sua mesma soberba.

E pela sua execração e mentira serão mostrados,

14 no dia da consumação: Serão convencidos pela tua ira, e não subsistirão mais.

E saberão que Deus dominará a Jacó: E aos confins da terra.

15 Voltarão à tarde e padecerão fome como cães: E rodearão a cidade.

16 Êles mesmos andarão dispersos para comer: E se não se fartarem, ainda murmurarão. (6)

17 Mas eu cantarei a tua fortaleza: E me regozijarei pela manhã da tua misericórdia.

(5) **DEUS ME DARÁ A CONHECER** — Isto é, me dará indícios do castigo com que determina tratar meus inimigos. O hebreu tem: "Deus me fará ver nos meus êmulos o castigo desejado." — P. Scio.

NÃO OS MATES: PORQUE TALVEZ — É o mesmo que dizer: Não os mates, mas seja durável o seu castigo, para que os meus povos o tenham sempre na memória. Dito profético, em que Santo Agostinho, e outros Padres, consideram vaticinada a dispersão do povo judaico, para exemplo dos cristãos. — Bossuet.

(6) **AINDA MURMURARÃO** — Andarão de porta em porta como mendigos buscando o pão, porquanto sucederá freqüentemente que por falta dêle não possam saciar a fome; cheios de impaciência murmurarão. — P. Scio.

Porque te fizeste meu amparador, e meu refúgio, no dia da minha tribulação.

18- Eu te cantarei a ti, favorecedor meu, porque és Deus amparador meu: Deus meu, misericórdia minha.

SALMO 59

SALMO DEPRECATÓRIO NO QUAL DAVI PEDE A VITÓRIA SOBRE OS IDUMEUS.

Ao regente do cântico.

- 1 Sobre *Schouscham'edouth*. Miktham Davi, (1)
- 2 quando destruiu a Mesopotâmia da Síria, e a Sobal, e voltando Joab, derrotou a Iduméia no vale das Salinas com o destrôço de doze mil homens. (2 Rs 8, 1; 10, 1, e 1 Paral 18, 1.) (2)

(1) **SCHOUSCHAM'EDOUTH** — Estas palavras, de sentido obscuro, foram traduzidas pela Vulgata *Pro his qui immutabuntur*, Para aqueles que hão de ser mudados, o que é incompreensível. A primeira já nos referimos, dizendo que significa o lírio, certamente uma ária conhecida por este nome, de algum instrumento agora desconhecido. A segunda palavra não foi traduzida pela Vulgata neste salmo, talvez pelo seu sentido demasiado obscuro. Talvez se possa traduzir — Ao regente do cântico; com a música de lírio de testemunho. Os antigos intérpretes seguindo a Vulgata entendiam que estas palavras se deviam referir aos homens que deveriam ser mudados nos seus costumes e pensamentos pela vinda do Messias.

(2) **QUANDO DESTRUIU** — Estas palavras indicam duma maneira geral a época da composição do salmo. Devia ter sido antes da vitória do vale das Salinas, no momento em que os idumeus assolavam a Palestina do sul, aos quais o rei não podia opor resistência eficaz. Tem três estrofes. A primeira (3-7) Queixas e orações de Israel, sob o jugo dos idumeus. Segunda (8-10) Discurso de Deus anunciando o desbarato das forças opressoras. Terceira (11-14) Suplica ao Senhor para alcançar a vitória sobre os idumeus.

Salmo 59, 3-9

3 O' Deus, desamparaste-nos, e destruiste-nos: Tu te iraste, e tiveste piedade de nós. (3)

4 Fizeste estremecer a terra, e a turbaste: Sara as suas fendas, porque está abalada.

5 Mostraste ao teu povo coisas duras: Deste-nos a beber vinho de compunção. (4)

6 Deste aos que te temem um sinal: Para que fugissem da face do arco: (5)

E que se livrassem os teus amados:

7 Salva-me com a tua destra, e ouve-me.

8 Deus falou no seu santuário. Alegrar-me-ei, e partirei para Siquém, e medirei o vale dos tabernáculos. (6)

9 Meu é Galaad, e meu é Manassés: E Efraim fortaleza da minha cabeça. (7)

(3) **DESAMPARASTE-NOS** — Isto deve entender-se das grandes calamidades, que sofreu o povo no governo dos juizes, e do reinado de Saul, deste modo: Em outro tempo irado, Deus meu. conosco como indignos da tua proteção, nos desamparaste e permitiste que os nossos inimigos nos vexassem; mas por fim de tudo isto, aplacado misericordiosamente nos salvaste. — Pereira.

(4) **VINHO DE COMPUNÇÃO** — O hebreu diz: "vinho de perturbação," deixando-nos como aturdidos, e sem saber que fazer, à semelhança dos que perdem o sentido, pelo excesso do vinho que beberam. Veja-se a ameaça do Dt 28, 34. — P. Scio.

(5) **DESTE AOS QUE TE TEMEM** — Alude ao costume de levantar uma bandeira em um lugar elevado, para que soubessem aonde se haviam de refugiar os que fugiam, vendo-se perseguidos. Is 11, 12, ou talvez ao que succedeu, quando Moisés por ordem de Deus fez rociar as portas dos israelitas com o sangue do Cordeiro, que devia de servir de sinal ao anjo exterminador, para que não lhes fizesse algum dano, ao mesmo tempo que matava a todos os primogénitos do Egito. — Ex 12. — P. Scio.

(6) **SIQUÉM** — Veja-se em 19, 6.

(7) **E EFRAIM** — Em cuja tribo, pelo seu grande número, e pelo seu valor das armas consiste a força principal de meu reino, Dt 33, 17. Sl 77, 9. Porém aqui se entendem comumente as dez tribos. — P. Scio.

Judá meu rei: (8)

10 Moab vaso da minha esperança. (9)

Sobre a Iduméia estenderei o meu calçado: Submetidos me estão os estrangeiros. (10)

11 Quem me conduzirá à cidade fortificada? Quem me conduzirá até à Iduméia?

12 Quem senão tu, ó Deus, que nos desamparaste? E não sairás tu, ó Deus, em nossos exércitos?

13 Dá-nos socorro na tribulação: Porque vã é a salvação da parte do homem.

14 Em Deus faremos proezas: E ele mesmo reduzirá a nada aos que nos afligem. (11)

(8) **JUDÁ MEU REI** — Veja-se o Gén 49, 10, que pode servir de exposição a este lugar. O hebreu tem: "Judá, meu legislador;" em Jerusalém, cidade principal de Judá, e de todo Israel está o grande conselho dos setenta juízes Núm 11, 16, e a minha côrte soberana de justiça. Sl 121, 5. — P. Scio.

(9) **VASO DA MINHA ESPERANÇA** — Uns querem que esta região se chame assim por ser mui fértil e abundante: outros, seguindo o hebreu, onde se lê "Vaso do meu Lavatório," crêem que se significa nesta expressão: que aquêle povo foi reduzido a uma vilíssima escravidão, e a todos os exercícios próprios dos escravos, dos quais era um o de lavar os pés a seus senhores. Pode também ser alusivo ao grande destrôço, que nêles fêz Davi matando dois terços dêles: 2 Rs 8, 2. E por isto aquêle território foi como uma grande tina ou caldeira de sangue. — P. Scio.

(10) **ESTENDEREI O MEU CALÇADO** — Tomarei posse. Os juriscultos para denotar isto usam da fórmula, pedem ponnere; e entre os latinos pedem proferre significa dilatar o império. Rut 4, 7. — Pereira.

(11) **EM DEUS FAREMOS PROEZAS** — Com a sua ajuda, e socorro: com o seu poder. Sl 55, 5-11.

SALMO 60

**SALMO DEPRECATORIO E PROFÉTICO, EM QUE DAVI IMPLO-
RA O AUXÍLIO DO SENHOR, E SUSPIRA PELO TABERNA-
CULO DO SEU DEUS: ANUNCIANDO O REINO ETERNO DO
MESSIAS.**

Ao regente do côro. Com acompanhamento de ins-
trumentos de corda.

1 De Davi. (1)

2 Ouve, Deus meu, a minha deprecação: Atende
à minha oração.

3 Desde os fins da terra a ti clamei: Quando estava
angustiado o meu coração, na pedra me collocaste. (2)

Guiaste-me,

4 porque te fizeste a minha esperança: Tôrre da
fortaleza diante do inimigo.

5 Habitarei no teu tabernáculo pelos séculos: Abri-
gar-me-ei à sombra das tuas asas.

6 Porque tu, Deus meu, ouviste a minha oração:
Deste herança aos que temem o teu nome.

(1) Este salmo foi composto durante a revolta de Absalão quando Davi fugia para Maanaim, perto de Galaad. Tem três es-
trofes de seis versos. Primeira (2-4). Davi fugindo pede a Deus
que o guarde e conduza. Segunda (4-6). Deus é a sua força; de-
seja pois habitar sempre junto do Tabernáculo. Terceira (7-9). Que
Deus dê longos dias ao rei, que o guarde, e este lhe agradecerá
celebrando o seu Santo nome.

(2) **DESDE OS FINS DA TERRA** — Isto mostra que Davi
compôs este salmo, quando fugiu de Absalão, para os confins do
reino de Israel, 2 Rs 18, 22, ainda que o atribuem indeterminada-
mente ao tempo em que vivia longe de Jerusalém, e do tabernáculo,
sofrendo a violenta perseguição de Saul. Sl 41, 8. Em outro sen-
tido se dá a entender que a Igreja se estenderia até às extremi-
dades da terra, e que em todo o lugar seria adorado, e invocado o
seu Deus. — P. Sefo.

7 Acrescentarás dias aos dias do rei: Os seus anos durarão até o dia de uma e de outra geração. (3)

8 Ele permanece eternamente na presença de Deus: A misericórdia e a verdade dêle quem a sondará?

9 Assim cantarei eu salmo ao teu nome pelo século do século: Para cumprir os meus votos cada dia. (4)

SALMO 61

SALMO DEPRECATÓRIO. DAVI SE CONSOLA NO SENHOR ANUNCIANDO O TOTAL EXTERMINIO DE SEUS PERSEGUIDORES: E EXORTA AOS FIEIS A QUE, APARTANDO A SUA CONFIANÇA DAS COISAS MUNDANAS, EM QUE SOMENTE SE ACHA VAIDADE, A PONHAM E FIXEM SÓ EM DEUS. A QUEM PERTENCE O PODER E A MISERICÓRDIA.

Ao regente do cântico,

1 Para Iditum, salmo de Davi. (1)

2 Porventura a minha alma não estará sujeita a Deus? Pois que dêle é a minha salvação.

(3) **ATÉ AO DIA** — Fazendo que viva, e reine sob a proteção da tua graça, e constante amor todo o tempo que tiveres determinado: e que o reino da tua Igreja seja eterno no Messias, que há de nascer da minha descendência. Estas palavras de consentimento unânime de todos os padres, e ainda dos rabinos antigos, não tiveram o seu perfeito cumprimento, nem se verificaram senão só na pessoa de Jesus Cristo, cujo reino não tem fim, e o seu dia é o da nova geração, porque somos “reproduzidos nêle” para uma vida que nunca se há de acabar. — P. Scio.

(4) **PELO SÉCULO DO SÉCULO** — O reino em Davi era temporal, em Cristo não tem fim. Esta misericórdia, e esta verdade serão para mim digno argumento de eternos hinos e louvores. — P. Scio.

(1) **IDITUM** — Era um dos três regentes do cântico do tempo de Davi. 1 Par 16, 41. Foi composto este salmo durante a revolta de Absalão. Contém cinco estrofes. Primeira (2-3). Ato de con-

3 Porquanto êle mesmo é meu Deus, e meu Salvador: Meu amparador, não serei comovido jamais.

4 Até quando arremetereis contra um homem? Ajuntai-vos todos para acabar com êle, como a parede inclinada, e muro abalado? (2)

5 Certamente meditaram tirar-me a minha dignidade, corri sedento: Com a sua bôca me bendiziam, e com o seu coração me maldiziam. (3)

6 Mas tu, ó alma minha, conserva-te sujeita a Deus: Porque d'êle é que vêm a minha paciência.

7 Porque êle é meu Deus, e meu salvador: Meu favorecedor, não me comoverei.

8 Em Deus está a minha salvação, e a minha glória: De Deus é que espero o meu socorro, e a minha esperança em Deus está.

fiança em Deus. Segunda (4-5). Projetos dos inimigos de Davi contra a sua pessoa. Terceira (6-8). Novo ato de confiança em Deus. Quarta (9-11). Discurso ao povo para que espere em Deus o seu auxilio, para o que deve evitar o mal e praticar o bem. Quinta (12-13). Deus remunerador, recompensando cada um segundo os seus merecimentos.

(2) **ATÉ QUANDO ARREMETEREIS** — E' uma apóstrofe que faz Davi aos seus inimigos e perseguidores: O hebreu: "Até quando maquinareis contra um homem", pondo-lhe cilladas? "Se-reis mortos todos quantos sois semelhantes a uma parede inclinada, e a um valado desfeito," e que está para arruinar-se. — Pereira.

(3) **CORRI SEDENTO** — Os Setenta *cucurri in siti*, como na Vulgata: ou também *cucurrerunt in siti* applicando-o aos perseguidores: correram após de mim sedentos de beber-me o sangue. No hebreu não há equivocação alguma porque o verbo está na terceira pessoa do plural. — P. Scío.

9 Esperai nêle tôda a congregação do povo, derramai ante êle os vossos corações: Deus é o nosso favorecedor eternamente.

10 Certamente vãoos são os filhos dos homens, mentirosos os filhos dos homens em balanças: Êles conspiram concordemente em vaidade para usar de enganos. (4)

11 Não queirais confiar na iniquidade, nem queirais cobiçar rapinas: Se abundardes em riquezas, não queirais pôr nelas o coração.

12 Uma vez falou Deus, estas duas coisas tenho ouvido que o poder é de Deus, (5)

13 e a ti, Senhor, a misericórdia: Porque tu retribuirás a cada um segundo as suas obras.

(4) **CERTAMENTE VÃOOS SÃO OS FILHOS DOS HOMENS** — Isto é: são tão vãoos, e de tão pouca substância os filhos dos homens, que se todos êles juntos se pusessem em uma balança, e a mesma vaidade em outra, ainda se conheceria, que pesavam menos que a vaidade. O sentido da Vulgata se pode também reduzir a êste mesmo: são tão vãoos os filhos dos homens, que postos todos juntos em balanças, se encontrará que são mais vãoos do que se pode crer, ou imaginar. Outros o explicam das balanças enganadoras, ou pesos falsos nos comércios e contratos. — *Pereira.*

(5) **UMA VEZ** — A palavra de Deus é imutável, e o que uma vez disse é irrevogável. — *S. Jerônimo.*

ESTAS DUAS COISAS — Para que ninguém use de meios injustos para adquirir riquezas, e para que ninguém ponha o seu coração nas mesmas, quero dar-vos certeza do que revelou a nossos pais, e que tem feito uma forte impressão na minha alma, e são duas coisas: Primeira: que Deus é onipotente, para que o homem somente nêle confie; e ao mesmo tempo é misericordioso, para assistir com a riqueza, e abundância das suas graças aos que o amam. E a outra: que êle é justíssimo para premiar aos bons, e castigar aos ímpios. No que se alude ao que Deus disse, quando falou ao povo sobre o Sinai. Ex 20, 5.6. — *P. Scio.*

SALMO 62

SALMO DEPRECATÓRIO. DAVI PERSEGUIDO, E APARTADO DO TABERNÁCULO DO SENHOR, MOSTRA OS GRANDES DESEJOS QUE TEM DE VOLTAR À SUA VISTA. EXPLICA AS CONSOLAÇÕES QUE RECEBIA DO SENHOR, E ANUNCIA A RUÍNA DOS SEUS INIMIGOS.

Salmo de Davi,

1 Quando estava no deserto da Iduméia. (1 Rs 22, 5.) (1)

2 O' Deus, ó meu Deus, em ti estou vigilante desde o raiar da luz.

De ti tem sêde a minha alma, a minha carne por ti suspira. (2)

3 Nesta terra deserta, e sem caminho, e sem água: Porque em teu santuário te contemplei, vi o teu poder, e a tua glória.

4 Porque a tua misericórdia é melhor que a mesma vida: Os meus lábios te louvarão.

(1) **IDUMÉIA** — A Vulgata seguindo os Setenta traz Iduméia, mas Judá é o que se lê em Eutimius, e nos mais autorizados manuscritos. Este salmo é uma prece que Davi dirige ao Senhor pela manhã, e como tal foi usada pela primitiva Igreja. Constituições Apostólicas, 8, 37. S. João Crisóstomo chama-lhe o salmo da manhã, e diz dêle: *Accendit in Deum desiderium, et animum excitat, ac postquam valde inflammavit, magna replevit laetitia et caritate, ita permittit accendere Expositio, in SI 140, 54.* Quando se organizou o breviário romano a Igreja determinou que este salmo fôsse rezado nas Laudes. O assunto é fácil de compreender. Davi, obrigado a refugiar-se num árido deserto para escapar à cólera do seu inimigo, pede a proteção de Deus e o castigo para os maus. Tem seis estrofes.

(2) **DE TI TEM SEDE** — Sente a minha alma uma sede tão ardente de ti, que se comunicam os seus efeitos ainda ao mesmo corpo. — P. Scío.

5 Assim te bendirei em minha vida: E invocando o teu nome levantarei as minhas mãos.

6 Como de banha e de gordura será farta a minha alma: E com lábios de júbilo te louvará a minha bôca, (3)

7 quando me tenho lembrado de ti sôbre o meu leito passo as minhas madrugadas meditando em ti:

8 Porque foste meu defensor.

E à sombra das tuas asas exultei,

9 a minha alma vai unida após de ti: A tua destra me fortalece.

10 Mas êles em vão procuram tirar-me a vida, entrarão nas profundidades da terra:

11 Serão entregues nas mãos da espada, prêsa serão das rapôsas. (4)

12 Mas o rei se alegrará em Deus, louvados serão

(3) **DE BANHA E GORDURA** — Mantivemos a tradução do Padre Pereira no texto, que assim verteu a Vulgata *adipe et pinguedine*. Não nos devemos porém esquecer que se trata de verso, empregada a linguagem poética. As palavras que estão no original, correspondentes a estas *halele* e *dashen*, em sentido próprio têm esta significação, em sentido metafórico significam a excelência de bondade e abundância que sacia por completo: *optimum cujus rei, fecunditas, fertilitas*. Desta sorte o sentido dêste versículo é este: De opulência o abundância será farta a minha alma. E' modo de dizer enfático e metafórico, corresponde a "ficar-se-á tão saciado, como aquêlê que se alimenta com suavíssimo e abundantíssimo manjar." *Duae voces idem significantes ad majorem eupharim: q. d. Tamquam suavissimo cibo; nam pignus cibus gratior et suavior: h. e. Omne voluptate perfundetur animus.* — Menochio.

(4) **PRÊSA SERÃO** — Põem a espécie pelo gênero; porquanto a Judéia e a Palestina abundavam de rapôsas, como se vê pelas trezentas que ajuntou Sansão. O sentido é este: Os que me perseguem em vão me buscam para me oprimir; antes de o conseguir ou baixarão vivos aos abismos, ou perecerão ao fio da espada; e os seus cadáveres ficarão sem sepultura, para pasto das feras. — Pereira.

todos os que juram por êle: Pois se fechou a bôca aos que falam coisas iníquas. (5)

SALMO 63

SALMO DEPRECATÓRIO. DESCREVE DAVI AS VIOLENCIAS DOS QUE O PERSEGUEM: E PEDE AO SENHOR QUE O LIVRE DAS SUAS MÃOS, INTIMANDO-LHES O TERRÍVEL JUÍZO, QUE DEUS FARÁ DELES PARA GLÓRIA SUA, E PARA CONSOLAÇÃO DOS BONS.

Ao regente do côro.

1 Salmo de Davi. (1)

2 Ouve, ó Deus, a minha oração quando te rogo:
Do temor do inimigo livra a minha alma.

3 Defendeste-me da conspiração dos malignos: Da multidão dos que obram iniquidade.

4 Porque aguçaram como espada as suas línguas:
Entesaram o arco, coisa amarga, (2)

5 para de emboscada assetear ao inocente.

(5) **O REI** — Muitos críticos, por causa desta palavra, pretendem que este salmo não pode ser do tempo da perseguição de Saul; adverte Vigouroux que não é impossível que Davi, depois de ter sido sagrado por Samuel, tivesse desde logo tomado o título de rei, e que usasse entre os seus de semelhante predicamento, e que estes jurassem por êle. Manuel Biblique.

(1) **SALMO DE DAVI** — Provavelmente foi composto no tempo da perseguição de Saul, contra os cortesãos deste, que o indispunham a cada momento, calunhando-o constantemente. Tem três estrofes. Primeira (2-6). Que Deus proteja Davi contra os caluniadores. Segunda (6-7). Descrição dos maus tratos e calúnias que o vitimavam. Terceira (8-11). Castigo que Deus lhe reservou.

(2) **COISA AMARGA** — O que está no original hebraico é palavra amarga, *dabar mar*, que os intérpretes entendem desta maneira: “em vez de ervadas setas despediram contra mim amargas calúnias, que matam moralmente; ou, segundo outros, “sugereem calúnias a Saul, para que este me matasse.”

6 De súbito o assetearam: Obstinaram-se na sua depravada resolução.

Trataram de esconder laços: Disseram: Quem os verá?

7 Excogitaram iniquidades: Faltaram os perscrutadores no escrutínio. (3)

Chegar-se-á o homem ao profundo do coração: (4)

8 E Deus será exaltado.

As feridas que elles fazem são como as das flechas de crianças: (5)

9 E as suas línguas perderam a força voltando-se contra elles mesmos.

Conturbados foram todos os que viam:

10 E todo o homem temeu.

E annunciaram as obras de Deus: E entenderam os seus feitos.

11 Alegrar-se-á o justo no Senhor, e esperará nêle. e serão louvados todos os retos de coração.

(3) **EXCOGITARAM INIQUIDADES** — Crimes, que me imputam. Como vertem Sacy, de Carrières e Calmet. Outros com Bossuet expõem: elles andaram buscando com todo o cuidado as iniquidades, isto é, os iníquos meios de me fazerem mal.

(4) **CHEGAR-SE-A O HOMEM AO PROFUNDO DO CORAÇÃO** — Quer dizer, que o homem ímpio, quando não ache no innocente obras, que argüir, passará a acusar até os seus occultos pensamentos. — Bossuet.

(5) **COMO AS DAS FLECHAS DE CRIANÇAS** — O hebreu diz: "Mas Deus os asseteará." Esta é uma antítese do verso 4: "As suas feridas serão como de repentina seta" quando estejam mais engolfados nos seus longos pensamentos, e projetos. Outros: "Mas Deus os asseteará com seta; de repente serão as suas fendas. E farão cair sobre si as suas mesmas línguas; espantar-se-ão todos os que virem". Isto é: os seu mesmos malvados conselhos, que tomaram, e deliberaram com as suas línguas recairão sobre elles. Sl. 33, 22; 93, 23. Os Setenta leram sem dúvida *parvulorum simplicium* em vez de súbito, repente. — P. Scio.

SALMO 64

SALMO GRATULATÓRIO. O PROFETA EM NOME DE TODA A IGREJA DÁ A DEUS RENDIDAS GRAÇAS POR HAVÊ-LA LIVRADO DE ALGUMA CALAMIDADE: E CELEBRA AS BÊNÇÃOS E BENS ESPIRITUAIS QUE DERRAMA SOBRE OS SEUS.

Ao regente do cântico, salmo de Davi.

1 Cântico de Jeremias, e de Ezequiel para o povo da transmigração, quando começavam a partir. (1)

2 A ti, ó Deus, te são devidos os hinos em Sião: E a ti se te pagarão os votos em Jerusalém.

3 Ouve a minha oração. A ti virá toda a carne.

4 Palavras de iníquos prevaleceram contra nós: E tu perdoarás as nossas impiedades.

5 Bem-aventurado o que elegeste, e tomaste para o teu serviço: Ele habitará nos teus átrios.

Encher-nos-ás de bens da tua casa: Santo é o teu templo,

6 maravilhoso em equidade.

Ouve-nos, ó Deus, Salvador nosso, esperança de todos os limites da terra, e no mar longe. (2)

(1) **DE JEREMIAS E DE EZEQUIEL, ETC.** — Esta adição é da Vulgata, não está no hebreu, nem no caldeu, nem no siríaco. Significa, no entender de Vigouroux, ob. cit., que este salmo é um cântico de vitória, mas não é fácil determinar precisamente a data da sua composição. E' notável pela sua forma elegante, pelos seus rasgos brilhantes e pela sua geral clareza. Tem quatro estrofes. **Primeira** (2-6). Glorifica a Deus e proclama feliz o que visita o seu templo. **Segunda** (6-9). Poderio de Deus. **Terceira** (10-11). Deus fecunda a terra e alimenta-nos. **Quarta** (12-14). Continua-se o mesmo pensamento.

(2) **E NO MAR LONGE** — *Et in mari longé*; é o mesmo que *in mari longinquo*. O hebreu diz: "Com coisas terríveis, com maravilhas, portentos, nos responderás em justiça, nos livrarás,

7 Que dispões os montes com a tua virtude, cingido de poder:

8 Que revolves o fundo do mar, o estrondo das suas ondas.

Perturbar-se-ão as gentes,

9 e os que habitam os fins da terra temerão pelos teus prodígios: Darás alegria às saídas da manhã e da tarde. (3)

10 Visitaste a terra, e embriagaste-a: Enriqueceste-a de muitas maneiras.

O rio de Deus se encheu de águas, preparaste a comida de seus habitantes: Porque tal é a disposição dela. (4)

11 Embriaga os seus ribeiros, multiplica as suas produções: Nas chuvas que se distilam alegrar-se-á a terra dando frutos.

12 Bendirás a coroa do ano da tua bondade: E os teus campos se encherão de abundância. (5)

13 As selvas amenas se engrossarão: E se cingirão de regozijo os outeiros.

14 Vestidos estão os carneiros dos rebanhos, e os vales abundarão de trigo: Gritarão, porque dirão hinos. (6)

Deus da nossa salvação, esperança de todos os fins da terra, e das partes mais remotas do mar. — P. Scio.

(3) **DARÁS ALEGRIA** — Com os teus imensos benefícios dá matéria de alegria a todo o mundo, desde de onde sai a manhã, até onde termina a tarde; e por este meio farás que todos te louvem. — S. Jerônimo.

(4) **O RIO DE DEUS** — Hebraísmo que corresponde ao superlativo, quer dizer ao rio caudaloso. Alguns aplicam isto ao Jordão, outros ao Nilo, que com as suas inundações fertiliza as suas campinas; porém parece que convém a todos os rios grandes e caudalosos.

(5) **A COROA DO ANO** — Isto é, no decurso do ano.

(6) **VESTIDOS ESTÃO** — O hebreu diz: Vestem-se as cam-

SALMO 65

SALMO GRATULATÓRIO EM QUE O PROFETA CONVIDA A TODOS OS MORADORES DA TERRA A QUE GLORIFIQUEM AO SENHOR PELOS ANTIGOS PRODIGIOS, QUE HAVIA OBRADO EM FAVOR DO SEU POVO, E POR OUTRAS GRACAS PARTICULARES: OFERECE-LHE, POR TODOS ESTES BENEFÍCIOS, A LOUVÁ-LO SEM CESSAR.

Ao regente do côro.

1 Cântico do Salmo da Ressurreição. (1)

Celebrai a Deus todos os da terra,

2 dissei: salmo ao seu nome: Dai a glória ao seu louvor.

3 Disse a Deus quão terríveis são, Senhor, as tuas obras! Por ocasião do teu grande poder se convencerão de mentira os teus inimigos.

pinas de ovelhas, porque a abundância e bondade dos campos farão que os gados se multipliquem em grande número.

GRITÁRIO — Os pastores, os lavradores se alegrarão, e se louvarão pela abundância das suas colheitas, e fecundidade das suas ovelhas. Atribui-se poeticamente a estas criaturas reanimadas o que é próprio do homem, a quem toca louvar a Deus de coração e de boca pelos seus benefícios. — P. Scio.

(1) **SALMO DA RESSURREIÇÃO** — Estas palavras só se encontram na Vulgata, e, como o salmo, são obscuras. Podemos considerar duas partes neste salmo; na primeira o salmista agradece a libertação de sua nação, na segunda a liberdade de sua pessoa, mas ignora-se o assunto a que o autor alude. Tem cinco estrofes, as quatro primeiras divididas pela pausa *selah*, de que já tivemos ocasião de falar. A primeira estrofe (1-4). Que todos os povos da terra louvem a Deus, admirável nas suas obras. Segunda (5-7). Descreve as maravilhas operadas por Deus. Terceira. Glorifica o Senhor, que depois de ter provado o seu povo, lhe dá tranquillidade. Quarta (13-15). É o princípio da segunda parte, que é toda pessoal. Promete pagar o voto que fez na hora da angústia. Quinta (16-20). Narra ao povo os benefícios recebidos e o seu reconhecimento.

4 A terra tôda te adore, e te cante a ti salmo: Diga salmo ao teu nome.

5 Vinde, e vêde as obras de Deus: Terrível nos conselhos sôbre os filhos dos homens.

6 Êle tornou o mar em sêco, pelo rio passarão a pé enxuto: Ali nos alegraremos com êle. (2)

7 Êle domina pelo seu poder para sempre, os olhos dêle estão olhando sôbre as gentes: Os que o irritam não se ensoberbecem dentro de si. mesmos.

8 Bendizei, ó Gentes, o nosso Deus: E fazei que se ouça a voz do seu louvor.

9 O qual tornou a minha alma em vida: E não permitiu que vacilassem os meus pés. (3)

10 Porquanto nos provaste, ó Deus: Com fogo nos afinaste, como se afina a prata.

11 Puseste-nos em cadeias, carregaste tribulações sôbre nossas costas:

(2) **ALI NOS ALEGRAREMOS COM ÊLE** — Isto pode ser alusivo ao que se refere no livro 4 de Esdras, c. 13, que quando voltaram os prisioneiros se lhes abriu o Jordão, e o passaram a pé enxuto; e Isaías anuncia o mesmo, quando no c. 11, 15, diz: Passaram calçados pelo rio. E assim *ibi lætabimur in ipso* admite êstes dois sentidos. Ali, quando chegemos ao Jordão nos alegraremos no mesmo Senhor, mostraremos o nosso regozijo, e exalçaremos as obras do seu poder, e com a memória do que succedeu a nossos pais quando o passaram a pé enxuto, para entrar a primeira vez na Terra da Promissão, renovando o Senhor o mesmo prodígio, para que nós o passemos. Pode também interpretar-se: *ibi lætabimur*, por *Lætati sumus in ipso*. Naqueles sinalados prodígios, dos quais o primeiro foi o fim da escravidão do Egito, e o segundo a entrada da terra prometida. — P. Scio.

(3) **O QUAL TORNOU A MINHA ALMA** — A paráfrase caldaica diz: O que tornou a minha alma à vida do século futuro; o que se há de entender da Ressurreição de Jesus Cristo; e assim mesmo da nossa à vida eterna: havendo sido a de Jesus Cristo causa e modelo da nossa. — 1 Cor 15. — P. Scio.

Salmo 65, 12-20

12 Puseste homens sôbre as nossas cabeças. (4)

Passamos pelo fogo e pela água: E nos tiraste para o lugar do refrigério.

13 Entrarei na tua casa com holocaustos: Pagar-te-ei os meus votos,

14 que pronunciaram os meus lábios.

E proferiu a minha bôca na minha tribulação.

15 Oferecer-te-ei holocaustos pingues com perfumes de carneiros: Oferecer-te-ei bois com cabritos. (5)

16 Vinde, ouvi todos os que temeis a Deus, e vos referirei quão grandes coisas tem feito à minha alma.

17 A êle pela minha bôca clamei, e o exaltei com a minha língua.

18 Se eu visse iniquidade pegada no meu coração, não me ouviria o Senhor. (6)

19 Por isso ouviu Deus, e atendeu à voz da minha deprecação. (7)

20 Bendito Deus que não rejeitou a minha oração, nem apartou a sua misericórdia de mim.

(4) **PUSESTE HOMENS** — Quer dizer: puseste-nos debaixo do jugo pesado de uns homens cruéis, que nos governavam como animais. O hebreu tem: Fizeste cavalgar homem sôbre a nossa cabeça, ou também fazendo-nos servir em lugar de animais, para puxar carros, e levar cargas. — P. Scio.

(5) **OOM PERFUMES** — Aquela parte dos sacrifícios pacíficos, que devia ser queimada, e resolver-se em fumo. Lev 3, 3. 9. 14.

(6) **PEGADA NO MEU CORAÇÃO** — Pode ser o sentido se tivesse havido em mim hipocrisia, se os meus lábios não houvessem pronunciado o mesmo que eu tinha no meu coração, o Senhor me não ouviria. Santo Agostinho com os Setenta e muitos saltérios lêem: non exaudiat, não me ouça o senhor. — P. Scio.

(7) **POR ISSO OUVIU DEUS** — Deus nos ouvirá sempre, se recorrermos a êle contritos, e arrependidos. — Pereira.

SALMO 66

SALMO DEPRECATÓRIO. PEDE A DEUS QUE DERRAME SOBRE ELE AS SUAS ABUNDANTES BENÇÃOS, E QUE AS ESTENDA TAMBÉM A TODOS OS POVOS DA TERRA.

Ao regente do cântico.

1 Com acompanhamento de instrumentos de corda.
Salmo e cântico de Davi. (1)

2 Deus tenha piedade de nós, e nos abençoe: Faça resplandecer seu rosto sobre nós, e tenha piedade de nós.

3 Para que conheçamos na terra o teu caminho: Em tôdas as gentes a tua salvação. (2)

4 Glorifiquem-te a ti, ó Deus, os povos: glorifiquem-te os povos todos.

5 Alegrem-se e regozijem-se as gentes: Porquanto julgas os povos em equidade, e governas as gentes sobre a terra.

6 Glorifiquem-te a ti, ó Deus, os povos: Glorifiquem-te os povos todos:

7 A terra deu o fruto.

Abençoe-nos Deus, o nosso Deus, (3)

(1) **DE DAVI** — Estas palavras são aumentadas pela Vulgata. Tem quatro estrofes: Primeira (2). Que Deus me abençoe. Segunda (3-4). Que toda a terra conheça os caminhos do Senhor. Terceira (5-6). Que todos os povos se regozijem porque ele é justo. Quarta (7-8). A terra deu o seu fruto, que Deus seja bendito.

(2) **PARA QUE CONHEÇAMOS** — Para que conheçamos na terra o teu Messias, que é o caminho por onde podemos chegar a ti. Jo 14, 6, conheçamos aquele Salvador, que pela tua misericórdia nos enviarás para benefício e redenção de tôdas as nações. — P. Scio.

(3) **DEUS, O NOSSO DEUS** — A repetição do nome de Deus por três vezes com um só verbo no singular, significa no sentir dos Santos Padres, e Expositores, o Augusto Mistério da Trindade. — Calmet.

8 abençoe-nos Deus: E tenham-no todos os limites da terra.

SALMO 67

SALMO GRATULATÓRIO. O PROFETA PEDE A DEUS UMA VITÓRIA COMPLETA DE SEUS INIMIGOS, E QUE FAÇA ALARDE DO SEU PODER, EMPREGANDO-O NO EXTERMINIO DOS ÍMPIOS, PARA CONSOLAÇÃO DOS BONS, COMO O HAVIA FEITO QUANDO LIVROU O SEU POVO DA TIRANIA DOS EGÍPCIOS, E O ESTABELECEU NA TERRA DA PROMISSÃO. PORÉM OS SANTOS PADRES APLICAM ESTE SALMO A JESUS CRISTO, À SUA ASCENSÃO À PREGAÇÃO DOS APÓSTOLOS E CONVERSÃO DOS GENTIOS.

Ao regente do coro.

1 Salmo e cântico de Davi. (1)

2 Levanta-te Deus, e sejam dispersos os teus inimigos, e fujam da sua presença os que o aborrecem. (2)

3 Como se desvanece o fumo, assim se desvanecem:

(1) **DE DAVI** — Este salmo é o de mais difícil compreensão. Segundo as opiniões mais seguras foi composto por ocasião duma guerra de Davi, talvez a guerra contra os sírios e amonitas. 2 Rs 10, 12. 1 Par 19; 20, 3. Cfr. 2 Rs 8, 3-14 e 1 Sl 18, 3-13 e Cardinal Pie, *Oeuvres*, *Homélie prononcée le jour de la Pentecôte*, 8 de junho de 1862, t. IV, J. A. Van Steenkiste, *Psalmi Pentecostes*. Este salmo tem nove estrofes, dividindo-se em duas partes: a primeira (2-19) é uma descrição do passado; a segunda (20-36) celebra o triunfo presente, e agradece a Deus o sucesso que o seu povo obteve.

(2) **LEVANTA-TE** — Este versículo é quase a reprodução das palavras de Moisés. Núm 10, 35, e parece indicar que a arca estava perto do exército, e que teve lugar na guerra contra os sírios e amonitas. 2 Rs 10, 11.

DEUS — Segundo os comentadores está Deus pela arca, e então bem; quando a arca de Deus se levanta dissipam-se todos os seus inimigos como o fumo.

Como se derrete a cêra diante do fogo, assim pereçam os pecadores diante de Deus.

4 E os justos banqueteiem-se, e regozijem-se na presença de Deus: E gozem-se em alegria.

5 Cantai a Deus, dizei salmo ao seu Nome: Preparai o caminho àquele que sobe sôbre o Ocidente: O Senhor é o seu Nome. (3)

Regozijai-vos diante dêle, turbados ficarão seus inimigos pela presença daquele que é

6 pai de órfãos, e juiz de viúva. (4)

Deus está no seu lugar santo.

7 Deus que faz morar os de uns costumes em casa:

Que tira os presos com fortaleza, como também àqueles que o irritam, os quais moram em sepulcros.

8 Ó Deus, quando saías à vista do teu povo, quando passavas pelo deserto. (5)

(3) **PREPARAI O CAMINHO** — Aplanai o caminho por onde deve passar a arca sagrada daquele que se elevou sôbre os Céus, e que, sendo o soberano Senhor do universo, é digno de todos os vossos respetos. Alguns aplicam isto à entrada do povo de Deus na terra prometida. Outros reconhecem aqui uma profecia da dilatação do reino de Cristo, que desde as partes do Oriente se estendeu até às do Ocidente.

O SENHOR É O SEU NOME — O hebreu tem: “em Jáh o nome le Jah” é abreviatura do nome Jahvéh, que certo respeito religioso dos rabinos e dos mesmos hebreus não lhes permitia pronunciar: uma e outra coisa quer dizer: “O que tem ser de si mesmo.”

(4) **PAI DE ÓRFÃOS** — O hebreu tem em vez disto. “E’ pai dos órfãos e juiz ou defensor das viúvas, Deus em seu santo habitáculo (a arca). Deus faz habitar os fracos na casa, conduz os cativos à prosperidade, e os rebeldes permanecem no deserto.”

(5) **O’ DEUS** — E’ uma descrição poética das aparições gloriosas de Deus quando conduzia o seu povo pelo deserto, e principalmente na publicação da lei. Ex 19, 16-18. Veja-se um lugar semelhante a éste no cântico de Débora. Jz 5, 4. 5. O que deve ter-

9 A terra foi comovida, e os céus distilaram águas ante a face do Deus de Sinai, ante a face do Deus de Israel.

10 Chuva voluntária porás à parte, ó Deus, para a tua herança: A que tem estado debilitada, mas tu a aperfeiçoaste. (6)

11 Nela morarão os da tua grei: Está, ó Deus, preparado o sustento para o pobre na tua doçura. (7)

12 O Senhor dará palavra aos que com grande virtude dão boas novas. (8)

-se mui presente, para o que depois diremos; pois parece que Davi se propôs imitar aquêlê cântico neste Salmo. — P. Scio.

(6) **PARA A TUA HERANÇA** — Para a herança que tu escolheste para o teu povo, que é a terra da Promissão, fertilizada das chuvas da primavera e do outono, segundo aquêlê texto do Dt 11, 14. *Dabit Dominus pluviam terræ vestræ temporaneam, et serotinam.* A chuva voluntária, como nota Santo Agostinho, significava a graça de Jesus Cristo, dada gratuitamente, sem precederem merecimentos alguns da nossa parte. *Pluvia voluntaria intelligitur gratia, quæ nullis præcedentibus operum meriti gratis datur.* Enar. in Sl 67, 12. Ou também, segundo o mesmo Santo Agostinho, por “chuva voluntária” se pode entender a lei de Moisés.

(7) **OS DA TUA GREI** — Isto é, o rebanho do teu povo, do qual se diz no Salmo 77, verso 52, *Et abstulit sicut oves populum suum, et perduxit eos tanquam gregem in deserto.* Ele tirou o seu povo à maneira de ovelhas, e éle o conduziu como um rebanho pelo deserto. — Pereira.

O SUSTENTO — Alusão ao maná, de que Deus sustentou o seu povo no deserto, figura do pão eucarístico de que depois havia de sustentar os filhos da Igreja.

(8) **O SENHOR, ETC.** — Esta quarta estrofe, que compreende os n.ºs 12 a 15, é traduzida por Vigouroux pela seguinte forma:

Adonai donne le signal

Les messageres de la victoire sont une armée nombreuse

Les rois des armées s'enfuient, s'enfuient

13 O rei dos exércitos será do amado, do amado:
E a formosura da casa é o repartir os despojos. (9)

Et la maitresse de la maison ramasse le butin.

Puis, quand vous vous reposez (en paix) au milieu des abreuvoirs

Vous etes comme les ailes de la colombe aux reflets d'argent

Au plumage etincillant d'or

Quand le Tout Puissant dissipe les rois

La neige blanchit le Selmon.

O sentido dos quatro primeiros versos é claro, outro tanto não sucede com os restantes, que são duma obscuridade impenetrável.

A estrofe inteira descreve a conquista da Terra Prometida. Deus dá o sinal de combate, e a vitória é ganha: numerosas donzelas celebram o triunfo. Ex 15, 20; Jz 11, 34. Os reis que fogem são os inimigos do povo de Deus, que foram vencidos; seus despojos são repartidos pelas mulheres. Jz 5, 30. Então os israelitas podem viver em paz em meio de seus rebanhos; estão ricos, ornaram-se com os ornatos conquistados, os inimigos fogem para o Selmon e o fazem brilhar como se estivesse coberto de neve.

(9) O REI DOS EXÉRCITOS — Esta, segundo Bossuet, é a palavra que o Senhor havia de pôr na boca daquelas mulheres, em presságio das vitórias que o povo de Deus alcançaria dos filisteus, e dos reis de Moab, e Edom, conforme o que continha o seu cântico. Ex 15, 14-15. Calmet segue outra derrota desde que neste lugar se alude à destruição do formidável exército de Jabin, rei de Asot, capitaneando Débora o pequeno exército israelítico, que não constava senão de dez mil homens. Com efeito o hebreu soa aqui uma coisa mui diferente do que nos representa a Vulgata. Porque em lugar do que está, diz: *Rex virtutum, dilecti dilecti, et speciei domus dividere spolia*, tem o hebreu de S. Jerônimo: *Reges exercituum fœderabuntur fœderabuntur; et pulchritudo domus dividet spolia*. Os reis dos exércitos aliar-se-ão, juntar-se-ão, e a que é a formosura da casa repartirá os despojos. O hebreu do padre Houbigant diz: *Reges exercituum fugerunt, fugerunt et habitatrix domus dividet spolia*. Os reis dos exércitos fugiram, fugiram; e a que habita na casa repartirá os despojos. Isto refere Calmet para a vitória de Débora, cujo cântico, descrito no Livro dos Juizes, tem na verdade muita coação com alguns versos deste salmo. Nesta vista, o rei

14 Se dormirdes entre o meio das sortes, sereis como as penas da pomba argentadas, e os remates do lombo dela em amarelidão de ouro. (10)

dos exércitos, isto é, o rei de grande poder, será Jabin, rei de Canaã, residente em Asot, e de quem se diz que caiu debaixo do querido, e do amado: isto é, que foi vencido por Israel, povo querido, e amado de Deus. Mas no sentido profético este rei dos exércitos são os reis da terra, que com todo o seu poder foram reduzidos à obediência de Cristo, Filho diletíssimo do Eterno Padre; e os despojos destes reis vencidos foram os com que o mesmo Senhor ornou e enriqueceu a sua Igreja. Nisto mesmo concorda Calmet. — Pereira.

DO AMADO, DO AMADO, ETC. — *Dilecti dilecti* em frase hebréa é o mesmo que do mui amado. — Pereira.

(10) SE DORMIRDES — Quando vos virdes como já mortos, e cheios de trabalhos nos maiores perigos, sereis como pombas de asas argentadas, em cujo lombo se representa a formosa amarelidão do ouro. Pode expor-se em tempo pretérito assim: quando vos vistes nos últimos apertos fostes felizes debaixo da proteção onipotente do nosso Deus, e recobrástes prontamente o vosso primeiro esplendor, o qual se denota pelo da pomba, cujas asas, e lombo com o reflexo do sol, representam as côres mais formosas, como são as do ouro e da prata. O hebreu diz: “se fôreis” ou ainda “que seiais lançados entre as fornalhas”. Este versículo pode também pertencer ao argumento das mesmas canções. Quer dizer depois de vós, o povo de Deus, houvêreis estado largo tempo em vilíssima escravidão, como os que andam denegridos pelo fumo, o Senhor vos tirará desta desoura mais vistosos que as pombas, vos restituirá à vossa antiga glória e esplendor. Porém, porquanto a palavra hebraica, variando-se a pontuação pode significar “sortes” ou “têrmos,” como trasladam os Setenta, “no meio das sortes,” ou como a Vulgata conservando a palavra grega *inter medios clericos*, parece que de nenhum modo deve abandonar-se esta exposição, e que se nada entender “da herança” ou “porção” de campo que tocou em sorte a cada um dos hebreus na terra prometida, que eles olhavam como uma herança que lhes era devida. Por isso o P. Calmet fazendo que o cântico de Débora, e o que passou na guerra de Jabin seja fiel comento deste salmo, explica todo este lugar, como nêle se aludisse aos mesmos fatos. Não quiseram naquele

15 Enquanto o rei do céu faz juízo dos reis sobre a nossa terra, os seus habitantes tornar-se-ão brancos como a neve no Selmon: (11)

tempo tôdas as tribos ter parte naquela expedição, nem ajudar a seus irmãos à exceção dos de Neftali, Issacar, e Zabulon porque as demais, umas estavam mui distantes, outras pôsto que convidadas, se negaram por não perderem o seu descanso; e outras se achavam mui perturbadas com discórdias domésticas. Por isso Débora no seu cântico dizia: *Quare habitas inter duos terminos*, aqui no hebreu se lê a mesma palavra, *ut audias sibitos gregum?* *Diviso contra se Ruben, magnanimorum reperta est contentio*: O salmista faz aqui uso do mesmo pensamento, chamando pombas às tribos, que antes quizeram ficar em sossêgo, que sair à campanha. E' bem notória a timidez das pombas, e os outros profetas frequentemente dão às tribos este nome: Os 7, 11. Todos os demais epítetos são uma perífrase poética: *Columbae plumis alisque aureis, et argentis*, é o mesmo que *Columbae diversi coloris*: e assim todo este lugar se expõe deste modo: ainda que vós outros, ó pombas, dormistes no vosso ninho, e não saistes a socorrer a vossos irmãos: isto não obstante, Deus sem o vosso socorro, pôs em fuga e desbaratou os principais inimigos, e confederados, e foram desfeitos em um momento, como a neve sobre o monte Selmon. Estava na tribo de Efraim junto ao Jordão, e pelo calor não podia durar nêle a neve muito tempo. Entre os Padres há alguns que explicam o *inter medios cleros, inter duo testamenta*: isto é: que a Igreja cristã no meio do Velho e do Novo Testamento será sempre pura, e formosa como a pomba. Santo Agostinho o explica das duas heranças, a que propunha a lei antiga aos israelitas, e a que a lei nova oferece aos cristãos, e assim diz, que se não mostrando ardor pela primeira, que consiste em uma felicidade temporal, e se vivermos em esperança da outra, que é uma imortal bem-aventurança, morrendo neste estado, teremos como a pomba asas formosas para nos elevar, e para chegar com confiança diante de Jesus Cristo. — P. Scio.

(11) OS SEUS HABITANTES TORNAR-SE-ÃO BRANCOS
— Pela neve de Selmon, sob a qual serão sepultados. Também se pode dizer que os lugares ficariam brancos pela densa camada de ossaduras que os cobrem. Encontra-se uma expressão semelhante na Eneida.

16 O monte de Deus, monte pingue. (12)

Monte coagulado, monte pingue:

17 Mas por que pensais em montes coagulados?

Monte é este, em que se agradou Deus de morar:
Porque o Senhor morará nêle até ao fim.

18 O carro de Deus vai rodeado com muitas dezenas de milhares, milhares são os que se alegram: O Senhor está entre êles no seu santuário, como estivera no Sinai.

19 Subistę ao alto, fizeste escrava a escravidão: Tomaste dons para distribuíres aos homens: (13)

Ainda aos que não criam, que habitava o Senhor Deus entre êles.

20 Bendito o Senhor em tôda a série dos dias: Próspero nos fará o caminho o Deus de nossas vitórias. (14)

21 O nosso Deus é o Deus que tem a virtude de nos fazer salvos: E do Senhor que é o Senhor é a saída da morte.

22 Mas Deus quebrará as cabeças de seus inimi-

(12) **MONTE DE DEUS, MONTE PINGUE** — Quer dizer o monte elevado e fértil.

(13) **SUBISTE AO ALTO** — Expressão vulgar para designar o modo como o Senhor ostenta a sua glória e manifesta o seu poder levantando-se sôbre a terra. Veja Sl 46, 6; 56, 6. 12, e 7, 6 e 12, 4.

A ESCRAVIDÃO — Um grande número de cativos.

AINDA AOS QUE NÃO CRIAM — Esta expressão continua a precedente. S. Paulo, na sua Epístola aos Efésios (4, 8) aplica este versículo à Ascensão de Jesus Cristo.

(14) **BENDITO O SENHOR** — Começa a segunda parte.

NOSSAS VITÓRIAS — Na Vulgata está *salutarium nostrum*, seguimos porém a autorizada versão de Glairé *La Sainte Bible selon la Vulgate*. Esta palavra toma-se no original como os triunfos alcançados por um socorro especial de Deus.

gos: A moleira cabeluda dos que passeiam nos seus pecados.

23 O Senhor disse: De Basan os farei voltar, eu os arrojarei ao profundo do mar:

24 Para que o teu pé seja tinto no sangue de teus inimigos: E também a língua dos teus cães.

25 Eles viram as tuas entradas, ó Deus, as entradas do meu Deus: Do meu rei que está no Santuário.

26 Foram diante os príncipes justamente com os que cantavam salmos, no meio das donzelas que iam com pandeiros.

27 Bendirei nas igrejas ao Senhor Deus, os das estirpes de Israel.

28 Ali estava o pequeno Benjamim no altar do seu espírito.

Os príncipes de Judá, seus comandantes: Os príncipes de Zabulon, os príncipes de Neftali.

29 Envia, ó Deus, a tua virtude: Confirma, ó Deus, isto que tens obrado em nós.

30 Desde o teu templo em Jerusalém, te ofereceram a ti dons os reis.

31 Reprime as feras do canavial, os povos congregados como touros entre vacas: Para lançar fora aos que estão provados como a prata, (15)

Dissipa as gentes, que querem guerras:

32 Virão legados do Egito: A Etiópia se adiantará para levantar as suas mãos a Deus.

33 Reinos da terra cantai a Deus: Dizei salmos ao Senhor: Dizei salmos a Deus,

(15) **AS FERAS DO CANAVIAL** — Os animais selvagens. Estes diversos animais indicados neste versículo designam os inimigos de Israel: Os filisteus, os cananeus e os egípcios; estes são os indicados sob a primeira designação por serem aí abundantes os canaviais.

34 que subiu sôbre o Céu do Céu para a parte do Oriente.

Eis-aqui dará a sua voz do poder, (16)

35 Dai glória a Deus sôbre o que obrou em Israel, a sua magnificência e o seu poder se manifesta nas nuvens.

36 Deus é admirável nos seus Santos, ó Deus de Israel, êle dará virtude e fortaleza ao seu povo, bendito seja Deus. (17)

SALMO 68

SALMO DEPRECATÓRIO. DAVI IMPLORA O SOCORRO DE DEUS CONTRA OS INIMIGOS QUE O PERSEGUEM INJUSTAMENTE. TOMA DEUS POR TESTEMUNHO DA SUA INOCÊNCIA. PREDIZ A DESGRAÇA DE SEUS PERSEGUIDORES, A VOLTA DO SEU POVO, O RESTABELECIMENTO DE JERUSALÉM E DAS CIDADES DE JUDÁ. OS INTÉRPRETES CONSIDERAM ESTE SALMO COMO MESSIANICO.

1 Ao regente do cântico. Sôbre os *Schoshannim*. De Davi. (1)

(16) O CÉU DO CÉU — Hebraísmo que significa todos os céus.

PARA A PARTE DO ORIENTE — Notam os intérpretes que Jesus Cristo subiu ao Céu no monte das Oliveiras que está ao Oriente de Jerusalém.

VOZ DO PODER — Hebraísmo que significa uma voz muito potente.

(17) NOS SEUS SANTOS — O texto original deve traduzir-se em seus santuários, nos lugares santificados pela presença da arca, o Sinai, Silo, o monte Sião.

(1) SCHOSCHANNIM — Veja-se SI 44, 1. Este salmo deve ter sido composto durante a perseguição de Saul, mas referem-no os exegetas a Jesus Cristo, pois que é impossível na vida de Davi encontrar fatos aos quais se possam aplicar as palavras exaradas neste salmo. São freqüentes as alusões aos sofrimentos de

2 Salva-me, ó Deus: Porque as águas têm entrado até à minha alma. (2)

3 Atolado estou no lôdo do profundo: Nem há consistência. (3)

Cheguei ao alto mar: E a tempestade me submergiu.

4 Cansei-me clamando, enrouqueceram-se as minhas fauces: Desfaleceram os meus olhos, enquanto espero no meu Deus.

5 Têm-se multiplicado mais que os cabelos da minha cabeça, os que me aborrecem sem razão.

Têm-se fortalecido os meus inimigos que me perseguiram injustamente: Paguei então o que não tinha roubado. (4)

6 Ó Deus, tu conheces as minhas faltas: E os meus delitos não te são ocultos.

Jesus Cristo, e por isso, como o salmo 21, é muito citado no Novo Testamento. Este salmo tem três partes. Primeira parte. 1.º O Messias sofre (2-4). 2.º por Deus (6-7, 8-10, 11-13) — 3.º logo Deus deve-o salvar (14, 15-16, 17-19). Segunda parte. Visto que sofre pela maldade dos seus inimigos (20-22) Deus deve-os castigar (23-26; 27-29). Terceira parte. Mas Deus o salvará (30-32). A sua recompensa será ver convertidos os gentios, que louvarão a Deus com ele.

(2) **SALVA-ME, Ó DEUS** — Tõda esta alegoria consta de expressões muito enérgicas, e acomodadas a manifestar-nos o extremo a que os pecados de todos os homens, e a crueldade dos judeus haviam de reduzir ao que havia de vir resgatar e salvar o Universo inteiro. — P. Scio.

AS AGUAS — As grandes calamidades.

(3) **NEM HÁ CONSISTÊNCIA** — E não há pé, ou firmeza, diz o hebreu, isto é: Não há lugar onde se possa firmar o pé. E este parece ser também o sentido da Vulgata: S. Jerônimo traduz: "Nada há firme, nem onde eu possa subsistir". — Pereira.

(4) **PAGUEI ENTÃO O QUE NÃO TINHA ROUBADO** — Eu sou inocente, e não obstante sou tratado como réu. Se isto se refere a Jesus Cristo, significa que o justo havia de padecer pelos injustos. Is 53, 4. 5. 6, see 1 Pdr 3, 18. — Bossuet.

7 Não sejam envergonhados por minha causa os que te esperam, Senhor: Senhor das virtudes. (5)

Não sejam confundidos a meu respeito aquêles que te buscam, ó Deus de Israel.

8 Pois por tua causa tenho sofrido afronta: Foi coberto de confusão o meu rosto.

9 Tenho-me tornado estranho a meus irmãos, e desconhecido aos filhos de minha mãe. (6)

10 Porque o zêlo da tua casa me devorou: E os opróbrios dos que te improperavam a ti, recaíram sôbre mim. (7)

11 E cobri pelo jejum a minha alma: E tornou-se-me em opróbrio. (8)

(5) SENHOR DAS VIRTUDES — O hebreu diz: “Dos exércitos.” — P. Scio.

(6) AOS FILHOS DE MINHA MÃE — *Fratres mei*, et *filii matris meae*, significam uma mesma coisa. Os judeus não conheceram a Jesus Cristo, e o trataram como a estranho. Is 13, 3. Jo 9, 29, e os seus próprios parentes não crendo nêle, o apartaram de si, e o desacreditaram. Jo 1, 11 e 7, 5.

(7) RECAIRAM SOBRE MIM — O que se verificou não somente quando lançou fora do Templo aos que o profanavam com as suas vendas, compras e câmbios, Jo 11, 17, senão sempre que se tratava do serviço e da honra de seu pai; olhando como injúrias, e ofensas feitas a si mesmo, as que se faziam contra Deus, isto é, que se segue e o aplica expressamente a Cristo o Apóstolo ad Romanos 15, 1-23.

(8) E COBRI — Há aqui provavelmente uma elipse: o sentido da frase deve ser este: Cobri minha alma com um cilício durante o meu jejum; isto é, vesti-me de cilício para jejuar. É sabido que no hebreu muitas vêzes toma-se a palavra alma para significar pessoa ou indivíduo. A elipse torna-se evidente desde que se comparem estas palavras com as do Sl 34, 13: “E eu, enquanto me eram molestos me vestia de cilício”. A Vulgata traduziu *operui*, a que o padre Pereira deu a significação de “humilhei”, porém nós seguimos a edição dos Setenta de Compluto, e a maior parte

12 E tomei por vestido cilício: E fui para com eles escárnio.

13 Contra mim falavam os que se sentavam à porta: E sôbre mim cantavam os que bebião vinho. (9)

14 Porém eu, Senhor, dirigia-te a minha oração, dizendo: Tempo é de beneplácito, ó Deus.

Ouve-me segundo a multidão da tua misericórdia, segundo a verdade da tua salvação.

15 Tira-me do lodo para que não fique atolado: Livra-me daqueles que me aborrecem, e da profundidade das suas águas. (10)

16 Não me afogue a tempestade de água, nem me absorva o mar profundo: Nem cerre apertadamente o poço a sua boca sôbre mim. (11)

17 Ouve-me, Senhor, porque benigna é a tua misericórdia: Segundo a multidão das tuas comiserações olha para mim.

18 E não apartes o teu rosto do teu servo: Porque estou angustiado, ouve-me prontamente.

19 Atende à minha alma, e livra-a: Por causa de meus inimigos salva-me.

20 Tu sabes o meu opróbrio, e a minha confusão, e a minha vergonha.

dos exemplares gregos e latinos, que trazem expressamente — eu cobri.

(9) **SE SENTAVAM À PORTA** — Por estes se entendem os juizes, e magistrados que tinham seus tribunais junto às portas da cidade, onde tinham lugar as assembléas mais importantes.

(10) **DA PROFUNDIDADE DAS SUAS AGUAS** — Isto é, do inferno. Glaire, ob. cit.

(11) **NEM CERRE APERTADAMENTE** — O hebreu tem: "E que o poço não cerre sôbre mim a sua boca. Por poço se entende a morte, ou o estado de morte, do qual pede a seu pai que o livre por uma gloriosa Ressurreição. — P. Scio.

21 À tua vista estão todos os que me afligem, impropério aguardou o meu coração e miséria.

E esperei se algum se entristecia comigo e não houve ninguém: E esperei se algum me consolava, e não o achei.

22 E deram-me na minha comida fel: E na minha sede me propinaram vinagre. (12)

23 Torne-se a sua mesa diante dêles em laço, e em tribulação, e em ruína.

24 Obscureçam-se os olhos dêles para que não vejam: E encurva sempre o seu espinhaço.

25 Derrama sôbre êles a tua ira: E o furor da tua ira os alcance.

26 Deserta fique a sua morada: E nas choupanas dêles não haja quem habite.

27 Porquanto ao que tu feriste, perseguiram, e sôbre a dor das minhas chagas acrescentaram novas chagas.

28 Ajunta-lhes maldade sôbre maldade: E não cheguem a entrar nos caminhos da tua justiça. (13)

29 Sejam riscados do livro dos viventes: E com os justos não sejam escritos.

30 Eu sou pobre e dolorido; na tua salvação, ó Deus, me acolhe.

31 Glorificarei o nome de Deus com cântico: E o engrandecerei com louvor.

(12) **E NA MINHA SEDE** — Claramente se cumpriu isto em Cristo. Veja-se Mt 28, 48 e Mc 15, 23. Chama a esta bebida vinho mirrado, misturado com fel. Todos êstes textos parecem mais narrações de história, segundo se refere nos Evangelhos, que profecias do que estava por vir, e ainda tão remoto. — Bossuet.

(13) **E NÃO CHEGUEM** — Não terão parte naquela justiça que manifestará no Evangelho para justificados pecadores. Rom 3, 25-26; 10, 2. A voz original se usa em sentido de justiça, e de misericórdia. — P. Scío.

32 E isto agradará a Deus mais que o tenro novilhinho, quando lhe saem as pontas e as unhas. (14)

33 Vejam-no os pobres e alegrem-se: Buscai a Deus, e viverá a vossa alma:

34 Porquanto ouviu aos pobres o Senhor: E não desprezou aos que por êle estão em cadeias.

35 Louvem-no os céus e a terra, o mar, e todos os animais que nêles se encerram.

36 Porquanto Deus fará salva a Sião: E edificar-se-ão as cidades de Judá.

E morarão ali, e ganhará-la-ão como sua herança. (15)

37 E a linhagem de seus servos a possuirá, e os que animam o seu nome, habitarão nela.

SALMO 69

SALMO DEPRECATÓRIO. DAVI OPRIMIDO DE UMA GRANDE CALAMIDADE SE VOLTA A DEUS PEDINDO-LHE PRONTO SOCORRO CONTRA OS SEUS INIMIGOS.

Ao regente do côro, salmo de Davi. (1)

1 Em memória do que o Senhor o havia salvado. (2)

2 O' Deus, atende ao meu socorro: Senhor, vinde logo para ajudar-me.

(14) QUE O TENRO NOVILHO — Quer dizer, que o sacrifício dum tenro novilhinho.

(15) COMO SUA HERANÇA — Profecia relativa ao restabelecimento da Judéa depois do cativeiro de Babilônia. Ora esta restauração é, no entender dos intérpretes, uma figura do estabelecimento da Igreja.

(1) SALMO DE DAVI — Este salmo é um fragmento do salmo 39.

(2) DO QUE O SENHOR — No hebreu faltam estas últimas palavras, e só se diz: "Salmo de Davi para memória," ou para lembrar-se, dado "ao mestre dos músicos." — Sacy.

Salmo 69, 3-6; 70, 1-3

3 Confundidos sejam, e envergonhados, os que buscam a minha alma. (3)

4 Voltem-se atrás, e sejam envergonhados os que me desejam males:

Voltem-se logo cheios de confusão os que me dizem: Bem, bem.

5 Regozijem-se, e alegrem-se em ti todos os que te buscam, e os que amam a tua salvação digam sempre: Engrandecido seja o Senhor.

6 Mas eu sou necessitado e pobre: O' Deus, socorre-me. O meu favorecedor, e o meu libertador és tu: Senhor, não te demores.

SALMO 70

SALMO DEPRECATÓRIO. DAVI ROGA AO SENHOR QUE LHE CONTINUE A SUA PROTEÇÃO ATÉ OS ÚLTIMOS ANOS DA SUA VIDA.

Salmo de Davi, .

1 Dos filhos de Jonadab, e dos primeiros cativos. (1)

Em ti, Senhor, tenho esperado, não seja eu jamais confundido:

2 Na tua justiça livra-me, e põe-me a salvo.

Inclina para mim o teu ouvido, e salva-me.

3 Sejas para mim um Deus protetor, e um asilo seguro: Para me fazer salvo.

(3) **CONFUNDIDOS SEJAM** — No salmo 34, desde o verso 18 por diante, se contém com pouca diferença quanto há no presente.

(1) **DOS FILHOS** — Este salmo não tem título no hebreu. O título da Vulgata significa provavelmente que este salmo era muitas vèzes cantado pelos recabitas (Jer 35) e pelos primeiros cativos. Neste salmo encontram-se muitas repetições de alguns anteriores. Tem oito estrofes.

Porquanto a minha firmeza, e o meu refúgio és tu.

4 Deus meu, livra-me da mão do pecador e da mão do que procede contra a lei, e do iníquo: (2)

5 Porque tu, Senhor, és a minha paciência. Senhor, tu és a minha esperança desde a minha mocidade. (3)

6 Em ti tenho sido confirmado desde antes de nascer: Desde o ventre de minha mãe tu és o meu protetor.

Tu foste sempre o assunto dos meus cânticos;

7 como portento tenho sido para muitos: E tu favorecedor forte.

8 Encha-se a minha bôca de louvor, para cantar a tua glória: Todo o dia para celebrar a tua grandeza.

9 Não me desampares no tempo da velhice: Quando faltar a minha fortaleza, não me desampares.

10 Porque os meus inimigos falaram contra mim: E os que insidiavam a minha alma, tiveram juntos conselho,

11 dizendo: Deus o desamparou, persegui-o, e predeí-o: Porque não há quem o livre.

12 O' Deus, não te apartes de mim: Deus meu, volta os teus olhos em meu socorro.

13 Confundidos sejam, e pereçam os que maldizem a minha alma: Cobertos sejam de confusão e de vergonha os que me procuram males.

14 Mas eu sempre esperarei: E acrescentarei louvor sôbre o teu louvor.

15 A minha bôca anunciará a tua salvação.

(2) **E DO INÍQUO** — Isto pode entender-se de Absalão, ou, pôsto o singular pelo plural, de todos os que seguiam o seu partido, e se haviam declarado contra Davi: e o mesmo applicando-se aos inimigos de Cristo. — Pereira.

(3) **ÉS A MINHA PACIÊNCIA** — Isto quer dizer que é de vós que vem a minha paciência, cfr. Sl 61, 6.

Salmos 70, 16-22

Porque não conheci a ciência vã; (4).

16 me internarei nas obras do poder do Senhor: Senhor, farei memória só da tua justiça. (5)

17 Ensinaste-me, ó Deus, desde a minha mocidade: E eu publicarei as tuas maravilhas, que tenho experimentado até agora.

18 E até à velhice e idade avançada: O' Deus, não me desampares,

até que anuncie a força do teu braço a toda a geração que há de vir:

O teu poder,

19 e a tua justiça, ó Deus, até no mais alto, as maravilhas que fizeste: O' Deus, quem é semelhante a ti? (6)

20 Quantas tribulações me tens feito provar a mim, muitas e penosas: E voltado a mim, me tens dado vida, e dos abismos da terra outra vez me tens tirado:

21 Tens multiplicado a tua magnificência: E voltando-te a mim me tens consolado.

22 Porque eu também te louvarei com instrumentos de salmo pela tua verdade: Ó Deus, eu te direi salmo ao som da cítara, Santo de Israel. (7)

(4) **A CIÊNCIA VÃ** — A falsa sabedoria, e a astúcia, de que estava possuído Aquitofel, conselheiro de Davi, que seguiu o partido de Absalão.

(5) **ME INTERNAREI** — Isto é, refletirei no poder infinito do Senhor.

(6) **NO MAIS ALTO** — No original hebraico está o termo *marem* que significa *altum*, *excelsum*, e em particular *collum*, o céu. Cfr. Leopoldo ob. cit.

(7) **COM INSTRUMENTOS DE SALMO** — Com instrumentos músicos, com os quais se acompanhavam os salmos.

23 Regozijar-se-ão os meus lábios quando cantar os teus louvores: E a minha alma, que redimiste se alegrará.

24 E também a minha língua meditará todo o dia a tua justiça: Quando fôrem confundidos, e envergonhados os que me solicitam males.

SALMO 71

SALMO PROFÉTICO, EM QUE DAVI POR OCASIÃO DO REI SALOMÃO SEU SUCESSOR O ENCOMENDA A DEUS MUITO PARTICULARMENTE E SE ESTENDE EM DESCOBRIR A FELICIDADE DO REINO DE JESUS CRISTO FIGURADO PELO DE SALOMÃO.

Salmo. (1)

1 Para Salomão.

2 O' Deus, dá o teu juízo ao rei: E a tua justiça ao filho do rei:

Para que êle julgue ao teu povo com justiça, e aos teus pobres com juízo.

3 Recebam os montes paz para o povo, e os outeiros justiça. (2)

(1) **SALMO** — Aplica-se particularmente ao Messias. O Targum diz "O' Deus, dá a tua justiça ao rei Messias". Tem cinco estrofes. *Primeira* (1-4). Que Deus conceda ao rei a justiça. *Segunda* (5-7) e a paz e a prosperidade. *Terceira* (8-11). Que domine os seus inimigos. *Quarta* (12-15). Que tenha compaixão para com os desgraçados. *Quinta* (16-17). A abundância e a glória. Os vv. 18-19 são uma doxologia independente do salmo, para marcar o fim do 2.º livro, o que indica mais explicitamente o v. 120. Há quem atribua este salmo a Salomão, outros porém e com mais razão a Davi, pedindo por seu filho. Cfr. Boulleret, *Les Psaumes selon la Vulgate*, 1902.

(2) **RECEBAM OS MONTES** — São expressões figuradas; querem dizer por tôdas as partes reinará a justiça e a paz. E também se pode entender pelos "montes e outeiros," o rei e os

4 Julgará aos pobres do povo, e fará salvos os filhos dos pobres: E humilhará ao caluniador.

5 E ele permanecerá com o sol, e antes da lua, de geração em geração. (3)

6 Descerá como a chuva sobre o velo. E como orvalho que goteja sobre a terra.

7 Nos dias dele aparecerá justiça e abundância de paz: Até que seja tirada a lua. (4)

8 E dominará de mar a mar: E desde o rio até aos confins da redondeza da terra.

9 Diante dele se prostrarão os da Etiópia: E os seus inimigos beijarão a terra.

10 Os reis de Tarsis e as ilhas lhe oferecerão dons: Os reis da Arábia e de Sabá lhe trarão presentes. (5)

grandes do reino, que são os que devem dar paz aos povos e administrar-lhes justiça. — Pereira.

(3) **PERMANECERÁ COM O SOL** — Quer dizer, perpetuamente.

DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO — Há uma regra na gramática hebraica que diz: a repetição dum mesmo substantivo indica ordinariamente ou a universalidade, ou um grande número, uma multiplicação, ou uma diferença, uma diversidade na espécie, ou um modo de dizer enfático. No caso presente tem a primeira significação, e corresponde a "tôdas as gerações". Como isto se não podia verificar em Salomão, entendem os intérpretes que Davi se referia ao Messias. Si de Salomone accipiatur hoc, hyperbole est: si de Messia, praecise ut verba sonant, intelligendum est. Hammondus. Outro exegeta escreve: De Salomone aut posteris Davidis hoc intelligi non potest, 1.º indicative; quia regnum eorum tandi non duravit, vel 2.º qoptative, nam vana vota et cum revelatione. Del pugnantis quare ascriberemus Sanctis? Cocceius.

(4) **ATÉ QUE SEJA** — O texto hebreu tem: "Florescerá nos seus dias o justo, e abundância de paz". Esta justiça, e esta paz dada por Cristo durará no mundo quanto subsistir a lua. — P. Scio.

(5) **TARSIS** — Tartessus, na Hispânia, onde os fenícios iam procurar ouro e prata.

11 E adorá-lo-ão todos os reis da terra: Tôdas as gentes o servirão:

12 Porque livrará ao pobre do poderoso: E ao pobre, para quem não havia favorecedor.

13 Usará de clemência com o pobre e o desvalido: E fará salvas as almas dos pobres.

14 Resgatará as suas almas das usuras e da iniquidade: E será de honra na sua presença o nome dêles.

15 E viverá, e se lhe dará do ouro da Arábia, e o adorarão por êle mesmo sempre: Todo o dia o bendirão. (6)

16 E haverá mantimento na terra até aos cumes dos montes, exaltar-se-á sôbre o Líbano o fruto dêles: E florescerão os da cidade, como a erva da terra. (7)

AS ILHAS — A ilha de Chipre e as ilhas do Mediterrâneo e por extensão a Europa. Nota de Vigouroux à Sainte Bible de Glaire.

SABA — Reino da Arábia, particularmente célebre pelos seus perfumes.

(6) POR ELE MESMO — Alguns intérpretes traduzem “o adorarão”, e entre estes o padre Pereira, tornando-o de ipse da Vulgata como sinônimo do ipsum; entende porém Glaire que esta versão daria ocasião a aplicar estas palavras a Salomão, o que só pode ter lugar entendendo-se o termo adorar na significação de reverenciar; na primeira só se pode aplicar ao Messias, e então, seguindo os Setenta, on adorera toujours a son sujet. O padre H. Boulleret, no seu trabalho publicado este ano, *Les Psau-mes selon la Vulgate leur véritable sens littéral* (1902) interpreta este versículo desta forma:

Et vivet et dabitur ei de auro Arabiæ

Et propterea adorabunt eum semper

Et tota die benedicent ei. — p. 213.

(7) HAVERÁ MANTIMENTO NA TERRA ATÉ AOS CUMES DOS MONTES — Seguimos na tradução a autorizada interpretação do moderno e autorizado Boulleret. A Vulgata empregou firmamentum, que o Padre Pereira traduziu por mantimento, porém a tradução apresentada é a mais conforme com o sentido do original e

Salmo 71, 17-20

17 Seja o seu nome bendito pelos séculos: O seu nome subsiste antes do sol.

E serão benditas nêle tôdas as tribos da terra: Tôdas as gentes o engrandecerão.

18 Bendito o Senhor Deus de Israel, que faz maravilhas só:

19 E bendito o nome da sua majestade para sempre: E encher-se-á da sua majestade tôda a terra: Assim seja, assim seja. (8)

20 Acabaram-se os louvores de Davi filho de Jesse. (9)

com o contexto, se bem que a Vulgata não se afasta muito, pois que *firmamentum* quer dizer apoio, sustento, e os hebreus chamavam aos mantimentos, a força, o apoio, o bordão. Cfr. Sl 104, 16. *Et vocavit famem super terram et omne firmamentum panis contrivit* J. Zai III, P Roburpanis, Ez 14, 13, *Virga Pannis*.

(8) **E BENDITO** — Doxologia independente do salmo.

(9) **ACABARAM-SE** — Os intérpretes comumente julgam que este é o último salmo que compôs Davi, porém, pôsto fora do seu lugar, porquanto se acham outros depois dele, que indubitavelmente são do mesmo, como o 109, e outros: e assim se vê que noutro tempo estava disposta diversamente a coleção dos salmos. Que seja este o último salmo de Davi, o inferem do que se conta no 3 Rs 1, 47, e é possível que o Santo Profeta no meio do júbilo de ver a Salomão seu filho sublimado ao trono, arrebatado, e fora de si, tendo no seu espírito presente ao Divino Messias, vaticinou a sua vinda, e a vocação dos gentios. S. Jerônimo expõe este lugar desta maneira: “Aqui acabam os salmos de Davi, porque escreveu neste o complemento, e o fim das coisas. Com efeito nêle se evangeliza a Jesus Cristo, que é fim da lei, e o complemento de tôdas as profecias: e assim se pode contemplar este dulcíssimo cântico, como o testamento de Davi, e como uma profissão admirável da sua fé no Messias, que havia de nascer da sua linhagem, e vir a redimir o mundo. Aqui acaba também o livro segundo dos salmos. — P. Scio.

SALMO 72

SALMO DIDÁTICO. O PROFETA DECLARA A TERRÍVEL TENTAÇÃO POR QUE FOI COMBATIDA A SUA ALMA AO VER A PROSPERIDADE DOS ÍMPIOS NESTE MUNDO: E ASSEGURA QUE O SEU ESPÍRITO SOSSEGOU VENDO O DESGRAÇADO FIM DOS MESMOS ÍMPIOS. TOMA DAQUI ARGUMENTO PARA ARRAIGAR MAIS E MAIS NO SENHOR A SUA ESPERANÇA.

1 Salmo de Asaf. (1)

Quão bom é Deus para Israel! Para os que são retos de coração.

2 Os meus pés por pouco não vacilaram: Por pouco se não transtornaram os meus passos.

3 Porque tive zelo sobre os iníquos, vendo a paz dos pecadores. (2)

4 Porque eles não atendem à sua morte: E não há firmeza na sua ferida.

5 Não participam dos trabalhos dos homens, nem com os homens serão flagelados: (3)

(1) **ASAF** — Era um dos principais músicos de Davi. Sl 6, 31-39, 2 Esdr 2, 46, porém os salmos que têm o seu nome não são dele, mas dum dos seus descendentes ou de outro salmista seu homônimo. Vigouroux, Manuel Biblique. Fosse quem fosse, o que é certo é que os salmos de Asaf são excelentes modelos do gênero didático. Herder, *Histoire de la poésie hébraïque*, 1845. O assunto deste salmo é análogo ao do Sl 36. Divide-se em duas partes, compreendendo quatro estrofes cada uma. **Primeira parte.** Descreve a felicidade do mau. **Segunda parte.** Explica esta falsa felicidade, e incita o justo a unir-se sempre a Deus, desprezando tudo o que não seja Deus.

(2) **A PAZ** — Os hebreus designavam por esta palavra uma vida tranqüilla e próspera, e bem assim o sossego e a tranqüillidade

(3) **NEM COM OS HOMENS SERÃO FLAGELADOS** — Não experimentam os trabalhos, penas e misérias do comum dos mor-

Salmo 72, 6-16

6 Portanto os possui a soberba, cobertos estão da sua iniquidade, e impiedade.

7 Como da gordura nasceu a sua maldade: Se transformaram segundo o afeto do seu coração.

8 Cogitaram, e falaram maldade: Iniquidade falaram em alto.

9 Puseram no céu a sua bôca: E a língua dêles foi discorrendo pela terra. (4)

10 Por isto se voltará aqui o meu povo: E serão achados nêles os dias cheios. (5)

11 E disseram: Acaso Deus sabe isto, e tem disto notícia o Altíssimo?

12 Eis-aqui os mesmos pecadores, e os que abundam no século têm adquirido riquezas.

13 E disse: Logo em vão justifiquei o meu coração, e lavei entre os inocentes as minhas mãos:

14 Pois tenho sido afligido todo o dia, e castigado desde a manhã.

15 Se dizia: Contá-lo-ei assim: Via que condenava a nação de teus filhos.

16 Pensava para entender isto, trabalho é êste aos meus olhos:

tals. nem parecem que nasceram como os demais para padecer. Por isso estão cheios de soberba, de modo que nem temem a Deus, nem respeitam aos homens. — Pereira.

(4) **PUSERAM NO CÉU A SUA BÔCA** — Ofenderam a Deus no Céu pelas suas blasfêmias, e os homens na terra pelas suas calúnias. — Glaire.

(5) **POR ISTO** — Nos Setenta e no hebreu se lê *huc*: quer dizer, para aqui, é isto que acontece aos ímpios: o meu povo (diz Davi) voltando os olhos para estas coisas, e vendo que apesar dos péssimos procedimentos dos ímpios, eles vivem largamente, e cheios de felicidades temporais, que são os dias cheios, se achará perplexo, e quase tentado a dizer: Acaso Deus sabe isto, etc. — P. Scio.

17 Até que eu entre no santuário de Deus: E aprenda qual será o fim dêles.

18 Certamente por causa dos seus enganos lhes mandaste males: Derribaste-os quando se elevavam. (6)

19 Como os que são postos em desolação, repentinamente feneceram. Pereceram pela sua maldade.

20 Como sonho dos que despertam, tornarás, Senhor, em nada a imagem dêles, na tua cidade.

21 Porque se inflamou o meu coração, as minhas entranhas se comoveram:

22 Também eu fui reduzido ao nada, e não o entendi.

23 Como jumento me tenho feito diante de ti: E eu estarei sempre contigo.

24 Tomaste-me pela minha mão direita: E me conduziste segundo a tua vontade, e com glória me acolheste. (7)

25 Pois que tenho eu no céu? E fora de ti, que desejei eu sôbre a terra?

26 Desfaleceu a minha carne, e o meu coração: Deus do meu coração, e minha porção, Deus para sempre.

27 Pois eis-aqui, os que se apartam de ti perecerão: Acabaste com todos os que te quebrantam a fé.

28 Mas para mim me é bom unir-me a Deus: E pôr no Senhor Deus a minha esperança:

(6) **POR CAUSA DOS SEUS ENGANOS** — Assim verteu Glaire, dizendo que é a tradução que julga mais autorizada, tanto mais que alguns exemplares da versão dos Setenta e os mais antigos saltérios têm expressas palavras *eus* e *males*. O padre Pereira tinha traduzido "Certamente em enganos os pusestes, e Boulleret na sua moderna e já citada obra interpreta desta forma. *Iu via deceptoris* (hebr *lubrica*) *posulisti eos*. Preferimos a primeira versão, não só pela autoridade de Glaire, mas por ser a que melhor se liga ao contexto.

(7) **COM GLÓRIA** — Acumulando-me de glória.

Para anunciar todos os teus louvores nas portas da cidade de Sião. (8)

SALMO 73

SALMO DEPRECATÓRIO. SUPLICA A DEUS, LEMBRANDO OS ESTUPENDOS PRODÍGIOS, QUE O SENHOR HAVIA PRATICADO ANTIGAMENTE, PARA SALVAR AO SEU POVO. ROGANDO QUE SE COMPADEÇA DA SUA MISÉRIA, E EXTREMA AFLIÇÃO.

1 Salmo didático composto por Asaf. (1)

Por que razão, ó Deus, nos hás desamparado para sempre? Incendido está o teu furor sobre as ovelhas do teu pasto?

2 Lembra-te da tua congregação, que possuíste desde o princípio. (2)

Tu remediaste a porção da tua herança: O monte de Sião em que te aprouve habitar.

(8) **CIDADE DE SIÃO** — Assim traduz Glaire o *Fillie Sion* da Vulgata.

(1) **SALMO DIDÁTICO COMPOSTO POR ASAF** — Tradução de Glaire. Este salmo é muitas vezes citado por muitos críticos contemporâneos da época dos Macabeus. 1 Mac 4, 38-46; 9, 27; 14, 41. Pode ter sido composto depois da tomada de Jerusalém ou da destruição do templo de Salomão por Nabucodonosor. 4 Rs 24; 2 Par 36; Jer 52. Tem oito estrofes. Primeira (1-3). Suplica a Deus que não abandone Jerusalém. Segunda (4-6). Quadro da devastação causada no templo pelos inimigos de Deus. Terceira (7-9). Lamenta ter-se acabado o culto não havendo já nem milagres nem profetas que consolem Israel. Quarta (10-11). Até quando durará tal castigo? Quinta (12-14). Não falta a Deus o poder. Sexta (15-17). Deus é criador. Sétima (18-20). Que não permita então que o seu nome seja ultrajado. Oitava (21-23). Repetição do mesmo pensamento por outras palavras.

(2) **DESDE O PRINCÍPIO** — Desde o tempo de Abraão, que foi o tronco da família, e povo, que te havia de estar consagrado. Gên 17. — P. Scio.

3 Levanta as tuas mãos contra as soberbas dêles até ao fim: Quantas maldades tem cometido o inimigo no Santuário! (3)

4 E os que te aborreceram, gloriaram-se: No meio da tua solenidade.

Puseram os seus estandartes, em grande número, (4)

5 e não os conheceram, bem como nas portas sôbre o mais alto.

Como em um bosque de árvores com machados,

6 destroçaram à uma as suas portas: Com machado e camartelo a derribaram. (5)

7 Abrasaram em fogo ao teu Santuário: Na terra profanaram o tabernáculo do teu nome.

8 Disseram no seu coração os das suas parentelas todos juntamente: Façamos cessar da terra tôdas as festas de Deus.

9 Não temos visto os nossos sinais: Já não há profeta: E não nos conhecerá daqui em diante. (6)

(3) **LEVANTA AS TUAS MÃOS** — O hebreu tem: “Alça os teus pés contra a soberba dêles.” Segundo Bellarmino, e outros intérpretes, alude à soberba com que Antíoco entrou no Templo, e às abominações com que o contaminou. 1 Mac 1, 23. 41. 49. 51. — Sacy.

(4) **EM GRANDE NÚMERO** — E’ o que quer significar a repetição da palavra que se encontra no original e na Vulgata, como já atrás ficou dito.

(5) **A DERRIBARAM** — A casa, ou as portas do Templo os caldeus, 4 Rs 25, 9, Jer 52, 13. Ainda que não parece ter sido queimado o Templo de Jerusalém na perseguição de Antíoco, basta ser certo que as suas portas o foram, 1 Mac 4, 38, para se compreender o que o profeta diz aqui. No texto original se lê: “Tem pôsto fogo aos teus Santuários. — Pereira.

(6) **JÁ NÃO HÁ PROFETAS** — E’ a queixa dos judeus cativos em Babilônia, queixa até certo ponto infundada; porque Daniel lá estava. E’ verdade que elle profetizou pouco em Babilônia, pois que as suas principais profecias tiveram lugar em Susa.

10 Até quando, ó Deus, nos afrontará o inimigo: Blasfemará o adversário o teu nome até ao fim? (7)

11 Por que retrais a tua mão, e a tua direita do meio do teu seio até ao fim? (8)

12 Mas o Deus Rei nosso antes dos séculos: Obrou a salvação no meio da terra.

13 Tu com o teu poder deste solidez ao mar: Moeste as cabeças dos dragões nas águas. (9)

14 Tu quebraste a cabeça do dragão: Deste-o por comida aos povos da Etiópia. (10)

(Dan 7-11.) Também é certo que se não repetiram os sinais ou prodígios que se deram no Egito e no deserto, mas é verdade que presenciaram a libertação milagrosa de Daniel e dos seus companheiros saindo incólumes da fornalha ardente (3, 20); Daniel escapando são e salvo da cova dos leões (14, 30 e seguintes); a justificação da Casta Susana (13, 45 e seguintes); a metamorfose de Nabucodonosor (4, 13 e seguintes); e enfim os últimos momentos de Baltasar, rei dos caldeus (5, 22 e seguintes).

(7) **ATÉ QUANDO NOS AFRONTARÁ O INIMIGO** — Todo este verso quadra bem às blasfêmias de Antíoco, e de seus capitães que lemos na história dos macabeus. — Bossuet.

(8) **POR QUE RETRAIS** — Assim palavra por palavra a nossa Vulgata. Alguns contudo, com Sacy e de Carrières, como achassem imperfeito e manco este verso, verteram: Por que cessa a tua mão de nos proteger? e por que tens tu a tua direita sempre no teu seio? O mesmo em substância Calmet. Bossuet, porém, porque depois de, de sine tuo, achava-se em S. Jerônimo, consumens, conjecturou que se devia ler: Por que apartas tu de cima de nós a tua mão, e a tua direita? Tira-a do meio de teu peito para os perder. Julgue cada um o que melhor lhe parecer do caso.

(9) **AS CABEÇAS DOS DRAGÕES** — Os grandes animais que se encontram nas águas do Nilo e que figuram o povo e exército do Egito.

(10) **A CABEÇA DO DRAGÃO** — De Leviatã, o crocodilo, emblema do rei do Egito. Este estava sujeito à Etiópia.

15 Tu abriste as fontes, e os ribeiros: Tu secaste os rios de Etan. (11)

16 Teu é o dia, e tua é a noite: Tu fabricaste a aurora e o sol.

17 Tu fizeste todos os limites da terra: o estio e a primavera tu os formaste.

18 Lembra-te disto: O inimigo improperou ao Senhor: E um povo néscio irritou o teu nome.

19 Não entregues às feras as almas que te louvam, e não ponhas em esquecimento para sempre as almas dos teus pobres.

20 Olha para o teu testamento: Porque os obscurecidos da terra são os que estão cheios de casas de iniquidade.

21 Não se volte confundido o humilde: O pobre, e o desvalido louvarão o teu Nome.

22 Levanta-te, ó Deus, julga a tua causa: Lembra-te dos impropérios feitos contra ti, daqueles com quem um povo néscio te injuria todo o dia.

23 Não te esqueças das vozes de teus inimigos: A soberba daqueles que te aborrecem, sobe continuamente.

(11) **ETAN** — Os antigos hebraizantes sustentavam que esta palavra queria dizer força e antiguidade; os modernos dão-lhe a significação e fluxo, e do que corre continuamente. Os Setenta e a Vulgata fizeram um nome próprio. E' certo todavia que Etan era um lugar em que os israelitas fizeram a sua terceira estação depois da saída do Egito, e que ficava na extremidade do deserto. Ex 13, 20, Núm 33, 6.

SALMO 74

SALMO GRATULATÓRIO E DIDÁTICO. O SALMISTA SE EMPREGA A LOUVAR A DEUS, PORQUE FAZ BRILHAR A SUA JUSTIÇA EM ABATER A UNS E A EXALTAR A OUTROS, EM LEVANTAR OS HUMILDES QUE O TEMEM, E EM HUMILHAR AOS SOBERBOS QUE O DESPREZAM.

1 Ao regente do côro. Sôbre a ária *al thaschkheth*. Salmo de Asaf. Cântico. (1)

2 Nós te glorificaremos, ó Deus: Confessaremos, e invocaremos o teu Nome.

Cantaremos as tuas maravilhas:

3 Quando eu tomar o meu tempo, julgarei com justiça.

4 Tem-se liquidade a terra, e todos os que a habitam: Eu fortaleci as suas columnas.

5 Disse aos malvados: Não cometaes maldade: E aos que pecam: Não vos glorieis do poder.

6 Não queirais levantar ao alto vosso poder: Não queirais falar iniquamente contra Deus.

(1) **AL THASCHKHETH** — Com a música da ária conhecida com este nome a Vulgata traduzia — não corrompas. — Teodoro encontrou nalguns manuscritos esta adição: Contra o Assírio. Com efeito pode conjecturar-se que este salmo tivesse sido composto no tempo de Ezequias e ver nêle um cântico profético anunciando que Judá seria livre da invasão de Senaquerib. 4 Rs 19; 2 Par 22. Compreende uma saudação inicial, que é o versículo 2 e cinco estrofes. Primeira (3-4). Discurso de Deus, que dá a justiça no momento preciso. Segunda (5-6). Pelo que o salmista anuncia ao mau que nunca poderá levantar a fronte. Terceira (7-9). Não é um monarca da terra que governa, é Deus. Quarta (9). Deus reserva para o mau uma taça de fel. Quinta (10-11). E Israel glorificará o seu Deus e celebrará a ruína do ímpio.

7 Porque nem do Oriente, nem do Ocidente, nem dos montes desertos: (2)

8 Porque Deus é o Juiz.

A êste humilha, e àquele exalta:

9 Porque na mão do Senhor está o cálice de vinho puro cheio duma mistura. (3)

E deitou dêste naquele: Certamente as suas fases não se apuraram: Delas beberão todos os pecadores da terra.

10 Mas eu anunciarei pelo século: Cantarei ao Deus de Jacó. (4)

11 E quebrarei tôdas as fôrças dos pecadores: E será exaltada a glória do justo.

SALMO 75

SALMO GRATULATÓRIO. HONRA O PODER, E A JUSTIÇA DE DEUS EMPREGADOS EM FAZER QUE TRIUNFE GLoriosAMENTE DE TODOS OS SEUS INIMIGOS.

1 Ao regente do côro. Com instrumentos de corda.
Salmo de Asaf, cântico aos assírios. (1)

(2) **NEM DOS MONTES DESERTOS** — E' esta uma reticência em que deve suprir-se, erit vobis evasile, "tereis vós saída, em nenhum lugar podereis evitar o juízo de Deus, o qual está em tôdas as partes".

(3) **O CÁLICE DE VINHO** — Por êste cálice se designa na frase dos profetas a vingança de Deus, isto é, o cálice da sua ira. Is 51, 17-22. Jer 51, 7. Ez 23, 53. — *Pereira*.

(4) **PELO SÉCULO** — Santo Agostinho leu: "Mas eu serei um eterno gôzo." E segundo esta expressão o sentido da Vulgata é: Eu publicarei os louvores do Senhor por uma eternidade, dizendo com os Espíritos Bem-aventurados: Santo, Santo, Santo. — *P. Scio*.

(1) **AOS ASSÍRIOS** — E' uma adição da Vulgata. Este salmo parece uma continuação do precedente, pois se aquêle era um anúncio da libertação de Judá ameaçada por Senaquerib, êste

2 Conhecido é Deus na Judéia; em Israel grande é o seu nome.

3 E tem feito o seu assento na paz: E a sua morada é em Sião. (2)

4 Ali quebrou as forças dos arcos, o escudo, a espada, e a guerra.

5 Fazendo brilhar a tua luz maravilhosa desde os montes eternos.

6 Todos os néscios de coração ficaram perturbados. (3)

Dormiram o seu sono: E nada acharam nas suas mãos todos êstes homens de riquezas.

7 À tua ameaça, ó Deus de Jacó, adormeceram os que montam em cavalos. (4)

8 Tu és terrível, e quem te resistirá? desde que aparece a tua ira.

mostra-nos a sua realização e agradece ao Senhor. Tem quatro estrofes. *Primeira* (2-4). Deus faz proclamar a sua grandeza em Judá. *Segunda* (5-7). A glória de Deus brilha, atterrando soldados e cavaleiros. *Terceira* (8-10). Terrível é o Senhor. *Quarta* (11-13). Agradece a Deus que aniquila o orgulho dos reis.

(2) **NA PAZ** — O hebreu diz: "Está em Salém o seu Tabernáculo. Salém significa paz, que é como se acha trasladado nos Setenta e na Vulgata, porém é nome próprio de Jerusalém, que primeiramente foi chamada Schalen, Gên 14, 18, e quer dizer a cidade da paz, Hbr 7, 2. Este versículo é sinônimo deste "Sião sua habitação". Veja-se Hengstenberg, *Comm. über die Psalmen*, 1844.

(3) **FIÇARAM PERTURBADOS** — O hebreu diz: "Foram despojados os fortes de coração: dormiam o seu sono", o da morte. O que pode com propriedade aplicar-se aos assírios derrotados de noite: "e não acharam as suas mãos todos os varões de fortaleza." As forças lhes faltaram, e o coração; não puderam fazer a menor resistência. — P. Scio.

(4) **ADORMECERAM** — "Ficou adormecido o carro e o cavalo," diz o hebreu: ficaram inúteis, e inábeis para a batalha. Ex 15, 16, Núm 3, 18. — P. Scio.

9 Desde o céu fizeste ouvir o teu juízo: A terra tremeu e ficou em sossêgo.

10 Quando se levantou Deus a juízo, para salvar a todos os humildes da terra. (5)

11 Porque o homem que considere te louvará: E as memórias que hão de ficar-te farão dia festivo.

12 Fazei votos ao Senhor vosso Deus, e cumpri-os todos os que ao redor dêle lhe trazeis oferendas.

Ao terrível,

13 e ao que tira o espírito aos príncipes, ao que é terrível aos reis da terra. (6)

SALMO 76

SALMO DEPRECATÓRIO. A ALMA SE RECREIA SANTAMENTE
LEMBRANDO-SE DAS OBRAS MARAVILHOSAS DO SENHOR.

1 Ao regente do côro, para Iditum, salmo de Asaf. (1)

(5) QUANDO SE LEVANTOU — E' uma representação em forma de juízo da derrota dos assírios. — P. Scío.

(6) QUE TIRA O ESPÍRITO — O hebreu diz: "Tirárá ou vindicará" o espírito aos príncipes, tirando-lhes de repente a vida. Jl 3, 13. Apc 14, 18; ou apartando dêles o dom de conselho, de prudência, e de governo. — P. Scío.

(1) IDITUM — E' provavelmente o mesmo que o Idithum do 1.º livro dos Par 16, 41. E' impossível determinar em que circunstâncias foi composto este salmo; pode porém conjecturar-se que é coevo da ruína do reino das dez tribos. Tem seis estrofes. As duas primeiras são como que o exórdio e exprimem um sentimento de tristeza e angústia causado pelos males da nação. As três seguintes pedem o socorro de Deus, o Eterno libertador de

Salmo 76, 2-10

2 Com a minha voz clamei ao Senhor: Levantei a minha voz a Deus, e êle me atendeu.

3 No dia da minha tribulação busquei a Deus, estendi as minhas mãos de noite para êle: E não fiquei defraudado.

Recusou consolar a minha alma. (2)

4 Lembrei-me de Deus, e me deleitei, e me exercitei: E desmaiou o meu espírito.

5 Adiantaram-se às vigílias os meus olhos: Fiquei perturbado, e não falei.

6 Pensei nos dias antigos: E tive na mente os anos eternos.

7 E meditei de noite no meu coração, e me exercitava, e purificava o meu espírito. (3)

8 Porventura nos desampará Deus para sempre: E não se mostrará ainda inclinado a apacar-se?

9 Ou cortará para sempre a sua misericórdia, de geração em geração?

10 Ou se esquecerá Deus de usar clemência? Ou demorará com a sua ira as suas misericórdias?

Israel. E há aqui uma bela descrição da passagem do Mar Vermelho, com o fim de mostrar como na história do povo de Deus há exemplos da proteção divina, que alentam ainda hoje as nações mais oprimidas pelas desgraças. Reus, Le Psautier, 1875.

(2) **RECUSOU CONSOLAR** — No meo do meu cativo, esmagado pela dor, não pude encontrar consolação alguma.

(3) **E ME EXERCITAVA** — No hebreu está: "Foi perseguido o meu espírito, mas já S. Jerônimo traduziu na primeira pessoa, *Scrutabar*. O sentido porém é, no entender de muitos e autorizados exegetas, este: — Inquiriu o que se passava em meu espírito; tentava conhecer os meus pensamentos íntimos. *Sensu omnes cori veniunt: inquirebat animus meus, excutiebam ipse me, perspicere intima mea conabor*" Weitenauer, *Lexicon Biblicum*, 1866.

11 E disse: Agora começo! Esta mudança vem da destra do Altíssimo.

12 Lembrei-me das obras do Senhor: Porque me lembrei das tuas maravilhas desde o princípio.

13 E meditarei em tôdas as tuas obras: E considerarei em todos os teus conselhos.

14 O teu caminho, ó Deus, é em santidade: Que Deus há grande como o nosso Deus?

15 Tu és o Deus que obras maravilhas.

Fizeste conhecer nos povos o teu poder:

16 Redimiste com teu braço ao teu povo, aos filhos de Jacó e de José.

17 Viram-te as águas, ó Deus, viram-te as águas: E temeram, e foram turbados os abismos. (4)

18 Com grandíssimo estrondo caíram as águas: As nuvens fizeram soar a voz.

Porque as tuas setas traspassam os ares: (5)

19 A voz do teu trovão fuzilou sôbre as rodas.

Fulguraram os teus relâmpagos pela redondeza da terra: Estremeceu e tremeu a terra.

20 No mar abriste o teu caminho, e os teus atalhos no meio das muitas águas: E não serão conhecidos os teus vestígios.

21 Conduziste o teu povo como ovelhas, pela mão de Moisés e de Aarão.

(4) **VIRAM-TE AS AGUAS** — Alude às do Mar Vermelho.

(5) **OS ARES** — E' uma adição de Glaire, para esclarecer o sentido, visto que a frase "as setas de Deus" significa os raios e os relâmpagos. *La Sainte Bible*.

SALMO 77

SALMO PROFÉTICO, QUE OS PADRES DA IGREJA TOMAM POR UMA INSTITUIÇÃO DE JESUS CRISTO À SUA IGREJA. O SALMISTA NESTE SALMO REFERE AS GRAÇAS COM QUE DEUS TEM FAVORECIDO O SEU POVO, E OS CASTIGOS DE QUE USOU PARA QUE SE CONVERTESSE E LHE FOSSE FIEL.

1 Salmo didático, de Asaf. (1)

Escutai a minha lei, povo meu, inclinai os vossos ouvidos às palavras da minha bôca.

2 Abrirei em parábolas a minha bôca: Falarei coisas ocultas desde o princípio. (2)

3 Quantas coisas ouvimos, e as temos entendido: E no-las contaram nossos pais.

4 Eles não as ocultaram a seus filhos, nem à seguinte geração.

Contando os louvores do Senhor, e o seu poder, e as maravilhas que êle obrou.

5 Estabeleceu testemunho em Jacó: E pôs lei em Israel.

As quais coisas mandou êle a nossos pais que fizessem conhecer a seus filhos:

6 Para que as soubesse a geração seguinte.

Os filhos que hão de nascer, e se hão de levantar, o contarão também a seus filhos,

(1) Este salmo é um resumo da história do povo de Deus, para servir de lição a Israel, para que mais se afervorem na fidelidade ao Senhor. Tem dezoito estrofes.

(2) COISAS OCULTAS — E' o sentido do hebreu e da versão dos Setenta, e foi êste o que lhe deu também Jesus Cristo. (Mt 13, 35). Estas coisas ocultas são os mistérios do Evangelho, o conhecimento das verdades da salvação, que só foram reveladas depois da vinda de Cristo. Rom 16, 25. 26. 1 Cor 2, 7; Col. 1, 6-27.

7 para que ponham em Deus a sua esperança, e não se esqueçam das obras de Deus: E busquem com cuidado os seus mandamentos.

8 Não se façam como seus pais, geração má e rebelde.

Geração que não encaminhou reto o seu coração: Nem o seu espírito foi leal com Deus.

9 Os filhos de Efraim, destros em entesar o arco e em despedir dêle as flechas, voltaram as costas no dia da batalha.

10 Não guardaram a aliança feita com Deus: E não quiseram andar na sua lei.

11 E se esqueceram dos seus benefícios, e das suas maravilhas que obrou à vista dêles.

12 Diante de seus pais fêz maravilhas na terra do Egito, no campo de Tanis. (3)

13 Dividiu o mar, e por êle os fêz passar: E recolheu as águas como em odre.

14 E os conduziu de dia, por uma nuvem: E tôda a noite com resplendor de fogo.

15 Fendeu a pedra no ermo: E deu-lhes a beber águas como em um grande abismo. (4)

16 E tirou água da pedra: E fêz correr as águas como rios.

17 E tornaram ainda a pecar contra êle: Moveram a ira do Altíssimo num lugar sem água.

18 E tentaram a Deus nos seus corações: Pedindo iguarias que fôssem do seu gôsto.

(3) **MARAVILHAS** — Alusão às pragas do Egito.

TANIS — Situada no Delta, era no tempo do Êxodo a residência de Faraó. Núm 13, 23.

(4) **GRANDE ABISMO** — Hipérbole que designa a abundância de água que brotou do rochedo.

Salmo 77, 19-31

19 E falaram mal de Deus. Disseram: Porventura poderá Deus preparar uma mesa no deserto?

20 Porque feriu a pedra, e correram águas, e as torrentes inundaram.

Porventura poderá também dar pão, ou aparelhar mesa para o seu povo? (5)

21 Portanto ouviu o Senhor, e deferiu: E um fogo se incendeu contra Jacó, e cresceu a ira contra Israel. (6)

22 Porque não creram em Deus, nem esperaram na salvação dEle.

23 E mandou às nuvens de cima, e abriu as portas do céu.

24 E lhes choveu o maná para comer, e lhes deu pão do céu.

25 Pão dos anjos comeu o homem: E lhes enviou manjares em abundância.

26 Retirou do céu o Austro: E pela sua virtude fêz mover o Áfrico. (7)

27 E choveu sobre eles carnes como pó: e as aves de asas como as areias do mar.

28 E caíram no meio dos seus alojamentos: Em roda das suas tendas.

29 E comeram e fartaram-se muito, e cumpriu-lhes o seu desejo.

30 Não ficaram defraudados do que apeteram.

Ainda estavam as suas iguarias na bôca deles:

31 Quando a ira de Deus se elevou sobre eles.

E matou os poderosos deles, e derribou os escolhidos de Israel.

(5) **PÃO** — O sustento em geral.

(6) **OUVIU O SENHOR E DEFERIU** — O cumprimento de promessa, que consistia no ingresso na terra prometida.

(7) **AUSTRO, E AFRICO** — Vento norte e sul.

32 Sobre tudo isto pecaram ainda: E não creram nas suas maravilhas.

33 E passaram os seus dias em coisas vãs: E os seus anos com grande fadiga.

34 Quando os fazia morrer, o buscavam: E se convertiam, e ao amanhecer vinham a êle.

35 Lembraram-se que Deus é seu ajudador: E que o Deus excelso é seu Redentor.

36 Amaram-no com a sua bôca, e com a sua língua lhe mentiram:

37 Mas o seu coração não era reto com êle: Nem se mantiveram leais na sua aliança.

38 Mas êle é misericordioso, e perdoará os seus pecados: E não os destruirá.

E êle deteve muitas vêzes a sua ira: E não acendeu contra êles todo o seu furor.

39 E lembrou-se que são carne: Sôpro que passa, e não torna. (8)

40 Quantas vêzes o irritaram no deserto, o moveram à ira no lugar sem água?

41 E voltaram, e tentaram a Deus: E exacerbaram ao Santo de Israel.

42 Não se lembraram do seu poder, no dia que os redimiui do jugo do opressor.

43 De como fêz resplandecer no Egito os seus sinais, e os seus prodígios no campo de Tanis.

44 E converteu em sangue os seus rios, e as suas águas, para que não bebessem delas. (9)

45 Enviou sobre êles todo o gênero de moscas, que os comeram: E rãs, que os destruíram.

(8) SOPRO — O vento. A vida é como o vento, passa depressa.

(9) SEUS RIOS — Isto é, os rios dos egípcios.

Salmo 77, 46-57

46 E entregou os seus frutos à aliôrra: E as suas searas aos gafanhotos.

47 E destruiu com saraiva as vinhas dêles: E os seus amoreirais com geada.

48 E entregou à saraiva os seus animais: E as suas possessões ao fogo.

49 Enviou sôbre êles a ira da sua indignação: Indignação, e ira, e tribulação: Por ministério dos anjos maus.

50 Abriu caminho ao atalho da sua ira, não perdoou a vida às suas almas: E envolveu na mortandade aos seus animais.

51 E feriu a todo o primogênito na terra do Egito: As primícias de todo o trabalho dêle nas tendas de Cam. (10)

52 E fêz sair o seu povo como ovelhas: E guiou-se como um rebanho no deserto.

53 E tirou-os fora esperançados, e não temeram: E sepultou no mar a seus inimigos.

54 E os introduziu depois no monte da sua santificação, monte que êle adquiriu com a sua destra.

E expulsou da face dêles as gentes: E repartiu-lhes por sorte a terra distribuída com cordas:

55 E deu as tendas dêles por morada às tribos de Israel.

56 E tentaram, e irritaram de novo ao Deus excelso: E não guardaram os seus preceitos.

57 E lhe voltaram as costas, e não observaram a aliança: Assim como os pais dêles se voltaram em arco atravessado.

(10) **NAS TENDAS DE CAM** — Porque Mesraim, de quem descendaram os egípcios, e que deu nome ao Egito, foi filho de Cam. Gên 10, 6.

58 Êles o incitaram à ira nos seus outeiros: E com os seus ídolos que esculpíram lhe inflamaram o seu zêlo.

59 Ouviu-os Deus, e os desprezou: E reduziu a Israel ao extremo abatimento.

60 E rejeitou o tabernáculo de Silo, seu próprio tabernáculo, onde morou entre os homens,

61 e entregou a cativo a fôrça dêles: E a sua formosura nas mãos do inimigo.

62 E encerrou com espada ao seu povo: E desprezou a sua própria herança.

63 O fogo devorou aos seus mancebos: E as suas virgens não foram choradas.

64 Os seus sacerdotes pereceram à espada: E as suas viúvas não eram choradas.

65 E despertou-se o Senhor como quem dorme, como um valente embriagado do vinho.

66 E feriu a seus inimigos abaixo das espáduas: Eterna ignomínia lhes deu.

67 E rejeitou o tabernáculo de José: E não escolheu a tribo de Efraim:

68 Mas escolheu a tribo de Judá, o monte de Sião a quem amou.

69 E edificou como o unicórnio o seu Santuário na terra, que fundou pelos séculos. (11)

70 E escolheu a Davi seu servo e o tomou dos apriscos das ovelhas: E o tirou do cuidado das fecundas.

71 Para que apascentasse a Jacó seu servo, e a Israel sua herança:

(11) **COMO O UNICÓRNIO** — O que se diz, por ser só aquele Templo na Judéia, e estar situado no cume de um monte, assim como o unicórnio só tem uma ponta, que é a sua principal fôrça na frente, e é o símbolo do valor. Tudo isto convém ao templo de Jerusalém.

72 E apascentou-os a inocência do seu coração:
E com suas mãos hábeis os conduziu. (12)

SALMO 78

SALMO DEPRECATÓRIO EM QUE SE EXPRESSAM OS LAMENTOS DOS FIEIS PELOS DANOS FEITOS À SINAGOGA, E AO SEU TEMPLO, E ALEGORICAMENTE À IGREJA CRISTÃ.

1 Salmo de Asaf.

Ó Deus, vieram as nações à tua herança, contaminaram o teu santo templo: Tornaram Jerusalém como cabana de guardar frutas. (1)

2 Deram os cadáveres dos teus servos por comida às aves do céu: As carnes dos teus santos aos animais da terra. (2)

3 Derramaram o sangue deles como água à roda de Jerusalém: E não havia quem lhes desse a sepultura. (3)

(12) **MÃOS HÁBEIS** — A letra será a inteligência das suas mãos. O salmista, nestes três últimos versos, lembra a prudência e a sabedoria de Davi, falecido havia algum tempo, para convencer Efraim da sua ingratidão, tendo abandonado a casa deste príncipe tão justo, tão prudente, tão religioso e manifestamente escolhido de Deus.

(1) Este salmo deve ser da mesma época do Salmo 73 e refere-se à tomada de Jerusalém por Nabucodonosor. Tem quatro estrofes. Primeira (1-4). Quadro lamentável de Jerusalém devastada. Segunda (5-7). Pedes misericórdia a Deus para com o seu povo desprezado. Terceira. Que Deus lhes perdoe os pecados. Quarta. Que tenha piedade de Israel.

CABANA DE GUARDAR FRUTAS — Na Palestina há ainda hoje, e outrora com mais abundância, cabanas ou construções grossas de pedras, que serviam de resguardo contra os salteadores; eram desabitadas e quase tôdas em ruína.

(2) **SANTOS** — Quer dizer, os servos fieis.

(3) **COMO AGUA** — Quer dizer em grande abundância.

4 Temos chegado a ser o opróbrio de nossos vizinhos: O escárnio e a mofa daqueles que estão em roda de nós.

5 Até quando, Senhor, te hás de irar sem aplacar-te: Até quando se acenderá como fogo o teu zêlo?

6 Derrama a tua ira sôbre as nações, que te não conhecem: E sôbre os reinos que não invocaram o teu nome.

7 Porque êle tem devorado a Jacó: E tem assolado a sua casa.

8 Não te lembres de nossas antigas maldades, antecipem-se logo as tuas misericórdias: Porque temos sido reduzidos a extrema miséria.

9 Ajuda-nos, ó Deus, Salvador nosso: E pela glória do teu nome, Senhor, livra-nos: E perdoa os nossos pecados, por amor do teu nome.

10 Para que não digam talvez as gentes: Onde está o Deus dêles? e se divulgue tal blasfêmia entre as nações ante os nossos olhos.

A vingança do sangue dos teus servos, que foi derramado:

11 Os gemidos dos que estão em cadeias cheguem à tua presença.

Segundo a grandeza do teu braço, conserva os filhos dos que foram mortos.

12 E dá a nossos vizinhos sete tantos no seio dêles: Seja opróbrio dos mesmos aquilo com que, Senhor, te improporavam.

13 Mas nós que somos povo teu, e ovelhas do teu pasto, te glorificaremos para sempre:

De geração em geração publicaremos o teu louvor.

SALMO 79

SALMO DEPRECATÓRIO. O PROFETA ROGA AO SENHOR QUE
DE LIBERDADE AO SEU POVO: EXPÕE-LHE A DESOLA-
ÇÃO DE ISRAEL NA FIGURA DE UMA VINHA DESTRUÍDA:
E PEDE A SUA LIBERDADE, E RESTABELECIMENTO.

1 Ao regente do cântico, para ser cantado com música
da ária de lírio, testemunho de Asaf, salmo. (1)

2 Tu que governas a Israel, atende: Tu que condu-
zes a José como uma ovelha. (2)

Tu que estás sentado sobre os querubins, mani-
festa-te

3 diante de Efraim, Benjamim, e Manassés.

Excita o teu poder, e vem a fazer-nos salvos.

4 Ó Deus, converte-nos: E mostra-nos o teu rosto,
e seremos salvos.

5 Senhor Deus dos exércitos, até quando estarás
irado, sem ouvir a oração do teu servo?

6 Sustentar-nos-ás com pão de lágrimas: E nos
darás bebida de lágrimas com abundância?

(1) **TESTEMUNHO** — No original está *Edouth*, palavra obscura a que os intérpretes dão esta significação. O assunto é este: o reino de Israel (ou Efraim, descendente de José) pede a proteção de Deus contra os assírios que o oprimem. Tem cinco estrofes: Primeira (2-4). Que o pastor de Israel socorra Efraim e Manassés. Segunda (5-8). Israel pranteia a sua sorte, e os seus inimigos escarnecem da sua dor. Terceira (9-12). Deus transplantara-o como uma vide para as montanhas de Efraim e aí prosperou. Quarta (13-16). Por que deixa ele devastar a sua plantação? Quinta (17-20). Proteja o seu povo, Israel será fiel e invocará seu nome.

(2) **TU QUE GOVERNAS** — O hebreu tem: "Pastor de Israel," cujo officio se applica a Jesus Cristo no Evangelho. — P. Scio.

7 Puseste-nos em contradição a nossos vizinhos: E nossos inimigos fizeram escárnio de nós.

8 Deus das virtudes, converte-nos: Mostra-nos o teu rosto, e seremos salvos.

9 Trasladaste a tua vinha do Egito: Lançaste fora as gentes, e plantaste-a em seu lugar. (3)

10 Guia foste no caminho diante dela: Fizeste-a arraigar, e ela tem enchido a terra.

11 A sombra dela cobriu os montes: E as suas ramas excederam os cedros de Deus. (4)

12 Estendeu as suas vides até ao mar: E até ao rio os seus mergulhões. (5)

13 Para que destruístes o seu muro: E a vindimam todos os que passam pelo caminho?

14 O javali da selva a destruiu: E a fera selvagem a devorou. (6)

15 Deus dos exércitos, volta-te: Olha desde o céu, atende, e visita esta vinha.

16 E acaba de aperfeiçoar a que plantou a tua destra: E olha para o fim do homem, que confirmaste para ti.

(3) **TRASLADASTE A TUA VINHA** — O teu povo. Assim é chamado freqüentemente na Escritura. Is 5. Jer 2, 21. Ez 7, 6. E este povo ou nação judaica é figura expressa da Igreja. — P. Scio.

(4) **OS CEDROS DE DEUS** — Como já fica explicado em outros lugares: Os cedros mui elevados.

(5) **ATÉ AO MAR** — O Mediterrâneo; e até o rio Eufrates, até onde havia estendido os seus limites a nação dos hebreus nos tempos de Davi.

(6) **O JAVALI** — Este animal é muito comum na Palestina. Aqui toma-se pelo idumeu, segundo os comentadores judeus, e a fera selvagem figura o árabe nômade. São emblemas dos inimigos do povo de Deus.

Salmo 79, 17-20; 80, 1-2

17 Ela foi queimada a fogo, e escavada às ameaças de teu rosto perecerão. (7)

18 Seja a tua mão sôbre o varão da tua destra: E sôbre o filho do homem que confirmaste para ti. (8)

19 E não nos apartamos de ti, tu nos darás vida: E invocaremos o teu nome.

20 Senhor Deus dos exércitos, converte-nos: E mostra-nos o teu rosto, seremos salvos.

SALMO 80

SALMO GRATULATÓRIO. SÃO CONVIDADOS OS FIEIS A CELEBRAR OS DIAS FESTIVOS, INSTITUÍDOS PARA CELEBRAR A MEMÓRIA DOS BENEFÍCIOS QUE RECEBEM DE DEUS.

Ao regente do côro.

1 Com a cítara de Get. Salmo do mesmo Asaf. (1)

2 Regozijai-vos louvando a Deus nosso ajudador: Celebrai ao Deus de Jacó.

(7) **PERECERÃO** — Os que a queimaram, e arrancaram. Assim Bossuet, Calmet, e o Breviário francês. Outros com Sacy e de Carrières: “Os seus habitantes estão a ponto de perecerem, à força da severidade e ameaças do teu rosto, etc.

(8) **SÔBRE O VARÃO DA TUA DESTRA** — Por êste “homem da direita de Deus” entendem os antigos rabinos o Messias; os Santos Padres a Jesus Cristo, que sendo filho de Deus, e verdadeiro Deus, assim mesmo se costumava chamar no Evangelho “o filho do homem,” por ser também verdadeiro homem. — Calmet.

(1) **CITARA DE GET (?)** — Veja salmo 3. Êste salmo celebra a festa da Páscoa, e é por êste motivo quê fala da saída do Egito. O salmista recorda a recompensa reservada aos que praticarem o bem. Tem três estrofes. Primeira (2-6). Exorta a celebrar a Páscoa com alegria. Na Segunda e Terceira introduz Deus a falar lembrando-lhes que recompensará os bons como castigou outrora os rebeldes no deserto.

3 Entoai o salmo, e tocai os tímboles: O saltério harmonioso com a cítara.

4 Tocai a trombeta na Neomênia, no dia sinalado da vossa solenidade: (2)

5 Porque está mandado em Israel: E é estatuto em honra do Deus de Jacó.

6 Ordenou-o por testemunho a José quando ouviu uma língua, que não entendia. (3)

7 Descarregou do pêso ao seu ombro: E as suas mãos que haviam servido de acarretar com cêsto. (4)

8 Na tribulação me invocaste, e te livreis: Eu te ouvi no escondido da tempestade: Fiz prova de ti junto à água da contradição. (5)

9 Ouve, povo meu, e eu te declararei a minha vontade, Israel, se me ouvires,

10 não haverá em ti Deus novo, nem adorarás Deus estranho.

(2) **NEOMENIA** — Dia sinalado — Lua nova. O dia da Páscoa. Alguns comentadores entendem a festa dos tabernáculos.

(3) **JOSÉ** — Está aqui por todo o Israel, porque a festa dos tabernáculos foi instituída em memória da saída do Egito, onde José tinha sido protetor de Israel.

OUVIU UMA LÍNGUA QUE NÃO ENTENDIA — Segundo a maior parte dos intérpretes, o salmista quer dizer que os israelitas, depois da saída do Egito, ouviram a voz do Senhor que lhes falava do alto do Sinal por intermédio de Moisés, que lhes deu uma lei e lhes revelou verdades que eles não conheciam.

(4) **DESCARREGOU DO PÊSO** — O hebreu diz: Tirei na primeira pessoa, e na boca de Deus, o que fez o sentido mais unido, e mesmo tudo o que se segue até ao fim do salmo; e assim se deve suprir a palavra Deus, como pessoa que dá a ação a todos os verbos. — P. Scio.

(5) **A ÁGUA DA CONTRADIÇÃO** — Da contradição, ou Litígio: E' versão do nome próprio Meribalt, que se dá àquelas águas nos Núm 20, 13. O que succedeu em Cades.

Salmo 80, 11-17; 81, 1

11 Porque eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito: Abre bem a tua bôca, e eu ta encherei.

12 E não ouviu o meu povo a minha voz: E Israel não me atendeu.

13 E os abandonei segundo os desejos do seu coração, êles irão caminhando atrás das invenções da sua fantasia.

14 Se o meu povo me houvera ouvido: Se Israel tivera andado nos meus caminhos:

15 Em nada teria o haver sem dúvida humilhado a seus inimigos: E houvera descarregado a minha mão sobre os que os atribulavam.

16 Os inimigos do Senhor mentiram-lhe: E durará o tempo dêles por todos os séculos.

17 E deu-lhes a comer da gordura do trigo: E os fartou de mel da pedra.

SALMO 81

SALMO DIDÁTICO. O PROFETA EXORTA AOS JUÍZES DA TERRA A QUE FAÇAM JUSTIÇA AOS POBRES E AOS ÓRFÃOS, POR SER DEUS O SUPREMO JUIZ DE TODOS OS JUÍZES.

1 Salmo de Asaf. (1)

Deus assistiu sempre no conselho dos deuses: No meio dêles julga os mesmos deuses. (2)

(1) O salmista invoca o socorro de Deus contra os juizes iníquos. Cfr. Sl 58. Jesus Cristo citou este salmo. Jo 10, 34-36. Assinam-lhe o tempo de Josafat. 890 A. C. A linguagem é forte e enérgica. Dois discursos formam o poema; no primeiro intima os juizes para que obedecam sempre à justiça; no segundo ameaça-os com castigos. Tem cinco estrofes.

(2) **DEUSES** — E' o nome que se dava comumente aos magistrados na Escritura, porque administravam a justiça em nome de Deus.

2 Até quando julgareis injustamente: E tereis respeito às faces dos pecadores?

3 Fazei justiça ao necessitado, e ao órfão: Atendei à razão do humilde, e do pobre.

4 Tirai ao pobre: E livrai o desvalido da mão do pecador.

5 Não souberam, nem entenderam, andam em trevas: Serão abalados todos os fundamentos da terra. (3)

6 Eu disse: Sois deuses, e todos filhos do Excelso.

7 Mas vós como homens morrereis: E caireis como um dos príncipes.

8 Levanta-te, ó Deus, julga a terra: Porque tu herdarás em tôdas as gentes. (4)

SALMO 82

SALMO DEPRECATÓRIO. PEDE O PROFETA NESTE SALMO QUE OS INIMIGOS DO POVO DE DEUS CONJURADOS EM GRANDE NÚMERO CONTRA ELE SEJAM DISSIPADOS PELO SENHOR, ASSIM COMO A PALHA PELO VENTO.

1 Cântico de salmo de Asaf. (1)

(3) **SERÃO ABALADOS** — Desta corrupção dos juizes procede uma geral perturbação das famílias, e ruína do estado: Prov 14, 34. Porque as bases dos reinos e de tôdas as repúblicas são a justiça, e a observância das leis. — Pereira.

(4) **HERDARAS** — E' apóstrofe que o profeta faz a Deus. Já que os vossos ministros têm pervertido tôda a justiça, vem tu mesmo a restabelecê-la, e a ser o juiz de tôda a terra, pôsto que teu é o domínio de tôdas as nações, que a tôdas hás de possuir. Segundo os Padres, é um vaticínio expresso da conversão dos gentios à fé de Cristo. — P. Scio.

(1) Os idumeus, os árabes, os moabitas e os outros povos vizinhos, uniram-se para atacar o reino de Judá. E' provavelmente a liga de que se fala 2. Par 20, 1, do tempo de Josafá, 895 A. C. O salmista pede a Deus que o livre dos inimigos do povo

Salmo 82, 2-9

2 Ó Deus, quem será semelhante a ti? não estejas em silêncio, nem te detenhas, ó Deus. (2)

3 Pois vês que os teus inimigos têm feito ruído: E os que te aborrecem, levantaram a cabeça:

4 Sôbre o teu povo tiveram desígnios maliciosos: E maquinaram contra os teus santos. (3)

5 Disseram: Vinde, e arruinemos aos desta nação e não haja mais memória do nome de Israel.

6 Porque maquinaram unânimes: Todos juntos formaram liga contra ti,

7 as tendas dos idumeus, e os israelitas:

Moab, e os Agarenos,

8 Gebal, e Amon, e Amalec: Os estrangeiros com os moradores de Tiro. (4)

9 Até veio Assur com êles: Ajuntaram-se para auxiliarem aos filhos de Lô. (5)

de Deus. Tem nove estrofes. A sequência das idéias é fácil de perceber.

(2) **NÃO ESTEJAS EM SILÊNCIO** — Quer dizer, não fiques em repouso, nem deixes de exercer a tua justiça contra os teus inimigos.

(3) **CONTRA OS TEUS SANTOS** — O hebreu diz: "Sôbre os teus escondidos," sôbre o que tu cobres com a tua sombra. Sl 30, 21, Teodoreto interpreta: "Contra o seu Cristo." — P. Scio.

(4) **OS ESTRANGEIROS** — São os filisteus.

GEBAL — Segundo uns, é uma cidade no pôrto da Fenícia, a que os gregos chamavam Biblos, ao norte do Tiro e do Beirute; mas o que é mais seguido é que Gebal designa o país montanhoso que se estende desde o mar Morto a Petra, capital da Iduméia. Ainda hoje conserva o nome Djebal, palavra que significa montanha. Os seus habitantes uniram-se aos amonitas, que habitavam a este do mar Morto; aos amalecitas, tribo nômade da península do Sinal, vizinha da Iduméia.

(5) **FILHOS DE LÔ** — São moabitas e amonitas, que descendiam de Moab, e Amon, filhos de Lô.

10 Faz-lhes a êles como aos filhos de Madian, e a Sisara: Como a Jabin no ribeiro de Cisson. (6)

11 Acabaram em Endor: Foram feitos como escória da terra.

12 Trata aos comandantes dêles como a Oréb, e Zeb, e a Zebee, e a Salmana:

A todos os comandantes daqueles

13 que disseram: Tomemos por herança o Santuário de Deus.

14 Ó meu Deus, põe-nos tu a êles como uma roda: E como uma palhinha diante da fúria do vento. (7)

15 Como fogo, que queima uma selva: E como chama que abrasa os montes:

16 Assim os perseguirás com a tua tempestade: E com a tua ira os conturbarás.

17 Enche os seus rostos de ignomínia: E então buscarão o teu nome, Senhor.

18 Sejam afrontados, e turbados para sempre: E sejam confundidos, e pereçam.

19 E conheçam que te é próprio o nome de Senhor: Que tu só és o Altíssimo em tôda a terra.

(6) **FILHOS DE MADIAN** — Aos madianitas, que foram inteiramente derrotados por Gedeão. Jz 7, 21.

COMO A JABIN — Sisara, capitão de Jabin, um dos reis de Canaã, foi vencido por Débora e Barac junto do monte Tabor, ao pé do ribeiro de Cisson. Jz 4. — Pereira.

(7) **COMO UMA RODA** — Sem consistência, numa agitação constante.

SALMO 83

SALMO DIDÁTICO. DECLARA O PROFETA AS ARDENTES
ÂNSIAS, QUE O INFLAMAVAM DE ESTAR NO TABERNÁ-
CULO DO SENHOR, DO QUAL SE ACHAVA DESVIADO.

Ao regente do cântico: Com a cítara de Get.

1 Salmo para os filhos de Coré. (1)

2 Quão amáveis são os teus tabernáculos, Senhor
dos exércitos!

3 A minha alma suspira, e desfalece pelos átrios
do Senhor.

O meu coração, e a minha carne se regozijarão no
Deus vivo.

4 Ainda o passarinho acha casa para si: E a rôla
ninho para si, onde ponha seus filhinhos.

Os teus Altares, Senhor dos exércitos: Rei meu, e
Deus meu. (2)

5 Bem-aventurados, Senhor, os que moram na tua
casa: Pelos séculos dos séculos te louvarão.

(1) **PARA OS FILHOS DE CORÉ** — Para ser cantado por
estes, ou composto pelos descendentes de Coré. Este salmo é seme-
lhante aos 42.43. Foi composto talvez por algum dos companhei-
ros de Davi na sua fuga, por ocasião da revolta de Absalão. Tem
três estrofes: *Primeira* (2-5). Sentimentos do salmista a respeito
da casa de Deus. *Segunda* (6-9). E' obscura. Feliz o homem reto.
Pode visitar Deus em Sião. *Terceira* (10-13). Felicidade que se
goza junto do altar de Deus, fruto de graça e glória.

(2) **OS TEUS ALTARES** — Os teus Altares, Senhor dos
exércitos, são a minha casa e o meu ninho: ou também se pode su-
prir: os teus Altares é que desejo. Se o vers. 4 é uma continuação
do 3, como no hebreu, pode também expor-se d'este outro modo:
Sou de pior condição que o pardal, a rôla, e a andorinha, porque
estas aves podem avizinhar-se aos teus altares, fazendo seus ninhos
nas casas e telhados vizinhos a eles; mas eu não posso fazê-lo pela
perseguição, e desterro em que me vejo.

6 Bem-aventurado o varão, que de ti espera socorro: Que dispôs elevações no seu coração,

7 neste vale das lágrimas no lugar que Deus destinou para si. (3)

8 Porque o legislador lhe dará a sua bênção, irão de virtude em virtude: Será visto o Deus dos deuses em Sião. (4)

9 Senhor Deus dos exércitos, atende à minha oração: Percebe-a nos teus ouvidos, ó Deus de Jacó.

10 O' Deus nosso protetor, olha para nós: E põe os olhos no rosto do teu Cristo: (5)

11 Porque melhor é um dia nos teus átrios que milhares:

Escolhi ser o último na casa do meu Deus: Antes que morar nas tendas dos pecadores.

12 Porque Deus ama a misericórdia, e a verdade: O Senhor dará a graça, e a glória.

13 Não privará de bens àqueles que andam em inocência: Senhor dos exércitos, bem-aventurado o homem que espera em ti.

(3) **VALE DAS LÁGRIMAS** — Julga-se ser o vale que tem o nome de Baca, ou das lágrimas.

(4) **O LEGISLADOR LHE DARÁ A SUA BENÇÃO** — O que está no original é: — A chuva do outono dará a sua bênção — o que quer dizer uma chuva abundante e salutar tornará fértil o Vale das Lágrimas. Porém o sentido fica sempre obscuro, o que sucede com quase todos os salmos dos filhos de Coré, e além desta obscuridade acresce a divergência entre o hebreu e a Vulgata, que não é mais inteligível. Boulleret apresenta a seguinte tradução literal do original dos versículos 6 a 8. *Beatus hom cui, est, robur, inte; itinera incorde eorum; transeuntes in valle fletus, fontem possunt eam, etiam stagna cooperit pluvia autumnalis; vadunt ab, antemurali ad antemurale; apparet adeun in Sion, ob. cit.*

(5) **TEU CRISTO** — Isto é, o Messias, segundo uns, Davi, ou Zorobabel, ou o povo judeu, segundo outros.

SALMO 84

**SALMO GRATULATÓRIO. LOUVA O SENHOR QUE TEM LIVRA-
DO O SEU POVO DA ESCRAVIDÃO.**

1 Ao regente do côro, salmo dos filhos de Coré. (1)

2 Abençoaste, Senhor, a tua terra: Apartaste o cati-
veiro de Jacó. (2)

3 Perdoaste a maldade do teu povo: Cobriste todos
os pecados dêles.

4 Mitigaste tôda a tua ira: Suspendeste o furor da
tua indignação.

5 Converte-nos, ó Deus Salvador nosso: E aparta
de nós a tua ira.

6 Porventura estarás para sempre irado contra nós?
Ou estenderás a tua ira de geração em geração?

7 O' Deus, tu voltado para nós nos darás vida: E o
teu povo se alegrará em ti.

8 Mostra-nos, Senhor, a tua misericórdia: E dá-nos
o teu Salvador.

9 Eu ouvirei o que o Senhor Deus me falar: Por-
que êle me anunciará a paz para o seu povo.

E para os seus santos: E para aquêles que se voltam
para o coração. (3)

(1) Este salmo parece ter sido composto depois do regresso
do cativo. Cfr. Aggen. I E 11 II, 16-20. Tem quatro estrofes.
Primeira (2-4). Recorda a misericórdia de Deus para com o seu
povo. Segunda (5-8). Suplica para que se ostente de novo essa in-
finita misericórdia. Terceira (9-11). Espera que a sua prece seja
ouvida. Quarta (12-14). Quadro de futura prosperidade.

(2) **ABENÇOASTE** — No hebreu está "fôste benigno".

(3) **QUE SE VOLTAM** — Isto é: para os que, detestando as
suas culpas, se convertem ao Senhor de todo o seu coração. O
hebreu tem: "e fará que não se voltem à loucura," dando-lhes o
espírito de verdadeira sabedoria, para que se guardem de novas
ofensas contra o seu Deus. Boulleret, ob. cit.

10 Certamente a salvação dêle está perto dos que o temem: Para que habite a glória na nossa terra.

11 A misericórdia, e a verdade se encontraram: A justiça, e a paz se deram ósculo. (4)

12 A verdade nasceu da terra: E a justiça olhou desde o céu. (5)

13 Porque o Senhor dará a sua benignidade: E a nossa terra produzirá o seu fruto.

14 A justiça irá diante dêle: E porá no caminho os seus passos.

SALMO 85

ORAÇÃO DE DAVI PEDINDO SOCORRO CONTRA OS SEUS INIMIGOS: NELA SE ANUNCIA A CONVERSÃO DOS GENTIOS.

Oração do mesmo Davi (1)

1 Inclina, Senhor, o teu ouvido, e ouve-me: Porque eu sou desvalido, e pobre.

(4) **A JUSTIÇA, E A PAZ** — A justiça, ou a verdade do Padre pedia o castigo do homem pecador, porém a paz, e a misericórdia do Filho instava pela sua reconciliação. A encarnação do Verbo uniu estas duas coisas para nossa salvação, e redenção: e Jesus Cristo, tomando sobre si todos os pecados dos homens, se pôs em estado de satisfazer à justiça de seu Pai. O Pai recebeu uma comprida e condigna satisfação por meio da morte de um homem que era Deus, igual ao mesmo Pai; e a misericórdia do Filho, morrendo, desarmou a justiça do Pai. — P. Scio.

(5) **A VERDADE NASCEU DA TERRA** — O que por essência é a mesma verdade, nasceu na terra, fazendo-se homem; isto é, Cristo, Filho de Deus e Filho da Virgem. — Pereira.

(1) Davi na adversidade, naturalmente durante a revolta de Absalão, pede a Deus que o socorra. Alguns comentadores entendem que esta oração foi composta nos tempos de Ezequias e de Zorobabel, e que o nome de Davi, que se lê no título, significa simplesmente que o autor escreve este salmo sobre fragmentos de outros de Davi. O nome de Adonai, meu Deus, encontra-se sete vezes

Salmo 85, 2-12

2 Guarda a minha alma, porque sou santo: Salva-me, Deus meu, a mim teu servo, que espero em ti. (2)

3 Senhor, tem misericórdia de mim, por que a ti clamei todo o dia:

4 Alegria a alma do teu servo, porque a ti, Senhor, levantei a minha alma.

5 Porque tu, Senhor, és suave, e brando: E de muita misericórdia para todos os que te invocam.

6 Percebe, Senhor, nos teus ouvidos a minha oração: E atende à voz do meu humilde rogo.

7 No dia da minha tribulação clamei a ti: Porque me escutaste.

8 Não há semelhante a ti entre os deuses, Senhor: E não há quem se te assemelhe nas tuas obras.

9 Tôdas as gentes quantas fizeste, virão, e prostradas te adorarão, Senhor: E glorificarão o teu nome.

10 Porquanto tu és grande, e fazedor de maravilhas: Tu só és Deus.

11 Guia-me, Senhor, no teu caminho, e andarei na tua verdade: Alegre-se o meu coração para que êle tema o teu nome.

12 Louvar-te-ei, Senhor Deus meu, com todo o meu coração, e glorificarei o teu nome eternamente:

no original. Tem cinco estrofes. Primeira (1-4). Suplica a Deus. Segunda (5-7). Porque é misericordioso. Terceira (8-10). Porque é grande e opera maravilhas. Quarta (11-13). Impetra a luz e a graça divina. Quinta (14-17). Invocação contra os inimigos de Deus.

(2) **GUARDA A MINHA ALMA** — Hebraísmo, por guarda-me; isto é, conserva-me a vida.

SOU SANTO — No hebreu está piedoso votado ao vosso serviço; segundo outros, inocente dos crimes que me imputam.

13 Porque a tua misericórdia é grande sôbre mim:
E arrancaste a minha alma do inferno inferior: (3)

14 Levantaram-se, ó Deus, iníquos contra mim e
uma tropa de poderosos buscaram a minha alma, e êles
não se propuseram que tu lhe estás presente. (4)

15 Mas tu és, Senhor Deus, clemente e misericor-
dioso, sofrido e de muita misericórdia, e verdadeiro.

16 Põe os olhos em mim, e tem misericórdia de mim,
dá o teu império ao teu servo: E faze salvo ao filho da
tua escrava. (5)

17 Faze em meu favor algum sinal, para que o ve-
jam aquêles que me têm ódio, e sejam confundidos: Pois
tu, Senhor, me tens ajudado, e me tens consolado.

SALMO 86

DAS EXCELENCIAS DE JERUSALÉM, FIGURA DA CIDADE DE
DEUS, OU DA IGREJA DE CRISTO.

1 Salmo dos filhos de Coré. Cântico. (1)

(3) **ARRANCASTE** — Nos Livros Santos, e sobretudo nos
Salmos e nos Profetas, estas expressões são empregadas para sig-
nificar a libertação dum grande perigo. Num sentido mais elevado,
aplicam-se a Jesus Cristo descido aos infernos e ressuscitado dentre
os mortos.

(4) **E UMA TROPA DE PODEROSOS** — De homens cruéis
e facinorosos. Não consideram que tôdas as suas iniquidades, o
quanto êles maquinam, está patente aos teus olhos, para lhes dar
a seu tempo o condigno castigo. — **Pereira.**

(5) **O TEU IMPÉRIO** — O hebreu tem: “dá a fortaleza a
teu servo” para que possa resistir a seus inimigos, vencê-los e su-
jeitá-los. Dá-lhe o reino que lhe querem tirar seus inimigos. —
Pereira.

(1) Eusébio diz, com razão, que êste salmo é extremamente
obscuro. A principal causa desta obscuridade está no grande nú-
mero de elipses, e depois nas diferenças das traduções. Tem-se

Sálmo 86, 2-3

Os fundamentos dela estão sôbre os montes Santos: (2)

2 Ama o Senhor as portas de Sião sôbre todos os Tabernáculos de Jacó. (3)

3 Coisas gloriosas se têm dito de ti, ó cidade de Deus.

traduzido de vinte maneiras diversas. Boulleret — *Les Psaumes selon la Vulgate*. Uns consideram-no como um hino de glória a Jerusalém e uma profecia de conversão dos gentios; outros a ruína de Senaquerib. A tradução que mais se aproxima do original é esta:

“Fundada pelo Senhor sôbre as santas montanhas (onde está o templo)

“O Senhor ama as suas portas

“Mais do que tôdas as tendas de Jacó.

“Dizem de ti coisas gloriosas, cidade de Deus:

— Eu contarei o Egito e a Babilônia entre aquêles (que me conhecem).

— Eis aqui os filisteus (*alienigenae*), Tiro com a Etiópia.

— Nasceram ali (em Jerusalém)

“E disseram a Sião:

— Uma multidão de homens aí foi criada.

— Foi o altíssimo que a fundou.

“O Senhor conta e inscreve os povos.

“Nasceram lá.

“E cantores e músicos (exclamou).

— Tu és a origem de nossas (alegrias).

A Igreja aplica na sua liturgia êste salmo à Virgem.

(2) **MONTES SANTOS** — São principalmente Sião e Moriá, sôbre os quais foi construído o templo de Jerusalém.

(3) **AS PORTAS DE SIÃO** — Por uma figura muito frequente no estilo bíblico, tomam-se por toda a cidade de Sião. A montanha de Sião devia passar com Davi à posteridade. Por mais árido que fôsse, dali deviam brotar as torrentes de ensino, que iam saciar as almas sequiosas de verdade. Cfr. Herder, *Histoire de la poésie hebraïque*, trad. por Carlwiz.

4 Lembrar-me-ei de Raab, e de Babilônia, que me conhecem. (4)

Eis-aqui os estrangeiros, e Tiro, e o povo dos etíopes, êstes estiveram ali. (5)

5 Porventura não se dirá a Sião: Homem e homem nasceu nela: E o mesmo Altíssimo a fundou? (6)

6 O Senhor nas descrições dos povos, e dos príncipes dirá o número daqueles que estiverem nela.

7 Alegram-se todos os que habitam em ti. (7)

SALMO 87

SALMO DEPRECATÓRIO. ESTE SALMO E' UMA ADMIRAVEL ORAÇÃO, NA QUAL O PROFETA PATENTEIA A DEUS A GRANDEZA DOS SEUS TRABALHOS, E IMPLORA COM INSTÂNCIA O SEU SOCORRO.

Cântico de salmo. Ao regente do côro.

1 Dos filhos de Coré, sobre *Makhalath* para cantar-se alternativamente, para entendimento de Eman ezraita. (1)

(4) **RAAB** — Esta palavra hebraica significa primordialmente o orgulho, a altivez, mas aqui, como no Sl 88, 11, e Is 25, 11; 51, 9, significa o Egito.

(5) **OS ESTRANGEIROS** — Os filisteus.

(6) **HOMEM E HOMEM** — Uma grande multidão de homens.

(7) **OS QUE HABITAM** — Este último verso é muito difícil de traduzir: servindo-nos da analogia de Is 12, 3, traduzimos *má eynim* por fontes, e então segundo o original traduzir-se-ia como atrás ficou apontado "Tu és a fonte de tôdas as nossas alegrias." Na tradução seguimos Boulleret.

(1) **MAKHALATH** — Termo desconhecido, que alguns traduzem para uma doença. Vigouroux, Manuel Biblique.

EMAN — Certamente é o autor do salmo. Sabe-se que Eman ou Heman era um dos principais músicos do templo, regente dos

Salmo 87, 2-10

2 Senhor Deus da minha salvação, de dia e de noite
clamei diante de ti.

3 Entre à tua presença a minha oração: Inclina o
teu ouvido ao meu rogo:

4 Porquanto a minha alma está repleta de males:
E a minha vida está perto do sepulcro.

5 Tenho sido contado com os que descem ao lago:
Cheguei a ser como homem sem socorro, (2)

6 livre entre os mortos. (3)

Assim como os feridos que dormem nos sepulcros,
de quem jamais te não lembras: E eles são desampara-
dos da tua mão.

7 Puseram-me em um fôssô profundo. Em lugares
tenebrosos, e na sombra da morte. (4)

8 Sôbre mim descarregou o teu furor: E tôdas as
tuas ondas fizeste vir sôbre mim.

9 Alongaste de mim os meus conhecidos: Puseram-
-me como objeto da sua abominação.

Entregue fui, e não tinha saída:

10 Os meus olhos desfaleceram de miséria.

A ti, Senhor, clamei todo o dia: Para ti estendi as
minhas mãos.

cantores, da família de Coré, do tempo de Davi. O sentido do salmo
é claro; é uma prece dirigida a Deus, rogando a cura duma enfer-
midade, talvez a lepra, pelo que se lê no versículo 9. Tem cinco
estrofes.

(2) **LAGO** — E' sinônimo de sepultura.

(3) **LIVRE ENTRE OS MORTOS** — Os Padres, o acomodam
a Cristo, que só era livre entre os mortos, enquanto só ele tinha
na sua mão o morrer, e o ressurgir. *Potestatem habeo ponendi eam
et potestatem habeo iterum sumendi eam.* Jo 10, 18. — Bossuet.

(4) **PUSERAM-ME EM UM FÔSSO PROFUNDO** — Este vers.
7, e o 15, e o 16, comparado com o 5, tem grande analogia com
o que Jeremias, metido num lago, escrevia de si em pessoa de
Cristo, *Thren.* III, 1, 2, 6, 7, 8, 17. — Bossuet.

11 Porventura farás maravilhas com os mortos: Ou os médicos os ressuscitarão, e te darão a ti louvor?

12 Acaso narrará algum na sepultura a tua misericórdia, e a tua verdade na perdição?

13 Porventura serão conhecidas nas trevas as tuas maravilhas: E a tua justiça na terra do esquecimento?

14 E eu a ti, Senhor, clamei: E pela manhã se antecipará diante de ti a minha oração.

15 Por que rejeitas, Senhor, a minha oração, e apartas de mim a tua face?

16 Eu sou pobre, e vivo em trabalhos desde a minha mocidade: E depois de exaltado fui humilhado, e conturbado.

17 Por cima de mim passaram as tuas iras: E os teus terrores me conturbaram.

18 Cercaram-me assim como água todo o dia: Cercaram-me juntos.

19 Alongaste de mim ao amigo, e ao parente: E aos meus conhecidos por causa da minha miséria

SALMO 88

SALMO DEPRECATÓRIO E DIDÁTICO. PERPETUIDADE DO REINO QUE DEUS PROMETEU A DAVI, O QUAL HAVIA DE TER SEU CUMPRIMENTO, NÃO NO REINO FERRENO DE DAVI, SENÃO NO MESSIAS, POR CUJA VINDA ROGA O PROFETA.

1 Salmo didático de Etan ezraíta. (1)

2 Eu cantarei eternamente as misericórdias do Senhor.

(1) ETAN — Os Setenta têm Etan Israelita. Os Par 1, 2, citam um Etan, filho de Zaré, de quem se diz no 3 Rs 4, 34, que eram menos sábios do que Salomão. Porém alguns comentadores

Anunciarei a tua verdade pela minha bôca de geração em geração.

3 Porquanto disseste: A misericórdia será estabelecida para sempre nos céus: Estará preparada nêles a tua verdade.

4 Tenho feito aliança com os meus escolhidos, jurei a Davi meu servo:

5 Para sempre estabelecerei a tua descendência.

E farei firme o teu trono de geração em geração.

6 Os céus celebrarão, Senhor, as tuas maravilhas: E a tua verdade se louvará na Igreja dos Santos.

7 Porque nas nuvens quem se igualará com o Senhor: Quem entre os filhos de Deus será semelhante a Deus?

8 Deus que é glorificado na congregação dos santos: Grande e terrível sôbre todos os que estão em roda dêle.

9 Senhor Deus das virtudes, quem é semelhante a ti? poderoso és Senhor e a tua verdade está sempre em roda de ti.

10 Tu dominas sôbre o poder do mar: E tu amansas o movimento das suas ondas.

11 Tu humilhaste ao soberbo assim como um feri-

sustentam que este salmo devia ter sido composto durante a revolta de Absalão, ou na época da invasão de Sesac, rei do Egito, ou na de Senaquerib, ou ainda nos reinados de Jeconias e Sedecias. Vigouroux opina pelo tempo da invasão de Sesac, Faraó do Egito, no tempo de Roboão 3 Rs 14; 2 Par 12. Tem três partes muito distintas: 1.^a (2-19). O salmista celebra os benefícios de Deus para com a casa de Davi. 2.^a (20-38). Lembra as promessas divinas à família real. 3.^a (39-52). Descreve o quadro da desolação em que estava o reino e implora a salvação. Tem 25 estrofes. O vers. 53 é a doxologia que termina o livro da coleção dos salmos.

do: Com o braço do teu poder puseste em dispersão a teus inimigos. (2)

12 Teus são os céus, e tua é a terra: A redondeza da terra e a sua plenitude a fundaste:

13 O Aquilão, e o Mar tu o criaste.

O Tabor e o Hermon em teu Nome saltarão de contentamento: (3)

14 O teu braço está cheio de poder.

Firmada seja a tua mão, e exaltada a tua destra:

15 Justiça e equidade são a base do teu trono.

Misericórdia e verdade irão diante da tua face:

16 Bem-aventurado o povo que sabe louvar-te com júbilo.

Senhor, no lume do teu rosto andarão.

17 E em teu Nome se regozijarão todo o dia: E na tua justiça serão exaltados.

18 Porque tu és a glória da sua virtude: E por tua boa vontade será exaltado o nosso poder.

19 Porque o Senhor nos tem tomado sob sua proteção: E o Santo de Israel é nosso Rei. (4)

20 Então falaste em visão aos teus Santos, e lhes disseste: Eu tenho pôsto o socorro em um poderoso: E tenho exaltado a um escolhido do meu povo. (5)

(2) **AO SOBERBO** — Entende Faraó submergido nas ondas. — *Pereira.*

(3) **O TABOR E O HERMON** — Cordilheira ao norte da Palestina.

(4) **SOB SUA PROTEÇÃO** — Estas palavras não estão na Vulgata, nem nos Setenta, mas estão indicadas no original hebraico, onde à letra se lê: Porque Iahvéh é o nosso escudo, e o Santo de Israel nosso rei: ora em hebreu escudo toma-se por protetor e significa proteção.

(5) **AOS TEUS SANTOS** — Os profetas Samuel, Natã e Gad.

Salmo 88, 21-34

21 Achei a Davi meu servo: Com o meu santo óleo o ungi.

22 Porque a minha mão lhe assistirá a êle: E o meu braço o confortará.

23 Nada adiantará o inimigo nêle, e o filho da iniquidade não poderá ofendê-lo.

24 E quebrantarei diante dêle a seus inimigos: E aos que o aborrecem porei em fuga.

25 E a minha verdade, e a minha clemência serão com êle: E no meu Nome será exaltado o seu poder.

26 E estenderei a sua mão sôbre o mar: E a sua destra sôbre os rios. (6)

27 Êle me invocará, dizendo: Tu és meu Pai: Deus meu, e amparador da minha salvação:

28 E eu o estabelecerei por primogênito excelso sôbre os reis da terra.

29 Eternamente o guardará a minha misericórdia: E a minha aliança será estável com êle.

30 E farei que a sua descendência subsista por todos os séculos: E o seu trono como os dias do Céu. (7)

31 Mas se seus filhos abandonarem a minha lei: E não andarem nos meus preceitos:

32 Se violarem as minhas justiças, e não guardarem os meus mandamentos.

33 Visitarei com vara as suas maldades: E com açoites os seus pecados.

34 Mas não apartarei dêle a minha misericórdia: Nem lhe faltarei em minha verdade:

(6) RIOS — Do Mediterrâneo ao Eufrates. Boulleret.

(7) COMO OS DIAS DO CÉU — Enquanto durarem os céus. A estirpe de Davi nem reina sôbre a terra, nem quase é conhecida no mundo por haver faltado há muitos séculos, mas a posteridade espiritual de Cristo vive sempre, e o seu reino não terá fim, Lc 1, 53. — P. Scio e Glaire.

35 Nem violarei a minha aliança: Nem farei vãs as promessas que saem dos meus lábios.

36 Uma vez jurei pela minha santidade, não faltarei a Davi:

37 A sua descendência permanecerá eternamente.

38 E o seu trono será para sempre como o sol diante de mim, e como a lua cheia: E como o testemunho fiel no céu.

39 Mas tu repeliste, e desprezaste: Afastaste o teu Cristo. (8)

40 Transtornaste a aliança do teu servo: Tens pôsto por terra o seu santuário.

41 Destruíste todos os seus valados: Puseste medo na sua fortaleza.

42 Despojaram-no todos os que passavam pelo caminho: Chegou a ser o opróbrio dos seus vizinhos.

43 Exaltaste a destra dos que o humilhavam: Alegreste a todos os seus inimigos.

44 Apartaste a defesa da tua espada: E não o auxiliaste na batalha.

45 Fizeste cessar o seu esplendor: E derribaste por terra o seu trono.

46 Abreviaste os dias do seu tempo: Cobriste-o de confusão.

47 Que acaso estarás apartado, Senhor, até ao fim: Escandecer-se-á como fogo a tua ira?

48 Lembra-te de qual é a minha subsistência: Pois que, acaso criaste em vão todos os filhos dos homens?

49 Que homem há, que viva, e não veja a morte: Que haja de livrar a sua alma do poder do inferno?

(8) O TEU CRISTO — Segundo uns este versículo refere-se a Sedecias, último rei de Judá, conduzido ao cativeiro, e morto na Babilónia; outros ao Messias, que devia libertar a nação judaica.

50 Onde estão as tuas antigas misericórdias, Senhor, as que juraste a Davi na tua verdade?

51 Lembra-te, Senhor, do opróbrio que os teus servos têm sofrido de muitas nações, o qual eu tenho depositado no meu seio.

52 Lembra-te Senhor do que disseram contra nós os teus inimigos, quanto nos insultaram na aflição do teu Cristo. (9)

53 Bendito seja o Senhor para sempre: Assim seja, assim seja.

SALMO 89

SALMO DIDÁTICO. O PROFETA REPRESENTA AO SENHOR A FRAQUEZA DO HOMEM, E A VAIDADE DA SUA VIDA; E IMPLORA A DIVINA MISERICÓRDIA SOBRE O SEU POVO.

1 Oração de Moisés homem de Deus. (1)

Senhor, tu tens sido o nosso refúgio: De geração em geração.

2 Antes que os montes fôssem feitos, ou formada a terra, e a sua redondeza: Desde a eternidade tu és Deus.

(9) **NA AFLIÇÃO DO TEU CRISTO** — Traduzimos segundo o sentido que a este versículo dá Boulleret, ob. cit.

(1) Este salmo parece ser o mais antigo da coleção, talvez cantado pelo povo de Israel após o Êxodo e conservado na memória das gerações que sucederam. Alguns comentadores atribuíram este salmo a um dos descendentes de Moisés, mas a opinião geralmente seguida dá-lhe como autor o próprio Moisés. A análise do texto, o estilo antigo, os arcaísmos frequentes, a sua semelhança com a linguagem do Pentateuco, tudo levou os mais abalizados hebraizantes a considerá-lo como tendo por autor o legislador do povo de Deus. Permanecendo por tantos tempos na tradição oral necessariamente devia alterar-se o texto primitivo. Foi composto depois do Senhor ter condenado os israelitas pelas suas contínuas revoltas, anunciando-lhes que todos aqueles que tivessem atingido os

3 Não reduzas o homem ao abatimento; pois diste: Convertei-vos, filhos dos homens.

4 Porque mil anos aos teus olhos, são como o dia de ontem, que passou.

E como vigia na noite,

5 coisas que em nada se estimam, assim serão os anos dêles.

6 De manhã passa como a erva, pela manhã floresce, e passa; à tarde cai, endurece, e se seca.

7 Porque desfalecemos com a tua ira, e com o teu furor somos turbados.

8 Puseste as nossas maldades à tua vista: O nosso século ao resplendor do teu rosto.

9 Porque todos os nossos dias faltaram: E temos sido consumidos pela tua ira:

Os nossos anos como aranha serão considerados: (2)

10 Os dias da nossa vida são em si setenta anos.

E nos mais robustos oitenta anos: E o que passa dêstes não é mais que trabalho e dor.

Porque sobreveio mansidão: E seremos arrebatados. (3)

20 anos, no momento da saída do Egito, pereceriam no deserto. Tem três estrofes. Primeira (1-6). Contraste entre a brevidade da vida do homem e a eternidade de Deus. Segunda (7-11). São os pecados do homem que abreviam os seus dias atraindo o castigo de Deus. Terceira (12-17). Oração a Deus rogando-lhe que tenha piedade dos seus servos.

(2) **COMO ARANHA** — A aranha passa a sua existência a tecer uma tela tenuíssima e tão frágil, que o menor movimento a destrói; assim é também a nossa vida.

(3) **E SEREMOS ARREBATADOS** — Outros mais conformes com os Setenta vertem: “seremos admoestados” com males temporais, que nos farão abrir os olhos para que nos livremos das penas eternas. — P. Scio.

Salmo 89, 11-17; 90

11 Quem conheceu o poder da tua ira: E soube contar quão terrível é a tua sanha?

12 Faze que seja assim conhecida a tua destra: E que o nosso coração seja instruído em sabedoria.

13 Volta-te para nós, Senhor, até quando? e sê inexorável aos teus servos.

14 Temos sido cheios da tua misericórdia desde a manhã: E nos temos regozijado, e deleitado em todos os nossos dias.

15 Alegramo-nos pelos dias que nos humilhaste: Pelos anos em que vimos males.

16 Põe os olhos nos teus servos, e nas tuas obras: E encaminha os filhos dêles.

17 E seja o esplendor do Senhor nosso Deus sobre nós, e encaminha as obras de nossas mãos sobre nós: E encaminha a obra de nossas mãos.

SALMO 90

SALMO DIDÁTICO. EXORTA O SALMISTA A QUE PONHAMOS TODA A NOSSA ESPERANÇA NO SENHOR, PORQUE ESTÃO LIVRES DE TODO O PERIGO AQUELES QUE DEUS TOMA POR SUA CONTA.

Louvor de cântico de Davi. (1)

(1) Este título não está no original. Deve ter sido composto por ocasião da peste, pela qual Deus puniu o recenseamento de Israel, feito por Davi. 2 Rs 24, 15-17. Cfr. Sl 3, 6-7. Há neste salmo uma particularidade notável, é a freqüente mudança de pessoas. Esta mudança explica-se com facilidade, se, com J. D. Michaelis, se supuser dois coros cantando alternadamente: o primeiro côro os vv. 1 e 2, depois o primeiro hemistíquio do v. 9 e os versículos seguintes, até ao v. 14, em que intervém o próprio Deus e fala até ao fim.

1 O que habita à sombra do Altíssimo, na proteção do Deus do céu descansará. (2)

2 Dirá ao Senhor: Tu és o meu amparador, e o meu refúgio: E' o meu Deus, nêle esperarei.

3 Porque êle me livrou do laço dos caçadores, e da palavra áspera. (3)

4 Com as suas espáduas te fará sombra: E debaixo das suas asas esperarás.

5 Com escudo te cercará a sua verdade: Não terás temor de espanto noturno.

6 De seta que voa de dia, de nenhuma coisa que ande em trevas: De assalto, nem de demônio do meio-dia. (4)

7 Cairão mil ao teu lado, e dez mil à tua destra: Mas a ti não se chegará.

8 Certamente com os teus olhos contemplarás: Verás a paga dos pecadores.

9 Porque tu és, Senhor, a minha esperança: Puseste por teu refúgio ao Altíssimo: (5)

(2) **NA PROTEÇÃO** — O hebreu diz: "no esconderijo," de baixo do amparo: o mesmo hebreu, em lugar de *commorabitur*, diz "pernoitarás". — P. Scio.

(3) **PALAVRA ASPERA** — *Verbum asperum* é um idiotismo hebraico, e significa o mesmo que "negócio adverso" como "calúnia, morte aleivosa, peste" ou qualquer outro mal ou perigo. — *Pereira*.

(4) **DEMONIO DO MEIO-DIA** — Os orientais representam a peste sob a forma dum espirito mau, que exerce a sua maléfica ação de dia e de noite, escolhendo a hora da sesta, em que todos estão em repouso para colhêr as suas presas. Entre os gregos e latinos vigoraram as mesmas idéias; e alguns autores entendem que prevaleceram também entre os judeus, justificando assim esta expressão dos Setenta e a Vulgata. Na verdade, o texto hebreu só fala da peste e contágio; porém a paráfrase caldaica, Áquila, Symmaco e a versão siríaca fazem menção expressa do demônio do meio-dia.

(5) **PUSESTE POR TEU REFÚGIO** — Na versão aplicamos

10 Não se chegará a ti mal: E o flagelo não se aproximará à tua tenda.

11 Porquanto mandou aos Anjos acêrca de ti: Que te guardem em todos os teus caminhos.

12 Êles te levarão nas suas mãos: Para que não suceda que o teu pé tropece em pedra.

13 Sôbre o âspide, e basilisco andarás: E pisarás ao leão e ao dragão. (6)

14 Porquanto em mim esperou, livrá-lo-ei: Protegê-lo-ei, porquanto conheceu o meu Nome.

15 Clamará a mim, e eu o ouvirei, com êle estou na tribulação: Livrá-lo-ei, e glorificá-lo-ei.

16 Saciá-lo-ei com diuturnidade de dias: E mostrar-lhe-ei o meu Salvador.

SALMO 91

SALMO DIDÁTICO. EXORTA O PROFETA A EMPREGAR O DIA DO SÁBADO NOS LOUVORES DA GRANDEZA DO SENHOR, QUE RESPLANDECE NAS SUAS OBRAS, E A OBSERVÂNCIA DA LEI EM ATENÇÃO À RECOMPENSA DOS JUSTOS, E CASTIGO DOS PECADORES.

Salmo do Cântico.

1 Para o dia do Sábado. (1)

2 Bom é louvar ao Senhor: E cantar salmos ao teu nome, ó Altíssimo.

o *refugium tuum* em sentido passivo, pondo estas palavras na bôca do Profeta, que fala com o justo. Outros as expõem de modo que manifestam um sentido ativo, na bôca do justo que fala com um Senhor: "Puseste muito alto o teu refúgio." — Pereira.

(6) **BASILISCO** — Serpente muito venenosa.

(1) **DIA DO SÁBADO** — Ainda hoje os judeus cantam êste salmo todos os sábados. E' uma espécie de teodicéia resumida, na qual o salmista recorda os nossos deveres de louvar e agradecer a

3 Para publicar pela manhã a tua misericórdia: E a tua verdade pela noite.

4 Com o saltério de dez cordas: Com cântico, ao som da cítara.

5 Porquanto me deste prazer, Senhor, na tua feitura: E nas obras das tuas mãos me regozijarei.

6 Quão magníficas são, Senhor, as tuas obras! Estremadamente profundos são os teus conselhos.

7 O varão insensato não conhecerá: E o néscio não compreenderá estas coisas.

8 Apenas se deixarão ver os pecadores como a erva: E aparecerão todos os que obram iniquidade: (2)

Quando perecerão pelo século do século:

9 Mas tu, Senhor, és eternamente o Altíssimo.

10 Pois eis-aqui os teus inimigos, Senhor, eis-aqui os teus inimigos perecerão: E serão dissipados todos os que obram iniquidade.

11 E será exaltada a minha força como a do unicórnio: E a minha velhice com abundância de misericórdia:

12 E os meus olhos olharam com desprezo para os meus inimigos: E os meus ouvidos ouviram o castigo dos malignos que se levantam contra mim.

Providência Divina. O nome do Senhor, Jahvéh, é repetido sete vezes, em memória dos sete dias da criação. Tem cinco estrofes. Primeira (2-4). E' necessário louvar a Deus. Segunda (5-7). Por causa da sublimidade das suas obras e dos seus desígnios. Terceira (8-10). Porque triunfou dos seus inimigos. Quarta e Quinta. E que enriquece o justo de bênçãos.

(2) OS QUE OBRAM INIQUIDADE — Passa o Profeta às obras do soberano governo, e providência do Senhor, nas quais brilha e resplandece principalmente a justiça, e verdade. O hebreu tem: floresçam os maus como a erva, e reverdeçam todos os obra-dores da iniquidade para serem destruídos para sempre. — P. Scio.

Salmo 91, 13-16; 92, 1

13 O justo como palma florescerá: Como cedro do Líbano se multiplicará.

14 Plantados na casa do Senhor, florescerão nos átrios da casa do nosso Deus.

15 Ainda se multiplicarão em velhice abundante: E estarão cheios de vigor,

16 para anunciar:

Que é reto o Senhor nosso Deus: E que não há injustiça nêle.

SALMO 92

SALMO GRATULATÓRIO. POR MEIO DE FORMOSAS E VIVAS ALEGORIAS CELEBRA A GLÓRIA, E A IMORTALIDADE DO REINO DE JESUS CRISTO.

Louvor de cântico do mesmo Davi para o dia que precede ao sábado quando a terra foi fundada. (1)

1 O Senhor reinou, vestiu-se de magnificência: Vestiu-se o Senhor de fortaleza, e cingiu-se. (2)

Porque firmou a redondeza da terra, que não será comovida.

(1) Este salmo não tem título no original; o da Vulgata quer dizer que é destinado a ser cantado na sexta-feira, no sacrifício da manhã, para comemorar a criação dos homens. Este salmo composto por Davi, provavelmente depois duma vitória, foi aplicado posteriormente à liturgia.

(2) **O SENHOR REINOU** — Pode-se dizer que Deus começou a reinar no mundo, depois de haver criado o homem que o devia habitar. O profeta nos pinta o Senhor debaixo da figura de um príncipe recebendo homenagem de seus vassallos no dia de sua exaltação ao trono, apresentando-se à sua corte cheio de majestade, pompa e gala. Tudo isto convém perfeitamente a Jesus Cristo, que havendo estabelecido com a sua morte o seu reino, e Igreja, que há de durar por toda a eternidade, entrou na posse dêle, e cheio de glória subiu aos Céus. — P. Scio.

2 Desde então se estabeleceu o teu trono: tu és desde a eternidade.

3 Alçaram os rios, Senhor: Alçaram os rios o estrondo da sua voz.

Encrespavam os rios as suas ondas.

4 Pelas vozes das suas muitas águas.

Maravilhosas as inchações do mar, maravilhoso nas alturas o Senhor.

5 Os teus testemunhos se têm feito críveis em grande maneira: À tua casa convém santidade, Senhor, por diuturnidade de dias.

SALMO 93

SALMO DIDÁTICO. ANUNCIA DAVI O CASTIGO DOS MAUS, E O PRÊMIO DOS BONS, QUE SÃO PROTEGIDOS PELO SENHOR.

Salmo do mesmo Davi,

Para o dia quarto da semana. (1)

1 O Deus das vinganças é o Senhor: O Deus das vinganças sempre obrou livremente. (2)

2 Exalta-te tu que julgas a terra: Dá a retribuição aos soberbos.

3 Até quando os pecadores, Senhor: Até quando os pecadores se hão de gloriar:

(1) **PARA O DIA QUARTO** — Isto é, para a quarta, dia em que ainda hoje é recitado na sinagoga. Devia ter sido composto durante a revolta de Absalão. Tem seis estrofes. **Primeira** (1-3). Invocação contra os maus. **Segunda** (4-7). Quadro da sua tirania. **Terceira** (8-11). Deus conhece os designios dos maus. **Quarta** (12-15). O povo será defendido pelo seu Deus. **Quinta** (16-19). No meio das adversidades o salmista não perdeu a confiança em Deus. **Sexta** (20-53). Deus castigará os maus. Cfr. Huyser. *Revue des sciences, ecclésiastiques*. 1878.

(2) **SEMPRE OBROU LIVREMENTE** — Vinga o Senhor, principalmente os ultrajes feitos aos seus servos, e obra livremente

Salmo 93, 4-15

4 Pronunciarão, e falarão iniquidade: E falarão todos os que obram injustiça? (3)

5 Ao teu povo, Senhor, humilharam: E à tua herança maltrataram.

6 A viúva, e ao estrangeiro mataram: E aos órfãos tiraram a vida.

7 E disseram: Não o verá o Senhor, nem o saberá o Deus de Jacó.

8 Entendei, insensatos do povo: E vós, néscios, entrai uma vez em prudência.

9 O que plantou o ouvido, não ouvirá? Ou o que formou o olho, não verá?

10 O que castiga as gentes, não repreenderá: Ele que ensina ao homem ciência?

11 O Senhor conhece os pensamentos dos homens, que são vão. (4)

12 Bem-aventurado o homem, a quem tu instruíres, Senhor: E na tua lei amestrar-se.

13 A fim de o pôr em descanso nos dias maus: Entretanto que se abre a cova para o pecador.

14 Porque o Senhor não repelirá o seu povo: Nem abandonará a sua herança.

15 Até que a justiça venha a fazer juízo: E que estejam perto dela todos os que são retos de coração. (5)

de tal sorte que ninguém pode resistir à sua vontade, e não há coisa que possa opor-se aos seus desígnios. — *Pereira.*

(3) **E FALARÃO** — O hebreu tem: "Falarão coisas duras," palavras insofribéis: porque hás de tolerar que acrescentem sacrilégas blasfêmias, com que ultrajam o teu Augusto Nome, às violências com que nos tiranizam. — *Pereira.*

(4) **QUE SÃO VAOS** — Aqui vão se pode também tomar no sentido de pecaminosos, porque na Escritura *vanitas* se toma freqüentemente pelo pecado. — *Pereira.*

(5) **E QUE ESTEJAM PERTO DELA** — O P. Calmet observa que as palavras hebraicas podem também trasladar-se mais

16 Quem se levantará a meu favor contra os malignos? Ou quem estará comigo contra os que obram iniquidade?

17 Se não fôsse porque o Senhor me valeu: Quase que a minha alma houvera caído no inferno.

18 Se dizia: Está vacilante o meu pé: A tua misericórdia, Senhor, me sustentava.

19 Segundo as muitas dores que provou o meu coração, as tuas consolações alegraram a minha alma.

20 Acaso tem união contigo a cadeira da iniquidade: Quando tu nos impões mandamentos penosos?

21 Êles irão à caça da alma do justo: E condenarão o inocente.

22 Mas o Senhor me serviu de refúgio: E o meu Deus de socorro da minha infância.

23 E fará cair sobre êles a sua iniquidade: E na sua malícia os destruirá: Destruí-los-á a êles o Senhor nosso Deus.

SALMO 94

SALMO GRATULATÓRIO. DAVI CONVIDA, E EXORTA TODOS OS HOMENS AO LOUVOR DE DEUS, E A QUE LHE OBEDEÇAM, AGRADECENDO-LHE OS BENEFÍCIOS DA CRIAÇÃO.

Louvor e cântico do mesmo Davi. (1)

1 Vinde, regozijemo-nos no Senhor: Celebremos as glórias de Deus nosso Salvador.

claramente: "Até que o justo se assente em juízo, entre a reinar, e junto dêle todos os retos de coração." O que em sentido literal se aplica a Ciro, que devia restituir a liberdade aos prisioneiros, e destruir o império de Babilônia; e no sentido, mais sublime ao Messias desejado. — **Pereira.**

(1) Este salmo tem grande importância litúrgica. A Igreja ordena aos seus sacerdotes que cotidianamente o recitem em Ma-

2 Apresentemo-nos ante a sua face para o louvar e celebremo-lo com salmos.

3 Porque o Senhor é Deus grande: E rei grande sôbre todos os deuses.

4 Porque na sua mão estão todos os limites da terra: E as alturas dos montes são suas.

5 Porquanto seu é o mar, e êle o fêz: E as suas mãos formaram a terra árida.

6 Vinde, adoremos, e prostremo-nos: E choremos diante do Senhor, que nos criou. (2)

tinas. Há porém uma observação importante: o que é recitado todos os dias é extraído do Saltério Romano, e o texto da Vulgata é repetido no terceiro noturno das Matinas da Epifânia, tal como vem no saltério galicano. A êste respeito escreve Bossuet: *Ecclesia catholica dissonantes versiones adeo indifferenter habet, ut cum salmo XCXV Vulgata legal. — Quadraginta annis offensus fui — nos in nocturno canamus: proximus: diversissimo sensu, sed utrobique sano* Dissert. de Ps. CV. Por incidente diremos que os mais antigos officios não começavam por êste salmo, dêstes restam-nos vestígios nos officios da Semana Santa. H. Lesetre. *Correspondance Catholique. Année biblique, 1894-1895*. Divergem os intérpretes sôbre a época em que êste salmo foi composto. Teodoreto é de opinião que datasse do tempo do estabelecimento do culto por Josias. Os modernos entendem que devia ter sido composto antes do cativoiro, e talvez por algum dos poetas desconhecidos aos quais se devem muitos trabalhos literários. Lesetre, art. cit. Tem seis estrofes: Primeira (1-2). Exortação para que louvemos a Deus. Segunda (3-4). Porque é o criador da terra. Terceira (5-6). E do mar. Quarta (7-8). E do homem. Quinta e sexta. Discurso de Deus aconselhando a obediência, recordando como puniu no deserto os israelitas rebeldes.

(2) **CHOREMOS** — As lágrimas só podem ser de alegria em vista dos antecedentes. No hebreu está: "Ajoelhemos diante do Senhor." Explica-se esta divergência por um erro de cópia; em vez de berac, que significa "ajoelhar-se", os tradutores gregos leram baca, "chorar".

7 Porque êle é o Senhor nosso Deus: E nós povo do seu pasto, e ovelhas da sua manada.

8 Se hoje ouvires a sua voz, não queirais endurecer os vossos corações: (3)

9 Assim como na altercação em o dia da tentação no deserto: Onde me tentaram vossos pais, me provaram, e viram as minhas obras. (4)

10 Quarenta anos estive desgostado com esta geração, e disse: Êstes sempre erram de coração. (5)

11 E êles não acertaram os meus caminhos: Pelo que lhes jurei na minha ira: Não entraram no meu repouso. (6)

(3) **SE HOJE** — A palavra *hodie*, hoje, se refere ao tempo da Graça e da Salvação, conforme no-la mereceu Jesus Cristo Salvador nosso, em que todos fomos feitos salvos. A respeito de cada um de nós em particular, denota o tempo da vida presente, quando nos achamos em estado de invocar, e obedecer ao Senhor. — **Pereira.**

(4) **ASSIM COMO** — O hebreu diz: “Como Meribah, como em o dia de Massah no deserto,” quando os hebreus murmuraram, e se levantaram contra Moisés pela falta de água. — **Pereira.**

(5) **QUARENTA ANOS** — Atendendo ao texto hebraico, é como se dissesse: Quarenta anos tenho estado como se me tivessem despedaçado as entranhas, cheio de fastio, e de pesar, por causa dêste povo. A versão antiga itálica leu: *proximus fui*; estive a ponto de castigá-los, em lugar de *offensus fui*. — **Pereira.**

(6) **NÃO ENTRARAM** — E não houve meio para os fazer entrar no caminho por onde eu os guiava: Portanto, cansado já de tanta obstinação e rebeldia, irritado contra êles, jurei pelo meu nome que não chegariam a entrar na terra que tinha destinada, para que nela gozassem de paz e repouso.

SALMO 95

SALMO GRATULATÓRIO. EXORTA O PROFETA A TODOS PARA QUE LOUVEM A DEUS PELA SUA GRANDEZA, E SINGULARMENTE PELA VINDA DO MESSIAS A REFORMAR O MUNDO.

Cântico do mesmo Davi. (1)

1 Quando se edificava a casa depois do cativeiro.
(1 *Par* 15.).

Cantai ao Senhor um cântico novo: Cantai ao Senhor, habitantes de toda a terra.

2 Cantai ao Senhor, bendizei o seu nome: Anunciai de dia a sua salvação.

3 Anunciai entre as gentes a sua glória, em todos os povos as suas maravilhas.

4 Porque o Senhor é grande, e mui digno de ser louvado: Terrível é sobre todos os deuses.

5 Porque todos os deuses das gentes são demônios: Mas o Senhor fez os céus.

6 Louvor, e formosura diante dEle: Santidade, e grandeza no seu santuário.

7 Tributai ao Senhor, ó famílias das gentes, tributai ao Senhor glória e honra: (2)

8 Tributai ao Senhor a glória devida ao seu nome. Tomai vítimas, e entrai nos seus átrios:

9 Adorai ao Senhor no átrio do santo tabernáculo. Trema toda a terra à sua presença:

(1) Cântico de Davi, quando construiu a sua casa depois do cativeiro. Foi cantado na festa da trasladação da arca, no tempo de Davi. Tem cinco estrofes.

(2) Ó FAMÍLIAS — Na Vulgata se conserva a palavra grega, que significa famílias tribos, e aqui, em significação mais extensa, os povos, ou nações que não eram do povo de Deus, no que se insinua o Mistério da conversão dos gentios, tantas vezes anunciada. — P. Scio.

10 Dizei entre as gentes que o Senhor reinou.

Porque firmou a redondeza da terra, que não será comovida: Julgará os povos com equidade.

11 Alegrem-se os céus, e regozije-se a terra, como-se o mar, e o que êle contém:

12 Alegrem-se-ão os campos, e tôdas as coisas, que dêles há.

Então se regozijarão tôdas as árvores das selvas.

13 Ante a face do Senhor porque veio: Porque veio a julgar a terra.

Julgará a redondeza da terra com equidade, e os povos segundo a sua verdade.

SALMO 96

SALMO GRATULATÓRIO. MOSTRA DAVI O PODER DE DEUS,
A VAIDADE DOS ÍDOLOS.

1 O mesmo Davi. (1)

Quando foi restabelecida a sua terra. (2)

O Senhor reinou, regozije-se a terra: Alegrem-se as muitas ilhas. (3)

2 Nuvens e escuridão estão ao redor dêle: Justiça e juízo são a base do seu trono. (4)

3 Fogo irá diante dêle, e abrasará ao redor os seus inimigos.

(1) Como o antecedente, êste salmo não tem título no original. É' o assunto do anterior. Tem quatro estrofes.

(2) **RESTABELECID A SUA TERRA** — Estas palavras indicam a época em que Davi foi reconhecido rei por tôdas as tribos.

(3) **ILHAS** — A palavra hebraica que a Vulgata traduziu por ilhas, significa propriamente região longínqua, paragem afastada; sentido que convém perfeitamente a esta passagem.

(4) **A BASE DO SEU TRONO** — Onde a Vulgata diz: cor-

Salmo 96, 4-12; 97, 1

4 Alumiarão os seus relâmpagos a redondeza da terra: Viu-os a terra, e foi abalada.

5 Os montes como cêra se derreterão ante a face do Senhor: Diante do Senhor tôda a terra.

6 Anunciaram os céus a sua justiça: E viram todos os povos a sua glória.

7 Confundidos sejam todos os que adoram ídolos: E os que se gloriam nos seus simulacros.

Adorai ao Senhor todos os seus anjos:

8 Ouviu-o, e alegrou-se Sião.

E regozijaram-se as filhas de Judá, pelos teus juízos, Senhor:

9 Porque tu és o Senhor Altíssimo sôbre tôda a terra: Tu és em grande maneira exaltado sôbre todos os deuses.

10 Os que amais ao Senhor, aborrecei o mal: Guarda o Senhor as almas dos seus santos, da mão do pecador os livrará.

11 A luz é nascida para os justos, e a alegria para os retos de coração.

12 Alegrai-vos, justos, no Senhor: E celebrai a memória da sua santidade.

SALMO 97

SALMO DO LOUVOR, E JÓBILO, PELAS GRANDES VITÓRIAS, QUE ALCANÇOU DAS NAÇÕES. OS PADRES O RECONHECEM TAMBÉM PROFÉTICO DA VINDA DE CRISTO, E VOCAÇÃO DOS GENTIOS.

1 Salmo do mesmo Davi. (1)

rectio sedis ejus, traz S. Jerônimo do hebreu: *firmamentum solis ejus*. — Bossuet.

(1) Este salmo tem muitas semelhanças com o 95, versa sôbre o mesmo assunto e tem a mesma forma. A versão siríaca

Cantai ao Senhor um cântico novo: Porque êle fêz maravilhas. (2)

A sua destra o livrou, e o seu braço santo. (3)

2 O Senhor manifestou o seu Salvador: À vista das nações descobriu a sua justiça.

3 Lembrou-se da sua misericórdia, e da sua verdade para com a casa de Israel.

Viram todos os limites da terra a salvação do nosso Deus.

4 Celebrai a Deus tôda a terra: Cantai, e saltai de prazer e dizei salmos.

5 Cantai salmos ao Senhor com cítara, e com voz de salmo:

6 Com trombetas de metal, e som de corneta. (4)

Regozijai-vos na presença do rei que é o Senhor:

7 Mova-se o mar e quanto nêle há. A redondeza da terra, e os que habitam nela.

8 Os rios mostraram aplauso, os montes juntamente se alegraram.

diz que se refere à libertação da escravidão do Egito. Este salmo, como os dois precedentes, prediz as maravilhas que o Messias deve operar no seu advento. Tem três estrofes: a 1.^a e 3.^a são idênticas às 1.^a e 5.^a do Sl 95; a 2.^a convida todos os povos a louvar a Deus ao som dos instrumentos de música.

(2) **PORQUE ELE FÊZ MARAVILHAS** — Fêz Cristo inumeráveis milagres para acreditar mais e mais a sua missão e officio do Redentor, e também a santidade da sua doutrina em benefício do homem. — *Pereira.*

(3) **E O SEU BRAÇO SANTO** — E' uma frase hebraica, e é este o sentido: salvou-se com a sua Onipotência, porque Jesus Cristo pela sua própria virtude e poder se salvou da morte, e ressuscitou. Ou também: Êle só, sem precisar de socorro algum, salvou o mundo.

(4) **TROMBETAS** — São provavelmente as trombetas que Moisés mandou arranjar no deserto. Núm 10, 2.

Salmo 97, 9; 98, 1-4

9 À vista do Senhor: Porque veio a governar a terra.
Governará a redondeza da terra em justiça, e os povos em equidade:

SALMO 98

SALMO GRATULATÓRIO. O SALMISTA CELEBRA O REINO DO SENHOR, E DE SEU CRISTO, CONVIDA A TODOS OS HOMENS A RECONHECER A ESTE DEUS SUPREMO, A QUEM SERVIRAM MOISÉS, AARÃO E OS DEMAIS PROFETAS.

1 Salmo do mesmo Davi. (1)

O Senhor reinou, estremeceram de cólera os povos: Reinou o que está sentado sobre querubins, abala-se a terra. (2)

2 O Senhor é grande em Sião: E é exaltado sobre todos os povos.

3 Dêem glória ao teu grande nome: Porquanto é terrível, e santo:

4 E a honra do rei está em amar a justiça.

(1) Este salmo foi composto provavelmente para a cerimônia da trasladação da arca para Jerusalém. No original não tem este título. Tem quatro estrofes. A 1.ª e 2.ª terminam por *Sanctum est*; a 4.ª por *sanctus Dominus Deus noster*, o que faz dizer aos exegetas que se encontram aqui de alguma maneira as três vezes *santo* de Isaias. Primeira estrofe (1-3). A realeza de Deus faz tremer os gentios e a própria terra; é preciso louvá-lo, porque é poderoso e santo; Segunda (4-5). Porque governa Israel com justiça; Terceira (6-7). Ouviu os santos; Quarta (8-9). E' necessário adorar sobre Sião a montanha santa. E' o terceiro dos salmos que começam por *Dominus regnavit*.

(2) **QUERUBINS** — Os querubins da arca da aliança, que ó como o trono de Deus.

Tu preparaste leis retíssimas: Tu fizeste juízo e justiça em Jacó. (3)

5 Exaltai ao Senhor nosso Deus, e adorai o escabelo de seus pés: Porque êle é santo. (4)

6 Moisés e Aarão entre os seus sacerdotes: E Samuel entre aquêles que invocam o seu nome: (5)

Invocavam o Senhor, e êle os atendia:

7 Em coluna de nuvem lhes falava. (6)

Guardavam os seus mandamentos, e o preceito que lhes deu.

8 Senhor nosso Deus, tu os atendias: O' Deus, tu lhes foste favorável e vingador de tôdas as maquinações que lhes faziam.

9 Exaltai ao Senhor nosso Deus, e adorai-o no seu santo monte: Porque santo é o Senhor nosso Deus. (7)

(3) **TU FIZESTE JUÍZO** — Tu estabeleceste justíssimas leis para o governo do povo de Jacó, sinalaste com seus filhos a tua justiça, castigando os seus pecados, e o teu juízo e misericórdia tirando-os das suas angústias e misérias. — Santo Agostinho.

(4) **E ADORAI O ESCABELO** — Por êste escabelo entende Bossuet, no sentido histórico, a arca do testamento.

(5) **E SAMUEL** — Samuel não se numera entre os sacerdotes, porque foi somente levita. 1 Par 6. Veja-se o 1 Rs 2. — Pereira.

(6) **EM COLUNA DE NUVEM LHES FALAVA** — Alude ao que se refere no Êx 13, 21. — Pereira.

(7) **NO SEU SANTO MONTE** — O monte onde estava a arca; applicam os exegetas à Igreja católica, que só é santa. — P. Scio.

SALMO 99

SALMO GRATULATÓRIO. EXORTA O PROFETA NESTE SALMO
A TODA A TERRA A CELEBRAR, E LOUVAR AO SENHOR.
PROFECIA DA VOCAÇÃO DOS GENTIOS.

1 Salmo de louvor. (1)

2 Celebrai com júbilo ao Senhor povos de toda a
terra: Servi ao Senhor em alegria.

Entrai diante dEle com alvoroço.

3 Sabei que o Senhor é Deus: Ele nos fez, e não
nós outros a nós.

Povo seu e ovelhas do seu pasto:

4 Entrai as suas portas com louvor: Nos átrios dEle
le com hinos: Glorificai-o. (2)

Louvai o seu nome.

5 Porque suave é o Senhor: E' eterna a sua misericórdia: E a sua verdade se dilata de geração em geração. (3)

(1) Devia ter sido composto por algum piedoso levita, depois do cativeiro, na época da dedicação do segundo templo. Tem duas estrofes, 1-3, 4-5. A primeira é um convite para louvar a Deus com alegria em seu templo, porque é o nosso criador, e nós somos o seu rebanho; na segunda nota-se que é necessário entrar no santo templo para que aí seja Deus louvado.

(2) AS PORTAS — Está às portas do tabernáculo, do seu templo.

(3) DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO — Bendizei o seu Santo Nome, publicai que é um Senhor cheio de doçura e de bondade; que antes faltará o sol que a sua misericórdia, e que a verdade e a fidelidade das suas promessas resplandecerão eternamente pelos séculos dos séculos. — Pereira.

SALMO 100

SALMO DIDÁTICO. DAVI NA SUA PESSOA PÕE DIANTE DE TODOS OS PRÍNCIPES UM ESPELHO, EM QUE DEVEM VER-SE PARA O GOVÊRNO DOS SEUS ESTADOS.

1 Salmo do mesmo Davi. (1)

Eu te cantarei, a ti, Senhor, a tua misericórdia, e a tua justiça.

Direi salmos.

2 E me aplicarei a conhecer o caminho da inocência, quando viéres a mim.

Caminhava eu na inocência do meu coração, no meio da minha casa.

3 Não punha diante dos meus olhos causa injusta: Aborrecia aos que faziam prevaricações.

Não se unia a mim.

4 Coração depravado: Ao malicioso que se afastava de mim não o conhecia.

5 Ao que secretamente dizia mal do seu próximo a êste perseguia.

Com homem de olhos soberbos, e de coração insaciável, com êsse não comia.

6 Os meus olhos só olhavam para os fiéis do país para que se assentassem comigo: O que andava em caminho de inocência, êsse me servia.

7 Não habitará no meio da minha casa o que obra com soberba: O que fala coisas iníquas não entrou direito na vista dos meus olhos.

(1) Estão exarados neste salmo os deveres dum rei, sob a forma de promessas. Parece que êste salmo foi composto no momento em que o Santo Rei concebeu o projeto de transportar a arca da casa de Obededom para Jerusalém. 2 Rs 6, 2 ss. Este salmo é composto de dísticos.

Salmo 100, 8; 101, 1-3

8 Pela manhã entregava à morte todos os pecadores da terra: A fim de exterminar da cidade do Senhor a todos os que obravam maldade.

SALMO 101

SALMO DEPRECATÓRIO. O SALMISTA EM NOME DE TODO O ISRAEL IMPLORA A MISERICÓRDIA DO SENHOR: ANUNCIA O RESTABELECIMENTO DE SIÃO E PEDE A CONSERVAÇÃO DE ISRAEL. ATÉ AO TEMPO EM QUE DEVE ENTRAR EM GRAÇA.

1 Oração do pobre, (1)
que estiver em tribulação, e derramar as suas preces na presença do Senhor.

2 Senhor, ouve a minha oração: E chegue a ti o meu clamor.

3 Não apartes o teu rosto de mim: Em qualquer dia em que me achar atribulado, inclina para mim o teu ouvido.

Em qualquer dia que te invocar, ouve-me prontamente:

(1) **POBRE** — Este pobre não é um indivíduo, mas o povo de Israel aflito por causa do cativoiro. Tem dez estrofes. Primeira (2-3). Invocação a Deus. Segunda à quarta (4-12). Pede para que Deus tenha piedade da aflição que descreve seguidamente. Quinta à oitava (13-23). Apresenta as razões que Deus tem para o socorrer. Nona e décima (24-29). Contraste entre a eternidade de Deus e a humildade da vida humana. Este é o quinto dos salmos penitenciais. A propósito d'este salmo escreveu o conde de Maistre. Este canto, que celebra a eternidade de Deus também, será perpétuo na terra: adotou-o a Sinagoga na sua liturgia, emprega-o a Igreja nos seus cultos; e hoje, quando o sol se ergue, estes hinos ressoam por toda a terra, debaixo das venerandas abóbadas dos mais antigos templos. Ouvem-se desde Roma, Génova, Madri, Londres, a Quebec, a Quita, a Moscou, a Pequim, a Botany Bay, até ao

4 Porque foram dissipados como fumo os meus dias: E os meus ossos assim como acendalhas se sequearam. (2)

5 Fui ferido como feno, e o meu coração se secou: Porque me esqueci de comer o meu pão.

6 À voz do meu gemido se pegaram os meus ossos à minha carne.

7 Tornei-me semelhante ao pelicano do deserto: Cheguei a ser como a coruja em seu albergue. (3)

8 Vigiei, e estou feito como pássaro solitário no telhado.

9 Todo o dia me improperavam os meus inimigos: E os que me louvavam se conjuravam contra mim.

10 Porque comia a cinza com pão, e misturava a minha bebida com pranto. (4)

11 À vista da tua ira e indignação: Porque levantando-me me arrojaste.

12 Os meus dias como sombra passaram: E eu como feno me sequei.

Japão, por toda a parte enfim." *Soirées de Saint-Petersbourg*, VII Entretien, 1822.

(2) **COMO ACENDALHAS** — *Cremium* significa toda a matéria combustível que está mui seca e disposta para se poder queimar facilmente. — *Pereira*.

(3) **SEMELHANTE AO PELICANO** — Por estas comparações quer o salmista descrever a tristeza. O pelicano nutre-se de peixes, pelo que vive à beira-mar ou nas margens dos rios, longe dos homens.

(4) **PORQUE COMIA A CINZA** — É uma paráfrase da Escritura, que significa estar prostrado com a bôca por terra, coberto de pó, e de cinza, como costumavam andar os hebreus no tempo das calamidades e aflições. 2 Rs 13, 19; Jó 16, 16. Ora, segundo Calmet, a partícula *quia* não se refere ao que está dantes, e melhor se verte como se fôra *quamobrem*, isto é, "por cuja causa." — *Pereira*.

Salmo 101, 13-23

13 Mas tu, Senhor, permaneces para sempre: E a memória do teu Nome vai de geração em geração.

14 Tu levantando-te terás piedade de Sião: Porque é tempo de teres piedade dela, porque o prazo está já cumprido. (5)

15 Porque as suas ruínas têm sido agradáveis aos teus servos: E eles se compadecerão da sua terra. (6)

16 E temerão as nações o teu nome, Senhor, e todos os reis da terra respeitarão a tua glória. (7)

17 Porquanto o Senhor edificou Sião: E será visto na sua glória.

18 Atendeu à oração dos humildes: E não desprezou o seu rogo.

19 Sejam escritas estas coisas a outra geração: E o povo, que há de ser criado, louvará o Senhor:

20 Porque olhou desde o alto do Santuário: O Senhor desde o céu olhou para a terra:

21 Para ouvir os gemidos dos encarcerados: Para dar soltura aos filhos dos condenados à morte:

22 Para que anunciem em Sião o nome do Senhor: E o seu louvor em Jerusalém.

23 Quando os povos se juntarem, e os reis para servirem ao Senhor.

(5) **TU LEVANTANDO-TE** — Pode também expor-se: tu como de um profundo sono, em que parece te achas agora submergido, despertarás e compadecido dos trabalhos e infortúnios de Jerusalém acudirás a remediá-los. — **Pereira.**

(6) **PORQUE AS SUAS RUÍNAS TÊM SIDO** — Assim arruinada amam teus servos a Sião, amam os entulhos do Templo, amam as cinzas dos seus maiores, e se lamentam delas. Assim o faziam aquêles que levavam as suas ofertas ao lugar onde estivera o Templo. Jer 41, 5. Assim Neemias, que suspirava por ver o lugar em que seu pai fôra sepultado. 2 Esdr 21, 5. — **Bossuet.**

(7) **E TEMERÃO** — E' uma clara profecia da vocação dos gentios ao conhecimento de Deus. — **Pereira.**

24 Respondeu-lhe no caminho do seu vigor: Dize-me o curto número de meus dias. (8)

25 Não me chames na metade de meus dias: Os teus anos se estendem de geração em geração.

26 No princípio tu, Senhor, fundaste a terra: E os céus são obra de tuas mãos. (9)

27 Eles perecerão, mas tu permaneces: E todos se envelhecerão como um vestido.

E como roupa de vestido os mudarás, e serão mudados:

28 Mas tu és sempre o mesmo, e os teus anos não se acabarão.

(8) **RESPONDEU-LHE** — Isto é, o pobre, que fala neste salmo, ou em figura dêste pobre povo cativo, ou qualquer dêste povo. E disse-o no seu maior vigor, isto é, na sua mais vigorosa idade. Assim expõe Calmet, o que a Vulgata diz: Respondit ei in via virtutis sue. Outros, com Tirino, explicam aquêle in via virtutis sue, não da fôrça do povo, mas da fôrça de Deus: e explicam assim: Ele disse a Deus no caminho da sua fôrça, isto é, no caminho em que Deus mostra o seu grande poder, que é o caminho da volta do cativo de Babilônia. — Pereira.

DIZE-ME O CURTO NÚMERO DE MEUS DIAS — Segundo a primeira inteligência que acima propusemos, é esta petição, uma petição de quem, sabendo que Deus queria livrar o seu povo, estava em cuidado, se chegaria êle a ver restaurada Jerusalém. Segundo a outra inteligência é uma pergunta, em que o pobre, já livre do cativoiro, mostra o cuidado em que está, se chegará êle a tempo de poder contar às gerações futuras os grandes benefícios que Deus lhe fizera. Qualquer dêstes sentidos se acomoda bem ao que se continua no verso 25. — Pereira.

(9) **E OS CÉUS** — O apóstolo ad Hebr 1, 10. 11. 12, applica esta palavra a Cristo Salvador, e Libertador do homem, e ao mesmo feito homem sendo Deus verdadeiro; igual applicação faz nos vers. seguintes.

29 Os filhos de teus servos habitarão: E a sua posteridade será dirigida eternamente. (10)

SALMO 102

SALMO DE AÇÃO DE GRAÇAS PELA REMISSÃO DOS PECADOS: E CONVIDA A TODOS OS ANJOS E CRIATURAS A LOUVAR AO SENHOR.

1 Do mesmo Davi. (1)

Bendiz, ó alma minha, ao Senhor: E tôdas as coisas que há dentro de mim bendigam ao seu santo Nome.

2 Bendiz, ó alma minha, ao Senhor: E não queiras esquecer-te de todos os seus benefícios.

3 O que perdoa tôdas as tuas maldades: O que sara tôdas as tuas enfermidades.

4 O que redime da morte a tua vida: O que te coroa da sua misericórdia, e das suas graças.

5 O que enche de bens o teu desejo: Renovar--se-á como a da águia a tua mocidade. (2)

(10) **HABITARÃO** — Em Jerusalém, ou na Judéia, estávelmente, com segurança, e sem temor, quando livres, e soltos das cadeias de Babilônia voltarem à amada pátria. — *Pereira.*

(1) Este salmo é o cântico das misericórdias do Senhor, e um dos mais belos de toda a coleção. Dêle escreve La Harpe: Elles (les miséricordes du Seigneur) n'ont jamais été célébrées d'un ton plus sublime, et jamais le sublime n'a été plus touchant. Tem cinco estrofes. Primeira (1-5). Exorta-nos o salmista a que louvemos a Deus, agradecendo todos os benefícios que à sua Infinita Bondade nos liberaliza. Segunda (6-9). Porque cuidou sempre dos oprimidos, como fez aos hebreus nos dias de Moisés. Terceira (10-14). Por causa do perdão que concede aos pecadores. Quarta (15-18). Por causa da sua bondade que vem de geração em geração e que não pára, como a vida do homem. Quinta (19-22). Que o Céu e a terra louvem ao Senhor.

(2) **COMO A DA ÁGUIA** — A águia, como as demais aves,

6 O Senhor que faz misericórdias: E justifica a todos os que sofrem agravos.

7 Fêz conhecer a Moisés os seus caminhos, aos filhos de Israel as suas vontades. (3)

8 E' benigno, e misericordioso o Senhor: Magnânimo e de muita misericórdia.

9 Não estará irado para sempre: Nem ameaçará eternamente.

10 Não nos há tratado a nós segundo os nossos pecados: Nem nos tem pago segundo as nossas maldades.

11 Pois quanto a elevação do céu está remontada sobre a terra: Tanto êle tem firmado a sua misericórdia sobre os que o temem.

12 Quanto dista o Oriente do Ocidente: Tanto êle tem apartado de nós as nossas maldades.

13 Como o pai se compadece dos filhos, assim se tem compadecido o Senhor dos que o temem:

14 Porque êle já tem conhecido a fragilidade da nossa origem.

Lembrou-se que somos pó:

15 O homem, cujos dias são como feno, assim se murchará como a flor do campo.

16 Porque o espírito estará nêle de passagem, e êle não subsistirá: E não conhecerá dali em diante o seu lugar.

despe-se anualmente da sua plumagem, aparecendo depois da muda mais remoçada. O salmista escolheu a águia para termo de comparação, por ser a rainha das aves, pela sua fôrça e vivacidade.

(3) **FÊZ CONHECER A MOISÉS** — Quando lhe mandou que fôsse apresentar-se a Faraó, para que deixasse sair do seu povo, e passar ao deserto. — P. Scio.

AS SUAS VONTADES — Nas duas tábuas da sua Santíssima lei, que deu a Moisés, para que a intimasse ao povo de Israel. — P. Scio.

Salmo 102, 17-22; 103, 1

17 Mas a misericórdia do Senhor está desde a eternidade e até à eternidade sôbre os que temem.

E a sua justiça sôbre os filhos dos filhos,

18 para com aquêles que guardam a sua aliança:

E se lembram dos seus mandamentos, para observá-los.

19 O Senhor tem prevenido no céu o seu trono: E o seu reino dominará sôbre todos.

20 Bendizei ao Senhor todos os anjos dêle: Poderosos em virtude, que sois executores da sua palavra, para obedecer à voz das suas ordens.

21 Bendizei ao Senhor tôdas as virtudes dêle: Vós, ministros seus, que fazeis a sua vontade.

22 Bendizei ao Senhor tôdas as suas obras: Em todo o lugar do seu senhorio, bendiz, ó alma minha, ao Senhor.

SALMO 103

SALMO GRATULATÓRIO. VAI FAZENDO MEMÓRIA DAS MARAVILHAS DO SENHOR, E O LOUVA E GLORIFICA POR TÔDAS ELAS: PARA QUE APRENDAMOS A FAZER BOM USO DELAS, ELEVANDO-NOS ÀS COISAS ESPIRITUAIS PELA CONTEMPLAÇÃO DAS COISAS VISÍVEIS.

1 Do mesmo Davi. (1)

Bendiz, ó alma minha, ao Senhor: Senhor Deus meu, tu te tens engrandecido poderosamente.

Dê glória, e de formosura te tens vestido:

(1) Este salmo é a descrição da obra do Criador; é a reprodução em verso do primeiro capítulo do Gênesis, e uma exortação aos homens, para que estes não deixem de louvar o Autor das maravilhas da criação. Este salmo é, no entender de Gatien Arnoult, um dos mais belos modelos da poesia bíblica, dizendo que sôbre este assunto é das mais geniais composições que têm aparecido: *Qu'en le lise; qu'on lise ensuite tout ce qui a été écrit de*

2 Coberto de lume como de vestidura:

Que estendes o céu como um pavilhão: (2)

3 Que cobres com águas os seus mais altos lugares.

Que pões uma nuvem para tua subida: Que andas
sôbre as asas dos ventos.

4 Que fazes aos teus anjos espíritos e aos teus ministros fogo queimador.

5 Que fundaste a terra sôbre a sua própria estabilidade: Não se inclinará pelos séculos dos séculos.

6 O abismo a cinge a ela, como um vestido: Sôbre os montes estarão as águas.

7 À tua ameaça fugiram: À voz do teu trovão temeram.

8 Sobem os montes, e descem as campinas ao lugar que lhes estabeleceste.

plus estime sur cette matière si souvent traitée, en prose et en vers, depuis Hesiode jusqu'à Ovide, depuis Cicéron et Plinè jusqu'à Buffon, et nous ne craignons pas qu'on puisse ensuite en citer qui soit du ton et de la hauteur de ce psaume. Le livre des psaumes, 1823, p. 4.^o. Tem oito estrofes: Primeira (1-4). Elogio da obra do primeiro e segundo dia da criação. Segunda (5-9). Formação da terra. Terceira (10-14). Produção das fontes, animais e plantas. Quarta (14-18). As três principais produções alimentícias, (cereais, vinho e azeite); as chuvas que fecundam a terra e os animais que habitam as montanhas. Quinta (19-23). Os astros. Sexta (24-26). Os habitantes dos mares. Sétima (27-30). Deus dá o sustento e a vida. Oitava (31-35). Glória a Deus por todas as suas maravilhas.

(2) COMO UM PAVILHÃO — Não faça dúvida traduzir-se, “como um pavilhão, ou como uma tenda de campanha”, o que no latim da Vulgata é *sicut pellem*, porque de peles eram ordinariamente as tais rendas, como notei sôbre os Atos dos Apóstolos, e assim vertem todos este lugar. E neste mesmo sentido é que Davi disse a Natan, ser uma indecência, que quando elle habitava em casa de cedro, estivesse a Arca do Senhor debaixo de umas peles, 2 Rs 7, 2. — Pereira e Glaire.

9 Têrmo lhes puseste, que não traspassaram e não voltaram a cobrir a terra.

10 Que fazes sair fontes nos vales: Por meio dos montes passarão as águas.

11 Beberão todos os animais do campo: Suspirarão por elas os onagros na sua sede. (3)

12 Sôbre elas morarão as aves do Céu: As quais do meio dos rochedos darão vozes. (4)

13 Que regas os montes das águas mais altas: Do fruto de tuas obras se saciará a terra:

14 Que produzes feno para as alimárias, e erva para o serviço dos homens.

Para fazer sair o pão do seio da terra:

15 E o vinho que alegra o coração do homem.

O azeite para que o homem faça brilhar o seu rosto: E com o pão corrobore o seu coração. (5)

16 Saciar-se-ão as árvores do campo, e os cedros do Líbano que plantou: (6)

(3) **OS ONAGROS** — O onagro, habitando os desertos longínquos, está por isso muito mais exposto à sede do que os outros animais.

(4) **SÔBRE ELAS MORARÃO** — Sôbre as fontes, rios, ribeiros. O hebreu tem: "Sôbre elas as fontes, habitarão as aves do Céu", nas árvores: de onde de entre as fôlhas", ou ramos destas, darão vozes e cantarão. — P. Scio.

(5) **FAÇA BRILHAR** — "Para fazer brilhar", e resplandecer "a face com o azeite", diz o hebreu. Não há quem ignore o grande uso que faziam os antigos, e particularmente os orientais, do azeite e dos ungüentos, para cuja composição empregavam o óleo mais puro e escolhido. Plínio, Lib. XIV. Cap. XXII. *Duo sunt liquores corporibus humanis gratissimi intus vini foris olei.* — P. Scio.

(6) **QUE PLANTOU** — O hebreu diz: "Fartar-se-ão as árvores do Senhor com as chuvas que lhes enviará, tomando o humor e suco de que necessitam para o seu aumento e conservação: "os cedros" do Líbano que plantou o mesmo Senhor."

17 Ali farão ninho as aves.

A casa da cegonha lhes serve de guia a elas: (7)

18 Os montes altos são refúgio aos cervos: Os penhascos para os ouriços cacheiros.

19 Fêz a lua para designar os tempos: O sol conheceu o seu ocaso.

20 Puseste trevas, e foi feita a noite: Nela transitarão tôdas as alimárias da selva.

21 Os cachorros dos leões rugem em busca da presa, e para pedirem a Deus o seu sustento. (8)

22 Saiu o sol, e recolheram-se: E meter-se-ão nos seus covis.

23 Sairá o homem à sua obra: aos seus trabalhos até à noite.

24 Quão magníficas são as tuas obras, Senhor! tôdas as coisas fizeste com sabedoria! cheia está a terra da tua possessão. (9)

25 Êste mar grande, e largo de braços: Ali existem peixes que não têm número.

Animais pequenos e grandes:

26 Ali transitaram as naus.

Êste dragão, que formaste para zombar no mar: (10)

(7) **LHES SERVE DE GUIA** — Ensinando-lhes o modo de fazer o ninho, porque é a primeira que o faz. — **Pereira.**

(8) **E PARA PEDIREM A DEUS** — Correm famintos a tôdas as partes, os cachorrinhos dos leões, e com os seus rugidos parece clamam, pedindo-te lhes depares alguma presa. — **Pereira.**

(9) **OHEIA ESTÁ A TERRA** — Dos teus bens, e riquezas: chama-lhe possessão sua, porque tôdas as coisas lhe pertencem como a seu Senhor.

(10) **ÊSTE DRAGÃO** — Em hebreu Leviathan, palavra que designa ordinariamente o crocodilo, mas que significa aqui um grande cetáceo.

Salmos 103, 27-35; 104

27 Todos esperam de ti que lhes dês de comer a seu tempo.

28 Dando-lho tu, elles recolherão: Abrindo tu a tua mão, todos se encherão de bens.

29 Mas se tu apartares o teu rosto, turbar-se-ão: Tirar-lhe-ás o espirito, e deixarão de ser, e tornar-se-ão no seu pó.

30 Enviarás o teu espirito, e serão criados: E renovarás a face da terra. (11)

31 Seja a glória do Senhor para sempre: Alegrar-se-á o Senhor nas suas obras:

32 O que olha para a terra, e a faz estremecer: O que toca os montes, e fumegam.

33 Cantarei ao Senhor em todo o espaço da minha vida: Cantarei salmos ao meu Deus enquanto eu subsistir.

34 Sejam-lhe aceitas as minhas palavras: Eu certamente me deleitarei no Senhor.

35 Feneçam da terra os pecadores, e os iníquos, de modo que não subsistam: Bendiz, ó alma minha, ao Senhor.

SALMO 104

SALMO DE AÇÃO DE GRAÇAS, PELOS BENEFÍCIOS FEITOS POR DEUS AO POVO DE ISRAEL, DESDE ABRAÃO ATÉ MOISÉS.

Aleluia. (1 Par 16, 18.) (1).

(11) **ENVIARAS O TEU ESPÍRITO** — Aquella virtude vivificante, que conserva todas as coisas criadas no seu ser, que é um efeito próprio da pessoa do Espírito Santo, Gên 1, 1-2. E assim em sentido mais sublime se applica isto aos dons interiores do Espírito Santo, por meio dos quais, e da efusão, se criam homens novos, e novos corações; e este é o sentido dos Santos Padres. A Igreja a cada passo emprega este versículo. — P. Scio.

(1) **ALELUIA** — Este termo, que daqui em diante se en-

1 Louvai ao Senhor, e invocai o seu nome: Anunciai entre as gentes as suas obras.

2 Cantai-lhe, e dizei-lhe salmos: Narrai tôdas as suas maravilhas.

3 Glorai-vos em seu santo Nome: Alegre-se o coração dos que buscam ao Senhor.

4 Buscai ao Senhor, e fortificai-vos: Buscai sempre a sua face.

5 Lembrai-vos das suas maravilhas, que fêz: De seus prodígios, e dos juízos que pronunciou com a sua bôca. (2)

6 Vós, ó descendentes de Abraão, que sois seus servos: Vós, ó filhos de Jacó, seus escolhidos.

7 Ele é o Senhor nosso Deus: Os seus juízos se executarão em tôda a terra.

8 Ele se lembrou para sempre da sua aliança: E da palavra, que enviou para mil gerações: (3)

contra na Vulgata à testa de outros muitos salmos, vale o mesmo que "Louvai ao Senhor." Quanto aos primeiros quinze versículos, é este salmo indubitavelmente de Davi, e composto na trasladação da arca para Sião, porque assim consta do livro 1 Par 16, 8 ss, onde se referem os ditos primeiros quinze versículos d'ele. Quanto aos mais que se seguem, é Calmet de parecer que elles foram acrescentados depois, quando o povo judaico voltou do cativo de Babilônia para Jerusalém. De Carrières o dá todo por obra de Davi. Resume a história de Israel e por isso se citam entre parênteses os lugares que narram os fatos a que o salmo alude, e tem nove estrofes.

(2) **QUE PRONUNCIOU** — As leis que o Senhor deu ao seu povo, ou também as ameaças que pronunciaram os seus lábios contra os prevaricadores da sua lei. — **Pereira.**

(3) **PARA MIL GERAÇÕES** — Ele mesmo é o que não se esquece, nem jamais se esquecerá do tratado que concertou, e da promessa que fêz para todos os séculos vindouros. — **P. Scio.**

Sálmo 104, 9-20

9 Daquella que deu a Abraão: E do juramento que fêz a Isaac: (*Gên. 22, 16*).

10 E o confirmou a Jacó por estatuto: E a Israel para que fôsse uma aliança eterna:

11 Dizendo: A ti te darei a terra de Canaã, repar-timento da vossa herança.

12 Quando eram em curto número, mui poucos e estrangeiros nesta terra: (4)

13 E passaram de gente em gente, e de um reino a outro povo.

14 Não permitiu que alguém os ofendesse: E castigou por causa dêles aos reis.

15 Não toqueis os meus ungidos: E não maltrateis aos meus profetas. (5) (2 Rs 1, 14).

16 E chamou a fome sôbre a terra: E quebrantou tôda a força do pão.

17 Enviou diante dêles um varão: A José que foi vendido por escravo. (*Gên. 37, 36*.)

18 Apertaram com grilhões seus pés, o êrro trespassou a sua alma (*Gên 39 20*)

19 até que foi cumprida a profecia dêle.

A palavra do Senhor o havia inflamado:

20 Enviou o rei, e o soltou; o príncipe dos povos, e lhe deu a liberdade. (*Gên 41, 14*).

(4) **E ESTRANGEIROS NESTA TERRA** — São chamados estrangeiros, porque eram oriundos da Caldéa e da Mesopotâmia.

(5) **NÃO TOQUEIS OS MEUS UNGIDOS** — Fala Deus aqui dos três patriarcas Abraão, Isaac e Jacó, aos quais chama Ungidos seus, na qualidade de sacerdotes e profetas, que eram do mesmo Senhor. Os nossos padres gôdos do quarto concílio de Toledo o entenderam dos Reis, os quais noutras Escrituras também se acham chamados Ungidos e Cristos. Gregório XVI applicou êste versículo na Allocução pronunciada no consistório de 8 de outubro de 1893.

21 Constituiu o senhor da sua casa: E por príncipe de tudo o que possuía.

22 Para que desse luz aos grandes como a si mesmo: E ensinasse a prudência aos seus Anciãos.

23 E entrou Israel no Egito: E foi Israel estrangeiro em a terra de Cam. (6) (*Gên 46, 6*).

24 E aumentou o seu povo em grande maneira: E o fêz forte sôbre os seus inimigos. (*Êx 1, 7; At 7, 17*).

25 Transtornou o coração dos egípcios para que aborrecessem o seu povo: E usassem de enganos com os seus servos.

26 Enviou a Moisés seu servo: A Aarão, o mesmo que ela escolheu. (*Êx 3, 10; 4, 29*).

27 Pôs nêles as palavras de seus sinais, e prodígios na terra de Cam. (*Êx 7, 10*).

28 Enviou trevas, e difundiu escuridade: E não tornou vãs as suas palavras. (*Êx 10, 21*).

29 Converteu-lhes as águas em sangue: E matou os seus peixes. (*Êx 7, 20*).

30 A sua terra produziu rãs até nas câmaras dos mesmos reis. (*Êx 8, 8*).

31 Disse, e vieram moscas de tôdas as castas: E mosquitos em todos os seus limites. (*Êx 8, 16-24*).

32 Mudou as suas chuvas em granizo: Lançou um fogo abrasador na terra dêles.

33 E feriu as suas vinhas, e os seus figueirais: E quebrou as árvores que havia nos seus limites.

34 Disse, e vieram gafanhotos, e alfôrra, em tanta cópia que não tinha número: (*Êx 10, 12*).

(6) **A TERRA DE CAM** — E' o Egito assim chamado, porque Cam, filho de Noé, habitou nessa região povoada depois pelo seu segundo filho Mesraim. Os egípcios chamam também ao seu país Chemi.

Salmo 104, 35-45; 105

35 E comeu tôda a erva na terra dêles. E comeu todo o fruto na terra dêles.

36 E feriu a todos os primogênitos na terra dêles: As primícias de todo o seu trabalho. (*Êx* 12, 29).

37 E conduziu-os com prata e com ouro: E não havia enfermô nas tribos dêles. (*Êx* 12, 35).

38 Alegrou-se o Egito na partida dêles: Porque estava preocupado do temor que lhes tinha.

39 Estendeu uma nuvem que os cobrisse, e fogo que os alumiasse de noite. (*Êx* 13, 21).

40 Pediram, e vieram codornizes: E do pão do Céu os saciou. (*Êx* 16, 13).

41 Fendeu a pedra, e manaram águas: Correram rios em lugar sêco: (*Núm* 20, 11).

42 Porque teve em memória a sua santa palavra, a qual êle havia dado a Abraão seu servo. (*Gên* 17, 7).

43 E tirou o seu povo com regozijo, e aos seus escolhidos com alegria.

44 E deu-lhes as terras das nações: E desfrutaram o trabalho de outros povos:

45 Para que guardassem os seus mandamentos, e buscassem a sua lei.

SALMO 105

SALMO HISTÓRICO. FAZ-SE MEMÓRIA DOS BENEFÍCIOS QUE DEUS FEZ AO SEU POVO DESDE QUE SAIU DO EGITO, ATÉ OS JUÍZES: DA INGRATIDÃO COM QUE ESTE LHE CORRESPONDEU; E COMO O MISERICORDIOSO SENHOR O CORRIGIA E TIRAVA DAS SUAS ANGÚSTIAS.

Aleluia. (*Jdt* 13, 21.) (1)

(1) ALELUIA — Este salmo é o primeiro dos da coleção que tem por palavra inicial *allelou-yah*. Louvai o Senhor; o anterior tem esta palavra na Vulgata, adição justificada pela índole

1 Louvai ao Senhor porque êle é bom: Porque a sua misericórdia é por todos os séculos.

2 Quem referirá as obras do poder do Senhor, quem fará que sejam ouvidos todos os seus louvores?

3 Bem-aventurados os que observam retidão, e praticam a justiça em todo o tempo.

4 Lembra-te de nós, Senhor, segundo a bondade que te aprouve mostrar ao teu povo: Visita-nos com a tua salvação:

5 Para que vejamos os bens de teus escolhidos, e gozemos a alegria que destinas ao teu povo: Para que sejas glorificado na tua herança.

6 Temos pecado com os nossos pais: Temos obra-do injustamente, cometemos iniquidade.

7 Nossos pais no Egito não consideraram as tuas maravilhas: Não se lembraram da multidão da tua misericórdia.

E te irritaram estando para entrar no mar, no mar Vermelho.

8 E êle os salvou por amor do seu nome: Para fazer patente o seu poder. (2)

9 E ameaçou ao mar Vermelho, e secou-se: E levou-os pelos abismos, como por um deserto. (Êx 14, 21).

10 E salvou-os da mão dos que os aborreciam: E resgatou-os da mão do inimigo.

do salmo. Este é um resumo da história do povo de Deus no deserto do Sinai. Não é fácil dividir no original as estrofes. Em todo o caso poder-se-ão agrupar d'este modo as idéias expressas no salmo; (1-3) introdução e exortação a louvar a Deus; (4-6) oração; factos históricos (7 a 17). O v. 48 é a doxologia que marca o fim do quarto livro dos salmos. Como no salmo anterior indicamos na passagem a que se refere o texto.

(2) **E ELE OS SALVOU** — Sem respeito aos seus merecimentos, só pela própria bondade e glória do seu nome. — *Pereira*.

11 E cobriu de água aos que os perseguiram: Não ficou dêles nem um só. (*Êx* 17, 21).

12 E deram crédito às suas palavras: E cantaram o seu louvor.

13 Porém logo instantâneamente se deram pressa em esquecer as suas obras: E não esperaram o seu conselho.

14 E cobiçaram delícias no deserto: E tentaram a Deus no lugar sem água.

15 E lhes concedeu o que pediam: E enviou fartura às suas almas. (*Núm* 11, 31) (3)

16 E irritaram a Moisés no acampamento: A Aarão o santo do Senhor. (4)

17 Abriu-se a terra e tragou a Datan: E sorveu a Abiron com seus sequazes. (*Núm* 16, 32).

18 E ateou-se fogo no meio do seu congresso: A chama abrasou aos pecadores.

19 E fizeram um bezerro em Horeb: E adoraram a obra que fabricaram. (*Êx* 32, 4).

20 E trocaram a sua glória pelo simulacro de um bezerro que come feno.

(3) **E ENVIOU FARTURA, ETC.** — Até que lhes causou fastio, e náusea o mesmo que haviam desejado. O hebreu diz: “e mandou fraqueza às suas almas.” tirou o Senhor a sua virtude, e negou a sua bênção àquela vianda, e assim em lugar de se nutrirem enfraqueciam, e caíam em pthisis, enfermidade que frequentemente procede de comer com excesso, e do que tem princípio aquela náusea e desgosto, com que o Senhor os havia ameaçado. *Núm* 11, 20. — P. Scio.

(4) **E IRRITARAM A MOISÉS** — S. Jerônimo verte aqui, *zelati sunt*, isto é, tiveram zelos, ou inveja, por verem que Deus elevava sobre todos a Moisés, e a Aarão. Por isso diziam: *Cur elevavimini super populum Domini?* Por que sois vós elevados sobre o povo do Senhor? *Núm* 16, 3. — Bossuet.

21 Esqueceram-se de Deus que os salvou, o qual havia feito grandes prodígios no Egito,

22 maravilhas na terra de Cam: Portentos no mar Vermelho.

23 E disse que os destruiria: Se Moisés seu escolhido se não houvesse pôsto em meio ante êle quebrando o ídolo:

Para apartar a sua ira, que não os destruísse: (*Êx* 32, 10).

24 E por nada reputaram a terra desejada:
Não creram na sua palavra,

25 e murmuraram nas suas tendas: Não atenderam à voz do Senhor.

26 E levantou a sua mão sôbre êles: Para os exterminar no deserto: (*Núm* 14, 32).

27 E para envilecer a sua estirpe entre as nações: E espalhá-los pelas regiões.

28 E consagraram-se a Beelfegor: E comeram os sacrificios dos mortos. (5)

29 E o irritaram com as suas invenções: E se multiplicou nêles a mortandade.

30 E apresentou-se Finéias, e o aplacou: E cessou o flagelo. (*Núm* 25, 7).

31 E isto foi-lhe imputado por justiça por geração e geração para sempre. (6)

(5) **A BEELFEGOR** — Este era um infame ídolo dos moabitas e madianitas. *Núm* 25, 3. — *Pereira*.

(6) **E ISTO FOI-LHE IMPUTADO** — O Senhor deu a Finéias em prêmio do zelo que mostrou pela glória de Deus o pontificado, que fez continuar na sua família por mais de cento e trinta anos. Veja-se o lugar citado dos *Núm* 13. — *Pereira*.

32 E irritaram nas águas da contradição: E foi castigado Moisés por causa dêles: (*Núm* 20, 10.) (7).

33 Porque amarguraram o seu espírito.

E foi duvidoso nas suas palavras:

34 Não exterminaram as gentes que o Senhor lhes disse.

35 E se mesclaram com as gentes, e tomaram os seus costumes:

36 E serviram aos seus ídolos: E lhes foi causa de tropeço.

37 E imolaram aos demônios os seus filhos, e as suas filhas.

38 E derramaram o sangue inocente: O sangue de seus filhos e de suas filhas, que haviam sacrificado aos ídolos de Canaã.

E se inficionou a terra com sangues,

39 e se contaminou com as suas obras: E se prostituíram nas suas invenções. (8)

40 E se incendeu de furor o Senhor contra o seu povo: E abominou a sua herança.

41 E os entregou em poder das gentes: E os dominaram aquêles que os aborreciam.

42 E angustiarão-nos os seus inimigos, e foram humilhados debaixo do seu poder:

43 Muitas vêzes o livrou.

(7) **E FOI CASTIGADO MOISÉS** — Privando-o o Senhor da consolação de entrar na terra prometida. — Pereira.

(8) **E SE PROSTITUIRAM** — Já mesclando-se com mulheres idólatras, já adorando os ídolos das nações, como os mesmos idólatras. As abominações dos israelitas, que se insinuam nos vv. 33 até 38, pertencem principalmente ao tempo em que governaram os juizes; e ainda que estas não constam por menor naquele livro, não são por isso menos certas. — P. Sclo.

Mas eles o irritaram com o seu intento: E foram humilhados pelas suas maldades.

44 E olhou-os quando estavam em angústia: E ouviu a sua oração.

45 E lembrou-se do seu pacto: E se enterneceu segundo a multidão da sua misericórdia. (*Dt* 30, 1).

46 E empregou nêles as suas misericórdias à vista de todos aqueles que os haviam cativado.

47 Salva-me, Senhor nosso Deus: E congrega-nos de entre as nações:

Para que confessemos o teu santo nome: E nos gloriemos no teu louvor.

48 Bendito o Senhor Deus de Israel pelos séculos dos séculos: E dirá todo o povo: Assim seja, assim seja. (9)

SALMO 106

SALMO GRATULATÓRIO. LOUVA-SE NESTE SALMO A DEUS PORQUE LIVRA AOS HOMENS DE TODO O GÊNERO DE CALAMIDADES: ENTRE ESTAS SE CONTAM POR PRINCIPAIS O ANDAR DESENCAMINHADO, O CATIVEIRO, AS ENFERMIDADES, E AS TEMPESTADES DO MAR.

Aleluia. (*Jdt* 13, 21.) (1)

1 Louvai ao Senhor porque é bom: Porque a sua misericórdia é eterna.

(9) **ASSIM SEJA** — No hebreu se lê: Amém, aleluia. Este último versículo não pertence ao salmo, é uma adição, que se punha no fim de cada livro, porquanto aqui acaba, segundo a divisão dos hebreus, o quarto livro dos salmos.

(1) Este salmo é o primeiro do livro quinto. Não tem título. O salmista depois de nos exortar a que louvemos o Senhor (1-3) descreve a maneira como Deus pune o pecador (4-9); 2.º livra os cativos (10-16); 3.º cura os doentes (19-22); 4.º salva os naufragos (23-32); 5.º sustenta todos os homens (33-38); 6.º protege

Salmo 106, 2-12

2 Digam-no os que o Senhor tem redimido, os que tem redimido da mão do inimigo: E os que congregou dentre as nações.

3 Do Oriente, e do Poente: do Aquilão, e do mar. (2)

4 Foram errando pelo deserto sem água: Não acharam caminho de cidade onde alojar-se.

5 Padecendo fome, e sede: A sua alma nêles desfaleceu.

6 E clamaram ao Senhor quando se viam em angústia: E êle os livrou das suas necessidades.

7 E os conduziu por caminho direito: Para que fôssem à cidade de povoação.

8 Glorifiquem ao Senhor as suas misericórdias: E as maravilhas que obrou a favor dos filhos dos homens. (3)

9 Porque fartou a alma que estava vazia: E saciou de bens a alma faminta.

10 Os que moravam em trevas, e na sombra da morte: Aprisionados em mendiguez, e em ferro. (4)

11 Porque foram rebeldes às palavras de Deus: E desprezaram o conselho do Altíssimo.

12 E foi humilhado o seu coração nos trabalhos: Ficaram sem forças, e não houve quem os socorresse.

todos os fracos (39-42). O versículo 43 é a conclusão. Este salmo devia ter sido composto para a festa dos Tabernáculos depois do regresso do cativeiro. 1 Esdr 3, 4-5.

(2) **E DO MAR** — Tanto aqui como no Sl 88, 12, se deve entender por mar, o Meio-dia, pois que o mar Vermelho e o Oceano ficam ao Meio-dia da Palestina. — Pereira.

(3) **GLORIFIQUEM AO SENHOR** — A palavra *Confiteantur* ou se deve tomar em sentido passivo, em lugar de *Laudentur*, ou é *Apóstrofe*, e *Prosopopéia* poética. Conheçam os homens as suas misericórdias, confessem os seus benefícios. — S. Jerônimo.

(4) **OS QUE MORAVAM EM TREVAS E NA SOMBRA DA MORTE** — Deve suprir-se aqui o verbo *liberavit*, livrou. — Pereira.

13 E clamaram ao Senhor quando se viram em angústia: E livrou-os de suas necessidades.

14 E tirou-os das trevas, e da sombra da morte: Rompeu as suas cadeias.

15 Glorifiquem ao Senhor as suas misericórdias: E as maravilhas que obrou a favor dos filhos dos homens.

16 Porque arrombou as portas de bronze: E quebrou os ferrolhos de ferro.

17 Êle os recebeu do caminho da sua maldade: Porque pelas suas injustiças foram humilhados.

18 A alma dêles aborreceu tôda a comida: E chegaram até as portas da morte.

19 E clamaram ao Senhor quando se viram em angústia: E livrou-os de suas necessidades.

20 Enviou a sua palavra, e salvou-os: E livrou-os do que lhes era mortal.

21 Glorifiquem ao Senhor as suas misericórdias: E as maravilhas que obrou a favor dos filhos dos homens:

22 E lhe ofereçam sacrifício de louvor: E anunciem as suas obras com regozijo.

23 Os que descem ao mar em naus para fazerem as suas manobras nas muitas águas. (5)

24 Êles mesmos viram as obras do Senhor, e as suas maravilhas no profundo.

25 Disse, e levantou-se um vento de tempestade: E empolaram-se as suas ondas.

26 Sobem até aos céus, e descem até aos abismos: A sua alma com os males se consumia. (6)

(5) OS QUE DESCEM — Idiotismo hebreu, que correspondia a "os que estão sobre o mar, pois que o navio flutua sobre as águas."

(6) SOBEM, ETC. — Os que navegam, ou as ondas. — Pereira.

27 Foram turbados, e titubearam como um temulento: E todo o seu saber foi apurado. (7)

28 E clamaram ao Senhor quando se viram em angústia, e livrou-os das suas necessidades.

29 E trocou a sua tempestade em vento suave e acalmaram as ondas do mar.

30 E eles alegraram-se porque acalmou o mar: E conduziu-os ao porto que eles desejavam.

31 Glorifiquem ao Senhor as suas misericórdias e as maravilhas que obrou a favor dos filhos dos homens.

32 Exaltem-no na Congregação do Povo: E louvem-no no Consistório dos Anciãos. (8)

33 Mudou os rios em desertos: E os mananciais das águas em terra sedenta.

34 A terra frutífera em mar salgado, pela malícia dos que habitavam nela. (9)

35 Trocou o deserto em tanques de água: E a terra sem água em mananciais de água.

(7) **E TODO O SEU SABER** — Estes três versículos expressam vivamente a tempestade desta maneira: “Vê-se bem como a uma mínima insinuação do Senhor sopra impetuoso o vento, se altera e revolve o mar, se vai empolando por momentos e se acham os navegantes no meio de uma tormenta. A nau impelida pelas águas, umas vèzes se levanta até aos Céus e outras parece que se vai a precipitar nos abismos. Temem os navegantes um naufrágio inevitável, desmaiam, andam turbados de uma parte para outra, como se perdessem o tino, e sem saber que partido devem tomar naquele extremo em que se acham. — P. Scio.

(8) **DOS ANCIÃOS** — Isto é, dos magistrados ou senadores, porque eram todos velhos.

(9) **EM MAR SALGADO** — Assim sucedeu aos habitantes de Pentápolis. Gên 19. Pode também interpretar-se “em terreno estéril”, como sucede em um campo que se semeia de sal. — P. Scio.

36 E estabeleceu ali aos famintos: E fundaram cidade para povoá-la. (10)

37 E semearam os campos e plantaram vinhas: E deram fruto nativo.

38 E abençoou-os, e se multiplicaram em extremo: e não diminuiu o número dos seus animais.

39 E foram depois reduzidos a poucos: E se viram quebrantados pela força dos males, e com a dor.

40 Caiu o desprezo sobre os príncipes: E os fez andar errando fora do caminho, e por onde o não havia.

41 E aliviou o pobre da sua miséria: E multiplicou as famílias como ovelhas.

42 Vê-lo-ão os retos, e alegrar-se-ão: E toda a maldade fechará a sua boca.

43 Quem é sábio e guardará estas coisas? E compreenderá as misericórdias do Senhor?

SALMO 107

ORAÇÃO DE DAVI PARA PEDIR AO SENHOR A SUA ASSISTÊNCIA CONTRA OS SEUS INIMIGOS, DANDO GRAÇAS PELOS AUXÍLIOS QUE TEM RECEBIDO. OS PADRES RECONHECEM AQUI AS CONQUISTAS DE JESUS CRISTO SOBRE AS NAÇÕES INFIÉIS ATRAÍDAS AO SEU EVANGELHO.

1 Cântico e salmo do mesmo Davi, (*Sl* 55, 8.) (1)

2 Preparado está o meu coração, ó Deus, preparado está o meu coração, cantarei, e direi salmos na minha glória.

(10) **PARA POVOA-LA** — Povoaram a cidade de Jerusalém e também outras muitas aldeias e cidades, que edificaram para viverem ali em sociedades e formando vários corpos. — P. Scio.

(1) **CÂNTICO E SALMO** — Este salmo é composto de duas partes: uma tirada do salmo 56, desde o v. 3 até ao fim; outra do salmo 109, desde o v. 6 até ao fim. Bossuet o atribui a

Salmo 107, 3-10

3 Desperta, glória minha, desperta saltério e harpa:
Levantar-me-ei ao romper d'alva.

4 Louvar-te-ei no meio dos povos, Senhor: E te
direi salmos entre as nações.

5 Pois grande é sobre os céus a tua misericórdia e
a tua verdade se eleva até às nuvens.

6 Exalta-te, ó Deus, sobre os Céus, e resplandeça
sobre tôda a terra a tua glória:

7 Para que sejam livres os teus escolhidos.

Salva-me com a tua destra, e atende-me:

8 Deus falou no seu santo:

Regozizar-me-ei, e repartirei Siquém, e medirei o
vale das tendas.

9 Meu é Galaad, e meu é Manassés: E Efraim a
segurança da minha cabeça.

Judá meu rei:

10 Moab vaso da minha esperança. (2)

Até à Iduméia estenderei o meu calçado: Os es-
trangeiros se me têm feito amigos. (3)

Davi, seguindo a Vulgata, e advertindo que não é de admirar que o poeta sagrado o tome emprestado de si mesmo. Também julga que Davi o compusera em ação de graças pela vitória que alcançara dos assírios e idumeus. Calmet não duvida atribuí-lo aos cativos de Babilônia. — Pereira.

(2) VASO DA MINHA ESPERANÇA — Calmet interpreta desta forma: Algumas vezes deitavam sortes num vaso cheio de água, a última era a melhor. Moab é a melhor sorte que me coube. o que tirei do fundo do vaso. Outros intérpretes entendem que o salmista dá esta designação a Moab por ser uma província fértil e abundante.

(3) SE ME TÊM FEITO AMIGOS — No vers. 10 do salmo 19, se diz: "Submetidos me estão os estrangeiros, o que aqui se declara em termos mais suaves: "Os estrangeiros se me têm feito amigos." Porém o sentido é o mesmo, porque no hebreu e nos Setenta se lêem as mesmas palavras em ambos os lugares, e nisto se vê que Davi olhava para os seus súditos como amigos. — P. Scio.

11 Quem me conduzirá à cidade fortificada? Quem me conduzirá até à Iduméia?

12 Porventura não és tu, ó Deus, o que nos tens desamparado, e não sairás, ó Deus, na testa dos nossos exércitos?

13 Dá-nos socorro na tribulação: Porque é vã a salvação que se espera da parte do homem.

14 Em Deus faremos proezas: E êle reduzirá a um nada os nossos inimigos.

SALMO 108

SALMO DEPRECATÓRIO: DAVI PEDE AO SENHOR SOCORRO
CONTRA AS CALÓNIAS E PERFIDIA DE SEUS PERSEGUI-
DORES. VATICINA A PERDIÇÃO DELES.

1 Ao regente do cântico, salmo de Davi. (1)

2 O Deus, não cales o meu louvor: Porque a bôca do pecador, e a bôca do traidor se abriu contra mim.

3 Falaram contra mim com línguas aleivosas, e com palavras de ódio me cercaram: E sem causa me têm feito guerra.

4 Em vez de amar-me, diziam mal de mim: Mas eu orava.

5 E tornaram contra mim males por bens: E ódio em câmbio do amor que lhes tinha.

(1) Este salmo foi provavelmente composto durante a revolta de Absalão, e aplica-se aos inimigos de Davi, especialmente a Daégon ou Aquitofel, o mais encarniçado de todos, e figura de Judas, o traidor, a quem S. Pedro aplicou o vers. 8 At 1, 20; Jo 17, 12. Tem seis estrofes. Primeira (2-5). Mal que lhe fazem os maus, que assim pagam os benefícios recebidos. Segunda (6-8). Que Deus os castigue. Terceira (11-15). Em sua fortuna, posteridade e memória. Quarta (16-20). Por causa das suas iniquidades. Quinta (21-25). Que o Senhor tenha piedade do salmista

Salmo 108, 6-14

6 Põem sôbre êle ao pecador: E o diabo esteja à sua direita. (2)

7 Quando fôr julgado, saia condenado: E a sua oração se lhe impute a pecado.

8 Sejam abreviados os seus dias: E receba outro o seu bispado. (3)

9 Fiquem seus filhos órfãos: E sua mulher viúva.

10 Prófugos andem de um lugar para outro seus filhos, e mendiguem: E sejam lançados fora das suas habitações.

11 O usurário dê caça a todos os seus bens: E os estranhos roubem o fruto dos seus trabalhos.

12 Não tenha quem o ajude: Nem haja quem se compadeça dos seus órfãos.

13 Sejam seus filhos para extermínio: Em uma só geração fique apagado o seu nome.

14 A iniquidade de seus pais reviva na presença do Senhor ocorrendo à sua lembrança: E o pecado de sua mãe não seja apagado. (4)

aflito e doente. Sexta (26-31). Que o Senhor o livre dos seus inimigos, o que saberá agradecer.

(2) **SOBRE ÊLE** — Este singular que o salmista emprega neste versículo e nos seguintes, até ao 19 inclusive, significa cada um deles, isto é, cada um dos seus inimigos, de quem êle depois fala no plural. Entretanto, hábeis intérpretes entendem que Davi designa especialmente por este singular Doeg, o idumeu (1 Rs 21, 7) ou Aquitofel, o gibufta, um dos conselheiros de Davi, que tomou parte na conspiração de Absalão, 2 Rs 15, 12-31.

(3) **O SEU BISPADO** — No hebreu se lê um termo geral que significa ministério, officio, prefeitura, dignidade que exige inspeção. S. Pedro applicou a Judas este versículo.

(4) **A INIQUIDADE DE SEUS PAIS** — A memória dos delitos do pai irrita a cólera de Deus contra o filho delinqüente, e venha sôbre êle a sua indignação pelos excessos da mãe. — P. Scio.

15 Estejam sempre diante do Senhor, e seja riscada da terra a memória dêles. (5)

16 Porquanto se não lembrou de usar de misericórdia.

17 E perseguiu ao homem sem amparo, e ao mendigo, e ao quebrantado de coração para o entregar à morte.

18 E como amou a maldição, ela lhe virá: E como não quis a bênção ela se apartará dêle.

E vestiu-se de maldição como dum vestido, e entrou como água nas suas entranhas, e como azeite nos seus ossos.

19 Seja-lhe como o vestido, com que se cobre: E como a cinta, com que sempre se cinge.

20 Esta é diante do Senhor a obra daqueles que dizem mal de mim: E que falam males contra a minha alma.

21 E tu, Senhor, Senhor, toma à tua conta a minha defesa por amor de teu Nome: Porque suave é a tua misericórdia.

Livra-me.

22 Porque eu sou necessitado, e pobre: E o meu coração está turbado dentro de mim. (6)

23 Tenho desaparecido, como a sombra que vai caindo: E tenho sido arrojado como os gafanhotos.

24 Os meus joelhos se têm debilitado pelo jejum: E minha carne se tem mudado pelo azeite.

(5) **ESTEJAM SEMPRE DIANTE DO SENHOR** — Mant, deve subentender-se **crimina**. As maldades destes não se apartem jamais da presença do Senhor, que despertem a sua justiça contra os filhos de um pai que fechou as suas entranhas à misericórdia.

(6) **E O MEU CORAÇÃO** — O Senhor disse por S. João, 12, 27: "E agora a minha alma está turbada". — **Pereira**.

Salmo 108, 25-31; 109, 1

25 E eu tenho chegado a ser o opróbrio deles: Viram-me e menearam as suas cabeças.

26 Assiste-me, Senhor Deus meu: Salva-me segundo a tua misericórdia.

27 E saibam que isto é um golpe da tua mão: E que tu, Senhor, tens feito estas coisas.

28 Eles me amaldiçoarão, e tu me abençoarás: Confundidos sejam os que se levantam contra mim: Mas o teu servo se alegrará.

29 Vestidos sejam de afronta os que me caluniam: E fiquem cobertos da sua confusão como de uma capa dobrada.

30 Glorificarei altamente ao Senhor com a minha bôca: E no meio de muitos o louvarei.

31 Porque se pôs à direita do pobre, para salvar a minha alma dos perseguidores.

SALMO 109

SALMO PROFÉTICO; O MESSIAS ASSENTADO À DIREITA DO PADRE. O SEU REINO SOBRE TODAS AS NAÇÕES. A SUA GERAÇÃO ETERNA. ELE É SACERDOTE SEGUNDO A ORDEM DE MELQUISEDEC: JULGADOR DE TODOS OS HOMENS. O MESMO CRISTO NO EVANGELHO. MT 22, 44, ABERTAMENTE AFIRMOU QUE ERA ELE DE QUEM DAVI FALARA NESTE SALMO.

1 Salmo de Davi. (1)

(1) O que há de mais importante neste salmo é tê-lo Jesus Cristo aplicado a si mesmo. Mt 22, 41-46; Mc 12, 35-37; Lc 20, 41-44. A história não apresenta príncipe algum a quem se possa fazer a aplicação literal deste salmo; convém perfeitamente a Jesus Cristo, cujo sacerdócio é eterno e o seu reino universal. Tem três estrofes. Primeira (1-2). O versículo primeiro anuncia que Jesus Cristo será elevado à direita de seu Pai, depois da sua vitória

Disse o Senhor ao meu Senhor: Senta-te à minha mão direita: (2)

Até que ponha a teus inimigos por escabelo de teus pés. (3)

2 De Sião fará sair o Senhor o cetro do teu poder: Reina tu no meio de teus inimigos. (4)

3 Contigo está o principado no dia do teu poder entre os resplendores dos Santos: Eu te gerei do seio antes do luzeiro. (5)

decisiva sobre os seus inimigos. At 2, 34 ss. 1 Cor 15, 25; Hebr 1, 13; 10, 13. O verso prediz a universalidade do reino do Messias. Segunda (3-4). No versículo 3 mostra-nos, ainda que duma maneira obscura, Cristo gerado no seio de Deus. No 4 profetiza a abnegação do sacerdócio de Aarão, substituído pelo de Jesus Cristo, segundo a ordem de Melquisedec. Terceira (5-7). Os dois primeiros apresentam-nos Jesus Cristo triunfante dos seus inimigos, e no 7 descreve os sofrimentos pelos quais obteve a glória.

(2) **MEU SENHOR** — Davi não podia dar esta denominação a nenhum mortal, pois que não reconhecia ninguém superior a ele a não ser a Divindade; Jesus Cristo tomou para si estas palavras. Mt 22, 42-45, etc.

SENTA-TE — O Redentor está à destra do seu Eterno Pai. *Audit quasi homo, sed quasi filius*, diz a propósito S. Ambrósio. Esta expressão também é justificada pelo costume do Oriente, em que os monarcas sentavam à sua direita aquêles a quem confiavam o govêrno.

(3) **ESCAVELO DE TEUS PÉS** — Alusão a outro costume oriental. Os vencedores pisavam aos pés os vencidos, servindo-se dêles como escabelos. Num baixo-relêvo assírio de Nimrod vê-se uma dessas cenas de humilhação.

(4) **SIAO** — Segundo os profetas é Jerusalém.

O CETRO — Segundo uns intérpretes é uma alusão à cruz, segundo outros ao Evangelho.

(5) **CONTIGO ESTÁ** — Este versículo é muito obscuro e tem diversas interpretações. O hebreu tem um sentido muito diverso da Vulgata. A tradução literal dêste e do seguinte versículo é esta:

4 Jurou o Senhor, e não se arrependerá: Tu és sacerdote eternamente segundo a ordem de Melquisedec. (6)

5 O Senhor está à tua direita, quebrantou os reis no dia da sua ira.

6 Exercerá o seu juízo no meio das nações, meterá tudo em ruína: Esmigalhará as cabeças de muitos sobre a terra. (7)

7 Beberá no caminho da torrente das águas: Por cujo motivo levantará a sua cabeça. (8)

Teu povo (te oferece) espontaneamente (seus dons) no dia do teu poder.

Na magnificência do lugar santo;

Do seio da aurora

(Brota) o orvalho da tua juventude.

O P. Boulleret apresenta este sentido: *Tibi regnum indie potentiae tuae;*

In splendores sanctuari tui.

A principio ante Inciferum genui te.

NO DIA DO TEU PODER — Isto é, por toda a eternidade. S. João Crisóstomo, Teodoreto, S. Agostinho e S. Atanásio entendem que esta expressão alude ao dia do Juízo, no qual Jesus Cristo distribuiu a justiça, descendo rodeado de anjos “entre os resplendores dos Santos”.

(6) **SEGUNDO A ORDEM DE MELQUISEDEC** — Em chamar a Cristo Sacerdote segundo a ordem de Melquisedec, significa o real profeta, ser Cristo verdadeiro, e próprio Sacerdote, qual se diz que fôra Melquisedec, quando ofereceu ao Deus altíssimo pão e vinho, (Gên 14, 18) figura do que Cristo havia de consagrar em seu Corpo e Sangue, como aqui observa S. João Crisóstomo, e com ele todos os mais Padres. — Bossuet. Esta passagem em que o salmista nos apresenta o rei ao mesmo tempo sacerdote, constitui, no entender dos intérpretes, uma evidente prova do caráter messiânico deste salmo. Koenig, *Theologie der psalmen*, p. 489.

(7) **EM RUÍNA** — No original hebraico está “nos cadáveres”. Uns autores entendem este versículo assim: quebrará contra a terra a cabeça dos seus numerosos inimigos; segundo outros destruirá a cabeça, isto é, o demônio, por toda a terra.

(8) **BEBERÁ, ETC.** — A tradução mais exata seria: “Be-

SALMO 110

SALMO DE LOUVOR PELAS MARAVILHAS OBRADAS POR
DEUS A FAVOR DO SEU POVO.

Aleluia. (1)

1 Louvar-te-ei, Senhor, com todo o meu coração:
No conselho dos justos, e na congregação. (2)

2 Grandes são as obras do Senhor: Apropriadas a
tôdas as suas vontades.

3 A obra dêle é glória, e magnificência: E a sua
justiça permanece pelo século do século.

4 Deixou memória das suas maravilhas, o Senhor,
que é misericordioso e compassivo:

5 Deu sustento aos que o temem. (3)

Lembrar-se-á eternamente da sua aliança:

6 Anunciará ao seu povo a virtude das suas obras.

7 Para lhes dar a êles a herança das gentes: As
obras das suas mãos são verdade, e justiça.

8 Fieis são todos os seus mandamentos: Confir-

berá a água da torrente das tribulações, o que será o princípio da
sua glória." Vê-se bem como este salmo encerra passagens duma
obscuridade quase impenetrável. — Boulleret.

(1) Este salmo e os dois seguintes no hebreu, e os oito na
Vulgata, começam por Aleluia. Um e outro são alfabéticos, e com-
postos de 22 versículos, começando cada um no original por uma
letra do alfabeto hebraico.

(2) E NA CONGREGAÇÃO — O hebreu tem: no secreto
congresso, e congregação, ou reunião pública dos justos.

(3) DEU SUSTENTO AOS QUE O TEMEM — Bossuet o en-
tende do maná, que Deus choveu no deserto; Calmet da restituição
do povo judaico às férteis terras da sua Pátria. Isto é no sentido
histórico, porque no sentido espiritual, os Padres, uns entendem
por este sustento o pão Eucarístico, outros a palavra de Deus.
— Pereira.

Salmo 110, 9-10; 111

mados em todos os séculos, feitos em liberdade e em equidade.

9 Redenção enviou ao seu povo: Estabeleceu para sempre a sua aliança. (4)

Santo, e terrível é o nome dêle:

10 O temor do Senhor é princípio da sabedoria. (5)

E' bom entendimento o de todos os que obram como êle: O seu louvor permanece para sempre.

SALMO 111

**FELIZ O HOMEM QUE TEME VERDADEIRAMENTE A DEUS,
AINDA QUE SEJA ABORRECIDO DOS ÍMPIOS.**

Aleluia, na volta de Ageu, e de Zacarias. (1)

(4) **REDEÇÃO** — Outros lêem Redentor. Este redentor a respeito do povo cativo no Egito, foi Moisés; a respeito do povo cativo em Babilônia, foi Ciro. E ambos êstes redentores eram figuras de Jesus Cristo, que foi o que resgatou do cativeiro de Satanaz, e do pecado a todo o gênero humano. — Pereira.

(5) **O TEMOR DO SENHOR** — Pelo temor se começa a ser sábio, e a caridade é a que dá a perfeição a esta sabedoria: mas, ah! infeliz daquele que intentar romper esta aliança! porque santo e terrível é o nome do Senhor. Temam-no pois todos, que o temor de Deus é a verdadeira sabedoria. — P. Scio.

(1) **NA VOLTA DE AGEU E DE ZACARIAS** — O hebreu e os Setenta não trazem título dêste salmo, senão o Aleluia. O mais que se acrescenta é próprio do autor da Vulgata, ou de outro mais antigo, que com esta adição quis significar, ou que Ageu e Zacarias se serviram dêste salmo, repetindo-o na retirada que o povo fêz de Babilônia para Jerusalém, ou que êle fôra então composto em ação de graças a Deus pela restituição daqueles dois santos profetas. S. João Crisóstomo considera êste salmo como continuação do anterior.

1 Bem-aventurado o varão, que teme ao Senhor: Nos seus mandamentos se comprazera muito. (2)

2 Poderosa será a sua posteridade sobre a terra: Bendita será a geração dos justos.

3 Há glória, e riquezas na sua casa: E a justiça d'ele permanece por todos os séculos.

4 Nas trevas nasceu a luz aos retos: Misericordioso é, e compassivo, e justo. (3)

5 Ditoso o homem que se compadece e empresta, elle disporá os seus discursos com juízo.

6 Porque nunca jamais será comovido.

7 A memória do justo será eterna: Não temerá ouvir palavra má. (4)

O seu coração está sempre aparelhado para esperar no Senhor,

8 fortalecido está o seu coração: Não será comovido até que veja abatidos a seus inimigos.

9 Distribuiu, deu aos pobres: A sua justiça permanece por todos os séculos, o seu poder será exaltado na glória.

10 Vê-lo-á o pecador, e se indignará, rangerá com os dentes e se consumirá; o desejo dos pecadores perecerá.

(2) **SE COMPRAZERA MUITO** — Terá uma ardente vontade e desejo de cumprir perfeitamente os divinos mandamentos.

(3) **NASCEU A LUZ AOS RETOS** — A luz da sua consolação e proteção, Cristo Senhor nosso, que disse de si: "Eu sou a luz do mundo". — *Pereira.*

(4) **NÃO TEMERÁ OUVIR PALAVRA MÁ** — Por esta palavra má entendem S. Jerônimo e Santo Agostinho aquella terrível sentença no dia último: "Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno". E esta mesma interpretação adotou d'elles o nosso S. Julião, arcebispo de Toledo, no seu Prognóstico do século futuro. — *Pereira.*

SALMO 112

DEUS OLHANDO DESDE O CÉU PARA OS BONS E HUMILDES
A FIM DE OS PROTEGER E AMPARAR.

Aleluia. (1)

1 Louvai, ó meninos, ao Senhor: Louvai o nome do
Senhor. (2)

2 Seja bendito o nome do Senhor, desde agora para
sempre.

3 Desde o nascimento do sol até o seu ocaso, é
digno de louvor o nome do Senhor.

4 Excelso é o Senhor sobre tôdas as gentes, e a
sua glória é sobre os Céus.

5 Quem há como o Senhor nosso Deus, que habita
nas alturas,

6 e atende às coisas humildes no Céu e na terra?

(1) Este salmo tem analogia com o cântico de Ana, 1 Rs 2 e com o Magnificat. Começa o Hallel que os judeus recitam nas três grandes festas do ano, na festa da Dedicção e nas Neomênias. Os outros salmos do Hallel são 113, 117 e 135, o qual é especialmente chamado o grande Hallel. Este salmo é muito regular; tem três estrofes de fácil compreensão. A primeira convida a louvar a Deus; a segunda exalta a onipotência do Altíssimo. A terceira estabelece o contraste entre a Onipotência e a Bondade divina, louvando o Senhor que se-humilha para sustentar e consolar os pequenos e os fracos.

(2) LOUVAI, Ó MENINOS — O hebreu tem: "Louvai, servos do Senhor, louvai o nome do Senhor". A palavra *puerl* admite a significação de servos e de meninos: porém a maior parte dos Padres a interpreta neste último sentido, crendo que o salmo é como uma exortação aos meninos para que louvem o nome do Senhor: porque segundo Santo Agostinho: *Dominus non nisi pueri laudant*: Só os meninos é que louvam ao Senhor porque os soberbos não o sabem louvar, entendendo pelo nome de *puerl* os humildes e inocentes. O mesmo sentido está nas versões de Áquila, Symmaco e Teodociação.

7 Ele levanta da terra ao desvalido, e tira da abjeção ao pobre: (3)

8 Para o colocar com os príncipes, com os príncipes do seu povo.

9 Ele faz que habite na casa a mulher estéril, alegre de se ver mãe de filhos.

SALMO 113

SALMO HISTÓRICO. GRANDEZA DE DEUS NA LIBERDADE QUE DEU AO SEU POVO. VAIDADE DOS IDOLOS. O SENHOR E' PROTETOR DOS QUE O TEMEM.

Aleluia. (1)

1 Quando Israel saiu do Egito, a casa de Jacó do meio de um povo bárbaro: (2)

2 Consagrou Deus a Judéia ao seu serviço, e estabeleceu em Israel o seu império. (3)

(3) **E TIRA DA ABJEÇÃO AO POBRE** — Levanta do pó da terra aos humildes, como o fez com Saul, Davi, José, e com outros muitos.

(1) Este salmo resume os milagres que o Senhor operou para libertar o seu povo do jugo de Faraó. Os egípcios são designados por povo bárbaro, no sentido primitivo da palavra, antigo termo bárbaras, análogo a balbus, o que fala uma língua estrangeira. Tem quatro estrofes, e é, no original, um modelo de paralelismo sinonímico.

(2) **QUANDO ISRAEL** — E' muito provável que fôsse Davi o autor d'este salmo, e que o compôs com o destino de pôr à vista do povo a grandeza com que o Senhor o tirou do Egito, e introduziu na terra prometida para conhecer por este meio a eficácia da sua proteção. Os hebreus dividem este salmo em dois, começando o segundo pelo vers. 9 da Vulgata.

(3) **CONSAGROU DEUS A JUDÉIA AO SEU SERVIÇO** — Em conformidade do que ele tinha prometido ao mesmo povo, estando ainda no deserto, quando lhe disse por Moisés, Ex 19, 5-6:

Salmo 113, 3-8; 113 bis 1-2

3 O mar o viu, e fugiu: E o Jordão recuou para trás. (4)

4 Os montes saltaram de alegria como carneiros: E as colinas como cordeiros do rebanho.

5 Que tiveste tu, ó mar, que fugiste: E tu, Jordão, para retrocederes?

6 O' montes, que saltais de prazer como carneiros, e vós colinas como cordeiros de rebanho.

7 Comoveu-se a terra na presença do Senhor: Perante o Deus de Jacó.

8 Que converteu as pedras em tanques de águas, e o rochedo em fontes de águas. (5)

SALMO 113 BIS

1 Não a nós, Senhor, não a nós: Mas ao teu nome dá a glória. (6)

2 Para fazeres resplandecer a tua misericórdia, e

*Eritis mihi in oculum dñi cunctis populis... et in regnum sacerdotale, et gens sancta. Vós sereis a minha própria e particular herança, e em vós estaberecei eu o meu reino e o meu sacerdócio. E' de advertir que no presente lugar do salmo, onde a Vulgata diz *Facta est Judæ sanctificatio ejus*, tem S. Jerônimo com o hebreu: *Factus est Iudas in sanctificatione ejus*. De onde se vê que já no tempo da saída do povo do cativeiro do Egito, era Judas, ou a sua tribo, a que denominava toda a nação. — Pereira.*

(4) O MAR O VIU — Quando apareceu por meio do anjo na coluna de nuvem. Tudo isto são termos e imagens poéticas. — Pereira.

RECUOU PARA TRAS — Quando passaram os israelitas. Jos 3, 16. — Pereira.

(5) E O ROCHEDO — O que aconteceu no deserto para dar água ao povo sedento. Ex 15, 25. Núm 20, 8. — Pereira.

(6) NÃO A NÓS — No texto hebreu se dá aqui princípio a outro salmo; porém na versão dos Setenta, na siríaca, arábica, etiópica, e em todas as cópias da Vulgata, antes e depois da cor-

a tua verdade: Para que nunca digam as nações: Onde está o seu Deus?

3 Mas o nosso Deus está no céu: Tudo quanto quis, fêz.

4 Os ídolos das gentes não são senão prata, e ouro, obras de mãos de homens.

5 Têm boca, e não falarão: Têm olhos e não verão.

6 Têm ouvidos, e não ouvirão: Têm narizes, e não cheirarão.

7 Têm mãos, e não apalparão: Têm pés, e não andarão: Não clamarão com a sua garganta.

8 Sejam semelhantes a eles os que os fazem: E todos os que confiam nêles. (7)

9 A casa de Israel esperou no Senhor:

Ele é seu favorecedor e seu protetor. (8)

10 A casa de Aarão esperou no Senhor: Ele é seu favorecedor e seu protetor.

11 Os que temem ao Senhor, esperaram no Senhor: Ele é seu favorecedor e seu protetor.

12 O Senhor se lembrou de nós: E nos abençoou.

Abençoou a casa de Israel: Abençoou a casa de Aarão.

reção. não se reconhece senão um só salmo, e o confirma o seu contexto. E' uma oração de Israel, dirigida a Deus para obter o seu socorro.

(7) **SEJAM SEMELHANTES** — Os que forjam tais deuses semelhantes são a eles pela sua estupidez e cegueira, pois adoram as obras das suas próprias mãos e dos seus caprichos e põem vãmente nelas a sua esperança. — Pereira.

(8) **A CASA DE ISRAEL** — Pela casa de Israel se entende aqui toda a nação dos judeus; pela de Aarão todos os da linhagem sacerdotal; e pelos que temem ao Senhor e esperam nêle, todos os fiéis em geral de qualquer nação, estado e condição que sejam. Desta mesma sorte se distinguia a Igreja em dois estados: de clero e povo. — P. Scio.

Salmo 113 bis 13-18; 114, 1-4

13 Abençoou a todos os que temem ao Senhor, aos pequenos como aos grandes.

14 Acrescenta o Senhor bênção sobre vós: Sobre vós, e sobre vossos filhos.

15 Sede benditos do Senhor, que fez o céu e a terra.

16 O mais alto dos céus é para o Senhor: Mas a terra a deu aos filhos dos homens. (9)

17 Os mortos, Senhor, não te louvarão: Nem algum dos que descem ao inferno.

18 Mas nós que vivemos, bendizemos ao Senhor, desde agora e por todos os séculos.

SALMO 114

DÁ O PROFETA GRAÇAS A DEUS PELO HAVER LIVRADO DE UM PERIGO.

Aleluia. (1)

1 Amei, porque o Senhor ouvirá a voz da minha oração.

2 Porque inclinou para mim o seu ouvido: E eu o invocarei todos os dias da minha vida.

3 Dores de morte me cercaram: E perigos de inferno se apoderaram de mim.

Eu me achei em tribulação e dor:

4 E invoquei o nome do Senhor.

O' Senhor, livra a minha alma:

(9) **O MAIS ALTO DOS CÉUS** — À letra: O Céu do Céu. O Céu empíreo, ou o mais elevado dos Céus, no que se nos dá a entender a infinita distância e elevação que tem o Senhor sobre todo o criado. — P. Scio.

(1) Este e o seguinte formam no original um só. Ainda que se possam dividir, contudo percebe-se que estão íntima e estreitamente ligados, predominando o mesmo pensamento.

5 Misericordioso e justo é o Senhor, e o nosso Deus tem comiseração.

6 O Senhor é o que guarda os pequeninos: Eu fui humilhado, e ele me livrou.

7 Volta, ó alma minha, ao teu repouso: Porque o Senhor te fez bem.

8 Porque livrou da morte a minha alma: Os meus olhos das lágrimas, os meus pés da queda.

9 Agradarei ao Senhor na região dos vivos. (2)

SALMO 115

SALMO DE AÇÃO DE GRAÇAS EM QUE DAVI SE MOSTRA
AGRADECIDO AO SENHOR PELOS SEUS BENEFÍCIOS E
ESPERA COM INTEIRA CONFIANÇA VER CUMPRIDAS
TODAS AS PROMESSAS QUE LHE HAVIA FEITO O MESMO
SENHOR.

Aleluia. (1)

10 Acreditei, por isso falei: Mas eu estive na última humilhação.

11 Eu disse no meu êxtase: Todo homem é mentiroso. (2)

(2) **AGRADAREI** — O hebreu diz: “Andarei na presença do Senhor, guardando exatamente os seus divinos preceitos, como o mesmo Senhor o tem ordenado, e procurando agradar-lhe enquanto viver. — Pereira.

(1) Este salmo é a continuação do anterior; como foi dito no original não está dividido; na Vulgata segue a numeração do salmo anterior, e assim fazem as mais autorizadas edições. Glaire, ob. cit.

(2) **NO MEU ÊXTASE** — O que a Vulgata diz, in excessu meo pode admitir diversos sentidos, por causa da ambigüidade da palavra excessu. Sacy e Carrières vertem na minha fugida. Eu preferi com Calmet, “no meu êxtase,” porque assim verteram do hebreu os Setenta, com os quais concordaram depois Áquila, Teodo-

12 Que darei em retribuição ao Senhor, por todos os benefícios que me tem feito?

13 Tomarei o cálice da salvação: E invocarei o Nome do Senhor. (3)

14 Cumprirei os meus votos ao Senhor: Diante de todo o povo:

15 E' preciosa aos olhos do Senhor a morte dos seus santos. (4)

16 O' Senhor, porque sou teu servo: Eu sou teu servo, e filho da tua escrava.

Rompeste os meus laços:

17 E a ti oferecerei sacrifício de louvor, e invocarei o Nome do Senhor.

18 Cumprirei os meus votos ao Senhor à vista de todo o povo:

19 Nos átrios da casa do Senhor, no meio de ti, ó Jerusalém.

cião, e S. Jerônimo, que todos os três dizem aqui. *In stupore meo: isto é, no meu pasmo, ou no meu transporte de espírito. O mesmo preferiu Bossuet. — Pereira.*

(3) **TOMAREI O CALICE** — Alusão ao vinho que, segundo a lei mosaica, se espalhava sobre as vítimas gratulatórias. *Êx 29, 40; Núm 15, 5*, ou segundo os Padres o cálice da Paixão de Cristo. *Kimchi* dá-lhe o nome de *Poculum gratiorum actionis*, pois que, na festa da Páscoa, o terceiro dos quatro copos que os hebreus bebiam era chamado o copo da bênção ou da ação de graças.

(4) **E' PRECIOSA AOS OLHOS DO SENHOR** — Se na presença do Senhor é preciosa a morte dos seus Santos, devem para nós ser dignas de veneração as relíquias e os monumentos dos mártires de Cristo. Dêste lugar o coligem os teólogos com os Santos Padres. — *Pereira.*

SALMO 116

OS PADRES E INTÉRPRETES ENTENDEM COMUMENTE ESTE SALMO DA VOCAÇÃO DOS GENTIOS, E DA UNIÃO DE TODOS OS POVOS DA TERRA PARA FORMAR UM SÓ CORPO, QUE É O DA IGREJA.

Aleluia.

1 Louvai tôdas as gentes ao Senhor: Louvai-o todos os povos. (1)

2 Porque sôbre nós foi confirmada a sua misericórdia: E a verdade do Senhor permanece eternamente. (2)

SALMO 117

SALMO GRATULATÓRIO. ESTE SALMO PARECE SER UM DIÁLOGO, EM QUE SE CONSIDERA A DAVI DA PORTA DO TEMPLO, CONVIDANDO A TODOS A ENTRAR NELE PARA DAR A DEUS SOLENES GRAÇAS PELOS SEUS BENEFÍCIOS, E PARA OBTER A SUA BENÇÃO PARA O FUTURO.

Aleluia. (1)

1 Louvai ao Senhor, porque êle é bom: Porque a sua misericórdia se estende a todos os séculos.

(1) LOUVAI — E' claro que se não louva senão o que se conhece. O salmista convida tôdas as nações a louvarem a Deus: logo espera que tôdas o conheçam. Este raciocínio nos conduz a reconhecer com S. Paulo, Rom 15, 21, que neste salmo se contém uma manifesta profecia da conversão dos gentios.

(2) FOI CONFIRMADA — Aquela misericórdia da promessa que Deus fizera a Abraão, de que por um seu descendente, isto é, como expõe S. Paulo, Gal 3, 16, por Jesus Cristo, seriam benditas tôdas as nações. Gên 12, 3; 17, 18; 22, 18. — Pereira.

(1) ALELUIA — Alguns expositores assentam que Davi compôs este salmo para que se cantasse na festa dos Tabernáculos, e que contém um como diálogo entre Davi, o povo e os sacerdotes.

2 Diga agora Israel que o Senhor é bom: Porque a sua misericórdia se estende a todos os séculos.

3 Diga agora a casa de Aarão: Que a sua misericórdia se estende a todos os séculos.

4 Digam agora os que temem ao Senhor: Que a sua misericórdia se estende a todos os séculos. (2)

5 No meio da tribulação invoquei ao Senhor: E me atendeu o mesmo Senhor desafiando-me. (3)

6 O Senhor é o meu amparo: Não temerei o que me possa fazer o homem.

7 O Senhor é o meu amparo: E eu desprezarei aos meus inimigos.

8 Bom é confiar no Senhor, antes que esperar no homem. (4)

9 Bom é esperar no Senhor, antes que esperar nos príncipes.

10 Todas as gentes me cercaram: Mas eu tomei vingança delas em Nome do Senhor. (5)

Outros são de parecer que se cantou no ato de trasladar a Arca para o monte de Sião, e depois de haver conseguido Davi a reunião de todas as tribos debaixo do seu domínio e reino. Todos os Santos Padres aplicam este salmo a Jesus Cristo e à Igreja, o que está fundado no testemunho dos apóstolos, At 6. 11 e 1 Pdr 4. 7, e ainda do mesmo Jesus Cristo. Mt 21. 42. — P. Scio.

(2) **OS QUE TEMEM AO SENHOR** — A todos convidou Davi para que louvassem ao Senhor, porque é bom por essência, e porque nos faz bons pela comunicação da sua graça, e porque a sua misericórdia, pela qual se dignou visitar-nos, descendo do alto é objeto de eterno louvor. — Pereira.

(3) **DESAFRONTANDO-ME** — Tirando-me o Senhor da angústia, e do aperto, para a liberdade.

(4) **BOM É CONFIAR** — Isto é um idiotismo hebraico em lugar de melhor est, melhor é, ou mais vale. — P. Scio.

(5) **TODAS AS GENTES** — Os povos vizinhos da Palestina, os idumeus, os moabitas, os amonitas, os sírios, e os filisteus que

11 Pondo-se à roda de mim me cercaram: E eu tomei vingança dêles em Nome do Senhor.

12 Cercaram-me como abelhas, e se incendiaram como fogo em espinhos: E eu tomei vingança dêles em Nome do Senhor. (6)

13 Tendo sido impedido fui transtornado para cair: Mas o Senhor me susteve.

14 O Senhor é a minha fortaleza, e o meu louvor: E se tornou para mim em salvação. (7)

15 Voz de júbilo e de salvação soam nas tendas dos justos.

16 A destra do Senhor fêz proezas: A destra do Senhor me exaltou, a destra do Senhor fêz proezas.

17 Não morrerei mas viverei: E referirei as obras do Senhor.

18 O Senhor me deu castigo severo: Mas não me entregou à morte.

19 Abri-me as portas da justiça: Depois de entrar por elas, louvarei ao Senhor:

20 Esta é a porta do Senhor, os justos entrarão por ela:

21 A ti te louvarei porque me ouviste: E te tornaste para mim em salvação.

o atacaram por todos os lados, e com particularidade no principio do seu reinado. — *Pereira.*

(6) **E SE INCENDIARAM** — Como em um enxame de irritadas abelhas, e ardendo em implacável ira, como o fogo quando se ceva nos espinhos, me tinham tomado todos os passos com desejo de me dar fim à minha vida: voltei-me outra vez ao meu Deus, invoquei-o de novo, e num instante me vi livre de todos os seus esforços. — *Pereira.*

(7) **E SE TORNOU PARA MIM** — Ele foi só o que me salvou, e vingou de todos os meus inimigos, e a ele só lhe devo a honra e a glória de tôdas as minhas vitórias. Este versículo é tomado do Cântico de Moisés. Ex 15, 2. — *Pereira.*

Salmo 117, 22-27

22 A pedra, que desprezaram os edificadores: Foi posta por cabeça do ângulo. (8)

23 Pelo Senhor foi feito isto: E é coisa admirável nos nossos olhos.

24 Este é o dia que fez o Senhor: Regozijemo-nos, e alegremo-nos nêle.

25 O' Senhor salva-me, ó Senhor, faze que tenha prosperidade: (9)

26 Bendito o que vem em Nome do Senhor.

Nós vos bendizemos a vós que sois da casa do Senhor:

27 O Senhor é Deus, e nos manifestou a sua luz.

Estabelecei dia solene com ramos frondosos, até ao ângulo do altar.

(8) **A PEDRA, QUE DESPREZARAM OS EDIFICADORES** — Dado que este dito, ou provérbio se possa entender de Davi, que depois de reprovado por Saul, e por tôdas as doze tribos, à exceção da de Judá, veio por último a ser o Príncipe de tôdas: Jesus Cristo applicando-o a si no Evangelho, Mt 21, 42, claramente nos ensina que o que se dissera de Davi fôra em figura do mesmo Jesus Cristo, que sendo desprezado dos judeus, e dos gentios, veio por fim a ser a pedra angular, que uniu num mesmo edificio, que é a Igreja, os mesmos dois povos, judaico e gentílico. Cfr. Mc 12, 10; Lc 20, 17; Ef 2, 20; 1 Pent 2, 6-7.

(9) **Ó SENHOR, FAZE QUE TENHA PROSPERIDADE** — Nem o hebreu, nem os Setenta, nem a Vulgata exprimem o sujeito para quem se pede a prosperidade. Sacy e de Carrières a referem para o Cristo do Senhor, vertendo assim: O' Senhor, "faze próspero o Reino do teu Cristo." Calmet para os mesmos aclamadores, verte assim. "O' Senhor, dá-nos um feliz successo". O certo é que dêste lugar é que o povo judaico tomou as festivas aclamações, com que ao entrar Jesus Cristo em Jerusalém, dizia a gritos: Hosanna filio David: benedictus qui venit in nomine Domine. (Mt 21, 9.) Hosana ao filho de Davi, bendito o que vem em Nome do Senhor. "Hosana" quer dizer "Salvação e glória". E com effeito o hebreu traz aqui "Hosana" onde o autor da Vulgata pôs *salvum me fac, salva-me.* — Pereira.

28 Tu és o meu Deus, e a ti te louvarei: Tu és o meu Deus, e a ti te exaltarei.

A ti te louvarei, porque me atendeste: E te tornaste para mim em salvação.

29 Louvai ao Senhor porque é bom: Porque a sua misericórdia é para sempre.

SALMO 118

SALMO DIDÁTICO E DEPRECATÓRIO. ORAÇÃO PARA PEDIR A DEUS A GRAÇA DE ENTENDÊ-LA, AMÁ-LA E OBSERVÁ-LA.

Aleluia. (1)

(1) Este salmo é o mais extenso de toda a coleção, e a Igreja repete-o cotidianamente, dividido pelas horas menores. É acróstico ou alfabético, compreendendo cada letra do alfabeto hebraico oito versículos. S. Ambrósio diz que o salmista seguiu a ordem alfabética para nos ensinar que este salmo é o alfabeto dos cristãos, porque aí estão indicados todos os nossos deveres. Este salmo não tem título nem nome de autor; a opinião geral, partindo do princípio que os salmos anônimos têm por autor ou Davi ou o poeta indicado no salmo mais próximo, atribui-o àquele. A análise do salmo fornece-nos indicações sobre a personalidade do autor. Chama-se ele mesmo "mancebo" nahar, termo que indica os vinte anos, mas que se pode aplicar ainda aos de mais idade (vv. 9. 99. 100). Também se denomina "pequeno" tsahir, adolescentulus (v. 141), mas provavelmente por humildade. Queixa-se de sofrimentos que lhe torturam o corpo e afligem a alma. 25. 28. 50. 83. 107. 153. Vive no exílio, 19. 54. 176; é prisioneiro, 61, que a vida corre grande perigo, 109. Os ímpios escarnecem-no e o maltratam, 51. 78. 85. 87. 95. 110. 157, por causa da sua fidelidade a Deus, 22. 39. 42. 141. Tudo isto se pode aplicar ao rei salmista. Alguns críticos porém atribuem-no a Esdras. O assunto do salmo, do princípio ao fim, é o elogio da lei de Deus. Em cada versículo se lhe faz uma alusão, sob dez denominações diferentes, talvez para designar, segundo os rabinos, os preceitos do decálogo. Estes termos

ALEF (2)

1 Bem-aventurados os que se conservam sem mácula no caminho: Os que andam na lei do Senhor.

2 Bem-aventurados os que consideram os seus testemunhos: Os que de todo o coração o buscam.

3 Porque os que praticam iniquidade, não andam nos caminhos dêle.

4 Tu ordenaste que os teus mandamentos fôsem guardados à risca.

5 Oxalá que os meus caminhos sejam dirigidos ao cumprimento das tuas justificações. (3)

são 1.º *thorah*, a lei; 2.º *hedoth*, os testemunhos; 3.º *piqqoudim*, as ordens; 4.º *choqqim*, os preceitos; 5.º *mitsoth*, os mandamentos; 6.º *mischpatim*, as sentenças; 7.º *derek*, o caminho; 8.º *oruch*, o atalho; 9.º *dabar*, a palavra; 10.º *emer*, o discurso. A seqüência dos pensamentos é esta: Louva a palavra do Senhor (*aleph*) e proclama a grandeza da sua santidade, que aperfeiçoa o homem que a estuda com cuidado, (*beth*) pede, no meio dos inimigos que o perseguem, a graça de bem conhecer, (*ghimel*) da perseverança (*he*) e da força para confessar a fé com júbilo e entusiasmo (*vau*); a palavra de Deus é o objeto dos seus afetos (*zain*); está junto dos que têm temor de Deus (*kheth*); reconhece que a sua humilhação é salutar (*teth*); mas tem necessidade de consolação (*yod*) e pergunta quando será livre? (*caph*). Sem a palavra onipotente de Deus perde a coragem (*lamed*); dá-lhe a sabedoria e a prudência (*mem*); êle jurou fidelidade e guardou o seu juramento, apesar da perseguição (*nun*); aborrece os apóstatas (*samech*). Está oprimido mas Deus não o deixará perecer (*ain*) nem permitirá que os esforços dos ímpios o vençam (*phé*) a êle que é pequeno e desprezado, mas que zela dos interesses de Deus (*tsadé*). Possa o Senhor escutar os lamentos que êle lhe dirige dia e noite (*coph*), consolá-lo pela sua bondade (*resh*), êle que perseguido confia em Deus (*schin*) e salvá-lo, pobre ovelha errante e em grande perigo (*thau*). Delitzsch, *Die Psalmen*, 1874, t. II, p. 241, 242.

(2) **ALEF** — E' a primeira letra do alfabeto hebraico.

(3) **OXALÁ QUE OS MEUS CAMINHOS** — O hebreu diz:

6 Então não serei confundido, quando me empregar atento na observância de todos os teus mandamentos.

7 Eu te louvarei com retidão de coração: Porque tenho aprendido os juízos da tua justiça.

8 Guardarei as tuas justificações: Não me desampares jamais. (4)

BETH (5)

9 De que modo emenda o mancebo o seu caminho? Guardando as tuas palavras.

10 De todo o meu coração te busquei: Não me deixes sair dos teus mandamentos.

11 No meu coração escondi as tuas palavras: Para não pecar contra ti.

12 Bendito és, Senhor: Ensina-me as tuas justificações.

13 Com os meus lábios pronunciei todos os juízos da tua boca.

14 Eu me deleitei no caminho de teus testemunhos, como em tôdas as riquezas.

15 Nos teus mandamentos me exercitarei: E considerarei os teus caminhos.

16 Nas tuas justificações meditarei: Não me esquecerei das tuas palavras.

“sejam firmados”, assegurados. Quer dizer: Mas para isto é necessário que sejas tu mesmo o que encaminhes os meus passos, para que não ponha o pé onde, escorregando, me precipite. — P. Scio.

(4) **NÃO ME DESAMPARES JAMAIS** — Dai-me sempre a graça para cumprir com retidão os teus santos decretos, com o que assegurarei a tua proteção para poder resistir à minha natural fraqueza. Non me plane deseras. — Teodoreto.

(5) **BETH** — **E'** a segunda letra do alfabeto hebraico.

GHIMEL (6)

17 Concede esta graça ao teu servo, dá-me vida:
E eu guardarei as tuas palavras.

18 Tira o véu dos meus olhos: E eu considerarei
as maravilhas da tua lei.

19 Eu sou peregrino na terra: Não escondas de
mim os teus mandamentos.

20 A minha alma desejou ansiosa em todo o tem-
po as tuas justificações.

21 Increpaste os soberbos: Malditos os que se apar-
tam dos teus mandamentos. (7)

22 Livra-me do opróbrio, e desprêzo: Porque bus-
quei cuidadoso os teus mandamentos.

23 Pôsto que se sentaram os príncipes, e falavam
contra mim: O teu servo todavia se exercitava nas tuas
justificações.

24 Porque tanto os seus testemunhos são a minha
meditação: Como as tuas justificações são o meu con-
selho.

DALETH (8)

25 A minha alma estêve pegada com o chão, dá-me
vida, segundo a tua palavra. (9)

(6) **GHIMEL** — E' a quinta letra do alfabeto hebraico.

(7) **INCREPASTE OS SOBERBOS** — O hebreu faz êste sen-
tido: "Increpaste aos soberbos malditos, que se desviam dos teus
mandamentos. — Pereira.

(8) **DALETH** — E' a quarta letra do alfabeto hebraico.

(9) **A MINHA ALMA ESTEVE PEGADA COM O CHÃO** —
Quer dizer: Vejo-me lânguido e sem alento, estive próximo à
morte, e à sepultura, por alguma enfermidade, ou talvez pela afli-
ção e angústia que padecia na sua alma. Outros o explicam de
tédio que sentia, e para se lançar fora de si se levantava a cantar

26 Eu te expus os meus caminhos, e tu me atendeste: Ensina-me as tuas justificações.

27 Instrui-me no caminho das tuas justificações: E exercitar-me-ei nas tuas maravilhas.

28 A minha alma adormeceu de tédio: Fortifica-me com as tuas palavras.

29 Aparta de mim o caminho da iniquidade: E tem misericórdia de mim segundo a tua lei. (10)

30 Eu escolhi o caminho da verdade: Não me esqueci dos teus juízos.

31 Eu, Senhor, me tenho apoiado nos teus testemunhos: Não me queiras confundir.

32 Corri pelo caminho dos teus mandamentos, quando dilataste o meu coração. (11)

HE (12)

33 Impõe-me por lei, Senhor, o caminho das tuas justificações: E buscá-lo-ei sempre.

34 Dá-me inteligência, e estudarei na tua lei: E a guardarei de todo o meu coração.

35 Guia-me pela vereda dos teus mandamentos: Porque essa mesma desejei.

36 Inclina o meu coração para os teus testemunhos: E não para a avareza.

salmos e louvores ao Senhor. E esta exposição é conforme ao que depois se diz no v. 28. — **Pereira.**

(10) **SEGUNDO A TUA LEI** — Faze-me digno da tua misericórdia que tens prometido aos que com fidelidade te servem e obedecem. — **Pereira.**

(11) **QUANDO DILATASTE** — Quando dilatas este apertado coração, “e o confortas com o espírito da santa dileção; então é quando corro com alegria e velocidade pelo caminho dos teus mandamentos”. — **Santo Agostinho.**

(12) **HE** — E’ a quinta letra do alfabeto hebraico.

37 Aparta os meus olhos para que não vejam a vaidade: No teu caminho dá-me a vida.

38 Faze firme ao teu servo a tua palavra mediante o teu temor.

39 Aparta de mim o opróbrio, que eu temi: Porque os teus juízos são agradáveis.

40 Tu vês que eu desejei muito os teus mandamentos: Faze que eu viva na tua justiça.

VAU (13)

41 E venha sôbre mim a tua misericórdia, Senhor: A tua salvação segundo a tua palavra.

42 E darei em resposta aos que me insultam: Que pus a minha esperança nas tuas palavras.

43 E não tires jamais da minha bôca a palavra de verdade: Porque nos teus juízos tenho esperado muito.

44 E guardarei sempre a tua lei: Por séculos e por séculos de séculos.

45 Caminhava ao largo: Porque busquei cuidadosamente os teus mandamentos.

46 E falava dos teus testemunhos diante dos reis: E não me envergonhava.

47 E meditava nos teus mandamentos, que amei.

48 E levantei as minhas mãos aos teus mandamentos, que amei: E me exercitava nas tuas justificações.

ZAIN (14)

49 Lembra-te da tua palavra a favor do teu servo, na qual me tens feito esperar. (15)

(13) **VAU** — Sexta letra do alfabeto hebraico.

(14) **ZAIN** — Sétima letra do alfabeto hebraico.

(15) **LEMBRA-TE DA TUA PALAVRA** — Lembra-te da tua

50 Isto me consolou no meu abatimento: Porque a tua palavra me deu vida. (16)

51 Os soberbos obravam sem cessar iniquamente: Mas eu não me aparteí da tua lei. (17)

52 Eu me lembrei dos juízos que exercestes em todos os séculos, Senhor: E me consolei.

53 E desfaleci, vendo aos pecadores que deixavam a tua lei.

54 As tuas justificações eram dignas de ser cantadas por mim, no lugar da minha peregrinação.

55 Lembrei-me do teu Nome, Senhor, durante a noite: E guardei a tua lei.

56 Isto me veio: Porque busquei cuidadoso as tuas justificações.

HETH (18)

57 Eu disse, Senhor, a minha pertença é guardar a tua lei.

58 Roguei na tua presença de todo o meu coração: Compadece-te de mim segundo a tua palavra.

59 Considerei os meus caminhos: E voltei os meus pés para os teus testemunhos. (19)

promessa, sobre que está fundada toda a minha esperança. A promessa da salvação que deste a todos os que amam os teus mandamentos. — S. João Crisóstomo.

(16) **ISTO ME CONSOLOU** — Idiotismo dos hebreus, que carecem do género neutro, e em seu lugar usam do feminino, e o mesmo no v. 56. — P. Scio.

(17) **OS SOBERBOS** — O hebreu lê: "Os soberbos me insultaram extremamente." — P. Scio.

(18) **HETH** — Oitava letra.

(19) **CONSIDEREI** — Os Setenta lêem: Considerai os teus caminhos. Examinei cuidadosamente todos os meus passos, e toda a minha fadiga encaminhei a guardar a tua santa lei. — P. Scio.

60 Pronto estou, e em nada me tenho perturbado:
Para guardar os teus mandamentos.

61 Laços de pecadores me cingiram por tôdas as
partes: E eu me não esqueci da tua lei.

62 À meia-noite me levantava para te louvar, sôbre
os juízos da tua justificação.

63 Eu sou participante de todos os que te temem:
E dos que guardam os teus mandamentos. (20)

64 A terra está cheia, Senhor, da tua misericórdia:
Ensina-me as tuas justificações.

TETH (21)

65 De bondade tens usado com o teu servo, Senhor,
segundo a tua palavra.

66 Ensina-me bondade, e doutrina, e ciência: Porque
dei crédito aos teus mandamentos. (22)

67 Antes de ser humilhado eu delinqüi: Por isso
guardei a tua palavra. (23)

68 Tu és bom: E segundo tua bondade ensina-me
as tuas justificações.

69 A iniquidade dos soberbos se multiplicou sôbre

(20) **EU SOU PARTICIPANTE** — Estou em comunhão com
todos aquêles que te temem. Onde se acha expresso o artigo da
nossa Fé sôbre a comunhão ou comunicação dos Santos. — *Pereira.*

(21) **TETH** — Nona letra.

(22) **A DOCTRINA** — Isto é, prudência, a sabedoria para
que possa evitar sempre o mal e praticar o bem. No hebreu está
“a bondade da sabedoria”, isto é, a sabedoria perfeita.

- (23) **ANTES DE SER HUMILHADO** — O hebreu diz: “An-
tes que fôsse humilhado,” quebrantado, afligido, errava; mas agora
guardo a tua palavra. Eu pequei, e faltei antes que a tua miseri-
córdiosa mão me humilhasse, e esta paternal correção me serviu
para que velasse sôbre a observância exata da tua santíssima lei.
— *Pereira.*

mim: Mas eu de todo o meu coração estudarei os teus mandamentos.

70 O coração dêles se coalhou como leite: Porém eu me pus a meditar na tua lei. (24)

71 Para mim foi-me bom que tu me humilhasses: Para eu aprender as tuas justificações.

72 Para mim foi melhor a lei que saiu da tua bôca, do que milhões de ouro e de prata.

IOD (25)

73 As tuas mãos me fizeram, e me formaram: Dá-me inteligência, e eu aprenderei os teus mandamentos.

74 Os que te temem me verão, e se alegrarão: Porque pus tôda a minha esperança nas tuas palavras.

75 Tenho conhecido, Senhor, que os teus juízos são de equidade: E na verdade me humilhaste.

76 Seja a tua misericórdia para consolar-me, segundo a palavra que deste a teu servo.

77 Venham a mim as tuas misericórdias, e viverei: Porque a tua lei é a minha meditação.

78 Sejam confundidos os soberbos, pois injustamente maquinaram males contra mim: Mas eu nos teus mandamentos me exercitarei.

79 Voltem-se para mim os que te temem: E os que conhecem os teus testemunhos.

80 Seja imaculado o meu coração na prática das tuas justificações, para que eu não seja confundido. (26)

(24) O CORAÇÃO DELES SE COALHOU — O hebreu diz: "Engrossou-se o seu coração como a gordura por causa das comodidades que de ti têm recebido, das quais de tal maneira têm abusado, que se têm tornado como néscios, e insensatos. Jó 15, 27. Salom 16, 10; 77, 7. — P. Scio.

(25) IOD — Décima letra.

(26) DAS TUAS JUSTIFICAÇÕES — Para que eu as cum-

CAPH (27)

81 Desfaleceu a minha alma pela tua salvação: E na tua palavra tenho pôsto tôda a minha esperança.

82 Os meus olhos se enfraqueceram de atentos à tua palavra, dizendo: Quando me consolarás?

83 Porque eu me tornei como ôdre exposto à geada: Mas não me esqueci das tuas justificações. (28)

84 Quantos são os dias de teu servo? Quando farás juízo dos que me perseguem?

85 Contaram-me os ímpios coisas frívolas: Mas não como tua lei. (29)

86 Todos os teus mandamentos são verdade: Injustamente me têm perseguido, dá-me socorro.

87 Por pouco não deram cabo de mim na terra: Mas eu não abandonei os teus mandamentos.

88 Segundo a tua misericórdia vivifica-me: E eu guardarei os testemunhos da tua bôca.

LAMED (30)

89 Senhor, para sempre no céu permanece a tua palavra.

pra com a maior fidelidade e perfeição, e com inocência e retidão de coração; para que não tenha a desgraça de ser confundido, e arrancado da tua presença. — *Pereira.*

(27) CAPH — E' a undécima.

(28) COMO ODRE EXPOSTO A GEADA — O hebreu lê: "Como couro ao fumo," que se seca e se enruga, minha alma se acha árida e fria, como uma pele que se enruga e endurece exposta ao gelo: Mas nem por isso deixo de ser fiel e constante na tua lei. — *P. Scio.*

(29) CONTARAM-ME — O hebreu diz: "Os soberbos me têm cavado covas", e armado insídias como caçadores.

(30) LAMED — Duodécima letra.

90 Por geração e geração subsiste a tua verdade: Tu fundaste a terra, e ela permanece.

91 Por tua ordem persevera o dia: Porque tôdas as coisas te servem. (31)

92 Se a tua lei não houvera sido a minha meditação: Então decerto houvera eu perecido na minha aflição.

93 Nunca jamais me esquecerei das tuas justificações: Porque nela me vivificaste.

94 Eu sou teu, salva-me: Porque as tuas justificações busquei ansioso.

95 Os pecadores me esperaram para me perder: Os teus testemunhos tenho entendido.

96 Tenho visto o fim de tôda a coisa acabada: O teu mandamento é largo sem medida.

MEM (32)

97 De que modo tenho eu, Senhor, amado a tua lei? ela é a minha meditação todo o dia.

98 Mais que os meus inimigos me fizeste prudente no teu mandamento: Porque o tenho perpétuamente diante de meus olhos.

99 Mais que todos os que me ensinavam tenho entendido: Porque os teus testemunhos são a minha meditação.

100 Mais que os anciãos entendi: Porque busquei os teus mandamentos.

101 De todo o mau caminho retirei os meus pés: Para guardar as tuas palavras.

(31) **PERSEVERA O DIA** — No hebreu se continua a mesma imagem: A teus juízos, à tua ordenação, ou mando, perseveraram até hoje o Céu e a terra: Porque tôdas as coisas, como criaturas tuas, te servem e te obedecem. — *Pereira.*

(32) **MEM** — Décima terceira.

102 De teus juízos não me tenho apartado: Porque tu me prescreveste uma lei.

103 Quão doces são as tuas palavras ao meu paladar, mais que o mel à minha bôca!

104 Pelos teus mandamentos tenho adquirido inteligência: Por isso aborreço todo o caminho de iniquidade.

NUN (33)

105 Tocha resplandecente para os meus pés é a tua palavra, e luz para os meus caminhos. (34)

106 Jurei, e determinei guardar os juízos da tua justiça.

107 Tenho sido humilhado, Senhor, de todos os modos: Faze-me viver segundo a tua palavra.

108 Faze, Senhor que te seja agradável a homenagem voluntária da minha bôca: E ensina-me os teus juízos.

109 A minha alma está sempre nas minhas mãos: E não me esqueci da tua lei.

110 Laço me têm armado os pecadores: E dos teus mandamentos não me aparte.

111 Por herança tenho adquirido os teus testemunhos para sempre: Porque são a alegria do meu coração.

112 Inclinei o meu coração a praticar eternamente as tuas justificações, pela retribuição. (35)

(33) NUN — Décima quarta.

(34) LUZ — Vossa palavra, isto é, a vossa lei, é como a luz que me ilumina, e esclarece o caminho por onde devo seguir.

(35) PELA RETRIBUIÇÃO — S. Jerônimo ajunta o in æternum com o retributionem deste modo: "por causa da eterna recompensa." O hebreu diz: "inclinei o meu coração a seguir os teus estatutos para sempre." A minha enfermidade necessita de que a alentes com a esperança do prêmio: mas eu somente desejo ser-

SAMECH (36)

113 Tenho aborrecido aos iníquos: E tenho amado a tua lei.

114 Tu és o meu favorecedor, e o meu amparador: E tenho pôsto tôda a minha esperança na tua palavra. (37)

115 Retirai-vos de mim, malignos: E eu estudarei os mandamentos do meu Deus.

116 Ampara-me segundo a tua palavra e viverei; E não permitas que eu seja confundido no que espero.

117 Favorece-me, e serei salvo: E meditarei sempre nas tuas justificações.

118 Desprezaste a todos os que se desviam dos teus juízos: Porque é injusto o seu pensamento.

119 Reputei por prevaricadores a todos os pecadores da terra: Por isso amei os teus testemunhos.

120 Traspassa com o teu temor as minhas carnes: Porque tenho temido os teus juízos.

AIN (38)

121 Tenho feito juízo e justiça: Não me entregues aos que me caluniam. (39)

vir-te, e amar-te por ti mesmo, e sem outro prêmio. Este galardão não é outro que o mesmo Deus, ou a possessão de Deus, conforme aquilo que disse Deus a Abraão: *Ego protector tuus sum, et merces tua magna nimis.* Gên 15, 1. — *Pereira.*

(36) *SAMECH* — Décima quinta letra.

(37) *O MEU FAVORECEDOR* — O hebreu diz: "O meu escondedouro, e o meu escudo és tu." Favorecedor para fazer-nos o bem; amparador para livrar-nos do mal. — *Santo Agostinho.*

(38) *AIN* — Décima sexta.

(39) *AOS QUE ME CALUNIAM* — O hebreu diz: *Aos meus opressores.*

Salmo 118, 122-133

122 Ampara o teu servo para o bem: Não caluniem os soberbos.

123 Os meus olhos desfaleceram na expectação da sua salvação; E pela palavra da tua justiça.

124 Obra com teu servo segundo a tua misericórdia: E ensina-me as tuas justificações.

125 Eu sou teu servo: Dá-me inteligência, para que saiba os teus testemunhos.

126 E' tempo de assim o fazeres, Senhor: Êles dissiparam a tua lei.

127 Por isso amei os teus mandamentos mais do que o ouro e o topázio. (40)

128 Pelo que me tenho dirigido a todos os teus mandamentos: E aborreci todo o caminho mau.

PHE (41)

129 Maravilhosos são teus testemunhos: Por isso os tem investigado a minha alma.

130 A exposição das tuas palavras alumia: E dá inteligência aos pequeninos.

131 Abri a minha bôca, e atraí o ar. Porque desejava os teus mandamentos. (42)

132 Olha para mim, e compadece-te de mim, segundo o juízo que usas com os que amam o teu nome.

133 Encaminha os meus passos segundo a tua palavra: E não me predomine iniquidade alguma.

(40) **TOPAZIO** — No hebreu está "ouro purificado".

(41) Décima sexta.

(42) **E ATRAÍ** — Pode também expor-se: "abri a minha bôca, como para tomar alento, e poder respirar," tomando-o dos que fatigados e sedentos correm velozes em busca de alguma fonte para refrigerar a sede, significando-se nisto o grande zêlo que tinha pela lei de Deus. — **Pereira**.

134 Redime-me das injúrias dos homens: Para que guarde os teus mandamentos.

135 Faze que a luz do teu rosto reluza sôbre o teu servo: E ensina-me as tuas justificações.

136 Rios de lágrimas derramaram os meus olhos: Porque não guardaram a tua lei. (43)

TSADE (44)

137 Tu és justo, Senhor: E é reto o teu juízo.

138 Mandaste estreitamente observar os teus preceitos: Como a tua suma verdade.

139 O meu zêlo me tem feito entisicar: Porque os meus inimigos se esqueceram das tuas palavras.

140 A tua palavra é ardente em grande maneira: E o teu servo a tem amado.

141 Eu sou mancebino, e desprezível: Não estou esquecido das tuas justificações.

142 A tua justiça é justiça eterna: E a tua lei é a mesma verdade.

143 A tribulação, e a angústia me surpreenderam: Os teus mandamentos são a minha meditação.

144 Os teus testemunhos são cheios duma eterna equidade: Dá-me inteligência dêles, e viverei.

(43) **RIOS DE LAGRIMAS** — Isto diz renovando a dor da penitência da sua prevaricação. — Santo Agostinho.

PORQUE NÃO GUARDARAM — Pode também interpretar-se: "Porque a tua lei não é observada;" entendendo-se os ímpios. — Pereira.

(44) **TSADE** — Décima sétima.

COPH (45)

145 Clamei de todo o meu coração, ouve-me, Senhor, as tuas justificações buscarei.

146 Clamei a ti, salva-me: Para que guarde os teus mandamentos.

147 Eu me antecipei pela manhã, e clamei: Porque esperei firmemente nas tuas palavras.

148 Os meus olhos se adiantaram para ti de madrugada: Para meditar as tuas palavras.

149 Ouve a minha voz segundo a tua misericórdia, Senhor: E dá-me vida segundo o teu juízo.

150 Os meus perseguidores se chegaram para a iniquidade: E da tua lei se desviaram.

151 Perto estás tu, Senhor: E todos os teus caminhos são verdade.

152 Acerca dos teus testemunhos desde o princípio tenho reconhecido: Que tu os estabeleceste para sempre. (46)

RES (47)

153 Olha para o meu abatimento, e livra-me: Porque não me tenho esquecido da tua lei.

154 Julga a minha causa, e liberta-me: Faze-me viver pela tua palavra.

155 Longe está dos pecadores a salvação: Porque não têm buscado as tuas justificações.

156 Muitas são, Senhor, as tuas misericórdias: Dá-me vida, segundo o teu juízo.

(45) *COPH* — Décima oitava.

(46) **DESDE O PRINCÍPIO** — Pode também traduzir-se: Desde os meus primeiros anos. — *Pereira*.

(47) *RES* — Décima nona.

157 Muitos são os que me perseguem, e me atribuíam: Entretanto eu não me desviei dos teus testemunhos.

158 Vi os prevaricadores, e me consumia: Porque eles não têm guardado as tuas palavras.

159 Olha que tenho amado os teus mandamentos, Senhor: Dá-me vida pela tua misericórdia.

160 O princípio das tuas palavras é a verdade: Todos os juízos da tua justiça são eternos.

SIN (48)

161 Os príncipes me perseguíram sem causa: E o meu coração temeu as tuas palavras.

162 Eu me alegrarei sobre as tuas palavras: Como quem acha muitos despojos.

163 Tenho aborrecido e abominado a iniquidade: tenho porém amado a tua lei.

164 Sete vezes no dia te disse louvor, sobre os juízos da tua justiça. (49)

165 Gozam muita paz os que amam a tua lei: E não há para eles tropeço.

166 Esperava a tua salvação, Senhor: E amei os teus mandamentos. (50)

(48) SIN — Vigésima.

(49) SETE VEZES — Ainda que o número de sete vezes na frase da Escritura significa comumente um número indeterminado, isto não obstante parece que a Igreja tomou dêste lugar o santo costume de orar a Deus, e louvá-lo sete vezes no dia, nas suas sete horas Canônicas, em que está distribuído o ofício eclesiástico de cada dia: assim como pode ser que tomasse o uso de cantar as matinas à meia-noite daquele outro lugar em que o profeta diz “que se levantava à meia-noite para louvar a Deus”. — P. Scio.

(50) ESPERAVA — Que lhes houvera aproveitado aos justos antigos o haver amado os mandamentos de Deus, se Cristo, que

167 A minha alma guardou os teus testemunhos:
E em grande maneira os amou.

168 Guardei os teus preceitos, e os teus testemunhos: Porque todos os meus caminhos estão expostos aos teus olhos.

TAU (51)

169 Cheguem, Senhor, os meus rogos à tua presença: Dá-me entendimento segundo a tua palavra.

170 Entre a minha petição até ao teu acatamento: Livra-me segundo a tua palavra.

171 Sairão dos meus lábios com grande ímpeto hinos, quando me ensinares as tuas justificações.

172 Anunciará a minha língua a tua palavra: Porque todos os teus mandamentos são equidade.

173 Estende a tua mão para salvar-me: Porque elegi os teus mandamentos.

174 Tenho desejado, Senhor, a tua salvação: E a tua lei é a minha meditação.

175 Viverá a minha alma, e te louvará: E os teus juízos serão o meu apoio.

176 Andei errante, como ovelha, que se desgarrou: Busca o teu servo, porque não me esqueci dos teus mandamentos. (52)

é o Salvador, ou a Salvação de Deus, os não houvera livrado? — Santo Agostinho.

(51) TAU — E' a letra final.

(52) COMO OVELHA QUE SE DESGARROU — Alguns explicam isto da vida errante que seguia para se livrar da perseguição de Saul; porém os Padres comumente entendem ser uma confissão que Davi faz dos seus próprios desvarios. — Sacy.

BUSCA O TEU SERVO — Roga por fim o profeta ao Senhor que envie aquêle bom pastor, que havia de ir ansioso em busca da ovelha perdida, e achada a havia de conduzir sobre seus ombros

SALMO 119

SALMO DEPRECATÓRIO. RECONHECE O SOCORRO DISPENSADO POR DEUS, A QUEM ROGA O LIVRE DAS FRAUDES, CALÓNIAS e CRUELDADES DE SEUS INIMIGOS.

1 Cântico gradual. (1)

Quando me via atribulado clamei ao Senhor: E ele me atendeu.

2 Senhor, livra a minha alma de lábios iníquos, e de língua enganadora.

3 Que te será dado, ou que te será acrescentado pela tua língua enganadora? (2)

ao redil, e havia de celebrar com festa o achado. Lc 15. — Teodoro.

(1) **CÂNTICO GRADUAL** — Estes quinze salmos, que se seguem, costumam-se chamar Graduais, porque todos no título se chamam Cântico gradual. A dificuldade está em descobrir a razão d'êste título. A opinião comum tem que êstes salmos se chamam Graduais, porque se cantavam ao subir os degraus do templo, que se crê que eram com efeito quinze, segundo se colige de José. Este é o sentir de Bossuet, e do padre Houbigant. Quanto ao autor, ou autores d'êstes salmos, S. João Crisóstomo e Teodoro não duvidam atribuí-los todos, ou quase todos a Davi, que com espírito profético predissesse nêles o que dali a quatrocentos e mais anos havia de acontecer ao povo israelítico, cativo primeiro em Babilônia, e depois restituído gloriosamente à pátria. E com efeito o hebreu nomeia a Davi por autor dos salmos 121. 123. 131. A Vulgata atribui a Salomão o salmo 126, e a Davi os salmos 130, e 132. Isto não obstante, Calmet sustenta que todos êles foram compostos pelos judeus, cativos em Babilônia, porque assim o está persuadindo o assunto, e mais circunstâncias dos mesmos salmos. Vigouroux parece inclinar-se a que o autor fôsse contemporâneo de Esdras. O estilo d'êstes salmos, nota o mesmo Calmet, é vivo e elegante, cheio de belas figuras, ou imagens e duma brevidade como de epigramas sagrados. Tem três estrofes.

(2) **PELA TUA LÍNGUA** — Entre muitas exposições e sen-

Salmo 119, 4-7; 120

4 Setas de valeroso agudas como carvões devoradores. (3)

5 Ai de mim, que o meu destêrro se prolongou: Habitei com os moradores de Cedar: (4)

6 Muito tempo foi peregrina a minha alma.

7 Com os que aborreciam a paz era pacifico: Quando lhes falava êles me contradiziam sem razão.

SALMO 120

SALMO DIDÁTICO. O HOMEM FIEL A DEUS TEM POR MEIO DA FÉ AFIANÇADO O SEU SOCORRO CONTRA TODOS OS PERIGOS E TRABALHOS.

Cântico gradual. (1)

tidos que se dão a êstes dois versículos, escolhemos o que nos pareceu mais conforme ao que nos diz S. Tiago 3, 6. O hebreu diz: "Que te dará a ti, ou que te acrescentará a língua enganadora? é apóstrofe ao caluniador".

(3) **SETAS** — E' resposta à pergunta: Sabe que a tua língua é mentirosa e semelhante às flechas, etc. — Pereira.

COMO CARVÕES — Em lugar do que lemos na Vulgata, cum carbonibus desolatoriis, traz o hebreu cum carbonibus juniperorum, com carvões de juníperos; os quais, como nota S. Jerônimo na carta a Fabíola, por serem de uma matéria mui resinosa, fazem um fogo ardentíssimo.

(4) **COM OS MORADORES DE CEDAR** — O hebreu diz aqui, "eu vivi como estrangeiro em Mesec, e habitei nas tendas de Cedar." O caldeu entende por Mesec os asiáticos, e por Cedar os árabes. Calmet julga que Mesec é o mesmo país a que Moisés chama Mosoc, Gên 10, 2, que são os montes que separam a Ibéria da Arménia e uma e outra da Cólchida; e todos convêm que por Mesec e Cedar, denota o salmista dois confins do Império babilónico de Nabucodonosor. Este nome veio de Cedar, filho de Ismael (Gên 25, 13), mais tarde foi conhecido por países sarracenos.

(1) Este salmo está escrito com muita simplicidade e elegância, traduzindo uma grande serenidade de alma. Tem quatro estrofes.

1 Levantei os meus olhos aos montes, de onde me virá o socorro. (2)

2 O meu socorro vem do Senhor, que fez o céu, e a terra.

3 Não permita que vacile o teu pé: Nem dormite aquêlê que te guarda.

4 Eis que não adormecerá, nem dormirá o que guarda a Israel.

5 O Senhor está em tua guarda, o Senhor é a tua proteção, êle está à tua mão direita.

6 De dia o sol não te queimará: Nem a lua de noite.

7 O Senhor te guarde de todo o mal: Guarde a tua alma o Senhor.

8 O Senhor guarde a tua entrada e a tua saída: Desde agora e para sempre.

SALMO 121.

SALMO DEPRECATÓRIO. O AUTOR EXPRIME NESTE SALMO A ALEGRIA QUE SENTIRAM OS JUDEUS CATIVOS EM BABILONIA, QUANDO LHES FOI PERMITIDO VOLTAR A JERUSALÉM. (GLAIRE).

1 Cântico gradual. (1)

Eu me alegrei nisto que me foi dito: À casa do Senhor iremos.

(2) **LEVANTEI OS MEUS OLHOS AOS MONTES** — Alude ao sítio montanhoso, onde estava a cidade de Jerusalém e em especial ao monte de Sião. O sentido é este: para os montes de Jerusalém levantei os meus olhos, que é onde o Senhor tem a sua morada, e de onde certamente espero que me há de vir o socorro.

(1) Querem alguns que este salmo tivesse sido composto durante a revolta de Absalão. Tem três estrofes. *Primeira* (1-3). Alegria pela partida para Jerusalém. *Segunda* (4-5). As tribos de Israel vão em peregrinação à casa do Senhor. *Terceira* (6-9). Vela pela felicidade de Jerusalém.

Salmo 121, 2-9; 122, 1-2

2 Nossos pés estavam postos nos teus átrios, Jerusalém. (2)

3 Jerusalém que se edifica como uma cidade: Cujas participação está na união consigo.

4 Porque lá subirão as tribos, as tribos do Senhor: Como se mandou a Israel para louvar o Nome do Senhor.

5 Porque ali se colocarão os tribunais e tronos sobre a casa de Davi. (3)

6 Pedi o que conduz para a paz de Jerusalém: E a abundância para os que a amam.

7 Seja feita a paz no teu exército: E abundância nas tuas torres.

8 Por causa de meus irmãos, e de meus vizinhos, pedi eu a paz para ti:

9 Por amor da casa do Senhor nosso Deus, procurei bens para ti.

SALMO 122

SALMO DEPRECATÓRIO. O PROFETA PROTESTANDO EM NOME DE TODO O POVO, QUE SÓ DE DEUS ESPERA O REMÉDIO, E ALÍVIO DOS SEUS TRABALHOS, IMPLORA A SUA MISERICÓRDIA.

Cântico gradual. (1)

1 Levantei os meus olhos para ti, que habitas nos céus.

2 Vêde que assim como os olhos dos servos estão pregados nas mãos de seus senhores:

(2) **NOSSOS PÉS** — O hebreu diz: “Os nossos pés estiveram,” estarão, “nas tuas portas, Jerusalém”. — Pereira.

(3) **TRIBUNAIS** — A Vulgata empregou a mesma palavra *sedes*, mas que tem estas duas significações. — Glaire.

(1) Este salmo tem duas estrofes: na primeira (1-2) levanta os seus olhos a Deus para conhecer a sua vontade; na segunda (3-4) suplica a graça no momento de aflição.

Como os olhos da escrava nas mãos de sua senhora:
Assim os nossos olhos estão fitos no Senhor nosso Deus,
até que tenha misericórdia de nós.

3 Tem misericórdia de nós, Senhor, tem misericórdia de nós: Porque estamos mui fartos de desprezo:

4 Porque mui cheia está a nossa alma: Sendo objeto de escárnio para os ricos, e de desprezo para os soberbos.

SALMO 123

SALMO GRATULATÓRIO. PROTESTA O PROFETA EM NOME DO POVO, QUE SÔMENTE A PROTEÇÃO DO SENHOR O PODIA LIVRAR DE TODOS OS PERIGOS.

1 Cântico gradual. (1)

A não haver estado o Senhor entre nós, diga-o agora Israel:

2 A não haver estado o Senhor entre nós,
Quando se levantavam os homens contra nós.

3 De certo nos houveram devorados vivos:
Quando se incendia o furor deles contra nós,

4 sem dúvida a água nos houvera sorvido.

5 A nossa alma passou o arroio: Certamente houvera passado a nossa alma uma água insuperável.

6 Bendito o Senhor que não nos deu por presa aos dentes deles.

7 A nossa alma como pássaro escapou do laço dos caçadores: O laço foi quebrado e nós ficamos livres.

8 Nosso socorro está no nome do Senhor, que fez o céu e a terra.

(1) Este salmo descreve os esforços que empregaram os inimigos do povo de Deus contra o salmista, salvando-o o Senhor. O texto original apresenta-nos muitos aramaísmos, o que indica que a sua composição é relativamente recente. Tem quatro estrofes.

SALMO 124

SALMO DIDÁTICO. OS JUSTOS VIVEM SEGUROS À SOMBRA DA DIVINA PROVIDÊNCIA: OS ÍMPIOS PERECERÃO.

1 Cântico gradual. (1)

Os que confiam no Senhor, estão firmes como o monte de Sião: Nunca jamais será comovido o que mora
2 em Jerusalém.

Ela está cercada de montes: E o Senhor está ao redor do seu povo desde agora, e para sempre.

3 Porque não deixará o Senhor a vara dos pecadores sobre a sorte dos justos: Para que os justos não es-tendam as suas mãos à iniquidade. (2)

4 Faze bem, Senhor, aos bons e aos retos de coração.

5 Mas aos que se desviam para caminhos tortuo-sos levá-los-á o Senhor com os que obram iniquidade: Paz seja sobre Israel. (3)

(1) Este salmo deve ter sido composto durante o cativeiro. o que parece indicar o versículo 3. Tem três estrofes. Primeira (1-2). Aquêlê que confia em Deus está firme, como Jerusalém sobre as montanhas. Segunda (3). O fim do cativeiro. Terceira (4-5). Que Deus trate com misericórdia os bons, e que castigue os maus.

(2) **NÃO DEIXARÁ O SENHOR** — Porque o Senhor que é fiel e justo não permitirá que os seus servos sejam tentados sobre as suas forças, e pelo contrário fará que se lhes converta em bem a tentação. O hebreu diz: “Porque não repousará a vara, a tirania, a perseguição, dos pecadores sobre a sorte dos justos, sobre os justos que são a herança, e sorte do Senhor.”

(3) **CAMINHOS TORTUOSOS** — E’ o sentido do texto grego e do hebraico. A Vulgata traz *obligationes*, cujo sentido é obscuro. Alguns sustentam que houve um erro de cópia, e que se deve ler *obligationes*, Wertenauer, *Lexicon Biblicum*, Roma 1866. Outros entendem que *obligationes* é a lição verdadeira, pois esta palavra significa laço, corda para estrangular. Cfr. At 8, 23. O salmista refere-se aos que oprimiam os habitantes de Jerusalém. Kaulen, *Handbuch zur Vulgata* 1870.

SALMO 125

VOTOS DOS CATIVOS DE BABILÔNIA SUSPIRANDO PELA LIBERDADE, E EM FIGURA DELES A IGREJA PEDE A SUA LIBERDADE POR JESUS CRISTO.

1 Cântico gradual. (1)

Quando o Senhor fizer voltar os cativos de Sião:
Seremos como cheios de consolação:

2 Então se encherá de gozo a nossa bôca: E a
nossa língua de alegria.

Então dirão entre as nações: Grandes coisas fez o
Senhor a favor deles.

3 Grandes coisas fez o Senhor por nós: Seremos
cheios de júbilo.

4 Faze, Senhor, voltar os nossos cativos, como uma
torrente no Meio-dia. (2)

5 Os que semeiam em lágrimas, com regozijo ceifarão.

6 Andando iam e choravam, semeando suas sementes.

Mas vindo virão com regozijo, trazendo os seus feixes.

(1) Tem duas estrofes: uma ocupa-se do passado, a outra do presente; naquela relembra o salmista a alegria da volta do cativo, nesta as tristezas do presente.

(2) **TORRENTE NO MEIO-DIA** — Alguns querem que seja tãda e qualquer torrente, mas a opinião mais geral entende o Nilo, rio do Egito, que estava ao sul da Palestina. O sentido é este: Permitti que voltem os nossos cativos, como ordenais que o Nilo volte para regar e fecundar a terra que ficou estéril durante o verão.

SALMO 126

SALMO DIDÁTICO. TODA A DILIGÊNCIA E INDÚSTRIA HUMANA É INÚTIL EM QUALQUER EMPRESA, SE NÃO FOR ACOMPANHADA DA BENÇÃO DE DEUS.

1 Cântico gradual de Salomão. (1)

Se o Senhor não edificar a casa, em vão se tem pôsto ao trabalho os que a edificam.

Se o Senhor não guardar a cidade, inútilmente se desvela o que a guarda.

2 Em vão vos levantai vós antes de amanhecer: Levantai-vos depois que houverdes repousado, vós que comeis o pão de dor.

Quando der sono aos seus amados:

3 Eis-aqui a herança do Senhor, os filhos: Seu galardão, o fruto do ventre. (2)

4 Como setas na mão de um robusto: Assim são os filhos dos atribulados.

5 Ditoso o varão que cumpriu o seu desejo sôbre êles mesmos: Não será confundido quando falar com os seus inimigos na porta.

(1) **DE SALOMÃO** — Uma parte dos exemplares dos Setenta não têm esta palavra. Este salmo parece foi composto por Davi, e dirigido a Salomão para sua instrução. Outros querem que o mesmo Salomão o compusesse quando se estava edificando o templo. Não falta quem o atribua ao tempo de Neemias, quando se reedificava a casa do Senhor. Neste salmo, em um sentido sublime, se estabelece a necessidade da graça cristã.

(2) **SEU GALARDÃO** — Assim Calmet; e quanto à substância do sentido, todos os mais com êle. Porque todos reconhecem que o *fili* da Vulgata se deve entender em nominativo de aposição com hereditas, assim como *fructus ventris*, como um sinônimo de "filhos" segundo o estilo hebreu. — Pereira.

SALMO 127

SALMO DIDÁTICO. FRUTOS DO TEMOR DE DEUS. PODE APLICAR-SE A AMBOS OS TESTAMENTOS.

1 Cântico gradual. (1)

Bem-aventurados todos os que temem ao Senhor, os que andam nos seus caminhos.

2 Porque comerás dos trabalhos das tuas mãos: Bem-aventurado és, e te irá bem.

3 Tua mulher será no retiro de tua casa, como vide abundante. (2)

Teus filhos, como rebentos de oliveiras, estarão ao redor da tua mesa. (3)

4 Eis-aqui como será abençoado o homem que teme ao Senhor.

5 Abençoe-te o Senhor desde Sião: E vejas os bens de Jerusalém todos os dias da tua vida. (4)

6 E vejas os filhos de teus filhos, e a paz sobre Israel.

(1) O salmista canta a felicidade do justo no meio de sua família. Tem três estrofes. **Primeira** (1-2). Feliz o que guarda a lei. **Segunda** (3). E terá uma numerosa família. **Terceira** (4-6). Será abençoado e verá prosperar Jerusalém.

(2) **NO RETIRO DE TUA CASA** — A este sentido nos conduz S. Jerônimo, que onde a Vulgata diz *in lateribus domus tuæ*, tem ele, *in penetralibus domus tuæ*.

(3) **COMO REBENTOS** — Terás o gosto de ver teus filhos à maneira de formosos renovos de oliveiras sentados junto de ti e coroando a tua mesa. — Santo Hilário.

(4) **DESDE SIAO** — Onde estava a arca, ou desde o Céu, figurado pelo monte Sião. — Pereira.

SALMO 128

SALMO GRATULATÓRIO E DEPRECATÓRIO. PROTESTA O PROFETA EM NOME DO POVO, QUE SÓ COM O FAVOR DE DEUS TEM VENCIDO A SEUS INIMIGOS, AOS QUAIS ANUNCIA A ETERNA INFELICIDADE.

1 Cântico gradual. (1)

Muitas vêzes me combateram desde a minha mocidade, diga-o agora Israel. (2)

2 Muitas vêzes me têm combatido desde a minha mocidade: Mas não puderam destruir-me.

3 Sôbre as minhas costas trabalharam os pecadores: Prolongaram a sua iniquidade.

4 O Senhor, que é justo, cortou as cervizes dos pecadores:

5 Fiquem confundidos, e voltem atrás todos os que aborrecem a Sião.

6 Sejam como a erva dos telhados: Que antes que se arranque tem secado.

7 Da qual nem o que a sega encheu a mão, nem o seu seio o que apanha os feixes. (3)

8 E não disseram os que passavam: A bênção do Senhor seja sôbre vós: Nós vos abençoamos em nome do Senhor.

(1) Tem duas estrofes. Primeira (1-4). Deus pôs termo às desgraças de Israel. Segunda (5-6). Que êsse triunfo seja perdurável.

(2) **DESDE A MINHA MOCIDADE** — Pela mocidade de Israel se entende o tempo que viveu no Egito, onde tiveram princípio as suas calamidades. Jer 2, 2. — *Pereira.*

(3) **O SEU SEIO** — Alusão ao costume oriental de guardar no seio os pequenos objetos que ajuntam.

SALMO 129

SALMO DEPRECATÓRIO. O POVO SUBMERGIDO NO ABISMO DE SEUS MALES CONFESSA OS SEUS PECADOS, E IMPLORA A DIVINA MISERICÓRDIA.

1 Cântico gradual. (1)

Desde o mais profundo clamei a ti, Senhor: (2)

2 Senhor, ouve a minha voz:

Estejam atentos os teus ouvidos à voz da minha deprecação.

3 Se observares, Senhor, as nossas maldades: Quem, Senhor, poderá subsistir?

4 Mas em ti se acha a propiciação: E pela tua lei pus em ti, Senhor, a minha confiança. (3)

A minha alma está confiada na sua palavra:

5 A minha alma esperou no Senhor.

(1) Este salmo é o 6.º dos penitenciais usado na liturgia católica para sufragar os mortos. Tem quatro estrofes. **Primeira** (1-2). Invocação à misericórdia de Deus. **Segunda** (3-4). Porque diante da sua justiça ninguém poderá subsistir. **Terceira** (4-6). Confiança no Senhor. **Quarta** (7-8). Porque Deus é infinitamente misericordioso. A propósito d'êste salmo escreve Olivier: *Ce chant extraordinaire, que chacun de nous a répété sur sa propre douleur, fut d'abord l'explosion d'un pathétique tellement expressif que, n'ayant ni auparavant ni depuis rien entendu de comparable, l'Eglise en a fait la lamentation liturgique des adieux supremes.* Emile Olivier, *Discours pour sa réception a l'Académie française*, 5 mars 1874.

(2) **DESDE O MAIS PROFUNDO** — Dos juízos impenetráveis do Senhor, cuja consideração só me espanta. Desde o mais profundo dos males presentes, em que estou abismado. Desde o mais profundo, isto é: desde o mais íntimo e recôndito do meu coração. A vós, meu Deus, dirijo os meus clamores, e encaminho os meus mais ardentes gemidos: socorrei-me e tende piedade de um miserável.

(3) **TUA LEI** — Isto é, por causa das promessas da tua lei.

6 Desde a vigília da manhã até à noite: Espere Israel no Senhor.

7 Porque no Senhor está a misericórdia: E nêle há copiosa redenção.

8 E êle mesmo redimirá a Israel de tôdas as suas iniqüidades.

SALMO 130

SALMO DEPRECATORIO. DAVI PÕE A DEUS POR TESTEMUNHA DE QUE O SEU CORAÇÃO ESTAVA LIVRE DA AMBIÇÃO QUE LHE IMPUTAVAM.

1 Cântico gradual de Davi. (1)

Senhor, o meu coração não se ensoberbeceu: Nem os meus olhos se elevaram.

Não andei em grandezas, nem em magnificências sobre a minha sorte.

2 Se eu não tinha sentimentos humildes: E pelo contrário elevei o meu coração: (2)

Como o menino apartado já do peito da mãe está em seus braços, assim seja o galardão na minha alma. (3)

3 Espere Israel no Senhor desde agora e para sempre. (4)

(1) **CÂNTICO GRADUAL** — Parece que Davi compôs este salmo para justificar o seu procedimento dos cargos que lhe faziam os cortesãos de Saul, atribuindo o seu desígnio a intenções ambiciosas sobre o reino. Tem três estrofes.

(2) **SE EU NÃO TINHA SENTIMENTOS** — A expressão do hebreu é como uma fórmula de juramento assertório, que afirma com mais certeza. Na verdade sentia eu humildemente. — P. Scio.

(3) **COMO O MENINO** — Quer dizer: a minha alma se veja reduzida à aflicção e pena que sente um menino quando o apartam do peito de sua mãe. — Pereira.

(4) **ESPERE ISRAEL** — Siga Israel o meu exemplo, e espere, que se obedecer humilde à voz do Senhor, nunca se apartará dêle a sua proteção. Até que chegemos à eternidade, esperemos no nosso Deus. — Santo Agostinho.

SALMO 131

SALMO EM HONRA DE JERUSALÉM. ROGA O POVO A DEUS
PELA RESTAURAÇÃO DO SEU REINO CONFORME A PRO-
MESSA FEITA A DAVI.

1 Cântico gradual. (1)

Lembra-te, Senhor, de Davi, e de toda a sua mansidão:

2 Assim como jurou ao Senhor, fez promessa ao Deus de Jacó:

3 Se eu entrar na tenda de minha casa, se subir ao leito do meu estrado:

4 Se der sono aos meus olhos, e às minhas pestanas adormecimento:

5 E repouso às minhas fontes da cabeça: Até que ache um lugar para o Senhor, um Tabernáculo para o Deus de Jacó.

6 Eis-aqui temos ouvido que ele estava em Efrata: E o achamos nos campos da floresta. (2)

(1) CÂNTICO GRADUAL — Muitos atribuem este salmo a Davi, e outros com S. João Crisóstomo o atribuem a Salomão, e é a opinião mais seguida, quando trasladou a arca do Testamento para o novo Templo, que edificara. 2 Sl 6, 41, pois nele louva a Davi, por ter preparado tudo o que era necessário para a fundação do Templo, e pede a Deus que confirme as promessas, que lhe fizera. Parece que os judeus o repetiram na Dedicção do segundo Templo. Contudo Calmet reduz ao tempo do cativo a sua primeira composição, em conformidade do seu sistema. Tem quatro estrofes.

(2) EFRATA — Designa provavelmente a tribo de Efraim, onde estava Silo, cidade que possuiu a arca e o tabernáculo. Ora é certo que a arca permaneceu nesta tribo desde Josué até Samuel, e que daí foi transportada a Cariatirim, onde esteve até ao início do reinado de Davi. Sl 67, 60-67.

7 Entraremos no seu tabernáculo: Nós o adoraremos no lugar onde estiveram os seus pés.

8 Levanta-te, Senhor, entra no teu repouso, tu e a arca da tua santificação.

9 Vistam-se os teus sacerdotes de justiça: E regozijem-se os teus santos.

10 Por amor de Davi teu servo, não desprezes o rosto do teu Cristo. (3)

11 Jurou o Senhor verdade a Davi, e não deixará de cumpri-la: Do fruto do teu ventre porci sobre o teu trono. (4)

12 Se guardarem teus filhos o meu pacto, e êstes meus testemunhos, que eu lhes ensinarei:

E os filhos dêles os guardarem também para sempre, também êles se sentarão sobre o teu trono.

13 Porque tem escolhido o Senhor a Sião: Têm-na escolhido por morada para si.

CAMPO DA FLORESTA — E' o que significa Cariatirim, cidade dos bosques. A letra que está no texto original traduzir-se-ia assim: "Ouvimos dizer que ela (a arca) estava em Efrates. E nós a achamos nos campos de Yahar." Yahar significa floresta, e foi traduzida por silva na Vulgata; era um lugar perto de Cariatirim, cidade de pedra, na estrada de Jerusalém. Jafa, nas montanhas. Cfr. Poels, *Le Sanctuaire de Kiriath Jearim*.

(3) **POR AMOR** — Estas palavras se devem interpretar conforme o sentido das daquele lugar do 2 Par 6, 42, onde se diz: *Domine Deus ne averteris faciem Christi tui; memento misericordiarum David servi tui*: Senhor, lembra-te da misericórdia que usaste com Davi teu servo; usa-a também comigo, e não me desampares, pois sou teu ungido, o que tu mesmo destinaste para que lhe sucedesse no império. Os Padres comumente aplicam a Cristo estas palavras, pelas quais se pede que o Senhor acelere a sua vinda por amor de Davi a quem foi prometido. — S. João Crisóstomo.

(4) **DO FRUTO** — Fala-se nesta promessa de um filho, ou descendente de Davi, segundo a carne, e dele se diz que o seu reino subsistirá eternamente, como no Sl 88, 38. — Pereira.

14 Este é o meu repouso para sempre: Aqui habitarei porque o escolhi:

15 Abençoarei copiosamente a sua viúva: Fartarei de pães os seus pobres. (5)

16 Vestirei os seus sacerdotes de salvação: E os seus santos saltarão de prazer.

17 Ali dilatarei o poder de Davi, preparada tenho uma lâmpada para o meu Cristo.

18 Cobrirei de confusão aos seus inimigos: Mas sobre ele florescerá a minha santificação. (6)

SALMO 132

SALMO DIDÁTICO. ELOGIO DA CONCÓRDIA E UNIÃO FRATERNA.

1 Salmo gradual de Davi. (1)

Ó quão bom e quão suave é habitarem os irmãos em união.

(5) ABENÇOAREI COPIOSAMENTE — O hebreu de S. Jerônimo, e com ele os Setenta: Eu abençoarei a sua caça, significando por caça o mantimento. O que deu lugar à lição da Vulgata, é a diferença de uma só letra na versão dos Setenta. Eles traziam Tora, que quer dizer a caça ou a presa: os copistas substituíram-lhe Chera, que quer dizer a viúva. — Pereira.

(6) FLORESCEIRA A MINHA SANTIFICAÇÃO — Ou consagração, ou unção, ou a coroa que eu lhe dei, como se lê no hebreu, e S. Jerônimo traslada: seu Diadema. O que pertence propriamente a Cristo, a quem se deu todo o poder no Céu, e na terra. — P. Scio.

(1) O salmista celebra a fraternal união dos israelitas, quando estes se reúnem nas grandes cerimônias religiosas. Arrebata-os a figura majestosa do grande sacerdote, sucessor de Aarão; encanta-os o orvalho que cai sobre o Hermon; mas mais do que tudo isso é comovente e arrebatador o espírito da união que existe entre os filhos de Deus.

2 É como o perfume derramado na cabeça que desceu sôbre tôda a barba de Aarão.

Que desceu sôbre a orla do seu vestido:

3 Como o orvalho que cai sôbre o Hermon, que desce sôbre o monte Sião. (2)

Porque ali enviou o Senhor a bênção, e vida para sempre.

SALMO 133

SALMO DIDÁTICO. EXORTAÇÃO AOS MINISTROS DO SENHOR
PARA QUE O LOUVEM CONTINUAMENTE.

1 Cântico gradual. (1)

Eis-aqui bendizei agora ao Senhor, todos os servos do Senhor:

Os que persistis na casa do Senhor, nos átrios da casa do nosso Deus.

2 Nas noites levantai as vossas mãos para o santuário, e bendizei ao Senhor.

3 Abençoe-te desde Sião o Senhor, que fêz o céu e a terra.

(2) QUE DESCE SOBRE O MONTE SIÃO — Sendo evidente que o orvalho, que cai sobre um monte, não pode cair sôbre outro, advertem bem Bossuet e Calmet, que as palavras da Vulgata, *Sicut ros Hermon, qui descendit in montem Sion*, se devem suprir, e expor, como se o texto dissesse: *Sicut ros, qui descendit in Hermon, et qui descendit in monte Sion*. Este genero de elipse é freqüente nos autores sagrados.

(1) É' o último dos salmos graduais. Compõe-se apenas de duas estrofes. Na primeira convida os fiéis a que louvem ao Senhor; a segunda é a resposta a êsse convite.

SALMO 134

SALMO GRATULATÓRIO. DÃO-SE GRAÇAS A DEUS POR HAVER ESCOLHIDO A ISRAEL POR SEU POVO: E SE DEMONSTRA A SUPERSTIÇÃO E FALSIDADE DOS ÍDOLOS.

1 Aleluia. (1)

Louvai o nome do Senhor, louvai, servos, ao Senhor.

2 Vós que persistis na casa do Senhor, nos átrios da casa do nosso Deus.

3 Louvai ao Senhor, porque o Senhor é bom: Cantai salmos ao seu nome, porque é suave.

4 Porquanto o Senhor escolheu para si a Jacó: A Israel em possessão para si.

5 Porque eu conheci que o Senhor é grande, e que o nosso Deus é sôbre todos os deuses.

6 Quantas coisas quis, tôdas fêz o Senhor no céu, na terra, no mar, e em todos os abismos.

7 Êle que faz subir as nuvens das extremidades da terra: Fêz os relâmpagos para a chuva.

Êle o que produz os ventos dos seus tesouros:

8 O que feriu aos primogênitos do Egito desde o homem até ao animal.

9 E enviou sinais, e prodígios no meio de ti, ó Egito: Contra Faraó, e contra todos os seus servos.

10 O que feriu a muitas gentes: E matou a reis fortes:

11 A Seon rei dos amorreus, e a Og rei de Basan, e a todos os reinos de Canaã.

(1) Tem este salmo seis estrofes. **Primeira** (1-4). Exortação a louvar a Deus. **Segunda** (5-7). Porque é o Senhor da natureza. **Terceira** (8-12). Que livrou o seu povo da escravidão do Egito e lhe deu a terra de Canaã. **Quarta** (13-14). E' cheio de glória e salva o seu povo. **Quinta** (15-18). Enquanto que os deuses dos pagãos nada são. **Sexta** (19-21). Que todo o Israel louve o Eterno.

12 E deu a terra dêles em herança, por herança a Israel seu povo.

13 Senhor, o teu nome subsistirá eternamente: Senhor, a memória da tua glória conservar-se-á em tôdas as gerações.

14 Porque o Senhor julgará ao seu povo: E se deixará vencer dos rogos dos seus servos. (2)

15 Os simulacros das gentes não são mais que prata, e ouro, obras das mãos de homens.

16 Bôca têm, e não falarão: Olhos têm e não verão.

17 Ouvidos têm, e não ouvirão: Porque não há respiro na sua bôca.

18 Sejam semelhantes a êles os que os fazem: E todos os que confiam nêles.

19 Casa de Israel, bendizei ao Senhor: Casa de Aarão, bendizei ao Senhor.

20 Casa de Levi, bendizei ao Senhor: Vós os que temeis ao Senhor, bendizei ao Senhor.

21 Desde Sião se bendiga ao Senhor, que habita em Jerusalém. (3)

(2) **E SE DEIXARA VENCER** — O hebreu diz: se arrependerá, converterá os efeitos de severidade nos de benignidade, clemência e misericórdia: modo de falar ao humano, que é mui frequente na Escritura. O deprecabatur da Vulgata se toma em sentido passivo, e é o mesmo que exorabatur: e assim o traslada S. Jerônimo: se fará apacável com os seus servos." — P. Scio.

(3) **QUE HABITA** — Em Sião estava o tabernáculo e a Arca da aliança, de onde se manifestava o Senhor ao seu povo, e protegia com especialíssimos prodígios e privilégios a Jerusalém, como se nela estivesse o trono da sua misericórdia. No hebreu se acrescenta no fim: Halelu iah, que na Vulgata vem no princípio do seguinte salmo. — Pereira.

SALMO 135

EXORTA O PROFETA NESTE SALMO A DAR LÓUVOR A DEUS PELA MISERICÓRDIA QUE HAVIA USADO COM O SEU POVO, ENUMERANDO PELA SUA ORDEM OS ANTIGOS BENEFÍCIOS.

1 Aleluia. (1)

Glorificai ao Senhor, porque é bom: Porque a sua misericórdia é para sempre. (2)

2 Glorificai ao Deus dos deuses: Porque a sua misericórdia é para sempre. (3)

3 Glorificai ao Senhor dos senhores: Porque a sua misericórdia é para sempre.

4 O que faz grandes maravilhas só: Porque a sua misericórdia é para sempre. (4)

(1) **ALELUIA** — Pelo livro 1 dos Par 16, 34, e pelo livro 2, 7, 6, parece que Davi compôs este salmo para que se cantasse diante da Arca a glória do Senhor, e isto ainda muito tempo antes de estar edificado o templo. — *Pereira.*

(2) **PORQUE A SUA MISERICÓRDIA É PARA SEMPRE** — Pelo livro 1 dos Par 16, 41, se vê que estas palavras eram uma antifona, ou verso intercalar nas sagradas canções, que se costumavam cantar no templo: e assim este salmo se pode considerar como uma ladainha dos hebreus, em que o povo repetia o hemistiquio alternando com o sacerdote, ou com o levita que levava o cântico. Está 26 vezes repetida esta frase.

(3) **DEUS DOS DEUSES** — Por esta expressão e pela seguinte quer o salmista demonstrar a Onipotência de Deus, superior a tudo quanto pode ser poderoso na terra.

(4) **O QUE FAZ GRANDES MARAVILHAS SÓ** — Ele só é quem pode obrar todas as grandes maravilhas, que se admiram no Universo. Nunca faltará a sua misericórdia. Em todos os versículos se entende a palavra *confitemini*, como já observou Santo Agostinho. — *Pereira.*

Salmo 135, 5-21

5 O que fêz os céus com inteligência: Porque a sua misericórdia é para sempre.

6 O que firmou a terra sôbre as águas: Porque a sua misericórdia é para sempre.

7 O que fêz os grandes luminares: Porque a sua misericórdia é para sempre.

8 O sôl para presidir ao dia: Porque a sua misericórdia é para sempre.

9 A lua, e as estrêlas para presidirem à noite: Porque a sua misericórdia é para sempre.

10 O que feriu ao Egito com os seus primogênitos: Porque a sua misericórdia é para sempre.

11 O que tirou a Israel do meio dêles: Porque a sua misericórdia é para sempre.

12 Com mão poderosa, e braço excelso: Porque a sua misericórdia é para sempre.

13 O que dividiu em duas partes o mar Vermelho: Porque a sua misericórdia é para sempre.

14 E tirou a Israel por meio dêle: Porque a sua misericórdia é para sempre.

15 E precipitou a Faraó, e ao seu exército no mar Vermelho: Porque a sua misericórdia é para sempre.

16 O que conduziu ao seu povo pelo deserto: Porque a sua misericórdia é para sempre.

17 O que feriu aos grandes reis: Porque a sua misericórdia é para sempre.

18 E matou os reis fortes: Porque a sua misericórdia é para sempre.

19 A Seon rei dos amorreus: Porque a sua misericórdia é para sempre.

20 E a Og rei de Basan: Porque a sua misericórdia é para sempre.

21 E deu a terra dêles em herança: Porque a sua misericórdia é para sempre.

22 Em herança a Israel seu servo: Porque a sua misericórdia é para sempre.

23 Porque no nosso abatimento se lembrou de nós: Porque a sua misericórdia é para sempre.

24 E nos redimiou de nossos inimigos: Porque a sua misericórdia é para sempre.

25 O que dá alimento a toda a carne: Porque a sua misericórdia é para sempre.

26 Dai glória a Deus do céu: Porque a sua misericórdia é para sempre.

Dai glória ao Senhor dos senhores: Porque a sua misericórdia é para sempre.

SALMO 136

SALMO DEPRECATÓRIO. OS PRISIONEIRO CHORAM A SUA PERDIDA LIBERDADE. PROFECIA DA QUEDA DE BABILÔNIA E DA RUÍNA DO IMPÉRIO.

Salmo de Davi, para Jeremias. (1)

1 Junto dos rios de Babilônia, ali nos assentamos e pusemos a chorar: Lembrando-nos de Sião: (2)

(1) O título deste salmo é difícil de explicar, contudo, como no original hebraico se não encontra, os exegetas atendem menos a ele do que ao sentido do salmo. Teodoreto escreve a propósito: *Psalmi sensus planus est. Qui enim captivi fuerant abducti, et reditum consecuti, ea narrans quae Babylone acciderant. Interpretatio Psalmi 126. Descreve as tristezas do cativo. Tem seis estrofes. Primeira (1-2). Os cativos em Babilônia suspenderam os seus cânticos. Segunda (3). Pedem-lhes os senhores que entoem um cântico de Sião. Terceira e quarta (4-6). Responderam: "Como poderemos louvar o nosso Deus, entoando cânticos em sua honra, em terra estranha?" Quinta (7). Oração a Deus contra a Iduméia, que depois do cativo inquietou a Judéia. Sexta (8-9). Imprecação contra Babilônia, que oprimia a Judéia.*

(2) JUNTO DOS RIOS — O nome de Babilônia se toma

Salmo 136, 2-7

2 Nos salgueiros que há no meio dela, penduramos nossas harpas. (3)

3 Porque ali nos pediram os que nos levaram cativos, palavras de canções:

E os que por força nos levaram, disseram: Cantai-nos um hino dos cânticos de Sião.

4 Como cantaremos o cântico do Senhor em terra alheia?

5 Se me esquecer de ti, Jerusalém, a esquecimento seja entregue a minha direita.

6 Fique pegada a minha língua às minhas fauces, se eu me não lembrar de ti:

Se não me propuser a Jerusalém, como principal objeto da minha alegria.

7 Lembra-te, Senhor, dos filhos de Edom no dia de Jerusalém: (4)

neste lugar por toda a província. Foram sinaladas aos judeus algumas cidades na Caldéia, para que habitassem nelas durante o seu cativeiro; e estas pela maior parte estavam junto ao Eufrates e outros rios em sítios baixos e pantanosos. Dizem, pois, os cativos, sentados nas margens dos rios da Caldéia e Babilônia, e derramando um mar de lágrimas: Nós nos lembramos de ti, ó Sião amada. — **Pereira.**

(3) **NOS SALGUEIROS** — Eram tão frequentes nas margens do Eufrates, que se chamam *Salix babylonica*.

(4) **DOS FILHOS DE EDMOM** — Os idumeus, descendentes de Esaú, que se uniram com os caldeus, e os instigavam a que reduzissem a um montão de pedras a infeliz Jerusalém. Jer, Thren. 4, 21-22. Ez 25, 12. Abd 11. Porém te contemplo agora caída e desolada, ó injustiça dos pérfidos idumeus! Não vos esqueçais, Deus meu, da sua crueldade para vingá-la. — **Pereira.**

NO DIA DE JERUSALÉM — Calmet e De Carrières expõem assim: “Lembra-vos do que eles fizeram no dia da tomada, ou da ruína de Jerusalém”. Bossuet, assim: “No dia que tu te lembrares de Jerusalém.” A mim parece-me mais provável a primeira exposição, que é também a que seguiu Sacy. — **Pereira.**

Os que dizem: Arruinai, arruinai nela até os fundamentos.

8 Filha desastrada de Babilônia: Bem-aventurado o que te der o pago que tu deste a nós outros. (5)

9 Bem-aventurado o que apanhar às mãos e fizer em pedaços numa pedra teus tenros filhos.

SALMO 137

SALMO GRATULATÓRIO. DAVI DA GRAÇAS A DEUS PELOS BENEFÍCIOS RECEBIDOS DA SUA BONDADE, E DIZ QUE CONTARÁ SEMPRE COM A DIVINA ASSISTÊNCIA.

1 Do mesmo Davi. (1)

Eu te glorificarei a ti, Senhor, de todo o meu coração: Porque ouviste as palavras da minha bôca.

À vista dos anjos te cantarei salmos:

2 Eu te adorarei no teu santo Templo, e glorificarei o teu nome.

Sôbre a tua misericórdia, e a tua verdade: Porque engrandeceste sôbre tudo o teu santo nome. (2)

(5) **FILHA DESASTRADA** — Hebraísmo por Babilônia, ou babilônios, porque os habitantes de uma cidade, ou de um estado têm com ele a mesma relação, que os filhos com a mãe. Chama-lhe infeliz, porque devia ser destruída conforme as profecias. Is 13, 1; 47, 2, Jer 25, 12, b. 2. — *Pereira*.

(1) Este salmo tem por fim agradecer a Deus a promessa de fazer nascer o Messias no povo de Israel, e de assegurar a eternidade ao reinado Messiânico. 2 Rs 7; 1 Par 17. Tem três estrofes. **Primeira** (1-3). O salmista agradece a Deus a promessa. **Segunda** (4-6). Todos os reis da terra glorificarão ao Senhor quando ela se realizar. **Terceira** (7-8). A sua confiança no Senhor é ilimitada.

(2) **ENGRANDECESTE O TEU SANTO NOME** — Em vez de *nomen sanctum tuum*, está no original hebraico *verbum tuum*. Este *verbum* é a promessa da perpetuidade da raça de Davi na pessoa do Messias. É certo, contudo, que com esta interpretação,

Salmo 137, 3-8; 138, 1

3 Em qualquer dia que te invocar, ouve-me: Tu aumentarás na minha alma a fortaleza.

4 Louvem-te, Senhor, todos os reis da terra: Porque ouviram tôdas as palavras da tua bôca.

5 E cantem nos caminhos do Senhor: Que a glória do Senhor é grande.

6 Porque o Senhor é excelso, e olha para as coisas humildes: E conhece de longe as coisas altas.

7 Se eu andar no meio da tribulação, me farás viver: E sôbre a ira dos meus inimigos estendeste a tua mão, e me salvou a tua direita.

8 O Senhor retribuirá por mim: Senhor, a tua misericórdia é para sempre: Não desprezes as obras das tuas mãos. (3)

SALMO 138

SALMO GRATULATÓRIO E DIDÁTICO. DESCREVE-SE A PARTICULAR E ADMIRÁVEL PROVIDÊNCIA DE DEUS SOBRE OS JUSTOS: OS ÍMPIOS PERECERÃO.

1 Ao regente do côro salmo de Davi. (1)

Senhor, provaste-me, e conheceste-me:

que é de Vigouroux, não concorda Boulleret, que entende que se não deve restringir a significação do termo verbum.

(3) **RETRIBUIRÁ** — Outros trasladam assim êste lugar: O Senhor tomará a minha defesa, responderá por mim, será meu fiador, conforme o hebreu: Obrará por mim. — Pereira.

(1) Êste belo salmo de Davi é uma bela instrução dogmática sôbre a natureza de Deus. Pode dividir-se em três partes. Primeira (1-12). Davi descreve a onisciência e imensidade de Deus, exercendo a sua onipotente ação sôbre todo o criado. Segunda (13-18). Louva o Senhor que dá a vida ao homem. Terceira (19-24). Insurge-se contra os inimigos de Deus, e pede ao Senhor que o purifique, e porque é onisciente conhece o servo bom e o mau. Tem quatro estrofes: as duas primeiras correspondem à 1.^a parte, a terceira à 2.^a e a quarta à 3.^a.

2 Tu me conhecestes ao assentar-me, e ao levantar-me. (2)

3 De longe entendeste os meus pensamentos: Observaste a minha vereda, e o curso da minha vida. (3)

4 E previste todos os meus caminhos: Ainda quando não está a palavra na minha língua.

5 Eis-aqui, Senhor, tu conhecestes tôdas as coisas, as novíssimas, e as antigas: Tu me formaste, e puseste sôbre mim a tua mão.

6 Maravilhosa se tem feito a tua ciência em mim, sublime é, e não poderei lá chegar.

7 Como me irei do teu Espírito? e para onde fugirei da tua presença?

8 Se subir ao céu, tu ali te achas: Se descer ao inferno, presente nêle estás.

9 Se eu tomar as minhas asas ao romper da alva, e fôr habitar nas extremidades do mar: (4)

10 Ainda lá me guiará a tua mão: E me susterá a tua direita.

11 E disse: Talvez me ocultarão as trevas: Mas a

(2) **E AO LEVANTAR-ME** — Este é um provérbio dos hebreus semelhante àquele outro: "Minhas entradas, e minhas saídas," para significar tôdas as ações da vida, todos os movimentos, afetos, desejos e pensamentos do homem.

(3) **CURSO DA MINHA VIDA** — Seguiremos neste versículo, difícil de interpretar, como diz Boulleret, ob. cit., a tradução de Glaire. É certo que ao termo hebraico que a Vulgata traduziu por *funiculum*, melhor corresponde *accubitum*. O sentido que mais satisfaz é, sem dúvida, o apresentado por Boulleret: Conheces de longe os meus pensamentos, investigas os meus caminhos e o meu fim.

Cognoscis cogitationes meas de longe

Semitas meas et terminum meum investigas,

Ob. cit.

(4) **SE EU TOMAR AS MINHAS ASAS** — O hebreu diz: "Se tomar as asas da alva, e habitar as extremidades do mar," ou

noite se converte em claridade para me descobrir entregue às minhas delícias.

12 Porque as trevas não serão escuras para ti, e a noite será iluminada como o dia: Como as trevas daquela, assim são também a luz dêste.

13 Porque tu possuíste os meus afetos: Recebeste-me desde o ventre de minha mãe.

14 Eu te glorificarei, porque assombrosamente tens sido engrandecido: Maravilhosas são as tuas obras, e a minha alma o conhece muito.

15 Nenhum dos meus ossos que formaste em secreto, te é a ti oculto: Nem a minha substância nas entranhas da terra.

16 Os teus olhos me viram, quando era informe, e no teu livro todos serão escritos: Os dias serão formados, e ninguém nêles. (5)

17 Mas para mim têm sido singularmente honrados os teus amigos, ó Deus: Muito se tem fortificado o principado dêles.

do Ocidente, porque o Mediterrâneo era ocidental a respeito da Palestina. A Alva, ou Aurora se toma pelo lugar onde nasce o Sol, isto é, pelo mesmo Oriente. Se eu correr com tanta presteza como os raios do sol, desde o Oriente ao Poente, etc. — P. Scio.

(5) OS TEUS OLHOS ME VIRAM, QUANDO — O hebreu diz: "A minha imperfeição," a matéria de que foi formado o meu corpo, antes que tivesse forma de homem, "viram os teus olhos: e no teu Livro estavam escritas tôdas aquelas coisas que foram então formadas, sem faltar uma delas." Ou também: "E tôdas estas coisas estavam escritas, e delineadas no teu Livro ao tempo que se formavam, quando nem uma delas era ainda." Quem sabe o que será no mundo aquela massa informe, e indigesta. E' uma estátua imperfeita; não se sabe se representará a Pedro, ou a Paulo, e Deus entretanto o sabe, e nota no seu Livro. Savério Mattel e P. Scio.

18 Contá-los-ei, e mais que a areia se multiplicarão: Despertei, e ainda estou contigo. (6)

19 Se matares, ó Deus, os pecadores: Homens sanguinários, retirarai-vos de mim: (7)

20 Porque dizeis no vosso pensamento: Tomarão em vão as tuas cidades. (8)

21 Porventura não aborrecia eu, Senhor, aos que te aborreceram: E não me consumia por causa dos teus inimigos?

22 Com ódio consumado eu os aborrecia: E eles se tornaram meus inimigos. (9)

23 Prova-me, ó Deus, e sonda o meu coração: Pergunta-me, e conhece as minhas veredas.

(6) **E AINDA ESTOU CONTIGO** — Prometeste a Abraão e a Jacó que multiplicarias a sua posteridade como as areias da ribeira do mar, que pela sua imensidade se não podem reduzir a número: quis pôr-me com muito vagar a contar a larga série de seus descendentes, mas tive que deixá-lo, oprimido do seu cálculo que não alcanço. Isto convém propriamente à Igreja: os seus Apóstolos foram singularmente honrados, e os seus discípulos se multiplicaram mais que as areias do mar. A Igreja aplica isto a Cristo na sua Ressurreição. — P. Scio.

(7) **SE MATARES** — E haverá todavia ímpios que duvidem, Senhor, da tua adorável Providência? Se os há, Deus meu, toma por tua conta destruí-los a todos e exterminá-los. Fugi de mim, homens cruéis e sanguinários, que não vos quero sofrer na minha presença. — *Pereira*.

(8) **TOMARÃO EM VÃO** — Quer dizer: Em vão darás a este teu povo a posse das tuas cidades, pouco durarão nela, porque depressa acabaremos com eles todos, e os exterminaremos da terra. — P. Scio.

(9) **E ELES SE TORNARAM MEUS INIMIGOS** — O que se deve entender não por ódio, ou efeito de má vontade, ou desejo de vingança, senão por um ardente zelo da glória de Deus. Santo Agostinho explica isto admiravelmente, dizendo: “Este é o ódio perfeito, que nem por causa dos vícios se aborreçam os homens, nem por causa dos homens se amem os vícios.” — *Pereira*.

24 E vê, se há em mim caminho de iniquidade: E conduz-me pelo caminho da eternidade. (10)

SALMO 139

SALMO DEPRECATORIO. DAVI PEDE A DEUS QUE O DEFENDA DOS ENGANOS, E VIOLÊNCIAS DE SEUS INIMIGOS, POIS VIVE CERTO DE QUE O SENHOR TOMA POR SUA CONTA A DEFENSA DOS POBRES E PERSEGUIDOS.

1 Ao regente do côro salmo de Davi. (1)

2 Livra-me, Senhor, do homem malvado: Livra-me do homem perverso.

3 Os que maquinaram iniquidades no coração: Todo o dia dispunham combates.

4 Aguçaram as suas línguas como a de serpente: Veneno de áspides têm debaixo de seus lábios.

5 Guardai-me, Senhor, da mão do pecador: E livrai-me de homens iníquos.

Os que cogitaram derribar os meus passos: (2)

6 Eles soberbos me esconderam o laço:

E estenderam cordas para me surpreender: Junto do meu caminho me puseram tropêço.

(10) **E CONDUZE-ME** — O caminho eterno é o da caridade, como comumente se expõe, e o que anda por ele não perecerá jamais, pelo contrário o que vai pelo caminho dos ímpios: porém pode ser também uma conclusão da imprecação do juramento, e *via eterna*, ou *via eternitatis* em idiotismo hebreu significa a morte. E' difficil de entender muitas expressões d'este salmo, se se não tomarem em sentido profético, applicando-as à Ressurreição de Jesus Cristo, que é o seu objeto principal, como o explicaram os Santos Padres, com a tradição da Igreja. — P. Scio.

(1) **SALMO DE DAVI** — Foi composto por Davi este salmo, durante a perseguição de Absalão. Tem cinco estrofes.

(2) **DERRIBAR OS MEUS PASSOS** — O hebreu lê aqui, "armar-me sancadilha, atropelar-me". — Pereira.

7 Eu disse ao Senhor: Tu és o meu Deus: Atende, Senhor, a voz da minha deprecação.

8 Senhor, Senhor, que és a fortaleza da minha salvação: Tu puseste reparo sobre a minha cabeça no dia da batalha: (3)

9 Não me entregues, Senhor, contra o meu desejo ao pecador, eles maquinaram contra mim, não me desampares, para que não suceda ficarem exaltados.

10 A cabeça daqueles que me cercam: O trabalho dos seus lábios os envolverá. (4)

11 Cairão sobre eles carvões, ao fogo os arrojará: Entre as misérias não subsistirão.

12 O varão maldizente não prosperará na terra: Do varão injusto se apoderarão os males da morte.

13 Sei que o Senhor fará o juízo do desvalido: E que vingará aos pobres.

14 Mas contudo os justos darão glória ao teu Nome: E os retos habitarão em a tua presença.

SALMO 140

SALMO DEPRECATÓRIO. PEDE DAVI A DEUS QUE LHE DE PACIÊNCIA NOS TRABALHOS E QUE O DEFENDA DE SEUS INIMIGOS.

1 Salmo de Davi. (1)

(3) **TU PUSESTE REPARO** — A letra: “fizeste sombra” como estendendo o braço, e cobrindo-me com um escudo. — Pereira.

(4) **A CABEÇA** — Todo o manejo das suas traças, giros e rodeios. Outros referem o caput a Aquitofel, considerando-o como cabeça dos inimigos, e conjurados contra Davi. Outros vertem a palavra hebraica *rosch*, na significação de veneno, ou fel. O veneno, ódio e má vontade, que em seu coração conservam contra mim estes que me cercam, recaia sobre eles. Alusão de Doegon a Saul.

(1) Este salmo é muito obscuro, e os versículos 5, 6 e 7

Senhor, a ti clamei, escuta-me: Atende à minha voz, quando clamar a ti.

2 Suba direita a minha oração como incenso na tua presença: Seja a elevação das minhas mãos sacrifício da tarde.

3 Põe, Senhor, uma guarda à minha bôca: E aos meus lábios uma porta que os feche.

4 Não torças o meu coração a palavras de malícia para buscar escusas nos pecadô.

Como fazem os homens que obram iniquidade: E não terei parte nas coisas que êles estimam. (2)

5 O justo me corrigirá, e me increpará com misericórdia: Mas o azeite do pecador não chegue a ungir a minha cabeça. (3)

Porque ainda até a minha oração será contra o que lhes apraz a êles:

6 Têm perecido os seus juizes lançados à pedra.

são talvez os mais difíceis de entender de todo o saltério. Boulleret, ob. cit. Parece ter sido composto depois da morte de Saul, quando Davi mandou matar o portador da notícia, e quando estava ainda rodeado de perigos. Tem quatro estrofes. Primeira (1-2). Invocação a Deus. Segunda (3-4). Oração para obter a graça de evitar o pecado. Terceira (5-7). Recebe como um bem os maus tratos dos maus. Quarta (8-10). Oração a Deus para ser livre dos seus inimigos. Este salmo foi usado nos tempos primitivos da Igreja como oração da tarde. Cor Apost 8, 35. O versículo 2.º é recitado na missa solene na incensação da oblata.

(2) **E NÃO TEREI PARTE** — O hebreu diz: “E não comerei de suas delícias; e não assistirei aos seus delicados e suntuosos banquetes. E neste sentido se pode também explicar a Vulgata: *Et non communicabo cum electis, cibis, eorum*; ou também considerando a *electis* como neutro. — P. Scio.

(3) **ME CORRIGIRA, E ME INCREPARA** — Como fez S. Paulo aos Gálatas, que depois de os chamar insensatos, os apelidou filhinhos seus: *O' insensati Galatæ, quis vos fascinavit? Gál 3, 1. Filii mei, quos iterum parturio*. Ibid. 4, 19. — Bossuet.

Ouviram que as minhas palavras foram eficazes:

7 Bem como grossa gleba se desfez sempre sobre a terra. (4)

Assim têm sido espalhados os nossos ossos perto da sepultura:

8 Porque os meus olhos a ti, Senhor, ó Senhor, se levantaram: Em ti tenho esperado, não me tires a vida.

9 Guarda-me do laço, que têm preparado contra mim: E dos precipícios dos que obram iniquidade.

10 Cairão na sua rêde os pecadores: Só estou eu até que seja o meu trânsito. (5)

SALMO 141

SALMO DEPRECATORIO. SÓ E DESAMPARADO DE HUMANO SOCORRO IMPLORA O FAVOR DIVINO CONTRA OS SEUS INIMIGOS.

1 Instrução de Davi.

Quando estava na cova, oração. (1 Rs 24.) (1)

(4) Esta estrofe é de tão grande dificuldade, que não é fácil atinar no verdadeiro sentido. Boulleret escolheu o que é mais conforme com a versão dos Setenta:

Sicut durities terræ dirumpitur super terram

Dissipantur ossa nostra super terram.

Glaire entendeu assim: "Como uma terra compacta cortada pelo arado se espalha sobre a terra, os nossos ossos serão dispersos no inferno." Deve-se atender a que a expressão "terra compacta" é um hebraísmo para significar a dureza da terra.

(5) SÓ ESTOU EU — Nos Setenta se lê *solitarie, solus*, e a este sentido reduzimos o singulariter da Vulgata. O hebreu mais claramente: *Separatus ab impiis, eorum ruina non involvar*. Eu, como separado dos ímpios, não serei envolvido na sua ruína, isto é, passarei indene. — Bossuet.

(1) QUANDO ESTAVA NA COVA — Duas vêzes se refugiou Davi em grutas por não cair nas mãos de Saul, em Odolão e em Engadl, provavelmente na primeira. Tem três estrofes.

2 Com a minha voz clamei ao Senhor: Com a minha voz fiz deprecação ao Senhor.

3 Derramo na sua presença a minha oração, e exponho diante d'ele mesmo a minha tribulação.

4 Enquanto me vai desfalecendo o meu espírito, e tu conheceste as minhas veredas.

Neste caminho, por onde eu andava, esconderam-me o laço.

5 Considerava para a minha direita, e olhava: E não havia quem me conhecesse. (2)

Não me ficou lugar de fugida e não há quem se lhe dê da minha alma.

6 A ti clamei, Senhor, disse: Tu és a minha esperança, a minha porção na terra dos viventes.

7 Atende à minha deprecação: Porque tenho sido humilhado sobremaneira.

Livra-me dos que me perseguem: Porque se têm feito mais fortes do que eu.

8 Tira do cárcere a minha alma, para dar glória ao teu nome: A mim me estão esperando os justos, até que me dê a retribuição. (3)

(2) **PARA A MINHA DIREITA** — Destra se toma em sentido de patrocínio, proteção, defesa. — P. Sclo.

(3) **TIRA DO CARCERE** — Desta caverna em que estou encerrado como em um cárcere, e da guarda de soldados que me cerca. O hebreu diz: "Os justos me coroarão, quando me fizeres bem," me cercarão ou todos à roda de mim me darão o parabém e me acompanharão para te dar as devidas graças. Tudo isto alude principalmente a Jesus Cristo, que roga ao Padre o tire da morte e do sepulcro, ressuscitando-o à vida imortal para glória de seu nome, cujo momento feliz esperavam com ânsia todos os justos que estavam detidos no seio de Abraão. S. Francisco de Assis expirou recitando este verso. S. Boaventura Bp. Francisci Vita.

SALMO 142

SALMO DEPRECATÓRIO. IMPLORA O SOCORRO DO SENHOR,
CASTIGADOS SEUS INIMIGOS.

Salmo de Davi.

1 Quando seu filho Absalão o perseguia. (2 Rs 17). (1)

Senhor, atende a minha oração: Percebe nos teus ouvidos o meu rogo, segundo a tua verdade; atende-me na tua justiça.

2 E não entres em juízo com o teu servo: Porque não será justificado na tua presença todo o vivente.

3 Porquc o inimigo me perseguiu a minha alma: Humilhou a minha vida até ao chão. (2)

Colocou-me em lugares obscuros como a mortos de muitos séculos:

4 E se angustiou o meu espírito sôbre mim, em mim se turbou o meu coração.

5 Tenho-me lembrado dos dias antigos, tenho meditado em tôdas as tuas obras: Meditava nas obras das tuas mãos.

6 Estendi as minhas mãos a ti: A minha alma para contigo é como terra sedenta:

7 Atende-me, Senhor, com presteza: O meu espírito desfaleceu.

(1) **QUANDO SEU FILHO ABSALÃO O PERSEGUIA** — Esta circunstância não traz o hebreu nem S. Jerônimo. Trazem-na os Setenta, mas não em todos os exemplares, como do seu tempo notava Teodoreto. Este é o sétimo dos penitenciais. Tem seis estrofes.

(2) **ATÉ AO CHÃO** — Isto é, profundamente. Esquecendo-te pois das minhas iniquidades, atende ao furor dos que cruelmente me perseguem, olha o extremo a que a sua violência me tem reduzido. — **Pereira.**

Salmo 142, 8-12; 143, 1

Não apartes de mim a tua face: Para que não seja semelhante aos que descem ao lago.

8 Faze-me ouvir pela manhã a tua misericórdia: Porque em ti tenho esperado. (3)

Faze-me conhecer o caminho em que hei de andar: Porque a ti clevei a minha alma.

9 Livra-me dos meus inimigos, Senhor; a ti me tenho acolhido:

10 Ensina-me a fazer a tua vontade, porque tu és o meu Deus.

O teu espírito que é bom me conduzirá à terra de retidão:

11 Pelo teu nome, Senhor, me vivificarás segundo a tua iniquidade.

Tirarás da tribulação a minha alma:

12 E pela tua misericórdia dissiparás a meus inimigos.

E destruirás a todos os que atribulam a minha alma: Porque eu sou teu servo.

SALMO 143

SALMO GRATULATÓRIO. DAVI DÁ GRAÇAS AO SENHOR PELAS VITÓRIAS PASSADAS, AS QUAIS LHE DÃO ALENTO PARA CONSEGUIR OUTRAS MAIORES.

Salmo de Davi.

1 Contra Golias. (1)

(3) **PELA MANHÃ** — Alguns explicam o mane à letra “pela manhã”. Outros o explicam d’este modo: “Não sejam vãs as minhas esperanças, faze que experimente eu prontamente os efeitos visíveis da tua misericórdia.” — Pereira.

(1) **SALMO DE DAVI** — Todos os salmos que se seguem são de ação de graças. Ainda que a palavra contra Golias não está no hebreu, acha-se contudo no grego de que usamos, e esteve nas

Bendito seja o Senhor Deus meu, que adestra as minhas mãos para a batalha, e os meus dedos para a guerra.

2 Êle para mim é misericórdia, e o meu refúgio: Amparador meu, libertador meu:

Protetor meu, e nêle esperei: Êle o que submete o meu povo à minha autoridade.

3 Senhor, que é o homem, pois tu a êle te manifestaste? ou o filho do homem para tu assim o estimares? (2)

4 O homem se tem feito semelhante à vaidade: Os meus dias passam como sombra.

5 Senhor, inclina os teus céus, e desce: Toca os montes, e fumegarão.

6 Vibra os teus coriscos, e dissipá-los-ás: Despede as tuas setas, e conturba-los-ás:

7 Envia a tua mão lá do alto, tira-me, e livra-me das muitas águas: Da mão dos filhos estranhos. (3)

8 Cuja bôca falou vaidade, e a sua direita é direita de iniquidade. (4)

Hexaplas. Parece que o compôs Davi depois de haver conseguido alguma vitória contra os filisteus. O principal intento se refere ao reino do Messias e às vitórias de Jesus Cristo contra o príncipe das trevas, como o explicam os Padres. Tem cinco estrofes.

(2) **SENHOR, QUE É O HOMEM** — Conservando-o e tratando com êle, e revelando-lhe os teus mistérios por meio dos teus Anjos e Profetas! Mas principalmente se manifestou Deus ao homem, innotuit homini; encarnando e fazendo-se homem como êle; e aqui é onde Deus fez conhecer mais a consideração que tinha do homem e a estima e amor com que o atendia, porquanto aquela é uma obra da sua extremada caridade. Ef 2, 4. — P. Scio.

(3) **DAS MUITAS AGUAS** — Do terrível perigo que ameaça ao teu povo. — Pereira.

DA MÃO DOS FILHOS ESTRANHOS — Dêstes estrangeiros, dêstes idólatras, o que se pode entender dos filisteus. — Pereira.

(4) **OUJA BÔCA FALOU** — Vangloriando-se do poder de

Salmo 143, 9-15

9 Ó Deus, eu te cantarei uma nova canção: Com o saltério de dez cordas te louvarei.

10 Tu que dás saúde aos reis: Que redimiste a Davi teu servo da espada maligna, (5)

11 livra-me,

e tira-me da mão dos filhos estranhos, cuja bôca falou vaidade e a direita dêles é direita de iniquidade:

12 Cujos filhos são como plantas novas na sua mocidade. (6)

As suas filhas andam compostas: Adornadas tôdas como simulacro de Templo.

13 Atulhadas estão as suas dispensas, arreesando de umas para outras.

As suas ovelhas são fecundas, abundantes nas suas saídas:

14 As suas vacas são gordas.

Não há ruína de muro, nem passagem na sua cerca: Nem estrondo nas suas praças.

15 Bem-aventurado chamaram ao povo, que tem estas coisas: Bem-aventurado o povo, que tem ao Senhor por seu Deus.

seus ídolos, que são vaidade e mentira, e blasonando das suas próprias forças como Golias, insultando o povo de Deus. — Bossuet.

(5) **DA ESPADA** — Da espada do ímpio e idólatra, isto é, de Golias e dos filisteus. — P. Scio.

(6) **CUJOS FILHOS** — No hebreu se lê tudo o que se segue na primeira pessoa do plural; “nossos filhos, nossas filhas, nossas ovelhas, nossas vacas... nossas ruas e praças...” E por isso alguns entendem que isto pertence ao povo dos justos, ou dos hebreus; porém pela Vulgata e pelos Setenta se vê claramente que se deve aplicar aos dos idólatras, ou ímpios: Jó 21, 24. E ainda o texto hebreu se pode reduzir ao mesmo sentido, pondo estas palavras na bôca dos mesmos que se vangloriavam e jactavam de possuir êstes bens. Eripi me de manu filiorum alienorum, quorum os locutum est vanitatem: filii nostri, cellaria nostra. — P. Scio.

SALMO 144

SALMO GRATULATÓRIO. LOUVA-SE NESTE SALMO A BONDADE, E MISERICÓRDIA DO SENHOR, QUE COMO REI SOBERANO GOVERNA, E CONSERVA TÓDAS AS COISAS.

1 Louvor do mesmo Davi. (1)

Eu te exaltarei, ó Deus, rei meu: E bendirei o teu nome pelo século e pelo século do século.

2 Cada dia te bendirei: E louvarei o teu nome pelo século, e pelo século do século.

3 Grande é o Senhor, e muito digno de louvor: E a sua grandeza não tem limites.

4 A geração e geração louvarão as tuas obras: E publicarão o teu poder. (2)

5 Falarão da magnificência da glória da tua santidade: E contarão as tuas maravilhas.

6 E dirão as virtudes das tuas coisas terríveis: E contarão a tua grandeza.

7 Farão larguíssima memória da abundância da tua suavidade: E exultarão com a tua justiça.

8 Clemente e misericordioso é o Senhor: Sofrido, e muito misericordioso.

(1) LOUVOR DO MESMO DAVI — E' alfabético, e assim cada um dos versos começa por uma letra; seguindo a ordem do alfabeto hebreu, sòmente falta o versículo Nun, que devia ser o 14; porém parece certo que o houve, pois se acha nos Setenta Intérpretes, e começa fidelis Dominus, o que no hebreu corresponde ao Jahvéh. Era tão célebre, e de tanto uso éste salmo, que nos primeiros tempos da Igreja o cantavam os neófitos em ação de graças, quando eram admitidos à participação do corpo e sangue de Jesus Cristo. S. João Crisóstomo In SI 144. O Benedicite da refeição é extraído deste salmo.

(2) A GERAÇÃO E GERAÇÃO — E' hebraísmo. Tódas as gerações: a da lei velha, a da lei nova: a da vida presente, e a da vida vindoura, que não terá fim. —.Pereira.

Salmo 144, 9-18

9 Suave é o Senhor para com todos: E as suas misericórdias são sobre todas as suas obras. (3)

10 Dêem-te glória a ti, Senhor, todas as tuas obras: E os teus santos te bendigam.

11 A glória do teu reino publicarão: E o teu poder celebrarão.

12 Para fazerem conhecer aos filhos dos homens o teu poder: E a glória da magnificência do teu reino.

13 O teu reino que se estende a todos os séculos: E o teu império a toda a geração e geração.

Fiel é o Senhor em todas as suas palavras: E santo em todas as suas obras.

14 O Senhor sustém a todos os que estão para cair: E levanta a todos os oprimidos.

15 Os olhos de todos esperam em ti, Senhor: E tu lhe dás o sustento em tempo oportuno. (4)

16 Tu abres a tua mão: E enches a todo o animal de bênção.

17 Justo é o Senhor em todos os seus caminhos: E santo em todas as suas obras.

18 Perto está o Senhor de todos os que o invocam: De todos os que o invocam em verdade. (5)

(3) **E AS SUAS MISERICÓRDIAS** — Pode também expor-se: e as suas misericórdias excedem a todas as suas obras, quanto aos efeitos; porque debaixo de outro respeito todos os atributos de Deus são igualmente grandes. — S. Gregório Nazianzeno.

(4) **OS FILHOS DE TODOS** — A palavra *omnium* se estende a todos os gêneros; porque Deus não somente provê a seu tempo de alimento ao homem, senão também aos animais, plantas... A Igreja aplica esta palavra àquela celestial comida própria dos fiéis, porque é a divina Eucaristia. — Pereira.

(5) **O INVOCAM EM VERDADE** — Invocam-no em verdade os que o buscam a ele, e não se buscam a si mesmos. Porém se tu és ditoso porque Deus te tem dado tantas coisas, quanto mais

19 Ele cumprirá a vontade dos que o temem, e atenderá a sua oração: E os salvará.

20 O Senhor guarda a todos que o amam: E exterminará a todos os pecadores.

21 A minha boca publicará o louvor do Senhor: E bendiga toda a carne o seu santo nome, pelo século, e pelo século do século.

SALMO 145

SALMO GRATULATÓRIO. DEVEMOS POR A NOSSA CONFIANÇA EM DEUS, E LOUVAR O SEU PODER, BONDADE E FIDELIDADE, E CELEBRAR O SEU REINO ETERNO.

1 Aleluia, de Ageu, e de Zacarias. (1)

2 Louva, ó alma minha, ao Senhor, eu louvarei ao Senhor, durante a minha vida: Cantarei salmos ao meu Deus por quanto tempo eu viver.

Não queirais confiar nos príncipes:

3 Nos filhos dos homens, em que não há salvação.

4 Sairá o seu espírito, e tomará a sua terra: Naquele dia perecerão todos os pensamentos deles. (2)

ditoso serás, visto que a si mesmo se tem dado? — Santo Agostinho.

(1) Este e os seguintes salmos até ao fim do saltério, começam por aleluia, e têm todos o mesmo objeto — Louvar a Deus. *Ubi desit inde rursus incipit, nempe a laudatione*, diz S. João Crisóstomo, ob. cit. A Vulgata acrescenta ao original as palavras Ageu e Zacarias, o que não quer dizer que fôsem estes os autores, mas que o usassem cantar no segundo templo. Tem três estrofes. Primeira (1-4). E' necessário louvar a Deus e não contar com os homens. Segunda (5-7). Feliz o que observa a lei do Senhor. Terceira (7-10). Deus o protetor dos justos o protegerá.

(2) SAIRÁ O SEU ESPÍRITO — *Revertetur, non speritus, sed filius hominis*, isto é, *corpus ejus*, porque no hebreu *ruahh*, *Spiritus*, é feminino, e o verbo *jaschubh*, *rever-retut*, está na forma masculina. — P. Scio.

5 Ditoso aquêlo de quem é protetor o Deus de Jacó, cuja esperança é o Senhor seu Deus:

6 O qual fez o céu e a terra, o mar, e tôdas as coisas que nêles há.

7 O que guarda verdade para sempre, faz justiça aos que sofrem injúria: Dá sustento aos famintos.

O Senhor desata aos que estão em grilhões:

8 O Senhor alumia aos cegos.

O Senhor levanta os oprimidos, o Senhor ama aos justos.

9 O Senhor guarda os peregrinos, amparará ao órfão, e a viúva: E destruirá os caminhos dos pecadores.

10 O Senhor reinará pelos séculos, o teu Deus, ó Sião, reinará por tôdas as gerações. (3)

SALMO 146

SALMO GRATULATÓRIO. DEVE LOUVAR-SE O SENHOR, PORQUE SÓ ELE É ADMIRÁVEL.

1 Aleluia. (1)

Louvai ao Senhor, porque bom é o salmo: Agradável seja ao nosso Deus, e digno dêle o louvor. (2)

(3) **REINARA** — Isto que a letra alude ao estabelecimento de Jerusalém depois do cativoiro, e em um sentido mais nobre pertence aos dois reinos de Jesus Cristo; que são, o temporal na Igreja, e o eterno no Céu. O hebreu no fim lê Halelu-lah. — *Pereira.*

(1) Este salmo e os seguintes até ao salmo 150, são de Neemias ou ao menos da sua época, e tem por assunto agradecer a Deus' o restabelecimento do povo judaico em Jerusalém. Não há no original divisão de estrofes.

(2) **LOUVAI** — O hebreu diz: "Louvai ao Senhor porque boa coisa é cantar salmos ao nosso Deus; porquanto um festivo hino lhe corresponde." E o sentido é: Louvai, ó israelitas, ao Se-

2 O Senhor que edifica a Jerusalém: Congregará as dispersões de Israel. (3)

3 O que sara aos atribulados de coração: E liga as suas fraturas. (4)

4 O que conta a multidão das estrêlas: E as chama a tôdas elas pelos seus nomes:

5 Grande é nosso Senhor, e grande o seu poder: E a sua sabedoria não tem termo.

6 O Senhor é quem ampara aos humildes: E o que abate aos pecadores até à terra.

7 Entoai cânticos ao Senhor no seu louvor: Dizei salmos ao nosso Deus com harpa.

8 O que cobre ao céu de nuvens: E à terra prepara chuva.

O que produz nos montes feno: E erva para o serviço dos homens.

9 O que dá aos animais o alimento conveniente: E aos filhinhos dos corvos que clamam a êle.

10 Não se agrada da fôrça do cavalo: Nem se compraz nos pés robustos do varão.

11 O Senhor se agradou sempre dos que o temem: E daqueles que esperam na sua misericórdia.

nhor, porque muito útil vos será o cantar-lhe salmos, porém salmos que lhe sejam agradáveis, e que nasçam de corações abrasados no seu amor. Santo Agostinho diz: "ouve como será agradável o nosso louvor ao Senhor, se se louva vivendo bem." — **Pereira.**

(3) **EDIFICA A JERUSALÉM** — O Senhor reedificou Jerusalém revogando a proibição da sua restauração.

AS DISPERSÕES DE ISRAEL — Hebraísmo por Israel disperso.

(4) **E LIGA AS SUAS FRATURAS** — O hebreu diz: "O que ata as dores dêles," as suas feridas dolorosas. O efeito pela causa. — **Pereira.**

SALMO 147

SALMO GRATULATÓRIO. DEVE-SE LOUVAR A DEUS, PORQUE
SÓ ELE É QUEM NOS DÁ TODOS OS BENS.

Aleluia. (1)

12 Louva, ó Jerusalém, ao Senhor: Louva, ó Sião,
o teu Deus.

13 Porque fortificou os ferrolhos das tuas portas:
Abençoou os teus filhos dentro de ti.

14 O que estabeleceu a paz nos teus limites e da
flor da farinha te farta. (2)

15 O que envia a sua palavra à terra: Velozmente
corre a sua palavra.

16 O que dá neve como lã: Espalha a névoa como
cinza.

17 Envia o seu gelo como em pedaços de pão: Dian-
te da intensão do seu frio quem poderá suste-se?

18 Enviará a sua palavra, e os derreterá: Soprará
o seu espírito, e correrão feitos em águas. (3)

(1) **ALELUIA** — No fim deste salmo, e não no princípio, é que se lê Halelu-iah no hebreu, o que dá a entender que os hebreus o consideram como uma continuação do precedente, e o assunto é sem dúvida o mesmo. Como no salmo IX, se apartaram os gregos dos latinos no modo de os contar, aqui se tornam a concordar, e por fim todos contam 150 salmos.

(2) **E DA FLOR DA FARINHA** — *Adeps frumenti*, significa a nata de trigo, ou flor da farinha, é o trigo mais mimoso, como o adeps olei o azeite mais puro. E' hebraísmo freqüente nas Escrituras. — **Pereira.**

(3) **O SEU ESPÍRITO** — Um vento quente como o do melodia, pelo qual se derrete o gelo. Este gelo e saraiva denota que por meio dos trabalhos se chega às consolações, e por meio da mortificação à vida que dá aos seus o espírito, aquêle espírito consolador. — **S. Hilário.**

19 O que anuncia a sua palavra a Jacó: As suas justíças, e juízos a Israel.

20 Não se fêz assim a tôda a outra nação: E não lhes manifestou os seus juízos, Aleluia.

~~ALCANTARA, 1907, p. 147~~

SALMO 148

SALMO GRATULATÓRIO. DEVE-SE LOUVAR A DEUS, PORQUE SÓ ELE É O CRIADOR DE TÔDAS AS COISAS.

1 Aleluia. (1)

Louvai desde os céus ao Senhor: Louvai-o nas alturas.

2 Louvai-o, todos os seus anjos: Louvai-o, tôdas as suas virtudes.

3 Louvai-o, sol e lua: Louvai-o, tôdas as estrêlas e o lume. (2)

4 Louvai-o, céus dos céus: E tôdas as águas que estão sôbre os céus, (3)

5 louvem o nome do Senhor.

(1) O poeta vendo livre a nacionalidade judaica, quer significar todo o seu contentamento e gratidão, pedindo a tôdas as criaturas que louvem o Senhor. S. Francisco de Assis imitou este salmo no seu cântico do Sol, *Laudato sia Dio mio Signore con tutte le creature, specialmente messer lo frate Sole*, etc. B. Francisci Opuscula, 1623, p. 398. O salmista desce gradualmente do Céu à terra.

(2) **TODAS AS SUAS VIRTUDES** — S. Jerônimo, segundo o hebreu, verte: *Exercitus ejus*: suas milícias Celestiais. — **Pereira.**

TODAS AS ESTRÊLAS E O LUME — O hebreu diz: "Tôdas as estrêlas de lume: Luminosas ou resplandecentes. — **Pereira.**

(3) **CÉUS DOS CÉUS** — Isto é, Céus os mais elevados de todos; quais são os Céus, que Deus escolheu por sua especial morada, e que S. Paulo na segunda aos Coríntios, Cap. 2, chama ter-

Salmo 148, 6-13

Porque êle disse, e foram feitas as coisas: Êle mandou e elas foram criadas.

6 Êle as estabeleceu para sempre, e pelo século do século: Preceito pôs, e não se quebrantará. (4)

7 Louvai ao Senhor os que sois da terra, vós, dragões, e todos os abismos. (5)

8 O fogo, o granizo, a neve, a geada, o espírito de tempestades, que executam a sua palavra.

9 Os montes, e todos os outeiros: As árvores frutíferas, e todos os cedros. (6)

10 Os animais, e todos os gados: As serpentes, e as aves que voam:.

11 Os reis da terra, e todos os povos: Os príncipes, e todos os juizes da terra.

12 Os mancebos, e as donzelas: Os velhos com os moços louvem o nome do Senhor:

13 Porque só o nome dêle foi exaltado.

ceiro Céu, onde andam as aves, e se formam as nuvens, e do segundo, que é o firmamento, onde estão como engastados o sol, a lua, e as estrélas. — Calmet.

QUE ESTAO SOBRE OS CÉUS — Isto é, por cima do Firmamento, segundo o que Moisés refere, Gén 1, 7, Fêz Deus o Firmamento, e dividiu as águas, que estavam por baixo do Firmamento, dos que estavam por cima do Firmamento. — Calmet.

(4) **E NÃO SE QUEBRANTARÁ** — A tôdas as coisas estabeleceu leis constantes, e invariáveis, as quais se têm conservado, e se conservarão perpétuamente. — Pereira.

(5) **VÓS, DRAGÕES** — No hebreu se lê: *tanninim*, que convém aos peixes grandes, e monstros marinhos. Como louvam os dragões a Deus? enquanto vendo os homens umas tais criaturas, tão corpulentas, tão medonhas, tão feras, louvam os homens a Deus, que tais criaturas criou. — Santo Agostinho.

(6) **E TODOS OS CEDROS** — Debaixo do nome cedros se comprehendem tôdas as árvores silvestres. — Pereira.

14 O seu louvor é sôbre o céu, e a terra: E exaltou o poder do seu povo.

Hino digam todos os seus santos; os filhos de Israel, o povo que se lhe aproxima. Aleluia.

SALMO 149

SALMO GRATULATÓRIO. O PROFETA CONVIDA O SEU POVO A CANTAR AO SENHOR UM CÂNTICO NOVO EM AÇÃO DE GRAÇAS PELA MISERICÓRDIA QUE TEM USADO COM ISRAEL.

1 Aleluia. (1)

Cantai ao Senhor um novo cântico: Seja o seu louvor na Igreja dos Santos.

2 Alegre-se Israel naquele que o fêz: E os filhos de Sião regozijem-se em seu rei.

3 Louvem o seu nome em cântico: Com tambor, e salterio louvem-no a êle. (2)

4 Porque o Senhor se tem comprazido no seu povo: E exaltará aos mansos para os salvar.

5 Regozijar-se-ão os santos na glória: Êles se alegrarão nas suas mansões.

(1) **ALELUIA** — A opinião mais provável é que este salmo tem por autor a Davi, ainda que se ignora a ocasião da sua composição. Segundo Bossuet, foi por alguma grande vitória alcançada dos inimigos. Segundo Calmet, pela tornada do povo a Jerusalém depois do cativeiro. Mas pode-se também dizer, ajunta o padre de Carrières, que este salmo convém perfeitamente ao fim do mundo, quando Cristo, Supremo Juiz, dará aos bons a vida eterna, e aos maus o castigo que merecem. — Pereira.

(2) **EM CORO** — O hebreu diz: mahhol, que significa um círculo de gente que se alegra e dança ao som de instrumentos: Ex 32, 19. — Pereira.

6 Altos louvores de Deus se acham na sua bôca: E espadas de dois fios nas suas mãos.

7 Para fazer vingança nas nações: Castigos nos povos.

8 Para meter os reis dêles em grilhões: E os seus nobres em algemas de ferro.

9 Para exercer sôbre êles o juízo prescrito: Esta glória é reservada para todos os seus santos. Aleluia. (3)

SALMO 150

SALMO GRATULATÓRIO. QUE SE HÁ DE LOUVAR O SENHOR, PORQUE SÓ ELE É DIGNO DE QUE SE LOUVE DE TÔDAS AS MANEIRAS.

1 Aleluia. (1)

Louvai ao Senhor no seu santuário: Louvai-o no firmamento da sua virtude. (2)

(3) **PARA EXERCER SOBRE ELES** — E serão uns ministros e executores do juízo que tem pronunciado o Senhor contra as suas impiedades. Esta é a glória que tem reservado o Senhor para o seu povo, como tem manifestado nas suas Escrituras. — Santo Agostinho.

PARA TODOS OS SEUS SANTOS — Tudo isto que à letra convém ao povo de Israel, em um sentido mais nobre se há de entender do reino de Jesus Cristo, e dos seus verdadeiros fiéis; e por isso os Padres têm considerado este cântico novo como próprio da lei nova. — Pereira.

(1) Este salmo é uma magnífica doxologia, na qual o salmista convida treze vêzes, compreendendo neste número as aleluias inicial e final, a louvar a Deus no seu templo, por causa da sua grandeza, com toda a espécie de instrumentos de música, terminando com esta frase digna de fechar e resumir todo o saltério: *Omnis spiritus laudet Dominum Alleluia*. Kimchi diz que estes treze louvores correspondem aos treze atributos que a sinagoga reconhecia em Deus, segundo o Êx 34, 6-7.

(2) **NO SEU SANTUÁRIO** — In sanctis está no gênero neutro, e corresponde ao hebreu, onde se lê: no santo ou santidade

2 Louvai-o nas virtudes dêle: Louvai-o segundo a multidão da sua grandeza.

3 Louvai-o ao som da trombeta: Louvai-o com sal-tério e cítara.

4 Louvai-o com adufe e flauta: Louvai-o com cor-das, e órgão. (3)

5 Louvai-o com címbalos sonoros: Louvai-o com címbalos de júbilo: (4)

6 Todo o espírito louve o Senhor. Aleluia.

dêle: isto é: ou no Céu, que é como santuário, e o trono do seu poder, ou sobre a terra nos efeitos da sua virtude... Outros explicam isto referindo o primeiro versículo aos espíritos celestiais, desta maneira: "Louvai ao Senhor, vós que estais no seu santuário: Louvai-o os que estais no firmamento, onde resplandece o seu poder;" e o segundo versículo aos homens, desta maneira: Louvai-o, israelitas, nas provas que faz ver da sua virtude onipotente: Louvai-o pelo grande número de testemunhos que vos dá de sua grandeza infinita. — Pereira.

(3) **E FLAUTA** — Assim de Carrières, o que na Vulgata se diz, *et choro*. Onde o nome *chorus*, como já antes tinha advertido Duhamel, não se deve tomar por ajuntamento de cantores, mas por um certo género de dança. *Est tibiæ genus, non Cætus camentum*. E isto mesmo se colhe do que na nota precedente ouvimos a Orígenes dos oito instrumentos músicos. — Pereira.

E ÓRGÃO — Já do seu tempo dizia Santo Agostinho, que o órgão, de que falam os salmos, não devia ser como o nosso órgão de foles. Calmet crê que não era outra coisa mais do que um composto de flautas de cana, pegadas com grude uma às outras, que sucessivamente se corriam pelos beíços, e faziam um som harmônico. Nêle se pode ver a sua figura, como a dos mais instrumentos músicos, de que usaram os antigos. — Pereira.

(4) **COM CÍMBALOS** — O profeta exortando aos israelitas a cantar os louvores do Senhor com toda esta diversidade de instrumentos, nos adverte que o façamos de uma maneira muito mais santa! isto é, com todos os membros do nosso corpo, e com todas as potências e afetos da nossa alma. — S. João Crisóstomo.

PROVÉRBIOS

INTRODUÇÃO

Nome do livro. — Os hebreus, denominando os livros pela palavra inicial, conheciam êste pela designação de *Mischlé*, termo derivado de *maschal*, que significa semelhança, comparação, e por extensão máxíma, e também, embora mais raras vêzes, provérbio, também alegoria ou parábola, e ainda cânto irônico. Os primeiros cristãos adotaram a denominação dos Setenta, a que corresponde o latim *Proverbia*.

Autor. — Segundo o que se deduz da análise do próprio livro, o autor é Salomão. *Prov* 1, 1; 10, 1; 25, 1 e ainda o 3 Rs 4, 32, *Locutus est quoque Salomon tria millia parabolas (maschal)*. A origem salomônica de todos os provérbios é confirmada pela uniformidade do estilo e por nada se encontrar que não convenha a Salomão. E' certo que acêrca dos capítulos 30 e 31 pode haver dúvida, pois são uns apêndices que têm respectivamente os nomes de Agur, filho de Jaqué e Lamuel, não faltando porém intérpretes que entendem que êstes mesmos nomes se referem a Salomão. Há porém exegetas católicos de reconhecida autoridade, que seguem a opinião contrária, como Dupin, *Dissert. prelim. sur la Bible*, 1, 1 e 3, Jahn, *Introd.*, e Jaussens, *Hermen, sacra* 114, 16.

Texto original e versões antigas. — O texto original e as mais antigas versões divergem em certos pontos. Os próprios exemplares hebraicos antigos não são rigorosamente uniformes; nuns faltam e em outros sobejam máximas, que aliás se compreende sem dificuldade, visto a forma como eram feitas as cópias. A mais antiga versão é a dos Setenta, que é mais livre do que literal, o que explica também certas variantes.

Data do livro dos Provérbios. — A questão da data do livro na sua forma atual é diferente da do autor. A inscrição da segunda coleção dos Provérbios, 25, 1, prova que esta parte foi compilada no tempo de Ezequias, entre 725 e 696 antes de Cristo, mas ignoramos se esta data foi buscada na tradição oral, se tirada dos livros anteriores. Como quer que seja, o que se pode afirmar é que o livro dos Provérbios é do tempo de Ezequias. Pelo que respeita ao apêndice, 30-31, pode também atribuir-se-lhe a mesma época. E' a opinião de Reusch, *Einleitung*, P. 182, p. 397.

Divisão geral. — O livro dos Provérbios compreende:

INTRODUÇÃO. — 1, 1-6, contendo o título do livro, nome do autor, caráter e objeto dos Provérbios.

PRIMEIRA PARTE. — 1, 7 ao c. 9, que se subdivide:

- a) 1, 8 ao c. 3. Exortação à cultura da sabedoria.
- b) 4, 1 ao c. 6, 19. Enumeração dos pontos particulares desta exortação.
- c) 6, 20 ao c. 9. O discurso vai aumentando gradualmente até fazer o elogio da Sabedoria Incrriada.

SEGUNDA PARTE. — 10-24, que se subdivide:

Provérbios

- a) 10-22, 16. Série de pensamentos destacados, ligados apenas pelo sentido geral que em todos predomina — moral e prudência.
- b) 22, 17 ao c. 24, 22. Preceitos acêrca da justiça e da prudência, são chamados *verba sapientium*.
- c) 24, 23-34. Os doze últimos versículos formam um grupo à parte, sujeitos à inscrição. *Haec quoque, sapientibus*, 24, 23, são as palavras dos sábios.

TERCEIRA PARTE. — 25, 29. Esta segunda coleção começa pela inscrição seguinte: *Haec quoque parabola Salomonis, quas transtulerunt*, (copiaram ou compilaram) *virii Ezechiae, regis Juda*. Compõe-se de pensamentos soltos, acêrca de assuntos diversos. Chamou-se-lhe livro do povo.

APÊNDICES. — 30-31. São três, a saber:

- 1.º *Verba congregantis, filii Vomantis*, ou, como se lê no texto hebreu, Palavras de Agur, (*congregans*), filho de Iaquê (*Vomens*). E' uma coleção de sentenças, sob uma forma obscura.
- 2.º 31, 1-9. Têm esta inscrição as palavras do rei Lamuel, poema, (*massâh*), que sua mãe lhe ensinou.
- 3.º Vinte e dois versículos alfabéticos, 31, 10-31. E' o elogio acróstico da mulher forte, tal como a concebe o sábio, inspirado pelo Espírito Santo.

PROVÉRBIOS (1)

CAPÍTULO 1

DESENHO DESTE LIVRO. TOMAR O ENSINO. FUGIR DA COMPANHIA DOS MAUS. OUVIR A VOZ DA SABEDORIA.

1 Parábolas de Salomão, filho de Davi, rei de Israel.

2 Para se aprender a Sabedoria, e a disciplina: (2)

3 Para se entenderem as palavras da prudência:

E receber a instrução da doutrina, a justiça, e o juízo, e a equidade:

4 A fim de se dar aos pequeninos astúcia, ciência, e entendimento ao mancebo. (3)

(1) **PROVÉRBIOS** — Esta palavra toma-se aqui no sentido de sentenças, máximas, lições instrutivas, escritas num estilo conciso e sentencioso. Os gregos deram-lhe o nome de **Parábolas** (**Pa-roĩmĩai**) nome apropriado, porque muitas destas sentenças estão escritas em estilo parabólico e figurado. Os antigos Padres chamaram a este livro **Panaretos**, termo grego que significa tesouro de toda a virtude, querendo indicar que este livro contém as instruções necessárias à prática da virtude.

(2) **DISCIPLINA** — Esta palavra é repetida freqüentes vezes neste livro, e significa os conhecimentos especulativos, as instruções e admoestações atinentes a corrigir os defeitos e formar os corações dos jovens.

(3) **A FIM DE SE DAR AOS PEQUENINOS ASTÚCIA** — Toma-se aqui astúcia em boa parte por esperteza, discreção, discernimento, para conhecer e evitar qualquer engano. Pelos “pequeni-

Provérbios 1, 5-15

5 O sábio ouvindo-as, ficará mais sábio: E entendendo-as, possuirá o leme.

6 Atinará com a parábola, e sua interpretação, com as palavras dos sábios, e seus enigmas.

7 O temor do Senhor é o princípio da sabedoria. Os insensatos desprezam a sabedoria, e a doutrina. (4)

8 Ouve, filho meu, a instrução de teu pai, e não largues a lei de tua mãe;

9 Para se acrescentar engraçado adorno à tua cabeça, e um colar ao teu pescoço. (5)

10 Filho meu, se os pecadores te atraírem com os afagos, não condescendas com eles.

11 Se te disserem: Vem conosco, façamos emboscadas para derramar sangue, armemos laços ocultos ao inocente, que nos não fêz mal algum:

12 Devoremo-lo vivo como o inferno, e inteiro como ao que dá consigo no calabouço. (6)

13 Nisto acharemos tôda a sorte de bens preciosos, encheremos as nossas casas de despojos.

14 Deita conosco a tua sorte, seja uma só a bôlsa de nós todos.

15 Filho meu, não vás com eles, guarda-te de andar pelas suas veredas.

nos" se entendem os simplices, e como lhes chama o apóstolo 1 Cor 14, 20, "meninos no pensar" pelos "mancebos", aquêles que têm já feito progressos na virtude, ou verdadeira ciência.

(4) **INSENSATOS** — Stulti; sob este nome a Escritura designa muitas vezes os maus.

(5) **ENGRAÇADO ADORNO** — Isto é, uma coroa. Os orientais comparam muitas vezes as palavras dos sábios às pérolas e ornamentos preciosos, pois que exornam e tornam resplandecente o espírito do homem.

(6) **COMO O INFERNO** — Faz-se aqui, segundo parece, alusão ao sucesso de Datan e Abiron, relatado já no livro dos Núm 16. O scheol, lugar onde estavam as almas dos justos.

16 Porque os seus pés correm para o mal, e se dão pressa a derramar sangue.

17 Mas debalde se lança a rede diante dos olhos dos que têm asas.

18 Eles mesmos também fazem traições contra o seu próprio sangue, e tramam enganos para ruína de suas almas.

19 Tais são os caminhos de todos os avarentos, eles surpreendem as almas dos que estão possuídos desta paixão.

20 A sabedoria ensina de fora, nas praças dá suas vozes:

21 Ela grita de contínuo à testa dos ajuntamentos do povo, à entrada das portas da cidade profere as suas palavras, dizendo:

22 Até quando amareis, ó crianças, a infância, e os insensatos cobiçarão as coisas que lhes são nocivas, e os imprudentes aborrecerão a ciência?

23 Convertedei-vos à minha correção: Eis-aqui vou eu a propor-vos já o meu espírito, e a intimar-vos as minhas palavras.

24 Porque eu vos chamei, e vós não quisestes ouvir-me: Estendi a minha mão, e não houve quem olhasse para mim. ~

25 Desprezastes todos os meus conselhos, e não fizestes caso das minhas repreensões.

26 Pois eu me rirei também na vossa morte, e zombaréi de vós, quando vos suceder o que temíeis.

27 Quando vos assaltar a calamidade repentina, e colher a morte como um temporal: Quando vier sobre vós atribulação e angústia:

28 Então me invocarão êles, e eu não os ouvirei:
Levantar-se-ão de madrugada, e não me acharão: (7)

29 Pois que êles aborreceram as instruções, e não
abraçaram o temor do Senhor,

30 nem se submeteram ao meu conselho e desacreditaram tôda a minha repreensão.

31 Comerão pois os frutos do seu caminho, e fartar-se-ão dos seus conselhos.

32 A aversão dos meninos os matará, e a prosperidade dos insensatos os virá a perder. (8)

33 Mas aquêlê que me ouvir, descansará sem terror, e gozará da abundância de bens sem receio de mal algum.

CAPÍTULO 2

RECEBER A INSTRUÇÃO. PEDIR A SABEDORIA. VANTAGENS QUE SE ACHAM NA POSSE DELA.

1 Meu filho, se tu receberes os meus discursos, e tiveres os meus mandamentos escondidos dentro dô teu coração,

2 de sorte que o teu ouvido ouça atento o que a sabedoria lhe diz: Inclina o teu coração para conhecer a prudência.

3 Porque se tu invocares a sabedoria, e inclinares o teu coração para a prudência:

(7) **LEVANTAR-SE-AO DE MADRUGADA** — E' este um hebraísmo, que significa fazer as mais agonizadas instâncias, e os maiores esforços para chegar ao fim que se pretende.

(8) **A AVERSÃO DOS MENINOS** — A aversão que os meninos (que não conhecem o que lhes é proveitoso) têm ao tomar os meus conselhos. De Carrières. Também se toma na acepção do afastamento do caminho da ciência e da virtude, e é este o sentido do hebreu. Jeremias serve-se de idéntica expressão para designar o afastamento de Deus. Jer 2, 12; 3, 22; 5, 6.

4 Se a buscares como o dinheiro, e cavares para a encontrar, como os que desenterram tesouros: (1)

5 Então compreenderás tu o temor do Senhor, e acharás a ciência de Deus.

6 Porque o Senhor é o que dá a sabedoria, e da sua bôca sai a prudência, e a ciência.

7 Êle reservará a salvação para os retos e protegerá os que caminham em simplicidade, (2)

8 sendo êle mesmo o que guarda as veredas da justiça, e o que está de vigia sôbre os caminhos dos santos.

9 Então conhecerás tu a justiça, e o juízo e a equidade, e tôdas as veredas que são boas.

10 Se a sabedoria entrar no teu coração, e a ciência agradar à tua alma:

11 O conselho te guardará, e a prudência te conservará,

12 a fim de seres livre do caminho mau, e do homem que fala coisas perversas:

13 Dos que deixam o caminho direito, andam por caminhos tenebrosos:

14 Que se alegram depois de terem feito o mal, e triunfam de prazer nas piores coisas:

15 Cujos caminhos são todos corrompidos, e cujos passos são infames.

(1) **CAVARES** — A imagem desta busca diligente é deduzida do trabalho das viúvas, descrito no livro de Jó 28, 1-11.

(2) **EM SIMPLICIDADE** — Com singeleza, candura, e humildade de coração; aos de vida inculpável e irrepreensível, cujos desejos são todos de agradar a Deus.

Provérbios 2, 16-22

16 A fim de seres livre da mulher alheia e da estranha, que usa dos seus brandos discursos, (3)

17 e deixa o guia da sua puberdade, (4)

18 e se tem esquecido do pacto do seu Deus: Porquanto a sua casa pende para a morte, e as suas veredas para os infernos. (5)

19 Todos os que têm trato com ela não voltarão, nem tomarão as veredas da vida. (6)

20 Para que andes pelo bom caminho: E não largues as veredas dos justos.

21 Porque os que são retos, habitarão na terra, e nela permanecerão os simplices.

22 Porém os ímpios serão arrancados de cima da terra: E os que obram iniquamente serão dela exterminados.

(3) **A FIM DE SERES LIVRE DA MULHER ALHEIA** — Tudo quanto aqui se diz da mulher adúltera e mundana em sentido próprio e literal, se entende também no traslado da corrupção do século e das nações idólatras.

(4) **E DEIXA O GUIA DA SUA PUBERDADE** — Larga seu legítimo marido, que é cabeça da mulher, segundo S. Paulo 1 Cor 11, 3, com o qual se tinha desposado, quando era donzela. — Pereira.

(5) **DO PACTO DO SEU DEUS** — Da fé, ou lealdade que lhe prometera, quando com êle contraiu o matrimônio, tomando a Deus por testemunha, como se prova de Mal 2, 14; e mais que tudo da obrigação de manter a aliança que havia feito com o mesmo Senhor. — Pereira.

A SUA CASA PENDE PARA A MORTE — O hebreu tem, “pende para os gigantes raphaim, isto é, para os infernos, que são a morada dos gigantes. Com o que concorda o que se diz adiante no c. 9, v. 18. — Pereira.

(6) **NAO VOLTARÃO** — Sem o auxílio da graça, a vida tranqüilla, feliz e pura.

CAPÍTULO 3

NÃO ESQUECER DOS PRECEITOS DA SABEDORIA. POR EM DEUS TODA A SUA CONFIANÇA. NÃO SER SÁBIO A SEUS PRÓPRIOS OLHOS. OFERECER DOS SEUS BENS AO SENHOR. NÃO RECUSAR O CASTIGO. LOUVORES DA SABEDORIA. FELICIDADE DOS QUE A POSSUEM. FAZER BEM A SEU PRÓXIMO. NÃO LHE FAZER MAL NENHUM.

1 Meu filho, não te esqueças da minha lei, e guarda no teu coração os meus preceitos.

2 Porque eles te acrescentarão longura de dias, e anos de vida, e paz.

3 Não te desamparem a misericórdia, e a verdade, põe-nas à roda do teu pescoço, e grava-as sobre as tábuas do teu coração: (1)

4 E acharás graça, e sábia conduta diante de Deus e dos homens.

5 Tem confiança no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes na tua prudência.

6 Traze-o no pensamento em todos os teus caminhos, e ele mesmo dirigirá os teus passos.

7 Não sejas sábio a teus próprios olhos: Temete a Deus, e aparta-te do mal:

8 Pois isto será saúde para o teu corpo, e a regadura dos teus ossos.

9 Honra ao Senhor com a tua fazenda, e dá-lhe das primícias de todos os teus frutos:

10 E se encherão os teus celeiros de fartura, e transbordarão de vinho os teus lagares.

11 Não rejeites, meu filho, a correção do Senhor: Nem caias em abatimento, quando por ele és castigado:

(1) A RODA DO TEU PESCOÇO — Compare-se esta frase com os lugares de Ex 13, 9; Dt 6, 8.

Provérbios 3, 12-23

12 Porque o Senhor castiga aquêles a quem ama: E acha nêle a sua complacência, como um pai em seu filho.

13 Bem-aventurado o homem que achou a sabedoria, e que está rico de prudência:

14 Melhor é a sua aquisição do que o tráfico da prata, e seus frutos melhores do que o ouro mais fino, e mais depurado:

15 Mais preciosa é que tôdas as riquezas: E tudo o mais que se deseja não se pode comparar com ela.

16 Na sua direita está a longura de dias, e as riquezas, e a glória na sua esquerda. (2)

17 Os seus caminhos são caminhos formosos, e de paz tôdas as suas veredas.

18 E' árvore da vida para aquêles que lançarem mão dela: E bem-aventurado o que a não largar. (3)

19 O Senhor fundou a terra pela sabedoria, estabeleceu os céus pela prudência.

20 Pela sua sabedoria é que os abismos se romperam, e as nuvens se condensam em orvalho.

21 Meu filho, não te escapem estas coisas de diante dos teus olhos: Guarda a lei, e o conselho:

22 E terá vida a tua alma, e engraçado adorno a tua garganta:

23 Então andarás tu com confiança pelo teu caminho, e o teu pé não tropeçará:

(2) **NA SUA DIREITA** — Pela mão direita se dão a entender os bens eternos, pela esquerda os temporais. — **Pereira.**

(3) **E' ARVORE DA VIDA** — O mesmo que era (segundo Santo Agostinho no livro 13, da cidade de Deus, capítulo 20,) no Paraíso terreal a árvore da vida, é no Paraíso espiritual da Igreja a sabedoria de Deus: aquela tornava imortal o corpo do homem, conservando-o na mesma idade; esta livra a sua alma da velhice do pecado, guardando-a para a vida eterna. — **Pereira.**

24 Se dormires, não temerás: Descansarás, e o teu sono será tranqüilo:

25 Não te assustes do repentino pavor, nem das poderosas arremetidas, com que os ímpios te acometam.

26 Porque o Senhor estará ao teu lado, e ele guardará o teu pé para não seres apanhado no laço:

27 Não impidas que faça bem aquêle que pode: Se podes, faze-o tu mesmo também.

28 Não digas ao teu amigo: Vai, e torna: Amanhã te darei: Quando tu lhe podes dar logo.

29 Não traces fazer mal ao teu amigo, tendo êle confiança em ti.

30 Não façais processo contra qualquer homem sem motivo, quando êle te não fêz mal nenhum.

31 Não invejes o homem injusto nem imites os seus caminhos:

32 Porque abominação do Senhor é todo o enganador, e a sua conversação é com os sîmplices. (4)

33 Haverá indigência na casa do ímpio enviada pelo Senhor: Porém as habitações dos justos serão abençoadas. (5)

34 Êle escarnecerá dos escarnecedores, e dará graça aos mansos.

35 Os sábios possuirão a glória: A exaltação dos insensatos será a sua ignomínia.

(4) O ENGANADOR — A palavra illusor da Vulgata se deve tomar no sentido de perverso, como traz o hebreu; ou “transgressor da lei”, como se lê nos Setenta. — Pereira.

(5) INDIGÊNCIA — Os Setenta lêem maldição de Deus, e o mesmo se acha no texto hebreu. — Pereira,

CAPÍTULO 4

SALOMÃO EXORTA OS HOMENS À SABEDORIA, COMO SEU PAI MESMO O EXORTOU. GUARDAR A DISCIPLINA. FUGIR DO CAMINHO DOS ÍMPIOS. FELICIDADE DOS JUSTOS, INFELICIDADE DOS MAUS. GUARDAR O SEU CORAÇÃO. VIGIAR SOBRE A LÍNGUA. REGULAR OS PASSOS.

1 Ouvi, filhos, as instruções de um pai, e estai atentos para conhecerdes a prudência.

2 Dar-vos-ei um belo dom, não deixeis a minha lei. (1)

3 Porque eu fui também filho de meu pai, querido e como unigênito diante de minha mãe: (2)

4 E ele me ensinava e dizia: O teu coração receba as minhas palavras, guarda os meus preceitos e viverás.

5 Possui a sabedoria, possui a prudência: Não te esqueças, nem te desvies das palavras da minha boca.

6 Nem a largues, e ela te guardará: Ama-a, e ela te conservará.

7 Possui tu a sabedoria, que este é o princípio da mesma sabedoria, e adquire a prudência com todas as tuas posses: (3)

(1) **DAR-VOS-EI UM BELO DOM** — O hebreu lê: “Porque excelente doutrina vos tenho dado.” Com a Vulgata concordam os Setenta.

(2) **QUERIDO** — Na Vulgata está *tenellus*, que o P. Pereira traduziu *tenrinho*; o grego traz obediente do al; deve depois subentender-se a partícula como, o que sucede frequentemente no estilo bíblico, e que evidentemente está subentendida neste lugar, porque Salomão tem três irmãos (1 Par 3, 5), a não ser que dêem à palavra unigênito a significação de bem amado, como fazem os Setenta.

(3) **POSSUI TU A SABEDORIA** — O hebreu apanhando e adquirindo o dom da sabedoria, mostra nisto mesmo já um prin-

8 Arrebata-a, e ela te exaltará: Glorificado serás por ela, quando a tiveres abraçado,

9 ela derramará sobre a tua cabeça torrentes de graças, e te cobrirá com uma ínclita coroa. (4)

10 Ouve, meu filho, e recebe as minhas palavras, para que se te multipliquem os anos da tua vida.

11 Eu te mostrarei o caminho da sabedoria, guiarte-ei pelas veredas da equidade:

12 Nas quais, depois que tiveres entrado, não se estreitarão os teus passos, e correndo não terás tropeço.

13 Pega-te bem à disciplina, não a largues: Guarda-a, porque ela é a tua vida.

14 Não te deleites nas veredas dos ímpios, nem te agrade o caminho dos maus.

15 Foge dêle, e não passes por êle: Desvia-te, e deixa-o:

16 Porque êles não dormem, sem terem feito mal: E foge dêles o sono se não tiverem armado alguma san-cadilha:

17 Êles comem o pão da impiedade e bebem o vinho da iniquidade.

18 Mas a vereda dos justos, como luz que resplandece, vai adiante e cresce até o dia perfeito.

19 O caminho dos ímpios é tenebroso: Êles não sabem onde vão cair.

20 Meu filho, escuta os meus discursos e inclina o teu ouvido para as minhas expressões:

cípio de sabedoria, e merece consegui-la; porém o que olha para ela com indiferença, faz-se indigno de a obter e possuir.

(4) **E TE COBRIRA COM UMA ÍNCLITA COROA** — Por esta coroa, que ao mesmo tempo nos cobre e protege como nosso esplendor e defesa, entendem comumente os Padres a caridade. Pretendem alguns que até aqui são palavras de Davi repetidas por Salomão.

Provérbios 4, 21-27

21 Elas se não tirem de diante dos teus olhos, conserva-as no meio do teu coração:

22 Porque são vida para os que as acham, e saúde para tôda a carne.

23 Aplica-te com todo o cuidado possível à guarda do teu coração, porque dêle é que procede a vida.

24 Remove de ti a bôca maligna, e estejam longe de ti os lábios que detraem.

25 Os teus olhos olhem direitos, e as tuas pálpebras precedam os teus passos.

26 Dirige a vereda em que pões os teus pés, e todos os teus caminhos serão firmes.

27 Não declines nem para a direita nem para a esquerda: Retira o teu pé do mal: Porque o Senhor conhece os caminhos, que estão à direita: E os que estão à esquerda são uns caminhos de perdição. Mas êle mesmo endireitará as tuas carreiras, e guiando prolongará em paz os teus caminhos. (5)

(5) **NÃO DECLINES** — Consiste num meio a virtude, apartando-se dos extremos. O caminho à direita é o de Deus, que se opõe à injustiça, mas ainda neste mesmo caminho de Deus é necessário não declinar nem à direita, nem à esquerda, segundo a inteligência dos Padres, e entre êles em vários lugares Santo Agostinho. Declina-se à direita, quando nos ensoberbecemos com as boas obras que praticamos; e à esquerda, quando nelas afrouxamos. Por onde só deve trilhar-se êste caminho entre a presunção e a desídia. — **Pereira.**

PORQUE O SENHOR CONHECE OS CAMINHOS — Todo êste versículo, com que se termina o presente capítulo, falta no hebreu, mas trazem-no os Setenta. — **Pereira.**

CAPÍTULO 5

EXORTAÇÃO À CASTIDADE. ENTREGAR-SE À SUA ESPOSA.
CONSEQUÊNCIAS FUNESTAS DO ADULTÉRIO.

1 Meu filho, atende à minha sabedoria, e inclina o teu ouvido para a minha prudência,

2 a fim de vigiares sôbre a guarda dos teus pensamentos, e para que os teus lábios conservem a disciplina. Não te iludas com os artifícios da mulher.

3 Porque os lábios da prostituta são como o favo que distila o mel, e a sua garganta é mais lustrosa do que o óleo: (1)

4 Mas o seu fim é amargoso como o absinto, e talhantê como a espada de dois gumes. (2)

5 Os seus pés descem à morte, e os seus passos penetram até aos infernos.

6 Êles não andam pela vereda da vida, os seus passos são vagabundos; e ininvestigáveis.

7 Agora pois, meu filho, ouve-me, e não te apartes das palavras da minha boca.

8 Alonga dela o teu caminho, e não chegues às portas de sua casa.

9 Não dêes a tua honra às alheias, nem os teus anos à cruel:

10 Para que não suceda que os estranhos enrique-

(1) MEL — E' muito comum na Palestina, e tanto que se lhe chama a terra onde corre o mel. Ex 3, 8, e por isso é freqüentíssima esta metáfora.

(2) ABSINTO — A doçura do mel do v. 3 contrapõe o autor a amargura do absinto, comum na Palestina e principalmente aos arredores de Belém. Os orientais fazem grande uso desta planta não obstante a sua proverbial amargura.

Provérbios 5, 11-19

çam dos teus bens e que os teus trabalhos estejam na casa de outrem, (3)

11 e que tu gemas no fim, quando tiveres consumido as tuas carnes e o teu corpo e digas:

12 Por que detestei eu a disciplina, e por que não cedeu às repreensões o meu coração,

13 nem ouvi a voz dos que me ensinavam, nem apliquei aos mestres o meu ouvido?

14 Quase que em todo o mal me achei, no meio da Igreja e da Sinagoga. (4)

15 Bebe da água da tua cisterna, e das correntes do teu poço: (5)

16 Corram fora os regatos da tua fonte, e reparte as tuas águas nas ruas. (6)

17 Possui-as tu só, e não tenham parte nelas os estranhos.

18 A tua fonte seja bendita, e vive alegre com a mulher que tomaste na tua adolescência:

19 Ela seja para ti a corça que muito amas, e o teu engraçadíssimo veado: Os seus peitos te embebedem

(3) **E QUE OS TEUS TRABALHOS** — Isto é, a fazenda e cabedais, que tens adquirido com a tua indústria e trabalho.

(4) **QUASE QUE EM TODO O MAL ME ACHEI** — Estas palavras arguem o despejo, e a devassidão dos costumes de muitos, que pouco falta para se entregarem publicamente ao excesso das suas criminosas paixões. Também, como querem alguns, podem ser palavras de um pecador que cai na conta do mal passado, e se converte a Deus de todo o coração. Porém comumente se entendem da falsa penitência dos que parece que detestam as culpas, mas eficazmente não tratam de se emendar delas. — Percira.

(5) **BEBE DA AGUA DA TUA CISTERNA** — Com esta elegante, e decentíssima metáfora, quer dar a entender Salomão, que o homem se contente com a sua legítima mulher. — Bossuet.

(6) **CORRAM FORA OS REGATOS DA TUA FONTE** — Isto é, sejam muitos os filhos que tenhas dela. — Bossuet.

em todo o tempo, no seu amor busca sempre o teu prazer. (7)

20 Por que te deixas, meu filho, enganar da alheia, e repousas no seio duma outra?

21 O Senhor olha atentamente para os caminhos do homem, e considera todos os seus passos.

22 As suas mesmas iniquidades prendem ao ímpio, e é apertado com as ataduras dos seus pecados.

23 Ele morrerá, porque não admitiu a correção, e se achará enganado pelo excesso da sua loucura.

CAPÍTULO 6

OBRIGAÇÕES DO QUE DEU CAUÇÃO POR OUTRO. O PREGUIÇOSO EXCITADO AO TRABALHO. RUÍNA DO QUE SEMEIA DISCÓRDIA. APROVEITAR-SE DA INSTRUÇÃO. DEFENDER-SE DA MULHER ADÚLTERA.

1 Meu filho, se ficares por fiador do teu amigo, deste por êle a tua mão a um estranho, (1)

2 com as palavras da tua bôca te meteste no laço, e ficaste prêso pelas tuas próprias expressões.

(7) **A CORÇA** — Em todo o Oriente, a corça, por causa da sua timidez, da ternura do seu olhar e da elegância das suas formas, é o símbolo da beleza. — Mgr. Mislin.

NO SEU AMOR BUSCA SEMPRE O TEU PRAZER — Não cometendo adultério com outras, e observando, não como conselho mas como preceito, a máxima do Apóstolo 1 ad Cor 7, 29. 30. 31.

(1) **MEU FILHO** — Não se condenam aqui as fianças, que do nosso préstamo requerem as leis da caridade, mas só as incautas e imprudentes.

DESTE — É, como bem se deixa ver, alusão ao costume oriental de tocar a direita do credor aquêle que tomava sôbre si a fiança, em sinal da palavra dada. Xenofonte fala dêste uso como vulgar entre os persas. *Anabasis* L II-III.

3 Faze pois, meu filho, o que te digo, e livra-te a ti mesmo: Pois que caíste nas mãos do teu próximo. Discorre duma para outra parte, apressa-te, desperta ao teu amigo:

4 Não deixes entregarem-se ao sono os teus olhos, nem dormitem as tuas pálpebras.

5 Salva-te como uma corçazinha que escapa da mão e como um pássaro que foge dentre as mãos do armador.

6 Vai ter, ó preguiçoso, com a formiga e considera os teus caminhos, e aprende dela a sabedoria:

7 A qual não tendo condutor, nem mestre, nem príncipe,

8 faz o seu provimento no estio, e ajunta no tempo da ceifa de que se sustentar. (2)

(2) FAZ O SEU PROVIMENTO — Esta passagem tem servido de argumento contra a inspiração d'este livro. Objectam os adversários que a ciência desmente a pretendida providência da formiga, celebrada nas fábulas de La Fontaine; porém a verdade é, segundo os modernos estudos, que a formiga é um carnívoro que se nutre de insetos que arrasta para o formigueiro, e que das substâncias não animais, só procura as que são açucaradas. Durante o inverno, acrescentam, a formiga não come, e então de que serviriam os grãos de trigo às formigas que passam o inverno amontoadas umas sobre as outras, e tão imóveis que parecem mortas? Réaumur e Latreille, *Histoire naturelle des fourmis*; Huber, *Recherches sur les mœurs des fourmis*. Mas de tudo isto nada se pode concluir contra a inspiração do autor sagrado, porque os adversários partem do falso suposto de que este lugar bíblico ensina que as formigas conservam para o inverno as provisões que juntam durante o estio, quando tal não há. Nem o texto original nem as mais antigas versões autorizam essa interpretação. Lê-se somente no texto sagrado que a formiga faz o seu provimento no estio, mas não fala do inverno. O que Salomão intenta é apresentar as formigas como modelo de atividade, e o citado Latreille fala dessa atividade laboriosa. On a celebre avec raison, la prevoyance de ces insectes et leur amour insatiable pour le travail. Quanto à provisão é um fato averiguado. Na conhecida revista *Tour du Monde*, 1881,

9 Até quando dormirás tu, ó preguiçoso? Quando te levantarás tu do teu sono?

10 Um pouquinho dormirás, outro pouquinho dormitarás, outro pouquinho cruzarás as mãos para dormires:

11 E virá sobre ti a indigência, como um caminhar, e a pobreza, como um homem armado. Se tu porém fôres diligente, virá a tua messe como uma fonte, e a indigência fugirá longe de ti.

12 O homem apóstata é um homem inútil, caminha com bôca perversa, (3)

13 êle faz sinais com os olhos, bate com o pé, fala com os dedos,

14 com depravado coração machina o mal, e em todo o tempo semeia distúrbios:

15 A êste tal virá de repente a sua perdição, e de improviso será quebrantado, e não terá mais daí por diante remédio.

16 Seis são as coisas que o Senhor aborrece, e a sua alma detesta a sétima:

17 Olhos altivos, língua mentirosa, mãos que deramam sangue inocente,

18 coração que machina malvadíssimos projetos, pés prontos para correr ao mal,

2.º semestre, p. 173, 174, encontra-se um belo artigo, firmado pelo Cfr. Loartet, em que êste naturalista confessa que as formigas da Síria juntam em seus celeiros uma quantidade considerável de trigo, une quantité de blé, souvent très considérable, e acrescenta: Des milliers de travailleurs sont activement occupés à chercher des grains de blé tombés sur le sol et à les rentrer dans leurs vastes gremiers souterrains etc.

(3) O HOMEM APÓSTATA — E' o que se rebela contra Deus, sacudindo o jugo da sua lei. No hebreu, é o que se lê: Homem de Bellal, que é o mesmo que dizer: Homem do diabo, pois assim traduz a Vulgata. 3 Rs 21, 13.

Provérbios 6, 19-30

19 testemunha falsa que profere mentiras e o que semeia discórdias entre seus irmãos. (4)

20 Conserva, meu filho, preceitos de teu pai, e não largues a lei de tua mãe.

21 Traze-os incessantemente atados ao teu coração, e põe-nos à roda da tua garganta. (5)

22 Quando andares, eles te acompanhem: Quando dormires, eles te guardem, e em acordando fala com eles:

23 Porque o mandamento é uma candeia, e a lei uma luz e a repreensão da disciplina o caminho da vida:

24 Para que te guardem da má mulher, e da língua lisonjeira da estranha.

25 Não cobice o teu coração a sua formosura, nem te deixes prender dos seus acenos:

26 Porque o preço da meretriz apenas é de um pão: Mas a mulher cativa a alma do homem, a qual não tem preço.

27 Acaso pode o homem esconder o fogo no seu seio, sem que ardam os seus vestidos?

28 Ou pode ele andar por cima das brasas, sem que se queime a planta dos seus pés?

29 Assim o que se chega à mulher de seu próximo, não ficará limpo depois de a tocar.

30 Não é grande culpa, quando algum furtar: Porque furta para saciar a sua esfaimada alma:

(4) **E O QUE SEMEIA DISCÓRDIAS** — Esta é a sétima coisa que Deus aborrece e detesta muito mais, que todas as seis que ficam apontadas, porque o semeador de cizânias rompe os laços da caridade entre o próximo, a qual é o fim dos mandamentos, 1 ad Tím 1, 5, e faz apagar o seu fogo, que Jesus Cristo quer que se atele nos corações humanos. Lc 12, 49.

(5) **TRAZE-OS INCESSANTEMENTE** — Alusão ao que diz Moisés no Dt 6, 6-8. Confira-se com Prov 7, 3.

31 Também depois de colhido às mãos, pagará sete vêzes em dôbro, e entregará todos os bens da sua casa.

32 Porém o que é adúltero perderá a sua alma por causa da loucura do seu coração:

33 Ele ajunta para si a infâmia e a ignomínia e não se apagará o seu opróbrio:

34 Porque o ciúme e o furor do marido não lhe perdoará no dia da vingança,

35 nem ele se dobrará aos rogos de nenhum, nem receberá em satisfação presentes, ainda que sejam em mui grande número.

CAPÍTULO 7

EXORTAÇÃO AO AMOR DA SABEDORIA. DEFENDER-SE DOS ARTIFÍCIOS DA MULHER ADÓLTERA. INFELICIDADE DAQUELES QUE SE DEIXAM CATIVAR DELA.

1 Meu filho, guarda as minhas expressões, e esconde dentro de ti os meus preceitos. Filho,

2 observa os meus mandamentos, e viverás: E guarda a minha lei como a menina do teu ôlho:

3 Traze-a atada aos teus dedos, escreve-a nas tábuas do teu coração.

4 Dize à sabedoria, tu és minha irmã; E chama à prudência a tua amiga,

5 para que te guarde da mulher estranha, e da alheia, que adoça as suas palavras.

6 Porque desde a janela da minha casa me tenho pôsto a olhar por entre as gelosias, (1)

(1) **GELOSIAS** — Na Palestina, as janelas não tinham vidros, eram fechadas com gelosias, rótulas móveis de madeira, havendo também a adufa, que era um anteparo de pau.

Provérbios 7, 7-20

7 e vejo aos incautos, considero à uni mancebo insensato,

8 que passa pela rua junto da esquina, e pelo pé da casa daquela, anda,

9 sendo já escuro, quando o dia se vai acabando nas trevas, e obscuridade da noite.

10 E eis-aqui que lhe sai ao encontro esta mulher ornada à moda das prostitutas, prevenida para caçar as almas: Faladora e vagabunda,

11 não lhe sofrendo o coração estar quêda, nem podendo ter os pés dentro em casa,

12 pondo-se de emboscada, umas vêzes fora outras nas praças, outras às esquinas.

13 E tendo mão num mancebo, o beija, e com uma cara sem vergonha lhe faz carícias, dizendo:

14 Pela tua saúde ofereci vítimas, e hoje dei cumprimento aos meus votos:

15 Por isso te saí ao encontro, desejando ver-te, e eis que te achei.

16 Fiz sôbre cordões a minha cama, cobri-a com colchas bordadas do Egito: (2)

17 Perfumei a câmara de mirra, e de aloés, e de cinamomo.

18 Vem, embriaguemo-nos de amores, e gozemos abraços desejados, até que amanheça o dia:

19 Porque meu marido não está em sua casa, foi fazer uma jornada muito dilatada:

20 Levou consigo um saco de dinheiro: Lá para o dia da lua cheia é que há de voltar à sua casa.

(2) **FIZ SÔBRE CORDÕES** — Isto é, fiz a minha cama sôbre cordões, faixas, ou cintas, e não sôbre tábuas, para ficar mais brando.

COLCHAS BORDADAS — Os tapêtes fabricados no Egito adquiriram reputação famosa, sendo muito apreciados. — Ez 27, 7.

21 Meteu-o assim na rêde com os seus longos discursos, e o arrastou com as lisonjas dos seus lábios.

22 Segue-a logo como boi que é levado ao sacrificio, e como cordeiro que vai saltando, e ignora o nêscio que é arrastado para uma prisão.

23 Até que uma seta lhe traspassa o fígado: Como ave que apressada corre ao laço, e não sabe que se trata do perigo da sua vida.

24 Ouve-me pois agora, meu filho, e está atento às palavras da minha bôca:

25 Não se deixe arrastar o teu espírito a ir pelos caminhos desta mulher: Nem tu te deixes enganar das suas veredas:

26 Porque a muitos derribou feridos, e os mais fortes por ela foram mortos. (3)

27 Caminhos do inferno são a sua casa, que penetram até às entranhas da morte.

CAPÍTULO 8

A SABEDORIA CONVIDANDO OS HOMENS A QUE VENHAM A ELA, E RECEBAM AS SUAS INSTRUÇÕES. EXCELENÇA DA SABEDORIA. ELA ESTÁ EM DEUS DESDE TODA A ETERNIDADE. AS SUAS DELÍCIAS SÃO ESTAR COM OS HOMENS. FELICIDADE DOS QUE A OUVEM. INFELICIDADE DOS QUE A ABORRECEM.

1 Porventura a sabedoria não está repetidas vezes clamando, e a prudência não faz ouvir a sua voz? (1)

(3) E OS MAIS FORTES — Como foram, por exemplo, Sansão, Davi, e o mesmo Salomão.

(1) PORVENTURA — Este capítulo pode ser considerado como a sequência do antecedente; no anterior descreveu os perigos da sedução; agora os encantos da prudência, que nos tornará sábios e felizes. É uma prosopopéia. A sabedoria fala como uma rainha aos seus vassallos.

Provérbios 8, 2-11

2 No mais alto e elevado das eminências, ao longo do caminho, no meio das veredas posta em pé,

3 junto às portas da cidade, na mesma entrada, fala, dizendo:

4 A vós, ó homens, é que eu estou continuamente clamando, e aos filhos dos homens é que se dirige a minha voz.

5 Aprendei, ó pequeninos, a astúcia, e vós, insensatos, prestai-me atenção.

6 Ouvi, porque tenho de vos falar acêrca de grandes coisas: E os meus lábios se abrirão para anunciarem o que é reto.

7 A minha garganta meditará a verdade, e os meus lábios detestarão ao ímpio. (2)

8 Justos são todos os meus discursos, nêles não há coisa má, nem depravado: (3)

9 Retos são para os inteligentes, e de equidade para os que acham ciência.

10 Recebei as minhas instruções com maior gôsto, do que se recebêsseis dinheiro: Escolhei antes a doutrina que o ouro.

11 Porque melhor é a sabedoria que tôdas as riquezas de mais subido valor: E tudo quando é apetecível com ela se não pode comparar.

SABEDORIA — A mor parte dos Padres entendem aqui a sabedoria divina e eterna: Dei cognitio. Lápide, como a segunda pessoa da Santíssima Trindade: Sapientia hæc est hypostatica nempe Filius Dei, sive Christus. Lápide, sabedoria portanto referida à divindade e à humanidade do filho de Deus. — Glaire.

(2) **A MINHA GARGANTA MEDITARÁ** — Isto é, a minha língua falará. — Menochio.

(3) **JUSTOS SÃO TODOS OS MEUS DISCURSOS** — Não envolvem erro como os dos sábios do mundo. E tal é o caráter da divina sabedoria. — Pereira.

12 Eu, a sabedoria, habito no conselho, e me acho presente aos pensamentos judiciosos.

13 O temor do Senhor aborrece o mal: Eu detesto a arrogância, e a soberba, e o caminho corrompido, e a bôca de duas línguas.

14 Meu é o conselho, e a eqüidade, minha é a prudência, minha é a fortaleza.

15 Por mim reinam os reis, e por mim decretam os legisladores o que é justo:

16 Por mim imperam os príncipes, e os poderosos decretam a justiça.

17 Eu amo aos que me amam: E os que vigiam desde a manhã por me buscarem, achar-me-ão.

18 Comigo estão as riquezas, e a glória, a magnífica opulência, e a justiça. (4)

19 Porque melhor é o meu fruto que o ouro, e que a pedra preciosa, e as minhas produções melhores que a prata escolhida.

20 Eu ando nos caminhos da justiça, no meio das veredas do juízo.

21 Para enriquecer aos que me amam, e para encher os seus tesouros. (5)

22 O Senhor me possuiu no princípio de seus caminhos, desde o princípio antes que criasse coisa alguma. (6)

(4) **A MAGNIFICA OPULÊNCIA** — O hebreu lê: “E a opulência estável”. — Pereira.

(5) **OS SEUS TESOUROS** — Veja-se Is 33, 6. — Pereira.

(6) **O SENHOR ME POSSUIU** — Este versículo é célebre na história da teologia dogmática. Os arianos, sectários do célebre hereje Ária, negaram, como é sabido, a consubstanciabilidade do Verbo, ou da segunda pessoa da Trindade, que consideravam uma criatura, segundo a doutrina do seu chefe, exposta na famosa carta de Ária a Eusébio. No calor da discussão lembraram-se de citar

Provérbios 8, 23-33

23 Desde a eternidade fui constituída, e desde o princípio, antes da terra ser criada. (7)

24 Ainda não havia os abismos, e eu estava já concebida: Ainda as fontes das águas não tinham arrebitado:

25 Ainda se não tinham assentado os montes sobre a sua pesada massa: Antes de haver outeiros, era eu dada à luz:

26 Ainda ele não tinha feito a terra, nem os rios, nem tinha firmado o mundo sobre os seus polos.

27 Quando ele preparava os céus, eu me achava presente: Quando com lei certa, e dentro do seu âmbito encerrava os abismos:

28 Quando firmava lá no alto a região etérea, e quando equilibrava as fontes das águas:

29 Quando circunscrevia ao mar o seu termo, e punha lei às águas, para que não passassem os seus limites: Quando sustentava pendentes os fundamentos da terra.

30 Estava eu com ele regulando tôdas as coisas: E cada dia me deleitava, brincando em todo o tempo diante d'ele:

31 Brincando na redondeza da terra: E achando as minhas delícias em estar com os filhos dos homens.

32 Agora pois, filhos, ouvi-me: Bem-aventurados os que guardam os meus caminhos.

33 Ouvi a instrução e sede sábios, e não queirais rejeitá-la.

este texto para demonstrarem a criabilidade do Verbo, deturpando-lhe o sentido claro, porque desta passagem só se pode concluir exatamente o inverso, isto é, que a Sabedoria ou o Verbo é coeterno e consubstancial ao Pai.

(7) FUI CONSTITUÍDA — Lê o hebreu: "Tive o principio". — Pereira.

34 Bem-aventurado o homem que me ouve e que vela todos os dias à entrada da minha casa, e que está feito espia às umbreiras da minha porta.

35 Aquêlê que me achar, achará a vida, e haverá do Senhor a salvação:

36 Aquêlê porém que pecar contra mim fará mal à sua alma. Todos os que me aborrecem, amam a mortê.

CAPÍTULO 9

A SABEDORIA EDIFICOU PARA SI UMA CASA, PREPAROU UM BANQUETE E CONVIDOU PARA ELE OS HOMENS. DESGRAÇADO O QUE DESPREZAR O SEU CONVITE. A MULHER INSENSATA TAMBÉM CHAMA A SI OS HOMENS. DESGRAÇADO O QUE SE DEIXAR VENCER DOS SEUS ATRATIVOS.

1 A sabedoria edificou para si uma casa, cortou sete colunas. (1)

2 Imolou as suas vítimas, preparou o vinho, e dispôs a sua mesa. (2)

(1) SABEDORIA — E' a continuação da parábola principiada no capítulo precedente, em que o autor apresentou a sabedoria como uma mulher, cujas excelsas qualidades contrapõe aos falazes atrativos da voluptuosidade.

UMA CASA — Segundo os Padres da Igreja esta expressão designa a sagrada Humanidade de Jesus Cristo e a Igreja Cristã, que reune as qualidades descritas por Salomão. *Per domum intellige Ecclesiam quae domus Dei vocatur* 1 Tim 3, 15 in qua paratum est plis convivium. — Menochio.

SETE COLUNAS — O mesmo sete foi sempre considerado entre os hebreus, árabes e persas como um número perfeito e por consequência misterioso e sagrado. Os intérpretes vêem nestas sete colunas as figuras dos sete sacramentos e dos sete dons do Espírito Santo. A expressão cortar as colunas significa construir com magnificência.

(2) IMOLOU AS SUAS VÍTIMAS — No hebreu está matar e degolar os seus animais, que tinha engordado para um festim,

Provérbios 9, 3-11

3 Enviou as suas escravas a chamar à fortaleza, e às muralhas da cidade: (3)

4 Todo o que é simples, venha a mim. E aos insensatos disse:

5 Vinde, comei o pão que eu vos dou e bebei o vinho que vos preparei. (4)

6 Deixai a infância, e vivei, e andai pelos caminhos da prudência.

7 Aquêlê que instrui ao mofador a si mesmo se faz injúria: E aquêlê que repreende ao ímpio, a si mesmo se desonra.

8 Não repreendas ao mofador, para que êle te não aborreça. Repreende ao sábio, êle te amará.

9 Dá ocasião ao sábio, e se lhe acrescentará sabedoria: Ensina ao justo, e se apressará em aprender. (5)

10 O princípio da sabedoria é o temor do Senhor: E a ciência dos Santos é a prudência.

11 Porque por mim se aumentará o número dos teus dias, e acrescentados serão novos anos à tua vida.

PREPAROU O VINHO — Na Vulgata, que mais se aproxima do original, está *miscuit*, misturou, que o Padre Pereira traduziu por preparou, que é, na verdade, o sentido do texto porque os vinhos das regiões orientais são muito fortes e encorpados e por isto misturam-lhes água e algumas vêzes aromas proporcionalmente.

(3) **AS SUAS ESCRAVAS** — Entendem os exegetas que as escravas da sabedoria são os Apóstolos, os doutores da Igreja, os confessores da fé, e quantos vão por todo o mundo anunciar a palavra de Deus.

(4) **O PÃO** — Expressão metafórica, que indica a doutrina da sabedoria, a que, também por semelhança, se costuma chamar alimento do espírito.

(5) **DA OCASIAO AO SABIO** — Isto é, de aprender. — *Menochio*.

12 Se fôres sábio, para ti mesmo o serás: E se fôres mofador, tu só experimentarás o mal.

13 A mulher insensata e gritadeira, e cheia de atractivos, e que de todo não sabe nada, (6)

14 assentou-se à porta de sua casa sôbre uma cadeira, num lugar alto da cidade,

15 para chamar aos que passavam pela estrada, e que iam andando o seu caminho, dizendo:

16 O que é simples, decline para mim. E ao insensato disse ela:

17 As águas furtivas são mais doces, e o pão tomado às escondidas é mais gostoso.

18 Mas êle ignorou que os gigantes estão com ela, e que os seus convidados se acham nas profundezas do inferno. (7)

CAPÍTULO 10

DO FILHO SÁBIO, E DO INSENSATO; DO JUSTO, E DO ÍMPIO;
DO DILIGENTE, E DO PREGUIÇOSO; DA CARIDADE, E DO
ÓDIO; DA BOA E DA MÁ LÍNGUA.

Parábolas de Salomão, (1)

(6) **E QUE DE TODO NÃO SABE NADA** — Os Setenta lêem: "Que não conhece vergonha". — Pereira.

(7) **GIGANTES** — O que está no original hebraico é *rephaim*, termo que propriamente designa as almas dos mortos e que é distinto da palavra semelhante. *Rephaim*, nome duma raça de gigantes. Em outro lugar 2, 18, S. Jerônimo traduzia *Rephaim* por inferno, quando a esta significação corresponde *ocheol*. Este versículo é a conclusão breve, mas enérgica de Salomão. A casa de loucura é semelhante ao inferno e os seus convivas vêem-se num instante em companhia dos habitantes dos abismos, precipitados no inferno, onde não encontram nem podem esperar salvação.

(1) **PARABOLAS DE SALOMÃO** — Este título não se lê na versão dos Setenta, nem na Vulgata de Xisto V, mas lê-se no hebreu, no caldeu, na versão de S. Jerônimo e na Vulgata de Cile-

Provérbios 10, 1-9

1 O filho sábio a seu pai dá alegria: Porém o filho insensato é a tristeza de sua mãe. (2)

2 Os tesouros da impiedade de nada servirão: Mas a justiça livrará da morte.

3 O Senhor não afligirá com fome a alma do justo, e desfará as traições dos ímpios.

4 A mão remissa tem produzido indigência: Mas a mão dos fortes adquire riqueza.

O que se estriba em mentiras, êste se sustenta de ventos: E êle mesmo corre atrás dos pássaros que voam. (3)

5 Aquêlê que ajunta no tempo da messe é filho sábio: Mas o que dorme tranqüilo no estio é filho da confusão.

6 A bênção do Senhor é sôbre a cabeça do justo: Mas a iniquidade dos ímpios cobre-lhes o rosto.

7 A memória do justo será acompanhada de louvores: E o nome dos ímpios apodrecerá.

8 O que é sábio de coração recebe os avisos: O insensato é ferido pelos lábios.

9 Aquêlê que anda em simplicidade, anda afoutamente: Aquêlê porém que perverte os seus caminhos, será descoberto.

mente VIII, que é a de que atualmente usamos, depois de suprimida a de Xisto V. — Calmet.

(2) **O FILHO SÁBIO** — Até aqui fomos exortados a lançar mão do estudo da sabedoria, em geral, que consiste no conhecimento da verdade, e em acertar a cumprir com a vontade do Senhor; daqui por diante, por meio de uma quase continuada antítese entre o bem e o mal, se nos intimam preceitos e regras especiais para abraçar todo o gênero de virtudes e fugir dos vícios. — **Pereira.**

(3) **O QUE SE ESTRIBA EM MENTIRAS** — Este versículo não vem no hebreu, nem no grego, nem na nova edição de S. Jerônimo, nem num grande número de manuscritos latinos — **Calmet,**

10 O que faz sinais causará dor: E o insensato será estimulado pelos lábios. (4)

11 A boca do justo é veia da vida: E a boca dos ímpios esconde a iniquidade.

12 O ódio excita rixas: E a caridade cobre todos os delitos.

13 Nos lábios do sábio se acha a sabedoria: E a vara sobre as costas daquele que não tem senso.

14 Os sábios escondem a ciência: Mas a boca do insensato está próxima à confusão.

15 O cabedal do rico é a cidade da sua fortaleza: A indigência dos pobres os enche de pavor. (5)

16 A obra do justo conduz à vida: Mas o fruto do ímpio tende ao pecado.

17 O que guarda a disciplina está no caminho da vida: O que porém não faz caso das repreensões, anda errado.

18 Os lábios mentirosos escondem o ódio: Aquêlê que abertamente ultraja, é um insensato.

19 No muito falar não faltará pecado: Mas o que modera os seus lábios é prudentíssimo.

20 A língua do justo é uma prata depurada: Mas o coração dos ímpios é de nenhum preço.

21 Os lábios do justo ensinam a muitíssimos: Mas os que são ignorantes morrerão na indigência de coração.

(4) **O QUE FAZ SINAIS** — O homem inconstante e cobarde, que se serve de gestos para dissimular e enganar.

(5) **O CABEDAL DO RICO** — Aos ricos, que põem toda a sua confiança nas riquezas, avisa S. Paulo, 1 ad Tim 6, 17, de que sendo estas incertas e inconstantes, devem só colocar aquela em Deus vivo; e aos pobres, que desconfiam de socorro divino, promete o mesmo Cristo que por sua conta corre a acudir-lhes e remediar-lhes, como atesta S. Mateus 6, 25 e se repete noutros lugares da Escritura. — Pereira.

22 A bênção do Senhor faz os ricos, e não se achará com eles a aflição.

23 O insensato comete o crime como por galhofa: Mas a sabedoria é para o homem prudência. (6)

24 O que o ímpio teme, isso virá sobre ele: Aos justos se lhes concederá o seu desejo.

25 O ímpio desaparecerá como uma tempestade que passa: Mas o justo será como um fundamento eterno.

26 Qual o vinagre para os dentes, e o fumo para os olhos, tal é o preguiçoso para aqueles que o mandaram.

27 O temor do Senhor prolongará os dias: E os anos dos ímpios serão abreviados.

28 A expectação dos justos é alegria: Mas a esperança dos ímpios perecerá.

29 O caminho do Senhor é a fortaleza do inocente: E pavor para os que obram mal.

30 O justo não será nunca abalado: Porém os ímpios não habitarão sobre a terra.

31 A boca do justo frutificará sabedoria: A língua dos depravados perecerá.

32 Os lábios do justo consideram o que pode agradar: E a boca dos ímpios coisas perversas. (7)

(6) **MAS A SABEDORIA É PARA O HOMEM PRUDÊNCIA** — Porque a sabedoria que vem de Deus infunde no homem inteligência e fá-lo prudente para saber evitar o mal e abraçar o bem.

(7) **AGRADAR** — Isto é, a Deus e aos homens de virtude.
— **Pereira.**

CAPÍTULO 11

VANTAGEM DOS JUSTOS, E DOS SÁBIOS, POR CONTRAPOSIÇÃO ÀS INFELICIDADES DOS MAUS, E DOS INSENSATOS.

1 A balança enganosa é abominação diante do Senhor: E o peso justo é a sua vontade. (1)

2 Onde houver soberba, aí haverá também ignomínia: Onde porém há humildade, aí há igualmente sabedoria.

3 A simplicidade dos justos conduzi-los-á felizmente: E as sancadilhas dos perversos serão a sua ruína.

4 As riquezas não servirão de nada no dia da vingança: Mas a justiça livrará da morte.

5 A justiça do simples fará feliz o seu caminho: E pela sua impiedade se precipitará o ímpio.

6 A justiça dos retos livrá-los-á: E em os seus mesmos laços serão apanhados os iníquos.

7 Morto o homem ímpio, não restará mais esperança alguma: E a expectativa dos ambiciosos perecerá.

8 O justo foi livre da angústia: E o ímpio será entregue em lugar dêle. (2)

9 O fingidor com a bôca engana ao seu amigo: Mas os justos serão livres pela ciência.

10 Nos bens dos justos exultará a cidade: E na perdição dos ímpios haverá ação de graças.

11 A cidade será exaltada pela bênção dos justos: E destruída pela bôca dos ímpios.

(1) **BALANÇA ENGANOSA** — Por esta expressão quer o autor significar o que é capaz de causar dolo, de enganar incautos, originar fraudes. *Intellige omnia in quibus fraus committi potest contrahendo.* — Menochio.

(2) **O JUSTO FOI LIVRE** — Esta verdade comprovam os exemplos de Mardoqueu, de Davi, de Daniel, de Susana e de outros muitos. — Pereira.

Provérbios 11, 12-22

12 O que não tem senso, despreza ao seu amigo: Mas o homem prudente calar-se-á. (3)

13 O que anda com dobreza descobre os segredos: Mas o que é de coração leal, cala o que o amigo lhe confiou.

14 Onde não há quem governe, perecerá o povo: Onde porém há muitos conselhos, aí haverá salvação.

15 Aquêle que se faz responsável por um estranho, cairá na desventura: Mas o que evita os laços, estará em segurança.

16 A mulher de engraçada compostura alcançará glória: E os robustos terão riquezas. (4)

17 O homem caritativo faz bem à sua alma: Mas o que é cruel, repele até os seus mesmos propínquos.

18 O ímpio faz obra que não subsiste: Mas para o que semeia justiça, há fiel recompensa. (5)

19 A clemência abre o caminho para a vida: E o seguimento dos males conduz para a morte.

20 Abominável é para o Senhor o coração corrompido: E o seu afeto é para os que andam em simplicidade.

21 O mau não será inocente, ainda quando tiver uma mão sobre a outra: Mas a linhagem dos justos será salva.

22 A mulher formosa e insensata é como um anel de ouro na tromba duma porca.

(3) **DESPREZA** — Quando cai nalgum erro, ou falta. — Menochio.

(4) **A MULHER DE ENGRAÇADA COMPOSTURA** — Compara-se aqui a mulher dotada de formosura e virtude com o homem industrioso. Aquela faz-se a todos recomendável, como se diz de Jdt 8, 7-8, este com o seu trabalho e agência desfruta os bens, que adquire.

(5) **FIEL** — Isto é, firme, segura e estável.

23 O desejo dos justos estende-se a todo o bem: A expectativa dos ímpios é o furor. (6)

24 Uns repartem o que é seu, e ficam mais ricos: Outros arrebatam o que não é seu, e sempre estão em pobreza.

25 A alma que faz bem será engrossada, o que embriaga, também ele mesmo será embriagado. (7)

26 O que esconde o trigo será amaldiçoado entre os povos: E a bênção virá sobre a cabeça dos que o vendem.

27 Aquêle que anda vendo como fará bem, é ditoso em se levantar ao romper da manhã: Aquêle porém que anda buscando como fará mal, será por ele oprimido.

28 O que confia nas suas riquezas, cairá: Mas os justos crescerão como a árvore, que tem a fôlha sempre verde.

29 O que traz a sua casa inquieta, não possuirá senão ventos: E o que é insensato servirá ao sábio.

30 O fruto do justo é árvore de vida e o que ampara as almas é sábio. (8)

31 Se o justo é punido na terra, quanto mais o será o ímpio e o pecador?

(6) **O DESEJO DOS JUSTOS** — O justo põe sempre a mira na observância da lei de Deus, o ímpio só espera o que lhe dita o furor das suas paixões; ou recebe a indignação e vingança divina. — **Pereira.**

(7) **SERA ENGROSSADA** — Funda-se esta expressão em ser a banha, ou gordura símbolo da graça e divinas consolações. Pode conferir-se o lugar de Davi no Sl 72, 8.

(8) **E O QUE AMPARA AS ALMAS** — O hebreu lê: E o que caça almas, lucrando-as para Deus, tanto pelo seu exemplo, como pela doutrina com que as instrui.

CAPÍTULO 12

AMAR A CORREÇÃO. CULTIVAR A PIEDADE. SORTE DOS BONS, E DOS MAUS. DO SÁBIO, E DO INSENSATO. DOS BENS, E DOS MALES CAUSADOS PELA LINGUA.

1 Aquêlê que ama a disciplina, ama a ciência: Mas o que aborrece as repreensões, é um insensato.

2 Aquêlê que é bom, terá do Senhor graça: Mas o que põe a confiança nos seus próprios pensamentos, obra como ímpio.

3 O homem não se corroborará pela impiedade: E a raiz dos justos não será abalada.

4 A mulher diligente é a coroa de seu marido: E a que obra coisas dignas de confusão far-lhe-á apodrecer os ossos. (1)

5 Os pensamentos dos justos são cheios de justiça: E os conselhos dos ímpios são cheios de fraudulência.

6 As palavras dos ímpios armam traições, a fim de verter sangue: A bôca dos justos será a que os livre. (2)

7 Transtorna aos ímpios, e não subsistirão: Mas a casa dos justos permanecerá firme. (3)

8 O homem será conhecido pela sua doutrina: Mas o que é vão e não tem senso, estará exposto ao desprezo.

9 Mais vale o pobre, que ainda assim tem o que

(1) **FAR-LHE-A APODRECER OS OSSOS** — Pela tristeza e contínuo dissabor, que lhe causará. Os Setenta lêem: “E assim como no madeiro dá a polilha assim também vai destruindo ao homem a mulher maléfica. — Pereira.

(2) **A BÔCA DOS JUSTOS SERÁ A QUE OS LIVRE** — Isto é, a que livre os inocentes, que são o alvo dos seus tiros. — Pereira.

(3) **TRANSTORNA AOS ÍMPIOS** — Os Setenta lêem: “Para onde quer que se voltar o ímpio será exterminado”. Semelhante conceito se encontra no Sl 103, 36.

lhe basta para passar, do que o jactancioso e necessitado de pão.

10 O justo atende pela vida dos seus animais: Mas as entranhas dos ímpios são cruéis. (4)

11 Aquêlê que lavra a sua terra, será farto de pão: Mas o que se entrega ao ócio, é quanto pode ser insensato.

Aquêlê que faz gôsto de se demorar em beber vinho, deixa afronta nas suas fortificações. (5)

12 O desejo do ímpio é apoiar-se na força dos que são os piores de todos: Mas a raiz dos justos cada vez lançará mais garfos.

13 Pelos pecados dos lábios se vai aproxinquando a ruína ao mau: Porém o justo escapará dos transe mais apertados.

14 Cada um será cheio de bens conforme fôr o fruto da sua bôca, e ser-lhe-á dada a retribuição conforme forem as obras das suas mãos. (6)

15 O caminho do insensato é direito aos seus olhos: O que porém é sábio ouve os conselhos.

16 O fátuo logo mostra a sua ira: Mas o que dissimula a injúria é prudente.

17 Aquêlê que afirma o que bem sabe, é um auxi-

(4) **O JUSTO ATENDE PELA VIDA DOS SEUS ANIMAIS** — Atende pelos seus animais e tem conta com ôles, pondo grande cuidado em não serem fatigados mais do que é justo e em que lhes não falte coisa alguma necessária. — Menochio.

(5) **AQUELE QUE FAZ GOSTO DE SE DEMORAR EM BEBER VINHO** — Este versículo não se lê no hebreu, nem em S. Jerônimo, mas vem nos Setenta. Significa que a sentinela que se embriaga deixa as fortificações confiadas à sua vigilância expostas aos ataques dos inimigos, o que é uma desonra.

(6) **CADA UM SERÁ CHEIO** — Cada um receberá de Deus o prêmio do fruto, que tiver feito ao próximo com a saudável doutrina que lhe sugerir.

Provérbios 12, 18-26

liar de justiça: Mas o que mente é uma testemunha enganadora. (7)

18 Há quem promete, e como ferido com uma espada, é pela consciência estimulado: Mas a língua dos sábios é saúde.

19 O lábio de verdade será sempre constante: Mas a testemunha que é inconsiderada, urde uma linguagem de mentira.

20 No coração dos que pensam males há engano: Porém àqueles que têm conselhos de paz, segue o gôzo.

21 Não entristecerá ao justo coisa alguma, qualquer que fôr a que lhe acontecer: Mas os ímpios estarão cheios de mal.

22 Os lábios mentirosos são abominação para o Senhor: Mas os que otram fielmente lhe agradam.

23 O homem sagaz encobre a ciência: E o coração dos insipientes apressa-se a manifestar a sua estultícia.

24 A mão dos fortes dominará: Porém a que é remissa será sujeita a pagar tributos.

25 A melancolia no coração do homem o abaterá, e com boas palavras se alegrará. (8)

26 Aquêlê que por amor de seu amigo não faz caso de passar por alguma perda, é justo: Mas o caminho dos ímpios seduzi-los-á. (9)

(7) **É UM AUXILIAR DE JUSTIÇA** — Porque é verdadeiro o seu depoimento.

(8) **E COM BOAS PALAVRAS SE ALEGRARA** — Isto é, com as palavras que lhe disserem, para o consolar na sua aflição.

(9) **SEDUZI-LOS-A** — Os ímpios, que só buscam o seu interesse, não atendendo ao do próximo, também quando necessitarem de auxílio não acharão quem os socorra, permitindo-o Deus assim, em castigo da sua desumanidade.

27 O fraudulento não achará ganância: E o cabedal do homem será ouro precioso. (10)

28 A vida está na vereda da justiça: Mas o caminho que é descaminho, guia para a morte.

CAPÍTULO 13

O FILHO SABIO, OU INSENSATO. RESERVA QUE DEVE HAVER NAS PALAVRAS. O POBRE RICO, E O RICO POBRE. BREVE DURAÇÃO DO ESPLENDOR DOS ÍMPIOS. BENS ADQUIRIDOS MUITO DEPRESSA. PASSAR A VIDA COM OS SÁBIOS. CASTIGAR A SEUS FILHOS. COBIÇA DOS MAUS INSA-CIAVEL.

1 O filho sábio é a doutrina do pai: O que porém é mofador, não ouve quando é arguido. (1)

2 O homem será farto de bens pelo fruto na sua bôca: Mas a alma dos prevaricadores é cheia de iniquidade.

3 Aquêlê que guarda a sua bôca, guarda a sua alma: Mas o que é inconsiderado para falar, sentirá males.

4 O preguiçoso quer e não quer: Mas a alma dos que trabalham engordará. (2)

(10) O FRAUDULENTO — Como o usurário ou qualquer outro, que tudo quanto anda afanando e adquirindo é por meios ilícitos, de onde vem o serem pouco seguras as suas riquezas; pelo contrário, as do homem diligente, que procura granjeá-las com retidão de consciência, ficam sendo preciosas como o ouro, em razão da sua maior firmeza e estabilidade.

(1) O FILHO SABIO É A DOUTRINA DO PAI — Isto é, reluz nêlê a doutrina do pai por quem foi educado. In eo relucet doctrina et institutio patris. — Menochio.

(2) O PREGUIÇOSO QUER E NÃO QUER — Muda continuamente de propósito, acovardado pelo trabalho, que se lhe representa penoso, e procrastinando outrossim nos seus bons desejos, nunca, ou raras vêzes chega a pô-los por obra.

5 O justo detestará a palavra mentirosa: Mas o ímpio confunde e será confundido. (3)

6 A justiça guarda o caminho do inocente: Mas a impiedade faz dar sancadilha ao pecador.

7 Há um que parece rico, não tendo nada: E há outro que parece pobre, achando-se no meio de muitas riquezas.

8 O resgate da vida do homem são as suas riquezas, mas o que é pobre não suporta a increpação. (4)

9 A luz dos justos alegra: Mas a candeia dos ímpios apagar-se-á.

10 Entre os soberbos sempre há contendidas: Mas os que tudo fazem com conselho, regem-se pela sabedoria.

11 Os bens que se ajuntam muito depressa, diminuir-se-ão: mas os que se colhem à mão pouco a pouco, multiplicar-se-ão. (5)

12 A esperança, que se retarda, aflige a alma: O desejo que se cumpre é uma árvore de vida.

13 Aquêlê que detrai de alguma coisa, por si mesmo se obriga para o futuro: Mas o que teme o preceito, andarâ em paz. (6)

(3) **MAS O ÍMPIO CONFUNDE** — Confunde-se, envergonha-se e desacredita-se a si mesmo, e será igualmente confundido e envergonhado pelos que chegam a podê-lo argüir de mentiroso.

(4) **MAS O QUE É POBRE** — Não podendo remir o pobre a sua vexação por falta de posses, a tudo e a todos cede no centro da sua desgraça; o que não acontece de ordinário às pessoas abastadas, que até da enfermidade e da morte se podem livrar por meio de mui caros e subidos medicamentos. O hebreu lê: E o pobre não ouve a ameaça e neste sentido quer dizer, que a sua mesma pobreza o defende e põe longe dos perigos e revezes, que sobrevêm aos opulentos.

(5) **OS BENS QUE SE AJUNTAM MUITO DEPRESSA** — Trata-se aqui da riqueza bem ou mal adquirida. — Pereira.

(6) **AQUELE QUE DETRAI DE ALGUMA COISA** — O he-

As almas dolosas erram nos pecados: Mas os justos são compassivos, e usam de misericórdia. (7)

14 A lei do sábio é uma fonte de vida, para evitar a ruína da morte. (8)

15 A boa doutrina dará graça: No caminho dos desprezadores há voragem. (9)

16 O homem prudente tudo faz com conselho; mas o que é insensato descobre a sua loucura.

17 O mensageiro do ímpio cairá no mal: Mas o embaixador fiel é saúde. (10)

18 Aquêlê que deixa a disciplina experimentará indigência e ignomínia: Mas o que se sujeita a quem o re-preende será glorificado.

breu lê: O que despreza a palavra de Deus, andará em perdição, etc. Daqui se colhe o sentido da Vulgata, que é ficar o desprezador da lei sujeito à pena, que ela prescreve contra os seus transgressores. — Pereira.

(7) **AS ALMAS DOLOSAS** — Este versículo não vem no hebreu, nem em S. Jerônimo, nem em muitas edições latinas, nem em vários exemplares gregos. Os que os trazem, gregos e latinos, trazem-no depois dos versículos 9 ou 12. — Calmet.

(8) **A RUÍNA DA MORTE** — Ou como se lê no hebreu, os laços da morte, isto é, o pecado e suas ocasiões.

(9) **NO CAMINHO DOS DESPREZADORES HA VORAGEM** — Os que desprezam a sólida e santa doutrina são bem como um tragadouro e abismo de perdição. No hebreu se lê: "O bom entendimento conciliará graça; mas o caminho dos prevaricadores é duro". — Pereira.

(10) **O MENSAGEIRO DO ÍMPIO CAIRÁ NO MAL** — A lição dos Setenta é: "Um rei temerário cairá em males; mas um enviado sábio o livrará. Um embaixador de circunspecção e prudência é a saúde e conservação dos povos, porque dirige tudo ao maior bem do estado e à justiça dos seus interesses.

19 O desejo no caso que se cumpra, deleita a alma: Os insensatos detestam aos que fogem do mal.

20 Aquêlê que anda com sábios será sábio: O amigo dos insensatos far-se-á semelhante a êles.

21 O mal persegue aos pecadores: E os bens serão a recompensa dos justos.

22 O homem virtuoso deixa por herdeiros a seus filhos e seus netos: E os bens do pecador estão reservados para o justo: (11)

23 Nos campos que se herdã dos pais, nascem abundantes frutos: E êstes vêm a ajuntar-se para outros por falta de juízo. (12)

24 Aquêlê que poupa a vara, aborrece seu filho: Mas o que o ama, continuadamente o corrige.

25 O justo come, e enche a sua alma: Mas o ventre dos ímpios é insaciável. (13) ,

(11) **E OS BENS DO PECADOR ESTÃO RESERVADOS PARA O JUSTO** — Confira-se o Evangelho de S. Mateus no capítulo 25, v. 28.

(12) **E ÊSTES VÊM A AJUNTAR-SE PARA OUTROS** — A Vulgata diz aqui: *et alii congregantur absque judicio*. O que Sacy verte: os outros se ajuntam sem juízo. Para outros, quer dizer para os estranhos. O sentido é este: Os que herdã bens de seus pais e não têm juízo para manter a sua posse perdem essa herança, que vai reverter em favor de estranhos.

(13) **O JUSTO COME** — O justo de tudo tira proveito para se adiantar no caminho da virtude; mas o ímpio, como se acha destituído do verdadeiro alimento da alma, que é a caridade, não o podendo saciar os bens temporais a que aspira, sempre está com fome; segundo a expressão do texto hebreu. — **Pereira.**

CAPÍTULO 14

DIFERENTES CARACTERES DOS SÁBIOS, E DOS INSENSATOS.
SORTE DIFERENTE DOS JUSTOS, E DOS INJUSTOS. TRA-
BALHO. TEMOR DE DEUS. PACIÊNCIA. COMPADECER-SE
DOS POBRES.

1 A mulher prudente edifica a sua casa. A insipiente destruirá ainda com as suas mãos a que está já feita. (1)

2 Aquêlê que anda pelo caminho direito, e que teme a Deus, é desprezado pelo outro, que anda pelo caminho infame.

3 Na bôca do insensato está a vara da soberba: Mas os lábios dos sábios são os que os conservam. (2)

4 Onde não há bois despejada está a abegoaria: Mas onde há muitíssimas searas, aí está manifesta a fôrça do boi.

5 A testemunha fiel não mente: Mas a testemunha dolosa profere a mentira.

6 O mofador busca a sabedoria, e não a acha: A doutrina dos prudentes é fácil.

7 Caminha ao contrário do homem insensato, pois não sabe as palavras da prudência.

8 A sabedoria do homem sagaz é compreender bem o seu caminho: E a imprudência dos insensatos é errante.

(1) **A MULHER PRUDENTE EDIFICA A SUA CASA** — Promove os bens dela com a sua vigilância, zêlo, acertado govêrno e boa educação de seus filhos.

(2) **NA BÔCA DO INSENSATO ESTA A VARA DA SOBERBA** — Na língua tem o insensato a origem do merecido castigo da sua soberba, ou porque se atreve a fazer-se juiz do próximo, chegando a infamar até os mesmos inocentes, ou porque as suas conversações o patentelam mais digno de riso que de atenção. — **Pereira.**

9 O insensato zombará com o pecado, e entre os justos morará a graça.

10 Quando o coração conhece bem a amargura da sua alma, não se misturará o estranho na sua alegria.

11 A casa dos ímpios será destruída: Mas as tendas dos justos florescerão.

12 Há um caminho, que parece direito ao homem: E no cabo êle guia para a morte. (3)

13 O riso será misturado com a dor, e aos fins do gôsto sucede a tristeza.

14 O insensato será farto dos seus caminhos, e o homem virtuoso ficará superior a êle. (4)

15 O inocente dá crédito a tudo o que se lhe diz: O sagaz considera os seus passos.

Ao filho que não é sincero, nada lhe sairá bom: Mas o servo que tem juízo, será afortunado nas suas emprêsas, e ver-se-á bem dirigido no seu caminho. (5)

(3) **HA UM CAMINHO, QUE PARECE DIREITO AO HOMEM** — Esta mesma sentença se repete adiante no capítulo 16, versículo 25. Ela se verifica da falsa piedade, da falsa penitência, do zelo indiscreto, da doutrina só aparentemente provável. E tanto os consultores, como os consulentes a devem trazer sempre na memória, para se não deixarem enganar de probabilidades, quando estas mais tendem a lisonjear as paixões humanas, do que a fomentar a sólida piedade. — Pereira.

(4) **O INSENSATO SERÁ FARTO DOS SEUS CAMINHOS** — Castigarão ao insensato os seus costumes, e até ficar desgraçadamente farto receberá o pago, que mereceu pelas suas depravadas ações. Ou, pôsto que o insensato se farte das suas paixões, e daquelas coisas que desejou, será todavia de muito melhor condição o homem virtuoso. — Menochio.

(5) **AO FILHO QUE NÃO É SINCERO** — Este versículo não se lê no hebreu, nem na versão de S. Jerônimo, nem nos Setenta do cardeal Ximenes, nem nos manuscritos latinos, nem em várias edições da Vulgata; mas trazem-no alguns exemplares gregos e latinos, no capítulo 13, versículo 13. — Calmet.

16 O sábio teme, e desvia-se do mal: O insensato passa adiante, e dá-se por seguro.

17 O impaciente fará ações de loucura: E o homem dissimulado é odioso.

18 Os imprudentes possuirão a loucura: E os sagazes esperarão a ciência. (6)

19 Estarão deitados por terra os maus diante dos bons: E os ímpios diante das portas dos justos.

20 O pobre será odioso até ao seu parente mais chegado: Porém os amigos dos ricos serão muitos.

21 Aquêlê que despreza ao seu próximo, peca: Mas o que se compadece do pobre será bem-aventurado.

Aquêlê que crê no Senhor ama a misericórdia. (7)

22 Os que obram mal erram: A misericórdia e a verdade são as que nos adquirem os bens.

23 Em todo o trabalho haverá abundância: Mas onde há muitíssimas palavras, aí freqüentemente se acha a indigência. (8)

24 As riquezas dos sábios são a sua coroa: A fatuidade dos insensatos é imprudência. (9)

25 A testemunha fiel livra as almas: A que porém é dobre profere mentiras.

(6) **E OS SAGAZES ESPERARÃO A CIÊNCIA** — A lição do texto hebreu é: "E os prudentes se coroarão da sabedoria. — Pereira.

(7) **AQUELE QUE CRÊ NO SENHOR** — Este verso falta no hebreu, e em S. Jerônimo, e no grego, e nos antigos manuscritos latinos. — Calmet.

(8) **EM TODO O TRABALHO HAVERÁ ABUNDÂNCIA** — A abundância é filha do trabalho e da indústria; a indigência, porém, das palavras desacompanhadas de obras. — Pereira.

(9) **AS RIQUEZAS DOS SÁBIOS** — Os sábios com liberalidade e honra sabem usar das riquezas, quando as convertem e dispõem sabiamente em proveito dos outros: mas os insensatos

26 No temor do Senhor há confiança cheia de fortaleza, e seus filhos terão esperança.

27 O temor do Senhor é uma fonte de vida, para que se desviem da ruína da morte.

28 Na multidão do povo está a dignidade do rei: E na pouquidade da plebe a ignomínia do príncipe.

29 O que é paciente, governa-se com muita prudência: O que porém é impaciente, assinala a sua loucura.

30 A saúde do coração é a vida da carne: A inveja é a podridão dos ossos. (10)

31 O que calunia ao necessitado, insulta ao que o criou: Mas honra-o aquêle que se compadece do pobre. (11)

32 O ímpio será expellido na sua malícia: Mas o justo espera na sua morte.

33 A sabedoria descansa no coração do prudente, e êle instruirá todos os ignorantes. (12)

34 A justiça exalta as nações: Mas o pecado faz miseráveis os povos.

35 O ministro inteligente é aceito ao rei: O inútil sentirá a sua ira.

sempre são insensatos; e em tôdas as coisas que empreendem, manifestam a sua demência. — Calmet.

(10) **A SAÚDE DO CORAÇÃO** — O sentido é, que a saúde do corpo depende muito da tranquillidade do espirito, e que a inveja roi os ossos, e em certo modo os apodrece. — Menochio.

(11) **O QUE CALUNIA** — Isto é, o que ultraja com afrontosa contumélia ao necessitado, só porque o é, insulta, ou como à letra diz o texto, lança em rosto ao seu mesmo Criador a pobreza; porque diz Cristo: "O que deste a um destes pequeninos, a mim o fizeste:" ou porque parece repreender e condenar a Deus, que dispôs, quis e permitiu que fôsse pobre. E' o sentido que tem o verbo original *haschak*, que significa *agere violenter et injuste*. *Lexicon Hebraicum*, que a Vulgata traduziu por *calumniare*.

(12) **E ELE INSTRUIRA TODOS OS IGNORANTES** — O hebreu lê: "E será conhecido no meio dos insensatos." Os Setenta: "E no coração dos insensatos se não divisa". — Pereira.

CAPÍTULO 15

BRANDURA NAS PALAVRAS. DOCILIDADE AS CORREÇÕES.
VITIMAS DOS ÍMPIOS. TUDO E' CONHECIDO DE DEUS.
RUÍNA DOS SOBERBOS. O PREGUIÇOSO, O INSENSATO,
O ÍMPIO CONTRAPOSTOS AO DILIGENTE, AO SÁBIO, AO
JUSTO.

1 A resposta branda quebra a ira: A palavra dura
suscita o furor:

2 A língua dos sábios orna a ciência: A bôca
dos insensatos tôda se desfaz em dizer loucuras.

3 Os olhos do Senhor em todo o lugar contemplam
aos bons e aos maus.

4 A língua pacífica é uma árvore de vida: Mas a
que é imoderada, quebrantará o espírito.

5 O insensato faz escárnio da correção de seu pai:
Mas o que toma para si as repreensões, far-se-á mais
avisado.

Na abundante justiça há uma grandíssima fôrça,
mas os pensamentos dos ímpios serão desarraigados. (1)

6 A casa do justo é mui grande fortaleza: E nos
frutos do ímpio não há senão turbacão. (2)

7 Os lábios dos sábios difundirão a ciência: O cora-
ção dos insensatos será dissemelhante. (3)

(1) **NA ABUNDANTE JUSTIÇA** — Este versículo não se acha
no hebreu, nem em S. Jerônimo, e falta também em muitos exem-
plares gregos e latinos. — Calmet.

(2) **A CASA DO JUSTO** — A casa do justo é repleta de
bens, enquanto que os interesses do homem ímpio só lhe acarretam
remorsos pungentes, que o não deixam sossegar; o justo logra
a tranquillidade do espírito e a mais imperturbável paz, na consi-
ciência; aquêle nesse desassossêgo tem o castigo da sua impiedade,
êste o galardão da sua fidelidade.

(3) **O CORAÇÃO DOS INSENSATOS** — O hebreu: "E' assim
o coração dos insensatos."

8 As vítimas dos ímpios são abomináveis ao Senhor: Os votos dos justos o aplacam.

9 O caminho do ímpio é abominação para o Senhor: O que segue a justiça é amado dêle.

10 A doutrina é má para o que deixa o caminho da vida: Aquêlé que aborrece as repreensões, morrerá. (4)

11 O inferno e a perdição estão diante do Senhor: Quanto mais o estarão os corações dos filhos dos homens! (5)

12 O homem pernicioso não ama a quem o repreende: Nem vai buscar aos sábios. (6)

13 O coração contente alegra o semblante: Com a tristeza de alma se abate o espírito.

14 O coração do sábio busca a doutrina: E a bôca dos insensatos se apascenta de imperícia.

15 Todos os dias do pobre são maus: A alma tranqüila é como um banquete continuo.

16 Com temor do Senhor mais vale o pouco do que os grandes tesouros que nunca jamais saciam. (7)

17 Mais vale ser chamado com afeto a comer umas ervas, do que comer um gordo novilho com desamor.

(4) **A DOUTRINA É MÁ** — O hebreu diz: O castigo é duro, isto é, desabrido, áspero, e pesado, para o que deixa. — *Pereira.*

(5) **O INFERNO** — Segundo os exegetas de melhor nome esta palavra significa aqui o lugar em que as almas esperavam a vinda do Redentor. Vigouroux, nota na *Sainte Bible*, de Glaire, edição de 1902.

PERDIÇÃO — E' o lugar particular onde recebem o castigo as almas dos maus. Vigouroux, ob. cit.

(6) **PERNICIOSO** — Isto é, mau, perverso, ou como se pode verter segundo o hebreu, escarnecedor. — *Pereira.*

(7) **MAIS VALE O POUCO** — Parece que foi desta passagem que S. Paulo tirou a sentença: *Est autem quæstus magnus, pietas cum sufficientia.* 1.^a Ep. a Tim 6, 6.

18 O homem iracundo provoca reixas: O que é paciente aplaca as que tem já excitado.

19 O caminho dos preguiçosos é como uma sebe de espinhos: O caminho dos justos é sem tropêço.

20 O filho sábio alegra a seu pai: E o homem insensato despreza a sua mãe.

21 A loucura é gôsto para o insensato: E o varão prudente mede os seus passos.

22 Os pensamentos dissipam-se onde não há conselho: Mas onde há muitos conselheiros, se confirmam. (8)

23 Alegra-se o homem na sentença da sua bôca: Mas a palavra oportuna é a melhor. (9)

24 A vereda da vida está acima do homem instruído, para se desviar do mais profundo do inferno. (10)

25 O Senhor demolirá a casa dos soberbos, e firmará os limites *do campo* da viúva. (11)

26 Os maus pensamentos são a abominação do Senhor: E a palavra pura como muito agradável, será por ele aprovada.

27 Aquêlê que vai atrás da avareza, perturba a sua casa: O que porém aborrece as dádivas viverá.

Os pecados purificam-se pela misericórdia e pela fé:

(8) CONSELHO — O hebreu diz: Onde não há segredo. — Percira.

(9) ALEGRA-SE O HOMEM — Cada um facilmente se satisfaz, e dá por bem pago do seu dito e sentimento; mas se falou a tempo e com acêrto.

(10) A VEREDA DA VIDA — À letra, e mais inteligível, é isto: O caminho da vida, para o homem instruído, é o que conduz ao Céu. Ou então: "O homem douto é aquêlê que procura a vida, não na terra, mas no alto, isto é, no Céu, olhando para o seu Criador. *Vitam hanc quaerit, non deorum in terra, sed sursum in Caelis, ad Creatorem suum respiciens.* — Menochio.

(11) E FIRMARÁ OS LIMITES — Os têrmos, ou marcos do campo da viúva, que intentava arrancar o soberbo. — Menochio.

E todo o homem evita o mal por meio do temor do Senhor. (12)

28 A alma do justo medita a obediência: A bôca dos ímpios trasborda em males.

29 O Senhor está longe dos ímpios: E êle atenderá às orações dos justos.

30 A luz dos olhos alegra a alma: A boa reputação engorda os ossos.

31 O ouvido que ouve as repreensões salutaes terá a sua morada no meio dos sábios.

32 Aquêlê que rejeita a disciplina, despreza a sua alma: Mas o que está pelas repreensões, é possuidor do seu coração.

33 O temor do Senhor é a disciplina da sabedoria: E a humildade precede a glória.

CAPÍTULO 16

DEUS DISPÕE DA LÍNGUA, E DOS PASSOS DO HOMEM. IRA E CLEMÊNCIA DO REI. MALES QUE CAUSA A SOBERBA. CAMINHO FUNESTO QUE PARECE BOM. DEUS REGULA E CONDUZ AS SORTES.

1 Da parte do homem está o preparar a sua alma: E da parte do Senhor o governar-lhe a língua. (1)

(12) **OS PECADOS PURIFICAM-SE** — Este versículo falta aqui no hebreu, mas êle o traz no capítulo seguinte, versículo 6, onde a Vulgata também o repete. Os Setenta trazem-no aqui, e omitem-no ali. — Calmet.

(1) **DA PARTE DO HOMEM** — Contra tôdas as traças e disposições humanas prevaleceram sempre os decretos divinos. Propõe o homem, depois de grande ponderação, dizer uma coisa, e ao tempo que a vai proferir, dispõe Deus muitas vêzes que fale em sentido bem diverso do que premeditara. O exemplo dos edificadores da torre de Babel, cujas línguas se confundiram, Gên 11, 7, e das maldições de Balaam, trocadas em bênçãos. Núm 23, 11, o

2 Todos os caminhos do homem estão patentes aos seus olhos: O Senhor pesa os espíritos. (2)

3 Descobre ao Senhor as tuas obras, e serão dirigidos os teus pensamentos. (3)

4 Tudo fez o Senhor por causa de si mesmo: Até ao ímpio para o dia mau. (4)

do conselho enfatuado de Aquitofel 2 Rs 15, 31; 17, 14, o da divina permissão de não serem contestes as falsas testemunhas contra Cristo, Mc 14, 56, todos estes ilustram o presente lugar, de que abusavam os inimigos da graça, para provarem que o princípio da salvação do homem dependia das forças do seu alvedrio, proposição diametralmente oposta à doutrina da mesma escritura, dos Padres e decisões dos concílios, porque, a não ser ajudado o homem da graça proveniente, não poderia fazer uma boa obra, nem ter sequer um pensamento merecedor de recompensa. Confira-se com este o versículo 9 do presente capítulo e o 24 do 20. — Pereira.

(2) **TODOS OS CAMINHOS** — O hebreu diz: Todos os caminhos do homem são puros a seus olhos. Cuida cada um que nada há senão puro e irrepreensível nos seus costumes; porém Deus é só o verdadeiro juiz, que reservou para si este juízo e conhecimento. — Pereira.

(3) **DESCOBRE AO SENHOR** — O hebreu diz: "Volve (ou refere) ao Senhor as tuas obras, e ficarão firmes os teus pensamentos." — Pereira.

(4) **TUDO FEZ O SENHOR POR CAUSA DE SI MESMO** — Isto é, para manifestação da sua glória, do seu poder, e dos outros seus divinos atributos. E' nesta matéria digno de se ler o padre Bernardes no princípio do seu tratado intitulado *Últimos fins do homem*, onde elle discorre sobre a predestinação e reprovação, não como um simples ascético, mas como um grande teólogo. — Pereira.

ATÉ AO ÍMPIO PARA O DIA MAU — E' o que Deus disse, falando com Faraó: *Id circo autem posui te, ut ostendam, in te fortitudinem meam, et narratur nomen meum in omni terra.* A causa por que eu te constitui, foi para mostrar o meu poder, e para que o meu nome seja celebrado em toda a terra. (Ex 9, 16) Do qual texto se valeu S. Paulo para demonstrar o mesmo assunto. Rom 9, 17. — Bossuet.

5 Todo o arrogante é a abominação do Senhor: Ainda quando estiver com uma mão sobre outra, não é inocente.

O princípio do caminho bom é praticar a justiça: E diante de Deus é mais aceita do que imolar hóstias. (5)

6 A iniquidade redime-se pela misericórdia e pela verdade: E o mal evita-se pelo temor do Senhor.

7 Quando os caminhos do homem agradarem ao Senhor, até reduzirá à paz os seus inimigos.

8 Melhor é o pouco com justiça, do que muitos frutos com iniquidade.

9 O coração do homem dispõe o seu caminho: Mas da parte do Senhor está dirigir os seus passos. (6)

10 A adivinhação se acha nos lábios do rei, a sua boca não errará no juízo. (7)

11 Os juízos do Senhor são pêso e balança: E as suas obras são tôdas as pedras do saco. (8)

12 Os que obram impiamente são abomináveis ao rei: Porque o trono se firma com justiça.

(5) **O PRINCÍPIO DO CAMINHO BOM** — Este versículo não se encontra no hebreu. — Pereira.

(6) **O CORAÇÃO DO HOMEM** — O sentido d'este versículo é o mesmo que o do primeiro d'este capítulo. — Pereira.

(7) **ADIVINHAÇÃO** — Fala o sábio das inspirações que Deus costuma dar aos reis, tão claras no manejo do seu governo, que parece adivinham, quando decisivamente mandam ou proíbem alguma coisa. Também se entende este lugar das palavras do rei, que são como um oráculo de Deus, cujo lugar-tenente se chama sobre a terra. E' o que disse aquella mulher a Davi: *Tu autem, Domine mi Rex, sapiens es, sicut habet sapientiam Angelus Dei, ut intelligas omnia super terram.* Tu, meu senhor rei, és sábio, e a tua sabedoria é como a que tem um anjo de Deus para conheceres tudo sobre a terra 2 Rs 14, 20. — Pereira.

(8) **AS SUAS OBRAS SÃO TÔDAS AS PEDRAS DO SACO** — Alude ao costume dos antigos, que para pesarem traziam pedras metidas num saco. — Bossuet.

13 A vontade dos reis são os lábios justos: O que fala coisas retas, será amado. (9)

14 A indignação do rei são uns correios da morte: E o varão sábio a aplacará.

15 Na alegria do semblante do rei está a vida: E a sua clemência é como a chuva seródia.

16 Possui sabedoria, pois que ela é melhor do que o ouro: E adquire a prudência, pois que é mais preciosa do que a prata.

17 A vereda dos justos aparta os males: O que guarda a sua alma conserva o seu caminho.

18 A soberba precede a ruína: E o espírito eleva-se antes da queda.

19 Mais vale ser humilhado com os mansos, do que repartir despojos com os soberbos.

20 O que é hábil no empreendido negócio, achará bens: E o que espera no Senhor, é bem-aventurado. (10)

21 O que é sábio do coração, será chamado prudente: E o que é doce no falar, receberá coisas maiores. (11)

22 A erudição do que a possui é uma fonte da vida: A doutrina dos insensatos é fatuidade.

(9) **A VONTADE DOS REIS** — Requerem os reis justiça e verdade nos que se chegam à sua presença. — Calmet.

(10) **O QUE É HÁBIL** — De outro modo, conforme à letra, será: "O instruído na palavra" (isto é, de Deus) "achará bens, etc.". O sentido do hebreu e também da Vulgata é que todo o que maneja qualquer negócio com inteligência e conhecimento, sairá bem dêlo; porém, o que de tal maneira põe a sua confiança em Deus, que não faz firmeza na sua indústria, êsse é o ditoso e bem-aventurado. — Pereira.

(11) **O QUE É SÁBIO** — O sábio cordato granjeará nomeada de prudente, mas o que à sua sabedoria acrescentar eloquência, muito maior será o seu merecimento, pela vantagem que terá de ensinar e persuadir aos outros, como dá a entender o hebreu, que diz: "E a doçura dos seus lábios acrescentará" (ou autorizará) "a sua doutrina". — Pereira.

23 O coração do sábio instruirá a sua boca: E acrescentará graça aos seus lábios. (12)

24 As palavras compostas são um favo de mel: A doçura da alma é a saúde dos ossos.

25 Há um caminho que parece ao homem que é direito: E contudo o seu fim guia para a morte.

26 A alma do que trabalha, para si trabalha, porque a sua boca o constrangeu a isso.

27 O varão ímpio cava o mal, e nos seus lábios se vai ateando o fogo. (13)

28 O homem perverso move pleitos: E o verboso divide os príncipes.

29 O homem iníquo atrai ao seu amigo: E o conduz por um caminho não bom. (14)

30 Aquêlê que cogita em malvados projetos com os olhos espantados, executa o mal mordendo os seus beiços. (15)

31 Coroa de dignidade é a velhice, a qual se achará nos caminhos da justiça.

32 O homem paciente vale mais do que o valoroso:

(12) **O CORAÇÃO DO SÁBIO** — A sabedoria resplandece nas palavras do homem sábio e pelo indício dos seus discursos vem a entender-se que elle dentro na alma possui a mesma sabedoria. — Calmet.

(13) **CAVA O MAL** — Esta locução, cavar o mal, significa obrar o mal seriamente e com fadiga; desenterrá-lo como se desenterra um tesouro; occupar-se todo nêlê. — Calmet.

(14) **ATRAI** — Ou amamenta, convida com lisonja. Lacto é frequentativo de lácio, de onde vêm os compostos allicio, illicio, etc., como já advertiu Menochio a este lugar. — Pereira.

(15) **AQUÊLE QUE COGITA** — Todos estes gestos do corpo, que Salomão aqui, ao passo que descreve, condena, costumam ser indícios de um ânimo mal intencionado e de furiosas paixões corrompido. — Pereira.

E o que domina o seu ânimo, do que o expugnador de cidades.

33 Os bilhetes da sorte lançam-se numa dobra do vestido, mas o Senhor é quem os tempera.

CAPÍTULO 17

DEUS PROVA OS CORAÇÕES. NÃO DESPREZAR AO POBRE.
JUIZOS INJUSTOS ABOMINÁVEIS DIANTE DE DEUS. O
AMIGO É-O EM TODO O TEMPO. O INSENSATO PASSA POR
SABIO ENQUANTO NÃO FALA.

1 Um bocadinho de pão sêco com alegria vale mais do que uma casa cheia de vítimas com pelejas. (1)

2 O servo com juízo dominará os filhos insensatos, e repartirá a herança entre os irmãos.

3 Bem como a prata se prova no fogo, e o oiro no crisol: Assim o Senhor prova os corações.

4 O mau obedece à língua iníqua, e o enganador dá ouvidos aos lábios mentirosos.

5 Aquêlê que despreza ao pobre, insulta ao seu Criador: E o que se alegra com a ruína de outrem, não ficará impune. (2)

6 Os filhos dos filhos são a coroa dos velhos: E a glória dos filhos são os pais dêles.

7 As palavras compostas não convêm ao insensato. (3)

(1) **VÍTIMAS** — Alude o sábio ao rito de poderem antigamente nos sacrifícios pacíficos tomar uma parte das carnes das vítimas, para fazer o banquete do costume na companhia dos convidados. Veja-se o Lev 7, 19, e confira-se o c. 7, 14, dêste mesmo livro. — Pereira.

(2) **AQUELE QUE DESPREZA AO POBRE** — Confira-se o c. 11, 31.

(3) **AS PALAVRAS** — Nem o falar de coisas graves e com

8 A expectativa de quem espera é uma pérola belíssima: Para qualquer parte que êle se volta, obra com prudência.

9 Aquêlê que encobre o delicto, busca amizades: O que, por outro teor o repete, separa os unidos. (4)

10 Ao homem prudente serve-lhe mais uma repreensão, do que ao insensato um cento de golpes.

11 O mau sempre anda buscando distúrbios: Mas o anjo cruel será enviado contra êle. (5)

12 E' melhor encontrar uma ursa, à qual foram roubados os seus filhinhos, do que a um insensato que se fia na sua loucura.

13 Não se apartará o mal da casa daquele que dá males por bens.

14 O que dá saída à água represada, é origem de contendas: E antes de padecer a afronta, desampara a justiça. (6)

autoridade está bem ao insensato, nem o mentir e faltar ao que prometeu diz bem num príncipe.

(4) **O QUE POR OUTRO TEOR O REPETE** — Já crescendo, já diminuindo, e expondo-o revestido de mui diferentes circunstâncias.

(5) **MAS O ANJO CRUEL** — Por êste anjo cruel entendem uns o anjo de morte ou o anjo exterminador, que Deus envia para o castigo dos pecadores, qual o que matou a todos os primogênitos do Egito, e qual o que destruiu o exército de Senaquerib, ou êle seja anjo bom ou seja anjo mau. Outros por anjo cruel entendem a má nova ou a mesma morte. — Percira.

(6) **O QUE DÁ SAÍDA** — O homem, que pela sua maledicência trava de razões com outrem, motivando alguma dissensão, é semelhante àquele que destapa, ou solta a água retida, que, aumentando cada vez mais a sua enchente, alaga tudo; e, se acontece fazerem-lhe qualquer injúria, é porque êle deu primeiro causa a isso, tendo já pecado contra a justiça. Também, segundo Calmet, pode ter êste lugar outro sentido e é, que havendo na Palestina poucas águas e originando-se por isso muitos litígios, aquêlê que

15 Aquêlê que justifica ao ímpio, e aquêlê que condena ao justo, ambos são abomináveis diante de Deus.

16 De que serve ao insensato o ter grandes riquezas, se êle não pode comprar com elas a sabedoria?

Aquêlê que levanta muito alto a sua casa busca a sua ruína: E o que evita aprender cairá nos males. (7)

17 Aquêlê que é amigo, é-o em todo o tempo: E o irmão conhece-se nos transe apertados.

18 O homem insensato baterá com as mãos, quando se declarar fiador pelo seu amigo. (8)

19 Aquêlê que medita discórdias, ama as reixas: E o que levanta a sua porta, busca a sua ruína.

fazia encaminhar para dentro da sua fazenda a levada das águas de algum ribeiro com detrimento dos vizinhos, buscava dêste modo meter em casa uma demanda, que sem dúvida ia a perder. Admoesta-o pois o sábio a que deixe a causa, antes de se começar o pleito, e que se componha com o contrário, primeiro que se dê a sentença, a qual é força que dê o mesmo tema sair-lhe contra. E' esta intelligência, fundada no hebreu, que diz: Quem solta as águas é principio de contenda, e tu, antes que se mova o pleito, deixa-o. A mesma doutrina sê acha em Mt 5, 25 e em Lc 12, 58. Acêrca das contendas desta natureza vejam-se no Gên 26, 20, as que houve entre os pastôres de Isaac e os de Abimelec, rei dos filisteus em Gerara.

(7) **AQUELE QUE LEVANTA MUITO ALTO A SUA CASA** — Este versículo, em que se repreendem os que por soberba ou querem avultar no mundo ou recusam aprender a sã doutrina que se lhes propõe, não vem no hebreu, nem em S. Jerônimo, mas achase nos Setenta. — Calmet.

(8) **QUANDO SE DECLARAR FIADOR** — Já o sábio deixou acima explicado sobre este ponto a sua mente no capítulo 6, 1. 2. 3. — Pereira.

20 O que é de coração perverso, não achará o bem: E o que tem a língua dobre, cairá no mal.

21 O insensato nasceu para ignomínia sua: Pois nem o pai se alegrará com o filho estulto.

22 O ânimo alegre faz idade florida: O espírito triste seca os ossos.

23 O ímpio recebe presentes do seio, para perverter as veredas da justiça. (9)

24 A sabedoria reluz no rosto do prudente: Os olhos dos insensatos nas extremidades da terra. (10)

25 O filho insensato é a indignação do pai: E a dor da mãe que o gerou.

26 Não é bom fazer dano ao justo: Nem ferir ao príncipe que julga segundo a justiça.

27 Aquêlê que é moderado nas suas palavras, é douto e prudente: E o homem erudito é de espírito precioso. (11)

28 Até o insensato passará por sábio, se estiver calado: E por inteligente, se cerrar os seus lábios.

(9) **DO SEIO** — Ou sendo juiz aceita as dádivas do seio, isto é, às escondidas e secretamente da mão dos litigantes, ou, sendo parte, as toma do seu seio para as dar ao juiz, a fim de torcer êste a vara da justiça. — Menochio.

(10) **NAS EXTREMIDADES DA TERRA** — Como se dissera: e pelo contrário os olhos dos insensatos são vagabundos, porque êles os voltam de contínuo para uma e para outra parte. — Menochio.

(11) **E' DE ESPÍRITO PRECIOSO** — O homem sábio guarda com muita cautela, como coisas preciosas, os seus pensamentos. Dá com isto Salomão a entender que o sábio deve conter a língua em silêncio, ou falar com grande circunspecção. — Calmet.

CAPÍTULO 18

DO AMIGO FIEL. DA CONFIANÇA DO JUSTO, E DA DO RICO.
SOBERBA, E HUMILHAÇÃO.

1 O que quer deixar-se do seu amigo, busca-lhe as ocasiões: Ele será coberto de opróbrio em todo o tempo. (1)

2 O insensato não recebe as palavras da prudência: Se tu lhe não falares em correspondência das coisas, que passam dentro no seu coração.

3 O ímpio, depois de haver chegado ao profundo dos pecados, tudo despreza: Mas a ignomínia e o opróbrio o vão seguindo.

4 As palavras saem da bôca do varão, como uma água profunda: E a fonte da sabedoria é como a torrente, que transborda. (2)

5 Não é bom guardar respeito à pessoa do ímpio, para te desviares da verdade do juízo. (3)

6 Os lábios do insensato metem-se em disputas: e a sua bôca provoca a contendias.

7 A bôca do insensato fere-o a êle mesmo: E os seus lábios são a ruína da sua alma. (4)

8 As palavras do homem de língua dobre parecem singelas: Mas elas penetram até o íntimo das entranhas.

(1) **ELE SERÁ COBERTO** — Todos censurarão o seu modo de obrar, com que desamparou ao amigo. — Menochio.

(2) **DA BÔCA DO VARÃO** — Isto é, do varão sábio. — Pereira.

(3) **PARA TE DESVIARES** — O hebreu lê: "para perder a causa do justo em juízo". — Pereira.

(4) **FERE-O A ELE MESMO** — Ou mais à letra: "é o seu quebrantamento". Pode-se dizer, que é como um martelo, que o pisa e esmigalha. O hebreu lê: "A bôca do insensato é o seu terror: e os seus lábios são um laço para a sua alma". — Pereira.

Provérbios 18, 9-14

O temor abate o preguiçoso: Mas as almas dos efeminados terão fome. (5)

9 Aquêle que é mole e frouxo no seu trabalho, é irmão do que dissipa as suas obras. (6)

10 O nome do Senhor é uma tôrre fortíssima: A êle mesmo se acolhe o justo, e será exaltado. (7)

11 O cabedal do rico é a cidade da sua fortaleza, e uma como grossa muralha que o cerca. (8)

12 O coração do homem eleva-se antes de ser quebrantado: E humilha-se antes de ser glorificado.

13 Aquêle que responde antes de ouvir, mostra ser um insensato, e digno de confusão.

14 O espírito do homem sustém a sua debilidade: Mas quem poderá susten a um espírito que fâcilmente se deixa levar da ira? (9)

(5) O TEMOR ABATE O PREGUIÇOSO — Este versículo não se acha no hebreu, nem em S. Jerônimo, mas trazem-no os Setenta. — Calmet.

(6) IRMÃO DO QUE DISSIPA — Isto é, semelhante ao que dissipa as suas obras; porque também frater se toma por aquêle que é semelhante ao outro, assim em boa, como em má parte. — Pereira.

(7) O NOME DO SENHOR — O nome do Senhor vem aqui a significar o mesmo Senhor, ou a sua ajuda e patrocínio, que é como uma tôrre fortíssima, na qual, refugiando-se o justo, ficará sobranceiro a todos os ataques e arremetidas de seus inimigos. — Pereira.

(8) O CABEDAL DO RICO — Confirma-se com esta sentença o que já o sábio deixou dito no c. 10, v. 15. — Pereira.

(9) O ESPÍRITO DO HOMEM — O hebreu diz: "O espírito do homem (isto é, o vigor do seu ânimo) sustém a enfermidade dêle; (vem a dizer, sustém-no nas enfermidades do seu corpo) mas quebrantado o ânimo, e abatido o espírito, quem o susterá, ou quem o alentará". Do sentido da Vulgata, pouco diferem os Setenta, que tem: "O servo prudente mitiga o furor do varão: ou

15 O coração prudente possuirá a ciência: E o ouvido dos sábios busca a doutrina.

16 O presente que um homem faz abre-lhe um dilatado caminho, e dá-lhe lugar diante dos príncipes.

17 O justo é o primeiro que a si mesmo se acusa: Vem depois o seu amigo, e êle o sondará. (10)

18 A sorte apazigua as diferenças, e decide ainda entre os poderosos.

19 O irmão, que é ajudado por seu irmão, é como uma cidade forte: E os seus juízos são como os ferrolhos das cidades. (11)

20 Do fruto da bôca do homem se encherá o seu ventre: E os renovos dos seus lábios o fartarão. (12)

21 A morte e a vida estão no poder da língua: Os que a amam, comerão dos seus frutos.

22 Aquêlê que achou a uma mulher boa, achou o bem: E receberá do Senhor um manancial de alegria.

Aquêlê que expele a uma mulher virtuosa, expele o bem: Mas o que retém a adúltera é um insensato e um ímpio. (13)

do amo, a quem serve) mas quem poderá sofrer o homem impaciente?" — Pereira.

(10) **O JUSTO É O PRIMEIRO QUE A SI MESMO SE ACUSA.** — O hebreu faz um sentido muito diverso, qual é o que se segue: "O que primeiro justifica a sua causa, parece mais justo. Vem depois o seu sócio (os Setenta dizem, o seu adversário) e êste o sondará", isto é, e êste descobrirá o vício da causa. — Bossuet.

(11) **E OS SEUS JUÍZOS** — Assim como pela concórdia se acham firmes as casas dos particulares, assim também a cidade pela justiça fica mais bem segura, do que se estivera muito bem fechada, ou aferrolhada. — Menochio.

(12) **DO FRUTO DA BÔCA** — As palavras do que fala são para êle uma fonte e origem ou de bens, ou de males. — Cabmet.

(13) **AQUÊLE QUE EXPELE A UMA MULHER VIRTUOSA** — Este versículo falta no hebreu, e em vários manuscritos latinos, e na edição do cardeal Ximenes, e na de Xisto V, e na nova de

23 O pobre falará com súplicas: E o rico lhe responderá com aspereza.

24 O homem amável no trato será mais amigo do que um irmão. (14)

CAPÍTULO 19

DO POBRE, E DO RICO. DA TESTEMUNHA FALSA. DA IRA, E DA BENEVOLÊNCIA DO REI. A MULHER PRUDENTE É UM DOM DE DEUS. CORREÇÃO AOS FILHOS. TEMOR DE DEUS. CASTIGOS RESERVADOS PARA OS IMPIOS.

1 Melhor é o pobre, que anda na sua simplicidade, do que o rico torcendo os seus beiços, e sendo insensato. (1)

2 Onde não há ciência dalma não há bem: E o que pelo ardimento dos pés é apressado, tropeçará.

3 A estultícia do homem arma sancadilha aos seus passos: E êle ferve no seu coração contra Deus. (2)

4 As riquezas multiplicam muito os amigos: Mas do pobre ainda aquêles que teve se separam.

S. Jerônimo; mas êle se acha nos Setenta, e multos Padres o citaram. — Calmet.

(14) **O HOMEM AMAVEL** — Aquêles que é humano, benigno e suave, e que nas necessidades acode ao amigo pôsto em aflição, é mais amado que um parente, e ainda que um irmão. — Menochio.

(1) **O RICO** — A palavra dives, rico, não se lê no hebreu, no caldeu, nos Setenta, nem em várias edições latinas. Os Setenta da edição romana totalmente omitem os primeiros dois versículos dêste capítulo, porém não faltam na do cardeal Ximenes. — Calmet.

TORCENDO OS SEUS BEIÇOS — Para enganar. — Percira.

(2) **E ELE FERVE** — Agasta-se contra Deus, attribuindo, não à sua estultícia, como devera, mas ao mesmo Deus, o terem sucedido mal os seus negócios. — Menochio.

5 A testemunha falsa não ficará impunida: E o que fala mentiras não escapará.

6 São muitos os que honram a pessoa do poderoso, e os que são amigos do que reparte dádivas. (3)

7 Os irmãos do homem pobre aborreceram-no: Sobre isto ainda os seus amigos se retiraram longe d'ele.

Aquêlê que só busca palavras não terá nada:

8 Mas o que é possuidor de entendimento, ama a sua alma, e o conservador da prudência achará bens.

9 A testemunha falsa não ficará impunida: E o que fala mentiras perecerá.

10 Ao insensato não estão bem as delícias: Nem ao servo o dominar aos príncipes. (4)

11 A doutrina do homem conhece-se pela paciência: E a sua glória é passar por cima das injúrias a êle feitas.

12 Assim como é terrível o bramido do leão, assim também o é a ira do rei: E do mesmo modo que o or-

(3) DO QUE REPARTE DADIVAS — Confira-se com êste acima o versículo 4. — Pereira.

(4) AO INSENSATO NÃO ESTÃO BEM AS DELÍCIAS — O insensato não sabe usar dos delcôtes, abusa d'êles sem lei, nem medida, por cuja causa nesses mesmos gostos achará a ruína da sua alma e da sua saúde. — Calmet.

NEM AO SERVO — E' esta uma das coisas que, segundo o mesmo Salomão, adiante 30, 24, diz, perturba, inverte, revolta e confunde o mundo. — Pereira.

Provérbios 19, 13-18

valho cai sôbre a erva, assim anima igualmente o seu prazenteiro.

13 O filho insensato é a dor do pai: E a mulher amiga de litígios é como o telhado, que está revendo continuamente em goteiras. (5)

14 Os pais dão casas e riquezas, porém o Senhor dá prôpriamente uma mulher de prudência. (6)

15 A preguiça dá de si sono, e a alma frouxa terá fome.

16 Aquêlê que guarda o mandamento guarda a sua alma: O que porém não faz caso do seu caminho, padecerá a morte.

17 O que se compadece do pobre, dá o seu dinheiro a juro ao Senhor: E êste lhe tornará com onzena o que êle tiver emprestado.

18 Castiga a teu filho enquanto há esperança da emenda: Mas não chegue a tua severidade ao excesso de lhe dares a morte. (7)

(5) **EM GOTEIRAS** — Assim como as goteiras contínuas do telhado arruinam o edifício, assim também inquieta e desordena a família a mulher contenciosa.

(6) **PORÉM O SENHOR** — Com êste lugar têm alegado os Santos Padres, para provarem que não é lícito aos católicos celebrar matrimônios com mulheres infiéis. — Calmet.

(7) **ENQUANTO HA ESPERANÇA** — Êste é o sentido, que do hebreu exprimiu de Carrières. A Vulgata diz: *ne desperes: o que Sacy verteu "e não desesperes."* Confiram-se os lugares do apóstolo aos Ef 6, 4, e aos Col 3, 21.

19 O que é impaciente suportará o dano: E quando o deixar, acrescentará outro. (8)

20 Ouve o conselho, e recebe a correção, para que sejas sábio no fim da tua vida.

21 No coração do homem se forjam muitos pensamentos: Mas a vontade do Senhor permanecerá.

22 O homem necessitado é compassivo: E melhor é o pobre do que o homem mentiroso.

23 O temor do Senhor conduz à vida: E na abundância nadará sem a visita péssima. (9)

24 O preguiçoso esconde a sua mão debaixo do covaco, e não quer ter o trabalho de a levar à boca.

(8) **O QUE É IMPACIENTE** — O sentido da Vulgata parece ser, que todo aquêle que não sopra a ira, experimentará muitos males e quando se livrar dum, virá, não se emendando, a cair noutro. Alguns, entendendo este lugar do filho, traduzem: E se roubar, acrescentará outro roubo. Porque, se o pai desesperado já da emenda do filho, deixa de o castigar, experimentará os tristes efeitos da sua falta de paciência nos multiplicados roubos, que o mesmo filho livremente fôr cometendo, até acabar a vida num patíbulo. Mas indo a tradução encostada ao hebreu, segundo as notas que propuseram Bossuet e Calmet, e segundo no corpo o exprimiu de Carrières, pode-se verter este lugar do seguinte modo: "Porque aquêle que é assim impaciente, sofrerá a pena que merece, e se tu o deixas impune, ele continuará a fazer pior. — Pereira.

(9) **SEM A VISITA PÉSSIMA** — De tal sorte, que nenhuma calamidade transtorne o seu caminho. Deus não o visitará quando estiver irado, viverá seguro e em paz. Muitos códices latinos lêem: Absque visitatione pessimi: Sem a visita do péssimo: isto é, do demônio. O demônio não o vencerá, se Deus permite que o justo seja tentado, como Jó e Tobias, ele sairá vencedor da batalha: com esta experiência ficará cada vez mais provada a sua virtude. — Calmet.

25 Castigado o pernicioso, far-se-á mais sábio o insensato: Mas se reprenderes ao sábio, êle entenderá o aviso. (10)

26 Aquêlê que aflige a seu pai, e que faz fugir a sua mãe, é infame e desgraçado.

27 Não cesses, filho, de ouvir a doutrina, nem ignores as palavras da ciência.

28 A testemunha iníqua faz zombaria da justiça: E a bôca dos ímpios devora a iniquidade.

29 Prontos estão os juízos para os mofadores: E os martelos batentes para os corpos dos insensatos. (11)

FIM DO QUINTO VOLUME

(10) **CASTIGADO** — Aos maus serve de escarmento o castigo que vêem executar nos malfetores, perversos e facinorosos; mas ao homem sisudo e avisado basta, para se emendar, uma leve repreensão, ou aviso. — *Pereira.*

(11) **PRONTOS ESTÃO OS JUÍZOS** — Vem nisto a dizer o sábio, que a todos os maus e ímpios aguarda o castigo proporcionado e correspondente à grandeza e enormidade dos seus crimes. — *Pereira.*

PROVÉRBIOS

CAPÍTULO 20

O VINHO, ORIGEM DE DESORDENS. DO HOMEM PREGUIÇOSO.
PERIGO DAS FIANÇAS. HONRAR A SEUS PAIS. NÃO DAR
MAL POR MAL. OS GRANDES MALES PEDEM GRANDES
REMÉDIOS.

1 O vinho é uma coisa luxuriosa, e a embriaguez é cheia de desordens: Todo aquêle que nisto põe o seu gosto, não será sábio.

2 Assim como sobressalta o rugido do leão, assim também o terror que infunde o rei: Aquêle que o irrita, contra a sua alma peca.

3 O homem que se separa de contendas, tem esta glória, mas todos os imprudentes se envolvem no que lhes traz a sua confusão.

4 O preguiçoso não quis lavrar por causa do frio: Ele mendigará pois no verão, e não se lhe dará coisa alguma.

5 O conselho é no coração do homem como a água profunda: Mas o homem sábio daí o tirará. (1)

6 Muitos homens se chamam compassivos: Mas quem achará um homem fiel?

7 O justo, que anda na sua simplicidade, deixará depois de si bem-aventurados a seus filhos.

8 O rei, que está assentado no seu trono de justiça, dissipa todo o mal só com o olhar.

(1) O TIRARÁ — Isto é, sondará o sábio o mais profundo, penetrará o mais recôndito do coração dos outros.

9 Quem pode dizer: O meu coração está puro, eu estou isento de pecado?

10 Um pêso, e outro pêso, uma medida e outra medida: São duas coisas abomináveis diante de Deus. (2)

11 Pelas suas inclinações se conhece no menino se as suas obras haverão de ser puras e retas.

12 O ouvido que ouve, e o ôlho que vê, ambas estas coisas fêz o Senhor.

13 Não queiras ser amigo do sono, para que a pobreza te não oprima: Abre os teus olhos, e sê farto de pão.

14 Isto não vale nada, isto não vale nada, diz todo o comprador: E depois de se retirar, êle então se gloriará.

15 Há ouro e grande quantidade de pedras preciosas: E os lábios da ciência são um vaso precioso. (3)

16 Tira o vestido àquele que ficou por fiador dum desconhecido, e leva-lhe de casa o penhor, pois êle se obrigou por estranhos.

17 O pão da mentira é gostoso ao homem: Porém ao depois a sua bôca será cheia de areia. (4)

(2) **UM PÊSO** — Não só condena e proíbe aqui o sábio, juntamente com o engano dos falsos pesos e medidas, tôdas as fraudes no comércio, mas ainda na acepção de pessoa, o rigor com que tratamos os mais, sendo para nós indulgentes. — **Pereira.**

(3) **DA CIÊNCIA** — Isto é: do homem sábio e eloquente.

(4) **SERÁ CHEIA DE AREIA, COMO O PÃO DA MENTIRA** — E' pão adquirido por meios ilícitos, não é de espantar, que sem embargo de ser gostoso, apenas êle comido, fique a bôca trincando areia, terra ou miúdo burgalhão com que se quebrem os dentes, que é o de que se lamentava Jeremias nos Threnos 3, 19. Por onde o ímpio, ainda que se utiliza por algum tempo destes bens tão injustamente havidos, com o receio sempre da sua inconsistência, de ordinário vêm sôbre êle na vida castigos e, o que é pior, na morte a condenação eterna. — **Pereira.**

18 Os pensamentos roboram-se pelos conselhos: E as guerras devem ser governadas com os lemes. (5)

19 Não te familiarizes com aquêlê que revela os segredos, e que anda com fingimento, e que abre muito os seus lábios.

20 Aquêlê que amaldiçoa a seu pai, e a sua mãe, apagar-se-lhe-á a sua candeia no meio das trevas.

21 A herança, que um se apressa a adquirir no princípio, carecerá de bênção no fim.

22 Não digas: Darei mal por mal: Espera pelo Senhor, e êle te livrará.

23 Ter um pêso e outro pêso, é abominação diante de Deus: A balança enganosa não é boa.

24 Os passos do homem são dirigidos pelo Senhor: Mas que homem pode compreender o seu mesmo caminho? (6)

25 E' uma ruína para o homem devorar os Santos e depois retratar os votos. (7)

26 O rei sábio dissipa os ímpios, curva sôbre êles um arco de triunfo. (8)

(5) **COM OS LEMES** — Isto é, com prudência, vigilância, indústria e conselho; porque tanto caso devem fazer os generais do conselho, como o piloto do leme.

(6) **OS PASSOS DO HOMEM** — Confira-se Jer 10, 23.

(7) **DEVORAR OS SANTOS** — Atacá-los, persegui-los. Deus defende os bons, castigando com a morte os que os perseguem, como succedeu a Faraó, Antíoco, etc.

(8) **CURVA SÔBRE ÊLES UM ARCO DE TRIUNFO** — E' a tradução literal da Vulgata *Incurvant super eos fornecem*, texto que se explica assim: fêz com que passassem debaixo do arco do seu triunfo. Porém o que está no hebreu é: Levou sôbre êles uma roda, ou melhor, passou com uma roda por cima dêles, isto é, infligiu-lhes o suplicio de serem rodados. Sabe-se que Davi, depois de ter vencido os amonitas, castigou-os desta mesma maneira; *circumegit super eos ferrata carpenta*, 2 Rs 12, 31. A Escritura alude frequentes vêzes a esta tortura.

27 O sôpro do homem é uma luz do Senhor, a qual perscruta todos os segredos do seu íntimo. (9)

28 A misericórdia e a verdade guardam ao rei, e o seu trono se firma com a clemência. (10)

29 A exaltação dos mancebos é a fôrça dêles: E a dignidade dos velhos são as suas cãs. (11)

30 Os males alimpar-se-ão pelo lívido das feridas: E pelas chagas no mais secreto do ventre. (12)

CAPÍTULO 21

O CORAÇÃO DO REI NA MÃO DE DEUS. A PREGUIÇA, ORIGEM DE MISÉRIAS. INFELICIDADE DAQUELES QUE TÊM O CORAÇÃO DURO PARA OS POBRES. VANTAGENS DA JUSTIÇA, E DA SABEDORIA. SAÚDE É UM DOM DO SENHOR.

1 Assim como se fazem os repartimentos das águas, assim o coração do rei se acha na mão do Senhor: Ele o inclinará para qualquer parte que quiser. (1)

(9) **DO SEU ÍNTIMO** — O que se passa no recôndito do seu coração; todos os seus instintos, as suas tendências, as suas volições: *intima quacque in homine affectus, studia, cogitationes.* — Menochio.

(10) **A MISERICÓRDIA E A VERDADE** — Isto é, a clemência e a justiça. — Menochio.

(11) **A EXALTAÇÃO DOS MANCEBOS** — A mocidade gloria-se da robustez das suas fôrças, a velhice da madureza, da sabedoria, da experiência, da ciência. — Calmet.

(12) **OS MALES** — Os ímpios corrigem-se com os castigos; o insensato não terá cura, senão com a repreensão mais grave que se lhe der e com a severidade da pena que se lhe aplicar. E' intelligência literal de Calmet, porém S. Gregório Magno, explicando este lugar no livro 23, dos morais, cap., diz assim: Pelo lívido das feridas insinua o sábio a correção do castigo do corpo, e as chagas no mais secreto do ventre são os internos golpes na alma, que se fazem pela interior compunção e arrependimento dos pecados. — Pereira.

(1) **ASSIM COMO** — Pela comparação dos cultivadores de

2 Todo o caminho do homem lhe parece a êle direito: Mas o Senhor pesa os corações.

3 Fazer misericórdia e justiça é mais agradável ao Senhor do que as vítimas.

4 A soberba do coração faz altivos os olhos: A candeia dos ímpios é o pecado.

5 Os pensamentos do homem robusto produzem sempre abundância: Mas todo o preguiçoso está sempre em pobreza.

6 Aquêlê que ajunta tesouros com uma língua de mentira, é vão e sem juízo, e dará consigo nos laços da morte.

7 As rapinas dos ímpios levá-los-ão à sua ruína, porque não quizeram obrar segundo a justiça.

8 O caminho perverso do homem é um caminho estranho: Mas quando o homem é puro, são retas as suas obras.

9 Melhor é estar assentado no terraço, do que habitar com uma mulher litigiosa, e numa casa comum. (2)

10 A alma do ímpio deseja o mal, não se compadecerá do seu próximo.

11 Quando o homem pestilento fôr castigado, o simples ficará daí mais sábio: E se êle aderir ao homem sábio, adquirirá a ciência.

jardins e hortas, que repartindo a água pelos regueiros, a encaminham aonde querem, mostra o sábio que também Deus inclina o coração dos reis aonde muito lhe apraz, e tem decretado, sem que para isso lhes imprima violência alguma no seu alvedrio. — Pereira.

(2) **TERRAÇO** — Na Palestina e no Egipto as casas em lugar de telhados tinham terraços. E' pois o sentido: que mais vale tranqüillamente viver sujeito às injúrias e inclemências do ar, do que abrigado numa casa, tendo de portas a dentro uma mulher litigiosa.

Provérbios 21, 12-26

12 O justo considera com aplicação a casa do ímpio, para retrair os ímpios do mal.

13 Aquêlé que tapa os seus ouvidos ao clamor do pobre, êsse mesmo também clamará, e não será ouvido.

14 O presente secreto extingue as iras: E a dádiva que se mete no seio de outrem, a maior indignação.

15 O justo acha a sua alegria na prática da justiça: Mas os que cometem a iniquidade estão em pavor.

16 O homem, que se extraviar do caminho da doutrina, terá por morada a assembléia dos gigantes.

17 Aquêlé que ama os banquetes, viverá na indigência: O que ama o vinho, e a mesa esplêndida, não enriquecerá.

18 O ímpio é entregue em lugar do justo. E o iníquo em lugar dos retos.

19 Melhor é habitar numa terra erma, do que com uma mulher rixosa e iracunda.

20 Na casa do justo há um tesouro apeteçível, e há azeite: Mas o homem imprudente dissipará tudo.

21 Aquêlé que exercita a justiça e a misericórdia, achará vida, justiça e glória.

22 O sábio fêz-se senhor da cidade dos valentes e destruiu a força em que ela confiava. (3)

23 Aquêlé que guarda a sua bôca, e a sua língua, guarda a sua alma de grandes apertos.

24 O soberbo, e o presumido é chamado ignorante, porque, estando irado, faz ações insolentes.

25 Os desejos matam ao preguiçoso: Porque as suas mãos não quiseram fazer nada.

26 Êle passa todo o dia a cobiçar, e a desejar: Mas o que é justo, dará e não cessará:

(3) O SÁBIO — Ensina o Sábio que à fortaleza do corpo leva grande excesso a sabedoria; porque várias vezes sucede serem

27 As vítimas dos ímpios são abomináveis, porque o que oferecem é dos seus crimes.

28 A testemunha mentirosa perecerá: O homem obediente cantará a vitória. (4)

29 O homem ímpio mostra no seu rosto uma segurança desavergonhada: Mas o que é reto, emenda o seu caminho. (5).

30 Não há sabedoria, não há prudência, não há conselho contra o Senhor.

31 O cavalo prepara-se para o dia da batalha: Mas o Senhor é o que dá a vitória. (6)

muitas cidades bem guarnecidas tomadas por estratagemas e artil, as quais não poderia a força reduzir ao poder do conquistador, que lhe dá o assalto. Isto é o que se diz na Sab 7, 2. "Melhor é a sabedoria do que as forças, e o homem prudente do que o forte". — Menochio.

(4) **O HOMEM OBEDIENTE** — O que obedece a Deus, à lei, à razão, aos superiores, alcançará vitória de seus adversários, de Satanaz e de si mesmo. Assim se costuma explicar este lugar. Até aqui são palavras de Calmet, conservando o sentido que oferece a Vulgata. Porém o hebreu lê: "O varão que ouve", isto é, o que relata, e depois o que viu e ouviu, "falará vitoriosamente", fará triunfar a verdade, falando sempre pela mesma boca e ostentando-se em todo o tempo e lugar como uma fiel e verdadeira testemunha.

(5) **MOSTRA NO SEU ROSTO** — O ímpio cerra-se, teima e obstinado se confirma no seu mau propósito, e não duvidando mofar descaradamente das saudáveis advertências que lhe fazem, até defende o mal que fez, querendo sempre achar escapula a seus vícios. — Pereira.

(6) **O CAVALO** — Debalde se fazem os aparatos da guerra; debalde se juntam as carroças e a cavalaria; porque não é o soldado, o que dá a vitória, mas só Deus (Sl 32, 17). Entre os hebreus e os povos orientais não se fazia uso de cavalos, senão para a guerra. O boi era destinado para a cultura dos campos e para levar os carros ordinários; o jumento e o camelo para as cargas, para os fardos, para a jornada; o cavalo só para a guerra se reserva. — Calmet.

CAPÍTULO 22

PREÇO DA BOA REPUTAÇÃO. VANTAGENS DO CORAÇÃO PURO.
EXORTAÇÃO À SABEDORIA. NÃO OPRIMIR O POBRE.
NÃO TRANSGREDIR OS ANTIGOS LIMITES.

1 Mais vale o bom nome do que muitas riquezas:
A amizade é mais estimável do que a prata e o ouro. (1)

2 O rico e o pobre se encontraram: Dum e doutro
é criador o Senhor. (2)

3 O homem sagaz viu o mal, e furtou-se a êle: O
imprudente passou adiante, e recebeu o dano.

4 O fim da modéstia é o temor do Senhor, as riquezas, e a glória, e a vida. (3)

5 As armas e as espadas acham-se no caminho do
perverso: Aquêlê porém que guarda a sua alma, retira-se longe delas.

6 E' provérbio: O homem segundo o caminho que
tomou sendo mancebo, dêle se não apartará, ainda quando
fôr velho. (4)

(1) **A AMIZADE** — À letra se traduzirá: a boa graça, isto é, a boa aceitação, o ser aceito e agradável a Deus e aos homens, como explica Menochio.

(2) **O RICO** — Ou o sentido é, que os ricos e os pobres, em razão de criaturas destinadas para o mesmo fim, são iguais diante de Deus, que só atende à sua virtude e ao amor com que o servem, ou que todos dependem mutuamente uns dos outros, o rico do préstimo do pobre e o pobre do socorro e amparo do rico. — **Pereira.**

(3) **O FIM DA MODÉSTIA** — Isto é, o fruto, ou perfeição do justo comedimento e da humildade interior do espírito. — **Pereira.**

(4) **É PROVÉRPIO** — Como nem no hebreu, nem nos Setenta, nem no caldeu se lêem estas palavras: E' provável, adverte Calmet, que S. Jerônimo entende devê-las acrescentar aqui, para

7 O rico manda aos pobres. E o que toma emprestado, servo é do que lhe empresta.

8 Aquêlê que semeia a iniquidade, segará males e será ferido pela vara da sua ira. (5)

9 Aquêlê que é propenso a fazer misericórdia, será abençoado porque deu dos seus pães ao pobre.

Aquêlê que faz presentes alcançará vitória e honra: Mas êle rouba a alma dos que os recebem. (6)

10 Lança fora o mofador, e com êle se irá a disputa, e cessarão as querelas e as contumélias.

11 Aquêlê que ama a candura do coração, terá por amigo ao rei por causa da sincera graça dos seus lábios.

12 Os olhos do Senhor guardam a ciência: Mas as palavras do iníquo são postas por terra.

13 O preguiçoso diz: O leão está lá fora, serei morto no meio das ruas.

14 A bôca da mulher alheia é uma cova profunda: Aquêlê contra quem o Senhor está irado, cairá nela.

15 A loucura está atada ao coração do menino, e a vara da disciplina a afugentará.

16 Aquêlê que calunia ao pobre para acrescentar as suas riquezas, êle mesmo dará a outro mais rico, e virá a ser necessitado.

17 Inclina o teu ouvido, e ouve as palavras da sabedoria: E aplica o teu coração à minha doutrina:

18 A qual terás tu por formosa, quando a guardares dentro do teu ventre e êle trasbordará nos teus lábios:

que os leitores tomassem melhor o péso a esta máxima importantíssima da educação.

(5) **E SERÁ FERIDO** — Ou à letra: “e será acabado”, isto é, consumido, perdido, arruinado. — *Pereira*.

(6) **AQUELE QUE FAZ PRESENTES** — Este versículo não se acha no hebreu, nem em S. Jerônimo, e falta também em várias edições latinas; mas trazem-no os Setenta. — *Calmét*.

19 Para que ponhas no Senhor a tua confiança, por cuja causa também eu ta mostrarei hoje.

20 Eis-aqui estou eu mesmo que ta descrevi em três maneiras, com pensamentos e com ciência:

21 Para te mostrar a firmeza, e as expressões da verdade, a fim de responderes com estas coisas àqueles que te enviaram.

22 Não faças violência ao pobre, porque é pobre, nem oprimas em juízo ao que não tem nada: (7)

23 Porque o Senhor há de julgar a sua causa, e há de traspassar aos que traspassaram a sua alma.

24 Não queiras ser amigo do homem iracundo, nem andes com o homem furioso:

25 Por não suceder que aprendas as suas veredas. e dêes à tua alma algum motivo de cair.

26 Não te ires com aquêles que se obrigam apertando as mãos, e que se oferecem por fiadores para responderem pelas dívidas de outrem:

27 Porque se tu não tens com que pagar, que razão há para que alguém te tire a coberta da tua cama? (8)

(7) **NEM OPRIMAS EM JUÍZO** — Ainda que o texto latino diz: *neque conteras egenum in porta*, todos expõem aquêles *in porta* pelo juízo; porque é notório por outros muitos lugares da Escritura, e ainda dos Provérbios, que os tribunais, em que se julgavam as causas, eram antigamente às portas da cidade. E assim leremos no capítulo 31, verso 23: *Nobilis in portis vir ejus*: o que todos traduzem justamente assim: "Seu marido será ilustre nas assembleias dos juizes". — Pereira.

(8) **QUE RAZÃO HÁ** — Por que motivo te metes no apêto de que, pedindo-te o credor o dinheiro, te vejas obrigado, por lhe não poderes satisfazer, a consentir que te faça apreensão no mesmo cobertor da tua cama? — Menochio.

28 Não passes além dos antigos limites, que puseram teus pais. (9)

29 Viste a um homem, que faz as suas obras com velocidade? Este terá cabimento com os reis, e não ficará no andar da plebe. (10)

CAPÍTULO 23

SOBRIEDADE À MESA DOS GRANDES. NÃO BUSCAR RIQUEZAS. NÃO OPRIMIR AOS PUPILOS. ESTAR FIRME NO TEMOR DE DEUS. FUGIR DAS MULHERES DISSOLUTAS, E DA BEBEDICE.

1 Quando te assentares a comer com o príncipe, considera com atenção o que se te pôs diante: (1)

2 E põe uma faca na tua garganta, se é todavia que estás senhor da tua alma. (2)

3 Não desejes comer dos manjares daquele, onde se acha o pão da mentira.

(9) **NÃO PASSES** — Proíbe-se aqui o apropriar-se qualquer de alguma parte da herdade ou campo alheio, com a mudança dos marcos, o que é contra a lei do Dt 19, 14, ou também o querer inovar máximas diferentes daquelas que se bebem no Depósito da Fé, e na constante tradição, ditame que impugna o preceito do Apóstolo a Timóteo na Epístola, 1, c. 6, v. 20. — **Pereira.**

(10) **QUE FAZ AS SUAS OBRAS COM VELOCIDADE?** — A letra se traduzirá: "Viste um homem veloz (isto é, pontual, ativo, pronto) na sua obra? Diante dos reis se levantará firme e não estará diante dos de baixa estofa. — **Pereira.**

(1) **COM O PRÍNCIPE** — Trata-se aqui de inculcar a sobriedade e de encarecer a obrigação que temos de vencer a sensualidade. S. Agostinho comentando este lugar refere-o ao banquete eucarístico.

(2) **PÕE UMA FACA** — Esta expressão significa que devemos reprimir todos os apetites desordenados. S. Jerônimo aplica este lugar à Santa Comunhão e diz que, quando nos aproximarmos

Provérbios 23, 4-10

4 Não te fatigues por ser rico: Mas põe termo à tua prudência. (3)

5 Não ergas os teus olhos para umas riquezas que tu não podes ter: Porque elas tomaram asas como de águia, e voaram para o céu.

6 Não comas com o homem invejoso, e não apeteças os seus manjares:

7 Porque à semelhança de adivinho e conjecturador, faz juízo do que ignora. (4)

Come e bebe, te dirá êle: Mas o seu coração não está contigo:

8 Tu vomitarás os manjares que tiveres comido: E perderás os teus sábios discursos. (5)

9 Não fales aos ouvidos dos insensatos Porque êles desprezarão a doutrina das tuas palavras.

10 Não toques nos limites dos pequeninos: E não entres no campo dos pupilos:

do banquete eucarístico, devemos destruir, aniquilar até tudo o que em nós houver de imperfeição.

(3) **A TUA PRUDÊNCIA** — Deve-se entender isto da prudência, ou indústria, de que se valem os homens para ajuntar riquezas, da qual fala o Salvador em Lc 16, 8. — Menochio.

(4) **PORQUE A SEMELHANÇA DE ADIVINHO** — Porque logo que te assentares à mesa, lá dentro consigo, como conjecturador do futuro e adivinho, pensará e avaliará o quanto hás de comer; e quando comeres, contará quase todos os bocados que meteres na bôca, estando com cuidado de lhe não fazeres muito gasto em demasia. — Menochio.

(5) **TU VOMITARÁS** — Conhecendo-lhe tu o caráter que tem de avarento, e a má vontade com que te põe à sua mesa, não só desejarás, se puderes, lançar-lhe ali tôda a comida para lha não lebares contigo, mas ainda te arrependerás da cortesã e sábia conversação, dos chistes, graças, facécias e agudos donaires que com êle e adiante dêle desperdiçaste. — Pereira.

11 Porque o seu próximo é poderoso: E ele mesmo se fará contra ti o defensor da sua causa. (6)

12 Entre o teu coração na doutrina: E os teus ouvidos nas palavras da ciência.

13 Não queiras subtrair a correção ao menino: Porque se tu o fustigares com a vara, ele não morrerá.

14 Tu fustigarás com a vara: E livrarás a sua alma do inferno.

15 Meu filho, se o teu ânimo fôr sábio, alegrar-se-á contigo o meu coração:

16 E os meus rins exultarão de prazer, quando os teus lábios tiverem proferido o que é reto.

17 O teu coração não tenha inveja aos pecadores; mas conserva-te no temor do Senhor todo o dia:

18 Porque terás esperança, quando chegar o teu último dia, e não te será roubada a tua expectativa.

19 Ouve, meu filho, e sê sábio: E dirige a tua alma pelo caminho direito.

20 Não te queiras achar nos banquetes dos grandes bebedores, nem nas comezainas daqueles que fazem vir os manjares para comerem de companhia:

21 Porque passando o tempo em beber, e em contribuir com os seus escotes, eles se arruinarão e a sua dormiente preguiça vestir-se-á de trapos.

22 Ouve a teu pai, que te gerou: E não desprezes a tua mãe, quando fôr velha.

23 Compra a verdade, e não queiras vender a sabedoria, nem a doutrina, nem a inteligência.

(6) **PORQUE O SEU PRÓXIMO É PODEROSO** — Quem seja este próximo poderoso, que defende e vinga das injúrias o pobre, declaram os Setenta, vertendo aqui: **Porque o Senhor, que é o seu Redentor, é poderoso.** O mesmo Deus, logo, é o poderoso tutor do pobre, e isto pelo direito do parentesco que tem com ele, por se ter feito homem como ele, e pobre por amor d'ele. — Pereira.

Provérbios 23, 24-35

24 O pai do justo salta de prazer: O que gerou ao sábio terá nêle a sua alegria.

25 Nesta alegria viva teu pai, e tua mãe, e a que te gerou, exulte.

26 Dá-me, meu filho, o teu coração: E os teus olhos guardem os meus caminhos.

27 Porque a mulher prostituta é uma cova profunda: E a alheia é um poço estreito.

28 Ela está de emboscada no caminho como um salteador, e ela matará aos que vir desapercebidos.

29 A quem se dirá: Desgraçado de ti? ao pai de quem se dirá: Desgraçado de ti? para quem serão as bulhas? para quem os precipícios? para quem as feridas sem causa? para quem a névoa dos olhos?

30 Para quem, senão para aquêles que levam o tempo a beber vinho, e têm o seu gôsto em despejar os copos?

31 Não olhes para o vinho, quando te começa a parecer louro, quando brilhar no vidro a sua côr: Êle entra suavemente;

32 mas no fim morderá como uma serpente, e difundirá o seu veneno como um basilisco.

33 Os teus olhos verão as alheias, e o teu coração falará palavras desregradas.

34 E tu serás como um homem dormente no meio do mar, e como um piloto sopito que perdeu o leme:

35 E dirás: Espancaram-me, mas a mim não me doeu: Arrastaram-me, mas eu não senti: Quando despertarei eu, e quando acharei mais vinho para beber?

CAPÍTULO 24

NÃO INVEJAR A PROSPERIDADE DOS MAUS. NÃO ESTIMAR
SENÃO A SABEDORIA. SUSTER-SE NO TEMPO DA AFLI-
ÇÃO. NÃO SE REGOZIJAR COM A RUÍNA DOS SEUS INI-
MIGOS. TEMER A DEUS, E AO REI. EVITAR A PREGUIÇA.

1 Não tenhas inveja aos homens maus, nem dese-
jes estar com êles:

2 Porque o seu espírito medita rapinas, e os seus lá-
bios falam enganos.

3 A casa fundar-se-á com a sabedoria, e fortificar-
se-á com a prudência.

4 Pela doutrina encher-se-ão as despensas de tôda
a substância preciosa e formosíssima. (1)

5 O varão sábio é forte: E o varão douto, robusto
e valente.

6 Porque a guerra pela boa ordem se maneja: E a
salvação achar-se-á onde há muitos conselhos.

7 Para o insensato é árdua a sabedoria; êle não abrirá
na porta a sua bôca. (2)

8 Aquêlê que anda cuidando em fazer males, será
chamado insensato.

9 O pensamento do insensato é o pecado: E o de-
trator é a abominação dos homens.

(1) **ENCHER-SE-ÃO** — Isto é, tôdas as oficinas, e quartos
da casa se encherão de todos os bens, e alfaias de grande valor,
e de mui refulgente formosura. — **Pereira.**

(2) **ÊLE NÃO ABRIRÁ** — Ou, de nenhum modo poderá ter
assento nos tribunais para administrar a justiça às portas da cida-
de, por falta da sabedoria, que não chegou a alcançar; ou sendo
ali apresentado como réu, não poderá desfazer as objeções da parte
que o acusa, por se achar destituído das luzes e amparo da mesma
sabedoria. — **Pereira.**

Provérbios 24, 10-16

10 Se tu perderes a esperança descorçoado no dia da angústia: Será minguada a tua fortaleza. (3)

11 Tira do perigo aquêles que são levados à morte: E não cesses de livrar aos que são arrastados ao degoladouro. (4)

12 Se tu disseres: As fôrças não me ajudam: O mesmo que é inspetor do coração, o conhece, e ao guardador da tua alma nada se esconde, e êle retribuirá ao homem segundo as suas obras. (5)

13 Come, meu filho, do mel, porque é bom, e do favo docíssimo à tua garganta: (6)

14 Tal será também para a tua alma a doutrina da sabedoria: Quando tu a achares, terás esperança na tua última hora, e a tua esperança não perecerá.

15 Não armes traições ao justo, e não andes buscando a impiedade na sua casa, nem perturbes o seu repouso.

16 Porque o justo cairá sete vêzes, e tornar-se-á a levantar: Porém os ímpios serão precipitados no mal. (7)

(3) **SE TU PERDERES A ESPERANÇA** — O sentido é, que vem a ser pequena a fortaleza, e a paciência daqueles que descorçoam à vista de melhorar de estado. — Menochio.

(4) **AO DEGOLADOURO** — À carnificina, ou ao patíbulo, para se lhes tirar a vida. O que se deve entender, se fôrem inocentes, e não tiverem quem lhes acuda. Veja-se o Sl 81, 4. — Pereira.

(5) **NÃO ME AJUDAM** — Para livrar o inocente resistindo aos caluniadores, e aos que injustamente a oprimem: “Não conheço a êste.” — Menochio.

(6) **COME** — Apetece tu os frutos da sabedoria, e quando os tiveres alcançado, goza dêles, porque são mais doces para a alma do que é o favo de mel ao paladar. — Menochio.

(7) **PORQUE O JUSTO** — Dêste lugar têm alguns adversários pretendido deduzir a insuficiência da religião para morigerar a humanidade, visto que o próprio justo peca sete vêzes ao dia, entre êstes é conhecido o autor do livro intitulado *Nouvelles libertés de penser*. Porém a objeção não colhe desde que o texto seja bem

17 Não te alegres, quando cair o teu inimigo nem o teu coração se regozije com a sua ruína.

18 Por não suceder que o Senhor o veja, e que isto lhe desagrade, e que tire de cima dêle a sua ira. (8)

19 Não andes em competência com os homens pessimistas, nem invejes aos ímpios: (9)

20 Porque os maus não têm esperança alguma para o futuro, e a candeia dos ímpios apagar-se-á.

21 Teme, meu filho, ao Senhor, e ao rei: e não te mistures com os detractores:

22 Porque de repente se levantará a sua perdição: E quem sabe a ruína de ambos? (10)

23 O que vou a dizer, é também para os sábios: Não é bom fazer acepção de pessoas nos juízos.

entendido. O que se encontra no texto original é: O Justo cairá sete vêzes e levantar-se-á; os ímpios porém permanecerão no mal, ou mais à letra: "Esbarrarão de encontro ao mal". A primeira coisa que se não encontra no texto é a expressão *diariamente*, ou ao dia, que não passa duma inversão dos adversários. Por sua vez o verbo *Naphal*, empregado mais de quatrocentas vêzes na Escritura, nunca tem a acepção de pecar, mas sim cair. Por isso os exegetas dizem que é forçar o texto entender estas quedas por pecados, mas que por estas se devem entender as desgraças, as aflições, as contrariedades frequentes da vida. Entre outros lugares em que o citado verbo aparece com esta significação, temos estes: Is 24, 20; Jer 25, 27; Am 8, 14, Miq 7, 3, etc.

(8) **E QUE TIRE DE CIMA DÊLE A SUA IRA** — E a desafogue contra ti.

(9) **NÃO ANDES EM COMPETÊNCIA COM OS HOMENS PÉSSIMOS** — Imitando-os.

(10) **E QUEM SABE A RUÍNA DE AMBOS?** — Isto é, daquelle que não respeita a Deus e do que nega sujeição ao rei. Outros expõem assim: Quem poderá alcançar com o entendimento a vingança, que Deus e o rei, estes dois poderes já se sabe tão fortes e formidáveis, hão de exercitar contra o maldizente e o blasfemo? — Calmet.

24 Àqueles que dizem ao ímpio: Tu és justo: Amaldiçoá-los-ão os povos, e detestá-los-ão as tribos.

25 Aquêles que o repreendem serão louvados: E virá sobre êles a bênção.

26 Aquêles que dá uma resposta direita, beijará os seus lábios. (11)

27 Prepara de fora a tua obra, e lavra cuidadosamente o teu campo: Para que depois edifiques a tua casa. (12)

28 Não sejas testemunha em vão contra o teu próximo: Nem seduzas a ninguém com os teus lábios. (13)

29 Não digas: Como êle me fez a mim, assim farei eu a êle: Tornarei a cada um segundo as suas obras. (14)

(11) **BEIJARÁ OS SEUS LÁBIOS** — Responder correta e verdadeiramente é provar a amizade que se consagra ao interlocutor, e como o ósculo é o sinal de amizade, o autor emprega esta expressão tropológica.

(12) **PREPARA DE FORA** — E' êste, segundo Menochio e outros, um preceito de economia, que ensina dever-se, antes de levantar casas em povoado, tratar da cultura do campo. Mas tomado no sentido alegórico vem a dizer, que ninguém há de lançar mão duma empresa, sem que primeiro considere muito devagar se tem suficientes fôrças para a levar ao cabo. Veja-se Lc 14, 28. — **Pereira.**

(13) **EM VÃO** — Ou, como lêem os Setenta: falsa. — **Pereira.**

(14) **COMO ELE ME FEZ A MIM** — Depois da proibição do ódio, como já se viu acima no versículo 17, proíbe-se também aqui a vingança. Nem a lei de Talião, que se acha no Lev 24, 19-20, se opõe a esta doutrina; porque, tomada à letra, nunca vinha jamais a aprovar a vingança, mas a coarctá-la e pôr-lhe limites; sendo esta, como pondera Santo Agostinho sobre o salmo 108, se assim se pode dizer, a justiça dos injustos: *Hæc, si dici potest, injustorum justitia est*; e a entender-se noutro sentido, mandava só que se proporcionasse com escrupulosa igualdade a pena com o delito. De qualquer modo que se considere a mencionada lei, dizia só res-

30 Passei pelo campo do homem preguiçoso, e pela vinha do homem insensato:

31 E eis-que achei que tudo estava cheio de urtigas, e que os espinhos cobriam a sua superfície, e que o muro de pedra estava caído.

32 O que tendo eu visto, pu-lo no meu coração, e dêste exemplo aprendi a disciplina. (15)

33 Um pouco, disse eu comigo, dormirás, outro breve espaço dormirás, outro pouquinho cruzarás as mãos, para descansares:

34 E virá sobre ti a indigência como um caminheiro, e a mendiguez como homem armado.

CAPÍTULO 25

O CORAÇÃO DOS REIS É IMPENETRÁVEL. NÃO SE EXALTAR A SI MESMO. PALAVRA DITA A PROPÓSITO. PROMESSA SEM EFEITO. TRISTEZA DO CORAÇÃO. FAZER BEM AOS INIMIGOS. POR FREIO À CURIOSIDADE.

1 Estas são também Parábolas de Salomão, as quais transcreveram os servos de Ezequias rei de Judá. (1)

peito aos juízes e magistrados, estabelecendo uma regra certa para os castigos públicos. — *Perelra.*

(15) **PU-LO NO MEU CORAÇÃO** — Isto é, depusitei dentro do meu coração este reparo, e à vista do que observara, tomei exemplo para me corrigir e fazer mais vigilante e circunspecto na reforma da minha vida. Os Setenta lêem: “Por último eu tenho feito penitência e tenho pôsto a mira em eleger a correção, ou o castigo.”

(1) **SERVOS DE EZEQUIAS** — São sem dúvida os personagens do tempo dêste rei, e que êle mais distinguia pela sua prudência e saber, tais como *Isaías, Eliaçim, Joaé, Sobna*. Esta inscrição prova que esta segunda coleção foi feita pelo ano 725 A. C., para servir de complemento a outra já existente.

Provérbios 25, 2-8

2 A glória de Deus é encobrir a palavra, e a glória dos reis é investigar o discurso. (2)

3 O céu na sua altura, e a terra na sua profundidade, e o coração dos reis é inescrutável. (3)

4 Tira a ferrugem da prata, e sairá um vaso puríssimo:

5 Tira a impiedade da presença do rei, e o seu trono se firmará na justiça.

6 Não apareças ufano diante do rei, e não te ponhas no lugar dos grandes.

7 Porque melhor é que te digam: Sobes para cá: Do que seres humilhado diante do príncipe.

8 Não descubras logo no princípio da contenda, o que viram os teus próprios olhos: Por não te suceder que tendo tu tirado a honra ao teu amigo, não possas depois tornar a reparar-lha: (4)

(2) **A GLÓRIA DE DEUS** — Ou o sentido é, que pertence à glória e majestade de Deus encobrir a palavra, isto é, esconder as razões dos seus juízos e conselhos; porque, sendo Ele de todos o Senhor Supremo, não tem superior, ou igual, a quem seja obrigado a dar conta. A esta interpretação corresponde ao contrário a outra parte da sentença: "A glória dos reis é investigar o discurso", como se dissesse: É decoroso aos reis investigar e ter à mão as razões e os fundamentos dos seus decretos, para que possam tapar a boca aos seus caluniadores. Ou, segundo outra inteligência, vem o insinuar, que diz respeito à glória de Deus o não se entender com facilidade a Sagrada Escritura, e que toca à honra dos reis averiguar os seus ocultos sentidos. — Menochio.

(3) **O CÉU NA SUA ALTURA** — Assim como é dificultoso investigar a distância que vai do Céu à terra, ou a altura do céu e a profundidade da terra, assim também o é querer sondar o coração do rei. — Menochio.

(4) **O QUE VIRAM OS TEUS PRÓPRIOS OLHOS** — Se sabes alguma coisa que redunde em descrédito do teu próximo, cala-a e não lhe lances logo em rosto. — Pereira.

9 Trata o teu negócio com o teu amigo, e não descubras o teu segredo a um estranho:

10 Porque não suceda que te insulte, logo que o ouvir, e não cesse de to lançar em rosto.

A graça e amizade livram: Conserva-as para ti, para que não caias em desprezo. (5)

11 Aquêlê que profere a palavra a seu tempo, é como uns pomos de ouro em leitos de prata. (6)

12 Aquêlê que argúi ao sábio, e ao ouvido obediente, é como umas arrecadas de ouro, e uma brilhante pérola. (7)

13 O embaixador fiel é para quem o enviou, o que é a frieza da neve no tempo da ceifa: Êle dá descanso à alma do seu amo.

14 O homem que se gloria, e não cumpre as promessas, é como o vento, e as nuvens que não trazem chuva.

15 O príncipe mitigar-se-á pela paciência, e a língua branda quebrantará a dureza.

16 Achaste mel, come o que te basta, para que não suceda que depois de farto o vomites.

17 Retira o teu pé da casa do teu próximo, para que não suceda que êle de enfastiado te venha a aborrecer.

18 O homem que diz um falso testemunho contra

(5) **A GRAÇA E A AMIZADE LIVRAM** — Este versículo falta no hebreu e por isso o omitiu também S. Jerônimo na sua versão, mas trazem-no os Setenta. — Calmet.

(6) **AQUELE QUE PROFERE** — O homem que fala a tempo e a propósito distingue-se, brilha e realça tanto entre os maís, quanto os pomos de ouro imitados da arte, em forma de maçanetas, aformoseiam os leitos de prata, sobre cujos balaústres se acham ou engastados, ou pendentes. Confira-se o livro de Est 1, 6. — Pereira.

(7) **AQUELE QUE ARGÚI** — Assim como a brilhante margarita orna muito a arrecada de ouro, em que está engastada, do mesmo modo a sábia advertência esmalta o ouvido obediente, que ouve com efeito a repreensão que se lhe dá. — Menochio.

Provérbios 25, 19-23

o seu próximo, é um dardo e uma espada, e uma flecha penetrante.

19 Quem espera no desleal no dia da angústia, procura fazer força num dente podre, e num pé cansado,

20 e perde a capa num dia de frio.

Aquêle que canta canções a um coração péssimo, é como o vinagre que se lança no nitro. (8)

Assim como a traça come o vestido, e o caruncho a madeira: Do mesmo modo rói a tristeza o coração do homem. (9)

21 Se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer: Se tiver sede, dá-lhe água para beber:

22 Porque assim amontoarás brasas vivas sobre a sua cabeça, e o Senhor te dará a paga. (10)

23 O vento do Aquilão dissipa as chuvas: E o rosto triste a língua maldizente.

(8) **O VINAGRE** — O termo original *homets* significa *acidos*, *violentus*, ou como no Salmo 70. Cfr. *Lexicon hebraicum et chaldaicum*, e os Setenta entenderam ser acepção do coração aflito. Divergem os intérpretes na explicação dêste lugar, desta sorte: Da mesma maneira que o vinagre misturado com o nitro lhe aumenta a força e o torna apto para tirar as manchas do rosto, assim também o cântico dos cantares dissipa a tristeza e a melancolia dum coração triste. Outros interpretam pela seguinte forma: Assim como o vinagre, quando se lhe mistura o nitro, reforça a propriedade de apagar as manchas, assim também o canto dos cantares, longe de acalmar as angústias de um coração aflito, faz com que estas recrudesçam e se tornem mais intensas. Vigouroux nas notas à *Sainte Bible de Glaire*, 19, 2, tem esta última interpretação como mais autorizada.

(9) **ASSIM COMO A TRAÇA** — Falta êste versículo no hebreu e na versão de S. Jerônimo; mas vem nos Setenta. — *Calmet*.

(10) **PORQUE ASSIM** — Amontoarás brasas vivas, como explica Menochio, não de ira ou de vingança, mas de caridade e de amor, que o inflama, para te amar em correspondência. Confira-se S. Paulo aos Rom 12, 20.

24 E' melhor estar assentado a um canto do eirado, do que habitar com uma mulher litigiosa, e numa casa comum.

25 Tão saborosa é a água fria à alma que tem sede como é uma boa nova que vem de um país remoto.

26 O justo que cai diante do ímpio, é como uma fonte que turvaram com o pé, e como uma veia de água que corromperam. (11)

27 Assim como não é bom o mel para aquêle que o come em demasia: Assim o que é esquadrinhador da majestade será oprimido da glória.

28 Assim como é uma cidade tôda aberta, e que não está cercada de muros, assim é o homem, que quando fala não pode conter o seu espírito.

CAPÍTULO 26

DO INSENSATO. DO QUE SE JULGA SABIO. DO PREGUIÇOSO.
DO FALSO AMIGO. DA MÁ LÍNGUA. DO QUE ENCOBRE O
SEU ÓDIO.

1 Assim como a neve é imprópria no estio, e as chuvas no tempo da ceifa: Assim a glória está mal a um insensato. (1)

(11) QUE CAI DIANTE DO ÍMPIO — O justo que cai, ou em pecado, ou em tribulação, em pusilanimidade de espírito diante do ímpio e à força das suas persuasões e artifícios, não se atrevido a impugná-lo, o que diz principalmente respeito aos pastores de almas (Ez 34, 18-19), fica de todo o ponto afrontado, e coberto de ignomínia; porque o seu pecado serve de tropeço ao ímpio; as calamidades que padece, lhe dão ocasião de negar a Providência, e o seu apoucado ânimo faz com que o mesmo ímpio cada vez mais se perverta, encontrando nêle baixa lisonja, quando devia achar valor e constância. — Pereira.

(1) ESTÁ MAL A UM INSENSATO — As honras, a glória,

Provérbios 26, 2-8

2 Como um pássaro que voa de uma parte para outra, e um pardal que vai para onde quer: Assim a maldição proferida sem motivo cairá sobre o que a profere. (2)

3 O açoite é para o cavalo, e o freio para o asno, e a vara para as costas dos insensatos.

4 Não respondas ao louco segundo a sua loucura, para não vires a ser seu semelhante. (3)

5 Responde ao louco segundo a sua loucura, para que ele não fique entendendo que é sábio.

6 Aquêlê que envia as suas palavras por intervenção de um mensageiro insensato, fica manco dos pés, e bebendo a iniquidade. (4)

7 Bem como ao coxo não serve de nada ter as pernas bem feitas: Assim não diz bem a parábola na boca dos insensatos.

8 Assim como obra o que lança uma pedra no mon-

as dignidades, a autoridade não estão bem num insensato, mas até servem de detrimento igualmente a êle, e ao estado. — Calmet.

(2) **CAIRA SOBRE O QUE A PROFERE** — On também noutro sentido: “assim a maldição proferida sem motivo contra alguém, passará por cima dêle em claro”, isto é, não cairá nêle. — Pereira.

(3) **NÃO RESPONDAS AO LOUCO** — Aqui diz-se, “que se não responda ao louco:” no verso seguinte, *que se responda*. E’ um dito que não se opõe ao outro, atendidas as diversas circunstâncias de tempo, e de lugar que podem ocorrer, segundo as quaes circunstâncias umas vêzes será bom desprezar ao louco, outras vêzes reconvençê-lo. — Bossuet.

(4) **FICA MANCO** — Aquêlê que comete a execução dos seus negócios a um insensato, e lhe dá instruções fazendo-o seu internúncio, não só mostra ser coxo, porque melhor lhe fôra ir pessoalmente, mas ainda tem de ficar na pessoa do tal medianoiro afrontado pelos erros, em que êle cair, tudo em castigo da sua imprudência, e temeridade. — Pereira.

tão de Mercúrio: Assim também se porta o que dá honra ao insensato. (5)

9 A parábola na bôca dos insensatos é como se nascesse um espinheiro na mão dum homem embriagado. (6)

10 A sentença do juiz decide as causas: E aquêle que impõe silêncio a um insensato, apazigua as contendias.

11 O imprudente, que repete a sua loucura, é como o cão que torna outra vez ao que tinha vomitado.

12 Tens visto a um homem, que crê de si que é sábio? maior esperança terá do que êle um ignorante.

13 O preguiçoso diz: O leão está no caminho, e a leoa nas passagens:

14 Bem como a porta volta sôbre a sua couceira, assim se revolve o preguiçoso no seu leito.

15 O preguiçoso esconde a mão debaixo do seu so-

(5) **MONTÃO DE MERCÚRIO** — Alusão ao costume que tinham os pagãos, que, por superstições, atiravam pedras para um montão que estava junto da estátua de Mercúrio. O sentido é este: é tão inútil prestar honras ao insensato, como atirar pedras para o montão de Mercúrio. Advirta-se porém que esta expressão é de S. Jerônimo e não do original hebraico, que diz assim: Aquêle que dá glória ao insensato é semelhante ao que ata uma pedra a uma funda; traduzindo assim o termo *margenah* por funda. Esta palavra deriva do verbo *ragan*, que significa lapidare, cumulare lapides, por conseguinte tem a significação de *acervus lapidum*, montão de pedras.

(6) **SE NASCESSE UM ESPINHEIRO** — Do mesmo modo que o homem embriagado se pegar em espinhos, se ferirá nêles, assim também o insensato, se quiser falar coisas sublimes, manifestará mais a sua demência, encravando-se além disto com os seus mesmos ditos. De maneira que assim como seria monstruosidade nascer em semelhante parte um espinheiro, do mesmo modo o é achar-se a sentença ou dito agudo na bôca do insensato. Menochio tem para si que neste lugar o verbo nascer pode-se tomar também na significação de achar-se.

Provérbios 26, 16-27

vaco, e dá-lhe muito trabalho, quando a tiver de levar à boca.

16 O preguiçoso parece-lhe que é mais sábio do que sete homens que não dizem coisa que não seja acertada.

17 Assim como está em perigo aquêlê que toma a um cão pelas orelhas, do mesmo modo o que passando se impacienta, e se mete numa bulha que é com outrem.

18 Assim como é culpável o que atira frechadas, e lançadas para matar:

19 Do mesmo modo o é aquêlê homem, que usando de fraude prejudica ao seu amigo: E depois de ter sido apanhado, diz: Eu o fazia por brinco.

20 Quando não houver mais lenha apagar-se-á o fogo, e desterrado que seja o mexeriqueiro, apaziguar-se-ão as contendas.

21 Assim como os carvões são para as brasas, e a lenha para o fogo, do mesmo modo é o homem iracundo para excitar disputas.

22 As palavras dos mexeriqueiros parecem singelas, mas elas penetram até o íntimo das entranhas.

23 Os lábios inchados juntos a um coração péssimo, são tanto monta como se quisesas adornar com prata baixa um vaso de barro. (7)

24 Pelos seus lábios se dá a conhecer o inimigo, quando no coração tramar enganoso.

25 Quando êle te falar num tom humilde, não te fies nêlê, porque tem sete malícias no seu coração.

26 Aquêlê que oculta o seu ódio debaixo duma aparência fingida, será descoberta a sua malícia na assembléia pública.

27 Aquêlê que abre a cova, cairá nela: E a pedra virá rolando sôbre aquêlê que boliu nela.

(7) **LÁBIOS INCHADOS** — Isto é, soberbos, orgulhosos.

28 A língua enganadora não ama a verdade: E a bôca líubrica é causa de ruínas.

CAPÍTULO 27

NÃO SE GLORIAM NA ESPERANÇA DO FUTURO. DOS BONS
CONSELHOS. TRABALHAR POR ADQUIRIR A SABEDORIA.
DO SERVO FIEL. OS LOUVORES SÃO A PROVA DO CORA-
ÇÃO. OBRIGAÇÕES DOS PASTORES.

1 Não te glories pelo dia de amanhã, não sabendo
que coisa dará de si o dia seguinte.

2 Seja outro o que te louve, e não a tua bôca: Seja
um estranho, e não os teus próprios lábios.

3 A pedra é pesada, e a areia é carregada: Mas
a ira do insensato pesa mais do que uma e outra.

4 A ira não tem misericórdia, nem o furor que
rompe: Mas quem poderá suportar o ímpeto dum ho-
mem arrebatado? (1)

5 Melhor é a correção manifesta, do que o amor
escondido.

6 Melhores são as feridas feitas pelo que ama, do
que os ósculos fraudulentos do que quer mal.

7 A alma farta pisará o favo do mel: E a alma fa-
minta até o amargo tomará por doce.

8 Assim como periga a avé que passa do seu ninho
a outra parte, do mesmo modo o homem que deixa o seu
lugar. (2)

(1) **O ÍMPETO DUM HOMEM ARREBATADO?** — O hebreu
traz: "A crueldade é uma escandescência, um furor, uma inunda-
ção: mas quem parará diante da inveja?" Os Setenta lêem: "A
indignação é cruel, e a ira aguda (de agudos fios), mas o ciúme
nada suporta.

(2) **ASSIM COMO PERIGA** — O sentido é, que se expõe a
muitos incômodos e perigos aquêle que abandona o seu estado e

Provérbios 27, 9-14

9 Com o perfume e variedade de cheiros se deleita o coração: E com os bons conselhos do amigo se banha a alma em doçura.

10 Não largues o teu amigo, nem o amigo de teu pai: E não entres na casa de teu irmão no dia em que estiveres aflito. (3)

Melhor é o vizinho ao pé, do que o irmão ao longe. (4)

11 Trabalha, meu filho, por adquirir a sabedoria, e alegria o meu coração, a fim de poderes responder ao que te impropera.

12 O astuto vendo o mal, se escondeu: Os simples passando adiante suportaram os danos.

13 Tira o vestido àquele que ficou por fiador dum estranho: E leva-lhe de casa os penhores, que êle obrigou pelos outros.

14 Aquêlê que louva o seu vizinho a grandes vozes, levantando-se de noite, será semelhante ao que diz mal dêle. (5)

a sua vocação, pois é semelhante às aves, que ao tempo que voam do ninho, e vagueiam duma para outra parte ou são apanhadas com visco, ou por algum outro modo vêm a ser presa dos caçadores. — Menochio.

(3) **NO DIA EM QUE ESTIVERES AFLITO** — À letra: "No dia da tua aflição." E' pois o sentido, que muitas vêzes acontece achar-se maior agasalho, benevolência e socorro num amigo fiel e verdadeiro, do que num irmão, que olha os outros com indiferença, e que por isso a amizade sincera de tais pessoas deve conservar-se, como um bem hereditário nas famílias.

(4) **MELHOR É O VIZINHO AO PÉ** — Êste versículo não se acha hoje no hebreu, mas trazem-no os Setenta, e S. Jerônimo. — Pereira.

(5) **AO QUE DIZ MAL DELE** — Porque na verdade o mesmo é louvar a outrem importuna e intempestivamente, que dizer mal dêle afrontando-o. — Pereira.

15 Os telhados que gotejam em tempo de inverno, e a mulher litigiosa estão em igual paralelo: (6)

16 Aquêlê que a pretende reter, é como se quisesse fazer parar o vento, e êle trabalhará por que o azeite não escorra da sua mão.

17 O ferro aguça-se com o ferro, e o homem aguça a face do seu amigo. (7)

18 Aquêlê que guarda a figueira, comerá de seu fruto: E o que é guarda do seu Senhor, será glorificado. (8)

19 Assim como na água resplandece o rosto dos que se estão vendo nela, assim os corações dos homens são descobertos aos prudentes.

20 O inferno e a perdição nunca se enchem: Assim também os olhos dos homens são insaciáveis.

21 Do modo que a prata é provada no vaso de derreter e o ouro na fornalha: Assim o homem é provado pela bôca do que o louva.

O coração do iníquo busca o mal: E o coração reto busca a ciência. (9)

22 Se tu pisares o imprudente num gral, como se

(6) **EM TEMPO DE INVERNO** — à letra: **Em dia de frio**. O hebreu: **Em tempo de chuva**. Confira-se acima o capítulo 19, 13. — **Pereira**.

(7) **E O HOMEM AGUÇA** — O sentido é, que os homens que discrepam uns dos outros, se costumam irritar e incitar a ira, ou que uns pelo exemplo e presença dos outros se excitam à perfeição e prática das virtudes. — **Pereira**.

(8) **E O QUE É GUARDA** — Aquêlê que põe todo o cuidado em servir o seu senhor com suma fidelidade e diligência, depois de ser aumentado com postos e cargos honoríficos, receberá o prêmio. — **Calmet**.

(9) **O CORAÇÃO DO INÍQUO** — Falta êste versículo no hebreu e em S. Jerônimo, mas vem nos Setenta. — **Pereira**.

Provérbios 27, 23-27

pisam os grãos de cevada, ferindo-os de cima a mão do mesmo gral, não se lhe tirará a sua estultícia.

23 Conhece diligentemente de vista o teu gado, e considera os teus rebanhos. (10)

24 Porque nem sempre terás poder sobre eles: Mas ser-te-á dada uma coroa em geração e geração. (11)

25 Abriram-se os prados e apareceram as verdes ervas, e recolheu-se o feno dos montes. (12)

26 Os cordeiros são para te vestires: E os cabritos para o preço do campo.

27 Baste-te o leite das cabras para o teu sustento, e para o que a tua casa houver mister: E para o sustento de tuas escravas.

(10) **CONHECE DILIGENTEMENTE** — Este preceito econômico dirigido ao pai de famílias para ver com seus próprios olhos e examinar pessoalmente o estado dos seus gados, adverte aqui também por uma alegoria aos príncipes e superiores eclesiásticos a obrigação que têm de atender pelo bem dos seus súditos.

(11) **PORQUE NEM SEMPRE** — Não governarás sempre aos outros, não serás sempre príncipe, ou não exercitarás a magistratura, será necessário que dêes conta do teu governo. Ou se dá a entender que se deve preferir a vida pastoril à vida política, porque além de outras comodidades de que logo fala, tem a vida pastoril uma grande prerrogativa, e é, que perdendo-se facilmente as honras a que aspiram os que vivem nas cidades, e passando de uns para outros, as riquezas que se adquirem pela indústria e arte pastoril, têm permanência e passam aos outros herdeiros. — **Me-nocho.**

(12) **E RECOLHEU-SE O FENO DOS MONTES** — Para sustento do gado, o que tudo são comodidades da vida pastoril. — **Pereira.**

CAPÍTULO 28

CONFIANÇA DO JUSTO. SIMPLICIDADE DO POBRE. DO TEMOR DE DEUS. DA OCIOSIDADE. DO QUE JULGA INJUSTAMENTE. DO QUE SE ENSOBERBECE. DO REINO DOS MAUS.

1 O ímpio foge, sem que ninguém o persiga: O justo porém, como leão afoito, estará sem terror. (1)

2 Por causa dos pecados da terra são muitos os príncipes dela: E por causa da sabedoria do homem, e pela ciência das coisas que se dizem, será mais dilatada a vida do príncipe. (2)

3 O homem pobre, que calunia aos outros pobres, é semelhante a uma chuva impetuosa na qual se aparelha a fome. (3)

4 Aquêles que deixam a lei, louvam o ímpio: Os que a guardam irritam-se contra êle.

5 Os homens maus não cuidam no que é justo: Mas os que buscam o Senhor advertem em tudo.

(1) **SEM QUE NINGUÉM O PERSIGA** — Porque o maior perseguidor e algoz do ímpio são os remorsos da sua própria consciência. Confirmam-se os exemplos de Adão. Gên 3, 8, de Caim, Ibid 4, 14; as ameaças de Deus ao povo de Israel, que se acham no Lev 26, 36, e finalmente, o contínuo sobressalto e pavor do ímpio, cuja descrição se lê no livro de Jó 15, 21. — Pereira.

(2) **SÃO MUITOS OS PRÍNCIPES DELA** — Morrem depressa e sucedem uns aos outros, de onde costumam nascer discórdias e sedições na república. — Menochio.

E POR CAUSA DA SABEDORIA DO HOMEM — Por causa da sabedoria do príncipe reinante e dos conselheiros que tem a seu lado. — Menochio.

E PELA CIÊNCIA DAS COISAS QUE SE DIZEM — Por causa da oportunidade dos conselhos que se dão para o bom regímen da república, por meio dos quais se põe freio aos pecados do povo. — Menochio.

(3) **QUE CALUNIA AOS OUTROS POBRES** — Ou o sentido é: Que o povo, quando com guerras civis ou desavenças parti-

Provérbios 28, 6-11

6 Melhor é o pobre que anda na sua simplicidade, do que o rico que anda por caminhos perversos.

7 Aquêlê que guarda a lei, é filho sábio: Mas o que sustenta comilões, confunde a seu pai. (4)

8 Aquêlê que amontoa riquezas por meio de usuras, e interêsses injustos, ajunta-as para o que há de ser liberal com os pobres. (5)

9 Daquelle que desvia os seus ouvidos para não ouvir a lei, a mesma oração será execrável. (6)

10 Aquêlê que seduz os justos, levando-os a um mau caminho, cairá no fôssô que êle mesmo abriu: E os sîmplices possuirão os seus bens. (7)

11 O homem rico parece-lhe que é sábio: Mas o pobre que é prudente sondá-lo-á. (8)

culares se enfurece contra os seus conterrâneos e semelhantes, costuma dilacerar a república; ou, que todo aquêlê que, sendo antes pobre, é promovido a algum cargo de grande autoridade e dependência, levado as mais das vêzes do desejo insaciável de enriquecer, vem a perder o estado e os pobres dêle com as suas extorsões. — **Pereira.**

(4) **CONFUNDE A SEU PAI** — Ou porque o faz envergonhar e entristecer, ou porque mostra que se descuidou em lhe sugerir as máximas de uma boa educação. — **Pereira.**

(5) **AJUNTA-AS** — E' por certo coisa mui rara, que os bens mal adquiridos cheguem aos herdeiros ou filhos do usurário. Veja-se acima o capítulo 13, 22, o lugar do Ecl 2, 26, e o de Jó 27, 16-17. — **Calmet.**

(6) **A MESMA ORAÇÃO SERÁ EXECRAVEL** — Como êle não quer abrir nem aplicar os ouvidos à lei de Deus, assim Deus, castigando-o com a exatíssima igualdade da justiça, não o atende também nas orações. — **Pereira.**

(7) **LEVANDO-OS A UM MAU CAMINHO** — À letra: "No mau caminho ficará na sua morte derrubado", isto é, achará na morte a sua última ruína. Por onde na tradução das palavras *in interitu suo corruiet*, me encostei ao texto hebreu. — **Pereira.**

(8) **SONDA-LO-Á** — Explorará, se assim é. O caldeu: des-

12 Na exaltação dos justos há muita glória: Reinando os ímpios, acontecem as ruínas dos homens. (9)

13 Aquêlê que esconde as suas maldades não será bem sucedido: Aquêlê, porém, que as confessa, e se retirar delas, alcançará misericórdia. (10)

14 Bem-aventurado o homem que sempre está com temor: Mas o que é de coração duro, cairá no mal. (11)

15 Um príncipe ímpio sôbre um povo pobre é um leão que rugê, e um urso que tem fome.

16 Um príncipe falto de prudência oprimirá a muitos pelas suas calúnias: Mas os dias do que aborrece a avareza, serão prolongados.

prezâ-lo-á. Os Setenta: censurá-lo-á. O pobre prudente, se debater ou disputar com o rico, examinará, calculará a sua sabedoria e fará ver que é pouca ou nenhuma. — Menochlo.

(9) **NA EXALTAÇÃO DOS JUSTOS** — Quando os justos sobem ao auge da sua prosperidade, resulta daí grande proveito e glória à república; mas se os ímpios tomam as rédeas do govêrno, tôdas as pessoas, principalmente as de merecimento e de bem, fogem da sua tirania, vindo assim a ficar perdido e exposto à última decadência o estado. — Pereira.

(10) **AQUELE, PORÉM, QUE AS CONFESSAR** — Assim como aquêlê que, depois de ser justamente repreendido, quer ainda escusar a culpa, e até encobrir o mal que cometeu, mostra que é incorrigível, por consequência incapaz de melhoramento; do mesmo modo o que reconhecer e confessar os seus erros e se emendar dêles, alcançará dos homens indulgência, e de Deus perdão e misericórdia. Ora tanto do lugar do Eclesiástico, em o capítulo 4, versículo 31, como do presente dos Provérbios, colhem comumente os escriptores documentos importantíssimos ainda para a Confissão Sacramental. Dêste dos Provérbios, colligem duas condições que êle deve ter essenciaes: uma é a manifestação humilde e sincera dos peccados, a outra o resolute e firme propósito de nunca mais tornar a cometer. Daquelle do Eclesiástico provam a grande circumspecção que deve haver na escolha dos directores e confessores. *Filosofia da Confissão Sacramental*. Dr. Lino, Coimbra, 1875.

(11) **COM TEMOR** — Com temor e desconfiança de ofender

17 Se o homem que por calúnia derrama o sangue de qualquer pessoa, fugir até se arremessar no fôssô, ninguém o sustém. (12)

18 Aquêlê que anda em simplicidade, será salvo: O que anda por caminhos perversos, cairá por uma vez. (13)

19 Aquêlê que lavra a sua terra, terá fartura de pão: Mas o que ama a ociosidade, estará cheio de indigência.

20 O homem fiel será muito louvado: Mas o que dá pressa a se enriquecer, não será inocente. (14)

21 Aquêlê que quando julga guarda respeito à pessoa, não faz bem: Um tal homem até desampara a verdade por um bocado de pão.

22 O homem que se apressa por enriquecer, e tem inveja aos outros, não sabe que há-de vir sôbre êle a pobreza. (15)

23 Aquêlê que repreende a um homem, achará depois graça para com êle, muito mais do que aquêlê outro que o engana com as lisonjas da sua língua.

a Deus de algum pensamento, palavra ou ação. Confira-se o livro de Jó 9, 28.

(12) **NINGUÉM O SUSTÉM** — Ninguém se compadecerá dêle, ninguém deterá ou demoverá o seu impeto ou a sua carreira. — Menochio.

(13) **CAIRÁ POR UMA VEZ** — Cairá sem esperança alguma de se tornar a levantar, ou cairá enfim nalguma ocasião. — Calmet.

(14) **NÃO SERÁ INOCENTE** — A razão é porque, segundo o Apóstolo na 1 Ep a Tim 6, 9, "os que querem fazer-se ricos caem na tentação e no laço do diabo, e em muitos desejos inúteis e perniciosos, que precipitam os homens no abismo da morte e da perdição." — Pereira.

(15) **NÃO SABE QUE HÁ-DE VIR SÔBRE ÊLE A POBREZA** — Com a morte que não tarda e que o despoja de todos os bens da vida. — Pereira.

24 Aquêlê que tira alguma coisa a seu pai, e a sua mãe, e diz que isto não é pecado, tem parte no crime dos homicidas.

25 Aquêlê que se jacta, e que se incha de soberba, excita contendas: Mas o que espera no Senhor, será curado.

26 Aquêlê que confia no seu coração é um insensato: Mas o que anda sãbiamente, será com efeito salvo.

27 Aquêlê que dá ao pobre, não terá necessidade: Aquêlê que o despreza quando lhe pede, cairá em penúria.

28 Quando os ímpios fôrem elevados, esconder-se-ão os homens: Quando êles perecerem, multiplicar-se-ão os justos.

CAPÍTULO 29

DAQUELE QUE DESPREZA AS CORREÇÕES. DA RUÍNA DOS MAUS. DA CORREÇÃO DOS FILHOS. DAS INSTRUÇÕES DOS PROFETAS. DO HOMEM SOBERBO. DO TEMOR DOS HOMENS.

1 Sôbre aquêlê homem, que despreza com uma cerviz dura a quem o repreende, virá de repente a sua total ruína: E não terá mais remédio.

2 Na multiplicação dos justos se alegrará o vulgo: Quando os ímpios tomarem o govêrno, gerará o povo.

3 O homem, que ama a sabedoria, alegra a seu pai: O que porém sustenta prostitutas, perderá os seus bens.

4 O rei justo faz florescer o seu estado: O homem avarento destrui-lo-á.

5 O homem que, quando fala ao seu amigo, usa de uma linguagem lisonjeira, e fingida, arma uma rêde aos seus passos.

Provérbios 29, 6-16

6 Ao homem pecador iníquo envolverá o laço: E o justo louvará e se regozijará. (1)

7 O justo toma conhecimento da causa dos pobres: O ímpio ignora a ciência. (2)

8 Os homens pestilentes destroem a cidade: Os sábios, porém, apartam o furor. (3)

9 Se o homem sábio disputar com o insensato, ou êle se agaste, ou se ria, não achará descanso.

10 Os homens sangüinários aborrecem o simples: Mas os justos procuram conservar-lhe a vida.

11 O homem produz logo tudo o que tem no seu espírito: O sábio não se apressa, mas reserva-se para o depois.

12 O príncipe, que ouve de boamente as palavras da mentira, só os ímpios tem por ministros.

13 O pobre e o credor se encontraram: O Senhor é que alumia um e outro.

14 Quando o rei julga os pobres conforme a verdade, o seu trono será firmado para sempre.

15 A vara e a correção dão sabedoria: O menino porém, que é deixado à sua vontade, serve de confusão a sua mãe.

16 Com a multiplicação dos ímpios se multiplicarão as maldades e os justos verão a sua ruína. (4)

(1) **LOUVARA** — Dará graças a Deus como vingador das maldades, e se alegrará por ficar livre de perigo. — Menochio.

(2) **O ÍMPIO IGNORA A CIÊNCIA** — Não trata de tomar conhecimento das causas dos pobres, ou de as promover. — Menochio.

(3) **O FUROR** — A ira de Deus, ou a do príncipe. — Menochio.

(4) **OS JUSTOS** — Os justos por mercê de Deus conservados, e sobrevivendo aos ímpios, verão ser executada contra êles a divina vingança. — Menochio.

17 Cria bem a teu filho, e consolar-te-á, e servirá de delícias à tua alma.

18 Quando faltar a profecia, dissipar-se-á o povo: Aquêlê porém que guarda a lei, é bem-aventurado. (5)

19 O escravo não pode ser ensinado por palavras: Porque êle entende o que tu dizes, e despreza responder.

20 Viste um homem precipitado no falar? mais se devem dêle esperar loucuras, do que emenda.

21 Aquêlê que cria delicadamente o seu criado desde a infância, ao depois experimentá-lo-á contumaz.

22 O homem iracundo excita reixas: E o que facilmente se indigna será mais propenso a pecar.

23 Ao soberbo segue a humilhação: E o humilde de espírito receberá a glória.

24 Aquêlê que se associa com o ladrão, aborrece a sua própria alma: Ouve ao que o toma para juramento, e nada denuncia.

25 Aquêlê que teme ao homem, depressa cairá: O que espera no Senhor será levantado.

26 São muitos os que buscam a face do príncipe: Mas do Senhor sai o juízo de cada um.

27 Os justos abominam o homem ímpio: E os ímpios abominam aquêles que se acham no caminho direito.

(5) **A PROFECIA** — Tem êste lugar dois sentidos: um é que quando viesse a faltar profetas na república dos judeus, não tendo êstes com quem se aconselhassem nos negócios de maior consideração e importância, ficaria perdido o povo, por não ter quem lhe declarasse a vontade do Senhor: o outro, que é moral, tomando-se nele o termo profecia pela declaração, ou explicação da palavra de Deus, mostra e ensina que se corrompe e perversa o povo, quando não tem ministros e sacerdotes que lhe preguem e intimem os preceitos da lei, e os instruem nas obrigações indispensáveis da verdadeira religião.

O filho que guarda a palavra, será isento da perdição. (6)

CAPÍTULO 30

A SABEDORIA É UM DOM DE DEUS. DANOS QUE NASCEM DAS RIQUEZAS, E DA POBREZA. PROGENIES EXECRÁVEIS. FILHAS DA SANGUESSUGA. COISAS INSACIAVEIS. COISAS DESCONHECIDAS. COISAS INSUPORTÁVEIS. COISAS MUITO SÁBIAS. COISAS QUE ANDAM BEM.

1 Palavras do que congrega, filho do que arrevesa sabedoria. (1)

Visão que expôs um varão, com quem está Deus, e que tendo sido confortado pela assistência de Deus que reside nêle, disse: (2)

(6) O FILHO QUE GUARDA A PALAVRA — Falta no hebreu, e em S. Jerônimo, mas acha-se nos Setenta. E' pois o sentido, que todo o homem, que observa os documentos até aqui propostos e inculcados neste Sagrado Livro, tem de ficar livre da perdição, e ruína do corpo, e principalmente da morte da alma. Esta é a inteligência mais simples e natural das presentes palavras, segundo Menochio.

(1) PALAVRAS DO QUE CONGREGA — O hebreu tem aqui: "Palavra de Agur filho de Iakeh." O autor da Vulgata em lugar destes nomes próprios pôs as suas interpretações. A dúvida é: Quem são estes que o hebreu chama Agur e Iakeh? A maior parte dos modernos expositores tomam estes nomes por nomes próprios de dois homens, diversos de Salomão e de Davi. Muitos Padres pelo contrário, e com elles alguns comentadores, querem que Salomão se designe aqui pelo nome "do que congrega", da mesma sorte que no princípio do livro do Ecclesiastes, toma elle o nome de Ecclesiastes, que quer dizer o "diretor da assembléia", e que de baixo do nome "do que arrevesa sabedoria", se designe Davi, que chelo do Espirito de Deus espalhou da sua bôca um grande número de Santos Canticos."

(2) VISÃO QUE EXPÔS UM VARÃO — O hebreu prossegue aqui: "Profecia, que este homem dirigiu a Itbiel, e a Ucal." — **Pereira.**

2 Eu sou o mais insensato dos homens, e a sabedoria dos homens não está comigo. (3)

3 Eu não aprendi a sabedoria, e não conheci a ciência dos santos. (4)

4 Quem subiu ao céu, e desceu d'ele? quem reteve o vento nas suas mãos? quem atou as águas como num vestido? quem firmou tôda a extensão da terra? qual é o seu nome, e qual é o nome de seu filho, se é que o sabes? (5)

5 Tôda a palavra de Deus é purificada ao fogo: Ele é um escudo para os que esperam nêle:

6 Não acrescentes nada às suas palavras, para não seres por isso repreendido, e achado mentiroso.

7 Duas coisas são as que te pedi: Não mas negues antes que morra.

8 Alonga de mim a vaidade, e as palavras de mentira:

Não me dês nem a pobreza, nem as riquezas: Dá-me sòmente o que fôr necessário para viver:

9 Para que não suceda que, estando farto, seja eu tentado a te renunciar, e a dizer: Quem é o Senhor? Ou que, constrangido da indigência, me ponha a furtar, e viole por um juramento o nome de meu Deus.

(3) **EU SOU** — Solicitado talvez por seus discípulos para que falasse, responde o autor com esta modéstia, própria das pessoas do seu caráter.

E A SABEDORIA DOS HOMENS — A sabedoria adquirida pelo estudo, qual se acha em alguns homens doutos. — Menochio.

(4) **A CIÊNCIA DOS SANTOS** — A ciência das coisas santas e divinas. Ou a ciência que houve nos santos profetas e há nos santos anjos. — Menochio.

(5) **E DESCEU D'ELE?** — Nisto mostra o autor que só Deus foi quem lhe inspirou as verdades que vai a proferir e a publicar. — Pereira.

Provérbios 30, 10-20

10 Não acuses o servo diante de seu Senhor, para que não suceda amaldiçoar-te êle, e caíres tu.

11 Há uma progênie, que amaldiçoa a seu pai, e que não abençoa a sua mãe.

12 Há uma progênie, que crê de si que é pura, e contudo ela não está limpa das suas manchas.

13 Há uma progênie, cujos olhos são altivos, e as suas pálpebras levantadas para cima.

14 Há uma progênie, que em lugar de dentes tem espadas, e mastiga com os seus queixais, para devorar os que não têm nada na terra, e que são pobres entre os homens. (6)

15 Duas são as filhas da sanguessuga, que dizem: Traze, traze.

Há três coisas, que são insaciáveis, e uma quarta que nunca diz: Basta.

16 O inferno, e a bôca da madre, e a terra, que se não farta de água: Do mesmo modo o fogo nunca diz: Basta:

17 Quanto ao ôlho do que escarnece de seu pai, e do que despreza a paridura de sua mãe, arranquem-no os corvos, que andam à borda das torrentes, e comam-no os filhos da águia.

18 Três coisas me são dificultosas de entender, e uma quarta eu a ignoro inteiramente:

19 O caminho da águia no ar, o caminho da cobra sobre a pedra, o caminho da nau no meio do mar, e o caminho do homem na sua mocidade.

20 Tal é também o caminho da mulher adúltera,

(6) **QUE EM LUGAR DE DENTES TEM ESPADAS** — Entendem-se os homens cruéis e avarentos, que despedaçam os pobres como com dentes de fera, cujos dentes são como espadas. — **Me-nochio.**

a qual come, e alimpando a sua bôca, diz: Eu não fiz mal nenhum.

21 A terra estremece com três coisas, e a quarta não a pôde ela suportar:

22 Com um escravo, quando êste reinar: Com um insensato, quando estiver farto de comer:

23 Com uma mulher odiosa, quando um homem a receber: E com uma escrava, quando esta vier a ficar herdeira de sua senhora.

24 Quatro coisas há na terra, que são muito pequenas, e que são mais sábias do que os mesmos sábios.

25 As formigas, aquêle fraco povo, que faz o seu provimento durante a messe:

26 Os coelhos, aquela débil tropa, que faz a sua habitação nos rochedos:

27 Os gafanhotos, que não têm rei, e que todavia saem todos ordenados em seus esquadrões:

28 O lagarto, que se sustém nas suas mãos, e que mora no palácio dos reis. (7)

29 Há três coisas, que andam bem, e uma quarta que nada magnificamente:

30 O leão, o mais forte dos animais, de nada que encontre terá mêdo:

31 O galo, que anda mui senhor de si: E o carneiro: E um rei, a quem nada resiste.

32 Tal homem há que pareceu um insensato, depois que foi elevado a uma sublime ordem: Porque se êle tivesse tido inteligência, teria pôsto a mão na sua bôca.

33 Aquêle que com fôrça espreme a têta para tirar leite, faz sair dela um suco crasso: E aquêle que excita a ira produz discórdias.

(7) O LAGARTO — E' o dhab, muito freqüente no vale do Jordão; os árabes comem-no, e servem-se da pele para fazer balhas para os sabres, sacos para tabaco, etc.

CAPÍTULO 31

INSTRUÇÕES, QUE SALOMÃO RECEBEU DE SUA MÃE. ELE EXORTA OS HOMENS A NÃO SE FAZEREM PRÓDIGOS COM AS MULHERES, E OS REIS A EVITAREM A BEBEDICE. MAS ELE RECOMENDA O USO DO VINHO AOS QUE ESTÃO TRISTES. ELOGIO DA MULHER FORTE TECIDO DE VERSOS ACRÓSTICOS ALFABÉTICOS.

1 Palavras do rei Lamuel. Visão, pela qual o instruiu sua mãe. (1)

2 Que te direi eu, meu amado filho, que te direi eu, amado fruto das minhas entranhas, que te direi eu, querido objeto dos meus desejos?

3 Não dês os teus bens a mulheres, nem empregues às tuas riquezas em destruir reis. (2)

4 Não dês aos reis, ó Lamuel, não dês vinho aos reis; Porque não há segredo onde reina a bebedice:

5 E para que não suceda que eles bebam, e se esqueçam da justiça, e transtornem a equidade na causa dos filhos do pobre.

(1) **PALAVRAS DO REI LAMUEL.** — A opinião mais constante, e mais bem recebida entre os expositores, é que Lamuel é o mesmo Salomão, chamado aqui Lamuel, que em hebreu quer dizer Deus com êle, por causa da paz, e prosperidade, que no seu tempo gozaram os judeus, em reconhecimento do que lhe faz o mesmo Salomão o magnífico elogio da mulher forte.

(2) **EM DESTRUIR REIS** — Para mover discórdias, e atear guerras injustas, forjando rebeliões contra o teu soberano. Mas o hebreu pode também ter este sentido: Não te entregues aos deleites, porque estragam as forças do corpo, e abreviam os dias da vida, nem ponhas a tua afeição nas mulheres, porque isto costuma ser pernicioso aos reis. Nas quais palavras, que são como um vaticínio, adverte Calmet serem prognosticados os males, que estavam iminentes a Salomão. — Pereira.

6 Mas dá aos que estão aflitos um licor capaz de os embriagar, e vinho aos que estão em amargura de coração:

7 Para que eles bebam, e se esqueçam da sua pobreza, e não se lembrem mais da sua dor.

8 Abre a tua bôca a favor do mudo, e para defenderes as causas de todos os filhos que passam:

9 Abre a tua bôca, ordena o que é justo, e fazes justiça ao necessitado e ao pobre.

10 Quem achará uma mulher forte? Seu preço excede a tudo o que vem de remontadas distâncias, e dos últimos confins da terra. (3)

11 O coração de seu marido põe nela a sua confiança, e ele não necessitará de despojos.

12 Ela lhe tornará o bem, e não o mal, em todos os dias da sua vida.

13 Buscou lã e linho, e o trabalhou com a indústria de suas mãos.

14 Fêz-se como a nau do negociante, que traz de longe o seu pão.

15 E levantou-se de noite, e repartiu a prêsa aos seus domésticos, e o sustento às suas escravas.

16 Considerou um campo, e comprou-o: Plantou uma vinha do fruto das suas mãos.

17 Cingiu os seus rins de fortaleza e corroborou o seu braço.

18 Tomou-lhe o gôsto, e viu que a sua negociação é boa: A sua candeia não se apagará de noite.

(3) **SEU PREÇO EXCEDE A TUDO O QUE VEM DE REMONTADAS DISTÂNCIAS** — Porque se supõe que tudo quanto se traz de países remotos é de grande valor e estima. No hebreu, daqui até ao fim, são acrósticos os versículos, seguindo as letras daquele alfabeto. — *Pereira.*

· **Provérbios 31, 19-31** ·

19 Ela meteu a sua mão a coisas fortes, e os seus dedos pegaram no fuso.

20 Abriu a sua mão para o necessitado, e estendeu os seus braços para o pobre.

21 Não temerá que venham sôbre a sua família os rigores da neve: Porque todos os seus domésticos trazem vestidos forrados.

22 Ela fêz para si móveis de tapeçaria: Ela se vestiu de finíssimo linho, e de púrpura.

23 Seu marido será ilustre na assembléia dos juizes, quando estiver assentado com os senadores da terra.

24 Ela fêz delicados lenços, e vendeu-os e entregou um cinto ao cananeu.

25 A fortaleza e a formosura é o de que ela se reveste, e ela rirá no último dia.

26 Ela abriu a sua bôca à sabedoria, e a lei da clemência está na sua língua.

27 Considerou as veredas da sua casa, e não comeu o pão ociosa.

28 Levantaram-se seus filhos, e aclamaram-na ditosíssima: Levantou-se seu marido, e louvou-a.

29 Muitas filhas ajuntaram riquezas: Tu excedeste a tôdas.

30 A graça é enganadora, e a formosura é vã: A mulher que teme ao Senhor, essa é a que será louvada.

31 Dai-lhe do fruto das suas mãos: E as suas obras a louvem na assembléia dos juizes.

ÍNDICE DAS GRAVURAS

- I — Aman na ante-câmara do rei.
- II — O palácio de Ester.
- III — Davi passa sôbre os amonitas.
- IV — Esdras lê a Lei diante do povo.
- V — A rainha Vasti recusa obedecer à ordem do rei.
- VI — Mardoqueu não se curvou.
- VII — Saque e destruição de Jerusalém.
- VIII — O anjo Rafael acompanha Tobias até Ragés.
- IX — Dario, rei dos reis.
- X — Judite e Holofernes.
- XI — O preguiçoso.
- XII — A águia, como termo de comparação.
- XIII — Tcus filhos como rebentos de oliveiras, estarão ao redor da tua mesa.
- XIV — O salmista de Israel.
- XV — O que dá neve como lâ.
- XVI — Como poderei eu sofrer a matança e estrago do meu povo?
- XVII — O adversário e inimigo é o malvado Aman.
- XVIII — Mardoqueu.
- XIX — Um mensageiro dirige-se a Jó.
- XX — Jó repreende sua mulher.
- XXI — Eles viram que sua dor era muito grande.
- XXII — Os três amigos de Jó.
- XXIII — Com os pés no cepo.
- XXIV — O templó de Salomão.
- XXV — Elias adormeceu à sombra do junípero.
- XXVI — Chupará a cabeça de áspides...
- XXVII — Jó entre seus familiares.
- XXVIII — Deplorável estado em que caiu Jó.
- XXIX — O encontro de Salomão com a rainha de Sabá.
- XXX — Erasão de Davi.
- XXXI — Davi tomava a harpa e a tocava com a sua mão, e Saul sentia alívio.

Compõsto e impresso na
EDITORA CUPULO LTDA.,
R. Seminário, 137 - S. Paulo



Aman na ante-câmara do rei. "O rei perguntou: Quem está na ante-câmara? Responderam os criados: Aman está na ante-câmara. E disse o rei: Entre".

(Ester 6, 4.5) Vol. 4.º, pág. 302



A fachada monumental do palácio onde Ester reinou. ...“E’ Ester, a qual o rei tomou por mulher, e quis que fôsse rainha”.

(Ester 10, 6) Vol. 4.º, pág. 314



Davi passa por sôbre os amonitas com carros armados de foices.
(2 Reis 10) Vol. 3.º, pág. 145



Esdras lê a Lei diante do povo. “E abriu Esdras o livro diante de todo o povo: Porque êle estava elevado acima de todo o povo: E logo que o abriu, todo o povo se pôs em pê”.

(2 Esdras 8, 5) Vol. 4.º, pág. 177



A rainha Vasti recusa obedecer à ordem do rei. “Porém ela recusou obedecer, e se dedignou de ir, conforme o rei lhe tinha mandado intimar pelos eunucos”.

(Ester 1, 12) Vol. 4.º, pág. 239



Mardoqueu não se curvou. “E todos os servos do rei, que estavam à porta do palácio, dobravam os joelhos diante de Aman, e o adoravam. Só Mardoqueu não dobrava os joelhos diante dêle, nem o adorava”.

(Ester 3, 2) Vol. 4.º, pág. 256



Saque e destruição de Jerusalém. “Os inimigos queimaram a casa de Deus e arruinaram os muros de Jerusalém e puseram fogo a tôdas as tôrres e destruíram tudo o que havia de precioso”.

(2 Par 36, 19) Vol. 4.º, pág. 116



O anjo Rafael acompanha Tobias até Ragés.

(Tobias 5, 22) Vol. 4.º, pág. 217)



Dario, rei dos reis. "... recebe-o com liberdade, e compra diligentemente com este dinheiro novilhos, carneiros, borregos e hóstias e as suas libações, e oferece-as sobre o altar do templo do vosso Deus, que está em Jerusalém".

(1 Esdras 7, 17) Vol. 4.º, pág. 142



Judite e Holofernes.

(Jdt 10, 19) Vol. 4.º, pág. 260



"Até quando dormirás tu, ó preguiçoso? Quando te levantarás
tu do teu sono?"

(Provérbios 6, 9) Vol. 5.º, pág. 401



“O que enche de bens o teu desejo: Renovar-se-á como a da águia a tua mocidade”. O Salmista escolheu a águia para termo de comparação, por ser a rainha das aves, pela sua força e vivacidade.

(Sl 102, 5) Vol. 5.º, pág. 274



“Teus filhos, como rebentos de oliveiras, estarão ao redor da tua mesa”.

(Sl 127, 3) Vol. 5.º, pág. 341



O Salmista de Israel. "Poeta, soldado e sincero adorador de Deus, Davi foi o homem que se immortalizou pela espiritual beleza dos salmos que têm o seu nome".

(O Livro dos Salmos) Vol. 5.º



O que dá neve como lã. A área do templo é vista nesia gravura inteiramente recoberta de neve, comparada à lã pelo Salmisã.

(Salmos 147, 16) Vol. 5.º, pág. 374



Como poderei eu sofrer a matança e estrago do meu povo?

(Ester 8, 6) Vol. 4.º, pág. 306



O adversário e inimigo é o malvado Aman. "Ainda não havia saído da boca do rei esta palavra, quando logo lhe cobriram a cara".

(Ester 7, 8) Vol. 4.º, pág. 305



"Mardoqueu, pois, saiu do palácio, com a real opa côr de jacinto e de azul celeste, levando uma coroa de ouro na cabeça, e vestido de um manto de sêta e de púrpura".

(Ester 8, 15) Vol. 4.º, pág. 398



Um mensageiro dirige-se a Jó. "Estando teus filhos e filhas comendo e bebendo vinho em casa de seu irmão mais velho, de repente se levantou um vento muito rijo, abalando os quatro cantos da casa, matando a teus filhos, e só eu escapei para te trazer a nova".

(Jó 1, 18.19) Vol. 4.º, pág. 340



Jó repreende sua mulher. “Sua mulher lhe diz: Ainda tu perseveras na tua simplicidade? Louva a Deus e morre”. “Jó lhe respondeu: Falaste como uma das mulheres tolas: Se nós temos recebido os bens da mão de Deus, por que não receberemos também os males?”

(Jó 2, 9.10) Vol. 4.º, pág. 342



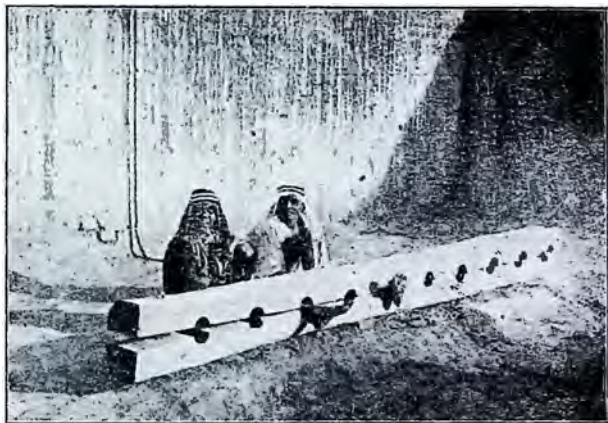
Eles viram que a sua dor era muito grande. “E se assentaram com êle na terra sete dias e sete noites, e nenhum lhe dizia palavra: Porque a sua dor era excessiva”.

(Jó 2, 13) Vol. 4.º, pág. 343



Elifaz de Teman, e Baldad de Suas, e Sofar de Narmat, os três amigos de Jó, vieram para consolá-lo.

(Jó 2, 11) Vol. 4.º, pág. 343



Com os pés no cepo. “Tu puseste os meus pés em um cepo, e observaste tôdas as minhas veredas, e consideraste os vestígios de meus pés”.

(Jó 13, 27) Vol. 4.º, pág. 371



O Templo de Salomão. “Então se congregaram todos os anciãos de Israel com os príncipes das tribos, e os chefes das famílias dos filhos de Israel junto ao rei Salomão em Jerusalém: Para trasladarem a arca do concerto do Senhor, da cidade de Davi, isto é, de Sião”.

(3 Reis 8, 1) Vol. 3.º, p. 238



Elias lançou-se em terra e adormeceu à sombra do junípero.
(3 Reis 19, 5) Vol. 3.º, pág. 290



"Chupará a cabeça de áspides, e a língua da vibora o matará".

(Jó 20, 16) Vol. 4.º, pág. 387



Jó entre os seus familiares. “Depois disto viveu Jó cento e quarenta anos, e viu a seus filhos e aos filhos de seus filhos até à quarta geração, e morreu velho e cheio de dias”.

(Jó 42, 16) Vol. 4.º, pág. 452



Deplorável estado em que caiu Jó. "E agora dentro de mim mesmo se murcha a minha alma, e me possuem dias de aflição". "De noite os meus ossos são traspassados de dores: E os que me devoram não dormem".

(Jó 30, 16.17) Vol. 4.º, pág. 413



O encontro de Salomão com a rainha de Sabá. “Bendito seja o Senhor teu Deus, a quem agradaste, e que te colocou sobre o trono de Israel para sempre e te constituiu rei, para governar com equidade e justiça”.

(3 Reis 10, 9) Vol. 3.º, pág. 252



Evasão de Davi.

(1 Reis 19, 12) Vol. 3.º, pág. 75



Davi tomava a harpa e a tocava com a sua mão, e Saul sentia alívio.

1 Reis 16, 23) Vol. 3.º, pág. 64

ECLESIASTES

INTRODUÇÃO

Título. — O título dêste livro é tirado do nome que toma o autor, *Kohéleth*, cuja tradução grega é *Eclesiastes* palavra que significa “Aquêlê que fala a uma assembléia”, nome que a Vulgata conservou” *Eclesiastes grecco sermone appellatur qui cœtum, id est Ecclesiam congregat, quem nos nuncupare possumus concionatorem, eo quod loquatur ad populum et ejus sermo non specialiter ad unum sed ad universos generaliter dirigatur* (S. Jerônimo). O nome hebraico *Kohéleth* indica uma dignidade, e é empregado aqui simbolicamente para exprimir a função que desempenha o autor, quando pretende instruir a assembléia a quem se dirige.

Autor. — E’ certo que se não encontra expresso o nome de Salomão, porém aquêlê que escreve apresenta-se com tais qualidades, que só a Salomão se podem aplicar. Diz-se ser filho de Davi e rei de Jerusalém, e por isso todos os comentadores judeus e cristãos unânimemente aceitaram a origem salomônica dêste livro. O primeiro que a impugnou foi Grotius, em 1644, depois seguiram a sua opinião Jahn, Herbst e Movers, dentre os católicos e outros como Rosenmüller, Hengstenberg, Ewald, de Wette, etc. Porém, contra as objeções dos adversários temos o título

do livro 1, 1.º, e a unanimidade da tradição judaica e cristã. O argumento mais valioso dos adversários está na descrição da sociedade, que não é, dizem, historicamente aquela em que viveu Salomão. Mas esquecem que Salomão rasgara ao seu povo horizontes mais largos, constituindo uma sociedade em contacto com as civilizações profanas, tal qual êle a descreve; e Reusch, citado por Vigouroux, diz que as descrições do *Eclesiastes* podem convir ao tempo da dominação persa.

Data da composição. — E' geralmente seguida a opinião que sustenta ter sido o *Eclesiastes* composto nos últimos tempos da sua vida. *Aiunt Hebraei hunc librum Salomonis esse pœnitentiam agentis*, S. Jerônimo, 3, t. 23, col. 1 e 21. A análise do texto confirma esta opinião, pois o autor baseia o que expõe na experiência das coisas. *Ecl* 2, 9. 10; 7, 26-28, e o último capítulo é a descrição da sua velhice.

Canonicidade. — A canonicidade e por consequência a inspiração do *Eclesiastes* é de fé. Teodoro de Mopsuesta, que a negava, foi condenado no V concílio ecumênico. Já fazia parte do Cânon Judaico.

Divisão. — Podemos dividir este livro em um prólogo, quatro seções e um epílogo.

PRÓLOGO — 1, 2-11. Expõe o objeto do livro, que se resume numa só frase: *Vanitas Vanitatum et omnia vanitas*.

1.ª SEÇÃO — 1, 12-2, 26. Descrição da vaidade da vida.

2.ª SEÇÃO — 3, 1-5, 19. Ensina que o homem não é senhor da sua sorte. Os seus destinos estão na mão de Deus.

3.º SEÇÃO — 6, 1-8, 15. Mostra o êrro em que estão os que fazem consistir a felicidade nas riquezas e respeitos mundanos.

4.ª SEÇÃO — 8, 16-12, 7. Resumo das três seções precedentes. Imposição dos deveres de caridade, obediência e respeito, sem que nunca abandonemos o temor de Deus.

EPÍLOGO — 12, 8-14. Demonstra a inutilidade dos esforços do homem que procura a felicidade na terra, onde tudo é ilusão e vaidade. A verdadeira felicidade não se consegue neste mundo, e a suprema regra da vida é praticar a virtude; só esta nos eleva até Deus, e só em Deus podemos ser felizes.

ECLESIASTES

CAPÍTULO 1

TUDO O QUE HÁ DE TELHAS ABAIXO E' VAIDADE. NADA HÁ NOVO DEBAIXO DO SOL. O MESMO ESTUDO, E CONHECIMENTO DAS CIÊNCIAS É VÃO, E TRAZ CONSIGO TRABALHO E ANSIEDADE.

1 Palavras do Ecclesiastes, filho de Davi, rei de Jerusalém.

2 Vaidade de vaidades, disse o *Ecclesiastes*: Vaidade de vaidades, e tudo vaidade.

3 Que tira pois o homem de todo o seu trabalho, com que se afadiga debaixo do sol?

4 Uma geração passa, e outra geração lhe sucede: Mas a terra permanece sempre firme. (1)

5 O sol nasce, e se põe, e torna ao lugar de onde partiu: E renascendo aí,

6 faz o seu giro pelo meio-dia, e depois se dobra para o norte: O vento corre visitando tudo em roda, e volta sôbre si mesmo em longos circuitos.

(1) **MAS A TERRA PERMANECE SEMPRE FIRME** — Na Vulgata está in æterno, mas o sentido do autor é este: tudo neste mundo passa e desaparece, enquanto que a terra é estável, e sobre-existe aos homens. Em que pese aos adversários, o autor não ensina neste lugar a eternidade do mundo, como têm pretendido aquêles que intentam negar a inspiração d'este livro.

Eclesiastes 1, 7-17

7 Todos os rios entram no mar, e o mar nem por isso trasborda: Os rios tornam ao mesmo lugar de onde saem, para tornarem a correr.

8 Tôdas as coisas são difíceis: O homem não as pode explicar com palavras. O olho não se farta de ver, nem o ouvido se enche de escutar.

9 Que é o que foi? E' o mesmo que o que há-de ser: Que é o que se fez? E' o mesmo que o que se há-de fazer.

10 Não há nada que seja novo debaixo do sol, e ninguém pode dizer: Eis-aquí está uma coisa nova: Porque ela já a houve nos séculos que passaram antes de nós.

11 Não há memória do que já foi, mas nem ainda haverá recordação das coisas que têm de suceder depois de nós, entre aquêles que hão de existir em tempo a elas muito posterior.

12 Eu, o *Eclesiastes*, fui rei de Israel em Jerusalém,

13 e propus no meu coração inquirir e investigar sãbiamente tôdas as coisas, que se fazem debaixo do sol. Esta péssima ocupação deu Deus aos filhos dos homens, para que se ocupassem nela.

14 Eu vi tudo o que se passa debaixo do sol, e eis que achei que tudo era vaidade, e aflição de espírito.

15 Os perversos dificultosamente se corrigem, e o número dos insensatos é infinito.

16 Eu falei no meu coração, dizendo: Eis-me aqui feito um homem grande, e que a todos os que antes de mim houve em Jerusalém, excedi em sabedoria: E o meu espírito contemplou muitas coisas com grande atenção e eu aprendi muito.

17 E apliquei o meu coração a saber a prudência e a doutrina: E os erros e a estultícia: E vim a conhecer que ainda nisto havia trabalho e aflição do espírito,

18 porquanto na muita sabedoria há muita indignação: E o que acrescenta a ciência, também acrescenta o trabalho.

CAPÍTULO 2

VAIDADE DOS DELEITES, DAS RIQUEZAS, DOS EDIFÍCIOS, E DE ENTESOURAR PARA UM HERDEIRO DESCONHECIDO.

1 Eu disse no meu coração: Irei, e engolfar-me-ei em delícias, e gozarei de toda a casta de bens. Mas vi que também isto era vaidade.

2 Reputei o riso por um erro: E disse ao gosto: Por que te enganas tu assim vãmente?

3 Pensei dentro no meu coração apartar do vinho a minha carne, a fim de passar o meu ânimo à sabedoria, e evitar a estultícia, até ver que coisa fôsse útil aos filhos dos homens: Em que ocupação têm eles necessidade de se empregar debaixo do sol desfrutando o número dos dias de sua vida. (1)

4 Tracei as minhas obras com toda a magnificência, edifiquei para mim casas, e plantei vinhas,

5 fiz jardins, e pomares, e pus nêles árvores de toda a espécie, (2)

6 e construí em minha utilidade depósitos de águas para regar o bosque de novo arvoredo,

7 possuí servos e servas, e tive muita família: Também gados maiores, e grandes rebanhos de ovelhas mais do que todos os que houve antes de mim em Jerusalém,

(1) **A MINHA CARNE** — A mim mesmo, os meus sentidos. — Menochio.

(2) **JARDINS** — Segundo a tradição, alude o autor ao Jardim que ficava ao sul de Belém, ao fundo dum vale chamado ouadi-Ourtas. O calor concentrado e a abundância das águas tornavam-no duma extraordinária fertilidade. — Lievin.

8 amontoei para meu uso prata e ouro, e as riquezas dos reis e das províncias: Para me lisonjear os ouvidos escolhi músicos, e cantores, e tudo o mais que faz as delícias dos filhos dos homens, taças, e jarros, de que se compõe uma copa para o serviço do vinho: (3)

9 E venci em riquezas a todos os que foram antes de mim em Jerusalém: Perseverou também comigo a sabedoria. (4)

10 E não neguei aos meus olhos coisa alguma de tôdas quantas êles desejaram: Nem proibi ao meu coração que gozasse de todo o prazer, e se deleitasse nas coisas que eu lhe tinha preparado: E assentei que seria esta a minha sorte, se eu desfrutasse o meu trabalho.

11 E tendo voltado os olhos a tôdas as obras, que haviam feito as minhas mãos, e aos trabalhos, em que eu debalde tinha suado, vi em tudo vaidade e aflição do ânimo, e que nada havia permanente debaixo do sol.

12 Passei à contemplação da sabedoria, e dos erros, e da estultícia (que é o homem, disse eu, para poder seguir ao rei seu criador?)

13 E reconheci que a sabedoria levava tanta vantagem à estultícia quanto a luz difere das trevas.

(3) **TAÇAS** — O termo hebreu é de incerta e vária significação. Os Setenta vertem: "copeiros, e copeiras." Outros: "cativa, e cativas." Alguns: "moça, e moças." Outros: "suficiência, e suficiências," isto é, tudo o que se pode pedir de bôca e ter em abundância. "Outros: sinfonia, e sinfonias," música simples, e concertos de música. Porém Calmet o entende dos campos cultivados e incultos; à letra: "campo, e campos", visto ser a agricultura um dos principais cuidados dos reis daquele tempo, e não haver quem repugne a esta significação da referida palavra. — **Pereira.**

(4) **A SABEDORIA** — Fala Salomão aqui na sabedoria, que faz sim o homem douto, porém não justo, e que subsiste nalma depois do pecado, como permaneceu nos anjos rebeldes depois da sua queda. — **Sacy.**

14 Os olhos do sábio estão na sua cabeça: O insensato anda em trevas: E aprendi que era uma mesma a morte dum e de outro.

15 E disse dentro no meu coração: Se uma há de ser a morte assim do insensato como a minha, de que me serve ter-me eu aplicado com maior desvêlo à sabedoria? E tendo conversado sôbre isto com a minha alma, adverti que também isto era vaidade.

16 Porque a memória do sábio do mesmo modo que a do insensato não será para sempre, e os tempos futuros tudo sepultarão igualmente no esquecimento: Tanto morre o douto como o indouto.

17 E por isso a minha vida se me tornou fastidiosa, vendo que tôda a sorte de males há debaixo do sol, e que tudo é vaidade e aflição de espírito.

18 Em consequência do que detestei tôda a minha indústria, com que trabalhei diligentissimamente debaixo do sol, para haver de ter depois de mim um herdeiro,

19 que ignoro se há de ser sábio ou insensato, mas êle será senhor dos meus trabalhos, em que eu suei e me afadiguei: E há coisa que seja tão vã?

20 Por onde abri mão de tôdas estas coisas, e o meu coração renunciou tudo o que era dali por diante afadigar-se debaixo do sol.

21 Porque depois dum ter trabalhado com sabedoria, e doutrina, e diligência, vem a deixar tudo o que adquiriu a um homem ocioso: E isto é também vaidade, e um grande mal.

22 Porquanto que proveito tirará o homem de todo o seu trabalho, e da aflição de espírito, com que é atormentado debaixo do sol?

23 Todos os seus dias são cheios de dores, e de amarguras, nem de noite descansa com o pensamento: E acaso não é isto vaidade?

Eclesiastes 2, 24-26; 3, 1-7

24 Não é melhor comer e beber, e fazer bem à sua alma do fruto de seus trabalhos? Mas isto vem da mão de Deus.

25 Quem se fartará, e nadará em delícias tanto como eu?

26 Deus ao homem bom na sua presença deu sabedoria, e ciência, e alegria: Mas ao pecador deu aflição, e cuidado supérfluo, para que êle ajunte mais, e adquira bens sôbre bens, e os deixe a um homem, que lhe agradou a êle Deus: Mas ainda isto é vaidade, e um tormento de espírito bem inútil.

CAPÍTULO 3

TÔDAS AS COISAS TÊM SEU TEMPO. O ESTUDO DAS COISAS NATURAIS É VÃO. OS HOMENS E OS BRUTOS MORREM IGUALMENTE.

1 Tôdas as coisas têm seu tempo, e tôdas elas passam debaixo do Céu segundo o têrmo que a cada uma foi prescrito.

2 Há tempo de nascer, e tempo de morrer.

Há tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou.

3 Há tempo de matar, e tempo de sarar.

Há tempo de destruir, e tempo de edificar.

4 Há tempo de chorar, e tempo de rir.

Há tempo de se afligir, e tempo de saltar de gôsto.

5 Há tempo de espalhar pedras, e tempo de as ajuntar.

Há tempo de dar abraços, e tempo de se pôr longe dêles.

6 Há tempo de adquirir, e tempo de perder.

Há tempo de guardar, e tempo de lançar fora.

7 Há tempo de rasgar, e tempo de coser.

Há tempo de calar, e tempo de falar.

8 Há tempo de amor, e tempo de ódio.

Há tempo de guerra, e tempo de paz.

9 Que tem mais o homem de todo o seu trabalho?

10 Eu vi a aflição que Deus deu aos filhos dos homens, para que se encham dela.

11 Tudo o que êle fêz é bom em seu tempo, e entregou o mundo às suas disputas, sem que o homem possa conhecer as obras, que Deus fêz desde o princípio até ao fim.

12 E eu reconheci que não havia coisa melhor do que alegrar-se o homem, e fazer bem, enquanto lhe dura a vida.

13 Porque todo o homem, que come e bebe, e que tira o bem do seu trabalho, recebe isto por um dom de Deus. (1)

14 Eu aprendi que tôdas as obras, que Deus fêz, perseveraram para sempre: Nós não podemos acrescentar, nem tirar nada ao que Deus fêz a fim de que êle seja temido.

15 O que foi feito, isso mesmo permanece: As coisas que hão de ser, já foram: E Deus renova aquilo que passou.

16 Eu vi debaixo do sol a impiedade no lugar do juízo, e a iniquidade no lugar da justiça.

(1) **TIRA O BEM** — A letra seria: "Vê o bem", hebraísmo que significa "experimentar, gozar o bem". Dêste lugar têm pretendido alguns escritores, como Nœldeke e outros, deduzir que o autor inculca a moral de Epicuro: é de todo o ponto falsa a dedução, e a propósito Knobel, que é insuspeito, confessa que a doutrina do Eclesiastes não é epicurista, pois não fala do bem estar e do prazer como fim, mas como um bem que Deus nos concede, e como meio para a suprema felicidade, que se consegue pela virtude.

17 E eu disse no meu coração: Deus julgará o justo e o ímpio e então será o tempo de tôdas as coisas.

18 Eu disse no meu coração acêrca dos filhos dos homens, que Deus os provava, e lhes mostrava que eram semelhantes aos brutos.

19 Por isso uma é a morte dos homens, e dos brutos, e de uns e outros é igual a condição: Do mesmo modo que morre o homem, assim morrem também os brutos: Todos respiram da mesma sorte, e o homem não tem nada de mais do que o bruto: Tudo está sujeito à vaidade.

20 E todos êles caminham a um lugar: De terra foram feitos, e em terra se tornam do mesmo modo.

21 Quem sabe se o espírito dos filhos de Adão subirá para cima, e se o espírito dos brutos descerá para baixo? (2)

22 E eu reconheci que nada havia melhor do que alegrar-se o homem nas suas obras, e que esta era a parte que lhe cabia. Porquanto quem o poderá pôr em estado de conhecer o que há de ser depois dêle?

(2) **QUEM SABE** — Ninguém entenda que Salomão com esta pergunta põe em dúvida a imortalidade da alma, porque êle mesmo responderá adiante com expressa e absoluta decisão no capítulo 12, 5-7, mas sim que dá com ela a entender a dificuldade que têm os mortais de alcançar a evidência da eterna duração do espírito, ou que fala da ciência experimental das coisas, segundo a qual ninguém sabe para onde vai a alma do homem quando sai do corpo. Ora o pronome **Quis** na Escritura, segundo vimos e adverte aqui Menochio, toma-se não por coisa impossível, mas por coisa difícil, como no lugar de Is 53, 5, **Quis enarrabit?** no de Sl 14, 1. **Quis habitabit?** no de Jer 17, 9. **Quis cognoscet?** — **Pereira.**

CAPÍTULO 4

CALÚNIAS, VIOLÊNCIAS, E CIGMES DOS HOMENS, UNS CONTRA OS OUTROS. OCIOSIDADE DOS INSENSATOS. LOUCURA DOS AVAROS. UTILIDADE DA VIDA SOCIAL. VAIDADE DO PODER SOBERANO. OBEDIÊNCIA PREFERÍVEL AOS SACRIFÍCIOS.

1 Eu me voltei para outras coisas, e vi as calúnias que se passam debaixo do sol, e as lágrimas dos inocentes e que ninguém os consolava: Nem eles podiam resistir à violência dos que os vexavam, destituídos de todo o socorro.

2 E louvei mais os mortos do que os vivos: (1)

3 E reputei mais venturoso do que uns e outros, ao que ainda não é nado, e que não tem visto os males que se fazem debaixo do sol.

4 Contemplei de novo todos os trabalhos dos homens, e fiz reparo em que as suas indústrias se achavam expostas à inveja do próximo: E nisto há também vaidade, e cuidado supérfluo. (2)

5 O insensato cruza as suas mãos, e come as suas carnes, dizendo:

6 Mais vale um punhadinho com descanso, do que ambas as mãos cheias com trabalho e aflicção do ânimo.

(1) **E LOUVEI** — Isto é, preferi o estado dos mortos ao dos vivos, em razão de estarem já livres aquêles das misérias, calamidades, injustiças e contradições do mundo, às quais estes se acham de todo o ponto sujeitos. Desta opinião partilharam os Santos. Cfr. 3 Rs 19, 4; Tob 3, 1; 1 Mac 3, 50.

(2) **EM QUE AS SUAS INDÚSTRIAS** — Amando qualquer a sua própria excelência, ou tem inveja aos iguais, porque estes se põem ombro a ombro com ele, ou aos inferiores, para que o não igualem, ou aos superiores, por lhes não ser igual. — Santo Agostinho.

7 Tornando a considerar achei ainda outra vaidade debaixo do sol:

8 Há um tal que é só, e que não tem ninguém consigo, nem filho, nem irmão, e que todavia não cessa de trabalhar, nem os seus olhos se fartam de riquezas: Nem faz esta reflexão, dizendo: Para quem trabalho eu, e defraudo a minha alma dos bens da vida? nisto há também vaidade, e aflição miserabilíssima.

9 Melhor é pois estarem dois juntos, do que estar um só: Porque têm a conveniência da sua sociedade:

10 Se um cair, o outro o susterá: Ai do que está só: Porque quando cair, não tem quem o levante.

11 E se dormirem dois juntos, eles se aqueentarão mutuamente: Mas um só como se há de aqueentar?

12 E se alguém prevalecer contra um, dois lhe resistem: O cordel triplicado dificultosamente se quebra.

13 Melhor é um moço pobre e sábio, do que um rei velho insensato, que não sabe prever nada para o futuro.

14 Porque às vèzes sai um do cárcere, e dos ferros para ser rei: E outro que nasce rei, é consumido da pobreza.

15 Eu vi todos os viventes, que passeiam debaixo do sol com o moço, que tem o segundo lugar, e que depois há de ter o primeiro.

16 Todos os que foram antes dêle são um povo infinito em número: e os que depois hão de existir não se hão de nêle regozijar. Mas até isto é vaidade e aflição de espírito.

17 Vê onde pões o teu pé, quando entras na casa de Deus, e chega-te para ouvires.

Porque muito melhor é a obediência do que as vítimas dos insensatos, que não conhecem o mal que fazem.

CAPÍTULO 5

SER CIRCUNSPECTO NAS SUAS PALAVRAS. CUMPRIR OS SEUS VOTOS. NÃO SE ESPANTAR DE VER ATROPELADA A JUSTIÇA. O AVARENTO NUNCA SE FARTA. O RICO DESGRACADO NA SUA MESMA OPULÊNCIA.

1 Não digas nada inconsideradamente, nem o teu coração se apresse a proferir palavras diante de Deus. Por que Deus está no céu, e tu sôbre a terra: Portanto sejam poucas as tuas razões.

2 Aos muitos cuidados seguem-se os sonhos, e no muito falar achar-se-á a estultícia.

3 Se fizeste algum voto a Deus, trata de o cumprir logo: Porque lhe desagrada a proinessa infiel e imprudente: Mas cumpre tudo o que tiveres prometido:

4 E muito melhor é não fazer voto algum, do que depois de o fazer não cumprir o prometido.

5 Não dêes com a leveza da tua língua ocasião à tua carne de cair em pecado: Nem digas diante do anjo: Não há providência: Porque não suceda talvez que Deus, irado contra as tuas palavras, dissipe tôdas as obras das tuas mãos. (1)

(1) **DA TUA LÍNGUA** — Este versículo tem sofrido interpretações várias. A mais corrente e apresentada por Vigouroux, nota a *Sainte Bible de Glaire*, 1902, é a seguinte: "Não te permitas proferir um voto temerário, porque não o cumprindo, serás réu de pecado."

TUA CARNE — Está aqui por "tu mesmo".

ANJO — Provavelmente quer significar o sacerdote encarregado de receber o voto (Lev 5, 4-8) e que tem por dever explicar a lei divina, e ensiná-la ao povo. Malaquias chama-lhes por isso anjos do Senhor (2, 7) e também S. João deu esta denominação aos bispos. Apc 1, 20, etc.

6 Onde há muitos sonhos, há muitas vaidades, e palavras sem número: Mas tu, teme a Deus.

7 Se vires a opressão dos pobres, e a violência que reina nos juízos, e que se atropela inteiramente a justiça nalguma província, não te admires dêste procedimento: Porque o que está alto tem acima de si outro mais alto, e sôbre êstes há ainda outros mais elevados,

8 e há de mais a mais um rei que impera sôbre tôda a terra, que lhe está sujeita.

9 O avarento nunca jamais se fartará de dinheiro: E o que ama as riquezas não tirará fruto delas: Logo também isto é vaidade.

10 Onde há muitos bens, há também muitos que os comam. E de que servem êles a quem os possui, senão de ver com seus olhos muitas riquezas?

11 O sono é doce para o trabalhador, ou êle coma pouco, ou muito: Porém a fartura do rico é a mesma que o não deixa dormir.

12 Ainda há outra enfermidade bem má, que eu tenho visto debaixo do sol: As riquezas conservadas para mal do seu dono.

13 Porque elas acabam com suma aflição: Êle ge-rou um filho, que se há-de ver reduzido à última pobreza. (2)

14 Do modo que êle saiu nú do ventre de sua mãe, assim mesmo há-de voltar e não há de levar nada consigo do seu trabalho.

15 Enfermidade é esta de todo o ponto miserável: Do modo que veio, assim voltará. De que lhe serve logo ter trabalhado para o vento?

(2) **COM SUMA AFLIÇÃO** — à letra: "com uma aflição péssima, isto é, com grandíssima dor daqueles que as haviam possuído. — Calmet.

16 Ele todos os dias da sua vida comeu às escuras, e com muitos cuidados, e em miséria e tristeza.

17 Isto é pois o que me pareceu bem, que um coma e beba, e tire com alegria o fruto do seu trabalho, com que ele mesmo se afadigou debaixo do sol durante o prazo dos dias da sua vida, os quais Deus lhe deu, e esta é a sua parte. (3)

18 E para todo o homem, a quem Deus tem dado riquezas, e fazenda, e lhe tem concedido faculdade para que coma delas, e desfrute a sua parte, e viva alegre do seu trabalho: Isto para o tal, digo, é um dom de Deus.

19 Porque não se lembrará muito dos dias da sua vida, visto que Deus ocupa de delícias o seu coração.

CAPÍTULO 6

DESGRAÇADA CONDIÇÃO DO AVARENTO, QUE TENDO BENS NÃO OUSA GOZAR DELES.

1 Há ainda outro mal, que eu tenho visto debaixo do sol, e ordinário por certo entre os homens:

2 Um homem, a quem Deus deu riquezas, e fazenda, e honra, e nada falta à sua alma de quantas coisas deseja: E Deus não lhe concedeu faculdade para comer daí, mas virá um homem estranho a devorar tudo: Isto é uma vaidade, e grande miséria.

3 Se alguém tiver gerado já um cento de filhos, e viver muitos anos e contar mais dias de idade, e a sua

(3) QUE COMA E BEBA — Isto não é convidar Salomão os homens a levarem boa vida, entregando-se aos deleites, pois que ele já nos mostrou mais de uma vez a vaidade, e o nada desta casta de passatempos; mas justamente prefere Salomão uma vida sossegada, e alegre no moderado uso dos bens temporais, àquele dos avarentos, e dos que para ajuntarem deixam de comer, ou têm pena do mesmo que comem. — S. Jerônimo.

Êclesiastes 6, 4-10

alma se não utilizar dos bens que possui, e carecer de sepultura: Dêste homem não duvido eu afirmar que um abôrto é melhor do que êle.

4 Porquê um tal veio ao mundo debalde, e caminha para as trevas, e o seu nome ficará sepultado no esquecimento.

5 Êle não viu o sol, nem conheceu a distância que vai do bem ao mal: (1)

6 Ainda que êle tivesse vivido dois mil anos, se êle não gozou dos seus bens: Porventura não se apressa tudo a um mesmo lugar?

7 Todo o trabalho do homem é para a sua bôca: Mas a sua alma não se encherá com isso.

8 Que tem o sábio demais do que o insensato? E que tem demais o pobre, senão que êle caminha para o lugar onde está a vida?

9 Melhor é ver o que se deseja, do que desejar o que se ignora. Mas também isto é vaidade, e presunção do espírito. (2)

10 Aquêlê que há-de ser, é já chamado pelo seu nome: E sabe-se que êle é homem, e que não pode disputar em juízo contra quem é mais forte do que êle. (3)

(1) **QUE VAI DO BEM AO MAL** — O avaro é de pior condição que o abortivo, em que êste, se careceu de bens, também careceu de males; mas se aquêlê experimentou muitos males e incômodos, nem contudo isto quis ter a satisfação de gozar de algum bem. — Menochio.

(2) **MELHOR É VER** — Melhor é gozar, cada um do que tem presente, do que sustentar-se de uma vã esperança; melhor é ter o que se deseja, do que desejar o que se não tem. — Calmet.

(3) **AQUÊLE QUE HA-DE SER** — Como se dissera: os homens sempre nascem semelhantes aos seus antepassados, cobertos de fragilidade e miséria; vindo a ser por isso vã tóda a pretensão dos ricos e soberbos, que se querem elevar sobre a condição humana. Confira-se acima o capítulo 1, 9.10. — Menochio.

11 São em mui grande número as palavras e têm na disputa muita vaidade.

CAPÍTULO 7

A BOA REPUTAÇÃO. UTILIDADE DAS CORREÇÕES. UTILIDADE DA SABEDORIA. NÃO HÁ JUSTO QUE NÃO PEQUE. DESPREZAR OS DISCURSOS DOS HOMENS. A MULHER PREJUDICIAL.

1 Que necessidade tem o homem de buscar o que é acima dêle, quando êle ignora o que lhe é conducente na sua vida, enquanto dura o prazo dos dias da sua peregrinação, e o tempo que passa como sombra? Ou quem lhe poderá mostrar que é o que está para suceder depois dêle debaixo do sol?

2 Melhor é o bom nome, do que os bálsamos preciosos: E o dia da morte, do que o dia do nascimento.

3 Melhor é ir à casa que está de nojo, do que à casa onde se dá banquete: Porque naquela é um advertido do fim de todos os homens, e o que está vivo considera no que um dia lhe há-de acontecer.

4 Melhor é a ira do que o riso: Porque pela tristeza que aparece no rosto, se corrige o ânimo do delinquente.

5 O coração dos sábios está onde se acha a tristeza, e o coração dos insensatos onde se acha a alegria.

6 Melhor é ser repreendido pelo sábio, do que ser enganado pela adulação dos insensatos:

7 Porque assim como se ouve ao longe a estalada que fazem os espinhos ardendo debaixo duma panela, do mesmo modo o riso do insensato: Mas também isto é vaidade.

8 A calúnia turba o sábio, e ela abaterá a firmeza do seu coração.

9 Melhor é o fim do discurso, do que o princípio. Melhor é o homem paciente, do que o arrogante.

10 Não sejas veloz em te irares: Porque a ira descansa no seio do insensato.

11 Não digas: De onde vem que os primeiros tempos foram melhores do que são agora? Porque semelhante pergunta é indiscreta.

12 A sabedoria é mais útil com as riquezas, e aproveita mais aos que vêem o sol.

13 Porque assim como a sabedoria protege, assim protege o dinheiro: Mas a erudição e a sabedoria têm isto demais, que elas dão vida ao seu possuidor.

14 Considera as obras de Deus, porque ninguém pode corrigir a quem êle desprezou.

15 Goza dos bens no dia bom, e precavê o mau dia, porque Deus assim como fêz êste, assim também fêz aquêle, sem que o homem ache contra êle justificadas queixas.

16 Eu também vi isto nos dias da minha vaidade: O justo perece na sua justiça, e o ímpio vive muito tempo na sua malícia.

17 Não sejas muito justo: Nem sejas mais sábio do que é necessário, para que não venhas a ser estúpido.

18 Não te obstines nas ações criminosas: E não sejas insensato para que não venhas a morrer no tempo que não é teu.

19 Bom é que tu sustentas o justo, mas também não retires a tua mão daquele que o não é: Porque o que teme a Deus, nada despreza.

20 A sabedoria fêz o sábio mais forte do que dez príncipes duma cidade.

21 Porque não há homem justo sôbre a terra, que faça o bem, e que não peque.

22 Mas também não inclines o teu coração a ouvir

tôdas as palavras que se dizem: Para que não ouças talvez a teu servo dizer mal de ti:

23 Porque sabes na tua consciência, que também tu muitas vêzes tens dito mal de outros.

24 Tudo tentei por adquirir a sabedoria. Eu disse: Far-me-ei sábio: E ela se retirou para longe de mim,

25 muito mais do que dantes estava: E por certo que a sua profundidade é grande, quem a poderá sondar?

26 Eu percorri dentro no meu espírito por tôdas as coisas para saber, e considerar, e buscar a sabedoria, e a razão de tudo: E para conhecer a impiedade do insensato, e o êrro dos imprudentes:

27 E achei que é mais amargosa do que a morte a mulher, a qual é laço de caçadores, e o seu coração rêde, as suas mãos são cadeias. Aquêles que agrada a Deus, fugirá dela: O que porém é pecador, será dela apanhado.

28 Eis-aqui o que eu achei, disse o *Eclesiastes*, depois de ter conferido uma coisa com outra para achar uma razão,

29 que ainda a minha alma busca, e não pude achar. Entre mil homens achei eu um, de tôdas as mulheres nem uma só achei.

30 O que eu unicamente achei foi que Deus criou o homem reto, e que êle mesmo se meteu em infinitas questões. Quem é tal como o sábio? E quem conheceu a solução desta palavra? (1)

(1) E QUE ÊLE MESMO SE METEU EM INFINITAS QUESTÕES — Daqui temos que a fonte da nossa desgraça foi a vã curiosidade de nossos primeiros pais, a quem tendo Deus pôsto um preceito claríssimo, êles se puseram a questionar se se devia estar por êle, dando ouvidos à temerária pergunta do Tentador: *Cur praecepit vobis Deus, ut non comederitis de omni ligno Paradisi?* Por que vos mandou Deus, que não comêsseis de tôda a árvore do Paraíso? Gên 3, 1. — Bossuet.

CAPÍTULO 8

NÃO SE APARTAR DOS MANDAMENTOS DE DEUS. PACIÊNCIA DE DEUS. AFLIÇÃO DOS JUSTOS. PROSPERIDADE DOS MAUS.

1 A sabedoria do homem reluz no seu rosto, e o Todo-Poderoso mudará a sua face.

2 Quanto a mim observo a bôca do rei, e os preceitos que Deus pôs com juramento. (1)

3 Não te apresses a sair de diante da sua face, e não permaneças na obra má: Porque êle fará tudo o que quizer:

4 E a sua palavra é cheia de poder: E ninguém lhe pode dizer: Por que fazes isto assim?

5 Aquêlê que guarda o preceito, não experimentará mal algum. O coração do sábio conhece o que deve responder e em que tempo.

6 Tôdas as coisas têm seu tempo e a sua oportunidade, e é muita a aflição do homem:

7 Porque ignora as coisas passadas e por nenhum mensageiro pode saber as futuras:

(1) **OBSERVO A BÔCA DO REI** — Dêste modo traduzem todos êste verso da Vulgata, advertindo que Salomão fala aqui em nome do sábio, e que pela bôca do rei se entendem as suas ordens, e pelos preceitos que Deus pôs com juramento, se entendem os preceitos do Decálogo dados por Moisés no Monte Sinai, quando Deus fêz aliança com o seu povo, prometendo-lhe, debaixo de juramento, que êle seria sempre o seu Deus e o seu protetor, contanto que êles lhe fôsem fiéis. O juramento, de que fala o texto, não é o juramento feito por Deus aos homens, mas o juramento que os judeus faziam aos seus reis, de lhe guardarem fidelidade, como vemos que o fizeram a Davi 2 Rs 5, 3, a Salomão, 1 Par 29, 24, a Jojada, 4 Rs 11, 17. E daqui se conhecerá também a antiguidade e religião do juramento de fidelidade dos vassallos a respeito dos seus reis. De resto é uma metonímia freqüente na Bíblia.

8 Não está na mão do homem impedir que o espírito deixe o corpo, nem êle tem poder sobre o dia da morte, nem se lhe dão tréguas na guerra que o ameaça, nem ao ímpio salvará a sua impiedade.

9 Tôdas estas coisas considereí eu, e apliquei o meu coração a discernir tôdas as obras, que se fazem debaixo do sol. Algumas vêzes tem um homem domínio sobre outro homem para desgraça sua.

10 Eu vi os ímpios sepultados: Os quais também ainda quando viviam, estavam no lugar santo, e eram louvados na cidade, como se as suas obras tivessem sido justas: Mas também isto é vaidade.

11 Porquanto o não se proferir logo sentença contra os maus, é causa de cometerem os filhos dos homens crimes sem temor algum.

12 Contudo por isso mesmo que o pecador comete cem vêzes o mal, e é tolerado com paciência, tenho eu conhecido que serão bem sucedidos os tementes a Deus, que respeitam a sua face.

13 Mal o haja o ímpio, nem sejam prolongados os dias da sua vida, mas como sombra passem os que não temem a face do Senhor.

14 Ainda se acha outra vaidade, que sucede sobre a terra: Há justos, aos quais provêm males, como se êles tivessem feito obras de ímpios, E há ímpios que vivem tão seguros como se tivessem feito ações de justos: Mas eu creio que também isto é uma coisa mui vã.

15 Portanto louvei a alegria, visto não ter o homem debaixo do sol outro bem, senão comer, e beber, e folgar: E poder levar consigo isto só do seu trabalho que aturou nos dias da sua vida, os quais Deus lhe deu debaixo do sol.

16 E apliquei o meu coração a conhecer a sabedoria, e a notar a distração que vagueia na terra: Homem há, que nem de dia, nem de noite concilia sono a seus olhos,

17 E vim a entender que o homem não podia achar razão alguma de tôdas aquelas obras de Deus, que se fazem debaixo do sol: Pois quanto mais trabalhar pela descobrir, tanto menos a achará: Ainda que o mesmo sábio diga que a conhece, êle a não poderá achar.

CAPÍTULO 9

NINGUÉM SABE SE É DIGNO DE AMOR, OU DE ÓDIO. IGUAL CONDIÇÃO DE BONS E DE MAUS NESTE MUNDO. SABEDORIA DO POBRE.

1 Eu resolvi tôdas estas coisas no meu coração, para diligentemente as entender: Há justos e sábios, e as suas obras estão na mão de Deus: E contudo não sabe o homem se é digno de amor, ou de ódio. (1)

2 Mas tudo se reserva incerto para o futuro, visto acontecerem tôdas as coisas igualmente ao justo e ao ímpio, ao bom e ao mau, ao puro e ao impuro, ao que sacrifica vítimas, e ao que despreza os sacrifícios: Assim como é tratado o bom, assim também é o pecador: Do modo que o é o perjuro, assim o é também aquêle que jura verdade.

3 Isto é o que há de pior entre tudo o que se passa debaixo do sol, o sucederem a todos as mesmas coisas: Daqui vem que não só os corações dos filhos dos homens se encham de malícia, e de desprezo durante a sua vida, mas também que depois disto serão conduzidos aos infernos.

(1) **E CONTUDO NAO SABE O HOMEM** — Este é um dos textos, em que o concílio tridentino, Sess. VI, Cap. IX e Cap. XIII, se fundou para definir contra os protestantes, que ninguém neste mundo, por mais justo que pareça, pode saber que está em graça de Deus, sem especial revelação que disso tenha. — **Pereira,**

4 Não há ninguém que viva sempre, nem que tenha esperança disto: Mais vale um cão vivo do que um leão morto.

5 Porque os que estão vivos sabem que hão de morrer; porém os mortos não sabem mais nada, nem dali por diante eles têm alguma recompensa: Porque a sua memória ficou entregue ao esquecimento.

6 Também o amor, e o ódio, e as invejas pereceram juntamente com os mesmos, nem eles têm parte neste século nem tampouco em obra alguma que se faz debaixo do sol.

7 Vai pois e come o teu pão com alegria e bebe com gosto o teu vinho: Porque a Deus agradam as tuas obras.

8 Os teus vestidos sejam em todo o tempo brancos e não falte o óleo que unte a tua cabeça.

9 Goza da vida com a mulher que amas por todos os dias da tua vida instável, os quais te foram dados debaixo do sol por todo o tempo da tua vaidade: Porque esta é a tua parte na vida, e no teu trabalho, com que te afaugas debaixo do sol.

10 Obra com presteza tudo quanto pode fazer a tua mão: Porque na sepultura, para onde tu te apressas, não haverá nem obra, nem razão, nem sabedoria, nem ciência.

11 Eu me voltei para outra coisa, e vi que debaixo do sol não é o prêmio para os que melhor correm, nem a guerra para os que são mais fortes, nem o pão para os que são mais sábios, nem as riquezas para os que são mais doutos, nem a boa aceitação para os que são mais hábeis artífices: Mas que tudo se faz por encontro, e por casualidade. (2)

(2) **CORREM** — Confira-se S. Paulo na 1 Ep. aos Cor 9, 24, falando também dos que corriam no estádio.

12 O homem não sabe que fim será o seu: Mas do modo que os peixes são apanhados no anzol, e assim como as aves caem no laço, assim os homens se acham presos no tempo mau, quando êste der sôbre êles de improviso.

13 Vi também debaixo do sol um efeito de sabedoria que já vou a dizer, e que eu aprovei por muito grande:

14 Havia uma pequena cidade, e nela se achavam poucos homens: Veio contra ela um grande rei, e em tôrno da mesma se entrincheirou, e fêz ao redor as suas fortificações e ficou assim completo o assédio.

15 E achou-se nela um homem pobre e sábio, e livrou a cidade pela sua sabedoria, e nenhum depois disto se lembrou mais daquele homem pobre.

16 E dizia eu, que a sabedoria era melhor do que a fortaleza: Como foi logo desprezada a sabedoria do pobre, e como não foram ouvidas as suas palavras?

17 As palavras dos sábios são ouvidas em silêncio, mais do que o clamor do príncipe entre os insensatos.

18 Melhor é a sabedoria do que as armas da gente de guerra: E aquêlê que pecar numa só coisa, perderá muitos bens.

CAPÍTULO 10

CONSEQUÊNCIAS FUNESTAS DA IMPRUDENCIA. IMPRUDENTES, E ESCRAVOS ELEVADOS A DIGNIDADE. CARÁTER DO MALDIZENTE. REI MENINO. PRÍNCIPES GLUTÕES. NÃO DIZER MAL DO REI.

1 As moscas que morrem no bálsamo fazem-lhe perder a suavidade do cheiro. Uma loucura, ainda que pequena e de pouca dura, dá ocasião a não se fazer caso da sabedoria nem da glória. (1)

(1) **AS MOSCAS** — O sentido dêste lugar, segundo o he-

2 O coração do sábio está na sua mão direita, e o coração do insensato na sua esquerda.

3 Mas até o insensato que vai pelo seu caminho, sendo ele um insipiente, a todos reputa por insensatos.

4 Se o espírito daquele que tem o poder, se elevar sobre ti, não largues o teu posto: Porque este remédio te curará dos maiores pecados. (2)

5 Há um mal, que eu vi debaixo do sol, saindo como por erro da presença do Príncipe:

6 E vem a ser, o imprudente constituído numa sublime dignidade, e os ricos assentados em baixo.

7 Eu vi os escravos a cavalo, e os príncipes andando a pé sobre a terra como escravos.

8 Aquêlê que abriu uma cova, cairá nela: E o que desfaz a sebe, mordê-lo-á a cobra.

breu, é, que assim como quando se acha qualquer mosca dentro de algum licor, por mais delicioso que seja, logo faz enjôo a quem o vê, do mesmo modo a menor imprudência, ou razão fora de tempo, serve de descrédito e deslustre ao sábio. Ou também conforme outra exposição: Tôda a prudência junta com singeleza, candura e retidão sem malícia nem artificio, a qual os mundanos reputam de ordinário por fatuidade, vale mais do que a sabedoria orgulhosa, e glória ufana dos que debaixo do pretexto de defender a própria honra não sofrem injúria alguma, e com a capa de honestidade encobrem a ambição que têm reconcentrada no seu espírito.

UMA LOUCURA — à letra: “Mais preciosa é do que a sabedoria e do que a glória, a pequena estultícia e a tempo”. Não há coisa mais certa, como pondera Calmet. Para que um seja verdadeiramente sábio, é necessário que o mundo o tenha por insensato; de onde se vê o quão opostas e contrárias são as máximas do século à da verdadeira sabedoria. Cf. 1 Cor 1, 25; 3, 18.

(2) SE O ESPÍRITO DAQUELE QUE TEM O PODER, SE ELEVAR SOBRE TI — Quer dizer: Se o espírito, por exemplo, de malícia, de inveja, de calúnia, ou um superior intratável, e de áspera condição, se elevar sobre ti, procura conservar-te com hu-

9 Aquêlê que transporta pedras, será maltratado delas: E o que racha lenha, ferido das lascas.

10 Se o ferro estiver embotado, e êle não fôr a amolar para se pôr como dantes, mas se ainda em cima se fizer mais rombo, com muito trabalho se afiará, assim depois da indústria se seguirá a sabedoria.

11 Aquêlê que detrai ocultamente de outrem, não é menos do que uma serpente que morde à calada.

12 As palavras que saem da bôca do sábio são cheias de graças: E os lábios do insensato precipitá-lo-ão.

13 As suas primeiras palavras são uma parvoíce, e as últimas que lhe saem da bôca, são um êrro péssimo.

14 O insensato todo se espraia em falar. O homem

mildade, resignação e paciência no estado em que te achas, oferecendo tudo a Deus. "Porque êste remédio te curará dos maiores pecados": a mesma perturbação e angústia, que te causarem, servirá de mui eficaz remédio para curar as maiores e mais perigosas enfermidades da tua alma: Ou segundo parafraseia Carrières, com aprovação de Bossuet e de Calmet: Se o ânimo do príncipe se te mostrar benévolo e favorável, elevando-te a alguma dignidade, "não largues o teu pôsto", isto é, não te ensoberbeças por esta honra; porque o remédio de que tu usas nesta ocasião contra a soberba, te curará dos maiores pecados, e te fará evitar grandíssimos males. Outros, entendendo por êste "espírito que tem o poder", o espírito maligno, expõem assim todo o verso: Se o espírito das trevas, o Príncipe dêste mundo, o Chefe das potestades do Inferno se elevar sobre ti fazendo-te sucumbir à tentação, e cair em pecado, não deixes por isso o teu lugar, não desesperes de alcançar perdão; recorre à penitência, como a remédio dos teus males e ela te curará de todos. Ou também: Se tu fores tentado para deixares o caminho da virtude, não largues a vida começada; tem-te firme na tua primeira resolução. Assim expõem Santo Ambrósio, S. Jerônimo, S. Gregório Magno e S. Bernardo, citados por Calmet. Mas o primeiro sentido parece mais literal.

não sabe que é o que foi antes dêle: E quem lhe poderá indicar que é o que será depois?

15 O trabalho dos insensatos afligirá aquêles que não sabem ir à cidade.

16 Desgraçada de ti, terra, cujo rei é menino, e cujos príncipes comem de manhã.

17 Ditosa a terra, cujo rei é duma família ilustre, e cujos príncipes comem a seu tempo para refazerem as forças, e não para lisonjearem o apetite.

18 Pela preguiça se irá abatendo pouco a pouco o madeiramento do teto, e pela debilidade das mãos virá a chover em tôda a casa.

19 Os homens empregam o pão e o vinho no seu prazer, vivendo para se banquetear: E tôdas as coisas obedecem ao dinheiro. (3)

20 Não digas mal do rei, ainda no teu pensamento e não fales mal do rico, ainda no retiro da tua câmara: Porque até as aves do Céu levarão a tua voz e o que tem penas dará notícia do teu sentimento.

CAPÍTULO 11

DAR ESMOLA. OBRAS DE DEUS INCOGNITAS. TER CONTINUAMENTE DIANTE DOS OLHOS O JUÍZO DE DEUS. VAIDADE DA MOCIDADE.

1 Lança o teu pão sôbre as águas que passam: Porque depois de muitos tempos o acharás.

(3) **E TODAS AS COISAS OBEDECEM AO DINHEIRO** — Todos os homens de tôdas as idades sabem isto, e o prova a experiência de todos os séculos. Neste reino de cobiza e de avareza nada há que se não efetue, alcance, vença por dinheiro. Tudo conseguirá o que tiver cabedais e riquezas. — Calmet.

Eclesiastes 11, 2-9

2 Reparte dêle com sete, e ainda com oito: Porque não sabes que mal estará para vir sôbre a terra.

3 Se as nuvens estiverem carregadas, elas derramarão chuva sôbre a terra. Se a árvore cair para a parte do meio-dia ou para a do norte, em qualquer lugar onde cair, aí ficará. (1)

4 O que observa o vento não semeia: E o que considera as nuvens, nunca segará.

5 Do modo que tu ignoras qual seja o caminho do espírito, e de que sorte se compaginem os ossos no ventre da pejada, assim também não conheces as obras de Deus, que é o criador de tôdas as coisas.

6 Semeia de manhã a tua semente, e de tarde não cesse a tua mão de fazer o mesmo: Porque não sabes qual das duas antes nascerá: Se esta ou aquela: E se ambas nascerem a um tempo, melhor será.

7 A luz é doce, e é coisa deleitável aos olhos o ver o sol.

8 Se o homem viver muitos anos, e em todos êles se alegrar, deve trazer à lembrança o tempo tenebroso, e os muitos dias: Pois quando êles vierem, serão convencidas de vaidade as coisas passadas.

9 Regozija-te pois, ó mancebo, na tua mocidade, e viva em alegria o teu coração na flor de teus anos, e anda conforme os caminhos do teu coração e segundo os desejos em que põem a mira os teus olhos, mas sabe que Deus te fará ir a juízo para dar conta de tôdas estas coisas.

(1) **EM QUALQUER LUGAR ONDE CAIR** — Onde quer que tu caíres derribado pela tempestade da morte aí permanecerás para sempre. *Mortis tempestate subversus ubicumque cecideris, ibi Jugiter remanebis.* — S. Jerônimo.

10 Lança fora do teu coração a ira e alonga da tua carne a malícia. Porque a mocidade e o deleite são umas coisas vãs.

CAPÍTULO 12

NÃO ESPERAR PELA VELHICE PARA SERVIR A DEUS. ENIGMA DA VELHICE. VAIDADE DAS COISAS DO MUNDO. TEMER A DEUS E OBSERVAR OS SEUS MANDAMENTOS.

1 Lembra-te do teu criador nos dias da tua mocidade, antes que venha o tempo da aflição e cheguem os anos, de que tu digas: Esta idade não me agrada:

2 Antes que se escureça o sol, e a luz, e a lua, e as estrêlas, e tornem a vir as nuvens depois da chuva:

3 Quando os guardas de tua casa começarem a tremer e os homens mais fortes a vergar e estiverem ociosos em apoucado número os que moem e os que vêm pelos buracos principiarem a cobrir-se de trevas:

4 E quando se fecharem as portas na rua, pela voz baixa do que mói e se levantarem ao canto da ave e tôdas as filhas da harmonia ensurdecerem. (1)

(1) NA RUA — Designa a boca.

VOZ BAIXA — Hebraísmo, que significa a fraqueza da voz.

DO QUE MÓI — O trabalho de mastigação.

LEVANTAREM AO CANTO DA AVE — Alusão ao sono leve dos velhos, que, de ordinário, dormem pouco.

FILHAS DA HARMONIA — São os órgãos da voz, os pulmões, a epiglote, as cordas vocais, os dentes, os láblos, etc., e os ouvidos, que, na velhice, são, por causa da surdez, insensíveis às harmonias da música. E' freqüente a expressão filha duma causa, para indicar a dependência ou qualquer relação em que esteja para essa mesma causa. Esta imagem é muito natural na Palestina, onde se designavam os lugares habitados pelo ruído dos moinhos, e as figuras e metáforas empregadas nesta descrição estão muito ao sabor dos orientais.

5 Eles terão medo também dos lugares altos e temerão no caminho. A amendoeira florescerá, o gafanhoto engordará, e a alcaparra se extinguirá; Porque o homem irá para a casa da sua eternidade carpindo ao redor d'ele, o irmão acompanhando pelas ruas. (2)

6 Antes que se rompa o cordão de prata e se retire a fita de ouro e se quebre a cântara sobre a fonte e se desfaça a roda sobre a cisterna, (3)

(2) **ELES TERÃO MEDO TAMBÉM DOS LUGARES ALTOS** — Pela fraqueza em que se acham, temem os velhos os lugares altos, porque lhes custa subi-los, e temem os planos, porque estes mesmos se lhes representam escabrosos. — Pereira.

A AMENDOEIRA FLORESCERA — Branquejar-lhe-ão os cabelos, expõe S. Jerônimo.

O GAFANHOTO ENGORDARA — Isto é, segundo Bossuet: as coisas pequenas lhe parecerão muito avultadas. Outros, em lugar de gafanhoto gordo, vertem “o artelho inchado”, como traz o caldeu, significando a gôta que dá nos velhos, ou as pernas inchadas pelo decúbito dos humores.

E A ALCAPARRA SE EXTINGUIRÁ — Por alcaparra entendem aqui multos, com S. Jerônimo, o apetite ou a concupiscência; outros a atividade dos espíritos animais. — Pereira.

(3) **ANTES QUE SE ROMPA O CORDÃO DE PRATA** — Muitas e várias são as inteligências d'este lugar. O que parece mais provável é que se entenda por cordão de prata a espinhal medula, que nasce do cérebro e vai pelo meio do espinhaço até ao osso sacro, saindo dela uma grande quantidade de nervos, que se distribuem quase por todas as partes do corpo, chamando-se com muita propriedade de prata este cordão, por causa da solidez e alvura dos mesmos nervos: pela fita de ouro que se retira, isto é, que se encolhe e arruga, se entendem as meninges, que são duas membranas que envolvem o cérebro, a que dão o nome de pia-mater e dura-mater; ou segundo outros, denota aqui a mencionada fita a bexiga do fel, ainda que a palavra hebréia a que corresponde *phiala*, pode igualmente denotar o esfíncter; por cântara se tomam os rins e a bexiga da urina; pela roda, enfim, a cabeça sobre a cavidade do peito significado pela cisterna. Seja pois qualquer que

7 e o pó se torne na sua terra de onde era, e o espírito volte para Deus, que o deu. (4)

8 Vaidade de vaidades, disse o *Eclesiastes*, e tudo vaidade.

9 O *Eclesiastes* como era muito sábio ensinou o povo e contou o que tinha feito, e investigando compôs muitas parábolas.

10 Ele buscou palavras úteis, e escreveu discursos ajustadíssimos, e cheios de verdade.

11 As palavras dos sábios são como uns estímulos, e como uns cravos profundamente pregados, que por meio

fôr o sentimento dessas expressões, é certo que tôdas elas vêm quase a apontar com o dedo e a mostrar ao olho a morte, a separação da alma do corpo a que esteve unida. — Pereira.

(4) E O PÓ SE TORNE NA SUA TERRA — Está de todo decifrado o enigma. O seu objeto é a máquina do corpo humano, tornando-se na terra, de que fôra formado; mas a alma, como espiritual e imortal, voltando para Deus, que a tinha criado do nada. Com a exposição pois do enigma nos dá Salomão também neste verso a solução daquela questão, que ele propusera no Cap. 3, verso 21. “Quem sabe se o espírito dos filhos de Adão sobe para cima e se o espírito dos brutos desce para baixo”? Porque aqui decide Salomão, que na morte do homem cada um dos dois extremos, que essencialmente o constituíam, torna para de onde tinha vindo; o corpo como formado do limo da terra, torna-se em terra, e a alma como produzida por Deus do nada, volta para Deus, enquanto volta para ser d’ele julgada segundo os seus merecimentos. Logo a alma não morre com o corpo, mas fica permanecendo viva e imortal. E conseqüentemente pelo que Salomão escreve neste último capítulo de sua própria sentença, se conhece que tudo o que ele nos capítulos antecedentes dissera aparentemente em contrário, ou era falando por modo de quem disputa, e argumenta por indagar a verdade, ou era falando em nome e em pessoa dos ímpios, que punham o seu último fim no gozo dos deleites sensuais, negando a Providência de Deus, e a imortalidade da alma. — Pereira.

Eclesiastes 12, 12-14

do conselho dos mestres nos foram comunicadas pelo único pastor.

12 Não busques pois, meu filho, mais coisa alguma fora destas. Não se põe têrmo em multiplicar livros: E a meditação freqüente é aflição da carne.

13 Ouçamos todos juntos o fim dêste discurso.
TEME A DEUS, E OBSERVA OS SEUS MANDAMENTOS: PORQUE ISTO É O TUDO DO HOMEM:

14 E de tudo quanto se comete fará Deus dar conta no seu juízo em atenção de todo o êrro, seja boa ou má essa coisa.

O CÂNTICO DOS CÂNTICOS

INTRODUÇÃO

Nome. — Êste livro é chamado *Cântico dos Cânticos* por ser o cântico por excelência, e isso denota a mesma frase, porque, como já temos dito, é esta uma das formas de exprimir o superlativo. *Gesenius, Hebr. Gram. Strack. Gram. Hebraique*, etc.

Autor. — O título hebraico dêste livro atribui-o a Salomão, o que é aceito pela tradição universal judaica e cristã. Alguns críticos assinam-lhe uma época mais moderna, sustentando que não é anterior aos tempos de Esdras e de Neemias, asserção que baseiam na existência de aramaísmos e expressões caldaicas. Os melhores comentadores referem o Cântico à idade de ouro da literatura hebraica, e os têrmos estrangeiros, que aí se encontram, explicam-se pelas relações de Salomão com os estrangeiros, e também posteriormente por mudanças introduzidas pelos copistas. Porém o estilo e as alusões a objetos e fatos da sua época comprovam ter sido o filho de Davi o autor dêste notabilíssimo livro.

Objeto. — Têm aparecido diversas escolas, que têm interpretado, a seu modo, êste livro. São as seguintes as principais: escola literal, escola mística, e escola alegórica.

O Cântico dos Cânticos

a) *Escola literal*. — Entende o Cântico dos Cânticos num sentido exclusivamente literal. Os mais antigos representantes desta escola são Schammaï, e seus discípulos, que, no tempo de Jesus Cristo, pretenderam que o Cântico era um poema puramente humano e não inspirado, não obstante as opiniões vigentes em outras escolas de exegese. O Rabbi-Eleazar ben Azariah, presidente de Sanhedrim, condenou, no ano 90 da Era Cristã, o erro de Schammaï. Posteriormente Teodoro de Mopsuesto (360-429) entendeu que o Cântico dos Cânticos era apenas um epitalâmio composto para celebrar o himeneu do filho de Davi com a filha de Faraó. Esta opinião foi solenemente condenada no segundo Concílio geral de Constantinopla. Labbe. *Concilia*.

b) *Escola mística*. — Esta admite no Cântico dos Cânticos um sentido literal, mas não duma forma exclusiva: o enlace de Salomão com a filha do rei do Egito é o tipo duma outra união, o enlace místico do Salvador com a sua Igreja. *Lightfoot* resume em poucas palavras a interpretação da escola mística. *Quamvis potissimus praecipuusque ejus (Salomonis) scopus conjugio terreno sit sublimior; attamen conjugium hoc suum cum filia Pharaonis typum facit sublimis illius et spiritualis conjugii, Christum inter et Ecclesiam. Filia Pharaonis gentilis erat... et praeterea Aethiopissa, utpote Afra, ut Cant. 1, 5, 6, ad id alluditur atque, eo aptior typus erat eorum quae Salomon per omnia intendebat. "Chronica Temporum et Textuum V. T".*

c) *Escola alegórica* — E' a que tem em seu favor os melhores exegetas de todos os tempos. Entende que o Cântico dos Cânticos é uma espécie de parábola, como a das bodas de Caná no Evangelho, *Mt* 22, 2-14, ou a das virgens loucas, *Mt* 25, 1-3; e outras que

não exprimem fatos reais, mas que occultam uma grande verdade moral sob as aparências de alegoria. O casamento de Salomão com a sulamita é uma alegoria, que se deve entender em sentido metafórico. Esta interpretação não é privativa dos cristãos, pertence também à exegese hebraica. Aparece-nos no Talmud, no Midrasch e na paráfrase caldaica, e foi ensinada pela Escola de Hillel. Orígenes aprendeu-a dos judeus. Segundo este escritor, que modificou o que havia aprendido na exegese judaica, o espôso é Cristo, a espôsa a Igreja ou a alma fiel: as companheiras desta as almas ainda imperfeitas e que aspiram à união com Deus: e pelos amigos do espôso os anjos que defendem a Igreja se alegram com o seu triunfo. Mgr. Freppel, *Origène*, t. 2, p. 182. Cfr. Eusébio, S. Cipriano, S. Jerônimo, etc. Note-se porém que entre os sectários desta escola há opiniões desencontradas na aplicação da alegoria. S. Basílio entende que se deve aplicar à perfeição das almas, e à forma de mais se exalçarem na virtude, *Canticum Canticorum modum ostendit animarum perficiendarum. Homilia*, 12. Segundo Cornélio a Lapide, a espôsa dos Cantares é a Virgem Santíssima, a quem os autores místicos aplicam várias passagens d'este livro. Le Hir. *Le cantique des cantiques* Cfr. Roque. *Études exégétiques sur le Cantique des Cantiques*, 1874.

Dificuldades. — Dizem que Salomão se excedeu, dando uma forma demasiado realista (como hoje se diria) à descrição da espôsa. A isto responde-se lembrando que a simplicidade da linguagem é proporcional à singeleza dos costumes: o povo hebreu estava num estado de simplicidade natural e por isso não se escandalizava com as descrições que hoje ferem os ouvidos e perturbam a imaginação dos *modernos civilizados*. Além disso na lingua-

O Cântico dos Cânticos

gem, como no vestuário, pela mesma razão, não havia entre os homens e entre as mulheres as reservas de agora. Por isto nada, sèriamente, se pode concluir que vá de encontro à inspiração do Sagrado Texto.

O CÂNTICO DOS CÂNTICOS

CAPÍTULO 1

DESEJOS QUE TEM A IGREJA DE SE UNIR A CRISTO. DELÍCIAS QUE ACHA NESTA UNIÃO. FAVORES QUE RECEBE. ELA CONFESSA AS SUAS IMPERFEIÇÕES. ESTAS SÃO EFEITOS DA MALÍCIA DO DEMÔNIO. TEMOR QUE TEM NÃO SE EXTRAVIE ELA, QUANDO BUSCA A JESUS NA TERRA. DESEJOS DE O POSSUIR NO CÉU.

1 *A esposa*. Beije-me, dando-me o ósculo da sua boca: Porque os teus peitos são melhores do que o vinho. (1)

(1) **PORQUE OS TEUS PEITOS** — Alguns vertem do hebreu: "Porque os teus amores são melhores do que o vinho." Pelo que, se os Setenta, a quem seguiu a Vulgata, verteram peitos, foi para significarem pela metáfora de peitos as suavidades e delícias, que a esposa acha no amor do esposo. E o comparar ela os efeitos deste amor aos efeitos do vinho, é porque deste licor especialmente é que diz a Escritura, Sl 103, 16, "que alegra o coração do homem." E a ele compara a mesma Escritura a bem-aventurança eterna dos justos, quando diz, Sl 35, 9, "eles se embriagarão na fortuna da sua casa, e tu lhes darás a beber da torrente das tuas delícias." Sacy. Também por peitos entendem os Padres ambos os testamentos, que, sendo como duas fontes de celestial doutrina, que levam o homem à vida eterna, bem claramente manifestam o excesso do amor de Jesus Cristo, casto esposo das almas justas, prometido ao mundo, no velho, e dado enfim no novo. Ou ainda se podem por eles denotar, como diz S. Bernardo (no sermão IX, sobre os

O Cântico dos Cânticos 1, 2-5

2 Fragrantes como os mais preciosos bálsamos. O teu nome é como o óleo derramado: Por isso as donzelinhas te amaram.

3 Leva-me contigo: Nós correremos após de ti ao cheiro dos teus bálsamos. O rei me introduziu nos seus celeiros: Nós nos regozijaremos e nos alegraremos em ti, lembradas de que os teus peitos são melhores do que o vinho: Os homens de coração reto te amam. (2)

4 Eu sou trigueira, mas formosa, ó filhas de Jerusalém, assim como as tendas de Cedar, como os pavilhões de Salomão. (3)

5 Não olheis para o eu ser morena, porque o sol me mudou a côr: Os filhos de minha mãe se levantaram contra mim, êles me puseram por guarda nas vinhas: Eu não guardei a minha vinha.

cantares, seção 5) as torrentes da misericórdia do divino espôso para com as almas, que êle espera, e sofre com uma paciência infinita enquanto se acham submergidas na culpa, e que depois recebe entre os seus braços, com uma bondade admirável, quando tornam a êle pela penitência.

(2) **CELEIROS** — Entre os antigos, os celeiros não eram subterrâneos; ao contrário, estavam no lugar mais elevado da casa, e era aí que se guardavam as provisões e os objetos de valor, ficava perto da câmara nupcial. Homero diz-nos, com efeito, que no palácio de Ulisses se guardavam o vinho e o azeite em bilhas, que se armazenavam na parte mais elevada das muralhas, onde conjuntamente se recolhiam os objetos de ouro e prata e os tecidos preciosos. Vista esta explicação desaparece a estranheza que pode causar o ingresso da Espôsa no celeiro do Espôso.

(3) **TENDAS DE CEDAR** — Metáfora de fácil compreensão. Estas tendas árabes ou semitas eram feitas com peles de cabras, que são quase sempre escuras.

PAVILHÕES DE SALOMÃO — Alude à sua formosura e riqueza, comparando-a com a elegância e suntuosidade destas câmaras. Ainda são notáveis as tendas dos reis, vizires e magnates do Oriente, onde o bom gosto se alia à magnificência.

6 Amado da minha alma, aponta-me onde é que tu apascentas o teu gado, onde te encostas pelo meio-dia, para que não entre eu a andar feita uma vagabunda atrás dos rebanhos de teus companheiros. (4)

7 *O espôso*. Se tu te não conheces, ó formosíssima entre as mulheres, sai, e vai em seguimento das pisadas dos rebanhos, e apascenta os teus cabritos ao pé das cabanas dos pastores. (5)

(4) **AMADO DA MINHA ALMA** — A letra: "Tu, a quem ama a minha alma, aponta-me, etc."

(5) **SE TU TE NÃO CONHECES** — Ainda que tu sejas formosíssima, e pela tua singular beleza amada por mim teu espôso sôbre tôdas as mulheres, se tu te não conheceres, e não guardares com todo o cuidado o teu coração; se não evitares ser vista dos mancebos, sairás para fora do meu tálamo, e irás apascentar os cabritos, que hão de estar à esquerda. *Sis licet pulchra, et inter omnes mulieres species tua diligatur a me sponso tuo; nisi te cognoveris, et omni custodia servaveris cor tuum; nisi oculos juvenum fugeris, egredieris de thalamo meo, et pasces hædos, qui staturi sunt a sinistris.* S. Jerônimo a Eustáquio. Deste lugar pois tiram os Padres serem grandíssimos os males, que nascem de se não conhecer a alma a si mesma, isto é, de não advertir para a nobreza da sua origem, e para o alto fim a que foi destinada. Assim Orígenes neste passo, e Santo Agostinho no Sermão 50, *De verbis Domini*. Tal é o sentido da Vulgata: porém como aquêlê te junto ao si ignora é na opinião de muitos intérpretes um pleonismo, que neste lugar vem do hebreu semelhante às objeções silábicas entre os latinos, por exemplo *Tute*, que vem a ser o mesmo que *Tu ipse*, podem-se também entender as sobreditas palavras do seguinte modo: Se tu ignora onde eu passo a sesta, vai seguindo as pisadas dos teus rebanhos: apascenta-os à parte. Nesta resposta desabrida, sêca, e esquiva dá a entender o espôso à sua amada, seguindo a conjectura de Calmet, que não estava bem à mesma deixar de saber o lugar do retiro, em que êle se achava, pois devia, para não estar numa tão repreensível ignorância, em tôda a parte segui-lo com os olhos, para onde quer que se apartasse, como também nunca jamais ver-se por um só momento separada da sua companhia, exposta de mais a mais ao perigo de andar

O Cântico dos Cânticos 1, 8-13

8 À minha cavalaria nos carros de Faraó, eu te assemelhei, amiga minha. (6)

9 As tuas faces têm tôda a lindeza assim como a da rôla: O teu pescoço a dos mais ricos colares.

10 Nós te faremos umas cadeias de ouro, marchetadas de pontinhos de prata.

11 *A espôsa.* Quando o rei estava no seu repouso, deu o meu nardo o seu cheiro.

12 O meu amado é para mim como um ramalhete de mirra, êle morará entre os meus peitos. (7)

13 O meu amado é para mim como um cacho de chipre, que se acha nas vinhas de Engadi. (8)

vagabunda atrás de rebanhos alheios. De onde se vê a mui extremosa e inteira fidelidade, vigilante cuidado, e contínua atenção que Deus requer daquelas almas, que uma vez se consagraram ao seu serviço, para se não extraviarem por qualquer princípio do caminho da verdade.

(6) **A MINHA CAVALARIA** — No sentido literal porém, segundo Menochio, é como se dissera: Nada debes temer das traições dos pastôres, ou da violência dos inimigos, porque na fortaleza és semelhante à minha cavalaria, e aos meus carros armados e falcatos, que Faraó me deu de presente no Egito, de onde eu os trouxe.

(7) **COMO UM RAMALHETE DE MIRRA** — Pela mirra com que se costumam embalsamar os mortos, entendem os Padres a morte, e sepultura de Cristo, inerente a ela a mortificação, ou penitência cristã. As damas delicadas trazem ramalhetes de flores ao peito: eu, diz a espôsa, não quero outro ramalhete ao peito, que não seja o meu espôso, Bossuet. Ora *fasciculus myrrhæ* parece propriamente significar um molhinho, ou feixezinho de fôlhas, raminhos, ou flores de mirra atado e junto num ramalhete. Até aqui A Lapidé; porém, segundo o hebreu, pode entender-se de uma bolsinha, ou frasquinho cheio do licor de mirra, que as donzelas costumam trazer ao peito para recrear o olfato, como segue Calmet.

(8) **DE CHIPRE** — Chipre, em hebreu *Copher*, é um arbusto aromático, de que fala Plínio no livro XII, cap. 24. As suas fôlhas, como adverte Calmet, parecem-se com as de oliveira; lança

14 *O espôso*. Vê como tu és formosa, amiga minha, vê como tu és bela, os teus olhos são como os das pombas. (9)

15 *A espôsa*. Vê como tu és formoso, amado meu e gentil. O nosso leito está alcatifado de flores:

16 As traves das nossas casas são de cedro, os nossos tetos de cipreste.

CAPÍTULO 2

AMABILIDADE DE CRISTO, E DA IGREJA SUA ESPOSA. LOUVORES QUE ELA LHE DÁ. FAVORES QUE LHE FAZ. CUIDADO QUE TEM, PARA QUE NADA PERTURBE A ALEGRIA, E SOSSEGO, QUE ELA TEM NELE.

1 *O espôso*. Eu sou a flor do campo, e a açucena dos vales. (1)

2 Bem como é a açucena entre os espinhos; assim é a minha amiga entre as filhas. (2).

uma flor branca e cheirosa, dêle pendem os seus frutos à maneira de cachos, e de fragrância também suavíssima. Era célebre em Engadi, antiga cidade da Palestina junto ao mar Morto na tribo de Judá, pelos jardins que produziam o bálsamo, os árabes conhecem esta planta pela denominação de henné (*Lawsonia Inverni*). As egípcias serviam-se destas folhas para a pintura das mãos, cabelos e pés. Esta moda invadiu o Oriente e entrou na Judéia.

(9) OS TEUS OLHOS SÃO COMO OS DAS POMBAS — Isto é, uns olhos cheios de amor, de suavidade, de modéstia. — Bossuet.

(1) EU SOU A FLOR DO CAMPO — O hebreu tem com mais especificação: "Eu sou a rosa do campo de Saron", campo (ainda que do mesmo nome se conhecem outros mais na Judéia) entre Jope e Cesaréia, o qual passou como a provérbio para significar um terreno fértil e aprazível. São pois estas palavras uma profecia da Encarnação do Verbo, de como havia de nascer de uma Virgem, sem ter pai sobre a terra. — Pereira.

(2) ASSIM É A MINHA AMIGA ENTRE AS FILHAS — Isto é, a Igreja entre as seitas heréticas. — Teodoreto,

3 *A esposa*. Bem como é a macieira entre as árvores dos bosques, assim é o meu amado entre os filhos. Eu me assentei debaixo da sombra, daquele, a quem tanto tinha desejado: E o seu fruto é doce à minha garganta. (3)

4 Ele me fez entrar na adega, onde mete o seu vinho, ordenou em mim a caridade.

5 Acudi-me com confortativos de flores, trouxe-me pomos, que me alentem: Porque desfaleço de amor.

6 A sua mão esquerda se pôs já debaixo da minha cabeça, e a sua mão direita me abraçará depois.

7 *O esposo*. Eu vos conjuro, filhas de Jerusalém, pelas cabras montesas, e veados do campo, que não perturbeis à minha amada o seu descanso nem a façais des-
pertar, até que ela se queira erguer. (4)

(3) **DEBAIXO DA SOMBRA DAQUELE** — No sentido histórico alude a esposa ao costume nupcial, que era cobrir o esposo a esposa, como lá dizia Rute a Booz (Rut 3, 9): "Lança a tua capa sobre mim": isto é, numa frase honesta e cheia de pudor: Admite-me no teu leito. No sentido místico significa esta sombra a graça do Espírito Santo, que fecundou a Virgem Mãe; ou a especial proteção de Deus, em que as almas puras têm todo o seu descanso. — Bossuet.

(4) **EU VOS CONJURO, FILHAS DE JERUSALÉM, PELAS CABRAS MONTESAS** — Estas filhas de Jerusalém são as damas, que acompanham a esposa. E o conjurá-las o esposo pelos "veados e cabras montesas", denota que as donzelas da Judéa eram apaixonadas pelo exercício da caça, bem como das espartanas e fenícias o supõe Virgílio no primeiro livro da *Enéida*. Ora o costume destas damas da esposa era cantarem dois epitalâmios aos esposos: um à tardinha, quando elles estavam para se recolher; outro de manhã, quando a esposa se havia de levantar. Assim se colhe de Teócrito no Idílio 18, em que elle descreve as bodas de Helena com Menelau. Conjura pois o esposo as damas da esposa e as conjura pelo que elas mais amavam, que era a caça da montaria, que não acordem com o seu canto a esposa, mas a deixem dormir quanto tempo ella quizer. Isto é quanto ao sentido histórico. Quanto

8 *A espôsa.* Aquela é a voz do meu amado, ei-lo aí vem saltando sôbre os montes, atravessando os outeiros:

9 O meu amado é semelhante a uma cabra montesa, e a um veadinho: Ei-lo aí está pôsto por detrás da nossa parede, olhando pelas janelas, estendendo a vista por entre as gelosias.

10 Eis-aí o meu amado, que me diz: Levanta-te, apressa-te, amiga minha: pomba minha, formosa minha, e vem. (5)

11 Porque já passou o inverno, já se foram, e cessaram de todo as chuvas. (6)

ao espiritual, este não querer o espôso que as damas acordem a espôsa, é proibir que os inimigos da Igreja a não inquietem dos seus santos exercícios; ou é não querer que quando a alma santa está absorpta na contemplação das coisas celestes, a tirem dela os mundanos. Não é contudo a sua tenção proibir absolutamente, que ela não trate nunca do bem dos próximos, mas sim deixar à sua vontade, que ela de si mesma desperte. Porque das almas perfeitas é saber discernir, dizem S. Gregório e S. Bernardo, quando se devem aplicar aos atos da vida contemplativa, quando aos da vida ativa.

(5) **LEVANTA-TE** — Segundo o estado das almas, assim Deus a cada uma delas chama por diferentes maneiras, dizendo à que se acha presa com os grilhões da culpa e o quer seguir: **Levanta-te** à que vai aproveitando na vida espiritual: **Apressa-te** à que o serve já no possível grau de perfeição: **Vem.** Por onde mui adequadamente corresponde aqui à primeira o nome de amiga, pois o deseja ser do seu espôso; à segunda o de pomba, em razão da candura e pureza dos seus costumes; à terceira o de formosa, pelo esmalte refulgente de tôdas as virtudes sinceras e heróicas de que está ornada.

(6) **PORQUE JÁ PASSOU O INVERNO** — Isto é, o tempo da perseguição, o tempo da tentação. "Apareceram as flores na nossa terra". Apareceu a alegre, e suspirada paz. "Chegou o tempo da poda". O tempo de cortar pelos pecados, de moderar as paixões. "Ouviu-se na nossa terra a voz da rôla". A voz daquela ave amiga da solidão e habitante dos altos, daquela ave fidelíssima

O Cântico dos Cânticos 2, 12-14

12 Apareceram as flores na nossa terra, chegou o tempo da poda: Ouviu-se na nossa terra a voz da rôla:

13 A figueira começou a dar os seus primeiros figos: As vinhas estando em flor lançaram o seu cheiro. Levanta-te, amiga minha, formosa minha, e vem: (7)

14 Pomba minha, tu nas aberturas da pedra, na caverna do muro cerrado, mostra-me a tua face, soe a tua voz dentro nos meus ouvidos: Porque a tua voz é doce, e a tua face graciosa. (8)

e castíssima amante, que nunca admite senão a um consorte; daquela ave, que mais geme, e como que suspira, do que canta.
— Bossuet.

(7) **A FIGUEIRA COMEÇOU A DAR OS SEUS PRIMEIROS FIGOS** — Pelos figos verdes se entendem aqui todos os justos do Antigo Testamento e depois dêles todos os apóstolos e discípulos de Jesus Cristo; e pelas vinhas, como diz Menochio, as Igrejas dos gentios, que largamente difundiram a fé católica pela conversão de tantos milhares de almas, em tão pouco tempo. Convida pois o espôso a espôsa a que se alegre com os mencionados frutos da sua colheita. — Pereira.

(8) **POMBA MINHA** — O costume ordinário das pombas campestres é irem fazer o ninho dentro da concavidade das penhas, ou aberturas das paredes do campo. Isto pôsto, convida aqui o espôso a sua mui prezada espôsa, a que vá assistir com êle no retiro da solidão, sem chegar a conhecer outro amor senão o seu, refugiando-se naquele lugar, onde lhe será mui deleitosa a sua vista e mais suave a sua voz. E tal é o sentido literal; porém no místico a pedra de que aqui se fala, é Cristo; "as aberturas da pedra" são as chagas das mãos e pés; "a caverna do muro", ou da maceria (que também é termo português), significa a chaga do lado, segundo a inteligência dos Padres. E nesta conformidade exorta o espôso a espôsa, a que repouse nas suas chagas onde ficará segura das aves infernaes, que sempre andam arrepinando; e também achará o socorro, amparo e consolação que deseja, dando-lhe a certeza de que lhe será mui agradável a sua voz interrompida de soluços e gemidos, quando implorar a sua misericórdia, em razão de fervente caridade, que lhe mostra, e por querer ali, qual outra pomba, criar

O Cântico dos Cânticos 2, 15-17; 3, 1

15 Apanhai-nos as rapôsas pequeninas, que destroem as vinhas: Porque a nossa vinha está já em flor.

16 O meu amado é para mim, e eu para êle, que se apascenta entre as açucenas, (9)

17 até que sobre o dia, e declinem as sombras. Volta: Sê semelhante, amado meu, à cabra montesa, e ao veadinho, que corre sôbre os montes de Beter. (10)

CAPÍTULO 3

DESASSOSSÊGO DA ALMA, DE QUE SE AUSENTOU CRISTO. ESFORÇOS QUE ELA DEVE FAZER PELO ACHAR. CUIDADO QUE DEVE TER EM CONSERVÁ-LO. COMO EM CRISTO TEM A ALMA O SEU DESCANSO. ATENÇÃO DE CRISTO EM IMPEDIR QUE NINGUÉM LHO PERTURBE.

1 *A espôsa*. Eu busquei de noite no meu leito aquêlle a quem ama a minha alma: Busquei-o: E não o achei (1)

os seus filhinhos, isto é, os bons pensamentos, e enternecidos afetos, que tanto lhe agradam, e sobremaneira o lisonjeiam.

(9) **O MEU AMADO É PARA MIM E EU PARA ÊLE** — Poucos são os que podem dizer: "O meu amado é para mim e eu para êle". Assim nos diz aquêlle que de todos os seus sentidos está unido a Deus e não sabe cuidar noutro objeto. Não aquêlle a quem não basta o Filho de Deus, em quem se acha tudo. Não aquêlle, que tendo-se-lhe mandado que vendesse todos os seus bens e os desse aos pobres, se entristeceu. Mas di-lo aquêlle que pode dizer com Pedro: "Eis aqui deixamos nós tudo e fomos em teu seguimento." — Santo Ambrósio.

(10) **DE BETER** — Os Setenta traduziram *montanhas de cavidades*. Não se sabe quais eram estas montanhas; mas pode supor-se que eram estâncias ameníssimas e muito apazíveis. Eusébio diz que estas montanhas ficavam a duas milhas de Jerusalém.

(1) **BUSQUEI-O E NÃO O ACHEI** — Não achou a espôsa ao espôso, porque o buscou no leito, isto é, no lugar do descanso, das delícias, da magnificência; e quem quiser achar a Cristo, deve-o

O Cântico dos Cânticos 3, 2-6

2 Levantar-me-ei, e rodearei a cidade: Buscarei pelas ruas e praças públicas aquêla a quem ama a minha alma: Busquei-o, e não o achei. (2)

3 Os guardas, que rondam a cidade, me encontraram, e eu lhes disse: Vistes porventura aquêla a quem ama a minha alma?

4 A poucos passos, que me tinha apartado dêles, achei eu aquêla a quem ama a minha alma: E agarrar-me-ei a êle: Nem o largarei, até o não introduzir em casa de minha mãe, e levar à câmara daquela que me gerou.

5 *O espôso.* Eu vos conjuro, filhas de Jerusalém, pelas cabras montesas, e veados do campo, que não perturbeis à minha amada o descanso, nem a façais despertar, até que ela se queira erguer.

6 *As filhas de Jerusalém.* Quem é esta, que sobe pelo deserto, como uma varinhia de fumo composta de aromas de mirra, e de incenso, e de tôda a casta de polvilhos odoríferos? (3)

buscar na cruz, na humildade, na paciência, na mortificação. Assim Cassiodoro com Santo Ambrósio. — Calmet.

(2) **LEVANTAR-ME-EI E RODEAREI A CIDADE** — Este é o estado de aflição, de desassossêgo, em que algumas vêzes se acham as almas mais perfeitas, quando desamparadas até certo tempo do Divino Espôso, experimentam uma solidão e secura, tanto mais penosa, quanto antes foram maiores as doçuras e finezas, de que tinham gostado. — Bossuet.

(3) **QUEM É ESTA QUE SOBE PELO DESERTO** — O hebreu tem: "Quem é esta, que se levanta do deserto, como uma coluna de fumo de aromas, etc." Exclamação de quem se admira de ver a Natureza humana sublimada à inefável dignidade de fazer por virtude da união hipostática ao Verbo uma mesma pessoa com o Filho de Deus. Porque no sentir dos Santos Padres, nesta varinhia pivete ou coluna de fumo de aromas se simboliza o sacrifício que Cristo ofereceu na cruz ao Eterno Pai, ao qual sacrifício da humanidade, figurada na mirra, dava todo o valor a união da Divindade figurada no incenso, que só a Deus se oferece. — Sacy.

7 Eis-aqui o leito de Salomão, ao qual rodeiam sessenta valentes dos mais fortes de Israel: (4)

8 Armados todos de espadas, e mui peritos para a guerra: Sôbre a sua coxa está pendente a espada de cada um por causa dos temores noturnos.

9 O rei Salomão fêz uma cadeirinha de madeira do Líbano: (5)

10 Fêz-lhe as colunas de prata, o reclinatório de ouro, a subida de púrpura: O meio de tudo ornou-o do que há de mais precioso, em atenção às filhas de Jerusalém:

11 Sai, filhas de Sião, e vêde ao rei Salomão com o diadema de que sua mãe o coroou no dia do seu casamento, e no dia do júbilo do seu coração. (6)

(4) **AO QUAL RODEIAM SEXTENTA VALENTES** — Este era o costume dos antigos, ter guardas na câmara onde dormiam. Dionísio de Halicarnasso, Liv. 64, os supõe na câmara de Lucrécia, quando nela entrou Tarquínio, sem ser pressentido. E isto mesmo reconhece Ovídio quando diz: *Et thalami custos qui jacet ante fores.* — Calmet.

(5) **UMA CADEIRINHA DE MADEIRA DO LÍBANO** — Isto é, de pau de cedro. E' esta cadeirinha, ou, como vertem os franceses, liteira e trono portátil, a que também no português os mesmos chamam Férculo, no qual este grande monarca saía a passear pela côrte de Jerusalém, quando se queria mostrar aos vassallos com tôda a ostentação de pompa e majestade. Férculo, que todavia Calmet, seguindo a muitos intérpretes modernos, quer antes que seja o leito ou tálamo nupcial.

(6) **DE QUE SUA MÃE O COROOU** — Sabendo Bersabé que Adonias, filho de Davi e de Hagit, pretendia reinar depois de seu pai, e fazia para isso partido com muitos grandes da côrte, aconselhada pelo profeta Natã, foi ter com Davi, e depois de lhe representar a promessa jurada que elle lhe tinha feito, de que quem lhe havia de succeder no reino seria Salomão, filho de ambos, obteve que Davi mandasse ungir e aclamar rei a Salomão, como logo efetivamente se executou. 3 Rs 1, 39. Neste sentido histórico, o dia-

CAPÍTULO 2

CRISTO LOUVANDO, E ADMIRANDO AS BELEZAS, QUE ÊLE MESMO DEPOSITOU NA SUA IGREJA E NAS ALMAS SANTAS, QUE ÊLE ESCOLHEU PARA SI: LOUVANDO, E ADMIRANDO AS VIRTUDES EXTERIORES QUE NELAS APARECEM: MAS DANDO A VANTAGEM À CARIDADE, QUE ESTÁ ESCONDIDA NO CORAÇÃO.

1 *O espôso.* O' como és formosa, amiga minha, como és bela! Os teus olhos são como os das pombas, sem falar no que está escondido dentro. Os teus cabelos são como os rebanhos das cabras, que subiram do monte de Galaad. (1)

2 Os teus dentes são como os rebanhos das ovelhas tosquiadas, que subiram do lavatório, tôdas com dois cordeirinhos gêmeos, e nenhuma há estéril entre elas. (2)

dema de que a mãe coroou ao filho, poderá dizer-se que foi a coroa do reino, que Bersabé procurou para Salomão, seu filho. No sentido espiritual, segundo S. Gregório Magno e segundo o Venerável Beda, este diadema é a humanidade, de que a Virgem Mãe coroou a seu filho, quando êle, tomando carne das suas puríssimas e castíssimas entranhas, se desposou com a nossa natureza. Ou é, segundo Teodoreto e Cassiodoro, a coroa de espinhos, de que a sinagoga coroou a Cristo no dia da sua paixão, que foi o em que êle se desposou com a Igreja. — Pereira.

(1) OS TEUS CABELOS SÃO COMO OS REBANHOS DAS CABRAS... DE GALAAD — Tudo o que neste capítulo 4 diz o espôso dos cabelos, dos dentes e das faces da espôsa, torna êle a repetir no capítulo 6. Galaad é uma terra para além do Jordão, na fronteira da Arábia deserta, cujas cabras eram muito formosas e tinham o pêlo muito fino, muito lúcido, e tão comprido, que lhes dava pelo chão.

(2) OS TEUS DENTES SÃO COMO OS REBANHOS DAS OVELHAS TOSQUIADAS — Nas comparações não é necessário que tudo seja exato, nem que a tudo responda uma rigorosa proporção de partes. E assim aqui basta notar que o que neste verso quer dizer o espôso, é que os dentes da espôsa são iguais, e são bem dispostos, sem lhe faltar nenhum.

3 Os teus lábios são como uma fita de escarlate: E o teu falar, doce. Assim como é o vermelho da romã partida, assim é o nácar das tuas faces, sem falar no que está escondido dentro. (3)

4 O teu pescoço é como a torre de Davi, que foi edificada com seus baluartes: Dela estão pendentes mil escudos, toda a armadura dos esforçados. (4)

5 Os teus dois peitos são como dois filhinhos gêmeos da cabra montesa, que se apascentam entre as açucenas,

6 até que sobre o dia, e declinem as sombras, eu irei ao monte de mirra, e ao outeiro do incenso.

7 Toda tu és formosa, amiga minha, e em ti não há mácula.

8 Vem do Líbano, esposa minha, vem do Líbano, vem: Serás coroada do alto de Amaná, do cume de Sanir e de Hermon, das cavernas dos leões, dos montes dos leopardos. (5)

(3) **OS TEUS LÁBIOS SÃO COMO UMA FITA DE ESCARLATE** — A formosura dos lábios consiste em serem miúdos, vermelhos e fechados, de sorte que se possam comparar a uma pequena tira ou fita de escarlate. O que no sentir dos Padres é um símbolo do sangue de Cristo, e da sua extremosa caridade para com os homens, cujos efeltos reluzem nos lábios da sua esposa, que é a Igreja. — Sacy.

(4) **DELA ESTÃO PENDENTES MIL ESCUDOS** — Muitos colares ou muitas jóias que pendiam do pescoço da esposa para ornato seu, bem como das torres costumavam estar pendentes muitos escudos em sinal de vitória. O que é uma imagem da força invencível e da glória da esposa. — Sacy e Calmet.

(5) **AMANÁ** — Muito perto da cordilheira do Anti-Líbano
SANIR — Nome amorreu de Hermon.

HERMON — Parte meridional da cordilheira do Anti-Líbano.

O Cântico dos Cânticos 4, 9-16

9 Tu feriste o meu coração, irmã minha espôsa, tu feriste o meu coração, com um dos teus olhos, e com um cabelo do teu pescoço.

10 Que lindos são os teus peitos, irmã minha espôsa! os teus peitos são mais formosos do que o vinho, e o cheiro dos teus bálsamos excede o de todos os aromas.

11 Os teus lábios, ó espôsa, são como um favo, que distila doçura, o mel e o leite estão debaixo da tua língua: E o cheiro dos teus vestidos é como o cheiro do incenso.

12 Jardim fechado és, irmã minha espôsa, jardim fechado, fonte selada. (6)

13 As tuas produções são um jardim de romãs com frutos de macieiras. Chipres com o nardo,

14 o nardo e o açafreão, a cana aromática e o cinamomo com tôdas as árvores do Líbano, a mirra e o álaoi com todos os bálsamos da primeira estimação.

15 A fonte dos jardins: O poço das águas vivas, que com ímpeto correm do Líbano.

16 *A espôsa.* Levanta-te, Aquilão, e vem tu, vento do meio-dia, assopra de todos os lados ao meu jardim e corram os seus aromas.

Nesta região são muito freqüentes os animais ferozes; hoje só aparece a pantera. O sentido d'êste versículo é muito controvertido. Muitos comentadores entendem êste versículo neste sentido: "Deixa as montanhas selvagens, covil de feras, e vem habitar comigo".

(6) **FONTE SELADA** — É, segundo se julga, o Ras-el-Aijon atual, ao sul de Belém, a cem metros da fortaleza de Kalaah el-Bourac.

CAPÍTULO 5

ÂNSIA QUE TEM A IGREJA DE RECEBER A CRISTO, E DE O VER RECOLHER OS FRUTOS QUE ELE PRODUZIU NELA. BONDADE COM QUE CRISTO RESPONDE AOS DESEJOS DA IGREJA. TERNURAS QUE DIZ PARA INDUZIR AS ALMAS A QUE O RECEBAM. DESGRAÇA DAS QUE RECUSAM ABRIR-LHE A PORTA DO SEU CORAÇÃO, QUANDO ELE BATE. ELAS DEPOIS O BUSCAM, MAS NÃO O ACHAM. TRABALHOS QUE PASSOU NISTO. DESCRIÇÃO QUE FAZ DAS PERFEIÇÕES DO ESPÔSO.

1 *A espôsa*. Venha o meu amado para o seu jardim, e coma o fruto das suas macieiras. *O espôso*. Eu vim para o meu jardim, irmã minha espôsa: Seguei a minha mirra com os meus aromas: Comi o favo com o meu mel; bebi o meu vinho com o meu leite: Comei amigos, e bebei, e embriagai-vos, caríssimos. (1).

2 *A espôsa*. Eu durmo, e o meu coração vela: Eis a voz do meu amado que bate, dizendo: *O espôso*. Abre-me irmã minha, amiga minha, pomba minha, imaculada minha: Porque a minha cabeça está cheia de orvalho. e me estão correndo pelos anéis do cabelo as gôtas das noites. (2).

(1) **EMBRIAGAI-VOS** — Nesta passagem, como em muitas outras, o verbo *inebriare* não significa beber a ponto de ficar com a cabeça transtornada, somente quer dizer beber até ficar saciado, gozando completa satisfação.

(2) **EU DURMO** — Nesta quarta noite veio o espôso mais tarde do que costumava, estando já a espôsa recolhida e quase pegada no sono. Apenas ele bateu à porta e bradou, ela o ouviu, dizendo: "Eis a voz do meu amado, que bate." Nenhuma coisa há mais viva, pronta, atenta ou industriosa, do que o amor. A alma ocupada no cuidado do seu Deus, sempre ouve com vigilância as suas vozes e obedece aos seus avisos. — Calmet.

O Cântico dos Cânticos 5, 3-7

3 *A esposa.* Eu me despojei da minha túnica, como a vestirei eu? lavei os meus pés, como os tornarei a sujar?

4 O meu amado meteu a sua mão pela fresta, e as minhas entranhas estremeceram ao estrondo que êle fêz.

5 Eu me levantei para abrir ao meu amado: As minhas mãos distilaram mirra, e os meus dedos estavam cheios da mirra mais preciosa. (3)

6 Eu abri a minha porta ao meu amado, tirando-lhe o ferrólho: Mas êle já se tinha ido, e era já passado a outra parte. A minha alma se derreteu assim que êle falou: Busquei-o, mas não o achei: Chamei-o, e êle me não respondeu.

7 Acharam-me os guardas que rondam a cidade: Deram-me e feriram-me: Tiraram-me o meu manto os guardas das muralhas. (4)

(3) **AS MINHAS MÃOS DISTILARAM MIRRA** — Não só com o regalo dos mais finos cheiros se deitavam as damas na cama, como aquela de que fala Salomão nos Prov 7, 17, que dizia: “Eu borrifei o meu leito de mirra, álai e cinamomo”, segundo a explicação de Bossuet; mas ainda podia aqui a esposa, conforme a inteligência de outros, ao pegar no ferrólho, encher as mãos daquelle precioso bálsamo, de que o espôso o untara com o contacto das suas. Veja-se Sacy, falando do perfume de Maria entre os orientais, e Calmet expondo também o costume que tinham os romanos de untarem as umbreiras das portas nos seus casamentos, de onde veio chamarem-se as mulheres casadas uxores, como se dissera unxiore, sobre o que pode ver-se igualmente Santo Isidoro no livro 9 das suas origens, capítulo 8. De Conjugal, e Lucrécio no livro 4, verso 1173. — *Pereira.*

(4) **ACHARAM-ME** — Sai de noite a esposa em busca do espôso, como já fizera no capítulo 3, 2, mas desta segunda vez é maltratada e ferida. Este lugar explicam os Padres como figura das injúrias e da sevícia, com que tem sido maltratada a Igreja na pessoa dos confessores e mártires, pela fúria dos imperadores, dos reis profanos, dos hereges, dos cismáticos, dos ímpios, e de outros seus perseguidores. — *Calmet.*

8 Eu vos conjuro, filhas de Jerusalém, que se encontrardes ao meu amado, lhe façais saber que estou enferma de amor.

9 *As filhas de Jerusalém.* Qual é o que tu chamas amado entre todos os amados, ó mulher a mais formosa de tôdas? Qual é o teu amado entre todos os outros, por cuja contemplação nos conjuraste tu dêste modo?

10 *A espôsa.* O meu amado é cândido, e rubicundo, escolhido entre milhares.

11 A sua cabeça é o ouro mais subido: Os seus cabelos são como os ramos novos das palmeiras, negros como um corvo.

12 Os seus olhos são como as pombas, que, tendo os seus ninhos ao pé dos regatos das águas, estão lavadas em leite, e se acham de assento junto das mais largas correntes dos rios.

13 As suas faces são como uns canteiros de plantas aronáticas, plantadas pelos que confeccionam os cheiros. Os seus lábios são uns lírios, que distilam a mais preciosa mirra.

14 As suas mãos são de ouro feitas ao tórno; cheias de jacintos. O seu ventre é de marfim, guarnecido de safiras.

15 As suas pernas são umas colunas de mármore, que estão sustentadas sobre bases de ouro. A sua figura é como a do Líbano, êle é escolhido como os cedros.

16 A sua garganta é suavíssima, e todo êle é para se desejar: Tal é o meu amado e êle é verdadeiramente meu amigo, filhas de Jerusalém.

17 *As filhas de Jerusalém.* Para onde foi o teu amado, ó tu, que és a mais formosa de tôdas as mulheres? para onde se retirou o teu amado? e nós o buscaremos contigo.

CAPÍTULO 6

A IGREJA É COMO O JARDIM DE CRISTO. NELA ACHA CRISTO AS SUAS DELÍCIAS. LINDEZAS DA IGREJA. ELA É O ÚNICO OBJETO DO AMOR DE CRISTO. A SUA FELICIDADE FAZ A ADMIRAÇÃO DOS ANJOS. ELA AO MESMO TEMPO É A ALEGRIA DO CÉU, E O TERROR DAS POTESTADES DO INFERNO.

1 *A esposa.* O meu amado desceu ao seu jardim, ao canteiro das plantas aromáticas, para se apascentar nos jardins, e para colher açucenas. (1)

2 Eu sou para o meu amado, e o meu amado é para mim, ele é tal, que se apascenta entre as açucenas.

3 *O esposo.* Formosa és, amiga minha, suave, e engraçada como Jerusalém: Terrível como um exército bem ordenado pôsto em campo. (2).

(1) O MEU AMADO DESCEU AO SEU JARDIM — Como se dissera: não sei para onde foi o meu esposo; mas suspeito que desceu ao seu jardim aromático. — Menochio.

PARA SE APASCENTAR NOS JARDINS — A esposa, depois de nomear no singular o jardim, a que suspeitava ter descido o esposo, que no sentir de todos os Padres e Intérpretes é a Igreja Católica, nomeia no plural os jardins, em que o esposo se apascenta, que são as Igrejas particulares, de que se forma essa universal Igreja. — Sacy.

E PARA COLHER AÇUCENAS — Isto é, para tirar das misérras desta vida e colocar no Céu aquelas almas, que adquiriram a perfeita pureza, figurada na candura e cheiro da açucena. — S. Gregório Magno.

(2) FORMOSA ÉS — O hebreu: Formosa (isto é, adornada de virtudes de todo o género) és, amiga minha, como Tersa, engraçada como Jerusalém. Tersa era uma cidade célebre na tribo de Efraim, Jos 12, 24, e Metrópole da mesma região, antes de se fundar Samaria. Ali haviam estabelecido a sua corte Jeroboão e os primeiros reis de Israel, 3 Rs 14, 17; 15, 33. A amenidade do sítio lhe tinha feito dar este nome de Tersa, ou Tirza, isto é,

4 Aparta os teus olhos de mim, porque êles são os que me fizeram partir. Os teus cabelos são como o rebanho das cabras, que apareceram de Galaad.

5 Os teus dentes são como um rebanho de ovelhas, que subiram do lavatório, tendo tôdas os seus dois cordeirinhos gêmeos, e nenhuma entre elas é estéril.

6 Assim como é a casca da romã assim são as tuas faces, não falando no que está escondido dentro de ti.

7 São sessenta as rainhas, e oitenta as concubinas, e um número sem número de moças. (3).

caríssima, jucunda. Também entre as cidades do Oriente era Jerusalém a mais formosa. Por onde compara Salomão com justificado motivo a espôsa com as duas cidades mais formosas do seu domínio. A Igreja de Cristo é formosa como Jerusalém, não a da terra, mas a do Céu, pátria de todos os que são verdadeiros filhos da mesma Igreja. Sem embargo de ser esta vida um deserto e de andarmos neste mundo feitos peregrinos, ainda assim todos aquêles que seguem no seu culto a comunhão e a doutrina da Igreja católica e com grande desvelo trabalham por serem membros dêste corpo nobilíssimo, cuja cabeça é Cristo, já com a sua esperança tem prevenido a posse da Celestial Jerusalém; já são contados entre os familiares de Deus e cidadãos do Céu, segundo a expressão do apóstolo aos Ef 2, 19. — Calmet.

TERRÍVEL — Ou terrível como um exército formado em batalha. Ou, segundo o hebreu, com os seus estandartes despregados, ou bandeiras tendidas.

(3) **SÃO SESENTA AS RAINHAS** — Como entre os judeus na moeda corrente daqueles tempos era tolerada a poligamia, além de outras razões misteriosas, até pelo desejo e esperança que tinham de serem pais do Messias, por esta causa se viam nos palácios dos reis de Israel as que aqui se chamam rainhas, que eram filhas dos príncipes vizinhos e mulheres da primeira ordem; as que se chamam concubinas, que, suposto serem mulheres legítimas, eram da segunda ordem e de inferior condição e desposadas com menos solenidade, não gozando por isso da honra e privilégio das primeiras, Gên 25, 6; 35, 22; as que se chamam moças, que ou eram as damas, que estavam destinadas para delas se escolherem

8 Uma só é a minha pomba, a minha perfeita, ela é a única para sua mãe, escolhida pela que lhe deu o ser. As filhas a viram, e elas a apregoaram pela mais bem-aventurada: Viram-na as rainhas, e as concubinas, e lhe deram muitos louvores.

9 Quem é esta, que vai caminhando como a aurora quando se levanta, formosa como a lua, escolhida como o sol, terrível como um exército bem ordenado pôsto em campo?

10 Eu desci ao jardim das nogueiras, para ver os

as que haviam de ser rainhas, isto é, mulheres da primeira ordem, como se vê com pouca diferença no caso de Assuero, Est 2, 2. 3. 4. 12, ou as serventes do paço. E' também de notar que não tendo só sessenta rainhas e oitenta concubinas, Salomão, como consta do terceiro livro dos Rs 11, 3, entendem uns, entre elles Sacy, que o sentido destas palavras é geral e que se não aplicam em particular a Salomão, tomando-se aqui o número definido pelo indefinido; outros, como Calmet, seguem que Salomão, quando escreveu este livro, ainda não tinha tão excessivo número de mulheres, como depois veio a ter, o qual número, sobre grande multidão delas serem estrangeiras junto com a cobiça do dinheiro, contra a proibição expressa da lei do Dt 17, 17, é que deu através com tão grande monarca no abismo da sua ruína. Isto pôsto, diz Salomão, segundo a intelligência de Bossuet e Calmet, que sendo tantas as que ele tem para ostentação da sua magnificência, uma só é contudo a que ele mais ama e mais distingue, que é a filha do Faraó, com quem primeiro casou. No sentido espiritual estas três ordens significam os três estados das almas: de sorte que debaixo do nome de rainhas se entendem as almas perfeitas; debaixo do nome de concubinas, as que se vão adiantando no caminho da virtude; debaixo do nome de moças, as que principiam. A única porém, ou a especialmente amada, é a perfeitíssima entre as perfeitas, que já parece que vive com o seu espôso no Céu; e esta é um símbolo da Igreja triunfante. Também se pode alegorizar que esta única, ou esta perfeitíssima entre as perfeitas, é a Igreja Romana; as sessenta rainhas as Igrejas metropolitanas; as oitenta concubinas as episcopais; as moças sem número as paróquias. — Pereira.

pomos dos vales, e para examinar se a vinha tinha lançado flor, e se as romãs tinham brotado. (4)

(4) EU DESCI — Tendo já no verso antecedente o Espôso, ou, como querem outros, o côro das filhas de Jerusalém, acabado por meio duma auxesis de comparar a Espôsa com o clarão da aurora, com a luz da lua e com a refulgência do sol, cheia tôda de formidável soberania e majestade, responde agora a mesma Espôsa, dizendo: Que o ver-se ela assemelhada nesta sua ditosa elevação ao resplendor de tantas luzes, e por haver descido primeiro ao mais profundo do abatimento e da humildade (como do seu próprio Espôso afirma o Apóstolo aos Ef 4, 9), e tolerado com resignação as amarguras da vida presente, significada no jardim das nogueiras, tendo procurado não só tomar à sua conta o cuidado dos seus irmãos, o qual se denota no exame dos pomos dos vales, mas ainda o de promover a prática e o exercício das virtudes, significadas nos outros frutos de que aqui se faz menção; vindo a ter a Espôsa nesta descida o fim de visitar e aperfeiçoar os frutos da vinha do Senhor. E tal é a inteligência dos Intérpretes, que fazem aqui falar a Espôsa. Porém outros, parecendo-lhes ser assim mais natural, introduzem a falar o Espôso acudindo a satisfazer ao reparo que havia de fazer a Espôsa em lhe ter dado a ela o trabalho de o buscar pois se retirara da sua porta, e nesta conformidade faz saber o Espôso à sua Amada que, enquanto ela se demorou em lhe abrir, desceu êle a examinar o estado do seu jardim, para dar as necessárias providências a tudo quanto houvesse mister. Representam-se pois nestas palavras as duas Igrejas, a do Antigo e a do Novo Testamento. E verdadeiramente o Messias, vindo à sinagoga, se manifestou a todos como tal, cumprindo as figuras e profecias, que dêle estavam feitas, e quebrando a casca da noz, visto correr as cortinas ao sentido da letra. Ora as árvores de fruto plantadas nos vales, que êle principalmente veio visitar, denotam as almas humildes e ansiosas que esperavam pela sua vinda. Também a casa de Israel (Is 5, 7,) é significada na vinha, que veio ver se florescia; mas porque ela foi escassa no fruto que deu, entrou a cultivá-la com grande trabalho, paciência e mansidão, elegendo os apóstolos figurados nas romãs, dos quais se serviu, como de homens que davam esperança de mais copioso fruto, para fazer soar as trombetas do Evangelho aos ouvidos da gentildade por todo o globo da terra. — Pereira.

O Cântico dos Cânticos 6, 11-12

11 Eu não o soube: A minha alma tôda me fêz turbar por causa das quadrigas de Aminadab. (5)

12 *As filhas de Jerusalém.* Volta, volta, ó sulamita: Volta, volta, para que nós te miremos. (6)

(5) **EU NÃO O SOUBE** — Falando aqui a Espôsa, vem esta a dizer assim: Enquanto eu me ocupo neste exercício de caridade, não soube o como fiquei fora de mim mesma sobressaltada e espavorida; porque não tratando mais que do bem e salvação dos meus irmãos, deram todos sôbre mim, como incitados pelo demônio, que era o seu cabeça, e que para me perturbar se valia dêles, como de quadrigas de Aminadab. Julga-se que este devia de ser algum capitão famoso pela velocidade das suas carroças. Mas Áquila, Símaco e o autor da chamada Quinta Edição, tomaram Aminadab, não como nome próprio, mas como apelativo, vertendo “por causa das carroças do condutor do povo”; o que Teodoreto, como adverte Calmet, entende do demônio, príncipe do mundo. Também os que no verso antecedente fizeram falar o Espôso, pondo estas palavras na boca da Espôsa, como Menochio, fazem-na responder do seguinte modo: Não sabia que tinha descido ao jardim das nogueiras; se o soubera, ter-me-ia livrado dum grande cuidado, pois temi que te sucedesse de noite algum desastre no caso que te encontrasses com as quadrigas de Aminadab e êle, como se fôsses um vadio, te maltratasse. Nas quais palavras, tomadas em sentido místico, se entende a sinagoga confessando algum dia, quando se converter, a sua voluntária cegueira e ignorância de não conhecer o Messias que a visitou, perturbando-se por ver que o povo dos gentios o reconheceu e adorou, vindo ela por isso a permanecer e a obstinar-se cada vez mais na sua incredulidade. A falar, porém, neste verso o Espôso virá, segundo Calmet, a dizer: Não sei como isto foi; o que sei é que cheguei ao jardim das nogueiras com uma velocidade tal, como se arrebatadamente fôra levado pelas quadrigas de Aminadab. — **Pereira.**

(6) **O’ SULAMITA** — Nomé feminino, que significa o mesmo que pacífica, segundo verteu Áquila, para que o nome de Espôsa concorde com o nome de Espôso, que é Salomão, que também quer dizer pacífico, segundo Bossuet. As companheiras da Espôsa vendo que ela se ia já retirando com o seu amado, lhe pedem com agouzadas e repetidas instâncias que páre e se deixe ver delas, que

CAPÍTULO 7

A IGREJA NA TERRA COMPÕE-SE DE BONS E MAUS. ELA A UM MESMO TEMPO ESTÁ EM ALEGRIA, E EM TRISTEZA; EM ESPERANÇA, E EM TEMOR. NO CÉU É TÓDA PURA E TÓDA FORMOSA. A SUA ALEGRIA, E A SUA FELICIDADE SÃO ALI PERFEITAS, E ELA FAZ AS DELÍCIAS DO REI CELESTIAL. TODO O DESEJO DA IGREJA NESTE MUNDO É UNIR-SE COM CRISTO SEU ESPÓSO, E DAR-LHE AS MAIS SENSÍVEIS MOSTRAS DA SUA GRATIDÃO, E DO SEU AMOR.

1 Que verás tu na sulamita, senão coros de música no campo dos exércitos? Que airosos são os teus passos, ó filha do príncipe, no calçado que trazes? As juntas das tuas coxas são como uns colares, que foram fabricados por mão de mestre. (1)

tanto gôsto faziam disso e tão encantadas estavam da sua gentil presença. E tal é a inteligência literal de Calmet, a qual ainda elle corrobora mais com as primeiras palavras do verso primeiro do captulo seguinte da Vulgata, que no hebreu e nos Setenta dizem: "Que vereis vós, etc."

(1) **QUE VERÁS TU NA SULAMITA** — De Carrières põe este verso na bôca da Espôsa e os seguintes, até o verso 10, exclusivamente, na das filhas de Jerusalém. Eu segui a figuração de Calmet, sem reprovar a dos outros. As palavras da Vulgata dizem à letra: "Que verás tu na Sulamita, senão coros de arraisais"? E' o sentido que na convertida Sinagoga só se verão coros e esquadões de gente, que, abraçando o escudo da fé, não só peleje contra os inimigos do Espôso, resoluta a derramar o próprio sangue, mas entoe cânticos de entranhável júbilo para engrandecer o verdadeiro e único Reparador do gênero humano. Ou também, segundo outros, que nas mãos da Espôsa, que é a Igreja, se vêem armas para combater contra os inimigos do Espôso, e na bôca se lhe ouvem cânticos de ações de graças em reconhecimento de que Deus, segundo a expressão do apóstolo na II aos Cor 2, 14, a faz sempre triunfar em Jesus Cristo. — *Pereira.*

O Cântico dos Cânticos 7, 2-5

2 O teu umbigo é uma taça feita ao tórno, que nunca está desprovida de licores. O teu ventre é como um monte de trigo cercado de açucenas. (2)

3 Os teus dois peitos são como dois cabritinhos gêmeos, filhos da cabra montesa.

4 O teu pescoço é como uma torre de marfim. Os teus olhos são como as piscinas de Hesebon, que estão situadas à porta da filha da multidão. O teu nariz é como a torre do Líbano, que olha para Damasco. (3)

5 A tua cabeça é como o monte Carmelo: E os cabelos da tua cabeça são como a púrpura do rei atada, e tinta duas vezes nos canais dos tintureiros. (4)

(2) **O TEU UMBIGO** — O vestido muito fino e transparente, de que usavam as mulheres, dava lugar a que se lhes divisassem as formas, como ainda hoje se vê em várias estátuas antigas. E os orientais, ainda por amor da saúde, costumavam ungir todo o corpo, e principalmente o umbigo, de cheiros preciosos. Daqui vem comparar-se o umbigo da Espôsa a uma taça feita ao tórno e chela de licores.

(3) **AS PISCINAS DE HESERON** — Por estas piscinas de Hesebon são, conforme a inteligência dos intérpretes, denotadas as águas do batismo laborioso da penitência: pela porta, junto da qual elas estavam, chamada aqui, por um hebraísmo, da filha da multidão, isto é, aonde costumava concorrer uma grande imensidade de povo, se entende, como explica Menochio, Jesus Cristo, que a si mesmo se denominou porta das ovelhas, Jo 10, 7, por onde necessariamente devem de entrar todos os que hão de ser moradores do reino dos Céus. Quanto à torre, com a qual, segundo o costume das comparações dos orientais, é assemelhado o nariz da Espôsa, o qual tomavam ainda aqueles povos pela grandeza, glória, brio e elevação de pensamentos, levantava-se ela sôbre o monte Líbano, e serviu aos judeus como de atalaia nas fronteiras de Damasco, para descortinarem dali os movimentos dos sírios seus inimigos, que muitas vezes costumavam entrar na Judéia a fazer suas invasões e arremetidas.

(4) **A TUA CABEÇA É COMO O MONTE CARMELO** — Comparando aqui o Espôso a cabeça da Espôsa ao Carmelo, monte

6 Quão formosa, e quão engraçada és, ó caríssima, nas delícias!

7 A tua estatura é assemelhada a uma palmeira, e os teus peitos a dois cachos de uvas. (5)

na Palestina, que ficava na tribo de Issacar, elevado e ameno pelas vinhas e árvores, de que se vestia, sempre viçosas e frutíferas, mostra ser ela mais alta, ornada e formosa do que as das outras mulheres. Ora a cabeça da Igreja, como diz o apóstolo aos Ef 5, 23, é Cristo, que pelo merecimento da sua paixão e afrontosa ignomínia da sua morte, foi exaltado à imensa glória de Redentor do mundo, triunfando do inferno e enchendo de todos os bens e dons imagináveis aos membros da mesma Igreja, como se vê do mencionado apóstolo, Rom 8, 32. — Pereira.

ATADA E TINTA DUAS VÉZES NOS CANAIS DOS TINTUREIROS — A Vulgata diz somente "*vincta canalibus*" atada nos canais. O hebreu é que acrescenta, *in purpurariorum canalibus alligata, ut bis tingatur*: atada nos canais dos tintureiros para ser tinta duas vézes. E assim vertem aqui todos os franceses. Comparam-se pois neste lugar os cabelos da Espôsa com as meadas de sêda ou de lã, que se destinam para tecer os mantos e púrpuras reais. Alguns, seguindo a propriedade da língua hebréa, interpretam este lugar do seguinte modo: "e os cabelos de tua cabeça são como púrpura: o rei se acha atado (ou prêso) aos canais"; vem a dizer, pendente dos mesmos cabelos por amor e afeição da engraçada lindeza, que nêles acha. Outros, entendendo conforme aos Setenta a palavra Rehatim (que segundo já advertiu A. Lapide, tanto pode significar no hebreu canais, como traves) não duvidam verter assim: "a madeixa da tua cabeça é como púrpura; o rei atado em paus atravessados; ou como púrpura do rei atado em paus atravessados no que se vem a declarar a crucificação e o derramamento do sangue de Jesus Cristo, e se denota que os pensamentos e meditações da Igreja se tingem no mencionado sangue de tão amoroso redentor..

(5) **A TUA ESTATURA** — Assim como o tronco da palmeira, com singularidade única entre tôdas as outras árvores, vai subindo e crescendo, como uma escada, de degrau em degrau e cada degrau dêstes o vai adquirindo de palma em palma pelo nascimento de cada uma; do mesmo modo os verdadeiros membros da Igreja,

O Cântico dos Cânticos 7, 8-12

8 Eu disse: Subirei à palmeira, e colherei os seus frutos: E os teus peitos serão como dois cachos de uvas: E o cheiro da tua boca como o dos pomos.

9 A tua garganta é como o melhor vinho, digno de ser bebido pelo meu amado, e ruminado entre os seus lábios, e os seus dentes.

10 *A espôsa.* Eu sou para o meu amado, e êle para mim é que se volta.

11 Vem, amado meu, saíamos ao campo, moremos nas quintas. (6)

12 Levantemo-nos de manhã para ir às vinhas, vejamos se a vinha tem lançado flor, se as flores produzem frutos, se as romãs estão já em flor: Ali te darci os meus peitos.

cuja figura representa aqui a Espôsa, fazem por crescer de virtude em virtude até ao mais alto grau de perfeição, isto é, como explica Sacy, até chegarem ao estado de um varão perfeito, à medida da idade e da plenitude, segundo a qual Jesus Cristo deve em nós ser formado, que é a expressão do apóstolo aos Ef 4, 12. 13. 15. Ora como na Palestina era costume porem-se juntas e arrimarem-se vides às palmeiras, por isso daqui vinha estar os dos ramos destas pendentes dos racimos, ou cachos de uvas, a que são comparados os peitos da Espôsa, nos quais se denotam os dois testamentos e também os dois preceitos do amor de Deus e do próximo.

(6) **VEM, AMADO MEU** — Desejando a Espôsa, figura da Igreja, trabalhar na salvação das almas, como numa dilatada seara e vasto campo, que Deus cultivava pelas fadigas de seus operários, segundo a frase do apóstolo na primeira aos Cor 3, 9, e vendo que apesar de ser plantado e regado não pode frutificar este campo, sem o concurso da graça do mesmo Senhor (id. ibid. vers. 6) convida a seu Espôso a que saia com ela ao campo a fim de a ajudar nesta gloriosa empresa, na qual se envolve o louvor não só daqueles que trocaram as cidades pelo deserto, mas dos que fizeram e fazem do povoado ermo; como também se tira um documento para os que pregam a divina palavra, que é, o acudirem à gente das aldeias, por mais sáfara, montanhosa e rude que seja, repartindo-lhe o espiritual sustento. — **Pereira.**

O Cântico dos Cânticos 7, 13; 8, 1-2

13 As mandrágoras deram o seu cheiro. Nós temos às nossas portas tôda a casta de pomos: Eu tenho guardado para ti anjado meu, os novos e os velhos. (7)

CAPÍTULO 8

AMOR DA IGREJA POR CRISTO E DE CRISTO PARA COM A IGREJA. FORÇA E EXCELENÇA DESTE AMOR.

1 Quem me fará tão ditosa, que te tenha a ti por irmão pendente já dos peitos de minha mãe, para que eu te ache de fora, e te dê o suspirado ósculo, e ninguém mais me despreze? (1)

2 Eu te tomarei, e te levarei à casa de minha mãe: tu lá me ensinarás, e eu te darei a beber um vinho de confeição aromática, e um licor novo das minhas romãs. (2)

(7) AS MANDRÁGORAS — A palavra hebraica significa flor de amor. Segundo Vigouroux nota na *Sainte Bible de Glairé*, 1902, a tradução da Vulgata não é rigorosa; pois que a mandrágora é uma planta venenosa e desagradável. Pereira diz: "Do que se refere no Gên 30, 14, das mandrágoras que Rúben deu a Lia, e do que escreve Plínio no livro 26, cap. 15, as mandrágoras têm virtudes de fecundar. Por onde, no sentir de alguns hábeis intérpretes, o dizer a Espôsa que as mandrágoras deram o seu cheiro, é uma expressão figurada, que quer dizer, que está próximo o tempo da grande fecundidade da Igreja."

OS NOVOS E OS VELHOS — Estes pomos novos e velhos, segundo Santo Ambrósio, são os preceitos do Velho e Novo Testamento; segundo S. Bruno d'Asti, os justos, tanto da lei velha como da nova. — Pereira.

(1) QUEM ME FARÁ TÃO DITOSA — São palavras com que a espôsa, em nome dos justos da lei velha, suspira pela vinda do divino Verbo feito Homem. — Sacy e Calmet.

(2) E TE LEVAREI À CASA DE MINHA MÃE — No quarto da mãe dum dos noivos é que se celebravam as bôdas. E assim

O Cântico dos Cânticos 8, 3-6

3 À sua mão esquerda se pôs já debaixo da minha cabeça, e a sua mão direita me abraçará depois.

4 *O espôso.* Eu vos conjuro, filhas de Jerusalém, que não perturbeis à minha amada o seu descanso, nem a façais despertar, até que ela se queira erguer.

5 *As filhas de Jerusalém.* Quem é esta que sobe do deserto inundando delícias, e firmada sôbre o seu amado? Eu te despertei debaixo da macieira: Ali é que tua mãe foi corrompida, ali é que perdeu a sua pureza a que te gerou. (3)

6 Põe-me a mim como um sêlo sôbre o teu coração, como sêlo sôbre o teu braço: Porque o amor é valente como a morte, o zelo do amor é inflexível, como o inferno, as suas lâmpadas são umas lâmpadas de fogo e de chamas. (4)

lemos no fim do capítulo 24 do Gênesis que Isaac introduzira na tenda de Sara a sua mãe Rebeca, e que ali se desposara com ela.

— Sacy e Calmet.

UM VINHO DE CONFEIÇÃO AROMÁTICA — Calmet tem para si, que este vinho confeccionado era o mesmo que S. Marcos (15, 23) chama vinho de mirra, é o mesmo que Oséias (14, 8) chama vinho do Líbano, ou de incenso, e que este era o néctar dos antigos. No sentido espiritual este vinho confeccionado, e este licor novo dos romanos, podem significar a caridade dos cristãos, a fortaleza dos Mártires, a perseverança dos confessores, a modestia das virgens; e em suma, tôdas as virtudes que Jesus Salvador nos ensinou pela palavra, e com o exemplo. Assim o entendem, entre outros, S. Gregório Magno, Cassiodoro, e Beda.

(3) **QUEM É ESTA** — Assim que a espôsa desperta, e vê ao seu amado, sem reparar nos respeitos humanos, como parece, logo se lhe lança nos braços, e dêste modo sustentada por êle volta do deserto apiaudindo e engrandecendo com altos elogios a sorte da mesma espôsa as filhas de Jerusalém possuídas de admiração e assombro. — Pereira.

(4) **PÕE-ME A MIM COMO UM SÊLO** — Aludindo ao costume, semelhante ao dos assírios e caldeus, de trazerem naquele

7 As muitas águas não puderam extinguir a caridade, nem os rios terão força para a afogar: Se um homem der tôdas as riquezas de sua casa pelo amor, êle as desprezará, como se não tivera dado nada.

8 *Os irmãos da espôsa.* A nossa irmã é pequena, e não tem peitos. Que faremos nós à nossa irmã no dia em que se lhe há-de falar? (5)

9 *O espôso.* Se ela é um muro, edifiquemos sôbre ela baluartes de prata: Se é uma porta, guarneçamo-la com tábuas de cedro. (6)

tempo pequenos vasos de chelro pendentes sôbre o peito, e braceletes nos braços, que ornavam de retratos e figuras, principalmente das que eram mais do seu gosto, vem a dizer à espôsa o seu amado: Traze sempre não só no teu coração impressa e gravada a minha imagem, para que os teus pensamentos se dirijam unicamente a mim, sem dares entrada a outrem; mas ainda esculpida no teu braço, para que tôdas as ações, que obrares, sejam para maior glória minha. — *Pereira.*

(5) **A NOSSA IRMÃ É PEQUENA, E NÃO TEM PEITOS** — Quer dizer, que não está ainda capaz de casar. E por esta irmã ainda pequena, e sem peitos, entende Santo Tomás a Igreja, que começava a formar-se dos gentios convertidos no princípio da pregação dos apóstolos. — *Pereira.*

(6) **SE ELA É UM MURO** — Como se dissera: Se a tua irmã é um muro, isto é, se o muro da infidelidade, se o amor profano a separa de nós, edifiquemos sôbre ela baluartes de prata, troque-mos êste amor nocivo num amor santo. Não lhe tiremos o seu amor, façamos-lho porém sômente mudar de objeto. Até aqui tem estado apartada de nós por um amor desordenado às criaturas; pois separemo-la agora das criaturas por outro no mais alto grau intenso e perfeito ao Criador. Se tem sido uma porta franqueada e aberta a seus inimigos, e a todos os objetos, que lhe podiam ocasionar a própria ruína, folheemo-la de madeira de cedro, para tolher a entrada aos que, debaixo do pretexto de amá-la, são causa da sua perdição. E' pois denotada aqui no cedro, por ser madeira incorruptível, a caridade que, segundo o apóstolo na I aos Cor 13, 8, nunca se acabará; e que faz o Atleta Cristão digno de

O Cântico dos Cânticos 8, 10-13

10 *A espôsa.* Eu sou um muro: E os meus peitos são como uma torre, desde que me tenho na sua presença tornado bem como uma que acha paz. (7)

11 O pacífico teve uma vinha naquela que tem povos: Ele a entregou aos guardas: Cada homem dá mil siclos de prata pelo fruto que dela tira. (8)

12 A minha vinha está diante de mim. Tu, ó pacífico, tirarás da tua vinha mil siclos, e os que a guardam, e lhe colhem os frutos, duzentos.

13 Ó tu, a que habitas nos jardins, os teus amigos estão atentos: Faze-me ouvir a tua voz. (9)

alcançar (Id. ibid. 9, 25), a coroa incorrupta da imortalidade. Veja-se Sacy.

(7) **EU SOU UM MURO** — Vem aqui a declarar a espôsa que ela reconhece por experiência própria tudo quanto acaba de dizer o seu amado. Até aqui, diz ela, segundo Calmet, fui uma muralha destituída de torres e falta de guarnição, mas apenas fui decretada espôsa para o meu amado, cresceram logo os meus peitos à maneira de torres, e conciliei o amor e a graça do meu espôso. — **Pereira.**

(8) **O PACÍFICO** — Isto é, Salomão.

NAQUELA QUE TEM POVOS — O que a Vulgata expôs em termos comuns, *in ea quæ habet populos*, trazem o hebreu e os Setenta por nomes próprios, *in Baal-Hamon*. O que Calmet presume que é a terra de Engadi sobre o mar Morto: outros que é a Hamon, de que se faz menção no primeiro livro dos Par 6, 76, na tribo de Neftali para a parte da Fenícia, e ainda a Betúlla da Vulgata. Jdt 8.

(9) **O TU, A QUE HABITAS NOS JARDINS** — O Espôso, rematando já o colóquio da última noite com a sua Amada, lhe pede, segundo a mais natural conjectura de Calmet, que lhe dê licença para se retirar, por ser já dia, e se acharem ali os seus amigos e companheiros das bodas, que os estavam mui bem vendo e escutando. Ao que a Espôsa lhe dá em resposta que aperte o passo correndo como a cabra montesa, e os veadinhos sobre os montes dos aromas, que o mesmo intérprete supõe serem os que no capítulo 2, 17, são chamados montes de Beter, e no 4, 6, monte de

14 Foge, amado meu, e faze-te semelhante a uma cabra montesa, e aos veadinhos sôbre os montes dos aromas.

mirra, e outeiro de incenso, que eram sítios onde o Espôso costumava fazer todos os dias horas, quando tornava de tarde a ir falar com a Espôsa. Este é o sentido literal. Quanto ao espiritual, Jesus Cristo antes que se vá dêste mundo exorta a Igreja sua Espôsa, não só a que o solicite com os seus votos e orações, prometendo acudir-lhe e defendê-la contra os inimigos que lhe fazem guerra, mas também a que desempenhe o ministério da pregação da verdade, anunciando a todos com zelo ardente os preceitos da lei, a recompensa da sua observância, o prazer da vida eterna. Tendo ouvido uma tal promessa e recomendação, a Espôsa responde com grande segurança que, depois de seu Espôso consumir todos os mistérios da redenção, logo se dê pressa a subir no meio dêste seu glorioso triunfo aos montes de Jerusalém Celeste, desejando ela mesma ir já na sua companhia, a fim de completamente celebrar o desposório espiritual, que as almas justas começam aqui na terra e vão acabar no Céu. — Percira.

A SABEDORIA

INTRODUÇÃO

Texto e estilo. — Segundo a opinião corrente dos críticos modernos, o livro da *Sabedoria* foi escrito em grego, e já dêste parecer fôra S. Jerônimo, *Apud Hebræos nusquam est quin et ipse stylus græcam eloquentiam redolet*. Praef. in lib. *Salom* 1, 28, c. 1242. A análise de texto, ao mesmo tempo que comprova esta opinião, deixa-nos ver que o autor, apesar de ter escrito em grego, conhecia muitíssimo bem a língua hebraica. A cada passo se encontram hebraísmos; entre outros citamos êstes: 1, 1; 2, 9-15; 4, 15, etc. Nota-se o paralelismo, característico da poesia hebraica; e ainda o emprêgo de palavras compostas e de adjetivos que não são freqüentes na composição helênica. Por outro lado encontram-se expressões que não têm equivalentes na língua hebraica, 11, 7; 13, 3; 14, 25; 10, 8. 9; 16, 3-21, etc., modos de dizer próprios da filosofia platônica e estóica, 7, 22-24; 11, 17; 14, 3; 17, 2, que são provas concludentes da originalidade helênica dêste livro. Grimm, *Das Buch der Weisheit erklärt*. O estilo é desigual; ora levantado e sublime, ora incisivo e mordaz, ora difuso e carregado de epítetos. Lowth. *De Sacra poesia Hebræorum*.

Autor. Nas bíblias gregas êste livro traz o título *Sabedoria de Salomão*. Na Vulgata não aparece o nome dêste rei, a quem foi atribuído, não com fundamento algum sério e razoável, mas porque o autor, usando duma imagem, apresenta-se como filho de Davi, cc. 7 e 9. Foi isto que originou a inscrição dos Setenta e que seduziu alguns Padres da Igreja, como Clemente de Alexandria, Tertuliano, S. Hipólito e S. Cipriano, que partilhavam essa opinião. S. Jerônimo e S. Agostinho puseram-na completamente de parte, porque, analisando refletidamente o texto, concluíram que era muito posterior aos Provérbios, que tinha sido escrito no grego de Alexandria, que o autor mostrã ter vivido fora da Palestina e conhecer os costumes e hábitos helênicos, a que há alusões e fatos e coisas muito posteriores à época Salomônica.

O mesmo S. Jerônimo conta que no seu tempo havia quem tivesse atribuído êste livro a Filon. *Nounnulli scriptorum veterum hunc esse Judaei Philonis affirmant Praef. in lib. Sap.* Porém não é preciso ser muito versado nas obras do filósofo judaico para concluir que as suas doutrinas são de todo o ponto contrárias às contidas no livro da Sabedoria. S. Agostinho chegou a afirmar que o livro da Sabedoria era de Jesus, filho de Sirac, o autor do *Eclesiástico*, porém depois confessou ter-se enganado, 4 *De Civ. Dei*, 17; 20, 1. Alguns críticos apontaram o nome de Zorobabel, mas esta opinião é insustentável, pois que Zorobabel não podia escrever em grego. Os sábios modernos, em vista disto, reconhecem que até agora têm sido infrutíferas tôdas as tentativas feitas para descobrir o autor do livro da Sabedoria. Cfr. Vigouroux, *Introduction Historique et critique*, t. 4 e *Dictionnaire universel des sciences eclesiastiques*. Fôsse quem fôsse, era porém um judeu que escrevia para judeus, pois a sua obra está cheia de citações bíblicas.

Lugar. — Entretanto, se se ignora o nome do autor, pode saber-se o lugar em que foi escrito. Talvez no Egito e na Alexandria. Isto mostram as alusões à religião egípcia, 12, 24; 15, 18. 19, e os seus conhecimentos profundos da filosofia grega.

Data. — Não é fácil assinar a este livro a data em que foi composto. São muito diversas as opiniões sobre este assunto. O mais que se pode conjecturar, com algum fundamento, é que foi escrito entre 150 a 130 antes da era cristã. Deve ser posterior aos Setenta, e talvez anterior a Filon. Alude a umas calamidades que afligiram os judeus, 11, 5; 12, 23-27, mas essas devem ter sido as que ocorreram no tempo de Ptolomeu, 7 (145, 117) Cfr. Josefo, *Contra Apion*, 2, 5.

Canonicidade. — Sendo este livro posterior a Esdras e Neemias não podia aparecer no Cânon dos judeus, pelo que é um dos livros chamados deutero-canônicos. É todavia certo que sempre foi tido como um livro divino e canônico. Os hagiógrafos sagrados do Novo Testamento confirmaram muitas verdades com passagens do livro da Sabedoria. Comparem-se os seguintes lugares, *Mt* 13, 4 e *Sab* 3, 17; *Mt* 27, 43, com *Sab* 2, 18; *Rom* 1, 20, com *Sab* 13, 1; *Rom* 11, 34, com *Sab* 11, 13, etc. Os Padres da Igreja grega e os da latina citaram este livro como fazendo parte da Sagrada Escritura, entre outros S. Clemente Romano, S. Justino Clemente de Alexandria, Orígenes, S. Cipriano, Santo Eusébio, Santo Hilário, S. Epifânio, S. Basílio, Santo Ambrósio, etc.

S. Jerônimo tão rigoroso na apreciação dos livros deutero-canônicos escreve acerca deste: *Ne aetatem consideres; alio enim propheta loquente didicisti, canities hominis sunt sapientia ejus, etc. In cap. I Jerem.*

A Sabedoria

A Igreja coletivamente reconheceu a autoridade divina e canônica da Sabedoria. Podemos citar o concílio de Sárdica 347; o 3.º de Cartago 397; o 2.º de Toledo (675), o *In Trullo* 1692; o de Florença 1441 e finalmente o Tridentino.

Divisão. — Divide-se em duas grandes partes: uma especulativa, moral, e outra histórica.

PRIMEIRA PARTE. — *A Sabedoria sob o ponto de vista moral* cc. 1 e 9.

- a) a origem da felicidade e da imortalidade cc. 1 e 5.
- b) a guia da vida cc. 6 a 9.

SEGUNDA PARTE. — *A Sabedoria sob o ponto de vista histórico* cc. 10 e 19.

A SABEDORIA

CAPÍTULO 1

AMAR A JUSTIÇA: BUSCAR O SENHOR COM UM CORAÇÃO RETO. O SENHOR TUDO CONHECE, E NADA ESCAPARÁ À SUA VINGANÇA. A MORTE NÃO VEM DE DEUS, MAS É UMA CONSEQUÊNCIA DO PECADO.

1 Amai a justiça, vós os que julgais a terra. Senti bem do Senhor, e buscai-o com simplicidade de coração: (1)

2 Porque êle é achado pelos que o não tentam: E aparece aos que nêle têm fé: (2)

3 Porque os pensamentos perversos apartam de Deus: E o seu provado poder convence aos estultos.

(1) **AMAI A JUSTIÇA** — Isto é, sêde justos, fazendo também com que os maís o sejam. Nestas palavras se encerra todo o assunto dêste livro, cujos documentos e avisos principalmente se dirigem aos reis, superiores e magistrados. — *Pereira.*

SENTI BEM DO SENHOR — Tende sentimentos conformes à bondade do Senhor. Sentite in bonitate é um hebraísmo por bene sentite.

(2) **PELOS QUE O NÃO TENTAM** — Tentar a Deus (que é uma coisa muitas vêzes proibida na Escritura), é desconfiar de Deus, e não ter tôda a fé nos seus ditos e na sua bondade, senão dependentemente de milagres e prodígios que Deus faça a nosso arbítrio. — *Bossuet.*

A Sabedoria 1, 4-14

4 Porque na alma maligna não entrará a sabedoria, nem habitará no corpo sujeito a pecado.

5 Porque o Espírito Santo mestre da disciplina, fugirá do fingido e retirar-se-á dos pensamentos que são sem entendimento, e será expulsado pela iniquidade superveniente.

6 Porque o espírito da sabedoria é benigno, e não livrará ao maldizente dos seus lábios: Porque Deus é testemunha dos seus rins, e é verdadeiro esquadrinhador do seu coração, e ouvidor da sua língua.

7 Porque o espírito do Senhor encheu a redondeza da terra: E este, que contém tôdas as coisas, tem conhecimento até duma voz.

8 Por isso aquêle que profere palavras de iniquidade, não se lhe pode ocultar, nem passará por êle de largo o juízo que castiga.

9 Porque sôbre os pensamentos do ímpio far-se-á interrogatório: E os seus discursos chegarão aos ouvidos de Deus, para o castigo de suas iniquidades.

10 Porque o ouvido do zêlo ouve tôdas as coisas, e o tumulto das murmurações não se lhe esconderá.

11 Guardai-vos pois da murmuração, que nada aproveita, e refreai a língua da detração: Porque a palavra secreta não passará em claro: E a bôca que mente mata a alma.

12 Não queirais buscar ansioso a morte no descaminho da vossa vida, nem adquirais a perdição com as obras das vossas mãos.

13 Porque Deus não fêz a morte, nem se alegra na perdição dos vivos.

14 Porquanto êle criou as coisas, para que tôdas subsistissem: E fêz saudáveis as criaturas do mundo: E

não há nelas veneno de extermínio, nem reino dos infernos na terra. (3)

15 Porque a justiça é perpétua, e imortal.

16 Mas os ímpios a chamaram para si com mãos e palavras: E estimando-a amiga, se desvaneceram, e fizeram com ela tratados: Porque são dignos de serem do partido dela. (4)

CAPÍTULO 2

FALSO ARGUMENTO DOS ÍMPIOS, QUE NEGAM A IMORTALIDADE DA ALMA, E QUE PÕEM A SUMA FELICIDADE NO GOZO DOS DELEITES SENSUAIS. O SEU ÓDIO CONTRA A JUSTIÇA. CLARA PROFECIA DA PAIXÃO, E MORTE DO SALVADOR. O DEMÔNIO AUTOR DA MORTE.

1 Disseram pois discorrendo consigo não retamente: Curto é, e com tédio se passa o tempo da nossa vida, e não há refrigério no fim do homem, como também não há quem se haja conhecido, que tornasse a vir dos infernos:

2 Porque do nada somos nascidos, e depois disto seremos, como se nunca tivéramos sido: Porque a respiração nos nossos narizes é um fumo: E a fala uma faísca para mover o nosso coração. (1)

(3) **E FEZ SAUDÁVEIS AS CRIATURAS DO MUNDO** — A palavra *nationes* está aqui, segundo o grego, por gerações, isto é, tôdas as criaturas, os elementos, as plantas, os frutos da terra, como criadas por Deus, são saudáveis. Além disto a vinda do Messias tudo devia curar.

(4) **COM MÃOS E PALAVRAS** — Com as suas obras e palavras. Isto é, com todo o esforço e empenho chamaram para si a morte os primeiros pais do gênero humano, e seus descendentes, reputando-a por mui digna da sua amizade, com ela e com o inferno fizeram ignominioso pacto. Vejam-se os Prov 8, 36 e Is 28, 15-18.

(1) **PORQUE DO NADA SOMOS NASCIDOS** — Onde a Vul-

3 Apagada a qual, será o nosso corpo cinza, e o espírito se dissipará como um ar sutil, e a nossa vida passará como um rasto de nuvem, e se desvanecerá bem como nevoeiro, que é afugentado pelos raios do sol, e oprimido do seu calor:

4 E o nosso nome pelo decurso do tempo ficará sepultado no esquecimento, e ninguém terá memória das nossas obras.

5 Porque o nosso tempo é uma passagem de sombra, e não há regresso de nosso fim: Porquanto se lhe põe o sêlo, e ninguém torna. (2)

6 Vinde pois, e gozemos dos bens que existem, e façamos a tôda a pressa uso da criatura como na mocidade.

7 Enchamo-nos de vinho precioso e de perfumes: E não se nos passe a flôr do tempo.

8 Coroemo-nos de rosas, antes que se murchem: Não haja prado algum, em que a nossa intemperança não deixe pegada.

9 Nenhum de nós se dispense de tomar parte nos nossos divertimentos: Deixemos em tôda a parte sinais de alegria: Porque esta é a parte que nos toca, e esta é a nossa sorte.

10 Oprimamos o justo na sua pobreza, e não per-

gata diz *Ex nihilo nati sumus*, nós somos nascidos do nada, tem o grego *Nati sumus temere*, nascemos como por acaso. E assim verteu Sacy. Tão antigo é no mundo o erro dos que negam a existência de um primeiro Autor e Criador de tudo, sendo êle o que só tem existência de si mesmo.

(2) **PORQUANTO SE LHE PÕE O SÊLO** — Alude o autor ao costume antigo, que era pôr os corpos numa caverna, tapando-lhe exatamente a entrada e pondo-lhe o sêlo. Quanto ao particípio *consignata*, ou êle se refira a *reversio* ou a *finis*, que no grego é do gênero feminino, sempre vem a exprimir o mesmo sentido.

doemos à viúva, nem respeitemos as cãs do velho de muito tempo. (3)

11 E seja a nossa força a lei da justiça: Porque aquilo que é fraco, se reputa por inútil.

12 Façamos pois cair o justo nos nossos laços, porquanto nos é inútil, e é contrário às nossas obras, e nos lança em rosto as transgressões da lei, e contra a nossa reputação pública as faltas do nosso procedimento.

13 Ele assegura que tem a ciência de Deus, e se chama a si Filho de Deus.

14 Tem-se-nos feito censor dos nossos pensamentos.

15 Ainda só o vê-lo nos é insuportável: Porque a sua vida é dissemelhante à dos outros e seus caminhos são bem diferentes.

16 Somos avaliados por ele como pessoas vãs, e se abstém dos nossos caminhos como de imundície, e prefere os novíssimos dos justos, e se gloria de que tem a Deus por pai.

17 Vejamos pois se os seus discursos são verdadeiros, e tentemos o que lhe há de vir, e saberemos qual será o seu fim.

18 Porque se é verdadeiro Filho de Deus, ele o amparará, e o livrará das mãos dos contrários.

19 Façamos-lhe perguntas por meio de ultrajes e tormentos, para que saibamos o seu acatamento, e provemos a sua paciência.

20 Condenemo-lo a uma morte mais infame: Por-

(3) **OPRIMAMOS O JUSTO** — Daqui se vê como é ordinário e ainda natural, passar da gula e luxúria às violências e rapinas, para suprir e reparar por meio da força e da opressão o que o vício consumiu. E' reflexão de Santo Agostinho sobre o Sl 57, 10.

A Sabedoria 2, 21-25

que, segundo as suas palavras, haverá d'êlê consideração. (4)

21 Estas coisas pensaram, e nelas erraram: Porque a sua malícia os cegou.

22 E não souberam os segredos de Deus, nem esperaram retribuição de justiça, nem fizeram conceito da honra das almas santas. (5)

23 Porquanto Deus criou o homem inextermínável, e o fêz à imagem da sua semelhança.

24 Mas por inveja do diabo entrou no mundo a morte: (6)

25 E a êle imitam os que são do seu partido. (7)

(4) **HAVERA DELE CONSIDERAÇÃO** — Isto se pode entender em dois sentidos; ou que Deus olhará por êle, declarando-se a seu favor em o livrar dos nossos insultos, ditas assim com irrisão. como adverte Menochio, estas palavras, ou que nós, observando o que êle disser, tomaremos daí ocasião para o maltratar, punir e condenar.

(5) **DA HONRA** — Isto é, do prêmio, como diz o grego. — **Pereira.**

(6) **MAS POR INVEJA DO DIABO** — Grandes teólogos são de parecer que a inveja de Lúcifer contra o homem teve principalmente por objeto a honra, que a natureza humana havia de receber pela união hipostática do verbo a ela, honra que Lúcifer creu ser mais devida a êle do que ao homem. Assim S. Bernardo, no sermão 17 sobre os cânticos, Ruperte no livro 8 sobre o Evangelho de S. João, Catarino, Naclanto, Taper e outros, citados por Cornélio a Lapide a este lugar.

(7) **E A ÊLE IMITAM** — E' o que depois disse Cristo aos judeus. Jo 8, 44: "Vós tendes por pai ao diabo, e quereis executar os desejos de vosso pai." — **Pereira.**

CAPÍTULO 3

FELICIDADE DOS JUSTOS, E DESGRAÇA DOS MAUS DEPOIS DA MORTE. PRÊMIO DA CASTIDADE. CONSEQUÊNCIAS FUNESTAS DO ADULTÉRIO.

1 Mas as almas dos justos estão na mão de Deus. e não os tocará o tormento da morte.

2 Pareceu aos olhos dos insensatos que morriam: E o seu trânsito foi reputado por aflição:

3 E a jornada que fazem separando-se de nós, extermínio: Mas eles estão em paz.

4 E se eles sofreram tormentos diante dos homens, a sua esperança está cheia de imortalidade.

5 Vexados em poucas coisas, em muitas lhes será bem retribuído: Porque Deus os tentou, e os achou dignos de si.

6 Ele os provou como ouro na fornalha, e os recebeu como uma hóstia de holocausto, e a seu tempo haverá deles consideração.

7 Os justos resplandecerão, e como faíscas por um canavial discorrerão.

8 Eles julgarão as nações, dominarão os povos, e seu Senhor reinará para sempre.

9 Aquêles que confiam nêle, terão inteligência da verdade: E os que lhe são fiéis no seu amor, descansarão unidos a êle: Porque o dom e a paz é para os seus escolhidos.

10 Mas os ímpios terão o castigo à proporção do que pensaram: Os que não fizeram caso do justo, e se apartaram do Senhor.

11 Porque desgraçado é o que rejeita a sabedoria e a instrução: E a esperança dêles é vã, e os trabalhos sem fruto, e inúteis as suas obras.

12 As suas mulheres são insensatas, e os seus filhos perversíssimos.

13 Maldita a raça dêles, porque feliz é a estéril: E a incontaminada, que não conheceu tálamo com delito, terá o seu fruto, quando se atender às almas santas. (1)

14 E o eunuco, que não obrou iniquidade por suas mãos, nem forjou pensamentos perversíssimos contra Deus: Porque lhe será dado um dom escolhido de fé, e uma sorte mui agradável no templo de Deus.

15 Porque o fruto dos bons trabalhos é glorioso, e a raiz da sabedoria é tal que não seca.

16 Porém os filhos dos adúlteros serão por acabar, e a linhagem do tálamo iníquo será exterminada.

17 E ainda quando fôrem de larga vida, serão reputados como coisa de nenhuma entidade, e a sua última velhice será sem honra.

18 E se mais depressa morrerem, não terão esperança, nem palavras de consolação no dia do reconhecimento.

19 Porque os fins da descendência iníqua são cruéis.

CAPÍTULO 4

EXCELENCIA DA CASTIDADE. MAS CONSEQUÊNCIAS DO ADULTÉRIO. A MORTE DOS JUSTOS DITOSA, AINDA QUANDO APRESSADA. OS JUSTOS TIRADOS DO MUNDO POR EFEITO DA MISERICÓRDIA DE DEUS. DESGRAÇADO FIM DOS MAUS.

1 O' quão formosa é a geração casta e gloriosa: Pois é imortal a sua memória: Porquanto ela é conhecida assim diante de Deus, como diante dos homens.

(1) **MALDITA A RAÇA** — Como entre os hebreus era opróbrio a eternidade, por isso se vem a dizer, que melhor é ser estéril sem mancha de culpa, do que ter filhos de adultério, contra a lei de Deus. — **Pereira.**

2 Quando ela está presente, a imitam: E quando se tem retirado, a desejam, e coroada para sempre triunfa levando o prêmio nos certamens castos.

3 Mas a multidão variada dos ímpios não será útil, e os renovos bastardos não lançarão profundas raízes, nem assentarão firmeza estável.

4 E se com o tempo brotarem nos ramos, como se não acham firmes, serão abalados do vento, e desarraigados pela impetuosidade dos furacões.

5 Pelo que serão quebrados os seus ramos, antes que cheguem à devida perfeição, e os frutos dêles inúteis, e ásperos para comer, e para nada bons.

6 Porque os filhos, que nascem de iníquos sonos, testemunhas são da maldade contra os pais, quando se lhes pergunta. (1)

7 Mas o justo, ainda que seja acometido pela morte repentina, estará em descanso.

8 Porque a velhice venerável não é a diuturna, nem a computada pelo número dos anos: Pois as câs do homem são os seus sentimentos,

9 e a idade da velhice é a vida imaculada.

10 Tendo-se feito agradável a Deus, foi por êle amado, e vivendo entre os pecadores foi trasladado.

11 Foi arrebatado para que a malícia lhe não mudasse o entendimento, ou para que não seduzisse a sua alma o aparente.

12 Porque o feitiço das inépcias escurece o bem: E a inconstância da concupiscência transtorna o sentido sem malícia.

13 Tendo vivido pouco, encheu a carreira duma larga vida:

14 Porque a sua alma era agradável a Deus: Por

(1) INÍQUOS SONOS — Quer dizer: uniões ilegítimas.

A Sabedoria 4, 15-20; 5, 1-3

isso êle se apressou a tirá-lo do meio das iniquidades: Mas os povos estão vendo isto, e não entendem, nem depositam nos seus corações coisas tais, como estas:

15 Que a graça de Deus, e a sua misericórdia está sôbre os seus santos, e que olha para os seus escolhidos.

16 Mas o justo morto condena aos ímpios vivos, e a mocidade consumada em breve, a larga vida do injusto.

17 Porque êles verão o fim do sábio, e não compreenderão que desígnio tenha Deus formado acêrca dêle, e porque o haja o Senhor pôsto em segurança.

18 Vê-lo-ão, e desprezarão: Mas o Senhor zombará dêles,

19 e depois disto morrerão sem honra, e ficarão com infâmia para sempre entre os mortos: Porque os fará rebentar inchados sem voz, e os transtornará desde os fundamentos, e serão reduzidos à última desolação, e estarão gemendo, e a sua memória perecerá.

20 Virão medrosos com a lembrança dos seus peccados, e se apresentarão contra êles as suas iniquidades.

CAPÍTULO 5

**TRIUNFO DOS JUSTOS. ARREPENDIMENTO INÚTIL DOS MAUS.
FELICIDADE ETERNA DOS JUSTOS. VINGANÇA DO SENHOR CONTRA OS MAUS.**

1 Então se levantarão os justos com grande afouteza contra aquêles que os atribularam, e que lhes roubaram o fruto dos seus trabalhos.

2 Vendo-os assim, perturbar-se-ão com temor horrível, e ficarão assombrados pela novidade repentina da sua salvação, que êles não esperavam,

3 dizendo dentro de si, tocados do arrependimento,

e com angústia do espírito gemendo: Estes são aquêles, de quem nós noutro tempo fazíamos zombaria, e a quem tínhamos por objeto de opróbrio.

4 Nós insensatos reputávamos a sua vida por uma loucura, e o seu fim sem honra:

5 Ei-los aí como têm sido contados entre os filhos de Deus, e entre os santos está a sua sorte.

6 Logo nós nos extraviamos do caminho da verdade, e a luz da justiça não raiou para nós, e o sol da inteligência não nasceu sobre nós.

7 Nós nos cansamos no caminho da iniquidade, e da perdição, e andamos por uns caminhos ásperos, e ignoramos o caminho do Senhor.

8 De que nos aproveitou a soberba? ou de que nós serviu a jactância das riquezas?

9 Tôdas aquelas coisas passaram como sombra, e como um correio que vai depressa.

10 E como uma nau, que vai cortando as agitadas ondas, da qual se não pode achar rasto depois que passou, nem a esteira da sua quilha nas ondas:

11 Ou como ave que voa, atravessando pelo ar, de cujo caminho se não acha indício algum, senão só o ruído das asas, que cortam o leve vento, e fendendo o ar com a fôrça do seu vôo, passou batendo as asas, e depois disto se não encontra sinal algum do seu caminho:

12 Ou como seta despedida ao lugar destinado: O ar dividido logo se cerra em si mesmo, de maneira que se fica ignorando a passagem dela:

13 Assim também nós, logo que nascemos deixamos de ser: E na verdade nenhum sinal de virtude podemos mostrar, mas fomos consumidos em nossa malícia.

14 Tais são as coisas, que disseram no inferno êstes, que pecaram:

A Sabedoria 5, 15-23

15 Porque a esperança do ímpio é como a lanugem, que pelo vento é levada: E como a espuma tênue, que pela tempestade é espalhada: E como o fumo, que pelo vento é dissipado: E como a lembrança do hóspede de um dia, que passa.

16 Mas os justos viverão para sempre, e a sua recompensa está no Senhor, e o pensamento deles no Altíssimo.

17 Portanto receberão da mão do Senhor um reino de honra, e um diadema de formosura: Porque os protegerá com a sua destra, e com o seu santo braço os defenderá.

18 O seu zêlo se vestirá de tôdas as suas armas: E ele armará as suas criaturas para se vingar de seus inimigos.

19 Tomará por couraça a justiça, e por capacete a inteireza do seu juízo:

20 Embraxará a equidade como escudo inexpugnável:

21 Afiará a sua ira inflexível, como uma lança, e todo o Universo pelejará da parte dêle contra os insensatos.

22 Irão com direita pontaria os tiros missivos dos raios e como dum arco bem encurvado das nuvens serão despedidos, e descarregarão sôbre lugar certo.

23 A ira de Deus, semelhante a uma máquina de lançar pedras, fará chover uma grossa saraiva: Embravecer-se-á contra eles a água do mar, e os rios correrão juntos com furiosa enchente. (1)

(1) **SEMELHANTE A UMA MAQUINA DE LANÇAR PEDRAS** — A catapulta, qual a de que usavam os antigos no sítio das cidades, chamada em latim *Bollista*, ao qual género de máquinas allude aqui o sábio. — *Calmet*.

PARA CHOVER UMA GROSSA SARAIVA — Como já fez

24 O espírito de virtude se levantará contra eles, e como redemoinho de vento os espalhará: E a sua iniquidade reduzirá a uma solidão tôda a terra, e a malícia deitará abaixo os assentos dos poderosos.

CAPÍTULO 6

REIS E JUIZES EXORTADOS A ADQUIRIR A SABEDORIA. CASTIGOS RIGOROSOS, QUE ESPERAM AOS QUE GOVERNAM INJUSTAMENTE. A SABEDORIA SE APRESENTA AOS QUE A AMAM, E A BUSCAM. BENS QUE A SUA POSSE TRAZ CONSIGO.

1 A sabedoria é mais estimável do que as fôrças: E o varão prudente vale mais do que o valoroso.

2 Ouvi pois, ó reis, e entendei, tomai a instrução, ó juizes de tôda a terra:

3 Aplicai os ouvidos vós que governais os povos, e que vos gloriais de terdes debaixo de vós muitas nações:

4 Porque de Deus vos tem sido dado o poder, e do Altíssimo a fôrça, o qual vos perguntará pelas vossas obras, e esquadrinhará os vossos pensamentos: (1)

5 Porque sendo ministros do seu reino, não julgastes com equidade, nem guardastes a lei da justiça, nem andastes conforme a vontade de Deus.

6 Ele se vos porá diante de um modo temeroso, e dentro de pouco tempo: Porque sôbre os que governam se fará um juízo rigorosíssimo.

chover sôbre os egípcios em tempo de Moisés, Ex 9, 18, e contra os amorreus em tempo de Josué, Jos 10, 11. — Bossuet.

EMBRAVECER-SE-A CONTRA ELES A AGUA DO MAR — Concorde com o que Cristo annunciou da angústia, em que se há de ver o mundo por causa do bramido do mar e fúria das ondas. Lc 21, 25. — Bossuet.

(1) A FÔRÇA — Ou o domínio.

A Sabedoria 6, 7-19

7 Porque com os pequenos tem-se mais comiseração: Mas os poderosos serão poderosamente atormentados.

8 Porque Deus não excetuará pessoa alguma, nem respeitará a grandeza de quem quer que fôr: Porquanto êle fêz ao pequeno e ao grande, e tem igualmente cuidado de todos.

9 Mas aos mais fortes mais forte suplício ameaça.

10 A vós pois, ó reis, é que são dirigidos êstes meus discursos, para que vós aprendais a sabedoria, e não caiais.

11 Porque aquêles que tiverem feito justamente as ações de justiça, serão tratados como justos: E os que tiverem aprendido o que ensino acharão que responder.

12 Tende pois um ardente desejo pelos meus discursos, amai-os e tereis instrução.

13 Esclarecida é a sabedoria, e tal que nunca se murcha, e fâcilmente é vista por aquêles que a amam, e achada pelos que a buscam.

14 Ela se antecipa aos que a cobiçam, de tal sorte que se lhes patenteia primeira.

15 Aquêles que vigia desde manhã para a possuir, não terá trabalho: Porque êle a achará sentada à sua porta.

16 Pelo que, ter o pensamento na sabedoria, esta é a consumada prudência: E aquêles que velar pela adquirir, depressa estará seguro.

17 Porque ela mesma anda de roda, buscando aos que são dignos de a acharem, e alegremente se lhes mostra nos caminhos, e por meio de tôda a providência se faz contraditória com êles.

18 Porque o princípio dela é um desejo mui verdadeiro de instrução.

19 Mas o cuidado da instrução é o amor: E o amor é a guarda das suas leis: E a guarda das suas leis é a consumação da incorrupção:

20 E a incorrupção aproxima o homem de Deus.

21 E assim é que o desejo da sabedoria conduz ao reino eterno.

22 Se vós pois, ó reis dos povos, vos comprazeis nos tronos e nos ceptros, amai a sabedoria, para reinardes eternamente:

23 Amai a luz da sabedoria todos vós os que presidis aos povos:

24 E eu vos relatarei que coisa é a sabedoria, e qual foi a sua origem: E não vos encobrirei os segredos de Deus, mas investigá-los-ei desde o princípio do seu nascimento, e porei às claras a sua ciência, e não passarei por alto a verdade:

25 Nem farei caminho com o que se desfaz de inveja: Porque um tal homem não será participante da sabedoria.

26 Ora a multidão dos sábios é a saúde da redondeza da terra: E um rei sábio é a firmeza do povo.

27 Recebei pois a instrução por meio das minhas palavras, e ela vos será proveitosa.

CAPÍTULO 7

TODOS ENTRAM, E SAEM DESTA VIDA DO MESMO MODO. A SABEDORIA DEVE-SE PREFERIR A TODOS OS OUTROS BENS. UTILIDADES DA SABEDORIA. OS SEUS LOUVORES.

1 Também eu por certo sou um homem mortal, semelhante a todos, e da descendência daquele terreno que foi primeiro feito, e no ventre da minha mãe fui formado carne,

A Sabedoria 7, 2-12

2 dentro do espaço de dez meses fui coalhado em sangue, do semen do homem, e concorrendo o deleite do sono. (1)

3 E eu tendo nascido respirei o ar comum, e caí na terra feita do mesmo modo, e dei a primeira voz semelhante a todos chorando:

4 Envolto em faixas fui criado, e isto com grandes cuidados,

5 Porque nenhum dos reis teve outro princípio de nascimento.

6 Logo é para todos uma mesma a entrada na vida, e semelhante a saída dela.

7 Por amor disto desejei eu a inteligência, e ela me foi dada: Invoquei o Senhor, e veio a mim o espírito da sabedoria:

8 E a preferi aos reinos e aos tronos, e julguei que as riquezas nada valiam em sua comparação:

9 Nem pus em paralelo com ela as pedras preciosas: porque todo o ouro em sua comparação é uma pouca de areia, e a prata será reputada como lodo à sua vista.

10 Eu a amei mais do que a saúde, e do que a formosura, e me resolvi a tê-la por luz: Porque a sua claridade é inextinguível.

11 E todos os bens me vieram juntamente com ela, e inumeráveis riquezas por suas mãos, (2)

12 e me regoziquei em tôdas as coisas: Porque ia dian-

(1) **DENTRO DO ESPAÇO DE DEZ MESES** — Os meses entre os hebreus contavam 29 e 30 dias. O nascimento da criança dava-se no décimo mês, contando o mês começado, como ainda hoje contam os povos orientais.

(2) **INUMERÁVEIS RIQUEZAS** — A palavra *honestas*, que a Vulgata traz neste e noutros muitos lugares d'este livro, toma-se pelas riquezas, segundo o uso dos autores latinos da Idade Média e segundo se colhe também do original grego. — Calmet.

te de mim esta sabedoria, e eu ignorava que ela é mãe de todos êstes bens.

13 Eu a aprendi sem fingimento, e a reparto com os outros sem inveja, e não escondo as riquezas que ela encerra.

14 Porque ela é um tesouro infinito para os homens: Do qual os que usaram, têm sido feitos participantes da amizade de Deus, recomendáveis pelos dons da doutrina.

15 Mas Deus me fêz a graça de que eu falasse segundo o que sinto, e de que presumisse coisas dignas destas, que me são dadas: Porquanto êle é o guia da sabedoria, e o emendador dos sábios: (3)

16 Porque na mão dêle estamos, assim nós, como os nossos discursos, e tôda a sabedoria, e a ciência de obrar, e a disciplina.

17 Porque êle me deu a verdadeira ciência destas coisas, que existem: Para que saiba a disposição do orbe da terra, e as virtudes dos elementos,

18 o princípio, e o fim, o meio dos tempos, as mudanças das alternativas, e as vicissitudes das estações,

19 os cursos do ano, e as disposições das estrêlas,

20 as naturezas dos animais, e os instintos dos brutos, a fôrça dos ventos, e os pensamentos dos homens, as diferenças das plantas, e as virtudes das raízes,

21 e aprendi tôdas quantas coisas há escondidas, e não descobertas: Porque a sabedoria, artífice de tudo, mo ensinou:

22 Porque há nela um espírito de inteligência, santo, único, múltiplice, sutil, discreto, ágil, imaculado, claro,

(3) DE QUE EU FALASSE SEGUNDO O QUE SINTO — E' como Sacy e Calmet vertem o que na Vulgata é *ex-Setenta*. E como esta frase é ambígua entre os latinos, também se pode traduzir, "segundo o que eu desejava", como com efeito a expôs aqui Bossuet, *secundum optata*. — Bossuet.

A Sabedoria 7, 23-29

suave, amigo do bem, penetrante, a quem nada impede que não obre benefício,

23 amante dos homens, benigno, estável, constante, sossegado, que tem todo o poder que tudo vê, e que encerra em si todos os espíritos: Inteligível, puro, sutil.

24 Porque a sabedoria é mais ativa do que tôdas as coisas atuosas: E ela toca em tôda a parte por causa da sua pureza.

25 Porque é um vapor da virtude de Deus, e uma como sincera emanção da claridade do Onipotente Deus: E por isso nada manchado cai nela: (4)

26 Porque ela é o clarão da luz eterna, e o espelho sem mácula da majestade de Deus, e a imagem da sua bondade.

27 E sendo uma só, pode tudo: E permanecendo em si mesma renova tôdas as coisas, e pelas nações se transfunde nas almas santas, forma os amigos de Deus e os profetas. (5)

28 Porque Deus a ninguém ama, senão ao que habita com a sabedoria.

29 Porque esta é mais formosa do que o sol, e sôbre

(4) **PORQUE É UM VAPOR DA VIRTUDE DE DEUS.** — Os símiles de vapor, de emanção, de clarão, de espelho, de imagem, que neste verso e no seguinte se aplicam à sabedoria incriada, nos dão umas excelentes idéias da geração interna do verbo e da consubstancialidade do pai e do filho. Daqui tiraram os Santos Padres do concílio de Nicéia aquelas majestosas expressões, que dizemos no Símbolo; falando do Verbo Encarnado: "*Deum de Deo, lumen de lumine, Deum verum de Deo vero; genitum non factum, consubstantialem Patri, per quem omnia facta sunt.*" Isto é: Deus de Deus, Lume de Lume, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro; gerado e não feito, gerado da mesma substância do pai, por quem tôdas as coisas foram criadas. — *Pereira.*

(5) **E PELAS NAÇÕES** — Ou como lê o grego, e por gerações, isto é, por idades pela sucessão dos séculos. — *Pereira.*

tôda a disposição das estrêlas comparada com a luz, ela se encontra primeiro.

30 Porque a ela sucede a noite, mas a malícia não vence a sabedoria.

CAPÍTULO 8

EXCELOÊNCIA DA SABEDORIA. UTILIDADES QUE NELA SE ACHAM. DEUS É QUEM A DÁ.

1 A sabedoria pois toca desde uma extremidade até à outra com fortaleza, e dispõe tôdas as coisas com sua-vidade.

2 A esta eu amei, e requestei desde a minha mocidade, e procurei tomá-la para mim por espôsa, e me fiz amador da sua formosura.

3 Ela realça a glória da sua nobreza, tendo com Deus estreita união: E sôbre isto a amou o Senhor de tôdas as coisas.

4 Porque ela é a que ensina a ciência de Deus, a que dirige as suas obras.

5 E se as riquezas se apetezem na vida, que coisa há mais rica do que a sabedoria, que obra tôdas as coisas?

6 E se é a indústria a que obra: Quem é melhor artífice do que ela destas coisas, que existem?

7 E se alguém ama a justiça: Os trabalhos desta têm grandes virtudes: Porque ensina a temperança, e a prudência, e a justiça, e a fortaleza, que é o mais útil que há na vida para os homens.

8 E se alguém deseja a profundidade da ciência, ela é que sabe o passado, e que julga do futuro: Conhece as subtilzas dos discursos, e as soluções dos argumentos: Sabe os sinais, e os prodígios, antes que êles apareçam, e o que tem de acontecer no decurso dos tempos e dos séculos.

A Sabedoria 8, 9-19

9 Eu, pois, me resolvi a tomá-la comigo por companheira da minha vida, sabendo que ela repartirá comigo dos seus bens, e que será a minha consolação nos meus cuidados e dissabores.

10 Por meio desta entre os povos terei glória, e, pôsto que moço, honra entre os velhos:

11 E serei achado agudo no juízo, e admirável na presença dos poderosos, e os semblantes dos príncipes me admirarão:

12 Quando eu estiver calado, esperarão que eu fale, e quando falar, olharão para mim com atenção, e quando me alargar nos discursos, porão a mão na sua bôca.

13 Terei demais a mais por amor desta, a imortalidade: E deixarei eterna memória aos que hão de vir depois de mim.

14 Governarei os povos: E as nações me serão sujeitas.

15 Os reis formidáveis temerão, quando ouvirem falar de mim: Do povo parecerei bom, e na guerra forte.

16 Entrando em minha casa, acharei o meu descanso com ela: Porque a sua conversação não tem nada de desagradável, nem a sua companhia nada de fastidioso, mas o que nela se acha, é satisfação e prazer.

17 Considerando nestas coisas comigo mesmo, e meditando sobre elas dentro no meu coração: Refletindo que a imortalidade se acha na união com a sabedoria,

18 e na sua amizade um santo prazer, e nas obras das suas mãos riquezas inexauríveis, e no exercício da sua conversação inteligência, e um grande lustre na comunicação dos seus discursos: Dava voltas buscando-a, para a tomar por minha companheira.

19 Eu porém era um menino engenhoso, e coube-me por sorte uma boa alma.

20 Ou para melhor dizer, como eu era bom, vim a um corpo incontaminado. (1)

21 E como eu sabia que de outra maneira não podia ter continência, se Deus na não desse, e isto era já um efeito da sabedoria, saber eu de quem havia de receber

(1) OU PARA MELHOR DIZER, COMO EU ERA BOM — E' o que está no grego, como adverte Bossuet e Calmet. Em seu lugar pôs o intérprete latino: *et cum essem magis bonus*, o que Sacy e de Carrières vertem: "e como eu cada vez era melhor". Calmet ainda mais simples e desembaraçadamente: "e com estas boas disposições vim a um corpo", etc. — Pereira.

VIM A UM CORPO INCONTAMINADO — Não quer dizer com isto o sábio, que a sua alma preexistira em tempo, antes que fôsse infundida no corpo. Porque quanto à preexistência das almas no sentido em que a apresentava Orígenes, ela está condenada pela Igreja; cujo sentimento hoje é, que a alma é infundida no corpo, ao mesmo tempo que é criada; e que ela é criada ao mesmo tempo que é infundida no corpo, segundo a expressão do papa Inocência III: *Creando infunditur, et infundendo creatur*. E quanto ao outro ponto, ninguém deixa de ver que o sábio fala de si como de homem perfeito, que consta de alma e de corpo, unidos a formar um supposto humano. Calmet, com outros, observa que a prioridade, que o sábio aqui supõe da alma a respeito do corpo, não é a prioridade que os filósofos chamam de tempo, mas a que chamam da razão; enquanto são diversos os instantes da produção destas duas substâncias; e primeiro se concebe o existir a alma, do que o ser ela infundida no corpo para o animar. E que assim o que quer dizer o sábio é: Eu recebi uma alma boa e dotada das melhores inclinações que se podiam desejar; e ao mesmo tempo um corpo disposto a corresponder àquelas tão boas inclinações. Outros, com Bossuet, explicam assim o presente lugar: Eu como era um menino de boa índole e a quem coube por sorte uma boa alma, cultivei de tal modo estas boas qualidades do meu espírito, que me foi fácil conservar também o corpo isento das imundícias sensuais. Este segundo modo de explicar o texto não considera o corpo na sua primeira formação, mas já adulto, já governado pela alma. — Pereira.

A Sabedoria 9, 1-3

êste dom: Encaminhei-me ao Senhor, e fiz-lhe a minha súplica, e disse-lhe de todo o meu coração. (2)

CAPÍTULO 9

ORAÇÃO DE SALOMÃO, PEDINDO A DEUS A SABEDORIA. A SABEDORIA É NECESSÁRIA PARA GOVERNAR OS OUTROS, E PARA SE GOVERNAR CADA UM A SI MESMO.

1 Deus de meus pais, e Senhor de misericórdia, que fizeste tudo pela tua palavra, (1)

2 e que formaste o homem pela tua sabedoria, a fim de que êle tivesse o domínio sôbre as criaturas, que por ti foram feitas,

3 a fim de que êle governasse o globo da terra com

(2) **E DISSE-LHE DE TODO O MEU CORAÇÃO** — E' muito para notar que em tôda a oração, que se segue e que se estende até o fim do livro, não diz o autor coisa alguma especial da continência, mas tudo é pedir a Deus a sabedoria; com o que se nos dá a entender, segundo Bossuet, que debaixo do nome sabedoria se compreende também a continência; se bem a palavra grega, que é o mesmo que no latim compos, e que se verte aqui (e noutros lugares da Escritura, como são no Eclo 6, 28; 15, 1) por continens, admite três explicações: "I. Que não gozaria de outra maneira da sabedoria. II. Que não podia chegar de outro modo ao cumprimento do meu desejo. III. Que não podia de outra maneira ser continente e casto." De onde podemos também concluir, conforme a intelligência de Calmet, Menochio, e outros expositores, que a primeira destas explicações é a mais acomodada ao contexto e série da oração, pois é como se dissera: "Reconhecendo eu que não podia alcançar por minhas forças a sabedoria, pedi a Deus que me concedesse." Ora esta sabedoria não só encerra a continência, mas a prática de tôdas as mais virtudes e a fugida dos vícios, para o que é absolutamente indispensável ao homem a graça e o auxílio divino.

— **Pereira.**

(1) **PELA TUA PALAVRA** — Veja-se o Sl 32, 9 e 148, 5.

— **Pereira.**

eqüidade e justiça, e proferisse o juízo com retidão de coração:

4 Dá-me aquela sabedoria, que está ao pé de ti no teu trono, e não me queiras excluir do número dos teus servos:

5 Porquanto eu sou servo teu, e filho da tua escrava, sou um homem fraco, e de pouca dura, e pouco suficiente para entender o juízo e as leis.

6 Porque ainda que algum seja consumado entre os filhos dos homens, se estiver ausente dêle a tua sabedoria, será reputado como nada.

7 Tu me escolheste para ser rei do teu povo, e para juiz dos teus filhos, e filhas:

8 E tu me mandaste fundar um templo sôbre o teu santo monte, e um altar na cidade da tua habitação, conforme o modelo do teu santo tabernáculo, que tu preparaste desde o princípio: (2)

9 E contigo a tua sabedoria, que conhece as tuas obras, a qual se achou também então presente, quando fazias a redondeza da terra, e sabia o que era agradável a teus olhos, e o que era reto em teus preceitos. (3)

10 Envia-a dos teus santos Céus, e do trono da tua grandeza, para que esteja comigo, e comigo trabalhe para que eu saiba o que te é aceito:

11 Porque ela sabe tôdas as coisas, e as entende, e

(2) **SÔBRE O TEU SANTO MONTE** — No monte Moriá. — **Peçira.**

NA CIDADE — De Jerusalém.

CONFORME O MODELO — Isto é, à semelhança do tabernáculo que Moisés erigiu no deserto.

(3) **E CONTIGO A TUA SABEDORIA** — Isto é: "E que a tua sabedoria contigo preparou", porque foi comunicado a Beseleel o espírito, a sabedoria, a inteligência e a ciência de Deus, para levar ao cabo aquela obra. Ex 31, 3. — **Menochio.**

A Sabedoria 9, 12-19; 10, 1-2

me guiará nas minhas obras com prudência, e me guardará com o seu poder.

12 E serão aceitas as minhas obras, e governarei ao teu povo com justiça, e serei digno do trono de meu pai.

13 Porquanto que homem poderá saber o conselho de Deus? ou quem poderá alcançar o querer de Deus?

14 Porque os pensamentos dos mortais são tímidos, incertas as nossas providências.

15 Porque o corpo, que se corrompe, faz pesada a alma, e esta morada terrestre abate o espírito que pensa muitas coisas.

16 E com dificuldade compreendemos o que há na terra: E descobrimos com trabalho o que temos diante dos olhos. Mas quanto às coisas que há nos Céus, quem as investigará?

17 E quem saberá o teu conselho, se tu lhe não deres a sabedoria, e desde o mais alto dos Céus não enviares o teu santo espírito:

18 E assim sejam corrigidas as veredas daqueles que estão na terra, e aprendam os homens as coisas que te agradam?

19 Porque pela sabedoria é que foram sarados todos quantos te agradaram, Senhor, desde o princípio.

CAPÍTULO 10

MARAVILHAS QUE A SABEDORIA OBROU DESDE O PRINCÍPIO DO MUNDO NA PESSOA DE ADÃO, NOÉ, ABRAÃO, LÓ, JACÓ, JOSÉ, MOISÉS, E A FAVOR DOS ISRAELITAS.

1 Esta guardou aquêlê, que foi por Deus formado primeiro pai da redondeza da terra, tendo sido criado só,

2 e o tirou do seu pecado e lhe deu virtude de governar tôdas as coisas.

3 Tanto que desta se apartou, o injusto na sua ira pereceu pelo furor do homicídio fraterno.

4 Por causa do qual, ao tempo que o dilúvio inundava a terra, a saneou de novo a sabedoria, governando ao justo por meio dum lenho desprezível.

5 Também esta, depois de se terem mancomunado as nações em conspiração da maldade, conheceu ao justo, e o conservou para Deus sem culpa, e o manteve forte na compaixão do filho.

6 Esta livrou ao justo, que fugia dos ímpios que pereciam, quando descia o fogo sobre as cinco cidades: (1)

7 Em testemunho da maldade dos quais permanece a terra, que ainda fumega, deserta, e as árvores que dão frutos em estação incerta, e a estátua de sal ainda em pé, levantada em memória duma alma incrédula. (2)

8 Porque passando eles de largo pela sabedoria, não só caíram em ignorarem os bens, mas deixaram ainda aos homens uma lembrança da sua estultícia, de tal sorte que nem se puderam ocultar no meio das ações, em que delinqüiram.

9 Mas a sabedoria tem livrado de dores aos que a reverenciam.

10 Esta é a que guiou por caminhos direitos ao justo,

(1) QUANDO DESCIA O FOGO SOBRE AS CINCO CIDADES — O texto diz "sobre a Pentápole"; mas por este nome composto é que em grego se significa a comarca ou território em que se contavam cinco cidades, a saber: Sodoma, Gomorra, Adama, Seboim e Segor, à última das quais todavia se perdoou, para não ser abraçada, a rogos de Ló. — *Pereira*.

(2) E A ESTATUA DE SAL — Na qual se converteu a mulher de Ló, por cair na imprudência de olhar para trás, contra o que se lhe tinha dito.

A Sabedoria 10, 11-21

quando fugia da ira de seu irmão e lhe mostrou o reino de Deus, e lhe deu a ciência dos Santos: A que o enriqueceu nos trabalhos, e recompensou as suas fadigas.

11 No dolo dos que o violentavam, lhe assistiu, e o fez rico.

12 Guardou-o dos inimigos, e o assegurou dos enganadores, e o meteu num duro combate, para que vencesse, e soubesse que de tôdas as coisas a mais poderosa é a sabedoria.

13 Esta não desamparou ao justo vendido, mas sim o livrou dos pecadores: E desceu com êle ao fôssô,

14 e o não largou nas cadeias, até lhe depositar nas mãos o ceptro do reino, e o poder contra aquêles que o deprimiam: E convenceu de mentirosos aos que o deslustraram, e lhe deu uma nomeada eterna.

15 Esta livrou ao povo justo, e a linhagem irrepreensível das nações, que o abatiam.

16 Entrou na alma do servo de Deus, e se manteve com prodígios e sinais contra os reis formidáveis.

17 E deu aos justos o galardão dos seus trabalhos, e os conduziu por um caminho admirável: E serviu-lhes de coberta de dia, e de luz das estrêlas de noite:

18 Conduziu-os pelo mar Vermelho, e transportou-os pela imensidade das águas.

19 Mas sepultou no mar os seus inimigos, e tirou-os do profundo dos abismos. Por isso os justos levaram os despojos dos ímpios,

20 e com os seus cânticos engrandeceram, Senhor, o teu Santo Nome, e todos uniformemente louvaram a tua Mão vitoriosa:

21 Porque a sabedoria abriu a bôca dos mudos, e fez eloqüentes as línguas dos infantes.

CAPÍTULO 11

A SABEDORIA CONDUZIU OS ISRAELITAS PELO DESERTO. MILAGRE DA ÁGUA TIRADA DO ROCHEDO POR MOISÉS. SABEDORIA DE DEUS ASSINALADA PELAS PRAGAS COM QUE ELE AÇOITOU AO EGITO. BONDADE DE DEUS PARA COM AS CRIATURAS.

1 Ela é a que dirigiu as suas obras por mãos do Santo profeta. (1)

2 Êles fizeram o seu caminho por desertos, que não eram habitados: E em lugares ermos fixaram tendas.

3 Fizeram cara a seus inimigos, e se vingaram de seus contrários.

4 Tiveram sede, e te invocaram, e foi-lhes dada água duma penha mui alta, e refrigério de sede duma dura pedra.

5 Pois, por meio daquela mesma coisa, com que os seus inimigos se viram castigados, que foi pela falta de água com que matar a sede, com essa os filhos de Israel até se alegraram, tendo-a em abundância:

6 Por isso êles, quando esta lhes faltava, foram bem tratados.

7 Porque na verdade em lugar da fonte dum rio perene, deste aos injustos sangue humano. (2)

8 Como êstes fôssem perecendo em castigo de terem feito morrer aos infantes, deste àqueles água abundante sem a esperarem,

9 mostrando por esta sede, que então houve, de que modo exaltavas tu aos teus, e fazias perecer aos teus adversários.

10 Porque quando foram provados, e recebendo ain-

(1) **MÃOS DO SANTO PROFETA** — Isto é, de Moisés.

(2) **PERENE** — Isto é, do rio Nilo, que nunca se seca,

A Sabedoria 11, 11-21

da assim um castigo com misericórdia, reconheceram êles de que maneira padeciam tormentos os ímpios julgados com ira.

11 Aqueles provaste na verdade como pai que admoesta: Porém a êstes condenaste, fazendo-lhes interrogatório, como rei duro.

12 Porque ausentes e presentes eram igualmente atormentados.

13 Porquanto se havia dêles apoderado uma dobrada mágoa, e desfeito pranto com a memória das coisas passadas.

14 Pois quando ouviam dizer, que fôra bem para os outros o que para êles havia sido tormento, logo se lembraram do Senhor, admirando o fim do sucesso.

15 Porque ao mesmo, de quem escarneceram abandonado na cruel exposição dos meninos, vieram no fim do sucesso a admirar: Padecendo sede não como os justos.

16 Mas pelos pensamentos loucos da sua iniquidade, porquanto alguns errando nesta parte adoravam serpentes mudas, e animais inúteis, enviaste contra êles multidão de animais mudos em vingança:

17 Para que soubessem, que pelas coisas em que alguém peca, por essas é também atormentado.

18 Porque não estava impossibilitada a tua onipotente mão, que criou o globo da terra de uma nunca vista matéria, para mandar sôbre êles uma multidão de ursos, ou ferozes leões,

19 ou animais duma nova espécie não conhecidos, cheios de furor, ou que respirassem rescaldo de incêndios, ou que exalassem cheiro de fumo, ou que despedissem dos olhos horrendas faíscas:

20 Dos quais a malignidade não somente os pudesse exterminar, mas até a vista matá-los de pavor.

21 Mas ainda sem estas coisas podiam com um só

assôpro ser mortos, depois de terem padecido a perseguição pelas suas mesmas ações, e se acharem espalhados pelo espírito da tua virtude: Mas tôdas as coisas dispuseste com medida, e conta, e pêsô.

22 Porque tu só tens sempre à mão o supremo poder: E quem poderá resistir à força do teu braço?

23 Pois todo o mundo diante de ti é como um pequeno grão de balança, e como uma gôta de orvalho da madrugada, que cai sôbre a terra.

24 Tu tens compaixão de todos, porque tudo podes, e dissimulas os pecados dos homens para que façam penitência.

25 Porque tu amas tôdas as coisas que existem, e não aborreces nada de quanto fizeste: Pois nenhuma es-tabeleceste, ou fizeste aborrecendo-a.

26 E como poderia subsistir coisa alguma, se tu não quisesses? Ou de que modo se conservaria o que por ti não fôsse chamado?

27 Porém tu perdoas a tôdas as criaturas: Porque tuas são, Senhor, que amas as almas.

CAPÍTULO 12

DEUS CASTIGA COM PACIÊNCIA AQUELES QUE O OFENDEM, PARA LHE DAR LUGAR DE FAZER PENITÊNCIA. ELE INSTRUI SEUS FILHOS COM OS CASTIGOS QUE EXERCITA CONTRA OS SEUS INIMIGOS.

1 O' quão bom e suave é, Senhor, em tudo o teu espírito!

2 E por isso é que tu castigas pouco a pouco aos que se desencaminham: E os advertes das faltas que cometem, e os instruis: Para que, deixada a malícia, creiam em ti, Senhor.

A Sabedoria 12, 3-8

3 Porquanto àqueles antigos habitantes da tua terra santa, aos que tiveste em horror,

4 porque faziam obras, que te eram abomináveis pelos seus malefícios, e sacrificios ímpios,

5 sendo até desapiedados matadores de seus próprios filhos, e chegando a comer as entranhas dos homens, e a lhes tragar o sangue, no meio da vossa terra sagrada, (1)

6 e aos pais autores da morte de almas não socorridas tu quiseste destruir pelas mãos de nossos pais,

7 a fim de que esta terra, que é de ti a mais querida de tôdas, recebesse uma colônia digna de filhos de Deus.

8 Mas ainda a êstes perdoaste como a homens, e lhes enviaste as vespas como uns batedores do teu exército, para que elas pouco a pouco os exterminassem. (2)

(1) **NO MEIO DA VOSSA TERRA SAGRADA** — Preferimos a tradução de Glaire à do P. Pereira, que verteu a frase da Vulgata a **medio sacramento tuo**: depois de mediar o teu juramento. De fato a Palestina era uma terra consagrada a Deus, desde que o Senhor a tinha prometido aos descendentes de Abraão para que nela se estabelecesse a sede da verdadeira religião. Por isso é chamada ainda hoje a Terra Santa.

(2) **E LHES ENVIASTE AS VESPAS** — As que aqui no Livro da Sabedoria se chamam em latim *Vespas*, chamam-se no Ex 23, 28, e no Dt 7, 20, *crabrones*. E ainda que em ambos êstes lugares fala Deus no futuro, ameaçando que enviaria esta praga contra os inimigos do seu povo, do livro de Jos 24, 12, consta que Deus com effeito a mandara. Missique ante vos *crabrones*, etc., com o que se confirma a asserção que aqui lemos do Autor da Sabedoria; e se convence também que Santo Agostinho se enganara, quando na Questão 23 escreveu que se não lia na Escritura, que Deus pusesse em execução o que ameaçara: *non legimus factum*, etc. Ora tendo êste successo tanto de extraordinário, a história moderna nós oferece outros muitos exemplos, em que uma nuvem de moscas dissipou exércitos, ou fêz levantar o sifilo que se tinha pôsto a

9 Não porque tu não pudesses sujeitar pela guerra os ímpios aos justos, ou destruí-los duma vez pelos animais cruéis, ou com uma palavra desabrida:

10 Mas exercitando sobre eles o teu juízo por degraus, tu lhes davas lugar de fazer penitência, ainda que não ignoravas que a sua nação é malvada, e que a malícia lhes é natural, e que o seu pensamento nunca jamais se podia mudar.

11 Porque a sua raça era maldita desde o princípio: Nem era por temor de alguém que tu lhes perdoavas assim os seus pecados.

12 Porquanto quem te dirá a ti: Que tens tu feito? ou quem se levantará contra o teu juízo? ou quem se porá na tua presença feito defensor de homens iníquos? ou quem te fará cargo, se perecerem as nações, que tu fizeste?

13 Porque não há outro Deus senão tu, que de todas as coisas tens cuidado, para mostrares que não exercitas injustamente o teu juízo.

14 Nem rei, nem tirano pedirá na tua presença conta daqueles que destruiste.

15 Entretanto como tu és justo, todas as coisas governas justamente: E julgas por uma coisa alheia do teu poder, condenar ao que não merece ser punido. (3)

esta ou àquela cidade, como nos refere Calmet, apontando três exemplos de um tão extraordinário successo. — Pereira.

(3) **E JULGAS POR UMA COISA ALHEIA DO TEU PODER**

— Antes da revisão e correção, que se fez na Vulgata por ordem dos Sumos Pontífices Xisto V e Clemente VIII, quase todos os exemplares dela traziam o presente texto com um sentido contraditório ao que hoje lemos. Porque diziam assim, como eu há mais de vinte anos examinei, lendo na real biblioteca da congregação do oratório desta corte algumas quinze edições antigas da Vulgata: *Ipsam quoque, qui non debet puniri, condemnas, et exterum aestimas a tua virtute.* Quer dizer: E aquêle mesmo que não deve ser

A Sabedoria 12, 16-21

16 Porque o teu poder é o princípio da justiça: E por isso mesmo que és Senhor de tudo, te fazes indulgente com todos.

17 Porque tu mostras o teu poder, quando se não crê que és absoluto no mesmo poder, e confundes a audácia dos que te não reconhecem.

18 E tu, Dominador poderoso, julga com tranquillidade, e nos governas com grande reserva: Porque tens debaixo da tua mão o poder, quando quiseres.

19 Ensinaste pois ao teu povo por meio de tais obras, que importa ser justo e humano, e fizeste conceber a teus filhos boa esperança: Porque julgando tu, dás lugar nos pecados à penitência.

20 Porque se aos inimigos de teus servos, e réus de morte, puniste com tanta circunspecção, dando-lhes tempo e lugar, em que se pudessem apartar da malícia,

21 com quanto resguardo não julgaste tu a teus filhos, a cujos pais fizeste boas promessas com juramentos e alianças?

punido, tu o condenas e julgas estranho do teu poder. Como esta lição era a corrente nas Bíblias assim impressas, como manuscritas, não é de admirar que já no sétimo século S. Gregório Magno, tendo-a por genuína no Livro III dos Morais, cap. XI, a desse por verificada em Jesus Cristo, que sendo a mesma inocência, sofreu a pena de morte, a que o Eterno Padre o condenara para satisfazer pelos pecados do mundo; e que Nicolau de Lira a expusesse do castigo do pecado original, a que todos os homens nascem sujeitos, sem culpa da própria vontade. Hoje está assentado que esta lição, ainda que absolutamente sustentável sem ofensa da bondade de Deus e da verdade das Escrituras canônicas, era uma lição corrupta, ou por ignorância do intérprete, ou por descuido dos copistas. Porque, examinando o texto original grego, se achou que se devia ler assim, como no presente texto: *Ipsum quoque, qui non debet puniri, condemnare, exterum æstimas a tua virtute.* Que é como ele hoje se acha em todas as Bíblias da correção romana e que quer dizer o que nós pusemos no corpo da versão. — Pereira.

22 Quando, pois, nos fazes padecer algum castigo, tu açoitas os nossos inimigos por diferentes maneiras, para que atentos pensemos na tua bondade: E quando somos julgados, esperemos na tua misericórdia.

23 Por onde até àqueles, que na sua vida se portaram como insensatos e injustos, fizeste sofrer os mais horríveis tormentos por meio daquelas coisas, que adoraram.

24 Porque no caminho do êrro andaram largo tempo vagabundos, tendo por deuses aquêles que entre os animais são inúteis, vivendo à maneira de meninos insensatos.

25 Por isso como a crianças insensatas lhes deste um castigo por zombaria.

26 Mas os que se não emendaram com êstes ludíbrios e increpações, experimentaram um juízo digno de Deus.

27 Porque vendo-se exterminar pelas mesmas coisas de que se indignavam, sofrendo-as por meio das que êles tinham por deuses, reconheceram por verdadeiro Deus aquêlê a quem noutro tempo afirmavam que não conheciam: Por isso é que veio sôbre êles o remate da sua condenação.

CAPÍTULO 13

VAIDADE DOS HOMENS, QUE EM VEZ DE RECONHECEREM A DEUS NAS SUAS CRIATURAS, ÊLES TOMARAM AS MESMAS CRIATURAS POR DEUSES. LOUCURA E CEGUEIRA DOS QUE DERAM O NOME DE DEUSES ÀS OBRAS DAS MÃOS DOS HOMENS.

1 São porém vãos todos os homens, nos quais se não acha a ciência de Deus: E que pelas coisas boas que se vêem, não puderam conhecer aquêlê que é, nem consi-

A Sabedoria 13, 2-10

derando as suas obras reconheceram quem era o Artífice:

2 Mas reputaram por deuses governadores do Universo, ou ao fogo, ou ao espírito, ou ao ar comovido, ou ao giro das estrêlas, ou à imensidade das águas, ou ao sol e à lua.

3 De cuja formosura se êles encantados os julgaram deuses: Reconheçam quanto é mais formoso do que êles o que é seu Senhor: Porque o Autor da formosura criou tôdas estas coisas.

4 Ou se êles se maravilharam da sua virtude e influências, entendam por elas, que o que as fêz é mais forte do que elas:

5 Porque pela grandeza da formosura e da criatura se poderá visivelmente chegar ao conhecimento do criador delas:

6 Mas ainda com tudo isso não há contra êstes tanta razão de queixa. Porque se êles talvez erram é buscando a Deus e desejando-o achar.

7 Porquanto êles o buscam, vivendo no meio das suas obras: E se capacitam de que são boas as coisas que se vêem.

8 Mas por outra parte nem êstes merecem perdão.

9 Porque se êles puderam ter luz bastante, para poderem conhecer a ordem do mundo: Como não descobriram êles mais facilmente ao Senhor dêle?

10 Porém são desgraçados, e entre os mortos está a esperança daqueles outros, que chamaram deuses às obras das mãos dos homens, ao ouro, e à prata, à in-

venção da arte, e às semelhanças de animais, ou a uma pedra inútil, obra de mão antiga.

11 Como se algum artífice hábil cortasse do mato algum tronco direito, e destramente lhe tirasse tôda a casca, e, valendo-se da sua artê, fizesse com esmêro alguma peça útil para uso da vida

12 e das relíquias daquela obra se servisse para cozinhar a comida:

13 E quanto ao resto de tudo isto, que para nenhum uso é útil, por ser um madeiro torto, e cheio de nós, êle cuidadosamente muito de seu vagar o desbastasse, e pela perícia da sua arte lhe desse figura, e o afeiçoasse em forma de homem,

14 ou o proporcionasse a algum dos animais, dando-lhe vermelhão, e pintando-o de uma côr encarnada contrafeita, e encobrimdo-lhe tôda a mancha, que nêle há:

15 E lhe fizesse um correspondente nicho, e pondo-o na parede, e segurando-o com algum ferro,

16 usando com êle desta precaução, para que talvez não caísse, reconhecendo que se não pode ajudar a si mesmo: Porque é uma imagem, e tem necessidade de socorro.

17 E fazendo-lhe votos, o consultasse a respeito da sua fazenda, e de seus filhos, e de suas bodas. Não se envergonha de falar com aquêlê madeiro, que está sem alma:

18 E pela saúde roga por certo a um inválido, e pela vida pede a um morto, e invoca em seu socorro a um inútil:

19 E para o bom sucesso da jornada se vale do patrocínio daquele que não pode andar: E para o que há de adquirir, e tem de traficar, e para o bom êxito de tôdas as suas coisas, implora a quem para tudo é inútil.

CAPÍTULO 14

LOUCURA DO QUE ESTANDO A EMBARCAR INVOCA UM ÍDOLLO. PROFECIA DA RUÍNA DA IDOLATRIA. QUAL FOI A SUA ORIGEM. MALES QUE DELA NASCEM.

1 Outro da mesma sorte, fazendo tenção de se meter ao mar, e começando a dar à vela sôbre as feras ondas, invoca a um madeiro mais frágil, do que o lenho que o leva.

2 Porque a cobiça de adquirir o inventou, e o artífice pela sua habilidade o fabricou.

3 Mas a tua providência, ó pai, é a que o governa: Porque tu até no mar abriste caminho, e uma derrota seguríssima por entre as ondas,

4 mostrando que és poderoso para salvar de todos os perigos, ainda que alguém se meta no mar sem arte.

5 Mas para que as obras da tua sabedoria não fôsem vãs: Por esta causa também os homens confiam até de um pequeno lenho as suas vidas, e passando o mar se têm salvado por meio de uma embarcação:

6 Mas até do princípio, quando pereceram os soberbos gigantes, acolhendo-se a esperança de tôda a terra a um vaso que era governado por tua mão, êste conservou ao Mundo os fiadores da sua propagação.

7 Porque o madeiro, pelo qual se faz justiça, é bendito.

8 Mas o ídolo, que é feito por indústria das mãos, tão maldito é êle mesmo, como quem o fêz: Êste porque de fato o fabricou: E aquêle porque, sendo uma coisa frágil, foi chamado Deus.

9 E Deus igualmente aborrece ao ímpio, e a sua impiedade.

10 Porquanto a obra que foi feita, com aquêles que a fêz padecerá tormento.

11 Por esta causa também se não terá respeito aos ídolos das nações: Porque as criaturas de Deus se fizeram um objeto de abominação, e um motivo de tentação para as almas dos homens, e um laço para os pés dos insensatos.

12 Porque o primeiro ensaio da formatura dos ídolos foi o princípio da fornicção: E o seu último descobrimento foi a corrupção da vida:

13 Porque nem os havia do princípio, nem os há de haver para sempre.

14 Porquanto a vaidade dos homens foi a que os introduziu no Mundo: E por isso em breve se tem de ver o seu fim.

15 Penetrado pois um pai de sensível mágoa fêz a imagem de seu filho, que cedo lhe fôra arrebatado: E àquele, que então havia falecido como homem, começa agora a adorar como a Deus, e lhe estabelece entre os seus servos cerimônias e sacrifícios.

16 Depois com o andar do tempo autorizando-se o mau costume, foi observado êste êrro como Lei, e por mandado dos tiranos eram adorados os simulacros.

17 E quanto àqueles, a que os homens não podiam honrar em presença, por causa de se acharem longe, tendo feito trazer de remontada distância o seu retrato, fizeram manifesta a imagem do Rei, a quem queriam honrar: Para que chegassem com o seu empenho a reverenciar como se estivera presente aquêles que estava ausente.

18 Ora até aos que eram ignorantes foi levando ao culto dêles a primorosa exação do artífice.

19 Porque desejando êste encher as medidas ao que lançou mão dêle, se esmerou com a sua arte para representar uma figura o melhor que fôsse possível.

20 E o vulgo dos homens arrebatado da formosura da obra, tomou logo por Deus aquêle que até ali fôra honrado como homem.

21 E esta foi a ilusão da vida humana: Porquanto os homens, ou por satisfazer ao seu particular afeto, ou por obsequiar aos reis, deram às pedras e ao pau um nome incomunicável.

22 E não tinha sido bastante aos homens terem êles errado acêrca do conhecimento de Deus, mas ainda vivendo em grande guerra de ignorância, chamam paz a tantos e tão grandes males.

23 Porque ou sacrificando os seus próprios filhos, ou fazendo sacrifícios ocultos, ou celebrando vigílias cheios de fatuidade,

24 nem conservam já com pureza a sua vida, nem os seus matrimônios, mas um ao outro mata por inveja, ou o entristece adulterando:

25 E todos os crimes se acham de mistura, o sangue, o homicídio, o furto e o engano, a corrupção e a infidelidade, a turbação e o perjúrio, o tumulto dos bons,

26 o esquecimento de Deus, a contaminação das almas, a mudança do nascimento, a inconstância dos matrimônios, as desordens do adultério e da impudicícia.

27 Porque o culto dos ídolos abomináveis é a causa e o princípio e fim de todo o mal.

28 Porque ou fazem desatinos, enquanto se divertem: Ou vaticinam por certo falsidades, ou vivem sem justiça, ou juram falso incontinenti.

29 Porque enquanto êles confiam nos ídolos, que não têm alma, esperam, fazendo tais perjúrios, não receber detrimento.

30 Porém sobre eles virá o merecido castigo de ambos êstes crimes: Porquanto sentiram mal de Deus, respeitando aos ídolos, e juraram injustamente, desprezando com dolo a justiça.

31 Porque não é o poder daquêles, por quem juraram, mas a pena dos que pecam, a que anda sempre no alcance da prevaricação dos injustos.

CAPÍTULO 15

O SABIO EM NOME DOS FIÉIS ISRAELITAS LOUVA AO SENHOR QUE OS PRESERVOU DA IDOLATRIA. CEGUEIRA DOS QUE FABRICAM ÍDOLOS E DOS QUE OS ADORAM. CULTO ÍMPIO DOS ANIMAIS.

1 Mas tu, ó Deus nosso, és suave e verdadeiro, paciente e tudo governas com misericórdia.

2 Porquanto se pecarmos, não deixamos de ser teus, conhecendo a tua grandeza: E se nós não pecarmos, sabemos que tu nos contas no número daqueles que te pertencem.

3 Porque o conhecer-te é a consumada justiça: E o saber a tua justiça e o teu poder, é a raiz da imortalidade.

4 Pelo que não nos tem feito cair no êrro a invenção da arte má dos homens, nem o sombreado duma pintura, trabalho sem fruto, nem uma efígie entalhada com várias côres, (1)

(1) **NÃO NOS TEM FEITO CAIR NO ÊRRO** — Depois do cativoiro, que foi o tempo em que floresceu o escritor da Sabedoria, conservaram-se os judeus puros dos crimes dos gentios. Porém não diria isto mesmo com a mesma constância antes do cativoiro de Babilônia, quando o culto das falsas divindades alagava a todo o Israel e Judá. — Calmet.

NEM UMA EFÍGIE — Este é o sentido da Vulgata, que se

A Sabedoria 15, 5-11

5 cuja vista excita a concupiscência a um insensato, porque se afeiçoa ao fantasma duma imagem morta sem vida.

6 Aquêles que amam o mal, são dignos de pôr a sua esperança em semelhantes deuses, assim os que os fazem como os que os amam e os que os adoram.

7 Também do mesmo modo um oleiro, apertando a terra mole, forma com o seu trabalho cada um dos vasos destinados para os nossos usos e do mesmo lôdo faz vasos, que são para dêles com asseio nos servirmos e outros igualmente que a êstes são contrários: Mas êle o oleiro é o juiz que arbitra qual seja o uso que devem ter êstes vasos.

8 E com vão trabalho forma um deus do mesmo lôdo: Aquêlê que pouco antes fôra feito de terra e que dali a pouco se resolve naquilo mesmo de onde foi tomado, quando se lhe pedir o tributo da vida que êle tinha. (2)

9 Mas todo êste seu cuidado é, não por se haver de empregar no trabalho, nem porque a vida lhe é curta, mas porque se põe à competência com os artífices do ouro e da prata: E imita igualmente aos que trabalham em bronze e reputa ser esta a sua maior glória, por exprimir umas aparentes figuras.

10 Porque o seu coração é cinza e a sua esperança uma terra insubsistente e mais vil do que o lôdo a sua vida:

11 Porquanto não o conheceu ao que o formou e ao

refere tanto às obras da pintura, como da estatuária. O grego parece que fala neste lugar só da pintura, pois diz: Nem a sombra das pinturas, trabalho infrutuoso, representação matizada (ou revestida) de várias côres. — **Pereira.**

(2) **SE RESOLVE** — Confira-se o Ecl 12, 7. — **Pereira.**

que lhe inspirou a alma, que obra e ao que pelo seu assôpro infundiu nêle o espírito de vida.

12 Mas até julgaram que a nossa vida era um divertimento e que a maneira de viver tinha sido destinada para o lucro e que importava por quaisquer meios ainda ilícitos adquirir cabedais.

13 Porque êste, que forma de matéria de terra vasos quebradiços e simulacros, sabe quê peca mais que todos.

14 Porque os inimigos do teu povo e que o dominam, são todos insensatos e sôbre tôda a imaginação infelizes os soberbos: (3)

15 Porquanto êles reputaram por deuses a todos os ídolos das nações, os quais nem uso de olhos têm para ver, nem narizes para toniar a respiração, nem ouvidos para ouvir, nem dedos de mãos para palpar, e ainda seus pés são preguiçosos para andar:

16 Porque um homem é quem os fêz: E quem recebeu o espírito emprestado, êsse os formou. Porquanto nenhum homem poderá fazer um Deus semelhante a si.

17 Porque sendo mortal, forma com as suas mãos iníquas uma obra morta. Porquanto êle mesmo é melhor do que aquêles a quem adora, porque êle tem realmente vivido, sendo mortal, mas aquêles nunca.

18 Êles, porém, adoram até aos mais vis animais:

(3) E SOBRE TÔDA A IMAGINAÇÃO INFELIZES OS SOBERBOS — Pode-se também verter êste lugar, ficando superbi em genitivo, do seguinte modo: "e sôbre tôda a imaginação mais infelizes que a alma do soberbo." O grego diz: "Ora os inimigos do teu povo são todos muito estultos, e mais infelizes que as almas dos meninos. A razão disto é, porque os meninos, vendo os ídolos, ou simulacros, tê-los-iam, quando muito, por homens realmente vivos; porém os gentios adoram-nos como deuses. — Pereira.

A Sabedoria 15, 19; 16, 1-2

Porque as coisas insensíveis comparadas com êstes, piores são do que êles.

19 Mas nem ainda pela vista pode qualquer ver da-queles animais alguma coisa boa. Êles porém fugiram do louvor de Deus: E da sua bênção. (4)

CAPÍTULO 16

PARALELO DO MODO COM QUE DEUS TRATA OS SEUS AMIGOS E OS SEUS INIMIGOS. PRAGAS COM QUE ELE FERE OS EGÍPCIOS. BENEFÍCIOS QUE ESPALHA SOBRE OS HEBREUS.

1 Por amor destas coisas e por outras assim semelhantes mercedamente padeceram tormentos e foram exterminados por uma multidão de sevandijas.

2 Em lugar destas penas, trataste amigavelmente o teu povo, a quem deste a satisfação do apetite do seu gôsto quanto a um novo sabor, aparelhando-lhe por iguaria crescidas codornizes: (1)

(4) **ÊLES PORÉM FUGIRAM** — Ou o sentido é, que os animais, a que os gentios davam culto, ficaram despojados daquela primeira excelência, porque se distinguiam quando saíram das mãos do Criador, que louvou e reconheceu neles a bondade de que os havia revestido, Gên 1, 31, incorrendo só em razão de serem ídolos até na mesma horrenda maldição, que acima Cap. 14, 8, lemos, fulminada contra os que são obra das mãos dos homens; ou, segundo a inteligência de Lorino, que os mesmos animais, pela adoração que se lhes tributava, roubaram a Deus todo o louvor e ação de graças, que só êle merece. — **Pereira.**

(1) **A SATISFAÇÃO DO APETITE DO SEU GOSTO** — O que desejaram, para saborearem o paladar. Lê-se esta história nos Núm 11, 31. — **Menochio.**

CRESCIDAS CODORNIZES — Toma-se aqui a palavra o tygometra, não pela codorniz guia das outras e que se pode chamar mãe delas, mas por uma espécie de codornizes mais encorpadas e de sabor mais esquisito, do que têm as comuns. Cfr. Ex 8, 2.

3 Para que estando aquêles por certo com vontade de comer, por causa das pragas, que se lhes mostraram e enviaram, ficassem com antôjo até à comida necessária. Mas êstes postos em necessidade por pouco tempo, gostaram um novo manjar. (2)

4 Porque importava que sobreviesse uma ruína inevitável àqueles que exercitavam a tirania: E mostrar só a êstes de que modo eram exterminados os seus inimigos.

5 Porque quando veio sôbre êles a cruel ira dos animais, eram mortos pelas mordeduras de cobras astuciosas.

6 Porém a tua ira não durou para sempre, mas êles só por pouco tempo estiveram nesta turbção, para ela lhes servir de advertência, tendo um sinal de salvação para os fazeres lembrar dos mandamentos da tua lei. (3)

7 Porque aquêle que se voltava para o referido sinal, não era curado, porque o via, mas sim por ti que és o Salvador de todos os homens,

8 e nesta ocasião fizeste tu ver aos teus inimigos, que tu és o que livras de todo o mal.

9 Porquanto àqueles mataram as mordeduras dos gafanhotos, e das môscas, e não se achou saúde para a sua alma: Porque eram dignos de serem assim exterminados.

10 Mas nem aos teus filhos venceram os dentes de dragões venenosos: Porque sobrevindo a tua misericórdia os sarava.

(2) **AQUÊLES** — Os egípcios.

ÊSTES — Os hebreus. Declara-se aqui o como Deus por três diferentes meios castigou os egípcios e o seu povo.

(3) **UM SINAL DE SALVAÇÃO** — A serpente de metal levantada em alto era a figura de Cristo na cruz. Jo 3, 4. — Pereira,

11 Pois eram provados na memória dos teus preceitos, e logo ficavam salvos, para que não succedesse que caindo elles num profundo esquecimento, não pudessem utilizar-se de teu ajutório. (4)

12 Porquanto nem foi erva a que os sarou, nem algum lenitivo, mas sim a tua palavra, Senhor, que sara tôdas as coisas.

13 Porque tu, Senhor, és o que tens o poder da vida e da morte, e o que nos levas às portas da morte, e o que daí nos tiras:

14 E verdadeiramente pode um homem por malícia matar a outro, mas quando tiver saído o espirito não voltará, nem fará tornar a alma que já foi recebida: (5)

15 Porém o escapar da tua mão é coisa impossível.

16 Por isso dizendo os ímpios que te não conheciam, pela fortaleza do teu braço foram açoitados: Tendo padecido perseguição por águas novas, e saraivas, e chuvas tempestuosas, e consumidos pelo fogo. (6)

17 E o que nisto havia de admirável era que o

(4) **POIS ERAM PROVADOS** — Eram mordidos das serpentes para se lembrarem dos mandamentos de Deus; porque vivendo no esquecimento d'elles, tanto não propiciariam a sua misericórdia, que antes a estorvariam, fazendo-se indignos do seu auxilio e socorro.

(5) **NÃO VOLTARÁ** — Isto é, o morto não ressuscitará, nem o homicida poderá fazer sair a alma daquelle que matou, do lugar em que para sempre se acha, da sua predestinação, ou reprobção. — **Pereira.**

(6) **POR ÁGUAS NOVAS** — Por estas águas desusadas, estranhas e fora do comum, se entendem ou as que se converteram em sangue, ou as que o Céu frequentemente derramava sobre o Egito, contra a natureza do clima do país, onde as chuvas são poucas, e em certas estações e lugares são absolutamente nenhuma. — **Pereira.**

fogo se ateava ainda mais na mesma água, que tudo extingue: Porque o universo é vingador dos justos. (7)

18 Pois em um tempo se amansava o fogo, para se não queimarem os animais, que tinham sido enviados contra os ímpios: E isto para que vendo eles uma tal maravilha, reconhecessem que por um juízo de Deus é que padeciam esta perseguição.

19 E noutro tempo ardia o fogo na água de tôdas as partes, chegando a exceder o seu natural, para acabar de todo com as produções duma terra iníqua.

20 Em contraposição de tudo isto alimentaste o teu povo com o mantimento dos anjos, e lhe deste pão vindo do céu, preparado sem trabalho, que tinha em si tôda a delícia, e a suavidade de todo o sabor. (8)

(7) **O UNIVERSO É VINGADOR DOS JUSTOS** — Este versículo alude a fatos que não estão narrados no Êxodo. Cornélio a Lapide e outros comentadores entendem que o fogo, de que fala o autor sagrado, designa os fogos que alumiamavam, mas em vão, os egípcios, que se não podiam livrar da praga dos insetos que tinham sido enviados para castigo deles.

(8) **COM O MANTIMENTO DOS ANJOS** — Assim chama o sábio ao maná, tanto por ser um mantimento em certo modo celestial, caindo do Céu como orvalho, como pelo seu em extremo tão delicioso sabor, que bem se podia dizer que era feito por ministério dos anjos; e que, se estes comessem, de nenhuma outra iguaria se haveriam de sustentar senão do referido maná. Confirmam-se com esta expressão as de pão do Céu e pão dos anjos, que se acham no Sl 77, 28.29 e ali os expositores.

O PÃO VINDO DO CÉU — A palavra pão, já ficou dito, tomase muitas vezes na Escritura na acepção de sustento em geral. Neste lugar applica-se no sentido próprio, ao maná e às codornizes que Deus enviou aos israelitas no deserto, e, no sentido espiritual, é a figura da sagrada Eucaristia. Cfr. Êx 16, 14 s. Núm 11, 7 s. Sl 77, 23 s, Jó 6, 31 s. O Doutor Angélico apropriou este lugar ao officio da Eucáristia e a Igreja adotou-o para os atos litúrgicos relativos ao Santíssimo Sacramento.

A Sabedoria 16, 21-27

21 Porque êste alimento mostrava a doçura que tens para com teus filhos: Porque, acomodando-se à vontade de cada um, ela se transmutava no que cada um queria. (9)

22 E a neve, e o gêlo aturavam a violência do fogo e não se derretiam: Para que soubessem que destruíra os frutos dos inimigos um fogo, que ardia no meio da saraiva e que cintilava por entre a chuva. (10)

23 Mas êste fogo, para que fôsem sustentados os justos, como que abandonou a sua própria fôrça.

24 Porque a criatura, servindo-te a ti seu Criador, se inflama para atormentar os injustos: E se torna mais benigna para fazer bem a favor daqueles que em ti confiam.

25 Por causa disto ela, transformada de tôdas as formas, servia à tua graça, que tudo sustenta, para satisfazer a vontade daqueles que de ti a desejavam:

26 Para que soubessem os teus filhos, a quem amaste, Senhor, que não são os frutos, que a terra produz, os que sustentam aos homens: Mas que a tua palavra é a que conserva aquêles que em ti crerem.

27 Porque o que pelo fogo não podia ser devorado, aquecido por um escasso raio do sol imediatamente se desfazia: (11)

(9) **ESTE ALIMENTO** — Isto é, o maná.

(10) **E A NEVE E O GÊLO** — O grande milagre que o sábio aqui admira, consistia em que sendo o maná uma substância tão tênue, como a neve e o gêlo (pois consta que se derretia aos primeiros raios do sol. Êx 16, 14.21. Núm 11, 7), êsse mesmo maná não era consumido pelo fogo, que ao mesmo tempo por ordem de Deus destruíra todos os frutos da terra.

(11) **PORQUE O QUE PELO FOGO** — Era o maná, que se derretia, como acima deixei advertido, aos primeiros raios do sol. Veja-se o Êx 16, 21. — **Pereira.**

28 Para que a todos fôsse notório que importa prevenir o nascer do sol para te bendizer, e que deve cada um adorar-te logo ao raiar da manhã.

29 Porque a esperança do ingrato se derreterá como o gêlo do inverno, e se perderá como uma água inútil.

CAPÍTULO 17

JUIZOS DE DEUS TERRÍVEIS. TREVAS DO EGITO, E PAJOR DOS EGÍPCIOS, AO MESMO TEMPO QUE O MAIS RESTO DO MUNDO GOZAVA DA LUZ, E SE OCUPAVA NO QUE TINHA PARA FAZER.

1 Grandes são pois, Senhor, os teus juízos, e infáveis as tuas palavras: Por isso as almas indisciplinadas se desgarraram.

2 Pois enquanto os iníquos se persuadem que podiam dominar a uma santa nação ligados com as prisões das trevas, e duma longa noite, encerrados em suas casas, ficaram os fugitivos da perpétua providência. (1)

3 E quando êles cuidam estarem escondidos na obscuridade dos seus pecados, foram dispersos com um véu tenebroso de esquecimento, horrendamente espavoridos, e com assombro excessivo perturbados. (2)

(1) **OS INÍQUOS** — Os egípcios, a quem freqüentemente se alude.

A UMA SANTA NAÇÃO — A nação dos hebreus. Alusão à nona praga.

FUGITIVOS DA PERPÉTUA PROVIDÊNCIA — Isto é, ficaram privados, e para melhor dizer, degredados dos benefícios, que a Providência de Deus continuamente derrama sobre os homens, quando sentiram o efeito das trevas por três dias, em que "ninguém via a seu irmão, nem arredou pé do lugar em que estava", como consta do Êx 10, 23. Alusão aos escravos.

(2) **E QUANDO ÊLES CUIDAM** — Aquêles que buscavam as trevas para ocultar os pecados, acharam as mesmas trevas para seu castigo. — Menochio.

4 Pois nem a cova, em que estavam, os guardava sem temor: Porquanto baixando sobre eles um certo estrondo os perturbava, e aparecendo-lhes vários espectros medonhos de pavor os combatiam. (3)

5 E verdadeiramente nenhuma atividade de fogo lhes podia dar luz, nem as puras chamas das estrêlas podiam esclarecer aquella horrorosa noite.

6 Mas de repente lhes aparecia fuzilando um clarão de fogo, que infundia temor: E sobressaltados com o medo daquele objeto, que mal se divisava, julgavam serem mais formidáveis do que eram, as coisas que a seus olhos se ofereciam:

7 Então é que tôdas as ilusões da arte mágica ficaram com ludíbrio desacreditadas, e a vanglória da sua sabedoria convencida com ignomínia. (4)

8 Porque os que prometiam expelir os temores, e

COM UM VÊU TENEBROSO — Isto é, com o véu das trevas densíssimas e palpáveis de que estavam cercados, se esqueciam uns dos outros para mutuamente se animarem, não se afoitando a vingar um só passo no meio daquela negra, escura e caliginosa cerração. — **Pereira.**

(3) **E APARECENDO-LHES VARIOS ESPECTROS MEDONHOS** — S. Boaventura, Roberto Holkot, e Dionísio Cartuxo foram de opinião que estes espectros, ou fantasmas não eram aparecimentos de objetos reais e verdadeiros, mas uns simples efeitos da imaginação perturbada dos egípcios. Tostado, Bento Pereira e Lorino querem que fôsem verdadeiros aparecimentos de objetos reais, e Cornélio A. Lápide acrescenta que eram, ou as almas dos meninos hebreus, que os egípcios tinham afogado no mar, ou as figuras dos seus deuses, que lhes apareciam debaixo de diferentes formas, como Apis em forma de boi, Anubis em forma de cão, Amon em forma de carneiro. A opinião mais seguida é que era o delírio da febre. Cfr. Vigouroux.

(4) **SABEDORIA** — A sabedoria dos Magos do Egito e perícia da sua arte ficaram então inúteis. Os hebreus chamam sabedoria a qualquer arte, que requer indústria e estudo. — **Calmet.**

turbações da alma desfalecida, êsses eram os que estavam ridiculamente lânguidos pelo espanto, que de todo os ocupava.

9 Porquanto ainda que nenhum dos espectros os turbava: Assustados com a passagem dos animais, e com os silvos das serpentes, pereciam tremendo de medo: E recusando ver o ar, que ninguém de modo algum poderia evitar. (5)

10 Porque sendo medrosa a maldade, ela dá testemunho da sua condenação: Pois sempre uma consciência perturbada presume coisas cruéis.

11 Pelo que o temor não é outra coisa mais do que a turbção da alma que se crê destituida de todo o socorro.

12 E enquanto ela dentro em si tem menos esperança de auxílio, por mais formidável reputa aquella incógnita causa, que a atormenta. (6)

13 Aquêles pois que numa noite verdadeiramente irresistível, e vinda do mais baixo e profundo dos infernos, dormiam um mesmo sono, (7)

(5) **COM A PASSAGEM DOS ANIMAIS** — Irritadas da fome e enfadadas de tão prolongada escuridão, vinham as feras e serpentes meter-se nas casas, dando aquellas espantosos urros e estas medonhos silvos, e parecendo que umas e outras queriam devorar os egípcios. — Calmet.

E RECUSANDO VER O AR — Sacy, Calmet, Legros e de Carrières acrescentam “não poder ver, nem respirar o ar”. E nota Calmet, que “ver o ar” se toma aqui por “gozar da vida”. — Pereira.

(6) **E ENQUANTO** — Os egípcios oprimidos das trevas, flutuando entre o medo da morte e a esperança do fim daquela escura noite, de tudo se receavam, sem que bastantemente soubessem o que haviam de temer. — Calmet.

(7) **IRRESISTÍVEL** — Ou à letra, impotente, porque nada se podia fazer no meio dela, visto não poderem estar os egípcios senhores de si, encarcerados naquelas trevas, que só com as das profundezas do inferno se podiam comparar,

14 umas vêzes eram agitados pelo temor dos monstros, outras desmaiavam pelo desfalecimento do seu espírito: Porque os sobressaltava um repentino e não esperado temor.

15 Depois disto se algum dêles tinha caído, ficava como prêso em um cárcere encerrado sem ferro.

16 Porque se o que era camponês, ou pastor, ou o que se ocupava nos trabalhos do campo, tinha sido apanhado, sofria uma necessidade inevitável. (8)

17 Porque todos estavam ligados com uma mesina cadeia de trevas. Ou fôsse o vento quando assoprava, ou o suave canto dos passarinhos entre os espessos ramos das árvores, ou a violência da água correndo com ímpeto,

18 ou o grande ruído que faziam as pedras, quando se precipitavam, ou a carreira dos animais que retouçavam juntos, sem êles os poderem ver, ou a forte voz das feras que bramavam, ou o eco, que dos mais altos montes retumbava: Tudo isto lhes fazia ter mortais delíquios de temor.

19 Porque todo o resto do mundo estava alumiado com uma clara luz, e se ocupava nos seus trabalhos sem impedimento algum.

20 Mas sôbre êles só estava posta uma carregada noite, imagem das trevas, que lhes havia de sobrevir. Por onde êles a si mesmos eram mais insuportáveis do que as próprias trevas. (9)

(8) **APANHADO** — Ou cercado daquelas trevas. — **Pereira.**

SOFRIA UMA NECESSIDADE INEVITÁVEL — Uma necessidade inevitável de ficar como estava, sem se poder levantar e desamparado de todo o auxílio, cheio de pavor, pelas trevas que o rodeavam.

(9) **IMAGEM DAS TREVAS** — Dá o sábio a entender os males eternos que aguardavam aos egípcios depois da morte, bem assim como numa noite obscuríssima. Debaxo desta imagem no

CAPÍTULO 18

AO MESMO TEMPO QUE OS EGÍPCIOS ESTAVAM EM TREVAS, OS ISRAELITAS GOZAVAM DA LUZ, E FORAM DEPOIS CONDUZIDOS POR UMA COLUNA DE FOGO. OS PRIMOGÊNITOS DO EGITO FORAM EXTERMINADOS SEM RESERVA ALGUMA: O CASTIGO DA MORTE, QUE FERE OS HEBREUS NO DESERTO, DURA POUCO.

1 Mas os teus santos tinham uma luz grandíssima, e ouviam a sua voz, porém não viam a sua figura. E porquanto êles não tinham padecido as mesmas coisas te engrandeciam: (1)

2 E os que antes haviam sido maltratados, te davam as graças, porque já o não eram: E te pediam a mercê de que houvesse esta diferença. (2)

Evangelho (Mt 8, 12; 22, 13; 25, 30), e nos livros dos Apóstolos (2 Pdr 2, 17, Jud v. 13), e pelo estilo da Igreja se representa o inferno e a eterna condenação. Acrescenta que os egípcios se tinham feito mais insuportáveis a si mesmos, do que as trevas. Os estímulos da consciência, o continuo temor, a desesperação eram maiores males, do que a horrorosíssima obscuridade das trevas. — Calmet.

(1) **E OUVIAM A SUA VOZ** — O grego tem às avessas, segundo no-lo verteu Legros: “E os egípcios ouviam a voz dos hebreus, mas não viam as suas figuras; e êles os aclamaram ditos por não padecerem as mesmas coisas. Eles lhes davam as graças de se não vingarem das injustiças que tinham padecido, e lhes pediam perdão das inimizades que tinham exercitado contra êles”. Toda a diferença provém de que no grego em lugar de *et horum*, que na Vulgata parece referir-se aos egípcios, se lê *et quorum*, que se refere aos hebreus.

(2) **MALTRATADOS** — Fala-se aqui dos hebreus maltratados pelos egípcios. — Pereira.

ESTA DIFERENÇA — Entre êles e os egípcios, a quem o Senhor castigava. — Menochio.

A Sabedoria 18, 3-9

3 Por isso tiveram por guia dum caminho, em que não eram práticos, uma coluna ardente de fogo, e lhes deste um sol sem dano de boa hospedagem. (3)

4 Os outros eram por certo dignos de serem privados da luz, e de padecer um cárcere de trevas, pois tinham em prisões encerrados a teus filhos por meio dos quais se começava a dar ao mundo a luz incorruptível da tua lei.

5 Quando êles entraram em pensamento de tirar a vida aos infantes dos justos: E exposto um filho, e libertado para castigo dêles, tu lhes tiraste grande multidão de filhos, e juntos os destruístes no abismo das águas.

6 Porque aquela noite foi antes conhecida por nossos pais, para que sabendo êles com verdade a que juramentos deram crédito, ficassem os seus ânimos mais tranquilos. (4)

7 E foi na verdade alcançada pelo teu povo a conservação dos justos, e o extermínio dos injustos.

8 Porque assim como tu castigaste os nossos adversários: Assim também, unindo-nos a ti, nos engrandeceste.

9 Porque os justos, filhos dos bons, te ofereciam em occulto o sacrificio, e estabeleceram de comum acôrdo esta

(3) **SEM DANO** — Isto é, um sol que os não molestava e de ameno agasalho nas suas mansões ou estações. — **Pereira.**

(4) **FOI ANTES CONHECIDA** — No verso antecedente advertiu o sábio que tirara Deus aos egípcios uma grande multidão de filhos, o que se entende pela morte dos primogênitos; aqui declara estar já esta mortandade, que se executou numa noite, anunciada principalmente aos israelitas, que a souberam por meio de Moisés. **Ex** 4, 22.23; 11, 4.5.

A QUE JURAMENTOS — A quão fiéis juramentos para que vendo quão fielmente Deus cumpria o que prometera e confirmara com juramento, estivessem de bom e desassombrado ânimo. Temos o juramento de ser dada a terra de Canaã ao povo hebreu no c. 22 do Gên vv. 16 e 17. — **Menochio.**

lei de justiça: Que os justos receberiam igualmente assim os bens, como os males cantando já o louvor de seu pai. (5)

10 Mas ao mesmo tempo se estavam ouvindo as confusas vozes dos seus inimigos, e os lamentáveis prantos dos que choravam a morte dos infantes.

11 E com a mesma pena foi afligido o servo e o senhor, e o homem plebeu padeceu o mesmo que o rei.

12 Todos pois tinham do mesmo modo inumeráveis mortos com um só gênero de morte. Porque nem os vivos bastavam para os enterrar: Porquanto em um momento foi exterminada a prole, que das suas famílias era a mais esclarecida.

13 Porque os que eram de todo o ponto incrédulos por causa dos encantos, logo que succedeu o extermínio dos primogênitos, confessaram que aquêlê era o povo de Deus. (6)

14 Porque quando tudo repousava num profundo silêncio, e a noite estava no meio do seu curso,

15 a tua palavra tôda-poderosa baixando lá do Céu desde os teus reais assentos, de improviso saltou no

(5) **OS JUSTOS** — Os hebreus, filhos dos santos patriarchas.

O SACRIFICIO — Isto é, o sacrificio do Cordeiro Pascal que se comia de noite. — *Pereira*.

E ESTABELECEM — Assentaram de comum consentimento observar a Lei que o Senhor lhes havia de dar. Ou resolveram-se a tolerar igualmente os bens e os males, percebidos para o prospero e adverso. — *Menochio*.

CANTANDO JÁ O LOUVOR DE SEU PAI — E' o que soam as palavras do texto latino: *Patrum jam decantantes laudes*; e não como vertem, ou parafraseiam Sacy, Calmet, Legros e de Carrières: "E eles cantavam já os cânticos de louvores, que tinham recebido de seus pais". — *Pereira*.

(6) **POR CAUSA DOS ENCANTOS** — Com os quais os mágicos de Faraó arremedavam as obras de Deus. — *Bossuet*.

meio da terra do extermínio, como um inexorável conquistador,

16 tendo uma aguda espada, que levava o teu irrevogável decreto, e que, pondo-se diante dêles, tudo encheu de mortes, e estando em pé sobre a terra chegava a tocar no Céu.

17 Então os turbaram imediatamente visões de horríveis sonhos, e vieram sobre êles temores não esperados.

18 E um lançado de uma parte meio morto, outro da outra, mostravam a causa da morte, de que morriam. (7)

19 Porque as visões, que os turbaram, lhes advertiam isto antes, por não succeder morrerem sem saber a causa dos males que padeciam.

20 E' verdade que também tocou aos justos uma prova da morte, e que no deserto houve um levantamento da multidão: Mas não durou muito tempo a tua ira, (8)

21 porque apressando-se um homem irrepreensível a interceder pelo povo, lançando mão do escudo do seu ministério, presentando rogos e deprecações com o incenso, atalhou os progressos da ira, e pôs fim àquela necessidade, mostrando que é teu servo.

22 E não venceu as turbações com a fôrça do corpo, nem com o poder das armas, mas sim com a sua palavra sujeitou aquêle que a si mesmo se maltratava, representando-lhe os juramentos, e a aliança de seus pais.

23 Porque tendo caído já mortos a montões um sô-

(7) **DE QUE MORRIAM** — Aquêle estrago dos que morriam assaz mostrava que era vingança de Deus e que de nenhuma causa natural provinha. — Menochio.

(8) **UM LEVANTAMENTO DA MULTIDÃO** — Ou uma sedição e tumulto, que súbitamente se levantou no povo, por causa do incêndio que o ia devorando. Confira-se o livro dos Núm 16, 42.
— Pereira.

bre outros, êle se meteu de permeio, e rebateu o ímpeto, e separou aquêie caminho que ia ter aos vivos.

24 Porque na vestidura talar, que tinha, estava todo o Orbe da terra: E as grandezas dos padres se achavam esculpidas nas quatro ordens de pedras, e a tua soberania estava gravada no diadema de sua cabeça. (9)

25 A estas coisas pois cedeu o exterminador, e temeu-as: Porque bastava ter-se-lhes feito sentir esta prova da tua ira.

CAPÍTULO 19

OS EGÍPCIOS ENGULIDOS DO MAR, QUANDO IAM EM ALCANCE DOS HEBREUS, E OS HEBREUS ACHANDO NELE PASSO LIVRE. PARALELO DOS JUÍZOS DE DEUS SOBRE SODOMA, E SOBRE O EGITO. OS ELEMENTOS EMPREGADOS EM EXECUTAR AS VONTADES DO SENHOR.

1 Mas sôbre os ímpios até ao fim veio a ira de Deus sem misericórdia. Porque êle também sabia de antemão o que lhes tinha de acontecer: (1)

(9) **ESTAVA TODO O ORBE DA TERRA** — Isto é, estava representado, ou simbolizado todo o mundo; porque as quatro coisas de que constava, designavam os quatro elementos, de que se compõe o orbe. O linho representava a terra; a púrpura extraída dos murices o mar; a cor de grão, carmezim ou escarlata o fogo; e a de jacinto o ar. — **Pereira.**

E AS GRANDEZAS DOS PADRES — Eram os nomes dos doze patriarcas filhos de Jacó e chefes das doze tribos, que estavam gravados no Racional do sumo sacerdote, cada um em sua pedra preciosa, segundo o rito que Deus prescrevera a Moisés no Ex 28, 21. Achavam-se também esculpidos nas duas pedras do Efod, ou Sobrehumeral, seis numa e seis noutra, como descreve o mesmo Exôdo no referido capítulo, verso 10.

(1) **O QUE LHES TINHA DE ACONTECER** — Previo Deus que Faraó e os egípcios haviam de permanecer obstinados e impenitentes no meio das suas iniquidades.

A Sabedoria 19, 2-6

2 Porquanto êles mesmos, tendo permitido aos israelitas que se fôsssem, havendo-os já despedido com grande pressa, levados do arrependimento disto iam em seu alcance. (2)

3 Pois quando êles tinham ainda entre mãos o pranto, e estavam chorando junto aos sepulcros dos mortos, para sua ruína tomaram outro desígnio de ignorância: E aos que tinham expulsado com rogos, perseguiram depois como a fugitivos: (3)

4 Porque os levava a êste fim uma necessidade de que êles eram dignos: E perdiam a lembrança do que lhes tinha acontecido, para que o castigo enchesse o que faltava aos seus tormentos: (4)

5 E para que ao mesmo tempo tivesse o teu povo um miraculoso trânsito, e êles achassem um novo gênero de morte. (5)

6 Porque tôdas as tuas criaturas tomavam como no princípio cada uma no seu gênero uma nova forma,

(2) **COM GRANDE PRESSA** — Assim consta do livro do Ex 12, 31-33.

(3) **TINHAM AINDA ENTRE MÃOS O PRANTO** — Isto é, conservavam ainda vivo o sentimento e recente a mágoa e descon-solação, com que iam continuando a lamentar tantas desgraças. — **Pereira.**

(4) **UMA NECESSIDADE DE QUE ELES ERAM DIGNOS** — Isto não quer dizer que Deus imprimisse no alvedrio dos egípcios alguma violência para obrar mal, porque seria esta uma asserção contra os infalíveis e indubitáveis dogmas da religião cristã; mas que os mesmos egípcios voluntariamente rebeldes aos avisos do Céu e sem dar assenso aos castigos que experimentavam, desmerecendo por esta causa o auxílio divino, foram caminhando a passos contados à sua última ruína e obrigaram a Deus a que pela sua justiça os deixasse ir enchendo a medida dos seus pecados, para ultimamente lhes dar o merecido castigo. — **Pereira.**

(5) **UM MIRACULOSO TRÂNSITO** — Pelo mar Vermelho. — **Pereira.**

obedecendo aos teus mandados, a fim de que os teus servos se conservassem ilesos.

7 Porque uma nuvem fazia sombra ao seu arraial, e onde antes havia água apareceu terra sêca, e no mar Vermelho uma passagem sem embaraço, e um campo viçoso no seu profundo abismo:

8 Pelo qual passou tôda a nação hebréia, que era protegida da tua mão, vendo as tuas maravilhas e os teus prodígios.

9 Porque à maneira de cavalos que têm bom pasto, êles tomaram a sua refeição, e como cordeiros saltaram de prazer, engrandecendo-te a ti, Senhor, que os livras-te. (6)

10 Porque estavam ainda lembrados daquelas coisas, que aconteceram no tempo da sua vivenda em terra estranha, como em vez de geração de animais produziu a terra môscas, e em lugar de peixes desentranhou o rio multidão de rãs. (7)

11 E últimamente viram uma nova casta de aves, quando levados da apetência pediram manjares para seu desfastio. (8)

(6) **A SUA REFEIÇÃO** — Do maná. O sentido é que Deus regalou e nutriu no deserto aos hebreus com o manjar delicioso do maná, bem assim como costumam os donos fazer nêdicos com o bom penso que lhes dão, aos cavalos generosos. Alguns códices gregos lêem: "À maneira de cavalos encheram de relínchos o ar", isto é, chelos de prazer entoaram hinos de louvor. — *Pereira.*

(7) **O RIO** — O rio Nilo. — *Pereira.*

(8) **UMA NOVA CASTA DE AVES** — Tais eram as codornizes, que no seguinte verso se diz, que se levantaram do mar.

PARA SEU DESFASTIO — À letra: pediram manjares de banquetes, isto é, para se banquetarem, ou deliciosos, para regalo. Porque como os hebreus não necessitavam, para o seu ordinário sustento, de manjares tão delicados, pedindo só outros mantimentos diversos do maná que sempre viam e de que já estavam en-

A Sabedoria 19, 12-15

12 Porque para despacho da súplica do seu desejo, lhes vieram da banda do mar crescidas codornizes: Mas sôbre os pecadores ao contrário descarregaram vexações, não sem aquêles avisos, que antecipadamente lhes tinham sido feitos pela violência dos raios: Pois justamente padeciam segundo as suas maldades. (9)

13 Porquanto êles usaram de uma inospitalidade, a mais detestável: Pois uns não davam agasalho àqueles estrangeiros desconhecidos, e outros a uns bons hóspedes reduziam à escravidão. (10)

14 E não só foram por isto castigados, mas ainda havia outro diverso motivo para êles o serem: Que era, o tratarem com desumanidade a uns estranhos. (11)

15 Mas aquêles que receberam com alegria os que

fastiados, por isso traduzimos o *epulationis* da Vulgata, para seu desfastio. — Pereira.

(9) **MAS SOBRE OS PECADORES** — Isto é, sôbre os egípcios. — Pereira.

PELA VIOLÊNCIA DOS RAIOS — Porque no tempo que os egípcios iam perseguindo aos hebreus, metidos já pelo mar Vermelho, os raios que então mataram parte do seu exército, eram verdadeiramente um anúncio e presságio do castigo que Deus por fim lhes deu, afogando-os no mencionado mar, sem deixar homem à vida. Calmet explica este lugar dos avisos, que Deus muito antes havia dado aos egípcios, do seu iminente mal, pelo fogo com que abrasara as cidades infames, e esta inteligência é mais conforme e harmônica ao contexto do que se vai seguindo. — Pereira.

(10) **PORQUANTO** — Mais gravemente pecavam contra a hospitalidade dos egípcios, do que os habitantes de Sodoma, porquanto aquêles trataram mal a uns homens que tão beneméritos eram a seu respeito e estes sim foram desumanos, mas contra gente desconhecida. É comparação entre uns e outros. — Menochio.

(11) **O TRATAREM COM DESUMANIDADE** — Ou, o tratarem como inimigos, etc. A Vulgata diz à letra: o receberem contra vontade (ou violentados) a uns estranhos. — Pereira.

tinham já vivido com êles debaixo das mesmas leis, foram os que os afligiram com mui cruéis trabalhos.

16 E foram feridos de cegueira: Como aquêles à porta do justo, quando, tendo sido repentinamente cobertos de trevas, buscava cada um a entrada da sua porta.

17 Porque tudo isto succede enquanto os elementos se convertem uns em outros, do mesmo modo que num instrumento músico se muda a qualidade do som, e tudo guarda a sua harmonia: Do que se pode fazer ao certo um conceito pelo mesmo successo que então se viu.

18 Porque os animais terrestres pareciam mudados em aquáticos: E os que nadavam nas águas, se passavam para a terra.

19 O fogo, excedendo a sua virtude, se ateava no meio da água, e esta se esquecia da natureza que tem de o apagar.

20 As chamas pelo contrário não ofenderam as carnes dos animais corruptíveis que andavam entre elas, nem dissolviam aquêles delicioso manjar, que se desfazia facilmente como o gêlo. Porque em tôdas as coisas engrandeceste, Senhor, ao teu povo, e o honraste, e não o desprezaste, assistindo-lhe em todo o tempo, e em todo o lugar.

ECLESIÁSTICO

INTRODUÇÃO

Título. — Êste livro denomina-se *O Eclesiástico*, tradução duma palavra grega, que significa *livro para uso da assembléia*. Na versão dos Setenta tem êste outro: *Sabedoria de Jesus, filho de Sirac*, título que indica o objeto e o autor do livro.

Autor. — E' o próprio texto que nos indica o autor dêste livro: *Doctrinam sapientiae et disciplinae scripsit in codice isto Jesus filius Sirach*, L. 29. Não se sabe quem seja êste Jesus. Pelos dados que o texto nos fornece sabemos ser homem versado na medicina, 38, 1. 15; sacerdote, 7, 33. 35; com larga cultura obtida em importantes viagens 34, 12. 13, desempenhando funções elevadas na côrte dum rei 51, 3-7 etc.

Época. — E' incerta a época em que êste autor do *Eclesiástico* viveu.

O seu livro fornece-nos um esclarecimento indicando-nos o nome do grande sacerdote judeu, Simão, filho de Ozias, 50, 1. 21; mas esta indicação é insuficiente, porque são conhecidos dois pontífices com os mesmos nomes e com a mesma filiação: Simão I, cognominado o justo, que viveu no tempo de Ptolomeu, no ano 290 A. C; e Simão II, eleito pontífice magno quando Ptolô-

meu IV Filopator quis à força entrar no templo de Jerusalém, 3 *Mac* 1, 2 (na Bíblia grega). Os críticos divergem: uns têm o autor como contemporâneo do primeiro, outros do segundo. No prólogo do tradutor aparece uma outra indicação cronológica: diz-nos que o autor foi ao Egito no tempo de Ptolomeu Evergeto; mas, por desgraça, há também dois reis que tiveram este mesmo sobrenome; um, Ptolomeu III, filho e sucessor do Ptolomeu Filadelfo, (247-222); o outro Ptolomeu VII, chamado também Fison, irmão de Ptolomeu Filometor, (170-117), de maneira que não sabemos qual devemos preferir. A opinião mais geralmente seguida sustenta que esta obra foi completa no ano 280, e é a mais aceitável, o que não quer dizer que não possa ser combatida. Entre outros argumentos em seu favor tem esta opinião as seguintes: — 1.º O elogio do capítulo I só se pode aplicar a Simão I, o Justo, pois o apresenta como pontífice notável pelo seu saber e virtude, o que não cabe a Simão II, Cfr. Josefo, *Antig. Jud.*, 12; 2, 4. — 2.º O sumo sacerdote do *Eclesiástico* é cognominado o libertador, o que só convém a Simão I, pois no tempo de Simão II nem o povo nem o templo tiveram necessidade de libertador, *Eccl* 50, 4, e Josefo *Ant. Jud* 12; 1, 1; — 3.º O Ptolomeu de que fala o prólogo só pode ser o primeiro, único a quem coube o epíteto do beneficente. Os monumentos só dão este sobrenome ao sucessor do Filadelfo. Rosellini, *Monumenti storici*, 1, 2, pág. 368.

Texto original. — Até aqui só possuímos o texto grego do *Eclesiástico*, mas este livro foi primitivamente composto em hebreu. E' o mesmo que se deduz do prólogo, 50, 29 — e é o que confirma a tradição judaica. São frequentes no Talmud e nos Midraschim as citações do *Eclesiástico*, feitas em hebreu. Há uma coleção de

provérbios extraídos do *Eclesiástico*, e que são conhecidos pelo nome de *Ben Sira, do filho de Sirah*. S. Jerônimo atesta que viu o texto hebraico do *Eclesiástico*, *Præf. in libros Salomonis*, t. 28. Há ainda um outro argumento fornecido pelas passagens difíceis de compreender na tradução e que se explicam facilmente pelo original hebraico.

Assim o cap. 24, 37, do *Eclesiástico*, fala da luz, tanto no latim como no grego.

*Qui mittit disciplinam sicut lucem
Et assistens quasi Gehon in die vindemiarum*

O Paralelismo pede o nome dum rio na primeira parte do versículo a seguir à indicação de Fison, Tigre, Eufrates e do Jordão, 35, 36. O que devia estar no hebreu era *Kayéor*, como o Nilo; o tradutor leu mal, entendeu *Ka'or* e traduziu como a luz. Cfr. Lowth, *De Sacra poesia Hebre.* Modernamente, porém, encontrou-se parte do texto hebreu do *Eclesiástico*. Vigouroux, not. à *Sainte Bible*, 1902.

Canonicidade. — Sempre se considerou este livro como divinamente inspirado, o mais útil dos livros sapienciais, e uma das partes da Escritura, cuja leitura é mais útil. Os protestantes negaram a canonicidade do *Eclesiástico*, mas contra esta pretensão protesta a tradição universal e constante, e por isso o Concílio de Trento no decreto que organizou o cânon dos livros sagrados incluiu o *Eclesiástico*. *De canonicis Scripturis decretum*. Sess. 4. Martini, célebre tradutor italiano e comentador da Bíblia, diz d'este livro: "Aqui se encontram com singular abundância os ensinamentos mais puros e mais santos, adaptados aos homens, de todos os tempos e de todas as condições, etc." Martini, *Vecchio Testamento*.

Estilo. — Só imperfeitamente poderemos apreciar o estilo do *Eclesiástico*, porque não conhecemos o original, e só possuímos uma tradução. O que lemos mostramos um estilo simples, natural, despido de galas. O autor não esqueceu as regras do paralelismo de que foi escravo, procurando também imitar os *Provérbios* de Salomão. Cfr. Lowth, ob. cit. Cornélio A Lapide escrevendo sobre este livro disse: "*Jesus Sirach hoc libro omnem moralem philosophiam per breves sententias, quasi gnomas et axiomata tradit et complectitur, aeque ac Salomon in Proverbiis; sed iis longe uberior est Ecclesiasticus.*"

Divisão. — Há o prólogo composto pelo neto do autor, depois é que começa o livro, que, conquanto não tenha um plano, nem haja uma seqüência lógica do assunto, pode dividir-se em duas partes.

PRIMEIRA PARTE. — Compreende os primeiros quarenta e dois capítulos, até ao versículo 14 do capítulo 42, e pode bem chamar-se um tratado dogmático, onde o autor nos faz conhecer Deus e os seus atributos, 5, 4-9; 16, 7-14; 23, 25-29; a doutrina da predestinação, 33, 7-14; a inocência do homem antes da queda, 17; 2, 11; a liberdade humana, 15, 14-22, etc. Há a cada passo conselhos sobre a conduta do homem no seio do lar, admoestações sobre a conformidade com os males da vida; regras para trato social, etc. Welte, *Dictionnaire encyclopedique de la théologie catholique*.

SEGUNDA PARTE. — Tem por objeto o elogio de Deus, criador, e dos justos, 42, 15; 51, e compreende três pontos:

- a) Hinos a Deus, Criador do Céu e da terra, o que é como que um resumo da teodicéia, em que

o autor nos revela os atributos de Deus, descrevendo as maravilhas do mundo visível.

- b) Do elogio de Deus o *Eclesiástico* passa ao dos justos, e é um hino em honra dos patriarcas e dos santos do Antigo Testamento, cc. 44-50.
- c) Súplica final, agradecendo a Deus todos os benefícios que o autor recebeu. Alguns críticos pensaram que esta oração era do tradutor grego, como o prólogo, mas não há razão para a atribuir a outro que não seja o autor do livro.

PRÓLOGO (1)

Pela lei, e pelos profetas, e por outros que os seguiram, nos têm sido mostradas como sábia instrução muitas e grandes coisas: Nas quais merecidamente convém louvar a Israel pela sua doutrina e sabedoria: Porquanto não só deviam ser iluminados os mesmos que fizeram êstes discursos, mas ainda por seu meio podem os estrangeiros fazer-se muito hábeis tanto para falar, como para escrever. Dêste modo é que Jesus meu avô, (2) depois

(1) **PRÓLOGO** — Na opinião dos opositores mais circunspectos, êste prólogo não é canônico, nem se deve reputar inspirado. Assim o julgam A. Lapeire, Jansênio de Gand, Calmet e outros. — **Pereira.**

(2) **JESUS MEU AVÔ** — Este Jesus, filho de Sirac, e natural de Jerusalém, na perseguição de Antíoco Epifanes contra os judeus (Mac 51, 1-60) procurou retirar-se ao Egito e ali, concebendo uma grande dor pela apostasia de muitos e a fim de ver se atalhava o progresso dela nos demais, compôs êste livro do *Eclesiástico* (isto é, como se disséramos, livro que prega, no mesmo sentido do *Eclesiastes* de Salomão) cheio de admirável doutrina, importantes documentos e relevantes máximas, para insinuar

de se ter aplicado com mais alguma diligência à lição da lei e dos profetas, e à dos outros livros, que de mão em mão nos foram entregues por nossos pais: Quis também êle mesmo escrever alguma coisa das que pertencem à doutrina e à sabedoria: Para que os que desejam aprendê-las, não só, depois de se acharem instruídos nelas, cada vez mais se apliquem à consideração do que devem obrar: Mas também se firmem num modo de viver segundo a lei. Eu pois vos exorto a que chegueis com bené-

a perfeita observância e amor da lei, não só no coração dos mencionados apóstatas, senão no de todos aquêles que, applicando-se à lição dêle, procurassem achiar, não em grosso, nem de corrida apontadas, mas sim com miudeza desenvolvidas, tôdas as obrigações do homem de qualquer idade, estado, ou condição que seja. E isto, segundo o escrutínio da mais exata cronologia, parece ter acontecido depois da morte de Simão II, em tempo do sumo sacerdote Onias III e antes do seu falecimento, como se pode ver em Calmet. Ora um neto do filho de Sirac, chamado também Jesus, depois de ter passado igualmente ao Egito, no tempo que alli estôve, achou um exemplar do livro que seu avô tinha escrito, e inflamado do mesmo zêlo, o traduziu do hebreu ou do siríaco em grego, por ser esta uma língua naquelle tempo comumente recebida e quase universal; que é a mesma razão que depois obrigou S. Paulo a escrever também em grego a sua epístola aos romanos, parecendo que a devia escrever em latim. Não se sabe se ainda existe o exemplar hebreu ou siríaco de que S. Jerônimo faz menção e afirma ter visto (Epist 115); mas hoje em dia serve de original o texto grego, que conservamos. Também se ignora o autor e o tempo da versão latina, porque S. Jerônimo não trasladou o livro do Eclesiástico, de que se trata, nem o da Sabedoria. A que hoje anda na Vulgata é a de que se usava já no tempo do mesmo santo e de Santo Agostinho, de onde se convence ter sido feita nos primeiros séculos da Igreja, pôsto que então havia também outra mais conforme ao grego, que hoje temos, da qual se serviram outros Padres e entre ôlos o mesmo Santo Agostinho. Calmet, interpondo o seu parecer, tem para si que o autor da versão latina do Eclesiástico é o mesmo que o da do livro da Sabedoria. Porquanto encontram-se nestas

vola disposição, e a que vos ponhais a ler êste livro com um atento cuidado, e a que nos perdoeis naqueles lugares em que segundo a imagem da sabedoria parece que desfalecemos na contextura das palavras. Porque os têrmos hebreus perdem a sua energia, uma vez que forem vertidos noutra língua. E não só isto aqui sucede, mas ainda a lei, e os profetas, e as palavras dos outros livros, não têm pequena diferença, quando se exprimem na própria língua. No ano pois trinta e oito, em tempo do rei Ptolomeu Evergeto, depois que cheguei ao Egito, e tendo-me lá detido por muito tempo, achei ali uns livros que se tinham deixado, cheios de não pequena, nem desprezível doutrina. Assim que também eu julguei que era bom e necessário concorrer da minha parte com alguma diligência e trabalho para traduzir êste livro: E naquele espaço de tempo

duas versões têrmos peculiares, que mostram ser do uso de um mesmo escritor: como são, *honestare* na significação de enriquecer; *honestus* pelo rico; *honestas* pelas riquezas; *respectu* pela vingança tomada por Deus, mostra por milagres; *interrogatio* pela pena, ou castigo. Êste livro, ainda que não tinha lugar no primitivo Cânon dos judeus, como refere Santo Agostinho no livro 17, da Cidade de Deus, capítulo 20, contudo foi sempre avaliado na Igreja como um tesouro de excelente doutrina e meido no número dos canônicos pela solene decisão do Concílio de Trento. Por último deve-se advertir que o exemplar hebreu, que viu S. Jerônimo dêste livro, corria naquele tempo com o título de *Parábolas*, por haver sido, como bem se deixa ver, composto à imitação dos Provérbios de Salomão; porém há uma diferença entre êles e é, que as sentenças nos Provérbios parecem ter menos encadeamento e conexão do que as do Eclesiástico, onde seu autor reduz a certos capítulos ou títulos o assunto que tem de tratar. Pode-se pois dividir o presente livro em três partes: na primeira desde o capítulo 1 até o 24, depois do mais alto elogio da sabedoria, se prescrevem muitos preceitos de suma utilidade para direção da vida comum; desde o capítulo 24 até o 42, faz a sabedoria uma suave exortação a todos os mortais, por meio da qual procura in-

com muito desvêlo empreguei o meu estudo em pôr os meios conducentes para chegar ao fim de poder já divulgar a presente versão, e oferecê-la assim concluída também àqueles que querem vigiar sôbre si, e aprender o modo com que devem regular os seus costumes, os que se tiverem proposto viver segundo a lei do Senhor.

fundir nêles o amor da virtude, propondo várias regras e preceitos para esta se alcançar; e desde o capítulo 42, 15, até o fim se admiram, em primeiro lugar, tecidos os louvores de Deus; secundariamente se acha a história dos varões mais illustres da antiguidade; e por fim uma oração, na qual o escritor dá as devidas graças a Deus pelo ter livrado de muitos e iminentes perigos intentados pela calúnia de seus invejosos adversários, convidando juntamente aos judeus e nêles também a nós para a lição dêste livro, por conter a mais importante, sólida e inconcussa doutrina dos costumes.

ECLESIÁSTICO

CAPÍTULO 1

ORIGEM DA SABEDORIA. A SUA EXCELENCIA. DEUS A DÁ
AOS QUE A AMAM. ELOGIO DO TEMOR DE DEUS. FELI-
CIDADE DOS QUE O POSSUEM. ELE É O PRINCÍPIO DA
SABEDORIA.

1 Tôda a sabedoria vem do Senhor Deus, e com êle
estêve sempre, e está antes de todos os séculos. (1)

2 Quem contou a areia do mar e as gôtas da chuva,
e os dias do século? Quem mediu a altura do Céu, e a lar-
gura da terra, e a profundidade do abismo? (2)

(1) **TÔDA A SABEDORIA** — A palavra *omnis*, isto é, tôda, denota falar o autor aqui da sabedoria em geral, sem se restringir à criada ou incriada; e assim como já advertiu Menochio, umas coisas convêm mais àquela, outras a esta. No Eclesiástico (são palavras de Calmet a êste lugar), não de outra maneira, que nos Provérbios e na Sabedoria, o nome de sabedoria toma-se umas vêzes pela sabedoria eterna, que é da essência da divindade; outras pela segunda pessoa da Santíssima Trindade, que é a sabedoria e o Verbo gerado pelo pai; outras pela sabedoria que Deus reparte com os homens por mercê da sua infinita misericórdia. Confirmam-se com êste lugar os Prov 3, 10; 8, 22, e a Sab 8, 3; 9, 4.

(2) **E OS DIAS DO SÉCULO?** — Os dias do século entendem-se aqui ou pelos que hão de raiar ao mundo até ao fim dêle, ou, mais naturalmente, ao que parece, pela duração perpétua da eternidade. Se Deus, pois, como explica Sacy, é tão grande, ou na cria-

3 Quem penetrou a sabedoria de Deus, a qual precede tôdas as coisas? (3)

4 A sabedoria foi criada primeiro que tôdas as coisas, e o entendimento da prudência é desde o princípio. (4)

5 A fonte da sabedoria é o Verbo de Deus nos céus, e a sua entrada são os mandamentos eternos. (5)

6 A quem foi descoberta a raiz da sabedoria, e quem conheceu as suas astúcias? (6)

ção ou no govêrno, ou na duração das suas criaturas, quanto mais incompreensível será em si mesmo? — Pereira.

(3) **QUEM PENETROU** — É impossível que alguém penetre a antiguidade da sabedoria, ou chegue àquele tempo em que ela começou a existir, sendo eterna e carecendo de princípio e fim. — Cabnet.

(4) **A SABEDORIA FOI CRIADA** — Neste lugar, tomando-se a sabedoria pela divina, eterna e incriada, que é a da essência da Trindade, ou pelo Filho de Deus, o Verbo Eterno, o mesmo é dizer, foi criada, que foi gerada (como também nos Prov 8, 22, o verbo grego da versão dos Setenta, que vem a dizer criou, se explica por gerou), mas entendendo-se da criada, fica o mencionado verbo na sua própria e natural acepção. — Pereira.

E O ENTENDIMENTO DA PRUDÊNCIA — Hebraísmo. É a prudente inteligência, ou luz da inteligência, que é a mesma sabedoria. Cfr. Prov 8, 22.

DESDE O PRINCÍPIO — De toda a eternidade ou de todo o tempo imaginável, porquanto desde a eternidade a sabedoria incriada esteve em Deus formalmente, e a criada eminente, objetiva, exemplar e efficientemente, ou como em causa exemplar e eficiente. — Menochio.

(5) **A FONTE DA SABEDORIA** — O Verbo de Deus é o manancial de toda a sabedoria que se comunica aos homens, e a entrada para chegar a ela são os divinos mandamentos eternos e imutáveis. As palavras e a sua entrada ou caminho, etc., segundo alguns, entre eles Sacy, querem também dizer que, o que a sabedoria produziu fora de si na criação do mundo, subsistirá eternamente.

(6) **ASTÚCIAS?** — Toma-se aqui esta palavra, como em

7 A quem foi revelada e manifestada a disciplina da sabedoria? E quem compreendeu a multiplicidade dos seus passos?

8 Um só, que é o altíssimo Criador onipotente, e rei poderoso: E muito para ser temido, que está assentado sobre o seu trono, e Deus que domina.

9 Êle mesmo é o que a criou no Espírito Santo, e o que a viu, e o que a contou, e o que a mediu.

10 Êle a difundiu por tôdas as suas obras, e por tôda a carne, segundo a repartição que fêz dela, e êle a deu aos que a amam.

11 O temor do Senhor é a glória, e o motivo de cada um se gloriar, e a alegria, e uma coroa de regozijo.

12 O temor do Senhor deleitará o coração, e dará alegria, e gôsto, e longura de dias.

13 Aquêlê que teme ao Senhor será feliz no fim e será abençoado no dia da sua morte.

14 O amor de Deus é uma sabedoria digna de ser honrada.

15 E aquêles a quem ela se descobrir em visão, amam-na logo que a vêem, e que reconhecem as suas grandezas.

16 O temor do Senhor é o princípio da sabedoria, e êle foi criado com os homens fiéis desde o ventre de sua mãe; êle anda com as mulheres escolhidas, e êle se dá a conhecer nos justos e nos fiéis.

17 O temor do Senhor é a santificação da ciência. (7)

outros lugares, em bom sentido, por conselhos ocultos, efeitos, dons e impressões nas almas. — *Pereira.*

(7) **A SANTIFICAÇÃO DA CIÊNCIA** — Ou à letra, a religiosidade da ciência, isto é, o temor do Senhor faz a ciência não profana, mas santa e religiosa; não estéril e fria, mas fecunda e animada da piedade. — *Sacy.*

18 Esta santificação guardará e justificará o coração, ela lhe dará prazer e gosto.

19 O que teme ao Senhor será ditoso, e nos dias da sua consumação será abençoado.

20 O temor a Deus é plenitude da sabedoria, é o que enche dos seus frutos aos que a possuem.

21 O mesmo temor encherá toda a sua casa dos bens que produz, e os seus celeiros dos seus tesouros.

22 O temor do Senhor é a coroa da sabedoria, que enche de paz, e de fruto de salvação:

23 e ele a viu, e a contou: E uma e outra coisa é dom de Deus.

24 A sabedoria repartirá a ciência, e a luz da prudência; e ela exalta a glória dos que lhes estão unidos.

25 A raiz da sabedoria é temer ao Senhor e os seus ramos são de muita dura.

26 Nos tesouros da sabedoria acham-se a inteligência e a ciência religiosa: Mas para os pecadores é a sabedoria uma coisa execrável.

27 O temor do Senhor lança fora o pecado:

28 Porque aquele que está sem temor, não poderá ser justificado: Porque o agastamento da própria animosidade é a sua ruína.

29 O homem paciente sofrerá até o tempo destinado, e depois tornar-se-lhe-á a dar a alegria.

30 O homem de bom senso reterá em si mesmo as suas palavras até um certo tempo, e os lábios de muitos publicarão a sua prudência.

31 As regras do bom comportamento estão encerradas nos tesouros da sabedoria:

32 Mas para o pecador será o culto de Deus uma execração.

33 Filho, desejando tu com ardor a sabedoria, conserva a justiça, e Deus te a dará.

34 Porque o temor do Senhor é a sabedoria, e a disciplina: E o que lhe agrada

35 é a fé, e a mansidão, e êle encherá os tesouros daqueles em que elas se acham.

36 Não sejas incrédulo ao temor do Senhor: E não te chegues a êle com um coração dobre.

37 Não sejas hipócrita diante dos homens, e não te sejam os teus lábios motivo de cair.

38 Tem sentido no que êles proferem para que talvez não caias, e não tragas desonra à tua alma,

39 e descubra Deus os teus segredos, e no meio da assembléia te destrua:

40 Porque te chegaste ao Senhor com disposição maligna, e o teu coração está cheio de dolo e de engano.

CAPÍTULO 2

EXORTAÇÃO À PACIÊNCIA NAS TENTAÇÕES. UTILIDADE DAS AFLIÇÕES E DOS TRABALHOS. O QUE ESPERA NO SENHOR, NÃO SERÁ CONFUNDIDO. HUMILHAR-SE DEBAIXO DA MÃO DO SENHOR, E ESPERAR NA SUA MISERICÓRDIA.

1 Meu filho, quando entrares no serviço de Deus, tem-te firme na justiça, e no temor, e prepara a tua alma para a tentação.

2 Humilha o teu coração, e sofre: Inclina o teu ouvido, e recebe as palavras de entendimento: E não te apresses no tempo da escuridade. (1).

(1) **E NÃO TE APRESSSES** — E não mostres impaciência nem percas a constância no meio da aflição, da angústia, da tentação, querendo que Deus te livre logo do trabalho que padeces, mas com uma vontade resignada espera dêle o remédio para o tempo decretado pela sua Providência. — **Pereira.**

3 Sofre as tardanças de Deus: Conserva-te unido a Deus, e espera, para que a tua vida no fim se te prolongue. (2)

4 Aceita de boamente tudo o que te succeder: E tem sofrimento na tua dor, e ao tempo da humilhação tem paciência:

5 Porque no fogo se prova o ouro e a prata, e os homens que Deus quer receber na fornalha da humilhação.

6 Crê em Deus, e êle te tirará de todos êstes males: E endireita o teu caminho, e espera nêle. Guarda o seu temor, e envelhece nêle. (3)

7 Vós os que temeis ao Senhor, esperai pela sua misericórdia: E não vos desvieis dêle, para que vos não succeda cairdes.

8 Vós os que temeis ao Senhor, crêde-o: E não vos faltarà a vossa recompensa.

9 Vós os que, temeis ao Senhor, esperai nêle: E para vossa consolação virá sôbre vós a sua misericórdia.

10 Vós os que temeis ao Senhor, amai-o, e os vossos corações serão alumiados.

11 Olhai, filhos, para quantos homens têm havido nas nações: E sabeis que nenhum esperou no Senhor, que fôsse confundido.

12 Pois que homem permaneceu até agora em seus mandamentos, e foi desamparado? ou quem o invocou, e foi dêle desprezado?

13 Porque Deus é pio, e misericordioso, e êle per-

(2) **PARA QUE A TUA VIDA** — Isto é, para que no fim da tentação e depois no derradeiro momento da vida concebas um entranhável prazer, começando a desfrutar o galardão da tua paciência e dos teus trabalhos. — **Pereira.**

(3) **CRÊ EM DEUS** — Isto é, confia em Deus, observando fielmente os seus mandamentos.

doará os pecados no dia da tribulação: Pois é o protetor de todos os que o buscam em verdade.

14 Ai do coração dobre, e dos lábios corrompidos, e das mãos que obram mal, e do pecador que anda sobre a terra por dois caminhos! (4)

15 Ai dos dissolutos de coração, que não se fiam de Deus: E que por isso não serão d'ele protegidos!

16 Ai dos que perderam o sofrimento, e que deixaram os caminhos retos, e se extraviaram pelas veredas corrompidas! (5)

17 E que farão eles, quando o Senhor começar a examinar tôdas as coisas?

18 Os que temem ao Senhor, não serão incrédulos à sua palavra: E os que o amam conservarão o seu caminho.

19 Os que temem ao Senhor, inquirirão o que lhe é agradável: E os que o amam serão cheios da sua lei.

20 Os que temem ao Senhor, prepararão os seus corações, e santificarão as suas almas na sua presença.

21 Os que temem ao Senhor, guardarão os seus mandamentos, e terão paciência até que elle lance os olhos sobre elles,

22 dizendo: Se nós não fizemos penitência, cáiremos nas mãos do Senhor, e não nas mãos dos homens.

23 Porque segundo é elevada a sua grandeza, assim também com elle está a sua misericórdia. (6)

(4) **E DO PECADOR** — Contra os que seguem dois partidos no caminho da salvação. Veja-se o livro 3 Rs 18, 21, Sof 1 e Mt 6, 24.

(5) **O SOFRIMENTO** — Isto é, a perseverança nas boas obras. Fala-se aqui de todos os que principiam bem e acabam mal.

(6) **PORQUE SEGUNDO É ELEVADA A SUA GRANDEZA** — Os justos colocarão tôdas as suas esperanças no Senhor, conhecendo que a sua misericórdia é igual à sua grandeza, e por isso infinita. — Menochio.

CAPÍTULO 3

OBRIGAÇÕES DOS FILHOS A RESPEITO DE SEUS PAIS. EXORTAÇÃO À BRANDURA E À HUMILDADE. DESGRAÇA DO CORAÇÃO DURO, SOBERBO, E INDÓCIL. VIRTUDE DA ESMOLA, E SUA PAGA.

1 Os filhos da Sabedoria são uma congregação de justos: E a nação dêles toda é obediência e amor. (1)

2 Ouvi, filhos, os avisos do vosso pai, e segui-os de sorte que sejais salvos.

3 Porque Deus honrou ao pai nos filhos: E punidos pela autoridade da mãe sobre eles mesmos a firmou. (2)

4 O que ama a Deus alcançará pelas suas orações o perdão de seus pecados, e se absterá de tornar a cair nêles, e será atendido na oração de todos os dias.

5 E assim como obra o que ajunta um tesouro, assim também se porta o que honra a sua mãe.

6 O que honra a seu pai, achará a sua alegria nos seus filhos, e será atendido no dia da sua oração.

7 O que honra a seu pai, viverá uma vida mais dilatada: E o que lhe obedece, dará refrigério a sua mãe. (3)

8 O que teme ao Senhor honra a seus pais, e servirá, como a seus senhores, aos que o geraram.

(1) **OS FILHOS DA SABEDORIA** — Os filhos da Sabedoria, por isso mesmo que amam e praticam a justiça, formam a congregação dos justos, e a sua índole ou natureza não cuida senão em obedecer e amar a Deus e ao próximo, segundo a lei que tem gravada no meio do seu coração. — **Pereira.**

(2) **PORQUE DEUS** — Isto se entende pela autoridade que lhe deu sobre os mesmos filhos, também à mãe, a quem devem obedecer e respeitar.

(3) **O QUE HONRA A SEU PAI** — Aos que honram a seus pais promete Deus uma dilatada vida. **Ex 20, 12.** — **Pereira.**

9 Honra a teu pai em ações, e em palavras, e em tôda a sorte de paciência.

10 para que venha sôbre ti a bênção lançada por êle, e esta sua bênção permaneça contigo até ao fim.

11 A bênção do pai fortifica as casas dos filhos: E a maldição da mãe as destrói pelos alicerces. (4)

12 Não te glories na contumélia de teu pai: Porque não é glória para ti a sua confusão:

13 Pois a glória do homem provém da honra de seu pai, e o desdouro do filho é um pai sem honra.

14 Filho, ampara a velhice de teu pai, e não lhe dês pesares em sua vida:

15 E se lhe fôrem faltando as forças, suporta-o, e não o desprezes por poderes mais do que êle: Porque a caridade que tu tiveres usado com teu pai, não ficará posta em esquecimento.

16 Pois já quanto às faltas de tua mãe, pelas que tu lhe tiveres sofrido te será dada a recompensa,

17 e no esteio desta justiça te será edificada a tua casa, e no dia da tribulação haverá lembrança de ti: E os teus pecados se desfarão como o gelo num dia sereno. (5)

(4) **E A MALDIÇÃO DA MÃE** — E' tremendamente espantoso o exemplo de dez irmãos, sete varões e três fêmeas, naturais da cidade de Cesaréia de Capadócia, não de baixa estôfa entre os seus cidadãos, sôbre os quais veio o castigo do Céu, por uma maldição que lhes lançou sua mãe, já viúva e desamparada com a morte do pai dêles, mui sentida por certã injúria que lhe fizeram, de maneira que todos padeciam uma terrível convulsão e tremor de membros, e não podendo sofrer verem-se assim tão abomináveis na presença dos seus conterrâneos, por onde a cada um lhe pareceu, foram peregrinando por quase todo o orbe romano. Assim o refere Santo Agostinho no fim do capítulo 8 do livro 22, da Cidade de Deus.

(5) **TE SERÁ EDIFICADA A TUA CASA** — Na Escritura a frase *edificare domum allcui*, isto é, edificar a alguém a sua

18 Quão infame é o que desampara a seu pai: E quão amaldiçoado é de Deus o que exaspera a sua mãe:

19 Filho, leva ao cabo as tuas obras com mansidão, e conciliar-te-ás não só a estima, senão também o amor dos homens.

20 Quanto maior és, humilha-te em tôdas as coisas, e acharás graça diante de Deus:

21 Porque só o poder de Deus é grande, e êle é honrado pelos humildes.

22 Não procures saber coisas mais dificultosas do que as que cabem na tua capacidade, e não especules as que são sôbre as tuas fôrças intellectuais, mas cuida sempre naquelas em que Deus te mandou cuidar, e em muitas das suas obras não sejas curioso.

23 Porque te não é necessário ver com os teus olhos o que está escondido.

24 Não te apliques a esquadriñar com muita atenção coisas escusadas, e não examines com curiosidade as diversas obras de Deus.

25 Porque muitas coisas em grande número te têm sido patenteadas, que excedem o entendimento dos homens.

26 Também a muitos enganou a sua suspeita, e na vaidade entreteve ela os seus sentidos. (6)

27 O coração duro será oprimido de males no fim da vida: E o que ama o perigo perecerá nêle.

28 O coração que anda por dois caminhos não será

casa, quer dizer, dar-lhe filhos. Veja-se o Ex 1, 21, o Dt 25, 9, e o livro de Rut 4, 11, o 1 Rs 2, 35. — Pereira.

(6) **ENGANOU A SUA SUSPEITA** — A letra, se introduzirá: Fêz cair por sancadilha ou cambapé. Vem a ser, pois, o sentido que muitos se apartaram da verdade pelas conjecturas que tiveram por certas, e que estas não fizeram mais que entretê-los na preocupação e no desvario das suas opiniões.

bem sucedido, e o depravado de coração nêles achará o seu tropêço.

29 O coração rebelde será oprimido de dores, e o pecador ajuntará pecados sôbre pecados.

30 A assemblêia dos soberbos não terá cura: Porque o tronco do pecado se arraigará nêles, e não se conhecerá. (7)

31 O coração do sábio se descobre na sabedoria, e o bom ouvido com tôda a cobiça ouvirá a sabedoria.

32 O coração sábio e inteligente abster-se-á dos pecados, e será bem sucedido nas obras de justiça.

33 A água apaga o fogo ardente, e a esmola resiste aos pecados:

34 E Deus é o que põe os olhos naquele que faz mais bem: Lembra-se dêle para o futuro, e no tempo da sua queda achará arrimo.

CAPÍTULO 4

EXORTAÇÃO À ESMOLA, E À COMPAIXÃO DOS POBRES. UTILIDADES QUE CONSIGO TRAZ A SABEDORIA. ELA PROVA OS HOMENS PELA TRIBULAÇÃO, E ENCHE DE BENS AOS QUE LHE SÃO FIEIS. BOA E MÁ CONFUSÃO.

1 Filho, não defraudes a esmola do pobre, e não apartes dêle os teus olhos.

2 Não desprezes a alma esfaimada: E não exaspere ao pobre na sua necessidade.

3 Não aflijas o coração do pobre, e não defiras dar ao que está em angústia.

4 Não rejeites a petição do atribulado: E não voltes a tua cara ao pobre.

(7) **E NÃO SE CONHECERA** — Porque os soberbos, pelo hábito de o serem, não caem na conta do seu orgulho, nem dos pecados que dêles nascem.

Eclesiástico 4, 5-19

5 Não apartes os teus olhos do necessitado por causa da ira: E não dêes ocasião aos que te pedem de te amaldiçoar por detrás:

6 Porque será atendida a deprecação do que te amaldiçoa na amargura da sua alma: E atendê-lo-á aquêle que o criou.

7 Faze-te afável ao ajuntamento dos pobres, e humilha a tua alma diante dos anciãos, e abaixa a tua cabeça diante dos grandes.

8 Aplica o teu ouvido ao pobre sem ar tristonho, e paga-lhe a tua dívida, e responde-lhe pacificamente com brandura.

9 Livra da mão do soberbo ao que padece injúria: E não leves isto com amargura em tua alma.

10 No julgar sê piedoso para com os órfãos como pai, e fazes as vêzes de marido para com a mãe dêles:

11 E serás tu como um filho obediente do Altíssimo, e êle se compadecerá de ti, mais do que uma mãe.

12 A sabedoria inspira vida a seus filhos, e toma debaixo da sua proteção aos que a buscam, e irá diante dêles no caminho da justiça:

13 E o que a ama, ama a vida: E os que velarem para a achar, gozarão do seu prazer.

14 Aquêles que a possuírem, terão a vida por herança: E onde ela entrar, Deus abençoará tudo.

15 Os que a servem, serão obedientes ao santo: E Deus ama aos que a amam.

16 Aquêle que a ouve, julgará as nações: E o que olha para ela permanecerá seguro.

17 Se êle tiver confiança nela, herdá-la-á, e ficarão seus filhos confirmados.

18 Porque ela na tentação anda com êle, e o escolhe entre os primeiros.

19 Ela induzirá sôbre êle o temor, e o mêdo, e a

tentativa: E o exercitará nas penas, de que as suas instruções andam acompanhadas, até que o prove em seus pensamentos, e se fie da sua alma. (1)

20 E ela o porá firme, e se encaminhará diretamente a êle, e o encherá de alegria, (2).

21 e lhe descobrirá os seus segredos, e meterá nêle um tesouro de ciência, e de inteligência da justiça.

22 Porém se êle se extraviar, ela o deixará e o entregará nas mãos do seu inimigo. (3)

23 Filho, aproveita o tempo, e guarda-te do mal.

24 Não te envergonhes de dizer a verdade, quando se trata da tua alma.

25 Porque há uma confusão que faz cair no pecado, e há outra que traz consigo glória e graça.

26 Não faças acepção de pessoas contra a tua salvação, nem te deixes levar para a mentira à custa da tua alma.

(1) **E O EXERCITARÁ NAS PENAS, DE QUE AS SUAS INSTRUÇÕES ANDAM ACOMPANHADAS** — À letra se deverá traduzir: "E o atormentará na tribulação de sua doutrina". E' pois o sentido, segundo Calmet e outros, que a sabedoria ou a ética sã do cristianismo, castiga e corta os movimentos da ira, da soberba, da gula, da concupiscência, e com esta sua doutrina repugnante à natureza nos atormenta.

(2) **E ELA O PORÁ FIRME, E SE ENCAMINHARA DIRETAMENTE A ÊLE** — Conceder-lhe-á o poder, com a sua mesma ajuda, conservar-se estável e firme na virtude.

(3) **E O ENTREGARÁ NAS MÃOS DO SEU INIMIGO** — O grego diz: "Nas mãos da sua queda", isto é, deixá-lo-á cair no precipício, e caminhar à sua ruína, ou para onde o arrebatou o pecado. Porquanto um pecado depois de cometido abre caminho para outros pecados, e leva por último à condenação eterna. — Menochio. O sentido dêste versículo é êste: A sabedoria conduz o seu discípulo pela senda das tribulações; faz-lhe sentir o rigor da sua doutrina; mas depois de ter experimentado e reconhecido a

27 Não respeites o teu próximo na sua queda: (4)

28 E não retenhas a palavra quando ela pode ser saudável. Não escondas a tua sabedoria na tua beleza. (5)

29 Porque a sabedoria dá-se a conhecer pela língua: E o bom senso, e a ciência, e a doutrina mostram-se na palavra do homem cordato, e a sua firmeza consiste nas obras de justiça.

30 Não contradigas de modo algum a palavra da verdade, e confunde-te da mentira em que tenhas caído por ignorância.

31 Não te envergonhes de confessar os teus pecados, mas não te sujeites a todo o homem para lhos descobrir.

32 Não resistas cara a cara ao homem poderoso, e não forcejes contra a corrente do rio.

33 Toma a defesa da justiça para salvares a tua alma, e peleja até à morte pela justiça, e Deus pondo-se da tua parte derrotará os teus inimigos.

34 Não sejas precipitado na tua língua: E ao mesmo tempo inútil, e remisso nas tuas obras.

35 Não sejas como o leão na tua casa, fazendo-te terrível aos teus domésticos, e oprimindo aos que te estão sujeitos.

36 A tua mão não esteja aberta para receber, e fechada para dar.

firmeza do seu caráter, liberaliza-lhe salutares consolações e devenda-lhe os horizontes da verdade; ao contrário no caso inverso.

(4) **NÃO RESPEITES** — Ou o sentido é, que por nenhum temor, ou respeito se deixe de advertir, ou corrigir o próximo, quando cometer algum pecado, ou que a ninguém arraste à autoridade, ou respeito da pessoa, que nêle se vê cair, para imitar o seu exemplo.

(5) **NA SUA BELEZA** — Isto é, quando a glória de Deus e a salvação do próximo estão pedindo que ela se manifeste. — Menochio.

CAPÍTULO 5

NÃO SE CONFIAR NAS SUAS RIQUEZAS. NÃO ABUSAR DA BONDADÉ DE DEUS. ABRAÇAR CONSTANTEMENTE A JUSTIÇA. SER CIRCUNSPECTO NAS SUAS PALAVRAS.

1 Não te fies nas riquezas iníquas, e não digas: Eu tenho bastante de que viver: Porque de nada te aproveitará isto no dia da vingança e da escuridade.

2 Não te deixes ir na tua fortaleza após os maus desejos do teu coração:

3 E não digas: Que poder não tem sido o meu? Ou quem poderá sujeitar-me a dar-lhe contas das minhas ações? Porque Deus certamente se vingará delas. (1)

4 Não digas: Eu pequei, e que mal me veio daí? Porque o Altíssimo ainda que sofrido é justiceiro.

5 Não estejas sem temor da ofensa que te foi remetida, e não ajuntes pecados sobre pecados. (2)

6 E não digas: A misericórdia do Senhor é grande, êle se compadecerá da multidão de meus pecados.

7 Porque a misericórdia e a ira estão na sua essên-

(1) **QUE PODER NÃO TEM SIDO O MEU?** — Isto é, de efetuar e conseguir o que pretendi, e desejei.

(2) **NÃO ESTEJAS** — Até do pecado perdoado se não deve estar sem medo, porque ninguém sabe se é digno de amor ou de ódio, nem ainda que esteja perdoada a culpa, fica por isso remetida a pena temporal, que o pecador tem de satisfazer à divina justiça. Pode também êste lugar ter ainda outro sentido, e é, que suposto o pecado esteja de todo apagado quanto à culpa, e satisfeito quanto à pena, é certo que no tocante ao número e à soma, com que já entrou na conta com os demais, em razão de pecado basta para encher a medida dêles, e esta circunstância tão temerosa, e de sumo perigo, é a que deve fazer andar o homem receoso até daquelle mesmo que entende lhe está perdoado. — *Pereira.*

cia muito perto uma da outra, e elle olha para os peccadores na sua ira.

8 Não tardes em te converter ao Senhor, e não o defiras de dia em dia:

9 Porque virá de improviso a sua ira, e no tempo da vingança te perderá.

10 Não te embaraces pelas riquezas injustas: Porque elas te não aproveitarão no dia da escuridade e da vingança.

11 Não te voltes a todo o vento, e não andes por todos os caminhos: Porque assim é que todo o peccador se dá a conhecer pela duplicidade da sua língua. (3)

12 Sê firme no caminho do Senhor, e na verdade dos teus sentimentos, e na tua ciência, e a palavra da paz e da justiça te acompanhe sempre.

13 Sê manso para ouvir a palavra de modo que a entendas: E profiras com sabedoria uma resposta verdadeira.

14 Se tens intelligência, responde ao teu próximo: E se não, põe a tua mão sobre a tua boca, para que te não suceda seres apanhado numa palavra indiscreta, e caíres em confusão.

15 A honra e a glória acompanham os discursos do homem sensato, mas a língua do imprudente é a sua ruína.

16 Foge de passares por mexeriqueiro, e não te venha a tua língua a ser um laço, e um motivo de confusão.

17 Porque sobre o ladrão está a confusão e o arrependimento, mas sobre o que fala por língua dobre cai

(3) **PORQUE ASSIM É QUE TODO O PECADOR** — De tal sorte se acomoda o peccador a tudo, que, segundo a variedade das pessoas, umas vêzes afirma, outras nega; umas vêzes louva, outras vitupera. — **Menochio.**

uma nota péssima de infâmia: E o mexeriqueiro adquire ódio, e inimizade, e afronta.

18 Faze igualmente justiça aos pequenos, e aos grandes. (4)

CAPÍTULO 6

SER SIMPLES, HUMILDE, BRANDO, E AFABEL. ESCOLHER PARA O CONSELHO UM AMIGO BEM PROVADO. CARACTERES, E UTILIDADE DA AMIZADE.

1 Não te faças de amigo inimigo do teu próximo: Porque o mau terá por sorte o impropério e a contumélia, como todo o pecador invejoso, e de duas línguas.

2 Não te eleves como um touro no pensamento do teu coração: Por não succeder que fique a tua fôrça enervada pela tua estultícia,

3 e que ela consuma as tuas fôlhas, e perca os teus frutos, e que tu venhas a ficar como uma árvore sêca no deserto.

4 Porque a alma maligna perderá ao que a tem, e o faz ser o gôsto dos seus inimigos, e o conduzirá à sorte dos ímpios.

5 A palavra doce multiplica os amigos, e mitiga os inimigos: E a língua discreta no homem bom produz abundantes frutos. (1)

6 Sejam muitos os amigos, com quem tu vivas em paz, e seja teu conselheiro um dentre mil.

(4) **FAZE IGUALMENTE JUSTIÇA** — Isto é, faze a todos justiça, lançando as palavras e ações de cada um à boa parte, e atendendo sempre pela sua fama, ou se és magistrado e superior conserva para com todos em equilíbrio a balança da justiça. O grego diz: "Nem no muito nem no pouco sejas ignorante," isto é, cometas alguma falta, erres, e obres com imprudência.

(1) **E A LÍNGUA DISCRETA** — A letra se traduzirá de boa graça, isto é, que estila graça e persuasiva eloquência.

7 Se queres ter um amigo, toma-o depois de o teres provado, e não te fies logo dêle.

8 Porque tal amigo há que o não é, senão enquanto nisso acha a sua conveniência, e êle deixará de o ser no dia da tribulação.

9 E tal amigo há que se muda em inimigo: E tal amigo há que descobrirá o seu ódio e as suas reixas e injúrias.

10 E tal amigo há que só o é para a mesa, e que o não será no dia da tribulação. (2)

11 Se o teu amigo perseverar firme, será para ti como um igual: E nas tuas coisas domésticas obrará com confiança:

12 Se êle se humilhar diante de ti, e se esconder da tua presença, terás uma amizade boa e sincera.

13 Separa-te dos teus inimigos, e está alerta com os teus amigos.

14 O amigo fiel é uma forte proteção: E quem o achou, achou um tesouro.

15 Nada se pode comparar com um amigo fiel, e o ouro e a prata não merecem ser postos em balança com a sinceridade da sua fé.

16 O amigo fiel é um medicamento de vida, e de imortalidade: E os que temem o Senhor, acharão um tal amigo.

17 O que teme a Deus terá igualmente boa amizade: Porque a êle será conforme o seu amigo.

(2) **E TAL AMIGO HÁ QUE SÓ O É PARA A MESA** — O grego em diferente sentido lê êstes três versos do seguinte modo: "E há um amigo para ser companheiro da mesa, porém no dia da tribulação não será constante, e na prosperidade será outro tu, e sobre os teus domésticos, mandará com liberdade. Mas se te vir abatido se declarará contra ti, e se esconderá de ti para te não ver."

18 Filho, desde a tua mocidade procura ser instruído e adquirirás uma sabedoria que te dure até à velhice.

19 Chega-te à sabedoria, como o que lavra, e semeia, e espera em paz pelos seus excelentes frutos:

20 Porque na sua aquisição trabalharás pouco, mas depressa comerás dos seus frutos:

21 Quão excessivamente áspera é a sabedoria para as pessoas indisciplinadas, e não permanecerá nela o insensato.

22 Ela será a seu respeito como as pedras de grande pêsco, que servem para provar a força dos homens, e não tardarão em se descarregarem delas.

23 Porque a sabedoria, que faz o homem inteligente, é segundo o nome que tem, e ela não é descoberta a muitos: Mas naqueles a quem é descoberta, dura firme até os levar à presença de Deus. (3)

24 Ouve, filho, e toma um conselho de entendimento, e não rejeites o meu conselho.

25 Mete os teus pés nos seus grilhões, e o teu pescoço nas suas cadeias: (4)

(3) **E' SEGUNDO O NOME QUE TEM** — O texto original deste livro do Eclesiástico era, como já se disse, em hebreu, assim não se pode saber que nome é o a que o autor faz aqui alusão. Talvez comparou elle o nome grego Sofia, que quer dizer sabedoria, com o hebraico Saphuiah, que quer dizer escondida. Outros supõem que antes a alusão será de hebreu a hebreu: mas não apparece sobre que ela pudesse cair, tomando-a de Chachamah, que é no hebreu o termo ordinário de que os autores sagrados usam para significar a sabedoria. Assim alguns explicam isto sem alguma alusão etimológica. A sabedoria é segundo o seu nome: Isto é: "Como a sabedoria passa por difficil de se alcançar, assim também ninguém a adquirirá sem grande cuidado e applicação." — De Vence.

(4) **METE OS TEUS PÉS** — Isto é, obedece em tudo e por tudo à sabedoria com ansiosa pontualidade, fazendo-te seu escravo

26 Submete o teu ombro, e leva-a às costas, e não te enojas com as suas prisões.

27 Chega-te para ela de todo o teu coração, e guarda os seus caminhos com tôdas as tuas forças.

28 Busca-a pelo rasto, e ela te será manifesta, e tendo-te já abraçado com ela, não a deixes:

29 Porque nela acharás tu no fim o teu descanso, e ela se converterá para ti em gôsto.

30 E os seus ferros serão para ti uma proteção eficaz, e um firme apoio, e as suas cadeias uma estola de glória: (5)

31 Porque nela está a beleza da vida, e os seus vínculos são uma ligadura saudável. (6)

32 Tu te vestirás dela como duma estola de glória, e a porás sôbre ti como uma coroa de júbilo.

33 Filho, se tu me deres atenção, aprenderás: E se applicares o teu espírito, serás sábio.

34 Se applicares o teu ouvido, receberás doutrina: E se fôres amigo de ouvir, serás sábio.

35 Acha--te na assembléia dos velhos sábios, e une-te de coração à sua sabedoria, a fim de poderes ouvir o

e cativo, pois não há escravidão, ou cativoiro mais interessante, nem mais saboroso. — *Pereira.*

(5) **E UM FIRME APOIO** — Adverte Calmet que estas palavras se não acham no grego, e que algum tanto confundem o lugar. Seguimos a tradução de Glaire, edição de 1902.

(6) **E OS SEUS VÍNCULOS** — E os seus laços vêm a ser como a ligadura, com que se atam os membros feridos, ou deslocados, a qual os restitui à sua antiga saúde. O grego diz: "Porque nela há um adôrno de ouro, e as suas prisões são um laço de jacinto." Nas quais palavras parece, como diz Menochio, aludir-se às franjas da côr de jacinto, que o Senhor mandou aos judeus que trouxessem nas orlas dos vestidos (Núm 15, 38); porque por elas se distinguiam dos gentios, e se ornavam como um povo dedicado a Deus, e ao amor da sabedoria.

que êles te disserem de Deus, e não te escapem os pro-
vérbios de louvor. (7)

36 E se vires um homem sensato, madruga para
ir ter com êle, e gastem os tetus pés os degraus da sua
porta.

37 Tem todo o teu pensamento nos preceitos de Deus,
e sê muito assíduo nos seus mandamentos: E êle mes-
mo te dará coração, e te será dado o desejo da sabedoria. (8)

CAPÍTULO 7

ABSTER-SE DO MAL. NÃO BUSCAR AS DIGNIDADES. FUGIR
DE TÔDA A MENTIRA. APLICAR-SE AO TRABALHO. SER
FIEL AOS SEUS AMIGOS, BEM UNIDO COM SUA MULHER,
BRANDO COM OS SEUS DOMÉSTICOS. INSTRUIR A SEUS
FILHOS. HONRAR A SEUS PAIS. DAR AOS SACERDOTES O
QUE LHE É DEVIDO. LEMBRAR-SE DO SEU ÚLTIMO FIM.

1 Não faças mal, e o mal te não apreenderá. (1)

2 Retira-te do iníquo, e os males se apartarão de ti.

3 Filho, não semeies males nas veredas da injustiça,
e não os segará sete vêzes em dôbro. (2)

4 Não peças ao Senhor que te dê o cargo de con-
duzir outros, nem ao rei, que te dê uma cadeira de honra.

(7) **ACHA-TE NA ASSEMBLÉIA** — O grego diz: "Acha-te
na multidão dos anciãos, e se há algum sábio, chega-te a êle. Sê
amigo de ouvir tôda a divina declaração.

(8) **E SÊ MUITO ASSÍDUO NOS SEUS MANDAMENTOS** —
Isto é, e emprega-te de continuo na meditação e prática dos seus
mandamentos.

(1) **NÃO FAÇAS MAL** — A letra: "Não queiras fazer males,
e êles te não apreenderão." Isto é, não cometas pecados, e livrar-
te-ás do castigo, a que por êles ficas sujeito à divina justiça.

(2) **NÃO SEMEIES** — O nosso campo é o nosso coração, e
a nossa vontade, a qual então lavramos com regos de injustiça;
quando lhe imprimimos maus hábitos então semamos quando em
certo modo lançamos nêles depravados desejos. — Menochio.

5 Não te justifiques diante de Deus, porque êle é quem conhece o fundo do coração: E não afetes parecer sábio diante do rei.

6 Não pretendas ser juiz, se não tens valor para romperes com esforço por entre as iniquidades: Para que não temas acaso a face do poderoso, e ponhas tropêço na tua equidade.

7 Não peques contra a multidão de uma cidade, nem te metas entre a chusma do povo,

8 nem apertes duas vêzes o nó do pecado: Porque nem ainda num só que tu cometas, ficarás impunido.

9 Não sejas pusilânime no teu ânimo:

10 Não desprezes fazer oração, e dar esmola.

11 Não digas: Deus porá os olhos na multidão das minhas dádivas, e oferecendo-as eu ao Deus altíssimo, êle receberá as minhas ofertas.

12 Não escarneças do homem pôsto na amargura da sua alma: Porque Deus, que tudo vê, é quem humilha e exalta.

13 Não lavres a mentira contra teu irmão: Nem tampouco faças o mesmo contra o teu amigo.

14 Não queiras mentir tôda a mentira: Porque a continuação dela não é boa.

15 Não sejas verboso na assembléia dos anciãos, e não repitas a palavra na tua rogativa. (3)

(3) **E NÃO REPITAS A PALAVRA** — Além do aviso que neste lugar se dá aos mancebos, para se portarem com a devida modéstia diante dos anciãos, reputando-os por mais experimentados e prudentes, se prescreve uma importante regra para se não repetir a palavra, ou nos discursos diante dos homens, como querem alguns, ou segundo o texto, nas orações feitas a Deus, que é a mesma doutrina, que Jesus Cristo ensinou depois a seus discípulos, Mt 6, 7.

16 Não aborreças as obras laboriosas, nem o trabalho de cultivar o campo que foi criado pelo Altíssimo. (4)

17 Não te numeres entre a turba das pessoas indisciplinadas.

18 Lembra-te da ira, porque não tardará. (5)

19 Humilha profundamente o teu espírito: Porque a vingança da carne do ímpio, será o fogo e o bicho. (6)

20 Não quebres a fé que deves ao teu amigo que difere dar-te o dinheiro, nem desprezes pelo ouro a teu irmão muito amado.

21 Não te apartes da mulher sisuda e virtuosa, que te coube por sorte no temor do Senhor: Porque a graça da sua modéstia é mais preciosa do que o ouro.

22 Não trates mal ao servo que trabalha com fidelidade, nem ao mercenário que todo se dá a te servir.

23 O servo sensato seja querido de ti como a tua alma, não lhe negues a liberdade que êle merece, e não o deixes cair em pobreza.

24 Tens gados? cuida dêles: E se êles te são úteis, fiquem sempre contigo.

25 Tens filhos? ensina-os bem, e acostuma-os à sujeição desde a sua meninice.

26 Tens filhas? conserva a pureza dos seus corpos, e não mostres para elas o teu rosto risonho.

(4) **QUE FOI CRIADO PELO ALTÍSSIMO** — Porque Deus pôs o homem no Paraíso, para que o cultivasse e guardasse. Gên 2, 15; e depois do pecado o condenou a comer o pão com o suor do seu rosto. Ibid 3, 19.

(5) **LEMBRA-TE DA IRA** — Isto é, lembra-te da ira, e da vingança que Deus em breve tempo desfogará contra os pecadores. — Pereira.

(6) **PORQUE A VINGANÇA DA CARNE** — A este lugar, segundo Calmet, aludiu Cristo em Mc 9, 42-47.

27 Casa a tua filha, e terás feito um grande negócio, e dá-a a um homem de bom senso.

28 Se tens mulher que seja segundo o teu coração, não a largues. E não te entregues à que é odiosa. De todo o teu coração,

29 honra a teu pai, e não te esqueças dos gemidos de tua mãe:

30 Lembra-te que não terias nascido se não fôra a sua intervenção: E faz por eles em recompensa aquilo mesmo que eles fizeram por ti.

31 Teme ao Senhor com toda a tua alma, e venera aos seus sacerdotes.

32 Ama com todas as tuas forças ao que te criou: E não desampares os seus ministros.

33 Honra a Deus de toda a tua alma, e reverencia os sacerdotes, e purifica-te pelo trabalho das tuas mãos. (7)

34 Dá-lhes a sua parte das primícias, e das vítimas de expiação, como te está mandado: E purifica-te das tuas negligências com poucos.

(7) **PELO TRABALHO DAS TUAS MÃOS** — A letra: "Com os braços." O que se entende, ou das ofertas bem adquiridas (porque as injustas não podem agradar a Deus, que é a suma justiça) e ganhadas à custa do próprio suor, ou das espáduas direitas das vítimas pacíficas, de que além do peito era credor o sacerdote, porque lhe pertenciam de direito pela estabelecida lei do Lev. 7, 32-34. E ainda que o sacrifício pacífico primariamente não purgava os pecados, mas só se oferecia, como adverte aqui Menochio, pela paz, isto é, pela conservação e saúde da casa, ou da república, todavia secundariamente se oferecia também pela expiação dos pecados, visto não se poder gozar da paz sem graça, nem desta sem primeiro cada um se purificar das manchas da culpa. O grego diz: "Teme ao Senhor e honra o sacerdote, e dá-lhe a sua parte como te está mandado, as primícias e os sacrifícios pelo pecado, e a oferta das espáduas e o sacrifício de santificação, e as primícias das coisas santas."

35 Oferecerás ao Senhor as espáduas das vítimas e o sacrifício da santificação, e as primeiras das coisas santas: (8)

36 E abre a tua mão para o pobre, a fim de que o teu sacrifício de expiação, e a tua oferta seja de todo perfeita. (9)

37 A liberalidade é agradável a todo o vivente, e não impidas que ela se estenda aos mortos. (10)

38 Não faltes a consolar os que se acham em pranto, e anda com os que choram.

39 Não sejas preguiçoso em visitar os enfermos: Porque assim é que tu te fortificarás na caridade.

40 Em tôdas as tuas obras lembra-te dos teus novíssimos, e nunca jamais pecarás.

(8) **OFERECERÁS AO SENHOR** — Estas palavras da Vulgata, segundo Calmet, podem entender-se do seguinte modo: Oferece ao Senhor a espádua direita das tuas vítimas e o sacrifício de santificação (talvez o holocausto ou os sacrifícios que prometeste por voto) e as primícias que deves ao templo, *Initia Sanctorum*, todo o género de primícias ou dízimos, que eram devidos aos sacerdotes. Veja-se, além do Lev 7, 32-34, o c. 18 dos Núm.

(9) **A FIM DE QUE O TEU SACRIFÍCIO** — A letra: "Para que seja cumprida a tua propiciação e bênção.

(10) **A LIBERALIDADE** — A letra: "A graça da dádiva é formosa diante de todo o vivente". Mostra-se aqui ser a liberalidade uma virtude que até com os mortos se deve praticar, enterrando-os, e oferecendo cada um orações, sufrágios, esmolas e sacrifícios por suas almas. Parece que o Eclesiástico procura insinuar esta doutrina dos ofícios devidos aos finados, em razão de começar por aquêles tempos a heresia dos saduceus, que, impugnando a existência dos espíritos e dos anjos, negavam juntamente a imortalidade da alma e a ressurreição dos corpos. A respeito dos ofícios de piedade para com os mortos, é digno de se trazer à memória um Tobias, e conferir-se com este lugar o do livro 2 Mac 12, 43. — Pereira.

CAPÍTULO 8 .

NÃO SE EMBARAÇAR COM O HOMEM PODEROSO. NÃO IMPROPERAR AO QUE SE CORRIGE. OUVIR OS SÁBIOS, E OS VELHOS. NÃO DESCOBRIR O SEU SEGREDO A PESSOA ESTRANHA.

1 Não litigues com o homem poderoso: Para que não suceda caíres-lhe nas mãos.

2 Não contendas com o homem rico, para que não suceda armar-te êle alguma demanda:

3 Porque o ouro e a prata têm perdido a muitos, e até ao coração dos reis se estende e faz trocar.

4 Não disputes com o homem muito falador, e não meterás mais lenha no seu fogo.

5 Não tenhas comércio com o homem mal instruído para que não suceda falar mal da tua geração.

6 Não desprezes o homem que se retira do pecado, e não lho impropere: Lembra-te que todos nós estamos debaixo da correção.

7 Não desprezes o homem na sua velhice: Porque os que envelheceram foram como nós.

8 Não te alegres com a morte de teu inimigo: Sabendo que todos nós morremos, e que não queremos vir a ser motivo de gôsto.

9 Não desprezes o que contarem os velhos sábios, e acostuma-te a aprender os seus provérbios:

10 Porque dêles aprenderás tu a sabedoria, e a doutrina da inteligência, e a arte de servir os grandes de um modo irrepreensível.

11 Não te passe por alto o que contam os anciãos: Porque êles o aprenderam de seus pais:

12 Porque dêles aprenderás tu a inteligência, e a dar resposta no tempo em que é necessária.

13 Não acendas os carvões dos pecadores, argüindo-os, e não sejas abrasado na chama do fogo dos seus pecados. (1).

14 Não resistas cara a cara a um homem insolente, para que não suceda que êle se ponha a armar laços às tuas palavras.

15 Não emprestes dinheiro a um homem mais poderoso do que tu: Porque se lho emprestares, tem-no por perdido.

16 Não fiques por fiador mais do que podem as tuas forças: Porque se o ficares, põe-te logo em cuidado, como quem está já obrigado a satisfazer.

17 Não arrazois em desabôno do juiz: Porque êle pronuncia segundo o que é justo.

18 Não te ponhas a caminho com o homem atrevido, para que não suceda que êle faça recair sôbre ti os seus males: Porque êle anda segundo a sua vontade, e tu perecerás com êle pela sua loucura.

19 Não tenhas reixas com o homem colérico, e com o atrevido não vás a um lugar solitário: Porque êle nenhum caso faz de derramar sangue e como não tens quem te valha êle te fará em migalhas. (2).

(1) **NÃO ACENDAS OS CARVÕES DOS PECADORES** — Isto é, não exasperes com a tua repreensão ao pecador obstinado e rebelde no seu pecado, porque será o mesmo que atigares o fogo para levantar maior labareda, expondo-te aos insultos da sua furiosa paixão e desenfreado atrevimento contra ti. E' pois absolutamente necessário, como adverte Calmet, argüir ao que peca: porém às vêzes há certas conjunções que não permitem isto; convém a saber, quando se vir que a repreensão há-de ser útil ou prejudicial à mesma pessoa a quem se dá.

(2) **PORQUE ÊLE NENHUM CASO FAZ DE DERRAMAR SANGUE** — à letra: "Porque o sangue é diante dêle um quase nada". Quando isto seja verdade, assaz mostra o exemplo de Abel morto às mãos de Caím. Gên 4, 8. — Menochio.

20 Não deliberes sobre os teus negócios com gente fátua: Porque eles não poderão amar, senão o que lhes apraz.

21 Não trates segrêdo algum com pessoa estranha: Porque não sabes o que ela dará de si algum dia.

22 Não manifestes o teu coração a todo o homem: Para que não suceda que te corresponda com uma falsa amizade, e que ao depois diga mal de ti.

CAPÍTULO 9

NÃO SER CIOSO DE SUA MULHER. FUGIR DA COMPANHIA DAS MULHERES ESTRANHAS. CONSERVAR OS SEUS AMIGOS ANTIGOS. NÃO INVEJAR A GLÓRIA DOS MAUS. AFASTAR-SE DOS GRANDES. UNIR-SE COM OS SÁBIOS.

1 Não sejas cioso da mulher do teu seio, para que não descubra contra ti a malícia da tua má doutrina. (1)

2 Não dês à mulher poder sobre a tua alma, para que se não levante contra a tua autoridade, e fiques envergonhado:

3 Não olhes para a mulher de muitos quereres: Para que não suceda caíres nos seus laços.

4 Não sejas freqüente em te achar com a mulher bailadeira: Nem a ouças, para que não suceda perceres à força dos seus encantos.

5 Não detenhas os teus olhos em ver a donzela, para que não suceda que a sua beleza te seja ocasião de queda.

6 Não entregues de modo algum a tua alma às mu-

(1) **MULHER DO TEU SEIO** — Expressão familiar aos hebreus, para significar a espôsa. Não tenhas ciúmes da mulher com quem te achas unido pela estreita correspondência do tálamo, para que não exerçite contra ti a mesma malícia que tu lhe ensinaste.

— Calmet.

Iheres prostitutas: Para que te não deites a perder a ti, e a tua herança.

7 Não lances os olhos por tôda a parte, pelas ruas da cidade, nem andes vagueando pelas suas praças.

8 Aparta os teus olhos da mulher enfeitada, e não olhes com curiosidade para a formosura alheia.

9 Por causa da formosura da mulher pereceram muitos: Porque daí é que se acende a concupiscência, como fogo.

10 Tôda a mulher que é prostituta, será pisada como estêrco em o caminho.

11 Muitos tendo admirado a formosura da mulher alheia se fizeram réprobos: Porque a sua conversação se ateia como fogo.

12 Não te assentes jamais com a mulher alheia, nem te recostes com ela sôbre o cotovêlo:

13 E não disputes com ela bebendo vinho, para que não suceda que o teu coração se converta para ela, e com o teu sangue caias em perdição.

14 Não deixes o amigo antigo: Porque o novo não será semelhante a êle.

15 O amigo novo é um vinho novo: Êle se fará velho, e tu regalar-te-ás de o beber.

16 Não invejes a glória, nem as riquezas do peccador: Porque não sabes qual haja de ser a sua ruína.

17 Não aprove a violência dos injustos, sabendo que até à sepultura não agradará o ímpio.

18 Põe-te longe daquele homem que tem poder de mandar matar, e assim ficarás em estado de não temer a morte:

19 E se te chegares a êle, vê não cometas algum mal, de onde possa resultar tirar-te êle a vida.

20 Sabe que comunicas com a morte: Porque tu caminharás no meio dos laços, e andarás sôbre as armas de homens ressentidos. (2)

21 Segundo as tuas fôrças acautela-te do teu próximo, e trata com os sábios e prudentes. (3)

22 Os teus convidados sejam os homens justos, e no temor de Deus esteja pôsto o motivo da tua glória,

23 e no teu sentido se forje o pensamento de Deus, e tôda a tua conversação consista nos preceitos do Altíssimo. (4)

24 As obras serão louvadas pela industriosa mão dos seus artífices, e o príncipe do povo pela sabedoria dos seus discursos, e as palavras dos velhos pelo siso com que são proferidas.

25 E' terrível na sua cidade o homem linguaraz: E o temerário nas suas palavras será aborrecido.

(2) **SABE** — Isto é, sabe que, se trataes e vives com o poderoso, anda muito arriscada a tua vida, já pelos desgostos e dissabores procedidos da sua comunicação, que ta podem tirar, já por qualquer aleive que te levantem, ou falsa prova de grave crime, por onde te procure fazer punir com pena de morte. O grego diz: "Sabes que passas por meio de laços e que andas por cima das ameias das muralhas da cidade, com sumo risco ou de caíres, ou de te derribarem dali, com tiros, morto, os teus inimigos".

(3) **ACAUTELA-TE DO TEU PRÓXIMO** — O grego diz: "Examina o teu próximo com a maior diligência que puderes, e ainda que tenha contigo grau de parentesco, de nenhum modo te fies dêle, se não tiver dado evidentes provas de verdadeira e sincera amizade". — **Pereira.**

(4) **E NO TEU SENTIDO** — Isto é, entretém e ocupa sempre o teu pensamento em Deus, ou em coisas relativas a Deus. — **Pereira.**

CAPÍTULO 10

UTILIDADE DUM BOM GOVERNO. QUANTO SE DEVE ABORRECER A AVAREZA. CONSEQUÊNCIAS FUNESTAS DA SOBERBA. LOUVORES DOS QUE TEMEM A DEUS. PARALELO DA GLÓRIA DO RICO, E DO POBRE.

1 O juiz sábio fará justiça ao seu povo, e o governo do homem sensato será estável.

2 Qual é o juiz do povo, tais são também os seus ministros: E qual é o governador da cidade, tais são do mesmo modo os seus habitantes.

3 O rei de pouco juízo perderá o seu povo: E as cidades povoar-se-ão pelo bom senso dos que a governam.

4 O poder soberano sobre uma terra está na mão de Deus: E ele é o que a seu tempo suscitará um príncipe para governar útilmente.

5 A prosperidade do homem está na mão de Deus, e ele é o que porá sobre a pessoa do doutor da lei os sinais da honra que lhe são próprios. (1)

6 Esquece-te de todas as injúrias que recebeste do teu próximo, e não faças nada por via de violência.

7 A soberba é aborrecível a Deus e aos homens: E toda a iniquidade das nações é execrável.

8 Um reino é transferido duma nação à outra por causa das injustiças, e das violências, e dos ultrajes, e de diferentes enganos.

9 Não há coisa mais detestável do que o avarento: Por que se ensoberbece a terra e a cinza?

(1) **E ELE É O QUE PORÁ** — Isto é, porá sobre o varão sábio a honra do principado e do governo. Porquanto, ou os sábios são os mesmos príncipes, ou a estes assistem os sábios como conselheiros, e com a sua prudência se governam os impérios. A palavra que corresponde a *Scriba*, entre os hebreus, é o mesmo que sábio e douto na lei. — Menochio.

10 Não há coisa mais injusta do que amar o dinheiro: Porque um tal homem vende até a sua mesma alma: Pois que êle se despojou em sua vida das próprias entranhas.

11 A vida de todo o potentado é breve. A doença prolongada fatiga o médico.

12 O médico atalha a doença de pouca dura: Assim também um é hoje rei e amanhã morrerá.

13 Porque o homem quando morrer, terá por herança as serpentes, e as sevandijas, e os bichos.

14 O princípio da soberba do homem é apostatar de Deus: (2)

15 Porque o seu coração se apartou daquele que o criou, porquanto o princípio de todo o pecado é a soberba: Aquêlê que se der a ela, será cheio de maldições, e lá para o fim o meterá em ruína. (3)

(2) **O PRINCIPIO DA SOBERBA** — A palavra initio da Vulgata, pode entender-se não só na significação de princípio, mas também na de primazia ou principado, que tais são as acepções em que se toma no grego a correspondente arche. O sentido é que o primeiro grau de se apartar qualquer de Deus, é a sua mesma soberba, que por isso vem dêste modo a ser o princípio e a origem de todos os crimes. Ou também que a apostasia com que se rebela contra Deus o homem não querendo obedecer aos seus preceitos, e procurando satisfazer a sua vontade, é a maior soberba, ou o mais elevado grau e subido auge de orgulho, que entre todos os pecados tem o principado ou primeiro lugar. — Pereira.

(3) **PORQUANTO O PRINCIPIO DE TODO O PECADO É A SOBERBA** — No mesmo sentido do versículo antecedente, a soberba é o princípio de todo o pecado, porque o recusar o homem obedecer à lei de Deus, atropelando a justiça da sua vontade soberana, por fazer a própria, não é mais que um puro efeito de soberba e altiva sobrançeria de que está possuído, atrevendo-se a não reconhecer outro superior senão a si mesmo, a quem só procura satisfazer e agradar. Alguns, entre êles Santo Agostinho, no livro 12 da Cidade de Deus, cap. 6, explicam a palavra dêste lugar

16 Por isso é que o Senhor cobriu de opróbrios os congressos dos maus, e os destruiu para sempre.

17 Deus destruiu os tronos dos príncipes soberbos, e em seu lugar fêz que se assentassem nêles os que eram mansos.

18 Deus fêz secar as raízes das nações soberbas, e plantou dentre as mesmas nações os que eram humildes.

19 O Senhor destruiu as terras das nações, e as arruinou até aos alicerces:

20 Êle secou dentre as mesmas nações os seus habitantes, e os destruiu, e fêz apagar de cima da terra a sua memória.

21 Deus aboliu a memória dos soberbos, e conservou a dos humildes de coração.

22 A soberba não foi criada com os homens: Nem a ira com a raça das mulheres. (4)

23 Aquela descendência de homens, que teme a Deus, será tratada com honra: Porém aquela outra linhagem, que não faz caso dos mandamentos do Senhor, será desonrada.

24 Entre os irmãos o que os governa é distinguido na honra: E os que temem ao Senhor, andarão nas meninas dos seus olhos.

25 A glória dos ricos, dos nobres, e dos pobres, é o temor de Deus:

só da queda de Lúcifer; outros há que as entendem do pecado de Adão, porque o princípio do crime de um e de outro foi a soberba.

— Pereira.

(4) COM A RAÇA DAS MULHERES — À letra: "com a nação das mulheres que alguns interpretam "com os nascidos das mulheres," que são os mesmos homens. Vem a ser pois o sentido, segundo Calmet, que ninguém deve acusar a natureza, nem queixar-se do Supremo Árbitro que o criou, porque não são mais que frutos do pecado tanto no homem a soberba, como na mulher a ira, vícios de que Deus por modo nenhum é autor.

26 Não queiras desprezar o homem justo, ainda que pobre, e não engrandecer ao homem pecador pôsto que rico.

27 O grande, e o juiz, e o poderoso está em honra: Mas nenhum é tão grande como aquêlê que teme a Deus.

28 Os homens livres sujeitar-se-ão a um servo que tem juízo: E o varão prudente e bem ensinado não murmurará quando fôr repreendido, mas o ignorante não será honrado. (5)

29 Não queiras elevar-te, quando houveres de fazer a tua obra, e não te deixes possuir da preguiça no tempo do apêrto. (6)

30 O que trabalha, e que tudo tem em abundância, vale mais do que o jactancioso, e necessitado de pão.

(5) **OS HOMENS LIVRES** — José em casa de Putifar, e na de Faraó, Daniel na de Nabucodonosor, ainda que servos, tinham mandado sobre os que eram livres e príncipes. — Calmet.

(6) **NÃO QUEIRAS ELEVAR-TE** — Não te glories pela perícia da tua arte, nem tampouco sejas arrogante entre os professores a ti semelhantes. Se a calamidade e a pobreza te oprimirem, não tenhas pêjo de ganhar a vida com o trabalho e indústria das tuas mãos. O grego: "Não vás após da vanglória na tua obra, nem pretendas conseguir uma falsa glória no tempo da angústia (ou apêrto). Dois vícios condena aqui o sábio, um, gloriar-se qualquer pela perícia da sua arte, o que é feia arrogância; outro reputar por desonra própria lançar mão do trabalho, quando a necessidade aperta, o que é ridícula prova de soberba. De outro modo: "Não busques pretextos para deixares de fazer a tua obra, nem tenhas pêjo de ganhar de comer em tempo calamitoso." Esta interpretação parece ser a melhor de tôdas. Até aqui são palavras de Calmet; porém Menochio diz com mais clareza ser o sentido: "Não busques pretextos para te escusares do teu trabalho, como se estivera mal ao teu caráter e à tua nobreza ocupares-te em tais ministérios, ainda em tempo de necessidade.

31 Filho, conserva a tua alma na mansidão, e dá-lhe honra, segundo o seu merecimento. (7)

32 Quem justificará ao que peca contra a sua alma? E quem honrará ao que desonra a sua alma?

33 O pobre acha a sua glória por meio dos seus costumes, e do seu temor: E há homem que é honrado por causa de suas riquezas.

34 Ora o que é glorificado na pobreza, quanto mais o seria nas riquezas? Mas o que acha a sua glória nas riquezas, tema a pobreza.

CAPÍTULO 11

NÃO JULGAR OS HOMENS PELO SEU EXTERIOR. VAIDADE DAS GRANDEZAS HUMANAS. DE DEUS É QUE VÊM OS BENS, E OS MALES. VAIDADE DAS RIQUEZAS. POR EM DEUS A SUA CONFIANÇA. NÃO SE FIAR DE TODOS.

1 A sabedoria daquele que é de baixa condição, o sublimará em honras, e o fará assentar no meio dos grandes. (1)

(7) **FILHO, CONSERVA A TUA ALMA** — Pode ter este lugar três sentidos. O primeiro é, que se alguém se achar em apêto, não descoroço, antes mostre a sua paciência e mansidão, sem que obre coisa indigna de sua pessoa, e, segundo esta inteligência, vem a dizer, o mesmo, que a sentença de Cristo por Lc 21, 19. “Na vossa paciência possuireis as vossas almas.” O segundo mostra que, ficando já arguidos no versículo acima os que, ainda morrendo à fome, avaliam por baixaza o trabalho, devam igualmente ser condenados aqueles que por avareza se defraudam das coisas necessárlas à vida, nem se atrevem a encetar para êsse fim os seus tesouros. O terceiro finalmente dirige-se a todos os que se acham constituídos em dignidade, para que se contenham dentro dos justos limites da modéstia, sem que ao mesmo tempo deixem de requerer dos mais tudo quanto lhes é devido. — **Pereira.**

(1) **SUBLIMARA EM HONRAS** — À letra: exaltará (ou levantará) a sua cabeça. E', pois, uma expressão hebréia, que vem

2 Não louves ao varão pela sua gentileza, nem desprezes ao homem pelo seu exterior:

3 Pequena é a abelha entre os animais voláteis, e com tudo isso logra o seu fruto a primazia da doçura.

4 Não te pavoneies jamais no vestido, nem te desvaneças no dia da tua honra, porque só as obras do Altíssimo, sim as suas obras, e não as de outrem, são admiráveis, e gloriosas, e escondidas, e incógnitas.

5 Muitos tiranos se assentaram no trono e outro, de quem tal se não pensava, levou o diadema.

6 Muitos príncipes poderosos foram com grande violência oprimidos, e os que estavam ufanos vieram a ser entregues nas mãos de outros.

7 Não vituperes ninguém antes de te haveres informado: E quando já tiveres perguntado, repreende-o com equidade.

8 Sem que primeiro ouças, não respondas palavra: E no meio dos discursos não te metas a falar.

9 Não disputes sobre coisas, que não têm nada contigo: E não te assentes no juízo dos pecadores. (2)

10 Filho, não tenhas empregadas as tuas diligências em muitos negócios: E se fôres rico, de culpa não estarás isento: Porque se tu sêguires a enchente dêles, não poderás abrangê-los: E se, aos mesmos dando evasão, fôres por diante, não escaparás de sempre carregar sobre ti o seu peso.

a dizer o que se acaba de expor, "sublimar em honras, ou a honras, dar a investidura de algum governo, levantar a dignidades."

— Cfr. Dan 6, 3.

(2) **NO JUÍZO DOS PECADORES** — Daqueles que, levados da curiosidade, inquiram as ações alheias, que lhes não importam, e as julgam temerariamente. Ou o sentido é: Se vires que tudo ali se trata contra o direito e contra as leis, procura subtrair-te do tal congresso. — Menochio.

11 Há homem que trabalha, e se dá pressa, e se atormenta sem piedade, mas nem por isso terá maior abundância de bens.

12 Há homem outrossim negligente que necessita de restauração, mas falta de vigor, e abundante de pobreza:

13 E o ôlho de Deus pôs a sua vista benignamente sobre êle e o levantou da sua humilhação, e exaltou a sua cabeça: E maravilharam-se dêle muitos, e glorificaram a Deus.

14 Os bens e os males, a vida e a morte, a pobreza e as riquezas, tudo isto vem de Deus.

15 Em Deus é também que se acham a sabedoria, e o regulamento da vida, e a ciência da lei. A caridade e os caminhos das boas obras nêle mesmo têm a sua origem.

16 O êrro e as trevas foram criadas com os pecadores: E os que se regozijam com os males que cometem, no mal envelhecem. (3)

17 O dom de Deus permanece firme nos justos, e

(3) O ERRO E AS TREVAS — Acabara de dizer o Sábio nos versos 11. 12. 13. 14, que todos os bens e males, de que a vida humana é capaz, nos são dados por Deus; aqui nos versos 15 e 16 ensina que os bens e os males, que sòmente dizem respeito à alma, vêm da mesma mão do Onipotente. Mas procedem de Deus os bens e os males por mui diversa maneira; os bens já se sabe direta, própria, absolutamente e da primeira vontade de Deus, e os males indireta e impròpriamente, porque o mesmo ímpio é a própria causa dos males que padece. A êste aflige Deus com desgraças, porque mereceu castigo. Porquanto o que está da parte de Deus, isso quer unicamente o mesmo Deus, que é, o ter cada um certa a sua salvação, e serem todos os homens acumulados de benefícios. Se o êrro e as trevas reinam entre os homens, se o pecado e a morte invadiram o mundo, a culpa é só do homem, que provocando de sua livre vontade êstes males, espontâneamente se sujeitou a êles. — Calmet.

o progresso que êle faz, terminar-se-á numa eterna felicidade. (4)

18 Há quem se enriquece vivendo com parcimônia, e tôda a parte do seu galardão consiste

19 em poder dizer: Eu achei meio de me pôr em descanso, e agora comerei só dos meus bens:

20 E não sabe que tempo passará, e se avizinha a morte, e que deixará tudo aos outros, e morrerá.

21 Persiste no teu pacto, e sôbre êle seja a tua conversação, e envelhece em praticar o que te foi mandado.

22 Não te detenhas nas obras dos pecadores. Mas confia em Deus, e conserva-te firme no teu lugar.

23 Porque a Deus é fácil o enriquecer de repente ao pobre.

24 A bênção de Deus se apressa a recompensar o justo, e numa rápida hora o faz crescer e frutificar. (5)

(4) **NOS JUSTOS** — Ou, como diz o grego, aos pios. Isto mesmo disse S. Paulo aos Rom 11, 29, que os dons e vocação de Deus são sem arrependimento; convém a saber, Deus nunca revoga o que uma vez nos deu por sua liberalidade e não tira os benefícios que já concedeu. Finalmente Deus a ninguém desampara sem que primeiro seja por êle desamparado. Concil. Trident. Sess. VI, Cap. XI — Calmet.

(5) **E NUMA RÁPIDA HORA** — Isto é, em breve tempo. Quando Deus fôr servido dar-te ainda nesta vida a recompensa da tua fé, concedendo-te aquêles bens de fortuna, que êle promete aos pios reverenciadores da sua lei, serás imediatamente dêles acumulado, e derramará Deus sôbre ti os seus benefícios com mão larguíssima. Na antiga aliança os bens da fortuna tinham-se por indícios do favor Divino, da nova lei nada há mais ambíguo, porque de ordinário abundam dêles os que os excedem aos outros na impiedade. A indigência e os trabalhos são o viático ou os alforjes dos amigos de Deus. *Beati pauperes, Bem-aventurados os pobres.* — Calmet.

25 Não digas: Que tenho eu já que fazer, e que bens poderei esperar daqui em diante? (6)

26 Não digas também: A mim basta-me o que tenho: E que mal posso eu temer que me suceda para o futuro?

27 No dia dos bens não te esqueças dos males: E no dia dos males não te esqueças dos bens:

28 Porque é fácil a Deus retribuir a cada um no dia da morte, segundo os seus caminhos.

29 O mal presente faz esquecer os maiores prazeres, e na morte do homem serão descobertas as suas obras. (7)

30 Não louves homem algum antes da morte, porque o varão conhece-se pelos filhos que deixa.

31 Não introduzas em tua casa a todo o homem: Porque são muitas as traições do doloso.

32 Porquanto assim como as entranhas dos que nelas têm fétido, arrotam o seu mau cheiro, e assim como a perdiz é metida na gaiola, e como a corça vem

(6) **QUE TENHO EU** — Parecem ser palavras de um pobre constituído na última consternação e desamparo, desconfiando já de todo o remédio, palavras que, pela sua impiedade, se assemelham às com que arguía a Jó 2, 9, e a Tob 2, 22, suas próprias mulheres. — *Pereira.*

(7) **O MAL PRESENTE** — À letra: "a malícia de uma hora," isto é, uma hora de mal. O sentido é, que de todos os prazeres passados se esquece o homem, quando experimenta a dor, a penalidade, a aflição presente, ou também que, depois de reduzido ao último conflito na hora da morte (vindo a tomar-se a malícia de uma hora por este decisivo momento, de que pende a Eternidade) o mesmo homem dentro e fora de si oprinido e afogado num dilúvio de ânsias e angústias mortais, de todos os gostos e passatempos em que tanto se deleitava e que então pela maior parte lhe causam dor, se esquece, reputando até por um sonho toda a carreira de sua vida. — *Pereira.*

a cair no laço: Assim é também o coração dos soberbos, e do mesmo modo aquêle que está como de uma atalaia vendo a queda do seu próximo. (8)

33 Porque êle arma ciladas, convertendo o bem em mal, e porá mácula nas coisas mais puras.

34 Por uma só faísca se atea com grande aumento o fogo, e por um doloso se aumenta o sangue: E o homem pecador arma traições para o derramar.

35 Guarda-te do homem pestífero, pois está forjando males: Para que não suceda que faça cair sobre ti para sempre alguma infâmia.

36 Dá entrada em tua casa ao estrangeiro, e êle exercitará tal reboliço, que te arruíne e te lançará fora da tua própria morada.

CAPÍTULO 12

FAZER BEM COM DISCREÇÃO. OS VERDADEIROS AMIGOS NÃO SE CONHECEM SENÃO NA ADVERSIDADE. GUARDAR-SE DO INIMIGO AINDA RECONCILIADO.

1 Se fizeres bem, sabe a quem o fazes, e o bem que fizeres agradará muito. (1)

(8) **A PERDIZ** — Comparando com a caça das perdizes a dissimulação dos soberbos, mostra o Sábio que assim como as outras perdizes caem no laço, que se lhes tem armado, acudindo à voz e canto da chamariz, do mesmo modo os soberbos com o fingimento da sua amizade, mostram compadecer-se das misérias e calamidades alheias, ao mesmo tempo que se estão regozijando delas, feitos observadores da desgraça do próximo. — **Percira.**

(1) **E O BEM QUE FIZERES** — À letra: “e nos teus benefícios haverá muita graça.” Depois de ter advertido o sábio no capítulo antecedente as terríveis conseqüências que se seguem de admitir em casa ao desconhecido e doloso, prescreve aqui uma prudente regra para as evitar, que é, informar-se cada um primeiro da índole, costumes e merecimento daquele a quem intenta fazer

2 Faze bem ao justo, e acharás uma grande recompensa: Porque ainda quando dêle a não recebas, vir-te-á certamente da mão do Senhor.

3 Porque não tem que esperar ser bem sucedido aquêle que sempre está aplicado a fazer mal, e que não dá esmolas: Porque tanto aborrece o Altíssimo aos pecadores como usa de misericórdia com os penitentes.

4 Dá ao compassivo, e não protejas ao pecador: Porque aos ímpios e aos pecadores dará o castigo, guardando-os para o dia da vingança.

5 Dá ao que é bom, e não remedeies o pecador. (2)

6 Faze bem ao humilde, e não dêes ao ímpio: Impede que se lhe dê pão, a fim de se não fazer com êle mais poderoso do que tu:

bem. Tal é o sentido literal do presente verso, para cuja intelligência no moral se deve atender que as cotidianas e costumadas esmolas não devem ser distribuídas com um tão escrupuloso exame da condição e pobreza dos que a recebem. Nisto se há de obedecer às palavras de Cristo, que manda (Lc 6, 39). "Dá a todo aquêle que pede," e se deve imitar o pai Celestial, "que faz nascer o seu sol sobre bons e maus (Mt 5, 45) para que não suceda que, enquanto fazes esta escolha com excessivo cuidado, percas o merecimento da hospitalidade e da esmola; diz S. Ambrósio sobre S. Lucas: "Para que, enquanto se escolhe o hóspede, se não diminua a hospitalidade." Porém nos negócios mais graves, como quando se trata da eleição dum magistrado, ou de se haver de distribuir uma esmola extraordinária, ou quando há mais pretendentes à mesma coisa, é ação digníssima do homem prudente eleger o mais necessitado de todos e preferi-lo aos outros, que ou são menos dignos, ou se não acham vivendo em tão apertadas circunstâncias de pobreza. Enio disse: *Benefacta male facta, malefacta arbitror*, ao qual provérbio corresponde no português, mais adequadamente do que outro, o seguinte: "Quanto se faz ao vilão, tudo é maldição." — Calmet.

(2) O PECADOR — Santo Agostinho, S. Brás e muitos outros Padres notam que a palavra pecador está aqui em lugar do pecado, de sorte que o sentido é este: Não vás com as tuas esmo-

7 Porque em todos os bens, quaisquer que fôrem os que tu lhe fizeres, acharás dobrados males: Porquanto o Altíssimo aborrece também aos pecadores, e corresponderá aos ímpios com a sua vingança. (3)

8 O amigo não se conhecerá nas prosperidades e o inimigo não ficará encoberto nas adversidades.

9 Quando um homem é feliz, estão tristes os seus inimigos: E quando êle é desgraçado, conhece-se quem é seu amigo.

10 Não te fies jamais do teu inimigo: Porque sempre cria azevre, como vaso de cobre, a sua malícia:

11 E se êle todo humilhado vier cabisbaixo, põe-te alerta e guarda-te dêle.

12 Não o ponhas ao pé de ti, nem êle se assente à tua direita, para que não suceda que, voltado para o teu lugar, pretenda a tua cadeira: E conheças enfim as minhas palavras, e sejas estimulado em consequência dos meus discursos.

13 Quem se compadecerá do encantador ferido da serpente, e de todos os que se chegam às feras? Pois assim

las alimentar ou proteger o pecado de outrem. Também se pode entender a expressão: *Dá o que é bom*, não acêrca da esmola, mas de qualquer outro benefício. Ora neste caso, vale mais dar aos bons do que aos maus, sobretudo quando há a presunção de que estes últimos abusarão do bem que se lhes faz, e transformarão êsse bem em instrumento de pecado, como se supõe nos versículos seguintes. Com esta explicação desaparece a pretendida contradição entre êste lugar e as máximas do Evangelho, que nos impõem dever de fazer bem a todos, ainda aos maus e aos inimigos. Cfr. Calmet e Welte. *Specielle Einleitung in die deuterocanonischen Bücher des alten Testaments*, 1884, p. 222.

(3) **DOBRADOS MALES** — Múltiplices, e por isso quanto mais bem lhe fizeres, tanto mais incômodo receberás da sua parte. Ou chama-se dobrado mal, porque se perde o benefício, e por meio dêle o mau se torna mais poderoso na sua maldade. — **Menochio.**

ninguém terá compaixão daquele que acompanha com o homem iníquo, e se acha envolto em seus pecados.

14 Uma hora permanecerá contigo: Mas se fôres em decadência, não terá perseverança.

15 O inimigo tem nos seus lábios a doçura: Mas no seu coração arma laços para te fazer cair na cova.

16 O inimigo tem as lágrimas nos seus olhos, mas se achar ocasião, não se fartará de sangue:

17 E se vierem sôbre ti algumas calamidades, ali o acharás primeiro que nenhum outro.

18 O inimigo tem as lágrimas nos seus olhos, e fingindo que te socorre, êle procurará fazer-te cair.

19 Êle moverá a sua cabeça, e baterá com as mãos, e falando muito entre dentes, mudará de semblante.

CAPÍTULO 13

DANOS DA SOCIEDADE COM OS SOBERBOS, E PODEROSOS.
COMO UM SE DEVE HAVER COM OS GRANDES. UNIR-SE
A DEUS, E AOS SEMELHANTES. PARALELO DO POBRE, E
DO RICO.

1 O que tocar o pêz, ficará contaminado dêle: E o que tiver comércio com o soberbo, se vestirá de soberba.

2 Tomará sôbre si uma pesada carga o que tem comunicação com outro mais poderoso do que êle. E não entres em sociedade com o que é mais rico do que tu. (1)

3 Que fruto tirará do seu comércio uma panela junto do caldeirão? Porque quando êstes vasos derem um no outro ela se quebrará.

(1) TOMARA — Por ter de se acomodar e condescender com o que quer o poderoso, ainda com prejuizo da sua fazenda e descômodo da sua pessoa.

4 O rico fêz uma injustiça, e bramará: O pobre porém, tendo sido maltratado, se calará.

5 Se lhe deres com largueza, êle te admitirá à sua amizade: Mas se não tiveres que lhe dar, êle te deixará.

6 Se tens, fará convivência contigo e escorchar-te-á e êle nenhuma pena terá de ti.

7 Se tu lhe fôres necessário, êle te enganará e sorrindo-se te dará boa esperança, falando-te com boas palavras e te dirá: Necessitas de alguma coisa?

8 E confundir-te-á com as suas cobertas, até que te esgote com dois ou três jantares: E por último zombará de ti: E vendo-te ao depois te abandonará, e moverá para ti a sua cabeça.

9 Humilha-te diante de Deus, e espera que a sua mão obre.

10 Vê, não te humilhes indiscretamente deixando-te seduzir.

11 Não te humilhes na tua sabedoria, para que não suceda que, sendo humilhado, te deixes seduzir para cometeres uma loucura.

12 Se fôres chamado por algum grande retira-te: Porque isso o incitará mais a chamar-te.

13 Não lhe sejas importuno para que êle se não desgoste de ti: E não te alongues dêle, para que não venhas a esquecer-lhe.

14 Não o detenhas em conversação, como se fôsse seu igual: Nem te fies nas suas muitas palavras: Porque êle te tentará, fazendo-te falar muito e sorrindo-se perguntar-te-á o que tu deves ter em segredo.

15 O seu coração desapiedado conservará tôdas as tuas palavras: E não te perdoará, nem os maus tratamentos, nem as prisões.

16 Tem côbro em ti, e ouve com atenção o que êle te disser: Porque andas em risco de te perder.

17 Mas ouvindo tu as suas palavras, toma-as por um sonho, e vigiarás.

18 Ama a Deus em toda a tua vida, e invoca-o pela tua salvação.

19 Todo o animal ama ao seu semelhante: Assim também todo o homem ama ao seu próximo.

20 Toda a carne se ajunta à que se lhe assemelha, e todo o homem se unirá com o seu semelhante.

21 Se o lobo comunicar alguma vez com o cordeiro, assim o pecador com o justo.

22 Que correlação tem um homem santo com um cão? Ou que sociedade tem um homem rico com um pobre?

23 O asno montês é a presa do leão no deserto, assim também os pobres são o pasto dos ricos.

24 E assim como a humildade é a abominação do soberbo: Assim também o pobre é a execração do rico.

25 O rico, tendo sido abalado, é sustido pelos seus amigos: Mas o pobre, quando cair, será empurrado até pelos seus conhecidos.

26 Se o rico se engana, tem muitos defensores: Falou com altiveza, e justificaram-no:

27 Enganou-se o pobre, e ainda em cima é arguido: Falou avisadamente, e não se lhe dão ouvidos.

28 Falou o rico, e todos se puseram em silêncio; e exaltaram até às nuvens as suas palavras.

29 Falou o pobre, e dizem: Quem é este? E se puser um pé em falso, acabá-lo-ão de derrubar.

30 Boa é a riqueza para o que não tem pecado na sua consciência: E a pobreza é péssima na boca do ímpio.

31 O coração do homem muda-lhe o rosto, ou para bem, ou para mal.

32 Dificultosamente, e com trabalho acharás tu um rasto de bom coração, e um bom semblante. (2)

CAPÍTULO 14

FELICIDADE DO QUE NÃO PECA PELA LÍNGUA. INFELICIDADE DO AVARENTO. LEMBRAR-SE DA MORTE. FAZER BOM USO DOS SEUS BENS. FELICIDADE DO QUE FAZ DILIGÊNCIAS POR ACHAR A SABEDORIA.

1 Bem-aventurado o homem que não caiu pelas palavras da sua boca, e que não foi estimulado com a tristeza do delito.

2 Ditoso aquêle que não teve tristeza na sua alma, e que não descaiu da sua esperança. (1)

3 Os bens são inúteis ao varão cobiçoso e tenaz do dinheiro, e de que serve o ouro ao homem invejoso?

4 O que amontoa riquezas defraudando-se do neces-

(2) **RASTO DE BOM CORAÇÃO** — Não é fácil achar-se um coração ocupado no estudo da sabedoria, e na meditação das coisas divinas, e um bom rosto, porque de ordinário, por não dizer sempre, a freqüente aplicação da alma a matérias sérias faz o semblante carregado, triste e austero. Funda-se esta inteligência no grego, que diz: “O rasto do bom coração no meio dos bens é o rosto alegre, e a invenção das parábolas são pensamentos com trabalho, isto é, e a invenção das parábolas requer trabalhosa meditação. Pode ser também o sentido, segundo a explicação de Sacy, que difficilmente se acha um bom rosto, cuja alegria nasce da pureza do coração. — *Pereira.*

(1) **QUE NÃO TEVE TRISTEZA NA SUA ALMA** — O grego: “a quem a alma (ou consciência) não condenou. — *Pereira.*

sário à própria vida com injustiça, ajunta-as para outros, e outrem se regalará com os seus bens.

5 Para que outra pessoa será bom aquêle que é mau para si, e que por isso não chegará a gozar dos seus bens?

6 Nada há pior do que aquêle que a si mesmo inveja a sua própria subsistência, e esta mesma disposição é a recompensa da sua malícia:

7 E se fizer bem, só por inadvertência, e sem querer é que o faz: E por último descobre a sua malícia.

8 O ôlho do invejoso é mau: E êle vira a sua cara, e despreza a sua alma.

9 O ôlho do cobiçoso é insaciável na parte da iniquidade: Não se fartará, enquanto êle, secando-a, não consumir a sua alma. (2)

10 O ôlho maligno estende a vista a coisas más: E não se fartará de pão, mas achar-se-á faminto e pôsto em tristeza à sua mesa. (3)

11 Filho, se tens cabedais, faz com êles bem a ti mesmo, e oferece a Deus dignas oblações.

12 Lembra-te que a morte não tarda, e que te foi

(2) **NA PARTE DA INIQUIDADE** — Isto é, não se contenta, nem dá por satisfeito com a porção que lhe toca, e que por causa da sua cobiça e avareza se chama, da iniquidade, ou também não se sacia com a parte dos bens que tem injustamente adquirido. O grego diz: "não se contenta com uma parte," porque tudo para si quer sem dar momento de tréguas nem descanso ao seu espírito, atenuando-o e fatigando-o com o cuidado de acumular cada vez mais riquezas.

(3) **A COISAS MÁS** — Isto é, a fazer usuras, e a outros ganhos injustos. — Menochio.

FAMINTO — Porque ainda que tenha vontade de comer não come todavia o que necessita, para poupar o dinheiro. — Menochio.

E POSTO EM TRISTEZA — Ou porque êle mesmo não come o que lhe basta para a sua refeição, ou porque sente ver o gasto que lhe faz a sua família. — Menochio.

intimado o decreto dos infernos: Porque é decreto dêste mundo o haver infalivelmente de morrer. (4)

13 Faz bem ao teu amigo antes da morte, e estendendo a mão dá esmola ao pobre, segundo as tuas possibilidades.

14 Não te defraudes dum bom dia, e não deixes passar uma partezinha do bem que te é concedido. (5)

15 Não é assim que tu hás de deixar a outros o fruto das tuas penalidades, e dos teus trabalhos, para elles o repartirem entre si? (6)

(4) **O DECRETO DOS INFERNOS** — O infalível e irrevogável decreto de que todos hão de morrer. A morte, ou o estado dos mortos é denotado, no Antigo Testamento, com o nome de inferno ou infernos.

PORQUE É DECRETO DÊSTE MUNDO — Todos aquêles que vivem neste mundo estão sujeitos a êste decreto, e a esta sentença: "Todo o homem infallivelmente morrerá." — Menochio.

O HAVER INFALIVELMENTE DE MORRER — O grego diz negativamente: "Lembra-te que a morte não tarda, e que o testamento (o decreto ou tempo) da sepultura te não foi declarado," isto é, sabendo como deves, de certo que hás de morrer, não sabes o como, nem o quando.

(5) **NAO TE DEFRAUDES** — Não deixes de fazer por avareza honesto e decente uso dos bens que Deus te concedeu para viveres sobre a terra.

DO BEM QUE TE É CONCEDIDO — À letra: dum bom dom. E' repetição da mesma sentença, que no sentido moral se explica do cuidado que deve haver em não omitir ocasião de bem obrar. O grego diz: "E a parte do bom desejo não te escape," o que vem a reduzir-se ao mesmo sentido. — Pereira.

(6) **PARA ELES** — À letra pode-se dizer: ou: "para que se repartam por sorte?" ou: "para se fazerem as partilhas da herança!" isto é, para que os teus herdeiros venham depois a fazer partilhas dos bens, que tu, chatinando e vivendo sempre mesquinho, ajuntaste! — Pereira.

16 Dá, e toma; e santifica a tua alma. (7)

17 Faze obras de justiça antes da tua morte: Porque na sepultura não poderás achar alimento. (8)

18 Tôda a carne envelhecerá como o feno, e como a fôlha que frutifica na verde árvore.

19 Umás fôlhas nascem, e outras caem: Assim é a geração de carne, e de sangue, uma fenece, e outra nasce.

20 Tôda a obra corruptível virá enfim a perecer: E o seu artifice irá com ela.

21 E tôda a obra escolhida será justificada: E o que a executa, nela será honrado. (9)

22 Bem-aventurado o homem, que permanecer na sabedoria, e que meditar na sua justiça, e pensar com madureza na circunspecção de Deus: (10)

23 Que cogita no seu coração os caminhos da sabedoria, e que penetra com inteligência os seus segredos,

(7) **DÁ** — Isto é, dá aos pobres conforme as tuas posses, toma o que baste para o teu uso, e dêste modo justifica, ou como diz o grego, "santifica a tua alma" com a prática de semelhantes obras de justiça, e de misericórdia.

(8) **NÃO PODERÁS ACHAR ALIMENTO** — Ou porque ninguém pode levar para o outro mundo os bens que adquiriu neste, para lá os desfrutar, ou porque o homem só enquanto viador, isto é, enquanto vive sobre a terra, pode ajuntar cabedal de merecimentos, em ordem à sua salvação. Confira-se o evangelho de S. João 6, 27.

(9) **E TODA A OBRA** — Fala-se aqui das obras de justiça e de virtude, que hão de ser premiadas, e honrado por elas o que as executar, obras de natureza mui diferente das corruptíveis, de que se faz menção no verso antecedente; porque estas são caducas e transitórias, aquelas imortais e eternas.

(10) **NA CIRCUNSPECÇÃO DE DEUS** — Isto é, na presença de um Deus providente, que tudo vê, e a quem por consequência nada se esconde. — **Pereira.**

indo atrás dela como quem lhe segue o rasto, e se põe de assento nos seus caminhos:

24 Que olha pelas suas janelas, e que a ouve às suas portas:

25 Que repousa junto da sua casa, e que pregando uma estaca nas suas paredes, assentar ao lado dela a sua pequena cabana, e nesta pequena cabana tiverem os seus bens descanso para sempre:

26 Ele porá seus filhos debaixo da sua sombra, e ele mesmo ficará assistindo debaixo dos seus ramos:

27 Ele à sua sombra será defendido do calor, e repousará na sua glória.

CAPÍTULO 15

AQUELE QUE BUSCA A SABEDORIA, ACHÁ-LA-Á. DEUS NÃO É AUTOR DO PECADO. ELE DEIXOU AO HOMEM A ESCOLHA DO BEM E DO MAL.

1 O que teme a Deus fará boas obras: E o que está bem firmado na justiça, lançará mão da sabedoria,

2 e ela lhe sairá ao encontro como uma mãe cheia de honra, e o receberá como uma espôsa virgem recebe ao seu espôso. (1)

3 Ela o sustentará do pão da vida e de inteligência, e lhe dará a beber da água da sabedoria, que dá saúde: e se firmará nêle e ele ficará incontrastável: (2)

4 E tê-lo-á da sua mão e não será confundido: E ela o exaltará entre os seus próximos,

(1) **UMA MÃE** — Os termos de mãe e de espôsa, de que o Sábio aqui usa, vêm a denotar o agasalho, abrigo, e ternura com que a sabedoria recebe os que ansiosamente a buscam.

(2) **E ELE FICARÁ INCONTRASTÁVEL** — Isto é, não se dobrará ao mal, nem abaterá por nenhum revés, ou acidente da vida, estando bem firme e fundado na sabedoria. — Calmet.

5 e lhe abrirá a bôca no meio da Igreja, e o encherá do espírito da sabedoria, e de inteligência, e o vestirá dum hábito de glória. (3)

6 Ela entesourará sôbre êle regozijo e exultação, e lhe dará por herança um nome eterno.

7 Os homens insensatos não a alcançarão, mas os homens de bom senso se encontrarão com ela; os insensatos não a verão: Porque ela está longe da soberba e do engano:

8 Os homens mentirosos não se lembrarão dela: Mas os homens de verdade achar-se-ão com ela, e caminharão felizmente, até chegarem à vista de Deus.

9 O louvor não tem beleza na bôca do pecador: (4)

10 Pois que de Deus saiu a sabedoria: Porque o louvor de Deus estará ao lado da sabedoria, e abundará na bôca fiel, e dá-lo-á a esta o Soberano Dominador. (5)

11 Não digas: Deus é causa de estar longe de mim a sabedoria: Não faças tu pois o que êle aborrece. (6)

(3) **DA IGREJA** — A palavra Ecclesia significa os ajuntamentos da Religião, ou do povo por causa de negócios civis. Em ambas estas partes ouvem todos ao Sábio com obséquio e admiração. — Calmet.

(4) **O LOUVOR** — Isto é, de Deus e da sabedoria, por lhe não ser, como acrescenta o grego, enviado (ou inspirado) pelo Senhor. — Pereira.

(5) **PORQUE O LOUVOR DE DEUS** — O grego diz: "Porque em sabedoria se pronunciará (isto é, se deve pronunciar) o louvor de Deus, e o Senhor o prosperará," fará com que aproveite na bôca daquele, a quem Deus se dignou instruir, e comunicar a sabedoria. — Pereira.

(6) **NAO FAÇAS TU POIS** — Como se dissera: Deus aborrece a estultícia e o pecado; assim que tu, com êste pretexto de que Deus não quer que sejas bom, ou de que te não faça bom, não cometas o pecado que êle mesmo aborrece, porque nem a tua escusa será idônea. Ou o sentido é: Não é de espantar, se está longe de ti a Sabedoria, quando tu fazes o que Deus aborrece. — Menochio.

12 Não digas: Ele é o que me pôs fora do caminho: Porque não lhe são necessários os homens ímpios.

13 O Senhor aborrece tôda a abominação do êrro e esta não será amável aos que o temem.

14 Deus criou o homem desde o princípio, e o deixou na mão do seu conselho.

15 Ele lhe deu mais os seus mandamentos, e os seus preceitos;

16 Se tu quiseses observar êstes mandamentos, e guardar sempre com fidelidade o que é do agrado de Deus, êles te conservarão.

17 Ele pôs diante de ti a água e o fogo: Lança a tua mão ao que quiseses.

18 Diante do homem estão a vida e a morte, o bem e o mal: O que lhe agradar, isso lhe será dado:

19 Porque a sabedoria de Deus é grande, e forte no seu poder, estando vendo a todos sem intermissão. (7)

20 Os olhos do Senhor estão sôbre os que o temem, e êle mesmo conhece tôdas as obras do homem.

21 Ele a ninguém mandou obrar impiamente, e a ninguém deu espaço de pecar: (8)

(7) **PORQUE A SABEDORIA DE DEUS É GRANDE** — Assim como resplandece a grande sabedoria de Deus em criar o homem, senhor do seu livre alvedrio, assim também brilha o seu poder em castigar aquêles que se apartam do reto caminho da justiça. Ninguém pois se persuada que pode escapar das mãos do Poderoso, nem esconder-se a seus olhos, ou enganá-lo, porque êle sempre está vendo a todos, e contemplando como se portam. — Menochio.

(8) **E A NINGUÉM DEU ESPAÇO DE PECAR** — Isto é, a ninguém concedeu o tempo, que lhe dá de vida para pecar, senão para se adiantar na virtude, ou para se arrepender e fugir do vício. De outra maneira: a ninguém pôs no apêrto de se ver por força obrigado a pecar.

22 Porque êle não faz gôsto de ter uma multidão de filhos infieis e inúteis.

CAPÍTULO 16

NÃO SE ALEGRA DE TER MUITOS FILHOS, SE ELES NÃO SÃO TEMENTES A DEUS. DEUS EXTERMINA OS MAUS, E GALARDOA OS BONS. ELE VÊ O FUNDO DOS CORAÇÕES. OS SEUS CAMINHOS SÃO IMPENETRÁVEIS, OS SEUS JUÍZOS TERRÍVEIS, O SEU PODER INFINITO.

1 Não te regozijes com os filhos ímpios se se multiplicam: Nem ponhas nêles a tua complacência, se nêles não há temor de Deus.

2 Não te confies na sua vida, nem olhes para os seus trabalhos.

3 Porque mais vale um temente a Deus do que mil filhos ímpios.

4 E mais útil é morrer sem filhos do que deixar filhos ímpios.

5 Por um só homem de juízo será povoada a pátria, uma tribo de ímpios virá a ficar deserta. (1)

6 Eu vi com os meus olhos muitos exemplos dêstes, e com os meus ouvidos ouvi outros ainda maiores.

7 O fogo acender-se-á no congresso dos pecadores, e a ira inflamar-se-á na gente incrédula. (2)

8 Não obtiveram perdão dos seus pecados os anti-

(1) **UMA TRIBO** — Uma larga descendência. Para confirmação da primeira parte do presente verso traz Menochio por exemplo aos filhos de Jacó, que cresceram até chegar a uma multidão imensa: para prova desta segunda aponta os habitantes de Pentápolis, que foram causa da ruína da sua pátria.

(2) **O FOGO** — Da divina vingança.

gos gigantes, que foram destruídos por confiarem na sua fortaleza: (3)

9 E Deus não perdoou à cidade, em que Ló morava como estrangeiro, e teve em execração os seus habitantes por causa da sua insolência. (4)

10 Ele não teve compaixão deles, perdendo toda esta nação, que até se elevava com vanglória nos seus pecados.

11 Ele também da mesma sorte perdeu os seiscentos mil homens de pé, que conspiraram entre si na dureza do seu coração: E se um só fôra contumaz, seria grande maravilha, se tivesse ficado sem castigo:

12 Porque a misericórdia e a ira sempre o acompanham. Ele é poderoso para perdoar, e também o é para derramar a sua ira:

13 Os seus castigos igualam a sua misericórdia, ele julga o homem segundo as suas obras.

14 Não escapará o pecador na sua rapina, e a paciência do que usa de misericórdia não tardará em ser recompensada.

15 Toda a ação de misericórdia fará colocar a cada um no seu lugar, segundo o merecimento das suas obras, e segundo a prudência com que ele tiver vivido como peregrino na terra. (5)

(3) **OS ANTIGOS GIGANTES** — Deus mostrou-se implacável para com os antigos gigantes, que se rebelaram contra ele, por causa do seu vão e mal entendido poder. Os gigantes fizeram talvez oração a Deus ao tempo que se viram sossobrados já das águas do dilúvio. — Menochio.

(4) **E DEUS NÃO PERDOOU** — À letra: não perdoou à peregrinação de Ló, e os teve em execração, pela soberba deles, porque a soberba com que falaram contra Deus, e contra Ló, foi uma causa parcial da ruína de Sodoma. Veja-se o Profeta Ez 16, 49. — Pereira.

(5) **TODA A AÇÃO DE MISERICÓRDIA** — À letra: "Toda a misericórdia fará lugar a cada um (no Céu) segundo o mereci-

16 Não digas: Eu me furtarei aos olhos de Deus. E quem se lembrará de mim lá dos altos Céus?

17 Eu não serei conhecido entre um grande povo: Pois que coisa é a minha alma entre o número sem número de tôdas as criaturas?

18 Eis-aí que o céu e o céu dos céus, o abismo, e tôda a extensão da terra, e tudo o que nêles se contém, tremerá à sua vista,

19 os montes igualmente, e os outeiros, e os fundamentos da terra: Quando Deus lhes puser os olhos todos de tremor serão abalados.

20 E no meio de tudo isto ainda está insensato o coração do homem: Porém todo o coração é entendido por Deus:

21 E quem é o que comprehende os seus caminhos e a tempestade, que o olho do homem nunca verá? (6)

22 Porque um avultadissimo número das suas obras são escondidas: Mas quem poderá exprimir as obras da sua justiça: Ou quem as poderá suportar? Porquanto os seus decretos estão longe de alguns, e o exame de tôdas as coisas é na consumação. (7)

mento das suas obras, e segundo a prudência da sua peregrinação." O grego diz: "Faze lugar a tôda a misericórdia, porque achará cada um segundo as suas obras." Outras edições acrescentam: "O Senhor endureceu a Faraó de sorte que o não conhecesse, para que se manifestassem as suas obras portentosas a tudo o que há de baixo do Céu. A tôda a criatura é notória sua misericórdia, e elle apartou a sua luz das trevas com um diamante," isto é, por uma ordem mais firme que um diamante, por meio do sol.

(6) **VERÁ** — Isto é, não alcançará as suas causas, por estarem encerradas nos tesouros da sabedoria e Onipotência do Autor da natureza. Veja-se Sl 134, 7-9, com o Livro de Jó 38, 25.

(7) **NA CONSUMAÇÃO** — No dia da morte, ou juízo final.
— **Pereira.**

23 O imprudente tem pensamentos vãos: E o homem indiscreto e extraviado pensa loucuras.

24 Ouve-me, filho, e aprende a disciplina dos bons sentimentos, e está atento em teu coração às minhas palavras,

25 e eu te darei documentos de equidade, e manifestar-te-ei os arcanos da sabedoria, e está atento às minhas palavras em teu coração, e já daqui te digo com retidão de espírito as virtudes, que desde o princípio tem Deus feito reluzir nas suas obras, e te declaro em verdade a sua ciência.

26 Deus formou com sabedoria desde o princípio as suas obras e desde a sua mesma criação as distinguiu em partes, e as principais delas segundo as suas classes. (8)

27 Ele adornou para sempre as suas operações, nem elas têm desfalecido com fome, nem com algum cansaço, e não têm cessado jamais nos seus officios.

28 Nem uma só de tôdas elas porá jamais a outra em apêto.

29 Não sejas incrédulo à palavra do Senhor.

30 Depois disto olhou Deus para a terra, e a encheu dos seus bens.

31 Assim o tem declarado tôda a alma vital ante a face da terra, e para a mesma outra vez será a sua tornada.

(8) **E AS PRINCIPAIS DELAS** — Como são o sol, os astros, os Céus. A tôdas estas partes distinguiu, fazendo que cada uma, segundo os seus diferentes gêneros, tivesse uma peculiar natureza, movimento, propriedade, e officios. — Menochio.

CAPÍTULO 17

CRIAÇÃO DO HOMEM. PRERROGATIVAS DE QUE DEUS O DO-
TOU. FAVORES QUE DEUS FEZ AOS ISRAELITAS. BON-
DADE DE DEUS PARA COM OS PENITENTES. EXORTA-
ÇÃO À PENITÊNCIA.

1 Deus criou o homem de terra, e o formou segun-
do a sua imagem.

2 E êle o fêz de novo converter depois na mesma
terra, e o revestiu de fôrça segundo a sua natureza.

3 Êle lhe constituiu o tempo, e o número dos seus
dias, e lhe deu poder sôbre tudo o que há na terra.

4 Êle o fêz ser temido de tôda a carne, e lhe deu o
império sôbre os animais e sôbre as aves.

5 Êle criou da sua mesma substância uma ajuda se-
melhante a êle: Deu-lhes discernimento, e língua, e olhos,
e ouvidos, e espírito para cogitar: E encheu-os da luz da
inteligência.

6 Criou nêles a ciência do espírito, encheu de senso
os seus corações, e mostrou-lhes os males e os bens.

7 Pôs o seu ôlho sôbre os seus corações: Para lhês
fazer ver as maravilhas das suas obras.

8 E isto a fim de que êles com os seus louvores en-
grandecessem a santidade do seu nome: E de que o glo-
rificassem por causa das suas maravilhas, de que publi-
cassem a magnificência das suas obras.

9 Acrescentou-lhes a disciplina, e deu-lhes em he-
rança a lei da vida. (1)

(1) **ACRESCENTOU-LHES A DISCIPLINA** — Isto é, regras,
e dítames de bem viver, e deu-lhes para si e para a sua descen-
dência a Lei da vida, ou norma de se portarem de sorte que pu-
dessem gozar duma vida feliz e imortal. Da observância pois dos
preceitos divinos, e principalmente de não comerem da fruta ve-

10 Fêz com êles um pacto eterno, e lhes mostrou a sua justiça e os seus juízos. (2)

11 E com os seus próprios olhos viram êles as grandezas da sua glória, e seus ouvidos ouviram a majestade da sua voz, e êle lhes disse: Guardai-vos de tôda a iniquidade.

12 E lhes ordenou que cada um dêles tivesse cuidado no seu próximo.

13 Os caminhos dêles perante êle estão sempre, não foram nunca escondidos a seus olhos.

14 Êle estabeleceu a cada nação seu príncipe, que a governasse:

15 Mas Israel foi visivelmente a porção que Deus tomou para si. (3)

16 E tôdas as suas obras apareceram tão claramente diante de Deus como o sol: E os seus olhos se aplicam sem intermissão a considerar os seus caminhos.

17 A sua aliança não ficou escurecida pela maldade dêles, e à vista de Deus foram patentes as suas iniquidades.

18 A esmola do homem é diante do mesmo Deus como um sêlo, e êle conservará o bem-fazer do homem como a menina do ôlho: (4)

dada, é que dependia o conservar-se e propagar-se a mencionada vida, tanto nêles, como na sua posteridade. Alguns entendem êste lugar da lei escrita, outros da lei da graça. — *Pereira.*

(2) **UM PACTO** — Uma perpétua aliança, em virtude da qual prometeu que lhes daria a terra de Canaã, se o adorassem e observassem a sua lei. — *Menochio.*

(3) **MAS ISRAEL** — Veja-se o Dt 32, 8.9, com o Livro 1 Rs 8, 7.

(4) **O BEM-FAZER DO HOMEM** — À letra: a *graça* do homem. Êste versículo, no entender do comentador espanhol Scio, deve ser considerado como um parêntesis; com efeito, de outro

19 E levantar-se-á depois, e lhes dará a sua retribuição, conforme o próprio merecimento de cada um, e precipitá-los-á até às partes interiores da terra.

20 Aos penitentes porém concedeu êle o caminho da justiça, e confortou os pusilânimes para vencerem a tentação, e lhes destinou a sorte da verdade.

21 Converte-te ao Senhor, e deixa os teus pecados:

22 Faz as tuas deprecações ante a face do Senhor, e diminui os tropeços.

23 Torna para o Senhor, e aparta-te da tua injustiça, e aborrece no extremo a execração:

24 E conhece as justiças e os juízos de Deus e persevera na sorte que te foi proposta, na invocação do Deus Altíssimo.

25 Vai incorporar-te na porção do século santo, com os vivos, e com os que dão louvor a Deus.

26 Não te demores no êrro dos ímpios, e louva a Deus antes da morte. O louvor, depois do homem estar morto, fenece, tornando-se como num puro nada. (5)

27 Confessá-lo-ás vivendo, vivo e são confessarás e louvarás a Deus, e te gloriarás nas suas misericórdias.

28 Quão grande é a misericórdia do Senhor, e a sua piedade para com todos os que a êle se convertem!

29 Porque nos homens não se pode achar tudo, visto que os filhos dos homens não são imortais, e que êles põem a sua complacência na vaidade da malícia.

30 Que coisa há mais luminosa do que o sol? e contudo êle padecerá seus delíquios. Ou que coisa pior do que

modo ficaria incompleto o versículo anterior e inexplicável o seguinte.

(5) FENECE — Confirmam-se os Sl 6, 5; 29, 12; 87, 11. 12. 26; 113, com Is 38, 18, Bar 11, 17.

tudo quanto excogitou a carne e o sangue? e ainda assim esta malignidade será punida. (6)

31 O mesmo sol contempla o poder da elevação do Céu: Mas os homens todos não são mais do que terra e cinza.

CAPÍTULO 18

.GRANDEZA DE DEUS: POUCUIDADE DO HOMEM. PACIÊNCIA E MISERICÓRDIA DE DEUS. DAR ESMOLA COM ALEGRIA. PREVENIR OS MALES. RESISTIR ÀS SUAS PAIXÕES.

1 Aquêlê que vive eternamente, criou tôdas as coisas juntas. Só o Senhor será reconhecido justo, e êle é o rei invencível que subsiste para sempre. (1)

(6) **DELIQUIOS** — O sentido é: se o sol, que é um astro de tão brilhantes luzes, padece e padecerá pelo tempo adiante seus eclipses, quem poderá estranhar que também tenha seus altibaixos a vida do homem, sobre frágil, e inclinado ao mal, contaminado de tantos e tão poderosos inimigos? Todavia não servirá de escusa ao pecador esta sua fraqueza, porque segundo o apóstolo 1 Cor 10, 13, Deus nunca jamais consente que a veemência da tentação exceda as forças do homem.

(1) **ORIOU TODAS AS COISAS JUNTAS** — Isto quer dizer o advérbio *simul*, de que aqui se serve o nosso intérprete. E êste foi o principal fundamento, e porque Santo Agostinho no livro “do Gênesis à letra” e nos da “Cidade de Deus” seguiu a opinião singular, de que a divisão dos seis dias, em que Moisés repartiu as obras de Deus na criação do mundo, fôra um meio de se acomodar à nossa curta capacidade, e não que Deus usasse do seu poder sucessivamente, e dia por dia. E assim, tomando à letra o presente texto do Eclesiástico, julgou Santo Agostinho que tôdas as criaturas criara Deus num instante, e duma só ação. No que depois o seguiu o nosso Santo Isidoro de Sevilha nos livros das Sentenças. E S. Tomás afirma, que vista a grande autoridade de Agostinho, se não pode nem deve censurar esta inteligência. Outros contudo, para conciliarem com a letra do Gênesis o presente texto do Eclesiástico, querem que o advérbio *simul*, que nós traduziremos tôdas juntas,

2 Quem é capaz de contar miudamente as suas obras?

3 Porquanto quem investigará as suas maravilhas?

4 E quem declarará o poder da sua grandeza? ou quem empreenderá explicar a sua misericórdia?

5 Não há que diminuir, nem que acrescentar, nem é possível alcançar as maravilhas de Deus.

6 Quando o homem tiver acabado, então começará êle: E depois de se ter aplicado por muito tempo, o que daí lhe ficará, será um profundo espanto.

7 Que é o homeni, e para que presta êle? E que bem, ou que mal pode êle fazer?

8 O número dos dias do homem quando muito são cem anos: Estes são reputados como uma gôta de água do mar: E assim como é um grão de areia, do mesmo modo são poucos os anos no dia da eternidade.

9 Por isso é que o Senhor se mostra paciente com êles, e derrama sôbre êles a sua misericórdia.

10 Êle viu a presunção do seu coração que é má, e conheceu a ruína dêles que é perversa.

11 Por isso é que sôbre êles derramou as fontes da sua propiciação, e lhes mostrou o caminho da eqüidade.

12 A misericórdia do homem tem por objeto o seu

se verifique sômente enquanto duma só ação criou Deus a matéria, de que depois sucessivamente foi reduzindo por partes cada uma das criaturas. Porém a resposta mais desembaraçada, e mais bem recebida, é a que explica o texto da Vulgata *Creavit omnia simul* pelo original grego, que diz: *Creavit omnia communiter*, isto é, criou tôdas as coizas em comum. Ora, criar tôdas as coizas em comum, é criar tudo geralmente. Logo isso mesmo é o que nos quis dar a entender o intérprete latino, quando disse que Deus as criara tôdas juntas, isto é, que as criara tôdas igualmente, ou sem exceção alguma. De sorte que na Vulgata o mesmo seja dizer *simul*, que *pariter*. Cfr. o Sl 13, 3; 48, 2-10.

próximo: Mas a misericórdia de Deus estende-se a toda a carne.

13 Ele como cheio que é de comiseração, ensina, e castiga os homens como um pastor faz ao seu rebanho.

14 Ele se compadece daquele que recebe a doutrina da sua misericórdia, e do que se dá pressa a se submeter aos seus mandamentos.

15 Filho, no bem que fazes a outrem não dês motivo de queixa, e em toda a tua dádiva não occasions tristeza com palavra má.

16 Porventura o orvalho não refrigerará o ardor da calma? Assim também vale mais a palavra doce do que a dádiva.

17 Acaso não vês que a palavra se remonta sobre um bom dom? Mas uma e outra coisa anda com o homem justificado.

18 O insensato impropereará acremente, e o dom do indisciplinado faz mirrar os olhos.

19 Trabalha por adquirir para ti a justiça antes que julgues, e aprende antes que fales.

20 Antes da enfermidade aplica a medicina, e pergunta-te a ti mesmo antes do juízo, e diante de Deus acharás propiciação.

21 Humilha-te antes de caíres na doença, e mostra o teu bom modo de proceder no tempo da enfermidade.

22 Nenhuma coisa te embarace orar sempre, e não te envergonhes de te justificar até à morte: Porque a recompensa de Deus dura para sempre.

23 Prepara a tua alma antes da oração: E não sejas como um homem que tenta a Deus.

24 Lembra-te da ira no dia da consumação, e do tempo da recompensa quando Deus voltar o rosto. (2)

25 Lembra-te da pobreza no tempo da abundância, e das necessidades da pobreza no dia das riquezas. (3)

26 Da manhã até à tarde se mudará o tempo, e tudo isto se faz num momento aos olhos de Deus.

27 O homem sábio andarà com temor em tudo, e nos dias dos delitos se guardará da preguiça.

28 Todo o homem astuto conhece a sabedoria, e dará louvor ao que a acha.

29 Os homens sisudos nas palavras também obra-rão efetivamente com sabedoria: E entenderão a verdade e a justiça, e dêrramarão como chová provérbios e sen-tenças.

30 Não te deixes ir atrás das tuas concupiscências, e aparta-te da tua própria vontade.

31 Se tu condescenderes com a tua alma no que ela deseja, ela te fará ser o gôsto dos teus inimigos.

32 Não te comprazas de ir às assembléias de gran-de tumulto, nem ainda às pequenas: Porque ali são fre-qüentes os pecados que se cometem. (4)

33 Não te reduzas a pobreza, pedindo dinheiros a juro para contribuíres como os outros para banquetes,

venires a ira de Deus antes da morte e do final juízo, em que elle retirará a sua graciosa face dos ímpios, e lhes dirá: "Apartai-vos de mim, malditos, ide para o fogo eterno." — Calmet.

(3) **LEMBRA-TE DA POBREZA** — Procura entesourar no Céu o maior cabedal de merecimento que pudes, enquanto Deus te dá vida sôbre a terra, para que te aproveitem no tempo em que deles mais necessitas, que é o da morte. Confira-se acima o capítulo 11, versículo 27.

(4) **NÃO TE COMPRAZAS** — O grego diz: "Não ponhas o teu contentamento nas muitas delícias, nem tampouco nelas entres à escote." Fala o sábio dos banquetes, para os quais contribuía cada um com o seu escote, como também se colige do versículo seguinte.

quando tu não tens nada na bolsa: Porque assim tirarás com inveja a ti mesmo o meio de viver.

CAPÍTULO 19

MALES QUE O VINHO E AS MULHERES CAUSAM. ADVERTIR
O SEU AMIGO DO MAL QUE SE DIZ DELE. VERDADEIRA
E FALSA SABEDORIA.

1 O operário dado ao vinho não enriquecerá: E
aquêle que despreza as coisas pequenas, pouco a pouco
cairá.

2 O vinho e as mulheres fazem apostatar os mesmos
sábios, e precipitarão em opróbrio os homens sisudos:

3 E aquêle que se mistura com as mulheres mal
procedidas, será malvado: Chegará a ser o pasto da po-
dridão e dos bichos, e ficará sendo proposto por um
grande escarmento, e será tirada do número a sua alma.

4 Aquêle que crê de leve, é leviano de coração, e
ficará menoscabado: E o que peca contra a sua alma,
não será tido em conta.

5 Aquêle que folga com a iniquidade, será vituperado:
E ao que aborrece a correção, se abreviará a vida: E o
que aborrece a loquacidade extingue a malícia.

6 Aquêle que peca contra a sua alma, arrepender-
-se-á de o ter feito: E aquêle que põe a sua alegria na
malícia, será desonrado.

7 Não repitas palavra má e ofensiva, e não perderás
nada.

8 Os teus pensamentos não os digas nem ao amigo
nem ao inimigo: E se tens algum delito, não lho des-
cubras:

9 Porque te ouvirá, e se guardará de ti, e mostran-
do na aparência que desculpa o teu pecado, te aborrecerá,
e com esta disposição de ânimo estará sempre a teu lado.

10 Ouviste alguma palavra contra o teu próximo? Morra dentro de ti, ficando seguro de que ela te não fará arrebentar.

11 O insensato está como com dores de parto para lançar de si a palavra que ouviu, à semelhança da mulher que geme quando se vê próxima a dar à luz um menino.

12 Como seta cravada no músculo carnoso, assim é a palavra no coração do insensato. (1)

13 Repreende ao teu amigo, para que não suceda que êle não tenha ainda entendido o que se diz dêle, e te diga: Eu não fiz tal: Ou se o fêz, para que o não torne a fazer.

14 Repreende ao teu próximo, porque talvez que êle o não tenha dito: E se o disse para que o não torne a dizer:

15 Repreende ao teu amigo: Porque muitas vêzes se diz o que não é assim. (2)

16 E não creias tudo o que se diz: Homem há que peca pela língua, mas que não peca de coração.

(1) **COMO SETA** — Assim como o que tem ainda metido na carne o ferro da arma que o feriu, procura o mais depressa que pode tirá-lo de si, do mesmo modo o insensato não descansa enquanto não publicar o que ouviu. — Calmet.

(2) **REPREENDE AO TEU AMIGO** — O verbo reprender nestes três versículos significa referir ao seu amigo o mal que se diz dêle. — Sacy.

PORQUE MUITAS VÊZES — Isto significa propriamente, como advérte Calmet, a palavra commissio, como consta do grego, que diz: "Repreende ao amigo, porque muitas vêzes há calúnia vã." Porém, sendo o sentido literal das palavras da Vulgata "porque muitas vêzes há falta ou pecado de comissão", podem-se elas muito bem entender da correção que um amigo dá a outro, pelo defeito em que caiu. — Pereira.

17 Pois quem há que não tenha pecado com a sua língua? Repreende ao próximo antes que o ameaces. (3)

18 E dá lugar ao temor do Altíssimo: Porque toda a sabedoria consiste no temor de Deus, e nela se ensina a temer a Deus, e em toda a sabedoria se acha a disposição da lei.

19 E a sabedoria não é doutrina de maldade: E não é pensamento de pecadores a prudência. (4)

20 Há uma malícia, e é ela em si mesma execração: E é insipiente o que está falto de sabedoria.

21 Um homem, que tem pouca sabedoria, e que é falto de senso, mas que tem o temor de Deus, vale mais do que o que tem um grande senso, mas que quebra a lei do Altíssimo.

22 Há uma sagacidade que não erra o golpe, mas ela é injusta.

23 E tal há que fala francamente, e não diz senão a verdade. Tal há que se humilha maliciosamente, e o seu interior está cheio de dolo:

24 E tal há que se submete excessivamente com uma profunda humilhação: E há quem abaixa o seu rosto, e finge que não vê o que é sêgrêdo:

25 E no caso que pela debilidade das fôrças se ache impedido para pecar, se achar ocasião de fazer mal, fá-lo-á.

(3) **ANTES QUE O AMEACES** — Porque melhor é fazer voltar o amigo ao cumprimento do que deve, brandamente, do que por meio de aspereza de palavras ou de ameaças. Confira-se S. Paulo aos Gálatas, 6, 1. — **Menochio.**

(4) **DOUTRINA DE MALDADE** — Nem a sabedoria é a arte de fazer mal, com sutil destreza, como a falsa e mal entendida política dos perversos idólatras do mundo costuma, nem, como diz o grego, há prudência onde medeia conselho de pecadores. — **Pereira.**

26 Pela vista se conhece uma pessoa, e pelo ar do rosto se discerne o homem sensato.

27 O vestido do corpo e o riso dos dentes, e o andar do homem, dão a conhecer qual ele é.

28 Há uma falsa repreensão que nasce da ira dum homem insolente: E há um juízo, que se prova não ser justo: E há quem se cala, e este é prudente.

CAPÍTULO 20

VÍCIOS. E VIRTUDES DA LÍNGUA. FORTUNAS FUNESTAS: MALES DITOSOS. PRESENTES INTERESSEIROS. VERGONHA MÁ. A MENTIRA TRAZENDO DESONRAS. MAUS EFEITOS DOS PRESENTES. DO QUE ENCOBRE A SUA SABEDORIA.

1 Quanto melhor é argüir a um homem, e não atalhar no discurso ao que vai confessando a própria falta, do que manter no peito a sua ira! (1)

2 A concupiscência do eunuco deflorará a donzelinha: (2)

3 Assim o que exercita com violência um juízo iníquo.

(1) **QUANTO MELHOR** — O sábio depois de louvar acima o silêncio nascido da prudência, reprova agora o que vem da ira, que, reconcentrada no coração, produz o rancor e o ódio. Pelo que se alguém julga que o amigo cometeu contra ele alguma falta, melhor será que o repreenda e advirta delas para que possa dar sua escusa, ou pedir perdão, do que andar com ele de má fé, nutrido muitas vezes ódio contra um inocente. — **Pereira.**

(2) **A CONCUPISCÊNCIA** — Assim como é grande crime que os eunucos, a quem está confiada a guarda das donzelas, intentem contaminá-las, do mesmo modo gravíssimo é o pecado dos juizes, que, sendo os depositários da justiça, que devem conservar íntegra, chegam a quebrantá-la e corrompê-la.

4 Que boa coisa é que o corrigido manifeste o seu arrependimento! Porque assim evitarás tu o pecado voluntário.

5 Há homem que, estando calado, é tido por sábio: E há homem que se faz odioso por ser descomedido no falar.

6 Há homem que se cala não tendo senso para falar: E há homem que se cala sabendo para isso o tempo oportuno.

7 O homem sábio estará em silêncio até um certo tempo: Mas o leviano, e o imprudente não observarão o tempo.

8 Aquêlê que fala muito, ofenderá a sua alma: E aquêlê que arroga a si o poder injustamente, será aborrecido.

9 Às vêzes sucede bem nos males ao homem que vive sem regra, porém o que êle inventa vem a ceder em sua própria ruína.

10 Há dom, que não é útil: E há dom, que é dobradamente recompensado.

11 Muitas vêzes há perda pelo alcance da glória: E homem há que levantará cabeça pela sua humilhação.

12 Há homem que comprará muitas coisas por um baixo preço, mas tornando depois a dar por elas sete vêzes em dôbro.

13 O sábio faz-se amável pelas suas palavras: Mas as graças dos insensatos entornar-se-ão.

14 O donativo do insensato não te será útil: Porque êle tem sete olhos com que te mira: (3)

15 Êle dará pouco, e lança-lo-á muitas vêzes em

(3) **PORQUE ÊLE TEM SETE OLHOS** — Porque quer tirar tanto quanto dá. O grego lê: "Porque os seus olhos põem a mira em receber muitas coisas por uma."

rosto: E quando a sua boca se abre é ela um ateador incêndio.

16 Um empresta hoje, e torna-o a pedir amanhã: Este tal homem faz-se odioso.

17 O insensato não terá amigo, e o bem que ele faz não será agradecido:

18 Porque os que lhe comem o pão, o enganam com as suas palavras. Quantas vezes não escarnecerão dele os homens, e em quão grande número?

19 Porque não soube distribuir com reto discernimento o que havia de reter: E deu semelhantemente o que não era para se guardar.

20 Aquêl que se vale da língua para enganar, é na sua queda como um homem que cai sobre o pavimento: Assim a ruína dos maus virá de súbito.

21 O homem desengraçado será como um conto vão, repetido na boca de gente mal criada.

22 A parábola será mal recebida vindo da boca do insensato: Porque não a diz a seu tempo.

23 Homem há que se acha com embaraço para pecar em razão de lhe faltarem os meios, porém sentir-se-á estimulado no seu descanso. (4)

24 Há homem que perderá a sua alma por um excesso de vergonha, e perdê-la-á em atenção de uma pessoa imprudente, mas a si mesmo se perderá pela acepção da tal pessoa.

(4) **SENTIR-SE-A ESTIMULADO NO SEU DESCANSO** — Sentirá o ver-se embaraçado pela pobreza para não pecar: ou, como diz o grego, “não será estimulado”, isto é, não terá remorsos de consciência pelo mal que fizesse, pois não teve meios para o pôr por obra, e este é um dos bens que tirará da sua pobreza. Todavia, podendo-se também o grego verter “não se compungirá”, neste sentido vem a declarar o sábio que o tal, pôsto que para isso lhe falem os meios, não se arrependerá da sua má tenção e vontade.

Eclesiástico 20, 25-31

25 Tal há que promete ao seu amigo por um pejo indiscreto, mas vem-no gratuitamente a lucrar por inimigo.

26 A mentira é no homem um opróbrio que muito o deslustra, e ela se achará incessantemente na bôca da gente sem criação.

27 Melhor é um ladrão do que um homem que mente de continuo, mas ambos terão por herança a perdição. (5)

28 Os costumes dos homens mentirosos são sem honra, e a sua confusão anda com êles sempre de companhia. (6)

29 O sábio a si mesmo conciliará a estimação pelas suas palavras, e o homem prudente agradará aos grandes.

30 Aquêlê que cultiva a sua terra, fará um alto monte dos seus frutos: E o que faz obras de justiça, será em pessoa exaltado: E o que agrada aos grandes, fugirá da iniquidade.

31 Os presentes e as dádivas cegam os olhos dos juizes, e na sua bôca são como uma mordança que os emudece, apartando as sentenças que deviam dar contra os culpados.

(5) **MELHOR É** — Mais prejudicial ao estado é o mentiroso do que o ladrão; porque êste furta o dinheiro, aquêlê rouba a fama: êste furta muitas vêzes por necessidade, aquêlê detrai dos outros por maldade, inveja, e proterva soberba do seu coração: êste causa dano a uma ou outra pessoa, aquêlê transtorna e desordena famílias, cidades, e ainda uma república em pêso: a êste enfim não se pode entregar com prudência o cabedal, porém da-quele ninguém absolutamente em coisa alguma se deve fiar. — Menochio.

(6) **OS COSTUMES DOS HOMENS** — Na edição Sixtina se encontra aqui um novo título, que vertido do grego vem a dizer: "Discursos de parábolas, ou sentenças de comparações", título que denota um novo princípio de argumento.

32 Suponha-se que a sabedoria se conserva escondida, e que o tesouro não está visível, que utilidade haverá em ambas estas coisas?

33 Melhor é aquêlê homem que encobre a sua insipiência, do que aquêles que escondem a sua sabedoria.

CAPÍTULO 21

FUGIR DO PECADO: EXPIAR AS SUAS FALTAS. MALES QUE CAUSA A SOBERBA. FIM DESGRAÇADO DOS MAUS. DIFERENTES EFEITOS DA PALAVRA SÁBIA. CARACTERES DO INSENSATO. MEXERIQUEIRO SEMPRE ODIOSO.

1 Filho, pecaste? Não tornes a pecar: mas ora ainda pelas tuas faltas passadas para que elas se te perdoem.

2 Foge dos pecados como da vista de uma cobra: Porque se te chegares para êles apoderar-se-ão de ti.

3 Os seus dentes são dentes de leão, que matam as almas dos homens.

4 Todo o pecado é como uma espada de dois fios, a sua ferida não tem cura. (1)

5 A descompostura de palavras e as injúrias aniquilarão a fazenda: E a casa que se acha num excessivo auge opulenta, será destruída pela soberba: Do mesmo modo o cabedal do soberbo ficará arrancado pela raiz.

6 A deprecação do pobre chegará desde a sua bôca até aos ouvidos de Deus, e prontamente lhe virá a justiça.

7 Aquêlê que aborrece a repreensão, caminha por cima das pegadas do pecador: E aquêlê que teme a Deus, converter-se-á do íntimo do seu coração.

(1) **NÃO TEM CURA** — O sentido destas palavras não é que o pecado dêixe de ter remédio pela sincera e verdadeira penitência, mas que o homem depois de se dar a si a ferida mortal da culpa, de nenhum modo a pode curar pelas suas próprias forças, mas sim ajudado pela graça divina. — Pereira.

8 O homem poderoso de longe é conhecido pela sua língua atrevida: E o sábio conhece o modo de se escapar dêle.

9 Aquêlê que edifica a sua casa à custa alheia, é como o que ajunta as suas pedras no inverno.

10 A assemblêia dos pecadores é como um montão de estopa e seu fim será o serem consumidos pelo fogo.

11 O caminho dos pecadores é calçado de pedras unidas entre si, mas no seu último remate não haverá para êles mais do que infernos, e trevas, e penas. (2)

12 Aquêlê que guarda a justiça, penetrará o espírito dela.

13 A sabedoria, e o bom senso é o fruto do perfeito temor de Deus.

14 Aquêlê que não é sábio no bem, nunca jamais será instruído.

15 Há porém uma sabedoria, que abunda no mal: Mas não há bom senso onde há amargura.

16 A ciência do sábio trasbordará como uma inundação, e o seu conselho permanece como uma fonte de vida.

17 O coração do insensato é como um vaso quebrado, e não reterá nada da sabedoria.

18 O sábio em ouvindo qualquer palavra judiciosa louvá-la-á, e lançará mão dela sôbre o mais que sabe para seu proveito: Ouviu-a o vicioso, porém não lhe agradará, e êle a deitará para trás das suas costas.

19 A conversação do insensato é como uma carga que pesa no caminho: Mas nos lábios do sábio achar-se-á a graça.

(2) O CAMINHO — Os pecadores, como correm pelo caminho largo dos vícios, vão por fim precipitar-se no abismo da perdição.

20 A bôca do homem prudente é buscada na assembléia, e os outros pensarão nas suas palavras dentro nos seus corações.

21 A sabedoria é para o imprudente como uma casa arruinada: E a ciência do insensato é uma confusão de palavras mal digestas.

22 A doutrina é para o imprudente como uns grilhões aos pés, e como umas cadeias, que lhe carregam a mão direita. (3)

23 O insensato quando se ri levanta a sua voz: Mas o varão sábio apenas se sorrirá em silêncio.

24 A doutrina é para o homem prudente um ornamento de ouro e como um bracelete no braço direito. (4)

25 O pé do insensato é fácil em se meter em casa do vizinho: Mas o homem de larga experiência ver-se-á acanhado para visitar a pessoa do poderoso.

26 O insensato olhará da janela para uma casa: Mas o homem discreto estará pôsto de fora.

27 Indício é de homem insensato pôr-se a escutar pela porta: E ao prudente será insuportável esta baixeza.

28 Os lábios dos imprudentes dirão fatuidades: Mas as palavras dos homens prudentes serão pesadas na balança.

29 Na bôca dos insensatos está o seu coração: E no coração dos sábios se acha a sua bôca. (5)

(3) **UMAS CADEIAS** — Ou algemas, que ele aborrece, porque se não quer ver prêso pelos ditames e preceitos da sabedoria para obrar bem, mas sim desembaraçado e livre para correr após a inclinação e cegueira de seus desvairados apetites.

(4) **E COMO UM BRACELETE** — Isto é, como um adjutório fortíssimo, para rebater o mal, e praticar o bem.

(5) **NA BÔCA** — Porque sem mais conselho, nem consideração fazem sair à língua tudo quanto lhes ocorre ao pensamento: e pelo contrário os sábios têm a bôca no coração, porque chamam

30 Quando o ímpio amaldiçoa ao diabo, amaldiçoa
êle mesmo a sua alma.

31 O mexeriqueiro contaminará a sua alma, e entre
todos será aborrecido: E o que ficar com êle será odioso:
O homem calado e prudente será honrado. (6)

CAPÍTULO 22

**O HOMEM PREGUIÇOSO. FILHOS MAL EDUCADOS. MULHER
SEM BRIO. INSTRUIR A UM INSENSATO, É PERDER O
TEMPO. CHORAR AO INSENSATO MAIS DO QUE A UM
MORTO. EVITAR A SUA COMPANHIA. QUE COISA SEJA A
QUE QUEBRA A AMIZADE. SER FIEL A SEU MARIDO.**

1 Com pedra enlodada foi apedrejado o preguiçoso,
e todos falarão do vilipêndio dêle. (1)

2 Com bosta de bois foi apedrejado o preguiçoso:
E todo o que tocar sacudirá as mãos. (2)

3 O filho mal disciplinado é a vergonha do pai: E
a filha será em mais baixa estimação reputada.

a exame do mesmo coração o que a bôca mostra ter impulsos de
proferir. — Menochio.

(6) **E ENTRE TODOS SERÁ ABORRECIDO** — O grego:
“Em qualquer parte onde morar, será aborrecido.” Nenhum lugar
há em tôda a extensão da terra, em que o delator não seja mal-
quisto. O grego da edição romana: “Será objeto de ódio para tôda
a vizinhança.” — Calmet.

(1) **COM PEDRA ENLODADA** — Mostra o sábio que no
conceito do povo é tão vil o homem desmazelado, que isto quer
dizer aqui, preguiçoso, que todos o insultam, já com pedras co-
bertas de lodo, já com mancheiras de estêrco e com outros tiros
missivos de semelhantes imundícies. O grego diz: “A pedra co-
berta de lodo é comparado o preguiçoso, e todos para “sua infâmia
o apupam”.

(2) **COM BOSTA DE BOIS** — O grego diz: “A bosta dos
bois tirada dos muladores é comparado o preguiçoso, todo aquêlo
que a levanta sacudirá a mão.” Isto é: quem conhece ao preguiçoso,
lança-lo-á de si com aborrecimento.

4 A filha prudente é uma herança para seu marido: Mas aquela cujo procedimento envergonha, é talhada para a desonra de seu pai.

5 A mulher atrevida cobre de confusão a seu pai e a seu marido e não será inferior aos ímpios, e de um e de outro andar-se desestimada.

6 Um discurso fora de propósito é como a música no dó: O castigo e a doutrina em todo o tempo é sabedoria. (3)

7 Aquêlê que ensina ao insensato, é como o que quer tornar a unir os cacos de um vaso quebrado.

8 O homem que se põe a contar alguma coisa ao que o não ouve, é como o que desperta dum pesado sono a quem nêlê está agarrado.

9 Aquêlê que fala da sabedoria a um insensato, é como o que fala com um dormente: E no fim do discurso diz: Quem é êste?

10 Chora sôbre o morto, porque lhe faltou a luz: E chora sôbre o insensato, porque lhe falta o sentido.

11 Chora pouco sôbre o morto porque êle entrou no descanso.

12 Porque a muito malvada vida do homem malvadíssimo é pior do que a morte do insensato.

13 O chôro sôbre o morto é por sete dias: Mas o que merece o insensato e ímpio estende-se a todos os dias da sua vida. (4)

14 Não fales muito com o imprudente, e não caminhaes com o insensato.

(3) **UM DISCURSO** — A música faz-se importuna e enfadonha nas ocasiões de tristeza, mas o ensino e as repreensões dadas em qualquer tempo que seja para isto acomodado e próprio, são obras da sabedoria. — Calmet.

(4) **O CHÔRO** — O morto chorava-se naquele tempo ordinariamente por sete dias, porém o ímpio deve-se chorar tôda a

15 Guarda-te dêle, para que não tenhas moléstia, e não serás contaminado com o seu pecado.

16 Desvia-te dêle, e acharás descanso, e não te aze-
darás com êle pela sua estultícia.

17 Que coisa haverá mais pesada do que o chumbo?
E que outro nome pode quadrar melhor do que êste ao
insensato? (5)

18 E' mais fácil de levar a areia, e o sal, e qual-
quer massa de ferro, do que o homem imprudente, e in-
sensato, e ímpio.

19 A travação de madeira com firme engradamen-
to disposta no alicerce do edificio, não se desunirá: Assim
também o coração firmado no sólido pensamento do con-
selho. (6)

20 A resolução do homem sensato não se enfraque-
cerá com o mêdo, seja em que tempo fôr. (7)

vida, porque não deixando os maus hábitos da culpa vai sempre
caminhando a passos contados à morte eterna. E' de notar que
ordinariamente, como disse, por sete dias é que se choravam os
mortos, porque a Jacó não por sete, mas por setenta dias chorou
o Egito (Gên 50, 3), a Aarão chorou também o povo trinta dias
(Núm 20, 30), a Moisés outros trinta (Dt 34, 8) e por muitos
pranteou ao valoroso Macabeu todo o Israel, 1 Mac 9, 20 e no 4
apócrifo 17, 9.

(5) **E QUE OUTRO NOME** — O insensato é tão pesado como
o mesmo chumbo, para quem vive, trata, e lida com êle. Ora o
velho Terenciano (Adelph, Art. I. Sc. 2, v. 18) achou que nada
havia no insensato de maior pêso, nem mais insuportável e injusto
do que o não ter por acertado e reto, senão o que êle faz. *Qui, nisi
quod ipse facit, nihil rectum putat.*

(6) **A TRAVAÇÃO** — O grego diz: "a travação de madeira
bem linda a um edificio, não se desunirá num tremor de terra."
— **Pereira.**

(7) **COM O MÊDO** — Dos poderosos, ou com outra seme-
lhante perturbação de espírito. — **Menochio.**

21 Bem como uma armação de paus posta em lugares elevados, e como as paredes de pedra em sosso não se conservarão em pé contra a violência do vento:

22 Assim também o coração do insensato tímido nos seus pensamentos não resistirá contra o ímpeto do temor.

23 Assim como o coração do insensato medroso nos seus pensamentos, não temerá em tempo algum, assim também o que insiste sempre nos preceitos de Deus.

24 Aquêlê que pica o ôlho, faz sair dêle lágrimas: E o que pica o coração, excita sentimento.

25 Aquêlê que atira com uma pedra aos pássaros, fá-los-á tomar o vôo: Assim também aquêlê que diz injúrias ao seu amigo desfaz a amizade.

26 Não obstante haveres tu arrancado a espada contra o teu amigo, não desesperes: Porque ainda há regresso. Ao amigo,

27 se abrires a bôca, proferindo palavras de desabrimento, não temas: Porque ainda há reconciliação: Exceto quando se chegou a romper em afrontas, e impropérios, e orgulhoso desdém, e revelação de segredo, e ferida à traição: Em todos êstes casos fugirá de ti o amigo.

28 Guarda fé ao teu amigo na sua pobreza, para que também te alegres com êle nas suas prosperidades.

29 Conserva-te sempre fiel a êle no tempo da sua tribulação, para que também sejas o co-herdeiro na sua herança.

30 Antes que apareça o fogo, sai o vapor da fornalha, e se eleva em alto fumo: Assim também as injúrias, e ultrajes, e ameaças precedem a efusão de sangue.

31 Eu não me envergonharei de saudar ao meu amigo, não me esconderei da sua presença: E se me vierem males por amor dêle, sofrê-los-ei.

32 Tõda a pessoa que isto ouvir se acautelará dêle. (8)

33 Quem porá guarda à minha bõca, e um sêlo inviolável sôbre os meus lábios, para que eu não caia por sua causa e para que a minha língua me não perca?

CAPÍTULO 23

ORAÇÃO CONTRA O MAU USO DA LÍNGUA, CONTRA A SOBERBA, CONTRA A GULA, E CONTRA A IMPUREZA. NÃO SE ACOSTUMAR A JURAR NEM A DIZER PALAVRAS INDISCRETAS. O ADULTÉRIO ODIOSO A DEUS, E AOS HOMENS.

1 Senhor, que és meu Pai, e Supremo Árbitro da minha vida, não me deixes à discrição dos lábios: Nem permitas que eu caia por ocasião dêles. (1)

2 Quem porá sôbre o meu pensamento o freio das correções, e no meu coração a doutrina da sabedoria, para que nas ignorâncias dos mesmos lábios elas me não perdoem, e não apareçam os seus delitos, (2)

3 e para que não suceda que venham a crescer as minhas ignorâncias, e se multipliquem os meus delitos,

(8) **SE ACAUTELARA DELE** — O sentido é: ou que todos se apartarão da amizade do tal, ouvindo e sabendo a tão má correspondência que mostrou ao seu benfeitor, depois de se haver portado com êle do amigável modo acima dito, ou que vendo êles o grande proveito de guardar cada um ao seu amigo, ainda que pobre aquela fé, ou fidelidade constante, de que acima se fêz menção, de nenhum modo o insultarão com as afrontas, impropérios, e os mais excessos de ódio que ficam apontados. — **Pereira.**

(1) **DOS LÁBIOS** — Ou, como outros entendem, dos insensatos e ímpios, mas a primeira intelligência é a mais recebida, porque já do último verso do capítulo antecedente se deduz para êste o sentido aqui declarado. — **Pereira.**

(2) **QUEM PORÁ** — Sapientíssimamente roga o sábio a Deus que o castigue, e o reprima com estímulos e suplicios, para que a língua o não arraste a algum crime. — **Calmet.**

e se aumentem os meus pecados, e caia eu diante dos meus adversários, e folgue de me ver arruinado o meu inimigo?

4 Senhor, que és meu Pai, e Deus da minha vida, não me abandones ao arbítrio dêles. (3)

5 Não me dês a altiveza de meus olhos e afasta de mim tôda a cobiça. (4)

6 Tira de mim os apetites do ventre, e não se apoderem de mim as concupiscências do ato carnal, e não me entregues a uma alma sem vergonha e sem recato.

7 Ouvi, filhos, a doutrina que vos dou sôbre a moderação da língua: E aquêles que a guardar, não perecerá pelos lábios, nem cairá em ações péssimas.

8 O pecador é colhido na sua vaidade, e o soberbo e o malédico achará nela tropeços.

9 A tua bôca não se acostume ao juramento, porque nêle se dão quedas por muitos modos.

10 A nomeação pois do nome de Deus não seja fre-

(3) **DELES** — Isto é, ao arbítrio, e em poder de meus inimigos, como entende Calmet, ou dos meus pecados, segundo quer Menochio, como se dissera: ao sabor dos meus desejos, ficando assim vivendo segundo as invenções da minha fantasia.

(4) **A ALTIVEZA DE MEUS OLHOS** — Bastava dizer a "altivez de olhos", mas o sábio acrescenta meus para denotar, como parece, que todo o mal (por exemplo, a soberba, de que se fala aqui, significada na sobranceira dos olhos) nasce do homem. Assim que, pedindo neste lugar a Deus o mesmo sábio que lhe não dê olhos soberbos, não se segue que Deus os costume dar às vêzes aos homens. Porquanto, não querendo Deus a iniquidade, Sl v. 4, nem podendo ser por consequência autor do mal (S. Tiago na Epistola catol. 1, 13) antes fonte e manancial de todos os bens (Ibid. v. 17) permite só que o homem seja vencido da tentação muitas vêzes por causa dos seus pecados, como adverte Calmet, entregando-o também ao arbítrio de seus inimigos, e deixando-o em poder das suas forças. — *Pereira.*

qüente na tua bôca, e não te mistures com os nomes dos Santos: Porque nisto não serás isento de falta.

11 Porque bem como o escravo que continuamente é pôsto em tortura, não se acha com diminuição nas lívidas pisaduras do corpo: Assim todo o homem que jura, e que a cada passo está tomando na bôca o nome de Deus, não será de todo isento de pecado.

12 O homem que jura muito, será cheio de iniquidade, e não se apartará de sua casa o flagelo.

13 E se não fizer o que prometeu com juramento, o seu pecado será sôbre êle: E se faltar a isso por desprezo, peca em dôbro.

14 E se jurar em vão, não será justificado: Porque a sua casa será cheia de merecida recompensa.

15 Há também outra palavra que está em paralelo com a morte, ela se não ache nunca na herança de Jacó. (5)

16 Porque tudo isto será retirado dos homens pios, e êles não serão envoltos em tais pecados.

17 A tua bôca não se acostume a palavras indiscretas: Porque nelas se acha com efeito o pecado. (6)

(5) **HA TAMBÉM OUTRA PALAVRA** — Ou, outro falar. Esta palavra ou é a blasfêmia, que os hebreus não ousavam proferir, ou a persuasão que induz ao erro, e à idolatria, como se vê em Dt 13, 2, ou enfim, conforme outros, a calúnia, e a contumélia proibida no Lev 19, 13. 14. Porém a mais bem recebida opinião é ser a mencionada palavra, que segundo diz o grego, "está por tôdas as partes rodeada de morte" e blasfêmia, pois ficava cercado o blasfemo dum montão de pedras, quando estas de tôda a parte voavam das mãos do povo, que o apedrejava, como consta do mesmo Lev 24, 16.

(6) **COM EFEITO** — À letra: "palavra de pecado." E' um hebraísmo, não de outra maneira que os latinos dizem "res moris" por "mos; res laboris pro labor; res auxilii pro auxilium, modo de falar que tomaram dos gregos, e os portugueses ainda exprimem,

18 Lembra-te do teu pai e tua mãe, pois estás no meio dos magnates: (7)

19 Para que Deus não se esqueça talvez de ti diante dêsses mesmos grandes, e para que enfatuado tu com o contínuo trato, que tens com êles, não padeças algum impropério, e não venhas a desejar antes não ter nascido, e amaldições o dia do teu nascimento.

20 O homem acostumado a dizer palavras de impropério, nunca em dias de sua vida se corrigirá.

21 Duas sortes de pessoas abundam em pecados: E a terceira chama para si a ira, e a perdição.

22 A alma acesa como um fogo ardente não se extinguirá, até não devorar alguma coisa: (8)

23 E o homem mau no apetite da sua carne não cessará até não acender o fogo. (9)

24 Todo o pão é doce para o homem fornicário, não cansará de pecar até o fim.

25 Todo o homem que viola a fé do próprio tálamo conjugal, que despreza a sua alma, e diz: Quem é que me vê?

quando explicam, por exemplo, "res moris" por "coisa da tarifa" e "res cubi" por "coisa de comer." — Pereira.

(7) **POIS ESTÁS** — Quando suceda estares sentado entre os grandes, tendo sido sublimado às dignidades e magistrados, não faças que não conheças a teu pai, ou a tua mãe, ainda que sejam pobres e abjetos. — Menochio.

(8) **ATÉ NÃO DEVORAR ALGUMA COISA** — Até não pôr por obra o seu mau desejo de vingança, ou de alguma das outras paixões violentas, que o arrastam. Alguns, entre êles Menochio, entendem êste lugar do primeiro grau de impureza, isto é, dos que pecam por pensamento, ou desejo. — Pereira.

(9) **NO APETITE DA SUA CARNE** — A letra: na bôca da sua carne. E' uma metonímia, pela qual a bôca se põe, como um instrumento, pelo mesmo apetite de comer. E' outrossim uma catacrése, pela qual o apetite de comer se põe pelo apetite da luxúria. — A. Lapide.

26 As trevas me cercam, e as paredes me cobrem, e ninguém de parte alguma olha para mim: De quem tenho eu receio? O Altíssimo não se lembrará dos meus pecados.

27 E não considera que o olho do Senhor vê todas as coisas, porque semelhante temor humano expelle de si ao temor de Deus, e os olhos dos homens são unicamente os que o fazem temer:

28 E não chegou a alcançar que os olhos do Senhor são mais luminosos do que o sol, que em torno estão vendo todos os caminhos dos homens, e que penetram o profundo do abismo, e os corações dos mesmos homens até os mais ocultos esconderijos.

29 Porque o Senhor Deus assim como conhecia todas as coisas do mundo, antes de as ter criado: Assim também agora depois que ele as criou as vê todas.

30 Este tal será punido nas ruas públicas e pôsto em fuga como um pôtro de égua: E onde ele menos o espere, será apanhado.

31 E todos o terão por um objeto de desonra, por isso mesmo que não compreendeu o temor do Senhor.

32 Assim perecerá também toda a mulher que deixa a seu marido, e que lhe dá por herdeiro o fruto dum alheio matrimônio:

33 Porque primeiramente ela foi desobediente à lei do Altíssimo: Secundariamente pecou contra seu marido: Em terceiro lugar no adultério, que cometeu, violou a castidade conjugal, e se deu a si filhos de outro que não era seu consorte.

34 Esta mulher será levada à junta do povo, e ali se fará uma exata inquirição sobre seus filhos.

35 Os seus filhos não lançarão raízes, e os ramos dela não darão fruto.

36 Ela deixará ficar para maldição a sua memória, e nunca jamais se apagará a sua infâmia.

37 E os que ficarem depois dela conhecerão que não há coisa melhor do que o temor de Deus: E que nada há mais doce do que olhar para os mandamentos do Senhor.

38 E' grande glória seguir ao Senhor: Porque êle é o que há de dar dias sem fim.

CAPÍTULO 24

ELOGIO DA SABEDORIA. A SUA ORIGEM, O SEU PODER, A SUA ETERNIDADE. ISRAEL VEIO A SER O LUGAR DA SUA HABITAÇÃO. PROGRESSO QUE ELA FEZ NO MUNDO. BENS QUE DELA NASCEM. A SUA PROFUNDIDADE. MARAVILHAS QUE OBRA NO MUNDO.

1 A sabedoria louvará a sua alma, e se honrará em Deus, e se gloriará no meio do seu povo, (1)

2 e abrirá a sua boca nas Assembléias do Altíssimo, e se gloriará à vista do poder do Senhor, (2)

3 e será exaltada no meio do seu povo, e será admirada na plenitude dos santos. (3)

(1) **A SABEDORIA** — Por meio duma prosopopéia introduz aqui o Sábio a mesma Sabedoria, tecendo-se a si o digno elogio da própria excelência e dignidade. Pinta e descreve a sua origem, e a magnificência das suas obras. Representa-a como uma rainha formosíssima e dotada de todo o gênero de virtudes, convidando os homens, e principalmente os israelitas, a que a busquem, a que se fartem dos seus frutos e a que se encham das suas riquezas. Imita pois a Salomão no capítulo 8 dos seus Provérbios, e ao autor do livro da Sab 8, 24. 25 s. 8, 1. 2. — Calmet.

(2) **NAS ASSEMBLÉIAS DO ALTÍSSIMO** — Nas juntas dos fiéis. — Menochio.

(3) **NA PLENITUDE DOS SANTOS** — Na multidão dos santos da Igreja, na congregação plena e copiosa dos fiéis, a que

4 e na multidão dos escolhidos terá louvor, e entre os benditos será bendita, dizendo:

5 Eu saí da boca do Altíssimo a primogênita antes de todas as criaturas: (4)

6 Eu fiz com que nascesse nos Céus uma luz que nunca falta e como névoa cobri toda a terra: (5)

7 Eu habitei nos lugares mais altos, e o meu trono é sobre uma coluna de nuvem: (6)

chama no verso seguinte "multidão de escolhidos, e benditos". — Menochio.

(4) **EU SAÍ DA BOCA DO ALTÍSSIMO** — Não podia ostentar por certo a Sabedoria, princípio mais nobre ou mais glorioso da sua geração. "Eu saí da boca do Altíssimo" como na sua palavra, que lhe é consubstancial. "Gerada", Deus, de Deus, "antes de toda a criatura", ou primeiro que nenhuma criatura, como Verbo Eterno do Padre Eterno. Por onde tudo quanto aqui se diz, entendem os intérpretes a cada passo da Sabedoria Incrriada, da segunda pessoa da Santíssima Trindade, revestida de carne humana no ventre de Maria. Ora a Igreja, pôsto que em sentido místico e tropológico, já por um longo uso recita as palavras deste lugar aplicando-as à mesma Senhora mãe de Deus no seu ofício; contudo o verdadeiro sentido deste lugar requer que se entenda a letra daquela sabedoria de que Deus enche a alma do homem pio, e virtuoso, ou também da fé, piedade, ciência da salvação e caridade, com que Deus fez os homens verdadeiramente sábios, distribuindo-as e concedendo-as a cada um segundo a sua grandeza e justiça. Veja-se Santo Ambrósio de Fide L. I, c. 7 e IV, 4, com Calmet a este lugar. — Pereira.

(5) **UMA LUZ QUE NUNCA FALTA** — A luz, que Deus criou no princípio do mundo, Gên 1, 5, e que no quarto dia deu ao sol, e aos astros. Ela por força da sua natureza não só é sujeita a mudança, mas também pode faltar, porém nunca faltou, e tem conservado sempre tanto a mesma atividade, como a mesma formosura: Luz que não falta. Isto não se acha no grego. — Calmet.

(6) **EU HABITEI NOS LUGARES MAIS ALTOS** — Isto é, nas alturas, no Céu, que é o assento da Sabedoria, como Assessora do Altíssimo, que assiste e intervém aos seus conselhos. Sab 9, 4-10. Ora que o trono de Deus seja sobre as nuvens, coisa é que

8 Eu só rodeei o giro do Céu, e penetrei a profundidade do abismo, andei sôbre as ondas do mar, (7)

9 e estive em tôda a terra: E em todo o povo,

10 e entre tôdas as nações tive a primazia:

11 E pisei com o meu poder os corações de todos os grandes e pequenos: E em todos êstes busquei o descanso, e assentarei a minha morada na herança do Senhor. (8)

12 Então o Criador do Universo me deu os seus preceitos, e me falou: E aquêlê que me criou, descansou no meu tabernáculo, (9)

13 e me disse: Habita em Jacó, e possui a tua herança em Israel, e lança raízes nos meus escolhidos. (10)

14 Eu fui criada desde o princípio, e antes dos sé-

declara a Escritura em muitos lugares, por exemplo, no Sl 17, 11; 96, 2, em Is 19, 1, em Jó 22, 14, e no Evangelho de S. Mt 26, 64. Também se pode fazer aqui alusão à coluna, que cobria e guiava os israelitas no deserto. Ex 13, 21. — Pereira.

(7) **EU SÓ RODEEI O GIRO DO CÉU** — A palavra só exclui as naturezas criadas, porque sem o socorro delas a Divina Sabedoria rodeou, formou, e adornou o Céu com os astros que nêlê brilham, e conteve as ondas do mar dentro dos limites que ocupam, conhecendo exatamente a sua profundidade e largura. — Menochio e Calmet.

(8) **NA HERANÇA DO SENHOR** — Num povo fiel, que seja a possessão, a herança, e a Igreja do Senhor, onde eu tenho grandes impulsos e desejo de fazer assento. — Menochio.

(9) **ENTÃO O CRIADOR** — Explica a Sabedoria qual seja o seu officio, e de si mesma poéticamente fala como duma pessoa distinta de Deus. Faz-se pois por uma prosopopéia como ministra de Deus, para executar os seus mandados. — Menochio.

(10) **HABITA EM JACÓ** — No povo israelítico — Menochio.
E POSSUI A TUA HERANÇA EM ISRAEL — Recebe a tua herança e possessão. Assim Israel vem a ser a tua herança e possessão. — Menochio.

NOS MEUS ESCOLHIDOS — No povo escolhido de Israel, — Menochio.

culos, e não deixarei de ser em tôda a sucessão das idades, e exercitei diante dêle o meu ministério na morada santa. (11)

15 E fui assim firmada em Sião, e repousei igualmente na cidade santificada, e em Jerusalém está o meu poder. (12)

16 E me vim a arraigar num povo honrado, e nesta porção do meu Deus que é a sua herança, e na plenitude dos santos, onde se acha a minha assistência.

17 Crescendo me elevei como cedro no Líbano, e como cipreste no monte Sião: (13)

(11) **DESDE O PRINCIPIO** — Toma-se aqui princípio por aquela sempiterna duração, que já havia antes de haver tempo, e começarem os séculos. A Igreja aplica êste e os sete versículos à Virgem Maria.

E EXERCITEI DIANTE DELE O MEU MINISTÉRIO — Exercitei no tabernáculo e no templo por meio dos meus ministros, levitas e sacerdotes os ministérios sagrados, e ofereci a Deus verdadeiros sacrifícios. — Menochlo.

(12) **E FUI ASSIM FIRMADA** — Pelo tabernáculo, e no templo, que eu no monte Sião edifiquei, e firmemente coloquei por meio de Salomão, tendo só dantes um tabernáculo portátil. — Menochlo.

NA CIDADE SANTIFICADA — Esta cidade é Jerusalém, que na Escriitura se chama Santa, por causa do templo, em que Deus era adorado, e da verdadeira religião, de que naquele tempo ela era o centro. O grego em lugar de santificada lê amada.

(13) **SIAO** — Ou, como diz o grego, “nas montanhas de Hermon, de nenhum modo é o de Jerusalém, em que esta cidade ficava então, e ainda hoje em dia se acha situada, como também no Moriá, e no Gólgota, ou Calvário, montes a que Davi chama Santos. *Fundamenta ejus in montibus sanctis*. Sl 86, 1, mas outro, que todo êle, segundo também já advertiu Calmêt ao vers. 8 do Sl 11, 1, vem a ser uma cordilheira de montes mui altos, e dilatados além do Jordão. Veja-se o Dt 4, 48, e o Sl 132, 3. A Lapide pretende haver nestes primeiros versos uma enigmática alusão à madeira das árvores de que, segundo a mais provável e seguida

18 Eu lancei em alto os meus ramos, como a palmeira em Cades, e como as plantas das rosas em Jericó: (14)

19 Eu me elevei como uma formosa oliveira nos campos, e como o plátano nas praças à borda d'água. (15)

20 Difundi um cheiro como o cinamomo, e o bálsamo aromático, espalhei como mirra escolhida suavidade de cheiro. (16)

21 E perfumei a minha habitação, com estoraque, e gálbano, e ônix, e gôta, e como incenso do Líbano que não é tirado por incisão, e a minha fragrância é como a do bálsamo sem mistura. (17)

opinião, foi feita a Cruz de Cristo; porque dizem que o encaixe era de cedro, a base de cipreste, os braços de palma, e a tábua do título de oliveira, sobre o que aponta várias autoridades, Jacó, Gretser, "De Cruce Christi" L. I, cap. 5.

(14) CADES — Lugar da Arábia Petréia. Cfr. Núm 20, 1. O grego aqui varia, porque, entre outras lições ainda, uma diz em Engadi, outra nas praias. Bem conhecida é Engadi na Escritura pela sua fertilidade. Vejam-se os Cantares 1, 13. — Calmet.

(15) E COMO O PLÁTANO — Como os plátanos, que se vêem nas ruas das grandes cidades a par das fontes, ou regatos, já noutro lugar deixamos advertido, que nas regiões ardentes era costume plantarem-se árvores nas cidades, e nas praças públicas, para moderar a calma, e ardor do sol. — Calmet.

(16) O CINAMOMO — Espécie de canela.

(17) ESTORAQUE — O qual é um licor pingue, e cheiroso. uma árvore que tem feição de marmeleiro. Estoraque neste lugar não se lê no grego. — Calmet.

E GÁLBANO — Espécie de goma, ou resina que sai duma planta, a qual dá a Síria no monte Amano. Veja-se a História Natural de Plínio L. XII, cap. 25.

ÔNIX — Concha que tem um cheiro mui suave.

E GÔTA — Ou lágrima. Isto é, a mirra que espontaneamente, sem incisão, distila da cortiça da árvore, em grego *stacte*, a qual vem a ser a mais preciosa, como diz Plínio L. XII, cap. 15. Até aqui os expositores. Porém S. Basílio na Homília sobre o Salmo

22 Eu estendi os meus ramos, como o terebinto, e os meus ramos são ramos de honra e de graça. (18)

23 Eu como vide lancei flores dum agradável cheiro: E as minhas flores são frutos de honra e de honestidade. (19)

44, verso 10, explicando que coisa seja *stacte*, diz assim: "Ora também a mesma gôta, *stacte*, é uma espécie tenuíssima de mirra. Porquanto, depois de se pisar o aroma, tudo quanto nêle há de líquido, se separa para a gôta; o que resta, ou fica mais crasso, chama-se mirra". Todavia alguns vertem a palavra de que se trata neste salmo por *Alói*, segundo o hebreu *aha ofli*, como adverte Calmet. Vejam-se os Cantares 4, 18.

E COMO INCENSO DO LÍBANO — Como o pingo de incenso que espontâneamente distila, convém a saber da incisão da casca: êle é por certo o mais precioso e ótimo. O grego tem: "e como o perfume do incenso, que se queima no tabernáculo". — Calmet.

(18) **COMO O TEREBINTO** — Que é uma grande árvore na Síria, como atesta Plínio L. XIII. Cap. 6, dela também distila uma resina boníssima e tenuíssima, conforme assegura o mesmo autor no Livro XIV, Cap. 20. — Menochio.

(19) **EU COMO VIDE LANCEI FLORES** — Tôdas estas árvores e plantas, que a Escritura nomeia aqui em particular, as quais têm frutos e qualidades tão diferentes, denotam alegoricamente a grande variedade de estados, ministérios e virtudes das almas, que parecem cedros pela elevação do seu coração, que sempre tende ao Céu, ou ciprestes pela meditação continua da morte, ou palmeiras pelo humilde sofrimento de todos os seus trabalhos, ou roseiras pelo martírio e efusão do seu sangue, ou oliveiras pela unção da sua caridade, ou plátanos à borda das águas, e terebintos, que espalham os seus ramos bem longe pela extensão da própria caridade para com seus irmãos, como é a dos bispos, que se derrama sobre um grande número de almas, e sobre povos inteiros. E tôdas estas plantas odoríferas como o bálsamo, a mirra, e outras, que estão menos expostas à vista, significam tôdas as almas mais retiradas, que desejam ser antes conhecidas de Deus, que dos homens, as quais pela mortificação do seu coração e do seu corpo se oferecem sem cessar ao mesmo Senhor como vítimas que lhe são agradáveis, e principalmente as Sagradas Virgens, que os Padres

24 Eu sou a mãe do amor formoso, e do temor, e do conhecimento, e da santa esperança. (20)

25 Em mim há tôda a graça do caminho e da verdade, em mim tôda a esperança da vida e da virtude.

26 Passai-vos a mim todos os que me cobiçais, e enchei-vos dos meus frutos:

27 Porque o meu espírito é mais doce do que o mel, e a minha herança vence em doçura o mel e o favo.

28 A minha memória durará por tôdas as gerações dos séculos.

29 Aquêles que me comem, terão ainda fome: E os que me bebem, terão ainda sede.

30 Aquêles que me ouve, não será confundido: E os que obram por mim, não pecarão.

31 Aquêles que me esclarecem, terão a vida eterna.

32 Tudo isto é o livro da vida, e o testamento do Altíssimo, e o conhecimento da verdade.

33 Moisés entregou a Lei nos preceitos da justiça, e a herança para a casa de Jacó, e as promessas para Israel.

34 O Senhor prometeu a Davi, seu servo, que faria sair dêle um rei fortíssimo, e que se assentasse no trono de glória para sempre. (21)

chamam os lírios da Igreja, e o suave perfume de Jesus Cristo.
— Sacy.

(20) **EU SOU A MÃE** — A sabedoria inspirando no homem um amor puro, enche o seu coração de temor santo, para que conhecendo o seu nada, e justamente a grandeza de Deus, ponha só nêle tôda a sua esperança. — Pereira.

(21) **UM REI FORTÍSSIMO** — Por este rei entende Calmet a Salomão, e em sentido mais sublime ao Messias, porém a intelligência verdadeira e natural é falar-se aqui do segundo, cuja vinda se esperava. Este versículo falta no grego. — Pereira.

35 Ele que difunde a sabedoria como o Fison as suas águas, e como o Tigre nos dias dos novos frutos. (22)

36 Que enche o entendimento como o Eufrates: Que trasborda como o Jordão no tempo da ceifa.

37 Que envia a disciplina como luz, e que aumenta as suas águas como o Geon na conjunção da vindima.

38 Ele é o que tem a primazia no cabal conhecimento da mesma sabedoria, e o mais fraco não a poderá rastejar.

39 Porque os pensamentos são mais vastos do que o mar, e os seus conselhos mais profundos do que o grande abismo.

40 Eu sou a sabedoria que de mim fiz correr os rios.

41 Eu como um regato de água imensa derivada dum rio, eu como canal duma ribeira, e como aqueduto saí do paraíso.

42 Eu disse: Regarei as plantas do meu prado.

43 E eis-aqui se fez o meu regato um caudaloso rio, e o meu rio veio a competir com um grande mar:

44 Porque a luz da doutrina com que a todos illustro é como a luz da madrugada, e eu a manifestarei por tôda a sucessão dos séculos.

45 Penetrarei tôdas as partes inferiores da terra, e lançarei os olhos por todos os que dormem, e esclarecerei a todos os que esperam no Senhor.

46 Eu espalharei ainda uma doutrina como profecia, e deixá-la-ei aos que andam em busca da sabedoria,

(22) **ELE QUE DIFUNDE** — O Senhor à maneira dum caudaloso rio, espalha as suas águas saudáveis por tôda a extensão da Igreja Universal. Ora as enchentes dos rios, de que se fala aqui, eram causadas pelo derretimento da neve, que descia dos montes vizinhos nas estações de calor. Sobre estes rios confira-se o c. 2 do Gên com o livro de Josué, 3, 15. — Pereira.

e não cessarei de a derramar pela descendência dêles até o século santo. (23)

47 Vêde que eu não trabalhei só para mim, mas para todos os que buscam a verdade. (24)

CAPÍTULO 25

TRÊS COISAS AGRADÁVEIS, E TRÊS DETESTÁVEIS. NOVE QUE PARECEM FELICIDADE. UTILIDADE DO TEMOR DE DEUS. MALÍCIA DA MULHER, O MAIS INCONFORTÁVEL DE TODOS OS MALES.

1 De três coisas se dá por bem pago o meu espírito, as quais têm a aprovação diante de Deus, e dos homens.

2 A concórdia dos irmãos, e o amor dos próximos, e o marido e a mulher que se dão entre si.

3 Três sortes há de pessoas que a minha alma aborrece, e cuja vida me é incomportável:

4 Um pobre soberbo: Um rico mentiroso: Um velho fátuo e insensato.

5 Como acharás tu na tua velhice, que o não ajuntaste na tua mocidade? (1)

6 Quão belo é às cãs o juízo, e aos anciãos o ter conhecimento do conselho!

(23) **COMO PROFECIA** — Isto é, como oráculo e arcanos divinos.

ATÉ O SÉCULO SANTO — Até o século futuro, onde os compreensores do reino de Deus não terão necessidade desta instrução. — Pereira.

(24) **VEDE** — Aqui parece mais natural e próprio falar assim o autor d'este livro, do que a Sabedoria, como também segue Calmet.

(1) **COMO ACHARAS TU NA TUA VELHICE** — Isto é, se tu na idade juvenil fizeste pouco caso de te applicares ao estudo da Sabedoria, como hás de colhêr na velhice os frutos da applicação que desprezaste?

7 Quão bem parece a sabedoria nos velhos, e a inteligência, e o conselho nas pessoas de alta jerarquia!

8 A experiência consumada é a coroa dos velhos, e o temor de Deus é a sua glória.

9 Nove coisas tive por grandes que o coração humano está bem longe de suspeitar de serem tais e quanto à décima esforçarei a minha língua para a dizer aos homens.

10 Um homem, que acha a sua alegria em seus filhos, o que vive e chega a ver a ruína de seus inimigos. (2).

11 Ditoso aquêlê que habita com uma mulher de bom senso, e que não caiu pela sua língua, e que não serviu a pessoas indignas dêle.

12 Ditoso o que acha um amigo verdadeiro, e o que fala da justiça a um ouvido que lhe dá atenção.

13 Que grande é aquêlê que acha a sabedoria, e a ciência! Porém com tudo isso não tem vantagem sôbre aquêlê que teme ao Senhor.

14 O temor de Deus se elevou sôbre tudo:

15 Bem-aventurado o homem, a quem foi conferido o dom de ter o temor de Deus: Com quem se comparará aquêlê que o possui?

16 O temor de Deus é o princípio do seu amor: Mas inseparavelmente se lhe deve ajuntar um princípio de fé.

17 A tristeza do coração é uma praga universal: E a maldade da mulher é uma consumada malícia.

18 E sofrerá qualquer tôda a chaga, porém não a chaga do coração:

(2) **E CHEGA A VER A RUÍNA DE SEUS INIMIGOS** — Não se alegrando com ela, pois a sente pelo contrário, mas recebendo contentamento de ver assim desafrontada a honra de seus inimigos, por terem ao mesmo Senhor descomedidamente ofendido e, ultrajado. — **Pereira.**

19 E tôda a malícia, porém não a malícia da mulher.

20 E tôda a calamidade, porém não a calamidade dos que nos têm ódio:

21 E tôda a vingança, porém não a vingança que vem dos inimigos.

22 Não há cabeça pior do que a cabeça da cobra:

23 E não há ira sôbre a ira da mulher. Será melhor expediente viver com um leão e com um dragão, do que habitar com uma mulher má.

24 A malignidade da mulher a faz de todo mudar de rosto: E a reveste dum ar ferozmente sombrio como um urso: E a mostra tal como um cilício. No meio de seus vizinhos, (3)

25 gemeu o seu marido, e ouvindo suspirou um pouco.

26 Tôda a malícia é leve em comparação da malícia da mulher: Sôbre ela caia a sorte dos pecadores.

27 Assim como é para os pés dum velho a subida por areia, do mesmo modo é para o homem quieto a mulher desbocada.

28 Não olhes para a formosura da mulher, e não desejes uma mulher pela sua formosura. (4)

29 A ira da mulher, e a sua audácia, e a confusão que a segue é grande. (5)

(3) **E A MOSTRA TAL COMO UM CILÍCIO** — A malignidade da mulher expõe-na verdadeiramente à vista dos outros, arrugando e afelando o rosto como um saco de dó, ou um cilício, traje de que se vestiam nas ocasiões de tristeza e de luto.

(4) **E NÃO DESEJES** — O grego: “e não cobices a mulher desordenadamente.” A explicação de Menochio é, porque nem sempre a formosura é indício de bondade. — *Pereira*.

(5) **A IRA DA MULHER** — O grego: “a ira, e o descaramento, e a confusão é grande, quando a mulher dá com que subsistir a seu marido:” ou, segundo outra intelligência do verbo grego, se permitir a seu marido que ande enredado noutros amores, trato que não só consentia, como refere Suetônio cap. 71, mas procurava Lúvia a seu marido Augusto. — *Pereira*.

30 Se a mulher tem o primeiro lugar no mando, ela se levanta contra seu marido.

31 A mulher má é o abatimento do coração, e a tristeza do rosto, e a chaga do interior.

32 Mulher que não faz ditoso a seu marido, é o enfraquecimento das suas mãos, e a debilitação dos seus joelhos.

33 Da mulher nasceu o princípio do pecado, e por ela é que todos morremos.

34 Não dê saída à tua água, nem por uma imperceptível abertura: Nem à mulher má liberdade de sair a público.

35 Se não andar sempre debaixo da tua mão, ela te cobrirá de confusão à vista de teus inimigos.

36 Separa-te dela quanto ao corpo, a fim de que não abuse sempre de ti.

CAPÍTULO 26

FELICIDADE DAQUELE QUE TEM UMA MULHER VIRTUOSA: DESGRAÇA DO QUE A TEM MÁ.

1 Bem-aventurado o homem que tem uma virtuosa mulher: Porque dobrado será o número dos seus anos.

2 A mulher forte é a alegria de seu marido, e ela lhe fará encher em paz a carreira dos anos da sua vida.

3 A mulher virtuosa é uma sorte excelente, ela, como em prêmio dos que temem a Deus, será dada ao homem pelas suas boas obras:

4 E estará satisfeito o coração dum e de outro, seja rico ou pobre; o seu rosto ver-se-á alegre em todo o tempo.

5 De três coisas se receou o meu coração, e com a quarta esmoreceu o meu semblante: (1)

6 Da delação duma cidade: E do levantamento dum povo mancomunado: (2)

7 Da calúnia mentirosa, coisas tôdas mais incomportáveis do que a morte:

8 Mas a mulher ciosa é a dor, e o triste pranto do coração.

9 Na mulher ciosa se acha o flagelo da língua, o qual a todos se comunica.

10 Assim como é o jugo dos bois, que está largo, assim também é a mulher má: O que a toma, é como quem toma um escorpião.

11 A mulher dada ao vinho é uma grande irritação: E a sua ignomínia, e infâmia não será oculta.

12 A prostituição da mulher reconhecer-se-á na altiveza dos olhos, e nas suas pálpebras.

13 Dobra a tua vigilância a respeito da filha, que não tem recolhimento: Para que não abuse de si, achada que seja a ocasião.

14 Vigia sôbre todo o desavergonhamento dos seus olhos, e não estranhes se ela te desprezar.

15 Ela bem como o viandante sequioso abrirá a bôca para se saciar na fonte, e beberá de tôda a água que tiver à mão, e sôbre tôda a estaca se assentará, e a tôda a seta abrirá a aljava até mais não poder.

(1) **DE TRÊS COISAS** — De três coisas tenho medo: do ódio duma cidade inteira, do tumulto e sedição do Povo, e da calúnia. A quarta porém é muito mais grave do que estas três, a mulher ciosa. — Calmet.

(2) **DA DELAÇÃO DUMA CIDADE** — Quando uma cidade inteira é inimiga dum homem, e o acusa perante o Juiz. Ou quando uma cidade inteira é arguida de algum crime. — Calmet.

16 A graça duma mulher cuidadosa deleitará a seu marido, e lhe infundirá vigor até aos ossos.

17 A boa criação dela é um dom de Deus.

18 Sendo uma mulher sensata e amiga do silêncio, não admite comutação a sua alma instruída.

19 A mulher santa, e cheia de pudor, é uma graça sôbre outra graça.

20 Pois todo o preço é nada em comparação duma alma continente.

21 Tal qual é o sol para o mundo quando nasce nas alturas de Deus, assim é a gentileza duma mulher boa para ornamento da sua casa.

22 Também a graciosidade do rosto numa idade madura é como um resplandecente lume sôbre o candeeiro santo. (3)

23 Do mesmo modo os pés que se firmam sôbre as plantas da mulher constante são como umas colunas de ouro sôbre bases de prata.

24 Os mandamentos de Deus são no coração da mulher santa, como uns fundamentos eternos sôbre a pedra sólida.

25 Com duas coisas se entristeceu o meu coração, e pela terceira veio a atear-se em mim a ira:

26 Um homem de guerra que perece à minguá: E um homem sábio que é desprezado:

27 E aquêlê passa da justiça ao pecado, a êste último tem Deus reservado para os fios da espada.

28 Duas sortes de coisas me pareceram difíceis, e perigosas: Dificultosamente se despe da negligência o

(3) **O CANDEEIRO SANTO** — Isto é, o candeeiro de ouro, que estava no Tabernáculo diante daquela parte mais interior e mais sagrada do Templo de Salomão, chamada por outro nome "Sancta Sanctorum." — **Pereira.**

que negocia: E o estalajadeiro não se isentará dos pecados de seus lábios.

CAPÍTULO 27

O DESEJO DAS RIQUEZAS, ORIGEM DOS PECADOS. AS PALAVRAS DO HOMEM DESCOBREM O SEU CORAÇÃO. PROVEITOS QUE SE TIRAM DA JUSTIÇA. AS CONVERSACÕES DOS PECADORES INSUPORTÁVEIS. REVELAR OS SEGREDOS É EXTINGUIR INTEIRAMENTE A AMIZADE. O LISONJEIRO ABORRECIDO DE DEUS, E DOS HOMENS.

1 Por causa da pobreza muitos delinqüiram: E aquêlê que procura enriquecer-se, aparta a sua mira. (1)

2 Bem como se finca um pau no meio da juntura de duas pedras, assim também entre a venda e a compra mediará o pecado com uma união mui estreita.

3 O delito será esmigalhado com o delinqüente.

4 Se te não mantiveres firmemente no temor do Senhor, depressa a tua casa será arruinada.

5 Bem como na sacudidura do crivo ficará o pó, assim a perplexidade do homem se acha no seu pensamento. (2)

6 O forno prova os vasos do oleiro, e aos homens justos a tentativa da tribulação.

(1) **POR CAUSA DA POBREZA** — Muitos pecam, a fim de evitarem a atual ou iminente pobreza, mentindo, enganando, roubando: Até as mulheres prostituindo o corpo. — Menochio.

APARTA A SUA MIRA — Da lei de Deus, e da norma da virtude. — Menochio.

(2) **BEM COMO NA SACUDIDURA** — Assim como quando se agita um crivo, o que fica é somente a poeira, do mesmo modo quando um homem esteve inquieto, lutando com os seus pensamentos, fica também perplexo e incerto na sua deliberação. — Calmet.

7 Bem como o cuidado que se tem da árvore se dá a conhecer pelo seu fruto, assim descobre ao homem a palavra nascida do modo de pensar do seu coração.

8 Não louves ao homem antes dêle falar: Porque esta é a prova dos homens.

9 Se seguires a justiça, apanhá-la-ás: E dela te revestirás como duma vestidura talar de honra, e com ela habitarás, e ela te protegerá para sempre, e no dia do reconhecimento acharás firmeza.

10 As aves chegam-se para os seus semelhantes: E a verdade tornará para aquêles que prezam o trato dela.

11 O leão está sempre à espreita da preia: Assim os pecados aos que obram iniquidades.

12 O homem santo permanece na sabedoria como o sol: O insensato porém muda-se como a lua.

13 No meio dos insensatos guarda a palavra para seu tempo: Mas acha-te de contínuo entre os que pensam.

14 A conversação dos pecadores se faz odiosa, e o seu riso é sôbre as delícias do pecado.

15 A língua que muito jura fará arripiar os cabelos da cabeça: E a sua irreverência fará tapar os ouvidos.

16 Na bulha dos soberbos há efusão de sangue: E é coisa pesada ouvir as suas maldições.

17 Aquêles que descobre os segredos do amigo, perde o crédito, e não achará amigo à sua satisfação.

18 Ama a teu próximo, e une-te a êle com lealdade.

19 Mas se descobrires os seus segredos, não vás após dêle.

20 Porque assim como se porta o homem que arruí-

na ao seu amigo, assim também o que destrói a amizade do seu próximo.

21 E assim como aquêlê, que deixa ir da sua mão o pássaro, assim tu abandonaste ao teu próximo, e não o conciliarás mais:

22 Não o sigas, porque já está muito distante: Fugiu pois do laço como uma cabra montesa: Porquanto ficou ferida a sua alma:

23 Não poderás atar-lhe já daí por diante a ferida. E da má palavra há reconciliação:

24 Mas o revelar os segredos do amigo, é desesperação duma alma infeliz.

25 O que acena com o olho forja maus desígnios, e ninguém o lançará de si:

26 À vista de teus olhos adoçará a sua bôca, e fará admirações sôbre os teus discursos: Últimamente porém mudará de linguagem, e nas tuas palavras porá tropêço.

27 Muitas coisas aborreço, mas nenhuma igualei na aversão a êste tal, e o Senhor o aborrecerá também.

28 Quando qualquer lança uma pedra ao alto, ela cairá sôbre a sua cabeça: E a ferida à traição abrirá as feridas do traidor.

29 E o que abre a cova, cairá nela: E o que põe uma pedra no caminho para tropêço do próximo, tropeçará nela: E o que arma um laço a outrem, nêle perecerá.

30 O conselho malvadíssimo recairá sôbre o mesmo que o forja, e não reconhecerá de onde lhe vem.

31 A irrisão, e o impropério é de soberbos, e a vingança lhes sairá de emboscada, como um leão.

32 Aquêles que se deleitam com a queda dos justos perecerão no laço, e a dor os consumirá antes que morram.

33 A ira e o furor são duas coisas execráveis, e o homem pecador as terá em si mesmo.

CAPÍTULO 28

NÃO SE VINGAR. EVITAR DISPUTAS. MALES QUE CAUSA A LÍNGUA. NÃO DAR OUVIDOS AOS MALDIZENTES. VIGIAR SOBRE AS SUAS PALAVRAS.

1 Aquêlê que quer vingar-se encontrará a vingança do Senhor, e êle lhe reservará para sempre os seus pecados.

2 Perdoa ao teu próximo o mal que te faz: E então deprecando tu, ser-te-ão perdoados os pecados.

3 O homem guarda a sua ira para outro homem, e pede a Deus remédio?

4 Êle não tem compaixão dum homem seu semelhante, e pede perdão dos seus pecados?

5 Êle sendo carne conserva rancor, e pede propiciação a Deus? Quem lha alcançará pelos seus delitos?

6 Lembra-te dos teus novíssimos, e deixa de nutrir inimizades:

7 Porque a corrupção e a morte estão a cair sôbre aquêles que quebrantam os mandamentos do Senhor.

8 Lembra-te do temor de Deus, e não te ires contra o teu próximo.

9 Lembra-te da Aliança do Altíssimo, e não faças caso da ignorância do próximo.

10 Abstém-te do litígio, e diminuirás os pecados:

11 Porque o homem iracundo acende a pendência, e o homem pecador perturbará aos amigos, e no meio dos que têm paz meterá inimizade.

12 Porque o fogo, à proporção da madeira do bosque, assim se ateia: E conforme o poder do homem, assim será a sua iracúndia, e segundo a sua riqueza aumentará a sua ira.

13 A contenda precipitada acende fogo: E a de-

manda acelerada derrama sangue: e a língua que testifica traz morte.

14 Se assoprares a faísca, ela como fogo se inflamará, e se cuspirês sobre ela, se apagará: Sendo que uma e outra coisa da bôca nasce.

15 O mexeriqueiro e o homem de duas línguas é maldito: Porque porá em perturbação a muitos que têm paz.

16 A língua de um terceiro inquietou a muitos e os espalhou de povoação em povoação.

17 Ela destruiu as cidades muradas cheias de homens ricos, e fêz derribar as casas dos grandes.

18 Ela desbaratou as fôrças dos povos, e desfez as nações fortes.

19 A língua de um terceiro fêz expulsar as mulheres varonis, e as privou do fruto de seus trabalhos.

20 Aquêlê que a atende, não terá descanso, nem terá amigo em quem repouse.

21 O golpe do flagelo faz nódoas roxas: Mas o golpe da língua esmigalhará os ossos.

22 Muitos morreram passados ao fio da espada, porém não tantos como os que morreram pela sua língua.

23 Bem-aventurado aquêlê que está seguro da má língua, que não passou pela ira dela, e que não atraiu para cima de si o seu jugo, e não foi ligado nas suas cadeias:

24 Porque o seu jugo é um jugo de ferro: E as suas cadeias são umas cadeias de bronze.

25 A morte que ela causa, é uma morte desgraçadíssima: E mais vantajosa é a sepultura do que ela.

26 A sua perseverança não durará, mas ela se enshoreará dos caminhos dos injustos: E com a sua chama, não queimará aos justos.

27 Os que deixam a Deus, cairão nela e arderá nê-

les, e não se apagará, e se lançará sobre eles como um leão, e como um leopardo os atassallhará.

28 Cerca os teus ouvidos com espinhos, não queiras ouvir a língua danada, e põe na tua bôca portas, e fechaduras.

29 Funde o teu ouro e a tua prata, e fazes uma balança para pesares as tuas palavras, e um justo freio para reprimires a tua bôca:

30 E olha não escorregues acaso com a língua, e caias diante dos teus inimigos, que te armam ciladas, e venha a tua queda a ser incurável e mortal.

CAPÍTULO 29

EMPRESTAR A SEU PRÓXIMO. INGRATIDÃO DOS QUE TOMAM EMPRESTADO. FAZER ESMOLA. RESPONDER PELO SEU PRÓXIMO. DANOS DAS FIANÇAS. COISAS NECESSÁRIAS PARA A VIDA. HÓSPEDES INGRATOS.

1 Aquêlê que usa de misericórdia, empresta a juro ao seu próximo: E aquêlê que é de mãos liberais guarda os mandamentos. (1)

2 Empresta a teu próximo no tempo da sua necessidade, mas tu também restitui o seu ao próximo no devido tempo.

3 Mantém a tua palavra, e trata fielmente com êle: E em todo o tempo acharás o que te é necessário.

4 Muitos olharam para o que se lhes emprestou, como para uma coisa que êles acharam, e deram pena àqueles que os ajudaram.

(1) **EMPRESTA A JURO** — Não a juro que o primeiro lhe haja de tornar, mas a juro que lhe há-de de tornar Deus, segundo aquillo dos Prov 19, 17. "Aquêlê que se compadece do pobre, empresta a Deus a juro." — **Pereira.**

5 Eles beijam as mãos do que lhes empresta o seu dinheiro, até que o tenham recebido, e nas promessas que lhe fazem abaixam com submissão a sua voz:

6 Mas chegando o prazo em que um dêstes deve pagar a dívida, pedirá espera, e dirá palavras de enfado e de murmuração, e escusar-se-á com o tempo:

7 E se puder pagar, êle primeiramente repugnará a isso, depois dará apenas a metade do capital, e a reputará como uma coisa achada: (2)

8 E senão, defraudará ao credor do seu dinheiro, e sem causa alguma o ficará tendo por inimigo:

9 E lhe pagará com injúrias e más palavras, e pela honra e benefício recebido lhe corresponderá com ultrajes.

10 Muitos deixaram de emprestar não por desumanidade, mas porque temeram ser defraudados sem o merecerem.

11 Apesar de tudo isto, sê tu mais generoso no teu ânimo para com o humilde, e havendo de lhe dar esmola não lha andes procrastinando.

12 Por causa do mandamento acode ao pobre: E não o deixes ir com as mãos vazias em atenção da sua indigência. (3)

13 Perde o teu dinheiro por amor do teu irmão, e do teu amigo: E não o escondas debaixo duma pedra para ficar perdido.

14 Põe o teu tesouro nos preceitos do Altíssimo, e isto te aproveitará mais do que o ouro.

(2) **COMO UMA COISA ACHADA** — Insinuará ao criador que esta metade que lhe paga, êle a pode contar como se, depois de perdida, a tivera achado.

(3) **POR CAUSA DO MANDAMENTO** — Porque Deus assim to ordena. Veja-se o Dt 15, 7. 8. 10, e principalmente 11, com o Evangelho de S. Lucas 6, 30.

15 Encerra a esmola no coração do pobre, e ela rogará por ti para te livrar de todo o mal.

16 Ela pelejará contra teu inimigo de-

17 fendendo-te mais do que o escudo, e

18 mais do que a lança do esforçado.

19 O homem de bem dá fiança pelo seu próximo: e o que houver perdido a vergonha, o abandonará para que lá se avenha.

20 Não te esqueças nunca da graça que te fez o que ficou por teu fiador: Porque êle expôs a sua alma por te valer.

21 O pecador e o impuro foge do fiador. (4)

22 O pecador se apropria a si os bens do que ficou por seu fiador: E sendo êle de coração ingrato desamparará ao seu libertador. (5)

23 Um homem fica por fiador de seu próximo: E quando êste tal tiver perdido a vergonha, será dêle desamparado.

24 O, meter-se a afiançar com demasiada inconsideração tem perdido a muitos que iam bem nos seus negócios, e os deixou agitados como ondas do mar.

25 Ela fez mudar de habitação a homens poderosos trazendo-os num contínuo giro, e assim andaram vagabundos entre nações estranhas.

26 O pecador que viola o mandamento do Senhor, se meterá a responder indiscretamente por outro: E aquêle que empreende muitos negócios, cairá no rigor do juízo.

27 Assiste ao teu próximo conforme as posses que tiveres para isso, mas olha por ti, não caias tu também.

(4) **O PECADOR** — O ingrato e desleal quando vê vir o seu fiador, esconde-se, para deixar a paga por conta dêle, e não ser obrigado a satisfazer a dívida. — **Menochlo.**

(5) **DESAMPARARA AO SEU LIBERTADOR** — Ou metido numa cadeia, ou lidando com os credores e juizes. — **Menochlo.**

28 O essencial da vida do homem é a água e pão, e vestido, e casa que cubra o que o pêjo quer que esteja escondido. (6)

29 Aquilo que o pobre come debaixo de qualquer cobertura de paus é melhor do que o esplêndido das iguarias em região estranha sem domicílio próprio.

30 O pouco te contente como o muito, e não ouvirás os impropérios que sofre o que anda fora da sua terra.

31 Vida desgraçada é a daquele que se anda hospedando de casa em casa: E em toda a parte em que fôr hóspede, não oibrará com confiança, nem ousará abrir a bôca.

32 Ele noutras ocasiões terá hospedado a outros, e terá dado de comer, e de beber a ingratos e depois disto ouvirá coisas que lhe amarguem.

33 Anda, hóspede, e vai pôr a mesa: E dá de comer aos mais do que tens à mão.

34 Retira-te da presença de meus amigos a quem devo honrar: Eu necessito indispensavelmente da minha casa para receber nela a meu irmão.

35 São pesadas estas duas coisas para um homem que tem bom senso: As batibarbas do que nos hospedou em sua casa e os insultos de um credor.

CAPÍTULO 30

CASTIGAR A SEUS FILHOS. PROVEITOS DA EDUCAÇÃO QUE SE LHES DÁ. BEM DA SAÚDE. MALES DA TRISTEZA.

1 Aquêlê que ama a seu filho, castiga-o com frequência, para que êle se alegre com isso nos últimos tempos da sua vida, e não vá mendigar às portas dos outros.

(6) **QUE ESTEJA ESCONDIDO** — Isto é, que se faça de portas a dentro, e não aos olhos do sol, e na face de todo o mundo. — **Pereira.**

2 Aquêlê que ensina a seu filho, nêlê será louvado, e nêlê mesmo se gloriará no meio dos seus domésticos. (1)

3 Aquêlê que ensina a seu filho, excita à emulação a seu inimigo, e entre os seus amigos se gloriará nêlê.

4 Morreu o pai dêlê, e foi como se não morrera: Porque deixou depois de si um seu semelhante.

5 Em sua vida o viu, e nêlê se alegrou: Em sua morte não se entristeceu, nem se envergonhou diante dos seus inimigos.

6 Porque deixou um defensor da sua casa contra os inimigos dela, e quem fôsse agradecido aos amigos.

7 Pelas almas dos filhos atará as suas feridas, e sôbre tôda a voz se turbarão as suas entranhas.

8 Um cavalo indômito faz-se intratável, e um filho deixado à sua vontade sairá precipitado.

9 Anima a teu filho, e te fará andar assustado: Brinca tu com êlê, e êlê te entristecerá.

10 Não te ponhas a rir com êlê, para que lhe não sintas as dores, e não te desbotem no fim os dentes.

11 Não lhe dês largas na sua mocidade, e não desprezes as suas intenções.

12 Encurva-lhe a cerviz na mocidade, e zurze-lhe as suas ilhargas enquanto é menino, para que não suceda talvez endurecer-se e não te obedeça, e venha a ser pelo tempo adiante a dor da tua alma.

13 Ensina a teu filho, e trabalha pelo formar, para que não tropeces na sua afronta.

14 Um pobre são, e alentado de fôrças, vale mais do que um rico fraco, e atormentado de doenças.

15 A saúde da alma em santidade de justiça é me-

(1) **NÊLE SERÁ LOUVADO** — O grego: tirará dêlê fruto, ou, segundo outros códices: nêlê se alegrará.

lhor do que todo o ouro e prata: E o corpo robusto vale mais do que imensos bens. (2)

16 Não há riquezas maiores do que as da saúde do corpo: Nem contentamento que seja igual à alegria do coração.

17 Melhor é a morte do que a vida amargurada: E o descanso eterno do que um achaque perseverante.

18 Os bens escondidos na boca cerrada são como as cobertas de um banquete postas em tórno de um sepulcro. (3)

19 De que servirá ao ídolo a oblação? Pois que ele nem a comerá, nem lhe tomará o cheiro:

20 Assim acontece ao que é perseguido pelo Senhor, levando o pago da sua iniquidade:

21 Vendo com seus olhos, e gemendo como um eunuco que abraça a donzela e suspira.

(2) **A SAÚDE DA ALMA** — Assim como a conservação do corpo tem o primeiro lugar entre os bens do corpo, assim a santidade e a justiça são a saúde da alma, e os principais bens, que pertencem ao espírito.

(3) **DE UM SEPULCRO** — Alusão ao costume existente de colocar nas sepulturas armas, utensílios de caça e de pesca, e alimentos. Era a crença na vida futura, concebida tão material e grosseiramente como a presente. Desta passagem deduz-se que os judeus eram inumacionistas. A este propósito escreve o sr. dr. Ricardo Jorge: "Tem sido objeto de pendência e compreende-se pelo que respeita à adoção da cremação pelos judeus. Está porém definitivamente apurado que o mundo hebraico era inumacionista por excelência. Os casos de incineração que se respigam nas Escrituras, são duvidosíssimos; a linguagem figurada daqueles tempos e as dificuldades de versão não permitem tirar a limpo a questão. *Higiene Social*, 1885, not. XI. O sentido do texto é este: assim como os mortos não podem comer os alimentos que colocam em suas sepulturas, assim também é inútil a abundância aos ricos, quando a enfermidade lhes não permite que tomem alimento algum. Cfr. Tob 4, 18; Bar 6, 26.

22 Não dêś tristeza à tua alma, e não te aflijas a ti mesmo no teu conselho.

23 O júbilo do coração êsse é a vida do homem, e um tesouro inexaurível de santidade: E o regozijo do homem é a longura da sua vida. (4)

24 Tem piedade com a tua alma fazendo-te agradável a Deus, e contém-te: Reune o teu coração na santidade do mesmo Deus, e afugenta para longe de ti a tristeza.

25 Porque a tristeza tem morto a muitos, e não há utilidade nela.

26 A inveja e a ira abreviam os dias, e o cuidado fará chegar a velhice antes do tempo.

27 Um coração desassombrado, e bom, está em banquetes: Porque as suas iguarias se lhe preparam com diligência. (5)

CAPÍTULO 31

FADIGA DOS AVAROS. BEM-AVENTURADÔ O RICO, QUE PERMANECEU NA INOCÊNCIA. GUARDAR MODÉSTIA E TEMPERANÇA NOS BANQUETES. USAR DO VINHO COM SOBRIEDADE.

1 A vigília que se tem para ajuntar bens definhará as carnes e a aplicação a isto tirará o sono.

(4) **O JÚBILLO DO CORAÇÃO** — A alegria é um tesouro de santidade, porque não só aumenta os dias de vida, mas faz com que se pratiquem de boa vontade, e com espiritual consolação, as obras de piedade com tudo o mais que diz respeito à observância da lei; não assim a tristeza, que induz o homem a aborrecer a prática de todo êsse bem, ficando por isso mais exposto à fúria e tropel das tentações.

(5) **UM CORAÇÃO** — O homem disposto no seu coração do modo acima dito, não se trata com miséria, como os mesquinhos; antes, vivendo com a decência devida, conserva melhor a saúde, e acrescenta muitos anos à sua vida.

2 O pensamento inquieto sôbre o que há de suceder traz alienado o sentido, e a enfermidade grave faz a alma sóbria. (1)

3 Trabalhou o rico por ajuntar fazenda, e no descanso do próprio tráfego será cheio dos seus bens. (2)

4 Trabalhou o pobre defraudando-se do sustento, e no fim acha-se necessitado.

5 Aquêlê que ama o ouro, não será justificado: E aquêlê que vai no alcance da corrupção, será cheio dela. (3)

6 Muitos deram quedas por causa do ouro, e na vista refulgente dêste consistiu a perdição daqueles.

7 Lenho de tropeço é o ouro dos que lhe fazem sacrificios: Ai daqueles que vão após dêle, e todo o imprudente perecerá por êlê. (4)

8 Bem-aventurado o rico, que foi achado sem mancha e que se não deixou ir após o ouro, nem esperou no dinheiro, nem nos tesouros.

9 Quem é êste, e nós o louvaremos? Porque fêz coisas maravilhosas em sua vida.

(1) **FAZ A ALMA SÓBRIA** — Ou privando-a do sono, ou fazendo-a cair na conta do mal que fêz, para se emendar. — Pereira.

(2) **TRABALHOU O RICO** — Mostra-se nestes dois versos, que não é a indústria dos homens a que os faz ricos, mas sim a vontade de Deus, não esquecendo que Deus disse: Faze tu da tua parte, que eu te ajudarei.

(3) **QUE VAI NO ALCANCE DA CORRUPÇÃO** — Isto é, de coisas caducas e transitórias, como são as riquezas, as dignidades, os passatempos ilícitos, e vaidades mundanas.

(4) **LENHO DE TROPEÇO** — Para os avaros é o ouro um ídolo, que adoram, o qual segundo a intelligência de alguns se chama aqui lenho, por se fazer muitas vêzes de madeira, como consta do livro da Sab 13, 11, e de Is 44, 23. Ora sôbre o ser idolatria a avareza, confira-se a Epístola aos Col 3, 5, e aos de Ef 5, 5.

10 Ao que foi provado no ouro, e se achou ser perfeito, isto lhe servirá de glória eterna: O que pôde transgredir a lei de Deus, e não a transgrediu: O que pôde fazer mal e não o fez: (5)

11 Por isso os seus bens foram assegurados no Senhor, e toda a igreja dos Santos celebrará as suas esmolas. (6)

12 Sentaste-te a uma grande mesa? Não seas o primeiro que sobre ela abras a tua garganta.

13 Não digas assim: Muitas são as iguarias que há sobre ela:

14 Lembra-te que é má coisa um olho maligno: (7)

15 Que coisa há entre as criaturas pior do que o olho? Por isso ele banhará de lágrimas todo o seu rosto: Quando olhar, (8)

16 não seas o primeiro que estendas a tua mão, e notado pela inveja te venhas a cobrir de rubor.

(5) **AO QUE FOI PROVADO NO OURO** — O homem, que faz bom uso das riquezas, que as possui sem apêgo, e as perde sem dor, que se não ensoberbece no meio da opulência com a adulação, podendo pecar a seu salvo, ou sem receio, não peca, e que até na mais abatida pobreza se dá por satisfeito, este homem, digo, é um dos maiores milagres e prodígios da natureza. — Calmet.

(6) **OS SEUS BENS** — Assim temporais, como eternos, que o guardam depois desta vida. — Menochio.

(7) **UM OLHO MALIGNO** — O olho invejoso do que dá o banquete, não podendo levar em paciência que os convidados lhe façam tanto gasto às suas iguarias. — Menochio.

(8) **QUANDO OLHAR** — Estas palavras do texto grego e na versão Sixtina fazem parte do versículo seguinte: Porém a edição oficial, aprovada pela Santa Sé, e de que se serviu Glaire na edição de 1902, é a de Turim, que as inclui no versículo 15, mas a pontuação as liga ao versículo 16, e o sentido será este: Quando ele olhar não seas o primeiro a estender a mão, para que não suceda que ele, excitado pela inveja, te envergonhe aos olhos dos convivas.

17 Não te portes com desatenta sofreguidão no banquete. (9)

18 Por ti mesmo entende o que convém a teu próximo: (10)

19 Usa como um homem temperado, do que se te puser diante: Não suceda que por comeres muito te faças odioso.

20 Cessa de comer primeiro que todos em sinal da tua boa criação: E não te desmandes, para que não suceda vires a cair em falta.

21 E se te assentaste entre muitas pessoas não es-tendas a tua mão antes delas, nem sejas o primeiro que peças de beber.

22 Assaz bastante é para qualquer homem regrado uma pequena porção de vinho, e quando dormires não terás o sono inquieto, por seu respeito, nem sentirás dor.

23 Vigília, cólera, e ânsias terá o homem intempe-rante:

24 No homem parco se achará um sono de saúde, dormirá até pela manhã e a sua alma se deleitará com êle.

25 E se fôres obrigado a comer muito levanta-te do meio, vai despejar o teu estômago: E esta descarga te aliviará, e não meterás no teu corpo uma doença. (11)

(9) **NÃO TE PORTES** — Metendo a mão no prato ao mesmo tempo com o dono da casa, ou dando com ela encontrões na sua, como succede aos que algumas vezes, comendo com sofreguidão, nem ânimo têm para esperar pela sua vez. — Menochio.

(10) **POR TI MESMO ENTENDE** — Assim como tu desejas, quando admittes alguém à tua mesa, que se porte com o devido comedimento e cortesia, do mesmo modo é necessário que te ponhas com igual urbanidade à dos outros. Ou também: Se tu appetes uma boa iguaria que tens diante, por ti mesmo julga que também fará gosto dela o que está a teu lado, para com toda a generosidade lha cederes.

(11) **SE FORES OBRIGADO** — Podendo acontecer às pes-

26 Ouve-me, filho, e não me desprezes: E no fim reconhecerás a verdade das minhas palavras.

27 Sê pronto em tôdas as tuas ações e não te virá nenhuma enfermidade. (12)

28 Os lábios de muitos bendirão àquele que dá de comer liberalmente, e o testemunho da sua verdade é fiel. (13)

29 Contra o malvadíssimo em dar pão murmurará a cidade, e o testemunho da sua malignidade é verdadeiro.

30 Não provoques a beber àqueles que são amigos do vinho: Porque o vinho perdeu a muitos.

soas mais porcas na comida passar alguma vez os limites da temperança e sobriedade, ou por contemporizar com os convidados ou por uma nímia indulgência para com os amigos, manda-se aquí descarregar o estômago por meio do vômito — Calmet. Este preceito, porém, nada tem com o uso dos romanos, que interrompiam os seus festins, para os recommear de novo. — Vigouroux.

LEVANTA-TE DO MEIO — Dos convidados, ou no meio da sobremesa e no fim do banquete, quando vêm as frutas, e val aliviar-te do peso que te oprime. — Pereira.

(12) **E NÃO TE VIRA NENHUMA ENFERMIDADE** — Como não só pela intemperança, mas pelo ócio, frouxidão e desídia, se originam muitos achaques ao corpo, daqui vem que todo aquêle que fôr ágil, ativo, e amante de trabalho se livrará de inumeráveis doenças. — Calmet.

(13) **DA SUA VERDADE É FIEL** — Isto é, o testemunho que derem da sua liberdade e munificência é verdadeiro, como é também o que devem da avareza do malvadíssimo em dar pão. Os que são liberais e muníficos, aquêles que dão banquetes frequentemente, os que socorrem os pobres, estes tais são amados, e sumamente recomendados. Pelo contrário: O avarento, o malvadíssimo em dar pão, é a fábula e o ludíbrio de toda a cidade. — Calmet.

31 O fogo prova o duro ferro: Assim o vinho bebido até embriagar dará a conhecer os corações dos soberbos.

32 O vinho bebido com sobriedade é uma segunda vida para os homens: Se tu o beberes moderadamente, serás sóbrio.

33 Que vida é a daquele que se deixa vencer do vinho?

34 Que coisa é a que nos priva da vida? A morte.

35 O vinho desde o princípio foi criado para regozijo, e não para embriaguez.

36 O vinho bebido moderadamente é o júbilo da alma e do coração.

37 A bebida sóbria é a saúde da alma e do corpo.

38 O vinho bebido com excesso traz consigo irritação e ira, e muitas ruínas.

39 O vinho bebido em demasia é a amargura da alma.

40 A animosidade da embriaguez é o tropêço do imprudente, diminui a fôrça, e ocasiona feridas.

41 Em um convite de vinho não argúas ao próximo: E não o desprezes na fôrça da sua alegria: (14)

42 Não lhe digas palavras de impropério: E não o apertes desafiando-o com os teus brindes.

(14) **NÃO ARGÚAS AO PRÓXIMO** — Porque facilmente concebem a ira os que estão esquentados do vinho, e também a desafogam contra os outros. — Menochio.

NA FORÇA DA SUA ALEGRIA — Quando êle pelo muito que tem bebido, tornado mais galhofeiro, profere palavras desentoadas, ou faz ações ridículas. — Menochio.

CAPÍTULO 32

COMO SE HÁ DE PORTAR O DIRETOR DUM BANQUETE. BENS QUE CONSIGO TRAZ O TEMOR DE DEUS. NÃO FAZER NADA SEM CONSELHO.

1 Puseram-te à frente dos outros? não te eleves por isso: Sê entre eles como um deles mesmos. (1)

2 Tem cuidado deles, e depois disto assenta-te, e, cumpridas tôdas as tuas obrigações, põe-te a comer:

3 A fim de que eles venham a ser o motivo da tua alegria, e de que tu recebas a coroa, como um ornamento de graça, e de que adquiras louvor da parte de todos os convidados. (2)

4 Fala primeiro, tu que és o mais velho: Pois em ti quadra bem

5 a primeira palavra proferida com esquisita ciência, e não impeças a música. (3)

6 Não esperdices palavras, onde não há quem dê

(1) **PUSERAM-TE A FRENTE DOS OUTROS?** — Entende-se nalgum banquete. Porque de todo o contexto se colhe, que o autor fala, segundo o antigo costume dos gregos e romanos, que era constituírem um chamado rei do banquete, que tinha cuidado de tudo. Vejam-se as antiguidades destas duas nações.

(2) **A COROA** — Que davam ao rei do banquete os outros convidados (que também a tinham), como em testemunho de haver êle cumprido ôtimamente com a obrigação do seu cargo.

(3) **E NÃO IMPEÇAS A MÚSICA** — Para se ouvirem à mesa os concertos músicos de que usavam, além dos gregos e romanos, os hebreus (e ainda os cristãos da primitiva nos banquetes a que chamavam Agapes) era necessário, como bem se deixo ver, estar em silêncio, não perturbando os outros com falar intempestivo.

ouvidos a elas, e não queiras elevar-te fora de tempo na tua sabedoria. (4)

7 Correm igual paralelo uma pedrinha de carbúnculo em engaste de ouro, e um concêrto de músicos em convite de vinho.

8 Assim como brilha mais um sinetê de esmeralda encastado em ouro, assim a harmonia da música melhor se logra entre um alegre e moderado vinho.

9 Ouve em silêncio, e à proporção da tua modéstia, ser-te-á conciliada a boa graça. (5)

10 Tu, mancebo, fala com dificuldade no que te toca.

11 Se fôres perguntado duas vêzes, tenha concisão a tua resposta. (6)

12 Porta-te em muitas coisas como se as ignorasses, e ouve calando e também perguntando.

13 No meio dos magnates não te iguaes com êles: E onde estão velhos não fales muito.

14 Antes da saraiva precederá o relâmpago: E adiante da vergonha andarâ a graça, e à proporção da modéstia ser-te-á conciliada a boa graça.

15 E chegada que seja a hora de te levatares, não te detenhas: Mas corre primeiro que todos para a tua casa, e desenfada-te nela, e recreia ali o teu espírito,

(4) **NÃO ESPERDICES** — Daqui se vê que ninguém deve falar onde há motim, porque pouco, ou nada, se ouve; nem estar interrompendo os que ficarem a seu lado em semelhantes ocasiões com importunos reparos acêrca da música, tudo para mostrar que tem desta arte algum conhecimento. — *Pereira.*

(5) **A BOA GRAÇA** — A boa aceitação. — *Pereira.*

(6) **TENHA CONCISÃO A TUA RESPOSTA** — Isto é, seja breve, compendiosa, reunida. Tal é o sentido do grego. Pode-se também verter assim: "Tenha princípio a tua resposta". Como se dissera: Instado já duas vêzes começa então a responder.

16 e fazê o que tiveres resolvido no teu pensamento, mas todavia sem intervirem pecados e sem mediar palavra alguma soberba.

17 E por tôdas estas coisas bendize ao Senhor que te criou, e que te inebria de todos os seus bens. (7)

18 Aquêlê que teme ao Senhor, abraçará a sua doutrina: E os que velarem para o buscar acharão bênção.

19 Aquêlê que busca a lei, será cheio dela: E o que obra com hipocrisia, tropeçará nela.

20 Aquêles que temem ao Senhor, conhecerão o que é justo, e farão luzir as suas boas obras como farol.

21 O homem pecador evitará repreensão, e achará escusa conforme ao seu desejo. (8)

22 O varão de conselho não perderá de vista o acêrto dêle, o alheio e soberbo não se lhe dará do temor: (9)

23 Ainda depois de ter obrado por si sem conselho, mas será argúido pelos seus projetos.

24 Filho, não faças coisa alguma sem conselhos, e não te arrependers depois dela feita.

25 Não vás por um caminho de ruína, e não trope-

(7) **E POR TODAS ESTAS COISAS BENDIZE AO SENHOR** — Por tôdas estas coisas dá graças a Deus depois de comer. O costume, que têm de fazer oração a Deus os que se levantam da mesa, é comum aos judeus e aos próprios étnicos, e esta mesma prática estêve sempre em uso não só noutro tempo entre os cristãos, mas ainda na nossa idade em tôdas as Igrejas. Porque o mesmo ditame da razão e a natureza estão sugerindo e ensinando isto aos povos bem criados. — Calmet.

(8) **O HOMEM PECADOR** — O pecador não admite repreensão, mas busca pretextos, escusas e epiquêias à lei, acomodando tudo ao próprio desejo, para poder continuar nos seus pecados. — Menochio.

(9) **O ALHEIO** — Isto é, o alheio do conselho, o imprudente e temerário, não temerá onde muito devia temer. — Menochio.

çarás nas pedras: Nem te metas num caminho trabalhoso, para que não dês à tua alma ocasião de queda:

26 E guarda-te dos teus filhos, e acautela-te dos teus domésticos. (10)

27 Em tôda a tua obra dá crédito segundo a sua fé à tua alma: porque assim é que se guardam os mandamentos.

28 Aquêlle que crê a Deus, atende aos seus mandamentos: E o que nêle confia, não será danificado.

CAPÍTULO 33

BENS QUE SE TIRAM DO TEMOR DE DEUS. PELO SEU JUSTO JUÍZO EXALTA DEUS A UNS, E ABATE A OUTROS. CONSERVAR A SUA AUTORIDADE NO GOVERNO DA FAMÍLIA. COMO SE DEVEM TRATAR OS ESCRAVOS.

1 Àquele que teme ao Senhor não sobrevirão males, porém Deus o guardará na tentação, e o livrará dos males.

2 O sábio não aborrece os mandamentos, nem as leis, e não se fará em pedaços como o navio na tempestade.

3 O homem sensato crê na lei de Deus, e a lei lhe será fiel. (1)

(10) **E GUARDA-TE DOS TEUS FILHOS** — Veja-se depois de S. Mateus 10, 36, o Profeta Miquéias, 7, 6. — *Pereira*.

(1) **CRÊ NA LEI DE DEUS** — Isto é, cumpre fielmente com os preceitos da lei de Deus, e ela o apartará de todo o mal, e o acumulará de todos os bens. — *Menochio*.

E A LEI LHE SERÁ FIEL — Estas palavras se ajuntam no grego com as primeiras do seguinte versículo, neste sentido: “a lei lhe será fiel”, como a resposta de Urias: isto é, sair-lhe-ão as promessas de Deus tão certas e infalíveis, como as respostas que dava ao Sumo Sacerdote revestido do racional. Vejam-se os Núm 27, 21. — *Pereira*.

4 Aquêlê que tem de satisfazer com clareza a uma pergunta, premeditará a sua resposta, e assim depois de ter orado, será atendido, e conservará a disciplina, e então responderá. (2)

5 As entranhas do insensato são como as rodas, de um carro: E o seu pensamento é como um eixo que anda à roda.

6 O amigo zombador é como um cavalo de lançamento, que rincha debaixo de todo aquêlê que o monta.

7 De onde vem que um dia se prefere a outro dia, e também um tempo a outro tempo, e um ano a outro ano, quando o sol que os forna sempre é o mesmo?

8 Pela ciência do Senhor foram distinguidos, depois que o sol foi criado, e desde que guarda o seu preceito.

9 E variou as estações, e os dias de festa das mesmas e nelas se celebraram as solenidades à hora determinada.

10 Dos mesmos dias fêz Deus a uns grandes e sagrados, e a outros pôs no número de dias comuns. E assim é que também todos os homens são feitos do pó e da terra, de que Adão foi formado.

11 O Senhor pela grande compreensão da sua sabedoria os distinguiu, e diversificou os seus caminhos.

12 A muitos dêles abençoou e exaltou: E a uns dentre os mesmos santificou, e tomou para si: E a outros amaldiçoou, e abateu, e os transtornou depois da sua separação. (3)

(2) **AQUELE QUE TEM DE SATISFAZER** — O grego diz: "Compõe o teu discurso, e dêste modo serás ouvido: ata a doutrina, e então responde." Não que se recomenda a boa ordem, série, dedução, e sumária recapitulação de qualquer discurso. — **Pereira.**

(3) **E A OUTROS AMALDIÇOOU, E ABATEU** — Como

13 Bem como o barro que toma o oleiro, está na mão do mesmo oficial para lhe dar a forma e disposição que intenta, (4)

14 saindo todos os labores da obra segundo o arbitrio d'ele: Assim o homem se acha na mão daquele que o fêz, e lhe dará a retribuição segundo o seu juízo.

15 Contra o mal está o bem, e contra a morte a vida: Assim também contra o homem justo o pecador. E desta maneira medita em tôdas as obras do Altíssimo. Achá-las-ás a duas e duas, e uma oposta à outra. (5)

16 E eu fui o último que despertei, como o que ajunta os bagos da uva depois dos vindimadores.

17 Eu também esperei na bênção de Deus: E enchi o lagar, como o que vindima.

quando tirou o sacerdócio à família de Heli, e o passou para Abiatar, e para Sadoc. — **Pereira.**

E OS TRANSTORNOU DEPOIS DA SUA SEPARAÇÃO — O sentido da Vulgata é, que Deus, não querendo a morte do peccador, mas só que se condene o que morre em peccado, a se não querer aproveitar da sua misericórdia, separa da herança dos justos a todos aquêles que d'ele primeiro se apartaram pelas iniquidades, que cometeram, usando do seu poder e da sua justiça. Porém o grego oferece aqui outro sentido, que se pode muito bem entender dos cananeus, que foram lançados fora das suas terras, vindo os hebreus depois a possuí-las. Eis-aqui as suas palavras: e lançou-os fora do seu pósto, ou das suas vivendas. — **Pereira.**

(4) **QUE INTENTA** — Confira-se a respeito desta expressão, além da Epístola aos Romanos 9, 31, Jer 17, 6. — **Pereira.**

(5) **CONTRA O MAL** — Do mesmo modo que tôdas as coisas do mundo têm o seu contrário, como, por exemplo, o calor que se opõe ao frio, e o dia à noite, assim também se acha esta mesma opposição nos homens, dos quais uns são maus, outros bons, uns ricos, outros pobres, uns sábios, outros ignorantes; o que tudo compõe e forma, como diz Santo Agostinho no Livro XI, da Cidade de Deus, capitulo XVII, a beleza do universo. — **Pereira.**

18 Olhai que eu não trabalhei só para mim, mas para todos os que buscam a disciplina.

19 Ouvi-me, ó magnates, e todos os povos, e vós, regentes da Igreja, aplicai os ouvidos. (6)

20 Não dês em tua vida poder sobre ti, nem a teu filho, nem a tua mulher, nem a teu irmão, nem a teu amigo: E não dês a outro os bens que possuis: Para que não suceda arrependeres-te disso, e ficares reduzido a pedir-lhos com deprecações.

21 Enquanto viveres e respirares, nenhuma pessoa te faça mudar sobre este ponto.

22 Porque melhor é que teus filhos te roguem, do que estares tu olhando para as mãos de teus filhos.

23 Em tôdas as tuas obras conserva a tua preeminência.

24 Não ponhas mácula na tua glória. No dia da consumação do prazo da tua vida, e no tempo do teu trânsito reparte a tua herança.

25 Ao asno penso, e vara, e carga: Ao escravo pão, e ensino, e trabalho.

26 Ele trabalha quando o castigam, de outra sorte não cuida senão em descansar: Afrouxa-lhe tu as mãos, e verás como ele busca a liberdade:

27 O jugo e as correias fazem curvar o pescoço duro, e ao escravo dobram as tarefas contínuas.

28 Ao escravo malévolo tortura e ferros, manda-o à tarefa, para que não esteja ocioso:

29 Porque a ociosidade tem ensinado muita malícia.

30 Põe-no aos trabalhos: Porque assim lhe convém. Mas se ele te não obedecer, aperreia-o com grilhões, porém não excedas nisto, seja a respeito de quem

(6) **REGENTES DA IGREJA** — Os que tendes a cargo, e vos incumbe o govêrno e instrução dos outros. — **Pereira.**

fôr: Em conformidade do que não faças coisa alguma grave sem juízo.

31 Se tens um escravo que te é fiel, estima-o como a tua alma: Trata-o como a teu irmão: Porque o adquiriste com o sangue da tua alma.

32 Se o tratares mal sem razão, fugir-te-á:

33 E se êle tomando o fatinho se retirar: Não sabes a quem te chegues a perguntar, nem por que caminho o hás de buscar.

CAPÍTULO 34

VAIDADE DOS SONHOS. UTILIDADES DA EXPERIÊNCIA.
FELICIDADE DAQUELE QUE TEME AO SENHOR. DEUS
ABORRECE AS OBLAÇÕES DOS MAUS. FALSA PENITÊNCIA.

1 O homem insensato sustenta-se de vãs esperanças e da mentira: E os imprudentes edificam sobre sonhos.

2 Bem como faz o que se abraça com a sombra, e vai atrás do vento: Assim também se porta o que atende a enganosas visões. (1)

3 Uma coisa parecida a outra é a visão dos sonhos: Como também a imagem de um homem diante do homem.

4 Que coisa será limpada por um imundo? É pelo mentiroso que verdade será dita? (2)

(1) VISÕES — O grego: “sonhos”. — Pereira.

(2) POR UM IMUNDO? — Assim como o imundo, não pode limpar a outro, do mesmo modo os sonhos vãos e mentirosos não podem mostrar nem ensinar a verdade. Muitos abusaram destas palavras para darem por assentado, como entendiam, serem inúteis e de nenhuma virtude os Sacramentos administrados e conferidos pelos hereges ou ímpios, como se a força e eficácia dos sacramentos da lei nova dependesse da santidade ou virtude do ministro, e não da Graça e vontade do Instituidor. O sacerdote,

5 A adivinhação do êrro, e os agouros mentirosos, e os sonhos dos malfeitores, tudo é vaidade.

6 E o teu coração, como o da mulher que está de parto, padece imaginações: Se pelo Altíssimo te não fôr enviada alguma destas visitas, não ponhas nelas o teu coração: (3)

7 Porque os sonhos têm feito extraviar a muitos, que caíram, por terem pôsto nêles a sua confiança.

8 A palavra da lei será cumprida sem mentira, e a sabedoria será clara na bôca do fiel.

9 Que sabe aquêlê que não foi tentado? O homem experimentado em muitas coisas, outras muitas revolverá em seu pensamento: E o que muito aprendeu, saberá dar às coisas uma verdadeira inteligência.

10 Aquêlê que não tem experiência, pouco sabe: Mas o que se fêz em muitas coisas versado, adquire multiplicada sagacidade.

11 Que ciência é a daquele que não foi tentado? O que foi seduzido, far-se-á mui precatado.

12 Muitas coisas tenho visto peregrinando, e muitos usos de palavras.

13 Algumas vêzes tenho chegado a perigo de morrer por causa destas coisas, mas delas fui livre pela graça de Deus.

14 O espirito dos que temem a Deus é buscado por êle, e com um seu olhar será abençoado.

ainda que administre os Sacramentos em pecado, pode perdoar pecados: seja Pedro ou Judas os que batizem, é sempre o mesmo Cristo o que batiza por mão de ambos. Veja-se Calmet, de quem é quase tudo o que até aqui se disse. — **Pereira.**

(3) **PADECE IMAGINAÇÕES** — Anda sempre a sonhar com o bem que deseja, ou mal que lhe pintou a fantasia, chelo assim de perturbações e vãs esperanças.

15 Porque a sua esperança está posta naquele que os salva, e os olhos de Deus estão sôbre os que o amam.

16 Aquêlê que teme ao Senhor de nada tremerá, e não terá pavor algum: Porque êle mesmo é a sua esperança.

17 Bem-aventurada é a alma daquele que teme ao Senhor.

18 Para quem olha êle, e quem é a sua fortaleza?

19 Os olhos do Senhor estão sôbre os que o temem, e êle é o seu protetor poderoso, o seu esteio forte, a sua cobertura contra o ardor, e o seu abrigo de sombra no meio-dia,

20 êle é defesa contra o tropêço, e socorro contra a queda, êle o que levanta a alma, e alumia os olhos, o que dá saúde, e vida, e bênção.

21 A oblação daquele que sacrifica dos bens havidos com injustiça é imunda, e não são agradáveis os escárnios dos injustos.

22 O Senhor é só para aquêles que o esperam com firmeza no caminho da verdade e da justiça.

23 O Altíssimo não aprova os dons dos iníquos, nem olha para as oblações dos maus: Nem pela multidão dos seus sacrifícios lhes perdoará os seus pecados.

24 Aquêlê que oferece sacrifício da substância dos pobres, é como o que degola a um filho na presença de seu pai.

25 A vida dos pobres é o pão de que necessitam: Aquêlê que lho defrauda, é um homem de sangue.

26 Quem tira a um homem o pão que êle ganhou com o seu suor, é como o que mata a seu próximo.

27 Aquêlê que derrama sangue, e o que defrauda o jornaleiro, são irmãos.

28 Se um edifica, e outro destrói: Que proveito lhes resulta daqui senão trabalho?

29 Se um ora, e outro amaldiçoa, de qual ouvirá Deus a voz?

30 Se alguém se lava depois de ter tocado um morto, e o toca outra vez, de que lhe serve o ter-se lavado?

31 Assim se porta o homem que jejua pelos seus pecados: O qual se ainda de novo torna a cometer os mesmos, que ganha êle humilhando-se? Quem atenderá à sua oração?

CAPÍTULO 35

NA OBSERVÂNCIA DOS MANDAMENTOS CONSISTEM OS SACRIFÍCIOS MAIS AGRAÐAVEIS A DEUS. OFERECER AO SENHOR OS SEUS DONS COM ALEGRIA. DEUS NÃO FAZ ACEPÇÃO DE PESSOAS. ELE OUVI AS ORAÇÕES DOS POBRES, E PERDERÁ AOS QUE OS OPRIMEM.

1 Aquêlê que observa a lei multiplica as oblações.

2 É um sacrifício saudável estar atento aos mandamentos, e apartar-se de tôda a iniquidade.

3 E o retirar-se da injustiça é como oferecer propiciação de sacrifício pelas injustiças, e fazer uma deprecação pelos pecados.

4 Aquêlê que oferece a flor da farinha, recompensará o benefício: E o que exercita a misericórdia, oferece um sacrifício.

5 E' mui agradável ao Senhor o retirar-se da iniquidade: E é uma deprecação pelos pecados o retirar-se da injustiça.

6 Não aparecerás com as mãos vazias diante do Senhor.

7 Porque tôdas estas coisas se fazem por causa do mandamento de Deus.

8 A oblação do justo faz pingue o altar, e é um cheiro de suavidade em presença do Altíssimo.

9 O sacrifício do justo é aceito, e o Senhor não perderá a memória d'êle.

10 De bom ânimo tributa glória a Deus: E não diminuas as primícias de tuas mãos.

11 Em tôda a oferta mostra o teu rosto aprazível, e santifica os teus dízimos com regozijo.

12 Dá ao Altíssimo segundo o que êle te tem dado, e oferece-lhe com bons olhos do que tiver adquirido a indústria das tuas mãos:

13 Porque o Senhor é remunerador, e te recompensará isso tudo sete vêzes em dôbro.

14 Não queiras oferecer-lhe donativos defeituosos, porque os não receberá.

15 E não queiras pôr os olhos num sacrifício injusto, porque o Senhor é o Juiz, e não há para com êle respeito de pessoa.

16 O Senhor não fará acepção de pessoa contra o pobre, e êle atenderá a deprecação do ofendido.

17 Não desprezará os rogos do órfão: Nem a viúva, se derramar voz de gemido.

18 Acaso não correm as lágrimas em fio à viúva pelas faces abaixo, e não clama ela contra aquêle que lhas faz derramar?

19 Porque elas do rosto da viúva sobem até o Céu, e o Senhor que a ouve não gostará de a ver chorar.

20 Aquêle que adora a Deus com boa vontade, será d'êle amparado, e a sua deprecação chegará até às nuvens:

21 A oração do que se humilha, penetrará as nuvens e não se consolará enquanto lá não chegar: E não se retirará até que o Altíssimo ponha nêle os olhos.

22 E o Senhor não deferirá o despacho por muito tempo, mas êle tomará a defesa dos justos, e lhes fará justiça: E o fortíssimo não usará mais a respeito d'êles da sua longa paciência, para quebrantar o seu espinhaço:

23 E às nações corresponderá com a sua vingança até desfazer a plenitude dos soberbos: E quebrar os cep-tros dos iníquos:

24 Até retribuir aos homens segundo as suas ações, e segundo as obras de Adão, e segundo a presunção dêle mesmo,

25 até fazer justiça ao seu povo, e assim encherá de alegria os justos com a sua misericórdia.

26 A misericórdia de Deus é recebida com alegria no tempo da tribulação, como a nuvem que se desfaz em chuva no tempo da sêca.

CAPÍTULO 36

ORAÇÃO DO AUTOR DESTES LIVRO, IMPLORANDO A DIVINA MISERICÓRDIA SOBRE ISRAEL. DO CORAÇÃO ILUSTRADO, E DO CORAÇÃO CORROMPIDO. FELICIDADE DAQUELE QUE TEM UMA MULHER VIRTUOSA.

1 Tem piedade de nós, Deus de tôdas as coisas, e volta para nós os teus olhos, e mostra-nos a luz das tuas misericórdias:

2 E espalha o teu temor sobre as nações, que te não buscaram, para que elas se desenganem que não há outro Deus senão tu, e publiquem as tuas grandes maravilhas.

3 Levanta a tua mão sobre as nações estranhas, para que experimentem o teu poder. (1)

4 Porque assim como tu diante dêles tens sido santificado em nós, assim também diante de nós serás engrandecido nêle.

5 Para que tenham de ti o devido conhecimento,

(1) **SOBRE AS NAÇÕES ESTRANHAS** — Isto é, infiéis, como eram os gregos, os sírios e os egípcios, debaixo de cujo domínio e pesado jugo parece que estavam então gemendo os israelitas. — **Pereira.**

assim como também nós temos conhecido que fora de ti, Senhor, não há outro Deus.

6 Renova os teus prodígios, e fazes novas maravilhas.

7 Glorifica a tua mão, e o teu braço direito.

8 Excita o teu furor, e derrama a tua ira.

9 Destrói ao adversário, e aflige ao inimigo.

10 Apressa o tempo, lembra-te do fim, para que os homens publiquem as tuas maravilhas.

11 Na voracidade das chamas consumido seja o que fica salvo: E os que tiranizam o teu povo, caiam na perdição. (2)

12 Quebra a cabeça aos chefes dos inimigos; que dizem: Não há outro fora de nós.

13 Ajunta tôdas as tribos de Jacó: Para que elas conheçam que não há outro Deus senão tu, e contem a grandeza das tuas maravilhas: E tu os herdarás, como desde o princípio. (3)

14 Tem misericórdia do teu povo, que foi apelidado do teu nome: E de Israel, a quem tu tens tratado como a teu primogênito. (4)

(2) **NA VORACIDADE** — À letra: "Na ira da chama seja devorado o que fica salvo" como se dissesse: O que escapou das gargantas da morte, caia na ira da chama do teu furor, de tal sorte que não possa evitar a sua última ruína. — Menochio.

(3) **AJUNTA** — Permite que as tribos de Jacó, as quais andam dispersas em tão largo cativoiro por todo o mundo, tornem a ocupar a Terra Santa, que tu lhes deste em herança desde o princípio. Nas quais palavras se pedia então a vinda do Messias, para que houvesse unum ovile, et unus pastor. Jo 10, 16. Ora esta fórmula de orar vinha a ser naqueles tempos comuníssima, como se vê dos Sl 105, 45; 125, 5; 146, 2.

(4) **QUE FOI APELIDADO DO TEU NOME** — À letra: "sobre o qual tem sido invocado o teu nome, por se chamar o povo de Deus de Israel."

PRIMOGENITO — Confira-se o Ex 4, 22. — Pereira.

15 Tem compaixão de Jerusalém, cidade da tua santificação, cidade do teu repouso. (5)

16 Enche a Sião das tuas palavras inefáveis, e ao teu povo da tua glória. (6)

17 Dá testemunho àqueles que desde o princípio são tuas criaturas e verifica as predições, que em teu nome proferiram os primeiros profetas. (7)

18 Dá o merecido galardão aos que te esperam com paciência, para que os teus profetas sejam achiados fiéis: E atende às orações dos teus servos, (8)

19 segundo a bênção de Aarão sobre o teu povo, e encaminha-nos pela estrada da justiça, e saibam todos os que habitam a terra que tu és o Deus inspetor dos séculos.

20 O estômago receberá toda a casta de viandas, mas entre os alimentos um é melhor do que outro.

21 O paladar discerne pelo gosto as carnes da montaria, e o coração ilustrado, as palavras mentirosas.

22 O coração depravado causará tristeza, e o homem experimentado lhe resistirá.

(5) **TEM COMPAIXÃO DE JERUSALÉM** — Isto indica que a vexação caiu principalmente sobre Jerusalém e no seu templo, o que com efeito succedeu em tempo de Ptolomeu Filopator, e de seu filho Antíoco Epifanes. — Bossuet.

(6) **DAS TUAS PALAVRAS** — Dos teus oráculos e respostas, pelas quais seja dirigido o teu povo. — Menochio.

(7) **E VERIFICA AS PREDIÇÕES** — As predições de Daniel, de Zacarias, e de outros sobre as vitórias que os macabeus alcançariam dos reis da Síria. — Bossuet.

(8) **AOS QUE TE ESPERAM COM PACIÊNCIA** — Com estas palavras parece que insinua o Autor a comum expectação, em que os judeus naquele tempo estavam do Messias, que por excelência é chamado profeta, o qual prometeram Moisés, (Dt 18, 15) e outros profetas: "para que os teus profetas sejam achados fiéis." — Calmet.

23 A mulher tomará por espôso a qualquer varão, mas entre as filhas uma é melhor que outra.

24 A formosura da mulher alegra o rosto de seu marido e lhe insinua um desejo superior a tôda a concupiscência do homem.

25 Se a sua língua é de saúde, se é também de brandura e de condolência: O marido dela não tem comparação alguma com os filhos dos homens. (9)

26 O que possui uma mulher boa dá princípio a uma possessão: Nela tem um ajutório que lhe é semelhante, e uma coluna como firme descanso. (10)

27 Onde não há sebe, será roubada a fazenda: E onde não há mulher suspira o homem na indigência.

28 Quem é que se fia daquele que não tem ninho e que faz noite onde quer que ela o haja colhido, como salteador escoteiro, que andando a monte vagueia de cidade em cidade?

CAPÍTULO 37

DO VERDADEIRO E DO FALSO AMIGO. ESCOLHER O SEU CONSELHO COM CUIDADO. CONSULTAR AO SENHOR. CONSEQUÊNCIAS FUNESTAS DA INTEMPERANÇA.

1. Todo o amigo dirá: Eu também tenho contraído amizade. Mas há um amigo que só é amigo no nome. Acaso não é esta uma tristeza que dura até à morte?

(9) **SE A SUA LÍNGUA** — O sentido é, que se a mulher, além de ser formosa, é afável e prudente para relevar as faltas e moléstias do marido, e da mais família, e mostra igualmente uma ternura de coração à vista das misérias do próximo, procurando aliviar-lhas quanto cabe nas suas forças, não há felicidade ou ventura entre os homens, que possa exceder a dita, que goza o marido duma tal mulher.

(10) **DA PRINCÍPIO A UMA POSSESSÃO** — Lança os fundamentos da sua casa, isto é, da sua família. — Menochio.

2 Ora um companheiro e amigo se converterá em inimigo. (1)

3 O' perversíssima invenção! De onde tomaste tu a tua origem para vires cobrir a terra de tal malícia, e da tua perfídia?

4 O companheiro alegra-se com o amigo nas ocasiões de prazer, e no tempo da tribulação será seu adversário.

5 Um companheiro se condói do seu amigo por causa do ventre, e contra o inimigo embraçará o escudo.

6 Não apagues dentro do teu coração a memória do teu amigo, e não te faças esquecido d'ele no meio das tuas riquezas.

7 Não queiras tomar conselho com aquêlê que te arma traições, e esconde o teu desígnio dos que te têm inveja.

8 Todo homem consultado dá o seu conselho, mas há conselheiro que só atende a si mesmo.

9 Guarda a tua alma do conselheiro: Informa-te primeiro sôbre qual seja a sua necessidade: Porque até êle mesmo dentro no seu coração estenderá o pensamento à própria conveniência:

10 Para que não suceda, talvez, que finque na terra uma estaca, e te diga:

11 O teu caminho é bom: E ao mesmo tempo se ponha da outra parte para ver o que te acontece.

(1) **ORA** — No grego, se ajunta o presente versículo com as últimas palavras do primeiro, neste sentido: *Acaso não é esta uma pena que dura até à morte, quando um companheiro o um amigo se converte em inimigo?* — *Pereira.*

12 Vai tratar de santidade com um homem sem religião, e com um injusto sobre a justiça, e com uma mulher sobre outra de quem ela tem ciúme: Com o covarde a respeito da guerra: Com o negociante acêrca do tráfico das mercadorias, com o comprador sobre a venda, com o homem invejoso sobre o mostrar-se agradecido,

13 com o ímpio sobre a piedade, com o desonesto sobre a honestidade, com o operário do campo sobre qualquer trabalho,

14 com o jornaleiro por ano sobre a obra que se há-de concluir no tal ano, com o servo preguiçoso a respeito da muita lida: Não atendas a êstes em nenhum dos mencionados conselhos.

15 Mas acha-te de contínuo com o varão santo, qualquer que tu conheceres que observa o temor de Deus,

16 cuja alma é segundo a tua alma: E que se condoerá de ti, quando andares titubeando em trevas.

17 Forma dentro de ti um coração de bom conselho: Pois não tens outra coisa de maior preço do que êle.

18 A alma dum homem santo descobre algumas vezes melhor a verdade, do que sete sentinelas assentadas no alto para atalaia o que se passa.

19 Mas em tôdas estas coisas, pede ao Altíssimo que dirija o teu caminho em verdade.

20 Antes de tôdas as tuas obras vá adiante de ti a palavra verídica, e antes de tôda a ação um conselho estável.

21 Uma palavra má transtornará o coração: Dêle nascem quatro coisas, o bem e o mal, a vida e a morte, e

sobre elas quem domina de continuo é a língua. Há homem sagaz que ensina a muitos, e para a sua alma é inútil.

22 Um homem perito instruiu a muitos, e para a sua alma é suave.

23 Aquêlê que usa duma linguagem sofisticada, é digno de que o aborreçam: Êste tal em tôda a coisa ficará defraudado.

24 Não lhe foi dada pelo Senhor a graça: Pois se acha destituído de tôda a sabedoria.

25 E' sábio o que sabe para a sua alma: E o fruto da sua sabedoria é louvável.

26 O homem sábio instrui o seu povo e os frutos da sua sabedoria são fiéis.

27 O homem sábio cheio será de bênçãos, e louvando-o os que o virem.

28 A vida do homem se encerra num certo número de dias: Porém os dias de Israel são inumeráveis.

29 O sábio adquirirá para si honra entre o povo, e o seu nome viverá eternamente.

30 Filho, prova a tua alma na tua vida: E se ela fôr má, não lhe dê liberdade:

31 Porque nem tôdas as coisas convêm a todos, nem a tôda a alma agrada o exercício das mesmas coisas.

32 Não queiras ser glutão em banquete algum, e não te lances a todos os pratos:

33 Porque nas muitas viandas estará a doença, e a glotoneria chegará até à cólera.

34 Por causa da intemperança morreram muitos: Porém o que é abstinente acrescentará a vida.

CAPÍTULO 38

HONRAR AOS MÉDICOS. SERVIR-SE DOS SEUS REMÉDIOS. FAZER ORAÇÃO AO SENHOR. PURIFICAR-SE DOS SEUS PECADOS. CHORAR A MORTE DOS SEUS AMIGOS COM MODERAÇÃO. LEMBRAR-SE QUE TODOS MORREM. O SOSSÊGO NECESSÁRIO PARA ADQUIRIR A SABEDORIA. A ORAÇÃO SANTIFICA O TRABALHO.

1 Honra ao médico por causa da necessidade: Porque o Altíssimo é quem o criou. (1)

2 Porque tôda a medicina vem de Deus, e ela receberá do rei donativos. (2)

3 A ciência do médico exaltará a sua cabeça, e será louvado na presença dos magnates. (3)

4 O Altíssimo é o que produziu da terra todos os medicamentos, e o homem prudente não lhes terá opposição.

5 Porventura não foi por meio dum lenho que se tornou doce a água amargosa? (4)

6 Ao conhecimento dos homens pertence a virtude daqueles, e o Altíssimo deu aos mencionados homens ciência, para ser por êles honrado nas suas maravilhas. (5)

(1) **HONRA AO MÉDICO** — Honrar o médico é aqui o mesmo que obedecer-lhe, e pagar-lhe o seu trabalho, visto criá-lo Deus como Autor da medicina, para teu benefício. — *Pereira.*

(2) **DONATIVOS** — Ou, segundo o grego em alguns livros, glória. Mas uma e outra coisa receberá, como largamente prova a experiência de tôdas as idades.

(3) **EXALTARÁ A SUA CABEÇA** — Engrandecê-lo-á com muitas riquezas e grandes honras.

(4) **POR MEIO DUM LENHO** — Com alusão ao milagre, que se refere ao Êx 15, 25, prova-se aqui ter dado às ervas e plantas o Autor da natureza diversas virtudes. — *Pereira.*

(5) **DAQUELES** — Isto é, "medicamentos." Quis Deus que

7 Curando com êstes mitigará a dor, e o boticário fará perfumes suaves e comporá unguentos saudáveis, e não terão fim as suas obras. (6)

8 Porque a paz de Deus se estende sôbre a face da terra.

9 Filho, não te desprezes a ti mesmo na tua enfermidade, mas faze oração ao Senhor e êle te curará.

10 Aparta-te do pecado, e endireita as tuas mãos, e purifica o teu coração de todo o delicto. (7)

11 Oferece um cheiro suave, e a flor da farinha em memória, e faze pingue a tua oblação, e dá lugar ao Médico: (8)

12 Porque o Senhor é quem o criou: E não se aparte de ti, porque te é necessária a sua assistência.

os homens conhecessem a eficácia dos remédios, e já lhes inspi-
rou esta ciência, para ser honrado pelas maravilhas que obra a
cada passo com a virtude que pôs nos referidos medicamentos.
— Menochio.

(6) **CURANDO COM ÊSTES** — Uns entendem o “curans”
pelo Médico, em o sentido que se segue: “O que cura,” isto é, o
Médico, “mitigará com êstes medicamentos a dor:” outros expli-
cam dizendo: “O Altíssimo, curando por meio dêstes medicamen-
tos, ou dêstes Médicos, mitigará a dor.”

E NÃO TERÃO FIM — Porque sempre há novas doenças, e
se descobrem novas virtudes nas plantas, e se varia a composição
das medicinas, e o curativo das enfermidades. — Pereira.

(7) **E ENDIREITA AS TUAS MÃOS** — Encaminha e dirige
as tuas ações a um reto fim. — Pereira.

(8) **OFERECE UM CHEIRO SUAVE** — Oferece a Deus um
incenso suavíssimo e a flor da farinha em memória dos benefícios
que Deus te tem feito; ou, para te fazeres lembrado diante de
Deus. “Em memória” é fórmula de falar dos homens, porém mui
freqüente na Escritura, quando se trata de sacrifícios, que exalam
um suave cheiro. Assim consta, por exemplo, do Lev 2, 2. 9. 16;
5, 12, e dos Núm 5, 18. Admoesta-nos pois aqui o Sábio a que se
volte cada um a Deus, quando se acha oprimido da doença, ofe-

13 Porque lá vem tempo em que te chegue a ocasião de cair nas mãos dêles:

14 E êles mesmos rogarão ao Senhor que lhes disponha o seu alívio, e saúde, para a convivência dêles mesmos. (9)

15 Aquêlé que peca na presença de quem o criou, virá a cair nas mãos do médico.

16 Filho, derrama lágrimas sôbre o morto, e começa a chorar como quem recebeu um grande golpe, e enterra o seu corpo segundo o juízo, e não desprezes a sua sepultura.

17 Toma por êle um dia nojo apertado na amargura da tua alma, para evitar a maledicência, e admite consolação, atendendo aos efeitos da tristeza,

18 e toma êste nojo segundo o merccimento da pessoa, um dia, ou dois para não dares lugar à detração.

19 Porque da tristeza se vem apressando a morte, e ela sufoca o vigor, e a melancolia do coração faz dobrar a cerviz.

20 Enquanto o levam permanece a tristeza: E a vida do pobre é segundo o seu coração. (10)

recendo-lhe ofertas com um coração bem disposto, e resignado, como quem nenhuma esperança tem de viver, mas nem por isso deixando de se curar com o Médico, sendo êste o que pelos meios ordinários o pode restabelecer à sua antiga saúde. — Calmet.

(9) E ÊLES MESMOS — Isto é, os mesmos Médicos, fazendo depender o bom successo da sua cura, não tanto da virtude dos remédios, quanto da ajuda de Deus, imploraram a sua divina Piedade, para que os faça acertar com os melos de darem o pretendido alívio e desejada saúde aos seus doentes, a fim de poderem, já livres da moléstia, conversar no trato comum com outros homens. — Pereira.

(10) O LEVAM — A enterrar. Êste é o melhor sentido, e não entender o *in abductione* como se o Sábio dissera “no retiro do trato humano. — Pereira.

SEGUNDO O SEU CORAÇÃO — O pobre, se é de ânimo de-

21 Não entregues o teu coração à tristeza, mas lança-a fora de ti: E lembra-te dos novíssimos,

22 não te esqueças dêles: Porque não há regresso algum, e nada aproveitarás a êle, e a ti mesmo farás um grave dano. (11)

23 Lembra-te do estreito juízo por onde já passei: Porque assim o será também o teu: Ontem por mim, e hoje por ti.

24 No repouso do morto faze tu repousar a sua memória, e consola-te a respeito dêle pelo trânsito do seu espírito.

25 A sabedoria dum doutor adquire-se no tempo do ócio: E o que menos se distrai com outra qualquer ocupação, alcançará a sabedoria: De que sabedoria será cheio

26 o que pega no arado, e que faz timbre da agulhada, com o ferrão dela pica os bois, e se ocupa em seus trabalhos, e cuja conversação é sôbre novilhos da raça de touros.

27 Êle applicará o seu coração a revolver os regos, e o seu desvêlo se empregará em engordar as vacas.

28 Assim todo o oficial e mestre, que passa trabalhando a noite como o dia, o que grava as figuras dos sinetes, e que todo se cansa em as variar: Applicará o seu coração a imitar a pintura, e à fôrça do seu desvêlo completará a obra. (12)

29 Assim o ferreiro assentado ao pé da bigorna, e

sassombrado e alegre, suaviza o estado da sua penúria; mas se o tom melancólico e triste, agrava muito mais a sua desgraça.

(11) **PORQUE NÃO HÁ REGRESSO ALGUM** — Para tornar da morte à vida. — Menochlo.

(12) **MESTRE** — À letra: "Arquiteto." Veja-se Calmet. — Pereira.

A PINTURA — Ou o rascunho, o debuxo, o esbôço. — Pereira.

considerando a sua obra de ferro: O vapor do fogo queimará as suas carnes e ali está lutando com o calor da frágua: (13)

30 De contínuo fere os seus ouvidos o estrondo do martelo, e os seus olhos ao modelo da obra se põem atentos:

31 Ele aplicará o seu coração a completar as suas obras, e com o seu desvêlo as aformoseará dando-lhes a última perfeição.

32 Assim o oleiro, que assentado junto da sua obra, dá voltas à roda com seus pés, o qual está num contínuo cuidado pela sua obra, e tudo quanto faz é com muita conta.

33 Com seu braço dará forma ao barro, e ante seus pés domará a sua fôrça.

34 Ele aplicará o seu coração a vidrar a obra perfeitamente, e com o seu desvêlo madrugará para limpar o forno.

35 Todos êstes puseram a esperança na indústria das suas mãos, e cada um é sábio na sua arte. (14)

36 Sem todos êstes não se edifica uma cidade.

37 Mas êles não habitarão, nem passearão, e não entrarão no Ajuntamento. (15)

(13) **ASSENTADO** — Porque a postura, em que trabalhavam naquele tempo os oficiais, era diversa da em que hoje os vemos exercitar a sua arte, como já deixou advertido Calmet sobre este lugar. — Pereira.

(14) **NA INDÚSTRIA** — No trabalho das suas mãos têm posta a esperança de ganhar com que se manterem. — Menochio.

(15) **NÃO HABITARÃO** — Subentende-se “no coração da Cidade”, onde possam com o ruído e estrépito das máquinas dos seus officios incomodar a vizinhança de respeito, como os Templos, os Tribunais, e Palácios dos Grandes, “nem passearão,” isto é. nem disputarão, ou averiguarão a verdade passeando segundo o costume dos filósofos, explicação que assenta Calmet ser a me-

38 Eles não se assentarão em cadeira de Juiz, e não entenderão as leis de justiça, nem farão patentes as regras da Moral, nem do direito, e não se acharão ocupados na inteligência das parábolas:

39 Mas só manterão as coisas que enfim passam com o tempo, e a sua rogativa será sobre a obra da própria arte, empregando todavia a sua alma, e fazendo estudo na lei do Altíssimo. (16)

CAPÍTULO 39

OCUPAÇÕES DO SÁBIO: GLÓRIA QUE O ACOMPANHA. OS FILHOS DE ISRAEL EXORTADOS A BENDIZER O SENHOR NAS SUAS OBRAS. DEUS AGALARDOA OS BONS, E CASTIGA OS MAUS. TODAS AS CRIATURAS EXECUTAM AS SUAS ORDENS.

1 O sábio investigará a sabedoria de todos os antigos e fará o seu estudo nos profetas.

lhor que há d'este lugar; "nem passarão ao Ajuntamento," cujo sentido é, nem terão assento nos conselhos com os Juizes e Magistrados, por não terem letras para deliberarem sobre o bem da República. — Cfr. Menochio e Cornélio a Lapide.

(16) **MAS SÓ MANTERÃO** — Os Artífices consertam, reparam, e renovam coisas, que por fim hão de acabar com o tempo, e a oração que fazem a Deus é para que as suas obras saiam perfeitas, e lhes deixem o pretendido lucro para manter a vida; não deixando por isso de ouvir ainda assim em certos tempos, e procurar entender a Lei do Senhor para a cumprir. Ou, muitos artífices não dirigem a sua oração a outro fim mais, do que a chegarem a fazer as suas obras com toda a perfeição da arte, e só a isto aspiram; excetuando contudo aquêles que não se descuidam nem do primor da obra, nem da observância da Lei. Muitos ajuntam este com o verso primeiro do capítulo seguinte, neste sentido: Ainda que os artífices mostrem a sua perícia no lavor das obras, que fazem, o qual muitas vezes dá mate à matéria,

2 Ele conservará no seu coração os ditames dos homens de grande nomeada, e ao mesmo tempo entrará nas subtilezas das parábolas.

3 Indagará o recôndito dos provérbios, e ocupar-se-á no mistério das parábolas.

4 Exercitará o seu ministério no meio dos grandes, e aparecerá diante dos que presidem.

5 Passará à terra de nações estranhas: Porque assim fará tentativa dos bens e males que há entre os homens.

6 Aplicará o seu coração a velar de madrugada ante o Senhor, que o criou, e na presença do Altíssimo fará as suas deprecações.

7 Abrirá a sua bôca para orar, e pedirá perdão de seus pecados.

8 Porque se o Senhor grande assim o quizer, enche-lo-á do espírito de inteligência:

9 E ele derramará as expressões da sua sabedoria como chuvis, e na oração louvará ao Senhor.

10 E ele mesmo regulará o seu conselho, e instruções, e consultará nas suas dúvidas. (1)

11 Ele fará pública a doutrina que aprendeu, e gloriar-se-á na lei da aliança do Senhor.

contudo, como ninguém é verdadeiramente sábio, senão o que ama e serve a Deus, só terá esta denominação o que investigar a sabedoria de todos os antigos, com tudo o mais que diz respeito à cultura, e aproveitamento do espírito. — **Porcira.**

(1) **E ELE MESMO** — Ou o sentido é, que o sábio dirigirá todos os seus conselhos, máximas, e instruções, pela única regra, e exatíssima norma da Lei do Senhor, consultando-o sempre em todas as dúvidas que ocorrerem: ou que o mesmo Deus o encaminhará nos seus conselhos, para que os não veja enfatuados, permitindo que se não aparte jamais da sua lei. Este último é o mais seguido.

12 Uniformemente louvarão muitos a sua sabedoria, e nunca jamais ficará no esquecimento.

13 Não se perderá a sua memória, e o seu nome se repetirá de geração em geração.

14 As nações relatarão a sua sabedoria, e a Igreja publicará o seu louvor.

15 Se continuar a viver, deixará depois maior reputação do que mil outros: E se repousar, aproveitar-lhe-á isso mesmo.

16 Ainda irei prosseguindo com a intimação de outros avisos: Porque estou cheio como de um furor.

17 Em declarado tom êle me diz: Ouvi-me vós, que sois uma prosápia divina, e como rosal plantado sobre as correntes das águas, frutificai.

18 Difundi um cheiro de suavidade como o Líbano.

19 Dai viçosas flores, como lírio, e rescendei fragrante cheiro, e vestidos de engraçados ramos, e entoai cantos de louvor, e bendizei ao Senhor nas suas obras.

20 Exaltai o seu nome com magníficos elogios, e glorificai-o com a voz dos vossos lábios, e com cânticos de lábios, e com cítaras, e eis-aqui como haveis de dizer nos vossos louvores: (2)

21 Tôdas as obras do Senhor são muito boas.

22 Em virtude da sua palavra se susteve a água como em montões: E pelo império da voz da sua bôca ficou êste elemento contido bem como em receptáculos de águas: (3)

(2) **E COM CÂNTICOS DE LABIOS** — Entoavam-se os louvores a Deus ou com a voz, ou a lira, ou ajuntando ao mesmo tempo a voz e a consonância das liras. — Calmet.

(3) **COMO EM MONTÕES** — Ou quando por mandado de Deus se recolheram as águas a um lugar para ficar descoberta a terra, Gên 1, 9, ou quando os israelitas atravessaram o mar Vermelho, e as correntes do Jordão. — Menochio.

23 Porque à vista da sua ordem, se executa o que lhe apraz, e não há desfalque algum na saúde que êle dá.

24 Presentes lhes são as obras de tôda a carne, e não há nada escondido a seus olhos.

25 Com a vista êle tudo alcança num século a outro século, e nada é maravilhoso na sua presença.

26 Não lhe é necessário dizer: Que é isto, ou que é aquilo? Porque tôdas as coisas se descobrirão a seu tempo. (4)

27 A sua bênção foi sempre como um rio que inundou:

28 Bem como o dilúvio embriagou a terra, assim a ira dêle será a sorte das gentes que o não buscaram.

29 Bem como êle converteu as águas em secura, e a terra ficou enxuta: E os caminhos que êle fêz se dirigiram à sua passagem: Assim os pecadores têm motivos de queda na sua ira. (5)

30 Como desde o princípio foram criados os bens para os bons, assim os bens e males para os malvadísimos.

31 O essencial do que é necessário para a vida dos homens, é a água, o fogo, e o ferro, o sal, o leite, e o pão

(4) **PORQUE TÔDAS AS COISAS SE DESCOBRIRÃO A SEU TEMPO** — O grego: "porque tôdas as coisas para seus usos, ou officios e ministérios, têm sido criados: "ministérios, que sendo patentes ao autor da natureza, nenhuma necessidade tem de perguntar quais êles sejam.

(5) **BEM COMO ÊLE CONVERTEU** — O sentido é, que assim como a passagem, ou caminho, que Deus franqueou aos israelitas pelo mar Vermelho, foi para êles uma estrada de salvação, e para os egípcios a sua sepultura, do mesmo modo a lei do Senhor, para os justos é fonte de vida, de justiça, de equidade, mas para os ímpios vem a ser um motivo de queda, de ruína, de perdição. — **Perelra.**

da flor da farinha, e o mel e os cachos de uvas, e o azeite, e o vestido.

32 Como tôdas estas coisas são um bem para os santos, assim para os ímpios e pecadores elas igualmente se converterão em mal.

33 Há uns espíritos que foram criados para a vingança, e que pelo furor em que ardem têm assentado a sua pesada mão em atormentar os maus:

34 No tempo da consumação êles empregarão a sua denodada força: Aplacarão o furor daquele que os criou. (6)

35 O fogo, a saraiva, a fome, e a morte, tôdas estas coisas foram criadas para vingança:

36 Como também os dentes das feras, e os escorpiões, e as serpentes, e o montante que toma vingança dos ímpios para seu extermínio.

37 Elas se saborearão nas ordens dêle, e estarão prestes sôbre a terra para as ocasiões necessárias, e a seus tempos competentes não passarão em claro uma só palavra.

38 Por isso é que eu desde o princípio estou confirmado nestes pensamentos, e os tenho meditado, e considerado, e deixado por escrito.

39 Tôdas as obras do Senhor são boas, e toda a criatura, chegada a sua hora, fará o seu dever.

40 Não se pode dizer: Isto é pior que aquilo: Porque tôdas as coisas serão achadas boas a seu tempo.

41 Assim que, já desde agora de todo o coração e com a bôca louvai todos juntos, e bendizei o Nome do Senhor.

(6) **NO TEMPO DA CONSUMAÇÃO** — Isto é, acabada que seja de encher a medida dos pecados, que Deus tem decretado e taxado para castigo dos homens; ou no último dia de todos, que há de ser o fim de tôdas as coisas. — Calmet.

CAPÍTULO 40

MISÉRIAS COMUNS A TODOS OS HOMENS. SORTE FUNESTA
DAS RIQUEZAS INJUSTAS. UTILIDADES DO TEMOR DE
DEUS. NÃO FAZER VIDA DE MENDICANTE.

1 Uma inquieta ocupação foi destinada logo no princípio a todos os homens, e um pesado jugo carrega sobre os filhos de Adão, desde o dia em que eles saem do ventre de sua mãe, até o dia da sua sepultura, em que eles entram na mãe comum de todos.

2 Os seus cuidados, e os temores do coração, a apreensão do que esperam, e o dia em que tudo acaba:

3 Desde o que está sentado sobre um trono de glória, até o que se acha abatido na terra e na cinza.

4 Desde aquêlê que está vestido de púrpura, e traz coroa, até ao que se cobre de linho cru: O furor, os zêlos, o tumulto, a perplexidade, e temor da morte, a ira concentrada, e as contendas,

5 até no tempo em que repousa na cama o sono da noite lhe faz perturbar o pensamento.

6 O espaço que toma no seu repouso, é como se nada fôra, e depois disto ainda no seu mesmo sono está feito uma como sentinela de dia.

7 Êle se acha desassossegado com o fantasma do seu coração, como quem escapou no dia da batalha. Levantou-se quando já estava em salvo, e à vista de seu aparente susto se admira: (1)

(1) **NO DIA DA BATALHA** — Como quando algum sonho que se acha no meio duma sanguinolenta refrega, da qual tendo escapado com vida por meio de grandes apertos, e despertado finalmente com o ânimo já mais desassombrado, pasma então do grande susto, do suor frio, da palpitação do coração, e outros efeitos que ainda sente por uma coisa vã, como era o combate fantástico, de que se supunha livre.

8 Tôda a carne é sujeita a êstes accidentes, desde os homens até aos animais, e os pecadores ainda mais em dôbro sete vêzes do que os outros.

9 Além disto, a morte, o sangue, a contenda, e o montante, as opressões, a fome, e a ruína dos países, e os outros flagelos:

10 Tôdas estas coisas foram criadas para virem sôbre os maus, e por causa dêles aconteceu o dilúvio.

11 Tudo o que é da terra, tornar-se-á em terra, e tôdas as águas irão parar outra vez no mar.

12 Tôda a dádiva para corromper, e tôda a iniquidade perecerá, mas a fé persistirá eternamente.

13 As riquezas dos injustos secar-se-ão, como uma torrente, e farão muito estrondo, como um grande trovão quando chove.

14 O injusto alegrar-se-á, quando abrir as suas mãos: Porém assim é que os prevaricadores enfim se definhão.

15 Os netos dos ímpios não multiplicarão os ramos, e as raízes viciadas soam no alto dum rochedo.

16 A verdura que cresce sôbre as águas, e à borda dum rio, primeiro que tôda a outra erva será arrancada.

17 A beneficência é como um paraíso abundante em bênçãos, e a misericórdia permanece para sempre.

18 A vida do operário que se contenta com o que lhe basta, será cheia de doçura, e tu acharás nela um tesouro.

19 Os filhos, e a fundação duma cidade, farão o nome dum homem célebre, e mais do que isto, será estimada a mulher irrepreensível.

20 O vinho e a música alegam o coração: Mas o amor da sabedoria excede ambas estas coisas.

21 O som da flauta, e do saltério fazem uma suave melodia, mas a língua suave sobrepuja ambas as coisas.

22 A graça do corpo, e a beleza do rosto desejará

o teu ôlho, mas a verdura dos campos semeados leva muita vantagem a ambas as coisas.

23 O amigo e o companheiro se auxiliam mutuamente na ocasião, mas com preferência a ambos a mulher com seu marido.

24 Os irmãos servem de ajutório no tempo da tribulação, porém a misericórdia livrará ainda mais do que êles. (2)

25 O ouro e a prata são a firmeza dos pés: Mas um conselho bem aprovado excede ambas as coisas.

26 Os bens e as forças do corpo elevam o coração, mas o temor do Senhor se avanta sobre estas coisas.

27 Nada falta ao que tem o temor do Senhor, e com êle não há necessidade de buscar outro socorro.

28 O temor do Senhor é como um paraíso de bênção, e êle se acha revestido de uma glória sobre toda a glória.

29 Filho, em tempo nenhum da tua vida te ponhas a mendicante: Porque melhor é morrer do que mendigar. (3)

(2) **PORÉM A MISERICÓRDIA** — O sentido é que no auxílio dos irmãos se pode esperar muito, porém mais ainda na utilidade da esmola. Isto é o mesmo que dizer, que mais nos havemos de fiar nas boas obras que praticarmos, do que no socorro daquelas mesmas pessoas com quem tivermos razão do mais estreito parentesco, ou amizade. — Menochio.

(3) **EM TEMPO NENHUM DA TUA VIDA** — Pela lei de Moisés, Dt 15, 4, não devia haver entre os hebreus nenhum mendicante. E um dos grandes castigos que Deus ameaça nas Escrituras contra os perversos, é que os reduzirá a andarem de porta em porta. Lev 26, 16; Sl 108, 10. O que todavia se não deve entender de modo algum da mendicância voluntária, que Cristo aconselhou, e praticou no Evangelho, mas da mendicância forçada por efeito da má criação ou do mau costume em que um se pôs.

30 O homem que se atém à mesa alheia não emprega a sua vida em cuidar do sustento: Porque alimenta a sua vida com os manjares que outrem lhe dá. (4)

31 Mas o varão bem educado, e instruído se guardará. (5)

32 Na bôca do insensato será doce a pobreza, mas em seu ventre arderá o fogo. (6)

CAPÍTULO 41

A MEMÓRIA DA MORTE DOCE, OU AMARGOSA. O OPRÓBRIO, E A MALDIÇÃO SÃO A SORTE DOS MAUS. A BOA REPUTAÇÃO PREFERÍVEL ÀS RIQUEZAS. DE QUE COISAS SE DEVE UM ENVERGONHAR.

1 O' morte, quão amargosa é a tua memória para um homem, que tem paz no meio das suas riquezas:

2 Para um homem, que não tem nada que o perturbe, e cujos caminhos lhe saem direitos em tôdas as coisas, e que ainda está com vigor para tomar o alimento. (1)

3 O' morte, que boa é a tua sentença para um homem necessitado, e que se acha falto de fôrças,

(4) **NÃO EMPREGA A SUA VIDA** — O grego: "Não tem a sua vida em conta de vida, ou a sua vida não é vida," porque está dependente do poder de outrem, "êle fará impura, ou desprezível a sua alma com as viandas alheias," expondo-se ao desprezo, e abatendo-se a mil indignidades, para ser admitido à mesa alheia.

(5) **SE GUARDARA** — Fará muito da sua parte por não vir a parar em semelhante modo de vida. — *Pereira*.

(6) **NA BÔCA DO INSENSATO** — O grego diz: "Na bôca do que não tem vergonha." Porque onde o latino intérprete pôs: *In ore imprudentis*, traz o grego: *In ore impudentis*.

(1) **E CUJOS CAMINHOS** — E que em tudo é bem sucedido. — *Pereira*.

4 para o de idade já decrépita, e para o que está cheio de cuidados, e para o desconfiado; que se vê de todo falto de paciência!

5 Não temas o decreto da morte. Lembra-te de todos aquêles que foram antes de ti, e de todos os que virão depois de ti: Êste é um decreto que o Senhor pronunciou contra tôda a carne:

6 E que coisa te sobrevirá, senão o que fôr do beneplácito do Altíssimo? viva um homem ou dez, ou cem ou mil anos.

7 Porque no inferno se não faz cargo do que um viveu.

8 Os filhos dos pecadores fazem-se filhos da abominação, e os que freqüentam as casas dos ímpios.

9 A herança dos filhos dos pecadores perecerá, e com a sua linhagem andarâ continuamente o opróbrio.

10 De um pai, sendo ímpio, se queixam os próprios filhos, pois se acham por causa dêle vivendo no opróbrio.

11 Desgraçados de vós, homens ímpios, que deixastes a lei do Senhor Altíssimo!

12 E quando vós nascerdes, nascereis já na maldição: E quando morrerdes, na maldição tereis posta a vossâ herança. (2)

13 Tudo o que é de terra tornar-se-á em terra: Assim os ímpios cairão da maldição na perdição.

14 O pranto dos homens é sôbre o seu cadáver, mas o nome dos ímpios será do mundo apagado. (3)

(2) **E QUANDO** — À letra: "E se vós nascerdes, nascereis já na maldição: E se morrerdes, etc." Fala com os ímpios. Nascerdo servíveis de maldição, morrendo de execração. Mais útil era que não viésseis à luz do mundo, que nascer desta maneira, para viverdes sempre cheios de misérias, e de crimes. — Calmet. *Vôtre naissance et vôtre mort sont inaudites.* — Glairé.

(3) **E' SÔBRE** — Há certos officios, que a ninguém se negam.

15 Tem cuidado de te adquirires bom nome: Porque êste será para ti um bem mais estável, do que mil tesouros grandes, e preciosos. (4)

16 A boa vida tem um certo número de dias: Mas o bom nome permanecerá para sempre.

17 Conservai, filhos, em paz a minha disciplina: Porquanto se a sabedoria está escondida, e o tesouro se não vê, que utilidade pode haver em ambas estas coisas?

18 Melhor é o homem que esconde a sua estultícia, do que o homem que esconde a sua sabedoria. (5)

19 Pelo que tende vergonha das coisas, que sacm da minha bôca.

20 Porque não é bom tê-la em tudo: E nem tôdas as coisas praticadas com fidelidade agradam a todos. (6)

As lágrimas derramam-se até sôbre os ímpios quando morrem, mas a sua memória logo acaba. *Perlit memoria coram cum sonitu.* Sl 9, 7. Nos outros homens chora-se só a morte do corpo, mas nos ímpios lamenta-se tanto a ruína da alma como a do corpo. — Calmet.

(4) **TEM CUIDADO** — Confirmam os Prov 22, 1.

(5) **MELHOR É O HOMEM** — Porque o primeiro mostra ser prudente, o segundo injusto em não comunicar aos outros o que lhe foi dado para utilidade sua e do próximo. — Pereira.

(6) **EM TUDO** — Fala aqui da vergonha repreensível, como é a que muitos têm de praticar ainda o que é bom, honesto e virtuoso, por uma covardia pouco culpável, e nada generosa num homem que é exato na observância da lei, quando só a vergonha, que muito se recomenda, é a de não obrar coisa alguma que seja pecado. — Pereira.

AGRADAM A TODOS — A razão por que se não deve ninguém envergonhar de fazer qualquer coisa, sendo boa e louvável, ao menos no juízo dos prudentes, ainda que seja censurada e reprechida por outros, é a que se encerra nestas palavras, porque “nem tôdas as coisas praticadas com fidelidade,” isto é, com retidão, “agradam a todos.” Logo ninguém se envergonhe das ações boas. — Tirino.

21 Envergonhai-vos da fornicação diante de vosso pai e de vossa mãe: E da mentira diante do que governa e do poderoso: (7)

22 De qualquer falta diante do príncipe e do juiz: Da iniqüidade diante da sinagoga e do povo:

23 Da injustiça diante do companheiro e do amigo: E no lugar em que habitas,

24 de cometer algum furto, da verdade de Deus, e do pacto: De fincar o cotovêlo nos pães, e da sonegação do que se dá e recebe:

25 De não responder aos que te saúdam: De deter os olhos na mulher prostituta: e de voltar o rosto ao parente.

26 Não voltes o rosto por não veres a teu próximo, e envergonha-te de lhe tirar a parte que lhe toca e de lha não restituíres. (8)

27 Não olhes para a mulher de outro marido, e não te entretinhas com a sua criada, nem te ponhas ao pé da sua cama.

28 Envergonha-te de dizer palavras de impropério aos teus amigos: E quando tiveres dado alguma coisa, não na lances em rosto.

(7) **DIANTE DE VOSSO PAI** — Porque a fornicação desonra principalmente o corpo, que deles recebestes. — Sacy.

(8) **NAO VOLTES O ROSTO** — Como fazendo pouco caso d'êlo, ou dissimulando a cognação e parentesco que com êle tens, e isto por ser humilde, ou pobre. — Menochio.

CAPÍTULO 42

COISAS DE QUE UM HOMEM SE NÃO DEVE ENVERGONHAR.
CUIDADO QUE UM PAI DEVE TER SOBRE AS SUAS FILHAS.
FUGIR À COMPANHIA DE MULHERES. LOUVORES DAS
OBRAS DO SENHOR.

1 Não repitas a conversação que ouvires para descobrir palavras de segredo, e serás verdadeiramente isento de confusão, e acharás graça diante de todos os homens: Não te envergonhes de coisa alguma das que eu te vou a dizer, e não tenhas de tal sorte respeito à qualidade das pessoas, que venhas por isso a delinquir. (1)

2 Da lei do Altíssimo, e do seu testamento nem de combater em juízo os votos declarados para justificar um ímpio,

3 do negócio de companheiros e peregrinos, nem da partilha da herança dos amigos, (2)

4 da igualdade da balança e dos pesos, nem da aquisição do muito e do pouco, (3)

(1) **E SERÁS VERDADEIRAMENTE** — O grego: “serás verdadeiramente vergonhoso.” Envergonhar-te-ás daquelas coisas, que na realidade causam péjo. — Calmet.

(2) **NEM DA PARTILHA** — Na distribuição e repartição da herança, de que se hão de fazer igual e fielmente partilhas entre os co-herdeiros, não queiras por péjo favorecer, ou dar mais a um do que a outro. — Menochio.

(3) **DA IGUALDADE** — Não te envergonhes de usar dum bem aferido peso, e justa balança, nem de seguir a justiça, tanto nos pequenos, como nos maiores lucros; nem tampouco te des por infeliz e desgraçado, se não adquirires tanto como outros, contanto que, nada obres contra a justiça. — Calmet e Menochio.

5 de impedir a fraude da compra e dos negociantes, nem da severa criação dos filhos nem de fazer correr ao escravo péssimo o sangue pelas costas abaixo. (4)

6 Sobre a mulher má, bom é estar pôsto o sêlo. (5)

7 Onde há muitas mãos, guarda tudo fechado, e tudo quanto entregares, dá-o por conta, e por pêso: E escreve tudo o que deres, e receberes.

8 Não te envergonhes de corrigir o insensato e o fátuo, nem de defender os velhos, que são julgados pelos mancebos: e serás então instruído em tôdas as coisas, e merecedor de aprovação diante de todos os vivos. (6).

9 A filha é um interior desvêlo de seu pai, e o cuidado dela lhe tira o sono, receando não suceda talvez que do próprio verdor da adolescência passe depois a ser já

(4) **DE IMPEDIR A FRAUDE** — Como quando a coisa que se compra vem depois a se achar falsificada e adulterada por malícia do vendedor. Ou, sendo tu magistrado, não te envergonhes de atalhar e corrigir os enganos, fraudes e monopólios, que há entre os que compram e vendem, não consentindo que êles abai-xem ou levantem o preço das mercadorias muito a seu arbitrio e satisfação. Ou, quando se tem de tratar com os negociantes, deve cada um primeiro examinar bem a inteireza da fé dêstes, e ao mesmo tempo a bondade da fazenda que vendem. — **Pereira.**

(5) **ESTAR PÔSTO O SÊLO** — Ou o sentido é que se a mulher fôr leviana, ou pouco honesta, deve estar fechada em casa, para se não pôr a perigo de desonra; ou que é bom ter tudo de-baixo de chave, quando ela, sôbre não ser fiel, é estragada. — **Pereira.**

(6) **QUE SÃO JULGADOS** — Quando são escarnecidos pelos mancebos. O grego: "Não te envergonhes de corrigir ao insensato, e ao fátuo, e ao decrépito, que é julgado, ou contende com os mancebos," advertindo-lhe com brandura que não deve afrontar as suas câs, debatendo, altercando, e talvez pondo-se arca partiða com mancebos.

adulta, e que tendo enfim coabitado com seu marido, se faça aborrecível: (7)

10 Não aconteça que na sua virgindade seja alguma vez corrompida, e se ache pejada na casa de seu pai: Não resulte acaso que depois de coabitar com seu marido falte à fé conjugal, ou pelo menos saia estéril. (8)

11 Sobre a filha desenvolva vigia com dobrado resguardo: para que te não faça vir a ficar em alguma ocasião exposto ao opróbrio de teus inimigos, e a ser o objeto de detração numa cidade, e da exprobração da plebe, e te faça envergonhar diante da multidão do povo.

12 Não ponhas os olhos fitos em pessoa alguma enlevado na sua formosura: E não queiras fazer assento no meio de mulheres:

13 Porque dos vestidos sai a polilha, e da mulher a maldade do homem.

14 De sorte que um homem que te faz mal é melhor do que uma mulher que te faz bem, e mulher que te deixa envergonhado para teu opróbrio.

15 Lembrar-me-ei pois das obras do Senhor, e anunciarei o que tenho visto. Pelas palavras do Senhor existem as suas obras. (9)

(7) **QUE DO PRÓPRIO VERDOR** — Que passe a flor da idade sem casar. Veja-se o apóstolo na primeira aos de Cor 7, 36.

(8) **FALTE A FÉ CONJUGAL** — Isto é, falte à fé conjugal, cometendo adultério, cuja pena era de morte, Lev 20, 10; ou tenha o pesar da esterilidade, naqueles tempos motivo de tanta desonra, como se vê do Dt 7, 14; 23, e de Is 4, 1. — Calmet.

(9) **LEMBRAR-ME-EI POIS** — Isto é, apreçoarei, e engrandecerei. Daqui até ao fim do livro nada prossegue, senão os louvores de Deus, e os encômios dos homens celeberrimos da sua nação, com que fecha este livro. — Calmet.

EXISTEM AS SUAS OBRAS — Deus tudo criou, conserva, e governa pelo império da sua palavra, e força de seu preceito. De outra maneira: "Nas palavras do Senhor," isto é, nas Escrituras.

16 O sol aluminiando tem lançado a vista por tudo, e da glória do Senhor estão cheias as suas obras.

17 Porventura não fêz o Senhor que os santos publicassem tôdas as suas maravilhas, as quais o mesmo Senhor Onipotente confirmou para que fôsse perpetuadas na sua glória?

18 Êle tem penetrado o abismo e o coração dos homens: E discernido por entre a astúcia dêles. (10)

19 Porque o Senhor conheceu sempre tôda a ciência e viu perfeitamente o sinal dos tempos, anunciando as coisas que passaram, as que estão para vir, descobrindo os rastros das ocultas. (11)

20 Não lhe passa por alto nenhum pensamento, e não se esconde dêle palavra alguma.

21 Formosas traçou as grandezas da sua sabedoria: O que é antes do século, e até o século, nem se lhe tem acrescentado,

22 nem diminuído, nem necessita do conselho de ninguém.

23 Quão desejáveis são tôdas as suas obras, e o que delas se pode considerar, é como uma faísca!

24 Tôdas estas coisas vivem, e permanecem para sempre, e em tôda a necessidade todos lhe obedecem a êle.

Sagradas se contêm as suas obras. O que já vou a dizer, tudo isto eu reduzi a compêndio, depois de o extrair dos sagrados livros. — Calmet.

(10) O ABISMO — Clarissimamente conhece as profundíssimas voragens e tragadoiros do mar, e os mais occultos e rebugados esconderijos da mente humana. — Calmet.

(11) O SINAL DOS TEMPOS — Como Deus é o autor da natureza, nenhuma necessidade tem de consultar as coisas naturais, nem de observar o aspecto dos astros, ou o cariz do céu, para saber as coisas futuras, sendo-lhe tudo presente, e não deixando jamais de conhecer as diferenças dos astros, que pôs no Céu, Gên 1, 14, 17. 18. — Calmet e Menochio.

25 Tôdas as coisas se acham a duas e duas, e uma oposta à outra, e nada fêz a que faltasse coisa alguma.

26 De cada uma confirmou os bens. E quem se fará vendo a sua glória?

CAPÍTULO 43

GRANDEZA DE DEUS ASSINALADA NAS SUAS OBRAS. DEUS É SOBRE TODO O LOUVOR.

1 O alto firmamento é a formosura dêle, a beleza do Céu descobre-se na visão da glória. (1)

2 O sol ao sair anuncia com o seu aspecto, que é um vaso admirável, uma obra do excelso.

3 Ao meio-dia queima a terra, à vista do seu ardor quem poderá suportá-lo? Como se porta o que conserva o calor da fornalha para as obras que requerem um fogo intenso:

4 Do mesmo modo faz o seu efeito o sol abrasando com tresdobrada atividade os montes, despedindo raios de fogo, e resplandecendo com os seus mesmos raios cega os olhos.

5 Grande é o Senhor que o criou, e êle na execução dos preceitos apressou a própria carreira.

6 E a lua em tôdas as suas revoluções com o seu

(1) O ALTO — À letra: “O firmamento da altura é a formosura dela.” Isto é, como explica Menochio, a parte mais nobre da altura, isto é, do céu altíssimo, a qual se entende sem o firmamento, ou céu estrelado, é a formosura dela, altura.

A BELEZA — A formosura do firmamento, que é a beleza de todo o céu, e do mundo, é onde se vê a glória tanto do mesmo mundo, como de Deus, que é o seu Autor e Criador: E’ uma hipallage, que, na ordem natural diria: *Visio Dei est in specie coeli.* — Menochio.

período é a marca dos tempos e o sinal das mudanças do ano.

7 A lua é a que determina os dias de festa, sendo um planêta de luz que logo começa a minguar em chegando ao mais pleno auge do seu crescimento.

8 O mês vem a tomar dela o nome, a qual por um modo admirável cresce, até ficar de todo cheia.

9 Uma disposição de arraiais se divisa nas alturas, a qual brilha gloriosamente no Firmamento do Céu.

10 A refulgência das estrêlas é a formosura do Céu, o Senhor é quem esclarece o mundo desde as alturas.

11 As palavras do santo se apresentarão a juízo, e não desfalecerão nas suas sentinelas. (2)

12 Olha para o arco, e bendize aquêle que o fêz: Mui formoso é no seu resplendor.

13 Girou o Céu com o círculo da sua glória, as mãos do Excelso lhe deram tôda a sua extensão.

14 Em virtude do seu império fêz acelerar a neve, e dá-se pressa em despedir os relâmpagos do seu juízo.

15 Por esta causa se abriram os seus tesouros, e voaram as névoas como aves.

16 Pela grandeza do seu poder condensou as nuvens, e se quebraram as pedras da saraiva.

17 Só com o seu olhar se abalarão os montes, e

(2) **AS PALAVRAS DO SANTO** — Ou o sentido é que à ordem do santo, isto é, de Deus, estão os astros prontos para frem a juízo, qual o mesmo Senhor exercita sobre tôdas as coisas criadas, ainda as mais puras e sublimes, Jó 4, 18; 15, 15; ou que à maneira de soldados, se conservam no pôsto que lhes foi assinado pelo autor da natureza, a cuja voz, como à de seu general obedecem prontissimamente. Confira-se Bar 3, 33. 34. 35; o livro dos Jz 5, 20, com o Sl 118, 91.

pelo beneplácito da sua vontade assoprará o vento do meio-dia.

18 O estampido do seu trovão ferirá a terra, a tempestade do norte, e o redemoinho dos ventos:

19 E como a ave que desce lá do alto para pousar no chão espalha a neve, e a descida desta é como o gafanhoto que baixa sobre a terra. (3)

20 Os olhos admirarão a beleza da sua brancura, e o coração espantar-se-á do seu chuveiro.

21 Derramará sobre a terra como sal e geadas: E quando esta se congelar, tornar-se-á como em pontas de abrolhos.

22 Assoprou o vento frio do norte, e congelou a água ficando como um cristal, que repousará sobre todo o depósito de águas, e revestir-se-á das mesmas águas como de uma couraça.

23 E devorará os montes, e queimará os desertos, e secará o que houver de verdura, como se tudo abrasasse com fogo.

24 O remédio de todos estes males consiste na pressa que se dê em aparecer uma névoa: E um orvalho temperando o ardente calor que vem o fará abater.

25 A uma palavra sua acalmou o vento, e com o aceno da sua vontade aplacou o abismo, e nêle é que o Senhor plantou as ilhas.

26 Os que navegam o mar, contem os perigos dêle: E nós escutando-os com os nossos ouvidos nos admiraremos.

27 Ali se encontram obras preclaras e maravilho-

(3) **ESPALHA** — Isto é, Deus. O sábio representa a neve no ar, a qual é semelhante a uma nuvem de aves, e depois a descreve caindo com o mesmo ímpeto com que baixa sobre a terra um bando de gafanhotos para destruir as sementeiras. — Calmet,

sas: Vários gêneros de alimárias, e de toda a sorte de gados, e criaturas monstruosas.

28 Por ele mesmo se acha estabelecido o fim do seu caminho, e pela sua palavra tudo está pôsto na melhor ordem. (4)

29 Muitas coisas diremos nós, e ainda nos veremos alcançados em palavras, mas o resumo de tudo o que se pode dizer é que ele mesmo está em todas as coisas. (5)

30 Que poderemos nós dizer que exalte a sua glória? Porque o mesmo Todo-Poderoso é sobre todas as suas obras.

31 O Senhor é terrível, e soberanamente grande, e maravilhoso o seu poder.

32 Por mais que glorifiquéis ao Senhor quanto puderdes, nunca lhe dareis a competente glória, porque ainda ficará superior a toda ela e será admirável a sua magnificência.

33 Bendizendo vós ao Senhor, exaltai-o quanto podeis: Porque ele é maior que todo o louvor.

34 Exaltando-o vós, revesti-vos de toda a vossa fortaleza: Não vos metais nesse trabalho: Porque não chegareis a lograr o vosso intento.

35 Quem o poderá ver, e celebrar? E quem engrandecerá assim como ele é desde o princípio?

36 Muitas coisas maiores do que estas nos são es-

(4) **POR ELE MESMO** — A infinita Sabedoria, e poder de Deus a cada coisa dirige aos seus fins, e a todas elas governa, distribui, ordena. — Calmet.

(5) **MUITAS COISAS** — Assim conclui o sábio a sua oração começada desde o verso 15 do capítulo 42, onde estabelecera que tudo obedecia à vontade de Deus: *In sermonibus Domini opera ejus*. Aqui porém, depois de ter provado isto mesmo por uma longa enumeração, tira por última consequência que Deus é a alma, a causa, o fim de todas as coisas. — Calmet.

condidas: Porque das suas obras vêm a ser umas poucas só as que temos visto.

37 Mas o Senhor fêz tôdas as coisas e deu sabedoria aos que piamente vivem.

CAPÍTULO 44

ELOGIOS DOS PATRIARCAS. E DOS HERÓIS HEBREUS: EM PARTICULAR DE HENOC. NOÉ, ABRAÃO, ISAAC, JACÓ E JOSÉ.

1 Louvemos aos varões gloriosos, e aos nossos pais na sua geração. (1)

2 Ações de muita glória obrou o Senhor com a magnificência do seu poder desde o princípio do mundo.

3 Êles dominavam nos seus Estados, como homens grandes que eram em virtude, e adornados da sua prudência, anunciando como profetas a dignidade dos profetas, (2)

4 e governavam o povo do seu tempo, e com a virtude da prudência davam avisos mui santos aos povos.

5 Com a sua habilidade acharam a arte das conso-

(1) **NA SUA GERAÇÃO** — Na sua idade, que foram célebres e illustres no seu tempo, enquanto viviam como explica Menochio. Este capítulo nos melhores códices gregos, tem por título: "Hino (ou Elogio) dos Padres" isto é, dos patriarcas.

(2) **EM VIRTUDE** — O grego: "Célebres pelo seu poder, ou forças." Os grandes príncipes, ou opulentos chefes dos israelitas, como os juizes, desde Josué até Saul. — Calmet.

ANUNCIANDO — Ou porque recomendavam nos livros dos profetas a dignidade de seus autores: ou porque tendo verdadeiro dom de profecia manifestavam grandes mistérios, annunciando tudo o que lhes era por Deus revelado: e esta segunda intelligência é a que se tira immediatamente do grego.

nâncias da música, e expuseram os cânticos das escrituras.

6 Eram homens ricos em virtude, solícitos do decôro: Pacíficos em suas casas.

7 Todos êstes alcançaram glória das gerações da sua nação, e ainda hoje são louvados pelo que fizeram em sua vida. (3)

8 Os que dêles nasceram, deixaram depois da sua morte um grande nome, que renova os louvores de seus pais:

9 E outros há, cuja meinória já não existe: Êles pereceram, como se não tiveram sido, e nasceram, como se não tiveram nascido, e os filhos dos mesmos com êles.

10 Mas aquêles são varões de misericórdia, cujas obras de piedade não faltaram:

11 Com a posteridade dêles permanecem os seus bens.

12 Os seus netos são uma santa herança, e a sua posteridade se manteve constante nas alianças:

13 E os seus filhos em consideração dêles é que permanecem para sempre: A sua prosápia e a sua glória não será abandonada.

14 Os seus corpos foram sepultados em paz, e o seu nome vive na sucessão de todos os séculos.

15 Os povos publiquem a sua sabedoria, e anuncie a Igreja o seu louvor.

(3) **E AINDA HOJE** — à letra, segundo o grego: “e em seus dias (e igualmente conseguiram) estrondosa nomeada” ou boato e grande aplauso do seu nome, que a outros causaria desvanecimento, fazendo-os rever e pavonear na sua mesma grandeza. Mas ambos os sentidos admite o grego, como já advertiu Calmet. — **Pereira.**

16 Henoc agradou a Deus, e foi trasladado ao Paraíso, para exortar as nações à penitência.

17 Noé foi achado perfeito, justo, e no tempo da iraveio a ser a reconciliação dos homens.

18 Por isso foram deixadas umas relíquias dêles sôbre a terra, quando veio o dilúvio.

19 Com êle foi feito o pacto eterno, que não pudesse ser destruída por outro dilúvio tôda a carne.

20 O grande Abraão foi o pai da multidão das nações e não se achou outro semelhante a êle em glória, o qual guardou a lei do Excelso, e com êle se pôs em aliança. (4)

21 Em sua carne ratificou esta aliança, e êle na tentação foi achado fiel.

22 Por isso jurou o Senhor que lhe havia de dar glória em sua família, que êle cresceria como o pó da terra,

23 e que exaltaria a sua descendência como as estrelas, e que êles teriam uma herança de mar a mar, e desde o rio até às extremidades da terra.

24 E com Isaac obrou do mesmo modo por amor de Abraão seu pai.

25 O Senhor lhe deu a bênção de tôdas as nações e confirmou o testamento sôbre a cabeça de Jacó.

26 Reconheceu-o em suas bênçãos, e deu-lhe a herança, e lha repartiu, dividindo-a entre as doze tribos.

27 E conservou-lhe homens de misericórdia, que achassem graça diante dos olhos de tôda a carne.

(4) **EM ALIANÇA** — Dignou-se Deus de fazer aliança com Abraão, como com um amigo e companheiro, antes estou em dizer como um igual com outro seu igual. — Menochio.

CAPÍTULO 45

ELOGIOS DE MOISÉS, AARÃO E FINÉIAS.

1 Moisés foi amado de Deus, e dos homens: Cuja memória está em bênção.

2 Fê-lo semelhante aos santos na glória, e engrandeceu-o com o terror que infundia a seus inimigos, e êle com as suas palavras aplacou os monstros. (1)

3 Glorificou-o diante dos reis, e lhe prescreveu ordenações diante do seu povo, e lhe fêz ver a sua glória. (2)

4 Pela sua fé e mansidão o santificou e o escolheu dentre tôda a carne.

5 Porque o ouviu a êle, e a sua voz, e o fêz entrar na nuvem.

6 E lhe deu os seus preceitos cara a cara, e a lei da vida e da disciplina para ensinar o seu Testamento a Jacó, e os seus juízos a Israel.

7 Sublimou a seu irmão Aarão, e semelhante a'êle da tribo de Levi:

8 Estabeleceu com êle um pacto eterno, e lhe deu o Sacerdócio da Nação: E o fêz bem-aventurado em glória,

9 e o cingiu duma faixa de glória, e o revestiu duma vestidura também de glória, e o coroou com adornos de preciosidade.

10 Pôs-lhe a vestidura talar, e a túnica interior, e o efod, e o cingiu ao redor dum grande número de campainhas de ouro.

(1) **APLACOU OS MONSTROS** — Porque Moisés não só por ordem de Deus enviava pragas sobre o Egito, mas também as fazia cessar. — **Pereira.**

(2) **DIANTE DOS REIS** — Tais como Faraó, Agag, Og, e Sebon, que Moisés privou dos seus reinos, e matou, vindo a conseguir por isso uma grande glória. — **Menochio.**

11 A fim de repetir o sonido delas quando andasse, para fazer ouvir no templo êste mesmo sonido por modo de advertência aos filhos da sua gente.

12 A vestidura santa, de ouro e de jacinto, e de púrpura, obra tecida, dum varão sábio, dotado de juízo e de verdade: (3)

13 De fio de escarlate torcido, obra de grande artifício, de pedras preciosas gravadas em engaste de ouro, e entalhadas por indústria de lapidário para avivar a memória do número das tribos de Israel. (4)

14 Havia sôbre a sua mitra uma coroa de ouro esculpida com sêlo de santidade, e com glória de honra: Obra de muito primor, e adôrno que levava após si os olhos de todos. (5)

15 Trajos tão majestosamente airosos como êstes não houve antes dêle desde o princípio do mundo.

16 Dela se não vestiu pessoa alguma de outra fa-

(3) **A VESTIDURA SANTA** — Entende-se o racional, que era uma tira quadrada do tamanho dum palmo, que o Sumo Pontífice trazia ao peito, e na qual estavam escritas estas duas palavras: *Urim et Tummim*, que querem dizer: Doutrina e Verdade. *Ex* 28, 15-30. — **Pereira.**

(4) **PARA AVIVAR A MEMÓRIA** — Ou o sentido é, para avivar ao pontífice a memória das tribos de Israel, e orar a Deus por elas; ou para que a Deus, vendo ao mesmo pontífice vestido de Racional, viesse, por assim dizer, a se lhe excitar a lembrança dos filhos de Israel, cujos nomes naquelas pedras via gravados e esculpidos. — **Menochio.**

(5) **COM SÊLO DE SANTIDADE** — Era a lâmina de ouro, de que fala o *Ex.* 28, 36, em que estava gravada a letra: *Sanctum Dominum*, isto é: a santidade do Senhor. — **Pereira.**

COM GLÓRIA DE HONRA — Com ornamento honorífico e majestoso, em que resplandecia a glória da Sabedoria e Onipotência de Deus.

mília, mas só unicamente os seus filhos, e os seus netos por todo o decurso das idades. (6)

17 Os seus sacrificios foram todos os dias consumidos pelo fogo. (7)

18 Moisés lhe sagrou as mãos, e o ungiu dum óleo santo. (8)

19 Foi-lhe concedido a êle, e à sua descendência por um pacto eterno como os dias do Céu, o exercer as funções do sacerdócio, e cantar louvores, e bendizer ao seu povo em seu nome.

20 Êle o escolheu dentre os viventes para oferecer a Deus o sacrificio, o incenso e o bom cheiro, a fim do mesmo Deus se lembrar do seu povo fazendo-o assim propício.

21 E lhe deu poder acêrca de seus preceitos, das alianças de seus juízos, para ensinar as suas ordenações a Jacó, e para dar à luz a Israel em ordem à intelligência da sua lei. (9)

22 Porque contra êle se sublevaram os estranhos, e por inveja o cercaram no deserto homens, que eram do partido de Datan e Abiron, e a facção de Coré tôda acêsa em ira.

23 Viu isto o Senhor Deus, e não lhe agradou, e foram consumidos pela impetuosidade de sua iracúndia.

(6) **DELA** — Isto é, desta coroa, e dos mais ornamentos de pontífice.

DE OUTRA FAMÍLIA — Que não fôsse dos filhos de Aarão. — **Menochio**.

(7) **TODOS OS DIAS** — O que se entende do sacrificio peregrino, que se oferecia de manhã e de tarde todos os dias. Núm 28, 3. — **Pereira**.

(8) **LHE SAGROU AS MÃOS** — Veja-se esta cerimônia e rito no cap. 8, do Levítico. — **Pereira**.

(9) **DAS ALIANÇAS DE SEUS JUÍZOS** — A razão disto se acha no Dt 17, 8.9. — **Pereira**.

24 Obrou nêles monstruosos prodígios, e consumiu-os com chamas de fogo.

25 E acrescentou a glória a Aarão, e lhe deu uma herança, e lhe concedeu as primícias dos frutos da terra.

26 Nas mesmas primícias lhe preparou pão com fartura: Porque até comerão dos sacrifícios do Senhor, os quais lhe deu a êle, e à sua descendência.

27 Mas não herdará as gentes na terra, nem êle tem porção entre os da sua nação: Porque o mesmo Deus é a sua porção e herança.

28 Finéias, filho de Eleazar, é o terceiro na glória, imitando aquêle no temor do Senhor. (10)

29 E estando firme na airona da nação: Pela bondade e zelosa prontidão da sua alma aplacou a Deus para bem de Israel.

30 Por isso é que Deus fêz com êle aliança de paz, constituindo-o príncipe do santuário e do seu povo, para que tivesse êle e a sua linhagem a dignidade de sacerdócio para sempre.

31 Também fêz outra aliança com o rei Davi, filho de Jessé, da tribo de Judá, fazendo-o herdeiro a êle e à sua linhagem, a fim de dar sabedoria ao nosso coração, de julgar o seu povo em justiça, para que não perecessem os bens dos mesmos, e fêz eterna a glória dêles em sua nação. (11)

(10) **E' O TERCEIRO NA GLÓRIA** — A Aarão seguiu-se Eleazar, a Eleazar Finéias.

(11) **TAMBÉM FÊZ** — Assim como Deus prometeu a Davi um reino perpétuo, do mesmo modo a Finéias um sacerdócio eterno: um sacerdócio hereditário, que havia de passar a seus filhos, e a seus netos, assim, como também o reino aos de Davi; para que Finéias e os mais sacerdotes ensinassem aos israelitas a sabedoria, e que Davi, e os outros reis igualmente os governassem com justiça; para que não ficassem inúteis "os bens dos mesmos", isto é, os

CAPÍTULO 46

ELOGIOS DE JOSUÉ, E DE CALEB, DOS JUIZES EM GERAL, E EM PARTICULAR DE SAMUEL.

1 Jesus de Nave forte na guerra, sucessor de Moisés entre os profetas, aquêlê que segundo o seu nome foi grande, (1)

2 muito maior se ostentou em salvar aos escolhidos de Deus, em derrotar os inimigos que contra êle se levantavam, a fim de conseguir para Israel a sua herança.

3 Que glória não alcançou êle em levantar as suas mãos, e em menear contra as cidades o seu montante? (2)

4 Quem antes dêle combateu assim? Porque o mesmo Senhor lhe trouxe às mãos os seus inimigos.

5 Não é assim que por impulso da sua ira ficou o sol parado, e que um dia veio a ser tão comprido como dois?

6 Êle invocou o Altíssimo Poderoso quando atacava aos inimigos por tôdas as partes, e ouviu-o o grande e santo Deus, enviando pedras de saraiva de mui rija violência, (3)

benefícios que Deus fizera a Davi, a Finéias, e ao povo de Israel, “e fêz eterna a glória dêles” isto é, a sua dignidade, o seu poder, não acabando nêles, mas passando a seus descendentes. — Menochio.

(1) **JESUS DE NAVE** — Isto é, Jesus filho de Naves. Os gregos chamam assim: Josué, filho de Nun, que por um antiquíssimo erro e vício dos copistas é chamado filho de Nave.

FOI GRANDE — A palavra Jesus significa em hebreu salvação, mas Josué pode traduzir-se por salvador dado por Deus.

(2) **EM LEVANTAR AS SUAS MÃOS** — Alude, ao que parece, à expedição de Josué contra a cidade de Hai. Jos 8, 26. — Pereira.

(3) **PEDRAS DE SARAIVA** — Veja-se o Livro de Jos 10, 11.

7 deu com ímpeto sôbre uma gente inimiga, e derrotou na descida aos contrários,

8 para que as nações conhecessem o seu poder, pois não é fácil pelear contra Deus. E foi após do Todo-Poderoso:

9 E nos dias de Moisés fêz uma ação de misericórdia êle, e Caleb, filho de Jefone, contrastando com o inimigo, e indo à mão ao povo para que não pecasse, e rebatendo a murmuração de malícia.

10 E sendo escolhidos êstes dois, foram livres do perigo dentre o número de seiscentos mil homens de pé, a fim de os introduzir na sua herança, numa terra que mana leite e mel.

11 E deu o Senhor ao mesmo Caleb fortaleza, e lhe durou êste vigor até à velhice, para subir a um lugar elevado da terra, e a sua descendência o possuiu por herança:

12 Para que todos os filhos de Israel vissem que é bom obedecer ao santo Deus.

13 E os juizes apontados cada um por seu nome cujo coração não foi pervertido: Os quais não se apartaram do Senhor,

14 para que a sua memória esteja em bênção, e os seus ossos reverdeçam do seu lugar, (4)

15 e dure perpétuamente o seu nome, passando a seus próprios filhos, com a glória daqueles santos varões.

16 Samuel, profeta do Senhor, foi amado do Senhor

(4) **REVERDEÇAM DO SEU LUGAR** — Era esta, como adverte Calmet, uma fórmula de desejar bom sucesso aos cadáveres dos que tinham morrido em piedade, na qual se indica e recomenda a esperança da futura Ressurreição. Com êle também se alude ao costume de colocar os sepulcros nos hortos, e lugares amenos. Confira-se Is 66, 14.

seu Deus, êle instituiu um govêrno novo, e ungiu os príncipes na sua nação. (5)

17 Julgou a sinagoga segundo a lei do Senhor, e Deus olhou com olhos propícios para Jacó, e foi pela sua fé aprovado por verdadeiro profeta.

18 E foi reconhecido fiel nas suas palavras, porque viu ao Deus de luz. (6)

19 E invocou o Senhor Todo-Poderoso, com a oferta dum cordeiro sem mácula quando combatia contra os inimigos que o cercavam de todos os lados.

20 E o Senhor trovejou do Céu, e com um grande estrondo fêz ouvir a sua voz;

21 e desfez o poder dos príncipes de Tiro, e de todos os chefes dos filisteus:

22 E antes do prazo do fim da sua vida e século, deu testemunho na presença do Senhor, e de seu Ungido, de que não tinha tomado de pessoa alguma dinheiro nem ainda sapatos, e não se achou homem que o pudesse acusar.

23 E depois disto dormiu Samuel o sono da morte, e apareceu ao rei, e lhe predisse o fim da sua vida, e saindo da terra, levantou a sua voz, profetizando o golpe, que estava para se descarregar sôbre a impiedade da nação.

(5) **UM GOVERNO NOVO** — Dando rei aos israelitas contra sua vontade, 1 Rs 3, 7-22, e a despeito do mesmo Deus por essa causa indignado. Os 13, 11.

(6) **PORQUE VIU AO DEUS DE LUZ** — Em razão do espírito de profecia de que foi dotado, e das revelações em que se deu a conhecer, e da fala que teve com o Senhor 1 Rs 3, quando lhe declarou o castigo que estava para executar na família de Heli.

CAPÍTULO 47

**ELOGIOS DE NATAN, DE DAVI, E DE SALOMÃO. QUEDA DÊSTE
PRÍNCIPE. MAU PROCEDIMENTO DE ROBOÃO. IMPIEDADE
DE JEROBOÃO. INFIDELIDADE DOS ISRAELITAS.**

1 Depois disto se levantou o profeta Natan em tempo de Davi.

2 E assim como a gordura fica separada da carne, assim Davi foi apartado dos filhos de Israel.

3 Brincou com os leões como com uns cordeiros: E tratou igualmente os ursos como cordeiros de ovelhas na sua mocidade.

4 Porventura não foi êle o que matou o gigante, e o que tirou o opróbrio da sua nação?

5 Levantando a mão, com a pedra da funda fêz cair por terra o orgulho de Golias:

6 Porque êle invocou o Senhor Todo-Poderoso, o qual deu à sua destra fôrça para derrubar um homem valente na guerra, e para exaltar o poder da sua nação.

7 Assim o engrandeceu o Senhor com a glória de matar dez mil homens, e fêz com que o louvassem pelas suas bênçãos, oferecendo-lhe a coroa de glória:

8 Porque desbaratou os inimigos de tôdas as partes, e exterminou os filisteus seus contrários até o dia de hoje: Desfez o poder dos mesmos para sempre.

9 Em tôdas as suas obras deu graças ao Santo e ao Excelso com palavras anunciadoras da sua glória.

10 De todo o seu coração louvou ao Senhor, e amou a Deus, que o criou: O qual lhe deu valor contra os inimigos:

11 E estabeleceu cantores para estarem diante do altar, e acompanhou os seus cantos de suaves concêrtos de música.

12 E prescreveu o decôro nas festividades, e afor-moseou os dias solenes até o fim da sua vida, para que louvassem o santo nome do Senhor, e engrandescessem desde manhã a santidade de Deus.

13 O Senhor o purificou dos seus pecados, e exaltou para sempre o seu poder: E lhe confirmou a aliança do reino, e o trono de glória, em Israel.

14 Depois dêle se levantou seu filho sábio, e por amor do mesmo destruiu todo o poder de seus inimigos.

15 Salomão reinou em dias de paz, ao qual sujeitou Deus todos os seus inimigos, para que fundasse uma casa em seu nome, e lhe preparasse um santuário eterno: Que bem instruído fôste na tua mocidade,

16 e quão cheio te achaste de sabedoria, como um rio, e quanto não descobriu a tôda a terra a tua alma.

17 Também encerraste enigmas em parábolas: O teu nome se fêz célebre até às ilhas mais remotas, e fôste amado na tua paz.

18 Admiraram-se as terras dos teus cânticos, e pro-vérbios, e parábolas, e interpretações,

19 e do Nome do Senhor Deus, que tem por sobre-nome o Deus de Israel.

20 Ajuntaste o ouro como latão, e amontoaste a prata como chumbo,

21 e inclinaste as tuas coxas às mulheres: Tiveste quem dominasse sobre teu corpo,

22 puseste mácula na tua glória, e profanaste a tua geração, fazendo com que viesse a ira sobre teus filhos, e com que se excitasse a tua loucura,

23 para com efeito chegares a ser causa de ficar dividido em dois bandos o reino, e de sair de Efraim uma dominação rebelde.

24 Mas Deus não se esquecerá da sua misericórdia, e não destruirá, nem aniquilará as suas obras, nem arran-

cará pela raiz os netos do seu escolhido: E não destruirá a linhagem daquele que ama ao Senhor.

25 Por isso deixou relíquias a Jacó, e a Davi garfos da própria família.

26 E finalizou a vida Salomão com seus pais.

27 E deixou depois de si a um de seus filhos, que foi a estultícia da sua nação, .

28 e um homem falto de prudência, por nome Robão, que alienou de si a nação com o seu conselho:

29 E a Jeroboão, filho de Nabat, que fez pecar a Israel, e abriu a Efraim caminho de pecar, e assim é que inundaram os pecados deles em mui crescido número.

30 Estes pecados vieram muitas vêzes a lançá-los fora da sua terra.

31 E buscou todo o gênero de maldades, até que sobre eles veio a vingança e esta os livrou de todos os pecados. (*)

CAPÍTULO 48

ELOGIOS DE ELIAS, DE ELISEU, DE EZEQUIAS E DE ISAÍAS.

1 Também se levantou o profeta Elias, como um fogo, e as suas palavras ardiam como um facho.

2 O qual fez vir sobre eles a fome, e os que o irritavam pela sua inveja, foram reduzidos a poucos. Porque não podiam suportar os preceitos do Senhor. (1)

(*) **E ESTA OS LIVROU** — Ou o sentido é, que a vingança pôs termo aos seus pecados fazendo-os emendar da culpa, ou que Deus finalmente os livrou do cativeiro de Babilônia, e os extralou da superstição, em que por tanto tempo haviam jazido. Estas palavras não se acham no grego. — Menochio e Calmet.

(1) **A FOME** — Veja-se o 3 Rs 17, 1, com o Evangelho de S. Lucas 4, 25, e S. Tiago na sua Católica 5, 17. — Pereira.

PELA SUA INVEJA — O intérprete latino verteu aqui por inveja a palavra grega, que também na mesma língua significa zêlo,

3 Com a palavra do Senhor fechou o céu, e fez cair fogo do mesmo céu por três vêzes. (2)

4 Assim foi engrandecido Elias pelos seus milagres. E quem se pode igualmente gloriar como tu?

5 Que pela palavra do Senhor Deus fizeste sair um morto dos infernos, arrancando-o do poder da morte. (3)

6 Que precipitaste os reis na última desgraça, e desfizeste sem trabalho o seu poder, e achando-se eles sublimados no auge da glória os reduziste do seu leito à sepultura. (4)

de onde vem poder entender-se do que tinha Elias da glória do Senhor.

FORAM REDUZIDOS A POUCOS — Os profetas de Baal provocaram o ardor de Elias, e ele só à vista do povo os matou no monte Carmelo: depois, supondo estar Deus já aplacado, consentiu que chovesse, restituindo à terra a sua fertilidade, 3 Rs 18., 40-45. O grego lê somente. "Mandou sobre eles uma apertada fome, e seu zelo os reduziu a poucos." Matou a muitos a fome. — Calmet.

OS PRECEITOS — Quebravam a lei de Deus, que lhes vedava a idolatria. — Menochio.

(2) **FECHOU O CÉU** — Para que não chovesse, 3 Rs 17, 1. — Menochio.

POR TRÊS VÊZES — Duas sobre os soldados, 4 Rs 1, 10. 12, outra no sacrifício de Baal 3 Rs 18, 38. — Pereira.

(3) **FIZESTE SAIR UM MORTO DOS INFERNOS** — Assim se verificou, quando Elias ressuscitou o filho da viúva, de Sarepta. 3 Rs 17, 22. — Calmet.

(4) **QUE PRECIPITASTE OS REIS NA ÚLTIMA DESGRAÇA** — Elias predisse a ruína de Acab, 3 Rs 21, 19, de Ocozias 4 Rs 1, 10, e dos dois Jorões, 4 Rs 9, 24-26; 1 Par 21, 12. E a Escritura costuma atribuir aos profetas a execução dos sucessos que eles predizem. — Calmet.

OS REDUZISTE — Entende-se o verbo acima "dejecisti." Fala-se neste lugar das predições que Elias fez a Ocozias. — Pereira.

7 Que ouves no Sinai o juízo do Senhor, e no Horeb os decretos da sua vingança. (5)

8 Que sagras reis para vingar crimes, e fazes profetas para sucessores depois de ti. (6)

9 Que foste arrebatado ao céu num redemoinho de fogo, numa carroça tirada por cavalos ardentes. (7)

10 Que estás registado nos decretos dos tempos para abrandar a ira do Senhor: Para reunir os corações dos pais a seus filhos, e para restabelecer as tribos de Jacó. (8)

11 Bem-aventurados são os que te viram, e que foram honrados na tua amizade. (9)

(5) **O JUÍZO DO SENHOR** — O grego: Que ouves no Sinai as ameaças ou increpação do Senhor contra os israelitas, e em Horeb os juízos da sua vingança.

(6) **PARA VINGAR CRIMES** — E' conforme ao grego, ao qual neste passo exprimiram também Sacy, e de Carrières. A Vulgata diz: para a penitência. Elias recebeu ordem de Deus para ungir reis a Jeú e a Azael, que elle destinara para vingar as iniqüidades da casa de Acab. Mas Eliseu foi o que executou a ação de ungir. — Calmet.

SUCESORES DEPOIS DE TI — Alude-se aqui principalmente à vocação de Eliseu. — Calmet.

(7) **QUE FOSTE ARREBATADO** — Veja-se o livro 4 Rs 2, 11. — Pereira.

(8) **QUE ESTÁS REGISTADO** — Ou, segundo a explicação de Calmet: "Que estás destinado para abrandar a ira do Senhor pelos juízos, que tu exercerás no tempo prescrito. Elias mandado por Deus no fim do mundo, como está profetizado por Mal 4, 5, fará com que os hebreus entendam a lei, do mesmo modo que a entenderam os seus antigos patriarcas, vindo a ensinar aos filhos a intelligência dos pais que isto quer dizer, segundo S. Agostinho no livro 20, da Cidade de Deus cap. 29, o reunir, ou conciliar o coração dos pais com os filhos. — Pereira.

(9) **BEM-AVENTURADOS** — Este lugar pode entender-se, ou dos que tiveram conhecimento de Elias na sua idade, ouvindo-o

12 Porque nós vivemos só durante esta vida, mas o nosso nome não viverá assim depois da nossa morte. (10)

13 Elias foi por certo envolto num redemoinho, mas o seu espírito ficou todo em Eliseu: Este não temeu a príncipe algum em seus dias, e em poder ninguém o venceu.

14 Nem o dobrou palavra alguma, e ainda depois de morto profetizou o seu corpo. (11)

15 Em sua vida fêz prodígios, e na morte obrou milagres.

16 Com tôdas estas maravilhas o povo não fêz penitência, nem êles se tiraram dos seus pecados, até que foram enfim lançados da sua terra, e espalhados por todo o mundo:

17 E ficou mui pouca gente, e um príncipe na casa de Davi. (12)

18 Alguns dêles fizeram o que era do agrado de Deus: Mas outros cometeram muitos pecados. (13)

19 Ezequias fortificou a sua cidade, e encanou água

e tratando com êle, ou dos que o hão de ter no fim do mundo, tirando fruto da sua pregação, e doutrina. — Pereira.

(10) **PORQUE NÓS VIVEMOS SÓ** — Vem a dizer o Sábio, que a nomeada ou boato do nome, que deixa cada um depois da sua morte, nunca poderá competir com o de Elias, que tem o privilégio de estar reservado ainda vivo com admiração de todo o Orbe, para cumprir no fim do mundo com o seu ministério. — Pereira.

(11) **PROFETIZOU O SEU CORPO** — A razão é, porque ainda ali os ossos de Eliseu, que deram vida ao cadáver que o tocou, 4 Rs 13, 21, estavam profetizando que também haviam de ressuscitar; ou porque vinham com aquêlle milagre a confirmar a verdade dos seus dogmas e vaticínios. — Pereira.

(12) **MUI POUCA GENTE** — Levadas cativas pelos assírios as dez tribos, ficou só a de Judá, e a de Benjamim com o seu rei da casa de Davi. — Menochlo.

(13) **ALGUNS DÊLES** — Isto é, dos reis de Judá, como Davi, Josafat, Ezequias, Josias. — Menochlo.

para o centro dela, e abriu com ferro um rochedo, e fêz um poço para conservar água. (14)

20 Em tempo do seu reinado veio Senaquerib, e enviou a Rabsaces, e alçou a sua mão contra êles, e levantou a sua mão contra Sião, e se fêz soberbo com o seu poder. (15)

21 Então ficaram sobressaltados os seus corações e as suas mãos: E sentiram-se cheios de dores como as mulheres que estão no parto.

22 E invocaram o Senhor misericordioso, e estendendo as mãos, levantaram-nas ao céu: E o Santo Senhor Deus ouviu depressa a sua voz.

23 Não se lembrou dos pecados dêles, nem os entregou a seus inimigos, mas purificou-os por mão do santo profeta Isaías.

24 Dissipou o campo dos assírios, e fê-los em migalhas o anjo do Senhor. (16)

25 Porque Ezequias obrou o que era do agrado de Deus, e andou com fortaleza pelo caminho de Davi seu pai, o qual caminho lhe recomendou Isaías, profeta grande, e fiel diante de Deus. (17)

(14) **E ENCANOU** — Como Ezequias mandou divertir as águas da fonte Gion, fazendo um aqueduto para as introduzir na cidade, motivo por que foi necessário abrir a ferro a penha de que se fala. Veja-se o livro 4 Rs 20, 26; com o 2 Par 32, 3. 4. 30, e Is 22, 11. — **Pereira.**

(15) **E SE FÊZ SOBERBO** — No livro 4 dos Reis, e em Isaías se lêem as blasfêmias de Senaquerib, negando que houvesse Deus algum, que pudesse resistir ao seu poder. — **Pereira.**

(16) **O ANJO DO SENHOR** — Veja-se o Livro 4 Rs 19, 35, o 2 Par 32, 21, Tob 1, 21; Is 37, 36, com o 1 Mac 7, 41, e 2 Mac 8, 19.

(17) **E ANDOU COM FORTALEZA** — E constantemente cultivou a verdadeira piedade e Religião, seguindo a Davi seu ascendente. — **Menochio.**

26 Em seus dias tornou para trás o sol, e êle prolongou a vida do rei. (18)

27 Com o seu grande espírito viu os últimos tempos, e consolou aos que choravam em Sião. Até o fim dos séculos. (19)

28 Mostrou as coisas futuras, e as escondidas antes que elas acontecessem.

CAPÍTULO 49

ELOGIOS DE JOSIAS, DE JEREMIAS, DE EZEQUIEL, DOS DOZE PROFETAS MENORES, DE ZOROBABEL, DO PONTIFICE JESUS, DE NEEMIAS, DE HENOC, E DE JOSÉ, DE SEM, DE SET, E DE ADÃO.

1 A memória de Josias é como a fragrante composição de vários aromas feita por indústria dum perito oficial desta arte.

2 Em tôda a bôca será doce a sua lembrança como o mel, e como um concêrto de música em banquete de vinhos.

3 Êle foi divinamente destinado para excitar a nação à penitência, e o que exterminou as abominações da impiedade.

4 E dirigiu o seu coração para o Senhor, e nos dias dos pecadores fortificou a piedade.

(18) **TORNOU PARA TRÁS O SOL** — Veja-se 4 Rs 20, 11, e Is 38, 3. — Pereira.

(19) **VIU OS ÚLTIMOS TEMPOS** — Com espírito profético viu o que havia de acontecer nos últimos tempos e as coisas concernentes ao Messias. — Menochio.

AOS QUE CHORAVAM — A Ezequias, e aos outros judeus aterrados com o medo de Senaquerib; também aos homens pios que deploravam as desgraças e maldades do seu tempo, aos quais alenta com a esperança da vinda do Messias. — Menochio.

5 Exceto Davi, Ezequias, e Josias, todos cometeram pecado: (1)

6 Porque deixaram a lei do Altíssimo os reis de Judá, e desprezaram o temor de Deus.

7 Por isso largaram a outros o seu reino, e a sua glória a uma nação estrangeira. (2)

8 Incendiaram a escolhida cidade de santidade, e fizeram um deserto das suas ruas conforme a predição de Jeremias.

9 Porque êles maltrataram aquêle que foi consagrado profeta desde o ventre de sua mãe, para tornar, e arrancar, e destruir, e depois reedificar, e renovar. (3)

10 Quanto a Ezequiel, êle foi o que viu aquela visão de glória, que lhe representou o Senhor na carroça dos querubins.

11 Porque êle designou por uma chuva os males, que estavam para vir aos inimigos, e os bens reservados para aquêles que mostraram com efeito andar por caminhos direitos.

12 Também os ossos dos doze profetas reverdeçam do seu lugar: Porque êles fortificaram a Jacó, e se resgataram pela fé da sua virtude.

13 Como engrandeceremos nós a Zorobabel? porque êle também foi como um anel na mão direita,

(1) **TODOS COMETERAM PECADO** — Entende-se caindo na idolatria, ou tolerando o seu uso, como fizeram Josafat, e Asa, que no mais deixaram bom nome. — Calmet.

(2) **LARGARAM A OUTROS** — O fruto que tiraram do seu pecado foi verem-se despojados do reino e de glória, e depois de levados para o cativeiro, servirem a nações estranhas, e entregarem verdadeiramente a outros o seu domínio. 4 Rs 16, 7. — Menochio e Calmet.

(3) **PORQUE ELES MALTRATARAM** — Todo êste verso é alusivo aos lugares de Jer 38, 9, Tren 1, 5-10.

14 e do mesmo modo a Jesus, filho de Josedec? os quais em seus dias edificaram a casa, e levantaram ao Senhor o seu santo templo, destinado para uma glória sempiterna.

15 Também Neemias viverá na memória de largo tempo, o qual nos levantou os muros derribados, e fêz estabelecer as portas e fechaduras, e levantou nossas casas.

16 Nenhum nasceu sobre a terra como Henoc: Porque êle até foi trasladado da terra.

17 Nem como José, que já nasceu homem, para ser o príncipe de seus irmãos, o esteio da nação, o regente de seus mesmos irmãos, o firme arrimo do povo:

18 E os seus ossos foram visitados, e depois da sua morte profetizaram.

19 Set, e Sem alcançaram glória entre os homens: E sobre tôda a alma com a singularidade da sua origem Adão.

CAPÍTULO 50

ELOGIOS DO SUMO PONTIFICE SIMÃO, FILHO DE ONIAS. OS FILHOS DE ISRAEL EXORTADOS A IMPLORAR OS SOCORROS DO SENHOR. TRÊS POVOS DIGNOS DE ÓDIO. AUTOR DESTE LIVRO. DITOSOS OS QUE SE APROVEITAREM DAS SUAS INSTRUÇÕES

1 Simão, filho de Onias, sumo pontífice, foi o que em sua vida reparou a casa do Senhor, e em seus dias fortificou o templo. (1)

(1) **SIMÃO** — A história do povo hebreu faz menção de dois Simões filhos de Onias, e ambos sumos sacerdotes. A qual dêles pertença o elogio que se faz aqui não decidem ao certo os expositores. Contudo a opinião mais bem recebida é que neste lugar se fala de Simão segundo, cujas ações se encontram referidas no livro 3 Mac 2, 1. — **Pereira.**

FORTIFICOU O TEMPLO — Que depois da reedificação por Zorobabel estava arruinado e aluído. — **Menochio.**

2 Por êle foi também fundada a altura do templo, a dobrada fábrica e as altas paredes do mesmo templo. (2)

3 Em seus dias manaram os poços das águas, e se encheram extraordinariamente, como mar. (3)

4 Êle teve um particular cuidado do seu povo e o livrou da perdição.

5 Êle foi assaz possante para engrandecer a cidade, êle pelo trato com a nação alcançou glória: E alargou a entrada da casa e do Átrio.

6 Brilha como o luzeiro da manhã no meio da névoa, e como a lua cheia nos dias da sua maior claridade.

7 E como o sol que resplandece, assim êle resplandeceu no Templo de Deus.

8 Como o arco-íris que reluz entre as nuvens de glória, e como flor de rosas nos dias da Primavera, e como lírios que estão à corrente de água, e como incenso que exala fragrância na estação do Estio.

9 Como chama refulgente, e incenso que arde no fogo.

10 Como vaso de ouro maciço, ornado de tôda a casta de pedras preciosas.

11 Como oliveira que brota, e como cipreste que se eleva ao alto, êle se pareceu ao tomar a sua vestidura de glória, e ao revestir-se completamente de todos os ricos ornamentos da sua dignidade.

(2) **A DOBRADA FABRICA** — O grego: “E por êste foi fundada a altura da dobrada muralha, o alto reparo do âmbito do templo. Fala-se aqui das obras que naquela idade se acrescentaram ao templo, que era tido como uma fortaleza. — *Pereira.*”

(3) **OS POÇOS DAS AGUAS** — Os depósitos das águas abundaram delas, reparados os rotos canais e aquedutos, que até ali as diminuíam. — *Pereira.*

12 Subindo ao Santo Altar, deu glória à vestidura de santidade. (4)

13 E quando tomava as porções da mão dos Sacerdotes, estando êle também em pé junto do Altar. E no ato em que o cercava o Côro dos irmãos: Em tôdas estas ocasiões êle se ostentava como planta de cedro no monte Líbano, (5)

14 vindo a ficarem dêste modo em tórno dêle como ramos de palma também todos os filhos de Aarão no meio da sua glória. (6)

15 A oblação pois em honra do Senhor estava nas mãos dêles, na presença de todo o congresso de Israel: E indo consumir o sacrifício sôbre o Altar, para o oferecer com a majestade da cerimônia devida a uma oblação do Rei excelso,

16 estendeu a sua mão na libação, e derramou o licor da uva. (7)

(4) **DEU GLÓRIA** — Isto é, não desautorizou, antes honrou, com a sua gravidade e modéstia, os ornamentos da sua dignidade. Representa-se aqui o Pontífice subindo ao Altar para fazer o sacrifício com todo o aparato sacerdotal. — *Pereira.*

(5) **AS PORÇÕES** — As partes da vítima, que sôbre o Altar haviam de ser consumidas, como se vê do Lev 3. Alguns entendem isto das partes da vítima que pertenciam, segundo a Lei, ao mesmo Sacerdote.

DOS IRMÃOS — Dos demais Sacerdotes, que pertenciam à família de Aarão. — *Pereira.*

NO MONTE LÍBANO — Tendo à roda de si outros cedros mais pequenos. — *Menochio.*

(6) **DE PALMA** — Que na raiz costuma criar outras palmas como filhinhos mais pequenos. — *Calmet.*

(7) **ESTENDEU** — Queimada a grossura da vítima pacífica, o Pontífice recebeu a taça da mão dos Sacerdotes, e lançou o vinho, segundo o costume, sôbre o fogo. — *Calmet.*

O LICOR DA UVA — À letra: “o sangue da uva” conforme a expressão dos hebreus. — *Pereira.*

17 Derramou ao pé do Altar o cheiro divino ao Príncipe excelso.

18 Então exclamaram os filhos de Aarão, tocaram as suas trombetas feitas a golpes de martelo, e fizeram ressoar um grande concêrto para renovarem a sua memória diante do Senhor.

19 Então o Povo todo apressado concorreu em chusma, e cada um se prostrou sôbre seu rosto em terra, para adorar ao Senhor seu Deus, e oferecer votos ao Onipotente Deus excelso.

20 E os cantores levantaram as suas vozes, e naquella grande casa se aumentou um som cheio de suavidade.

21 E rogou o povo ao Senhor Excelso fazendo-lhe as suas preces, até que ficou de todo completo o sacrificio em honra do Senhor, e elles acabaram as funções do seu ministério.

22 Então o Sumo Sacerdote descendo do Altar, alçou as suas mãos sôbre todo o Congresso dos filhos de Israel, para dar glória a Deus com seus lábios, e para se gloriar no seu Nome:

23 E repetiu a sua Oração, querendo mostrar o poder de Deus. (8)

24 E agora rogai ao Deus de todos, que fêz grandes coisas em tôda a terra, que aumentou nossos dias

(8) **E REPETIU** — Porque depois que Simão acabou o sacrificio, a que assistiu Filopator, e vendo que este Príncipe queria entrar por força no Santuário, pois o atalhavam, aquêlê Sumo Sacerdote, pondo-se de joelhos e levantadas as mãos ao Céu, tornou de novo a orar pedindo a Deus que suspendesse os passos a Ptolomeu, como de fato o veio a alcançar. Veja-se a descripção dêste successo, no livro 3 Mac a que neste capítulo se alude, 1, 9 s; 2, 1 s. — **Pereira.**

desde o ventre de nossa mãe, e obrou conosco segundo a sua misericórdia:

25 Que nos dê alegria de coração, e que se faça paz em nossos dias em Israel por dias sempiternos:

26 Que creia Israel que está conosco a misericórdia de Deus, para que nos livre em seus dias.

27 Dois povos aborrece a minha alma: E o terceiro que eu aborreço, não é um povo: (9)

28 Os que habitam no monte Seir, e os filisteus, e o povo insensato, que mora em Siquém.

29 Neste livro escreveu instruções de sabedoria e de disciplina Jesus, filho de Sirac, natural de Jerusalém, o qual restaurou a sabedoria que derramou do seu coração.

30 Bem-aventurado o que se ocupa nestes bens: O que os conserva em seu coração será sempre sábio.

31 Porque se ele praticar êstes documentos, ficará com forças para se saber dirigir em tudo: Porque a luz de Deus é o seu rasto.

CAPÍTULO 51

AÇÕES DE GRAÇAS DO AUTOR DÊSTE LIVRO. DE QUE MODO ALCANÇOU ELE A SABEDORIA. EXORTAÇÃO PARA A BUSCAR.

1 Oração de Jesus, filho de Sirac: Glorificar-te-ei, soberano rei, louvar-te-ei Deus, salvador meu. (1)

(9) **DOIS POVOS ABORRECE A MINHA ALMA** — Estes povos são os idumeus, os filisteus e os samaritanos. — *Pereira.*

(1) **ORAÇÃO** — O autor dêste livro põe o selo à doutrina, que até aqui escreveu, com esta oração, em que dá graças a Deus pelo ter livrado de muitos e graves perigos da sua vida. — *Pereira.*

SOBERANO REI — à letra: Senhor Rei. — *Pereira.*

2 Glorificarei o teu nome: Porque te fizeste o meu ajudador e protetor,

3 e livraste ao meu corpo da perdição, do laço da língua iníqua, e dos lábios dos forjadores da mentira, e à vista dos que estavam contra mim te declaraste meu ajudador.

4 E me livraste, segundo a grandeza da misericórdia do teu nome, dos que rugiam, preparados para me devorarem.

5 Das mãos dos que procuravam tirar-me a vida, e das portas das tribulações que me cercaram:

6 Da violência da chama, que me cercou, e eu no meio do fogo não senti o calor:

7 Das profundas entranhas do inferno, e da língua impura, e da palavra de mentira, dum rei iníquo, e da língua injusta: (2)

8 A minha alma louvará o Senhor até à morte,

9 pois a minha vida perto estava de dar consigo nas profundezas do inferno. (3)

10 Cercaram-me de tôdas as partes, e não havia quem me ajudasse. Estava olhando para o socorro dos homens, e não aparecia.

11 Lembrei-me da tua misericórdia, Senhor, e das tuas obras, que existem desde o princípio dos séculos:

12 Porque livras aos que esperam em ti, Senhor, e os salvas das mãos das nações.

13 Tu me fizeste na terra uma elevada habitação e eu te roguei que me livrasses de ser arrebatado na torrente da morte.

(2) **DE UM REI INÍQUO** — De Ptolomeu, segundo Menochio. De Antfoco Epifanes, como conjectura Calmet. O grego: e da falsa delação feita ao rei contra mim. — **Pereira.**

(3) **DO INFERNO** — Da morte, ou do sepulcro. — **Menochio.**

14 Eu invoquei ao Senhor pai de meu Senhor, para que me não deixe sem socorro no dia da minha tribulação e durante o reino dos soberbos.

15 Louvarci incessantemente o teu nome, e celebrá-lo-ei na minha confissão, pois foi atendida a minha oração.

16 E livraste-me da perdição e tiraste-me do tempo de apêto.

17 Por isso eu te glorificarei, e cantarei os teus louvores, e bendirei o Nome do Senhor.

18 Quando eu ainda era moço, antes de me retirar para longe, busquei abertamente a sabedoria na minha oração. (4)

19 À face do templo eu instava por ela, e buscá-la-ei até ao fim da minha vida. E assim floresceu como uva temporã,

20 o meu coração se alegrou nela. O meu pé andou caminho direito, desde a minha mocidade procurava seguir-lhe o rasto.

21 Inclinei um pouco o meu ouvido, e logo a percebi.

22 Muita sabedoria achei em mim mesmo, e muito aproveitei nela.

23 Ao que me dá sabedoria, dar-lhe-ei glória. (5)

24 Resolvi-me pois a pô-la por obra: tive zêlo do bem, e não me envergonharei.

(4) **ANTES DE ME RETIRAR PARA LONGE** — Ou: “antes de andar correndo vários países.” Concorde esta intelligência com o que se lê no prólogo do presente livro, e no capítulo 34, 12. Alguns explicam assim: “antes de me deixar enganar pelos erros, e vícios da mocidade.” — *Pereira*.

(5) **AO QUE ME DÁ A SABEDORIA, DAR-LHE-EI GLÓRIA** — Apregoarei os louvores de Deus, pois dêle recebi tôda a sabedoria, que em mim há. — *Calmet*.

25 Lutou a minha alma por ela, e pondo-a por obra me fortifiquei.

26 Levantei as minhas mãos ao alto, e chorei a sua ignorância. (6)

27 Dirigi a ela a minha alma, e no conhecimento de mim mesmo a achei. (7)

28 Possuí com ela o meu coração desde o princípio: Por isso não serei desamparado. (8)

29 As minhas entranhas se comoveram, buscando-a: Por cuja causa possuirei este grande bem.

30 O Senhor me deu em minha recompensa uma língua: E com ela mesma o louvarei.

31 Chegai-vos a mim, ó indoutos, e ajuntai-vos na casa da instrução.

32 Por que tardais vós ainda? E que dizeis à vista destas coisas? As vossas almas estão sequiosas em extremo.

33 Eu abri a minha bôca, e disse: Comprai-a para vós sem dinheiro,

34 e submetei o vosso pescoço ao seu jugo, e receba

(6) **E CHOREI A SUA IGNORANCIA** — Isto é, “a ignorância da minha alma,” por não ter nela ainda amanhecido a luz da sabedoria; ou a ignorância, que reina em quase todos, que a não conhecem. — **Pereira.**

(7) **E NO CONHECIMENTO DE MIM MESMO A ACHEI** — Ou também: “e no conhecimento das coisas a achei;” ou: “se no conhecimento dela a achei;” porque assim que a conheci, achei logo os seus frutos. O grego: “e purificando-me, a achei.” — **Pereira.**

(8) **POSSUÍ COM ELA O MEU CORAÇÃO** — Em frase dos hebreus, coração toma-se por inteligência. — **De Carrières.**

a vossa alma a instrução: Porque ela está muito à mão para se achar.

35 Vêde com vossos olhos, que eu trabalhei pouco, e achei para mim muito descanso.

36 Recebei a instrução, como uma grande soma de dinheiro, e possuí com ela grande abundância de ouro.

37 Alegre-se a vossa alma na misericórdia do Senhor, e não vos envergonhareis quando o louvardes.

38 Fazei a vossa obra antes que se passe o tempo, e ele vos dará o vosso galardão a seu tempo.

LIVROS PROFÉTICOS

INTRODUÇÃO GERAL

Os livros proféticos constituem, sem dúvida alguma, a parte mais importante da Sagrada Escritura, porque os profetas foram no Antigo Testamento os mensageiros extraordinários de Deus, destinados a conduzir o Povo Escolhido pela senda da Verdade. Tôdas as palavras dos profetas visavam a um mesmo fim — manter a observância exata das leis de Moisés, conservar a fé no meio de Israel, predizer o Messias e exaltar a nova lei que Êle outorgaria aos homens. Daqui o grande interesse que êstes livros sempre despertaram; a atenção que mereceram, e ainda agora, quem bem quizer conhecer, e aprofundar as origens do cristianismo não pode prescindir dum estudo especial dêstes livros; por isso os precedemos duma introdução geral, em que estudaremos, como questões preliminares, os seguintes: 1.º a natureza da profecia; 2.º as profecias em geral.

Profeta é aquêlo a quem Deus revelou a sua vontade por um modo sobrenatural, conferindo-lhe a missão de anunciar essa revelação aos homens.

Advirta-se desde já que o termo *profeta*, nos Livros Santos, tem várias significações. Algumas vêzes tem o sentido de orador, e intérprete, como naquela co-

nhecida passagem do *Êxodo* em que Deus diz a Moisés *Aaron frater tuus erit propheta tuus* 7, 1. Noutros lugares significa o homem que canta louvores à Divindade, 1 Rs 10, 5 ss; 18, 10. Algumas vêzes applica-se aos doutores e intérpretes da lei. Porém nenhuma destas é a significação precisa do termo que, na acepção mais estrita, indica aquêlê que prediz o futuro da parte de Deus. Por isso *Profecia* é a predição clara, certa e determinada dos acontecimentos futuros e contingentes que não podem ser previstos por causas naturais; desta definição deduz-se que tôda a profecia é uma predição, mas nem tôda a predição é uma profecia. Podem preannunciar-se fatos, previstos por causas naturais, então há uma predição, não há uma profecia. A profecia supõe essencialmente os seguintes elementos: 1.º uma revelação propriamente dita; 2.º uma missão especial, atinente à glorificação de Deus e santificação dos homens. Estes dois elementos garantem à profecia a qualidade de dom sobrenatural e divino, que a extrema radicalmente da presciência, previsão e adivinhação, *qêsem* em hebreu, *Num* 22, 7.

Formas de profecia. — Por duas maneiras diversas annunciam os profetas o futuro, por palavras e por ações, por profecias directas e por figuras. *Etenim duo sunt prophetiae genera et operibus et verbis futura prænuntiare: verbis quidem, ut cum cruce significare volentes, dicunt SICUT OVIS AD CAEDEM DUCTUS EST ET SICUT AGNUS CORAM SE TONDENTE SINE VOCE* Is 53, 7. *Hoc itaque verbis ipsis vaticinare voluerunt, operibus vero, cum Abraham exhibetur filium offerens et arietes jugulans. Hic cum rebus ipsis crucis imaginem praesignificat, atque caedem pro orbe futuram. Multas certe invenire est in Veteri Testamento hujusmodi figuras prophetiasque per res exhibitas.* S. João Cris SYNOPSIS S. S.

CONSPECTUS. O que quer dizer: As profecias preannunciam o futuro ou por ações ou por palavras: por palavras quando, querendo anunciar a crucifixão, dizem: *Sicut ovis*, etc. Is 53, 7, por fatos quando se referem ao sacrificio de Abraão, tipo e figura de Messias sacrificado para redimir os homens.

Adversários. — Os escritores racionalistas negam a possibilidade das profecias, todos perfilham as conhecidas palavras de Voltaire: *La prophetie est impossible. Il est évident qu'on ne peut pas savoir l'avenir. Voltaire. Philosoph. de l'histoire, cap. XXXI, Oracles.* Conquanto todos de acôrdo na negação do caráter sobrenatural de profecias, divergem os diversos autores na explicação do profetismo. Reville não pensa como de Wette, êste não concorda com Gesenius, que combate Michel Nicolas. Renan considera de somenos importância a argumentação de Kusenen, e assim sucessivamente. A razão destas profundas divergências está em que os seus assertos não resistem à crítica séria e imparcial; são meras suposições gratuitas, conjecturas infundadas, argumentos antinômicos, e conclusões ilógicas, princípios falsos, doutrinas contraditórias, tudo, é certo, tendente a desarraigar a crença do coração dos homens, deixando-o entregue aos desvarios da sua inteligência, e às loucuras da sua vontade.

Possibilidade das profecias. — Os teólogos católicos vêm por seu lado dizer que a profecia é possível:

a) *Lógicamente*, porque não vai de encontro à razão humana.

b) *Realmente*, porque: 1.º Deus é *onisciente*, conhece o passado e o futuro, *omnia nuda et aperta sunt oculis ejus*, e porque é *onipotente* pode manifestar aos

homens êsse conhecimento dos acontecimentos futuros. 2.º O homem tem capacidade para compreender a revelação que Deus lhe faça dos acontecimentos que se hão de dar.

c) *Moralmente* porque as profecias ao mesmo tempo que revelam a Onisciência e a Onipotência de Deus, testemunham a sua Bondade Infinita e procuram a máxima perfeição do homem; de sorte que para negar a possibilidade das profecias é necessário negar a existência de Deus.

Existência das profecias. — As profecias existiram de fato, continuam dizendo os teólogos católicos. Por exemplo: 1.º *Miq* 4, 8-10, anunciou o cativeiro de Babilônia 150 anos antes, quando não havia a menor hostilidade entre Judá e Babilônia, a qual ainda nem sequer era estado independente. 2.º Todos os profetas anunciam a destruição futura de Jerusalém e do templo, bem como os horrores do cativeiro. Êstes acontecimentos tão graves não são profetizados por uma forma vaga ou obscura, mas sim dum modo claro e preciso. 3.º Quando o império de Nabucodonosor atingia o zênite da grandeza e prosperidade, Jeremias anunciou a sua decadência e ruína, não em termos vagos e gerais, mas com termos expressos e circunstanciados. Como se poderia prever tão minuciosamente a tomada de Babilônia pelos medos, e outras circunstâncias ainda mais discriminadas? 4.º Os profetas anunciaram a ruína de Nínive, de Babilônia, de Tiro, de Mênfis, dos amonitas, dos moabitas, dos filisteus e dos idumeus: não houve uma só nação ou cidade cuja sorte não fôsse profetizada pelos profetas de Israel. 5.º Zacarias descreve claramente as conquistas de Alexandre, c. 9, 1-8. Com tal precisão e rigor histórico se cumpriram estas profecias de Zaca-

rias, que Eichhorn, um dos patriarcas do racionalismo moderno, não podendo negar o que estava escrito e não querendo contradizer-se, procurou uma hipótese inadmissível; disse que a profecia de Zacarias era uma narração histórica oculta sob uma forma profética. 6.º Basta por último citar as profecias messiânicas que descrevem, em tôdas as particularidades, as diversas fases da vida, morte e paixão de Jesus Cristo. Por isso concluem que a existência das profecias é um fato historicamente demonstrado. *Hengstenberg, Kitto's Cyclopaedia of the Bible*, 2, pp. 418 e 419. Esta prova tem sido apresentada e vingada com o êxito mais brilhante no decurso dos séculos pelos Justinos, Teófilos, Clemente de Alexandria, Orígenes, Lactâncio, S. Jerônimo, S. Agostinho, S. Iri-neu, etc., etc.

Diferentes modos das revelações proféticas. — Deus revelava-se aos seus profetas:

- 1) MEDIATAMENTE, por meio dos anjos.
- 2) IMEDIATAMENTE, dirigindo-se-lhes diretamente, e neste caso a revelação era:
 - a) EXTERNA, que tinha três formas diversas:
 - 1.º *Pela palavra DABAR*, que ensinava ao profeta o que elle devia fazer ou dizer, e ainda o que devia acontecer. *Verba Jeremiae... Quod factum est verbum Domini ad eum* Jer 1, 1. 2. *Verbum Domini quod factum est ad Osee*. Os 1, idem. Esta era a forma mais usual das comunicações divinas. Os profetas transmitiam-nas depois ao povo pela palavra falada ou escrita. Is c. 7; 37, 4-6, Am 7, 10; Jer cc. 21 e 28.
 - 2.º por *visões KHAZON*. Em que consistiam estas visões? E' este um dos problemas mais diffi-

ceis da exegese. Deus representava certos sinais simbólicos aos olhos do corpo, duma maneira sensível e física, ou somente à imaginação por imagens desprovidas de realidade objetiva? Os exegetas não estão de acôrdo. S. Jerônimo pronuncia-se pela segunda opinião. Falando da famosa visão dos ossos do profeta Ezequiel diz que Deus *eduxit eum in spiritu, non in corpore, sed extra corpus. Com. Ju. Ez 50, 11; 37, 25*. Esta opinião é a mais seguida, mas não pode ser aceita em todos os casos, como por exemplo na aparição do anjo S. Gabriel a Daniel, 8, 16 ss, que, se se considerar como visão, deve-se reconhecer que foi real.

Seja como fôr, o que é preciso é acentuar que as visões proféticas não são meras ficções; Deus as apresentou realmente ao espírito dos seus profetas.

- b) INTERNA, que se dava quando o profeta dormia, ou estava arrebatado em êxtase, ou agitado por uma excitação violenta, estando como que fora de si, ou ainda desperto, e no pleno gôzo dos seus sentidos.

No sonho. Deus servia-se de imagens que eram familiares aos profetas; assim os sonhos de Isaías e Jeremias têm um caráter palestino, ao passo que os de Ezequiel e de Daniel se referem a símbolos hauridos na Caldéia. Umas vêzes essas revelações eram representações enigmáticas e simbólicas, outras, manifestações claras, e de todo o ponto inteligíveis, e não poucas vêzes o profeta via e ouvia um homem, um anjo ou o mesmo Deus.

No ÊXTASE, o profeta via, ouvia e conservava a reminiscência de tudo quanto escutava, para animar depois ao povo que o atendia.

Na EMOÇÃO VIOLENTA. Desprendia-se de tudo o que era terreno, alheia-se deste mundo para só ouvir o que lhe era revelado pelo Espírito Santo, como se vê na Escritura. *Irruit super eum Spiritus Domini.*

Do estado psicológico dos profetas durante a revelação. — Quando Deus se lhes revelara pela palavra não perdiam o uso das suas faculdades; não se notava a menor alteração no seu estado psíquico, nem modificações no exercício regular e normal da sua inteligência e da sua liberdade. *Ea visio prophetica, qua mens prophetae illustratur lumine intelligibili aut speciebus intelligibilibus formatur, non fit enim abstractione a sensibus.* S. Tomás, 2.^a 2.^{ae} q. 173, 3. Já se não pode dizer o mesmo na visão, no sonho, no êxtase: então os profetas perdiam o uso dos seus sentidos, insensíveis ao mundo exterior; a alma numa inatividade e passibilidade absolutas, com um poder de percepção elevada ao mais alto grau, e com a sua inteligência lucidíssima, *Intelligentia cui est opus in visione*, compreendendo o que escutam, retendo o que lhes é ensinado na sua memória.

Por isso é necessário advertir que o profeta nunca está delirante ou demente. Sabiam muito bem o que anunciavam, embora nem sempre compreendessem o alcance dos seus oráculos, como por exemplo na profecia da fuga de Jesus Cristo para o Egito. *Os* 11, 1. Cfr. *Mt* 2, 15.

Obscuridade das profecias. — As profecias são muitas vezes obscuras, já o demonstrou e explicou S. João

Crisóstomo nas suas duas célebres homílias, *De prophetiarum obscuritate*. Esta obscuridade tem causas diversas, entre as quais podemos enumerar as seguintes: A ignorância, da nossa parte, desses lugares, costumes e fatos, hoje totalmente desconhecidos por nós, mas correntes no tempo dos profetas que a êles aludem. Assim Isaías, na sua profecia contra Moab, 15, 16, indica muitas localidades cuja existência ignoramos, e daí a dificuldade em interpretar o seu vaticínio, etc.

Forma como foram promulgadas as profecias. — Umás vêzes os profetas faziam conhecer os seus oráculos ao povo de viva voz, nos lugares onde se reuniam. *Is* 7, 3; *Jer*, 26, 2; 36, 10, etc. Jeremias fêz também ler por Baruc algumas profecias que a êste tinha ditado *Jer* 38, 4-14. Outras vêzes eram publicadas por escrito, como a segunda parte de *Is* cc. 40 e 66, e *Ez* cc. 40 e 48, que continham vaticínios messiânicos, de cujo conhecimento não havia necessidade urgente, pois referiam-se a tempos ainda muito remotos. Outras profecias foram comunicadas oralmente aos judeus e depois reduzidas à escrita pelos seus autores, que certamente reduziram os seus primitivos discursos.

DOS PROFETAS

Distinção entre profetas maiores e menores. — O Antigo Testamento encerra escrituras de dezesseis profetas pròpriamente ditos. Dêstes, quatro são chamados maiores, a saber: Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel. Os restantes são denominados os menores, e são: Oséias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias. Baruc também se lhes pode juntar. A razão desta denominação está na inferior extensão dos seus escritos, relativamente pouco

Livros Proféticos

considerável, e por isso em oposição aos livros dos quatro primeiros *Propterea dicuntur minores, quia sermones eorum sunt breves, in eorum comparatione qui majores vocantur*. S. Agostinho. *De civit. Dei*, 18, 29, n. 1, t. 41.

Gênero de vida. — Uns eram de raça sacerdotal, como Jeremias; Amós era pastor e agricultor; outros viviam entre os cismáticos de Israel, e outros em Judá e Jerusalém. Em geral, a sua vida era de grande austeridade; vestiam sacco e cobriam-se de cilícios. *Is* 20, 2; *Zac* 13, 4. Alguns sofreram atrozes perseguições.

QUADRO CRONOLÓGICO DOS PROFETAS

	<i>Profetas</i>	<i>Datas</i>	<i>Reis em cujo governo profetizaram</i>
I Período de luta contra os assírios	Abdias	889-894	Joran.
	Joel	878-838	Joás.
	Jonas	825-784	Jeroboão II.
	Amós	809-784	Jeroboão.
	Oséias	790-725	Jeroboão, Ozias, Joatan, Acaz e Ezequias.
	Miquéias ...	788-710	Joatan, Acaz, Ezequias.
	Isaías	759-699	Ozias, Joatan, Manassés.
II Período cal- daico	Naum	605	Manassés.
	Habacuc ...	650-627	Manassés.
	Sofonias ...	628-623	Josias.
	Jeremias ...	625-588	Josias, Joaquim, Sedecias.
	Baruc	583	Sedecias.
	Ezequiel ...	595-573	Jeconias (cativoiro).
	Daniel	604-534	Jeconias, Nabucodonosor, Baltasar, Dario e Ciro.
III Depois do cativoiro	Ageu	520	Dario, filho de Histape.
	Zacarias ...	520	Dario, filho de Histape.
	Malaquias ...	433-423	Artaxerxes Longimano.

ISAÍAS

INTRODUÇÃO

Autor. — Isaías, em hebreu, *Yeschá-Yáhu*, (Iahvéh te salve), era filho de Amós, e, segundo uma tradição rabinica, sobrinho, por seu pai, do rei Amasias (cfr. Clemente de Alexandria, *Stromata*. 51 e 121 e Carpzov, *Introd. in V. T.* 1, 3). Era originário de Judá e habitava em Jerusalém.

E' o primeiro profeta, que viveu sempre na Cidade Santa, cujas obras chegaram até nós. Profetizou nos tempos dos reis Ozias, Joatan, Acáz e Ezequias. A sua primeira visão tem lugar no ano e morte de Ozias 758, e a última, de que temos conhecimento, no quarto ano do reinado de Ezequias, 712; Julga-se que viveu até aos tempos de Manassés, que o mandou supliciar. Durante o tempo de Joatan (758-742). Isaías poucas vezes appareceu; dêsse período não consta profecia alguma; no governo de Acáz (742-727) Isaías interveio numa circunstância grave, quando Razin, rei da Síria, e Facéias, rei de Israel, ameaçavam Jerusalém; contribuiu poderosamente para libertar a cidade de tão funesto cataclismo; foi porém sob Ezequias (727-698) que exerceu o seu munus profético. Viveu nas mais íntimas relações de amizade com Ezequias, que o venerava, aproveitando o profeta este ascendente que tinha sobre o rei para o encaminhar nas ocasiões difíceis,

fortalecê-lo nas horas de desalento e guiá-lo nos transe perigosos. Depois desapareceu da evidência em que tinha estado. A tradição colocava o seu túmulo em Panéias, no país de Basan, de onde foram as suas relíquias transportadas para Constantinopla, em 442, imperando Teodoro II. Ar. Baronio, *ad martyrologium Rom.* 6 Julho.

Isaías ocupa entre os profetas um lugar primacial, que lhe compete, não pela ancianidade, pois que Joel, Jonas, Amós e Oséias são mais velhos do que êle, mas por mérito; e não tanto pela multiplicidade das suas profecias, como pela importância dos assuntos a que estas se referem. Nenhum profeta rasgou horizontes tão vastos e tratou assuntos tão diferentes; nenhum descreveu com tanta elegância o presente e anunciou com tanta precisão o futuro. E' o maior dos profetas da Antiga Lei, como S. Paulo é o mais importante dos hagiógrafos na Lei da Graça. Por isso o *Eclesiástico* lhe chama o profeta magno *Isaías propheta magnus et fidelis*; *Eclo* 48, 25, 8. O primordial título da sua grandeza é a minuciosidade com que vaticinou as circunstâncias mais importantes da vida de Jesus Cristo. *Non tam propheta dicendus est quam evangelista; ita enim universa Christi Ecclesiaeque mysteria ad liquidum prosecutus est, ut non putes eum de futuris vaticinari sed de praeteritis historiam texere. Praef. ad Paulam et Eustach.* Prol. a Isaías.

Estilo. — O estilo de Isaías é digno das suas profecias. Nunca homem algum falou tão bela linguagem. L. Seineche, *Der Evangelist des alten Testaments Erklärung der Weissagungen, Jesaias*, 140. Leipzig. La Harpe diz que estas profecias lhe parecem uma série de cantos dum sublime lirismo. E' impossível, escreve, encontrar maior riqueza de têrmos, melhor colorido de frases e mais levantado gênio. Estilo conciso, vivo, enérgico e elegante.

Divisão geral. — Compreende duas grandes partes perfeitamente distintas.

PRIMEIRA PARTE. — Abrange os primeiros trinta e nove capítulos e subdivide-se em quatro seções, a saber:

- 1.^a Oráculos relativos ao povo de Deus, do tempo de Ozias e Joatan, cc. 1-6.
- 2.^a Profecias do tempo de Acáz, cc. 7-12.
- 3.^a Profecias contra as nações estrangeiras, cc. 13-27.
- 4.^a Profecias feitas no tempo de Ezequias, até à época da destruição do exército de Senaquerib, cc. 28-39.

SEGUNDA PARTE. — Abrange três seções:

- 1.^a Discursos sobre o verdadeiro Deus e o falso Deus, cc. 40-48.
- 2.^a O Messias em suas humilhações e nas suas glórias, cc. 49-57.
- 3.^a O reino messiânico, cc. 58-66.

Esta segunda parte está simetricamente dividida, como se vê; compreende as três seções, tendo cada uma nove capítulos.

Leitura. — A Igreja tem recomendado sempre a leitura de Isaías, pois que, ao mesmo tempo que instrui e edifica, radica a fé e acrisola a piedade. Quando S. Agostinho, no momento da sua conversão, perguntou a S. Ambrósio que livro devia ler, este respondeu-lhe: Isaías.

Ali se encontra prescrito o culto que se deve a Deus, condena-se o vício, exalta-se a virtude; amesquinha o mal, preconiza o bem; eleva a penitência, deprime o orgulho; impõe a conversão dos pecados, fulmina a injustiça, a avareza, a intemperança, e em cada uma das suas páginas fala-nos de Jesus Cristo, da sua Igreja e do triunfo dos seus inimigos.

ISAÍAS

CAPÍTULO 1

INGRATIDÃO DOS FILHOS DE ISRAEL. AMEAÇAS DAS VINGANÇAS DO SENHOR CONTRA ELES. ELES SÃO EXORTADOS À PENITÊNCIA. REPREENSÃO E AMEAÇAS CONTRA JERUSALÉM. RESTABELECIMENTO DESTA CIDADE.

1 Visão de Isaías, filho de Amós, a qual êle viu sobre Judá e Jerusalém no tempo de Ozias, de Joatan, de Acaz, e de Ezequias, reis de Judá. (1)

(1) **VISÃO** — Isto é, revelação; o que viu, não com os olhos do corpo mas com os do espírito. Por isto se chamaram os profetas videntes. 1 Rs 9, 9.

FILHO DE AMÓS — Santo Agostinho no livro XVIII da Cidade de Deus, cap. 27, e depois dêle outros, julgaram que êste Amós, pai de Isaías, podia ser também o profeta conhecido por êste nome entre os doze que chamam Menores. Porém os inteligentes do hebreu notam que naquela língua de um modo se escreve o nome do Profeta Amós, que vem a ser *Amos*, de outro o nome do pai de Isaías, que é *Amots*. Além disso o Profeta Amós no princípio da sua profecia se nos dá a conhecer por um simples pastor, sendo que muito pelo contrário Isaías, segundo uma antiga tradição, era do sangue real de Davi. Antes alguns acrescentam que seu pai Amós era filho de Joás, e irmão de Amasias, rei de Judá, a quem succedeu Ozias.

SOBRE JUDÁ E JERUSALÉM — Nestas profecias tinha Deus diante dos olhos não só os judeus, mas os mesmos Cristãos. Quando

2 Ouvi, Céus, e tu, ó terra, escuta, porque o Senhor é quem falou. Criei uns filhos, e engrandeci-os: Porém elles me desprezaram. (2)

Deus se queixa dos judeus, queixa-se também de nós, porque "tôdas estas coizas foram escritas para nós, que nos achamos nos fins dos séculos, como diz S. Paulo, 1 Cor 10, 11." "Tudo o que foi escrito, para nossa instrução foi escrito", Rom 15, 4. Em lugar das palavras: "Sôbre (isto é, acêrca de) Judá e Jerusalém", trazem os Setenta e Teodocião: "Contra Judá e Jerusalém;" fazendo corresponder contra a proposição hebréia tal, pôsto que nem sempre se ache nesta profecia cominação de males, porém às vêzes anúncios de bens. — Pereira.

NO TEMPO DE OZIAS, DE JOATAN — A história dêstes reis está relatada no 4 Rs cc. 15, 16, 18, 19, 20. E' evidente que esta cláusula foi aqui posta depois de compiladas tôdas as profecias de Isaías, ou por êle, ou por algum outro, como Esdras. E' outrossim evidente, que ela não quer dizer que Isaías exercitara o ministério profético todo o tempo que êstes quatro reis viveram. Porque Ozias reinou cinqüenta e dois anos, 4 Rs 15, 2; Joatan dezesseis, Ibid. 33; Acáz outros dezesseis, Ibid. 16, 2; Ezequias vinte e nove, Ibid. 18, 2. E tendo Isaías profetado todo êsse tempo, deveríamos conceder, que êle viveria para cima de cento e trinta anos. Muitos intérpretes pois, seguindo a S. Jerônimo, fazem começar Isaías a profetar no ano vinte e cinco de Ozias. O que ainda não parecendo bem a Calmet, e a outros modernos, sustentam que Isaías não começara a pregar antes do último ano de Ozias, e que assim os primeiros cinco capítulos estão fora do seu lugar, devendo ser primeiro, o que agora é sexto. No que, se êstes críticos se não enganam, fêz mal Martianay, quando nas notas a S. Jerônimo deu por um êrro de Escalígero, chamar à Visão dos Serafins "a primeira Visão de Isaías". — Pereira.

(2) **OUVI, CÉUS**. — De semelhantes prosopopéias costumam usar os escritores sagrados para mostrar a gravidade e grandeza da matéria, sôbre que tem de discorrer. Assim o fêz Jer 2, 12, e Moisés no Dt 32, 1, cujas palavras repete aqui Isaías para significar, segundo Menochio, terem já chegado aquêles tempos, que o referido Moisés havia previsto, achando-se arruinada a piedade e a justiça, e fazendo-se consistir a lei só nos ritos.

3 Conheceu o boi a seu possuidor, e o jumento o presépio do seu dono: Mas Israel não me conheceu, e o meu povo não entendeu.

4 Ai da nação pecadora, do povo carregado de iniqüidade, da rale maligna, dos filhos malvados: Abandonaram o Senhor, blasfemaram o Santo de Israel, tornaram para trás alienados. (3)

5 Que importará que eu vos fira de novo, acumulando vós umas prevaricações sôbre outras? Tôda a cabeça está enferma, e todo o coração abatido. (4)

6 Desde a planta do pé até o alto da cabeça não há nêle coisa sã: Tudo é uma ferida, e uma contusão, e uma chaga entumecida, que não está ligada, nem se lhe applicou remédio para a sua cura, nem com óleo foi suavizada. (5)

7 A vossa terra está deserta, as vossas cidades abraçadas do fogo: Os estranhos à vossa vista devoram a

(3) **BLASFEMARAM O SANTO DE ISRAEL** — Isto é, com palavras e obras nefastamente blasfemaram o Deus de Israel, e se apartaram do seu verdadeiro culto. Por esta frase também se inclua que Deus é o santo por excelência.

(4) **QUE IMPORTARÁ** — Não sei que medicina possa aplicar às vossas chagas; todos os vossos membros estão cheios de feridas; nenhuma parte acho do corpo, a qual já não esteja chagada. Ou certamente dêste modo, nenhuns castigos acho já com que chegue a quebrantar a vossa dureza; pois quanto maiores são os tormentos, tanto mais cresce a impiedade e a iniqüidade, ou, como trasladou Teodocião, o apartamento, para vos retirardes e apartardes do Senhor. — S. Jerônimo.

TODA A CABEÇA — Ensina por metáfora que desde os cabeceiras do governo até à mais baixa plebe, desde os doutores até ao imperito vulgo, em nenhum há coisa sã; mas que todos se conspiram com igual ardor para a impiedade. — S. Jerônimo.

(5) **NEM COM ÓLEO** — O óleo principalmente de oliveira era muito empregado na cura das chagas. — Lc 10, 34.

vossa região, e ela será devastada como numa assolação de inimigos. (6)

8 E ficará desamparada a filha de Sião como choupana em vinha, e como choça em pepinal, e como cidade que é devastada. (7)

9 Se o Senhor dos exércitos nos não tivera conservado alguns da nossa linhagem, teríamos sido como Sodoma, e ter-nos-íamos tornado tais como Gomorra. (8)

10 Ouvi a palavra do Senhor, príncipes de Sodoma, escutai a lei do nosso Deus, povo de Gomorra.

(6) **OS ESTRANHOS** — Os inimigos, provavelmente os assírios, os filisteus, os idumeus unidos às dez tribos cismáticas, 4 Rs 16, 5.

E ELA SERÁ DEVASTADA — S. Jerônimo e Teodoreto o explicam da última assolação de Jerusalém pelos romanos. Outros creem que isto se deve referir para a destruição mais próxima de Jerusalém pelos caldeus. — Calmet.

(7) **A FILHA DE SIAO** — Jerusalém. Os orientais chamam filhas às capitais e às cidades do seu país.

EM PEPINAL — Ou "em meloal" porque os pepinos e melões vinham nos países orientais a ser o mesmo, e só no tamanho eram diversos, como se vê das seguintes palavras de Plínio L. 19. c. 5: *Cum magnitudine excessere pepones vocantur*. Ora já se entende que a choupana em vinha, e a choça no meloal se desfazem logo que o vinheiro, ou vigia, que nelas se recolhe, acaba de guardar os frutos. — Pereira.

(8) **SE O SENHOR DOS EXÉRCITOS** — S. Paulo Rom. 9, 29, entende este texto dos restos dos judeus fiéis, que Deus reservara para si no tempo do Evangelho, ficando a multidão na incredulidade.

PRÍNCIPES DE SODOMA — Isto é, príncipes de Judá tão corrompidos como os de Sodoma. Os profetas se servem frequentemente desta figura, que dá às pessoas o nome duma coisa odiosa. Assim é que eles algumas vezes chamam aos hebreus "raça de Canaã, filhos dos amorreus, povo de Sodoma;" e dão a Jerusalém o nome de "Babilônia ou de Sodoma," ou do "Monte de Leão, e Ariel". O chamar aos príncipes de Judá "príncipes de Sodoma," dizem os rabinos que fôra uma das causas por que os judeus ma-

11 De que me serve a mim a multidão das vossas vítimas, diz o Senhor? já estou farto delas: Não quero mais holocaustos de carneiros, nem gordura de animais nédios, nem sangue de bezerras, nem de cordeiros, nem de bodes. (9)

12 Quando vínheis à minha presença quem reque-reu estas coisas de vossas mãos, para que andásseis nos meus átrios?

13 Não ofereçais mais sacrifícios em vão: O incenso é para mim abominação. Neomênia e Sábado e outras festividades não sofrerei, os vossos ajuntamentos são iníquos: (10)

taram a Isaías. Mas S. Jerônimo quer que por "príncipes de Sodoma" designe aqui Isaías os escribas e fariseus do tempo de Cristo.
— Pereira.

(9) **DE QUE ME SERVE A MIM** — O verdadeiro culto, e a verdadeira religião consistem no exercício da justiça, no amor da verdade, na prática da caridade. Os sacrifícios sangüinolentos e exteriores, sem estas disposições de alma, não são capazes de nos fazer agradáveis a Deus. Pode-se dizer que Deus mais os tolerou do que os pediu. Ele quis retraindo este povo do culto dos ídolos, impondo-lhe um culto proporcionado ao seu gosto, e às suas disposições. De tempos em tempos dava o Senhor a entender pelos seus profetas, que estes sacrifícios lhe importavam pouco: que ele os não desejava, que ele os não tinha pedido. Sl 49, 10. Am 5, 21. Jer 6, 20. Ez 20, 26. Queria o Senhor trazê-los insensivelmente ao só verdadeiro sacrifício da lei nova, que compreendia, por um eminente modo, tudo o que os antigos sacrifícios não continham, senão em figura. — Teodoro.

JÁ ESTOU FARTO DELAS — Já me aborrecem, e me desgostam; elas são o objeto da minha aversão, tédio, e fastio. Ora segundo S. Jerônimo, o dizer Deus: "Já estou farto," vale o mesmo que dizer: "Eu não necessito de coisas algumas;" porque a terra e toda a sua plenitude, ou extensão, é do Senhor, como se diz no Sl 23, 1. — Pereira.

(10) **NEOMÊNIA** — Este era o primeiro dia do mês lunar

Isaías 1, 14-18

14 A minha alma aborrece as vossas Calendas, e as vossas solenidades: Elas se me têm feito molestas, cansado estou de as sofrer. (11)

15 E quando estenderdes as vossas mãos, apartarei de vós os meus olhos: E quando multiplicardes as vossas orações, não as atenderei: Porque as vossas mãos estão cheias de sangue. (12)

16 Lavai-vos, purificai-vos, tirai de diante de meus olhos a malignidade de vossos pensamentos: Cessai de obrar perversamente, (13)

17 aprendei a fazer bem: Procurai o que é justo, socorrei ao oprimido, fazei justiça ao órfão, defendei a viúva. (14)

18 E vinde, e arguí-me, diz o Senhor: Se os vossos pecados fôrem como a escarlata, êles se tornarão bran-

entre os hebreus, de que faz menção em muitos lugares a Escritura. — *Pereira.*

(11) **CALENDAS** — O sacrificio do começo do mês. Vejam-se os Núm 28, 11.

(12) **DE SANGUE** — Ou de todo o gênero de maldades que, segundo a intelligência de Menochio, são na Escritura significadas pelo sangue; ou do que derramaram os judeus na morte de Cristo, a cujo fato muitos Padres fazem aludir com S. Cipriano estas palavras. — *Pereira.*

(13) **LAVAL-VOS, PURIFICAI-VÓS** — A letra: "Sêde lavados, sêde limpos." Não pode Deus alguma lavagem, ou purificação meramente exterior: tudo isto êle condena nos versos antecedentes. Quer uma pureza interior, uma purificação de alma, que não se faz senão pela conversão do coração, pela penitência, pela caridade; no que parece que quis Deus insinuar o batismo da nova lei, dizem Eusébio e Teodoreto. — *Calmet.*

(14) **PROCURAI O QUE É JUSTO** — Examinai qual das partes tem mais justiça na sua causa, e não queirais por presentes, favores, ou mêdos pronunciar uma sentença infqua. — *Menochio.*

cos como a neve: E se fôrem roxos como o carmezim ficarão alvos como a branca lã. (15)

19 Se quizerdes, e me ouvirdes, comereis os bens da terra. (16)

20 Mas se não quizerdes, e me provocardes a ira: Devorar-vos-á a espada, porque a bôca do Senhor falou. (17)

21 Como se fêz prostituta a cidade fiel, cheia de retidão? Habitou nela a justiça, mas agora os homicidas. (18)

22 A tua prata se mudou em escória: O teu vinho se misturou com água. (19)

23 Os teus príncipes são infiéis, companheiros de ladrões: Todos amam as dádivas, andam atrás das recompensas. Não fazem justiça ao órfão: E a causa da viúva não tem acesso a êles.

24 Por êste motivo diz o Senhor Deus dos exércitos, o forte de Israel: Ai! que eu me consolarei sôbre os meus adversários, e me vingarei de meus inimigos.

25 E voltarei a minha mão sôbre ti, e acrisolarei a

(15) **E ARGUI-ME** — Se eu faltar à promessa, que vos vou a fazer. — Pereira.

(16) **OS BENS DA TERRA** — Os frutos da terra de Canaã. As palavras dêste e do seguinte versículo são uma das mais irrefragáveis provas do livre alvedriô. — Pereira.

(17) **A ESPADA** — A espada das nações estranhas, a dos babilônios, e depois a dos romanos, como diz S. Jerônimo, vos consumirá. — Menochio.

(18) **A CIDADE** — Jerusalém, que era fiel a Deus, e que tinha magistrados, e tribunais de integridade e de justiça.

(19) **A TUA PRATA** — Os Santos Padres Basílio, Gregório Nazianzeno, Ambrósio, e Jerônimo o entendem da corrupção das tradições dos judeus, e da depravação das verdades evangélicas pelas falsas explicações dos perversos doutores, que alteram, ou desfiguram as verdades santas. — Calmet.

tua escória até à última depuração, e tirarei de ti todo o teu estanho. (20)

26 E restituirei os teus juizes como foram dantes, e os teus conselheiros como antigamente: Depois disto serás chamada a cidade do justo, a cidade fiel. (21)

27 Sião será resgatada em juízo, e será restabelecida em justiça. (22)

28 E quebrantarão os malvados, e juntamente os pecadores: E os que desampararam ao Senhor serão consumidos.

29 Porque eles serão confundidos pelos ídolos, a quem sacrificaram: E vós vos envergonhareis dos jardins que tínheis escolhido, (23)

30 quando vos tornardes como um carvalho, a que caem as fôlhas, e como uma horta sem água.

(20) **ATÉ A ÚLTIMA DEPURAÇÃO** — Isto é, até que a prata fique de todo limpa e sem escória. “Purificar-te-ei no crisol da tribulação.” Nas quais palavras é denotado o cativo de Babilônia, e o que depois experimentaram os judeus dos romanos. — *Pereira.*

(21) **COMO FORAM DANTES** — Juizes tão amantes da justiça, e zelosos da religião, como foram Moisés, Josué, e os que depois se seguiram. Cumpru-se esta profecia, quando depois do cativo de Babilônia mandou Deus ao seu povo Esdras, Neemias, os macabeus, e outros; e depois do dos romanos os apóstolos com os seus sucessores. — *Menochio.*

(22) **SERÁ RESGATADA EM JUÍZO** — Será posta em liberdade por Ciro, depois de tolerar setenta anos de cativo, pena a que Deus a condenara pela retidão da sua justiça, a qual se chama aqui *judicium*. Mas o verdadeiro libertador de Sião, que neste lugar é significado, foi Jesus Cristo, que resgatou o mundo com o infinito preço do seu sangue preciosíssimo. — *Menochio.*

(23) **DOS JARDINS** — Entende os jardins e os bosques, em que adoravam os ídolos, e principalmente o obsceno de Prísapo, ou de Beelfegor. Vejam-se os Núm 25, 2, e o livro 3 Rs 15, 13, com o segundo dos Par 15, 16. — *Menochio.*

31 E será a vossa fortaleza como torcida de estôpa, e a vossa obra como faisca: E uma e outra se queimará ao mesmo tempo, e não haverá quem a apague. (24)

CAPÍTULO 2

GLÓRIA DE JERUSALÉM. AS NAÇÕES VÊM ADORAR O SENHOR.
CASA DE JACÓ REJEITADA. SOBERBOS HUMILHADOS. SÓ DEUS EXALTADO.

1 Visão de Isaías, filho de Amós, sôbre Judá e Jerusalém. (1)

2 E nos últimos dias estará preparado o monte da casa do Senhor no cume dos montes, e se elevará sôbre os outeiros, e concorrerão a êles tôdas as gentes. (2)

(24) **A VOSSA FORTALEZA** — Por fortaleza se entendem aqui as cidades, as muralhas, as armas, os ídolos em que os judeus punham a sua esperança; por obra o ornato e pompa dos mesmos ídolos, e também as riquezas e opulências que por más artes haviam granjeado e adquirido. São estas coisas comparadas à torcida de estôpa, e à faisca, ou chispa, em razão de serem fracas e pouco duráveis. No que se segue vem a denotar-se o incêndio, que primeiro padeceu Jerusalém dos caldeus e depois dos romanos.

(1) **VISÃO** — No original hebraico está *hadabar*, que significa a palavra, e por isso Glaire traduziu a palavra que "Isaías viu", mas *dabar* significa também oraculum, *effatum Dei*, res, pelo que julgamos que com propriedade se pode traduzir por visão. Cfr. *Lexicon hebraicum et chaldaicum*.

(2) **NOS ÚLTIMOS DIAS** — Esta expressão designa ordinariamente nos profetas a época messiânica, Miquéias e outros, e só a este período se pode referir o que Isaías vai dizer. Note-se desde já que este e os dois versículos seguintes se lêem também em Miq 4, 1.

O MONTE DA CASA DO SENHOR — Estando o Templo de Jerusalém no cume do monte Moriá, profetiza aqui Isaías que a casa, que êle nos últimos tempos há de fundar para si, será ainda muito mais elevada, porque será fundada sôbre muitos montes,

3 E irão muitos povos, e dirão: Vinde, e subamos ao monte do Senhor, e à casa do Deus de Jacó, e ele nos ensinará os seus caminhos, e nós andaremos pelas suas veredas: Porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém a palavra do Senhor.

4 E julgará as nações, e argüirá a muitos povos: E das suas espadas forjarão relhas de arados, e das suas lanças foices: Não levantará a espada uma nação contra outra nação, nem daí por diante se adestrarão mais para a guerra.

5 Casa de Jacó, vinde e caminhemos na luz do Senhor.

6 Pois tu arrojaste o teu povo, a casa de Jacó: Porquanto eles se têm enchido como noutro tempo e tiveram agoureiros como os filisteus, e se uniram a manebos estranhos. (3)

7 Cheia está a terra de prata e de ouro: E não têm termo os seus tesouros:

postos uns em cima dos outros, para lhe servirem de base. Com as quais expressões figuradas e hiperbólicas quer o Senhor significar a altura, esplendor, e majestade da nova Igreja, que Jesus Cristo virá a constituir e estabelecer, servindo-lhe elle mesmo de pedra angular, de pontífice, de vítima, de doutor, de luz, de fortaleza, e de glória. — Calmet.

(3) **E SE UNIRAM** — S. Jerônimo o entende do pecado contra a natureza, isto é, dos amores com os meninos, contra o qual abominável vício diz o mesmo santo doutor que publicara Constantino uma lei, que deve ser a que se menciona na história Tripartita, livro I, Cap. 8. Teodoreto porém a entende dos casamentos com mulheres estrangeiras, o que lhes era expressamente prohibido pela lei. Ex 34, 16, Dt 7, 3. A esta segunda interpretação favorecem os Setenta, que onde o hebreu e o latim dizem: *et pueris alienis adhaeserunt*, puseram elles, *et multi filii alienigenae nati sunt eis*. — Pereira.

8 E cheia está a sua terra de cavalos: E são inumeráveis as suas quadrigas: E cheia está a sua terra de ídolos: Adoraram a obra de suas mãos, a qual fizeram os seus dedos.

9 E se encurvou o homem, e o varão se abateu: Portanto não lhes perdoes.

10 Entra na penha, e nas aberturas da terra esconde-te da espantosa presença do Senhor, e da glória de sua majestade. (4)

11 Os olhos altivos do homem têm sido abaixados, e encurvada será a altiveza dos varões e só o Senhor será exaltado naquele dia.

12 Porque o dia do Senhor dos Exércitos será sobre todo o soberbo, e altivo, e sobre todo o arrogante: E ele será humilhado.

13 E sobre todos os cedros do Líbano altos e levantados, e sobre todos os carvalhos de Basan. (5)

14 E sobre todos os montes altos, e sobre todos os outeiros elevados.

15 E sobre toda a torre eminente, e sobre todo o muro fortificado,

16 e sobre todas as naus de Tarsis, e sobre tudo o que é belo à vista. (6)

(4) **ENTRA NA PENHA** — Nas montanhas calcárias da Palestina são vulgares as cavernas, onde os hebreus se refugiavam em tempo de guerra. Com esta irrisão, ou sarcasmo insulta aos judeus aterrados e espavoridos pela assolação dos caldeus, como se dissera: Metei-vos nas concavidades da terra, buscai os seus maus ocultos esconderijos, para ver se ali podeis escapar à ira, e fugir da vingança da presença, da majestade do Senhor.

(5) **BASAN** — Antiga região da Judéa entre o Jordão, o mar de Galiléia, o reino de Galaad, os montes de Hermon, e o Líbano, muito famosa pelos seus pastos. — **Pereira**.

(6) **NAUS DE TARSIS** — Naus alterosas, navios de longo curso. Sabe-se pela Escritura (3 Rs 10, 22; 2 Par 9, 21; 20, 36)

17 E será encurvada a arrogância dos homens, e abatida a altiveza dos varões, e só o Senhor será sublimado naquele dia:

18 E os ídolos serão de todo esmigalhados: (7)

19 E entrarão nas cavernas das penhas e nas vora-gens da terra por causa da presença formidável do Senhor, e da glória de sua majestade, quando se levantar para ferir a terra.

20 Naquele dia arrojará o homem os seus ídolos de prata, e os seus simulacros de ouro, que para si tinha feito a fim de os adorar não sendo mais que toupeiras e morcegos. (8)

21 E entrará nas aberturas das pedras, e nas cavernas dos rochedos por causa da presença formidável do Senhor, e da glória de sua majestade, quando se levantar para ferir a terra.

que era um lugar notável pelo comércio marítimo, para onde Salomão mandava as suas naus, mas não se pode precisar a sua situação geográfica; segundo uns Tarsis é Tartessus em Espanha; na Bética Tartessus era o nome do Guadalquivir, também chamado Betis no tempo de Estrabão. A cidade Tartessus ou Tarsis estava situada na margem do rio, perto da foz, e dava o nome à região circunjacente.

(7) **SERÃO DE TODO ESMIGALHADOS** — Cumpriu-se esta profecia depois da restauração dos caldeus, segundo o vaticínio de Tob 14, 6, e mais universalmente depois da vinda do Messias, e no império de Teodósio Magno, que por meio de públicos editos fêz desterrar do mundo a idolatria. Veja-se Código Teodosiano. L. X, XI, XII, de Paganis. — Pereira.

(8) **TOUPEIRAS E MORCEGOS** — As toupeiras e morcegos não eram objeto de adoração. O que está no original é: o homem deixará os seus ídolos às toupeiras e morcegos; isto porém no caso que seja essa a significação do que está no original, o que é duvidoso, por ser muito confuso. O que porém é fora de dúvida é que Isaías quis significar o abandono a que iam ser votados os ídolos.

22 Cessai pois de irritar este homem, cujo fôlego respira no seu nariz, porquanto elle mesmo é reputado pelo Excelso. (9)

CAPÍTULO 3

DESOLAÇÃO DE JUDÁ E DE JERUSALÉM. REPREENSÕES DO SENHOR AOS PRÍNCIPES DO SEU POVO. CONDENA O SENHOR A SOBERBA E LUXO DAS FILHAS DE SIAO.

1 Eis-aqui pois que o Soberano Senhor dos Exércitos está para tirar de Jerusalém e de Judá ao valente e ao forte, a toda a força do pão, e a toda a força de água: (1)

2 Ao homem forte, e ao guerreiro, ao juiz, e ao profeta, e ao adivinho, e ao ancião: (2)

(9) CESSAI POIS — Ou estas palavras são dirigidas aos judeus, para que não agravem mais a Cristo, provocando a sua ira magnânima, significada no fôlego do nariz, porque não obstante ser Homem é justamente Deus, o que é o sentido mais seguido; ou vem a dizer que se não deve temer um homem mortal, mas só a Deus, como Ente de sempiterna duração, Todo-Poderoso, Excelso. O primeiro sentido, que segue S. Jerônimo, Orígenes, e os antigos rabinos, parece o mais próprio, genuíno e verdadeiro, é seguido modernamente pelos melhores críticos: o segundo, que é fundado no hebreu, concorda com o princípio do capítulo seguinte.

(1) ESTA PARA TIRAR DE JERUSALÉM E DE JUDÁ — Alude à próxima ruína que Jerusalém e todo o reino de Judá havia de padecer sob Nabucodonosor, que duas vezes veio sobre ella, e da primeira levou de Jerusalém todos os melhores artífices, e todos os homens de guerra, 4 Rs 24, 14. Da segunda porém foi tal a falta de mantimentos e de água, que os miseráveis habitantes experimentaram, que mortos de fome e sede, homens e animais, estavam as ruas cheias d'elles, chegando as mães a comer os próprios filhos. Tren II, 11, e IV, 10. — Pereira.

(2) AO ADIVINHO — Segundo Vigouroux, (nota à Sainte Bible de Glaire, edição de 1902) este termo *ariolum* pode ser tomado na acepção dum homem prudente e sagaz, que de observação

3 Ao capitão de cinqüenta, e ao respeitável pela sua presença, e ao conselheiro, e ao perito entre os arquitetos e ao que conhece a linguagem mística. (3)

4 E eu lhes darei meninos para príncipes, e dominá-los-ão efeminados. (4)

5 E investirá o povo, homem a homem, e cada um a seu próximo: Tumultuará o mancebo contra o velho e o plebeu contra o nobre.

6 Porque tomará cada um a seu próprio irmão doméstico de seu pai: Tu tens melhor vestido, sê nosso príncipe, e fique esta ruína atalhada debaixo da tua mão. (5)

refletida do pretérito possa conjecturar, com uma tal ou qual probabilidade, o futuro. Cfr. Prov 16, 10.

(3) **AO CAPITÃO DE CINQUENTA** — No exército hebreu havia pelotões de cinqüenta homens, comandados por um chefe.

E AO QUE CONHECE A LINGUAGEM MÍSTICA — Assim à letra a Vulgata *prudenter eloquii mystici*. O que S. Jerônimo entende dos homens instruídos e versados na inteligência das Sagradas Escrituras: *Si detur mihi esse eruditus et exercitatus in lege et Prophetis*. Mas o hebreu oferece outro sentido, porque diz aqui *peritum in incantationibus*, ao perito nos encantamentos: e isto é o que também exprimiram Áquila e Símaco. — Pereira.

(4) **E EU LHES DAREI MENINOS PARA PRÍNCIPES** — Assim se cumpriu à risca nos reis de Judá sucessores de Josias, cujos três filhos reinaram sucessivamente um depois do outro: Joacaz de vinte e três anos; Joaquim de vinte e cinco; e Jeconias, que é o nome que lhe dá Jer 22, 24, de oito, como consta do Livro 2 Par c. 36. E é esta uma das maiores desgraças, que segundo lamenta Salomão no Ecl 10, 16, pode no mundo experimentar qualquer estado. — Pereira.

(5) **TU TENS MELHOR VESTIDO** — Isto é, não estás reduzido, como nós, à última miséria. Chegou pois a tanto a extrema desgraça dos judeus, que depois da ruína de Jerusalém, e morte de Godolias, os que foram levados a Babilônia, e os que passaram ao Egito, não duvidavam eleger por seu príncipe a qualquer que

7 Ele responderá naquele dia, dizendo: Não sou médico, e em minha casa não há pão, nem vestido: Não queirais constituir-me príncipe do povo.

8 Pois Jerusalém se vai arruinando, e Judá caindo: Porquanto a língua deles, e as invenções da sua fantasia são contra o Senhor, para provocarem os olhos de sua majestade. (6)

9 A mesma vista do seu semblante dá testemunho contra eles: E os tais fizeram como os de Sodoma pública ostentação do seu pecado, e não o encobriram: Ai da alma deles, porque se lhes têm dado males em recompensa. (7)

10 Dizei ao justo que ele será bem sucedido, pois comerá o fruto dos seus conselhos.

11 Ai do ímpio que corre ao mal: Porque lhe será dada a retribuição de suas mãos.

12 Ao meu povo despojaram os seus exatores, e os têm dominado mulheres. Povo meu, os que te chamam bem-aventurado, esses mesmos te enganam, e destroem o caminho dos teus passos. (8)

encontravam, pedindo-lhe com agonizadas instâncias, e bastando para isto verem-no mais bem trajado. — *Pereira.*

(6) **POIS JERUSALÉM** — São palavras, não do que se escusa do governo, mas do profeta, como se dissera: Ninguém quererá tomar sobre si o régimen de Judá e de Jerusalém, porque ela mesma cairá destruída. — *Menochio.*

(7) **A MESMA VISTA** — Basta olhar para o seu semblante, para se descobrir quem eles sejam; porque na sua face bem claramente se divisa a arrogância, o fasto, a lascívia. — *Menochio.*

(8) **MULHERES** — Provavelmente quer significar homens efeminados, como realmente foram os últimos reis de Judá, que à incapacidade do governo, juntaram a cobardia, a fraqueza e uma perversidade de instintos que os tornava uns tiranos atrozés, sem outras aptidões além do vício mais degradante e da crueldade mais feroz. Cfr. Jer cc. 22 e 23, etc.

13 O Senhor está para julgar, e está para julgar os povos.

14 Ô Senhor entrará em juízo com os anciãos do seu povo, e com os seus príncipes: Porque vós tendes comido a minha vinha, e a rapina feita ao pobre se acha em vossa casa.

15 Por que razão meteis vós debaixo dos pés o meu povo, e moeis às pancadas os rostos dos pobres, diz o Senhor Deus dos Exércitos?

16 Ainda disse mais o Senhor: Pois que as filhas de Sião se elevaram, e andaram com o pescoço emproado, e iam fazendo acenos com os olhos, e gestos de mãos, passeavam com os seus ruidosos pés, e caminhavam a passo mesurado: (9)

17 O Senhor tornará calva a cabeça das filhas de Sião, e despojá-las-á o mesmo Senhor do seu cabelo.

18 Naquele dia lhes tirará o Senhor o adorno dos calçados, e os diademas,

19 e os colares, e as gargantilhas, e os braceletes, e os garavins,

20 e as barreiras, e as ligas de pernas, e as cadeias de ouro, e os vasos de essências, e as arrecadas, (10)

(9) **RUIDOSOS PÉS** — Em razão de uns guisos, campainhazinhas, e pequenos arcos dentro de outros maiores, que, trazendo-os na armadura e adorno dos pés e pernas as mulheres, faziam com o andar dêles um agudo tinido. A isto alude S. Jerônimo, quando na carta 39, aliás 46, ad Matrem et Filiam, a pág. 732 do tomo IV, da edição Beneditina, diz assim: *Caliga quoque deambulantis nigella ac nitens, stridore ad se juvenes vocat*. Quer dizer: "Também a reluzente cáliga da mulher que vai andando, chama á si com o seu estridor os mancebos. — Pereira.

(10) **E AS LIGAS DE PERNAS** — E este gênero de calçado aberto é o que ainda hoje se vê nas estátuas, e pinturas, que representam a antiguidade. Subjugavam pois uma sola debaixo do pé com certa espécie de cordões, ou ligas, que, depois de se cruza-

21 e os anéis, e os pingentes de pedras preciosas caídos sobre a fronte.

22 e os vestidos de reserva, e as charpas, e os volantes, e as agulhetas, (11)

rem sobre o pé, o acima do calcanhar, se iam enleando entre o tornozelo do pé e a barriga da perna. Elegantíssima por certo é a descrição que dêste calçado faz Sidônio Apolinar (Carm II, v. 400), a qual traduzida em nossa linguagem vem dizer: "Firma-se a planta do pé sobre uma sola inteira, mas uma faixa se prende ali junto dos primeiros dedos, o polegar, desde o enlaçado peito do pé faz sair por cima dele para formar os borzeguins duas ligas, que apartam e seguram as chinelas; e ao mesmo tempo travando-se as pontas dos referidos atacadores, vem a tecer, enleadas pelas canelas, umas abertas, largas, e encurvadas cadeias." Ora a êste calçado chamaram os latinos solas, solcas, porque, segundo adverte Aulo Gelio (L. XIII, c. 21,) de ordinário a todo o calçado dêste gênero, com que se cobrem somente as ínfimas plantas dos pés, ficando o mais quase nu, e atado com cordões, chamaram solas; também às vêzes com têrmo grego *chincilinhas*. A mesma palavra *periscelides* é grega, e se compõe de *peri* em tórno, e de *skele* canelas, porque à roda destas é que se atavam as mencionadas ligas, ou cordões, como lhe chama o mesmo Aulo Gelio, *teretes habenæ*, e tanto os quais cordões, como os seus socos ou alpargatas vieram depois as romanas a semear e adornar de todo o gênero de pedraria com tanto luxo, que chegou a dizer Plínio L. IX, c. 35, que se não contentavam já de trazer sobre si margaritas, ou chuvaire de aljófar, e outras pérolas, se não calçassem com elas, e até andassem por cima delas: *Neque enim gestare jam margaritas, nisi calcent, ac per uniones ctiam ambulent, satis est.* — Pereira.

E AS CADEIAS DE OURO — Ou escravagens, que, segundo Santo Isidoro de Sevilha, apontado já sobre os Cantares 1, 10, eram uns colares de fio de ouro, e às vêzes de prata e ouro à maneira de morena, ou muréa, que é listrada, ou mais propriamente malhada, e salpicada como de ouro. Veja-se o que ficou dito nos Núm 31, 50. — Pereira.

VASOS DE ESSÊNCIAS — Usavam-se muito no Oriente.

(11) **E OS VESTIDOS DE RESERVA** — Isto é, os vestidos que se reservam segundo as circunstâncias do tempo e lugar, e que as hebréias tinham mais para ostentação, do que para

23 e os espelhos, e os delicados lenços, e os listões, e as roupas de verão. (12)

24 E em lugar de suave cheiro terão hediondez, e por cinta corda, e por cabelo encrespado calva, e por faixa do peito cilício.

25 Também os teus mais galhardes varões cairão mortos à espada, e os teus valentes em ação de peleja.

26 E se entristecerão e enlutarão as portas dela e desolada se assentará em terra.

necessário e indispensável uso. Tais eram os vestidos de dó e de festa, ou gala, os de verão e de inverno, os para casa e fora dela, os ordinários e os da corte. — **Pereira.**

E AS CHARPAS — S. Jerônimo na carta LXXXIX, acima alegada, notando o disfarce das damas do seu tempo, que fingiam recatarem-se, querendo ao mesmo tempo ser vistas, diz assim: *Pallolum interdum cadit, ut candidos nudet humeros, et quasi videri noluerit, celat festina, quod volens detexerat.* Quer dizer: “Cai às vezes a charpa, de sorte que põe à mostra os cândidos ombros, e ela como se não quisesse ser vista, encobre apressada o que de propósito e por querer descobrira.”

E OS VOLANTES — Ou também, conforme a opinião e inteligência de outros, as sobrevestes ou túnicas de linho finíssimo, que se punham sobre os mais vestidos. Na exposição de alguns são ou os aventais, ou os vestidos cotidianos e caseiros. Veja-se Calmet e Menochio apontando com o lugar de Rut 3, 15.

E AS AGULHETAS — Ou alfinetes de cabeça. — **Pereira.**

(12) **E OS DELICADOS LENÇOS** — Tais como os que a mulher forte fazia para vender. Prov 31, 24. Mas a palavra hebréia **Sedinim**, como adverte Calmet, vem a denotar uma túnica interior. Em conclusão do que fica dito, não é de espantar que chegasse a nós incerto ou pouco exato o conhecimento de todos estes vestidos, e adereços do mundo mulheril, quando até aos mesmos judeus, como bem adverte o padre Mariana, são desconhecidos. Quanto mais que S. Jerônimo sobre este lugar afirma que os Setenta Intérpretes, Áquila, Símaco e Teodocião os entendiam e interpretavam de diversos modos, rematando por fim que se não quis demorar mais na inteligência de cada um deles, para que não fôsse frívola a sua exposição, e viesse a causar fastio ao sábio leitor. — **Pereira.**

CAPÍTULO 4

CONTINUAÇÃO DAS CALAMIDADES DE JUDÁ. GÉRMEN DO SENHOR EM GLÓRIA. RELÍQUIAS DE ISRAEL QUE FICARAM SALVAS.

1 E naquele dia lançarão mão de um só homem sete mulheres, dizendo: Nós do nosso pão nos sustentaremos, e dos nossos vestidos nos cobriremos: O nosso único intento é que sejamos nós chamadas do teu nome, tira o nosso opróbrio. (1)

2 Naquele dia se achará o germen do Senhor em magnificência e glória, e o fruto da terra elevado, e exultação para aquêles de Israel, que fôrem salvos. (2)

3 E eis-aqui o que há de acontecer: Todo o que fôr deixado em Sião, e ficar em Jerusalém, santo será chamado, todo o que está escrito na vida em Jerusalém. (3)

(1) **SETE MULHERES** — Isto é, algumas. Os hebreus empregavam esta palavra por um número indeterminado.

QUE SEJAMOS NÓS CHAMADAS DO TEU NOME — Isto é, que nós sejamos tuas espôsas; porque as mulheres tomavam os nomes dos maridos e se denominavam por exemplo Maria de Cleofas, Maria de Jacó, ou "que o vosso nome seja invocado sobre nós". — Glaire.

TIRA O NOSSO OPRÓBRIO — Que nos livres da esterilidade, dando-nos filhos; a qual esterilidade entre os hebreus era um opróbrio das mulheres.

(2) **O GÉRMEN DO SENHOR EM MAGNIFICÊNCIA** — O renôvo do Senhor em figura é Ezequias ou Zorobabel sobrevivendo às misérias do cativo de Babilônia para restaurar a Jerusalém; na realidade é Jesus Cristo na magnificência e glória do seu reino, que é a Igreja.

(3) **TODO O QUE FÔR DEIXADO EM SIÃO** — Todo o que da Sinagoga passar para a Igreja de Cristo, e nela fôr alistado, será chamado santo, porque todos os cristãos pelo apóstolo, e outros, são denominados santos, em razão de serem chamados à san-

4 Quando o Senhor limpar as manchas das filhas de Sião, e lavar o sangue do meio de Jerusalém com espírito de justiça, e com espírito de ardor. (4)

5 E criará o Senhor sobre todo o lugar do monte de Sião, e onde ele foi invocado, uma nuvem de dia, e fumo e resplendor de fogo chamejante de noite: Porque sobre toda a glória será a proteção. (5)

6 E o tabernáculo será para fazer sombra de dia contra a calma, e para segurança e guarida contra o torvelinho, e a chuva.

CAPÍTULO 5

INGRATIDÃO DOS FILHOS DE ISRAEL. O SENHOR TOMA A CASA DE JUDÁ POR JUÍZA ENTRE ELE E A CASA DE ISRAEL. MALES QUE OS FILHOS DE ISRAEL TÊM QUE PADECER. INIMIGOS QUE DEUS SUSCITARÁ CONTRA ELES.

1 Cantarei ao meu amado o cântico de meu primo à sua vinha. O meu amado teve uma vinha plantada num alto fertilíssimo. (1)

tidade, e porque pelo batismo e graça de Cristo são santificados.
— Menochio.

(4) **COM ESPÍRITO DE JUSTIÇA** — Isto é, castigando o seu povo, passando-o à espada e incendiando as cidades; os Padres explicam com alusão ao batismo de água e batismo de fogo ou desejo.

(5) **E CRIARÁ** — Isto é, e fará nascer, ou vir sobre os membros da Igreja, que invocarem o seu nome, uma nuvem de proteção para os defender e dirigir, e de luz para os alumiar, à maneira da que guiava pelo deserto aos israelitas, a que alude.

(1) **CANTAREI** — Começa esta profecia por uma bela parábola, que nos descreve a história do povo de Deus sob a imagem duma vinha, plantada e cultivada por Deus com muito esmero. As ingratidões e os crimes de Israel arrancam-lhe palavras cheias de indignação; ameaça os criminosos e mostra-lhes os vingadores do Senhor ultrajado, sob a forma simbólica de leões, cavalos, rugidos

2 E a cercou de uma sebe e tirou do pé dela as pedras, e a plantou de bacelo escolhido, e edificou uma torre no meio dela, e fêz na mesma torre um lagar: E esperava que desse uvas, e veio a produzir labruscas. (2)

3 Agora pois, habitantes de Jerusalém, e varões de Judá, sede vós os juizes entre mim e a minha vinha.

4 Que coisa há que eu devesse ainda fazer à minha vinha, que lhe não tenha feito? far-lhe-ia acaso injúria em esperar que ela desse boas uvas em lugar das labruscas que só produziu?

5 Pois agora vos mostrarei o que eu hei de fazer à minha vinha, arrancar-lhe-ei a sebe, e ficará exposta a

temerosos de mar e trevas medonhas. Nosso Senhor Jesus Cristo devia mais tarde servir-se desta parábola para censurar aos judeus a sua infidelidade. Mt 21, 33-43; Mc 12, 1-10; Lc 20, 9-16.

O MEU AMADO — E', segundo os autores, Jesus Cristo, o que se deduz dos versículos seguintes, no entender dos mais abalizados exegetas.

UMA VINHA — A casa de Israel.

NUM ALTO — Não é precisamente isto o que está no original e na Vulgata; o que lá está é na haste de boi, metáfora que facilmente se percebe, visto a haste ser a parte mais elevada daquele animal.

FERTILÍSSIMO — O que está no original é filho do óleo; é sabido porém que no hebreu o termo filho significa dotado, possuidor de, e o termo óleo aplica-se a todas as substâncias gordurosas. Também se sabe que as melhores plantações de vinhas, na Palestina, estão nas montanhas carregadas de oliveiras e figueiras.

(2) E TIROU DO PÉ DELA AS PEDRAS — Todos os que escrevem de Agricultura reconhecem que as pedras são mui nocivas às vinhas, porque de inverno as esfriam, de verão as queimam.

E EDIFICOU UMA TORRE NO MEIO DELA — Para atalaia dos guardas, e casa de abegoaria. — Pereira.

E FEZ... UM LAGAR — São frequentes na Palestina os lagares abertos na rocha. Nos arredores de Belém vêem-se três ou quatro destes antigos lagares, abertos na rocha. Cf. Guérin e Saulcy, *Dictionnaire des antiquités bibliques*.

ser roubada: derrubar-lhe-ei o muro, e ficará sujeita a ser pisada. (3)

6 E farei com que fique deserta: Não será podada, nem cavada: E crescerão nela espinhos e abrolhos: E mandarei às nuvens que não derramem sobre ela chuva.

7 Porque a vinha do Senhor dos exércitos é a casa de Israel: E o varão de Judá o seu renôvo delectável: E esperei que fizesse juízo, e eis-que só há iniquidade: E que praticasse justiça, e eis-que só há clamor.

8 Ai de vós os que ajuntais casa a casa, e ides acrescentando campo a campo até chegar ao fim de todo o terreno: Acaso habitareis vós só no meio da terra?

9 Nos meu ouvidos estão estas coisas, diz o Senhor dos exércitos. Verdadeiramente que muitas casas grandes, e vistosas virão a ficar ermas sem habitador. (4)

10 Porque dez geiras de vinhas darão apenas um barrilzinho, e trinta alqueires de trigo semeado não darão mais que três. (5)

(3) **FIÇARÁ EXPOSTA A SER ROUBADA** — Estas ameaças e as contidas no versículo seguinte foram cumpridas quando os assírios assolaram Israel, e mais tarde depois da morte de Jesus Cristo.

(4) **NOS MEUS OUVIDOS** — Isto é, os ouvidos do profeta.

(5) **DEZ GEIRAS** — O que está no hebreu é "Dez dias de trabalho de vinha produzirão um bath de vinho, e um homer de semente um ephah de colheita. O bath era entre os hebreus a medida de capacidade para os líquidos; a palavra bath significa medida. O seu uso começou na época dos reis e correspondia a 381,88. O ephah era a medida de capacidade para os sólidos, e era igual ao bath. O homer tinha dez ephah. A propósito e como nota explicativa necessária para a boa compreensão do texto sagrado, tanto do Antigo como do Novo Testamento, indicaremos as diferentes medidas dos hebreus.

Pêso — A unidade do pêso era o siclo; cada siclo tinha dois begahs e cada begah dez gerah; depois do cativoiro a Escritura fala do maneh ou mina, e por último o talento, que era o pêso mais

11 Ai de vós os que vos levantaiis pela manhã para seguir a embriaguez, e para beberdes até à tarde com tal excesso, que venhais a ficar de todo esquentados do vinho.

12 A cítara, e a lira, e o pandeiro, e a flauta, e o vinho se acham nos vossos banquetes: E vós não olhai

elevado. A relação é a seguinte:

	Gramas
1 Gerah	0,708
10 „ 1 Begah	7,100
20 „ 2 „ 1 Siclo	14,200
1000 „ 100 „ 50 „ 1 Maneh	708,850
60000 „ 6000 „ 3000 „ 60 „ 1 Talento	42.533,100

Medida de extensão — A unidade é o amnah, ou côvado. O sistema é o seguinte:

	Metros
1 Etsbah (dedo)	0,0218
4 „ 1 Tefalk (palmo pequeno)	0,0875
12 „ 3 „ 1 Zereth (palmo grande)	0,262
24 „ 6 „ 2 „ 1 Amnah	0,525
144 „ 36 „ 12 „ 6 „ 1 Gauch	3,150

No Novo Testamento mencionam-se ainda Caminho de sabbat, distância que era permitido percorrer sem violar o sabbado, correspondente a 1.392 metros. At 1, 121. O estádio, correspondente a 185 metros. Lc 24, 13; Jo 6, 19; Apc 21, 16. A milha, de origem romana, equivalente a 1.480 metros. Mt 5, 41; e a braça, medida marítima de 1m,60. At 27, 28.

Medidas de capacidade — Além das indicadas, para ficar completa a indicação, notaremos as seguintes:

	Litros
1 Log	0,29
4 „ 1 Cab	1,16
71/5 „ 14/5 „ 1 Gomor	3,88
12 „ 3 „ 12/3 „ 1 Hin	6,49
24 „ 6 „ 31/3 „ 2 „ 1 Seah	12,99
72 „ 18 „ 10 „ 6 „ 3 „ 1 Bath, ephah ou metreta	38,38
720 „ 180 „ 100 „ 60 „ 30 „ 10 „ Homer	338,80

De sorte que 1 Homer tinha 10 Bath e 100 Gomor.

para a obra do Senhor, nem considerais as obras das suas mãos.

13 Por isso é que o meu povo foi levado cativo, porque não teve inteligência, e as suas nobres personagens morreram de fome, e a sua multidão se mirrou de sêde. (6)

14 Por isso é que o inferno alargou o seu seio, e sem têrmo algum abriu a sua bôca: E descirão a êle os seus fortes, e o seu povo, e os altos e jactanciosos dêle.

15 E será incurvado o homem, e humilhado o varão, e os olhos dos altivos ficarão todos baixos.

16 E será exaltado o Senhor dos exércitos no seu juízo, e o santo Deus será santificado em justiça.

17 E serão apascentados os cordeiros segundo a sua ordem, e dos desertos convertidos em fertilidade comerão os estranhos.

18 Ai de vós os que arrastais a iniquidade com cordas de vaidade, e o pecado como brocha de carro.

19 Os que dizeis: Avie já com isso, e sem demora venha essa sua obra, para que a vejamos: E chegue-se, e cumpra-se o conselho do Santo de Israel, e saberemos qual êle seja. (7)

20 Ai de vós, os que ao mau chamais bom, e ao bom mau: Pondo trevas por luz, e luz por trevas: Pondo o amargo pelo doce, e o doce pelo amargo!

21 Ai de vós, os que sois sábios a vossos olhos, e diante de vós mesmos prudentes!

(6) **POR ISSO É QUE O MEU POVO FOI LEVADO CATIVO** — Pretérito por futuro, como é freqüente nos profetas. Refere-se esta passagem ao cativello da Babilônia.

(7) **AVIE JÁ COM ISSO** — Tudo isto são irrisões dos judeus, tendo por sonho as ameaças de Deus intimadas pelo profeta, como se dissessem: Venham tôdas essas calamidades, todos êsses castigos que dizes, que nada tememos. — *Pereira.*

22 Ai de vós, os que sois poderosos para beber vinho, e varões fortes para beberdes a largos sorvos a ebrriedade!

23 Os que justificais ao ímpio pelas dádivas, e ao justo lhe tirais o seu direito!

24 Por esta causa, assim como a língua do fogo devora a palha, e a abrasa o calor da chama: Assim a raiz dêles será como a faisca, e o seu renôvo subirá como o pó. Porquanto êles arrojaram de si a lei do Senhor dos exércitos e blasfemaram da palavra do Santo de Israel.

25 Por isso o furor do Senhor se acendeu contra o seu povo e estendeu a sua mão sôbre êle, e o feriu: E os montes se abalaram, e os seus corpos mortos foram lançados como estêrco ao meio das praças. Com todos êstes castigos não se tem aplacado o seu furor, mas ainda está alçada a sua mão.

26 E arvorará o seu estandarte em as nações de longe, e assobiará a êle desde os confins da terra: E eis que chegará velozmente apressado. (8)

27 Não há nêle quem sinta cansaço nem trabalho: Não dormitará, nem dormirá, nem se lhe desatará o cinto dos seus rins, nem se lhe romperá a correia do seu sapato. (9)

28 As suas setas são agudas, e todos os seus arcos estão entesados. As unhas dos seus cavalos são como pederneira, e as suas rodas são como o ímpeto da tempestade.

29 O seu rugido será como o do leão, rugirá como os cachorros dos leões: E rangerá com os dentes, e agarrá-

(8) **A ELE** — Ao povo caldeu, em tempo do seu rei Nabucodonosor. — **Pereira.**

(9) **CINTO** — Era o cinto que os hebreus usavam nas viagens.

rá a prêsa: E se abraçará com ela, e não haverá quem lha saque.

30 E soará sôbre êle naquele dia um como sonido de mar: E eis que tudo serão trevas de tribulação, e a luz se obscureceu com a çerração dela.

CAPÍTULO 6

ISAÍAS VÊ A GLÓRIA DO SENHOR. O SENHOR O MANDA LEVAR A SUA PALAVRA AOS FILHOS DE ISRAEL E DE JUDÁ. ÊLE LHES ANUNCIA A SUA DUREZA, E AS DIVERSAS REVOLUÇÕES QUE TINHAM DE EXPERIMENTAR.

1 No ano em que o rei Ozias morreu: vi ao Senhor assentado sôbre um alto e elevado sólio: E as coisas que estavam debaixo dêle, enchiam o templo. (1)

(1) Este capítulo narra-nos minuciosamente a vocação do Isaías. A tradição assina a esta profecia o período posterior à morte de Ozias, e ao primeiro ano de Joatan. Os modernos intérpretes afastam-se desta opinião, e entendem que as palavras *In anno quo mortuus est rex Ozias*, se referem não ao tempo que seguiu, mas ao que precedeu a morte dêste rei de Judá. Porém, adverte Le Hir, estas razões, ainda que plausíveis, não passam de conjecturas. *Les trois grands prophètes*, pág. 52 e sêg.

VI — Houve uma aparição real, como tantas outras que presenciaram tantos ilustres e santos varões do Antigo Testamento? Cornélio a Lapide, seguindo a Agostinho, entende que isto que val narrar passou-se apenas na imaginação do profeta. *Cependant Cornelius a Lapide après S. Augustin, soutient que tout s'est passé dans l'imagination du prophète, et ce sentiment paraît bien plus probable.* — Cfr. Vigouroux, *Manuel Biblique*, t. 2.º, pag. 506.

VI AO SENHOR ASSENTADO SOBRE UM ALTO, E ELEVADO SÓLIO — Alguns antigos creram que êste Senhor sentado no trono era o Padre Eterno, e os dois serafins o Filho e o Espírito Santo. O que S. Jerônimo justamente reprova por ser expresso do Evangelho de S. João, que êste Senhor, que Isaías viu sentado no trono da sua glória, era o Filho de Deus. Jo 12, 40.41. (Texto que os

2 Os Serafins estavam sobre êle: Seis asas tinha uni, e seis asas tinha outro: Com duas cobriam a sua face, e com duas cobriam os seus pés, e com duas voavam: (2)

3 E clamavam um para o outro, e diziam: Santo, Santo, Santo, Senhor Deus dos exércitos, cheia está tôda a terra da sua glória. (3)

sociuianos de nenhum modo podem iludir). E desta visão escreveu o mesmo S. Jerônimo no ano 380 a 381 um doutíssimo tratado extemporâneo, ao papa S. Damaso, que ainda hoje está nas suas obras a pág. 515 do tomo III da edição beneditina, com o título: *De seraphim et calculo*. — Pereira.

(2) **SOBRE ELE** — Isto é, sobre o Trono, ou sobre a base do Trono, e no ar. Ou também, segundo outros, ao redor do Trono, ou no pavimento junto do Trono. Quanto ao número destes Serafins, que viu Isaías, reconhecem uns que eram só dois, não de outra maneira que eram também dois os querubins do Propiciatório; outros seguem que eram quatro; outros enfim os fazem chegar a uma multidão inumerável.

COBRIAM A SUA FACE — Que face, e que pés cobriam estes Serafins com as suas asas? A Vulgata dizendo, *duabus velabant faciem ejus, et duabus velabant pedes ejus*, assaz claramente dá a entender que a face e os pés que os Serafins cobriam com as suas asas, eram a face e os pés do mesmo Deus Altíssimo. E isto para significar, como diz S. Jerônimo, que o que foi antes do Mundo, e o que há-de ser depois do Mundo, nós o não podemos saber, mas contemplar somente o que está no meio, que são as obras dos seis dias. Porém a sentença mais vulgar, e mais bem recebida, é a de Teodoreto, que tem, que a face e os pés que os Serafins cobriam com as suas asas, eram a face e os pés deles mesmos, como quem por causa da majestade do Senhor se não atrevia a estar na sua presença, senão com a cara coberta. E o cobrirem também os seus pés, e o terem as suas asas estendidas em ação de voar, era um sinal de submissão, temor, e reverência, como quem d'este modo protestava estar prontíssimo para executar tudo o que o Senhor mandasse. O texto hebreu, confessa S. Jerônimo que está aqui indifferente para qualquer destes sentidos.

(3) **E CLAMAVAM** — Neste Triságio, que alternadamente

4 E estremececeram os umbrais com as couceiras à voz do seu clamor, e a casa se encheu de fumo. (4)

5 Então disse eu: Ai de mim porque me calei, porque eu sou um homem de lábios impuros, e eu mesmo habito no meio de um Povo que tem os seus impuros, e vi com os meus olhos ao Rei Senhor dos exércitos. (5)

6 E voou para mim um dos Serafins, o qual trazia na mão uma brasa viva, que êle havia tomado do altar com uma tenaz. (6)

7 E tocou a minha bôca e disse: Eis-aqui tocou esta brasa os teus lábios, e será tirada a tua iniquidade, e lavado será o teu pecado.

8 E ouvi a voz do Senhor que dizia: Quem envia-

cantavam a grandes vozes, e repetiam sem cessar os Serafins, dizem os Santos Padres que é indicado o Mistério da Trindade das Pessoas Divinas em uma só Essência, e que esta Unidade de Essência se exprime nas palavras: Senhor Deus dos exércitos. — Pereira.

(4) **OS UMBRAIS** — Este abalo das umbreiras, vergas, e couceiras das portas do Templo, ou para melhor dizer, de todo o o Templo, exprime a indignação de Deus contra a nação hebréia. Confirma-se o Profeta Am 8, 3; 9, 1.

(5) **AI DE MIM PORQUE ME CALEI** — Lamenta-se o Profeta de não ser digno de louvar o Senhor dos exércitos com os Serafins, e não era digno de o louvar porque tinha os lábios impuros, não por vício seu, mas por viver na companhia dum Povo pecador. Ou antes se deve isto entender assim: Porque me calei, e não repreendi animosamente ao rei Ozias, quando lançou a mão ao Turíbulo, por isso os meus lábios estão impuros, e eu me não atrevo a cantar com os Anjos os louvores do Senhor. — S. Jerônimo.

(6) **O QUAL TRAZIA NA MÃO UMA BRASA VIVA** — A Vulgata diz uma pederneira, que é como também verteram Aquila, Símaco e Teodocião. O termo hebreu *Ritsephah* significa propriamente uma pedra incendiada. — Calmet.

rei eu? E quem nos irá lá? Então disse eu: Aqui me tens a mim, envia-me. (7)

9 E o Senhor me disse: Vai, e dirás a êste Povo: Ouvi, ouvintes, e não o entendais: E vêde a visão, e não a conheceis.

10 Obceca o coração dêste Povo, e ensurdece-lhe os ouvidos: E fecha-lhe os olhos: Para que não suceda que veja com seus olhos, e ouça com seus ouvidos, e entenda com seu coração, e se converta, e eu o sare. (8)

11 E eu disse: Até quando, Senhor? Então disse êle: Até que fiquem desoladas as cidades sem habitador, e as casas sem homem, e assim virá a ficar deserta a terra. (9)

12 E o Senhor lançará os homens para longe do seu país, e multiplicar-se-á a porção que tinha sido deixada no meio da terra. (10)

(7) **E QUEM NOS IRÁ LÁ?** — Quando na Pessoa de Deus se diz, nos irá lá, deve-se isso tomar no mesmo sentido em que se diz no Gênesis. Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, para se indicar o mistério da Trindade. — S. Jerônimo.

ENVIA-ME — Não com temeridade, mas com uma grande confiança em Deus, que o acaba de purificar, pede Isaías ao mesmo Senhor que o envie, mostrando que a missão aos ministérios espirituais há-de ser ordenada por Divino beneplácito, e não pelo humano capricho. Veja-se o Profeta Jer 23, 21. — Pereira.

(8) **PARA QUE NÃO SUCEDA** — Pois que? o Senhor teme que os judeus se convertam? Responde-se, que estas expressões não denotam da parte de Deus falta de vontade de salvar os judeus, nem que êle lhes negará as suas graças para se converterem; mas sim que os judeus, pela sua obstinação, e dureza, a tôdas estas graças resistirão, e por mais que Isaías lhes pregue, e lhes mostre o êrro em que vivem, nunca se converterão. — Pereira.

(9) **ATÉ QUANDO, SENHOR?** — Isto é, até quando há-de durar, Senhor, a obstinação, a rebeldia, e voluntária cegueira dos judeus? Ou: Até quando há de continuar o teu furor? — Pereira.

(10) **E MULTIPLICAR-SE-Á** — Apesar do destêrro e dis-

13 E ainda haverá nela dizimação, e converter-se-á, e servirá para mostrar como terebinto, e como carvalho, que estende os seus ramos: A linhagem que ficar nela será santa. (11)

CAPÍTULO 7

O REI DA SÍRIA, E O REI DE ISRAEL SE LIGAM CONTRA JERUSALÉM. CONTUDO ELES NÃO PREVALECERÃO. UMA VIRGEM PARIRÁ UM FILHO CHAMADO MANUEL. MALES QUE ESTÃO PARA VIR SOBRE JUDÁ.

1 E aconteceu nos dias de Acaz, filho de Joatan, filho de Ozias, rei de Judá, que marchou Rasin, rei da Síria, e Facéias, filho de Romélia, rei de Israel, subindo a Jerusalém, para pelejar contra ela: E não a puderam conquistar. (1)

persão dos judeus pelo Mundo, não se extinguiram de todo, antes porém depois de algum tempo se multiplicarão de novo, ainda que também novamente se dão de ver reduzidos à décima parte, não vindo a restar mais que o dizimo deles, o que se cumpriu sob o imperador Adriano, segundo a conjectura de Menochio. — Pereira.

(11) E CONVERTER-SE-Á — Ou no fim do Mundo, para prova da bondade e misericórdia de Deus, Rom 11, 26, ou, segundo outro sentido, servirá de escarmento às mais Nações, estendendo sim como terebinto, ou carvalho, os seus ramos, porém vendo-os logo secos, e de todo murchos sem o viçoso das folhas. O hebreu: e voltará do cativoiro, e será entregue às chamas, como o terebinto (ou olmo) e como o carvalho. — Pereira.

(1) ACAZ — Entramos no segundo período profético de Isaías, compreendendo as profecias do tempo de Acaz, que reinou 16 anos (742-727). Para a boa inteligência das profecias de Isaías desta época convém recordar três circunstâncias importantíssimas da história de Acaz: — 1.º Acaz em vez de manter o culto do verdadeiro Deus, como Ozias e Joatan, favoreceu ostensivamente a idolatria: — 2.º Facéias de Israel e Rasin da Síria continuaram contra ele as hostilidades iniciadas no tempo de Joatan, 4 Rs 15, 37. As particularidades da guerra contra Acaz encontram-se no

2 E deram aviso à casa de Davi, dizendo: A Síria coligou-se com Efraim, e ficou agitado o seu coração e o coração do seu povo, como se movem as árvores das selvas à face do vento. (2)

3 Então disse o Senhor a Isaías: Sai ao encontro de Acáz tu, e o teu filho Jasub, que ficou ao fim do aqueduto da piscina superior no caminho do campo do lavandeiro. (3)

4 Rs 16, 9-11, Par 28, 5-21. Pensam alguns que a guerra foi de pouca duração, porém esta opinião não tem fundamento sólido. — 3.º Como Facécias e Rasin continuaram, provavelmente cada um por seu lado, a destruir Judá, perde a confiança em Deus, cai no mais profundo desânimo, o desalento rouba-lhe as forças, e chama em seu auxílio Teglathalassar, rei da Assíria. E' em seguida a este apêlo do estrangeiro que Isaías faz as suas profecias, precisamente quando o ruído da marcha dos israelitas e dos assírios aterroriza a capital. Estas profecias estão contidas nos capítulos 7 a 12, cuja coleção forma o chamado livro de Emanuel, visto que o Messias é o seu objeto principal. Estas profecias são em número de 4: 1.ª 7, 1 a 9; 2.ª 7, 10 a 25; 3.ª 8, 1 a 4; 4.ª 8, 5 a 12. A 1.ª prepara a profecia de Emanuel; a 2.ª anuncia o seu milagroso nascimento; a 3.ª indica um sinal próximo da libertação de Judá, e a 4.ª mostra que o triunfo do povo de Deus é o símbolo e triunfo do tempo Messiânico.

(2) A CASA DE DAVI — As duas tribos de Judá e de Benjamim, que seguiram as partes da casa de Davi. — Menochio.

COM EFRAIM — Com as dez tribos. Ora o verbo *requievit* da Vulgata, que à letra significa "repousou ou descansou," denota ou a grande esperança que tinham concebido os sírios na liga feita por eles com as dez tribos contra a de Judá, ou que se haviam já aquartelado no reino de Israel. — Pereira.

O SEU CORAÇÃO — O coração de Acáz. — Pereira.

(3) JASUB — Que quer dizer "as relíquias voltaram," mostrando Deus na significação desta palavra que os judeus ou haviam de Babilónia tornar à sua pátria, ou aliviada já a opressão da guerra voltar para ele no reinado de Ezequias.

PISCINA SUPERIOR — A situação desta piscina é controver-

4 E dir-lhe-ás: Trata de te aquietares: Não temas, nem se desanime o teu coração à vista dos dois troços últimos dêsses tições fumegantes em ira de furor, Rasin, rei da Síria, e o filho de Romélia:

5 Porquanto se têm confederado para mal contra ti a Síria, Efraim e o filho de Romélia, dizendo:

6 Vamos contra Judá, e despertemo-lo, e arranque-mo-lo para nós, e ponhamos feito rei no meio dêle ao filho de Tabeel. (4)

7 Estas coisas diz o Senhor Deus: Não subsistirá, nem terá efeito êste desígnio:

8 Mas acabarão Damasco metrópole da Síria, Rasin, soberano de Damasco e ainda dentro de sessenta e cinco anos até Efraim deixará de ser povo: (5)

tida modernamente, a maioria coloca-a a oeste da cidade e identifica-a com Birket-Mamilla.

(4) **DE TABEL** — Lê-se numa inscrição do rei da Assíria Teglatfalasar o nome desta personagem que se chama Itubíl ou Tibíl e que pode ser o Tabeel de Isaías; porém pelo mau estado da inscrição não se pode determinar seguramente que seja êste personagem.

(5) **MAS ACABARÃO** — Êste versículo 8, no qual está anunciada a ruína total de Efraim, isto é, do reino das dez tribos, ao cabo de 65 anos, oferece muitas dificuldades. Sustentam alguns que esta passagem é uma interpolação, como se a Deus fôsse difícil revelar uma data. Pretendem também que o número 65 é falso. Falsa é a asserção. Se se trata da tomada de Samaria por Salmanasar e Sargon, então sim, seria esta data inexata, porque essa teve lugar poucos anos depois, mas Isaías não fala da época em que Efraim deixou de ser um reino, fala do tempo em que deixou de ser um povo, o que, segundo cálculos muito prováveis, teve lugar no tempo de Assaradon, 6.º ano do reinado dêste rei da Assíria, no 20.º de Manassés de Judá. O monarca ninivita fez transportar para os diversos países os últimos restos de Israel, como se pode concluir do 1 Esdr 4, 2. Ora, do primeiro ano de Acáz, data da protecção de Isaías, ao vigésimo ano de Manassés são

9 E também Samaria, capital de Efraim, e o filho de Romélia, soberano de Samaria. Se o não creres não permaneceréis.

10 E continuou o Senhor a falar com Acáz, dizendo: (6)

11 Pede para ti ao Senhor teu Deus algum sinal que chegue ao profundo do inferno, ou ao mais alto do Céu.

12 E disse Acáz: Não pedirei tal, nem tentarei ao Senhor.

13 E disse: Ouvi pois casa de Davi: Porventura não vos basta ser molestos aos homens, senão que tendes ainda ânimo de também o serdes a meu Deus?

14 Pois por isso o mesmo Senhor vos dará êste sinal. Eis que uma virgem conceberá e dará à luz um filho, e será chamado o seu nome Emanuel. (7)

65 anos; 16 anos de Acáz, mais 29 de Ezequias, mais 20 de Manassés perfazem 65.

(6) **DIZENDO** — Esta segunda profecia, do mesmo tempo que a precedente, é uma das mais importantes do Antigo Testamento, porque anuncia o nascimento miraculoso do filho da Virgem — Emanuel — que quer dizer: Deus conosco. Tem quatro partes: 1.ª 7, 10-13. Isaías faz conhecer as circunstâncias da profecia. No momento em que Acáz se vai socorrer do auxilio de Te-glathalassar, o profeta, para lhe provar que Judá pode confiar à Providência os seus destinos, diz ao rei que peça um sinal que seja o penhor da eficácia dessa proteção. Acáz recusa-se. — 2.ª Isaías indica o milagre, o nascimento do filho da Virgem, 7, 14-17, assegurando ao mesmo tempo que Judá há-de ser livre do jugo da Síria e de Israel — 3.ª O oráculo divino é confirmado pela invasão das tropas egípcias e ninivitas, 7, 18-20 — 4.ª Quadro da desolação causado por esta invasão, 7, 21-25.

(7) **UMA VIRGEM** — No hebreu está a palavra *almah*. Esta passagem tem dado ocasião a violentas controvérsias, entre os exegetas católicos e os racionalistas, como Eichorn, Paulus, Von Amon, e muitos outros. Não devendo ser esta nota em demasia exten-

sa, temos de omitir o que afirmam as diversas escolas heterodoxas, limitando-nos a determinar o verdadeiro sentido desta palavra. A palavra *calmah* deriva do verbo *calam* cuja significação inicial é *absconderc*, por conseguinte indica donzela oculta, desconhecida, e como diz S. Jerônimo, *quæ nunquam virorum patuerit aspectibus, sed magna parentum diligentia custodita sit*. Esta é também a significação que tem no árabe, onde se emprega esta palavra na mesma acepção rigorosa em que os latinos empregam o termo *virgo*. Cfr. Le-Hir, *Les trois grands prophètes*. De suma importância é o uso bíblico para esclarecer este controvertido ponto. Em todos os lugares da Bíblia, em que aparece a palavra *calmah*, tem a mesma significação, e são eles além de outros, os seguintes: Gên 24, 43. (Rebeca); Êx 2, 8. (Maria, irmã de Moisés); Sl 67, 26; Cânt 1, 3 e 6, 8; Prov 30, 19. Por isso S. Mateus, que para os hebreus escreveu o Evangelho em hebraico *Hebraeus Hebraeis hebraice scripsit*, cap. 1, 22.23, fez notar o cumprimento da profecia de Isaias, o que não teria feito se o termo *calmah*, do original, tivesse outra significação diversa da que ele lhe dava. A versão dos Setenta empregou o termo *partenos* com a mesma significação. *Septuaginta, qui verterunt calmah, per partenos, id est, illa virgo rara et unica, illa phoenix mundi, illa virgo illustris, et toto orbe sæculisque omnibus celebranda*. Cornélio a Lápide. Da mesma sorte entenderam as paráfrases, a *Caldéia*, de *Onkelos* e *Jonatan*. Mas temos ainda o contexto, pois que esta passagem seria inexplicável se *calmah* tivesse outra significação. Com efeito, se se tratasse duma donzela núbil e duma geração ordinária, o discurso de Isaias seria incompreensível; promete a Acáz um prodígio concedido pelo Senhor, como é que esse prodígio é apenas um fato natural, sucedido em todos os instantes? Depois do que se passou entre o rei e o profeta, este apresentou o sinal, que era um milagre, atinente a um determinado fim, que era convencer Acáz incrédulo do poderio de Deus; o prodígio consistia nisto: que uma virgem conceberia e daria à luz o Messias: *Signum a Deo nisi novitas aliqua monstruosa fuisset, signum non videretur. Nihil signi videri possit res quotidiana, juvenulae scilicet prægnatus et partus. In signum ergo nobis posita virgo mater merito creditur*. S. Ambrósio, *Epíst. 7 ad Siricum* escreve da Virgem *Haec est Virgo quæ in utero concepit, Virgo quæ peperit filium. Sic enim scriptum est. ECCE VIRGO concipiet, e muitos outros, que seria fastidioso citar. Basta notar que todos os doutores da Igreja sustentaram esta explicação autêntica*

15 Ele comerá manteiga e mel, até que saiba rejeitar o mal, e escolher o bem. (8)

16 Porque antes que o menino saiba rejeitar o mal, e escolher o bem, a terra que tu detestas será desamparada da presença dos seus dois reis. (9)

da profecia de Isaías. Num belo fragmento de arte cristã, encontrado no cemitério de Santa Priscila, na Via Salaria, vê-se a Virgem tendo no regaço o seu filho, e ao lado Isaías, de pé, com o hábito dos filósofos, a capa lançada sobre o ombro esquerdo, a mão direita apontando para a estrela (Is 9, 12; 60, 2. 3. 19) e na esquerda tem o rôlo das suas profecias. Pena é que esteja deteriorado, não se vendo a parte inferior, que está completamente arruinada.

EMANUEL — Falsamente têm os escritores racionalistas sustentado que este Emanuel é o filho de Acáz ou o filho de Isaías. O primeiro chamava-se Ezequias, o segundo Jasub; mas ambos já tinham nascido. Acáz fôra pai antes de subir ao trono, e o seu filho sucedeu-lhe com 25 anos de idade. 4 Rs 16, e Jasub tinha sido por seu pai conduzido à presença do rei. Demais, Ezequias e Jasub eram filhos de mulheres casadas, por consequência era ridículo aplicar-lhes a profecia, e mais ainda sustentar que Isaías predizia o seu nascimento. O nome Emanuel é mais um nome simbólico do que um nome próprio; significa "Deus conosco" e ensina-nos a conhecer a natureza do Messias. E' o próprio Deus vivendo no meio dos homens, e por isso ele mesmo Isaías lhe dá adiante 9, 6 os nomes de *Consiliarius*, *admirabilis*, *Deus fortis*, *pater futuri sæculi*, *princeps pacis*.

(8) **COMERÁ MANTEIGA E MEL** — E' este o sustento ordinário dos habitantes do deserto, e era também, entre os antigos, o alimento das crianças. Bochart, *Tierozoicon*, parte I, livro 2.º, cap. 41.

ATÉ QUE SAIBA REJEITAR O MAL — Isto é, até que tenha saído da infância; assim o entendem a paráfrase caldaica e a versão dos Setenta.

(9) **PORQUE ANTES** — Este versículo oferece enormes dificuldades, e tem sido entendido de diversas formas. Todos os exegetas concordam que as palavras do versículo anterior se referem a Emanuel; sustentar-se-á como se sustentam os de sua idade. Mas,

17 O Senhor por intervenção do rei dos assírios fará vir sôbre ti, e sôbre o teu povo, e sôbre a casa de teu pai dias tais, quais não foram vistos desde os dias em que Efraim se separou de Judá.

18 E isto acontecerá naquele dia: O Senhor asso-biará à môsca que está no extremo dos rios do Egito, e à abelha que está na terra de Assur,

19 e elas virão, e pousarão tôdas nas torrentes dos vales, e nas cavernas dos rochêdos, e em todos os matos, e em todos os buracos.

20 Naquele dia o Senhor com uma navalha alugada por meio dos que estão da banda de além do rio, por intervenção do rei dos assírios, rapará a cabeça e os cabelos dos pés, e a barba tôda. (10)

21 E isto acontecerá também naquele dia: Um homem criará uma vaca de bois, e duas ovelhas,

22 e pela abundância do leite sustentar-se-á de manteiga: Porque todo aquêlo que tiver ficado no meio da terra, comerá manteiga e mel.

23 E isto acontecerá outrossim naquele dia: Todo

perguntam, como pode Emanuel designar o Messias, se neste versículo se diz que antes de sair da infância, isto é, em menos de três anos, os reinos da Síria e de Israel, inimigos de Judá, serão destruídos por Teglathalasar, rei da Assíria? A explicação mais simples consiste em supor que Isaías quer indicar simplesmente uma data, um espaço de tempo e que o sentido é este: Antes que passe o tempo que seria necessário a Emanuel para sair da infância, se nascesse em nossos dias, Israel e a Síria serão destruídos. Note-se porém que em parte alguma Isaías diz que Emanuel tivesse nascido no seu tempo. Mas, pergunta-se, por que é que Deus escolheu um sinal tão remoto da sua predição, quando os perigos eram iminentes? E' porque o Senhor consola o seu povo com as esperanças messiânicas.

(10) DO RIO — De Eufrates.

o lugar onde houver mil vides do valor de mil dinheiros de prata se cobrirá de espinhos e abrolhos.

24 Com setas e arco entrarão ali: Porque os abrolhos e os espinhos estarão por tôda a terra.

25 E a todos os montes, que com sacho fôrem sachados, não lhes chegará ali o terror dos espinhos e dos abrolhos, mas servirão para as pastagens dos bois, e para serem pisados dos gados.

CAPÍTULO 8

FILHO QUE HA DE NASCER A ISAÍAS. DESTRUÇÃO PRÓXIMA DOS DOIS REINOS DE ISRAEL E DA SÍRIA. DESOLAÇÃO DE JUDÁ. VÃOS ESFORÇOS DOS INIMIGOS DE JUDÁ. O SENHOR VEM A SER UMA PEDRA DE ESCÂNDALO PARA AS DUAS CASAS DE ISRAEL E DE JUDÁ. DESFEITA DO REINO DAS DEZ TRIBOS.

1 E o Senhor me disse: Toma um livro grande, e escreve nêle em estilo de homem: Tira depressa os despojos, fazc velozmente a prêsa. (1)

2 E eu tomei duas testemuunhas fiéis. Urias sacerdote, e Zacarias, filho de Baraquias:

(1) E O SENHOR — Esta é a terceira profecia: — sinal próximo da libertação de Judá na promessa do filho de Isaías — Deus ordena a Isaías que dê um nome profético ao seu filho. Antes que este saiba falar, isto é, dentro dum ano o rei da Assíria vencerá Damasco e assolará Israel. Com effeito, neste intervalo de tempo, Rasin, rei de Damasco, foi batido por Teglathfalsar, 4 Rs 16, 9, que aniquillou o poderio de Facéas, 4 Rs 15, 29. Cfr. Calmet. Le quatrième livre des Rois, pag. 166, 167; Menant, Annales des rois d'Assyrie, pag. 137; e a Revue d'Assyriologie, t. 1, 1886. F. Hermann Phul et Teglathphalasar d'après deux inscriptions babyloniennes récemment découvertes, pag. 3, 6, e Oppert, Chronique babylonienne du Musée britannique, nos Compte rendus de l'Académie des inscriptions, abril e junho de 1887, por onde se prova que todos

3 E cheguei-me à profetisa, e ela concebeu, e deu à luz um filho. Então me disse o Senhor: Põe-lhe por nome, apressa-te a tirar os despojos: Faze velozmente a prêsa. (2)

4 Porque antes que o menino saiba chamar por seu pai e por sua mãe, tirar-se-á a fortaleza de Damasco, e levar-se-ão os despojos de Samaria diante do rei dos assírios.

5 E continuou o Senhor a falar-me ainda, dizendo: (3)

6 Por isso mesmo que este povo rejeitou as águas de Siloé, que correm em silêncio, e quis antes acostar-se ao partido de Rasin, e ao do filho de Romélia: (4)

estes fatos bíblicos são confirmados pelas recentes descobertas e principalmente pelos fragmentos dos anais assírios, há pouco encontrados.

(2) **POR NOME, ETC.** — O original hebraico tem *Mahe-schalal-khasch-baz* que S. Jerônimo traduziu *Accelera-spolia-detrahere-festina praedari*, o que bem cabe ao filho de Isaias, visto tão depressa se ter realizado a associação preanunciada.

(3) Começa neste quinto versículo a quarta profecia, que compreende 3 partes: 1.^a Israel e Judá serão punidos, porque collocaram a sua confiança no estranho, que não em Deus; um dia, porém, virá em que Emanuel os consolará, e consolidará o trono de Davi para sempre, 8,5; 9, 7. — 2.^a Mas Ele não aparecerá no mundo, senão depois que os filhos de Jacó, e principalmente Efraim, tenham sido castigados, 9, 8; 10, 4. — 3.^a Então Deus vencerá os inimigos de seu povo; a flor de Jessé mudará a face do mundo; Sião louvará o seu Deus, 10, 5; 12. O capítulo 7 anuncia-nos o nascimento do Messias, o cap. 9 revela-nos a sua obra de bênçãos e o 11 o seu reinado de glória.

(4) **AS AGUAS DE SILOÉ** — Isto é, a casa de Davi, representada pelas águas de Siloé, que estavam ao pé da montanha de Sião. Os profetas costumam freqüentes vêzes indicar por nomes de rios os lugares que lhes ficam adjacentes; assim tomam o Nilo pelo Egito e Babilônia pelo Eufrates.

7 Por êste motivo eis que o Senhor fará sôbre êles vir as águas impetuosas e abundantes, ao rei dos assírios, e todo o seu poder: E subirá sôbre todos os seus ribeiros, e correrá por cima de tôdas as suas margens.

8 E se espraíará por Judá inundando-a, e indo assim passando, lhe chegará até o pescoço. E a extensão de suas asas encherá a largura da tua terra, ó Emanuel.

9 Ajuntai-vos, povos, e sereis vencidos, e vós tôdas as terras de longe ouvi: Incorporai as vossas fôrças e sereis vencidos, tomai as vossas armas e sereis vencidos:

10 Formai qualquer desígnio, e êle sairá frustrado: Proferi alguma palavra de mando, e ela não será executada: Porque Deus é conosco.

11 Porque o Senhor me diz a mim estas coisas: Assim como êle com a mão forte me deu a instrução de que não fôsse pelo caminho dêste povo, dizendo:

12 Não digais: Conspiremo-nos porque tudo o que êste povo diz é uma conspiração: E não temais o que êle teme, nem vos assusteis.

13 Dai glória à santidade do mesmo Senhor dos exércitos: Êle seja o vosso pavor, e êle o vosso terror.

14 E êle será para vós um motivo de santificação. Mas servirá de pedra de tropêço, e de pedra de escândalo às duas casas de Israel: De laço e de ruína aos habitantes de Jerusalém.

15 E tropeçarão muitos dentre êles e cairão, e serão quebrantados, e enredados, e presos.

16 Ata o testemunho, sela a lei entre os meus discípulos.

17 E esperarei o Senhor, que esconde a sua face à casa de Jacó, e aguardá-lo-ei.

18 Eis-aqui estou eu e os meus meninos, que o Senhor me deu, para servirem de sinal, e de portento a

Israel da parte do Senhor dos exércitos, que habita no monte Sião.

19 E quando vos disserem: Consultai os pitões, e os adivinhos, que murmuram em segrêdo nos seus encantamentos: Acaso não consultará o povo ao seu Deus, há-de ir falar com os mortos acêrca dos vivos? (5)

20 Antes à lei e ao testemunho é que se deve recorrer. Porém se êles não falarem na conformidade desta palavra, não raiará para êles a luz da manhã.

21 E passará por ela, cairá, e terá fome: E quando padecer esta fome, se agastará, e amaldiçoará ao seu rei, e ao seu Deus, e levantará os olhos lá para cima.

22 E olhará para a terra, e eis-que tudo será tribulação e trevas, desmaio e angústia, e obscuridade que a persiga, e não poderá escapar do apêrto em que se acha.

CAPÍTULO 9

PRIMEIROS GOLPES NA CASA DE ISRAEL. LIVRAMENTO DA CASA DE JUDÁ. REINO DO MESSIAS. MALES QUE HÃO-DE CAIR SOBRE ISRAEL.

1 No primeiro tempo foi levemente combatida a terra de Zabulon, e a terra de Neftali: E no último carregou-se a mão sôbre o caminho do mar no Alem-jordão, a Galiléia dos gentios. (1)

(5) **PITÕES** — São os mágicos, que vivem segundo o espírito de Piton. Moisés tinha condenado a magia, mas esta superstição estava tão profundamente radicada no povo, que Isaías tornou a proferir a sua condenação, e não com eficaz successo.

(1) **NO PRIMEIRO TEMPO** — Por Teglatfalasar começou Deus a subjugar Israel. Foi porém indulgente para as tribos de Zabulon e Neftali.

O CAMINHO DO MAR — A terra de Zabulon e a de Neftali é a mesma que a que aqui se chama o caminho do mar, ou a costa

2 Este povo, que andava em trevas viu uma grande luz: Aos que habitavam na região da sombra da morte, lhes nasceu o dia. (2)

3 Multiplicaste a gente, não aumentaste a alegria:: Eles se alegrarão quando tu lhes appareceres, bem como os que se alegram no tempo da messe, bem como exultam os vencedores com a presa que tomaram, quando repartem os despojos. (3)

4 Porque tu quebraste o jugo do pêso que o opri-mia, e a vara que lhe rasgava as espáduas, e o ceptro do seu exator, como o fizeste na jornada de Madian.

5 Porque todo o violento saque feito com tumulto e a vestidura manchada de sangue, será entregue à quei-ma, e ficará sendo o pasto do fogo.

marítima, porque estava adjacente ao mar, ou lagoa de Tiberíades. A mesma se chamava Galiléia dos gentios, por causa da vizinhança deles, isto é, dos Tírios, debaixo de cujo governo tinha estado sujeita noutro tempo, de onde lhe vinha achar-se não pouco infecionada até dos erros do gentilismo. — Tirino. Ainda no tempo das cruzadas a estrada de Acre a Damasco se chamava o caminho do mar.

(2) **ESTE POVO QUE ANDAVA EM TREVAS** — Mt 4, 13 s. nos mostra o cumprimento desta profecia na pessoa de Jesus Cristo, que pelas terras da Galiléia é que começou a espalhar a luz do Evangelho: da Galiléia escolheu grande parte dos seus apóstolos, e em Caná de Galiléia fez o primeiro milagre de converter a água em vinho. Ao que parece que aludiram com espírito profético os Setenta, quando em lugar das palavras, por onde este capítulo começa no hebreu e no latim, puseram estas: *Hoc primum velociter bibe, velociter fac regio Zabulon, terra Nephtali.* Quer dizer: Bebo primeiro isto (a fé, segundo S. Jerônimo) “com velocidade, com velocidade obra, ó região de Zabulon, ó terra de Neftali.” — Pereira.

(3) **MULTIPLICASTE A GENTE** — Santo Tomás, Hugo Lira, e Grocio, entendem por esta gente multiplicada a gente do exército de Senaquerib, que enchia dilatados campos, mas que em lugar da alegria da vitória achou a morte, dada pelo anjo exterminador

6 Porquanto já UM PEQUENO se acha NASCIDO para nós, e um filho nos foi dado a nós, e foi pôsto o principado sôbre o seu ombro: E o nome com que se apelide será admirável, conselheiro, Deus forte, pai do futuro século, príncipe da paz. (4)

7 O seu império se estenderá cada vez mais, e a paz não terá fim: Assentar-se-á sôbre o trono de Davi, e sô-

a cento e oitenta mil assírios. Outros, como de Carrières, entendem por esta gente o povo de Israel, que depois da sua separação engrossou muito em fôrças e riquezas, mas depois por seus pecados veio a experimentar a última ruína. S. Jerônimo explica assim: tu multiplicaste a gente, enchendo o mundo da notícia de ti, mas não aumentaste a alegria: porque permanecendo os judeus na sua incredulidade, os apóstolos se desconsolaram. — Pereira.

(4) **PORQUANTO JA UM PEQUENO** — Este pequenino é o filho da Virgem, cujo nascimento tinha predito o profeta no cap. 7, versículo 14, e a quem só podem competir os magníficos títulos e atributos que no presente versículo se lhe dão, e no seguinte se continuam. Aquêles nobis para nós, ou a nós, tem grande ênfase; porque vale o mesmo que dizer, não para os anjos, mas para nós os homens, é que nasceu, é que foi dado, vindo a significar *natus* a humanidade, e *fillus datus* a divindade. — Pereira.

E FOI PÔSTO O PRINCIPADO — Os reis costumavam levar sôbre os ombros a insígnia da sua soberania. Cristo, diz Tertuliano, e dizem outros Padres com êle, levou sôbre os ombros a cruz, que é a insígnia do seu reino. — Pereira.

E O NOME COM QUE SE APELIDE SERA ADMIRÁVEL — Todos estes majestosos epítetos dá a Vulgata com o hebreu ao filho de Maria em manifesta prova da sua divindade. Os mesmos lhe atribuem os Setenta da edição complutense: no que ela tem por si os testemunhos de Santo Inácio na carta aos antioqueños, e o de Santo Irineu no liv. 4, cap. 33. A edição romana não traz aqui senão o seguinte: *Vocabitur magni consilii Angelus, adducum enim pacem et salutem super Principes*. Ele se chamará o anjo do grande conselho; porque eu farei vir a paz e a salvação sôbre os príncipes. E assim mesmo citam êste lugar S. Basílio, S. Cirilo, Teodoreto, S. Cipriano, e Santo Ambrósio e a Igreja no Introito

bre o seu reino: Para o firmar e fortalecer em juízo e justiça, desde então e para sempre: Fará isto o zêlo do Senhor dos exércitos. (5)

8 O Senhor dirigiu a sua palavra a Jacó, e caiu em Israel. (6)

9 E sabê-lo-á todo o povo de Efraim, e os habitantes de Samaria que cheios de soberba e arrogância de coação dizem:

10 Os ladrilhos caíram, mas nós edificaremos de pedras de silharia: Eles cortaram os sicômoros, porém nós substituiremos cedros em seu lugar. (7)

11 E suscitará o Senhor os adversários de Rasin para virem sobre ele, e fará entrar em tumulto a seus inimigos:

12 Aos sírios da parte do oriente, e aos filisteus da banda do ocidente: E eles devorarão a Israel com a

da terceira missa do Natal. De onde se vê ser mui antiga em certos exemplares dos Setenta esta falta. Porém o azhar-se em alguns todo o texto, como ele se acha no hebreu e na Vulgata, parece decidir que não foram os mesmos Setenta, os que de propósito omitiram aquelas palavras, aterrados, como conjecturava S. Jerônimo, da grandeza de tais títulos e atributos dados a um menino nascido de mulher, como os outros homens, mas que a omissão veio de outra parte, que se não sabe qual fôsse. — Pereira.

(5) **ASSENTAR-SE-A SOBRE O TRONO DE DAVI** — E' o mesmo que depois de Isaías disse o Arcanjo S. Gabriel à Senhora: Lc 1, 32. O Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai, e ele reinará para sempre na casa de Jacó. — Pereira.

(6) **A JACÓ** — Aqui Jacó e Israel vem a ser o mesmo, e significam os israelitas os descendentes de Jacó, que habitavam em Samaria. Os Setenta, que sem dúvida eram no hebreu *deber morte*, por dabar palavra, trasladam: "O Senhor mandou a morte sobre Jacó e ela veio sobre Israel." Mas tudo vem a dar no mesmo sentido. — Pereira.

(7) **SICÔMOROS** — Era esta a madeira mais geralmente empregada para cobrir as casas. Lc 19, 4.

Isaias 9, 13-19

bôca tôda. Com todos êstes males não se apartou o seu furor, mas ainda está alçada a sua mão: (8)

13 E êste povo não se voltou para quem o feria, e não buscaram ao Senhor dos exércitos.

14 E destruirá o Senhor num mesmo dia a cabeça e a cauda a Israel, ao que governa e ao que perverte.

15 O ancião e o homem respeitável, êsse é a cabeça: E o profeta que ensina mentira, êsse é a cauda.

16 E os que chamam bem-aventurado a êste povo, enganando-o: E aquêles que são chamados ditosos serão precipitados. (9)

17 Por esta causa não se alegrará o Senhor sôbre os mancebos dêle: E não se compadecerá dos seus órfãos, nem das suas viúvas: Porque todos êles são uns hipócritas e uns maus homens, e tôda a bôca proferiu loucuras. Com todos êstes males não se apartou o seu furor, mas ainda está alçada a sua mão.

18 Porque a impiedade se acendeu como um fogo, ela devorará os abrolhos e os espinhos: E se ateará na espessura do bosque, e subirão ao alto nuvens de enovelado fumo.

19 Turbou-se a terra pela ira do Senhor dos exércitos e virá a ser o povo como pasto do fogo: O homem não perdoará a seu irmão. (10)

(8) **COM A BÔCA TODA** — Assim o texto, *toto ore*. O que Sacy e de Carrières expuseram: com tôda a sua raiva. — Pereira.

(9) **E OS QUE CHAMAM** — Ou como outros vertem com Calmet: “E os que chamam bem-aventurado a êste povo, conhecer-se-ão por enganadores: e aquêles, a quem chamam ditosos, serão precipitados.” — Pereira.

(10) **O HOMEM** — O profeta Miquéias serve-se de uma expressão análoga para descrever a desolação de Judá. Miq 7, 2-6. Sabe-se que a ruína do reino de Samaria foi precedida de guerras e de divisões intestinas, 4 Rs 15.

20 E virará à direita, e terá fome: E comerá à esquerda, e não se fartará: Cada um devorará a carne do seu braço: Manassés a Efraim, e Efraim a Manassés, os mesmos juntos se levantarão contra Judá.

21 Com todos êstes males não se apartou o seu furor, mas ainda está alçada a sua mão.

CAPÍTULO 10

CONTINUAÇÃO DAS AMEAÇAS CONTRA ISRAEL. ASSIM SERÁ EXTINTO. OS RESTOS DE ISRAEL SE CONVERTERÃO AO SENHOR. MARCHA DE ASSUR. SUA DESFEITA.

1 Ai dos que estabelecem leis iníquas: E escrevendo, escreveram injustiça:

2 Para oprimirem aos pobres em juízo, e fazerem violência à causa dos fracos do meu povo: Para as viúvas serem a sua presa, e roubarem os bens dos pupillos.

3 Que fareis vós no dia da visita, e da calamidade que vem de longe? A quem tereis vós recurso? E onde deixareis a vossa glória, (1)

4 para não ficardes encurvados debaixo do pêso das cadeias, e para não cairdes com os mortos? Depois de todos êstes males não se apartou o seu furor, mas ainda está alçada a sua mão.

5 Ai de Assur, êle é a vara e o bastão do meu furor, na mão dêles posta se acha a minha indignação.

6 Eu o enviarei a uma nação pérfida, e lhe ordenarei que marche contra um Povo, que eu olho com furor, para que leve dêle os despojos, e lhe dê saque, e o ponha para ser pisado aos pés como o lodo das ruas.

7 Mas êle não o julgará desta maneira, nem o seu

(1) **DE LONGE** — Da Assíria, que aparece mencionada mais abaixo sob a denominação de Assur, nome que também é dado ao rei da Assíria e aos próprios assírios.

coração o pensará assim: Antes porém se aplicará o seu coração a quebrantar, e a exterminar não poucas Nações. (2)

8 Porque dirá:

9 Não é assim que os meus Príncipes são juntamente Reis? Acaso não me está no mesmo modo sujeita Calãno, como Cárcamos? E assim como o está Emat, não no está também Arfad? Porventura não corre igual paralelo tanto a Samaria, como Damasco? (3)

10 Do modo que achou a minha mão os reinos dos ídolos, assim também destruirei os simulacros dos de Jerusalém e de Samaria. (4)

11 Porventura assim como eu fiz a Samaria e aos seus ídolos, não o farei também a Jerusalém e aos seus simulacros? (5)

(2) **MAS ELE** — O sentido é, que Senaquerib não havia de julgar que ele era só um instrumento de que Deus se servia para punir o seu Povo, mas sim que havia de atribuir ao valor do seu braço, e não ao auxilio Divino, as vitórias que alcançasse, querendo ainda envolver na ruína dos judeus a outras muitas Nações. Confirma-se o Livro 4 Rs. 18, 25, e 19, 10. — Pereira.

(3) **CALANO** — Cidade da Babilônia, é a mesma que Calamis, sobre o Tigre, uma das necrópoles da Caldéia, hoje Zergal, tomada pelos assírios em 738.

CÁRCAMOS — É a moderna Djerablous, na margem direita do Eufrates, cidade dos heteus, tomada pelos mesmos em 717.

EMAT — Hoje Hamah, na Celesíria.

ARFAD — Hoje Tell Erfad, ao norte de Alepo.

(4) **REINOS DOS ÍDOLOS** — Os reis da Assíria usavam como troféus os ídolos dos povos vencidos. Sargão levou os ídolos de Azot: Asaradon tomou os deuses árabes, e nas suas estátuas mandou gravar o elogio do seu deus Assur, reenviando-as em seguida aos seus adversários.

(5) **E AOS SEUS SIMULACROS** — Estava Senaquerib na falsa persuasão de que os judeus em Jerusalém davam culto aos ídolos.

12 Também acontecerá isto: Quando o Senhor tiver cumprido tôdas as suas obras no monte Sião, e em Jerusalém, farei exame sôbre o fruto do orgulhoso coração do rei de Assur, e sôbre a glória da altiveza de seus olhos. (6)

13 Porquanto êle disse: Pelo esforço da minha mão fiz isto, e com a minha sabedoria o entendi: E tirei os têrmos dos povos, e despojei aos seus príncipes, e desentronizei como poderoso aos que residiam em altura.

14 E achou a minha mão como a um ninho a fortaleza dos povos: E assim como se recolhem os ovos, que foram deixados, assim ajuntei eu a tôda a terra: E não houve quem movesse a asa, nem abrisse a bôca, nem chilrasse.

15 Acaso gloriar-se-á o machado contra o que corta com êle? ou levantar-se-á a serra contra aquêle por quem é posta em movimento? Tudo isto é como se a vara se alçasse contra o que a alça, e se levantasse o bastão, que enfim não é mais que um lenho.

16 Por isso o Dominador, Senhor dos exércitos, enviará fraqueza sôbre os seus robustos: E ela arderá como queima de fogo ateadada debaixo da sua glória.

17 E o lume de Israel estará naquele fogo, e o seu Santo na chama: E serão abrasados, e devorados os espinhos dêle, e os seus abrolhos em um só dia.

18 E a glória do seu bosque, e do seu Carmelo desde a alma até à carne será consumida, e êle fugirá de puro medo.

19 E as árvores que ficarem do seu bosque serão contadas em consequência do seu pouco número, e um menino os escreverá.

(6) **QUANDO O SENHOR TIVER CUMPRIDO** — Isto é, quando o Senhor tiver castigado os judeus com o flagelo de Senaquerib, punirá também depois êste rei pela sua soberba.

20 Também acontecerá isto naquele dia: Os que tiverem ficado de Israel, e os da casa de Jacó que se tiverem salvado, não farão mais firmeza sôbre aquêlê que os fere: Mas estribar-se-ão sinceramente sôbre o Senhor, o Santo de Israel.

21 Converter-se-ão as relíquias, as relíquias, digo, de Jacó ao Deus forte.

22 Porque se o teu povo, ó Israel, fôr tão numeroso como a areia do mar, só algumas relíquias dêles se converterão, a consumação abreviada inundará justiça.

23 Porque o Senhor Deus dos exércitos fará uma consumação e abreviação no meio de tôda a terra.

24 Portanto, isso diz o Senhor Deus dos exércitos: Não queiras temer, povo meu, habitador de Sião, o mal que te vier de Assur: Ele te ferirá com a sua vara, e levantará o seu bastão para o descarregar sôbre ti no caminho do Egito. (7)

25 Porquanto espera ainda um pouquinho e um breve espaço, e será consumada a minha indignação e o meu furor sôbre a maldade dêles.

26 E o Senhor dos exércitos levantará o flagelo sôbre êle à proporção do estrago de Madian no Penhasco de Oreb, e segundo a sua vara sôbre o mar, e levantá-la-á no caminho do Egito. (8)

27 Também acontecerá isto naquele dia: Será tirado o seu pêso do teu ombro, e o seu jugo do teu pescoço, e apodrecerá o jugo por causa do azeite.

(7) **NO CAMINHO DO EGITO** — O sentido é êste: como fizeram outrora os egípcios, quando saíste do Egito; ou então, e mais conformemente aos documentos assírios. "Assur ferir-te-á quando fôr declarar guerra ao Egito."

(8) **NO PENHASCO DE OREB** — Veja-se o livro dos Jz 7, 25,

28 Virá até Aiat, passará a Magron: Em Macmas deixará depositada a sua bagagem. (9)

29 Passaram de corrida, Gaba foi a nossa estada: Rama ficou cheia de espanto, Gabaat de Saul se lançou a fugir. (10)

30 Brada com a tua voz, filha de Galim, atende Laisa, pobrezinha Anatôt. (11)

31 Medemêna já passou para outra parte: Vós, habitantes de Gabim, cobrai alento.

32 Ainda há dia para se chegar a fazer alto em Nobe, ãe moverá a sua mão contra o monte da filha de Sião, contra o outeiro de Jerusalém.

33 Eis-que o dominador Senhor dos exércitos quebrará a quartinha com terror, os altos de estatura serão cortados, e os sublimes ficarão abatidos. (12)

34 E as espessuras do bosque serão derribadas com ferro: E o Líbano cairá com os seus altos. (13)

(9) **AIAT** — Hai, a primeira cidade de Judá, situada a seis horas de Jerusalém, sobre uma alta colina de onde se desfrutava um magnífico panorama, no lugar atualmente denominado Tell-Jiba, onde há muitas ruínas.

MAGRON — Hoje El-Migrón, a alguns minutos de Beitin, a antiga Betel.

MACMAS — A nordeste de Jerusalém, hoje Moukmas.

(10) **GABAAT** — Era a pátria de Saul, 1 Rs 11, 4, é o mesmo termo que Gaba.

(11) **ANATOT** — Cidade sacerdotal, na tribo de Benjamim, perto de Jerusalém, para o lado do nordeste.

(12) **QUEBRARA A QUARTINHA** — O Senhor quebrantará as forças dos assírios e o seu exército, com a mesma facilidade com que se quebra uma quarta de barro. Ou alude às quartas quebradas de Gedeão, e à derrota dos madianitas. Jud 7. — Menochio.

E OS ALTOS DE ESTATURA — Os soldados mais valentes, e oficiais do exército de Senaquerib.

(13) **E AS ESPESSURAS DO BOSQUE** — Pela rebolçeira do

CAPÍTULO 11

VARA DO TRONCO DE JESSÉ. AS NAÇÕES VÊM A ELA. RESTOS DE ISRAEL E DE JUDÁ ASSOCIADOS E REUNIDOS.

1 E sairá uma vara do tronco de Jessé, e uma flor brotará da sua raiz. (1)

2 E descansará sobre ele o espírito do Senhor: Espírito de sabedoria e de entendimento, espírito de conselho e de fortaleza, espírito de ciência e de piedade, (2)

bosque se entendem os esquadrões cerrados com os seus comandantes. Veja-se acima o versículo 18.

(1) **E SAIRA UMA VARA DO TRONCO DE JESSÉ** — A Vulgata com os Setenta pôs “da raiz de Jessé”, mas o hebreu Geza, diz S. Jerônimo que significa tronco, e que assim mesmo o traduziram Aquila, Símaco e Teodocião. Ora, tanto a vara como a flor, ambas os judeus entendem do Messias, crendo que na vara se mostra o seu ceptro, na flor a sua formosura. Nós, porém, diz S. Jerônimo, por esta vara entendemos a Santa Virgem Maria, por esta flor a Cristo, seu unigénito filho. — Percira.

(2) **O ESPÍRITO DO SENHOR** — Isaías enumera, neste e no versículo seguinte, os sete dons do Espírito Santo, para indicar a plenitude da graça. *Uni Spiritui multiplicem tribuit et efficacitatem: nec enim alius est Spiritus sapientie, alius intelligentie, vel consilii et fortitudinis, ac reliquorum at quemadmodum unus ut ex Deo Patre sermo, energia autem et efficientia nominatur multifariam, vita namque est et lux et virtus, sic etiam in Spiritu Sancto intelliges; unus nimirum cum sit, intelligitur multipliciter et sic etiam operatur.* Cf. S. Jerônimo, In Is 11, 2, col. 145. O texto hebraico não apresenta senão seis dons do Espírito Santo, porque o que a Vulgata traduz por pietas, piedade, e timor Domini, temor do Senhor, está expresso por uma só frase *ire' ath Yahveh*, no texto original.

SABEDORIA — O termo hebraico *khokmah* mostra a sabedoria teórica.

ENTENDIMENTO — Em hebreu *bimah*, é o discernimento, a prudência.

CONSELHO — *Etsah* indica a sabedoria prática que aconse-

3 e enchê-lo-á o espírito do temor do Senhor: Não julgará segundo a vista dos olhos, nem argüirá pelo fundamento dum ouvi dizer: (2a)

4 Mas julgará os pobres com justiça: E argüirá com equidade em defesa dos mansos da terra: E ferirá a terra com a vara da sua bôca, e matará o ímpio com o assôpro dos seus lábios. (3)

5 E a justiça será o cinto dos seus lombos: E a fé o talabarte dos seus rins.

6 O lôbo habitará com o cordeiro: E o leopardo se deitará ao pé do cabrito: O novillo, e o leão, e a ovelha viverão juntos, e um menino pequenino os conduzirá.

7 O novillo e o urso irão comer às mesmas pastagens: As suas crias descansarão unas com as outras, e o leão comerá palha como o boi.

8 E divertir-se-á a criança de peito sôbre a toca do áspide: E na caverna do basilisco meterá a sua mão a que estiver já desmamada.

9 Eles não farão dano algum, nem matarão em todo o meu santo monte: Porque a terra está cheia da

lha a perpetuar ou omitir certos atos, e que vê com segurança em casos difíceis.

FORTALEZA — Gebourah é a fôrça de vontade que só executa o que aconselha a sabedoria.

CIENCIA — Da'ath, é o conhecimento da lei de Deus.

PIEIDADE — Iri'ath Yahveh, é a religião.

(2a) **TEMOR DO SENHOR** — Ainda que em hebreu esteja expresso pela mesma expressão precedente, contudo refere-se a receio e respeito profundo que devem a Deus. São estes os dons a que a Igreja chama no hino litúrgico *Veni creator*, a dádiva *septiforme*, *septiformis munere*. Cf. Habert, *De Donis Spiritus Sancti*, e Schegg, *Der prophet Isaias*, t. 1.º pag. 131.

(3) **E MATARÁ O ÍMPIO** — Destruirá a impiedade ou o império do Anti-Cristo. Veja-se o apóstolo na 2.ª aos Tes 2, 8. — Pereira.

ciência do Senhor, assim como as águas do mar que a cobrem.

10 Naquele dia à raiz de Jessé, que está posta por estandarte dos Povos, virão a ela mesma fazer-lhe suas rogativas as nações, e será glorioso o seu sepulcro. (4)

11 Também acontecerá isto naquele dia: Estenderá segunda vez o Senhor a sua mão para possuir os restos do seu povo, que tiverem escapado ao furor dos assírios e do Egito, e de Fetros, e da Etiópia, e de Elão, e de Senaar, e de Emat, e das Ilhas do mar. (5)

(4) **POR ESTANDARTE** — A cruz de Cristo foi como o estandarte, debaixo do qual se alistaram na sua milícia, judeus e gentios, concorrendo uns e outros para a Igreja adorar a Cristo, e abraçar a fé do Evangelho pregada pelos apóstolos. — Pereira.

E SERÁ GLORIOSO O SEU SEPULCRO — O hebreu tem: "E o seu descanso será glorioso", ou a sua morte "será gloriosa". Nós porém, diz aqui S. Jerônimo, para darmos ao leitor um sentido manifesto, em lugar de descanso ou morte, poremos sepulcro, mudando a palavra, mas não o sentido. Bem se sabe em quanta veneração tiveram sempre os fiéis o lugar do santo sepulcro. Por muitos séculos sustentaram os príncipes cristãos grandes guerras, por tirar do poder dos sarracenos este santo lugar.

(5) **PARA POSSUIR OS RESTOS DO SEU POVO** — No sentido literal se pode isto entender dos judeus, que em diversos tempos foram livres do cativeiro que padeciam, e muito principalmente dos que sobreviveram ao cativeiro de Babilônia, que depois do Egito é o mais famoso nas Escrituras. No sentido espiritual já ouvimos de S. Paulo, que estes restos dos judeus livrados do cativeiro temporal significam os restos dos judeus, que Cristo converteu da incredulidade à sua fé, os primeiros dos quais, como aqui adverte S. Jerônimo, foram os apóstolos e discípulos; depois os que eles converteram, como os três mil que S. Pedro converteu em dia de Pentecostes, At 2, 41, e outros cinco mil que pouco depois abraçaram também o Evangelho. At 4, 4. Dêstes mesmos restos convertidos se deve entender o que se diz abaixo no versículo 12: "E ajuntará os fugitivos de Israel, e reunirá os dispersos de Judá feitos vir das quatro plagas da terra." O que além de outras oca-

12 E levantará o seu estandarte às nações, e ajuntará os fugitivos de Israel, e reunirá os dispersos de Judá feitos vir das quatro plagas da terra.

13 E desterrar-se-á a emulação de Efraim, e perecerão os inimigos de Judá: Efraim não invejará a Judá, e Judá não peleará contra Efraim. (6)

14 E voarão por mar a pôr-se em cima dos ombros dos filisteus, êles juntos saquearão aos filhos do Oriente: A Idumécia e Moab será a primeira conquista de suas mãos, e os filhos de Amom lhes serão obedientes. (7)

15 E desolará o Senhor a língua do mar do Egito, e levantará a sua mão sobre o rio com a fortaleza do

siões se verificou no mesmo dia de Pentecostes daqueles judeus, de quem S. Lucas no versículo 5 do capítulo 2 já alegado, escreve: *Erant autem in Jerusalem habitantes Judæi, viri religiosi ex omni natione, quæ sub cælo est.* — Pereira.

O EGITO — E' o baixo Egito.

FETROS — Alto Egito.

ETIÓPIA — Impunha-se pelos seus reis a todo o Egito.

ELÃO — A Suriana.

SENAAR — A Babilônia.

(6) EFFRAIM — E' o reino de Israel.

(7) E VOARAO POR MAR A PÔR-SE EM CIMA DOS OMBROS DOS FILISTEUS — Isto é, a subjugá-los, como faz um homem a outro, quando se lhe põe sobre as costas. Tudo isto, porém, se deve entender da conversão dos gentios pelos apóstolos, a cuja pregação cederam a Palestina e tôdas as regiões a que se vai pelo Mediterrâneo, a saber, tôda a Europa, todo o Oriente e Ocidente. Assim o nosso Foreiro, cuja exposição tôda espiritual não havia para que o padre Houbigant não só a impugnasse, mas ainda a repreendesse. Porque a exposição de Foreiro é a mesmíssima de S. Jerônimo, e a que Houbigant adotou, entendendo tôda esta profecia da última tornada dos judeus vitoriosos para a sua pátria, é a que o mesmo doutor Máximo aqui, e noutros lugares do seu comentário expressamente reprova, como tôda carnal, e tôda fundada nos delírios dos antigos Milénários. — Pereira.

seu espírito: E feri-lo-á dividindo-o em sete canais, de sorte que por êle passem calçados. (8)

16 E haverá caminho para o resto do meu povo, que escapar dos assírios: Assim como o houve para Israel naquele dia, em que saiu da Terra do Egito.

(8) **E DESOLARA O SENHOR A LÍNGUA DO MAR DO EGITO** — O hebreu diz aqui: "O Senhor anatematizará a língua do mar do Egito," isto é, destruí-la-á inteiramente, como se fazia às cidades que se condenavam ao anátema. Esta língua porém do mar do Egito, tem Foreiro com outros vários intérpretes, que é o mar Vermelho, que tem figura duma língua, e por aquela parte termina o Egito. — Pereira.

E LEVANTARÁ A SUA MÃO SOBRE O RIO — S. Jerônimo, como mais abaixo se nomela, "sete regatos" em que o rio será dividido, deu por certo que se falava aqui do Nilo, dividido em sete braços, ou, por usarmos da metáfora do nosso Barros, em sete pernadas. Nesta suposição creu o Santo doutor, que êste desolar Deus a língua do mar do Egito, e levantar a mão sobre o rio, e dividi-lo em regatos, era significar o profeta no sentido histórico a destruição do reino do Egito por Augusto César nos tempos vizinhos ao nascimento de Jesus Cristo, e a sua divisão em várias judicaturas ou comarcas, depois que êle fôsse reduzido a província romana; e no sentido figurado, significar que Deus tiraria todos os obstáculos, que pudessem impedir a conversão dos egípcios. Foreiro, porém, e com êle outros modernos, refletindo por uma parte, que debaixo do nome de "rio" pôsto absolutamente se costuma designar nas Escrituras o Eufrates, e por outra, que a divisão do rio em sete regatos, de que fala o profeta, é para abrir caminho aos que hão de vir da Assíria; querem com o parafrasta caldeu, que êste rio seja o Eufrates. — Pereira.

DE SORTE QUE POR ÊLE PASSEM CALÇADOS — Assim como o dividir o rio em sete significa facilitar a sua passagem, assim o poderem-no êles passar calçados, é uma hipérbole com que se exagera esta facilidade do passar. — Pereira.

ISAÍAS

CAPÍTULO 12

CÂNTICO DE AÇÃO DE GRAÇAS PELO LIVRAMENTO DAS DUAS CASAS DE ISRAEL E DE JUDÁ.

1 E dirás naquele dia: Eu te rendo, Senhor, as graças porque te iraste contra mim: O teu furor se aplacou, e tu me consolaste. (1)

2 Eis-aqui está Deus Salvador meu, resolutamente obrarei, e não temerei: Porque o Senhor é a minha fortaleza, e a minha glória, e êle se tornou para mim em salvação.

3 Vós tirareis com gôsto águas das fontes do Salvador:

4 E direis naquele dia: Louvai ao Senhor, e invocai o seu Nome: Fazei notórios entre os povos os seus desígnios: Lembrai-vos que o seu nome é excelso.

5 Cantai ao Senhor, porque êle fez coisas magníficas: Anunciai isto em tôda a terra.

6 Exulta, e louva, morada de Sião: Porque o grande, o Santo de Israel está no meio de ti.

(1) **PORQUE TE IRASTE CONTRA MIM** — Já se vê que o povo, ao qual introduz aqui o profeta entoando êste cântico, de nenhum modo rende a Deus as graças por se ter irado contra êle; porque isto seria, como adverte Calmet, insultar a sua justiça, e aprovar o pecado; mas engrandece a sua bondade por ter deposto a ira, lembrando-se para com êle da sua misericórdia. — Pereira.

CAPÍTULO 13

RUÍNA DE BABILÔNIA PELOS MEDOS E PERSAS.

1 Desgraça de Babilônia, que viu Isaías, filho de Amós. (1)

2 Levantai o estandarte sobre esse monte caliginoso, levantai a voz, levantai a mão, e entrem os capitães pelas suas portas. (2)

3 Eu passei ordens aos meus santificados, e chamei os meus valentes na minha ira, os que exultam com a minha glória. (3)

(1) Começa aqui a coleção das catorze profecias contra as nações estrangeiras, que se referem a quase todos os povos conhecidos dos hebreus — 1.º Contra os caldeus, herdeiros dos assírios, 13; 14, 23. — 2.º Contra os assírios, 14, 24-27. — 3.º Contra os filisteus, 14, 28-32. — 4.º Contra os moabitas, 15: 16. — 5.º Contra Damasco e Israel, 17. — 6.º Acerca da Etiópia, 18. — 7.º Contra o Egito, 19; 20. — 8.º Contra Babilônia, 21, 1-10. — 9.º Contra Duma (Gên 25, 14; 1 Par 1, 30) 21, 11-12. — 10.º Contra a Arábia, 21; 13-17. — 11.º Contra Jerusalém, 22, 1-14. — 12.º Contra Sobna, 22, 15-25. — 13.º Contra e a favor de Tiro, 23. — 14.º Oráculos escatológicos, isto é, profecias concernentes ao fim do mundo.

DESGRAÇA — Na Vulgata está Onus, que o P. Pereira traduziu por pêso, porém, segundo S. Jerônimo, esta palavra indicava desgraça violenta. O sentido é este: Profecia da desgraça.

BABILÔNIA — Na linguagem figurada dos profetas, representa o mundo idólatra. Por Babilônia se inicia o ciclo destas profecias, porque Babilônia devia ser a herdeira do poder de Nínive, o mais formidável inimigo de Judá.

(2) **LEVANTAI O ESTANDARTE SOBRE ESSE MONTE** — Era costume dos orientais levantar no cume de algum monte um grande mastro e atar nêle uma bandeira, para com êste sinal apeldarem a gente para a guerra. Is 30, 17 e 33, 23. Jer 4, 6, e 6, 1.

(3) **AOS MEUS SANTIFICADOS** — Chama seus santificados os medos, pelos ter escolhido para ministros da sua vingança contra Babilônia. — S. Jerônimo.

4 Já nos montes a grita da multidão, como se fôra de numerosos povos, retumba: Já a voz do sonido de reis, de gentes congregadas retine: O Senhor dos exércitos tem dado as suas ordens para a militar disposição da guerra,

5 aos que vêm de remontado país, desde a extremidade do mundo: O Senhor, e os instrumentos do seu furor se apressam para destruir a tôda a terra. (4)

6 Uivai, porque perto está o dia do Senhor: Virá do mesmo Senhor uma como tal assolação.

7 Por esta causa tôdas as mãos se debilitarão, e todo o coração do homem se desanimará,

8 e quebrantado ficará. Apoderar-se-ão dêles torções e dores, como a mulher que está nas angústias do parto, se doerão: Cada um ficará atônito olhando para o que tiver junto a si, tornar-se-ão os seus rostos umas caras tismadas.

9 Eis-aí virá o dia do Senhor, o dia cruel, e cheio de indignação, e de ira, e de furor, para pôr a terra numa solidão, e para fazer em migalhas os seus pecadores exterminados dela.

10 Porquanto as estrêlas do céu, e o resplendor delas não espalharam a sua luz: Tem-se coberto de trevas o sol em o seu nascimento, e a lua não resplandecerá com a sua luz.

11 E visitarei, vindo sôbre êle, os males do mundo,

(4) **DESDE A EXTREMIDADE DO MUNDO** — à letra: desde a sumidade do céu, isto é, desde a extremidade do horizonte. Virão as tropas dos persas desde a extremidade da terra, onde parece que ela toca no Céu. Tal é a Inteligência de Menochio,

Isaías 13, 12-20

e contra os ímpios a sua iniquidade, e farei cessar a soberba dos infieis, e humilharei a arrogância dos fortes.

12 O varão será mais precioso que o ouro, e o homem sê-lo-á mais que o ouro acrisolado.

13 Sobre isto eu turbarei o céu: E mover-se-á a terra do seu lugar por causa da indignação do Senhor dos exércitos, e pelo dia da ira do seu furor.

14 E será bem como a corçazinha que foge, e como a ovelha: E não haverá quem a recolha: Cada um voltará para o seu povo, e em seguimento uns dos outros fugirão para a sua terra.

15 Todo o que fôr achado será morto: E todo o que sobreviver cairá em terra passado à espada.

16 Suas crianças de peito serão diante dos olhos dêles machucadas: Suas casas serão saqueadas, e suas mulheres violadas:

17 Eis-que eu suscitarei contra êles aos medos, que não buscarão prata, nem cobiçarão ouro: (5)

18 Mas êles matarão as crianças com as suas setas, e não se compadecerão das mães em cujo ventre elas andarem, e a seus filhos não perdoará o ôlho dêles.

19 E aquela Babilônia de tanta glória entre os reinos, a ínclita soberba dos caldeus, ficará destruída: Como o Senhor destruiu a Sodoma e a Gomorra.

20 Jamais será habitada, nem reedificada de gera-

(5) **AOS MEDOS** — Antes desta época já os medos estavam em guerra com a Assíria. Um rei de Nínive alude a êles no ano 81 A. C. Sob esta designação indicam-se também os persas. Estes são nomeados no Antigo Testamento pela primeira vez por Ezequiel e por Daniel. Na Círopédia também os persas têm a designação de medos, 10, 1-20.

ção em geração: Nem ali porá as suas tendas o arábio, nem repousarão nela os pastôres. (6)

21 Mas farão ali o seu covil as feras, e encher-se-ão as suas casas de dragões: E habitarão ali os avestruzes, e farão ali os peludos as suas danças: (7)

22 E responder-se-ão ali os mochos uns aos outros em suas casas, e as sereias nos templos do deleite. (8)

(6) **JAMAIS SERA HABITADA** — Esta predição realizou-se alguns séculos depois, mas cumpriu-se. Ciro tomou Babilônia, mas não destruiu as suas muralhas. Dario, filho de Histaspes, que retomou Babilônia, em 518 A. C., reduziu os seus limites. Xerxes arruinou o famoso templo de Bel, o orgulho da cidade. Alexandre sonhou fazer de Babilônia a capital do seu império, mas morreu sem ter conseguido realizar o seu projeto, e um dos seus generais, Seleuco Nicator, em 312, assolou para sempre a cidade de Nabucodonosor. Sobre os seus destroços levantou a cidade Selêucia, do seu nome, que acabou por ser um deserto, no dizer de Estrabão, 16, 15. Ainda agora persiste a maldição divina; perto fundou-se a cidade de Hilá, mas as ruínas da antiga Babilônia lá continuam desertas e habitadas somente por animais selvagens.

(7) **E HABITARÃO ALI OS AVESTRUZES** — O nome hebreu, que a Vulgata exprime aqui por *Struthiones*, tem Calmet para si que significa os cisnes; e o outro nome que a Vulgata exprime por *Pilost*, os bodes. De Carrières seguindo a Saci e a Duhamel verte Sátiros: *Le Gros monstros horríveis*. Não se sabe porém ao certo o que sejam. Cfr. Vigouroux, nota à Sainte Bible de Glairé 1902.

PELUDOS — Tradução de *Pilosí* da Vulgata. Os Setenta traduziram por *demônios*. São porém, segundo melhores e mais modernas interpretações, os ídolos que eles adoravam, tão estranhos e singulares como singulares e estranhos eram os cultos que lhes tributavam, conforme descobriu um moderno viajante alemão, José Wolf.

(8) **OS MOCHOS** — Assim vertem todos os referidos franceses o termo *Uluç*, da Vulgata, o qual Bochart se inclina a que signifique antes certa espécie de lobos mui frequentes na Arábia.

NOS TEMPLOS DO DELEITE — Ou nos palácios voluptuosos, como verte Vatablo. — Menochio.

CAPÍTULO 14

LIVRAMENTO DOS FILHOS DE JACÓ. RUÍNA DO REI DE BABILÔNIA. DESFEITA DOS ASSÍRIOS. AMEAÇAS CONTRA OS FILISTEUS. PROMESSAS A FAVOR DE JUDÁ.

1 O seu tempo está próximo a vir, e os seus dias não se alongarão. Porque o Senhor se compadecerá de Jacó, e reservará ainda para si alguns escolhidos de Israel e fá-los-á descansar na sua terra: Agregar-se-á a êles o estrangeiro, e se unirá à casa de Jacó. (1)

2 E tomá-los-ão os povos, e os conduzirão para o seu país: E possui-los-á a casa de Israel sôbre a terra do Senhor para servos e servas: E cativarão aquêles que os haviam cativado, e sujeitarão aos seus exatores. (2)

3 E acontecerá isto naquele dia: Quando o Senhor te tiver dado descanso depois do teu trabalho, e da tua oppressão: E dura servidão em que antes serviste:

4 Usarás desta parábola contra o rei de Babilônia, e dirás: Como cessou o exator, como se acabou o tributo? (3)

(1) O SEU TEMPO ESTÁ PRÓXIMO A VIR — Pelo original hebreu se conhece, que aquêles “seu” apeia sôbre Babilônia. E ainda que entre a profecia e a sua verificação mediarão, como já dissemos, cento e setenta e dois anos, o profeta se explica pelos têrmos de estar próximo o tempo; porque depois do cativeiro de Jerusalém não foi muito o tempo que mediou, que Babilônia não fôsse destruída pelos medos e persas. — S. Jerônimo.

(2) E CATIVARÃO AQUELES QUE OS HAVIAM CATIVADO — Muitos babilônios voltaram com os judeus para Jerusalém, e se sujeitaram à lei mosaica. — S. Jerônimo.

(3) USARÁS DESTA PARÁBOLA CONTRA O REI DE BABILÔNIA — Israel depois de sacudir de si o jugo da escravidão, e voltar para a sua pátria, se lembrará do grande poder que noutro tempo tivera Nabucodonosor, e da altura de glória a que Babilônia tinha subido; e explicará com amargas vozes o sentimento que

5 O Senhor esmigalhou o bastão dos ímpios, a vara dos dominadores,

6 ao que na sua indignação feria os povos com uma chaga incurável, ao que sujeitava as nações no seu furor, ao que cruelmente as perseguia.

7 Tòda a terra ficou em descanso e em silêncio, ela se encheu de prazer e exultou: (4)

8 As faias igualmente se alegraram sôbre ti, e os cedros do Líbano, desde que tu dormiste, não subirá quem os corte. (5)

9 O inferno se viu lá em baixo à tua chegada todo turbado para te sair ao encontro, êle fêz por teu respeito levantar os gigantes. Todos os príncipes da terra, todos os príncipes das nações se ergueram de seus sólios.

10 Todos universalmente responderão, e te dirão: Também tu igualmente como nós fôste ferido, vieste a ser-nos semelhante.

11 Arrastada foi a tua soberba até aos infernos, caiu por terra o teu cadáver: Debaixo de ti se estenderá por cama a polilha, e a tua coberta serão os bichos.

12 Como caíste do céu, ó Lúcifer, tu que ao ponto do dia parecias tão brilhante? Como caíste por terra tu, que ferias as nações? (6)

tem de o ver reduzido a tão miserável estado, que os seus mesmos inimigos se compadecem dêle. — S. Jerônimo.

(4) **TÒDA A TERRA FICOU EM DESCANSO** — A que dantes estava sujeita aos babilônios, ou a Judéia. — Menochio.

(5) **AS FAIAS IGUALMENTE SE ALEGRARAM** — Por estas faias e cedros do Líbano se entendem os diversos príncipes do mundo, que foram debelados por Nabucodonosor, e que agora, vendo-o batido, se alegram com a sua ruína. — S. Jerônimo.

(6) **COMO CAÍSTE DO CÉU, Ó LÚCIFER** — Dado que S. Jerônimo e outros Padres entendam este texto de Nabucodonosor, ou de seu neto Baltasar, a maior parte dêles contudo o refere para o príncipe dos demônios, que, pela singular formosura e resplen-

13 Que dizias no teu coração: Subirei ao céu, exaltarei o meu trono acima dos astros de Deus, assentarme-ei no monte do testamento, aos lados do Aquilão.

14 Subirei acima da altura das nuvens, serei semelhante ao Altíssimo.

15 E contudo no inferno serás precipitado ao profundo do lago:

16 Os que te virem, se inclinarão para ti, e te contemplarão dizendo: Acaso é este aquêle homem, que meteu em confusão a terra, que fêz estremecer os reinos,

17 que pôs o mundo em solidão, e destruiu as suas cidades, o que não abriu o cárcere aos seus cativos?

18 Todos os reis das nações universalmente dormiram no meio da sua glória, cada um foi depositado no seu jazigo.

19 Mas tu fôste arrojado longe do teu sepulcro, como um tronco inútil, manchado, e confundido com aquêles que foram mortos à espada, e desceram às funduras do lago, como um podre cadáver.

20 Não terás consórcio com êles, nem ainda na sepultura: Porque tu deitaste a perder à tua terra, tu fizeste perecer o teu povo: Nunca jamais será nomeada a ralé dos péssimos.

21 Preparai seus filhos para uma morte violenta, por causa da iniquidade de seus pais: Êles não se levantarão, nem herdarão a terra, nem encherão de cidades a face do mundo.

22 E levantar-me-ei contra êles, diz o Senhor dos exércitos: E perderei o nome de Babilônia, e as suas relíquias, e o renôvo, e a progênie, diz o Senhor.

dor em que foi criado, e em que excedia a todos os celestiais espíritos, se chama Lúcifer, que quer dizer: Estrela da manhã. E a isto parece que aludia Cristo, quando disse por Lc 10, 18. "Eu vi a Satanaz caindo do Céu, como um relâmpago."

23 E reduzi-la-ei a uma possessão de ouriços, e a lagoas de águas, e varrê-la-ei gastando-a com a vassoura, diz o Senhor dos exércitos.

24 Jurou o Senhor dos exércitos dizendo: Por certo que assim como eu pensei, assim será: E do modo que o tracei na mente,

25 assim acontecerá: Que eu quebrante na minha terra o assírio, e nos meus montes o pise aos pés: E ser-lhes-á tirado o jugo dêle, e o pêso dêle se descarregará dos ombros dêles.

26 Êste é o desígnio que eu formei sôbre tôda a terra, e esta é a mão alçada sôbre tôdas as nações.

27 Porque o Senhor dos exércitos é o que fulminou êste decreto: E quem o poderá invalidar? Também a sua mão está alçada: E quem na fará apartar?

28 No ano em que morreu o rei Acaz, foi êste pêso anunciado:

29 Não te alegres tu, Filistéia tôda, por se ter esmigalhado a vara do que te feria: Porque da estirpe da cobra sairá o basilisco, e o que dêle nascer absorverá as aves.

30 E serão apascentados os primogênitos dos pobres e os pobres repousarão com segurança: E farei morrer de fome a tua raiz, e acabarei duma vez com as tuas relíquias.

31 Dá os teus uivos, porta; grita, cidade: Por terra se acha tôda a Filistéia: Porque do Aquilão virá o fumo, e não há quem escape ao seu exército.

32 E que se responderá então aos mensageiros das nações? Que o Senhor fundou a Sião, e que nêle mesmo esperarão os pobres do seu povo.

CAPÍTULO 15

VINGANÇAS QUE O SENHOR EXERCITARA CONTRA OS SOBERBOS MOABITAS. DESOLAÇÃO E RUÍNA DO SEU PAÍS.

1 Desgraça de Moab. Porque de noite foi assolada Ar, Moab emudeceu: Porque de noite foi demolida a muralha, Moab também emudeceu. (1)

2 Subiu a casa, e Dibon aos altos para chorar sobre Nabo, e sobre Médaba, Moab uivou: Em tôdas as suas cabeças haverá calva e tôda a barba será rapada. (2)

3 Em suas encruzilhadas se acharam êles vestidos de saco: Sobre os seus telhados, e nas suas praças todo o alarido se trocou em pranto.

4 Gritará Hêsebon e Eleale, até Jasa foi ouvida a voz dêles. Sobre isto uivarão os armados de Moab, a sua mesma alma dentro de si dará urros.

5 O meu coração clamará à vista de Moab, os seus ferrolhos irão fugindo até Segor, novilha de três anos:

(1) **DESGRAÇA DE MOAB** — Dêste capítulo até o vigésimo tercelro se compreende tudo o que diz respeito ao reinado de Ezequias, antes do desbarato de Senaquerib, e o mais que se estende a tôdas as nações vizinhas, que podiam ter alguma relação com os israelitas, como eram os siros, moabitas, etíopes, egípcios, madianitas, idumeus, árabes, babilônios e tírios.

AR — A cidade capital dos moabitas, na margem esquerda do Arnon, em frente de Arôer. Afastamo-nos da pontuação do P. Pereira, e seguimos a de Glaire, *ed. cit.*

(2) **SUBIU A CASA** — Na estela de Mesa, descoberta em 1869, nomeiam-se estas cidades.

EM TODAS AS SUAS CABEÇAS HAVERÁ CALVA — Sinal e demonstração ordinária de dor e luto entre os orientais, 1 Esd 9, 3; 2 Rs 19, 24; Jer 48, 37; Bar 6, 30.

Porque pelo outeiro Luit subirá chorando, e no caminho de Oronaim levantarão a voz em ais de contrição. (3)

6 Porque as águas de Nemrim serão desamparadas, porquanto secou-se a erva, não vingaram as plantas, murchou-se tôda a verdura. (4)

7 Segundo a grandeza da obra assim será a sua visita: Levá-los-ão para a torrente dos salgueiros.

8 Porque se fêz ouvir o clamor em tórno dos confins de Moab: Chegaram até Galim os seus urros, e até ao poço de Elim se estendeu o seu clamor.

9 Porquanto cheias ficaram de sangue as águas de Dibon: Pois enviarei sôbre Dibon, uns acréscimos: Leões contra aquêles de Moab, que escaparem, e contra as relíquias da terra.

(3) OS SEUS FERROLHOS IRÃO FUGINDO ATÉ SEGOR

— Por ferrolhos se entendem aqui os termos e as fôrças, por estar Segor nos confins das órbitas separando-os dos filisteus. E esta Segor era a quinta das cinco cidades infames, isto é, a quinta depois de Sodoma, Gomorra, Adama e Seboim, à qual Deus perdou em atenção a Ló, e hoje lhe chamam os siros Zoora ou Zoara. — S. Jerônimo.

NOVILHA DE TRÊS ANOS — Isto é, Segor, cujo povo é forte, e semelbante a uma novilha de três anos; porque nesta idade os novilhos e novilhas têm muita saúde, muita robustez e louçania. — Menochio.

SUBIRÁ — Isto é, Moab, ou os moabitas serão levados cativos a Babilônia pelo caminho de Luit, cidade, ao que parece, situada num outeiro; e chegando a Oronaim, cidade nas fronteiras do seu reino, levantarão grandes clamores de puro sentimento e amargura. — Menochio.

(4) AS AGUAS DO NEMRIM — Nemrim é uma pequena vila sôbre o mar Morto, de águas salgadas, e por isso mesmo estéreis. — S. Jerônimo.

CAPÍTULO 16

CORDEIRO ENVIADO DE MOAB. SOBERBA DOS MOABITAS:
SUA PRÓXIMA ASSOLAÇÃO.

1 Envia, Senhor, o cordeiro dominador da terra, mandado da pedra do deserto, ao monte da filha de Sião. (1)

2 E acontecerá isto: Que assim como é a ave que foge, e os passarinhos que voam do ninho, assim serão os filhos de Moab na passagem do Arnon. (2)

3 Toma conselho, convoca uma junta: Põe como noite a tua sombra no meio-dia: Esconde os que fogem, e não entregues os vagabundos.

4 Contigo habitarão os meus fugitivos: Tu, ó Moab, serve-lhes de guarida em que se escondam da presença do devastador: Porquanto feneceu o pó, consumido ficou o miserável: Acabou já o que pisava a terra.

5 E será estabelecido um trono em misericórdia, e sobre ele se assentará em verdade no tabernáculo de Davi quem julgue e procure o juízo, e prontamente dê a cada um o que é justo.

6 Temos ouvido a soberba de Moab, ele é soberbo em extremo: A sua soberba e a sua arrogância, e a sua indignação são maiores que a sua fortaleza.

(1) **CORDEIRO DOMINADOR** — Isto é, segundo S. Jerônimo e os melhores intérpretes modernos, Jesus Cristo, verdadeiro cordeiro que tira os pecados do mundo, vindo de Moab, pois que nasceu da família de Rute, moabita e avó de Davi.

PEDRA DO DESERTO — Cidade capital da Arábia Petréia, então em poder dos moabitas.

FILHA DE SIÃO — Jerusalém. Vej. 7, 8.

(2) **FILHOS DE MOAB** — Os habitantes de Moab.

ARNON — Rio que banhava o país de Noab ao ocidente.

7 Por isso Moab uivará a Moab, todo êle universalmente dará urros: Àqueles apóstolos que se jactam das suas muralhas de ladrilho cozido, anunciai as pragas que os ameaçam. (3)

8 Porque os arredores de Hesebon estão desertos, e os príncipes das nações talaram a vinha de Sábama: As suas varas chegaram até Jazer: Elas andaram vagabundas pelo deserto: Os seus arrebentos, que foram deixados, passaram à outra banda do mar. (4)

9 Por esta causa chorarei com o pranto de Jazer a vinha de Sábama: Embriagar-te-ei com as minhas lágrimas, Hesebon, e Eleále: Porque sôbre a tua vindima, e sôbre a tua messe arremeteu a voz dos pisadores.

10 E será tirada a alegria e a exultação do Carmelo, e nas vinhas ninguém exultará nem mostrará júbilo. Não pisará vinho no lagar o que tinha costume de o pisar: Tirei já a voz dos pisadores. (5)

11 Por isto soará o meu ventre a Moab como citara, e as minhas entranhas à muralha do ladrilho cozido.

12 E acontecerá isto: Quando se deixar ver o que

(3) **MOAB UIVARÁ A MOAB** — Os moabitas duma cidade farão ouvir os seus gritos aos moabitas que habitam em outra distante.

LADRILHO COZIDO — No original está Kir-Harésêth, que se supõe ser a fortaleza da capital de Moab.

(4) **HESEBON E SÁBAMA** — Duas cidades de Moab notáveis pelas suas vinhas.

JAZER — Cidade situada na nascente do rio que tem o mesmo nome, ao norte de Moab.

MAR — Provavelmente o lago de Jazer, ao qual Jeremias deu este nome. Jer 48, 32.

(5) **CARMELO** — Célebre e famosa montanha da Palestina, notável pela sua fertilidade, e cujo nome foi empregado para designar qualquer paragem fecunda e rica.

Moab trabalhou sobre suas alturas, entrará nos seus santuários para orar, e nada alcançará.

13 Esta é a palavra, que o Senhor falou a Moab desde então:

14 E agora falou o Senhor, dizendo: Em três anos como se fôsem anos de mercenário será tirada a glória de Moab com todo o seu numeroso povo, e ficará pequeno e diminuído, de nenhum modo grande. (6).

CAPÍTULO 17

RUINA DE DAMASCO. ASSOLAÇÃO DE SAMARIA. RESTOS DE ISRAEL CONVERTIDOS AO SENHOR.

1 Desgraça de Damasco. Eis-que Damasco deixará de ser cidade, e será como um montão de pedras numa ruína. (1)

2 As cidades de Aroer serão abandonadas aos rebanhos, e êstes repousarão ali, e não haverá quem os espante.

3 E cessará o adjutório da parte de Efraim e o reino depois da ruína de Damasco: E as relíquias da Síria

(6) **EM TRÊS ANOS** — Este triênio começa no fim de Acáz e princípio de Ezequias, e acaba no terceiro ano deste príncipe. Então foi a terra dos moabitas destruída por Salmanasar, mas não de todo. A sua última e total ruína veio-lhe de Nabucodonosor, cinco anos depois da tomada de Jerusalém. — Calmet.

(1) **DESGRAÇA DE DAMASCO** — Damasco tinha já sido arruinada por Teglathalassar em tempo de Acáz 4 Rs 16, 9. Agora lhe prediz Isaías segunda ruína ou por Salmanasar, ou por Senaquerib, conforme ao que o mesmo profeta tinha escrito no cap. 10, vers. 9. S. Jerônimo, supondo bem, que isto sucedera em tempo de Ezequias, alega em prova o texto dos Reis acima citado, que não fala da ruína de Damasco em tempo de Ezequias, mas de outra anterior em tempo de Acáz. Esta profecia refere-se à Assíria e a Israel sua aliada.

serão como a glória dos filhos de Israel: Diz o Senhor dos exércitos. (2)

4 E acontecerá isto naquele dia: Ficarà atenuada a glória de Jacó, e a gordura de sua carne emagrecerá.

5 E será como o que na ceifa ajunta o que ficou por segar, e a sua mão colherá as espigas: E será como o que busca as mesmas espigas ao vale de Rafaim.

6 E ficarà nêle um como racimo de rabisco, e como quando. no varejo da oliveira restam na ponta de um ramo duas ou três azeitonas, ou quatro ou cinco dos seus frutos no alto da árvore: Diz o Senhor Deus de Israel.

7 Naquele dia se humilhará o homem ao seu Criador, e olharão os seus olhos para o Santo de Israel:

8 E não se inclinará diante dos altares, que fizeram as suas mãos: Nem tornará a olhar para os bosques e templos, obras que fabricaram os seus dedos.

9 Naquele dia as cidades da sua fortaleza serão desamparadas como os arados, e as searas que foram abandonadas à vista dos filhos de Israel, e assim ficarás despovoada.

10 Porque te esqueceste de Deus teu salvador, e não te lembraste do teu defensor: Por isso plantarás uma boa planta, e semearás um grão estrangeiro. (3)

11 No dia da produção do que plantares sair-te-ão

(2) **A GLÓRIA DOS FILHOS DE ISRAEL** — Isto é, a Samaria, na qual os israelitas fazem consistir a sua glória, e capital devastada também por Senaquerib. Outros por esta glória entendem a Jerusalém. — Pereira.

(3) **E SEMEARÁS UM GRÃO ESTRANGEIRO** — Assim a letra o intérprete latino: *et germen alienum seminabis*. O que Sacy e de Carrières expõem por um grão vindo de longe, isto é, por um grão esquisito. S. Jerônimo por um grão, cujo fruto hão de vir a comer os estrangeiros inimigos de Israel.

labruscas e de manhã florescerá a tua semente: A messe te foi tirada no dia da herança, e doer-te-á isto grãvemente.

12 Ai da multidão de numerosos povos, semelhante ao estrondo do ressoante mar: E desgraçado o tumulto das gentes, que é bem como o sonido de muitas águas.

13 Os povos soarão bem como o sonido das águas de inundação, e increpá-lo-á e fugirá para longe: E será arrêbatado bem como a poeira dos montes pelo impulso do vento, e como um redemoinho diante da tempestade. (4)

14 No tempo da tarde eis-que também haverá turbacão: No da manhã, igualmente não subsistirá. Esta é a herança daqueles que nos destruíram, e a sorte dos que nos saqueiam: (5)

CAPÍTULO 18

PROFECIA ACORCA DUMA TERRA, SOBRE CUJA SITUAÇÃO
AINDA HOJE DISCORDAM ENTRE SI OS INTERPRETES.

1 Ai da terra cimbalo de asas, que está além dos rios da Etiópia, (1)

(4) OS POVOS SOARÃO — S. Jerônimo o entende de Senaquerib, e do seu exército, pôsto contra Judá. Calmet, dos israelitas e dos seus aliados, que anteriormente com tão grandes exércitos tinham vindo, e que por último foram derrotados por Salmanasar. — Pereira.

(5) NO TEMPO DA TARDE — Porque mandará o Senhor o seu anjo, e num breve espaço deixará morto no campo o exército dos assírios.

(1) Os intérpretes entendem comumente que esta profecia respeita à terra de Cus ou Etiópia, da qual o rei Taraca tentou socorrer Jerusalém ameaçada por Senaquerib.

CIMBALO — O termo hebraico *tseletsal* significa sistro, instrumento muito vulgar entre os egípcios. Alguns comentadores

2 do povo, que manda embaixadores por mar, e em vasos de junco sôbre as águas: Ide, anjos velozes, a uma gente arrancada, e despedaçada: A um povo terrível, depois do qual não há outro: A uma gente que está esperando, e é pisada dos pés, a quem os rios lhe roubaram a sua terra. (2)

modernos vêem neste termo uma alusão ao tsaltsal, mosca muito comum na Etiópia e muito perigosa, que é conhecida pelo nome tsetsé.

RIOS DA ETIÓPIA — Não somente a Etiópia propriamente dita ou o reino de Meroe, que se estendia desde a fronteira meridional do Egito até ao ponto da junção do Nilo branco e do Nilo azul, mas ainda a região que ficava além desses rios.

(2) **E EM VASOS DE JUNCO** — Plúvio no livro VII, Cap. 56, e no livro XIII, Cap. 11, nos certifica que no Egito se faziam canoas, batéis de junco e de canas, e que do mals delgado da sua casca se faziam velas. Melhor se dirá, em vasos de papyrus, com que se fazia a navegação do alto Nilo. Neil, *Palestine explored*, pag. 137.

IDE, ANJOS VELOZES, A UMA GENTE ARRANCADA E DESPEDAÇADA — Combinado o verso primeiro com o segundo, parece evidente por todo o contexto, que esta gente arrancada e despedaçada, este povo terrível, depois do qual não há outro, esta gente que está esperando, e é pisada dos pés, é diversa daquela que está além dos rios da Etiópia, e que manda os seus embaixadores por mar em vasos de junco e que lhe diz: "Ide, anjos velozes, etc." Pelo menos assim o entendeu S. Jerônimo, que toma estas palavras como ditas pelo rei do Egito aos embaixadores, que ele manda à Judéa, prometendo-lhe socorro contra o inimigo que ameaçava. Consequentemente no sentido do doutor Máximo, a Judéa é a que aqui se diz "uma gente arrancada e despedaçada" pela separação das dez tribos, e pelas guerras de Senaquerib: "Um povo terrível, depois do qual não há outro," por causa dos grandes e espantosos prodígios que Deus tinha obrado a seu favor: "Uma gente que está esperando," que o Senhor lhes continue, e que presentemente é pisada aos pés de tantos reis poderosíssimos, que a oprimem. Calmet, supondo da mesma sorte a terra que está além dos rios da

3 Habitadores do Orbe, que morais na terra, quando fôr levantado o estandarte nos montes, vós todos o vereis e ouvireis o som da trombeta:

Etiópia, e a que mandando seus embaixadores por mar lhes diz, “Ide, anjos velozes: A uma terra arrancada e despedaçada, etc.” Só discrepa de S. Jerônimo em julgar, que quem aqui fala ou é Ezequias escrevendo da Judéa aos povos da região de Cus, que elle supõe ser a Etiópia, que ficava entre o Nilo e os desertos da Arábia Petrêa: Ou é Taraca rei dessa Etiópia, escrevendo a Faraó rei do Egito, região dividida e lacerada pelas muitas comarcas que a compunham, e pelas guerras intestinas, que de muitos anos a traziam inquieta. Os nossos pelo contrário, tomando aquelas palavras: “Ide, anjos velozes, etc.” por uma como apóstrofe do profeta, ou de Deus, em cujo nome elle fala, insistem, não sem alguma probabilidade, que a “terra arrancada: O povo terrível, depois do qual não há outro: A gente que está esperando, e é pisada dos pés:” é a mesma de quem se diz, que está além dos rios da Etiópia, e que manda os seus embaixadores, por mar em vasos de junco. E que as palavras: “Ide, anjos velozes,” as dirige o profeta em nome de Deus, aos missionários portugueses: mandados ir pregar o Evangelho a essa mesma terra, que elles pelos adjuntos referidos querem que seja a terra dos nossos Antipodas, isto é, a China e o Japão.

DEPOIS DO QUAL NÃO HÁ OUTRO — Ou porque em força e terribilidade nenhum há que se possa comparar com elle, como com S. Jerônimo expuseram Sacy e de Carrières, ou enquanto o mais remoto do mundo por fazer noutro hemisfério, como com os espanhóis expôs Duhamel. Alusão às vitórias alcançadas pelo chefe etíope Sabacon.

A QUEM OS RIOS LHE ROUBARAM A SUA TERRA — E’ à letra o que diz o texto. Cujus diripuerunt flumina terram ejus. O que cada intérprete expõe diversamente, segundo a diversidade do sistema ou hipótese que segue: Entendendo uns por estes rios, ou inundações metafóricamente as guerras que assolaram o país; outros fisicamente as chelas do Nilo; outros enfim a separação que os mares fazem entre as terras dum continente e as do outro: até suporem que alude aqui o profeta àquella famosa ilha Atlântida que Platão menciona no seu Timeu, a qual pegando antes com a

4 Porque o Senhor me diz isto: Repousarei, e considerarei no meu lugar, como é clara a luz do meio-dia, e como a névoa de orvalho no tempo da messe. (3)

5 Porque antes da messe todo êle floresceu, e a dureza temporã lançará renovos, e os seus raminhos serão cortados com foices: E o que fôr deixado, será cortado, e sacudido.

6 E ficarão servindo ao mesmo tempo de pasto às aves dos montes, e às alimárias da terra: E estarão sôbre êle os pássaros em todo o Estio, e sôbre êle invernarão tôdas as alimárias da terra.

7 Naquele tempo serão levados presentes ao Senhor dos exércitos pelo povo arrancado e despedaçado: Pelo povo terrível depois do qual não houve outro, pela gente que está esperando, esperando e é pisada dos pés, a quem os rios lhe roubaram a sua terra, ao lugar do Nome do Senhor dos exércitos, o monte de Sião. (4)

Espanha, depois por efeito dum grande terremoto, ficou sorvida no mar, que de então para cá dividiu a Europa da América. Veja-se Bozio no lugar acima citádo. O padre Vieira desde páginas 295 até 311 da *História do futuro* presume ter descoberto o sentido próprio, germano, e natural desta profecia de Isaías, cujo texto êle mostra com bastante miudeza entender-se, e verificar-se em comum do Brasil, e em particular do Maranhão. Porém modernamente entende-se de Nubia, que é um país montanhoso, coberto de ribeiros e torrentes impetuosas.

(3) **REPOUSAREI** — Tôdas estas expressões mostram o infinito poder de Deus, que sem trabalho algum, livre de todo o cuidado, e muito seguro no centro da própria Soberania, faz abater o orgulho dos ímpios, e deixa enfatuados os seus atrevidos conselhos. Põem também diante dos olhos a certeza infalível dos castigos que ameaça. — *Pereira.*

(4) **NAQUELE TEMPO** — No tempo de Cristo, para quem vai sempre voando Isaías na sua profecia. — *Menochio.*

PELO POVO TERRÍVEL — Alusão aos egípcios designados no versículo 2 pelos mesmos têrmos, e que enviaram ofertas ao

CAPÍTULO 19

MALES COM QUE O SENHOR CASTIGARA O EGITO. ALTAR DEDICADO AO SENHOR NESTA TERRA. O EGITO AMEAÇADO, E LIBERTADO. OS EGÍPCIOS E OS ASSÍRIOS UNIDOS NO CULTO DO SENHOR. OS ISRAELITAS SE AJUNTARÃO A ÊLES.

1 Desgraça do Egito. Eis-aí subirá o Senhor sobre uma nuvem leve, e entrará no Egito, e os simulacros do Egito se comoverão diante da sua face, e o coração do Egito se mirrará no meio dêle. (1)

2 E farei com que os egípcios se levantem contra os egípcios: E pelejará cada um contra seu irmão, e cada um contra seu amigo, uma Cidade contra outra Cidade, um reino contra outro reino. (2)

templo de Jerusalém, persuadidos que a derrota de Senaquerib numa só noite fôra devida à Onipotência do Deus de Israel.

A QUEM OS RIOS — A construção *Cujus terram ejus* envolve um pleonasmo hebraico.

AO LUGAR DO NOME DO SENHOR — Serão levadas as tais ofertas ao lugar, onde é invocado o Nome do Senhor.

(1) **DESGRAÇA DO EGITO** — Profecia contra o Egito; divide-se em duas partes: 1.^a Descrição do castigo que ameaça o Egito; 2.^a Resultado desse castigo, conversão do Egito.

EIS-AÍ SUBIRA O SENHOR SOBRE UMA NUVEM LEVE — A leveza da nuvem significa ou a sua velocidade, ou a sua pureza. Esta profecia refere-se, conforme S. Jerônimo, à destruição do Egito, pela dura guerra que lhe fará, da parte dos assírios, Senaquerib, conforme refere Heródoto, livro II, cap. 141, e Berosio, citado por José, livro X das *Antiguidades Judaicas*, cap. 1 da parte dos babilônios. Nabucodonosor, conforme a outra profecia de Ez 30, 10.

(2) **REINO CONTRA OUTRO REINO** — O Egito estava então muito fragmentado, dividido em vinte pequenos estados, como se vê na antiga inscrição egípcia de Piankhi, de maneira que por toda a parte se alastrou a guerra civil.

3 E rebentará o espírito do Egito nas suas entranhas, e precipitarei o seu conselho, e elles consultarão os seus simulacros, e os seus adivinhos, e pitões, e agoureiros.

4 E entregarei o Egito na mão de senhores cruéis, e um rei forte os dominará, diz o Senhor Deus dos exércitos. (3)

5 E se irá extinguindo a água do mar, e o rio minguará, e se secará.

6 E as ribeiras se esgotarão: As levadas por entre marachões diminuirão e se secarão: As canas e os juncos murcharão: (4)

7 O álveo dos regatos ficará descoberto desde o seu olheiro, e tôda a sementeira de regadio se secará, ir-se-á murchando, e não vingará.

8 E entristecer-se-ão os pescadores e chorarão todos

(3) **E ENTREGAREI O EGITO NA MÃO DE SENHORES CRUÉIS** — Nas mãos dos caldeus, gente que a Escritura muitas vezes qualifica de cruel, ou nas mãos dos doze régulos, que sucederam a Seton, e governavam cada um sua província, como acima se disse. Pelo que, dizendo aqui o Sagrado Texto no plural *in manu dominorum crudellium*, não aprovo que Sacy e de Carrières vertam no singular, nas mãos dum cruel senhor; ainda que não ignore que plural por singular é uma enálage freqüente na Escritura. — **Pereira.**

REI FORTE — O rei da Assíria que conquistou o Egito, provavelmente Assaradon, que o occupou em 672 e o dividiu em vinte pequenos estados tributários.

(4) **E AS RIBEIRAS SE ESGOTARÃO** — Estas ribeiras são os sete braços, por onde o Nilo desemboca no Mediterrâneo. As levadas eram uns canais, de que a província de Delta estava retalhada, feitos com o fim de se poder passar facilmente por água de uma parte para a outra em pequenas canoas. Estrabão, livro VII. — **Pereira.**

os que lançam anzol ao rio, e desmaiarão os que estendem rêdes sobre a tona água. (5)

9 Confundidos serão os que trabalham em linho, frisando e tecendo finas teias.

10 E ficarão as suas terras de regadio assim fracas: Todos os que faziam lagoas para apanhar peixes. (6)

11 Os príncipes de Tanis mostraram ser estultos, os sábios conselheiros de Faraó deram um conselho insipiente: Como direis vós a Faraó: Eu sou filho dos sábios, filho de reis antigos? (7)

(5) **E ENTRISTECER-SE-ÃO OS PESCADORES** — No Egito era tão grande a cópia de pescado, e tanto o rendimento que dele se tirava, que só o lago Meris rendia ao rei todos os dias um talento, que, reduzido por Calmet à moeda de França, importa duas mil duzentas e oitenta e duas libras, e da nossa moeda trezentos e sessenta e seis mil e oitenta réis. Heród., livro II, cap. 149. — Pereira.

(6) **PARA APANHAR PEIXES** — Ficando aqui suspenso o sentido da Vulgata, deve-se suprir com os Setenta o verbo "se entristecerão". — Pereira.

(7) **TANIS** — Hoje San, no Delta, sobre um dos braços do Nilo, ao qual dava o seu nome, uma das cidades mais importantes do Baixo Egito e uma das residências reais. Foi esta cidade celebríssima pelos milagres que aí se realizaram, pois é a cidade das pragas do Egito, a capital favorita de Ramsés II, e Meneftá I. Já os reis da XLI dinastia a tinham embelezado, porém os da XIX tornaram-na uma das mais belas cidades do Egito. Mariette. *Lettre a M. de Rougé sur les feuilles de Tanis*. Nas muralhas do grande templo de Karnak, do tempo de Seti, primeiro, pai de Ramsés II, está gravada grosseiramente a planta de Tanis, colocada na margem esquerda do Nilo, representado por crocodilos e plantas aquáticas. Mâspero, *Histoire ancienne des peuples de l'Orient*, pag. 129, 209: Dados mais precisos sobre Tanis são fornecidos por Brugsch, *Geographische Inschriften altagyptischer Denkmäler*, 1857, e numa conferência feita por este mesmo semitólogo, em francês, no ano de 1874, na Alexandria. *La sortie des Hébreux d'Egypte*. Do mes-

12 Onde estão agora os teus sábios? êles te annunciem, e apontem o que o Senhor dos exércitos tem resolvido sobre o Egito.

13 Loucos se tornaram os príncipes de Tanis, desanimados ficaram os príncipes de Mênfis, enganaram o Egito, ângulo dos povos dêle. (8)

14 O Senhor difundiu no meio dêle um espírito de vertigem: E êles fizeram errar o Egito em tôdas as suas obras, como o que vai fazendo cambetas, embriagado e vomitando.

15 E não terá o Egito coisa que distinga a cabeça e a cauda, ao que encurva e ao que refreia.

16 Naquele dia ficarão os egípcios como mulheres, e pasmarão, e temerão diante do movimento da mão do Senhor dos exércitos, a qual êle mesmo estenderá sobre êles. (9)

17 E servirá de espanto ao Egito a terra de Judá: Todo o que se lembrar dela, encher-se-á de pavor à vista do desígnio do Senhor dos exércitos, que êle mesmo formou sobre ela. (10)

mo autor ainda há referência a esta cidade no seu livro intitulado, *L'Exode et les monuments égyptiens*.

(8) **MÊNFI** — Capital do Egito, situada ao norte do Cairo, perto das pirâmides de Saqqarah. Foi cidade importante na história do Egito, residência real. Cfr. *Du passage de la Mer Rouge par les Hébreux*, artigo publicado nos *Études religieuses*, 1869, p. 567.

(9) **NAQUELE DIA FICARÃO OS EGÍPCIOS COMO MULHERES** — Quer dizer, que perderão o ânimo e as forças à vista do inimigo.

(10) **SOBRE ELA** — O prodígio de ter Deus livrado a Judéa das mãos de Senaquerib será para o Egito um grande motivo de terror; e muito maior admiração lhe causará ver depois os altos desígnios da Providência, que dispôs nascer o Desejado de tôdas as gentes, e o Salvador do mundo na terra de Judá. — Pereira.

18 Naquele dia haverá cinco cidades na terra do Egito, que falarão na língua de Canaã, e que jurarão pelo Senhor dos exércitos: Uma delas será chamada a cidade do sol. (11)

19 Naquele dia o altar do Senhor estará no meio da terra do Egito e o título do Senhor junto do seu templo. (12)

20 Servirá de sinal, e de testemunho ao Senhor dos

(11) **NAQUELE DIA HAVERÁ CINCO CIDADES NA TERRA DO EGITO** — Grcio mostra com bons documentos da História Sagrada, que já do tempo de Samítico, que foi o mesmo de Senaquerib, havia no Egito tanta cópia de moradores judeus, que bem poderiam ocupar cinco cidades. Porém o mais certo cumprimento desta profecia retardam outros com maior probabilidade ao tempo que no Egito reinaram os Ptolomeus, no qual a história de José nos informa ter sido tão grande o número de judeus, que lá se foram estabelecer, que só duma vez chamou Ptolomeu, filho de Lago, para o Egito cem mil. E de Ptolomeu Filadelfo é igualmente notória a estimação que fez aos judeus, como também o grande acolhimento que eles acharam em Ptolomeu Filométor. José, livro XII das Antiquidades, capítulos 1, 2 e 15.

QUE FALARÃO NA LÍNGUA DE CANAÃ — Isto é, na língua hebraica.

UMA DELAS SERÁ CHAMADA A CIDADE DO SOL — E' o que quer dizer em grego Heliópolis, nome da cidade que no livro do Gênesis se diz On. Gén 41, 45, e que estava entre o Nilo e o mar Vermelho. — Calmet.

(12) **NAQUELE DIA O ALTAR DO SENHOR** — Reinando Ptolomeu Filométor, erigiu Onias, filho de Onias III, pontífice dos judeus, um altar na comarca de Heliópolis, consagrado ao verdadeiro Deus e chamado do nome do fundador Onias. José, livro XII, cap. 15, e livro XIII, cap. 6. — Pereira.

exércitos na terra do Egito. Porquanto clamarão ao Senhor à vista daquele que os atribula, e êle lhes enviará um salvador e um defensor que os livre.

21 E será conhecido o Senhor pelo Egito, e conhecerão os egípcios ao Senhor naquele dia, e honrá-lo-ão com hóstias e ofertas. E farão ao Senhor votos, e os cumprirão.

22 E ferirá o Senhor ao Egito com uma chaga, e a sarará, e voltar-se-ão para o Senhor, e êle se lhes mostrará aplacado e os sarará. (13)

23 Naquele dia haverá caminho do Egito para os assírios, e entrará o assírio no Egito e o egípcio na Assíria, e servirão os egípcios com Assur. (14)

24 Naquele dia será Israel o terceiro para o egípcio e para o assírio: A bênção será no meio da terra,

25 a qual o Senhor dos exércitos abençoou, dizendo: Bem-aventurado é o meu povo do Egito, e ao assírio: obra és de minhas mãos. Porém a minha herança é Israel.

(13) **E FERIRÁ O SENHOR AO EGITO COM UMA CHAGA** — O Senhor feriu o Egito com a espada de Nabucodonosor, Cambises e Alexandre Magno. Depois dêste gozou o Egito paz muito tempo. — *Pereira.*

(14) **E ENTRARÁ O ASSÍRIO NO EGITO E O EGÍPCIO NA ASSÍRIA** — No tempo dos últimos reis persas, e no de Alexandre Magno, estavam o Egito, a Judéia e a Assíria sujeitas a um só senhor. Ou digamos com S. Jerônimo: antes da vinda de Cristo cada nação tinha seu rei e cada uma se temia e acautelava da outra; depois que Cristo veio ao mundo todo o mundo ficou sendo terra dum só senhor, que era o imperador romano, e a terra de uma nação era terra da outra. — *Pereira.*

COM ASSUR — Subentende-se a Assur a proposição *cum*, segundo se vê do hebreu, que lê: os egípcios terão comércio ou darão culto ao Senhor com os assírios.

CAPÍTULO 20

CATIVEIRO DOS EGÍPCIOS E DOS ETÍOPES.

1 No ano em que Tartan entrou em Azot, depois de o ter enviado Sargon, rei dos assírios, e pelejado contra Azot, e havendo-a já tomado: (1)

2 Naquele tempo falou o Senhor por mão de Isaías, filho de Amós, dizendo: Vai, desata de teus lombos o saco, e tira o próprio calçado dos teus pés. E fê-lo assim indo nu, e descalço. (2)

3 E disse o Senhor: Assim como meu servo Isaías andou nu, e descalço, para ser um sinal e um prognóstico de três anos sobre o Egito, e sobre a Etiópia,

4 assim levará diante de si o rei dos assírios o cativo do Egito e a transmigração da Etiópia, de moços e velhos, nus, descalços e descompostos para ignomínia do Egito.

(1) **NO ANO EM QUE TARTAN** — Calmet julga que Tartan não é nome próprio de homem, mas apelativo de ofício, que ele tivesse e exercesse na corte de Sargon.

AZOT — Uma das cinco cidades dos filisteus.

SARGON — Foi o fundador da última dinastia que reinou em Nínive. Sucedeu a Salmanasar em 722, acabou o cerco de Samaria, cuja queda arruinou por completo o reino de Israel. Em 720, tinha batido o rei do Egito e a Etiópia Schabak, que veio muito tarde em socorro dos israelitas, mas que ao menos queria salvar Hamon, rei de Gaza, seu aliado. Foi porém vencido pelo exército assírio, e teve de se fazer reconhecer tributário a Sargon. A campanha contra Azot teve lugar em 711. Sargon morreu seis anos depois, em 705, deixando o reino da Assíria a seu filho Senaquerib.

(2) **POR MÃO** — Hebraísmo, por por meio de, servindo Isaías de intermediário.

NU — Segundo o *usus loquendi*, não quer designar a nudez completa, mas sim o hábito ligeiro; no caso presente indica que estava despojado do manto do luto que o cobria e descalço.

5 E temerão os israelitas, e se envergonharão de ter pôsto a sua esperança na Etiópia e a sua glória no Egito.

6 E dirá o habitador desta ilha naquele dia: Eis-aqui tendes qual era a nossa esperança, a que homens recorremos nós implorando socorro, para nos livrarem da violência do rei dos assírios: E como poderemos nós escapar? (3)

CAPÍTULO 21

RUÍNA DE BABILÔNIA. NOITE QUE AMEAÇA A IDUMÉIA.
DESGRAÇAS QUE ESTÃO PARA CAIR SOBRE A ARÁBIA.

1 Desgraça do deserto do mar. Como vêm os tuões da parte do Áfrico, assim a assolação vem do deserto, de uma terra horrível. (1)

(3) **ILHA** — O termo original significa região afastada, longínqua e próxima do mar. Refere-se o texto aos habitantes das regiões marítimas da Palestina.

(1) **DESERTO DO MAR** — E' a profecia contra Babilônia. O seu título é um pouco enigmático, pois chama a Babilônia o deserto do mar. Cabe-lhe na verdade o epíteto, já por causa da sua posição perto do Eufrates, e dos lagos existentes no seu deserto, já, como diz S. Jerônimo, pela situação a que um dia devia ser reduzida. E' sabido que atingiu um elevado desenvolvimento, tornando-se no tempo de Nabucodonosor a primeira cidade do mundo. Já na decadência, ofuscado o brilho da sua glória, ainda assim assombrou os gregos. Ctesias, *De rebus Assyriorum*, 10 edit. Didot, p. 23. Na vida de Isaías, foi cercada por três vèzes; em 710 por Sargon, em 703 e 691 por seu filho Senaquerib. Mas o cêrco que anuncia esta profecia, e a devastação que se lhe seguiu, são posteriores, cumprindo-se esta predição muitos anos depois da morte de Isaías, quando Ciro se tornou senhor desta famosa cidade. Os pormenores que nos transmitiu a história antiga sobre a tomada de Babilônia por este príncipe estão em perfeito acôrdo com o que se lê neste capítulo de Isaías. Cfr. Heródoto II, 191. Xenofonte,

2 Anunciada me foi uma dura visão: O que é incrédulo, perversamente obra: E o que é assolador, tudo devasta. Marcha Elam, sitia medo: Já fiz cessar todo o seu gemido. (2)

3 Por esta causa se encheram de dor os meus lombos, a angústia se apoderou de mim como angústia de mulher na hora do parto: Caí desfalecido quando tal ouvi, fiquei de todo perturbado quando o vi.

4 O meu coração se murchou, as trevas me fizeram pasmar: A minha amada Babilônia se tornou para mim em assômbro.

5 Põe a mesa, contempla de uma guarita os que comem e bebem: Levantai-vos, príncipes, arrebatái o escudo. (3)

Cyropedia, VI, V, 10. e Babelon, Les inscriptions cuneiformes relatives à la prise de Babylone par Cyrus, publicado nos Annales de philosophie chretienne, janeiro de 1881, p. 307.

VEM — Sc. os inimigos.

TERRA HORRÍVEL — A Média e a Pérsia, país horrível comparado com Babilônia. Compara o profeta a assolação com os ventos do Africus, ou seja, do Negeb, ao sul de Judá, como está no original, assim chamado por causa da sua total aridez. As tempestades são terríveis na Babilônia. São previstas, pois trazem na vanguarda nuvens de areia e de poeira, que tornam quase completa a obscuridade.

(2) ELAM — A Pérsia, que representa aqui Ciro. Tem este nome por ter sido habitada pelos descendentes de Elam, filho de Sem.

MEDO — Davi, rei dos medos.

(3) PÔE A MESA, CONTEMPLA — Também estas palavras as atribui Calmet a Isaías, falando com os soldados que haviam de invadir a Babilônia: "Sentai-vos à mesa, comei, bebei, ponde sentinelas; levantai-vos, príncipes, tomaí os vossos escudos, é tempo de abalar". O abade de Vence considera que no primeiro período falam os áulicos, animando Baltazar a não temer; no segundo Deus, dando ordem aos medos e aos persas. Cfr. Glaire, *La Sainte Bible*.

6 Porque o Senhor me disse estas coisas: Vai e põe uma sentinela: E a mesma te anuncie tudo quanto vir.

7 E viu um carro de dois homens a cavalo, um montado num asno, e outro montado num camelo: E pôs-se a contemplar atentamente isto com grande miramento. (4)

8 E gritou o leão: Sôbre a atalaia do Senhor eu me acho, estando em pé continuamente de dia: E sôbre a minha guarda eu me acho, estando em pé noites inteiras. (5)

9 Eis-que chega um e outro assim montado, cada qual fazendo parelha com o seu carro, e respondeu, e disse: Caiu, caiu Babilônia, e todos os simulacros dos seus deuses se fizeram pedaços arremessados em terra.

10 Debulha minha, e filhos da minha eira, o que eu ouvi ao Senhor dos Exércitos, ao Deus de Israel, isso mesmo vos tenho anunciado. (6)

11 O opróbrio de Duma me brada desde Seir: Guarda, que viste de noite? Guarda, que viste de noite? (7)

(4) **UM MONTADO NUM ASNO E OUTRO MONTADO NUM CAMELO** — Pelo que ia montado no asno entendem os intérpretes a Ciro; pelo que ia montado no camelo, a Dario medo.

(5) **E GRITOU O LEÃO** — E eu Isaías, que sou, como profeta do Senhor, seu sentinela, vendo a ruína que ameaçava a Babilônia, gritei e levantei a voz, como rugido de leão. — **Menochto.**

(6) **DEBULHA MINHA** — E' uma apóstrofe de Isaías ao povo judaico, para que escarmente em cabeça alheia, chamando-lhe sua debulha, porque os considera purificados com as tribulações, como o trigo se debulha e limpa na eira.

(7) **DUMA** — Não se conhece cidade alguma com este nome na Iduméia. Os geógrafos árabes indicam algumas cidades com este nome, mas nenhuma Iduméia. Duma é talvez um nome misterioso, que lembra simplesmente o de Edom e que é empregado pelo profeta, porque significa silêncio e anuncia em certo modo a

12 O guarda respondeu: Chegou a manhã e a noite: Se buscais, buscai: Converti-vos, vinde. (8)

13 Desolação na Arábia. Vós dormireis à tarde no bosque, nas veredas de Dedanim. (9)

14 Vós os que habitais a terra do Meio-Dia, saindo ao encontro do sequioso, trazei-lhe água, socorrei com pão ao que foge. (10)

15 Porque êles fugiram de diante das espadas, de diante da espada iminente, de diante do arco armado, de diante da sanguinolenta refrega:

16 Porque o Senhor me diz estas coisas: Ainda se conservará no espaço de um ano, como em ano de mercenário, e depois será tirada tôda a glória de Cedar. (11)

desolação que está reservada à Iduméia. Esta profecia contra Duma é a resposta a uma pergunta que dirigem os habitantes de Duma, assustados pelas invasões assírias.

(8) **CHEGOU A MANHÃ E A NOITE** — O sentido mais natural é: Vem a manhã, andais a informar-vos dos movimentos dos inimigos; chega a noite, ainda insistis na mesma diligência. Porém, se buscais remédio a vossos males, buscai-o sim, mas de quem só o podeis esperar, que é Deus; convertel-vos a êle, e depois vinde apresentar batalha a vossos inimigos, e com o favor divino os vencereis. E tal é a inteligência de Menochio. — Pereira.

(9). **ARABIA** — As montanhas da Arábia confinavam com a Iduméia.

DEDANIM — Era uma região da Iduméia, e a mesma que Dedan de que fala Jeremias. O texto original diz: vós, caravanas dos Dedanim, que vos entregais ao comércio, dormireis nos bosques, para onde vos recolhereis, como último refúgio contra os inimigos que vos perseguem.

(10) **TERRA DO MEIO-DIA** — No hebreu está Tema. Jó. 6, 19. Jer 25, 3. Esta tribo habitava a este de Hauran. Ainda hoje, na estrada de Palmira a Petra, se encontra um lugar chamado Taima. Porém o texto se refere à Iduméia, situada ao sul da Arábia.

(11) **DE CEDAR** — Cedar era uma região da Arábia Petrêa, posta ao meio-dia dos nabateus, e por conseguinte mui chegada à

17 E êstes restos do número dos fortes frecheiros dos filhos de Cedar se diminuirão: Porque o Senhor Deus de Israel falou.

CAPÍTULO 22

PROFECIA CONTRA JERUSALÉM. SOBNA PRIVADO DE SEU OFÍCIO. ELIACIM POSTO EM SEU LUGAR.

1 Opróbrio do Vale da Visão. Que é o que tu também tens, pois ainda tu com todos os teus subiste aos telhados? (1)

2 Vale cheio de clamor, cidade populosa, cidade

Iduméia. Uma e outra terra porém se supõe que foi devastada por Assaradon, ambas quase pelo mesmo tempo.

(1) VALE DA VISÃO — E' a Jerusalém, a quem se referem estas palavras e a profecia que se segue. Chama-se-lhe vale, porque em volta se levantam altas montanhas e porque uma parte importante desta cidade está construída na falda do monte Sião, no vale de Ben-Hinon. Chamam-lhe da Visão porque ali Deus favoreceu os seus profetas com visões sobrenaturais. Esta profecia data provavelmente do tempo de Sargon, quando o povo, sabendo que o Faraó do Egito vinha combater o rei da Assíria, abandonou-se a uma louca confiança. Esta profecia é tétrica; não deixa entrever um raio de esperança.

AOS TELHADOS — Isto é, aos eirados das casas, de onde, sem tanto risco de suas pessoas, não só podiam defender-se do inimigo com tiros missivos, senão também chorar publicamente a desgraça da pátria. O judeu com quem S. Jerônimo aprendia a língua hebraica, explicava esta profecia do tempo do cerco de Senaquerib. Mas o exército de Senaquerib não chegou a romper os muros de Jerusalém, nem a entrar a cidade. (Is 37, 33; 4 Rs 19, 32). E aqui profetiza Isaías a destruição dos muros, e a entrada em Jerusalém, vv. 5 e 8. Pelo que outros com Calmet referem tudo isto para o tempo em que Assaradon levou prêso para Babilônia a Manassés; outros, com S. Jerônimo, para o tempo em que Nabucodonosor levou prêso para a mesma Babilônia a Sedecias. E não falta quem entenda a profecia das calamidades e desventuras que expe-

triunfante de prazer: Os teus mortos não foram mortos à espada, nem mortos em guerra.

3 Os teus príncipes fugiram todos juntos, e foram atados com duras cadeias: Todos os que se acharam foram presos juntamente, sem embargo de terem fugido para longe.

4 Por isso disse eu: Apartai-vos de mim, eu amargamente chorarei: Não tomeis a peito o consolar-me sôbre a ruína da filha do meu povo.

5 Porque êste é um dia de carnagem, e de pisadura debaixo dos pés, e de prantos, destinados ao Vale da Visão pelo Senhor Deus dos exércitos reconhecendo a muralha, e ostentando-se magnífico sôbre o monte.

6 E Elam tomou a aljava, o carro para o soldado de cavalo, e deixou o escudo a parede tôda despida. (2)

7 E ficarão os teus vales escolhidos cheios de quadrigas, e a cavalaria porá os seus quartéis à tua porta. (3)

8 E será descoberta a cobertura de Judá, e verás naquele dia o arsenal da casa do bosque. (4)

rimentaram os judeus depois da morte de Cristo, quando, imperando Vespasiano, sitiaram e tomaram os romanos a Jerusalém.

(2) **E DEIXOU** — Porque os elamitas, povos da Pérsia, confederados com os caldeus, tomaram das paredes, em que estavam pendurados, os escudos, para com êles se armarem e virem contra Jerusalém.

(3) **ESCOLHIDOS** — Aprazíveis, férteis, deliciosos. — **Pereira.**

(4) **A COBERTURA DE JUDÁ** — Ou por esta cobertura se entende o véu que cobria o santuário, em que só o sumo sacerdote podia entrar uma vez no ano; ou o antemural, com as mais fortificações e reparos exteriores da cidade.

DO BOSQUE — Para resistir aos caldeus, não recorrerás ao Senhor, como se diz no versículo 11, mas sim às armas que depositou Salomão no arsenal, palácio, ou casa de bosque no Líbano.
3 Rs 7, 2. — **Menochio.**

9 E vereis as brechas da cidade de Davi, pois elas se multiplicaram: E juntastes as águas da piscina de baixo,

10 e contastes as casas de Jerusalém, e demolistes as casas para fortificar a muralha.

11 E fizestes um lago entre dois muros para a água da piscina velha: E não levantastes os olhos para aquêle, que a tinha feito, e nem ainda de longe olhastes para o seu Opífice.

12 E convidar-vos-á o Senhor Deus dos exércitos naquele dia ao gemido, e ao pranto, à rapadura da cabeça, e ao cingidouro do sacco:

13 E eis que se não verá mais que prazer e alegria, matar novilhos, e degolar carneiros, comer carnes, e beber vinho: Comamos e bebamos: Porque amanhã morreremos. (5)

14 E foi revelada esta voz do Senhor dos exércitos nos meus ouvidos. Não se vos perdoará por certo esta iniquidade até que morrais, diz o Senhor Deus dos exércitos.

15 Estas coisas diz o Senhor Deus dos exércitos: Vai, entra a falar com aquêle que habita no Tabernáculo, com Sobna, prefeito do templo, dir-lhe-ás: (6)

(5) **E EIS QUE SE NÃO VERÁ MAIS** — Não há coisa que tanto ofenda e irrite o Senhor, como é depois do pecado ensoberbecer-se o homem, e levado da desesperação não fazer caso de nada. *Nihil sic Deum offendit, quam post peccatum erecta cervix, et ex desperatione contemptus.* — S. Jerônimo.

(6) **SOBNA** — Começam aqui as profecias contra Sobna e a favor de Eliacim. E' o único oráculo de Isaías relativo a uma determinada pessoa. Sobna é qualificado pela Vulgata prepósito ou prefeito do Templo, mas o seu título indica de preferência o prefeito do palácio real, e designa o primeiro ministro da côrte (veja v. 22). Isaías censura-lhe o orgulho, (v. 16), o luxo demasiado (v. 18), e a sua tirania (v. 21). Este oráculo foi pronunciado

16 Que fazes tu aqui? Ou que figura és tu aqui? Pois que te lavraste aqui um sepulcro, lavraste com diligência em lugar elevado um monumento, um domicílio para ti em pedra. (7)

17 Eis-que te fará o Senhor transportar como se transporta um galo, e como ao vestido assim te levará suspenso. (8)

18 Ele te coroará com uma coroa da tribulação, atirárá contigo como péla a um campo largo e espaçoso: Ali morrerás, e a isso se reduzirá o cargo da tua glória, desonra da casa de teu Senhor.

19 E te deitarei fora do teu pôsto e te deporei do teu ministério.

20 E acontecerá isto naquele dia: Chamarei ao meu servo Eliacim, filho de Helcias,

21 e vesti-lo-ei da tua túnica, e confortá-lo-ei com o teu cinto e porei na sua mão o teu poder: E será como pai para os habitantes de Jerusalém, e para a casa de Judá.

22 E porei a chave da casa de Davi sôbre os seus ombros: E ele abrirá e não haverá quem feche: E fechará e não haverá quem abra.

23 E fincá-lo-ei como estaca em lugar firme, e ele será como um trono de glória para a casa de seu pai.

antes da invasão de Senaquerib. O castigo de Sobna consistirá na deposição do seu cargo. Esta predição já estava realizada quando teve lugar a invasão de Senaquerib. Então já era apenas secretário (Is 36, 3; 37, 2; 4 Rs 19, 2). Eliacim substituiu-o, conforme o tinha anunciado Isaías.

(7) **QUE FIGURA ÉS TU AQUI?** — Que fazes tu aqui, homem estrangeiro? Confira-se o profeta Zac 11, 17. — Menochio.

(8) **E COMO AO VESTIDO** — Isto é, fará com que te levem suspenso e levando no ar como cada um traz sôbre si o próprio vestido, trajando com ele com toda a facilidade.

24 E deixarão pendentes dêle tôda a glória da casa de seu pai, diversas castas de vasos, todo o vaso pequenino, desde os de beber até todo o instrumento místico.

25 Naquele dia diz o Senhor dos exércitos: Será tirada a estaca que tinha sido fincada num lugar firme: E será quebrada, e cairá e perecerá o que estava pendurado nela, porque o Senhor falou.

CAPÍTULO 23

HUMILHAÇÃO E TRANSMIGRAÇÃO DE TIRO. SEU RESTABELECIMENTO. ELA CONSAGRARÁ AO SENHOR O FRUTO DO SEU COMÉRCIO.

1 Opróbrio de Tiro: Uivai, naus do mar: Porque devastada foi a casa de onde tinham por costume vir: Da terra de Cetim lhes foi isto revelado. (1)

(1) TIRO — Esta profecia é um dos melhores trechos de Isaías; é uma elegia de rara perfeição poética. Pode dividir-se em quatro estrofes: 1-5, 6-9, 10-14, 15-18. Na época de Isaías, Tiro estava no apogeu da sua grandeza; o seu comércio era florescente, e as suas naus levavam a tôda a parte os produtos da sua arte e indústria. Julga-se que a profecia contra Tiro foi realizada por Nabucodonosor, rei da Babilônia, apoiando-se os partidários desta opinião sobre o versículo 13, mas esta passagem, que indica que a Assíria domina sobre a Caldéia, mostra que se trata dum tempo anterior a Nabucodonosor, em cujo tempo já não existia o reino da Assíria. Este versículo é antes uma alusão à tomada de Babilônia por Sargon. Veja-se 21, 1-10. Esta profecia deve realizar-se no reinado de Senaquerib. Os monumentos dêste príncipe mostram-nos que Luli, rei de Sídön e senhor da Fenícia, e por consequência de Tiro, fugiu quando sentiu aproximar-se Senaquerib, refugiando-se na Ilha de Chipre. O oráculo teve porém a sua total realização no tempo de Alexandre Magno.

UIVAI, NAUS DO MAR — O hebreu diz: "naus de Tarsis", pelo qual nome entende Foreiro os grandes navios de carga. Os Setenta

2 Calai-vos os que habitais na ilha: Os negociantes de Sidônia, passando o mar, te encheram. (2)

3 A sementeira que cresce pelas muitas águas do Nilo, a messe produção dêste rio eram frutos dela: E assim se veio a fazer uma escala franca das nações. (3)

4 Envergonha-te, Sidônia: Porque isto diz o mar: A fortaleza do mar está dizendo: Não estive de parto, nem pari, nem criei mancebos, nem eduquei donzelas até a idade adulta. (4)

verteram "naus de Cartago". Faziam estas naus carreira para as colônias ocidentais da Fenícia.

DA TERRA DE CETIM LHES FOI ISTO REVELADO — E' a letra o que nos diz o texto latino: De terra Cethim revelatum est eis. O que na intelligência de Sacy e de Carrières quer dizer: Esta nova lhes virá da terra de Cetim. Segundo Foreiro e Le Gros: Da terra de Cetim lhes será manifesta esta desgraça. Por terra de Cetim, porém, se entende a Macedônia e as ilhas do mar Mediterrâneo, conforme o que se diz no princípio dos Macabeus.

(2) **OS QUE HABITAIS NA ILHA** — A antiga Tiro, que foi tomada por Nabucodonosor, era na terra firme, a moderna, tomada por Alexandre Magno, era em ilha.

TE ENCHERAM — Das suas riquezas e mercancias. — **Me-nochio.**

(3) **DELA** — Isto é, de Tiro cujos naturais e habitantes lucravam imenso cabedal comerciando com os do Egipto em todos os frutos do seu abundantíssimo e fertilíssimo terreno. — **Pereira.**

(4) **ENVERGONHA-TE, SIDÔNIA** — De não teres socorrido a Tiro, estando tu em lugar de sua mãe, por ser ela tua colônia.

NÃO ESTIVE DE PARTO — Isto diz Tiro, insultando a Sidônia, sua mãe, por não se compadecer dela. E fala Tiro assim, não porque não tivesse tido muitos filhos e filhas, mas porque na sua destruição se achava sem elles, como se nunca os tivera. Foreiro queria que se lessem estas palavras em tòm de interrogação: Não concebi eu? não pari? não criei mancebos? Ainda assim estou reduzida, ó Sidônia, ao deplorável estado que vês. Não te ensorbeças, pois, minha mãe, antes envergonha-te, e compadece-te de mim. Os Setenta oferecem um sentido inteiramente diverso, pondo as

5 Quando se ouvir esta notícia no Egito doer-se-ão os homens logo que ouvirem publicar de Tiro.

6 Atravessai os mares, uivai os que habitais na ilha:

7 Porventura não é esta aquela vossa cidade, que desde os primeiros dias se gloriava da sua antiguidade? Levá-la-ão os seus pés para longe andarem peregrinando.

8 Quem formou êste desígnio sôbre Tiro, noutro tempo coroada, cujos comerciantes eram príncipes, seus negociantes os ínclitos da terra?

9 O Senhor dos exércitos formou êste desígnio para derribar a soberba de tôda a glória e para reduzir a ignomínia todos os ínclitos da terra. (5)

10 Sai da tua terra como um rio, filha do mar, já daqui por diante não tens cinto.

11 O Senhor estendeu a sua mão sôbre o mar, êle abalou os reinos, o Senhor deu as suas ordens contra Canaã para esmigalhar os seus valentes,

12 e disse: Não continuarás a te gloriar daqui por diante, sofrendo violência, virgem filha de Sidônia: Levantando-te, passa-te por mar a Cetim, aí também não terás descanso.

13 Eis-aí está que não houve povo tal como a terra dos caldeus. Assur a fundou: Levaram para o cativoiro os seus robustos, derrubaram as suas casas, deixaram-na posta em ruína. (6)

sobreditas palavras na bôca, não de Tiro, mas de Sidônia, porque vertem assim: "Envergonha-te, Sidônia, diz o mar; porém a fortaleza do mar diz: Eu não parí, nem dei à luz." Onde parece negar Sidônia que Tiro seja sua filha. O que talvez alude a que os tiros não queriam reconhecer-se colônia dos sidônios, mas antes iguais a êles nas antiguidades. — *Pereira.*

(5) **DE TODA A GLÓRIA** — Isto é, de tôda a grandeza, esplendor e magnificência dos soberbos e ufanos tírios. — *Pereira.*

(6) **EM RUÍNA** — Isaías lembra aqui as vitórias de Sargon

14 Uivai, naus do mar, porque devastada foi a vossa fortaleza.

15 E acontecerá isto naquele dia: Ficarás em esquecimento, ó Tiro, setenta anos como os dias de um rei: Mas depois dos tais setenta anos será Tiro como o cântico de uma meretriz.

16 Toma a cítara, corre em tórno da cidade, meretriz entregue ao esquecimento: Canta bem, repete a ária, para que haja memória de ti.

17 E acontecerá isto depois dos setenta anos: Visitará o Senhor a Tiro e reduzi-la-á às suas ganâncias: E comerciará de novo com todos os reinos da terra sôbre a face da terra.

18 E serão as suas negociações e as suas ganâncias consagradas ao Senhor: Não serão guardadas, nem entesouradas: Porque a sua negociação será para aquêles que habitarem diante do Senhor, para que comam até se saçiarem e se vistam até à velhice.

CAPÍTULO 24

MALES QUE HÃO DE VIR SÔBRE A JUDÉIA. PUNIÇÃO DOS
SEUS INIMIGOS. RESTABELECIMENTO DE JERUSALÉM.

1 Eis-aí dissipará o Senhor a terra e a porá nua e afligirá a sua face e espalhará os seus habitantes. (1)

sôbre o rei dos caldeus, ou Kasdim, Merodach-Baladam, que se tinha apoderado de Babilônia, e que era primitivamente senhor do Baixo Eufrates, onde governava a tribo dos Kaldi. O texto original dêste versículo deve ser assim traduzido: "Vês a terra dos caldeus; este povo já não existe; Assur abandonou-o aos animais ferozes, derribou as suas tórres, destruiu os seus palácios, assolou a sua terra."

(1) EIS-AÍ — Este capítulo compreende uma profecia da desolação da Judéia, seja por Senaquerib, seja por Nabucodonosor,

2 E assim como fôr o povo, assim será o sacerdote: E como o criado, assim o seu amo: Como a serva, assim a sua senhora: Como o que compra, assim é aquêlê que vende: Como o que dá juro, assim o que toma emprestado: Como o que torna a pedir a dívida, como o que deve. (2)

3 A terra com total estrago será desolada e pela rapina saqueada. Porquanto o Senhor proferiu esta palavra.

4 Chorou, e descaiu a terra e ficou desfalecida: Descaiu o Orbe, ficou desfalecida a altura do povo da terra.

5 E ficou a terra inficionada pelos seus habitantes: Porque transgrediram as leis, mudaram o direito, romperam a aliança sempiterna.

seja pelos romanos; mas também a aplicam aos últimos tempos e ao juízo final. E' necessário convir que as expressões do profeta autorizam naturalmente esta aplicação. A êste propósito escreve Franz Delitzsch. "Os juízos particulares que Deus profere contra cada povo nos oráculos contra os gentios vão referir-se todos ao juízo final, como os rios se reúnem no mesmo oceano." *Der prophet Jesaja*, 1866, p. 271. Todo êste trecho é elevado nos conceitos e harmonioso na forma. Pode-se subdividir da seguinte forma: 1.º Juízo e catástrofe da terra, 24. — 2.º Cântico do triunfo: a) sôbre a ruína da cidade que oprimia o mundo, 25, 1-8. b) sôbre a ruína de Moab, 25, 9-12. c) sôbre a restauração de Israel, 26; d) fertilidade da vinha abençoada do Senhor, 27, 2-6. — 3.º Deus pune e salva Israel.

A TERRA — Nota S. Jerônimo que é freqüente na Escritura a expressão a terra designar a Judéia.

AFLIGIRA A SUA FACE — Isto é, transmutar-lhe-á a face, arruinando-a completamente.

(2) E ASSIM COMO FÔR O POVO — Não haverá então diversidade alguma de estados nem de condições, todos hão de passar rigor do juízo, nobres e plebeus, sacerdotes e leigos. — S. Jerônimo.

6 Por esta causa a maldição devorará a terra e pecarão os habitantes dela: E por isso enfatuar-se-ão os seus cultores e serão deixados poucos homens. (3)

7 Chorou a vindima, enfraqueceu a vide, gereram todos os que se alegravam de coração. (4)

8 Cessou o regozijo dos tambores, acabou a algazarra dos que estavam em alegria, calou-se a doçura da cítara.

9 Não beberão vinho cantando árias: A bebida será amarga para os que a beberem.

10 A cidade da vaidade está demolida, fechadas se acham tôdas as suas casas, não entrando nelas pessoa alguma. (5)

(3) **CULTORES** — Isto é, moradores.

(4) **CHOROU A VINDIMA** — No fim do mundo a lembrança das delícias passadas será para os homens matéria de pesares e de tormentos: *In consumatione sæculi præcriterarum deliciarum recordatio erit materia cruciatuum.* — S. Jerônimo.

(5) **A CIDADE DA VAIDADE ESTÁ DEMOLIDA** — Isto é, tôda a cidade, ou a Babilônia espiritual, que está assentada sobre sete montes, tôda vestida de púrpura, à qual espera o terrível suplício, que lemos no capítulo 18 do Apocalypse. E com muita propriedade diz o profeta “a cidade da vaidade”, porque se do Céu e da terra, e de tudo o que é terreno, diz o sábio: “Vaidade de vaidades, e tudo vaidade”, com quanto maior ruzão se deve dizer isto duma só cidade, que não é senão uma pequena parte do mundo? Até aqui o doutor Máximo. Não obstante cuja autoridade, os mesmos modernos intérpretes, que com ele crêem que a presente profecia tem por objeto a consumação do mundo e o juízo final, pretendem ainda assim, que por figura ou prelúdio daquela última ruína do mundo, intente o profeta também descrever o miserável estado a que Jerusalém será reduzida, primeiramente pelos caldeus, em tempo de Nabucodonosor, depois pelos romanos, em tempo de Vespasiano. — **Pereira.**

11 Nas ruas haverá clamor sôbre o vinho. Tôda a alegria ficou abandonada: Desterrou-se o prazer da terra. (6)

12 Ficou dentro na cidade uma solidão, e a calamidade oprimirá as suas portas.

13 Porque estas coisas verificar-se-ão no meio da terra, no meio dos povos: Como se algumas poucas de azeitonas, que ficaram, se sacudirem da oliveira, e algum par de cachos do rabisco, depois de acabada a vindima. (7)

14 Êstes levantarão a sua voz, e cantarão louvores, darão rinchos desde o mar, quando o Senhor fôr glorificado. (8)

15 Por esta causa com as verdadeiras máximas da doutrina glorificai ao Senhor: Nas ilhas do mar ao nome do Senhor Deus de Israel.

16 Desde as extremidades da terra nós ouvimos os louvores à glória do justo. E eu disse: O meu segredo para mim, o meu segredo para mim, aí de mim: Os prevaricadores têm prevaricado e com prevaricação de transgressores prevaricaram.

(6) **SÔBRE O VINHO** — Contendendo entre si os compradores sôbre qual dêles o comprará, que tanta será a sua falta! Veja-se o versículo 7. — Menocchio.

(7) **COMO SE ALGUMAS POUCAS DE AZEITONAS** — Por estas poucas de azeitonas, que ficam nas pontas da oliveira depois do varejo, e por êstes poucos de cachos que se acham depois de feita a vindima, quer-nos Isafas dar a conhecer quão poucos e quão raros serão os escolhidos, que se saberão pela divina graça livrar das violentas impressões que nêles fará o Anti-Cristo. — S. Jerônimo.

(8) **ÊSTES LEVANTARÃO A SUA VOZ** — Os poucos escolhidos que ficarem depois dêste varejo e desta vindima do mundo, levantarão a voz ao Céu, louvarão a Deus. — S. Jerônimo.

17 Para ti, que és habitador da terra, está aparelhado o susto e a cova e o laço.

18 E acontecerá: Que o que fugir da voz do susto cairá na cova: E o que se desembaraçou da cova ficará prêso no laço: Porque as cataratas lá das alturas foram abertas e serão abalados os fundamentos da terra.

19 Com a ruptura de suas partes será a terra feita em pedaços, com o choque delas será a terra esmigalhada, com o seu abalo será a mesma terra desconjuntada,

20 pelo balanço será agitada a terra como um em-
briagado, e será tirada como a tenda duma noite: E carregará sobre ela a sua iniquidade, e cairá, e não tornará a levantar-se.

21 E acontecerá: Que naquele dia virá o Senhor com a sua visita sobre a milícia do céu lá no alto, e sobre os reis da terra que estão sobre a terra.

22 E serão atados todos juntos num feixe para serem lançados no lago e ficarão ali encerrados no cárcere: E depois de muitos dias serão visitados.

23 E a lua se envergonhará e se confundirá o sol quando reinar o Senhor dos exércitos no monte Sião em Jerusalém e fôr glorificado na presença dos seus anciãos. (9)

(9) QUANDO REINAR — Quando se assentar no seu Real Trono para julgar o mundo no Vale de Josafá, como explica Menochio, e ao tempo em que fôr a tomar posse da herança do seu Reino em Sião e na Celestial Jerusalém, adorado e glorificado para sempre na Córte de seus escolhidos.

CAPÍTULO 25

CÂNTICO DE AÇÃO DE GRAÇAS AO SENHOR PELOS BENEFÍCIOS QUE FEZ AO SEU POVO E PELO CASTIGO QUE DEU A SEUS INIMIGOS.

1 Senhor, tu és o meu Deus: Eu te exaltarei e apregoarei o teu nome: Porque tu fizeste maravilhas, declaraste por fiéis os teus antigos desígnios, amém.

2 Porque tu reduziste a cidade a um túmulo, a cidade forte, a ruína, a casa dos estranhos: Para não ser cidade e para nunca jamais se reedificar. (1)

3 Por isso te louvará um povo forte, a cidade das nações robustas te temerá: (2)

4 Porque te fizeste fortaleza para o pobre, fortaleza para o necessitado na sua tribulação: Esperança contra o torvelhinho, sombra contra o calor. Porque o espírito dos robustos é como um torvelhinho que impele uma parede. (3)

(1) **PORQUE TU REDUZISTE A CIDADE A UM TÚMULO** — Esta cidade, segundo Calmet, é Babilônia, depois de tomada pelos medos e persas. Segundo S. Jerônimo, é Jerusalém destruída pelos romanos depois da morte de Cristo.

(2) **POR ISSO TE LOUVARÁ UM POVO FORTE** — Os caldeus, gente poderosíssima, vendo tomada e destruída a sua capital, a própria experiência os obrigará a reconhecer e a confessar a majestade e o poder do Deus de Israel. Ou os medos e os persas, vendo-se senhores de Babilônia, te louvarão, e celebrarão a irresistível força do teu braço. S. Jerônimo entende por este povo forte, a Igreja de Cristo, formada das nações gentílicas. — Pereira.

(3) **E' COMO UM TORVELHINHO** — Tal se pode considerar Nabucodonosor na corrente das suas vitórias e conquistas, quando ao impulso das suas armas e das suas máquinas cediam tôdas as cidades da Síria, da Fenícia, do Egito e da Palestina. Ou por este redemoinho se pode entender Dario medo e Ciro, impelindo a Babilônia até a fazerem cair. S. Jerônimo insiatindo na sua hipótese.

5 Tu como o calor na sêde humilharás a insolência tumultuosa dos estranhos: E como com um calor que abrasa por entre nuvens, farás com que se vá murchando a descendência dos fortes.

6 E o Senhor dos exércitos fará neste monte para todos os povos um banquete de manjares substanciais, um banquete de vinho de substanciais tutanos, dum vinho sem fezes. (4)

7 E neste monte quebrará a prisão do laço atado sôbre todos os povos e a teia que urdiu sôbre tôdas as nações. (5)

interpreta este redemoinho, e este calor, dos tormentos que Cristo padeceu na Cruz.

(4) **FARA NESTE MONTE PARA TODOS OS POVOS UM BANQUETE** — Preparará na sua Igreja o deliciosíssimo banquete do seu Corpo e Sangue, ou alegoricamente preparará no Céu o banquete da Visão Beatífica. — Calmet.

DE VINHO — À letra, de vindima, palavra que neste versículo se acha duas vezes na mesma acepção, e que vem a significar um vinho generosíssimo. — Pereira.

(5) **A PRISÃO DO LAÇO** — Por esta prisão ou cadeia entendem hábeis intérpretes a concupiscência; pela teia, a ignorância. Uma e outra rompeu Cristo (expõe Foreiro), quando no Monte Olivete prometeu aos seus Apóstolos que mandaria sôbre eles o Espírito Santo, que os encheria da sua graça e lhes ensinaria tôdas as verdades. E' de notar que o texto não exprime quem foi o que urdiu a teia. Por isso Sacy e de Carrières parafraseiam a teia que o inimigo tinha urdido. Eu não acho inconveniente em dizer que o mesmo que rompeu a tela, êsse a tinha urdido. Isto é, Deus. Porque se pode dizer que Deus tinha urdido a tela da ignorância, em que tôdas as nações estavam envolvidas, para não verem a luz da Fé; enquanto pelos seus altos juízos permitia que tôdas as nações estivessem sepultadas nas trevas da infidelidade e da idola-

8 Ele precipitará a morte para sempre: E o Senhor Deus enxugará as lágrimas de tôdas as faces e tirará de cima de tôda a terra o opróbrio do seu povo: Porque o Senhor falou.

9 E dirá naquele dia: Eis-aqui temos que êste é o nosso Deus, por êle esperamos e êle nos salvará: Êste é que é o Senhor, nós o esperamos longo tempo, nós exultaremos e alegrar-nos-emos com a salvação que êle nos der.

10 Porque neste monte repousará a mão do Senhor: E Moab será trilhado debaixo dêle, assim como se trilham as palhas debaixo dum carro. (6)

11 E estenderá as suas mãos por baixo dêle assim como as estende o nadador para nadar: E abaterá a sua glória com a esmigalhadura das mãos dêle. (7)

12 E as fortificações das tuas altas muralhas cairão, e se abaterão, e virão a terra até se reduzirem a pó.

tria; de modo que noutros lugares diz a Escritura que Deus deixou ir as nações após os seus apetites; que endureceu o coração de Faraó, e que cegou tal e tal povo. — *Pereira.*

(6) **E MOAB** — O povo dos ímpios condenados a eternos suplícios. — *Menochio.*

(7) **E ESTENDERÁ AS SUAS MÃOS** — Isto é, como bem parafraseia Sacy: Ele Moab estenderá as suas mãos debaixo do péso com que Deus o oprimirá. As palavras da Vulgata *et extendet manus suas sub eo*, e a metáfora do homem, que para nadar estende as mãos, fazem que eu tenha por certo que o nominativo do verbo *extendet* é Moab lutando com as ondas da tribulação, como depois de Sacy o entendeu Calmet; e não Deus ou o Senhor castigando a Moab, como o expuseram Le Gros e de Carrières, vertendo ambos, com uma manifesta violência, aquêles *sub eo*, como se o texto dissesse *contra eum*. S. Jerônimo também entendeu que o que havia de estender as mãos era Moab, e não o Senhor. — *Pereira.*

CAPÍTULO 26

CONTINUAÇÃO DO MESMO CÂNTICO.

1 Naquele dia se cantará êste cântico em a terra de Judá:

Sião, cidade da nossa fortaleza, é o Salvador, êle será posto nela por mural e antemural. (1)

2 Abri as portas, e entre uma gente justa, que observa a verdade. (2)

3 Foi-se o antigo êrro: Tu conservarás a paz: A paz, porque em ti havemos esperado.

4 Vós esperastes no Senhor por séculos eternos, no Senhor Deus forte para sempre.

5 Porque encurvará aos que habitam no alto, humilhará a cidade altiva.

Humilhá-la-á até à terra, fá-la-á descer até se tornar em pó.

6 Pisá-la-á o pé, os pés do pobre, os passos dos necessitados.

(1) **SIAO, CIDADE DA NOSSA FORTALEZA** — Nem o hebreu, nem as versões trazem aqui o nome de Sião; o autor da Vulgata é que o pôs, entendendo justamente que a cidade de que aqui se fala é Jerusalém restabelecida por Neemias depois de ter vindo do cativeiro de Babilônia; e o povo de que ela fala é o povo hebreu, dando graças a Deus pela liberdade que alcançou, e pela depressão a que viu reduzidos os caldeus seus inimigos. Num sentido mais elevado, e que sem dúvida foi o que principalmente intentou o Espírito Santo, Jerusalém figura a Igreja; a paz que Deus lhe deu com a liberdade, significa a Redenção que Cristo trouxe ao género humano; a ruína dos gigantes, o terrível juízo que espera os ímpios; o descobrir a terra os seus mortos, a Ressurreição da carne. — **Pereira.**

(2) **AS PORTAS** — Do Céu. São palavras de Jesus Cristo aos Anjos. — **Pereira.**

7 A vereda do justo é direita, direito é o atalho do justo para por êle se andar.

8 E nós te esperamos, Senhor, na vereda dos teus juízos: O teu nome, e a tua memória são a saudade da nossa alma.

9 A minha alma te desejou de noite: E até com o meu espírito nas minhas entranhas despertarei desde o ponto do dia para te buscar.

Quando exercitares na terra os teus juízos, aprenderão a justiça os habitantes do Orbe.

10 Compadeçamo-nos do ímpio, e êle não aprenderá a justiça: Na terra dos santos obrou iniquidades, e não verá a glória do Senhor.

11 Senhor, exalte-se a tua mão, e êles não vejam: Vejam, e sejam confundidos os que têm inveja do teu povo: E devore o fogo a teus inimigos.

12 Senhor: Tu nos hás de dar paz: Porque tu és o que fizeste em nós tôdas as nossas obras.

13 Senhor Deus nosso, uns amos sem ti nos possuíram, sòmente em ti nos recordemos do teu nome.

14 Não vivam os mortos, não ressuscitem os gigantes: Por isso é que tu os visitaste e fizeste em pó, e apagaste tôda a sua memória.

15 Tu favoreceste esta nação, Senhor, tu a favoreceste: Porventura foste tu glorificado? Tu a alongaste para as mais remotas partes da terra.

16 Senhor, êles te buscaram na angústia, saudável lhes foi na tribulação do seu murmúrio a tua doutrina.

17 Assim como a que concebe, quando estiver próxima ao parto, confrangendo-se dá gritos nas suas dores: Do mesmo modo nos tornamos nós, Senhor, diante da tua face.

18 Nós concebemos, e como que estivemos com dores de parto, e o que parimos foi vento: Não produzimos na

terra frutos de salvação, por isso é que não caíram os habitantes da terra.

19 Os teus mortos viverão, os meus a quem tiraram a vida ressuscitarão: Despertaí, e cantai louvores, vós os que habitais no pó: Porque o teu orvalho será um orvalho de luz, e tu reduzirás à última ruína a terra dos gigantes.

20 Vai, povo meu, entra nos teus quartos, fecha as tuas portas sobre ti, deixa-te estar escondido um pouco por um momento, até que passe a indignação.

21 Porque eis-aí sairá o Senhor do seu lugar, para visitar a iniquidade do habitador da terra contra elle: E a terra descobrirá o sangue de que está alagada, e não cobrirá mais de então por diante os seus violentamente mortos.

CAPÍTULO 27

CASTIGO DO PRÍNCIPE OPRESSOR DO POVO DE DEUS. PECA-
DO PERDOADO À CASA DE JACÓ. IDOLATRIA DESTRUÍDA.

1 Naquele dia o Senhor armado com a sua espada dura, e grande, e forte, virá com a visita sobre Leviatã, essa serpente como uma alavanca, e sobre Leviatã serpente cheia de roscas, e matará a baleia, que está no mar. (1)

(1) **VIRÁ COM A VISITA SOBRE LEVIATÃ** — Debaxo dos termos enigmáticos destes monstros marinhos entendem uns a Senaquerib, outros a Nabucodonosor, ou a Baltazar. Calmet quer que seja Cambises, ou Holofernes. S. Jerônimo entende o demônio, que se chama "serpente tranção," por causa dos muitos que tinha fechados no seu cárcere; e serpente "cheia de roscas," porque não lá nêle nada direito.

COMO UMA ALAVANCA — Isto é, como parafraseia de Carrières, essa serpente imensa, comprida, e forte como uma alavanca. Símaco verteu "serpente que fecha;" Teodocião, "ser-

2 Naquele tempo a vinha que dá vinho puro lhe cantará louvores.

3 Eu, o Senhor, que a conservo, de repente lhe darei de beber: Para que talvez se não execute algum dano contra ela, eu a guardo de noite e de dia.

4 Eu não tenho indignação: Quem me fará silva e espinho na peleja: Marcharei contra ela, incendiá-la-ei igualmente?

5 Ou deterá ela antes a minha fortaleza, fará paz comigo, paz fará comigo?

6 Apesar dos que investem com ímpeto a Jacó, florescerá e lançará gérmen Israel, e encherão de fruto a face do Orbe. (2)

7 Porventura feriu-o Deus a êle à proporção da chaga do que o fere? Ou assim como matou aos seus violentamente mortos, assim foi êle morto? (3)

rente robusta," Segundo as quais versões apontadas por S. Jerônimo, pudera o acusativo *serpentem* vectem, de que usa a Vulgata depois de Áquila, verter-se também por serpente tranca, ou por serpente ferrôlho.

(2) **APESAR** — Isto é, entendendo-se o texto dos inimigos do povo de Deus; porém falando êle da pregação dos Apóstolos, poder-se-á verter assim: "Pelas fadigas dos que entram com fervor a Jacó", etc. — *Pereira*.

(3) **PORVENTURA FERIU-O DEUS A ÊLE** — O sentido que Sacy, Le Gros, Calmet, e de Carrières dão às palavras do texto, é o seguinte: "Acaso feriu Deus o seu Povo, como feriu os que eram seus tiranos? ou foi o suplício com que êle castigou os seus, igual ao que experimentaram os perseguidores do seu Povo?" Porque Judá e Israel, dizem êstes expositores, sim foram feridos por Deus e levados ao cativeiro; mas ao mesmo tempo que Deus os castigava, êle se não esquecia dêles; tratava-os à maneira de pai, temperando a justiça com a misericórdia. Depois do cativeiro o Senhor os restituiu à sua pátria, e lhes prometeu continuar-lhes a sua proteção e ajuda. Não se houve porém Deus assim com os inimigos e opressores do seu Povo. Destruiu o exér-

8 Quando ela foi rejeitada, tu a julgarás contrapondo uma medida a outra medida: Meditou no seu espírito de rigor para o dia da calma.

9 Por isso a iniquidade será dêste modo perdoada à casa de Jacó: E todo êste fruto se reduz a que seja tirado o seu pecado, quando puser tôdas as pedras do Altar como pedras de cal esmigalhadas, não ficarão em pé os bosques e os templos. (4)

10 Porque a cidade forte será assolada, a formosa será despovoada, e será deixada como um deserto: Ali será apascentado o novilho, e ali se recostará, e consumirá as pontas da sua verdura. (5)

cito de Senaquerib totalmente, até não ficar nenhum vivo. Puniu a Nabucodonosor na pessoa do seu neto Baltazar, fazendo que os medos e persas destruíssem de tal sorte o seu império, que não tornasse êste a levantar a cabeça. S. Jerônimo, dando às palavras do texto o mesmo sentido que lhe dão os sobreditos modernos, põe a diferença dos castigos, não entre os antigos tiranos e o povo hebreu, mas entre a Sinagoga e a Igreja, ou entre o povo gentílico e o povo cristão. E verte assim: "Acaso feriu Deus a Jerusalém, ou o povo gentílico, como a Sinagoga o feriu a Ele nas pessoas de Cristo e dos seus apóstolos, ou a gentilidade nas pessoas dos apóstolos e dos varões apostólicos? Não por certo. Porque tanto aos judeus como aos gentios, pagaram os apóstolos com benefícios as perseguições que lhes faziam; procurando a uns e outros a salvação das suas almas, e reconciliando-os com Deus por meio das verdades sobrenaturais que lhes pregavam.

(4) **QUANDO PUSER TODAS AS PEDRAS DO ALTAR** — Quando depois da morte de Cristo, os Apóstolos que são da estirpe de Israel, fizerem que se quebrem os altares dos falsos deuses, e se deltem abaixo os bosques e templos, que lhes eram consagrados. — S. Jerônimo.

(5) **PORQUE A CIDADE FORTE SERÁ ASSOLADA** — Jerusalém será destruída pelo exército romano, o que mostra que a ruína da idolatria e a de Jerusalém serão quase ao mesmo tempo, e uma acompanhará a outra. — S. Jerônimo.

11 As suas searas ficarão feitas em moinha pela secura, virão as mulheres e ensiná-la-ão: Porque não é povo ajuizado, por cuja causa não se compadecerá dêle o que o fêz: E não lhe perdoará o que o formou. (6)

12 E acontecerá: Que naquele dia ferirá o Senhor desde o álveo do rio até à torrente do Egito, e vós, filhos de Israel, sereis congregados a um e um.

13 Também acontecerá: Que naquele dia soará uma grande trombeta, e os que tinham ficado perdidos virão da terra dos assírios, e os que se achavam desterrados na terra do Egito, e adorarão o Senhor no montê santo em Jerusalém.

CAPÍTULO 28

RUÍNA DO REINO DE EFRAIM. DESOLAÇÃO DO REINO DE JUDÁ.

1 Ai da coroa de soberba, dos embriagados de Efraim, da flor caduca, glória da sua exultação, dos que estavam no cume do vale fertilíssimo, errantes por causa do vinho. (1)

(6) **VIRÃO AS MULHERES** — S. Jerônimo diz que isto se poderá entender ou da profetisa Holda, que em tempo do rei Josias, e como nas vésperas do cativo de Babilônia, predisse aos judeus esta calamidade, ou das mulheres de Jerusalém, que batendo nos peitos acompanharam a Cristo, quando com a Cruz às costas caminhava para o Calvário.

(1) Começa aqui o quarto grupo, que compreende as profecias do tempo de Ezequias relativas ao povo de Deus, cc. 28 e 39. Para a boa intelligência das profecias desta época, convém recordar que Ezequias, procedendo de maneira muito diferente daquela como procedeu Acáz, seu pai, restabeleceu o culto do verdadeiro Deus, embora não tivesse logrado alcançar a completa conversão do povo. Por isso enquanto que o rei mereceu a recompensa da sua fé e da sua piedade, os vassallos sofreram o castigo devido

pela sua idolatria e pela sua revolta: a invasão assíria castigou os criminosos, a destruição do exército de Senaquerib foi um claro testemunho de proteção divina para com Ezequias, obediente aos conselhos dos profetas do Senhor. 2 Par 32, 20; 4 Rs 18, 7. Na primeira parte deste grupo, 28-33, descreve-se a invasão de Senaquerib com o castigo da divindade, e indica-se a promessa de triunfo, com alusões ao reino messiânico; na segunda, 34.35, o profeta apresenta-lhe o Senhor julgando tôdas as pessoas e em particular a Iduméia, que simboliza, no entender dos intérpretes, os inimigos da Igreja. As descobertas modernas têm comprovado a veracidade da profecia de Isaías, reconstituindo as cenas que então se deram, e vingando a autoridade dos livros sagrados. Todos os documentos relativos a Senaquerib foram recolhidos em caracteres cuneiformes pelo notável assiriólogo George Smith na sua *History of Sennacherib*, publicada em 1878 por Sayce. Já tivemos ocasião de citar os *Annales des Rois d'Assyrie*, de Menaut, onde se encontram dados valiosos para a interpretação e defesa das profecias de Isaías. No Museu Britânico de Londres guardam-se religiosamente baixos-relevos do palácio de Senaquerib, rei de Nínive. Num dêles vê-se o seu retrato revestido das insígnias de realza, lendo-se esta inscrição:

- 1 Senaquerib rei das nações, rei da Assíria.
- 2 Sobre um trono elevado está sentado e
- 3 Os despojos de Laquis
- 4 Estão em sua presença.

AI DA COROA DE SOBERBA — Os oito capítulos que se contam dêste até o 35, têm por objeto a invasão de Senaquerib. Fala pois aqui o profeta contra as dez tribos que reinavam em Samaria, e que por causa de Jeroboão, que era da tribo de Efraim, se chamam Efraim. E chama-lhes coroa de soberba, porque comparados com as duas tribos, que compunham o reino de Judá, lhes eram muito superiores em fôrças e em número. E chama-lhes bêbedos de Efraim, por causa de que não conheciam o seu Criador; mas em lugar do Senhor adoravam novilhos de ouro em Dan e em Betel. Estes algum tempo foram como a flor e a glória do Senhor, quando eram governados por Davi e por Salomão, e quando com tôdas as outras tribos adoravam o Senhor no templo de Jerusalém. Estes mesmos habitaram no cimo do vale pingue, que em hebraico se diz Getsemani, e é o lugar, onde o Senhor foi entregue por Judas, no alto do qual estava o templo do Senhor.

2 Eis-aqui o Senhor valente e forte como o ímpeto duma chuva de pedra: Torvelhinho que tudo quebra, como ímpeto de muitas águas que inundam, e se espraia: sôbre uma espaçosa campina. (2)

3 Aos pés será pisada a coroa de soberba dos embriagados de Efraim.

4 E a flor caduca da glória da sua exultação, que está sôbre o cume do vale mui pingue, será como o fruto temporão, que chega a amadurecer antes do Outono: O qual se algum pondo nêle os olhos o vir, logo assim que o tomar na mão, o devorará. (3)

5 Naquele dia o Senhor dos exércitos será a coroa de glória, e a grinalda de exultação, para o resto do seu povo: (4)

Estes embebedaram-se com o vinho do erro e da amência, que Jeroboão lhes deu a beber. Por isso o Senhor os ameaça com as penas e castigos que se seguem. — S. Jerônimo.

(2) **COMO O ÍMPETO DUMA CHUVA DE PEDRA** — O Senhor os ameaça, que assim como uma grande tempestade de saraiva tudo faz em pedaços, e uma cheia de impetuosas águas tudo o que acha diante leva consigo, assim eles serão destruídos pelo exército dos assírios, e o que ficar será transportado para os montes ou cidades da Média. — S. Jerônimo.

(3) **SERÁ COMO O FRUTO TEMPORÃO** — A razão da comparação está, em que assim como quem antes do outono vê um formoso figo na árvore, a mesma beleza do pomo o excita a colhê-lo, e a comê-lo logo; assim a gala e bizzarria que os assírios vêem no reino das dez tribos será a que os provoque a lançar mão dêle, para o destruir e engolir. — S. Jerônimo.

(4) **PARA O RESTO DO SEU POVO** — Depois que tôda a terra de Samaria, isto é, as dez tribos, tiver sido destruída pelo exército assírio, e tiver sido pisada aos pés a coroa de soberba dos bêbedos de Efraim; então será o Senhor a coroa de vitória para o resto do seu povo, isto é, para as duas tribos de Judá e de Benjamim; e o espírito de justiça para o que está assentado para bem julgar, isto é, para Ezequias rei de Judá; e

6 E o espírito de justiça para o que está assentado para bem julgar, e a fortaleza para os que voltarem da batalha para a porta.

7 Mas também êstes por causa do vinho não entenderam, e por causa da embriaguez andaram sem se poderem ter: O sacerdote e profeta não entenderam por causa da embriaguez, foram absorvidos pelo vinho, andaram cambaleando na embriaguez, não conheceram o Vidente, ignoraram a justiça. (5)

8 Porque tôdas as mesas se encheram de vômito e de asquerosidades, tanto assim que não havia já lugar que estivesse limpo.

9 A quem ensinará a ciência? e a quem fará entender o que se ouviu? aos que já se lhes tirou o leite, aos que já foram desinamados.

a fortaleza daqueles, que depois de terem feito o último estrago nos inimigos se recolheram para a sua cidade. No que o profeta alude à mortandade do exército de Senaquerib, feito pelo Anjo do Senhor, que numa noite matou cento e oitenta e cinco mil assírios. — S. Jerônimo.

(5) **MAS TAMBÉM ÊSTES** — Isto é, os das tribos de Judá e de Benjamim, como bem advertiu S. Jerônimo, e o dá a entender assim o pronome *hi* demonstrativo do sujeito mais vizinho, como a conjunção *quoque*, que claramente denota falar-se aqui de sujeito diverso daquele de que primeiro se falou. Assim não aprovo, que de Carrières saltando por cima de tôdas estas razões o expusesse dos das dez tribos, vertendo o presente texto assim: *Mais pour ceux d'Israel, ils sont si pleins de vin, etc.* Sacy, Duhamel, e Calmet seguiram a S. Jerônimo como eu fiz. Porque também as duas tribos, de Judá e de Benjamim, se deixaram embebedar do vinho da idolatria, e desprezando a religião do templo. adoraram os ídolos, e não conheceram ao Deus que tudo vê, e que tudo considera. — **Pereira.**

10 Porque manda, torna a mandar, manda, torna a mandar, espera, torna a esperar, espera, torna a esperar, um pouco aí, um pouco aí. (6)

11 Porquanto em outra linguagem de lábio, e em língua estranha êle falará a êste povo. (7)

12 Ao qual disse: Êste é o meu descanso, confortai ao cansado, e êste é o meu refrigerio: E êles não quizeram ouvir.

13 E ser-lhes-á repetida esta palavra do Senhor: Manda, torna a mandar, manda, torna a mandar, espera, torna a esperar, espera, torna a esperar, um pouco aí, um pouco aí: Para que vão, e caiam para trás, e fiquem esmigalhados, e metidos no laço, e presos.

14 Por esta causa ouvi a palavra do Senhor, homens

(6) **PORQUE MANDA, TORNA A MANDAR** — Estas palavras costumavam os judeus dizer por zombaria aos profetas, quando êles lhes anunciavam o que estava para vir, e os ameaçavam que se não observassem os Divinos preceitos, experimentaríamos da parte de Deus severíssimos castigos, Diziam pois: “Manda, torna a mandar, manda, torna a mandar.” E como viam que não acabavam de chegar os tais castigos, porque muitas vezes difere Deus a execução das suas ameaças, para nos dar tempo de as evitar com a penitência; abusando da mesma paciência de Deus continuavam a insultar os profetas, dizendo-lhes: “Espera, torna a esperar, espera, torna a esperar, mais um pouco, mais um pouco.” — S. Jerônimo.

(7) **DE LABIO** — Aqui ou se subentende a labii o adjetivo alterius, vindo a dizer de outro lábio, isto é, de outra língua, qual era a dos babilônios, cuja escravidão êste povo havia de experimentar, ou a verter do hebreu, como fizeram Santos Pagnini, Vatablo, e outros, com lábios balbuciantes ou tartamudos, será então êste o sentido: Êste Povo mofa das minhas palavras, e dos meus Profetas, pois eu também escarnecerei e mofarei dele. E' próprio de quem escarnece cortar e mal pronunciar as palavras, repetindo-as em tom balbuciante e de fanhoso. Tal parece ser a repetição do verso 13. Cfr. 1 Cor 14, 21.

escarnecedores, que exerceis a vossa dominação sobre o meu povo, que está em Jerusalém. (8)

15 Porque vós dissestes: Nós fizemos um concôrto com a morte, e fizemos um pacto com o inferno. Quando passar o flagelo de inundação, não virá sobre nós: Porque temos pôsto a mentira por base da nossa esperança, e pela mentira fomos protegidos.

16 Por isso estas coisas diz o Senhor Deus: Eis-aquí estou eu que vou a lançar nos fundamentos de Sião uma pedra, uma pedra aprovada, angular, preciosa, fundada no fundamento: Aquêlê que crêr, não se apresse. (9)

17 E farei juízo com pêso, e justiça com medida: E a saraiva derribará a esperança da mentira: E as enchentes das águas deixarão alagada a proteção. (10)

18 E será apagado o vosso concôrto com a morte, e o vosso pacto com o inferno não subsistirá: Quando passar o flagelo de inundação, êle vos terá por emprêgo da sua pisadura.

19 Ao ponto que êle fôr passando, vos arrebatará: Porque de manhã cedo passará sem acabar de dia nem

(8) **QUE EXERCEIS A VOSSA DOMINAÇÃO SOBRE O MEU POVO** — Daquí se vê que o Profeta fala contra os que eram Príncipes entre os judeus, e que êstes mesmos eram os que tanto não criam os Profetas, que antes os motejavam, no que êstes antigos príncipes figuravam os escribas e fariseus, que assim mesmo se houveram depois com Cristo. — *Pereira.*

(9) **PEDRA ANGULAR** — Os siro-caldaicos collocavam nos quatro ângulos das suas edificações lápidas de argila e placas de metais preciosos, onde gravavam a história da fundação do edificio. Este costume ainda se conserva entre os povos civilizados.

(10) **E FAREI JUÍZO** — E castigarei com justo rigôr aos judeus escarnecedores da minha palavra, agora pela invasão dos assírios, e depois pela dos romanos, que deixarão frustradas tôdas as suas esperanças.

de noite, e só unicamente a vexação vos fará entender o que se ouviu.

20 Porque estreita é a cama, de sorte que um dos dois há-de cair: E um cobertor curto não pode cobrir a um e outro.

21 Porque o Senhor se levantará, como no Monte das Divisões: Êle se mostrará irado, como no Vale, que está em Gabaon: Para fazer a sua obra, uma obra alheia dêle: Para fabricar a sua obra, uma obra dêle que lhe é estranha.

22 Cessai pois já de fazer zombaria, para que não suceda que se apertem mais as vossas cadeias: Porque eu ouvi ao Senhor Deus dos exércitos que a consumação e abreviação de tudo isto mui cedo viria sôbre tôda a terra.

23 Percebei applicando os ouvidos, e escutai a minha voz, atendei, e ouvi as minhas expressões.

24 Acaso o lavrador lavrará sempre a fim de semear, estará êle incessantemente estorroando e sachando a sua terra? (11)

(11) **SEMPRE** — A letra: “todo o dia” ou “um dia inteiro”. Daqui até o fim dêste capítulo se faz uma bellissima comparação das altas disposições da Providência a respeito do homem com os trabalhos do agricultor, que nem sempre se ocupa em lavrar a terra, mas ora semeia ora colhe; umas vêzes pisa outras mói; do mesmo modo a Providência de Deus que também é agricultor, Jo 15, 1, zela a salvação dos mortais, instruindo-os já com a santa doutrina, aterrando-os já com ameaças, e chamando à penitência pelas suas inspirações brandas e suaves; quando não vê corresponder o fruto ao seu trabalho, também faz vir sôbre êles a vingança e o castigo eterno.

25 Porventura depois de igualar a superfície dela não semeará a nigela, espalhará o cominho, e lançará o trigo a eito, e a cevada, e o milho, e alfarroba nos seus assinados lugares? (12)

26 E instruí-lo-á para fazer isto com juízo: O seu Deus o ensinará.

27 Porque não será debulhada a nigela com trigo armado de dentes de ferro, nem rodará a roda de carro por cima dos cominhos: Mas será com uma vara sacudida a nigela, e os cominhos com um pau.

28 E o trigo será esmiuçado: Mas na verdade não no debulhará sempre o que o debulha, nem o apertará debaixo de si a roda do carro, nem com as suas unhas o esmiuçará.

29 E isto saiu do Senhor Deus dos exércitos, para fazer admirável o seu conselho, e engrandecer a sua justiça.

(12) **NIGELA** — E' apenas citada esta planta neste capítulo de Isaías. Produz uma semente aromática, negra, usada no Oriente como tempêro, pelo que é muito cultivada. O fruto contém cinco ou seis cápsulas, onde estão as sementes, que caem com facilidade quando estão maduras, sacudindo-as com uma vara.

COMINHO — Outro tempêro usado na Palestina. Pertence à família das umbelíferas. Mede 15 a 18 centímetros de altura. As flores são pequenas, brancas ou vermelhas. As sementes, de forma oval, têm um sabor picante, amargo, e com um pronunciado aroma. Chegou a ser tão abundante a colheita desta planta, que os doutores da lei, do tempo de Jesus Cristo, impuseram a obrigação de se pagar o dízimo. Mt 23, 23. Ainda hoje se cultiva em Malta e trata-se como indica Isaías.

ALFARROBA — Assim traduziu o padre Pereira o latim *viciam*, que Glaire verteu por *La vesce*. O que está no original é *koussemeth*, cujo sentido é muito discutido. Será realmente a nossa alfarroba, que se dá no Algarve? Talvez, pois sabe-se que esta planta serve de alimento na Palestina, onde existe em tanta abundância, que se lança como ração ao gado.

CAPÍTULO 29

DESOLAÇÃO DE JERUSALÉM E DA JUDEIA. DESFEITA DE SEUS INIMIGOS. RESTABELECIMENTO DOS FILHOS DE JUDA.

1 Ai Ariel, Ariel cidade, que Davi expugnou: Ajuntou-se um ano a outro ano: Correram as solenidades. (1)

2 E cercarei de trincheiras a Ariel, e ela estará triste e desconsolada, e será para mim como Ariel.

3 E disparei bloqueio ao redor de ti, fazendo um como círculo fechado, e levantarei contra ti montanhas de terra, e porei baluartes para te assediar.

(1) **ARIEL** — Em hebreu significa leão de Deus, Ez 43, 15.16, dá este nome ao altar dos holocaustos. O contexto mostra-nos que se refere a Jerusalém. Mas qual é a origem deste nome simbólico? Uns vêem aí uma alusão à tribo de Judá, comparada a um leão, Gên 49, 9; outros entendem que o profeta alude à forma da capital de Judéia, que, com os seus dois montes — Moriá e Sião — se assemelha a um leão descansando.

AJUNTOU-SE UM ANO A OUTRO ANO — E' o tempo que Isaias significa que mediará entre a sua profecia e o cumprimento dela, um ano sobre outro ano, isto é, dois anos, ou poucos anos. Foreiro queria que o que no texto se exprimiu por pretérito do indicativo se entendesse como no imperativo. Ajuntai um ano sobre outro ano, isto é, contai poucos anos. Assim mesmo verteu Le Gros. De Carrières verteu no pretérito: "Deram-se-lhe ainda alguns anos." Sacy no futuro. "Passarão ainda alguns anos." Em qualquer dos dois tempos que se traduza o texto, sempre o sentido é o mesmo, por ser uma figura ordinária da retórica pôr o pretérito pelo futuro. S. Jerônimo, que interpreta esta profecia parte do cerco que Nabucodonosor pôs a Jerusalém, parte do que tanto depois lhe puseram os romanos, nota que segundo o Evangelho de S. João três foram as páscoas, em que Cristo se achou em Jerusalém, as quais fazem dois anos. E estas três páscoas entende ele que são as festividades, que o profeta diz que correram dentro daquele espaço. — Pereira.

4 Tu serás humilhada, falarás desde a terra, e desde o chão será ouvida a tua fala: E será como de Pitão a tua voz saindo desde a terra, e desde o chão resmonhará a tua fala. (2)

5 E será como pó miúdo a multidão dos que te acosam: E como a palha volante a multidão daqueles que prevaleceram contra ti:

6 E isto acontecerá de repente num instante. Pelo Senhor será visitada com trovão, e abalo de terra, e com grande zoadá de torvelinho e de tempestade, e de chama de fogo devorante.

7 E será como o sonho duma visão noturna a multidão de tôdas as nações que pelejaram contra Ariel, e todos os que se lhe puseram em campo, e a sitiaram e prevaleceram contra ela. (3)

8 E bem como sonha o faminto que come, e quando despertar se acha vazia a sua alma: E assim como sonha o sequioso que bebe, e depois que acordar, fatigado se sente ainda com sede, e a sua alma está vazia: Assim será a multidão de tôdas as nações que pelejaram contra o monte Sião.

9 Pasmai, e admirai-vos, flutuai, e vacilai: Embria-

(2) **FALARÁS DESDE A TERRA** — Quer dizer que Jerusalém de susto e consternação falará com uma voz sumida e que mal se perceba, qual costuma ser a dos vencidos diante dos vencedores, e a dos que falam debaixo da terra para cima, a qual é a duma feiticeira, que na sua cova finge uma voz, que parece sai de fora dela. — *Pereira.*

(3) **E SERÁ COMO O SONHO** — A imensa multidão de diversas gentes sujeitas ao império romano, que pelejaram contra o monte Sião, terão as suas riquezas como em sonhos, pois brevemente as tornarão a perder. O monte Sião representa a Igreja; os romanos idólatras pelejaram contra a Igreja enquanto a perseguiram, e isto foi o que trouxe a ruína do seu Império. — *S. Jerônimo.*

gai-vos, mas não de vinho: Cambaleai, mas não de embriaguez.

10 Porque o Senhor vos propinou um espírito de adormecimento, êle fechará os vossos olhos, cobrirá os vossos profetas e príncipes, que vêem as visões.

11 E será para vós a visão de todos êles como as palavras dum livro selado que quando o derem ao que sabe ler, lhe dirão: Lê êsse livro: Êle responderá: Não posso, porque está selado. (4)

12 E dar-se-á o livro ao que não sabe ler, e se lhe dirá: Lê: E êle responderá: Não sei ler.

13 E disse o Senhor: Pois que êste povo se chega para mim com a sua bôca, e com os seus lábios me glorifica, mas o seu coração está contudo longe de mim, e êles me deram culto movidos de ordenanças e doutrinas de homens:

14 Por isso eis-aqui estou eu que acrescentarei uma coisa para excitar a admiração a êste povo com um grande e estupendo milagre: Porque perecerá a sabedoria dos seus sábios, e ficará escurecido o entendimento dos seus prudentes.

15 Ai dos que sois profundos de coração, para ocultardes ao Senhor os vossos desígnios: Daqueles, cujas obras são feitas no meio das trevas, e dizem: Quem é que nos vê, e quem é o que nos conhece?

(4) **COMO AS PALAVRAS DUM LIVRO SELADO** — Os livros tinham a forma de rolos, dobravam-se e selavam-se, para que não pudessem ser desenrolados. Eram escritos apenas interiormente. Este livro é o livro das Sagradas Escrituras, de quem S. João escreve no Apocalipse, que não achando nem no Céu nem na terra, nem debaixo da terra, quem o abrisse, e tirasse os seus selos, chorava êle por isso muito, até que Deus por um dos vinte e quatro anciãos lhe disse: "Não chores, eis-aí o leão da tribo de Judá, a vergôntea de Davi; êle pela sua virtude mereceu e alcançou abrir o livro, e tirar os seus sete selos." Apc 5, 3-5.

16 Perverso é êste vosso pensamento: Vem êle a ser como se o barro tivesse intentos de se levantar contra o oleiro, e dissesse a obra ao seu artifice: Tu não és que me fizeste: E o vaso dissesse ao oficial que o fêz: Tu disto não entendes nada.

17 Acaso dentro ainda de pouco tempo e em breve espaço não se converterá o Libano em Carmelo, e o Carmelo não se reputará por um bosque? (5)

18 E naquele dia os surdos ouvirão as palavras do livro, e dentre as trevas e a escuridade verão os olhos dos cegos.

19 E alegrar-se-ão cada vez mais os mansos no Senhor e exultarão os homens pobres no santo de Israel:

20 Porque desfaleceu o que prevalecia, acabou o escarnecedor, e foram cortados todos os que vigiavam para fazer mal:

21 Aquêles que faziam pecar os homens pelas suas palavras, e que armavam sancadilhas ao que os repreendia na porta, e os que sem causa se apartaram do justo.

22 Por esta causa o Senhor que resgatou a Abraão, diz isto à casa de Jacó: Agora não será confundido Jacó, nem agora se envergonhará o seu rosto:

23 Mas quando vir a seus filhos, obra das minhas mãos santificando no meio dêle o meu nome, também êles santificarão ao santo de Jacó, e apregoarão o Deus de Israel,

24 e os que estavam em êrro de espírito chegarão a ter claro entendimento, e os murmuradores aprenderão a lei. (6)

(5) **LIBANO** — Monte que em parte é muito estéril.

CARMELO — Monte de proverbial fertilidade.

(6) **E OS MURMURADORES** — Converter-se-ão a Cristo observando a sua lei os mesmos que dantes, como rebeldes e ímpios, dela se apartavam, murmuravam, e escarneciam. — **Pereira-**

CAPÍTULO 30

VÃ CONFIANÇA DOS JUDEUS NO SOCORRO DO EGITO. RESTABELECIMENTO DE JUDA. DESFEITA DE SEUS INIMIGOS.

1 Ai, filhos desertores, diz o Senhor, para que tomásseis um conselho, e não de mim: E urdisseis uma teia e não pelo meu espírito, para que assim acrescentásseis pecado sôbre pecado: (1)

(1) **AI, FILHOS DESERTORES** — Depois da profecia contra Jerusalém passa Isaías a outro vaticínio, que se cumpriu daí a cento e cinqüenta anos, que tantos passaram desde Isaías até Jeremias. E prediz aqui Isaías, o que Jeremias no cap. 42 da sua profecia refere que sucedera no seu tempo, e foi o seguinte: Tomada Jerusalém pelos caldeus, e levados cativos para Babilônia os príncipes da Judéia, deixou Nabucodonosor em Jerusalém por governador dos judeus, que lá ficaram, a Godolias. Morto Godolias atraíçoadamente pelos caldeus, todos os oficiais de guerra, e o resto do vulgo vieram ter com Jeremias, e lhe disseram: “Ora por nós ao Senhor teu Deus, e por tôdas estas relíquias do teu povo: porque bem vês que de tantos que éramos, só ficamos êstes poucos, e o Senhor teu Deus nos diga que caminho tomaremos, e o que é que devemos fazer.” Passados dez dias lhes respondeu Jeremias da parte do Senhor, dizendo: “Eis-aqui o que diz o Senhor Deus de Israel: Se vós vos deixardes ficar descansados nesta terra, eu vos edificarei e não vos destruirei; eu vos plantarei e não vos arrancarei, porque já estou aplacado pelo mal que vos fiz. Porém, se vós disserdes: Não queremos habitar nesta terra, e puserdes o fito em ir para o Egito, e com efeito fôrdes para lá habitar, então a espada que vós tomels, vos apanhará, e a fome que tanto cuidádo vos causa, não se despegará de vós.” Eles, soberbos, disseram a Jeremias: “Tu mentes-nos; o Senhor nosso Deus não te mandou tal dizer; Baruc, filho de Neria, é que te incitou contra nós, para nos entregar aos caldeus, que nos façam ir para Babilônia e nos matem.” Finalmente, os príncipes tendo feito ajuntar o que restava do povo, todos com suas mulheres e crianças, e com as filhas do rei Sedecias, foram para o Egito;

2 Que estais postos a caminho para descer ao Egito, e não tendes consultado o meu Oráculo, esperando o auxílio na fortaleza de Faraó, e tendo confiança na sombra do Egito.

3 E tornar-se-á para vós a fortaleza de Faraó em confusão, e a confiança da sombra do Egito em ignomínia.

4 Porque os teus príncipes estavam em Tanis, e os embaixadores chegaram até Hanes. (2)

5 Todos ficaram afrontados à vista dum povo que lhes não pode ser de proveito: Não lhes serviram de auxílio nem de utilidade alguma senão de confusão e de opróbrio.

6 Opressão dos jumentos do Meio-dia: Ei-los aí vão por uma terra de tribulação e angústia de onde saem a leoa, e o leão, a víbora e o basilisco volante levando sobre os ombros de jumentos as suas riquezas e sobre o espinhaço giboso de camelos os seus tesouros, a um povo que lhes não poderá prestar para coisa alguma. (3)

mas lá, em castigo da sua soberba e desobediência, em lugar de quietação e amparo, acharam a sua total ruína, porque Faraó Afres, acometido das armas de Nabucodonosor, tanto não pôde valer aos miseráveis judeus, que antes, pelo contrário, quæse todos pereceram nesta guerra à violência do ferro e da fome. Assim é que S. Jerônimo explica esta profecia, interpretando a Isaías, pelo que cento e cinquenta anos depois escreveu Jeremias. Calmet, seguindo a Grocio, refere tudo para o tempo de Ezequias, isto é, para quando este príncipe de seu "motu proprio", e sem ter consultado a vontade de Deus, sacudiu o jugo do tributo que pagava ao rei dos assírios, e se armou contra ele, com a aliança que fez com o rei do Egito. 4 Rs 18, 21. — **Pereira.**

(2) **TANIS** — Cidade do Egito, hoje Mansura.

HANES — Em egípcio Cheneum, magna Heracleópolis, no médio Egito, e que era, como muitas outras cidades do vale do Nilo, capital dum pequeno Estado.

(3) **JUMENTOS DO MEIO-DIA** — Em hebreu *bahamoth*,

7 Porque o Egito debalde e em vão dará socorro: Por isso eu gritando sôbre isto, disse: Ali só há soberba, descansa.

8 Agora pois tendo tu entrado, escreve isto sôbre o buxo em sua presença, e registra-o com cuidado num livro, e no último dia servirá de um testemunho indelével para sempre:

9 Porque é um povo que está provocando a ira, e são uns filhos mentirosos, uns filhos que não querem ouvir a lei de Deus,

10 que dizem aos que vêem: Não vejais: E aos que olham: Não olheis em proveito nosso para as coisas que são retas: Falai-nos coisas agradáveis, vêde para nós enganadoras lisonjas. (4)

11 Alongai de mim o caminho, apartai de mim a vereda, cesse de se repetir diante da nossa face o Santo de Israel.

12 Por cujo motivo diz isto o Santo de Israel: Porquanto vós rejeitastes esta palavra, e tendes esperado na calúnia e no tumulto, e aí fizestes a vossa firmeza:

13 Por isso esta iniquidade será para vós uma como abertura numa alta muralha que está para cair, e é pro-

talvez o behemoth ou hipopótamo do livro de Jó 40, 15, considerado como o símbolo do Egito, em que depositavam muita confiança.

VÍBORA — Assaradon, na descrição da sua campanha contra a Arábia, diz que esta região era infestada de víboras e escorpiões.

BASILISCO VOLANTE — Esta qualificação de volante provém das serpentes poderem subir às árvores como as aves que voam.

(4) **AOS QUE VÊEM** — Isto é, aos que têm visões, aos profetas.

curada, porque súbitamente, quando se não espera virá a sua ruína. (5)

14 E será feita em pedaços como se quebra de uma fortíssima pancada uma quarta de barro: E não se achará das suas migalhas um caco, em que se leve uma brasiinha num fogão, ou se tire uma pouca de água dum poço. (6)

15 Porque o Senhor Deus, o Santo de Israel, diz assim: Se vós voltardes e vos deixardes estar em paz, sereis salvos: A vossa fortaleza estará no silêncio e na esperança. E vós o não quisestes:

16 Antes dissestes: De nenhuma sorte, mas recorreremos aos cavalos: Por isso mesmo é que vós fugireis. E montaremos em ligeiros: Por isso serão mais ligeiros aquêles que vos hão de perseguir.

17 Mil homens fugirão da vista do terror de um só: E à vista do terror de cinco deitareis a fugir, até que fiqueis como mastro de navio no cume de um monte, e estandarte sôbre um outeiro. (7)

18 Por isso o Senhor espera para ter misericórdia de vós: E por isso êle será exaltado perdoando-vos: Porque o Senhor é um Deus de equidade: Ditosos todos os que o esperam.

19 Porque o povo de Sião habitará em Jerusalém: Tu de nenhuma sorte derramando lágrimas chorarás,

(5) **E É PROCURADA** — O sentido é, ou que é procurada e buscada pelos soldados para entrarem por ela dentro na cidade, ou que a respeito da mesma se pergunta com admiração de onde veio a sua ruína. — *Pereira.*

(6) **DE BARRO** — A letra, de oleiro, isto é, feita por um oleiro.

(7) **ATÉ QUE FIQUEIS COMO MASTRO DE NAVIO** — Com estas comparações, segundo S. Jerônimo, quer significar o profeta, qual será o destroço que hão de experimentar os que contra a vontade de Deus foram para o Egito.

êle com muita comiserção se compadecerá de ti: Logo que ouvir a voz do teu clamor, te responderá. (8)

20 E o Senhor vos dará um pão apertado, e água pouca: E dali em diante não fará desaparecer para longe de ti o teu doutor: E os teus olhos estarão vendo o teu mestre. (9)

21 E os teus ouvidos ouvirão a palavra dêle, advertindo-te por detrás de ti: Êste é o caminho, andai por êle: E não declineis nem para a direita nem para a esquerda.

22 E desprezarás como coisas contaminadas as lâminas dos ídolos feitos da tua prata, e a sua vestidura do teu ouro fundido, e arrojá-las-ás bem assim como a imundície duma menstruada. Sai daqui, lhe dirás tu.

23 E dar-se-á chuva para o teu grão, onde quer que o semeares na terra: E o pão dos frutos da terra será abundantíssimo e pingue: Naquele dia será o cordeiro apascentado em espaçosa extensão na tua herdade.

(8) **PORQUE O POVO DE SIÃO HABITARÁ EM JERUSALEM** — Ou isto à letra se entenda do tempo de Ezequias, ou do tempo de Ciro. S. Jerônimo no sentido tropológico o refere para a Igreja de Cristo. — Pereira.

(9) **E O SENHOR VOS DARÁ UM PÃO APERTADO** — Quando Senaquerib veio sobre a Judéa, houve grande carestia de viveres. (4 Rs 19, 29.) Pode-se também referir isto para o tempo em que o povo veio com Zorobabel para Jerusalém, no qual não foi perfeita a sua alegria, conforme aquillo do Sl 125, 1. "Quando o Senhor livrou do cativeiro a Sião, ficamos nós como consolados." Não diz absolutamente "ficamos consolados", mas "ficamos como consolados", isto é, meio consolados. Se o referirmos para o tempo de Cristo, o pão apertado e água pouca, ou como diz o texto, água breve, é a palavra Evangélica, que nestes dois preceitos: Amarás o Senhor Deus e o próximo como a ti mesmo, recopilou tôda a lei. — S. Jerônimo.

O TEU DOUTOR — Os teus profetas e mestres não cessarão de te instruírem. E' também alusão a Cristo, verdadeiro mestre de todo o Orbe.

24 E os teus touros, e jumentinhos, que lavram a terra, comerão tôda a mistura de grãos como êles foram padejados na eira.

25 E sôbre todo o monte alto, e sôbre todo o outeiro elevado haverá arroios d'águas correntes no dia da mortandade de muitos, quando caírem as tôrres.

26 E a luz da lua será como a luz do sol, e a luz do sol será sete vêzes maior, como seria a luz de sete dias juntos no dia em que o Senhor atar a ferida do seu povo, e curar o golpe da sua chaga.

27 Eis-aí que o nome do Senhor vem de longe, o seu furor ardente e grave de suportar: Os seus lábios estão cheios de indignação, e a sua língua é como um fogo devorante.

28 O seu assôpro é como uma torrente que inundando chega até o meio do pescoço para perder as nações com uma aniquilação, e o freio do êrro, que estava nos queixos dos povos.

29 O vosso cântico será como na noite da santificada solenidade, e a alegria do coração como o que vai caminhando ao som da flauta, para entrar no monte do Senhor ao forte de Israel.

30 E o Senhor fará ouvir a glória da sua voz, e mostrará o terror do seu braço nas ameaças do seu furor, e com as chamas dum fogo devorante: Quebrará tudo com torvelhinho, e com pedra de saraiva.

31 Porque à voz do Senhor ficará cheio de pavor Assur, ferido com a sua vara.

32 E será perdurável a passagem da vara, que o Senhor fará descansar sôbre êle com tambores e cítaras: E num assinalado combate os vencerá.

33 Porquanto aparelhado está o lugar de Tofet desde ontem, aparelhado pelo rei, profundo, e dilatado. As suas acendalhas são o fogo e muita lenha: O assôpro do

Senhor como uma torrente de enxôfre é o que o acende. (10)

CAPÍTULO 31

CONTINUA O MESMO ASSUNTO DO CAPÍTULO PASSADO.

1 Ai dos que descem ao Egito a buscar socorro, esperando nos cavalos, e tendo confiança nas quadrigas, porque são muitas: E nos cavaleiros, porque são mui valentes em extremo: E não confiaram no santo de Israel, nem buscaram ao Senhor.

2 Êle mesmo porém sendo sábio fêz vir o mal, e não deixou de cumprir as suas palavras: E levantar-se-á contra a casa dos péssimos, e contra o auxílio dos que obram a iniquidade.

3 O Egito é um homem, e não um deus: E os seus cavalos são carne e não espírito: E o Senhor estenderá a sua mão, e dará consigo em terra o auxiliador, e cairá aquêle a quem se dá o auxílio, e todos juntamente serão consumidos.

4 Porque isto me diz o Senhor: Assim como o leão, e o cachorro do leão ruge sôbre a sua prêsa, e quando se lhe puser diante um tropel de pastôres, não se atterrará ao seu alarido, nem se espantará da sua multidão: Assim descera o Senhor dos exércitos para pelejar sôbre o monte Sião, e sôbre o seu outeiro.

5 Como as aves que voam, assim protegerá a Jeru-

(10) **TOFET** — Lugar situado num lugar vizinho de Jerusalém, onde os israelitas queimavam os seus filhos em honra de Moloc, o ídolo dos amonitas. Cfr. Jos 15, 8; 3 Rs 11, 2; 2 Par 28, 3; Jer 7, 31. O sentido do hebreu é este: *Topheta*, isto é, a fogueira, está preparada para o rei da Assíria, Senaquerib E' a predição do extermínio do exército assírio, narrado mais adiante. 38, 36.

salém o Senhor dos exércitos, protegendo e livrando, passando e salvando.

6 Convertei-vos, filhos de Israel, assim como até o profundo vos tínheis rebelado.

7 Porque naquele dia cada um lançará fora os seus ídolos de ouro, que vos fabricaram as vossas mãos para pecardes.

8 E Assur cairá morto à espada não de varão, e devorá-lo-á uma espada não de homem, e ele fugirá não do fio da espada: E os seus mancebos ficarão sendo tributários:

9 E esvaecer-se-á de terror a sua fortaleza, e os seus príncipes fugirão espavoridos: Disse o Senhor: Cujos fogos estão em Sião, e a sua fornalha em Jerusalém.

CAPÍTULO 32

REINO DE JUSTIÇA PROMETIDO.

1 Eis-aí está que reinará um rei com justiça, e que presidirão os príncipes com retidão.

2 E será este varão como um refúgio para o que se abriga do vento, e da tempestade, como arroios de águas na sede, e sombra de pedra sobressaída em terra deserta.

3 Não se ofuscarão os olhos dos que vêm, e os ouvidos dos que ouvem atentamente escutarão.

4 E o coração dos insensatos entenderá a ciência, e a língua dos tartamudos se exprimirá com prontidão e clareza.

5 Não será mais chamado príncipe aquele que é insipiente: Nem o fraudulento será intitulado maior:

6 Porque o insipiente dirá fatuidades, e o seu coração praticará a iniquidade, para concluir a simulação, e falar ao Senhor com uma língua fraudulenta, e deixar vazia a alma do faminto, e tirar a bebida ao sequioso.

7 As armas do fraudulento são péssimas: Porque sempre êle forjou pensamentos para perder os mansos com um discurso mentiroso, quando o pobre falava conforme a justiça.

8 Porém o príncipe cuidará naquelas coisas que são dignas de um príncipe, e êle mesmo estará vigilante sobre os chefes.

9 Mulheres opulentas, levantai-vos, e ouvi a minha voz: Filhas confiadas, percebei aplicando os ouvidos às minhas expressões.

10 Porque depois de dias e de ano vós as confiadas sereis postas em turbacão: Porque a vindima está consumada, não virá mais a colheita.

11 Pasmai, ó opulenta, ficai cheias de turbacão, ó confiadas: Despi-vos, e envergonhai-vos, cingi os vossos lombos.

12 Feri os vossos peitos, chorai sobre uma região apeteçível, sobre uma vinha fértil.

13 Os espinhos e os abrolhos virão sobre a terra do meu povo: Quanto mais sobre tôdas as casas de prazer duma cidade de exultação?

14 Porque a casa foi deixada, a multidão da cidade ficou desamparada, as trevas e essas palpáveis se puseram sobre as cavernas para sempre. Ali serão a folga dos asnos monteses, os pastos dos rebanhos,

15 até que sobre nós se derrame o Espírito lá do alto: E o deserto se tornará em Carmelo, e o Carmelo será reputado por um bosque.

16 E habitará na solidão o juízo, e a justiça terá o seu assento no Carmelo.

17 E a paz será a obra da justiça, e a cultura da justiça o silêncio, e a segurança desde então para sempre.

18 E assentar-se-á o meu povo na formosura da paz, e nos tabernáculos da confiança, e num descanso opulento.

19 Mas a saraiva cairá na descida do bosque, e a cidade com profundo abatimento será humilhada.

20 Bem-aventurados vós, os que semeais sobre tôdas as águas, metendo nelas o pé do boi e do asno.

CAPÍTULO 33

RUÍNA DOS INIMIGOS DE JUDA. LIVRAMENTO DÊSTE POVO.
GLÓRIA DE JERUSALÉM.

1 Ai de ti, que roubas, porventura não serás também tu roubado? E tu que desprezas, porventura não serás também tu desprezado? Quando acabares de despojar, serás despojado: Quando já cansado deixares de desprezar, serás desprezado. (1)

(1) **AI DE TI, QUE ROUBAS** — S. Jerônimo diz que os judeus explicam êste capítulo do que se passou na Judéia, quando a ela veio o exército de Senaquerib, e Deus pelo seu anjo o derrotou em tempo do Santo rei Ezequias; mas acrescenta que isto nêles não tem outro fim, que o de escurecer a glória de Jesus Cristo, e destruir os sacramentos da sua Igreja. Não permite Deus, que eu tal diga ou sinta de tantos expositores católicos, que ao mesmo tempo explicam esta profecia pela que refere a história dos reis, reconhecem que em Senaquerib perseguidor da Judéia nos quis o Espírito Santo dar uma imagem do demônio inimigo da Igreja, em Ezequias; rei justo e glorioso, uma imagem de Cristo Salvador e glorificador dos que nêle creram; no povo judaico implorando com orações o auxílio de Deus contra o exército assírio, uma imagem do povo cristão, esperando vencer o diabo só com o auxílio da graça de Cristo; nos embaixadores que Ezequias mandou a Senaquerib, chamados por isso anjos da paz, uma imagem dos apóstolos, embaixadores que Deus mandou à Sinagoga, chorando a ruína do templo, causada pelos romanos, em castigo dela não ter querido ouvir a pregação evangélica; finalmente, em Sião, celebrando as suas festas, uma imagem de Jerusalém celestial, onde Deus tem preparado para os seus esco-

2 Senhor, tem misericórdia de nós: Porque nós te esperamos: Sê o nosso braço desde a manhã, e a nossa saúde no tempo da tribulação.

3 A voz do anjo fugiram os povos, e à tua exaltação foram dispersas as gentes.

4 E ajuntar-se-ão os vossos despojos como se apanham os gafanhotos, como quando as covas estiverem cheias dêles.

5 O Senhor foi engrandecido, porque habitou no alto: Êle encheu a Sião de juízo e de justiça. (2)

6 E a fé reinará nos teus tempos: A sabedoria e a ciência serão as riquezas da salvação: O temor do Senhor êsse é o seu tesouro. (3)

7 Eis-aí que os que estiverem vendo clamarão de fora, os anjos da paz chorarão amargamente. (4)

8 Foram dissipados os caminhos, cessou o que pas-

lhidos aquela torrente de gostos, de que diz o apóstolo, que nem os olhos viram, nem os ouvidos ouviram, nem subiu nunca ao coração do homem coisa que com ela se possa comparar.

(2) **O SENHOR FOI ENGRANDECIDO, PORQUE HABITOU NO ALTO** — Habitar o Senhor no alto, conforme Duhamel, é fazer obras dignas dêle, e porque o Senhor as fêz livrando o seu povo, por isso foi engrandecido. — *Pereira.*

ÊLE ENCHEU A SIÃO DE JUÍZO E DE JUSTIÇA — Isto é, conforme o mesmo Duhamel, mostrou a Sião que êle era justo e fiel. — *Pereira.*

(3) **E A FÉ REINARA NOS TEUS TEMPOS** — Reinando Ezequias, e num sentido mais elevado, reinando Cristo, florescerá a verdadeira fé, e uma plena justiça. — *Calmet.*

(4) **EIS-AÍ QUE OS QUE ESTIVEREM VENDO CLAMARÃO DE FORA** — Os atalhas que estiverem vigiando; ou os judeus que fora de Jerusalém estiverem vendo o que se passa na Judéia, clamarão. — *Pereira.*

OS ANJOS DA PAZ CHORARÃO AMARGAMENTE — Os que Ezequias mandou a tratar a paz choraram amargamente, pela não terem concluído. — *Pereira.*

sava pela vereda, ficou anulado o pacto, êle rejeitou as cidades, não teve em conta os homens. (5)

9 A terra chorou, e desfaleceu: O Líbano foi pôsto em confusão e num estado de vilipêndio, e Saron se tornou como um deserto: E Basan e o Carmelo foram sacudidos.

10 Agora me levantarei eu, diz o Senhor: Agora serei exaltado, agora serei pôsto em alto. (6)

11 Vós concebereis ardor, parireis palhas: O nosso espírito como fogo vos devorará.

12 E serão os povos como a cinza, que fica dum incêndio, como espinhos atados num feixe arderão no fogo.

13 Vós os que estais longe, ouvi o que eu fiz, e os que estais vizinhos conheci a minha fortaleza.

14 Os pecadores foram aterrados em Sião, o mêdo se ensenhoreou dos hipócritas: Qual de vós poderá habitar com o fogo devorante? Qual de vós habitará com os ardores sempiternos?

(5) **FICOU ANULADO O PACTO** — Senaquerib violou o pacto que tinha com Ezequias; êle rejeitou as cidades, não fazendo caso de as destruir; não teve em conta os homens, porque sem fazer distinção de pessoas, tôdas passou a cutelo. Segundo S. Jerônimo ficou anulado o pacto porque os judeus violaram o que Deus tinha feito com Abraão, Isaac e Jacó; por isso Deus rejeitou e desamparou as cidades da Judéia, e por isso também não teve em conta os homens, porque por culpa sua se quiseram fazer brutos. — **Pereira.**

(6) **AGORA SEREI EXALTADO** — Na hipótese de que isto são palavras do Senhor, que vai a mostrar a força do seu braço contra os assírios, supõe Calmet e de Carrières, que no seguinte verso fala o Senhor com os mesmos assírios, dizendo-lhes: "Vós concebereis ardor, parireis palhas, etc." Na hipótese de S. Jerônimo, de que esta apóstrofe a dirige o Senhor aos judeus, a exaltação de que êle aqui fala é a que lhe resultará da conversão dos gentios, depois que êle fôr levantado na Cruz. — **Pereira.**

15 Aquêlle que anda em justiça, e fala verdade, o que arrenhessa longe de si a avareza enriquecida pela calúnia, e sacode as suas mãos de todo o presente, o que tapa os seus ouvidos para não ouvir sangue, e fecha os seus olhos para não ver o mal. (7)

16 Êste tal habitará nas alturas, virão a ser as fortificações dum castelo roqueiro a sua elevação: Deu-se-lhe o pão, as suas águas são fiéis.

17 Os seus olhos verão o rei no seu esplendor, verão a terra de longe.

18 O teu coração meditará o temor: Onde está o letrado? onde o que pesa as palavras da lei? onde o mestre dos pequeninos? (8)

19 Tu não verás um povo impudente, um povo de alta linguagem: De modo que não possa entender a delicadeza da língua dêle, no qual não há sabedoria alguma. (9)

(7) **PARA NÃO OUVIR SANGUE** — O sentido é ou para não ouvir as vozes de sangue, isto é, para não ir após da concupiscência da carne; ou para não dar ouvidos às calúnias, pelas quais buscam e aparelham os ímpios nas suas consultas a morte e a ruína do próximo. — *Pereira.*

(8) **O TEU CORAÇÃO MEDITARÁ O TEMOR** — S. Paulo 1 Cor 1, 20, expõe este texto da Igreja nascente. S. Jerônimo exclama aqui: "O' justo a quem acima se disse." O teu coração meditará o temor, e que antes tinhas ouvido. Os teus olhos verão o rei no seu esplendor, contempla a Sião, a essa cidade das nossas festas, olha para a Igreja triunfante, na qual se acha a verdadeira alegria e felicidade, e na qual os teus olhos verão a visão da paz, e umas riquezas que se não esperavam. — *Pereira.*

ONDE ESTÁ O LETRADO? — Onde estão os escribas e os fariseus, que pesavam as palavras da lei, e enganavam o infeliz povo? Onde esse povo que a Escritura com razão chama menino por falta de juízo, e falta de inteligência. — S. Jerônimo.

(9) **UM POVO DE ALTA LINGUAGEM** — Os assírios, cuja linguagem era desconhecida aos hebreus.

20 Olha para Sião, cidade da nossa solenidade: Os teus olhos verão a Jerusalém, aquela habitação opulenta, aquêlê tabernáculo, que não poderá de modo algum ser transportado: Nem serão arrancadas as suas estacas por tôda a eternidade, nem corda alguma das suas se quebrará:

21 Porque sòmente ali é que nosso Senhor se ostenta na sua magnificência: Lugar de rios, canais larguíssimos e patentes: Não passará por êle baixel a remo, nem galé grande de três ordens de remos o atravessará.

22 Porque o Senhor é o nosso juiz, o Senhor o nosso legislador, o Senhor o nosso rei: Êle mesmo nos salvará.

23 As tuas enxarcias afrouxaram, e não agüentarão: Estará em tal estado o teu mastro, que não possa estender a bandeira. Então se repartirão os despojos de muitas prêsas: Os coxos arrebatarão cada um sua parte daquele sacco. (10)

24 E o vizinho não dirá: Eu já cansei: Quanto ao povo que mora para aquêles arredores, scrá dêle tirada a iniquidade. (11)

(10) OS COXOS ARREBATARÃO CADA UM SUA PARTE DAQUELE SACO — Sacy, Le Gros, Calmet e de Carrières vertem: “Até os coxos virão tirar sua parte”, prova do muito que havia que tirar por despojos do campo dos assírios, e do muito tempo que levou a repartição. S. Jerônimo supõe que o profeta chama coxos a todos os que repartiram a presa; coxos de suas próprias fôrças, mas valentes pela fortaleza e ousadia que lhes subministrava a ira de Deus, que impelia os romanos a saquear a Jerusalém. — Pereira.

(11) QUANTO AO POVO QUE MORA PARA AQUELES ARREDORES — Em lugar d’o que a Vulgata diz: *Populus qui habitat in ea*, puseram os Setenta, e traz a edição de S. Jerônimo, *Populus qui habitat in eis*, referido talvez a vizinho que precedera. O que se segue, *aufferetur ab eo iniquitas*, que Sacy e de Carrières vertem, “receberá o perdão dos seus pecados;” o

CAPÍTULO 34

VINGANÇAS DO SENHOR CONTRA AS NAÇÕES, E EM ESPECIAL CONTRA A IDUMÉIA. OU SEGUNDO S. JERÔNIMO, RUÍNA TOTAL DO MUNDO, DE QUE É FIGURA A DESTRUÇÃO DE JERUSALÉM PELOS ROMANOS.

1 Chegai, gentes, e ouvi, e povos, atendei: Ouça a terra, e a sua plenitude, o orbe, e tudo o que êle produz.

2 Porque a indignação do Senhor está a cair sôbre tôdas as nações, e o seu furor sôbre tôda a milícia delas, matou-as, e entregou-as a uma violenta morte.

3 Os seus desta maneira mortos serão arrojados: E levantar-se-á dos seus cadáveres um grande fétido: Os montes serão inficionados no sangue dêles.

4 E desfalecerá tôda a milícia dos céus, e os céus se enrolarão como um livro: E tôda a sua milícia cairá como cai a fôlha da vinha e da figueira.

5 Porque a minha espada se embriagou no céu: Eis-aí vai ela a descarregar sôbre a Iduméia e sôbre um povo, que eu destinei para o matadouro, para exercer a minha justiça.

6 A espada do Senhor está cheia de sangue, ela engrossou com a gordura, pelo sangue dos cordeiros, e dos bodes, pelo sangue dos carneiros de bons tutanos: Porque a vítima do Senhor será em Bosra, e a grande matança na terra de Edom. (1)

mesmo S. Jerônimo o expôs acima, "dêle será tirada a iniquidade," porque no que fêz, executou a vontade de Deus. — Pereira.

(1) **EM BOSRA** — Bosra era uma das principais cidades da Iduméia, e estava fundada nos montes, e que aqui se nomela a parte pelo todo, se prova das palavras que se seguem: "e a grande matança na terra de Edom." Isto é, na Iduméia, chamada terra de Edom, isto é, de Esaú, por ter êle sido o seu primeiro fundador. Todavia, S. Jerônimo, tanto neste capítulo trinta e qua-

7 E descerão com êles os unicórnios, e os touros com os poderosos: A terra se embriagará com o seu sangue, e o chão com a gordura dêles pingues: (2)

8 Porque é o dia da vingança do Senhor, o ano das retribuições de justiça acêrca de Sião. (3)

tro, como no capítulo sessenta e três, expressamente afirma que Bosra não era na Iduméia, mas sim em Moab.

(2) **E DESCERÃO COM ÊLES OS UNICÓRNIOS** — Os reis e os príncipes da terra; grandes e pequenos, de todos fará Deus um sacrifício à sua ira. — S. Jerônimo.

(3) **O ANO DAS RETRIBUIÇÕES DE JUSTIÇA ACERCA DE SIÃO** — Nicolau de Lira, o nosso Osório Gaspar Sanches, e com êles Sacy, Calmet e de Carrières, julgando que as palavras da Vulgata *annus retributionum iudicii Sion*, querem dizer, que é chegado o tempo de fazer justiça a Sião, entendem a profecia da vingança que Deus estava para tomar da Iduméia, pelo muito que tinha vexado e oprimido a Sião. Antes dêles tinham alguns rabinos sido de parecer, que quem aqui era o ameaçado era o Império Romano, a quem Deus prometia destruir, em pena e recompensa dêle ter destruído a Jerusalém. S. Jerônimo, refletindo que as palavras do presente texto *Quia dies ultionis Domini, annus retributionum iudicii Sion*, pareciam aludir às que depois disse Cristo, tiradas do mesmo Isaías. (Lc 4, 18.19; Is 61, 1-3.) *Spiritus Domini super me, prædicare annum Domini acceptum, et diem retributionis*, etc., tudo interpreta em sentido contrário, querendo que depois da geral ruína do mundo volte o profeta para Jerusalém, a quem naquele tempo falava, e lhe anuncie a destruição que lhe estava iminente da parte dos romanos comandados por Tito, e que então tudo nela estará cheio de pez, e enxôfre, e chamas ardentes, de onde sempre esteja a sair fumo, nela habitarão o onocrotálo, o ouriço, a fêlis e o corvo, animais acostumados a habitar nos desertos; nela terão os seus covis os dragões, a sua pastagem os avestruzes; nela se encontrarão uns com outros, os onocentauros e os bodes, e as lârnias, isto é, conforme a versão dos Setenta, diversos fantasmas de demônios nela criarão os ouriços, e se ajuntarão os milhanos; que tudo denota um estado da última desolação, e do último horror. E segundo o mesmo S. Jerônimo, nestes monstros quis simbolizar o profeta

9 E converter-se-ão em pez as suas torrentes, e o seu chão em enxôfre: E a sua terra se tornará num pez ardente.

10 De noite e de dia não se apagará, o seu fumo subirá para sempre: De geração em geração será assolada, pelos séculos dos séculos não haverá quem por ela passe.

11 E possui-la-ão o onocrótalo, e o ouriço: A íbis, e o corvo habitarão nela: E estender-se-á a medida, para se reduzir a nada, e o nível para se arrazar de todo. (4)

12 Os seus nobres não ficarão aí: Mas antes invocarão o rei, e todos os seus príncipes serão aniquilados. (5)

as diversas nações gentias, que depois da ruína de Jerusalém se virão estabelecer nela, adorando e tendo cada uma por seu deus tutelar a seu demônio. Para dar lugar a tôdas estas interpretações, verti eu muito de propósito bem ao pé da letra as palavras da Vulgata: *Quia dies ultionis Domini, annus retributionum judicii Sion*, dizendo assim: "Porque é o dia da vingança do Senhor, o ano das retribuições de justiça acêrca de Sião." Dêste modo aquêlê "acêrca de Sião" tomado na primeira ou segunda intelligência, vale o mesmo que "a favor de Sião" tomado na terceira intelligência, que é a de S. Jerônimo, vale o mesmo que "contra Sião", por ser evidente que Sião se deve construir em caso de aquisição, ou em dativo de perda ou proveito. — Pereira.

(4) **ONOCRÓTALO** — Os nossos dicionários dizem que o onocrótalo dos gregos e latinos significa o "groto marinho", ave que zurra como o burro. Os Setenta, aqui e noutros lugares, verteram "pelicanos", talvez porque o nome hebreu vem duma raiz que significa "vomitar"; e do pelicano dizem os naturalistas que come mariscos, e depois que êles se lhe abrem no estômago, os vomita. — Pereira.

(5) **OS SEUS NOBRES NÃO FICARÃO** — Sacy e de Carrières parafraseiam: "Os seus grandes não morarão mais aí, mas êles invocarão um rei que os não poderá socorrer, assim os seus príncipes todos serão aniquilados." O que tudo êles referem para a Iduméia. S. Jerônimo, insistindo na hipótese de que aqui se

13 E nascerão nas suas casas espinhos e urtigas, e nas suas fortalezas o azevinho: E ela virá a ser covil de dragões, e pastagem de avestruzes. (6)

14 E nela se encontrarão os demônios com os onocentauros e os bodes clamarão uns para os outros: Ali se deitou a lâmia, e achou para si descanso. (7)

15 Ali teve o ouriço a sua cova, e criou os seus filhinhos, e a abriu em roda, e à sombra dela os abrigou: Ali se ajuntaram os milhanos, uns ao pé dos outros.

16 Buscai diligentemente no livro do Senhor, e lêde: Uma só coisa destas não faltou, uma não buscou a outra: Porque o que sai da minha bôca, êle o mandou, e o seu mesmo espírito ajuntou estas coisas. (8)

não fala de Iduméia, mas de Jerusalém, expõe dêste modo: "Os seus fidalgos, isto é, os apóstolos, não ficarão aí, por não se macularem, na companhia de gente tão perdida, mas antes invocarão ao seu rei Jesus Cristo. Os seus príncipes, isto é, os escribas e fariseus, serão reduzidos a nada, e nas suas casas, algum tempo tão magníficas e ornadas, nascerão silvas e urtigas, e cardos. — *Pereira.*

(6) **E PASTAGEM DE AVESTRUZES** — O hebreu *Iaanah*, que o intérprete latino exprimiu por *Struthiones*, e eu, com a opinião vulgar, por *avestruzes*. Pretende Calmet que, o que propriamente significa, são cisnes. — *Pereira.*

(7) **COM OS ONOCENTAuros** — Veja cap. 13, 21.22.

E OS BODES — Sacy, Le Gros, Calmet e de Carrières vertem e os sátiros.

ALI SE DEITOU A LÂMIA — Só Símaco verteu assim o hebreu *Lilith*. E' porém incrível a variedade de pareceres entre os intérpretes, sobre o que significa este nome. Alguns rabinos entenderam por êle a fúria *Erynnis*. Outros a bruxa. Sacy, Le Gros e de Carrières vertem a sereia. Bochart inclina-se a que é uma espécie de baleia, de que também fala Jeremias nos Threnos. Calmet o entende dum espectro noturno, que mete medo aos meninos, e que nós em frase pueril chamamos coco. — *Pereira.*

(8) **UMA NÃO BUSCOU A OUTRA** — Isto é, nenhuma das

17 E êle mesmo lhes lançou a sorte, e a sua mão lha repartiu a elas por medida: Desde então para sempre a possuirão, de geração em geração habitarão nela. (9)

CAPÍTULO 35

CONSOLAÇÃO E FELICIDADE DOS QUE CRÊM NO SALVADOR.

1 A terra deserta e sem caminho se alegrará, e a solidão exultará, e florescerá como a açucena. (1)

2 Lançando gérmen, ela copiosamente brotará, e com intensa alegria e muitos louvores, de prazer saltará: A glória do Líbano lhe foi dada: A formosura do Carmelo, e de Saron, os seus mesmos habitantes verão a glória do Senhor, e a magnificência do nosso Deus. (2)

minhas palavras se achou vã; ou, nenhuma destas béstas e aves deixou de se achar ali com as outras. — Pereira.

(9) A ELAS — As coisas já ditas, isto é, às pragas e monstros assinou o mesmo espírito, ou vontade soberana do Senhor, a Iduméia para sua habitação perpétua, e lhes distribuem o seu lugar e sorte como por herança hereditária. — Pereira.

(1) A TERRA DESERTA E SEM CAMINHO — De Jerusalém destruída e feita um montão de pedras, passa Isaías a descrever o novo estado de abundância e de felicidade, a que Deus a trará com a sua vinda ao mundo e pregação do Evangelho. Quase ao mesmo passo que ia faltando a Sinagoga, começava a Igreja a florescer como a açucena, ou conforme verteu Áquila, como a rosa em botão, que ainda não abriu as suas fôlhas. — S. Jerônimo.

(2) A GLÓRIA DO LIBANO LHE FOI DADA — Toda a candura, todo o culto de Deus, toda a ciência da circuncisão, e todos os lugares célebres pela sua fertilidade e frescura, significados na Escritura pelo nome de "Saron", serão dados à Igreja simbolizada em Jerusalém noutro tempo deserta; e os seus habitantes verão a glória do Senhor, e a magnificência do nosso Deus. — S. Jerônimo.

3 Confortai as mãos fracas, e corroborai os joelhos débeis.

4 Dizei aos pusilânimes: Tomai ânimo, e não temais: Eis-aquí trará o vosso Deus a vingança da retribuição: O mesmo Deus virá, e êle vos salvará.

5 Então se abrirão os olhos dos cegos, e desimpedirão os ouvidos dos surdos. (3)

6 Então saltará o coxo como o cervo, e desatar-se-á a língua dos mudos: Porque da terra arrebentarão mananciais de águas no deserto, e torrentes na solidão.

7 E a terra que estava sêca se tornará em tanque, e a que ardia de sede, em fontes de águas. Nas cavernas em que dantes habitavam os dragões, nascerá a verdura da cana e do junco.

8 E haverá ali uma vereda e um caminho, que se chamará o caminho santo, não passará por êle o impuro, e êste será para vós um caminho direito, de sorte que por êle andem os loucos sem se perderem.

9 Não se achará aí o leão, e a má bêtea não subirá por êle, nem se achará ali: E pelo mesmo andarão os que fôrem salvos.

10 E os remidos pelo Senhor voltarão, e virão a Sião cantando os seus louvores: E uma alegria sempiterna fará assento sôbre a sua cabeça: Possuirão gôzo e alegria, e dêles fugirá a dor e o gemido.

(3) **ENTÃO SE ABRIRÃO OS OLHOS DOS CEGOS** — Verificou-se isto não só naquele tempo, que Cristo mandou dizer a João: "Os cegos vêem, os coxos andam, os surdos ouvem, etc." mas cada dia se está vendo o mesmo na conversão de tantos gentios, a quem Deus abre os olhos para verem o lume da fé, e creem nêle. — S. Jerônimo.

CAPÍTULO 36

SENAQUERIB MARCHA CONTRA A JUDEIA. DEPUTAÇÃO DE RABSACES A EZEQUIAS. INSOLENTES FALA DÊSTE ENVIADO.

1 E aconteceu no ano décimo quarto do rei Ezequias, que Senaquerib, rei dos assírios, foi sobre tôdas as cidades fortificadas de Judá, e as tomou. (1)

2 E o rei dos assírios enviou a Rabsaces desde Láquis a Jerusalém, ao rei Ezequias com um formidável exército, e fêz alto ao pé do aqueduto da piscina de cima no caminho do campo do lavandeiro. (2)

3 E saiu para ir ter com êle Eliacim, filho de Helcias, que era mordomo-mor da casa do rei, e Sobna, secretário de estado, e Joaé, filho de Asaf, cronista-mor. (3)

4 E Rabsaces lhes disse: Dizei a Ezequias: Eis-aqui o que diz o grande rei, o rei dos assírios: Que confiança é essa, em que tu confias?

5 Ou com que desígnio ou fôrças pretendes tu rebelar-te? Sobre quem fundas tu a confiança, para te haveres apartado de mim?

(1) **E ACONTECEU NO ANO DÉCIMO QUARTO DO REI EZEQUIAS** — Como tôda esta história fica já referida no quarto Livro dos Reis, cap. 16, e no segundo dos Paralipômenos, cap. 32, lá pode o leitor ver as nossas notas, sem esperar aqui senão algumas poucas, que nos pareceu deverem-se acrescentar de novo. Dêste capítulo pois até o 39 se contém a história da invasão de Senaquerib e a enfermidade de Ezequias. — *Pereira.*

(2) **RABSACES** — Veja 4 Rs 18, 7.

(3) **ELIACIM, FILHO DE HELCIAS** — Este Eliacim contém S. Jerônimo que é o mesmo de que Isaías falou na profecia do vale da Visão, cap. 22. Mas quanto a Sobna, quer que este seja diverso daquele, visto serem diversos os cargos que a Escritura lhes dá. — *Pereira.*

6 Já vejo que tu confias sôbre o Egito, sôbre êsse bordão de cana rachada, na qual se se firmar um homem, ela se lhe meterá pela mão, e a traspassará: Assim é Faraó, rei do Egito, para todos os que confiam nêle. (4)

7 E se me responderes: Nós confiamos no Senhor nosso Deus: Acaso não é êste aquêle mesmo, cujos altares destruiu Ezequias, e disse a Judá e a Jerusalém: Diante dêste altar adorareis? (5)

8 Agora pois rende-te ao rei dos assírios meu amo, e eu te darei dois mil cavalos, e não poderás entre os teus achar homens para montar nêles.

9 Pois como suportarás tu a face de qualquer dos menores servos de meu amo, sendo o tal governador num só lugar? E se confias no Egito, nas quadrigas, e nos cavaleiros: (6)

10 Porventura vim eu também agora a esta terra sem ordem do Senhor para a perder? O Senhor é que me disse: Entra nessa terra, e destrói-a.

11 E disse Eliacim, e Sobna, e Joaé a Rabsaces: Fala aos teus servos em língua siríaca: Porque nós a

(4) **TU CONFIAS SOBRE O EGITO** — O mesmo S. Jerônimo diz que nisto mentia Rabsaces, porque de nenhuma história consta que Ezequias mandasse ao Egito a pedir auxilio, argumento negativo, que como tal pareceu a Calmet que não bastava, para se desmentir Rabsaces. — Calmet.

(5) **ACASO NÃO É ESTE AQUELE MESMO** — Também nisto, continua S. Jerônimo, falou Rabsaces falso, porque Ezequias o que fez não foi contra Deus, mas por Deus; porque destruiu os altares que o povo tinha levantado nos altos para o retrair da idolatria, e para o obrigar a adorar a Deus só no templo, e em Jerusalém, que era onde o Senhor tinha mandado que sômente o adorassem. — Pereira.

(6) **POIS COMO** — O hebreu: "Como suportarás a face dum prefeito dos mais baixos servos de meu amo?" S. Jerônimo verteu a palavra Pachath por Sátrapa, 4 Rs 18, 24. — Calmet.

entendemos: Não nos fales na judaica, estando-nos a escutar o povo, que está em cima do muro.

12 E Rabsaces lhes disse: Acaso é ao teu amo e a ti que meu amo me mandou, para dizer estas palavras: E não antes aos homens, que estão assentados no muro, para que comam os seus excrementos, e convosco bebam a urina dos seus pés? (7)

13 E Rabsaces se pôs em pé, e gritou em alta voz na língua judaica, e disse: Ouvi as palavras do grande rei, do rei dos assírios:

14 Eis-aqui o que diz o rei: Não vos seduza Ezequias, porque êle vos não poderá livrar.

15 E não vos infunda Ezequias confiança no Senhor, dizendo: O Senhor indubitavelmente nos há de livrar, esta cidade não há de ser entregue na mão do rei dos assírios.

16 Não queirais ouvir a Ezequias: Porque eis-aqui o que diz o rei dos assírios: Fazei comigo aliança, e vinde para mim, e comei vós cada um da sua vinha, e cada um da sua figueira: E bebei cada um da água da sua cisterna, (8)

17 até que eu venha e vos leve para uma terra, que é como a vossa terra, terra de grão e de vinho, terra de pães e de vinhas.

(7) **PARA QUE COMAM OS SEUS EXCREMENTOS** — Por tão certo como isto dava Rabsaces, que não se rendendo os judeus a Senaquerib, poria êle os habitantes de Jerusalém num tão apertado cerco, que faltos de todo o gênero de víveres comeriam o seu próprio excremento, e beberiam a sua própria urina. Sacy e de Carrières verteram: a fim de não serem reduzidos a comer o seu excremento, etc. O que mais é parafrasear sem necessidade o texto, do que vertê-lo à letra, porque as palavras do texto são precisamente estas: qui sedent in muro, ut comedant stercora sua, et bibant urinam, etc. — Pereira.

(8) **ALLIANÇA** — A letra: Bêção. — Pereira.

18 Nem vos inquiete Ezequias com dizer: O Senhor nos livrará. Porventura os deuses das gentes livraram cada um a sua terra da mão do rei dos assírios?

19 Onde está o deus de Emat, e de Arfad? Onde está o deus de Sefarvaim? Acaso livraram êles da minha mão a Samaria?

20 Qual é dentre todos os deuses dessas terras, o que tinha livrado o seu país da minha mão, para que o Senhor possa também livrar a Jerusalém da minha mão?

21 E êles se puseram em silêncio, e não lhe responderam uma só palavra: Porquanto assim lho havia mandado o rei, dizendo: Não lhe respondeis.

22 E entrou Eliacim, filho de Helcias, que era mordomo-mor da casa do rei, e Sobna, secretário de estado, e Joaé, filho de Asaf, cronista-mor, para falar a Ezequias, rasgados os vestidos, e todos lhe relataram as palavras de Rabsaces.

CAPÍTULO 37

CONSTERNAÇÃO DE EZEQUIAS. ISAÍAS O ASSEGURA. BLASFEMIAS DE SENAQUERIB. ORAÇÃO DE EZEQUIAS. ISAÍAS LHE PROMETE O SOCORRO DO SENHOR. O ANJO DO SENHOR DESTRÓI O EXÉRCITO DE SENAQUERIB.

1 E aconteceu que tendo ouvido a tal notícia o rei Ezequias, rasgou os seus vestidos, e cobriu-se de saco, e entrou na Casa do Senhor.

2 E mandou a Eliacim, que era mordomo-mor da sua casa, e a Sobna, secretário de estado, e aos mais anciãos de entre os sacerdotes, cobertos de sacos, ao profeta Isaías, filho de Amós (1)

(1) **AO PROFETA ISAÍAS, FILHO DE AMÓS** — S. Jerônimo louva aqui a humildade de Isaías, que nomeando-se aqui muitas vezes, nunca se nomeou profeta, mas só filho de profeta.

3 e lhe disseram: Eis-aqui o que diz Ezequias: Dia de tribulação, e de corrupção, e de blasfêmia é este dia: Porque chegaram os filhos até o ponto de nascer, porém não há força na mãe para que os faça vir à luz. (2)

4 O Senhor teu Deus é certo que de algum modo terá ouvido as palavras de Rabsaces, que enviou o rei dos assírios seu amo para blasfemar o Deus vivente, e afrontá-lo com os discursos, que o Senhor teu Deus ouviu: Eleva pois a tua oração por este resto, que ainda se acha.

5 E os servos do rei Ezequias foram ter com Isaías, e Isaías lhes respondeu: Direis a vosso amo o seguinte: Eis-aqui o que diz o Senhor: Não temas à vista das palavras que ouviste, com as quais os servos do rei dos assírios me blasfemaram.

7 Eis-aqui estou eu que lhe darei um espírito, e ele ouvirá uma nova, e voltará para a sua terra, e fá-lo-ei cair morto à espada na sua terra.

8 Voltou pois Rabsaces, e achou ao rei dos assírios pôsto em campanha contra Lobna. Porque tinha ouvido dizer que ele se tinha retirado de Láquis, (3)

9 e a respeito de Taraca, rei da Etiópia, ouviu aos que assim diziam: Saiu para pelejar contra ti. O que

E o caso é que S. Jerônimo lia o presente lugar, não como o traz a Vulgata, ad Isaiam fillum Amós prophetam (onde o profeta apela sobre Isaías) mas assim: ad Isaiam fillum Amós propheta, onde apela sobre Amós. — Pereira.

(2) **EIS-AQUI O QUE DIZ EZEQUIAS** — Em ocasião de tanto susto e trabalho, não se nomeia este príncipe rei, nem usa de título algum de império, mas simplesmente se nomeia Ezequias. — S. Jerônimo.

(3) **LOBNA** — Perto de Láquis, para o norte, de onde se vê que Senaquerib tinha recuado em vez de prosseguir contra o Egito. Tomou esta resolução naturalmente pela notícia da chegada de Taraca, à frente do exército egípcio.

tendo êle ouvido, enviou mensageiros a Ezequias dizendo:

10 Isto direis a Ezequias, rei de Judá, quando lhe falardes: Não te engane o teu Deus, em quem tu confias, dizendo: Não será entregue Jerusalém na mão do rei dos assírios.

11 Eis-aí que tu tens ouvido tôdas as coisas, que fizeram os reis dos assírios a tôdas as terras, que destruíram, e tu poderás livrar-te?

12 Porventura os deuses das gentes livraram aquêles povos, que meus pais destruíram, Gozani, e Harni, e Resef, e os filhos de Éden, que estavam em Talassar?

13 Onde está o rei de Emat, e o rei de Arfad, e o rei da cidade de Sefarvaim, de Ana, e de Ava?

14 E tomou Ezequias as cartas da mão dos mensageiros, e leu-as e subiu a Casa do Senhor, e as estendeu Ezequias diante do Senhor.

15 E orou Ezequias ao Senhor, dizendo:

16 Senhor dos Exércitos, Deus de Israel, que estás sentado sôbre os querubins: Tu só és o Deus de todos os reinos da terra, tu que fizeste o céu e a terra.

17 Inclina, Senhor, o teu ouvido, e ouve: Abre, Senhor, os teus olhos, e vê, e ouve tôdas as palavras de Sennaquerib, as quais êle mandou dizer para blasfemar o Deus vivente.

18 Porquanto verdadeiramente, Senhor, que os reis dos assírios deixaram despovoadas as terras, e as suas regiões.

19 E entregaram ao fogo os deuses delas: Porque êles não eram deuses, mas obras das mãos dos homens, pau e pedra: E os esmigalharam.

20 Agora pois, Senhor nosso Deus, salva-nos da sua mão: E conheçam todos os reinos da terra, que só tu és Senhor.

21 E mandou Isaías, filho de Amós, dizer a Ezequias: Eis-aqui o que diz o Senhor Deus de Israel: Pelo que diz respeito às rogativas que me fizeste acêrca de Senaquerib, rei dos assírios:

22 Esta é a palavra, que sôbre êle falou o Senhor: Êle te desprezou, e te insultou, ó virgem filha de Sião: Êle por detrás de ti moveu a cabeça, ó filha de Jerusalém. (4)

23 A quem afrontaste, e a quem blasfemaste, e contra quem levantaste a voz, e tens elevado a altiveza de teus ollos? Contra o Santo de Israel.

24 Por mão de teus servos tens afrontado ao Senhor: E disseste: Eu com a multidão das minhas quadrigas subi ao alto dos montes, aos cabeços do Líbano: E cortarei os elevados cedros dêle, e as suas faias escolhidas, e entrarei na altura do seu cume, no bosque do seu Carmelo. (5)

25 Eu cavei, e bebi a água, e sequei com a planta de meus pés todos os arroios em prêsas retidos.

26 Tu porventura não ouviste dizer o que noutro tempo eu lhe fiz? desde os dias antigos eu formei êste projeto: E agora o executei: E assim se fêz para extirpação dos outeiros que pelejam todos juntos e das cidades fortificadas.

27 Os habitantes delas tendo mãos curtas tremaram, e ficaram confundidos: Tornaram-se como o feno

(4) **O' VIRGEM FILHA DE SIÃO** — Chamava-lhe virgem e filha, porque quando tôdas as nações adoravam por deuses os simulacros de homens mortos, só Sião se conservava intacta da idolatria, dando culto a um só verdadeiro Deus. E' isto o que se lê em S. Jerônimo.

(5) **POR MÃO DE TEUS SERVOS TENS AFRONTADO AO SENHOR** — O que foi muito maior arrogância do que se o ultrajasses por ti mesmo. — S. Jerônimo.

dos campos, e a relva do pasto, e a erva dos telhados, que se secou de amadurecer.

28 Eu soube a tua habitação e a tua saída, e a tua entrada, e o teu desatino contra mim.

29 Quando tu te enfurecias contra mim, a tua soberba subiu até os meus ouvidos: Eu te porei pois uma argola nos teus narizes, e um freio nos teus lábios, e te farei voltar pelo caminho por onde vieste.

30 E tu terás isto por sinal: Come neste ano do que nasce espontâneamente, e no segundo ano sustenta-te de frutas: Mas no terceiro ano semeai, e segai, e plantai vinhas e comei o fruto delas.

31 E isso que ficar salvo da casa de Judá, e o que dela resta, lançará raízes para baixo, e produzirá o seu fruto para cima:

32 Porque de Jerusalém sairão as relíquias, e do monte Sião a salvação: Isto fará o zêlo do Senhor dos Exércitos.

33 Por cuja causa eis-aqui o que diz o Senhor a respeito do rei dos assírios: Ele não entrará nesta cidade, nem atirárá contra ela setas, nem o escudo a investirá, nem levantará trincheiras ao redor dela.

34 Pelo caminho por onde veio, por êsse voltará, e não entrará nesta cidade, diz o Senhor:

35 E eu protegerei esta cidade, para a salvar por amor de mim, e por amor de Davi meu servo.

36 Saiu pois o anjo do Senhor, e feriu cento e oitenta e cinco mil homens no campo dos assírios. E levantaram-se pela manhã, e eis-que todos estavam reduzidos a cadáveres. (6)

(6) **E FERIU CENTO E OITENTA E CINCO MIL HOMENS** — Muito antes dos livros sagrados dos hebreus terem sido traduzidos em grego pelos Setenta, tinham Heródoto e Beroso dado notícia desta temerosa e extraordinária derrota do exército assírio. Am-

37 E se retirou dali Senaquerib, rei dos assírios, e se foi, e voltou, e habitou em Nínive.

38 E aconteceu que adorando êle no Templo de Nesroc seu Deus, Adramelec, e Sarasar seus filhos, o feriram com as suas espadas: E fugiram para a terra de Ararat, e reinou Asaradon, seu filho, em seu lugar. (7)

CAPÍTULO 38

DOENÇA DE EZEQUIAS. SUA MILAGROSA CURA. RETROGRADAÇÃO DO SOL. CÂNTICO DE EZEQUIAS.

1 Naqueles dias adoeceu Ezequias de uma enfermidade mortal: E Isaías profeta, filho de Amós, entrou onde êle estava, e lhe disse: Eis-aqui o que diz o Senhor: Dispõe da tua casa, porque tu morrerás, e não viverás. (1)

bos, alega aqui S. Jerônimo, e quanto a supor eu a Beroso mais antigo que os Setenta, é seguindo a Perizonio, que por autoridade de Lacio faz a Beroso contemporâneo de Alexandre Magno. — *Pereira*.

E LEVANTARAM-SE PELA MANHÃ — O texto não declara quem eram êstes que se levantaram ao amanhecer. S. Jerônimo discorre que ou foram os judeus de Jerusalém, junto da qual cidade êle se persuade que succedeu a matança dos assírios, ou os que dentre os assírios tinham escapado dela. Calmet tem por mais provável, que Senaquerib estava com o seu exército no caminho do Egito entre Lobna e Pelasio, e não diante de Jerusalém; e que assim os de quem se diz que se levantaram, foram Senaquerib e os seus palacianos. — *Pereira*.

(7) **NESROC** — O latim da Vulgata é antibológico, mas o original hebraico não o é. Esta palavra é complemento do templo e não do verbo adorar, como traduziu o padre Pereira, que verteu adorando no templo a Nesroc, seguindo de preferência às antigas tradições francesas, a antiga versão inglesa católica, e a versão de Glaire, na edição moderna de 1902, canonicamente autorizada.

(1) **NAQUELES DIAS ADOECIU EZEQUIAS** — Pelo verso

2 E voltou Ezequias o seu rosto para a parede. E orou ao Senhor, (2)

3 e disse: Esta é a rogativa que te faço, Senhor, lembra-te, eu te peço, de como tenho andado diante de ti em verdade, e com um coração perfeito, e fiz o que é bom aos teus olhos. E derramou Ezequias grande cópia de lágrimas. (3)

4 Então se dirigiu a palavra do Senhor a Isaías, dizendo:

5 Vai, e dize a Ezequias: Eis-aqui o que diz o Senhor Deus de Davi teu pai: Ouvi a tua oração, e vi as tuas lágrimas: Eis-aqui estou eu que acrescentarei sobre os teus dias quinze anos:

6 E livrar-te-ei da mão do rei dos assírios, a ti, e a esta cidade, e a protegerei.

7 E ser-te-á dado êste sinal pelo Senhor que cumprirá esta palavra, que falou:

8 Eis-aqui estou eu que farei com que a sombra das linhas, pelas quais ela tinha passado no relógio de Acaz em razão do giro do sol, volte dez linhas atrás. E

9, se faz evidente que êste caso succedeu antes da derrota de Senaquerib. O que parece que não advertiu S. Jerônimo, quando aqui escreveu, que Deus mandara esta doença a Ezequias, para que êle se não ensoberbecesse com tantos triunfos, e com a vitória que acabava de alcançar, vendo-se livre do cativoiro, que Senaquerib lhe ameaçava. — Pereira.

(2) **PARA A PAREDE** — Ou para a parede do Templo, junto ao qual tinha Salomão edificado um palácio, ou absolutamente para a parede da sua câmara. — S. Jerônimo.

(3) **E DERRAMOU EZEQUIAS GRANDE CÓPIA DE LÁGRIMAS** — A causa dêste grande chôro era ter Deus prometido a Davi, que do seu sangue havia de nascer o Messias, e ver agora que êle Ezequias morria sem deixar sucessão, porque a êste tempo ainda lhe não tinha nascido Manassés, o qual por isso mesmo que começou a reinar depois da morte de Ezequias, tendo doze anos;

retrocedeu o sol dez linhas pelos graus, por onde tinha descido. (4)

9 Cântico de Ezequias, rei de Judá, depois de ter estado doente, e havendo já convalescido da sua enfermidade. (5)

10 Eu disse: Na metade de meus dias irei para as portas do inferno. (6)

Busquei o resto de meus anos:

bem se vê que não nasceu senão ao terceiro ano depois que ao pai lhe foi prorrogada a vida. — S. Jerônimo.

(4) **VOLTE DEZ LINHAS ATRÁS** — Durante a doença de Ezequias, Isaías, para lhe dar um sinal da cura milagrosa que lhe anunciava, fêz retrogradar um quadrante solar de dez linhas. E' um caso análogo ao de Josué, por conseguinte poder-se-ia repetir aqui o que então se disse. Mas há contudo uma grande diferença. No caso de Josué, o texto indica-nos uma paragem do próprio sol, de onde se haviam de seguir tôdas as consequências que tal fenômeno importava. No caso presente, os textos falam-nos da retrogradação da sombra no quadrante, e, se se diz que o sol retrocedeu, é querendo indicar o efeito produzido pela sua luz sobre o quadrante. E' pois um fenômeno muito particular, estreitamente localizado e que não interessa às leis gerais da astronomia. Não se torna indispensável admitir que o sol tivesse retrogradado na sua marcha diurna, basta admitir um fenômeno local deslocando uma determinada sombra, o que supõe um desvio dos raios luminosos, explicável já pela ação direta da onipotência, já pela interposição dos corpos refratores ou refletores de natureza indeterminada. Que dificuldade, pergunta Boislourdín, de quem transcrevemos estas considerações, que dificuldade há nisto, admitida a intervenção direta de Deus. Ser-lhe-á mais difícil desviar um raio de luz do que sustentar o curso dum rio ou curar subitamente um enfermo? Cfr. Vigouroux, *Manuel Biblique*, t. II, pág. 524, n.º 942.

(5) **CÂNTICO DE EZEQUIAS** — A letra: Escritura de Ezequias, isto é, cântico escrito por Ezequias, e talvez ditado a êle por Isaías. Elegia duma profunda melancolia e de notável esmero.

(6) **NA METADE DE MEUS DIAS IREI PARA AS PORTAS DO INFERNO** — Os santos enchem os seus dias, como sucedeu a Abraão, que morreu cheio de dias numa avançada velhice. Os peca-

11 Eu disse: Não verei ao Senhor Deus na terra dos viventes. Não verei mais a homem algum, nem a habitador do descanso.

12 Tirou-se a minha geração: E ela se me enrolou como uma tenda de pastores:

A minha vida foi cortada como por um tecelão: Quando eu ainda a estava urdindo, ele me cortou: Desde a manhã até à tarde tu me acabarás.

13 Eu esperava até amanhã, ele como um leão assim esmigalhou todos os meus ossos:

Desde a manhã até a tarde, tu me acabarás:

14 Eu assim clamarei como o filhinho da andorinha, gemerei como a pomba:

Os meus olhos cansaram, olhando para o alto:

Senhor, eu padeço violência, responde tu por mim.

15 Que direi eu, ou que me responderá ele a mim, quando ele mesmo é que o fez?

Repassei diante de ti pela memória todos os meus anos com amargura da minha alma.

16 Senhor, se assim é que se vive, e se a vida do meu espírito se passa em tais coisas, tu me castigarás, e tu me farás viver.

17 Eis-aqui na paz a minha amargura amargosíssima:

Tu porém livraste a minha alma para ela não perecer, lançaste para trás das tuas costas todos os meus pecados.

18 Porque o inferno te não bendirá, nem a morte

dores porém e os ímpios morrem na metade de seus dias, como deles diz o salmista: "Os varões sangüinários e dolosos não viveram a metade de seus dias." Porque estes tais não enchem as obras das virtudes, nem procuram emendar com a penitência os delitos, por isso no meio do curso da sua vida e entre as trevas dos erros serão levados ao inferno. — S. Jerônimo.

te louvará: Os que descem ao lago, não esperarão a tua verdade.

19 O que vive, o que vive, êsse é o que te bendirá, como eu também o faço hoje: O pai fará notória aos filhos a tua verdade.

20 Senhor, salva-me, e nós cantaremos todos os dias da nossa vida os nossos salmos na casa do Senhor.

21 Ora Isaías mandou que tomassem uma massa de figos, e que feita dela uma cataplasma lha pusessem sobre a chaga, e sararia. (7)

22 E Ezequias disse: Que sinal terei eu de que ainda subirei à casa do Senhor?

CAPÍTULO 39

MOSTRA EZEQUIAS OS SEUS TESOUROS AOS EMBAIXADORES DO REI DE BABILÔNIA. E' POR ISSO REPREENDIDO POR ISAÍAS.

1 Naquele tempo enviou Merodac Baladan, filho de Baladan, rei de Babilônia, cartas e presentes a Ezequias: Porque tinha ouvido dizer que havia estado doente e que já tinha convalescido. (1)

(7) **ORA ISAÍAS MANDOU QUE TOMASSEM UMA MASSA DE FIGOS** — Adverte aqui S. Jerônimo, que êste caso da cura se deve ler primeiro que o cântico referido.

(1) **MERODAC BALADAN** — Êste episódio, que também está relatado no 4 Rs 20, 12, deu ocasião a uma dificuldade. Ezequias mostra com ostentações os seus tesouros aos enviados de Merodac (4 Rs 20, 13,) e diz-se no 18, 15 do mesmo livro que êle se despojara dos seus bens para captar a benevolência de Senaquerib. Para resolver esta dificuldade basta colocar a doença de Ezequias e a embaixada de Merodac antes da invasão assíria. Isaías reuniu a história da doença e da embaixada porque reuniu no mesmo grupo as profecias mais importantes que se referiam a

2 E alegrou-se Ezequias com êstes enviados, e lhes mostrou o repositório dos aromas, e da prata e do ouro, e dos perfumes e das melhores confeições, e todos os gabinetes das suas alfaia, e em geral tudo o que se achava nos seus tesouros. Não houve nada no seu palácio, e de quanto estava debaixo do seu poder, que Ezequias lhes não mostrasse. (2)

3 Então entrou o profeta Isaías onde estava o rei Ezequias, e lhe disse: Que disseram êstes homens? E de onde vieram êles para te falar? E respondeu Ezequias: Vieram ver-me dum país mui remoto, da Babilônia.

4 E disse: Que viram êles em tua casa? E respondeu Ezequias: Viram tudo o que há em minha casa: Não houve nos meus tesouros coisa que eu deixasse de lhes mostrar.

5 E disse Isaías a Ezequias: Ouve a palavra do Senhor dos exércitos.

6 Eis-aí está que virão dias, e tôdas as coisas, que há na tua casa, e que teus pais entesouraram até o dia

Ezequias, e esta ordem foi também a adotada no livro 4 dos Reis. Não deve também causar estranheza o fato de Merodac enviar presentes a Ezequias, pois que Merodac chegara a reinar, segundo o testemunho de Euzébio, em Babilônia. Sabe-se pelos anais ninivitas que depois de Sargon, Senaquerib fala-nos de Merodac Baladan que derrotou no começo do seu reinado. O poderio de Merodac foi apenas de seis meses, devendo ter sido durante este curto reinado que êle enviou a sua embaixada a Ezequias. Cfr. Vigouroux, *La Bible et les découvertes modernes*, t. IV e *La Civiltà Cattolica*, 19 de fevereiro de 1881. Tornicelli, *Annales Sacrés*, 1757, t. III, e Schrader, *Die Keilinschriften*.

(2) **E DE QUANTO ESTAVA DEBAIXO DO SEU PODER**
— Daqui colhe S. Jerônimo, que Ezequias lhes mostrou também todos os sagrados vasos e alfaia do Templo, e que isto foi o de que Deus mais se ofendeu. — **Pereira.**

de hoje, serão tiradas para se conduzirem a Babilônia: Não ficará coisa alguma, diz o Senhor.

7 E dos teus filhos, que saírem de ti, eles tomarão os que tiveres gerado, e servirão de eunucos em o palácio do rei de Babilônia. (3)

8 E disse Ezequias a Isaías: Justa é a palavra do Senhor, a qual êle proferiu. E acrescentou: Haja sòmente paz, e verdade em meus dias.

CAPÍTULO 40

LIVRAMENTO DE ISRAEL. VOZ QUE SE FAZ OUVIR DIANTE DO SENHOR. MANIFESTAÇÃO DO SENHOR. SUA GRANDEZA, E PODER. BEM-AVENTURANÇA DOS QUE PERSEVERAM EM ESPERAR A SUA VINDA.

1 Consolai-vos, consolai-vos, povo meu, diz o vosso Deus. (1)

2 Falai ao coração de Jerusalém, e chamai-a: Porque está acabada a sua malícia, está perdoadada a sua iniqüidade: Ela recebeu da mão do Senhor uma pena dobrada por todos os seus pecados.

3 Voz do que clama no deserto: Aparelhai o ca-

(3) **E DOS TEUS FILHOS** — Os hebreus querem que isto se verificasse nos quatro mancebos, Daniel, Hananias, Misael e Azarias, que dizem ser do sangue real e de quem não há dúvida que foram destinados para servir a Nabucodonosor. — S. Jerônimo.

(1) **CONSOLAI-VOS** — Daqui até ao fim têm comumente no sentido liberal as profecias de Isaías por objeto a liberdade do cativo de Babilônia, que Ciro havia de dar aos judeus, a qual liberdade no sentido místico era figura da Redenção do género humano por Jesus Cristo, cuja vida e ações descreve o mesmo Isaías, como exato e pontual historiador sagrado. Os exegetas racionalistas modernos têm atacado a autenticidade dêste capítulo.

minho do Senhor, endireitai na solidão as veredas do nosso Deus. (2)

4 Todo o vale será alteado, e todo o monte e outeiro será rebaixado, e o que era torto se tornará em estrada direita, e o escabroso em caminhos planos.

5 E a glória do Senhor se manifestará, e toda a carne verá ao mesmo tempo o que a boca do Senhor falou.

6 Soou uma voz de quem me dizia: Clama. E eu disse: Que hei de clamar? Toda a carne é feno, e toda a sua glória é como a flor do campo.

7 Secou-se o feno, e caiu a flor, porque o hálito do Senhor assoprou nêle. Verdadeiramente o povo é feno:

8 Secou-se o feno, e caiu a flor: Mas a palavra de Nosso Senhor permanece para sempre. (3)

(2) **VOZ DO QUE CLAMA NO DESERTO** — Não há para que entendamos estas palavras dos desertos que separavam a Babilônia da Judéia, pelos quais o Senhor havia de conduzir o seu povo, quando tornasse do cativeiro para Jerusalém, como o fazem alguns modernos, seguindo a Santo Tomás, e ao cardeal Hugo; porque os Sagrados Evangelistas uniformemente nos ensinam, que estas palavras, ainda no sentido histórico, quis o Espírito Santo que se entendessem da vinda do Precursor de Cristo, S. João Batista. Mt 3, 3. Mc 1, 3. Lc 3, 4. Jo 1, 23. — **Pereira.**

(3) **MAS A PALAVRA DE NOSSO SENHOR PERMANECE PARA SEMPRE** — S. Pedro o expôs da palavra do Evangelho (1 Pdr 1, 25.). E é para notar que na Versão dos Setenta faltam todas estas palavras do versículo 7, “porque o hálito do Senhor assoprou nêle. Verdadeiramente o povo é feno, secou-se o feno e caiu a flor.” Todos porém se suprimam do hebreu e da Versão de Teodocião. E o faltarem elas nos Setenta, atribui S. Jerônimo a descuido de algum copista, nascido de acabarem duas orações nestas mesmas palavras, et cecidit flos, e caiu a flor, no qual caso é fácil passar da primeira oração ao que se segue à segunda, omitindo o que fica no meio. Ora como na edição romana dos Setenta, feita em tempo de Xisto V, e da mesma sorte no Manuscrito de

9 Sobe a um alto monte, tu, que anuncias o Evangelho a Sião: Levanta com bem fôrça a tua voz tu, que anuncias o Evangelho a Jerusalém: Levanta-a, não temas. Dize às cidades de Judá: Eis-aí o vosso Deus: (4)

10 Eis-aí virá o Senhor Deus com fortaleza, e o seu braço dominará: Eis-aí virá com êle a sua paga, e diante dêle a sua obra. (5)

Alexandria, faltam tôdas estas mesmas palavras, sem trazerem os asteriscos, com que Orígenes nas suas Hexaplas notava o que faltava nos Setenta, conjectura daqui Martianay, que tanto o exemplar, de onde foi tirada a edição romana, como o Alexandrino, nenhum era o das Hexaplas de Orígenes, mas o que vulgarmente se chamava a Edição Comum. Nota mais Martianay, que de dizer S. Jerônimo, que a omissão do copista dos Setenta procedera, de que ambos os períodos acabavam em flos, se tira um bom exemplo, para se perceber como na primeira Epístola de S. João, Cap. V, podia algum copista omitir no versículo 7 as palavras *Pater, Verbum, et Spiritus*, por causa de que assim o versículo 7, como o versículo 8, acabam nestas palavras: *et hi tres unum sunt.* — Pereira.

(4) **SOBE A UM ALTO MONTE TU, QUE ANUNCIAS** — Manda-se aos Apóstolos, que para anunciarem a todo o Mundo os sublimes mistérios do Evangelho, subam ao alto. E porque haviam de ser grandes as contradições que elles haviam de experimentar no exercicio desta Pregação, diz-lhes o Profeta que não temam, antes se revistam de valor. — S. Jerônimo.

DIZE AS CIDADES DE JUDÁ — Dize às Sinagogas e aos povos dos judeus, dos quais dizia depois o Senhor: "Eu não vim senão para salvar as ovelhas perdidas de Israel." Mt 15, 24. E S. Pedro nos Atos dos Apóstolos, 13, 46: "A vós primeiro que todos importava que se annunciasse esta palavra."

(5) **EIS-AÍ VIRÁ COM ÊLE A SUA PAGA, E DIANTE DELE A SUA OBRA** — E' em termos o que diz a Vulgata: *ecce merces ejus cum eo, et opus illius coram illo.* O que Sacy e de Carrières vertem: "Êle traz consigo as suas recompensas, e traz entre as suas mãos o prêmio de seus trabalhos." Le Gros: "Êle traz consigo as suas recompensas e o prêmio que êle há-de dar aos trabalhos, vem diante dêle." Eu comparando o presente versículo de Isaías com o que Cristo diz no Apocalypse falando da sua segunda vinda, (Apç

11 Ele apascentará como pastor o seu rebanho: Ajuntará pela força do seu braço os cordeiros, e os tomará no seu seio, ele mesmo levará sobre si as ovelhas que estiverem prenhes.

12 Quem é que mediu as águas com o seu punho, e pesou os céus com o seu palmo? quem sustentou em três dedos toda a massa da terra, e pôs em peso os montes, e em balança os outeiros?

13 Quem ajudou o Espírito do Senhor? ou quem foi o seu Conselheiro, que o dirigiu?

14 Com quem tomou ele conselho, que o instruiu, e lhe ensinou a vereda da justiça e o aperfeiçoou na ciência, e lhe mostrou o caminho da prudência?

15 Eis-aí está que são reputadas as gentes como uma pinga de água que cai dum balde, e como um grão de peso na balança: Eis-aí estão as ilhas como pó miúdo.

16 E não bastará o Líbano para queimar, e não bastarão os seus animais para um holocausto.

17 Assim são na sua presença todas as gentes como se não fôsem, e por ele sempre foram reputadas por um nada e como uma coisa vã.

22, 12.) “Eu não tardo em vir, e comigo vem a minha paga, para retribuir a cada um segundo as suas obras,” entendo que o que aqui se diz a “sua paga,” é a que Cristo traz para os que crerem no seu Evangelho, e observarem o que ele manda, e o que se diz a “sua obra,” são os merecimentos dos Santos, a que ele dará a vida eterna, os quais Cristo chama “obra sua”, porque como diz Santo Agostinho, *quid sunt opera nostra nisi munera tua?* que outra coisa são as nossas boas obras, senão dádivas tuas? E estas boas obras dos Santos, que são também obra de Cristo, porque são feitas pela sua graça, diz o Profeta que vêm diante d’ele, porque juntamente com os preceitos do Evangelho promete Cristo aos Apóstolos uma copiosa paga nos Céus. *Quoniam merces vestra copiosa est in caelis.* — Pereira.

18 A quem pois tendes vós assemelhado a Deus? ou que imagem fareis dêle?

19 Porventura não foi o artífice o que fundiu a estátua? Ou o ourives do ouro não a formou de ouro, e o ourives da prata não a cobriu com chapas de prata?

20 O hábil artífice escolheu uma madeira forte e incorruptível: Procura ver o como há de assentar a estátua de modo que não dê de si.

21 Acaso não o sabeis vós? acaso não o ouvistes? acaso não vos foi anunciado desde o princípio? acaso não tendes entendido os fundamentos da terra?

22 Êle é o que está assentado sôbre a redondeza da terra, e os habitantes desta vêm a ser como gafanhotos: Êle o que estendeu os céus como um nada, e os desenrolou como tenda para habitar.

23 Êle o que reduz os esquadrinhadores dos segredos a ficarem como se não foram, tornou como em coisa vã os juizes da terra:

24 E na verdade o seu tronco nem foi plantado, nem semeado, nem arraigado na terra: Êle repentinamente assoprou nêles, e se secaram, e levá-los-á como palha o torvelinho.

25 E a quem me assemelhastes vós, e igualastes? diz o Santo.

26 Levantai vossos olhos ao alto, e vêde quem criou êsses corpos celestes: Quem faz marchar em ordem o exército das estrêlas, e as chama a tôdas pelos seus nomes: Pela eficácia da sua fortaleza e fôrça e poder, nem uma só faltou.

27 Porque dizes, ó Jacó, e falas, ó Israel: O meu caminho está escondido ao Senhor, e o meu juízo passou por alto ao meu Deus?

28 Porventura não o sabes, ou não o ouviste? Deus é o sempiterno Senhor, que criou os têrmos da terra: Êle não

desfalecerá, nem se fatigará, nem há investigação que alcance a sua sabedoria.

29 Ele é o que dá força ao cansado: E o que multiplica a fortaleza e o vigor àqueles que não são fortes.

30 Desfalecerão os meninos, e fatigar-se-ão, e os mancebos cairão de fraqueza.

31 Porém os que esperam no Senhor, terão sempre novas forças, tomarão asas como de águia, correrão e não se fatigarão, andarão e não desfalecerão.

CAPÍTULO 41

PROVAS DO INFINITO PODER DE DEUS. O JUSTO CHAMADO DO ORIENTE. REDENÇÃO DE JACÓ. VAIDADE DOS ÍDOLOS.

1 Calem-se diante de mim as ilhas, e tomem as gentes novas forças: Cheguem-se e então falem, vamos juntos a juízo.

2 Quem suscitou do Oriente o justo, e o chamou para que o seguisse? Ele humilhará as nações na sua presença, e o fará superior aos reis: Entregá-los-á à sua espada como pó, ao seu arco bem como palha arrebatada do vento. (1)

(1) **QUEM SUSCITOU DO ORIENTE O JUSTO** — Os Padres gregos com S. Cirilo, Teodoreto e Procópio entendem por este justo, a Cristo Salvador do Mundo, o qual o seu Eterno Padre quis que tomasse carne humana na Judéia, para nos livrar do cativeiro do demônio. S. Tomás, Nicolau de Lira, Vatablo, Foreiro, Duhamel e outros têm que é Abraão, a quem o Senhor chamou de Mesopotâmia para a Palestina para estabelecer nela o verdadeiro culto, e esta é a sentença que o padre de Carrières seguiu na sua Paráfrase. Calmet com Éstio e outros muitos modernos têm por mais provável, que o justo de quem aqui fala Isaías, é Ciro, que da Pérsia, que fica ao Oriente da Judéia, foi escolhido por Deus para livrar o seu povo do cativeiro de Babilônia, e que no fim do capí-

3 Ele os perseguirá, passará em paz, não aparecerá rasto em seus pés. (2)

4 Quem obrou, e fez estas coisas, chamando as gerações desde o princípio? Eu que sou o Senhor, eu que sou o primeiro e o último. (3)

5 As ilhas viram, e temeram, as extremidades da terra pasmaram, elas se aproximaram e se chegaram.

6 Cada um auxiliará o seu próximo, e dirá a seu irmão: Esforça-te.

7 O oficial latoeiro batendo com o martelo esforçou ao que batia ao mesmo tempo na bigorna, dizendo: Isto é bom para a soldadura: E segurou-o com pregos, para que não abalasse. (4)

8 Porém, tu Israel, servo meu, tu, Jacó, a quem eu escolhi, tu linhagem de Abraão, meu amigo:

9 Na pessoa do qual eu te tomei das extremidades da terra, e dos seus países remotos te chamei, e te disse: Tu és meu servo, eu te escolhi, e não te rejeitei:

10 Não temas porque eu sou contigo: Não te desencaminhes, porque eu sou o teu Deus: Eu te confortei, e auxiliiei e a destra do meu justo te tomou.

11 Eis-aí serão confundidos, e ficarão cobertos de

tulo 44, e princípio do capítulo 45, é nomeado pelo seu próprio nome nesta mesma Profecia, como Libertador do Povo Judaico, e Restaurador de Jerusalém, e do seu Templo. Tôdas estas interpretações reconhece S. Jerônimo, e sem impugnar nenhuma delas, a tôdas prefere a primeira. Cfr. Glaire, edig. cit.

(2) **NÃO APARECERÁ RASTO EM SEUS PÉS** — Tanta será a velocidade com que vença a todos, que mais parecerá voar, que andar. — *Pereira.*

(3) **EU QUE SOU O PRIMEIRO E O ÚLTIMO** — O mesmo repete adiante no cap. 44 versículo 2. O mesmo repetiu Deus depois por S. João, Apc 1, 8-17; 21, 6; 22, 13. “Eu sou o Alfa, o Ômega, o primeiro e o último, o princípio e o fim.” — *Pereira.*

(4) **E SEGUROU-O COM PREGOS** — Ao ídolo. — *Pereira.*

pejo todos aquêles que pelem contra ti: Serão como se não fôsem, e perecerão os homens que te contradizem.

12 Tu buscarás êsses homens, que se levantam contra ti: E não os acharás: Êles serão como se não fôsem, e reduzir-se-ão a uma como aniquilação os homens que fazem guerra contra ti.

13 Porque eu sou o Senhor teu Deus, que te tomo pela mão, e te digo: Não temas, eu sou o que te tenho ajudado.

14 Não temas, ó bichinho de Jacó, nem vós os que sois mortos de Israel: Eu te tenho auxiliado, diz o Senhor: E o teu redentor é o santo de Israel. (5)

15 Eu te pus como carro novo que trilha, armado de dentes de ferro, que cortam à maneira de serra: Tu virás a trilhar os montes, e os farás em migalhas: E reduzirás como a pó os outeiros.

16 Tu os sacudirás ao ar, e levá-los-á o vento, e o torvelhinho os espalhará: E tu exultarás no Senhor, alegrar-te-ás no Santo de Israel.

17 Os necessitados e os pobres buscam água, e não a há: A língua dêles secou-se de sede. Eu, o Senhor, os atenderei, eu, o Deus de Israel, não os desampararei.

18 Eu farei sair rios nos empinados outeiros, e rebentar fontes no meio dos campos: Reduzirei os desertos a tanques de águas, e a terra sem caminhos a arroios de águas.

(5) **NÃO TEMAS, Ó BICHINHO DE JACÓ** — Chama Deus bichinho a Jacó, e considera mortos os filhos de Israel, atendido o deplorável estado de abatimento e de miséria, a que a posteridade daquele patriarca se achava reduzida ao cativeiro de Babilônia. — *Pereira.*

OS QUE SOIS MORTOS DE ISRAEL — Ou os que sendo da parte de Israel, vos achais mortos, isto é, perdidos. O hebreu: "Que estais reduzidos a um pequeno número. — *Pereira.*

19 Farei nascer na solidão o cedro, e o espinheiro, e a murta, e a árvore da azeitona: Porei no deserto juntamente a faia, o olmeiro, e o buxo:

20 Para que vejam, e saibam, e considerem, entendam igualmente que a mão do Senhor fêz esta maravilha, e o Santo de Israel é o autor dela. (6)

21 Chegai-vos a defender a vossa causa, diz o Senhor: Alegai as vossas razões, se acaso é que tendes alguma, diz o rei de Jacó.

22 Venham, e anunciem-nos tôdas as coisas que estão para vir: Relatai as antigas que já passaram, e pôr-nos-emos a escutá-las de todo o nosso coração, e viremos a saber os últimos fins delas, e mostrai-nos as que hão de vir.

23 Anunciai as coisas que têm de vir para o futuro e ficaremos sabendo que vós sois deuses: Também fazei bem ou mal, se podeis: E falemos, e vejamo-lo ao mesmo tempo.

24 Eis-aí está, que vós vindes do nada, e a vossa obra daquilo que não é: A abominação é quem vos escolheu.

25 Eu o suscitei do Aquilão, e elle virá de onde nasce o sol: Elle invocará o meu nome, e tratará aos magistrados como lôdo, e como oleiro que pisa o barro calcando o chão. (7)

(6) **FEZ ESTA MARAVILHA** — A letra: fêz isto, e o santo de Israel criou, ou segundo os Setenta, o mostrou, isto é, o fêz. — *Pereira.*

(7) **EU O SUSCITEI DO AQUILÃO, E ELE VIRÁ DE ONDE NASCE O SOL** — S. Jerônimo por este chamado Aquilão entende o povo gentílico, porque, na frase da Escritura, do Aquilão vem todo o mal, isto é, da idolatria, e pelo que há de vir do Oriente, entende a Cristo, que na mesma Escritura é chamado Oriente. Calmet quer que se aluda aqui a Ciro, o qual por Cambyzes seu

26 Quem anunciou isto desde o princípio para que nós o saibamos: E desde o princípio para que digamos: Tu és justo? Não há nem quem anuncie, nem quem prediga, nem quem ouça os vossos discursos.

27 Ele será o primeiro que diga a Sião: Ei-los aqui, e eu darei a Jerusalém um evangelista. (8)

28 E olhei, e não havia ali destes nenhum que entrasse em conselho, e que perguntando respondesse palavra.

29 Eis-aqui como todos eles são injustos, e vãs as suas obras: Vento e vaidade os seus simulacros.

CAPÍTULO 42

CARACTERES DO LIBERTADOR DE ISRAEL. AÇÕES DE GRACIAS AO SENHOR, QUE CASTIGA OS ÍMPIOS, E LIVRA O SEU POVO DA CEGUEIRA E DA OPRESSÃO.

1 Eis-aqui o meu servo, eu o ampararei: O meu escolhido, nêle pôs a minha alma a sua complacência: Sô-

pai era persa, e por Mandane sua mãe era medo, e tanto a Pérsia como a Média estão ao Oriente setentrional da Judéa.

(8) **EI-LOS AQUI** — A saber, os meus profetas, conforme Duhamel, ou os seus filhos, conforme de Vence. Se não é que a alguém pareça melhor construir aquêl *Primus ad Sion dicet: Ecce adsunt* da Vulgata, como o fez Le Gros: “Eu sou o primeiro que digo a Sião: Eis-aqui os teus libertadores, etc.” O caso é que o hebreu não traz *dicet* nem outro algum verbo, talvez porque escapou aos primeiros copistas. Portanto suspeitava o abade de Vence, que originalmente estaria escrito: *Primus ad Sion dico* ou *dicam*, e que este *dicam* corresponderia bem ao outro futuro *dabo* que se segue. O padre de Carrières vai por outro caminho, quando verte o *Ecce adsunt* dêste modo: e eis-aqui cumpridas as minhas predições...

bre êle derramei o meu espírito, êle promulgará a justiça às nações. (1)

2 Não clamará, nem fará acepção de pessoas, nem a sua voz se ouvirá fora.

3 Não quebrará a cana rachada, nem apagará a torcida que ainda fumea: Fará justiça conforme a verdade. (2)

4 Não será triste, nem turbulento, até que estabeleça na terra a justiça: E as ilhas esperarão a sua lei. (3)

5 Eis-aquí o que diz o Senhor Deus que criou os céus, e que os estendeu: O que firma a terra e as plantas que dela brotam: O que dá o fôlego ao povo que está sobre ela, e o espírito aos que a pisam.

6 Eu sou o Senhor, que te chamou em justiça, e te

(1) **MEU SERVO** — No entender dos exegetas católicos, neste versículo e nos seguintes Isaias fala muito claramente do Messias e da redenção do gênero humano, e os evangelistas aplicaram a Jesus Cristo o que aqui se diz do libertador de Israel. Há no entretanto expressões que se referem a Ciro, e à libertação dos israelitas do cativeiro de Babilônia.

(2) **NÃO QUEBRARÁ A CANA RACHADA** — A todos se mostrará brando e afável, e perdoará aos pecadores. Como quando êle disse: "Confia, filha, os teus pecados te são perdoados." — S. Jerônimo.

NEM APAGARÁ A TORCIDA QUE AINDA FUMEGA — Os que estão próximos a ser extintos êle por sua clemência os conservará. — S. Jerônimo.

(3) **NÃO SERÁ TRISTE, NEM TURBULENTO** — A ninguém aterrá com a tristeza do rosto, nem será apressado para castigar, como quem tem guardado para o último dia a verdade e severidade do juízo. — S. Jerônimo.

E AS ILHAS ESPERARÃO A SUA LEI — As ilhas, isto é, as gentílicas, esperarão a sua lei, não a que foi dada por Moisés, mas a do Evangelho. Os Setenta verteram aqui "e as gentes esperarão no seu nome". Deve porém entender-se por ilhas as regiões longínquas.

tomei pela mão, e te conservei. E te pus para ser a reconciliação do povo, para luz das gentes:

7 Para abrires os olhos dos cegos, e para tirares da cadeia o prêso, da casa do cárcere os que estavam sentados nas trevas.

8 Eu sou o Senhor, êste é o meu nome: Eu não darei a outrem a minha glória, nem consentirei que se tribute aos ídolos o louvor que só a mim pertence.

9 Aquelas predições que foram as primeiras que vos fiz, vêde como elas já se cumpriram: Também eu agora anuncio outras de novo: Far-vo-las-ei ouvir, antes que sucedam.

10 Cantai ao Senhor um cântico novo, ressoe o seu louvor desde as extremidades da terra: Vós os que desceis ao mar, e a sua plenitude, vós, ilhas, e seus habitantes.

11 Levante-se o deserto, e as suas cidades: Cedar habitará em casas: Louvai-o, habitantes de Petra, êles clamarão desde o alto dos montes. (4)

12 Darão glória ao Senhor, e anunciarão na ilha o seu louvor.

13 O Senhor, como valente que é, sairá a campo; como varão guerreiro, suscitará o seu zêlo: Vozeará, e gritará: Sôbre seus inimigos se esforçará.

14 Tenho-me sempre calado, estive pôsto em silêncio, fui sofrido, falarei como a que está com dores de parto: Destruirei, e devorarei tudo a um mesmo tempo.

15 Farei desertos os montes, e os outeiros, e secarei tôda a sua verdura: E tornarei os rios em ilhas, e esgotarei os tanques.

16 E encaminharei os cegos para a estrada, que não sabem, e fá-los-ei andar por veredas, que sempre ignora-

(4) **PETRA** — Petra era a capital da Arábia Petréia.

ram: Mudarei as trevas diante dêles em luz, e os caminhos torcidos em direitos: Estas maravilhas fiz a favor dêles, e não os desamparei. (5)

17 Voltaram para trás: Confundidos sejam com extraordinária confusão os que põem a sua confiança em imagens de escultura, os que dizem às estátuas de fundição: Vós sois os nossos deuses.

18 Surdos, ouvi, e vós, cegos, abri os olhos para ver.

19 Quem é o cego, senão o meu servo? E o surdo, senão aquêlê a quem eu enviei os meus profetas? Quem é o cego, senão o que foi vendido? E quem é o cego, senão o servo do Senhor?

20 Tu que vês tantas coisas, não as observarás? Tu que tens os ouvidos abertos, não ouvirás?

21 E o Senhor lhe mostrou boa vontade para o santificar, e engrandecer, e exaltar a sua lei.

22 E êste mesmo povo foi saqueado, e devastado: Todos foram o laço para os mancebos, que têm sido metidos a bom recado nas casas dos cárceres: Êles foram pôstos em prêsa, sem haver quem os livre: Expostos ao saque, sem que ninguém diga: Repõe para ali.

23 Quem há entre vós que oiça isto, que atenda e escute as coisas futuras?

24 Quem entregou Jacó, e Israel por prêsa aos devastadores? Acaso não foi o mesmo Senhor, contra o qual pecamos? E êles não quiseram andar nos seus caminhos, nem obedeceram à sua lei.

25 E derramou sôbre êle a indignação do seu furor,

(5) **ESTAS MARAVILHAS** — Assim a Vulgata no pretérito: *Hæc verba feci eis, et non dereliqui eos*, o que os franceses expuseram no futuro. Eu lhes farei tôdas estas maravilhas, e não os desampararei. Sôbre isto já notamos outras vêzes, que nos Profetas se põe muitas vêzes o pretérito pelo futuro sem mudança de sentido. — Pereira.

e uma forte guerra, e queimou-o em circuito, e êle não o conheceu: E incendiou-o e êle não o entendeu. (6)

CAPÍTULO 43

CONSOLAÇÃO AO POVO FIEL. ARGUMENTOS DO INFINITO
PODER DE DEUS. ELE TIRA O SEU POVO DO CATIVEIRO.
RUINA DA BABILÔNIA. INGRATIDÃO DE ISRAEL.

1 E entretanto eis-aqui o que diz o Senhor que te criou, ó Jacó, e que te formou, ó Israel: Não temas, porque eu te remi, e te chamei pelo teu nome: Tu és meu.

2 Quando tu passares pelas águas, eu serei contigo, e os rios não te submergirão: Quando andares pelo fogo, não serás queimado, e a chama não arderá em ti:

3 Porque eu sou o Senhor teu Deus, o Santo de Israel teu Salvador, em teu lugar entreguei o Egito, a Etiópia e Sabá para tua propiciação. (1)

4 Desde que te fizeste digno de honra diante de meus olhos, e glorioso, eu te amei, e entregarei os homens por ti, e os povos pela tua vida.

5 Não temas porque eu sou contigo: Eu trarei do Oriente a tua posteridade, e te congregarei do Ocidente. (2)

(6) **E DERRAMOU SOBRE ELE A INDIGNAÇÃO DO SEU FUROR** — Profecia da forte e cruel guerra, que os romanos depois da morte de Cristo haviam de fazer aos judeus. — S. Jerônimo.

(1) **ENTREGUEI O EGITO** — Isto é, segundo os melhores intérpretes, desviei os assírios que estavam prestes a tomar Jerusalém, que foram combater o Egito, a Etiópia, e o país de Sabá.

(2) **EU TRAREI DO ORIENTE A TUA POSTERIDADE** — Trarei os judeus de Babilônia e da Assíria, que ficam ao Oriente e Aquilão; trá-los-ei do Egito, que fica ao Meio-dia, das ilhas e terras ultramarinas, que ficam ao Ocidente. Isto se cumpriu em tempo de Ciro, e depois em tempo de Dario Histaspes, e no de Alexandre

6 Eu direi ao Aquilão: Dá-mos cá: E ao Meio-dia: Não os tolhas: Trazе meus filhos de climas remotos, e minhas filhas das extremidades da terra.

7 E a todo aquêlе que invoca o meu nome, eu para minha glória o criei, o formei, e o fiz.

8 Tira para fora um povo cego, e que tem olhos: Surdo, e que tem ouvidos.

9 Tôdas as gentes se congregaram juntamente, e as tribos se reuniram: Qual dentre vós anunciará isto, e quanto às coisas que são as primeiras, quem no-las fará ouvir? Produzam testemunhas delas, verifiquem-se as suas predições, e oiçam, e digam: Essa é a verdade.

10 Vós sois as minhas testemunhas, diz o Senhor, e o meu servo a quem escolhi: Para que saibais, e me acrediteis, e entendaís que eu sou o mesmo. Antes de mim não houve quem fôsse formado Deus, nem haverá depois de mim. (3)

11 Eu é que sou, eu é que sou o Senhor, e sem mim não há Salvador.

12 Eu é que vos anunciei, e eu é que vos salvei: Eu vos fiz ouvir, e não houve entre vós estranho: Vós sois as minhas testemunhas, diz o Senhor, e eu sou Deus.

13 E eu sou o mesmo desde o princípio, e não há quem livre a outro da minha mão: Obranei, e quem mo impedirá?

14 Eis-aqui o que diz o Senhor vosso redentor, o Santo de Israel: Por amor de vós mandei eu contra Babi-

Magno, e seus sucessores. Então não só as tribos de Judá e Benjamim, mas tôdas as dez de Israel, voltaram para a Judéia; de sorte que em tempo de Cristo, e já de muito antes, estava a Judéia, cheia de seus nacionais, como nunca estivera. — Calmet.

(3) **E O MEU SERVO** — Este que Deus aqui chama seu servo pode ser, ou o mesmo profeta Isaías, ou Ciro; segundo outros, Cristo. Cfr. 42, 1.

lônia, e tirei tôdas as trancas das suas portas, e destruí os caldeus, que se gloriavam nas suas naus. (4)

15 Eu sou o Senhor, o vosso Santo, o Criador de Israel, vosso rei.

16 Eis-aqui o que diz o Senhor, que vos abriu um caminho no meio do mar, e uma vereda entre as torrentes das águas.

17 O que fêz sair carros e cavalos: Tropas e esforçados combatentes, todos êles juntos dormiram, nem se levantaram: Foram desfeitos como uma torcida, e à semelhança dela ficaram apagados.

18 Não vos lembreis das coisas passadas, e não olheis para as antigas. (5)

19 Eis-aqui estou eu que faço novas maravilhas, e elas agora sairão à luz, vós por certo as conhecereis: Abrirei no deserto um caminho, e farei arrebentar rios numa terra por onde se não podia andar.

20 Glorificar-me-á a alimária montesinha, os dragões e os avestruzes: Porque de águas no deserto, rios numa terra por onde se não podia andar, para dar de beber ao meu povo, ao meu escolhido. (6)

21 Eu formei êste povo para mim, êle publicará o meu louvor.

(4) **QUE SE GLORIAVAM NAS SUAS NAUS** — Que tinham pôsto tôda a sua confiança nas suas frotas; porque a concorrência do Tigre e do Eufrates, e a vizinhança do Golfo Pérsico, facilitavam o comércio dos Babilônios. — *Pereira.*

(5) **NÃO VOS LEMBREIS DAS COISAS PASSADAS** — Em comparação das maravilhas que se hão de ver na lei da graça, manda o Senhor que nos esqueçamos dos prodígios, que êle tinha obrado em tempo da lei escrita. — *Pereira.*

(6) **GLORIFICAR-ME-A** — Isto é, os homens até ali de feros e brutais costumes, idólatras e sangüinários, e êsses instruídos e amansados pela palavra do Evangelho me louvarão e glorificarão. — *Pereira.*

22 Tu, Jacó, não me invocaste, nem tu, Israel, te aplicaste a me servir.

23 Não me oferecestes o carneiro do teu holocausto, nem me glorificaste com as tuas vítimas: Não te fiz render serviços com oblações, nem te dei trabalho com perfumes.

24 Tu não deste o teu dinheiro para me comprares cana aromática, nem me embriagaste com a gordura das tuas vítimas. Antes porém me fizeste servir nos teus pecados: Deste-me trabalho com as tuas iniquidades. (7)

25 Eu sou, eu mesmo sou o que apago as tuas iniquidades por amor de mim, e não me lembrarei dos teus pecados.

26 Aviva-me a memória, e juntos advoguemos em juízo a nossa causa: Faze o teu arrazoado, se algum fundamento tens para te justificar.

27 Teu pai me ofendeu primeiro, e os teus intérpretes prevaricaram contra mim. (8)

(7) **ANTES PORÉM ME FIZESTE SERVIR NOS TEUS PECADOS** — Este lugar é em contraposição ao do versículo 23: “Não te fiz render serviços com oblações, nem te dei trabalho com perfumes.” Já se vê que Deus só concorre para a ação material do que peca, visto conservar-lhe a vida e outros requisitos mais de que ele abusa, e não para a malícia da mesma ação. — Pereira.

(8) **TEU PAI ME OFENDEU PRIMEIRO** — Para que tu conheças que eu me compadeço de ti, não por merecimento, mas por clemência minha, defenderei a tua causa desde o tempo de teus pais e maiores para te mostrar que descendeste de pecadores. Teu pai me ofendeu primeiro na solidão. Isto é, todo o povo de Israel, quando adorou o bezerro de ouro. Ou Abraão fundador da sua gente me ofendeu primeiro, quando, prometendo-lhe eu que a sua descendência possuiria a terra de Canaã, respondeu ele: “Por onde posso eu conhecer que a hei de chegar a possuir?” Gên 15, 8. E os teus intérpretes, a saber: Aarão e Moisés, me desobedeceram junto às águas da contradição. Núm 20, 9-12. E para que esta exposição não pareça violenta, sem recorrer a Adão, se-

28 E por isso eu contaminei os príncipes do Santuário, entreguei Jacó ao matadouro, e Israel à blasfêmia.

CAPÍTULO 44

RESTABELECIMENTO DE ISRAEL. SÓ O SENHOR É DEUS.
VAIDADE DOS IDOLOS. REINADO DE CIRÓ. TOMADA DE
BABILÔNIA. REEDIFICAÇÃO DE JERUSALÉM.

1 Agora pois ouve-me tu, ó Jacó servo meu, e tu, ó Israel, a quem escolhi. (1)

2 Eis-aqui o que disse o Senhor que te criou e te formou, que desde o ventre de tua mãe foi teu auxiliador: Não temas, servo meu Jacó, e tu, ó retíssimo, a quem escolhi. (2)

3 Porque eu derramarei águas sobre a terra secura, e rios sobre a seca: Derramarei o meu espírito sobre a tua posteridade, e a minha bênção sobre a tua descendência.

gue-se: "E por isso eu contaminei os príncipes do Santuário", isto é, por isso os tratei como contaminados ou profanos, para os não deixar entrar na terra prometida. — S. Jerônimo.

(1) **AGORA POIS, OUVEME TU, Ó JACÓ SERVO MEU** — Mais de uma vez deixou notado S. Jerônimo, que quando Deus argui o povo dos judeus por causa da sua incredulidade e obstinação, não o nomeia senão pelo simples nome de Jacó ou de Israel, como no capítulo 43, versículos 22 e 23. "Tu, Jacó, não me invocaste, nem tu, Israel, te aplicaste a me servir." Quando porém se fala do mesmo povo considerado já justo e fiel em pessoa dos apóstolos, então aos nomes se juntam também os privilégios, como aqui onde se diz: "Agora pois, ouve-me tu, ó Jacó, servo meu, e tu, ó Israel, a quem escolhi. — Pereira.

(2) **O' RETÍSSIMO** — Com branda expressão se chama a Israel retíssimo, porque recebeu de Deus a sua lei, o seu culto e religião em tudo reta. A raiz hebraica indica afortunado. E' sem dúvida um nome simbólico que se aplica a Israel.

4 E eles lançarão os seus arrebentos entre as ervas, como os salgueiros plantados ao pé das águas correntes.

5 Êste dirá: Eu sou o Senhor, e aquêle se apellidará em nome de Jacó, e outro escreverá de seu punho: Ao Senhor: E assemelhar-se-á no nome a Israel. (3)

6 Eis-aqui o que diz o Senhor rei de Israel, e seu remidor, o Senhor dos exércitos: Eu sou o primeiro, e o último, e fora de mim não há Deus.

7 Quem há que seja semelhante a mim? Chame e anuncie: E explique-me por ordem desde que eu formei o antigo povo: Anunciem-lhes a eles o que há de vir e as coisas que têm de succeder.

8 Não temais, nem vos perturbeis: Eu to fiz ouvir desde então e to anunciei: Vós sois as minhas testemunhas: Porventura há outro Deus fora de mim, e outro Opífice, que eu não conheça?

9 Todos os artífices de ídolos são nada, e as suas imagens tão prezadas não lhes aproveitarão: Eles mesmos são testemunhas para sua confusão, de que os seus ídolos não vêem nem entendem.

10 Quem formou um Deus, e fundiu uma estátua para nada útil?

(3) **EU SOU O SENHOR** — Começa aqui a profecia acêrca de Ciro. As promessas tornam-se mais precisas, o profeta anuncia pelo seu nome o futuro libertador de Israel, Ciro. Deus, onipotente e onisciente, quer manter as suas promessas, soerguer Jerusalém, abrir Babilônia ao conquistador — Ciro — que será seu instrumento e o restaurador da cidade santa. Foi esta passagem que os judeus leram a Ciro, depois do cativoiro, segundo atesta Josefo Ant. Jud. 11, 2.

SE APELLIDARA EM NOME DE JACÓ — Chamar-se-á israelita, tomando-o por seu verdadeiro e principal título e timbre. O mesmo vêm a dizer as palavras "e assemelhar-se-á ao nome a Israel" será denominado israelita, isto é, cristão: o grego ou o italiano não se chamará grego nem italiano, mas cristão." — Pereira.

11 Eis-aí está que todos os que têm parte nesta obra, serão confundidos: Porque êstes artífices são uns puros homens: Todos se ajuntarão, apresentar-se-ão e ficarão espavoridos, e serão confundidos.

12 O oficial de ferreiro trabalhou com a lima: Com brasas, e martelos o formou: E o lavrou à fôrça do seu braço: Êle terá fome e desfalecerá, não beberá água, e enfraquecerá.

13 O escultor estendeu a sua régua sobre o pau, êle o formou com o cepilho: Pô-lo em esquadria, e com o compasso lhe deu as devidas proporções: E fêz dêle uma imagem de varão como homem bem apessoado que habita numa casa.

14 Cortou cedros, tomou uma azinheira, e um carvalho, que estivera entre as árvores de um bosque: Plantou um pinheiro, que criou a chuva.

15 E esta árvore serviu aos homens para o fogão: Êle mesmo tomou parte das mencionadas árvores, e com ela se aqueitou, e a acendeu, e cozeu um par de pães: E do mais que ficou fêz êle um Deus, e o adorou: Fêz uma estátua e prostrou-se diante dela.

16 A metade dêste pau queimou êle no fogo, e com a outra metade cozinhou as carnes que comeu: Acabou de cozer as suas viandas, e fartou-se delas e aqueitou-se, e disse: Bom, aqueitei-me, já vi aceso o fogão.

17 E do que ficou do mesmo pau fêz êle para si um ídolo: Diante do qual se prostra, e o adora, e lhe roga, dizendo: Livra-me, porque tu és o meu Deus.

18 Êles não souberam nem entenderam: Porque os seus olhos estão cobertos para que não vejam, nem entendam em seu coração.

19 Não refletem dentro no seu espírito, nem conhecem, nem entendem, para discorrer: eu acendi o lume com a metade desta madeira, e cozi êsse par de pães.

sôbre as suas brasas: cozi carnes e comi-as, e então do seu resto farei eu um ídolo? prostrar-me-ei diante do tronco de uma árvore?

20 Uma parte dêste pau está já feita em cinza: Sem embargo disso, o seu coração insensato adorou a outra, e ele não livrará a sua alma, nem dirá: Esta obra feita pela minha destra é talvez uma mentira.

21 Lembra-te destas coisas Jacó, e Israel, porque tu és meu servo: Eu te formei, tu és meu servo, Israel, não te esqueças de mim.

22 Eu desfiz as tuas iniquidades como uma nuvem, e os teus pecados como uma névoa: Torna para mim, porque eu te resgatei.

23 Louvai-o, ó céus, porque o Senhor fêz misericórdia: Saltai de júbilo, ó extremidades da terra, repeti em ecos os seus louvores: vós, montes, bosques e tôdas as suas árvores: Porque o Senhor resgatou a Jacó, e Israel ficará sendo um povo glorioso.

24 Eis-aqui o que diz o Senhor que te remiu, e que te formou no ventre de tua mãe: Eu sou o Senhor que faço tôdas as coisas, eu o que só estendi os céus, o que firmei a terra, sem que ninguém para isso me ajudasse.

25 Eu sou o que faço baldar o prognóstico dos adivinhos, e o que torno furiosos aos agoureiros. Eu o que faço tornar atrás aos sábios: E o que deixo infatuada a sua ciência.

26 Eu o que suscito a palavra dos meus profetas. O que digo a Jerusalém: Tu serás habitada; e às cidades de Judá: Vós sereis edificadas, e tornarei a povoar os seus desertos.

27 Eu o que digo ao abismo: Esgota-te, e secarei os teus rios.

28 Eu o que digo a Ciro: Tu és o pastor do meu rebanho, e tu cumprirás em tudo a minha vontade. O

que digo a Jerusalém: Tu serás edificada; e ao Templo: Tu serás fundado. (4)

CAPÍTULO 45

VITÓRIAS DE CIRO. REINADO DE JUSTIÇA. LIVRAMENTO DE ISRAEL. O SENHOR CONHECIDO PELAS NAÇÕES. ELE SÓ É O VERDADEIRO DEUS. TODOS OS POVOS O CONHECE-RAO. TODO ISRAEL SE GLORIARÁ NÊLE.

1 Eis-aqui o que diz o Senhor a **Ciro** meu Cristo, a quem eu tomei pela destra para lhe sujeitar ante a sua face as gentes, e fazer voltar as costas aos reis, e abrir diante dêle as portas, e estas mesmas portas não se fecharão. (1)

2 Eu irei diante de ti: E humilharei os jactancio-

(4) **CIRO** — O nome de **Ciro** significa, segundo **Ctesias** e outros, o sol. Parece provir da mesma raiz, mas não se confunde com o nome de sol, que é em zendé, *hvaré* (*kará*) de onde tiraram o nome próprio *Charsid* e que significa o brilho do sol. Nos monumentos, o nome de **Ciro** escrito *Kuru* ou *Khuru*; assim lê-se sobre o seu túmulo: *Adam K'ur'us Khsayathiya Hakkamanisiya*. Eu sou **Ciro**, o rei, o *Aquemênidas*. Seu nome é idêntico ao do rei *Kur*. *Estrabão* 15, 3.6. O túmulo de **Ciro** está descrito em *Kosso-wicz*, *Inscriptiones paleopersicæ*. Veja-se *Flandin* e *Corte*, *Voyage en Perse*. *Vigouroux* na respectiva nota da edição da *Sainte Bible* de *Glaire*, faz sentir que “**Ciro**, rei da Pérsia, é chamado pelo seu próprio nome mais de cem anos antes do seu nascimento, o que prova até à evidência a inspiração divina do profeta **Isaías**.”

O PASTOR — Este epíteto indica a sua qualidade de rei, porque os antigos davam o título de pastores aos reis; é como **Homero** os apelida. Ainda sob este aspecto **Ciro** é a figura de **Jesus Cristo**, o pastor por excelência, *Pastor bonus*.

(1) **MEU CRISTO** — Isto é, meu ungido, porque **Deus** o tinha escolhido para rei dos persas e medos, e entre os hebreus os reis eram ungidos com óleo bento, costume que passou para os reis católicos.

sos da terra: E arrombarei as portas de bronze, e quebrarei as trancas de ferro. (2)

3 E dar-te-ei os tesouros escondidos, e as riquezas aferrolhadas: A fim de que tu saibas, que eu sou o Senhor, o Deus de Israel, que te chamo pelo teu nome. (3)

4 Por amor do meu servo Jacó, e de Israel meu escolhido, e te chamei pelo teu nome: Eu te assemelhei e tu não me conheceste. (4)

(2) **E ARROMBAREI AS PORTAS DE BRONZE** — Heródoto no livro I, cap. 179, certifica que Babilônia tinha cem portas de bronze, que pareciam fazê-la inconquistável. — Pereira.

(3) **E DAR-TE-EI OS TESOUROS ESCONDIDOS** — As riquezas de Creso, de que Ciro se fez senhor, foram tão grandes, que passaram em provérbio. As quais ele achou em Babilônia podem conhecer-se, pelo que deixou escrito Plínio no livro XXXIII, capítulo 3, onde diz, que na tomada de Babilônia levava Ciro quinhentos mil talentos de prata, e uma infinidade de vasos de ouro, em que entrava uma taça que fôra de Semíramis, que só ela pesava quinze talentos egípcios, tendo cada talento oitenta libras romanas. — Pereira.

(4) **POR AMOR DE MEU SERVO JACÓ** — Isto é, para vingar o povo que me adora, que eu escolhi, e que eu protejo com particular afeto.

EU TE ASSEMELHEI — Assim em termos a Vulgata, Assimilavi te; e quer dizer o Senhor, que ele assemelhara Ciro a seu Unigénito Filho encarnado, enquanto honrara a Ciro com o título de seu Cristo, ou de seu Ungido, que havia de ser característico do Divino Salvador, e enquanto, assemelhando-o no nome, o declara figura e imagem sua na dignidade de Rei e no ofício de Libertador. Assim o explica S. Jerônimo.

E TU NÃO ME CONHECESTE — Uns subentendem, e tu não me conheceste, antes que os judeus te mostrassem o teu nome escrito nos Sagrados Livros, ou, e tu não me conheceste, enquanto ainda não eras nada. Obriga-os a recorrer a estas interpretações o ver, que Ciro no Editto que publicou a favor da liberdade dos judeus, confessa claramente, que da mão do Senhor Deus do Céu lhe tinham vindo todos os reinos que possuía na terra. *Omnia regna*

5 Eu sou o Senhor, e não há mais: Fora de mim não há Deus: Eu te meti as armas na mão, e tu não me conheceste: (5)

6 Para que saibam os que há desde o nascimento do sol, e os que habitam desde o seu ocaso, que o não há fora de mim: Eu sou o Senhor, e não há outro.

7 Eu o que formo a luz, e crio as trevas, o que faço a paz, e crio o mal: Eu sou o Senhor, que faço tôdas estas coisas. (6)

8 Derramai, ó céus, lá dessas alturas o vosso orvalho, e as nuvens chovam ao Justo: Abra-se a terra, e brote o Salvador: E ao mesmo tempo nasça a justiça: Eu sou o Senhor que o criei. (7)

terræ dedit mihi Dominus, (1 Esd 1, 2.) Mas S. Jerônimo ainda à vista desta confissão de Ciro, quer que em todo o rigor se verifique, que ele não conheceu a Deus, porque conhecendo-o por Autor de tantas vitórias, não lhe deu o culto que lhe devia, antes perseverou em adorar os ídolos. *Tu autem non cognovisti me, id est, simulacra coluisti, non Deum.* — S. Jerônimo.

(5) **E NÃO HÁ MAIS** — Isto é, e ninguém mais há que seja Senhor, ou se possa verdadeiramente intitular Senhor. — *Pereira.*

FORA DE MIM NÃO HÁ DEUS — Com muita propriedade diz o Senhor, que fora d'ele não há Deus, porque o filho que também é Deus, por isso o é, porque está n'ele e com ele. Jo 1, 1. — S. Jerônimo.

(6) **EU O QUE FORMO A LUZ, E CRIO AS TREVAS** — Este texto é capital e decretório contra o erro das marcionistas e maniqueus, que punham dois princípios sumos, um Autor do bem, outro Autor do mal, porque se não fala aqui do mal moral, que não tem ser, e só consiste na privação do bem oposto, mas do mal físico, que consiste em tudo o que nos afflige, como são as doenças, os venenos, as guerras, as fomes, as epidemias, as tristezas, os fastios, os tormentos. — *Pereira.*

(7) **DERRAMAI Ó CÉUS, LA DESSAS ALTURAS O VOSSO ORVALHO** — Estas são as rogativas, que a Igreja põe na bôca de seus filhos pelo tempo do Advento, para lhes fazer desejar e pedir

9 Ai daquele que contradiz ao seu Criador, vasilha de terra de Samos! Porventura dirá o barro ao oficial que o maneja: Que fazes e a tua obra é sem mãos? (8)

10 Ai do que diz ao pai: Por que me geraste? E à mãe: Por que me deste à luz? (9)

11 Eis-aqui o que diz o Senhor, o Santo de Israel, o que o criou: Perguntai-me as coisas futuras, demandai-me que é o que eu estou para fazer acêrca de meus filhos, e acêrca da obra de minhas mãos.

12 Eu é que fiz a terra e quem sôbre ela criou o homem, fui eu: As minhas mãos estenderam os céus e a tôda a milícia dêles dei as minhas ordens.

13 Eu o suscitei para fazer justiça e dirigirei todos os seus caminhos: êle mesmo edificará a minha cidade e deixará ir livres os meus cativos, não por ajuste de dinheiro nem por presentes, diz o Senhor Deus dos exércitos. (10)

a Deus a graça do Nascimento de Jesus Cristo, o Justo por excelência, e o Salvador dos homens. Cfr. Missal Romano.

EU SOU O SENHOR QUE O CRIEI — Ninguém se escandalizará de ouvir dar o nome de criatura a Jesus Cristo, em advertindo que êle mesmo enquanto homem se chama nas Escrituras bichinho e servo, e brotando da terra. — S. Jerônimo.

(8) **VASILHA DA TERRA DE SAMOS** — Quer dizer, seguindo à letra o original, homem que é apenas um vaso de barro, inútil e sem valor.

E A TUA OBRA É SEM MÃOS — Quer dizer, uma inutilidade.

(9) **E A MÃE** — à letra: e à mulher. — Pereira.

(10) **EU O SUSCITEI PARA FAZER JUSTIÇA** — Todo êste verso e o seguinte se podem entender ou no sentido histórico de Ciro, Vingador e Libertador do Povo Judalco, e Vencedor famoso das Nações (pois como dêle escreve Heródoto no Livro I, Cap. 204), foi Ciro um Príncipe tão feliz, que nada empreendeu que não conseguisse, ou no sentido tropológico de Cristo Salvador e Libertador de todo o gênero humano, e Fundador da Jerusalém espiritual, que é a sua Igreja. Dêstes dois sentidos o segundo é o

14 Eis-aqui o que diz o Senhor: O trabalho do Egito, e o tráfico da Etiópia e os de Sabaim varões de grande estatura, passarão para ti, e serão teus. Êles caminharão atrás de ti, irão com algemas nas mãos. E te adorarão, e far-te-ão as suas súplicas dizendo: Só em ti está Deus, e fora de ti não há Deus.

15 Tu verdadeiramente és um Deus escondido, o Deus de Israel, o Salvador. (11)

16 Todos êles ficaram confusos e envergonhados: Caíram juntamente na afronta os fabricantes dos erros. (12)

17 Israel foi salvo no Senhor com uma salvação eterna: Vós não sereis confundidos, nem se vos fará a face vermelha até o século do século. (13)

que S. Jerônimo adota por mais conforme às intenções do Espírito Santo, que inspirava no espírito de Isaías, para dizer o que dizia. E é muito para notar, que no presente texto não exprime o Profeta o nome de Ciro, que todos os meus intérpretes substituem por acusativo do verbo Suscitavi, mas usa do pronome eum, como deixando ao senso dos intérpretes escolher, a qual dos dois êle se refira, ou a Ciro, ou a Cristo. — Pereira.

(11) **TU VERDADEIRAMENTE ÊS UM DEUS ESCONDIDO** — Suponhamos que em Ciro está Deus, e que não há outro Deus, que o que está em Ciro: como pode convir à pessoa de Ciro o que se segue: Tu verdadeiramente és um Deus escondido? Logo pelo Deus em que está Deus, se entende com mais razão Nosso Senhor Jesus Cristo, que diz no seu Evangelho: Eu e o Pai somos uma mesma coisa. O qual se chama Deus escondido, por causa do mistério da Humanidade assumta e Deus de Israel, Salvador, que isso quer dizer Jesus. — S. Jerônimo.

(12) **OS FABRICADORES DOS ERROS** — Isto é, os escribas e fariseus, que por todo o mundo espalharam a mentira, como quando peitaram os guardas do sepulcro do Senhor, para dizerem que os apóstolos o tinham furtado dêle. — S. Jerônimo.

(13) **ISRAEL FOI SALVO NO SENHOR COM UMA SALVAÇÃO ETERNA** — Por Israel recebendo do Senhor uma salvação

18 Porque eis-aqui o que diz o Senhor, que criou os céus, o mesmo Deus que formou a terra, e a fêz, êle é o seu Opífice: Não foi em vão que a criou: Para ser habitada a formou: Eu sou o Senhor e não há outro.

19 Não tenho falado em oculto nalgum lugar tenebroso da terra: Não disse à linhagem de Jacó: Buscai-me em vão: Eu sou o Senhor, que falo a justiça, que anuncio o que é reto.

20 Congregai-vos, e vinde, e chegai-vos todos juntos, os que fôstes salvos dentre as gentes: Insensatos se têm mostrado os que levantam o lenho da sua escultura e fazem rogativas a um Deus que não salva.

21 Anunciai, e vinde, e tomai conselho todos juntos: Quem fêz ouvir isto desde o princípio, desde então o predisse? Porventura não sou eu o Senhor, e não é assim que não há outro Deus senão eu? Deus justo, e Salvador não o há fora de mim.

22 Converttei-vos a mim, e sereis salvos todos os termos da terra: Porque eu sou Deus, e não há outro.

23 Eu jurei por mim mesmo, da minha bôca sairá esta palavra de justiça, e ela não voltará em vão:

24 Porque todo o joelho se dobrará diante de mim, e tôda a língua jurará.

25 Logo no Senhor, dirá ela, são fundadas as minhas justiças e o império: A êle virão, e serão confundidos todos os que lhe repugnam.

26 No Senhor será justificada e louvada tôda a descendência de Israel.

eterna, se entende o colégio dos apóstolos, e os que por meio dos apóstolos creram no Evangelho. — S. Jerônimo.

CAPÍTULO 46

RUÍNA DOS ÍDOLOS DE BABILÔNIA. ISRAEL PROTEGIDO DO SENHOR. SÓ O SENHOR É O VERDADEIRO DEUS. TODOS OS SEUS DESÍGNIOS SE CUMPREM. PROMESSAS DO LIBERTADOR.

1 Bel foi quebrado, Nabo foi feito em pedaços: Os seus simulacros foram repartidos pelas alimárias e jumentos, cargas que vós leváveis de grande pêso até cansardes. (1)

(1) **BEL** — Ou Bellus é o primeiro rei dos babilônios, considerado por estes como um deus. Sôbre o seu túmulo edificaram um majestoso templo. Isaías, depois de ter profetizado que Israel deveria a libertação a Ciro, anuncia-nos como êle tratará a Babilônia. Começa por predizer a queda de seus deuses.

NABO — Divindade da Babilônia. Ciro destruiu as suas imagens e deu outras applicações ao ouro e prata de que eram feitos.

OS SEUS SIMULACROS FORAM REPARTIDOS PELAS ALIMÁRIAS E JUMENTOS — E' o que são as palavras da Vulgata: *Facta sunt simulacra eorum bestis et jumentis*: às quais eu me tenho proposto acomodar religiosamente a minha tradução. Ora êste repartir pelas alimárias e jumentos os ídolos dos babilônios, entende-se de dois modos: um enquanto foram dados às bêstas para serem levados por elas como carga; outro, enquanto lhes foram dados, como quinhão que lhes coube no esbulho daquela cidade. Um e outro sentido reconheceu Foreiro; mas o primeiro é o que adotaram Sacy, Le Gros, e Carrières vertendo assim: "Os ídolos dos babilônios foram postos em cima de bêstas e em cima de cavalos. Qualquer dêles porém que se admita, nêle faz o profeta irrisão dêstes falsos deuses, nêle alude também ao costume dos antigos vencedores, que, quando tomavam alguma cidade, levavam cativos tanto os deuses como os homens. "Tot de diis, quot de hominibus triumphi," dizia Tertulliano no seu Apologético. S. Jerônimo seguiu outro caminho na exposição do presente texto, porque assim o entendeu do hebreu, como se o profeta dissesse: "Simulacra eorum similia sunt brutis." Isto é: os ídolos dos babilônios têm a figura e semelhança de brutos. O que êle confirma com o exemplo do Egito, que não só adorava por deuses vários

2 Apodreceram, e todos juntos se fizeram em mi-
galhas: Não puderam salvar ao que os levava, e a sua
alma irá para o cativeiro. (2)

3 Ouvi-me, casa de Jacó, e todo o resto da casa de
Israel, vós com quem ando no meu seio, a quem trago
nas minhas entranhas.

4 Eu mesmo vos trarei até à velhice e até me virem
as cãs: Eu vos criei, e eu vos susterei: Eu vos trarei, e
vos salvarei.

5 A quem me assemelhastes vós, e igualastes, e me
comparastes, e fizestes parecido?

6 Vós que tirais o ouro do vosso saquitel, e pesais
a prata na balança: Que ajustais um ourives para que
faça um Deus: E se prostram diante d'êlê, e o adoram.

7 Põem-no às costas, carregando com êle, e colo-
cando-o no seu lugar: E ali persistirá, e do seu pôsto
se não moverá: E ainda quando clamarem a êle, não
ouvirá: Da tribulação êle os não salvará.

8 Lembrai-vos disto, e confundi-vos: Voltai, pre-
varicadores, para dentro do vosso coração. (3)

animais, mas d'êles denominava muitas cidades suas. E sem sair
de Babilônia podia o santo doutor confirmar isto da história do
Dragão, que se lê no capítulo 16, de Daniel. Mas quanto se pode
colhêr do que os deuses de Babilônia escreveu Baruc no capítulo
6, a figura que os artífices ordinariamente lhe davam era a hu-
mana: e o mesmo escreve d'êles Heródoto no livro I, cap. 181. Nem
parece ter sido outra a figura de Bel, de que no mesmo lugar
acima citado fala Daniel. Assim nesta parte nenhum reparo fize-
ram os referidos modernos em se apartar da interpretação de
S. Jerônimo. — *Perelra.*

(2) **E A SUA ALMA IRÁ PARA O CATIVEIRO** — Pela fi-
gura catacrese que quer dizer: "Abusam de palavra" se atribui
aqui alma aos ídolos, não obstante serem insensíveis. — *S. Jerô-
nimo.*

(3) **VOLTAI, PREVARICADORES, PARA DENTRO DO**

9 Lembrai-vos do século antigo, porque eu sou Deus, e não há mais Deus, nem há outro semelhante a mim:

10 Eu sou o que anuncio desde o princípio o que há de acontecer no fim, e muito tempo antes as coisas que ainda não têm sido feitas, dizendo: O meu conselho subsistirá, e toda a minha vontade se fará:

11 Eu o que chamo desde o Oriente a uma ave, e duma remontada terra a um varão da minha vontade, e tenho-o dito, e eu o cumprirei: Tenho-o intentado, e eu o executarei. (4)

12 Ouvi-me, vós os de coração duro, que estais longe da justiça.

13 Tendo feito chegar já perto a minha justiça, ela se não alongará, e a minha salvação se não demorará. Eu estabalecerei em Sião a salvação, e em Israel a minha glória.

CAPÍTULO 47

RUÍNA DE BABILÔNIA. CASTIGO DA SUA OBSTINAÇÃO, DA SUA SOBERBA, E DA SUA FALSA SABEDORIA.

1 Desce, assenta-te no pó, Virgem filha de Babilônia, assenta-te na terra: Não há já trono para a filha

VOSSO CORAÇÃO — Isto é, voltaí para o vosso entendimento, ó vós que, adorando os ídolos tropeçáveis como uns furiosos em paus e em pedras. — S. Jerônimo.

(4) **EU O QUE CHAMO DESDE O ORIENTE A UMA AVE** — O hebreu acrescenta: "uma ave de presa", isto é, uma ave de rapina. Esta ave querem uns que seja Ciro, vindo dos fins da Pérsia para dar liberdade aos israelitas, e que tinha por empresa nas suas bandeiras uma águia com as asas abertas, segundo nos informa Xenofonte na Ciropédia, outros que seja Cristo nosso Salvador, de quem consequentemente entendem também o que segue no último versículo deste capítulo. — Pereira.

dos caldeus, porque daqui em diante não serás chamada mimosa e delicada. (1)

2 Anda com a mó, e mói a farinha: Mostra a tua torpeza, descobre o ombro, levanta o teu vestido, passa os rios. (2)

3 A tua ignomínia será descoberta, e ver-se-á o teu opróbrio: Tomarei vingança, e não haverá homem que me resista.

4 Assim o fará o nosso Redentor, que tem por nome o Senhor dos exércitos, o Santo de Israel. (3).

(1) **VIRGEM FILHA DE BABILÓNIA** — Este é o sentido do hebreu e dos Setenta, e o que na sua versão exprimiu S. Jerônimo, *Virgo filia Babylonis*. Chama-lhe por ironia, porque indo declinando para a velhice, e estando próxima ao ocaso, se considerava Babilónia na flor dos anos. — Pereira.

(2) **ANDA COM A MÓ E MÓI A FARINHA** — Manda-se a Babilónia, que anda com a mó, e moa a farinha, em sinal do duro cativoelro, e da extrema escravidão a que seria reduzida. — S. Jerônimo.

MOSTRA A TUA TORPEZA — E' o que soam as palavras da Vulgata: *denuda turpitudinem tuam*. O que S. Jerônimo aqui interpreta daquelas partes do corpo, que o pejo natural obriga a ter escondidas, advertindo que nisto quis Deus predizer, que tomada Babilónia pelos persas, experimentariam suas filhas os enxovalhos e insultos, que a lascívia dos vencedores costuma praticar com as cativas. Neste sentido costuma o intérprete latino tomar o nome *Turpitude*, como no Lev 18, 6-10. Le Gros todavia com outros vertem do hebreu: "Tira o teu véu." O que se entende dum véu transparente, de que as mulheres orientais costumavam usar para cobrirem o que val do umbigo até os pés e denota o mesmo que dissemos. Sacy também verteu equivocadamente: "descobre o que te faz envergonhar." Só de Carrières acho que traduziu não sei com que autoridade: "Descobre a tua cabeça, e passa pela confusão de aparecer sem véu, e sem cabelos." — Pereira.

(3) **QUE TEM POR NOME O SENHOR DOS EXÉRCITOS**

5 Assenta-te ficando em silêncio, e entra nas trevas, ó filha dos caldeus: Porque não serás daqui em diante chamada a Senhora dos reinos. (4)

6 Eu me agastei contra o meu povo, arrojé de mim como proterva a minha herança, e entreguei-os na tua mão: Tu não usaste com eles de misericórdia: Sobre o ancião fizeste muito pesado o teu jugo. (5)

7 E disseste: Eu serei Senhora para sempre: Não puseste estas coisas sobre o teu coração, nem te lembraste do teu paradeiro. (6)

8 Agora pois ouve estas coisas tu, ó delicada, e que habitas confiadamente, que dizes dentro do teu coração: Eu sou, e fora de mim não há mais: Não me assentarei viúva, nem tampouco experimentarei a esterilidade.

9 Em um só dia virão súbitamente sobre ti êstes dois males, a esterilidade e a viuvez: Tôdas estas desgraças vieram sobre ti por causa da multidão dos teus

— Assim mesmo se explica o profeta no cap. 201, versículo 15. Contudo S. Jerônimo concebeu aqui êste sentido: “assim o fará aquê, que nos há de resgatar o Senhor dos exércitos, que tem por nome o Santo de Israel. O texto original admite uma e outra intelligência. — Pereira.

(4) **E ENTRA NAS TREVAS** — Entra nas trevas, porque por causa da tua confusão e vergonha não podes sofrer a luz. — S. Jerônimo.

(5) **EU ME AGASTEI CONTRA O MEU POVO** — Como logo vinha ao pensamento perguntar, porque causa se irava Deus contra os caldeus, os quais êle mesmo havia mandado a cativar Israel, responde: Que êle indo contra o seu povo os quisera castigar, mas não perder, que os quisera açoitar, mas não matar. Que eles caldeus porém se tinham portado com êsse povo mais cruelmente, do que pedia a Divina vingança: de que era um grande argumento ver, que nem aos velhos tinham perdoado, quando ainda entre os vencedores se costuma guardar respeito à velhice. — S. Jerônimo.

(6) **DO TEU PARADEIRO** — Do que algum dia te podia acontecer, ou para melhor dizer, te havia de acontecer. — Menochio.

malefícios, e pela extrema dureza dos teus encantadores.

10 E tiveste confiança na tua malícia, e disseste: Não há quem me veja: Esta tua sabedoria, e esta tua ciência é a que te seduziu. E disseste dentro no teu coração: Eu sou e fora de mim não há outra.

11 Virá sôbre ti o mal, e não saberás de onde êle nasce: E lançar-se-á com ímpeto sôbre ti uma calamidade, que tu não poderás expiar: Virá sôbre ti repentinamente uma miséria, que tu não saberás.

12 Deixa-te estar com os teus encantadores, e com a multidão dos teus malefícios, em que tens trabalhado desde a tua mocidade, para ver se acaso te aproveita isso alguma coisa, ou se podes ficar mais forte.

13 Desfaleceste na multidão dos teus conselhos: Venham agora, e salvem-te os agoureiros do céu, que contemplavam os astros, e contavam os meses, para te anunciarem por êles as coisas futuras.

14 Ei-los aí que se têm tornado como em palha, o fogo os devorou: Êles não livrarão a sua alma da mão da chama: Não há brasas a que se aquecem, nem fogo, para que a êle se assentem.

15 Assim te vieram nisto a parar tôdas e quaisquer daquelas coisas em que te tinhas afadigado: Os teus negociantes desde a tua mocidade, cada um no seu caminho, erraram: Não há quem te salve.

CAPÍTULO 48

REPREENSÕES A ISRAEL. GRATUIDADE DO SEU LIVRAMENTO. PROMESSAS DO LIBERTADOR. LIVRAMENTO DE ISRAEL.

1 Ouvi estas coisas, casa de Jacó, vós ós que vos chamais do nome de Israel, e saístes das águas de Judá,

que juraís em nome do Senhor, e vos lembrais do Deus de Israel não em verdade, nem em justiça. (1)

2 Porque êles tomaram o nome da cidade santa, e se firmaram sôbre o Deus de Israel: O seu nome é o Senhor dos exércitos. (2)

3 Eu vos anunciei desde então as primeiras coisas, da minha bôca é que saíram, e eu vo-las fiz ouvir: De repente as pus por obra: E elas com efeito aconteceram.

4 Porque eu soube que tu és duro, e que a tua cerviz é um nervo de ferro, e a tua testa de bronze.

5 Desde então eu tas predisse: Antes que elas chegassem eu tas apontei, para que talvez não dissesses: Os meus ídolos é que fizeram estas coisas, e as minhas estátuas de escultura e de fundição mandaram isto.

6 Vê tôdas estas coisas, que ouviste: Acaso porém anunciaste-las vós? Desde então te fiz ouvir coisas novas, e tenho reservadas as que tu não sabes:

7 Agora foram criadas, e não desde então: E antes do dia, e não nas tens ouvido, para que talvez não digas: Eis-aí está que já eu sabia isso. (3)

8 Tu nem as ouviste, nem as soubeste, nem desde então está aberto o teu ouvido: Porque sei que prevari-

(1) **E SAÍSTES DAS AGUAS DE JUDÁ** — Como se dissesse “que procedeis do sangue de Judá, como de fonte”.

(2) **PORQUE ÊLES TOMARAM O NOME DA CIDADE SANTA** — Isto é, chamaram-se jerosolimitanos, ou cidadãos de Jerusalém, a qual do tempo de Salomão por diante começou a chamar-se santa, por causa da religião do seu templo, e do culto que nêle se dava ao verdadeiro Deus. Dan 3, 28; 2 Mac 12; Mt 27, 53. — **Pereira.**

(3) **AGORA FORAM CRIADAS** — Agora por mim foram decretadas, agora por mim foi proferida a sentença do exercício de Babilônia, agora quando por Isaías o publico e apregoou. — **Menochio.**

cando prevaricarás com grande excesso, e te chamei transgressor desde o ventre. (4)

9 Por amor do meu nome alongarei o meu furor: E enfrear-te-ei com o meu louvor, para que não pereças.

10 Eis-aqui estou eu que te tenho acrisolado, mas não como a prata, tenho-te escolhido na fornalha da pobreza.

11 Por amor de mim, por amor de mim o farei, para que eu não seja blasfemado: E não darei a outrem a minha glória.

12 Ouve-me, Jacó, e tu, Israel, a quem eu chamo: Eu sou o mesmo, eu o primeiro, e eu o último.

13 A minha mão é também a que fundou a terra, e a minha destra a que mediu os céus: Eu os chamarei, e eles se apresentarão todos juntos.

14 Ajuntai-vos todos vós, e ouvi: Qual deles anunciou estas coisas? O Senhor o amou, ele fará a sua vontade em Babilônia, e moverá o seu braço entre os caldeus. (5)

(4) **DESDE O VENTRE** — Isto é, “desde o ventre de tua mãe,” parafraseiam Sacy, Le Gros, e de Carrières. Porém S. Jerônimo o entende do ventre do mesmo Deus, se explica aqui, como já se tinha explicado no cap. 46, versículo 3. E o sentido é: Eu te chamei prevaricador, desde que libertado do Egito fôste como gerado, e educado, e instruído no meu ventre. E alude aqui o Senhor à idolatria em que caiu o povo israelítico em o deserto, quando adorou o bezerro de ouro. Outros, supondo que quem aqui fala é o Verbo Encarnado, expõem aquêlle “ex utero” desde o ventre de minha mãe, denotando com isto o Senhor, que desde que ele nasceu da Virgem Maria se mostrou o povo judaico seu oposto. S. Jerônimo supõe ser esta exposição comum entre os outros Padres. — **Pereira.**

(5) **QUAL DELES ANUNCIOU ESTAS COISAS?** — Isto é, qual dentre os ídolos. Alguns manuscritos todavia em lugar de **Quis de eis**, trazem **quis inter vós**, quem dentre vós? o que parece convir melhor. — **Pereira.**

15 Eu, eu é que falei, e o chamei: Eu o trouxe, e foi dirigido o seu caminho.

16 Chegai-vos a mim, e ouvi isto: Eu não falei desde o princípio às escondidas: Já no tempo que decorreu antes que isto acontecesse, estava eu ali: E agora o Senhor Deus me enviou, e o seu Espírito. (6)

17 Eis-aqui o que diz o Senhor teu Remidor, o Santo de Israel: Eu sou o Senhor teu Deus, que te ensino o que é útil, que te governo no caminho em que andas.

18 Oxalá que tu tiveras atendido os meus mandamentos! A tua paz teria sido como um rio, e a tua justiça como os pegos do mar:

19 E teria sido a tua posteridade como a areia do mar, e os filhos do teu ventre como o burgalhau das suas praias: Não houvera sido abolido, nem fôra apagado o seu nome diante da minha face.

20 Sai de Babilônia, fugi dos caldeus, anunciai com voz de exultação esta nova: Fazei ouvir isto, e levai-o até às extremidades da terra. Dizei: O Senhor resgatou o seu servo Jacó.

O SENHOR O AMOU, ELE FARA A SUA VONTADE EM BABILÔNIA — O texto não exprime quem é aquêle a quem o Senhor amou, e que há de fazer a sua vontade em Babilônia. Assim uns o entendem de Ciro, outros de Cristo. A letra permite um e outro sentido, e os mesmos que a explicam de Ciro libertando o povo judaico do cativeiro de Babilônia, reconhecem e confessam que nisto fôra Ciro uma figura de Cristo, o qual, como escreve S. Jerônimo, foi na verdade o amado do Padre, e executou tôdas as suas vontades, e na Babilônia ou confusão dêste Mundo destruiu os caldeus, que se interpretam os demônios. — **Pereira.**

(6) **JA NO TEMPO** — Esta cláusula mostra que quem aqui fala de si, não é Isaías, como querem os rabinos, mas o Filho de Deus anunciando a sua Encarnação, como tem a comum Tradição dos Santos Padres da Igreja: Santo Atanásio, S. Basílio, S. Gregório Nisseno, S. Crisóstomo, S. Jerônimo, Santo Agostinho e outros citados aqui por Calmet. — **Pereira.**

21 Não padeceram sede no deserto, quando o Senhor os tirava: Ele lhes fez arrebentar água duma penha, e rompeu a penha, e correram as águas.

22 Para os ímpios não há paz, diz o Senhor.

CAPÍTULO 49

O MESSIAS REJEITADO POR ISRAEL, E MANDADO AOS GENTIOS. LIVRAMENTO DE ISRAEL. DESTRUÇÃO DE SEUS INIMIGOS.

1 Ouvi, ilhas, e atendei, povos de longe: O Senhor desde o ventre me chamou, desde o ventre de minha mãe se lembrou do meu nome. (1)

2 E pôs a minha bôca como uma espada aguda: Ele me protegeu debaixo da sombra da sua mão, e me pôs como uma seta escolhida: Ele me escondeu na sua aljava. (2)

(1) **OUVI, ILHAS** — Alguns expositores explicam tudo isto de Ciro, ou de Isaias, como figuras de Cristo. A Igreja no Ofício de S. João Batista atribui estas palavras ao Precursor do Messias. Mas a evidência da letra, o sufrágio dos Santos Padres e o testemunho de S. Paulo, At 13, 47 e 2 Cor 6, 2, nos obrigam a reconhecer que este versículo e os seguintes se não devem entender de outro, que do Messias, isto é, de Cristo nosso Salvador. — *Pereira.*

O SENHOR DESDE O VENTRE ME CHAMOU — O que agora parece escuro aos ouvintes, depois se fará manifesto a todas as gentes, quando o Arcanjo Gabriel avisar a José do parto da Virgem sua esposa. E tu lhe porás o nome de Jesus, porque elle salvará ao seu Povo. — *S. Jerônimo.*

(2) **E PÔS A MINHA BÔCA COMO UMA ESPADA AGUDA** — Para com o assôpro da sua bôca matar o ímpio. Da qual espada diz elle também no Evangelho: Eu não vim trazer paz à terra, mas espada, separando os bons dos maus. — *S. Jerônimo.*

ELE ME PROTEGEU DEBAIXO DA SOMBRA DA SUA MÃO — Para que a vileza da carne fôsse coberta com o poder da Divin-

3 E me disse: Israel, tu és meu servo, porque eu me gloriarei em ti. (3)

4 E eu disse: Em vão tenho trabalhado, sem fruto, e inútilmente consumi a minha fortaleza: Portanto o meu juízo será com o Senhor, e a minha obra com o meu Deus. (4)

5 E agora o Senhor que me formou desde o ventre materno, para seu servo, me diz que eu hei de trazer Jacó a êle, mas Israel se não congregará: E fui glorificado aos olhos do Senhor, e o meu Deus se fez a minha fortaleza.

6 E disse êle: Pouco é que tu sejas meu servo para suscitar as tribos de Jacó, e converter as fezes de Israel. Eis-aquí estou eu que te estabeleci para luz das gentes, a fim de seres tu a salvação que eu envio até à última extremidade da terra. (5)

dade, dizendo o Anjo à Virgem: O Espírito Santo virá sôbre ti, e a virtude do Altíssimo te fará sombra. — S. Jerônimo.

(3) **E ME DISSE: ISRAEL, TU ÉS MEU SERVO** — Servo, porque tendo a forma de Deus, não se dignou de assumir a forma de servo, e Israel, porque nasceu do sangue dos judeus. — S. Jerônimo.

(4) **EM VÃO TENHO TRABALHADO** — Dizendo-me o meu Pai que acima referi, eu lhe repus: Como foste tu em mim glorificado, Pai, se eu trabalhei em vão, e uma grande parte do povo judaico eu a não pude reduzir a ti? Tôdas estas coisas porém se dizem para se mostrar o livre alvedrio do homem. Porque de Deus é chamar, de nós o crer. Nem logo que nós não cremos, se deve dizer que Deus é impotente, mas êle deixa ao nosso arbítrio o seu poder, para que a vontade do justo consiga o prêmio. — Pereira.

PORTANTO — Isto é, fiz o que tocava à minha obrigação. Portanto, eu te cometo, ó Pai, o juízo desta causa, julga tu se por defeito aconteceu, que tão poucos dêles se convertessem, e salvassem por minha indústria. — Menochio.

(5) **POUCO É QUE TU SEJAS MEU SERVO** — Tendo o Filho manifestado ao Pai o sentimento, por não ter conseguido que

7 Eis-aqui o que diz o Senhor Redentor de Israel, o santo dêle, à alma desprezível, à gente abominada, ao servo dos senhores: Os reis te verão, e os príncipes se levantarão, e êles te adorarão por causa do Senhor, pois é fiel, e por causa do Santo de Israel que te escolheu. (6)

8 Eis-aqui o que diz o Senhor: Eu te ouvi no tempo favorável, e te auxiliei no dia da salvação: E te conservei, e te constituí por aliança do povo, para reparares a terra, e possuíres as heranças dissipadas:

9 Para dizes aos que estão em cadeias: Saí: E aos que estão em trevas: Vêde a claridade. Sobre os caminhos serão apascentados, e achar-se-ão em tôdas as planícies os pastos dêles.

10 Não padecerão fome, nem terão sede, e não os molestará a calma, nem o sol: Porque o que dêles tem

o seu povo se convertesse a êle, o Pai o consola, dizendo que por êsses restos de Israel que se não quiserem converter, êle lhe dará todo o povo gentio, fazendo que todo o mundo receba o seu Evangelho, e o adore por Deus igual ao Padre. — S. Jerônimo.

(6) A ALMA DESPREZÍVEL, A GENTE ABOMINADA, AO SERVO DOS SENHORES — Em lugar do que a Vulgata diz, *ad contemptibilem animam, ad abominatam gentem, ad servum dominorum*, verteu Teodocião: *ei qui despicit animam, qui abominationi est genti, qui servus est principum*; isto é, ao que despreza a sua alma, ao que é abominação para a gente, ao que é servo dos príncipes. Tudo isto convém pois manifestamente à pessoa de Cristo. Porque êle, como bom pastor, expôs a sua alma, e a desprezou pelas suas ovelhas; êle é a abominação para a gente judaica, que todos os dias o amaldiçoastes nas suas Sinagogas, e êle foi servo dos príncipes, e tão humilde, que se sujeitou a comparecer diante de Anaz e Caifaz, e a ser remetido a Pilatos e a Herodes. Outros julgam que as sobreditas palavras se dirigem à gente dos judeus, que desprezou a sua alma, e é a abominação de todo o mundo, e serve a uns príncipes, de quem se diz no Salmo: "Que devoram o meu povo como o pão." — S. Jerônimo.

compaixão os governará, e os levará a beber às fontes das águas.

11 E reduzirei a caminho todos os meus montes, e as minhas veredas serão alteadas.

12 Eis-aí está que êstes virão de longe e eis-aí aquêles que chegarão do Aquilão e do mar, e aquêles outros da terra do Meio-dia. (7)

13 Louvai, céus, e regozija-te, terra, fazei retinir, montes, festivaís louvores: Porque o Senhor consolou o seu povo, e êle se compadecerá dos seus pobres.

14 Entretanto disse Sião: O Senhor me desamparou, e o Senhor se esqueceu de mim.

15 Acaso pode uma mulher esquecer-se do seu menino de peito, de sorte que não tenha compaixão do filho de suas entranhas? Mas se ela se esquecer dêle, eu todavia não me esquecerei de ti.

16 Eis-aí está que eu já te gravei nas minhas mãos: As tuas muralhas estão sempre diante de meus olhos.

17 Os que te hão de reedificar, são chegados: Os que te destruíam, e te dissipavam, sairão para fora de ti.

18 Levanta os teus olhos em circunferência, e vê, como todos êsses se têm congregado, êles se vieram render a ti: Eu juro pela minha vida, diz o Senhor, que de todos êstes como dum ornamento serás revestida, e pô-los-ás por enfeite à roda de ti como espôsa.

19 Porque os teus desertos, e as tuas solidões, e a terra da tua ruína, tudo isto será agora estreito para os

(7) **DO AQUILÃO E DO MAR** — Ainda que estas promessas se possam entender literalmente da tornada dos israelitas para Jerusalém em tempo de Ciro, essa mesma tornada das diversas partes do mundo, por onde andavam espalhados, se deve ter por uma figura não só da conversão dos judeus, que creram em Cristo, mas também da vinda dos gentios à Igreja Cristã. — Calmet.

teus habitantes, e serão afugentados para longe os que te devoravam.

20 Ainda dirão em teus ouvidos os filhos da tua esterilidade: É-me apertado êste lugar, dá-me espaço para que eu habite.

21 E tu dirás no teu coração: Quem me gerou êstes filhos? eu estéril, e sem parir, lançada da minha pátria, e cativa: E êstes quem os criou? eu desamparada e só: E êstes onde estavam?

22 Isto diz o Senhor Deus: Eis-aqui estou eu que levantarei para as gentes a minha mão, e arvorearei para os povos o meu estandarte. E trarão a teus filhos nos braços e as tuas filhas levarão sôbre os ombros.

23 E serão os reis que te alimentem, e as rainhas as tuas amas: Com o rosto inclinado até à terra te adorarão, e com a bôca tocarão no pó dos teus pés. E saberás que eu sou o Senhor, sôbre o qual não serão confundidos os que o esperam.

24 Acaso tirar-se-á a prêsa ao forte? ou o que fôr tomado pelo valente poderá ser salvo?

25 Porque o Senhor diz isso: Por certo, que tanto o cativo será tirado ao forte: Como o que tiver sido levado pelo valente, ficará salvo. Quanto porém àqueles, que te julgaram, eu os julgarei, e pelo que toca a teus filhos, eu os salvarei. (8)

E DO MAR — O texto original diz, *a mari*, do mar: porque o Mediterrâneo estava ao poente da Judéa. — De Vence.

MEIO-DIA — Segundo os Setenta, os persas, conforme o hebreu *Sinim*, que uns querem que seja Sin, cidade do Egito, depois chamada Pelúsia, os outros o *Sinal*, situado na Arábia, ao sul da Judéa, e outros Siena, cidade da Tebaida meridional, e ainda alguns a China.

(8) **POR CERTO, QUE TANTO O CATIVEIRO** — O mesmo Cristo nosso Salvador nos explicou que êle fôra o que tirara a

26 E alimentarei a teus inimigos com as suas carnes: E eles se embriagarão, como com mosto, do seu próprio sangue: E toda a carne saberá que eu sou o Senhor que te salva, e que o Redentor é o forte de Jacó. (9)

CAPÍTULO 50

ISRAEL VENCIDO PELAS SUAS INIQUIDADES. DEUS TODO-PODEROSO PARA O LIVRAR. O MESSIAS OPOSTO AOS ULTRAJES. RUÍNA DOS SEUS INIMIGOS.

1 Eis-aqui o que diz o Senhor: Que libelo de divórcio é este de vossa mãe, pelo qual a repudiei? ou quem é o meu credor, a quem eu vos vendi? eis-aí tendes que por causa das vossas iniquidades é que fostes vendidos, e por vossos crimes repudiei a vossa mãe. (1). *

2 Porque eu vim, e não havia um homem: Chamei, e não havia quem ouvisse: Abreviou-se por acaso e fêz-se pequenina a minha mão, para que vos não possa eu resgatar? Ou não há poder em mim para vos livrar?

Eis-aí está que à minha ameaça farei deserto o mar,

prêsa das mãos ao demônio, e arrebatara para o Céu os que elle tinha cativado. Mt 12, 29. Lc 11, 22. Ef 4, 8. — **S. Jerônimo.**

(9) **E ALIMENTAREI A TEUS INIMIGOS COM AS SUAS CARNES** — Farei com que os caldeus, os assírios e os babilônios, que se conspiram para tua ruína, se despedacem uns aos outros com grande estrago e mortandade nas suas sedições. Assim Calmet.

COM MOSTO — Isto é, com vinho. Confira-se Plínio XIV, Cap. X.

TODA A CARNE — Hebraísmo, por todos os homens.

(1) **QUE LIBELO DE DIVÓRCIO** — Esta mulher repudiada é a Jerusalém terrestre, ou a Sinagoga que Cristo rejeitou por causa da sua incredulidade. Cfr. Jer 3, 8.

porei em sêco os rios: Apodrecerão os peixes sem água, e morrerão à sêde. (2)

3 Vestirei os céus de trevas, e pôr-lhes-ei um saco por cobertura.

4 O Senhor me deu uma língua erudita, para eu saber sustentar com a palavra o que está cansado: Ele me levanta pela manhã, pela manhã me levanta o ouvido, para que eu o ouça como mestre. (3)

5 O Senhor Deus me abriu o ouvido, e eu o não contradigo: Não me retirei para trás.

6 Eu entreguei o meu corpo aos que me feriam, e as maçãs do meu rosto aos que me arrancavam os cabelos da barba: Não virei a minha face aos que me afrontavam e cuspiam em mim. (4)

7 O Senhor Deus é o meu auxiliador, por isso não

(2) **PORQUE EU VIM, E NÃO HAVIA UM HOMEM** — Isto diz, porque não se achou ninguém que o recebesse: ou porque todos, como expõe S. Jerônimo, tendo deixado a imagem de homem, tinham tomado a de brutos; os astutos, por exemplo, a de rapôsa, os libidinosos a de cavalo, os descarados a de cães. — *Pereira.*

(3) **O SENHOR ME DEU UMA LÍNGUA ERUDITA** — Neste versículo e nos seguintes fala o Filho de Deus de si como homem. O Eterno Pai lhe deu uma língua erudita, para saber quando devia falar, quando calar: e ele que na paixão se calou, agora por meio dos apóstolos e dos varões apostólicos fala em todo o mundo. — *S. Jerônimo.*

(4) **EU ENTREGUEI O MEU CORPO AOS QUE ME FERIAM** — O mesmo Cristo alega o testemunho dos profetas, quando anuncia estas circunstâncias da sua paixão. Lc 18, 31. 32. E Grcio, interpretando estas palavras como ditas por Isaías de si mesmo, e como metafóricamente significativas dos opróbrios e irrisões, que ele padecera do partido de Sobna, furta à Igreja um ilustre testemunho dos ultrajes, que dos judeus padeceu Cristo em casa de Caifaz, digno por isso da censura, que primeiro do que eu lhe fez Houbigant. — *Pereira.*

foi confundido: Por isso ofereci a minha face como uma pedra duríssima, e sei que me não hei de envergonhar.

8 Ao pé de mim está quem me justifica: quem me contradirá? Apresentemo-nos juntos, quem é o meu adversário? chegue-se para mim.

9 Eis-aí está o Senhor Deus meu auxiliador: Quem há que me condene? Eis-aí serão todos consumidos como um vestido, a polilha os comerá.

10 Qual de vós teme ao Senhor, qual ouve a voz do seu servo? O que andou em trevas, e não tem luz, espere no nome do Senhor, e firme-se sobre o seu Deus.

11 Eis-aí está que todos vós acendendo o fogo vos achais rodeados de chamas, andai no lume do vosso fogo, e por entre as labaredas que ateastes: Da minha mão é que vos veio isto, vós dormireis nas dores.

CAPÍTULO 51

RESTABELECIMENTO DE SIÃO. JERUSALÉM CONSOLADA.

1 Ouvi-me todos os que seguís o que é justo, e buscais o Senhor: Atendei para a rocha de onde fostes cortados, e para a caverna do lago, da qual fostes tirados. (1)

2 Lançai os olhos para Abraão vosso pai, e para Sara que vos deu à luz: Porque eu o chamei a êle só, e o abençoei, e o multipliquei.

(1) **ATENDEI PARA A ROCHA DE ONDE FÔSTES CORTADOS** — O versículo seguinte mostra claramente, que debaixo da alegoria de rocha e de caverna, quis Deus significar a Abraão, e a Sara, como aquêles de quem os judeus procediam. E a mente do Senhor, conforme S. Jerônimo, é mostrar que se dum só homem, que foi Abraão, nasceram tantos milhares de homens; que muito é, que Deus restaure as ruínas de Jerusalém, e mude os seus desertos num paraíso de deleites. — *Perelra.*

3 Consolará pois o Senhor a Sião, e consolará tôdas as suas ruínas: E mudará o seu deserto num como lugar de delícias, e a sua solidão num como jardim do Senhor. Nela se achará o gôsto e a alegria, ação de graças e voz de louvor.

4 Atendei-me, povo meu, e ouvi-me, tribo minha: Porque de mim sairá a lei, e a minha justiça descansará já estabelecida para luz dos povos. (2)

5 O meu justo está perto, o meu Salvador já saiu, e os meus braços julgarão os povos: As ilhas estarão à espera de mim, e elas esperarão o meu braço. (3)

6 Levantai os vossos olhos ao céu, e olhai cá para baixo para a terra: Porque os céus se desfarão como o fumo, e a terra se gastará como um vestido, e os seus habitantes como estas coisas perecerão: Mas a minha salvação será para sempre, e a minha justiça não faltará. (4)

(2) **PORQUE DE MIM SAIRA A LEI** — Não a de Moisés, que foi dada no Monte Sinai, mas a do Evangelho, que há de sair de Sião. — S. Jerônimo.

(3) **O MEU JUSTO ESTÁ PERTO** — Repreende aqui Duhamel a Grocio, por querer entender isto de Ciro, quando os Santos Padres o entendem de Cristo. Calmet em parte o defende, advertindo que ainda que o principal intento do Espírito Santo seja revelar a grande obra da Redenção do gênero humano, nenhum inconveniente há em que desta mesma Redenção feita pelo Filho de Deus Encarnado, fôsse uma figura o livramento do povo judeu executado por Ciro.

E OS MEUS BRAÇOS JULGARÃO OS POVOS — Assim como pelo nome de braço de Deus se entende o Salvador, assim pelo nome de seus braços se podem entender os Apóstolos, e nêles todos os Santos, nos quais Cristo há de julgar o Mundo. — S. Jerônimo.

(4) **PORQUE OS CÉUS SE DESFARÃO COMO O FUMO** — Se o Céu há de desaparecer, e a terra consumir-se, com que consequência se diz, que com ela hão de perecer também os seus habitantes, quando nós sabemos que as almas são imortais, e que os

7 Ouvi-me vós os que sabeis o que é justo, povo meu, em cujo coração está a minha lei: Não temais o opróbrio dos homens, nem receeis as suas blasfêmias.

8 Porque assim como o bicho destrói um vestido, assim comerá a êles: E do mesmo modo que a polilha desfaz a lã, assim os devorará a êles: Mas a minha salvação será para sempre, e a minha justiça por gerações de gerações.

9 Levanta-te, ó braço do Senhor, levanta-te, arma-te de fortaleza: Levanta-te como nos dias antigos, nas gerações dos séculos. Porventura não feriste tu ao soberbo, golpeaste ao dragão? (5)

10 Acaso não secaste tu o mar, a água do impetuoso abismo: Não és o que fizeste caminho no fundo do mar, para que passassem os libertados?

11 E agora os que foram resgatados pelo Senhor, tornarão, e virão para Sião cantando louvores, e uma alegria sempiterna descansará sôbre suas cabeças, êles possuirão gôzo e alegria, fugirá a dor e o gemido.

12 Eu, eu mesmo vos consolarei; quem és tu, para teres mêdo dum homem mortal, e do filho do homem, que assim como o feno se secará? (6)

13 E te esqueceste do Senhor teu Opífice, que estendeu os céus, e fundou a terra: E todo o dia tremeste

corpos hão de ressuscitar? mas daqui mesmo se faz manifesto que êste desvanecer-se o Céu, e consumir-se a terra, não é acabarem êles de todo, nem aniquiliarem-se, mas sim mudarem-se para melhor, tomando uma nova face, e um estado de maior perfeição. — S. Jerônimo.

(5) **PORVENTURA NÃO FERISTE TU AO SOBERBO, GOLPEASTE AO DRAGÃO?** — Isto é, a Faraó rei do Egito, a quem também Ezequiel chama o grande dragão, Ez 29, 3. — S. Jerônimo.

(6) **QUEM ÉS TU** — É' uma repreensão de Jesus àqueles do seu povo, que temem, como fracas e tímidas mulheres, o poder de seus inimigos e a crueldade ou ameaças dos tiranos. — Pereira.

continuamente à vista do furor daquele que te atribulava, e se tinha disposto para te perder: Onde está agora o furor do que te atribulava?

14 O que vem a abrir chegará cedo, e não matará sem deixar homem à vida, nem faltará o seu pão. (7)

15 Eu porém sou o Senhor teu Deus, que revolto o mar, e logo se incham empoladas as suas ondas: O Senhor dos exércitos é o meu nome.

16 Eu pus as minhas palavras na tua bôca e te protegi com a sombra da minha mão, a fim de que tu plantes os céus e fundes a terra: E digas a Sião, tu és o meu povo.

17 Eleva-te, eleva-te, levanta-te, Jerusalém, que bebeste da mão do Senhor o cálice da sua ira: Tu bebeste até o fundo deste cálice do adormecimento, esgotaste-o até às fezes.

18 De todos os filhos que ela gerou, não há ne-

(7) E NÃO MATARÁ SEM DEIXAR HOMEM A VIDA — E' ao pé da letra o que diz a Vulgata: *Et non interficiet usque ad interuiccionem*, isto é, não matará até o ponto de fazer morrer de todo, ou de um total extermínio. O que segundo S. Jerônimo quer dizer, que Deus castiga neste mundo os pecadores, de modo que a sua tenção não é que eles se percam, mas que se convertam. E eis aqui como o doutor Máximo parafraseia todo este verso. Cedo chegará meu Filho, que vem pisando os teus adversários para te abrir o caminho da vitória, ou para abrir os cárceres do Limbo; ele que não mata até tirar de todo a vida, mas quer salvar os que se convertem. Finalmente, o seu pão, que, segundo o Evangelho, consiste na doutrina, não faltará nunca aos que o quiserem comer, mas sempre lhes será franqueado. *Cito veniet Filius meus gradiens et conculcans adversarios tuos, ut aperiat tibi viam victoriæ, sive ut inferos reseret: qui non interficiat usque ad interuiccionem, sed velit salvare conversos. Denique panis illius, qui interpretatur, Evangelio probante doctrina, nunquam deficiet, sed semper volentibus ad vescendum patebit.* — Perelra.

nhum que a sustenha: E de todos os filhos que ela criou, não há também nenhum que a tome pela mão.

19 Dois males são os que te sobrevieram: Quem se condoerá de ti? A desolação, e a esmigalhadura, e a fome, e a espada, quem te consolará?

20 Os teus filhos foram lançados por terra, dormiram no tópo de tôdas as ruas, assim como o orige tomado no laço: Cheios da indignação do Senhor, do castigo do seu Deus. (8)

21 Portanto, ouve isto, pobrezinha, e embriagada sem ser de vinho.

22 Isto diz o dominador teu Senhor, e teu Deus, que pelejará pelo seu povo: Eis-aqui estou eu que tirei da tua mão o cálice de adormecimento, o fundo do cálice da minha indignação, tu não o tornarás mais daqui por diante a beber.

23 E pô-lo-ei na mão daqueles que te abateram, e disseram à tua alma: Abaixa-te, para nós passarmos: E puseste o teu corpo como chão, e como caminho aos viandantes.

CAPÍTULO 52

LIVRAMENTO E ESTABELECIMENTO DE JERUSALÉM. ENVIA-DO QUE ANUNCIA O REINO DE DEUS A SIÃO. SENTINELAS QUE ANUNCIAM O SOCORRO. GLÓRIA E HUMILHAÇÃO DO MESSIAS. O MESSIAS RECONHECIDO PELAS GENTES.

1 Levanta-te, ó Sião, levanta-te, reveste-te da tua fortaleza, compõe-te com os vestidos da tua glória, Jeru-

(8) **O ORIGE** — Não se sabe ao certo que animal seja este orige. Uns lhe chamam cabra montesa, outros boi silvestre, alguns têm que é certa casta de lobo.

salém cidade do Santo: Porque não tornará daqui em diante a passar por ti o incircuncidado nem o imundo. (1)

2 Sacode-te do pó, levanta-te, assenta-te, Jerusalém: Desata as cadeias do teu pescoço, cativa filha de Sião.

3 Porque eis-aqui o que diz o Senhor: Vós fostes vendidos por nada, e sem prata sereis resgatados. (2)

4 Porque eis-aqui o que diz o Senhor Deus: O meu povo desceu no princípio ao Egito, para habitar ali como estrangeiro: E Assur sem causa alguma o oprimiu. (3)

5 E agora que tenho eu que fazer aqui, diz o Senhor, visto ter sido levado sem nenhuma razão o meu povo? Os seus dominadores obram iniquamente, diz o

(1) **LEVANTA-TE, Ó SIÃO, LEVANTA-TE** — O seguinte período mostra que Sião é Jerusalém e que ambas são uma mesma cidade. A esta diz Deus que deponha os vestidos de dó, e se torne a vestir dos que tinha usado antes que bebesse da mão do Senhor o cálice da sua ira. E chama-se cidade do Santo, ou porque por Santo se entende aqui o santuário do templo, ou porque se entende Deus, que por essência é santo, e no templo de Jerusalém era adorado; ou porque o mesmo é dizer cidade do Santo, que cidade Santa: e então chama-se Jerusalém, cidade santa, porque só ela tinha recebido do verdadeiro Deus a sua lei. — S. Jerônimo.

PORQUE NÃO TORNARA — Depois que Jerusalém, isto é, a Igreja, ou a alma de qualquer fiel, se converte a Deus pela penitência, não deve haver nela a imundície da carne, isto é, deve ela mortificar todos os apetites libidinosos. — S. Jerônimo.

(2) **SEM PRATA** — Serão remidos os que quiserem crer, não por algum dinheiro ou prata que por eles se dê, mas pelo precioso sangue de Cristo, porque não pelos nossos merecimentos, mas pela graça e fé de Cristo é que nós fomos reconciliados com Deus. — S. Jerônimo.

(3) **E ASSUR SEM CAUSA ALGUMA O OPRIMIU** — Sem nenhuma causa levou Nabucodonosor cativo para Babilônia, o povo judaico. E chama Assur a Nabucodonosor, porque com o reino de Babilônia possuía também o reino da Assíria. — Pereira.

Senhor, e o meu nome é blasfemado incessantemente todo o dia. (4)

6 Por esta causa o meu povo saberá o meu nome naquele dia: Porque eu mesmo que falava, eis-aqui estou presente. (5)

7 Que formosos são sobre os montes os pés do que anuncia e prega a paz: Do que anuncia o bem, do que prega a salvação, do que diz a Sião: O teu Deus está para reinar! (6)

8 Ouvir-se-á a voz dos teus atalaias: Eles levantarão a voz, juntamente darão louvor: Porque ôlho a ôlho verão quando o Senhor voltar a Sião.

9 Folgai, e louvai de chusma, desertos de Jerusalém: Porque o Senhor consolou o seu povo, remiu Jerusalém.

10 O Senhor preparou o seu santo braço aos olhos de tôdas as gentes: E todos os confins da terra verão o Salvador, que nosso Deus nos há de enviar.

11 Retirai-vos, retirai-vos, saí daí, não toqueis coisa manchada: Saí do meio dela, purificai-vos, vós os que levais os vasos do Senhor. (7)

(4) **E O MEU NOME É BLASFEMADO INCESSANTEMENTE TODO O DIA** — Todos os dias amaldiçoavam os judeus três vezes nas suas sinagogas o nome de Cristo. — S. Jerônimo.

(5) **PORQUE EU MESMO QUE FALAVA, EIS-AQUI ESTOU PRESENTE** — Eu mesmo que antes vos falava pelos meus profetas, sou o que agora vos falo por mim mesmo. Testemunho claríssimo da vinda do Messias Jesus Cristo, a Igreja é designada aqui pelo nome de seu povo. — Pereira.

(6) **QUE FORMOSOS SÃO SOBRE MONTES** — S. Paulo nos faz notar aqui a missão dos pregadores evangélicos por todo o mundo romano, Rom 10, 15. — Pereira.

(7) **RETIRAI-VOS, RETIRAI-VOS, SAÍ DAÍ** — Os judeus explicam isto assim: Saí de Babilônia (e assim o parafraseia de Carrières), e deixai os seus ídolos. Saí do meio dela, e levai para

12 Porque vós não saireis em tumulto, nem vos apressareis com fuga; porque o Senhor irá diante de vós, e vos ajuntará o Deus de Israel.

13 Eis-aí está que meu servo terá inteligência, êle será exaltado, e elevado, e ficará em alto grau sublimado. (8)

o Templo de Jerusalém os vasos que Nabucodonosor tinha daí tirado. Outros o que nós acabamos de dizer de Babilônia, o interpretam êles, de quando tomada Jerusalém pelos romanos, se ouviram dizer, como refere José, os anjos tutelares do Templo: "Vamo-nos daqui." Nós porém que ouvimos o que se disse no versículo 7 e no versículo 10, de nenhuma sorte entendemos isto dos judeus, mas sim dos apóstolos, aos quais se manda que saiam de Jerusalém, e vão pregar o evangelho por todo o mundo, que de nenhum modo fiquem com os judeus blasfemadores, mas deixem êstes imundos e políticos, e se separem d'êles, e se purifiquem a si, êles que levam os vasos do Senhor, porque são templo do Espírito Santo, e vaso de ouro e prata da grande casa. Ou se não digamos, que êstes vasos do Senhor são as armas de que vão revestidos, a couraça da justiça, o escudo da fé, o capacete da salvação e a espada do espírito, que é a palavra de Deus. — S. Jerônimo.

(8) **SERÁ EXALTADO** — Desde aqui até ao versículo 12 do capítulo seguinte, preannuncia-se a Paixão de Jesus Cristo. Com razão esta pericopa tem sido cognominada pelos melhores exegetas *Passio Domini nostri Jesu Christi secundum Isaïam*. A transição é violenta. Das glórias de Jerusalém o profeta passa de repente para as humilhações de Getsemani e do Calvário, talvez para significar que essa glória deriva dessas angústias. Flp 2, 7-10. Teodoreto de Ciro, comentando estas passagens, diz "que os versículos 13 e 15 são o exórdio da paixão; o servo do Senhor deve ser aviltado para atingir depois a glória. Deve sofrer humilhações, pois que o cordeiro imaculado que expia os pecados do mundo. 53, 1-6. Entrega-se-nos, e obtém-nos o perdão, 7-12. E' a própria inocência oferecendo-se voluntariamente ao sacrifício, assumindo as nossas próprias culpas. Cfr. Mt 26, 63; Jo 10, 15; Lc 12, 50. Isaías pinta o mais vivo e expressivo retrato de Jesus Cristo. Quem o pintou, perguntas Nicolas, foi algum Evangelista ou algum Padre da Igreja?

14 Assim como pasmaram muitos à vista de ti, assim será sem glória o seu aspecto entre os varões, e a sua figura entre os filhos dos homens.

15 Êste borrifará muitas gentes, diante dêle mesmo taparão os reis a sua bôca: Porque o viram aquêles a quem se não annunciou coisa alguma a seu respeito: E os que o não ouviram, o contemplaram. (9)

CAPÍTULO 53

O MESSIAS DESCONHECIDO PELO SEU POVO. ESCURO NASCIMENTO DO MESSIAS. SUAS HUMILHAÇÕES, SUAS PENAS, SUA MORTE, SUA NOVA VIDA, SUA LONGA POSTERIDADE, SUCESSOS DO SEU MINISTÉRIO.

1 Quem deu crédito ao que nos ouviu? e a quem foi revelado o braço do Senhor? (1)

2 E subirá como arbusto diante dêle, e como raiz que sai duma terra sequiosa: Êle não tem beleza, nem

Quem fez esta representação fiel de Jesus Cristo? O acôrdo frizante dêste *Ecce Homo*, apresentado por Isaías, e aquêle que Jerusalém viu na varanda de Pilatos 700 anos mais tarde, é a prova decisiva da divindade de uma fé e do caráter profético de Isaías. Aug. Nicolas, *Études Philosophiques*, parte III, pag. 237.

(9) **AQUÊLES** — Os gentios sem conhecimento algum do que a respeito do Senhor tinham anunciado as Escrituras e não tendo dantes ouvido falar nada dêle, vieram depois de catequizados e instruídos a receber a sua doutrina, achar a sua graça, e a conseguir a sua glória. — *Pereira*.

(1) **QUEM DEU CRÉDITO AO QUE NOS OUVIU?** — S. João e S. Paulo reconhecem aqui uma profecia de quão raros haviam de ser os que dos judeus crêsem em Cristo. Jo 12, 38. Rom 10, 16. — *Pereira*.

formosura, e vimo-lo, e não tinha parecença do que era, e por isso nós o estranhámos: (2)

3 Feito um objeto de desprezo, e o último dos homens, um varão de dores, e experimentado nos trabalhos: E o seu rosto se achava como encoberto, e parecia desprezível, por onde nenhum caso fizemos d'êlé.

(2) **QUE SAI DE UMA TERRA SEQUIOSA** — S. Jerônimo com outros Padres entendem por esta terra sêca o ventre virginal de Maria, alegando em confirmação, que em lugar do que pôs a Vulgata de terra sitienti, verteu Aquila "de terra inívia, duma terra sem caminho, isto é, duma terra por onde não andou homem. — Pereira.

ÊLE NÃO TEM BELEZA, NEM FORMOSURA — Este "texto em que Isaías diz de Cristo: *Non est species ei, neque decor*, êle não tem beleza nem formosura; parece opor-se ao que muito antes tinha dito Davi no Salmo 44, versículo 3: *Speciosus forma præ filiis hominum*, tu vences em formosura os filhos dos homens. S. Agostinho na exposição do dito salmo concilia ambos os textos, dizendo: *Ut homo, non est species ei neque decor: sed speciosus forma ex eo quod est præ filiis hominum*. Enquanto homem não tem êle beleza, nem formosura, mas por aquillo em que êle excede infinitamente os filhos dos homens, isto é, pela Divindade, é êle infinitamente especioso. E num Sermão dos que novamente imprimam os Beneditinos de S. Mauro: *Concordant ergo ambo pacifici. Quid speciosius Deo? Quid deformius Crucifixo?* Logo ambos os Profetas estão na melhor harmonia entre si. Que coisa mais formosa que Deus? que coisa mais deform que um Crucificado? S. Jerônimo expondo o presente lugar de Isaías, diz: — *Despectus erat et ignobilis*, quando pendebat in cruce, et factus pro nobis *maledictum peccata nostra portabat*. *Inclitus autem erat et decorus aspectu*, quando ad passionem ejus terra contremuit, saxa dirupta sunt; et fugiente solo æternam noctem elementa timuerunt. Êle era desprezível e sem glória, quando estava pendurado na Cruz, e quando feito por nós maldição tinha às costas os nossos pecados. Era muito brilhante e majestoso de aspecto, quando na sua Paixão tremeu a terra, quebraram-se as pedras, e retraíndo o sol os seus resplendores, todos os elementos temeram uma eterna e tenebrosa noite. Por êstes verdadeiros testemunhos se vê que no sentir dês-

4 Verdadeiramente êle foi o que tomou sôbre si as nossas fraquezas, e êle mesmo carregou com as nossas dores: E nós o reputamos como um leproso, e ferido por Deus e humilhado.

5 Mas êle foi ferido pelas nossas iniquidades, foi quebrantado pelos nossos crimes: O castigo que nos devia trazer a paz, caiu sôbre êle, e nós fomos sarados pelas suas pisaduras.

6 Todos nós andamos desgarrados como ovelhas, cada um se extraviou por seu caminho: E o Senhor carregou sôbre êle a iniquidade de todos nós.

7 Foi oferecido, porque êle mesmo quis, e não abriu a sua bôca: Êle será levado como uma ovelha ao mata-douro, e como um cordeiro diante do que o tosquia emudecerá, e não abrirá a sua bôca. (3)

8 Êle foi tirado da angústia, e do juízo: Quem contará a sua geração? Porque êle foi cortado da terra dos viventes: Eu o feri por causa da maldade do meu povo. (4)

tes dois grandes Padres, S. Jerônimo e S. Agostinho, as palavras em que Isaías diz que Cristo não tinha beleza, nem formosura corporal nenhuma, se devem restringir ao tempo de sua Sagrada Paixão. E com isto se pode responder ao que antes dêle, tinham escrito em contrário Clemente Alexandrino, Tertuliano, o Orígenes, e depois dêles repetiu S. Cirilo de Alexandria, quando do texto de Isaías inferiram no corpo de Cristo uma deformidade absoluta e perpétua. Veja-se a Dissertação de Calmet Sur la Beauté de J. C. — Pereira.

(3) FOI OFERECIDO — A morte no sacrifício do altar da Cruz. — Menochio.

(4) ÊLE FOI TIRADO DA ANGÚSTIA E DO JUÍZO — Sacy e de Carrières verteram: "Êle morreu no meio das dores, depois de ter sido condenado pelos juizes". Le Gros: "Êle depois de ter sido atado e condenado, foi tirado deste Mundo." Eu encostei-me à letra, que diz: "De angustia, etc., et de judicio sublatus est, e segui na sua exposição a S. Jerônimo, que diz assim: *Quod sequitur: De angustia et*

9 E lhe dará os ímpios pela sepultura, e o rico pela sua morte: Porque êle não cometeu iniquidade, nem se achou nunca dolo na sua bôca. (5)

10 E o Senhor quis quebrantá-lo na sua enfermidade: Se êle tiver dado a sua alma pelo pecado, verá a sua descendência perdurável, e a vontade do Senhor será por sua mão prosperada. (6)

11 Verá o fruto do que a sua alma trabalhou e se fartará: Aquêles mesmo justo meu servo justificará a muitos com a sua ciência, e êle tomará sôbre si as suas iniquidades. (7)

judicio sublatu est, illud significat, quod de tribulatione atque judicio ad Patrem victor ascenderit. Isto é, "o que se segue. Ele foi tirado da angústia, e do juízo, significa que Cristo da tribulação e do juízo subiu Vencedor de tudo a seu Eterno Pai." Também as palavras da Vulgata podem traduzir-se assim: "Fôde a angústia e desde o juízo foi levantado em alto." Como se dissera: Depois da angústia ou apêrto do juízo, em que tão iniquamente foi julgado, dali o levaram para ser levantado numa Cruz pela cruelíssima e mais que injusta sentença de Pilatos. — Pereira.

(5) **LHE DARÁ** — O sujeito é, no entender de conceituados intérpretes, Deus; modernamente entende-se ser o Messias. Vejam a Sainte Bible de Glaire anotada por Vigouroux, edição de 1902.

ÍMPIOS — E' como está no original hebraico, onde se não vê determinativo algum. Entendem alguns que alude o texto ao centurião e aos soldados que confessaram, junto à cruz, a Divindade de Jesus Cristo. Mc 15, 39. Lc 23, 47; outros sustentam que esta palavra se refere aos soldados romanos que guardavam vigilantes o sepulcro do Redentor.

RICO — E' o que está no original. Refere-se a José de Arimatêa. Mt 13, 57-60.

NEM SE ACHOU NUNCA DOLO — Os apóstolos applicam esta passagem a Jesus Cristo. 1 Ep S. Pedro 2, 22; 1 Ep S. João 3, 5.

(6) **VERÁ A SUA DESCENDENCIA PERDURAVEL** — Virá substituir a sua Igreja até o fim do Mundo. — Pereira.

(7) **VERÁ O FRUTO DO QUE A SUA ALMA TRABALHOU**

12 Por isso eu lhe darei por sorte uma grande multidão de pessoas: E êle distribuirá os despojos dos fortes, porque entregou a sua alma à morte, e foi pôsto no número dos malfeitores: E êle carregou com os pecados de muitos, e rogo pelos transgressores da lei. (8)

CAPÍTULO 54

JERUSALÉM RESTABELECIDA. MULTIDÃO DE SEUS HABITANTES. EXTENSÃO DO SEU PODER. CONCERTO DO SENHOR COM ELA. MAGNIFICÊNCIA DA SUA ESTRUTURA. VAOS ESFORÇOS DE SEUS INIMIGOS.

1 Alegra-te, estéril, que não pares: Entoa cânticos de louvor, e rincha, tu que não parias: Porque os filhos

— Verá levantarem-se Iguejas por todo o mundo, e faltar-se-á da fé delas. — S. Jerônimo.

(8) **POR ISSO EU LHE DAREI POR SORTE UMA GRANDE MULTIDÃO DE PESSOAS** — E' o que já muito antes tinha o Senhor dito por Davi quando fala com seu Filho Jesus Cristo, dizendo: "Pede-me e eu te darei as gentes por tua herança, e as extremidades da terra por tua possessão." Sl 2, S. — Pereira.

E ELE DISTRIBUIRA OS DESPOJOS DOS FORTES — Repartirá pelos seus Apóstolos as Províncias tiradas do domínio e tirania dos demônios, pela Pregação Evangélica, e conversão do Gentilismo à Fé Cristã. — Pereira.

E FOI PÔSTO NO NÚMERO DOS MALFEITORES — Foi tido e reputado por malvado, sendo crucificado entre dois ladrões. Mc 15, 28. — Pereira.

E ROGOU PELOS TRANSGRESSORES DA LEI — Quando orou pelos que o crucificaram, dizendo: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem." Lc 23, 34. — Pereira.

NOTA — O leitor que pretender estudar com atenção esta parte da Santa Escritura, compare-a com os seguintes lugares: Mt 26, 63. Mc 15, 28. Lc 22, 57; 23, 31. At 8, 32. 1 Cor 15, 3, além do citado.

da desamparada são muitos mais do que os daquela que tem marido, diz o Senhor. (1)

2 Alarga o sítio da tua tenda, e estende as peles dos teus pavilhões, não te poupes a nada: Faze compridas as tuas cordas, e segura as tuas estacas.

3 Porque tu te alegrarás para a direita, e para a esquerda: E a tua posteridade terá por herança as gentes, e povoará as cidades desertas:

4 Não temas, porque não serás confundida, nem envergonhada: Porquanto não terás de que te afrontar, pois te esquecerás da confusão da tua mocidade, e não te lembrarás mais do opróbrio da tua viuvez.

5 Porque dominará em ti o que te criou, o seu Nome é o Senhor dos exércitos: E o teu Redentor, o Santo de Israel, será chamado o Deus de tôda a terra. (2)

6 Porque o Senhor te chamou, como a mulher desamparada, e de espírito angustiada, e como a mulher repudiada desde a mocidade, disse o teu Deus:

7 Por um momento num breve espaço te direi: Mas eu te congregarei com grandes misericórdias.

8 No momento da minha indignação escondi de ti por um pouco a minha face, mas com sempiterna misericórdia me compadecei de ti: Disse o Senhor teu Redentor.

(1) **PORQUE OS FILHOS DA DESAMPARADA** — A Igreja. que na pessoa da Sinagoga repudiada por Deus, parecia abandonada e estéril, essa mesma feita mãe dos Fiéis chamados dentre os judeus e dentre os gentios, tem mais filhos do que tinha a Sinagoga, quando ainda tinha a Deus por Espôso. Assim alegoriza S. Paulo este texto, citando-o conforme a Versão dos Setenta. Gal 9, 26.27.
— Pereira.

(2) **DOMINARÁ EM TI** — O que te criou, esse terá tu por marido e por senhor. Na Escritura o marido se chama o senhor da mulher. 1 Pdr 3, 6. Veja-se ainda o Gên 18, 12, o Êx 21, 4, e Jz 19, 26. — Calmet.

9 Eu tenho por tão firme este pacto como o que fiz nos dias de Noé, a quem jurei que não derramaria dali por diante as águas de Noé sobre a terra: De tal sorte eu tenho jurado, que não me agastarei contigo, nem te repreenderei.

10 Porque os montes serão abalados, e os outeiros tremerão: Porém a minha misericórdia não se apartará de ti, e a aliança da minha paz se não mudará: Disse o Senhor compassivo de ti.

11 Pobrezinha combatida da tempestade, sem consolação alguma. Eis-aqui estou eu que porei por ordem as tuas pedras, e te fundarei sobre safiras,

12 e farei os teus baluartes de jaspe, as tuas portas de pedras lavradas, e todos os teus termos de pedras apeteceíveis.

13 Que todos os teus filhos universalmente fiquem ensinados pelo Senhor: E que tenham uma abundância de paz os mencionados teus filhos.

14 E serás fundada em justiça: Põe-te longe da opressão, pois não temerás: E do pavor, porque não chegará a ti.

15 Eis-aí virá o morador, que não estava contigo; o que para ti noutro tempo era estrangeiro, ajuntar-se-á a ti. (3)

16 Eis-aqui estou eu que criei o oficial que assopra as brasas no fogo, e que tira a ferramenta para a sua obra, e eu o que criei o matador para destruir. (4)

(3) **EIS-AÍ VIRÁ O MORADOR** — Quer dizer que os gentios se farão cristãos, para o que mandou Cristo os seus Apóstolos pregar o Evangelho a toda a criatura. — S. Jerônimo.

(4) **EIS-AQUI ESTOU EU QUE CRIEI O OFICIAL** — Eu criei o diabo artifice de todos os males, não por necessidade de natureza, mas por eleição do seu próprio arbítrio. Ele suscitou os incêndios, ele produzirá os instrumentos contra ti. Tais foram os

17 Todo o instrumento, que tem sido fabricado contra ti, não terá préstimo: E tu julgarás em juízo toda a língua que resista contra ti. Esta é a herança dos servos do Senhor: E a justiça deles está em mim, diz o Senhor. (5)

CAPÍTULO 55

O SENHOR TORNA A CHAMAR A ISRAEL. LIBERTADOR PROMETIDO. AS GENTES SE LHE SUBMETERÃO. NOVOS CONVITES A ISRAEL. LIVRAMENTO DESTES POVO.

1 Todos vós os que tendes sede, vinde às águas: E os que não tendes prata, apressai-vos, comprai, e comei: Vinde, comprai sem prata, e sem comutação alguma, vinho e leite. (1)

dois mágicos, Simão e Elimas, que resistiam aos apóstolos, S. Pedro e S. Paulo. — S. Jerônimo.

E EU O QUE CRIEI O MATADOR PARA DESTRUIR — Eu criei o matador daqueles que hão-de ser incrédulos, não que eu seja a causa da sua perdição, mas sim para que o adversário criado para pelejar, fôsse para os vencidos perdição, para os vencedores causa de prêmio. — S. Jerônimo.

(5) **E TU JULGARÁS EM JUÍZO TODA A LÍNGUA** — Tu serás a que condene todos os príncipes dos heroges, os mestres dos judeus, os filósofos do mundo, que aquêle infernal artífice tinha fabricado. — S. Jerônimo.

(1) **COMPRAI E COMEI** — Por um modo admirável compram ôles as águas sem dinheiro, e não as bebem, mas comem-nas. Porque o Senhor que os convida, é ao mesmo tempo água e pão que baixou do Céu. — S. Jerônimo.

VINHO E LEITE — No vinho se significa a sabedoria, conforme aquillo dos Prov 9, 5: "Vinde, comei o meu pão, e bebei o vinho que eu vos preparei." O leite significa a inocência, conforme aquillo do apóstolo S. Pedro, 1 Pdr 2, 2. "Como crianças há pouco geradas, apetecei o leite." Por alusão, pois, ao presente texto, era antigamente costume das Igrejas do Ocidente, dar vinho e leite.

2 Por que motivo empregais o dinheiro não em pães, e o vosso trabalho não em fartura? Ouvi-me com atenção e comei do bom alimento, e a vossa alma se deleitará com o suco nutritivo d'êle.

3 Inclinaí o vosso ouvido, e vinde a mim: Ouvi: E a vossa alma viverá, e farei convosco um pacto sempiterno, que consiste nas fiéis misericórdias que eu prometi a Davi.

4 Eis-aí o dei por testemunha aos povos, por capitão e por mestre às gentes.

5 Eis-aí chamarás tu a um povo, que não conhecias? E as gentes que te não conheceram, correrão a ti por amor do Senhor teu Deus, e do Santo de Israel, pois êle te glorificou.

6 Buscai o Senhor, enquanto se pode achar: Invocai-o, enquanto está perto.

7 Deixe o ímpio o seu caminho, e o homem iníquo os seus pensamentos, e volte-se para o Senhor, e haverá d'êle misericórdia, e para o nosso Deus, porque êle é de muita bondade para perdoar.

8 Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos: Nem os vossos caminhos são os meus caminhos, diz o Senhor.

9 Porque assim como os céus se levantam sôbre a terra, assim se acham levantados os meus caminhos sôbre os vossos caminhos e os meus pensamentos sôbre os vossos pensamentos.

10 E bem assim como desce do céu a chuva, e a neve, e não torna para lá daí por diante, mas embriaga a terra, e a banha e a faz brotar, e dá semente ao que semeia, e pão ao que come:

aos que tinham sido regenerados em Cristo pelo batismo. — S. Jerônimo.

11 Assim será a minha palavra, que sair da minha bôca: Não tornará para mim vazia, mas ela fará tudo que eu tenho querido, e surtirá o seu efeito naquelas coisas, para as quais eu a enviei.

12 Porque vós saireis em alegria, e sereis conduzidos em paz: Os montes e os outeiros cantarão diante de vós cânticos de louvor, e tôdas as árvores do país baterão com as mãos dando aplausos.

13 Em lugar do espigão subirá a faia, e em vez da urtiga crescerá a murta: E o Senhor será nomeado para ser um sinal eterno, que não será tirado.

CAPÍTULO 56

PREPARAÇÃO PARA SE CONSEGUIR A SALVAÇÃO PROMETIDA. EUNUCOS HONRADOS. ESTRANGEIROS CONGREGADOS COM ISRAEL. REPREENSÕES CONTRA AS SUAS SENTINELAS, E OS SEUS PASTORES.

1 Eis-aqui o que diz o Senhor: Guardai o direito, e fazei justiça: Porque perto está a minha salvação para vir, e a minha justiça para se manifestar.

2 Bem-aventurado o homem, que assim o faz, e o filho do homem, que lançar mão disto, que guarda o sábadô para que o não profane, que guarda as suas mãos para não obrar mal nenhum.

3 E não diga o filho do estrangeiro, o qual se une ao Senhor, proferindo: O Senhor com uma divisão me separará de um povo: E não diga o eunuco: Eis-me aqui um lenho sêco. (1)

(1) E NÃO DIGA O FILHO DO ESTRANGEIRO — O sentido destas palavras é, que estando antes a verdadeira religião restrita à Judéia, agora pela vinda de Cristo ao mundo e pregação do seu Evangelho, não haverá já distinção entre o judeu e o gentio,

4 Porque eis-aqui o que diz o Senhor aos eunucos: Os que guardarem os meus sábados, e elegerem o que eu quis, e abraçarem a minha aliança: (2).

5 Dar-lhes-ei na minha casa, e das minhas muralhas a dentro, um lugar, e um nome ainda melhor do que o que dão os filhos e as filhas: Dar-lhes-ei um nome sem-piterno, que não perecerá jamais. (3)

6 E aos filhos do estrangeiro, que se unem ao Se-

entre a Circuncisão e o Prepúcio, mas todos formarão uma mesma Igreja, e todos serão marcados com o cautério da Cruz, para todos se chamarem cristãos do nome do seu Autor e Redentor. — S. Jerônimo.

E NÃO DIGA O EUNUCO — Pela lei de Moisés eram os eunucos excluídos de todas as assembleias religiosas do povo judaico. *Non intrabit eunuchus Ecclesiam Domini*. Dt 33, 1. Agora no Evangelho tanto não exclui Cristo da sua Igreja os eunucos, que antes lhes promete o reino dos Céus. Mas que eunucos? Não os de quem diz o poeta flogoso no livro X da sua *Farsália*, verso 133: *Nec non infelix ferro truncata Juventus. Atque exsecta virum*. Quer dizer: Também se achava a infeliz mocidade a ferro mutilada e desfeita do ser do homem", mas os de quem fala o Senhor no Evangelho: "Que se castraram por amor do reino dos Céus", isto é, os virgens de um e outro sexo. — S. Jerônimo.

(2) **OS QUE GUARDAREM OS MEUS SABADOS** — Aquêlê é guarda dos sábados, que não faz obras de casado. Este elegeu o que é do aprazimento do Senhor, que lhe oferece mais do que o que lhe foi mandado, tendo consideração não tanto ao que o apóstolo lhe permite por indulgência, como à vontade que êle mostra ter, de que todos sejam como êle. 1 Cor 7, 7. 25. — S. Jerônimo.

(3) **UM LUGAR E UM NOME AINDA MELHOR** — Aos eunucos do Evangelho, isto é, aos virgens promete Cristo na sua casa um lugar distinto e um nome de maior respeito, isto é, promete dar-lhes na sua Igreja o elevado grau, e sobre todos respeitável nome de sacerdotes: e pelos filhos carnaes muitos filhos espirituais. Tal eunuco nos dizem as Histórias Eclesiásticas que fôra João Evangelista, a quem por isso amou muito Jesus. — S. Jerônimo.

nhor para que o honrem, e amem o seu nome, para serem seus servos: A todo o que guarda o sábadu para que o não profane, e ao que abraça a minha aliança:

7 Eu os trarei ao meu santo monte, e os alegrarei na casa da minha oração: Os seus holocaustos, e as suas vítimas ser-me-ão agradáveis sobre o meu altar: Porque a minha casa será chamada casa de oração para todos os povos. (4)

8 O Senhor Deus, que congrega os dispersos de Israel, diz: Ainda congregarei a êle os seus congregados.

9 Vós, tôdas as alimárias do campo, tôdas as alimárias do bosque, vinde a devorar. (5)

10 Os seus sentinelas todos são cegos, todos universalmente se mostraram ignorantes: São uns cães mudos que não podem ladrar, que vêem coisas vãs, que dormem, e que amam os sonhos.

11 E êstes cães tão sem vergonha não conheceram a fartura: Os mesmos pastôres ignoraram o que é intelligência: Todos declinaram para o seu caminho, cada um para a sua avareza desde o mais alto até o mais baixo.

12 Vinde, tomemos vinho, e enchamo-nos de embriaguez: E será como hoje, assim também amanhã, e ainda muito mais.

(4) **PORQUE A MINHA CASA SERÁ CHAMADA CASA DE ORAÇÃO** — Este texto applicou Cristo ao Templo de Jerusalém, que era figura dos nossos templos. Mt 21, 13, e figura da Igreja de Cristo, que é verdadeiramente a casa de Deus. 1 Tim 3, 15. — **Pereira.**

(5) **VINDE A DEVORAR** — A devorar os que de Israel não quiseram crer. — **S. Jerônimo.**

INFIDELIDADE DE ISRAEL. VINGANÇA DO SENHOR CONTRA ESTE POVO. O SENHOR APLACARÁ A SUA IRA, E CONSOLARÁ A ISRAEL. ELE DERRAMARÁ A PAZ SOBRE A TERRA. OS ÍMPIOS NÃO TERÃO PARTE NESTA PAZ.

1 O Justo perece, e não há quem considere no seu coração: E os homens compassivos são recolhidos, porque não há quem tenha inteligência, pois foi recolhido o justo à vista da malícia. (1)

2 Venha a paz, descanse do seu leito aquêle que andou na sua retidão.

3 Vós porém vinde cá, filhos duma agoureira: Lihagem dum adúltero, e duma prostituta. (2)

4 De quem fizestes vós escárnio? Contra quem abristes a boca, e deitastes a língua fora? Porventura não sois vós uns filhos malvados, uma geração bastarda? (3)

(1) **O JUSTO PERECE** — Está justo por justos, mas deve entender-se Jesus Cristo.

E OS HOMENS COMPASSIVOS SÃO RECOLHIDOS — Recolhidos aos sepulcros de seus pais, conforme o costume dos judeus, e frase das Escrituras. — Duhamel.

(2) **FILHOS DUMA AGOUREIRA** — Argúi os judeus de superstição e de idolatria, a qual idolatria se costuma qualificar na Escritura por uma fornicação ou adultério espiritual, que a alma comete adorando os ídolos e preferindo-os ou igualando-os ao seu verdadeiro e divino espôso, que é Deus. — Pereira.

(3) **DE QUEM FIZESTES VÓS ESCARNIO?** — Quando lhe cuspiam no rosto e lhe arrancáveis os cabelos da barba; quando, vestindo-o duma púrpura rôta, e metendo-lhe por ceptro na mão uma cana, lhe dáveis com ela na cabeça, e ajoelhados dizíeis: Deus te salve, rei dos judeus. Porque não há dúvida que o que os soldados romanos fizeram a Cristo, o fizeram elles por sugestão dos judeus e com o fim de os comprazerem. — S. Jerónimo.

CONTRA QUEM ABRISTES A BÓCA E DEITASTES A LÍNGUA

5 Vós que buscais a vossa consolação nos deuses, debaixo de todo o arvoredado frondoso, sacrificando-lhes os vossos tenros filhinhos nas torrentes, debaixo dos rochedos sobranceiros?

6 Nas partes da torrente está a tua parte, esta é a tua sorte: E em honra desses mesmos ídolos derramaste a tua libação, ofereceste o teu sacrifício: Não me hei de eu então indignar à vista destas coisas? (4)

7 Tu puseste o teu leito sobre um alto e elevado monte, e lá subiste para imolares hóstias.

8 E detrás da porta, e atrás da umbreira puseste o teu monumento: Porque ao pé de mim te descobriste, e recebeste ao adúltero: Alargaste o teu leito, e com elle fizeste concêrto: Amaste o estrado deles com a mão aberta. (5)

9 E te adornaste para o rei com unguentos, e multiplicaste as tuas confeições cheirosas. Enviaste os teus embaixadores longe, e foste abatida até os infernos. (6)

FORA? — Quando dissestes: "Tu és um samaritano, e estás possesso do demônio. Este não lança fora os demônios senão por virtude de Belzebu, príncipe dos demônios. Crucifica-o, crucifica-o. O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos. — S. Jerônimo.

(4) **NAS PARTES DA TORRENTE** — Este cruel sacrifício dos meninos costumava fazer-se ao pé do ribeiro Cedron, no vale de Hinnom, perto de Jerusalém. 4 Rs 23, 10. — Pereira.

(5) **PORQUE AO PÉ DE MIM TE DESCOBRISTE E RECEBESTE AO ADÚLTERO** — Quer dizer, que até no santo templo de Jerusalém introduziram os hebreus e adoraram ídolos. O que alude ao altar profano que Acáz trouxe de Damasco, e colocou no templo para servir de altar dos holocaustos, e os outros altares consagrados aos astros, de que Manassés encheu um e outro átrio do mesmo templo. — Pereira.

COM A MÃO ABERTA — Isto é, às claras, sem vergonha; ou gastando com mão larga. — Duhamel e Calmet.

(6) **E TE ADORNASTE PARA O REI COM UNGÜENTOS** — Para o rei, isto é, segundo S. Jerônimo, em obsequio do ídolo

10 Tu te fatigaste na multidão dos teus caminhos: Não disseste: Cessarei: Achaste de que viver pelo trabalho das tuas mãos, por isso não me fizeste rogativas. (7)

11 Por que princípio temeste tu cuidadosa, pois me faltaste à fé devida, e não te lembraste de mim, nem pensaste no teu coração? Porque eu estava calado, e como quem não via, por isso te esqueceste de mim.

12 Eu publicarei a tua justiça, e não te aproveitarão as tuas obras.

13 Quando tu clamares, livres-te os que tu tens ajuntado, e a todos eles levará o vento, arrebatá-los-á a viração: Mas o que tem confiança em mim, herdará a terra, e possuirá o meu santo monte.

14 E direi: Fazei caminho, dai lugar, desviai-vos da vereda, tirai os tropeços do caminho do meu povo.

15 Porque isto diz o excelso, e o sublime que habita na eternidade: E o seu santo nome habita nas alturas e no santuário, e com o contrito e humilde de espírito:

de Moloc, que em hebreu significa rei. Ou segundo Calmet e outros modernos, este ornar-se para o rei foi buscar com presentes e officiosidades o socorro do rei ou da Assíria, como fez Acaz, ou do Egito, como fez Ezequias, obrando ambos nisso contra a vontade de Deus. — Pereira.

E FOSTE ABATIDA ATÉ OS INFERNOS — Na verdade muito se abaixa, ou por melhor dizer, até o inferno se precipita aquela, que da luz e cume da castidade se despenha nas trevas da prostituição ou no sumidouro da torpeza: *Re vera grandis humiliatio, immo usque ad inferos præcipitatio, de luce et culmine castitatis in tenebras lupanaris, immo in barathrum libidinum præcipitari.* — S. Jerônimo.

(7) **ACHASTE DE QUE VIVER** — À letra: Achaste a vida da tua mão. Chama vida da sua mão aos ídolos feitos pela indústria das mãos; já porque deles esperavam o necessário para a vida, já porque dos mesmos estavam namorados. — Menochio.

Para que dê vida ao espírito dos humildes, e vivifique o coração dos contritos. (8)

16 Porque eu não pleitearei eternamente nem me agastarei até o fim: Porque sairá da minha face o espírito, e eu farei os assopros. (9)

17 Eu me agastei por causa da iniquidade da sua avariza, e o feri: Escondi de ti a minha face, e me indignei: E ele se foi andando vagabundo no caminho do seu coração.

18 Eu vi os seus caminhos, e o sarei, e o reduzi, e lhe dei consolações a ele mesmo, e aos que o choravam.

19 Criei a paz fruto dos lábios, a paz para aquêle que está longe, e para o que está perto, disse o Senhor, e o sarei. (10)

20 Os ímpios porém são como um mar agitado, que não pode acalmar, e com o próprio rôlo vêm as suas ondas a quebrar na praia e fazer lôdo.

21 Não há paz para os ímpios, diz o Senhor Deus.

(8) **E O SEU SANTO NOME** — As palavras “e o seu santo nome” estão por um hebraísmo em lugar de, cujo nome é santo, como já notou Sacy, e segundo o qual, e de Carrières, começa logo a oração na primeira pessoa, do seguinte modo: “Eu habito nas alturas e no santuário, e como contrito (ou atribulado) e humilde de espírito. — **Pereira.**

(9) **PORQUE SAIRÁ DA MINHA FACE** — Sem embargo de estarem os verbos *egredietur* e *faciam* no futuro, podem, seguindo a Sacy e a de Carrières, verterem-se no presente, porque assim mesmo os expõe S. Jerônimo. Fala-se pois aqui da criação das almas, e é alusão ao lugar do Gên 2, 7. — **Pereira.**

(10) **FRUTO DOS LABIOS** — Isto é, fruto das minhas promessas, ou fruto das suas orações. Aquêle que está longe é o gentio, que vivia apartado de Deus; o que está perto é o judeu, que conhecia ao mesmo Deus. — **Pereira.**

CAPÍTULO 58

ISRAEL DESCONHECE OS SEUS PECADOS. SEUS JEJUNS INFRUTUOSOS. OBRAS DA MISERICÓRDIA RECOMENDADAS. LIVRAMENTO DE ISRAEL. FIDELIDADE EM OBSERVAR O SABADO DO SENHOR.

1 Clama, não cesse, levanta como trombeta a tua voz, e anuncia ao meu povo as suas maldades, e à casa de Jacó os seus pecados. (1)

2 Porque êles cada dia me buscam, e querem saber os meus caminhos: Como se fôra gente que tivesse praticado a justiça, e não houvesse abandonado a lei do seu Deus: Êles me fazem as suas perguntas sôbre os juízos da minha justiça: Querem chegar-se a Deus.

3 Por que jejuamos nós, e tu não olhaste para nós: Humilhamos as nossas almas, e tu te não deste por achado disso? E' porque no dia do vosso jejum se acha a vossa vontade, e porque vós demandais a todos os vossos devedores.

4 Eis-aí está que jejuais para prosseguirdes demandas e contendas, e feris com o punho sem piedade. Não jejueis daqui por diante, como tendes feito até o dia de hoje, para que seja ouvido no alto o vosso clamor.

5 Acaso o jejum, que eu escolhi, consiste em afligir um homem a sua alma por um dia? Está porventura em retorcer a sua cabeça como um círculo, e em fazer cama de saco e de cinza? Porventura chamarás tu a isto jejum e dia aceitável ao Senhor?

(1) **E ANUNCIA AO MEU POVO AS SUAS MALDADES** — Ainda quando manda a Isaías, que anuncie aos judeus as suas maldades, lhes chama Deus seu povo, para que êsse povo aprenda, que pai é o que perdeu, pois ainda que pecador lhe chama: **Povo seu.** — S. Jerônimo.

6 Acaso não é antes este o jejum que eu escolhi? Rompe as ligaduras da impiedade, desata os feixinhos que deprimem, deixa ir livres aquêles que estão quebrantados, e rompe tôda a carga. (2)

7 Parte o teu pão ao que tem fome, e introduze em tua casa os pobres, e os peregrinos: Quando vires o nu cobre-o, e não desprezes a tua carne.

8 Então romperá a tua luz como a aurora, e a tua saúde mais depressa nascerá, e a tua justiça irá diante da tua face, e a glória do Senhor te recolherá.

9 Então invocarás tu o Senhor, e elle te atenderá: Tu clamarás a elle, e elle te dirá: Eis-me aqui; se tirares do meio de ti a cadeia, e deixares de estender o dedo, e de falar o que não aproveita:

10 Quando tu desentranhares a tua alma para com o faminto, e encheres a sua alma aflita, nascerá nas trevas a tua luz, e as tuas trevas tornar-se-ão como o meio-dia.

11 E o Senhor te dará sempre descanso, e encherá a tua alma de resplendores, e livrará os teus ossos, e será como um jardim de regadio, e como uma fonte de águas, cujas águas nunca faltarão.

12 E serão por ti edificadas os desertos de muitos séculos: Tu levantarás os fundamentos de geração e de

(2) **ROMPE AS LIGADURAS DA IMPIEDADE, DESATA OS FEIXINHOS QUE DEPRIMEM** — Por estas cadeias e feixinhos entendem S. Jerônimo e Teodoreto os maços das cauções usurárias, ou escritos de dívidas extorquidos injusta e cruelmente pela avareza dos credores: cadeias e feixes que deprimem, isto é, que como uns cargos insuportáveis encurvam os miseráveis devedores. Este mesmo é o sentido, que Sacy e Calmet deram às palavras da Vulgata, e que Le Gros propôs do hebreu. O que eu aqui noto para que ninguém se admire, vendo-me discordar da paráfrase de De Carrières, a quem de ordinário me encosto. — *Pereira.*

geração: E serás chamado edificador das sebes desviando as suas avenidas para segurança.

13 Se apartares do sábado o teu pé, o fazer a tua vontade no meu santo dia, e chamares ao sábado delicado, e santo para glória do Senhor e o glorificares enquanto não fazes os teus caminhos, e se não acha a tua vontade para falares palavras:

14 Então te deleitarás tu no Senhor, e te levantarei sobre as alturas da terra, e alimentar-te-ei com a herança de Jacó teu pai: Porque a bôca do Senhor falou.

CAPÍTULO 59

INFIDELIDADE DE ISRAEL SERVINDO DE OBSTACULO PARA O SEU LIVRAMENTO. CONFISSÃO QUE ISRAEL FAZ DAS SUAS INIQUIDADES. VINDA DO SALVADOR. VINGANÇAS CONTRA OS INIMIGOS DO SEU POVO.

1 Eis-aí está que a mão do Senhor não é abreviada para não poder salvar, nem o seu ouvido ensurdeceu para não ouvir dando atenção.

2 Mas as vossas iniquidades são as que fizeram uma separação entre vós e o vosso Deus, e os vossos pecados são os que lhe fizeram esconder de vós a sua face, para que não ouvisse com atenção.

3 Porque as vossas mãos estão manchadas de sangue, e os vossos dedos de iniquidade; os vossos lábios falaram a mentira, e a vossa língua profere a iniquidade.

4 Não há quem invoque a justiça, nem há quem julgue em verdade: Mas confiam no nada, e falam vaidades: Eles conceberam o trabalho, e pariram a iniquidade.

5 Eles romperam ovos de áspides, e teceram teias de aranha: O que comer dos ovos dêles, morrerá: E do que se fomentou sairá um basilisco.

6 As suas telas não servirão para vestido, nem êles

se-cobrirão das suas obras: As suas obras são umas obras inúteis, e nas mãos dêles se achou sempre obra de iniquidade.

7 Os seus pés correm para fazer o mal, e êles se apressam para derramar o sangue inocente: Os seus pensamentos são uns pensamentos inúteis: A desolação e o quebrantamento se acha nos caminhos dêles.

8 Êles não conheceram o caminho da paz, nem há juízo nos passos dêles: As suas veredas se lhes fizeram tortas: Todo o que anda por elas, ignora a paz.

9 Por esta causa se alongou de nós o juízo, e não nos abraçará a justiça: Esperamos a luz, e eis-que não houve mais que trevas: O resplendor, e andamos em trevas.

10 Andamos como cegos apalpando as paredes, e como se não tivéssemos olhos fomos pelo tacto: Tropeçamos no pino do meio-dia como em trevas, em lugares cobertos de escuridão como os mortos.

11 Todos nós rugiremos como ursos, meditando rolaremos como pombas: Esperamos o juízo, e não o há: A salvação, e ela se alongou de nós.

12 Porque as nossas iniquidades se multiplicaram diante de ti, e os nossos pecados deram testemunho contra nós: Porque as nossas maldades nos são presentes, e bem conhecemos as nossas iniquidades,

13 que pecamos e que mentimos contra o Senhor: E nós voltamos as costas para não irmos após o nosso Deus, para proferirmos a calúnia, e pormos por obra a transgressão: Nós concebemos, e falamos de dentro do coração palavras de mentira.

14 E voltou para trás o juízo, e se pôs longe a justiça: Porque na praça caiu por terra a verdade, e não pôde ali entrar a equidade.

15 E a verdade foi posta em esquecimento: E o que

se retirou do mal, ficou exposto à prêsa: E o Senhor o viu, e ante os seus olhos apareceu o mal, porque não há juízo:

16 E viu que não há varão: E tem ficado perplexo, por não haver quem se oponha: Mas êle salvou para si o seu braço, e a sua própria justiça o susteve.

17 Vestiu-se desta sua justiça como duma couraça, e o capacete de salvação assentou na sua cabeça: Pôs sôbre si vestidos de vingança, e cobriu-se de zêlo como de um manto.

18 Assim como quem se prepara para tomar vingança, como para retribuir com indignação a seus contrários, e corresponder a seus inimigos: Êle pagará às ilhas na mesma moeda.

19 E os que demoram da parte do Ocidente, temerão o nome do Senhor: E os que ficam da banda de onde nasce o sol respeitarão a sua glória: Quando êle vier como um rei impetuoso, a quem o espírito do Senhor impele,

20 e quando vier um Redentor a Sião, e àqueles que voltam da iniquidade para Jacó, diz o Senhor. (1)

21 Esta será com êles a minha aliança, diz o Senhor; o meu espírito que está em ti, e as minhas palavras, que pus na tua bôca, não se apartarão da tua bôca, nem da bôca de teus filhos, nem da bôca dos filhos de teus filhos, diz o Senhor, desde agora e até para tôda a eternidade.

(1) **E QUANDO VIER UM REDENTOR A SIAO** — Este texto alegou S. Paulo, (Rom 11, 26.27,) para provar que na segunda vinda de Cristo, depois de ter entrado na Igreja tôda a gentildade, se hão também de converter a êle os judeus até ali incrédulos. Com o que pode muito bem estar, que neste mesmo texto se revela também a conversão daqueles judeus, que logo na primeira vinda de Cristo abraçaram a sua proteção e o receberam como seu verdadeiro e único Redentor, conforme o entendeu e expôs o doutor Máximo. — Pereira.

CAPÍTULO 60

RESTABELECIMENTO DE JERUSALÉM. TORNADA DOS SEUS FILHOS. AS GENTES SE SUBMETERÃO A ELA. SUA GLÓRIA, SUA ALEGRIA, SUAS RIQUEZAS, SUA PAZ.

1 Levanta-te, esclarece-te, Jerusalém: Porque chegou a tua luz, e a glória do Senhor nasceu sobre ti. (1)

2 Porquanto eis-aí cobrirão as trevas a terra, e a escuridade os povos: Mas sobre ti nascerá o Senhor, e a sua glória se verá em ti.

3 E andarão as gentes na tua luz, e os reis não esplendor do teu nascimento. (2)

4 Levanta em roda os teus olhos, e vê: Todos êstes se têm congregado, êles vieram a ti, teus filhos virão de longe e tuas filhas se levantarão de todos os lados. (3)

5 Então verás tu, e estarás em afluência, e o teu coração se espantará, e se dilatará fora de si mesmo, quando se converter a ti a multidão do mar, vier a ti a fortaleza das nações:

(1) **LEVANTA-TE, ESCLARECE-TE, JERUSALÉM** — O nome Jerusalém não vem do hebreu. A Vulgata o conserva por autoridade dos Setenta. Por Jerusalém porém se entende aqui a Igreja, formada primeiramente do povo judaico, e que por meio dos apóstolos comunicou aos gentios a luz que sobre êle tinha nascido. — S. Jerônimo.

(2) **E ANDARÃO AS GENTES NA TUA LUZ** — Todos nós andaremos na luz dos apóstolos, que são a luz do Mundo, o qual nenhuma trevas apanharam. — S. Jerônimo.

E OS REIS NO ESPLENDOR DO TEU NASCIMENTO — Quando primeiramente nasceu em Cristo e com Cristo: (o que alude à vinda dos reis Magos) e quando logo nos primeiros séculos da Igreja se submeteram os imperadores romanos Constantino e Valentiniano à lei do Evangelho. — S. Jerônimo.

(3) **TODOS ÊSTES** — Todos êstes, que de gentios passaram a ser cristãos. — S. Jerônimo.

6 Uma inundação de récuas de camelos te cobrirá, de dromedários de Madian e de Efa; todos virão de Sabá, trazendo-te ouro e incenso, e anunciando o louvor ao Senhor.

7 Todo o gado de Cedar se ajuntará em ti, os carneiros de Nabaiot se empregarão em te servir: Êles me serão oferecidos sôbre o meu altar de propiciação, e eu encherei de glória a casa da minha majestade. (4)

8 Quem são êstes que voam como nuvens, e como pombas para as suas janelas? (5)

9 Porque as ilhas me estão esperando, e as naus do mar desde o princípio para eu trazer de longe os teus filhos; com êles a sua prata, e o seu ouro para ser con-

TEUS FILHOS VIRÃO DE LONGE — Todos nós somos filhos, que viemos de longe para o Senhor, enquanto antes como estrangeiros estávamos excluídos do testamento de Deus, e das suas promessas, vivendo sem esperança, e sem Deus no Mundo. — S. Jerônimo.

(4) **TODO O GADO DE CEDAR SE AJUNTARA EM TI** — Madian e Efa são países além da Arábia: Cedar é a terra dos sarracenos; Nabaiot é uma solidão que tomou o nome dum dos filhos de Israel, que significa Profecia. Por êstes nomes pois dumas gentes bárbaras, que são vizinhas de Israel, se prediz a conversão de todo o mundo. — S. Jerônimo.

(5) **QUEM SÃO ÊSTES QUE VOAM COMO NUENS** — São palavras da Igreja formada primeiramente do povo da circuncisão, que se admira de ver que os apóstolos impellidos do Espírito Santo se levantam da terra como nuvens a derramar a chuva da Divina palavra, e que de todo o Mundo voam para a mesma Igreja bandos e bandos de gentios, como pombas, que se recolhem às suas janelas, ou, como diz o hebreu, que se recolhem ao seu pombal. — S. Jerônimo.

sagrado ao nome do Senhor teu Deus, e ao Santo de Israel que te glorificou.

10 E os filhos dos estrangeiros edificarão os teus muros, e os seus reis te servirão: Porque eu te feri na minha indignação: Porém na minha reconciliação tive misericórdia de ti.

11 E abrir-se-ão de continuo as tuas portas: Elas se não fecharão nem de dia nem de noite, a fim de que te seja trazida a fortaleza das nações, e te sejam conduzidos os seus reis.

12 Porque a gente e o reino, que te não servir, perecerá: E as gentes serão devastadas até ficarem numa solidão.

13 A glória do Líbano virá a ti, a faia e o buxo, e juntamente o pinheiro servirão para adornar o lugar da minha santificação, e eu glorificarei o lugar de meus pés. (6)

14 E virão a ti encurvados os filhos daqueles que te abateram, e adorarão os rastos dos teus pés todos os que detraíam de ti, e chamar-te-ão a cidade do Senhor, a Sião do Santo de Israel.

(6) **A FAIA E O BUXO, E... O PINHEIRO** — Os Setenta puseram, o cipreste, o pinheiro, o cedro. Por estas árvores porém que faziam a glória do Líbano, e que vieram a servir para a fábrica e ornamento do Templo de Deus, entende S. Jerônimo os varões eminentes no mundo ou por nascimento, ou por cargos, ou por eloquência e erudição, que, trocando a grandeza do século pela humildade do Evangelho, serviram de grande edificação e de grande glória à Igreja de Cristo, como foram um Cipriano de Cartago, um Hilário de Potiers, um Ambrósio de Milão, um Agostinho de Hipona, e o mesmo Jerônimo qualificado pela mesma Igreja doutor Máximo na exposição das Sagradas Escrituras, e mais que Máximo na observância do que elas nos ensinam. — Pereira.

15 Porque tu foste abandonada, e aborrecida, e não havia quem por ti passasse, eu te elevarei a ser a glória imortal dos séculos, a um gozo em geração e geração:

16 E sugarás o leite das gentes, e serás criada ao peito dos reis: E saberás que eu sou o Senhor que te salvo, e o teu Redentor, o Forte de Jacó.

17 Em lugar de cobre trarei ouro, e em vez de ferro, trarei prata: E por madeira cobre, e por pedras ferro: E porei no teu governo a paz, e nos teus presidentes a justiça.

18 Não se ouvirá mais falar de iniquidade na tua terra, nem haverá assolação nem quebrantamento nos teus termos, e ocupará a salvação os teus muros, e o louvor as tuas portas.

19 Tu não terás mais o sol para luzir de dia, nem o resplendor da lua te alumiará: Porém o Senhor te servirá de luz sempiterna, e o teu Deus será a tua glória.

20 Não se porá o teu sol dali em diante e a tua lua não minguará: Porque o Senhor te servirá de luz sempiterna, e completar-se-ão os dias do teu pranto.

21 O teu povo porém serão todos os justos, eles herdarão a terra para sempre, como vergôntes que eu plantei, e como obras que a minha mão fez para me glorificarem.

22 O mínimo deles será sobre mil, e o mais pequeno sobre a nação mais forte: Eu o Senhor a seu tempo farei isto súbitamente.

CAPÍTULO 61

MISSÃO DO PROFETA, OU PARA MELHOR DIZER, DO MESSIAS. LIVRAMENTO, E RESTABELECIMENTO DE ISRAEL.

1 O Espírito do Senhor repousou sobre mim, porque o Senhor me encheu da sua unção: Ele me enviou

para evangelizar aos inãosós, para curar os contritos do coração, e pregar remissão aos cativos e soltura aos encarcerados: (1)

2 Para publicar o ano da reconciliação do Senhor, e o dia da vingança do nosso Deus: Para consolar todos os que choram:

3 Para pôr aos que choram de Sião: E dar-lhes coroa por cinza, óleo de gôzo por pranto, em lugar de espírito de tristeza manto de louvor: E os que estão nela serão chamados os fortes de justiça, plantas do Senhor para lhe darem glória. (2)

4 E edificarão os desertos desde o século, e levantarão as antigas ruínas, e restaurarão as cidades abandonadas, desbaratadas em geração e geração.

5 E farão assento os estranhos, e apascentarão os vossos gados: E os filhos dos estrangeiros serão vossos lavradores e vinheiros.

6 Vós sereis chamados sacerdotes do Senhor: Ministros do nosso Deus, se vos dirá: Vós comereis a fortaleza das gentes, e com glória delas ficareis ufanos.

7 Em lugar da vossa dobrada confusão e rubor, louvarão a sua parte: Por amor disto eles possuirão na sua terra dobrados prêmios, terão uma glória sempiterna.

8 Porque eu sou o Senhor que amo a justiça, e que

(1) O ESPÍRITO DO SENHOR REPOUSOU SOBRE MIM —

O mesmo Jesus Cristo tendo lido estas palavras na Sinagoga de Nazaré, disse aos judeus: "As palavras da Escritura que vós ouvistes, se cumpriram hoje." (Lc 4, 16-21.) Logo em nome de Jesus Cristo é que Isaías as falou, como figura que era dele. — **Pereira.**

(2) PARA PÔR — Isto é, coroa, como se segue. Assim Menochio, pôsto que outros subentendam fortaleza, ou consolação, palavras que os censores das Bíblias tiraram, pois se não acham no hebreu. — **Pereira.**

Isaías 61, 9-11; 62, 1-2

aborreço os holocaustos que vêm de rapinas: E eu estabelecerei as suas obras em verdade, e farei com elles uma perpétua aliança.

9 E a sua posteridade será conhecida das gentes, e celebrado o renôvo dêles no meio dos povos: Todos os que os virem, os conhecerão, por serem êstes a linhagem, a qual o Senhor abençoou.

10 Eu me regozijarei sobremaneira no Senhor, e a minha alma exultará no meu Deus: Porque êle me cobriu com vestiduras de salvação: E me rodeou com manto de justiça, como a espôso aformoseado com sua coroa, e como a espôsa ornada dos seus colares.

11 Porque bem como a terra lança o seu gérmen, e assim como o jardim brota a semente que lhe lançaram, assim o Senhor Deus fará brotar a justiça, e florescer o louvor diante de tôdas as gentes.

CAPÍTULO 62

ZELO DO PROFETA POR JERUSALÉM. GLÓRIA DE JERUSALÉM. GUARDAS SOBRE OS SEUS MUROS. ELA SERÁ CHAMADA ESPOSA DE DEUS, E CIDADE QUERIDA.

1 Por amor de Sião eu me não calarei, e por amor de Jerusalém eu não descansarei, até que saia o seu justo como um resplendor, e se acenda como lâmpada o seu Salvador. (1)

2 E as gentes verão o teu Justo, e todos os reis o

(1) **ATÉ QUE SAIA O SEU JUSTO** — Ninguém deixa de ver que êste justo é Cristo, o qual se chama Justo de Sião, porque nasceu do sangue de Davi fundador e rei de Jerusalém, e inclito seu, porque com a morte na Cruz, remiu todo o gênero humano. — **Pereira.**

teu inclito: E chamar-te-ão por um nome novo, que o Senhor nomeará pela sua boca. (2)

3 E serás uma coroa de glória na mão do Senhor, e um diadema real na mão do teu Deus.

4 Não serás chamada dali em diante a desamparada: E a tua terra não será mais chamada a deserta: Mas serás chamada a minha vontade nela, e a tua terra a habitada: Porque o Senhor pôs em ti a sua complacência: E a tua terra será habitada.

5 Porquanto habitará o mancebo com a donzela, e habitarão em ti os teus filhos. E folgará o espôso com a espôsa, e o teu Deus folgará contigo.

6 Sôbre os teus muros, ó Jerusalém, pus guardas, êles se não calarão jamais nem em todo o dia, nem em tôda a noite. Vós, os que vos lembrais do Senhor, não vos caleis,

7 e não estejais em silêncio diante dêle, até que estabeleça, e ponha a Jerusalém por objeto de louvor na terra.

8 O Senhor jurou pela sua destra, e pelo braço da sua fortaleza: Se eu der o teu trigo daqui em diante por comida a teus inimigos: E se os filhos alheios beberem o teu vinho, em que trabalhaste.

9 Porque os que o recolhem, o comerão, e louvarão o Senhor: E os que o acarretam, bebê-lo-ão nos meus santos átrios.

10 Passai, passai pelas portas, preparai a estrada ao povo, fazei plano o caminho, escolhei as pedras, e arvorai o estandarte aos povos.

(2) **E CHAMAR-TE-ÃO POR UM NOME NOVO** — Chamar-te-ão Igreja Cristã, ou Igreja de Cristo, nome que êle mesmo lhe pôs quando disse a Pedro: "Tu és Pedro, e sôbre esta pedra edificarei a minha Igreja." — S. Jerônimo.

11 Eis-aí está que o Senhor fêz ouvir nas extremidades da terra, dizei à filha de Sião: Eis-aí vem o teu Salvador: Eis-aí a sua recompensa com êle, e a sua obra diante dêle.

12 E chamá-los-ão o povo santo, os remidos pelo Senhor. Mas tu serás chamada: A cidade buscada, e não a desamparada.

CAPÍTULO 63

VENCEDOR QUE VEM DA IDUMÉIA TODO TINTO EM SANGUE.
RECONHECIMENTO DAS MISERICÓRDIAS DO SENHOR
PARA COM ISRAEL. CONFISSÃO DA INFIDELIDADE DESTES
POVO. VOTOS PELO SEU INTEIRO LIVRAMENTO.

1 Quem é êste, que vem de Edom, de Bosra, com as vestiduras tingidas? êste formoso em seu trajo, que caminha na multidão da sua fortaleza? Eu, que falo a justiça, e que sou o combatente para salvar. (1)

(1) QUEM É ÊSTE, QUE VEM DE EDMO, DE BOSRA — Já advertimos nas notas ao capítulo 34, que Edom era a Iduméia, e que Bosra era uma cidade, que ora se reduz aos idumeus, ora aos moabitas, talvez porque pela variedade da fortuna ora pertencia a uma, ora a outra província, como no seu Dicionário Bíblico observou Calmet. O que suposto, tendo declarado o padre de Carrières na paráfrase do presente versículo, que Bosra era uma cidade dos moabitas, não havia razão para nas edições póstumas da sua Bíblia se mudar moabita em idumeus, quando em colocar Bosra na província de Moab, tinha de Carrières por si a expressa e repetida autoridade de S. Jerônimo. Mas deixadas estas questões geográficas, que não fazem tanto para o caso, passemos já a averiguar o que mais importa, que é, de que sujeito trata Isaías neste capítulo. Houbigant, seguindo as pegadas de Hugo Grócio, que de ordinário mostram mais erudição que solidez, quer que no sentido literal tenha esta profecia por objeto as vitórias de Judas macabeu sobre os idumeus. Mas por uma parte, se o guerreiro de quem aqui fala Isaías é Judas macabeu, coisa bem admirável é que toda a

2 Por que é logo vermelho o teu vestido, e as tuas roupas como as dos que pisam num lagar?

3 Eu calquei o lagar sôzinho, e das gentes não se

glória das vitórias de Judas macabeu a limitasse Isaías à derrota dos idumeus, quando as mais célebres e estrondosas vitórias da-quele capitão foram as que êle alcançou dos siros, ou dos generais de Antíoco Ilustre. Por outra parte os caracteres, de que aqui aparece revestido o vencedor da Iduméia, são em tudo semelhantes ao que S. João no capítulo 19 do Apocalipse, versículo 11 e seguintes, atribui a Cristo Nosso Salvador: *Et vestitus erat veste aspersa sanguine, et vocatur nomen ejus Verbum Dei... et ipse calcat torcular vini furoris iræ Dei omnipotentis*. Por outra parte, finalmente, a nenhum dos antigos Padres da Igreja (que eu saiba) veio à cabeça entender esta profecia das vitórias de Judas macabeu, mas antes todos conspiraram em a referir para as vitórias de Cristo, só apenas com esta diferença: que uns a dão por já verificada nas vitórias que Cristo alcançou das potestades infernais na sua paixão e morte; outros julgam que ela não terá o seu inteiro complemento senão no fim do mundo, quando, consumado com a destruição do Anti-Cristo o grande negócio da redenção dos homens, vier Cristo segunda vez a julgar os vivos e os mortos, e a retribuir para sempre a cada um conforme o merecimento das suas obras. Conformemente à primeira Inteligência, é S. Jerônimo de parecer que os que fazem a pergunta, por onde começa o presente capítulo, são os Anjos Santos, admirados de ver subir ao Céu Cristo, coberto como um vencedor, de sangue de seus inimigos, segundo se colhe do versículo 3. E neste sentimento o seguiram, dos gregos, S. Cirilo de Alexandria e Teodoro: dos latinos, Santo Agostinho e outros. Entretanto, não deixa S. Jerônimo de confessar que a segunda intelligência era comum entre os que lhe precederam. — **Pereira.**

COM AS VESTIDURAS TINGIDAS — O hebreu diz: "Com a sua túnica molhada." E nem o hebreu nem o latim explica a côr, mas os tradutores a suprem pelo versículo 2. — **Pereira.**

EU QUE FALO A JUSTIÇA — Sou eu, a quem o pai deu todo o juízo, conforme aquillo do salmista: "O Deus, dá o teu juízo ao rei, e a tua justiça ao filho do rei. Eu que ô que pronuncio de prêmio ou de castigo, tudo é com suma justiça e retidão." — **S. Jerônimo,**

acha homem algum comigo: Eu os pisei no meu furor, e os pisei aos pés na minha ira: E o seu sangue veio salpicar os meus vestidos, e eu manchei tôdas as minhas roupas. (2)

4 Porque o dia da vingança está no meu coração, é chegado o ano da minha redenção. (3)

5 Eu olhei em roda, e não havia auxiliador: Busquei e não houve quem me ajudasse: Mas o meu braço me salvou, e a minha mesma indignação me auxiliou.

6 E pisei aos pés os povos no meu furor, e os embriaguei na minha indignação, e derribei por terra o seu esforço.

7 Eu me lembrarei das misericórdias do Senhor, cantarei o louvor do Senhor por todos os bens, que o mesmo Senhor nos deu, e pela multidão dos seus bene-

(2) **EU CALQUEI O LAGAR SÔZINHO** — A não verter, eu calquei o lagar, como pedia a letra do texto. Torcular calcavi solus; julgo eu que era mais natural traduzir “eu pisei as uvas”, do que traduzir com os franceses “eu pisei o vinho”. Debaixo do nome de lagar, porém, entendem os Padres comumente a Paixão de Cristo, na qual êle trabalhou sôzinho, porque assim como só êle tomou carne humana, assim também só êle podia efetuar e concluir a Redenção dos homens. — *Pereira.*

EU OS PISEI NO MEU FUROR — Segundo S. Jerônimo, fala Cristo dos seus inimigos e dos espíritos infernais. — *Pereira.*

E O SEU SANGUE VEIO SALPICAR OS MEUS VESTIDOS — Isto não se deve entender de modo que creíamos que os demônios e as potestades infernais têm sangue, mas tudo se deve tomar tropologicamente ou em sentido figurado, visto que o clementíssimo Senhor para instruir o seu povo e para o livrar das cadelas do cativo se considera obrigado a ferir os seus adversários. — *S. Jerônimo.*

(3) **E' CHEGADO O ANO DA MINHA REDENÇÃO** — Ao mesmo tempo que os adversários de Deus são castigados, é o seu povo livre ou remido com o precioso sangue do cordeiro. — *S. Jerônimo.*

fícios à casa de Israel, que elle lhes fêz segundo a sua clemência e segundo a multidão das suas misericórdias. (4)

8 E disse elle: Ainda assim este é o meu povo, são uns filhos que me não hão de tornar a negar: E para elles se fêz Salvador.

9 Em tôda a tribulação dêles não foi angustiado, e o anjo da sua face os salvou: Com o seu amor, e com a sua clemência elle mesmo os remiu, e os levou sobre si, e os exaltou em todos os dias do século.

10 Mas elles o provocaram à ira, e afligiram o espirito do seu Santo: E se converteu para elles em inimigo, e elle mesmo os debelou.

11 Porém elle se lembrou dos dias do século de Moisés, e do seu povo: Onde está o que os tirou do mar com os pastôres do seu rebanho? Onde está o que pôs no meio d'elle o espirito do seu Santo? (5)

(4) **EU ME LEMBRAREI DAS MISERICÓRDIAS DO SENHOR** — Aqui fala o profeta em nome do povo, considerado não ainda no cativello de Babilônia, mas servindo já aos romanos. — S. Jerônimo.

(5) **PORÉM ELE SE LEMBROU DOS DIAS DO SÉCULO DE MOISÉS** — Pode-se duvidar a quem é que se refere este elle. S. Jerônimo parece referi-lo para o Senhor, se bem que a pergunta que se segue, a põe elle na boca de Isaías. O Escoliaste de Carrières adverte que a mesma pergunta se pode attribuir ao Senhor falando consigo mesmo, e como exortando-se a obrar agora a favor do seu povo maravilhas semelhantes às que obrara a favor d'elle em tempo de Moisés. Sacy e de Carrières supõem que quem se lembrou é elle Israel. Le Gros verte do hebreu, como se o povo dissesse, falando de Deus feito e declarado seu adversário: "Lembre-se ôsse Senhor dos séculos antigos; lembre-se de Moisés, e do seu povo. Quem é aquêle que os tirou do mar com este pastor do seu rebanho? — Pereira.

ONDE ESTÁ O QUE OS TIROU DO MAR COM OS PASTORES DO SEU REBANHO? — Já vimos acima pela versão de Le

12 Que tirou pela direita a Moisés com o braço da sua majestade, que rasgou as águas diante dêles, para adquirir para si um nome sempre eterno:

13 Que os conduziu pelos abismos, como a um cavalo que não tropeça por um descampado.

14 Como a um animal que vai descendo por uma campina, o espírito do Senhor foi o seu condutor: Desta maneira guiaste ao teu povo, para grangeares para ti um nome glorioso.

15 Atende-nos lá do céu, e põe os olhos em nós lá do teu santo domicílio, e do da tua glória: Onde está o teu zelo, e a tua fortaleza, a multidão das tuas entranhas, e das tuas misericórdias? Estancaram para mim.

16 Porque tu é que és nosso pai, e Abraão não nos conheceu, e Israel não soube de nós: Tu, Senhor, és nosso pai, nosso redentor, o teu nome subsiste desde o século.

17 Por que nos fizeste, Senhor, extraviar dos teus caminhos: Endureceste o nosso coração para te não te-

Gros, que o hebreu só diz no singular com o pastor, entendendo a Moisés. A Vulgata latina pôs no plural, com os pastores, entendendo também a Aarão. Deve-se também aqui notar, que o padre Houbigant preocupado da imaginação, de que todo este capítulo se devia entender de Judas macabeu, e que este é quem aqui falava, com uma liberdade que ninguém deixara de censurar e condenar, e fundado unicamente na versão siríaca (que onde o hebreu traz duas vezes *Aih*, que quer dizer ubi pôs ele duas vezes *quomodo* como se no original viesse sic) em lugar de verter esta oração, e as que se lhes seguem em sentido interrogatório, que exprime com suma energia os afetos de quem aqui fala, as expôs todas em sentido absoluto, mudando o ubi em ut na significação de *quomodo*. Se a todos é permitido traduzir assim as Escrituras que diferença haverá de um Grocio a um S. Jerônimo? — **Pereira.**

meros? Volve-te a nós por amor dos teus servos, das tribos da tua herança. (6)

18 Nossos inimigos se fizeram senhores do teu povo santo, como se êle não fôsse nada: Pisaram aos pés o teu santuário.

19 Nós ficamos como no princípio, quando ainda nos não dominavas, nem o teu nome se invocava sobre nós. (7)

CAPÍTULO 64

VOTOS PELO LIVRAMENTO DE ISRAEL. CONFISSÃO DA INFIDELIDADE D'ESTE POVO. INSTÂNCIAS PELO SEU RESTA-BELECIMENTO.

1 Oxalá romperas tu os céus e desceras de lá: Os montes se derreteriam diante da tua face. (1)

(6) ENDURECESTE O NOSSO CORAÇÃO — Deus não é causa do nosso erro, nem da nossa dureza: mas quando a sua paciência nos espera, e êle nos não emenda com castigos, parece aos olhos dos homens ser causa do erro e da dureza. — S. Jerônimo.

(7) NÓS FICAMOS — Quem vir com atenção as desgraças, em que nos deixaste, julgará por certo que nós somos para ti uma gente estranha, como éramos quando estávamos misturados entre as mais nações, não tendo absolutamente sinal algum, nem religião, por onde tivéssemos o título de povo teu. — Calmet.

(1) OXALA ROMPERAS TU OS CÉUS, E DESCERAS DE LÁ — S. Jerônimo e os outros Padres, constantemente consideram nesta expressão os vivos desejos, que o Profeta em nome do povo mostrava ter, de que o Filho de Deus viesse ao mundo. O padre Houbigant, não se embaraçando com este consenso dos Padres, todo occupado do estado dos judeus em tempo de Judas macabeu, não considera aqui desejos alguns da vinda do Messias, mas atando este primeiro versículo do capítulo sessenta e quatro com o último do capítulo sessenta e três, e supondo que quem fala num e outro é o mesmo Judas macabeu, em lugar de *utinam dirumperes cœlos, et descenderes*, põe na sua boca, quasi *non eruperis cœlos*,

2 Desfazer-se-iam como se nêles houvesse um abraçamento de fogo, as águas arderiam em fogo, para que o teu nome se fizesse notório a teus inimigos: Ficassem turbadas as nações diante da tua face.

3 Quando tu fizeres as tuas maravilhas, nós não poderemos suportá-las: Tu desceste, e os montes se derreteram diante da tua face.

4 Desde o século os homens não ouviram, nem com os ouvidos perceberam: O olho não viu, exceto tu, ó Deus, o que tens preparado para os que te esperam. (2)

5 Saíste ao encontro àquele que se alegrava, e praticava a justiça: Êles se lembrarão de ti nos teus caminhos: Eis-aí está que tu te iraste, porque nós pecamos: Em pecados estivemos sempre e seremos salvos.

6 E todos nós viemos a ser como um homem imundo, e tôdas as nossas justiças são como o pano manchado

ut descendores, etc. E isto porque no hebreu em lugar de *Lu*, que quer dizer *utinam*, se acha aqui *lua*, que quer dizer *non*. E como esta simples negação deixava ainda manco o período, conjecturou o padre Houbigant que o *Lua* do hebreu era um descuido do copista, e que em lugar de *Lua*, se devia ler com as letras transpostas *Ula*, que quer dizer *et non*. Eis aqui todo o fundamento, com que este moderno intérprete, por parecer engenhoso, se lhe não deu de parecer atrevido. Quanto a mim, eu tenho por certo, que se o padre Houbigant tivera publicado a sua Bíblia em tempo do grande Bossuet, este zeloso prelado se teria declarado contra ela com a mesma veemência e acrimônia, que elle mostrou contra a do outro Oratoriano Ricardo Simão. — **Pereira.**

(2) **DESDE O SÉCULO OS HOMENS NÃO OUVIRAM** — Isto é, desde o princípio do mundo, desde que é mundo o mundo. Dêste testemunho se valeu S. Paulo, 1 Cor 2, 9, para mostrar a sublimidade e preciosidade da sabedoria, que Deus ostentou no mistério da Encarnação e Paixão do Salvador. E comumente o explicam os Santos Padres da inefável e incompreensível felicidade dos bem-aventurados no céu. — **Pereira.**

e caímos todos como a fôlha, e as nossas iniquidades como um vento nos arrebataram. (3)

7 Não há quem invoque o teu nome: Quem se levante e te detenha: Escondeste de nós a tua face, e nos esmigalhaste entre as mãos da nossa iniquidade.

8 E agora, Senhor, tu és nosso pai e nós não somos senão barro: E tu és o nosso Opífice, e todos nós somos obras das tuas mãos.

9 Não te agastes muito, Senhor, e não te lembres mais da nossa iniquidade, eis-nos aqui, olha para nós, todos nós somos o teu povo:

10 A cidade do teu santo se fez deserta, Sião ficou erma, Jerusalém está desolada.

11 A casa da nossa santificação, e da nossa glória onde nossos pais te louvaram, reduziu-se a um abraçamento de fogo, e tôdas as nossas coisas apeteceíveis vieram a converter-se em ruínas.

12 Acaso conter-te-ás ainda, Senhor, à vista destas desgraças, ficarás calado, e afligir-nos-ás até às últimas?

CAPÍTULO 65

CONVERSAO DOS GENTIOS. INCREULIDADE DOS JUDEUS.
VINGANÇAS DO SENHOR SOBRE ESTE POVO. RESTOS SALVADOS POR GRAÇA. BÊNÇÃOS DO SENHOR SOBRE OS SEUS SERVOS. NOVO MUNDO. FELICIDADE DE JERUSALÉM.

1 Buscaram-me os que antes não perguntavam por mim, acharam-me os que me não buscaram: Eu disse:

(3) **E TODAS AS NOSSAS JUSTIÇAS SÃO COMO O PANO MANCHADO** — E' muito para se considerar, que a justiça que se acha na lei em comparação da pureza evangélica, se nomela aqui imundicia. — S. Jerônimo.

Eis-aqui fui eu, eis-aqui fui eu para uma gente, que não invocava o meu nome.

2 Estendi as minhas mãos todo o dia a um povo incrédulo, que anda por um caminho não bom após dos seus pensamentos.

3 E' este um povo que sempre me está para diante da minha face provocando a ira: Que imolam vítimas nos jardins, e sacrificam sôbre ladrilhos:

4 Que habitam nos sepulcros, e dormem nos templos dos ídolos: Que comem carnes de porco, e um caldo profano, em suas taças.

5 Os quais dizem: Afasta-te de mim, não te avizinhaes para mim, porque estás imundo: Estes serão um fumo no meu furor, um fogo que arderá todo o dia.

6 Eis-aí está que o seu pecado se acha escrito diante de mim: Eu não me calarei, mas eu os recompensarei. e lhes retribuirei dentro do seio dêles. (1)

7 As vossas iniquidades, e juntamente as iniquidades de vossos pais, diz o Senhor, os quais sacrificaram sôbre os montes, e sôbre os outeiros me afrontaram em rosto, e remunerarei a sua primeira obra no seio dêles.

8 Eis-aqui o que diz o Senhor: Como quando se acha um formoso bago num cacho de uvas, e se diz: Não desperdices, porque é bênção: Assim farei eu por amor de meus servos, de sorte que o não destrua de todo. (2)

(1) **EIS-AÍ ESTA QUE O SEU PECADO SE ACHA ESCRITO DIANTE DE MIM** — Todos os nossos pecados estão patentes aos olhos de Deus, e escritos naqueles livros, dos quais se lê em Daniel: "Foram postos os tronos e abertos os livros." Dan 7, 10. — S. Jerônimo.

(2) **PORQUE É BÊNÇÃO** — Os hebreus debaixo do nome de bênção, compreendem todos os frutos da terra: neste lugar signi-

9 E farei sair de Jacó uma posteridade, e de Judá um descendente, que possua os meus montes: E os meus escolhidos herdarão esta terra, e os meus servos habitarão nela. (3)

10 E as campinas servirão de tapada de rebanhos, e o vale de Acor de colheita de gados para os de meu povo, que me buscaram. (4)

11 E quanto a vós, que deixastes o Senhor, que vos esquecesteis do meu santo monte, que pondeis mesa à Fortuna, e derramais libações sobre ela: (5)

12 Eu vos farei passar por conta ao fio da espada e todos caireis nessa matança: Porque eu chamei e vós não respondestes: Falei, e vós não ouvistes: E fazíeis o mal diante de meus olhos, e escolhesteis o que eu não quis.

13 Por esta causa o Senhor Deus diz isto: Eis-aí está que os meus servos comerão, e vós tereis fome: Eis-aí está que os meus servos beberão, e vós tereis sede:

fica a virtude de produzir uma nova vide. Assim Menochio. Veja-se a intelligência disto no mesmo Is 1, 9, e em S. Paulo Rom 9, 29.

— **Pereira.**

(3) **E FAREI SAIR DE JACÓ UMA POSTERIDADE** — Aquêlê a quem acima chamou bago do cacho, a êsse chama agora posteridade de Jacó, e descendente de Judá. Por êsse descendente de Judá, porém, entendem uns a Cristo, que sem dúvida alguma procedeu do sangue de Judá; outros, os Apóstolos, que foram as relíquias de Israel, de quem o profeta tinha dito muitas vêzes, que seriam salvas. Êstes possuíam o monte do Senhor, pelo interno conhecimento que tinham de habitar nêles Cristo, ou possuíram os montes porque habitaram a Jerusalém celeste, fundada sobre os montes santos. — **S. Jerônimo.**

(4) **E O VALE DE ACOR** — Vale muito fértil, ao pé de Jericó. Veja Jos 7, 24.

(5) **FORTUNA** — No hebreu está Gad, que os cananeus consideravam o deus da fortuna.

14 Eis-aí está que os meus servos se alegrarão, e vós sereis confundidos: Eis-aí está que os meus servos cantarão louvores pela exaltação do seu coração, e vós dareis gritos pela dor do vosso mesmo coração, e pelo quebrantamento do vosso espírito uivareis.

15 E deixareis o vosso nome para juramento aos meus escolhidos: E o Senhor Deus te matará, e a seus servos chamará por outro nome.

16 No qual o que é abençoado sôbre a terra, será abençoado do Deus da verdade: E o que jura sôbre a terra, jurará no Deus da verdade: Porque foram entregues ao esquecimento as primeiras angústias, e porque ficaram escondidas de meus olhos.

17 Porque eis-aqui estou eu que crio uns céus novos, e uma terra nova: E não persistirão na memória as primeiras calamidades, nem subirão sôbre o coração.

18 Mas vós folgareis, e exultarei para sempre naquelas coisas que eu crio: Porque eis-aqui estou eu que crio a Jerusalém para exultação, e ao seu povo para gôzo. (6)

19 E exultarei em Jerusalém, e folgarei no meu povo: E não se ouvirá dali por diante nêle voz de choro, nem voz de lamento.

20 Não haverá ali mais menino de dias nem velho que não encha os seus dias: Porque o menino morrerá de cem anos, e o pecador de cem anos será amaldiçoado.

21 E edificarão casas e habitarão nelas: E plantarão vinhas e comerão o seu fruto.

22 Não lhes sucederá edificarem êles casas, ser outro quem as habite: Nem plantarem êles vinhas e vir outro que as desfrute: Porque os dias do meu povo serão

(6) **CRIO A JERUSALÉM** — Vou fazer de Jerusalém uma cidade de exultação, e do seu povo um povo alegre.

segundo os dias da árvore: E as obras das suas mãos envelhecerão:

23 Os meus escolhidos não trabalharão debalde, nem eles gerarão filhos para turbação: Porque é esta uma estirpe de benditos do Senhor, e seus netos com eles:

24 E acontecerá que antes que eles bradem, eu os escutarei: Estando eles ainda falando, eu os ouvirei.

25 O lobo e o cordeiro se apascentarão juntos, o leão e o boi comerão a palha: E o pó será para a serpente o seu pão: Eles não farão mal, nem matarão em todo o meu santo monte, diz o Senhor.

CAPÍTULO 66

TEMPLOS E SACRIFÍCIOS DOS JUDEUS REJEITADOS. VINGANÇAS DO SENHOR CONTRA ESTE POVO FIEL. SIAO PARE UM POVO FIEL. O SENHOR SE MANIFESTA AS NAÇÕES. NOVA GERAÇÃO QUE SUBSISTIRA ETERNAMENTE.

1 Eis-aqui o que diz o Senhor: O céu é o meu trono e a terra é o escabelo de meus pés: Que casa é essa que vós me haveis de edificar para mim? e que lugar é êsse do meu descanso? (1)

2 Tôdas estas coisas fêz a minha mão e tôdas elas geralmente foram feitas, diz o Senhor: Para quem olharei eu pois senão para o pobrezinho, e quebrantado de espírito e que treme dos meus discursos? (2)

(1) QUE CASA É ESSA — Isto diz para convencer o erro dos judeus, que cuidam que um Deus invisível, incorpóreo e incompreensível, pode encerrar-se no Templo de Jerusalém. — S. Jerônimo.

(2) PARA QUEM OLHAREI EU, POIS, SENÃO PARA O POBREZINHO — Logo o habitador do Céu, ou por melhor dizer, o criador de tôdas as coisas, que diz que não tem templo na terra,

3 O que imola um boi é como o que mata a um homem: O que sacrifica uma vez é como o que deita os miolos fora a um cão; o que oferece oblação é como o que oferece sangue de porco: O que se lembra de queimar incenso, é como o que bendiz a um ídolo. Todas estas coisas gostaram eles de fazer andando nos seus caminhos e a sua alma se deleitou nas suas abominações. (3)

4 Por onde também eu farei gosto de zombar deles, e farei vir sobre eles o que temiam, porque eu chamei, e não havia quem me respondesse: Falei e não me deram ouvidos: E fizeram o mal diante de meus olhos, e escolheram o que eu não quis.

5 Ouvi a palavra do Senhor, os que tremeis à sua palavra: Os vossos irmãos, que vos aborrecem, e que vos rejeitam por causa do meu nome, vos disseram: Seja glorificado o Senhor, e nós o reconheceremos na vossa alegria: Mas estes tais serão confundidos. (4)

esse mesmo toma de boamente para seu templo o homem humilde e manso, e que treme ao ouvir as suas palavras. — S. Jerônimo.

(3) **E' COMO O QUE MATA A UM HOMEM** — Ouçam isto os judeus, e entendam, que Deus não busca os sacrificios mas o animo dos que lhos oferecem. — S. Jerônimo.

TODAS ESTAS COISAS GOSTARAM ELES DE FAZER — Isto diz, não porque os judeus de quem fala, oferentes dos sacrificios, matassem homens, ou em lugar de cordeiros e cabritos imolassem cães ou ratos, ou outros animais assim excluídos pela lei, ou oferecessem sangue de porcos ou adorassem ídolos, mas porque oferecendo exteriormente os sacrificios da lei, cometiam ao mesmo tempo tais maldades e abominações, que quanto à vontade e às obras eram tão maus como os que fossem homicidas ou imolassem a Deus animais proibidos pela lei. No que o Senhor argui principalmente a hipocrisia, que os escribas e fariseus uniam a uns costumes devassos de adultério e de rapina, de soberba, de satisfação própria, de maldicência, de dolo, de crueldade. — S. Jerônimo.

(4) **OS VOSSOS IRMAOS QUE VOS ABORRECEM** — Vos-

6 Voz do povo vinda da cidade, voz vinda do templo, voz do Senhor, que dá o pago a seus inimigos. (5)

7 Antes que tivesse dor de parto, deu à luz: Antes que chegasse o seu parto, deu à luz um filho varão. (6)

8 Quem jamais ouviu tal? e quem viu coisa semelhante a esta? produzirá acaso a terra o seu fruto num dia? ou parir-se-á dum jacto uma nação inteira, porque Sião estêve de parto e deu à luz os seus filhos?

9 Eu pois que faço parir os outros, não parirei eu mesmo? diz o Senhor; eu que dou aos outros a fecundidade, ficarei acaso estéril? diz o Senhor teu Deus.

sos irmãos os judeus, que vos aborrecem, e vos rejeitam a vós, ó apóstolos, e discípulos meus, êles vos disseram: "Seja glorificado o Senhor, e nós o veremos, ou reconheceremos na vossa alegria." Do qual versículo o sentido é este: Por que nos introduzis vós um Deus humilde? por que um Crucificado, um varão de dores, e que sabe por experiência o que é padecer? Nós queremos-lo reinando na sua majestade, que assim é que vós lhe chamais: nós o receberemos, mas há de ser triunfante, na sua glória humilde, e desprezado nós o não podemos ver. E logo acrescentou o Senhor: "mas êstes tais serão confundidos: êstes que não entendem os mistérios das Escrituras, e que nos males que hão de experimentar, sentiram a presença daquele a quem por humilde desprezaram. — S. Jerônimo.

(5) **VOZ DO POVO VINDA DA CIDADE** — Voz do povo de Jerusalém amotinado, sem dúvida ao ver cercada a cidade pelo exército romano, quando do templo se ouviu sair uma voz que dizia: "Passemos daqui para outra parte:" e era a voz dos anjos tutelares do mesmo templo, como refere José na sua história "Da guerra judaica." — S. Jerônimo.

(6) **ANTES QUE TIVESSE DOR DE PARTO, DEU À LUZ** — Ela, isto é, a Igreja simbolizada no seguinte verso em Sião ou em Jerusalém, pariu antes de entrar no parto, enquanto de repente todo o Mundo creu em Cristo: e ela deu à luz um filho varão, isto é, o povo cristão, formado dos apóstolos, e mártires, e de outros varões fortíssimos: e o teve antes do tempo de dar à luz, por comparação ao povo judaico, que para se formar foi preciso decorrerem

10 Alegrai-vos com Jerusalém, e exultai nela todos vós os que a amais: Regozijai-vos com ela de prazer todos universalmente os que chorais sôbre ela,

11 para que mameis e vos vejais fartos ao peito da sua consolação: Para que chupeis, e nadeis nas delícias de tôda a sua multiplicada glória.

12 Porque o Senhor diz isto: Eis-aqui estou eu que derivarei sôbre ela um como rio de paz, e uma como torrente que inunde a glória das gentes, a qual vós chupareis, aos peitos sereis levados, e sôbre os joelhos vos acariciarão.

13 Do modo que uma mãe acaricia o seu filhinho, assim vos consolarei eu, e em Jerusalém sereis consolados.

14 Vós o vereis e folgará o vosso coração, e os vossos ossos como erva brotarão, e conhecer-se-á a mão do Senhor, a favor de seus servos, e êle se indignará contra seus inimigos.

15 Porque eis-aí virá o Senhor no fogo, e as suas quadrigas como um torvelinho: Para desafogar em recompensa com indignação o seu furor, e a sua incriação com labaredas de fogo:

16 Porque o Senhor com fogo e armado da sua espada, julgará discernindo tôda a carne e serão muitos os que ficarão mortos pelo mesmo Senhor,

17 aquêles que se santificavam, e se tinham por limpos nos jardins detrás da porta no interior da casa, os que comiam carne de porco, e abominação, e ratos: Serão todos juntos consumidos, diz o Senhor.

18 Mas eu venho a recolher as obras dêles, e os seus pensamentos: Com tôdas as gentes e línguas: E êles comparecerão todos e verão a minha glória.

tantas gerações, quantas decorreram desde Abraão até Moisés. —
S. Jerônimo.

19 E porei nêles um sinal, e os que dentre êles fôrem salvos, eu os enviarei às gentes de além mar, à África, e à Lídia, cujos povos atiram com setas; à Itália e à Grécia, às ilhas que demoram em distância longínqua, àqueles que não ouviram falar de mim, nem viram a minha glória. E êles anunciarão a minha glória às gentes, (7)

20 e farão vir todos os vossos irmãos convocados de tôdas as nações como um presente para o Senhor, trazidos em cavalos, e em quadrigas, e em liteiras, e em machos, e em carretas, ao meu santo monte de Jerusalém, diz o Senhor, como se os filhos de Israel trouxessem um presente num aseado vaso à casa do Senhor. (8)

(7) **E POREI NÊLES UM SINAL** — S. Jerônimo o entende de sinal da cruz, de que fôra símbolo o Thau dos hebreus, com o qual o que estava assinalado na testa, escapava de ser ferido pelo Anjo do Senhor. Ez 9, 4. Foreiro e Duhamel entendem por êste sinal o dom de línguas, e de milagres, com o que o Espírito Santo em dia de Pentecostes as igualou aos Apóstolos e Discípulos de Cristo, e como que declarou legítima a sua missão. Sacy e de Carrières em lugar de sinal puseram estandarte, vertendo assim: “Eu levantarei um estandarte entre êles, etc. Tudo pode significar o nome signum, que aqui traz a Vulgata. — Pereira.

E OS QUE DENTRE ÊLES FOREM SALVOS — Entendem-se os apóstolos e depois de falar da segunda vinha do Senhor, torna o profeta à primeira, porque quis ameaçar os homens com a severidade do castigo no dia do juízo, para com êste medo receberem êles o Salvador, e o seu Evangelho. — S. Jerônimo.

EU OS ENVIAREI AS GENTES DE ALÉM MAR, A AFRICA E A LÍDIA — O hebreu diz aqui: Eu os enviarei a Tarsis, a Ful, a Lud, a Tubal, a Javam, e às Ilhas as mais remotas. Onde por Tubal entendeu o autor da Vulgata latina a Itália, podendo, como nota S. Jerônimo, entender a Espanha, que se jacta de ter por primeiro povoador a Tubal. No original está e à Lídia que atira setas, o que é um hebraísmo, freqüente na Bíblia, designando, não o país, mas os seus habitantes.

SETAS — O hebreu tem arco.

(8) **TRAZIDOS EM CAVALOS, E EM QUADRIGAS, E EM**

21 E eu escolherei dentre eles para sacerdotes, e levitas, diz o Senhor: (9)

22 Porque bem como durarão os novos céus, e a nova terra, que eu faço subsistir diante de mim, diz o Senhor: Assim subsistirá a vossa posteridade, e o vosso nome. (10)

23 E as festas dos primeiros dias dos meses se mudarão noutras festas de cada mês, e o sábado noutro sábado: Tôda a carne virá para fazer as suas adorações diante da minha face, diz o Senhor. (11)

LITEIRAS, E EM MACHOS, E EM CARRETAS — Em lugar de in carrucis, que nós traduzimos carretas, puseram os Setenta in umbraculis, em carros cobertos. E estas expressões de honra e de comodidade, como diz Foreiro, não denotam outra coisa mais que a estimação, mimo, e carinho com que os Apóstolos, e seus sucessores haviam de aliciar e conduzir para a Igreja de Cristo os novos convertidos.

(9) **E EU ESCOLHEREI DENTRE ELES PARA SACERDOTES E LEVITAS** — O Senhor escolherá os seus sacerdotes e os seus levitas dentre os mesmos estrangeiros, que êle tiver convertido à fé, e trazido à sua Igreja. Em vão trabalha o judeu incrédulo, por iludir uma profecia tão clara, pela abrogação do sacerdócio da lei mosaica, e sucessão do sacerdócio da lei Cristã verificada efetivamente há quase dezoito séculos a esta parte. Esta profecia refere-se claramente ao sacerdócio católico.

(10) **ASSIM SUBSISTIRÁ A VOSSA POSTERIDADE E O VOSSO NOME** — Acabando aqui o versículo 22, sem se seguir mais nada no texto, não sei de onde se tirou, o que nas últimas edições da de Carrières se acrescenta, “ó tu, que és o meu servo que eu escolhi” e que com efeito se acha na de 1750. — Pereira.

(11) **E AS FESTAS DOS PRIMEIROS DIAS DOS MESES SE MUDARÃO NOOUTRAS FESTAS DE CADA MÊS** — Assim expus com Sacy e de Carrières o que diz a Vulgata: *Et erit mensis ex mense, et sabbatum ex sabbato*. A letra: E será (ou haverá, ou originar-se-á) mês de mês, e sábado de sábado. O que quer dizer, que às festas que a sinagoga celebrava nos primeiros dias de cada mês chamadas por isso Neomênias, sucederiam as festas que em cada

24 E eles sairão, e verão os cadáveres dos homens, que prevaricaram contra mim: O seu verme não morrerá, e o seu fogo não se extinguirá: E servirão de espetáculo a toda a carne até ela se fartar de ver semelhante objeto. (12)

mês, celebra a Igreja Cristã; umas de Cristo, outras de sua Santíssima Mãe, outras dos seus santos: e que aos sábados dos judeus sucederiam os nossos domingos, que são entre nós os dias do descanso do Senhor, assim como entre os judeus o eram os sábados; e isto alegoriza S. Jerônimo, para destes sábados e destes meses carnaes se fazer o Sabatismo espiritual do eterno descanso, que se reserva para o povo de Deus: *Ut de carnalibus Sabbatis mensibusque fiant spiritualia Sabbata dedicata: qui Sabbatismus Dei populo reservatur.* — Pereira.

(12) **O SEU VERME NÃO MORRERÁ, E O SEU FOGO NÃO SE EXTINGUIRÁ** — O mesmo Jesus Cristo explicou isto das penas do inferno, onde o remorso da consciência dos condenados é como um bicho que os rói, e nunca morre; e o fogo que os atormenta sem os consumir, nunca se extinguirá. Mc 9, 34. 45. 47. Cfr. Glaire. ed. 1902.

ÍNDICE DAS GRAVURAS

- I — Saul tenta ferir a Davi.
- II — “E o Senhor mandou contra eles leões que os matavam”.
- III — As colinas de Basan, ao oriente do Jordão.
- IV — “Bem-aventurado o varão que não se deixou ir após o conselho dos ímpios...”
- V — “Porque eu hei de ver os teus céus, obra dos teus dedos...”
- VI — “Está de assento em emboscada com os ricos em lugares ocultos, para matar ao inocente”.
- VII — O pastor com o seu rebanho.
- VIII — Voz do Senhor que quebra os cedros.
- IX — “Muitas as tribulações dos justos, e de todas estas os livrará o Senhor”.
- X — A ocupação dos bons e dos maus.
- XI — “Entesoura e não sabe para quem ajunta aquelas coisas”.
- XII — “Assim como o cervo suspira pelas fontes das águas: Assim a minha alma suspira por ti, ó Deus”.
- XIII — “...com vento impetuoso quebrarás as naus de Tarsis...”
- XIV — “Por isso Deus te destruirá para sempre...”
- XV — “O meu coração está conturbado dentro de mim: E medo de morte calu sobre mim”.
- XVI — “O furor deles é semelhante ao da serpente...”
- XVII — “E os teus campos se encherão de abundância”.
- XVIII — “Contra mim falavam os que se sentavam à porta: E sobre mim cantavam os que bebião vinho”.
- XIX — Os reis de Tarsis e as ilhas lhe oferecerão dons...

- XX — "... destroçaram à uma as suas portas..."
- XXI — "E lhes choveu o maná para comer..."
- XXII — "Entoai o salmo, e tocai os tímpanos..."
- XXIII — "Bem-aventurados, Senhor, os que moram na tua casa..."
- XXIV — "E eu a ti, Senhor, clamei..."
- XXV — Quão magníficas são, Senhor, as tuas obras!
- XXVI — "Tributai ao Senhor a glória devida ao seu nome".
- XXVII — "Cantai ao Senhor um cântico novo..."
- XXVIII — Sairá o homem à sua obra: Aos seus trabalhos até à noite.
- XXIX — E empregou nêles as suas misericórdias à vista de todos aquêles que o haviam cativado.
- XXX — "... e levantou-se um vento de tempestade..."
- XXXI — "Ele faz que habite na casa da mulher estéril, alegre de se ver mãe de filho".
- XXXII — "Eu sou peregrino na terra..."
- XXXIII — "Pôsto que se sentaram os príncipes..."
- XXXIV — "Dá-me inteligência, e eu aprenderei os teus mandamentos..."
- XXXV — "Porque lá subirão as tribos, as tribos do Senhor..."
- XXXVI — "Tua mulher será no retiro de tua casa, como vide abundante".
- XXXVII — "Junto dos rios de Babilônia, ali nos assentamos e pusemos a chorar".
- XXXVIII — "O justo me corrigirá, e me increpará com misericórdia..."
- XXXIX — "Ó que dá neve como lã: Espalha a névoa como cinza".



Saul esforça-se para atravessar a Davi com a lança contra a parede, mas Davi se esquiça, e foge.

(1 Reis 19, 10) Vol. 3.º, pág. 75



... e quando já haviam comecado a habitar nelas, não temiam o Senhor, e o Senhor mandou contra elles leões que os matavam",
 (1 Reis 17, 25) Vol. 3.º, pág. 372



As colinas de Basan, ao oriente do Jordão.



“Bem-aventurado o varão
que não se deixou ir após o
conselho dos ímpios, e que
não se deteve no caminho
dos pecadores, e que não se
assentou na cadeira empestada
pelo vício”. “E será como
a árvore, que está plantada
junto à margem dum ribeiro
ameno, que a seu tempo dará
o seu fruto”.

(Salmos, 1, 1.3) Vol. 5.º,
pág. 17 e 18



“Porque eu hei de ver os teus céus, obra dos teus dedos: A lua
e as estrêlas que tu estabeleceste”.

(Salmos 8, 4) Vol. 5.º, pág. 33



“Está de assento em emboscada com os ricos em lugares ocultos, para matar ao inocente”.

(Salmos 10, 8) Vol. 5.º, pág. 37



O pastor com o seu rebanho.

(Salmos 22, 1 ss) Vol. 5.º, pág. 70



“Voz do Senhor que quebra os cedros: E o Senhor quebrará
os cedros do Libano”.

(Salmos 28, 5) Vol. 5.º, pág. 33



“Muitas as tribulações dos justos, e de todas estas os livrará o Senhor”.
(Salmos 33, 20) Vol. 5.º, pág. 98



A ocupação dos bons e dos maus.

(Salmos 36, 1 ss) Vol. 5.º, pág. 104



“Entesoura, e não sabe para quem ajunta aquelas coisas”.

(Salmos 38, 7) Vol. 5.º, pág. 113



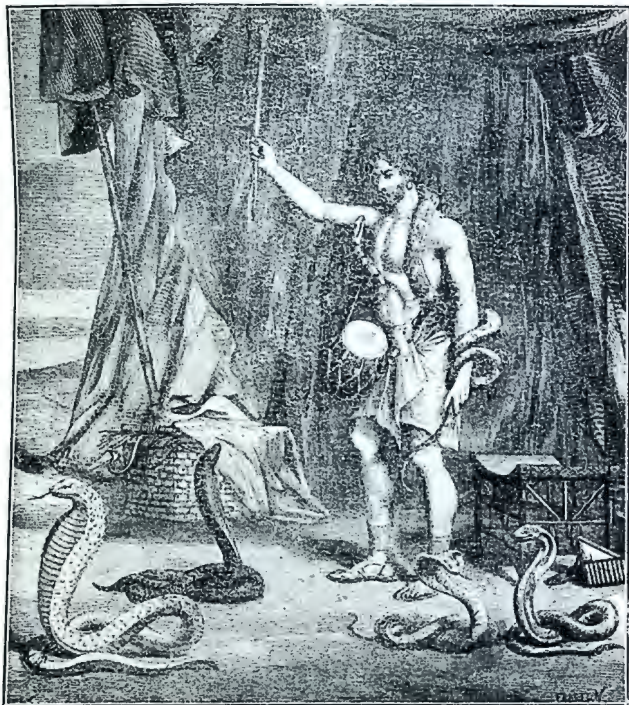
“Assim como o cervo suspira pelas fontes das águas: Assim a
minha alma suspira por ti, ó Deus”.

(Salmos 41, 2) Vol. 5.º, pág. 121



“... com vento impetuoso quebrarás as naus de Tarsis”.

(Salmos 47, 7) Vol. 5.º, pág. 139



“O furor dêles é semelhante ao da serpente: Como o de áspide surdo, e que fecha os seus ouvidos”.

“Que não ouvirá a voz de encantadores: Nem a de mago que encanta segundo a sua arte”.

(Salmos 57, 5.6) Vol. 5.º, pág. 165



“E os teus campos se encherão de abundância”.

(Salmos 64, 12) Vol. 5.º, pág. 181



“Contra mim falavam os que se sentavam à porta: E sobre mim cantavam os que bebiam vinho”.

(Salmos 68, 13) Vol. 5.º, pág. 197



"Os reis de Tarsis e as ilhas lhe oferecerão dons: Os reis da Arábia e de Sabá
lhe trarão presentes".

(Salmos 71, 10) Vol. 5.º, pág. 204



"...destroçaram à uma as suas portas: Com machado e camartelo as derribaram". "Abrasaram um fogo ao teu Santuário: Na terra profanaram o tabernáculo do teu nome".



“E lhes choveu o maná para comer, e lhes deu pão do céu”.

(Salmos 77, 24) Vol. 5.º, pág. 222



“Entoai o salmo, e tocai os tímboles: O saltério harmonioso com a cítara”.
(Salmos 80, 3) Vol. 5.º, pág. 231



“Bem-aventurados, Senhor, os que moram na tua casa: Pelos séculos dos séculos te louvarão”.
(Salmos 83, 5) Vol. 5.º, pág. 236



“E eu a ti, Senhor, clamei: E pela manhã se antecipará diante de ti a minha oração”.

(Salmos 87, 14) Vol. 5.º, pág. 245



“Quão magníficas são, Senhor, as tuas obras! Extremadamente profundos são os teus conselhos”.

(Salmos 91, 6) Vol. 5.º, pág. 255

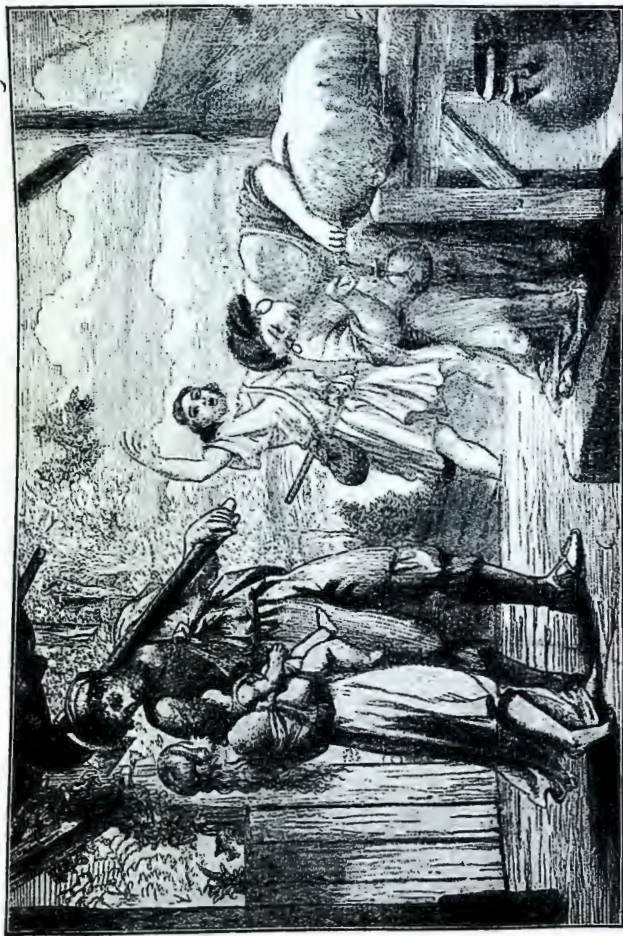


“Tributai ao Senhor a glória devida ao seu nome”.

(Salmos 95, 8) Vol. 5.º, pág. 262



“Cantai ao Senhor um cântico novo: Porque êle fêz maravilhas”.
(Salmos 97, 1) Vol. 5.º, pág. 265



“Sairá o homem à sua obra: Aos seus trabalhos até à noite”.

(Salmos 103, 23) Vol. 5.º, pág. 279



**“E empregou nêles as suas misericórdias à vista de todos aquê-
les que o haviam cativado”.**

(Salmos 105, 46) Vol. 5.º, pág. 289

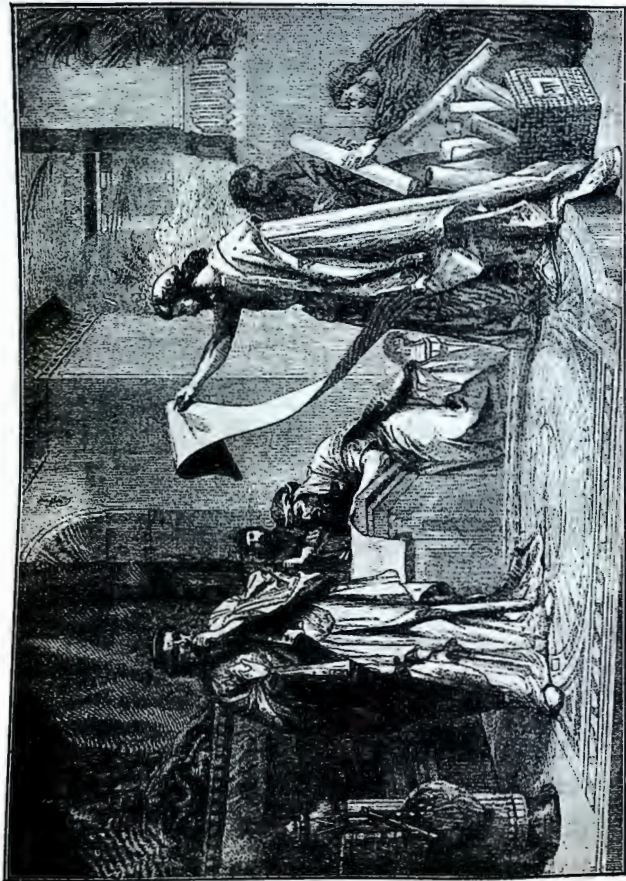


“... e levantou-se um vento de tempestade: E empolaram-se as suas ondas”.

(Salmos 106, 25) Vol. 5.º, pág. 291



“Ele faz que habite na casa a mulher estéril, alegre de se ver mãe de filhos”.
(Salmos 112, 9) Vol. 5.º, pág. 305



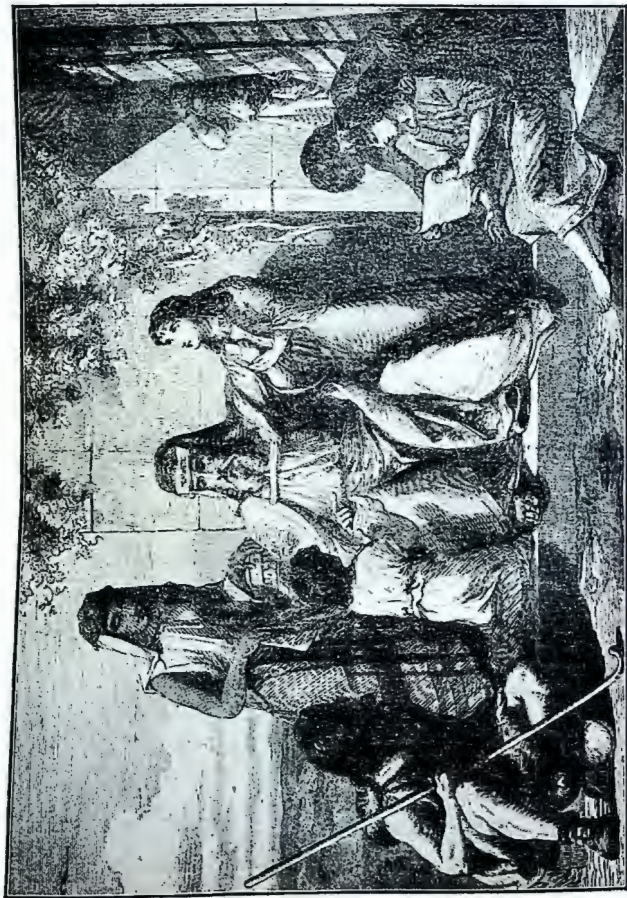
“Eu sou peregrino na terra: Não escondas de mim os teus mandamentos”.

(Salmos 118, 19) Vol. 5.º, pág. 318



"Pôsto que se sentaram os principes, e falavam contra mim:
O teu servo todavia se exercitava nas tuas justificações".

(Salmos 118, 23) Vol. 5.º, pág. 318



“Dá-me inteligência, e eu aprenderei os teus mandamentos”.

(Salmos 118, 73) Vol. 5.º, pág. 323



“Porque lá subirão as tribos, as tribos do Senhor: Como se
mandou a Israel para louvar o nome do Senhor”.
(Salmos 121, 4) Vol. 5.º, pág. 336.



“Tua mulher será no retiro de tua casa, como vide abundante”.

(Salmos 127. 3) Vol. 5.º, pág. 341



“Junto dos rios de Babilônia, ali nos assentamos e pusemos a chorar”.

(Salmos 136, 1) Vol. 5.º, pág. 353



“O justo me corrigirá, e me increpará com misericórdia: Mas o azeite do pecador não chegue a ungir a minha cabeça”.

(Salmos 140, 5) Vol. 5.º, pág. 362



“O que dá neve como lã: Espalha a névoa como cinza”.
(Salmos 147, 16) Vol. 5.º, pág. 374

BÍBLIA SAGRADA

ANO SANTO DE 1950

EXPLICAÇÃO DAS ABREVIATURAS E SINAIS USADOS NESTA EDIÇÃO DA BÍBLIA

Livros do Antigo Testamento		Livros do Novo Testamento	
Gênesis	Gên	Mateus	Mt
Êxodo	Êx	Marcos	Mc
Levítico	Lev	Lucas	Lc
Números	Núm	João	Jo
Deuterônimo	Dt	Atos	At
Josué	Jos	Romanos	Rom
Juízes	Jz	Coríntios	Cor
Rute	Rut	Gálatas	Gál
Samuel	Sam	Efésios	Ef
Reis	Rs	Filipenses	Fip
Paralipômenos	Par	Colossenses	Col
(ou Crônicas)	(Crôn)	Tessalonicenses	Tc
Esdras	Esdr	Tímóteo	Tim
Neemias	Ne	Tito	Ti
Tobias	Tob	Filemon	Fim
Judite	Jdt	Hebreus	Hebr
Ester	Est	Tiago	Tr
Jó	Jó	Pedro	Pdr
Salmos	Sl	João	Jo
Provérbios	Prov	Judas	Jud
Eclesiastes	Ecl	Apocalipse	Apc
Cântico dos Cânticos	Cânt		
Sabedoria	Sab		
Eclesiástico	Eclo		
Isaías	Is		
Jeremias	Jer		
Lamentações	Lam		
Baruc	Bar		
Ezequiel	Ez		
Daniel	Dan		
Oséias	Os		
Joel	Jl		
Amós	Am		
Abdias	Abd		
Jonas	Jon		

A vírgula separa capítulos de versículos: Gên 3, 5 = Gênesis, c. 3, v. 5.

O ponto e vírgula separa capítulos: Dan 4, 8; 7, 3 = Daniel, c. 4, v. 8 e c. 7, v. 3.

O ponto separa versículos: Is 7, 14.20 = Isaías, c. 7, vv. 14 e 20.

O hífen separa tanto versículos como capítulos, incluindo na citação os versículos e capítulos intermédios:

Mt 17, 5-17 = Mateus, c. 17, do v. 5 até ao 17.

Est 10, 4-16, 24 = Ester, do v. 4 do c. 10 até ao v. 24 do c. 16.

Um * após um número indica o versículo imediatamente seguinte: Jo 4, 5* = João, c. 4, vv. 5 e 6.

Dois ** após um número indicam os dois versículos imediatamente seguintes: Núm 27, 9ss = Números, c. 27, vv. 9, 10 e 11.

Um número colocado antes de uma abreviatura significa um primeiro, segundo, terceiro, quarto livro, ou então uma primeira, segunda ou terceira epístola: 1 Rs 3, 6 = primeiro livro dos Reis, c. 3, v. 6; 2 Cor = segunda aos Coríntios.

c. = capítulo
cc. = capítulos
v. = versículo
vv. = versículos

BÍBLIA SAGRADA

CONTENDO

O VELHO E O NOVO TESTAMENTO

REEDIÇÃO DA VERSÃO DO

PADRE ANTÔNIO PEREIRA DE FIGUEIREDO

Comentários e anotações segundo os consagrados trabalhos de
Glaire, Knabenbauer, Lesêtre, Lestrade, Poels, Vigouroux, Bossuet, etc.,
organizados pelo

PADRE SANTOS FARINHA

Acrescida de dois volumes contendo introduções atualizadas e
estudos modernos elaborados por professores de Exegese do Brasil

Sob a supervisão do

PADRE ANTÔNIO CHARBEL, S. D. B.

ILUSTRAÇÕES DE GUSTAVO DORÉ

EDIÇÃO APROVADA PELO EMINENTÍSSIMO SENHOR
D. CARLOS CARMELO DE VASCONCELLOS MOTTA
DD. Cardeal Arcebispo de São Paulo

Adaptada à ortografia oficial

VOLUME VII

EDITORA DAS AMÉRICAS
Rua General Osório 90 — Tel. 34-6701
Caixa Postal 4468
SÃO PAULO

NIHIL OBSTAT

P. Antônio Charbel, S.D.B.

São Paulo, 4 de junho de 1950

IMPRIMATUR

† *Paulo*, Bispo Auxiliar

São Paulo, 7 de julho de 1950

JEREMIAS

INTRODUÇÃO

Autor. — Jeremias era natural de Anatot, pequena cidade sacerdotal, que ficava a hora e meia de caminho para o norte de Jerusalém. Seu pai chamava-se Helcias, como êle mesmo nos ensina no Prólogo da sua profecia. Divergem os críticos sôbre quem seja êste Helcias; uns querem que seja o sumo sacerdote que eficazmente coooperou com Josias na reforma religiosa de Judá; esta identificação parece pouco provável, visto que êsse pontífice era da família de Eleazar, enquanto que os sacerdotes de Anatot pertenciam ao ramo de Itamar. Como quer que seja, Jeremias devia ter ouvido na sua terra natal, tão próxima de Jerusalém, os clamores contra a idolatria e contra as crueldades de Manassés e de seu filho Amós, reis de Judá. Foi educado por seu pai no respeito à lei e na obediência às tradições mosaicas; estudou com particular cuidado as Santas Escrituras, os oráculos dos profetas, especialmente Isaías e Miquéias, como se vê dos seus próprios escritos, que reproduzem citações, quase textuais, dos hagiógrafos anteriores. Presenciou os esforços empregados por Josias para restabelecer na sua primitiva pureza a religião mosaica, o que lhe causou profunda impressão, e lhe avivou o desejo de contribuir para o ressurgimento do mosaísmo tão decadente nos seus tempos. Ainda na sua juventude travou estreiti-

tas relações com a família de Neerias, filho de Maasias, governador de Jerusalém no seu tempo, e cooperador de Helcias e de Safan nas reformas de Josias. Mais tarde, os dois filhos de Neerias, Baruc e Saraías, foram discípulos de Jeremias.

Caráter de Jeremias. — Os seus escritos mostram-nos que era dotado duma acrisolada piedade, duma humildade profunda, muito impressionável, abrasado no amor de Deus, e entusiasta pela felicidade da sua pátria. Piedade e patriotismo: estas duas palavras resumem o seu caráter. Não era um homem para a luta; evitava a ostentação, fugindo da evidência; a nota primacial do seu modo de ser era o amor, a dedicação. Lutava chorando, e as armas de que se servia, nos seus combates, eram os queixumes os mais amoráveis. Era excessivamente terno.

Parece pois, humanamente falando, que êste homem era o menos próprio para desempenhar uma missão tão importante, como era o ressurgimento das velhas tradições obliteradas, e para ser um profeta, que se impusesse ao povo numa época agitada, perturbada como devia ser a sua, em que fôra destruído o templo de Salomão por Nabucodonosor, rei de Babilônia. Mas a Onipotência Divina manifestou-se na pessoa de Jeremias, em quem se evidencia o poder da graça e da inspiração celeste que transforma as almas e os corações. E é assim que vemos o tranqüilo e tímido Jeremias, que preferia a quietação de Anatot ao bulício da cidade, completamente transfigurado, quando é preciso impor as ordens de Deus aos homens: na solidão é um fraco; mas quando o Senhor lhe ordena que levante a sua palavra e se dirija a Judá, então é um profeta; ameaças, insultos, suplicios, prisões, gritos do povo, tiranias dos poderosos, ordens dos reis, nada podem sobre êle; persiste firme,

como uma rocha, inabalável, continuando a obedecer às ordens de Deus, com a firmeza dum herói, que nada teme, e com a rijeza dum brônzeo muro que não tomba.

Tempo. — Começou Jeremias a desempenhar-se de seu munus profético, no décimo terceiro ano de Josias, rei de Judá; continuou no tempo de Joacaz ou Selum, e no de Joaquim, filho de Josias, e prosseguiu até ao undécimo ano de Sedecias, de sorte que a sua carreira profética abrange quarenta anos. Tinha dezoito para vinte anos quando a iniciou. 1, 6; 16, 2.

Objeto. — O mais famoso successo que Jeremias por muitas vêzes predisse, foi o da tomada e destruição de Jerusalém pelos caldeus, e do cativoiro dos judeus em Babilônia por setenta anos. Com geral precisão anunciou a ruína do império dos babilônios pelos persas, e a volta do povo hebreu para Jerusalém, graças à interferência de Ciro. A sua vida foi uma profecia viva da paixão e morte de Jesus Cristo. Mas Jeremias não foi somente a figura de Jesus Cristo, profetizou explicitamente o nascimento, paixão, e morte na Cruz do Messias, e o estabelecimento da Igreja pelos Apóstolos.

Estilo. — S. Jerônimo escreve: *Jeremias propheta sermone quidē apud Hebreos Isaiae et Oseae et quibusdam aliis prophetis videtur esse rusticior, sed sensibus par est, quippe qui eodem Spiritu prophetaverit. Porro simplicitas eloquii, a loco ei in quo natus est, accidit, fuit enim Anathotites, qui est usque hodie viculus.* S. Jerônimo. Prol. in Jer. Na verdade, em Jeremias não há a elevação e grandeza de Isaías; o seu estilo é muito mais simples e por vêzes descurado, pois são freqüentes as repetições de palavras e de frases, mas o que caracteriza o estilo de Jeremias é uma atraente simplicidade nas suas descrições, que às vêzes são verdadeiros modelos de

gênero narrativo, 18, 1-4; cc. 19 e 26; etc. No original encontram-se formas e locuções aramaicas.

Autenticidade. — As profecias de Jeremias têm uma feição tão particular e tão pessoal que têm sido universalmente consideradas como autênticas. Modernamente alguns críticos racionalistas têm impugnado a autenticidade de alguns capítulos. Contestam os seguintes: 10, 1-16; cc. 30, 31, 33, 50, 51 e 52. Baseiam-se no fato de se encontrarem frases completas que se lêem em escritores anteriores, e de ter Zacarias, 8, 7. 8, citado Jeremias. Porém êstes capítulos incriminados pertencem, sem dúvida, a Jeremias, pois há a mesma identidade de idéias, e a mais completa uniformidade de estilo, e coisa alguma se encontra que esteja em desacôrdo com a vida, costumes, circunstâncias de tempo ou de lugar referentes a Jeremias. E' certo que no capítulo 10, versículo 11, há uma dificuldade particular. Êste versículo está escrito em aramaico, mas o mais que disto se podia concluir é que essa passagem não era do autor do livro, mas uma glosa introduzida no texto, o que aliás sustentaram comentadores de bom nome; porém pode, em boa hermenêutica, considerar-se êste versículo 11 como um parêntesis, em que o profeta, que conhecia o aramaico, apresenta uma fórmula para precaver os judeus contra a idolatria de Babilônia. E' também certo que o capítulo 52 de Jeremias é muito semelhante ao 4 Rs 24, 18-25, 30, mas esta semelhança tem fácil explicação, porque é quase ponto assente, que foi êste profeta o autor dos dois últimos livros dos Reis, e até para bem se compreender êste livro de Jeremias convém ter presente êsses dois últimos livros dos Reis, porque as narrações históricas que aí se encontram facilitam a interpretação dos vaticínios de Jeremias.

Divisão. — Jeremias na divisão dêste livro atendeu à disposição das matérias e não à ordem cronológica.

Pode seguir-se esta divisão: Prólogo, em que o autor conta a sua vocação para o ministério profético (capítulo 1), e quatro partes e um epílogo, a saber:

I PARTE — REPROVAÇÃO DE ISRAEL, cc. 2-17

1.^a Seção — *Causas da reprovação*:

- a) Infidelidade de Israel, 2-5.
- b) Impenitência de Israel, 3-10.
- c) Violação da aliança, 11.

2.^a Seção — *A reprovação de Israel é definitiva*:

- a) O Senhor castiga Israel, 12.
- b) Deus abandona o seu povo, 13.
- c) Deus não escuta as preces do seu povo infiel, cc. 14 e 15.
- d) O Senhor fará perecer ignominiosamente Israel; fulge um raio de esperança, 16.
- e) Deus castiga o judeu conforme os seus merecimentos, 17.

II PARTE — CONFIRMAÇÃO DO CASTIGO DE ISRAEL:

- a) Israel é rejeitado como um vaso inútil, cc. 18 e 19.

III PARTE — EXECUÇÃO DA SENTENÇA CONTRA JUDÁ, cc. 20-45.

1.^a Seção — *Juízo de Deus contra os causadores da desgraça de Israel*, cc. 20-23:

- a) Oráculo contra Fassur, 20.
- b) Oráculos contra os Reis de Judá, 21, 1-23, 8.
- c) Oráculos contra os falsos profetas, 23, 9-40.

2.^a Seção — *Juízo de Deus contra o povo em geral; o cativo*, cc. 24-29:

- a) Cumprimento das profecias, 24.
- b) Profecias anteriores relativas ao cativoiro; cc. 25-29.

3.^a Seção — *Profecias Messiânicas*:

- a) Restauração do povo de Deus, 30.
- b) Profecia da Nova aliança ou do Novo Testamento, 31.
- c) Compra do campo de Anatot, símbolo do regresso futuro do povo para a sua pátria e da aliança de Deus com Israel, cc. 27-33.

4.^a Seção — *Baldados esforços para a conversão do povo antes da sua ruína total*, cc. 34-38:

- a) Ruína de Israel, derivada do seu desprezo pela lei, cc. 34-35.
- b) Desgraças de Israel originadas pelo seu desprezo pela palavra do Senhor cc. 36-38.

5.^a Seção — *Cumprimento das profecias contra Jerusalém*, cc. 39-45.

- a) Tomada de Jerusalém, 39.
- b) Sorte dos judeus que ficaram na Palestina, na fuga para o Egito, cc. 40-45.

IV PARTE — PROFECIAS CONTRA OS POVOS ESTRANGEIROS, cc. 46-51.

Castigos reservados aos inimigos de Deus:

- a) Contra o Egito, 46.
- b) Contra os filisteus, 47.
- c) Contra Moab, 48.
- d) Contra Amon, 49, 1-6
- e) Contra a Iduméia, 49, 7-22.

Jeremias

- f) Contra Damasco, 49, 23-27.
- g) Contra Cedar e Asor, 49, 28-33.
- h) Contra Elan, 49, 34-39.
- i) Contra a Babilônia, cc. 50 e 51.

Epílogo — Conclusão histórica, 52.

Este capítulo forma a conclusão, mostrando como as profecias contra a cidade santa se cumpriram.

JEREMIAS

CAPÍTULO 1

MISSÃO DE JEREMIAS. MALES QUE ESTÃO PARA VIR SOBRE A TERRA DE JUDÁ.

1 Palavras de Jeremias, filho de Helcias: Um dos sacerdotes, que viviam em Anatot, na terra de Benjamim. (1)

2 E' esta a palavra do Senhor que lhe foi revelada a êle nos dias de Josias, filho de Amon, rei de Judá, aos treze anos do seu reinado. (2)

(1) **JEREMIAS** — E' o primeiro dos profetas do tempo do cativo; participou de tôdas as angústias que experimenta um fiel e um patriota assistindo à ruína de sua pátria, e à perseguição da sua crença. Viveu em Jerusalém até à ruína da cidade santa; não quis seguir os vencedores para Babilônia, onde lhe prometeram lisonjeiro acolhimento. (Jer 11, 4.5), mas teve de ir contra a sua vontade, para o Egito, onde Deus quis um profeta no meio daqueles que ali se tinham refugiado, para os prevenir contra as seduçõs e para os salvar dos perigos a que estavam expostos. (Jer 43, 6).

HELCIAS — Querem alguns que seja o sumo sacerdote dêste nome, mas nada confirma esta hipótese.

ANATOT — Cidade sacerdotal. Cfr. Jos. 21, 18, fica perto de Jerusalém para nordeste.

(2) **E' ESTA A PALAVRA** — Tomando-se o quod com força de causal, pode-se verter assim: "Porque a palavra do Senhor lhe foi revelada, etc." Dá pois a razão por que intitulou a sua Profecia: "Palavras de Jeremias." — Menochio.

3 Também foi inspirada nos dias de Joaquim, filho de Josias, rei de Judá, continuando até o fim do ano undécimo de Sedecias, filho de Josias, rei de Judá, até o tempo da transmigração de Jerusalém, no quinto mês. (3)

4 E me foi dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

5 Antes que eu te formasse no ventre de tua mãe, te conheci: E antes que tu saíesses da clausura do ventre materno, te santifiquei, e te estabeleci Profeta entre as gentes. (4)

(3) **NOS DIAS DE JOAQUIM** — Foi no reinado de Joaquim, segundo filho de Josias (609-598), que o ministério de Jeremias revestiu maior importância. Com este rei, criatura de Faraó, o partido egípcio tinha enorme poderio em Judá, 25, 18.19; 27; iam começar as perseguições contra o profeta que anunciava o nulo poder do Egito para vencer Nabucodonosor.

ATÉ O TEMPO DA TRANSMIGRAÇÃO DE JERUSALÉM — E' para admirar a clemência do Senhor, que estando próximo o cativo, e cercando já o exército dos babilônios a Jerusalém, ainda assim está provocando o povo à penitência, querendo antes salvar os convertidos, que perder os delinquentes. — S. Jerônimo.

(4) **TE CONHECI** — Este conhecimento se pode entender, ou do conhecimento de presciência, com que Deus desde a eternidade tinha escolhido a Jeremias para seu Profeta, ou do conhecimento de aprovação, com que, suposta a eleição, amava o Senhor em Jeremias os dons da graça, de que o havia de enriquecer para este efeito. — Calmet.

TE SANTIFIQUEI — Daqui colhem S. Gregório Nazianzeno, S. Jerônimo, S. Pedro Damiano, e com eles o doutor Angélico, que Jeremias concebido sem dúvida em pecado, como os outros filhos de Adão, fôra d'ele expiado ainda no ventre de sua mãe, como de S. João Batista mostra crer a Igreja, applicando-lhe este texto de Jeremias. Mas esta interpretação não é necessária, nem obrigatória; porque sem nos apartarmos da propriedade das palavras, o verbo *santificar* se pode muito bem tomar aqui por separar para si; como quando no Êxodo diz o Senhor: *Sanctifica mihi omnem primogenitum*: Separa-me ou consagra-me todo o primogénito. (Ex

6 E eu lhe disse: Ah, ah, ah, Senhor Deus: Tu bem vês que eu não sei falar, porque eu sou um menino. (5)

7 E o Senhor me disse: Não digas: Sou um menino, porquanto a tudo o que te enviar irás: E tudo quanto eu te mandar, falarás.

8 Não temas diante dêles: Porque eu sou contigo para te livrar, diz o Senhor.

9 E estendeu o Senhor a sua mão, e me tocou na bôca: E me disse a mim o Senhor: Eis-aí te pus na tua bôca as minhas palavras.

10 Eis-aí te constituí eu hoje sôbre as gentes, e sôbre os reinos, para arrancares, e destruíres, e para arruinares, e dissipares, e para edificares, e plantares.

11 E me foi inspirada a palavra do Senhor, a qual

13, 2) Porque as coisas consagradas a Deus, costumamos nós separá-las das profanas. Neste sentido disse o autor do Eclesiástico do mesmo Jeremias. Male tractaverunt illum, qui a ventre matris, consecratus est propheta. Eles trataram mal aquêle, que desde o ventre de sua mãe foi consagrado por Deus para ser Profeta. (Eclo 49, 9). Santo Agostinho, na carta a Donato, mostrou duvidar que Jeremias fôsse santificado no ventre de sua mãe. Porém na sua última obra contra Juliano, no livro IV, cap. 34, deu o mesmo Santo Doutor por tão certa a santificação antecipada de Jeremias, como a do Batista.

— **Pereira.**

E TE ESTABELECI PROFETA ENTRE AS GENTES — Isto diz, porque Jeremias não só profetou aos judeus, mas foi especialmente escolhido para profetar às nações estrangeiras, como aos egípcios, aos fenícios, aos idumeus. — S. Jerônimo.

(5) **PORQUE EU SOU UM MENINO** — Graves intérpretes julgam que neste tempo não passava Jeremias de catorze ou quinze anos de idade. Outros sustentam que atendida a frase dos hebreus freqüente nas Escrituras, podia Jeremias chamar-se menino, ainda quando contasse vinte, ou mais anos. E o não saber falar, que Jeremias diz de si, não se deve entender dum gaguejar de criança, mas sômente da falta de eloquência para tão alto ministério. — **Pereira.**

dizia: Que vês tu, Jeremias? E lhe respondi: Eu vejo uma vara vigilante. (6)

12 E o Senhor me disse: Viste bem, porque eu vigiarei sôbre a minha palavra para a cumprir.

13 E segunda vez me foi dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia: Que vês tu? E lhe respondi: Eu vejo uma marmita incendiada, que vem ela do lado do Aquilão. (7)

14 E o Senhor me disse: Do Aquilão se estenderá o mal sôbre todos os habitantes da terra. (8)

15 Porque eis-aqui estou eu que convocarei tôdas as famílias dos reinos do Aquilão, diz o Senhor: Virão e porão cada um o seu trono à entrada das portas de Jeru-

(6) **EU VEJO UMA VARA VIGILANTE** — O hebreu diz, uma vara de amendoeira. Porque por isso mesmo que a amendoeira é a primeira árvore que floresce, é a amendoeira símbolo da vigilância. — S. Jerônimo.

(7) **MARMITA** — Por esta marmita entendem uns a Judéia e Jerusalém, outros a Nabucodonosor com o seu exército, outros uma invasão de bárbaros.

DO LADO DO AQUILÃO — Ainda que colocados ao Oriente de Jerusalém, os caldeus vieram do norte como os assírios para invadir a Palestina, porque os desertos da Arábia eram intransitáveis para um exército. Nós sabemos, pelos dados que a moderna assiriologia nos fornece, que no reinado de Assurilili teve lugar uma grande invasão de bárbaros, que Rawlinson (Herodotus, t. I, pag. 485) e Lenormant (Lettres assyriologiques, t. I, pag. 81), entendem ser a invasão dos Citas, a que se refere Heródoto no primeiro livro da sua história. Segundo o historiador Halicarnasso, os Citas avançaram até à Palestina. Por isso alguns comentadores entendem que eram estes os inflamados guerreiros de que nos fala neste lugar Jeremias.

(8) **SE ESTENDERÁ O MAL** — Depois começaram várias excursões bíblicas e travaram-se contínuos combates. Cfr. M. H. Winckler, *Revue d'assyriologie et d'archéologie orientales*, t. II, 1892, e do mesmo autor, *Geschichte Babylonien*, pag. 291.

salém e sôbre todos os seus muros em roda, e sôbre tôdas as cidades de Judá.

16 E eu pronunciarei com êles os meus juízos contra tôda a malícia daqueles que me deixaram e que ofereceram libações aos deuses estranhos, e adoraram as obras de suas mãos.

17 Tu pois cinge os teus rins, e levanta-te, e dizelhes tudo o que eu te mando. Não temas diante dêles: Porque eu farei que tu não temas a sua presença. (9)

18 Porquanto eu te pus hoje como uma cidade fortificada, e como uma coluna de ferro, e como um muro de bronze, sôbre tôda a terra, a respeito dos reis de Judá, dos seus príncipes, e sacerdotes, e do seu povo.

19 E pelejarão contra ti, mas não prevalecerão: Porque eu sou contigo para te livrar, diz o Senhor.

CAPÍTULO 2

QUEIXAS DO SENHOR CONTRA OS FILHOS DE ISRAEL. PRE-
DIÇÕES DOS MALES QUE ESTÃO PARA VIR SOBRE ÊLES.

1 E me foi dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

2 Vai, e grita aos ouvidos de Jerusalém, dizendo: Isto diz o Senhor: Eu me lembrei de ti, compadecendo-me da tua mocidade, e me lembrei do amor dos teus desposórios, quando tu me seguiste no deserto, numa terra, que se não semeia. (1)

(9) **TU POIS** — Deus promete ao seu profeta o socorro e a proteção contra os seus inimigos, 17, 19, assegurando-lhe completa vitória.

(1) **E ME LEMBREI DO AMOR DOS TEUS DESPOSÓRIOS** — Como não é claro do texto, de qual dos dois se louva aqui o amor, são também várias as inteligências dos sagrados intérpretes.

Jeremias 2, 3-7

3 Israel consagrado ao Senhor, é como as primícias dos seus frutos: Todos os que o devoram, delinquentes: Sobre eles virão males, diz o Senhor. (2)

4 Ouvi a palavra do Senhor, casa de Jacó, e todas as famílias da casa de Israel:

5 Isto diz o Senhor: Que injustiça acharam em mim vossos pais, quando se alongaram de mim, e foram após a vaidade, e se tornaram vãos?

6 E não disseram: Onde está o Senhor, que nos fez sair da terra do Egito: Que nos conduziu pelo deserto por uma terra despovoada e sem caminho, por terra de sede, e imagem da morte, por terra, na qual não andou varão, nem habitou homem?

7 E eu vos introduzi em uma terra que é um Carmelo, para que comêsseis seus frutos, e o melhor dela: E depois de terdes assim entrado profanastes a minha terra e pusestes a minha herança em abominação. (3)

S. Jerônimo, Vatablo e Santo Tomás o entendem do amor que o povo israelítico mostrou ter ao Senhor, quando este, depois da saída do Egito, celebrou com ele aliança, e o tomou como por sua esposa. E este sentido é o que Calmet prefere, como mais conforme ao original hebreu, que diz assim: *Recordatus sum pro te probitatis adolescentie tuæ, amoris nuptiarum tuarum, cum post me in deserto gradereris*. Pelo contrário Nicolau de Lira, Dionísio Cartuxo, Grocio, Tirino, e outros, tendo advertido, que logo no princípio destes místicos desposórios do Senhor com o seu povo, lhe foi este infiel pela idolatria em que se precipitou no deserto, todo o amor que aqui reconhecem, é da parte de Deus para com o povo com o qual se tinha desposado espiritualmente. E este é o sentido que na sua paráfrase propôs de Carrières.

(2) **E' COMO AS PRIMÍCIAS DOS SEUS FRUTOS** — Em chamar primícias suas ao povo judaico mostra o Senhor, que depois do povo judaico é que haviam de ser chamados os gentios. — S. Jerônimo.

(3) **QUE É UM CARMELO** — A terra da promessa, a qual é fertilíssima, e deliciosa como o Carmelo. Este nome se usa frequentemente como apelativo. Veja-se Is 29, 17.

8 Os sacerdotes não disseram: Onde está o Senhor? E os depositários da lei não me conheceram, e os pastores prevaricaram contra mim: E os profetas profetaram em nome de Baal, e seguiram os ídolos. (4)

9 Portanto ainda disputarei em juízo convosco, diz o Senhor, e argumentarei com vossos filhos.

10 Passai às ilhas de Cetim, e vede: E mandai a Cedar, e considerai bem: E vede se tem acontecido coisa semelhante. (5)

11 Se trocou alguma gente a seus deuses, que certa-

(4) **OS SACERDOTES** — Alude ao mau exemplo dos sacerdotes como uma das causas que mais influíram para a infidelidade de Israel; sacerdotes e príncipes perverteram o povo com os seus maus exemplos, porque estes são tanto mais perniciosos quanto de mais alto vêm. Foram estes que levaram o povo de Deus à suprema ingratidão de esquecerem o Senhor que tantos favores lhes havia liberalizado, para abraçarem os ídolos. Mas Israel vai pagar bem caro o seu criminoso desvario; à liberdade suceder-se-á a escravidão; à grandeza, a ignomínia; os próprios a quem se entregaram com uma insensata confiança encarregar-se-ão do castigo; levarão a devastação a toda a terra; serão os mesmos egípcios os instrumentos de que Deus se serve para castigar a infidelidade de Israel.

BAAL — O deus dos cananeus em cujo nome profetizaram os falsos profetas. O culto de Baal foi propagado pelos povos fenícios. Era o Deus supremo conhecido por todos os povos siro-fenícios. O nome desta divindade entrava na composição dos nomes das mais notáveis individualidades, por exemplo Asdrúbal, que significa "Baal é o socorro" e Aníbal "Baal é a graça". No museu do Louvre conserva-se uma colunata fenícia, trabalho grosseiro, representando Baal com a cabeça circundada de raios, insígnia do poder divino.

(5) **PASSAI AS ILHAS DE CETIM** — Cetim denota particularmente a Macedônia. Porém aqui se toma por todos os povos situados no além-mar, e ao ocidente da Palestina, bem como Cedar, que denota a Arábia, se toma aqui pelos povos situados ao oriente da Judéa. — Calmet e Glaire edic. 1902.

mente não são deuses: Mas o meu povo trocou a sua glória por um ídolo. (6)

12 Pasmai, céus, sôbre isto: E ficai em total desolação, portas dêle, diz o Senhor. (7)

13 Porque dois males fêz o meu povo: Deixaram-me a mim, fonte de água viva, e cavaram para si cisternas, cisternas rôtas, que não podem reter as águas.

14 Acaso é Israel algum escravo, ou filho de escrava? Por que razão logo foi êle exposto à prêsa?

15 Sôbre êle rugiram os leões, e levantaram a sua voz, reduziram a sua terra a um deserto: As suas cidades foram queimadas, e não há quem habite nelas.

16 Também os filhos de Mênfis e de Tafnes te afrontaram até ao alto da cabeça. (8)

17 Porventura não te tem acontecido isto, porque abandonaste ao Senhor teu Deus naquele tempo, em que te conduzia pelo teu caminho?

(6) **POR UM ÍDOLO** — Adorou a um ídolo infame, em vez de adorar ao Senhor, que era tôda a sua glória. — *Pereira.*

(7) **PASMAI** — E' esta uma exclamação patética com que o Profeta fala com os céus, e lhes intima que se despojem da sua glória, e se cubram de luto, vendo uma atrocidade, e um pecado tão enorme cometido contra o Criador. Em Is 1, 2, e no Dt 4 se lê uma prosopopéia semelhante a esta. — *Pereira.*

(8) **MÊNfis** — Capital do alto Egipto. Mênfis nos monumentos egípcios apresenta-se-nos com o nome de Men-nofir e também Pa-sebti-het, a cidade da muralha branca; era fortificada, pois uma inscrição recentemente descoberta fala-nos dum inspetor da fortaleza sam en-sebti; Brugoch, *Geographische Inscriften e Ebber, Aegypten und die Bücher Moses*, t. I, pag. 317, onde se encontra provado que foi nesta cidade que esteve prêso o célebre José do Egipto.

TAFNES — Cidade do Egipto. Rosellini, *Monumenti storici dell'Egitto*, e della Nubia, t. II, pag. 74, e seg. e Wilkinson, *Manners and Customs of the ancient Egyptians*, t. V.

18 E agora que vais tu buscar no caminho do Egito, para beberes uma água turva? E que tens tu com o caminho dos assírios, para beberes a água do rio? (9)

19 A tua malícia te argüirá, e a tua apostasia te increpará. Sabe, e vê que má e amarga coisa é o haveres tu deixado ao Senhor teu Deus, e o não haver em ti temor de mim, diz o Senhor Deus dos exércitos.

20 Tu desde o princípio quebraste o meu jugo, rompestes os meus laços, e disseste: Não servirei. Porque semelhante a uma mulher impudica, te prostituías em todo o outeiro elevado, e debaixo de toda a árvore frondosa.

21 Quanto a mim porém eu te plantei como vinha escolhida, toda a semente da verdade. Como pois te me hás tornado em mal, vinha estrangeira? (10)

22 Ainda que tu te laves em água de nítro, e amon-toes erva de borit sobre ti, maculada estás na tua iniquidade diante de mim, diz o Senhor Deus. (11)

(9) **A ÁGUA DO RIO?** — A água do rio Eufrates. E argüi o Senhor os israelitas pela grande confiança que punham no auxílio dos reis do Egito, e da Assíria. — *Pereira.*

(10) **EU TE PLANTEI COMO VINHA ESCOLHIDA** — Coisa frequentíssima é nas Escrituras comparar Deus o seu povo com uma vinha. Sl 79, 9. Is 3, 14. Ez 18, 6.

VINHA ESTRANGEIRA? — Vinha, que me deixaste, para seres alheia: vinha de que eu me desfiz, como de planta que degenerou.

(11) **NÍTRO** — Acha-se em vários lagos do Egito, em particular no deserto da Nítria, que por isso tem este nome, grande abundância de carbonato de soda, formando efflorescência ou crostas esbranquiçadas ou amareladas, e camadas de 0m,50 a 1 metro. Usa-se como sabão.

O BORIT — É um sabão vegetal, obtido por uma planta que tem este nome, e que hoje se não conhece bem. Segundo uns, é uma espécie de saponária, segundo outros, é o sabsola kali, que se encontra em grande quantidade nas margens do mar Morto e cujas cinzas dão a matéria-prima dum ótimo sabão.

23 Como dizes tu: Eu não estou manchada, eu não andei após de Baalim? Vê os rastros de teus pés no vale, considera o que ali fizeste: Eras como dromedária ligeira, que frequenta os seus caminhos. (12)

24 Como asna silvestre acostumada ao deserto, que, abrasada no seu apetite, correu sempre ao cheiro do que ama: Ninguém a apartará: Todos os que a buscam não se fatigarão: Achá-la-ão nos seus mênstruos. (13)

25 Guarda o teu pé da desnudez, e a tua garganta da sêde. E disseste: Não me fica esperança, de nenhuma maneira o farei: Porque amei os estranhos, e após dêles andarei.

26 Como fica confundido o ladrão quando o apanham, assim têm sido confundidos os da casa de Israel, êles e os seus reis, os príncipes, e sacerdotes, e os seus profetas, (14)

27 os quais dizem a um pau: Tu és meu pai: E a uma pedra: Tu me geraste: Voltaram-me as costas, e não a cara, e dirão no tempo da sua aflicção: Levanta-te, e livra-nos. (15)

28 Onde estão os teus deuses, que fabricaste para ti? Levantem-se e livrem-te no tempo da tua aflicção: Por-

(12) **BAALIM** — Designa os ídolos de Baal.

VALE — E' o vale chamado do filho de Enon, onde se sacrificavam as crianças a Moloc. Cfr. 7, 32; 19, 2.

DROMEDÁRIA — A fêmea nova do camelo.

(13) **COMO ASNA SILVESTRE** — A palavra hebraica *péreh* convém aos dois sexos, ainda que a terminação é do gênero feminino; e no texto da Vulgata está determinado o feminino. E' animal mui bravo e veloz.

(14) **TEM SIDO CONFUNDIDOS** — Serão afrontados: é o pretérito pelo futuro, como já fica advertido.

OS DA CASA DE ISRAEL — O povo de Israel.

(15) **LEVANTA-TE E LIVRA-NOS** — E' um hebraísmo mui usado: Vem socorrer-nos, e livra-nos prontamente. — **Pereira.**

que os teus deuses, ó Judá, eram tantos em número como as tuas cidades.

29 Por que quereis vós logo contender comigo em juízo? Todos vós me abandonastes, diz o Senhor.

30 Em vão castiguei os vossos filhos, êles não receberam a correção: A vossa espada devorou os vossos profetas; como um leão destruidor (16)

31 é a vossa geração. Atendei à palavra do Senhor. Porventura tenho eu sido para Israel um deserto ou terra tardia? Pois porque tem dito o meu povo: Nós nos temos retirado, não tornaremos mais para ti?

32 Porventura esquecer-se-á a donzela do seu ornato, ou a espôsa da faixa que lhe cinge o peito? Mas o meu povo esqueceu-se de mim por dias que não têm número.

33 Por que forcejas tu por justificar o teu procedimento, a fim de eu me pôr bem contigo, se em cima de fazeres o mal, o ensinaste também aos outros,

34 e nas orlas dos teus vestidos se achou o sangue das almas pobres e inocentes? Eu os achei não em algumas covas, mas em todos os lugares, de que acima falei.

35 E disseste: Eu estou sem pecado, e inocente: E por esta causa aparte-se de mim o teu furor. Eis-aí pois entrarei eu em juízo contigo, por teres dito: Eu não pequei.

36 Que desprezível te fizeste com tanto excesso,

(16) **EM VÃO CASTIGUEI** — Aos filhos do vosso povo por Salmanasar, Senaquerib, e ultimamente por Merodac, 2 Par 33, 2, mas êles se deram por desentendidos de todos êstes avisos e correções; resultando daqui o enfurecer-vos contra os profetas, que em meu nome vos falavam, avisavam e corrigiam; lançando-vos sobre êles como leões, para vos fartardes do seu sangue. Veja-se José nas antiguidades judaicas. Lib. X, cap. 11. — *Pereira.*

recaindo nos teus primeiros extravios! E assim serás confundida pelo Egito, bem como o foste já por Assur.

37 Porque não só daquele sairás, mas também as tuas mãos serão postas sobre a tua cabeça, e porque o Senhor quebrantou a tua confiança, nada favorável acharás nêle.

CAPÍTULO 3

O SENHOR CONVIDA OS FILHOS DE ISRAEL A TORNAREM PARA ELE. INFIDELIDADE DE JUDÁ. CHAMADA DE ISRAEL; SUA CONVERSÃO. REUNIÃO DAS DUAS CASAS DE ISRAEL, E DE JUDÁ. GLÓRIA DE JERUSALÉM.

1 Vulgarmente se diz: Se um espôso repudiar a sua espôsa, e separando-se ela dêle, tomar outro marido: Porventura tornará mais êste a ela? Acaso não será considerada aquela mulher por êle como contaminada, e impura? Tu porém tens prostituído a muitos amantes: Ainda assim torna para mim, diz o Senhor, e eu te receberei.

2 Levanta os teus olhos ao alto, e vê onde não te prostituístes: Tu estavas assentada nos caminhos, esperando-os como um ladrão em lugar solitário: E manchaste a terra com as tuas maldades. (1)

3 Esta é a causa por que a água do céu foi retida, e por que as chuvas da tarde não caíram: O descaramento duma mulher meretriz se apoderou de ti, não quiseste ter vergonha.

(1) **TU ESTAVAS ASSENTADA NOS CAMINHOS** — Nos lugares de passagem costumavam pôr-se as meretrizes. Assim o fez Tamar, quando esperava Judas. Gên 38, 14. Assim a outra de que fala Salomão. Prov 23, 28.

ESPERANDO-OS COMO UM LADRÃO EM LUGAR SOLITÁRIO — O hebreu diz aqui "como um árabe", porque em todo o tempo foram os árabes insignes salteadores. Os Setenta verteram, "como uma gralha solitária".

4 Logo ao menos chama-me agora dizendo: Tu és meu pai, tu o guia da minha virgindade.

5 Porventura, anoiar-te-ás para sempre, ou perseverarás até ao fim? Eis-aí está que falaste, e fizeste males, e saíste com a tua.

6 E o Senhor me disse nos dias do rei Josias: Aca-so não viste tu o que fêz a rebelde Israel? Ela se foi para seu próprio mal acima de todos os altos montes, e por baixo de tôdas as árvores frondosas, e ali se deu às suas infames devassidões.

7 E eu depois que ela fêz tôdas estas coisas, lhe disse: Volta para mim: E não voltou. E viu a prevaricadora Judá sua irmã,

8 que porque havia adulterado a pérfida Israel, a tinha eu desamparado, e lhe havia dado libelo de divórcio: E não teve temor a prevaricadora Judá sua irmã, mas foi-se, e ela também se prostituiu. (2)

9 E pela facilidade da sua prostituição contaminou ela tôda a terra, e adulterou com a pedra e com o pau.

10 E com tôdas estas coisas não se voltou a mim sua irmã a prevaricadora Judá de todo o seu coração, mas só fingidamente, diz o Senhor. (3)

(2) **E ELA TAMBÉM SE PROSTITUIU** — As dez tribos que constituem o reino de Israel, tinham abraçado a idolatria por indução de Jeroboão, filho de Nabat, que lhes deu por Deus um novilho de ouro. Em castigo d'este gravíssimo pecado os entregou Deus aos assírios, que destruíram aquêlê reino, e levaram cativos para além do Eufrates os seus habitantes. Tudo isto tinha visto Judá. E quando a destruição do reino de Israel lhe devia servir de escarmento, êle em tempo de Acáz e Manassés se deixou também ir após os ídolos, tributando adorações à pedra e ao pau. — **Pereira.**

(3) **MAS SÓ FINGIDAMENTE** — Isto se provava de que o povo judaico tão depressa deixava o culto dos ídolos, como tornava a êle.

11 E o Senhor me disse: Justificou a sua alma a pérfida Israel em comparação de Judá a prevaricadora. (4)

12 Vai e profere a vozes estas palavras contra o Aquilão, e dirás: Torna, pérfida Israel, diz o Senhor, e não apartarei a minha face de vós: Porque eu sou santo, diz o Senhor, e a minha ira não durará eternamente. (5)

13 Mas contudo reconhece a tua maldade, porque contra o Senhor teu Deus prevaricaste: E tens pervertido os teus caminhos, aos estranhos, debaixo de tôdas as árvores frondosas, e não ouviste a minha voz, diz o Senhor.

14 Convertedei-vos a mim, filhos apóstatas, diz o Senhor: Porque eu sou vosso espôso: E eu vos tomarei um de cada cidade, e dois de cada família, e vos introduzirei em Sião. (6)

15 E vos darei pastores segundo o meu coração, os quais vos apascentarão com a ciência e com a doutrina. (7)

(4) **JUSTIFICOU A SUA ALMA A PÉRFIDA ISRAEL** — Em comparação das posteriores idolatrias em que caiu Judá, parecia Israel uma inocente nas que primeiro cometera. Neste sentido dizia Ezequiel, que Samaria tinha justificado a Sodoma e a Gomorra, porque eram muito maiores os crimes daquela, que os destas. Ez 16, 51.

(5) **VAI E PROFERE A VOZES** — Para a Samaria, que está ao norte de Jerusalém, ou antes para a Assíria e terras de além do Eufrates, onde as dez tribos viviam cativas. — Pereira.

(6) **UM DE CADA CIDADE E DOIS DE CADA FAMÍLIA** — Os judeus dão isto por verificado na reversão do cativeiro de Babilônia para Jerusalém sob Ciro, rei dos persas, e sob Zorobabel, filho de Salatiel, ainda que no princípio não voltaram todos; mas ora um duma cidade, ora dois de uma tribo, ou de uma província. Porém nós com muito melhor fundamento referimos esta profecia para depois da vinda de Cristo, quando pela pregação do Evangelho foram introduzidos em Sião, isto é, na Igreja os pequenos restos dos judeus, que creram no Senhor. — S. Jerônimo.

(7) **E VOS DAREI PASTORES SEGUNDO O MEU CORAÇÃO**

16 E depois que vos multiplicardes, e crescerdes na terra naqueles dias, diz o Senhor: Não dirão mais: A arca do testamento do Senhor: Nem lhes virá ao pensamento, nem se lembrarão dela: Nem será visitada, nem mais se restabelecerá. (8)

17 Naquele tempo chamarão a Jerusalém trono do Senhor: E se reunirão nela tôdas as gentes em nome do Senhor em Jerusalém, e não andarão após da maldade do seu péssimo coração. (9)

18 Naqueles dias a casa de Judá irá à casa de Israel, e virão juntamente da terra do Aquilão para a terra, que eu dei a vossos pais. (10)

— Jesus, filho de Josedec, Esdras e Neemias, foram pastôres conforme o coração de Deus, que o mesmo Senhor concedeu ao povo tornado do cativoiro. Num sentido mais sublime estes pastôres foram os apóstolos, e varões apostólicos, que apascentaram a multidão dos fiéis, não com as cerimônias judaicas, mas com a ciência e doutrina de Cristo. — Calmet.

(8) **NÃO DIRÃO MAIS: A ARCA DO TESTAMENTO DO SENHOR** — No sentido histórico depois da tornada do povo para Jerusalém, e no segundo templo, já se não via no santuário a arca do testamento, ou a caixa, em que se guardavam as tábuas da lei. No sentido figurado quer dizer o profeta, que com a vinda de Cristo cessaram as cerimônias legais, e que a confiança que antes punham os judeus na arca do testamento, a porão os fiéis no mesmo Cristo. — Pereira.

(9) **CHAMARÃO A JERUSALÉM TRONO DO SENHOR** — Sendo que na lei velha se dizia estar o Senhor assentado sobre a arca do testamento e sobre os querubins; agora na lei nova todos os verdadeiros fiéis serão o trono do Senhor ou sê-lo-á a Igreja simbolizada em Jerusalém, que se interpreta Visão da paz. — S. Jerônimo.

(10) **E VIRÃO JUNTAMENTE DA TERRA DO AQUILÃO** — Isto se cumpriu propriamente na vinda de Cristo, quando de tôdas as doze tribos a um mesmo tempo creram alguns no Evangelho, deixando a terra do frio Aquilão, e apartando-se do império do

19 E eu disse: Como-te contarei entre os filhos, e te darei a terra desejável, a excelente herança dos exércitos das gentes? E disse: Chamar-me-ás pai, e não cessarás de ir após de mim. (11)

20 Mas do modo que uma mulher despreza ao seu amante, assim me desprezou a mim a casa de Israel, diz o Senhor.

21 Uma voz se ouviu nos caminhos, um pranto e alarido dos filhos de Israel: Porque fizeram mau o seu caminho, esqueceram-se do Senhor seu Deus. (12)

22 Converttei-vos, filhos apóstatas, e eu sararei os vossos extravios. Aqui estamos que vimos a ti: Porque tu és o Senhor nosso Deus.

23 Na verdade eram mentira os outeiros, e a multidão dos montes: Em verdade no Senhor nosso Deus está a salvação de Israel.

24 A confusão consumiu o trabalho de nossos pais

diabo; então recobramos eles a terra da repromissão, que fôra prometida a seus pais. — S. Jerônimo.

(11) **A EXCELENTE HERANÇA DOS EXÉRCITOS DAS GENTES** — Em lugar do que diz a Vulgata, *hereditatem præclaram exercituum gentium*, põe S. Jerônimo por caso de aposição, *hereditatem præclaram, exercitum gentium*; e a excelente herança, que consiste no exército das gentes. Tudo vem a dar no mesmo. Não é contudo para se passar em silêncio o que aqui trazem os Setenta: *Hereditatem nominatam Dei omnipotentis gentium*; e a herança afamada do Deus onipotente das gentes. E mais notável ainda como Teodocião verte: *Hereditatem inclitam fortitudinis robustissimi gentium*; e a inclita herança da fortaleza do robustíssimo das gentes. No que claramente, como nota S. Jerônimo, designa a Cristo, que é o general, e Senhor de todas as gentes, que creram no seu nome e paixão. — Pereira.

(12) **UMA VOZ SE OUVIU** — Torna o Profeta a fazer menção dos lamentos e prantos dos judeus no meio dos trabalhos, e calamidades que Deus lhes enviaria pelos seus pecados.

desde a nossa mocidade, os seus rebanhos e as suas vacadas, os seus filhos, e as suas filhas.

25 Dormiremos na nossa confusão, e viveremos cobertos da nossa ignomínia: Porque pecamos contra o Senhor nosso Deus, nós e nossos pais desde a nossa mocidade até este dia: E porque não ouvimos a voz do Senhor nosso Deus.

CAPÍTULO 4

PROMESSAS DO SENHOR A ISRAEL. EXORTA OS DE JUDÁ A PREVENIR A SUA IRA. ANUNCIA-LHES A TERRÍVEL DESTRUIÇÃO QUE ESTÁ A VIR SOBRE ELES. SENTIMENTO DO PROFETA POR ESTA CAUSA. O SENHOR TODAVIA OS NÃO PERDERÁ DE TODO.

1 Se tu, Israel, voltares, diz o Senhor, converter-te-ás a mim: Se tu tirares de diante da minha face os teus tropeços, não experimentarás abalo. (1)

(1) **SE TU, ISRAEL, VOLTARES** — Uns expõem o texto assim como de Carrières: Se tu, Israel, voltas dos teus errados caminhos, diz o Senhor, converte-te a mim de todo o teu coração. Outros assim com Calmet: Se tu, Israel, queres voltar do cativeiro, diz o Senhor, converte-te a mim. Os Setenta verteram por terceira pessoa. Se Israel se converter, diz o Senhor, elle se converterá a mim. E o sentido é, diz S. Jerônimo: Se elle se converter a mim, voltará do cativeiro. E verdadeiramente os verbos que correspondem a *reverteris* e a *convertere* no hebreu estão no futuro. — *Pereira.*

SE TU TIRARES DE DIANTE DA MINHA FACE OS TEUS TROPEÇOS — Isto é, os que te fazem cair, que são os ídolos. — *Pereira.*

NÃO EXPERIMENTARÁS ABALO — Com isto nos mostra o Senhor que ainda depois da predição do castigo, tem lugar a penitência, e que com a penitência pode o pecado fazer que Deus revoque a sentença: *Novit Dominus mutare sententiam, si scis emendare delictum*, diz Santo Ambrósio.

2 E jurarás: Vive o Senhor, em verdade, e em juízo, e em justiça: E o bendirão as gentes, e lhe darão louvor. (2)

3 Porque isto diz o Senhor, ao varão de Judá e de Jerusalém: Arroteai para vós o pousio, e não semceis sobre espinhos: (3)

4 Circuncidai-vos ao Senhor, e tirai os prepúcios de vossos corações, varões de Judá e habitantes de Jerusalém: Para que não suceda que de repente saia como fogo a minha indignação, e se acenda e não haja quem a apague, tudo por causa da malignidade dos vossos pensamentos. (4)

5 Anunciai em Judá e fazei ouvir em Jerusalém: Falai e publicai ao som da trombeta na terra, gritai em alta voz e dizei: Ajuntai-vos todos e entremos nas cidades fortificadas,

6 levantai o estandarte em Sião. Esforçai-vos, não estejais parados, porque eu faço vir do Aquilão um mal e uma grande assolação.

7 Saiu o leão do seu covil, e levantou-se o roubador das gentes: Saiu do seu país, para reduzir a tua terra a

(2) **E JURARAS** — Dêste lugar se vê contra os anabatistas que o juramento é lícito, quando vai acompanhado de todas as condições que aqui se sinalam.

(3) **ARROTEAI** — O campo inculto do vosso coração: desarraigai dele a idolatria, e outros vícios que o têm cheio de espinhos, e de abrolhos; limpai-o com um sincero arrependimento, e semeai nele obras de verdadeira piedade.

(4) **AO SENHOR** — Diante do Senhor que vê os vossos corações: não na carne mas sim no espírito. — Glaire, edic. 1902.

OS PREPÚCIOS — Os pecados, e afetos desordenados. Veja-se S. Paulo, Rom 2, 28.29, Glaire 1902.

POR CAUSA DA MALIGNIDADE DOS VOSSOS PENSAMENTOS — Logo erram os que dizem, e ensinam, que nos pensamentos não há pecado. — S. Jerônimo.

um deserto: As tuas cidades serão destruídas, sem que nelas fique algum habitador. (5)

8 Pelo que cobri-vos de cilícios, chorai, e pranteai: Porque se não apartou de nós a ira do furor do Senhor. (6).

9 E acontecerá isto naquele dia, diz o Senhor: Desfalecerá o coração do rei e o coração dos príncipes: E pasmarão os sacerdotes e os profetas serão consternados. (7)

10 E eu disse: Ai, ai, ai, Senhor Deus. E' possível que enganastes a este povo e a Jerusalém, dizendo-lhes: Vós tereis paz: E eis agora lhes chega a espada até à alma. (8)

(5) **SAIU O LEÃO DO SEU COVIL** — Por este leão, e por este roubador das nações, entende o profeta a Nabucodonosor: leão por causa da sua força e crueldade, roubador das nações, porque, como diz Santo Agostinho, em faltando a justiça, que outra coisa são os reinos, senão uns grandes latrocínios? *Remota justitia, quid sunt regna nisi magna latrocinia?* livro IV, da Cidade de Deus, cap. IV. — Calmet.

(6) **PELO QUE COBRI-VOS DE CILÍCIOS** — Não podemos de outra sorte evitar este leão, e esta bêtea cruelíssima, senão fazendo penitência, e convertendo-nos ao Senhor, não só por pensamentos, mas também por obras. Porque enquanto elle destrói a Igreja, é manifesta a ira de Deus. — S. Jerônimo.

(7) **DESFALCERA O CORAÇÃO DO REI** — O coração de Joaquim, de Jeconias, de Sedecias, e dos príncipes de Judá. — Calmet.

(8) **E' POSSÍVEL QUE ENGANASTES A ESTE POVO E A JERUSALÉM, DIZENDO-LHES** — Como acima, no c. 3, v. 17, tinha o Senhor dito: "Naquele tempo será Jerusalém chamada o trono do Senhor, e todas as gentes se virão ajuntar nela em nome do Senhor:" e agora diz que o coração do rei ficará como morto, os sacerdotes pasmados, e os profetas cheios de consternação: turba-se Jeremias, e cuida que Deus lhe mentira: porque não entendeu, que aquella primeira promessa era para daí a muitos tempos; esta porém estava quase a verificar-se. — S. Jerônimo.

11 Naquele tempo dir-se-á a êste povo e a Jerusalém: Um vento abrasador assopra nos caminhos que do deserto conduzem à filha do meu povo, não para aventar, nem para limpar.

12 Dêstes-me virá um vento impetuoso: E eu agora falarei os meus juízos com êles.

13 Eis-aí subirá como uma nuvem e como tempestade o seu carro: Mais velozes que águias os seus cavalos: Ai de nós porque somos destruídos.

14 Lava, ó Jerusalém, o teu coração de tôda a maldade para que sejas salva: Até quando permanecerão em ti pensamentos pecaminosos?

15 Porque uma voz vinda de Dan nós anuncia e faz saber que é chegado o ídolo, que vem do monte de Efraim.

16 Dizei às nações: Eis-aí se ouviu dizer em Jerusalém, virem gentes de guerra duma terra remota e darem o seu brado sôbre as cidades de Judá.

17 Puseram-se sôbre ela ao redor, como guardas de campo: Porquanto ela me provocou a ira, diz o Senhor.

18 Os teus caminhos e os teus pensamentos te trouxeram estas coisas: Essa tua malícia, porque é amarga, pois chegou até o teu coração.

19 Em minhas entranhas, em minhas entranhas sinto dor, os afetos do meu coração se têm turbado em mim: Não me calarei porque a minha alma ouviu a voz da trombeta, um alarido de batalha. (9)

(9) **EM MINHAS ENTRANHAS** — E' notável esta passagem, que vai até ao versículo 31. São vivas, rápidas e enérgicas estas exclamações, veementes estas apóstrofes, tôdas concatenadas e perfeitamente deduzidas. Comentando esta passagem escreve G. Longhave: "Qui parle ici? Est-ce Dieu? est-ce le prophète? C'est l'un et l'autre à tour de rôle; mais Jérémie ne prend pas le loisir de nous avertir du changement... C'est merveille que la mobilité,

20 Tormento sôbre tormento foi chamado e assolada foi tôda a terra: De improviso têm sido destruídas as minhas tendas, súbitamente as minhas peles. (10)

21 Até quando o verei fugir, ouvirei a voz da buzina?

22 Porque o meu néscio não me conheceu: Filhos insensatos são, e sem prudência: Sábios são para fazer o mal: Mas não souberam fazer o bem.

23 Olhei para a terra, e eis-que estava vazia, e era nada: E para os céus, e não havia nêles luz.

24 Vi os montes, e eis-que se moviam: E todos os outeiros tremiam.

25 Olhei, e não havia homem: E tôdas as aves do céu se haviam retirado.

26 Olhei, e eis-que estava deserto o Carmelo: E tôdas as suas cidades foram destruídas na presença do Senhor, e na presença da ira do seu furor.

27 Porque isto diz o Senhor: Deserta ficará tôda a terra, porém contudo eu a não destruirei de todo.

28 Chorará a terra, e entristecer-se-ão os céus de cima: Porque falei, considerei e não me arrependi nem desisti disso.

29 À voz do cavaleiro e do que despede a seta fugiu tôda a cidade: Entraram pelas asperezas e subiram pelos rochedos: Tôdas as cidades foram geralmente desamparadas e nelas não habita nem um homem.

la promptitude, la souplesse de ces âmes (des prophètes) courant d'une impression à l'autre; vives, rapides, exactes à sentir chaque chose à mesure qu'elle se présente et autant qu'elle le mérite, frappant vite, juste et fort, toutes les notes de la gamme du sentiment. De là, ces visions qui se pressent, puis ces exclamations, ces apostrophes, ces élans de la passion ardente, mais rationnelle toujours".

(10) MINHAS PELES — Porque estas tendas eram cobertas de peles de animais. Cfr. Cãn 1, 4.

30 E tu devastada que farás? Quando te vestires de púrpura, quando te adornares de colares de ouro e pintares os teus olhos com o antimônio, em vão te enfeitarás: Desprezaram-te os teus amantes, buscaram a tua morte. (11)

31 Porque ouvi uma como voz de mulher que está de parto, angústias como de puérpera: Voz da filha de Sião que está moribunda, estendendo as suas mãos: Ai de mim que desmaiou a minha alma por causa dos mortos.

CAPÍTULO 5

CORRUPÇÃO GERAL DOS HABITANTES DE JERUSALÉM. ESTRANHA O SENHOR AOS FILHOS DE ISRAEL A SUA INFIDELIDADE. ANUNCIA O CASTIGO DE SEUS CRIMES. PROMETE NÃO OS EXTERMINAR DE TODO.

1 Dai volta às ruas de Jerusalém, e vêde, e considerai, e andai procurando nas suas praças, a ver se achais um homem, que faça justiça, e busque a verdade: E eu lhe perdooarei a ela. (1)

(11) **ANTIMONIO** — O uso do antimônio era muito frequente no Oriente, onde o empregavam para rasgar os olhos e as pálpebras, pintar olheiras, e enfeitar o rosto.

(1) **E ANDAI PROCURANDO NAS SUAS PRAÇAS, A VER SE ACHAIIS UM HOMEM** — Grande é o amor que Deus tem à justiça! que por um só justo que se achasse em Jerusalém, quando esta estava já a ponto de ser tomada pelos seus inimigos, promete perdoar-lhe. S. Jerônimo. Não faltavam então em Jerusalém alguns justos; porque então viviam nela o rei Josias, os profetas Joel, Sofonias, Habacuc, o mesmo Jeremias e a profetiza Holda. Logo o que aqui supõe o Senhor, de não se poder achar em Jerusalém nem um só justo, foi hipérbole, com que o Senhor quis significar a raridade dêles em Jerusalém; figura muito ordinária nos que fazem invectivas contra os vícios comuns e públicos, dizer que tudo está corrompido, que já não há justiça, que ninguém fala verdade, ninguém obra com candidez, e boa fé. Confira-se o que se dirá adiante, c. 6, vv. 13.28. — **Pereira.**

2 E se até disserem, vive o Senhor: Ainda assim jurarão falso. (2)

3 Senhor, os teus olhos olham para a fidelidade: Tu os feriste, e eles o não sentiram: moeste-os a golpes, e eles recusaram aceitar a correção: Endureceram as suas faces mais que uma pedra, e não quiseram voltar. (3)

4 Mas eu disse: Talvez são os pobres e insensatos os que ignoram o caminho do Senhor, o juízo do seu Deus.

5 Irei ter pois com os grandes, e falar-lhes-ei: Porque êstes conheceram o caminho do Senhor, o juízo do seu Deus: E eis-aqui está que êstes juntos quebraram mais o jugo, romperam as prisões.

6 Por isso o leão do bosque os feriu, o lobo de noite os destruiu, o leopardo andou vigilante sobre as suas cidades: Todo aquêlé, que dêles sair, será prêso: Porque se têm multiplicado as suas prevaricações, têm-se endurcido as suas apostasias. (4)

7 Sobre que te poderei eu ser propício? teus filhos me abandonaram. e juram por aquêles que não são deu-

(2) **VIVE** — Com isto previne o Senhor o que se lhe podia opor, que ainda em Jerusalém havia alguns, que juravam em nome de Deus, por sinal e prova da sua religião. E diz que não são as palavras do juramento o com que êle se deleita, mas a verdade dêle. — S. Jerônimo.

(3) **SENHOR, OS TEUS OLHOS OLHAM PARA A FIDELIDADE** — Assim em termos a Vulgata *Oculi tui respiciunt fidem*. O que S. Jerônimo interpreta assim. “Os teus olhos olham, não para as obras dos judeus, que exultam nas cerimônias da lei, mas para a fé dos cristãos, pela qual somos gratuitamente salvos”. Os franceses verteram: “Os teus olhos olham para a verdade” porque referiram as palavras do profeta para o que tinha precedido do juramento. — Pereira.

(4) **POR ISSO O LEÃO DO BOSQUE OS FERIU** — Na sentença de Teodoreto, o leão designa a Nabucodonosor; o lobo a Nabuzardan, o leopardo, a Antíoco Epifanes; S. Jerônimo entende que o leão é figura dos babilônios, o lobo figura dos medos e per-

ses: Fartei-os, e adulteraram, e satisfaziam a sua paixão em casa de meretriz.

8 Tornaram-se cavalos de lançamento, quando estão no maior ardor: Cada um rinchava à mulher do seu próximo.

9 Pois não hei de castigar eu estas coisas? diz o Senhor, e numa gente como esta não se há de vingar a minha alma?

10 Escalai os seus muros e derribai-os, mas não a acabeis de todo: Extingui-lhes os troncos das suas famílias, porque não são do Senhor. (5)

11 Porque tem com prevaricação prevaricado contra mim a casa de Israel, e a casa de Judá, diz o Senhor. (6)

12 Negaram ao Senhor, e disseram: Não é êle: Nem virá mal sobre nós: Não veremos a espada, nem a fome.

13 Os profetas falaram ao vento, e não lhes foi dada resposta: Estas coisas pois lhes virão.

14 Isto diz o Senhor Deus dos exércitos: Porque haveis proferido esta palavra: Eis-aqui dou eu as minhas palavras na tua bôca por fogo, e a êste povo por lenha, e aquêle os devorará.

15 Eis-aqui está que eu trarei sobre vós uma gente de longe, casa de Israel, diz o Senhor: Uma gente robustas, o leopardo figura dos macedônios. — Calmet, Cfr. Glaire, ed. 1902.

(5) **E DERRIBAI-OS** — E' apóstrofe do Senhor aos caldeus entregando-lhes a Cidade, e mandando-lhes que castigassem os pecados do seu povo, porém sem consumir de todo a sua ruína. — **Pereira.**

EXTINGUI-LHES — Os troncos, ou cabeças das famílias, porque voltaram as costas ao Senhor, e serviram aos ídolos. — **Pereira.**

(6) **PORQUE TEM COM PREVÁRICAÇÃO** — E' um hebraísmo, enormemente tem prevaricado: até ao último ponto tem chegado a sua transgressão e desobediência. — **Pereira.**

ta, uma gente antiga, uma gente, cuja língua não sabe-rás, nem entenderás o que ela fala.

16 A sua aljava será como um sepulcro aberto, to-dos êles geralmente serão fortes.

17 E ela comerá as tuas searas, e o teu pão: Devo-rará os teus filhos, e as tuas filhas: Nutrir-se-á dos teus rebanhos, e das tuas vacadas: Comerá as tuas vinhas e as tuas figueiras: E destruirá com o ferro as tuas cida-des fortificadas, nas quais tu tens a confiança.

18 Com tudo isso, naqueles dias, diz o Senhor, não acabarei duma vez convosco.

19 E se disserdes: Por que nos fêz o Senhor nosso Deus tôdas estas coisas? lhes dirás a êles: Assim como me haveis abandonado e haveis servido a um Deus es-tranho na vossa terra, assim servireis aos estrangeiros em terra não vossa.

20 Anunciai isto à casa de Jacó, e fazei-o ouvir em Judá, dizendo:

21 Ouve, povo insensato, que não tens coração: Vós, que tendes olhos não vêdes: E que tendes ouvidos, e não escutais.

22 Pois que, não me temereis a mim, diz o Senhor: e na minha presença não vos arrependereis? Eu que pus a areia por limite do mar, mandamento perdurável, que não acabará: E levantar-se-ão as suas ondas, e não pre-va-lecerão: E empolar-se-ão e não passarão fora das suas balizas:

23 Mas a êste povo se lhe tem feito o seu coração incrédulo e rebelde, êles se apartaram e apostataram.

24 E não disseram no seu coração: temamos o Se-nhor nosso Deus, que nos dá a seus tempos a chuva do cedo e do tarde: Conservando-nos a fértil abundância du-ma anual colheita.

Jeremias 5, 25-31; 6, 1

25 As vossas iniquidades desviaram estas coisas: E os vossos pecados apartaram de vós o bem:

26 Porque no meu povo se acharam ímpios, que armavam ciladas, como os caçadores de aves, pondo laços e rêdes, para apanhar os homens.

27 Como gaiola cheia de aves, assim são as suas casas cheias de dolo: Por isso se têm engrandecido e enriquecido.

28 Engordaram e engrossaram: E transgrediram as minhas palavras perversissimamente. Não julgaram a causa da viúva, não encaminharam a causa do órfão, nem fizeram justiça aos pobres.

29 Acaso não punirei eu êstes excessos? diz o Senhor, ou duma gente como esta não se vingará a minha alma?

30 Coisas espantosas e estranhas se têm feito na terra:

31 Os profetas profetizavam a mentira, e os sacerdotes os aplaudiam com as suas mãos: E o meu povo amou essas coisas: Que castigo não virá pois sôbre esta gente no seu último fim?

CAPÍTULO 6

ASSOLAÇÃO DE JERUSALÉM, E DE JUDÁ. INFIDELIDADE DÊSTE POVO. FALSA PAZ QUE É PROMETIDA. SENTINELAS POSTAS, E NÃO OUVIDAS. INFORMAR-SE DO BOM CAMINHO, E ANDAR POR ELE. JEREMIAS FOI ESTABELECIDO SOBRE ÊSTE POVO PARA O PROVAR.

1 Armai-vos de fortaleza, filhos de Benjamim, no meio de Jerusalém, e fazei soar a trombeta em Técuá, e

levantai o estandarte sôbre Betacarem: Porque da banda do Aquilão appareceu um mal, e uma grande ruína. (1)

2 A uma formosa e delicada assemelhei a filha de Sião.

3 A ela virão os pastôres, e os seus rebanhos, puseram nela ao redor as suas tendas: Cada um apascentará aquêles que estão debaixo da sua mão. (2)

4 Preparai-vos a lhe declarar a guerra: Levantai-vos, e subamos ao meio-dia: Ai de nós, que declinou o dia, porque as sombras se fizeram mais compridas pela tarde.

5 Levantai-vos e subamos de noite e deitemos abaixo tôdas as suas casas.

6 Porque isto diz o Senhor dos exércitos: Cortai as árvores do contôrno, e fazei um marachão à roda de Jerusalém: Esta é a cidade destinada à minha vingança, porque todo o gênero de calúnia reina no meio dela.

7 Como a cisterna tornou fria a água que em si recebeu, assim esta cidade tornou fria a sua malícia: A iniquidade e a desolação se ouvirá nela; diante de mim estão sem cessar a miséria e o açoite.

8 Escarmenta, Jerusalém, para que não suceda que a minha alma se aparte de ti, não suceda que eu te torne em terra deserta e despovoada.

9 Eis-aqui o que diz o Senhor dos exércitos: Até ao último cacho, como em vindima, se rabiscarão os restos de Israel. Volta a tua mão como o vindimador ao cesto.

10 A quem falarei eu? E a quem admoestarei que me ouça? Eis-que os seus ouvidos estão incircuncidados,

(1) **TÉCUA, BETACAREM** — Cidades situadas em montanhas, ao sul de Jerusalém.

(2) **A ELA VIRÃO OS PASTORES, E OS SEUS REBANHOS** — Por êstes pastôres e rebanhos se devem entender os príncipes e tropas dos caldeus. — S. Jerônimo.

Jeremias 6, 11-20

e não podem ouvir: Eis-que a palavra do Senhor foi para eles um motivo de opróbrio: E não a receberão.

11 Por isso é que eu estou cheio do furor do Senhor: Cansado estou de sofrer: Derrama a indignação sobre o menino que anda pela rua, e juntamente sobre o congresso dos mancebos: Porque o marido será prêso com a mulher, o velho com o decrépito.

12 E as suas casas passarão a estranhos, os campos e igualmente as mulheres: Porque eu estenderei a minha mão sobre os habitantes da terra, diz o Senhor.

13 Porquanto desde o mais pequeno até o maior todos estão entregues à avareza: E desde o profeta até o sacerdote todos procedem com dolo.

14 E curam as chagas da filha do meu povo com ignomínia dizendo: Paz, paz: Quando não havia paz.

15 Confundiram-se porque fizeram abominação: Ou por melhor dizer, nem a mesma confusão os pôde confundir, nem souberam que coisa era envergonhar-se: Por isso cairão entre a turba dos mortos: No tempo da sua visitaçào cairão, diz o Senhor.

16 Eis-aqui o que diz o Senhor: Tende-vos sobre os caminhos, e vêde, e perguntai, quais são as antigas veredas, para conhecerdes o bom caminho, e andai por êle: E achareis refrigério para as vossas almas. E eles responderam: Não andaremos por certo.

17 E constituí umas sentinelas sobre vós. Ouvi a voz da trombeta. E eles responderam: Não ouviremos por certo.

18 Portanto ouvi, ó gentes, e tu, ó congregação, vê com quanto rigor os tratarei eu a eles.

19 Ouve terra: Eis-aí farei eu vir calamidades sobre êste povo, fruto dos seus pensamentos: Porque não ouviram as minhas palavras, e rejeitaram a minha lei.

20 Para que me trazeis vós incenso de Sabá, e cana

de suave cheiro de terra longínqua? os vossos holocaustos não me são aceitos, nem as vossas vítimas me agradaram. (3)

21 Portanto isto diz o Senhor: Eis-aqui estou eu que trarei a ruína sobre êste povo, e cairão entre êles juntamente os pais e os filhos, o vizinho, e o próximo perecerão.

22 Isto diz o Senhor: Eis-aqui vem um povo da terra do Aquilão, e uma nação grande se levantará dos fins da terra.

23 Tomará seta e escudo: Ela é cruel, e não terá piedade: A sua voz soará como o mar: E montarão em cavalos, dispostos como um homem valente, a pelejar contra ti, filha de Sião.

24 Ouvimos a sua fama, afrouxaram-se as nossas mãos: Alcançou-nos a tribulação, as dores como a que está de parto:

25 Não saiais aos campos, e não andeis pelo caminho: Porque a espada do inimigo é o espanto ao redor.

26 Filho do meu povo, veste-te de cilício, e revolve-te na cinza: Toma luto como por um filho único, pranto amargo, porque de repente virá sobre nós o destruidor.

27 Por averiguador forte te tenho pôsto sobre o meu povo: E saberás, e examinarás o caminho dêles.

(3) **PARA QUE ME TRAZEIS VÓS INCENSO DE SABÁ** — São inumeráveis os lugares da Escritura em que Deus, Senhor nosso, repreende os judeus, por porem a verdadeira santidade, e a verdadeira justiça na observância das cerimônias exteriores da lei mosaica. Basta apontar aqui Is 1, 11. Jer 7, 21. Am 5, 22. Sl 39, 7. Sl 50, 18. No que o Senhor não quer dar a entender, que se ofende do culto externo que lhe damos, quando êle mesmo assim o manda, mas sim, que êsse culto lhe não agrada, se êle lhe não vai acompanhado de boas disposições internas; e que a justiça cristã não está na circuncisão carnal, mas na espiritual. — **Pereira.**

Jeremias 6, 28-30; 7, 1-5

28 Todos êstes príncipes que estão fora de caminho, que andam com engano, são cobre e ferro: Todos se têm corrompido.

29 Faltou o fole, o chumbo foi consumido no fogo, debalde o meteu o fundidor na forja: Porque as suas malícias não se consumiram. (4)

30. Chamai-os uma prata falsa, porque o Senhor os rejeitou.

CAPÍTULO 7

VA CONFIANÇA DOS JUDEUS NO TEMPLO DO SENHOR, QUANDO ELES O DESONRAVAM COM OS SEUS GRANDES PECADOS. PROÍBE O SENHOR A JEREMIAS, QUE NÃO ORE POR ÊSTE POVO. SACRIFÍCIOS INÚTEIS SEM OBEDIÊNCIA.

1 Palavra que pelo Senhor foi dirigida a Jeremias, a qual dizia:

2 Põe-te em pé à porta da casa do Senhor, e prega aí estas palavras e dize: Ouvi a palavra do Senhor todo Judá, que entrais por estas portas, para adorardes ao Senhor.

3 Eis-aqui o que diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Fazei bons os vossos caminhos, e os vossos afetos: E eu habitarei convosco neste lugar.

4 Não ponhais a vossa confiança em palavras de mentira, dizendo: Templo do Senhor, templo do Senhor, êste templo é do Senhor.

5 Porque se dirigirdes bem os vossos caminhos e os vossos afetos: Se fizerdes justiça aos que pleiteiam entre si,

(4) **O CHUMBO FOI CONSUMIDO NO FOGO** — Quando os metais estão falsificados, mistura-se-lhe o chumbo, para se separar a matéria estranha, e se acaso esta se não separa, todo o chumbo se consome, e se reduz a nada. Assim toda a palavra de doutrina é perdida naqueles que a não querem ouvir. — S. Jerônimo.

6 se não oprimirdes o estrangeiro, e o pupilo, e a viúva, nem derramardes o sangue inocente neste lugar, e se não andardes após dos deuses alheios para vossa própria desgraça:

7 Habitarei convosco neste lugar: Na terra que dei a vossos pais desde o século e até o século.

8 Eis-aí está que vós confiais para vosso mal em palavras de mentira, que vos não servirão para nada: (1)

9 Para furtar, matar, adulterar, jurar falso, sacrificar aos ídolos, e ir após dos deuses estranhos, que não conheceis.

10 E viestes e vos presentastes diante de mim nesta casa, onde o meu nome foi invocado, e dissestes: Estamos livres ainda que tenhamos cometido tôdas estas abominações.

11 Logo esta minha casa, onde foi invocado o meu nome diante de vossos olhos, não é assim que está feita um covil de ladrões? Eu, eu sou: Eu o vi, diz o Senhor. (2)

12 Ide ao meu lugar em Silo, onde habitou o meu

(1) **EIS-AÍ ESTA QUE VÓS CONFIAIS PARA VOSSO MAL** — Que é vã a confiança que tem no templo, assim o demonstram os pecados seguintes. Porque que importa entrar afoitamente pela porta da casa de Deus, pôr-se ali com a cabeça mui levantada, e no mesmo tempo ter não só o coração, mas também as mãos manchadas de furtos, homicídios, adultérios, perjúrios, sacrilégios, idolatria? Estas coisas ninguém duvida que acontecem espiritualmente no cristianismo, onde os homens, vendo a prosperidade de que de presente gozam, não consideram nos seus pecados, e cuidam que Deus não sabe deles, porque os não castiga logo. — S. Jerônimo.

(2) **LOGO ESTA MINHA CASA, ONDE FOI INVOCADO O MEU NOME** — Então se torna a Igreja de Deus num covil de ladrões, quando nela grassam os furtos, os homicídios, os adultérios, os perjúrios, os sacrilégios, e as invenções da heresia, e tôdas as outras maldades. — S. Jerônimo.

Jeremias 7, 13-18

nome desde o princípio: E vêde o que lhe eu fiz por causa da malícia do meu povo de Israel: (3)

13 E agora porque tendes feito tôdas estas obras, diz o Senhor: Eu vos falei levantando-me de manhã e falando eu, ainda assim me não ouvistes: E vos chamei, e não respondestes:

14 Farei eu a esta casa onde o meu nome foi invocado e na qual vós pondeis a vossa confiança: E êste lugar que eu vos dei a vós e a vossos pais assim como fiz a Silo.

15 E eu vos lançarei bem longe da minha face como lancei a todos os vossos irmãos, a tôda a linhagem de Efraim. (4)

16 Tu pois não rogues por êste povo, nem empreendas por êle louvor nem oração, e não te me oponhas: Porque te não escutarei. (5)

17 Acaso não vês tu o que êstes fazem nas cidades de Judá e nas praças de Jerusalém?

18 Os filhos ajuntam a lenha e os pais acendem o fogo, e as mulheres misturam a manteiga com os mais adjuntos necessários para fazerem tortas à rainha do

(3) **IDE AO MEU LUGAR EM SILO** — Alude ao que se refere no primeiro livro Reis, cap. 4, e no Sl 77, 60. Porque tendo estado o tabernáculo do Senhor, e a arca do testamento em Silo, da tribo de Efraim desde o tempo de Josué, o Senhor por causa dos desaforos e indignidades que os filhos de Heli cometeram neste lugar, permitiu que o tabernáculo e a arca fôsem tomados pelos filisteus. — **Pereira.**

(4) **TODA A LINHAGEM DE EFRAIM** — Isto é: as dez tribos, entre as quais Efraim tinha o primeiro lugar.

(5) **TU POIS** — Para se não dizer, que rogando um profeta, não alcançou êste o que pedia, manda Deus a Jeremias que não interceda por um povo pecador, o que nenhuma penitência fazia. — **S. Jerônimo.**

céu, e para sacrificarem a deuses estranhos, e para me provocarem a ira. (6)

19 Acaso êles a mim é que me provocam a ira? diz o Senhor, ou não é antes a si mesmos que fazem mal para confusão do seu rosto?

20 Portanto isto diz o Senhor Deus: Eis-aí está que o meu furor, e a minha indignação se anda forjando sôbre êste lugar, sôbre os homens, e sôbre os animais, e sôbre as árvores do campo, e sôbre os frutos da terra, e se acenderá, e não se apagará.

21 Isto diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Ajuntai os vossos holocaustos às vossas vítimas, e comei dessas carnes.

22 Porque eu não falei com vossos pais, nem lhes mandei, no dia em que os tirei da terra do Egito, coisa alguma acêrca dos holocaustos e das vítimas.

23 Mas eis-aqui o que lhes mandei, dizendo: Ouvi a minha voz, e eu serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo: E andai por todo o caminho que eu vos prescrevi, para serdes bem sucedidos.

24 E não me ouviram, nem me applicaram os seus ouvidos: Mas foram-se após os seus appetites, e da pravi-dade do seu malvado coração; e tornaram para trás, em vez de irem para diante,

25 desde o dia em que seus pais saíram da terra do Egito, até ao dia de hoje. E eu vos enviarei a vós todos os meus servos os profetas, levantando-me cada dia, muito cedo, e prevenindo-vos em vo-los mandar.

26 E não me ouviram, nem me applicaram os seus

(6) **PARA FAZEREM TORTAS A RAINHA DO CÉU** — Isto é à lua, como com S. Jerônimo entende o comum dos intérpretes. Confundia-se com a Deusa Astartéia; êsses bolos tinham a forma dum crescente.

Jeremias 7, 27-34

ouvidos: Mas endureceram a sua cerviz: E obraram pior que seus pais.

27 E tu lhes dirás a êles tôdas estas palavras, e não te escutarão: E chamá-los-ás e não te responderão:

28 E tu lhes dirás a êles: Esta é uma gente, que não ouviu a voz do Senhor seu Deus, nem recebeu as suas instruções: Acabou-se a fé, e ela se exterminou da bôca dêles.

29 Corta os teus cabelos, e lança-os fora e levanta o teu pranto ao alto: Porque o Senhor arrojou de si, e abandonou a geração do seu furor.

30 Porque os filhos de Judá cometeram o mal diante dos meus olhos, diz o Senhor. Êles puseram os seus tropeços na casa em que foi invocado o meu nome, para a profanarem:

31 E edificaram os altos de Tofet, que está no Vale do filho de Enon: Para queimarem no fogo a seus filhos, e a suas filhas, o que eu não mandei, nem pensei no meu coração. (7)

32 Portanto eis-aí virão dias, diz o Senhor, e não se dirá mais Tofet, nem Vale do filho de Enon: senão Vale da matança: E enterrarão em Tofet, porque não haverá mais lugar.

33 E os corpos mortos dêste povo servirão de pasto às aves do céu, e às alimárias da terra, e não haverá quem dali as enxote.

34 E farei que se não ouça nas cidades de Judá, e nas praças de Jerusalém voz de gôzo, e voz de alegria,

(7) **E EDIFICARAM OS ALTOS DE TOFET** — Foi este um erro da gentildade, que ocupou tôdas as províncias, serem os cumes dos montes os lugares onde imolavam as vítimas, e celebravam as suas superstições. — S. Jerônimo. Ficava ao sul de Jerusalém e tinha um bosque consagrado ao Deus Moloc.

voz de espôso, e voz de espôsa: Porque a terra será posta em desolação.

CAPÍTULO 8

CASTIGO DO SENHOR SOBRE JERUSALÉM. IMPENITÊNCIA DESTE POVO. FALSOS SÁBIOS. ASSOLAÇÃO DA JUDÉIA. AFLIÇÃO DO PROFETA. GEMIDOS DA FILHA DE SIÃO. RESINA, E MÉDICO DE GALAAD.

1 Naquele tempo, disse o Senhor: Lançarão fora das suas sepulturas os ossos dos reis de Judá, e os ossos dos seus príncipes, e os ossos dos sacerdotes, e os ossos dos profetas, e os ossos daqueles que em Jerusalém têm habitado: (1)

2 E expô-los-ão ao sol, e à lua e a tôda a milícia do céu, que êles amaram, e a quem serviram, e após de quem andaram, e a quem buscaram, e adoraram: Não serão recolhidos, nem sepultados: Ficarão sôbre a face da terra como um muladar.

3 E escolherão antes a morte que a vida todos os que ficarem desta ralé depravadíssima em todos os lugares que foram desamparados, onde eu os arrojéi, diz o Senhor dos exércitos.

4 E tu lhes dirás a êles: Isto diz o Senhor: Porventura o que cai não se levantará? e o que se desviou não tornará?

(1) OS OSSOS DOS REIS DE JUDÁ — Pelo livro de Baruc se verifica que os caldeus desenterraram os ossos de alguns destes reis. (Bar 2, 24) e isto, segundo S. Jerônimo, com o fim de tirarem das sepulturas as preciosidades, que nelas esperavam achar, porque êsse era o costume dos orientais, enterrarem os seus príncipes vestidos ricamente, e ornados de muito ouro e prata, como das sepulturas dos de Semíramis, Belo e Ciro refere Heródoto. — **Pereira.**

5 Pois por que se tem desviado êste povo em Jerusalém com uma obstinada apostasia? Tem abraçado a mentira, e não quiseram voltar.

6 Atendi, e escutei: Ninguém fala o que é bom, nenhum há que faça penitência do seu pecado, dizendo: Que fiz eu? todos voltam para onde a sua paixão os leva, como cavalo que corre a tôda a brida para o combate.

7 O milhafre no céu conheceu a sua estação: A rôla e a andorinha, e a cegonha observaram a conjuntura da sua arrição: Mas o meu povo não conheceu o juízo do Senhor.

8 Como assim dizeis: Sábios somos nós, e a lei do Senhor está conosco? Verdadeiramente o ponteiro mentiroso dos escribas gravou a mentira.

9 Confundidos foram os sábios, aterrados têm sido e presos: Porque desprezaram a palavra do Senhor, e nenhuma sabedoria há nêles.

10 Pelo que darei suas mulheres a estranhos, seus campos a outros herdeiros: Porque desde o mais pequeno até ao maior todos seguem a avareza: Desde o profeta até ao sacerdote todos forjam a mentira.

11 E curavam as chagas da filha do meu povo, para sua ignomínia, dizendo: Paz, paz: Quando não havia paz.

12 Ficaram confundidos porque cometeram a abominação: Ou antes não foram confundidos pela confusão, nem souberam que era envergonhar-se: Portanto cairão entre os que perecerem, no tempo da sua vingança cairão, diz o Senhor.

13 Eu os congregarei juntos, diz o Senhor: Não há uva nas vides, nem há figos na figueira, a fôlha caiu: E eu lhes dei o que lhes escapou. (2)

(2) **EU OS CONGREGAREI JUNTOS** — Sem dúvida que em Jerusalém, para serem sitiados pelos caldeus, e padecerem por muito tempo os males da fome. — S. Jerônimo.

14 Por que estamos nós quietos? ajuntai-vos, e entremos na cidade fortificada, e guardemos aí silêncio: Porque o Senhor nosso Deus nos fêz calar, e nos deu a beber água de fel: Porque pecamos contra o Senhor.

15 Esperamos a paz, e êste bem não chegava: O tempo da medicina, e eis-que só havia temor.

16 O estrépito da cavalaria inimiga se percebeu já desde Dan, à voz dos rinchos dos guerreiros dêle estremeceu tôda a terra: E vieram e devoraram a terra, e quanto havia nela: A cidade e os seus habitantes.

17 Porque eis vos enviarei eu uns serpentes régu-los, contra os quais não podem nada os encantamentos: E vos morderão, diz o Senhor:

18 A minha dor é sôbre tôda a dor, o meu coração está melancolizado dentro de mim.

19 Eis-aí a voz do clamor da filha do meu povo desde uma terra longínqua: Porventura não está o Senhor em Sião, ou não está o seu rei no meio dela? Por que razão logo me provocaram êles a ira com os seus ídolos, e com estranhas vaidades?

20 O tempo da ceifa é passado, o estio findou-se, e nós não fomos salvos.

21 Quebrantado estou, e entristecido pela dor da filha do meu povo; o espanto se apoderou de mim.

22 Acaso não há resina em Galaad? ou não se acha lá médico? Por que razão logo não tem encourado a cicatriz da filha do meu povo? (3)

(3) ACASO NÃO HÁ RESINA EM GALAAD? — Não só neste lugar, mas noutros muitos da Escritura, achamos a resina de Galaad empregada por simbolo da penitência. — S. Jerônimo. Esta resina era considerada como remédio eficaz para curar feridas. Cfr. Gên 37, 25, no vol. 1.º, pág. 161.

CAPÍTULO 9

CHORA JEREMIAS A MORTANDADE DOS FILHOS DE JUDÁ.
NENHUMA FIDELIDADE HÁ ENTRE ÊLES. BUSCA O SENHOR UM HOMEM SABIO, QUE PERCEBA OS SEUS JUÍZOS.
MULHERES CHAMADAS PARA CHORAR A DESOLAÇÃO DE JUDÁ.
VINGANÇAS DO SENHOR SOBRE JUDÁ, E SOBRE OS POVOS VIZINHOS.

1 Quem dará água à minha cabeça, e uma fonte de lágrimas a meus olhos? e eu chorarei de dia e de noite os mortos da filha do meu povo.

2 Quem me dará no deserto um albergue de passageiros, e eu deixarei o meu povo, e me apartarei dêles? Porque todos são uns adúlteros, um congresso de prevaricadores.

3 Estenderam a sua língua como arco de mentira e não de verdade: Fortificaram-se na terra, porque passaram de maldade em maldade, e não me conheceram, diz o Senhor.

4 Cada um se guarde do seu próximo, e não se fie de nenhum de seus irmãos: Porque todo o irmão armando campapé dará sancadilha, e todo o amigo andarás com falsidade.

5 E cada um dêles se rirá de seu irmão, e não falarão a verdade: Porque ensinaram a sua língua a proferir a mentira: Estudaram como haviam de fazer injustiças.

6 A tua habitação é no meio do engano: Por amor do engano recusaram conhecer-me, diz o Senhor.

7 Portanto isto diz o Senhor dos exércitos: Eis-aqui estou eu que os fundirei, e ensaiarei ao fogo: Porque que outra coisa farei eu à vista da filha do meu povo?

8 A língua dêles é uma seta que fere, ela falou o

engano: Na sua bôca fala paz com o seu amigo, e ocultamente lhe arma ciladas.

9 Acaso não punirei eu êstes excessos? diz o Senhor, ou numa gente como esta não se vingará a minha alma?

10 Sôbre os montes romperei em chôro e lamento, e sôbre os lugares amenos do deserto desafogarei em pranto: Porque têm sido incendiados de maneira que não há homem que passe por ali: E não ouviram a voz de quem os possuía: Desde a ave do céu até aos animais mudaram de sítio e se retiraram.

11 E reduzirei Jerusalém a montões de areia, e a covis de dragões: E entregarei as cidades de Judá à desolação, sem que fique ali morador. (1)

12 Quem é o varão sábio que entenda isto, e a quem se dirija a palavra da bôca do Senhor, para que publique isto, por que causa tem perecido a terra, e tem sido abrasada como um deserto, de maneira que não há quem passe por ela?

13 E disse o Senhor: Porque êles abandonaram a minha lei, que eu lhes dei, e não ouviram a minha voz, e não andaram nela:

14 E se foram atrás da pravidade do seu coração, e após de Baal: Como êles aprenderam de seus pais. (2)

15 Portanto isto diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Eis-aqui estou eu que alimentarei a êste povo com losna, e dar-lhes-ei por bebida água de fel.

16 E enviá-los-ei dispersos para entre umas gentes, que êles e seus pais não conheceram: E enviarei após êles a espada, até serem consumidos.

(1) **DRAGÕES** — No original hebraico está chacais.

(2) **COMO ÊLES APRENDERAM DE SEUS PAIS** — Logo não é o erro dos pais, nem o dos maiores o que se deve seguir, mas sim a autoridade das Escrituras, e o mandamento de Deus que nos ensina. — S. Jerônimo.

Jeremias 9, 17-22

17 Isto diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Considerai atentamente, e chamai carpideiras e venham: E enviai por aquelas que são hábeis, e se apressem: (3)

18 Dêem-se pressa, principiem o lamento sôbre nós; distilem lágrimas os nossos olhos, e as nossas pálpebras se alaguem de rios de águas.

19 Porque esta voz de lamentação se ouviu em Sião: Como havemos sido destruídos e cheios de tão grande confusão? Porque abandonamos a terra, por haverem sido derribadas as nossas casas.

20 Ouvi pois, mulheres, a palavra do Senhor, e recebam os vossos ouvidos o discurso da sua bôca: E ensinaí a vossas filhas o lamento: E cada uma à sua vizinha o pranto:

21 Porque a morte subiu pelas nossas janelas, ela entrou nas nossas casas para perder as nossas crianças nas ruas, os nossos mancebos nas praças.

22 Fala: Isto diz o Senhor: E cairão os cadáveres dos homens como estêrco sôbre a face de um campo.

(3) **E CHAMAI CARPIDEIRAS E VENHAM** — Por causa da iminente tomada e destruição de Jerusalém, manda o Senhor chamar as carpideiras, que eram aquelas mulheres, que por preço certo vinham chorar os defuntos, e acompanhar os enterros, com os cabelos desgrenhados, peitos à mostra, cara arranhada, e voz de lamentação, para com isto provocarem os presentes a lágrimas e soluços. Até o tempo de S. Jerônimo, como êle mesmo testifica, durou na Judéia êste costume; e da Judéia querem alguns que êle se derivasse para Espanha, alegando com o texto de Amós, *et vocabunt agricolam ad luctum*, (Am 5, 16), quando melhor era alegar com o presente de Jeremias, que é muito mais expresso e terminante. Em Portugal durou êste costume até o tempo de el-rei D. João I, no qual a câmara de Lisboa o aboliu, conforme refere Fr. Francisco Brandão na Sexta Parte da Monarquia Lusitana, Livro XIX, Cap. XXXIV, tratando do enterro de el-rei D. Diniz. — **Pereira.**

e como feno para detrás do segador, e não há quem os recolha.

23 Isto diz o Senhor: Não se glorie o sábio no seu saber, nem se glorie o forte na sua fôrça, e não se glorie o rico nas suas riquezas:

24 Porém nisto se glorie aquêlê que se gloria, em conhecer-me e em saber que eu sou o Senhor que faço misericórdia, e juízo e justiça sôbre a terra: Porque estas coisas me agradam, diz o Senhor.

25 Eis-aí vêm dias, diz o Senhor, e visitarei todo aquêlê que é circuncidado,

26 sôbre o Egito, e sôbre Judá, e sôbre Edom, e sôbre os filhos de Amon, e sôbre Moab, e sôbre todos os que se acham com o cabelo cortado em redondo, que moram no deserto: Porque tôdas as gentes têm prepúcio, mas tôda a casa de Israel vem a ser uns incircuncisos de coração.

CAPÍTULO 10

EXORTA O SENHOR A CASA DE ISRAEL A QUE NÃO TOME PARTE NA IDOLATRIA DAS GENTES NO SEU CATIVEIRO. ADVERTE A JERUSALÉM QUE SE PREPARE PARA A ASSOLAÇÃO QUE A AMEAÇA. JERUSALÉM CONJURA O SENHOR QUE APARTE DELA A SUA INDIGNAÇÃO.

1 Ouvi a palavra que falou o Senhor acêrca de vós, casa de Israel.

2 Isto diz o Senhor: Não aprendais segundo os caminhos das gentes: E não temais os sinais do céu, como temem as gentes: (1)

(1) **NÃO APRENDAIS** — Não aprendais a doutrina, nem abraceis os costumes dos gentios. — **Pereira.**

COMO TEMEM AS GENTES — Isto é, contra o êrro e superstição dos judiciários, e outros que os seguem, os quais pelo aspecto

3 Porque as leis dos povos são vãs: Porque o artífice cortou um madeiro do bosque trabalhando-o com o machado. (2)

4 Adornou-o com prata, e com ouro: Com pregos e a marteladas, o uniu para se não desconjuntar. (3)

5 À semelhança de palmeira foram feitas, e não falarão: Andarão com elas de uma parte para outra, porque não podem dar passo: Não as temais pois, porque nem podem fazer mal nem bem. (4)

dos astros que foram postos para significar os anos, tempos, meses e dias, têm a ousadia de pronunciar como certa, ou provável alguma coisa acerca das ações humanas, boas, ou más, e de outros futuros contingentes. Condena-se também o erro dos que criam, que os astros eram animados, e dotados de raciocínio, seguindo os princípios de Platão. Este foi um dos erros de Orígenes, e disto parece duvidou também o mesmo Santo Agostinho em algum tempo; porém depois o refutou, e igualmente a vã ciência da Astrologia judiciária. Santo Agostinho. Enchirid. cap. LVIII, contra Astrol. judiciar. — Pereira.

(2) **PORQUE AS LEIS** — Que determinam que se dê às criaturas o culto que é devido ao verdadeiro Deus, são vãs, não se fundam em razão, nem têm o menor fundamento. E entre todas as coisas vãs a maior é a de fabricar estátuas que representem estas criaturas, e que se dê culto de Latria a uns simulacros de madeiras, de ouro, de prata, ou de outro metal, feitos por mãos de homens. — Pereira.

(3) **ADORNOU-O COM PRATA E COM OURO** — Da gentildade nos veio o erro de pormos a religião nas riquezas. S. Jerônimo. Sendo um gentio, estranha Alexandre Severo isto mesmo, repetindo o dito do Pérsio: *In sacris quid facit aurum?* Assim o refere Lamprídio. — Pereira.

(4) **A SEMELHANÇA DE PALMEIRA** — Não quer dizer o profeta, que as estátuas dos gentios tinham a figura duma palmeira, mas sim que eram tão tóscas, e mal formadas, que pareciam um tronco de palmeira, porque como tinham olhos fechados, os braços pegados aos lados, os pés metidos um no outro, mais pareciam um madeiro informe, que figura dum Deus. E tais eram as

6 Ninguém há semelhante a ti, Senhor: Grande és tu, e grande o teu nome em fortaleza.

7 Quem te não temerá, ó rei das gentes? Porque tua é a honra: Entre todos os sábios das gentes, e em todos os seus reinos nenhum há semelhante a ti.

8 Eles serão igualmente convencidos por uns insipientes e fátuos: Doutrina é de vaidade o madeiro dêles.

9 A prata enrolada se traz de Tarsis, e o ouro de Ofaz, obra de mestre, e mão de fundidor: De jacinto e de púrpura é a vestidura dêles: Obras de mestres são tôdas estas coisas. (5)

10 Mas o Senhor êsse é o Deus verdadeiro: Êle o Deus vivo, e o rei sempiterno: À sua indignação se abalará a terra: E as gentes não suportarão as suas ameaças.

11 Vós pois lhes direis assim: Os deuses que não

estátuas dos orientais, enquanto os gregos os não ensinaram a estatuária. Isto se confirma do tósco simulacro de Cibeleis tido em suma veneração em Pessinunte, e depois trazido a Roma, e colocado no templo de Vitória: o qual, como o descreve Arnóbio no Livro VII *adversus gentes*, não era outra coisa mais que uma pedra de côr escura, por desbistar, e muito áspera, em que mal se percebia uma cara. Tal era também o outro ídolo Algábalo, onde o imperador Heliogábalo tomou o nome, como refere Herodisne no Livro V, cap. III. Crê-se que alguns séculos antes de Jeremias tinha Dédalo ensinado a formar as estátuas com os olhos abertos, pés separados, e mãos em ação, segundo lemos em Diodoro Sículo. Porém esta arte não chegou ao conhecimento das outras nações, senão muito tempo depois. — *Pereira.*

(5) DE TARSIS — Confira-se o livro 2 Par 8, 18 e 9, 21. Os fenícios extraíam muito ouro de Tarsion Tartessus na Espanha.

OFAZ — Região desconhecida: segundo uns Ofir, segundo outros uma região da Arábia meridional; outros entendem que é a ilha da Taprobana ou Ceilão, que tinha um rio e um pôrto chamado Tase.

Jeremias 10, 12-17

fizeram os céus e a terra, pereçam da terra, e do que está debaixo do céu. (6)

12 O que fez a terra com o seu poder, pôs em ordem o mundo com a sua sabedoria, e estendeu os céus com a sua prudência.

13 À sua voz dá êle uma multidão de águas no céu, e eleva as nuvens dos extremos da terra: Resolve em chuva os relâmpagos, e faz sair o vento dos seus tesouros.

14 Todos êstes homens se tornaram néscios pela sua ciência, confundido ficou todo o artífice no seu simulacro: Porque coisa falsa é a que fundiu, e não há espirito nêles.

15 Elas são coisas vãs, e obra digna de riso: No tempo da sua visitaçãõ perecerão.

16 Não é semelhante a êstes o que é a porçãõ de Jacó: Pois êle é o que formou tôdas as coisas: E Israel é vara da sua herança: O Senhor dos exércitos é o seu Nome.

17 Ajunta da terra a tua confusãõ, tu que moras em lugar cercado: (7)

(6) **VÓS POIS LHES DIREIS ASSIM** — No texto original vem este verso em aramaico, e parece que se deve ler em entre parêntesis. O verso 12 é continuação do verso 10. Talvez que os copistas transpusessem este 11, que convinha bem antes do 10. Que coisa porém haveria, para o verso 2, se pôr em aramaico? Uns suspeitam que foi para fazer mais sensível aos judeus o anúncio do seu cativo na Caldéia; outros que talvez fôsse êle acrescentado, quando o povo já estava no cativo e se tinha acostumado a falar aramaico; outros, finalmente, conjecturam que isto poderia ser um mero descuido do copista; que tendo diante dos olhos um exemplar hebreu e aramaico, confundiu aqui um com o outro. Esta última conjectura é do padre Houbigant, as outras de Calmet, ou do Escoliaste de Carrières. — **Pereira.**

(7) **AJUNTA DA TERRA** — E' uma ironia. Tu, ó Jerusalém, que moras em lugar cercado, que confias nas tuas fortalezas:

18 Porque isto diz o Senhor: Eis-aqui estou eu que atirarei desta vez para bem longe com os habitantes desta terra, e eu os atribularei de modo que todos sejam achados. (8)

19 Ai de mim pela minha dilacerante dor, a minha chaga é muito maligna. Mas eu disse: Certamente enfermidade minha é esta, e eu a suportarei.

20 A minha tenda foi destruída, tôdas as minhas cordas se romperam, os meus filhos saíram de mim e não subsistem: Daqui em diante não há quem estenda o meu pavilhão, e levante as minhas peles.

21 Porque os pastôres obraram loucamente, e não buscaram o Senhor: Por isso não entenderam, e todo o seu rebanho se desarranjou.

22 Eis-aí vem uma voz perceptível, e um grande tumulto da terra do Aquilão: Para reduzir as cidades de Judá a um deserto, e a morada de dragões.

23 Eu sei, Senhor, que não é do homem o seu caminho; nem é do varão o andar, e o dirigir os seus passos. (9)

ou também, que daqui a pouco hás de ser cercada, saqueada, e destruída pelos teus inimigos. — Pereira.

(8) **QUE TODOS SEJAM ACHADOS** — E' formalmente o que diz a Vulgata, *ita ut inveniantur*. O que S. Jerônimo explica assim: *Sicque tribulabo, et coangustabo, ut omnes inveniantur, et nequeant effugere malum*; e eu os atribularei, e apertarei de modo que todos sejam achados, e nenhum escape. — Pereira.

(9) **EU SEI, SENHOR** — Sei, e conheço que não está na mão do homem, ir por aquêlê caminho por onde êle quer, senão que depende da vossa Divina providência e vontade, o castigar e afligir a cada um conforme o seu merecimento, dêste ou daquelle modo, neste ou em outro tempo como fôr vossa vontade. Sòmente vos peço, Senhor, que pôsto que tendes determinado castigar-me por mão dos caldeus, o façais com misericórdia. Castigai-me, Deus meu, bem vejo que não mereço outra coisa; porém seja com cle-

Jeremias 10, 24-25; 11, 1-4

24 Castiga-me, Senhor, porém seja isto segundo o teu juízo: E não no teu furor, para que não suceda que tu me reduzas a um nada.

25 Derrama a tua indignação sôbre as gentes que te não conheceram, e sôbre as províncias, que não invocaram o teu nome, porque tragaram a Jacó, e o devoraram, e o consumiram, e dissiparam a sua glória.

CAPÍTULO 11

HABITANTES DE JUDÁ, E DE JERUSALÉM EXORTADOS A OBSERVAR O PACTO DO SENHOR. SUA INFIDELIDADE. VINGANÇAS DO SENHOR. DEUS PROÍBE A JEREMIAS QUE NÃO ORE POR ÊLES. MALVADOS INTENTOS QUE ÊLES FORMAVAM CONTRA JEREMIAS. PROFECIA CONTRA ANATOT.

1 Palavra que foi dirigida pelo Senhor a Jerusalém, a qual dizia:

2 Ouvi as palavras desta aliança, e falai aos varões de Judá, e aos moradores de Jerusalém,

3 e lhes dirás a êles: Isto diz o Senhor Deus de Israel: Maldito o varão que não ouvir as palavras desta aliança,

4 a qual eu fiz com vossos pais no dia em que os tirei da terra do Egito, da fornalha de ferro, dizendo:

mência, e com medida, e não com todo o rigor da vossa justa ira que tenho merecido Sl 6, 1; 37, 2. S. Jerônimo e Santo Agostinho expõem êste lugar contra os pelagianos, que não está na mão do homem o fazer bons os seus caminhos, isto é, as suas ações sem o socorro da Divina graça. O que de nenhum modo favorece aos que alegam estas palavras, pretendendo erradamente tirar por elas a liberdade da vontade humana. Versículo 24, segundo o teu juízo: com aquela equidade que nas obras de Deus vai acompanhada da sua misericórdia. — **Pereira.**

Ouvi a minha voz, e fazei tôdas as coisas que vos mando, e vós sereis o meu povo, e eu serei o vosso Deus: (1)

5 Para que eu renove o juramento, que jurei a vossos pais, que eu lhes daria uma terra que manasse leite, e mel, assim como é o dia de hoje. E respondi, e disse: Amém, Senhor.

6 E o Senhor me disse: Dize a vozes tôdas estas palavras nas cidades de Judá, e fora de Jerusalém, dizendo: Ouvi as palavras desta aliança, e observai-as:

7 Porque eu conjurei com instância a vossos pais no dia em que os tirei da terra do Egito até hoje em dia: Levantando-me de manhã os conjurei e disse: Ouvi a minha voz:

8 E não ouviram, nem inclinaram o seu ouvido: Mas seguiu cada um a pravidade do seu coração maligno: E fiz vir sobre êles tôdas as palavras desta aliança, que lhes mandei observar, e não as observaram.

9 E o Senhor me disse: Uma conjuração se achou nos varões de Judá, e nos moradores de Jerusalém.

10 Tornaram às primeiras maldades de seus pais, que não quizeram ouvir as minhas palavras: E êstes também foram após de deuses estranhos para os servir: A casa de Israel, e a casa de Judá romperam a minha aliança, que eu fiz com seus pais.

11 Pelo que isto diz o Senhor: Eis-aqui estou eu

(1) **DA FORNALHA DE FERRO** — Quando o Senhor diz, “da fornalha de ferro”, não é para significar algum lugar preparado para consumir, mas sim a grandeza da tribulação e da pena em que os pusera. — S. Jerônimo.

E VÓS SEREIS O MEU POVO — Não é pela nobreza do nascimento nem pelo império da circuncisão, e descanso do sabbado, mas pela obediência às suas palavras, que o povo hebreu é povo do Senhor, e o Senhor Deus do mesmo povo. — S. Jerônimo.

que farei vir sôbre êles calamidades, das quais não poderão sair: E clamarão a mim, e eu os não ouvirei.

12 E irão as cidades de Judá, e os moradores de Jerusalém, e clamarão aos deuses a quem oferecem libações, e não os livrarão no tempo da sua aflição.

13 Porque os teus deuses, ó Judá, eram segundo o número das tuas cidades: E segundo o número das tuas ruas, ó Jerusalém, puseste aras de confusão, aras para ofereceres libações a Baal.

14 Tu pois não queiras orar por êste povo, e não empreendas por êle louvor algum nem oração: Porque eu os não ouvirei no tempo em que êles clamarem a mim, no tempo da sua aflição.

15 De onde vem, que aquêle que eu amo cometeu tantas maldades na minha casa? acaso as carnes santas apartarão de ti as tuas malícias em que te gloriaste?

16 O Senhor te pôs o nome de oliveira fecunda, formosa, fértil, vistosa: À voz da sua palavra se acendeu nela um grande fogo, e se queimaram as suas ramas.

17 E o Senhor dos exércitos que te plantou, pronunciou calamidades contra ti: Por causa dos males da casa de Israel, e da casa de Judá, que êles fizeram em seu dano para me irritar, oferecendo libações a Baal.

18 Mas tu, Senhor, assim mo mostraste, e eu o conheci: Tu então me descobriste os intentos dêles.

19 E eu era como um manso cordeiro, que é levado a ser vítima: E não soube que êles formaram desígnios contra mim, dizendo: Ponhamos o pau no seu pão, e exterminemo-lo da terra dos vivos, e não haja mais memória do seu nome. (2)

(2) ~~PONHAMOS O PAU NO SEU PAO~~ — A estranheza desta expressão obrigou a Luís de Deus a verter assim o texto: *mittamus lignum in panem ejus*: quebremos-lhe o pau no corpo, isto é, matemo-lo às bengaladas. O Padre Houbigant não lhe agradando esta

20 Mas tu, Senhor dos exércitos, que julgas segundo a equidade, e que sondas os afetos e os corações, faze que eu veja as vinganças que tomarás dêles: Pois a ti descobri a minha causa.

21 Portanto isto diz o Senhor, aos varões de Anatot, que buscam a tua alma, e dizem: Não profetarás em nome do Senhor, e não morrerás às nossas mãos.

22 Portanto isto diz o Senhor dos exércitos: Eis-aqui estou eu que irei com a minha visita sôbre êles: Os mancebos morrerão à espada, os filhos dêles, e as suas filhas morrerão de fome.

23 E não ficarão relíquias dêles: Porque enviarei castigo sôbre os varões de Anatot, ano de visitação para êles.

interpretação, verteu assim: metamos raspas de pau venenoso ou sumo de ervas venenosas no pão que êle há de comer. Ambas estas exposições extorquiu aos ditos intérpretes o conceito em que estavam, de que êste texto se devia entender, à letra, da pessoa de Jeremias. Ambas porém devem ceder à que nos propusemos no corpo, visto atestar S. Jerônimo, que o consenso de tôdas as Igrejas, emanado sem dúvida da tradição dos apóstolos, entendera estas palavras como uma profecia do gênero de morte, que os judeus haviam de dar a Cristo Salvador nosso. Porque no pau entenderam a cruz, no pão o Corpo de Cristo, o qual de si mesmo disse: que era o pão vivo, que tinha descido do Céu: *Ego sum panis vivus, qui de cœlo descendi*: e que êste pão era a sua carne, *Panis quem ego dabo, caro mea est pro mundi vita*. Em confirmação da qual intelligência do nosso texto observa L. Copel, que o mesmo nome que em hebreu significa pão, significa em arábico carne. — Pereira.

CAPÍTULO 12

O PROFETA SE QUEIXA A DEUS DA PROSPERIDADE DOS MAUS. DEUS LHE ANUNCIA AS PERSEGUIÇÕES QUE ELES TÊM DE SOFRER. DESOLAÇÃO DA HERANÇA DO SENHOR SOBRE OS POVOS DE JUDÁ. RESTABELECIMENTO DOS MESMOS POVOS.

1 Justo na verdade és tu, Senhor, se eu disputar contigo: Portanto coisas justas te falarei a ti: Por que motivo é prosperado o caminho dos ímpios? Sucede bem a todos os que prevaricam, e fazem mal?

2 Plantaste-os, e lançaram raízes, medram e fazem fruto: Perto estás tu da bôca dêles, e longe das suas entranhas.

3 E tu, Senhor, tens-me conhecido, tens-me visto, e tens provado o meu coração contigo: Ajunta-os como rebanho para o degoladouro, e destina-os para o dia da matança.

4 Até quando chorará a terra, e se secará a erva de todo o campo pela maldade dos que moram nela? Consumidos têm sido os animais, e as aves, porque disseram: Não verá êle os nossos novíssimos.

5 Se te fatigaste em seguir correndo aos que iam a pé: Como poderás competir com os que vão a cavalo? e se tiveres estado quieto em terra de paz, que farás na soberba do Jordão? (1)

(1) **SE TE FATIGASTE EM SEGUIR CORRENDO AOS QUE IAM A PÉ** — Compara a infantaria dos povos vizinhos da Judéia, quais eram os amonitas, moabitas, filisteus, e idumeus com a cavalaria dos babilônios, que fazia a principal força dos seus exércitos, e diz: que se os judeus se viram muitas vêzes oprimidos pelos povos primeiramente nomeados, como poderão êles resistir aos segundos, a quem a sua cavalaria fazia sobremaneira formidáveis? **S. Jerônimo.** Provavelmente é uma locução proverbial e parabólica comum entre os orientais.

6 Porque assim os teus irmãos, como os da casa de teu pai, ainda êsses mesmos pelejaram contra ti, e clamaram após de ti a grandes vozes: Não te fies dêles quando te falarem com agrado. (2)

7 Deixei a minha casa, e abandonei a minha herança: Dei a minha alma em mãos de seus inimigos.

8 Tal se me tem tornado a minha herança como leão em selva: Tem dado voz contra mim, por isso eu a aborreci.

9 Acaso é para mim a minha herança como uma ave de várias côres? acaso é como a ave pintada por todo o corpo? vinde, congregai-vos tôdas as alimárias da terra, apressai-vos a devorá-la. (3)

10 Muitos pastôres destruíram a minha vinha, pisaram a minha porção: Trocaram a minha apetecível herança em deserto de solidão.

E SE TIVERES ESTADO QUIETO — E' o mesmo que dizer: Quando tu tenhas alguma confiança na tua terra, que farás tu, quando passares o Jordão a tempo que êle irá soberbamente caudaloso, e arrebatado? — S. Jerônimo.

(2) **PORQUE ASSIM OS TEUS IRMÃOS** — Por irmãos entende os idumeus, que por descenderem de Esaú, irmão de Jacó, tinham a Abraão por um mesmo tronco. Pelos da casa de seu pai, entende os amonitas e moabitas descendentes de Ló, sobrinho do mesmo Abraão. — S. Jerônimo. Todos êstes povos vizinhos, e consangüíneos dos judeus se uniram contra êles a Nabucodonosor, sendo que pouco antes tinham feito liga com Sedecias para de mão comum resistirem aos caldeus. (Jer 27, 3). Por isso previne aqui o Senhor aos judeus, que não creiam nas boas palavras daqueles povos. — Calmet.

(3) **UMA AVE DE VARIAS CÔRES** — Ignora-se de que ave queira falar o Profeta. O sentido é êste: O povo de Israel tornou-se desprezível e objeto de perseguição como a ave que se acolhe num bando de outras aves de espécie diferente, que a perseguem, ferem e expulsam.

11 Tornaram-na em desolação, e chorou sôbre mim: Tem sido inteiramente desolada tôda a terra. Porque não há nenhum que considere no seu coração.

12 Por todos os caminhos do deserto vieram destruidores, porque a espada do Senhor devorará desde um extremo da terra até outro extremo: Não há paz para nenhum vivente.

13 Semearam trigo, e segaram espinhos: Receberam a herança mas não lhes aproveitará: Envergonhados sereis de vossos frutos pela ira do furor do Senhor.

14 Isto diz o Senhor contra todos os meus vizinhos péssimos que tocam a herança, que reparti pelo meu povo de Israel: Eis-aqui estou eu que os arrancarei a êles da sua terra, e arrancarei a casa de Judá do meio dêles. (4)

15 E quando os houver arrancado, voltar-me-ei, e haverei piedade dêles: E os farei voltar cada um à sua herança e cada um à sua terra.

16 E acontecerá isto: Se escarmentados aprenderem os caminhos do meu povo, de maneira que jurem no meu nome: Vive o Senhor, assim como ensinaram o meu povo a jurar por Baal: Serão edificados no meio do meu povo.

17 Porém se não ouvirem, arrancarei pela raiz e com extermínio aquela gente, diz o Senhor.

(4) **VIZINHOS PÉSSIMOS** — Ameaça Deus castigar as nações inimigas dos judeus, como foram os amonitas, moabitas, idumeus, e filisteus, que se coligiram contra êles com Nabucodonosor: e assim sucedeu, porque poucos anos depôis da ruína de Jerusalém, o mesmo Nabucodonosor venceu, e sujeitou todos êstes povos, e os levou cativos à outra parte do rio Eufrates. — Jer 47, 48. 49. Ez 25.

CAPÍTULO 13

CINTO DE JEREMIAS ESCONDIDO E APODRECIDO DENTRO DO BURACO DE UMA PEDRA. FIGURA DO POVO DE JUDÁ ENTREGUE NAS MÃOS DAS NAÇÕES. EXORTA JEREMIAS ESTE POVO A FAZER PENITÊNCIA. ESTRANHA-LHE A SUA INFIDELIDADE, E ANUNCIA-LHE AS VINGANÇAS DO SENHOR.

1 Isto me disse a mim o Senhor: Vai, e compra para ti um cinto de linho, e pô-lo-ás sôbre os teus lombos, e não o metas na água.

2 E comprei um cinto conforme a palavra do Senhor e o pus à roda dos meus lombos.

3 E foi dirigida a mim segunda vez a palavra do Senhor, a qual dizia:

4 Toma o cinto que compraste, que tens à roda dos teus lombos, e levantando-te vai ao Eufrates e esconde-o ali no buraco de uma pedra. (1).

5 E fui, e escondi-o no Eufrates, como o Senhor me havia mandado.

6 E sucedeu que passados muitos dias me disse o Senhor: Levanta-te, vai ao Eufrates: E toma dali o cinto, que te mandei que o escondesses ali.

7 E fui ao Eufrates e cavei, e tomei o cinto do lugar onde o havia escondido: E eis-que já tinha apodrecido o cinto, de tal sorte que não servia para uso algum.

8 E me foi dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

9 Isto diz o Senhor: Assim farei apodrecer a soberba de Judá, e a muita soberba de Jerusalém.

10 A êstes povos perversíssimos que não querem

(1) EUFRATES — O grande rio que banha Babilônia e em cujas margens os hebreus deviam ficar cativos.

Jeremias 13, 11-17

ouvir as minhas palavras, e andam na pravidade do seu coração: E foram após dos deuses estranhos, para os servir e os adorar: E serão como êsse cinto, que para nenhum uso é bom.

11 Porque assim como se une o cinto aos lombos de um homem, assim eu uni estreitamente comigo tôda a casa de Israel, e tôda a casa de Judá, diz o Senhor: Para que fôsem o meu povo, e do meu nome, e para meu louvor, e para minha glória: E não ouviram. (2)

12 Pelo que lhes dirás a êles estas palavras: Isto diz o Senhor Deus de Israel: Tôda a vasilha se encherá de vinho. E êles te dirão a ti: Acaso ignoramos que tôda a vasilha se encherá de vinho?

13 E tu lhes dirás a êles: Isto diz o Senhor: Eis-aqui estou eu que encherei de embriaguez a todos os moradores desta terra, e reis da estirpe de Davi aos que se assentam sôbre o seu trono, e aos sacerdotes, e aos profetas, e a todos os moradores de Jerusalém:

14 E pô-los-ei a cada um dispersos de seu irmão, e igualmente aos pais e aos filhos, diz o Senhor: Não perdoarei, e não me aplacarei: Nem usarei de clemência para que os não destrua.

15 Ouvi, e percebei nos vossos ouvidos: Não vos ensoberbeçais, porque o Senhor falou.

16 Dai glória ao Senhor vosso Deus, antes que sobrevenham as trevas, e antes que tropecem vossos pés nos montes tenebrosos: Esperareis luz, e mudá-la-á em sombra de morte, e em escuridão.

17 Porque se isto não ouvirdes, chorará a minha alma em segredo à vista da vossa soberba: Pranteando

(2) **DO MEU NOME** — Isto é, que fôsem conhecidos sob a denominação de povo de Deus.

chorará, e os meus olhos verterão lágrimas, porque foi cativo o rebanho do Senhor.

18 Dize ao rei, e à rainha: Humilhai-vos, assentai-vos no chão, porque a coroa da vossa glória caiu da vossa cabeça.

19 As cidades do Meio-dia estão fechadas, e não há quem as abra: Todo Judá foi transferido na transmigração geral.

20 Levantai os vossos olhos, e vêde os que vêm do Aquilão: Onde está o rebanho, que te foi confiado, êsse teu gado famoso? (3)

21 Que dirás quando Deus te visitar? porque tu os ensinaste contra ti, e os instruíste para tua ruína: Acaso não te tomarão dores, como a mulher que está de parto? (4)

22 E se disseses no teu coração: Por que me vieram êstes males? Pela multidão das tuas iniquidades tem sido descoberto o mais vergonhoso que em ti há: Têm-se contaminado as tuas plantas. (5)

(3) **E VÊDE OS QUE VÊM DO AQUILÃO** — O texto da Vulgata diz: *et videte qui venitis ab Aquilone*, e vêde vós os que vindes do Aquilão. Porém o mesmo S. Jerônimo, que traz da mesma sorte o texto, quando logo o vai a expor, o expõe como eu pus com Sacy e de Carrières: *Præcipitar habitatoribus Jerusalem, ut elevent oculos suos, et videant Chaldaeos ab Aquilonis parte venientes*. Porque com efeito assim o trazem o hebreu e os Setenta, como adverte Calmet. — Perelra.

(4) **PORQUE TU OS ENSINASTE CONTRA TI** — Enquanto com êles, deste ocasião a que êles soubessem pelos tratados de amizade, que por vêzes celebraste onde haviam de fazer caminho para te acometer.

(5) **TÊM-SE CONTAMINADO** — Ou enquanto passaste o Jordão, conforme o que também já antes tinha profetizado Is 47, 3, ou enquanto como cativa foste descalça para Babilônia, como parece dar a entender aqui o hebreu, que em lugar do que traz a

23 Se um etíope pode mudar a sua pele, ou um leopardo as suas malhas: Podereis vós também fazer o bem, vós que não aprendestes senão a fazer o mal. (6)

24 E eu os espalharei como a moinha, que pelo vento é arrebatada no deserto.

25 Esta é a tua sorte, e a parte da tua medida que terás de mim, diz o Senhor, porque te esqueceste de mim, e tens confiado na mentira:

26 Por isso eu também descobri as tuas coxas das pernas contra a tua face, e apareceu a tua ignomínia,

27 os teus adultérios, e os teus rinchos, a maldade da tua fornicação: E eu vi as abominações que tu fizeste sobre os outeiros no meio do campo. Ai de ti, Jerusalém, não serás tu jamais limpa, resolvendo-te a me seguires: Até quando ainda? (7)

CAPÍTULO 14

SÊCA E FOME NA TERRA DE JUDÁ. ORAÇÃO DE JEREMIAS EM NOME DO POVO. FALSOS PROFETAS, QUE SEDUZEM O POVO, PROMETENDO-LHE A PAZ. RENOVA JEREMIAS AS SUAS INSTÂNCIAS EM NOME DO POVO.

1 Palavra do Senhor, que foi dirigida a Jeremias, pelo que diz respeito a uma sêca.

Vulgata, Pollutæ sunt plantæ tuæ, tem éle: Discalcia ti sunt pedes tui. — Pereira.

(6) **SE UM ETÍOPE PODE MUDAR A SUA PELE** — Expressão proverbial com que o Senhor quis explicar a profunda malignidade e obstinação do seu povo, dizendo que era tão difícil converter-se éle ao Senhor, como é mudar um etíope a côr negra da sua pele.

(7) **EU VI AS ABOMINAÇÕES QUE TU FIZESTE SOBRE OS OUTEIROS** — Vi os altares que ali levantaste aos ídolos, e as adorações que ali lhes deste; que êstes são os adultérios de que o Senhor argúi a Jerusalém.

2 Chorou a Judéia, e caíram as suas portas, e ficaram obscurecidas por terra, e subiu o clamor de Jerusalém.

3 Os magnates enviaram os seus inferiores por água: Foram a tirá-la, não acharam água, voltaram com os seus cântaros vazios: Confundiram-se e afligiram-se e cobriram as suas cabeças.

4 Pela desolação da terra, porque não veio chuva sobre a terra, se confundiram os lavradores, cobriram as suas cabeças.

5 Porquanto a cerva também pariu no campo a sua cria, e a abandonou: Porque não havia erva.

6 E os asnos monteses puseram-se nos rochedos, enguliram vento como os dragões, desfaleceram os seus olhos, porque não havia erva.

7 Se as nossas iniquidades houverem dado testemunho contra nós: Tu, Senhor, usa conosco de clemência por amor do teu nome, porque muitas são as nossas rebeldias, contra ti temos pecado.

8 O' esperança de Israel, Salvador seu no tempo da tribulação: Por que hás de ser nesta terra como um estrangeiro, e como um viandante que toma o seu caminho para albergar na estalagem por pouco tempo?

9 Por que hás de ser como um homem vagabundo, como um homem forte que não pode salvar? mas tu, Senhor, entre nós estás, e o teu nome tem sido invocado sobre nós, não nos desampares.

10 Isto diz o Senhor a este povo, que gostou de mover os seus pés, e não repousou, nem agradou ao Senhor: Agora se lembrará das maldades dêles, e visitará os seus pecados. (1)

(1) **QUE GOSTOU DE MOVER OS SEUS PÉS** — Note-se que nas Santas Escrituras sempre os pecadores se descrevem mo-

Jeremias 14, 11-17

11 Outrossim me disse o Senhor: Não me peças que eu perdoe a êste povo.

12 Quando êles jejuarem, eu não escutarei as suas rôgativas: E se êles me oferecerem holocaustos, ou vítimas, eu os não aceitarei: Porque os consumirei pela espada, e pela fome, e pela peste.

13 E disse eu A, a, a, Senhor Deus, os profetas lhes dizem: Não vereis espada, e não haverá fome entre vós, mas êle vos dará paz verdadeira neste lugar. (2)

14 E me disse o Senhor: Os profetas falsamente vaticinam em meu nome: Não os enviei, nem lho mandei, nem lhes falei: Tudo o que vos profetizam é uma visão mentirosa, e uma adivinhação, e impostura, e engano do seu coração.

15 Portanto isto diz o Senhor acêrca dos profetas, que profetizam em meu nome, ainda que eu os não tenha enviado, dizendo: A espada, e a fome não afligirão esta terra: Êstes mesmos profetas hão de ser consumidos à espada e à fome.

16 E os povos, a quem profetizam, serão lançados nas ruas de Jerusalém com a fome e a espada, e não haverá quem os sepulte, êles mesmos, e suas mulheres, seus filhos e filhas, e derramarei o seu mal sôbre êles.

17 E lhes dirás a êles esta palavra: Derramem os meus olhos lágrimas de noite e de dia, e não cessem: Porque de grande ruína ficou maltratada a virgem filha do meu povo, de chaga muito maligna em extremo.

vendo-se, quando dos justos pelo contrário se costuma dizer, que estão firmes num lugar. *Notandum in Scripturis Sanctis, quod semper peccatorum moveantur pedes, et Sanctis dicatur Moyse: Tu vero hic sta mecum.* — S. Jerônimo.

(2) A, A, A — Exclamação, que corresponde à nossa exclamativa ah!

18 Se eu sair aos campos, eis-ali se vêem mortos à espada: E se entrar na cidade, eis-ali se acham extenuados de fome. Até o profeta, e o sacerdote foram a uma terra, que não conheciam.

19 Porventura rejeitaste de todo a Judá? ou aborreceu a tua alma a Sião? logo por que nos tens ferido, sem que nos reste melhora alguma? esperamos a paz, e não há bem: E o tempo da cura, e eis nós todos em perturbação.

20 Nós reconhecemos, Senhor, as nossas impiedades, as iniquidades de nossos pais, porque pecamos contra ti.

21 Não nos entregues ao opróbrio por amor do teu nome, nem permitas que sejamos a afronta do sólio da tua glória: Lembra-te, não anules a tua aliança conosco.

22 Acaso há entre os simulacros das gentes alguns que façam chover? ou podem os céus dar chuvas? não és tu o Senhor nosso Deus, a quem esperamos? pois tu tens feito tôdas essas coisas.

CAPÍTULO 15

O SENHOR RECUSA PERDOAR OS HABITANTES DE JUDÁ. O PROFETA SE LAMENTA DE ESTAR FEITO UM OBJETO DE CONTRADIÇÃO PARA O SEU POVO. IMPLORA OS SOCORROS DO SENHOR. O SENHOR LHE PROMETE ENCHÊ-LO DE FORTALEZA, E LIVRÁ-LO DE SEUS INIMIGOS.

1 E o Senhor me disse: Ainda que Moisés, e Samuel se puserem diante de mim, não está a minha alma com este povo: Tira-os diante da minha face, e saiam. (1)

(1) AINDA QUE MOISÉS E SAMUEL — Para interceder por este povo não me aplacarei com êle, nem o amarei, porque me impede a sua obstinação, ingratidão e rebeldia. Nomeia aqui a

2 E se te disserem a ti: Para onde sairemos? lhes dirás a êles: Isto diz o Senhor: O que para a morte, para a morte: E o que para a espada, para a espada: E o que para a fome, para a fome: E o que para o cativoiro, para o cativoiro.

3 E eu enviarei sôbre êles quatro sortes de castigo, diz o Senhor: A espada para os matar, e os cães para os despedaçarem, e as aves do Céu e alimárias da terra para os devorarem e fazerem em pedaços:

4 E eu os porei à furiosa perseguição de todos os reinos da terra: Por causa de Manassés, filho de Ezcquias, rei de Judá, por tudo o que fêz em Jerusalém.

5 Quem se compadecerá logo de ti, ó Jerusalém? Ou quem se entristecerá por ti? Ou quem irá a rogar pela tua paz?

6 Tu me deixaste, diz o Senhor, tu voltaste para trás: Por isso eu estenderei a minha mão sôbre ti, e te matarei: Porque estou cansado de rogar.

7 E espalhá-los-ei com a pá nas portas da terra:

Moisés, e a Samuel, porque foram mui santos, de muito valimento com Deus, mostrando um ardente zêlo pela salvação do povo. Daqui se vê que os santos enquanto vivem e depois que saem dêste mundo podem com a sua intercessão apartar de um povo a ira de Deus. Outrossim se deve notar que âlgumas vêzes costuma ser tão grande a gravidade dos pecados, que declara Deus, que não quer ter piedade, nem admitir os rogos dos que pedem pelos pecadores, para que não venham sôbre êles os seus castigos. O que tudo se diz por uma figura, que em grego se chama antropopatéia, e que é mui familiar nas Escrituras, particularmente do Antigo Testamento, pelo qual aquêlas coisas que são próprias dos homens, assim como o corpo, a alma, os membros, sentidos e afetos se atribuem a Deus, que é um Ser simplicíssimo e Espírito puríssimo. Daqui se vê quão irritado estava o Senhor contra o seu povo de Judá. — **Pereira.**

Matei e destruí o meu povo, e ainda com tudo isso não se tem deixado dos seus caminhos.

8 Multiplicadas foram por mim as suas viúvas, mais que as areias do mar: Enviei contra elles um Exterminador que ao meio-dia matasse o menino nos braços da mãe: Espalhei pelas cidades um repentino terror.

9 A que pariu sete enfraqueceu, a sua alma caiu em desfalecimento: O sol se pôs para ela, quando ainda era dia: Ela ficou coberta de confusão, e de vergonha: E os que ficarem dela, dá-los-ei à espada à vista de seus inimigos, diz o Senhor.

10 Ai de mim, minha mãe: Por que me geraste varão de contenda, varão de discórdia em tôda a terra? Nunca lhes dei dinheiro a usura, nem a mim mo deu ninguém: Todos me amaldiçoam.

11 O Senhor diz: O teu fim irá em bem, que eu te assisti no tempo da aflicção, e no tempo da tribulação contra o inimigo. (2)

12 Acaso ligar-se-á o ferro com o ferro da parte do Aquilão, e o bronze? (3)

(2) O TEU FIM — Fórmula de juramento, que era sempre precedida por esta frase: o Senhor quer, o Senhor diz, etc.

(3) ACASO LIGAR-SE-Á O FERRO — Dois sentidos se podem dar a estas palavras: um, que pelo ferro comum ou bronze, entenda os judeus; pelo ferro do Aquilão os caldeus, e então quer dizer o Senhor, que vista a maior força dos caldeus, é necessário que os judeus, como mais fracos, sejam por elles vencidos e atropelados. Outro, que respeitando a pessoa de Jeremias no estado em que elle se considerava de aborrecido do povo, entenda pelo ferro do Aquilão o aço, que por isso se chama em latim Chalybs, porque se trabalhava nos povos cálibes, que ficavam ao norte da Judéa. E então quer dizer o Senhor: Não temas, Jeremias, essas contradições do teu povo. Acaso poderá prevalecer o ferro comum, que são os judeus, ao ferro do norte, ou ao aço, no qual eu te converterei, para nada haver de forte, que te vença? A primeira inter-

Jeremias 15, 13-19

13 Eu darei sem preço ao saque as tuas riquezas e os teus tesouros por todos os teus pecados, e em todos os teus limites.

14 E trarei os teus inimigos duma terra, que não sabes: Porque o fogo se tem ateado no meu furor, sôbre vós arderá.

15 Tu o sabes, Senhor, lembra-te de mim, e visita-me, e defende-me daqueles que me perseguem, não tardes em amparar-me: Sabe que por amor de ti tenho sofrido afronta.

16 Acharam-se os teus discursos, e eu os comi, e a tua palavra foi para mim o prazer e a alegria do meu coração: Porque invocado foi o teu nome sôbre mim, Senhor Deus dos exércitos.

17 Não me assentei no congresso dos escarnece-dores, nem me gloriei à face da tua mão: Eu estava sentado só, porquanto me encheste de ameaças.

18 Por que se tem feito perpétua a minha dor, e a minha chaga maligna recusou ser curada? tem-se tornado para mim como engano de águas que não são fiéis.

19 Por esta causa o Senhor diz isto: Se te converteres, eu te converterei, e estarás diante da minha face: E se apartares o precioso do vil, serás como a minha bôca: Voltar-se-ão êles para ti, e tu não voltarás para êles. (4)

pretação aponta-a Duhamel depois de Tirino e Menochio. A segunda é a que com Calmet preferiu de Carrières. E esta tinha insinuado claramente Símaco, vertendo: Numquid nocebit ferrum ferro ab Aquilone. Acaso poderá o ferro comum fazer mal ao ferro do Aquilão, isto é, ao aço? S. Jerônimo expôs as palavras do Senhor dum modo mais simples, dizendo: Não se te dê, Jeremias, de que o povo seja teu inimigo. Acaso anunciando tu ao povo coisas tão duras, poderá êle deixar de te tratar duramente?

(4) **SE TE CONVERTERES, EU TE CONVERTEREI** — Farei que tu te mudes, passando de tímido a animoso. No que o Senhor alude ao que dissera Jeremias no versículo 15. Assim ver-

20 E dar-te-ei eu a êste povo por um muro de bronze, por um muro forte: E pelejarão contra ti, e não poderão mais do que tu: Porque eu contigo sou para te salvar, e te livrar, diz o Senhor.

21 E livrar-te-ei da mão dos malvadíssimos, e redimir-te-ei da mão dos fortes.

CAPÍTULO 16

PROIBE O SENHOR AO PROFETA QUE NÃO CASE, NEM TOME PARTE NO LUTO, NEM NA ALEGRIA DO SEU POVO. CA-TIVEIRO DOS FILHOS DE ISRAEL. SEU LIVRAMENTO.

1 E me foi dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

2 Tu não tomarás mulher, nem terás filhos, nem filhas neste lugar. (1)

3 Porque isto diz o Senhor acêrca dos filhos e das

tem e assim expõem Sacy, Calmet e de Carrières o texto, si converteris, convertam te, constituindo no futuro imperfeito passivo aquêlle converteris. S. Jerônimo todavia entendeu o converteris, não no futuro imperfeito passivo, mas no futuro perfeito ativo, como se o Senhor dissera: Se tu converteres o povo dos seus pecados, também eu te converterei do teu temor e tristezas: Si converteris a peccatis populum, et ego de tribulatione convertam te. — Pereira.

VOLTAR-SE-ÃO ÊLES PARA TI — Assim aconteceu no tempo em que Jerusalém estava sitiada, no qual o rei Sedecias várias vêzes mandou consultar a Jeremias, e se encomendou nas suas orações. Jer 21, 1.2, e 37, 3. Depois de tomada a cidade, os que tinham ficado nela se lançaram aos pés de Jeremias, pedindo-lhe que intercedesse por êles a Deus. Jer 42, 2. — Calmet.

(1) **NESTE LUGAR** — Na Judéia. Manda o Senhor isto, ao profeta, para que à sua própria dor não acrescentasse a de ver as misérias de sua mulher, e de seus filhos. E' certo que o profeta obedeceu ao Senhor, e assim dêste lugar se infere que se conservou célibe tôda a sua vida, como afirma S. Jerônimo. Deve notar-se, outrossim, contra os que impugnem a castidade e celibato eclesiástico, que se Deus mandou ao profeta que não tomasse mulher, se segue indubitavelmente que o homem pode viver sem mulher

filhas, que são gerados neste lugar, e acêrca de suas mães, que os conceberam: E acêrca de seus pais, de cuja estirpe nasceram nesta terra:

4 De mortes causadas de enfermidades morrerão: Não serão chorados, nem enterrados, em um muladar, sôbre a face da terra estarão: E a cutelo, e de fome serão consumidos: E o cadáver dêles servirá de pasto às aves do céu, e às alimárias da terra.

5 Porque isto diz o Senhor: Não entres na casa do convite, nem vás à casa onde se chora, nem os consoles: Porque eu retirei dêste povo a minha paz, diz o Senhor, a minha misericórdia, e as minhas comiserações. (2)

6 E morrerão grandes e pequenos nesta terra: Não serão sepultados nem chorados, e não se farão por êles incisões, nem por êles se reparão os cabelos. (3)

em continência, porque Deus não lhe mandou uma coisa impossível. Além do que, se Deus lhe mandou isto em atenção ao cativo que havia de vir, porque não visse a calamidade de sua mulher e de seus filhos, quanto melhor poderá isto fazer-se, e quanto mais agradável será a Deus, se o homem por eleição própria e sem que ninguém o obrigue a isso, consagrar a Deus com voto a sua virgindade, renunciando ainda os mesmos prazeres lícitos da carne? Mt 19, 12. — Pereira.

(2) **NÃO ENTRES NA CASA DO CONVITE** — Entende-se do banquete fúnebre, do banquete que se fazia depois do enterro, ao qual por um costume inalterável dos judeus era convidada toda a parentela, por maior que ela fôsse. José, Livro II. Da Guerra Judaica. Cap. I. Este uso existia entre os gregos e romanos. Cfr. *La cité antique*, por Fustel de Coulanges.

(3) **E NÃO SE FARÃO POR ÊLES INCISÕES** — Costume que ainda no tempo de S. Jerônimo, como êle mesmo aquil testifica, perseverava entre os judeus, de se golpearem e ferirem nas ocasiões de luto. O de se tosquar os cabelos em sinal de dó, ainda era mais geral; pois entre os gregos o menciona Homero, entre os latinos Catulo. Veja-se o que já ficou dito no Lev 19, 28 e no Dt 14, 1. — Indicam-se os sinais de luto usados pelos orientais.

7 E não partirão entre eles pão para consolar ao que chora sôbre um morto: E não lhes darão a beber um vaso d'água para os consolar sôbre seu pai e mãe.

8 E não entres na casa do banquete, para te assentares tanto a comer como a beber com elles:

9 Porque isto diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Eis-aqui estou eu que desterrarei d'êste lugar a vossos olhos, e em vossos dias a voz de júbilo, e a voz de alegria, a voz de espôso, a voz de espôsa.

10 E quando annunciarees a êste povo tôdas estas coisas, e te disserem: Por que falou o Senhor sôbre nós todo êste grande mal? Que iniquidade é a nossa? E que pecado é o nosso que nós cometemos contra o Senhor nosso Deus?

11 Tu lhes dirás: E' porque vossos pais me abandonaram, diz o Senhor: E foram após dos deuses estranhos, e os serviram, e os adoraram: E a mim me abandonaram, e não guardaram a minha lei.

12 E vós mesmos ainda fizestes pior do que vossos pais: Porque eis-aí está que cada um vai atrás da praviidade do seu mau coração, para me não dar ouvidos.

13 E lançar-vos-ei desta terra para uma terra, que não conheceis vós, nem vossos pais: E servireis ali a deuses estranhos de dia e de noite, os quais vos não darão descanso.

14 Portanto eis-aí vêm os dias, diz o Senhor, e não se dirá daqui em diante: Vive o Senhor, que tirou aos filhos de Israel da terra do Egito, (4).

15 mas sim, vive o Senhor, que tirou os filhos de Israel da terra do Aquilão, e de tôdas as terras, para

(4) PORTANTO EIS-AÍ VÊM OS DIAS — Com as coisas tristes mistura o Senhor as alegres, com a predição do cativoiro de Babilônia por Nabucodonosor, o livramento d'êsse cativoiro por Ciro, figura o primeiro do diabo, o segundo de Cristo. — *Pereira.*

onde os lancei: E fá-los-ei voltar a esta sua terra que eu dei a seus pais.

16 Eis-aí mandarei eu muitos pescadores, diz o Senhor, e eles os pescarão: E depois disto lhes enviarei muitos caçadores, e caçá-los-ão de todo o monte, e de todo o outeiro, e das cavernas dos penhascos. (5)

17 Porque os meus olhos estão postos sôbre todos os caminhos dêles: Não se me tem escondido da minha presença, e não se encobriu aos meus olhos a sua iniquidade.

18 E primeiramente pagarei em dôbro as suas maldades e pecados: Porque contaminaram a minha terra com os corpos mortos sacrificados aos seus ídolos, e encheram das suas abominações a minha herança. (6)

19 Senhor, fortaleza minha, e amparo meu, e o meu refúgio no dia da tribulação: A ti virão as gentes desde as extremidades da terra, e dirão: Verdadeiramente possuíram nossos pais a mentira, a vaidade, que lhes não aproveitou. (7)

(5) **EIS-AÍ MANDAREI EU MUITOS PESCADORES** — Por estes pescadores entenderam alguns antigos os caldeus, pelos caçadores os romanos, nações ambas inimigas dos judeus. Calmet e de Carrières se inclinam a que uns e outros são os caldeus, vindos a primeira vez como pescadores, a segunda como caçadores. Os Santos Padres, explicando espiritualmente o texto, uns, com S. Jerônimo, dizem que os pescadores são os apostólicos, os caçadores, os varões apostólicos, outros com Santo Agostinho, entendem por pescadores os apóstolos, que só com estender a rede da palavra evangélica, e sem obrigar ninguém, apanharam nela os gentios, que espontaneamente se vinham meter na Igreja, deixando o culto dos ídolos. Cfr. Lc 5, 10.

(6) **E PRIMEIRAMENTE PAGAREI EM DÓBRO** — Tornar dobradas as iniquidades é castigá-las em dôbro, e castigá-las em dôbro, na frase das Escrituras, significa castigá-las com grande severidade. Is 40, 2. — Calmet.

(7) **A TI VIRÃO AS GENTES DESDE AS EXTREMIDADES**

20 Acaso fará um homem deuses para si, quando eles não são deuses?

21 Pelo que eis-aqui estou eu que lhes mostrarei por esta vez, mostrar-lhes-ei a minha mão, e o meu poder: E saberão que o meu nome é o do Senhor.

CAPÍTULO 17

VINGANÇAS DO SENHOR CONTRA A INFIDELIDADE DE JUDÁ.
MALDITO AQUELE QUE PÕE A SUA CONFIANÇA NO HOMEM: BEM-AVENTURADO O QUE A PÕE EM DEUS. O PROFETA IMPLORA A PROTEÇÃO DO SENHOR. SANTIFICAÇÃO DO SALVADOR.

1 O pecado de Judá está escrito com um ponteiro de ferro numa unha de diamante, gravado sôbre a largura do coração dêles, e nos ângulos das suas aras. (1)

2 Quando os seus filhos se lembrarem das suas aras, e dos seus bosques, e das árvores frondosas nos montes altos,

DA TERRA — Profecia manifesta da conversão dos gentios, que reduzidos pelos apóstolos ao conhecimento do verdadeiro Deus, confessaram o seu erro e o de seus maiores. — S. Jerônimo.

(1) NUMA UNHA DE DIAMANTE — Assim à letra a Vulgata: *in ungue adamantino*. O que S. Jerônimo explica duma pedra que na rijeza, lisura e brilho seja como o diamante. Os franceses, com Calmet, tomando aquêle *in ungue adamantino* por parte do instrumento, vertem: O pecado de Judá está escrito com uma pena de ferro e ponta de diamante. E' também do advertir, que nos exemplares comuns dos Setenta faltavam em tempo de S. Jerônimo os primeiros cinco versos dêste capítulo, como êle mesmo aqui atesta, supondo que os mesmos Setenta os omitiram de propósito, para não se perpetuar entre os gregos a infâmia da sua nação. Porém que esta falta não era geral, e que consequentemente não vinha dos Setenta, se prova de que Teodoreto lia nos seus exemplares os ditos cinco versos, e de que Eusébio Cesariense no Livro

3 sacrificando no campo: Darei a saque a tua fortaleza, e todos os teus tesouros, as tuas alturas, por causa dos pecados cometidos em tôdas as tuas terras.

4 E ficarás só despojada da tua herança, que te dei: E te farei servir aos teus inimigos na terra, que não conheces: Porquanto ateaste um fogo na minha sanha, que para sempre arderá.

5 Isto diz o Senhor: Maldito o homem que confia no homem e põe a carne por seu arrimo, e cujo coração se retira do Senhor. (2)

6 Porque será como as tamargueiras no deserto, e não verá quando vier o bem: Mas habitará em segura no deserto, numa terra de salsugem e despovoada. (3)

7 Bem-aventurado o varão, que confia no Senhor, e de quem o Senhor fôr a esperança.

8 E será como a árvore, que é transplantada sobre as águas, que estende as suas raízes para a umidade: E

X da Demonstração Evangélica adverte, que eles se achavam nos exemplares mais corretos. S. Jerônimo todo empenhado pelo texto hebreu, não perdia ocasião de desfazer na versão dos Setenta, a qual todavia era a de que usava assim a Igreja grega como a latina desde o tempo dos apóstolos. — Pereira.

(2) **MALDITO O HOMEM** — Que põe a sua confiança no homem, como em Deus. Os hereges dão em rosto aos católicos, dizendo que incorrem na maldição que aqui se fulmina, porque confiam nos homens, implorando a intercessão e favor dos bons e santos, já em vida, já depois de mortos. A isto se responde que confia no Senhor o que espera o seu socorro por aquêles meios que elle mesmo tem ordenado. Pois do contrário houvera sido maldito Samuel que rogava pelo povo, 1 Rs 12, e do mesmo modo S. Paulo pedindo tão repetidas vêzes àqueles a quem escrevia que o encomendassem e rogassem a Deus por elle. Não há razão que persuada, a que tendo entrada com os reis da terra o valimento e intercessão dos seus cortesãos e validos, não na possa ter com Deus e dos justos, os quaes são seus amigos. — Pereira.

(3) **TAMARGUEIRAS** — Que não dão fruto.

não temerá quando vier o calor. E será verde a sua fôlha, e em tempo de sêca não terá minguia, nem jamais deixará de fazer fruto.

9 Depravado é o coração de todos, e impenetrável: Quem o conhecerá?

10 Eu sou o Senhor que esquadrinho o coração, e que sondo os afetos: Que dou a cada um segundo o seu caminho, e segundo o fruto das invenções do seu capricho.

11 A perdiz chocou os ovos que não pôs: Assim o injusto ajuntou riquezas, e não com direito: No meio de seus dias as deixará, e no seu fim será insipiente. (4)

12 O trono da glória do Altíssimo é desde o princípio, lugar da nossa santificação.

13 Senhor, tu és a esperança de Israel: Todos os que te deixam, serão confundidos: Os que se apartam de ti, serão escritos sôbre a terra: Porque deixaram o Senhor, que é a fonte das águas vivas.

14 Cura-me, Senhor, e eu serei curado: Salva-me, e serei salvo: Porque tu és o meu louvor.

15 Eis-aí me estão eles dizendo: Onde está a palavra do Senhor? Venha.

16 Mas eu não me turbei, seguindo-te como meu pastor: Nem desejei o dia do homem: Tu bem o sabes. O que saiu dos meus lábios, foi reto na tua presença.

17 Não me sejas tu motivo de medo, tu, esperança minha no dia da aflição.

18 Sejam confundidos os que me perseguem, e não seja eu confundido: Assombrem-se eles, e não me assombre eu: Faze vir sôbre eles o dia da aflição, e com dobrada esmigalhadura os esmigalha:

(4) **A PERDIZ CHOCOU OS OVOS QUE NÃO PÔS** — Por esta natureza das perdizes, que furtam os ovos umas às outras para os chocarem, alega aqui S. Jerônimo, dentre os gregos a Aristóteles e a Teofrasto, dentre os romanos a Plínio Maior.

Jeremias 17, 19-26

19 Isto me disse a mim o Senhor: Vai, e põe-te à porta dos filhos do povo, pela qual entram e saem os reis de Judá, e vai a tôdas as portas de Jerusalém:

20 E dir-lhes-ás: Ouvi a palavra do Senhor, reis de Judá, e tôda Judá, e todos os moradores de Jerusalém, que entraís por estas portas. (5)

21 Isto diz o Senhor: Guardai as vossas almas, e não queirais trazer cargas no dia do sábadó: Nem as introduzais pelas portas de Jerusalém.

22 E não façais tirar cargas de vossas casas no dia do sábadó: Nem façais obra servil alguma: Santificai o dia do sábadó, como eu ordenei a vossos pais.

23 E não o ouviram, nem inclinaram o seu ouvido: Mas endureceram a sua cerviz para me não ouvirem, nem receberem a correção.

24 E acontecerá isto: Se me escutardes, diz o Senhor, de sorte que não metais cargas pelas portas desta cidade no dia do sábadó: E se santificardes o dia do sábadó: E sem fazer nêle obra alguma servil:

25 Entrarão pelas portas desta cidade reis e príncipes, que se assentarão sôbre o trono de Davi, e subirão sôbre coches e cavalos, êles e os seus príncipes, os varões de Judá, e os moradores de Jerusalém: E será para sempre povoada esta cidade.

26 E virão das cidades de Judá, e dos contôrnos de Jerusalém, e da terra de Benjamim, e das planícies, e dos montes, e do Meio-dia, trazendo holocaustos, e vítimas, e sacrificios, e incenso, e meterão oferendas na Casa do Senhor. (6)

(5) **REIS DE JUDÁ** — Isto é, Joaquim, que então reinava e os seus sucessores, Zacarias seu filho, Sedecias seu irmão, que foram os dois últimos reis de Judá.

TODA JUDÁ — Isto é, todo o povo de Judá.

(6) **E DO MEIO-DIA** — O texto diz: Et ab Austro, isto é,

27 Mas se vós me não escutardes de sorte que santifiqueis o dia do sábadó, e não tragais cargas, nem as metais pelas portas de Jerusalém no dia do sábadó, acenderei fogo nas portas dela, e devorará as casas de Jerusalém e não se apagará.

CAPÍTULO 18

ASSIM COMO O OLEIRO FAZ DO SEU BARRO O QUE QUER,
ASSIM O SENHOR DISPÕE DO SEU POVO COMO LHE
APRAZ. INFIDELIDADE DE JUDÁ. CONSPIRAÇÃO CONTRA
JEREMIAS.

1 Palavra, que foi dirigida pelo Senhor a Jeremias, a qual dizia:

2 Levanta-te, e vai à casa do oleiro, e lá ouvirás as minhas palavras. (1)

3 E fui à casa do oleiro, e eis-que êle estava fazendo a sua obra sôbre a roda.

4 E quebrou-se a vasilha que êle estava fazendo do barro com as suas mãos: E tornando de novo, fêz dêle outra vasilha, como bem lhe tinha parecido em seus olhos fazê-la.

5 E me foi dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

6 Acaso não poderei eu fazer de vós, casa de Israel, como êste oleiro? diz o Senhor. Vêde que como o barro

como explica S. Jerônimo, do lugar do calor, e da maior luz, e de onde se exclui todo o frio. Et ab Austro unde calor, et ubi omne frigus expellitur. Sacy e de Carrières, sem fazerem caso da conjunção et, que denota lugar diferente, verteram: "Das planícies, e dos montes da banda do Melo-Dia." — Pereira.

(1) DO OLEIRO — No original hebraico está o artigo determinativo, que os Setenta reproduziram fielmente, o que indica tratar-se dum certo oleiro conhecido de Jeremias.

Jeremias 18, 7-13

está na mão do oleiro, assim vós estais na minha mão, casa de Israel.

7 De repente falarei contra uma gente e contra um reino, para desarraigá-lo, e destruí-lo, e arruiná-lo.

8 Se aquela gente se arrepender do seu mal, de que eu a tenho repreendido: Também eu me arrependerei do mal, que tenho pensado fazer contra ela. (2)

9 E súbitamente falarei da gente e do reino, para estabelecê-lo e plantá-lo.

10 Se fizer o mal ante os meus olhos, de maneira que não escute a minha voz: Arrepender-me-ei do bem, que disse lhe faria.

11 Pois agora fala ao varão de Judá, e aos moradores de Jerusalém, dizendo: Isto diz o Senhor: Eis-aqui estou eu forjando mal contra vós, e concebendo contra vós certo pensamento: Volte cada um do seu mau caminho, e dirigi vós os vossos caminhos, e os vossos afetos.

12 Os quais disseram: Já disso temos perdido a esperança: E assim iremos após de nossos pensamentos, e seguiremos cada um de nós a pravidade do seu mau coração.

13 Portanto isto diz o Senhor: Perguntai às na-

(2) **TAMBÉM EU ME ARREPENDEREI DO MAL** — Não se segue daqui que quando o homem pela penitência faz mudar de sentença a Deus, todo o bom successo se deva attribuir ao homem, e não à graça de Deus, porque de tal sorte se deve guardar a liberdade do alvedrio humano, que sempre as principais partes sejam as da divina misericórdia, segundo aquillo do apóstolo. Rom 9, 16. Isto não depende do que quer, nem do que corre, mas de Deus, que faz misericórdia. *Nec statim totum erit hominis quod eveniet, sed ejus gratiæ qui cuncta largitus est. Ita enim libertas arbitrii servanda est, ut in omnibus excellat gratia largitoris.* — S. Jerônimo.

ções: Quem ouviu o excesso de coisas tão horróveis, como fêz a virgem de Israel? (3)

14 Acaso abandonará o atalho do campo? A neve do Líbano? Ou podem ser esgotadas as águas que saem frias, e que correm? (4)

15 Porque o meu povo se tem esquecido de mim, oferecendo vãs libações, e tropeçando nos seus caminhos, e nas veredas do século, para andarem por elas em caminho não trilhado:

16 Para que a terra dêles se tornasse em desolação, e numa vaia perpétua: Todo o que passar por ela ficará espantado, e meneará a sua cabeça.

17 Porque eu os espalharei diante do seu inimigo, como um vento abrasador. Mostrar-lhes-ei as costas, e não a face no dia do seu estrago. (5)

18 E disseram: Vinde, e formemos pensamentos contra Jeremias: Porque não perecerá a lei por falta do sacerdote, nem o conselho de sábio, nem a palavra de profeta: Vinde, e firamo-lo com a língua, e não atendamos a nenhum dos seus discursos.

19 Põe, Senhor, os teus olhos em mim, e ouve a voz dos meus adversários. (6)

(3) **A VIRGEM DE ISRAEL** — Chama-lhe virgem enquanto noutro tempo serviu ao que só era Deus verdadeiro. — S. Jerônimo.

(4) **NEVE DO LÍBANO** — No cume do Líbano há sempre neve que nunca se derrete.

(5) **PORQUE EU OS ESPALHAREI DIANTE DO SEU INIMIGO** — Até ao dia de hoje se está verificando nos judeus esta sentença do Senhor. Em todo o mundo se acham êles dispersos diante do seu inimigo, que é o diabo, e sendo que êles de dia e de noite estão invocando nas suas sinagogas o nome do Senhor, o Senhor lhes mostra as costas e não a face, para que êles entendam, que sempre o Senhor lhes fugirá e nunca lhes chegará. — S. Jerônimo.

(6) **PÕE, SENHOR, OS TEUS OLHOS EM MIM** — Em fi-

20 Acaso assim se torna mal por bem, pois que já tem aberto cova à minha alma? Lembra-te que eu me apresentei na tua presença para falar bem por êles, e para apartar dêles a tua indignação. (7)

21 Por isso entrega tu seus filhos à fome, e fazes-os passar pelo fio da espada: As suas mulheres fiquem sem filhos, e viúvas: E os maridos delas sejam emprêgo de feridas de morte: Os mancebos dêles sejam atravessados com a espada na peleja.

22 Seja ouvido o clamor vindo das casas dêles: Porque trarás de repente sôbre êles o ladrão: Porquanto abriram uma cova para me prenderem, e esconderam laços aos meus pés. (8)

23 Mas tu, Senhor, sabes todo o desígnio dêles contra mim para matar-me: Não lhes perdoes a sua maldade, e o seu pecado não se apague de diante da tua face: Caíam de repente na tua presença, trata-os com severidade no tempo do teu furor.

gura do Salvador padece Jeremias estas coisas do povo dos judeus, que ao depois hão de ser destruídos pelos babilônios, ou mais verdadeira e completamente pelos romanos, não já pelo crime de idolatria, que então tinha cessado, mas pela morte que deram ao Filho de Deus, gritando a Pilatos: "Tira-o, tira-o. Nós não temos outro rei senão César." Jo 19, 15. — S. Jerônimo.

(7) **A MINHA ALMA** — Hebraísmo por a mim mesmo, à minha pessoa.

(8) **PORQUE TRARAS DE REPENTE SOBRE ÊLES O LADRÃO** — Se referimos isto para o tempo de Jeremias, digamos que este ladrão é Nabucodonosor, e se o referimos para o tempo de Cristo (que é o mais verdadeiro e melhor), digamos que é o exército romano. — S. Jerônimo.

CAPÍTULO 19

QUARTA DE BARRO QUEBRADA POR JEREMIAS NO VALE DE TOFET, SÍMBOLO DA ASSOLAÇÃO DE JUDÁ, E DE JERUSALÉM. FALA JEREMIAS NO TEMPLO, E ALI REPE-TE AS SUAS AMEAÇAS.

1 Isto diz o Senhor: Vai, e toma uma botija de barro de oleiro, à vista dos anciãos do povo, e dos anciãos dos sacerdotes:

2 E saí ao vale do filho de Enon, que está junto à entrada da porta das olarias: E publicarás ali as palavras que eu te vou a dizer. (1)

3 E dirás: Ouvi a palavra do Senhor, reis de Judá, e moradores de Jerusalém: Isto diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Eis-aqui estou eu que enviarei aflição sobre êste lugar, de modo que todo aquêlê que a ouvir lhe fiquem retinindo os ouvidos: (2)

4 Porque me abandonaram a mim, e profanaram êste lugar: E nêlê ofereceram libações a deuses estranhos, que não conheceram êles, nem seus pais, nem os reis de Judá: E encheram êste lugar de sangue de inocentes.

5 E edificaram altos a Baal, para queimarem seus

(1) VALE DO FILHO DE ENON — Veja 7, 31.

PORTA DAS OLARIAS — Extremo da cidade onde estavam estabelecidos os oleiros, segundo uns, ou então onde se lançavam os vasos quebrados, como querem outros.

(2) LHE FIQUEM RETININDO OS OUVIDOS — Como quando algum som mui penetrante e agudo os fere. De Carrières seguindo, como costuma, a Sacy, verte: Ficará passado como de um golpe de trovão. Eu, na forma do meu costume, exprimi à letra o que diz o texto: Ita ut tinniant aures ejus. Expressão que já outras vêzes ouvimos, usada pelos Sagrados escritores. 1 Rs 3, 11, e 4 Rs 21, 12.

Jeremias 19, 6-11

filhos no fogo em holocausto a Baal: O que eu não mandei jamais, nem falei, nem subiu ao meu coração. (3)

6 Por isso eis-aí vêm os dias, diz o Senhor: E não será chamado êste lugar daqui em diante Tofet, nem o Vale do filho de Enon: Mas o Vale da matança.

7 E dissiparei o conselho de Judá e de Jerusalém neste lugar: E os exterminarei com espada à vista de seus inimigos, e pela mão dos que procuram as almas dêles: E darei os seus cadáveres para pasto às aves do céu, e às alimárias da terra.

8 E porei esta cidade em espanto e em ludíbrio: Todo o que passar por ela, ficará pasmado, e dará uma vaia sôbre todos os seus castigos.

9 E dar-lhes-ei a comer as carnes de seus filhos, e as carnes de suas filhas: E cada um comerá a carne do seu amigo no cêrco, e no apêto, em que os terão encerrados os seus inimigos e os que buscam as almas dêles.

10 E quebrarás a botija de barro aos olhos dos varões que fôrem contigo.

11 E lhes dirás: Isto diz o Senhor dos exércitos: Assim quebrarei eu a êste povo, e a esta cidade como se quebra uma vasilha de barro, que não pode mais refazer-se: E em Tofet serão enterrados, porque não haverá outro lugar para enterrar. (4)

(3) **E EDIFICARAM ALTOS A BAAL** — Por êstes altos entendem os intérpretes com S. Jerônimo um templo dedicado a Baal, assim mesmo verteram Sacy e de Carrières. — **Perelra.**

(4) **QUE NÃO PODE MAIS REFAZER-SE** — S. Jerônimo, advertindo, que depois do cativoiro de Babilônia se tornou Jerusalém a reedificar, deu por certo que aqui falava o Senhor da segunda destruição de Jerusalém por Vespasiano e Tito. Alguns modernos porém refletindo com Grocio, que depois de destruída por Tito, fôra Jerusalém outra vez reedificada por Adriano, que lhe pôs o nome de *Ella*, são de parecer que as palavras *quod non potest*

12 Assim farei a êste lugar, e aos seus habitantes, diz o Senhor: E porei esta cidade assim como Tofet.

13 E as casas de Jerusalém, e as casas do rei de Judá serão imundas, como o lugar de Tofet: Tôdas as casas, em cujos terraços sacrificaram tôda a milícia do céu, e ofereceram libações aos deuses estranhos.

14 Voltou pois Jeremias de Tofet, aonde o tinha enviado o Senhor a profetizar e se pôs em pé no átrio da casa do Senhor, e disse a todo o povo:

15 Isto diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Eis-aqui estou eu que farei vir sôbre esta cidade, e sôbre tôdas as cidades dela todos os males, que tenho falado contra ela: Porquanto endureceram a sua cerviz, para não ouvirem os meus discursos. (5)

CAPÍTULO 20

FASSUR MANDA METER A JEREMIAS NO CEPO. JEREMIAS DEPOIS DE SÓLTO PROFETIZA CONTRA FASSUR. QUEIXA-SE A DEUS, E AMALDIÇO A O DIA DO SEU NASCIMENTO.

1 E Fassur, filho de Emer, sacerdote, que havia sido nomeado Prefeito da casa do Senhor, ouviu a Jeremias profetizando estas palavras. (1)

ultra instaurari, de que aqui usa a Escritura, podem tomar-se precisamente como significativas duma simples destruição, ao modo que noutras se explica a mesma Escritura, como Is 30, 14, e Sl 2, 9.

(5) **TODAS AS CIDADES** — Tôdas as cidades da tribo de Judá.

(1) **SACERDOTE** — Expressão que, entre os hebreus, designava o mesmo sacerdote, ou então o sacerdote no exercício das funções sagradas.

PREFEITO — Inspetor do templo dos levitas e dos atos cultuais.

PALAVRAS — O termo hebraico *dabar*, empregado no ori-

Jeremias 20, 2-9

2 E feriu Fássur ao profeta Jeremias, e o meteu no cepo, que estava na porta de Benjamim, a de cima, na Casa do Senhor.

3 E ao outro dia logo que amanheceu, tirou Fássur a Jeremias do cepo: E Jeremias lhe disse: O Senhor não chamou o teu nome Fassur, mas Pavor de toda a parte.

4 Porque isto diz o Senhor: Eis-aí te encherei eu de espanto, a ti, e a todos os teus amigos: E cairão à espada de seus inimigos, e os teus olhos o verão: E a todo o Judá porei na mão do rei de Babilônia: E os passará a Babilônia, e mata-los-á à espada.

5 E entregarei todo o cabedal desta cidade, e todo o seu trabalho e todo o precioso, e todos os tesouros dos reis de Judá, tudo porei nas mãos de seus inimigos: E os saquearão, e tomarão, e levá-los-ão a Babilônia.

6 E tu, Fassur, e todos os moradores da tua casa ireis para o cativeiro: E irás a Babilônia, e ali morrerás, e ali serás enterrado tu, e todos os teus amigos, a quem profetizaste a mentira.

7 Tu me seduziste, Senhor, e eu fui seduzido: Foste mais forte do que eu, e pudeste mais: Fiquei sendo um objeto de escárnio todo o dia, todos me insultam.

8 Porque há já muito tempo que falo, gritando contra a iniquidade, e anunciando com repetidos clamores a ruína: E tornou-se-me a palavra do Senhor em opróbrio, e em ludíbrio todo o dia.

9 E disse eu: Não me lembrarei d'ele, nem falarei mais em seu nome: E se ateou no meu coração um como fogo abrasador, e reconcentrado nos meus ossos: E desfaleci, não o podendo suportar.

ginal hebraico, na forma plural, também significa *res*, a coisa, e esta passagem vem citada e traduzida *his rebus gestis*, estes acontecimentos, Leopold, *Lexicon Hebraicum*.

10 Porque ouvi as afrontas de muitos, e ameaças ao redor: Persegui-o, e persigamo-lo: Esta voz saía dentre todos os varões que viviam em paz comigo, e que guardavam o meu lado: A ver se de algum modo se pode surpreender, e prevaleçamos contra êle, e cheguemo-nos a vingar dêle.

11 Mas o Senhor está comigo como um forte guerreiro: Por isso os que me perseguem, cairão e ficarão desfalecidos: Êles em grande maneira serão confundidos porque não compreenderam o opróbrio eterno que nunca se apagará.

12 E tu, Senhor dos exércitos, que provas o justo, que penetras os afetos e o coração: Rogo-te que veja eu a tua vingança contra êles: Pois eu te descobri a minha causa.

13 Cantai cânticos ao Senhor, louvai ao Senhor: Porque livrou a alma do pobre da mão dos malvados.

14 Maldito seja o dia em que nasci: O dia em que minha mãe me deu à luz não seja bendito. (2)

15 Maldito seja o homem que levou a nova a meu pai, dizendo: Nasceu-te um filho macho: E que julgou que com isto lhe dava motivo de se alegrar.

16 Seja êste homem como são as cidades, que o Senhor destruiu, e não se arrependeu: Ouça gritos de manhã, e uivos no tempo do meio-dia:

17 Porque êle me não matou antes de sair do ven-

(2) **MALDITO SEJA O DIA EM QUE NASCI** — Estas e outras expressões que se seguem, tôdas se devem tomar como umas hipérboles, com que os orientais costumavam desafogar-se nas ocasiões de alguma veemente dor. Nas mesmas tinha rompido Jó, quando se viu oprimido de calamidade. (Jó 3, 3.) E as que aqui profere Jeremias, julga Grotio que êle as proferira, quando se viu no cárcere metido no cepo. — **Perelra.**

tre materno: A fim de que minha mãe fôsse o meu sepulcro, e nunca houvesse saído do seu ventre.

18 Por que saí eu do seio materno, para ver trabalho e dor, e consumirem-se os meus dias na confusão?

CAPÍTULO 21

SEDECIAZ MANDA CONSULTAR A JEREMIAS. ESTE PROFETA LHE PREDIZ OS MALES QUE ESTÃO PARA VIR SOBRE JERUSALÉM. MEIOS QUE DEUS DÁ AOS MORADORES DE JERUSALÉM PARA SALVAREM A VIDA, E AO REI DE JUDÁ PARA EVITAR OS MALES DE QUE E' AMEAÇADO.

1 Palavra, que foi dirigida pelo Senhor a Jeremias, quando o rei Sedecias lhe enviou a Fassur, filho de Melquias e a Sofonias, filho de Maasias sacerdote, a qual dizia: (1)

2 Consulta ao Senhor por nós, porque Nabucodonosor, rei de Babilônia, faz guerra contra nós: Se porventura obrará o Senhor conosco segundo tôdas as suas maravilhas, e se aquêlê inimigo se retirará de nós. (2)

(1) Neste e em 16 capítulos seguintes nota-se falta de ordem cronológica. Assim o que se refere neste versículo sucede no décimo ano de Sedecias.

QUANDO O REI SEDECIAZ LHE ENVIOU A FASSUR — Já no capítulo passado notamos que na opinião de S. Jerônimo e de Teodoreto, êste Fassur, filho de Melquias, era diverso do que ali se chama filha de Emer, mas que Calmet era de parecer contrário. — **Pereira.**

(2) **PORQUE NABUCODONOSOR, REI DE BABILÔNIA, FAZ GUERRA** — Daqui se conhece que esta consulta a mandará fazer Sedecias, estando já a cidade de cerco. Conseqüentemente o que se refere de Sedecias neste capítulo 21, é posterior ao que se refere nos seguintes de Joaquim, seu irmão, e de Jeconias, filho de Joaquim, que ambos reinaram primeiro que Sedecias. Isto obrigou a dizer a Calmet, que êste capítulo estava fora do seu lugar, por

3 E respondeu-lhes Jeremias: Assim direis a Sedecias:

4 Isto diz o Senhor Deus de Israel: Eis-aqui estou eu que voltarei os instrumentos de guerra, que tendes nas vossas mãos, e com os quais combateis contra o rei de Babilônia, e contra os caldeus, que vos têm cercados ao redor dos muros: E ajuntá-los-ei no meio desta cidade.

5 E eu vos debelarei com mão alçada, e com braço forte, e com furor, e com indignação, e com grande ira.

6 E ferirei aos moradores desta cidade, os homens, e os animais morrerão de uma grande peste.

7 E depois disto disse o Senhor: Darei Sedecias, rei de Judá, e seus servos, e seu povo, e quantos nesta cidade têm escapado da peste, e da espada, e da fome, na mão de Nabucodonosor, rei de Babilônia, e na mão de seus inimigos, na mão dos que procuram a alma dêles, e passá-los-á ao fio da espada, e não se dobrará, nem perdoará, nem se compadecerá.

8 E dirás a este povo: Isto diz o Senhor: Eis-aqui estou eu que ponho diante de vós o caminho da vida, e o caminho da morte.

9 O que ficar nesta cidade morrerá à espada, e de fome, e de peste: E o que sair dela, e fôr para os caldeus,

inadvertência dos que arranjaram as profecias de Jeremias, e que ele se devia pôr imediatamente depois do capítulo 37 e antes do 38 e 39. Porém S. Jerônimo supõe que este mesmo arranjo das profecias, sem guardar a ordem dos tempos, é próprio dos profetas e principalmente de Ezequiel e Jeremias, e que nisto se diferenciam os profetas dos historiadores. E quando se trata do respeito com que se devem manejar os livros sagrados e versões autênticas dêles, eu mais me quizeria ater aos antigos Padres, que aos modernos intérpretes. — *Perelra*.

Jeremias 21, 10-14; 22, 1-3

que vos cercam, viverá, e a sua alma será para êle como um despôjo.

10 Porque eu encarei para esta cidade para mal, e não para bem, diz o Senhor: Ela será entregue nas mãos do rei de Babilônia, e êste a consumirá pelo fogo.

11 Dirás também à casa do rei de Judá: Ouvi a palavra do Senhor.

12 Casa de Davi: Eis-aqui o que diz o Senhor: Faizei justiça desde a manhã, e livrai das mãos do caluniador aquêlle que está oprimido pela violência: Para que não suceda sair a minha indignação como um fogo, e acender-se, e não haja quem o apague por causa da malignidade dos vossos desígnios.

13 Eis-me aqui contra ti, moradora do Vale forte e de campinas, diz o Senhor: Contra os que dizeis: Quem nos ferirá? e quem entrará em nossas casas?

14 E irei com a minha visita sôbre vós segundo o fruto dos vossos desígnios, diz o Senhor: E acenderei fogo no bosque dela: E tudo devorará em roda dela.

CAPÍTULO 22

O SENHOR EXORTA A JOAQUIM E AO SEU POVO A SEREM DÓCEIS À SUA VOZ. NÃO CHORAR A JOSIAS, MAS CHORAR A SELUM. REPREENSÕES CONTRA JOAQUIM. SEU FIM DESGRAÇADO. JERUSALÉM DESAMPARADA DOS SEUS ALIADOS. JUÍZO DO SENHOR CONTRA JERUSALÉM.

1 Isto diz o Senhor: Vai à casa do rei de Judá, e lhe falarás aí por êstes têrmos,

2 e dirás: Ouve a palavra do Senhor, ó rei de Judá, que te assentas sôbre o trono de Davi tu, e os teus servos, e o teu povo, que entraís por estas portas.

3 Isto diz o Senhor: Julgai com retidão e justiça, e livrai da mão do caluniador ao oprimido violentamente:

E não contristeis ao estrangeiro, nem ao órfão nem à viúva, nem os aperteis injustamente: Nem derrameis sangue inocente neste lugar.

4 Porque se verdadeiramente obrardes conforme a isto que vos digo: Entrarão pelas portas desta casa reis da linhagem de Davi, que se assentarão sobre o seu trono, e montarão em carros e em cavalos, eles e os seus servos, e o povo deles.

5 Mas se não ouvirdes estas palavras, por mim mesmo tenho jurado, diz o Senhor, que em ermo será tornada esta casa.

6 Porque isto diz o Senhor sobre a casa do rei de Judá: Galaad, tu és para mim a cabeça do Líbano: Juro que te reduzirei a ermo, as tuas cidades inabitáveis. (1)

7 E consagrarei sobre ti ao varão matador, e as suas armas: E cortarão os teus cedros escolhidos, e os arrojão ao fogo,

8 E passarão muitas gentes por esta cidade: E dirá cada um ao seu vizinho: Por que se houve Deus assim com esta grande cidade?

9 E responderão: E' porque abandonaram a aliança do Senhor seu Deus, e adoraram a deuses estranhos, e os serviram.

10 Não choreis ao morto, nem tomeis dó por elle: Chorai aquêle que sai, porque não voltará mais, nem verá a terra onde nasceu. (2)

(1) **GALAAD** — País fertilíssimo, para lá de Jerusalém e que fizera parte do reino de Israel. Deus dá este nome ao paço de Judá, para metaforicamente pôr em relevo a sua grandiosidade e riqueza, e ao mesmo tempo para indicar que se Israel tinha sido assolada por Teglathalassar, rei dos assírios, também Judá devia recear igual castigo se imitasse a infidelidade do povo de Israel.

(2) **NÃO CHOREIS AO MORTO** — Este lugar pode expor-se d'este modo, que é mais conforme ao que se diz no seguinte versí-

11 Porque isto diz o Senhor a Selm, filho de Josias, rei de Judá, que reinou por seu pai Josias, que saiu dêste lugar. Não tornará cá mais:

12 Porém no lugar, para onde o transferi, ali morrerá, e não verá esta terra jamais.

13 Ai daquele que edifica a sua casa na injustiça: E as suas grandes salas não em equidade: Ao seu amigo oprimirá sem causa, e não lhe pagará o seu salário. (3)

14 Que diz: Edificarei para mim uma casa espaçosa, e magníficos salões: O que se abre janelas, e faz tetos de cedro, e os pinta de sinopla.

15 Porventura reinarás tu, pois que te comparas ao cedro? Acaso teu pai não comeu e bebeu, e praticou a equidade e justiça então quando tudo lhe sucedia bem?

16 Julgou a causa do pobre e do indigente para bem seu: E não foi isto por que êle me conheceu? diz o Senhor.

17 Mas os teus olhos e coração se dirigem à avareza, e a derramar sangue inocente, e à calúnia, e à carreira da obra má.

18 Porquanto isto diz o Senhor a Joaquim, filho de Josias, rei de Judá: Não o lamentarão: Ai irmão! e ai irmã! Não farão retinir a seu respeito estas vozes: Ai, Senhor! e ai esclarecido!

culo. Não chorareis ao piedoso rei Josias, porque êste morreu cheio de glória em Magedo às mãos de Necau, rei do Egito, combatendo varonilmente em defesa da pátria, e da religião: chorai antes a êste, que lhe foi substituído no Reino, isto é, a Joacaz, ou Selm, que sairá agora da Judéia, para ser levado cativo ao Egito, de onde não voltará, 4 Rs 23, 33.34. — **Pereira.**

(3) **AI DAQUELE QUE EDIFICA A SUA CASA NA INJUSTIÇA** — Comumente entendem os intérpretes isto de Joaquim, que succedeu no Reino a seu pai Josias, depois que Selm, ou Joacaz foi levado cativo para o Egito. — **Pereira.**

19 A sua sepultura será como a do asno, apodrecerá e será lançado fora das portas de Jerusalém. (4)

20 Sobe ao Líbano, e clama: E em Basan levanta a tua voz, e grita aos que passam, porque todos os teus amadores estão despedaçados.

21 Na tua abundância te tenho falado: E disseste: Não ouvirei: Este é o teu caminho desde a tua mocidade, porque não ouviste a minha voz.

22 A todos os teus pastores alimentará o vento, e os teus amadores irão para o cativeiro: E então serás confundida, e te envergonharás de toda a tua malícia.

23 Tu que tens o teu assento no Líbano, e fazes o teu ninho nos seus cedros, como gemeste quando te vieram as dores, como dores da que está de parto? (5)

24 Vivo eu, diz o Senhor: Que ainda que Jeconias, filho de Joaquim, rei de Judá, fôsse um anel na minha mão direita, eu o arrancaria dela. (6)

25 E te entregarei na mão dos que procuram a tua alma, e na mão daqueles, cuja vista te causa espanto, e na mão de Nabucodonosor, rei de Babilônia, e na mão dos caldeus.

26 E enviar-te-ei a ti, e a tua mãe que te gerou, a uma terra estranha, em que não haveis nascido, e ali morrereis:

(4) **A SUA SEPULTURA SERÁ COMO A DO ASNO** — Com esta elegante perífrase significou o profeta, que Jeconias depois de morto ficaria por enterrar. — S. Jerônimo.

(5) **TU QUE TENS** — Compara a Jerusalém com uma ave que busca os cedros mais altos do Líbano para fazer ali o seu assento e ninho. — Pereira.

(6) **FILHO DE JOAQUIM** — Este também se chamou Joaquim, sucedeu a seu pai no ano, antes de Jesus Cristo, 599, e reinou somente três meses, 4 Rs 24, 6-8. — Pereira.

Jeremias 22, 27-30; 23, 1-2

27 E à terra, à qual eles levantam o seu coração para tornarem lá: Não tornarão.

28 Acaso Jeconias, êste homem tão distinto, é algum vaso de terra já quebrado? Acaso é ele um vaso que a ninguém agrada? Por que têm sido lançados, ele e sua linhagem, e arrojados para uma terra que não conheceram?

29 Terra, terra, terra, ouve as palavras do Senhor.

30 Isto diz o Senhor: Escreve, que êste homem será estéril, homem a quem nos seus dias nada lhe sucederá bem: Pois não sairá da sua linhagem varão como se assente sôbre o trono de Davi, e que daqui em diante tenha poder soberano em Judá. (7)

CAPÍTULO 23

AMEAÇAS CONTRA OS PASTORES INFIÉIS. TORNADA DO CATIVEIRO. REINO DO MESSIAS. DOR E AFLIÇÃO DE JEREMIAS. REPREENSÕES E AMEAÇAS CONTRA OS FALSOS PROFETAS, CONTRA OS QUE DESPREZAM AS PALAVRAS DO SENHOR NA BÓCA DOS PROFETAS VERDADEIROS.

1 Ai dos pastôres, que perdem e que despedaçam a grei da minha pastagem, diz o Senhor.

2 Portanto isto diz o Senhor Deus de Israel aos pastôres que apascentam o meu povo: Vós desarranjastes a minha grei, e os afugentastes, e não os visitas-

(7) **POIS NÃO SAIRA DA SUA LINHAGEM** — Zorobabel, neto de Jeconias, por seu pai Salatiel, sim foi príncipe do povo hebreu durante o cativoiro, e depois dele; mas nunca teve o Poder da Soberania, o qual por último passou da tribo de Judá para a de Levi em tempo dos macabeus. — **Pereira.**

tes: Eis-aqui estou eu que irei com a minha visita sobre vós, para castigar a malícia de vossos desígnios, diz o Senhor.

3 E eu ajuntarei as relíquias da minha gregi de tôdas as terras, aonde eu para ali os tiver lançado: E os farei voltar aos seus campos: E elas crescerão e se multiplicarão.

4 E levantarei sobre êles pastôres, que os apascentarão: Dali em diante não terão mêdo, nem se atemorizarão: E do seu número não faltará nenhum, diz o Senhor. (1)

5 Eis-aí vêm os dias, diz o Senhor: E eu suscitarei a Davi, um germe justo: E reinará um rei, que será sábio: E obrará segundo a eqüidade e justiça na terra. (2)

6 Naqueles dias será salvo Judá, e Israel habitará sem temor: E êste é o nome que lhe chamarão, o Senhor nosso justo.

7 Por esta causa eis-aí vêm os dias, diz o Senhor, e não dirão jamais: Vive o Senhor que tirou os filhos de Israel da terra do Egito:

8 Mas sim: Vive o Senhor, que tirou e trouxe a linhagem da casa de Israel da terra do Aquilão, e de tôdas as terras, onde eu para ali os tinha lançado: E habitarão na sua terra.

(1) **E LEVANTAREI SOBRE ÊLES PASTORES, QUE** — Dar-lhes-ei a Zorobabel, a Jesus filho de Josedec, a Esdras, a Neemias, que depois do cativeiro de Babilônia foram os condutores, e diretores do povo judaico. Num sentido mais elevado êstes Pastôres são os Apóstolos, destinados por Jesus Cristo para conduzirem, e apascentarem os fiéis, libertados do cativeiro do demônio. — Calmet, edição citada. — Glaire.

(2) **E EU SUSCITAREI A DAVI** — Por êste “germe justo”, que brotará de Davi, e por êste “Rei sábio”, cujo nome será “o Senhor nosso justo,” ou “o Senhor nossa justiça”, é claro que se não pode entender outro senão o Messias Jesus Cristo. — Pereira.

Jeremias 23, 9-17

9 Aos profetas: O meu coração está feito em pedaços dentro de mim mesmo, todos os meus ossos se abalaram: Eu estou feito como um homem ébrio, e como um homem cheio de vinho, contemplando a face do Senhor, e à vista das suas santas palavras.

10 Porque a terra está cheia de adúlteros, porque a terra chorou à vista da maldição, secaram-se os campos do deserto: A carreira dêles se tem feito má, e a fortaleza dêles dissemelhante.

11 Porque o Profeta e o sacerdote se corromperam: E na minha casa achei os males que eles lá cometeram, diz o Senhor.

12 Por isso o seu caminho será como um caminho escorregadio nas trevas: Porque serão impelidos, e cairão nêle: Porque farei vir sôbre eles males o ano da sua visitação, diz o Senhor.

13 E nos profetas de Samaria vi extravagância: Profetizavam em nome de Baal, e seduziam o meu povo de Israel.

14 E nos profetas de Jerusalém vi semelhança de adúlteros, e caminho de mentira: E fortificaram as mãos dos malvadíssimos, para que se não convertesse cada um da sua malícia: Tem-se tornado todos para mim como Sodoma, e os moradores dela como Gomorra.

15 Portanto isto diz o Senhor dos exércitos aos profetas: Eis-aquí estou eu que os alimentarei com losna, e lhes darei a beber fel: Porque dos profetas de Jerusalém se derramou a contaminação sôbre tôda a terra.

16 Isto diz o Senhor dos exércitos: Não queirais ouvir as palavras dos profetas, que vos profetizam, e vos enganam: Falam as visões do seu coração, não da bôca do Senhor.

17 Dizem àqueles que me blasfemam: O Senhor o disse: Vós tereis a paz: E a todos aquêles que andam

na pravidade do seu coração, disseram: Não virá sôbre vós mal.

18 Mas qual dêles assistiu ao conselho do Senhor, e viu e ouviu a sua palavra? Quem considerou a sua palavra e a ouviu?

19 Eis-aí sairá fora o redemoinho da indignação do Senhor, e a tempestade que descarrega: Tudo virá sôbre a cabeça dos ímpios.

20 Não retrocederá o furor do Senhor até que efetue, e até que cumpra o desígnio do seu coração: Nos últimos dias entenderéis o seu conselho.

21 Eu não enviava êstes profetas, e êles corriam: Não lhes falava nada, e êles profetizavam.

22 Se tivessem assistido ao meu conselho, e tivessem feito saber as minhas palavras ao meu povo: Eu os tivera certamente desviado do seu mau caminho, e dos seus tão depravados pensamentos.

23 Acaso cuidas que sou eu Deus de perto? diz o Senhor. E não Deus de longe?

24 Poderá acaso ocultar-se algum em lugares retirados: E não no verei eu? diz o Senhor. Porventura não encho eu o céu e a terra? diz o Senhor.

25 Tenho ouvido o que disseram os profetas, que em meu nome profetizam a mentira, e dizem: Sonhei, tenho sonhado.

26 Até quando se achará isto no coração dos profetas que vaticinam a mentira, e que profetizam as seduções do seu coração?

27 Os quais querem fazer que o meu povo se esqueça do meu nome pelos sonhos dêles, que cada um conta ao seu vizinho: Assim como os pais dêles se esqueceram do meu nome por causa de Baal.

28 O profeta, que tem um sonho, conte o seu sonho: E o que tem a minha palavra, anuncie a minha palavra

Jeremias 23, 29-34

verdadeiramente: Que comparação há entre a palha e o trigo? diz o Senhor.

29 Acaso não são as minhas palavras como um fogo, diz o Senhor: E como um martelo que quebra a pedra?

30 Por esta causa eis-aqui venho eu aos profetas, diz o Senhor: Que furtam as minhas palavras cada um ao seu vizinho.

31 Eis-me aqui contra os profetas, diz o Senhor: Que forjam sua linguagem, e pronunciam, diz o Senhor.

32 Eis-me aqui contra os profetas que sonham a mentira, diz o Senhor: Que as referiram, e enganaram ao meu povo com a sua mentira, e com os seus milagres: Não os havendo eu enviado, nem dado ordem alguma a êsses que nada aproveitaram a êste povo, diz o Senhor.

33 Pois se te perguntar êste povo, ou o profeta, ou o sacerdote, dizendo: Qual é o pêso do Senhor? lhes dirás: Vós sois o pêso: Porque eu vos hei de arrojar, diz o Senhor. (3)

34 E o profeta, e o sacerdote, e o povo que diz: Pêso do Senhor: Eu farei visita sôbre aquêle varão e sôbre a sua casa.

(3) **QUAL É O PÊSO DO SENHOR?** — Já nas notas a Isaias advertimos que na frase dos Profetas as profecias que annunciavam algum grande castigo, que estivesse para vir a alguma cidade, ou nação, as costumavam êles intitular pêsos do Senhor, dizendo por exemplo: pêso de Nínive, pêso do Egito, pêso de Moab. O povo judaico, por uma parte enfadado de Jeremias lhe profetizar tantas calamidades, e vendo por outra parte que elas não acabavam de vir, tomava daqui ocasião para insultar o profeta, dizendo-lhe. Qual é o pêso do Senhor? Como se disseram: Anteontem nos profetizaste tal pêso do Senhor: ontem tal pêso do Senhor: Que pêso é logo o que tu nos profetizas hoje? E a êstes incrédulos ameaça o Senhor grandes castigos, se continuarem no uso daquellas palavras insultantes. — Percira.

35 Isto direis cada um a seu vizinho, e a seu irmão: Que respondeu o Senhor? E que falou o Senhor?

36 E não se mencionará mais o pêso do Senhor: Porquanto a cada um será pêso a sua palavra: Porque transtornastes as palavras do Deus vivente, do Senhor dos exércitos nosso Deus.

37 Isso dirás ao profeta: Que te respondeu o Senhor? E que falou o Senhor?

38 E se disserdes: Pêso do Senhor: Por isso assim diz o Senhor: Porque dissestes esta palavra: Pêso do Senhor: E vos enviei a dizer: Não digais: Pêso do Senhor.

39 Portanto eis-aí vos tomarei eu para levar-vos, e vos abandonarei longe da minha presença a vós, e à cidade que vos dei, e a vossos pais.

40 Entregar-vos-ei a um opróbrio sempiterno e a uma eterna ignomínia, que nunca se apagará da memória.

CAPÍTULO 24

VISÃO DE DOIS CABAZES, UM CHEIO DE BONS FIGOS, QUE REPRESENTAM OS JUDEUS LEVADOS CATIVOS PARA BABILÔNIA, OUTRO CHEIO DE MAUS FIGOS, QUE REPRESENTAM OS JUDEUS QUE FICARAM NA JUDEIA, OU FORAM PARA O EGITO.

1 Mostrou-me o Senhor a seguinte visão: E eis-que estavam ali dois cabazes cheios de figos postos diante do Templo do Senhor, depois que transportou Nabucodonosor, rei de Babilônia, a Jeconias, filho de Joaquim, rei de Judá, e os seus príncipes, e os artífices, e os lapidários de Jerusalém, e os levou a Babilônia. (1)

(1) POSTOS DIANTE DO TEMPLO DO SENHOR — Isto é, no Átrio dos sacerdotes e diante da porta do Santuário. Ali é que se depunham as primícias diante do altar do Senhor. Dt 26, 4.

2 Um dos cabazes tinha uns figos excelentes em extremo, quais são de ordinário os figos da primeira sação: E o outro cabaz tinha uns figos muito maus, que se não podiam comer, de maus que eram. (2)

3 E me disse a mim o Senhor: Que vês tu, Jeremias? E eu disse: Figos, figos bons, mui bons: E maus, muito maus: Que não se podem comer, porque são maus.

4 E me foi dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

5 Isto diz o Senhor Deus de Israel: Assim como êstes figos são bons: Assim conhecerei eu para bem aos desterrados de Judá, que eu mandei para fora dêste lugar para a terra dos caldeus.

6 E porei sôbre êles favoravelmente os meus olhos, e restitui-los-ei a êste país: Eu os edificarei, e não os destruirei, e plantá-los-ei, e não os arrancarei.

7 E dar-lhes-ei coração para que me conheçam, sabendo que eu sou o Senhor: E serão para mim o meu povo, e eu serei para êles o seu Deus: Porque se converterão a mim de todo o seu coração.

8 E assim como se rejeitam os figos muito maus, que se não podem comer, porque são maus: Isto diz o Senhor; assim desprezarei eu a Sedecias, rei de Judá, e a seus príncipes, e aos restantes de Jerusalém, que ficaram nesta cidade, e aos que moram na terra do Egito.

9 E entregá-los-ei à vexação, e à aflição em todos os reinos da terra: Em opróbrio, e para exemplo, e provérbio, e maldição em todos os lugares, para onde eu os arrojei.

10 E enviarei sôbre êles a espada, e a fome, e a

E OS LAPIDARIOS DE JERUSALÉM — Confira-se o livro 4 Rs 24, 16.

(2) **QUAIS SÃO DE ORDINARIO** — Nestes figos da primeira sação, diz S. Jerônimo, que simbolizavam os santos do tempo antigo, Abraão, Isaac, Jacó, Jó, Moisés, Aarão,

peste: Até que sejam consumidos da terra, que lhes dei a êles, e a seus pais.

CAPÍTULO 25

INDOCILIDADE DE JUDÁ A VOZ DO PROFETA. VINGANÇAS DO SENHOR SOBRE JUDÁ. E SOBRE AS NAÇÕES QUE O CERCAM. SETENTA ANOS DE CATIVEIRO. VINGANÇAS DO SENHOR SOBRE BABILÔNIA. CALICE DA IRA DO SENHOR. EXECUÇÃO DAS SUAS VINGANÇAS.

1 Palavra, que foi dirigida a Jeremias sobre todo o povo de Judá, no quarto ano de Joaquim, filho de Josias, rei de Judá, que é o primeiro ano de Nabucodonosor, rei de Babilônia.

2 A qual o profeta Jeremias anunciou a todo o povo de Judá, e a todos os habitantes de Jerusalém, dizendo:

3 Desde o ano treze de Josias, filho de Amon, rei de Judá, até o dia de hoje, que é o ano vinte e três, foi-me dirigida a palavra do Senhor, e eu vos falei, levantando-me de noite, e falando-vos: E não ouvistes.

4 E o Senhor madrugou para enviar-vos todos os profetas seus servos, e com efeito os enviou: E vós não o escutastes, nem inclinastes os vossos ouvidos para ouvirdes

5 quando dizia: Retirai-vos, cada um do seu mau caminho, e dos vossos péssimos desígnios: E habitareis na terra que vos deu o Senhor a vós, e a vossos pais, desde o século em século. (1)

6 E não queirais ir após uns deuses estrangeiros, para os servirdes, e os adorardes: Nem me provoqueis a ira com as obras de vossas mãos, e eu vos não afligirei.

7 E não me ouvistes, diz o Senhor, de modo que me

(1) O SÉCULO EM SÉCULO — Em todos os séculos.

haveis provocado a ira com as obras de vossas mãos para vosso mal.

8 Pelo que isto diz o Senhor dos exércitos: Porque não ouvistes as minhas palavras:

9 Eis-aqui estou eu que enviarei, e tomarei tôdas as famílias do Aquilão, diz o Senhor, e ao meu servo Nabucodonosor, rei de Babilônia: E os trarei sôbre esta terra e sôbre os seus moradores, e sôbre tôdas as nações, que estão em roda dela: E os matarei, e pô-los-ei em espanto e em ludíbrio, e em solidões perduráveis. (2)

10 E farei cessar entre eles a voz de gôsto e a voz de alegria, a voz do espôso, e a voz da espôsa, a voz da mó, e a luz da candeia. (3)

11 E tôda esta terra virá a ser um medonho deserto, e um espanto: E tôdas estas gentes servirão ao rei de Babilônia setenta anos. (4)

12 E completos que fôrem os setenta anos, irei com a minha visita sôbre o rei de Babilônia, e sôbre aquela gente, diz o Senhor, para castigar a sua iniquidade, e sôbre a terra dos caldeus: E reduzi-la-ei a umas eternas solidões.

13 E trarei sôbre aquela terra tôdas as minhas pa-

(2) **MEU SERVO** — Não se diz Nabucodonosor servo do Senhor, do modo que se dizem os profetas, e outros santos, que verdadeiramente o servem, mas enquanto na destruição de Jerusalém fez o que Deus queria dêle. — S. Jerônimo.

(3) **A VOZ DA MÓ** — Isto é, a voz das mulheres que cantavam enquanto moíam. Cfr. Mt 24, 41.

(4) **SETENTA ANOS** — Isto mesmo ouviremos repetido por Jeremias no cap. 29, versículo 10. Estes setenta anos de cativoiro começa Usset a contar do primeiro ano de Nabucodonosor, que êle supõe ser o ano 606, antes da era vulgar de Cristo, e os acaba no ano 336, antes da era vulgar de Cristo, que foi o primeiro de Ciro, depois que êste se viu monarca de todo o Oriente.

lavras, que tenho falado contra ela, tudo o que está escrito neste livro, quando profetizou Jeremias contra tôdas as gentes:

14 Porque estas os serviram a êles, não obstante serem muitas as gentes, e reis grandes: E eu lhes tornarei segundo as suas obras, e segundo os feitos das suas mãos. (5)

15 Porque o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel, diz assim: Toma da minha mão o cálice do vinho dêste furor: E darás a beber dêle a tôdas as gentes, as quais eu te enviarei.

16 E êles beberão, e ficarão turbados, e sairão fora de si à vista da espada, que eu enviarei entre êles.

17 E tomei o cálice da mão do Senhor, e dei a beber a tôdas as gentes, as quais o Senhor me enviou:

18 A Jerusalém, e às cidades de Judá, e aos seus reis, e aos seus príncipes: Para os reduzir à solidão, e ao espanto, e ao ludíbrio, e à maldição, como já é êste o dia:

19 A Faraó, rei do Egito, e aos seus servos: E aos seus príncipes e a todo o seu povo.

20 E geralmente a todos: A todos os reis da terra de Ausitide, e a todos os reis da terra dos filisteus, e a Ascalona, e a Gaza, e a Acaron, e ao que resta de Azot,

21 e à Iduméia, e a Moab, e aos filhos de Amon:

22 E a todos os reis de Tiro, e a todos os reis de Sidônia: E aos reis da terra das ilhas, que estão da banda de além do mar: (6)

(5) OS SERVIRAM — Refere-se aos caldeus.

EU LHES TORNAREI — Isto diz também respeito aos caldeus, que, por sua vez, caíram sob o poder dos medos e dos persas.

(6) E A TODOS OS REIS DE TIRO — Ao rei de Tiro, e aos seus Sátrapas, que se tratavam como reis. — Calmet.

23 E a Dedan, e a Tema, e a Buz, e a todos os que se fazem cortar os cabelos em redondo.

24 E a todos os reis da Arábia, e a todos os reis do Ocidente, que habitam no deserto.

25 E a todos os reis de Zambri, e a todos os reis de Elam, e a todos os reis dos medos:

26 Também a todos os reis do Aquilão, aos de perto e aos de longe, a cada um contra seu irmão: E a todos os reinos da terra, que estão sôbre a sua face: E o rei de Sesac beberá depois dêles: (7)

27 E lhes dirás: Isto diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Bebei, e embriagai-vos, e arrevezai: E cáí, e não vos levanteis à vista da espada, que eu enviarei entre vós.

28 E se não quiserem receber o cálice da tua mão, para que bebam, lhes dirás: Isto diz o Senhor dos exércitos: Certamente o beberéis:

29 Porque eis-aí está que se na cidade, onde o meu nome tem sido invocado, ali começarei eu a trazer aflição, à vista disto ficareis vós sem castigo, como se fôsseis inocentes? Não escapareis: Porque eu envio já a espada sôbre todos os habitantes da terra, diz o Senhor dos exércitos.

30 E tu lhes profetizarás a êles tôdas estas palavras, e lhes dirás: O Senhor rugirá desde o alto e desde a sua santa morada para ouvir a sua voz: Rugirá fortemente contra o lugar mesmo da sua glória: O celeuma será can-

(7) **E O REI DE SESAC BEBERÁ DEPOIS DÊLES** — Nota aqui S. Jerônimo, que Sesac é anagrama de Babel, invertidas por ordem retrógrada no hebreu as letras de que se compõe Sesac, e que o profeta usara desta precaução, para não irritar a Nabucodonosor, se claramente nomeasse o rei de Babilônia. E' a opinião seguida na edição de Glalre.

tado como de pisadores de uvas contra todos os habitantes da terra.

31 Chegou o estrondo até às extremidades da terra: Porque o Senhor entra em juízo com as gentes: Ele mesmo é o que julga a tôda a carne; à espada entreguei os ímpios, diz o Senhor.

32 Isto diz o Senhor dos exércitos: Eis-aí passará a aflição de gente em gente: E um grande redemoinho sairá das extremidades da terra.

33 E os que o Senhor entregar à morte naquele dia ficarão estendidos desde um pólo da terra até outro pólo: Não serão chorados, nem recolhidos, nem enterrados: Como uma esterqueira jazerão sôbre a face da terra.

34 Uivai, pastôres, e gritai: E cobri-vos de cinza, vós que sois os maiores do rebanho: Porque estão cumpridos os vossos dias, em que haveis de ser mortos: E vós ficareis dispersos, e caireis como vasos preciosos.

35 E os pastôres não terão escapula, nem salvamento os maiores da grei.

36 Ouvir-se-ão a voz dos pastôres, e os uivos dos maiores do rebanho: Porque o Senhor destruiu os pastos dêles.

37 E os campos da paz ficarão em silêncio, à vista da ira do furor do Senhor.

38 Deixou como leão o seu retiro, porque em ermo foi tornada a terra dêles, à vista da ira da pomba, e à vista da ira do furor do Senhor. (8)

(8) **POMBA** — Nabucodonosor, ou porque a sua marcha fôsse tão veloz como a da pomba, ou porque nos seus estandartes estivesse pintada uma pomba. Cfr. Glaire ed. de 1902.

CAPÍTULO 26

JEREMIAS PROFETIZANDO A RUÍNA DE JERUSALÉM, É APRESENTADO AOS PRÍNCIPES DE JUDÁ PARA SER CONDENADO À MORTE. OS PRÍNCIPES, E O PÓVO O RECONHECEM INOCENTE. EXEMPLO DE MIQUEIAS PERDOADO POR EZEQUIAS, E DE URIAS MANDADO MATAR POR JOAQUIM.

1 No princípio do reinado de Joaquim, filho de Josias, rei de Judá, me foi dirigida pelo Senhor esta palavra, a qual dizia:

2 Isto diz o Senhor: Põe-te no átrio da casa do Senhor, e falarás a tôdas as cidades de Judá, de onde vem a gente a adorar na casa do Senhor, tôdas as palavras, que eu te tenho mandado que lhes fales a êles: Não omittas uma só palavra,

3 para ver se acaso êles te ouvem e se convertem cada um do seu mau caminho: E a fim de que eu me arrependa do mal que faço tenção de lhes fazer por causa da malícia das suas paixões. (1)

(1) **PARA VER SE ACASO ÊLES TE OUVEM** — Palavra é de dúvida, se acaso, a qual por isso não pode convir à majestade do Senhor. Mas êle fala ao nosso modo, para se conservar o livre alvedrio ao homem, e não se dizer, que suposta a presciência do Senhor; fica o homem como necessitado a obrar, ou a não obrar. Porque não é por isso que Deus prevê futura alguma coisa, que ela é futura; mas porque ela é futura, por isso Deus a prevê tal. — S. Jerônimo.

E A FIM DE QUE EU ME ARREPENDA DO MAL — Deus, falando aos homens, toma emprestada dos homens a linguagem. E' tão impossível que Deus se arrependa, como se esqueça. Mas êle parece que se esquece, quando cessa de dar mostras de quem se lembra; e êle parece que se arrepende, quando se abstém de fazer o mal, que tinha ameaçado. Nestes casos, como observa Santo Agostinho, Deus muda as suas obras, sem que mude os seus de-

4 E lhes dirás: Isto diz o Senhor: Se me não ouvirdes para andardes na minha lei, que eu vos tenho dado,

5 para ouvirdes as palavras dos profetas meus servos, que eu vos tenho enviado, cuidando com tempo nisso, e dirigindo a sua missão, e vós não os ouvistes:

6 Eu farei que esta casa seja como Silo, e farei que esta cidade seja objeto de maldição a tôdas as nações da terra. (2)

7 E os sacerdotes, e os profetas, e todo o povo ouviram a Jeremias proferindo estas palavras na casa do Senhor.

8 E tendo Jeremias acabado de dizer tudo o que o Senhor lhe havia ordenado que dissesse a todo o povo, os sacerdotes, e os profetas, e todo o povo pegaram nêle, dizendo: E' necessário que morra.

9 Porque profetizou êle em nome do Senhor, dizendo: Esta casa será tratada como Silo: E esta cidade será destruída, sem que fique ninguém que a habite? E todo o povo se ajuntou contra Jeremias na casa do Senhor.

10 E ouviram os príncipes de Judá estas palavras: E subiram da casa do rei à casa do Senhor, e se assentaram à entrada da porta nova da casa do Senhor.

11 Então falaram os sacerdotes e os profetas aos príncipes, e a todo o povo, dizendo: Êste homem é réu de

sígnios. Opera mutat, consilla non mutat. E mudando as suas obras, é que Deus muda os seus desígnios. — De Vence.

(2) EU FAREI QUE ESTA CASA SEJA COMO SILO — Assim como edificado o templo na eira de Orna e no monte Moriá, isto é, "da visão", onde se conta que Abraão tinha oferecido seu filho Isaac, cessou a religião em Silo, nem ali foram celebrados mais sacrifícios; assim também edificada a Igreja, e imoladas nela as vítimas espirituais, cessaram as cerimônias da lei, e a cidade de Jerusalém veio a ser a execração de todos os povos da terra. — S. Jerônimo.

Jeremias 26, 12-18

morte: Porque profetizou contra esta cidade, como vós o ouvistes com os vossos ouvidos.

12 E falou Jeremias a todos os príncipes, e a todo o povo, dizendo: O Senhor me enviou, para que profetizasse contra esta casa, e contra esta cidade tôdas as palavras, que me tendes ouvido.

13 Agora pois fazei bons os vossos caminhos, e os vossos afetos, e ouvi a voz do Senhor vosso Deus: E o Senhor se arrependerá do mal que resolveu fazer contra vós.

14 E quanto a mim, eis-aqui estou nas vossas mãos: Fazei de mim o que tiverdes por bom e reto nos vossos olhos.

15 Porém sabeí, e tende entendido, que se me matardes, fareis traição a um sangue inocente contra vós mesmos, e contra esta cidade, e seus moradores: Porque na verdade o Senhor me enviou a vós para que falasse aos vossos ouvidos tôdas estas palavras.

16 Então disseram os príncipes, e todo o povo aos sacerdotes e aos profetas: Êste homem não merece a morte: Porque nos falou em nome do Senhor nosso Deus.

17 Ao mesmo tempo se levantaram alguns dos mais anciãos da terra: E disseram a todo o ajuntamento do povo as palavras seguintes: (3)

18 Miquéias de Morasti foi profeta nos dias de Ezequias, rei de Judá, e falou a todo o povo de Judá desta maneira: Isto diz o Senhor dos exércitos: Sião será lavrado como um campo: E Jerusalém será reduzida a um

(3) **AO MESMO TEMPO SE LEVANTARAM ALGUNS DOS MAIS ANCIÃOS DA TERRA** — Dos velhos é próprio saber os sucessos antigos, e contá-los na ocasião. — S. Jerônimo.

montão de pedras: E o monte da casa será um bosque mui alto. (4)

19 Porventura condenou-o à morte Ezequias, rei de Judá, e todo o Judá? Porventura não temeram êle ao Senhor, e fizeram as suas deprecações na presença do Senhor: E o Senhor não se arrependeu do mal, que havia anunciado contra êles? Assim nós fazemos um grande mal contra as nossas almas.

20 Houve também um homem chamado Urias, filho de Semei de Cariatiarim, que profetizava em nome do Senhor: E que tinha predito contra esta cidade, e contra esta terra, tôdas as mesmas palavras que Jeremias. (5)

21 E ouviu o rei Joaquim, e todos os magnates, e príncipes dêle estas palavras: E o rei o procurou matar. E ouviu Urias, e teceu, e fugiu, e se meteu no Egito.

22 E enviou o rei Joaquim certos homens ao Egito a Elnatan, filho de Acobor, e outros com êle ao Egito.

23 E tiraram a Urias do Egito: E o trouxeram ante o rei Joaquim, e o fêz morrer à espada: E lançou o seu cadáver nas sepulturas do vulgo ignóbil.

24 A mão pois de Aicam, filho de Safan, foi com Jeremias, para que não fôsse entregue nas mãos do povo, e o matassem.

(4) MIQUÉIAS DE MORASTI — Era o mesmo Miquéias, que se conta entre os doze profetas menores. E as palavras que aqui se alegam dêle são do capítulo 3, da sua profecia, versículo 12.

SIÃO SERA LAVRADO — O monte Sião está, desde muitos séculos, fora dos muros de Jerusalém, e é cultivado.

MONTE DA CASA — Subentende-se de Deus: é o monte Moriá, onde estava o templo.

(5) HOUE TAMBÉM UM HOMEM CHAMADO URIAS — Só é conhecido por esta passagem. — Cfr. Glaire.

CAPÍTULO 27

PRISÕES E CADEIAS MANDADAS A DIVERSOS REIS. O SENHOR ORDENA A ESTES PRÍNCIPES QUE SE SUBMETAM AO REI DE BABILÔNIA. FALSOS PROFETAS, QUE SEDUZIAM O POVO. VASOS DO TEMPLO TRANSPORTADOS A BABILÔNIA.

1 No princípio do reinado de Joaquim, filho de Josias, rei de Judá, foi dirigida pelo Senhor esta palavra a Jeremias, a qual dizia:

2 Isto me diz a mim o Senhor: Faze-te umas prisões, e umas cadeias: E pô-las-ás ao teu pescoço.

3 E as mandarás ao rei de Edom, e ao rei de Moab, e ao rei dos filhos de Amom, e ao rei de Tiro, e ao rei de Sidônia, por mão dos embaixadores que vieram a Jerusalém a Sedecias, rei de Judá.

4 E ordenar-lhes-ás que falem assim a seus amos: Isto diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Direis isto a vossos amos:

5 Eu fiz a terra, e os homens, e os animais, que estão sôbre a face da terra, com o meu grande poder, e com o meu braço estendido: E a dei àquele que me agradou aos meus olhos.

6 E eu agora entreguei finalmente tôdas estas terras, nas mãos de Nabucodonosor, rei de Babilônia, meu servo: Além disto dei-lhe também as alimárias do campo, para que o sirvam.

7 E o servirão tôdas as gentes a êle e a seu filho, e ao filho de seu filho, até que venha o tempo da sua terra, e dêle mesmo: E servi-lo-ão muitas gentes, e grandes reis. (1)

(1) **A ÊLE** — A Nabucodonosor.

SEU FILHO — E' o célebre Evil-Merodac, filho de Nabuco-

8 Mas quanto à gente e ao reino, que não servir a Nabucodonosor, rei de Babilônia, e qualquer que não encurvar o seu pescoço debaixo do jugo do rei de Babilônia, eu virei com a minha visita sobre aquela gente, com espada, e com fome, e com peste, diz o Senhor: Até que eu os consuma pela sua mão.

9 Vós pois não deis ouvidos aos vossos profetas, nem aos adivinhos, nem aos sonhadores, e agoureiros, e mágicos, que vos dizem: Não servireis ao rei de Babilônia.

10 Porque eles vos profetizaram a mentira: Para vos mandarem para longe da vossa terra, e vos lançarem dela, e para que assim venhais a perecer.

11 Mas aquela gente que submeter a sua cerviz ao jugo do rei de Babilônia, e o servir: Eu a deixarei na sua terra, diz o Senhor: E a cultivará, e habitará nela.

12 E a Sedecias, rei de Judá, tenho falado conforme a tôdas estas palavras, dizendo: Submetei os vossos

donosor. Cfr. *Inscriptions of the reigns of Evil-Merodach*. Este príncipe reinou dois anos. As lápides da coleção Egibi, que contém os documentos relativos ao reinado de Nabucodonosor, dão-nos a conhecer quando começou o reinado de seu filho. O governo dêste começou no mês de Tisri, e foi até ao quinto mês — Ab — do segundo ano, isto é, 560 A. C. em que foi desbaratado por Nergalsur-usur, filho de Bel-sum-iskum. Cfr. *Proceedings of the Society of Biblical Archaeology*, mai 1884. Um dos primeiros atos dêste rei foi dar a liberdade a Jeconias, infeliz rei de Jerusalém, que esteve durante trinta anos preso. 4 Rs 25, 27.28. Foi vítima do descontentamento dos babilônios, que o acusavam de menos respeitador das tradições e lhe exprobravam a intemperança. Foi destronado por seu cunhado Neriglisor, que reinou quatro anos.

E AO FILHO DE SEU FILHO — E' Baltasar. Quando chegarmos ao livro de Daniel teremos ocasião de nos referirmos a este notável personagem que era filho duma filha de Nabucodonosor e de Nabonide.

Jeremias 27, 13-20

pescoços ao jugo do rei de Babilônia, e servi-o a êle, e ao seu povo, e vivereis.

13 Por que causa morrereis tu, e o teu povo à espada e de fome, e de peste, como tem dito o Senhor à gente, que não quiser servir ao rei de Babilônia?

14 Não queirais dar ouvidos às palavras dos profetas que vos dizem: Não servireis ao rei de Babilônia: Porque êles falam a mentira.

15 Porque eu não os enviei, diz o Senhor: E êles profetizam falsamente em meu nome: Para que vos lancem fora, e para que venhais a perecer tanto vós, como os profetas, que vos predizem o futuro.

16 Também falei aos sacerdotes, e a êste povo, dizendo-lhes: Isto diz o Senhor: Não queirais dar ouvidos às palavras dos vossos profetas, que vos profetizam, dizendo: Eis-aí os vasos do Senhor agora cedo voltarão de Babilônia, porque vos profetizam a mentira. (2)

17 Não queirais pois dar-lhe ouvidos, mas servi ao rei de Babilônia, para que vivaís: Por que há de ficar esta cidade reduzida a uma solidão?

18 E se são profetas e está nêles a palavra do Senhor: Intercedam para com o Senhor dos exércitos, para com os vasos, que ficaram na casa do Senhor, e na casa do rei de Judá, e em Jerusalém, não sejam transferidos a Babilônia.

19 Porque isto diz o Senhor dos exércitos às colunas, e ao mar, e às bases, e aos outros vasos, que ficaram nesta cidade:

20 Que Nabucodonosor, rei de Babilônia, não levou de Jerusalém para Babilônia, quando transportou a Je-

(2) OS VASOS — Fala Jeremias dos móveis e de tudo o que servia para o culto, e sagrado ministério, que transportou Nabucodonosor para Babilônia juntamente com o rei Joaquim.
4 Rs 25, 13.

conias, filho de Joaquim, rei de Judá, e a todos os mag-nates de Judá e de Jerusalém.

21 Porque isto diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel, aos vasos que se deixaram ficar na casa do Senhor, e na casa do rei de Judá, e em Jerusalém:

22 A Babilônia serão transportados, e ali estarão até o dia da sua visita, diz o Senhor, e os farei trazer, e restituir a êste lugar. (3)

CAPÍTULO 28

FALSA PREDIÇÃO DE HANANIAS. JEREMIAS APELA PARA O SUCESSO. CONTINUA HANANIAS EM SUSTENTAR A SUA FALSA PREDIÇÃO. JEREMIAS LHE DECLARA, QUE ELE MORRERÁ NAQUELE MESMO ANO. MORTE DE HANANIAS.

1 E naquele ano no princípio do reinado de Sede-cias, rei de Judá, no quinto mês do seu quarto ano, suce-deu que Hananias, filho de Azur, profeta que era de Ga-baon, me disse na casa do Senhor em presença dos sa-cerdotes, e de todo o povo, as palavras seguintes: (1)

2 Isto diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Eu quebrei o jugo do rei de Babilônia.

3 Depois de passados ainda dois anos completos, também eu farei restituir a êste lugar, todos os vasos da casa do Senhor, que Nabucodonosor, rei de Babilônia, levou dêste lugar, e os transferiu a Babilônia.

(3) **ATÉ AO DIA DA SUA VISITA** — A palavra visita en-tende-se desta sorte: Até ao dia em que Eu os visite, subtraindo-os ao jugo dos caldeus, restituindo-os ao meu templo, o que sucedeu no tempo de Ciro, rei dos persas. 1 Esd 1, 7.11.

ESTE LUGAR — E' no templo.

(1) **GABAON** — Cidade da tribo de Benjamim, perto de Jerusalém.

Jeremias 28, 4-14

4 E eu farei que tornem para êste mesmo lugar Jeconias, filho de Joaquim, rei de Judá, e todos os cativos de Judá, que passaram a Babilônia, diz o Senhor: Porque hei de quebrar o jugo do rei de Babilônia.

5 E o profeta Jeremias respondeu ao profeta Hananias aos olhos dos sacerdotes e aos olhos de todo o povo, que estava na casa do Senhor:

6 E disse o profeta Jeremias: Amém, assim o faça o Senhor: Vivifique o Senhor as tuas palavras, que profetizaste: Que sejam restituídos os vasos à casa do Senhor, e todo o cativo de Babilônia a êste lugar.

7 Porém ouve tu esta palavra, que eu falo aos teus ouvidos, e aos ouvidos de todo o povo.

8 Os profetas, que foram primeiro que eu, e antes que tu desde o princípio, profetizaram também êles a muitas terras, e a grandes reinos, acêrca de guerra, e de desolação, e de fome.

9 O profeta que profetizou paz: Quando se cumprir a sua palavra, se saberá que é profeta, que na verdade enviou o Senhor.

10 E tirou o profeta Hananias a cadeia do pescoço do profeta Jeremias, e a quebrou.

11 E falou Hananias em presença de todo o povo, dizendo: Isto diz o Senhor: Assim quebrarei eu o jugo de Nabucodonosor, rei de Babilônia, depois de dois anos de dias, tirando-o de cima da cerviz de tôdas as gentes.

12 E o profeta Jeremias se foi seu caminho. E foi dirigida a palavra do Senhor a Jeremias, depois que Hananias profeta quebrou a cadeia do pescoço do profeta Jeremias, a qual dizia:

13 Vai, e dirás a Hananias: Isto diz o Senhor: Quebraste umas cadeias de madeira: Mas em vez delas farás cadeias de ferro.

14 Porque isto diz o Senhor dos exércitos, o Deus

de Israel: Eu tenho pôsto um jugo de ferro sôbre o pescoço de tôdas estas gentes, para que sirvam a Nabucodonosor, rei de Babilônia, e na realidade o servirão: Além disto tenho dado até as alimárias do campo.

15 E o profeta Jeremias disse ao profeta Hananias: Ouve, Hananias: O Senhor não te enviou, e tu tens feito que êste povo tenha pôsto a sua confiança numa mentira.

16 Portanto isto diz o Senhor: Eis-aqui estou eu que te exterminarei da face da terra: Êste ano morrerás: Porque falaste contra o Senhor.

17 E o profeta Hananias morreu àquele ano, no sétimo mês.

CAPÍTULO 29

CARTA DE JEREMIAS AOS CATIVOS DE BABILÔNIA. PROMESSA DA SUA TORNADA. AMEAÇAS CONTRA ACAB E SEDECIA, FALSOS PROFETAS. CARTA DE SEMEIAS A SOFONIAS CONTRA JEREMIAS. AMEAÇAS CONTRA SEMEIAS.

1 E estas são as palavras da carta, que o profeta Jeremias enviou de Jerusalém aos que ficaram dos anciãos do cativeiro, e aos sacerdotes, e aos profetas, e a todo o povo, que Nabucodonosor havia feito passar de Jerusalém a Babilônia: (1)

2 Depois que o rei Jeconias, e a senhora, e os eunucos, e os príncipes de Judá, e os de Jerusalém, e os artífices, e os cravadores saíram de Jerusalém: (2)

(1) CARTA — No original hebraico está — escritura — e por isso S. Jerônimo verteu — carta.

(2) E A SENHORA — Quer dizer a rainha, que se crê era a mãe de Jeconias, chamada Noesta. 4 Rs 24, 12.

EUNUCOS — No Oriente dava-se êste nome aos familiares do palácio, que faziam serviço nos aposentos das mulheres, ainda que não fossem realmente eunucos. São colocados em lugar principal porque tinham na côrte posição primacial.

3 Por mão de Elasa, filho de Safan, e de Gamarias, filho de Helcias, os quais enviou Sedecias, rei de Judá, a Babilônia, a Nabucodonosor, rei de Babilônia, dizendo: (3)

4 Isto diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel. a todos os do cativeiro que fiz transportar de Jerusalém a Babilônia:

5 Edificai casas, e habitai-as: E plantai enxidos, e comei os seus frutos.

6 Tomai mulheres, e geraí filhos e filhas: E dai a vossos filhos mulheres, e dai maridos a vossas filhas, e criem filhos e filhas: e multiplicai-vos aí e não queirais ser poucos em número.

7 E buscai a paz da cidade, para a qual vos fiz transferir: E orai por ela ao Senhor: Porque na sua paz tereis vós a vossa. (4)

8 Porque isto diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Não vos seduzam os vossos profetas, que estão no meio de vós, nem os vossos adivinhos: E não façais caso dos vossos sonhos, que vós sonhais:

9 Porque eles vos profetizam falsamente em meu nome: E eu não os enviei, diz o Senhor.

10 Porque isto diz o Senhor: Quando se começarem a cumprir os setenta anos em Babilônia, eu vos visitarei: E renovarei a minha palavra favorável sobre vós, para vos fazer voltar a este lugar.

11 Porque eu sei os pensamentos, que eu tenho acêr-

(3) **ELASA E GAMARIAS** — São personagens desconhecidos.

(4) **E BUSCAI A PAZ DA CIDADE** — Daqui se conhecerá quanto é o interesse que Deus quer que consideremos na sujeição, e obediência aos príncipes do século, ainda quando fôsem tão ímpios e cruéis, como um Nabucodonosor. — S. Jerônimo.

ca de vós, diz o Senhor, pensamentos de paz, e não de aflição, para vos dar o fim e a paciência.

12 E me invocareis a mim, e ireis: E me rogareis a mim, e eu vos atenderei.

13 Vós me buscareis, e vós me achareis: Quando me buscardes de todo o vosso coração.

14 E serei achado de vós, diz o Senhor: E farei voltar os vossos cativos, e recolher-vos-ei de tôdas as gentes, e de todos os lugares, para onde vos lancei, diz o Senhor: E far-vos-ei voltar do lugar para onde vos fiz transmigrar.

15 Porque vós dissestes: O Senhor nos suscitou profetas em Babilônia.

16 Porque isto diz o Senhor ao rei, que está assentado sôbre o trono de Davi, e a todo o povo que habita nesta cidade, aos vossos irmãos, que não saíram convosco para o cativeiro. (5)

17 Isto diz o Senhor dos exércitos: Eis-aqui estou eu que enviarei contra êles a espada, e a fome, e a peste, e os tratarei como figos maus, que se não podem comer, porque são muito maus.

18 E persegui-los-ei com a espada, e com a fome, e com a peste: E os entregarei para a vexação a todos os reinos da terra: Para maldição, e para espanto, e para escárnio, e para opróbrio a tôdas as gentes, para as quais eu os tiver lançado:

19 Pelo motivo de que não escutaram as minhas palavras, diz o Senhor: As quais eu lhes dirigi a êles pelos profetas meus servos, levantando-me de noite, e enviando-lhos: E vós não ouvistes, diz o Senhor.

20 Vós, pois, ouvi a palavra do Senhor, todos os do cativeiro, que enviei de Jerusalém a Babilônia.

(5) **AO REI, QUE ESTÁ ASSENTADO SOBRE O TRONO DE DAVI** — A Sedecias, rei de Judá e sucessor de Davi.

21 Isto diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel, a Acab, filho de Golias, e a Sedecias, filho de Maasias, que vos profetizam falsamente em meu nome: Eis-aqui estou eu que os entregarei nas mãos de Nabucodonosor, rei de Babilônia: E ele os fará matar diante dos vossos olhos.

22 E em todo o cativo de Judá em Babilônia, tomará deles certa maneira de maldição, dizendo: O Senhor se haja contigo, como ele se houve com Sedecias, e com Acab, que o rei de Babilônia fêz frigar no fogo: (6)

23 Por causa de terem feito loucuras em Israel, e adulteraram com as mulheres de seus amigos, e falaram falsamente em meu nome, palavras que eu lhes não tinha mandado dizer: Eu mesmo sou o juiz e a testemunha, diz o Senhor.

24 E a Semeias Neelamites dirás:

25 Isto diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Porquanto enviaste cartas em teu nome a todo o povo, que está em Jerusalém, e a Sofonias, filho de Maasias, sacerdote, e a todos os sacerdotes, dizendo:

26 O Senhor te constituiu sacerdote em lugar de Jojada sacerdote, a fim de que tu sejas chefe na casa do Senhor, para reprimir a todo o varão fanático e que profetiza, para que o metas em um cepo e no cárcere.

27 Por que não repreendeste tu pois agora a Jeremias de Anatot, que vos profetiza?

28 Porque acerca disto nos enviou a nós a Babilônia, dizendo: Coisa dilatada é: Edificai casas, e habitai-as: E plantai enxidos, e comei os seus frutos.

29 Leu pois o sacerdote Sofonias esta carta aos ouvidos do profeta Jeremias.

(6) **ACAB E SEDECIA**S — Estes dois falsos profetas são apenas mencionados nesta passagem.

30 E foi dirigida a palavra do Senhor a Jeremias, a qual dizia:

31 Envia a dizer a todos os do cativeiro: Isto diz o Senhor a Semeias Neelamites: Porquanto vos profetizou Semeias, e eu o não enviei: E êle fêz que vós confiásseis na mentira:

32 Portanto diz o Senhor: Eis-aqui estou eu que irei com a minha visita sôbre Semeias Neelamites, e sôbre a sua geração: Não haverá dêle varão, que se assente no meio dêste povo, e não verá êle bem que eu faça ao meu povo, diz o Senhor: Porque falou a prevaricação contra o Senhor.

CAPÍTULO 30

TORNADA DE ISRAEL E DE JUDÁ. DIA TERRÍVEL QUE A PRECEDERÁ. AS DUAS CASAS DE ISRAEL E DE JUDÁ SERVIRÃO AO SENHOR, E A DAVI SEU REI. O SENHOR PERDERÁ OS INIMIGOS DO SEU POVO.

1 Esta é a palavra, que foi dirigida pelo Senhor a Jeremias, a qual dizia:

2 Isto profere o Senhor Deus de Israel, dizendo: Escreve tu em um livro tôdas as palavras que eu te tenho dito. (1)

3 Porque eis-aí vêm os dias, diz o Senhor: E farei que voltem os que hão de voltar do meu povo de Israel e de Judá, diz o Senhor: E fá-los-ei voltar à terra, que dei a seus pais: E êles a possuirão.

(1) **AS PALAVRAS QUE EU** — O Senhor havia ordenado isto mesmo a Jeremias no ano quarto do reinado de Joaquim. Jer 36, 1. 2. O livro que escreveu em virtude desta ordem foi quemado, mandando-o aquêlre rei. Jeremias escreveu depois outro mais extenso, Ibid. 23, 31. Já é a terceira vez que se lhe intima esta ordem.

Jeremias 30, 4-10

4 E estas são as palavras que o Senhor disse a Israel e a Judá:

5 Porquanto isto diz o Senhor: Nós ouvimos uma voz de terror: Tudo é espanto, e não há paz.

6 Perguntai, e vêde se pare o varão: Pois por que tenho eu visto a mão de todo o varão sobre o seu lombo como a que está de parto, e se lhe têm tornado as caras de todos êles em amarelidão?

7 Ai, que é grande aquêlê dia, nem êle tem semelhante: E tempo é de tribulação para Jacó, mas dêle será livre.

8 E acontecerá isto naquele dia, diz o Senhor dos exércitos: Quebrarei o jugo dêle do teu pescoço, e rompereí as suas prisões, e não o dominarão mais os estranhos: (2)

9 Mas servirão ao Senhor seu Deus, e a Davi seu rei, que eu lhes suscitarei.

10 Tu pois, servo meu Jacó, não temas, diz o Senhor, nem te espantes Israel: Porque eis-aí está que eu te salvarei desta terra longínqua, e tirarei aos teus des-

(2) **E NÃO O DOMINARÃO** — Destas últimas palavras se vê que ainda que tudo o que se diz neste capítulo pode ser em certo modo uma profecia acêrca da liberdade dos judeus, diz contudo respeito principalmente à redenção do gênero humano por Jesus Cristo, porque se sabe que depois dêste tempo, foram dominados os judeus pelos antfocos e últimamente pelos romanos, e depois do cativeiro não tiveram rei senão tetrarcas, ou governadores, que estiveram sempre sujeitos ao domínio de outros, muito menos um rei, a quem o profeta chama Davi, nome que na Sagrada Escritura, depois do filho de Isai, a nenhum se lê que se applicasse senão ao Messias figurado por Davi. A reunião da casa de Israel e de Judá não se fez senão por Cristo nos dias do seu Evangelho; e ainda esta não se cumprirá de todo, senão depois de se converterem a êle todos os judeus no tempo futuro, segundo o vaticínio do Apóstolo. Rom 11.

cendentes da terra do seu cativeiro: E voltará Jacó, e repousará, e abundará em todos os bens, e não haverá de quem se tema:

11 Porquê eu sou contigo para te salvar, diz o Senhor: Eu destruirei pois tôdas as gentes, para entre as quais eu te arrojêi disperso: A ti porém eu te não perderei inteiramente: Mas castigar-te-ei com equidade, para que tu te não tenhas por inocente.

12 Porque isto diz o Senhor: Incurável é a tua fratura, maligníssima a tua chaga:

13 Não há quem faça juízo dela para ligá-la: Os remédios são inúteis para ti.

14 Todos os que te amavam, se esqueceram de ti, e não te buscarão: Porque te tenho ferido de ferida de inimigo com cruel castigo: Pela multidão das tuas maldades se têm endurecido os teus pecados.

15 Por que gritas sôbre o teu tormento? Incurável é a tua dor: Pela multidão das tuas maldades, e pela obstinação dos teus pecados te fiz isto.

16 Por cuja causa todos aquêles que te comem, serão devorados: E todos os teus inimigos serão levados para o cativeiro: E os que destroem, serão destruídos, e eu entregarei ao saque todos os que te saqueiam. (3)

17 Porque eu fecharei a cicatriz da tua chaga, e te curarei das tuas feridas, diz o Senhor. Porquanto êles te chamaram, ó Sião, a repudiada: Esta é a que não tinha quem a buscase.

18 Isto diz o Senhor: Eis-aí farei eu voltar os ca-

(3) **POR CUJA CAUSA TODOS AQUELES QUE TE COMEM, SERÃO DEVORADOS** — Os caldeus inimigos dos judeus serão vencidos, e saqueados pelos medos e persas. E então achará Sião quem a busque, o que se cumpriu sob Zorobabel. — S. Jerônimo.

Jeremias 30, 19-23

tivos que habitavam nas tendas de Jacó, e terei compaixão das suas casas, e a cidade será edificada na sua altura, e o templo será fundado, segundo a sua dignidade. (4)

19 E sairá dêles o louvor, e a voz de júbilo: E os multiplicarei, e não serão diminuídos: E os glorificarei, e não serão atenuados.

20 E os seus filhos serão como eram desde o princípio, e a sua congregação permanecerá diante de mim: E irei com a minha visita contra todos os que o atribulam. (5)

21 E dêle será o seu chefe: E o seu príncipe sairá do meio dêle: E o aplacarei, e êle se chegará a mim: Quem é pois aquêlê que aplique o seu coração para chegar-se a mim? diz o Senhor. (6)

22 E vós sereis o meu povo, e eu serei o vosso Deus.

23 Eis-aí o redemoinho do Senhor, e seu furor im-

(4) **E A CIDADE SERA EDIFICADA NA SUA ALTURA** — Isto que no sentido literal se verificou em tempo de Zorobabel, de Esdras, quando os judeus vieram de Babilônia reedificar a cidade de Jerusalém, e o seu templo, teve no sentido figurado o seu mais perfeito cumprimento em Cristo e nos Apóstolos, quando se fundou a Igreja comparada no Evangelho a uma cidade posta sobre um monte. — S. Jerônimo.

(5) **E OS SEUS FILHOS SERÃO COMO ERAM DESDE O PRINCÍPIO** — Os Apóstolos serão como eram no princípio Abraão, Isaac e Jacó, isto é, príncipes do povo israelítico. — S. Jerônimo.

(6) **E DELE SERÁ O SEU CHEFE** — Não há dúvida que êste capitão precedido de Jacó, e êste príncipe segundo a carne, precedido de Israel, é o Senhor, e Salvador Jesus Cristo. O Senhor o applicou a si, e êle se chegou ao Senhor, para como filho dizer: Eu estou no Pai, e o Pai está em mim. (Jo 14, 11). Porque ninguém pode assim aplicar o seu coração a Deus, nem ser-lhe assim conjunto, como o Filho o é ao Pai. — S. Jerônimo.

petuoso, a sua tempestade a ponto de romper, vai a descansar sôbre a cabeça dos ímpios.

24 O Senhor não apartará a ira da sua indignação, menos, que êle não tenha executado, e cumprido todos os desígnios de seu coração: No último dos dias entenderéis estas coisas.

CAPÍTULO 31

RESTABELECIMENTO DA CASA DE ISRAEL REUNIDA A DE JACÓ. EFRAIM RECONHECE A SUA INIQUIDADE. DEUS O OLHA COM MISERICÓRDIA. PRODÍGIO DO NASCIMENTO DO MESSIAS. CONCERTO. JERUSALÉM REEDIFICADA.

1 Naquele tempo, diz o Senhor: Eu serei o Deus de tôdas as famílias de Israel, e êles inesimos serão o meu povo.

2 Isto diz o Senhor: O povo, que tinha escapado da espada, achou graça no deserto: Israel irá para o seu descanso.

3 De longe se me deixou ver o Senhor. E com amor eterno te amei, por isso compadecido de ti, te atraí a mim. (1)

4 E de novo te edificarei, e serás edificada, virgem de Israel: Ainda serás adornada dos teus atabales, e sairás acompanhada dos coros dos que dançam.

5 Ainda plantarás vinhas nos montes de Samaria: Plantarão os plantadores, e enquanto não chegar o tempo, não vindimarão: (2)

(1) **SE ME DEIXOU VER O SENHOR** — O que se segue é como um diálogo entre Deus e a sinagoga: o Senhor se me mostrou propício, diz a sinagoga, quando me tirou do Egito, me guiou pelo deserto, e me deu a possessão da terra prometida; porém agora parece se tem esquecido de mim, e que inteiramente me tem abandonado em poder dos assírios e dos babilônios.

(2) **NOS MONTES DE SAMARIA** — Assim se verificou,

Jeremias 31, 6-12

6 Porque virá um dia, em que os guardas gritarão no monte de Efraim: Levantai-vos e subamos a Sião ao Senhor nosso Deus.

7 Porque isto diz o Senhor: Regozijai-vos com júbilo por amor de Jacó, e dai relinchos à frente das gentes: Fazei ressoar tudo, e cantai, e dizei: Salva, Senhor, ao teu povo, as relíquias de Israel.

8 Eis-aqui estou eu que os trarei da terra do Aquilão, e os congregarei das extremidades da terra; o cego e o coxo, a mulher prenhe e a de parto estarão entre eles de companhia, sendo este um grande tropel dos que tornarem para aqui.

9 Com choro virão: Mas com misericórdia os tornarei a trazer: E os trarei por arroios de águas em caminho direito, e não tropeçarão nêle: Porque eu estou feito pai de Israel, e Efraim é o meu primogênito. (3)

10 Ouvi, gentes, a palavra do Senhor, e anunciai-a às Ilhas, que estão ao longe, e dizei: O que espalhou a Israel o congregará: E guardá-lo-á como pastor ao seu rebanho.

11 Porque o Senhor remiu a Jacó, e o livrou da mão do mais poderoso.

12 E virão, e darão louvor no monte de Sião: E correrão aos bens do Senhor, ao trigo, e ao vinho, e ao azeite, e às crias das ovelhas e das vacas: E será a alma dêles como enxido de regadio e não terão mais fome.

quando voltaram da Caldéia, porquanto se incorporaram à Judéia algumas cidades do reino de Samaria. E em outro sentido se significa a conversão dos samaritanos pela pregação dos Apóstolos: E nestas vinhas as Igrejas que ali plantaram, e os muitos que se converteram à fé de Jesus Cristo. Jo 4, 41. At 8, 14. As dez tribos, que levaram cativas os assírios, nunca mais voltaram a Samaria.

(3) **MEU PRIMOGÊNITO** — Isto é, o meu bem amado. Efraim e Israel representam aqui o reino das dez tribos.

13 Então se alegrará a virgem na dança, os mancebos e os velhos juntamente: E trocarei o seu pranto em gozo, e os consolarei, e regozijarei passada a sua dor.

14 E embriagarei de gordura a alma dos sacerdotes: E o meu povo será cheio dos meus bens, diz o Senhor.

15 Isto diz o Senhor: Foi ouvida no alto uma voz da lamentação, do pranto, e do choro de Raquel, que chorava seus filhos, e não queria ser consolada acêrca dêles, porque não existiam. (4)

16 Isto diz o Senhor: Cesse já do choro a tua voz, e de verterem lágrimas os teus olhos: Porque recompensa há para a tua obra, diz o Senhor: E êles voltarão da terra do inimigo.

17 As tuas esperanças enfim serão cumpridas, diz o Senhor: E voltarão teus filhos para os seus limites.

18 Tenho ouvido atentamente a Efraim, quando ia para o cativoiro, dizendo: Castigaste-me, e tenho sido ensinado, como novilho ainda não domado: Converte-me, e converter-me-ei: Porque tu és o Senhor meu Deus. (5)

(4) **QUE CHORAVA SEUS FILHOS** — Raquel era a avó de Efraim, por isso o hagiógrafo a representa chorando a sorte dos filhos de Efraim. S. Mateus no lugar acima apontado nos certifica, que esta profecia se cumpriu na morte dos Santos Inocentes de Belém, que Heródes mandou matar, por ver se envolvia nêles ao Menino Deus. E a conveniência do vaticínio está em que Raquel, como se lê no Gênesis, morreu junto a Belém, e ali estava enterrada. Cfr. Mt 2, 18.

(5) **TENHO OUVIDO ATENTAMENTE** — Efraim toma-se aqui, e em todo êste capítulo, como também noutros lugares da Escritura, por tôdas as dez tribos que constituíam o Reino de Israel: por causa de que o rei Jeroboão, em cujo tempo elas se separaram de Judá e de Benjamim, era da tribo de Efraim. — S. Jerônimo.

19 Porque depois que me converteste, fiz penitência: E depois que me abriste os olhos, feri a minha coxa. Eu fiquei confuso, e me envergonhei, porque suprotei o opróbrio da minha mocidade. (6)

20 Efraim verdadeiramente é para mim filho honrado, sim filho da minha ternura: Pois desde que falei dêle, ainda me lembrarei dêle. Por isso se comoveram as minhas entranhas por êle: Compadecido eu terei misericórdia dêle, diz o Senhor.

21 Faze-te uma atalaia, põe diante de ti amarguras: Dirige o teu coração ao caminho direito, em que andaste: Volta, virgem de Israel, volta a essas tuas cidades.

22 Até quando te debilitarão as delícias, filha vagabunda? porque o Senhor criou um novo prodígio sobre a terra: Uma mulher cercará a um varão. (7)

23 Isto diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Ainda dirão esta palavra na terra de Judá, e nas suas cidades, quando eu tiver feito voltar os cativos dêles: O Senhor te abençoe, ó formosura da justiça, ó monte santo!

24 E habitarão nêle Judá, e tôdas as suas cidades juntamente: Os lavradores e os que pastoreiam os rebanhos.

25 Porque eu embriaguei a alma frouxa, e fartei a tôda a alma faminta.

(6) **FERI A MINHA COXA** — Costume familiar entre os antigos, quando padeciam alguma grande dor, ou se lhes anunciava algum triste successo. Ez 21, 12. Assim o fez Aquilles, quando viu queimadas as naus dos gregos, na *Ilíada* de Homero. Assim Ciro, na morte de Abradato, segundo refere Xenofonte. — Calmet.

(7) **UM NOVO PRODÍGIO** — Que consiste em que uma mulher dará à luz não um filho vulgar, pequeno e fraco, mas um varão perfeito — *virum*; isto é, segundo entendem os Padres da Igreja, e mesmo alguns comentadores judaicos o Messias.

26 Por isso eu espertei como dum sono: E vi, e o meu sono foi doce para mim.

27 Eis-aí vêm os dias, diz o Senhor: E eu semearei a casa de Israel e a casa de Judá de semente de homens, e de semente de animais.

28 E assim como vigiei sobre eles para desarraigar, e demolir, e dissipar, e arruinar, e afligir: Do mesmo modo vigiarei sobre eles para edificar, e plantar, diz o Senhor.

29 Naqueles dias não dirão mais: Os pais comeram as uvas em agrão, e os dentes dos filhos são os que ficaram botos.

30 Mas cada um morrerá na sua iniquidade: Todo o homem, que comer uvas em agrão, a esse é que lhe ficarão botos os dentes.

31 Eis-aí, virão os dias, diz o Senhor: E farei nova aliança com a casa de Israel, e com a casa de Judá:

32 Não segundo o pacto, que eu fiz com seus pais no dia em que eu os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito: Pacto, que eles invalidaram, e eu mostrei o meu poder sobre eles, diz o Senhor.

33 Mas esta será a aliança, que farei com a casa de Israel: Depois daqueles dias, diz o Senhor: Impri-mirei a minha lei nas suas entranhas, e a escreverei nos seus corações: E eu lhes serei o seu Deus, e eles me serão o meu povo.

34 E não ensinará daí em diante varão ao seu próximo, nem varão ao seu irmão, dizendo: Conhece ao Senhor: Porque todos me conhecerão desde o mais pequeno deles até ao maior, diz o Senhor: Porque perdoarei a maldade deles, e não me lembrarei mais do seu pecado.

35 Isto diz o Senhor, que dá o sol para a luz do dia, a ordem da lua e das estrelas para a luz da noite:

Jeremias 31, 36-40

O que turba o mar, e logo soam as suas ondas, o Senhor dos exércitos é o seu nome.

36 Se faltarem estas leis diante de mim, diz o Senhor: Então faltará também a linhagem de Israel, para que não haja gente diante de mim todos os dias.

37 Isto diz o Senhor: Se puderem ser medidos os céus para cima, e sondarem-se os fundamentos da terra para baixo: Eu também abandonarei a toda a linhagem de Israel por todas as coisas que fizeram, diz o Senhor:

38 Eis-aí vêm os dias, diz o Senhor: E será edificada pelo Senhor a cidade desde a torre de Hananeel até à porta do ângulo. (8)

39 E estender-se-á mais adiante o cordeiro da medida à sua vista sobre o outeiro de Gareb: E dará volta a Goata, (9)

40 e a todo o vale dos cadáveres, e da cinza, e a

(8) **TORRE DE HANANEEL** — Ficava provavelmente entre o ângulo nordeste e noroeste dos muros de Jerusalém.

PORTA DO ÂNGULO — Ficava no ângulo do muro setentrional e do ocidental.

(9) **E DARÁ VOLTA A GOATA** — Tanto Gareb como Goata, e os mais lugares que aqui se mencionam, são hoje uns lugares desconhecidos, ainda que pelo contexto se colha bastantemente que todos eles eram nos arredores de Jerusalém. Alguns supõem que Goata, que no hebreu se pode também pronunciar Gogata, é o mesmo que Gólgota, ou o Calvário, que com efeito se compreendia no circuito da nova Jerusalém, reedificada por Adriano debaixo do nome de Elia. Nestes termos esta descrição, que parece poder convir à antiga Jerusalém reedificada pelos judeus antes da vinda de Cristo, pareceria aplicável a esta nova cidade reedificada por Adriano. Mas num sentido mais elevado, este restabelecimento de Jerusalém representa o estabelecimento da Igreja de Cristo, no circuito da qual entraram os que antes estavam dela separados, e só à qual pertence a perpetuidade prometida no fim do capítulo. (Cfr. Glaire, *La Sainte Bible*, edição de 1902).

tôda a região da morte, até à torrente de Cedron, e até ao ângulo da porta dos cavalos, que está ao Oriente, o Santuário do Senhor: Não será arrancado êle, nem destruído dali por diante para sempre. (10)

CAPÍTULO 32

JEREMIAS COMPRA UM CAMPO, E FAZ CONSERVAR A ESCRITURA DESTA COMPRA EM SINAL DO RESTABELECIMENTO DE JUDÁ. SUA ORAÇÃO AO SENHOR.

1 Palavra que pelo Senhor foi dirigida a Jeremias no décimo ano de Sedecias, rei de Judá: Êste é o ano décimo oitavo de Nabucodonosor. (1)

2 Cercava então o exército do rei de Babilônia a Jerusalém: E o profeta Jeremias estava recluso no átrio do cárcere, que havia na casa do rei de Judá.

3 Porque Sedecias, rei de Judá, o havia encerrado, dizendo: Por que vaticinas, dizendo: Isto diz o Senhor: Eis-aqui estou eu que entregarei esta cidade nas mãos do rei de Babilônia, e êle a tomará?

4 E Sedecias, rei de Judá, não escapará da mão dos caldeus: Mas será entregue nas mãos do rei de Babilônia: E falará com êle bôca a bôca, e os seus olhos verão os olhos dêle.

5 E levará a Sedecias para Babilônia: E ali estará até que eu o visite, diz o Senhor: E se pelejardes contra os caldeus, não tereis bom successo.

(10) **VALE DOS CADAVERES E DA CINZA.** — Era o vale de Enon, para onde se lançavam os cadáveres e as cinzas do altar dos sacrificios.

(1) **NO DÉCIMO ANO** — Sofria já a cidade de Jerusalém um ano de assédio, porque foi sitiada pelo exército vitorioso dos caldeus no ano nono de Sedecias. 4 Rs 25, 1. Devia ser pelo ano 588 A. C.

Jeremias 32, 6-14

6 E disse Jeremias: Foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

7 Eis-aí está que teu primo Hanameel, filho de Selum, virá a ti, dizendo: Compra para ti o meu campo, que está em Anatot: Porque te compete a ti o comprá-lo por sêres o mais próximo parente.

8 E veio ter comigo Hanameel, filho de meu tio paterno, conforme a palavra do Senhor, ao pátio do cárcere, e me disse: Apossa-te do meu campo, que está em Anatot, em terra de Benjamim: Porque a ti te compete a herança, e tu és o parente mais cliegado para possuí-la. E eu entendi que era palavra do Senhor.

9 E comprei o campo a Hanameel, filho de meu tio paterno, que está em Anatot: E lhe pesei por êle em prata sete estateres, e dez siclos também de prata. (2)

10 E fiz uma escritura, e assinei-a, e chamei testemunhas: E pus o dinheiro em uma balança.

11 E tomei a escritura de aquisição, firmada, e as estipulações do contrato, e a ratificação dêle, com os selos por fora.

12 E dei a escritura de aquisição a Baruc, filho de Neri, filho de Maasias, à vista de Hanameel, meu primo, à vista das testemunhas, que se haviam assinado na escritura de compra, e à vista de todos os judeus, que estavam assentados no átrio do cárcere.

13 E dei ordem a Baruc diante dêles, dizendo:

14 Isto diz o Sênhor dos exércitos, o Deus de Israel: Toma estas escrituras, esta escritura de compra cerrada, e esta outra escritura, que está aberta: E metê-as numa vasilha de barro, para que se possam conservar muitos dias.

(2) **SETE ESTATERES** — Correspondem a 17 siclos de prata. Cada siclo valia 320 réis aproximadamente.

15 Porque eis-aqui o que diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Ainda se comprarão casas e campos, e vinhas nesta terra.

16 E roguei ao Senhor, depois que entreguei a escriptura de aquisição a Baruc, filho de Neri, dizendo:

17 Ah! ah! ah! Senhor Deus: Eis-aí está que tu fizeste o céu e a terra com o teu grande poder, e com o teu braço estendido: Não haverá coisa alguma que seja difícil para ti:

18 Que fazes misericórdia em milhares, e tornas a iniquidade dos pais ao seio de seus filhos depois dêles: O' fortíssimo, grande e poderoso, o Senhor dos exércitos é o teu nome.

19 Grande em conselho, e incompreensível no pensamento, cujos olhos estão abertos sôbre todos os caminhos dos filhos de Adão, para retribuíres a cada um segundo os seus caminhos, e segundo o fruto das invenções do seu capricho.

20 Que fizeste sinais e portentos na terra do Egito até o dia de hoje, e em Israel, e entre os homens, e te fizeste um nome qual tu tens neste dia.

21 E tiraste o teu povo de Israel da terra do Egito com sinais e com portentos, e com uma mão forte, e com um braço estendido e com terror.

22 E lhes deste esta terra, como o juraste aos pais dêles, que lhes darías uma terra, que manasse leite e mel.

23 E entraram, e tomaram posse dela: E não obedeceram à tua voz, nem andaram na tua lei, não cumpriram nada de quanto lhes mandaste que fizessem: E lhes aconteceram todos êstes males.

24 Eis-aí levantadas estão as máquinas contra a cidade para ser tomada: E a cidade tem sido entregue nas mãos dos caldeus, que combatem contra ela à vista

Jeremias 32, 25-33

da espada, e da fome, e da peste: E quanto falaste tudo aconteceu, como tu mesmo o estás presenciando.

25 E tu, Senhor Deus, me dizes: Compra o campo por dinheiro, e toma testemunhas: havendo sido a cidade entregue nas mãos dos caldeus.

26 E foi dirigida a palavra do Senhor a Jeremias, a qual dizia:

27 Eis-aqui estou eu que sou o Senhor Deus de toda a carne: Haverá pois alguma coisa que seja difícil para mim?

28 Portanto, isto diz o Senhor: Eis-aqui estou eu que entregarei esta cidade nas mãos dos caldeus, e nas mãos do rei de Babilônia, e eles a tomarão.

29 E virão os caldeus a pelejar contra esta cidade, e lhe porão fogo, e a queimarão, e as casas, em cujos terraços sacrificavam a Baal, e ofereciam a deuses estranhos libações para me irritarem:

30 Porque os filhos de Israel, e os filhos de Judá estavam fazendo incessantemente o mal diante dos meus olhos desde a sua mocidade: Os filhos de Israel que até agora me irritam com as obras das suas mãos, diz o Senhor.

31 Porque esta cidade se me tem feito objeto do meu furor e da minha indignação, desde o dia em que a edificaram, até este dia em que será tirada da minha presença.

32 Pela maldade dos filhos de Israel, e dos filhos de Judá, que fizeram, provocando-me a ira, eles mesmos e os seus reis, e os seus príncipes, e os seus sacerdotes, e os seus profetas, os varões de Judá e os moradores de Jerusalém.

33 E voltaram-me as costas e não o rosto: Quan-

do os ensinava de madrugada, e os corrigia, e não queriam ouvir para receberem a admoestação. (3)

34 E puseram os seus ídolos na casa em que o meu nome foi invocado, para o profanarem.

35 E edificaram a Baal os altares que estão no vale do filho de Enom para fazerem sacrifícios de seus filhos e de suas filhas a Moloc: O que eu lhes não mandei, nem subiu ao meu coração que fizessem esta abominação, nem induzissem o pecado a Judá. (4)

36 E agora por amor disto, assim diz o Senhor Deus de Israel a esta cidade, da qual vós dizeis que será entregue nas mãos do rei de Babilônia à espada, e à fome, e à peste.

37 Eis-aqui estou eu que os congregarei de todas as terras, para onde os lancei no meu furor, e na minha ira, e na minha grande indignação: E os trarei a êste lugar, e farei que habitem nêle sem temor.

38 E serão para mim o meu povo, e eu serei para êles o seu Deus.

39 E dar-lhes-ei um coração, e um caminho, para que me tenham todos os dias: E lhes vá bem a êles, e a seus filhos depois dêles.

40 E farei com êles uma aliança sempiterna, e não deixarei de fazer-lhes bem: E porei o meu temor no coração dêles, para que se não apartem de mim.

41 E alegrar-me-ei sôbre êles, quando lhes fizer bem a êles: E plantá-los-ei nesta terra em verdade, com todo o meu coração, e com tôda a minha alma. (5)

(3) **DE MADRUGADA** — Hebraísmo, que significa um grande zelo.

(4) **OS ALTARES QUE ESTÃO** — Veja-se em confirmação disto o que se disse acima, cap. 7, 31.32, e 19, 2.

(5) **E PLANTA-LOS-EI NESTA TERRA EM VERDADE** — No hebreu está: "Por uma maneira firme, estável".

42 Porque isto diz o Senhor: Assim como fiz vir sobre êste povo todo êste grande mal, assim farei vir sobre êles todo o bem, que eu lhes anuncio.

43 E serão possuídos os campos nesta terra: Da qual vós dizeis que está tôda deserta, por não ter ficado nela nem homem, nem animal, e porque ela foi entregue nas mãos dos caldeus.

44 Os campos serão comprados por dinheiro, e registrados em escritura, e pôr-se-lhes-á o sêlo, e tomar-se-ão testemunhas: Na terra de Benjamim, e nos contornos de Jerusalém, nas cidades de Judá, e nas cidades das montanhas, e nas cidades das planícies, nas cidades que estão ao meio-dia: Porque farei voltar os cativos dêles, diz o Senhor. (6)

CAPÍTULO 33

PROMESSAS DA TORNADA DE JUDÁ, E RESTABELECIMENTO DE JERUSALÉM. NOVO GÊRMEN DA GERAÇÃO DE DAVI. PACTO DO SENHOR COM AS SUAS PROSAPIAS, REAL, E SACERDOTAL. PROMESSAS A FAVOR DE JACÓ, E DE DAVI.

1 E foi dirigida a palavra do Senhor a Jeremias segunda vez, quando ainda estava recluso no átrio do cárcere, a qual dizia:

2 Isto diz o Senhor, o qual há de fazer, e há de formar, e dispor aquilo que disse; o Senhor é o seu nome.

(6) **CIDADES DAS PLANÍCIES** — E' a planície de Sefela (*Sefelah*) nos países baixos. Ficavam aí as cinco cidades dos filisteus. Crêem alguns encontrar êste mesmo nome na antiga *Hispalis*, *Sevilla*, *Sevilha*, que devem esta denominação aos fenícios, por causa da sua posição na planície de Guadalquivir. Esta planície Sefela era o orgulho dos filisteus pela fertilidade.

3 Clama a mim, e eu te atenderei, e te anunciarei coisas grandes, e firmes que tu não sabes.

4 Porque isto diz o Senhor Deus de Israel às casas desta cidade, e às casas do rei de Judá, que foram destruídas, e às fortificações, e à espada

5 dos que vêm a pelejar contra os caldeus, e a enchê-las de cadáveres de homens, que eu feri no meu furor e na minha indignação, escondendo a minha face desta cidade por causa de toda a maldade deles.

6 Eis-aquí estou eu que fecharei a sua chaga, e lhes darei saúde, os curarei: E lhes mostrarei a paz e a verdade que eles procuram.

7 E farei que voltem os cativos de Judá, e os cativos de Jerusalém: E os restabelecerei, como desde o princípio.

8 E os purificarei de toda a sua iniquidade, em que pecaram contra mim: E perdooarei todas as suas maldades, com que delinqüiram contra mim, e me desprezaram.

9 E me servirá de crédito do meu nome, e de gozo, e de louvor, e de regozijo para com todas as gentes da terra, que ouvirem todos os bens, que eu lhes hei de fazer: E ficarão pasmados, e se assombrarão de todos os bens, e toda a paz, que lhes farei a eles.

10 Isto diz o Senhor: Neste lugar (que vós dizeis que está deserto, porque não há nem homem, nem animal: Nas cidades de Judá, e nas praças de Jerusalém, que estão desamparadas sem homens, e sem habitantes, e sem gado) se ouvirá ainda

11 voz de gozo e voz de alegria, voz de espôso e voz de espôsa, voz dos que digam: Louvai o Senhor dos exércitos, porque bom é o Senhor, porque para sempre é a sua misericórdia: E voz dos que tragam suas oferendas à casa do Senhor: Pois eu farei que torne a vir o cativo da terra como ao princípio, diz o Senhor.

12 Isto diz o Senhor dos exércitos: Neste lugar, que está deserto, sem homens, e sem animais, e em tôdas as suas cidades, haverá ainda choupanas de pastôres que façam repousar os seus rebanhos.

13 Nas cidades das montanhas, e nas cidades das planícies, e nas cidades, que estão ao meio-dia: E na terra de Benjamim, e nos contornos de Jerusalém, e nas cidades de Judá ainda passarão os rebanhos pela mão do que os conte, diz o Senhor.

14 Eis-aí vêm os dias, diz o Senhor: E cumprirei a palavra favorável, que falei à casa de Israel e à casa de Judá.

15 Naqueles dias, e naquele tempo, farei que saia de Davi um gérmen de justiça: E êle fará juízo e justiça na terra. (1)

16 Naqueles dias Judá será salvo, e Jerusalém habitará sem temor: E êste é o nome, que lhe chamarão a êle, o Senhor nosso justo.

17 Porque isto diz o Senhor: Não faltará de Davi varão, que se assente sôbre o trono da casa de Israel. (2)

18 E dos sacerdotes e dos levitas não faltará varão de diante de minha face, que ofereça holocaustos, e acenda o fogo do sacrifício e degole vítimas todos os dias. (3)

(1) **UM GÉRMEN DE JUSTIÇA** — Este gérmen de justiça é o Messias, que a cada passo é chamado pelos profetas gérmen. Is 4, 2; Jer 23, 5; Ez 24, 29. — Calmet.

(2) **NÃO FALTARÁ DE DAVI VARÃO** — Profecia manifesta do reino de Cristo, como a que se segue o é do seu sacerdócio.

(3) **E DOS SACERDOTES** — O sacerdócio dos judeus da estirpe de Aarão estava extinto havia mais de dezoito séculos, pelo que os exegetas entendem que estas promessas se referem ao sacerdócio eterno do Messias, exercido pelo próprio Jesus Cristo e continuado pelos seus ministros na Igreja Católica.

19 E foi dirigida a palavra do Senhor a Jeremias, a qual dizia:

20 Isto diz o Senhor: Se pode ser invalidado o meu concêrto com o dia, e o meu concêrto com a noite, de sorte que não haja dia nem noite a seu tempo:

21 Também poderá ser invalidada a minha aliança com Davi meu servo, de sorte que não haja dêle um filho que reine no seu trono, e levitas, e sacerdotes ministros meus.

22 Assim como as estrêlas do céu não podem ser contadas, nem ser medida a areia do mar: Assim multiplicarei a linhagem de Davi meu servo, e os levitas meus ministros.

23 E foi dirigida a palavra do Senhor a Jeremias, a qual dizia:

24 Não tens visto porventura o que êste povo tem falado, dizendo: Duas famílias, que o Senhor havia escolhido, foram rejeitadas: E têm desprezado ao meu povo, porquânto daqui em diante êles o não terão por uma nação? (4)

25 Isto diz o Senhor: Se não tenho feito o meu concêrto com o dia e com a noite, e não tenho estabelecido leis ao céu e à terra:

26 Tão pouco rejeitarei eu também a linhagem de Jacó e de Davi meu servo, para não tomar da sua geração príncipes da estirpe de Abraão, de Isaac, e de Jacó: Porque farei voltar o cativoiro, e me compadecerei dêles.

(4) **DUAS FAMÍLIAS** — Uma real e outra sacerdotal. Alguns querem os dois reinos de Israel e de Judá.

CAPÍTULO 34

JUIZO DO SENHOR ACERCA DE SEDECIAS. VIOLAÇÃO DA
LEI DO ANO SABÁTICO. VINGANÇAS DO SENHOR CONTRA
A INFIDELIDADE DO SEU POVO.

1 Palavra que foi dirigida pelo Senhor a Jeremias, quando Nabucodonosor, rei de Babilônia, e todo o exército, e todos os reinos da terra, que estavam debaixo do domínio da sua mão, e todos os povos pelejavam contra Jerusalém, e contra tôdas as cidades, a qual dizia: (1)

2 Isto diz o Senhor Deus de Israel: Vai, e fala a Sedecias, rei de Judá: E lhe dirás: Isto diz o Senhor: Eis-aquí estou eu que entregarei esta cidade nas mãos do rei de Babilônia, e êle lhe lançará o fogo.

3 E tu não escaparás da sua mão: Porém serás infalivelmente prêso, e entregue na sua mão: E os teus verão os olhos do rei de Babilônia, e lhe falarás boca a boca, e entrarás em Babilônia.

4 Isto não obstante ouve a palavra do Senhor, ó Sedecias, rei de Judá: Isto te diz a ti o Senhor: Não morrerás à espada,

5 mas morrerás em paz, e conforme as combustões dos reis passados, teus pais, que foram antes que tu, assim te queimarão a ti: E te chorarão, dizendo: Ai! Senhor: Porque tal é a palavra que eu tenho proferido, diz o Senhor.

6 E o profeta Jeremias falou tôdas estas palavras a Sedecias, rei de Judá, em Jerusalém.

7 E o exército do rei de Babilônia combatia a Jerusalém, e a tôdas as cidades de Judá, que restavam, a

(1) **TODAS AS CIDADES** — As cidades dependentes de Jerusalém.

Laquis, e a Azeca: Porque estas eram as cidades fortificadas, que haviam ficado das de Judá. (2)

8 Palavra que foi dirigida pelo Senhor a Jeremias, depois que o rei Sedecias fêz um pacto com todo o povo em Jerusalém, fazendo publicar:

9 Que cada um deixasse livre ao seu servo hebreu, e cada um a sua serva hebréia: E que de nenhum modo tivessem domínio nêles, como judeus que eram e seus irmãos.

10 Pelo que deram ouvidos todos os príncipes e todo o povo, que haviam aceitado o pacto, de deixar livres cada um a seu servo, e cada um a sua serva, e que daí em diante não teriam domínio sôbre êles: Por isso obedeceram, e lhes deram liberdade.

11 Mas depois se arrependeram: E de novo tomaram seus servos e suas servas, que haviam deixado livres, e sujeitaram-nos como a servos e como a servas.

12 E foi dirigida pelo Senhor a palavra do Senhor a Jeremias, a qual dizia:

13 Isto diz o Senhor Deus de Israel: Eu fiz um pacto com vossos pais no dia em que os tirei da terra do Egito, da casa da escravidão, dizendo:

14 Quando se tiverem cumprido sete anos, deixa cada um em liberdade a seu irmão hebreu, que se lhe vendeu, e êle te servirá por seis anos: E tu da tua parte o enviarás livre: E não me ouviram vossos pais, nem inclinaram o seu ouvido.

15 E vós hoje vos haveis convertido, e fizestes o que é reto nos meus olhos, intimando liberdade cada um a seu amigo: E haveis aceitado o pacto em minha pre-

(2) **LAQUIS E AZECA** — Duas cidades da parte meridional de Judá.

Jeremias 34, 16-21

sença na casa em que foi invocado o meu nome sobre ela.

16 Mas vós vos tendes retratado, e maculastes o meu nome: E tornastes a tomar cada um o seu servo, e cada um a sua serva, que havíeis deixado, para que fôsseis livres e senhores de si: E os haveis sujeitado para que sejam vossos servos e servas.

17 Por cuja causa, isto diz o Senhor: Vós não me ouvistes, para intimidardes a liberdade cada um a seu irmão e cada um a seu amigo: Eis-aqui vos intimo eu a liberdade, diz o Senhor, para ir à espada, à peste, e à fome: E vos farei andar errantes por todos os reinos da terra.

18 E êstes homens, que são prevaricadores da minha aliança, e não guardaram as palavras do concêrto, com as quais concordaram na minha presença, eu os farei como o bezerro, que dividiram em duas partes, e passaram pelo meio das suas porções: (3)

19 Os príncipes de Judá, e os príncipes de Jerusalém, os eunucos e os sacerdotes, e todo o povo da terra, os que passaram pelo meio das porções do bezerro.

20 E os entregarei nas mãos de seus inimigos, e nas mãos dos que procuram tirar-lhes a vida: E os seus cadáveres servirão de pasto às aves do céu, e às alimárias da terra.

21 E entregarei a Sedecias, rei de Judá, e aos seus príncipes nas mãos dos seus inimigos, e nas mãos dos que procuram tirar-lhes a vida, e nas mãos dos exércitos do rei de Babilônia, que se retiraram de vós.

(3) **E PASSARAM PELO MEIO** — Dêste costume vimos já outro exemplo no Gên 15, 10. E o que os antigos queriam significar com esta ação era, que se êles violassem o concêrto feito e jurado, queriam que se lhe fizesse como àquela vítima, isto é, que os esquarterassem.

22 Eis-aqui eu o ordeno, diz o Senhor, e os farei voltar a esta cidade, e a combaterão, e a tomarão, e lhe lançarão o fogo: E tornarei em deserto as cidades de Judá, de maneira que não haja habitador.

CAPÍTULO 35

O SENHOR SE SERVE DA FIDELIDADE DOS RECABITAS PARA
CONFUNDIR A INFIDELIDADE DOS HABITANTES DE JUDÁ.

1 Palavra que foi dirigida pelo Senhor a Jeremias, em tempo de Joaquim, filho de Josias, rei de Judá, a qual dizia:

2 Vai à casa dos recabitas: E fala-lhes, e introduzi-los-ás na casa do Senhor, em um dos quartos do tesouro, e lá lhes darás vinho a beber. (1)

3 Então tomei eu a Jezonias, filho de Jeremias, filho de Habsanias, e a seus irmãos, e a todos os seus filhos, e a tôda a casa dos recabitas:

4 E os introduzi na casa do Senhor, no tesouro dos filhos de Hanan, filho de Jegedeias, homem de

(1) **VAI A CASA DOS RECABITAS** — Pelo que se diz no versículo 7, esta que aqui se chama casa, devia ser alguma tenda, que os recabitas tinham em alguma rua, ou em algum pátio de Jerusalém. Sobre os recabitas porém escreveu Calmet uma erudita dissertação, em que mostra que os recabitas eram os mesmos que os cinecos, que a Escritura nomeia em muitas partes. Que ôstes cinecos sendo de origem árabes ou madianitas, se tinham agregado aos hebreus no deserto em tempo de Moisés, e com êles tinham entrado na Terra da Promissão. Que Jonadab, filho de Recab, fôra o primeiro que ao antigo modo de vida juntara a abstinência do vinho e o costume de não cultivar os campos. Que isto o instruíra Jonadab em tempo de Jeú, rei de Israel, trezentos anos antes do tempo em que Jeremias se achava, quando com o exemplo dos recabitas arguia a infidelidade dos judeus.

Jeremias 35, 5-10

Deus, que estava junto à câmara dos príncipes, sôbre o tesouro de Maasias, filho de Selum, que era o guarda do vestibulo. (2)

5 E pus diante dos filhos da casa dos recabitas taças cheias de vinho, e copos: E disse-lhes: Bebei vinho.

6 Êles responderam: Não beberemos vinho: Porque Jonadab, filho de Recab, nosso pai, nos mandou, dizendo: Não bebereis vinho vós, nem vossos filhos, nunca jamais:

7 E não edificareis casa, nem sementeis sementieras, e vinhas não plantareis, nem as possuireis: Mas habitareis em cabanas todos os dias de vossa vida, para que vivais muitos dias sôbre a face da terra, na qual vós viveis peregrinando. (3)

8 Temos pois obedecido à voz de Jonadab, filho de Recab, nosso pai, em tôdas as coisas que nos mandou, de não beber vinho em todos os nossos dias, nós e nossas mulheres, nossos filhos e filhas:

9 E de não edificarmos casas para nossa morada: E não havemos tido vinha, nem campo, nem sementeira:

10 Mas temos habitado em barracas, e temos obedecido em tudo conforme ao que nos mandou Jonadab nosso pai.

(2) **E OS INTRODUZI NA CASA DO SENHOR** — Como sacerdote que era, podia Jeremias facilmente fazer.

NO TESOURO DOS FILHOS DE HANAN — O original diz: No Gazofilácio. E um e outro nome o que significa é uma casa em que se guardavam os móveis ou alfaías destes homens.

HOMEM DE DEUS — Por este nome costuma a Escritura designar um homem, que tem espírito profético. 1 Rs 9, 7 e 4 Rs 4, 7.

(3) **NA QUAL VÓS VIVEIS** — Porque eram estrangeiros a respeito da terra de Israel e porque se consideravam serem-no também no mundo. Hebr 13, 24. — Pereira.

11 E quando subiu Nabucodonosor, rei de Babilônia, à nossa terra, dissemos: Vinde, e entremos em Jerusalém por fugir do exército dos caldeus, e por escapar do exército da Síria: E ficamos em Jerusalém.

12 E foi dirigida a palavra do Senhor a Jeremias, a qual dizia:

13 Isto diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Vai, e dize aos varões de Judá, e aos moradores de Jerusalém: Acaso não recebereis vós a minha admoestação, de modo que obedeçais às minhas palavras? diz o Senhor.

14 Firmes têm sido os discursos de Jonadab, filho de Recab, pelos quais mandou a seus filhos, que não bebessem vinho: E não o têm bebido até o dia de hoje, porque obedeceram ao preceito de seu pai: Mas eu vos tenho falado a vós, madrugando muito para vos falar, e não me obedestes.

15 E vos enviei todos os meus servos, os profetas, levantando-me de madrugada para enviá-los, e dizer-vos: Convertedei-vos cada um do seu caminho péssimo, e retificai os vossos afetos: E não andeis após dos deuses estranhos, nem os adoreis: E habitareis na terra que vos dei a vós, e a vossos pais: E não inclinastes o vosso ouvido, nem me ouvistes.

16 Assim os filhos de Jonadab, filho de Recab, guardaram com firmeza o preceito de seu pai, que lhes tinha ordenado: Mas êste povo não me tem obedecido.

17 Peló que, isto diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Eis-aqui estou eu que farei vir sôbre Judá, e sôbre todos os moradores de Jerusalém tôda a calamidade, com que os tenho ameaçado, porque lhes tenho falado, e não ouviram: Tenho-os chamado, e não me responderam.

18 E disse Jeremias à casa dos recabitas: Isto diz

o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Porque haveis obedecido ao mandamento de Jonadab, vosso pai, e guardastes todos os seus preceitos, e tendes feito tôdas as coisas que vos mandou:

19 Portanto, isto diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Não faltará varão da estirpe de Jonadab, filho de Recab, que esteja sempre na minha presença todos os dias.

CAPÍTULO 36

JEREMIAS DITA A BARUC AS SUAS PROFECIAS. BARUC AS LÊ DIANTE DO POVO, DEPOIS DIANTE DOS PRÍNCIPES. O REI JOAQUIM MANDA QUEIMAR O LIVRO. JEREMIAS AS DITA SEGUNDA VEZ, AJUNTA OUTRAS DE NOVO, E ANUNCIA AS VINGANÇAS DO SENHOR CONTRA JOAQUIM.

1 E acontecêu isto no quarto ano de Joaquim, filho de Josias, rei de Judá: Foi dirigida esta palavra pelo Senhor a Jeremias, a qual dizia: (1).

2 Toma o rôlo dum livro, e nêle escreverás tôdas as palavras, que te tenho falado contra Israel e Judá, e contra tôdas as nações: Desde o dia em que eu te falei, desde os dias de Josias até o dia de hoje: (2)

3 A ver se ouvindo os da casa de Judá todos os males, que estou resolutos a fazer-lhes, volta cada um

(1) **QUARTO ANO DE JOAQUIM** — No ano 605 A. C.

(2) **TOMA O RÔLO DUM LIVRO** — Antigamente os livros se compunham de pergaminhos à maneira de mapa geográfico, os quais, cosendo-se uns aos outros por uma extremidade, se enrolavam em um cilindro de madeira.

DESDE O DIA EM QUE EU TE FALEI — Isto é, desde o ano treze de Josias, em que Jeremias começara a profetar, até o ano quarto de Joaquim em que vamos, que fazem ao todo vinte e dois anos. — Pereira.

do seu péssimo caminho: E eu perdoarei a maldade, e o pecádo déles.

4 Chamou pois Jeremias a Baruc, filho de Nérias: E escreveu Baruc da bôca de Jeremias, no rôlo do livro tôdas as palavras, que o Senhor lhe tinha dito a êle: (3)

5 E mandou Jeremias a Baruc, dizendo: Eu estou recluso, e não posso entrar na casa do Senhor.

6 Entra pois tu, e lê pelo livro, em que tens escrito da minha bôca as palavras do Senhor, ouvindo-o o povo na casa do Senhor no dia de jejum: Além disto ouvindo-o também todo Judá, lê-lo-ás àqueles que vêm das suas cidades:

7 A ver se acaso êles se prostram, orando diante do Senhor, e se converte cada um do seu caminho péssimo: Porquanto grande é o furor e a indignação que o Senhor tem manifestado contra êste povo.

8 E Baruc, filho de Nérias, obrou conforme a tudo o que o profeta Jeremias lhe havia mandado, lendo no livro as palavras do Senhor, na casa do Senhor.

9 E aconteceu isto no quinto ano de Joaquim, filho de Josias, rei de Judá, no nono mês: Publicaram um jejum diante do Senhor a todo o povo em Jerusalém, e a tôda a multidão, que havia concorrido das cidades de Judá a Jerusalém. (4)

(3) **E ESCRVEU BARUC** — Não cremos, diz Calmet, que Jeremias ditasse a Baruc as suas profecias por aquela ordem, em que hoje as temos: e as que hoje temos não são as que êle agora pela primeira vez ditou a Baruc, mas as que ditou depois, quando quelmado pelo rei Joaquim o primeiro livro, tomou Jeremias outro, em que Baruc de novo as escreveu, acrescentando muitas.

(4) **PUBLICARAM UM JEJUM** — Pela lei de Moisés todos os anos no sétimo mês havia um jejum de solene expiação. Lev 33, 27. Dêste creu Usset que se falava aqui. Pelo contrário Grocio entende que o jejum de que aqui se fala, fôra extraordinário: e

Jeremias 36, 10-18

10 E leu Baruc do livro as palavras de Jeremias na casa do Senhor, na câmara de Gamarias, filho de Safan o escriba, no vestibulo de cima, à entrada da porta nova da casa do Senhor, ouvindo-o todo o povo.

11 E quando ouviu Miquéias, filho de Gamarias, filho de Safan, tôdas as palavras do Senhor lidas pelo livro:

12 Desceu à casa do rei, à câmara do secretário: E eis-que estavam ali assentados todos os príncipes: Elisama, secretário, e Dalaías, filho de Semeias, Elnatan, filho de Acobor, e Gamarias, filho de Safan, e Sedecias, filho de Hananias, e todos os príncipes.

13 E Miquéias lhe referiu tôdas as palavras, que ouvira, lendo-as Baruc pelo livro aos ouvidos do povo.

14 Com isto enviaram todos os príncipes a Baruc, Judi, filho de Natánias, filho de Selemias, filho de Cusi, para lhe dizer: Toma na tua mão o livro, porque lêste diante do povo, e vem cá. Tomou pois Baruc, filho de Nérias, o livro na sua mão, e veio ter com êles.

15 E disseram-lhe: Assenta-te, e lê estas coisas de modo que as ouçamos nós. E leu Baruc, ouvindo-o êles.

16 E quando ouviram tôdas as palavras, se voltaram espantados cada um para o que tinha ao seu lado, e disseram a Baruc: Devemos manifestar ao rei todos êsses discursos.

17 E perguntaram-lhe, dizendo: Declara-nos como escreveste tu todos êsses discursos da sua bôca.

18 E disse-lhes Baruc: Pela sua bôca me ditava como se eu fôra lendo todos êstes discursos: E eu os escrevia no livro com tinta.

isto é o que parece mais provável, visto que o jejum da lei era no sétimo mês, e este publicou-se no nono.

19 Então disseram os príncipes a Baruc: Vai-te, e esconde-te tu e Jeremias, e ninguém saiba onde estais.

20 E entrando foram ter com o rei ao átrio do seu palácio, mas deixaram guardado o livro na câmara de Elisama secretário: E anunciaram, ouvindo-o o rei, todos êstes discursos.

21 E enviou o rei a Judi a tomar o livro: Tomando-o êle da câmara de Elisama secretário, o leu diante do rei e de todos os príncipes que estavam em tórno do rei.

22 E o rei estava assentado no seu quarto de inverno, pelo nono mês: E diante dêle estava pôsto um braseiro cheio de brasas.

23 E tendo Judi lido três ou quatro páginas, o cortou com o canivete do escriba, e o lançou no fogo, que estava sôbre o braseiro, até que se queimou todo o livro no fogo, que havia no braseiro. (5)

24 E não temeram nem rasgaram os seus vestidos o rei, e todos os seus servos, que ouviram tôdas estas palavras.

25 Todavia Elnatan, e Dalaias, e Gamarias se opuseram ao rei, para que não queimasse o livro: Mas êle não lhes deu ouvidos.

26 E mandou o rei a Jeremias, filho de Amelec, e a Saraias, filho de Ezriel, e a Selemias, filho de Abdeel, que prendessem a Baruc o amanuense, e ao profeta Jeremias: Mas o Senhor os escondeu.

(5) **TRES OU QUATRO PAGINAS** — No hebreu está colunas, e diz que cortou, pois estavam escritos no papiro.

27 E foi dirigida a palavra do Senhor ao profeta Jeremias, depois que o rei queimara o livro, e as palavras que Baruc escrevera, recebendo-as da boca de Jeremias, a qual dizia:

28 Toma de novo outro livro: E escreve nêle tôdas as palavras primeiras, que havia no primeiro livro, que queimou Joaquim, rei de Judá.

29 E dirás a Joaquim, rei de Judá: Isto diz o Senhor: Tu queimaste aquêle livro, dizendo: Porque escreveste nêle anunciando: Apressado virá o rei de Babilônia, e destruirá esta terra e fará que não fiquem nela homens, nem animais?

30 Portanto, isto diz o Senhor contra Joaquim, rei de Judá: Não sairá dêle quem se assente sôbre o trono de Davi: E o seu cadáver será exposto ao ardor de dia, e à geada de noite. (6)

31 E visitarei contra êle, e contra a sua linhagem, e contra os seus servos as suas maldades, e farei cair sôbre êles e sôbre os moradores de Jerusalém, e sôbre os varões de Judá todo o mal com que os tenho ameaçado, e êles não deram ouvidos.

32 Tomou pois Jeremias outro livro; e o deu a Baruc, filho de Nérias secretário: O qual escreveu nêle da boca de Jeremias tôdas as palavras do livro, que havia lançado no fogo Joaquim, rei de Judá: E ainda foram acrescentadas muitas mais palavras, que as que tinha havido no primeiro.

(6) QUEM SE ASSENTE SOBRE O TRONO DE DAVI — Jeconias, filho de Joaquim, sim lhe succedeu no reino, mas não reinou senão três meses, no fim dos quais foi levado cativo a Babilônia, e privado do reino. 4 Rs 24, 8.

CAPÍTULO 37

SEDECIAZ SE ENCOMENDA NAS ORAÇÕES DE JEREMIAS.
NABUCODONOSOR MARCHA CONTRA O REI DO EGITO.
JEREMIAS PREDIZ QUE NABUCODONOSOR TORNARÁ
CONTRA JERUSALÉM. E' METIDO O PROFETA NO CALA-
BOUÇO DO CÁRCERE. SEDECIAZ O TIRA DELE.

1 E reinou o rei Sedecias, filho de Josias, em lugar de Jeconias, filho de Joaquim: A quem Nabucodonosor, rei de Babilônia, estabeleceu rei na terra de Judá:

2 E não obedeceu êle, nem os seus servos nem o povo da terra às palavras do Senhor, que falou por mão do profeta Jeremias.

3 E o rei Sedecias enviou a Jucal, filho de Selemias, e a Sofonias, filho de Maasias sacerdote, ao profeta Jeremias, para que lhe dissesse: Faze oração por nós ao Senhor nosso Deus.

4 E Jeremias andava livremente pelo meio do povo: Porque ainda o não tinham prêso na custódia do cárcere. Entretanto o exército de Faraó saiu do Egito: E ouvindo os caldeus, que tinham em sítio a Jerusalém, esta nova, se retiraram de Jerusalém. (1)

(1) **ENTRETANTO O EXÉRCITO DE FARAÓ** — Refere-se a Apries ou Hofra, chamado mais adiante, 44, 39, Efreu, Faraó da 26.ª dinastia. Era natural de Sais, filho de Psamético II, neto de Necau II. Atacou os caldeus, que tiveram de suspender o cerco de Jerusalém para lhe fazerem frente. Mais tarde recebeu com benevolência os judeus que se refugiaram no Egito. Reinou desde 590 a 571 A. C. Foi no seu reinado que teve lugar a guerra com Nabucodonosor. Dois cilindros de Babilônia, recentemente encontrados, alusivos à campanha de Nabucodonosor contra o Egito, trazem uma inscrição egípcia, e em ambos se lê o nome de Apries. Cfr. Menaut. *Notice sur quelques cylindres orientaux*, n.º 111, pp. 10-11. E' de supor que êstes dois cilindros sejam contemporâneos da guerra entre Babilônia e o Egito, e atribuídos aos prisioneiros

Jeremias 37, 5-13

5 E a palavra do Senhor foi dirigida ao profeta Jeremias, a qual dizia:

6 Isto diz o Senhor Deus de Israel: Assim direis ao rei de Judá, que vos enviou a perguntar-me a mim: Eis-aqui o exército de Faraó, que saiu para dar-vos socorro, ele voltará para a sua terra no Egito,

7 e voltarão os caldeus, e combaterão contra esta cidade: E tomá-la-ão, e lhe lançarão fogo.

8 Isto diz o Senhor: Não queirais enganar as vossas almas, dizendo: De certo se irão os caldeus, e se retirarão de nós, porque eles se não irão.

9 Mas ainda quando derrotardes todo o exército dos caldeus, que pelejam contra vós, e ficarem d'elles alguns feridos: Levantar-se-á cada um da sua tenda, e queimarão esta cidade, pondo-lhe fogo.

10 Tendo-se pois retirado o exército dos caldeus de Jerusalém, por causa do exército de Faraó,

11 saiu Jeremias de Jerusalém para ir à terra de Benjamim e repartir ali uma possessão na presença dos cidadãos. (2)

12 E quando chegou à porta de Benjamim, estava ali um dos que por turnos guardavam a porta, que se chamava Jerias, filho de Selemias, filho de Hananias, e prendeu ao profeta Jeremias, dizendo: Tu foges para os caldeus.

13 E respondeu Jeremias: Isso é falso, eu não fujo

babilônicos. Em todo o caso atestam-nos a existência de Apries, a quem teremos de nos referir no cap. 43.

SE RETIRARAM DE JERUSALÉM — Para irem ao encontro do exército de Faraó, que vinha em socorro de Jerusalém. Adiante versículo 6 e versículo 10. — *Pereira.*

(2) **PARA IR À TERRA DE BENJAMIM** — A esta tribo pertencia: Anatot, pátria de Jeremias. Jos 21, 13. Jer 1, 1.

para os caldeus. E não lhe deu ouvidos: Mas Jerias prendeu a Jeremias e o levou aos príncipes.

14 Pelo que, irados os príncipes contra Jeremias, depois de o açoitarem o meteram no cárcere, que havia na casa de Jonatan escriba: Porque êle era o prefeito do cárcere. (3)

15 E assim entrou Jeremias na casa do fôssô, e em um calabouço: E estêve ali emparedado Jeremias muitos dias.

16 Mas o rei Sedecias enviou a tirá-lo: E lhe perguntou em sua casa secretamente, e disse: Crês porventura que tens alguma palavra da parte do Senhor? E disse Jeremias: Sim tenho. E acrescentou: Nas mãos do rei de Babilônia serás entregue.

17 E disse Jeremias ao rei Sedecias: Em que tenho pecado contra ti, e contra os teus servos, e contra o teu povo, para me mandares meter na casa do cárcere?

18 Onde estão os vossos profetas, que vos profetizavam e diziam: Não virá o rei de Babilônia sôbre vós, e sôbre esta terra?

19 Agora pois ouve, eu te rogo, Senhor rei meu: Valha a minha súplica na tua presença: E não me remetas à casa de Jonatan secretário, para que não morra eu ali.

20 Ordenou pois o rei Sedecias que Jeremias fôsse pôsto no vestíbulo do cárcere: E que se lhe desse uma fogaça de pão cada dia, além da vianda ordinária, até que todo o pão da cidade se consumisse: E ficou Jeremias no vestíbulo do cárcere.

(3) NA CASA — O hebreu: "Porque a ela haviam feito casa de prisão. Esta casa mais que cárcere era masmorra cheia de lodo, e de hediondez. — Pereira.

CAPÍTULO 38

E' METIDO JEREMIAS NUM LAGO. ABDEMELEC O TIRA DELE.
SEDECIAZ O CONSULTA EM SEGREDO. JEREMIAS LHE
ACONSELHA QUE SE ENTREGUE AOS CALDEUS.

1 E ouviu Safacias, filho de Matan, e Gedelias, filho de Fassur, e Jucal, filho de Selemias, e Fassur, filho de Melquias, as palavras que Jeremias falava a todo o povo, dizendo:

2 Isto diz o Senhor: Todo aquêlê que ficar nesta cidade, morrerá à espada, e de fome e de peste: Mas o que passar aos caldeus, viverá, e ficará salva a sua alma e com vida.

3 Isto diz o Senhor: Certamente será entregue esta cidade na mão do exército do rei de Babilônia, e êle a tomará.

4 E disseram os príncipes ao rei: Suplicamos-te que mandes matar êste homem: Porque de propósito enerva as fôrças aos homens de guerra, que ficaram nesta cidade, e as mãos de todo o povo, falando-lhes conforme estas palavras: Porquanto êste homem não busca a paz para êste povo senão o mal.

5 E disse o rei Sedecias: Ei-lo-aí está nas vossas mãos: Pois não é justo que o rei vos negue coisa alguma.

6 Tomaram pois a Jeremias, e o lançaram no calabouço de Melquias, filho de Amelec, que estava no vestíbulo do cárcere: E desceram a Jeremias com cordas ao lago onde não havia água, senão lôdo: E assim se atolou Jeremias no lôdo.

7 E ouviu Abdemelec, homem etíope eunuco, que estava na casa do rei, que haviam metido a Jeremias.

no lago: O rei ao mesmo tempo estava assentado à porta de Benjamim. (1)

8 E saiu Abdemelec da casa do rei, e falou ao rei, dizendo:

9 Rei meu senhor, êstes homens obraram mal em tudo quanto fizeram contra o profeta Jeremias, metendo-o no lago, para que ali morra de fome, porque já não há mais pão na cidade.

10 Mandou pois o rei ao etíope Abdemelec, dizendo: Toma daqui contigo trinta homens, e tira do lago ao profeta Jeremias antes que morra.

11 Assim Abdemelec tomando consigo os homens, entrou no quarto do rei, que estava debaixo do guarda-roupa: E tomou dali uns panos velhos, e roupas antigas, que tinham apodrecido, e por umas cordas os deitou abaixo no lago a Jeremias.

12 E o etíope Abdemelec disse a Jeremias: Mete êsses pedaços de pano velho, e êsses andrajos rasgados e podres debaixo dos teus sovacos, entre os braços e as cordas: E Jeremias o fez assim.

13 E tiraram a Jeremias com as tais cordas, e o extraíram do lago: E ficou Jeremias no vestibulo do cárcere.

14 E enviou o rei Sedecias, e fez trazer a si ao profeta Jeremias à terceira porta, que estava na casa do Senhor: E disse o rei a Jeremias: Eu tenho uma coisa que te perguntar, não me encubras nada. (2)

15 E disse Jeremias a Sedecias: Se eu ta anunciar,

(1) **PORTA DE BENJAMIM** — Provavelmente ao norte de Jerusalém perto da atual porta de Damasco.

(2) **TERCEIRA PORTA** — É' desconhecida: o sábio rabino Kimeli, Calmet e Menochio entendem que era a porta que dava comunicação do palácio real para o templo.

Jeremias 38, 16-22

acaso tu me matarás? E se eu te der um conselho, não me ouvirás?

16 Jurou pois o rei Sedecias a Jeremias em segredo: Dizendo: Viva o Senhor, que nos fez esta alma, que não te matarei, nem te entregarei nas mãos desses homens, que buscam a tua vida.

17 E disse Jeremias a Sedecias: Isto diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Se saindo fôres aos príncipes do rei de Babilônia, viverá a tua alma, não arderá em fogo esta cidade: E serás salvo tu, e a tua casa. (3)

18 Mas se tu não saíres aos príncipes do rei de Babilônia, será entregue esta cidade nas mãos dos caldeus, e a farão arder no fogo: E tu não escaparás da mão deles.

19 E disse o rei Sedecias a Jeremias: Receio-me dos judeus, que se passaram aos caldeus: Não suceda que eu seja entregue nas mãos deles, e me tratem indignamente.

20 E respondeu Jeremias: Não te entregarão: Rogo-te que ouças a voz do Senhor, que eu te anuncio, e será bem para ti, e viverá a tua alma.

21 Mas se não quiseses sair: Esta é a palavra que me mostrou o Senhor:

22 Eis-aí tôdas as mulheres, que ficaram na casa do rei de Judá, serão conduzidas aos príncipes do rei de Babilônia: E elas dirão: Enganaram-te, e puderam mais

(3) SE SAINDO FÔRES AOS PRÍNCIPES — Nabucodonosor não estava então no cerco de Jerusalém, onde se encontrava o seu exército comandado pelos seus generais, achava-se em Reblata, na Síria.

do que tu os homens da tua paz, atolaram-te no lamaçal, e meteram os teus pés no escorregadouro, e se apartaram de ti.

23 E tôdas as tuas mulheres, e teus filhos serão levados aos caldeus: E não escaparás das suas mãos, senão por mão do rei de Babilônia serás prêso: E êle fará arder em fogo esta cidade.

24 Disse pois Sedecias a Jeremias: Ninguém saiba estas palavras, e não morrerás:

25 E se ouvirem os príncipes que tenho falado contigo, e vierem a ti, e te disserem: Dize-nos o que falaste com o rei, e não no-lo encubras, e nós te não mataremos: E que falou o rei contigo?

26 Tu lhes dirás: Eu fiz ao rei minhas humildes deprecações, para que me não mandasse novamente levar à casa de Jonatan, para eu ali não morrer.

27 Vieram pois todos os príncipes, a Jeremias, e lhe fizeram as sobreditas perguntas: E êle lhes respondeu conforme a tudo o que o rei lhe havia mandado, e não o inquietaram mais: Porque se não havia divulgado nada.

28 Mas Jeremias permaneceu no vestibulo do cárcere até o dia em que foi tomada Jerusalém: E de fato foi tomada Jerusalém. (4)

(4) **MAS JEREMIAS PERMANECEU NO VESTIBULO DO CÁRCERE ATÉ O DIA** — Era esta a terceira vez que Jeremias aqui foi pôsto. Porque primeiramente foi pôsto no vestibulo do cárcere por ordem de Sedecias, antes que se levantasse o cerco de Jerusalém; depois quando foi arguido de fugir, e por último agora, depois que por intervenção de Abdemelec foi tirado do cárcere. — Calmet.

CAPÍTULO 39

TOMADA DE JERUSALÉM. FUGIDA DE SEDECIA. E' APANHADO ESTE PRÍNCIPE, E LEVADO DIANTE DE NABUCODONOSOR, O QUAL MANDA MATAR A DOIS FILHOS DE SEDECIA, E A ESTE TIRAR-LHE OS OLHOS, E CARREGÁ-LO DE FERROS. POBRES DEIXADOS NA JUDÉIA. JEREMIAS POSTO EM LIBERDADE. PROFECIA A FAVOR DE ABDEMELEC.

1 O nono ano de Sedecias, rei de Judá, no décimo mês, veio Nabucodonosor, rei de Babilônia, e todo o seu exército a Jerusalém, e a sitiaram. (1)

2 O undécimo ano porém de Sedecias, ao quinto dia do quarto mês, se fez a brecha na cidade. (2)

3 E todos os príncipes do rei de Babilônia entraram e se alojaram junto à porta do meio: A saber, Neregel, Sereser, Semegárnabu, Sarsaquim, Rabsares, Neregel, Sereser, Rebmag, e todos os outros príncipes do rei de Babilônia. (3)

(1) DÉCIMO MÊS — Chamado Thebeth, (Est 2, 16). Começava com a lua nova de janeiro. O nono ano correspondia ao ano 589 A. C.

(2) AO QUINTO DIA DO QUARTO MÊS — O hebreu diz ao nono dia. E assim é que o trazem também o caldeu, os Setenta, e todas as outras versões, e ainda alguns exemplares latinos. A mesma lição se prova pelo texto de Jer 52, 6, e pelo 4 Rs 25, 3. Pelo que o quinto dia no presente lugar parece se deve imputar a descuido dos copistas. O quarto mês é chamado no hebreu Tammoux.

(3) NEREGEL, SERESER — A Vulgata separou estes dois nomes por uma vírgula, quando constituem um só nome babilônico — Nergal-sar-usur —, que significa “o deus Nergal protege o rei”.

SEMEGÁRNABU — Designa naturalmente um título “guarda do tesouro”.

RABSARES E REBMAG — São também nomes de dignidades.

4 Sedecias, rei de Judá, e toda a gente de guerra tendo-os visto, fugiram: E de noite saíram da cidade pelo caminho do jardim do rei, e pela porta, que estava entre dois muros, e foram buscar o caminho do deserto. (4)

5 Mas foi em seu alcance o exército dos caldeus: E apanharam a Sedecias no campo da solidão de Jericó, e o levaram cativo a Nabucodonosor, rei de Babilônia, a Reblata, que está na terra de Emat: E este lhe pronunciou a sua sentença. (5)

6 E o rei de Babilônia matou em Reblata aos filhos de Sedecias diante de seus olhos: E a todos os nobres de Judá fez matar o rei de Babilônia.

7 Mandou também arrancar os olhos a Sedecias: E fê-lo carregar de ferros para ser levado a Babilônia. (6)

Rabsares é o chefe dos eunucos, e **Rebmag** é o chefe dos magos. Porém adverte Vigouroux que estas explicações não são rigorosamente certas. O que é seguro é que são títulos de cargos honoríficos. Há pois neste versículo o nome de três oficiais mores com a indicação dos seus cargos, e não oito nomes próprios. *Glaire, La Sainte Bible selon la Vulgate avec notes complémentaires par Vigouroux, 1902.*

(4) **PELO CAMINHO DO JARDIM DO REI** — Este jardim ficava no vale de Hinon, banhado pela piscina de Sibé, ao sul de Jerusalém. Os caldeus não podiam acampar neste vale tão profundo. Era pois o sítio de onde mais facilmente podiam subtrair-se à vigilância deles. Sem embaraços podiam tomar pela estrada de Jericó sobre a vertente meridional do monte das Oliveiras.

QUE ESTAVA ENTRE DOIS MUROS — O muro da extremidade oriental de Sião e o da extremidade ocidental de Ofel.

(5) **REBLATA** — Ou Rebla, na sua verdadeira forma, ficava na terra do Emat, na Celesíria, sobre o Oronte.

(6) **MANDOU TAMBÉM ARRANCAR OS OLHOS** — Nabucodonosor tinha acampado em Rebla para conter os inimigos de noite, e enviou contra a capital da Judéia forças numerosas, sob o comando de Nabuzardan. A resistência de Jerusalém foi longa, heróica e

Jeremias 39, 8-13

8 Queimaram outrossim os caldeus o palácio do rei, e a casa do povo, lançando-lhe fogo, e derribaram o muro de Jerusalém.

9 E os restos do povo, que haviam ficado na cidade, e os desertores, que se tinham ido entregar a êle, e o resto inútil dos do vulgo, que haviam ficado, os levou a Babilônia Nabuzardan, general do exército.

10 E aos mais pobres da plebe, que não tinham absolutamente coisa alguma, Nabuzardan, general do exército, os deixou ficar na terra de Judá: E lhes deu vinhas e cisternas naquele dia. (7)

11 Mas Nabucodonosor, rei de Babilônia, tinha dado esta ordem a Nabuzardan, general do exército, acêrca de Jeremias, dizendo:

12 Toma-o, e põe sobre êle os teus olhos, e não lhe faças mal nenhum, mas concede-lhe tudo o que êle quiser.

13 Enviou pois Nabuzardan, general do exército, e Nabusezban, e Rabsares, e Neregel, e Sereser, e Rebmag, e todos os magnates do rei de Babilônia,

desesperada. Rendeu-se pela fome em 28 de julho. A 27 de agosto do ano 587 A. C. (segundo os cálculos de Oppert, que se serviu dos dados fornecidos pelos documentos cuneiformes, *Comptes rendus de l'Academie des inscriptions*, tomo XXII, 1894) Jerusalém abriu as suas portas aos sitiantes, que passaram a cidade dos profetas a ferro e a fogo. Sedecias procurou fugir com alguns vassallos leais pelos lados do Jordão; foi então que o prenderam, e lhe arrancaram os olhos. Este bárbaro tormento era freqüentemente infligido aos prisioneiros de guerra, como se vê dos antigos monumentos assírios; onde se vêem os reis, cravando os olhos com a ponta da lança, dos prisioneiros ajoelhados diante deles. Sedecias foi conduzido a Babilônia realizando-se a profecia de Ezequiel, que annunciou que Sedecias seria levado a Babilônia e não veria a cidade de Nabucodonosor; fêz desaparecer o reino de Judá, reduzindo-o a uma simples província à frente da qual colocou Godolias.

(7) **NABUZARDAN** — General em chefe caldeu cujo nome significa “o deus Negro te dê uma posteridade.”

14 enviaram, e tomaram a Jeremias do vestibulo do cárcere, e o entregaram a Godolias, filho de Aicão, filho de Safan, para que êle habitasse em sua casa, e visse entre o povo.

15 E tinha sido dirigida a palavra do Senhor a Jeremias, quando êste estava prêso no vestibulo do cárcere, a qual dizia:

16 Vai e fala a Abdemelec etíope, dizendo: Isto diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Eis-aqui estou eu que farei cumprir as minhas palavras sôbre esta cidade em dano seu, e não em bem: E verificar-se-ão naquelle dia à tua vista.

17 Mas eu te livrarei nesse dia, diz o Senhor: E não serás entregue nas mãos dos homens, que tu temes:

18 Mas eu tirando-te delas te livrarei, e não cairás morto à espada: E salvarás a tua vida, porque tiveste confiança em mim, diz o Senhor.

CAPÍTULO 40

NABUZARDAN PÔE A JEREMIAS EM LIBERDADE. JEREMIAS SE RETIRA PARA O PÉ DE GODOLIAS. OS JUDEUS DISPERSOS PELA FUGIDA SE TORNAM A AJUNTAR. BAALIS, REI DOS ANONITAS, MANDA A ISMAEL QUE MATE A GODOLIAS.

1 Palavra que foi dirigida pelo Senhor a Jeremias, depois que Nabuzardan, general do exército, o enviou livre desde Rama, quando o tomou atado com cadeias no meio de todos os transmigrados de Jerusalém e de Judá, que eram levados a Babilônia. (1)

2 Tomando pois de parte o general do exército a

(1) **RAMA** — Cidade da tribo de Benjamim, entre Betel e Gabaa. Cfr. Jos 19, 12.

Jeremias 40, 3-8

Jeremias, lhe disse: O Senhor teu Deus pronunciou êste mal contra êste lugar,

3 e lho trouxe: E fêz o Senhor como o havia dito, porque vós pecastes contra o Senhor, e não ouvistes a sua voz, e se executou em vós esta palavra.

4 E agora eis-aqui te tenho tirado hoje as cadeias, que tens nas tuas mãos: Se queres vir comigo a Babilônia, vem: E porei os meus olhos em ti: Mas se te desgraça vir comigo a Babilônia, fica: Eis-aí está tôda a terra à tua vista: Para o lugar que escolheres, e para o qual tu quiseses ir, para êsse vai.

5 E não queiras vir comigo: Mas podes viver com Godolias, filho de Aicão, filho de Safan, a quem o rei de Babilônia tem pôsto por governador das cidades de Judá: Pois vive com êle no meio do povo: Ou para qualquer parte que mais te agradar o ir, vai. Deu-lhe também o general do exército mantimentos, e presentes, e o deixou ir.

6 E assim Jeremias veio à casa de Godolias, filho de Aicão, a Masfat, e assistiu com êle no meio do povo, que havia ficado na terra. (2)

7 E quando ouviram todos os príncipes do exército, que estavam dispersos pelas províncias, êles e os seus companheiros, que o rei de Babilônia tinha pôsto por governador da terra a Godolias, filho de Aicão, e que lhe havia encarregado os homens e as mulheres, e os meninos, e os pobres da terra, que não haviam sido levados a Babilônia: (3)

8 Vieram ter com Godolias a Masfat: A saber, Ismael, filho de Natania, e Joanan, e Jonatan, filhos de

(2) **MASFAT** — Cidade da tribo de Judá, perto de Jerusalém.

(3) **DA TERRA** — Da Judéa.

Carée, e Saréias, filho de Taneumet, e os filhos de Ofi, que eram de Netofati, e Jezonias, filho de Maacati, êles e as suas gentes. (4)

9 E Godolias, filho de Aicão, filho de Safan, lhes jurou a êles, e a seus companheiros, dizendo: Não temais servir aos caldeus, habitai na terra, e servi ao rei de Babilônia, e passareis felizmente.

10 Vêde que eu assisto em Masfat para executar as ordens dos caldeus, que nos são enviados: E assim vós recolhei a vindima, e a seara, e o azeite, e envazi-lhai-o nos vossos vasos, e conservai-vos quietos nas vossas cidades, que ocupais.

11 E do mesmo modo todos os judeus que estavam em Moab, e entre os filhos de Amon, e na Iduméia, e em tôdas as demais regiões, quando ouviram que o rei de Babilônia havia deixado os restantes na Judéia, e que havia pôsto por governador dêles a Godolias, filho de Aicão, filho de Safan:

12 Tornaram, digo, todos os judeus de todos os lugares, para onde se haviam refugiado, e vieram à terra de Judá ter com Godolias a Masfat: E recolheram o vinho e o trigo em mui grande quantidade.

13 E Joanan, filho de Carée, e todos os príncipes do exército, que haviam sido dispersos pelas províncias, vieram ter com Godolias a Masfat.

14 E lhe disseram: Sabe tu que Baalis, rei dos filhos

(4) ISMAEL — Pertencia à estirpe real de Judá.

JONATAN — Este nome não se encontra nos Setenta, nem em qualquer outra versão autorizada; deve considerar-se uma repetição de Joanan. Cfr. Glaire, *La Sainte Bible*, 1902.

NETOFATI — Hoje Beit-Netif, perto de Jerusalém e de Belém.

MAACATI — Isto é, naturais de Manca, região situada a este do Jordão, ao norte da Palestina, na fronteira da tribo de Manasséstran-Jordanicas.

Jeremias 40, 15-16; 41, 1

de Amon, mandou a Ismael, filho de Natãias, para te tirar a vida. E Godolias, filho de Aicão, lhes não deu crédito. (5)

15 E Joanan, filho de Carée, falou em segredo com Godolias em Masfat, dizendo: Irei, e matarei a Ismael, filho de Natãias, sem que ninguém o saiba, para que ele te não tire a vida, e sejam dispersos todos os judeus, que se têm congregado a ti, e pereçam as relíquias de Judá.

16 E disse Godolias, filho de Aicão, a Joanan, filho de Carée: Guarda-te, não faças tal: Porque o que tu dizes de Ismael é falso. (6)

CAPÍTULO 41

ISMAEL MATA A GODOLIAS E A TODOS OS QUE ESTAVAM COM ELE. LEVA PRISIONEIROIS TODO O RESTO DOS QUE SE ACHAVAM EM MASFAT. E' PERSEGUIDO POR JOANAN. FOGE PARA OS AMONITAS. JOANAN REUNE OS PRISIONEIROIS. E ESTES TOMAM A RESOLUÇÃO DE SE RETIRAREM PARA O EGITO.

1 E aconteceu no mês sétimo, que veio Ismael, filho de Natãias, filho de Elisama, de linhagem real, e os grandes reis, e dez homens com ele, ter com Godolias, fi-

(5) **LHES NÃO DEU CRÉDITO** — Os motivos do ódio de Baalis contra Godolias, e o fim que ele se propunha são desconhecidos.

(6) **GUARDA-TE, NÃO FAÇAS TAL** — Este dito mostra que Godolias era um homem probo, justo e sincero. Como probo e justo, não quis consentir, antes deu por uma ação detestável que Joanan fôsse matar a Ismael. Como sincero, fiou-se demasiadamente do aleivoso Ismael em o admitir à sua mesa, depois de avisado da conjuração. Grcio o compara a Eumenes.

lho de Aicão, a Masfat: E comeram ali pão juntos em Masfat. (1)

2 E levantou-se Ismael, filho de Natánias, e os dez homens, que com elle estavam, e feriram a Godolias, filho de Aicão, filho de Safan, às cutiladas, e mataram aquêle que o rei de Babilônia havia pôsto por governador da terra. (2)

3 Matou também Ismael a todos os judeus, que estavam com Godolias em Masfat e aos caldeus que foram ali achados, e aos homens de guerra.

4 E ao outro dia depois que matara a Godolias, sem ninguém ainda o saber, (3)

5 vieram uns homens de Siquém, e de Silo, e de Samaria oitenta homens: Com a barba rapada, e rasgados os vestidos, e o rosto todo desfigurado: E traziam nas mãos incenso, e ofertas, para as apresentar na casa do Senhor. (4)

6 Saindo pois de Masfat a recebê-las Ismael, filho de Natánias, ia andando e chorando: E quando chegou a êles, lhes disse: Vinde a Godolias filho de Aicão. (5)

7 Quando êles chegaram ao meio da cidade, Ismael,

(1) **NO MES SÉTIMO** — Na lua nova de outubro.

(2) **E MATARAM AQUELE** — Ainda hoje no sétimo mês do Ano Santo, que chamam *Tizri*, e corresponde ao nosso setembro, guardam os judeus um dia de jejum por causa desta morte de Godolias; assim como no outro dia guardam também jejum, pela calamidade sucedida ao rei Sedecias. — Calmet.

(3) **SEM NINGUÉM AINDA O SABER** — Entende-se, ninguém de fora de Masfat. — De Carrières.

(4) **COM A BARBA RAPADA** — Todos os sinais de dor e de tristeza, pela destruição de Jerusalém, e profanação do seu Templo.

(5) **E CHORANDO** — Fingindo-se um homem aflito pelos males e desgraças da sua terra. — De Carrières.

Jeremias 41, 8-13

filho de Natãnias, êle mesmo e os homens, que estavam com êle, os mataram no meio do lago. (6)

8 Mas entre êles se acharam dez homens, que disseram a Ismael: Não nos mates: Porque temos no campo tesouros de trigo, e de cevada, e de azeite, e de mel. E os deixou: E não matou a êstes, como a seus irmãos. (7)

9 O lago pois, em que lançara Ismael todos os cadáveres dos homens, que matou por causa de Godolias, é o mesmo que fêz o rei Asa por causa de Baasa, rei de Israel: A êste mesmo encheu de mortos Ismael, filho de Natãnias. (8)

10 E a todos os que do povo haviam ficado em Masfat, levou presos Ismael: As filhas do rei, e todo o povo, que havia ficado em Masfat: Os que Nabuzardan, general do exército, havia deixado encarregados a Godolias, filho de Aicão. E tomou-os Ismael, filho de Natãnias, e se foi para passar aos filhos de Amon.

11 E ouviu Joanan, filho de Carée, e todos os officiais de guerra, que estavam com êle, todo o mal que havia feito Ismael, filho de Natãnias.

12 E tomando consigo tôda a sua gente, saíram a pelejar contra Ismael, filho de Natãnias, e acharam-no perto das muitas águas, que há em Gabaon.

13 E quando todo o povo, que estava com Ismael,

(6) **NO MEIO DO LAGO** — Do fôssco, ou cisterna: assim o hebreu, e assim também se infere do versículo 9. — *Pereira*.

(7) **NO CAMPO**. — Ainda hoje na Palestina escondem as colheitas nos campos, dentro de fossos ou cisternas, com a abertura completamente disfarçada de tal sorte, que a um estranho é impossível descobri-la.

(8) **POR CAUSA DE BAASA** — Por temor que teve de Baasa, rei de Israel. Confira-se o livro 3 Rs 15, 20-22. — *Pereira*.

viu a Joanan, filho de Carée, e a todos os oficiais de guerra, que estavam com êle, se alegraram.

14 E todo o povo, que Ismael havia feito prisioneiro, voltou a Masfat: E tendo dado volta, se foi para Joanan, filho de Carée.

15 Mas Ismael, filho de Natánias, escapou com oito homens do encontro de Joanan, e se passou aos filhos de Amon.

16 Por onde Joanan, filho de Carée, e todos os oficiais de guerra, que estavam com êle, tomaram em Masfat todos os que restavam da plebe, que êle havia recobrado de Ismael, filho de Natánias, depois que matou a Godolias, filho de Aicão: Aos homens de valor para a guerra, e as mulheres, e os meninos, e os eunucos, que havia feito voltar de Gabaon.

17 E foram-se dali, e estiveram de passagem em Camaão, que está ao pé de Belém, com o fim de passarem adiante, e entrarem no Egito,

18 por mêdo dos caldeus: Porque os temiam por causa de haver assassinado Ismael, filho de Natánias, a Godolias, filho de Aicão, que o rei de Babilônia havia pôsto por governador na terra de Judá.

CAPÍTULO 42

PEDEM OS JUDEUS A JEREMIAS QUE CONSULTE O SENHOR. O SENHOR LHES DECLARA QUE, SE FICAREM NA JUDÉIA, ELE OS FORTIFICARA: EXORTA-OS A QUE NÃO TEMAM O REI DE BABILÔNIA: AMEAÇA-OS, SE SE RETIRAREM PARA O EGITO. JEREMIAS OS REPREENDE PELA SUA INDOCILIDADE.

1 E vieram todos os oficiais de guerra, e Joanan, filho de Carée, e Jezonias, filho de Osaías, e o resto do povo, desde o pequeno até ao grande:

Jeremias 42, 2-11

2 E disseram ao profeta Jeremias: Seja aceita a nossa súplica na tua presença: E faze oração por nós ao Senhor teu Deus, por todo êste resto do povo, porque de muitos temos ficado poucos, assim como nos vêem teus olhos:

3 E para que nos declare o Senhor teu Deus o caminho por onde havemos de ir, e a palavra que havemos de executar.

4 Disse-lhes pois a êles o profeta Jeremias: Tenho ouvido: Vêde que eu vou a fazer oração ao Senhor vosso Deus, conforme vós dizeis: Qualquer palavra que me responder, eu vo-la referirei: E não vos encobrirei coisa alguma.

5 E êles disseram a Jeremias: Seja o Senhor entre nós testemunha da nossa verdade e fé, se assim o não fizermos conforme tôda a palavra, em que te enviar a nós o Senhor teu Deus.

6 Seja em bem, ou seja em mal, obedeceremos à voz do Senhor nosso Deus, a quem te enviamos: Para que sejamos bem sucedidos depois que tivermos escutado a voz do Senhor nosso Deus.

7 E havendo-se cumprido dez dias, foi dirigida a palavra do Senhor a Jeremias.

8 E chamou a Joanan, filho de Carée, e a todos os oficiais de guerra, que estavam com êle, e a todo o povo, desde o mais pequeno até o maior.

9 E lhes disse: Isto diz o Senhor Deus de Israel, a quem me haveis enviado, para que eu expusesse os vossos humildes rogos na sua presença:

10 Se permanecerdes quietos nesta terra, eu vos edificarei, e não vos destruirei, plantar-vos-ei, e não vos arrancarei: Porque já estou aplacado sôbre o mal que vos fiz.

11 Não temais a presença do rei de Babilônia, de

quem vós espantados tendes mêdo: Não o temais, diz o Senhor: Porque eu sou convosco, para vos pôr a salvo, e livrar da sua mão.

12 E vos encherei de misericórdias, e terei piedade do vós, e far-vos-ei habitar na vossa terra:

13 Mas se vós disserdes: Não moraremos nesta terra, nem escutaremos a voz do Senhor nosso Deus,

14 dizendo: De nenhuma maneira, mas caminharemos para a terra do Egito: Onde não veremos guerra, nem ouviremos estrondo de trombetas, nem padeceremos fome: E ali habitaremos.

15 Portanto ouvi agora a palavra do Senhor, relíquias de Judá: Isto diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Se vós com ânimo resolutivo vos dispuserdes para entrardes no Egito, e entrardes com o fim de lá habitar:

16 A espada, que vós temeis, ali vos alcançará na terra do Egito: E a fome que vós receais, no Egito, vos pegará, e ali morrereis.

17 E todos os varões que se obstinaram em entrar no Egito com o fim de habitar ali, morrerão à espada, e de fome e de peste: Não ficará nenhum dêles, nem escapará da violência do mal que eu farei vir sôbre êles.

18 Porque isto diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Assim como o meu furor, e a minha indignação se acendeu contra os habitantes de Jerusalém: Assim se acenderá a minha indignação contra vós quando tiverdes entrado no Egito, e vós vireis a ser o objeto de execração, e de espanto, e de maldição, e de opróbrio: E não tornareis mais a ver êste lugar.

19 Esta é a palavra do Senhor sôbre vós, relíquias de Judá: Não entreis no Egito: Tereis bem entendido, que eu vos tenho protestado hoje,

20 que haveis enganado as vossas almas: Porque vós me enviastes ao Senhor nosso Deus, dizendo; Roga

Jeremias 42, 21-22; 43, 1-5

por nós ao Senhor nosso Deus, e conforme a tudo o que te disser o Senhor nosso Deus, anuncia-no-lo assim, e nós o faremos.

21 E hoje vo-lo tenho declarado, e não ouvistes a voz do Senhor vosso Deus acêrca de tôdas as coisas pelas quais me enviou a vós.

22 Agora pois tereis entendido, que à espada, e de fome, e de peste morrereis no lugar aonde quisestes entrar para ali viver.

CAPÍTULO 43

OS JUDEUS ACUSAM A JEREMIAS DE MENTIROSO. RETIRAM-SE PARA O EGITO CONTRA A ORDEM DO SENHOR. LEVAM CONSIGO A JEREMIAS E A BARUC. PROFECIA CONTRA O EGITO.

1 E, aconteceu que, tendo Jeremias acabado de falar ao povo tôdas as palavras do Senhor Deus dêles, conforme o Senhor Deus dêles lho havia enviado a êles, para que lhes dissesse tôdas estas palavras:

2 Falou Azarias, filho de Osaías, e Joanan, filho de Carée, e todos os homens soberbos, dizendo a Jeremias: Tu dizes mentiras: O Senhor nosso Deus não te enviou a dizer: Não entrareis no Egito para habitardes ali.

3 Mas Baruc, filho de Nérias, te incita contra nós, para nos entregar nas mãos dos caldeus, para nos matar e nos fazer levar a Babilônia.

4 E não escutou Joanan, filho de Carée, e todos os oficiais de guerra, e todo o povo a voz do Senhor, para ficarem na terra de Judá.

5 Mas Joanan, filho de Carée, e todos os oficiais de guerra tomaram a todos os restos dos de Judá que haviam voltado de tôdas as nações para onde haviam sido dispersos para habitarem na terra de Judá,

6 homens, e mulheres, e crianças, e as filhas do rei, e a tóda a alma que Nabuzardan, general do exército dos caldeus, tinha deixado com Godolias, filho de Aicão, filho de Safan, e ao profeta Jeremias, e a Baruc; filho de Nerias.

7 E entraram na terra do Egito, porque não obedeceram à voz do Senhor: E vieram até Tafnis. (1)

8 E foi dirigida a palavra do Senhor a Jeremias em Tafnis, a qual dizia:

9 Toma na tua mão pedras grandes, e esconde-as na abóbada, que está debaixo do muro de ladrilho à porta da casa de Faraó em Tafnis, à vista de homens judeus: (2)

(1) **E VIERAM ATÉ TAFNIS** — Hoje Tell Defenneh, ou Delta.

(2) **EM TAFNIS** — Um explorador inglês, Mr. Flinders Petrie, fez no ano de 1886 importantes estudos na antiga Tafnis, hoje Tell Defenneh, e encontrou uma superfície de 30 metros de comprimento por 18 de largura, coberta de ladrilhos. Uma superfície ladrilhada tem em árabe o nome de *balat*, a que corresponde o hebreu *melet bam malben*, que a Vulgata traduziu por muro de ladrilhos. As vicissitudes do tempo não permitiram reconhecer as pedras que Jeremias ocultou, apesar dos esforços de Petrie, que apenas conseguiu ver algumas pedras tóscas junto duma superfície ladrilhada, mas que nada prova fôsem as do profeta. Agora o que se pode admitir é a identificação de *balat* com a obra de ladrilhos de que fala este versículo, bem como a casa de Faraó em Tafnes. Veja-se o *Times* de 18 de junho de 1886, *Pharaoh's House in Ouhpanhes e Tanis*, parte II, onde claramente diz: *This platform or mas taba is therefore unmistakably the brickwork or pavement wich is at entry of Pharaoh's House in Tahpanhes Here the ceremony described by Jeremiah took place before the chiefs of the fugitives assembled on the platform, and here Nibuchadrezzar spread his royal pavillion. The very nature of the site is precisely applicable to all the events. Petrie, Tanis, Part II. Nebesheh and Defenneh Tahpanhes, London, 1886, pg. 48.*

10 E lhes dirás: Isto diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Eis-aqui estou eu que enviarei, e tomarei a Nabucodonosor, rei de Babilônia, meu servo: E porei o trono sôbre estas pedras que escondi, e êle estabelecerá o seu sôlio sôbre elas.

11 E vindo ferirá a terra do Egito: Os que eu destinei para a morte: Entregará êle à morte: E os que para o cativoiro, ao cativoiro: E os que para a espada, à espada.

12 E fará pegar fogo nos templos dos deuses do Egito, e os queimarão, levá-los-ão cativos: E revestir-se-ão da terra do Egito, como se veste o pastor com a sua roupa: E sairá dali em paz.

13 E quebrará as estátuas da casa do sol, que há na terra do Egito: E abrasará com o fogo os templos dos deuses do Egito. (3)

(3) **ESTÁTUAS** — São, como verteram os Setenta, os famosos obeliscos erigidos no templo do Sol. São conhecidos os obeliscos da praça da Concórdia em Paris, que é monumento de Ramsés II, onde êste considera vivificador e eterno como o sol. Ferry, *L'obelisque de Louxor, traduction intégrale des inscriptions hiéroglyphiques de ce monument*, o obelisco da praça de S. Pedro em Roma, o de S. João de Latrão, e o de Heliópolis, que tem 27 metros de altura, sendo êste um daqueles a que se refere esta passagem do texto sagrado. Cfr. Perrot, *Histoire de l'art*, p. 107.

CASA DO SOL — E' On, ou Heliópolis, como traduziram os Setenta. Esta cidade, situada a nordeste do Cairo, onde hoje está Metaric, era célebre pelo culto que ali se prestava ao sol.

CAPÍTULO 44

REPREENDE JEREMIAS DA SUA IDOLATRIA OS JUDEUS QUE VIVIAM NO EGITO, E LHES ANUNCIA AS VINGANÇAS DO SENHOR. ELES SE OBSTINAM EM CONTINUAR NA SUA IDOLATRIA, PELO QUE REITERA JEREMIAS AS SUAS REPREENSÕES E AMEAÇAS. O MESMO JEREMIAS PROFETIZA QUE O REI DO EGITO SERÁ TOMADO.

1 Palavra que foi dirigida por Jeremias a todos os judeus, que habitavam na terra do Egito, aos que moravam em Magdalo, e em Tahnis, e em Mênfis, na terra de Faturés, dizendo: (1)

2 Isto diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Vós tendes visto todo êsse mal, que fiz vir sôbre Jerusalém, e sôbre tôdas as cidades de Judá: E vêde que estão hoje despovoadas, e não há nelas morador:

3 Pela maldade, que fizeram para me provocarem a ira, e indo a sacrificar, e adorar a deuses estranhos a quem não conheciam nem êles, nem vós, nem vossos pais.

4 E vos enviei todos os meus servos os profetas, levantando-me de noite, e enviando-os com efeito e dizendo: Não façais coisa de tanta abominação, como esta que detesto.

5 E não ouviram, nem inclinaram o seu ouvido

(1) **MAGDALO** — Cidade do Baixo Egito, conquanto, como já dissemos, Ex 14, 2, não seja fácil determinar seguramente a sua posição. O seu nome encontra-se nas inscrições egípcias sob a forma *Maktl*, nome que indica fortaleza, o que abona a conjectura de ficar Magdalo situada na fronteira, entre o Egito e o deserto. Uma inscrição de Seti 1.º diz-nos que êste monarca possuiu uma cidade dêste nome. Cfr. Chabas, *Mélanges égyptologiques*, 2.ª série, pp. 128, 129.

NA TERRA DE FATURÉS — Um cantão do alto Egito.

para se converterem das suas maldades, e para não sacrificarem a deuses estranhos.

6 E acendeu-se a minha indignação e o meu furor, e ateou-se nas cidades de Judá, e nas praças de Jerusalém: E trocaram-se em deserto, e desolação, como hoje se estão vendo.

7 E agora isto diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Por que vós fazeis êsse grande mal contra as vossas almas, para que do meio de Judá pereça dentre vós o varão e a mulher, o pequenino e o que mama, e que não fique resto algum de vós: (2)

8 Provocando-me com as obras de vossas mãos, sacrificando a deuses estranhos na terra do Egito, na qual haveis entrado para nela habitar: E pereçais, e sejais um objeto de maldição, e de opróbrio a tôdas as gentes da terra?

9 Acaso estais esquecidos das maldades de vossos pais, e das maldades dos reis de Judá, e das maldades das mulheres de cada um, e de vossas maldades, e das maldades de vossas mulheres, que fizeram na terra de Judá, e nos bairros de Jerusalém?

10 Não se purificaram até o dia de hoje: E não tiveram temor, nem andaram na Lei do Senhor, e nos meus mandamentos, que dei na vossa presença, e na de vossos pais.

11 Portanto, isto diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Eis-aqui estou eu que porei o meu rosto sobre vós para mal: E destruirei a todo o Judá.

12 E tomarei os que restaram de Judá, que se obstinaram a entrar na terra do Egito, e habitarem nela: E serão todos consumidos na terra do Egito: Cairão

(2) **CONTRA AS VOSSAS ALMAS** — Contra as vossas pessoas, contra vós mesmos. E' um hebraísmo vulgar na Escritura.

mortos à espada, e de fome: E serão consumidos desde o mais pequeno até ao maior à espada, e morrerão de fome: E ficarão sendo um objeto de execração, e de espanto, e de maldição, e de opróbrio.

13 E virei com a minha visita sôbre os moradores da terra do Egito, como fui sôbre Jerusalém com espada, e fome, e peste.

14 E das relíquias dos judeus, que vão a habitar na terra do Egito, não haverá quem escape, e seja reservado: E que torne à terra de Judá, à qual êles levantam as suas almas para tornarem, e morarem ali: Não tornarão senão os que fugirem.

15 E responderam a Jeremias todos os varões, que sabiam que sacrificavam suas mulheres a deuses estranhos: E tôdas as mulheres, de que havia ali grande multidão, e todo o povo dos que moravam na terra do Egito em Faturés, dizendo:

16 Não escutaremos de ti a palavra que nos disseste em nome do Senhor:

17 Mas pontualmente cumpriremos tôda a palavra, que sair da nossa bôca, de sacrificarmos à Rainha do céu, e de lhe oferecermos libações, como nós o temos feito, e nossos pais, nossos reis, e nossos príncipes nas cidades de Judá, e nas praças de Jerusalém: E tivemos fartura de pão, e nos ia bem, e não vimos mal algum. (3)

18 Porém desde aquele tempo em que nós cessamos de sacrificar à Rainha do céu, e de lhe oferecer libações,

(3) **TÔDA A PALAVRA** — Já noutras partes advertimos com Calmet que pelo nome de Rainha do Céu significavam os antigos a lua.

E DE LHE OFERECERMOS LIBAÇÕES — Também já notamos noutros lugares, que por libações se entendem os licores que se ofereciam aos deuses.

Jeremias 44, 19-26

estamos necessitados de tudo, e temos sido consumidos pela espada, e pela fome.

19 Assim é que nós sacrificamos à Rainha do céu, e lhe oferecemos libações: Mas acaso fizemos-lhe nós as tortas para a honrar, e oferecemos-lhe as libações sem os nossos maridos?

20 E falou Jeremias a todo o povo contra os maridos, e contra as mulheres, e contra tôda a plebe, que lhe haviam dado esta resposta, dizendo:

21 Acaso não se lembrou o Senhor dos sacrifícios, que lhe ofereceste nas cidades de Judá, e nas praças de Jerusalém, vós e vossos pais, vossos reis, e vossos príncipes, e o povo da terra, e não chegou isto ao seu coração?

22 E não podia já sofrer mais o Senhor pela malícia dos vossos desígnios, e pelas abominações que fizestes, e a vossa terra se tem convertido em desolação, e em espanto, e em maldição, até não haver morador, como se acha neste dia.

23 Pelo motivo de que sacrificastes aos ídolos, e pecastes contra o Senhor: E não ouvistes a voz do Senhor, e não andastes na sua Lei, e nos seus mandamentos, e testemunhos: Por isso vos vieram êstes males, como se vêem neste dia.

24 E disse Jeremias a todo o povo, e a tôdas as mulheres: Ouvi a palavra do Senhor todos os de Judá, que estais na terra do Egito:

25 Isto fala o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel, dizendo: Vós, e vossas mulheres falastes por vossa bôca, e cumpristes com vossas mãos, dizendo: Cumpramos os nossos votos, que fizemos, de sacrificar à Rainha do céu, e de lhe oferecer libações: Cumpristes os vossos votos, e os pusestes por obra.

26 Portanto ouvi a palavra do Senhor todos os

de Judá, que habitais na terra do Egito: Eis-aqui estou eu que jurei pelo meu grande nome, diz o Senhor: Que de nenhum modo será pronunciado mais o meu nome por bôca de nenhum homem judeu, dizendo: Vive o Senhor Deus em tôda a terra do Egito.

27 Eis-aqui eu que vigiarei sôbre vós para mal, e não para bem: todos os varões de Judá, que há na terra do Egito, perecerão à espada, e de fome, até que de todo sejam consumidos.

28 E os homens, que escaparem da espada, saindo da terra do Egito, voltarão à terra de Judá em curto número: E tôdas as relíquias de Judá dos que entram na terra do Egito para morarem nela, saberão que palavra será cumprida, se a minha, ou a dêles.

29 E isto vos servirá de sinal, diz o Senhor, de que eu hei de vir com a minha visita sôbre vós neste lugar: Para que saibais que verdadeiramente se cumprirão contra vós as minhas palavras em dano vosso.

30 Isto diz o Senhor: Eis-aqui estou eu que entregarei a Faraó Efreo, rei do Egito, na mão de seus inimigos, e na mão dos que demandam a sua alma: Assim como entreguei a Sedecias, rei de Judá, na mão de Nabucodonosor, rei de Babilônia, seu inimigo, e que procurava a sua alma. (4)

(4) **FARAÓ EFREO, REI DO EGITO** — Ao que Jeremias chama aqui Efreo, chama Heródoto no livro I, cap. CLXI, Apries. E éste era filho de Psammis, e neto daquelle Necos, ou Necao, que fêz guerra ao santo rei Josias.

CAPÍTULO 45

REPREENDE O SENHOR A BARUC, QUE SE QUEIXAVA DE NÃO ACHAR DESCANSO; PROMETE-LHE QUE LHE CONSERVARÁ A VIDA NO MEIO DOS MALES QUE OPRIMIRÃO AOS OUTROS.

1 Palavra que falou Jeremias profeta a Baruc, filho de Nérias, quando escreveu no livro estas palavras da boca de Jeremias, no ano quarto de Joaquim, filho de Josias, rei de Judá, a qual dizia:

2 Isto te diz o Senhor Deus de Israel, a ti, ó Baruc:

3 Disseste: Ai de mim, infeliz, porque o Senhor acrescentou dor à minha dor: Trabalhei no meu gemido, e não achei descanso.

4 Isto diz o Senhor: Assim lhe dirás a êle: Eis-aqui os que edifiquei, eu os destruo: E os que plantei, eu os arranco, e a tôda esta terra.

5 E tu buscas para ti coisas grandes? não nas busques: Porque eis-aqui estou eu que trarei mal sôbre tôda a carne, diz o Senhor: E te darei a tua alma em salvação em qualquer dos lugares, para onde tu fôres.

CAPÍTULO 46

PROFECIAS DA DERROTA DOS EGÍPCIOS POR NABUCODONOSOR EM CÂRCAMIS, E DA TORNADA DOS FILHOS DE JACÔ DO CATIVEIRO.

1 Palavra do Senhor, que foi dirigida ao profeta Jeremias contra as gentes:

2 Para o Egito contra o exército de Faraó Necao, rei do Egito, que estava junto ao rio Eufrates em Cárca-

mis, a quem derrotou Nabucodonosor, rei de Babilônia, no ano IV de Joaquim, filho de Josias, rei de Judá. (1)

3 Preparai o escudo, e o pavez, e saí à campanha.

4 Uni os cavalos e montai, cavaleiros: Apresentai-vos com elmos, açacalai as lanças, vesti-vos de couraças.

5 Mas que? eu os vi medrosos, e voltar as costas, os seus valentes derrotados: Fugiram precipitados, nem para trás olharam: O espanto os cerca de tôdas as partes, diz o Senhor.

6 Não fuja o ligeiro, nem espere salvar-se o valente: Para a parte do Aquilão junto ao rio Eufrates foram vencidos, e caíram por terra.

(1) CONTRA O EXÉRCITO DE FARAÓ NECAO — Filho de Psamético I, reinou de 611 a 605 A. C. Pelo nome d'este rei, que foi avô de Efreo, ou Apries, mencionado no cap. 44, vers. 30, e pela data do quarto ano de Joaquim, filho de Josias, se vê que a derrota aqui profetizada do rei do Egito na batalha de Cárcamis por Nabucodonosor, rei de Babilônia, é um successo muito anterior aos outros da tomada de Jerusalém o ano nono de Sedecias, e aos das suas conseqüências, que ficam referidos desde o cap. 39 até o cap. 43. O dito quarto ano de Joaquim, rei de Judá, foi o em que Nabopolassar, fazendo consorte do império a seu filho Nabucodonosor, mandou a este que fôsse conquistar a cidade de Cárcamis, tomada pouco antes por Neco, rei do Egito, e situada junto ao Eufrates. Assim o quarto ano de Joaquim, rei de Judá, em que Nabucodonosor derrotou Neco, foi o primeiro do reinado do mesmo Nabucodonosor em Babilônia.

CARCAMIS — Pertence a Smith a glória de ter descoberto o lugar desta célebre cidade, que alguns identificavam com Cicerium. Sayce, *Records of the part*, t. III, p. 85; Maspero confundia-a com Malog, *De Carchemis oppidi situ*, 1873. Ficava, segundo as mais importantes descobertas, na margem ocidental do Eufrates, a meio caminho entre Sadjour e Biredgik. Estão aí as ruínas da antiga cidade, que hoje tem o nome de Djeratelon.

Jeremias 46, 7-13

7 Quem é êste que sobe como rio e se incham as suas ondas como as dos rios?

8 O Egito sobe à inaneira de rio, e as suas ondas se moverão como rios, e dirá: Subindo, cobrirei a terra: Destruirei a cidade, e os seus moradores. (2)

9 Montai em cavalos, e fazei alarde dos carros, e vão adiante os valentes, a Etiópia, e os de Líbia armados de escudos, e os lídios lançando mão das setas, e despe-dindo-as.

10 E aquêlê dia do Senhor Deus dos exércitos, dia será de vingança, para vingar-se de seus inimigos: Devorará a espada, e faltar-se-á, e embriagar-se-á com o sangue dêles: Porque esta é a vítima do Senhor Deus dos exércitos na terra do Aquilão, junto ao rio Eufrates.

11 Sobe a Galaad, e toma resina, ó virgem filha do Egito: Em vão multiplicas os remédios, não haverá cura para ti. (3)

12 Ouviram as gentes a tua ignomínia, e o teu alarido encheu a terra: Porque o forte chocou com o forte, e ambos juntos vieram à terra.

13 Palavra que falou o Senhor ao profeta Jeremias, sôbre o haver de vir Nabucodonosor, rei de Babilônia, e haver de assolar a terra do Egito. (4)

(2) **DESTRUIREI A CIDADE** — Entende-se Babilônia, pois quem aqui fala é o rei Neco do Egito.

(3) **O' VIRGEM FILHA DO EGITO** — E' coisa muito ordinária nas Escrituras, chamarem-se as cidades e províncias pelo nome de virgens, ou de mulheres. Filha do Egito é a mesma região do Egito.

(4) **PALAVRA** — E' uma nova profecia contra o Egito. A precedente refere-se à expedição de Nabucodonosor contra os egípcios em Carcário, no reinado de Neco, antes da tomada de Jerusalém; esta respeita à expedição do mesmo Nabucodonosor contra os egípcios na sua própria terra no reino de Apries (Eftre) neto de Neco, depois da tomada de Jerusalém.

14 Anunciai no Egito, e fazei ouvir isto em Magdalo, e ressoe em Mênfis, e em Tafnis, dizei: Pára, e prepara-te: Porque devorará a espada aquelas coisas que estão ao redor de ti.

15 Por que apodreceu o teu valente? não se pôde ter em pé: Porque o Senhor o derribou.

16 Multiplicou os que caíam, e caiu cada um sobre o do seu lado: E dirão: Levanta-te e voltemos ao nosso povo, e à terra onde nascemos, fugindo da espada da pomba.

17 Chamai daqui em diante a Faraó, rei do Egito: O tempo trouxe o tumulto.

18 Vivo eu (disse o rei cujo nome é o Senhor dos exércitos) que assim como o Tabor entre os montes, e como o Carmelo sobre o mar, assim virá.

19 Prepara o trem da tua transmigração, moradora filha do Egito: Porque Mênfis será tornada em solidão, e ficará deserta, e despovoada.

20 O Egito é uma novilha louçã e formosa: Do Aquilão virá quem na aguilhoe.

21 E ainda os que recebiam as suas soldadas e moravam no meio dela, se tornaram como bezerros cevados, e fugiram juntos, nem puderam parar: Porque veio sobre eles o dia do seu estrago, o tempo da visitaçã d'êles.

22 A sua voz será sonora como a do metal: Porque êles marcharão depressa com o exército, e virão a ela com machados, como os que cortam lenha.

23 Cortaram as árvores do seu bosque, diz o Senhor, que não podem contar-se: Multiplicaram-se como gafanhotos, que não têm número.

24 Confundida está a filha do Egito, e entregue nas mãos do povo do Aquilão.

25 O Senhor dos exércitos, o Deus de Israel, disse: Eis-aqui estou eu que irei com a minha visita sobre o tu-

Jeremias 46, 26-28; 47, 1

multo de Alexandria, e sobre Faraó, e sobre o Egito, e sobre os seus deuses, e sobre os seus reis; e sobre Faraó, e sobre aquêles que confiam nêle. (5)

26 E os entregarei nas mãos dos que procuram a sua alma, e nas mãos de Nabucodonosor, rei de Babilônia, e nas mãos dos seus servos: E depois disto será povoada, como nos dias antigos, diz o Senhor.

27 E tu não temas, servo meu Jacó, e não te enchas de pavor, Israel: Porque eis-aqui estou eu que te livrarei a ti, e a tua linhagem da terra remota do teu cativeiro: E voltará Jacó, e repousará, e será prosperado: E não haverá quem o amedronte.

28 E tu não temas, servo meu Jacó, diz o Senhor: Porque eu sou contigo, pois que eu hei de consumir tôdas as gentes, para as quais te desterrei: A ti, porém, não te consumirei, mas castigar-te-ei com equidade, e não te perdoarei como a inocente.

CAPÍTULO 47

PROFECIA DA EXPEDIÇÃO DE NABUCODONOSOR CONTRA OS FILISTEUS, DEPOIS DA TOMADA DE JERUSALÉM.

1 Palavra do Senhor, que foi dirigida ao profeta Jeremias contra os palestinos, antes que Faraó tomasse Gaza. (1)

(5) **TUMULTO DE ALEXANDRIA** — No hebreu está — *amon miné*; *amon* parece significar aqui o deus supremo dos egípcios; quanto à expressão *mixé* quer dizer de *Nó*, que era provavelmente Tebas ou Diórpolis. S. Jerônimo traduziu por Alexandria, nome muito posterior a Jeremias e Nabucodonosor, por julgar que esta cidade fôra construída sobre a antiga *Nó*, capital do Alto Egito.

(1) **FARAÓ** — Psamético I, ou Necao II. Psamético tinha-se apoderado de Azot, de onde concluíram que primeiro devia ter-se apossado de Gaza, antes de chegar a Azot. Necao podia con-

2 Isto diz o Senhor: Olha que se levantam as águas do Aquilão, e serão como uma torrente que inunda, e cobrirão a terra, e quanto há nela, a cidade e os seus moradores: Darão brados os homens, e uivarão todos os habitantes da terra.

3 Por causa do estrondo pasmoso das armas, e dos seus combatentes, por causa do movimento de seus carros, e da multidão das suas rodas. Os pais não atenderam aos filhos, perdido o vigor das mãos,

4 pela chegada do dia em que serão destruídos todos os filisteus, e será arruinada Tiro, e Sidônia, com todo o resto dos seus socorros: Porque o Senhor entregou ao saque os palestinos, as relíquias da ilha de Capadócia. (2)

5 A rapadura veio sobre Gaza: Calou-se Ascalon, e as relíquias dos seus vales: Até quando te maltratarás? (3)

6 O' espada do Senhor, até quando deixarás de repousar? Entra na bainha, refresca-te, e põe-te em silêncio. (4)

quisitar Gaza indo fazer a campanha da Ásia antes de chegar a Magedo, onde bateu Josias. Segundo muitos comentadores, a Gaza de que aqui se faz menção seria uma cidade da Síria chamada Kadytis, da qual Neco se assenhoreou, segundo o testemunho de Heródoto.

(2) **AS RELÍQUIAS DA ILHA DE CAPADÓCIA** — O hebreu tem "as relíquias da ilha de Gafthor", a qual julga Calmet ser a ilha de Creta, e a outra a de Chipre.

(3) **ATÉ QUANDO TE MALTRATARÁS?** — Este era o costume nas ocasiões de dó: arranharem-se, ferirem-se, darem-se golpes.

(4) **O' ESPADA DO SENHOR** — Chama Jeremias a Nabucodonosor espada do Senhor, do mesmo modo que no quinto século da era cristã foi Átila, rei dos hunos, chamado vulgarmente o flagelo de Deus.

Jeremias 47, 7; 48, 1-8

7 Como descansará ela, se o Senhor lhe tem dado as suas ordens contra Ascalon, e contra as suas províncias marítimas, e ali lho tem prescrito?

CAPÍTULO 48

PROFECIA DA EXPEDIÇÃO DE NABUCODONOSOR CONTRA OS MOABITAS, DO SEU CATIVEIRO, E DA SUA TORNADA.

1 Isto diz a Moab o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Ai de Nabo, porque foi devastada, e confundida: Cariataim foi tomada: A forte se confundiu e tremeu.

2 Não há mais alegria em Moab contra Hesebon: Pensaram mal. Vinde, e acabemos com ela dentre as gentes: Pois calando emudecerás, e a espada te irá seguindo.

3 Uma voz de tumulto se levantou de Oronaim: Um estrago, e ruína grande.

4 Arruinada ficou Moab: Ensinai lamentos aos seus pequeninos.

5 Porque pela subida de Luit chorando subirá com gemidos: E na descida de Oronaim ouviram os inimigos um alarido de estrago:

6 Fugi, salvai as vossas almas: E sereis como tamargueiras no deserto.

7 Pelo motivo pois de haveres pôsto a confiança nas tuas fortificações, e nos teus tesouros, também tu serás tomada: E irá Camos para o cativeiro, juntamente os seus sacerdotes, e os seus príncipes. (1)

8 E virá o roubador a tôdas as cidades, e nenhuma

(1) **E IRA CAMOS PARA O CATIVEIRO** — Camos era o principal Deus dos moabitas, e tido como rei daquela terra, por isso o profeta lhe atribui não só sacerdotes, mas também príncipes. — Pereira.

cidade escapará: E perecerão os vales, e serão taladas as campinas: Porque o Senhor o disse:

9 Dai flores a Moab, porque florescente será transportado: E as suas cidades ficarão desertas, e despovoadas.

10 Maldito o que faz a obra do Senhor com dolo: E maldito o que veda a sua espada do sangue.

11 Em abundância esteve Moab desde a sua mocidade, e repousou nas suas fezes: Nem foi trasfegado de vasilha em vasilha, nem foi para o cativeiro: Por isso permaneceu o seu sabor nêle, e o seu cheiro não se mudou.

12 Por esta causa eis-aí vêm os dias, diz o Senhor: E enviar-lhe-ei trasfegadores, e que ponham em ordem as suas tinas, e o trasfegarão, e despejarão as suas vasilhas, e quebrarão as suas tinas.

13 E será afrontado Moab por causa de Camos, como foi afrontada a casa de Israel por Betel, na qual tinha a sua confiança.

14 Como dizeis: Valentes somos, e homens fortes para pelejar?

15 Destruído ficou Moab, e talaram as suas cidades: E os seus mancebos escolhidos desceram ao degoladouro: Diz o rei, cujo nome é o Senhor dos exércitos.

16 A ponto está de chegar a destruição de Moab: E o seu mal virá correndo com grandíssima velocidade.

17 Consolai-o todos os que estais na sua comarca, e todos os que sabeis o seu nome, dizei: Como se fez em pedaços a vara forte, o báculo glorioso?

18 Desce da glória, assenta-te em sêco, morada da filha de Dibon: Porque o devastador de Moab subiu a ti, destruiu as tuas fortificações.

19 Pára no caminho, e olha, morada de Aroer: Pergunta ao que foge: E dize ao que escapou: Que aconteceu?

Jeremias 48, 20-32

20 Confundido foi Moab, porque ficou vencido: Uivai e gritai, publicai em Arnon, que Moab foi destruída.

21 E a vingança veio sobre a terra campestre: Sobre Helon e sobre Jasa, e sobre Mefaat,

22 e sobre Dibon, e sobre Nabo, e sobre a casa de Deblataim,

23 e sobre Cariataim, e sobre Betgamul, e sobre Betmaon,

24 e sobre Cariot, e sobre Bosra: E sobre todas as cidades da terra de Moab, as que demoram ao longe, e as que perto.

25 Cortado foi o poder de Moab, e o seu braço tem sido quebrantado, diz o Senhor.

26 Embriagai-o, porque se levantou contra o Senhor: E lastimará Moab a sua mão no seu vômito, e ele será também objeto de ludíbrio:

27 Porque tu escarneceste a Israel: Como se o tiveras achado entre ladrões: E assim tu serás levado cativo pelas tuas palavras, que tens falado contra ele.

28 Desamparai as cidades, moradores de Moab, vivei nos penhascos: E sede como a pomba, que faz o ninho no mais alto da boca da gruta.

29 Ouvimos a soberba de Moab, que é soberbo em extremo: A sua inchação, e a arrogância, e soberba, e altivez do seu coração.

30 Eu sei, diz o Senhor, a sua jactância: E que não é conforme a ela o seu valor, nem os seus esforços têm sido conforme ao que podia fazer.

31 Portanto gemerei sobre Moab, e darei gritos por toda Moab, aos varões do muro de ladrilho, que se estão lamentando.

32 Com o pranto de Jazer chorarei por ti, vinha de Sabama: As tuas vides passaram o mar, até ao mar de

Jazer chegaram: O roubador se lançou sôbre as tuas searas, e a tua vindima.

33 A alegria e o regozijo se têm desterrado do Carmelo e da terra de Moab, e eu tirei o vinho dos lagares: O pisador da uva não cantará já o seu costumado celeuma.

34 Com o clamor de Hesebon até Eleale, e Jasa, levantaram a sua voz: Desde Segor até Oronaim, como bezerra de três anos: As mesmas águas de Nemrim serão mui nocivas.

35 E tirarei de Moab, diz o Senhor, ao que faz oferendas nos altos, e sacrifica aos seus deuses.

36 Portanto o meu coração por causa de Moab ressoará como frauta: E o meu coração dará um sonido de frautas sôbre os varões do muro de ladrilho: Porque fêz mais do que pôde, por isso pereceram.

37 Porque tôda a cabeça ficará calva, e tôda a barba será rapada: Em tôdas as mãos se acharão algemas, e sôbre todo o espinhaço cilício.

38 Sôbre tôdas as casas de Moab, e nas suas praças ouvir-se-á todo o pranto: Porquanto fiz a Moab em pedaços, como o vaso inútil, diz o Senhor.

39 Como foi vencida, e deram uivos? Como abaixou Moab a cerviz, e ficou envergonhado? E será Moab objeto de ludíbrio, e de escarmento a todos os da sua comarca.

40 Isto diz o Senhor: Eis-aquí o que como águia voará, estenderá as suas asas a Moab.

41 Tomada foi Cariot, e os inimigos se têm apoderado dos seus baluartes: E será o coração dos fortes de Moab naquele dia, como o coração da mulher que está com dores de parto.

42 E deixará Moab de ser povo: Porque se gloriou contra o Senhor.

Jeremias 48, 43-47; 49, 1-2

43 O espanto, e o fôssô, e o laço está sôbre ti, ó morador de Moab, diz o Senhor.

44 O que fugir da face do espanto, cairá no fôssô: E o que sair do fôssô, será apanhado no laço: Porque trairei sôbre Moab o ano da visitação dêles, diz o Senhor.

45 À sombra de Hesebon fizeram alto os que fugiam do laço: Porque o fogo saiu de Hesebon, e a labareda do meio de Seon, e devorará parte de Moab e a altura dos filhos do tumulto.

46 Ai de ti, Moab, pereceste, ó povo de Camos: Porque presos foram teus filhos, e tuas filhas para o cativoiro.

47 E farei voltar os cativos de Moab, nos últimos dias, diz o Senhor. Até aqui os juízos contra Moab.

CAPÍTULO 49

PROFECIA DA DESOLAÇÃO, E DO CATIVEIRO, E DA TORNADA DOS AMONITAS: DA DESOLAÇÃO DOS IDUMEUS, DOS SÍRIOS, E DOS CEDARENOS. DA DISPERSÃO E TORNADA DOS ELAMITAS.

1 Para os filhos de Amon. Isto diz o Senhor: Acaso não tem filhos Israel? Ou êle não tem herdeiro? Por que razão logo se apoderou Melcom de Gad, como por herança: E o seu povo morou nas cidades desta? (1)

2 Portanto eis-aí vêm os dias, diz o Senhor: E fa-

(1) **POR QUE RAZÃO LOGO SE APODEROU MELCOM DE GAD** — Melcom era o principal deus dos amonitas e tido por seu rei. Os amonitas depois da transmigração das dez tribos para a Assíria sob Teglathalassar, tinham tomado para si as terras do Além-Jordão, que antes pertenciam à Tribo de Gad, e à meia Tribo de Manassés, segundo a repartição que Moisés tinha feito. Disto é que aqui se queixa o Senhor, e isto é o que dá em culpa aos amonitas para os castigar.

rei ouvir sobre Rabat, capital dos filhos de Amon, o estrondo da batalha, e será reduzida pela sua ruína a um montão de pedras, e as suas filhas arderão em fogo, e Israel se fará senhor dos que o possuem, diz o Senhor. (2)

3 Dá uivos, Hesebon, porque Hai foi assolada: Gritai, filhos de Rabat, cingi-vos de cilícios: Chorai e dai voltas pelos valados: Porque Melcom será levado ao cativoiro, juntamente os seus sacerdotes e os seus príncipes. (3)

4 Por que te glorias tu nos vales? Dissipou-se o teu vale, filha delicada, que confiavas nos teus tesouros, e dizias: Quem virá contra mim? (4)

5 Eis-aqui estou eu que farei vir sobre ti o espanto, diz o Senhor Deus dos exércitos, por meio de todos os que estão à roda de ti: E sereis dispersos cada um da vista do outro, e não haverá quem vos recolha na vossa fuga.

6 E depois disto farei voltar os cativos dos filhos de Amon, diz o Senhor,

7 para a Iduméia. Isto diz o Senhor dos exércitos: Pois que não há jamais sabedoria em Teman? Perdeu-se o conselho de seus filhos, o saber dêles se tornou inútil. (5)

(2) **RABAT** — Cidade capital dos amonitas, aqui chamados filhos de Amon.

SUAS FILHAS — As outras cidades.

(3) **HAI** — Cidade ao oriente de Betel. Cfr. Jos 7, 2.

(4) **DISSIPOU-SE O TEU VALE** — Quer dizer, essas riquezas de que tu eras altiva desapareceram.

(5) **NÃO HÁ JAMAIS SABEDORIA EM TEMAN?** — Teman era uma cidade da Iduméia, que tomou o nome de Teman neto de Esaú. Ela se fez célebre pela sabedoria de seus moradores. Desta cidade se crê que foi rei aquêle Elifaz, que tão sábio se pretende mostrar no livro de Jó.

8 Fugi e voltaí as costas, descei às mais profundas cavernas da terra, habitantes de Dedan: Porque eu fiz vir sôbre êle a ruína de Esaú, o tempo da sua visitação. (6)

9 Se tivessem vindo sôbre ti vindimadores, não haveriam deixado cachos: Se ladrões de noite, teriam roubado quanto lhes bastasse. (7)

10 Eu porém patentei a Esaú, pus às claras o que êle tinha escondido, e não poderá ocultar-se: Destruída foi a sua linhagem, e os seus irmãos, e os seus vizinhos, e não subsistirá mais. (8)

11 Deixa os teus pupilos: Eu lhes salvarei a vida: E as tuas viúvas esperarão em mim.

12 Porque isto diz o Senhor: Eis-aqui aquêles que não estavam julgados para beberem o cálice, de certo o beberão: E tu serás deixada como inocente? Não serás inocente, mas de certo o beberás.

13 Porque por mim mesmo tenho jurado, diz o Senhor, que Bosra existirá para desolação, e para opróbrio, e para deserto, e para maldição: E tôdas as suas cidades ficarão despovoadas para sempre.

(6) **DEDAN** — Era outra cidade da Iduméia, assim chamada de Dedan, neto de Abraão e de Cetura. Ficava na extremidade oriental do mar Morto.

(7) **SE TIVESSEM VINDO SOBRE TI** — Ordinariamente os que vão roubar uma vinha, nunca a vindimam de sorte que não deixem alguns cachos para seu dono. E raras vêzes succede que quem de noite vai roubar uma casa, leve tudo o que nela há. Porém os caldeus quando vierem sôbre a Iduméia, tal será a sua ambição e avareza, que lhe não hão de deixar nada, e tudo hão de roubar. Isto é o que quer dar a entender o Senhor com os sobre-ditos dois exemplos.

(8) **E OS SEUS IRMÃOS, E OS SEUS VIZINHOS** — Filhos de Esaú são os idumeus; seus irmãos os hebreus; seus vizinhos os moabitas e os povos da Arábia Petréia.

14 Esta coisa ouvi do Senhor, e um embaixador foi enviado às gentes para lhes dizer: Ajuntai-vos, e vinde contra ela, e levantemo-nos para a batalha: (9)

15 Porque eis-aí te pus pequenino entre as gentes, desprezível entre os homens. (10)

16 A tua arrogância te enganou, e a soberba do teu coração: Tu que habitas nas concavidades dos rochedos, e forcejas por subir até ao cume do outeiro: Ainda que tenhas pôsto no alto como águia o teu ninho, dali te arrancarei, diz o Senhor. (11)

17 E ficará a Iduméia deserta: Todo o que atra-

(9) **E UM EMBAIXADOR FOI ENVIADO AS GENTES PARA LHEZ DIZER** — Teodoreto é de parecer que com efeito enviara Deus um Anjo a Nabucodonosor, para o excitar a vir sobre os idumeus, porque julga que semelhantes embaixadas não desdizem do caráter dos Anjos bons. Porém não é necessário entender à letra as palavras de Jeremias. Pode-se dizer que este seu modo de falar é uma simples prosopopéia, em que elle por embaixada entende aqui precisamente o interior impulso, com que Deus excitou a Nabucodonosor para ser o instrumento da sua justa vingança contra aquêlle povo.

E VINDE CONTRA ELA — Contra elle Esaú, ou Edom, considerado na pessoa do seu povo idumeu. E' em termos como traz a Vulgata: *Et venito contra eam, sc. Idumæam*. O que parece mais coerente, que traduzir e vinde contra Bosra, como aqui traduzem Sacy e de Carrières. Assim está em Glaire.

(10) **PORQUE EIS-AÍ TE PUS PEQUENINO ENTRE AS GENTES** — A Iduméia sempre foi uma província de pequena extensão, e só conhecida na História Sagrada pelo parentesco que tinha com os judeus. Sacy e de Carrières vertem no futuro: *Eu te farei pequeno entre os povos*. Nós seguimos a Vulgata, que diz no pretérito, *Eccc enim parvulum dedi te in Gentibus*.

(11) **NAS CONCAVIDADES DOS ROCHEDOS** — Petra, a pedra, era a capital da Iduméia, e os seus habitantes residiam nos rochedos que perfuravam para a sua habitação. A Iduméia era muito montanhosa.

Jeremias 49, 18-23

vessar pelas suas terras, pásmará, e dará muita vaia à tôdas as suas perdas.

18 Assim como foi destruída Sodoma, e Gomorra, e as suas vizinhas, diz o Senhor: Não morará ali varão, nem o povoará filho de homem.

19 Aqui está aquêle que como leão subirá da soberba do Jordão à grande formosura: Porque eu farei correr súbitamente a ela: E quem será o escolhido que porci sôbre ela? Porquanto quem há semelhante a mim? E quem me poderá suster? E quem é êste pastor, que ousará resistir à minha face? (12)

20 Portanto ouvi o conselho do Senhor, que tomou acêrca de Edon: E os desígnios que êle teve sôbre os moradores de Teman: De certo os arrastarão os zagais da grei, de certo destruirão com êles a sua morada.

21 Ao estrondo da sua ruína se comoveu a terra: No mar Roxo foi ouvido o clamor da sua voz. (13)

22 Eis-aí subirá como águia, e voará: E estenderá as suas asas sôbre Bosra e o coração dos valentes de Iduméia será, naquele dia, como o coração duma mulher, que está com dores de parto.

23 Para Damasco: Envergonhada tem sido Emat, e Arfad: Porque muito má coisa ouviram, perturbados foram no mar: De inquietação não pôde sossegar. (14)

(12) **AQUI ESTÁ AQUELE QUE COMO LEAO** — Entende-se Nabucodonosor.

DA SOBERBA DO JORDÃO — Chama a Escritura soberbo o Jordão, não porque seja rio caudaloso, que não é, mas porque no inverno toma muitas águas, e faz grandes chelas.

PASTOR — Em hebreu significa governador.

(13) **NO MAR ROXO** — Os navegadores do mar Roxo, que mantêm o comércio com a Iduméia, percebem a sua ruína.

(14) **PARA DAMASCO** — Profecia contra Damasco.

DAMASCO, EMAT, ARFAD — Cidades da Síria, das quais a primeira era a capital.

24 Desmaiou Damasco, lançou-se a fugir, o tremor a ocupou: A angústia e as dores a tomaram como à que está com dores de parto.

25 Como desampararam a cidade louvável, a cidade da alegria?

26 Por isso cairão os seus mancebos nas suas ruas: E todos os homens de armas emudecerão naquele dia, diz o Senhor dos exércitos.

27 E acenderei fogo no muro de Damasco, e devorará as muralhas de Benadad. (15)

28 Para Cedar, e para os reinos de Asor, que destruiu Nabucodonosor, rei de Babilônia. Isto diz o Senhor: Levantai-vos, e saí a Cedar, e devastai os filhos do Oriente. (16)

29 Tomarão as suas tendas, e os seus rebanhos: Tomarão para si as suas peles, e todos os seus móveis, e os seus camelos: E chamarão sobre eles o terror de todas as partes.

30 Fugi, ide-vos a toda a pressa, escondei-vos nas grutas da terra os que morais em Asor, diz o Senhor: Porque Nabucodonosor, rei de Babilônia, tomou conselho contra vós, e formou os desígnios contrários a vós.

31 Levantai-vos, e subi à gente pacífica, e que mora sem receio, diz o Senhor, eles não têm portas, nem ferrolhos: Habitam sós.

32 E os seus camelos serão metidos a saque, e a

(15) **BENADAD** — Parece que este nome era comum aos reis da Síria, como o de Faraó aos do Egito. Outros querem que fôsse cognome de alguns dos reis da Síria. A Escritura menciona três reis de Damasco com este nome.

(16) **PARA CEDAR** — A região de Cedar tomou este nome de Cedar, filho de Ismael, e jazia na Arábia deserta, entre o Eufrates e as serras de Galaad. São as profecias sobre os árabes (28-33).

multidão dos seus animais servirá para despôjo: E espalharei a todo o vento os que cortam o cabelo em redondo: E de todos os seus confins trarei mortandade sôbre êles, diz o Senhor. (17)

33 E Asor ficará para morada de dragões, deserta para sempre: Não permanecerá ali varão, nem a povoará filho de homem.

34 Palavra do Senhor, que foi dirigida ao profeta Jeremias contra Elam no princípio do reinado de Sedecias, rei de Judá, a qual dizia: (18)

35 Isto diz o Senhor dos exércitos: Eis-aí quebrarei eu o arco de Elam, e o seu grandíssimo poder.

36 E farei vir sôbre Elam os quatro ventos das quatro plagas do céu: E os espalharei para todos êstes ventos: E não haverá nação, onde não cheguem os fugitivos de Elam.

37 E farei tremer a Elam diante de seus inimigos, e na presença dos que procuram a sua alma: E farei cair sôbre êles o mal, a ira do meu furor, diz o Senhor: E enviarei a sua espada após êles até que eu os consuma.

38 E porei o meu trono em Elam e exterminarei d'ali os reis e os príncipes, diz o Senhor. (19)

39 Nos últimos dias porém farei voltar os cativos de Elam, diz o Senhor. (20)

(17) **A TODO O VENTO** — Para tôdas as regiões da terra. — Menochio.

(18) **CONTRA ELAM** — Por Elam entende o comum dos intérpretes a Pérsia, ou outra região confinante.

(19) **E POREI O MEU TRONO EM ELAM** — Isto é, erigirei o meu tribunal no Elam para o julgar, e proceder contra os seus reis e príncipes.

(20) **NOS ÚLTIMOS DIAS PORÉM** — Isto se verificou em tempo de Ciro, quando este desfez os caldeus e babilônios.

CAPÍTULO 50

PROFECIA DA RUÍNA DE BABILÔNIA PELOS PERSAS, E
MEDOS: E DO LIVRAMENTO DE ISRAEL, E DE JUDÁ.

1 Palavra que o Senhor falou acêrca de Babilônia, e da terra dos caldeus por mão do profeta Jeremias. (1)

2 Anunciai entre as gentes, e fazei-lho ouvir: Levantai bandeira, publicai-o, e não lho encubrais: Dizei: Babilônia foi tomada, Bel ficou confundido, Merodac foi destrôado, confundidos têm sido os seus simulacros, derrotados ficaram os ídolos dêles. (2)

(1) **PALAVRA** — Começa aqui a profecia contra a Babilônia. E' conhecida a importância que Babilônia atingiu e o grau de esplendor a que chegou, tornando-se célebre entre as cidades do mundo. O fausto e a magnificência de Nabucodonosor imprimiram-lhe tal grandeza, que foi a primeira do seu tempo. Perrot, *Histoire de l'art dans l'antiquité*, v. II, pp. 776-778. A sua superfície compreendia cêrca de quinhentos e treze mil metros quadrados, e aí estavam acumuladas as mais preciosas riquezas da Ásia. Oppert, *Expedition en Mesopotamie*, v. I, p. 234. O seu esplendor foi tão intenso e perdurável que, mais tarde, quando no início da sua decadência, ainda assombrou os próprios gregos. Ctesias, *De rebus Assyriorum*. A opulência e a arte deram-se as mãos para enriquecerem aquela magnífica cidade, que os poderosos do tempo pretendiam transformar num paraíso, onde a vida passasse no gôzo das mais tranqüilas e amenas delícias. Para avaliarmos do gôsto que presidia a todos os aformoseamentos babilônicos, não só temos a reconstrução dos suntuosíssimos palácios assírios, Layards, *Nineveh and Babylon*, mas ainda os famosos jardins suspensos de Babilônia, levantados sobre as colinas. Perrot, *Histoire de l'art*, pp. 232-233. Pois Jeremias prediz a ruína total de Babilônia, e Babilônia cai e desaparece.

(2) **BEL** — E' uma das divindades de Babilônia. E' figurada, num baixo-relêvo de Ninsoud, segundo Layards, *Monuments of Nineveh*, L, Reis, fl. 65, de pé, tendo dois cornos na testa, sim-

3 Porque subiu contra ela gente do Aquilão, que tornará a sua terra em solidão: E não haverá quem na povoe, desde o homem até ao animal: E êles se têm comovido, e se foram.

4 Naqueles dias, e naquele tempo, diz o Senhor: Virão os filhos de Israel, êles, e juntamente os filhos de Judá: Marchando, e chorando se apressarão, e buscarão ao Senhor seu Deus.

5 Perguntarão o caminho para Sião, aonde fixarão o seu rosto. Virão, e se unirão ao Senhor com uma eterna aliança, a qual jamais se apagará da sua memória.

6 O meu povo veio a ser um rebanho perdido: Os pastôres dêles os enganaram, e os fizeram andar desgarrados pelos montes: Do monte passarão ao outeiro, esqueceram-se do lugar do seu repouso.

7 Todos os que os acharam, os devoraram: E os inimigos dêles disseram: Não temos delinqüido: Pelo motivo de que êles pecaram contra o Senhor, que é formosura de justiça, e contra o Senhor, que foi a esperança de seus pais.

8 Apartai-vos do meio de Babilônia, e saí da terra dos caldeus: E sede como os cabritos que vão adiante do rebanho.

9 Porque eis-aqui estou eu que suscito, e trarei con-

bolo da força, na atitude duma pessoa que caminha, tendo uma haste na mão direita, e na esquerda um ralo, de que mais tarde os gregos se serviram para armar o braço de Júpiter.

MERODAC FOI DESTROÇADO — Merodac crê-se que fôra outro rei de Babilônia, a quem os naturais depois de morto consagraram no número das suas principais divindades. E daqui talvez procedeu que entre os reis de Babilônia se acham muitos com este mesmo nome, como em Isaias Merodac-Baladan, na história dos Reis Evilmerodac, no Cânon de Ptolomeu Mardoqueão, e Mes-sessimero-dac.

tra Babilônia grandes exércitos das gentes da terra do Aquilão: E armar-se-ão contra ela, e depois será tomada: A sua seta como a de varão forte matador, não tornará sem efeito. (3)

10 E a Caldéia servirá para prêsa: Todos os que a saquearem se fartarão, diz o Senhor.

11 Porquanto vos ensoberbeceis, e falais com insolência, saqueando a minha herança: Porque estais soltos como bezerros sobre a erva, e bramastes como touros.

12 Tem sido mui confundida a vossa mãe, e igualada ao pó a que vos gerou: Eis-aí será a última entre as gentes, despovoada, sem caminho, e sem água. (4)

13 Pela ira do Senhor ficará despovoada, e será tornada toda em uma solidão: Todo o que passar por Babilônia, se espantará, e dará uma vaia sobre todas as suas ruínas.

14 Atacai a Babilônia de todas as partes, todos vós os que sabeis manejar o arco: Debelai-a, não poupeis as flechas: Porque ela pecou contra o Senhor.

15 Gritai contra ela, em todas as partes deu as mãos, caíram os fundamentos dela, destruídos ficaram

(3) **E TRAREI CONTRA BABILONIA GRANDES EXERCITOS** — O exército que Ciro conduziu da Ásia Menor contra Babilônia, era composto de medos, assírios, armênios, e de outras muitas nações. — Calmet.

(4) **DESPOVOADA, SEM CAMINHO, E SEM ÁGUA** — Isto não sucedeu, senão muitos séculos depois, isto é, depois que Seleuco Nicator fundou junto ao Tigre a cidade de Seleucia; dali por diante pouco a pouco se foi despovoando Babilônia, de sorte que, em tempo de Estrabão, que compunha a sua geografia sob Tibério, já estava de todo desabitada; em tempo de Pausânias, que escrevia a sua arcádia sob Antonino Pio, não restavam de Babilônia senão os muros, e em tempo de S. Jerônimo, como ele mesmo atesta, servia aos príncipes de coutada, aonde iam montar.

os seus muros, porque é vingança do Senhor: Tomai vingança dela, fazei-lhe o mesmo que ela fez.

16 Exterminai de Babilônia ao que a semeia, e ao que tem a foice no tempo da ceifa: Ante o fio da espada da pomba cada um tornará ao seu povo, e cada um fugirá para a sua terra.

17 Israel é um rebanho desgarrado, os leões o lançaram fora: O rei de Assur o devorou primeiro: Este Nabucodonosor, rei de Babilônia, lhe quebrou os ossos em último lugar. (5)

18 Por cuja causa, isto diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Eis-aí visitarei eu ao rei de Babilônia, e a sua terra, assim como visitarei ao rei de Assur: (6)

19 E farei tornar Israel para o lugar da sua habitação: E ele entrará outra vez nas pastagens do Carmelo, e de Basan, e a sua alma se fartará nos montes de Efraim, e de Galaad.

20 Naqueles dias, e naquele tempo, diz o Senhor: Buscar-se-á a iniquidade de Israel e não a haverá mais: E buscar-se-á o pecado de Judá, e ele se não achará: Porque eu me mostrarei propício ao que tiver reservado.

21 Sobe à terra dos dominadores, e vai com a tua visita sobre os moradores dela, destrói, e mata aos que vão após eles, diz o Senhor: E faz conforme a tudo o que te mandei. (7)

(5) **REI DE ASSUR** — Isto é, os reis da Assíria, Teglath-lasar, Salmanasar, Senaquerib e Assaradon.

(6) **VISITAREI AO REI DE ASSUR** — O Senhor visitou o rei de Assur não só pela derrota de Senaquerib, mas ainda pela ruína de Nínive, e do império dos assírios.

(7) **AOS QUE VÃO APÓS ÊLES** — Destrói toda a sua posteridade, isto é, todos os seus filhos e netos, como explica Menochlo, ou segundo a inteligência de Calmet, mata os seus confederados, os seus amigos. Ou também: extermina-os e persegue-os sem nenhum descanso nem intermissão.

22 Ouviu-se uma voz de guerra na terra, e um grande destrôço.

23 Como se quebrou, e se fêz em migalhas o martelo de tôda a terra? como se mudou num deserto esta Babilônia tão formosa entre as gentes?

24 Eu te enredei, ó Babilônia, e tu foste tomada, e sem o saberes: Foste surpreendida e apanhada: Porque provocaste o Senhor.

25 O Senhor abriu o seu tesouro e dêle tirou as armas da sua ira: Porque o Senhor Deus dos exércitos as há mister contra o país dos caldeus.

26 Vinde a ela dos últimos confins, abri para que saiam os que a hão de pisar: Tirai do caminho as pedras, e ponde-as em montes, e matai-a: E não fique resto algum.

27 Matai a todos os seus valentes, venham ao degoladouro: Ai dêles, porque veio o seu dia, o tempo da sua visitação.

28 Ouviu-se uma voz dos fugitivos, e daqueles que escaparam da terra de Babilônia, para publicar em Sião a vingança do Senhor nosso Deus, a vingança do seu templo.

29 Anunciai a todos os que estendem o arco, que venham em bandos contra Babilônia: Cercai-a de tôdas as partes, e não escape nenhum: Tornai-lhe segundo a sua obra: Segundo tôdas as coisas que fêz, assim lhe fazei a ela: Porque se levantou contra o Senhor, contra o Santo de Israel.

30 Por isso os seus mancebos cairão nas suas praças: E tôdas as suas gentes de guerra emudecerão naquele dia, diz o Senhor.

31 Eis-me aí sou eu contigo, ó soberbo, diz o Se-

Jeremias 50, 32-38

nhor Deus dos exércitos: Porque é chegado o teu dia, o tempo da tua visitaçāo. (8)

32 E cairá o soberbo, e dará consigo em terra, e não haverá quem o levante: E acenderei fogo nas suas cidades, e devorará tudo o que estiver em seu circuito.

33 Isto diz o Senhor dos exércitos: Os filhos de Israel e juntamente os filhos de Judá sofrem opressão: Todos os que os cativaram, os retêm, não os querem deixar ir.

34 O redentor dêles é forte, o Senhor dos exércitos é o seu nome, defenderá em juízo a causa dêles, para assombrar a terra, e fazer tremer os moradores de Babilônia.

35 A espada está desembainhada contra os caldeus, diz o Senhor, e contra os moradores de Babilônia, e contra os seus príncipes, e sábios.

36 A espada está desembainhada contra os seus adivinhos, que ficarão insensatos: A espada está tirada contra os seus valentes, que temerão.

37 A espada está desembainhada contra os seus cavalos, e contra os seus carros, e contra todo o seu povo, que está no meio dela: E serão como mulheres: A espada está tirada contra os tesouros dela, que serão saqueados.

38 Cairá a sêca sôbre as suas águas e elas secarão: Porque é terra de ídolos, è que nos seus monstros se gloria. (9)

(8) O' SOBERBO — Fala Deus ou com Nabucodonosor, ou com aquêlo de seus sucessores, em cujo tempo foi Babilônia tomada por Ciro, que ainda se não sabe ao certo quem foi, querendo uns que fôsse Baltasar, outros Nabonides. Cfr. Is 14, 12. Dan 5, 20.

(9) CAIRA A SÊCA SÔBRE AS SUAS AGUAS — Heródoto, no livro I, cap. CLXI, nos informa que Ciro, para tomar a Babi-

39 Por isso os dragões virão morar nela com os faunos, que vivem de figos bravos: E morarão nela avestruzes, nem será edificada até à geração e geração. (10)

40 Assim como o Senhor destruiu a Sodoma e a Gomorra, e as outras cidades suas vizinhas, diz o Senhor: Não morará ali varão, nem a povoará filho de homem.

41 Eis-aí vem um povo do Aquilão, e uma gente grande, e muitos reis se levantarão dos confins da terra.

42 Armar-se-ão de arco e de escudo: Eles são cruéis e desapiedados: A voz deles soará como o mar, e montarão em cavalos: Como um varão apercebido para a batalha contra ti, filha de Babilônia.

43 Ouviu o rei de Babilônia a fama deles, e desfaleceram as suas mãos: Tomou-o a angústia, a dor, como a daquela que está com dores de parto.

44 Eis-aí subirá da inchação do Jordão um como leão à formosura forte: Porque súbitamente o farei correr a ela: E qual será o escolhido, que eu hei de pôr à sua frente? quem há pois semelhante a mim? e quem me sustera? e quem é aquêle pastor que se atreva a resistir à minha face?

45 Portanto ouvi o conselho do Senhor, que formou na sua mente contra Babilônia: E os seus desig-

lônia, usara do estratagema de mudar a corrente do Eufrates, fazendo que as suas águas corressem para o deserto.

MONSTROS — Segundo o hebreu, ídolos monstruosos, que inspiram horror.

(10) **POR ISSO OS DRAGÕES VIRÃO MÔRAR NELA COM OS FAUNOS** — Por semelhante figura se tinha já explicado Isaias, falando da mesma Babilônia no cap. 13, versículo 21. Os termos hebraicos correspondentes são traduzidos pelo mesmo Isaias demônios e one, centauros.

nios; que dispôs sobre a terra dos caldeus: Eu juro que os zagais das manadas os arrastarão, juro que será derribada com eles a sua morada. (11)

46 À voz da tomada de Babilônia se comoveu a terra, e o seu clamor foi ouvido entre as gentes.

CAPÍTULO 51

CONTINUAÇÃO DA PROFECIA CONTRA BABILONIA. ORDEM QUE JEREMIAS DEU A SARAIAS, QUE IA A BABILÔNIA.

1 Isto diz o Senhor: Eis-aí levantarei eu um como vento pestilento contra Babilônia, e contra os seus moradores, que elevaram o seu coração contra mim.

2 Enviarei contra Babilônia padejadores, e a padejarão, e demolirão a sua terra: Porque vieram sobre ela de tôdas as partes, no dia da sua aflição.

3 O que estende o seu arco não no estenda, nem suba armado de couraça, não perdoeis aos mancebos dela, passai à espada toda a sua gente de guerra.

4 E cairão mortos na terra dos caldeus, e feridos nas suas regiões.

5 Porque Israel e Judá não enviuvaram do seu Deus o Senhor dos exércitos: E a terra deles cheia está de delitos contra o santo de Israel. (1)

6 Fugi do meio de Babilônia, e salve cada um a

(11) **EU JURO** — À letra: “Se os zagais das manadas os não arrastarem, se com eles não fôr derribada a sua morada.” Entende-se, como já se tem repetido em muitos lugares: “Eu não seja livre, se, etc. — **Pereira.**

(1) **E A TERRA DELES** — Isto é, foi cheia dos frutos dos seus delitos: que não é raro nas Escrituras dizer “delito” em lugar de suplicio ou de castigo. E assim poder-se-ia também verter este lugar: “E a terra dos caldeus foi enchida de males pelo santo de Israel”, — **Calmet.**

sua alma: Não caleis a sua iniquidade: Porque tempo é da vingança do Senhor; êle mesmo lhe dará o pago.

7 Na mão do Senhor é Babilônia um copo de ouro, que embriaga tôda a terra: Beberam as gentes do seu vinho, e ficaram por isso agitadas. (2)

8 Babilônia caiu num momento, e ficou arruinada: Uivai sôbre ela, tomai resina para a applicardes à sua dor, a ver se acaso sara.

9 Cuidamos de Babilônia, e ella não sarou: Deixemo-la, e vamos cada qual para a sua terra: Porque a condenação que ella merece chegou até os céus, e se elevou até às nuvens.

10 O Senhor manifestou as nossas justicas: Vinde, e contemos em Sião a obra do Senhor nosso Deus. (3)

11 Aguçai as setas, enchei as aljavas: O Senhor despertou o espirito dos reis dos medos: E contra Babilônia o seu conselho é para a destruir: Porque é vingança do Senhor, vingança do seu templo.

12 Sôbre os muros de Babilônia levantai bandeira, multiplicaí as sentinelas: Colocai guardas, dispondo emboscadas: Porque pensou o Senhor, e fêz tudo quanto falou contra os moradores de Babilônia.

13 Tu, que habitas sôbre grandes águas, abundas em tesouros: Está chegado o teu fim, a tua inteira destruição. (4)

(2) **UM COPO DE OURO** — Pelo qual Deus embriagou os povos com o vinho da sua cólera; serviu-se de Babilônia, que chegara ao apogeu da glória, como dum instrumento para castigar os povos que o tinham ofendido. Glaire, *La Sainte Bible*, ed. 1902.

(3) **O SENHOR MANIFESTOU** — Aqui falam os hebreus cativos em Babilônia.

(4) **TU, QUE HABITAS SOBRE GRANDES AGUAS** — Babilônia estava situada entre o Eufrates e o Tigre, e era regada

Jeremias 51, 14-23

14 O Senhor dos exércitos jurou pela sua alma: Eu pois te encherei de homens como de bruxos, e será cantada sôbre ti a canção da vindima.

15 O que fêz a terra com a sua fortaleza, ordenou o mundo com a sua sabedoria, e estendeu os céus com a sua prudência.

16 Dando êle uma voz, se multiplicam as águas no céu: O que levanta as nuvens da extremidade da terra, resolveu os relâmpagos em chuva, e tirou o vento dos seus tesouros.

17 Embotou-se todo o homem no seu saber: Todo o fundidor se confundiu nos seus simulacros: Porque é coisa enganosa a sua fundição, nem há espírito nêles.

18 Vãs são estas obras, e dignas de riso, elas perecerão no tempo da sua visitaçào.

19 Não como isto aquêles que é a porção de Jacó: Porque êle mesmo é o que fêz tudo, e Israel o reino da sua herança: O Senhor dos exércitos é o seu nome.

20 Tu me estragas os que são para mim instrumentos de guerra, e eu por ti arruinarei nações, e por ti destruirei reinos:

21 E quebrantarei por ti ao cavalo, e ao cavaleiro: E quebrantarei por ti ao carro e ao que vai nêle:

22 E quebrantarei por ti ao homem e à mulher: E quebrantarei por ti ao velho e ao moço: E quebrantarei por ti ao mancebo e à virgem:

23 E por ti quebrantarei ao pastor e ao seu rebanho: E por ti quebrantarei ao lavrador e as suas juntas: E por ti quebrantarei os capitães e os magistrados.

de vários braços dêstes rios, pela qual causa também no versículo 36 atribui Jeremias a Babilônia seu mar.

A TUA INTEIRA DESTRUICÃO — Ou, chegou ao cúmulo a medida dos teus pecados, que é o sentido que oferece o hebreu.

24 E pagarei a Babilônia, e a todos os moradores da Caldéia todo o seu mal, que fizeram em Sião, ante os vossos olhos, diz o Senhor.

25 Eis-me aqui contra ti, diz o Senhor, ó monte pestífero, que inficcionas tôda a terra: E estenderei a minha mão sôbre ti, e te farei rodar dentre as rochas, e te tornarei em um monte do incêndio. (5)

26 E de ti não tomarão pedra para um ângulo, nem pedra para fundamentos, mas destruído ficarás para sempre, diz o Senhor. (6)

27 Levantai o estandarte na terra: Tocai a buzina entre as gentes, santificai sôbre ela as nações: Convocai contra ela aos reis de Ararat, de Meni, e Ascenez: Ponde em conta contra ela a Tafsar, trazei cavalos como gafanhotos armados de agulhões. (7)

28 Santificai contra ela as gentes, os reis da Média, os seus capitães, e todos os seus magistrados, e tôda a terra dos seus domínios.

29 E comover-se-á a terra, e se turbará: Porque estará em vigia contra Babilônia o pensamento do Senhor, para deixar deserta e sem morador a terra de Babilônia.

30 Deixaram de pelejar os fortes de Babilônia, habitaram nos presídios: Consumida foi a sua força, e se

(5) **MONTE PESTIFERO** — Babilônia estava situada sôbre uma superfície, mas os seus edifícios dominavam esta planície como ainda hoje as ruínas de Birs-Ninsoud sôbre o lugar da torre de Babel. Também Babilônia pode ser chamada montanha em sentido metafórico, por causa da sua força e poderio.

(6) **E DE TI NAO TOMARÃO PEDRA** — Metáfora, com que o profeta quer significar que de Babilônia não sairá mais rei ou príncipe algum. — Teodoreto.

(7) **A TAFSAR** — E' o nome não de região, mas de príncipe, que também se achava em Naum, 3, 18. — Pereira.

Jeremias 51, 31-37

tornaram como mulheres: Incendiadas foram as tendas dela, quebrados foram os seus ferrolhos.

31 O correio se encontrará com o correio: E o mensageiro alcançará ao mensageiro: Para dar aviso ao rei de Babilônia, que a sua cidade está tomada desde um cabo até outro cabo: (8)

32 E que os vaus estão tomados, e os juncas ardeando em fogo, e que os homens de guerra ficaram amedrontados.

33 Porque isto diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: A filha de Babilônia é como eira, tempo é de se debulhar: Ainda mediará um pouco e virá o tempo da sua ceifa.

34 Nabucodonosor, rei de Babilônia, me trouxe, me devorou: Ele me deixou como um vaso despejado, enguliu-me como um dragão, encheu o seu ventre de tudo o que eu tinha de mais delicioso, e deitou-me fora.

35 A sua injustiça contra mim, e a minha carne está sobre Babilônia, diz a morada de Sião: E o meu sangue sobre os moradores da Caldéia, diz Jerusalém.

36 Por cuja causa, isto diz o Senhor: Eis-aqui estou eu que julgarei a tua causa, e vingarei a tua vingança, e despovoarei o seu mar, e secarei o seu manancial.

37 E será Babilônia reduzida a montões, virá a ser a habitação de dragões, o assombro, e o silvo, porque não haverá morador.

(8) O CORREIO SE ENCONTRARÁ COM O CORREIO —

Estes correios eram os que iam e vinham, mandados pelo rei, que estava recolhido no seu palácio, e desejava saber o que se passava; porque era Babilônia uma cidade tão extensa, que havendo muitas horas que estava tomada, ainda em muitas partes se não sabia que o inimigo tinha entrado nela. Heródoto, Livro I, cap. CXCI.

38 Rugirão assim mesmo como leões, sacudirão as suas guedelhas, como cachorros de leões.

39 No seu calor lhes darei de beber, e os embriagarei, para que adormeçam, e durmam um sono sem fim, e não se levantem, diz o Senhor.

40 Eu os conduzirei como cordeiros que vão a degolar, e como carneiros que são levados com os cabritos.

41 Como foi tomada Sesac, e prêsa a esclarecida de toda a terra? Como tem sido tornada Babilônia em espanto entre as gentes?

42 O mar subiu sobre Babilônia, coberta foi da multidão das suas ondas.

43 As suas cidades se têm tornado em espanto, terra despovoada, e deserta, terra em que ninguém pode habitar, nem passar por ela filho algum de homem.

44 E irei com a minha visita sobre Bel em Babilônia, e lhe farei lançar da sua bôca o que havia absorvido, e dali em diante não concorrerão a êle as gentes, pois que até o muro de Babilônia cairá.

45 Saí do meio dela, povo meu: Para que salve cada um a sua vida da ira do furor do Senhor.

46 E porque talvez não se enteneça o vosso coração, e temais o rumor que se há de ouvir na terra: E virá num ano um boato, e depois dêste ano outro boato: E a maldade na terra, e dominador sobre dominador.

47 Por cuja causa eis-aí vêm os dias, e virei com a minha visita sobre os simulacros de Babilônia: E toda a terra dela será confundida, e todos os seus mortos cairão no meio dela.

48 E os céus e a terra, e todas as coisas que nêles há, darão louvor pelo excídio de Babilônia: Porque do Aquilão lhe virão os roubadores, diz o Senhor.

49 E como fêz Babilônia que caíssem mortos em

Jeremias 51, 50-59

Israel: Assim cairão de Babilônia mortos em tôda a terra.

50 Os que escapastes da espada, vinde, não fiquéis parados: De longe lembrai-vos do Senhor, e Jerusalém suba sôbre o vosso coração.

51 Confusos estamos, porque ouvimos a afronta: Cobriram-se de vergonha os nossos rostos: Porque vieram os estranhos contra o Santuário da casa do Senhor.

52 Por cuja causa eis-aí vêm os dias, diz o Senhor: E irei com a minha visita sôbre os seus simulacros, e em tôda a sua terra bramará o ferido.

53 Ainda que suba Babilônia ao céu, e firme no alto a sua força: De mim virão os destruidores dela, diz o Senhor.

54 Ouviu-se uma voz de clamor de Babilônia, e uma grande ruína da terra dos caldeus:

55 Porque o Senhor assolou a Babilônia, e fêz cessar dela a sua grande voz: E soarão as ondas dêles, como o estrondo de muitas águas: Deu soada a voz dêles:

56 Porque o exterminador veio sôbre ela, isto é, sôbre Babilônia, e foram presos os seus valentes, e afrouxou o seu arco, porque o Senhor vingador forte lhes dará a merecida recompensa.

57 E embriagarei os seus príncipes, e os seus sábios, e os seus capitães, e os seus magistrados, e os seus valentes: E dormirão um sono eterno, e não despertarão jamais, diz o rei; o Senhor dos exércitos é o seu nome.

58 Isto diz o Senhor dos exércitos: Aquêlê muro larguíssimo de Babilônia será arruinado de alto a baixo, e as suas portas excelsas serão abrasadas pelo fogo, e os trabalhos dos povos e das nações reduzidos a nada, e entregues ao fogo, e assim perecerão.

59 Palavra que mandou o profeta Jeremias a Sa-

raias, filho de Nérias, filho de Maasias, quando ia com o rei Sedecias para Babilônia, no quarto ano do seu reinado: Êste Saraías pois era o príncipe da profecia. (9)

60 E escreveu Jeremias em um livro todo o mal que estava para vir sôbre Babilônia: Tôdas estas palavras que ficam escritas contra Babilônia.

61 E disse Jeremias a Saraías: Quando chegares a Babilônia, e vires, e leres tôdas estas palavras,

62 dirás: Senhor, tu tens pronunciado contra êste lugar, que o destruirias: Que não haja quem nêle habite desde o homem até ao gado, e que fique sendo uma perpétua solidão.

63 E quando acabares de ler êste livro, atar-lhe-ás uma pedra, e o lançarás no meio do Eufrates:

64 E dirás: Assim será submergida Babilônia, e não se levantará mais à vista da aflicção, que eu vou a descarregar sôbre ela, e ficará destruída. Até aqui as palavras de Jeremias. (10)

(9) **A SARAÍAS, FILHO DE NERIAS** — E por conseguinte, irmão de Baruc.

NO QUARTO ANO DO SEU REINADO — De nenhum monumento autêntico consta que Sedecias fôsse a Babilônia no seu quarto ano, se bem que os rabinos assim o escrevem no seu Seder-Olão. E tanto o hebreu como os Setenta, o que aqui dizem: "Ordem dada pelo profeta Jeremias a Saraías, filho de Nérias, quando por mandado do rei Sedecias ia a Babilônia."

ERA O PRÍNCIPE DA PROFECIA — E' à letra o que diz a Vulgata: *Saraías autem erat princeps prophetæ.* O que Sacy e de Carrières explicam assim: "Era o primeiro entre os profetas." Duhamel e Calmet assim: "Era o príncipe da embaixada, ou o primeiro entre os levitas, que costumavam cantar os salmos. Cfr. Glaire, ob. cit.

(10) **ATÉ AQUI AS PALAVRAS DE JEREMIAS** — Esta cláusula não é de Jeremias, mas sim de quem compilou os seus vaticínios. Já outras vêzes advertimos que êstes vaticínios não foram compilados pela ordem por que Jeremias os publicou. E

CAPÍTULO 52

HISTÓRIA DO ASSÉDIO E DA TOMADA DE JERUSALÉM POR NABUCODONOSOR.

1 Filho de vinte e um anos era Sedecias, quando entrou a reinar: Reinou onze anos em Jerusalém, e sua mãe se chamava Amital, filha de Jeremias de Lobna. (1)

2 E fêz o mal nos olhos do Senhor, conforme em tudo ao que havia feito Joaquim.

3 Porque o furor do Senhor estava sôbre Jerusa-

esta mesma instrução que Jeremias deu a Saraías o confirma, porque ela foi dada no quarto ano de Sedecias, e Jeremias certamente profetizou até Jerusalém ser tomada no ano nono. Assim os Setenta não trazem a referida cláusula, e o que a Vulgata traz neste capítulo 51 o puseram eles no capítulo 28. — Calmet.

(1) Este capítulo é meramente histórico, e não contém em substância mais que o que da matéria se refere nos dois últimos capítulos do livro quarto dos Reis. E não sem fundamento, se duvida se ele foi escrito por Jeremias. A exaltação do rei Joaquim por Evilmerodac não podia naturalmente ser sabida de Jeremias, porque a este tempo já o profeta era morto. E se ele escrevesse este livro, é crível que usasse das mesmíssimas expressões que se acham na história dos reis. E para se não dizer que a história do assédio e tomada de Jerusalém, que se lê no fim do livro quarto, é obra de Jeremias, temos que no livro 4 dos Reis faltam algumas circunstâncias, que se acham aqui neste capítulo 52 de Jeremias. Portanto, o que parece mais provável é que este capítulo foi aqui ajuntado por Esdras, ou por algum outro, que compilou as profecias de Jeremias, para servir como de comentário às que ele tinha publicado sôbre a destruição e a perda de Jerusalém; bem assim como às profecias de Israel se ajuntaram do mesmo livro 4 dos Reis os capítulos 36, 37 e parte do 38, para darem luz aos vaticínios contra Senaquerib. Este é o sentimento de Grocio e de Calmêt. — Cfr. Glaire.

lém e sôbre Judá, até os haver lançado da sua face: E Sedecias se rebelou contra o rei de Babilônia. (2)

4 No ano nono porém do seu reinado, ao décimo dia do décimo mês, aconteceu isto: Marchou Nabucodossor, rei de Babilônia, e êle e todo o seu exército contra Jerusalém, e lhe puseram sítio, e levantaram contra ela fortificações em seu circuito.

5 E estêve cercada a cidade até o undécimo ano do reinado de Sedecias.

6 Mas no mês quarto, aos nove do mês, se apoderou a fome da cidade: E não havia víveres para o povo da terra.

7 E se abriu brecha na cidade, e todos os seus homens de armas fugiram, e saíram da cidade, de noite, pelo caminho da porta, que está entre os dois muros, e vai ter ao jardim do rei, (cercando os caldeus a cidade ao redor) e foram-se pelo caminho, que vai ter ao deserto.

8 Mas o exército dos caldeus foi em alcance do rei: E fizeram prisioneiro a Sedecias no deserto, que está perto de Jericó: E todos os que o acompanhavam, fugiram dêle.

9 E logo que prenderam ao rei o levaram ao rei de Babilônia a Reblata, que está na terra de Emat: E pronunciou contra êle a sua sentença.

10 E degolou o rei de Babilônia aos filhos de Sedecias ante seus olhos: E matou também a todos os príncipes de Judá em Reblata.

11 E tirou os olhos a Sedecias, e o carregou de ferros e o rei de Babilônia o conduziu a Babilônia, e o pôs na casa do cárcere até ao dia da sua morte.

(2) E SEDECIAZ SE REBELOU CONTRA O REI DE BABILÔNIA — Isto é, contra aquêla a quem antes tinha jurado fidelidade e sujeição.

12 E no mês quinto aos dez do mês que é o ano décimo nono de Nabucodonosor, rei de Babilônia, veio Nabuzardan, general do exército, que mandava pelo rei de Babilônia em Jerusalém. (3)

13 E pôs fogo à casa do Senhor, e à casa do rei, e a tôdas as casas de Jerusalém, e a tôda a casa grande abrasou com fogo.

14 E todo o exército dos caldeus, que estava com o general da tropa, deitou abaixo tôdas as muralhas, que cercavam a cidade de Jerusalém.

15 E no tocante aos pobres do povo, e à demais plebe que havia ficado na cidade, e aos desertores, que se haviam passado ao rei de Babilônia, e os restantes da multidão, a todos fez transportar Nabuzardan, general do exército.

16 E de entre os pobres da terra deixou Nabuzardan, general da tropa, ficar os vinhateiros, e lavradores.

17 Quebraram outrossim os caldeus as colunas de bronze, que estavam na casa do Senhor, juntamente com os seus pedestais, e o mar de bronze que estava na casa do Senhor, e todo o seu cobre levaram para Babilônia.

18 Levaram também os caldeirões, e os garfos, e os saltérios, e as redomas, e os graís, e todos os vasos de cobre que haviam servido no ministério: E

19 os cântaros, e os incensadores, e os jarros, e as bacias, e os candeeiros e os graís, e as taças: O que de ouro, de ouro: E o que de prata, de prata; tudo levou o general do exército:

20 E duas colunas, e um mar, e doze bezerros de bronze, que estavam debaixo das bases, que havia feito

(3) **AOS DEZ DO MÊS** — O livro 4 Rs 25, 8, diz o sétimo dia. O que Usset pretende concordar, dizendo que Nabuzardan chegara a Jerusalém no dia sétimo, mas que não executara as ordens de Nabucodonosor senão no dia décimo.

o rei Salomão na casa do Senhor: Não havia pêso para o metal de todos êstes vasos.

21 E quanto às colunas, cada uma delas tinha dezoito côvados de alto, e a cercava um cordão de doze côvados: Ora a sua grossura era de quatro dedos, e era ôca por dentro.

22 E os capitéis sôbre uma e outra eram de bronze: A altura de cada capitel de cinco côvados: E as rêdes e as romãs sôbre a coroa ao redor, tudo de bronze. Semelhantemente da coluna segunda e romãs.

23 E as romãs que se viam pendentes eram noventa e seis: E estas, por tôdas cem romãs, estavam cobertas de suas rêdes.

24 Levou outrossim o general do exército a Saraias, que era o primeiro sacerdote, e a Sofonias, que era o segundo: E os três guardas do vestibulo.

25 Levou mais da cidade a um eunuco, que era o inspetor dos homens de armas: E a sete pessoas das que estavam sempre diante do rei, as quais se achavam na cidade: E ao secretário intendente do exército, que tinha á sua conta formar os soldados bisonhos: E a sessenta homens do povo da terra que se acharam no meio da cidade.

26 E pegou em todos o general da tropa Nabuzardan, e os levou a Reblata ao rei de Babilônia.

27 E o rei de Babilônia os feriu, e fêz matar a todos em Reblata, no país de Emat: E Judá foi transferido para fora da sua terra.

28 Esta é a gente que transferiu Nabucodonosor: No sétimo ano do seu reinado, transferiu êle três mil e vinte e três judeus.

29 No ano décimo oitavo de seu reinado, transferiu êle de Jerusalém oitocentas e trinta e duas almas:

30 No ano vigésimo terceiro do reinado de Nabucodonosor, transferiu Nabuzardan, general do seu exér-

Jeremias 52, 31-34

cito, setecentos e quarenta e cinco judeus: Assim o número de todos os que foram transferidos, foi de quatro mil e seiscentos.

31 E aconteceu no ano trigésimo sétimo da transmigração de Joaquim, rei de Judá, no dia vinte e cinco do duodécimo mês, que Evilmerodac, rei de Babilônia, no mesmo ano do seu reinado, aliviou a pessoa de Joaquim, rei de Judá, e o tirou da casa do cárcere.

32 E lhe falou com muita afabilidade, e mandou pôr o trono do mesmo Joaquim acima dos tronos dos reis, que eram abaixo dêle em Babilônia.

33 Fêz-lhe também mudar os vestidos que tinha no cárcere, e comia pão na sua mesa sempre todos os dias da sua vida: (4)

34 E lhe era dada a ração pelo rei de Babilônia, ração perpétua, assinada para cada dia, até ao da sua morte, para todos os dias da sua vida.



(4) E COMIA PÃO NA SUA MESA — Confira-se o Livro
4 Rs 25, 29.30.

LAMENTAÇÕES DE JEREMIAS

INTRODUÇÃO

Nome e assunto das Lamentações. — As Lamentações têm em hebreu o nome de *ekah*, *quomodo*, palavra por que começam 1, 1; 2, 1; 4, 1; e que parece ter sido um termo consagrado para o início de uma elegia, 2 Rs 1, 19. 25. 27. Os Setenta substituíram esta palavra inicial, como fizeram para o *Pentateuco*, por um título mais expressivo, e designaram estas composições pelo nome de *threnos*, correspondente ao título adotado pelos rabinos, *qinoth*. A denominação da Vulgata é a tradução do grego *Threni. id est, Lamentationes Jeremiæ Prophetæ*. Era velha usança lamentar com elegias a morte das pessoas queridas; Cfr. 2 Rs 1, 19; mais tarde estendeu-se às calamidades públicas. Jeremias nestas suas lamentações deplora a ruína de Jerusalém e do Templo do Senhor, como antes tinha chorado a morte de Josias, 2 Par 35, 25.

Autenticidade das Lamentações. — A tradição constante apresenta Jeremias como o autor incontestável das Lamentações. A Vulgata, seguindo os Setenta, confirma esta tradição, pelas palavras seguintes: *Et factum est, postquam in captivitatem redactus est Israel, sed Jeremias propheta flens, et planxit lamentatione hac in Jerusalem et amaro animo suspirans et ejulans dixit, E'*

certo que esta passagem não se encontra no original hebraico, mas também é igualmente provado que exprime a crença dos judeus, segundo o testemunho de Flávio Josefo. Ant. Jud. 10-5, 1. Além disto o exame crítico do livro, o objeto, modo de dizer, língua estilo, tudo indica Jeremias. Deve datar da época da destruição do reino de Judá, e do início do cativeiro e vê-se que foi escrito por um homem que assistiu aos males que deplora. A forma revela a cada passo Jeremias; são as mesmas descrições, comparações idênticas, rasgos semelhantes, dicção igual: por ex. a virgem, filha de Sião, sentada, dominada pela vergonha. Lam 1, 15; 2, 13, e Jer 14, 17, são as mesmas imagens; Lam 2, 22; Jer 6, 25; 46, 5; é a mesma veenência de sentimentos, Lam 1, 16; 2, 11; 3, 48. 49; Jer 9, 1; 13, 17; 14, 16, etc. Cfr Flockner, *Ueber den Verfasser der Klagelieder*, Theol. Quartalschrift, de Tubinge 1877 pp. 187-280.

Forma literária — Os quatro primeiros capítulos são peças alfabéticas. A versificação é muito regular, embora não seja uniforme, variando o número de versos das estrofes. Cada estrofe começa por uma letra do alfabeto. Nota-se também no original uma repetição calculada de sons, uma espécie de rima; assim vê-se repetir 44 vezes os sons *ou, nou, anou, enou, inou, onnou*, o que não se pode atribuir ao acaso, mas a uma combinação artificial propositadamente feita pelo autor.

Divisão das Lamentações — As lamentações compõem-se de cinco elegias distintas, correspondentes aos cinco capítulos da Vulgata. Na primeira narra a desolação de Judá aprisionada; na segunda, pinta a destruição da cidade e do templo; na terceira descreve a sua própria aflição e na quarta repete a idéia da primeira e da segunda, mas deixa entrever já um raio de esperança, apresentando o castigo divino como o início da própria

Lamentações de Jeremias

regeneração. O capítulo V traz na Vulgata a epigrafe *Oratio Jeremiæ prophetæ*; na verdade é uma súplica pela qual Jeremias implora o auxílio do Senhor, rogando-lhe que ponha termo a tantos males.

Uso que a sinagoga e a Igreja fizeram das Lamentações. — Nos dias comemorativos das desgraças que pesaram sobre o povo judaico, a Sinagoga fazia ler as Lamentações de Jeremias. Mais tarde, quando o Cordeiro de Deus, que vinha apagar os pecados do mundo, foi imolado no Calvário, a Igreja adotou estes lúgubres cantos de Jeremias, para celebrar os mistérios da Paixão e morte de Cristo, Senhor Nosso: durante os três últimos dias da Semana Santa em tôdas as Igrejas Católicas ressoam os ecos plangentes de Jeremias, deplorando uma desgraça maior que a ruína de Jerusalém, pois chora o suplício dum Deus, crucificado por aquêles. que vinha salvar.

LAMENTAÇÕES DE JEREMIAS

E aconteceu que depois que Israel foi levado ao cativeiro, e Jerusalém ficou despovoada, se assentou o profeta Jeremias a chorar, e rompeu em ~~ende~~echas sobre Jerusalém com estas lamentações, e suspirando, e gemendo com amargura do seu espírito, disse: (1)

CAPÍTULO 1

CHORA JEREMIAS A DESOLAÇÃO DE JERUSALÉM, E ANUNCIA AS VINGANÇAS DO SENHOR CONTRA OS QUE SE ALEGRAREM COM A DESGRAÇA DESTA CIDADE.

ALEPH (2)

1 Como assim solitária está assentada uma cidade cheia de povo: Chegou a ser como viúva a Senhora das

(1) E ACONTECEU QUE — Este pequeno Proêmio não se acha nem no hebreu, nem no caldeu, nem no siríaco, nem nas mais antigas e mais corretas edições de S. Jerônimo. Da versão dos Setenta é que elle se derivou para os exemplares latinos. Pelo que a maior e melhor parte dos modernos intérpretes tem que elle não é canônico; e esta tinha já sido a opinião de S. Boaventura, do cardeal Hugo, e de Nicolau de Lira. A edição de Sixto V juntou-o ao cap. 52 de Jeremias.

(2) Os primeiros quatro capítulos das Lamentações estão escritos em estilo acróstico, porque as letras por onde cada verso começa vão seguidas umas às outras, pela mesma ordem que elas

Lamentações de Jeremias 1, 2-3

Gentes: A princesa das províncias ficou sujeita ao tributo. (3)

BETH

2 Chorou sem cessar durante a noite, e as suas lágrimas correm pelas faces: Não há quem a console entre todos os seus amados: Todos os seus amigos a desprezaram, e se lhe tornaram inimigos.

GHIMEL

3 A filha de Judá passou a outro país por causa da aflição, e grandeza da servidão: Ela habitou entre as gentes, e não achou repouso: Todos os seus perseguidores se apoderaram dela no meio das suas angústias. (4)

têm no alfabeto hebraico, começando o primeiro verso por Aleph, o segundo por Beth, o terceiro por Ghimel, e assim os mais pelas que se seguem. E para sinal de que os versos procedem deste modo, se costuma no princípio de cada verso apontar a letra, por que cada um começa, o que se deve entender só nas versões gregas e latinas, porque no original hebreu não se apontam as letras iniciais separadamente.

(3) **A SENHORA DAS GENTES** — Em tempo de Davi, de Salomão, e de muitos de seus sucessores, dominava Jerusalém sobre muitas nações circunvizinhas. Agora está ela feita uma como viúva, sem espóso, sem filhos, sem presidio, sem consolação. — Calmet.

A PRINCESA DAS PROVÍNCIAS — Por muito tempo exerceu Jerusalém o seu império sobre a Iduméia, sobre a Síria, sobre a Arábia, sobre os moabitas, sobre os amonitas. Agora está ela feita tributária dos caldeus, depois de o haver sido dos egípcios e dos assírios. — Calmet.

(4) **A FILHA DE JUDÁ PASSOU** — Ainda que a Vulgata diz aqui no masculino *Migravit Judas*, eu com Sacy e de Carrières verti “a filha de Judá”, porque o hebreu se explica aqui pelo feminino; e isto mesmo seguiu o intérprete latino, quando no fim do verso disse: *Omne persecutores ejus apprehenderunt cum inter an-*

DALETH

4 As ruas de Sião choram, porque não há quem venha às solenidades: Tôdas as suas portas se acham destruídas: Os seus sacerdotes gemendo: As suas virgens esquálidas, e ela oprimida de amargura.

HE

5 Os seus adversários se assenhorearam dela, enriqueceram-se os seus inimigos: Porque o Senhor falou contra ela pela multidão das suas iniquidades: Os seus filhinhos foram levados para o cativeiro ante a face do que os atribulava.

VAU

6 E desterroou-se da filha de Sião tôda a sua formosura: Os seus príncipes ficaram sendo como carneiros, que não acham pastagens: E foram caminhando todos fracos diante do inimigo que os perseguia.

ZAIN

7 Jerusalém se recordou dos dias da sua aflição, e da prevaricação de tôdas as suas coisas apetecíveis, que tivera desde os dias antigos, quando o seu povo caía debaixo da mão inimiga, e não havia quem lhe acudisse: Os seus inimigos a viram, e fizeram escárnio dos seus sábados. (5)

gustias. Todos os perseguidores se apoderaram dela nos apertos em que a acharam.

(5) **JERUSALÉM SE RECORDOU DOS DIAS DA SUA AFLIÇÃO** — Comparou o tempo da sua antiga prosperidade e das suas maldades com o tempo da presente adversidade e miséria. — Calmet.

E FIZERAM ESCARNIO DOS SEUS SABADOS — Sêneca,

HETH

8 Jerusalém cometeu um grande pecado, por isso ela se tornou errante: Todos os que a honravam a desprezaram, porque viram a sua ignomínia: E ela gemendo voltou o rosto para trás. (6)

THETH

9 As suas impuridades apareceram nos seus pés, e ela se não recordou do seu fim: Ela foi pasmosamente abatida sem ter consolador: Vê, Senhor, a minha aflição, porque o inimigo se elevou. (7)

IOD

10 Lançou o inimigo a sua mão a tôdas as coisas mais preciosas dela: Porque viu entrar no seu santuário as gentes, acêrca das quais tu havias mandado que não entrassem na tua Igreja.

CAPH

11 Todo seu povo está gemendo, e mendigando pão:

segundo refere Santo Agostinho no livro VI Da Cidade de Deus, cap. XI, não só escarnecia os sábados dos judeus, mas por causa da sua observância os argüiu de homens inertes, que passavam a sétima parte da vida em ociosidade. Do mesmo modo os motejava Juvenal, quando na Sátira 14, 105 escrevia: ...cul septima quæque fuit lux Ignava, et partem vitæ non attigit ullam.

(6) **E ELA GEMENDO VOLTOU O ROSTO PARA TRAS** — Como envergonhada de a terem visto imunda. Porque êsse era o costume das mulheres judias, quando andavam com as suas indisposições mensais, viverem retiradas até de seus maridos, de seus filhos e de todos os seus domésticos.

(7) **ELA FOI PASMOSAMENTE ABATIDA** — Em lugar do que a Vulgata pôs vehementer, tem o hebreu mirabiliter.

Eles deram tudo o que tinham de precioso a trôco de alimento para sustentar a vida: Vê, Senhor, e considera o vilipêndio, a que estou reduzida.

LAMED

12 O' vós todos os que passais pelo caminho, atendei, e vêde, se há dor semelhante à minha dor: Porque me vindimou como falou o Senhor no dia da ira do seu furor.

MEM

13 Êle enviou lá do alto um fogo sôbre meus ossos, e me ensinou: Estenderei uma rêde aos meus pés, fêz-me cair para trás: Pôs-me em desolação, afogada em tristeza todo o dia.

NUN

14 Estêve em vigia o jugo das minhas maldades: Com a sua mão foram elas encadeadas, e postas sôbre o meu pescoço: Enfraqueceu-se a minha fôrça: Entregou-me o Senhor em uma mão, pelo pêso da qual não poderei jamais levantar-me.

SAMECH

15 Tirou o Senhor todos os meus magnates do meio de mim: Chamou contra mim o tempo, para quebrantar os meus escolhidos: O Senhor calcou o lagar à virgem filha de Judá.

AIN

16 Por isso eu choro, e os meus olhos derramam rios de lágrimas: Porque se alongou de mim o consolador, que podia tornar-me a vida: Os meus filhos se perderam, porque prevaleceu o inimigo.

PHE

17 Estendeu Sião as suas mãos, não há quem a console: Enviou o Senhor contra Jacó os seus inimigos em roda dêle. Tornou-se Jerusalém entre eles como uma mulher, que está imunda com as purgações mênstruas.

SADE

18 Justo é o Senhor, porque eu rebelde aos seus preceitos o provoquei à ira: Ouvi, eu vos rogo, todos os povos, e vêde a minha dor: As minhas virgens, e os meus mancebos foram para o cativoiro.

COPH

19 Chamei os meus amigos, e eles me enganaram: Os meus sacerdotes, e os meus anciãos foram consumidos na cidade: Quando eles queriam buscar algum mantimento com que sustentassem a vida.

RES

20 Olha, Senhor, que estou atribulada, turbadas estão as minhas entranhas: Conturbado está o meu coração dentro de mim mesma, porque estou cheia de amargura: De fora me mata a espada, e de dentro há uma imagem da morte.

SIN

21 Ouviram que eu suspiro, e não há quem me console: Todos os meus inimigos souberam a minha desventura, alegraram-se porque tu o fizeste: Trouxeste o dia da consolação, e tornar-se-ão semelhantes a mim.

THAU

22 Entre todo o mal dêles diante de ti: E vindima-

...os, como a mim me vindimaste, por causa de tôdas as minhas iniquidades: Porque muitos são os meus genidos, e o meu coração está magoado.

CAPÍTULO 2

CONTINUA JEREMIAS A CHORAR A DESOLAÇÃO DE JERUSALÉM, E EXORTA A SIÃO A GEMER SEM CESSAR E A EXPOR AO SENHOR AS SUAS AFLIÇÕES.

ALEPH

1 Como cobriu o Senhor de escuridade no seu furor a filha de Sião: Derribou do céu à terra a inclita de Israel, e não se lembrou do estrado de seus pés no dia do seu furor.

BETH

2 O Senhor precipitou tudo o que havia de especioso em Jacó, e não perdoou a nada: Elle destruiu no seu furor as fortificações das virgens de Judá, e as lançou por terra: Tratou como profanos ao reino, e aos seus príncipes.

GHIMEL

3 Quebrantou na ira do seu furor todo o poder de Israel: Retirou para trás a sua direita da face do inimigo: E acendeu em Jacó um como fogo que tudo devora com a sua chama em giro.

DALETH

4 Estendeu o seu arco como inimigo, firmou a sua direita como adversário: E matou tudo o que era formoso à vista na tenda da filha de Sião, derramou como fogo a sua indignação.

HE

5 O Senhor se tornou como inimigo: Derribou a Israel, derribou tôdas as suas muralhas, destruiu as suas fortificações, e encheu de humilhação aos homens, e mulheres da filha de Judá.

VAU

6 E destruiu como um enxido a sua tenda, demoliu o seu tabernáculo: Ao esquecimento entregou o Senhor em Sião as festas, e o sábado: E ao opróbrio e à indignação do seu furor o rei, e o sacerdote.

ZAIN

7 O Senhor rejeitou o seu Altar, amaldiçoou o seu santo lugar: Entregou na mão do inimigo os muros das suas tôrres: Deram gritos na casa do Senhor, como em dia de solenidade.

HETH

8 O Senhor resolveu abater o muro da filha de Sião: Estendeu o seu cordel, e não retirou a sua mão, sem que ficasse tudo arruinado: E o antemural gemeu, e o muro foi da mesma sorte destruído.

TETH

9 As suas portas estão encravadas na terra: Êle quebrou e fêz pedaços as suas trancas: Baniu o seu rei, e os seus príncipes para entre as nações: Não há lei, nem os seus profetas receberam visões do Senhor.

IOD

10 Os velhos da filha de Sião se assentaram em terra, ficaram em silêncio: Cobriram as suas cabeças de

cinza, vestiram-se de cilícios, as virgens de Jerusalém abaixaram as suas cabeças até à terra.

CAPH

11 Os meus olhos enfraqueceram à fôrça de chorar, as minhas entranhas se turbaram: O meu fígado se deramou pela terra vendo a ruína da filha do meu povo, quando caíram mortos os meninos e as crianças de mama nas praças da cidade. (1)

LAMED

12 Êles diziam a suas mães: Onde está o trigo e o vinho? Quando, como se fôsem feridos, desfaleciam nas praças da cidade: Quando exaltavam as suas almas no seio de suas mães. (2)

MEM

13 A quem te compararei? Ou a quem te assemelharei, filha de Jerusalém? A quem te igualarei, e como te consolarei, ó virgem filha de Sião? Porque grande é como o mar o teu desfalecimento: Quem te remediará?

NUN

14 Os teus profetas viram para ti coisas falsas, e fátuas, e não te manifestavam a tua iniquidade, para te excitarem à penitência: E viram para ti profecias falsas

(1) **MEU FIGADO** — Expressão hiperbólica, que significa uma grande dor.

(2) **ONDE ESTÁ O TRIGO E O VINHO?** — Milhares de crianças, durante o apertadíssimo cerco, pereceram à fome; pediam sustento às mães, que não lho podiam dar.

de desgraça, e para os teus inimigos a expulsão da Judéia. (3)

SAMECH

15 Todos os que passavam pelo caminho, batiam com as mãos, vendo-te: Eles assobiaram e menearam a sua cabeça à filha de Jerusalém: Esta é aquela cidade, diziam eles, duma extremada formosura, as delícias de toda a terra?

PHE

16 Todos os teus inimigos abriram contra ti a sua bôca: assobiaram, e rangeram com os dentes, e disseram: Devorá-la-emos: Eis-aqui está o dia que nós esperávamos: Nós o achamos, nós o vemos. (4)

AIN

17 Fêz o Senhor o que tinha determinado, cumpriu a sua palavra, que mandando pronunciara desde os dias antigos: Destruíu, e não perdoou, e alegrou ao inimigo sobre ti, e exaltou o poder dos teus adversários.

SADE

18 O seu coração clamou ao Senhor sobre os muros da filha de Sião: Faze correr uma como torrente de lá-

(3) **PROFECIAS FALSAS** — Preferimos a versão de Glaire, por mais clara e mais conforme ao original massoth, que a Vulgata traduziu por *assumptiones*. O sentido é este: Os teus profetas enganaram-te, tendo como falsas as profecias que te anunciavam desgraças, predizendo que os teus inimigos seriam expulsos da Judéia.

(4) **PHE** — Sendo que no alfabeto hebreu primeiro é a letra AIN que a letra PHE, aqui primeiro se pôs PHE que AIN, contra o que no capítulo primeiro vimos observando. A causa disto atribui-a Calmet aos copiadores.

grimas de dia, e de noite: Não te dês descanso algum, nem a menina do teu ôlho se cale.

COPH

19 Levanta-te, louva de noite no princípio das vigílias: Derrama o teu coração como água diante do acatamento do Senhor: Levanta as tuas mãos a êle pela alma de teus filhinhos, que caíram mortos de fome a todos os cantos das ruas.

RES

20 Vê, Senhor, e considera a quem assim vindimaste: E' possível que as mulheres hão de comer os frutos das suas entranhas, as crianças que não excedem o tamanho da palma da mão? Que há de ser morto no santuário do Senhor o sacerdote, e o profeta?

SIN

21 Ficaram nas ruas estendidos por terra o moço, e o velho: As minhas virgens, e os meus mancebos caíram mortos à espada: Tu os mataste no dia do teu furor: Feriste-os, e não tiveste compaixão alguma.

THAU

22 Chamaste como a um dia de solenidade aos que me aterrorassem de tôdas as partes, e não houve no dia do furor do Senhor quem escapasse, nem ficasse com vida: Aos que criei, e alimentei, o meu inimigo os acabou.

CAPÍTULO 3

JEREMIAS DEPLORA A SUA PRÓPRIA MISÉRIA. EXORTA OS FILHOS DE JUDÁ A VOLTAREM-SE PARA O SENHOR.. EXPÕE AO SENHOR AS SUAS PENAS, E ANUNCIA A RUÍNA DE SEUS INIMIGOS.

ALEPH

1 Homem sou eu que vejo a minha pobreza debaixo da vara da sua indignação. (1)

ALEPH

2 Conduziu-me, e levou-me às trevas, e não à luz.

ALEPH

3 Não fez senão virar e revirar contra mim a sua mão todo o dia.

BETH

4 Fêz envelhecer a minha pele, e a minha carne, quebrantou os meus ossos.

BETH

5 Edificou ao redor de mim, e me cercou de fel, e de trabalho.

BETH

6 Pôs-me em lugares tenebrosos, como os que estão mortos para sempre.

GHIMEL

7 Edificou à roda contra mim, para que eu não saia :
Agravou os meus grilhões. .

(1) **DA SUA INDIGNAÇÃO** — Isto é, a indignação do Senhor.

GHIMEL

8 E ainda quando eu clamar, e rogar, êle excluiu a minha oração.

GHIMEL

9 Fechou os meus caminhos com pedras de silharia, soverteu as minhas veredas.

DALETH

10 Fêz-se-me como urso de emboscada: Um leão em esconderijo.

DALETH

11 Soverteu as minhas veredas, e quebrantou-me: Pôs-me em desolação.

DALETH

12 Armou o seu arco, e me pôs como alvo à seta.

HE

13 Meteu nos meus rins as setas da sua aljava.

HE

14 Estou feito um objeto de escárnio para todo o meu povo, o assunto da sua cantilena todo o dia.

HE

15 Encheu-me de amargura, embriagou-me de absíntio.

VAU

16 E quebrou os meus dentes a um e um, deu-me a comer cinza.

VAU

17 E está desterrada da minha alma a paz, perdi a memória de todo o bem.

VAU

18 E eu disse: Pereceu o meu fim, e a esperança que eu tinha no Senhor.

ZAIN

19 Lembra-te da minha pobreza, e do excesso dela, do absíntio, e do fel.

ZAIN

20 Eu me lembrarei muito bem disto, e a minha alma se definhará dentro de mim. (2)

ZAIN

21 Por eu recordar estas coisas no meu coração, por isso esperarei.

HETH

22 Misericórdias são do Senhor o não têmos sido consumidos: Porque as suas comiserações nunca faltaram.

HETH

23 Elas se renovam cada manhã, grande é a tua fidelidade.

(2) **E A MINHA ALMA SE DEFINHARÁ DENTRO DE MIM**
— Sacy e de Carrières preferiram: “e a minha se aniquilará em si mesma”. O hebreu e os Setenta oferecem outros sentidos. Porque aquêle diz: “A minha alma recordar-se-á destas coisas, e considerará em si.” Estes vertem: “Eu recordar-me-ei destas coisas, e a minha alma as considerará consigo mesma.”

HETH

24 A minha porção é o Senhor, disse a minha alma: Portanto eu o esperarei a êle.

TETH

25 Bom é o Senhor para os que nêle esperam, para a alma que o busca.

TETH

26 Boa coisa é esperar em silêncio a salvação de Deus.

TETH

27 Bom é para o varão o ter levado o jugo desde a sua mocidade.

IOD

28 Assentar-se-á solitário, e ficará em silêncio: Porque levou êste jugo sôbre si. (3)

IOD

29 Porá a sua bôca no pó, a ver se acaso há esperança.

IOD

30 Oferecerá a face ao que o ferir, fartar-se-á de opróbrios. (4)

(3) **PORQUE LEVOU ÊSTE JUGO SÔBRE SI** — Em prova de que o acusativo do verbo levavit se deve aqui entender jugum, liam Teodoreto e Santo Agostinho nas suas Bíblias: *accepit super se onus grave*: tomou sôbre si êste grave pêso. O que por nenhuma outra coisa julguei que devia advertir nesta nota, senão porque alguns exemplares latinos, em lugar de: *quia levavit super se*, trazem erradamente, *quia levavit se super se*.

(4) **OFERECERÁ A FACE AO QUE O FERIR** — Não sa-

CAPH

31 Porque o Senhor não nos rejeitará para sempre.

CAPH

32 Porque se êle nos rejeitou, êle também se compadecerá, segundo a multidão das suas misericórdias.

CAPH

33 Porque êle não humilhou, nem rejeitou por seu gôsto os filhos dos homens.

LAMED

34 Para pisar aos seus pés todos os cativos da terra.

LAMED

35 Para desviar o juízo do varão ante a presença do Altíssimo.

LAMED

36 Para perverter ao homem no seu juízo, o Senhor nunca tal soube fazer.

MEM

37 Quem é o que disse, que se fizesse uma coisa, sem que o Senhor mandasse?

bemos que isto se cumprisse à letra em Jeremias; mas é de fé que se cumpriu em Jesus Cristo no tempo da sua Paixão Sacratíssima-Mt 26, 67. Mc 14, 65.

MEM

38 Não sairão da bôca do Altíssimo nem os males, nem os bens?

MEM

39 Por que murmurou sempre o homem vivendo, o varão pelo castigo de seus pecados?

NUN

40 Esquadrinhemos os nossos caminhos, e investiguemo-los, e voltemos ao Senhor.

NUN

41 Levantemos ao Senhor os nossos corações com as mãos para os céus.

NUN

42 Nós obramos injustamente, e te provocamos a ira: Por isso tu te mostras inexorável.

SAMECH

43 Tu te encobriste no teu furor e nos feriste: Mastaste-nos, e não nos perdoaste. (5)

(5) **TU TE ENCOBRISTE NO TEU FUROR** — Tu te escondeste e te ausentaste de nós, para nos não socorreres em nossas desgraças. Ou noutro sentido: tu te cegaste no teu furor, e puseste um como véu diante dos teus olhos, para te não enterneceres vendo as nossas desgraças, nem dares atenção aos rogos de quem intentasse propiciar a tua misericórdia, tudo para continuarmos com o castigo das nossas iniquidades.

SAMECH

44 Tens pôsto uma nuvem diante de ti, para que a nossa oração não passe.

SAMECH

45 Como planta desarraigada, e abjeta me puseste no meio dos povos.

PHE

46 Todos os inimigos abriram contra nós a sua bôca.

PHE

47 A profecia veio a ser o nosso mêdo e o nosso laço, e a nossa ruína.

PHE

48 O meu ôlho derramou rios de lágrimas, vendo o quebrantamento da filha do meu povo.

AIN

49 O meu ôlho se afligiu, e não se calou, porque não havia descanso.

AIN

50 Até que olhasse e visse o Senhor desde os céus.

AIN

51 O meu ôlho quase me roubou a vida, chorando sobre tôdas as filhas da minha cidade.

SADE

52 Como ave na caça me prenderam os meus inimigos sem causa.

SADE

53 A minha alma caiu no lago, e eles puseram sobre mim uma pedra.

SADE

54 Um dilúvio de águas veio sobre a minha cabeça: Eu disse: Pereci.

COPH

55 Invoquei, Senhor, o teu nome desde o profundo do lago.

COPH

56 Tu ouviste a minha voz: Não apartes o teu ouvido dos meus soluços, e dos meus clamores.

COPH

57 Tu te chegaste no dia em que eu te invoquei: Disseste: Não temas.

RES

58 Tu, Senhor, julgaste a causa da minha alma, Redentor da minha vida.

RES

59 Viste, Senhor, a iniquidade deles contra mim, julga tu a minha causa.

RES

60 Viste todo o seu furor, todos os pensamentos deles contra mim.

Lamentações de Jeremias 3, 61-66; 4, 1

SIN

61 Ouviste, Senhor, os vitupérios que me dizem, todos os desígnios que eles formam contra mim.

SIN

62 As palavras daqueles que me fazem guerra: E que maquinam contra mim todo o dia.

SIN

63 Observa-os a eles ao assentarem-se, e ao levantarem-se: Eu sou a sua canção.

THAU

64 Tu, Senhor, lhes darás o pago, como merecem as obras das suas mãos.

THAU

65 Dar-lhes-ás por escudo do seu coração o trabalho que lhes hás de enviar.

THAU

66 Tu os perseguirás no teu furor, e tu os farás em pó, Senhor, debaixo dos céus.

CAPÍTULO 4

CHORA JEREMIAS NOVAMENTE A DESOLAÇÃO DE JERUSALÉM. ANUNCIA AS VINGANÇAS DO SENHOR CONTRA A IDUMÉIA, E O RESTABELECIMENTO DE SIÃO.

ALEPH

1 Como assim se escureceu o ouro, se mudou a sua

côr tão bela, foram espalhadas as pedras do Santuário pelos ângulos de tôdas as praças? (1)

BETH

2 Os filhos de Sião esclarecidos, e vestidos de fino ouro: Como assim têm sido reputados como vasos de terra obra de mãos de oleiro?

GHIMEL

3 Mas até as lârias descobriram os seus peitos, deram leite às suas crias; a filha do meu povo fêz-se cruel, como a avestruz no deserto. (2)

DALETH

4 A língua do que mama pela sede ficou pegada ao seu paladar: Os pequeninos pediram pão, e não havia quem lho partisse.

HE

5 Os que comiam delicadamente morreram nos caminhos: Os que se nutriam entre púrpuras, abraçaram o estérco.

VAU

6 E a iniquidade da filha do meu povo se fêz maior que o pecado de Sodoma, a qual foi sovertida num momento, sem que mãos algumas se apoderassem dela.

(1) **AS PEDRAS DO SANTUÁRIO** — Isto é, o ouro e as pedrarias que brilhavam no templo de Jerusalém; segundo outros, este ouro representa os príncipes de Israel, e as pedras do Santuário, os sacerdotes.

(2) **LÁRIAS** — Em hebreu os chacais.

COMO A AVESTRUZ NO DESERTO — Abandonam os ovos no deserto. Cfr. Jó 39, 16.

ZAIN

7 Os seus nazarenos eram mais alvôos que a neve, mais nítidos que o leite, mais vermelhos que o antigo marfim, mais formosos que a safira. (3)

HETH

8 Denegrida está a face dêles mais do que os carvões: E não são conhecidos nas praças: A sua pele se pegou aos ossos: Secou-se, e tornou-se como um pau.

TETH

9 Melhor lhes foi aos mortos à espada, que aos mortos de fome: Pois êstes padeceram uma morte lenta pela esterilidade da terra.

IOD

10 As mãos das mulheres compassivas cozeram seus filhos: Serviram-lhes de mantimento na ruína da filha do meu povo.

CAPH

11 Deu o Senhor cumprimento ao seu furor, derramou a ira da sua indignação: E ateou fogo em Sião, o qual devorou os fundamentos dela.

LAMED

12 Nunca tal creram os reis da terra, nem todos os moradores do mundo, que entraria o inimigo, e o adversário pelas portas de Jerusalém: (4)

(3) **NAZARENOS** — Eram célebres pela pureza da sua vida.

(4) **QUE ENTRARIA** — Não o teriam crido, vista a proteção com que Deus continuamente assistia ao seu povo.

MEM

13 Pelos pecados dos seus profetas, e pelas iniquidades dos seus sacerdotes, que derramaram no meio dela o sangue dos justos.

NUN

14 Erraram cegos nas praças, contaminaram-se de sangue: E não podendo, levantavam as extremidades das suas roupas. (5)

SAMECH

15 Apartai-vos, imundos, lhes gritaram: Retirai-vos, ide-vos, não nos toqueis: Porque altercaram, e os que foram comovidos disseram entre as gentes: Não continuará daqui em diante a habitar entre eles.

PHE

16 A face do Senhor os apartou de si, não tornará a olhar para eles: Não respeitaram o rosto dos sacerdotes, nem se compadeceram os anciãos.

AIN

17 Quando nós ainda subsistíamos, cansaram os nossos olhos de esperar para nós um vão socorro, olhando nós atentos para uma gente que nos não podia salvar.

SADE

18 Os nossos passos escorrêraram, andando pelas

(5) **LEVANTAVAM AS EXTREMIDADES DAS SUAS ROUPAS** — Para se não mancharem do mesmo sangue que tinham derramado.

Lamentações de Jeremias 4, 19-22

nossas ruas; está chegado o nosso fim: Os nossos dias estão cumpridos, porque chegou o nosso termo.

COPH

19 Os nossos perseguidores foram mais velozes que as águias do céu: Êles nos perseguiram sôbre os montes, armaram-nos ciladas no deserto.

RES

20 O espírito da nossa bôca, o Cristo Nosso Senhor foi prêso por nossos pecados: A quem dissemos: À tua sombra viveremos entre as gentes. (6)

SIN

21 Alegra-te, e regozija-te, ó filha de Edom, que habitas na terra de Hus: A ti também chegará o cálice, tu serás dêle embriagada, e serás despida. (7)

THAU

22 Chegou ao seu termo a tua maldade, ó filha de Sião, não te tornará mais a transportar: Êle visitou a tua maldade, ó filha de Edom, descobriu os teus pecados.

(6) O CRISTO NOSSO SENHOR FOI PRÊSO — Nota bem Duhamel, que parando nos termos da Vulgata, não pode este texto entender-se, senão de Cristo Nosso Salvador, e este é o juízo quo dêle fizeram muitos Padres e expositores. Com isto todavia pode muito bem estar que no sentido histórico entendesse Jeremias por este Cristo a Sedecias.

(7) ALEGRA-TE E REGOZIJA-TE, Ó FILHA DE EDM — Ironia contra a Iduméia.

ORAÇÃO DE JEREMIAS PROFETA (1)

CAPÍTULO 5

EXPÕE JEREMIAS AO SENHOR A MISÉRIA DO SEU POVO,
E O CONJURA A QUE O TORNE A CHAMAR A SI.

1 Lembra-te, Senhor, do que nos tem acontecido;
Considera, e olha para o nosso opróbrio.

2 A nossa herança passou a forasteiros: As nossas
casas a estranhos.

3 Estamos feitos órfãos sem pai, as nossas mães
se acham como viúvas.

4 A nossa água por dinheiro a temos bebido: A
nossa lenha por preço a temos comprado.

5 Pelos nossos pescoços éramos levados, aos can-
sados não se dava descanso.

6 Ao Egito demos a mão, e aos assírios para ser-
mos fartos de pão. (2)

7 Nossos pais pecaram, e não existem: E nós temos
levado as iniquidades deles.

8 Os escravos nos dominaram: Não houve quem nos
resgatasse da mão deles. (3)

(1) **ORAÇÃO DE JEREMIAS PROFETA** — Este título não
se acha no hebreu, nem no caldeu, nem nos Setenta da edição ro-
mana — Calmet.

(2) **AO EGITO DEMOS A MÃO** — Este dar a mão pode ter
um de dois sentidos. Primeiro: “Nós demos a mão ao Egito e aos
assírios”, isto é, estendemo-la para eles, para recebermos deles o
pão de que nos desejávamos ver fartos. Segundo: “Nós demos a
mão, isto é, demos o trabalho das nossas mãos, alugamo-nos por
jornal”. O primeiro sentido é o que Sacy e de Carrières adotaram
nas suas versões. O segundo o que Calmet preferiu.

(3) **OS ESCRAVOS NOS DOMINARAM** — Este era o costume
nas famílias em que havia grande número de escravos, ser um no-

9 Com perigo das nossas vidas íamos a buscar o pão que havíamos mister ao deserto, por baixo do fio da espada.

10 A nossa pele se queimou como um forno, pela violência dos ardores da fome. (4)

11 Humilharam as mulheres em Sião, e as virgens nas cidades de Judá. (5)

12 Foram pendurados pelas mãos os príncipes: Não respeitaram o rosto dos velhos. (6)

13 Abusaram dos mancebos com impudícia nefanda: E os meninos morreram oprimidos debaixo dos madeiros.

14 Os anciãos se retiraram das portas: Os mancebos do côro dos cantores. (7)

meado para governar os outros. Senão é que por êstes escravos não quisermos entender os mesmos caldeus e egípcios, descendentes do Cão, cuja posteridade tinha sido condenada por Deus a ser escrava de Sem. Gên 9, 26. Outros o entendem dos idumêus, moabitais e amonitas, que noutro tempo tinham estado sujeitos aos judeus.

(4) **ARDORES DA FOME** — E' o sentido do hebreu. Os árabes usam uma expressão equivalente: "o fogo da fome", e os latinos tinham a *ignem fames*. A Vulgata e o P. Pereira traduziram: tempestades de fome.

(5) **HUMILHARAM AS MULHERES EM SIÃO E AS VIRGENS NAS CIDADES DE JUDÁ** — Humilhar aqui significa desonrar, deflorar.

(6) **FORAM PENDURADOS PELAS MÃOS OS PRÍNCIPES** — Era êste um suplicio ordinário entre os orientais e principalmente entre os persas: cortar a cabeça e as mãos ao condenado, e logo pendurar do patíbulo um e outro membro; ou cortada somente a cabeça, pendurar pela mão o torço que ficava. Assim o praticou Dario Hístáspides com filio de Mileto, e Xerxes com Leônidas, rei dos lacedemônios. Heródoto, Livro IV, capítulo XXX e livro VII, capítulo CXXXVIII.

(7) **OS ANCIÃOS SE RETIRARAM DAS PORTAS** — Isto é, das assembléas dos juizes, que se faziam às portas da cidade.

15 Desvaneceu-se o gôsto do nosso coração: Converteu-se em lamentação o nosso canto.

16 Caiu a coroa da nossa cabeça: Ai de nós, porque pecamos. (8)

17 Por isso o nosso coração se fêz triste, por isso se escureceram os nossos olhos.

18 Por causa do monte de Sião que foi assolado, as rapôsas andaram nêle.

19 Mas tu, Senhor, eternamente permanecerás, o teu trono subsistirá de geração em geração.

20 Por que razão te esquecerás tu de nós para sempre? nos desampararás tu pela longura de dias?

21 Converte-nos, Senhor, a ti, e nós nos converteremos: Renova os nossos dias, bem como no princípio.

22 Mas tu de todo o ponto nos rejeitaste, tu te iraste contra nós àasperamente.

(8) CAIU A COROA DA NOSSA CABEÇA — Nas festividades, bodas e banquetes costumavam os antigos coroar-se. Cfr. Glaire.

ÍNDICE DAS GRAVURAS

- I — O temor do Senhor é o princípio da sabedoria.
- II — “Honra ao Senhor com a tua fazenda, e dá-lhe das primícias de todos os teus frutos”.
- III — “Vai ter, ó preguiçoso, com a formiga e considera os teus caminhos e aprende dela a sabedoria”.
- IV — “Meu filho, guarda as minhas expressões e esconde dentro de ti os meus preceitos”.
- V — O que esconde o trigo será amaldiçoado entre os povos.
- VI — Aquêlê que anda com sábios será sábio.
- VII — Estarão deitados por terra os maus diante dos bons.
- VIII — “O servo com juízo dominará os filhos insensatos, e repartirá a herança entre os irmãos”.
- IX — Isto não vale nada, isto não vale nada, diz todo o comprador.
- X — “O sábio fêz-se senhor da cidade dos valentes e destruiu a força em que ela confiava”.
- XI — “A glória de Deus é encobrir a palavra, e a glória dos reis é investigar os discursos”.
- XII — “As palavras dos mexeriqueiros parecem singelas, mas elas penetram até o íntimo das entranhas”.
- XIII — “Abriram-se os prados e apareceram as verdes ervas, e recolheu-se o feno dos montes”.

- XIV — “Quando os reis julgam os pobres conforme a verdade, o seu trono será formado para sempre”.
- XV — Quem achará uma mulher forte?
- XVI — Vaidade de vaidades, disse o Ecclesiastes.
- XVII — “Para me lisonjearem os ouvidos escolhi músicos, e cantores, e tudo mais que faz as delícias dos filhos dos homens”.
- XVIII — “Eu me voltei para outras coisas, e vi as calúnias que se passam debaixo do sol, e as lágrimas dos inocentes e que ninguém os consolava”.
- XIX — Se fizeste algum voto a Deus, trata de o cumprir logo.
- XX — E achou-se nela um homem pobre e sábio.
- XXI — “Porque o homem irá para casa da sua eternidade carpindo ao redor dêle, o irmão acompanhando pelas ruas”.
- XXII — A espôsa: Beije-me, dando-me o ósculo da sua bôca.
- XXIII — Amai a justiça, vós os que julgais a terra.
- XXIV — “os cursos do ano, e as disposições das estrêlas”.
- XXV — “...fizeram manifesta a imagem do Rei, a quem queriam honrar”.
- XXVI — Mas até julgaram que a nossa vida era um divertimento...
- XXVII — Tôda a sabedoria vem do Senhor Deus.
- XXVIII — Não seja preguiçoso em visitar os enfermos.
- XXIX — E tal há que fala francamente, e não diz senão a verdade.
- XXX — “Lembra-te do teu pai e tua mãe, pois estás no meio dos magnates”.
- XXXI — A contenda precipitada acende fogo.

- XXXII — “A vigília que se tem para ajuntar bens definhará as carnes e a aplicação a isto tirará o sono”.
- XXXIII — “A adivinhação do erro, e os agouros mentirosos, e os sonhos dos malfeteiros, tudo é vaidade”.
- XXXIV — “O’ morte, que boa é a tua sentença para um homem necessitado, e que se acha falto de fôrças”.
- XXXV — Os que navegam o mar, contem os perigos dêle.
- XXXVI — O Profeta Isafas.
- XXXVII — Visão de Isafas.
- XXXVIII — Isafas vê num sonho a destruição de Babilônia.
- XXXIX — “E das suas espadas forjarão rellhas de arado, e das suas lanças, foices”.
- XL — E voou para mim um dos Serafins, o qual trazia na mão uma brasa viva.

Composto e impresso na
EDITORA CUPULO LTDA.,
R. Seminário, 187 - S. Paulo



“O temor do Senhor é o principio da sabedoria. Os insensatos desprezam a sabedoria e a doutrina”.

“Ouve, filho meu, a instrução de seu pai, e não largues a lei de tua mãe”.

(Provérbios 1, 7.8) Vol. 5.º, pág. 386

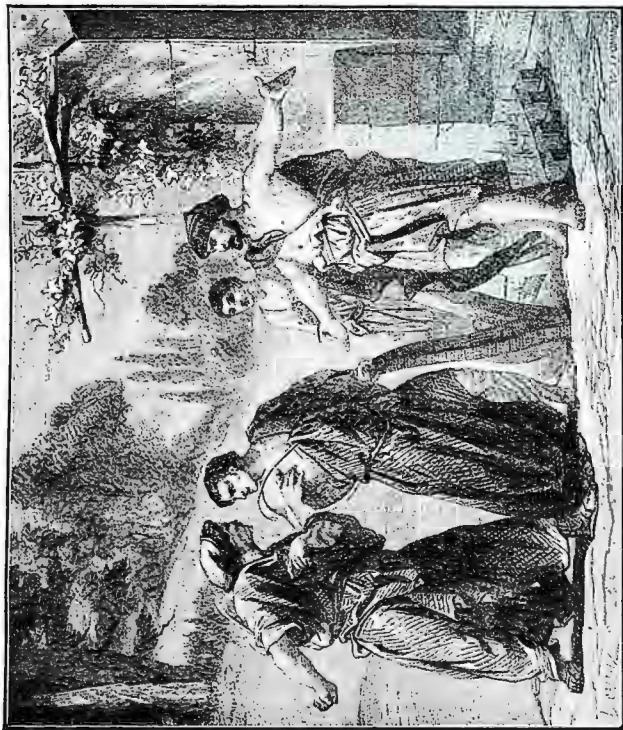


“Meu filho, guarda as minhas expressões e esconde dentro de ti os meus preceitos”.

(Provérbios 7, 1) Vol. 5.º, p. 403.



“O que esconde o trigo será amaldiçoado entre os povos: E a
bênção virá sobre a cabeça dos que o vendem”.
(Provérbios 11, 26) Vol. 5.º, pág. 417



"O servo com juízo dominará os filhos insolentes, e reverterá a herança entre os irmãos".

(Provérbios 17, 2) Vol. 5.º, pág. 437



“Isto não vale nada, isto não vale nada, diz todo o comprador: E depois de se retirar, ele então se gloriará”.

(Provérbios 20, 14) Vol. 6.º, pág. 6



“O sábio fez-se senhor da cidade dos valentes e destruiu a força em que
ela confiava”.

(Provérbios 21, 22) Vol. 6.º, pág. 10



“A glória de Deus é encobrir a palavra, e a glória dos reis é investigar os discursos”.

(Provérbios 25, 2) Vol. 6.º, pág. 24



“As palavras dos mexeriqueiros parecem singelas, mas elas penetram até o íntimo das entranhas”.
(Provérbios 26, 22) Vol. 6.º, pág. 30



“Abriram-se os prados e apareceram as verdes ervas, e recolheu-se o feno dos montes”.

(Provérbios 27, 25) Vol. 6.º, pág. 34



“Quando os reis julgam os pobres conforme a verdade, o seu trono será firmado para sempre”.

(Provérbios 29, 14) Vol. 6.º, pág. 40



“Quem achará uma mulher forte? Seu preço excede a tudo o que vem de remontadas distâncias, e dos últimos confins da terra”.

(Provérbios 31, 10) Vol. 6.º, pág. 47

"Vaidade de vaidades, disse o
Eclesiastes: Vaidade de vaidades,
e tudo vaidade".

"Que tira pois o homem de todo
o seu trabalho, com que se afa-
diga debaixo do sol"?

(Eclesiastes 1.2.3 ss.) Vol. 6.º, pág. 53





“Para me lisonjearem os ouvidos escolhi músicos, e cantores, e tudo mais que faz as delícias dos filhos dos homens”.

(Eclesiastes 2, 8) Vol. 6.º, pág. 56



“Eu me voltei para outras coisas, e vi as calúnias que se passam debaixo do sol, e as lágrimas dos inocentes e que ninguém os consolava”.

(Eclesiastes 4, 1) Vol. 6.º, pág. 61



“Se fizeste algum voto a Deus, trata de o cumprir logo: Porque
lhe desagrada a promessa infiel e imprudente”.

(Eclesiastes 5, 3) Vol. 6.º, pág. 63



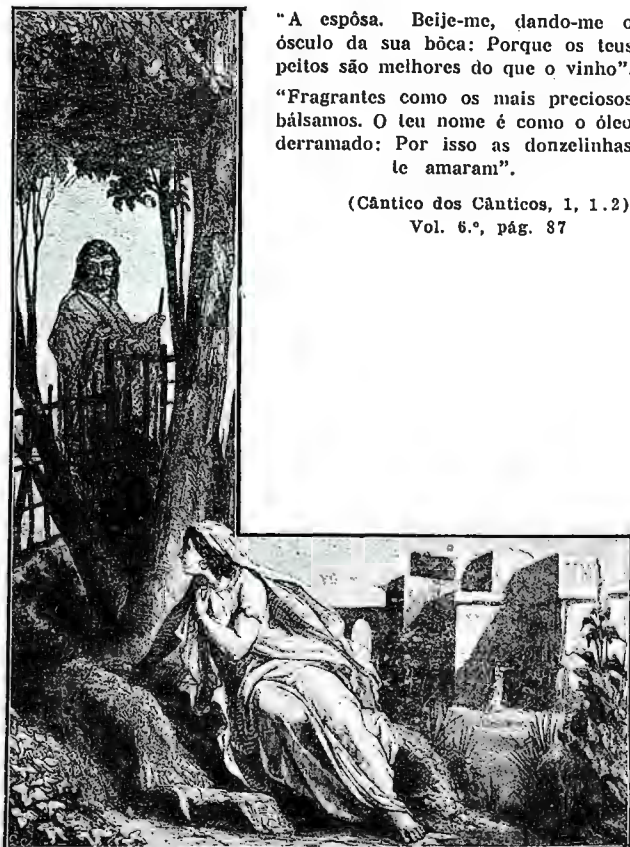
“E achou-se nela um homem pobre e sábio, e livrou a cidade pela sua sabedoria, e nenhum depois disto se lembrou mais daquele homem pobre”.

(Eclesiastes 9, 15) Vol. 6.º, pág. 74



“Porque o homem irá para casa da sua eternidade carpindo ao redor dêle, o irmão acompanhando pelas ruas”.

(Eclesiastes 12, 5) Vol. 6.º, pág. 80



"A espôsa. Beije-me, dando-me o ósculo da sua boca: Porque os teus peitos são melhores do que o vinho".

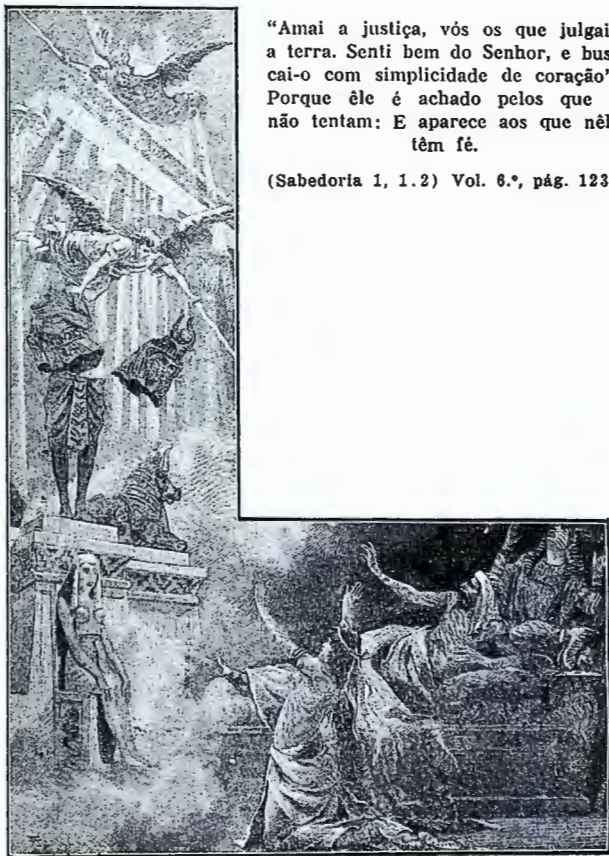
"Fragrantes como os mais preciosos bálsamos. O teu nome é como o óleo derramado: Por isso as donzelinhas te amaram".

(Cântico dos Cânticos, 1, 1.2)

Vol. 6.º, pág. 87

"Amai a justiça, vós os que julgais a terra. Senti bem do Senhor, e buscai-o com simplicidade de coração". Porque êle é achado pelos que o não tentam: E aparece aos que nêle têm fé.

(Sabedoria 1, 1.2) Vol. 6.º, pág. 123





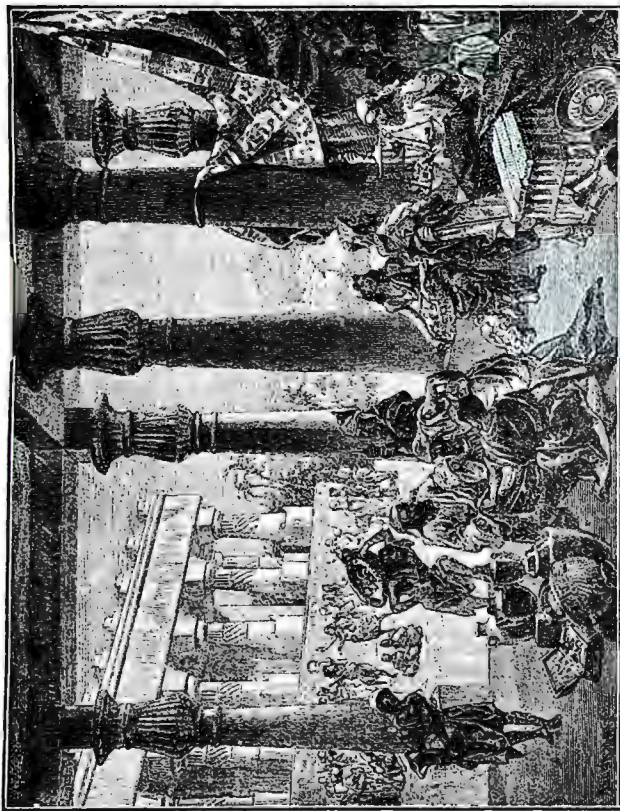
“os cursos do ano, e as disposições das estrêlas”.

(Sabedoria 7, 19) Vol. 6.º, pág. 139



“... fizeram manifesta a imagem do Rei, a quem queriam honrar”.

(Sabedoria 14, 17) Vol. 6.º, pág. 159



"Mas até julgaram que a nossa vida era um divertimento e que a maneira de viver tinha sido destinada para o lucro e que importava por quaisquer meios ainda ilícitos adquirir cabedais".

(Sabedoria 15, 12) Vol. 6.º, p. 163



“Tôda a sabedoria vem do Senhor Deus, e com êle estêve sempre, e está antes de todos os séculos”.

“Quem penetrou a sabedoria de Deus, a qual precede tôdas as coisas”?

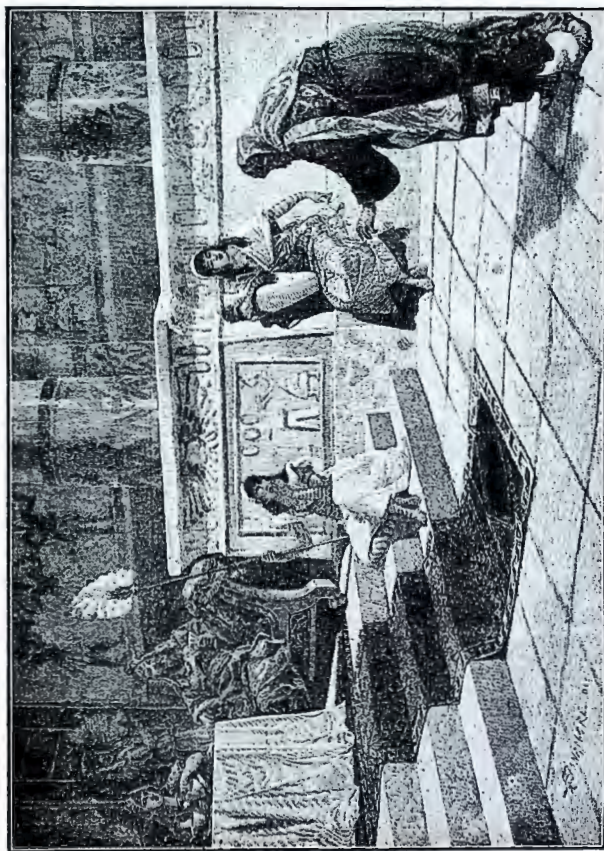
(Eclesiástico 1, 1.3)

Vol. 6.º, pág. 192



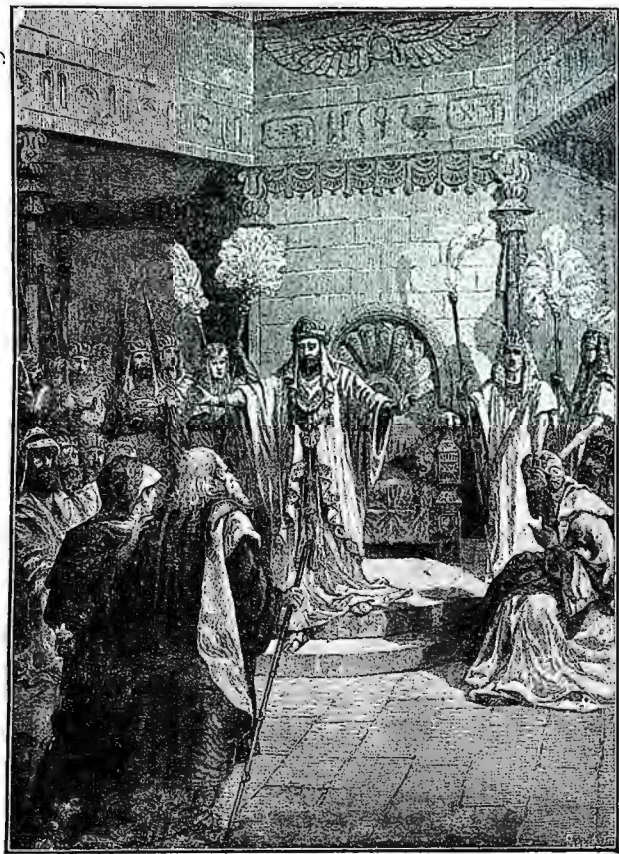
“Não sejas preguiçoso em visitar os enfermos: Porque assim é que tu te fortificarás na caridade”.

(Eclesiástico 7, 39) Vol. 6.º, pág. 215



"E tal há que fala francamente, e não diz senão a verdade. Tal há que se humilha maliciosamente, e o seu interior está cheio de dolo".

(Eclesiástico 19, 23) Vol. 6.º, pág. 256



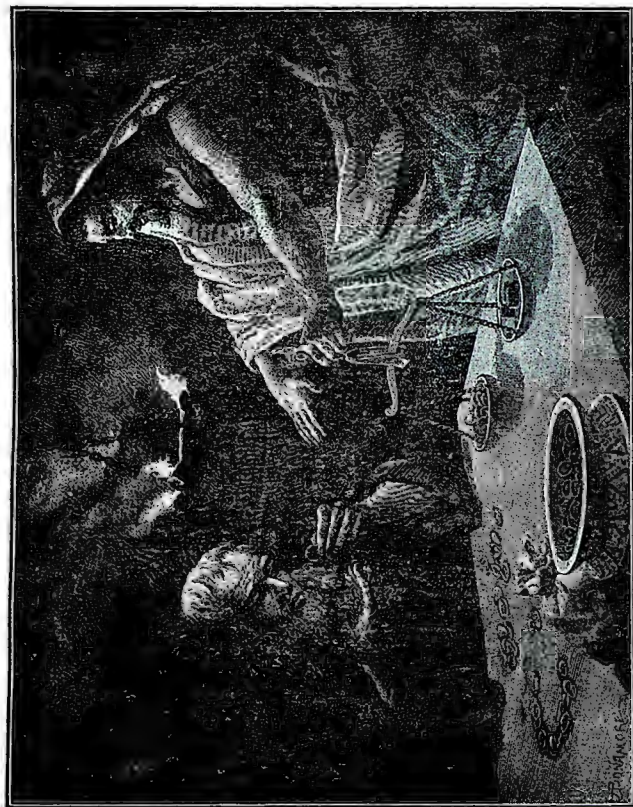
“Lembra-te do teu pai e tua mãe, pois estás no meio dos magnates”.

(Eclesiástico 23, 18) Vol. 6.º, pág. 271



“A contenda precipitada acende fogo: E a demanda acelerada derrama sangue, e a lingua que testifica traz morte”.

(Eclesiástico 28, 13) Vol. 6.º, pág. 290

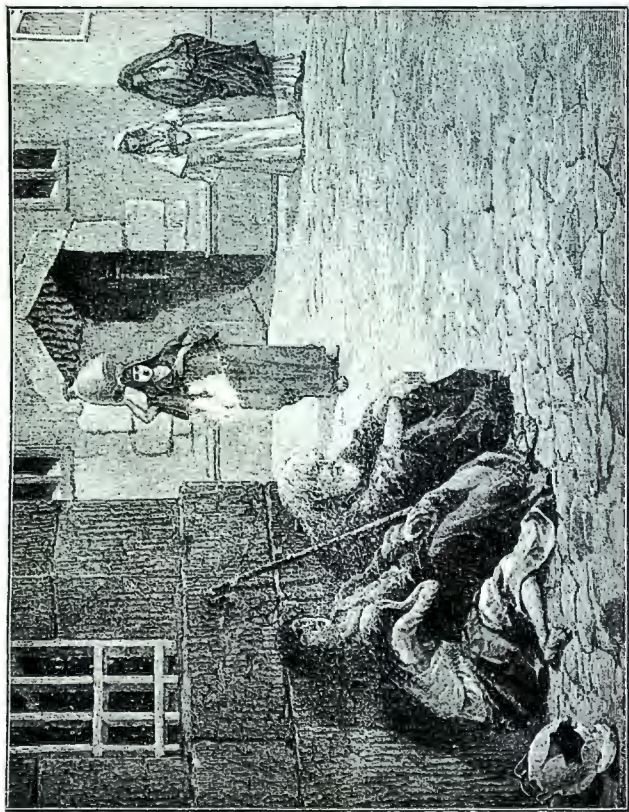


“A vigília que se tem para ajuntar bens definhará as carnes
e a aplicação a isto tirará o sono”.

(Eclesiástico 31, 1) Vol. 6.º, pág. 238



"A adivinhação do êrro, e os agouros mentirosos, e os sonhos
dos malfetores, tudo é vaidade".
(Eclesiástico 34, 5) Vol. 6.º, pág. 312



“O’ morte, que boa é a lua senlença para um homem necessitado, e que se achia
falto de fôrças”.



“Os que navegam o mar, contem os perigos dêle: E nós escutando-os com os
nossos ouvidos nos admiraremos”.



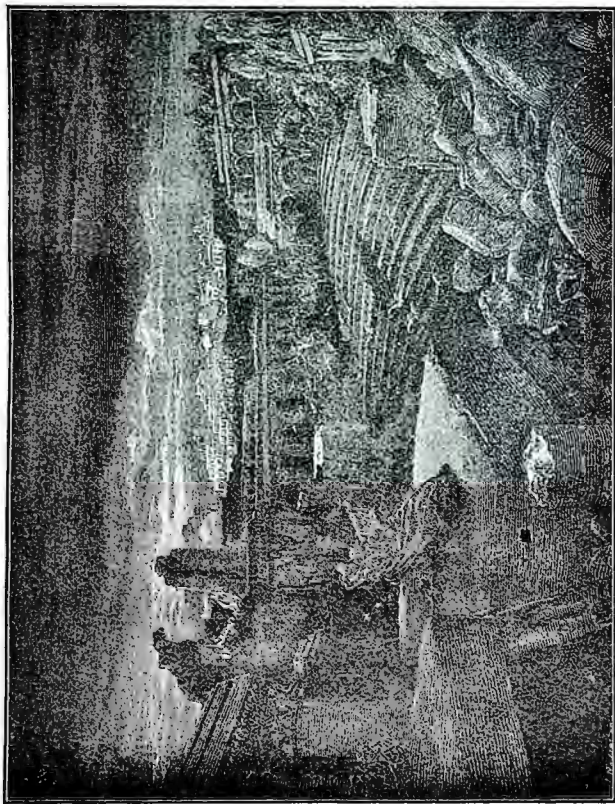
O Profeta Isaias.



"Visão de Isaías, filho de Amós, a qual êle viu sôbre Judá e Jerusalém no tempo de Ozias, de Joatan, de Acaz, e de Ezequias, reis de Judá".

"Ouví, Céus, e tu, ó terra, escuta, porque o Senhor é quem falou. Criei uns filhos, engrandeci-os: Porém êles me desprezaram".

(Isaías 1, 1.2) Vol. 6.º, pág. 392



Isaias vê num sonho a destruição de Babilônia.



“E das suas espadas forjão relhas de arado, e das suas lanças, foices”.
(Isaías 2. 4) Vol. 6.º, pág. 400



“E voou para mim um dos Serafins, o qual trazia na mão uma brasa viva, que
 ele havia tomado do altar com uma tenaz”.

(Versos 6-6) Vol. 6.º págs. 418

BARUC

INTRODUÇÃO

Autor. — Êste livro é conhecido pelo nome do autor. Baruc é um dos hagiógrafos sagrados do Antigo Testamento mais simpático pela austeridade da sua vida, firmeza das suas crenças e lealdade da sua dedicação. No próprio livro de Jeremias encontramos os melhores e mais seguros dados biográficos dêste notável personagem bíblico, esclarecidos e ampliados pelo insigne historiador judaico Flávio Josefo.

Baruc, discípulo dedicado e secretário de Jeremias (Cfr. *Jer* 32, 12; 36, 4. 10. 32) era filho de Neerias e oriundo duma família distinta da tribo de Judá (*Jer* 51, 59, e Flávio Josefo, *Ant. Jud.*, 10, 9, 1. Seu irmão Saraías fazia parte da côrte de Sedecias. A vida de Baruc é cortada por atrozes e sucessivas contrariedades. Foi acusado de ser partidário dos caldeus, e de influir no ânimo de Jeremias em favor dêstes. (*Jer* 43, 3.) No quarto ano de Joaquim leu ao rei as profecias de seu mestre, que tinha escrito, sob o seu ditado; teve porém de ter novo trabalho, quando o rei lançou ao fogo a primeira edição. No tempo de Sedecias, tendo sofrido muito anteriormente, foi prêso, sendo companheiro inseparável no cárcere de seu mestre Jeremias. Durou esta

prisão até à tomada de Jerusalém. Destruída a cidade dos profetas, 588. A. C., Baruc retirou-se para Masfat, e daí seguiu para o Egito com Jeremias (*Jer* 43, 9), acompanhando-o até à hora da morte. E' um belo exemplo de comprovada amizade. Morto Jeremias, Baruc deixou o Egito para se recolher em Babilônia, onde se presume que acabou os seus dias. Querem alguns que Baruc já anteriormente estivera em Babilônia, no quarto ano do reinado de Sedecias, fazendo parte duma embaixada real, que, a instâncias de Jeremias, ali foi consolar os cativos.

Deve-se notar que alguns antigos Padres da Igreja, segundo adverte Glaire, citaram êste livro sob o nome de Jeremias, já porque outrora os livros dêstes dois profetas estavam contidos num só volume, já porque Baruc inseriu na sua obra não só os oráculos que o Senhor lhe revelou, mas ainda os que ouviu ao seu mestre Jeremias. Glaire, *Introduction à l'Écriture Sainte*, t. 4, *Le Livre de Baruch*, pág. 171.

Texto original e versões de Baruc. — O livro de Baruc foi originariamente escrito em hebreu, mas o texto original perdeu-se. Há notícia apenas duma tradução grega de onde têm derivado as demais versões. A prova da sua antiguidade e autoridade encontra-se na versão dos Setenta. O texto latino da nossa Vulgata é tirado da versão Ítala, e reproduz literalmente o grego; não é de S. Jerônimo, é muito mais antigo. Como a Igreja Latina reconheceu sempre a canonicidade do livro de Baruc, esta versão deve ser, quando muito, do segundo século da era cristã. Há uma outra versão latina igualmente feita sobre o grego e que parece antiga, foi publicada em Roma, em 1688, por José Maria Caro. O tomo IV da Poliglota de Londres contém duas versões, uma siríaca, outra árabe,

que seguem fielmente o grego, de onde provêm; mas é certo que a versão siríaca que se acha na Poliglota de Paris se afasta em algumas passagens, o que pode ser attribuído a erros de cópia.

Alguns críticos, que negam a autenticidade de Baruc, pretenderam sustentar que este livro fôra originariamente escrito em grego. Esta asserção cai por completo, porquanto no cap. 1, vers. 14 há a recomendação de o ler no templo, e sabe-se que ali língua alguma estrangeira era admitida, por consequência era escrito na língua oficial do povo escolhido. Mas se isto, que é concludente, não bastasse, o estudo do livro vem provar que elle foi originariamente composto em hebreu. Os três primeiros capitulos estão cheios de hebraísmos, 1, 14. 15. 22; 2, 4. 9. 25; 3, 8, etc.; há passagens tão obscuras, que mostram erradas e imperfeitas traduções, 1, 2. 8; 2, 18. 19.

Objeto do livro de Baruc — Baruc dirigindo-se aos filhos de Israel ensina-lhes que em Deus devem confiar, e de Deus devem aprender; que a causa dos males que os oprimem vem do esquecimento de Deus e do abandono da sua lei, e anuncia que Deus virá um dia sôbre a terra instruir o homem. Descreve a desolação de Jerusalém, e conforta os judeus cativos que Nabucodonosor devia conduzir a Babilônia depois da tomada de Jerusalém. Procura avivar a fé destes vencidos, e previne-os que se acautelem contra as seduções de idolatria, mostrando o nada e a vaidade dos ídolos.

Autenticidade do livro de Baruc — E' sabido que os protestantes contestam a autenticidade deste livro; entre estes notam-se Grócio (*Annot. ad librum Baruch*), Eichorn, *Einleitung in die apocryphischen Bücher des Alt. Test.* De Welte, *Lehrbuch des historisch*

krit. Einleit, e outros. Estes críticos pretendem que o livro de Baruc é trabalho de qualquer judeu helenista, que, para dar mais autoridade e mais publicidade ao seu livro, o atribuiu a Baruc, secretário de Jeremias.

Em que pese aos adversários, os cinco primeiros capítulos são realmente obra de Baruc, como o afirma o título I, 1:

1.º Contesta-se, é certo, a autoridade dêste livro, mas não é menos certo que a contestação se não baseia em nenhum fundamento sério. No versículo 2.º lê-se que Baruc escreve a sua profecia no quinto ano após a ruína de Jerusalém, 583. E' inadmissível, dizem, porque Baruc tinha acompanhado Jeremias para o Egito; mas a esta objeção responde-se que, do fato de Baruc ter estado no Egito nos anos 588, 587, não se segue que não tenha estado na Caldéia em 583.

2.º Pretendem os mesmos adversários encontrar passagens que indiquem que êste livro foi composto depois do cativeiro e posteriormente à reconstrução do templo, 1, 10. 14; 2, 26. O autor fala incontestavelmente nestas passagens, do altar do Senhor, da casa de Deus, mas refere-se à casa de Deus arruinada, e ao altar, onde nesses tempos de tribulação, ofereciam sacrifícios, como acontece nas passagens análogas de *Jer* 41, 5, e 1 *Esd* 2, 68. Quanto ao capítulo 6, a carta de Jeremias, o título atribue-a a êste profeta e está confirmado no 2 *Mac* 2, 1. 2.

Canonicidade do livro de Baruc — Os protestantes negam a canonicidade dêste livro, sustentando que êle não foi considerado como fazendo parte dos livros sagrados. Contudo se imparcialmente estudarmos o assunto, convencer-nos-emos da canonicidade dêste livro e da justiça

das razões que atuaram no ânimo dos Padres de Trento inscrevendo este livro no Cânon das Sagradas Escrituras. Entre muitas outras razões apontaremos apenas as seguintes:

1.^a A versão dos Setenta, cuja autoridade é de todos conhecida, e a antiguidade absolutamente incontestável, insere o livro de Baruc, como fazendo parte da Sagrada Escritura, e da mesma maneira se encontra na antiga versão Ítala, e em todas as Bíblias de que se serve a Igreja Oriental desde os seus primórdios. Há completa conformidade nas duas Igrejas grega e latina acerca da inspiração do livro de Baruc.

2.^a Os Padres da Igreja de melhor nome e de mais alta antiguidade serviram-se e citaram o livro de Baruc tendo-o como divinamente inspirado. Entre outros citaremos, na Igreja do Oriente, S. Ireneu, Clemente de Alexandria, Eusébio de Cesaria, S. Hipólito, Metódio, S. Atanásio, S. Efrem, S. Cirilo de Jerusalém, S. Basílio, S. Gregório Nazianzeno, S. Epifânio, etc.; e entre os latinos Tertuliano, S. Cipriano, S. Hilário, S. Ambrósio, S. Agostinho e muitos outros.

Quais são as autoridades que os adversários contra põem a estas?

3.^a O estudo dos principais cânones eclesiásticos confirma a canonicidade do livro de Baruc, porque nos mais autorizados lá está incluído. Assim no Cânon organizado no Concílio de Laodicéia, e que serviu de regra na Igreja grega para determinar os livros que faziam parte das Sagradas Escrituras, encontra-se o livro de Baruc. E isto é tanto mais importante se se considerar a disciplina do tempo, as questões que se debatiam, e os homens eminentes em saber e virtude, que versavam as questões reli-

giasas. Encontra-se igualmente no Cânon do Concílio de Cartago. Se alguma vez aparece omitido o nome de Baruc, entenda-se que essa omissão é apenas aparente, pois consideravam muitos exegetas êste livro como fazendo parte de Jeremias, sem que por isso contestassem a sua canonicidade; é o que expressamente diz Santo Agostinho, *De Civit. Dei*, t. 18 e 33.

4.^a De não pequeno valor é o argumento em favor da canonicidade dêste livro deduzido da tradição dos judeus, sempre favorável a Baruc, pois o liam na sinagoga na festa da solene expiação, Cfr. Glaire, *Introduction à l'Ecriture Sainte*, t. 4 pág. 196. O fato da sua posterior rejeição dos judeus do seu Cânon, explica-se pelo desaparecimento do original hebraico, perdido em Babilônia. Tôdas as objeções sérias levantadas contra a canonicidade de Baruc, foram escrupulosamente ponderadas e refutadas pelos Concílios de Florença e de Trento, que com superior critério e vasta erudição inseriram o livro de Baruc no Cânon do Antigo Testamento.

Divisão do livro de Baruc. — Divide-se em duas partes e um apêndice.

I PARTE — 1, 1-3, 8. Compreende:

1.^o Uma introdução, 1, 1-14.

2.^o Uma oração que se subdivide em duas seções:

a) O povo cativo confessa publicamente as suas faltas, 1, 15-2, 10.

b) Os culpados arrependidos suplicam ao Senhor que ponha termo ao castigo que reconhecem merecido, 2, 11-3, 8.

II PARTE — Compreende um discurso de Baruc, 3, 9-5, 9.

- 1.º Exorta o povo a converter-se, procurando obedecer de ora avante aos ditames da prudência, 3, 9; 4, 8. Nota-se que os versículos 36, 38 do capítulo 3 encerram uma profecia messiânica notável.
- 2.º Consola os cativos, recomenda-lhes firmeza, coragem e esperança, 4, 9-29.
- 3.º Dirige-se a Jerusalém e anuncia-lhe que seus filhos, agora ignominiosamente conduzidos ao cativeiro, voltarão um dia cheios de glória. 4, 30-5, 9.

APÊNDICE — Compreende a carta de Jeremias, c. 6; tem por fim desviar os judeus cativos em Babilônia dos perigos da idolatria. Mostra Jeremias profundo conhecimento da religião babilônica; a sua carta é como um monumento arqueológico onde se encontra uma descrição minuciosa das divindades da Caldéia, tudo com o fim de mostrar a falsidade daquelas errôneas crenças e de radicar nos filhos de Israel o culto do Deus de Abraão, de Isaac e de Moisés.

B A R U C

CAPÍTULO 1

PRÓLOGO DO LIVRO. ESTE LIVRO FOI LIDO DIANTE DOS JUDEUS CATIVOS EM BABILÔNIA, E MANDADO POR ELES A SEUS IRMÃOS DE JERUSALÉM. NÔLE CONFESSA BARUC EM NOME DO SEU POVO A JUSTIÇA COM QUE O SENHOR OS CASTIGA.

1 E estas são as palavras do livro que escreveu Baruc, filho de Nérias, filho de Maasias, filho de Sedecias, filho de Helcias, em Babilônia. (1)

2 No ano quinto, aos sete dias do mês, no tempo em que os caldeus tomaram Jerusalém e lhes lançaram o fogo. (2)

3 E leu Baruc as palavras dêste livro aos ouvidos de Jeconias, filho de Joaquim, rei de Judá, e aos ouvidos de todo o povo, que vinha a ouvir ler êste livro.

(1) **E ESTAS** — A partícula *et* não é copulativa, mas de distinção, como aqui se acha entre a profecia de Baruc e a de Jeremias. Os que têm observado bem o uso da letra *Vau* no hebreu, sabem que esta não sômente é copulativa, senão também disjuntiva, adversativa, causal, incoativa, completiva, etc.

EM BABILÔNIA — Aonde passou do Egito, depois da morte de Jeremias.

(2) **AOS SETE DIAS DO MÊS** — Não explica que mês foi êste, pelo que uns entendem que foi o mês de Nisã, o primeiro

Baruc 1, 4-9

4 E aos ouvidos dos poderosos filhos dos reis, e aos ouvidos dos anciãos, e aos ouvidos do povo, desde o mais pequeno até ao maior de todos aquêles que moravam em Babilônia, junto ao rio Sodi. (3)

5 Os quais, ouvindo-o, choravam, e jejuavam, e oravam na presença do Senhor.

6 E ajuntaram dinheiro, conforme pôde a mão de cada um.

7 E o enviaram a Jerusalém a Joaquim, filho de Helcias, filho de Salom o sacerdote, e aos sacerdotes, e a todos os do povo, que se acharam com êle em Jerusalém. (4)

8 Depois que êle recebeu os vasos do templo do Senhor, que haviam sido levados do templo, para os restituir à terra de Judá aos dez dias do mês de Sivan, vasos de prata, que fêz Sedecias, filho de Josias, rei de Judá. (5)

9 Depois que Nabucodonosor, rei de Babilônia, apri-
sionou a Jeconias, e aos príncipes, e a todos os magnates,
e ao povo da terra, e os levou presos desde Jerusalém
a Babilônia.

do ano, e outros o ano quinto, em que pontualmente se cumpriam cinco anos depois da tomada de Jerusalém, como parece insinuar-se neste lugar.

(3) **JUNTO AO RIO SODI** — Como Sodi em hebreu quer dizer soberbo, conjecturam alguns com o padre Menochio, que por êste nome entendeu Baruc o Eufrates, que corre mui arrebatado e impetuoso, bem como Ezequiel, querendo significar o mesmo Eufrates, lhe chama Cobar, que quer dizer o grande rio. Também Sodi poderia ser alguma ribeira, que se metesse no Eufrates. Cfr. Glaire.

(4) **JOAQUIM, FILHO DE HELCIAS** — Não era o sumo sacerdote, mas provavelmente o que ocupava o lugar em Jerusalém.

(5) **DO TEMPLO** — Entenda-se das ruínas do templo, nas quais estava um altar. Glaire, ed. cit.

10 E disseram: Aí vos mandamos dinheiro, comprei com êle holocaustos, e incenso, e fazei oferendas, e hóstias pelo pecado no altar do Senhor nosso Deus:

11 E rogai-lhe pela vida de Nabucodonosor, rei de Babilônia, e pela vida de Baltazar seu filho, para que os seus dias sejam como os dias do céu sobre a terra. (6)

12 E para que o Senhor nos dê fortaleza, e alumie os nossos olhos, para que vivamos debaixo da sombra de Nabucodonosor, rei de Babilônia, e debaixo da sombra de Baltazar seu filho, e os sirvamos a êles muitos dias, e achemos graça na presença dêles.

13 Orai também ao Senhor nosso Deus por nós mesmos: Porque nós pecamos contra o Senhor nosso Deus, e o seu furor se não apartou de nós até êste dia.

14 E lêde êste livro, que nós vos mandamos, para ser lido em alta voz no Templo do Senhor, em dia solene, e em dia oportuno: (7)

15 E direis: Ao Senhor nosso Deus seja atribuída a justiça, mas a nós a confusão do nosso rosto: Como

(6) **E PELA VIDA DE BALTAZAR SEU FILHO** — Em outras partes me lembro ter dito, que Baltazar era neto de Nabucodonosor, ainda tendo no sentido êste texto de Baruc. E isto porque uma parte sabia que entre Nabucodonosor e Baltazar mediara Evilmerodac, e por outra, que a Escritura muitas vezes dá o nome de filhos aos netos. Agora porém, refletindo, não parece crível, que falando Baruc de dois príncipes, que então mesmo viviam, chamasse filho a quem rigorosamente o não fôsse, digo com muitos e graves intérpretes, que Baltazar era filho segundo de Nabucodonosor, e que o nomeá-lo aqui Baruc em lugar de Evilmerodac, que era o primogênito, foi porque a êste tempo estava Evilmerodac em desgraça com o pai. Assim o afirmam Nicolau de Lira e o Abulense, alegando com a tradição dos rabinos. Cfr. Glaire.

(7) **NO TEMPLO DO SENHOR** — Isto é, no lugar onde estava o Templo. Porque procedemos na hipótese de que já então não havia Templo, conforme o que dissemos na nota 3.^a.

Baruc 1, 16-22; 2, 1

se vê neste dia a todo Judá, e aos que moram em Jerusalém.

16 Aos nossos reis, e aos nossos príncipes, e aos sacerdotes, e aos profetas, e aos nossos pais.

17 Nós pecamos diante do Senhor nosso Deus, e não cremos, desconfiando dêle:

18 E não lhe quisemos estar sujeitos, e não ouvimos a voz do Senhor nosso Deus, para andarmos segundo os seus preceitos, que êle nos deu.

19 Desde o dia em que êle tirou nossos pais da terra do Egito até êste dia, temos sido rebeldes ao Senhor nosso Deus: E dissipados nos apartamos dêle, por não ouvirmos a sua voz.

20 E se nos têm pegado muitos males, e maldições, que o Senhor intimou a Moisés seu servo: O qual tirou a nossos pais da terra do Egito, para nos dar a terra que manava leite e mel, como se vê no dia de hoje. (8)

21 E não ouvimos a voz do Senhor nosso Deus, segundo tôdas as palavras dos profetas, que êle nos enviou:

22 E andamos cada um segundo o sentido do nosso coração maligno para servir a deuses estranhos, fazendo más obras ante os olhos do Senhor nosso Deus.

CAPÍTULO 2

O PROFETA, FALANDO SEMPRE EM NOME DO SEU POVO, RECONHECE A JUSTIÇA DOS JUÍZOS DO SENHOR, E IMPLORA A SUA MISERICÓRDIA COM CONFIANÇA NAS SUAS PROMESSAS.

1 Por isso verificou o Senhor nosso Deus a sua palavra, que falou contra nós, e contra os nosso juizes, que julgaram a Israel e contra os nossos reis, e contra os nossos príncipes, e contra todo Israel e Judá.

(8) **MALDIÇÕES** — Cfr. Lev 26; Dt 28, 15-68.

2 Que traria o Senhor sôbre nós grandes males, quais nunca se tivessem visto debaixo do céu, como os que vieram sôbre Jerusalém, conforme ao que está escrito na lei de Moisés,

3 que comeria o homem as carnes de seu filho, e as carnes de sua filha.

4 E os entregou o Senhor debaixo da mão de todos os reis, que estão no nosso contôrno para serem o ludíbrio e a desolação entre todos os povos em que o Senhor nos pôs dispersos.

5 E temos ficado por baixo, e não por cima: Porque pecamos contra o Senhor nosso Deus, não obedecendo à sua voz.

6 Ao Senhor nosso Deus seja atribuída a justiça: Mas a nós, e a nossos pais a confusão de rosto, como se está vendo neste dia.

7 Porque o Senhor predisse contra nós todos êstes males, que vieram sôbre nós:

8 E não temos feito súplicas diante da face do Senhor nosso Deus, para nos retirarmos cada um de nós dos nossos péssimos caminhos.

9 E velou o Senhor os males, e os fêz vir sôbre nós: Porque o Senhor é justo em tôdas as suas obras, que nos mandou:

10 E não ouvimos a sua voz para caminharmos nos mandamentos do Senhor, que êle nos pôs diante da nossa face.

11 E agora, Senhor Deus de Israel, que tiraste o teu povo da terra do Egito com mão forte, e com sinais, e com prodígios, e com o teu grande poder e com braço levantado, e adquiriste para ti nome, assim como se está vendo neste dia:

Baruc 2, 12-20

12 Nós pecamos, temos obrado com impiedade, temos vivido mal, ó Senhor nosso Deus, contra todos os teus mandamentos. (1)

13 Aparte-se de nós a tua ira: Porque temos ficado poucos entre as gentes, onde nos puseste dispersos.

14 Escuta, Senhor, as nossas preces, e as nossas orações, e livra-nos por amor de ti mesmo: E concede-nos achar graça diante da face daqueles que nos trouxeram fora do nosso país:

15 Para que tôda a terra saiba que tu és o Senhor nosso Deus, e que o teu nome tem sido invocado sôbre Israel, e sôbre a sua geração.

16 Olha, Senhor, para nós da tua santa casa, e inclina o teu ouvido, e escuta-nos.

17 Abre os teus olhos, e vê: Porque os mortos que estão no inferno, cujo espírito foi separado das suas entranhas, não darão honra, nem justificação ao Senhor:

18 Mas a alma, que está triste por causa da grandeza do mal, e anda encurvada, e abatida, e tem os olhos enfraquecidos, e a alma faminta, te dá a ti, ó Senhor, glória, e o louvor da tua justiça.

19 Porque não é segundo as justiça de nossos pais, que nós derramamos os nossos rogos, e imploramos misericórdia diante da tua presença, ó Senhor nosso Deus:

20 Mas porque enviaste a tua ira, e o teu furor sô-

(1) **NÓS PECAMOS** — Para se fazer queda a esta oração e dar um sentido completo ao discurso, que começou no versículo 11, é necessário que entre os versículos 11 e 12 se supra alguma coisa, como fez o padre de Carrières, parafraseando os mesmos dois versículos dêste modo: Mas agora, Senhor Deus de Israel, que tiraste o teu povo do Egito com uma mão forte, agora é o tempo de tu nos fazeres sentir este mesmo poder e esta mesma bondade, se bem que nós somos indignos desta graça, porque nós pecamos, nós temos obrado com iniquidade”.

bre nós, como o proferiste pela bôca dos teus servos os profetas, dizendo:

21 Assim diz o Senhor: Abaixai o vosso ombro, e vosso pescoço, e servi ao rei de Babilônia: Estareis de assento na terra, que eu dei a vossos pais:

22 Se porém não ouvirdes a voz do Senhor vosso Deus, para vos sujeitardes ao rei de Babilônia: Eu vos farei sair das cidades de Judá, e para fora de Jerusalém.

23 E tirarei de vós tôda a voz de regozijo, e voz de alegria, e voz de espôso, e voz de espôsa, e ficará tôda a terra sem rasto de quem a habitasse.

24 E não ouviram a tua voz para servirem ao rei de Babilônia: E cumpriste as tuas palavras, que pronunciaste pela bôca de teus servos os profetas, para que fôsem trasladados do seu lugar os ossos dos nossos reis: E os ossos de nossos pais:

25 E eis-aí têm sido lançados ao calor do sol, e à geada da noite: E morreram entre cruelíssimas dores, pela fome e pela espada, e em dispersão.

26 E puseste êste mesmo templo, em que tem sido invocado o teu nome, assim como se vê neste dia, pela maldade da casa de Israel, e da casa de Judá.

27 E obraste conosco, Senhor nosso Deus, segundo tôda a tua bondade, e conforme tôda aquela tua grande misericórdia:

28 Assim como o proferiste pela bôca do teu servo Moisés no dia em que lhe mandaste escrever a tua lei diante dos filhos de Israel,

29 dizendo: Se não escutardes a minha voz, esta grande multidão será reduzida a mui pouca entre as gentes, para onde eu os lançarei dispersos: (2)

(2) **DIZENDO** — O sentido destes versículos encontra-se no Lev 26, 14.15.45; Dt 4, 25.30; Jer 24, 6.

Baruc 2, 30-35; 3, 1-2

30 Porque eu sei que este povo me não há de ouvir: Pois é um povo de dura cerviz: Mas ele se converterá de coração na terra do seu cativeiro:

31 E saberão que eu sou o Senhor Deus deles, e dar-lhes-ei coração, e entenderão: Ouvidos, e ouvirão.

32 E eles me louvarão na terra do seu cativeiro, e lembrarão do meu Nome.

33 E apartar-se-ão do seu espinhaço duro, e das suas malignidades: Porque se lembrarão do caminho de seus pais que pecaram contra mim.

34 E os trarei outra vez para a terra, que jurei aos pais deles Abraão, Isaac, e Jacó, e serão senhores dela: E multiplicá-los-ei, e eles se não diminuirão.

35 E farei com eles outra aliança, que será eterna, para que eu lhes seja a eles Deus, e eles a mim me sejam povo: E não removerei jamais ao meu povo, aos filhos de Israel, da terra que lhes dei. (3)

CAPÍTULO 3

CONTINUA O PROFETA EM IMPLORAR A MISERICÓRDIA DO SENHOR EM NOME DE SEUS IRMÃOS. EXORTA A ISRAEL A RECONHECER QUE A SUA INFIDELIDADE É A ORIGEM DOS SEUS MALES, E O CONVIDA A BUSCAR A SABEDORIA. ELA NÃO VEM SENÃO DE DEUS. DEUS A MANIFESTOU A ISRAEL. PROFECIA DA ENCARNAÇÃO DO VERBO.

1 E agora, Senhor Todo-poderoso, Deus de Israel, a alma entre angústias, e o espírito aflito clama a ti:

2 Ouve, Senhor, tem compaixão, porque és um Deus

(3) **E FAREI COM ELES OUTRA ALIANÇA** — Esta é a nova aliança, que fez Jesus Cristo conosco, e com a sua Igreja, que durará até ao fim do mundo, e de que foi figura a que renovou Neemias, depois que o povo voltou livre de Babilônia a Jerusalém, 2 Esd 9, 38; 10, 1; Jer 31, 31.32.

misericordioso, e compadece-te de nós: Porque pecamos na tua presença.

3 Porque tu permaneces eternamente, nós então havemos de perecer para sempre?

4 Senhor Todo-poderoso, Deus de Israel, ouve presentemente a oração dos mortos de Israel e a dos filhos daqueles que pecaram diante de ti, e não ouviram a voz do Senhor seu Deus, e se nos têm pegado êstes males. (1)

5 Não queiras lembrar-te das iniquidades de nossos pais, mas lembra-te do teu poder, e do teu nome neste tempo:

6 Porque tu és o Senhor nosso Deus, e nós, Senhor, te louvaremos:

7 Porque por isto puseste o teu temor em nossos corações, e a fim de que invoquemos o teu Noíne, e te louvemos no nosso cativeiro, porquanto nos apartamos da maldade de nossos pais, que pecaram diante de ti.

8 E eis-aqui estamos nós hoje no nosso cativeiro, em que nos puseste dispersos para sermos um objeto de afronta, e de maldição, e para sentirmos a pena do pecado, segundo tôdas as maldades de nossos pais, que se apartaram de ti, Senhor nosso Deus.

9 Ouve, ó Israel, os mandamentos da vida: Aplica os teus ouvidos, para aprenderes a prudência.

10 De onde vem, ó Israel, estares tu ao presente na terra de teus inimigos?

11 Tens envelhecido em terra estranha, contaminaste-te com os mortos: Estás confundido com os que descem ao inferno. (2)

(1) **MORTOS DE ISRAEL** — Filhos de Israel, tão maltratados no cativeiro que parecem mortos em seus túmulos. Ez 37, 12, ou então os Santos Patriarcas que não cessam de interceder pela salvação do povo de Deus.

(2) **CONTAMINASTE-TE COM OS MORTOS** — O sentido é

Baruc 3, 12-23

12 Deixaste a fonte da sabedoria:

13 Porque se tu tivesses andado pelo caminho de Deus, tu seguramente perseverarias numa paz eterna.

14 Aprende onde está a prudência, onde está a virtude, onde está a inteligência: Para saberes ao mesmo tempo onde está a estabilidade da vida e do sustento, onde está o lume dos olhos, e a paz.

15 Quem achou o lugar dela? e quem entrou nos tesouros dela?

16 Onde estão os príncipes das gentes, e os que dominam sobre as alimárias, que estão sobre a terra?

17 Os que brincam com as aves do céu?

18 Os que entesouram prata, e ouro, em que confiam os homens, e não têm fim os seus esforços de adquirir? os que lavram a prata e andam afadigados, e não têm termo as invenções das obras deles?

19 Exterminados foram, e desceram aos infernos, e outros se levantaram em lugar deles.

20 Êstes mancebos viram a luz, e habitaram sobre a terra: Mas ignoraram o caminho da sabedoria,

21 nem entenderam as suas veredas, nem seus filhos a receberam: Ela se retirou para longe da face deles:

22 Não foi ouvida na terra de Canaã, nem foi vista em Teman. (3)

23 Também os filhos de Agar, que buscam uma prudência, que vem da terra, êsses negociantes de Merra, e de Teman, e os fabulistas, e os esquadrinhadores da prudência e da inteligência: Mas êles não conheceram

êste: Tu, porque vives no meio dos caldeus, povo idólatra. estás num estado de impureza semelhante àquele que habita numa casa em que há um morto. Lev 5, 2; 11, 25; 22, 4; Núm 19, 14.

(3) **TEMAN** — Era uma cidade célebre da Iduméia.

o caminho da sabedoria, nem fizeram menção das suas veredas. (4)

24 O' Israel, quão grande é a casa de Deus, e espaçoso o lugar da sua possessão! (5)

25 Ele é vasto, e não tem limites: E' elevado e imenso. (6)

26 Ali estiveram aquêles gigantes famosos, que houve desde o princípio, de grande estatura, destros na guerra.

27 Não escolheu o Senhor a êstes, nem êles acharam o caminho da disciplina: Por isso pereceram.

28 E porque não tiveram a sabedoria, pereceram pela sua imprudência.

29 Quem subiu ao céu, e a recebeu a ela, e a tirou das nuvens?

30 Quem atravessou o mar, e a achou? e a trouxe antes que o ouro escolhido?

31 Não há ninguém que possa conhecer os seus caminhos, nem que busque com cuidado as suas veredas:

32 Mas aquêles que sabe tôdas as coisas, a conhece, e a descobriu pela sua prudência: O que aparelhou a

(4) **E DE TEMAN** — Esta Teman parece ser diversa da que se nomeou no versículo precedente. Com efeito, os intérpretes notam que a primeira era uma cidade da Iduméia, a segunda uma cidade da Arábia.

MERRA — Também cidade da Arábia.

(5) **A CASA DE DEUS** — Por casa de Deus neste lugar se entende a redondeza de toda a terra. — *Pereira.*

(6) **ELE É VASTO** — Do contexto parece colher-se que, quem aqui se diz vasto, sem limites, elevado e imenso, não é o Senhor, mas o lugar que ele possui, isto é, o mundo. Assim o entenderam aqui Sacy, Duhamel, Calmet e de Carrières. Mas Santo Agostinho no livro II, contra Máximo, no cap. XXVI, deu por certo e evidente, que o sujeito a quem Baruc aplica aquêles attributos é Deus.

terra por uma eternidade, e a encheu de gados, e de quadrúpedes:

33 O que envia a luz, e ela vai: E a chamou, e lhe obedece tremendo.

34 E as estrêlas deram luz nas suas estâncias, e se alegraram:

35 Foram chamadas, e disseram: Aqui estamos; E deram luz com alegria àquele que as fêz.

36 Êste é o nosso Deus, e não será reputado outro diante dêle.

37 Êste achou todo o caminho de ciência, e a deu a Jacó seu servo, e a Israel seu amado.

38 Depois disto foi êle visto na terra, e conversou com os homens. (7)

CAPÍTULO 4

EXORTA O PROFETA OS FILHOS DE ISRAEL A SE CONVERTEREM AO SENHOR, E A OBSERVAREM A SUA LEI. JERUSALÉM CHORA O CATIVEIRO DE SEUS FILHOS. ELA OS EXORTA A ESPERAR NO SENHOR. PROMESSAS DO SEU LIVRAMENTO.

1 Êste é o livro dos mandamentos de Deus e a lei que subsiste eternamente: Todos os que a guardam, chegarão à vida: E os que a deixaram, cairão na morte.

2 Converte-te, ó Jacó, e abraça esta lei, anda pelo caminho ao seu clarão em direitura do lume dela.

(7) **DEPOIS DISTO FOI ÊLE VISTO NA TERRA** — Já notamos na prefácio sobre Baruc, que êste lugar é um testemunho expressíssimo da Encarnação do Divino Verbo, da qual Baruc fala como de uma coisa passada, por ser estilo dos profetas explicar pelo pretérito o que anunciam futuro. Cfr. Strack, *Grammaire hébraïque*. O consenso dos Santos Padres ali apontados faz indubitável esta inteligência.

3 Não entregues a outro a tua glória, nem a uma gente estranha a tua dignidade.

4 Ditosos somos, ó Israel: Porque as coisas, que agradam a Deus, não são manifestas.

5 Tem melhor ânimo, ó povo de Deus, memória de Israel: (1)

6 Vendidos haveis sido às gentes não para perdição: Senão pelo motivo de que em ira provocaste a Deus a iracúndia, fostes entregues aos adversários.

7 Porque tendes irritado aquêle que vos fêz, ao Deus eterno, sacrificado aos demônios e não a Deus.

8 Porque vos esquecestes de Deus, que vos sustentou, e contristastes a Jerusalém vossa nutrice.

9 Porque ela viu que vinha a ira de Deus sôbre vós, e disse: Ouvi, confinantes de Sião, porque Deus' me enviou uma grande aflição:

10 Porque vi o cativoiro de meu povo, de meus filhos, e filhas, que lhes lançou em cima o Eterno.

11 Pois eu os sustentei com alegria: E os despedi com dor e mágua.

12 Ninguém se alegre sôbre mim, estando viúva, e solitária: Por muitos tenho sido desamparada por causa dos pecados de meus filhos, porque se desviaram da lei de Deus.

13 E não souberam os seus preceitos, nem andaram pelos caminhos dos mandamentos de Deus, nem entraram com justiça pelas veredas da sua verdade.

14 Venham os confinantes de Sião e façam menção do cativoiro de meus filhos, e filhas, que lhes lançou em cima o Eterno.

(1) MEMÓRIA DE ISRAEL — Que ficaste de resto para conservares a memória de Israel. Assim fala para consolação dos cativos. — Calmet.

Baruc 4, 15-27

15 Porque fêz vir sôbre êles uma gente de longe, uma gente perversa, e de outra língua: (2).

16 Os quais não respeitaram ao ancião, nem tiveram piedade dos pequeninos, e arrancaram os amados à viúva, e tirando-lhe os filhos a deixaram só.

17 Eu pois em que vós posso ajudar?

18 Porque aquêle que fêz vir sôbre vós os males, êsse mesmo vos livrará das mãos de vossos inimigos.

19 Andai, filhos, andai: Porque eu fui deixada só.

20 Despi-me do manto da paz, e vesti-me de sacco de rogativa, e clamarei ao Altíssimo nos meus dias.

21 Tende melhor ânimo, filhos, clamai ao Senhor, e livrar-vos-á da mão dos príncipes inimigos.

22 Porque eu esperei no Eterno a vossa salvação: E veio-me um gôzo do santo pela misericórdia, que vos virá do Eterno nosso Salvador.

23 Porque com chôro, e pranto vos vi partir: Mas o Senhor vos fará voltar a mim com gôzo, e alegria para sempre.

24 Porque assim como as vizinhas de Sião viram vir de Deus o vosso cativo, assim verão também prontamente baixar da parte de Deus a vossa salvação, que vos sobrevirá com grande honra, e eterno esplendor.

25 Filhos, suportai com paciência a ira, que veio sôbre vós: Porque o teu inimigo te perseguiu, mas em breve verás a sua perdição: E subirás sôbre as suas cerIZES.

26 Os meus mimos andaram por ásperos caminhos: Porque foram levados como um rebanho roubado por inimigos.

27 Tende melhor ânimo, ó filhos, e clamai ao Se-

(2) **DE OUTRA LÍNGUA** — Uma língua diversa da sua e que êles desconheciam.

nhor: Porque memória terá de vós aquêles que vos conduziram.

28 Porque assim como a vossa mente se dirigiu a que vos desviásseis de Deus: Com um ardor dez vêzes maior o buscareis, quando de novo vos converterdes.

29 Porque aquêles que vos enviou os males, êsse mesmo vos trará de novo uma alegria perdurável junta com a vossa salvação.

30 Tem melhor ânimo, ó Jerusalém, porque a ti te exorta o que te deu o nome.

31 Os malvados que te vexavam pereceram: E os que se congratularam na tua ruína, serão punidos.

32 As cidades em que serviram teus filhos, serão castigadas: E a que deteve teus filhos.

33 Porque assim como ela se regozijou na tua ruína, e se alegrou na tua queda, assim se contristará na sua desolação.

34 E será cortada a algazarra da sua multidão, e a sua jactância se converterá em pranto.

35 Porque o fogo lhes sobrevirá da parte do Eterno por largos dias, e pelos demônios será habitada por muito tempo. (3)

36 Olha, ó Jerusalém, para o Oriente, e vê o regozijo que te vem de Deus. (4)

37 Pois eis-aí vêm os teus filhos, os que enviaste dispersos, vêm congregados do Oriente até ao Ocidente, regozijando-se na palavra do santo para honra de Deus.

(3) **E PELOS DEMÔNIOS** — Alude ao que da mesma Babilônia tinham predito Is 34, 14, e Jer 50, 39. — **Pereira.**

(4) **PARA O ORIENTE** — Do Oriente é que havia de vir Ciro, libertador dos judeus. Is 41, 2 e 46, 11. — **Pereira.**

CAPÍTULO 5

EXORTA O PROFETA A JERUSALÉM A QUE DEIXE O SEU LUTO, E SE VISTA DE GALA, PORQUE VÊ A SEUS FILHOS TORNANDO DO CATIVEIRO CHEIOS DE GLÓRIA.

1 Larga, ó Jerusalém, os vestidos do teu luto, e da tua vexação: E enfeita-te de gala, e da majestade daquela glória sempiterna, que te vem de Deus.

2 Revestir-te-á Deus do forrado manto da justiça, e porá sôbre a tua cabeça uma mitra de eterna honra. (1)

3 Porque Deus te mostrará em ti o seu resplendor a todo aquêlê que está debaixo do céu.

4 Porque o nome que por Deus te será pôsto para sempre, virá a ser: Paz da justiça, e honra da piedade. (2)

5 Levanta-te, ó Jerusalém, e põe-te no alto: E olha para o Oriente, e vê teus filhos congregados, desde o Sol Oriente até o Ocidente, regozijando-se na palavra do santo com a lembrança de Deus.

6 Porque saíram de ti a pé levados pelos inimigos: Mas o Senhor os trará a ti conduzidos com honra como filhos do reino. (3)

7 Porque Deus tem determinado aplanar todos os montes altos, e os rochedos imóveis, e encher os vales

(1) **DO FORRADO MANTO DA JUSTIÇA** — Uma túnica ou vestido talar, próprio das mulheres, e forrada de preciosas peles, que por esta razão se pode chamar também dobrado. Era freqüente no Oriente.

(2) **PAZ DA JUSTIÇA** — Estes nomes convêm mais à Igreja de Jesus Cristo do que a Jerusalém. Glaire, *La Sainte Bible*, edição de 1902.

(3) **COMO FILHOS DO REINO** — O grego diz: "Serão trazidos magnificamente com o trono do reino"; os que são conduzidos em liteira.

para igualarem com a terra: A fim de que Israel ande com diligência para honra de Deus.

8 Assim os bosques, como tôdas as árvores de suave fragrância fizeram uma sombra agradável a Israel por ordem de Deus.

9 Porque trará Deus a Israel com júbilo na luz da sua majestade, com a misericórdia, e justiça que dêle vem.

CAPÍTULO 6

CARTA DE JEREMIAS AOS JUDEUS CATIVOS, NA QUAL ELE LHES ANUNCIA A SUA TORNADA, E OS EXORTA A FUGIREM DA IDOLATRIA.

Cópia da carta que Jeremias mandou aos cativos, que pelo rei dos babilônios estavam para ser levados a Babilônia, a fim de que lhes anunciasse tudo conforme o que lhe foi por Deus mandado. (1)

1 POR CAUSA dos pecados, que cometestes diante de Deus, vós sereis levados cativos a Babilônia por Nabucodonosor, rei dos babilônios.

2 Nestes termos, depois de haverdes entrado em Babilônia, estareis ali muitos anos, e largos tempos, até sete gerações: E depois disto vos tirarei dali em paz. (2)

3 Mas agora vereis em Babilônia, que são levados

(1) **QUE PELO REI DOS BABILÔNIOS** — Depois da tomada e ruína de Jerusalém, quando Nabucodonosor se achava em Reblata da Síria.

(2) **ATÉ SETE GERAÇÕES** — Como o cativo não havia de durar setenta anos, segundo o tinha predito o mesmo Jeremias no cap. 25, vv. 11 e 12, parece que em cada dez anos considera aqui o profeta uma geração. Noutros lugares, tanto da Escritura como dos autores profanos, contém cada geração cem, cinquenta, trinta, dez e até sete anos. Cfr. Glaire, ed. cit.

Baruc 6, 4-14

aos ombros deuses de ouro, e de prata, e de pedra, e de madeira, metendo medo às gentes.

4 Vêde pois não suceda que também vos torneis semelhantes no procedimento aos estrangeiros, e que temais. êstes deuses e vos dêixeis possuir do seu temor.

5 Quando virdes pois por detrás, e diante dêles a turba, que os adora, dizei em vossos corações: Tu, Senhor, é que deves ser adorado.

6 Porque o meu anjo está convosco: E eu mesmo terei cuidado das vossas almas.

7 Porque a língua dêles polida pelo escultor, e êles dourados, e prateados são uns falsos' representativos, que não podem falar.

8 E assim como se fazem adornos a uma donzela apaixonada por enfeites: Assim depois de fabricados êles se revestem com o ouro, que recebem.

9 Os deuses dêles têm por certo coroas de ouro sôbre as suas cabeças: Mas os sacerdotes os despojam do ouro, e da prata, e o gastam em seus próprios usos.

10 E ainda dão dêste ouro às prostitutas e enfeitam as meretrizes: E depois de haverem tomado outra vez das meretrizes, adornam com êle os seus deuses.

11 Mas êstes não se livram da ferrugem, nem da traça.

12 E depois de os trajarem de um vestido de púrpura, lhes limpam os rostos, por causa do pó que se levanta no lugar onde estão, que entre êles é muito.

13 Tem também um cetro na mão como homem, à maneira de um juiz de província, mas êle não mata a quem o ofende.

14 Tem também na mão espada, e cutelo, mas não se pode livrar a si mesmo da guerra, nem dos ladrões. Por onde seja-vos êste um manifesto argumento de que não são deuses.

15 Portanto não os temais. Porque assim como uma vasilha, se se quebra, fica inútil ao homem, tais são também os deuses dêles:

16 Postos êles numa casa, os seus olhos se enchem de pó feito levantar pelos pés dos que entram.

17 E assim como a algum que ofendeu ao rei se lhe fecham as portas: Ou como a um morto que foi levado ao sepulcro: Do mesmo modo seguram os sacerdotes as portas com fechaduras, e ferrolhos, para que não sejam despojados pelos ladrões. (3)

18 Acendem-lhes lâmpadas, e na verdade muitas, das quais não podem ver nenhuma: Porque são como as vigas nas casas.

19 E dizem que as serpentes que saem na terra lhes lambem os corações, quando os rôem a êles, e aos seus vestidos, e não no sentem.

20 Negras se tornam as suas caras com o fumo, que se faz na casa.

21 Sôbre o seu corpo, e sôbre a sua cabeça voam os mochos, e as andorinhas, e outras aves ainda do mesmo modo, até as gatas.

22 Daqui sabeí que não são deuses: E assim não os temais.

23 Também o ouro que êles têm, é para o adôrno. Se alguém lhes não limpar a ferrugem, não reluzirão: Pois nem ainda quando os fundiam, o sentiam.

24 A todo o preço são comprados, e não há espírito algum nêles.

25 Sem pés são levados sôbre os ombros, mostrando aos homens a sua vileza. Sejam também confundidos os que os adoram.

(3) **SE LHE FECHAM AS PORTAS** — O grego tem: “Bem como a um homem que matou o rei, se fecham as salas.” — **Pereira.**

26 Por cuja causa se êles caírem em terra, não se levantam por si mesmos: E se algum os puser direitos, não se terão por si mesmos, mas pôr-lhes-ão diante, como mortos, os donativos que lhes oferecerem.

27 Os seus sacerdotes vendem as oferendas dêles, e fazem delas um mau uso: E assim mesmo as mulheres dêles encetando-as, não dão disso coisa alguma nem ao enfermo, nem ao mendigo,

28 elas prenhes, e no seu estado de impureza tocam os sacrifícios dêles. Assim que sabendo vós por êstes princípios que não são deuses, não os temais.

29 Pois por que lhes chamam deuses? Porque as mulheres fazem oferendas a deuses de prata, e de ouro. : de madeira :

30 E nas suas casas estão assentados os sacerdotes, endo as túnicas rasgadas, e as cabeças, e a barba rapada e as suas mesmas cabeças descobertas.

31 E rugem, fazendo alaridos diante dos seus deuses como na ceia de um morto. (4)

(4) **CEIA DE UM MORTO** — São conhecidos êstes fúnebres banquetes, preparados nas sepulturas dos povos da mais alta antiguidade, e que chegaram até aos tempos da civilização greco-romana. Providenciavam as famílias para que êstes banquetes prosseguissem, sem interrupção, no decurso dos tempos; da mesma maneira os pósteros procuravam não faltar a êste dever, endereçando oferendas aos seus antepassados, e tendo como importantíssimo dever preparar-lhes o fúnebre repasto. E, coisa notável, o funeralismo, que como amplamente o demonstrou Fustel de Coulanges, *La cité antique*, foi a alma das primitivas instituições e leis greco-romanas, ostenta-se com um modo de ser particular, trazendo do Oriente os mesmos costumes e importando as mesmas tradições. Havia apenas uma diferença, e esta importante, era a ausência formal de coisas lúgubres; "as necrópoles antigas eram passeios deliciosos, marginados de belos jardins, de onde se ergulam ao lado de artísticas sepulturas, elegantes quiosques e mag-

32 Os sacerdotes lhes tiram os seus vestidos, e com eles vestem as suas mulheres, e a seus filhos.

33 Nem, se elles experimentam algum mau tratamento da parte de qualquer, ou algum obséquio, lhe poderão dar o pago: Nem podem pôr um rei, nem tirá-lo.

34 Nem tão pouco podem dar riquezas, nem retribuir o mal. Se algum lhes fizer um voto, e o não cumprir: Nem isto elles requerem.

35 Não livram a um homem da morte, nem defendem ao fraco do mais poderoso.

36 Não restituem a vista a um homem cego, não livrarão ao homem da sua necessidade.

37 Não se compadecerão da viúva, nem farão bem aos órfãos.

38 Os deuses dêles são semelhantes às pedras do monte, sendo feitos de madeira, e de pedra, e de ouro, e de prata: Mas os que os adoram serão confundidos.

39 Como se pode pois ajuizar, ou dizer, que elles são deuses?

40 Porque ainda os mesmos caldeus os desonram: Os quais depois de terem ouvido que um mudo não pode falar, apresentam-no a Bel, pedindo-lhe que lhe dê fala:

41 Como se pudessem sentir os que não têm movimento, ainda elles mesmos, quando se desenganarem, os desampararão: Visto não terem os mesmos deuses dêles sentimento algum.

níficas moradas." Ricardo Jorge, *Higiene social, segunda conferência*. Nos escritores clássicos encontramos os testemunhos frizantes do costume de preparar banquetes nas moradas dos mortos. Era a isto que os latinos chamavam *inferias ferre, parentare, ferre solemnia*. Cícero, *De legibus*, II, 21; *maiores nostri mortuis parentare voluerunt*. Lucrécio, III, 52. *Parentant et nigras mactant pecudes et Manibres divis inferias mittunt*. Virgílio, *Êncida*, capítulo VI, 380. *Tumulo solemnia mittunt*, IX, 214. *Absenti ferat inferias decoretque sepulcro*, Ovídio, *Amor.*, I, 13, 3, etc.

42 Também se vêem umas mulheres cingidas de cordas, que estão assentadas nos caminhos, queimando caroços de azeitona. (5)

43 E quando alguma delas, atraída por algum passageiro, dormir com êle, lança em rosto à sua vizinha que ela não fôra julgada digna de honra como ela, nem a sua corda se quebrara. (6)

44 E tôdas as coisas que se fazem para êles, são falsas. Como se pode logo ajuizar, ou dizer que êles são deuses?

45 Por estatuários pois, e ourives do ouro foram êles feitos. Nenhuma outra coisa serão, senão aquilo que querem que sejam os sacerdotes. (7)

46 Também os mesmos artífices que as fazem, não

(5) **TAMBÉM SE VÊEM UMAS MULHERES CINGIDAS DE CORDAS** — De um lugar de Heródoto, que alega Calmet, se pode colhêr que as que o autor da Vulgata chama aqui cordas, eram na realidade umas fitas enlaçadas à roda da cabeça, como grinalda ou capela com que estas mulheres se mostravam enfeitadas para mais agradarem aos passageiros, e melhor, os atraírem. O lugar é no livro I, cap. CXCIX, onde aquêlê historiador trata das mulheres babilônicas, que uma vez na vida se prostituíam aos forasteiros em honra da deusa Milita.

QUEIMANDO CAROÇOS DE AZEITONA — Ou para com esta espécie de incenso conseguirem dos seus falsos deuses que os homens lhes cobrassem afeição, ou para elas mesmas e os seus amantes se defumarem. O primeiro mister prova-se de Teócrito, o segundo de Heródoto, ambos alegados por Calmet. — Pereira.

(6) **NEM A SUA CORDA SE QUEBRARA** — Porque assim que alguma destas mulheres agradava a qualquer estrangeiro, êste, depois dela quebrar a fita que levava em forma de grinalda para sinal da sua prostituição, a tirava à parte para fora do templo. Veja-se o mesmo Calmet.

(7) **AQUILO QUE QUEREM** — O grego diz: "São o que os artífices querem que sejam." O que parece mais natural.

são de muita duração. Pois como podem ser deuses aquelas coisas, que por elles mesmos foram fabricadas?

47 E não deixaram outra coisa que engano, e opróbrio aos que hão de vir depois.

48 Porque depois de lhes sobrevir alguma guerra, e quaisquer males: Consultam os sacerdotes entre si, onde se hão de esconder com elles.

49 Como deve logo crer-se que são deuses os que nem se podem livrar da guerra, nem defender-se das calamidades?

50 Porque como elles sejam de madeiros dourados, e prateados, vir-se-á a saber algum dia por tôdas as nações e reis, que são falsos: O que faz ver claramente que não são deuses, senão obras de mãos de homens, e não há nêles operação alguma de Deus.

51 De onde se pode saber logo que não são deuses, senão obras de mãos de homens, e que não há virtude alguma de Deus nêles? (8)

52 Não põem rei a província alguma, nem darão chuva aos homens.

53 Assim mesmo não decidirão pleito, nem livrarão as províncias da injúria: Porque nada podem, como as gralhas que voam entre o céu e a terra.

54 Pois se se atear fogo na casa dos deuses de madeira, de prata, e de ouro, os seus sacerdotes por certo fugirão, e se livrarão: Mas elles, como as vigas no meio das chamas, se queimarão.

55 Mas nem a um rei, nem numa guerra farão resistência. Como se pode logo ajuizar, ou admitir que são deuses?

56 Não se poderão defender dos ladrões, nem dos

(8) SENÃO OBRAS DE MÃOS DE HOMENS, E QUE NÃO HA VIRTUDE ALGUMA — O grego não traz este segundo período.

salteadores uns deuses de madeira, e de pedra, e dourados, e prateados, quando os tais que podem mais do que êles,

57 os despojarão do ouro, e da prata, e dos vestidos de que estão cobertos, e se irão com êle, e não se poderão valer a si mesmos.

58 De tal sorte que melhor é ser um rei, que ostenta as suas fôrças: Ou uma vasilha útil em uma casa, com a qual se contente o que a possui: Ou uma porta em qualquer casa, que guarda o que há dentro dela, que ser um dêstes falsos deuses.

59 O sol por certo, e a lua, e as estrêlas, sendo resplandcentes, e destinadas para vários usos, obedecem.

60 Da mesma sorte o relâmpago também quando fuzilar, se deixa ver: E da mesma maneira até o vento que assopra por tôda a região.

61 E as nuvens, quando por Deus lhes fôr mandado que corram todo o mundo, cumprem o que lhes é mandado.

62 O fogo também que é enviado de cima, para que consuma os montes, e os bosques, faz o que se lhe tem ordenado. Mas êstes não se assemelham a nenhuma coisa daquelas, nem em parecer, nem em poder.

63 Por onde não se deve ajuizar, nem dizer, que êles são deuses, quando não podem nem fazer justiça, nem valer em coisa alguma aos homens.

64 Assim que sabendo vós que não são deuses, em consequência disto não os temais.

65 Porque êles não amaldiçoarão, nem abençoarão os reis.

66 Nem tão pouco mostram no céu às gentes os sinais dos tempos, nem luzirão como o sol, nem alumiarão como a lua.

67 Melhores do que êles são os animais, que podem refugiar-se debaixo de coberta, e servir a si de proveito.

68 Assim que é para nós manifesto, que de nenhuma maneira são deuses: Por cujo motivo não os temais.

69 Porque assim como o espantalho em um meloal o não guarda: Por êste modo são os deuses dêles de madeira, e de prata, e dourados. (9)

70 Do mesmo modo são também como o espinheiro branco em um jardim, sôbre o qual vêm pousar tôdas as aves. Da mesma sorte se assemelham até a um morto lançado em trevas os deuses dêles de madeira, e dourados, e prateados:

71 Também pela púrpura e escarlata, que a traça rói em cima dêles, sabereis finalmente que não são deuses. Êles mesmos nesta conformidade vêm por último a ser comidos, e serão o opróbrio em tôda uma região.

72 Melhor é o homem justo, que não tem ídolos: Porque estará longe de opróbrios.

(9) O ESPANTALHO — E' o que em bom latim significa o nome Formido, de que se valeu o nosso intérprete: uma corda ou rede malhada de penas de diversas côres, posta para afugentar os animais e pássaros, que a princípio inspira terror, mas depois provoca o riso.

EZEQUIEL

INTRODUÇÃO

Autor. — O autor dêste livro é Ezequiel, nome que etimologicamente significa — Deus torna-o-forte. — Ezequiel era filho de Buzi, e pertencia à tribo sacerdotal. Onze anos antes da ruína de Jerusalém, 598 A. C., foi levado para a Babilônia com o rei Jeconias, na companhia dos grandes do reino e dos sacerdotes. *Ez* 1, 3. Fixou a sua residência em Tell-Abib, nas margens de Cobar, junto duma colônia de judeus, deportados como êle, 1, 1; 3, 15; aí casou-se, e adquiriu uma casa para si e para sua família, 3, 24; 8,1; 24, 18. No quinto ano do seu cativeiro, 593 A. C., foi chamado por Deus para o ministério profético, munus que desempenhou durante 22 anos pelo menos. Uma antiga tradição refere que foi assassinado por um príncipe a quem censurava a idolatria, sendo sepultado no túmulo de Sen-e de Arfaxad, S. Isidoro *De ortu et obitu patrum* 39, 75, t. 83, col. 843. Morreu em terra estranha, antes da conquista de Babilônia por Ciro. A vida dêste profeta coincide com os tempos mais calamitosos da história de Judá; deportado, sabe no exílio a triste sorte de Jerusalém, os pormenores da sua horrível devastação, a ruína do templo, e morre sem que veja o despontar de uma aurora de libertação. Porém no meio de tão grandes infortúnios,

por entre perseguições atrozes, contrariedades pungentíssimas êle revela a energia do seu caráter, a firmeza da sua fé, e a heroicidade da sua resignação. Tudo sofre pacientemente pela religião dos seus pais, 4, 13. 14; 20, 11-13; 22, 8; 8, 11; 40; 48; e abrasado no mais entusiástico amor pátrio procura alentar os seus irmãos que, como êle, sofrem as angústias do cativeiro, sendo êstes mesmos que o procuravam, desejando-o ouvir e consolando-se com as palavras de fé que êle lhes dirigia. 8. 1; 11, 25; 14, 1; 20, 1, etc. *In ædibus suis, ut in schola quadam publica, conventus instituebat, ibique eorum frequenti concione divinam interpretabatur voluntatem, oratione facunda.* Vitringa, *De Synagoga Veteri*, 1636. pág. 332.

Estilo de Ezequiel. — Êste profeta tem um modo de dizer próprio, e emprega umas formas que lhe são peculiares. Parece que procura imitar a linguagem do *Pentateuco*, e vivendo entre o povo que fala o arameu, êle não pode subtrair-se à influência do meio, e emprega, em freqüentes ocasiões, aramaísmos, que constituem uma nota característica do estilo próprio de Ezequiel. Porém ainda o que mais distingue a dicção de Ezequiel é a sua manifesta predileção pelos símbolos. Não só são muito numerosos e vulgares em seus escritos, mas expõe-nos e desenvolve-os com mais cuidado e amplitude que nenhum outro escritor sagrado. Há também um grande número de imagens novas, deduzidas do meio em que êle vivia, o que o torna por vêzes obscuro. "*Ezechiel principia et finem tantis habet obscurantibus involuta, ut apud Hebræos istae partes cum exordio Genesis ante annæos triginta non legantur.* Præf. in *Ezech.* Advirta-se porém que esta obscuridade provém da nossa ignorância, porque Ezequiel empregava as expressões que lhe eram familiares, assim como para aquêles que com êle viviam no

cativeiro. Além disto êste livro é notável pela sua grande variedade o que torna agradável a sua leitura.

Autenticidade. — Não se têm levantado difficuldades sérias contra a autenticidade dêste livro, embora alguns críticos heterodoxos sustentassem, sem fundamento valioso, que Ezequiel escrevera dois livros e Spinosa pretendesse que os escritos que hoje possuímos de Ezequiel são fragmentos de uma grande obra que êle compôs, e da qual não restam vestígios. E' caso para se lhes responder com o velho aforismo: *Quod gratis asseritur gratis negatur*. Com o insuspeito De Wette podemos afirmar que as dúvidas e razões frívolas apresentadas contra a autenticidade de Ezequiel caem por terra diante dos caracteres intrínsecos do livro, e da tradição a mais antiga, a mais constante e a mais unânime, tanto dos judeus como de cristãos.

Canonicidade. — Da mesma sorte contra a canonicidade de Ezequiel não se apresenta um argumento poderoso. Sabe-se que os hagiógrafos sagrados do Antigo e do Novo Testamento, e até o próprio Jesus Cristo, citaram Ezequiel; que as suas profecias tiveram completa realização; que a tradição unânime dos judeus e dos cristãos fornece um testemunho solene de autoridade divina das profecias de Ezequiel. A nação judaica, sem hesitação, admitiu êste livro no cânon das Sagradas Escrituras. Esdras ao organizar o seu cânon não tem a menor hesitação acêrca do livro de Ezequiel: o mesmo se diz dos cânones mais antigos e mais autorizados da Igreja Católica.

Análise e divisão das profecias de Ezequiel. — As profecias de Ezequiel formam um todo bem ordenado: todos os oráculos estão dispostos por ordem cronológica, exceto aquêles que se referem às nações estrangeiras

Ezequiel

cc. 25 e 32. Estes estão dispostos conforme os assuntos, e têm a sua data.

Podemos dividir o livro de Ezequiel em duas partes distintas: uma anterior à tomada de Jerusalém, cc. 1-32, tendo por objeto os juízos de Deus contra seu povo e contra os povos estranhos, e a segunda posterior à ruína de Jerusalém e do templo e refere-se ao cumprimento das promessas messiânicas feitas a Israel cc. 33-48. O assunto capital do livro pode dizer-se que é a destruição da capital da Judéia. A divisão pode ser esta:

I PARTE — ANTES DA TOMADA DE JERUSALÉM, cc. 1-32; compreende:

Prólogo — Vocação de Ezequiel 1, 1-3, 21.

a) *Primeira seção* — Profecias acêrca de Jerusalém e Israel, cc. 3, 22-24, 27:

- 1) Profecia simbólica do cêrco e da tomada de Jerusalém, cc. 3, 22-5, 17.
- 2) Castigo e ruína de Israel culpada de idolatria 6.
- 3) Aproximação de castigo precedentemente profetizado 7.
- 4) Visão de ruína de Jerusalém cc. 8-11.
- 5) Oráculos completando as profecias precedentes cc. 12-19.
- 6) Profecias contra Judá e Israel, cc. 20-23.
- 7) Profecia da tomada de Jerusalém, 24.

b) *Segunda seção* — Profecias contra os povos estranhos, cc. 25-33.

- 1) Contra Amon, Moab, Iduméia, filisteus 25.
- 2) Tiro e Sidon cc. 26-28.
- 3) Egito, cc. 29-32.

Ezequiel

Nota. — Estes capítulos são divididos em três oráculos, distintos pela seguinte fórmula: *Factum est verbum Domine ad me.*

II PARTE. — O RESTABELECIMENTO DE ISRAEL E O REINO MESSIÂNICO. Esta segunda parte divide-se em duas seções.

a) *Primeira seção.* — Profecias sobre a libertação e estabelecimento de Israel cc. 33-39.

- 1) Missão de Ezequiel após a ruína de Jerusalém 33.
- 2) O pastor fiel 34.
- 3) Ruína da Iduméia e restauração de Israel, 35.
- 4) Restauração de Israel, 36, 1-15.
- 5) Felicidade de Israel convertida na felicidade universal, 36, 16-35.
- 6) Visão dos ossos descarnados, 37.
- 7) Exterminação de Gog, cc. 38 e 39.

b) *Segunda seção.* — O novo reino de Deus, cc. 40-48:

- 1) O novo templo, cc. 40-42.
- 2) O novo culto, cc. 43-46.
- 3) A nova partilha da Terra Santa, cc. 47 e 48.

EZEQUIEL

CAPÍTULO 1

PRIMEIRA VISÃO DE EZEQUIEL. NO MEIO DE UMA NUVEM INFLAMADA APARECEM QUATRO ANIMAIS, AO PÉ DELES QUATRO RODAS, POR CIMA UM FIRMAMENTO, SOBRE O QUAL ESTÁ UM TRONO, E ASSENTADO SOBRE O TRONO UM HOMEM, TUDO CERCADO DE RESPLENDOR.

1 E aconteceu aos trinta anos, em o quarto mês, a cinco dias do mesmo, que estando eu no meio dos cativos junto ao rio Cobar, se abriram os céus, e tive visões de Deus. (1)

(1) E ACONTECEU AOS TRINTA ANOS — São várias as opiniões sobre de onde se deve contar este ano trinta. Uns que do nascimento do profeta. Outros que do ano décimo oitavo de Josias, em que foi achado o volume da Lei, segundo se lê 4 Rs. 22, 3.8. Outros que do último ano do Jubileu. Outros que do tempo em que foi pronunciada a sentença do cativo de Babilônia. Outros, finalmente, que do tempo em que Nabopolassar, pai de Nabucodonosor, deu princípio a uma nova monarquia. A segunda opinião é a que com S. Jerônimo preferem Usset, Calmet e de Carrières. A última é a que segue o Escoliaste de Carrières. O quarto mês que o profeta aponta, é o mês de Thamnus, que correspondia ao nosso junho, e era o quarto do ano santo. Cfr. Glaire, ed. 1902.

ESTANDO EU NO MEIO DOS CATIVOS — O hebreu e os Setenta dizem, no meio do cativo. E daqui fica claro que o

Ezequiel 1, 2-4

2 Aos cinco dias do dito mês, é pontualmente o ano quinto da transmigração do rei Joaquim.

3 Foi dirigida a palavra do Senhor a Ezequiel sacerdote, filho de Buzi, na terra dos caldeus, junto ao rio Cobar: E lá obrou a mão do Senhor sobre êle. (2)

4 E vi, e eis-que vinha da banda do Aquilão um vento de torvelinho: E uma grande nuvem, e um fogo que se envolvia, e à roda dela um resplendor: E do meio dêle, isto é, do meio do fogo, aparecia uma como espécie de esmalte. (3)

estar no meio dos cativos, como se explica a Vulgata, não é estar rodeado dêles, mas sim com êles no cativeiro.

COBAR — E' muito difficil precisar com segurança qual é este rio Cobar, em hebreu Chebar, que nascia na Mesopotâmia e vinha desaguar no Eufrates. Não é o Chaboras, Khabor, de Gozan, que tem a sua foz no Tigre, 4 Rs 17, 6, pois que este nome é completamente diverso; querem alguns que seja o moderno Khabour, que corre na alta Mesopotâmia e que se lança no Eufrates; porém é mais provável que este nome designe aqui um dos canais do Eufrates, nos arredores de Babilônia, visto que o texto diz "na terra dos caldeus" designação que não convém ao Khabour, que corre ao norte de Babilônia, enquanto que a Caldéia ficava ao sul.

SE ABRIRAM OS CÉUS — Isto não é dizer que se rasgasse o firmamento, para ficar patente aos olhos do corpo o que havia nêles; mas é fazereim-se espiritualmente manifestos a Ezequiel os divinos mistérios, por meio do lume profético que o illustrava. — S. Jerônimo.

(2) **MAO DO SENHOR** — Isto é, a ação, a força, a energia do Espírito Santo, como interpreta Teodoreto.

(3) **UM VENTO** — E' Nabucodonosor que devia vir do lado do norte para desolar a Judéa. Ainda que Ezequiel estivesse na Mesopotâmia, Deus representa-lhe as coisas como se estivesse na Judéa. Glairé, Sainte Bible ed. 1902.

ESMALTE — A Vulgata traduzia o termo hebraico do original hasmal, electrum segundo o grego electron, que o padre Pereira verteu à letra por o termo electro, que substituímos, por ser inintelligível, pela significação que os exegetas modernos lhe dão.

A palavra *hasmal* só se encontra em Ezequiel, e tem sido objeto de extensas e variadas dissertações. Cfr. Gesenius, *Thesaurus Linguae hebraicae* pag. 835 e sobre todos, e esse parece-nos o trabalho mais completo e consciencioso, Bochart, *De Scripturae animalibus* 1692, t. III, pp. 870-878. Os dicionários hebraicos traduzem *aes leve*, *politum*, *auricalcum* cfr. Leopoldo, *Lexicon hebraicum chaldaicum*, Glaire, etc. Mas, pergunta-se, o que é que a Vulgata e os Setenta quizeram designar pelo termo *electrum*? Entre os antigos esta palavra significava três substâncias diferentes: o âmbar amarelo, uma pedra cristalina, e uma liga metálica, composta de ouro, prata, cobre, denominada *auricalcum*. Os críticos dizem que a palavra *hasmal* não pode significar o âmbar amarelo porque esta substância não se encontrou na Assíria nem na Caldéia; veja-se Perrot, *Histoire de l'art dans l'antiquité*, t. II, pp. 768, 869; t. III, pp. 354, 355. Bochart, acima citado, pronuncia-se a favor do metal e apresenta uma nota com a seguinte epígrafe *Probatum Hasmal in Ezechiele esse auricalcum*. Entre outras razões aduz a seguinte, deduzida da etimologia da palavra *hasmal*; diz ele: *hasmal* deriva de *nahas* o bronze, e da palavra talmúdica *malal* o ouro, e compõe o termo *nhasmal*, fôrma mais completa de *hasmal*, mandando ler 1 Esd 8, 27, e citando Plínio, que define o grego *electron* — metal composto de ouro e prata. A determinação dêste termo pertence à arqueologia. As modernas e mais seguras investigações arqueológicas não acharam na Caldéia vestígios da existência dêste famoso *auricalcum* ao qual se referia S. Isidoro de Sevilha, porém a assiriologia leva-nos à convicção de que o *hasmal* de que fala Ezequiel é o esmalte. Deixemos agora a origem etimológica da palavra esmalte, o *esmail* francês, que alguns críticos e filólogos pretendem derivar dêste termo hebraico *hasmal*, que Du Cange, *Glossarium* t. VI, 1846, entende ser a raiz do baixo latim *smaltum*; *esmail*, francês; esmalte, português e espanhol; *esmaut*, provençal; *smalta*, italiano; *schemels*, alemão; porque isso levar-nos-ia muito longe, bastando apenas que fique isto registado. Entre outros filólogos que partilham desta opinião, e que vão buscar a êste termo hebraico a origem do esmalte, e *esmail*, francês, citaremos Ménage, *Dictionnaire etymologique*, Honorat, *Dictionnaire provençal-français* 1847 e Cazeneuve, *Origines de la langue française*. Entendem os exegetas que os Setenta e as versões antigas, como a árabe e itala, empregaram o termo *electrum*, porque não existia, nem em grego, nem em latim, termo particular que significasse esmalte;

Ezequiel I, 2-4

e por isso verteram *hasmial* pela expressão que na língua designasse a fusão de diversos metais brilhantes e pudesse exprimir melhor a idéia do esmalte. Hoje sabe-se que os antigos egípcios e os caldeus conheciam o esmalte, que na Idade Média teve o nome de *electron*. Cfr. Luthmer, *Das Email, Memoir on the ruins of Babylon* 1816 e A. Layard *Nineveh and Babylon*; J. Oppert, *Expedition scientifique en Mesopotamie*, t. I, pag. 143 e Perrot, *Histoire de l'art dans l'antiquité*, t. II, pp. 295, 311. Labarte diz que os Setenta empregando o termo *electron* não entenderam outra coisa senão o esmalte, e afirma que Ezequiel empregando o termo *hasmial* assinalou os grandes impérios asiáticos como berço de arte de esmaltagem. Transcrevemos as suas próprias palavras: "Les Septante n'ont pu entendre autre chose que l'email, en se servant du mot *electron*... Ezechiel, en employant, durant sa captivité, un mot étranger à la langue hébraïque, pour désigner les émaux à figures qu'il prend comme terme de comparaison dans certaines prophéties, a signalé les grands empires asiatiques comme le berceau de l'art de l'émaillerie." *Recherches sur la peinture en émail dans l'antiquité et au moyen âge*, Paris 1856, pp. 91 e 92. Os esmaltes que ornavam os monumentos da Caldéia, eram notáveis pelo brilho das côres, tendo animais, objetos diversos, produto de uma fantasia excitada e de uma imaginação viva, o que era de molde a deslumbrar e a impressionar os hebreus cativos. Têm-se encontrado fragmentos de esmalte sobre metal e tijolo, sendo este de côres cintilantes e de uma consistência semelhante à porcelana. Victor Place, no seu livro *Ninive et l'Assyrie*, t. II, pag. 253 fala deste esmalte, descrevendo as suas propriedades, reproduzindo-o até por gravuras coloridas. Encontram-se notícias sobre este assunto em Linas, *Les origines de l'orfèvrerie cloisonnée*, t. I, pag. 63 e 73 e em Jacquemart, *Merveilles de la céramique* 1.^a parte, *Orient* 1868, pag. 169 e 170. Ezequiel não nos descreve as côres deste esmalte, mas os vestígios encontrados nas ruínas dos palácios, nas margens do Tigre e do Eufrates, mostram-nos que as côres predominantes eram o azul, fazendo o fundo, e os ornatos, animais, árvores, vestuários em amarelo alaranjado; raras vezes aparece o verde e o preto. Ora o trono de que fala Ezequiel, no versículo 26, era azul, o que concorda com o que acabamos de dizer, e que é fornecido pelos dados da moderna assiriologia, que no estudo destas passagens nos presta um grande e valioso auxílio.

5 E no meio do fogo se via a semelhança de quatro animais: E este era o seu aspecto, havia nêles a semelhança de um homem. (4)

(4) QUATRO ANIMAIS — Esta visão, pela qual se inicia o livro de Ezequiel, é, sem dúvida alguma, uma das passagens mais importantes, mais estudadas, mais discutidas dos livros Santos. Ezequiel é o profeta das grandes visões, e não existem, em língua alguma, descrições mais arrebatadoras, visões que mais impressionem do que as de Ezequiel. E contudo, durante séculos, foram como que um livro selado, ininteligível, de uma obscuridade indecifrável. Os quadros de Ezequiel só tinham sido claros para os contemporâneos do autor, que conheciam a arte da Caldéia, as suntuosidades da Babilônia, os progressos da Assíria. Depois que tudo isso se perdeu, o livro ficou imperecível, e já Flávio Josefo escrevia nas suas *Antiguidades judaicas*, — ninguém pode conjecturar como eram os querubins de Ezequiel VIII-III.3. t. I, p. 424. As sinagogas judaicas não se atrevem a comentar esta passagem; e não pode surpreender esta ignorância, desde que era desconhecido por completo o meio em que Ezequiel tinha vivido, e só, conhecido este, se pode compreender o que ele escreveu. Os monumentos das margens do Tigre e do Eufrates estavam sepultados, eles foram testemunhas do profeta, e só depois dos Botta e dos Layard, e outros assiriólogos os terem feito reviver, Ezequiel pode ser compreendido. Ezequiel, escreveu nessas paragens célebres, tinha diante dos seus olhos magníficas obras de arte, a estas foi buscar as imagens e as figuras de que se serviu em seu livro. Ressuscitadas aquelas, puderam estas ser explicadas. Nenhum escritor sagrado ganhou tanto como Ezequiel com as descobertas assiriológicas. Agora que nos podemos transportar em espírito ao seu próprio meio, como que respirar o mesmo ar, ler as mesmas inscrições, repousar nas mesmas pedras, fitar os mesmos monumentos, embora aluídos e transformados pela ação implacável do tempo e dos homens, agora podemos dar um sentido-nis preciso às suas expressões, e as suas imagens tomam uma forma mais clara e distinta. Com razão diz Vigouroux, uma visita ao opulento museu do Louvre vale bem mais do que ler os mais volumosos comentários. O termo *animal* empregado nesta passagem indica que nestes seres predominava a forma animal. Ora

Ezequiel 1, 5

nos monumentos da Caldéia e da Assíria são freqüentes estes animais com formas extraordinárias. No museu do Louvre encontra-se o touro alado do palácio de Sargão, em Khorsabad, de 4m,20 de altura, tendo a cabeça de homem, asas de águia, corpo de touro. Deus, é sabido, nas revelações que fazia aos seus profetas, não lhes manifestava exclusivamente coisas para estes de todo o ponto desconhecidas; para lhes fazer compreender o seu pensamento, e aquêles a quem os profetas deviam comunicar os oráculos divinos, servia-se de imagens que estivessem patentes aos seus olhos e que lhes fôsem familiares; no Egito serviu-se de imagens egípcias para falar a Moisés, e até aos usos egípcios se foram buscar as vestes sacerdotais; na Palestina, as metáforas e as figuras de que se servem os escritores sagrados são palestinianas; agora, na Assíria e na Caldéia são assírio-caldaicas; o Senhor, falando aos seus intérpretes, vai buscar as suas imagens às coisas que eles vêem e que mais os impressionam, porque assim compreendem os ouvintes por estas o que se lhes diz. Ora como estes animais eram freqüentíssimos, e ofereciam grande curiosidade aos judeus ali cativos, o profeta vem a esta Babilônia buscar imagens, combinar símbolos aos quais dá uma outra significação. Os animais são para os caldeus objetos supersticiosos, o touro e o leão alados divindades que guardam as casas e protegem os templos, da mesma maneira que os querubins eram, para os hebreus, os ministros do Senhor. E os adoradores do verdadeiro Deus, cativos na Babilônia, compreenderam, sem esforço, o que Ezequiel lhes queria significar, comparando o que ouviam com as imagens que eles viam a cada passo. Esta visão é como que o desenvolvimento de uma idéia religiosa corrente entre o povo de Deus. O Senhor, no deserto de Sinai, tinha colocado no propiciatório dois querubins, que lhe assistiam ao seu trono. Ex cc. 25.37; o Salmista cantara as glórias de Iahvéh, sentado sobre os querubins, Sl 80. O profeta do cativoiro representa-nos agora os animais extraordinários que viu sobre o Cobar, formando um trono ao Deus Altíssimo, limitando-se a pintar num quadro, com cores reais, o pensamento dominante no seu povo. E é por este motivo que lhes chama querubins, para despertar a tradição israelita, não dando a seus seres outro nome que nessa tradição não existisse.

SEMELIHANÇA — O Profeta não nos apresenta estes animais como reais, descreve-os por esta forma hieroglífica, usando este modo de dizer ao qual os índios e os demais povos orientais,

6 Cada um tinha quatro rostos, e cada um quatro asas. (5)

7 Os seus pés eram pés direitos, e a planta do pé dêles era como a planta do pé de um novilho, e dêles saíam umas faíscas, de que resultava uma como representação de cobre abraseado.

incluindo os hebreus, estavam acostumados. Nós mesmos representamos os anjos com cabeças humanas e asas, simbolizando assim a inteligência e a velocidade.

(5) ROSTOS — O latim *facies* da Vulgata corresponde ao *panim* do original hebraico. O termo *panim* significa a parte visível, a parte externa de uma pessoa ou coisa, Gesenius *Thesaurus*, e ainda aparência, figura, forma. *Fürst Hebräisches und chaldäisches Handwörterbuch* 1860 t. II p. 224. Em que sentido se deve tomar nesta passagem esta palavra? Uns querem que êstes querubins tivessem quatro faces, quadrifontes; outros que fôsem animais de um só rosto, a face humana exclusivamente, tendo no resto do corpo a aparência de quatro seres distintos. Uns críticos defendem a primeira opinião, outros a segunda, e entre êles o célebre exegeta padre Bento Pereira, que se exprime desta sorte: “*Nonnulli magno imaginationis errore, imaginati sunt, quod licet illorum quatuor animalium (Apocalypsis) habuisse capita quatuor et quatuor facies, unam leonis, alteram bovis, tertiam hominis, et quartam aquilae: in quam sententiam preterea isti adducti sunt quod Ezechiel dixit, quatuor facies fuisse unicuique illorum animalium et quatuor pennas. Verum istam esse falsam imaginationem, perspicuum fit ex eo quod ibi subjunxit Ezechiel dicens, quod unumquodque istorum animalium gradiebatur ante faciem suam...* Sed nomen faciei eo in loco non proprie significat vultum et os sed amplius quamlibet speciem et similitudinem, sive id quod quia proprium est alicujus rei vel personæ, ex eo res illa vel persona discrete ab aliis cognoscitur” B. Pereira. *Disputationes super libro Apocalypsis*. Aos argumentos dos defensores da segunda opinião juntam os modernos exegetas um outro deduzido da arqueologia. Os animais simbólicos da Assíria, descobertos nos últimos tempos, têm um só rosto humano, e no resto do corpo apresentam traços de vários animais; e exatamente o que mais impressionava, o que primordialmente ressaltava nesses

Ezequiel 1, 8-13

8 E tinham mãos de homem debaixo das suas asas aos quatro lados. E também tinham rostos, e asas pelos quatro lados. (6)

9 E quanto a estas asas, estavam as de um juntas a outro: Não se voltavam quando iam caminhando: Mas cada qual andava diante da sua face.

10 E a semelhança do semblante dêles era: Rosto de homem, e rosto de leão à direita dos mesmos quatro: E rosto de boi à esquerda dos mesmos quatro, e rosto de águia no alto dos mesmos quatro. (7)

11 Os seus rostos, e as suas asas se estendiam ao alto: Duas asas de cada um se ajuntavam, e duas cobriam os corpos dêles:

12 E cada um dêles andava diante da sua face: Onde estava o ímpeto do espírito, para ali caminhavam, nem se voltavam quando iam andando.

13 E a semelhança dos animais era que o seu aspecto vinha a ser como um fogo de brasas ardentes, e como uma aparência de lâmpadas. Esta era a visão que percorria no meio dos animais, resplendor de fogo, e relâmpago que saía do fogo.

colossais animais de pedra era o rosto humano o facies hominis, mas um só rosto. Estes quatro animais são os símbolos dos quatro evangelistas.

(6) **TINHAM MÃOS** — Estes querubins, homens pelo rosto, touros ou leões no corpo, tendo asas, tinham pés (v. 7) e mãos. Assim mesmo os encontraram nos monumentos assírios, com muitas pequenas modificações. A escultura assíria oferece-nos destes exemplares, felizmente conservados no museu Napoleão III.

(7) **ROSTO DE HOMEM** — O rosto de homem simbolizava a inteligência; o de leão, a energia; o de boi, a força; o de águia, a velocidade. O emprego destas imagens compreende-se facilmente desde que nos lembremos que Ezequiel falava a judeus, para quem era trivial a linguagem simbólica, e no tempo em que estava em seu esplendor a linguagem hieroglífica.

14 E os animais iam, e voltavam à semelhança de relâmpagos coruscantes.

15 E ao tempo que eu estava olhando para êstes animais, apareceu ao pé dos tais animais uma roda sôbre a terra, a qual tinha quatro faces: (8)

16 E o aspecto das rodas, e a obra delas era como a vista do mar: E uma só a semelhança das mesmas quatro: E o aspecto delas e obras eram como se estivera uma roda no meio de outra roda. (9)

17 Elas iam igualmente pelos seus quatro lados: E não se voltavam quando iam rodando..

18 Tinham também estas rodas uma grandeza, e uma altura e um aspecto horrível: E todo o corpo das mesmas quatro rodas estava cheio de olhos ao redor. (10)

(8) **RODA** — Depois de ter descrito os querubins, Ezequiel passa à segunda parte da visão, a das rodas. Talvez porque não se tenham aprofundado mais os estudos bíblico-arqueológicos, e não apareçam novas descobertas, nós não temos nos dados da assiriologia coisa alguma, nas esculturas e baixos-relevos até agora descobertos, que possa corresponder e explicar esta pintura bíblica, pelo que esta passagem continuará na mesma obscuridade. E' certo que nalguns monumentos assírios se encontram as rodas como motivos decorativos, assim nas portas de Khorsabad, nas quais uma roda está dentro de outra roda, mas terão estas analogia com aquelas outras? E' possível, mas é temerário afirmá-lo com segurança.

(9) **VISTA DO MAR** — O que está no original hebraico é "côr de tarsis" que S. Jerônimo traduziu quasi *visio maris*, isto é, côr de água do mar, ou azul celeste; segundo a versão de Aquila *tarsis* é a crisólita, segundo Símaco é o jacinto, e alguns entendem que é o âmbar.

(10) **CHEIO DE OLHOS AO REDOR** — A palavra hebraica *ain*, olho, também se emprega em sentido metafórico na acepção de côr. O douto Calmet, no seu *Commentaire sur Ezechiel*, diz que esta passagem se pode traduzir assim: "Tôdas as quatro rodas eram diversas pelas diferentes côres", e explica que se em-

Ezequiel 1, 19-23

19 E quando os animais andavam, andavam também ao mesmo passo as rodas ao pé d'êles: E quando os animais se elevavam da terra, também as rodas juntamente se elevavam.

20 Para qualquer parte que o espírito ia, indo para lá o espírito, as rodas, seguindo-o, também igualmente se elevavam. Porque o espírito de vida estava nas rodas.

21 Andando os animais andavam as rodas e parando êles paravam elas: E quando êles se tinham elevado da terra, também as rodas seguindo-os juntamente se elevavam: Porque o espírito de vida estava nas rodas.

22 E por cima das cabeças dos animais via-se uma semelhança de firmamento, como um aspecto de cristal horrível, e estendido pela parte superior por cima de suas cabeças. (11)

23 E debaixo d'êste firmamento as asas d'êles estavam direitas, as de um para o outro: Cada um com duas asas cobria o seu corpo, e o outro do mesmo modo estava coberto. (12)

prega este modo de dizer da mesma maneira que a fábula nos refere os cem olhos de Argus:

Centum luminibus cinctum caput Argus habebat.

Ovídio, *Metam.* II.

e nós dizemos a cauda do pavão semeada de olhos:

Gemmis caudam stellantibus impleti,

e sendo assim as pinturas esmaltadas e os tijolos esmaltados dão-nos bastantes exemplos.

(11) **FIRMAMENTO** — A terceira parte da descrição de Ezequiel tem por objeto o firmamento.

CRISTAL HORRÍVEL — A letra é: “como um pedaço de gelo que é terrível à vista, porque ofusca os olhos”.

(12) **CADA UM COM DUAS ASAS COBRIA** — As abóbadas dos edificios caldaicos são uma imagem da abóbada celeste, e explicam-nos esta parte da visão do profeta. Nos destroços dos palácios das margens do Tigre e do Eufrates vêem-se essas abóbadas sustentadas pelas asas dos touros alados.

24 E eu ouvia o sonido das suas asas, como o sonido de muitas águas, como a voz do alto Deus: Quando andavam, o tropel era como de uma multidão, como um estrondo de arraiais: E quando paravam, se abaixavam as suas asas. (13)

25 Porque quando se formava a voz sôbre o firmamento, que ficava por cima das suas cabeças, paravam, e abaixavam as suas asas.

26 E sôbre êste firmamento, que ficava iminente às suas cabeças, havia uma semelhança de trono como aspecto de pedra de safira: E sôbre a semelhança do trono havia em cima dêle uma semelhança, como aspecto de homem. (14)

27 E vi uma como representação de esmalte, um como aspecto de fogo pelo interior dêle em circunferên-

(13) VOZ DO ALTO DEUS — E' o trovão.

(14) ASPECTO DE HOMEM — A representação de Deus sob uma forma humana, nos escritos de um profeta, pode surpreender à primeira vista o leitor desatento, mas pensando cuidadosamente no que está escrito vê-se a insistência do hagiógrafo fazendo sentir que se tratava apenas de imagens, formas, semelhanças da glória do Senhor. Não obstante esta linguagem, e a despeito destas advertências e corretivos do próprio autor, embaraçaram-se os escribas e intérpretes da lei mosaica no tempo da vinda de Jesus Cristo. Mas com certeza que esta confusão não existiu nos tempos dos ouvintes de Ezequiel, porque êstes compreenderam o que o profeta lhes queria significar que a glória de Deus verdadeiro eclipsava a grandeza e glória dos deuses e dos magnates que viviam nos palácios caldeus. Acêrca do caráter simbólico de Ezequiel, lê-se em S. Ireneu; "Manifestius autem adhuc et per Ezechielem factum est, quoniam ex parte dispositiones Dei, sed non ipsum videbant prophetae proprie Deum. Hic enim cum vidisset visionem et cherubim et rotas eorum... ne quis putaret forte cum in his proprie vidisset Deum intulit: Haec visio similitudinis gloriæ Domini. S. Iren. Contra Haer. PG 7, 1039,

Ezequiel 1, 28; 2, 1-4

cia: Desde a cintura, e daí para cima, e desde a sua cintura até abaixo vi uma como aparência de fogo resplandecente ao redor.

28 Como o aspecto do arco ao tempo que estiver na nuvem num dia de chuva: Este era o aspecto do esplendor em roda.

CAPÍTULO 2

MISSÃO DE EZEQUIEL. O SENHOR O EXORTA A NÃO TEMER AS AMEAÇAS DOS HOMENS. UMA MÃO LHE PRESENTA UM LIVRO CHEIO DE LAMENTOS.

1 Esta foi a visão da semelhança da glória do Senhor: E vi, e caí com o meu rosto em terra, e ouvi uma voz de quem falava. E me disse: Filho do homem, põe-te sobre os teus pés, e eu falarei contigo. (1)

2 E entrou em mim o espírito depois que me falou, e me firmou sobre os meus pés: E ouvi ao que me falava.

3 E dizia: Filho do homem, eu te envio aos filhos de Israel, às gentes apóstatas, que se apartaram de mim: Eles e seus pais têm prevaricado violando o meu pacto até ao dia de hoje.

4 E aqueles a quem eu te envio são uns filhos de

(1) **E CAÍ COM O MEU ROSTO EM TERRA** — Não se ensoberbeceu o profeta com a grandeza das visões que tivera; mas, conhecendo a fragilidade humana, se prostrou sobre a sua face. Porque também o Apóstolo S. Paulo, depois de ter subido ao céu, e ter lá ouvido coisas inefáveis, diz que lhe fôra dado um Anjo de Satanaz que o esbofeteasse, para não se ensoberbecer. É também para notar, que uma coisa é cair sobre a face, outra cair para trás. Os Santos caem sobre a face, como Abraão, mas os pecadores caem para trás, como Heli. — S. Jerônimo.

FILHO DO HOMEM — Expressão poética, familiar a Ezequiel, e que significa um homem, um mortal.

semblante duro, e de coração indomável: E tu lhes dirás: Isto diz o Senhor Deus:

5 A ver se acaso êles duma vez ouvem, e se acaso cessam, porque é uma casa que me exaspera: E saberão que estêve no meio dêles um profeta.

6 Tu pois, filho do homem, não tenhas mêdo dêles, nem tenhas as suas palavras: Porque os que estão contigo, são uns incrédulos e perversos, e tu habitas com escorpiões: Não temas as suas palavras, nem te assustes com os seus semblantes, porque é uma casa que me exaspera.

7 Tu pois lhes intimarás as minhas palavras, a ver se acaso êles ouvem, e cessam: Porque são irritadores.

8 Mas tu, filho do homem, ouve tudo quanto eu te falo: E não queiras ser homem, que me exaspere, como esta casa é provocadora: Abre a tua bôca, e come tudo quanto eu te dou. (2)

9 E vi, e eis-quê uma mão foi enviada a mim, na qual se achava um livro enrolado: E o abriu diante de mim, o qual estava escrito por dentro e por fora: E nêle se viam escritas lamentações, e cânticos, e desgraças. (3)

(2) **COME TUDO QUANTO EU TE DOU** — E' uma expressão metafórica, cujo sentido é este: medita profundamente no que eu te ensinar. E' freqüente esta metáfora. Os romanos chamavam a Varrão devorador de livros. De resto o livro não foi realmente apresentado a Ezequiel, mas sômente em visão. Glaire, *Sainte Bible*, 1902.

(3) **ENROLADO** — Porque esta era a forma dos antigos manuscritos.

DESGRAÇAS — Maldições, a que bem corresponde o latim *væ*, ai de ti.

CAPÍTULO 3

EZEQUIEL COME O LIVRO QUE LHE FOI PRESENTADO.
O SENHOR O REVESTIU DE UMA FIRMEZA INFLEXÍVEL.
ELE VÊ OUTRA VEZ A GLÓRIA DO SENHOR.

1 E ele me disse: Filho do homem, come tudo quanto achares: Come esse volume, e pondo-te a caminho vai falar aos filhos de Israel.

2 E eu abri a minha boca, e ele me deu a comer aquê volume: (1)

3 E me disse: Filho do homem, o teu ventre comerá, e encher-se-ão as tuas entranhas dêste volume, que eu te dou. E eu comi: E ele na minha boca se fez doce como o mel.

4 E ele me disse: Filho do homem, vai à casa de Israel, e tu lhe anunciarás as minhas palavras. (2)

5 Porque tu não és enviado a nenhum povo de profunda linguagem, nem de língua desconhecida, senão à casa de Israel: (3)

6 Nem a diversos povos de profunda linguagem, e de língua desconhecida, cujas palavras não possas entender: E se aos tais fôr enviado, eles te ouviriam. (4)

(1) **E EU ABRI A MINHA BÓCA, E ELE ME DEU** — Expressões metafóricas, como já se disse.

(2) **VAI A CASA DE ISRAEL, E TU LHE** — Este modo de falar mostra que o profeta, ainda que vivia como os mais cativos nas vizinhanças do rio Cobar, não tratava com eles, mas vivia separado, por não ver as abominações que eles cometiam. O mesmo tinha feito Moisés, quando mandou levantar o Tabernáculo longe do arraial. — S. Jerônimo.

(3) **LÍNGUA DESCONHECIDA** — Os hebreus chegados a Babilônia não compreendiam a língua ali falada.

(4) **E SE AOS TAIS FORAS ENVIADO, ELES TE OUVIRIAM** — Tãcitamente insinua o Senhor ter reservado para outro

7 Mas os da casa de Israel não te querem ouvir a ti: Porque me não querem ouvir a mim: Porquanto tôda a casa de Israel é de uma fronte desavergonhada, e de um coração endurecido.

8 Eis-aí que tornei tua face mais firme que suas faces, e tua fronte mais firme que suas fronteiras.

9 Como de diamante, e como de pedra tornei a tua face: Não os temas, nem tenhas medo diante dêles: Porque é uma casa que me exaspera.

10 E êle me disse: Filho do homem, mete no teu coração tôdas as minhas palavras, que eu te falo, e ouve-as com os teus ouvidos:

11 E vai, entra para ir ter com os da transmigração, com os filhos do teu povo, e falar-lhes-ás, e lhes dirás: Eis-aqui o que diz o Senhor Deus: A ver se acaso êles ouvem e cessam.

12 E me tomou o espírito, e ouvi por detrás de mim esta voz de grande comoção: Bendita seja a glória do Senhor, que se vai do seu lugar.

13 E ouvi outrossim o estrondo das asas dos animais, que batiam uma contra a outra, e o estrondo das rodas que seguiam aos animais, e um sonido de grande estrépito.

14 Também o espírito me levantou, e me levou consigo: E eu me fui cheio de amargura na indignação de meu espírito: Porém a mão do Senhor estava comigo, confortando-me.

15 E fui ter com os cativos junto ao montão dos trigos novos, ajuntando-me com aquêles que moravam

tempo a missão dos Apóstolos, que, dotados do dom de línguas, pregariam a Fé a tôda a casta de nações, e seriam delas ouvidos e entendidos, para tôdas abraçarem o que êles pregassem. — S. Jerônimo.

Ezequiel 3, 16-22

junto do rio Cobar, e assentei-me onde eles estavam assentados: E fiquei ali sete dias no meio deles, todo melancolizado.

16 E passados que foram os sete dias, foi dirigida a mim a palavra do Senhor, a qual dizia:

17 Filho do homem, eu te dei por Atalaia à casa de Israel: E tu ouvirás da minha boca a palavra, e lha anunciarás a eles da minha parte.

18 Se dizendo-te eu que digas ao ímpio: Infalivelmente morrerás: Tu lho não annunciaras, e não lhe falaras, para que elle se tire do seu caminho ímpio, e viva: Morrerá o mesmo na sua iniquidade, mas eu requererei da tua mão o seu sangue.

19 Se pelo contrario annunciaras tu isso ao ímpio, e elle se não converter da sua impiedade, e do seu ímpio caminho: Morrerá elle por certo na sua iniquidade, e tu livraste a tua alma.

20 Mas também se o justo deixar a sua justiça, e cometer a iniquidade: Eu porei diante d'elle uma pedra de tropeço, elle morrerá, porque tu lho advertiste: Morrerá no seu peccado, e não ficarão postas em lembrança as suas acções de justiça, que obrou: Mas eu requererei da tua mão o seu sangue.

21 Se pelo contrario advertires tu ao justo, para que o tal justo não peque, e elle não peccar: Viverá a verdadeira vida, porque tu o advertiste e assim livraste a tua alma.

22 Então se apoderou de mim a mão do Senhor, e elle me disse: Levantando-te, sai ao campo, e lá falarei contigo. (5)

(5) Começa aqui a primeira parte. Profecias acerca do povo de Deus e dos povos estranhos, e que, como se disse na Introdução, vai até ao capítulo 32.

23 Eu pois levantando-me saí ao campo: E eis-que estava ali a glória do Senhor, como a glória que vi junto ao rio Cobar: E me prostrei com o rosto em terra. (6)

24 E o espírito entrou em mim, e me firmou sobre os meus pés: E me falou, e me disse: Entra, e encerra-te no meio da tua casa.

25 E tu, filho do homem, sabe que elles te têm deitado sobre ti cadeias, e te ligarão com elas: E tu não sairás do meio dêles.

26 E eu farei que a tua língua se pegue ao teu paladar e ficarás mudo, e não como varão que repreende: Porque é casa que exaspera.

27 Mas depois que eu te tiver falado, abrirei a tua bôca, e tu lhes dirás: Isto diz o Senhor Deus: O que ouve, ouça: E o que descansa, descanse: Porque é casa que exaspera.

CAPÍTULO 4

ORDENA DEUS A EZEQUIEL QUE REPRESENTA NUM LADRILHO O CERCO DE JERUSALÉM: QUE TOME SOBRE SI POR CERTO NÚMERO DE DIAS AS INIQUIDADES, ASSIM DE ISRAEL COMO DE JUDÁ: QUE COMA E BEBA POR MEDIDA, E SE SUSTENTE DUM PÃO ASQUEROSO, PARA ASSIM FIGURAR A EXTREMA MISÉRIA DO SEU POVO.

1 Tu pois, filho do homem, pega num ladrilho, e pô-lo-ás diante de ti: E desenharás nêle a cidade de Jerusalém. (1)

(6) **COMO A GLÓRIA** — E' uma visão misteriosa, semelhante à que se descreveu no capítulo primeiro.

(1) **PEGA NUM LADRILHO** — O padre de Carrières seguindo a Grócio e a outros mais antigos, supõe que havia de ser um ladrilho de barro ainda em fresco, para assim receber facilmente as impressões do instrumento, com que nêle se havia de

Ezequiel 4, 2-4

2 E disporás contra ela um assédio, e levantarás fortificações, e farás trincheiras, e alojarás um exército contra ela, e pôr-lhe-ás arietes ao redor. (2)

3 Toma também tu uma frigideira de ferro, e pô-la-ás como um muro de ferro entre ti, e entre a cidade: Depois olharás para ela com o teu semblante bem carregado, e ela será posta de sítio, e tu a sitiáras: O que é um sinal para a casa de Israel. (3)

4 E tu dormirás sobre o teu lado esquerdo, e porás sobre ele as iniquidades da casa de Israel no espaço dos

risca a cidade. Mas Calmet nota bem, que ainda sendo o ladrilho cozido poderia o profeta fazer nêle com facilidade o seu risco ou com almagra, ou com buril. Modernamente têm-se encontrado destes ladrilhos contendo desenhos, e entre elles vistas de Babilônia.

(2) **FORTIFICAÇÕES** — Bastidas, tórres de madeira. Assim o hebreu.

ARIETES — Máquina formada de duas grandes traves suspensas de grossas cadeias, com que se batiam os muros. E é Ezequiel o autor mais antigo, que fala desta máquina. De onde alguns inferem não ser ela tão antiga como a faz Plínio, que no livro VII, cap. LVI, lhe dá por inventor a Epeo no cerco de Tróia. Com efeito, Diodoro de Sicília, no livro II da sua Biblioteca, diz que o uso do ariete ainda não era conhecido em tempo de Sardanápalo, alguns quatrocentos anos posterior à guerra de Troia. E Vitruvius, no livro IV, cap. XIX, afirma que os primeiros que dêle usaram foram os cartaginêses no sítio de Cadiz.

(3) **E PÔ-LA-AS COMO UM MURO DE FERRO** — Para mostrares o obstáculo que com as suas maldades puseram os filhos de Israel entre mim e elles, para eu os não olhar com misericórdia.

DEPOIS OLHARAS PARA ELA — Não sei com que fundamento refere Grócio ela para a frigideira, porque todo o contexto faz ver que ela se deve referir para a cidade, como bem notou o padre Houbigant.

E TU A SITIARÁS — Isto é, pôr-te-ás em postura de a sitiálar.

dias, em que dormirás sôbre êle, e tomarás sôbre ti a iniquidade dêles. (4)

5 Eu te dei pois em conta de dias trezentos e noventa dias, pelos anos da iniquidade dêles: E assim trarás sôbre ti a iniquidade da casa de Israel. (5)

(4) **E TU DORMIRÁS** — Este dormir é recostar-se, como claramente diz o hebreu. E o recostar-se sôbre o lado esquerdo por conta da casa de Israel, é declarar a casa de Israel menos digna, por causa da sua idolatria; bem como o recostar-se sôbre o lado direito no versículo 6 é declarar a casa de Judá mais digna, por ter em si o templo, onde só ao verdadeiro Deus se dava culto. — Grócio.

(5) **EU TE DEI POIS EM CONTA DE DIAS** — Questão difficilima, por não dizer insolúvel; de onde se devem começar a contar, e aonde se devem terminar êstes trezentos anos de iniquidade da casa de Israel, e os outros quarenta anos de iniquidade da casa de Judá. S. Jerônimo, tomando aqui a iniquidade, não por ela mesma, mas pela sua pena, deduz os trezentos e noventa anos de iniquidade da casa de Israel desde o tempo em que parte das dez tribos foi transferida para a Assíria por Teglatfalasar, até o tempo em que Artaxerxes Mnemon (que êle crê ser o Assuero de Ester) deu ao mesmo povo tôda a liberdade. E os quarenta anos de iniquidade da casa de Judá, êle os deduz desde o primeiro ano de Jeconias, e sua translação a Babilônia, até o primeiro ano de Ciro, que foi o em que os judeus saíram dêste cativoeiro. Grócio, tomando a iniquidade, não pela pena, mas por ela mesma, diz que os trezentos e noventa anos são os que decorreram desde a queda de Salomão até à deportação das dez tribos para a Assíria por Salmanasar; e os quarenta anos os que decorreram desde a renovação do pacto com Deus sob Josias até à destruição da cidade e do templo. Ambas estas hipóteses têm contra 'si grandes difficuldades cronológicas, e a de Grócio contém um anacronismo tão palpável, que com razão se admiram os críticos sacros, que nêle caísse um tal homem. Porque da queda de Salomão até à ruína de Samaria por Salmanasar, em tôda a boa cronologia não se contam mais que duzentos e cinquenta e cinco anos, o que é muito longe de trezentos e noventa. O moderno é anônimo autor da Dissertação "sôbre os

Ezequiel 4, 6

6 E depois que tiveres cumprido isto, dormirás segunda vez sobre o teu lado direito: E tomarás sobre ti a iniquidade da casa de Judá por quarenta dias: E' um dia que eu te dei por cada ano, um dia, digo, por cada ano.

trezentos e noventa anos de Ezequiel" que anda à testa d'este profeta na Bíblia do padre de Carrières, observa com Usser uma coisa, que a ambos serve de fundamento para outra interpretação, a meu ver muito mais desembaraçada, e por isso mesmo mais provável. E é que pelo versículo 9 parece evidente que o número dos trezentos e noventa anos, anunciados no versículo 5, se deve tomar repartido de sorte que à casa de Israel correspondam trezentos e cinquenta, e à casa de Judá quarenta. Porque no dito versículo 9 ordena Deus ao profeta que, segundo o número dos dias que tem de estar deitado, ora sobre um, ora sobre outro lado, faça uns pães de mistura para comer um cada dia; isto é, como ali se diz, para os comer todos em trezentos e noventa dias. Logo os anos que estes dias representavam, compreendiam tanto os anos da impiedade da casa de Israel, como os anos da impiedade da casa de Judá, formando todos juntos o número de trezentos e noventa. Isto suposto, não resta mais que averiguar, senão de onde deve começar, e aonde se deve terminar um e outro período de anos assim repartidos. E eis-aqui como os dois referidos críticos o assinam. Supondo ambos com Grócio, que o nome de iniquidade se deve aqui tomar pelo que uma e outra casa cometeu, dizem que os trezentos e cinquenta anos de iniquidade da casa de Israel começam na ereção que Jeroboão fez do altar do novilho de ouro em Betel, e se terminam na destruição do mesmo altar executada por Josias. A qual ereção do altar, conforme Usser, foi no mês de outubro do ano de 975, antes da era de Cristo; a sua destruição, revolvidos já trezentos e cinquenta anos, foi antes de setembro do ano de 624, antes da so-bredita era. Conforme o Anônimo, a ereção do altar foi no mês de outubro do ano 974, a sua destruição, revolvidos já trezentos e trinta anos, foi pelo mês de março do ano 623. No que não há senão um ano de diferença de cálculo entre estes dois cronologistas. Modernamente entendem os exegetas os 390 anos de Israel aquêles que vão desde o cisma das dez tribos até então, 976

7 E voltarás o teu rosto para o cêrco de Jerusalém, e o teu braço estará estendido: E assim profetarás contra ela. (6)

8 Tu bem vês como eu te cingi de cadeias todo em roda: Assim tu não te voltarás de um lado para outro lado, enquanto não cumpras os dias do teu assédio.

9 Toma também tu trigo, e cevada, e favas, e lenti-lhas, e milho, e aveia: E meterás tudo isso dentro de um vaso, e farás para ti uns pães conforme o número dos dias, que hás-de dormir sôbre o teu lado: Tu os comerás em trezentos e noventa dias. (7)

10 E a tua comida de que te hás de sustentar, será do pêso de vinte siclos por dia: De um tempo até outro tempo a comerás.

11 Hás de beber também a água por medida, e esta será a sexta parte de um hin: Tu a beberás de um tempo até outro tempo.

— 595 = 321.* Passando agora aos quarenta anos da iniquidade da casa de Judá, Usset os conta como Grócio, desde a renovação do pacto com Deus em tempo de Josias no seu décimo oitavo ano antes da era de Cristo, até à tomada de Jerusalém em 583. O anônimo antecipando esta época quatro anos, conta os ditos quarenta anos desde a missão de Jeremias em setembro de 629, até à ruína de Jerusalém em junho de 583.

(6) **E VOLTARÁS O TEU ROSTO PARA O CÊRÇO DE JERUSALÉM** — Para o cêrco delineado no ladrilho, como ameaçando-a.

(7) **E METERÁS TUDO ISTO DENTRO DE UM VASO** — Prognóstico da extrema penúria de víveres, que os judeus haviam de experimentar no tempo do cêrco, tempo em que se não buscam delícias, mas somente encher a barriga do que quer que fôr. — S. Jerônimo.

12 E o que tu hás-de comer, será como um pão de cevada, que se cozeu debaixo da cinza: E tu diante dêles o cobrirás do estêrco, que sai do homem. (8)

13 E disse o Senhor: Assim comerão os filhos de Israel o seu pão imundo entre as gentes, para onde eu os lançarei.

14 Então disse eu: Ah, ah, ah, Senhor Deus, vêde que a minha alma não está manchada, nem eu desde a minha infância até agora tenho comido coisa morta, nem despedaçada pelas alimárias, nem ainda na minha bôca entrou carne alguma imunda.

15 E êle me disse: Eis-aí te dei estêrco de bois em lugar de estêrco humano: E farás cozer com êle o teu pão. (9)

(8) **DO ESTERCO, QUE SAI DO HOMEM** — O emprêgo dos excrementos animais como combustível é comum em algumas paragens do Oriente, onde não é muito abundante a madeira. Voltaire permitiu-se mofar desta passagem, lançando sôbre ela o mais violento ridículo. Não tinha razão, e só mostrou ignorância dos costumes orientais. Korte escreve: “nalguns pontos da Palestina, vi cozer pão, sendo o combustível os excrementos dos bois e dos camelos, porque a madeira é muito cara, e o mesmo sucede também em alguns lugares do Egito e nos desertos da Arábia — Jonas Korte, *Reize naar Palestina, Egypto en Cyprus*, Amsterdam, 1781. D’Arville, que percorreu a Palestina por ordem de Luís XIV, descrevê o mesmo uso *Voyage faite par ordre du roi Louis XIV dans la Palestine*, 1717. Da mesma maneira. Huc no seu livro *Souvenirs d’un voyage dans la Tartarie, le Thibet et la Chine*, pendant les années 1844, 1845, 1846. E Vigouroux afirma que este combustível não é desconhecido na própria França, afirmando que é usado no Croisile — Loire Inferleure — Manuel Biblique, t. II, p. 586.

(9) **FARAS COZER COM ÊLE O TEU PAO** — Voltaire muito proposadamente alterou o verdadeiro sentido do texto, dizendo, por escárnio, que Deus mandou comer estêrco a Ezequiel: a análise do texto original exclui por completo tal interpretação; o que o texto significa é que se servisse dos excrementos como

16 Depois me disse: Filho do homem: Eis-aí quebrarei eu o báculo do pão em Jerusalém: E comerão o pão por peso e com sobressalto: E beberão a água por medida e com angústia:

17 Para que, faltando-lhes o pão e a água, caia cada um junto a seu irmão: E se mirrem de fome nas suas iniquidades.

CAPÍTULO 5

MANDA DEUS A EZEQUIEL QUE RAPE OS CABELOS DA CABEÇA E DA BARBA, E QUE OS DESTRUA POR DIVERSAS MANEIRAS, PARA SIGNIFICAR OS DIVERSOS CASTIGOS QUE ESTAVA PARA MANDAR AO SEU POVO.

1 E tu, filho do homem, pega numa navalha afiada, que corte os cabelos: E tomá-la-ás, e a passarás por cima da tua cabeça e da tua barba: E tomarás uma balança de peso, e reparti-los-ás.

2 Uma terça parte lançá-la-ás ao fogo no meio da cidade, à medida que os dias do cerco se fôrem cumprindo: E tomarás a outra terça parte, e cortá-la-ás com uma espada ao redor da mesma cidade: Deitarás porém ao vento a outra terça parte que restar e eu irei atrás dêle com a espada nua.

3 Desta terça parte porém tirarás tu um pequeno número: E atá-los-ás numa ponta da tua capa. (1)

combustível, o que é trivial, como acima foi dito, em alguns lugares da Palestina.

(1) **UM PEQUENO NÚMERO** — Sacy e de Carrières entendem por este pequeno número aquêles judeus que Nabucodonosor deixou ficar no país, debaixo do comando de Godolias. Por certo que uma coisa que se ata a uma ponta da capa, é para se não perder; mas estes mesmos não persistiram todos no país, porque por ocasião da morte de Godolias se retirou a maior parte para o Egito. Jer 41, 17. 18. S. Jerônimo, contudo, e com êle muitos mo-

4 E ainda dêstes tirarás tu alguns poucos, e lançá-los-ás no meio do fogo, e queimá-los-ás com as chamas: E daqui sairá uma labareda por tôda a casa de Israel.

5 Isto diz o Senhor Deus: Esta é Jerusalém, no meio das gentes eu a pus, e em contôrno dela as suas terras. (2)

6 E desprezou os meus juízos, até o ponto de se tornar mais ímpia que as gentes: E os meus preceitos ainda mais que tôdas as terras, que estão ao redor dela: Porque êles arrojaram de si os meus juízos, e não andaram nos meus preceitos.

7 Portanto isto diz o Senhor Deus: Porque vencestes em impiedade as gentes que estão ao redor de vós, e não andastes nos meus preceitos, e não observastes os meus juízos, nem ainda obrastes segundo as leis das gentes, que estão à roda de vós:

8 Portanto isto diz o Senhor Deus: Aqui estou eu contra ti, e eu mesmo exercerei no meio de ti os meus juízos aos olhos das gentes:

dernos, referem todo êste verso para o tempo da perseguição de Antíoco Epífanes contra os judeus, à qual deram ocasião as discórdias que se levantaram entre êles mesmos. Com' efeito pelo verso 12 se vê que o térço onde êstes foram tirados, são aquêles que foram dispersos para entre as nações gentílicas; de onde se segue que isto respeita mais particularmente àqueles, que depois de sóito o cativeiro de Babilônia por Ciro, chegaram a voltar da dispersão em que viviam. E considerá-los S. Jerônimo padecendo debaixo do império dos macedônios, é porque os reis selêucidas da Síria eram macedônios, como sucessores nesta parte de Alexandre Magno.

(2) NO MEIO DAS GENTES EU A PUS — S. Jerônimo e Teodoreto o tomam literalmente, pretendendo que Jerusalém, pela sua situação, era como o umbigo do mundo então conhecido; porque da parte do oriente é a Palestina cingida pela Ásia, da parte do occidente pela Europa, da parte do Meio-Dia e do Austro pela Líbia e África, da parte do Setentrão pela Armênia e Pérsia.

9 E farei contra ti o que ainda não tenho feito, e coisas que nunca mais as farei semelhantes por causa de tôdas as tuas abominações. (3)

10 Por isso os pais comerão a seus filhos no meio de ti, e os filhos comerão a seus pais, e eu exercerei em ti os meus juízos: E a todo o vento padejarei tôdas as tuas relíquias.

11 Portanto vivo eu, diz o Senhor Deus: Se pelo motivo de teres violado o meu santuário com tôdas as tuas ofensas, e com tôdas as tuas abominações, eu também te não quebrantar, e o meu ôlho te não perdoar, nem eu tiver a menor compaixão de ti.

12 Um terço dos teus morrerá de peste, e será consumido de fome no meio de ti: E outro terço dos teus cairá morto ao fio da espada em teu circuito: Quanto porém ao outro terço que te restar, eu o espalharei a todo o vento, e irei atrás dêles com a espada nua.

13 E satisfarei o meu furor, e nêles farei descansar a minha indignação, e eu me consolarei: E êles saberão que eu, o Senhor, falei no meu ciúme, depois que eu tiver satisfeito nêles a minha indignação. (4)

14 E eu te reduzirei a um deserto, e a ser o opróbrio

(3) **E COISAS QUE NUNCA MAIS AS FAREI SEMELHANTES** — Com muita reflexão diz: "etc. quibus similia", que à letra significa: e semelhantes às quais. Porque muito mais duras coisas fará o Senhor aos judeus depois da morte de Cristo, segundo a grande diferença que vai de ter êste povo algumas vêzes adorado ídolos, e de ter dado a morte ao mesmo filho de Deus. — S. Jerônimo.

(4) **E ÊLES SABERÃO QUE EU, O SENHOR, FALEI NO MEU CIÚME** — Assim a Vulgata como o hebreu pôs zêlo meu: no que S. Jerônimo acha e considera uma tão especial energia, que eu não posso deixar de notar em Sacy e de Carrières terem-no exposto simplesmente por ira.

Ezequiel 5, 15-17; 6, 1-2

das gentes, que estão ao redor de ti, à vista de todo o que fôr passando.

15 E serás o opróbrio, e a blasfêmia, e o escarmento, e o assombro entre as gentes que estão em teu contórno: Quando eu tiver exercido contra ti os meus juízos com furor, e com indignação, e com increpações de ira.

16 Eu o Senhor o disse: Quando eu despedir as mais que penetrantes setas da fome contra êles: As quais serão mortais, e que eu despedirei para vos perder: E ajuntarei a fome sôbre vós, e quebrarei entre vós o báculo do pão.

17 E enviarei contra vós a fome, e as mais cruéis alimárias até vos reduzirem a extermínio: E a peste, e o sangue passarão por ti, e farei vir a espada sôbre ti: Eu, o Senhor, o disse.

CAPÍTULO 6

PREDIÇÃO DA RUÍNA DAS CIDADES E DOS ALTOS DE ISRAEL,
E DA MORTANDADE DESTE POVO, COM A RESERVA DE
ALGUMAS RELÍQUIAS DELE.

1 E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

2 Filho do homem, vira o teu rosto para os montes de Israel, e profetizarás contra êles. (1)

(1) **VIRA O TEU ROSTO PARA OS MONTES DE ISRAEL**
— E' muito para notar que só para os montes manda o Senhor que encare o profeta: mas quando o manda falar, é não só aos montes, mas também aos outeiros, aos rochedos e aos vales, nos quais se conhece inferior dignidade, e inferior grau de ciência e de prudência. Ora no sentido tropológico parece que os montes são aquêles que têm uma perfeita ciência; os outeiros, aquêles que sabem um pouco menos; os rochedos aquêles que, não sabendo da Sagrada Escritura senão a que ouviram a outros, presumem ter dela alguma intelligência; os vales, aquêles que na Igreja têm o

3 E dirás: Montes de Israel, ouvi a palavra do Senhor Deus: Isto diz o Senhor Deus aos montes, e aos outeiros, aos rochedos, e aos vales: Eis-aí mandarei eu sobre vós a espada, e destruirei os vossos altos:

4 E demolirei os vossos altares, e serão quebrados os vossos simulacros, e arrojarei os vossos mortos entre os vossos ídolos:

5 E estenderei os cadáveres dos filhos de Israel por diante dos vossos simulacros: E espalharei os vossos ossos ao redor dos vossos altares,

6 em tôdas as vossas habitações. As cidades serão desertas, e os altos serão demolidos, e desfeitos: E os vossos altares cairão, e serão quebrados: E cessarão os vossos ídolos, e os vossos templos serão derribados, e ficarão extintas as vossas obras.

7 E cairão os mortos no meio de vós: E sabereis que eu sou o Senhor.

8 E deixarei no meio de vós os que tiverem fugido da espada entre as gentes, quando vos espalhar pelas terras.

9 E aquêles dentre vós que tiverem sido livrados, se lembrarão de mim entre as gentes, para onde foram levados cativos: Porque eu quebrantei o seu coração fornicário, e que se apartava de mim: E os olhos dêles substituídos pela fornicção após dos seus ídolos: E êles se desagradarão de si mesmos por causa dos males que fizeram em tôdas as suas abominações.

10 E saberão que eu o Senhor não disse debalde que lhes havia de fazer êste mal.

último lugar, e ainda que muito inferiores na vida e na ciência, não se apartam todavia das santas assembléias da família cristã. Todos porém são mandados ouvir a palavra do Senhor, para que cada um no seu tanto saiba o que o Senhor manda. — S. Jerônimo.

11 Isto diz o Senhor Deus: Fere a tua mão, e dá uma pancada no teu pé, e dize: Ai sôbre tôdas as abominações dos males da casa de Israel porque êles hão-de perecer pela espada, pela fome e pela peste. (2)

12 Aquêlê que está longe morrerá de peste: E o que está perto cairá aos golpes da espada: E o que fôr deixado, e sitiado, morrerá de fome: E fartarei nêles a minha indignação.

13 E sabereis que eu sou o Senhor quando os vossos mortos estiverem estendidos no meio dos vossos ídolos, à roda dos vossos altares, em todos os outeiros elevados, e em todos os cumes dos montes, debaixo de tôda a árvore dos bosques, debaixo de todo o carvalho frondoso, lugares onde queimaram fragrantês incensos a todos os seus ídolos.

14 E estenderei a minha mão sôbre êles: Deixarei desolada e desamparada a terra, desde o deserto de Deblata, em tôdas as suas habitações: E saberão que eu sou o Senhor. (3)

(2) **FERE A TUA MÃO** — Espiritualmente falando, então ferimos nós a nossa mão quando nos separamos das más obras; damos uma pancada no nosso pé, quando não andamos pelo caminho dos pecados; choramos e nos lamentamos, quando nos desagrada as coisas que se fazem. — S. Jerônimo.

(3) **DESDE O DESERTO DE DEBLATA** — Ou como se pode verter o hebreu, “desde o deserto até Deblata”; ou também segundo Calmet: “Deixarei a vossa terra mais desolada e devastada que Deblata”. Este deserto é na terra de Moab, se bem que alguns suspeitam, que por uma troca de R em D, se escreveu aqui Deblata em lugar de Reblata — S. Jerônimo. No hebreu está Dibla, que segundo uns é a mesma coisa que Diblataim (Núm 33, 46) e Beth Diblataim (Jer 48, 2) cidade dos moabitas; outros entendem que foi um erro do copista, como diz S. Jerônimo, mas o que é verdade é que nas mais antigas versões vem unanimemente Dibla.

CAPÍTULO 7

A RUINA DA TERRA DE ISRAEL ESTARÁ PRÓXIMA. DEUS DERRAMARÁ SOBRE ELA O SEU FUROR. O MESMO SANTUÁRIO SERÁ PROFANADO.

1 E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

2 E tu, filho do homem, dize: Isto diz o Senhor Deus à terra de Israel: O fim vem, vem o fim sobre as quatro plagas desta terra.

3 Agora é que vem o fim sobre ti, e eu desafogarei o meu furor contra ti: E te julgarei conforme os teus caminhos: E te porei diante dos olhos tôdas as tuas abominações.

4 E o meu ôlho te verá sem se magoar, nem me compadecerei de ti: Mas porei sobre ti os teus caminhos, e as tuas abominações estarão no meio de ti: E vós sabeis que eu sou o Senhor.

5 Isto diz o Senhor Deus: Eis uma aflição, eis-que logo vem outra aflição:

6 O fim vem, vem o fim, êle despertou contra ti: Ei-lo aí vem.

7 O' tu, que habitas na terra, uma total ruína vem sobre ti: E' chegado o tempo, está perto o dia da mortandade, e não da glória dos montes.

8 Agora, derramarei eu de perto a minha ira sobre ti, e satisfarei em ti o meu furor: E te julgarei conforme os teus caminhos, e porei sobre ti tôdas as tuas maldades.

9 E o meu ôlho te verá sem se magoar, nem eu me compadecerei de ti, mas pôr-te-ei às costas os teus caminhos, e as tuas abominações estarão no meio de ti: E vós sabereis que eu sou o Senhor que firo.

10 Eis-aqui o dia, ei-lo aí vem: Saiu a total destruição, floresceu a vara, brotou a soberba.

Ezequiel 7, 11-16

11 A iniquidade se levantou sobre a vara da impiedade: Não restará nada d'êles, nem do povo, nem do seu estrondo: E não haverá nêles descanso.

12 Chegou o tempo, está próximo o dia: O que compra não se alegre: E o que vende, não chore: Porque a ira está sobre todo o seu povo. (1)

13 Porque o que vende, não tornará a possuir o que vendeu, e ainda estará a sua vida entre os vivos: Porque a visão concerne a toda a sua multidão não tornará atrás: E nenhum será reforçado por causa da iniquidade da sua vida. (2)

14 Tocai a trombeta, preparem-se todos, mas não há ninguém que vá à batalha: Porque a minha ira está sobre todo o seu povo.

15 Fora a espada, e dentro a peste e a fome: O que está no campo, morrerá à espada: E os que estão na cidade, serão devorados pela peste e pela fome.

16 E os que dentre êles fugirem, salvar-se-ão: Mas êles estarão sobre os montes como pombas dos vales, todos tremendo, cada um por causa da sua iniquidade.

(1) **O QUE COMPRA NÃO SE ALEGRE** — E' natural ao que compra, alegrar-se, ao que vende, entristecer-se; mas, estando imminente a escravidão e o cativo, são em ambos vãs a alegria e a tristeza. — S. Jerônimo.

(2) **NÃO TORNARA A POSSUIR O QUE VENDEU** — Fala segundo o costume dos hebreus. Porque de cinquenta em cinquenta anos toda a venda tornava a vir para o vendedor no ano da remissão, que entre êles se chamava o ano do Jubileu. Lev 25, 28. — S. Jerônimo.

E AINDA ESTARÁ A SUA VIDA ENTRE OS VIVOS — Porque ainda em sua vida se veriam oprimidos de todas estas calamidades de que aqui se trata; devendo-se já reputar desde então como despojados para sempre tanto do que atualmente possuíam, como dos bens de que já se haviam desapropriado pela venda. — Sacy.

17 Tôdas as mãos se enfraquecerão, e todos os joelhos distilarão águas. (3)

18 E cingir-se-ão de cilícios, e o mêdo os cobrirá, e em todo o rosto haverá confusão, e em tôdas as suas cabeças calva.

19 A sua prata será lançada fora, e o seu ouro será reputado como um monturo. A sua prata e o seu ouro não os poderão livrar no dia do furor do Senhor. Êles não fartarão a sua alma, e os seus ventres se não encherão: Porque lhe têm servido de tropêço para a sua iniqüidade.

20 E converteram em soberba o adôrno de seus colares, e dêle fizeram representativos das suas abominações e simulacros: Por isso fiz que fôsse para êles uma imun-dície:

21 E pô-lo-ci nas mãos dos estranhos para ser saqueado, e aos ímpios da terra servirá de prêsa, e êles o contaminarão.

22 E apartarei dêles a minha face, e violarão o secreto do meu santuário: E entrarão nêle saqueadores e o profanarão. (4)

23 Acaba com a tua conclusão: Porque a terra está, cheia de juízo de sangues, e a cidade cheia de iniquidade. (5)

(3) **DISTILARÃO AGUAS** — Estas águas entendem-se causadas pelo mêdo.

(4) **VIOLARÃO O SECRETO** — Entende-se o *Sancta sanctorum* o Templo, aonde não era permitido entrar senão ao pontífice. Neste lugar porém tão sacrossanto entraram em tempo de Nabucodonosor os soldados caldeus, em tempo de Antíoco os macedônios, em tempo de Pompeu, e depois, em tempo de Vespasiano, os romanos. — S. Jerônimo.

(5) **DE JUÍZO DE SANGUES** — De delitos dignos de morte, e de serem explados com derramamento de sangue. Assim Meno-

24 E farei vir os péssimos dentre as gentes, e êles se apoderarão das suas casas: E farei cessar a soberba dos poderosos, e aquêles péssimos possuirão os santuários dêles. (6)

25 Ao sobrevir-lhes de repente a angústia, êles buscarão a paz, e não a liaverá.

26 A um susto sucederá outro susto, e a um estrondo outro estrondo: E buscarão alguma visão de algum profeta, e a lei perecerá na bôca do sacerdote, e o conselho na bôca dos anciãos.

27 O rei chorará e o príncipe cobrir-se-á de tristeza e as mãos do povo da terra tremerão de mêdo. Eu os tratarei conforme o seu caminhar, e os julgarei conforme êles julgaram os outros: E saberão que eu sou o Senhor.

CAPÍTULO 8

EZEQUIEL É TRANSPORTADO EM ESPÍRITO AO TEMPLO DE JERUSALÉM. VÊ AS ABOMINAÇÕES QUE ALI SE COMETIAM. O SENHOR LHE DECLARA AS VINGANÇAS QUE ESTÁ PARA EXERCER.

1 E aconteceu no ano sexto, no sexto mês, a cinco do mês: Quando estava assentado em minha casa, e estavam assentados diante de mim os anciãos de Judá, que neste mesmo lugar caiu sôbre mim a mão do Senhor Deus. (1)

2 E tive uma visão, e eis-que havia ali uma como

semelhança de um homem de aspecto de fogo: Desde o chio. Outros o entendem das injustiças com que haviam derramado o sangue de tantos inocentes.

(6) OS SANTUÁRIOS DÊLES — Como profanados pelos péssimos, e os lugares santos, já o Senhor não diz: os meus santuários, mas os Santuários dêles. — S. Jerônimo.

(1) NO ANO SEXTO — Entende-se, no sexto ano do cativo de Ezequias, que foi levado para Babilônia com o rei Jeconias.

aspecto dos seus rins para baixo, era tudo fogo: E desde os seus rins, e daí para cima, tudo era um como aspecto de resplendor, uma como vista de eletro. (2)

3 E tendo dali saído uma semelhança de mão, me tomou por uma gadelha da minha cabeça: E o espírito me levantou entre a terra e o céu: E me levou a Jerusalém em visão de Deus, pondo-me ao pé da porta interior, que olhava para a banda do Aquilão, onde se tinha collocado o ídolo do ciúme para provocar a emulação. (3)

4 E eis-que aparecia ali a glória do Deus de Israel, conforme a visão que eu tinha tido no campo.

5 E elle me disse: Filho do homem, levanta os teus olhos para o caminho do Aquilão. E levantei os meus olhos para o caminho do Aquilão: E eis-que vi da banda do Aquilão da porta do Altar aquêlê ídolo do ciúme, pôsto bem à entrada.

6 E elle me disse: Filho do homem, acaso pensas que vês tu o que fazem êstes, as grandes abominações que a casa de Israel faz aqui, para que me retire longe do meu Santuário? pois quando te voltares para outra parte, verás abominações ainda maiores.

7 E me introduziu a uma porta do átrio: E vi, e eis-que havia ali um buraco na parede.

(2) **UMA COMO SEMELHANÇA** — Os Setenta dizem, um que parecia um homem. E o contexto que lhe attribuem, assim o confirma. Por isso com Glaire intercalamos (um homem). Glaire, ed. cit.

(3) **EM VISÃO DE DEUS** — Dizendo em visão de Deus, mostra o profeta que não fôra em corpo, mas em espírito. — S. Jerônimo.

O ÍDOLO DO CIÚME — Isto é, o ídolo de Baal, que Manassés ali pusera, e que, tirado por Josias, tinha sido repostado por seus successores. E chamar-lhe ídolo do ciúme, é porque considera a Deus como um marido, que todo se escandece, quando se lhe põe à vista o adúltero de sua espôsa. — S. Jerônimo.

8 E êle me disse: Filho do homem, escava a parede. E como eu tivesse escavado a parede, appareceu uma porta.

9 E êle me disse: Entra, e vê as vergonhosíssimas abominações, que êstes aqui fazem.

10 E depois de ter entrado olhei, e eis-que havia ali tôda a semelhança de reptis, e de animais, a abominação, e todos os ídolos da Casa de Israel estavam pintados na parede por tôda a roda.

11 E setenta homens dos anciãos da casa de Israel estavam em pé diante destas pinturas, e Jezonias, filho de Safan, também em pé no meio dêles: E cada um tinha na sua mão um turíbulo: E o fumo do incenso que dêle saía como uma névoa, se elevava ao alto. (4)

12 E êle me disse: Por certo, filho do homem, que tu vês o que os anciãos da casa de Israel fazem nas trevas, o que cada um dêles pratica no secreto da sua câmara: Porque êles dizem: O Senhor não nos vê, o Senhor deixou a terra.

13 Então me disse êle: Quando te voltares para outra parte, verás abominações ainda maiores que as que êstes fazem.

14 E me introduziu pela entrada da porta da casa do Senhor, que olhava para a banda do Aquilão: E eis-que estavam ali umas mulheres assentadas, chorando a Adonis. (5)

(4) **E SETENTA HOMENS DOS ANCIÃOS DA CASA DE ISRAEL** — Êstes setenta anciãos parecem ser os setenta juizes, ou setenta senadores, de que, conforme a Lei de Moisés, se compunha o Sinédrio dos judeus.

(5) **ADONIS** — No hebreu *hattamouz*, e nos Setenta *O Thammouz*, o que indica que não é um nome próprio, mas um simples apelativo, cuja significação é desconhecida. S. Jerônimo empregou o termo *Adonis* para nos mostrar que os sírios honravam

15 E êle me disse: Por certo, filho do homem, que tu viste: Quando te voltares ainda para outra parte, verás maiores abominações do que estas.

16 E me introduziu no átrio interior da casa do Senhor: E eis-que se achavam à porta do templo do Senhor, entre o vestibulo e o altar, alguns vinte e cinco homens, que tinham as costas voltadas para o templo do Senhor, e as caras viradas para o Oriente: E adoravam o sol nascendo. (6)

17 E êle me disse: Por certo, filho do homem, que tu viste: Acaso é isto coisa de pouco momento para a casa de Judá, o fazerem êles estas abominações que têm feito aqui: Pois tendo enchido a terra de iniquidade se voltaram

Hattamouz; por uma forma semelhante àquela com que os gregos veneravam Adonis. O culto sensual de Adonis era antigo na Fenícia e em Canaã. Os ritos voluptuosos d'este culto constituíram uma das mais populares formas do culto de Baal. Estes dois nomes têm a mesma significação nas línguas semíticas — *done*, Senhor. No tempo de S. Jerônimo existia nos arredores de Belém um bosque sagrado dedicado a Adonis. Jer 22, 13, parece aludir ao culto que as mulheres prestavam a esta falsa divindade. Porém em Gebal ou Biblos é que este culto era mais entusiasta, porque ali corria o rio Adonis, que tinha o seu nome. As mulheres iam ali chorar a morte de Adonis quando as águas se tornavam avermelhadas, o que elas tomavam pelo seu sangue. Em muitos monumentos está gravada a morte de Adonis, e os prantos das mulheres, que, nas duas épocas do ano consagradas às bacanais em sua honra — a primavera e o outono — lhe sacrificavam os cabelos. E' conhecida a fábula de Adonis: Marte, abrasado com ciúme, mandou ao seu encontro um javali que o dilacerou com os dentes e garras.

(6) **ALGUNS VINTE E CINCO HOMENS** — Estes homens, ao que parece, eram os doze sacerdotes, e os doze levitas que por turno serviam no templo cada semana, os quais com o pontífice faziam o número de vinte e cinco.

a me irritar? Bem vê's também como êles chegam aos seus narizes o ramo. (7)

18 Logo também eu os tratarei no meu furor: O meu ôlho os verá sem se magoar, nem eu me compadecerei dêles: E quando êles me gritarem aos ouvidos em alta voz, eu não os atenderei.

CAPÍTULO 9

APARECEM SETE HOMENS: UM E' MANDADO A MARCAR COM UM CERTO SINAL TODOS AQUELES QUE GEMIAM POR CAUSA DAS DESORDENS DE JERUSALÉM: OS OUTROS SEIS TÊM ORDEM DE EXTERMINAR A TODOS OS QUE NÃO TIVEREM AQUELE SINAL. EXECUÇÃO DESTA ORDEM.

1 E com uma grande voz gritou êle aos meus ouvidos, dizendo: Os visitantes da cidade estão a chegar, e cada um tem na sua mão um instrumento de morte. (1)

2 E eis-que vinham seis homens pelo caminho da porta superior, que olha para o Aquilão: E cada um trazia na sua mão um instrumento de morte: Via-se também no meio dêles um homem vestido de roupas de linho, e um tinteiro de escrevente aos seus rins: E entraram, e se puseram junto ao altar de bronze. (2)

(7) **COMO ÊLES CHEGAM AOS SEUS NARIZES O RAMO** — O ramo, ou de oliveira dedicado a Minerva, ou de murta dedicado a Vênus, ou de louro dedicado ao Sol, ou a Baco. Também era uso persa.

(1) **OS VISITADORES** — Hebraísmo, em vez de punições, castigos.

UM INSTRUMENTO DE MORTE — Este instrumento, declaram os Setenta que era uma machadinha.

(2) **VESTIDO DE ROUPAS DE LINHO** — Tal era o hábito do pontífice entre os hebreus. Assim alguns por aquêles seis ho-

3 É a glória do Senhor de Israel desde o querubim, sobre o qual estava, se elevou, indo-se pôr à entrada da casa: E chamou ao homem, que estava vestido de roupas de linho, e que tinha o tinteiro de escrevente em seus rins. (3)

4 E o Senhor lhe disse: Passa ao través da cidade pelo meio de Jerusalém: E com um Tau marca as testas dos homens que geniêm, e que se doem de tôdas as abominações que se fazem no meio dela. (4)

mens entendem seis anjos, prontos a executar o que Deus lhes mandasse; pelo outro vestido de hábito de linho entendem a Jesus Cristo, sacerdote do Novo Testamento, e anjo de grande conselho, como lhe chama a Escritura. — S. Jerônimo.

JUNTO AO ALTAR DE BRONZE — No templo havia dois altares: um dos perfumes, que era de ouro; outro dos holocaustos, que era de bronze. Aquêl estava dentro do templo, êste diante do templo. — S. Jerônimo.

(3) **DESDE O QUERUBIM, SOBRE O QUAL ESTAVA** — Isto é, de cima do trono sustido pelos querubins, segundo a visão que o profeta teve da glória do Senhor. Ez 1, 4 e 3, 4. O que segundo Duhamel, foi passar do Propiciatório à entrada do Santuário, que era descoberta. — Pereira.

(4) **E COM UM TAU MARCA AS TESTAS DOS HOMENS** — O Tau era figura da cruz de Cristo; porque a letra T entre os hebreus antes do cativello tinha o feitio duma cruz, como também o tem entre os gregos e entre os latinos, de onde não sem mistério foi o título da cruz escrito nestas três línguas. E entre os hebreus e os gentios era o T sinal de vida. Com êste sinal marcava o anjo, que estava vestido de hábito de linho, os que haviam de ser salvos, para dar a entender que só os que fôrem marcados com a cruz de Cristo escaparão da morte. Duhamel. Contudo esta intelligência no sentido de Calmet não é necessária, nem obrigatória. Porque a voz hebraica Tau, tomada à letra, significa prôpriamente sinal, e assim a tomaram aqui os Setenta, Áquila e Símaco, como adverte S. Jerônimo. De sorte que em lugar do que a Vulgata diz, *Signa Thau super frontes*, marca com um Tau as testas, lêem entre os gregos S. João Crisóstomo e Teo-

Ezequiel 9, 5-11

5 E aos outros disse, ouvindo-o eu: Passai ao través da cidade, seguindo-o e feri: Não se magoe o vosso ôlho, nem vós tenhais compaixão alguma.

6 O velho, o moço, e a donzela, o menino e as mulheres, todos matai, sem que nenhum escape: Mas não mateis nenhum daqueles, sôbre quem virdes o Tau, e começai pelo meu santuário. Começaram pois a matança pelos homens mais anciãos, que estavam diante da casa.

7 E êle lhes disse: Profanai a casa, e enchei os átrios de mortos: Saí. E êles saíram e iam matando os que estavam na cidade.

8 E acabada que foi a matança, fiquei eu ali: E me lancei prostrado com o rosto por terra, e digo gritando: Ai, ai, ai, Senhor Deus: Dar-se-á caso que destruas tu assim tôdas as relíquias de Israel, derramando o teu furor sôbre Jerusalém?

9 E êle me disse: A iniquidade da casa de Israel, e da casa de Judá é grande no último excesso, e a terra está tôda coberta de sangue, e a cidade está cheia de gente que me deu as costas: Porque êles disseram: O Senhor deixou a terra, e o Senhor não vê. (5)

10 Pois também o meu ôlho se não magoará, nem eu terei compaixão alguma: Sôbre a cabeça dêles farei recair o seu caminho.

11 E eis-que o homem, que estava vestido de roupas de linho, que tinha o tinteiro pendente das costas, deu a

doreto; entre os latinos S. Cipriano e Santo Agostinho, *signa signo* *frontes*, marca com um sinal as testas.

(5) **PORQUE ÊLES DISSERAM** — A causa logo de tão grandes maldades, é porque julgaram que não havia Providência sôbre a terra, e que Deus não cuidava no que faziam os mortais.
— S. Jerônimo.

sua resposta, dizendo: Tenho executado a ordem do modo que tu me deste.

CAPÍTULO 10

UM DOS SETE HOMENS E' MANDADO TOMAR UNS CARVÕES DE FOGO, PARA OS ESPALHAR SOBRE JERUSALÉM. NOVA DESCRIÇÃO DA CARROÇA MISTERIOSA. O SENHOR QUE TINHA DESCIDO DA CARROÇA, TORNA A SUBIR A ELA.

1 E olhei, e eis-que no firmamento, que estava sobre a cabeça dos querubins, appareceu sobre elles uma como pedra de safira, uma como apparencia da semelhança de um trono.

2 E falou ao homem, que estava vestido de roupas de linho, e disse: Entra no meio das rodas que estão debaixo dos querubins, e toma uma mão cheia de brasas de fogo, que estão entre os querubins, e espalha-as sobre a cidade. E elle entrou à minha vista: (1)

3 Os querubins porém estavam ao lado direito da casa quando lá entrou aquêle homem, e uma nuvem encheu o átrio interior.

4 E a glória do Senhor se elevou de cima dos querubins, indo-se pôr à entrada da casa: E a casa ficou coberta com a nuvem, e o átrio se encheu do esplendor da glória do Senhor. (2)

5 E o somido das asas dos querubins se ouvia até o átrio de fora, parecendo-se com a voz de Deus Todo-poderoso que falava.

6 Tendo pois o Senhor dado esta ordem ao homem,

(1) E TOMA UMA MÃO CHEIA DE BRASAS DE FOGO — O hebreu diz duas mãos cheias.

(2) INDO-SE PÔR A ENTRADA DA CASA — Como para mostrar que queria sair dela, e que queria abandoná-la. — De Carrières.

Ezequiel 10, 7-12

que estava vestido de roupas de linho, dizendo: Toma do fogo do meio das rodas, que estão entre os querubins: Depois de haver entrado, êle se pôs em pé junto a uma das rodas.

7 Então um dos querubins estendeu a mão do meio dos querubins para o fogo, que estava entre os querubins: E o tomou, e pôs nas mãos daquele que estava vestido de roupas de linho: O qual, tomando-o, se saiu. (3)

8 E apareceu nos querubins uma semelhança de mão de homem debaixo das suas asas:

9 E vi e eis-que eram quatro rodas ao pé dos querubins: Uma roda ao pé de um querubim: E outra roda ao pé de outro querubim: e a aparência destas rodas tinha uns como visos de pedras de crisólita.

10 E o aspecto delas era uma mesma semelhança das quatro, como se estivera uma roda no meio de outra roda.

11 E quando elas andavam iam para as quatro partes: E não tornavam para as três quando andavam: Mas para aquela parte, para onde a que estava primeiro dirigia o seu caminho, para essa também as outras a seguiam, e não se voltavam para nenhum outro lado. (4)

12 E todo o corpo delas, e os seus colos, e mãos, e asas, e círculos, estavam cheios de olhos, ao redor das quatro rodas. (5)

(3) **O QUAL, TOMANDO-O, SE SAIU** — Não declara a Escritura que é o que êle fez depois que saiu, porque quis antes deixar à nossa inteligência a narração de uma coisa triste, que pôr-no-la diante dos olhos. — S. Jerônimo.

(4) **IAM PARA AS QUATRO PARTES** — Quer dizer que com igual facilidade iam para qualquer delas. — Duhamel.

(5) **E TODO O CORPO DELAS** — Em lugar de corpo traz aqui o hebreu carne. E é de advertir que o que S. Jerônimo com a Vulgata atribui neste verso às rodas, Teodoreto e outros o en-

13 E êle a estas rodas, ouvindo-o eu, chamou volúveis. (6)

14 E cada um dêstes animais tinha quatro faces: Uma face era face de querubim: E a segunda face era face de homem: E no terceiro havia face de leão: E no quarto face de águia.

15 E os querubins se elevaram ao alto: Êstes são os mesmos animais, que eu tinha visto junto ao rio Cobar.

16 E quando os querubins andavam, também as rodas andavam igualmente ao pé dêles: E quando os querubins estendiam as suas asas para se elevarem da terra, não ficavam as rodas, mas também elas se achavam ao pé dêles.

17 Quando êles paravam, paravam elas: E as mesmas se elevavam, quando êles se elevavam: Porque o espírito de vida estava nelas.

18 Depois saiu a glória do Senhor da entrada do templo: E se pôs sobre os querubins.

19 E os querubins estendendo as suas asas se elevaram da terra diante de mim: E quando êles partiram, os seguiram também as rodas: E os querubins pararam à entrada da porta da casa do Senhor da banda do Oriente: E a glória do Deus de Israel estava sobre êles.

20 Êstes são os mesmos animais, que eu vi debaixo

tendem dito dos querubins, parecendo-lhe absurdo dar às rodas carne, colos e mãos. Com efeito o caldeu em lugar de *corpus earum* traz *corpus eorum*.

E OS SEUS COLOS, E MÃOS, E ASAS — Isto é, os seus cubos, os seus raios, as suas pinas. Por estas metáforas, diz S. Jerônimo, quer a Escritura significar as eficiências de cada coisa, e não as imagens dos membros.

(6) **CHAMOU VOLÚVEIS** — O hebreu diz: "clamou às rodas, dizendo: Volvel-vos." E assim mesmo o explicou Teodoro. — Pereira.

Ezequiel 10, 21-22; 11, 1-6

do Deus de Israel junto ao rio Cobar: E conheci que eram querubins.

21 Cada um dêles tinha quatro caras, e quatro asas cada um: E debaixo das suas asas aparecia uma semelhança de mão de homem.

22 E a semelhança das caras dêles, eram as mesmas caras que eu tinha visto junto ao rio Cobar, e o olhar dêles, e o ímpeto com que cada um caminhava com a mira posta adiante.

CAPÍTULO 11

PROFECIAS CONTRA OS QUE DESPREZAVAM AS AMEAÇAS DOS PROFETAS. MORTE DUM DÊLES. O CARRO DO SENHOR SAI DA CIDADE, E PARA SOBRE O MONTE OLIVETE.

1 Ao depois me elevou o espírito, e me introduziu na porta oriental da casa do Senhor, que olha para o nascente: E eis-que se achavam à entrada da porta vinte e cinco homens: E conheci no meio dêles a Jezonias, filho de Azur, e a Feltias, filho de Banaías, príncipes do povo.

2 E me disse: Filho do homem, êstes são os varões que pensam na iniquidade, e formam um desígnio péssimo nesta cidade.

3 Dizendo: Acaso não estão essas casas edificadas desde muito tempo? esta cidade é o caldeirão e nós somos a carne.

4 Por isso vaticina acêrca dêles, vaticina, filho do homem.

5 No mesmo ponto saltou em mim o espírito do Senhor, e me disse: Fala: Isto diz o Senhor: Assim é que vós discorrestes, casa de Israel, e eu conheço os pensamentos do vosso coração.

6 Vós matastes um grande número de pessoas nesta cidade, e enchestes as suas ruas de corpos mortos.

7 Por cuja causa isto diz o Senhor Deus: Os que vós matastes, os que estendestes mortos no meio da cidade, êstes são a carne, e ela é o caldeirão: Mas eu vos tirarei do meio dela.

8 Vós temestes a espada, e eu farei cair sôbre vós a espada, diz o Senhor Deus.

9 E lançar-vos-ei fora do meio desta cidade, e vos entregarei nas mãos de vossos inimigos, e exercerei sôbre vós os meus juízos.

10 Vós perecereis aos golpes da espada: Eu vos julgarei nos confins de Israel, e vós sabereis que eu sou o Senhor. (1)

11 Esta cidade não será a vosso respeito um caldeirão, nem vós sereis a carne no meio dela: Eu vos julgarei nos confins de Israel.

12 E sabereis que eu sou o Senhor: Porque vós não andastes nos meus preceitos, nem observastes as minhas ordenanças, mas vós vos conduzistes segundo os costumes das gentes, que estão à roda de vós.

13 E aconteceu que ao tempo que eu profetava, morreu Feltias, filho de Banaías: E me prostrei com o rosto em terra, gritando em alta voz, e disse: Ai, ai, ai, Senhor Deus: Logo acabas tu de perder as relíquias de Israel?

14 E me foi dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

15 Filho do homem, as relíquias de Israel que serão salvas são os teus irmãos, os teus irmãos, digo, as pessoas do teu parentesco, e tôda a casa de Israel, todos aquêles a quem os habitantes de Jerusalém disseram: Apartai-

(1) **EU VOS JULGAREI NOS CONFINS DE ISRAEL, E VÓS SABEREIS QUE EU SOU O SENHOR** — Em Reblata da Síria, para onde Nabucodonosor vos fará conduzir. Veja-se 4 Rs 25, 19-21. — Calmet.

Ezequiel 11, 16-25

-vos bem longe do Senhor, a nós é que a terra foi dada para a possuirmos. (2)

16 Por cuja causa isto diz o Senhor Deus, porque os pus longe entre as gentes e porque os lancei dispersos por vários países: Eu serei para êles uma pequena santificação nos países para onde foram.

17 Dize-lhes pois: Isto diz o Senhor Deus: Eu vos ajuntarei do meio dos povos, e vos reunirei dos países, para onde fostes espalhados, e vos darei a terra de Israel.

18 E êles entrarão nela, e tirarão do meio dela todos os tropeços, e tôdas as suas abominações.

19 E eu lhes darei um mesmo coração, e derramarei nas suas entranhas um novo espírito: E tirarei da sua carne o coração de pedra, e dar-lhes-ei um coração de carne:

20 Para que andem nos meus preceitos e guardem as minhas ordenanças, e as cumpram: E para que sejam para mim o meu povo, e eu seja para êles o seu Deus.

21 Quanto àqueles, cujo coração anda após dos tropeços, e das suas abominações, eu lhes porei nas suas cabeças o seu caminho, diz o Senhor Deus.

22 Então elevaram os querubins ao alto as suas asas, e com elas se elevaram as rodas: E a glória de Deus de Israel estava sôbre êles.

23 E a glória do Senhor subiu do meio da cidade, e se foi pôr sôbre o monte, que está no Oriente da cidade.

24 Depois disto me elevou o espírito, e me restituiu em visão à Caldéia no espírito de Deus, para onde estava o povo cativo: E me foi tirada a visão, que eu tivera.

25 E contei ao povo cativo tudo o que o Senhor me tinha mostrado.

(2) **OS TEUS IRMÃOS** — Isto é, os que contigo estão no cativeiro.

CAPÍTULO 12

EZEQUIEL PREDIZ POR DIFERENTES SINAIS O CATIVEIRO
DOS HABITANTES DE JERUSALÉM, E DO SEU REI.

1 E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

2 Filho do homem, tu moras no meio de uma casa exasperante: No meio de uns homens que têm olhos para ver, e não vêem: e ouvidos para ouvir, e não ouvem: Porque é uma casa que me exaspera. (1)

3 Tu pois, filho do homem, refaze-te de trastes para mudar de país, e de dia te transportarás diante dêles: E passarás do teu lugar a outro lugar à vista dêles, a ver se acaso êles reparam nisso: Porque é uma casa exasperante. (2)

4 E à vista dêles tirarás para fora de dia os teus trastes, como trastes de quem se muda: E tu sairás de tarde diante dêles, como quem sai mudando já de domicílio.

5 Fende para ti à vista dêles a parede: E sairás pela abertura dela. (3)

6 À vista dêles serás levado aos ombros, na escuridade serás conduzido: Cobrirás com um véu a tua cara,

(1) **PORQUE É UMA CASA QUE ME EXASPERA** — O hebreu diz: "um povo que me causa amargura, e me provoca a ira."

(2) **E DE DIA TE TRANSPORTARÁS** — Todas estas ações significavam o próximo cativoiro dos que estavam em Jerusalém.

(3) **E SAIRÁS PELA ABERTURA DELA** — Para significar que assim há de succeder ao rei Sedecias e aos grandes da sua corte, que, como lemas em Jer 39, 4, e na história dos reis, 4 Rs 25, 4, fugirão de Jerusalém saindo pela ruína do muro.

Ezequiel 12, 7-12

e não verás a terra: Porque eu te escolhi para seres um portento à Casa de Israel. (4)

7 Fiz eu pois como o Senhor me tinha ordenado: Tirei para fora os meus trastes, como trastes de quem se muda de dia: E à tarde escavei para mim a parede pela minha mão: E saí na escuridade levado às costas na presença deles.

8 E pela manhã me foi dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

9 Filho do homem, porventura os da casa de Israel, casa exasperante, não te disseram: Que fazes tu?

10 Dize-lhes: Isto diz o Senhor Deus: Este é o peso que há de cair sobre o chefe, que está em Jerusalém, e sobre toda a casa de Israel, que está no meio deles.

11 Dize-lhes mais: Eu sou o vosso portento: Assim como eu fiz, assim lhes sucederá a eles: Passarão de um país a outro, e irão para o cativeiro. (5)

12 E o chefe, que está no meio deles, será levado às costas, sairá na escuridade: Eles escavarão a parede,

(4) A VISTA DELES — Em lugar do que diz a Vulgata, *in humeris portaberis, in caligine effereris*, traz a versão de S. Jerônimo, *in humeris portabis, in caligine effugies*, isto é, depois levarás tu às costas esses móveis, e fugirás na escuridade. Mas os Setenta lêem como a Vulgata. — Calmet.

COBRIRÁS COM UM VÉU A TUA CARA — Para denotares que assim se fará a Sedecias, ou para não ser conhecido como rei, ou porque depois de lhe tirarem os olhos, lhe atarão um véu na cara para lhe enxugar o sangue e o humor, que distilará das feridas. — Calmet.

PARA SERES UM PORTENTO A CASA DE ISRAEL — Isto é, para seres tido por um homem cuja vida, palavras e obras serão para a Casa de Israel outros tantos sinais do que está para lhe acontecer. — Calmet.

(5) EU SOU O VOSSO PORTENTO — Os Setenta dizem: “Eu sou o que faço portentos.”

para o fazerem sair: A sua cara será coberta de um véu para com os seus olhos não ver a terra.

13 E estenderei sôbre êle a minha rêde, e êle será tomado na minha massa: E o levarei a Babilônia para a terra dos caldeus: E êle a não verá, e lá morrerá. (6)

14 E a todo o vento espalharei todos aquêles que estão em redor dêles, a sua guarda, e as suas tropas: E irei com a espada desembainhada atrás dêles.

15 E êles saberão que eu sou o Senhor, quando eu os tiver espalhado entre as gentes, e os lançar dispersos por vários países:

16 E reservarei dentre êles um pequeno número de homens, que escaparão da espada, e da fome, e da peste: Para que êles publiquem tôdas as suas maldades entre as gentes, para onde fôrem: E saberão que eu sou o Senhor.

17 E me foi dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

18 Filho do homem, come o teu pão com susto: E bebe também a tua água à pressa e com tristeza.

19 E dirás ao povo da terra: Isto diz o Senhor Deus aos que habitam em Jerusalém na terra de Israel: Êles comerão o seu pão com susto, e beberão a sua água em desolação: Porque esta terra exaurida da multidão da sua gente será desolada por causa da iniquidade de todos os que habitam nela.

20 E as cidades, que agora estão habitadas, ficarão desoladas, e a terra deserta: E vós sabereis que eu sou o Senhor.

21 E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

(6) **E ÊLE A NÃO VERA** — Porque antes de ser levado para Babilônia, lhe mandará Nabucodonosor vasar os olhos em Reblata. — Pereira.

Ezequiel 12, 22-28; 13, 1-2

22 Filho do homem, que provérbio é esse que vós tendes na terra de Israel? dos que dizem: Os dias serão diferidos por longo tempo e perecerá toda a visão.

23 Por isso dize-lhes: Isto diz o Senhor Deus: Eu farei cessar este provérbio, e ele se não tornará mais a dizer pelo vulgo em Israel, e assegura-lhes que se têm aproximado os dias, e o cumprimento de toda a visão.

24 Porque não será vã daqui em diante visão alguma, nem haverá adivinhação ambígua no meio dos filhos de Israel.

25 Porque eu mesmo, que sou o Senhor, falarei: E toda a palavra que eu proferir, será cumprida, e não terá mais tardança: Mas em vossos dias, ó casa exasperante, falarei a palavra, e a cumprirei, diz o Senhor Deus.

26 E me foi dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

27 Filho do homem, eis-aqui os da casa de Israel que dizem: A visão, que este vê, é para muitos dias: E para largos tempos é que ele profetiza.

28 Por isso dize-lhes: Isto diz o Senhor Deus: Não será daqui em diante diferida palavra alguma minha: A palavra, que eu proferir, se cumprirá, diz o Senhor Deus.

CAPÍTULO 13

INVECTIVAS E AMEAÇAS DO SENHOR CONTRA OS FALSOS PROFETAS, E FALSAS PROFETISAS.

1 Foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

2 Filho do homem, dirige as tuas profecias aos profetas de Israel, que se metem a profetizar: E dirás a estes que profetizam de sua cabeça: Ouvi a palavra do Senhor:

3 Isto diz o Senhor Deus: Ai dos profetas insensatos, que seguem o seu próprio espírito, e não vêm nada!

4 Os teus profetas, ó Israel, eram como rapôças nos desertos.

5 Vós não subistes a encontrar o inimigo, nem vos opusestes como um muro em defesa da casa de Israel, para que vos tivésseis firmes no combate no dia do Senhor.

6 Eles vêm coisas vãs, e adivinham a mentira, dizendo: O Senhor assim o disse: Sendo que o Senhor os não enviou: E eles perseveraram em afirmar o que uma vez disseram.

7 Porventura não é vã a visão que tivestes, e mentirosa a adivinhação que proferistes? e depois dizeis vós, assim o disse o Senhor: Sendo que eu tal não falei.

8 Por cuja causa isto diz o Senhor Deus: Porquanto haveis falado coisas vãs, e visto a mentira: Por isso eu sou contra vós, diz o Senhor Deus: (1)

9 E a minha mão descarregará pesada sobre os profetas, que têm visões vãs, que adivinham a mentira: Eles se não acharão no conselho do meu povo, e não serão escritos na matrícula da casa de Israel, nem entrarão na terra de Israel: E vós sabereis que eu sou o Senhor Deus:

10 Porque eles enganaram o meu povo, dizendo: Paz. E tal paz não havia: E o mesmo levantava uma parede, e eles a rebocavam de barro sem palha.

11 Dize aos que rebocam a parede sem misturar nada, que ela cairá porque haverá uma chuva de inundaçào, e enviarei pedras mui grandes que cairão de cima, e vento tempestuoso que tudo destrua.

(1) **EU SOU CONTRA VÓS** — Assim traduz Glaire, notando que este é o genuíno sentido da particula hebraica que a Vulgata traduziu por *ad*, e que o padre Pereira verteu para português “venho eu a vós.” — Glaire, ed. cit.

Ezequiel 13, 12-19

12 Porquanto eis-aí caiu a parede: Não é assim que se vos dirá então: Onde está o rebôco, que fizestes?

13 Por cuja causa isto diz o Senhor Deus: E farei sair impetuosamente um vento de tempestades da minha indignação, e haverá uma chuva que tudo inunde no meu furor: E pedras grandes com ira para total perdição.

14 E destruirei a parede, que vós rebocastes sem misturardes nada com barro: E eu a igualarei com terra, e se descobrirá o seu fundamento: E ela cairá e o que a rebocou será consumido no meio dela: E vós sabereis que eu sou o Senhor.

15 E satisfarei a minha indignação na ruína da parede, e na perda dos que a rebocam sem lhe misturar o que a teria firmado, e vos direi então: Já não há parede, nem já existem os que a rebocaram.

16 Já não existem os profetas de Israel que se metiam a profetizar a Jerusalém, e que tinham acêrca dela visões de paz: E tal paz não havia, diz o Senhor Deus.

17 E tu, filho do homem, volta o teu rosto contra as filhas do teu povo, que se metem a profetizar o seu próprio coração: E profetiza contra elas.

18 E dize-lhes: Isto diz o Senhor Deus: Ai daquelas que cosem almofadinhas para as meterem por baixo de todos os cotovelos: E que fazem travesseiros para debaixo das cabeças de pessoas de tôda a idade, a fim de lhes apanharem as almas: E estas depois de terem apanhado as almas do meu povo, pretendiam dar-lhes vida. (2)

19 E elas me desautorizavam para com o meu povo

(2) **AI DAQUELAS QUE COSEM ALMOFADINHAS** — Alusão ao costume dos orientais, que se servem de coxins para repousar, o que os amortecia, tornando-os indolentes. Os jansenistas vieram aqui buscar argumento para os seus rigores, e o padre Pereira deixou-se ir na corrente, combatendo neste lugar, sem que viesse a propósito, a moral benigna.

por um punhado de cevada, e por um pedaço de pão, ameaçando de morte as almas, que não deviam morrer, e prometendo a vida às que não deviam viver, mentindo ao meu povo acreditador de mentiras.

20 Por cuja causa isto diz o Senhor Deus: Eis-aí vou eu contra as vossas almofadinhas, com que vós apanhais as almas, como a pássaros no seu vôo: E romperei essas almofadinhas entre os vossos braços: E deixarei fugir as almas, que vós apanhais, essas almas para que vãoem.

21 E romperei os vossos travesseiros, e livrarei o meu povo do vosso poder, e eles não serão mais expostos à prêsa entre as vossas mãos: E vós sabereis que eu sou o Senhor.

22 Pelo motivo de que vós fizestes entristecer o coração do justo com falsas suposições, quando eu mesmo o não entristeci: E fortificastes as mãos do ímpio, para que ele não voltasse do seu mau caminho, e vivesse:

23 Por isso vós não tornareis mais a ter visões vãs, nem a vender adivinhações, porque eu livrarei o meu povo das vossas mãos: E vós sabereis que eu sou o Senhor.

CAPÍTULO 14

AMEAÇAS CONTRA OS QUE CONSULTAM OS FALSOS PROFETAS, E PERSISTEM NA SUA LICENCIOSA VIDA.

1 E vieram ter comigo alguns dos anciãos de Israel, e se assentaram diante de mim.

2 E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

3 Filho do homem, êsses varões colocaram as suas imundícies nos seus corações, e puseram o escândalo da

sua iniquidade diante da sua face: Porventura responder-lhes-ei ainda sendo perguntado? (1)

4 Por isso fala-lhes, e lhes dirás assim: Isto diz o Senhor Deus: Todo o homem da casa de Israel, que puser as suas imundícies no seu coração, e colocar o escândalo da sua iniquidade diante de seus olhos, e vier ter com algum profeta, fazendo-me alguma pergunta por meio d'êle: Eu o Senhor lhe responderei segundo a multidão das suas imundícies: (2)

5 A fim de que a casa de Israel seja apanhada no seu coração, no qual êles se retiraram de mim para seguirem a todos os seus ídolos.

6 Por isto dize tu à casa de Israel: Isto diz o Senhor Deus: Converti-vos, e retirai-vos dos vossos ídolos, e apartai os vossos rostos de tôdas as vossas contaminações.

7 Porque se um homem da casa de Israel, e um estrangeiro dentre prosélitos que estiver em Israel, se alienar de mim, e puser os seus ídolos no seu coração, e colocar o escândalo da sua iniquidade diante dos seus olhos, e vier buscar a algum profeta para saber por êle a minha resposta: Eu o Senhor lhe responderei a êle por mim mesmo.

8 E porei o meu rosto sôbre o tal homem, e fá-lo-ei

(1) **COLOCARAM AS SUAS IMUNDÍCIES NOS SEUS CORAÇÕES** — Isto é, ainda nos seus corações estão pegados ao culto dos ídolos, e ainda continuam em olhar para o que lhes foi ocasião da queda. — *Calmet*.

(2) **TODO O HOMEM DA CASA DE ISRAEL** — A letra o que diz a Vulgata é: "Homo de domo Israel, etc." Assim traduz *Glairé*.

EU O SENHOR LHE RESPONDEREI — *Non enim meretur audire veritatem, qui fraudulentè interrogat*. Porque não merece ouvir a verdade aquêle que dolosamente pergunta. — *S. Jerônimo*.

ser escarmento, e provérbio, e o exterminarei do meio do meu povo: E vós sabereis que eu sou o Senhor.

9 E quando algum profeta errar, e falar qualquer palavra: Eu, o Senhor, sou o que enganei êste profeta: Mas eu estenderei a minha mão sôbre êle, e o exterminarei do meio do meu povo de Israel. (3)

10 E levarão sôbre si a sua iniquidade: À proporção da iniquidade do que perguntar, assim será a iniquidade do profeta que responder:

11 Para que a casa de Israel se não torne mais a extraviar retirando-se de mim, e para que ela se não corrompa, por tôdas as suas prevaricações: Mas sejam todos êles o meu povo, e seja eu o seu Deus, diz o Senhor dos exércitos.

12 E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

13 Filho do homem, se alguma terra pecar contra mim de maneira que venha com excesso a prevaricar, estenderei a minha mão sôbre ela, esmigalharei a vara do seu pão: E enviarei contra ela fome, e tudo o que fôr homem e animal lhe matarei.

14 E se no meio dêste povo se acharem êstes três homens, Noé, Daniel e Jó: Êles livrarão as suas almas pela sua própria justiça, diz o Senhor dos exércitos. (4)

(3) **E QUANDO ALGUM PROFETA ERRAR** — Como se fala em errar, não julgue ninguém que se fala de profeta verdadeiro, mas de profeta falso. — S. Jerônimo. Ou, segundo o mesmo santo doutor, aquêle a quem Deus abandonou.

EU O SENHOR SOU O QUE ENGANEI ESSE PROFETA — Eu sou o que permiti que êle se enganasse, em pena dos pecados do povo incrédulo. — Duhamel.

(4) **NOÉ, DANIEL E JÓ** — Pergunta-se, porque nomeou o Senhor mais a êstes três justos, do que a outros, como Abraão, Isaac, Jacó, ou Moisés? Responde-se que foi, porque daqueles três

15 E se eu mandar também a essa terra alimárias ferocíssimas para a destruírem: E ela se tornar inaccessível sem que ninguém possa passar por ela por causa das feras.

16 Se êstes três homens estiverem nela, por minha vida, diz o Senhor Deus, que êles não livrarão nem a seus filhos nem a suas filhas: Mas só êles serão livrados, e a terra será destruída. (5)

17 Ou se eu fizer vir a espada sôbre esta terra, e disser à espada: Passa pelo meio desta terra: E eu lhe matar os homens, e os animais:

18 E êstes três homens se acharem no meio dela: Por minha vida, diz o Senhor Deus, que êles não livrarão nem a seus filhos, nem a suas filhas: Mas só êles serão livrados.

19 E se eu enviar também a peste contra essa terra, e derramar a minha indignação sôbre ela por um decreto de sangue, para exterminar dela os homens, e os animais:

20 E Noé, e Daniel, e Jó se acharem no meio dela:

é que a Escritura refere que não puderam livrar do castigo os homens do seu tempo: Porque nem Noé livrou os homens do dilúvio, nem Jó a seus filhos da morte, nem Daniel ao povo do cativeiro. Outra razão podia ser, que só dos mesmos três consta que alcançaram tempos de felicidade e de infelicidade, e depois outra vez tempos felizes; e isto para o povo judaico entender que o mesmo lhes sucederia a êles, se fizessem penitência. — S. Jerônimo.

(5) **ÊLES NÃO LIVRARÃO NEM A SEUS FILHOS** — Não quer dizer com isto o Senhor, que não valem nada para com êle os rogos e merecimentos dos justos, para em atenção a êles perdoar aos pecadores, mas sim que para diante de Deus aproveitarem aos pecadores os rogos e merecimentos dos justos, é necessário que êles façam penitência e deixem a impiedade. *Notandum quod non his parcat, qui in sceleribus perseverant, sed qui agunt poenitentiam; ut merita patrum filiorum adjuvet conversatio.* — S. Jerônimo.

Por minha vida, diz o Senhor Deus, que não livrarão nem a seus filhos, nem a suas filhas: Mas êles livrarão as suas almas pela sua própria justiça.

21 Porquanto isto diz o Senhor Deus: E se eu enviar ainda contra Jerusalém os meus quatro flagelos perniciosíssimos, a espada e a fome, como também as alimárias ferozes, e a peste, para lhe matar os homens e o gado:

22 Todavia nela restará a salvação dos que chegarem a tirar a seus filhos e filhas: Eis-aí entrarão êles para ir ter convosco, e vós vereis o seu caminho, e o capricho das suas invenções, e consolar-vos-eis do mal que fiz vir sobre Jerusalém em tôdas as calamidades, que sobre ela descarreguei.

23 E êles vos consolarão, quando virdes o seu caminho, e o capricho das suas invenções: E vós conhecereis que não foi sem um justo motivo, que eu fiz nela tudo o que fiz, diz o Senhor Deus.

CAPÍTULO 15

PROFECIA CONTRA OS HABITANTES DE JERUSALÉM COMPARADOS AO PAU DA VIDE, QUE NÃO É BOM SENÃO PARA QUEIMAR.

1 E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

2 Filho do homem, que se há de fazer do pau da vide, com referência a tôdas as árvores dos bosques, que lá entre as árvores das selvas? (1)

(1) QUE SE HÁ DE FAZER AO PAU DA VIDE — Esta passagem é obscura. A comparação de Jerusalém a uma vinha, não somente se acha em Ezequiel, mas também em Isaías, em Jeremias, e noutros profetas. A vinha, se dá fruto, não há coisa mais preciosa; e se o não dá, não serve senão para se lançar no fogo. Assim sucederá a Jerusalém pecadora, se não fizer frutos dignos de penitência. — S. Jerônimo.

Ezequiel 15, 3-8

3 Acaso tomar-se-á dela um pau, que sirva para se fazer alguma obra, ou fabricar-se-á dela uma estaca, para que se lhe pendure algum traste?

4 Eis-aí foi lançado no fogo para lhe servir de pasto: Ambas as suas extremidades consumiu a chama, e o meio dêle se reduziu em cinza: Acaso prestará êle para alguma obra?

5 Ainda mesmo quando estava inteiro, não servia êle para obra alguma: Quanto mais depois que o fogo o devorar, e queimar, nenhuma casta de obra se fará dêle.

6 Por cuja causa isto diz o Senhor Deus: Bem como entre as árvores das selvas, é o pau da vide aquêle que eu particularmente destinei para ser consumido pelo fogo, assim entregarei eu os habitantes de Jerusalém.

7 E encararei bem nêles: Sairão de um fogo, e outro fogo os consumirá: E vós sabereis que eu sou o Senhor depois que eu tiver encarado nêles, (2)

8 e tiver tornado a sua terra inacessível, e desolada: Por êles terem sido prevaricadores, diz o Senhor Deus. (3)

(2) **E ENCARAREI BEM NELES** — Isto é, olhá-los-ei irado para os castigar.

(3) **POR ELES TEREM SIDO PREVARICADORES** — Menos é ser pecador que ser prevaricador. Porque uma coisa é desprezar o que ignora, outra desprezar o que já adoraste. O primeiro verifica-se do povo gentílico, o segundo do povo judaico. — S. Jerônimo.

CAPÍTULO 16

ORDENA O SENHOR AO SEU PROFETA, QUE REPRESENTA A JERUSALÉM O MISERÁVEL ESTADO DE QUE ELE A TIROU: A GLÓRIA A QUE A ELEVOU: A INFIDELIDADE EM QUE ELA SE FEZ CULPAVEL: OS EXCESSOS A QUE CHEGOU: AS VINGANÇAS QUE O MESMO SENHOR ESTÁ PARA EXERCER SOBRE ELA. A SUA INFIDELIDADE EXCEDEU A DE SAMARIA, E A DE SODOMA. RESTABELECIMENTO DESTAS TRÊS IRMÃS. RENOVAÇÃO DA ALIANÇA DO SENHOR COM JERUSALÉM.

1 E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

2 Filho do homem, faze conhecer a Jerusalém as suas abominações:

3 E dir-lhe-ás: Isto diz o Senhor Deus a Jerusalém: A tua raiz, e a tua geração vem da terra de Canaã: Teu pai era amorreu, e tua mãe cetéia. (1)

4 E quando tu vieste ao mundo, no dia do teu nascimento, não te foi cortado o umbigo, nem tu foste la-

(1) **A TUA RAIZ, E A TUA GERAÇÃO VEM DA TERRA DE CANAÃ** — Grande audácia a de um profeta! pois tem Ezequiel valor para argüir a toda uma cidade da baixaza da sua extração. Ora o que elle diz, que Jerusalém procedia da terra de Canaã, ainda que se possa verificar à letra pelo muito tempo que os hebreus habitaram no Egito, terra que foi própria de Cam, pai de Canaã, todavia nós o entendemos como dito só pela imitação dos vícios. Porque os amorreus e os hebreus eram uns homens ímpios; os judeus porém imitaram a sua impiedade, e porque a imitaram acharam nêles pais, não pais de que nascessem, mas de quem, seguindo os costumes, experimentassem justamente com elles a condenação. — S. Jerônimo.

CETÉIA — E' o mesmo que Hetéia, pronunciado de outra forma. Os heteus habitavam a terra de Canaã, antes da posse dos hebreus: sabe-se que a raça de Canaã tinha sido anatematizada. Gên 9, 25; Ex 23, 34.35.

Ezequiel 16, 5-8

vada na água saudável, nem salgada com o sal, nem envolta em mantilhas. (2)

5 Não houve olho que olhasse para ti, com o intuito de te fazer alguma destas diligências, compadecido de ti: Mas foste arrojada sobre a face da terra com abatimento da tua alma, no dia em que nasceste.

6 E passando eu pelo pé de ti, te vi pisada no teu sangue: E te disse, estando tu coberta do teu sangue: Vive: Eu, digo, te repeti: Ainda que coberta do teu sangue, vive.

7 Eu te fiz multiplicar como a erva do campo: E foste multiplicada, e fizeste-te grande, e entraste, e chegaste ao mundo mulheril: Avultaram-te os peitos, mostrou-se a puberdade: E tu estavas nua, e cheia de confusão.

8 Mas eu passei pelo pé de ti, e eu te olhei: E eis que vi que o tempo em que estavas, era o tempo dos amantes: E estendi sobre ti o meu vestido, e cobri a tua

(2) **NÃO TE FOI CORTADO O UMBIGO** — E' natural, onde não falta a diligência dos pais, nascidos os infantes, primeiramente cortar-lhes o umbigo, depois lavá-los em água para lhes enxugar o sangue de que vêm cobertos; em terceiro lugar secar-lhes o humor com a aplicação do sal; em quarto lugar envolver-lhes os tenros membros em mantilhas, para que, estando apertados, se não entortem. Daqui vem que os corpos dos bárbaros saem mais direitos que os dos romanos; e é que os filhinhos daqueles andam envoltos nas mantilhas até o terceiro ano. E tôdas estas coisas diz o Senhor que faltaram no nascimento de Jerusalém, para lhe significar que ela não recebeu logo a Lei nem a circuncisão, mas que a sua primeira vida foi uma vida de gentios, pois que de gentios procedia Abraão, pai do povo hebreu. — S. Jerônimo.

LAVADA NA ÁGUA SAUDÁVEL — Os antigos banhavam os recém-nascidos.

SALGADA COM O SAL — Ainda hoje subsiste no Oriente o costume de friccionar as crianças com sal.

ignomínia: E dei-te juramento, e entrei em pacto contigo, diz o Senhor Deus: E tu ficaste sendo minha: (3)

9 E lavei-te na água, e limpei-te do teu sangue: E te ungi com um óleo.

10 E vesti-te de roupas bordadas de diversas côres, e calcei-te de jacinto: E cingi-te de holanda, e compus-te com finas telas.

11 E ornei-te com os mais preciosos enfeites, e pus-te braceletes nas mãos, e um colar à roda do teu pescoço.

12 E pus um anel sôbre a tua bôca, e umas argolinhas para as tuas orelhas, e uma coroa de formosura para a tua cabeça. (4)

13 E fôste enfeitada de ouro, e prata, e vestida de holanda, e de roupas bordadas, e de diversas côres: Nutriste-te da flor da farinha, e de mel, e azeite, e fôste muito aformoseada em extremo: E chegaste a ser rainha.

14 E se difundiu o teu nome por entre as gentes em razão da tua formosura: Porque tu eras perfeita pela minha beleza, que eu tinha pôsto em ti, diz o Senhor Deus.

15 E pondo a tua confiança na tua beleza, entregaste-te à devassidão em teu nome: E prostituíste-te a todo o que passava para sêres dêle. (5)

16 E tomando dos teus vestidos ornaste com êles

(3) **ESTENDI SOBRE TI O MEU VESTIDO** — Tomel-te por minha espôsa. Cfr. Rut 3, 9. Ainda hoje nos casamentos israelitas, o espôso lança sôbre a espôsa um véu, para indicar que desde aquêlo momento ela viverá sob a sua proteção.

(4) **PUS UM ANEL SOBRE A TUA BÔCA** — Quer dizer no nariz. Todos os viajantes constataam o uso que existe em algumas partes do Oriente, onde as mulheres trazem argolas no nariz.

(5) **EM TEU NOME** — Como se fôras livre e senhora de ti; não tendo sido desposada comigo. — Menochio.

lugares elevados, e aí, sobre eles, te entregaste à crápula, como nunca sucedeu nem sucederá.

17 E pegaste nos vasos da tua glória, que eram feitos do meu ouro, e da minha prata, que eu tinha dado: E fizeste deles para ti imagens de homens, e com elas te prostituíste. (6)

18 E pegaste nos teus vestidos bordados de diversas cores, e cobriste com eles os teus ídolos: E puseste diante deles o meu azeite, e os meus perfumes.

19 E puseste na presença deles em cheiro de suavidade o meu pão, que eu te dei, a flor da farinha, e o azeite, e o mel com que te nutri, e isto de fato se executou, diz o Senhor Deus.

20 E pegaste nos teus filhos, e nas tuas filhas, que me tinhas gerado: E sacrificaste-os a esses ídolos, para serem devorados pelas chamas. Acaso é pequena a tua devassidão?

21 Imolaste os meus filhos, e consagrando-os aos teus ídolos, lhos deste.

22 E depois de tôdas as tuas abominações, e prostituições, não te lembraste dos dias da tua mocidade, quando estavas nua, e cheia de confusão, pisada aos pés no teu sangue.

23 E isto aconteceu depois de toda a tua malícia, (aí, aí de ti, diz o Senhor Deus). (7)

(6) **VASOS DA TUA GLÓRIA** — Isto é, segundo alguns intérpretes, os vasos do templo que o ímpio Acab tomou para fazer ídolos (2 Par 28, 24), outros entendem os ornamentos e adereços com que as mulheres lisonjeiam a sua vaidade, mas a primeira interpretação é a mais seguida. Os 2, 8. Cfr. Glaire, *La Sainte Bible*, ed. 1902.

E FIZESTE DELES PARA TI IMAGENS DE HOMENS — Isto é, ídolos de Baal, de Camos, de Moloc, de Melcom.

(7) **E ISTO ACONTECEU** — Julga-se que neste lugar o sentido da oração não pode ficar perfeito, senão no versículo se-

24 E edificaste para ti uma casa de prostituição, e fizeste para ti em tôdas as praças públicas uma estância de impudícia.

25 Puseste no cimo de tôdas as ruas o sinal público da tua prostituição: E tornaste abominável a tua formosura: E entregaste-te a todo o que passava, e multiplicaste as tuas orgias.

26 E prostituíste-te aos filhos do Egito, teus vizinhos de elevada estatura: E multiplicaste a tua prostituição para me irritares. (8)

27 Mas eis-aí vou eu estender a minha mão sobre ti, e te tirarei a tua justificação: E te entregarei às

guinte, desta maneira: E aconteceu depois de toda a tua malícia, que edificaste para ti uma casa de prostituição, etc., e reputam-se por um parêntese as palavras aí, aí de ti, diz o Senhor Deus. O que parece confirmar-se por dizer S. Jerônimo que tais palavras se não encontravam na edição Vulgata do seu tempo, mas que se acrescentavam da edição de Teodocião. Confira-se Mariana.

(8) **MULTIPLICASTE A TUA PROSTITUIÇÃO** — Como se está vendo, Ezequiel representa Jerusalém e a Samaria sob a imagem de duas prostitutas. Os incrédulos têm pretendido impugnar a divindade deste livro por causa das expressões e comparações livres que neste capítulo se encontram a cada passo, cujas escabrosidades de linguagem temos modificado, sem alterar o sentido, o melhor que podemos. A esta objecção respondem os críticos que a obscenidade não consiste na representação das próprias coisas, mas nas idéias acessórias que o uso lhes liga. Assim, ainda hoje, termos que em certo meio seriam impróprios, são nas aulas em que se professa a medicina os mais simples e indifferentes. Voltaire, que é insuspeito, falando sobre este assunto (*Traité de la Tolérance*) escreve: Ces expressions, qui nous paraissent libres, ne l'étaient point alors; les termes qui ne sont point deshonnêtes en hebreu, le seraient dans notre langue. Na própria Bíblia de Calvino encontram-se termos que elle certamente não empregaria hoje, tão desonesto é o sentido que se lhes liga, o que não succedeu ao tempo da publicação.

Ezequiel 16, 28-31

almas das filhas da Palestina, que te aborrecem, que se envergonham do teu infame procedimento. (9)

28 E não te dando ainda por satisfeita, te prostituíste aos filhos dos assírios: E depois desta prostituição, nem ainda assim ficaste farta. (10)

29 E multiplicaste o teu desregramento na terra de Canaã com os caldeus: E nem ainda assim ficaste farta.

30 Com que hei-de eu purificar o teu coração, diz o Senhor Deus: Fazendo tu tôdas estas obras de mulher meretriz, e descarada?

31 Porque tu edificaste a casa da tua prostituição no cimo de tôdas as ruas, e fizeste o teu alto lugar em tôdas as praças públicas: Nem foste como uma meretriz que com o seu desdém aumenta o preço. (11)

(9) **A TUA JUSTIFICAÇÃO** — Os meios de te tornares justo a meus olhos — as coisas santas, o templo, a lei, as cerimônias. O hebreu tem teu direito; isto é, o que te pertence, segundo a lei, na tua qualidade de espôsa.

E TE ENTREGAREI AS ALMAS DAS FILHAS DA PALESTINA — Tuas inimigas e rivais. O que se cumpriu quando tomada Jerusalém por Nabucodonosor, se viram seus habitantes obrigados a ir-se refugiar entre os filisteus, idumeus, amonitas, e outros povos seus declarados adversários. — Calmet.

AS ALMAS — Isto é, ao capricho, ao arbítrio das filhas das cidades dos filisteus, tantas vêzes instrumentos da justiça divina.

(10) **TE PROSTITUISTE AOS FILHOS DOS ASSÍRIOS** — Não contente de teres adorado os ídolos dos egípcios e filisteus, passaste a adorar também as falsas divindades assírias.

(11) **E FIZESTE O TEU ALTO LUGAR** — Aos altares dos falsos deuses chamava a Escritura, como por antonomásia, os Altos, por causa de se erigirem ordinariamente em lugares elevados, senão é que se chamavam Altos, por isso mesmo que eram levantados da terra. Portanto, dizendo aqui Ezequiel: *et excelsum tuum fecisti in omni platea*, também pode ser casa de prostituição, em lugar elevado.

32 Mas sim como uma mulher adúltera, que, além de seu marido, dá entrada aos estranhos.

33 A tôdas as prostitutas se dá sua paga: Mas tu és a que pagaste a todos os teus amantes, e tu lhes fazias presentes, para de tôdas as partes virem a tua casa para saciarem a tua sensualidade.

34 Assim nas tuas prostituições te succedeu tudo ao contrário do costume das mulheres dêste trato, e não haverá luxúria semelhante à tua: Porque sendo tu a que deste a paga, em vez de a receberes, fizeste tudo pelo contrário do que as outras fazem.

35 Por isso, ó meretriz, ouve a palavra do Senhor.

36 Isto diz o Senhor Deus: Porque foi derramado o teu cobre, e descoberta a tua ignomínia nas tuas prostituições por teus amantes e pelos ídolos das tuas abominações no sangue de teus filhos, que lhes tens sacrificado: (12)

37 Eis-aí vou eu ajuntar todos os teus amantes, com quem tu te misturaste, e todos os que amaste, com todos os que tu aborrecias: E eu os ajuntarei de tôdas as partes sôbre ti, e descobrirei a tua ignomínia diante dêles, e verão tôda a tua torpeza.

38 E te julgarei segundo as sentenças das adúlteras, e das que derramam sangue: E farei derramar o teu sangue em furor e ciúme.

(12) **PORQUE FOI DERRAMADO O TEU COBRE** — E' o que à letra soam as palavras da Vulgata *effusum est aes tuum*. E assim o tomou Teodoro, entendendo por êste cobre a muita liga que Jerusalém misturou na moeda corrente, enquanto viciou as divinas Leis com as suas torpezas. *Probatam vitia sua monetam, aes illi commiscens*. Os franceses, seguindo S. Jerônimo, entendem por êste cobre o dinheiro que, segundo o versículo 34, despendia Jerusalém com os seus amantes. No qual sentido chamam os latinos *aes alienum* ao dinheiro que se deve.

Ezequiel 16, 39-45

39 E te entregarei nas mãos de teus inimigos, e eles destruirão o lugar da tua prostituição: E demolirão a tua estância de impudícia e te despirão os teus vestidos, e roubarão os vasos da tua formosura: E deixar-te-ão nua, e cheia de ignomínia:

40 E conduzirão contra ti uma multidão de gente, e com pedras te apedrejarão, e te matarão a golpes das suas espadas.

41 E queimarão ás tuas casas pondo-lhes fogo, e exercitarão contra ti severos juízos aos olhos de um grande número de mulheres: E tu cessarás de fornicar, e não tornarás mais a dar recompensas. (13)

42 E cessará a minha indignação contra ti: E o meu zelo se retirará de ti, e eu me deixarei estar em paz, e não tornarei mais a irar. (14)

43 Porque tu te não lembraste dos dias da tua mocidade, e me irritaste por todos êstes excessos: Por isso também eu fiz que recaíssem sôbre a tua cabeça as desordens da tua vida, diz o Senhor Deus, e eu te não tratei segundo as maldades que tu cometeste em tôdas as abominações que fizeste.

44 Eis-aí está que todo o que profere vulgarmente êste provérbio, to aplicará, dizendo: Tal mãe, tal filha.

45 Tu és filha de tua mãe, a qual abandonou a seu espôso, e a seus filhos: E tu és a irmã de tuas irmãs, que abandonaram a seus esposos, e a seus filhos: Vossa mãe é cetéia, e vosso pai é amorreu.

(13) AOS OLHOS DE UM GRANDE NÚMERO DE MULHERES — Isto é, à vista das muitas cidades com quem tu confinas.

(14) E CESSARÁ A MINHA INDIGNAÇÃO CONTRA TI — Grande efeito da ira de Deus, deixar ir o homem após os seus pecados e desampará-lo: *Ex hoc perspicimus grandem offensam esse nequaquam curæ haberi Deo, sed permitti hominem sceleribus suis atque peccatis.* — S. Jerônimo.

46 E tua irmã maior é Samaria, ela, e suas filhas, que habitam à tua mão esquerda: E tua irmã menor que tu, que habita à tua mão direita, é Sodoma, e suas filhas. (15)

47 Mas nem ainda te deixaste um pouco atrás em seguir os seus caminhos, e em obrar segundo as suas maldades: Mas quase que as cometeste mais criminosas que aquelas em todos os teus caminhos.

48 Por minha vida, diz o Senhor Deus, que o que

(15) **E TUA IRMÃ MAIOR É SAMARIA** — Maior não em antiguidade, mas em poder e número de vassallos, pois é notório que o reino de Samaria e o reino de Israel, que constava das dez tribos, que se separaram em tempo de Roboão, quando desde o tempo de Saul existia já o reino que depois da separação se chamou de Judá. Também se pode dizer com Teodoro, que por isso Samaria se chama irmã maior de Jerusalém, porque a ela imitou Jerusalém primeiro, não caindo de repente nas abominações de Sodoma.

E TUA IRMÃ MENOR QUE TU — E' igualmente sabido pela História que Sodoma foi destruída em tempo de Abraão, e muito antes que os hebreus habitassem a Jerusalém. Como chama logo o profeta a Sodoma irmã mais pequena de Jerusalém? E' porque debaixo do nome de Sodoma entende Ezequiel os moabitais e amonitas, que eram descendentes de Ló, morador em Sodoma, e por isso mesmo que eram uns povos muito inferiores em número de gente, e distavam menos de Jerusalém que Samaria; com razão chama Ezequiel à sua região a irmã mais pequena de Jerusalém. Este sentido se confirma do que se diz no versículo 55. O dizer-se que Samaria ficava à esquerda de Jerusalém, e Sodoma à direita, é porque na frase dos hebreus se dizia ficar à esquerda o que estava ao sul, e ficar à direita o que estava ao meio-dia. Finalmente deve advertir-se que Ezequiel considera aqui a Samaria e a Sodoma como duas cidades ainda então existentes, sendo que Sodoma tinha sido destruída em tempo de Abraão. Gên 19, 14. Samaria em tempo de Salmanasar, cento e vinte e sete anos antes de Ezequiel vir ao mundo. 4 Rs 17, 4-6.

fêz Sodoma tua irmã, ela e suas filhas, não é tão mau, como o que tu e tuas filhas fizestes.

49 Eis-aqui qual foi a iniquidade de Sodoma, tua irmã, a soberba, a fartura de pão, a abundância, e a ociosidade dela, e de suas filhas: E não estendiam a mão para o pobre, e indigente. (16)

50 E elevaram-se, e cometeram abominações diante de mim, e eu as destruí, como tu viste.

51 Samaria também não cometeu a metade dos teus pecados: Mas tu venceste a uma e a outra nas tuas maldades, e justificaste as tuas irmãs por tôdas as tuas abominações, que obraste.

52 Logo também leva a tua confusão, tu, que venceste a tuas irmãs pelos teus pecados, obrando mais culpavelmente que elas: Porque tu assim as fizeste boas: Por isso confunde-te tu também, e leva a tua ignomínia, tu que justificaste a tuas irmãs.

53 E eu as restabelecerei a ambas, fazendo que voltem os cativos de Sodoma com suas filhas, como também os cativos de Samaria, e suas filhas: E eu te restabelecerei, fazendo-te voltar no meio delas, (17)

(16) **EIS-AQUI QUAL FOI A INIQUIDADE DE SODOMA** — E' na verdade para admirar, que o profeta não exagere o pecado nefando, por causa do qual mereceu Sodoma e as cidades vizinhas serem consumidas por um fogo que baixou do céu, e que só mencione a soberba e as comezuínas, a afluência dos bens, a ociosidade, e as entranhas duras para com os pobres. Mas é que Ezequiel só quis apontar os vícios em que Jerusalém imitava aos sodomitas, nenhum dos quais era o do pecado nefando, que depois do tempo dos Juizes não se lê que os hebreus o cometessem. — Calmet.

(17). **E EU AS RESTABELECEREI A AMBAS** — Dêste versículo parece a Calmet colher-se que Sodoma e Samaria, tendo sido reedificadas, tornaram a cair em cativeiro, talvez sob Salmanasar ou Assaradon, e que dêster cativeiro promete Deus livrá-las. O que Calmet crê que succedeu em tempo de Ciro, entendendo por êstes

54 para que leves a tua ignomínia, e te confundas de tudo quanto tens feito, consolando-as. (18)

55 E tua irmã Sodoma, e suas filhas tornarão ao seu antigo estado: E Samaria, e suas filhas tornarão também ao seu estado antigo: E tu, e tuas filhas tornareis também ao vosso primeiro estado.

56 E o nome de tua irmã Sodoma não foi ouvido na tua bôca, no dia da tua soberba, (19)

57 antes que a tua malícia fôsse descoberta: Como ela foi neste tempo, no qual tu estás feita um opróbrio para as filhas da Síria, e para tôdas as filhas da Palestina em teu contôrno, as quais te cercam ao redor:

58 Tu levaste sôbre ti o pêso das tuas maldades, e da tua própria ignomínia, diz o Senhor Deus.

59 Porque isto diz o Senhor Deus: E tratar-te-ei, como tu desprezaste o juramento, para invalidares a aliança:

60 E eu me lembrarei do meu pacto que tinha feito contigo nos dias da tua mocidade: E renovarei contigo um pacto eterno.

61 E te recordarás dos teus caminhos, e te confundirás: Quando tu receberes tuas irmãs mais velhas que

cativos de Sodoma os moabitas e amonitas; por êstes cativos de Samaria os israelitas que moravam da banda de além do Jordão. S. Jerônimo explica o texto, pelo que toca aos cativos de Sodoma, da futura conversão do povo gentílico, e pelo que toca aos cativos de Samaria, da futura conversão dos hereges e cismáticos.

(18) **E TE CONFUNDAS DE TUDO QUANTO TENS FEITO, CONSOLANDO-AS** — Com te verem padecer ainda maiores castigos. — S. Jerônimo.

(19) **E O NOME DA TUA IRMÃ SODOMA** — Era tal o desprezo que tinhas por aquella cidade, tão grande o horror e desprezo que por ela nutrias, que não pronunciavas sequer o seu nome.

Ezequiel 16, 62-63; 17, 1

tu, com tuas irmãs mais moças: E eu tas darei por filhas, mas isto não em virtude de algum pacto teu. (20)

62 E eu estabalecerei o meu pacto contigo: E sabrás que eu sou o Senhor. (21)

63 Para que tu te recordes, e te confundas, e não possas tu abrir mais a bôca por causa da tua mesma confusão, quando me houver aplacado contigo sôbre tôdas as coisas, que fizeste, diz o Senhor Deus. (22)

CAPÍTULO 17

PARÁBOLA DE DUAS AGUIAS E DE UMA VINHA. GARFO DE CEDRO PLANTADO SÔBRE O MONTE DE ISRAEL. (1)

1 E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

(20) **DAREI POR FILHAS** — Samaria e Sodoma, no sentido que ficou explicado, tornaram-se filhas de Jerusalém. O país de Samaria foi cedido aos judeus por Alexandre Magno, ainda que não a gozassem muito tempo. No tempo dos macabeus algumas cidades foram anexadas à Judéia, e sob João Hiraax foi totalmente sujeita aos judeus. 4 Mac 6, Flávio Josefo Ant. LXIII, c. XVII. Quanto a Sodoma, isto é, aos moabitais e amonitas, descendentes de Ló, foram dominados por Judas Macabeu, assim como a Iduméia e toda a região que cerca o lago Asphaltite. E finalmente todos eles se tornaram filhos de Jerusalém, em sentido místico, pela Nova Aliança que Jesus firmou sôbre a terra.

(21) **E EU ESTABELECI O MEU PACTO CONTIGO** — Não o pacto da lei que passa, mas o pacto do Evangelho que será eterno. — S. Jerônimo.

(22) **PARA QUE TU TE RECORDES E TE CONFUNDAS** — Daqui tiraremos que, ainda depois do Senhor nos perdoar e se congregar conosco, devemos lembrar-nos do que fomos e ter sempre a bôca fechada, como quem conhece que a graça que recebeu, a recebeu não pelos próprios merecimentos, mas pela misericórdia de Deus. — S. Jerônimo.

(1) **PARABOLA DE DUAS AGUIAS** — Ezequiel apresenta

2 Filho do homem, propõe este enigma, e refere esta parábola à casa de Israel,

3 e dir-lhe-ás: Isto diz o Senhor Deus: Uma águia corpulenta de grandes asas, de longa extensão de membros, cheia de penas, e de variedade de cores, veio ao Líbano, e levou a medula de um cedro. (2)

4 Arrancou as últimas pontas dos seus ramos: E levou-as para a terra de Canaã, e pô-las numa cidade de negociantes. (3)

aqui uma parábola; para mais fácil intelligência do texto desde já dizemos ao leitor que as duas águias são o rei de Babilônia e o rei do Egito; a planta da vinha e o rei de Judá, Jeconias; sua estirpe é seu tio Sedecias. Cfr. Jer 41, 1; 3 Rs 11, 14; Jeconias é conduzido ao cativeiro por Nabucodonosor; Sedecias faz aliança com o Egito, mas cairá às mãos do mesmo Nabucodonosor; mas desta planta deveria sair o Messias.

(2) **UMA ÁGUIA CORPULENTA** — Todo o contexto do capítulo, desde o versículo 22 até o versículo 31, está mostrando que esta primeira águia era Nabucodonosor, rei poderosíssimo de Babilônia, que dominava muitas e mui diversas nações. Pelo versículo 15, porém, se faz igualmente claro, que a segunda águia era farão Aíres, rei do Egito, muito poderoso também, mas não tanto como Nabucodonosor.

VEIO AO LÍBANO — Pelo Líbano entende aqui S. Jerônimo o Templo, Teodoro a Jerusalém. E é costume das Escrituras Sagradas chamar medula de alguma coisa tudo o que nela há de mais excelente e precioso. Logo por medula do cedro quis Ezequiel designar tudo o melhor que havia em Jerusalém, tanto de pessoas como de coisas; convém saber, o rei Jeconias, a rainha sua mãe, os príncipes da corte, os tesouros da cidade e do templo.

(3) **E LEVOU-OS PARA A TERRA DE CANAÃ** — Babilônia não era na terra de Canaã, mas na Caldéia. Porém Ezequiel querendo significar uma terra de corruptísimos costumes, chamou-lhe terra de Canaã, bem como o apóstolo S. Pedro aludindo a semelhante corrupção dos habitantes de Roma Gentílica, chamou Babilônia a Roma.

E PÔ-LAS NUMA CIDADE DE NEGOCIANTES — Perífrase

5 E tomou da semente da terra, e pô-la na terra por semente, para que lançasse firme raiz sôbre muitas águas: Pô-la à superfície. (4)

6 E depois de ter brotado, cresceu em uma vinha mui larga de pouca altura, cujos ramos olhavam para a tal água: E as suas raízes estavam debaixo dela: Fêz-se pois uma vinha, e fortificou em lançamentos, e produziu renovos.

7 E veio outra água corpulenta de grandes asas e de muitas penas: E eis-que esta vinha, como que encaminhando para a tal água as suas raízes, estendeu para ela os seus lançamentos, para que a regasse com as águas das aréolas da sua fecundidade. (5)

8 Foi esta vinha plantada numa boa terra à borda de copiosas águas: Para lançar fôlhas, e dar fruto, até vir a fazer-se uma grande vinha.

9 Dize: Isto diz o Senhor Deus: Será possível que

de Babilônia, que pelo sítio em que estava, banhada de dois rios navegáveis, o Eufrates e o Tigre, e riquíssimas de preciosas mercadorias, era um famoso empório de todo o Oriente.

(4) **E TOMOU DA SEMENTE DA TERRA** — Tomou a Sedecias, príncipe de sangue real, como tio que era de Jeconias, e pô-lo na terra por semente, isto é, fê-lo rei de Judá, para nesta terra se conservar a real descendência de Josias, pai do mesmo Sedecias.

PÔ-LA A SUPERFÍCIE — Isto é, para não poder lançar raízes profundas. Com isto quer significar o profeta que o reinado de Sedecias era um reinado precário, que todo dependia da vontade de Nabucodonosor. Por isso mais abaixo lhe chama “rasteiro, e que estava sempre olhando para a água”, isto é, para o que Nabucodonosor lhe determinasse.

(5) **COM AS ÁGUAS DAS ARÉOLAS DA SUA FECUNDIDADE** — Alude ao modo com que os egípcios regavam as suas hortas, que era tirando a água do Nilo por engenho que para isso tinham e conduzindo-a por canais de uns canteiros para outros.

venha ela a ser bem sucedida? não lhe arrancará antes as suas raízes, e deitará abaixo os seus frutos, e secará todos os lançamentos que houver brotado, e não ficará árida: E isto não com forte braço, nem com muito povo, para a arrancar de raiz? (6)

10 Ei-la aí está plantada: E acaso irá ela avante ou quando a tocar um vento abrasador não se secará ela, e ficará árida nos canais da sua fecundidade?

11 E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

12 Dize a esta casa exasperadora: Não sabeis que significam estas coisas? Dize: Eis-aí vem o rei de Babilônia sobre Jerusalém: E tomará o rei, e os seus príncipes, e os levará ao seu reino a Babilônia.

13 E tomará um da estirpe real, e fará aliança com êle: E receberá dêle juramento: Mas até os fortes do país êle tirará.

14 Para que o reino fique abatido, e não se levante, mas guarde o seu pacto, e o observe.

15 O qual, apartando-se dêle, enviou mensageiros ao Egito, para que lhe desse cavalos e muita gente. Acaso será prosperado, ou conseguirá a segurança que deseja quem isto praticou? e o que desfez o pacto, acaso escapará?

16 Por minha vida, diz o Senhor Deus: Que no país do rei que o fez rei, cujo juramento quebrantou, e cujo pacto, que tinha com êle, violou, no meio de Babilônia morrerá.

17 E Faraó nem com grande exército, nem com muito povo dará batalha contra êle: Com ereção de

(6) **ARRANCARÁ** — Isto é, a primeira águia, que vem a ser Nabucodonosor.

Ezequiel 17, 18-24

terráp lenos, e com fábrica de trincheiras, para que mate muitas pessoas.

18 Porque tinha desprezado o juramento para romper a aliança, e eis-aí deu a sua mão: E tendo feito tôdas estas coisas, não escapará.

19 Por cuja causa isto diz o Senhor Deus: Por minha vida, que farei recair sobre a cabeça d'ele o juramento que desprezou, e a aliança, em cuja ruptura prevaricou.

20 E estenderei a minha rêde sobre êle, e será apalhado na minha rêde varredoura: E levá-lo-ei a Babilônia, e lá o julgarei pela prevaricação com que me desprezou.

21 E todos os seus desertores com todo o seu esquadrão, cairão mortos à espada: E os que ficarem serão espalhados a todo o vento: E sabereis que eu o Senhor é que falei.

22 Isto diz o Senhor Deus: E eu tomarei da medula do elevado cedro, e a porei à parte: Cortarei do mais alto de seus ramos um tenro garfo e plantá-lo-ei sobre um alto e elevado monte. (7)

23 Eu o plantarei no alto monte de Israel, e êle deitará arrebentos, e dará fruto, e far-se-á um grande cedro: E tôdas as aves habitarão debaixo d'ele, e toda a espécie de voláteis fará o seu ninho debaixo da sombra das suas fôlhas.

24 E saberão tôdas as árvores desta região, que eu o Senhor é que humilhei a árvore alta, e exaltei a ár-

(7) **CORTAREI DO MAIS ALTO DE SEUS RAMOS UM TENRO GARFO** — Todos os Santos Padres e Sagrados Expositores consideram nestes três últimos versos uma profecia manifesta do reino espiritual de Jesus Cristo, em nome do qual dissera Davi no segundo salmo: "Eu fui por êle constituído rei sobre Sião, seu santo monte."

vore humilde: E sequei a árvore verde, e fiz reverdecer a árvore sêca. Eu o Senhor o disse e o fiz. (8)

CAPÍTULO 18

NÃO SE DIRÁ MAIS EM ISRAEL, QUE O FILHO CARREGA COM A INIQUIDADE DO PAI: MAS CADA UM CARREGARÁ SÓ COM A PENA DO SEU PECADO. SE O ÍMPIO FIZER PENITÊNCIA NÃO MORRERÁ: SE O JUSTO DEIXAR A JUSTIÇA PERECERÁ. EXORTAÇÃO À PENITÊNCIA.

1 E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

2 Que motivo há para terdes entre vós convertido em provérbio esta parábola na terra de Israel, dizendo: Os pais comeram as uvas em agrão, e os dentes dos filhos é que se acham botos?

3 Por minha vida, diz o Senhor Deus, que esta parábola não passará mais entre vós por um provérbio em Israel.

4 Eis-aí está que tôdas as almas são minhas, como o é a alma do pai, assim também a alma do filho é minha: Alma que pecar, essa morrerá.

5 E se um homem fôr justo, e obrar conforme a equidade, e a justiça:

6 Se não comer nos montes, e não levantar os seus olhos para os ídolos da casa de Israel: E se não ofender a mulher do seu próximo, e não se ajuntar com a menstruada: (1)

(8) **QUE HUMILHEI A ÁRVORE ALTA** — Que humilhei a grande árvore da Sinagoga, florescente e pomposa, com a gala da lei e dos profetas, e que elevei a árvore baixa e débil das nações, gentias, chamando-as ao conhecimento da religião, que os judeus não quizeram abraçar.

(1) **SE NÃO COMER NOS MONTES** — Entende-se, se não come nos montes das ofertas consagradas aos ídolos, como costumavam os judeus desde o tempo de Jeroboão.

Ezequiel 18, 7-13

7 E se não entristecer a ninguém: Se tornar o penhor ao seu devedor; se não tirar nada do alheio por violência: Se der do seu pão ao que tem fome, e ao nu cobrir com vestido: (2)

8 Se não emprestar a juro, e não receber mais do que o que emprestou: Se apartar a sua mão da iniquidade, e fizer um verdadeiro juízo entre homem e homem: (3)

9 Se andar nos meus preceitos, e guardar os meus mandamentos, para obrar segundo a verdade: Este tal é justo, certissimamente viverá, diz o Senhor Deus.

10 Porém se gerar algum filho ladrão, que derrame o sangue, e que cometer qualquer destas faltas:

11 Ainda quando não cometa tôdas estas, que coma sobre os montões, e que manche a mulher do seu próximo:

12 Que entristeça ao necessitado, e ao pobre, que tire por violência os bens de outro, que não torne penhor ao seu devedor, e que levante os seus olhos para os ídolos, que cometa abominações:

13 Que empreste a juro, e receba mais do que o que emprestou: Acaso viverá êle? Não viverá: Antes, depois

(2) **E SE NÃO ENTRISTECER A NINGUÉM** — Por entristecer verteram aqui os Setenta oprimir.

(3) **SE NÃO EMPRESTAR A JURO** — Dêste lugar e dos seguintes na matéria, tira S. Jerônimo, que por direito divino a todos é proibido levar do que se empresta, ou em dinheiro, ou em espécie.

E FIZER UM VERDADEIRO JUÍZO — E julgar com retidão, sentenciando sempre a favor da justiça e não fazendo acepção de pessoas.

de ter executado tôdas estas ações detestáveis, infalivelmente morrerá, o seu sangue será contra êle mesmo.

14 Porém se êle tiver um filho, que vendo todos os pecados que seu pai cometeu, temer, e não fizer coisa semelhante às que êle obrou:

15 Que não comer sôbre os montes, e não levantar os seus olhos para os ídolos da casa de Israel, e não violar a mulher do seu próximo:

16 E que não entristecer a pessoa alguma, que não reter penhor, nem tirar nada por violência, que der do seu pão ao faminto, e ao nu cobrir com vestido:

17 Que apartar a sua mão da injúria do pobre, que não receber usura nem mais do que emprestou, que observar as minhas ordenanças, que andar nos meus preceitos: êste não morrerá por causa da iniquidade de seu pai, mas certissimamente viverá.

18 Seu pai porque caluniou, e fêz violência a seu irmão, e obrou o mal no meio do seu povo, ei-lo-aí morreu pela sua iniquidade.

19 E vós dizeis: Por que razão não carregou o filho com a iniquidade de seu pai? Já se vê, porque o filho obrou conforme a eqüidade e conforme a justiça, porque guardou todos os meus preceitos, e os praticou, por isso viverá certissimamente.

20 A alma que pecar, essa morrerá: O filho não carregará com a iniquidade do pai, e o pai não carregará com a iniquidade do filho: A justiça do justo será sôbre êle, e a impiedade do ímpio será sôbre êle. (4)

(4) O FILHO NÃO CARREGARA COM A INIQUIDADE DO PAI — Pretenderam alguns ver aqui uma contradição com o que se lê no Êx 20, 5: O Deus forte e zeloso que vinga a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração. Mas esta contradição é aparente. No Êxodo não se tratava de uma falta pessoal, mas de todo o Israel, que abandonava o culto do seu Criador para adorar

21 Mas se o ímpio fizer penitência de todos os seus pecados que cometeu, e se guardar todos os meus preceitos e obrar conforme a equidade, e a justiça: Ele certissimamente viverá e não morrerá.

22 E eu me não lembrarei de nenhuma das suas iniquidades, que obrou: Ele viverá pela sua justiça, que praticou.

23 Acaso é da minha vontade a morte do ímpio, diz o Senhor Deus, e não quero eu antes que ele se converta dos seus caminhos, e viva?

24 Mas se o justo se apartar da sua justiça, e vier a cometer a iniquidade, segundo tôdas as abominações que o ímpio costuma obrar, acaso viverá ele? de nenhuma das obras de justiça que tiver feito se fará memória: Na prevaricação com que prevaricou, e no seu pecado que cometeu nestas mesmas circunstâncias morrerá.

25 Depois disto dissestes vós: O caminho do Senhor não é justo. Ouvi pois, casa de Israel: Acaso o meu caminho não é justo, e não são antes os vossos os que são corrompidos?

26 Porque quando o justo se apartar da sua justiça, e cometer a iniquidade, morrerá nesse estado: Ele morrerá nas obras injustas, que cometeu.

27 E quando o ímpio se apartar da sua impiedade,

os deuses falsos, crime que, passando aos descendentes, tornava-os culpados como seus pais. Aqui, ao contrário, refere-se o texto a faltas pessoais de indivíduos, e por consequência de punições igualmente pessoais. Além disso, no Dt 24, 16, Moisés diz que não fará morrer os filhos pelos pais, nem vice-versa, mas que cada um morrerá pelo seu pecado, porque nessa passagem, como na presente, só se apreclam faltas individuais. Os judeus cativos não foram punidos pelas faltas de Manassés, seu rei, mas porque imitaram o seu condutor pecaminoso.

que cometeu, e obrar conforme a equidade, e a justiça: Ele assim dará a vida à sua alma.

28 Porque considerando o estado em que se acha, e apartando-se de tôdas as suas iniquidades, que obrou, êle certamente viverá, e não morrerá.

29 Depois disto dizem ainda os filhos de Israel: O caminho do Senhor não é justo. Acaso os meus caminhos não são justos, casa de Israel, e não são antes os vossos os que são corrompidos?

30 Por isso, casa de Israel, eu julgarei a cada um conforme os seus caminhos, diz o Senhor Deus. Assim convertei-vos, e fazei penitência de tôdas as vossas iniquidades: E a iniquidade vos não trará ruína.

31 Lançai para muito longe de vós tôdas as vossas prevaricações, de que vos fizestes culpáveis: E fazei-vos um coração novo, e um espírito novo: E por que morreis vós, casa de Israel? (5)

32 Porque eu não quero a morte do que morre, diz o Senhor Deus, convertei-vos, e vivei.

CAPÍTULO 19

CÂNTICO LÉGUMBRE SOBRE A DESGRAÇA DOS PRÍNCIPES DE JUDÁ, REPRESENTADOS DEBAIXO DO SÍMBOLO DE DOIS LEÖEZINHOS, E SOBRE A DESTRUÇÃO DE JERUSALÉM, REPRESENTADA DEBAIXO DO SÍMBOLO DE UMA VINHA.

1 E tu desfaze-te em pranto, sôbre os príncipes de Israel. (1)

(5) **E FAZEI-VOS UM CORAÇÃO NOVO** — Com isto nos adverte Deus da nossa liberdade, mandando que nos façamos um coração novo e um espírito novo. Ele quer que façamos da nossa parte o que podemos e que pegamos dêle o que não podemos. — Santo Agostinho.

(1) **SÔBRE OS PRÍNCIPES DE ISRAEL** — Filhos e netos do rei Josias.

Ezequiel 19, 2-9

2 E dirás: Por que razão a leoa tua mãe repousou entre os leões, criou ela os seus cachorros no meio dos leõezinhos? (2)

3 E produziu um dos seus leõezinhos, e êle se fêz leão: E aprendeu a apanhar a presa, e a tragar os homens. (3)

4 E as gentes ouviram falar dêle, e o tomaram, não sem receber dêle muitas feridas: E o levaram prêso em cadeias para a terra do Egito. (4)

5 Porém a mãe, vendo que estava sem fôrça, e que as suas esperanças se tinham malogrado, pegou noutro dos seus leõezinhos, ela o constituiu leão. (5)

6 Êle andava entre os leões, e fêz-se leão: E aprendeu a apanhar a presa, e a devorar os homens:

7 Aprendeu a fazer viúvas, e a tornar em deserto as cidades dêles: E ficou desolada a terra, e quanto nela havia ao ouvir o seu rugido.

8 E se ajuntaram contra êle as gentes de tôdas as partes das províncias, e estenderam sôbre êle a sua rêde; foi apanhado ficando elas com feridas.

9 E meteram-no numa gaiola, levaram-no ao rei de Babilônia carregado de cadeias: E fecharam-no num

(2) **A LEOA TUA MÃE** — Jerusalém, furlosa e cruel, como uma leoa.

LEÕEZINHOS — Os príncipes sucessores do rei Josias. 4 Rs 23, 34.

(3) **UM DOS SEUS LEÕEZINHOS** — Produziu a Joacaz, que salu em breve um príncipe tão cruel e sangüinário, que figuradamente se compara a um leão costumado a viver das presas.

(4) **PARA A TERRA DO EGITO** — Para o Egito levou o rei Necaú prêso e manietado a Joacaz. 4 Rs 23, 34.

(5) **PEGOU NOUTRO DOS SEUS LEÕEZINHOS** — Por êste segundo entendem uns a Jeconias, filho de Joaquim e neto de Josias; outros a Sedecias, seu tio, que era irmão do mesmo Joacaz, e do mesmo Joaquim.

cárcere, para que mais se não tornasse a ouvir o seu rugido sôbre os montes de Israel.

10 Tua mãe, sendo como uma vinha, foi plantada no teu sangue à borda das águas: Os seus frutos, e as suas fôlhas cresceram pelas muitas águas.

11 E se lhe vieram a fazer sólidas as suas varas para ceptros de soberanos, e foi exaltada a sua estatura entre as suas fôlhas: E viu a sua altura na multidão dos seus lançamentos.

12 Mas ao depois ela foi arrancada com ira, e lançada por terra, e um vento abrasador secou o seu fruto: Murcharam-se, e secaram-se as varas da sua fortaleza: O fogo a devorou.

13 E agora ela se acha transplantada num deserto, numa terra sem caminho, e sem água.

14 E da vara dos seus ramos saiu uma chama, que devorou o seu fruto: E não houve nela vara forte, ceptro de soberanos. Tudo isto é digno de lágrimas, e será para o futuro um motivo de pranto.

CAPÍTULO 20

LANÇA O SENHOR EM ROSTO AOS ISRAELITAS AS SUAS INFIDELIDADES, E AS DE SEUS PAIS, DESDE A SAÍDA DO EGITO ATÉ ENTÃO. ELE LHES ANUNCIA AS SUAS VINGANÇAS. PROMETE TORNÁ-LOS A TRAZER À SUA TERRA.

1 E aconteceu no ano sétimo, no quinto mês, aos dez dias do mês: Que vieram alguns dos anciãos de Israel a consultar ao Senhor, e se assentaram diante de mim.

2 E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

3 Filho do homem, fala aos anciãos de Israel e lhes dirás: Isto diz o Senhor Deus: Acaso viestes vós a con-

sultar-me? Por minha vida, que eu vos não responderei, diz o Senhor Deus.

4 Se tu os julgas, filho do homem, se tu os julgas, põe-lhes diante dos olhos as abominações de seus pais.

5 E lhes dirás: Isto diz o Senhor Deus, no dia em que eu escolhi a Israel, e levantei a minha mão pela estirpe da casa de Jacó, e lhes apareci na terra do Egito, e levantei a minha mão a favor dêles, dizendo: Eu sou o Senhor vosso Deus:

6 Naquele dia levantei a minha mão a favor dêles, para os tirar da terra do Egito, para a terra que eu lhes tinha aparelhado, que mana leite, e mel: A qual é excelente entre tôdas as terras.

7 Eu lhes disse então: Cada um lance de si os troços dos seus olhos, e não vos mancheis com os ídolos do Egito: Eu sou o Senhor vosso Deus.

8 Mas êles me irritaram, e não me quiseram ouvir: Cada um não lançou fora as abominações dos seus olhos, nem abandonaram os ídolos do Egito: E eu disse que derramaria a minha indignação sôbre êles, e que saciaria nêles a minha ira, no meio da terra do Egito.

9 E eu o fiz por glória do meu nome, para que êle não ficasse desacreditado diante das gentes, no meio das quais estavam, e entre as quais eu lhes apareci para os tirar da terra do Egito.

10 Eu os tirei pois da terra do Egito, e os conduzi ao deserto.

11 E lhes dei os meus preceitos, e lhes mostrei os meus juízos, observando os quais viverá o homem por êles. (1)

(1) **OBSERVANDO OS QUAIS** — A cuidadosa observância da lei de Moisés, enquanto nela se continham os preceitos morais, cerimoniaes e judiciais, não só guardava a vida e preservava da

12 Além disto eu lhes prescrevi também os meus sábados, para que êstes fôsem um sinal entre mim e êles: E para que soubessem que eu sou o Senhor que os santifico.

13 Mas depois de tudo isto, os filhos da casa de Israel me irritaram no deserto, êles não andaram nos meus preceitos, e rejeitaram os meus juízos, observando os quais viverá o homem por êles: E violaram inteiramente os meus sábados: Disse eu pois que derramaria o meu furor sôbre êles no deserto, e que os consumiria.

14 E eu o fiz por glória do meu nome, para que êle não ficasse desacreditado diante das gentes, das quais eu os fiz sair à vista delas.

15 Eu pois levantei a minha mão sôbre êles no deserto, para os não introduzir na terra que lhes dei, a qual mana leite, e mel, sendo a melhor de tôdas as terras:

16 Porque êles rejeitaram os meus juízos, e não andaram nos meus preceitos, violaram os meus sábados: Porquanto o seu coração ia após dos ídolos.

17 E olhei para êles com olhos de misericórdia para não os matar, nem os consumi no deserto.

18 Depois disse eu a seus filhos no deserto: Não andeis nos preceitos de vossos pais, nem guardeis os seus costumes, nem vos mancheis no culto dos seus ídolos:

morte do corpo, mas também dava a vida da alma, e fazia verdadeiramente justos todos aquêles que em espírito, fé e caridade, a exerciam. Com tudo isso, é verdade que na lei velha não se propunha por prêmio da sua observância, senão a vida corporal, e uma felicidade terrena, e que o que nela se cominava aos transgressores era sômente a morte do corpo, e uns males perfunctórios. Portanto não é nenhum absurdo dizer que o profeta aqui só fala da imunidade dos males desta vida, e da pena de morte, da qual se faziam dignos os israelitas, dando culto aos ídolos, e a qual poderiam evitar observando os preceitos que tinham recebido no deserto. — Calmet.

Ezequiel 20, 19-25

19 Eu sou o Senhor vosso Deus: Andai nos meus preceitos, guardai os meus juízos, e praticai-os:

20 E santificai os meus sábados, para que êles sejam um sinal entre mim e vós, e para que saibais que eu sou o Senhor vosso Deus.

21 Porém seus filhos me azedaram contra si mesmos, êles não andaram nos meus preceitos, e não guardaram os meus juízos para os cumprir, quando o homem que os observar, viverá por êles: E violaram os meus sábados: E eu os ameacei que derramaria o meu furor sobre êles, e que satisfaria a minha ira contra êles no deserto.

22 Mas desviei a minha mão, e o fiz por glória do meu nome, para que êle não fôsse violado diante das gentes, do meio das quais eu os lancei fora aos olhos delas.

23 Tornei outra vez a levantar a minha mão contra êles no deserto, para os espalhar por entre as nações, e padejá-los para diversos climas:

24 Visto não terem êles observado as minhas ordenanças, e terem rejeitado os meus preceitos e violado os meus sábados, e terem-se-lhes ido os olhos após os ídolos de seus pais.

25 Por isso também eu lhes dei uns preceitos não bons, e umas ordenanças, nas quais êles não acharão a vida. (2)

(2) **POR ISSO TAMBÉM EU LHES DEI UNS PRECEITOS NÃO BONS** — Duas são as interpretações que os Santos Padres dão a este célebre lugar de Ezequiel. Uns, com Santo Agostinho, na Epístola LXXXII, da nova edição, número 14, e S. Gregório Magno no livro XXVIII dos Morais, cap. 9, dizem que entanto os preceitos da Lei velha posteriores aos do Decálogo se chamam na Escritura “não bons”, enquanto eram uns preceitos imperfeitos, que não davam a graça, mas somente a figuravam. Outros, com S. Jerônimo sobre este lugar, entendem que os que Deus aqui chama “não

26 E permiti que êles se manchassem nos seus dons, quando para expiação dos seus pecados ofereciam todo o que rompe o claustro materno: E êles saberão que eu sou o Senhor. (3)

27 Portanto fala à casa de Israel, filho do homem: E lhes dirás a êles: Isto diz o Senhor Deus: Ainda até neste particular me blasfemaram os vossos pais, quando me desprezaram vilipendiando-me:

28 E tendo-os eu introduzido na terra, sôbre a qual eu levantei a minha mão jurando que lha daria a êles: Olharam para todos os outeiros elevados, e para tôdas as árvores frondosas, e ali imolaram as suas vítimas: E ali me provocaram a ira com as suas oblações, e ali puseram o cheiro da suavidade, e ofereceram as suas libações.

29 Eu lhes disse então: Que alto é êste, onde vós

bons", não são alguns preceitos que êle próprio desse aos judeus para observar, mas sim os preceitos que os mesmos judeus se impuseram a si, depois que foram dispersos por diversas nações, obrigando-se às mesmas idolatrias e abominações, que nelas reinavam. Contra a qual intelligência não pode obstar que o Senhor diga que êle é que deu os tais preceitos. Porque na frase da Escri-tura muitas vêzes se diz de Deus, que êle fizera ou mandara aquilo que sômente permitiu' que se fizesse ou mandasse. *Dedit eis dispersis in gentibus, præcepta non bona, hoc est, dimisit eos cogitationibus et desideriis suis, ut facerent quæ non conveniant.* Uma e outra interpretação incluiu o padre de Carrières na sua paráfrase, vertendo assim o presente texto: "Por isso eu lhes dei uns preceitos imperfeitos e umas ordenanças, onde êles não acharam a vida, sujeitando-os a uma multidão de cerimônias, que não são mais que umas sombras e umas figuras, e permitindo que êles mesmos se sujeitassem às cerimônias próprias dos gentios. Glaire também adverte que a Escri-tura diz muitas vêzes que Deus faz aquillo que sômente permite. Cit. ed. de 1902.

(3) **TODO O QUE ROMPE O CLAUSTRO MATERNO** — Isto é, todos os primogênitos.

Ezequiel 20, 30-38

entraís? e até ao dia de hoje se lhe ficou conservando este nome de alto.

30 Portanto diz à casa de Israel: Isto diz o Senhor Deus: Vós certamente vos contaminais nos caminhos de vossos pais, e vos tornais impuros indo após os tropeços deles: (4)

31 E na oblação dos vossos dons, quando fazeis passar a vossos filhos pelo fogo, vós vos contaminais em todos os vossos ídolos até hoje: E responder-vos-ei eu ainda, casa de Israel? Por minha vida, diz o Senhor Deus, que eu vos não responderei.

32 Nem vós chegareis ao fim que vos propondes no vosso pensamento, quando dizeis: Nós seremos como as gentes, e como os povos da terra, para que adoremos os paus e as pedras.

33 Por minha vida, diz o Senhor Deus, que eu reinarei sobre vós com uma mão forte, e com um braço estendido e com tôda a efusão do meu furor.

34 E vos tirarei do meio dos povos: E vos ajuntarei dos países para onde vós tínheis sido dispersos; eu reinarei sobre vós com uma mão forte e com um braço estendido, e com tôda a efusão do meu furor.

35 E vos levarei para um deserto sem povos, e lá pôsto um diante do outro, entrarei em juízo convosco.

36 Bem como eu entrei em juízo com vossos pais no deserto da terra do Egito, assim vos julgarei eu a vós, diz o Senhor Deus.

37 E vos sujeitarei ao meu ceptro e vos farei entrar nos vínculos do meu concêrto.

38 E separarei dentre vós os transgressores da minha lei, e os ímpios, e os farei sair da terra da sua morada, e eles não entrarão na terra de Israel: E vós sabereis que eu é que sou o Senhor.

(4) **TORNAIS IMPUROS** — Isto é, idolatrais.

39 E vós, casa de Israel, isto diz o Senhor Deus: Cada um de vós ide após dos vossos ídolos, e servi-os. Porém se ainda nisto me não ouvirdes, e profanardes mais o meu santo nome com as vossas oferendas e com os vossos ídolos: (5)

40 No meu santo monte, no alto monte de Israel, diz o Senhor Deus, ali me servirá tôda a Casa de Israel: Todos, digo, na terra, em que me agradarão, e ali requererei as vossas primícias, e o princípio dos vossos dízimos em tôdas as vossas santificações. (6)

41 Então vos receberei eu como uma oblação de excelente cheiro, quando eu vos tiver tirado dentre os povos, e vos tiver ajuntado dos países, para onde vós tínheis sido espalhados, e eu serei santificado entre vós aos olhos das nações.

42 E vós sabereis que eu é que sou o Senhor, quando eu vos tiver introduzido na terra de Israel, na terra pela qual eu levantei a minha mão, para a dar a vossos pais.

43 E vós ali vos lembrareis dos vossos caminhos, e de tôdas as vossas maldades, com as quais vos manchastes nêles: E vós vos desagradareis de vós mesmos, representando diante dos olhos tôdas as nossas malícias, que tendes cometido.

44 E vós sabereis, casa de Israel, que eu é que sou o Senhor, quando eu vos tiver enchido de bens por amor do meu nome, em vez de vos tratar conforme os vossos maus caminhos, e conforme os vossos tão detestáveis pecados, diz o Senhor Deus.

(5) **IDE APÓS DOS VOSSOS ÍDOLOS** — Ironia de quem concede o mesmo que repreende. Como quando Cristo disse no Horto aos Apóstolos, Mt 26, 45: *Dormite jam, et requiescite.*

(6) **EM TÔDAS AS VOSSAS SANTIFICAÇÕES** — Em todos os vossos santos sacrifícios, dízimos e oblações me sereis gratos, como um timiama fragrantíssimo, e de cheiro suavíssimo. — *Menochio.*

45 E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

46 Filho do homem, encara bem para o caminho do Meio-Dia, e fala para a banda do Áfrico, e profetiza à mata do campo do Meio-Dia. (7)

47 E dirás à mata do Meio-Dia: Ouve a palavra do Senhor: Isto diz o Senhor Deus: Eis-aí vou eu a acender em ti um fogo, e queimarei em ti todo o lenho verde, e todo o lenho sêco: Não se apagará a chama dêste incêndio: E queimar-se-á nela todo o rosto desde o Meio-Dia até o Aquilão. (8)

48 E tôda a carne verá que eu o Senhor lancei o fogo a esta mata, o qual se não apagará.

49 Então disse eu: Ai, ai, ai, Senhor Deus: Eles dizem de mim: Não é assim que êste nos fala, senão por parábolas?

CAPÍTULO 21

AMEAÇAS CONTRA A TERRA DE ISRAEL. ESPADA DO SENHOR PREPARADA CONTRA O SEU POVO. NABUCODONOSOR PÕE EM CONSULTA, SE HÁ DE MARCHAR CONTRA OS AMONITAS, SE CONTRA JERUSALÉM. E' TIRADA A COROA A SEDECIA. PROFECIA CONTRA OS AMONITAS, E CONTRA OS BABILÔNIOS.

1 E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

2 Filho do homem, põe o teu rosto em Jerusalém, e fala para o Santuário, e profetiza contra a terra de Israel:

(7) **E PROFETIZA A MATA DO CAMPO DO MEIO-DIA** — Isto é, a Jerusalém chamada metaforicamente mata, por ser habitação de feras, e de homens bestiais. — S. Jerônimo.

(8) **DESDE O MEIO-DIA ATÉ O AQUILÃO** — Desde Jerusalém até Babilônia, para que todo o caminho dos que vão para o cativo, se veja cheio de fome, peste, e mortandade. — S. Jerônimo.

3 Dirás pois à terra de Israel: Isto diz o Senhor Deus: Eis-me aqui contra ti, e tirarei a minha espada da sua bainha, e matarei do meio de ti o justo, e o ímpio.

4 E porque eu devo exterminar do meio de ti o justo, e o ímpio, por isso a minha espada sairá da sua bainha para atacar tôda a carne, desde o Meio-Dia até o Aquilão: (1)

5 A fim de que tôda a carne saiba que eu o Senhor tirei a minha espada da sua bainha, para a não tornar a meter nela.

6 Tu pois, filho do homem, dá gemidos até te arre-bentarem os rins, e geime na presença dêles com amargura do teu coração.

7 E quando êles te disserem: Por que genes tu? tu lhes dirás: Pelo que ouço: Porque o inimigo vem, e todos os corações se mirrarão de medo, e tôdas as mãos ficarão sem forças, e todos os espíritos se abaterão, e as águas correrão por todos os joelhos: Ei-lo aí vem, e assim sucederá, diz o Senhor Deus. (2)

8 E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

9 Filho do homem, profetiza, e dirás: Isto diz o Senhor Deus: Fala: A espada, sim, a espada está aguçada e polida.

10 Ela está aguçada para matar as vítimas: Está polida para reluzir: Tu, espada, que abates o ceptro de meu filho, cortaste pelo pé tôdas as árvores.

11 E eu a dei a polir, para a ter na mão: Esta es-

(1) **DEVO EXTERMINAR** — À letra: exterminei. Pretérito pelo futuro segundo a linguagem dos profetas.

(2) **E AS AGUAS** — Entende a urina: porque sucede a muitos verterem águas quando se vêm sobressaltados com algum medo grande ou repentino.

Ezequiel 21, 12-17

pada está aguçada, e ela está polida, para estar na mão do que deve fazer a matança.

12 Grita, e uiva, filho do homem, porque esta espada está desembainhada contra o meu povo, ela o está contra todos os príncipes de Israel, que tinham fugido dela: Êles foram entregues a esta espada com o meu povo, tu pois dá pancadas na tua coxa. (3)

13 Porque esta espada foi aprovada por mim: E isto ainda quando ela destruir o ceptro, para mais não subsistir, diz o Senhor Deus.

14 Tu pois, filho do homem, profetiza, e bate com as mãos uma na outra, e dobrein-se os golpes desta espada, e tresdobrem-se os golpes desta mesma espada matadora; esta é a espada da grande matança, que os faz pasmar,

15 e que lhes faz mirrar os corações, e multiplica as ruínas. Eu pus a turbação em tôdas as suas portas, à vista desta espada penetrante, e polida para reluzir, afiada para matar. (4)

16 Aguça, ó espada, a tua ponta, vai para a direita ou para a esquerda, para onde quer que o apetite de mortes te chamar.

17 E ainda eu mesmo te aplaudirei, batendo com as mãos uma na outra, e satisfarei a minha indignação, eu o Senhor é que falei.

(3) **QUE TINHAM FUGIDO DELA** — Bem sabido é pela história dos reis, que Sedecias com os seus fugira de noite de Jerusalém para escapar a Nabucodonosor.

TU POIS DÁ PANCADAS NA TUA COXA — Em sinal de dor, ou de espanto. Cfr. Jer 31, 19.

(4) **AFIADA** — À letra, coberta, isto é, metida na bainha, para que se lhe embote o fio, e poder cortar bem a seu tempo. Ou cingida à cinta do guerreiro que há de pelejar com ela. Outros, bem empunhada.

18 E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

19 E tu, filho do homem, representa-te dois caminhos, por onde a espada do rei de Babilônia pode vir: De uma mesma terra sairão ambos: E com a mão deitará sortes, no tópo do caminho da cidade as deitará. (5)

20 Figurarás um caminho, por onde esta espada vá atacar a Rabat dos filhos de Amon, e outro por onde vá para Judá, a atacar a fortíssima cidade de Jerusalém.

21 Porque o rei de Babilônia parou na encruzilhada, no tópo dos dois caminhos, procurando adivinhação, misturando as setas: Perguntou aos seus ídolos, consultou as entranhas.

22 Caiu a sorte sobre Jerusalém, fazendo-o tomar à direita, para dispor os aríetes, para intimar por sua bôca mortandade, para levantar a voz com alarido, para pôr os aríetes contra as portas, para levantar marachões, e edificar fortins.

23 E será isto aos olhos dêles como quem consulta em vão um Oráculo, e como quem imita o descanso dos seus sábados: Mas êle se lembrará da iniquidade para os cativar.

24 Portanto isto diz o Senhor Deus: Pelo motivo de que vos tendes jactado da vossa iniquidade, e haveis descoberto as vossas prevaricações, e se patentearam os vossos pecados em todos os vossos pensamentos: Pelo motivo, digo, de vos terdes jactado disso, vós ficareis à fôrça de armas prisioneiros.

25 Tu porém, ó profano, tu, ó ímpio príncipe de Israel, a quem chegou o dia assinado no tempo da tua iniquidade:

26 Isto diz o Senhor Deus: Tira a tiara, depõe a

(5) **DEITARÁ SORTES** — O mesmo rei de Babilônia, que é Nabucodonosor.

coroa: Não é esta a que levantou ao humilde, e humilhou ao soberbo? (6)

27 Eu farei ver a injustiça, a injustiça, a injustiça dela: Mas isto não se fez, menos que não viesse aquêle a quem pertence o juízo e eu lhe entregarei uma e outra. (7)

28 E tu, filho do homem, profetiza, e dize: Isto diz o Senhor Deus aos filhos de Amon, e ao opróbrio dêles, e lhes dirás: Espada, espada, desembainha-te, para matares, pule-te, para matares, e para luzires.

29 Ao tempo que para ti se viam coisas vãs, e se adivinhavam mentiras: Para que fôsses descarregada sôbre os pescoços dos ímpios feridos, cujo dia predefinido chegou no tempo da sua iniquidade.

30 Torna a recolher-te à tua bainha no lugar em que fôste criada, eu te julgarei na terra da tua nasença. (8)

(6) **TIRA A TIARA, DEPÕE A COROA** — Depois da destruição de Jerusalém, e cativoiro do povo, se dirige a divina palavra ao chefe de Israel, que ninguém duvida ser Sedecias, no qual se acabou o império dos reis de Israel da prosápia de Davi. Chegou o dia, diz, que de longo tempo estava marcado, e por tua causa pereceu o Sacerdócio, e o reino do povo judaico. Porque a tiara é insígnia dos pontífices, a coroa, ou diadema insígnia dos reis. Não é esta aquela coroa, que nada fazia com juízo, mas que, à imitação do rei de Babilônia, exaltava como queria a uns, e abatia a outros? Por isso não uma só vez, nem como trazem os Setenta, duas vezes, mas terceira vez farei eu ver a tua iniquidade, a qual não foi reputada logo; mas até que venha Jesus Cristo, a quem pertence o juízo, e a êle entregue seu Eterno Pai o reino e o Sacerdócio, ou a igreja formada dos gentios. — S. Jerônimo.

(7) **MAS ISTO NÃO SE FEZ, MENOS QUE NÃO** — Pretérito por futuro, conforme costumam usar os profetas.

E EU LHE ENTREGAREI UMA E OUTRA — A tiara como a sacerdote, coroa como a rei.

(8) **TORNA A RECOLHER-TE A TUA BAINHA** — Debaixo

31 E derramarei sobre ti a minha indignação: Asoprarei contra ti no fogo do meu furor, e te entregarei às mãos de uns homens insensatos, e que fabricam a morte.

32 Servirás de pasto ao fogo, derramado será o teu sangue no meio da terra, ficarás entregue ao esquecimento: Porque eu, o Senhor, é que falei.

CAPÍTULO 22

ABOMINAÇÕES E DESAFOROS QUE SE COMETEM EM JERUSALÉM, E QUE APRESSAM A SUA RUÍNA. A CASA DE ISRAEL SE TORNOU COMO UM MAU METAL, QUE O SENHOR PURIFICARÁ COM O FOGO. OS SEUS SACERDOTES, OS SEUS PRÍNCIPES, OS SEUS PROFETAS, O SEU POVO, TODOS ESTÃO CORROMPIDOS. NÃO HÁ NINGUÉM QUE DETENHA A IRA DO SENHOR.

1 Foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

2 E tu, filho do homem, não julgas, não julgas a cidade dos sangues?

3 Mostrar-lhe-ás pois tôdas as suas abominações, e dirás: Isto diz o Senhor Deus: Esta é a cidade que derrama o sangue no meio dela, para que depressa chegue o dia da sua destruição: E a que formou ídolos contra si mesma, para se manchar.

4 Tu te fizeste culpável pelo sangue, que por ti foi derramado: E te manchaste pelos teus ídolos, que fabricaste: E fizeste avizinhar os teus dias, e abreviaste o

da mesma metáfora de espada, de que até agora tinha usado, fala o Senhor com Nabucodonosor, que no fim fizera contra os judeus servir a Deus de instrumento das suas vinganças.

EU TE JULGAREI NA TERRA DA TUA NASCENÇA — Profecia dos castigos que esperavam a Nabucodonosor, e a seus sucessores, até à ruína do império babilônico pelos persas.

Ezequiel 22, 5-14

espaço dos teus anos: Por isso eu te fiz o opróbrio das nações, e o ludíbrio de toda a terra.

5 Os povos vizinhos, e os povos distantes triunfaram de ti: Imunda, famosa, grande pela tua ruína.

6 Eis-aí está que os príncipes de Israel se firmaram cada um na força do seu braço, para derramarem o sangue no meio de ti.

7 Eles trataram com afrontas no meio de ti a seu pai, e a sua mãe, caluniaram o estrangeiro no meio de ti, e entristeceram em tua casa o pupilo e a viúva:

8 Desprezaste o meu santuário, e profanaste os meus sábados.

9 No meio de ti houve homens caluniadores para derramarem o sangue, e entre ti comeram sobre os montes, cometeram a maldade no meio de ti.

10 Descobriram as mais recatadas partes de seu pai no meio de ti, humilharam no meio de ti a mulher na ocasião do seu mênstruo: (1)

11 E cada um desonrou a mulher do seu próximo com abomináveis atos, e o sogro corrompeu com um horrível incesto a sua nora, o irmão fez violência à própria irmã, à filha de seu pai, no meio de ti.

12 Eles receberam presentes no meio de ti para derramarem o sangue: Tu recebeste ganhos e interesses ilegítimos, e levado da avareza caluniavas a teus próximos: E tu te esqueceste de mim, diz o Senhor Deus.

13 Por isso eu bati com as mãos uma na outra, declarando-me contra a tua avareza, que exercitaste, e contra o sangue que se derramou no meio de ti.

14 Porventura estará firme o teu coração, ou pre-

(1) **DESCOBRIRAM** — E' uma honesta perífrase do ajuntamento incestuoso. Confira-se o Lev 18, 8.

valecerão as tuas mãos contra mim nos calamitosos dias que eu farei vir sobre ti? eu o Senhor o disse, e o farei.

15 E te espalharei por entre as nações, e te deitarei ao vento para diversas terras, e farei cessar em ti a tua impureza.

16 E te possuirei à vista das gentes: E tu saberás que eu sou o Senhor.

17 E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

18 Filho do homem, a casa de Israel se tornou para mim em escória: Todos êles são como o cobre, e o estanho, e o ferro, e o chumbo no meio da fornalha: Êles se fizeram como a escória da prata.

19 Por cuja causa isto diz o Senhor Deus: Pelo motivo de que vos tornastes todos em escória, por isso eis-aí vou eu a congregar-vos no meio de Jerusalém,

20 como quando se lançam de mistura a prata, e o cobre, e o estanho, e o ferro, e o chumbo no meio da fornalha: De sorte que acenderei nela o fogo para vos fundir: Assim é que eu vos ajuntarei no meu furor, e na minha ira, e eu me satisfarei: E vos fundirei.

21 E eu vos ajuntarei, e vos abrasarei nas chamas do meu furor, e vós sereis fundidos no meio de Jerusalém.

22 Assim como a prata se funde no meio da fornalha, assim o sereis vós no meio desta cidade: E sabereis que eu sou o Senhor, quando eu tiver derramado a minha indignação sobre vós.

23 E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

24 Filho do homem, dize a Jerusalém: Tu és uma terra imunda, que não foi regada das chuvas no dia do furor.

25 Os profetas se conjuraram no meio dela, êles

devoraram as almas, como um leão que ruge, e que arrebatava a sua presa, receberam grandes bens e grandes recompensas, multiplicaram as suas viúvas no meio dela.

26 Os seus sacerdotes desprezaram a minha lei, e mancharam o meu Santuário: Não distinguiram entre o santo e o profano: E não fizeram diferença entre o limpo e o sujo: E apartaram os seus olhos dos meus sábados, e eu era profanado no meio deles.

27 Os seus príncipes eram no meio dela como uns lobos, que arrebatam a sua presa, para derramar o sangue, e para perder as almas, e para correr atrás do ganho por satisfazer a sua avareza.

28 E os seus profetas lhes punham o rebôco nas paredes, sem lhe misturar nada que o segurasse, quando tinham visões falsas, e lhes profetizavam a mentira, dizendo: Isto diz o Senhor Deus, sendo que o Senhor lhes não tinha falado. (2)

29 Os povos da terra intentavam calúnias, e roubavam por violência, afligiam o pobre e o necessitado, e oprimiam com calúnias o estrangeiro, sem alguma forma de juízo.

30 E busquei entre eles um homem que se entepusesse como uma sebe, e que pôsto em campo contra mim acudisse por esta terra, para eu a não destruir: E não o achei. (3)

31 Por isso eu derramei a minha indignação sobre eles, eu os consumi no fogo da minha ira: Fiz que o seu

(2) **PUNHAM REBÓCO** — Os habitantes de Jerusalém são comparados aqui a uma muralha que se cobre com um rebôco sem solidez.

(3) **COMO UMA SEBE** — Isto é, que por suas orações e virtudes suspendem a cólera divina, como aconteceu a Abraão a respeito de Sodoma, Moisés e Aarão, em favor dos israelitas, Gên 18, 23.

caminho recaísse sôbre as cabeças dêles, diz o Senhor Deus.

CAPÍTULO 23

SAMARIA, E JERUSALÉM REPRESENTADAS DEBAIXO DO SÍMBOLO DE DUAS IRMÃS OOLA, E OÓLIBA. OOLA INFIEL, LEVA A PENA DA SUA INFIDELIDADE: OÓLIBA MAIS INFIEL QUE OOLA BEBERÁ ATÉ À ÚLTIMA GOTA DO CALICE DE OOLA.

1 E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

2 Filho do homem, houve duas mulheres, filhas de uma mesma mãe.

3 As quais se deram à impureza no Egito, prostituíram-se na sua mocidade: Lá é que seus peitos foram sovados, e que as mamas da sua puberdade ficaram desfloradas. (1)

4 Ora os nomes delas eram êstes: a mais velha se chamava Oola; e a sua irinã mais moça Oóliba: E eu as tive, elas me pariram filhos e filhas. No tocante a seus nomes, Samaria é Oola, e Jerusalém é Oóliba. (2)

(1) **AS QUAIS SE DERAM A IMPUREZA** — No Egito começaram as doze tribos, de que depois se formaram o reino de Judá e de Israel, a dar-se à idolatria, a qual na frase dos profetas (como já outras vêzes notamos) se costuma chamar “fornicação”.

(2) **SE CHAMAVA OOLA** — Isto é, Tabernáculo, ou Tenda. Porque em Israel tinham as dez tribos seu Tabernáculo, onde adoravam os bezerros de ouro, que Jeroboão mandara colocar em Dan e em Betel.

OÓLIBA — Isto é, o meu Tabernáculo nela. Porque em Jerusalém, côrte de Judá, tinha Deus o seu Tabernáculo, mandado fazer por Moisés.

E EU AS TIVE — Isto é, por espôsas, enquanto só a mim reconheceram por seu único Deus, e Senhor, recorrendo a mim que as livrasse da servidão.

Ezequiel 23, 5-13

5 Oola pois se levantou contra mim pela sua fornicção, e loucamente se apaixonou pelos seus amantes, pelos assírios seus vizinhos.

6 Vestidos de jacinto. Príncipes e magistrados, mancebos de apetite, todos cavaleiros, montados a cavalo.

7 Ela se entregou na sua fornicção a êstes homens escolhidos, filhos todos dos assírios: E se manchou pelas suas infâmias com todos aquêles, de quem loucamente estava namorada.

8 Além disto não deixou ainda as suas prostituições, que exercitara no Egito: Pois êles dormiram também com ela na sua adolescência, êles igualmente desfloraram os peitos da sua puberdade, e sôbre ela derramaram a sua impureza.

9 Por isso eu a entreguei nas mãos dos seus amantes, nas mãos dos filhos de Assur, de cuja paixão ela ficou loucamente possuída.

10 Êles descobriram a sua ignomínia, levaram seus filhos, e suas filhas, e mataram-na a ela mesma com a espada: E se fizeram mulheres famosas, e nela exerceram os juízos.

11 O que tendo visto sua irmã Oóliba, enlouqueceu de paixão mais do que ela: E aumentando a sua fornicção sôbre a fornicção de sua irmã,

12 descaradamente se prostituiu aos filhos dos assírios, aos capitães e magistrados, que concorriam a ela trajados com vestidos de várias côres, aos cavaleiros que vinham montados nos seus cavalos, e a todos os mancebos de lindo parecer.

13 E vi que, sendo o mesmo, o caminho de ambas, estava manchado.

SAMARIA — Era esta a Capital do reino de Israel, e Jerusalém a Metrópole de Judá.

14 Mas Oóliba aumentou a sua fornicção: Porque tendo visto uns homens pintados na parede, umas imagens dos caldeus delineadas com côres,

15 e os seus rins cingidos de talabartes, e tiaras de várias côres em suas cabeças, parecendo todos oficiais de guerra, dando ares de filhos de Babilônia, e do país dos caldeus, onde êles tinham nascido.

16 Pela concupiscência dos seus olhos concebeu por êles uma paixão louca, e lhes mandou embaixadores à Caldéia.

17 E tendo vindo a ela os filhos de Babilônia, para entrarem no camarim das suas prostituições, a mancharam com os seus estupros, e ela foi por êles corrompida, e a sua alma ficou farta dêles. (3)

18 Ela lhes patenteou as suas fornicções, e lhes descobriu a sua ignomínia: E a minha alma se retirou dela, assim como se tinha retirado a minha alma de sua irmã.

19 Porque ela multiplicou as suas fornicções, lembrando-se dos dias da sua mocidade, durante os quais se tinha prostituído na terra do Egito.

20 E loucamente se apaixonou com o libidinoso apetite de dormir com aquêles, cujas carnes são como as carnes dos jumentos: E a sua distilação como a distilação dos cavalos. (4)

21 E tu renovaste as maldades da tua mocidade,

(3) **PARA ENTRAREM NO CAMARIM DAS SUAS PROSTITUIÇÕES** — Isto é, no gabinete mais escuso, e interior das suas torpezas, e sensualidades. E tal é o nome que neste lugar se dá aos templos, em que os judeus foram ensinados pelos caldeus a sacrificar aos ídolos.

(4) **CUJAS CARNES SÃO COMO AS CARNES DOS JUMENTOS** — Fala dos egípcios, como é manifesto pelo c. 16, v. 26.

Ezequiel 23, 22-29

quando no Egito foram os teus peitos sovados, e ficaram desfloradas as mamas da tua puberdade.

22 Por isso, ó Oóliba, isto diz o Senhor Deus: Eis-aí vou eu a suscitar contra ti todos os teus amantes, de que a tua alma se fartou: E eu os congregarei contra ti de tôdas as partes ao redor.

23 Os filhos de Babilônia, e todos os caldeus, nobres, e soberanos, e príncipes, todos os filhos dos assírios, os mancebos de lindo parecer, todos os capitães, e magistrados, os príncipes dos príncipes, e os ginetes de grande nomeada:

24 E virão sôbre ti petrechados de carros, e de rodas, encerrando todos uma multidão de povos: Eles se armarão de tôdas as partes contra ti, de couraças, e de escudos, e de capacetes: E lhes darei o poder de te julgar, e eles te julgarão segundo as suas leis.

25 E desafogarei contra ti o meu zêlo, que eles exercerão em ti com furor: Cortar-te-ão cêrceo o teu nariz, e as tuas orelhas: E o que restar, o retalharão à espada: Eles mesmos cativarão os teus filhos, e as tuas filhas, e o que por último de ti ficar, será devorado pelo fogo.

26 E eles te despojarão dos teus vestidos, e te levarão os adornos da tua vaidade.

27 E farei cessar as tuas maldades em ti, e as fornicções, que tu tinhas aprendido na terra do Egito: Tu não levantarás os olhos para eles, nem te lembrarás mais do Egito.

28 Porque isto diz o Senhor Deus: Eis-aí vou eu a entregar-te nas mãos daqueles que tu aborreces, nas mãos daqueles de que a tua alma ficou farta.

29 E eles te tratarão com ódio, e te levarão todos os teus trabalhos, e te deixarão nua, e cheia de ignomínia, e descobrir-se-á a ignomínia das tuas fornicções, os teus desaforos, e as tuas infâmias.

30 Eles te trataram assim, porque tu te prostituíste às nações, entre as quais te manchaste pelo culto dos seus ídolos.

31 Tu andaste pelo mesmo caminho de tua irmã, e eu te meterei na mão o cálice que ela bebeu.

32 Isto diz o Senhor Deus: Tu beberás o fundo e largo cálice de tua irmã: Serás o objeto dos insultos, e das irrisões, bebendo por êsse cálice de uma vastíssima capacidade. (5)

33 Tu serás cheia de embriaguez, e de dor: Com êste cálice de aflição e de tristeza, com êste cálice de tua irmã Samaria.

34 E tu o beberás, e o esgotarás até às fezes, e lhe devorarás os mesmos pedaços, e te rasgarás os próprios peitos: Porque eu sou o que falei, diz o Senhor Deus. (6)

35 Por cuja causa isto diz o Senhor Deus: Pois que tu te esqueceste de mim, e me lançaste para trás do teu corpo, carrega tu também com a tua maldade, e com as tuas fornicações.

36 E o Senhor me falou, dizendo: Filho do homem, não julgarás tu a Oola, e a Oóliba: E não lhes declararás tu as suas maldades?

37 Porque adulteraram, e se acha sangue nas suas mãos, e se prostituíram aos ídolos: Além disto elas lhes ofereceram, para serem devorados, até os seus filhos, que para mim geraram.

38 E ainda isto me fizeram: Mancharam o meu santuário naquele dia, e profanaram os meus sábados.

(5) **BEBENDO** — Como no hebreu a palavra que corresponde a cálice é do gênero feminino, por isso o intérprete latino, retendo aqui o mesmo gênero, em vez de dizer *qui est capacissimus*, escreveu por uma enálage de gênero *quæ est capacissima*.

(6) **E LHE DEVORARAS OS MESMOS PEDAÇOS** — Depois

39 E quando sacrificavam seus filhos aos seus ídolos, e entravam no meu santuário nesse dia para o profanarem: Elas ainda me fizeram esta injúria no meio da minha casa.

40 Fizeram buscar homens, que vinham de longe, a quem tinham mandado embaixadores: Eis-que enfim chegaram: Para receber os quais te lavaste, e untaste à roda os teus olhos com antimônio, e te adornaste com as tuas galas.

41 Tu te assentaste num leito especiosíssimo, e diante de ti se preparou uma mesa magnificamente ornada: Tu puseste em cima dela o meu incenso, e o meu perfume.

42 E à roda dela se ouvia a voz de muita gente que folgava e quanto àqueles varões, que dentre a multidão dos homens eram conduzidos, e vinham do deserto, puseram elas nas mãos dêles as suas manilhas, e formosas coroas nas suas cabeças.

43 Então disse eu àquela que estava cansada e gastada de adulterar: Agora mesmo continuará esta prostituta em se dar às suas impurezas.

44 E êles entraram em sua casa, como em casa de uma mulher pública: Assim é que êles entravam em casa destas perdidas mulheres, Oola, e Oóliba.

45 Êstes homens pois são uns justos: Êles as julgarão como se julgam as adúlteras, e como se julgam as que derramam o sangue: Porque elas com efeito são umas adúlteras, e nas suas mãos se acha sangue:

46 Porque isto diz o Senhor Deus: Faze vir contra estas duas prostitutas uma multidão de homens, e entrega-as ao tumulto, e ao saque da guerra.

47 E elas sejam apedrejadas com as pedras dos povos, e traspassadas com as suas espadas: Êstes lhes de o teres quebrado com os dentes, como fazem os ébrios no excesso da sua embriaguez. — De Carrières.

matarão os seus filhos, e filhas, e porão fogo às suas casas.

48 Assim é que eu abolirei de cima da terra os desaforos, e tôdas as mulheres aprenderão a não imitar a maldade destas.

49 Porque os vossos inimigos farão recair sobre vós os vossos crimes, e vós carregareis com os pecados dos vossos ídolos: E sabereis que eu sou o Senhor Deus.

CAPÍTULO 24

MARMITA FERRUGENTA CHEIA DE CARNE, FIGURA DE JERUSALÉM SITIADA PELOS CALDEUS.

1 E no ano nono, no décimo mês, a dez dias do mês, foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia: (1)

2 Filho do homem, escreve com pontualidade este dia, em que o rei de Babilônia se postou contra Jerusalém hoje mesmo. (2)

3 E dirás por modo de provérbio à casa irritadora esta parábola, e assim lhes falarás: Isto diz o Senhor Deus: Põe uma marmita ao lume: Põe-na, digo, e deita-lhe água dentro.

(1) E NO ANO NONO — Do cativo de Jeconias, filho de Joaquim. E era este dia dez, conforme Usset, quinta-feira, trinta de janeiro do ano do Mundo 3414. Foi quando Nabucodonosor iniciou o cerco de Jerusalém, 4 Rs 25, 1.

DÉCIMO MÊS — Do ano sagrado e quarto do civil. Começam na lua nova de dezembro segundo os rablanos, mas era provavelmente na de janeiro. — Glair, ed. 1902.

(2) ESCRIVE COM PONTUALIDADE ESTE DIA — Achar-se Ezequiel a este tempo na Mesopotâmia, onde viu em espírito o que sucedia em Jerusalém. E o mandar-lhe o Senhor que notasse, e escrevesse este dia, foi para que os judeus que com ele estavam, e que brevemente haviam de ter novas do que acontecera em Jerusalém, ficassem de todo confirmados que Ezequiel era um verdadeiro profeta. — Calmet.

4 Mete nela pedaços de carne, tôdas as boas porções, a coxa e a espádua, o escolhido e cheio de ossos. (3)

5 Pega na carne das rezes mais gordas, põe-lhe também por baixo a ruma dos ossos: Ferveu o que se cozia nela, e ficaram cozidos os seus ossos no meio dela.

6 Por cuja causa isto diz o Senhor Deus: Ai da cidade dos sangues, que é como uma marmita, que está cheia de ferrugem e a sua ferrugem não saiu dela: Lança fora as viandas que tem dentro por partes, e umas depois das outras; não caiu sorte sôbre ela. (4)

7 Porque o seu sangue está no meio dela, sôbre pedras mui limpas o derramou: Não o derramou sôbre a terra, de sorte que se possa cobrir com o pó. (5)

8 Assim para fazer cair sôbre ela a minha indignação, e para me vingar como ela merece: Espalhei eu o seu sangue sôbre as pedras mais limpas, para que não fôsse coberto.

9 Por cuja causa isto diz o Senhor Deus: Ai da cidade dos sangues, da qual eu farei uma grande fogueira.

(3) **PEDAÇOS DE CARNE** — Os judeus de tôdas as classes e condições que deviam perecer durante o cerco, ou conduzidos ao cativoiro.

(4) **NÃO CAIU SORTE SÔBRE ELA** — Sôbre ela marmita, e suas viandas, como o expõe Calmet, ou sôbre ela cidade, e seus habitantes, como o entende de Carrières. E num e outro sentido o não se deitar sorte é não fazer distinção de coisas ou pessoas.

(5) **SÔBRE PEDRAS MUI LIMPAS O DERRAMOU** — É' coisa natural que derramando-se o sangue sôbre a terra, embeba a terra em si o humor do sangue, ou pouco a pouco se cubra êle de terra, e de pó. Quando porém se derrama o sangue sôbre uma pedra mui limpa, e sem fendas, corre por ela, e faz regueiro. E isto mostra que Jerusalém cometia homicídios não ocultos, mas públicos. — S. Jerônimo.

10 Põe os ossos uns sôbre os outros, para que eu os faça queimar no fogo: As carnes consumir-se-ão, e tôda esta composição ficará cozida, e os ossos reduzidos a nada.

11 Põe também a marmita vazia sôbre as brasas, para que ela aqueça, e o seu cobre se derreta: E se funda no meio dela a sua imundície, e se consuma a sua ferrugem.

12 Trabalhou-se com muito suor por limpá-la, e não saiu dela a sua demasiada ferrugem, nem por meio do fogo.

13 A tua imundície é execrável: Porque eu quis limpar-te, e não te limpaste das tuas impurezas: Mas nem tu ficarás limpa, menos que eu não faça repousar sôbre ti a minha indignação.

14 Eu o Senhor falei: Virá o tempo, e eu o farei: Não passarei, nem perdoarei, nem me aplacarei: Segundo os teus caminhos, e segundo o capricho das tuas invenções eu te julgarei, diz o Senhor. (6)

15 E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

16 Filho do homem, eis-aqui estou eu que te tiro de um golpe o objeto mais agradável de teus olhos: Mas tu não te lamentarás nem chorarás, nem te correrão as lágrimas pelo rosto. (7)

(6) **NÃO PASSAREI, NEM PERDOAREI, NEM ME APLACAREI** — Ainda não perdoando nos mostra Deus a sua clemência, havendo-se conosco à maneira do mágico, que não perdoa aos membros pobres, para se salvarem os sãos. Não perdoa agora, para depois vir a perdoar: mostra-se cruel, para vir a compadecer-se; nem considera a dor do paciente, mas a saúde que a ferida causa. *Non parcat, ut parcat: crudelis est, ut misereatur: non considerat patientis dolorem, sed vulneris sanitatem.* — S. Jerônimo.

(7) **O OBJETO MAIS AGRADÁVEL DE TEUS OLHOS** —

17 Geme lá para ti, não tomarás luto, como se faz pelos mortos: Fique-te atada na cabeça a tua coroa, e tu terás metidos nos pés os teus sapatos; não te cobrirás o rosto com véu, nem comerás dos manjares que se dão aos que estão de nôjo. (8)

18 Eu pois falei de manhã ao povo, e à tarde morrei minha mulher: E ao outro dia pela manhã fiz o que o Senhor me tinha ordenado.

19 Então me disse o povo: Por que nos não descobres tu que é o que significam estas coisas que tu fazes?

20 E eu lhes disse: Foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

21 Fala à casa de Israel: Isto diz o Senhor Deus: Eis-aí vou eu profanar o meu santuário, ornamento soberbo do vosso império, e objeto mais agradável de vossos olhos, e sôbre cuja ruína está em susto a vossa alma: Os vossos filhos e as vossas filhas, que deixastes, cairão aos golpes da espada.

22 E vós fareis como eu fiz: Não vos cobrireis o rosto com véu, nem comereis dos manjares que se dão aos que estão de nôjo.

23 Tereis coroas nas vossas cabeças, e calçados nos pés: Não vos lamentareis nem chorareis, mas definhar-vos-eis nas vossas iniquidades, e cada um afogará os gemidos, olhando para seu irmão.

24 E Ezequiel será para vós um portento do futuro: Tudo o que êle fêz, fareis vós igualmente quando chegar êste tempo: E vós sabereis que eu sou o Senhor Deus.

Isto é, tua mulher, cuja morte inopinada se refere abaixo no versículo 18.

(8) **FIQUE-TE ATADA NA CABEÇA A TUA COROA** — Por coroa da cabeça se deve aqui entender simplesmente a compostura natural dos cabelos. — S. Jerônimo.

25 E tu, filho do homem, nota que no dia em que eu tirar d'êles a sua fortaleza, e o gôzo da sua dignidade, e o cobiçoso emprêgo de seus olhos, sôbre que descansam as suas almas, a saber, seus filhos e filhas:

26 Naquele dia, quando vier ter contigo algum que escapar, para te dar novas:

27 Quando aquêlê dia, digo, tiver chegado, abrir-se-á a tua bôca para falares com aquêlê que escapou fugindo: E tu falarás, e não ficarás mais em silêncio: E tu lhes serás um portento do futuro, e vós sabereis que eu sou o Senhor.

CAPÍTULO 25

PROFECIA CONTRA OS AMONITAS E MOABITAS, QUE SE ALEGRARAM COM OS MALES DA CASA DE JUDÁ, E CONTRA OS IDUMEUS E FILISTEUS, QUE SATISFIZERAM CONTRA ÊLES O SEU ÓDIO.

1 E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

2 Filho do homem, encara tu bem para os filhos de Amon, e assim profetizarás sôbre êles.

3 E dirás aos filhos de Amon: Ouvi a palavra do Senhor Deus: Isto diz o Senhor Deus: Pelo motivo de haveres proferido: E' bem feito, é bem feito sôbre o meu santuário, por ter sido profanado: E sôbre a terra de Israel, porque foi desolada: E sôbre a casa de Judá, porque foram levados para o cativeiro.

4 Por isso eu te entregarei aos filhos do Oriente, para vires a ser a sua herança, e êles estabelecerão em ti os seus apriscos, e porão em ti as suas tendas: Êles te comerão os teus frutos: E êles te beberão o teu leite. (1)

(1) POR ISSO EU TE ENTREGAREI AOS FILHOS DO ORIENTE — Cinco anos depois da tomada de Jerusalém, como

5 E reduzirei Rabat a ser habitação de camelos, e a morada dos filhos de Amon a ser colheita de gados: E vós sabereis que eu sou o Senhor. (2)

6 Porque isto diz o Senhor Deus: Pelo motivo de teres aplaudido com as mãos, e batido com os pés, e de te haveres alegrado de todo o teu coração à vista dos males da terra de Israel:

7 Por isso eis-aí vou eu a estender sôbre ti a minha mão, e te entregarei ao saque das gentes, e tirar-te-ei dentre os povos, e te exterminarei da face da terra, e te reduzirei em pó: E tu saberás que eu sou o Senhor.

8 Isto diz o Senhor Deus: Pelo motivo de que Moab e Seir disseram: Eis-aí está que assim como são tôdas as gentes, assim é a casa de Judá:

9 Por isso eis-aí vou eu a abrir o ombro de Moab pela parte das cidades, das cidades, digo, dela, e pela banda das suas fronteiras, as nobres da terra, Betiesimot, e Beel-meon, e Cariataim, (3)

10 eu o abrirei aos filhos do Oriente, tratando os

afirma José no livro X das Antiguidades Judaicas, cap. XI, fêz Nabucodonosor uma irrupção, em que sujeitou ao seu império os amonitas, moabitas, e outras muitas nações. Depois do que vendo os árabes, que estas províncias se achavam assoladas, e desertas pelo fogo da guerra, atraídos da sua fertilidade, e comodidade, entraram a povoá-las, e cultivá-las. Assim aos amonitas, e moabitas, primeiros habitantes, sucederam os povos da Arábia deserta. E estes são no sentir de S. Jerônimo os que Ezequiel aqui chama filhos do Oriente. Todavia outros intérpretes querem que por filhos do Oriente se entendam aqui os mesmos caldeus, ou babilônios, que tinham tomado e debelado a Judéa.

(2) **E REDUZIREI RABAT** — Esta cidade, estando florescentes as coisas dos amonitas, era metrópole do seu país.

(3) **POR ISSO EIS-AÍ VOU EU** — Por “ombro” costumam as Escrituras significar tudo o que numa terra há de mais fortê, e de mais bem municiado. — S. Jerônimo.

filhos de Moab como tratei os filhos de Amon, e eu lhes entregarei Moab para vir a ser a sua herança: A fim de que não haja mais memória dos filhos de Amon entre as gentes. (4)

11 E sobre Moab excitarei os meus juízos: E eles saberão que eu sou o Senhor.

12 Isto diz o Senhor Deus: Pelo motivo de que a Iduméia fomentou sempre a sua vingança para a desfogar contra os filhos de Judá, e pecou delinquindo, e desejou ansiosamente vingar-se deles:

13 Por essa causa isto diz o Senhor Deus: Eu estenderei a minha mão sobre a Iduméia, e tirarei dela os homens, e as alimárias, e a porei deserta desde o Meio-Dia: E os que estão em Dedan, cairão mortos à espada. (5)

14 E exercitarei a minha vingança sobre a Iduméia, pela mão do meu povo de Israel: E eles tratarão a Edom segundo a minha ira, e o meu furor: E os idumeus saberão que eu sei vingar-me, diz o Senhor Deus. (6)

15 Isto diz o Senhor Deus: Porque os príncipes da Palestina executaram os intentos da sua vingança, e se vingaram de todo o seu coração, matando, e satisfazendo às suas antigas inimizades:

(4) **A FIM DE QUE NÃO HAJA MAIS MEMÓRIA DOS FILHOS DE AMON** — Em suprir o que neste versículo necessariamente se deve subentender, e em atá-lo com o versículo seguinte, encostei-me à paráfrase de S. Jerônimo, que assim mesmo expôs o que em latim exprimira do hebreu.

(5) **E A POREI DESERTA DESDE O MEIO-DIA** — Isto é, desde Teman que fica ao Meio-Dia, até Dedan que fica ao Norte. Assim se colhe do hebreu, e da versão dos Setenta.

(6) **PELA MÃO DO MEU POVO DE ISRAEL** — Esta profecia se cumpria alguns séculos depois da tornada do cativo, governando já os macabeus, 1 Mac 5, 5.65 e 2 Mac 10, 16.

16 Por essa causa isto diz o Senhor Deus: Eis-aí vou eu a estender a minha mão sobre os povos da Palestina, e matarei êstes matadores, e perderei as relíquias da costa do mar:

17 E dêles tomarei grandes vinganças, argüindo-os no meu furor: E êles saberão que eu sou o Senhor, quando eu tiver exercitado a minha vingança sobre êles.

CAPÍTULO 26

TIRO POR SE TER REGOZIJADO DA RUÍNA DE JERUSALÉM
SERÁ TAMBÉM DESTRUÍDA POR NABUCODONOSOR. A
SUA RUÍNA ENCHERÁ DE TEMOR A TODOS OS POVOS
VIZINHOS.

1 E aconteceu no ano undécimo ao primeiro do mês que me foi dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia: (1)

2 Filho do homem, pelo motivo de que Tiro disse falando de Jerusalém: E' bem feito que foram quebradas as portas desta populosa cidade, os seus povos vieram a mim: Eu me engrandecerei com o que ela perdeu, agora que ela está deserta.

3 Portanto isto diz o Senhor Deus: Eis-aí vou eu contra ti, ó Tiro, e farei subir contra ti muitas nações, como o mar faz subir as suas ondas quando se incha.

4 E elas destruirão os muros de Tiro, e deitarão abaixo as suas tôrres: E lhe rasparei até o pó, e eu a tornarei como uma pedra muito lisa.

5 Ela virá a ser no meio do mar como um enxuga-

(1) E ACONTECEU — Não declara o hebreu, nem alguma das versões antigas, que mês era êste; mas todos os modernos intérpretes convêm que êste ano undécimo ou o undécimo do cativello de Jeconias, e do reinado de Sedecias, é o mesmo em que Jerusalém-fol tomada.

douro das rêdes, porque eu sou o que falei, diz o Senhor Deus: E ela será entregue por presa às nações.

6 As suas filhas, que estão no campo, serão também passadas ao fio da espada: E elles saberão que eu sou o Senhor. (2)

7 Porque isto diz o Senhor Deus: Eis-aí vou eu a fazer vir das partes do Setentrião para Tiro a Nabucodonosor, rei de Babilônia, esse rei dos reis, com cavalos, e carroças de guerra, e cavalaria, e com grandes tropas, e diversos povos. (3)

8 Elle fará cair a golpes de espada as tuas filhas, que estão no campo: E te cercará de fortins, e fará trincheiras ao redor: E levantará o escudo contra ti. (4)

9 E disporá contra os teus muros as suas mantas de guerra, e os seus vaivéns, e destruirá a fôrça das suas máquinas as suas tôrres.

10 Pela inundaçã dos cavalos dêle te cobrirá o pó das suas tropas: Ao estrondo da sua cavalaria, e das rodas e das carroças tremerão as tuas muralhas, quando elle entrar pelas tuas portas, como quem entra pela brecha de uma cidade demolida.

11 Com as unhas dos seus cavalos pisará tôdas as tuas ruas: Elle fará passar o teu povo pelo gume da espada, e cairão por terra as tuas famosas estátuas. (5)

(2) **AS SUAS FILHAS** — Por estas filhas de Tiro entende Calmet as cidades da sua dependência, pelas quais começou a mortandade.

(3) **ESSE REI DOS REIS** — Assim se intitulavam os reis de Babilônia, e à sua imitação depois os reis da Pérsia.

(4) **E LEVANTARÁ O ESCUDO CONTRA TI.** — Cobertos com os escudos assaltavam os inimigos as cidades, que queriam tomar.

(5) **AS TUAS FAMOSAS ESTÁTUAS** — As estátuas dos teus ídolos, que numa cidade tão grande, e supersticiosa, é crível que fossem muitas, e mui preciosas em matéria e feição.

Ezequiel 26, 12-14

12 Eles farão o seu despôjo das tuas riquezas, saquearão as tuas mercancias: E destruirão as tuas muralhas, e arruinarão as tuas magníficas casas: E deitarão no meio das águas as tuas pedras, as tuas madeiras e o teu pó.

13 E farei cessar a variedade dos teus concertos músicos, e não se ouvirá mais em ti o som das tuas cítaras:

14 E te tornarei como uma pedra muito lisa, tu virás a ser um enxugadouro de rédes, e não tornarás a ser edificada: Porque eu sou o que falei, diz o Senhor Deus. (6)

(6) E NÃO TORNARÁS A SER EDIFICADA — Ezequiel descreve o esplendor de Tiro, o prestígio de que gozava, a prosperidade que atingiu, o seu famoso comércio e as riquezas colossais que as naus lhe traziam das mais afastadas regiões. Da Lídia vinha o ferro, o estanho e o chumbo da Grécia, os escravos e os cavalos. A Etiópia fornecia o ébano e o marfim; a Síria, as pedras preciosas, a púrpura e as esquisitas e opulentas tapeçarias; a Judéia o bálsamo, o mel e as resinas aromáticas. Do território de Damasco, chegava o vinho; da Saba o ouro e os perfumes. A África, a Ásia e a Europa contribuíam à porfia para o engrandecimento daquela irrealizável opulência. No ano 715, o rei da Assíria pretende debalde chegar às portas de Tiro; mas cento e quarenta anos depois, o rei de Babilônia, Nabucodonosor, forçou os muros e fez o cerco que durou catorze anos. Tiro jamais se levantou da enorme calamidade que a assolou. Algumas centenas de casas arruinadas e desertas, onde os árabes recolhem os seus gados, eis o que resta de todo esse esplendor de outrora. Cfr. *Le drame Macédonien, le siège de Tyro. Revue des deux mondes* 15 de novembre de 1880, pag. 397. Acêrca desta passagem escreveu S. Jerônimo: *Nabucodonosor cum oppugnaret Tyrum, et arietes, machinas, vineasque, eo quod cincta esset mari, muris non posset adjungere, infinitam exercitus multitudinem jussit saxa ei aggeres comportare, et expleto medio mari, immo freto angustissimo, vicinum litus insulae fecit continuum. Et quia Dei in hac parte obedierat voluntati, post aliquot annos captivitatis Tyriae daturus Aegyptus. In Ezech. XXIX,*

15 Isto diz o Senhor Deus a Tiro: Acaso não tremerão as ilhas ao estampido da tua ruína, e ao gemido dos teus mortos quando no meio de ti fôrem degolados?

16 E todos os príncipes do mar descerão dos seus tronos: E largarão as insígnias da sua grandeza, e arrojarão de si os seus vestidos bordados, e ficarão cheios de espanto: Êles se assentarão na terra e, atônitos com a tua repentina queda, pasmarão.

17 E fazendo uma lamentação sôbre ti, te dirão: Como pereceste tu, que habitas no mar, ó cidade ínclita, que tens sido poderosa no mar com os teus habitantes a quem todos temiam?

18 Agora pasmarão as naus no dia da tua espantosa ruína: E ficarão turbadas as ilhas no mar, vendo que ninguém sai dos teus portos.

19 Porque isto diz o Senhor Deus: Quando eu te tiver reduzido a uma cidade deserta, como as cidades que não são habitadas: E quando tiver feito vir sôbre ti um abismo, e te tiver coberto um dilúvio de águas:

20 E quando te tiver precipitado com aquêles que descem ao fôssô, para te ajuntar à multidão dos mortos eternos, e te tiver colocado no fundo da terra com os que são levados ao lago para ficares sempre desabitada, como as solidões antigas: Quando eu já tiver estabelecido a minha glória na terra dos viventes. (7)

Irz. A antiga Tiro, tomada por Nabucodonosor, não foi reconstruída. Quanto à predição de Is 23, 17, que Tiro, depois de um esquecimento de setenta anos seria visitado pelo Senhor, deve referir-se à moderna Tiro, levantada pelos habitantes da antiga, quando se refugiam na ilha durante o cerco. Cfr. Glaire. *La Sainte Bible* 1852.

(7) **COM AQUELES QUE DESCEM AO FÓSSO** — Com os que estão na sepultura.

NA TERRA DOS VIVENTES — Na terra de Israel, pela res-

21 Eu te reduzirei a nada, e tu mais não existirás, e ainda que te busquem, não te acharão mais para sempre, diz o Senhor Deus.

CAPÍTULO 27

CANTICO LUGUBRE SOBRE A RUÍNA DE TIRO. DESCRIÇÃO DA SUA BELEZA, DA SUA FORÇA, DAS SUAS RIQUEZAS, DO SEU COMÉRCIO. A SUA CAÍDA ENCHERÁ DE ASSOMBRO A TODOS OS POVOS MARÍTIMOS.

1 E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

2 Tu pois, filho do homem, faze uma lamentação sobre Tiro:

3 E dirás à mesma Tiro, que habita na entrada do mar a este empório do comércio dos povos de tantas ilhas: Isto diz o Senhor Deus: O' Tiro, tu disseste: Eu sou de uma formosura perfeita,

4 e situada no coração do mar. Os teus vizinhos, que te edificaram, completaram a tua formosura:

5 De faia de Sanir te fabricaram com tôdas as cobertas dos teus vasos do mar: Êles tomaram um cedro do Líbano para te fazer um mastro. (1)

6 Êles aplainaram os carvalhos de Basan para os teus remos: De marfim da Índia te fizeram os teus bancos, e de madeira das ilhas da Itália as tuas câmaras de pôpa. (2)

tauração de Jerusalém e do Templo, como entendem Calmet e de Carrières.

(1) **DE FAIA DE SANIR** — Sanir é aquêl monte a que os hebreus chamam "Hermon." (Dt 3, 9), situado ao oriente do Jordão, nos confins da Síria, da mesma sorte que o Líbano ao Ocidente.

(2) **ILHAS DA ITALIA** — Em hebreu: ilhas de Kittim, e que designa as ilhas do Mediterrâneo.

7 O fino linho do Egito tecido em bordadura te compôs a vela para se pôr no mastro: O jacinto e a púrpura das ilhas de Elisa fizeram o teu pavilhão. (3)

8 Os habitantes de Sidônia e de Arada foram os teus remeiros: Os teus sábios, ó Tiro, foram os teus pilotos. (4)

9 Os velhos de Gebal, e os mais hábeis dentre eles, deram os seus marinheiros, para te servirem em tôda a equipagem dos teus baixéis: Todos os navios do mar, e os seus marinheiros estiveram entre o povo da tua negociação. (5)

10 Os persas e os da Lídia, e os da Líbia eram as tuas gentes de guerra no teu exército: Eles suspenderam em ti os seus escudos e capacetes para te servirem de ornamento.

11 Os filhos de Arada com o teu exército estavam sobre as tuas muralhas em circuito: E até os pigmeus que estavam nas tuas tôrres, penduraram as suas aljavas à roda dos teus muros: Eles completaram a tua formosura. (6)

12 Os cartagineses, que traficavam contigo, trazendo-te tôda a casta de riquezas, encheram os teus mercados de prata, de ferro, de estanho, e de chumbo. (7)

(3) **DAS ILHAS DE ELISA** — De Elisa, no Peloponeso.

(4) **E DE ARADA** — E' uma cidade célebre nas costas da Fenícia.

(5) **OS VELHOS DE GEBAL** — E' outra cidade da Fenícia, chamada por outro nome "Biblos".

(6) **PIGMEUS** — Combatentes. No original está *gammadim*, que designa os bravos, designa as tropas indígenas da Fenícia.

(7) **OS CARTAGINESES** — O hebreu diz: "Tharsis era a tua negociação." Calmet pretende que "Tharsis" seja "Tarso", cidade celeberrima da Cilícia; Tartessus, na Bética e na Espanha, de onde os Fenícios tiravam os metais enumerados neste versículo.

13 A Grécia, Tubal e Mosoc, também êstes sustentavam o teu comércio: Trouxeram ao teu povo escravos, e vasos de metal. (8)

14 Da casa de Togorma trouxeram à tua praça cavalos, e cavaleiros, e machos. (9)

15 Os filhos de Dedan negociaram contigo: O comércio das tuas manufaturas se estendeu a muitas ilhas: Êles em troca das tuas mercadorias te deram dentes de marfim, e de pau de ébano. (10)

16 Os sírios se meteram no teu tráfico por causa da multidão das tuas obras, expuseram à venda nos teus mercados pérolas, e púrpura, e estofos bordados de pequenos escudos, e linhos finos, e sêdas, e tôda a casta de mercadorias preciosas. (11)

17 Os povos de Judá, e da terra de Israel foram os mesmos que comerciaram contigo no melhor trigo; êles

(8) A GRÉCIA, TUBAL E MOSOC — Por Grécia entende S. Jerônimo a Jônia, em hebraico Iavan; por Tubal os íberos orientais, ou os ocidentais da Espanha; por Mosoc os moscos da costa oriental do mar Negro.

(9) DA CASA DE TOGORMA — Calmet crê que a Togorma é a Sarmácia, outra afluência; de Carrières tem a Togorma por uma cidade da Frigia. — Pereira.

(10) OS FILHOS DE DEDAN — Os Setenta vertendo aqui os Ródios, parece que liam no hebreu *Redan*, em lugar de *Dedan*. Por outra parte do livro do Gênesis consta que houve um homem chamado Dedan, que era filho de Jecaa, e neto de Abraão e de Cetura, que se estabeleceu na Arábia, Gên 24, 3. Cfr. Glaire. Bochart conjectura que em lugar de *Dedan* se deve aqui ler *Dadan*, que é outro homem, que segundo o mesmo livro do Gênesis, foi filho de Regma e neto de Cus. Gên 10, 7. E os descendentes dêste põe êle na enseada da Pérsia.

(11) MERCADORIAS PRECIOSAS — Assim traduz o padre Pereira o termo original, conservado na Vulgata *chodchod*, que alguns querem que seja o jaspe.

puseram de venda nas tuas feiras o bálsamo, e o mel, e o azeite, e a resina.

18 O de Damasco traficava contigo pela abundante variedade dos teus gêneros, pela multidão de várias riquezas, em vinho generoso, em lãs da mais alva côr.

19 Os da tribo de Dan, e os da Grécia, e os de Mosel, expuseram à venda nos teus mercados obras de ferro polido: E mirra distilada, e a cana aromática entravam no teu comércio. (12)

20 Os de Dedan traficavam contigo pelos teus magníficos tapêtes para assento. (13)

21 A Arábia, e todos os príncipes de Cedar, estavam também metidos na dependência do teu comércio: Com cordeiros, e carneiros, e cabritos vinham a ti para commerciar contigo.

22 Os vendedores de Sabá e de Reema commerciavam também contigo: Com todos os mais subidos aromas, e pedras preciosas, e ouro que expuseram à venda nos teus mercados.

23 Haran, e Quêne, e Éden entravam igualmente no teu negócio: Sabá, Assur, e Quelmad vinham vender-te as suas mercadorias: (14)

(12) DAN — Provavelmente a cidade dêste nome, que fica nas margens do Jordão, chamada Pamade.

MOSEL — Lugar desconhecido.

(13) PELOS TEUS MAGNÍFICOS TAPÊTES PARA ASSENTO — Assim a Vulgata in tapetibus ad sedendum. Mas o hebreu tem: Dedan est mercator tuus pro magnificis indumentis ad equitandum, os de Dedan te compravam os teus magníficos chairéis para os cavalos; e assim traduziram aqui não só Le Gros, que segue os originaes, mas também Sacy e de Carrières, que costumam encostar-se à Vulgata.

(14) HARAN E QUÊNE, E ÉDEN — Haran ou Carras, cidade da Mesopotâmia; Quêne, ou Calana, segundo alguns. Crecl-

24 Eles tinham contigo um tráfico de diversos gêneros, trazendo-te fardos de jacinto, e de bordados de várias côres e de ricas preciosidades, que vinham embrulhadas, e atadas com cordas: também ajuntavam a isto madeira de cedro para negociar contigo.

25 Os teus vasos faziam o teu comércio principal: E tu foste cheia de bens, e elevada à mais sublime glória no coração do mar.

26 Os teus remeiros te conduziram sôbre grandes águas: O vento do Meio-Dia te quebrou no coração do mar.

27 As tuas riquezas, e os teus tesouros, e a tua equipagem tão grande, os teus marinheiros, e os teus pilotos, que dispunham de tudo o que servia à tua grandeza, e que governavam a tua tripulação: Também as tuas gentes de guerra, que pelejavam por ti, com tôda a multidão do povo, que estava no meio de ti: Cairão todos juntos no fundo do mar no dia da tua ruína. (15)

28 Ao estrondo da gritaria dos teus pilotos se turbarão as frotas:

29 E todos os que tinham o remo descerão dos seus vasos: Os marinheiros, e todos os pilotos do mar pararão em terra:

30 E farão sôbre ti um grande pranto em altas vozes, e gritarão com amargura: E deitarão pó sôbre as suas cabeças, e se cobrirão de cinza.

fonte sôbre o Tigre; Éden, província aonde estava situado o paraíso terreal.

(15) **QUE DISPUNHAM DE TUDO O QUE SERVIA À TUA GRANDEZA** — Ou “que tinham mão nas tuas alfaias.” Isto é, como diz o caldeu, “que davam providência ao que te era necessário”. Mas o hebreu traz: “Os que reparavam as tuas fendas” ou rombos os teus calafates.

31 E se raparão por tua causa os cabelos, e se vestirão de cilícios: E na amargura do seu coração êles deramarão lágrimas sôbre ti, com um pranto amargosíssimo.

32 E farão sôbre ti lúgubres cânticos, e chorarão a tua desgraça, dizendo: Que cidade há como Tiro, que emudeceu no meio do mar?

33 Tu, ó Tiro, que pela exportação das tuas mercadorias por mar encheste de bens a tantos povos: Pela multidão das tuas riquezas, e das tuas nações enriqueceste os reis da terra.

34 Agora foste tu quebrada pelo mar, as tuas riquezas estão no fundo das suas águas, e essa tua multidão de gente, que vivia no meio de ti, tôda pereceu.

35 Todos os habitantes das ilhas estão a teu respeito cheios de espanto: E todos os seus reis feridos desta tempestade mudaram de rosto.

36 Os negociantes de todos os povos te deram muitas vaías: Tu foste reduzida a nada, e tu não serás jamais restabelecida.

CAPÍTULO 28

PROFECIA DA RUÍNA DO PRÍNCIPE DE TIRO. CÂNTICO LÚGUBRE SOBRE ESTA RUÍNA. PROFECIA SOBRE A DESOLAÇÃO DE SIDÔNIA. PROMESSA DO RESTABELECIMENTO DE ISRAEL.

1 E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

2 Filho do homem, dize ao príncipe de Tiro: Isto diz o Senhor Deus: Pelo motivo de que o teu coração se elevou, e tu disseste: Eu sou Deus, e estou assentado sôbre a cadeira de Deus no meio do mar: Sendo homem,

e não Deus, e avaliaste o teu coração como o coração de um Deus. (1)

3 Eis-aí está que tu és mais sábio que Daniel: Nenhum segredo há oculto a ti. (2)

4 Tu te fizeste poderoso pela tua sabedoria, e pela tua prudência: E ajuntaste ouro, e prata nos tesouros:

5 Tu acrescentaste o teu poder pela extensão da tua sabedoria, e pela multiplicação do teu comércio: E o teu coração se elevou na tua fortaleza.

6 Por cuja causa isto diz o Senhor Deus: Pelo motivo de que o teu coração se elevou, como se fôsse o coração de um Deus:

7 Por isso eis-aí vou eu a fazer vir sobre ti uns estrangeiros, os mais poderosos dentre as gentes: E desembainharão as suas espadas contra a formosura da tua sabedoria, e afearão a tua beleza.

8 Eles te matarão, e te precipitarão do trono: E tu morrerás na perda dos que serão mortos no coração do mar.

(1) **DIZE AO PRÍNCIPE DE TIRO** — Calmet assenta que este príncipe de Tiro era Itobal, fundado em que José no livro X das *Antiguidades Judaicas*, cap. XI, refere por testemunho de Filostrato, que ao tempo que Nabucodonosor tomou Tiro, era Itobal o seu rei, que depois da mesma tomada foi morto, segundo se colhe do versículo 8.

(2) **EIS-ÁÍ ESTA QUE TU ÉS MAIS SÁBIO QUE DANIEL** — Dito por ironia, se insistirmos no sentido da Vulgata, que diz absolutamente: *Ecce sapientior es tu Daniele*. Porque os Setenta o põe por interrogação: *Numquid sapientior es tu Daniele?* Acaso és tu mais sábio que Daniel? Sacy, e de Carrières tirada tôda a ironia verteram: "Tu creste de ti seres mais sábio do que Daniel." Tudo vem a coincidir no mesmo. Vivia então Daniel em Babilônia, tido e havido na corte de Nabucodonosor pelo homem mais sábio que se conhecia, havendo já alguns catorze ou quinze anos que tinha decifrado ao mesmo rei o sonho que tivera da estátua formada de diversos metais.

9 Acaso falarás tu diante dos teus matadores, dizendo: Eu sou Deus: Sendo tu um homem sujeito ao poder dos que te matam, e não um Deus?

10 Tu morrerás da morte dos incircuncidados, à mão de estrangeiros: Porque eu sou o que falei, diz o Senhor Deus. (3)

11 E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia: Filho do homem, levanta um grande pranto sobre o rei de Tiro:

12 E dir-lhe-ás: Isto diz o Senhor Deus: Tu eras o sêlo da semelhança, cheio de sabedoria, e perfeito na beleza. (4)

13 Tu estiveste nas delícias do paraíso de Deus: O teu vestido estava ornado de tôda a casta de pedras preciosas: O sárdio, o topázio, e o jaspe, a crisólita, e a cor-nalina, e o berilo, a safira, e o carbúnculo, e a esmeralda, e o ouro, tudo foi empregado em realçar a tua formosura:

(3) TU MORRERAS DA MORTE DOS INCIRCUNCIDADOS

— Isto se pode entender em três sentidos: um que o rei de Tiro morreria de uma morte cruel e desumana, qual se podia esperar de uns homens bárbaros e ímpios, como os caldeus; outro, que morreria de uma morte miserável e infeliz, qual é a dos idólatras, que morrem sem esperança alguma da Ressurreição e vida eterna; terceiro, que morreria de uma morte infame, qual os hebreus reputavam a de morrer às mãos de homens que não eram circuncidados, como Saul disse ao seu escudeiro. 1 Rs 31, 4.

(4) TU ERAS O SELO DA SEMELHANÇA — Os Santos

Padres comumente consideram aqui a descrição do poder, e da ruína do rei de Tiro, como uma figura da glória e queda de Lúcifer. E alguns houve que com Santo Optato de Milavi o applicaram a Donato, autor do grande cisma, que por tantos anos assolou a Igreja de África. S. Jerônimo, segundo a variedade de expressões que se observa nesta profecia, parte a entende do rei de Tiro, parte do príncipe dos demônios. Calmet tudo explica do rei de Tiro.

Ezequiel 28, 14-17

E os teus instrumentos foram preparados no dia em que foste criado. (5)

14 Tu eras um querubim, que estendia as suas asas e protegia a arca, e o propiciatório, e eu te pus sobre o monte santo de Deus, tu andaste no meio das pedras brilhantes como o fogo. (6)

15 Tu eras perfeito nos teus caminhos desde o dia da tua criação, até que a iniquidade se achou em ti.

16 Na multiplicação do teu comércio se encheram as tuas entranhas de iniquidade, e caíste no pecado: E eu te lancei fora do monte de Deus, e te exterminei, ó querubim protetor, do meio das pedras incendidas.

17 E o teu coração se elevou no teu esplendor: Tu perdeste a tua sabedoria na tua formosura, eu te lancei por terra: Eu te expus diante da face dos reis, para que eles te vissem.

(5) **NAS DELÍCIAS DO PARAÍSO DE DEUS** — O hebreu diz: "Foste o Jardim do Senhor em Éden. Porque em Éden nos diz a Escritura que estava o Paraíso, em que Deus pôs a Adão, segundo a versão dos Setenta. Gên 2, 8.

E A ESMERALDA — A estas nove pedras preciosas, que a Vulgata exprime, juntam os Setenta mais três que são: o ligúrio, a ágata, a ametista.

E OS TEUS INSTRUMENTOS — Isto é, música como flautas, e outros. E' pois o sentido: Tu nasceste, ou celebraste o teu nascimento, ou subiste ao trono, ressoando no teu palácio todos os instrumentos musicos. O hebreu: As obras dos teus tambores e flautas estiveram aparelhadas em ti no dia em que foste criado. isto é, elevado ao trono.

(6) **QUE ESTENDIA AS SUAS ASAS E PROTEGIA** — O texto original não exprime que coisa era a que o querubim estendia, nem que coisa a que protegia. Mas como é manifesta a alusão aos dois querubins que estavam no tabernáculo, daqui supri eu uma e outra coisa seguindo a S. Jerônimo, que assim parafraseia este texto.

18 Tu violaste a tua santidade pela multidão das tuas iniquidades, e pelas injustiças do teu comércio: Eu pois farei sair do meio de ti um fogo que te devore, e te reduzirei em cinza sôbre a terra, aos olhos de todos os que te virem.

19 Todos os que te virem entre as nações ficarão espantados de ti: Tu foste aniquilado, e não tornarás mais a ser.

20 E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

21 Filho do homem, vira o teu rosto para Sidônia: E profetizarás sôbre ela.

22 E dirás: Isto diz o Senhor Deus: Eis-aqui venho eu a ti, ó Sidônia, e eu serei glorificado no meio de ti: E saberão que eu sou o Senhor quando tiver nela excitado os meus juízos, e nela fôr santificado.

23 E farei atear nela peste, e correr o sangue pelas suas ruas: E cairão no meio dela mortos à espada por todos os seus contornos: E saberão que eu sou o Senhor.

24 E Sidônia não será mais para a casa de Israel um tropêço de amargura, e uma espinha que cause dor de tôdas as partes ao redor daqueles que lhe são contrários: E saberão que eu sou o Senhor Deus. (7)

25 Isto diz o Senhor Deus: Quando eu tiver ajuntado a casa de Israel de entre os povos, em que têm andado dispersos, serei eu santificado nêles aos olhos das gentes: E êles habitarão na sua terra, que eu dei a meu servo Jacó.

(7) **E SIDÔNIA NÃO SERÁ MAIS** — Com efeito, Sidon foi causa de escândalo e opróbrio para a casa de Israel, abasando a idolatria por sugestão de Jezabel, mulher de Acab e filha de Ethaal, rei dos sidônios (3 Rs 16, 31). Foi como um espinho ferindo os israelitas com as suas violências e vexames.

26 E habitarão nela sem temor algum: E edificarão casas e plantarão vinhas, e viverão numa inteira segurança, quando eu tiver exercitado os meus juízos sobre todos os que são seus adversários em contórno: E saberão que eu sou o Senhor Deus dêles.

CAPÍTULO 29

PROFECIA CONTRA O REI DO EGITO.

1 No dia onze do décimo mês do ano décimo, me foi dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

2 Filho do homem, põe o teu rosto contra Faraó, rei do Egito, e profetizar-lhe-ás tudo o que está para acontecer a êle, e ao Egito: (1)

3 Fala-lhe, e dize-lhe: Isto diz o Senhor Deus: Eis-aqui venho eu a ti, ó Faraó, rei do Egito, dragão enorme, que te deitas no meio dos teus rios, e dizes: O rio é meu, e eu sou o que a mim mesmo me criei. (2)

(1) **CONTRA FARAÓ REI DO EGITO** — E' o mesmo Faraó, de que fala Jer 44, 30, e a quem Heródoto no Livro XIV chama Apries ou Hofra.

(2) **DRAGÃO ENORME** — Assim se chamavam os reis do Egito, por causa de terem no seu reino o crocodilo, animal monstruoso da classe dos anfíbios. O célebre etimologista Bochart julga que o mesmo nome de Faraó significa da sua origem crocodilo.

QUE TE DEITAS NO MEIO DOS TEUS RIOS — Diz rios no plural, aludindo aos muitos braços em que o Nilo se reparte.

O RIO É MEU — No Nilo e nas suas inundações punham os egípcios tôda a sua glória e tôda a sua confiança. Lucano no Livro VIII.

"Terra suis contenta bonis, non indigna mercis

"Aut Jovis: in solo tanta est fiducia Nilo."

E sobre a longa jactância de Faraó Apries, refere Heródoto no lugar acima citado, que êle costumava dizer que nem os deuses, nem os homens lhe podiam tirar o reino.

4 E te porei nos queixos um freio: E prenderei os peixes dos teus rios às tuas escamas: E eu te tirarei para fora do meio dos teus rios, e todos os teus peixes estarão pegados às tuas escamas.

5 E te lançarei para o deserto, e a todos os peixes do teu rio: Tu cairás sobre a face da terra, não te levantarão nem te sepultarão: Eu te dei por pasto às alimárias da terra, e às aves do céu:

6 E todos os habitantes do Egito saberão que eu sou o Senhor: Pois que tu foste para a casa de Israel um bordão de cana. (3)

7 Quando eles te tomaram na mão, e tu te quebraste, e lhes rasgaste todo o ombro, e quando eles cuidavam que se seguravam em ti, tu te fizeste em pedaços, e lhes fizeste arrebentar todos os seus rins.

8 Por esta causa isto diz o Senhor Deus: Eis-aí vou eu a fazer cair a espada sobre ti: E eu matarei dentre vós os homens e as alimárias.

9 E a terra do Egito será reduzida a um deserto, e uma solidão: E eles saberão que eu sou o Senhor: Porque tu disseste: O rio é meu, e eu é que o fiz.

10 Por isso eis-me aqui contra ti, e contra os teus rios: E mudarei a terra do Egito numas solidões, depois que a guerra a tiver assolado, desde a torre de Siene até os confins da Etiópia. (4)

(3) **POIS QUE TU FOSTE PARA A CASA DE ISRAEL UM BORDÃO DE CANA** — E onde esteve aqui a culpa digna de tão grande castigo? S. Jerônimo não aponta outra, que a de ter o rei do Egito prometido mais do que podia dar, e a ter dado com isto ocasião a que o povo hebreu a confiança que devia pôr em Deus a pusesse no auxílio do homem. *Dum magna promittit, eos a Dei auxilio separat.*

(4) **DESDE A TORRE DE SIENE** — ou antes, conforme o hebraico: Desde Migdol até Siene. A palavra Migdol, que signi-

Ezequiel 29, 11-17

11 Não passará por ela pé de homem, nem andará nela pé de alimária: E não será habitada quarenta anos.

12 E porei a terra do Egito já deserta na classe dos países desertos, e as suas cidades na classe das cidades destruídas, e elas estarão desoladas quarenta anos: E espalharei para diversas nações aos egípcios, e os deitarei ao vento para várias terras.

13 Porque isto diz o Senhor Deus: Depois de findos quarenta anos, eu tornarei a ajuntar os egípcios do meio dos povos, para onde êles tinham sido espalhados. (5)

14 E tornarei a trazer os cativos do Egito, e os estabelecerei na terra de Fatures, na terra da sua nascença: E êles ficarão sendo ali um reino humilde: (6)

15 O Egito será o mais humilde de todos os reinos, e se não tornará mais a levantar por cima das nações, e eu os diminuirei, para que não dominem sôbre as gentes.

16 E não serão mais a confiança da casa de Israel, ensinando-lhes a iniquidade, para que fujam de mim, e os sigam: E saberão que eu sou o Senhor Deus.

17 E no ano vinte e sete, no primeiro dia do primeiro mês, aconteceu isto: Foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

fica **tôrre**, era também um nome próprio da cidade mencionada no Ex 14, 2; Núm 33, 7; Jer 44, 1; ou a Vulgata verteu nestas passagens por **Madalena**, e os Setenta traduziram por **Magdalon**. **Migdol** estava ao norte e Siene ao sul. Nabucodonosor levou as suas conquistas no Egito até Siene, no Alto Egito, hoje Assonan, perto da primeira catarata do Nilo, quase na região tropical.

(5) **DEPOIS DE FINDOS QUARENTA ANOS** — isto é, provavelmente quando **Ciro**, no começo do seu reinado, deu a liberdade a todos os povos que Nabucodonosor e seus predecessores tinham aprisionado para lá do Eufrates.

(6) **FATURES** — Cantão situado no Alto Egito, perto de Tebaida.

18 Filho do homem, Nabucodonosor, rei de Babilônia, me rendeu com o seu exército um grande serviço no cerco de Tiro: Tôdas as cabeças ficaram calvas, e todos os ombros ficaram pelados: E contudo nem a êle, nem ao seu exército se deu alguma recompensa em atenção de Tiro, pelo serviço que me fêz na tomada dela. (7)

19 Por cuja causa isto diz o Senhor Deus: Eis-aí vou eu pôr a Nabucodonosor, rei de Babilônia, na terra do Egito: E lhe tomará todo o povo, e fará dêle a sua prêsa, e repartirá os seus despojos: E esta será a recompensa que terá o seu exército.

20 E assim será pago do serviço que me fêz no cerco desta cidade: E eu lhe entregarei a terra do Egito, porque êle trabalhou para mim, diz o Senhor Deus.

(7) **ME RENDEU COM O SEU EXÉRCITO UM GRANDE SERVIÇO** — Quando Nabucodonosor sitiou e tomou a Tiro, não lhe veio à cabeça fazer nisso algum serviço ao verdadeiro Deus; nem esta foi a sua intenção. Ainda assim Deus, considerando o fato pelo que era em si mesmo, o reputa como serviço, e como tal o remunera; não com prêmio de bens sobrenaturais e eternos, mas com prêmio de bens temporais e caducos, dando-lhe os despojos do Egito. Dêste modo discorre Santo Agostinho no Livro V, Da Cidade de Deus, cc. 12, 13, 14 e 15, que em prêmio da justiça, fidelidade, e clemência natural que exercitaram com os inimigos, fêz Deus aos romanos senhores de todo o mundo, bem como já antes tinha premiado a misericórdia das parteiras do Egito, com lhes dar numerosas e ricas famílias.

E CONTUDO NEM A ÊLE NEM AO SEU EXÉRCITO — Ou porque a cidade espontâneamente se entregou, como querem Usset e Grócio, ou porque sendo tomada não foi entregue ao saque, como aqui parafraseia de Carrières, ou finalmente porque os tiros, vendo que não podiam resistir, tomaram o expediente de se embarcarem, levando consigo todo o preciso que tinham, para outras Ilhas do mar Jônio e Egeu, como sôbre o capítulo 23 de Isaias tinha escrito S. Jerônimo.

21 Naquele dia reflorescerá o poder da casa de Israel, e eu te abrirei a bôca no meio dêles: E saberão que eu sou o Senhor. (8)

CAPÍTULO 30

DISSOLUÇÃO PRÓXIMA DO EGITO. A ETIÓPIA FICARÁ COM ISTO TODA ASSUSTADA. O SENHOR ACABARÁ DE QUEBRAR O BRAÇO DE FARAÓ, E FORTIFICARÁ O BRAÇO DO REI DE BABILÔNIA.

1 E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

2 Filho do homem, profetiza e dize: Isto diz o Senhor Deus: Dai urros, ai, ai do dia:

3 Porque o dia está perto, e se aproxima o dia do Senhor: Êsse dia de nublado, que será o tempo das nações.

4 E a espada virá ao Egito: E o pavor se apossará da Etiópia, quando êles caírem feridos no Egito, e fôr tirada a sua multidão, e destruídos os seus fundamentos.

5 A Etiópia, e a Líbia, e os lídios, e todos os outros povos, e Cub, e os filhos da terra do concêrto, cairão com êles debaixo do gume da espada. (1)

(8) REFLORESCERA O PODER DA CASA DE ISRAEL — S. Jerônimo entende isto de Zorobabel, que nasceu em Babilônia, e era descendente da família de Davi. Outros, com Menochio e Tittino de Jeconias, que depois da morte de Nabucodonosor foi tirado do cárcere por mandado de Evilmerodac. Outros, com Teodoreto o entendem da soltura do cativo por decreto de Ciro. — Pereira.

(1) E OS LÍDIOS — Todos os Intérpretes convêm que a Lídia de que aqui se fala é diversa da Lídia da Ásia, como confluente com o Egito. — Pereira.

E CUB — E' o país dos cubos, mencionados por Ptolomeu, na província de Matider. — Pereira.

E OS FILHOS DA TERRA DO CONCÊRTO — Por êstes entendem uns os israelitas, com quem Deus tinha feito o Santo Pacto,

6 Isto diz o Senhor Deus: E os que sustinham o Egito cairão e a soberba do seu império será destruída: Eles cairão aos golpes da espada no Egito desde Siene, diz o Senhor Deus dos exércitos:

7 E ficarão dispersos no meio de terras desoladas, e as suas cidades serão postas na classe das cidades desertas.

8 E eles saberão que eu sou o Senhor: Quando eu tiver pôsto fogo ao Egito, e fôrem desfeitos todos os que lhe davam auxílio. (2)

9 Naquele dia sairão de diante da' minha face men-

que tantas vêzes ocorre nos profetas. Outros querem que por filhos da terra do concôrto se entendam todos os povos que então se achavam confederados com o Egito. A primeira interpretação tem por si os Setenta, que onde a Vulgata diz *et filii teræ fœderis tem et filii testamenti mei.* — Pereira.

(2) PÔSTO FOGO AO EGITO — Josefo, nas suas Antiquidades Judaicas, X, IX, 7, afirma-nos que a profecia de Ezequiel se cumpriu literalmente, e que não só Nabucodonosor se apoderou dêste país, como mandou assassinar o rei substituindo-o por outro de sua confiança. Wiedmann diz que os monumentos modernamente descobertos se encarregam de confirmar a narração da história da *Judéa Der Krieg Nebucadnezars gegen Aegypten*, estudo publicado no *Zeitschrift für ägyptische Sprache*, 1878, pp. 5 e 6. Segundo a narração de Josefo, Nabucodonosor deve ter feito a campanha contra o Egito entre 573 e 571. Alguns críticos heterodoxos contestaram a profecia de Ezequiel fundando-se no silêncio de Heródoto e Diodoro, porém a epigrafia egípcia e a epigrafia caldaica vingam brilhantemente a exatidão do escritor hebraico e a verdade das profecias. Uma estátua célebre, representando um personagem célebre, por nome Nes-Hor, alude claramente na respectiva inscrição à campanha de Nabucodonosor. Esta inscrição, de alta importância, foi publicada primeiramente pelo sábio jesuíta Kircher. *Obelisci aegyptiaci... interpretatio hieroglyphica*, Roma 1666. Modernamente estudaram-na em 1841 Pierret Clarac *Musée de sculpture antique et moderne. Recueil d'inscriptions.*

Ezequiel 30, 10-16

sageiros embarcados em galés para quebrar a ousadia da Etiópia, e haverá espanto entre êles no dia do Egito, porque êste dia chegará sem dúvida.

10 Isto diz o Senhor Deus: Eu farei cessar a multidão do Egito pela mão de Nabucodonosor, rei de Babilônia.

11 Êle mesmo, e o seu povo com êle, os mais fortes das gentes serão levados para perderem a terra: E desembainharão as suas espadas sôbre o Egito: E encherão a terra de mortos.

12 E secarêi as madres dos rios, e entregarei a terra nas mãos dos péssimos: E destruirei esta terra, e tudo o que ela contém pela mão dos estrangeiros, eu, o Senhor, é que falei.

13 Isto diz o Senhor Deus: E exterminarei as estatuas, e farei cessar os ídolos de Mênfis: E não tornará mais a haver príncipe da terra do Egito: E eu espalharei o terror pela terra do Egito.

14 E arruinarei o país de Fatures, e meterei fogo em Tafnis, e exercitarei os meus juízos em Alexandria. (3)

15 E derramarei a minha indignação sôbre Pelúsio, que é a fôrça do Egito, e farei morrer essa multidão de Alexandria. (4)

16 E meterei fogo no Egito: Pelúsio sentirá dores como a mulher que está para parir, e Alexandria será destruída, e em Mênfis haverá quotidianos apertos.

(3) **EM ALEXANDRIA** — O hebreu diz “em No”, cidade que Calmet presume ser a mesma que “Dióspole”. Porque Alexandria não a houve, senão trezentos anos depois de Ezequiel, que foi quando a fundou Alexandre Magno. — **Pereira.**

(4) **SÔBRE PELÚSIO** — Cidade sôbre o Nilo, donde a S. Isidoro Abade veio o sobrenome de Pelusiota, e sôbre cujas ruínas se edificou a que hoje se chama **Daniela** e chamada a fôrça do Egito, que defendia a entrada do lado do Mediterrâneo, da Arábia e da Palestina.

17 Os mancebos de Heliópole e de Bubasto cairão mortos ao fio da espada, e as mulheres serão levadas cativas. (5)

18 E o dia se fará negro em Tafnis, quando eu quebrar ali os ceptros do Egito, e faltar nêle a soberba do seu poder: Cobri-lo-á um nublado: E as suas filhas serão levadas para o cativeiro. (6)

19 E exercitarei no Egito os meus juízos: E êles saberão que eu sou o Senhor.

20 E aconteceu no ano undécimo, no primeiro mês, aos sete do mês, que me foi dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia: (7)

21 Filho do homem, eu quebrei o braço de Faraó, rei do Egito: E eis-aí está que êle não foi envolvido, para se lhe restituir a saúde, para se atar com tiras, e se embrulhar em toalhas, para que, tendo recobrado a fôrça, pudesse menear a espada.

22 Portanto isto diz o Senhor Deus: Eis-me aqui contra Faraó, rei do Egito, e esmigalharei o seu braço forte, mas quebrado: E farei cair a espada da sua mão:

23 E porei dispersos aos do Egito entre as gentes, e os lançarei ao vento por diversas terras.

24 Ao mesmo tempo eu fortificarei os braços do rei de Babilônia, e meter-lhe-ei a minha espada na sua mão:

(5) **OS MANCEBOS DE HELIÓPOLE** — Cidade capital duma Província do mesmo nome no Baixo Egito, cujo nome quer dizer “Cidade do Sol”, assim como Bubasto é outra cidade posta sobre aquêlê braço do Nilo, que é mais chegado à Arábia. E’ o braço Telesiaco do Nilo, ao lado da atual cidade Zagazig.

(6) **TAFNIS** — Cidade fortificada do Egito, a qual os geógrafos chamam Dafué de Telúria.

(7) **NO ANO UNDÉCIMO** — Do cativeiro do rei Jeconias, que é o da tomada de Jerusalém por Nabucodonosor.

E quebrarei os braços de Faraó, e darão grandes gemidos os que fôrem mortos diante de seus olhos.

25 E fortificarei os braços do rei de Babilônia, e os braços de Faraó ficarão sem força alguma: E eles saberão que eu sou o Senhor, quando eu meter a minha espada na mão do rei de Babilônia, e ele a estender sobre a terra do Egito.

26 E porei dispersos aos do Egito entre as nações, e lançá-los-ei ao vento para diversas terras, e eles saberão que eu sou o Senhor.

CAPÍTULO 31

O SENHOR EXORTA O REI DO EGITO A QUE CONSIDERE O PODER DO REI DA ASSÍRIA, O QUAL, AINDA QUE MUITO MAIS PODEROSO, FOI INTEIRAMENTE DESTRUÍDO. A MESMA SORTE SE ANUNCIA AO REI DO EGITO.

1 E aconteceu no ano undécimo, no terceiro mês, ao primeiro do mês, que me foi dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

2 Filho do homem, dize a Faraó, rei do Egito, e ao seu povo: A quem te tens tu assemelhado na tua grandeza? (1)

3 Eis-aí tens tu a Assur como um cedro no Líbano, formoso nos ramos, e frondoso nas fôlhas, e levantado na altura, e dentre a sua densa ramiada se elevou a sua copa. (2)

(1) **FARAÓ** — Apries Ezequiel faz esta profecia contra o Egito trinta e oito dias antes da tomada de Jerusalém, para mostrar aos judeus cativos em Babilônia, que ainda esperavam que o exército egípcio viesse em seu favor, quanto era vã a sua esperança.

(2) **EIS-AÍ TENS TU A ASSUR** — Isto é, ao rei dos assírios Sesac, chamado por outro nome Quinaladan. A este rei poderosíssimo tinha vencido e morto Nabopolassar Babilônio, pai de

4 As chuvas o criaram, um grande conjunto de águas o fêz levantar-se muito alto: Os seus rios corriam em tórno das suas raízes, e êle mandou os seus regatos a tôdas as árvores da circunvizinhança. (3)

5 Por isso a sua altura se elevou sôbre tôdas as árvores do país: E se multiplicaram os seus braços, e se elevaram os seus ramos por causa das muitas águas.

6 E como êle atirava com a sua sombra a muito longe, tôdas as aves do céu fizeram os seus ninhos sôbre os seus ramos, e tôdas as alimárias dos bosques fizeram criação debaixo da sua copa, e um grande número de gentes habitava debaixo da sombra de suas fôlhas.

7 E era êle formosíssimo pela sua grandeza, e pela dilatada extensão de seus braços: Porque a sua raiz estava perto de grandes águas.

8 No jardim de Deus não havia cedros alguns mais altos do que êle; as faias não igualavam a sua altura, nem os plátanos lhe eram iguais na sua ramagem: Nenhuma árvore do jardim de Deus se assemelhou a êle, nem à sua formosura. (4)

9 Porquanto eu o fiz vistoso, e de muitos, e espessos ramos: E tiveram dêle emulação tôdas as árvores deliciosas, que havia no jardim de Deus.

Nabucodonosor, haveria trinta e oito anos antes que Ezequiel profetizasse. E sôbre esta ruína do império assírio levantou Nabopolassar o novo Império dos Caldeus e Babilônios. — *Pereira.*

(3) **UM GRANDE CONJUNTO DE ÁGUAS** — São as riquezas e o poderio dos assírios.

OS SEUS RIOS — As diversas razões tributárias ao rei da Assíria.

SEUS REGATOS — Figuram os príncipes e os governadores que em diversas paragens mantinham o prestígio assírio.

(4) **NO JARDIM DE DEUS** — Isto é, no Paraíso terreal. — *Glairé.*

10 Por essa causa isto diz o Senhor Deus: Porque êste cedro se elevou na sua altura, e lançou tão alta a ponta dos seus verdes e copados ramos, e porque o seu coração se elevou na sua grandeza:

11 Eu o entreguei nas mãos do mais forte das gentes, êle o tratará como me der na vontade: Eu o rejeitei, como a sua impiedade o merecia. (5)

12 E uns estrangeiros, e os mais cruéis de todos os povos o cortarão pelo pé, e o lançarão sôbre os montes, e os seus ramos cairão de tôdas as partes ao longo dos vales, e os seus braços serão quebrados sôbre todos os rochedos da terra: E todos os povos do mundo se retirarão de estar debaixo da sua sombra, e o deixarão.

13 Tôdas as aves do céu habitaram nas suas ruínas, e tôdas as alimárias da terra se acolheram para debaixo da sua ramada. (6)

14 Por isso tôdas as árvores plantadas sôbre as águas, não se elevarão na sua altura, nem estenderão o seu cume por entre a reboleira dos bosques e suas ramadas, nem essas árvores tôdas, que têm o regadio das águas, se susterrão na sua elevação: Porque todos foram entregues à morte, lançados no fundo da terra, no meio dos filhos dos homens, entre aquêles que descem ao lago. (7)

15 Isto diz o Senhor Deus: No dia em que êle desceu aos infernos, fiz eu que houvesse um grande luto,

(5) **DO MAIS FORTE DAS GENTES** — De Nabopolasar Babilônio, que, unido com Astyages, Sátrapa dos medos, sitiou a Quinaladan em Nínive, e tomada esta capital da Assíria, o mandou matar.

(6) **NAS SUAS RUÍNAS** — Os povos submetidos do império da Assíria sujeitos a um soberano seu delegado.

(7) **NO FUNDO DA TERRA** — E' o sentido de expressão da Vulgata *terram ultimam*.

eu o cobri do abismo: E detive os rios que o regavam, e coibi as grandes águas: O Líbano se entristeceu com a sua caída, e tôdas as árvores do campo estremeceram.

16 Eu comovi as gentes ao estampido da sua ruína, quando eu o conduzia ao inferno, com os que desciam ao lago: E se consolaram no fundo da terra tôdas as árvores de deleite, egrégias, e preclaras do Líbano, tôdas as que eram regadas com as águas. (8)

17 Porque também êsses mesmos com êle descerão ao inferno entre os que foram mortos pela espada: E o braço de cada um se assentará à sua sombra no meio das nações. (9)

18 A quem te assemelhaste tu, ó ínclito e sublime entre as árvores das delícias? Eis-aí fôste precipitado com tôdas essas árvores deliciosas no fundo da terra: Tu dormirás no meio dos incircuncidados, com os que foram mortos pela espada. Tal é a sorte de Faraó, e de todo o seu povo, diz o Senhor Deus. (10)

(8) **E SE CONSOLARAM NO FUNDO DA TERRA** — Isto é, os outros príncipes e monarcas, semelhantes às árvores do regadio e amenas no monte Líbano, vendo no inferno ao rei dos assírios, consolar-se-ão tendo a tão grande personagem por companheiro da sua desgraça. — Menochio.

(9) **PORQUE TAMBÉM ÊSSES MESMOS COM ELE** — Vem a dizer, que a sorte dos babilônios seria a mesma que a dos assírios.

E O BRAÇO DE CADA UM — O hebreu: Os seus mesmos príncipes também com êle desceram ao sepulcro, aquêles que foram o seu braço, e que se assentaram no outro tempo à sua sombra. O sentido pois mais natural é que pereceriam todos aquêles que eram como o braço dêste rei, e que o defendiam com intrépido valor vivendo debaixo do seu domínio.

(10) **TAL É A SORTE DE FARAÓ** — Porque assim como Nabopolassar destruiu a Quilidamo, rei dos assírios, assim Nabucodonosor, rei de Babilônia, destruirá a Apries, substituindo-lhe na coroa a Amasis.

CAPÍTULO 32

CANTICO LÉGUBRE SOBRE A RUÍNA DE FARAÓ. OUTRO
CANTICO LÉGUBRE SOBRE A RUÍNA DO EGITO.

1 E aconteceu que, no ano duodécimo, no mês duodécimo, ao primeiro do mês, me foi dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia: (1)

2 Filho do homem, faze pranto sôbre Faraó, rei do Egito, e dir-lhe-ás: Tu te assemelhaste ao leão das gentes, e ao dragão, que está no mar: E tu ferias com as pontas tudo o que estava nos teus rios, e turbavas as águas com os teus pés, e pisavas as correntes delas. (2)

3 Por cuja causa isto diz o Senhor Deus: Eu estenderei sôbre ti a minha rêde na multidão de muitos povos, e eu te tirarei para fora na minha rêde. (3)

4 E te arrojarei em terra, lançar-te-ei sôbre a face do campo: E farei pousar sôbre ti tôdas as aves do céu, e fartarei do teu corpo as alimárias de tôda a terra.

5 E espalharei as tuas carnes por cima dos montes e encherei os teus outeiros do teu sangue podre.

6 E regarei a terra por cima dos montes com o cheiro insuportável do teu sangue, e os vales ficarão cheios do que tiver saído de ti.

7 E enlutarei o céu, quando fôres morto, e farei enegrecer as suas estrêlas: Encobrirei o sol com uma nuvem, e a lua não dará a sua luz.

(1) **NO ANO DUODÉCIMO** — Do cativoiro do rei Jeconias, cap. 8, 1. E' o duodécimo mês do ano sagrado e sexto do ano civil. Segundo os rabinos começava na lua nova de fevereiro, mas provavelmente na de março.

(2) **DRAGÃO** — O crocodilo.

(3) **E EU TE TIRAREI PARA FORA NA MINHA RÊDE** — Os Setenta dizem: e eu te tirarei para fora no meu anzol.

8 Eu farei que todos os lumiares do céu se entristeçam sôbre a tua perda: E espalharei as trevas sôbre a tua terra, diz o Senhor Deus, quando os teus feridos caírem no meio da terra, diz o Senhor Deus. (4)

9 E farei bramar o coração de muitos povos, quando tiver espalhado a nova da tua ruína entre as gentes sôbre uns países que tu não conheces.

10 E farei com que muitos povos fiquem atônitos à vista da tua perda: E deixar-se-ão por causa dela os seus reis possuir em extremo de um formidável horror, quando a minha espada começar a voar sôbre os rostos déles: E se espantará repentinamente cada um, desconfiando da sua própria vida no dia da tua ruína.

11 Porque isto diz o Senhor Deus: A espada do rei de Babilônia virá sôbre ti.

12 Eu pelas espadas dos fortes desfarei as tuas numerosas tropas: Todos êstes povos são inexpugnáveis: E êles destruirão a soberba do Egito e tôda a sua multidão será dissipada.

13 E farei perecer tôdas as suas alimárias, que se criavam ao longo de suas águas: E não nas turvará jamais pé de homem, nem unha de alimárias as enlodará.

14 Então tornarei eu puríssimas as suas águas, e farei correr os seus rios como o azeite, diz o Senhor Deus:

15 Quando eu tiver desolado a terra do Egito: Será porém despojada a terra de quanto nela há, quando eu ferir a todos os seus habitantes: E êles saberão que eu sou o Senhor.

16 Êste é o pranto que tu deves fazer, e desta sorte é que hão de chorar a Faraó: As filhas das gentes os

(4) QUANDO OS TEUS FERIDOS CAÍREM NO MEIO DA TERRA — Estas palavras faltam no Hebreu e nos Setenta, e ainda em algumas edições latinas.

lamentarão: Sobre o Egito e sobre a sua multidão, o chorarão, diz o Senhor Deus.

17 E aconteceu que no ano duodécimo, aos quinze do mês, me foi dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

18 Filho do homem, canta um cântico lúgubre sobre todo o povo do Egito: E precipita-o a êle mesmo, e as filhas das gentes fortes na terra mais baixa com aquêles que descem ao lago.

19 Em que és mais estimável? Desce, e dorme com os incircuncidados.

20 Êles cairão todos no meio daqueles que foram mortos à espada: Foi dada a espada, precipitaram-no a êle, e a todos os seus povos.

21 Do meio do inferno virão falar-lhe os mais poderosos dentre os fortes, que lá desceram com os que tinham vindo em seu socorro, e que, tendo passado pelo fio da espada, morreram incircuncidados.

22 Ali está Assur, e tôda a sua multidão de povo: Os seus sepulcros estão ao redor dêle: Todos êles foram mortos, e os mesmos que caíram a golpes da espada, (5)

23 cujos sepulcros foram postos no mais profundo do lago: E todo o seu povo foi sepultado ao redor do seu sepulcro, tôda esta turbamulta de mortos, e que pereceram à espada, os quais noutro tempo tinham causado terror na terra dos viventes. (6)

24 Ali está Elam, e todo o seu povo ao redor do seu sepulcro: Todos êstes são os que foram mortos, e passados ao fio da espada: Os que desceram incircuncidados aos mais baixos lugares da terra: Os que difundiram o

(5) ALI ESTA ASSUR E TODA A SUA MULTIDÃO DE POVO — Isto é, o rei dos assírios.

(6) CUJOS SEPULCROS FORAM POSTOS — Quer dizer que foram tanto êstes reis, como os povos que imitaram a sua impiedade, sepultados todos nas profundezas do inferno.

seu terror na terra dos viventes, e que levaram sôbre si a ignomínia com os que descem ao lago.

25 Êles puseram o leito dêle entre todos os seus povos no meio dos quais foram mortos: Os seus sepulcros estão ao redor dêle: Todos êstes são uns incircuncidados e foram passados ao fio da espada: Porque infundiram o seu terror na terra dos viventes, e levaram sôbre si a ignomínia com os que descem ao lago: Êles foram postos no meio dos que tinham sido mortos.

26 Ali se acha Mosoc e Tubal, e todo o seu povo: Os seus sepulcros estão ao redor dêle: Todos êstes são uns incircuncidados e foram mortos, e caíram debaixo da espada: Porque difundiram o seu terror na terra dos viventes.

27 E não dormiram com os valentes, e que caíram mortos, e com os incircuncidados, que desceram ao inferno com as suas armas, e que puseram as suas espadas debaixo das suas cabeças, e as suas iniquidades penetraram até os seus ossos: Porque êles se fizeram o terror dos fortes na terra dos viventes.

28 Tu pois serás também reduzido em pó no meio dos incircuncidados, e dormirás com os que foram passados ao fio da espada.

29 Ali a Iduméia, e os seus reis, e todos os seus capitães, que com o seu exército foram postos entre aquêles que foram mortos à espada: E que dormiram com os incircuncidados, e com os que descem ao lago.

30 Ali todos os príncipes do Aquilão, e todos os caçadores: Que foram conduzidos com os que tinham sido mortos, todos tremendo, e todos confusos, apesar da sua ferocidade: Que morreram incircuncidados, com os que tinham perecido a golpes da espada, também êles levaram sôbre si a sua confusão com os que descem ao lago.

31 Faraó os viu, e êle se consolou sôbre tôda a sua

multidão, que foi morta pelo gume da espada, Faraó os viu, e todo o seu exército, diz o Senhor Deus:

32 Porque eu espalhei o meu terror pela terra dos viventes, e dormi no meio dos incircuncidados, com os que tinham sido mortos pela espada: Faraó, e todo o seu povo, diz o Senhor Deus.

CAPÍTULO 33

EZEQUIEL É CONSTITUÍDO SENTINELA PELA CASA DE ISRAEL. O SENHOR NÃO QUER A PERDA DA CASA DE ISRAEL, MAS A SUA CONVERSÃO: A QUAL EZEQUIEL TODAVIA NÃO CONSEGUE COM SUAS ADVERTÊNCIAS.

1 Foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia: (1)

2 Filho do homem, fala aos filhos do teu povo, e tu lhes dirás: Quando eu tiver feito vir a espada sobre uma terra, e o povo desta terra tomar um homem dos ínfimos dentre eles, e o constituir por Atalaia para vigiar sobre ele.

3 E ele vir que vem a espada sobre esta terra, e tocar a trombeta, e avisar disto ao povo:

4 E se ouvindo algum, seja ele quem quer que fôr, o som da trombeta, e não se guardar, e sobrevier a espada, e o matar: O seu sangue cairá sobre a sua cabeça.

5 Ele ouviu o som da trombeta, e não se guardou, cairá sobre ele o seu sangue: Mas se ele se guardar, salvará a sua alma.

6 Se ao contrário o Atalaia vir que vem a espada, e não tocar a trombeta: E o povo se não guardar, e vier a espada, e levar uma alma dentre eles: Este tal foi por

(1) Começa aqui a segunda parte, em que Ezequiel profetiza o restabelecimento de Israel e do reino messiânico.

certo apanhado na sua iniquidade, mas eu demandarei o seu sangue da mão do Atalaia.

7 Ora tu, filho do homem, tu és aquêlê a quem eu constituí por Atalaia à casa de Israel: Tu pois, ouvindo as palavras da minha bôca, lhas anunciarás a êles da minha parte.

8 Se dizendo eu ao ímpio: Ímpio, tu infalivelmente morrerás: Não fales tu ao ímpio, para êle se guardar do seu caminho: Morrerá êsse ímpio na sua iniquidade, mas eu requererei da tua mão o seu sangue. (2)

9 Se advertindo tu porém o ímpio que se converta dos seus caminhos, êle se não converter do seu caminho: Morrerá êle na sua iniquidade: Porém tu livraste a tua alma.

10 Tu pois, filho do homem, dize à casa de Israel: Assim falastes vós, dizendo: As nossas iniquidades, e os nossos pecados estão sôbre nós, e nós apodrecemos nêles: Como poderemos nós logo viver? (3)

11 Responde-lhes assim: Eu juro por minha vida, diz o Senhor Deus: Que eu não quero a morte do ímpio, mas sim que o ímpio se converta do seu caminho, e viva. Convertei-vos, convertei-vos, deixando os vossos péssimos caminhos: E por que haveis vós de morrer, casa de Israel? (4)

(2) **TU INFALIVELMENTE MORRERÁS** — S. Jerônimo entende esta ameaça da morte eterna, Teodoreto da temporal.

(3) **COMO PODEREMOS NÓS LOGO VIVER?** — Contra êste louco discurso dos israelitas, escreve S. Jerônimo neste lugar: *In auditoris arbitrio est vel audire, et facere, atque salvari; vel contemnere, et proprio perire contemptu.* Na liberdade do ouvinte está ou ouvir e fazer, e salvar-se; ou desprezar o que ouviu, e peccar por causa de o ter desprezado.

(4) **E POR QUE HAVEIS VÓS DE MORRER, CASA DE ISRAEL?** — Dos sobreditos textos vimos a aprender, que todo o homem por mais iníquo e ímpio que seja, se ouvir as palavras do

12 Tu pois, filho do homem, dize aos filhos do teu povo: Em qualquer dia que o justo pecar, a sua justiça não no livrará: E em qualquer dia que o ímpio se converter da sua impiedade, a impiedade lhe não fará mal: E em qualquer dia que o justo venha a pecar, êle não poderá viver na sua justiça.

13 Ainda quando eu disser ao justo que terá vida, e êle confiado na sua justiça cometer a iniquidade: Tôdas as suas obras de justiça serão entregues ao esquecimento, e êle, na sua iniquidade que cometeu, nessa mesma morrerá.

14 Se porém depois que eu tiver dito ao ímpio: Tu certissimamente morrerás: E êle fizer penitência do seu pecado, e obrar conforme a retidão e a justiça:

15 E se êsse ímpio restituir o penhor que lhe foi confiado, e se tornar a seu dono os bens que furtou, se andar nos mandamentos da vida, e não fizer nada de injusto: Êle viverá certissimamente, e não morrerá:

16 Nenhum dos pecados que cometeu lhe será impu-

mestre e fizer penitência, se pode salvar da sua impiedade. *Ex quibus verbis discimus, posse hominem quamvis iniquum, et impium, si magistri verba audierit, et egerit poenitentiam, a sua impietate salvari.* Nem se segue logo, que uma vez que o profeta predisse o castigo, haja infallivelmente de vir o castigo: porque êle não o predisse, para que venha, mas predi-lo, para que não venha. Nem porque Deus fala, é logo necessário que suceda o que êle por isso ameaça, para que se converta aquêle a quem ameaça, e para que não suceda o que sem dúvida sucederá, se se desprezarem as palavras do Senhor. *Nec statim sequitur, ut quia propheta praedicat, veniat quod praedixit. Non enim praedicat ut veniat, sed ne veniat: nec quia Deus loquitur, necesse est fieri quod minatur: sed ideo comminatur, ut convertatur ad poenitentiam cui minatur; et non fiat quod futurum est, si verba Domini contemnantur.* — S. Jerônimo.

tado: Ele fez o que era reto e justo, assim certissimamente viverá.

17 Depois disto replicaram os filhos do teu povo: O caminho do Senhor não é justo, e o caminho deles é injusto.

18 Porque quando o justo se apartar da sua justiça, e cometer obras de iniquidade, ele morrerá nelas.

19 Pelo contrário, quando o ímpio deixar a sua impiedade, e fizer obras de retidão e justiça, ele viverá por elas.

20 Ainda assim dizeis vós: O caminho do Senhor não é reto. Casa de Israel, eu hei de julgar a cada um de vós segundo os seus próprios caminhos.

21 E aconteceu no ano duodécimo, no décimo mês, aos cinco do mês da nossa transmigração, que um homem que tinha fugido de Jerusalém, me veio buscar, dizendo: A cidade foi devastada.

22 Ora a mão do Senhor se me tinha dado a sentir na tarde do dia antecedente ao em que tinha chegado o homem que fugira: E abriu a minha boca antes que o tal homem viesse ter comigo pela manhã, e tendo-me sido aberta a boca, não fiquei mais em silêncio. (5)

23 E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

24 Filho do homem, os que habitam nessas casas arruinadas sobre a terra de Israel, falando assim dizem: Abraão era um só homem, e ele possuiu esta terra por herança: Nós outros, porém, somos muitos, a nós é que foi dada esta terra para a possuirmos.

25 Dir-lhes-ás portanto: Isto diz o Senhor Deus: Vós que comeis as vossas viandas com sangue, e levan-

(5) **E TENDO-ME SIDO ABERTA A BÓCA** — Isto é, o que o Senhor tinha prometido ao profeta. Acima cap. 24, versículo 27.

Ezequiel 33, 26-29

tais os vossos olhos para as vossas inmundícias, e que deramais o sangue alheio: Porventura possuireis esta terra como vossa herança? (6)

26 Vós sempre estivestes prontos para puxar pela espada, vós cometestes abominações, e cada um de vós tem violado a mulher de seu próximo: E então possuireis vós esta terra como herança? (7)

27 Tu lhes dirás isto: Assim diz o Senhor Deus: Eu juro por minha vida, que os que habitam nesses lugares arruinados, perecerão à espada: E os que estão nos campos, serão entregues às feras para que os devorem: E os que se acolheram aos lugares fortes, e às cavernas, morrerão de peste.

28 E reduzirei esta terra a uma solidão, e a um deserto, e desfalecerá a sua altiva fortaleza: E os montes de Israel serão desolados, sem que haja pessoa alguma que por eles passe.

29 E eles saberão que eu sou o Senhor, quando eu tiver assim tornado desolada e deserta a terra dêles por

(6) **DIR-LHES-AS PORTANTO** — Este versículo, e o seguinte não o traziam os Setenta nos exemplares de que usou S. Jerônimo, nem ainda agora os traz a edição romana dos mesmos Setenta. Trazem-nos porém com o hebreu, a edição dos Setenta de Alcalá, o manuscrito Alexandrino, e Teodoro, como também as três versões de Áquila, Símaco e Teodocião.

VÓS QUE COMEIS AS VOSSAS VIANDAS COM SANGUE — Tudo o que era sangue, era proibido comer aos judeus. Lev 7, 26 e 27, 14.

(7) **VÓS SEMPRE ESTIVESTES PRONTOS PARA PUXAR PELA ESPADA** — Este se supõe ser o sentido desta extraordinária expressão, *Stetistis in gladiis vestris*, que com efeito assim verte-ram Sacy e de Carrières. Contudo, Calmet, sem reprovar este sentido, propõe outro, vertendo: Vós sempre buscastes com a espada o de que vos sustentásseis. S. Jerônimo admitiu uma, e outra interpretação.

causa de tôdas as suas abominações, que êles têm cometido.

30 Quanto a ti, filho do homem: Os filhos do teu povo, que falam de ti junto dos muros, e às portas de suas casas, e dizem uns para os outros, cada um falando com o seu vizinho: Vinde, e ouçamos qual seja a palavra que sai da bôca do Senhor.

31 Pelo que êles vêm a ti, como um povo que se ajunta em bandos, e êles se assentam diante de ti como sendo meu povo: Mas êles ouvem as tuas palavras, e não fazem nada do que lhes dizes: Porque êles as mudam em cânticos que repassam pela sua bôca, entretanto que o seu coração segue a sua avareza.

32 E tu a seu respeito és como uma ária de música, que se canta por um modo doce e agradável: Assim é que êles ouvem as tuas palavras com gôsto, sem contudo fazerem o que tu lhes dizes.

33 Mas quando vier o que foi predito (como está a ponto de vir), então é que êles saberão que houve um profeta entre êles.

CAPÍTULO 34

PROFECIA CONTRA OS MAUS PASTORES DE ISRAEL. O SENHOR SUSCITARÁ NO MEIO DE ISRAEL UM PASTOR ÚNICO. ELE FARÁ COM ÊLES UM CONCERTO DE PAZ.

1 E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

2 Filho do homem, profetiza sôbre os pastores de Israel: Profetiza e dirás aos tais pastores: Isto diz o Senhor Deus: Ai dos pastores de Israel que se apascentavam a si mesmos: Não são os rebanhos os que são apascentados pelos pastores? (1)

(1) **PELOS PASTORES** — A primeira consolação que Deus dá ao seu povo após a grande catástrofe, é a da vinda do pastor

3 Vós lhes comíeis o leite, e vós vos cobríeis das suas lãs, e matáveis as ovelhas que eram mais gordas: Mas não apascentáveis o meu rebanho.

4 Vós não fortalecestes as que estavam fracas, e não curastes as que estavam enfermas, não ligastes os membros às que tinham algum quebrado, e não fizestes voltar as que andavam desgarradas, nem buscastes as que se tinham perdido: Mas vós domináveis sobre elas com aspereza, e com império.

5 Assim as minhas ovelhas se espalharam, por não terem pastor: E elas se tornaram em prêsa de tôdas as alimárias do campo e se desgarraram.

6 Os meus rebanhos andaram erradios por todos os montes, e por todos os outeiros elevados: E os meus rebanhos se espalharam por tôda a face da terra, e sem haver ninguém que os buscasse. sem haver ninguém, digo, que tomasse o trabalho de os buscar.

7 Por isso, ó pastôres, ouvi a palavra do Senhor:

8 Eu juro por minha vida, diz o Senhor Deus: Que porque os meus rebanhos foram entregues à rapina, e as minhas ovelhas expostas a serem devoradas por tôdas as alimárias do campo, como quem não tinha pastor: Pois que os meus pastôres não buscaram o meu rebanho, mas só cuidavam êsses pastôres em se apascentarem a si mesmos e não davam pasto aos meus rebanhos:

9 Ouvi portanto, ó pastôres, a palavra do Senhor:

fiel. Os maus pastôres que perderam Israel, como perdem todos os povos, são os reis infiéis, usurpadores, prepotentes e devassos sacerdotes iníquos, como entendem Efreo e Teodoreto, e êsses serão expulsos e o rebanho do Senhor encontrará pastor que o guardará cuidadosamente. Este bom pastor é o Messias, Is 40, 11; Os 3, 5; Jer 23, 5.6. No entender dos intérpretes na presente passagem o termo pastôres aplica-se aos sacerdotes levitas, doutores da lei, reis, príncipes, magistrados e juizes.

10 Isto diz o Senhor Deus: Eis-aí vou eu mesmo sôbre êstes pastôres a demandar o meu rebanho das mãos dêles, e fá-los-ei cessar, para que nunca mais apascentem rebanho, nem os tais pastôres se apascentem jamais a si mesmos: E livrarei o meu rebanho da sua bôca, e êles não servirá mais para sua comida.

11 Porque isto diz o Senhor Deus: Eis-aí eu mesmo irei a buscar as minhas ovelhas, e eu as visitarei.

12 Bem assim como um pastor visita o seu rebanho, no dia em que se acha no meio das suas ovelhas dispersas: Assim visitarei eu as minhas ovelhas, e eu as livrarei de todos os lugares por onde elas tinham andado dispersas no dia de nublado e de escuridade.

13 E eu as tirarei para fora dos povos, e as ajuntarei de diversos países, e as introduzirei na sua terra: E apascentá-las-ei sôbre os montes de Israel, ao longo das ribeiras, e em todos os lugares habitáveis do país.

14 Eu as levarei a pastar nas pastagens as mais férteis, e nos altos montes de Israel será o lugar da sua pastagem: Elas lá repousarão sôbre as verdes relvas, e pastarão sôbre os montes de Israel em pingues pastagens.

15 Eu apascentarei as minhas ovelhas: E eu as farei repousar, diz o Senhor Deus.

16 Eu irei buscar as que se tinham perdido, e farei voltar as que andavam desgarradas, e ligarei os membros às que tinham algum quebrado, e fortalecerei as que estavam fracas, e conservarei as que estavam gordas e fortes: E eu as apascentarei em justiça.

17 Mas vós, rebanhos meus, isto diz o Senhor Deus: Eis-aí julgo eu entre rez e rez, entre os carneiros e os bodes.

18 Acaso não vos bastava a vós nutrir-vos numas pastagens excelentes? Senão que sôbre isto ainda pisas-

Ezequiel 34, 19-25

tes aos vossos pés o resto dos vossos pastos: E depois de terdes bebido uma água muito clara, turvareis com os vossos pés o resto.

19 Assim as minhas ovelhas vinham a apascentar-se do que tinha sido pisado com os vossos pés: E vinham a beber do que os vossos pés tinham turvado.

20 Por cuja causa isto diz o Senhor Deus a vós outros: Eis-aqui venho eu mesmo a julgar entre as rezes gordas, e as rezes magras:

21 Pelo motivo de que vós com os vossos costados e ombros lhes dáveis encontrões, e com os jactos das vossas pontas lançáveis por êsses ares a tôdas as ovelhas magras, até serem com dispersão expulsadas fora:

22 Eu salvarei o meu rebanho, e êle não servirá mais de prêsa, e eu julgarei entre ovelhas e ovelhas.

23 E suscitarei sôbre elas um único pastor, que as apascente, meu servo Davi: Êle mesmo as apascentará, e êste mesmo terá o lugar de seu pastor. (2)

24 Eu porém, o Senhor, serei para elas só seu Deus: E meu servo Davi será no meio delas como o seu príncipe, eu o Senhor é que falei.

25 E farei com as minhas ovelhas um pacto de paz,

(2) **UM ÚNICO PASTOR** — Isto é, o Messias, Jesus Cristo, segundo a opinião unânime dos judeus e cristãos.

MEU SERVO DAVI — Isto é, Jesus Cristo, chamado Davi, não só porque era filho de Davi segundo a carne, e possuía eminentemente e na realidade tôdas as qualidades que a Escritura atribui a Davi, enquanto Figura de Messias, mas também porque o nome de Davi em hebreu significa o Dileto ou o Amado, nome que o mesmo Eterno Padre deu a Jesus Cristo. (Mt 3, 17). E chama-se único êste Pastor, porque, como nota Santo Agostinho, todos os que Cristo faz participantes da sua autoridade, e do seu cuidado para apascentarem as suas ovelhas, não formam nêle e com êle senão um só Pastor. Santo Agostinho, sermão XLVI. Núm. 50. — Cf. Glaire.

e farei exterminar da terra as alimárias mais cruéis:
E os que habitam no deserto, dormirão seguros no meio
dos bosques.

26 E pô-los-ei ao redor do meu outeiro para bênção:
E farei cair as chuvas a seu tempo: Elas serão umas chuvas de bênção.

27 E as árvores do campo darão o seu fruto, e a terra dará o seu gérmen, e as minhas ovelhas habitarão sem temor no seu país: E elas saberão que eu sou o Senhor, quando eu tiver quebrado as cadeias de seu jugo, e as tiver arrancado dentre as mãos dos que as dominavam com império.

28 E elas não serão mais a rapina das nações, nem as alimárias da terra as devorarão: Mas elas habitarão com tôda a segurança, sem terem nada que temer.

29 E eu lhes suscitarei um gérmen de grande nomeada: E êles não tornarão a ser consumidos pela fome sôbre a terra, nem trarão sôbre si mais o opróbrio das gentes. (3)

30 E saberão que eu, o Senhor seu Deus, serei com êles, e êles, casa de Israel, serão o meu povo, diz o Senhor Deus.

31 Vós porém, rebanhos meus, vós rebanhos da minha pastagem, sois homens: E eu sou o Senhor vosso Deus, diz o Senhor Deus.

(3) **UM GÉRMEN DE GRANDE NOMEADA** — O Messias Jesus Cristo, tão afamado e celebrado nos profetas. Os Setenta vertem: "uma planta de paz".

CAPÍTULO 35

PROFECIA CONTRA A IDUMÉIA. ELA SERÁ REDUZIDA A UMA SOLIDÃO POR HAVER DERRAMADO O SANGUE DOS ISRAELITAS, E POR TER FOLGADO COM AS INFELICIDADES DESTES.

1 E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

2 Filho do homem, põe a tua face contra o monte de Seir, e profetizarás acêrca dêle, e lhe dirás:

3 Isto diz o Senhor Deus: Eis-aqui venho eu a ti, ó monte de Seir, e estenderei a minha mão sôbre ti, e tornar-te-ei desolado e deserto.

4 Eu demolirei as tuas cidades, e tu ficarás deserto: E saberás que eu sou o Senhor.

5 Porque tu fôste um inimigo eterno dos filhos de Israel, e os entregaste ao poder da espada no tempo da sua aflição quando a sua iniquidade tinha chegado ao sumo.

6 Por isso eu juro por minha vida, diz o Senhor Deus: Que eu te entregarei ao sangue, e o sangue te perseguirá: E porque tu aborreceste o sangue, perseguir-te-á o sangue.

7 E eu tornarei o monte de Seir desolado e deserto: E desviarei dêle a todos os que por êle passarem, e tornarem a passar.

8 E encherei os seus cabeços dos seus mortos: Êles cairão passados a golpes de espada ao longo dos teus outeiros, e dos teus vales, e das tuas torrentes.

9 Eu te reduzirei a umas solidões eternas, e as tuas cidades não serão mais habitadas: E vós sabereis que eu sou o Senhor Deus.

10 Porque tu disseste: Duas nações, e dois países

serão meus, e eu os possuirei como minha herança: Sendo que o Senhor estava presente em Israel:

11 Por essa razão, eu juro por minha vida, diz o Senhor Deus, que eu te tratarei conforme a tua ira, e conforme o teu ciúme, que tu sempre mostraste cheio de ódio contra os israelitas: E que eu me farei conhecer por meio deles, quando eu te julgar.

12 E saberás que eu, o Senhor, ouvi todos os teus opróbrios, que tu proferiste contra os montes de Israel dizendo: Estes são uns montes desertos, que nos foram dados para nós os devorarmos.

13 E contra mim vos levantastes com a vossa bôca, e vibrastes contra mim as vossas palavras: Eu as ouvi.

14 Isto diz o Senhor Deus: Quando tôda a terra se alegrar, eu te reduzirei a uma solidão.

15 Bem como tu folgaste acêrca da herança da casa de Israel, porque foi destruída, assim me haverei eu contigo: Tu serás arruinado, monte de Seir, e tôda a Idu-méia: E eles saberão que eu sou o Senhor.

CAPÍTULO 36

PROMESSAS DA VOLTA DOS FILHOS DE ISRAEL, E DO RESTABELECIMENTO DA SUA TERRA.

1 Tu porém, filho do homem, profetiza aos montes de Israel, e dir-lhes-ás: Montes de Israel, ouvi a palavra do Senhor: (1)

2 Isto diz o Senhor Deus: Porque o inimigo disse:

(1) **PROFETIZA AOS MONTES DE ISRAEL** — Por estes montes de Israel entende S. Jerônimo, no sentido topológico, os apóstolos, e pela terra de Israel feita objeto dos opróbrios das gentes circunvizinhas, entende a Igreja padecendo os dictérios, opróbrios, e maus tratamentos dos tiranos, que a perseguiram.

de vós: Bem feito, estas alturas eternas nos foram dadas para nossa herança.

3 Por isso profetiza, e dize: Isto diz o Senhor Deus: Pelo motivo de que tendes sido desolados, e pisados aos pés por todos os povos em circuito e ficastes feitos a herança das outras gentes, e chegastes a ser a fábula de todos, e um objeto dos opróbrios do povo:

4 Por esta causa ouvi, montes de Israel, a palavra do Senhor Deus: Isto diz o Senhor Deus aos montes, e aos outeiros, às torrentes, e aos vales, e aos desertos, aos pardieiros, e às cidades desamparadas, que foram despovoadas e insultadas pelas outras gentes ao redor.

5 Por cuja causa isto diz o Senhor Deus: Porquanto eu tenho falado no ardor do meu zelo contra as outras gentes, e contra tôda a Iduméia, que se apropriaram a si a minha terra por herança com gôzo, e de todo o coração, e vontade: E lançaram fora dela os habitantes para a saquearem:

6 Portanto profetiza sôbre a terra de Israel, e dirás aos montes e outeiros, aos cabeços e aos vales: Isto diz o Senhor Deus: Eis-aí falei eu no meu zelo, e no meu furor, pelo motivo de terdes sofrido os opróbrios das gentes. (2)

7 Pelo que isto diz o Senhor Deus: Eu levantei a minha mão, para que as gentes, que estão em tórno de vós, essas mesmas tragam sôbre si a sua confusão. (3)

8 E vós, montes de Israel, produzi os vossos ramos,

(2) **AOS CABEÇOS** — O hebreu diz aqui, às torrentes, e a mesma expressão que precedeu no versículo 4. — Pereira.

(3) **EU LEVANTEEI A MINHA MÃO, PARA QUE AS GENTES** — De Carrières, seguindo a Sacy, verteu: Eu jurei que as gentes, etc. A diferença entre mim e eles está em que tomam o ut do texto na significação — de que; eu na significação de — para que. E ambas as versões coincidem no mesmo.

e dai o vosso fruto ao meu povo de Israel: porque o tempo dêle vir está perto:

9 Eis-aí que eu mesmo venho a vós, e eu me voltarei para vós, e vós sereis lavrados, e recebereis a semente.

10 E multiplicarei aos homens em vós e a tôda a casa de Israel: E as cidades serão habitadas, e os lugares arruinados serão restabelecidos.

11 E vos encherei de homens, e de alimárias: E êles se multiplicarão, e crescerão: E eu vos farei habitar como dantes, e vos darei uns bens ainda maiores, que os que vós tivestes desde o princípio: E vós sabereis que eu sou o Senhor.

12 E conduzirei sôbre vós uns homens, o meu povo de Israel, e êles te possuirão como sua herança: E tu serás a sua herança, e para o futuro te não acharás mais sem êles. (4)

13 Isto diz o Senhor Deus: Já que dizem de vós outros: Tu és uma terra devoradora de homens, e sufocadora da tua gente: (5)

14 Por isso tu não comerás mais os homens, nem matarás mais a tua gente, diz o Senhor Deus:

15 Eu farei que se não ouça mais em ti a confusão das gentes e tu não trarás mais sôbre ti o opróbrio dos povos e nem perderás mais a tua gente, isto diz o Senhor Deus. (6)

(4) **O MEU POVO DE ISRAEL** — Neste e nos seguintes versículos, o texto sagrado, falando de Israel, ora emprega o singular ora o plural, por umas vêzes fala da região, outras dos habitantes.

(5) **JÁ QUE DIZEM DE VÓS OUTROS** — Assim o tinham dito os mesmos hebreus, quando ainda não possuíam a terra de Canaã, que depois habitaram. — Núm 13, 33.

(6) **NEM PERDERÁS MAIS A TUA GENTE** — Como antes

Ezequiel 36, 16-24

16 E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

17 Filho do homem, os da casa de Israel habitaram na sua terra, e elles a contaminaram com as suas obras, e com os seus afetos o caminho d'elles se tornou diante de mim numa tal imundicia, como a da mulher menstruada.

18 E eu derramei a minha indignação sobre elles por causa do sangue, que elles derramaram sobre a terra, e dos seus ídolos com que a desonraram.

19 E eu os espalhei por diversas gentes, e elles foram enxotados para várias terras: Eu os julguei segundo os seus caminhos, e segundo as invenções do seu capricho.

20 E entraram no país das gentes, para onde foram, e lá desonraram o meu santo nome, quando se dizia d'elles: Este é o povo do Senhor e estes os que saíram da sua terra.

21 E eu lhes perdoei por amor do meu santo nome, ao qual a casa de Israel tinha desonrado entre as gentes, para onde foram.

22 Por isso tu dirás à casa de Israel: Isto diz o Senhor Deus: Não é por amor de vós, casa de Israel, que eu farei o que estou para fazer, mas é por atenção ao meu santo nome, que vós tendes desonrado entre as gentes, para onde fostes.

23 E eu santificarei o meu grande nome, que foi manchado entre as gentes, o qual vós desonrastes no meio delas: A fim de que as gentes saibam que eu sou o Senhor, diz o Senhor dos exércitos, quando eu tiver sido santificado a seus olhos no meio de vós.

24 Porque eu vos tirarei dentre as gentes, e vos

fazias, oferecendo teus filhos por vítimas aos ídolos. O caldeu o supõe aqui claramente.

congregarei de todos os países, e vos trarei para a vossa terra.

25 E derramarei sobre vós uma água pura, e vós sereis purificados de tôdas as vossas imundícias, e eu vos purificarei de todos os vossos ídolos.

26 E dar-vos-ei um coração novo, e porei um novo espírito no meio de vós: E tirarei da vossa carne o coração de pedra, e dar-vos-ei um coração de carne. (7)

27 E porei o meu espírito no meio de vós: E farei que vós andeis nos meus preceitos, e que guardéis as minhas ordenanças, e que as pratiqueis.

28 E vós habitareis na terra que eu dei a vossos pais: E vós sereis para mim o meu povo, e eu serei para vós o vosso Deus.

29 E eu vos salvarei de tôdas as vossas impuridades: E chamarei o trigo, e o multiplicarei, e não trarei fome sobre vós.

30 E multiplicarei o fruto das árvores, e as produções dos campos, para que não tragais mais sobre vós o opróbrio da fome entre as gentes.

(7) **E DAR-VOS-EI UM CORAÇÃO NOVO** — Os Santos Padres, e a maior parte dos Intérpretes reconhecem que as promessas contidas nos versículos 25, 26 e 27 não receberam o seu cumprimento, senão na Nova Aliança, de que Jesus Cristo é Mediador, e cujo caráter e distintivo é este ensino interior, pelo qual Deus derrama o seu Espírito em nós, dando-nos um coração novo e um espírito novo; isto é, uns novos afetos e uns novos sentimentos, conformes às verdades que a Fé nos ensina, e às regras que o Evangelho nos prescreve. Por isso Santo Agostinho usou muitas vêzes este texto contra os Pelagianos, para provar que Deus mesmo, pela expressão da sua graça sobre os nossos corações, é que faz que nós andemos no caminho dos seus preceitos, pelo livre consentimento da nossa vontade; de sorte que Deus é o que, conservando e aperfeiçoando a nossa liberdade, opera verdadeiramente em nós pela sua graça o querer, e o fazer segundo a sua boa vontade, como S. Paulo no-lo ensina. — De Carrières.

31 E vós vos recordareis dos vossos péssimos caminhos, e dos vossos afetos não bons: E as vossas iniquidades e os vossos crimes vos desagradarão.

32 Não é por amor de vós que eu farei isto, diz o Senhor Deus, tende-o assim entendido: Confundi-vos, e envergonhai-vos sôbre os excessos da vossa vida, casa de Israel.

33 Isto diz o Senhor Deus: No dia em que eu vos tiver purificado de tôdas as vossas iniquidades, e tiver feito povoar as vossas cidades, e restabelecer os lugares arruinados.

34 E quando a terra deserta, que noutro tempo estava desolada aos olhos de todo o viandante, fôr cultivada,

35 dirão: Esta terra, que estava inculta, tornou-se um como jardim de delícias: E as cidades que estavam desertas, e abandonadas, e arruinadas, ficaram com tôda a segurança fortificadas.

36 E tôdas as gentes, que tiverem ficado à roda de vós, saberão que eu, o Senhor, restabeleci os lugares arruinados, e cultivei os incultos, que eu o Senhor o tenho falado, e executado.

37 Isto diz o Senhor Deus: Ainda nisto me acharão favorável os da casa de Israel, para que eu lhes faça esta mercê: Eu os multiplicarei como um rebanho de homens.

38 Como um rebanho santo, como o rebanho de Jerusalém nas suas festas: Assim é que as cidades que estavam desertas, serão cheias de rebanhos de homens, e eles saberão que eu sou o Senhor.

CAPÍTULO 37

RESTABELECIMENTO DE ISRAEL REPRESENTADO DEBAIXO DA FIGURA DE UMA MULTIDÃO DE OSSOS SECOS, QUE REVIVEM. REUNIÃO DE ISRAEL E DE JUDÁ. UM SÓ REI OS COMANDARA. O SANTUÁRIO DO SENHOR SERÁ FIXADO NO MEIO DELES.

1 A mão do Senhor veio sobre mim, e me tirou para fora pelo espírito do Senhor: E ela me deixou no meio de um campo, que estava cheio de ossos. (1)

2 E ela me levou por toda a roda deles: Eram porém muitos em grande número os que se viam sobre a face do campo, e todos sobremaneira secos.

(1) · **QUE ESTAVA CHEIO DE OSSOS** — S. Jerônimo atesta que no seu tempo era famosa esta visão, por costumar ler-se muitas vezes em todas as Igrejas, como propriíssima para excitar e confirmar nos Fiéis a Fé da Ressurreição universal. Famosa est visio, *et omnium Ecclesiarum Christi lectione celebrata*. Com efeito, os Padres que escreveram antes de S. Jerônimo, a saber: S. Justino, S. Irineu, Tertuliano, S. Cipriano, S. Cirilo de Jerusalém, S. Basílio, todos à uma alegaram esta visão como uma concludente prova da Ressurreição dos mortos no fim do mundo. Não porque esse seja o sentido literal e imediato do profeta (pois ele mesmo no versículo 11 diz que esses ossos vivificados e animados, depois de estarem secos, designam a casa de Israel, passando da morte do cativo para a vida da sua liberdade: *Ossa hæc universa domus (Israel est.)*, mas porque essa Ressurreição metafórica dos ossos de Israel supõe necessariamente a Ressurreição física e real de todos os mortos antes do Juízo final. Porque como depois de Tertuliano observa aqui S. Jerônimo, quando se faz uma comparação, ninguém a tira de coisas que não existem. Logo se Ezequiel usa da semelhança da Ressurreição para significar a Restituição do povo israelítico, é porque entre os judeus se tinha por certa a futura Ressurreição física e real de todos os homens. *Nunquam enim ponetur similitudo resurrectionis ad restitutionem Israelitici populi significandam, nisi staret ipsa resurrectio, et futura crederetur*:

3 Então me disse o Senhor: Filho do homem, acaso julgas tu que êstes ossos possam reviver? E eu lhe respondi: Senhor Deus, tu o sabes.

4 E êle me disse: Vaticina acêrca dêstes ossos: E dir-lhes-ás: Ossos secos, ouvi a palavra do Senhor:

5 Isto diz o Senhor Deus a êstes ossos: Eis-aí vou eu a introduzir em vós o espírito, e vós vivereis.

6 E porei sôbre vós nervos, e farei crescer carnes sôbre vós, e sôbre vós estenderei pele: e dar-vos-ei o espírito, e vós vivereis e sabereis que eu sou o Senhor.

7 Eu pois vaticinei, como o Senhor me tinha mandado: E ao tempo que eu vaticinava, se ouviu um estrondo, e eis-aqui se fêz um reboço: E os ossos se chegaram uns para os outros, pondo-se cada um na sua juntura.

8 E olhei, e eis-que vieram sôbre tais ossos, nervos, e carnes para os revestir: E nêles foi estendida a pele por cima, mas êles ainda não tinham o espírito.

9 Então me disse o Senhor: Vaticina ao espírito, vaticina, filho do homem, e dirás ao espírito: Isto diz o Senhor Deus: Espírito, vem dos quatro ventos, e assopra sôbre êstes mortos, e revivam.

10 Eu profetizei pois, como o Senhor me tinha ordenado: E entrou o espírito naqueles ossos, e viveram: E se levantaram sôbre seus pés feitos um exército numeroso em grande extremo.

11 Então me disse o Senhor: Filho do homem, todos êstes ossos são a casa de Israel: Êles dizem: Os nos-

quia nemo de rebus non errantibus incerta confirmat. Por outra parte, acrescenta o mesmo Doutor máximo, quando alguém se não quisesse convencer da Ressurreição dos mortos por êste testemunho de Ezequiel, as Santas Escrituras nos oferecem outros muitos mais fortes, que tiram tôda a dúvida, como no livro de Jó, e nos Evangelhos: *Scimus multo robustiora testimonia, et in quibus nulla sit dubitatio, in Scripturis Sanctis reperire.*

ossos se tornaram secos, e a nossa esperança se perdeu, e nós fomos cortados.

12 Por cuja causa vaticina, e dir-lhes-ás: Isto diz o Senhor Deus: Povo meu, eis-aí vou eu a abrir os vossos túmulos, tirar-vos-ei dos vossos sepulcros: E eu vos introduzirei na terra de Israel. (2)

13 E vós sabereis, povo meu, que eu sou o Senhor, quando eu tiver aberto os vossos sepulcros, e vos tiver tirado dos vossos túmulos:

14 E tiver infundido o meu espírito em vós e vós tiverdes recobrado a vida, e eu vos farei repousar sobre a vossa terra: E vós sabereis que eu sou o Senhor que falei, e o fiz, diz o Senhor Deus.

15 E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

16 Filho do homem, toma também tu um pedaço de tábua: E escreve sobre êle: A favor de Judá, e a favor dos filhos de Israel seus sócios: E toma outro pedaço de tábua, e escreve nela: Por José lenho de Efraim, e por tôda a casa de Israel, e de seus sócios. (3)

17 Depois ajunta êstes dois pedaços de tábua um ao outro para os unir: E êles ficarão sendo na tua mão um só pedaço de tábua.

18 E quando os filhos do teu povo te falarem, dizendo: Não nos descobrirás que é o que tu nos queres significar nisto?

19 Tu lhes responderás: Isto diz o Senhor Deus:

(2) **EIS-AÍ VOU EU A ABRIR OS VOSSOS TÚMULOS** — Isto é, as masmorras do vosso cativeiro, em que estais há tanto tempo como sepultados.

(3) **SEUS SÓCIOS** — Pela história dos reis se sabe que muitos daqueles mesmos das dez tribos, que formavam o reino de Israel, se passaram depois para o reino de Judá, e se incorporaram nêle. A êstes é que o profeta chama aqui sócios de Judá.

Ezequiel 37, 20-24

Eis-aí vou eu a tomar o lenho de José que está na mão de Efraim, e as tribos de Israel, que lhe são unidas: Pô-las-ei juntas com o lenho de Judá, e fá-las-ei ajuntar num só lenho: E êles serão um só na sua mão.

20 E terás na tua mão diante de seus olhos êstes dois pedaços de tábua, sôbre que escreveres.

21 E lhes dirás: Isto diz o Senhor Deus: Eis-aí vou eu a tomar os filhos de Israel do meio das nações, para onde êles foram, e eu os ajuntarei de tôdas as partes e os tornarei a trazer para a sua terra.

22 E não farei dêles mais que um só povo na terra sôbre os montes de Israel, e será um só o Rei, que os comande a todos, e nunca mais serão duas nações, nem se dividirão para o futuro em dois reinos.

23 Êles se não mancharão mais nos seus ídolos, nem nas suas abominações, nem em tôdas as suas iniquidades, e eu os tirarei salvos de todos os lugares, em que pecaram, e os purificarei: E êles serão para mim o meu povo, e eu serei para êles o seu Deus.

24 E meu servo Davi reinará sôbre êles, e de todos êles será um só o pastor; êles andarão nas minhas ordenanças, e guardarão os meus preceitos, e praticá-los-ão. (4)

(4) E MEU SERVO DAVI REINARÁ SOBRE ÊLES — Os Livros Santos, diz o padre Houbigant, depois da morte do rei Davi, não prometem jamais outro Davi, que não seja o Messias. Esta profecia pois, acrescenta o Escoliaste de Carrières, teve seu primeiro cumprimento, quando depois do cativeiro de Babilônia, aquêles filhos de Israel e de Judá, que voltaram para a sua pátria, se uniram num só povo, no meio do qual appareceu depois o segundo Davi, que é Jesus Cristo. Mas ella não se cumprirá plenamente, senão quando o povo judeu, representado pela Casa de Israel, vier unir-se todo ao povo Cristão representado pela Casa de Judá; de sorte que então não haverá mais que um só rebanho e um só Pastor, conforme a expressão do mesmo Jesus Cristo. Jo 10, 16.

E DE TODOS ÊLES SERÁ UM SÓ O PASTOR — Como antes

25 E habitarão sobre a terra que eu dei a meu servo Jacó, na qual vossos pais habitaram, e eles mesmos habitarão nela, eles e seus filhos, e os filhos de seus filhos para sempre: E meu servo Davi será para sempre o seu príncipe.

26 E farei com eles um concerto de paz, o meu pacto com eles será eterno: E eu os estabalecerei sobre um firme fundamento, e os multiplicarei, e porei para sempre o meu Santuário no meio deles.

27 E o meu Tabernáculo estará entre eles: E eu serei o seu Deus, eles serão o meu povo.

28 E as nações saberão que eu sou o Senhor, o Santificador de Israel, quando o meu Santuário se conservar para sempre no meio deles.

CAPÍTULO 38

PROFECIA CONTRA GOG. ESTE PRÍNCIPE VIRÁ COM UM GRANDE EXÉRCITO A ATACAR OS FILHOS DE ISRAEL. O SENHOR DESBARATARÁ ESTE PRÍNCIPE COM TODO O SEU EXÉRCITO.

1 E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

2 Filho do homem, firma bem a tua face contra Gog, contra a terra de Magog, contra esse príncipe, e chefe de Mosoc, e de Tubal: E vaticina acerca dele. (1)

o tinha o Profeta chamado rei, agora mitiga o soberbo nome do império com lhe chamar pastor. *Superbum nomen imperii, pastoris vocabulo mitiget.* — S. Jerônimo.

(1) FIRMA BEM A TUA FACE CONTRA GOG — O comum dos Intérpretes convém que a terra de Magog era a terra dos descontentes de Magog, filho de Jafé, de que Moisés faz menção no Livro do Gên. 10, 2, e que estes descendentes eram os citas, ou os gódos que habitavam além do monte Cáucaso, e da lagoa

3 E tu lhe dirás: Isto diz o Senhor Deus: Eis-aqui venho eu a ti, Gog, príncipe e chefe de Mosoc e de Tubal.

Meotis, e se estendiam ao longo do mar Cáspio até às índias. Que consequentemente este rei Gog é um rei dos citas ou dos gódos, que vindo contra o povo de Deus com um formidável exército, foi por elle desbaratado e morto. Como depois de Ezequiel profetizou S. João no seu Apocalipse, a guerra que Gog e Magog haviam de fazer no fim do mundo, aos Santos e à cidade querida, (Apc 20, 7-9); deram alguns antigos por certo, e por tal o dão também muitos modernos, que esta Profecia de Ezequiel, não menos que a de S. João, se deve entender do Anticristo. O douto Calmet, cren-
do que a Profecia de Ezequiel respeita não o fim do mundo, mas o tempo que imediatamente se seguiu à soltura do cativo de Babilônia, e tornada do povo israelítico para a Judéa, tentou mostrar que debaixo do nome de Gog quis o Profeta designar a Cambises, filho e sucessor de Ciro, o qual passou pelas terras dos judeus para ir ao Egito, e na volta morreu na Judéa; e ainda que não fôsse de nascimento cita, mas persa, podia muito bem comparar-se a um rei dos citas, pela crueldade e latrocínios em que os imitava. (Calmet na Dissertação sobre Gog e Magog) Este sistema de Calmet padece dificuldades a meu ver insuperáveis, tiradas quase todas do mesmo contexto de Ezequiel, as quais os leitores podem ver nas notas que o padre Houbigant fez ao presente capítulo. Depois de Houbigant o impugnaram também os dois abades de Vence e Joubert. Na mesma persuasão de que a Profecia do Ezequiel se deve referir ao tempo, que mais tarde ou mais cedo se seguiu ao livramento do cativo, querem outros que ela fale da crua guerra que Antíoco Epifanes fez ao povo judaico, e das vitórias que dele e dos seus generais alcançaram os macabeus. Mas também neste sistema se encontram muitas incoerências, que o fazem parecer improvável ao mesmo Calmet, na dissertação sobredita. Nos fins do quarto século da era vulgar, nenhuma dúvida teve o glorioso doutor da Igreja, e arcebispo de Milão, Santo Ambrósio, de diferir para este mesmo tempo o cumprimento desta Profecia, entendendo pela guerra que Gog havia de fazer ao povo de Deus, a guerra que então fazia o rei Gôdo contra o Imperador Romano. Porque falando com o Imperador Graciano no Livro II. De Fide, Cap. XVI, diz assim: Gog iste Gothus est, quem jam videmus exis-

4 E eu te farei andar à roda de uma para outra parte, e te porei um freio nos queixos: E te tirarei para fora a ti, e a todo o teu exército, aos cavalos e aos cavaleiros todos cobertos de couraças, um grande golpe de tropas brandindo lanças, e embraçando escudos, e empunhando espadas.

de quo promittitur nobis futura victoria. Daí a cinquenta anos applicou do púlpito o grande S. Proclo, Patriarca de Constantinopla, esta Profecia a uma vitória, que Teodósio o Moço alcançara dos gódos, o que, como refere Sócrates no Livro VII, Cap. 43, foi recebido dos ouvintes com grande aplauso. Ainda assim S. Jerônimo na Prefação ao Livro XI, sobre Daniel, tendo feito menção do lugar citado de Santo Ambrósio, mostra que o não satisfaz a sua interpretação. Pelo que crendo que o presente capítulo de Ezequiel se não podia cômodamente explicar em algum sentido histórico, recorreu o doutor Máximo, como quase sempre costuma, para o alegórico ou tropológico. E depois de observar que Gog em grego significa *Telhado*, e que Magog significa *do Telhado*, conclui que debaixo do nome de Gog quis o Profeta designar os príncipes dos hereses; e debaixo do nome de Magog designar as doutrinas que vêm d'elles. *Tectum interpretabimur haereticorum principes, et de tecto eos qui illorum suscipiunt doctrinas.* Tanta é a dificuldade e escuridade desta Profecia.

CONTRA ESSE PRÍNCIPE E CHEFE DE MOSOC E DE TUBAL — O hebreu, e com elle os Setenta, Símaco e Teodocião, dizem aqui: **contra esse príncipe de Ros, Mosoc, e Tubal:** pelas quais três nações entende o padre Houbigant os russos, moscovitas, e tibarenses, ou capadóçios. S. Jerônimo, não achando noticia de que Ros fôsse nome de nação, e que onde o hebreu e os três intérpretes gregos traziam Ros, substitufra *Áquila Caput*; diz que por isso traduzira com elle: *Principem Capitis Mosoch et Thubal*, que é como também o traz a Vulgata. Porém Calmet suspeita que Ros pode significar uma região banhada pelo rio Arexes, ao qual rio os naturais chamam Rosch. E quando eu, dizendo o Texto Latino, *Principem Capitis. Mosoch, et Thubal*, isto é, príncipe da cabeça (ou também capital), de Mosoc e de Tubal, traduzo por caso de opposição, contra esse príncipe e chefe, é seguindo a Sacy, Duhamel, e de Carrières. — *Pereira.*

5 Os persas, os etíopes, e os da Líbia serão com êles, cobertos todos de escudos e de capacetes. (2)

6 Gomer, e tôdas as suas tropas, a Casa de Togorma, que fica para o Aquilão, e tôdas as suas fôrças, e muitos outros povos serão contigo. (3)

7 Prepara-te, e dispõe-te com toda essa numerosa multidão, que se ajuntou ao pé de ti: E sê-lhes o chefe de quem êles recebam as ordens.

8 Tu depois de um longo tempo serás visitado: No fim dos anos virás a esta terra, que foi salva da espada, e que sendo tirada de entre muitos povos, foi congregada para os montes de Israel, que têm perenemente estado desertos: Terra cujos habitantes foram tirados de entre os povos, e todos habitarão nela sem receio.

9 E avançando-te virás a ela como uma tempestade, e como uma nuvem, para cobrir a terra, tu, e todos os teus esquadrões, e muitos povos contigo.

10 Isto diz o Senhor Deus: Naquele dia subirão sô-

(2) OS PERSAS, OS ETÍOPES, E OS DA LÍBIA SERÃO COM ELES — O hebreu diz no singular: O persa, o etíope, e o líbio serão com êles. O que denota que tôdas estas três nações vinham no exército de Og como tropas auxiliares. Assim o entendeu também S. Jerônimo. E este é um dos argumentos com que o padre Houbigant prova contra Calmet, que Og não designa a Camiseses, porque então não seriam os persas tropas auxiliares, mas sim formariam o exército principal e nacional. — **Peretra.**

(3) GOMER — Filha primogênita de Jafé, Gên. 10, 21, foi, segundo uns, o pai dos povos de Galaica, que se chamavam gamaros, antes que os gálatas se assenhoreassem dessa região; segundo outros, é o pai dos cimbrós e povoou as ilhas do Mediterrâneo, a Grécia, a Itália e as Gálias.

PARA O AQUILÃO — Segundo o *usus loquendi* bíblico refere-se às províncias do norte da Mesopotâmia, Caldéia, Síria e Babilônia.

bre o teu coração certos projetos, e maquinarás péssimos desígnios:

11 E dirás: Eu virei sôbre uma terra, que está sem muros: Atacarei umas gentes que estão em paz, e se acham estabelecidas com segurança: Tôdas estas habitam numas cidades sem muros, não têm ferrolhos nem portas.

12 Para saqueares os despojos, e te lançares sôbre a prêsa, para carregares a tua mão sôbre aquêles que tinham sido abandonados, e ao depôis restabelecidos, e sôbre um povo que foi congregado do meio das gentes, que começou a estar de posse, e a ser habitador da eminência da terra. (4)

13 Sabá, e Dedan, e os negociantes de Tarsis, e todos os seus leões te dirão: Acaso vens tu a tomar os despojos? eis-aí ajuntaste tu essa tua multidão para arrebatá-la a prêsa, para levares a prata, e o ouro, e para tirares os móveis, e a fazenda, e para furtares despojos infinitos.

14 Por isso tu, filho do homem, vaticina, e dirás a Gog, isto diz o Senhor Deus: Acaso naquele dia, quando o meu povo de Israel habitar com tôda a segurança, não o saberás tu?

15 Virás pois do teu país, lá dos climas do Aquilão, tu, e muitos povos contigo, montados todos a cavalo, formados em grandes tropas, e num pujante exército.

16 E virás dar em cima do meu povo de Israel, como uma nuvem, de sorte que cubras a terra. Tu serás sôbre êle nos últimos dias, e eu te farei vir sôbre a minha terra:

(4) DA EMINÊNCIA DA TERRA — Isto é, que está situada na parte mais elevada da região. A Terra Santa é um país montanhoso e elevado. Jerusalém, em particular, está a 779 metros acima do nível do Mediterrâneo.

Ezequiel 38, 17-23

Para que as gentes me conheçam, quando eu fôr santificado em ti a seus olhos, ó Gog.

17 Isto diz o Senhor Deus: Tu pois és aquêle de quem eu falei nos séculos passados, por mão de meus servos os profetas de Israel, que profetaram nos dias daqueles tempos, que eu te faria vir sôbre êles. (5)

18 E acontecerá naquele dia, no dia da chegada de Gog sôbre a terra de Israel, diz o Senhor Deus, que a minha indignação passará a ser o meu furor.

19 E falei no meu zêlo, no fogo da minha ira. Porque naquele dia haverá uma grande comoção sôbre a terra de Israel:

20 E os peixes do mar, e as aves do céu, e as alimárias do campo, e todos os reptis, que se movem sôbre a terra, e todos os homens, que há sôbre a face da terra, tremerão diante da minha face: E os montes serão deitados abaixo, e cairão as sebes, e todos os muros virão à terra.

21 E chamarei contra êle a espada para cima de todos os meus montes, diz o Senhor Deus: A espada de cada um se voltará contra seu irmão. (6)

22 E exercitarei os meus juízos sôbre êle pela peste e pelo sangue, e pelas chuvas veementes, e pelas pedras de extraordinária grossura: Eu derramarei chuvas de fogo, e de enxôfre sôbre êle, e sôbre o seu exército, e sôbre os muitos povos, que estão com êle.

23 E serei engrandecido e santificado: E serei conhecido aos olhos de muitas nações e saberão que eu sou o Senhor.

(5) **POR MÃO DE MEUS SERVOS OS PROFETAS DE ISRAEL** — A saber, por Os 2, 18, por Jl 2, 3, por Mlq 4, 10, e 5, 6, que são os que aqui aponta Teodoreto. — *Pereira.*

(6) **CONTRA ÊLE** — Isto é, contra Gog.

CAPÍTULO 39

CONTINUAÇÃO DA PROFECIA CONTRA GOG.

1 Tu pois, filho do homem, vaticina contra Gog, e dir-lhe-ás: Isto diz o Senhor Deus: Eis-me aqui sôbre ti, Gog, príncipe e chefe de Mosoc e de Tubal:

2 E eu te farei andar à roda de uma parte para a outra, e te tirarei para fora, e te farei vir das bandas do Aquilão: E eu te levarei para sôbre os montes de Israel.

3 E quebrarei o teu arco na tua mão esquerda, e farei que te caiam da tua mão direita as tuas flechas.

4 Cairás sôbre os montes de Israel tu, e todos os teus esquadrões, e os teus povos, que são contigo: Eu te entregarei às feras, às aves, e a todo o animal volátil, e às alimárias da terra, para que te devorem.

5 Tu cairás sôbre a face do campo: Porque eu sou o que falei, diz o Senhor Deus.

6 E meterei o fogo em Magog, e nos que habitam confiadamente nas ilhas: E êles saberão que eu sou o Senhor.

7 E farei conhecido o meu santo nome no meio do meu povo de Israel, e não deixarei profanar mais o meu santo nome: E êles saberão que eu sou o Senhor, o Santo de Israel.

8 Eis-aí veio o tempo, e assim succedeu diz o Senhor Deus: Êste é o dia de que falei.

9 E os habitantes das cidades de Israel sairão delas, e queimarão, e reduzirão em cinzas as armas, os escudos, e as lanças, os arcos, e as flechas, e os bordões

que traziam nas mãos, e os piques: E êles as consumirão no fogo sete anos. (1)

10 E não trarão lenha dos campos, nem a cortarão das matas: Porque êles farão fogo das suas armas, e farão prêsa daqueles de quem tinham sido prêsa, e roubarão aquêles que o tinham roubado, diz o Senhor Deus.

11 E acontecerá isto naquele dia: Eu darei a Gog em Israel um lugar célebre por sepulcro: O vale dos passageiros ao oriente do mar, que fará psmar os que por êle passarem: E lá sepultarão a Gog, e a tôdas as suas tropas, e êste vale se chamará o vale das tropas de Gog. (2)

12 E os da casa de Israel os sepultarão por sete meses, para purgarem a terra.

13 E todo o povo da terra o sepultará, e será para êles célebre o dia em que eu fui glorificado, diz o Senhor Deus.

14 E êles constituirão homens, que incessantemente visitem a terra, para sepultarem e buscarem aquêles que tinham ficado sobre a face da terra, a fim de a purificarem: Êles porém começarão a fazer esta busca depois de sete meses. (3)

(1) **SETE ANOS** — Isto é, muitos. Número certo por número incerto, como é freqüente nas Escrituras Proféticas.

(2) **QUE FARÁ PASMAR OS QUE POR ELE PASSAREM** — O hebreu tem: “que fará tapar” os narizes, e os olhos, “aos que passarem, por causa do cheiro insuportável e asquerosa vista dos cadáveres já corruptos”.

E ESTE VALE SE CHAMARA — Não se segue daqui que êle assim fôsse chamado, mas a Escritura costuma dizer “será chamado” tal ou tal, o que assim merece chamar-se. — Calmet.

(3) **DEPOIS DE SETE MESES** — Nem o hebreu, nem os Setenta trazem o verbo começarão, que faz aqui não pequena dificuldade, nem também dividem a oração, como faz a Vulgata, mas dizem simples e conjuntamente: “para purificarem a terra depois de sete meses, em que farão a busca.”

15 E girando correrão tôda a terra, e quando tiverem achado o osso de um homem, pôr-lhe-ão ao pé um sinal, até que os enterradores dos mortos o sepulsem no vale das tropas de Gog.

16 E o nome da cidade será Amona e êles purificarão a terra. (4)

17 Quanto a ti, filho do homem, isto diz o Senhor Deus: Dize a todo o animal volátil, e a tôdas as aves, e a tôdas as alimárias do campo: Vinde tôdas juntas, apressai-vos, concorrei de tôdas as partes à minha vítima, que eu vos sacrifico, a esta grande vítima degolada sôbre os montes de Israel, para que vós lhe comais a carne, e bebais o sangue.

18 Vós comereis as carnes dos fortes, e bebereis o sangue dos príncipes da terra: Dos carneiros, e dos cordeiros, e dos bodes, e dos touros, e das aves domésticas, e de tudo quanto é pingue.

19 E comereis a grossura até vos fartardes, e bebereis o sangue até que fiqueis embriagados, da vítima que eu vos sacrificarei:

20 E vós vos fartareis sôbre a minha mesa da carne dos cavalos, e da carne dos cavaleiros valentes, e de todos os homens de guerra, diz o Senhor Deus.

21 E eu estabelecerei a minha glória entre as gentes: E tôdas as gentes verão o juízo, que eu tiver exercitado, e a minha mão, que eu sôbre êles tiver descarregado.

22 E os da casa de Israel saberão que eu sou o Senhor seu Deus, desde aquêlê dia e dali em diante.

23 E saberão as gentes que a casa de Israel veio a ser cativa, por causa da sua iniquidade, porque êles me abandonaram, e eu escondi dêles a minha face: E os

(4) AMONA — Em hebreu hamona, que significa multidão.

entreguei nas mãos de seus inimigos, e todos êles caíram mortos ao fio da espada.

24 Eu me houve com êles segundo a sua impureza, e maldade, e escondi dêles a minha face.

25 Por cuja causa isto diz o Senhor Deus: Agora tornarei eu a trazer os cativos de Jacó, e me compadecerei de tôda a casa de Israel: E me revestirei de zelo pela honra do meu santo nome.

26 E trarão sôbre si a sua confusão e tôda a prevaricação, com que prevaricaram contra mim, quando habitarem na sua terra com grande confiança, sem ter medo de ninguém:

27 E quando eu os tiver trazido de entre povos, e os tiver ajuntado das terras de seus inimigos, e tiver sido santificado no meio dêles aos olhos de muitíssimas nações.

28 E saberão que eu sou o Senhor seu Deus vendo que eu os transportei para entre as nações: E os fiz tornar todos juntos para a sua terra, e que não deixei lá nenhum dêles.

29 E eu lhes não esconderei mais a minha face, porque tenho derramado o meu espírito sôbre tôda a casa de Israel, diz o Senhor Deus.

CAPÍTULO 40

DESCRIÇÃO DO TEMPLO MOSTRADA EM ESPÍRITO A EZEQUIEL, QUANTO AO EXTERIOR DELE.

1 No ano vinte e cinco da nossa transmigração, no princípio do ano, no décimo dia do mês, no ano catorze depois que a cidade foi ferida: Neste mesmo dia veio a mão do Senhor sôbre mim, e me levou lá. (1)

(1) NO ANO VINTE E CINCO — Pela cronologia de Usset foi isto em segunda-feira, trinta de abril, ano do mundo 3430.

2 Em visões de Deus me levou à terra de Israel, e me deixou sobre um monte muito alto: Sobre o qual estava um como edifício de cidade que vergava para o meio-dia. (2)

3 E ele me introduziu lá: E eis um homem, cuja vista era como a vista de arame, e ele tinha numa mão um cordel de linho, e na outra uma cana de medir: E ele estava à porta. (3)

4 Este homem pois me disse: Filho do homem, vê com os teus olhos, e ouve com os teus ouvidos, e põe no teu coração todas as coisas que eu vou mostrar-te: Porque para elas te serem mostradas, foste tu aqui trazido: Anuncia à casa de Israel todas as coisas que tu estás presenciando. (4)

5 Ao mesmo tempo eis-que vi um muro por fora, que de todas as partes rodeava a casa, e achava-se na mão daquele homem uma cana de medir, que tinha seis côvados e um palmo: E ele mediu a largura do muro,

(2) **UM COMO EDIFÍCIO DE CIDADE** — O templo de Jerusalém estava sobre o monte Moriá, e pela altura do edifício, e número dos seus quartos, parecia como uma cidade.

(3) **E EIS UM HOMEM** — Este homem querem uns que fôsse algum anjo, outros que fôsse o filho de Deus em forma que prefigurasse a Cristo.

(4) **ANUNCIA A CASA DE ISRAEL** — Calmet com outros muitos crêem que o templo que nesta visão foi mostrado a Ezequiel, era o mesmo templo que Salomão edificara, e que agora tinham queimado os caldeus; e que por dois fins o mostrara Deus ao profeta: Um para assegurar aos judeus, que algum dia se havia de reedificar este templo, outro para que eles tornados do cativeiro o reedificassem debaixo do mesmo modelo, ainda que não de tanta grandeza, nem de tanta suntuosidade. Glaire limita-se a dizer o "templo".

que era de uma cana, e a altura que era também de uma cana. (5)

6 Depois veio à porta, que olhava para o caminho oriental, e subiu pelos seus degraus: E mediu o limiar da porta, que tinha uma cana de largo, isto é, que o limiar tinha de largura uma cana:

7 E mediu as câmaras, as quais tinham uma cana de comprido, e uma cana de largo: E entre as câmaras havia cinco côvados:

8 E o limiar da porta, ao pé do vestíbulo da porta por dentro, tinha uma cana.

9 E mediu o vestíbulo da porta, o qual tinha oito côvados, e a sua fachada que tinha dois: O vestíbulo da porta porém estava da parte de dentro.

10 Ora as câmaras da porta que olhava para o caminho oriental, eram três de uma parte, e três de outra: Uma mesma medida era a das três câmaras, e uma mesma medida era a das três fachadas de ambas as partes.

11 E mediu a largura do limiar da porta, dez côvados: E o comprimento da porta, treze côvados.

12 E a margem que havia diante das câmaras, que era de um côvado: E um côvado rematava estas margens, que se correspondiam: E as câmaras de uma parte e da outra eram de seis côvados:

13 E mediu a porta desde o teto de uma câmara até o teto da outra, largura de vinte e cinco côvados: As portas estavam defronte uma da outra.

14 E fez os frontispícios de sessenta côvados: E ajuntou aos frontispícios o átrio da porta, que dominava tudo em roda.

(5) **QUE ERA DE UMA CANA** — São os termos da Vulgata seguindo o hebreu: *Calamo uno*. E assim noutras muitas partes. Em lugar do que põem sempre os franceses *une toise*, que é a nossa braça. A cana equivale a 3m,150.

15 E diante da face da porta, a qual se estendia até à face do vestibulo da porta interior, havia cinqüenta côvados.

16 Também fêz janelas oblíquas nas câmaras, e nos seus frontispícios, que estavam dentro da porta ao redor de uma e outra banda: E da mesma sorte havia tanto nos vestibulos umas janelas à roda pela parte de dentro, como diante das fachadas uma pintura de palmas. (6)

17 E êle me levou ao átrio de fora, e vi ali diversos gazofilácios, e o pavimento do átrio de tôdas as partes estava calçado de pedra: Ao redor do pavimento havia trinta gazofilácios. (7)

18 E o pavimento no frontispício das portas era mais baixo, segundo o comprimento das portas.

19 E êle mediu a largura desde a face da porta de-baixo até o frontispício do átrio interior por fora, cem côvados para o oriente, e para o Aquilão.

20 Mediu também a porta que olhava para o caminho do Aquilão do átrio exterior, tanto no comprimento como na largura.

(6) **JANELAS OBLIQUAS** — Isto é, janelas semelhantes a seteiras, por dentro largas, por fora estreitas, para darem clari-dade aos quartos do edificio.

(7) **DIVERSOS GAZOFILÁCIOS** — Assim se chamavam as câmaras, onde se guardavam os móveis do templo e as coisas ne-cessárias para o Sacrificio, e ainda as alaias próprias dos minis-tros do templo; por cuja causa se tomã muitas vèzes gazofilácio pelo tesouro. Isso mesmo denota a palavra Gaza, de que êste nome é composto, a qual na língua persa, de onde foi adotada por gregos e latinos, significa riqueza. Contudo os Setenta em lugar de gazofilácios costumam verter êxedras, que significa simples-mente Câmaras, e por Câmaras costumam os franceses traduzir aqui os que na Vulgata se dizem gazofilácios, se bem que algumas vèzes acrescentam Câmaras no Tesouro, no que eu não duvidaria também imitá-los nas mesmas circunstâncias. — Pereira.

21 E as suas câmaras, que eram três de uma parte, e três da outra: E o seu frontispício, e o seu vestíbulo, que eram, segundo a medida da primeira porta, cinqüenta côvados o seu comprimento, e vinte e cinco a sua largura.

22 E as suas janelas, e o vestíbulo, e as esculturas, eram da mesma medida que a da porta que olhava para o oriente: E a de sete degraus a sua subida, e diante dela estava um vestíbulo.

23 E a porta do átrio interior estava defronte da porta do Aquilão, e da Oriental: E mediu de uma porta à outra porta cem côvados.

24 E êle me levou daqui ao caminho do meio-dia, e eis uma porta, que olhava para o meio-dia: E êle mediu o seu frontispício e o seu vestíbulo, que eram conforme as medidas acima.

25 E as suas janelas, e os vestíbulos ao redor, assim como as outras janelas: Cinqüenta côvados de comprido, e vinte e cinco côvados de largo.

26 E subia-se a ela por sete degraus: E diante da sua porta estava um vestíbulo: E no seu frontispício havia umas palmas de escultura, uma duma parte e outra da outra.

27 E a porta do átrio interior estava no caminho do meio-dia: E mediu de uma porta até à outra porta do caminho do meio-dia, cem côvados.

28 E êle me introduziu no átrio interior, que estava junto da porta do meio-dia: E mediu a porta, que era da medida das outras.

29 A sua câmara, e a sua fachada, e o seu vestíbulo com as mesmas medidas: E as suas janelas, e o seu vestíbulo ao redor, cinqüenta côvados de comprimento, e vinte e cinco côvados de largura.

30 E o vestíbulo que dominava tudo em roda, ti-

nha vinte e cinco côvados de comprido, e cinco côvados de largo.

31 E o seu vestíbulo chegava ao átrio exterior, e viam-se as suas palmas no frontispício: E havia oito degraus, por onde se subia para êle.

32 Depois me introduziu êle no átrio interior pelo caminho que olha para o oriente: E mediu a porta conforme as medidas acima.

33 Mediu também a sua câmara, e o seu frontispício, e o seu vestíbulo, como acima: E as suas janelas, e os seus vestibulos em roda, cinqüenta côvados de comprido, e vinte e cinco côvados de largo.

34 E mediu o seu vestíbulo, isto é, o do átrio exterior: E no seu frontispício havia umas palmas entalhadas de uma e de outra parte: E a sua subida era por oito degraus.

35 E daqui me conduziu à porta que olhava para o Aquilão: E êle a mediu segundo as mesmas medidas que as precedentes.

36 Mediu outrossim a sua câmara, e o seu frontispício, e o seu vestíbulo, e as suas janelas em roda, cinqüenta côvados de comprido, e vinte e cinco côvados de largo.

37 E o seu vestíbulo olhava para o átrio exterior: E no seu frontispício havia umas palmas entalhadas de uma e outra parte: E subia-se a êle por oito degraus.

38 E em cada gazofilácio havia um postigo nos frontispícios das portas: Ali lavavam êles o holocausto.

39 E no vestíbulo da porta havia duas mesas de uma parte, e duas mesas da outra: Para nelas se imolassem os holocaustos, assim pelo pecado, como pelo delito.

40 E no lado de fora, que sobe ao postigo da porta, que vai ao Aquilão, havia duas mesas: E do outro lado diante do vestíbulo da porta, havia também duas mesas.

41 Quatro mesas de uma parte, e quatro mesas da outra: Aos lados da porta havia oito mesas, sôbre as quais imolavam.

42 E as quatro mesas para o holocausto eram feitas de pedras de siltaria: De um côvado e meio de comprimento: E de um côvado e meio de largo: E de um côvado de altura: Para pôrem sôbre elas os vasos de que se usava na imolação do holocausto, e da vítima.

43 E elas tinham umas bordas de um palmo, reviradas para dentro por tôda a roda: E sôbre as três mesas se punham as carnes da oblação.

44 E fora da porta interior estavam as câmaras dos cantores no átrio interior, que era ao lado da porta que olhava para o Aquilão: E as suas faces estavam voltadas para a parte do meio-dia; uma delas estava ao lado da porta oriental, que olhava para o caminho do Aquilão.

45 E o homem me disse: Esta é a câmara que olha para a parte do meio-dia; ela será para os sacerdotes que vigiam sôbre a guarda do templo.

46 E esta outra câmara, que olha para o caminho do Aquilão, será para os sacerdotes que vigiam sôbre o ministério do altar: Êstes são os filhos de Sadoc, que se chegam ao Senhor dentre os filhos de Levi para ministrarem diante dêle.

47 E mediu o átrio, que tinha cem côvados de comprimento, e cem côvados de largo em quadro: E o altar que está diante da face do templo.

48 E me fêz entrar no vestibulo do templo: E lhe mediu a entrada, que tinha cinco côvados de uma parte, e cinco côvados da outra: E a largura da porta, que tinha três côvados de uma parte, e três côvados da outra.

49 E o comprimento do vestibulo que tinha vinte côvados, e a largura que era de onze côvados, e subia-se

a êle por oito degraus. E nos frontispícios havia duas colunas: Uma de uma parte, e outra da outra.

CAPÍTULO 41

DESCRIÇÃO DO SANTO, DO SANTUÁRIO, E DAS CÂMARAS CONTIGUAS AO TEMPLO.

1 Depois me introduziu êle no templo, e mediu os postes, seis côvados de largura de uma parte, e seis da outra, segundo a largura do tabernáculo.

2 E a largura da porta era de dez côvados: E os lados da porta, cinco côvados de uma parte, e cinco côvados da outra: Mediu também o comprimento do templo, que era de quarenta côvados, e a sua largura de vinte côvados.

3 Depois, tendo entrado no mais interior, mediu um poste da porta, que era de dois côvados: E a porta, que era de seis côvados: E a largura da porta, que era de sete côvados.

4 Depois mediu diante da face do templo um comprimento de vinte côvados, e uma largura também de vinte côvados: E me disse: Este é o Santo dos Santos.

5 Depois mediu a parede do templo, que era de seis côvados: E a largura das câmaras que era de quatro côvados, postas as partes à roda do templo.

6 E estas câmaras eram câmara sôbre câmara, trinta e três em cada andar: E havia uns cachorros que entravam na parede da casa, pelos lados ao redor, para a sustarem firme, e para que não tocassem na parede do templo.

7 Havia também um espaço feito em redondo, que subia acima por um caracol, e levava à câmara mais alta do templo. indo sempre rodeando: Por isso o templo era

mais largo em cima: E assim do andar mais baixo se subia pelo do meio até o mais alto.

8 E vi neste edifício a altura que estava ao redor dêle, as câmaras que tinham por fundamento a medida de uma cana de seis côvados de espaço.

9 E a grossura da parede do lado de fora de cinco côvados: E a casa interior estava contida nos lados do edifício.

10 E entre as câmaras vinte côvados de largo ao redor do edifício por tôdas as partes.

11 E as portas de tôdas estas câmaras estavam voltadas para o lugar da oração: Uma porta para a banda do Aquilão, e outra porta para a banda do meio-dia: E a largura do lugar para a oração, que era de cinco côvados em circuito.

12 E o edifício que estava separado, e voltado para o caminho que olha para o mar, tinha setenta côvados de largura: Mas a parede que incluía todo o edifício, tinha cinco côvados de grossura ao redor, e o seu comprimento era de noventa côvados.

13 E mediu o comprimento da casa, que achou ser de cem côvados: E o edifício que estava dela separado, e as suas paredes, que eram de cem côvados de comprimento.

14 E a praça que estava diante da face do templo, e do edifício que estava separado dêle para o oriente, era de cem côvados.

15 Mediu outrossim o comprimento do edifício que se achava defronte do templo, que dêle estava separado por detrás: As galerias de uma e de outra parte que tinham cem côvados: E o templo interior, e os vestíbulos do átrio. (1)

(1) **GALERIAS** — No original está *attikim*, que a Vulgata traduziu por *ethecas*, Glaire traduz *postigos*.

16 Mediu mais as portas, e as janelas oblíquas, e os pórticos que estavam ao redor por três partes, defronte do limiar de cada porta, e o assoalhado de madeira por todo o chão em circuito: A terra porém chegava até às janelas, e as janelas estavam fechadas por cima das portas.

17 E havia-as até à casa interior, e pela parte de fora, por tôda a parede em roda, por dentro e por fora, tudo com proporção.

18 Havia também uns querubins feitos de escultura, e umas palmeiras: E entre querubim e querubim estava uma palmeira, e cada querubim tinha duas faces.

19 A face de homem ao pé de uma palmeira de uma parte, e a face de leão ao pé de outra palmeira da outra parte: Feito de relêvo por tôda a casa ao redor.

20 Êstes querubins e estas palmeiras de escultura viam-se sôbre a parede do templo, desde o chão até ao cimo da porta.

21 A porta do templo era quadrada, e a face do santuário correspondia à do templo, olhando uma para outra.

22 A altura do altar de madeira era de três côvados: E os seus cantos, e o seu comprimento, e as suas paredes eram de madeira. E o homem me disse: Esta é a mesa que deve estar diante do Senhor.

23 Tanto o templo, como o santuário, tinham sua porta dobrada.

24 E nestas duas batentes, de uma e de outra parte havia ainda sua portinha de dois batentes, que se fechavam um sôbre o outro: Porque eram duas as fôlhas de uma e de outra parte das portas.

25 E nas portas mesmas do templo havia uns querubins entalhados, e umas esculturas de palmas, assim como se viam também de relêvo nas suas paredes: Pela

qual razão havia também grossos madeiros no frontispício do vestíbulo por fora.

26 Sobre os quais estavam janelas oblíquas, e figuras de palmas de uma e outra banda nos capitéis do vestíbulo: Segundo os lados da casa, e a largura das paredes.

CAPÍTULO 42

DESCRIÇÃO E SERVENTIA DOS QUARTOS, QUE FICAVAM DEFRONTE DO TEMPLO NO ÁTRIO DOS SACERDOTES. DIMENSÃO DE TODA A EXTENSÃO DO ÁTRIO EXTERIOR.

1 Depois me tirou o homem para fora ao átrio exterior, pelo caminho que guia para o Aquilão, e me introduziu nas câmaras do Tesouro, que estavam ao oposto do edificio separado, e defronte da casa que olhava para o norte.

2 Sendo êste edificio na fachada de cem côvados de comprimento desde a porta setentrional: E de largura de cinqüenta côvados.

3 Tinha vista para o átrio interior de vinte côvados, e para o pavimento calçado de pedra do átrio exterior, onde estava a galeria junta a outras três.

4 E diante das câmaras do Tesouro havia um passeio de dez côvados de largo, que olhava para os interiores de uma veredazinha de um côvado. E as suas portas estavam ao Aquilão: (1)

5 Onde estas câmaras do Tesouro eram mais baixas no plano superior: Porque estavam sustentadas sobre as

(1) **QUE OLHAVA PARA OS INTERIORES DE UMA VEREDAZINHA** — E' em termos o que diz a Vulgata: *ad interiora respiciens vias cubiti unius*. Expressão escuríssima, mas que concorda perfeitamente com o hebreu, como nota o Escoliaste de Carrières, o qual explica a coisa assim: Além da largura do passeio, que tinha dez côvados, havia um frizô de um côvado, que dominava por todo o comprimento do passeio.

galerias, que delas saíam fora, na parte ínfima e média do edifício.

6 Porque havia três andares, e as colunas que tinham não eram como as colunas dos átrios: Porque elas se elevavam desde a terra cinqüenta côvados, passando pelo andar de baixo, e pelo meio do edifício.

7 E o âmbito exterior ao largo das câmaras do Tesouro, as quais ficavam no caminho do átrio exterior, por diante das outras câmaras: Tinha cinqüenta côvados de comprimento.

8 Porque o comprimento das câmaras do átrio exterior era de cinqüenta côvados: E a largura defronte da face do templo era de cem côvados.

9 E por baixo destas câmaras do Tesouro havia uma entrada da banda do oriente para os que vinham a elas do átrio exterior.

10 Na largura do âmbito do átrio, que estava defronte da parte oriental da fachada do edifício separado, havia ainda suas câmaras defronte dêste edifício.

11 Havia também um passadiço diante da sua fachada segundo a forma das câmaras, que estavam da banda do norte: Segundo era o seu comprimento, assim também era a sua largura: E toda a entrada delas, e as suas figuras, e as suas portas:

12 Tais como eram as portas das câmaras do Tesouro, que estavam situadas no lado que olhava para o meio-dia: Tal era também a porta que se via no tópo do passadiço: O qual passadiço estava diante do vestibulo separado, para servir aos que entravam pela parte do oriente.

13 E o homem me disse: Estas câmaras do Tesouro, que ficam ao setentrião, e as que ficam ao meio-dia, que estão diante do edifício separado, são umas câmaras santas: Aqui é onde comem os sacerdotes, que se aproximam

ao Senhor no Santuário: Aqui é que êles porão o Santo dos Santos, e a oblação que se faz pelo pecado, e pelo delicto: Porque êste lugar é santo. (2)

14 Quando os sacerdotes porém tiverem entrado, não sairão do lugar santo para o átrio exterior: E deixarão ali as suas vestimentas, com que exercem o seu ministério, porque são santas: E vestir-se-ão de outras vestimentas, e assim irão ter com o povo.

15 E tendo o homem acabado de tomar as medidas da casa interior, êle me fêz sair pelo caminho da porta, que olhava para o oriente: E a mediu por todos os lados em circuito.

16 Mediu pois pela banda do oriente com a cana de medir, que tinha quinhentas medidas desta cana por todo o arredor. (3)

17 E mediu pela banda do setentrião, quinhentas medidas da mesma cana por todo o arredor.

18 E mediu pela banda do meio-dia, quinhentas medidas da mesma cana por todo o arredor.

(2) **AQUI É ONDE COMEM OS SACERDOTES** — Quer dizer: onde comem as viandas mais sagradas, quais eram as vítimas que tinham sido oferecidas sobre o Altar, e que só os sacerdotes tinham direito de comer, e isto somente no templo.

(3) **QUINHENTAS MEDIDAS DESTA CANA** — Onde a Vulgata diz neste versículo, e nos três seguintes: quingentos calamos in calamo mensurae, tem o hebreu, e os Setenta: quingentos cubitos in calamo mensurae; isto é, que em lugar de quinhentas medidas de cana, que a Vulgata exprime, põem o hebreu e os Setenta quinhentos côvados, segundo a medida da cana. E êste é o sentido que a mesma Vulgata favorece no versículo 20 que é uma recapitulação dêstes quatro (16 até 19). Portanto muitos intérpretes julgam que a palavra calamos nestes quatro versículos (16 até 19), vem da mão dos copiadore, e que a leitura primitiva era cubitus, ainda que S. Jerônimo todavia no versículo 20 advirta que em lugar de côvados se deve ler canas, como se acha na Glossa ordinária, e em vários manuscritos antigos.

19 E mediu pela banda do ocidente, quinhentas medidas da mesma cana.

20 Mediu o seu muro de tôdas as partes, segundo os quatro ventos, andando à roda, achando ter o comprimento de quinhentos côvados, e a largura de quinhentos côvados que era o espaço que havia entre o Santuário e o lugar do povo.

CAPÍTULO 43

O SENHOR ENTRA NO SEU TEMPLO. ELE DECLARA QUE MORARÁ NELE SEMPRE, E QUE A CASA DE ISRAEL NÃO PROFANARÁ MAIS O SEU NOME. DESCRIÇÃO DO ALTAR DO HOLOCAUSTO. CERIMÔNIAS QUE SE DEVIAM OBSERVAR NA SAGRAÇÃO DESTES ALTAR.

1 Depois me levou êle à porta, que olhava para o caminho do oriente.

2 E eis-que entrava a glória do Deus de Israel pela banda do oriente: E o ruído que ela fazia era semelhante ao ruído das grandes águas, e a terra estava resplandecente pela presença da sua majestade. (1)

3 E a visão que eu então tive, era semelhante à que eu tinha tido, quando êle veio para perder a cidade: E êle me apareceu na mesma forma em que eu o tinha visto junto ao rio Cobar: E eu caí sobre o meu rosto.

4 E a majestade do Senhor entrou no templo pela banda da porta, que olhava para o oriente.

5 E o espírito me levantou, e êle me introduziu no átrio interior: E eis-que a casa estava cheia da glória do Senhor.

(1) A GLÓRIA DO DEUS DE ISRAEL — Isto é, a manifestação sensível da majestade, e do poder de Deus, cuja descrição ficou já acima, no cap. 1, 15. Confirma-se o cap. 8, versículo 4, e 9, 3.

6 Então o ouvi eu falando-me de dentro da casa, e o homem que estava ao pé de mim, (2)

7 me disse: Filho do homem, este é o lugar do meu trono, e o lugar das plantas dos meus pés, onde eu habito para sempre no meio dos filhos de Israel: E os da casa de Israel não profanarão mais para o futuro o meu santo nome, nem eles, nem os seus reis, pelas suas fornicações, e pelos sepulcros dos seus reis, e pelos seus altos.

8 Eles fizeram a sua porta ao pé da minha porta, e os postes da entrada da sua casa ao pé dos meus postes: E havia um muro entre mim e eles: E profanaram o meu santo nome pelas abominações que cometeram: Por isso eu os consumi na minha ira.

9 Agora pois deitem eles para longe de si a sua fornicação, e para longe de mim os sepulcros dos seus reis: E eu habitarei sempre no meio d'elles.

10 Tu porém, filho do homem, mostra o templo à casa de Israel, para que eles se confundam das suas iniqüidades, e meçam tôda a sua fábrica:

11 E se envergonhem de tudo o que fizeram: Mostra-lhes a figura da casa, e as saídas, e entradas da sua fábrica, e tôda a sua traça, e todos os preceitos acêrca d'ela, e tôda a sua ordem, e tôdas as suas leis, e tudo isto escreverás diante de seus olhos: Para que guardem todos os seus desenhos, e os seus preceitos, e os cumpram.

12 Esta é a lei que se deve guardar no edificar da casa sôbre o cume do monte: Todo o seu têrmo em roda é santíssimo: Esta é pois a lei que se deve observar no edificar desta casa.

(2) **E O HOMEM QUE ESTAVA AO PÉ DE MIM, ME DISSE** — O hebreu, o aramalco, e os Setenta referem a coisa de outro modo, porque attribuem ao Senhor o que a Vulgata attribui ao homem, dizendo: E o homem que me tinha acompanhado, estava ao pé de mim; e o Senhor me disse: Filho do homem, etc. — Pereira.

13 Ora estas são as medidas do altar medindo-o com um verdadeiríssimo côvado, que tinha um côvado e um palmo: O seu seio era de um côvado, e de um côvado era também a sua largura, e o seu remate até à borda, e por todo o circuito, era de um palmo: Esta era também a cova do altar. (3)

14 E do seio da terra até à última margem havia dois côvados de altura, e a largura era de um côvado: E desta margem que era a mais pequena, até à outra margem que era a maior, havia quatro côvados, e a sua largura era também de um côvado.

15 O Ariel mesmo porém tinha quatro côvados: E do Ariel até acima se levantavam quatro cornos. (4)

16 E o Ariel tinha doze côvados de comprido, e doze côvados de largo: Assim êle era quadrangular, tendo os seus lados iguais.

17 E a sua margem era de catorze côvados de com-

(3) **MEDINDO-O COM UM VERDADEIRÍSSIMO CÔVADO** — Pelo que a Vulgata diz: *In cubito verissimo, qui habebat cubitum, et palmum*, traz o hebreu simplesmente, e com êle os Setenta: *in cubito cubiti et palmi*: medindo-o a côvado de côvado e palmo. E tal supõe Calmet que era o côvado hebreu, por diferença do côvado babilônico, que tinha um palmo do menos. Sacy e de Carrières expuseram *in cubito verissimo*, vertendo com um côvado de boa medida. Sobre o qual lugar de Ezequiel é incrível a variedade de pareceres que tem havido entre os modernos críticos.

ESTA ERA TAMBÉM A COVA DO ALTAR — Esta cova parece que servia para receber o sangue das rezes que se matavam, até se sumir por baixo da terra. Mas os Setenta trazem aqui outra coisa mui diversa, dizendo: Esta é a altura do altar. E o aramaico: Esta é a disposição do altar. — Calmet.

(4) **O ARIEL MESMO PORÉM TINHA QUATRO CÔVADOS** — Sacy e de Carrières parafraseiam quatro côvados de altura. E este Ariel era o altar, chamado Ariel, que quer dizer, Leão de Deus, nome de que também tinha usado Isaias no princípio do capítulo 29. No original lê-se *paharel*, e *haariel*: A todos.

Ezequiel 43, 18-22

prido, e de catorze côvados de largo, medindo os seus quatro lados de um ângulo a outro: E a coroa que dominava tudo em roda dêle, saía fora meio côvado, e o seu seio era de um côvado em roda: Os seus degraus porém estavam virados para o oriente.

18 E o homem me disse: Filho do homem, isto diz o Senhor Deus: Estas são as cerimônias que se devem observar a respeito do altar sempre que êle fôr edificado: Para que sôbre êle se ofereça o holocausto, e se derrame o sangue. (5)

19 E tu darás as vítimas aos sacerdotes, e aos levitas, que são da linhagem de Sadoc, que se chegam ao meu altar, diz o Senhor Deus, para que êles me sacrifiquem um novillo da manada pelo pecado. (6)

20 E tomando do sangue dêsse novillo, pô-lo-ás sôbre os quatro cornos do altar, e sôbre os quatro cantos da sua margem, e sôbre a coroa por tôda a roda: E purificá-lo-ás, e expiarás.

21 Depois tomarás o novillo, que tiver sido oferecido pelo pecado: E queimá-lo-ás num lugar da casa todo separado, fora do santuário.

22 E no segundo dia oferecerás pelo pecado um bode

(5) **SEMPRE QUE ÊLE FÔR EDIFICADO** — À letra: em qualquer dia em que fôr fabricado, isto é, quando se fizer o altar, sacrificando sôbre êle para o purificar, consagrar e santificar. Neste lugar pròpriamente se estabelece o rito que se devia observar na sua sagração do altar. — Menocchio.

(6) **AOS SACERDOTES, E AOS LEVITAS** — O hebreu tem: aos sacerdotes levitas; isto é, da linhagem de Levi, o que parece melhor, porque na família de Sadoc não havia sîmplices levitas, mas todos eram sacerdotes. — Calmet.

novo que não tenha mancha: E purificarão o altar, como já o purificaram com o novillo.

23 E depois que tiveres acabado de o purificar, oferecerás um novillo da manada que não tenha mancha, e um carneiro do rebanho que também não tenha mancha.

24 E oferecê-los-ás na presença do Senhor: E os sacerdotes deitarão sal sobre eles, e os oferecerão em holocausto ao Senhor.

25 Sete dias a fio oferecerás cada dia um bode pelo pecado: E da mesma sorte oferecerão um novillo da manada, e um carneiro dos rebanhos, que não tenham mancha.

26 Por sete dias expiarão o altar, e o purificarão: E encherão as suas mãos. (7)

27 E cumpridos que fôrem os sete dias, ao oitavo dia e nos seguintes, oferecerão os sacerdotes os vossos holocaustos sobre o altar, e as hóstias que oferecem pela paz: E eu me reconciliarei convosco, diz o Senhor Deus. (8)

(7) **E ENCHERÃO AS SUAS MÃOS** — Estando pelos termos da Vulgata, que diz, *et implebunt manum ejus*, parece que suas se deve referir para o Altar, a quem metaforicamente se atribuem mãos. Estando pela versão dos Setenta, que diz *Sacerdotes replebunt manus suas*, não tem dúvida que se deve referir suas para os sacerdotes. Sacy e de Carrières referindo o *ejus* da Vulgata para o Altar, vertem: e eles o encherão das suas oferendas. Calmet o explica segundo a mente dos Setenta.

(8) **E AS HÓSTIAS QUE OFERECEM PELA PAZ** — Isto é, as hóstias pacíficas, que eram as que se ofereciam a Deus sem ser pelo pecado, mas ou em louvor, ou em reconhecimento, ou em ação de graças, por satisfazer algum voto feito por pura devoção.

PORTA ORIENTAL FECHADA. REPREENSÕES CONTRA OS ISRAELITAS, POR TEREM INTRODUZIDO ESTRANGEIROS NO TEMPLO. SACERDOTES EXCLUÍDOS DO SAGRADO MINISTÉRIO. A LINHAGEM DE SADOE CONFIRMADA NO SACERDÓCIO. REGULAMENTO PARA OS SACERDOTES NO TEMPO DO SEU SERVIÇO.

1 O homem me fez voltar depois para o caminho da porta do Santuário exterior, que olhava para o oriente: E que estava fechada.

2 E o Senhor me disse: Esta porta estará fechada: Ela se não abrirá, e nenhum homem passará por ela: Porque o Senhor Deus de Israel entrou por esta porta, e ela estará fechada

3 para o príncipe. O príncipe mesmo se assentará nela, para comer o pão diante do Senhor: Ele pelo caminho da porta do vestibulo entrará, e pelo caminho da mesina sairá. (1)

4 E o homem me levou pelo caminho da porta do setentrião à vista do templo: E olhei, e eis-que a glória do Senhor encheu a casa do Senhor: E eu caí sobre o meu rosto.

5 E o Senhor me disse: Filho do homem, põe bem no teu coração, e olha com os teus olhos, e ouve com os teus ouvidos tôdas as coisas que eu te digo, as quais respeitam tôdas as cerimônias da casa do Senhor, e todos os seus diversos regulamentos: E porás o teu coração nos caminhos do Templo por tôdas as saídas do Santuário.

(1) **PARA O PRÍNCIPE** — Os reis de Judá tinham no templo um lugar especial.

COMER O PÃO — A carne das vítimas nos sacrificios pacíficos. O termo hebraico *lehem* significa pão e qualquer outro alimento.

6 E dirás à casa de Israel, que me exaspera: Isto diz o Senhor Deus: Bastem-vos já, casa de Israel, tôdas as vossas maldades:

7 Pois que ainda introduzis filhos estrangeiros incircuncidados de coração, incircuncidados de carne, para que estejam no meu Santuário, e profanem a minha casa: E oferecereis os meus pães, a gordura, e o sangue: E quebrais o meu pacto com todos os vossos crimes.

8 E não observastes as minhas ordenanças tocantes ao meu Santuário: E constituístes para guardarem o que eu prescrevi a respeito dêste Santuário, que me pertence, os ministros que vos deu na vontade.

9 Isto diz o Senhor Deus: Todo o estrangeiro incircuncidado de coração e incircuncidado de carne, não entrará no meu Santuário, nem todo o filho estrangeiro que vive no meio dos filhos de Israel.

10 Mas até os levitas, que se apartaram longe de mim entregando-se ao êrro dos filhos de Israel, e que se desencaminharam, deixando-me a mim por irem atrás dos seus ídolos e que já carregaram com as suas iniquidades.

11 Farão simplesmente a função de sacristães do meu Santuário, e de porteiros da casa, e de oficiais da mesma: Êles matarão os holocaustos, e as vítimas do povo: E os mesmos estarão na sua presença prontos a servi-los.

12 Porque êles lhes prestaram o seu ministério na presença dos seus ídolos, e se fizeram para a casa de Israel uma ocasião de tropêço de iniquidade: Por isso é que eu levantarei a minha mão sôbre êles, diz o Senhor Deus, e êles levarão sôbre si a sua iniquidade:

13 E êles se não chegarão a mim para fazerem as funções do Sacerdócio na minha presença, nem se chegarão a algum dos meus Santuários, que estão perto do

Santo dos Santos: Mas carregarão com a sua confusão, e com as suas maldades que cometeram.

14 E constitui-los-ei porteiros da casa em todo o ministério dela, e em todos os ofícios, que nela se fizerem.

15 Mas os sacerdotes e levitas filhos de Sadoc, que guardaram as cerimônias do meu santuário, quando os filhos de Israel se desencaminharam de mim, êles se chegarão a mim para me servirem de ministros: E estarão na minha presença para me oferecerem a gordura, e o sangue, diz o Senhor Deus. (2)

16 Êles mesmos entrarão no meu Santuário, e êles se chegarão à minha mesa para me servirem, e guardarem as minhas cerimônias.

17 E quando êles entrarem nas portas do átrio interior, estarão vestidos de roupas de linho: E não terão nada sôbre si que seja de lã, quando fazem as funções do seu ministério nas portas do átrio interior e dentro.

18 Êles terão tiras de linho nas suas cabeças, e calções de linho sôbre os seus rins, e não se cingirão de modo que lhes venha suor. (3)

(2) **MAS OS SACERDOTES E LEVITAS** — Também aqui, como no capítulo 43, versículo 19, traz o hebreu sem conjunção: Mas os sacerdotes levitas. E' o que não advertiu a Bíblia espanhola de Ferrara, mas sim a de Cassiodoro de la Reina.

(3) **ÊLES TERÃO TIRAS DE LINHO NAS SUAS CABEÇAS** — O hebreu diz, mitras de linho: outros barretes; a Bíblia de Ferrara coifas.

E NÃO SE CINGIRÃO DE MODO QUE LHES VENHA SUOR — Isto querem dizer as palavras da Vulgata, *et non accingentur in sudore*, atendida a versão dos Setenta que diz, *et non accingentur violenter*, como reconheceu o mesmo S. Jerônimo autor da mesma Vulgata. Os rabinos espanhóis contudo seguindo a Vatablo, vertem: e não se cingirão pelos suadouros; isto é, nem por baixo das covas dos braços, nem por baixo dos ombros, mas pelo meio. Glaire entende "até que suem".

19 E quando saírem ao átrio de fora ao povo, tirarão os hábitos de que estavam vestidos, quando ministravam, e pô-los-ão na câmara do Santuário, e se vestirão de outros hábitos: E tomarão sentido não santifiquem o povo, estando com os seus vestidos. (4)

20 E eles não raparão a sua cabeça, nem também deixarão crescer o seu cabelo: Mas terão cuidado de o cortar, para o terem curto.

21 E nenhum sacerdote beberá vinho, quando houver de entrar no átrio interior.

22 E eles se não casarão nem com viúva, nem com repudiada, mas com donzelas da linhagem da casa de Israel: Poderão todavia casar também com uma viúva, que tenha ficado de outro sacerdote.

23 E eles ensinarão ao meu povo a diferença que há entre o santo e o profano, e lhes mostrarão o que há entre o limpo e o imundo.

24 E quando se levantar alguma controvérsia, eles se prestarão a decidi-la atidos aos meus juízos, e de fato a julgarão: Observarão as minhas leis e os meus preceitos em tôdas as minhas solenidades, e santificarão os meus sábados.

25 E eles não entrarão aonde estiver homem morto, para que se não manchem, exceto se fôr pai ou mãe, e filho ou filha, e irmão ou irmã, que não tivesse tido segundo marido: Porque de outra sorte eles ficarão manchados.

26 E depois que qualquer dêles tiver sido purificado, contar-se-lhe-ão ainda sete dias.

(4) E TOMARÃO SENTIDO NÃO SANTIFIQUEM O POVO

— Os leigos que tocavam os hábitos sagrados, estavam obrigados a se purificar, e a espiar a sua falta. Ex 30, 29, e adiante 46, 20.

— Pereira.

27 E no dia da sua entrada no Santuário ao átrio interior para me ministrar no Santuário, fará uma oblação pelo seu pecado, diz o Senhor Deus.

28 E para eles não haverá herança, porque eu é que sou a sua herança: E vós não lhes dareis quinhão em Israel, porque eu é que sou o seu quinhão.

29 Eles comerão as vítimas, que fôrem oferecidas tanto pelo pecado como pelo delito: E todo o voto que Israel oferecer, será dêles.

30 E as primícias de todos os primogênitos, e tôdas as libações de tudo quanto se oferece; pertencerão aos sacerdotes: Dareis também ao sacerdote as primícias do que serve para vosso sustento, para que ele faça vir a bênção sobre a tua casa.

31 Os sacerdotes não comerão nem de alguma ave, nem de alguma rez, que de si mesma haja morrido, ou que tenha sido apanhada por qualquer alimária.

CAPÍTULO 45

LUGAR PARA A SANTA CIDADE. QUINHÃO DO PRÍNCIPE. BALANÇAS E MEDIDAS JUSTAS. TRIBUTOS DEVIDOS AO PRÍNCIPE. SACRIFÍCIOS NO COMEÇO DO ANO SANTO. SOLENIDADE DA PASCOA. FESTA DOS TABERNÁCULOS.

1 E quando vós começardes a dividir a terra por sortes, separai as primícias para o Senhor, escolhendo um lugar santificado da terra, que tenha vinte e cinco mil medidas de comprimento, e dez mil de largura: Ele será santificado em toda a sua extensão ao redor. (1)

(1) **E QUANDO VÓS COMEÇARDES** — Também esta divisão que o Senhor aqui manda que se faça da Terra Santa, nunca os judeus a executaram. Daqui tira S. Jerônimo, e com ele a melhor parte dos intérpretes, que tôdas estas coisas foram ditas em figura, e se não deviam cumprir senão na Igreja de Cristo, e por

2 E de todo êste espaço separareis vós para o lugar santificado um lugar quadrado, que tenha quinhentas medidas de cada banda ao redor: E cinqüenta côvados em roda para os seus arrabaldes.

3 E com esta medida medirás tu uma praça de vinte e cinco mil de comprimento, e dez mil de largura: E nesta praça será o Templo, e o Santo dos Santos.

4 Êste espaço santificado da terra será para os sacerdotes ministros do Santuário, que se aproximam ao ministério do Senhor: E êste lugar lhes será destinado para suas casas, e para o Santuário da Santidade. (2)

5 Haverá também outras vinte e cinco mil medidas de comprimento, e dez mil de largura para os levitas, que servem na casa: Êsses mesmos terão vinte câmaras no tesouro. (3)

6 E dareis cinco mil medidas de largura, e vinte e cinco mil de comprimento, segundo a separação do Santuário para possessão da cidade, a tôda a casa de Israel.

7 Darás também ao príncipe de uma e outra parte junto ao que foi separado para o Santuário, e junto à possessão da cidade, defronte da face do que foi apartado para o Santuário, e defronte da face da possessão da cidade: Desde uma banda do mar até à outra, e desde

um modo espirital. Unde ad præsens tempus, et ad Ecclesiam que nunc laborat in mundo, et ad coelestia ire festinat, referenda sunt omnia.

QUE TENHA VINTE E CINCO MIL MEDIDAS DE COMPRIMENTO — Como se não declara que estas medidas sejam de pés, ou de côvados, ou de braças, infere S. Jerônimo, que se devem entender das canas de seis côvados e um palmo, de que nos capitulos antecedentes falara o profeta.

(2) **SANTUARIO DA SANTIDADE** — Hebraísmo por muito santo.

(3) **NA CASA** — No Templo.

uma banda do oriente até à outra: E o comprimento do que lhe há-de pertencer, será igual a estas outras duas porções, desde o termo ocidental até o termo oriental. (4)

8 Ele terá o seu quinhão da terra em Israel: E os príncipes não tornarão mais a roubar o meu povo: Mas distribuirão a terra pela casa de Israel, segundo cada tribo o pedir.

9 Isto diz o Senhor Deus: Baste-vos, ó príncipes de Israel, o que tendes feito: Cessai de cometer mais iniquidades e rapinas, e obrai conforme a equidade, e a justiça, separai os vossos termos dos de meu povo, diz o Senhor Deus.

10 Será justa a vossa balança, e justo o efi, e justo o bato. (5)

11 O efi, e o bato serão iguais, e de uma mesma medida: De sorte que o bato tenha a décima parte do coro e o efi tenha a mesma décima parte do coro: O seu pêso será igual, por ordem, à medida do coro.

12 E o siclo tem vinte óbolos. Ora vinte siclos, e vinte e cinco siclos, e quinze siclos fazem uma mina. (6)

13 E estas são as primícias que vós tiráreis: A sexta

(4) **E O COMPRIMENTO DO QUE LHE HA-DE PERTENCER, SERÁ IGUAL A ESTAS OUTRAS DUAS PORÇÕES** — Subentende-se que vós tiverdes sinalado para os sacerdotes e para o povo.
— De Carrières.

(5) **SERÁ JUSTA A VOSSA BALANÇA** — Recomenda aos príncipes a igualdade das medidas e dos pesos ou porque com a desigualdade de uns e outros encobriam os príncipes as suas rapinas, ou porque dos príncipes é regular a quantidade dos pesos e das medidas. — Sinopse dos críticos de Poli.

(6) **ORA VINTE SICLOS** — Com esta tríplice repetição dos siclos fazendo a conta por partes, designa o profeta o número de sessenta.

MINA — Correspondia a 16\$900 réis aproximadamente.

parte do efi tomada sôbre um coro de trigo, e a sexta parte do efi tomada sôbre um coro de cevada.

14 Quanto porém à medida do azeite, um bato de azeite é a décima parte do coro: E dez batos fazem um coro: Porque dez batos enchem um coro.

15 E oferecereis um carneiro do rebanho de duzentas cabeças, daqueles que os israelitas criam para os sacrificios, e para os holocaustos, e para as oblações pacíficas, a fim de os expiar, diz o Senhor Deus. (7)

16 Todo o povo da terra será obrigado a pagar estas primícias ao que fôr príncipe em Israel.

17 E estarão a cargo do príncipe os holocaustos, e os sacrificios, e as libações nos dias solenes, e nos primeiros dias de cada mês, e nos dias de sábado, em tôdas as solenidades da casa de Israel: Êle oferecerá pelo pecado o sacrificio, e holocausto, e as vítimas pacíficas, para expiação da casa de Israel.

18 Isto diz o Senhor Deus: No primeiro mês, no primeiro dia do mês, tomarás tu um novillo da manada, que não tenha mancha, e expiarás com êle o Santuário.

19 E o sacerdote tomará do sangue da vítima, que se oferecer pelo pecado: E o porá nos postes do templo, e nos quatro cantos da margem do altar, e nos postes da porta do átrio interior.

20 E o mesmo farás no sétimo dia do mês, por cada um que pecou por ignorância, e foi enganado por algum erro, e farás a expiação pelo templo.

21 No primeiro mês, no dia catorze dêsse mês, solenizareis vós a festa da Páscoa: Comer-se-ão os pães asmos sete dias.

(7) E OFERECEREIS — Subentende-se tolletis do versículo 13, tirareis ou tomareis para oferecer, oferecereis.

22 E o príncipe oferecerá neste dia por si, e por todo o povo da terra, um novilho pelo pecado.

23 E oferecerá em holocausto ao Senhor durante a solenidade dos sete dias, sete novilhos, e sete carneiros sem mancha cada dia, durante os sete dias: E oferecerá cada dia um bode novo pelo pecado.

24 E ajuntará no seu sacrifício um efi de farinha a cada novilho, e um efi da mesma a cada carneiro: E ajuntará um hin de azeite a cada efi.

25 No sétimo mês, no dia quinze dêsse mês, fará êle nesta solenidade por sete dias contínuos as mesmas coisas que se disseram acima: Tanto pela expiação do pecado, como pelo holocausto, e no sacrifício, e no azeite. (8)

CAPÍTULO 46

REGULAMENTO PARA A ABERTURA DA PORTA ORIENTAL DO ÁTRIO DOS SACERDOTES. POR QUE PORTA DEVEM ENTRAR E SAIR DO TEMPLO O REI E O POVO. DIVERSAS SORTES DE SACRIFÍCIOS. DONS DO PRÍNCIPE. COZINHAS DO TEMPLO.

1 Isto diz o Senhor Deus: A porta do átrio interior, que olha para o oriente, estará fechada os seis dias, que são de trabalho: Mas ela se abrirá no dia de sábado, e também se abrirá no primeiro dia de cada mês.

2 E o príncipe entrará pelo caminho do vestíbulo da porta por fora, e parará no limiar da porta: E os sacerdotes oferecerão por êle o holocausto, e o sacrifício de paz: E êle adorará sobre o limiar desta porta, e depois sairá: E a porta não se fechará até à tarde.

(8) **FARÁ ÊLE NESTA SOLENIDADE** — Entende a solenidade dos Tabernáculos, que era a do sétimo mês, que corresponde ao nosso de setembro.

3 E o povo da terra fará a sua adoração à entrada daquela porta nos dias de sábado, e nos primeiros dias de cada mês, diante do Senhor.

4 O príncipe porém oferecerá ao Senhor êste holocausto: A saber: No dia de sábado seis cordeiros sem mancha, e um carneiro também sem mancha.

5 E a oblação de um efi de farinha por um carneiro, e o que a sua mão oferecer em sacrifício pelos cordeiros: E um hin de azeite por cada efi. (1)

6 E no primeiro de cada mês um novilho da manada sem mancha: E seis cordeiros, e seis carneiros serão sem mancha.

7 E êle oferecerá em sacrifício um efi de farinha por cada novilho, também outro efi por cada carneiro: E dará por cada cordeiro o que a sua mão puder achar: E um hin de azeite por cada efi.

8 E quando o príncipe houver de entrar, entre pelo caminho do vestibulo da porta oriental, e saia pelo mesmo caminho.

9 E quando o povo da terra entrar para se pôr na presença do Senhor nos dias solenes: Aquêlê que entra pela porta do Aquilão para adorar, saia pelo caminho da porta do meio-dia: E aquêlê que entra pelo caminho da porta do meio-dia, saia pelo caminho da porta do Aquilão: Êle não voltará pelo caminho da porta por que entrou, mas sairá pela outra que lhe é oposta.

10 O príncipe porém estando no meio dêles todos, entrará com os que entram e sairá com os que saem.

11 E nos dias de feira, e nas solenidades, oferecer-se-á em sacrifício um efi de farinha por um novilho,

(1) E A OBLAÇÃO DE UM EFI DE FARINHA POR UM CARNEIRO — Isto é, com cada carneiro oferecerá um efi de farinha. Cfr. Ex 29, 40.

Ezequiel 46, 12-18

e um efi de farinha por um carneiro: Pelos cordeiros porém oferecerá cada um o que achar à sua mão: E ajuntará um hin de azeite a cada efi.

12 Ora quando o príncipe oferecer espontaneamente ao Senhor um holocausto, ou alguns sacrifícios pacíficos de sua própria vontade: Abrir-se-lhe-á a porta que olha para o oriente, e êle oferecerá o seu holocausto, e as suas vítimas pacíficas, como se costuma fazer no dia de sábado: E sairá e se fechará a porta depois que sair.

13 E êle oferecerá todos os dias em holocausto ao Senhor um cordeiro do mesmo ano, que não tenha mancha; oferecê-lo-á sempre de manhã.

14 E oferecerá tôdas as manhãs em sacrifício por êste cordeiro a sexta parte de um efi de farinha, e a terça parte de um hin de azeite, para se misturar com a farinha: Êste é o sacrifício que êle está obrigado, segundo a lei, a oferecer ao Senhor, que deve ser perpétuo, e de cada dia.

15 Êle pois imolará o cordeiro, e oferecerá o sacrifício, e o azeite tôdas as manhãs: Êste holocausto será eterno.

16 Isto diz o Senhor Deus: Se o príncipe fizer qualquer doação a algum de seus filhos: A herança dêste será de seus filhos; êles a possuirão hereditariamente. (2)

17 Porém se êle fizer um legado da sua própria fazenda a um dos seus servos, êle lhe pertencerá até o ano do Jubileu, e então êle tornará para o príncipe: E a sua herança pertencerá a seus filhos.

18 E o príncipe não tomará nada por violência da herança do povo, nem dos seus bens: Mas dará da sua

(2) **ELES A POSSUIRÃO HEREDITARIAMENTE** — De sorte que nem ainda no ano do Jubileu torne para o príncipe, em contraposição do que se diz no versículo seguinte, do legado deixado aos servos.

própria fazenda uma herança a seus filhos: Para que o meu povo não seja esbulhado do que cada um legitimamente possui.

19 Ora o homem me fêz passar por uma entrada, que estava ao lado da porta, às câmaras do Santuário, onde moravam os sacerdotes, as quais olhavam para o Aquilão: E ali havia um lugar particular, que vergava para o ocidente.

20 Então me disse êle: Êste é o lugar em que os sacerdotes cozerão as vítimas pelo pecado, e pelo delito: Onde cozerão as oblações do sacrifício, a fim de que êles as não levem ao átrio exterior, e se santifique o povo. (3)

21 E me tirou ao átrio exterior, e me levou à roda pelos quatro cantos do átrio: E eis-que em cada um dos quatro cantos dêste átrio havia um pequeno terreiro. (4)

22 Êstes pequenos terreiros assim dispostos pelos quatro cantos do átrio, tinham quarenta côvados de comprimento, e trinta de largo: Todos os quatro eram de uma mesma medida.

23 E uma parede ao redor incluía êstes quatro pequenos terreiros: E viam-se também as cozinhas edificadas por baixo dos pórticos à roda.

24 E êle me disse: Esta é a casa das cozinhas, na qual os ministros da casa do Senhor cozerão as vítimas destinadas para o povo.

(3) **E SE SANTIFIQUE O POVO** — Subentende-se pelo contacto das viandas sagradas, o que o poria fora do estado de satisfazer às obrigações comuns da sociedade. Outros explicam: “E se santifique o povo”, isto é, e creia que lhe é lícito comer destas carnes.

(4) **E EIS-QUE** — A letra: “E eis-que havia um saguão-zinho no canto do átrio; cada um dêstes saguãozinhos estava em cada canto do átrio.

CAPÍTULO 47

ÁGUAS QUE SAEM DEBAIXO DA PORTA ORIENTAL DO TEMPLO, E QUE VÃO TER AO MAR MORTO, CUJAS ÁGUAS ADOÇAM. LIMITES DA TERRA DE ISRAEL.

1 Depois êle me fêz tornar para a porta da casa, e eis-que saíam umas águas debaixo do limiar da porta, para a banda do oriente: Porque a face da casa olhava para o oriente: As águas porém desciam ao lado direito do templo para o meio-dia do altar. (1)

2 E êle me tirou pelo caminho da porta do Aquilão e me fêz voltar pelo caminho de fora da porta exterior, para o caminho que olhava para o oriente: E eis-que vi que as águas vinham em redundância do lado direito.

3 Saindo para a banda do oriente o homem, que tinha na sua mão um cordel, mediu ainda mil côvados: E me fêz passar pela água, que me dava pelos tornozelos.

4 Mediu outros mil côvados, e me fêz passar pela água, que me dava pelos joelhos:

5 E mediu outros mil côvados, e me fêz passar pela água, que me dava pelos rins. E mediu outros mil côvados, era já uma torrente, que eu não pude passar: Por-

(1) **E EIS-QUE** — Quase todos os intérpretes convêm que estas águas não as houve jamais realmente no templo, na maneira que elas aqui se descrevem. Logo estas águas não eram verdadeiramente senão uma figura da graça de Cristo, da doutrina do Evangelho, da efusão do Espírito Santo e das águas sagradas do batismo. Assim o conclui de todo o sagrado contexto S. Jerônimo: *Ex quo perspicuum fit sacras esse aquas, etc. Salvatoris nostri significare doctrinam.* O mesmo padre Houbigant, que supõe ter havido no templo umas águas subterrâneas, trazidas a êle artificialmente para o uso dos sacrifícios, supõe também que daqui mesmo foi tirada a alegoria destas outras águas saudáveis. Como uma des-

que se tinham empolado as águas daquela profunda torrente, que se não podia passar a vau.

6 Então me disse o homem: Certo que tu o tens visto, filho do homem: E êle me tirou logo, e me trouxe à ribanceira da torrente.

7 Tendo eu pois tornado para trás, eis-que se viam na ribanceira da torrente muitas árvores de uma e outra banda em número excessivo.

8 E o homem me disse: Estas águas que saem para os montões de saibro do oriente, e que descem às planícies do deserto, entrarão no mar, e sairão dêle, e as águas do mar ficarão saudáveis. (2)

9 E todo o animal vivente, que anda a rasto, viverá por tôda a parte, aonde chegar a torrente: E haverá ali muitos peixes em abundância depois que lá chegarem estas águas; e ficará curado, e viverá tudo aonde chegar esta torrente.

10 E os pescadores estarão sôbre estas águas; desde Engadî até Engalim será o enxugadouro das suas rêdes: Serão muitíssimas as espécies de seus peixes, em multidão excessiva, como são os peixes do mar Grande:

11 Nas suas praias porém, e nos seus alagadiços não serão adoçadas as águas, porque serão destinadas para as marinhas de sal.

12 E sôbre a torrente nascerá nas suas ribanceiras de uma e outra banda tôda a árvore frutífera: Não cairá dela a fôlha, nem faltarâ o seu fruto: Dá-los-â novos todos os meses, porque as suas águas sairão do Santuário: E os

crição misteriosa entendem êstes capítulos os exegetas modernos. Cfr. Glaire.

(2) **PARA OS MONTÕES** — Isto é, para formar os montões de saibro em seu leito pelas areias que arrasta com a sua corrente.

ENTRARÃO NO MAR — Por êste mar entendem vulgarmente os intérpretes o mar Morto. — Percira.

Ezequiel 47, 13-18

seus frutos servirão de sustento, e as suas fôlhas de medicina.

13 Isto diz o Senhor Deus: Êstes são os limites, segundo os quais vós possuireis a terra, que se há de repar-tir pelas doze tribos de Israel: Porque José tem para si um quinhão dobrado. (3)

14 Vós porém a possuireis todos igualmente, cada um tanto como seu irmão: Terra, sôbre a qual eu levantei a minha mão, para a dar a vossos pais: E esta terra vos caberá em herança.

15 Ora êstes são os limites da terra: Da banda setentrional desde o mar Grande, pelo caminho de Hetalon, vindo a Sedada. (4)

16 A Emat, a Berota, a Sabarim, que está entre os confins de Damasco, e os confins de Emat, à casa de Ticon, que está sôbre os confins de Auran. (5)

17 E êstes limites serão desde o mar até o átrio de Enon, que faz o têrmo de Damasco, e desde uma banda do Setentrião à outra banda: Emat fará o seu têrmo da banda setentrional.

18 Ora a sua região oriental se tomará do meio de Auran, e do meio de Damasco, e do meio de Galaad, e

(3) **PORQUE JOSÉ TEM PARA SI UM QUINHÃO DOBRADO** — Dá o Senhor a razão de contar doze tribos, quando a tribo de Levi não entrava na repartição. E diz que isto é porque a José caberão dois quinhões, por causa de seus dois filhos Efraim e Manassés.

(4) **HETALON, SEDADA** — Cidades desconhecidas. Existe uma cidade Sedad, ao norte de Damasco, mas não é provável que seja a esta que se refere o texto.

(5) **SABARIM** — A moderna Zaberane, na estrada de Er-nese para Hamet.

EMAT — Hoje Emah, cidade de Coelempia.

TICON — Em hebreu *Hatrer Haltion*, que quer dizer “a aldeia central.”

do meio da terra de Israel, limitando-a o Jordão, até ao mar oriental. Medireis também o lado do oriente.

19 E o lado austral do meio-dia desde Tamar até às Águas da Contradição, junto a Cades: E a torrente até o mar Grande: E êste é o lado austral para meio-dia.

20 E o lado do mar será o mar Grande, desde um cabo em direitura, até chegar a Emat: Êste é o lado do mar.

21 E dividireis esta terra entre vós, pelas tribos de Israel: (6)

22 E vós a sorteareis para vossa herança, juntamente com os estrangeiros, que vierem ajuntar-se convosco, que tiverem filhos no meio de vós: E vós os tereis

(6) E DIVIDIREIS ESTA TERRA ENTRE VÓS — Esta repartição e o modo com que Deus no seguinte capítulo a delinea, nunca foram executados pelos judeus tornados de Babilônia ao seu país. Logo ela, ainda tomada à letra, não é senão uma figura da tornada de toda a nação hebréia à herança da Fé e da Justiça, que ela perdeu, mas uma figura admirável, quando é bem entendida. O território é reduzido aos antigos limites mostrados a Abraão. Não há nada além do Jordão. A região põe-se ao centro, e não em alguma das extremidades, como noutro tempo na tribo de Judá. Não se falou mais de Jerusalém, nem consequentemente do Templo que nela houvera. Assim o culto é mudado e a Lei abolida. A cidade é única e todos têm o mesmo direito a ela. As suas portas estão nas quatro partes do mundo, para que todos entrem sem trabalho. Mas parece que se é cidadão dela, sem nela ter casa. Nada disto convém a uma cidade material nem a uma partilha sensível do pequeno país entre o Jordão e o Mar, que uma só tribo bem unida era capaz de encher. Mas nada há mais próprio para significar a geral conversão de todos os judeus; o seu igual ardor pela Fé, o seu igual empenho por entrar na Igreja, o igual cumprimento das promessas feitas a favor deles a Abraão. Até aqui o sábio autor das Regras para a inteligência das Santas Escrituras. Regra IX.

como naturais entre os filhos de Israel: Repartirão convosco a herança no meio das tribos de Israel.

23 E em qualquer tribo em que se achar um estrangeiro, vós lhe dareis ali o seu quinhão, diz o Senhor Deus.

CAPÍTULO 48

A TERRA DE ISRAEL REPARTIDA PELAS DOZE TRIBOS. PORÇÃO CONSAGRADA PARA O TEMPLO E PARA A CIDADE SANTA. QUINHÃO DOS LEVITAS E DO PRÍNCIPE. NOMES DAS PORTAS DA CIDADE.

1 E êstes são os nomes das tribos, desde a extremidade do Aquilão ao longo do caminho de Hetalon, quando se vai a Emat; o átrio de Enan será o limite da banda de Damasco para o Aquilão, ao longo do caminho de Emat. E a região oriental e o mar terminarão a porção de Dan. (1)

2 E próximo aos têrmos de Dan, terá Aser a sua porção, desde a região oriental até à região do mar:

(1) E ESTES SÃO OS NOMES DAS TRIBOS — Entrando a comentar este último capítulo, confessa o doutor Máximo que, oprimido das misteriosas escuridades que nêle encontra, não pode dizer outra coisa senão o que em semelhante passo dissera o apóstolo: "O' profundidade das riquezas da sabedoria e ciência de Deus, quão inescrutáveis são os seus juízos e impenetráveis os seus caminhos." *Hæc legens nihil aliud possum dicere, nisi illud Apostoli. O profundum divitiarum sapientiæ et scientiæ Dei, etc.* À vista desta confissão, não duvidarei afirmar, que debalde se cansam os que, com o padre Houbigant, querem que esta divisão da Terra Santa pelas doze tribos que Ezequiel profetiza, tivesse seu cumprimento depois da tornada do cativo, e mais debalde os que, com os Milenários, esperam o seu cumprimento no fim do mundo.

MAR — O Mediterrâneo.

3 E próximo aos termos de Aser, terá Neftali a sua porção, desde a região oriental até à região do mar.

4 E próximo aos termos de Neftali terá Manassés a sua porção, desde a região oriental até à região do mar.

5 E próximo aos termos de Manassés terá Efraim a sua porção, desde a região oriental até à região do mar.

6 E próximo aos termos de Efraim, terá Rúben a sua porção, desde a região oriental até à região do mar.

7 E próximo aos termos de Rúben, terá Judá a sua porção, desde a região oriental até à região do mar.

8 E próximo aos termos de Judá, desde a região oriental até à região do mar, serão as primícias, que vós separareis, as quais terão vinte e cinco mil medidas de largura, e de comprimento, assim como é a extensão que tem cada um dos outros quinhões, desde a região oriental até à região do mar: E o Santuário ficará no meio desta partilha.

9 Quanto às primícias, que vós separareis para o Senhor: Terão vinte e cinco mil medidas de comprimento, e dez mil de largo.

10 Estas primícias porém serão do Santuário dos sacerdotes: Elas terão vinte e cinco mil medidas de comprimento para o Aquilão, e dez mil medidas de largura para o mar, e dez mil medidas também de largura para o oriente, e vinte e cinco mil medidas de comprimento para o meio-dia: E o Santuário do Senhor ficará no meio desta porção.

11 O Santuário será para os sacerdotes, que são filhos de Sadoc, que guardaram as minhas cerimônias, e que se não desencaminharam, quando os filhos de Israel estavam no descaminho, como também se desencaminharam os levitas.

12 E eles terão por primícias no meio das primícias da terra o Santo dos Santos, junto aos termos dos levitas.

13 E os levitas terão também igualmente junto aos têrmos dos sacerdotes, vinte e cinco mil medidas de comprimento, e dez mil de largura. Todo o comprimento será de vinte e cinco mil medidas, e a largura de dez mil.

14 E êles não poderão vender, nem trocar nada delas, nem estas primícias da terra serão transferidas a outras, porque são consagradas ao Senhor.

15 E as cinco mil medidas que restam de largura sôbre as vinte e cinco mil, serão havidas como profanas, ficando destinadas para os edifícios da cidade, e para os seus arrabaldes: E a cidade ficará no meio dêste espaço.

16 E estas serão as suas medidas: Para a região setentrional, terá ela quatro mil e quinhentas medidas: E para a região meridional, quatro mil e quinhentas: E para a região oriental, quatro mil e quinhentas: E para a região ocidental, outras quatro mil e quinhentas.

17 E os arrabaldes da cidade terão da banda do Aquilão duzentas e cinqüenta medidas, e da banda do meio-dia, outras duzentas e cinqüenta, e da banda do oriente, duzentas e cinqüenta, e da banda do mar, outras duzentas e cinqüenta.

18 Quanto porém ao que ficar sôbre o comprimento, junto às primícias do Santuário, a saber, dez mil medidas para a banda do oriente, e dez mil para a banda do ocidente, elas serão como as primícias do Santuário: E os frutos que daí se colherem, serão destinados para dar pão àqueles que servem a cidade.

19 E os que trabalharem em serviço da cidade, serão de tôdas as tribos de Israel. (2)

20 Tôdas as primícias, que tiverem de todos os la-

(2) **TRABALHAREM** — Os operários e artistas de tôdas as tribos poderão vir trabalhar na cidade, enquanto que os sacerdotes e levitas ficarão como uma raça nobre que só se ocupará no culto do Senhor, no estudo da Lei e salvação do povo.

dos vinte e cinco mil medidas, vindo a formar em quadro as tais vinte e cinco mil medidas, serão separadas, para serem as primícias do Santuário e para possessão da cidade.

21 E o que restar, será para o quinhão do príncipe, por toda a roda das primícias do Santuário, e do quinhão da cidade, defronte das vinte e cinco mil medidas das primícias até os termos do oriente: E da mesma sorte da banda do mar, defronte das vinte e cinco mil medidas até os termos do mar, será também do quinhão do príncipe: E as primícias do Santuário e o Santuário do Templo ficarão no meio deste espaço.

22 O que restar porém da porção dos levitas, e da porção da cidade, no meio das outras porções do príncipe: Será entre os termos de Judá, e entre os termos de Benjamim, e pertencerá ao príncipe.

23 E pelo que toca às outras tribos: A porção de Benjamim será desde a região oriental até à região ocidental.

24 E defronte dos termos de Benjamim, terá Simeão a sua porção, desde a região oriental até à região ocidental.

25 E próximo aos termos de Simeão, terá Issacar a sua porção, desde a região oriental até à região ocidental.

26 E próximo aos termos de Issacar, terá Zabulon a sua porção, desde a região oriental até à região ocidental.

27 E próximo aos termos de Zabulon, terá Gad a sua porção, desde a região oriental até à região do mar.

28 E para a banda dos termos de Gad, ficará a região austral, ao meio-dia: E seus termos serão desde Tamar até às Águas da Contradição junto a Cades; a sua

Ezequiel 48, 29-35

herança se estenderá até parar defronte do mar Grande. (3)

29 Esta é a terra, que vós distribuireis por sortes entre as tribos de Israel: E tais serão as suas partições, diz o Senhor Deus:

30 E estas são as saídas da cidade. Medirás da banda do Setentrião quatro mil e quinhentas medidas.

31 E as portas da cidade tomarão os nomes das tribos de Israel, haverá três portas ao Setentrião: A porta de Rúben uma, a porta de Judá outra, a porta de Levi outra.

32 E medirás da mesma sorte para a banda do oriente quatro mil e quinhentas medidas: E desta banda haverá também três portas: A porta de José uma, a porta de Benjamim outra, e a porta de Dan outra.

33 Medirás outrossim quatro mil e quinhentas medidas para a banda do meio-dia, e da mesma sorte haverá aqui três portas: A porta de Simeão uma, a porta de Issacar outra, a porta de Zabulon outra.

34 Medirás enfim quatro mil e quinhentas medidas para a banda do ocidente; haverá aqui também três portas: A porta de Gad uma, a porta de Aser outra, a porta de Neftali outra.

35 O seu circuito será de dezoito mil medidas: E desde aquêlê dia o nome da cidade será: O Senhor nela mesma. (4)

(3) **MAR GRANDE** — O Mediterrâneo.

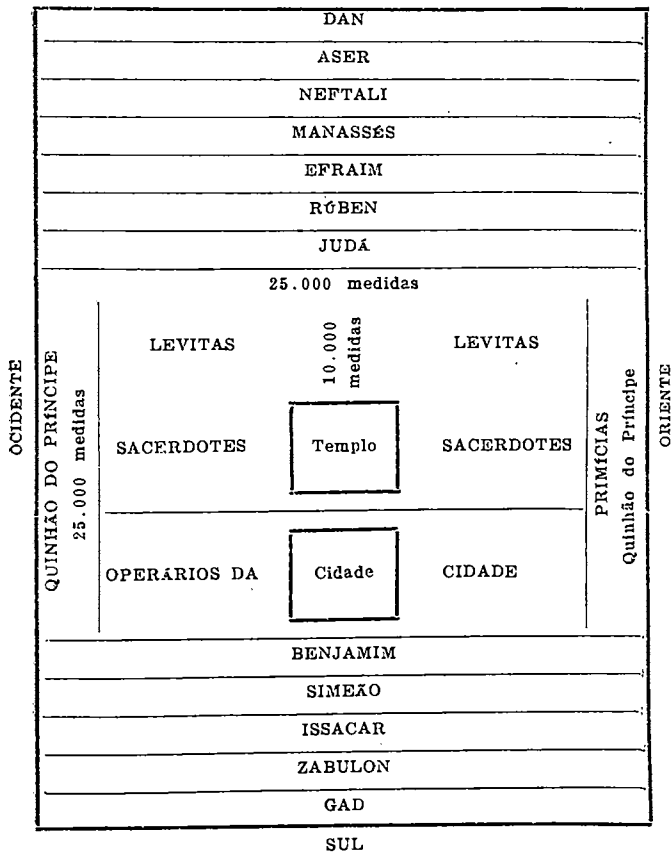
(4) **O SENHOR NELA MESMA** — Por esta última cláusula fica manifesto que a profecia não fala da Jerusalém material, mas da espiritual, que é a Igreja, com a qual prometeu Cristo que estaria até ao fim do mundo. O padre de Carrières, seguindo a Sacy, verteu aqui: "O Senhor está com ela". Eu exprimi à letra os termos da Vulgata Dominus ibidem, que em hebreu são Iahveh Sou Shama.

QUADRO DA DIVISÃO DA TERRA DE ISRAEL

SEGUNDO A DESCRIÇÃO DE EZEQUIEL

Capítulos 44 — 48

SETENTRIÃO



DANIEL

INTRODUÇÃO

Autor. — Daniel, cujo nome significa “Deus é meu juiz e defensor”, é o quarto dos profetas maiores, e que, na história do povo de Deus, ocupa um lugar primacial. Estabelecem alguns exegetas o confronto entre este profeta, Moisés e José do Egito, porém alguns exageram tanto as semelhanças, que vão de encontro à verdade histórica. Daniel, de estirpe régia, (*Dan*, 1, 3; *Josefo*, *Ant. Jud.* 19, 1), foi trazido cativo para Babilônia, no terceiro ano do reinado de Joaquim, 606, sendo educado no palácio de Nabucodonosor como Moisés fôra no de Ramsés II. Guardando fielmente a lei mosaica, costumes e crenças, familiarizou-se com a ciência dos caldeus, merecendo pelos seus conhecimentos a estima dos homens mais importantes do país em que vivia. Ao cabo de três anos teve ocasião de evidenciar a penetração do seu espírito e a sua perspicácia, interpretando, como José, o sonho de Nabucodonosor, 2, 14 ss, o que lhe valeu o acesso às mais altas dignidades do Estado. Num país onde, como no vale do Nilo, os sonhos ocupavam tão importante lugar, a sua interpretação era considerada como um argumento positivo do saber profundo e variada ilustração de intérprete, e a isso deveu

Daniel a chefatura, que tão singular prestígio lhe garantia.

Entretanto Daniel não tem a estatura de Moisés, nem na sua vida há identidade de ações com a de José. Cada um tem a sua missão diversa, como diversos são os processos que empregaram, como diferente foi a índole dos seus trabalhos, e as circunstâncias em que se encontravam. José firmou o poderio da sua família, no Egito, para que se pudesse tornar um povo capaz de conquistar a Terra Prometida. Moisés tem já a missão de libertar um povo do jugo do cativo, encaminhar os seus concidadãos e dar-lhes a lei de Sinai. A missão de Daniel é muito diversa: Como Ezequiel cumpre-lhe manter intacto o monoteísmo, no meio dos perigos a que estavam expostos os adoradores do verdadeiro Deus, vivendo com os pagãos, presenciando as suas práticas supersticiosas; deve mostrar ao povo de Deus que a lei é obrigatória em tôdas as suas prescrições, mesmo fora da Palestina, e cabe-lhe consolar aquêlo povo oprimido e humilhado, minorando-lhe as agruras do exílio e alentando-o com as esperanças messiânicas.

Depois da conquista de Babilônia pelos medos e persas, foi, no tempo de Dario, o primeiro dos três ministros do império, excitando a inveja dos seus inimigos, que por duas vêzes o lançaram numa casa de leões, 6; 14, 29-42, sendo milagrosamente salvo, o que estreitou mais as suas cordiais relações com Dario. Ciro mantém idênticas disposições a seu respeito, dispensando-lhe provas de consideração e estima. Foi no terceiro ano do seu reinado, 534, que Daniel teve, nas margens do Tigre, a sua última visão, 10, 1-4. O fim da sua vida é-nos desconhecido. Crê-se geralmente que morreu em Susa, onde se vê um túmulo, que dizem ser o de Daniel.

Objeto do livro de Daniel. — Este livro é ao mesmo tempo histórico e profético, pelo que se extrema profundamente dos escritos dos demais profetas. Há uma parte histórica completamente distinta da parte profética; ao passo que nos demais livros proféticos encontram-se apenas referências históricas, intercaladas para a boa inteligência da profecia. Daniel compendia os seus próprios atos, fazendo como que uma autobiografia, e sintetiza os fatos mais importantes da época a que se refere. Destina seis capítulos à história, e outros tantos à profecia.

Texto e versões de Daniel. — O livro de Daniel marca um período de transição na história da língua e literatura hebraica. Está redigido em dois dialetos diferentes: uma parte em hebreu, outra em arameu, a língua falada na Síria. O hebreu de Daniel é já o hebreu de Ezequias e de Habacuc, a que podemos talvez chamar “baixo hebreu”. Pelo que toca ao arameu, êsse tem uma forma arcaica, diferente da dos mais antigos monumentos que possuímos desta língua, que são os Targums. Advirta-se porém que a parte aramaica de Daniel é geralmente chamada caldaica, porque foi na Caldéia que os judeus começaram a falar êste dialeto; porém o autor no original emprega o termo *aramith, syriace* dos Setenta. Daniel reserva a denominação de *lingua chaldæorum* para a escritura cuneiforme. *Dan* 1,4. Mas, pergunta-se, falaram os babilônios o arameu? Não o sabemos; as inscrições são em babilônio. Mas os judeus podiam muito facilmente falar outro dialeto, que não fôsse o dos vencedores. Os arameus tinham sido deportados em grande número para Babilônia e a sua língua tinha afinidades mais estreitas com o hebreu, de onde era fácil confundir-se o hebreu dos judeus com o arameu.

Os racionalistas, com a sua costumada má fé, servem-se da mistura das duas línguas para atacarem a autenticidade de Daniel; mas o emprêgo dêstes dois dialetos prova exatamente o contrário do que pretendem os adversários, porque mostra ter sido êste livro escrito no tempo de Daniel, que é o único momento da história em que os judeus falavam indistintamente as duas línguas. Um escritor apócrifo tinha escrito em um só dialeto. Demais a assiriologia encarrega-se de demonstrar rigorosamente que o uso do arameu se constata na Assíria antes da destruição de Nínive. Layard achou em Nimroud um documento comprovativo de um fato. *Monuments of Nineveh*, 1.^a série, pág. 96. Os cativos assírios, trazidos pelos babilônios, continuavam a servir-se da sua língua na Caldéia. E' prova, além da estela de Teima, trazida para Paris em 1885, que é aramaica, do VI ou V século A. C., e que mostra ser o arameu o grande veículo de idéias do mundo semítico, Vigne, *Journal officiel*, de 12 de julho 1885, pág. 3638, um contrato assírio com assinaturas em escritura aramaica, cuja tradução é a seguinte:

- 1 — Dez *desag mana* (dracmas) de prata de primeira qualidade.
- 2 — Do nome de Istar de Nínive.
- 3 — São a dívida de Beel-lubalat.
- 4 — A Man-nu-ki Arba-ilu.
Lugar de sêlo
- 5 — Soma que êle emprestou.
- 6 — O dinheiro quadruplicar-se-á.
- 7 — No 3.^o dia do mês de Aien restituirá o dinheiro feito.
- 8 — Feito no mês de Sebat, no terceiro dia, sendo notário
- 9 — Bin lit-ani.

Daniel

10 —	Testemunha	Ha at pi nu nu.
11 —	"	Rau
12 —	"	Zir-Yukim
13 —	"	Niagal-sar usur.
14 —	"	Zi kar Nabu
15 —	"	Musei-zib Assur.
16 —	"	Nabu-salim-ou-nu.
17 —	"	Ha-an-ni-i.
18 —	"	Bel-sad-ib.

Segue em caracteres fenícios o nome do credor Manu-ki-Arbail. De Opperte e Menam *Documents juridiques de l'Assyrie et la Chaldée* Paris 1877. Encontram-se em Daniel abundantes termos técnicos de origem grega.

Estilo. — O estilo de Daniel é vivo: as suas narrações são esplendidos modelos de estilo narrativo, procurando não falsear a verdade dos fatos que conta com todo o rigor histórico, e ao mesmo tempo impressionar profundamente aquêles para quem escrevia. Os símbolos que emprega são magníficos, e há trechos que se não são poéticos na forma, porque se não encontra o menor vestígio de paralelismo, são na matéria, tão grande é a elevação dos conceitos empregados. Citam-se, entre outras passagens, o cântico de ação de graças de Daniel após a revelação do sonho de Nabucodonosor 2, 20; o cântico dos três meninos na fornalha ardente, magnífico apêlo às misericórdias do Senhor, e arrebatador brado a toda a natureza para que bendiga o Deus do céu e da terra. E' tão extraordinário este cântico, tão impressionante, que a Igreja o coloca todos os dias nos lábios dos sacerdotes. Do festim de Baltasar, escreveu o sábio Fenelon no seu diálogo sobre a eloquência: *Lisez Daniel denonçant à Baltassar la vengeance de Dieu prête à fondre sur lui; et cherchez dans les plus sublimes*

originaux de l'antiquité quelque chose qu'on puisse comparer à ces endroits là.

Provas da autenticidade do livro de Daniel. — Os escritores racionalistas unânimemente combatem a autenticidade dêste livro, parecendo que todos se inspiram em Porfírio, o primeiro que a contestou. Tem sido a escola alemã a que tem mais encarniçadamente entrado nos combates, e diga-se a verdade, com melhores armas; entre outros Elangen, Bleek, Lengerk, Ewald, Gra, etc. Com pequenas variantes sustentam que as denominadas profecias de Daniel são narrações feitas *post eventum*, no tempo dos macabeus. Contra isto apresentam os comentadores ortodoxos:

1.º O testemunho do Novo Testamento, *Mt* 24, 15; *Hebr* 11, 33, etc.

2.º Flávio Josefo dá notícia que sempre foi tido o livro de Daniel como autêntico, e que por isso foram apresentadas as suas profecias a Alexandre Magno, quando êste visitou Jerusalém, *Ant. Jud.*, 11; 8, 5.

3.º O primeiro livro dos macabeus supõe a existência do livro de Daniel, *1 Mac* 2, 68, e ainda a versão grega do mesmo, o que indica ter sido escrito muito anteriormente.

4.º O livro de Daniel foi introduzido no cânon Judaico, e isto não teria explicação, se não fôsse considerada indiscutível a sua autenticidade. Êste cânon estava encerrado no tempo dos macabeus, por consequência todos os escritos nêle contidos são de uma data anterior.

5.º O conhecimento minucioso que o autor possui dos usos, costumes, história e religião dos caldeus prova ser contemporâneo dos fatos que narra; depois da ruína do império de Nabucodonosor ninguém poderia conhecer tão miúdas particularidades, cuja realidade está rigorosamente confirmada pelas recentes descobertas.

Daniel

6.º A língua é a de um homem que viveu na época do cativeiro. Tinha o habito de se exprimir nas duas línguas hebraicas e aramaica; no tempo dos macabeus só se falava o arameu; o emprêgo de certas palavras de origem ariana e não semítica, só se explica pela permanência de Daniel na côrte dos reis persas: um judeu escrevendo na Palestina não usaria semelhantes expressões.

Divisão do livro de Daniel. — O livro de Daniel divide-se em duas grandes partes, absolutamente distintas: *Parte histórica*, cc. 1-6. *Parte profética*, cc. 7-12.

PARTE HISTÓRICA, cc. 1-6.

- a) Introdução em que Daniel nos conta a sua educação no paço real, 1.
- b) A narração do sonho de Nabucodonosor, e a explicação fornecida pelo autor, 2.
- c) Descreve-se a salvação milagrosa dos companheiros de Daniel arremessados na fôrnalha ardente, 3, 1-97.
- d) Carta de Nabucodonosor contando a explicação que Daniel lhe deu de outro sonho, 3, 98-4,34.
- e) O festim de Baltasar e a interpretação do *mané, thecel, phares*, 5.
- f) Libertação miraculosa de Daniel da casa dos leões, 6.

PARTE PROFÉTICA, cc. 7-12.

- a) Profecia dos quatro impérios representados por quatro animais, 7.

Daniel

- b)* Profecia da perseguição de Antíoco Epífanes, 8.
- c)* Profecia das setenta semanas do ano, 9.
- d)* Profecia sobre a época dos Selêucidas, cc. 10-12.
- e)* A história de Susana, a de Bel e do dragão, apêndice, cc. 13-14.

DANIEL

CAPÍTULO 1

DANIEL, HANANIAS, MISAEL E AZARIAS, ESCOLHIDOS PARA FICAREM NO PALÁCIO DO REI, E APRENDER A ESCREVER, E A FALAR A LÍNGUA DOS CALDEUS. MUDAM-SE-LHES OS NOMES NOS DE BALTASAR, SIDRAC, MISAC, E ABDENAGO. DÁ DEUS A ÉSTES MANCEBOS O DOM DA SABEDORIA, E A DANIEL EM PARTICULAR A INTELIGÊNCIA DOS SONHOS.

1 No ano terceiro do reinado de Joaquim, rei de Judá, veio Nabucodonosor, rei de Babilônia, a Jerusalém, e a sñtiu: (1)

2 E o Senhor entregou nas suas mãos a Joaquim, rei de Judá, e uma parte dos vasos da casa de Deus: E os levou para a terra de Senaar, para a casa do seu Deus, e pôs os vasos na casa do tesouro do seu Deus. (2)

(1) **NO ANO TERCEIRO DO REINADO DE JOAQUIM** — Este que Daniel chama aqui ano terceiro de Joaquim, chama Jeremias no c. 25, v. 1, e 46, 2, ano quarto do seu reinado. E nem por isso se devem ter por opostos um ao outro os dois profetas. Porque Daniel fala do terceiro ano já completo. Jeremias, porém, fala de quarto ano começado. Ano 606 A. C.

(2) **TERRA DE SANAAR** — Em hebreu Sin'ar, antigo nome de Babilônia. Cfr. Gên 10, 10.

SEU DEUS — Bel, ou Belus, cujo templo era o mais suntuoso da Babilônia.

Daniel I, 3-4

3 Então disse o rei a Asfenez, seu eunuco-mor, que lhes destinasse dentre os filhos de Israel, e da linhagem dos reis e dos príncipes, (3)

4 alguns meninos, em que não houvesse defeito algum, de gentil presença, e instruídos em tudo o que diz respeito à sabedoria, hábeis nas ciências, e bem disciplinados, e que pudessem estar no palácio do rei, para que êle os ensinasse a escrever, e a falar a língua dos caldeus. (4)

(3) **EUNUCO-MOR** — Chefe da guarda real. Aos oficiais da côrte e da companhia real, que fazia serviço em palácio, dava-se comumente o nome de eunucos.

(4) **ALGUNS MENINOS** — E' o que soa o nome *Pueros* da Vulgata, em lugar do qual traz o grego *Juvenes*, que quer dizer "mancebos". E qualquer dos dois convém aos sujeitos de quem se fala. Além disto nota S. Jerônimo, que de ser o eunuco-mor a quem o rei encomendou a escolha dos meninos, entenderam os antigos rabinos que Daniel e seus companheiros eram também eunucos, e que nêles se verificou a profecia de Isaias intimada a Ezequias: *Et de semine tuo tollent, et facient eunuchos in domo Regis Babylonis* (Is 39, 7) Mas segundo o que advertimos na nota precedente, podia Isaias chamar eunucos aos que haviam de exercer os ministérios segundo o antigo costume próprio dos eunucos, de modo que os latinos chamaram *Purpurados* aos validos de qualquer dos reis, ainda quando êstes não vestiam de púrpura, por imitação de se vestirem de púrpura os validos dos reis persas.

ENSINASSE A ESCREVER — Os reis da Caldéia e da Assíria, para que mais facilmente pudessem governar os povos que tinham dominado, escolhiam mancebos de boas famílias e mandavam-nos educar em seu palácio, onde recebiam educação idêntica à que era ministrada aos filhos dos indígenas. As descobertas modernas fazem-nos saber que Assurbanípal estabeleceu para êste fim uma escola e uma biblioteca em Nínive. Perrot. *Les fouilles en Chaldee*, artigo publicado na *Revue des deux mondes*, 1 de outubro 1882. Muitos dos documentos encontrados são tratados didáticos, e entre êles nota-se uma espécie de abecedário assírio existente no Museu Britânico. Uma inscrição de Senaquerib, diz o mesmo P. Smith, *History of Sennacherib*. Além de escritura cunelforme ensinavam

5 E ordenou o rei, que se lhes desse cada dia de comer das suas iguarias, e de beber do vinho que êle mesmo bebia, a fim de que, mantidos desta sorte por três anos, pudessem depois andar a servir na presença do rei.

6 E entre êstes se acharam no número dos filhos de Judá, Daniel, Hananias, Misael, e Azarias.

7 E o eunuco-mor lhes pôs por nome: A Daniel, o de Baltasar, a Hananias, o de Sidrac, a Misael, o de Misac, e a Azarias, o de Abdénago. (5)

8 Ora Daniel assentou firmemente no seu coração, não se sujar com os comeres que viessem da mesa do rei, nem com o vinho que êle bebesse: E pediu ao eunuco-mor que lhe permitisse não comer de umas iguarias, que o tor-nariam impuro. (6)

9 E deu Deus a Daniel achar graça e misericórdia diante do eunuco-mor.

10 Então disse o eunuco-mor a Daniel: Eu tenho medo do rei meu amo, o qual ordenou que se vos desse de comer e de beber: Se êle vir os vossos rostos mais macilentos que os dos outros moços da vossa idade, sereis vós a causa de que o rei me mande cortar a cabeça.

nestas escolas uma língua antiga, indispensável para a inteligência dos monumentos, a história, geografia, ciência, música, etc.

(5) **E O EUNUCO-MOR LHES PÔS POR NOME** — Mudou os nomes hebreus em nomes caldeus, a qual troca de nomes era, em quem a fazia, sinal de poder e de autoridade. Baltasar, na verdadeira forma Balatsu-usur, significa Deus proteja a vida; Abdénago, em assírio Abed-Nebo, é o servidor de Nebo; dos outros dois nomes ignora-se a significação.

(6) **ORA DANIEL ASSENTOU FIRMEMENTE NO SEU CORAÇÃO** — Por duas razões assentou nisto Daniel. Primeira, porque entre os manjares de que os gentios comiam, entravam muitos dos que Deus proibia aos judeus na sua Lei. Segunda, porque entre os gentios era costume oferecer tudo aos falsos deuses, por meio de um prato que logo no princípio da mesa se lhe consagrava com certas cerimônias de que também era proibido na Lei comer.

Daniel 1, 11-21

11 E respondeu Daniel a Malasar, a quem o eunuco-mor tinha ordenado que tivesse cuidado de Daniel, de Hananias, de Misael, e de Azarias:

12 Peço-te que nos experimentes a nós teus servos dez dias, e que se nos dê só legumes a comer, e água a beber:

13 E depois disto, olha para os nossos rostos, e para os rostos dos meninos que comem da mesa do rei: E conforme vires, assim te haverás com os teus servos.

14 E êle, tendo ouvido estas palavras, fêz nêles experiência dez dias:

15 E depois dos dez dias, apareceram os seus rostos melhores. e mais gordos, do que os de todos os meninos que comiam da mesa do rei.

16 Malasar, pois, tomava para si os manjares, e o vinho que se lhes dava para beber: E a êles dava-lhes legumes.

17 Ora Deus deu a êstes meninos a ciência, e o conhecimento de todos os livros, e de tôda a sabedoria: E a Daniel a inteligência de tôdas as visões e sonhos.

18 Findos pois os dias, depois dos quais o rei tinha dito que lhe fôssem apresentados: O eunuco-mor os introduziu à presença de Nabucodonosor.

19 E tendo-se o rei entretido em conversação com êles, entre todos êles não foram achados outros tais, como Daniel, Hananias, Misael e Azarias: E êles ficaram servindo na câmara do rei.

20 E em tôda a questão que o rei lhes propôs em matéria de sabedoria e de inteligência, achou que êles excediam dez vêzes todos os adivinhos e mágicos, que havia em todo o seu reino.

21 Daniel, porém, viveu até o primeiro ano do rei Ciro.

CAPÍTULO 2

SONHO DE NABUCODONOSOR. ESTATUA COMPOSTA DE QUATRO METAIS. OS ADIVINHOS DA CALDEIA NÃO PODEM FAZER CONHECER AO REI O SONHO QUE TIVERA, E QUE LHE TINHA ESQUECIDO. DANIEL LHO FAZ CONHECER E LHO EXPLICA. HONRAS QUE NABUCODONOSOR FAZ A DANIEL.

1 No segundo ano do reinado de Nabucodonosor, teve o mesmo Nabucodonosor um sonho, e o seu espírito ficou em extremo atemorizado, e depois lhe esqueceu este sonho inteiramente.

2 Mandou pois o rei que se convocassem os adivinhos, e os mágicos, e os encantadores, e os caldeus: Para que lhe declarassem a elle rei qual havia sido o seu sonho: Êles, chegados que foram, se apresentaram diante do rei. (1)

3 E o rei lhes disse: Eu tive um sonho: E confuso na minha idéia não sei o que vi.

4 E os caldeus responderam ao rei em siríaco: O' rei, vive eternamente: Dize a teus servos o sonho que ti veste, e nós to interpretaremos. (2)

5 E respondendo o rei disse aos caldeus: O meu sonho me fugiu da memória: Se vós me não declarardes o tal sonho, e a sua significação, todos vós perecereis, e as vossas casas serão confiscadas.

(1) **E OS CALDEUS** — Todos os consultados eram caldeus: mas por este nome, enquanto contrapôsto aos outros, entende S. Jerônimo que se significam os genetlíacos ou astrólogos.

(2) **EM SIRÍACO** — Isto é, em língua aramaica, que os hebreus chamam siríaca. Com efeito antigamente as línguas siríaca e aramaica eram as mesmas (4 Rs 18, 20, e Is 4, 7.) E ainda hoje têm elas entre si uma grandíssima conformidade, segundo atestam os doutos.

6 Se vós porém me disserdes o meu sonho, e que é o que êle significa, recebereis de mim prêmios e dons, e sereis grandes homens: Dizei-me pois o sonho, e a sua interpretação.

7 Êles segunda vez lhe responderam, e disseram: Diga o rei a seus servos o sonho que teve, e nós lhe daremos a sua interpretação.

8 Respondeu o rei, e disse: Conheço certamente que assim ides ganhando tempo, porque sabeis que me esqueceu o sonho.

9 Se vós pois me não disserdes o que eu sonhei, o conceito, que unicamente formarei de vós, é que também inventastes uma interpretação enganosa, e cheia de ilusão, para me entreterdes com palavras, até que haja passado o tempo. Dizei pois qual foi o meu sonho, para que eu também saiba que a interpretação que lhe derdes é verdadeira. (3)

10 Dando pois a sua resposta os caldeus, na presença do rei, disseram: Não há homem, ó rei, sôbre a terra, que possa cumprir o teu preceito: E nenhum rei há por grande, e poderoso que seja, que pergunte semelhante coisa a adivinho algum, nem a mágico, nem a caldeu.

11 Porque o que tu perguntas, ó rei, é difícil: Nem se achará pessoa alguma, que declare isto diante do rei: Exceto os deuses, que não têm comércio com os homens.

(3) O CONCEITO — Ou, segundo outra intelligência, a todos vos envolve a mesma sentença: isto é, a sentença proferida no versículo 5. E ninguém me tirará da cabeça, que este é o melhor sentido daquelas palavras da Vulgata, *una est de vobis sententia*: e tal é com efeito o que do hebreu exprimem muitos e gravissimos intérpretes, que se podem ver citados na Sinopse dos críticos de Poli. Assim nesta parte não posso concordar com Sacy e de Carrières, que o que a Vulgata diz *una est de vobis sententia* vertem êles, isto é, um sinal, que vós lhes dardes também uma interpretação enganosa, etc.

12 Ouvido isto, o rei todo enfurecido, e cheio de uma grande ira, mandou que perecessem todos os sábios de Babilônia.

13 E publicada que foi esta sentença, ia-se já fazendo matança nos sábios: E andava-se em busca de Daniel, e de seus companheiros para também perecerem.

14 Então Daniel se informou de Arioc, general dos exércitos do rei, que tinha saído para fazer matar os sábios de Babilônia, sobre que Lei e sentença era esta. (4)

15 E perguntou ao que tinha recebido a ordem do rei, por que causa havia saído o rei com uma sentença tão cruel. E como Arioc tivesse declarado a Daniel todo o negócio,

16 entrando Daniel ao rei, lhe suplicou que lhe concedesse algum tempo, para lhe dar solução ao que ele rei desejava.

17 E Daniel foi para a sua casa, e deu notícia do caso a seus companheiros Hananias, e Misael, e Azarias:

18 A fim de que eles implorassem misericórdia, postos na presença do Deus do céu, para a revelação dêste segredo, e para que ele Daniel e seus companheiros não perecessem com os outros sábios de Babilônia.

19 Então foi descoberto este mistério a Daniel numa visão de noite: E Daniel bendisse ao Deus do céu.

20 E falou dizendo: O nome do Senhor seja bendito desde o século e até ao século: Porque dele são a sabedoria, e a fortaleza.

21 E ele mesmo é o que muda os tempos, e os séculos: O que transfere e estabelece os reinos: O que dá a sabedoria aos sábios, e a ciência aos que entendem da disciplina:

(4) **ARIOC** — Em assírio: Eriaku, que significa, ao ver de alguns, o servidor da lua.

Daniel 2, 22-30

22 Ele é o que revela as coisas profundas, e escondidas, é o que conhece o que está nas trevas: E com quem está a luz.

23 A ti, ó Deus de nossos pais, é que eu dou as graças, e te louvo: Porque tu me deste a sabedoria, e a fortaleza: E agora me mostraste o que nós te tínhamos pedido, porque nos descobriste o que o rei desejava saber.

24 Depois disto entrando Daniel a Arioc, a quem o rei tinha ordenado que fizesse matar os sábios de Babilônia, lhe falou desta maneira: Não mates os sábios de Babilônia: Leva-me à presença do rei, e eu exporei ao rei a solução que deseja.

25 Então Arioc a tôda a pressa apresentou Daniel ao rei, e lhe disse: Eu achei um homem dentre os filhos da transmigração de Judá, que declarará ao rei o que sonhou.

26 Respondeu o rei, e disse a Daniel, que tinha por nome Baltasar: Cuidas tu que me poderás dizer verdadeiramente o que eu vi em sonho, e dar-me dêle a interpretação?

27 E respondendo Daniel perante o rei, disse: Os sábios, os mágicos, os adivinhos, e os agoureiros não podem descobrir ao rei o mistério que o rei pergunta.

28 Mas no céu há um Deus, que revela os mistérios, o qual te mostrou, ó rei Nabucodonosor, as coisas que hão-de acontecer nos últimos tempos. O teu sonho, e as visões da tua cabeça, que tiveste no teu leito, passam desta maneira:

29 Tu, ó rei, começaste a pensar estando na tua cama, no que havia de acontecer depois destes tempos: E aquêle que revela os mistérios, te descobriu as coisas que hão de vir.

30 A mim também me foi revelado êste mistério, não porque a sabedoria que há em mim seja maior que

a que se acha em todos os outros viventes: Mas para que ficasse manifesta ao rei a interpretação do seu sonho, e para que soubesses tu os pensamentos do teu espírito.

31 Tu, ó rei, estavas olhando, e parecia-te que vias uma como grande estátua: A tal estátua, de uma grandeza e altura extraordinária, se tinha em pé diante de ti, e a sua vista era espantosa. (5)

32 A cabeça desta estátua era de um ouro finíssimo, porém o peito e os braços eram de prata; já o ventre e as coxas eram de cobre:

33 E as pernas eram de ferro, uma parte dos pés era de ferro, e outra de barro.

34 Tu a estavas vendo atentamente, até que uma pedra foi arrancada de um monte sem intervirem mãos de homens: A qual feriu a estátua nos seus pés de ferro, e de barro, e os fêz em pedaços.

(5) UMA COMO GRANDE ESTATUA — Todos os autores coevos nos dizem que Nabucodonosor tinha uma grande predileção pelas estátuas, gosto vulgar naqueles tempos, mormente entre os caldeus. Na inscrição de Assurbanipal, não só há referências às estátuas, mas indicações precisas sobre os materiais empregados na sua construção. Cfr. Smith, *History of Assurbanipal*, pag. 22. O museu do Louvre possui várias estátuas antigas da Babilônia e da Caldéia. As diversas partes da Estátua do sonho de Nabucodonosor indicavam os diversos impérios que se deviam suceder no mundo: a cabeça de ouro, é o império de Nabucodonosor; o peito de prata, é o império indo-persa; o ventre de bronze, é o império da Alexandria e os reinos dos Selêucidas, Ptolomeus da Síria e do Egito; as pernas de ferro, é o império romano, que calca o mundo conhecido de então; os pés de argila e ferro, é o mesmo império dividido em império do ocidente e do oriente. Uma pequena pedra solta da montanha; é Jesus Cristo, é a sua religião que leva de vencida o mundo antigo, fazendo emergir uma nova sociedade, firmar uma liberdade fortificada pela caridade.

Daniel 2, 35-40

35 Então se quebraram, tudo a um tempo, o ferro e o barro, o cobre, a prata, e o ouro, e ficaram reduzidos como a miúda palha, que o vento leva fora da eira em tempo do estio: E êles desapareceram de todo o lugar: Mas a pedra que tinha dado na estátua, fêz-se um grande monte, que encheu tôda a terra.

36 Êste é o sonho: Diremos também, na tua presença, ó rei, a sua interpretação.

37 Tu és o rei dos reis: E o Deus do céu te deu o reino, e a fôrça, e o império, e a glória:

38 E todos os lugares em que habitam os filhos dos homens, e as alimárias do campo: Entregou também nas tuas mãos as aves do céu, e tôdas as coisas pôs debaixo do teu domínio: Tu pois és a cabeça de ouro.

39 E depois de ti se levantará outro reino menor que o teu, que será de prata: E outro terceiro reino que será de cobre, o qual mandará em tôda a terra. (6)

40 E o quarto reino será como ferro: Assim como o ferro quebra, e doma tôdas as coisas, assim êle quebrará, e fará todos êstes em migalhas. (7)

(6) **OUTRO REINO MENOR QUE O TEU** — Êste segundo reino é o império dos persas, formado pela união dos caldeus aos medos, e aos persas sôbre Ciro. Êste império foi menor que o dos assírios ou dos caldeus, não sômente na duração, mas ainda na extensão e poder.

E OUTRO TERCEIRO REINO QUE SERÁ DE COBRE — Êste é o império dos gregos, fundado por Alexandre Magno sôbre as ruínas do império dos persas. Alexandre levou as suas conquistas às três partes do mundo, que eram então sômente as que se conheciam.

(7) **E O QUARTO REINO SERÁ COMO FERRO** — S. Jerônimo e Teodoreto, e com ambos a maior e melhor parte, dos intérpretes, têm por êste quarto reino o império romano, considerado desde o tempo mais florescente da república até os fins de Augusto, em cujo tempo nasceu Cristo Senhor Nosso.

41 E quanto ao que viste dos pés, e dos dedos serem uma parte de barro de oleiro, e outra parte de ferro: Esse reino, que terá contudô isso a sua origem da veia do ferro, será dividido, segundo tu viste que o ferro estava misturado com a terra e barro.

42 E os dedos dos pés em parte de ferro, e em parte de barro: Dão a entender que esse mesmo reino será em parte firme, e em parte frágil.

43 E como tu viste que o ferro estava misturado com a terra e o barro, também êles se misturarão pelas razões de contraídos parentescos, mas não se unirão entre si, bem como o ferro se não pode ligar com o barro.

44 Nos dias, porém, daqueles reinos suscitará o Deus do céu um reino que não será jamais dissipado, e êste seu reino não passará a outro povo: Antes esmigalhará, e consumirá a todos êstes reinos: E êle mesmo subsistirá para sempre. (8)

45 Segundo o que viste que uma pedra foi arrancada do monte sem intervir mão de homeni, e esmigalhou o barro, e o ferro, e o cobre, e a prata, e o ouro, com isto mostrou o grande Deus ao rei o que está para vir nos tempos futuros: E assim é verdadeiro o sonho e fiel esta sua interpretação. (9)

(8) **QUE NÃO SERÁ JAMAIS DISSIPADO** — Aqui temos visivelmente o reino de Cristo, do qual disse também depois o Arcanjo S. Gabriel, que seria um reino que não tem fim. *Et Regni ejus non erit finis.* (Lc 1, 33.) Um reino que Deus suscitou no tempo destes reinos, isto é, no tempo do último dos quatro, que compreendeu em si os outros três; um reino que Deus não entregará a outro povo, porque ao reino de Cristo não há de suceder outro; um reino que destruiu e tornou em pó todos os outros reinos, enquanto destruiu o quarto, que tinha destruído os três precedentes.

(9) **QUE UMA PEDRA FOI ARRANCADA DO MONTE SEM INTERVIR MÃO DE HOMEM** — Esta pedra, segundo S. Jerônimo,

46 Então o rei Nabucodonosor se prostrou com o rosto em terra, e adorou a Daniel, e mandou que lhe fizessem sacrifícios de vítimas, e de incenso.

47 O rei pois, falando a Daniel, lhe disse: Verdaderamente o vosso Deus é o Deus dos deuses, e o Senhor dos reis, e o que revela os mistérios: Pois que tu pudeste descobrir êste segrêdo.

48 Então o rei elevou em honra a Daniel, e lhe deu muitos e magníficos presentes: E constituiu-o governador de tôdas as províncias de Babilônia: E prefeito dos magistrados acima de todos os sábios de Babilônia.

49 E fêz Daniel uma petição ao rei: E êste constituiu superintendentes nos negócios da província de Babilônia a Sidrac, e Misac e Abdênago: O mesmo Daniel porém estava às portas do rei.

CAPÍTULO 3

ESTATUA DE OURO LEVANTADA POR NABUCODONOSOR. OS TRÊS COMPANHEIROS DE DANIEL RECUSAM ADORÁ-LA. SÃO POR ISSO LANÇADOS NUMA FORNALHA DE FOGO ARDENTE. DEUS OS PRESERVA. ORAÇÃO DE AZARIAS. CÂNTICO DE AZARIAS E DE SEUS COMPANHEIROS. ORDENS DE NABUCODONOSOR A FAVOR DA RELIGIÃO DOS JUDEUS.

1 Fêz o rei Nabucodonosor uma estátua de ouro, que tinha setenta côvados de alto, e seis de largo, pô-la no campo de Dura, que era na província de Babilônia. (1)

foi Cristo Nosso Senhor e Salvador, concebido e nascido de Maria sem concurso algum de varão.

(1) **UMA ESTATUA** — Sabe-se que os caldeus faziam estátuas colossais de metais preciosos, cujo interior era ordinariamente de madeira. É fato que mais freqüentes na arte siro-caldaica eram

2 Nestes termos despachou Nabucodonosor correios para que se juntassem os sátrapas, os magistrados, e os juizes, os capitães, e os tiranos, e os prefeitos, e todos os príncipes das províncias, para se acharem presentes no dia da dedicação da estátua, que o rei Nabucodonosor tinha levantado.

3 Então se ajuntaram os sátrapas, os magistrados, e os juizes, os capitães, e os tiranos, e os senhores, que estavam constituídos nas primeiras dignidades, e todos os príncipes das províncias para concorrerem à dedicação da estátua, que o rei Nabucodonosor tinha levantado, e estavam em pé diante da estátua, que o rei Nabucodonosor tinha colocado:

4 E o pregoeiro clamava em alta voz: A vós outros, povos, tribos, e gentes de tôdas as línguas, se vos ordena:

5 Que no ponto em que ouvirdes o som da trombeta, e da flauta, e da cítara, da harpa, e do saltério, e da viola, e de todo o gênero de concertos músicos, prostrando-vos em terra, adoreis a estátua de ouro, que o rei Nabucodonosor levantou.

os baixos-relevos, mas por isso mesmo as estátuas tinham extraordinária importância. No Museu Britânico vê-se uma estátua de Salmanasar II, em basalto negro. Sarzec encontrou, na Caldéia, nas suas explorações feitas desde 1876 a 1881, nas ruínas de Tell-Loh, dez estátuas de uma cor muito sombria e de uma extrema dureza. São até muito notáveis pela sua perfeição artística. O museu de Berlim possui uma estátua de Sargão, muito bem conservada, que foi achada em Larnaca, na Ilha de Chipre. Rawlinson dá notícia de uma estátua mutilada de Istar, encontrada em Koyundjik.

SETENTA CÔVADOS DE ALTO — Mais de trinta metros, mas a estátua propriamente dita estava colocada no alto de uma coluna e era a imagem da grande divindade babilônia, Bel ou Merodac.

DURA — Parte da planície de Babilônia, situada a sudoeste da cidade.

Daniel 3. 6-14

6 Se algum porém não a adorar prostrado, será na mesma hora lançado numa fornalha de fogo ardente: (2)

7 E depois disto assim que os povos todos ouviram o som da trombeta, da flauta, e da cítara, da harpa, e do saltério, e da viola, e de todo o gênero de concertos músicos: Prostrando-se em terra todos os povos, tribos, e gentes de tôdas as línguas adoraram a estátua de ouro que o rei Nabucodonosor tinha levantado.

8 E logo no mesmo tempo chegando uns homens caldeus: Acusaram aos judeus:

9 E disseram ao rei Nabucodonosor: O' rei, vive eternamente:

10 Tu, ó rei, passaste um decreto para que todo o homem, que ouvisse o som da trombeta, da flauta, e da cítara, da harpa, e do saltério, e da viola, e de todo o gênero de concertos músicos, se prostrasse em terra e adorasse a estátua de ouro:

11 E que se algum não a adorasse prostrado, seria lançado numa fornalha de fogo ardente.

12 Isto não obstante, há uns homens judeus, que tu constituíste superintendentes dos negócios da Província de Babilônia, Sidrac, Misac, e Abdénago: Êstes homens desprezaram, ó rei, o teu decreto: Êles não honram os teus deuses, nem adoram a estátua de ouro, que tu levantaste.

13 Então Nabucodonosor, cheio de furor e de ira, mandou que lhe trouxessem à sua presença a Sidrac, Misac, e Abdénago: Os quais foram logo trazidos diante do rei.

14 E o rei Nabucodonosor, pronunciando estas palavras, lhes disse: E' verdade, Sidrac, Misac, e Abdénago,

(2) **NUMA FORNALHA** — Suplício comum entre os assírios e caldeus, mas desusado entre os judeus.

que vós não honrais os meus deuses, e não adorais a estátua de ouro, que eu erigi?

15 Agora pois, se vós estais prontos para me obedecerdes, em todo o momento em que ouvirdes o som da trombeta, da flauta, da cítara, da harpa, e do saltério, e da viola, e de todo o gênero de concertos músicos, prostrai-vos em terra, e adorai a estátua que eu fiz: Se porém a não adorardes, na mesma hora sereis lançados numa fornalha de fogo ardente: E quem é o Deus que vos poderá livrar da minha mão?

16 Respondendo Sidrac, Misac, e Abdénago, disseram ao rei Nabucodonosor: Não há necessidade alguma que nós te respondamos neste particular.

17 Porque debes saber que o nosso Deus, a quem nós adoramos, pode tirar-nos da fornalha do fogo ardente, e livrar-nos, ó rei, das tuas mãos.

18 E se êle o não quizer fazer assim, fica tu entendendo, ó rei, que nós não honramos os teus deuses, nem adoramos a estátua de ouro, que erigiste.

19 Então se encheu Nabucodonosor de furor: E se mudou o aspecto do seu semblante contra Sidrac, Misac, e Abdénago, e mandou que se acendesse a fornalha com um fogo seté vêzes mais ardente, do que se costumava acender.

20 E deu ordem aos mais valentes soldados do seu exército que, ligados os pés a Sidrac, Misac, e Abdénago, os lançassem na fornalha de fogo ardente.

21 E no mesmo ponto foram êstes três homens ligados, e lançados no meio da fornalha de fogo ardente, com as suas roupas e mitras, e sapatos, e vestidos:

22 Porque o mandado do rei apertava: A fornalha porém estava sobremaneira acesa. E as chamas do fogo mataram aquêles homens que tinham lançado nelas a Sidrac, Misac, e Abdénago.

Daniel 3, 23-32

23 Entretanto êstes três homens, convém a saber, Sidrac, Misac, e Abdénago, caíram ligados no meio da fornalha de fogo ardente.

O que segue não se encontra nos exemplos hebreus ().*

24 Mas êles passeavam pelo meio das chamas, louvando a Deus, e bendizendo ao Senhor.

25 Azarias porém pôsto em pé fêz esta oração, e abrindo a sua bôca no meio do fogo disse:

26 Bendito és Senhor Deus de nossos pais: E o teu nome seja louvado, e glorificado por todos os séculos:

27 Porque tu és justo em tôdas as coisas que nos fizeste, e tôdas as tuas obras são verdadeiras, e os teus caminhos retos, e todos os teus juízos verdadeiros.

28 Porque tens excitado justos juízos em todos os males, que fizeste vir sôbre nós e sôbre Jerusalém, cidade santa de nossos pais: Porque tu nos mandaste todos êstes castigos em verdade, e justiça, por causa de nossos pecados.

29 Porque nós pecamos, e temos obrado iniquamente retirando-nos de ti: E nós delinqüimos em tôdas as coisas:

30 E não ouvimos os teus preceitos, nem os observamos, nem guardamos, como tu nu-lo tinhas ordenado, para que fôssemos bem sucedidos:

31 Assim todos os castigos, que fizeste vir sôbre nós, e todos os males, que nos tens feito padecer, tudo com verdadeira justiça o tens feito:

32 E nos entregaste nas mãos de nossos inimigos

(*) Esta nota é de S. Jerônimo na sua Versão de Daniel. Refere-se até ao versículo 90 inclusive. S. Jerônimo não encontrou este fragmento no texto original, que é aramaico, e traduziu sôbre a versão grega e Teodocião, como êle próprio diz (v. 90). Ora este fragmento inserto na Vulgata, foi reconhecido pela Igreja como fazendo parte das Sagradas Escrituras.

iníquos, e malvadíssimos, e prevaricadores, e a um rei injusto, e o pior que há em tôda a terra.

33 E agora não podemos abrir a bôca: Estamos feitos um motivo de confusão, e de opróbrio para os teus servos, e para os que te adoram.

34 Não nos entregues para sempre, assim to pedimos, por amor do teu nome, e não destruas o teu testamento:

35 Nem retires de nós a tua misericórdia, por amor de Abraão teu amado, e de Isaac teu servo, e de Israel teu santo:

36 Aos quais disseste prometendo que multiplicarias a sua descendência como as estrêlas do céu, e como a areia, que está nas praias do mar.

37 Porque nós, Senhor, estamos reduzidos a mais pequeno número, que tôdas as outras nações, e estamos hoje humilhados em tôda a terra, por causa de nossos pecados.

38 E já entre nós não há príncipe, nem capitão, nem profeta, nem holocausto, nem sacrifício, nem oblação, nem incenso, nem lugar em que te ofereçamos as nossas primícias. (3)

39 Para podermos achar a tua misericórdia: Mas permite que sejamos por ti recebidos neste coração contrito, e neste espírito humilhado em que estamos.

40 Assim se consome hoje na tua presença o nosso sacrifício, que te seja agradável, como fôra um holocausto de carneiros, e de touros, e como se te oferecêramos mil cordeiros gordos: Porque não há confusão para os que em ti confiam.

(3) E JA ENTRE NÓS NAO HA PRINCIPE, NEM CAPITAO, NEM PROFETA — No cativo só havia o chefe das tribos.

Daniel 3, 41-52

41 E agora nós te seguimos de todo o coração, e nós te tememos, e buscamos a tua face.

42 Não nos confundas: Mas obra conosco segundo a tua mansidão e segundo a multidão das tuas misericórdias.

43 E livra-nos por meio das maravilhas do teu poder, e dá glória, Senhor, ao teu nome:

44 E sejam confundidos todos aqueles que fazem padecer males aos teus servos; eles sejam confundidos pela tua onipotência, e a sua força se faça em migalhas:

45 E saibam que só tu és o Senhor Deus, e glorioso sobre a redondeza da terra.

46 Entretanto os servos do rei, que os tinham lançado no fogo, não cessavam de acender a fornalha com betume, e estôpa, e pez, e molhinhos de vides.

47 E a labareda se levantava quarenta e nove côvados acima da fornalha:

48 E arrebentou ela por fora e abrasou os caldeus, que achou próximos à fornalha.

49 O anjo do Senhor, porém, desceu com Azarias e seus companheiros à fornalha e desviou da fornalha a chama do fogo.

50 E fez que soprasse no meio da fornalha uma como fresca viração acompanhada de orvalho, e o fogo os não tocou de modo algum, nem incomodou, nem lhes causou a menor moléstia.

51 Então aqueles três como a uma mesma bôca louvavam a Deus na fornalha, e o glorificavam, e o bendiziam, dizendo:

52 Tu és bendito, Senhor Deus de nossos pais: E digno de todo o louvor, e cheio de glória, e elevado por cima de tudo em todos os séculos: E bendito o santo nome da tua glória: E digno de todo o louvor, e levantado por cima de tudo em todos os séculos.

53 Tu és bendito no santo templo da tua glória: e levantado por cima de todo o louvor, e de toda a glória em todos os séculos. (4)

54 Tu és bendito no trono do teu reino: E elevado por cima de todo o louvor, e por cima de toda a glória em todos os séculos.

55 Tu és bendito, tu que vês o fundo dos abismos, e estás assentado sobre os querubins: E tu és digno de todo o louvor, e elevado por cima de toda a glória em todos os séculos.

56 Tu és bendito no firmamento do céu: E digno de todo o louvor, e de toda a glória em todos os séculos.

57 Obras do Senhor, bendizei todas ao Senhor: Louvai-o e sobreexaltai-o por todos os séculos.

58 Anjos do Senhor, bendizei ao Senhor: Louvai-o e sobreexaltai-o por todos os séculos.

59 Céus, bendizei ao Senhor: Louvai-o e sobreexaltai-o por todos os séculos.

60 Águas que estais por cima dos céus, bendizei todas ao Senhor: Louvai-o e sobreexaltai-o por todos os séculos.

61 Exércitos do Senhor, bendizei todos ao Senhor: Louvai-o e sobreexaltai-o por todos os séculos. (5)

62 Sol, e lua, bendizei ao Senhor: Louvai-o e sobreexaltai-o por todos os séculos.

63 Estrêlas do céu, bendizei ao Senhor: Louvai-o e sobreexaltai-o por todos os séculos.

64 Chuvas, e orvalhos, bendizei todos ao Senhor: Louvai-o e sobreexaltai-o por todos os séculos.

(4) **NO SANTO TEMPLO DA TUA GLÓRIA** — Isto é, no templo celestial, porque o terreno de Jerusalém estava destruído.

(5) **EXÉRCITOS DO SENHOR** — Astros e planétas, tudo o que se chama na Escritura exército do Senhor.

Daniel 3, 65-80

65 Espíritos de Deus, bendizei todos ao Senhor: Louvai-o e sobreexaltai-o por todos os séculos.

66 Fogos, e calores do estio, bendizei ao Senhor: Louvai-o e sobreexaltai-o por todos os séculos.

67 Frios, e rigores do inverno, bendizei ao Senhor: Louvai-o e sobreexaltai-o por todos os séculos.

68 Orvalhos, e geadas, bendizei ao Senhor: Louvai-o e sobreexaltai-o por todos os séculos.

69 Gelos, e frialdades, bendizei ao Senhor: Louvai-o e sobreexaltai-o por todos os séculos.

70 Caramelos, e neves, bendizei ao Senhor: Louvai-o e sobreexaltai-o por todos os séculos.

71 Noites, e dias, bendizei ao Senhor: Louvai-o e sobreexaltai-o por todos os séculos.

72 Luz, e trevas, bendizei ao Senhor: Louvai-o e sobreexaltai-o por todos os séculos.

73 Relâmpagos, e nuvens, bendizei ao Senhor: Louvai-o e sobreexaltai-o por todos os séculos.

74 A terra bendiga ao Senhor: Ela o louve, e sobreexalte por todos os séculos.

75 Montes, e outeiros, bendizei ao Senhor: Louvai-o e sobreexaltai-o por todos os séculos.

76 Plantas que brotais da terra, bendizei tôdas ao Senhor: Louvai-o e sobreexaltai-o por todos os séculos.

77 Fontes, bendizei ao Senhor: Louvai-o e sobreexaltai-o por todos os séculos.

78 Mares, e rios, bendizei ao Senhor: Louvai-o e sobreexaltai-o por todos os séculos.

79 Baleias, e peixes, todos os que se movem nas águas, bendizei ao Senhor: Louvai-o e sobreexaltai-o por todos os séculos.

80 Aves do céu, bendizei tôdas ao Senhor: Louvai-o e sobreexaltai-o por todos os séculos.

81 Alimárias selvagens, e mansas, bendizei ao Senhor: Louvai-o e sobreexaltai-o por todos os séculos.

82 Filhos dos homens, bendizei ao Senhor: Louvai-o e sobreexaltai-o por todos os séculos.

83 Bendiga Israel ao Senhor: Êle o louve e sobreexalte por todos os séculos.

84 Sacerdotes do Senhor, bendizei ao Senhor: Louvai-o e sobreexaltai-o por todos os séculos.

85 Servos do Senhor, bendizei ao Senhor: Louvai-o e sobreexaltai-o por todos os séculos.

86 Espíritos e almas dos justos, bendizei ao Senhor: Louvai-o e sobreexaltai-o por todos os séculos.

87 Santos e humildes do coração, bendizei ao Senhor: Louvai-o e sobreexaltai-o por todos os séculos.

88 Hananias, Azarias, Misael, bendizei ao Senhor: Louvai-o e sobreexaltai-o por todos os séculos. Porque êle nos tirou do inferno, e nos salvou da mão da morte, e nos livrou do meio das chamas ardentes, e nos tirou do meio do fogo. (6)

89 Dai graças ao Senhor, porque êle é bom: Porque a sua misericórdia abrange o decurso de todos os séculos.

90 Vós, homens religiosos, bendizei todos ao Senhor Deus dos deuses: Louvai-o e rendei-lhe ações de graças, porque a sua misericórdia abrange o decurso de todos os séculos.

*O que se disse até aqui, não se acha no hebreu: E o que pusemos, foi tomado da Edição de Teodocião. (**).*

91 Então o rei Nabucodonosor ficou todo espantado, e levantou-se de repente, e disse para os grandes da sua.

(6) DO INFERNO — Isto é, do sepulcro, ou também das gargantas da morte. — Pereira.

(**) E' outra nota de S. Jerônimo na sua Bíblia. Teodocião é um dos antigos tradutores gregos da Sagrada Escritura, que só, neste livro de Daniel, foi preferido pela Igreja aos Setenta.

côrte: Não lançamos nós no meio do fogo três homens atados? Êles, respondendo ao rei, disseram: Assim é, ó rei.

92 Ao que êle respondeu, e disse: Contudo eis-aí estou eu vendo quatro homens soltos, e passeando no meio do fogo, e nada há de lesão nêles, e o aspecto do quarto é semelhante ao filho de Deus.

93 Então se chegou Nabucodonosor à porta da fornalha de fogo ardente, e disse: Sidrac, Misac, e Abdénago, servos de Deus excelso, saí, e vinde. E logo Sidrac, Misac, e Abdénago saíram do meio do fogo.

94 E tendo-se ajuntado os sátrapas, e os magistrados, e os juizes, e os grandes da côrte do rei, olhavam atentamente para aquêles homens, vendo que o fogo não tinha tido poder algum sôbre os seus corpos, e que nem um só cabelo da sua cabeça se tinha queimado, e que não aparecia sinal algum nas suas roupas e que nem por êles o cheiro de chamusco tinha passado.

95 Então Nabucodonosor, rompendo nesta exclamação, disse: Bendito seja o Deus dêles, sim o de Sidrac, Misac, e Abdénago, que enviou o seu anjo, e livrou os seus servos, que creram nêle: E que resistiram ao mandamento do rei, e que entregaram os seus corpos, para não servirem, e para não adorarem a outro algum deus, que o Deus que êles adoram.

96 Êste é pois o decreto que eu passo, que todo o homem de qualquer povo, tribo e língua que seja, o qual tiver proferido alguma blasfêmia contra o Deus de Sidrac, de Misac, e de Abdénago, pereça, e a sua casa seja destruída: Porque não há outro Deus, que assim possa salvar, senão êste.

97 Então promoveu o rei em dignidade a Sidrac, Misac, e Abdénago, na província de Babilônia.

98 O REI NABUCODONOSOR a todos os povos, a tôdas as gentes, e nações, de qualquer língua, que habitam em tôda a terra, a paz seja em vós outros multiplicada. (7)

99 O Deus Excelso fêz prodígios, e maravilhas na minha presença. A mim pois me aprouve publicar

100 os seus prodígios, porque são grandes: E as suas maravilhas, porque são estupendas: Porque o seu reino é um reino eterno, e o seu poder se estende de geração em geração.

CAPÍTULO 4

SONHO DE NABUCODONOSOR. ARVORE DEITADA ABAIXO. DANIEL LHE EXPLICA ESTE SONHO. ESTE SONHO SE CUMPRE. NABUCODONOSOR E' REDUZIDO AO ESTADO DE BÊSTA SETE ANOS. ELE RECONHECE ENFIM A MÃO DE DEUS, E E' RESTITUÍDO AO SEU REINO.

1 Eu, Nabucodonosor, estava sossegado em minha casa, e florescente no meu palácio. (1)

2 Tive um sonho, que me atemorizou: E estando na minha cama, os meus pensamentos, e as visões da minha cabeça me deixaram todo assustado.

3 Por esta causa publiquei eu um decreto pelo qual mandava que viessem à minha presença todos os sábios

(7) O REI NABUCODONOSOR A TODOS OS POVOS — Os três últimos versículos d'êste capítulo parece a alguns críticos que são o princípio de outro Edito pertencente ao capítulo seguinte. Desta opinião é o padre de Carrières, que supõe que êste Edito foi passado muitos anos depois do caso dos três Meninos de Babilônia.

(1) ESTAVA SOSSEGADO EM MINHA CASA — Os intérpretes supõem que isto foi depois que Nabucodonosor, tendo sujeitado ao seu império a Síria, a Fenícia, a Judéa, o Egito e a Arábia, se recolheu carregado de despojos e de glória à sua côrte. — Pereira.

Daniel 4, 4-11

de Babilônia, e isto a fim de me darem a explicação do meu sonho.

4 Então vieram à minha presença os adivinhos, os mágicos, os caldeus, e os agoureiros e eu contei o meu sonho na sua presença: Mas eles me não deram a sua solução:

5 Até que chegou à minha presença o colega Daniel, que tem por nome Baltasar segundo o nome do meu Deus, o qual Daniel tem em si mesmo o espírito dos Deuses Santos: E diante d'ele expus assim o meu sonho.

6 Baltasar, príncipe dos adivinhos, como eu sei que tu tens em ti o espírito dos Deuses Santos, e que não há segredo que tu não possas deslindar: Expõe-me as visões dos meus sonhos que tive, e dá-me a explicação delas.

7 A visão da minha cabeça, estando eu na minha cama, é esta: Parecia-me que via no meio da terra uma árvore, e era a sua altura desmarcada.

8 Era uma árvore grande e forte: E cuja altura chegava até ao céu: A sua vista se estendia até às extremidades de toda a terra.

9 As suas folhas eram formosíssimas, e o seu fruto copioso em extremo: E dela se podiam sustentar todas as castas de animais domésticos e selvagens, que habitavam debaixo dela, e as aves do céu pousavam sobre os seus ramos: E dela se sustentava toda a carne.

10 Eu estava vendo isto na visão da minha cabeça sobre o meu leito, e eis-que o Vigia e o Santo desceu do Céu. (2)

11 Ele clamou com uma voz forte, e disse assim: Deitai abaixo pelo pé esta árvore, e cortai-lhe os ramos:

(2) **E EIS-QUE O VIGIA E O SANTO** — Este que Nabucodonosor chama Vigia e o Santo, era sem dúvida algum Anjo de Deus. Era crença dos povos orientais considerarem os anjos como companhia e vigia dos homens.

Fazei-lhe cair as fôlhas, e desperdiçai-lhe os pomos: Afugentem-se as alimárias, que estão debaixo dela, e enxotem-se as aves de cima dos seus ramos.

12 Deixai todavia na terra o tronco com as suas raízes, e êle fique ligado com umas cadeias de ferro e de bronze entre as ervas que estão fora no campo, e seja molhado do orvalho do céu, e a sua sorte seja com as feras na erva da terra.

13 Mude-se-lhe o seu coração de homem, e dê-se-lhe um coração de fera: E passem sete tempos por cima dêle.

14 Por sentença dos Vigias foi assim decretado, e esta a palavra e a petição dos Santos: Até que conheçam os viventes, que o Excelso é o que tem a dominação sôbre os reinos dos homens, e dá-los-á a quem quizer, e porá nêle ao mais abatido dos homens.

15 Êste é o sonho que eu, rei Nabucodonosor, vi: Tu pois, Baltasar, dá-te pressa a mo interpretar: Porque nenhum dos sábios do meu reino me pode dizer o que significa: Tu, porém, sim, porque o espírito dos Deuses Santos está em ti.

16 Então Daniel, por outro nome Baltasar, começou a pensar consigo mesmo em silêncio quase uma hora: E os pensamentos que lhe vinham o perturbavam. Mas respondendo, o rei lhe disse: Baltasar, não te turbe o sonho, nem a sua interpretação: Baltasar lhe respondeu, e disse: Meu Senhor, o sonho seja contra os que te têm ódio, e a sua interpretação seja contra os teus inimigos. (3)

(3) **E OS PENSAMENTOS QUE LHE VINHAM O PERTURBAVAM** — Na consideração de que o que por divina revelação soubera e era mandado dizer, havia de ser sumamente desagradável ao rei, de quem tinha recebido e recebia tão grandes honras. Por isso antes de entrar na decifração do enigma, procura adogar-lhe a pílula com o pretexto do seu sentimento.

Daniel 4, 17-24

17 A árvore que tu viste alta e robusta, cuja altura chegava até o céu e cuja vista parecia estender-se por toda a terra:

18 E os seus ramos eram formosíssimos, e os seus frutos em extremo copiosos, e todos achavam nela de que se sustentar, alimárias do campo habitavam debaixo dela e as aves do céu pousavam sobre os seus ramos:

19 Esta árvore, digo, és tu, ó rei, que tens sido engrandecido, e que te fizeste poderoso: E cresceu a tua grandeza e chegou até o céu, e o teu poder até os termos de toda a terra.

20 E quanto ao ter visto o rei ao Vigia e ao Santo baixar do céu e dizer: Deitai abaixo esta árvore, e cortai-lhe os ramos, deixai todavia na terra o tronco com as suas raízes, e ele fique ligado com umas cadeias de ferro e de bronze entre as ervas que estão fora no campo, e seja molhado do orvalho do céu, e o seu pasto seja com as feras, até se terem passado sete tempos por cima dele:

21 Eis-aqui a interpretação desta sentença do Altíssimo, que foi pronunciada contra o rei meu senhor:

22 Lançar-te-ão fora da companhia dos homens, e a tua habitação será com as alimárias e feras, e comerás feno como o boi, e serás molhado do orvalho do céu: Passar-se-ão também sete tempos por cima de ti, até que tu reconheças que o Excelso tem debaixo da sua dominação os reinos dos homens e os dá a quem lhe apraz.

23 Quanto porém ao que mandou, que se conservasse o gérmen das suas raízes, isto é, da árvore: Quer dizer, que o teu reino se ficará conservando para se te tornar a dar depois que tu tiveres reconhecido, que todo o poder vem do céu.

24 Portanto segue, ó rei, o conselho que te dou, e resgata os teus pecados com esmolas, e as tuas iniquida-

des com obras de misericórdia para com os pobres: Talvez que o Senhor te perdoe os teus delitos. (4)

25 Tôdas estas coisas vieram sôbre o rei Nabucodonosor.

26 Depois, ao cabo de doze meses, passeava êle no palácio de Babilônia.

27 E respondeu o rei e disse: Não é esta aquela grande Babilônia, que eu edifiquei para côrte do meu reino, com a fôrça do meu poder, e com a glória da minha majestade? (5)

28 E como não tivesse o rei acabado ainda de proferir estas palavras, veio do céu retinindo esta voz: Isto é o que a ti, ó rei Nabucodonosor, se intima: O teu reino passará de ti a outro possuidor. (6)

(4) **E RESGATA OS TEUS PECADOS COM ESMOLAS**
— Como Daniel falava com um gentio, que como tal não tinha Fé, nem carecendo dela podia ter arrependimento sobrenatural com que se justificassem, julgam graves intérpretes, que por pecados se deve aqui entender (como noutros lugares da Escritura) a pena temporal dêles, que era a cominada por Deus contra Nabucodonosor, a qual com efeito julga S. Jerônimo que êle de alguma sorte remiu, enquanto pelas esmolas e obras de misericórdia que fez, alcançou que Deus diferisse um ano a execução da dita pena, até que pelo novo pecado da soberba, em que Nabucodonosor caiu, segundo veremos no versículo 27, perdeu o merecimento das esmolas, e mereceu que Deus executasse o que tinha cominado: **Bonum misericordie malo superbia.**

(5) **QUE EU EDIFIQUEI PARA CORTE DO MEU REINO**
— Babilônia tinha sido edificada havia mais de mil anos por Nemrod, como é expressão em Moisés, Gên 10, 10, e depois acrescentada e aformoseada pela rainha Semíramis, mulher de Nino. Porém Nabucodonosor por testemunho de Beroso, citado por José no livro das Antiguidades Judaicas, cap. 11, foi o que depois de a aumentar notavelmente em edifícios, mandou fazer os seus soberbíssimos muros, e deliciosíssimos jardins. E neste sentido bem podia êle atribuir a si a fundação desta famosa Metrópole da Ásia.

(6) **O TEU REINO PASSARA DE TI** — Crê-se que passou

29 E lançar-te-ão da companhia dos homens, e a tua habitação será com as alimárias e feras: Comerás feno como boi, e sete tempos passarão por cima de ti, até que reconheças que o Excelso tem um poder absoluto sobre os reinos dos homens, e que os dá a quem lhe apráz.

30 Na mesma hora se cumpriu esta palavra na pessoa de Nabucodonosor, e êle foi lançado da companhia dos homens, e comeu feno como o boi e o seu corpo foi molhado do orvalho do céu: De sorte que lhe cresceram os cabelos e o pêlo, como as plumas das águias, e as suas unhas se fizeram como as garras das aves. (7)

31 Portanto depois que se cumpriu o tempo, levantei eu, Nabucodonosor, os meus olhos ao céu, e tornei-me a vir o sentido: e eu bendisse ao Altíssimo e louvei, e glorifiquei ao que vive eternamente: Porque o seu poder é um poder eterno, e o seu reino se estende de geração em geração.

das mãos de Evilmerodac, filho do mesmo Nabucodonosor, às de alguns grandes da corte, que juntamente com êle governaram de mão comum o tempo dos sete anos, que durou o fadário do rei.

(7) **FOI LANÇADO DA COMPANHIA DOS HOMENS** — O rei foi atacado desta demência chamada licantropia. Consiste esta espécie de loucura em o homem se julgar transformado em lobo ou em qualquer outro animal. Brierre de Boismont diz que a origem da licantropia remonta às mais antigas épocas do paganismo. Heródoto assinalou a freqüência destas alucinações. Foi sobretudo nos séculos XIV e XV que esta singular ilusão se espalhou na Europa. Os cinantropos e licantropos abandonavam as suas casas e lugares, recolhiam-se a sítios escusos, deixavam crescer unhas e cabelos, não falavam, soltavam rugidos e chegavam na sua fúria a devorar crianças. Brierre de Boismont, *Des Hallucinations*, Paris, 1852, pag. 383. O desgraçado maníaco acometido desta loucura altera todos os hábitos da vida normal humana e substitui-os por atos da vida animal; deixa a posição vertical, rasteja ou apoia-se sobre os pés e mãos; alimenta-se de vegetais crus, e prefere a escuridão da noite à luz do dia, passando a uivar, tomando todos

32 E todos os habitantes da terra são reputados diante d'êlo como um nada: Porque êle faz tudo o que quer, tanto nas virtudes do céu, como nos habitantes da terra: E não há quem resista à sua mão, e lhe diga: Por que fizeste tu assim?

33 Ao mesmo tempo me tornou a vir o meu juízo, e eu recobrei o esplendor, e tôda a glória do meu reino: E foi-me restituída a minha primeira figura, e os grandes da minha côrte, e os meus magistrados me vieram buscar, e fui restabelecido no meu reino: E fiquei sendo maior do que nunca.

34 Agora pois, eu Nabucodonosor louvo, e engrandeço, e glorifico ao rei do céu: Porque tôdas as suas obras são verdadeiras, e os seus caminhos cheios de justiça, e êle pode humilhar os que andam na soberba.

os instintos dos animais ferozes, conforme a expressão de Daniel. *Latrant, nocte vagantur...* Interdiu latent domi: ubi tenebrae apparent, statim exeunt. J. Mercurialis. *Medicina prática*, t. 1, cap. 12. Cfr. *Revue des deux mondes*, 1 agôsto 1882, o artigo *Lycanthropy* da *Enciclopédia Britânica*, London, t. XV, 1883. Pusey diz que esta espécie de licanthropia, de que foi atacado Nabucodonosor, estava indicada nos seguintes versos de Virgílio:

*Prætidēs implerunt falsis mugitibus agros
... Quamvis collo timuissent aratrum*

Daniel the prophet, 1804. Lect. VII, p. 425. E' sabido que um dos membros de uma das casas reinantes da Europa, actualmente, está atacado de uma mania idêntica, ladrando como os cães, principalmente nas noites de luar.

BANQUETE DO REI BALTASAR. APARIÇÃO DE UMA MÃO ESCREVENDO NA PAREDE. OS SÁBIOS DE BABILÔNIA NÃO PODEM EXPLICAR ESTA ESCRITURA. DANIEL A LÊ, E A EXPLICA. MORTE DE BALTASAR. SUCEDER-LHE DA- RIO MEDO.

1 O rei Baltasar deu um grande banquete a mais de mil grandes da sua côrte: E cada um bebia nêle conforme a sua idade. (1)

2 Estando pois já bem cheio de vinho, mandou que lhe trouxessem os vasos de ouro e de prata, que Nabuco-

(1) O REI BALTASAR — O nome Baltasar — Bel-sar-ussur, "Bel protege o rei" é, segundo a opinião mais provável, o filho do último rei de Babilônia, Nabonide; pelo menos Nabonide, nas suas inscrições, diz-nos que teve um filho chamado Baltasar. Este último não era rei, mas exercia o poder supremo, porque seu pai o tinha associado ao governo e cometera-lhe a defesa de Babilônia de onde estava ausente por ocasião do cerco de Ciro. Os racionalistas têm-se servido da história de Baltasar. Contudo as descobertas modernas referem-se à existência do filho de Nabonide, por nome Baltasar, ao contrário do que sustentou Halevy, que entendia que Nabonide e Baltasar eram uma só pessoa. Cfr. Artigo publicado na *Revue des études juives*, 1 de julho de 1880, intitulado *Cyrus et le retour de l'exil*. Os cilindros de Nabonide, em argila, encontrados em Mugheir, a antiga Ur, nos quatro ângulos do Templo de Sim (a Lua), hoje existentes no Museu Britânico, claramente referem a existência de um filho de Nabonide, Baltasar, Bel-sar-usur, filho do rei. Assim sabemos acerca de Baltasar o seguinte: pelas inscrições, que o filho primogênito de Nabonide se chamava Baltasar; por Xenofonte, que Nabonide não voltou a Babilônia depois da sua destruição, refugiando-se em Borsipa; por Daniel, que Baltasar governava em Babilônia, como sendo o segundo personagem do governo. Pode desejar-se acôrdo mais completo entre testemunhos provenientes de origens tão diversas?

donosor, seu pai, tinha transportado do templo de Jerusalém, para beberem por eles o rei, e os grandes da sua corte, e as mulheres dêle, e concubinas. (2)

3 No mesmo ponto foram trazidos os vasos de ouro e de prata, que tinha transportado do templo de Jerusalém: E por eles beberam o rei, e os grandes da sua corte, as mulheres dêle, e concubinas. (3)

4 Eles bebiam do vinho, e louvavam os seus deuses de ouro, e de prata, e de metal, de ferro, e de pau, e de pedra. (4)

5 Na mesma hora apareceram uns dedos, como de mão de homem, que escrevia defronte do candeieiro na superfície da parede da sala do rei: E o rei via os movimentos das juntas dos dedos da mão que escrevia. (5)

6 Então o semblante do rei se mudou, e os seus pen-

(2) **NABUCODONOSOR, SEU PAI** — Baltasar é considerado como filho de Nabucodonosor, já por descender dêle por parte materna, já por ser simplesmente considerado como seu sucessor no govêrno.

(3) **DO TEMPLO DE JERUSALÉM** — A letra, do Templo que houve (ou havia) em Jerusalém. Do templo do seu ídolo Belo, onde os havia colocado, entre os seus tesouros, para serem destinados ao culto desta divindade. — Menochio.

(4) **BEBIAM DO VINHO** — Os monumentos figurados e baixos-relevos da Assíria apresentam-nos dados curiosos sobre estes festins, que faziam parte dos usos e costumes daqueles povos. A vinha era muito cultivada em Nínive, e em todo o país. (Layard, *Monuments of Nineveh*) dali a abundância do vinho, que aparecia na mesa de Baltasar. Era proverbial a abundância dos banquetes de Babilônia, Nínive e da Pérsia. Rawlinson descreve a opulência de um festim entre os medos. *The five great ancient monarchies* 3.^a ed. pp. 214-215.

(5) **NA MESMA HORA APARECERAM UNS DEDOS** — Com muita reflexão disse aqui o profeta “na mesma hora”, (como já o tinha dito no capítulo passado falando de Nabucodonosor) para que Baltasar entendesse que não por outra causa, mas pelas próximas blasfêmias, é que Deus o castigava. — S. Jerônimo.

Daniel 5, 7-13

samentos o perturbavam: E as juntas dos seus rins se relaxaram, e os seus joelhos batiam um no outro.

7 O rei pois deu um grande grito, ordenando que fizessem entrar os mágicos, os caldeus, e os agoureiros. E falando o rei disse aos sábios de Babilônia: Todo o que ler esta escritura, e me fizer manifesta a sua interpretação, será vestido de púrpura, e trará um colar de ouro ao pescoço, e será o terceiro no meu reino.

8 Então depois de terem entrado todos os sábios do rei à sua presença, não puderam nem ler esta escritura, nem dar ao rei a sua interpretação.

9 Por cujo motivo ficou o rei Baltasar em grande maneira perturbado, e o seu rosto se mudou: E os grandes da sua corte se achavam também sobressaltados.

10 Mas a rainha, movida do que tinha acontecido ao rei, e aos grandes que estavam ao pé dele, entrou na sala do banquete: E falando-lhe disse: O' rei, vive eternamente: Não te turbem os teus pensamentos, nem se mude o teu rosto.

11 No teu reino há um homem que tem em si o espírito dos Deuses Santos: E nos dias de teu pai se acharam nêle a ciência e a sabedoria: Por isso até o rei Nabucodonosor, teu pai, o constituiu príncipe dos mágicos, dos encantadores, dos caldeus, e dos agoureiros, teu pai, digo, ó rei, o constituiu acima de todos eles:

12 Porque um espírito superior ao dos outros, e prudência, e inteligência e interpretação de sonhos, e declaração de segredos, e solução de dificuldades, tudo se achou nêle, isto é, em Daniel: A quem o rei pôs o nome de Baltasar: Agora pois chama-se Daniel, e ele interpretará esta escritura.

13 Logo à presença do rei foi introduzido Daniel: Ao qual falando em primeiro lugar o rei disse: És tu

Daniel, um dos cativos dos filhos de Judá, que o rei meu pai trouxe da Judéia?

14 Ouvi dizer de ti, que tens o espírito dos deuses: E que em ti se achou mais ciência, e inteligência, e sabedoria, do que em algum outro.

15 E ainda agora entraram à minha presença mágicos, sábios, para lerem esta escritura, e me darem a interpretação dela: E não puderam decifrar o sentido daquelas palavras.

16 Mas de ti ouvi eu dizer, que tu podes interpretar as coisas escuras, e desembrulhar as implicadas: Se tu logo podes ler esta escritura, e dar-me a sua interpretação, tu serás vestido de púrpura, e trarás um colar de ouro à roda do teu pescoço, e serás o terceiro dentre os príncipes no meu reino.

17 Daniel respondendo a isto, disse ao rei em sua presença: As tuas dádivas sejam para ti, e dá as honras da tua casa a outro: Eu pois te lerei, ó rei, esta escritura e te farei patente a sua significação.

18 O Deus altíssimo, ó rei, deu a Nabucodonosor teu pai, o reino, e a grandeza, a glória e a honra.

19 E por causa dêste grande poder que lhe tinha dado, todos os povos, tôdas as tribos, e tôdas as nações de qualquer língua o respeitavam, e tremiam diante dêle: Aos que queria, matava: E aos que queria, feria com o castigo: E aos que queria, exaltava: E aos que queria, os abatia.

20 Porém depois que o seu coração se elevou, e o seu espírito se confirmou na soberba, êle foi deposto do trono do seu reino, e lhe foi tirada a sua glória:

21 E foi lançado da sociedade dos filhos dos homens, e até o seu coração ficou sendo como o dos brutos, e a sua habitação era com os asnos montezinhos: Comia também feno como boi, e o seu corpo foi molhado do orva-

Daniel 5, 22-29

lho do céu, até que reconheceu que o Altíssimo tem um poder soberano sobre os reinos dos homens: E que levantará sobre o trono a quem muito quiser.

22 E tu, Baltasar, que és seu filho, também. não humilhaste o teu coração, sendo que sabias tôdas estas coisas.

23 Antes pelo contrário te elevaste contra o dominador do céu: E tu fizeste vir para diante de ti os vasos de sua casa: E bebeste por êles do vinho, tu, e os grandes da tua côrte, e as tuas mulheres, e as tuas concubinas: Ao mesmo tempo louvaste os teus deuses de prata, e de ouro, e de metal, de ferro, e de pau, e de pedra, que não vêem, nem ouvem, nem sentem: E não deste glória ao Deus, que tem na sua mão o teu alento, e todos os teus caminhos.

24 Por isso é que êle mandou os dedos desta mão que escreveu o que está assinalado na parede.

25 Esta é pois a escritura, que ali está disposta: *MANE, TECEL, FARES.* (6)

26 E esta é a interpretação das palavras. *MANE*: Deus contou os dias do teu reinado, e lhe pôs termo.

27 *TECEL*: Tu foste pesado na balança, e achou-se que tinhas menos do pêso.

28 *FARES*: O teu reino se dividiu, e foi dado aos medos, e aos persas.

29 Então por mandado do rei, foi Daniel vestido de púrpura, e cingiu-se-lhe ao pescoço um colar de ouro, e

(6) *MANE, TECEL, FARES* — Os sábios não puderam compreender estas palavras, já porque elas estivessem escritas em caracteres desconhecidos no país, como o antigo hebreu ou o samaritano, já porque não tendo vogais, a sua leitura seria completamente impossível, já porque estivessem indicadas pelas iniciais. *Mane*, significa número; *Tecel*, pêso; *Fares*, divisão.

deitou-se bando, que êle teria poder no seu reino, como a terceira pessoa dêle.

30 Naquela mesma noite foi morto Baltasar, rei dos caldeus.

31 E Dario medo lhe succedeu no reino, tendo sessenta e dois anos de idade,

CAPÍTULO 6

DANIEL SUBLIMADO EM HONRA POR DARIO MEDO. CÔME
E ACUSAÇÕES DOS SÁTRAPAS CONTRA ÊLE. DANIEL E'
LANÇADO NO LAGO DOS LEÕES. SAI DELE SEM OFENSA.
EDITO DE DARIO A FAVOR DA RELIGIÃO JUDAICA.

1 Foi do agrado de Dario, e por êste seu beneplácito constituiu cento e vinte sátrapas com intendência sôbre o público expediente, para que governassem em todo o seu reino.

2 Porém pôs por cima dêles a três príncipes, dos quaes Daniel era um: A fim de que êstes sátrapas lhes dessem conta dos negócios, e o rei não padecesse moléstia.

3 Daniel pois se avantajava a todos os príncipes e sátrapas: Porque era nêle mais abundante o espírito de Deus.

4 Ora o rei cuidava em o estabelecer sôbre todo o reino: Motivo por que os príncipes, e os sátrapas buscavam ocasião de o acusar em coisa que tocasse com o rei; Mas não puderam achar pretexto algum, ou razão por onde o fizessem suspeito, porque êle era fiel, e não se achava nêle culpa alguma, nem suspeita dela.

5 Disseram pois aquêles homens entre si: Nós não acharemos ocasião alguma de acusar a êste Daniel, se não talvez pelo que diz respeito à lei do seu Deus.

6 Então os príncipes, e os sátrapas surpreenderam o rei, e lhe falaram assim: O' rei Dario, vive eternamente;

Daniel 6, 7-10

7 Todos os príncipes do teu reino, os magistrados, e os sátrapas, os senadores, e os juizes, são de parecer que se promulgue um decreto imperial, e um edito ordenando: Que todo o homem, que por espaço de trinta dias pedir o que quer que fôr a qualquer deus, ou a qualquer homem que não fôres tu, ó rei, que seja lançado no lago dos leões. (1)

8 Agora pois, ó rei, confirma esta sentença, e passa êste decreto: Para que se não altere o que se acha estabelecido pelos medos, e pelos persas, sem que seja permitido a ninguém violá-lo.

9 O rei Dario pois fêz publicar êste edito, e assim o mandou.

10 O que tendo sabido Daniel: Isto é, que se fizera esta lei, entrou na sua casa: E abrindo as janelas da sua câmara que ficavam contra Jerusalém, cada dia em três diferentes horas se punha de joelhos, e adorava o seu Deus, e lhe rendia ações de graças, como também antes costumava fazer. (2)

(1) **SEJA LANÇADO NO LAGO** — Êste lago, como adverte o mesmo S. Jerônimo, era uma cova muí funda, ou cisterna sem água, onde se criavam os leões, que os príncipes ali conservavam, ou para ostentação, ou para terror. Cfr. Lenormant — *La dévotion chez les chaldéens*, pag. 192.

(2) **E ABRINDO AS JANELAS DA SUA CÂMARA, ETC.** — Abrindo-as, para que orando públicamente, vissem todos que ôle preferia a observância da lei do seu Deus, a todos os respeitos, e terrores humanos.

CADA DIA EM TRÊS DIFERENTES HORAS — Isto é, pela manhã, ao meio-dia, e à tarde, que vinham a ser as três horas de terça, sexta e noa, em que os judeus costumavam orar. Os cristãos igualmente conservaram o referido costume como consta de vários lugares dos Atos dos Apóstolos. A respeito do uso dos judeus confira-se o Sl 14, 18.

COMO TAMBÉM ANTES COSTUMAVA FAZER — Orava Da-

11 Nestes termos aquêles homens, espiando-o com o maior cuidado, acharam a Daniel orando, e fazendo rogativas ao seu Deus.

12 E chegando-se êles ao rei lhe falaram acêrca do edito, dizendo: Ó rei, não ordenaste tu que, durante o espaço de trinta dias, todo o homem, que fizesse oração a qualquer dos deuses, ou dos homens, que não fôsses tu, ó rei, fôsse lançado no lago dos leões? O rei, respondendo-lhes, disse: O que vós dizeis é verdade, conforme a ordem dos medos, e dos persas, que a ninguém é permitido violar.

13 Então respondendo êles disseram diante do rei: Pois Daniel, um dos cativos dentre os filhos de Judá, não se lhe deu da tua lei, nem do edito, que promulgaste: Antes cada dia em três horas diferentes êle se põe a orar fazendo as suas rogativas.

14 Tendo ouvido o rei estas palavras, ficou bastante entristecido: E a favor de Daniel propôs dentro no seu coração livrá-lo, e até ao pôr do sol trabalhou pelo salvar.

15 Mas aquêles homens, reconhecendo a tenção do rei, lhe disseram: Sabe, ó rei, que é uma lei dos medos, e dos persas, que todo o decreto que o rei passar, não é permitido mudar nada dêle.

16 Então passou o rei as ordens: E êles trouxeram a Daniel, e o deitaram no lago dos leões. E o rei disse a Daniel: O teu Deus, que incessantemente adoras, êle te livrará.

17 Ao mesmo tempo trouxeram uma pedra, e a pu-

niel segundo o preceito do Senhor, e o dito de Salomão, que tinha admoestado aos judeus, que quando se vissem cativos entre os povos bárbaros fizessem oração virando-se para a banda do Templo. (3 Rs 8, 48.) — S. Jerônimo.

Daniel 6, 18-26

seram sobre a boca do lago: A qual o rei selou com o seu anel, e com o anel dos grandes da sua corte, para que se não fizesse coisa alguma contra Daniel.

18 E o rei se foi para o seu palácio, e se meteu na cama sem ter ceado, e não se lhe puseram diante manjares alguns, até de mais a mais fugiu dele o sono.

19 Ao outro dia, levantando-se o rei logo ao romper da manhã, com grande pressa foi ao lago dos leões:

20 E aproximando-se ao lago, chamou por Daniel com uma voz lacrimosa, e lhe disse: Daniel: servo do Deus vivente, dar-se-ia caso que o teu Deus, a quem tu incessantemente serves, te pudesse livrar dos leões?

21 E Daniel respondendo ao rei disse: O' rei, vive eternamente:

22 O meu Deus enviou o seu anjo, e fechou as bocas aos leões, e eles me não fizeram mal algum: Porque foi achada em mim justiça diante dele: Como também eu diante de ti, ó rei, não cometi delito algum.

23 Então ficou o rei sobremaneira cheio de prazer a seu respeito, e mandou que Daniel fôsse tirado do lago: E Daniel foi tirado do lago, e nele se não achou lesão alguma, porque ele creu no seu Deus.

24 E por mandado do rei foram trazidos aquêles homens, que tinham acusado a Daniel: E foram lançados no lago dos leões, eles, e seus filhos, e as suas mulheres: E não tinham bem chegado ao pavimento do lago, quando os leões os apanharam entre os dentes, e lhes fizeram em migalhas todos os ossos.

25 Então o rei Dario escreveu a todos os povos, a todas as tribos, e nações de qualquer língua, que habitavam em toda a terra: A paz se multiplique entre vós.

26 Eu tenho passado um decreto, para que em todo o meu império e reino adorem os homens com tremor e temor ao Deus de Daniel. Porque ele mesmo é o Deus vivente, e

eterno por todos os séculos: E o seu reino não será dissipado, e o seu poder passará até à eternidade.

27 Êle é que é o libertador e o salvador, que faz prodígios e maravilhas no céu e na terra: Êle o que livrou Daniel do lago dos leões.

28 Ora Daniel perseverou sempre em dignidade até o reinado de Dario, e o reinado de Ciro persa.

CAPÍTULO 7

VISÃO DAS QUATRO BÊSTAS REPRESENTATIVAS DE QUATRO IMPÉRIOS. CARACTERES PARTICULARES DA QUARTA BÊSTA. PODER INIMIGO DOS SANTOS. JUÍZO DO SENHOR. REINO DO FILHO DO HOMEM. REINO DOS SANTOS.

1 No primeiro ano de Baltasar, rei de Babilônia, teve Daniel um sonho: E esta visão da sua cabeça foi estando na sua cama: E escrevendo o seu sonho, o recopilou em poucas palavras: E apontando-o em suma disse:

2 Eu estava vendo na minha visão de noite, e eis-que os quatro ventos do céu pelejavam uns contra os outros num grande mar. (1)

3 E quatro grandes animais diferentes uns dos outros, subiam do mar. (2)

4 O primeiro era como uma leoa, e tinha asas de águia: Quando eu estava olhando para ela, foram-lhe

(1) **E EIS-QUE OS QUATRO VENTOS** — Estes quatro ventos significam as turbacões, que os quatro impérios aqui apontados causaram no mundo, designado por este grande mar.

(2) **E QUATRO GRANDES ANIMAIS** — Estes quatro grandes animais significavam quatro grandes impérios. (Adiante, versículo 17). E estes impérios são os mesmos, que os que foram representados na estátua de quatro metais. (Acima, capítulo 2, versículo 31, e seguintes).

Daniel 7, 5-6

arrancadas as asas, e ela foi levantada da terra, e se pôs nos seus pés como um homem, e foi-lhe dado um coração de homem. (3)

5 Depois disto apareceu em pé a um lado outro animal, que se assemelhava a um urso: E tinha três ordens de dentes na sua bôca, e diziam-lhe assim: Levanta-te, farta-te de carnagem. (4)

6 Depois disto, estava eu olhando, e vi outro, que era como um leopardo, e tinha em cima de si quatro asas, como asas de um pássaro, e a mesma alimária tinha quatro cabeças, e foi-lhe dado o poder. (5)

(3) **O PRIMEIRO ERA COMO UMA LEOA** — O aramaico, que é o original, diz: Como um leão. Este representava o império dos caldeus, e particularmente a Nabucodonosor seu príncipe, a quem Jeremias tinha já designado debaixo do mesmo símbolo. (Jer 4, 7).

E TINHA ASAS DE ÁGUA — Nesta mesma figura foi representado Nabucodonosor a Ez 17, 3 e a Jer 48, 40.

E ELA FOI LEVANTADA DA TERRA — Isto denota que este animal tinha caído por terra. Assim este cair, e este levantar-se do animal, parece que significa o castigo, e o restabelecimento de Nabucodonosor. (Acima, 4, 13).

(4) **QUE SE ASSEMBELHAVA A UM URSO** — Este segundo animal representava o império dos persas, gente sobremaneira feroz e cruel, por isso bem comparada com o urso. Os suplicios de que elles usavam, até lidos horrorizam. Sobre o que se pode ver o livro segundo de Brisson, De Império Persarum.

E TINHA TRÊS ORDENS DE DENTES NA SUA BOCA — Por estas três ordens de dentes no império dos persas, se devem entender os três reinos de babilônios, medos, e persas, reduzidos a um só reino. — S. Jerônimo.

LEVANTA-TE, FARTA-TE DE CARNAGEM — Refere Justino que Tomiris, rainha dos citas, tendo mandado cortar a cabeça a Ciro, fundador do império dos persas, a metera dentro de um odre cheio de sangue humano, dizendo: Satia te sanguine, quem sitisti. Farta-te de sangue de que sempre viveste sequioso.

(5) **E VI OUTRO QUE ERA COMO UM LEOPARDO** — Este terceiro animal representava o império dos gregos, de que Alexan-

7 Depois disto olhava eu nesta visão que tinha de noite: E eis-que vi outro quarto animal, que era terrível, e espantoso, e sobremaneira forte; êle tinha uns grandes dentes de ferro, comendo com êles, e fazendo tudo em miúdos pedaços, e pisando aos seus pés o que sobejava: E era êle diferente das outras alimárias que eu tinha visto antes dêle e tinha dez cornos. (6)

8 Eu considerava os seus cornos e eis-que vi outro pequenino corno, que nascia do meio dêles: E três dos primeiros cornos foram arrancados de diante dêle: E reparei que neste corno havia uns olhos como olhos de homem, e uma bôca, que falava com insolência. (7)

dre Magno foi fundador, e compara-se ao leopardo ou tigre, que é animal de suma ligeireza tanto em descer precipitado atrás da presa como em a ir buscar de salto. — S. Jerônimo.

E TINHA EM CIMA DE SI QUATRO ASAS — Outro símbolo da extraordinária velocidade com que Alexandre Magno, passando desde o mar Ilríco, o Adriático, o Oceano índico, e o rio Ganges em seis anos subjugou parte da Europa, e tôda a Ásia. — S. Jerônimo.

(6) E EIS-QUE VI OUTRO QUARTO ANIMAL — Este representava o Império romano.

E TINHA DEZ CORNOS — Por êstes dez cornos entendia Porfírio dez Reis Sucessores de Alexandre Magno até Antíoco Epífanes. Nisto o seguiram entre os modernos Calmet e Houbigant, que uo quarto animal consideram representado o Império dos Selúcidas na Síria. Os que pelo quarto animal entendem o Império Romano, crêem que êstes dez cornos significam as dez monarquias dos povos do norte, em que desde o princípio do quinto século da Igreja se começou a dividir o mesmo império. S. Jerônimo tem para si, que serão dez reis, que nos últimos tempos do mundo hão de dividir entre si o Império Romano até que o Anticristo os venha a destruir. — Pereira.

(7) E EIS-QUE VI OUTRO PEQUENINO CORNO — Os dois referidos intérpretes, Calmet e Houbigant, insistem em que êste pequeno corno fôsse Antíoco Epífanes, filho mais moço de Antíoco

Daniel 7, 9-16

9 Eu estava atento ao que via, até que foram postos uns tronos, e o antigo dos dias se assentou: O seu vestido era branco como a neve, e os cabelos da sua cabeça como a limpa lã: O seu trono era de chamas de fogo: as rodas dêste trono um fogo aceso.

10 De diante dêle saía um rio de fogo, e arrebatado: Um milhão de ministros o serviam, e mil milhões assistiam diante dêle: Assentou-se o juízo, e abriram-se os livros.

11 Eu olhava atentamente, por causa do estrépito das arrogantes palavras, que êste corno proferia: E vi que a alimária fôra morta, e que o seu corpo perecera, e fôra entregue ao fogo para ser queimado:

12 Vi também que se tinha tirado o poder às outras alimárias e que a duração da sua vida lhe tinha sido assinalada até um tempo, e um tempo.

13 Eu considerava pois estas coisas numa visão de noite, e eis-que vi um como o Filho do homem, que vinha com as nuvens do céu, e que chegou até o Antigo dos dias: E êles o apresentaram diante dêle.

14 E êle lhes deu o poder, e a honra, e o reino: E todos os povos, tôdas as tribos, e tôdas as línguas o servirão: O seu poder é um poder eterno, que lhe não será tirado: E o seu reino tal, que não será jamais corrompido.

15 O meu espírito se encheu de horror, eu Daniel fiquei atemorizado destas coisas, e as visões da minha cabeça me turbaram.

16 Eu me cheguei a um dos assistentes, e eu lhe

o Grande, e cruel perseguidor do Povo de Deus. S. Jerônimo tem que êste pequeno corno será o Anticristo, e que os três cornos que foram arrancados de diante dêle, serão três reis do Egito, África, e Etiópia, que êle derrotará. Cfr. Glaire, *La Sainte Bible*, 1902.

perguntava a verdade de tôdas estas coisas. Êle me disse a interpretação destas visões, e me ensinou:

17 Estas quatro grandes alimárias são quatro reinos, que se levantarão da terra.

18 Mas os Santos do Deus altíssimo receberão o reino: E entrarão na posse do mesmo reino até o fim dos séculos.

19 Depois disto quis eu diligentemente informar-me da quarta alimária, que era muito diferente de tôdas as outras, e sobremaneira temerosa: Os seus dentes, e unhas eram de ferro: Ela devorava, e ela fazia as coisas em miúdos pedaços, e pisava aos seus pés o que sobejava:

20 E quis também informar-me dos dez cornos, que ela tinha na cabeça: E do outro, que lhe viera de novo, na presença do qual tinham caído três dos outros cornos: E dêste corno, que tinha olhos, e tinha uma bôca, que falava com insolência, e se tinha feito maior do que os outros.

21 Eu olhava atento, e eis-que vi que aquêlê corno fazia guerra contra os Santos, e podia mais do que êles.

22 Até que veio o Antigo dos dias, e deu sentença a favor dos Santos do Excelso, e chegou o tempo, e entraram os Santos de posse do reino.

23 E êle disse assim: A quarta alimária será na terra o quarto reino, que será maior do que todos os outros reinos, e devorará tôda a terra, e a pisará aos pés, e a fará em miúdos pedaços.

24 Ora os dez cornos dêste mesmo reino serão dez reis: E depois dêles se levantará outro, e será êle mais poderoso do que os primeiros, e humilhará a três reis.

25 E falará insolentemente contra o Excelso, e atropelará os Santos do Altíssimo: E imaginará de si, que pode mudar os tempos, e as leis, e os Santos lhe serão

entregues nas suas mãos até um tempo, e dois tempos, e metade de um tempo. (8)

26 Mas depois se assentará o juízo, a fim de que lhe seja tirado o poder, e ele seja inteiramente desfeito, e pereça para sempre.

27 E ao mesmo tempo se dê o reino, e o poder, e a grandeza do reino, que está debaixo de todo o céu, ao povo dos Santos do Altíssimo: Cujo reino é um reino eterno, e ao qual servirão e obedecerão todos os reis.

28 Até aqui chegou o remate do que me foi dito. Eu, Daniel, estava ao depois muito turbado pelos meus pensamentos, e todo o meu semblante se me mudou: E eu conservei estes pensamentos no meu coração.

CAPÍTULO 8

VISÃO DE UM CARNEIRO, QUE REPRESENTA A MONARQUIA DOS PERSAS, E DOS MEDOS, E DE UM BODE QUE REPRESENTA A MONARQUIA DOS GREGOS. GRANDE CÔRNO DESTES BODE, AO QUAL SUCEDEM OUTROS QUATRO. OUTRO CÔRNO QUE SAI DE UM DOS QUATRO, E REPRESENTA UM PRÍNCIPE CRUEL E ÍMPIO.

1 No terceiro ano do reinado do rei Baltasar, tive eu uma visão. Eu Daniel, depois do que tinha visto no princípio:

(8) ATÉ UM TEMPO, E DOIS TEMPOS, E A METADE DUM TEMPO — Na frase dos hebreus um tempo significa um ano. Assim o vimos no cap. 4, vv. 13 e 20. Logo dois tempos significam dois anos; e metade de um tempo significa meio ano. Logo um tempo, dois tempos, e a metade de um tempo, significam o espaço de três anos e meio. Isto querem Calmet e Houbigant. Que se verificasse dos três anos e meio, que eles supõem que durou a profanação do Templo de Jerusalém por Antíoco Epífanes. E este pelo contrário é segundo S. Jerônimo o preciso espaço, que há de durar a perseguição do Anticristo contra os Santos. E eu confesso que este é

2 Vi numa visão que tive, estando no castelo de Susa, que é no país de Elam: Vi pois nesta visão que eu estava sôbre a porta de Ulai.

3 E levantei os meus olhos, e olhei: E eis-que estava em pé diante de uma lagoa um carneiro, que tinha uns cornos levantados, e um o era mais do que o outro, e crescia pouco a pouco: Depois (1)

4 vi que o carneiro dava cornadas contra o ocidente, e contra o Aquilão, e contra o meio-dia, e nenhum animal lhe podia resistir, nem livrar-se da sua fôrça: E êle fêz quanto quis e veio a fazer-se em extremo poderoso. (2)

5 E eu estava atento ao que via: E eis-que um bode vinha do ocidente sôbre a face de tôda a terra, e não tocava na terra: E êste bode tinha um corno insigne entre os seus dois olhos. (3)

o único texto que me retraiu de seguir o sistema de Mr. de Chetardie, até este ponto me parecia muito bem inventado. — *Pereira.*

(1) **UM CARNEIRO** — Este carneiro (como o Anjo Gabriel explica a Daniel no verso 20) representa ao rei dos medos e dos persas.

DEPOIS — O postea que aqui traz a Vulgata não é do original.

(2) **QUE O CARNEIRO DAVA CORNADAS CONTRA O OCIDENTE** — Pela Ásia menor, que fica ao ocidente da Pérsia, começou Ciro a estender as suas conquistas, vencendo a Cresos, rei opulentíssimo da Lídia, e a outros, de cujos despojos escreve Plínio Maior, que ajuntara Ciro a enorme soma de quinhentos mil talentos. Depois de Ciro continuaram seus sucessores Cambises e Dario de Histaspes, a subjugar muitas nações do norte e do meio-dia. Esta é a interpretação comum deste lugar, como os curiosos podem ver pela Sinopse dos Críticos e Poii, e não a que acima propusemos de S. Jerônimo.

(3) **E EIS-QUE UM BODE VINHA DO OCIDENTE** — Este bode representava o império dos gregos, e o corno insigne ao seu primeiro rei Alexandre Magno, que pela rapidez com que corria

6 E veio até àquele carneiro que tinha cornos, ao qual eu tinha visto em pé diante da porta, e correu para êle com todo o ímpeto da sua força.

7 E tendo chegado perto do carneiro, arremeteu a êle com fúria, e feriu o tal carneiro: E lhe quebrou os seus dois cornos, sem que o carneiro lhe pudesse resistir: E tendo-o lançado por terra, o pisou aos pés, e não houve quem pudesse livrar o carneiro do seu poder.

8 Ao depois se fêz o bode extraordinariamente grande: E tendo crescido quebrou-se o seu grande corno, e formaram-se por baixo dêle quatro cornos, para os quatro ventos do mundo. (4)

9 Porém de um dêstes cornos saiu um pequeno: E êle se fêz grande contra o meio-dia, e contra o oriente, e contra a fortaleza. (5)

10 E se elevou até contra a fortaleza do céu: E deitou abaixo muitos dos mais fortes, e muitas das estrêlas, e as pisou aos pés. (6)

parecia que não tocava na terra. Nisto concordam todos com S. Jerônimo. — *Pereira.*

(4) **E FORMARAM-SE POR BAIXO DELE QUATRO CORNOS** — São os quatro capitães de Alexandre, que morto êste dividiram entre si o seu império, a saber: Ptolomeu, filho de Lago, que ficou com o Egito; Antípatro, que ficou com a Grécia; Seleuco Nicanor, que ficou com a Síria, Babilônia e todo o oriente; Antígono, que ficou com a Ásia Menor.

(5) **PORÉM DE UM DÊSTES CORNOS SAIU UM PEQUENO** — Êste é por unânime consenso dos intérpretes com o mesmo S. Jerônimo, Antíoco Epífanes, o oitavo entre os Selêucidas da Síria.

A FORTALEZA — Assim era chamada por antonomásia a terra de Israel, a Judéia, pelo Templo e proteção visível do Céu que nêle tinha, como se acaba de dizer.

(6) **ATÉ CONTRA A FORTALEZA DO CÉU** — O hebreu: E cresceu até ao exército dos Céus. O mesmo Antíoco atacou o povo de Deus que eram os exércitos favorecidos do Céu; e deitou

11 E se engrandeceu até contra o príncipe da força e tirou d'ele o sacrificio perpétuo, e desonrou o lugar da sua santificação. (7)

12 Foi-lhe porém dado o poder contra o sacrificio perpétuo, por causa dos pecados: E a verdade será prostrada na terra, e êle empreenderá tudo, e tudo lhe sucederá conforme o seu desejo.

13 Então ouvi eu um dos Santos que falava: E um Santo perguntou a outro, não sei a quem, que lhe falava: Até quando durará a visão, e o sacrificio perpétuo, e o pecado da desolação que foi feita: E até quando será pisado aos pés o Santuário, e a fortaleza?

14 E êle lhe respondeu: Até dois mil e trezentos dias, compostos da tarde e da manhã: E o Santuário será purificado. (8)

15 Sucedeu porém que quando eu Daniel tinha esta visão, e procurava a sua intelligência: Eis-que se me apresentou diante uma como figura de homem.

16 E eu ouvi a voz de um homem entre Ulai, o qual gritou, e disse: Gabriel, faze-lhe entender esta visão.

17 No mesmo ponto veio êle, e parou junto do lugar

abaixo muitos dos mais fortes, e muitas das estrélas, enquanto fêz apostatar a muitos dos mais conspícuos entre os judeus.

(7) **PRÍNCIPE DA FORÇA** — Isto é, Deus.

(8) **ATÉ DOIS MIL E TREZENTOS DIAS** — Dois mil e trezentos dias fazem seis anos e meio, pelo cálculo dos anos lunares de 354 ou 355 dias. E êstes se podem contar desde o ano 143 da era dos Selêucidas, no qual Antíoco entrou em Jerusalém, (1 Mac 1, 21) até o ano 149 da mesma era, que foi o da morte d'êste ímpio príncipe (1 Mac 6, 16.) Dêstes seis anos e meio os primeiros três foram de destruição da Judéa; os três e meio últimos foram de profanação do Templo, e interrupção do sacrificio perpétuo. Ora o Templo foi purificado depois da desfeita de Lísias, e pouco tempo antes da morte de Antíoco, no dia 25 do nono mês do ano 148 dos Selêucidas. (1 Mac 4, 52.) — Cfr. Glaire, ob. cit.

Daniel 8, 18-26

onde eu estava: E quando êle veio a mim, caí eu espavorido com o rosto em terra e êle me disse: Entende, filho do homem, porque esta visão se cumprirá no fim a seu tempo.

18 E quando êle ainda me estava falando, tornei eu a cair com o rosto em terra: E êle então me tocou, e me fêz pôr em pé.

19 E me disse: Eu te mostrarei o que há de suceder no último dia da maldição: Porque o tempo tem o seu fim.

20 O carneiro, que tu viste que tinha cornos, é o rei dos medos e dos persas.

21 O bode porém é o rei dos gregos: E o grande corno, que êle tinha entre os seus dois olhos, é o primeiro dos seus reis.

22 E quanto aos quatro cornos, que, depois de quebrado aquêle primeiro, se levantaram em seu lugar: São os quatro reis, que se levantarão da sua gente, mas não com a sua fôrça.

23 E depois do seu reinado, quando tiverem crescido as iniquidades, se levantará um rei de uma cara sem vergonha, e inteligente de enigmas:

24 E o seu poder se confirmará, mas não pelas suas fôrças: E devastará tudo, sôbre quanto se pode crer, e será prosperado, e fará tudo o que quiser. E matará os robustos, e o povo dos Santos.

25 Segundo a sua vontade, e todo o engano será tramado com bom sucesso pela sua mão: E elevará o seu coração, e vendo-se na abundância de tôdas as coisas matará a muitíssimos: E levantar-se-á contra o príncipe dos príncipes, e será em pó reduzido sem intervir mão de homem.

26 E aquela visão da tarde e da manhã que te foi representada, é verdadeira: Põe tu logo o sêlo a esta visão, porque ela não sucederá senão depois de muitos dias.

27 Depois disto, caí eu Daniel em desfalecimento, e fiquei doente por alguns dias; E tendo-me levantado, trabalhava eu nos negócios do rei, e estava pasmado considerando nesta visão, sem haver ninguém que me pudesse interpretar.

CAPÍTULO 9

DANIEL IMPLORA A MISERICÓRDIA DO SENHOR PELO SEU POVO. O ANJO GABRIEL LHE ANUNCIA O TEMPO PRECISO DA VINDA DO MESSIAS.

1 No ano primeiro de Dario, filho de Assuero, da prosápia dos medos, que reinou no Império dos caldeus: (1)

2 No primeiro ano, digo, do seu reinado, eu Daniel pela lição dos livros entendi o número dos anos, do qual o Senhor falou ao profeta Jeremias, em que se haviam de completar os setenta anos da desolação de Jerusalém. (2)

3 E eu voltei o meu rosto para o Senhor meu Deus, para o rogar e o conjurar em jejuns, saco e cinza.

4 E orei ao Senhor meu Deus, e confessei as minhas faltas, e lhe disse: Ouve a minha oração, ó Senhor Deus grande e terrível, que guardas o teu pacto e a tua misericórdia para com os que te amam e que observam os teus mandamentos. (3)

(1) **NO ANO PRIMEIRO DE DARIO, FILHO DE ASSUERO** — Todos os sinais que aqui aponta Daniel, denotam que o Dario de que elle fala, é Dario medo, que por morte de Baltasar, último rei de Babilônia, começou a reinar sobre os caldeus, o mesmo, segundo alguns, que os historiadores gregos chamam Ciaxares II, filho de Astíages, mas nem a história nem a crítica me fornecem dado algum sobre esta identidade.

(2) **DO QUAL O SENHOR FALOU AO PROFETA JEREMIAS** — Alude ao que se lê em Jer 25, 11 e 29, 10.

(3) **AS MINHAS FALTAS** — Não só confessei os meus pe-

5 Nós pecamos, nós cometemos a iniquidade, nós obramos impiamente e nós nos retiramos de ti: E nós nos apartamos dos teus preceitos e das tuas ordenanças.

6 Nós não obedecemos aos profetas teus servos, que falaram em teu nome aos nossos reis, aos nossos príncipes, a nossos pais e a todo o povo da terra.

7 A justiça é tua, ó Senhor: A nós porém não nos resta senão a confusão do nosso rosto, como sucede hoje a todo o homem de Judá, e aos habitantes de Jerusalém, e a todo o Israel, aos que estão perto e aos que estão longe, em todos os países para onde tu os lançaste por causa das suas iniquidades, que cometeram contra ti.

8 Não nos resta, Senhor, senão a confusão do nosso rosto, a nós, aos nossos reis, aos nossos príncipes e aos nossos pais que pecaram.

9 Mas a ti, que és o Senhor nosso Deus, pertence a misericórdia e a propiciação, porque nós nos retiramos de ti.

10 E não ouvimos a voz do Senhor nosso Deus para andarmos na sua lei, que êle nos pôs por seus servos os profetas.

11 E todos os de Israel violaram a tua lei e se desencaminharam para não ouvirem a tua voz, e choveu sobre nós a maldição e a execração, que está escrita no livro de Moisés servo de Deus, porque pecamos contra êle.

12 E cumpriu as suas palavras, que proferiu contra nós e contra os nossos príncipes, que nos julgaram, para fazer vir sobre nós êste grande mal, qual nunca se viu debaixo de todo o céu, como o que aconteceu a Jerusalém.

13 Todo êste mal caiu sobre nós, segundo está es-

cados, e os do povo, mas também a misericórdia de Deus, implorando-a. — Menochio. Só depois é que merece a graça da revelação messiânica.

crito na lei de Moisés: E nós nós não temos apresentado diante da tua face, para te pedirmos, ó Senhor nosso Deus, que nos apartássemos das nossas iniquidades e nos aplicássemos ao conhecimento da tua verdade.

14 Assim o Senhor vigiou sobre a malícia, e fêz cair sobre nós o castigo dela: o Senhor nosso Deus é justo em tôdas as suas obras que fêz: Porque nós não ouvimos a sua voz.

15 E agora Senhor nosso Deus, que tiraste o teu povo da terra do Egito com uma mão poderosa, e que adquiriste então um nome que dura até o dia de hoje: Nós pecamos, nós cometemos a iniquidade.

16 Senhor, nós pecamos contra tôda a tua justiça: Aparte-se, eu to peço, a tua ira, e o teu furor da tua cidade de Jerusalém e do teu santo Monte. Porque Jerusalém e o teu povo estão hoje em opróbrio para com tôdas as nações, que nos cercam, por causa dos nossos pecados e pelas iniquidades de nossos pais.

17 Atende pois agora, Deus nosso, à oração do teu servo e às suas preces: E sobre o teu Santuário, que está deserto, faz reluzir a tua face por amor de ti mesmo.

18 Inclina, Deus meu, o teu ouvido e ouve: Abre os teus olhos, e vê a nossa desolação e a ruína daquela cidade, que teve a glória de se chamar do teu Nome: Porque nós, prostrando-nos em terra diante da tua face, não fazemos estas deprecações fundados em alguns merecimentos da nossa justiça, mas sim na multidão das tuas misericórdias.

19 Escuta, Senhor, aplaca-te, Senhor: Atende-nos e põe mãos à obra: Não te dilates mais, Deus meu, por amor de ti mesmo: Porque esta cidade, e êste teu povo têm a glória de se chamarem do teu Nome.

20 E quando eu ainda falava e orava, e confessava os meus pecados e os pecados do meu povo de Israel, e

quando, prostrado, oferecia as minhas rogativas na presença do meu Deus, pelo santo Monte do meu Deus.

21 Quando eu, digo, ainda não tinha bem acabado as palavras da minha súplica, eis-que o varão Gabriel, que eu tinha visto ao princípio na visão, voando rapidamente me tocou ao tempo do sacrifício da tarde. (4)

22 E instruiu-me e falou-me e disse-me: Daniel, eu saí agora para te ensinar e para que tu entendesses.

23 Desde o começo das tuas preces, saiu da bôca de Deus um oráculo, e eu vim para te descobrir tôdas as coisas, porque tu és um varão de desejos: Tu, pois, toma bem sentido no que vou a dizer-te, e compreende a visão. (5)

24 Setenta semanas foram fixadas a respeito do teu povo e da tua Santa Cidade, a fim de abolir a prevaricação e pôr fim ao pecado, expiar a iniquidade e trazer a justiça eterna e para que as visões e profecias se cumpram e o Santo dos Santos será ungido. (6)

(4) **VOANDO RAPIDAMENTE** — Daniel representa, como Ezequiel e Isaias, o anjo com asas. Já é sabido que os querubins cobriam com suas asas a arca da aliança. As asas significam propriamente a rapidez com que os anjos, mensageiros divinos, executam as ordens de Deus. Os assírios conservaram esta tradição dos gênios alados que decoram os seus monumentos.

(5) **SAIU DA BÓCA DE DEUS UM ORÁCULO** — Em que pese a Kuenen, nada indica que se trata aqui do oráculo dado a Jeremias sobre a duração do cativeiro.

(6) **SETENTA SEMANAS** — O termo hebraico *Shabouá*, que o profeta emprega, e que a Vulgata traduziu por *Septuaginta hebdomadae*, “Setenta semanas”, significa propriamente septena, e pode ter dois sentidos: já para designar uma septena de dias, isto é, uma semana, já para significar uma septena de anos. Nem é empregado para significar septena de semanas nem septena de meses. Os judeus observavam o sétimo dia e o sétimo ano, ou ano sabático, e daqui o duplo emprego do vocábulo *Shabouá*. E’ ver-

dade que, devemos-lo confessar, nos outros livros da Escritura se não encontra esta palavra, senão para significar a semana de dias. Mas Daniel é evidente que a emprega por semanas de anos, porquanto, mais adiante, quando fala de semanas ordinárias ajunta a palavra dia — três semanas de dias 10, 3: por consequência, se neste lugar se referisse às semanas ordinárias, ou lhe juntava a mesma expressão dia, ou então não a acrescentava na outra passagem referida. Por outro lado, os sucessos que, segundo o dizer do profeta, se hão de realizar durante essas setenta semanas, e mormente durante a última, de sobejo indicam que se não trata de semanas ordinárias. Note-se que não é só Daniel que fala de semanas de anos; Ezequiel, quando se quer referir a semanas ordinárias, faz a adição da mesma palavra — dia —, o que leva a crer que ele admitia a existência de outras semanas que não fôsem de dias; e da mesma sorte alguns escritores profanos, como Varrão: *Se quoque jam duodecimam annorum hebdomadem ingressum esse. Apud. Gellium, Noct. att., III, 10*, e outros se referem a semanas de anos. De modo que, sem dúvida alguma, as semanas de que se fala na profecia são semanas de anos. As setenta semanas perfazem a soma de quatrocentos e noventa anos; correspondem às setenta semanas do cativo preditas por Jeremias. Todavia, ainda que estas setenta semanas se devem seguir sem interrupção, o profeta distingue sete semanas, ou sejam quarenta e nove anos, que virão primeiro; depois sessenta e duas semanas, ou quatrocentos e trinta e quatro anos, que virão em seguida; enfim uma última semana, cujo meio é particularmente notado. Estes quatrocentos e noventa anos começarão a contar-se desde o decreto dado para se reedificar Jerusalém. E' o profeta quem o diz formalmente: "Desde a ordem para Jerusalém ser segunda vez edificada", v. 26. E' do decreto de Artaxerxes Longimano, datado do vigésimo ano do seu reinado, 454 A. C. que, segundo os melhores exegetas, começam as sessenta e duas semanas, que vão até ao Cristo Capitão, isto é, até ao tempo em que Jesus Cristo, aos trinta anos, iniciou a sua vida pública. E o certo é que temos, desde o ano 454, em que foi promulgado o decreto de Artaxerxes, até ao ano 29 da era vulgar, a soma exata de 483 anos, ou sessenta e nove semanas. A propósito escreve Bossuet: "Estas semanas levam-nos precisamente desde o vigésimo ano de Artaxerxes à última semana em que Jesus Cristo, imolado, põe termo pela sua morte aos sacrifícios da lei." *Discours sur l'hist. Univers. 2 p.*

25 Sabe pois isto, e adverte-o bem: Desde a ordem para Jerusalém ser segunda vez edificada, até o Cristo Capitão, passarão sete semanas e sessenta e duas semanas: E segunda vez serão edificadas as ruas, e os muros na angústia dos tempos. (7)

FORAM FIXADAS — Assim traduzimos o abreviatão da Vulgata, por nos parecer que é o que mais se aproxima do nek htak, do original, como ao consummatio abreviata de Isaías corresponde desgraça total e determinada. Não se trata aqui de uma profecia incondicional e incerta, mas segura, e que se realizará num tempo próximo.

E O SANTO DOS SANTOS SERÁ UNGIDO — Kuenen entende que se trata aqui daquela parte do templo que se chamava o Santo dos Santos. Segundo este crítico, o autor designava o altar dos holocaustos, profanado por Antíoco Epífanes, altar que, por isso, devia ser purificado e ungido de novo, para o tornar apto para os sacrifícios. Reuss, *La Bible, traduction nouvelle*, pp. 259 e 260, é da mesma opinião, que é seguida pelos escritores racionalistas. Porém esta interpretação é inadmissível e cai por completo, por falta de base. A expressão hebraica que se lê no original qdhdoshch qdhdoshchem em lugar algum designa a parte do Tabernáculo chamada o Santo dos Santos. Quando se quer designar este lugar sagrado do Templo põe-se em hebraico o artigo junto da segunda palavra, tendo então esta outra forma, muito diversa daquela qdhdoshch haqqodhaschim. A primeira forma, que se encontra no presente lugar, é um superlativo e significa “será ungido o Santíssimo”, ou então, como prefere Corluy, “para ungir o que é Santíssimo”. De qualquer modo que se entenda, não se pode aplicar esta expressão senão ao Messias, de quem imediatamente se fala. Além disto, sabe-se que o segundo Templo não foi ungido, nem sob Zorobabel, nem sob Judas macabeu, e sendo assim, só ao Messias se pode aplicar o ungatur Sanctus Sanctorum. Cfr. Dr. Bernardo de Madureira. *Institutiones Dogmatic Polemicæ*, t. II, p. 69.

(7) **CRISTO CAPITÃO** — Os escritores racionalistas pretendem que se alude aqui, não ao Messias, que Israel esperava, mas a um “Ungido” ignorado, a um indeterminado príncipe. Traduzem pois o original *Mashiah nagid*, por “um ungido príncipe”, ou “o Ungido, o príncipe”, e sustentam que o termo hebraico

26 E depois de sessenta e duas semanas, será morto o Cristo: E o povo, que o há de negar, não será mais seu povo. E um povo com o seu Capitão, que há de vir, destruirá a cidade e o Santuário: E o seu fim será uma ruína total e a desolação, a que ela foi condenada, lhe virá depois no fim da guerra. (8)

Mashlah não está precedido de artigo, quando o devia ter, se designasse o Messias esperado, e não um Messias qualquer. A este sofisma filológico responde-se, dizendo que é verdade que o vocábulo Mashlah não está precedido de artigo, mas deve saber-se que o artigo se omite freqüentes vèzes antes dos nomes apelativos quando elles indicam só uma classe de pessoas, uma particularmente conhecida, ou mais excelente do que as outras; assim podem citar-se as seguintes passagens: Sl 65, 6; Sl 77, 13; Jer 31, 35; Jos. 10, 13; Jl 2, 10. etc. O nome de Messias ou ungido era conhecido dos judeus, podendo por isso empregar-se sem artigo. O seu sentido era aliás sufficientemente determinado pelo contexto, visto como o profeta acabou de falar da Unção daquele que era Santíssimo. Além disso o termo Mashlah está aqui junto ao vocábulo nagid (príncipe, capitão), e parece ter sido considerado não somente como designando o Messias, mas ainda como seu próprio nome. Por elle é que os judeus o nomeiam constantemente no tempo do Salvador.

(8) SERA MORTO O CRISTO — Este versículo liga-se intimamente ao anterior, do qual faz parte, e assim vemos que o Maglah nagid, a Eterna Justiça, o Santíssimo, deve vir no fim de setenta semanas; é Elle que apaga os pecados, que destrói a iniquidade e será morto. Isto mesmo predisseram os demais profetas, o Emanuel de Isafas, o Admirável, O Deus Pai do Século futuro, foi levado como ovelha ao matadouro e cortado da terra dos viventes. Is 53, 2-8. Os successos annunciados realizaram-se como Daniel os preanunciara. Jesus iniciou a sua vida pública no fim da sexagésima nona semana. Depois de três anos de pregação, foi morto na Cruz. Por esta morte aboliu o culto levítico e firmou a nova aliança e pôs termo aos antigos sacrificios. O sacrificio Augustíssimo dos nossos altares, — a santa Missa — predita por Malaquias e instituída pelo Salvador na véspera da sua morte, não é outra coisa que a continuação do sacrificio sanguinolento da cruz, que se perpetua do modo incruento e soberanamente maravilhoso nas aras sacrossantas

Daniel 9, 27; 10, 1

27 Esse Cristo porém confirmará para muitos o seu pacto numa semana: No meio da semana faltará a hóstia e o sacrifício: E ver-se-á no templo a abominação da desolação: E a desolação perseverará até a consumação e até o fim. (9)

CAPÍTULO 10

VISÃO DE DANIEL SOBRE O TIGRE. O PRÍNCIPE DO REINO DOS PERSAS RESISTE AO ANJO GABRIEL. MIGUEL, PRÍNCIPE DO POVO DE ISRAEL, VEM EM AJUDA DE GABRIEL. O PRÍNCIPE DOS GREGOS VEM AJUNTAR-SE COM O PRÍNCIPE DOS PERSAS CONTRA GABRIEL.

1 No terceiro ano de Ciro, rei dos persas, foi revelada a Daniel chamado Baltasar uma palavra verdadeira,

da Nossa Lei. Ao mesmo tempo que Daniel vê “o Messias ferido de morte”, desenrola-se diante dos seus olhares proféticos o espetáculo de um povo de um capitão, que vem destruir a cidade e o templo; nem se lhe ocultam o fim da cidade e a desolação da guerra. E os sucessos posteriores mostraram a verdade da inspiração.

E UM POVO COM O SEU CAPITÃO, QUE HA DE VIR — Manifestamente se designa aqui o Exército Romano, que debaixo do comando de Tito havia de vir sitiar e destruir a Jerusalém, com o seu templo.

(9) CONFIRMARÁ PARA MUITOS O SEU PACTO NUMA SEMANA — Na última das setenta semanas confirmou Jesus Cristo o pacto do Novo Testamento por meio da sua pregação por três anos e meio e da efusão do seu sangue no meio dessa semana. E quando se diz, confirmará para muitos, não cuides que é porque Jesus Cristo não morreu por todos, mas porque, morrendo por todos, não foi aplicado a todos o preço do sangue de Cristo. Que por isso ele na noite da ceia disse: “Este é o sangue do Novo Testamento, que será derramado por muitos para remissão dos pecados”. (Mt 26, 28).

E VER-SE-A NO TEMPLO A ABOMINAÇÃO DA DESOLAÇÃO — Assim sucedeu, quando tomado o Templo pelos romanos, se viram nêle as Águias do Império, e as Imagens dos Deuses e dos Césares. Ou por esta abominação de desolação se podem entender os sacrilégios, que no Templo cometeram então os soldados.

e uma grande fortaleza: E êle entendeu o que lhe foi dito: Porque é necessário haver inteligência nas visões. (1)

2 Nestes dias, eu Daniel chorava todos os dias por três semanas.

3 Não comi nêles pão algum agradável ao gôsto e nem carne nem vinho entraram na minha bôca, nem ainda me untei de algum óleo: Menos que se não cumprissem os dias destas três semanas.

4 No dia vinte e quatro, porém, do primeiro mês estava eu ao pé do grande rio, que é o Tigre.

5 E levantei os meus olhos e olhei: E eis-que vi um homem vestido de roupas de linho, e cingido pelos rins com um cinto de puríssimo ouro:

6 E o seu corpo era como uma pedra crisólita e o seu rosto como uma aparência de relâmpago e os seus olhos pareciam uma lâmpada ardente: E os seus braços e todo o resto do corpo até aos pés, eram como uma semelhança de arame luzente: E o som das suas palavras era como o estrondo de uma multidão de homens.

7 E eu, Daniel, vi só esta visão: E os varões, que estavam comigo, não a viram: Mas sôbre êles caiu um extraordinário terror e fugiram para uns lugares escuros.

8 Tendo eu, pois, ficado sôzinho, vi esta grande visão: E não ficou vigor em mim, antes se mudou até o meu semblante, e fiquei murcho e não me assistiram fôrças algumas.

9 E ouvi o som das suas palavras: E ouvindo-o jazia deitado sôbre o meu rosto, todo espavorido e o meu rosto estava rente da terra.

(1) **NO TERCEIRO ANO DE CIRO** — Terceiro, depois da-
quele em que Ciro deu liberdade aos judeus até ali cativos em
Babilônia, para virem a Jerusalém reedificar o Templo do Senhor,
o qual ano se chama nos Paralpômenos e em Esdras, o primeiro
de Ciro, rei dos persas.

Daniel 10, 10-13

10 Então, eis-que uma mão me tocou e me levantou até ficar sôbre os meus joelhos, e sôbre as juntas das minhas mãos.

11 E a mesma voz me disse: Daniel, varão de desejos, entende as palavras que eu te venho dizer e levanta-te em pé: Porque eu fui agora enviado a ti. E depois que êle me disse isto, me pus eu em pé todo tremente.

12 E êle me disse: Não tenhas mêdo Daniel, porque desde o primeiro dia em que tu applicaste o teu coração à intelligência, para te afligires pela mortificação na presença do teu Deus, foram escutadas as tuas palavras: E eu vim por teus rogos.

13 E o príncipe do reino dos persas me resistiu por vinte e um dias: E eis-que veio em meu socorro Miguel, um dos primeiros príncipes, e eu fiquei lá junto ao rei dos persas. (2)

(2) E O PRÍNCIPE DO REINO DOS PERSAS ME RESISTIU — A maior parte dos intérpretes seguindo a S. Jerônimo, têm que êste príncipe do reino dos persas era o Anjo Tutelar da Pérsia, o qual resistiu por vinte e um dias a Gabriel; enquanto pretendeu êste que o povo hebreu saísse todo da Pérsia para a Judéia, aquêle pelo contrário trabalhava por que o mesmo povo se conservasse na Pérsia, tendo um e outro por fim da sua pretensão o que lhe parecia ser mais do agrado e serviço de Deus. Alguns tendo por absurdo que entre os Santos Anjos houvesse contendas, julgam que o que se chama aquí príncipe do reino dos persas, era um anjo mau, ou um demônio, que, contra o que queria Gabriel, pugnava pela retenção do povo entre os persas, para assim os reter na ocasião da idolatria. Outros, que era o mesmo Ciro, que por vinte e um dias resistiu ao que Gabriel lhe sugeria em favor da total liberdade do povo de Deus, como se não parecesse ainda maior absurdo, que ou um anjo mau, ou um puro homem, pudesse prevalecer por tanto tempo contra um anjo bom. Enfim, nuns pontos tão escuros, siga cada um o que achar que é mais desembaraçado, consultando para isso a sinopse de Poll, ou os comentários de Calmet.

14 E eu vim para te ensinar as coisas que estão para suceder ao teu povo nos últimos dias, porque o cumprimento desta visão ainda está para dias.

15 E ao tempo que elle me dizia estas palavras, abaixei eu o rosto para a terra e fiquei calado.

16 E eis-que aquêle que tinha a semelhança de um filho de homem, me tocou os lábios: E eu, abrindo a minha bôca, falei e disse ao que estava em pé diante de mim: Meu Senhor, com a tua vista se relaxaram as minhas juntas, e não me ficou fôrça alguma.

17 E como poderá o servo de meu Senhor falar com o meu Senhor? Porque em mim não ficou fôrça alguma, até se me tapa a respiração.

18 Aquêle pois que eu via debaixo da aparência de um homem, me tornou a tocar e me confortou,

19 e disse: Não temas, varão de desejos: A paz seja contigo: Tem vigor e sê robusto. E quando elle ainda me falava, recobrei eu as fôrças e disse: Fala, meu Senhor, porque tu me fortaleceste.

20 Então me disse elle: Acaso, sabes tu por que eu vim a ti? e agora voltarei eu a pelear contra o príncipe dos persas: Quando eu saía, appareceu o príncipe dos gregos, que entrava. (3)

(3) **APARECEU O PRÍNCIPE DOS GREGOS** — Quando eu saía da presença do Senhor, appareceu o príncipe dos gregos, isto é, dos macedônios, que entrava à mesma presença para acusar o príncipe dos persas, em ordem ao reino dos persas passar aos gregos. — S. Jerônimo. Este príncipe dos gregos ou era o Anjo Tutelar da Grécia, que tinha vindo com S. Miguel a expugnar o rei da Pérsia, ou era Alexandre Magno, que appareceu a Gabriel, como que algum dia tinha de destruir o reino dos persas fundado por Ciro. Os versículos 2 e 3 do capítulo seguinte favorecem esta segunda sentença. — Calmet.

21 Mas eu te anunciarei presentemente o que está expresso na escritura da verdade: E em tôdas estas coisas ninguém me ajuda, senão Miguel, que é o vosso príncipe. (4)

CAPÍTULO 11

IMPÉRIO DOS PERSAS ARRUINADO PELO REI DOS GREGOS. SUCESSOR DÊSTE PRÍNCIPE. GUERRAS ENTRE OS REIS DO MEIO-DIA E DO AQUILÃO. REI ÍMPIO. SUAS EXPEDIÇÕES CONTRA O EGITO E CONTRA A JUDEIA. SEU DESGRAÇADO FIM.

1 Eu porém desde o primeiro ano de Dario medo, trabalhava pelo ajudar a se estabelecer e a se fortificar. (1)

2 Mas agora eu te anunciarei a verdade. Eis-aí haverá ainda três reis na Pérsia, e o quarto se enriquecerá de excessivas riquezas mais que todos: E depois que se tiver feito com estas riquezas poderoso, concitará a todos contra o reino da Grécia. (2)

(4) **SENÃO MIGUEL QUE É O VOSSO PRÍNCIPE** — Daqui veio a tradição, que reinava entre os antigos, de que S. Miguel era o patrono da Sinagoga, bem como agora o é da Igreja.

(1) **EU PORÉM DESDE O PRIMEIRO ANO DE DARIO MEDO** — Pelo fim do capítulo precedente se conhece que, quem aqui fala é o Arcanjo S. Gabriel, instruindo a Davi do que estava para acontecer de guerras e mudança de impérios, desde Ciro até Antíoco Epífanes.

(2) **EIS-AÍ HAVERÁ AINDA TRÊS REIS NA PÉRSIA** — Três, não contando Ciro, que foi o primeiro, e ainda então vivia, quando o Arcanjo dizia isto a Daniel. E estes três reis foram, Cambises, Esmerdis, e Dario, filho de Histaspes.

E O QUARTO — Este quarto foi Xerxes, filho de Dario, cujas riquezas e poder foram tantas, que segundo refere Justino no Livro I, Cap. X, chegou a pôr em campanha um milhão de combatentes.

3 Mas enfim se levantará um rei forte, que dominará com grande poder: E que fará o que lhe aprouver. (3)

4 E quando se achar no auge mais florente, o seu reino será destruído, e se repartirá pelos quatro ventos do céu: Mas isto não será entre os seus descendentes, nem segundo o poder com que êle dominou: Porque o seu reino será dilacerado, passando ainda a estranhos, não falando naqueles quatro. (4)

5 E o rei do Meio-Dia se fortificará: Mas um dos príncipes daquele primeiro rei será mais poderoso do que êle, e dominará sobre muitos países: Porque o seu senhorio será grande. (5)

6 E alguns anos depois êles se aliarão um com o outro, e a filha do rei do Meio-Dia passará ao rei do Aquilão, para travarem ambos amizade, mas esta princesa não se estabelecerá por um braço forte, nem a sua des-

(3) **MAS ENFIM SE LEVANTARÁ UM REI FORTE** — Preteridos mais nove reis persas, que sucederam a Xerxes, e que não faziam ao caso de Gabriel, passa o Santo Arcanjo a designar Alexandre Magno, rei de Macedônia, que foi o que derrotou a Dario Codomano, último rei da Pérsia, e que com isto deu princípio ao império dos gregos.

(4) **E SE REPARTIRÁ PELOS QUATRO VENTOS DO CÉU** — Quatro capitães de Alexandre repartiram entre si os seus estados; Ptolomeu ocupou o Egito, Antípatro a Grécia, Antígono a Ásia, Seleuco a Síria.

PASSANDO AINDA A ESTRANHOS — A saber, a Cratero, a Leonato, a Cassandro, a Lisímaco, a Pérdicas, e a outros, que fundaram vários reinos na Armênia, na Capadócia, na Bitínia, na Trácia, e em outras partes.

(5) **E O REI DO MEIO-DIA SE FORTIFICARÁ** — Este foi Ptolomeu, rei do Egito, o qual Egito fica ao meio-dia a respeito da Judéa e da Síria.

MAS UM DOS PRÍNCIPES DAQUELE PRIMEIRO REI — Este foi Seleuco Nicator, rei da Síria, a qual Síria fica ao Aquilão, ou norte da Judéa e do Egito.

condência subsistirá: E será entregue ela mesma, e os seus mancebos, que a conduziram, e que a tinham sustentado em diversos tempos. (6)

7 Mas do seu mesmo tronco sairá um arrebento: Que virá com um exército, e entrará na província do rei do Aquilão: E êle os vexará, e far-se-á senhor dêles. (7)

8 E de mais a mais levará cativos para o Egito os seus deuses, e as suas estátuas, e os seus vasos preciosos de prata, e ouro: Êle mesmo prevalecerá contra o rei do Aquilão.

9 E o rei do Meio-Dia entrará no seu reino, e voltará depois para a sua terra.

10 Seus filhos porém se estimularão com isto, e congregarão uma grande multidão de tropas: E um dêles marchará com grande presteza, e à maneira de inun-

(6) **E A FILHA DO REI DO MEIO-DIA** — Ptolomeu Filadelfo, rei do Egito, filho e sucessor de Ptolomeu, filho de Lago e Antíoco Deus, rei da Síria, neto de Seleuco Nicator, tendo andado em guerra alguns anos, por último fizeram pazes entre si debaixo da condição que Antíoco repudiaria a Laodice, de quem já tinha dois filhos, e desposaria a Berenice, filha de Ptolomeu, e que seguiria a coroa aos filhos que nascessem dêste segundo matrimônio. Depois de ratificado êste tratado, Antíoco repudiou a Laodice, e Ptolomeu lhe levou sua filha Berenice a Seleucia, onde se celebrou o casamento com magnificência.

POR UM BRAÇO FORTE — Por uma grande autoridade.

(7) **MAS DO SEU MESMO TRONCO SAÍRA UM ARREBENTO** — Ptolomeu Evergetes, filho e sucessor de Ptolomeu Filadelfo e irmão de Berenice, querendo vingar a morte desta, veio contra a Síria, matou a Laodice, tomou a Babilônia, a Celesíria, a Cilícia, e quase tôda a Ásia desde o monte Tauro até às índias, e dos despojos desta guerra trouxe na volta para o Egito quarenta mil talentos de prata, e entre estátuas e vasos preciosos até dois mil e quinhentos.

dação: E voltará, e encher-se-á de ardor, e pelejará contra as forças daquele. (8)

11 Mas o rei do Meio-Dia, vendo-se assim atacado, sairá em campanha, e pelejará contra o rei do Aquilão, e preparará um exército imenso, e lhe será entregue entre as mãos uma grande multidão de inimigos.

12 E elle tomará uma grande multidão desta gente, e o seu coração se elevará, e elle fará passar muitos milhares ao fio da espada, mas deixará a sua vitória imperfeita.

13 Porque o rei do Aquilão tornará a vir, e ajuntará uma multidão de tropas muito maior do que antes: E depois de certos tempos e anos virá com muita pressa com um numeroso exército, e mui grandes forças.

14 E naqueles tempos se levantarão muitos contra o rei do Meio-Dia: Os filhos também dos prevaricadores do teu povo se elevarão, para cumprirem a profecia, e elles cairão.

15 E virá o rei do Aquilão, e levantará um baluarte, e tomará cidades fortificadíssimas: E os braços do Meio-Dia não poderão aturar o esforço, e os mais valentes dentre elles se levantarão para lhe resistir, e elles se acharão sem vigor.

16 E vindo sobre elle fará o que bem lhe aprouver, e não haverá quem possa subsistir diante da sua face: E elle entrará numa terra famosa, e esta será consumida debaixo da sua mão.

17 E elle se confirmará no desígnio de vir apode-

(8) **SEUS FILHOS PORÉM** — Seleuco Cerauno, e Antíoco chamado o Grande, filhos do Seieuco Calinico, que reinaram um depois do outro. Dos quais Antíoco, depois de ter pacificado as turbações do seu reino, fez dura guerra a Ptolomeu Filopator, filho de Evergetes, recobrou as províncias da Síria, derrotou os generais daquele príncipe nas gargantas de Berito, e penetrou até às fronteiras do Egito.

Daniel 11, 18-21

rar-se de todo o reino dêle, e fingirá que quer obrar de boa fé com êle: E dar-lhe-á em casamento sua filha, princesa de extremada formosura em comparação das outras mulheres, a fim de o perder: Mas não lhe sairá a coisa conforme o seu intento, e ela não será por êle. (9)

18 E êle encarará contra as ilhas, e tomará muitas delas: E fará deter o autor do seu opróbrio, e o seu opróbrio virá a cair sôbre êle.

19 E voltará o seu rosto para o império da sua terra, e tropeçará e cairá, e não será achado.

20 E um homem vilíssimo, e indigno da honra de rei, ocupará o seu lugar: E êle se consumirá em poucos dias, não no furor de alguma briga, nem em alguma batalha. (10)

21 E pôr-se-á no lugar dêste um homem desprezível e não lhe será dada a honra de rei: E virá secretamente, e se apoderará do reino com engano. (11)

(9) **E DAR-LHE-A EM CASAMENTO SUA FILHA** — Antíoco o Grande vendo que os romanos tomavam a defesa de Ptolomeu Epífanes, assentou que não havia melhor modo de fazer adormecer êste príncipe moço, como dar-lhe por mulher a sua filha Cleópatra, chamada a Síria, senhora de uma beleza extraordinária, a quem o pai deu por dote a Celesíria, a Samaria, a Fenícia, e a Judéia, esperando que ela daria cabo de Ptolomeu. Porém, Cleópatra, vendo-se casada com Ptolomeu, largou os interesses de seu pai, e não cuidou senão nos do marido.

(10) **E UM HOMEM VILÍSSIMO** — Tal foi Seleuco Filopator, ou Soter, filho mais velho de Antíoco o Grande, que reinou só onze anos, os quais em frase da Escritura se chamam aqui poucos dias, como se vê no Gên 27, 44 e 29, 20. E morreu; não no furor de alguma briga ou sedição, non in furore, nem em alguma batalha, nec in proelio, porque morreu envenenado por Helíodoro, que intentava usurpar-lhe a coroa, como refere Apiano.

(11) **E POR-SE-A NO LUGAR DÊSTE UM HOMEM DESPREZÍVEL** — Tal era Antíoco Epífanes, segundo filho de Antíoco o Grande, e irmão de Seleuco Filopator, ou Soter. Príncipe na ver-

22 E os braços do combatente serão vencidos diante d'êle, e ficarão esmigalhados: De mais a mais até o chefe da Liga.

23 E depois de feita esta amizade, usará com êle de engano: E subirá, e vencê-lo-á com pouca gente.

24 E entrará nas cidades abundantes e ricas: E lhes fará o que nunca fizeram seus pais nem os pais de seus pais: Êle destruirá as rapinas e a prêsa, e as riquezas dêles, e formará projetos contra as mais fortes cidades: E isto até certos tempos:

25 E será instigado o seu poder, e o seu coração contra o rei do Meio-Dia para o atacar com um grande exército: E o rei do Meio-Dia será provocado a sair à batalha com muitas tropas auxiliares, e sobremaneira fortes: Mas elas não perseverarão firmes, porque maquinarão desígnios contra êle.

26 E os que comerem o pão com êle, o arruinarão, e o seu exército será oprimido: E um grande número dos seus cairão mortos.

27 Também êsses dois reis terão o coração atento, a fazerem o mal um ao outro, e assentados à mesma mesa dirão palavras de mentira, mas êles não sairão com a sua: Porque ainda o fim se difere para outro tempo.

28 E voltará para o seu país com muitas riquezas: O seu coração se declarará contra o Santo Testamento, e fará muitos males, e voltará para o seu país.

29 No tempo determinado, êle voltará, e tornará a

dade desprezível pelas suas más qualidades e pelos iníquos meios, por que subiu ao trono, fazendo excluir d'êle a seu sobrinho Demétrio, filho de Seleuco, que então estava detido como refém em Roma. Assim como tôda a verdade se diz que se lhe não dará a honra de rei, porque com efeito êle a não teve nem por direito do nascimento, nem por eleição dos povos, mas sim porque a roubou a outro com as suas más artes.

vir para o Meio-Dia: Mas esta última expedição não será semelhante à primeira.

30 Porque os romanos virão contra êle em trirremes: E êle será ferido vivamente no seu pundonor e assim voltará, e conceberá uma grande indignação contra o Testamento do Santuário, e conforme ela assim fará: Depois tornará a vir, e empreenderá muitas coisas contra aquêles que tinham deixado o testamento do Santuário. (12)

31 E estarão da sua parte os braços de homens poderosos que violarão o Santuário da fortaleza, e farão cessar o sacrifício perpétuo: E porão no templo a abominação para desolação. (13)

32 E os ímpios prevaricadores do testamento usarão de disfarces com rebuçado engano: Mas o povo, que conhecerá ao seu Deus, perseverará constante, e fará o que deve.

33 E os que fôrem doutos entre o povo, ensinarão a muitos: E êles padecerão os tormentos da espada, e da chama, e do cativeiro, e das rapinas que durarão muitos dias.

(12) **PORQUE OS ROMANOS VIRÃO CONTRA ÊLE EM TRIRREMES** — À letra: E virão sobre êles galés e romanos. Marco, Popílio, Lenas, e outros dois embaixadores, tendo chegado a Alexandria numas galés de Macedônia, que acharam em Delos, intimaram imperiosamente a Antíoco, da parte do Senado e povo romano, que logo desistisse do cerco de Alexandria, e se recolhesse ao seu reino, ao que êle não podendo resistir converteu tôdas as suas iras contra a Judéa, onde executou as impiedades e sevícias que iremos vendo, e que mais por extenso se referem nos dois livros dos Macabeus. Em atenção a estas impiedades e sevícias, diz S. Jerônimo, que todos os escritores eclesiásticos que lhe precederam, consideraram neste Antíoco uma figura expressa do Anticristo. Trirremes ou navios de Cetim, como lhes chama o original, eram os navios em que eram conduzidos os legados romanos.

(13) **A ABOMINAÇÃO PARA DESOLAÇÃO** — A abominável estátua de Júpiter Olímpio, 1 Mac 1, 57 e 2 Mac 6, 2.

34 E quando caírem arruinados, serão sustidos com o alívio de um pequenino auxílio: E muitos se ajuntarão a eles fingidamente.

35 E dos sábios cairão alguns, para que sejam acrisolados, e purificados, e branqueados até o prazo assinado: Porque ainda haverá outro tempo.

36 E o rei fará como lhe der na vontade, e se elevará, e engrandecerá contra todo o deus; e falará insolentemente contra o Deus dos deuses, e sair-lhe-ão bem as coisas, até que a ira seja cumprida: Porque assim é que foi lavrado o decreto.

37 E não terá respeito algum ao Deus de seus pais: E se mostrará apaixonado por mulheres; êle não curará de Deus algum, qualquer que êle seja: Porque se levantará contra tôdas as coisas.

38 Mas venerará o deus Maozim no lugar que lhe terá escolhido: E enfeitará com ouro, e prata, e pedras preciosas, e com tudo o que há de custo, a êste Deus que seus pais ignoraram. (14)

39 E fortificará as suas praças com um deus estranho, pondo nelas a Maozim, que foi quem êle reconheceu, e levará a uma grande glória os seus adoradores, e lhes dará poder em muitas coisas, e lhes repartirá a terra gratuitamente.

40 E o rei do Meio-Dia pelejará contra êle no tempo assinalado, e o rei do Aquilão marchará também contra êle como uma tempestade, com grande multidão de carroças, e de gentes a cavalo, e com uma grande armada, e entrará nas suas terras, assolá-las-á e passará.

41 Depois êle entrará na terra gloriosa, e serão taladas muitas províncias: E só se salvarão das suas mãos

(14) **MAS VENERARÁ O DEUS MAOZIM** — E' segundo alguns o ídolo de Júpiter Olímpio, que Antíoco colocou no templo de Jerusalém. Cfr. 2 Mac 6, 2.

estas, Edom e Moab, e as primeiras terras dos filhos de Amon.

42 E estenderá a sua mão contra as outras províncias: E a terra do Egito não escapará.

43 E ele se fará senhor dos tesouros de ouro e de prata, e de tudo o que há de precioso no Egito: Passará também ao través da Líbia e da Etiópia.

44 E turbá-lo-á um rumor que virá do Oriente e do Aquilão: E ele tornará a vir com grandes tropas, para destruir e matar a muitos.

45 E fixará a sua tenda em Apsadue entre os mares sobre o inclito e santo nome; E ele virá até à sumidade dêste monte, e ninguém lhe dará auxílio. (15)

CAPÍTULO 12

LIVRAMENTO DO POVO DE DEUS. RESSURREIÇÃO. GLÓRIA.
DOS SANTOS. FIM DA GRANDE DESOLAÇÃO.

1 Naquele tempo porém se levantará o grande príncipe Miguel, que é o protetor dos filhos do teu povo: E virá um tempo, qual não houve desde que as gentes começaram a existir até àquele tempo. E salvar-se-á naquele tempo dentre o teu povo todo aquêlo que fôr achado escrito no livro. (1)

(15) **APSADUE** — Nome de um lugar que Teodoreto coloca perto de Jerusalém e S. Jerônimo perto de Nicópolis; Teodocião e outros fazem desta palavra um nome próprio do lugar; os intérpretes modernos dão a este termo a significação de cidadela, palácio, sentido que tem em hebreu, aramaico, siríaco, e até em árabe.

(1) **NAQUELE TEMPO PORÉM** — A maior parte dos Padres entendem todo este capítulo da vinda do Anticristo e fim do mundo. Com a qual exposição pode muito bem estar a de alguns antigos e não poucos modernos, que explicam o mesmo capítulo da perseguição que Antíoco Epífanes fez ao povo judaico.

2 E tôda esta multidão dos que dormem no pó da terra, acordará: Uns para a vida eterna, e outros para um opróbrio, que êles terão sempre diante dos olhos.

3 Ora aquêles que tiverem sido doutos, êsses resplandecerão com os fogos do firmamento: E os que tiverem ensinado a muitos o caminho da justiça, êsses luzirão como as estrêlas por tôda a eternidade.

4 Tu, porém, Daniel, tem fechadas estas palavras, e põe o sêlo no livro até o tempo determinado: Muitos o passarão pelos olhos, e a ciência se multiplicará.

5 Então vi eu, Daniel, e eis-que estavam em pé como outros dois homens: Um de uma parte sôbre a ribanceira do rio, e outro da outra parte sôbre a outra ribanceira do mesmo rio. (2)

6 E eu disse ao homem que estava vestido de roupas de linho, o qual se sustinha em pé sôbre as águas do rio: Quando se cumprirão estas maravilhas?

7 E eu ouvi que êste homem que estava vestido de roupas de linho, o qual se sustinha em pé sôbre as águas do rio, tendo levantado ao céu a sua mão direita, e a mão esquerda, jurou nesta ação por aquêles que vive eternamente, que isso seria depois de um tempo. e de dois tempos, e metade de um tempo. E tôdas estas coisas se cumprirão, quando se acabar a dispersão do ajuntamento do povo santo.

8 E eu ouvi o que êle dizia, mas não o entendi. E eu lhe disse: Meu Senhor, que sucederá depois dîsto?

9 E êle me respondeu: Vai Daniel, porque estas

QUE FOR ACHADO ESCRITO NO LIVRO — No livro da vida, como parafraseia de Carrières.

(2) **COMO OUTROS DOIS HOMENS** — S. Jerônimo entende que êstes que pareciam a Daniel outros dois homens, era um o anjo que presidia ao reino dos persas, outro o que presidia ao reino dos gregos.

Daniel 12, 10-13; 13, 1-2

palavras estão fechadas e seladas até o tempo predefinido.

10 Muitos serão escolhidos, e serão branqueados, e serão provados como pelo fogo: E os ímpios obrarão como ímpios, e nenhum ímpio terá inteligência, mas tê-la-ão os doutos.

11 E desde o tempo em que o sacrifício perpétuo fôr abolido, e a abominação para a desolação fôr posta, passarão mil e duzentos e noventa dias.

12 Bem-aventurado o que espera e que chega até mil e trezentos e trinta e cinco dias. (3)

13 Tu, porém, vai até o tempo predefinido: E descansarás, e ficarás na tua sorte até o fim dos dias.

*Até aqui lemo-lo nós do texto hebreu de Daniel. O que se segue até o fim dêste livro, foi traduzido da edição de Teodocião. **

CAPÍTULO 13

HISTÓRIA DE SUSANA INJUSTAMENTE ACUSADA E CONDENADA. DANIEL A LIVRA.

1 Havia também um homem que habitava em Babilônia, e o seu nome era Joaquim: (1)

2 Êste casou pois com uma mulher chamada Susana, filha de Helcias, formosíssima e temente a Deus:

(3) **E QUE CHEGA ATÉ MIL E TREZENTOS E TRINTA E CINCO DIAS** — Bem-aventurado aquêle que, morto o Anticristo sobre os mil e duzentos e noventa dias apontados, espera mais quarenta e cinco dias, nos quais Nosso Senhor e Salvador há de vir na sua majestade. — S. Jerônimo.

(*) Esta nota é de S. Jerônimo na sua Bíblia. — Pereira.

(1) **HAVIA TAMBÉM UM HOMEM QUE HABITAVA EM BABILÔNIA** — A história de Susana referida neste capítulo vem no grego no princípio do Livro de Daniel. Pelo seu contexto, se vê

3 Porque seus pais, como eram justos, instruíram a sua filha segundo a lei de Moisés.

4 Ora Joaquim era muito rico, e tinha uma horta ajardinada junto a sua casa: E os judeus concorriam a êle, porque era o mais respeitável de todos.

5 Naquele ano porém tinham sido constituídos juizes dois velhos dentre o povo, dos quais falou o Senhor quando disse: Que a iniquidade saiu de Babilônia por uns velhos que eram juizes, os quais pareciam governar o povo. (2)

6 Êstes freqüentavam a casa de Joaquim, e a êles vinham todos os que tinham negócios para julgar.

7 E ao meio-dia, quando o povo se tinha ido, entrava Susana, e passeava no pomar de seu marido.

8 E êstes velhos a viam entrar, e passear todos os dias: E conceberam uma ardente paixão por ela:

9 E assim perverteram o seu sentido, e voltaram os seus olhos para não verem o céu, nem se lembrarem dos justos juízos.

10 Êles pois estavam ambos feridos do amor de Susana, e todavia não declararam um ao outro o motivo da sua dor:

que o caso succedeu no tempo do cativo de Babilônia. Daniel era então muito moço, e daí é que êle começou a ser célebre entre o povo. De onde se conclui que isto foi no intervalo dos três primeiros anos do seu cativo, de sorte que, segundo a ordem dos tempos, o lugar desta história devia ser depois do capítulo 1. Susana quer dizer Açucena.

(2) **DOS QUAIS FALOU O SENHOR QUANDO DISSE** — Este dito não se acha nos livros da Sagrada Escritura, ou porque êle se não escreveu, ou porque se perdeu o livro em que estava escrito, encontra-se na tradição. Cfr. Glaire, *La Sainte Bible*.

11 Porque se envergonhavam de descobrir um ao outro o seu libidinoso apetite, tendo cada um tenção de corromper a Susana: (3)

12 Assim êles observavam todos os dias com grande cuidado o tempo em que a poderiam ver. Um dia pois disse um ao outro:

13 Vamos para casa, porque são horas de jantar. E tendo saído, se separaram um do outro.

14 Mas tornando logo a vir, se encontraram de novo no mesmo lugar: E depois de se terem perguntado de parte a parte a causa, confessaram ambos a sua paixão, e então de comum acôrdo ajustaram tempo, em que a pudessem achar só. (4)

15 Aconteceu pois que aguardando êles uma ocasião oportuna, entrou ela enfim como tinha de costume, acompanhada sòmente de duas donzelas, e quis lavar-se no pomar: Porque fazia calma:

16 E não estava então ali ninguém, senão os dois velhos, que estavam escondidos e a estavam contemplando.

17 Disse pois Susana às donzelas: Trazei-me cá os óleos, e as pomadas, e fechai as portas do jardim, para me lavar.

18 E fizeram as donzelas o que ela lhes tinha mandado: E fecharam as portas do jardim, e saíram pela porta travessa para trazerem o que lhes tinha mandado: Elas não sabiam que os velhos estavam dentro escondidos.

19 E tanto que as donzelas saíram, levantaram-se os dois velhos, e correram a ela, e lhe disseram:

(3) **TENDO CADA UM TENÇÃO DE CORROMPER A SUSANA** — Deve-se subentender, sem que o outro o soubesse, como parafraseia de Carrières.

(4) **NO MESMO LUGAR** — Isto é, em casa de Joaquim, de onde pouco havia que tinham saído.

20 Eis-aí estão fechadas as portas do jardim, e ninguém nos vê, e nós ardemos em paixão por ti: Rende-te pois ao nosso desejo, e entrega-te a nós:

21 Porque se tu não quiseses, daremos testemunho contra ti, dizendo que estava contigo um mancebo, e que por isso despediste de ti as donzelas.

22 Ao ouvir isto, deu Susana um grande gemido, e disse: De tôdas as partes me vejo cercada de angústias: Porque se eu fizer o que vós desejais, incorro na morte: E se o não fizer não escaparei das vossas mãos. (5)

23 Porém melhor me é a mim cair entre as vossas mãos sem cometer o mal, do que pecar na presença do Senhor.

24 E imediatamente deu Susana um grande grito: E os velhos também gritaram contra ela.

25 E um dêles correu à porta do jardim e a abriu.

26 Os criados da casa tendo pois ouvido gritar no jardim, correram lá pela outra travessa com ímpeto para verem o que era.

27 E depois que lhos disseram os velhos, ficaram os criados sumamente envergonhados, porque nunca tal coisa se tinha dito de Susana. E amanheceu o dia seguinte.

28 E tendo vindo o povo à casa de Joaquin, seu marido, vieram também os dois velhos, cheios do iníquo pensamento que tinham formado contra Susana, para lhe fazerem perder a vida.

29 E êles disseram diante do povo: Mandai bus-

(5) **INCORRO NA MORTE** — Chama morte ao pecado. Assim como logo para aquêle que comete adultério, é o adultério morte, assim todo o pecado que leva a morte, se deve chamar morte. *Pecatum mortem vocat. Sicut ergo ei, qui facit adulterium, mors est adulterium: sic omne peccatum, quod ducit ad mortem, mors appellandum est.* — S. Jerônimo.

car a Susana, filha de Helcias, mulher de Joaquim. E logo a mandaram buscar.

30 E ela veio acompanhada de seus pais e de seus filhos e de todos os seus parentes.

31 Ora Susana era por extremo delicada, e de uma formosura extraordinária.

32 Então aquêles iníquos lhe mandaram descobrir o rosto (porque o tinha coberto com um véu) para se fartarem ao menos assim com a vista da sua beleza. (6)

33 À vista pois dêste caso choravam os seus, e todos os que a conheciam.

34 Então aquêles dois velhos levantando-se no meio do povo, puseram as suas mãos sôbre a cabeça de Susana. (7)

35 A qual chorando levantou os olhos ao céu: Porque o seu coração tinha uma firme confiança no Senhor:

36 E os velhos disseram: Quando nós passeávamos sós no jardim, entrou esta mulher com duas donzelas: E fechou as portas do jardim, e despediu de si as donzelas.

37 E um mancebo, que estava escondido, veio-lhe ao encontro, e pecou com ela.

38 Ora nós, que estávamos então a um canto do jardim, vendo esta maldade, corremos a êles, e os vimos estar a ambos neste ato.

39 E nós não pudemos na verdade apanhar o mancebo, porque era mais forte do que nós e tendo aberto a porta se salvou correndo:

(6) **PORQUE O TINHA COBERTO COM UM VÉU** — Êste devia ser o costume, quando as mulheres saíam fora de suas casas, se não é que nesta ocasião estava Susana com o rosto coberto, como ré, segundo sabemos pelo caso de Erines, que se costumava fazer entre os gregos.

(7) **PUSERAM AS SUAS MÃOS** — Sôbre êste costume confira-se o Lev 24, 14. — **Pereira.**

40 Mas tendo nós apanhado a esta, lhe perguntamos que mancebo era aquêlé, e ela não nó-lo quis dizer: Dêste sucesso somos nós testemunhas.

41 Todo o ajuntamento lhes deu crédito, como a velhos e a juizes do povo, e êles a condenaram à morte.

42 Então exclamou Susana mui de rijo, e disse: Deus eterno, que penetras as coisas escondidas, que conheces tôdas as coisas ainda antes que elas sejam feitas.

43 Tu sabes que êles deram contra mim um falso testemunho: E eis-aqui morro, sendo que eu não fiz nada do que êles inventaram maliciosamente contra mim.

44 E escutou o Senhor a sua oração.

45 E quando a conduziam à morte, suscitou o Senhor o santo espírito de um moço ainda menino, cujo nome era Daniel:

46 E gritou em alta voz dizendo: Eu estou inocente do sangue desta mulher.

47 E tendo-se voltado para êle todo o povo, lhe disse: Que quer dizer essa palavra que tu acabas de proferir?

48 Daniel, pondo-se em pé no meio dêles, disse: E' possível, filhos de Israel, que sejais vós tão fátuos que sem forma de juízo, e sem mais informação da verdade, condenastes a uma filha de Israel?

49 Tornai a julgá-la de novo, porque êles disseram um falso testemunho contra ela.

50 Voltou pois o povo apressadamente, e os velhos disseram a Daniel: Vem, e assenta-te no meio de nós, e instrui-nos: Porque Deus te deu a honra da velhice. (8).

(8) **E OS VELHOS DISSERAM A DANIEL** — Um dito tão atento e cortês parece que não podia sair dos dois velhos tão desconcertados, e audazes: Senão é que o que disseram, o disseram por ironia e ludíbrio, como quem insultava a meninice e confiança de Daniel. Pelo que não é improvável a sentença de alguns, que

51 E Daniel disse aos dos povo: Separai-os longe um do outro, e eu os julgarei.

52 Tendo sido pois separados um do outro, chamou Daniel um dêles, e lhe disse: Homem inveterado no mal, os pecados que tu cometias noutro tempo, caíram agora sôbre ti. (9)

53 Sôbre ti que pronunciavas juízos injustos, que oprimias os inocentes, e que absolvias os culpados, apesar de dizer o Senhor: Tu não farás morrer o inocente e o justo.

54 Agora pois, se tu apanhaste esta mulher, dizê debaixo de que árvore os viste tu falar um com o outro. Ele respondeu: Debaixo de um lentisco. (10)

julgam, que os que falaram assim eram outros do Senado, que desejavam ver descoberta a falsidade do testemunho.

(9) **HOMEM INVETERADO NO MAL** — A letra: Homem envelhecido em dias maus. Isto é, homem que sempre fôste crescendo juntamente na malícia e na idade.

(10) **DEBAIXO DE UM LENTISCO** — Os intérpretes observam aqui no grego duas paranomásias, ou jogos de palavras: Uma entre o nome Schinon, o lentisco, e o verbo Schisci, partir-te-á; outra entre o nome Prinon, o carvalho, e o verbo Prisei, cortar-te-á. Esta foi a principal razão por que muitos antigos duvidaram de que êste capítulo fôsse escrito em hebreu ou aramaico, e consequentemente que fôsse Canônico. Sôbre o que é célebre uma carta de Orígenes respondendo às objeções de Júlio Africano, às quais ainda depois mostrava S. Jerônimo succumbir. Quanto porém à presente dificuldade, respondem muito bem os intérpretes modernos, seguindo a Orígenes, que ainda dado que no hebreu, ou aramaico não houvesse cognação alguma entre os nomes das árvores e os verbos significativos da qualidade do castigo, podia o tradutor grego, para dar lugar à paranomásia, substituir às arvores que vinham no original, outras cujos nomes em grego tivessem cognação com os verbos de que usou Daniel. Porque para o caso que se tratava, não era necessário exprimir as mesmas árvores, mas bastava exprimir duas diversas. Cfr. Glaire.

55 E Daniel lhe disse: Justamente é que a tua mentira vai a recair sobre a tua cabeça: Porque eis-aí o Anjo de Deus, que tendo recebido d'êle o poder de executar a sentença contra ti proferida, te partirá pelo meio.

56 E feito retirar êste, mandou que viesse o outro: E lhe disse: Raça de Canaã, e não de Judá, a formosura te seduziu, e a concupiscência te perverteu o coração.

57 Assim é que tu fazias às filhas de Israel, e elas por medo falavam convosco: Mas a filha de Judá não sofreu a vossa iniquidade.

58 Dize-me pois agora, debaixo de que árvore os apanhaste tu, quando se estavam falando. Respondeu êle: Debaixo de um carvalho.

59 E Daniel lhe disse: Justamente é também que a tua mentira vai a recair sobre a tua cabeça: Porque o Anjo do Senhor está esperando com a espada na mão, para te cortar pelo meio, e para vos matar a ambos.

60 Logo todo o povo gritou em altas vozes e bendisseram a Deus, que salva aos que esperam nêle.

61 E êles se levantaram contra os dois velhos (porque Daniel os tinha convencido por sua própria bôca de terem dado um testemunho falso) e lhes fizeram sofrer o mesmo mal que os dois tinham querido fazer a seu próximo,

62 para cumprirem a lei de Moisés: Assim êles os mataram e o sangue inocente foi salvo naquele dia.

63 Então Helcias e sua mulher louvaram a Deus por Susana, sua filha, com Joaquim, seu marido, e com todos os parentes, por se não ter nela achado coisa que ofendesse a honestidade.

64 E Daniel desde êste dia, e pelo decurso do tempo, se fêz grande diante do povo.

65 E o rei Astyages foi pôsto junto a seus pais e recebeu Ciro persa o seu reino dêle. (11)

CAPÍTULO 14

DANIEL DESCOBRE A IMPOSTURA DOS SACERDOTES DE BEL;
FAZ MORRER UM DRAGÃO ADORADO PELOS BABILÔNIOS;
É LANÇADO NO LAGO DOS LEÕES, E É DELE LIVRADO.

1 Daniel pois comia à mesa do rei, que o tinha elevado em honra sôbre todos os seus amigos.

2 Ora entre os babilônios havia um ídolo chamado Bel: E com êle se gastavam todos os dias doze astabes da flor da farinha e quarenta ovelhas e seis ânforas de vinho. (1)

3 O rei também adorava êste ídolo e todos os dias o ia adorar: Daniel porém adorava o seu Deus. E o rei lhe disse: Por que não adoras tu a Bel?

4 Daniel lhe respondeu, dizendo: Porque eu não adoro os ídolos, que são feitos por mãos dos homens, mas sim o Deus vivo, que criou o céu e a terra e que tem debaixo do seu poder tudo o que tem vida.

5 E o rei lhe disse: Não te parece a ti que Bel é um

(11) **E O REI ASTIAGES FOI PÔSTO JUNTO A SEUS PAIS** — Em frase hebréia, ser pôsto junto a seus pais, é ser enterrado no jazigo dêles. A questão é que Astiages é êste, de quem aqui se fala. Os modernos intérpretes convêm que êste versículo não pertence aqui, onde se termina a História de Susana, mas ao princípio do capítulo seguinte. — **Pereira.**

(1) **ASTABE** — Medida da Pérsia, de que faz menção Heródoto no livro primeiro da sua história; porém outros a reduzem a mais de tresdobrada medida pois fazem constar o astabe de setenta e dois sestários, que pela redução do nosso português Jerônimo Cardoso, contém cada uma oitava e meia.

ÂNFORA — E' provavelmente a ânfora ática.

Deus vivente? Tu não vês como êle come e como bebe cada dia?

6 E Daniel lhe respondeu sorrindo-se: O' rei, não te enganes: Porque êsse ídolo é de lodo por dentro e de metal por fora, e êle nunca comeu.

7 Então o rei todo irado chamou os sacerdotes de Bel, e lhes disse: Se vós me não disserdes quem é o que come tudo o que se gasta com Bel, morrereis.

8 Mas se vós mostrardes que Bel é quem come estas viandas, morrerá Daniel, porque blasfemou contra Bel. E Daniel disse ao rei: Faça-se segundo a tua palavra.

9 Ora os sacerdotes de Bel eram setenta, sem falar em suas mulheres, nas suas crianças, e em seus filhos. O rei, pois, foi com Daniel ao Templo de Bel.

10 E os sacerdotes de Bel lhe disseram: Olha que nós saímos para fora: E tu, ó rei, faze pôr as viandas e dar o vinho e fecha a porta do Templo e sela-a com o teu anel:

11 E quando entrares pela manhã, se não achares que Bel tem comido tudo, sem recurso algum morreremos, ou morrerá Daniel que mentiu contra nós.

12 Êles porém nada se lhes dava disto, porque tinham feito debaixo da mesa do Altar uma entrada secreta, e sempre entravam por ali, e comiam tudo.

13 Logo pois que os sacerdotes saíram, fêz o rei pôr as viandas diante de Bel: Daniel mandou aos seus criados que lhe trouxessem cinza, e êle a espalhou por todo o Templo diante do rei, fazendo-a passar por um crivo: E ao sair fecharam a porta do Templo: E tendo-a selado com o anel do rei se foram.

14 Mas os sacerdotes entraram de noite, segundo o seu costume, e suas mulheres, e filhos: E comeram e beberam tudo.

15 E o rei se levantou ao romper da manhã, e Daniel com êle.

16 E o rei lhe disse: Está inteiro o sêlo? Êle respondeu: Está inteiro, ó rei.

17 E logo o rei tendo aberto a porta, vendo a mesa sem nada, exclamou em alta voz dizendo: Tu és grande, ó Bel, e não há em ti engano algum.

18 E Daniel começou a rir: E deteve o rei para não passar mais adiante: E lhe disse: Vê êste pavimento, considera de quem são estas pegadas.

19 E disse o rei: Eu vejo pegada de homens, e de mulheres, e de crianças. E se encheu de ira o rei.

20 Então mandou prender os sacerdotes, e suas mulheres, e filhos: E êles lhes mostraram as portinhas secretas, por onde entravam, e vinham comer tudo o que estava sôbre a mesa.

21 O rei pois os mandou matar, e entregou o ídolo de Bel ao arbítrio de Daniel: Que o destruiu a êle, e ao seu Templo.

22 Havia também naquele lugar um grande dragão, e os babilônios o adoravam. (2)

23 E o rei disse a Daniel: Eis-aí está que tu não podes dizer agora que êste não seja um Deus vivente: Pois adora-o.

24 E Daniel lhe respondeu: Eu adoro o Senhor meu Deus: Porque êle é que é o Deus vivente: Êste porém não é Deus vivente.

(2) **HAVIA TAMBÉM NAQUELE LUGAR UM GRANDE DRAGÃO** — O demônio, que em figura de serpente enganou a nossos primeiros pais, foi sem dúvida o que meteu na cabeça à gentildade que tivessem a serpente por um animal sagrado, e a adorassem como Deus, e lhe dedicassem templos e altares, como o fôra de Babilônia.

25 E tu, ó rei, dá-me licença, e eu matarei êste dragão, sem espada, nem vara. E o rei lhe disse: Eu ta dou.

26 Daniel pois tomou um tanto de péz, e de gordura, e uns pelos, cozeu tudo junto: E fêz umas pelotas, e as meteu pela bôca ao dragão, e o dragão arrebentou. E Daniel disse: Eis-aí a quem vós adoráveis.

27 Os babilônios, tendo sabido isto, se indignaram fortemente: E tendo-se ajuntado contra o rei, disseram: O rei está feito judeu: Êle destruiu a Bel, êle matou o dragão, e fêz tirar a vida aos sacerdotes.

28 Êles pois, tendo vindo ao palácio do rei, lhe disseram: Entrega-nos Daniel, se não nós te mataremos a ti, e a tôda a tua casa.

29 Viu pois o rei que apertavam com êle fortemente: E constrangido da necessidade, lhes entregou Daniel.

30 Êles o lançaram no lago dos leões, e estava ali havia seis dias.

31 Havia porém no lago sete leões, e cada dia se lhes davam dois corpos, e duas ovelhas: Mas por então não lhos deram, a fim de que êles devorassem a Daniel.

32 Neste mesmo tempo estava o profeta Habacuc em Judéia, e êste tinha feito um mólho, e migado nêle uns pães dentro de um caldeirãozinho: E ia levá-los ao campo aos ceifeiros que lá trazia. (3)

33 Então disse o Anjo do Senhor a Hababuc: Leva a Babilônia êsse jantar que tens, para o dares a Daniel, que lá está no lago dos leões.

34 E Habacuc respondeu: Senhor, eu nunca vi Babilônia, e não sei onde é o lago.

35 Então o Anjo do Senhor o tomou pelo alto da

(3) **ESTAVA O PROFETA HABACUC EM JUDEIA** — Não se trata aqui de Habacuc, um dos profetas menores, segundo creio.

Daniel 14, 36-42

cabeça, e tendo-o pelos cabelos dela, o levou com apressada atividade do seu espírito até Babilônia, e o pôs sobre o lago.

36 E Habacuc gritou mui de riço, dizendo: Servo de Deus, toma o jantar que Deus te mandou.

37 E Daniel respondeu: O' Deus, tu te lembraste de mim, e não desamparaste os que te amam.

38 E levantando-se comeu Daniel. O Anjo do Senhor, porém, restituiu logo Habacuc ao seu lugar.

39 Ao sétimo dia veio pois o rei para chorar a Daniel: E chegou-se ao lago, e olhou para dentro, e eis-que vê a Daniel assentado no meio dos leões.

40 Então deu um grande grito o rei, dizendo: Tu és grande, ó Senhor Deus de Daniel. E fê-lo tirar do lago dos leões.

41 Ao mesmo tempo fêz lançar no mesmo lago aos que tinham maquinado a sua perdição, e foram devorados diante dêle num momento.

42 Então disse o rei: Todos os que habitam em tôda a terra, reverenceiem com temor a Deus de Daniel: Porque êsse é o Salvador, que faz prodígios, e maravilhas sobre a terra: O que livrou a Daniel do lago dos leões.



OSÉIAS

INTRODUÇÃO

Autor. — Oséias, cujo nome significa “Iahveh salva”, é o primeiro dos profetas menores, filho de Beerí, natural, segundo os melhores intérpretes, do norte do reino de Israel. Uma velha tradição refere que era originário de Belemot, cidade hoje desconhecida, na tribo de Issacar, onde morreu.

Época. — Oséias é o primeiro dos profetas menores da Vulgata. Este lugar primacial deriva, não da ordem cronológica, mas da extensão da sua profecia, mais importante do que as dos outros profetas menores. Oséias foi contemporâneo de Isaías. Profetizou após a ruína da casa de Acab, no tempo de Jeroboão II, sucessor de Jeú, no último ano do seu reinado. Sabe-se que Jeroboão governou durante 41 anos, de 825 a 784 A. C., datando a profecia de Oséias dêste último ano. A determinação desta data é importante para constatar o caráter sobrenatural das suas predições: anunciou a ruína da casa de Jeú, que teve lugar dois anos depois, em 782 A. C., e a da ruína de Israel, que se verificou em 721. No tempo de Jeroboão II, Israel atingira o zênite do esplendor e é nesse momento que Oséias prediz a sua ruína.

Estilo. — S. Jerônimo definiu em poucas palavras o estilo de Oséias: *Commaticus est et quasi per sententias loquens*. Profundamente impressionado pelas iniquidades do seu povo, exprimiu-se em frases repassadas de sentimento, enérgicas, entrecortadas, e por vêzes desconexas. O primeiro e o terceiro capítulo são em prosa; o resto da profecia está subordinada às leis do paralelismo.

Divisão. — Consta de duas partes: na primeira, cc. 1-3, expõe, sob uma forma simbólica, as infidelidades de Israel; na segunda, cc. 4-14, interpela diretamente o povo, censura os seus crimes, anuncia-lhe os males que cairão sobre Israel.

OSÉIAS

CAPÍTULO 1

INFIDELIDADE DE SAMARIA E DE SEUS FILHOS. SANGUE DE JEZRAEL VINGADO SOBRE A CASA DE JEÚ. REPROVAÇÃO DA CASA DE ISRAEL. PROTEÇÃO SOBRE A CASA DE JUDÁ. REUNIAO DOS FILHOS DE ISRAEL COM OS FILHOS DE JUDÁ.

1 Palavra do Senhor, que foi dirigida a Oséias, filho de Beeri, nos dias de Oséias, de Joatan, de Acaz, de Ezequias, rei de Judá, e nos dias de Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel. (1)

2 Principiou o Senhor a falar em Oséias: E disse o Senhor a Oséias: Vai, toma por tua mulher a uma pública meretriz, e tem dela filhos, que te nasçam de uma mulher que foi meretriz: Porque a terra deixará o Senhor, entregando-se com excesso à impureza. (2)

(1) **E NOS DIAS DE JEROBOÃO, FILHO DE JOÁS** — Era Jeroboão II, rei de Israel, que concorreu com Oséias, rei de Judá, e morreu primeiro que ele. (4 Rs 14, 2.)

(2) **PRINCIPIOU O SENHOR A FALAR EM OSÉIAS** — Este texto da Vulgata *Principium loquendi Domino in Osec*, ou pode significar que entre os profetas contemporâneos de Oséias (quais foram Amós, Jeremias, Joel, Miquéias, Abdias e Jonas), foi Oséias o primeiro a quem o Senhor inspirou que profetizasse, ou pode significar que as primeiras palavras que o Senhor disse a Oséias, quando

Oséias 1, 3-6

3 E foi, e tomou Oséias por sua mulher a Gomer, filha de Debelaim: E ela concebeu, e lhe pariu um filho.

4 E o Senhor disse a Oséias: Chama-o pelo nome de Jezrael: Porque ainda há-de passar um pouco de tempo, e eu visitarei o sangue de Jezrael sobre a Casa de Jeú, e farei cessar o reino da casa de Israel. (3)

5 E naquele dia quebrarei eu o arco de Israel no vale de Jezrael.

6 E concebeu outra vez Gomer, e deu à luz uma filha. E o Senhor disse a Oséias: Chama-lhe pelo seu nome Sem misericórdia: Porque eu me não tornarei mais a compadecer da casa de Israel, antes apagá-los-ei inteiramente da minha memória.

o mandou profetizar, foram estas: "Vai, toma por uma mulher a uma meretriz, etc." O primeiro sentido é o que S. Jerônimo expôs como o mais óbvio, seguindo a S. Basílio e a outros Padres anteriores; o segundo é o que exprimiram Sacy e de Carrières, seguindo a Menochio.

E TEM DELA FILHOS — Ou vertendo mais à letra: "E faze teus os filhos das suas prostituições." Estio nota que o *Fac* que aqui traz a Vulgata, dizendo: *Et fac tibi filios fornicationum*, não se acha nem no hebreu nem nos Setenta, e que também S. Jerônimo os não achava nos seus Exemplares, pois que em lugar de *Fac* manda subentender *Sume*. Pelo que suspeita Estio que o sentido do original era este: *Sume tibi uxorem fornicariam, et filios fornicationum*, isto é: Toma por tua mulher a uma meretriz, e por filhos os que ela tem deste infame trato.

(3) **CHAMA-O PELO NOME DE JEZRAEL** — Jezrael quer dizer a prosápia de Deus. E era nome de uma cidade de Samaria, em cujo espaçoso vale tinha Jeú morto em batalha a Jorão, rei de Israel, seu amo, contra quem se levantara, e a Ocosias, rei de Judá, que também ali se achava. 4 Rs 9, 24-27.

PORQUE AINDA HÁ DE PASSAR UM POUCO DE TEMPO — Quarenta e tantos anos depois da morte de Zacarias, rei de Israel, o último da estirpe de Jeú e seu bisneto, foram as dez tribos que formavam o reino de Israel levadas em exterminio para a Assíria. 4 Rs 18, 6. — S. Jerônimo.

7 Pelo contrário, eu me compadecerei da casa de Judá, e eu os salvarei no Senhor seu Deus: E salvá-los-ei não pelo arco, nem pela espada, nem pela guerra, nem pelos cavalos, nem pelos cavaleiros.

8 E desmamou Gomer a sua filha, que se chamava Sem misericórdia. E concebeu terceira vez e pariu um filho.

9 E o Senhor disse a Oséias: Chama-lhe pelo seu nome Não meu povo: Porque vós não sois já meu povo e eu não serei mais vosso.

10 O número dos filhos de Israel contudo será como a arcia do mar, que é sem medida, nem terá conto. E acontecerá que no lugar onde se lhes disse: Vós não sois já meu povo: Se lhes dirá: Vós sois os filhos do Deus vivente. (4)

11 Então os filhos de Judá, e os filhos de Israel se ajuntarão num corpo: E constituirão sobre si um mesmo chefe, e eles se elevarão da terra: Porque grande é o dia de Jezrael.

CAPÍTULO 2

REUNIAO DE ISRAEL E DE JUDÁ. REPROVAÇÃO DE SAMARIA
E DE SEUS FILHOS. RESTABELECIMENTO DE ISRAEL.

1 Dizei a vossos irmãos: Vós sois o meu povo: E a vossa irmã: Tu alcançaste misericórdia. (1)

(4) O NÚMERO DOS FILHOS DE ISRAEL — S. Paulo nos descobre neste texto uma profecia da futura Igreja, o novo Povo Israelítico do Senhor, que seriam os Cristãos. Rom 9, 25.26. — Pereira.

(1) DIZEI A VOSSOS IRMÃOS — Segundo a letra, isto é o que os filhos de Judá podiam dizer aos filhos de Israel ao tempo da sua tornada do cativeiro de Babilônia. E isto é também o que os cristãos poderão dizer aos judeus, quando estes tornarem para Jesus Cristo. E é este verso a continuação do capítulo precedente. — Escollaste de Carrières.

2 Julgai a vossa mãe, julgai-a: Porque ela não é mais minha espôsa, nem eu seu espôso; tire ela as suas fornicções da sua face, e os seus adúltérios do meio de seus peitos.

3 Para que não suceda que eu a despoje ficando ela nua, e a torne ao mesino estado em que ela se viu no dia do seu nascimento: E a reduza como a uma solidão, e a mude numa como terra sem caminho, e a mate à sêde.

4 E eu me não compadecerei de seus filhos: Porque são uns filhos de prostituição:

5 Porque sua mãe se prostituiu, aquela que os concebeu foi desonrada: Porque disse: Eu irei após os meus amantes que me dão pães, e as minhas águas, a minha lã, e o meu linho, o meu azeite, e a minha bebida.

6 Por isso eis-aqui estou eu em têrmos de te fechar o caminho com uma sebe de espinhos, e fechá-lo-ei com um montão de pedras, e ela não achará as suas veredas.

7 E irá em seguimento de seus amantes, e lhes não poderá chegar: E ela os buscará, e os não achará, e dirá: Irei, e voltarei para meu primeiro marido: Porque então passava eu melhor do que agora.

8 E ela não soube que eu fui o que lhe dei o trigo, e o vinho, e o azeite, e o que lhe multipliquei a prata, e o ouro, que ofereceram a Baal.

9 Por isso mudarei eu agora de procedimento a seu respeito, e tomarei o meu trigo a seu tempo, e o meu vinho a seu tempo, e livrarei a minha lã e o meu linho, que cobriam a sua ignomínia.

10 E eu descobrirei agora a sua loucura aos olhos de seus amantes: E não haverá homem que a possa tirar da minha mão:

11 E farei cessar todos os seus cânticos de alegria, os seus dias solenes, as suas luas novas, o seu sábadó, e tôdas as suas festas do ano.

12 E destruirei as suas vinhas, e as suas figueiras: De que ela disse: Estas são as minhas recompensas, que me deram meus amantes: E eu a reduzirei a um matagal, e devorá-la-á a alimária do campo.

13 E eu virei sôbre ela com a minha visita para a castigar pelos dias de Baalim, nos quais ela lhe queimava incenso, e se enfeitava com as suas arrecadas, e com os seus colares, e ia após os seus amantes, e se esquecia de mim, diz o Senhor.

14 Portanto, eis-aqui estou eu que a atrairei docemente a mim, e a levarei à soledade: E lhe falarei ao coração.

15 E eu lhe darei seus vinhateiros do mesmo lugar, e o vale de Acor, para entrar em esperança: E ali cantará ela cânticos, como nos dias da sua juventude, e como nos dias em que fêz a sua saída da terra do Egito.

16 E acontecerá isto naquele dia, diz o Senhor: Ela me chamará: Meu homem: E não me chamará mais, Baali.

17 E eu tirarei da sua bôca os nomes de Baal, e ela se não lembrará mais dos nomes dêles.

18 E farei aliança entre êles naquele dia, com as alimárias do campo, e com as aves do céu, e com os reptis da terra: E tirarei o arco, e a espada, e a guerra de cima da terra: E eu os farei dormir com tôda a segurança.

19 Então me desposarei eu contigo para sempre: E me desposarei contigo em justiça, e juízo, e em misericórdia, e em comiserações.

20 E me desposarei contigo com uma inviolável fidelidade: E saberás que eu sou o Senhor.

21 E acontecerá isto naquele dia: Eu escutarei, diz o Senhor, eu escutarei os céus, e êles escutarão a terra.

22 E a terra escutará ao trigo, e ao vinho, e ao azeite: E estas coisas escutarão a Jezrael.

23 E semeá-la-ei para mim na terra, e eu me compadecerei daquela que se chamava Sem misericórdia.

24 E direi ao que se chamava Não meu povo: Tu és o meu povo: E ele me dirá: Tu és o meu Deus.

CAPÍTULO 3

INFIDELIDADE DOS FILHOS DE ISRAEL: SEU DILATADO CATIVOIRO: SUA TORNADA PARA O SENHOR.

1 E o Senhor me disse: Vai ainda, e ama a uma mulher amada de seu amigo e adúltera: Assim como o Senhor ama os filhos de Israel, ainda quando eles põem os olhos nuns deuses estrangeiros, e gostam do bagaço das uvas.

2 Eu pois comprei esta mulher por quinze siclos de prata, e por coro e meio de cevada. (1)

3 Então lhe disse eu: Tu me esperarás largos dias: Durante os quais não fornicarás, nem serás para homem algum: E também eu te esperarei a ti: (2)

(1) **EU POIS COMPREI ESTA MULHER** — O verbo que aqui vem no hebreu, ora, significa cavar, ora comprar. O autor da Vulgata tomou-o no primeiro significado, dizendo: *et fodi eam mihi*, etc., referindo o pronome para a mulher considerada como vinha, porque debaixo do nome de vinha costumam os profetas na Escritura designar o povo judaico. Os Setenta tomaram-no no segundo significado, vertendo: *Et conduxi eam mihi*, porque com efeito entre os judeus, como ao depois também entre os romanos, se faziam os casamentos por compra. E assim o entenderam Sacy, Duhamel, Le Gros, e de Carrières, vertendo: Eu pois para comprar esta mulher dei quinze peças de prata, e medida e meia de cevada.

(2) **NEM SERÁS PARA HOMEM ALGUM** — Isto é, segundo S. Jerónimo, nem te prostituirás torpemente aos teus amantes, nem legitimamente te ajuntarás comigo, que te comprei, como marido. E este é o sentido que depois exprimiu Le Gros: *Et vous ne vous attachez a aucun homme*, e conseqüentemente nem comigo Oséias.

4 Porque os filhos de Israel estarão por muitos dias sem rei, e sem príncipe, e sem sacrifício, e sem altar, e sem efod, e sem terafins: (3)

5 E depois disto tornarão os filhos de Israel, e buscarão ao Senhor seu Deus, e a Davi seu rei: E no fim dos dias olharão êles com respeitoso temor para o Senhor, e para os bens que êle lhes terá feito.

Contudo, como em lugar do que diz a Vulgata: *Nec cris viro, trazem os Setenta, nec cris alteri viro, verteram Sacy e de Carrières, vous n'épouserez un autre mari*, e consequentemente só a mim Oséias terá por marido. Nesta contrariedade de inteligências, assim como no corpo preferi a do Doutor Máximo, assim aqui permito a opção aos sábios e discretos leitores.

(3) **ESTARÃO POR MUITOS DIAS SEM REI** — Profecia manifesta, não tanto do miserável estado em que os judeus se haviam de ver no largo espaço do cativeiro de Babilônia, até à sua tornada para Jerusalém em tempo de Zorobabel (que é como os seus rabinos o entendem) quanto da cegueira, obstinação, e desamparo, em que vai já no princípio do século décimo nono que nós os vemos depois da morte que deram a Cristo, e em que continuarão a estar até que no fim do mundo lhes abra Deus os olhos, para conhecerem e buscarem o mesmo Cristo, como seu verdadeiro Messias, e seu verdadeiro Deus.

E SEM EFOD — Isto é, sem exercício público de verdadeira religião, de que era símbolo o efod, vestido próprio de Sumo Sacerdote. — *Pereira.*

E SEM TERAFINS — Por terafins se podem aqui entender, ou as pedras do Racional, em que estavam escritos o Urim e o Tumim, como entenderam os Setenta; ou os querubins e mais ornatos do altar, como entendeu S. Jerônimo, e de nenhuma sorte os ídolos, que os judeus algum tempo adoraram, como o entendeu de Carrières, porque, como advertiu Calmet, o estar sem ídolos seria estado de felicidade para os filhos de Israel, e aqui o que se profetiza são as suas infelicidades.

CAPÍTULO 4

INFIDELIDADES LANÇADAS EM ROSTO AOS ISRAELITAS. VINGANÇA DE QUE SÃO AMEAÇADOS. JUDÁ EXORTADO A NÃO IMITAR A INFIDELIDADE DE ISRAEL.

1 Ouvi a palavra do Senhor, filhos de Israel, porque o Senhor vai a entrar em juízo com os habitantes da terra: Porque na terra não há verdade, nem há misericórdia, nem há conhecimento de Deus.

2 A maldição, e a mentira, e o homicídio, e o furto, e o adultério inundaram, e eles têm cometido mortes sobre mortes.

3 Por isso a terra chorará, e todo o que nela habita cairá em desfalecimento, com a alimária do campo, e com as aves do céu: E até os peixes do mar serão compreendidos nesta ruína.

4 Todavia, ninguém se meta a ser juiz neste particular: Nem pessoa alguma se repreenda: Porque o teu povo é como aquêles que contradizem ao sacerdote. (1)

5 Por isso tu perecerás hoje, e também perecerá contigo o profeta: Eu uma noite reduzi tua mãe a ficar em silêncio.

6 O meu povo se calou, porque não teve ciência: Porque tu rejeitaste a ciência, também eu rejeitarei a ti, para não exercer as funções do meu sacerdócio: E pois tu te esqueceste da lei do teu Deus, também eu me esquecerei de teus filhos.

7 À proporção do número que dêles se multiplicou,

(1) **TODAVIA** — Ninguém contudo intente arrastar com este povo rebelde para o convencer e obrigar a ceder à razão, porque ficará baldado o seu trabalho, visto atrever-se ele a resistir à vontade de Deus declarada pelo Sumo Sacerdote. Confira-se o Dt 17, 12.

assim multiplicaram os seus pecados contra mim: Eu mudarei a sua glória em ignomínia.

8 Eles comerão dos pecados do meu povo, e levantarão as suas almas a imitar a iniquidade dêles. (2)

9 Portanto o sacerdote será tratado do mesmo modo como o povo: E irei sobre ele com a minha visita para castigar os seus caminhos, e dar-lhe-ei a recompensa dos seus pensamentos.

10 E eles comerão, e não ficarão fartos: Eles se entregaram à devassidão, e não cuidaram de se retirar dela: Porque eles deixaram o Senhor, não guardando a sua lei.

11 A fornicação, e o vinho, e a embriaguez lhes fazem perder o sentido.

12 O meu povo consultou um pedaço de pau, e o seu bordão lhe predisse as coisas: Porque o espírito da fornicção os enganou, e eles se prostituíram deixando ao seu Deus. (3)

13 Eles sacrificavam sobre os cumes dos montes, e queimavam os perfumes sobre os outeiros: Como também debaixo dos carvalhos, e debaixo dos choupos, e debaixo dos terebintos, porque lhes era agradável a sua sombra: Por isso vossas filhas se darão à fornicção, e vossas espôsas serão adúlteras.

14 Eu não irei com a minha visita sobre as vossas filhas, quando se prostituírem, nem sobre as vossas espôsas, quando adulterarem, porque eles tinham trato com as

(2) **ELES COMERÃO DOS PECADOS DO MEU POVO** — Quer dizer, que se sustentariam das vítimas que o povo oferecia aos ídolos pelos seus pecados. — De Carrières.

(3) **O MEU POVO CONSULTOU UM PEDAÇO DE PAU** — Boa prova de que a fornicção, o vinho e a bebedice consistiam em consultar uns deuses de madeira e sem esperar resposta das mesmas varas, de que faziam os seus bordões.

meretrizes, e sacrificavam com os afeminados, e o povo sem entendimento será castigado.

15 Se tu, ó Israel, te entregas à prostituição, ao menos não peques Judá: E não vades a Galgala, e não subais a Betaven, nem jureis dizendo: Vive o Senhor.

16 Porque Israel se desencaminhou, como uma vaca que não pode sofrer o jugo: Agora os apascentará o Senhor, como a um cordeiro numa dilatada campina.

17 Efraim participante dos ídolos, larga-o.

18 Os seus banquetes são separados dos vossos, eles se engolfaram na fornicção: Os que o deviam proteger, foram os que se deram por bem pagos em o cobrir de ignomínia.

19 O vento o levou atado sobre as suas asas, e eles serão confundidos pelos seus sacrifícios.

CAPÍTULO 5

VINGANÇAS QUE O SENHOR EXERCITARÁ CONTRA ISRAEL E CONTRA JUDÁ.

1 Ouvi isto, ó sacerdotes, e atendei, ó casa de Israel e escutai, ó casa do rei: Porque sobre vós se vai a exercer o juízo, porque antes vós vos viestes a fazer para aquêles sobre que devíeis vigiar um laço, e uma rêde estendida sobre o Tabor.

2 E vós fizestes que as vítimas caíssem no profundo: Eu porém sou o mestre de todos êles. (1)

3 Eu conheço a Efraim, e Israel não me foi enco-

(1) **EU PORÉM SOU O MESTRE DE TODOS ÊLES** — E' o que soa a letra do texto *et ego eruditō omnium eorum*. E assim o construiu também S. Jerônimo. Contudo a Sacy e de Carrières agradeu mais verter assim: "Eu não cessei de vos instruir, e de vos repreender".

berto: Porque agora fornicou Efraim, contaminou-se Israel.

4 Eles não aplicarão os seus cuidados a voltar para o seu Deus: Porque o espírito das fornicções está no meio dêles, e porque não conheceram o Senhor.

5 E a arrogância de Israel se verá pintada na sua face: Assim Israel, como Efraim, precipitar-se-ão pela sua iniquidade, Judá cairá por terra também com eles. (2)

6 Eles andarão em busca do Senhor pelos sacrificios dos seus rebanhos, e das suas manadas, e eles o não acharão: Ele se retirou dêles.

7 Eles prevaricaram contra o Senhor, porque geraram os filhos bastardos: Agora serão consumidos dentro de um mês, eles e tudo o que possuem. (3)

8 Soai com a buzina em Gabaa, fazei retinir a trombeta em Rama: Dai berros em Betaven, tu, Benjamim, faze ouvir os teus por detrás de ti.

9 Efraim será em desolação no dia do castigo: Eu mostrei nas tribos de Israel a fidelidade da minha palavra.

10 Os príncipes de Judá obraram como uma gente que não cuida senão em estender as suas terras: Eu deramarei sobre eles a minha ira como uma torrente.

11 Efraim padece calúnia, oprimido de juízos: Porque ele começou a se deixar ir após as suas imundícies.

(2) **E A ARROGÂNCIA DE ISRAEL** — Tendo aqui a Vulgata com Áquila, Teodocião e S. Jerônimo, *arrogantia*, etc., não sei com que fundamento verteram Sacy e de Carrières *impudentia*. Porque os Setenta e Simaco, se não puseram *arrogantia*, puseram *injuria*. E nem *arrogantia* nem *injuria* se chama propriamente *impudentia*.

(3) **AGORA SERÃO CONSUMIDOS DENTRO DE UM MÊS** — Assim vertem os franceses o texto da Vulgata: *nunc devorabit eos mensis*, etc. S. Jerônimo, porém, com o aramaico o explica assim: "Agora cada mês os virá consumir o inimigo", etc.

12 E eu me fiz para Efraim como a traça: E para a casa de Judá como a podridão.

13 E viu Efraim a sua fraqueza, e Judá as suas cadeias: E Efraim recorreu a Assur, e Judá buscou um rei que fôsse o seu vingador: Mas êle não poderá curar-vos, nem poderá desatar as vossas cadeias. (4)

14 Porque eu serei para Efraim como uma leoa, e para a casa de Judá como um leãozinho: Eu, eu mesmo irei tomar a minha presa, e abalarei com ela: Eu a levarei, e não há quem ma arranque das mãos.

15 Partindo depois voltarei para o lugar onde habito: Até que vós caiais na última miséria, e busqueis a minha face.

CAPÍTULO 6

TORNADA DE ISRAEL E DE JUDÁ. REPREENSÕES DO SENHOR CONTRA UM E OUTRO.

1 Êles, vendo-se na sua tribulação, dar-se-ão pressa a recorrer a mim: Vindê, e tornemo-nos para o Senhor: (1)

2 Porque êle é o que nos cativou, e o que nos sarará: Êle o que nos feriu, e o que nos curará. (2)

3 Êle nos dará a vida em dois dias: Ao terceiro dia êle nos ressuscitará, e nós viveremos na sua presença. Nós entraremos na ciência do Senhor, e o seguiremos, a fim de o conhecermos: A sua saída está aparelhada como

(4) **E EFRAIM RECORREU A ASSUR** — Manaém, rei de Israel, chamou em seu socorro a Ful, rei dos assírios; Acáz, rei de Judá, chamou a Teglatfalasar, rei do mesmo país.

(1) **ÊLES, VENDO-SE** — À letra: “Levantar-se-ão de manhã na sua tribulação para recorrer a mim, dizendo uns para os outros: Vinde, etc. E’ um hebraísmo.

(2) **ÊLE O QUE NOS FERIU** — À letra: “êle o que nos ferirá”. Futuro pelo pretérito.

a da Aurora, e elle descerá sobre nós como a chuva temporã e seródia costuma vir sobre a terra.

4 Que te farei eu, ó Efraim? Que te farei, ó Judá? A vossa misericórdia não teve mais duração que as nuvens da manhã, e que o orvalho transitório da madrugada. (3)

5 Por isso é que os tratei duramente pelos meus profetas, eu os matei pelas palavras da minha bôca: E os juizos que eu exercitarei sobre ti, sairão tão claros como a mesma luz.

6 Porque o que eu quero é a misericórdia e não o sacrifício, e a ciência de Deus mais que os holocaustos. (4)

7 Mas elles como Adão quebraram o pacto, que tinham feito comigo; no mesmo culto que me davam prevaricaram contra mim.

8 Galaad é uma cidade dos artífices dos ídolos, tôda inundada de sangue.

9 E como as faces dos homens ladrões, ella se acha cúmplice com os sacerdotes, que matam no caminho aos que vão de Siquém: Pois obraram a maldade. (5)

10 Eu vi na casa de Israel uma coisa horrenda: Ali se acham as fornicacões de Efraim: Israel se vê contaminado.

11 Mas tu também, ó Judá, prepara-te para seres ceifado, até que eu torne a trazer o meu povo do cativeiro.

(3) **A VOSSA MISERICÓRDIA** — Isto é, a misericórdia que exercitais com os vossos próximos é inconstante.

(4) **PORQUE O QUE EU QUERO** — As vítimas e holocaustos que me agradam, são a salvação dos crentes, e a conversão dos pecadores. *Victimæ meæ et holocausta, salus credentium, et conversio peccatorum est.* — S. Jerônimo.

(5) **E COMO AS FACES** — Que nunca se fartam de sangue humano. Daqui parece que se pode colher que os sacerdotes postos por Jeroboão procuravam matar por intervenção dos de Galaad aos que concorriam ao templo de Jerusalém.

CAPÍTULO 7

REPREENSÕES E AMEAÇAS DO SENHOR CONTRA ISRAEL.

1 Quando eu queria curar a Israel, se fêz patente a iniquidade de Efraim, e a malícia de Samaria, pelas obras de mentira que fizeram: Por isso o roubador veio para os despojar por dentro, e o ladrão formigueiro por fora.

2 E porque talvez não digam nos seus corações que eu me lembrei de tôda a malícia dêles: Agora os cercaram para castigo outras invenções do seu capricho, as que têm sido cometidas diante da minha face.

3 Êles alegraram ao rei com a sua malícia: E aos príncipes com as suas mentiras. (1)

4 Todos êles são uns adúlteros, semelhantes a um fôrno aceso pelo forneiro: Cessou um pouquinho a cidade da mistura do fermento, até que a massa se levedou tôda.

5 Êste é o dia do nosso rei: Os príncipes começaram a enfurecer-se com o vinho: O rei estendeu a sua mão com os ilusores.

6 Quando êle pois lhes armava um laço, lhe descobriram êles o seu coração, como um fôrno: Tôda a noite dormiu o que os cozia, pela manhã êle mesmo apareceu todo esbraseado como fogo de chama.

7 Todos êles aqueceram como um fôrno, e devoraram os seus juízes juntamente com êles: Todos os seus reis caíram: Não há entre êles um só que clame a mim.

(1) **ÊLES ALEGRARAM AO REI COM A SUA MALÍCIA** — Fala de Jeroboão, primeiro rei de Israel, que foi o que introduziu nêle a idolatria, propondo-lhe para adorar como deuses em Dan e Betel dois novilhos de ouro, e em lhe obedecerem nisto os grandes e o povo, é que consistiu a alegria daquele sacrílego rei.

8 Efraim se misturava em pessoa com os povos: Efraim se fez como um pão que se coze debaixo da cinza, que não se volta de uma para outra parte.

9 Os estrangeiros comeram-lhe a fôrça, e êle o não sentiu: Os seus cabelos também se fizeram ainda todos brancos, e êle o não percebeu.

10 E a soberba de Israel à vista dêle mesmo será humilhada: E êles não se voltaram para o Senhor seu Deus, nem o buscaram em todos êstes males.

11 E se tornou Efraim como uma pomba enganada sem ter inteligência: Êles chamavam o Egito, êles foram buscar os assírios.

12 Mas depois que fôrem, eu estenderei sôbre êles a minha rêde: Eu os farei cair como uma ave do céu, eu os ferirei na conformidade do que êles têm ouvido nos seus congressos. (2)

13 Ai dêles, porque se retiraram de mim: Êles serão a prêsa de seus inimigos, porque prevaricaram contra mim: E eu os resgatei: E êles publicaram mentiras contra mim.

14 E não clamaram a mim do fundo do seu coração, mas uivavam nos seus leitos: Êles não meditavam senão como haviam de ter muito trigo e vinho, êles se retiraram de mim.

15 E eu os instruí, e lhes reforcei os braços: Mas êles pensaram contra mim a malícia.

16 Êles quizeram de novo sacudir o jugo: Fizeram-se como um arco doloso: Cairão mortos à espada os prin-

(2) NA CONFORMIDADE DO QUE ÊLES TÊM OUVIDO — A saber, as ameaças que se contêm no Dt cc. 27 e 28, e outras de outros profetas, de que faz menção a Escritura. 4 Rs 17, 13.

cipes dêles pelo furor da sua língua. Isto os tornará objeto de mofa na terra do Egito. (3)

CAPÍTULO 8

REPREENSÕES E AMEAÇAS CONTRA ISRAEL. AMEAÇAS CONTRA JUDÁ.

1 Soe na tua garganta uma trombeta estridente como o grito da águia sobre a casa do Senhor: Pelo motivo de que transgrediram o meu pacto, e quebrantaram a minha lei.

2 Êles me invocarão dizendo: Meu Deus, nós o povo de Israel te conhecemos.

3 Israel rejeitou o bem, o inimigo o perseguirá.

4 Êles reinaram por si mesmos e não por mim: Êles foram príncipes e eu não os conheci: Êles fabricaram para si ídolos da sua prata e do seu ouro, para se perderem:

5 O novilho que tu adoravas, ó Samaria, foi lançado por terra, o meu furor se acendeu contra êles: Até quando se não poderão êles purificar?

6 Porque de Israel é que veio êste ídolo: Um artífice o fabricou, e êle não é Deus: Porque o novilho de Samaria se tornará tão frágil como as teias das aranhas.

7 Porque êles semearão vento e segarão torvelinho: Não há nêle espiga direita, o seu grão não dará farinha: E se der alguma, comê-la-ão os estrangeiros.

8 Israel foi devorado: Agora é êle tratado entre as nações como um vaso imundo.

9 Porque êles recorreram a Assur, que é como um

(3) **ISTO OS TORNARA OBJETO DE MOFA** — Os israelitas do reino do norte contaram com o socorro do Egito para resistirem aos assírios, mas foram iludidos nas suas esperanças e foram conduzidos cativos para a Assíria.

asno silvestre que anda pela solidão senhor de si: Os de Efraim deram presentes aos seus amantes. (1)

10 Mas ainda depois que eles tiverem comprado bem caro o socorro das nações, eu os levarei então todos juntos: E eles serão descarregados por algum tempo dos tributos que pagavam ao rei e aos príncipes.

11 Porque Efraim multiplicou os altares para pecar: As aras se tornaram para ele em delito.

12 Eu lhe tinha prescrito um grande número de leis minhas, que foram reputadas como estranhas.

13 Eles me oferecerão hóstias, eles me imolarão vítimas e lhes comerão a carne e o Senhor não as receberá: Então se lembrará da sua iniquidade e visitará os seus pecados: Eles se voltarão para o Egito.

14 E Israel se esqueceu do seu Criador, e edificou novos templos: Judá também multiplicou as suas cidades fortificadas: Mas eu enviarei um fogo sobre as suas cidades e este devorará os seus palácios. (2)

CAPÍTULO 9

VINGANÇAS QUE O SENHOR EXERCITARÁ CONTRA ISRAEL. INFIDELIDADES DESTES POVO.

1 Não te alegres, Israel, não exultes como os povos: Porque tu abandonaste a teu Deus, amaste a recompensa sobre todas as eiras de trigo.

(1) ASSUR — Os assírios.

(2) E ESTE DEVORARÁ OS SEUS PALÁCIOS — O texto diz: *Et mittam ignem in civitates ejus, et devorabit aedes illius*. O que S. Jerônimo assevera que se deve entender, como eu o verti. *Illius haud dubium, quin Judam significet*. Contudo, Sacy e de Carrières, entendendo o *ejus* de Judá, e o *illius* de Israel, traduziram assim: “mas eu enviarei um fogo que queimará as cidades de Judá, e os templos de Israel.” Le Gros: “mas eu enviarei um fogo que queimará as cidades de Judá, bem como os palácios de Israel.”

2 A eira e o lagar os não sustentará, nem o vinho corresponderá à sua esperança.

3 Eles não habitarão na terra do Senhor: Efraim se tornou para o Egito e ele comeu viandas imundas entre os assírios.

4 Eles não farão libações de vinho ao Senhor, nem elas lhe serão agradáveis: Os seus sacrifícios serão como o pão que se come nos funerais: Todos os que comerem dêle, ficarão contaminados: Porque sendo o seu pão para a vida deles mesmos, não terá entrada na casa do Senhor. (1)

5 Que fareis vós no dia solene, no dia da festa do Senhor?

6 Porque eis-aí escaparam eles da desolação: O Egito os congregará. Mênfis os sepultará: Quanto à prata que eles cobiçaram a urtiga a herdará, crescerão os espinhos nas suas casas. (2)

7 Chegaram os dias da visita, chegaram os dias de retribuição: Sabe, Israel, que os teus profetas são uns loucos, que os teus espirituais são uns homens insensatos, por causa da multidão da tua iniquidade e do excesso da tua amência.

8 O sentinela de Efraim para com o meu Deus: o Profeta se tornou em laço para ruína sôbre todos os seus caminhos, em loucura na Casa de seu Deus. (3)

(1) **NOS FUNERAIS** — Porque os banquetes que em tais ocasiões se faziam entre os gentios eram imundos para os judeus. Confirmam-se os Núm 9, 11-14.

(2) **OS CONGREGARÁ** — Isto é, os refugiará para aí virem a morrer. E' a expressão hebréa.

CRESCERÃO OS ESPINHOS — À letra, "crescerá a erva amor de hortelão nos seus Tabernáculos, ou tendas. O idiotismo português diria "nascerão malvas no lugar das suas ruínas."

(3) **O SENTINELA DE EFRAIM** — Por este sentinela e por

9 Eles pecaram profundamente, como nos dias de Gabaa: O Senhor se lembrará da sua iniquidade: E visitará os seus pecados. (4)

10 Eu achei a Israel, como uns cachos de uvas, que se acham no deserto: Eu vi a seus pais, como os primeiros frutos da figueira que aparecem no cimo dela: Mas eles entraram em Beelfegor, e se alienaram de mim, para se cobrirem de confusão, e se tornaram abomináveis, como as coisas que amaram. (5)

11 A glória de Efraim voou como uma ave, seus filhos morreram à nascença, ou no ventre de suas mães, ou no momento em que foram concebidos. (6)

12 Mas ainda quando eles tenham criado alguns filhos, eu farei com que fiquem sem filhos entre os homens: E também aí deles quando eu me apartar deles. (7)

este profeta entende S. Jerônimo a Jeroboão, que, na qualidade de rei, devia ser uma e outra coisa, para conter o povo no culto do verdadeiro Deus. E diz o texto, "para com o meu Deus", porque quem aqui fala é o mesmo Oséias.

(4) **COMO NOS DIAS DE GABAA** — Alude ao enorme desafôro que os benjamitas tinham cometido em Gabaa contra a mulher de um levita, segundo se refere no livro dos Juizes, cap. 19.

(5) **MAS ELES ENTRARAM EM BEELFEGOR** — Beelfegor, lugar que tira o seu nome de uma divindade dos moabitas.

(6) **A GLÓRIA DE EFRAIM VOOU COMO UMA AVE** — Fora desta interpretação do texto, Ephraim quasi avis avolavit, gloria ejus a partu, etc. (que é a que deram Sacy, Le Gros e de Carrières) tinha S. Jerônimo proposto outras duas. Uma assim: "Efraim se foi voando como uma ave: a sua glória deixará também a seus filhos e a seus descendentes". Outra assim: Efraim se foi voando como uma ave: a sua glória vinha-lhe do grande número dos filhos que contava", maior em comparação ao que contava Judá.

(7) **E TAMBÉM AÍ DELES QUANDO EU ME APARTAR DELES** — Em lugar de vae eis, cum recessero ab eis, puseram os Setenta e Símaco: vae eis caro mea ex eis: aí deles, a minha carne procede deles. O que S. Jerônimo atribui a terem estes intérpretes

13 Efraim, pelo que vi, era outra Tiro fundada em formosura: Mas Efraim levará seus filhos ao que lhes há de tirar a vida.

14 Dá-lhes, Senhor. Que lhes darás? Dá-lhes um ventre estéril, e uns peitos secos.

15 Tôda a sua malícia apareceu em Galgal, porque ali é que lhes concebi aversão: Eu os lançarei fora da minha casa por causa da malícia das invenções do seu capricho: Eu não lhes tornarei mais a ter amor, todos os seus príncipes são apóstatas.

16 Efraim foi ferido, a raiz dêles se secou: Êles não darão mais fruto. E se ainda êles tiverem filhos, matarei aos mais queridos de suas entranhas.

17 O meu Deus os rejeitará, porque êles o não ouviram: E êles andarão errantes entre as nações.

CAPÍTULO 10

VINGANÇA DO SENHOR SOBRE ISRAEL. INFIDELIDADES DESTES POVO. AS DUAS CASAS DE JACÓ, PRIMEIRO A DE ISRAEL, DEPOIS A DE JUDÁ, CARREGARÃO CADA UMA COM O CASTIGO DAS SUAS INIQUIDADES.

1 Israel era uma vide frondosa, o fruto lhe correspondeu à medida: Segundo a multidão do seu fruto multiplicou os seus altares; à proporção da fertilidade da sua terra abundou em simulacros.

2 Dividiu-se o seu coração, agora perecerão: O Senhor vai a quebrar os seus simulacros, a deitar abaixo os seus altares.

lido nos seus exemplares hebreus **Basori** que quer dizer "a minha carne", em lugar de **Basari**, que quer dizer "O meu apartamento". Mas os padres gregos, que seguiam como autêntica a versão dos Setenta, encostados a ela entenderam este texto da Encarnação do Divino Verbo.

3 Agora pois dirão eles: Nós não temos rei: Porque não tememos o Senhor: E que nos fará o rei? (1)

4 Falai palavras de visão inútil, e fazei aliança: E o juízo como erva amarga brotará sobre os regos do campo.

5 Os habitantes de Samaria adoraram as vacas de Betaven: Porque o povo que adorava este ídolo chorou sobre ele, como também os guardas do seu templo a seu respeito exultaram na sua glória, porque esta lhes foi transferida para fora do seu país. (2)

6 Porquanto ele também foi levado a Assur, como um presente ao rei Vingador: A confusão se apoderará de Efraim, e ficará envergonhado Israel por haver seguido o seu capricho.

7 Samaria fêz desaparecer o seu rei, como uma escuma, que se levanta sobre a superfície da água.

8 E os altos consagrados ao ídolo, que fazem o pecado de Israel, serão desfeitos: Sobre os seus altares crescerão espinhos e abrolhos: E os filhos de Israel dirão aos montes: Cobri-nos: E aos outeiros: Caí sobre nós.

9 Desde os dias de Gabaa não fêz Israel mais que pecar, nisso têm eles perseverado: Não os apanhará a

(1) **AGORA POIS DIRÃO ELES** — Assim pede que se traduza a letra do texto *Quia nunc dicent*. Onde aquêl *nunc*, como observa S. Jerônimo, significa a brevidade com que estava a vir o cativo. Contudo, Sacy e de Carrières verteram: “Então dirão eles”, como se o texto dissesse *Tunc dicent*.

(2) **ADORARAM AS VACAS DE BETAVEN** — Chama, por irrisão, vacas os que na realidade eram novilhos, isto é, os novilhos de ouro, que Jeroboão tinha mandado pôr um em Betel, outro em Dan. E o dizer no plural vacas, é por enálage de número, pois o mesmo contexto mostra que se fala só de um novilho em cada parte.

CHOROU SOBRE ELE — Sobre Betaven. Seguimos a tradução de Glaire, ed. 1902.

Oséias 10, 10-15

peleja como quando êles combateram em Gabaa contra os filhos da iniquidade.

10 Eu os castigarei à medida do meu desejo: Quando êles assim fôrem punidos por causa das suas duas iniqüidades, se ajuntarão contra êles os povos.

11 Efraim é como uma novilha acostumada a gostar da debulha, mas eu passei por cima da formosura do seu pescoço: Montarei sôbre Efraim, Judá lavrará, Jacó abrirá os seus regos.

12 Semeai para vós na justiça, e segai na bôca da misericórdia, alqueivai os vossos pousios: O tempo porém de buscar o Senhor, será quando tiver vindo aquêle que vos há de ensinar a justiça:

13 Vós arastes a impiedade, segastes a iniquidade, comestes o fruto da mentira: Porque tu confiaste nos teus caminhos, na multidão dos teus valentes.

14 Levantar-se-á tumulto no teu povo: E tôdas as tuas fortificações serão destruídas, como foi destruído Salmana pela casa do que julgou a Baal no dia da peleja, esmagada a mãe sôbre os filhos. (3)

15 Assim vos fêz Betel à vista da malícia das vossas perversidades.

(3) **COMO FOI DESTRUÍDO SALMANA** — Foi um dos príncipes dos madianitas, que Gedeão derrotou em campanha, segundo se lê no livro dos Juizes, cap. 8. Oséias aludia a um fato conhecido pelos seus contemporâneos e depois esquecido. Temos a explicação numa passagem dos anais de Teglathalasar, rei da Assíria, que menciona um rei de Moab, chamado Schalamasur. E' possível que este rei tenha destruído Bet Arbul, conforme o que está nesta passagem, no original: "Como Schalman devastou Bet Arbul no dia da guerra." Havia duas cidades com este nome — uma na Dalila, entre Soforia e Tiberíades, outra a leste do Jordão, nos arredores de Pela.

CAPÍTULO 11

AMOR E CUIDADO PATERNAL DO SENHOR PARA COM ISRAEL.
INGRATIDÃO E INFIDELIDADE DESTES POVO. VINGANÇAS
QUE CAIRÃO SOBRE ELE. TERNURA DO SENHOR A SEU
RESPEITO.

1 O rei de Israel passou, como passou sempre uma manhã. Portanto Israel era menino, e eu o amei. E chamei do Egito a meu filho. (1)

2 Mas quanto mais os meus profetas os chamaram, tanto mais eles se retiraram da sua presença: Eles imolavam a Baal, e sacrificavam aos ídolos.

3 Entretanto eu, como o aio de Efraim, os trazia nos meus braços: E eles não conheceram que eu era o que cuidava deles.

4 Eu os atraí com as cordas com que se atraem os homens, com as prisões da caridade: E serei para eles como quem tira o jugo de cima dos seus queixos: E eu lhes fiz baixar o mantimento, para que comessem. (2)

(1) **E CHAMEI DO EGITO A MEU FILHO** — O evangelista S. Mateus, no cap. 2, v. 15, nos certifica que esta profecia no sentido próprio se cumpriu, quando Deus chamou do Egito a seu Filho, o Menino Jesus. O que é dizer-nos que o chamamento do povo de Israel do Egito para a Terra da Promissão, a que o profeta aqui alude, foi uma figura do chamamento de Cristo.

(2) **EU OS ATRAÍ COM AS CORDAS COM QUE SE ATRAEM OS HOMENS** — Sobre este célebre texto devem-se advertir aqui duas coisas. Primeira: Que ainda que a Vulgata diga no futuro, *Traham eos*, “eu os atrairei”, eu verti no pretérito, como se ela dissesse *traxerunt eos*, “eu os atraí”. E isto não só porque assim o quis o contexto, mas também porque no pretérito vertem este lugar todos os intérpretes que vi, e entre eles S. Jerônimo. Segundo: Que ainda que a Vulgata com o hebreu diga: *in funiculis Adam*, “com as cordas de Adão”, eu traduzi “com as cordas com que se atraem os homens”. E isto porque todos os intérpretes antigos, a saber: os Setenta, Aquila,

5 Ele não voltará para a terra do Egito, antes o mesmo Assur será seu rei: Porquanto eles não quiseram converter-se.

6 A espada começou a desembainhar-se nas suas cidades e ela consumirá os seus escolhidos e devorará os seus cabeças.

7 E o meu povo estará suspenso esperando que eu torne: Mas ser-lhes-á impôsto ao mesmo tempo um jugo, que lhes não será tirado.

8 Como te tratarei eu, ó Efraim? tomar-te-ei de baixo da minha proteção, ó Israel? Pois abandonar-te-ei eu, como a Adama? exterminar-te-ei eu, como a Seboim? O meu coração está comovido dentro de mim mesmo, acha-se abalado juntamente o meu arrependimento.

9 Eu não desafogarei todo o furor da minha ira: Não me voltarei para acabar de uma vez com Efraim: Porque eu sou seu Deus, e não um homem: Eu sou o Santo no meio de ti e não entrarei nas tuas cidades.

10 Eles andarão após o Senhor, que rugirá como um leão: Porquanto ele mesmo rugirá e os filhos do mar tremerão de medo.

11 E voarão do Egito como uma ave e da terra dos assírios como uma pomba: E eu os estabelecerei em suas casas, diz o Senhor.

12 Efraim me cercou na mentira, e a casa de Israel no engano: Judá porém se conduziu com Deus e com os Santos, como uma testemunha fiel.

Símaco e Teodocião, todos em lugar de *in funiculis Adam*, puseram *in funiculis hominum*, sinal de que no original hebreu se devia tomar Adam não como nome próprio do nosso primeiro pai, mas como um nome genérico que signifique todos os homens em geral. No que com os quatro antigos intérpretes convém também S. Jerônimo, e com S. Jerônimo todos os modernos que vi.

CAPÍTULO 12

INFIDELIDADE DE EFRAIM. JUÍZO DO SENHOR CONTRA
JUDÁ. TODA A CASA DE JACÓ CASTIGADA.

1 Efraim apascenta o vento e segue a calma: Ele todos os dias ajunta mentira sôbre mentira e destruição sôbre destruição: E fez liga com os assírios e levava o seu azeite ao Egito.

2 O juízo pois do Senhor será com Judá e a sua visita virá sôbre Jacó: Ele tornará conforme os seus caminhos e conforme as invenções do seu capricho.

3 Jacó deu sancadilha no ventre de sua mãe a seu irmão: E na sua fortaleza lutou com um anjo.

4 E prevaleceu contra o anjo e foi esforçado: Ele chorou, e lhe fez suas rogativas: Ele achou a Deus em Betel e ali falou conosco. (1)

5 Portanto o Senhor Deus dos exércitos, êste Senhor ficou sempre na sua memória.

6 E tu converter-te-ás ao teu Deus: Guarda a misericórdia e a justiça e espera sempre no teu Deus. (2)

7 Canaã, em cuja mão está uma balança enganosa, amou a calúnia. (3)

8 Efraim disse: Eu todavia cheguei a ser rico, tenho adquirido para mim um ídolo: Tôdas as minhas fadigas

(1) **E ALI FALOU CONOSCO** — Isto é, conosco seus descendentes, a cujo respeito falou Deus a Jacó, o que se lê no livro do Gên 27, 32.

(2) **E TU CONVERTER-TE-AS** — Assim a Vulgata no futuro do indicativo, et tu converteris. Aos mesmos franceses agradou-lhes mais verter no imperativo: “E tu converte-te”, que é como a Vulgata traz adiante no cap. 14, v. 2.

(3) **CANAÃ, EM CUJA MÃO** — O nome de Canaã designa aqui a Israel, que estava tão corrompido como os cananeus. — *Escolliaste de Carrières.*

Oséias 12, 9-14

me não poderão lançar em rosto iniquidade alguma, que eu haja cometido.

9 E eu, o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, deixar-te-ei repousar ainda nas tuas tendas, como nos dias de festa.

10 Também sou o que te falei pelos profetas e eu lhes multipliquei as visões: E pela mão dos mesmos profetas fui representado debaixo de diferentes figuras.

11 Se há ídolo em Galaad, logo debalde havia quem sacrificasse aos bois em Galgal: Porque até os seus altares se acham como os montões de pedras sôbre os regos do campo. (4)

12 Jacó fugiu para a região da Síria e serviu Israel para ter mulher e para ter mulher guardou o gado.

13 E o Senhor fêz sair a Israel do Egito pelo profeta: E êle o conservou pelo profeta.

14 Efraim me provocou a ira dando-me os seus motivos de amargura, mas o seu sangue virá sôbre êle e o seu Senhor lhe tornará o seu opróbrio.

(4) **SE HÁ ÍDOLO EM GALAAD** — Se o bezerro adorado em Galaad não salvou aos galaaditas, perdem por certo o tempo e o trabalho aquêles que sacrificam aos bois em Galgal, pois a imitação dos galaaditas não serão defendidos pelos seus ídolos, ainda que os altares a êles consagrados sejam, como são, já tantos, que igualam os montões das pedras arrancadas da terra e lançadas fora pelos lavradores, quando a cultivam. Para cuja inteligência convém ter advertido que o cativoiro das dez tribos para a Assíria começou pelos galaaditas, onde reinava muito a idolatria. 4 Rs 15, 29.

CAPÍTULO 13

REPREENSÕES E AMEAÇAS CONTRA OS FILHOS DE ISRAEL. PROMESSAS DO SEU LIVRAMENTO.

1 Ao falar Efraim, ficou Israel tomado de horror, mas êle delinuiu adorando a Baal e morreu.

2 E agora têm êles acumulado pecados sôbre pecados: E fizeram para si estátuas da sua prata como à semelhança dos ídolos, o que tudo é obra de artífices: A êstes dizem êles: Homens que adorais os bezerros, vinde sacrificar-lhes.

3 Por isso êles serão como a nuvem da manhã e como o orvalho da manhã que logo passa, como o pó arrebatado da eira pelo torvelinho e como o fumo de uma chaminé.

4 Eu porém sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito: E tu não conhecerás outro Deus fora de mim e não há Salvador senão eu.

5 Eu tive cuidado de ti no deserto, numa terra de esterilidade. (1)

6 Êles se encheram e se fartaram à proporção das suas pastagens: E levantaram o seu coração e se esqueceram de mim.

7 E eu serei para êles como uma leoa, como um leopardo no caminho da Assíria.

8 Eu lhes saírei ao encontro, como uma ursa a quem roubaram os seus cachorros, e eu lhes rasgarei as entranhas até lhes chegar ao fígado: E os consumirei ali como um leão, as alimárias do campo os atassalharão.

(1) **EU TIVE CUIDADO DE TI NO DESERTO** — é conforme os Setenta, que em lugar do que traz a Vulgata, *Ego cognovi te in deserto*, isto é, "Eu te conheci no deserto", dizem êles *Ego pavi te in deserto*: Eu te mantive no deserto. E' um hebraísmo. — **Percira.**

9 A tua perdição, ó Israel, tôda vem de ti: Só em mim está o teu auxílio. (2)

10 Onde está o teu rei? Êle te salve agora mais que nunca em tôdas as tuas cidades: E salvem-te os teus governadores, de quem tu disseste: Dá-me rei, e príncipes.

11 Eu te dei um rei no meu furor e eu to tirarei na minha indignação. (3)

12 Tôdas as iniquidades de Efraim estão atadas juntas, o seu pecado está guardado em segredo.

13 Sôbre êle virão as dores, como de uma mulher que está para parir: Êle é um filho insensato: Pois não prevalecerá agora no desbarato de seus filhos.

14 Eu os livrarei do poder da morte: Eu os resgatarei da morte; ó morte, eu serei a tua morte; ó inferno, eu serei a tua mordedura: A consolação está escondida de meus olhos. (4)

(2) **A TUA PERDIÇÃO** — Como o original não exprime o verbo a quem se refere o nominativo, *perdição tua*, são mui vários os sentidos que aqui concebem os intérpretes. Calmet, pondo por primeiro o que vai no corpo (que é também o que Sacy, Duhamel e de Carrières preferiram), acrescenta que também se pode traduzir assim: Estás perdido, ó Israel. Ou: Eis-aqui, ó Israel, qual é a tua perdição.

(3) **EU TE DEI UM REI** — A Vulgata diz no futuro: *Dabo tibi Regem*, etc., “eu te darei um rei”. Mas todos aqui reconhecem enálage de tempo, em que se põe futuro por pretérito. Este rei porém que Deus deu a Israel, pode considerar-se ou Saul, ou Jeroboão; bem assim como pelo rei que êle lhes tirará, se pode entender Oséias, último rei que foi de Israel.

(4) **EU OS LIVRAREI DO PODER DA MORTE** — Das ameaças passa, o Senhor a consolar o seu povo, com a promessa de que algum dia os livrará da morte do cativo, e isto para significar neste livramento do povo israelítico do cativo dos assírios, a redenção de todo o gênero humano do cativo do demônio, que Jesus Cristo nos havia de alcançar com a sua morte.

Ó MORTE, EU SEREI — S. Paulo cita este texto por interro-

15 Porque êle separará os irmãos uns dos outros: O Senhor fará vir um vento abrasador, que se levantará do deserto: E secará os regatos dêle, e fará estancar as suas matizes, e êle roubará o tesouro de todos os seus vasos apeteceíveis.

CAPÍTULO 14

RUÍNA DE SAMARIA. ISRAEL EXORTADO A SE CONVERTER AO SENHOR. BENS DE QUE O SENHOR ENCHERÁ A ISRAEL NO TEMPO DA SUA TORNADA.

1 Pereça Samaria, porque concitou seu Deus a amargurar-se: Pereçam aos fios da espada, sejam machucados seus tenros infantes, e sejam fendidas pelo ventre as suas prenhas.

2 Converte-te, ó Israel, ao Senhor teu Deus: Porque pela tua iniquidade é que caíste.

3 Tornaí convosco humildes palavras, e converteivovos ao Senhor: E dissei-me: Tira-nos tôdas as nossas iniquidades, recebe êste bem: E nós te ofereceremos novilhos em sacrifício com os louvores dos nossos lábios. (1)

4 Assur não nos salvará, nós não montaremos em cavalos, nem diremos jamais: Os nossos deuses são as

gação, conforme os Setenta: Onde está, ó morte, a tua vitória; onde está, ó morte, o teu aguilhão? (1 Cor 15, 55). E acrescentando logo: Mas graças a Deus, porque nos deu a vitória por Nosso Senhor Jesus Cristo, nota bem S. Jerônimo que, segundo o apóstolo, se deve entender o texto do profeta da vitória, que Cristo alcançou da morte no dia da sua Ressurreição, e com a qual nos segurou também a nossa.

(1) **TOMAI CONVOSCO HUMILDES PALAVRAS** — Subentende-se, em lugar de vítimas, como parafraseia Le Gros, cuja tradução preferi aqui à de Sacy e de de Carrières, por ser mais literal. Porque, dizendo a Vulgata Tollite vobiscum verba, êles verteram: "Imprimi nos vossos corações as palavras de Deus."

obras das nossas mãos: Porque tu te compadecerás daquele pupilo que descansa em ti.

5 Eu curarei as suas chagas, amá-los-ei por um puro efeito do meu beneplácito: Porque o meu furor se tem apartado dêles.

6 Eu serei como um orvalho, Israel brotará como a açucena, e a sua raiz romperá em lançamento, como as plantas do Líbano.

7 Estender-se-ão os seus ramos, e a sua glória será como a oliveira: E o seu cheiro, como o do Líbano.

8 Êles virão repousar debaixo da sua sombra: Verão de trigo, e deitarão os seus renovos, como uma vinha: A sua nomeada rescenderá como o vinho do Líbano.

9 Depois disto dirá Efraim: Que tenho eu mais com os ídolos? Eu o escutarei e eu o farei crescer para cima como a uma viçosa faia: De mim virá o achar-se em ti o teu fruto. (2)

10 Quem é o sábio, e o que entenderá estas maravilhas? Quem o inteligente, e o que saberá estas coisas? Porque os caminhos do Senhor são direitos, e nêles andarão os justos: Os prevaricadores porém cairão nêles.

(2) **DEPOIS DISTO DIRÁ EFRAIM** — É conforme o aramaico e o siríaco, antes que de **Ephraim** trazem o verbo *Dicent*, que falta na Vulgata, e de que **Efraim** parece ser o nominativo. Pelo que Duhamel e Le Gros traduziram como eu pus no corpo. Sacy, porém, e de Carrières, supondo que **Ephraim** estava em vocativo, verteram: “Depois disto, ó Efraim, cuidarás tu ainda nos ídolos.”

INDICE DAS GRAVURAS

- I — Dêem-se pressa, principiem o lamento sobre nós.
- II — Porque eis-aí virá o Senhor no fogo, e as suas quadrigas como um torvelinho.
- III — Eis-aí subirá como águia, e voará.
- IV — Visão de Isaías.
- V — Os magnates enviaram os seus inferiores por água.
- VI — Então disseram os príncipes e todo o povo aos sacerdotes e aos profetas: Este homem não merece a morte.
- VII — Ainda plantarás vinhas nos montes de Samaria.
- VIII — Porque a cidade forte será assolada, a formosa será despovoada, e será deixada como um deserto.
- IX — Mulheres opulentas, levantai-vos, e ouvi a minha voz.
- X — Eis-aí sairá fora o redemoinho da indignação do Senhor, e a tempestade que descarrega.
- XI — Ai de tí, Moab, pereceste, ó povo de Camos.
- XII — O lobo e o cordeiro se apascentarão juntos.
- XIII — Armai-vos de fortaleza, filhos de Benjamim, no meio de Jerusalém, e fazei soar a trombeta em Técuá, e levantai o estandarte sobre Betacarem.
- XIV — O Deus de Israel fala a Acab e a Sedecias.
- XV — E tirou os olhos a Sedecias.
- XVI — Tomada de Babilônia.
- XVII — Tomaram pois a Jeremias e o lançaram no calabouço de Melquias.
- XVIII — E comprei o campo a Hanameel.
- XIX — Isto diz o Senhor: Eis-aqui estou eu que entregarei a Faraó Efreo, rei do Egito, na mão de seus inimigos.
- XX — E tu, Fassur, e todos os moradores da tua casa ireis para o cativoeiro.

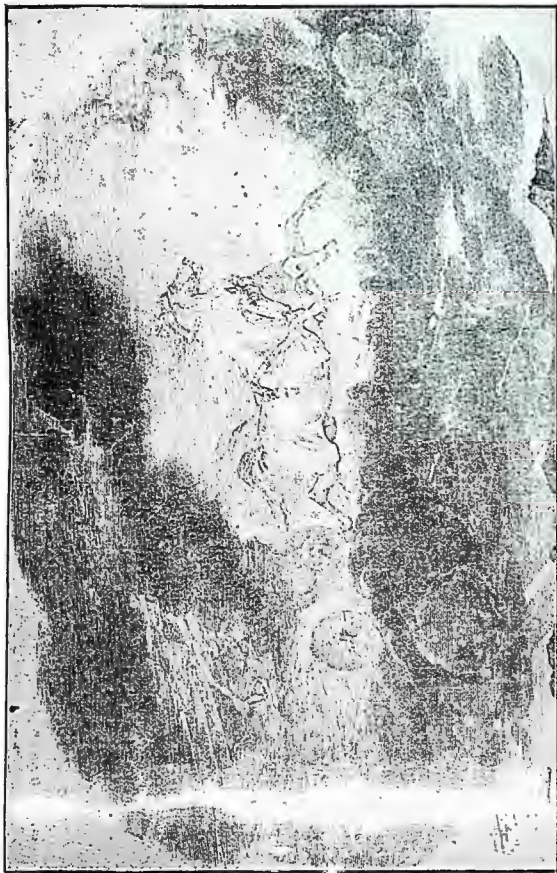
- XXI — "E tomou Ezequias as cartas da mão dos mensageiros.
- XXII — Adamelec e Sarasar ferem Senaquerib.
- XXIII — Jerusalém assediada.
- XXIV — Parte o teu pão ao que tem fome, e introduze em tua casa os pobres, e os peregrinos.
- XXV — Saindo pois de Masfat a recebê-las Ismael, filho de Natánias, ia andando e chorando.
- XXVI — E dissiparei o conselho de Judá e de Jerusalém neste lugar.
- XXVII — Põe-te em pé à porta da casa do Senhor, e prega aí estas palavras.
- XXVIII — E tendo Judá lido três ou quatro páginas, o cortou com o canivete do escriba, e o lançou no fogo.
- XXIX — E lhe falou com muita afabilidade, e mandou pôr o trono do mesmo Joaquim acima dos tronos dos reis, que eram abaixo d'ele em Babilônia.
- XXX — Eu os trarei ao meu santo monte, e os alegrarei na casa da minha oração.
- XXXI — E tiraram a Urias do Egito.
- XXXII — Em suas encruzilhadas se acharam eles vestidos de sacco.
- XXXIII — Farei nascer na solidão o cedro, e o espinheiro, e a murta, e a árvore da azeitona.
- XXXIV — Os fabricantes dos ídolos.
- XXXV — E reventará o espírito do Egito nas suas entranhas.
- XXXVI — E fui à casa do oleiro, e eis-que ele estava fazendo a sua obra sobre a roda.
- XXXVII — Pranto de Jeremias.
- XXXVIII — Palavras de Jeremias, filho de Helcias.
- XXXIX — Desolação de Jerusalém após a sua ruína.
- XL — O profeta Baruc.
- XLI — E estas são as palavras do livro que escreveu Baruc.
- XLII — Os deuses d'elles têm por certo coroas de ouro sobre as suas cabeças.
- XLIII — E aconteceu aos trinta anos, em o quarto mês, a cinco dias do mesmo.
- XLIV — Tu pois filho do homem, pega num ladrilho, e pô-lo-ás diante de ti.

- XLV — E demolirei os vossos altares, e serão quebrados os vossos simulacros, e arrojarei os vossos mortos entre os vossos ídolos.
- XLVI — E tu, filho do homem, dize: Isto diz o Senhor Deus à terra de Israel.
- XLVII — Por isto dize tu à casa de Israel: Isto diz o Senhor Deus: Converti-vos, e retirai-vos dos vossos ídolos.
- XLVIII — Tipos das principais nações, mencionadas no cap. 30 de Ezequiel.
- XLIX — A mão do Senhor veio sobre mim, e me tirou para fora pelo espírito do Senhor.
- L — E girando correrão tôda a terra.
- LI — Nabucodonosor sitia Jerusalém.
- LII — O profeta Daniel.
- LIII — Azarias porém pôsto em pé fêz esta oração.
- LIV — O rei Baltasar deu um grande banquete a mais de mil grandes da sua côrte.
- LV — Então passou o rei as ordens: E elles trouxeram a Daniel, e o deitaram no lago dos leões.
- LVI — Enquanto ajoelhado Daniel faz as suas orações, aparece o anjo Gabriel para instrui-lo.
- LVII — Entrou ela enfim como tinha de costume e quis lavar-se no pomar.
- LVIII — Susana defende-se da accusação que lhe é assacada.
- LIX — Daniel confunde os sacerdotes de Bel.
- LX — Palavra do Senhor, que foi dirigida a Oséias.



“Dêem-se pressa, principiem o lamento sobre nós; distilem lágrimas os nossos olhos, e as nossas pálpebras se aluguem de rios de águas”.

(Jeremias 9, 17.18) Vol. 7.º, pág. 244



“Porque eis-aí virá o Senhor no fogo, e as suas quadrigas como um torvelinho:
Para desafogar em recompensa com indignação o seu furor, e a sua increpação
com labaretas de fogo”.

(Isaías 66, 15) Vol. 7.º, pág. 194



“Eis-aí subirá como água, e voará: E estenderá as suas asas sobre Bosra e o coração dos valentes de Iduméia será, naquele dia, como o coração duma mulher, que está com dores de parto”.

(Jeremias 49, 18, 22) Vol. 7.º, pág. 386



“Visão de Isaias”.

(Livro de Isaias)



“Os magnates enviaram os seus inferiores por água: Foram a tirá-la, não acharam água, voltaram com os seus cântaros vazios: Confundiram-se e alligiram-se e cobriram as suas cabeças”.

(Jeremias 14, 3) Vol. 7.º, pág. 261



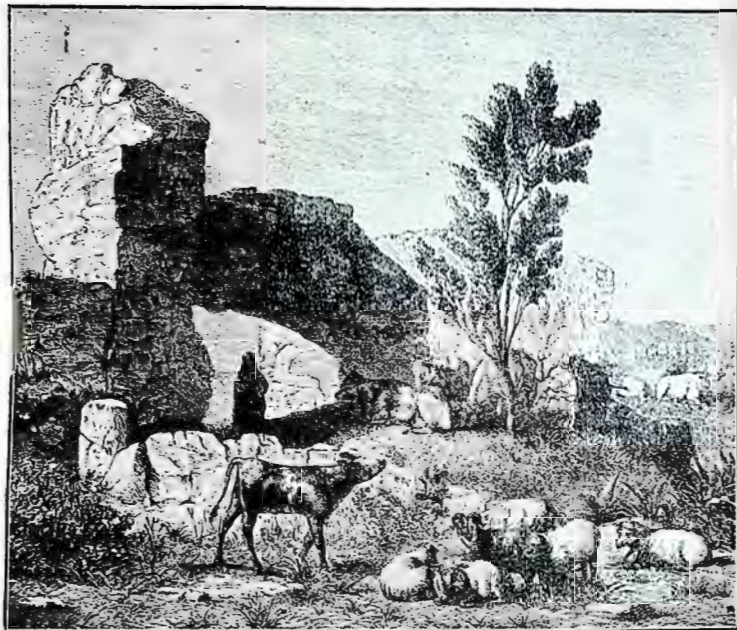
“Então disseram os príncipes, e todo o povo aos sacerdotes e aos profetas: Este homem não merece a morte: Porque nos falou em nome do Senhor nosso Deus”.

(Jereemias 26, 16) Vol. 7.º, pág. 304



“Ainda plantarás vinhas nos montes de Samaria: Plantarão os plantadores, e enquanto não chegar o tempo, não vindimarão”.

(Jeremias 31, 5) Vol. 7.º, pág. 319



“Porque a cidade forte será assolada, a formosa será despovoadada, e será deixada como um deserto: Ali será apascentado o novilho, e ali se recostará, e consumirá as pontas da sua verdura”.

(Isaías 27, 10) Vol. 7.º, pág. 54



“Mulheres opulentas, levantai-vos, e ouvi a minha voz: Filhas confiadas, percebei aplicando os ouvidos às minhas expressões”.

(Isaías 32, 9) Vol. 7.º, pág. 75



“Eis-ai sairá fora o redemoinho da indignação do Senhor, e a tempestade que descarrega: Tudo virá sôbre a cabeça dos ímpios”.

(Jeremias 23, 19) Vol. 7.º, pág. 293



“Ai de ti, Moab, pereceste, ó povo de Camos: Porque presos
foram teus filhos, e tuas filhas para o cativoiro”.
(Jeremias 48, 46) Vol. 7.º, pág. 332



“O lóbo e o cordeiro se apascentarão juntos, o leão e o bói
comerão a palha: E o pó será para a serpente o seu pão: Eles
não farão mal, nem matarão em todo o meu santo monte, diz
o Senhor”.

(Isaías 65, 25) Vol. 7.º, pág. 191



“Armai-vos de fortaleza, filhos de Benjamim, no meio de Jerusalém, e fazei soar a trombeta em Têcua, e levantai o estandarte sôbre Betacarem: Porque da banda do Aquilão apareceu um mal, e uma grande ruína”.

(Jeremias 6, 1) Vol. 7.º, pág. 230



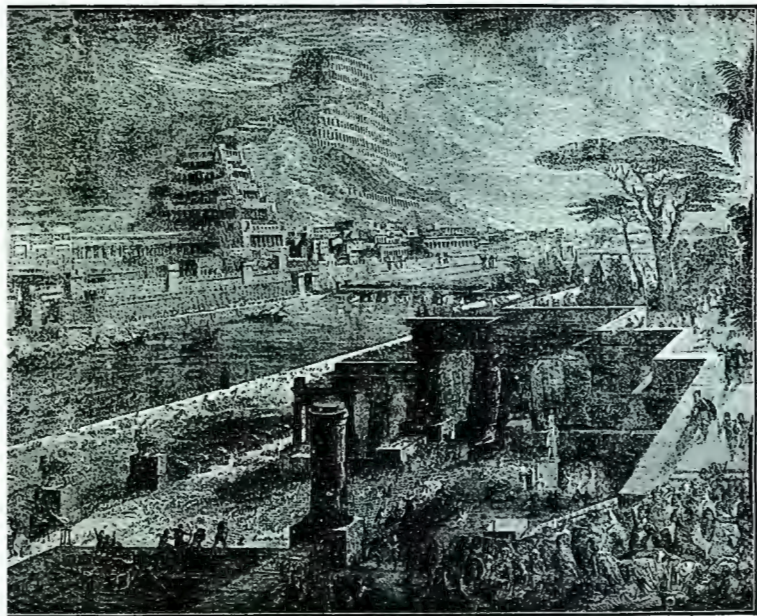
“Isto diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel, a Acab, filho de Golias, e a Sedecias, filho de Maacias, que vos profetizam falsamente em meu nome: Eis-aqui estou eu que os entregarei nas mãos de Nabucodonosor, rei de Babilônia: E ele os fará matar diante dos vossos olhos”.

(Jeremias 29, 21) Vol. 7.º, pág. 314



"E tirou os olhos a Sedecias, e o carregou de ferros e o rei de Babilônia o conduziu a Babilônia, e o pôs na casa do cárcere até ao dia da sua morte".

(Jeremias 52, 11) Vol. 7.º, pág. 405



“Tomada de Babilônia”.

(Jeremias 51, 1-34) Vol. 7.º, pág. 396



“Tomaram pois a Jeremias e o lançaram no calabouço de Melquias, filho de Amelec, que estava no vestibulo do cárcere: E desceram a Jeremias com cordas ao lago onde não havia água, senão lodo: E assim se atolou Jeremias no lodo.

(Jeremias 38, 6) Vol. 7.º, pág. 348



“E comprei o campo a Hanameel, filho de meu tio paterno,
que está em Anatot: E lhe pesei por êle em prata sete estaleres,
e dez siclos também de prata”.

(Jeremias 32, 9) Vol. 7.º, pág. 326



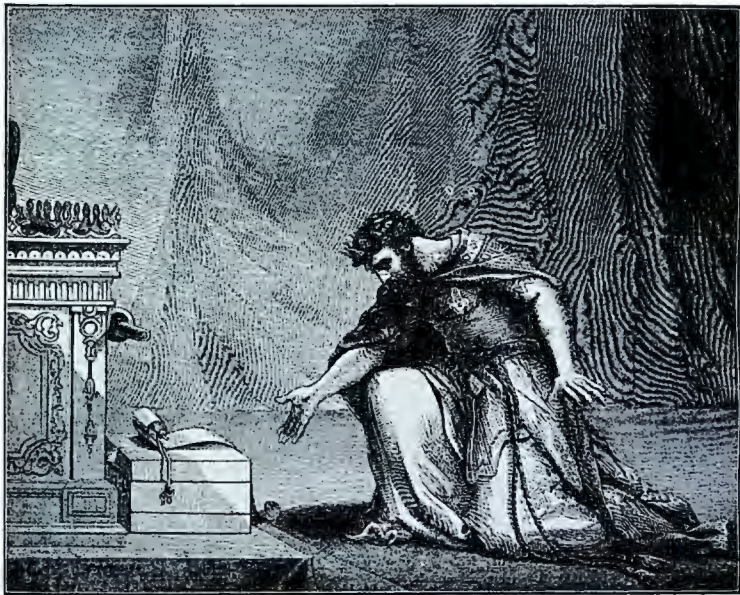
“Isto diz o Senhor: Eis-aqui estou eu que entreguei a Faraó Efreo, rei do Egito, na mão de seus inimigos, e na mão dos que demandam a sua alma: Assim como entreguei a Sedecias, rei de Judá, na mão de Nabucodonosor, rei de Babilônia, seu inimigo, e que procurava a sua alma”.

(Jeremias 44, 30) Vol. 7.º, pág. 371



“E tu, Fassur, e todos os moradores da tua casa ireis para o cativeiro: E irás a Babilônia, e ali morrerás, e ali serás enterado tu, e todos os teus amigos, a quem profetizaste a mentira”.

(Jeremias 20, 6) Vol. 7.º, pág. 282



“E tomou Ezequias as cartas da mão dos mensageiros, e leu-as e subiu a Casa do Senhor, e as estendeu Ezequias diante do Senhor”.

(Isaías 37, 14) Vol. 7.º, pág. 92



“E aconteceu que adorando Senaquerib no Templo de Nesroc seu Deus, Adamelec, e Sarasar seus filhos, o feriram com as suas espadas. E fugiram para a terra de Ararat, e reinou Asaradon, seu filho, em seu lugar”.

(Isaías 37, 38) Vol. 7.º, pág. 95



Jerusalém assediada.

(Livro de Isaías)



“Parte o teu pão ao que tem fome, e introduze em tua casa os pobres, e os peregrinos: Quando vires o nu cobre-o, e não desprezes a tua carne”.

(Isaías 58, 7) Vol. 7.º, pág. 169



“Saindo pois de Masfat a recebê-las Ismael, filho de Nutanias,
ia andando e chorando: E quando chegou a êles, lhes disse:
Vinde a Godolias, filho de Aicão”.

(Jeremias 41, 6) Vol. 7.º, pág. 359



“E dissiparei o conselho de Judá e de Jerusalém neste lugar: E os exterminarei com a espada à vista de seus inimigos, e pela mão dos que procuram as almas deles: E darei os seus cadáveres para pasto às aves do céu, e as alimárias da terra”.

(Jeremias 19, 7) Vol. 7.º, pág. 280



“Põe-te em pé à porta da casa do Senhor, e prega aí estas palavras e dize: Ouvi a palavra do Senhor todo Judá, que entraís por estas portas, para adorardes ao Senhor”.

(Jeremias 7, 2) Vol. 7.º, pág. 234



“E tendo Judi lido três ou quatro páginas, o cortou com o canivete do escriba, e o lançou no fogo, que estava sôbre o braseiro, até que se queimou todo o livro no fogo, que havia no braseiro”.

(Jeremias 36, 19, 23) Vol. 7.º, pág. 343



“E lhe falou com muita afabilidade, e mandou pôr o trono do mesmo Joaquim acima dos tronos dos reis, que eram abaixo dêle em Babilônia”.

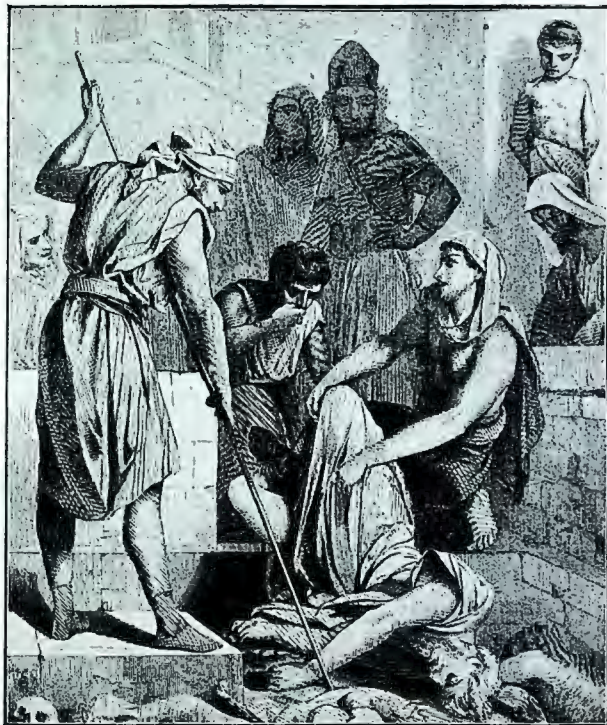
(Jeremias 52, 32) Vol. 7.º, pág. 408

(



“Eu os trarei ao meu santo monte, e os alegrarei na casa da minha oração: Os seus holocaustos, e as suas vítimas ser-me-ão agradáveis sobre o meu altar: Porque a minha casa será chamada casa de oração para todos os povos”,

(Isaías 56, 7) Vol. 7.º, pág. 163



“E tiraram a Urias do Egito: E o trouxeram ante o rei Joaquim, e o fêz morrer à espada: E lançou o seu cadáver nas sepul-
turas do vulgo ignóbil”.

(Jeremias 26, 23) Vol. 7.º, pág. 305



“Em suas encruzilhadas se acharam êles vestidos de saco:
Sôbre os seus telhados, e nas suas praças todo o alarido se
trocou em pranto”.

(Isaías 15, 3) Vol. 7.º, pág. 14



“Farei nascer na solidão o cedro, e o espinheiro, e a murta,
e a árvore da azeitona; Porei no deserto juntamente a faia, o
olmeiro e o buxo”.

(Isaías 41, 19) Vol. 7.º, pág. 109



Os fabricantes dos idolos.

(Livro de Isaías)



“E reventará o espírito do Egito nas suas entranhas e precipitarei o seu conselho, e eles consultarão os seus simulacros, e os seus adivinhos, e pitões, e agoureiros.

(Isaias 19, 3) Vol. 7.º, pág. 25



“E fui à casa do oleiro, e eis-que êle estava fazendo a sua obra
sôbre a roda”.

(Jeremias 18, 3) Vol. 7.º, pág. 275



“E aconteceu que depois que Israel foi levado ao caliveiro, e Jerusalém ficou despovoada, se assentou o profeta Jeremias a chorar...”

(Proêmio de Jeremias) Vol. 7.º, pág. 413

"Palavras de Jeremias, filho de Helcias: Um dos sacerdotes, que viviam em Anatol, na terra de Benjamim". "E' esta a palavra do Senhor que lhe foi revelada a êle nos dias de Josias, filho de Amon, rei de Judá, aos treze anos do seu reinado".

(Jeremias 1, 1.2) Vol. 7.º, pág. 205





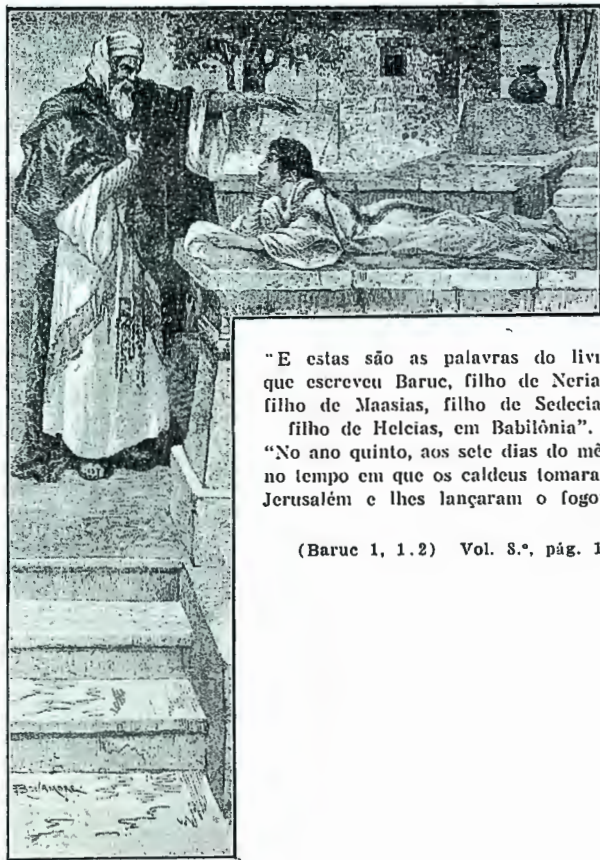
Desolação de Jerusalém após a sua ruína.

(Jeremias 39) Vol. 7.º, pág. 354



O profeta Baruc.

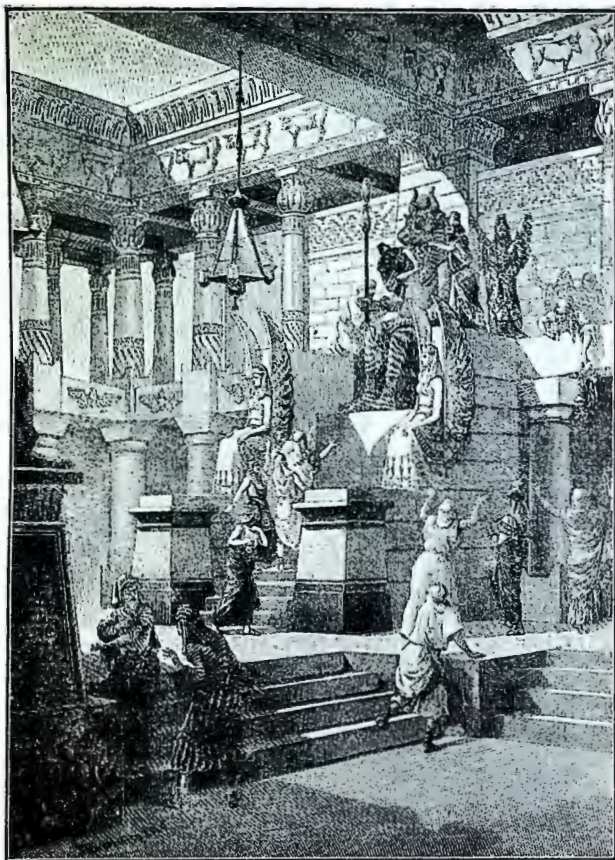
(Livro de Baruc) Vol. 8.º, pág. 5



“E estas são as palavras do livro
que escreveu Baruc, filho de Nérias,
filho de Maasias, filho de Sedecias,
filho de Helcias, em Babilônia”.

“No ano quinto, aos sete dias do mês,
no tempo em que os caldeus tomaram
Jerusalém e lhes lançaram o fogo”.

(Baruc 1, 1.2) Vol. 8.º, pág. 13

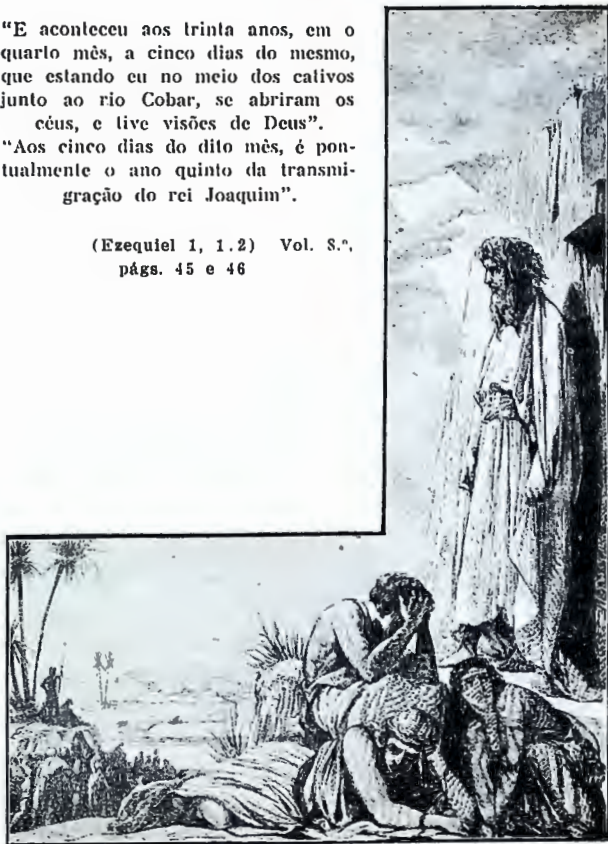


“Os deuses dêles têm por certo coroas de ouro sôbre as suas cabeças: Mas os sacerdotes os despojam do ouro, e da prata, e o gastam em seus próprios usos”.

"E aconteceu aos trinta anos, em o quarto mês, a cinco dias do mesmo, que estando eu no meio dos cativos junto ao rio Cobar, se abriram os céus, e live visões de Deus".

"Aos cinco dias do dito mês, é pontualmente o ano quinto da transmigração do rei Joaquim".

(Ezequiel 1, 1.2) Vol. 3.^o,
págs. 45 e 46





“Tu pois filho do homem, pega num ladrilho, e pô-lo-ás diante de ti: E desenharás nêle a cidade de Jerusalém”.

(Ezequiel 4, 1) Vol. 8.º, pág. 61



“E demolirei os vossos altares, e serão quebrados os vossos simulacros, e arrojarei os vossos mortos entre os vossos ídolos”.

(Ezequiel 6, 3) Vol. 8.º, pág. 71



“E tu, filho do homem, dize: Isto diz o Senhor Deus à terra de Israel: O fim vem, vem o fim sôbre as quatro plagas desta terra”.

(Ezequiel 7, 2) Vol. 8.º, pág. 73



“Por isto dize tu à casa de Israel: Isto diz o Senhor Deus: Convertei-vos, e retirai-vos dos vossos ídolos, e apartai os vossos rostos de tôdas as vossas contaminações”.

(Ezequiel 14, 6) Vol. 8.º, pág. 96



Tipos das principais nações, mencionadas no cap. 30 de Ezequiel.

Vol. 8.º, pág. 170



“A mão do Senhor veio sôbre mim, e me tirou para fora pelo espírito do Senhor: E ela me deixou no meio de um campo, que estava cheio de ossos”.

(Ezequiel 37, 1) Vol. 3.º, pág. 199



“E girando correrão tôda a terra, e quando tiverem achado o osso de um homem, pôr-lhe-ão ao pé um sinal, até que os enterradores dos mortos o sepultem no vale das tropas de Gog”.



"No ano terceiro do reinado de Joaquim, rei de Judá, veio Nabucodonosor, rei de Babilônia, a Jerusalém, e a sitiou".

"E o Senhor entregou nas suas mãos a Joaquim, rei de Judá, e uma parte dos vasos da casa de Deus: E os levou para a terra de Senaar, para a casa do seu Deus, e pôs os vasos na casa do tesouro do seu Deus".

(Daniel 1, 1.2) Vol. 8.º, pág. 261



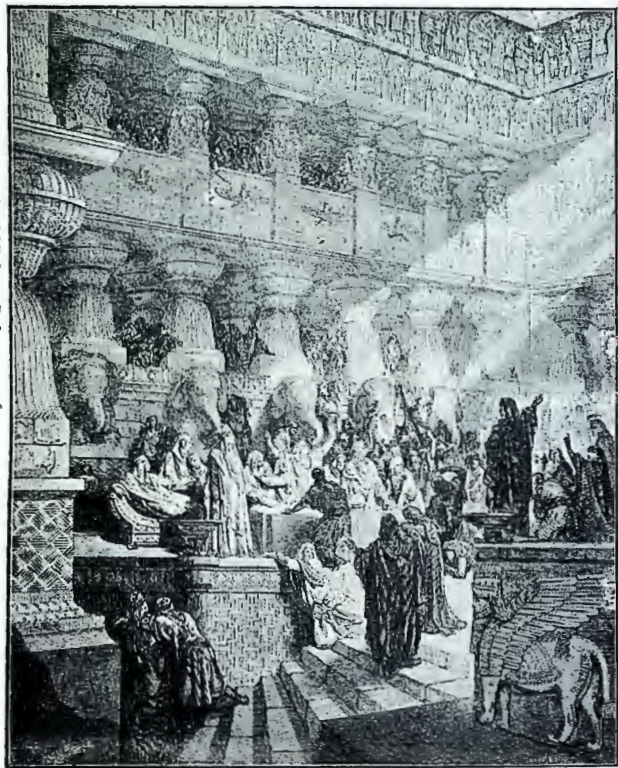
O profeta Daniel.

(Livro de Daniel) Vol. 8.º, pág. 253



“Azarias porém pôsto em pé fez esta oração, e abrindo a sua bôca no meio do fogo, disse: “Bendito és Senhor Deus de nossos pais: E o teu nome seja louvado, e glorificado por todos os séculos”.

(Dantel 3, 25.26) Vol. 8.º, pág. 276



“O rei Baltasar deu um grande banquete a mais de mil grandes da sua cõrte; E cada um bebia nêle conforme a sua idade”.

(Daniel 5, 1) Vol. 8.º, pág. 290



“Então passou o rei as ordens: E êles trouxeram a Daniel, e o deitaram no lago dos leões. E o rei disse a Daniel: O teu Deus, que incessantemente adoras, êle te livrará”.

(Daniel 6, 16) Vol. 8.º, pág. 297



Enquanto ajoelhado Daniel faz as suas orações, aparece o anjo Gabriel para instruí-lo.

(Daniel 9, 20-22) Vol. 8.º, p. 312



“Aconteceu pois que aguardando êles uma ocasião oportuna, entrou ela enfim como tinha de costume, acompanhada sòmente de duas donzelas, e quis lavar-se no pomar: Porque fazia calma”.

(Daniel 13, 15) Vol. 8.º, pág. 332

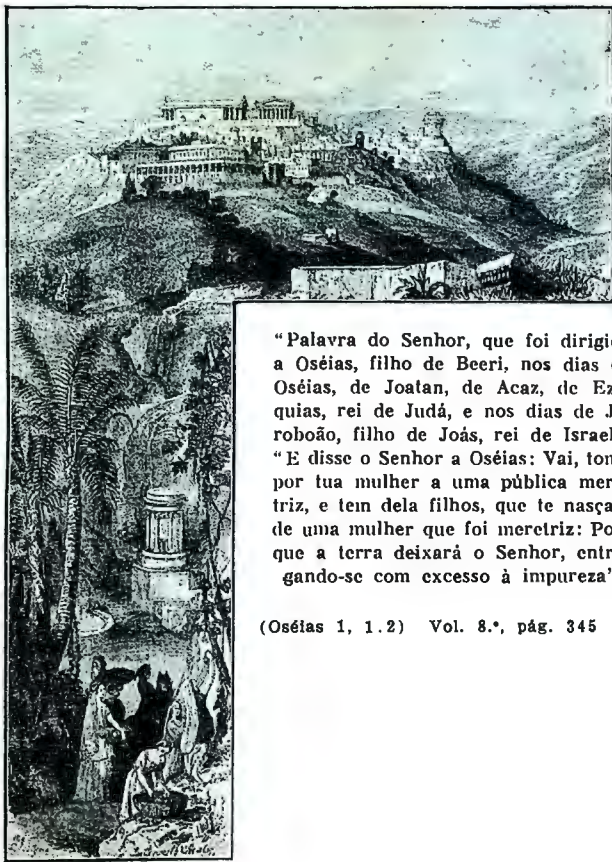


Susana defende-se da acusação que lhe é assacada.
(Daniel 13, 42 ss.) Vol. 8.º, pág. 335



Daniel confunde os sacerdotes de Bel.

(Daniel 14, 2 ss.) Vol. 8.º, pág. 338



“Palavra do Senhor, que foi dirigida a Oséias, filho de Beeri, nos dias de Oséias, de Joatan, de Acaz, de Ezequias, rei de Judá, e nos dias de Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel”. “E disse o Senhor a Oséias: Vai, toma por tua mulher a uma pública meretriz, e tem dela filhos, que te nasçam de uma mulher que foi meretriz: Porque a terra deixará o Senhor, entregando-se com excesso à impureza”.

(Oséias 1, 1.2) Vol. 8.º, pág. 345

JOEL

INTRODUÇÃO

Autor. — Joel, filho de Fatuel, é o segundo dos profetas menores. Seu nome significa “Iahveh é Deus”. A sua vida é-nos desconhecida. Talvez tivesse vivido em Jerusalém. Alguns supõem que pertenceu à tribo de Rúben, tendo nascido e sendo sepultado em Betoron, entre Jerusalém e Cesaréia. Alguns comentadores pretendem que fôsse sacerdote, mas não há fundamento sério para basear esta afirmativa.

Época. — As profecias de Joel são anteriores às de Isaías.

Estilo. — Cada versículo de Joel mostra que o seu autor é peritíssimo na arte de escrever. A sua linguagem é tão correta como enérgica, tão viva como clara. O seu estilo é superior ao dos demais profetas, excetuados Isaías e Habacuc. Une a vivacidade de Miquías à ternura de Jeremias, e à elegância de Naum.

Análise e divisão da profecia. — Joel escreveu a propósito de uma terrível invasão de gafanhotos, a que se seguiu uma fome devastadora.

Divide-se em duas partes: c. 1; 2, 17 e 2, 18; c. 3: Os dois discursos estão separados entre si por um versículo histórico, que faz a transição, 2. 18. 19. Joel descreveu os estragos dos gafanhotos, nos quais vê instrumentos do cas-

tigo do Senhor, c. 1 ; 2, 11 ; terminando esta parte com uma exortação ao jejum e à penitência. Em seguida nota que Deus perdoa aos que lhe exoram o perdão arrependidos das suas culpas, e anuncia que o inimigo será destruído por uma chuva copiosa, que tornará a terra fértil, 2, 18-27. Esta chuva simbolizava a descida do Espírito Santo sobre o povo, 2, 28. 29, e posteriormente virá o dia do Senhor que aniquilará os inimigos dos judeus, reunidos contra Jerusalém no vale de Josafat. Alude ao juízo de Deus e à plenitude das bênçãos messiânicas, 3, 18-21.

JOEL

CAPÍTULO 1

DESOLAÇÃO DA JUDEIA POR CAUSA DO FLAGELO DOS INSETOS E DA SECÁ. EXORTAÇÃO À PENITÊNCIA. DIA TERRÍVEL QUE HÁ-DE SUCEDER A ESTE PRIMEIRO FLAGELO.

1 Palavra do Senhor que foi dirigida a Joel, filho de Fatuel.

2 Ouvi isto, velhos, e vós todos os habitantes da terra, applicai os vossos ouvidos: Se aconteceu coisa como esta em vossos dias, ou nos dias de vossos pais?

3 Fazei sôbre isto uma narração a vossos filhos, e vossos filhos a seus filhos, e os filhos dêstes à outra geração.

4 O gafanhoto comeu o que tinha ficado da lagarta, e o brugo comeu o que tinha ficado do gafanhoto, e a ferrugem comeu o que tinha ficado do brugo.

5 Espertai-vos, embriagados, e chorai, e uivai, todos os que pondeis as vossas delícias em beber do vinho: Porque êle foi tirado da vossa bôca.

6 Porque um povo forte e inumerável veio sôbre a minha terra: Os seus dentes são como os dentes de um leão: E os seus queixais como os de cachorro de leão.

7 Êste povo reduziu a minha vida a um deserto, e tirou a casca à minha figueira: Êle a despojou despindo-a

Joel 1, 8-15

tôda, e a lançou por terra: Os seus ramos se fizeram brancos.

8 Chora como uma mulher moça vestida de saco para chorar a morte do marido, com quem se tinha desposado na sua puberdade.

9 Pereceu da casa do Senhor o sacrifício e a libação; os sacerdotes ministros do Senhor choraram.

10 Todo o país está devastado, chorou a terra: Porque o trigo se perdeu, o vinho se turvou, o azeite faltou.

11 Os lavradores estão confusos, os vinhateiros uivaram sôbre o trigo, e a cevada, porque se perdeu a messe do campo.

12 A vinha não vingou, e a figueira se secou: As romeiras, e as palmeiras, e as maceiras, e tôdas as árvores do campo secaram: Por cujo motivo esmoreceu a alegria dos filhos dos homens.

13 Cingi-vos, sacerdotes, e chorai, dai uivos, ministros do altar: Entrai, deitai-vos no saco, ministros do meu Deus: Porque da casa do vosso Deus faltou o sacrifício, e a libação.

14 Santificai um jejum, convocai a assembléia, congregai os anciãos, todos os habitantes do país para a casa do vosso Deus: E clamai ao Senhor. (1)

15 Ai, ai, ai, que dia! Porque o dia do Senhor está perto, e virá uma como assolação da parte do Poderoso. (2)

(1) **SANTIFICAI UM JEJUM** — Isto é, ordenai um jejum santo, como vertem e expõem Sacy e de Carrières. O que, como nota S. Jerônimo, não diria o profeta, se todo o jejum agradasse a Deus. Porque os fariseus jejuavam, e jejuavam os encratitas sequazes de Taciano, e o jejum de uns e outros era pior que a gula e a bebedice.

(2) **AI, AI, AI, QUE DIA!** — Os franceses todos vertem: "ô desgraçado dia!" Porque notam que a partícula hebraica exprimida na Vulgata por A, a, a, é uma simples exclamação, que noutros lugares se verte por um simples Ai! Cfr. Glaire.

16 Acaso não têm diante de vossos olhos faltado da casa do nosso Deus os alimentos, a alegria, e o regozijo?

17 Os animais apodreceram entre os seus estercos, os celeiros foram destruídos, os armazéns arruinados: Porque se perdeu o trigo.

18 Por que gemeu o animal, berraram os bois da manada? Porque não têm pastos: E até os rebanhos das ovelhas pereceram.

19 Eu clamarei a ti, Senhor: Porque o fogo devorou tudo o que havia de belo no deserto, e a chama queimou tôdas as árvores do campo.

20 Mas ainda as mesmas alimárias do campo levantaram as cabeças para ti, como a terra sequiosa pede a chuva: Porque as nascenças das águas se secaram, e o fogo devorou tudo o que havia de belo no deserto.

CAPÍTULO 2

DIA TERRÍVEL, QUE SUCEDE AO PRIMEIRO FLAGELO. DESOLAÇÃO DA JUDEIA POR UM NUMEROSO E FORMIDÁVEL EXÉRCITO. EXORTAÇÃO A PENITÊNCIA. RECONCILIAÇÃO DO SENHOR COM O SEU POVO.

1 Fazei retumbar a trombeta em Sião, dai uivos no meu santo monte, todos os habitantes da terra se perturbem: Porque é chegado o dia do Senhor, pois está perto.

2 Êste dia de trevas, e de escuridade, êste dia de nublado, e de torvelinho: Bem como a luz da manhã se espalha sôbre os montes, assim um povo numeroso e possante se difundirá por tôda a vossa terra de Israel: Semelhante a êle não houve desde o princípio, nem depois

Joel 2, 3-10

dêle haverá outro em todos os anos de geração e de geração. (1)

3 Diante da sua face virá um fogo devorante, e atrás dêle a chama abrasadora: A terra que diante dêle era um jardim de delícias, depois dêle ficará também sendo a solidão de um deserto, nem há quem escape dêle.

4 Quem os vir, tomá-los-á por uns cavalos: E êles, como uma tropa de cavalaria, assim correrão.

5 Êles saltarão sôbre os cumes dos montes, com um estrondo semelhante ao das carroças, com um somido semelhante ao da chama de fogo que queima a palha sêca, bem como um poderoso exército apercebido para o combate. (2)

6 À sua vista ficarão atormentados os povos: Todos os semblantes tomarão a côr do chumbo.

7 Êles correrão como valentes que são: À escala vista cavalgarão as muralhas, como homens de guerra: Êles marcharão unidos cada um no seu pôsto, e não se desviarão da sua fileira.

8 Nenhum dêles apertará a seu irmão, cada um andará pelo seu carreiro: E ainda se baquearão pelas janelas, e não se estropiarão.

9 Êles entrarão nas cidades, correrão por cima dos muros: Subirão às casas, entrarão pelas janelas como um ladrão.

10 A terra tremeu diante dêles, os céus se abalaram:

(1) **SE DIFUNDIRÁ POR TODA A VOSSA TERRA DE ISRAEL** — A Vulgata diz aqui sômente: *Populus multus et fortis* (um povo numeroso e possante), sem exprimir nem verbo nem lugar, porque uma e outra coisa se subentende e supre fácilmente, como com S. Jerônimo o fizeram todos os intérpretes.

(2) **BEM COMO UM PODEROSO EXÉRCITO** — A letra, bem como um povo forte.

O sol e a lua se escureceram, e as estrêlas retiraram o seu resplendor.

11 Mas o Senhor fêz ouvir a sua voz ante a face do seu exército: Porque os seus arraiais são muitos em extremo, porque são fortes e executam as suas ordens: Porque o dia do Senhor é grande, e sobremaneira terrível: E quem o poderá sofrer?

12 Agora, pois, diz o Senhor: Convertei-vos a mim de todo o vosso coração em jejum, e em lágrimas, e em gemidos.

13 E rasgai os vossos corações, e não os vossos vestidos, e convertei-vos ao Senhor vosso Deus: Porque êle é benigno, e mavioso, paciente e de muita misericórdia, e pode arrepender-se do mal com que vos tinha ameaçado. (3)

14 Quem sabe se quererá êle volver-se para vós, e perdoar-vos, e deixar após si alguma bênção, algum sacrificio, e libação para o Senhor vosso Deus? (4)

15 Fazei soar a trombeta em Sião, santificai um jejum, convocai uma assembléia.

16 Fazei vir todo o povo, adverti a todos em geral que se purifiquem, ajuntai os velhos, congregai os pequeninos, e os meninos de peito: Saia o espôso de sua câmara, e a espôsa do seu leito.

17 Os sacerdotes, ministros do Senhor, pôstos entre o vestibulo e o altar, chorarão, e dirão: Perdoa, Senhor. perdoa ao teu povo: E não deixes cair a tua herança em

(3) **E NÃO OS VOSSOS VESTIDOS** — Alude ao costume dos hebreus, que em sinal de dor rasgavam os vestidos. Não consiste a verdadeira penitência em demonstrações externas, mas sim na contrição do coração.

(4) **ALGUMA BÊNÇÃO** — Alguma abundância de frutos da terra, para vos alegrardes e terdes de que oferecer sacrificios ao vosso Deus. — Menóchio.

Joel 2, 18-26

opróbrio, de sorte que as nações os dominem: Porque dizem entre os povos: Onde está o Deus dêles? (5)

18 O Senhor zelou a sua terra e perdoou ao seu povo:

19 E respondeu o Senhor, e disse ao seu povo: Eis-aí vou eu a enviar-vos trigo, e vinho, e azeite, e vós ficareis cheios destes gêneros: E eu vos não entregarei mais ao insulto das gentes.

20 E eu porei longe de vós aquêle que é das partes do Aquilão: E lançá-lo-ei para uma terra sem caminho, e deserta, a sua face para a banda do mar oriental, e a sua extremidade para o mar mais remoto: E subirá o seu fedor, e subirá a sua podridão, porque obrou com soberba.

21 Não temas, terra, exulta, e alegra-te: Porque o Senhor vai a fazer grandes coisas.

22 Não temais, animais do campo: Porque os amenos campos do deserto brotaram, porque tôda a árvore deu o seu fruto, a figueira e a vinha brotaram com todo o seu vigor.

23 E vós, filhos de Sião, exultai, e alegrai-vos no Senhor vosso Deus: Porque êle vos deu um doutor, que vos ensinará a justiça, e fará descer sôbre vós, como no princípio, uma chuva temporã e tardia.

24 E as vossas eiras se encherão de trigo, e os vossos lagares trasbordarão de vinho, e de azeite.

25 E eu vos recompensarei os anos, cujos frutos comeu o gafanhoto, o brugo, e a ferrugem, e a lagarta, êste meu poderoso exército, que eu mandei contra vós.

26 Vós porém vos sustentareis desta abundância, e

(5) **POSTOS ENTRE O VESTÍBULO E O ALTAR** — Isto é, entre o altar dos holocaustos, ou vestíbulo do Santo, voltados com a face para o Santo e o santuário. — Calmet.

vos fartareis dêstes bens: E louvareis o nome do Senhor vosso Deus, que obrou a vosso favor tantas maravilhas: E o meu povo nunca jamais tornará a cair em confusão.

27 Vós sabereis então que eu estou no meio de Israel: E que eu sou o Senhor vosso Deus e que não há outro senão eu: E o meu povo nunca jamais tornará a cair em confusão.

28 Depois disto acontecerá também o que vou a dizer: Eu derramarei o meu espírito sôbre tôda a carne: E os vossos filhos, e as vossas filhas profetizarão: Os vossos velhos serão instruídos por sonhos, e os vossos mancebos terão visões. (6)

29 E derramarei também naqueles dias o meu espírito sôbre os meus servos, e sôbre as minhas servas.

30 E darei a ver prodígios no céu, e na terra, prodígios de sangue, e de fogo, e de vapor de fumo. (7)

31 O sol converter-se-á em trevas, e a lua em sangue, antes que venha o grande, e terrível dia do Senhor.

32 E acontecerá isto: Todo o que invocar o nome do Senhor, será salvo: Porque a salvação se achará, como o Senhor disse, no monte Sião, e em Jerusalém, e nos restos que o Senhor tiver chamado. (8)

(6) **EU DERRAMAREI O MEU ESPÍRITO** — S. Pedro no sermão que fêz aos judeus no dia de Pentecostes, declarou que esta profecia se cumprira nesse mesmo dia, quando o Espírito Santo desceu sôbre os Apóstolos, e sôbre os mais discípulos de Cristo. (At 2, 16.)

(7) **E DAREI A VER PRODÍGIOS** — Segundo S. Pedro no mesmo sermão, applicou estas palavras de Joel, entende S. Jerônimo que êles se verificaram nos espantosos sinais que se viram na morte de Cristo: a terra coberta de trevas por lhe faltar a luz do sol; o véu do Templo rasgado de alto a baixo; as pedras quebradas; os sepulcros abertos.

(8) **TODO O QUE INVOCAR** — Isto se entende indistinta-

CAPÍTULO 3

VINGANÇAS DO SENHOR CONTRA OS INIMIGOS DO SEU POVO.
 REPREENSÕES CONTRA TIRO E SIDÔNIA, E CONTRA OS
 FILISTEUS. JUÍZO DO SENHOR. BEM-AVENTURANÇA DE
 JERUSALÉM E DA JUDEIA. DESOLAÇÃO DO EGITO E DA
 IDUMÉIA.

1 Porquanto eis-aí está que naqueles dias, e naquele tempo, em que eu levantar o cativo de Judá e de Jerusalém:

2 Ajuntarei tôdas as gentes, e levá-las-ei ao vale de Josafat: E ali entrarei com elas em juízo no tocante a Israel meu povo, e minha herança, a quem elles espalharam por entre as nações, e no tocante à minha terra, que elles dividiram entre si. (1)

3 E lançaram sortes na repartição do meu povo: E expuseram os meninos nos lugares de prostituição, e venderam as donzelas por vinho para beberem.

4 Mas que há que disputar entre mim e vós, ó Tiro e Sidônia, e todo o termo dos palestinos? Acaso tomareis vós vingança de mim? E se desafogais esta vossa vingança contra mim, eu logo vos corresponderei com toda a presteza, fazendo recair sobre a vossa cabeça o mal que me quereis fazer.

mente dos judeus e dos gentios, como observa S. Paulo, Rom 10, 12.13. — Escollaste do Carrières. Cfr. Glaire, ed. cit.

E NOS RESTOS QUE O SENHOR — Isto é, nos restos que o Senhor chamou à sua fé dentre os judeus no estabelecimento da Igreja, e nos últimos restos que elle chamará, ou seja, da nação judia ou da gentilidade no fim dos séculos. — O mesmo.

(1) **E LEVA-LAS-EI AO VALE DE JOSAFAT** — O vale de Josafat, de que se fala nesta passagem, parece não ser um lugar real, mas simplesmente uma expressão simbólica, que significa o lugar em que o Senhor há de julgar. A Igreja nada decide sobre a determinação deste lugar. Cfr. Glaire, ed. cit.

5 Porque vós levastes a minha prata, e o meu ouro: E metestes nos vossos templos o que eu tinha de mais precioso, e de mais belo.

6 E vós vendestes os filhos de Judá, e os filhos de Jerusalém aos filhos dos gregos, para os pordes longe dos seus confins.

7 Eis-aqui estou eu que os recobrarei do lugar em que vós os vendestes: E farei recair sôbre a vossa cabeça a paga que mereceis.

8 E venderei vossos filhos, e vossas filhas, por mãos dos filhos de Judá, e êles os venderão aos sabeus, povo remoto, porque o Senhor é quem o disse.

9 Publicai isto entre as gentes, santificai-vos para a guerra, animai os valentes: Cheguein-se, marchem todos os homens de guerra.

10 Forjai espadas das relhas dos vossos arados, e lanças de ferro dos vossos enxadões. Diga o fraco: Eu pois sou forte.

11 Saí de tropel, e vinde tôdas as gentes dos contornos, e ajuntai-vos: Aí fará o Senhor perecer os teus valentes.

12 Levantem-se, e vão as gentes ao vale de Josafat: Porque ali me assentarei para julgar tôdas as gentes em circuito. (2)

13 Metei as foices ao trigo, porque já está madura a messe: Vinde, e descei, porque o lagar está cheio, as cubas deitam por fora: Porque se multiplicou a sua malícia.

(2) **PORQUE ALI ME ASSENTAREI** — Debaixo de uma idéia semelhante anuncia Cristo o Juízo universal, que êle exercerá no fim do mundo. Mt 25, 31. 32. — Escoliaste de Carrières.

14 Acudi, povos, povos, ao vale da matança: Porque o dia do Senhor está perto no vale da matança. (3)

15 O sol e a lua se cobriram de trevas, e as estrêlas retiraram o seu resplendor.

16 E o Senhor rugirá de Sião, e de Jerusalém fará retinir a sua voz: Também os céus e a terra tremerão: E o Senhor será a esperança do seu povo, e a fortaleza dos filhos de Israel.

17 Vós sabereis então que eu sou o Senhor vosso Deus, que habito no meu Santo monte de Sião: E Jerusalém será Santa, e os estrangeiros não tornarão mais a passar pelo meio dela.

18 E acontecerá isto naquele dia: Os montes distilarão doçura, e os outeiros manarão leite: E as águas se espalharão por todos os regatos de Judá: E da casa do Senhor sairá uma fonte, que regará a torrente dos espinhos. (4)

19 O Egito será todo assolado, e a Iduméia ficará sendo um deserto de perdição: Por isso que êles oprimiram injustamente os filhos de Judá, e derramaram na sua terra o sangue inocente.

20 Pelo contrário, a Judéia será habitada eternamente, e Jerusalém subsistirá em geração e geração.

21 E eu purificarei o seu sangue, que eu não tinha purificado: E o Senhor morará para sempre em Sião.

(3) **POVOS, POVOS** — Isto é, todos os povos do mundo. E' um hebraísmo.

(4) **QUE REGARÁ A TORRENTE DOS ESPINHOS** — O hebreu diz "Que regará o vale de Cetim." Símaco "que regará o vale dos espinhos."

A M Ó S

INTRODUÇÃO

Autor. — Amós é o terceiro dos profetas menores, segundo a ordem das nossas Bíblias. Têm confundido êste profeta com o pai de Isaías, mas a ortografia é diferente; aquêlê chamava-se *Amots*, tendo um *aleph* e um *tsadé* ao passo que o nome do profeta se escreve com um *ayn* e um *samech*. E' êle que se encarrega de nos ministrar alguns esclarecimentos sôbre a sua vida. Era pastor e tratava da cultura dos sicômoros em Técuá, a quatro ou cinco léguas de distância do sul de Jerusalém, 1; 7, 14. Por mandado de Deus, deixou a sua pátria e foi habitar em Betel, no norte, para profetizar contra Israel, 7, 15. Ainda que se ocupe principalmente do reino das dez tribos, fala algumas vêzes também de Judá.

Época. — Amós indica a época em que profetizou. Foi no reinado de Osias, rei de Judá, 809-758 A. C, e de Jeroboão II, 825-784, dois anos antes do tremor de terra, acontecimento cuja data ignoramos. E' certo que Amós foi contemporâneo de Oséias, e provavelmente também de Isaías, sendo naturalmente mais velho que qualquer dêstes.

Na época em que Amós profetizou estava florescente o reino de Israel, sob o govêrno de Jeroboão II, o qual,

se era hábil no governo temporal dos seus vassallos, não tinha a prudência, fôrça e zêlo para os fazer praticar a religião de seus pais; a idolatria, com todos os vícios que a acompanham, desonrava os seus Estados. Foi contra êstes crimes que se insurgiu o profeta annunciando-lhes, para breve, o castigo das suas infidelidades

Estilo. — O estilo de Amós não vai até ao sublime; no entanto é preciso, claro e enérgico. Tem muitas imagens originaes tiradas da vida pastoril e das cenas campestres, 1, 3; 2, 13; 3, 5-12; 4, 2-9; 5, 19; 7, 1; etc.

Divisão. — Amós comprehende uma *Introdução*, cc. 1 e 2, contendo os oráculos contra os sírios, 1, 3-5; contra os filisteus, vv. 6-8; fenícios, vv. 9 e 10; idumeus, vv. 11 e 12; amonitas, vv. 13-15: moabitas 2, 1-3; Judá, vv. 4 e 5; Israel, vv. 6-16, e duas partes.

PRIMEIRA PARTE: 3, 6, comprehende três discursos, iniciados pela frase *audi te verbum*:

a) Amós censura ao povo a ingratição e os crimes que comete contra Deus, annunciando que o inimigo virá, destruirá a Samaria, trucidará os seus habitantes e assolará os altares ímpios de Betel, c. 3.

b) Os castigos não bastarão para corrigir os culpados; multiplicar-se-ão, c. 4.

c) Profere uma elegia sobre a ruína da incorrigível Samaria. O profeta anuncia e chora as desgraças que hão-de sobrevir, cc. 5 e 6.

SEGUNDA PARTE: A última parte de Amós contém cinco visões:

a) A dos gafanhotos, 7, 1-3.

- b) A do fogo, 7, 4-6.
- c) A do muro, vv. 7-9.
- d) Cêsto de frutos, 8, 1-3.
- e) Deus ordena a destruição do templo cismático, c. 9.

Entre a quarta e a quinta há um episódio histórico anunciando a ruína da casa de Jeroboão.

A profecia termina por palavras de esperança e pela descrição do reino messiânico.

AMÓS

CAPÍTULO 1

MISSÃO DE AMÓS. VINGANÇAS DO SENHOR CONTRA DAMASCO, CONTRA OS FILISTEUS, CONTRA OS TÍRIOS, CONTRA OS IDUMEUS, E CONTRA OS AMONITAS.

1 Palavras de Amós, que foi um dos pastôres de Têcua: Do que viu tocante a Israel, nos dias de Osias, rei de Judá, e nos dias de Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel, dois anos antes do terremoto. (1)

2 E disse: O Senhor rugirá de Sião e de Jerusalém fará ouvir a sua voz: E os deliciosos prados dos pastôres choraram, e o cume do Carmelo se secou.

(1) **PALAVRAS** — Seguimos a tradução comum, porém o hebreu tem a força de fatos, acontecimentos.

UM DOS PASTORES DE TÊCUA — Aldeia da tribo de Judá, quatro léguas de Jerusalém para o meio-dia. (2 Par 11, 6). — S. Jerônimo. Foi tomada pelos hebreus por ocasião da sua entrada na terra prometida, e restaurada por Caleb.

DOIS ANOS ANTES DO TERREMOTO — Dêste terremoto, em tempo do rei Osias, fala também, muitos anos depois, o profeta Zacarias no cap. 14, versículo 5. E José Historiador, no livro XI das Antiguidades Judaicas, cap. XI diz que êle acontecera ao tempo que Osias pretendia pegar êle mesmo no Turíbulo, para oferecer o incenso ao Senhor, como se lê na História dos Reis, 4 Rs 15, 5.

3 Isto diz o Senhor: Depois das maldades que o povo de Damasco cometeu três e quatro vêzes, eu não o converterei: Pois que êstes homens fizeram passar carros armados de ferro por cima dos habitantes de Galaad. (2)

4 Portanto eu porei fogo à casa de Azael, e êsse fogo devorará os palácios de Benadad.

5 E farei em migalhas a tranca de Damasco: E exterminarei do campo do ídolo os que lá habitam, e da casa de deleite o que tem na mão o ceptro: E o povo da Síria será transferido a Cyrene, diz o Senhor.

6 Isto diz o Senhor: Depois das maldades que o povo de Gaza cometeu três e quatro vêzes, eu não o converterei: Pois que êstes homens levaram cativa tôda a gente, para a encerrarem na Idumêia.

7 Por isso eu porei fogo aos muros de Gaza, e êle reduzirá em cinza os seus edifícios.

(2) **QUE O POVO DE DAMASCO COMETEU TRÊS E QUATRO VÊZES** — E' como se dissera o Senhor (diz S. Jerônimo), se Damasco pecara só uma ou duas vêzes revogaria eu a sentença que tinha pronunciado contra os seus habitantes; mas como êles pecaram terceira e quarta vez, eu não mudarei de resolução acêrca dêles. No sentido tropológico, porém, o primeiro pecado é cogitar coisas más, o segundo consentir nos maus pensamentos, o terceiro pôr por obra o mal que se cogitou, o quarto depois do pecado não fazer penitência, antes comprazer-se no próprio delicto. Até aqui o Doutor Máximo. Outros expõem o número definido, três e quatro vêzes, pelo indefinido tantas vêzes; ao modo que Virgílio, querendo chamar muitas vêzes bem-aventurados aos troianos, disse: *O ter quaterque beati*.

EU NÃO O CONVERTEREI — Assim à letra o texto latino: *non convertam eum*. Com o que concorda o grego dos Setenta, *non aversabo eos*. O que lido por interrogação, como o explica S. Jerônimo, quer dizer: não apartarei eu o meu rosto dêstes homens? E isto mesmo é dizer, que não os converterá. Todavia os franceses, assim neste como nos seguintes versos, todos traduzem: *Eu não mudarei de resolução a seu respeito*. O que eu não desaprovo.

8 E exterminarei de Azot os que a habitam, e de Ascalona os que trazem o ceptro: E carregarei bem a minha mão sobre Acaron, e perecerão os restos dos filisteus, diz o Senhor Deus.

9 Isto diz o Senhor: Depois das maldades que o povo de Tiro cometeu três e quatro vezes, eu não o converterei: Pois que estes homens encerraram toda a gente do cativeiro na Iduméia e não se lembraram da aliança que tinham com seus irmãos. (3)

10 Portanto eu porei fogo aos muros de Tiro, e elle consumirá as suas casas.

11 Isto diz o Senhor: Depois das maldades que o povo de Edom cometeu três e quatro vezes, eu não o converterei: Pois que elle perseguiu a seu irmão com a espada, e faltou à compaixão que lhe devia, e não pôs limites ao seu furor, e conservou até o fim o ressentimento da sua indignação.

12 Eu porei fogo a Teman: E elle reduzirá a cinza as casas de Bosra. (4)

13 Isto diz o Senhor: Depois das maldades que os filhos de Amon cometeram três e quatro vezes, eu não o converterei: Pois que elle fendeu o ventre às peçadas de Galaad, para, por este meio, dilatar os limites do seu país.

14 Por isso eu porei fogo aos muros de Raba: E elle lhe consumirá as casas com alaridos no dia do combate e com torvelhinho no dia da comoção.

15 E Melcom irá para o cativeiro, elle, e juntamente os seus príncipes, diz o Senhor. (5)

(3) **E NÃO SE LEMBRARAM DA ALIANÇA** — Isto communmente se explica da aliança que tinha havido entre os hebreus e os tírios, em tempo de Hirão e de Salomão, conforme se lê na História dos Reis (3 Rs 5, 12). — Escollaste de Carrières.

(4) **A TEMAN** — Cidade principal da Iduméia.

(5) **E MELCOM** — ídolo principal dos amonitas.

CAPÍTULO 2

**VINGANÇA DO SENHOR CONTRA MOAB, CONTRA JUDÁ, E
CONTRA ISRAEL.**

1 Isto diz o Senhor: Depois das maldades que Moab cometeu três e quatro vêzes, eu não o converterei: Pois que êle queimou os ossos do rei da Iduméia até os reduzir em cinzas. (1)

2 Assim eu acenderei um fogo em Moab, que consumirá as casas de Cariot: E Moab perecerá entre o estrondo, entre o sonido das trombetas:

3 E perderei ao juiz do meio dêle, e farei morrer com êle todos os seus príncipes, diz o Senhor. (2)

4 Isto diz o Senhor: Depois das maldades que Judá cometeu três e quatro vêzes, eu não o converterei: Porque êle rejeitou a lei do Senhor, e não guardou os seus mandamentos: Porque os seus ídolos os enganaram, após os quais tinham corrido seus pais.

5 Por isso eu porei fogo a Judá, e êle devorará as casas de Jerusalém.

6 Isto diz o Senhor: Depois das maldades que Israel cometeu três e quatro vêzes, eu o não converterei: Pois que êle vendeu o justo pela prata, e o pobre por um par de sapatos.

7 Êles machucam sôbre o pó da terra as cabeças dos pobres, e se atravessam contra tudo o que os fracos empreendem: Também o filho e seu pai se foram a uma mesma moça, para violarem o meu santo Nome.

8 E sôbre as roupas que se lhes tinham dado em penhor se assentaram a banquetear-se ao pé de toda a

(1) **DO REI DA IDUMÉIA** — Pode ser este o que com Jorão e Josafat pelejou contra os moabitas. 4 Rs 3.

(2) **AO JUIZ** — Aq rei. 4 Rs 1, 1.

casta de altares: E bebiam na casa do seu Deus o vinho dos a quem tinham condenado.

9 Eu pois exterminei diante dêles os amorreus: Cujã altura era como a altura dos cedros, e êles mesmos fortes como os carvalhos: E esmigalhei o seu fruto por cima e as suas raízes por baixo.

10 Eu sou o que vos fiz sair da terra do Egito, e vos conduzi no deserto quarenta anos, a fim de que vós possuísseis a terra dos amorreus.

11 E de vossos filhos suscitei profetas, e de vossos mancebos suscitei nazarenos: Pois não é assim, filhos de Israel? diz o Senhor.

12 E depois disto vós brindastes com vinho aos nazarenos: E mandastes aos profetas, dizendo: Não profetizeis. (3)

13 Eis-aí rangerei eu debaixo de vós, como range um carro carregado de feno. (4)

14 E nada aproveitará a fugida ao veloz, e o forte debalde fará os seus esforços, e o valente não salvará a sua vida:

15 E o que maneja o arco não se terá firme, nem o veloz se salvará pelos seus pés, nem o cavaleiro salvará a sua vida:

16 E o mais ousado entre os valentes fugirá nu naquele dia, diz o Senhor.

(3) **COM VINHO AOS NAZARENOS** — O vinho era defeso aos nazarenos.

(4) **EIS-AÍ RANGEREI EU DEBAIXO DE VÓS** — Subentende-se, oprimido do peso das vossas maldades. — De Carrières.

CAPÍTULO 3

REPREENSÕES E AVISOS DO SENHOR ÀS DOZE TRIBOS DE ISRAEL.

1 Ouvi a palavra que proferiu o Senhor a respeito de vós, filhos de Israel: A respeito de toda a linhagem, que eu tirei da terra do Egito dizendo:

2 De todas as linhagens da terra só a vós vos conheci: Por isso virei com a minha visita sobre vós para castigar todas as vossas iniquidades.

3 Acaso andarão dois juntos, se eles se não ajustarem entre si?

4 Acaso rugirá o leão no bosque sem que elle tenha achado alguma presa? acaso fará o leãozinho soar a sua voz do seu covil, sem que esteja em termos de lançar a garra a alguma coisa?

5 Acaso cairá uma ave no laço pôsto na terra, sem que haja quem lho arme? acaso tirar-se-á da terra o laço, antes que tenha apanhado alguma coisa?

6 Se soar a trombeta na cidade, sem que o povo se não assuste? se acontecerá algum mal na cidade, que o Senhor não fizesse? (1)

7 Porque o Senhor Deus não faz nada, sem ter revelado antes o seu segredo aos profetas seus servos.

8 O leão rugirá, quem não temerá? o Senhor Deus falou, quem não profetizará?

9 Fazei ouvir isto nas casas de Azot, e nos palácios da terra do Egito: E dissei: Ajuntai-vos sobre os montes de Samaria, e vêde as loucuras sem número que se fa-

(1) **MAL** — Uma desgraça, uma calamidade. Este é o sentido do hebreu e da Vulgata. Assim cai pela base a objecção dos que pretenderam ver neste lugar Deus autor do mal moral, isto é, do pecado.

zem no meio dela, os que no seu mais interior centro padecem calúnias.

10 E eles não souberam que coisa era fazer justiça, diz o Senhor, ajuntando em suas casas um tesouro de iniqüidades, e de rapinas.

11 Por cuja causa isto diz o Senhor Deus: A terra será atribulada e cercada: E a tua força se te tirará, e as tuas casas serão saqueadas.

12 Isto diz o Senhor: Como acontece quando um pastor chega a arrancar da bôca do leão as duas pernas, ou a ponta de uma orelha: Assim serão livrados os filhos de Israel, que habitam em Samaria descansados no ângulo do seu leito, e na cama de Damasco. (2)

13 Ouvi isto, e declarai-o públicamente à casa de Jacó, diz o Senhor Deus dos exércitos:

14 Que no dia em que eu começar a punir as prevaricações de Israel, virei com a minha visita sobre êle, e sobre os altares de Betel: E os ângulos do altar serão cortados, e cairão por terra.

15 E deitarei abaixo o palácio de inverno com o palácio de verão: E as casas ornadas de marfim perecerão, e uma grande multidão de edifícios serão destruídos, diz o Senhor.

(2) DESCANSADOS NO ÂNGULO DO SEU LEITO E NA CAMA DE DAMASCO — Isto é, confiados na prosperidade doméstica e na aliança com os sírios, cuja metrópole era Damasco. — Calmet.

CAPÍTULO 4

REPREENSÕES E AMEAÇAS CONTRA OS HABITANTES DE SAMARIA. OS FILHOS DE ISRAEL ABANDONADOS À SUA DEPRAVAÇÃO. FLAGELOS DE QUE ELES SE NÃO APROVEITARAM.

1 Ouvi esta palavra, vacas gordas que estais no monte de Samaria: Vós que fazeis agravos aos necessitados, e vexais os pobres: Que dizeis a vossos senhores: Dai cá, e beberemos. (1)

2 O Senhor Deus jurou pelo seu Santo: Que brevemente virão uns dias infelizes para vós, e êles vos levantarão nas lanças, e meterão as vossas relíquias em caldeiras fervendo. (2)

3 E vós saireis pelas brechas uma defronte da outra, e sereis lançadas para Armon, diz o Senhor. (3)

4 Ide a Betel, e cometei impiedades: Ide a Galgala, e amoncoai prevaricações: E levai lá as vossas vítimas desde a manhã, os vossos dízimos por três dias.

5 E oferecei de pão lêvedo sacrifícios de ação de graças: E chamai-lhes oblações voluntárias, e fazei-as bem

(1) **VACAS GORDAS QUE ESTAIS NO MONTE DE SAMARIA** — Por estas vacas gordas entende o padre de Carrières, com outros muitos as mulheres de Samaria dadas à sensualidade e ao luxo. S. Jerônimo, os Príncipes e Magnates da mesma cidade, dados às delícias e às rapinas.

(2) **PELO SEU SANTO** — Isto é, por si mesmo, que é santo, ou conforme o hebreu, pela sua santidade.

E METERÃO AS VOSSAS RELÍQUIAS EM CALDEIRAS FERVENDO — Por estas relíquias, ou por êstes restos entendem uns pedaços do corpo despedaçado; outros os filhos, que são como pedaços dos pais.

(3) **E SEREIS LANÇADAS PARA ARMON** — Os antigos intérpretes gregos o entendem de terras da Armênia.

públicas: Porque assim o quiseistes, filhos de Israel, diz o Senhor Deus.

6 Por esta causa até eu vos dei um desbotamento de dentes em tôdas as vossas cidades, e uma indigência de pão em todos os vossos lugares: E não vos tendes voltado para mim, diz o Senhor.

7 Também eu vos suspendi a chuva, quando ainda faltavam três meses até à colheita: E fiz que chovesse sobre uma cidade, e sobre outra cidade não chovesse: Uma parte ficou regada com chuva, e outra parte, sobre a qual não dei chuva, secou-se.

8 E vieram duas e três cidades a uma cidade para beberem água, e não se saciaram: E vós não voltastes para mim, diz o Senhor.

9 Eu vos feri com um vento abrasador, e com fúria a multidão das vossas hortas, e das vossas vinhas: Aos vossos olivais, e aos vossos figueirais comeu a lagarta: E vós não voltastes para mim, diz o Senhor.

10 Eu vos enviei mortandade na jornada do Egito, eu feri com a espada os vossos mancebos até chegarem a ser tomados os vossos cavalos: E fiz chegar aos vossos narizes a infecção dos cadáveres do vosso exército: E vós não voltastes para mim, diz o Senhor. (4)

11 Eu vos destruí, como Deus destruiu a Sodoma, e a Gomorra, e vós ficastes parecendo-vos como um tição, que se tira apenas de um incêndio: E vós não voltastes para mim, diz o Senhor.

12 Eu portanto continuarei em te ferir, ó Israel, com tôdas as outras pragas, de que te tenho ameaçado:

(4) NA JORNADA DO EGITO — Quando fostes lá buscar o socorro. Os 7, 12. Ou também pode verter-se como um hebraísmo. “Eu vos enviei mortandade como aos egípcios”. Ex 9, 3-6, ou como alusão ao sucesso referido no livro 4 Rs 13, 7, inteligência que a Menóchio parece mais sólida e genuína.

E depois que eu assim te tiver tratado, prepara-te, ó Israel, a saíres ao encontro do teu Deus.

13 Porque eis-aí quem forma os montes, e quem cria o vento, e quem anuncia a sua palavra ao homem, quem produz a névoa da manhã, e quem anda por cima do que há elevado na terra: O seu nome é o Senhor Deus dos exércitos.

CAPÍTULO 5

DEPLORA O PROFETA A RUINA DE ISRAEL. EXORTA-O A PREVENIR A IRA DO SENHOR. DIA TERRÍVEL DAS DIVINAS VINGANÇAS.

1 Ouvi esta palavra, lúgubre canto com que eu então sôbre vós: A casa de Israel caiu e ela não tornará mais a restabelecer-se.

2 A virgem de Israel foi deitada sôbre a sua terra, não há quem a levante. (1)

3 Porque isto diz o Senhor Deus: Na cidade, de onde saíam mil, ficarão nela cento: E da que saíam cento, ficarão nela dez na casa de Israel.

4 Porquanto isto diz o Senhor à casa de Israel: Buscai-me, e vivereis.

5 E não busqueis a Betel, nem entreis em Galgala, nem passeis a Bersabé: Porque Galgala será levada cativa, e Betel ficará reduzida a nada. (2)

(1) **A VIRGEM DE ISRAEL** — Isto é, o reino de Israel no seu estado florescente e na sua primeira liberdade e esplendor, porque os hebreus costumam chamar *virgens* às cidades e aos reinos, atendendo à sua beleza, glória e opulência, ou, como querem alguns, porque as virgens se guardaram com cuidado e desvêlo.

(2) **BETEL, GALGALA** — Lugares em que os israelitas se entregavam à idolatria.

6 Buscai o Senhor, e vivei: Não suceda que arda a casa de José como um fogo, e que abrase a Betel, e não haja quem o apague. (3)

7 Vós que converteis em absintio os juízos, e abandonais a justiça sôbre a terra:

8 Buscai aquêle que criou a estrêla da Ursa, e a estrêla do Orião, e o que troca em manhã as trevas, e muda em noite o dia: O que chama as águas do mar, e as derrama sôbre a face da terra: Seu nome é o Senhor.

9 O que sorrindo-se derriba ao robusto, e entrega ao saco o poderoso.

10 Êles aborreceram ao que os repreendia na porta: E abominaram ao que falava com perfeição. (4)

11 Por isso pelo motivo de que vós despojáveis ao pobre e lhe tiráveis o melhor que tinha: Edificareis casas de pedra de silharia, porém não habitareis nelas: Plantareis vinhas as mais excelentes, porém não bebereis do vinho delas.

12 Porque eu conheço as vossas muitas maldades, e os vossos fortes pecados: Inimigos do justo, que aceitais dádivas, e oprimis os pobres na porta.

13 Por isso o prudente se calará naquele tempo, porque é tempo mau.

14 Buscai o bem, e não o mal, para que vivais, e o Senhor Deus dos exércitos será convosco, como vós dissestes.

15 Aborrecei o mal, e amai o bem, e restabelecei

(3) **A CASA DE JOSÉ** — Por José entende a Efraim, que foi filho de José, e por Efraim as dez tribos, porque Jeroboão, primeiro fundador do reino de Israel, foi da tribo de Efraim. — Menóchio.

(4) **AO QUE OS REPREENDIA NA PORTA** — Nas portas das cidades é que os juizes sentenciavam. Cfr. Is 29, 2.

na Porta a justiça: A ver se acaso o Senhor Deus dos exércitos se compadece das relíquias de José.

16 Por cuja causa isto diz o Senhor Deus dos exércitos, o Soberano Dominador: Por tôdas as ruas soarão gritos: E em todos os lugares de fora se ouvirá dizer ai! ai!: E êles chamarão para êste luto os lavradores, para êste pranto os que sabem carpir. (5)

17 E em tôdas as vinhas haverá pranto: Porque eu hei de passar pelo meio de ti, diz o Senhor.

18 Ai dos que desejam o dia do Senhor! Para que o desejais vós? Êste dia do Senhor será para vós um dia de trevas, e não de luz.

19 Como se um homem fugisse de diante de um leão e lhe saísse ao encontro um urso: Ou como se tendo entrado em casa, e segurando-se com a sua mão à parede, o mordesse então uma cobra. (6)

20 Que será pois o dia do Senhor, senão um dia de trevas, e não de claridade? E que haverá nêle senão escuridão, e não luz?

21 Eu aborreço, e tenho rejeitado as vossas festas: E não receberei o cheiro dos vossos ajuntamentos.

22 Porque se vós me oferecerdes os vossos holocaustos, e os vossos presentes, eu os não aceitarei: E não porei os olhos nos sacrifícios das hóstias pingues, que me oferecerdes em cumprimento dos vossos votos.

(5) **OS QUE SABEM CARPIR** — Dêste lugar de Amós, como também do outro de Jer 9, 17, e o do outro dos Paralipômenos, 2 Par 35, 25, se faz manifesto o costume de haver carpideiros e carpideiras públicas, que se alugavam por certo preço, para nas ocasiões de tristezas e dó fazerem suas lamentações fúnebres. O que dos hebreus passou aos gregos e romanos, e aos povos que êles dominaram.

(6) **UMA COBRA** — As serpentes são vulgares na Palestina, e algumas há muito venenosas.

23 Aparta de mim o estrépito dos teus cânticos: Nem eu ouvirei as árias que cantares ao som da tua lira.

24 E os meus juízos se darão a ver contra vós, como uma água que transborda, e a minha justiça, como uma impetuosa torrente.

25 Porventura, ó casa de Israel, ofereceste-me vós algumas hóstias e sacrifícios no deserto, onde estivestes quarenta anos?

26 Vós sim levastes o Tabernáculo ao vosso Moloc, e a imagem dos vossos ídolos, o astro do vosso Deus, coisas que vós fizestes por vossas mãos. (7)

27 Eu pois vos farei transportar para além de Damasco, diz o Senhor, cujo nome é o Deus dos Exércitos. (8)

CAPÍTULO 6

REPREENSÕES E AMEAÇAS CONTRA OS GRANDES DE SAMARIA, CONTRA TODAS AS DOZE TRIBOS.

1 Ai de vós, os que viveis em Sião na afluência de todas as coisas, e que pondeis a vossa confiança no monte de Samaria: Grandes, que sois os chefes dos povos, que entraís pomposamente na casa de Israel.

2 Passai a Calane, e contemplai-a e ide daí à grande Emat: E descei a Get na terra dos palestinos, e aos mais

(7) **VÓS, SIM, LEVASTES O TABERNÁCULO AO VOSSO MOLOC** — ídolo dos moabitas. Este texto alegou Santo Estêvão, quando, falando com os judeus, lhes lançava em rosto as suas antigas infidelidades e ingratições para com o verdadeiro Deus (At 7, 42.)

(8) **PARA ALÉM DE DAMASCO** — O Proto-Mártir, seguindo mais o sentido, que as palavras de Amós, citou assim: "para além de Babilônia".

Amós 6, 3-10

formosos reinos que dependem destas cidades: Vêde se os seus têrmos são mais largos que os vossos têrmos. (1)

3 Vós que estais reservados para o dia mau: E que estais a chegar ao sólio da iniquidade. (2)

4 Que dormis em leitos de marfim e vos divertis nos vossos leitos: Que comeis o melhor cordeiro do rebanho, e os melhores novilhos do meio da manada.

5 Que cantais ao som do saltério: Creram ter instrumentos de música assim como Davi. (3)

6 Os que bebiam vinho a copos cheios, e se untavam com o óleo mais precioso: E nada se doíam da aflição de José.

7 Por isso êstes homens sairão agora na frente dos que fôrem cativos: E cessará a mancomunação dos folgazões.

8 O Senhor Deus jurou por sua vida, o Senhor Deus dos exércitos diz: Eu detesto a soberba de Jacó, e aborreço as suas casas, e entregarei a cidade com os seus habitantes.

9 Porque se numa casa ficarem dez homens, também êsses mesmos morrerão.

10 E o seu mais próximo parente o tomará, e queimá-lo-á para levar de casa os ossos: E dirá ao que está

(1) **PASSAI A CALANE** — Cidade sôbre o Tigre, que depois se chamou Ctesifonte. A outra que aqui se diz a "grande Emat", conforme S. Jerônimo, é a "Antióquia" da Síria, conforme Calmet, a "Emesa", sôbre o Oronte. Cfr. Is 10, 9.

(2) **E QUE ESTAIS A CHEGAR AO SÓLIO DA INIQUIDADE** — E' o que soam as palavras da Vulgata: *et appropinquatis solio iniquitatis*. Em lugar do que traduziram Sacy e de Carrières: "e que estais a ponto de serdes sujeitos a um rei bárbaro", isto é, sujeitos ao rei dos assírios, ou ao dos babilônios.

(3) **ASSIM COMO DAVI** — Sendo que Davi se serviu dos instrumentos músicos para louvar a Deus, e êles para satisfazerem as suas paixões.

no mais interior da casa: Porventura está ainda algum contigo?

11 E responderá: Não está nenhum. Então lhe dirá êle: Cala-te, e não te lembres do nome do Senhor.

12 Porque eis-aí o Senhor dará as suas ordens, e ferirá com ruínas a casa maior, e com rasgaduras a casa menor. (4)

13 Acaso podem os cavalos correr através dos rochedos, ou pode-se lavar a terra com búfalos, *o que vós mesmos fizestes*, porque convertestes em amargura os juízos, e em absintio o fruto da justiça? (5)

14 Vós que pondez a vossa alegria no nada: Que dizeis: Não é assim que por nossa própria fortaleza nos temos nós feito formidáveis?

15 Pois sabeí, casa de Israel, diz o Senhor Deus dos exércitos, que eu vou a suscitar sôbre vós uma gente: E ela vos reduzirá em pó desde a entrada de Emat até a torrente do deserto.

CAPÍTULO 7

DIVERSAS VISÕES DE AMÓS ACERCA DA DESOLAÇÃO DE ISRAEL. AMASIAS SE ENFADA CONTRA AMÓS. CASTIGO DADO A AMASIAS. CATIVEIRO DE ISRAEL.

1 Isto me mostrou o Senhor Deus: E eis-aqui appareceu uma nuvem de gafanhotos, que o Criador formou, quando a chuva serôdia da primavera começava a fazer brotar a erva, e eis-que esta chuva tardia fazia arreben-

(4) CASA MAIOR — O reino de Israel, e a menor o de Judá.

(5) O QUE VÓS MESMOS FIZESTES — Glaire intercala esta frase, que julga indispensável para estabelecer a ligação das idéias do texto sagrado. Clt. ed. de 1902.

Amós 7, 2-6

tar segunda, depois da primeira ter sido segada pelo rei. (1)

2 E aconteceu isto: Quando o gafanhoto tinha acabado de comer a erva da terra, disse eu: Senhor Deus, tem misericórdia, te peço: Quem poderá restabelecer a Jacó, depois dêle estar reduzido a tão pouco?

3 Teve o Senhor compaixão disto: Não há de acontecer tal, disse o Senhor.

4 Isto me mostrou ainda o Senhor Deus: E eis-que o Senhor Deus chamava um fogo para exercer as suas vinganças: E êste fogo devorou um grande abisino, e consumiu ao mesmo tempo uma parte da terra. (2)

5 Então disse eu: Senhor Deus, aplaca-te, eu to rogo: Quem poderá restabelecer a Jacó, depois dêle estar reduzido a tão pouco?

6 O Senhor se compadeceu disto: Pois também isto não há-de acontecer, disse o Senhor Deus. (3)

(1) **E EIS-QUE ESTA CHUVA TARDIA FAZIA ARREBENTAR SEGUNDA** — Graves intérpretes explicam assim esta profecia: Depois que Benadad, rei da Síria, devastou o reino de Israel, e levou dêle tudo o precioso em tempo do rei Joacaz, (4 Rs 13, 4) viu o profeta que a erva que o dito rei da Síria mandara segar, tornava a deitar outra nova, quando Jeroboão II restituiu o reino de Israel (4 Rs 14, 25). Mas ao depois uma nuvem de gafanhotos comeu tôda a erva. Porque Ful, rei dos assírios, havia de vir contra o reino de Israel, em tempo de Manaem. Compadeceu-se Deus do seu povo em atenção aos rogos de Amós, e fêz que Israel se remisse por dinheiro, fazendo-se tributário a Ful. (4 Rs 15, 20.)

(2) **CHAMAVA UM FOGO PARA EXERCER AS SUAS VINGANÇAS** — A letra: "chamava o juízo para o fogo", isto é, os executores da sua justiça para vingar os seus agravos.

(3) **POIS TAMBÉM ISTO NÃO HA-DE ACONTECER** — Subentende-se porque o inimigo só levará cativa uma parte das dez tribos, isto é, as que estavam da banda de além do Jordão. (4 Rs ubi supra.)

7 O Senhor me mostrou ainda outra visão: E vi que o Senhor estava em cima de um muro rebocado, e tinha na sua mão uma trolha de pedreiro.

8 E o Senhor me disse: Que vês tu, Amós? E eu lhe respondi: Uma trolha de pedreiro. Então disse o Senhor: Eis-aqui estou eu que me não servirei mais da trolha no meio do meu povo de Israel: Nem lhe rebocarei mais os muros.

9 Porém os altos consagrados ao ídolo serão destruídos, e êsses altos que Israel pretende serem Santos, serão derrubados: E eu marcharei com a espada feita contra a casa de Jeroboão.

10 Então Amasias, sacerdote de Betel, enviou mensageiros a Jeroboão, rei de Israel, dizendo: Amós se rebelou contra ti no meio da casa de Israel: A terra não poderá sofrer todos os seus discursos.

11 Porque isto diz Amós: Jeroboão morrerá à espada, e Israel será levado cativo para fora de seu país: (4)

12 Depois disse Amasias a Amós: Sai daqui, homem de visões, fuge para a terra de Judá: E come lá o teu pão, e ali profetizarás.

13 Mas não te aconteça mais profetizar em Betel: Porque aqui é a religião do rei, e o assento do seu estado.

14 E respondeu Amós, e disse a Amasias: Eu não sou profeta, nem sou filho de profeta: Mas eu sou um pastor de gado, que colho as bagas dos sicômoros para me sustentar delas.

15 E o Senhor pegou de mim, quando eu andava atrás de meu rebanho: E o Senhor me disse: Vai, profetiza ao meu povo de Israel:

(4) **JEROBOÃO MORRERA A ESPADA** — Amasias impu-tava falsamente a Amós esta palavra, porque a ameaça de Amós caía não sobre a pessoa de Jeroboão, mas sobre a sua casa, e seu filho Zacarias é que foi o morto por Selum. (4 Rs 15, 10.)

16 Ouve pois agora a palavra do Senhor: Tu me dizes: Não te metas a profetizar em Israel, nem a predirer infortúnios à casa do ídolo.

17 Por esta causa isto diz o Senhor: Tua mulher se prostituirá na cidade: E teus filhos e tuas filhas cairão mortos à espada, e a tua terra será repartida a cordel: E tu morrerás numa terra poluta, e Israel será levado cativo fora do seu país.

CAPÍTULO 8

OUTRA VISÃO DE AMÓS SOBRE A RUÍNA DE ISRAEL. FOME DA PALAVRA DO SENHOR.

1 O Senhor Deus me mostrou ainda outra visão: E eis-que era um câibo de alcançar as frutas das árvores. (1)

2 E o Senhor me disse: Que vês tu, Amós? E eu respondi: Um câibo de alcançar as frutas das árvores. E o Senhor me disse: Acabou de chegar o tempo da ruína do meu povo de Israel: Assim eu lhe não passarei mais pelas suas faltas.

3 Naquele dia, diz o Senhor Deus, rangerão também as couceiras do Templo: Muitos morrerão, em toda a parte reinará um horroroso silêncio.

4 Ouvi isto, vós que pisais os pobres, e fazeis perecer os indigentes da terra,

5 dizendo: Quando passará o mês, e venderemos nós as nossas mercadorias: E o sábado para abrirmos os celeiros: Para diminuirmos a medida, e aumentarmos o siclo, e servirmo-nos de balanças falsas: (2)

(1) **UM CÂIBO** — No original está "um cesto de frutas".

(2) **O MÊS** — Ou melhor, o primeiro dia do mês; a **neomênia**, segundo S. Jerônimo, Teodoreto e outros. De resto a pala-

6 Para nos fazermos senhores dos necessitados com a nossa prata, e dos pobres com um par de sandálias, e para lhes vendermos até as cascas do nosso trigo?

7 O Senhor pronunciou êste juramento contra a soberba de Jacó: Eu juro que me não esquecerei jamais de tôdas as obras dêles.

8 Acaso depois disto não se comoverá a terra, e não chorará todo o seu habitante: E sairão todos como um rio grande, e serão arrojados, e correrão como o rio do Egito?

9 E acontecerá isto naquele dia, diz o Senhor Deus, o sol se porá ao meio-dia, e farei cobrir a terra de trevas no dia da luz: (3)

10 E converterei as vossas festas em luto, e todos os vossos cânticos em pranto, e porei sôbre tôdas as vossas costas saco, e sôbre tôdas as vossas cabeças rapadura: E reduzi-la-ei a romper num pranto desfeito como o que se faz por um filho único, e o seu fim a ser como um dia de amargura. (4)

vra que está no original tanto pode significar uma como outra coisa.

O SABADO — Significa provêlmente aqui o ano sabático, durante o qual era defeso cultivar ou colher frutos.

(3) **O SOL SE PORÁ AO MEIO-DIA** — Usset explica êste texto à letra de um verdadeiro e real eclipse que então houvesse. Alguns Padres o entendem do que tanto depois se viu na morte de Cristo. Porém S. Jerônimo, Teodoro, e com êles muitos modernos, julgam que por esta expressão não quis o profeta significar outra coisa que o sumo terror de que Israel havia de ser assaltado quando visse cair em cima de si um tropel de males.

NO DIA DA LUZ — Isto se entende, ou de quando o dia está no seu maior luzimento e claridade, ou, como explicam muitos Padres, do dia sem dúvida o mais brilhante, ainda que enlutado, da morte de Cristo.

(4) **E REDUZI-LA-EI** — O pronome feminino mostra que o Senhor fala de Samaria, ou da filha de Israel.

11 Eis-aqui vêm os dias, diz o Senhor: E enviarei fome sobre a terra: Não fome de pão, nem sede de água, mas de ouvir a palavra do Senhor.

12 Eles se comoverão desde um mar até outro mar, e desde o Aquilão até ao oriente: Eles andarão por toda a parte buscando a palavra do Senhor, e não a acharão.

13 Naquele dia desfalecerão à sede as virgens formosas, e também os mancebos.

14 Os que juram pelo delito de Samaria, e que dizem: O' Dan, viva o teu Deus: E viva o caninho de Bersabé, e eles cairão, e nunca mais se levantarão. (5)

CAPÍTULO 9

VINGANÇAS DO SENHOR SOBRE OS FILHOS DE ISRAEL. SUA DISPERSÃO. RESTABELECIMENTO DA CASA DE DAVI. TORNADA E RESTABELECIMENTO DOS FILHOS DE ISRAEL.

1 Eu vi o Senhor que estava em pé sobre o altar: E que disse: Fere a couceira, e abale-se a verga da porta: Porque a avareza se acha na cabeça de todos, e eu matarei à espada até o último deles: Nenhum escapará. Eles fugirão, e nenhum dos que fugir se salvará. (1)

2 Se eles descerem até o inferno, a minha mão os tirará de lá: E se subirem até o céu, eu os arrancarei de lá.

3 E se eles se esconderem no cume do Carmelo, eu os irei buscar, e de lá os tirarei: E se eles se esconderem

(5) **OS QUE JURAM PELO DELITO DE SAMARIA** — Isto é, que juram pelos novilhos de ouro e seguem o culto de Baal, que são o pecado de Samaria. — De Carrières.

(1) **O ALTAR** — Sem dúvida o de Jerusalém, de onde o Senhor devia proferir os seus juízos contra o reino das dez tribos.

de meus olhos no profundo do mar, eu passarei ali ordem a uma serpente, e ela os morderá.

4 E se eles fôrem para o cativeiro diante de seus inimigos, aí passarei ordem à espada, e ela os matará: E eu porei os meus olhos sôbre eles para mal, e não para bem.

5 E assim o disse o Senhor Deus dos exércitos, o que toca a terra, e ela se vai secando: E todos os habitantes dela chorarão: E ela mesma subirá como todo o rio, e escorrerá como o rio do Egito.

6 O que fabrica no céu a sua subida, e o que fundou sôbre a terra o seu feixinho: O que chama as águas do mar, e as derrama sôbre a face da terra, seu nome é o Senhor.

7 Acaso vós, ó filhos de Israel, diz o Senhor, não sois tais para comigo, como os filhos dos etíopes? Acaso não fiz eu sair a Israel da terra do Egito: E aos palestinos da Capadócia, e aos sírios de Cirene?

8 Eis-aí que os olhos do Senhor Deus estão abertos sôbre o reino que peca, e eu o exterminarei da face da terra: Todavia eu não destruirei inteiramente a casa de Jacó, diz o Senhor.

9 Porque eu vou dar as minhas ordens, e eu farei que a casa de Israel seja agitada entre tôdas as nações, como o trigo se sacode no crivo: E não cairá na terra uma só pedrinha.

10 Todos os pecadores do meu povo morrerão à espada: Os que dizem: Não se avizinhará, nem virá sôbre nós o mal.

11 Naquele dia levantarei eu o Tabernáculo de Davi, que caiu: E repararei as aberturas dos seus muros, e restaurarei o que se tinha arruinado: E reedificarei tudo isso como nos dias antigos. (2)

Amós 9, 12-15

12 Para que eles possuam os restos da Iduméia, e tôdas as nações, pois que eles foram chamados no meu nome: Diz o Senhor, que é o que faz estas coisas. (3)

13 Eis-aqui vêm os dias, diz o Senhor: E o que lavra alcançará ao que sega, e o que pisa as uvas ao que semeia o grão: E os montes estilarão doçura, e todos os outeiros serão cultivados.

14 E levantarei o cativoiro do meu povo de Israel: E eles reedificarão as cidades desertas, e as habitarão: E plantarão vinhas, e lhes beberão o vinho: E farão jardins, e comer-lhes-ão o fruto.

15 E plantá-los-ei no seu país: E eu os não tornarei mais a arrancar da sua terra, que lhes dei, diz o Senhor teu Deus.

— O apóstolo S. Tiago, dando o seu voto no concílio de Jerusalém, nos assegura que o objeto desta profecia que elle alega, segundo a versão dos Setenta, era a futura conversão do povo gentílico à Fé de Cristo, o agregação à Igreja que elle havia de fundar (At 15, 16 s.). Eis-aqui como S. Tiago refere as palavras de Amós: Naquelle dia reedificarei eu o Tabernáculo de Davi, que tinha caído, e reedificarei as suas ruínas, e o levantarei. De sorte que o resto dos homens e tôdas as gentes buscarão o Senhor, e serão chamados do meu nome. Isto é o que diz o Senhor, que é o que há de fazer estas coisas. Conforme porém esta exposição do apóstolo, em Cristo é que se acha levantada a casa de Davi, que estava caída desde o cativoiro de Babilônia, porque com effeito d'elle é que disse o Arcanjo: O Senhor Deus lhe dará o Trono de Davi seu pai, e elle reinará eternamente sobre a casa de Jacó! (Lc 1, 32.)

(3) OS RESTOS DA IDUMÉIA — Rival e inimiga da casa de Jacó.

ABDIAS

INTRODUÇÃO

Autor. — Abdias, cujo nome indica servo de Jeová, é o quarto dos profetas menores. Conquanto êste nome seja vulgar na Sagrada Escritura (3 Rs 18, 3; 1 Par 3, 21; 7, 3; 3, 38; 9, 16; 12, 2; 1 Esd 8, 9; 2 Esd 10, 5) pouco se sabe da biografia dêste profeta. Confundem-nos com o piedoso israelita de quem se fala na história de Acab e de Elias, e que tinha o mesmo nome. Outros vêem nêle um idumeu, por ter profetizado contra a Iduméia; alguns ainda supõem o terceiro capitão enviado por Ocozias a Elias, 4 Rs 1, 13. O que se pode concluir da leitura do texto é que êle era do reino de Judá; e mais nada se pode assegurar acêrca da sua existência.

Estilo. — Emprega uma linguagem animada, por vêzes veemente, abundante em apóstrofes e interrogações; o seu modo de dizer é puro e correto, e por vêzes poético.

Época. — Se da vida de Abdias quase nada, ou nada, se sabe, difícil é determinar a sua época. Uns julgam que êle é o mais antigo dos profetas menores, outros afirmam que êle é contemporâneo do cativoiro. A concisão da sua profecia, onde não há uma alusão precisa, ou uma referência segura a tempo e a fatos certos, não permite assegurar coisa alguma, e justifica as divergências dos crí-

ticos. Parece contudo que é mais antigo que Jeremias, pela semelhança que existe entre a profecia dêsse contra a Iduméia e a de Abdias, o que indica claramente que um dêles teve o escrito do outro diante dos olhos, e tudo leva a crer que fôsse Jeremias que imitasse Abdias, tanto mais que existem têrmos idênticos, sem que contudo em Abdias haja coisa alguma do que é freqüente em Jeremias. A esta conclusão chegou Caspari, e que foi aceita por críticos insuspeitos como Schultz, Rosenmüller, Jazer, Heudewerk, Delitzsch, Pusey e Meuric na sua obra *Obadiah, Spaaker's Bible* 1876.

Vigouroux, *Manuel Biblique*, também afirma peremptoriamente que Abdias é anterior a Jeremias.

Análise da profecia de Abdias. — Esta profecia compreende apenas 21 versículos; é o escrito mais curto do Antigo Testamento, *Parvus propheta, versuum supputatione, non sensuum*. Prediz a ruína da Iduméia vv. 1-9; por causa da parte ativa que tomou nas desgraças que afligiram o povo de Deus vv. 10-16; ao contrário Jerusalém será salva e triunfará de Esaú e dos seus inimigos.

Os idumeus são a figura dos falsos amigos e dos inimigos da Igreja, que triunfa dos seus adversários pela assistência eterna que lhe prometeu o seu divino Instituidor. A profecia contra Edom realizou-se quando Nabucodonosor atravessava êste país para invadir o Egipto, e no tempo de João Hircano, e pelos nabateus, que fizeram perder aos descendentes de Esaú o seu caráter nacional.

ABDIAS

CAPÍTULO ÚNICO

SOBERBA DOS IDUMEUS. SUA INFIDELIDADE A RESPEITO DOS FILHOS DE JACÓ. VINGANÇAS DO SENHOR CONTRA OS IDUMEUS. RESTABELECIMENTO DOS FILHOS DE JACÓ. EXTENSÃO DAS SUAS TERRAS. JUÍZOS EXERCITADOS POR ÊLES SOBRE A CASA DE ESAÚ. REINO DO SENHOR.

1 Visão de Abdias. Isto diz o Senhor Deus a Edom: Nós o ouvimos do Senhor, e êle já mandou o seu legado às gentes: Levantai-vos, e conspiremos todos contra Edom, para lhe apresentarmos batalha. (1)

(1) **NÓS O OUVIMOS DO SENHOR** — Este período, e os mais que se seguem até ao fim do versículo, deve ler-se como um entre-parêntesis dos profetas, de sorte que as palavras do Senhor comecem pelas do versículo 2. Quando Abdias, pois, diz: Nós o ouvimos do Senhor (que vale o mesmo que dizer: Nós o soubemos do Senhor), ou êle fala só de si, pondo o plural pelo singular, ou fala em seu nome, e êle dos outros profetas, que todos predisseram a ruína da Iduméia, significada aqui, como noutras muitas partes da Escritura, pelo nome de Edom, ou de Esaú, seu fundador. Quando diz: êle já mandou o seu Legado às gentes, é porque considera o Senhor como um rei, que tendo resolvido vingar-se de uma nação orgulhosa e insolente, ajunta o seu exército, e convida pelo seu embaixador outros príncipes a que, unidos de mão comum, vão todos contra aquela nação. Quando diz: “Levantai-vos, e conspiremos contra Edom, para o combaterem”, declara o que o rei pelo seu embaixador mandou dizer aos aliados.

Abdias 1, 2-10

2 Olha que te fiz pequenino entre as gentes: Tu és desprezível em extremo.

3 A soberba do teu coração te elevou a ti, que habitas nas fendas dos rochedos, que elevas o teu trono: Que dizes dentro no teu coração: Quem me derribará em terra? (2)

4 Se te remontares como águia, e se puseres o teu ninho entre os astros: Eu te arrancarei de lá, diz o Senhor.

5 Se uns ladrões, se uns salteadores entrassem de noite em tua casa, como te não deixarias tu estar em silêncio? Não se contentariam êles de te levar o que lhes bastasse? Se entrassem outros a vindimar-te a tua vinha, não te deixariam êles ao menos um cacho?

6 Como esquadrinharam êles a Esaú, investigaram os seus esconderijos? (3)

7 Êles te perseguiram até o ponto de te lançarem fora dos teus confins: Todos os varões teus aliados zombaram de ti: Os varões de paz que se diziam teus amigos, se levantaram contra ti: Os que comem contigo, te armarão traições à falsa fé: Em Edom não há prudência.

8 Acaso não é naquele dia que eu hei-de perder os sábios da Iduméia, diz o Senhor, e que eu hei-de expulsar a prudência do monte de Esaú?

9 E os teus valentes do meio-dia serão tomados de medo, de maneira que morrerá todo o varão no monte de Esaú.

10 Por causa da mortandade, e pelo agravo que fi-

(2) **NAS FENDAS DOS ROCHEDOS** — Refere-se aos habitantes de Petra, capital da Iduméia, que tinham as suas habitações talhadas na rocha.

(3) **ESAÚ** — Que se chamava também Edom (Gên 25, 25-30); está empregado o ascendente pelos descendentes, os idumeus.

zeste a teu irmão Jacó, cobrir-te-á a confusão, e perecerás para sempre.

11 No dia em que saíste contra êle, quando os estrangeiros levavam cativo o seu exército, e os estranhos entravam pelas suas portas, e deitavam sortes sobre Jerusalém: Tu também eras como um dêles.

12 Mas tu não zombarás mais de teu irmão no dia do seu trabalho, no dia em que êle fôr levado para fora do seu país: Nem te tornarás a alegrar sobre os filhos de Judá no dia da sua perdição: Nem se gloriará a tua bôca no dia da angústia.

13 Nem entrarás pela porta do meu povo no dia da sua ruína: Nem tampouco zombarás tu dos seus males no dia da sua desolação: Nem serás enviado contra o seu exército no dia do seu desbarato.

14 Nem te postarás nas saídas para matares aos que fugirem: E não encerrarás aos restos dos seus habitantes no dia da sua tribulação.

15 Porque o dia do Senhor está perto sobre tôdas as gentes: Far-se-á contigo, como tu fizeste aos outros: Êle fará cair sobre a tua cabeça a pena que tens merecido.

16 Porque assim como vós bebestes sobre o meu santo monte, assim também beberão de continuo tôdas as gentes: E elas beberão, e sorverão, e virão a ser como se nunca fôssem.

17 Mas a salvação achar-se-á no monte de Sião, e êle será santo: E a casa de Jacó possuirá aos que a tinham possuído. (4)

18 Porque a casa de Jacó será um fogo, e a casa

(4) **E A CASA DE JACÓ POSSUIRÁ AOS QUE A TINHAM POSSUÍDO** — Isto é, aos que lhe tinham usurpado a sua herança, como tinham feito os amonitas, os moabitas, os filisteus.

Abdias 1, 19-21

de José uma chama, e a casa de Esaú uma palha seca; que serão abrasados por eles, e eles os devorarão: E não ficarão relíquias da casa de Esaú, porque o Senhor é o que falou. (5)

19 E os que estão ao meio-dia, e os que habitam nas planícies dos filisteus, herdarão o monte de Esaú: E eles serão senhores do país de Efraim, e do território de Samaria: E Benjamim possuirá a Galaad. (6)

20 E o cativoiro dêste exército dos filhos de Israel, todos os lugares dos cananeus até Sarepta: E o cativoiro de Jerusalém, que está no Bósforo, possuirá as cidades do meio-dia. (7)

21 E os salvadores subirão ao monte de Sião, para julgarem o monte de Esaú: E ficará o reino ao Senhor. (8)

(5) **SERÁ UM FOGO** — Depois do regresso de Babilônia, os judeus foram como um fogo devastador para a casa de Esaú, ou seja, dos idumeus, contra os quais fizeram guerra. Isto pode referir-se às predições dos macabeus contra os idumeus. (1 Mac 5, 3)

(6) **GALAAD** — Isto é, país para além do Jordão.

(7) **BÓSFORO** — Em hebreu *Sepharad*. A identificação desta região é muito incerta. As inscrições persas referem-se a *Sparad*, que pode ser esta de que aqui se trata. Parece designar a Lídia.

(8) **O REINO** — Refere-se à consumação dos séculos, em que só Deus reinará com os seus eleitos.

JONAS

INTRODUÇÃO

Autor. — Jonas é o quinto dos profetas menores. Seu pai chamava-se Amati, era natural de Gat-Hefu na tribo de Zabulon, hoje *Madjad*, ao norte de Nazaré, na estrada que vai de Seforis a Tiberíades. Segundo uma antiga tradição judaica, Jonas era o filho da viúva de Sarepta, ressuscitado pelo Santo Patriarca Elias, 3 Rs 17, 17-24. O seu livro não tem data, mas sabe-se que Jonas vivia no tempo de Jeroboão II, rei de Israel.

Caráter e estilo do livro de Jonas. — O livro de Jonas não se assemelha aos outros escritos proféticos; não encerra oráculos propriamente ditos. E' uma narração histórica da missão que lhe foi confiada de pregar a penitência aos ninivitas e da maneira como se desempenhou.

O seu estilo é simples; escreve em prosa, exceto uma prece que se lê no capítulo 2, 3-10, que está redigida em verso.

Catalogaram êste livro entre os proféticos, não porque contenha nenhuma revelação direta do futuro, mas porque o seu autor foi profeta e nos dá notícia da estada de Jonas durante três dias no ventre de um peixe, maravilha que figura a permanência de Jesus Cristo durante o mesmo tempo no sepulcro.

Escusado é dizer, porque demais é sabido, que êste episódio bíblico tem sido objeto das sátiras mais veementes dos ímpios da escola voltaireana; não se lembram porém de que Deus é onipotente, também onisciente, permitindo êsse insólito acontecimento como figura da ressurreição de Jesus Cristo.

Divisão do livro. — Pode dividir-se em três seções e pela seguinte forma:

- 1.^a Ordem que Jonas recebe de Deus para ir pregar a Nínive; sua desobediência e castigo, cc. 1 e 2.
 - 2.^a História da sua forçada pregação em Nínive, c. 3.
 - 3.^a Descontentamento que causa a Jonas o perdão concedido aos ninivitas.
-

JONAS

CAPÍTULO 1

JONAS MANDADO A NÍNIVE. ELE FOGE, E EMBARCA PARA TARSIS. LEVANTA-SE UMA TEMPESTADE. CAI A SORTE SOBRE JONAS, E É LANÇADO NO MAR.

1 E foi dirigida a palavra do Senhor a Jonas, filho de Amati, a qual dizia:

2 Levanta-te, e vai à grande cidade de Nínive, e prega nela: Porque a sua malícia subiu até à minha presença: (1)

3 Jonas pois se pôs a caminho, resolutu a ir para Tarsis, para fugir da face do Senhor, e desceu a Jope,

(1) **LEVANTA-TE E VAI À GRANDE CIDADE DE NÍNIVE** — Nínive, posta sobre o Tigre (não, como alguns disseram, sobre o Eufrates), teve por seu primeiro fundador a Nemrod, filho de Cus, e bisneto de Noé. (Gên 10, 11.) Ficava situada na região chamada hoje Koyoundjik, onde estão as ruínas dos palácios dos reis da Assíria, defronte da actual cidade de Mousoul. Era côrte do reino dos assírios, muito maior que Babilônia, e de figura oblonga. Tinha cento e cinquenta estádios de comprido e noventa de largo, de sorte que o seu âmbito era de quatrocentos e oitenta estádios, que faziam vinte léguas das nossas.

e achou um navio que ia para Tarsis: E deu o seu frete e entrou nêle para ir com os seus passageiros a Tarsis fugindo da face do Senhor. (2)

4 Porém o Senhor enviou sôbre o mar um vento furioso: E levantou-se no mar uma grande tempestade, e estava o navio em perigo de se fazer em pedaços.

5 Então temeram os marinheiros, e invocaram cada um o seu Deus a grandes gritos: E alijaram no mar tôda a carga, que traziam no navio, para o aliviarem do seu pêso: Entretanto Jonas desceu ao porão do navio, e lá dormiu um profundo sono.

6 E chegou-se a êle o pilôto, e lhe disse: Como te deixas tu estar agarrado nesse sono? Levanta-te, invoca o teu Deus, a ver se acaso se lembra de nós, e não permite que pereçamos.

7 Então disse cada um para o seu companheiro: Vinde, e deitemos sortes: Para sabermos porque nos acontece êste mal. E lançaram sortes: E caiu a sorte sôbre Jonas.

8 Êles depois lhe disseram: Declara-nos, qual é a causa dêste perigo em que nós estamõs: Em que te ocupas

(2) **RESOLUTO A IR PARA TARSIS** — Calmet, seguindo ao historiador José, entende aqui por Tarsis a cidade de Tarso na Cilícia, ao que S. Jerônimo se opõe, observando que na frase dos hebreus Tharsis significa em geral o mar, para daí concluir que o profeta não levava o fimo em alguma cidade determinada, mas como fugitivo e tímido só cuidava em embarcar-se, para onde quer que fôsse. Jope, porém, onde Jonas embarcou, é notório ser o atual Jafa, um porto do Mediterrâneo.

PARA FUGIR DA FACE DO SENHOR — Isto é, para se subtrair a semelhante Missão. E por que assim? Uns, com S. Jerônimo, dizem que era porque, ilustrado pelo Espírito Santo, conhecia Jonas que a penitência dos ninivitas seria a reprovação dos judeus. Outros, com Teodoreto, porque temia que, não surtindo efeito as suas ameaças, ficaria êle reputado por um embusteiro.

tu? Onde é a tua terra, e para onde vais? Ou de que povo és tu?

9 E Jonas lhes respondeu: Eu sou hebreu, eu temo o Senhor Deus do céu, que fez o mar e a terra.

10 Então os homens ficaram tomados de grande medo, e lhe disseram: Por que fizeste tu isto? (Porque os tais homens vieram a saber que êle ia fugindo da face do Senhor, pois já lho havia declarado).

11 Êles pois lhe disseram: Que te faremos nós, para que o mar cesse de se levantar contra nós? Porque o mar se elevava, e engrossava cada vez mais.

12 E Jonas lhes respondeu: Pegai em mim, e lançai-me no mar, e o mar se vos aplacará: Porque eu sei que por minha causa é que vos sobreveio esta grande tempestade.

13 Entretanto trabalhavam à força de remo os marinheiros por tornar a ganhar a terra, mas não podiam: Porque o mar cada vez se empolava mais, e se embriavecia contra êles.

14 Assim êles clamaram ao Senhor, e lhe disseram: Rogamos-te, Senhor, que a morte dêste homem não seja causa da nossa perdição, e que não faças cair sobre nós um sangue inocente: Porque tu és, Senhor, o que isto fizeste, como quiseste.

15 Depois pegaram em Jonas, e o lançaram no mar: E no mesmo ponto cessou o mar da sua fúria.

16 Então conceberam êstes homens um grande temor ao Senhor, e imolaram hóstias ao mesmo Senhor, e lhes fizeram votos.

CAPÍTULO 2

JONAS E' ENGOLIDO POR UM PEIXE. INVOCA O SENHOR. O PEIXE O LANÇA VIVO NA PRAIA.

1 Ao mesmo tempo preparou o Senhor um grande peixe, que engoliu a Jonas: E Jonas estava no ventre do peixe três dias e três noites. (1)

2 E fêz Jonas oração ao Senhor seu Deus lá do ventre do peixe.

(1) **E JONAS ESTAVA NO VENTRE DO PEIXE** — Ignora-se a que espécie pertencia o peixe, pois que o texto nada indica. Uns querem que fôsse uma baleia, mas esta era rara no Mediterrâneo, e não tinha dimensões para engolir um homem. Outros querem que fôsse uma espécie de tubarão, muito voraz, o *squalus cascharius Linnaei*, abundante no Mediterrâneo e que traga tudo o que pode apanhar. Na ilha de Sta. Margarida, em França, encontrou-se um cavalo no ventre de um destes peixes, pesando cem quintais. Müller conta o caso de um marinheiro tragado por um tubarão em 1758, de onde foi extraído salvo — Des Ritters Carl von Linné *vollständiges Natursystem, mit einer ausführlichen Erklärung ausgefertigt von Ph. Sudw. Statius Müller III Theil 1774 Nuremberg pp. 268, 269*. Alguns escritores racionalistas, tentando basear o milagre, apresentam explicações extraordinárias. Herman von der Hardt imaginou que Jonas desembarcara, e se recolhera numa hospedaria que tinha por emblema uma baleia; outros supuseram que êle estivera os três dias a bordo de um navio chamado a Baleia. Como esclarecimento devemos dizer que os holandeses conhecem uma espécie de tubarão voraz pelo nome de tubarão de Jonas, *Jonas-Haay*. E' claro que é necessário admitir a existência de um milagre neste episódio bíblico.

TRÊS DIAS E TRÊS NOITES — O mesmo espaço de tempo predisse Cristo, no Evangelho, que êle havia de estar no sepulcro. (Mt 12, 40) Ora Cristo não esteve no sepulcro senão desde a tarde de sexta-feira até à madrugada do domingo. Logo êstes três dias e três noites não se devem julgar inteiros e completos, mas entender-se por êste espaço um dia inteiro e parte dos outros dois. — Calmet.

3 E disse: Eu clamei ao Senhor no meio da minha tribulação e êle me escutou: Clamei desde o ventre do inferno e tu escutaste a minha voz.

4 E tu me lançaste no profundo até o coração do mar e a corrente das águas me cercou: Todos os teus pegos e tôdas as tuas ondas passaram por cima de mim.

5 E eu disse: Eu fui rejeitado de diante dos teus olhos: Eu contudo verei ainda o teu santo Templo.

6 As águas me cercaram até à alma: O abismo me encerrou em si, as ondas do mar me cobriram a cabeça.

7 Eu desci até às extremidades dos montes; os ferrolhos da terra me encerraram para sempre: Tu contudo, Senhor Deus meu, preservarás a minha vida da corrupção.

8 Quando em mim se angustiava a minha alma, eu me lembrei do Senhor: Para que a minha oração chegue a ti subindo até o teu santo Templo.

9 Os que se entregam inutilmente às vaidades, deixam a misericórdia daquele que os teria livrado.

10 Eu porém te oferecerei sacrifícios com cânticos de louvor: Eu cumprirei todos os votos que fiz ao Senhor pela minha salvação.

11 Então mandou o Senhor ao peixe: E o peixe vomitou a Jonas na praia. (2)

(2) **E O PEIXE VOMITOU A JONAS NA PRAIA** — Não se sabe em que sítio, mas é constante que não foi perto de Nínive, porque esta cidade ficava longe do mar. — Pereira.

CAPÍTULO 3

SEGUNDA VEZ ORDENA O SENHOR A JONAS QUE VÁ A NÍNIVE. PREGAÇÃO DE JONAS NESTA CIDADE. OS NINIVITAS SE CONVERTEM E FAZEM PENITÊNCIA. DEUS LHES PERDOA.

1 E foi dirigida segunda vez a Jonas a palavra do Senhor, a qual dizia:

2 Levanta-te, e vai à grande cidade de Nínive: E prega nela o anúncio que eu te digo:

3 Jonas se levantou e foi a Nínive segundo a ordem do Senhor: E Nínive era uma cidade grande, que eram necessários para se andar três dias de caminho.

4 E Jonas começou a entrar na cidade andando por ela um dia: E clamou e disse: Daqui a quarenta dias será Nínive subvertida. (1)

5 E creram os ninivitas em Deus: E ordenaram um público jejum e vestiram-se de saco desde o maior até ao menor.

6 E chegou esta nova ao rei de Nínive: E êle se levantou do seu trono, e tirou de si os seus vestidos e cobriu-se de saco e assentou-se sobre a cinza. (2)

7 Depois fêz clamar por toda a parte, e publicar em Nínive esta ordem, como vinda da boca dêle rei, e

(1) **DAQUI A QUARENTA DIAS** — A letra: Ainda restam quarenta dias, e depois dêles “será Nínive subvertida”. Assim a Vulgata como o hebreu, siro, caldeu, e com todos os antigos intérpretes gregos, exceto os Setenta, que dizem “daqui a três dias, etc.” O que ainda que Santo Agostinho, no livro XVIII da Cidade de Deus, cap. 44, quis defender como misterioso, Teodoreto contudo o dá por um erro dos primeiros amanuenses.

(2) **E CHEGOU ESTA NOVA AO REI** — O nome dêste rei é desconhecido ao certo, mas pode-se admitir que fôsse Ramani-sar, contemporâneo de Jonas, que reinou de 810 a 782 antes da nossa era.

da de seus príncipes dizendo: Os homens, e as alimárias, e os bois, e as ovelhas, não comam nada: E eles não sejam levados a pastar, nem se lhes dê a beber água.

8 E os homens e as alimárias, cubram-se de saco, e clajem ao Senhor com tôda a sua fôrça e cada um se converta do seu mau caminho, e da iniquidade que há nas suas mãos.

9 Quem sabe se voltará Deus para nos perdoar: E se aplacará êle o furor da sua ira, de sorte que nós não pereçamos?

10 E viu Deus as obras que eles fizeram como se converteram do seu mau caminho: E compadeceu-se dêles, para lhes não fazer o mal que tinha resolvido fazer-lhes, e com cfeito lho não fêz.

CAPÍTULO 4

**JONAS SE AFLIGE DE SE NÃO TER CUMPRIDO A SUA PRO-
FECIA. O SENHOR LHE FAZ VER QUE SE NÃO DEVE AFLI-
GIR DE QUE SE PERDOASSE A NÍNIVE.**

1 E Jonas se angustiou com uma grande aflição e ficou todo apaixonado.

2 E orou ao Senhor e disse: Rogo-te, Senhor, se porventura não é isto o de que eu me receava, quando ainda estava na minha terra? por isto é que eu me preveni com o expediente de fugir para Tarsis: Porque eu sei que tu és um Deus clemente e misericordioso, paciente e de muita comiseração e que perdoa os pecados.

3 Eu pois te rogo, Senhor, que tires agora a minha alma do meu corpo: Porque me é melhor a morte do que a vida.

4 E o Senhor lhe disse: Julgas tu que tens razão para te apaixonares?

5 Ao depois saiu Jonas da cidade e se assentou con-

tra o oriente da mesma cidade. E ali fêz para si uma pequena coberta, e debaixo dela repousava à sombra, até ver que era o que acontecia à cidade.

6 Então fêz nascer o Senhor Deus uma hera, que se levantou por cima da cabeça de Jonas, para fazer sombra à sua cabeça e para o defender: Porque estava muito incomodado: E se encheu Jonas por aquela hera de grande alegria.

7 Ao outro dia porém ao romper da manhã enviou Deus um bicho: E roeu as raízes à hera e ela se secou.

8 Depois como apareceu o sol: Mandou o Senhor um vento quente e abrasador: E deram os raios do sol na cabeça a Jonas, e se abrasava: E desejou com tôda a sua alma a morte, e disse: Melhor me é morrer do que viver.

9 Então disse o Senhor a Jonas: Julgas tu que tens razão para te enfadares por amor desta hera? E Jonas lhe respondeu: Tenho razão de me enfadar até o ponto de desejar a morte.

10 Disse pois o Senhor: Tu enfadas-te por amor de uma hera, que te não custou trabalho algum, nem a fizeste crescer: Que nasceu numa noite, e numa noite feneceu.

11 E então eu não perdoarei à grande cidade de Nínive, onde há mais de cento e vinte mil homens, que não sabem discernir entre a sua mão direita e a sua mão esquerda, e um grande número de animais? (1)

(1) **CENTO E VINTE MIL HOMENS** — Calculou-se que devia haver, segundo este número, 120.000 crianças, 600.000 habitantes em Nínive.

QUE NÃO SABEM DISCERNIR — Os intérpretes o entendem vulgarmente dos meninos que ainda não têm uso de razão. E contando-se dêstes em Nínive mais de cento e vinte mil, infere Calmet que devia haver ao todo em Nínive passante de seiscentas mil almas.

MIQUÉIAS

INTRODUÇÃO

Autor. — *Miquéias*, abreviatura de MICHAYA, *quem como Iahveh?* é o sexto dos profetas menores. Era oriundo de Morasti, nas cercanias de Get. Não se deve confundir com um outro profeta do mesmo nome, filho de Jemla, que viveu um século antes. 3 Rs 22, 8-37. Profetizou em Jerusalém, no tempo de Joatan, Acaz e de Ezequias, sendo por consequência contemporâneo de Isaías. Os seu oráculos referiam-se a tôdas as tribos, mas particularmente ao reino de Judá. A sua autenticidade é garantida pela citação de Jeremias 26, 18, e pelas semelhanças que se nota entre Miquéias e Isaías: confirmam-se *Miq* 2, 11; *Is* 28, 7; *Miq* 3, 5-7; *Is* 29, 9-12; *Miq* 3, 12; *Is* 32, 13. 14; *Miq* 5, 2-4; *Is* 7, 14, etc.

Estilo. — O estilo dêste profeta é notável pela elevação dos pensamentos, brilho de expressão, riqueza de imagens, correção, elegância, pureza e harmonia: cultiva os trocadilhos da palavra, o que é frequente entre os escritores orientais, 1, 10-15.

Análise e divisão da profecia de Miquéias. — A profecia de Miquéias compreende três discursos começando todos por esta palavra de *Audite, ouvi*:

Miquéias .

1.º Castigo de Samaria e de Judá; cc. 1 e 2.

2.º Aniquilação de Judá; glorificação da casa de Deus e restauração de Sião pelo Messias, cc. 2-4.

3.º O caminho da Salvação, cc. 6 e 7.

Prediz a invasão de Salmanasar, 1, 6-8; 4 Rs 17, 3-6; a de Senaquerib, 1, 9-16; 4 Rs 18, 13; a destruição de Jerusalém, 3, 12; 7, 11; o cativeiro de Babilônia, 4, 10; e a volta, 4, 1-8; o estabelecimento do reino messiânico, 4, 8, e a glória de Belém, 5, 2.

MIQUÉIAS

CAPÍTULO 1

VINGANÇAS DO SENHOR SOBRE SAMARIA E SOBRE JERUSALÉM.

1 Palavra do Senhor, que foi dirigida a Miquéias de Morasti, nos dias de Joatan, de Acaz e de Ezequias, reis de Judá: A qual êle viu sôbre Samaria e Jerusalém. (1)

2 Povos, ouvi todos vós e a terra, e tôda a sua plenitude esteja atenta: E o mesmo Senhor Deus seja testemunha contra vós, o Senhor que tudo vê do seu santo Templô.

3 Porque o Senhor está a sair do seu lugar onde reside: E êle descera, e pisará aos pés tudo o que há de grande na terra.

4 E debaixo dêle, os montes desaparecerão: E os vales se rasgarão como a cêra, diante do fogo, e como as águas, que se precipitam num abismo.

5 E tudo isto por causa da maldade de Jacó, e dos pecados da casa de Israel. Qual é a maldade de Jacó? não é a Samaria? E quais os altos de Judá? não é Jerusalém?

6 Eu pois tornarei Samaria como um montão de pe-

(1) **A MIQUÉIAS DE MORASTI** — Pequena aldeia da Palestina, da tribo de Judá, nas proximidades de Hebron.

SAMARIA — Onde Jeroboão restaurou o culto dos bezerros de ouro.

Miquéias 1, 7-14

dras no campo quando se planta uma vinha: E farei rebolar as suas pedras para um vale e descobrirei os seus fundamentos.

7 E tôdas as suas estátuas serão quebradas e tudo o que ela tem ganhado será queimado pelo fogo, e reduzirei em pó todos os seus ídolos. Porque as suas riquezas foram ajuntadas do preço da sua prostituição, elas virão a ser também a recompensa das prostitutas.

8 Sôbre isto eu prantearei e uivarei: Andarei despojado, e todo nu: Darei berros como de dragões e farei lamentos como de avestruzes.

9 Porque a chaga de Samaria é desesperada, porque chegou até Judá, penetrou a porta do meu povo até Jerusalém. (2)

10 Não o deis a saber a Get, nem derrameis lágrimas, na casa do Pó cobri-vos também de pó. (3)

11 Passai pois cobertos de ignomínia, os que habitais na vivenda Bela: A que habita nos vossos confins não saiu; a casa vizinha tomará de vós as lamentações, aquela que se susteve fiada em si mesma.

12 Porque debilitada se acha para o bem a que habita no meio de amarguras: Porquanto desceu já do Senhor o mal contra a porta de Jerusalém.

13 O estrondo das quadrigas serviu de espanto aos habitantes de Laquis: O principio do pecado da filha de Sião é que em ti se acharam as maldades de Israel. (4)

14 Por isso enviará êle os seus emissários sôbre a

(2) **CHAGA DE SAMARIA** — A idolatria.

(3) **NA CASA DO PÓ** — Tradução do nome Bethleaphra, Ophras, na tribo de Benjamim.

(4) **LAQUIS** — Cidade meridional de Judá, contra a qual Senaquerib investiu antes de atacar Jerusalém. Cfr. 4 Rs 18, 13 s.

herança de Get: Casa de mentira para enganar aos reis de Israel. (5)

15 Eu te mandarei ainda um herdeiro a ti, que habitas em Maresa: A glória de Israel se estenderá até Odolão. (6)

16 Arranca-te os cabelos e corta-os de todo, para chorares a teus filhos, que eram tôdas as tuas delícias: Fica-te sem cabelo algum, como a águia: Porque foram levados cativos os que procedem de ti.

CAPÍTULO 2

INFIDELIDADES DOS FILHOS DE ISRAEL. VINGANÇAS DO SENHOR SOBRE ELES. PROMESSA DA SUA TORNADA.

1 Ai dos que pensais coisas inúteis e que maquinais o mal em vossos leitos: Eles as executam desde o ponto que amanhece, porque contra Deus mesmo é que se levanta a sua mão. (1)

2 E cobiçaram as terras de seus próximos, e violentamente lhas tomaram e lhes roubaram as suas casas

(5) **A HERANÇA DE GET** — Isto é, os assírios, que ocupavam então as cidades dos filisteus. No original está *Morescheth de Geth*, que a Vulgata traduziu por herança, mas *Morescheth* é uma povoação de Get.

(6) **EU TE MANOAREI AINDA UM HERDEIRO** — O nome *Maresa*, que o era de uma cidade de Judá, significa herança. Há logo aqui uma alusão de nomes, entre herança e herdeiro. E o dizer o Senhor que mandará um herdeiro ao que habita em Maresa, é dizer que mandará ao povo judaico quem herde todos os seus bens, o que alude à vinda dos assírios sobre Jerusalém.

(1) **AI DOS QUE PENSAIS COISAS INÚTEIS** — Sacy e de Carrières vertem do hebreu: "Ai dos que formais desígnios injustos." Eu, segundo o meu costume, expliquei-me pelos mesmos termos da Vulgata: *Vae qui cogitatis inutile*.

Miquéias 2, 3-9

por força: E eles oprimiam a um, com o sentido na sua casa: A outro, com o sentido nos seus bens.

3 Por cuja causa isto diz o Senhor: Eis-aí faço eu tenção de enviar sobre este povo um mal: De onde vós não livrareis as vossas cervizes e não andareis mais de passo soberbo, porque o tempo é péssimo.

4 Naquele dia se tomará por assunto falar de vós e cantar-se-á com prazer uma cantiga por bôca dos que vos fizerem dizer: Nós estamos de todo o ponto desolados: A sorte do meu povo se trocou. Como se retirará de mim, quando torna o que há de repartir os nossos campos?

5 Por isso não terás tu quem meça com cordel as porções na Assembléia do Senhor.

6 Não digais incessantemente: Não distilará sobre estes, não os alcançará a confusão.

7 A casa de Jacó diz: Porventura fêz-se menos dilatado o espírito do Senhor, ou pode ele ter tais pensamentos? Não são as minhas palavras cheias de bondade para com aquêle que caminha com retidão?

8 E o meu povo pelo contrário se levantou contra mim como se eu fôra inimigo: Depois da túnica tirastes a capa: E àqueles que passavam em boa paz, obrigastes a andar em guerra. (2)

9 Vós lançastes fora da casa, onde viviam mimosas,

(2) **E AQUELES QUE PASSAVAM... OBRIGASTES A ANDAR EM GUERRA** — O hebreu traz assim todo este versículo: "Mas ontem o meu povo se levantou como um inimigo contra aquêle que vivia em paz: E vós tirastes a capa aos que passavam sem nenhuma desconfiança ao vir da guerra." E os intérpretes tanto este versículo como o seguinte os entendem comumente de quando os israelitas, reinando Force, mataram cento e vinte mil do reino de Judá, e levaram cativos, entre homens, mulheres e meninos, duzentos mil vassallos do rei Acáz. 2 Par 28, 6.

as mulheres do meu povo: Sufocastes para sempre o meu louvor na boca de seus tenros filhinhos.

10 Levantai-vos e ide-vos daqui, porque vós não tendes aqui descanso: Por causa da sua imundície se corromperá a vossa terra de uma podridão péssima.

11 Prouvera a Deus, que fôra eu um homem que não tivesse o espírito, mas antes dissesse mentiras: Eu distilarei sobre ti vinho e embriaguez: E êste povo será o sobre quem se distila.

12 Eu te congregarei, ó Jacó, todo inteiro: Eu reunirei as relíquias de Israel, eu o porei todo junto, como um rebanho no aprisco; como gado no meio dos currais, farão grande tumulto pela turbanulta dos homens. (3)

13 Porque aquêle que lhes há de abrir o caminho, irá adiante dêles: Romperão e passarão em turmas a porta, e entrarão por ela: E o seu rei passará diante dos seus olhos, e êste rei será o Senhor que marchará à testa dêles.

CAPÍTULO 3

INFIDELIDADE DOS PRINCIPES, DOS FALSOS PROFETAS, E DOS SACERDOTES DA CASA DE JUDÁ. SUA FALSA SEGU- RANÇA. RUÍNA DE JERUSALÉM.

1 Eu disse outrossim: Ouvi, príncipes de Jacó, e chefes da casa de Israel: Porventura não é a vós que pertence saber o que é justo. (1)

2 Os que aborreceis o bem, e amais o mal: Os que arrancais com violência as suas peles de cima dêles, e a sua carne de cima de seus ossos?

(3) **FU TE CONGREGAREI** — S. Jerônimo e muitos outros intérpretes entendem que êstes dois versículos se referem à futura união dos restos de Israel com os gentios ou Igreja de Jesus Cristo, da qual o Messias é Rei e Senhor.

(1) **PRINCIPES** — Os principais dos reinos de Judá e Israel.

Miquéias 3, 3-11

3 Êles comeram a carne do meu povo, e lhes arrancaram de cima a pele: E lhes quebraram os ossos, e os partiram como para os fazer cozer num caldeirão, e como carne que se quer fazer ferver dentro de uma panela.

4 Então clamarão ao Senhor e êle os não escutará: E esconderá dêles a sua face naquele tempo, visto que êles obraram perversamente segundo as invenções do seu capricho.

5 Isto diz o Senhor acêrca dos profetas que seduzem o meu povo: Que mordem com os seus dentes e que pregam a paz: E se algum lhes não dêr para meterem na sua bôca alguma coisa, põe a sua piêdade em lhe declarar a guerra.

6 Por isso em lugar de visão tereis vós a noite e as trevas em vez de revelação: E pôr-se-á o sol sôbre os profetas e sôbre êles se obscurecerá o dia.

7 E confundir-se-ão os que têm visões e cobrir-se-ão de vergonha os que se metem a adivinhar: E todos êles esconderão os seus rostos, quando se vir que Deus está mudo para êles. (2)

8 Mas pelo que toca a mim, eu estou cheio da fortaleza, da justiça, e da virtude do espírito do Senhor: Para anunciar a Jacó a sua maldade e a Israel o seu pecado.

9 Ouvi isto, príncipes da casa de Jacó, e juizes da casa de Israel: Porque abominais a equidade, e perverteis tudo o que é reto.

10 Vós que edificaes a Sião do sangue, e a Jerusalém da iniquidade.

11 Os seus príncipes davam as sentenças por pre-

(2) QUANDO SE VIR — À letra: pois Deus não dará já resposta.

sentes, e os seus sacerdotes ensinavam por interesse, e os seus profetas adivinhavam por dinheiro: E depois disto, repousavam êles sôbre o Senhor, dizendo: Não é assim que o Senhor está no meio de nós? Não virão logo sôbre nós males alguns.

12 Em consequência disto, por vossa causa, será lavrada Sião como um campo, e Jerusalém será reduzida a um como montão de pedras, e o monte do Templo a umas altas reboleiras de bosques. (3)

CAPÍTULO 4

RESTABELECIMENTO DE SIÃO. CONCURSO DOS POVOS A ELA, A RENDER VASSALAGEM AO SENHOR. PAZ EM TODA A TERRA.

1 E acontecerá isto: No último dos dias o monte da casa do Senhor será preparado no alto dos montes, e se elevará sôbre os outeiros: E os povos concorrerão a êle. (1)

2 E as nações em turmas se darão pressa por lá chegar, e dirão: Vinde, subamos ao monte do Senhor, e à casa do Deus de Jacó: E êle nos ensinará os seus caminhos, e nós andaremos pelas suas veredas: Porque a lei sairá de Sião, e a palavra do Senhor de Jerusalém.

3 E êle excitará o seu juízo sôbre muitos povos, e castigará poderosas nações até os lugares mais remotos: E êles converterão as suas espadas em relhas de arados, e as suas lanças em enxadões: Um povo não

(3) SIÃO — Esta profecia é citada por Jer 26, 18. S. Jerônimo escreve: Nós vimos cumprido tudo o que foi predito, e o respeito dos lugares atesta a exatidão do profeta.

(1) O MONTE DA CASA DO SENHOR — Este monte, segundo S. Jerônimo, é Cristo Senhor nosso, que com a sua vinda trouxe a paz ao mundo todo, e cuja fé todo o mundo abraçou.

Miquéias 4, 4-12

tirá mais da espada contra outro povo: E eles não aprenderão mais a pelear.

4 E cada um estará assentado debaixo da sua parreira, e debaixo da sua figueira, e não haverá quem os intimide: Porque assim o disse pela sua bôca o Senhor dos exércitos.

5 Porque todos os povos andarão cada um em nome do seu deus: Nós porém andaremos em nome do Senhor nosso Deus, até à eternidade e além dela.

6 Naquele dia, diz o Senhor, congregarei eu a que coxeava: E recolherei a que eu tinha expulsado: E a que eu tinha afligido: (2)

7 E reservarei para relíquias a que era coxa: E para um povo possante a que tinha sido afligida: E o Senhor reinará sobre eles no monte de Sião, desde então, e daí para sempre.

8 E tu, enevoadá torre do rebanho da filha de Sião, o Senhor virá até a ti: E virá o primeiro Poder, o Reino da filha de Jerusalém.

9 Por que te consomes tu agora de tristeza? Acaso não tens rei, ou pereceu o teu conselheiro, pois se apoderou de ti a dor como da que está com dores de parto?

10 Aflige-te, e põe-te em desassossego, filha de Sião, como uma mulher que está a parir: Porque agora sairás tu da tua cidade, e habitarás numa região estranha, e virás até Babilônia: Lá é que tu serás livrada, lá te resgatará o Senhor da mão de teus inimigos.

11 E agora se congregaram contra ti muitos povos, os quais dizem: Ela seja apedrejada: E os nossos olhos vejam a ruína de Sião.

12 Porém eles não conheceram quais eram os pen-

(2) CONGREGAREI EU A QUE COXEAVA — A que ora adorava o Senhor, ora os ídolos. — De Carrières.

samentos do Senhor, e não entenderam o seu desígnio: Porque os ajuntou como a palha numa eira.

13 Levanta-te, filha de Sião, e trilha a palha: Porque eu te darei um corno de ferro, e te darei umas unhas de bronze: E tu quebrarás a muitos povos, e imolarás ao Senhor o que eles roubaram aos outros, e consagrarás ao Senhor de toda a terra, o que eles ganharam pela fortaleza do seu braço.

CAPÍTULO 5

NASCIMENTO DO MESSIAS. REPROVAÇÃO DOS JUDEUS. CONVERSÃO DOS GENTIOS. CHAMADA DOS JUDEUS. A IDOLATRIA DESTRUÍDA ENTRE ELES.

1 Agora serás tu devastada, ó filha do ladrão: Eles puseram o cêrco sobre nós, eles ferirão com a vara a face ao juiz de Israel: (1)

2 E TU BELÉM Efrata, tu és pequenina entre os milhares de Judá: Mas de ti é que me há de sair aquêlê que há de reinar em Israel, e cuja geração é desde o princípio, desde os dias da eternidade. (2)

3 Por isso Deus os abandonará até o tempo em que parirá aquela que há de parir: E então as relíquias de seus irmãos se ajuntarão aos filhos de Israel.

(1) **Ó FILHA DO LADRÃO** — Assim chama o profeta a Jerusalém, por serem os seus príncipes dados a latrocínios e rapinas. Este versículo é continuação do antecedente.

(2) **E TU BELÉM EFRATA** — Um e outro nome tinha esta cidade da tribo de Judá, como além dêste lugar de Miquéias tinha notado muito antes Moisés, Gén 48, 7. E com isto se diferenciava esta Belém de Judá da outra Belém da Galiléia, que pertencia à tribo de Zabulon. Jos 19, 15.

TU ÉS PEQUENINA ENTRE OS MILHARES DE JUDÁ — Isto é, entre as cidades de Judá que contam mil homens capazes

4 E ele estará firme, e apascentará o seu rebanho na fortaleza do Senhor, na sublimidade do nome do Senhor seu Deus: E eles se converterão, porque agora se engrandecerá ele até às extremidades da terra.

5 E ele será a paz: Depois que os assírios tiverem vindo à nossa terra, e quando tiverem calcado as nossas casas: Suscitaremos nós também contra ele sete pastores, e oito homens principais. (3)

6 E apascentarão com a espada a terra de Assur, e com as suas lanças a terra de Nemrod: E ele nos livrará de Assur, depois que tiver vindo à nossa terra, e quando puser os pés na nossa raia. (4)

7 Então as relíquias de Jacó estarão no meio de muitos povos, como um orvalho que vem do Senhor, e como umas gôtas de água que caem sôbre a erva, sem

de pegar em armas, na verdade és uma bem pequena povoação, porque a *parvulus* se entende *populus*. Mas aqui há uma dificuldade, e é que S. Mateus, refletindo este texto do modo que os doutores de Jerusalém o alegaram a Herodes, descreveu com uma negação, que dá um sentido não só diverso, mas ainda contraditório, porque diz assim: *Et tu, Bethlehem terra Judá, nequaquam minima es in principibus Judá*. Quer dizer: “E tu, Belém, terra de Judá, tu não és a da menor consideração entre as principais cidades de Judá.” (Mt 2, 6.) E’ evidente, porém, que o evangelista não falava assim referindo-se à sua extensão e população, mas à sua importância por ter nascido aí o Messias. E desta passagem de S. Mateus também se infere que era opinião corrente que este lugar de Miquéias se refere ao Messias.

(3) **SUSCITAREMOS NÓS TAMBÉM CONTRA ELE SETE PASTORES** — Sete e oito, isto é, muitos, número definido pelo indefinido, como é costume nas Escrituras, e ainda nos autores profanos.

(4) **TERRA DE NEMROD** — A Babilônia, onde Nemrod começou a governar. A de Assas era a Assíria cuja capital era Nínive.

dependem de ninguém, e sem esperarem nada dos filhos dos homens.

8 E as relíquias de Jacó estarão entre as gentes no meio de muitos povos, como um leão no meio das outras alimárias dos bosques, e como um cachorro de leão entre os rebanhos das ovelhas: O qual depois que passar, e pisar aos pés, e fizer a sua prêsa, não há quem lha tire.

9 A tua mão se elevará sobre os teus inimigos, e todos os teus inimigos perecerão.

10 E acontecerá isto naquele dia, diz o Senhor: Eu tirarei os teus cavalos do meio de ti, e destroçarei as tuas quadrigas.

11 E arruinarei as cidades da tua terra e destruirei tôdas as tuas fortificações, e te arrancarei das mãos tudo o que servia aos teus sortilégios, e não haverá mais adivinhações em ti.

12 E farei perecer os teus simulacros, e as tuas estátuas do meio de ti: E nunca mais adorarás as obras das tuas mãos.

13 E arrancarei os teus bosques do meio de ti: E reduzirei em pó as tuas cidades.

14 E tomarei, com furor e indignação, vingança de tôdas as gentes que me não ouviram.

CAPÍTULO 6

INGRATIDÃO DOS FILHOS DE ISRAEL. MEIOS DE AGRAVAR AO SENHOR. INFIDELIDADES DOS ISRAELITAS.

1 Ouvi o que diz o Senhor: Levanta-te, defende a tua casa em juízo contra os montes, e ouçam os ou-teiros a tua voz.

2 Ouçam os montes o juízo do Senhor, e ouçam-no os fortes fundamentos da terra: Porque o Senhor quer entrar em juízo com o seu povo, e justificar-se-á com Israel.

Miquías 6, 3-10

3 Povo meu, que é o que eu te fiz, ou em que te fui `eu molesto? Responde-me.

4 Será porque eu te tirei da terra do Egito, e porque te livreí de uma casa de escravidão: E porque enviei diante de ti a Moisés, e a Aarão, e a Maria?

5 Povo meu, eu te rogo que te lembres do desígnio de Balac, rei de Moab, e do que lhe respondeu Balaão, filho de Beor, desde Cetim até Galgala, para reconheceres as justiças do Senhor. (1)

6 Que oferecerei eu ao Senhor, que seja digno d'ele? Encurvarei eu o joelho diante de Deus excelso? Oferecer-lhe-ei porventura holocaustos e novilhos de um ano?

7 Pode-se acaso aplacar o Senhor sacrificando-se-lhe mil carneiros, ou muitos milhares de bodes gordos? Porventura sacrificar-lhe-ei eu pela minha maldade meu filho primogênito, o fruto do meu ventre pelo pecado da minha alma?

8 Eu te mostrarei, ó homem, o que te é bom, e o que o Senhor requer de ti: Ê, sem dúvida, que tu obres segundo a justiça, e que ames a misericórdia, e que andes solícito com o teu Deus. (2)

9 A voz do Senhor clama à cidade, e terão a salvação os que temem o teu Nome: Ouvi, ó tribos: Mas quem aprovará isto? (3)

10 Os tesouros da iniquidade ainda estão na casa do ímpio, como um fogo, e a desfalcada medida está cheia da ira.

(1) **CETIM** — Lugar onde os moabitas se entregavam à idolatria com os israelitas. Ficava nas margens do Jordão, perto do Mar Morto, defronte de Galgala e de Jericó.

(2) **E QUE ANDES SOLÍCITO COM O TEU DEUS** — O hebreu: E que te humilhes andando com o teu Deus, conforme à sua vontade.

(3) **A CIDADE** — Segundo uns a Jerusalém, segundo outros a Samaria.

11 Acaso poderei eu não condenar a balança injusta, e os pesos enganosos do saquitel?

12 Pelos quais meios é que os ricos da cidade estão cheios de iniquidade, e os que habitam nela falavam a mentira, e a língua deles é enganadora na boca deles.

13 Por isso é, pois, que eu comecei a ferir-te de um golpe mortal por causa dos teus pecados. (4)

14 Tu comerás, e não te fartarás: E achar-se-á a tua humildade no meio de ti: E tu tomarás nos braços a teus filhos, e não os salvarás: E os que salvares, eu os entregarei ao gume da espada.

15 Tu semearás, e não segará: Tu espremerás a azeitona, e não terás azeite com que te ungir: E tu pisarás os cachos, e não lhes beberás o vinho.

16 E tu guardaste os preceitos de Amri, e todos os estilos da casa de Acab: E andaste pelos rastros da vontade deles, para que eu te entregasse a ti à perdição, e às vaías dos outros, aos que habitam nela, e vós trareis sobre vós o opróbrio do meu povo.

CAPÍTULO 7

RARIDADE DE HOMENS DE BEM NA CASA DE JACÓ. VINGANÇAS DO SENHOR. ESPERANÇAS NAS SUAS MISERICÓRDIAS.

1 Ai de mim, porque estou feito como um que anda ao rabisco de algum cacho no fim do outono depois de feita a vindima: Eu não achei nem sequer um cacho para comer; em vão desejou a minha alma alguns figos temporãos.

2 Faltou o santo da terra, e entre os homens não há um que seja reto: Todos armam traições para derra-

(4) **COMECEI A FERIR-TE** — Neste e nos versículos seguintes dirige-se a Samaria.

Miquérias 7, 3-11

marem o sangue, cada um anda à caça de seu irmão para lhe dar a morte.

3 Eles chamam bem ao mal que obram as suas mãos: O príncipe pede obrigando, e o juiz torna como lhe fazem: E o grande manifestou o desejo da sua alma, e eles lha perturbaram. (1)

4 O ótimo dentre eles é como um tójo: E o reto é como o espinho de uma sebe. E' chegado o dia dos teus Atalaias, veio a tua visita: Agora será a destruição deles.

5 Não creiais no amigo: E não confieis no governador; fecha as portas da tua boca ainda àquela que dorme no teu seio.

6 Porque o filho faz afronta a seu pai, e a filha se levanta contra sua mãe, a nora contra a sua sogra: E os inimigos do homem são os seus mesmos domésticos.

7 Eu porém olharei para o Senhor, eu esperarei a Deus meu salvador; o meu Deus me ouvirá.

8 Não te alegres, inimiga minha, a meu respeito, por eu ter caído: Eu me tornarei a levantar, depois de ter estado assentada nas trevas: o Senhor é a minha luz.

9 Eu trarei sobre mim a ira do Senhor, porque tenho pecado contra êle, até que êle julgue a minha causa, e me faça justiça: Êle me tirará para a luz, eu verei a sua justiça.

10 Então olhará a minha inimiga, e se cobrirá de confusão aquela que me diz agora: Onde está o Senhor teu Deus? os meus olhos olharão para ela: Agora será pisada aos pés, como a lama das ruas.

11 Chegará o dia em que os teus pardieiros se mudarão em edifícios: Naquele dia ficarás tu fora da lei.

(1) **E O JUIZ TORNA COMO LHE FAZEM** — Isto é (segundo S. Jerônimo) julga os outros conforme os outros o julgam a êle.

12 Naquele dia também se virá da Assíria até a ti, e até às tuas cidades fortificadas, e das tuas cidades fortificadas até o rio, e de um mar até a outro mar, e de um monte até outro monte. (2)

13 E a terra será posta em desolação por causa dos seus habitantes; e por causa do fruto das suas cogitações.

14 Apascenta com a tua vara o teu povo, o rebanho da tua herança, os que habitam sós no bosque, no meio do Carmelo: Basan e Galaad serão apascentados, ao modo que eram nos dias antigos.

15 À proporção do que eu obrei nos dias da tua saída da terra do Egito, eu lhe farei ver as minhas maravilhas.

16 As gentes as verão, e elas serão confundidas com toda a sua fortaleza: Os povos porão a mão sobre a sua bôca, os seus ouvidos ficarão surdos.

17 Eles lamberão o pó como as serpentes, eles se espantarão nas suas casas, como os réptis da terra: Eles tremerão diante do Senhor nosso Deus, e terão medo de ti.

18 O' Deus, quem é semelhante a ti, que apagas a iniquidade, e te esqueces dos pecados das relíquias da tua herança? Ele não derramará mais o seu furor contra os seus, porque lhe apraz fazer misericórdia.

19 Ele voltará, e terá compaixão de nós: Ele sepultará as nossas iniquidades, e lançará todos os nossos pecados no fundo do mar.

20 Tu mostrarás a verdade da tua promessa a Jacó, farás misericórdia a Abraão: Que é o que tu juraste a nossos pais desde os dias antigos.

(2) **DE UM MAR** — Estes mares são provavelmente o Mediterrâneo, a ocidente e o mar Morto a oriente.

DE UM MONTE ATÉ OUTRO MONTE — Isto é, desde as montanhas da Arábia Pétreá até às do Líbano, para o norte.

NAUM

INTRODUÇÃO

Autor. — Naum, nome que etimologicamente significa “o que consola”, é o sétimo dos profetas menores, natural de Elgose, pequena povoação da Galiléia. Profetizou contra Ninive, com uma tal vivacidade e energia, que parece ter tido ante os seus olhos a capital da Assíria, o que é absolutamente improvável. Vivia na Palestina e escrevia depois da ruína do reino das dez tribos e da invasão de Senaquerib. Os documentos assírios, modernamente descobertos, vieram fixar a data dêste livro, até há pouco contestada por muitos críticos. Foi redigido pouco depois da ruína da cidade de No-Amon, isto é, Tebas, chamada na Vulgata Alexandria; êste acontecimento teve lugar no ano 665 A. C. A autenticidade da profecia de Naum é universalmente admitida.

Estilo. — Naum era dotado de uma imaginação viva e rica; o seu estilo é notável pela sua clareza e pura elegância, e o paralelismo é muito regular. *Ex omnibus minoribus prophetis nemo videtur aequare sublimitatem ardore et audaces spiritus Nahum.* Lewth, *De Sacra poësi Hebræorum.*

Análise e divisão da profecia de Naum. — A profecia de Naum tem o título de *Massa, onus*, pêso, opróbrio, como as profecias de Isaías contra as nações estrangeiras.

Anuncia a ruína de Nínive e do poderio assírio, que não sòmente havia aniquilado a Samaria, mas vexado a Judéia. Nínive atinge o apogeu da glória, mas por causa dos seus pecados perecerá.

Naum divide os seus oráculos em três partes:

PRIMEIRA PARTE — Denuncia o juízo que Deus profetizou contra a capital da Assíria, cc. 1, 1-14;

SEGUNDA PARTE — Profetiza a tomada, a assolação e destruição completa de Nínive, cc. 1, 15-2, 13;

TERCÊIRA PARTE — Aponta os crimes de Nínive, e insiste na predição da sua irreparável ruína, c. 3.

Esta profecia foi realizada de tal sorte, e a destruição de Nínive foi tão total, que até ao ano de 1842 ignorou-se o local onde tinha existido Nínive.

N A U M

CAPÍTULO 1

PROFECIA CONTRA NINIVE. O SENHOR É JUSTO, PODEROSO, E TERRÍVEL. ELE PROTEGE OS QUE ESPERAM NĒLE. RUÍNA DE NINIVE. DESFEITA DOS ASSÍRIOS. LIVRAMENTO DE JUDÁ.

1 Desgraça de Nínive: Livro da visão de Naum de Elcese. (1)

2 O Senhor é um Deus zeloso, e vingador: O Senhor é vingador e se arma de furor: O Senhor toma vingança contra os seus adversários, e êle mesmo se ira contra seus inimigos.

3 O Senhor é paciente, e ao mesmo tempo grande em fortaleza, e não tratará como a inocente o pecador, tendo-o por isento de culpa. O Senhor anda entre a tempestade e o torvelhinho, e debaixo dos seus pés se levantam nuvens de poeira.

4 Êle ameaça o mar, e êle o seca: E muda todos os rios num deserto. Basan e o Carmelo perderam a fôrça: E a flor do Líbano amorteceu. (2)

(1) DESGRAÇA DE NINIVE — Já nas notas a Isaías advertimos, com S. Jerônimo, que na frase hebraica dos profetas se chama Onus, isto é, Pêso ou Carga, a profecia em que se anuncia alguma calamidade ou castigo a alguma cidade ou nação. Glaire traduz Malheur.

(2) BASAN — Cfr. Núm 21, 33.

5 Os montes foram por ele abalados, e os outeiros ficaram desolados: É a terra, e o orbe, e todos os que nêle habitavam, tremeram diante dêle.

6 Diante da face da sua indignação quem é que poderá subsistir? E quem resistirá contra a ira do seu furor? A sua indignação se derramou como um fogo: E ela fêz que se derretessem as mesmas pedras.

7 O Senhor é bom, e ele conforta no dia da tribulação: E conhece aos que esperam nêle:

8 E com uma inundação impetuosa acabará de uma vez com o lugar dela: E as trevas perseguirão aos seus inimigos. (3)

9 Por que formais vós projetos contra o Senhor? Êle mesmo vos consumirá de todo: Não se levantará por duas vêzes a tribulação.

10 Porque bem como os espinhos se entrelaçam uns com os outros, assim se unirão êles quando beberem juntos nos seus banquetes: Êles serão consumidos como uma palha cheia de secura.

11 De ti sairá quem forme contra o Senhor negros desígnios: Quem nutra no seu coração pensamentos de prevaricação.

12 Isto diz o Senhor: Por mais fortes que êles fôrem, e por mais numerosos que sejam, ainda assim serão todos tosqueados, e ele passará: Eu te afligi mas não te afligirei mais.

13 E agora esmigalharei eu a sua vara de cima do teu espinhaço e desfarei as tuas cadeias.

14 E o Senhor pronunciará a sua sentença contra ti, não haverá mais semente do teu nome: Eu extermina-

(3) **UMA INUNDAÇÃO** — Provavelmente uma inundação do Tigre, sobre cujas margens estava situada Nínive.

COM O LUGAR DELA — Isto é, com o lugar em que Nínive está fundada.

rei os ídolos e as estátuas da casa do teu Deus; eu porei o teu sepulcro, porque tu caíste no desprezo.

15 Eis vejo eu sôbre os montes os pés do que traz a boa nova e anuncia a paz: Celebra, ó Judá, as tuas festividades e cumpre os teus votos: Porque Belial não passará mais por ti: Êle inteiramente pereceu. (4)

CAPÍTULO 2

O SENHOR TOMARÁ A SUA CONTA DEFENDER A CASA DE JACÓ E TOMARÁ VINGANÇA DOS NINIVITAS. TOMADA, RUÍNA E DESOLAÇÃO DE NINIVE.

1 Eis-aí vem aquêlê que te há de destruir tudo à tua vista, o que te há de pôr em apertado sítio: Reconhece o caminho, conforta os lombos, acrescenta mui alentados brios ao teu valor.

2 Porque o Senhor vai castigar a soberba que se ousou com Jacó, bem como a soberba que se ousou com Israel: Quando os seus inimigos os saquearam e lhes deitaram a perder os seus arrebentos.

3 O escudo dos seus valentes lança chamas de fogo, os combatentes do exército estão vestidos de púrpura: As rédeas das suas carroças de guerra despedem resplendores no dia do seu apercebimento para a guerra, e os seus condutores se acham adormecidos. (1)

4 Nas marchas se desordenaram: As carroças se colidiram umas com as outras nas ruas: A vista dêles é como lâmpadas ardentes, como relâmpagos que discorrem de uma parte para a outra.

(4) **BELIAL** — O rei da Assíria designado por esta palavra 2 Cor 6, 15.

(1) **ADORMECIDOS** — Pela muita confiança que tinham em suas forças.

5 Êle se lembrará dos seus valentes, êles cairão de tropel nos seus caminhos: Denodadamente escalarão os seus muros, e se aparelhará a coberta.

6 Enfim as portas se abriram pela inundaçãõ dos rios, e o templo foi destruído até ficar por terra.

7 E os soldados da guarda foram levados prisioneiros: E as suas escravas eram levadas cativas, gemendo como pombas, rosnando nos seus coraçõs.

8 E Nínive ficou tôda coberta de água, como um tanque: Mas os seus cidadãos fugiram: Parai, parai, mas nenhum há que volte. (2)

9 Saqueai a prata, saqueai o ouro: E não há fim das riquezas de todo o gênero de móveis apeteceíveis.

10 Nínive está destruída, rasgada, e dilacerada: E nela se encontram coraçõs desmaiados, e desconjuntamento de joelhos, e desfalecimento em todos os rins: E o rosto de todos êles é como a tismadura da panela.

11 Onde está agora a habitaçãõ dos leões, e as pastagens dos leõezinhos, para onde se iam ali recolher o leão, e o cachorro do leão, sem haver ninguém que os espantasse?

12 O leão tomou o que bastava para os seus cachorros, e matou caça para as suas leoas: E encheu as suas covas de prêsas, e a sua caverna de rapinas.

13 Eis-aí venho eu a ti, diz o Senhor dos exércitos, e porei fogo às tuas carroças até as reduzir a fumo, e a espada devorará os teus leõezinhos: E arrancarei da terra a tua prêsa, e não se ouvirá mais a voz dos teus embaixadores.

(2) **E NÍNIVE FICOU TÔDA COBERTA DE AGUA** — Uma inscrição de Senaquerib, chamada de Belino, fala dos estragos e devastações causados por uma inundaçãõ no palácio real de Nínive. O historiador assírio Barhebreus diz que quando o persa Arbácio tomou a cidade, quebrou os diques do Tigre e inundou Nínive.

CAPÍTULO 3

PECADOS DE NÍNIVE. VINGANÇAS DO SENHOR SOBRE ELA.
EXEMPLO QUE LHE FOI PROPOSTO NA RUÍNA DE
NO-AMON.

1 Ai de ti, cidade de sangues, tôda cheia de mentiras, e de estragos: Não se apartará de ti a rapina.

2 Ouvir-se-á em ti o sonido dos azorragues, e o estrépito do ímpeto das rodas, e dos cavalos que relinham, e das carroças ferventes pela agitação, e da cavalaria que avança:

3 E das reluzentes espadas, e das fuzilantes lanças, e da multidão de mortos, e do grande estrago: Não têm fim os cadáveres, e cairão os corpos uns sôbre os outros.

4 Tudo isto pela multidão das fornicções de uma meretriz formosa, e engraçada, e que tem encantamentos, que vendeu as gentes pelas suas fornicções, e as famílias pelos seus malefícios:

5 Eis-me aqui contra ti, diz o Senhor dos exércitos, e eu descobrirei na tua face o que em ti deve estar escondido, e exporei a tua nudez às gentes, e aos reinos a tua ignomínia. (1)

6 E lançarei sôbre ti as tuas abominações, e te cobrirei de afrontas, e te porei por escarmento.

7 E acontecerá: Todo o que te vir, saltará para trás retirando-se de ti, e dirá: Nínive está destruída: Quem moverá a cabeça sôbre ti? Aonde te irei buscar um consolador?

8 Porventura és tu mais considerável do que Alexandria, tão cheia de povos, que tem o seu assento entre

(1) **E EU DESCOBRIREI** — Confira-se Is 47, 2.3; Jer 13, 22; Ez 16, 37. — Pereira.

os rios? Correm as águas em tórno dela: Cujas riquezas são o mar: As águas as suas muralhas. (2)

(2) ALEXANDRIA — O texto hebraico traz No-Amon. Foram as descobertas assiriológicas que fizeram luz brilhante sobre esta passagem escura do texto. Os anais de Assurbanpal e várias inscrições assírias destroem tôdas as dúvidas. S. Jerônimo traduziu No-Amon por Alexandria. Bem sabia o santo doutor que Alexandria não existia na época em que Naum profetizava; ignorava, todavia, onde estava situada a cidade de que falava o texto sagrado, e supondo que No fôsse uma cidade antiga, construída sobre o local onde mais tarde se devia erguer Alexandria, deu-lhe este nome. Note-se que o próprio criador da Egptologia se enganou, pois julgou que No-Amon era Dióspolis, no Baixo Egito. Champollin. *L'Egypte sous les Pharaons*, t. II, pp. 131, 133. La description, escreve o douto egptólogo, que le prophète fait de No-Amoun, convient sous tous les rapports à la Divopolis de la Basse Egypte. Contudo os documentos cuneiformes resolveram o problema. Estes designam Tebas por Ni'a, o que corresponde a No. Os especialistas da matéria apresentam largas dissertações, que somos obrigados a omitir aqui, para que fique perfeitamente assente a absoluta identidade das duas formas No e Ni, "Tebas". Naum acrescenta à forma No o nome do deus Amon, divindade adorada em Tebas. Cfr. Oppert, *Memoire sur les rapports de l'Egypte et de l'Assyrie*, pp. 617-620. A descrição que o profeta faz desta cidade é perfeitamente exata, e mesmo muito característica, porque Tebas é a única cidade do Egito situada no meio das águas, a única edificada sobre as duas margens do Nilo. E' a cidade por excelência, pelo que se refere à adoração de Amon; e pela sua posição extraordinária. Cfr. Mariette, *Questions relatives aux nouvelles fouilles à faire en Egypte*, e Brugsch, *Geographische Inschriften*, v. I, p. 175. Finalmente os pormenores históricos apresentados pelo autor sagrado são confirmados por Assurbanpal. Tebas, capital do Alto Egito, no meio das águas do Nilo, foi destruída pelos assírios. O rei de Nínive, Assurbanpal, tendo batido as tropas do rei do Egito, Urdaman, sucessor de Taraca, nas cercanias de Mênfis, esse Urdaman refugiou-se em Tebas. O exército assírio perseguiu-o até aí, devastou a rica cidade, fugindo o faraó. Cilindro A, col. II; G. Smith, *Assyrian Discoveries*, p. 329. Uma outra inscrição menciona em termos

9 A Etiópia era a sua fôrça, como também o Egito, que não tem fim: A África e a Líbia te foram de socorro. (3)

10 Isto não obstante, essa mesma foi levada cativa para uma terra estranha: Os seus pequeninos foram machucados no tópo de tôdas as ruas, e sôbre os nobres dela deitaram sortes, e todos os seus grandes senhores foram carregados de ferros.

11 Também tu pois serás embriagada, e cairás em vilipêndio: E tu pedirás socorro ao teu inimigo.

12 Tôdas as tuas fortificações serão como a figueira com os seus primeiros figos: Se se sacudirem, cairão na bôca do que os come.

13 Eis-aí que o teu povo é coimo mulheres no meio de ti: As portas da tua terra se abrirão de par em par aos teus inimigos, e o fogo devorará as tuas trancas.

14 Tira água, para te preparares para o cêrco, repara as tuas fortificações: Mete-te no barro, e pisa-o aos pés, amassa-o para fazeres ladrilhos. (4)

15 Ali te consumirá o fogo: Tu perecerás à espada, ela te devorará como o brugo: Ajunta-te como uma nuvem de brugos: Multiplica-te em enxames como gafanhotos.

mais expressos a destruição que os assírios causaram em Tebas: apoderaram-se da cidade inteira e destruíram-na como uma inundação. *Keilenschriftliche Bibliothek*, t. II, p. 168. Estes acontecimentos tiveram lugar no ano 665. Convém recordar que Assurbanipal passou parte do seu tempo a fazer guerra ao Egito.

(3) **A ETIÓPIA ERA A SUA FÔRÇA** — Taraca, pai de Urdaman, tinha sido rei da Etiópia e unira este país ao Egito.

A AFRICA — Em hebreu *Put*, em egípcio *Punt*, região da Arábia segundo uns, a costa de Somal, segundo outros.

A LÍBIA — A oeste do Egito.

(4) **PARA FAZERES LADRILHOS** — Os muros e as casas de Nínive eram de ladrilhos.

Naum 3, 16-19

16 Tu fizeste as tuas negociações em maior número do que são as estrêlas do céu: O brugo espalhou-se, e depois se foi voando.

17 Os teus guardas são como gafanhotos, e os teus pequeninos são como os gafanhotinhos, que param sôbre as sebes em tempo de frio: Assim que o sol nasceu logo voaram, e não se achou mais o lugar onde êles tenham estado.

18 Os teus pastôres, ó rei Assur, dormitaram: Os príncipes serão sepultados: O teu povo foi-se esconder nos montes, e não há quem o ajunte.

19 A tua destruição não está oculta, a tua chaga é muito maligna: Todos os que ouviram a tua fama bateram as palmas sôbre ti: Porque sôbre quem não passou sempre a tua malícia? (5)

(5) **A TUA DESTRUIÇÃO NÃO ESTA OCULTA** — Nínive sucumbiu, no ano 606 A. C., aos golpes dos medos e dos babilônios reunidos, e jamais se levantou da sua ruína.

HABACUC

INTRODUÇÃO

Autor. — Habacuc, o oitavo dos profetas menores, era da tribo de Levi. De várias formas aparece escrito este nome. — Ambakonm, Ambakonk, Abbakonk, pelos gregos, Abaccuc, Abacuc, Ambacum, pelos latinos. Da vida deste profeta pouco se sabe. Daniel conta-nos no seu livro, que quando estêve na cova dos leões, Deus servia-se do ministério de Habacuc para sustentar o seu servo. *Dan* 14, 32. E' tudo o que sabemos de autêntico da sua pessoa. A sua profecia não tem data, mas, pelo contraste, vê-se que é inferior à invasão dos caldeus na Palestina, 1, 6. Esta invasão é anunciada como próxima. *In diebus vestris*, 1, 5, o que corresponde ao espaço entre o ano 650 e 627 A. C.

Estilo. — Está escrito numa forma poética muito regular. A sua oração c. 3, é uma composição irrivalizável pela elevação e sua concepção, pela sublimidade do pensamento e pela majestade da dicção.

Análise e divisão da profecia de Habacuc. — Compreende duas partes.

A PRIMEIRA PARTE é um diálogo entre Deus e o profeta, anunciando o castigo da Judéa pelos caldeus c. 1, a ruína dos mesmos caldeus c. 1, 8.

Habacuc

A SEGUNDA PARTE c. 3, contém uma oração de Habacuc em favor de Judá, implora a misericórdia celeste. Descreve a majestade de Deus que há de julgar o mundo; treme diante da sua justiça e confia com esperança e alegria na Misericórdia do Senhor.

HABACUC

CAPÍTULO 1

QUEIXAS DO PROFETA SOBRE A CORRUPÇÃO DE JUDÁ. VINGANÇAS DO SENHOR EXECUTADAS PELOS CALDEUS. CASTIGO DE NABUCODONOSOR. DEUS NÃO DEIXA IMPUNIDA A OPRESSÃO.

1 Desgraça que viu o profeta Habacuc.

2 Até quando, Senhor, clamarei eu, e tu me não escutarás? Até quando levantarei a minha voz a ti, padecendo fôrça, e tu me não salvarás?

3 Porque me mostraste tu iniquidades, e trabalhos, reduzindo-me a ver eu diante de mim roubos e injustiças? E decidiu-se uma causa em juízo e a contradição é que prevaleceu.

4 Por esta causa é quebrantada a lei, e o juízo não chega até o fim: Porque o ímpio prevalece contra o justo, por isso sai o juízo transtornado.

5 Ponde os olhos nas gentes, e vêde: Admirai-vos e pasmai: Porque se fez uma coisa em vossos dias, que ninguém acreditará, quando lhe fôr contada.

6 Porque eis-aí vou eu a suscitar os caldeus, essa nação cruel e veloz, que anda sôbre a largura da terra, para se apoderar das tendas que não são suas. (1)

7 Ela é horrível e espantosa: Dela mesma sairá o juízo, e o seu pêso. (2)

8 Os seus cavalos são mais ligeiros que os leopardos e mais velozes que os lobos à tarde: E a sua cavalaria se difundirá por tôda a parte: Porque os seus cavaleiros virão de longe, eles voarão como uma águia que se apressa a empolgar a prêsa.

9 Eles todos virão à prêsa, o seu rosto é como um vento abrasador: E ele ajuntará tropas de cativos, como montões de areia.

10 O mesmo triunfará também dos reis, e se rirá dos tiranos: Êle zombará de tôdas as fortificações e lhes oporá os seus marachões, e as tomará.

11 Então se mudará o seu espírito, e êle passará e cairá: Esta é a fortaleza daquele seu deus. (3)

12 Porém, não és tu, Senhor, o que és desde o princípio o meu Deus, ó Santo meu, tanto assim que por

(1) **PORQUE EIS-AÍ VOU EU A SUSCITAR OS CALDEUS** — Até êste tempo tinham sido os siros e os assírios os principais instrumentos de que Deus se tinha servido para castigar o seu povo. A êtes sucederam agora os caldeus ou babilônios, sendo Nabucodonosor, filho de Nabopolassar, o primeiro que veio contra a Judéa.

(2) **DELA MESMA** — A única Lei que há de consultar em tôdas as suas emprêsas será a sua própria vontade, pondo-a em execução pela força e poder do seu braço.

(3) **ENTÃO SE MUDARÁ O SEU ESPÍRITO** — Alude à metamorfose de Nabucodonosor em bruto, que se lê mais expressa e individualmente na profecia de Daniel, cap. 4.

ESTA É A FORTALEZA DAQUELE SEU DEUS — Deve entender-se aqui o seu deus Belo, como muito bem explica S. Jerônimo.

tua intervenção não morreremos? Tu, Senhor, estabeleceste este príncipe, para ele exercer os teus juízos: E tu o fizeste forte para nos castigares.

13 Os teus olhos são limpos, para não veres o mal, e tu não poderás olhar para a iniquidade: Por que razão olhas tu para os que cometem injustiças, e te conservas em silêncio, entretanto que o ímpio devora os que são mais justos que ele?

14 E farás que os homens sejam como uns peixes do mar, e como uns reptis que não têm príncipe.

15 Tudo levantou com o anzol, arrastou isso na sua varredoura e o ajuntou na sua rede. Por isso ele se alegrará e exultará.

16 Por isso ele oferecerá hóstias à sua varredoura e sacrificará à sua rede: Porque por elas é que foi engrossada a sua porção e o seu manjar é escolhido.

17 Por isto é que ele tem pois estendida a sua rede varredoura e não cessará de derramar sempre o sangue das gentes.

CAPÍTULO 2

ORDEM AO PROFETA QUE ESCRVEVA A SUA VISÃO. DESGRACADO AQUELE CUJA AMBIÇÃO É INSACIÁVEL; AQUELE QUE ESTABELECE A SUA CASA SOBRE VIOLENCIAS; AQUELE QUE FUNDA A SUA CIDADE EM SANGUE; AQUELE QUE LANÇA FEL NO VINHO; AQUELE QUE ADORA PAUS E PEDRAS.

1 Eu estarei pôsto no lugar da minha sentinela e firmarei o pé sobre as fortificações. E pôr-me-ei alerta para ver o que se me diga e o que hei de responder ao que me repreenda.

2 Então me respondeu o Senhor e me disse: Escre-

ve o que vês e expõe-no com tôda a clareza: Para que se possa ler correntemente. (1)

3 Porque a visão ainda está longe, mas enfim ela aparecerá e não faltará: Se se demorar, espera-o: Porque infalivelmente virá e não tardará.

4 Eis-aí está que o que é incrédulo, não terá a alma reta em si mesmo: Mas o justo viverá na sua fé. (2)

5 E assim como o vinho engana a quem o bebe com excesso: Assim será o homem soberbo, que ficará sem honra: O qual dilatou como o inferno a sua alma: E êle é como a morte, que se não farta: E congregará para si tôdas as gentes e amontoará a si todos os povos.

6 Mas acaso não virá êle a ser a fábula de todos êstes e a conversação dos seus enigmas? E se dirá: Ai daquele que acrescenta o que não é seu; até quando amontoa êle também contra si o denso lôdo? (3)

7 Acaso não se levantarão de repente os que te mordam: E não despertarão os que te despedacem: E não serás a prêsa dêles?

(1) **E EXPÕE-NO COM TÔDA A CLAREZA** — À letra: "E estende-o sôbre tábuas." Que eram as enceradas sôbre que os antigos, com estilos, isto é, ponteiros, escreviam.

(2) **MAS O JUSTO VIVERÁ NA SUA FÉ** — Assim a Vulgata com o hebreu. Os Setenta porém dizem: *Justus autem ex fide mea vivet*, "Mas o justo viverá da minha fé." O que não se opõe, porque a mesma fé que é de Deus, enquanto êle é quem a dá ao homem pelo auxílio da sua graça, essa mesma é do homem enquanto ajudado do divino auxílio, voluntariamente abraça a fé o voluntariamente executa os seus atos. Este texto alegou S. Paulo três vêzes. Rom 1, 17; Gal 3, 11; Hbr 10, 38.

(3) **DENSO LÔDO?** — Tais reputa Deus as multiplicadas riquezas do ímpio. Não é, porém, para deixar em silêncio, em lugar do que traz a Vulgata seguindo o hebreu: *usquequo et aggravat contra densum lutum*, trazem os Setenta: *usquequo aggravat torquem suam graviter?* Isto é, até quando trará êle o pesado colar que o encurva?

8 Porquanto tu despojaste a muitas gentes, despojar-te-ão todos os que restarem dos povos por causa do sangue dos homens, e pelo agravo da terra da cidade, e de todos os que habitam nela.

9 Ai daquele que ajunta bens por uma avareza criminosa, para estabelecer a sua casa, a fim de que esteja em lugar alto o seu ninho, e que julga livrar-se da mão do mal.

10 Tu pensaste confusão para a tua casa, tu arruinaste a muitos povos, e a tua alma caiu no pecado.

11 Porque a pedra clamará da parede contra ti: E o madeiramento que serve de travessão ao edifício, responderá.

12 Ai daquele que edifica uma cidade em sangue de muitos, e funda as suas muralhas na iniquidade.

13 Acaso não vêm estas coisas do Senhor dos exércitos? Porque os povos trabalharão com muito fogo: E as gentes em vão, e assim se fatigarão.

14 Porque a terra se encherá, como o mar está coberto das suas águas, a fim de que eles conheçam a glória do Senhor.

15 Ai daquele que dá a beber a seu amigo misturando ali o seu fel, e que o embebeda para ver a sua nudeza.

16 Tu foste cheio de ignomínia, em lugar de glória: Bebe tu também: E fica sópito: Cercar-te-á o cálice da direita do Senhor, e um vômito de ignomínia cairá sobre tua glória.

17 Porque a iniquidade executada contra o Líbano recairá sobre ti, e os estragos dos animais espantarão os teus povos por causa do sangue dos homens, e das injustiças cometidas na terra, e na cidade, e contra todos os que habitavam nela.

18 De que serve a estátua, quando o seu privativo

Habacuc 2, 19-20; 3, 1-2

artífice é que a fabricou, sendo ela um simulacro, e uma imagem falsa? Ainda assim o seu Opífice esperou na sua obra, nos ídolos mudos que formou.

19 Ai daquele que diz ao pau: Esperta; à pedra muda: Levanta-te. Porventura poder-lhe-á ela ensinar alguma coisa? Vê que ela está coberta de ouro e de prata, e nas suas entranhas não há espírito algum.

20 Porém o Senhor está no seu Santo templo: Cale-se tôda a terra diante d'ele.

CAPÍTULO 3

ORAÇÃO DE HABACUC, EM QUE ELE TRAZ À MEMÓRIA AS MARAVILHAS QUE O SENHOR TINHA FEITO A FAVOR DO SEU POVO, PARA ESPERAR AGORA DELE O SEU DIVINO SOCORRO. (1)

1 ORAÇÃO DO PROFETA HABACUC, PELAS IGNORÂNCIAS. (2)

2 Senhor, eu ouvi a tua palavra e temi.

Senhor, pelo que toca à tua obra, vivifica-a cumprindo-a no meio dos anos.

(1) A maior parte dos antigos e modernos intérpretes explicam esta oração como relativa à vinda de Jesus Cristo; a Igreja parece autorizar esta interpretação, pois que aproveitou várias passagens para as aplicar no Offício divino a Jesus Cristo. Outros entendem que se pode entender à letra referindo-se à volta do cativo.

(2) **PELAS IGNORÂNCIAS** — Assim a Vulgata como o hebreu, e as versões de Áquila, de Símaco, e a Quinta de Orígenes. O que S. Jerônimo entende das faltas em que por ignorância tivesse caído o profeta nas queixas que no princípio fizera ao Senhor. Os Setenta, contudo, em lugar de Ignorâncias verteram com cântico.

No meio dos anos, tu a farás notória: Quando estiveres irado, tu te lembrarás da tua misericórdia. (3)

3 Deus virá do meio-dia, e o Santo aparecerá do monte de Faran: (4)

A sua glória cobriu os céus: E do seu louvor está cheia a terra.

4 O seu resplendor será como a luz: Das suas mãos sairão raios de glória:

5 Aí é que a sua fortaleza está escondida: A morte irá diante da sua face.

E o diabo sairá diante dos seus pés.

6 Ele parou, e mediu a terra.

Olhou, e corrompeu as gentes: E foram reduzidos em pó os montes do século.

Os outeiros do mundo se encurvaram pelos caminhos da sua eternidade. (5)

7 Eu vi as tendas da Etiópia destruídas por causa da iniquidade, os pavilhões da terra de Madian se verão turbados.

8 Acaso é contra os rios, Senhor, que tu estás irado? Ou é contra os rios o teu furor? Ou é contra o mar a tua indignação?

Tu que montarás sobre os teus cavalos: E as tuas carroças são a nossa salvação.

(3) **NO MEIO DOS ANOS** — Isto é, em pouco tempo.

(4) **DEUS VIRÁ DO MEIO-DIA** — O hebreu diz: Deus veio de Teman, e o Santo veio do monte de Faran. Onde Teman e Faran designam a Arábia Pétreia, que foi onde Deus fez brilhar a sua glória no monte Sinai. — Escollaste de Carrières.

(5) **OS MONTES DO SÉCULO. OS OUTEIROS DO MUNDO** — Quer dizer montes e outeiros tão antigos como os séculos e o mundo; as palavras que se lêem no original significam eternidade.

PELOS CAMINHOS DA SUA ETERNIDADE — Pela vinda, e debaixo dos passos do Deus Eterno, quando se pôs a caminho e desceu para se fazer homem. E' um hebraísmo.

Habacuc 3, 9-16

9 Tu infalivelmente suscitará o teu arco: Tu cumprirás as promessas com juramento que fizeste às tribos.

Tu dividirás os rios da terra:

10 Os montes te viram, e ficaram traspassados de dor: O tragadoiro das águas passou.

O abismo fêz ouvir a sua voz: Levantou para o alto as suas mãos. (6)

11 O sol e a lua pararam no seu curso, êles marcharão à luz das tuas setas, ao resplendor da tua fulgurante lança. (7)

12 Tu no teu bramir pisarás aos pés a terra: No teu furor espantarás as gentes.

13 Tu saíste para salvação do teu povo: para o salvar com o teu Cristo. (8)

Tu feriste o chefe da família do ímpio: Tu fizeste aparecer os fundamentos da sua casa até o pescoço.

14 Tu analdçoaste os seus ceptros, o chefe dos seus guerreiros, que vinham como um torvelhinho para me destruírem.

A exultação daqueles é como a do que devora o pobre em segredo.

15 Tu abriste um caminho aos teus cavalos no mar, ao través do lôdo que se acha no fundo das grandes águas. (9)

16 Eu ouvi, e as minhas entranhas se comoveram: Os meus lábios tremeram à tua voz.

(6) **PARA O ALTO** — Tal o sentido do hebreu.

(7) **O SOL** — Alusão ao milagre de Jos 11, 2-13.

(8) **COM O TEU CRISTO** — Por êste Cristo se pode aqui entender ou Moisés, salvador do povo israelítico, ou Jesus Cristo, Salvador de todo o mundo, prefigurado em Moisés.

(9) **NO MAR** — Alusão à passagem do Mar Vermelho e do Jordão pelos israelitas.

Entre a podridão até os meus ossos, e ela me consuma por dentro.

Para que eu descanse no dia da tribulação: Para que eu suba ao nosso povo apercebido. (10)

17 Porque a figueira não florescerá: E as vinhas não deitarão os seus gomos.

Faltarão o fruto da oliveira: E os campos não darão de comer.

As ovelhas serão apartadas do aprisco: E não haverá bois nos presépios.

18 Eu porém me gozarei no Senhor: E exultarei no Deus meu Salvador.

19 O Senhor Deus é a minha fortaleza: E ele fará os meus pés como os dos veados.

E ele vencedor me conduzirá sobre os meus altos, cantando eu salmos em seu obséquio. (11)

(10) **APERCEBIDO** — Ou preparado para a batalha. Isto significa o termo *accinctum*, por que se explica a Vulgata, e que S. Jerônimo expõe por forte e guerreiro.

(11) **E ELE VENCEDOR** — Isto é, Deus, por cujo benefício eu também fui vencedor de meus inimigos sobre a terra, me levará aos montes eternos do Céu, de que os da Judéia são uma figura, para lhe entoar ali incessantes cânticos de bem merecidas ações de graças.

SOFONIAS

INTRODUÇÃO

Autor. — Sofonias, o nono dos profetas menores, descendia de Ezequias, na quarta geração, 1, 1, sendo êste certamente o célebre rei, porque de outra sorte não se explicava que o autor, nesta breve resenha genealógica, não parasse senão num personagem de reconhecida celebridade. S. Cirilo de Alexandria diz da sua estirpe, *Genere haud ignobilis. In Sophoniam, Præmium, p. 71, c. 943.*

Época. — Viveu no tempo de Josias, 1, 1, e foi nos inícios dêsse governo, pois estava ainda muito em vigor o culto de Baal, 1, 4. 5. Cfr. 4 *Rs* 23, 4. 5; 2 *Par* 34, 3-8, existindo ainda Nínive, cuja destruição data pouco depois do termo do reinado de Josias, pelos anos 607 ou 608.

Estilo de Sofonias. — O estilo de Sofonias é puro, fácil, vivo, mas falho de originalidade; encontram-se a cada passo reminiscências dos antigos profetas; por exemplo: *Sof* 1, 7; *Jl* 1, 15; *Is* 13, 3; *Sof* 1, 13; *Am* 5, 11, etc.

Análise da profecia de Sofonias. — A profecia de Sofonias forma um todo ininterrupto; os dois primeiros capítulos anunciam o castigo; o terceiro contém as pro-

Sofonias

messas. Em punição da sua idolatria e dos seus crimes, Judá será desolada 1, 3-13; a justiça divina exercer-se-á sobre os culpados, vv. 14-18. O cap. 2 é uma exaltação à penitência. Finalmente a recompensa da conversão será a aniquilação dos inimigos de Judá e uma felicidade perdurável. Ainda que se não refira explicitamente à pessoa de Jesus Cristo, o escopo de Sofonias é messiânico.

SOFONIAS

CAPÍTULO 1

AMEAÇAS E REPREENSÕES CONTRA JUDÁ E JERUSALÉM.
DIA TERRÍVEL DAS VINGANÇAS DO SENHOR SOBRE O
SEU POVO.

1 Palavra do Senhor que foi dirigida a Sofonias, filho de Cusi, filho de Godolias, filho de Amarias, filho de Ezequias, em tempo de Josias, filho de Amon, rei de Judá. (1)

2 Eu infalivelmente congregarei tudo o que se achar sobre a face da terra, diz o Senhor:

3 Congregando os homens e o gado, congregando as aves do céu, e os peixes do mar: E sobrevirão as ruínas dos ímpios: E exterminarei os homens de cima da terra, diz o Senhor.

4 E estenderei a mão sobre Judá e sobre todos os habitantes de Jerusalém: E exterminarei dêste lugar as relíquias de Baal, e os nomes dos seus sacristães com os sacerdotes:

(1) **FILHO DE EZEQUIAS** — Para ninguém se admirar do que, trazendo o hebreu aqui Ezequias, pusesse a nossa Vulgata Ezequias, é de saber que a Vulgata atual foi em parte formada da antiga itala, e esta da versão dos Setenta, os quais Setenta sempre por Ezequias trazem Ezequias. — Pereira.

Sofonias 1, 5-10

5 E os que adoram a milícia do céu sôbre os telhados, e os que adoram o Senhor e juram pelo seu nome, e ao mesmo tempo juram pelo nome de Melcom. (2)

6 E os que se desviam de andar em seguimento do Senhor, e os que não buscaram ao Senhor, nem trabalharam pelo achar.

7 Estai em silêncio diante da face do Senhor Deus: Porque o dia do Senhor está perto, porque o Senhor preparou a vítima, êle santificou os seus chamados. (3)

8 E acontecerá isto: No dia da vítima do Senhor virei eu com a minha visita sôbre os príncipes, e sôbre os filhos dos reis, e sôbre todos os que se vestem de trajes estrangeiros.

9 E virei com a minha visita naquele dia sôbre todo o que entra com arrogância por cima do limiar: Sôbre os que enchem de iniquidade, e dolo, a casa do Senhor seu Deus.

10 E haverá naquele dia, diz o Senhor, uma algarria de alaridos desde a porta dos peixes, e uivos desde a Segunda, e grande quebrantamento desde os outeiros. (4)

(2) **E OS QUE ADORAM A MILÍCIA DO CÉU** — Isto é, os que adoram os astros, os quais na Escritura se costumam chamar "Milícia do Céu".

MELCOM — Deus dos amonitas.

(3) **ÊLE SANTIFICOU OS SEUS CHAMADOS** — Santificar, aqui como noutros lugares, é "consagrar ou pôr prontos". E com isto quer dizer o profeta que Deus tem destinado os caldeus para serem os ministros da sua vingança.

(4) **DESDE A PORTA DOS PEIXES** — Assim chamada, ou porque mais freqüentemente por ela se introduzia do mar de Galliléia para a cidade o pescado, ou por ficar próxima à praça onde se vendia o peixe. Confira-se o 2º Par 33, 14 com o 2º Esdr 3, 3. E' também chamada a "Primeira" (Zac 14, 10) para diferença da Segunda, de que logo imediatamente se fala, e sôbre a qual pode ver-se o 4º Rs 22, 14.

11 Uivai, habitantes de Pila: Todo o povo de Canaã foi reduzido a silêncio, todós os que estavam envolvidos na prata, pereceram. (5)

12 E naquele tempo acontecerá isto: Eu esquadriharei a Jerusalém com muitas luzes: E virei com a minha visita sôbre os homens que estão encravados nas suas fezes: Que dizem nos seus corações: O Senhor não nos há-de fazer nem bem, nem fará mal.

13 E tôda a fortaleza dêles será roubada, e as suas casas se tornarão num deserto: E êles edificarão casas, e não as habitarão: E plantarão vinhas e não lhes beberão o vinho:

14 O dia grande do Senhor está próximo, está próximo e êle se vem chegando a grandes passos: Amarga é a voz do dia do Senhor, o forte se verá nêle em grande apêto.

15 Êsse dia será um dia de ira, um dia de tribulação e angústia, um dia de calamidade e miséria, um dia de névoas e remoinhos.

16 Um dia em que soará a trombeta e a algazarra sôbre as cidades fortificadas e sôbre as altas tôrres.

17 E eu atribularei os homens, e êles andarão como cegos, porque pecaram contra o Senhor: E o seu sangue será derramado como a poeira, e os seus corpos pisados como o estêrco.

18 Mas nem ainda a sua prata e o seu ouro os não poderá livrar no dia da ira do Senhor: No fogo do seu zêlo será devorada tôda a terra, porque êle se dará pressa por exterminar todos os habitantes da mesma terra.

(5) **PILA** — Nome próprio de um vale vizinho de Jerusalém. Seguimos a tradução de Glaire, pondo de parte a do padre Pereira, que verteu *habitatores Pila* — os que sereis moldos como num gral, embora em nota apresente a boa tradução.

CAPÍTULO 2

EXORTAÇÃO A PREVENIR A IRA DO SENHOR. AMEAÇAS
CONTRA OS FILISTEUS, MOABITAS, AMONITAS E ETÍO-
PES. VINGANÇAS DO SENHOR CONTRA OS ASSÍRIOS.
RUÍNA DE NINIVE.

1 Vinde todos, ajuntai-vos, povos indignos de ser amados:

2 Antes que a ordem traga êste dia como o pó que arrebatado passa, antes que venha sôbre vós a ira do furor do Senhor, antes que venha sôbre vós o dia da indignação do Senhor. (1)

3 Buscai o Senhor, todos vós os que sois mansos na terra, vós os que obrastes segundo os seus preceitos: Buscai a justiça, buscai a mansidão: Para ver se podeis achar algum asilo no dia do furor do Senhor.

4 Porque Gaza será destruída, e Ascalon virá a ser um deserto; a Azot arruinarão ao ponto do meio-dia, e Acaron será arrancada pela raiz.

5 Ai de vós, os que habitais o cordel do mar, povo de homens perdidos: Canaã, terra dos filisteus, a palavra do Senhor está a cair sôbre vós, e eu te exterminarei, sem que fique um só dos teus habitantes. (2)

6 E o cordel do mar sevirá de lugar de repouso para os pastôres, e de um aprisco para as ovelhas:

(1) **ANTES QUE** — Antes que o decreto, que Deus pronunciou contra vós, traga aquêlê terribilíssimo dia que vos arrebate a todos num momento, não de outra maneira que o furacão impetuoso arrebatava o pó da superfície da terra.

(2) **OS QUE HABITAIS O CORDEL DO MAR** — Isto é, na costa marítima. Porque, como a repartição das terras se fazia com um cordel, costuma a Escritura chamar cordel às mesmas terras repartidas.

7 E aquêle cordel será uma colheita para os que tiverem ficado da casa de Judá: Êles acharão lá pastagens, êles descansarão de tarde nas casas de Ascalon: Porque o Senhor seu Deus os visitará, e os fará tornar do lugar do seu cativeiro.

8 Eu ouvi os opróbrios de Moab, e as blasfêmias dos filhos de Amon: Com que êles insultaram ao meu povo, e engrandeceram seu próprio reino apoderando-se das suas terras.

9 Por isso eu juro por vida minha, diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel, que Moab virá a ser como Sodoma, e os filhos de Amon como Gomorra; a sua terra tornar-se-á numa meda de espinhos sêcos, e num montão de sal, e numa solidão para sempre: As relíquias do meu povo os saquearão, e os que restarem da minha gente serão os donos da sua terra.

10 Isto é o que lhes há de acontecer por causa da sua soberba: Porque êles blasfemaram, e se engrandeceram sôbre o povo do Senhor dos exércitos.

11 O Senhor se mostrará terrível contra êles, e aniquilará a todos os deuses da terra: E adorá-lo-ão todos, cada um desde o seu país, tôdas as Ilhas das gentes. (3)

12 Mas também vós, ó etiôpes, sereis mortos pela minha espada.

13 E o Senhor estenderá a sua mão contra o Aquilão, e perderá a Assur: E reduzirá a formosa a uma solidão, e a um despovoado, e como a um ermo.

14 E os rebanhos descansarão no meio desta cidade, tôdas as alimárias das gentes se retirarão a ela: E o onocrótalo, e o ouriço terão por morada os seus vestibulos:

(3) **ILHAS DAS GENTES** — Isto é, os países longínquos habitados pelos idólatras. Cfr. Dan 11, 18. Este versículo contém uma das profecias mais claras sôbre a conversão dos gentios.

Sofonias 2, 15; 3, 1-6

Ouvir-se-á o canto das aves por cima das janelas, o corvo por cima das portas, porque eu debilitarei tôda a sua fôrça.

15 Esta é a cidade gloriosa que habitava cheia de confiança: Que dizia no seu coração: Eu sou a única, e depois de mim não há outra: Como se mudou ela num deserto, num covil de feras? Todo o que passar por ela, insultá-la-á com assobiadas, e com gestos de mãos a desprezará.

CAPÍTULO 3

REPREENSÕES A JERUSALÉM E A JUDÁ. VINGANÇAS DO SENHOR SOBRE ESTE POVO. PROMESSAS A SEU FAVOR.

1 Ai da cidade provocadora, e que depois de ter sido resgatada, fica estúpida como uma pomba.

2 Ela não ouviu a voz, nem tomou o ensino: Ela não confiou no Senhor, nem se aproximou ao seu Deus.

3 Os seus príncipes são no meio dela como uns leões rugindo: Os seus juizes como uns lobos que devoraram a sua prêsa à tarde, sem deixarem nada dela para o outro dia.

4 Os seus profetas são uns loucos, uns homens sem fé: Os seus sacerdotes mancharam o santo, obraram injustamente contra a lei.

5 O Senhor como justo que é no meio dela não fará injustiça: Ele desde a manhã, desde o ponto do dia, produzirá à luz o seu juízo e não se esconderá: O ímpio porém não soube que coisa era ter vergonha.

6 Eu destruí as gentes, e as suas tôrres foram deitadas abaixo: Eu tornei os seus caminhos desertos, sem haver mais quem por elles passe: As suas cidades estão desoladas, não havendo já um homem nelas, nem pessoa alguma que as habite.

7 Eu te disse: Ao menos depois disto temer-me-ás tu, aproveitar-te-ás dos meus avisos; e a sua cidade evitará a ruína, que a ameaça por causa de todos os crimes, pelos quais eu já a visitei: Êles porém levantando-se ao contrário de madrugada corromperam todos os seus pensamentos.

8 Portanto espera-me, diz' o Senhor, para o dia vindoiro da minha ressurreição, porque o meu intento é congregar eu as gentes, e unir os reinos: E derramarei sôbre êles a minha indignação, tôda a ira do meu furor: Porque tôda a terra será devorada pelo fogo do meu zêlo. (1)

9 Então é que eu darei aos povos uns lábios escolhidos, para que todos invoquem o nome do Senhor, e se submetam todos ao seu jugo num mesmo espírito.

10 Os que habitam da outra banda dos rios da Etiópia, me virão de lá oferecer as suas orações, os filhos do meu povo dispersos me trarão os seus presentes. (2)

11 Naquele dia tu não serás confundida por tôdas as invenções do teu capricho, com que prevaricaste contra mim: Porque então exterminarei eu do meio de ti aquêles que, pelas suas palavras cheias de fasto, te entretenham na tua soberba, e tu para o diante não tornarás mais a elevar-te por possuíres o meu santo monte.

(1) **O MEU INTENTO** — Isto é, o meu decreto, o que eu tenho resolvido e decretado.

(2) **DA OUTRA BANDA DOS RIOS DA ETIÓPIA** — Estes rios são o Nilo com os seus braços, o qual Nilo vem da Etiópia propriamente dita, corre todo o Egito, e deságua naquele lugar da Arábia que a Escritura chama Cus ou Etiópia. — Calmet.

12 E deixarei no meio de ti um povo pobre, e necessitado: E eles esperarão no nome do Senhor. (3)

13 As relíquias de Israel não cometerão iniquidades, nem proferirão a mentira, e não se achará na boca deles língua enganosa: Porquanto eles mesmos serão apascentados, e repousarão, e não haverá quem os espante.

14 Entoa cânticos de louvor, filha de Sião: Enche-te, Israel, de júbilo: Alegra-te e exulta de todo o coração, filha de Jerusalém.

15 O Senhor apagou a sentença da tua condenação, êle alongou de ti os teus inimigos: O Senhor, que é o rei de Israel, está no meio de ti; tu não temerás mais para o diante mal algum.

16 Naquele dia dir-se-á a Jerusalém: Não temas: Não se enfraqueçam as tuas mãos, ó Sião.

17 O Senhor teu Deus, o forte, está no meio de ti, êle mesmo te salvará: Êle se regozijará em ti com alegria, calar-se-á por seu amor, exultará por teu respeito com louvor. (4)

18 Eu congregarei êsses homens vãos, que se tinham apartado da lei, visto que eles te pertenciam: A fim de que tu não tenhas mais vergonha por causa deles. (5)

(3) **UM POVO POBRE** — Por êste povo pobre entende S. Jerônimo os apóstolos, homens iliteratos e pescadores.

(4) **EXULTARA** — Louvará Cristo a seu Pai, e dar-lhe-á graças, quando vir o grande valor com que pelejas pelo seu Nome, e as relevantes obras com que trabalhas por aumentar a sua glória. — Menóchio.

(5) **ÊSSES HOMENS VAOS** — E' o que a Escritura exprime pelo abstrato *Nugas*, que aqui vem não só no latim, mas também no hebreu. Enfim: a Vulgata diz aqui: *Nugas qui a lege recesserant*, congregabo, no mesmo sentido que Cícero, escrevendo a Ático, tinha dito: *Amicos habet nugas, M. Scaptium*, etc,

19 Eis-aqui estou eu que naquele tempo matarei a todos os que te afligiram: E salvarei o que coxeava: E farei voltar aquela que tinha sido desterrada: E fá-los-ei célebres com louvor, e nomeada em tôdas as partes em que êles se viram cheios de confusão. (6)

20 Naquele tempo em que eu vos farei tornar: E no tempo em que eu vos ajuntarei todos: Porque eu vos farei célebres pela nomeada, e louvor, diante de todos os povos da terra, quando eu tiver feito vir diante de vossos olhos tôda a multidão dos vossos cativos, diz o Senhor.

(6) O QUE COXEAVA — Alusão à casa de Judá que quis aliar o culto do verdadeiro Deus ao culto dos ídolos.

QUE TINHA SIDO DESTERRADA — A casa de Israel, repudiada pelas suas infidelidades. Cfr. Miq 4, 6.

AGEU

INTRODUÇÃO

Autor. — Ageu, o décimo dos profetas menores, fazia parte da grande sinagoga, segundo o Talmude; os Padres entendem que fôra cativo na Caldéia, de onde regressou com Zorobabel. Com êste profeta entramos num período novo da história do povo de Deus, completamente diferente daquele durante o qual profetizaram os seus predecessores; chegamos à época que se seguiu ao cativeiro de Babilônia. A missão de Ageu consistia em ativar a piedade do povo de Deus, para que acabasse depressa a reedificação da casa do Senhor, 1, 2-4, o que logrou conseguir, 1, 14. Cfr. Josefo, *Ant. Jud.*, 11-1; 5.

Época. — A reconstrução do templo começou no tempo de Ciro, em 535. A hostilidade dos samaritanos obrigara a suspensão dos trabalhos no reinado de Cambises e do falso Esmerdis. Recomeçaram, a instâncias de Ageu e de Zacarias, depois da investidura de Dario, filho de Histaspes em 520, prosseguindo com quotidiano incremento. A dedicação do novo templo teve lugar no sexto ano de Dario, em 515 ou 517.

Estilo. — O estilo de Ageu é mais comum à linguagem simples da prosa do que da poesia; há entretanto um certo ritmo na sua profecia, 1, 6. 9. 10; 2, 6. 8.

22, esforçando-se por imprimir movimento e vida pelo emprêgo de freqüentes interrogações, repetindo contudo muitas fórmulas freqüentes vêzes.

Análise e divisão da profecia de Ageu. — A profecia de Ageu, não obstante a sua concisão, encerra quatro oráculos distintos e datados: têm todos o mesmo objeto, e são do mesmo ano, o segundo de Dario, filho de Histaspes em 521 A. C. a saber:

1.^a Ageu censura ao povo a sua indiferença não prosseguindo na reedificação do templo; vê na sêca que afligiu o povo o castigo da sua negligência, pede a Jesus, filho de Josedec, o sumo sacerdote, e Zorobabel, que retomem os trabalhos; o seu pedido é atendido e as obras recommçam, c. 1.

2.^a Na segunda profecia, feita vinte e três dias depois da primeira, celebra a glória do Novo Templo. E' a passagem mais importante dêste livro, onde há uma importante profecia messiânica, 2, 1-10.

3.^a Três meses depois do segundo, Ageu profere uma nova profecia. O povo havia retomado os trabalhos do templo, anuncia que o mesmo Senhor que puniu com a sêca a sua negligência, premiará o seu zelo com uma abundante colheita, 2, 11-20.

4.^a A quarta e última profecia, a mais curta de tôdas, datada do mesmo dia da anterior, é uma promessa pela qual Deus se compromete a proteger Zorobabel, representante da casa de Davi, no meio de tôdas as calamidades que vão afligir o mundo. Estas últimas palavras deixam-nos entrever o reinado do Messias.

AGEU

CAPÍTULO 1

TEMPO DA PROFECIA DE AGEU. O SENHOR ESTRANHA AOS JUDEUS A NEGLIGENCIA EM REEDIFICAR O TEMPLO DECLARANDO-LHES SER ESTA A CAUSA DA ESTERILIDADE QUE TINHAM PADECIDO. ELES PÕEM MÃOS À OBRA.

1 No segundo ano do reinado de Dario, no sexto mês, no primeiro dia do mês, foi dirigida a palavra do Senhor, por mão do profeta Ageu, a Zorobabel, filho de Salatiel, chefe de Judá, e a Jesus, sumo sacerdote, filho de Josedec, a qual dizia: (1)

2 Isto profere o Senhor dos exércitos, dizendo: Este povo diz: Ainda não é chegado o tempo de reedificar a casa do Senhor.

3 E foi dirigida a palavra do Senhor por mão do profeta Ageu, a qual dizia:

4 Não é assim que tendes vós tempo oportuno para .

(1) NO SEGUNDO ANO DO REINADO — E' Dario, filho de Histaspes, quarto rei dos persas, cujo ano segundo coincide com o ano quinhentos e vinte antes da Era de Cristo.

NO SEXTO MÊS — Sexto do Ano Santo, e o último do ano comum, que correspondia ao nosso setembro, e isto era depois da colheita da vindima.

habitardes em casas forradas de laçaria, e esta casa será deserta? (2)

5 E isto diz agora o Senhor dos exércitos: Aplicai os vossos corações a considerar os vossos caminhos.

6 Vós semeastes muito, e recolheste pouco: Comestes, e não ficastes fartos: Bebestes e não matastes a sêde: Cobristes-vos e não ficastes quentes: E o que ajuntou muitos ganhos, meteu-os num saco rôto.

7 Isto diz o Senhor dos exércitos: Aplicai os vossos corações a considerar os vossos caminhos.

8 Subi ao monte, levai madeira, e edificaí uma casa: E ela me será agradável, e eu serei nela glorificado, diz o Senhor. (3)

9 Vós esperastes o mais, e eis-que vos veio o menos: E o metestes em vossa casa e eu o dissipei com um assôpro: Por que causa? diz o Senhor dos exércitos: porque a minha casa está deserta, e vós vos apressais cada um em cuidar da sua casa.

10 Por isso é que foram proibidos os céus de darem orvalho sôbre vós, e a terra foi proibida de dar o seu gérmen:

11 E chamei a sêca sôbre a terra, e sôbre os montes, e sôbre o trigo, e sôbre o vinho, e sôbre o azeite, sôbre tudo o que a terra produz, e sôbre os homens, e sôbre os animais e sôbre todo o trabalho das vossas mãos.

12 Então Zorobabel, filho de Salatiel, e Jesus, sumo sacerdote, filho de Josedec, e todos os que tinham restado do povo, ouviram a voz do Senhor seu Deus, e as palavras do profeta Ageu, assim como o Senhor seu Deus o enviou a êles: E o povo temeu diante da face do Senhor.

(2) **ESTA CASA** — O Templo do Senhor.

(3) **AO MONTE** — O Moriá.

UMA CASA — O templo.

13 E Ageu, um dos enviados do Senhor, falou, dizendo ao povo: Eu sou convosco, diz o Senhor. (4)

14 Ao mesmo tempo suscitou o Senhor o espírito de Zorobabel, filho de Salatiel, chefe de Judá, e o espírito de Jesus, sumo sacerdote, filho de Josedec, e o espírito do resto de todo o povo: E vieram, e se puseram ao trabalho na casa do Senhor dos exércitos, seu Deus.

CAPÍTULO 2

O TEMPLO REEDIFICADO PARECE MUITO INFERIOR AO PRIMEIRO; MAS A SUA GLÓRIA SERÁ MUITO MAIOR PELA PRESENÇA DO MESSIAS. A CONSTRUÇÃO DO TEMPLO SERÁ PRECEDIDA DAS VINGANÇAS DO SENHOR, E SEGUIR-DA DAS SUAS BENÇÃOS..

1 Aos vinte e quatro dias do mês, no sexto mês, no ano segundo do reinado de Dario. (1)

2 No sétimo mês, aos vinte e um dias do mês, foi revelada a palavra do Senhor por mão do profeta Ageu, a qual dizia:

3 Fala a Zorobabel, filho de Salatiel, chefe de Judá, e a Jesus, sumo sacerdote, filho de Josedec, e ao resto do povo dizendo:

4 Quem há dentre os que ficaram de vós, que visse esta casa na sua primeira glória? E em que estado a vê-

(4) **UM DOS ENVIADOS DO SENHOR** — A letra: Um enviado do Senhor de entre os enviados do Senhor. O hebreu diz: Um embaixador de Jeová na Embaixada de Jeová.

(1) **AOS VINTE E QUATRO DIAS** — Este versículo deve unir-se com o que se diz no fim do precedente, e se puseram ao trabalho, como se dissera: E começaram a trabalhar aos vinte e quatro dias.

des agora? Acaso não parece ela a vossos olhos, assim como uma coisa de nada, comparada com o que foi?

5 Mas agora, ó Zorobabel, cobra força, diz o Senhor: E cobra força, ó Jesus, sumo sacerdote, filho de Josedec, e cobra força todo o povo da terra, diz o Senhor dos exércitos: E cumpri (porque eu sou convosco, diz o Senhor dos exércitos)

6 a palavra que destes na aliança que fiz convosco, quando saíeis da terra do Egito: E o meu espírito estará no meio de vós, não temais:

7 Porque isto diz o Senhor dos exércitos: Ainda falta um pouco, e eu comoverei o céu, e a terra e o mar, e todo o universo.

8 E moverei tôdas as gentes: E VIRÁ O DESEJADO de tôdas as gentes: E encheri de glória esta casa, diz o Senhor dos exércitos. (2)

(2) **E VIRÁ O DESEJADO** — A tradução literal do texto hebraico é *Virá o desejo de tôdas as gentes*, mas a Vulgata exprime melhor o sentido da locução hebraica, que significa que os desejos de tôdas as nações estão concentrados no Messias, o qual é, realmente, o desejado de todos. Conquanto os Setenta e alguns padres gregos, como S. Cirilo de Alexandria, não entendessem do Messias estas palavras, mas da conversão dos gentios, contudo é opinião geralmente seguida, que é ao Messias, Jesus Cristo, nascido 500 anos depois desta profecia, que elle se applica. A escola racionalista pretendeu contestar a applicação messiânica desta passagem, dizendo que Jesus Cristo nunca tinha entrado no segundo templo, mas no terceiro, reconstituído por Herodes. A esta aparente dificuldade respondeu-se afirmando que o templo de Zorobabel não foi totalmente destruído, mas só em parte; além disso o profeta queria apenas falar do tempo do verdadeiro Deus em Jerusalém, sem fazer distincção.

E ENCHEREI DE GLÓRIA — De glória encheu Jesus Cristo o segundo templo de Jerusalém, quando não só uma, mas muitas vêzes entrou e ensinou nelle.

9 Minha é a prata, e meu é o ouro, diz o Senhor dos exércitos.

10 A glória desta última casa será maior do que a da primeira, diz o Senhor dos exércitos: E eu darei a paz neste lugar, diz o Senhor dos exércitos.

11 Aos vinte e quatro dias do nono mês, no segundo ano do reinado de Dario, foi dirigida ao profeta Ageu a palavra do Senhor, a qual dizia: (3)

12 Isto diz o Senhor dos exércitos: Propõe aos sacerdotes esta questão sobre a lei, dizendo: (4)

13 Se um homem trazer na orla do seu vestido um pedaço de carne, que tivesse sido santificada, e tocar com a aba dele no pão, ou na iguaria, ou no vinho, ou no azeite, ou em qualquer outra coisa de comer: Acaso ficará ela santificada? E respondendo os sacerdotes, disseram: Não.

14 E prosseguiu Ageu dizendo: Se um homem poluto por ter tocado num corpo morto, tocar qualquer de todas estas coisas, acaso ficará ela por isso contaminada? E responderam os sacerdotes, e disseram: Ficarão contaminadas.

(3) DO NONO MÊS — Do ano sagrado, e terceiro do civil; começava na lua nova de novembro, segundo os rabinos, mas mais provavelmente na de dezembro.

(4) PROPÕE AOS SACERDOTES — Considera que é da obrigação dos sacerdotes responder ao que lhe propõe qualquer questão sobre a lei, a qual eles portanto devem saber, sob pena de se mostrarem indignos do Sacerdócio. Considera *Sacerdotum esse officii, de Lege interroganti respondere. Si Sacerdos est, sciat Legem Domini: si ignorat Legem, ipse se arguit non esse Sacerdotem.* — S. Jerônimo.

Ageu 2, 15-23

15 E respondeu Ageu, e disse: Assim é que êste povo, e assim é que esta gente está diante da minha face, diz o Senhor, e assim o está também tôda a obra das mãos dêles: E tôdas as coisas* que ali ofereceram serão contaminadas.

16 E agora refleti nos vossos corações desde êste dia, e de tempos passados, antes que se lançasse pedra sôbre pedra no templo do Senhor.

17 Quando vínheis a um montão de trigo esperando tirar vinte alqueires, e se reduziam a dez: E entráveis no lagar para tirardes cinqüenta talhas, e elas se tornavam em vinte.

18 Eu vos feri com um vento abrasador, e com ferrugem, e saraiva tôdas as obras das vossas mãos: E não houve entre vós quem se voltasse para mim, diz o Senhor.

19 Gravaí nos vossos corações o que tem de suceder desde o presente dia, e para o diaute, desde êste dia vinte e quatro do nono mês: Desde êste dia em que foram lançados os alicerces do templo do Senhor, gravaí-o no vosso coração.

20 Não vêdes vós que a semente ainda não brotou: E que a vinha, e a figueira, e a romeira, e a árvore da azeitona ainda não floresceram? Dêste dia em diante eu abençoarei tudo.

21 E aos vinte e quatro do mês foi dirigida segunda vez a Ageu a palavra do Senhor, a qual dizia:

22 Fala a Zorobabel, chefe de Judá, dizendo-lhe: Eu abalarei juntamente o céu e a terra.

23 E farei cair o trono dos reinos, e quebrarei a

fortaleza do reino das gentes: E destruirei as quadrigas, e os que montam nelas: E os cavalos e os seus cavaleiros cairão uns sôbre os outros: Cada um será passado pela espada do seu irmão.

24 Naquele dia, diz o Senhor dos exércitos, eu te tomarei debaixo da minha proteção, ó Zorobabel, meu servo, filho de Salatiel, diz o Senhor: E eu te guardarei como um sêlo, porque te escolhi, diz o Senhor dos exércitos. (5)

(5) COMO UM SÊLO — O sêlo foi sempre considerado entre os hebreus como uma coisa preciosa, cara, digna por isso de todo o cuidado. Sabe-se o desvêlo que os orientais punham na guarda dos sêlos, que cuidadosamente reservavam. O autor quer dizer aqui: "terei em ti o máximo cuidado".

ZACARIAS

INTRODUÇÃO

Autor. — Zacarias, que etimologicamente significa “aquêlê de quem Jeová se lembra” é o undécimo dos profetas menores. Pertencia à tribo sacerdotal, filho de Baraquias e neto de Ado, 1, 1-7. Ado era o chefe de uma das famílias sacerdotais que tinham regressado do cativeiro com Zorobabel, 2 *Esd* 12, 4-6. Por causa da sua nomeada, Zacarias é chamado seu filho, por omissão do nome de Baraquias, em 1 *Esd* 5, 1; 6, 14.

Época. — É contemporâneo de Ageu, pois começou a profetizar no ano 521 A. C. A profecia do capítulo 7 é do ano 518; os seus dois últimos oráculos são posteriores a 518, mas não podemos precisar seguramente a data, da mesma sorte que é impossível saber quanto tempo durou o seu ministério profético.

Estilo. — Uma parte do livro encerra visões e símbolos, 1, 7; c. 6; outro simples discurso, cc. 7 e 8; os últimos capítulos magníficas descrições, c. 9. O estilo adapta-se a êstes diferentes gêneros: é vivo, colorido, a língua pura e quase isenta de aramaísmos.

Análise e divisão da profecia de Zacarias. — A profecia de Zacarias compreende três partes distintas, pre-

cedidas de uma introdução, 1, 1-6.

PRIMEIRA PARTE: Sete visões sôbre a sorte futura dos judeus, e uma ação simbólica, a coroação do sumo sacerdote Jesus, rei e pontífice, 1, 7; c. 6.

SEGUNDA PARTE: Discurso contendo a resposta de Deus aos enviados de Betel, por causa do jejum instituído em memória da tomada de Jerusalém por Nabucodonosor, cc. 7 e 8.

TERCEIRA PARTE: Duas profecias, uma contra Hadrac, outra contra Israel, cc. 9-14.

ZACARIAS

CAPÍTULO 1

ZACARIAS EXORTA OS JUDEUS A QUE NÃO IMITEM A OBSTINAÇÃO DE SEUS PAIS. UM ANJO IMPLORA A MISERICÓRDIA DO SENHOR SOBRE JERUSALÉM, E SOBRE JUDA. QUATRO CORNOS, SÍMBOLOS DAS NAÇÕES INIMIGAS DO POVO DE DEUS. PROMESSAS DO SENHOR A FAVOR DE JERUSALÉM.

1 No segundo ano do reinado de Dario, no oitavo mês, foi dirigida ao profeta Zacarias, filho de Baraquiás, filho de Ado, a palavra do Senhor, a qual dizia: (1)

2 O Senhor se irou por extremo contra vossos pais.

3 Tu pois lhes dirás: Isto diz o Senhor dos exércitos: Convertedei-vos a mim, diz o Senhor dos exércitos: E eu me converterei a vós, diz o Senhor dos exércitos.

4 Não sejais como vossos pais, aos quais gritavam os profetas que vos precederam dizendo: Isto diz o Senhor dos exércitos: Convertedei-vos dos vossos maus caminhos e dos vossos péssimos pensamentos; e eles não ouviram nem me deram atenção, diz o Senhor.

5 Onde estão vossos pais? E porventura viverão os profetas eternamente? (2)

(1) DARIO — Filho de Histaspes, rei da Pérsia.

NO OITAVO MÊS — Do ano sagrado, e segundo do ano civil.

(2) E PORVENTURA VIVERÃO OS PROFETAS ETERNA-

Zacarias 1, 6-11

6 Já no tocante às minhas palavras, e às minhas ameaças feitas contra os transgressores da lei, as quais eu lhes tinha mandado intimar pelos profetas meus servos, porventura não recaíram elas em vossos pais, e êstes se converteram e disseram: Assim como o Senhor dos exércitos fêz tenção de nos tratar segundo os nossos caminhos, e segundo as invenções do nosso capricho, assim o executou conosco?

7 No segundo ano do reinado de Dario, aos vinte e quatro dias do mês undécimo chamado Sabat, foi dirigida ao profeta Zacarias, filho de Baraquias, filho de Ado, a palavra do Senhor, a qual dizia: (3)

8 Tive de noite uma visão, e eis-que se me representou um homem montado num cavalo vermelho, e estava êle parado entre umas murteiras, que havia num profundo vale: E depois dêle estavam mais cavalos, uns vermelhos, outros malhados, e outros brancos.

9 Então disse eu: Quem são êstes, Senhor meu? E o anjo, que falava em mim, me disse: Eu te mostrarei que é o que significa esta visão.

10 Então o homem, que estava parado entre as murteiras, respondeu, e disse: Êstes são os que o Senhor enviou a correr a terra.

11 E êstes responderam ao anjo do Senhor, que estava entre as murteiras, e lhe disseram: Nós temos

MENTE? — Subentende-se profetando como se dissera: Acaso haverá sempre profetas que preguem?

(3) **CHAMADO SABAT** — É o undécimo do ano sagrado e quinto do civil, o qual começava na lua nova de janeiro, segundo os rabinos, mas mais provavelmente em fevereiro. O nome de Sabat, que corresponde à lua do mês de janeiro, veio dos caldeus; de lá é que os judeus trouxeram depois do cativero os nomes dos meses, de que ainda hoje usam. — Calmet.

corrido a terra, e eis-que a terra está agora tôda habitada, e em descanso.

12 E respondeu o anjo do Senhor, e disse: Senhor dos exércitos, até quando diferirás tu o compadecer-te de Jerusalém, e das cidades de Judá, contra as quais te iraste? Este é já o ano septuagésimo. (4)

13 Então o Senhor, dirigindo-se ao anjo que falava em mim, lhe disse boas palavras, palavras de consolação.

14 E o anjo, que falava em mim, me disse: Clama, dizendo: Isto diz o Senhor dos exércitos: Eu zelei a Jerusalém, e a Sião com grande zelo.

15 E eu com grande ira estou indignado contra as gentes poderosas: Porque eu estava contra ela um pouco agastado, mas elles se têm esforçado a lhe fazer mal. (5)

16 Por cuja causa isto diz o Senhor: Eu tornarei para Jerusalém com entranhas de misericórdia: E a minha casa será nela edificada de novo, diz o Senhor dos exércitos: E ainda se estenderá o prumo sobre Jerusalém.

17 Clama ainda, dizendo: Isto diz o Senhor dos exércitos: As minhas cidades ainda serão cheias de bens: E o Senhor ainda consolará a Sião, e ainda escolherá a Jerusalém.

18 Ao depois levantei eu os meus olhos, e pus-me a olhar: E eis-que vi quatro cornos.

(4) **ESTE É JÁ O ANO SEPTUAGÉSIMO** — Estes setenta anos não são os que durou o cativeiro, mas outros que abrangeram parte do cativeiro e parte depois da sua soltura, isto é, os setenta anos que durou a desolação do Templo e do país.

(5) **MAS ELLES** — Isto é, os caldeus, que são as gentes poderosas, que tinham vexado os judeus com maior excesso do que deviam, e do que eu queria.

19 E eu disse ao Anjo, que falava em mim: Que é isto? E êle me respondeu: Êstes são os cornos, que às marradas fizeram ir pelos ares a Judá, e a Israel, e a Jerusalém. (6)

20 Depois me mostrou o Senhor quatro oficiais. (7)

21 E eu lhe disse: Que vêm êstes fazer? Êle me respondeu, dizendo: Êstes são os cornos, que escornaram aos varões de Judá um por um, e nenhum dêles levantou a sua cabeça: Mas êstes vieram para lhes meter mêdo, para abaterem os cornos das gentes, que se levantaram com tôda a sua fôrça contra o país de Judá a fim de o arruinar.

CAPÍTULO 2

GLÓRIA DE JERUSALÉM. — VINGANÇAS DO SENHOR CONTRA OS QUE OPRIMIRAM O SEU POVO. CONVERSÃO DAS GENTES DO SENHOR.

1 Levantei os meus olhos, e me pus a olhar: E eis-que vi um varão, que tinha na sua mão um cordel de medidores.

(6) **ÊSTES SÃO OS CORNOS** — Isto é, são as quatro poderosas nações que dissiparam a Judá, etc. Quais estas fôsem não concordam os intérpretes. S. Jerônimo diz que foram os babilônios, persas, gregos e romanos. Calmet, que os assírios, caldeus, persas e egípcios.

(7) **QUATRO OFICIAIS** — Isto é, conforme o sistema de Calmet, quatro príncipes que destruíram as quatro nações sobre-ditas, inimigas do povo de Deus, a saber: Nabopolassar, pai de Nabucodonosor, que venceu os assírios; Ciro, que venceu os caldeus; Alexandre Magno, que venceu os persas; Ptolomeu Lágides, que venceu os egípcios. Segundo S. Jerônimo, porém, êstes quatro oficiais eram os quatro anjos que Deus destinou para repararem as ruínas que no seu povo tinham causado as quatro nações suas inimigas.

2 E disse-lhe eu: Para onde vais tu? E êle me respondeu: Vou a medir Jerusalém, e a ver qual é a sua largura, e qual o seu comprimento.

3 E eis-que o Anjo, que falava em mim, saía para fora, e outro Anjo lhe saía ao encontro.

4 E lhe disse: Corre, fala a êste moço, dizendo-lhe: Jerusalém será habitada sem muros, por causa da multidão de homens, e de alimárias que haverá nò meio dela. (1)

5 E eu mesmo, diz o Senhor, serei para ela um muro de fogo, que a cerque: E eu estabalecerei no meio dela a minha glória. (2)

6 Ó, ó, fugi da terra do Aquilão, diz o Senhor: Porque eu vos espalhei para os quatro ventos do céu, diz o Senhor.

7 Foge, ó Sião, tu que habitas na cidade de Babilônia. (3)

(1) **ESTE MOÇO** — Zacarias.

JERUSALÉM SERÁ HABITADA SEM MUROS — Profecia misteriosa, que anunciava que a Igreja, de que Jerusalém era figura, não se conteria na Judéa, que a lei cerimonial, que era como um muro de separação entre os judeus e os gentios, seria abolida, e que a Igreja se estenderia por tôdas as nações do mundo. — Escoliaste de Carrières.

POR CAUSA DA MULTIDÃO DE HOMENS E DE ALIMARIAS — Por homens entendem uns os que se converteram à fé de Cristo, vindo instruídos na lei; por alimárias os que se converteriam vindo da idolatria. Outros tomam por "homens" os sábios, por "allmárias" os ignorantes, ou êles fôsses judeus ou fôsses gentios. — S. Jerônimo.

(2) **UM MURO DE FOGO** — Muro de proteção contra os inimigos da Igreja; muro de fogo para tomar vingança de todos os que a combatem.

(3) **FOGE, Ó SIÃO** — Ainda depois de Babilônia ser tomada por Ciro, ficaram nela muitos judeus. E a êstes é que se dirigem estas palavras, exortando-os a sair daquela cidade a fim de evita-

Zacarias 2, 8-13

8 Porque isto diz o Senhor dos exércitos. Depois da glória me enviou o Senhor contra as gentes, que vos despojaram: Porque aquêles que tocar em vós, toca na menina do meu olho:

9 Porque eis-aí levanto eu a minha mão sôbre êstes povos, e êles virão a ser a prêsa daqueles que eram seus escravos: E vós conhecereis que o Senhor dos exércitos é que me enviou.

10 Filha de Sião, entoa cânticos de louvor, e alegra-te: Porque eis-aí vou eu mesmo, e habitarei no meio de ti, diz o Senhor.

11 E naquele dia se chegarão muitas gentes ao Senhor, e serão o meu povo, e eu habitarei no meio de ti: E tu saberás que o Senhor dos exércitos é que a ti me enviou.

12 E o Senhor possuirá a Judá, como sua porção na terra que lhe foi consagrada: E êle escolherá ainda a Jerusalém.

13 Tôda a carne esteja em silêncio diante da face do Senhor: Porque êle se levantou da sua santa habitação.

rem os males que ela pouco depois havia de padecer, quando, tendo-se revoltado os babilônios contra Dario, foi a mesma cidade tomada por êste príncipe, depois de um sítio de vinte meses. — Escollaste do Carrières.

NA CIDADE DE BABILÔNIA — À letra: "junto da filha de Babilônia". E "filha de Babilônia" é o mesmo que Babilônia, por um hebraísmo.

CAPÍTULO 3

O SUMO SACERDOTE JESUS É ACUSADO POR SATANÁS. TIRAM-SE-LHE OS HÁBITOS SUJOS, E DÃO-SE-LHE OUTROS PRECIOSOS. O SENHOR O EXORTA A SER FIEL. ORIENTE PROMETIDO. PEDRA MISTERIOSA.

1 Depois me mostrou o Senhor o sumo sacerdote Jesus, que estava diante do Anjo do Senhor: E Satanás estava à sua direita para se lhe opor. (1)

2 E o Senhor disse a Satanás: O Senhor te reprima, ó Satanás: E reprima-te o Senhor, que elegeu a Jerusalém: Acaso não é êste um tição que foi tirado do fogo?

3 E Jesus estava revestido de uns hábitos sujos: E pôsto em pé diante do anjo.

4 O qual respondeu, e falou àqueles que estavam em pé diante dêle, dizendo: Tirai-lhe êsses hábitos sujos. Depois disse a Jesus: Eis-aí tirei eu de ti a tua iniquidade, e te revesti de uns hábitos preciosos. (2)

5 Ao mesmo tempo ajuntou êle: Ponde-lhe na cabeça uma tiara limpa. E êles lhe puseram na cabeça uma tiara limpa, e o revestiram de preciosos hábitos: Entretanto o Anjo do Senhor estava em pé.

6 E o mesmo Anjo do Senhor fazia esta declaração a Jesus, dizendo:

(1) O SUMO SACERDOTE JESUS — Filho de Josedec, como já vimos em Esdras e em Ageu.

(2) PRECIOSOS — À letra, vestidos de mudar, isto é, de reserva, e por isso preciosos, e os mais asseados que se mudam pelos ordinários e se vestem nos dias de festa.

Zacarias 3, 7-10

7 Isto diz o Senhor dos exércitos: Se tu andares nos meus caminhos, e observares tudo o que tenho mandado que se observe: Tu governarás também a minha casa, e guardarás os meus átrios, e eu te darei alguns dos que aqui atualmente assistem, para que sempre andem contigo.

8 Ouve, ó Jesus, sumo sacerdote, tu e teus amigos, que habitam diante de ti, porque são varões de presságio: Porquanto eis-aqui estou eu que FAREI VIR O ORIENTE MEU SERVO. (3)

9 Porque eis-aí a pedra que eu pus diante de Jesus: Sobre esta pedra única estão sete olhos: Eis-aqui estou eu que a lavrarei com o cinzel, diz o Senhor dos exércitos: E eu apagarei num dia a iniquidade desta terra. (4)

10 Naquele dia, diz o Senhor dos exércitos, cada um chamará a seu amigo para debaixo da sua parreira, e para debaixo da sua figueira. (5)

(3) **O ORIENTE MEU SERVO** — Assim os antigos judeus como os cristãos reconhecem aqui, debaixo do nome de Oriente, o Messias. O mesmo nome lhe foi dado por Zacarias; pai de S. João Batista. (Lc 1, 78.) A palavra hebraica tsemah significa gérmen, rebento, é aplicada ao Messias em Is 4, 2; Jer-23, 15, da mesma sorte que o epíteto de servo de Deus, em Is 42, 1; 49, 3; 50, 10; 52, 13.

(4) **PORQUE EIS-AÍ A PEDRA** — Também esta pedra designava o Messias, chamado a cada passo por este mesmo nome nas Escrituras do Velho e Novo Testamento.

ESTÃO SETE OLHOS — Estes sete olhos podem significar os mesmos sete anjos inspetores do Senhor, de que se torna a falar no c. 4, v. 10. — **Porreira.**

(5) **CHAMARA O SEU AMIGO** — Imagem dos bens espirituais trazidos aos homens por Jesus Cristo, e que deviam comunicar-se no seio da Igreja.

CAPÍTULO 4

CANDEEIRO DE OURO MACIÇO COM SETE LÂMPADAS SOBRE SETE BRAÇOS. DUAS OLIVEIRAS POR CIMA DO CANDEEIRO, CADA UMA A SEU LADO. DOIS UNGIDOS DO SENHOR.

1 E o anjo, que falava em mim, voltou, e me despertou, como a um homem a quem despertam do seu sono. (1)

2 E êle me disse: Que vês tu? E respondi eu: Olhei e eis-que vi um candeiro todo de ouro, que tinha uma lâmpada no alto do seu tronco principal, e sete lâmpadas sobre os seus braços: E sete canudos para fazer correr o azeite nas lâmpadas, que estavam no alto do candeiro. (2)

3 Havia também por cima dêle duas oliveiras: uma à direita da lâmpada, outra à sua esquerda.

4 Então respondi eu, e digo ao anjo que falava em mim, dizendo: Meu Senhor, que é o que quer dizer isto?

5 E o anjo que falava em mim, me respondeu, e disse: Não sabes o que isto é? E eu respondi: Não, meu Senhor.

6 E êle respondeu, e me falou dizendo: Esta é a palavra do Senhor a Zorobabel, a qual diz: Nem em algum exército, nem em alguma força, mas sim no meu espírito, diz o Senhor dos exércitos. (3)

(1) **VOLTOU E ME DESPERTOU** — De onde voltou? porque o anjo não se tinha ausentado dali. Voltou pois de falar com o sumo sacerdote Jesus as palavras que ficam referidas no capítulo passado, para continuar a falar com Zacarias. E dizendo êste que o anjo o despertou, bem mostra que até ali estivera atônito e como dormente, pelo que tinha visto e ouvido.

(2) **UM CANDEEIRO TODO DE OURO** — Êste candeiro, no sentido literal representava o Templo, no espiritual a Igreja.

(3) **NEM EM ALGUM EXÉRCITO** — Bem se vê que antes destas palavras se devem subentender algumas outras, para a ora-

7 Quem és tu, ó grande monte, diante de Zorobabel? Tu serás arrazado: E ele porá a primeira pedra, e igualará a graça deste segundo à graça do primeiro. (4)

8 E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

9 As mãos de Zorobabel fundaram esta casa, e as suas mãos a hão de acabar: E vós sabereis que o Senhor dos exércitos é quem me enviou a vós.

10 Porque quem desprezou os dias pequenos? Pois eles se alegrarão, e verão a pedra de estanho na mão de Zorobabel. Estas sete lâmpadas são os sete olhos do Senhor, que discorrem por toda a terra. (5)

11 Então respondi eu, e lhe disse: Que significam

ção não ficar manca nem o sentido incompleto. E estas podem ser: "Tu para acabares a obra do Templo, não esperarás nem em algum exército", etc.

(4) **QUEM ÉS TU, Ó GRANDE MONTE** — No sentido literal, por este grande monte se pode entender o mesmo monte Sião, em que estivera fundado o primeiro Templo, e agora se achava uma serra de entulhos e de cinzas, de sorte que parecia impossível às forças de Zorobabel fundar nêle o segundo. Ou pode-se entender algum grande inimigo, que se opunha à reedificação. O primeiro sentido é o que seguiu Calmet; o segundo, o que seguiu de Carrières. No sentido tropológico, segundo S. Jerônimo, este grande monte é o diabo, que, como adversário do Senhor, se opõe a todas as obras da sua glória. — Pereira.

(5) **QUEM DESPREZOU OS DIAS PEQUENOS?** — Assim à letra a Vulgata: Quis enim despexit dies parvos? Em lugar do que traduziram Sacy e de Carrières: Quem é que faz pouco caso destes fracos princípios do Templo?

SÃO OS SETE OLHOS DO SENHOR — Isto é, são os sete anjos, que são como olhos, e os inspetores de que o Senhor se serve para vigiarem sobre o cumprimento das suas obras. No qual modo de falar parece aludir o anjo ao costume dos reis da Pérsia, que era terem uns certos oficiais, que por serem seus particulares inspetores se chamavam "Olhos do rei". — Calmet.

estas duas oliveiras, uma à direita do candeeiro, e outra à sua esquerda?

12 E respondi segunda vez, e lhe disse: Que significam estas duas espigas das oliveiras, que estão ao pé dos dois bicos de ouro, nos quais estão os canudos de ouro por onde corre o azeite?

13 E ele me respondeu, dizendo: Tu não sabes o que isto significa? E eu lhe respondi: Não, meu Senhor.

14 E ele me disse: Estas duas oliveiras são os dois filhos do óleo, que assistem diante do Dominador de toda a terra. (6)

CAPÍTULO 5

LIVRO VOLANTE QUE SE CHAMA MALDIÇÃO, E CONSOME A CASA DOS PREVARICADORES. MULHER ASSENTADA SOBRE UMA TALHA: ELA SE CHAMA IMPIEDADE, E A TALHA É TAPADA COM UMA PASTA DE CHUMBO. DUAS MULHERES COM ASAS TOMAM A TALHA, E A LEVAM À TERRA DE SENAAR.

1 E eu me volvei depois, e levantei os meus olhos: E me pus a olhar, e eis-que vi um livro que voava. (1)

2 E o anjo me disse: Que é o que tu vês? E eu lhe disse: Eu vejo um livro volante: Que tem vinte côvados de comprido, e dez côvados de largo.

(6) **SÃO OS DOIS FILHOS DO ÓLEO** — Frase hebréia, com que se significam dois Ungidos do óleo sagrado a saber: Jesus como Sumo Sacerdote, e Zorobabel chefe do povo, como fazendo as vêzes de rei.

(1) **E EIS-QUE VI UM LIVRO QUE VOAVA** — Este livro, como se colhe do versículo 3, era o livro em que estavam escritos os pecados do povo hebreu. Os livros eram compostos de folhas e lâminas soltas que depois se enrolavam.

3 Então me disse o anjo: Esta é a maldição, que vai difundir-se pela face de toda a terra: Porque todo o ladrão será julgado pelo que está escrito nesse livro: E todo o que jura será da mesma sorte julgado pelo que nesse livro se contém. (2)

4 Eu o tirei para fora, diz o Senhor dos exércitos: E ele irá à casa do ladrão, e à casa do que jura falsamente no meu Nome: E ficará no meio dessa casa, e a consumirá a ela, e a sua madeira, e as suas pedras.

5 Então saiu para fora o anjo que falava em mim: E me disse: Levanta teus olhos, e vê que é o que sai.

6 E eu lhe disse: Que é isto? E ele me respondeu: Esta é uma talha que sai. E acrescentou: Esta é o olho deles em toda a terra.

7 Depois vi eu que se levava uma pasta de chumbo, que pesava um talento, e reparei que uma mulher estava assentada no meio da talha.

8 Então me disse o anjo: Esta é a Impiedade. E ele precipitou esta mulher no fundo da talha, e tapou a boca da talha com a pasta de chumbo.

9 Depois levantei eu os meus olhos, e tive esta outra visão, e vi que saíam duas mulheres, e o vento zunia nas suas asas, e tinham asas como asas de milhano: E elas arrebataram a talha entre a terra e o céu. (3)

10 E eu disse ao anjo que falava em mim: Para onde levam elas a talha?

(2) **E TODO O QUE JURA** — Subentende-se falsamente, como se explica no versículo 4.

(3) **E VI QUE SAÍAM DUAS MULHERES** — Estas duas mulheres significam, segundo os judeus, os medos e os gregos, que atingiram os babilônios, e que estabeleceram a sua monarquia em seu país; segundo S. Jerônimo, os próprios hebreus, dos quais o reino de Israel foram aprisionados pelos assírios, e os de Judá pelos caldeus.

11 E o anjo me respondeu: Para Babilônia a fim de que lhe seja edificada uma casa na terra de Senaar, e fique ali de assento, e posta sobre a sua base. (4)

CAPÍTULO 6

QUATRO CARROÇAS, CADA UMA A QUATRO CAVALOS DE DIFERENTES CORES. COROAS DESTINADAS PARA O SUMO SACERDOTE JESUS.

1 E eu me volvei, e levantei os meus olhos, e olhei: E eis-que vi quatro carroças, que saíam dentre dois montes: E eram êste montes uns montes de metal.

2 Na primeira carroça eram os cavalos vermelhos, e na segunda carroça eram os cavalos negros.

3 E na terceira carroça eram os cavalos brancos, e na quarta carroça eram os cavalos malhados, e fortes.

4 E eu respondi, e disse então ao anjo, que falava em mim: Que coisas são estas, meu Senhor?

5 E o anjo me respondeu, e disse: Êstes são os quatro ventos do céu, que saem, para estar diante do Dominador de toda a terra. (1)

6 Os cavalos negros que estavam na segunda carroça, iam para a terra do Aquilão: E os brancos saíram em

(4) **NA TERRA DE SENAAR** — Isto é, a Babilônia, que ficava nesta terra. No estilo figurado dos profetas e no Apocalipse, Babilônia representa a Roma pagã, podendo então significar a terra de Senaar o império romano, no qual se dispersaram os judeus, após a tomada de Jerusalém, depois da morte de Jesus Cristo.

(1) **ÊSTES SÃO OS QUATRO VENTOS DO CÉU** — A opinião comum, apoiada por S. Jerônimo, é que estas quatro carroças significavam as mesmas quatro monarquias que foram mostradas nas duas visões de Dan 2, 7. Assim a maior parte dos intérpretes crêem que a primeira significa os caldeus, a segunda os persas, a terceira os gregos, a quarta os romanos.

seguimento dêles: E os malhados foram para a terra do meio-dia. (2)

7 Os que porém eram os mais possantes, saíram e procuravam ir, e discorrer por tôda a terra. E o Senhor lhes disse: Ide, correi a terra: E êles correram a terra.

8 Depois me chamou êle, e me falou, dizendo: Eis-aí que os que saem para a terra do Aquilão, fizeram repousar o meu espírito na terra do Aquilão. (3)

9 E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

10 Recebi da mão dos do cativeiro, da de Holdai, e da de Tobias, e da de Idaia, e tu irás naquele dia, e entrarás em casa de Josias, filho de Sofonias, todos os quais vieram de Babilônia. (4)

11 E tu receberás ouro e prata: E farás dêles umas coroas, e as porás na cabeça do sumo sacerdote Jesus, filho de Josedec.

(2) **OS CAVALOS NEGROS QUE ESTAVAM NA SEGUNDA CARROÇA** — Com muita discreção se omite aqui a primeira carroça, porque já a monarquia dos caldeus, ou babilônios, tinha acabado. — S. Jerônimo.

(3) **FIZERAM REPOUSAR** — Estes foram os medos e os persas, que, destruindo a monarquia dos caldeus, vingaram a injúria que êstes tinham feito ao povo judaico. O sentido desta visão é que Deus, dominador soberano de tôda a terra, castigará os que merecem punição, não somente os judeus, mas todos os povos que transgridam a sua Santa Lei.

(4) **HOLDAI, TOBIAS, IDAIA, JOSIAS** — Eram delegados dos judeus que tinham ficado em Babilônia, e que vieram trazer oferendas para o Templo.

12 E tu lhe falarás dizendo: Isto profere o Senhor dos exércitos, dizendo: **EIS-AQUI O HOMEM QUE TEM POR NOME O ORIENTE:** E êste será um renôvo, que brotará de si mesmo, e edificará um templo ao Senhor. (5)

13 E êle edificará um templo ao Senhor; e êle será coberto de glória, e se assentará, e dominará sôbre o seu trono: E será sacerdote sôbre o seu trono, e haverá entre os dois uma conformidade de paz.

14 E estas coroas serão consagradas em nome de Helem, e de Tobias, e de Idaia, e de Hem, filho de Sofonias, como um monumento no templo do Senhor. (6)

15 E aquêles que estão longe, virão, e trabalharão no edifício do templo do Senhor: E vós sabereis que o Senhor dos exércitos é que me enviou a vós. E isto será assim, se vós ouvirdes com submissão a voz do Senhor vosso Deus.

(5) **EIS-AQUI O HOMEM** — O homem de quem o Senhor dizia isto ao sumo sacerdote Jesus, parece à primeira vista ser Zorobabel, que devia estar presente, mas estas palavras só convêm a Jesus Cristo da estirpe de Davi, nascido sem intervenção humana, que construiu o templo mais glorioso — a Santa Igreja.

QUE BROTE DE SI MESMO — Por êstes têrmos quis o Senhor dar a entender o maravilhoso nascimento do Messias gerado de Maria sem concurso algum de homem. E o templo que êle havia de edificar ao Senhor era a Igreja.

(6) **E DE HEM, FILHO DE SOFONIAS** — Repare-se que no versículo 10 o filho que se deu a Sofonias se chama Josias. Por estas contas deviam ser dois os filhos de Sofonias, que concorreram para a obra das coroas: Hem, que deu ouro e prata, e Josias, em cuja casa se receberam os donativos e se fizeram as coroas.

CAPÍTULO 7

DEPRECAÇÃO AOS SACERDOTES TOCANTE AOS JEJUNS OBSERVADOS NO TEMPO DO CATIVEIRO. DEFEITOS DESTES JEJUNS. OBRAS DE JUSTIÇA QUE O SENHOR RECOMENDÁ.

1 E aconteceu que no ano quarto do reinado de Dario, foi dirigida a palavra do Senhor a Zacarias, no dia quarto do nono mês, que é o de Casleu.

2 E Sarasar, e Rogomelec, e os varões que estavam com eles, enviaram à casa de Deus quem apresentasse as suas orações diante do Senhor: (1)

3 Para fazerem aos sacerdotes da casa do Senhor dos exércitos, e aos profetas esta pergunta, dizendo: Porventura devo eu chorar ainda no quinto mês, ou devo eu purificar-me, como já o tenho feito por muitos anos? (2)

4 E foi-me dirigida a palavra do Senhor dos exércitos, a qual dizia:

5 Fala a todo o povo da terra, e aos sacerdotes, dizendo: Quando vós jejuáveis, e choráveis no quinto e

(1) **E SARASAR, E ROGOMELEC** — São nomes siro-caldaios. O israelita que os usou devia ter nascido na Caldéia. Os rabinos do tempo de S. Jerônimo afirmavam que estes homens eram persas de nação, e capitães de Dario, que se tinham convertido à religião judaica, e eram tementes a Deus, e como tais observavam as cerimônias da Lei. Sanches, Menóchio e Grócio suspeitam que eram judeus, dos que ainda depois do edito de Ciro ficaram em Babilônia.

(2) **NO QUINTO MÊS** — No quinto mês celebravam os judeus em Babilônia, com jejuns e lágrimas, o dia da tomada de Jerusalém por Nabucodonosor, como também no mês sétimo o dia da morte de Godaliaar por Ismael. Como agora, no quarto ano de Dario, tinham ouvido que já estava reedificado o Templo, entraram os sobreditos persas ou judeus em dúvida de como se deviam portar, na matéria destes jejuns, e por isso mandaram a Jerusalém a embaixada de que se trata.

sétimo mês, durando êstes setenta anos: Acaso foi para mim que vós jejuastes?

6 E quando vós comestes, e bebestes, acaso não foi para vós que comestes e para vós mesmos que bebestes?

7 Porventura não são estas as palavras que falou o Senhor por mão dos profetas, que nos precederam, quando Jerusalém era ainda habitada, e estava cheia de riquezas, ela e as cidades circúnvizinhas, e se via povoada até ao meio-dia, e em tôda a extensão dos seus campos?

8 E foi dirigida a Zacarias a palavra do Senhor, a qual dizia:

9 Isto profere o Senhor dos exércitos, dizendo: Julgai segundo a verdadeira justiça, e cada um de vós exerceite com seu irmão obras de misericórdia e piedade.

10 E não oprimaís a viúva, nem o pupilo, nem o estrangeiro, nem o pobre: E nenhum forme no seu coração maus intentos contra seu irmão.

11 Porém êles não quiseram atender à minha voz, antes se retiraram, voltando-me as costas, e ensurdeceram os seus ouvidos, para me não ouvirem.

12 E puseram o seu coração como um diamante, para não ouvirem a lei, nem as palavras que o Senhor dos exércitos lhes dirigiu em seu espírito por mão dos profetas que nos precederam: Por isso se acendeu contra êles uma grande indignação do Senhor dos exércitos.

13 E assim como êle o disse, se cumpriu, e êles o não ouviram: Assim êles gritarão, e eu os não escutarei, diz o Senhor dos exércitos.

14 E eu os pus dispersos por todos os reinos, que lhes são desconhecidos: E por causa dêles ficou o seu país desolado, pelo motivo de que não havia quem por êle passasse nem voltasse: E' êles têm mudado num deserto esta terra apeteçível.

CAPÍTULO 8

O SENHOR DEPOIS DE TER CASTIGADO A SIAO, TORNARÁ A VIR PARA ELA, DAR-LHE-A A PAZ, E AJUNTARÁ O SEU POVO. AS DUAS CASAS DE ISRAEL E DE JUDÁ SERÃO ABENÇOADAS. OS POVOS ESTRANGEIROS SE UNIRÃO AOS FILHOS DE JUDÁ PARA ADORAREM COM ELES O SENHOR.

1 E a palavra do Senhor dos exércitos se dirigiu, dizendo:

2 Isto diz o Senhor dos exércitos: Eu tenho zelado a Sião com grande zêlo, e tenho-a zelado com grande indignação. (1)

3 Isto diz o Senhor dos exércitos: Eu voltei para Sião, e habitarei no meio de Jerusalém: E Jerusalém chamar-se-á a cidade da verdade, e o Monte do Senhor dos exércitos será um monte santificado.

4 Isto diz o Senhor dos exércitos: Ainda nas praças de Jerusalém habitarão velhos e velhas: E homens que trarão na mão seu cajado por causa da sua muita idade.

5 E as ruas da cidade serão cheias de meninos e meninas, que brincarão nas suas praças.

6 Isto diz o Senhor dos exércitos: Se o que eu pre-digo dêsse tempo, parecer dificultoso aos olhos dos que restaram dêste povo, acaso será isso difícil a meus olhos? diz o Senhor dos exércitos.

7 Isto diz o Senhor dos exércitos: Eis-aí vou eu a salvar o meu povo da terra do oriente e da terra do ocidente.

8 E eu os trarei, e eles habitarão no meio de Jerusalém: E serão o meu povo, e eu serei o seu Deus em verdade e em justiça.

(1) **TENHO-A ZELADO COM GRANDE INDIGNAÇÃO** -- Subtendente-se, contra os seus perseguidores, ou antes, contra as suas infidelidades. — Escoliaste de Carrières.

9 Isto diz o Senhor dos exércitos: Confortem-se as vossas mãos, ó vós que nestes dias ouvís estas palavras da bôca dos profetas, nesta conjuntura em que foi fundada a casa do Senhor dos exércitos, para se edificar êste Templo.

10 Porque antes daqueles dias não tinham jornal os homens, nem tinham paga os animais, nem havia paz para o que entrava nem para o que saía por causa da tribulação: E eu tenho deixado todos os homens, cada um contra o seu próximo.

11 Agora, porém, não tratarei eu os restos dêste povo, como nos primeiros dias, diz o Senhor dos exércitos.

12 Mas entre êles haverá uma semente de paz: A vinha dará o seu fruto, e a terra produzirá os seus grãos, e os céus deitarão o seu orvalho: E eu farei que os restos dêste povo possuam todos êstes bens.

13 E acontecerá isto: Assim como vós éreis a maldição entre as gentes, ó casa de Judá, e ó casa de Israel: Assim eu vos salvarei, e vós sereis a bênção: Não temais, armem-se as vossas mãos de fortaleza.

14 Porque isto diz o Senhor dos exércitos: Assim como eu resolvi afligir-vos, quando vossos pais me provocaram a ira, diz o Senhor,

15 e eu me não compadeci: Assim resolvi eu, pelo contrário, nestes dias fazer bem à casa de Judá e a Jerusalém: Não temais.

16 Portanto estas são as coisas que fareis: Falai verdade, cada um com o seu próximo: Julgai nas vossas portas verdade, e juízo de paz.

17 E nenhum de vós forme nos seus corações maus intentos contra o seu amigo, nem gosteis de dar juramentos falsos: Porque tôdas estas são coisas que eu aborreço, diz o Senhor.

18 E foi-me dirigida a palayra do Senhor dos exércitos, a qual dizia:

19 Isto diz o Senhor dos exércitos: O jejum do quarto, o jejum do quinto, e o jejum do sétimo, e o jejum do décimo mês se tornará para a casa de Judá em gozo e alegria, e em festivas solenidades: Amai sômente a verdade, e a paz. (2)

20 Isto diz o Senhor dos exércitos: Tanto assim que haverá um tempo em que os povos venham, e habitem em muitas das vossas cidades. (3)

21 E vão os seus habitantes, um dizendo ao outro: Vamos, e presentemos as nossas deprecações na presença do Senhor, e busquemos o Senhor dos exércitos: Eu também irei.

22 Então virão muitos povos e poderosas gentes a buscar o Senhor dos exércitos em Jerusalém, e a fazer as suas deprecações na presença do Senhor.

(2) **O JEJUM DO QUARTO** — S. Jerônimo, alegando com a tradição dos rabinos do seu tempo, diz que o primeiro jejum era em memória do dia em que Moisés quebrou as Tábuas da Lei; o segundo em memória do dia em que o mesmo Moisés sentenciou o povo a andar quarenta anos como desterrado pelo deserto; o terceiro em memória do dia em que Godolias foi morto; o quarto em memória do dia em que a Ezequiel e seus companheiros, que viviam além do Eufrates, se deu a notícia da tomada de Jerusalém e destruição do Templo. Os modernos rabinos, segundo attestam Buxtorff, Usser e Basnage, diferindo nos objetos do primeiro, segundo e quarto jejum, dizem que o primeiro se celebrava em memória do dia em que Nabucodonosor pôs cerco a Jerusalém, o segundo em memória do dia em que se abriu a brecha, o terceiro em memória do dia em que a cidade foi tomada, o quarto em memória do dia em que foi morto Godollas.

(3) **TANTO ASSIM** — Estas palavras pendem das precedentes, como se dissera: A tristeza dos jejuns converter-se-á em alegres solenidades, usquequo, isto é, de tal maneira, ou em tanto grau, que virão e concorrerão para assistir a elas. — Menochio.

23 Isto diz o Senhor dos exércitos: Naqueles dias em que dez homens de tôdas as línguas das gentes lançarem mão de um judeu, e aferrarem da fimbria do seu vestido, dizendo: Nós iremos convosco: Porque ouvimos que Deus é convosco.

CAPÍTULO 9

PROFECIA CONTRA OS SÍRIOS, OS FENÍCIOS, E OS FILISTEUS. O REI DE SIÃO VEM A ELA. O SENHOR ARMARÁ DE FORTALEZA A JUDÁ E A EFRAIM CONTRA A GRÉCIA. ELE ENCHERÁ O SEU POVO DOS MAIS EXCELENTES BENS.

1 Pêso da palavra do Senhor contra a terra de Hadrac, e contra Damasco, que é o seu descanso: Porque os olhos do homem e os de tôdas as tribos de Israel estão voltados para o Senhor. (1)

2 Emat também se comprehende nos seus termos, assim como Tiro, e Sidônia: Porque elas presumiram muito da sua sabedoria. (2)

(1) **CONTRA A TERRA DE HADRAC** — Os intérpretes convêm que a terra de Hadrac é a região vizinha de Damasco. A posição certa desta cidade é-nos desconhecida.

QUE É O SEU DESCANSO — O texto quer significar que Hadrac punha tôda a sua confiança em Damasco. Parece que estas profecias contra sírios, fenícios e filisteus respeitam às expedições que Alexandre Magno fez contra estes povos.

PORQUE OS OLHOS DO HOMEM — Este período pode também verter-se assim, conforme os Setenta: Porque os olhos do Senhor estão abertos sobre os homens e sobre tôdas as tribos de Israel. E este é o sentido que aqui adotou Sacy.

(2) **EMAT TAMBÉM SE COMPREENDE NOS SEUS TERMOS** — Isto é, nos termos ou vizinhanças de Damasco. Sacy, Le Gros e de Carrières, atendendo mais ao sentido que às palavras, *Emath* quoque in terminis ejus, verteram: Esta profecia se estenderá também sobre Emat.

3 E Tiro levantou as suas fortificações, e amontoou prata como terra, e ouro como lama das ruas.

4 Eis-aí está que o Senhor se apoderará dela, e destruirá a fôrça que Tiro tirava do mar, e esta será devorada pelo fogo.

5 Ascalon o verá, e ficará tremendo: E vê-lo-á Gaza, e ficará passada de intensa dor: E Acaron se afligirá, porque foi enganada a sua esperança: E de Gaza perecerá o rei, e Ascalon ficará despovoada.

6 E o estrangeiro terá o seu assento em Azot, e eu destruirei a soberba dos filisteus. (3)

7 E tirarei da bôca dêste povo o seu sangue, e as suas abominações dentre os seus dentes, e êle também se submeterá ao nosso Deus, e será como chefe em Judá. e o povo de Acaron será tratado como um jebuseu.

8 Então cercarei eu a minha casa daqueles que militam em meu serviço indo e vindo, e não passará mais sôbre êles o exator: Porque eu olhei agora para êle com olhos favoráveis.

9 Salta de extremado prazer, ó filha de Sião, enche-te de jubilo, ó filha de Jerusalém: EIS-AÍ O TEU REI virá a ti, justo e salvador: Êle é pobre, e êle vem montado sôbre uma jumenta, e sôbre o potrinho da jumenta. (4)

(3) **E O ESTRANGEIRO TERA O SEU ASSENTO EM AZOT** — Em lugar do que a Vulgata chama *separator*, tem o hebreu *Mamsen*, isto é, Bastardo. Por onde suspeitam muitos intérpretes que êste estrangeiro é Alexandre Magno, de quem consta que subjugou tôdas as cidades sobreditas, e que fôra tido por estrangeiro.

(4) **EIS-AÍ O TEU REI VIRÁ A TI, JUSTO** — O Evangelista Mt 21, 5, nos assegura que esta profecia se cumpriu na entrada de Cristo em Jerusalém, montado numa jumenta, acompanhado de todos os seus discípulos e aclamado rei de Israel por todo o povo, e só em Jesus Cristo se realizam as predições contidas neste e no versículo seguinte.

10 E eu exterminarei as carroças de Efraim, e os cavalos de Jerusalém, e os arcos que servem na guerra serão quebrados: E êle anunciará a paz às gentes, e o seu poder se estenderá de um mar até o outro mar, e desde os rios até às extremidades da terra.

11 Tu também pelo sangue do teu testamento fizeste sair os teus presos do lago em que não há água. (5)

12 Tornai para as vossas praças fortes, ó presos, que não perdestes a esperança; hoje também te anuncio que te darei dobrados bens.

13 Porque eu estendi para mim a Judá como um arco, eu enchi a Efraim de setas: E suscitarei a teus filhos, ó Sião, sobre os teus filhos, ó Grécia: E eu te farei ser como a espada dos valentes. (6)

14 E o Senhor Deus se verá por cima dêles, e despedirá os seus dardos, como relâmpagos: E o Senhor Deus os animará pelo som da trombeta, e marchará entre os redemoinhos do meio-dia. (7)

15 O Senhor dos exércitos os protegerá: E êles devorarão a seus inimigos, e os sujeitarão com as pedras das suas fundas: E êles, bebendo-lhes o sangue, se embriam.

ÊLE É POBRE — O Evangelista alegado diz "Ele é manso", porque seguiu a versão dos Setenta.

(5) **TU TAMBÉM** — Alusão à aliança feita pelo Senhor com os hebreus. Êx 24, 8.

(6) **E SUSCITAREI A TEUS FILHOS, Ó SIÃO** — A maior parte dos intérpretes entendem isto, segundo a letra, dos santos macabeus, aos quais o Senhor meteu na mão o seu arco e as suas setas contra os siros designados debaixo do nome de gregos, porque então estava a Síria possuída pelos reis selêucidas, que eram gregos. — Calmet.

(7) **ENTRE OS REDEMOINHOS DO MEIO-DIA** — Isto é, entre os redemoinhos semelhantes aos que na Judéa são causados pelos ventos do meio-dia. -- Escollaste de Carrières.

garão com êle, como com vinho, e ficarão cheios como os copos, e como os cornos do altar.

16 E o Senhor Deus dêles os salvará naquele dia, como rebanho do seu povo: Porque as pedras santas serão elevadas sôbre a sua terra.

17 Porque qual é o bem dela, e qual é a sua formosura, senão o pão dos escolhidos, e o vinho que gera virgens? (8)

CAPÍTULO 10

O SENHOR É QUE SE DEVE INVOCAR, E NÃO OS ÍDOLOS. IRA DO SENHOR CONTRA OS PASTORES DO SEU POVO. ELE VISITARÁ NA SUA MISERICÓRDIA A CASA DE JUDÁ E CONGREGARÁ A CASA DE ISRAEL.

1 Pedi ao Senhor chuvas na estação seródia, e o Senhor fará cair a neve, e lhes dará chuvas em abundância, a cada um erva no campo. (1)

2 Porque os ídolos deram respostas vãs, e os adivinhos tiveram visões mentirosas, e os sonhadores falaram no ar: Davam consolações falsas: Por isso êles foram levados como um rebanho: Serão afligidos, porque êles não têm pastor.

3 O meu furor se acendeu contra os pastôres, e eu irei com a minha visita sôbre os bodes: Porque o Senhor

(8) **SENÃO O PÃO DOS ESCOLHIDOS E O VINHO** — Os Setenta dizem: “o pão dos mancebos e o vinho de bom cheiro para as Virgens”. Um e outro, porém, são símbolos da Sagrada Eucaristia, que é o sustento dos escolhidos, e o vinho que faz crescer a pureza das almas santas. Cfr. Glaire, *La Sainte Bible*.

(1) **NA ESTAÇÃO SERÓDIA** — Isto é, na primavera, que é quando com as chuvas acaba de amadurecer o grão. Por isso os franceses, pelo que a Vulgata diz, *pluviam in tempore serotino*, ver-tem êles “as últimas chuvas”.

dos exércitos visitou o seu rebanho, a casa de Judá, e êle os pôs como o cavalo da sua glória na guerra. (2)

4 De Judá sairá o ângulo, dêle a estaca, dêle o arco da guerra, dêle todos os exatores juntos. (3)

5 E êles serão como uns valentes soldados, que nas refregas pisarão aos pés o inimigo, como a lama das ruas: E pelejarão valorosamente, porque o Senhor está com êles: E por êles será posta em desordem a cavalaria de seus adversários.

6 E eu fortalecerei a casa de Judá, e salvarei a casa de José: E fá-los-ei tornar, porque me compadecerei dêles: E êles serão como eram, antes que eu os rejeitasse: Porque eu sou o Senhor seu Deus, e eu os escutarei.

7 E êles serão como os valentes de Efraim, e o seu coração se alegrará como com o vinho: E seus filhos os verão e se alegrarão e o seu coração exultará no Senhor. (4)

(2) **E EU IREI COM A MINHA VISITA SOBRE OS BODES** — Quer dizer, castigarei os maiores, que são a respeito do povo o que os bodes são a respeito do rebanho das cabras, conforme o nota o poeta nas éclogas: *Vir gregis ipse caper.*

E ÊLE OS PÔS COMO O CAVALO — O comum dos intérpretes, seguindo S. Jerônimo, considera isto como uma continuação do que se disse no capítulo 9, versículo 13, das proezas que haviam de fazer os macabeus nas guerras contra os gregos da Síria. E' um hebraísmo, que significa o cavalo instrumento da sua glória.

(3) **DE JUDÁ SAIRÁ O ÂNGULO** — Por ângulo expõe S. Jerônimo o Real Poder, que residia em Judas macabeu, pela estaca o Sumo Sacerdócio, de que o mesmo gozava, segundo o que de Eliacim se diz em Is 22, 23. Segundo os melhores intérpretes, esta profecia refere-se a Jesus Cristo, oriundo da tribo de Judá, filho de Davi, segundo a carne, e que é a pedra angular sobre que assenta o edificio espiritual da Redenção do mundo. Is 22, 23 ss.

(4) **E ÊLES SERÃO COMO OS VALENTES DE EFRAIM** — Sempre esta tribo foi celebrada pelo seu valor. Dt 33, 27.

8 Eu lhes darei um assobio, e os congregarei, porque os remi: E multiplicá-los-ei assim como antes se tinham multiplicado. (5)

9 E eu os semearei por entre os povos, e elles de longe se recordarão de mim: E viverão com seus filhos, e tornarão a vir.

10 E eu os farei tornar da terra do Egito, e os congregarei da Assíria, e os trarei para a terra de Galaad e do Líbano, e não se achará lá lugar para elles: (6)

11 E Israel passará o estreito do mar, e o Senhor lhe ferirá as ondas do mar, e tôdas as profundidades do rio serão confundidas, e a soberba de Assur será humilhada, e o ceptro do Egito se retirará. (7)

12 Eu os fortificarei no Senhor, e elles andarão no seu nome, diz o Senhor.

CAPÍTULO 11

INCENDIO DO TEMPLO, E RUÍNA DE JERUSALEM. PASTOR COM DOIS CAJADOS SUSTIDOS POR DEUS. TRINTA MOEDAS DE PRATA, RECOMPENSA DO PASTOR.

1 Abre, ó Líbano, as tuas portas, e comia o fogo os teus cedros. (1)

(5) **EU LHE DAREI UM ASSOPIO** — Como faz o pastor quando quer ajuntar as ovelhas dispersas.

(6) **PARA A TERRA DE GALAAD E DO LÍBANO** — Estes eram os antigos limites das terras que as dez tribos ocupavam. Foram muito povoados nos tempos dos macabeus.

(7) **E ISRAEL PASSARÁ** — Alusão à passagem do mar Vermelho.

E A SOBERBA DE ASSUR SERÁ HUMILHADA — Como neste tempo já não subsistia o império assírio, julga Calmet, que tanto neste verso como no precedente se deve tomar a Assíria pela Síria. Fique a coisa na sua autoridade, que muitos não estarão por ela.

(1) **ABRE, Ó LÍBANO, AS TUAS PORTAS** — Debaixo da alegoria do Líbano abrindo as suas portas, e dos seus cedros con-

2 Uiva, ó faia, porque os cedros caíram, porque os mais elevados foram destruídos: Uivai, ó carvalhos de Basan, porque o forte bosque foi cortado.

3 Parece-me que estou ouvindo a voz dos uivos dos pastôres, porque tôda a sua grandeza foi destruída: A voz dos rugidos dos leões, porque a soberba do Jordão foi aniquilada.

4 Isto diz o Senhor meu Deus: Apascenta estas rezes destinadas para o matadouro.

5 As quais matavam os que as possuíam, e disso se não maguavam, e as vendiam dizendo: Bendito o Senhor, nós nos fizemos ricos: E assim os seus próprios pastôres lhes não perdoavam.

6 Eu pois não perdoarei mais aos habitantes desta terra, diz o Senhor: Eis-aqui estou eu que entregarei os homens, cada um nas mãos do seu vizinho, e nas mãos do seu rei: E arruinarão a terra, e eu os não livrarei da mão dêles. (2)

7 E por isso, ó pobres do rebanho, eu apascentarei as rezes destinadas para o matadouro: Então tomei eu

sumidos do fogo, concordam os intérpretes com S. Jerônimo, que vaticina Zacarias o incêndio do templo e a ruína de Jerusalém pelo exército de Vespasiano. E se o Líbano com os seus cedros significa o Templo, podem as faias e os carvalhos designar as cidades de Judá.

(2) **EIS-AQUI ESTOU EU** — Isto se verificou nas cruéis facções e mortandades que entre si mesmos exerceram os judeus em Jerusalém, ainda antes da chegada dos romanos, como se pode ver na História de José.

E NAS MÃOS DO SEU REI — Entre as mãos do imperador romano, a quem eles mais quiseram sujeitar-se, do que a Jesus Cristo, quando disseram: Nós não temos rei, senão, a César. (Jo 19. 15).

Zacarias 11, 8-13

dois cajados, a um dos quais chamei a Formosura, e a outro chamei o Cordel: E levei a pascor o rebanho. (3)

8 E cortei três pastôres num mês, e a mim se me apertou a alma a respeito dêles: Porque também a sua alma me foi inconstante. (4)

9 E eu disse: Eu vos não apascentarei: O que morre, morra: E o que se corta, corte-se: E os que escaparam da matança, devorem cada um a carne do seu vizinho.

10 Eu então tomei o meu cajado, que se chamava a Formosura, e quebrei-o para assim desfazer o meu concêrto, que tinha feito com todos os povos.

11 Naquele dia pois foi anulado êsse concêrto: E os pobres do rebanho que me guardam fidelidade, reconheceram que isto é palavra do Senhor.

12 E eu lhes disse: Se parece bem aos vossos olhos, dai-me a recompensa que me é devida: E senão, deixai-vos disso. Então me pagaram êles pelo meu salário trinta moedas de prata.

13 E o Senhor me disse: Arroja ao estatuário êsse dinheiro, essa bela soma, que êles creram que eu valia, quando me puseram em preço. E tomei as trinta moedas de prata: E as lancei na casa do Senhor para o estatuário.

(3) **CORDEL** — Símbolo da severidade com que Deus começou a punir os judeus que abusavam dos seus benefícios. Segundo outros intérpretes, é o símbolo da união entre as casas de Israel e de Judá, isto é, o povo antigo e moderno.

(4) **E CORTEI TRÊS PASTÔRES NUM MÊS** — Dentro de um mês foram depostos êstes três pontífices, Ismael, José e Anano, quatro anos antes que os romanos viessem sôbre Jerusalém. — Calmet.

14 Então quebrei eu o meu segundo cajado, que se chamava o Cordel, para dissolver a fraternidade entre Judá e Israel. (5)

15 E o Senhor me disse: Toma ainda os sinais de um pastor insensato.

16 Porque eis-aí vou eu a suscitar na terra um pastor que não visitará as ovelhas abandonadas, que não buscará as que se desgarraram, e que não curará as doentes, e que não sustentará as que estão sãs, mas que comerá a carne das gordas, e quebrará as unhas delas.

17 O' pastor, e ó ídolo, que abandonas o rebanho: A espada cairá sobre o seu braço, e sobre o seu olho direito: O seu braço se mirrará da secura, e o seu olho direito coberto de trevas se escurecerá. (6)

CAPÍTULO 12

JUDÁ E JERUSALÉM SERÃO AFLIGIDOS PELOS SEUS ADVERSÁRIOS: MAS O SENHOR TOMARÁ A SUA CONTA DEFENDE-LOS. ELE DERRAMARÁ UM ESPÍRITO DE GRAÇA E DE ORAÇÃO SOBRE O SEU POVO. ELES CHORARÃO AQUELE A QUEM TRASPASSARAM.

1 Opressão da palavra do Senhor sobre Israel. O Senhor que estendeu o céu, e que fundou a terra, e que formou o espírito do homem dentro nêle, diz:

2 Eis-aí porei eu a Jerusalém como a verga de uma

(5) **JUDÁ** — Designa os judeus que acreditaram em Cristo, Israel, os que o não conhecem e o rejeitam.

(6) **Ó PASTOR E Ó IDOLO** — Isto é, fantasma de pastor.

A ESPADA — Flávio Josefo assegura que, quando Calígula foi assassinado por Quêreas e seus cúmplices, deram-lhe o primeiro golpe entre o pescoço e a espádua, e que, como quisesse fugir, um dos conjurados o fez cair por terra de joelhos, sendo trucidado pelos outros. E' a êste golpe que se refere Zacarias.

porta de embriaguez para todos os povos dos arredores: E até Judá se achará no cerco contra Jerusalém. (1)

3 E acontecerá isto: Naquele dia porei eu a Jerusalém por pedra de carga a todos os povos: Todos aqueles que a levantarem, ficarão escalavrados com esmagaduras: E coligar-se-ão contra ela todos os reinos da terra.

4 Naquele dia, diz o Senhor, ferirei de pasmo todos os cavalos, e de frenesi os que montam nêles: E abrirei os meus olhos sobre a casa de Judá, e ferirei de cegueira os cavalos de todos os povos.

5 Então dirão os chefes de Judá no seu coração: Achem os habitantes de Jerusalém as suas forças no Senhor dos exércitos, que é o seu Deus.

6 Naquele dia porei eu os chefes de Judá como uni-tição de fogo, que se mete debaixo da lenha, e como um facho aceso entre a palha: E dêles devorarão pela direita, e pela esquerda todos os povos que os cercavam: E Jerusalém será outra vez habitada no seu mesmo lugar em que foi fundada Jerusalém.

7 E o Senhor salvará as tendas de Judá, como o fez no princípio: Para que a casa de Davi se não glorie com soberba em si mesma, e para que os habitantes de Jerusalém não se elevem contra Judá.

8 Naquele dia protegerá o Senhor os habitantes de Jerusalém, e o que dentre êles tropeçar naquele dia será como Davi: E a casa de Davi parecerá aos olhos dêles como a de Deus, como um Anjo do Senhor.

9 E acontecerá isto naquele dia: Eu procurarei fazer

(1) **VERGA DE UMA PORTA** — Parte pelo todo. "Farei de Jerusalém um lugar de embriaguez" é a significação do original.

E ATÉ JUDÁ — Isto nunca se tinha visto antes das guerras de Antíoco Epífanes; viu-se porém então, quando muitos judeus se passaram para o exército dos gregos, como lemos na História dos Macabeus (1 Mac 1, 55).

em migalhas tôdas as gentes, que vierem contra Jerusalém.

10 E eu derramarei sôbre a casa de Davi, e sôbre os habitantes de Jerusalém, um espírito de graça e de preces: E êles porão os olhos em mim, a quem traspasaram: E chorá-lo-ão com pranto como se chora um filho único, e terão dêle um sentimento como se costuma ter na morte de um primogênito. (2)

11 Naquele dia haverá um grande pranto em Jerusalém, assim como o pranto da cidade de Adadremôn no campo de Magedôn. (3)

12 E a terra chorará: Umas famílias e outras famílias à parte: As famílias da casa de Davi à parte, e suas mulheres à parte:

13 As famílias da casa de Natan à parte, e suas mulheres à parte: As famílias da casa de Levi à parte, e suas mulheres à parte: As famílias de Semei à parte e suas mulheres à parte. (4)

14 Tôdas as outras famílias, famílias e famílias, à parte, e suas mulheres à parte.

(2) **E ÊLES PORÃO OS OLHOS EM MIM** — Profecia, segundo o Evangelista S. João, do que havia de suceder, e com efeito sucedeu, ao verem alguns pios judeus a Cristo encravado e morto na cruz. Jo 19, 37.

(3) **ASSIM COMO O PRANTO DA CIDADE DE ADADREMÔN** — Por ocasião da morte do Santo rei Josias, na guerra contra Necau, rei do Egito. (4 Rs 23, 29.) E esta cidade era a que depois se chamou Maximianópolis. — Pereira.

(4) **AS FAMÍLIAS DA CASA DE NATAN À PARTE** — Este era um dos principais ramos da família de Davi, mas que nunca tivera parte no poder real. (1 Par 5.)

AS FAMÍLIAS DE SEMEI À PARTE — Este era um dos principais ramos da família Levi, mas que nunca tivera parte no Sumo Sacerdócio. (1 Par 6, 17.)

CAPÍTULO 13

FONTE ABERTA NA CASA DE DAVI, E ÁGUAS HABITANTES DE JERUSALÉM. ÍDOLOS ABOLIDOS. FALSOS PROFETAS CASTIGADOS. PASTOR FERIDO, OVELHAS DESGARRADAS.

1 Naquele dia haverá uma fonte patente para a casa de Davi, e para os habitantes de Jerusalém, para se lavarem nelas as inundícies do pecador, e da mulher menstruada. (1)

2 E naquele dia, diz o Senhor dos exércitos, acontecerá isto: Eu abolirei da terra os nomes dos ídolos, e dêles não haverá mais memória: E exterminarei da terra os falsos profetas, e o espírito imundo.

3 Também acontecerá que se algum intentar ainda inculcar-se por profeta, seu pai, e sua mãe, que os geraram lhe dirão: Tu não viverás: Pois que disseste mentira em nome do Senhor: E seu pai mesmo, e sua mãe, que o geraram, o traspassarão com um ferro, quando se tiver metido a profetizar.

4 E acontecerá isto: Naquele dia serão confundidos os profetas, cada um pela sua visão quando profetizar: Nem êles se cobrirão de manto de penitência para mentirem:

5 Mas cada um dêles dirá: Eu não sou profeta, eu sou um homem que lavra a terra: Emprêgo em que me ocupo desde a minha mocidade, a exemplo de Adão.

6 Então se lhe fará esta pergunta: Que chagas são essas no meio das tuas mãos? E êle responderá: Com estas fui eu ferido em casa daqueles que me amavam.

(1) **HAVERÁ UMA FONTE PATENTE PARA A CASA DE DAVI** — Esta fonte, ao que parece, é a mesma de que fala Ez 47, 1, e Jl 3, 18, e no sentido espiritual significa as águas do batismo.

7 O' lança, levanta-te contra o meu pastor, e contra o homem que sempre anda adito a mim, diz o Senhor dos exércitos: Fere ao pastor, e desarranjar-se-ão as ovelhas: E eu voltarei a minha mão para os pequeninos. (2)

8 E estarão em tôda a terra, diz o Senhor: Duas partes nela serão dispersas, e perecerão: E a terceira parte ficará nela.

9 E eu farei passar esta terceira parte pelo fogo, e eu os queimarei como se queima a prata: E os provarei como se prova o ouro. Êle me chamará pelo meu nome e eu o escutarei. Eu lhe direi: Tu és o meu povo: E êle me dirá: Tu és o Senhor meu Deus.

CAPÍTULO 14

TOMADA DE JERUSALÉM. DIVISÃO DO MONTE OLIVETE. DIA DO SENHOR. RUÍNA DOS SEUS INIMIGOS.

1 Eis-aí estão a vir os dias do Senhor, e os teus despojos serão divididos no meio de ti. (1)

2 E ajuntarei tôdas as gentes para darem batalha contra Jerusalém, e a cidade será tomada, e as casas ficarão destruídas, e as mulheres violadas: E a metade da cidade sairá para o cativoiro, e o resto do povo não será lançado fora da cidade. (2)

(2) **CONTRA O MEU PASTOR** — Este pastor não é outro que o Senhor Jesus, como êle mesmo expôs aos seus apóstolos na noite da cea. (Mt 26, 31; Mc 14, 27.)

(1) **EIS-AÍ ESTÃO A VIR** — Profecia que uns referem à perseguição de Antíoco Epífanes, e outros à guerra dos romanos com os judeus.

(2) **E AJUNTAREI TÔDAS AS GENTES** — Para a última guerra contra os judeus, e segundo sítio de Jerusalém, concorreram com as tropas romanas de Vespasiano as da Síria, do Egito, da Arábia, e as de muitos reis confederados do império.

3 Depois sairá o Senhor, e pelejará contra aquelas gentes, como êle pelejou no dia do combate.

4 E àquele dia estarão os seus pés sob o Monte Olivete, que está defronte de Jerusalém para o oriente: E o Monte Olivete dividir-se-á em dois pelo meio da banda do oriente, e da banda do ocidente, deixando uma muito grande abertura, e uma metade do monte se separará para o setentrião, e a outra metade dêle para o meio-dia.

5 E vós fugireis para o vale daqueles montes, porque o vale daqueles montes estará contíguo ao monte vizinho: E vós fugireis assim como fugistes por mêdo do terremoto nos dias de Ozias, rei de Judá: E o Senhor meu Deus, e todos os Santos com êle.

6 E acontecerá isto naquele dia: Não haverá luz, mas sim frio e gêlo. (3)

7 E haverá um dia conhecido do Senhor que não será nem dia, nem noite: E na tarde dêsse dia aparecerá a luz. (4)

8 E acontecerá isto naquele dia: Sairão de Jerusalém umas águas vivas: A metade das quais correrá para o mar do oriente, e a outra metade delas para o mar do ocidente: Elas correrão pelo estio e pelo inverno.

9 E o Senhor será o rei de tôda a terra: Naquele dia um só será o Senhor, e um só será o seu nome.

10 E tornará tôda a terra até ao deserto, desde o outeiro Remon até ao meio-dia de Jerusalém: E será

(3) **NÃO HAVERÁ LUZ** — Quer dizer, alegria, felicidade.

(4) **UM DIA** — Significa igualmente alegria e felicidade, da mesma sorte que noite quer dizer aflição e desgraça. Na guerra dos judeus com os romanos, houve tempo em que nem era dia nem noite, isto é, o successo do combate era incerto; tanto pendia para um como para outro lado.

NA TARDE DESSE DIA APARECERÁ A LUZ — Os romanos para a tarde levarão vantagem.

exaltada, e habitará no seu sítio desde a porta de Benjamim até ao lugar da primeira porta, e até à porta dos ângulos: E desde a torre de Hananeel até os lagares do rei. (5)

11 E habitarão nela, e não tornará mais a ser ferida de anátema: Mas descansará Jerusalém segura.

12 E esta será a praga com que o Senhor ferirá tôdas as gentes, que combateram contra Jerusalém: Apodrecerá a carne de cada um andando sôbre os seus pés, e apodrecer-lhe-ão os seus olhos dentro das suas covas, e apodrecer-lhe-á a sua língua dentro da sua bôca.

13 Naquelle dia haverá grande tumulto entre êles, excitado pelo Senhor, e cada um pegará na mão do seu próximo, e apertará a sua mão sôbre a mão do seu próximo.

14 Mas também Judá pelejará contra Jerusalém: Ajustar-se-ão as riquezas de tôdas as gentes dos arredores, o ouro, e a prata, e tôda a casta de vestidos em grande número.

15 E a ruína dos cavalos, e dos mus e dos camelos, e dos asnos, e de tôdas as alimárias que se acharem naquelles arraiais, será tal como esta mesma ruína.

16 E todos os que restarem de tôdas as gentes que vieram contra Jerusalém, virão a ela de ano a ano, a ado-

(5) **E TORNARA TÔDA A TERRA** — Isto é, e os judeus que pela perseguição de Antíoco fôrem levados dispersos por tôda a terra, tornarão para a Judéia e a povoarão de novo até ao deserto. O hebreu diz: será rodeada tôda a terra como uma planície, cujo sentido é: será em tôrno regada das águas acima ditas, como uma campina.

DESDE O OUTEIRO REMON — Os mesmos Sacy e de Carrières parafraseiam segundo o hebreu: Desde o outeiro de Gabaa até Remon.

E SERÁ EXALTADA — Isto é, Jerusalém será restituída ao antigo auge da sua grandeza.

rarem o rei, o Senhor dos exércitos, e a celebrarem a festa dos tabernáculos. (6)

17 E acontecerá isto: Se algum sendo das famílias da terra não fôr a Jerusalém a adorar o rei, o Senhor dos exércitos, não cairá sobre eles a chuva do céu.

18 Se ainda porém alguma família do Egito não subir, nem vier: Não cairá sobre eles a chuva, mas virá uma ruína, com que o Senhor ferirá a tôdas as gentes, que não subirem a celebrar a festa dos tabernáculos.

19 Êste será o pecado do Egito, e êste o pecado de tôdas as gentes, que não subirem a celebrar a festa dos tabernáculos.

20 Naquele dia, o que está sobre os freios dos cavalos, será consagrado ao Senhor: E os caldeirões na casa do Senhor serão como os copos diante do altar. (7)

21 E todos os caldeirões que houver em Jerusalém, e em Judá, serão consagrados ao Senhor dos exércitos: E virão todos os sacrificadores, e tomarão quaisquer dêles e nêles cozerão: E naquele dia não tornará mais a haver mercador na casa do Senhor dos exércitos. (8)

(6) **E A CELEBRAREM A FESTA DOS TABERNACULOS** — Festa que Deus tinha mandado por Moisés que todos os judeus viessem celebrar cada ano em Jerusalém, em memória dos quarenta anos que seus pais tinham passado no deserto alojados em tendas.

(7) **O QUE ESTA SOBRE OS FREIOS DOS CAVALOS** — Assim em termos a Vulgata: *Quod super frenum equi est*. Em seu lugar, vertem Sacy e de Carrières: Todos os ornamentos dos cavalos serão consagrados ao Senhor. Calmet julga que o termo hebreu, que a Vulgata com os Setenta exprimiu por freios, significa propriamente campainhas, e que destas campainhas, que se punham nas rédeas e pescoço dos cavalos, é que se diz que serão consagradas ao Senhor. Le Gros verte assim do hebreu: Naquele dia sobre os ornamentos dos freios dos cavalos se escreverá Consagrado ao Senhor.

(8) **COZERÃO** — As carnes das vítimas. — **Pereira.**

MALAQUIAS

INTRODUÇÃO

Autor. — Malaquias, o último dos doze profetas menores, cujo nome significa o enviado do Senhor, foi contemporâneo de Neemias: Profetizou durante a estada dêste em Jerusalém, 32 anos depois de Artaxerxes Longimano, cêrca do ano 432 A. C. Mostrou-se defensor estrênuo das reformas de Neemias, protestando contra os casamentos com mulheres pagãs, 2, 10-16; Conf. 2 *Esd* 13, 23. 24; contra a oferta de vítimas, indignas de Deus, e contra a negligência no pagamento de dízimos 3, 7-12. O templo já estava terminado e o culto recommçado.

A autenticidade do livro de Malaquias não tem sofrido contestação séria.

Estilo. — E' em geral claro, conciso e regularmente elevado, sem que atinja a sublimidade de Isaías: E' uma espécie de diálogo entre Deus e o povo ou os sacerdotes.

Análise e divisão das profecias de Malaquias. — As profecias de Malaquias formam um só todo, que se subdivide em três seções.

PRIMEIRA: Descreve o amor de Deus para com o seu povo, 1, 2-9.

Malaquias

SEGUNDA: Mostra que *Iahveh* é o Deus único e pai de Israel 2, 10-16.

TERCEIRA: Representa o Senhor como juiz, que castigará os culpados e premiará os justos; realizará a salvação do homem, que será anunciada por um segundo Elias, um precursor, João Batista. E' assim que o último dos profetas da antiga lei anunciou a vinda daquele que deveria revelar ao mundo o Messias prometido e esperado.

MALAQUIAS

CAPÍTULO 1

INGRATIDÃO DOS FILHOS DE ISRAEL CONTRA O SENHOR.
DESPREZO COM QUE OS SACERDOTES TRATAM O SEU
ALTAR. EM TODOS OS LUGARES SE LHE OFERECERA
UMA OBLAÇÃO PURA. O SEU NOME SERÁ RESPEITADO
DAS GENTES.

1. Desgraça opressora da palavra do Senhor sobre
Israel, por ministério de Malaquias. (1)

2 Eu vos amei, diz o Senhor, e vós dissestes: Em
que nos amaste tu? Acaso não era Esaú irmão de Jacó,
diz o Senhor, e contudo eu amei a Jacó, (2)

3 e aborreci a Esaú? E reduzi os seus montes a
uma solidão, e deixei a sua herança aos dragões do de-
serto. (3)

(1) **POR MINISTÉRIO** — À letra, por mão. Cfr. Ag 1, 1.

(2) **ACASO NÃO ERA ESAÚ IRMÃO DE JACÓ?** — Resposta
com que o Senhor satisfaz à pergunta precedente, e de onde S. Paulo
prova gratuita a predestinação dos santos. (Rom 9, 13.) Segunda-
o que Santo Agostinho e outros Padres entenderam que os dois ir-
mãos eram a figura dos eleitos e dos réprobos.

E CONTUDO EU AMEI A JACÓ — Em Jacó amou Deus os
israelitas, em Esaú aborreceu os idumeus. — S. Jerônimo.

(3) **UMA SOLIDÃO** — A Iduméia já era estéril de si mesma,
mas foi depois assolada pelo exército de Nabucodonosor, cinco anos
depois da tomada de Jerusalém. Is c. 21 ss; Jer 49, 7 ss.

Malaquias 1, 4-11

4 E se a Iduméia disser: Nós fomos destruídos, mas nós tornaremos para edificar o que foi destruído: Isto diz o Senhor dos exércitos: Estes edificarão e eu destruirei, e chamar-se-ão umas regiões de impiedade, e um povo contra o qual se irou o Senhor eternamente.

5 E os vossos olhos o verão: E vós direis: Engrandecido seja o Senhor sôbre a terra de Israel.

6 O filho honra a seu pai, e o servo reverencia a seu Senhor: Se eu pois sou vosso pai, onde está a minha honra? E se eu sou vosso Senhor, onde está o temor que se me deve? Diz o Senhor dos exércitos: Convosco falo, ó sacerdotes, que desprezais o meu nome, e dissesdes: Em que desprezamos nós o teu nome?

7 Vós ofereceis sôbre o meu altar um pão imundo, e dizeis: Em que te profanamos nós? Nisso que dizeis: A mesa do Senhor está desprezada.

8 Se vós ofereceis uma hóstia cega para ser imolada, não é isto mau? E se ofereceis uma que é coxa, e doente, não é isto mau? oferece êstes animais ao teu governador, a ver se êles lhe agradecerão, ou se êle te receberá com agrado, diz o Senhor dos exércitos.

9 Agora pois fazei as vossas deprecações ante o acatamento de Deus, para que êle se compadeça de vós (porque tudo isto foi feito por vossas mãos) a ver se vos recebe de um modo mais favorável, diz o Senhor dos exércitos.

10 Quem há entre vós, que feche as portas, e acenda o lume do meu altar gratuitamente? o meu afeto não está em vós, diz o Senhor dos exércitos, nem eu receberei algum donativo da vossa mão.

11 Porque desde o nascente do sol até o poente, é o meu nome grande entre as gentes, e em todo o lugar se sacrifica, e se oferece ao meu nome uma oblação pura:

Porque meu nome é grande entre as gentes, diz o Senhor dos exércitos. (4)

12 E vós o tendes profanado nisto que dizeis: A mesa do Senhor está contaminada: E aquilo que se oferece em cima dela, é desprezível, com o fogo que o devora.

13 Outrossim dissestes vós: Eis-aqui te oferecemos nós o melhor do nosso trabalho e com isto fizestes desprezível o que oferecestes, diz o Senhor dos exércitos; e vós me trouxestes umas rezes mancas, e doentes que eram o fruto das vossas rapinas, e mas oferecestes de presente: Cuidais vós pois que receberei eu um tal presente da vossa mão? diz o Senhor. (5)

14 Maldito seja o homem enganador, que tem no seu rebanho um animal são, e tendo feito voto dêle ao Senhor, lhe sacrifica um doente: Porque eu sou o grande Rei, diz o Senhor dos exércitos, e o meu nome é reverenciado com horror entre as gentes. (6)

CAPÍTULO 2

AMEAÇAS CONTRA OS SACERDOTES. PACTO DO SENHOR COM A FAMÍLIA DE LEVI. REPREENSÕES AOS FILHOS DE JUDÁ: POR CASAREM COM MULHERES ESTRANGEIRAS, POR SE DESQUITAREM DAS SUAS LEGÍTIMAS MULHERES, E POR DUVIDAREM DA PROVIDÊNCIA.

1 E agora, esta é, ó sacerdotes, a ordem que se vos intima.

(4) **PORQUE DESDE O NASCENTE DO SOL** — Profecia da dilatação da Igreja por todo o mundo.

UMA OBLAÇÃO PURA — Tal é a da Hóstia Santa e imaculada do Corpo e Sangue de Cristo.

(6) **OUTROSSIM DISSESTES VÓS** — Subentende-se, quando me trazeis as vossas vítimas.

(6) **UM ANIMAL SÃO** — Também se pode verter, um animal robusto, visto dizer a Vulgata masculinum.

Malaquias 2, 2-9

2 Se vós me não quiserdes ouvir, e se não quiserdes aplicar o vosso coração a dar glória ao meu nome, diz o Senhor dos exércitos: Eu vos mandarei a indigência, e amaldiçoarei as vossas bênçãos; e eu as amaldiçoarei, porque vós não pusestes as minhas palavras sôbre o vosso coração.

3 Eis-aqui estou eu que vos arrojarei com a espádua, e atirar-vos-ei à cara com o estérco das vossas solenidades, e êle se pegará a vós. (1)

4 Então sabereis que eu era o que tinha mandado que se vos dissessem estas palavras, para que o pacto que eu tinha feito com Levi ficasse firme, diz o Senhor dos exércitos.

5 O meu pacto com êle foi de vida e de paz, e eu lhe dei o meu temor, e êle me temeu, e tremia de mêdo diante da face do meu nome.

6 A lei da verdade estêve na sua bôca, e a iniquidade não se achou nos seus lábios: Êle andou comigo em paz, e em equidade, e apartou da iniquidade a muitos.

7 Porque os lábios dos sacerdotes serão os guardas da ciência, e da sua bôca é que os mais buscarão a inteligência da lei: Porque êle é o anjo do Senhor dos exércitos.

8 Mas vós vos desviastes do caminho, e escandalizastes a muitos na lei: Vós fizestes nulo o pacto que eu tinha feito com Levi, diz o Senhor dos exércitos.

9 Por isso como vós não guardastes os meus caminhos, e quando se tratava de sentenciar segundo a minha lei, fizestes acepção de pessoas, também eu vos tornei desprezíveis, e vis aos olhos de todos os povos.

(1) **COM A ESPADUA** — Subentende-se, das vossas vítimas, que era o que a lei referida no Dt 18, 3, mandava se desse ao sacerdote. A letra do texto diz: com o braço. Os Setenta, com o ombro.

10 Porventura não é um mesmo o pai de todos nós? Acaso não foi um mesmo Deus o que nos criou? Por que razão logo despreza cada um de nós a seu irmão, violando o pacto de nossos pais?

11 Judá transgrediu a lei, e a abominação se come-teu em Israel, e em Jerusalém: Porque Judá contaminou a santificação do Senhor, a qual êle amou, e se casou com uma filha de um deus estranho. (2)

12 O Senhor exterminará das tendas de Jacó ao homem que isto fizer, ou seja mestre, ou discípulo, e ao que oferece qualquer dom ao Senhor dos exércitos.

13 Ainda fizestes mais isto: Vós cobríeis de lágrimas, de choro, e de gemido o altar do Senhor, em tanto grau que eu não olharei mais para os vossos sacrifícios, nem receberei da vossa mão coisa que me possa aplacar. (3)

14 E dissestes: Por que causa? Porque o Senhor deu testemunho entre ti e a mulher da tua puberdade, a qual tu desprezaste: Sendo que esta era a tua companheira, e a mulher da tua aliança. (4)

15 Acaso não a fêz o que é um, e não é ela uma como partícula do seu assôpro com que ficou animada? E que pede êste único autor, senão que saia de vós uma linhagem de Deus? Guardai pois o vosso espírito, e não desprezeis a mulher que recebestes na vossa mocidade.

(2) **CONTAMINOU** — Profanou, perdeu a santidade que tinha, de ser um povo consagrado ao Senhor, desonrando o seu santo nome, porque tomou por mulher a que adorava deuses estranhos.

(3) **VÓS COBRIEIS DE LÁGRIMAS** — Não de lágrimas próprias, mas das lágrimas que êles faziam derramar a suas mulhéres, quando as repudiavam.

(4) **DA TUA ALIANÇA** — Isto é, com quem voluntariamente te desposaste, obrigando-te a viver com ela em virtude do estreito laço e nó indissolúvel do matrimônio.

16 Quando tu lhe vieres a cobrar aversão, despede-a, diz o Senhor Deus de Israel: Mas a iniquidade de quem tal fizer, lhe cobrirá o seu vestido, diz o Senhor dos exércitos: Guardai o vosso espírito, e não as desprezeis. (5)

17 Vós causastes moléstia ao Senhor com os vossos discursos, e dissestes: Em que lhe temos nós causado moléstia? Nisso que dizeis: Todo o que faz o mal, passa por bom aos olhos do Senhor, e êstes tais lhe são agradáveis: Ou se assim não é, onde está logo êsse Deus de justiça?

CAPÍTULO 3

VINDA DO PRECURSOR DO MESSIAS, E DO MESSIAS MESMO. OS FILHOS DE JUDÁ EXORTADOS A SE CONVERTER. REPREENSÕES AOS MESMOS, POR FALTAREM A OFERECER AO SENHOR OS SEUS DIZIMOS E PRIMÍCIAS, E POR SENTIREM MAL DA SUA PROVIDÊNCIA.

1 Eis-aí mando eu o meu anjo, e êle preparará o caminho diante da minha face. E logo o Dominador que vós buscais, e o anjo do testamento, que vós desejais, virá ao seu templo. Ei-lo-aí vem, diz o Senhor do exércitos: (1)

(5) **DIZ O SENHOR DEUS DE ISRAEL** — Objeção dos judeus, fundada na permissão da Lei, Dt 24, 1-3. E assim, antes destas palavras, diz o Senhor Deus de Israel, devem-se subentender estas outras: Talvez direis vós.

(1) **EIS-AÍ MANDO EU O MEU ANJO** — Os sagrados evangelistas, e o mesmo Cristo, explicaram êste texto da vinda de S. João Batista, precursor do Messias. (Mt 11, 10; Mc 1, 2; Lc 7, 27) Mas em lugar do que aqui escreve Malaquias, "diante da minha face", trazem os evangelistas "diante da tua face". O que, como observa S. Jerônimo, só importa diferença de palavras, não de sentido. — **Pereira.**

2 E quem poderá ainda somente considerar no dia da sua vinda, e quem poderá ter-se à sua vista? Porque ele será como o fogo que derrete os metais, e como a erva dos lavandeiros:

3 E será como um homem que se assenta a fundir, e a refinar a prata, e ele purificará os filhos de Levi, e os refinará como o ouro, e como a prata, e eles oferecerão sacrifícios ao Senhor em justiça;

4 E o sacrifício de Judá e de Jerusalém será agradável ao Senhor, como o foram os dos séculos passados, e os dos primeiros anos.

5 Então chegar-me-ei eu a vós a exercer o meu juízo e eu serei uma testemunha veloz contra os feiticeiros, e contra os adúlteros, e contra os perjuros, e contra os que defraudam o jornal do trabalhador, as viúvas e os órfãos, e oprimem os estrangeiros, e não me temeram, diz o Senhor dos exércitos.

6 Porque eu sou o Senhor, e não me mudo: Por isso é que vós, ó filhos de Jacó, não tendes sido ainda consumidos.

7 Porquanto desde os dias de vossos pais vos apartastes das minhas leis, e não as guardastes. Tornai para mim, e eu me tornarei para vós, diz o Senhor dos exércitos. E dissestes: Como nos tornaremos nós?

8 Será bem que um homem crave a Deus, porque vós outros me cravais? E dissestes: Em que te cravamos nós? Nos dizimos, e nas primícias.

9 Portanto vós fostes amaldiçoados com a penúria e vós, toda a nação, me cravais.

Malaquias 3, 10-17

10 Levai todos os vossos dízimos ao meu celeiro, e haja mantimento na minha casa, e depois disto fazei prova de mim, diz o Senhor: Se não vos abrir eu as cataratas do céu, e se não derramar eu a minha bênção sôbre vós em abundância:

11 E para vos fazer benefício increparei aos insetos devoradores das novidades, e êles não estragarão o fruto da vossa terra nem haverá nos campos vinhas estéreis, diz o Senhor dos exércitos.

12 E tôdas as gentes vos chamarão ditosos: Porque vós sereis uma terra de delícias, diz o Senhor dos exércitos.

13 As palavras que vós tendes dito contra mim têm-se multiplicado cada vez mais, diz o Senhor.

14 E dissestes: Que temos nós falado contra ti? Dissestes: Vão é o que serve a Deus. E que proveito é para nós o termos guardado os seus preceitos, e o haveremos andado tristes diante do Senhor dos exércitos?

15 Por isso nós chamamos agora ditosos aos homens arrogantes: Pois que êles são os que se estabelecem vivendo na impiedade e os que tentaram a Deus e se tiraram de todos os perigos.

16 Então falaram os que temem ao Senhor, cada um com o seu próximo: E o Senhor se pôs atento, e os ouviu: E na sua presença foi escrito um livro de memória, a favor dos que temem o Senhor, e consideram no seu nome.

17 E no dia em que eu hei de obrar, serão êles, diz o Senhor dos exércitos, o meu pecúlio: E eu os tratarei

benignamente, como um pai trata a seu filho que o serve. (2)

18 E vós mudareis então de sentimento, e vereis que diferença há entre o justo, e o ímpio: E entre o que serve a Deus, e o que não o serve.

CAPÍTULO 4

DIA DE VINGANÇA CONTRA OS MAUS, E DE SALVAÇÃO PARA OS JUSTOS. VINDA DE ELIAS. CONVERSÃO FUTURA DOS JUDEUS.

1 Porque eis-aí virá um dia semelhante a uma fornalha acesa: E todos os soberbos, e todos os que cometem a impiedade, serão como a palha: E êste dia que está para vir os abrasará, diz o Senhor dos exércitos, sem lhes deixar nem raiz, nem gérmen. (1)

2 Mas para vós que temeis o meu nome, nascerá o sol da justiça, e estará a salvação nas suas asas: Vós saireis então, e saltareis, como os novilhos de uma manada.

3 E vós pisareis aos pés os ímpios quando êstes estiverem feitos como cinza debaixo da planta de vossos pés, nesse dia em que eu hei de obrar, diz o Senhor dos exércitos.

4 Lembrai-vos da lei de Moisés meu servo, a qual eu lhe dei em Horeb, para levar a todo o Israel os meus preceitos, e as minhas ordenanças.

(2) **SERÃO ELES, DIZ O SENHOR** — De Carrières e Le Gros preferem “serão o povo que eu reservo para mim e que eu julgarei.”

(1) **PORQUE EIS-AÍ VIRA UM DIA** — A maior parte dos intérpretes entendem isto do dia do Juízo Final, no qual Jesus Cristo descerá do Céu, precedido de um fogo vingador. 2 Tes 1, 8.

Malaquias 4, 5-6

5 Eis-aí vos enviarei eu o profeta Elias, antes que venha o dia grande, e horrível do Senhor.

6 E ele converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais: Para não suceder que eu venha, e que fira a terra com anátema.

MACABEUS

LIVRO I

INTRODUÇÃO

Os livros dos macabeus encerram o Antigo Testamento, por causa da sua data relativamente recente. Estes livros, que são dois, são verdadeiramente históricos, e por eles conhecemos as lutas que, nos quatro séculos que decorreram desde Neemias até ao nascimento de Jesus Cristo, sustentaram os judeus fiéis contra a impiedade inimiga do nome de Deus. Esta época não é a mais próspera da história dos filhos de Jacó, mas nem por isso é menos gloriosa, porque se assinalou a viva fé e o estrênuo valor dos judeus convertidos depois do cativeiro de Babilônia e que perseveraram nas suas crenças.

Do nome de macabeus. — Este nome foi primordialmente um sobrenome de Judas, terceiro filho do sacerdote Matatias: *Judas qui vocabatur Machabæus*, 1 Mac 2, 4. Etimologicamente significa *martelo*, pois deriva, segundo os melhores filólogos, de *maqquhá*, termo aramaico que tem essa significação, que convém perfeitamente a um herói que calca e esmaga os seus inimigos. Pelo seu valor alcançou o seu apelido o heróico Carlos Martel, de

França, e esta significação dão entre nós os que se decoram com tão fidalgo apelido. No Talmude, em Flávio Josefo, *Ant. Jud.*, 14, 16, 4, e em muitos outros historiadores antigos e modernos, os descendentes de Matatias são chamados, não macabeus, mas asmoneus, por causa do seu antepassado *Asmon*.

Autor. — Dêste primeiro livro, assim chamado, como o seguinte, por conter a narração dos feitos de Judas Macabeu, ignora-se quem fôsse o autor. Nem a Escriitura nem a Tradição Judaica nos fornecem elementos alguns que nos façam conhecer, ou ao menos conjecturar, quem tivesse redigido êste importante livro. Uns querem que fôsse um dos macabeus, outros Hyrcano, outros Josefo, e até alguns, a grande sinagoga. Glaire, *Introduction à l'Écriture Sainte*, t. 3 pág. 408, inclina-se à opinião dos que sustentam que o autor é um judeu que tivesse vivido no tempo de João Hyrcano e nos primeiros anos após a sua morte.

Língua original do primeiro livro dos macabeus. — O texto original dêste livro perdeu-se. A análise intrínseca feita cuidadosamente sôbre os mais antigos e mais autorizados códices dá-nos a certeza que foi originariamente escrito em hebreu. A frase semítica, a construção hebraica, a maneira de falar, os idiotismos semíticos, tudo isto ressalta através do texto grego.

O texto grego do primeiro livro dos macabeus. — O texto grego do primeiro livro dos macabeus encontra-se no *Codex Alexandrinus* e no *Codex Sinaiticus*. *Falta no Codex Vaticanus*. A versão latina da Vulgata é a da célebre versão Ítala. Traduz em geral fielmente o texto grego, embora apareçam algumas mudanças, adições ou omissões, que não têm a menor importância.

Existe uma tradução siríaca muito e muito antiga dêste livro, e que se encontra reproduzida na Poliglota de Le Jay e no tomo IV da de Walton. E' feita sôbre o grego, mas emprega freqüentes vêzes duas palavras aramaicas para traduzir uma única grega.

Data da composição do primeiro livro dos macabeus. — As últimas palavras dêste livro 16, 23. 24, que se referem aos annais do pontificado de João Hyrcano, falecido no ano 107 A. C., indicam que o autor escrevia alguns anos depois da morte de Simão, que teve lugar no ano 135 A. C., talvez ainda na vida do sumo sacerdote Hyrcano. O contexto indica-nos que o historiador estava próximo dos acontecimentos que narra.

Estilo. — O autor do primeiro livro dos macabeus escreveu em estilo correntio, mas elegante. A elevação e a guerra de Alexandre, 1 Mac 1, 10, estão descritas com uma precisão notável, e com uma simplicidade que encanta e comove o leitor, ao mesmo tempo que convence da sinceridade com que o autor escreve.

Veracidade do primeiro livro dos macabeus. — Em 1744, o padre Froehlich da Companhia de Jesus publicou os *Annales compendiarri regum et rerum Syriae*, nos quais sustentava a veracidade dos dois livros dos macabeus. Wensdorff contestou as asserções do precedente no *Prælusio de fontibus historiae Syriae in libris Machabæorum*, suscitando-se uma curiosa e violenta polémica, em que os adversários do texto sagrado ficaram derrotados. Posteriormente é notabilissimo o trabalho do padre Patrizi, *De consensu utriusque libri Machabæorum*, Roma, 1856.

Hoje os próprios protestantes reconhecem que esta obra é digna de fé, e perfeitamente histórica em tudo o que refere acêrca da Palestina e dos macabeus, embora

afirmem que o autor algumas vêzes se enganou, quando se refere a Alexandre, 1, 7, quando fala dos romanos 8, 1-16, quando apresenta os Espartiatas irmãos dos hebreus, 12, 6. Nos seus respectivos lugares serão desfeitas as dificuldades apresentadas pelos adversários.

Canonicidade. — O concílio de Trento, seguindo a Tradição, declarou canônicos os livros dos macabeus, mandando-os inserir no Cânon dos Livros Sagrados sancionando assim o que outros concílios já haviam feito.

Os judeus consideraram sempre os livros dos macabeus como fazendo parte das Sagradas Escrituras, tanto assim que Flávio Josefo, que nas suas *Antiquidades* só citava monumentos que tivessem autoridade divina, inseriu a maior parte destes livros. Haja à vista a Bíblia dos Setenta usada nas sinagogas do mundo greco-romano.

A Igreja do ocidente nunca pôs em dúvida a canonicidade dos macabeus, e a Igreja oriental demonstrou que lhe reconhecia a autoridade, pois que nas Bíblias do seu uso se encontram os macabeus; Orígenes, Eusébio, S. João Crisóstomo, S. Gregório Nazianzeno, S. Efrém, S. João Damasceno, os citaram sob o nome de Escritura Sagrada.

Além disto, estes livros aparecem no catálogo das Sagradas Escrituras relatado nos cânones apostólicos; são expressamente nomeados no Cânon do 3.^o Concílio de Cartago, na Epístola de Inocêncio I a Exupério, nos atos do sínodo do papa Gelásio, e no Concílio de Florença. S. Agostinho demonstrou em termos formais a canonicidade destes livros *De Civit.*, cc. 50, 18; e 36, e ninguém contestava a eminente autoridade de tão insigne doutor da Igreja.

Análise e divisão do primeiro livro de macabeus. — Compreende uma introdução e três seções:

INTRODUÇÃO cc. 1 e 2: subdivide-se em 3 partes:

- a) resenha sobre as conquistas de Alexandre e sobre a divisão do seu império, 1, 1-10.
- b) descrição dos males ocasionados na Judéia pelos judeus infiéis no reinado de Antíoco IV, Epífanes; saque de Jerusalém e do templo, introdução na Cidade Santa e em toda a Palestina do culto politeísta. 1, 11-67.
- c) Indignação de Matatias; início da guerra gloriosa dos macabeus contra a opressão do estrangeiro, luta pela independência da pátria e manutenção da fé. Morte de Matatias, no ano 166 A. C. c. 2.

I SEÇÃO cc. 3-9, 22. *História das Guerras de Judas macabeu.*

- a) derrota dos generais sírios; tomada de Jerusalém, restabelecimento do culto divino cc. 3 e 4.
- b) Castigo infigido pelo vencedor dos sírios, animados contra os judeus de intenções hostis, c. 5.
- c) Eloqüente narração da morte terrível de Antíoco IV, o autor de todos os males dos judeus, 6, 1-16.
- d) Cêrco de Antíoco V, contra Judas, campanha indecisa entre ambos, 6, 17-65.
- e) Derrota dos sírios pelos judeus, que instituem uma festa para celebrar o seu triunfo, c. 7.
- f) Judas aproveita a paz para firmar a aliança com os romanos, c. 8.

- g) Invasão de Baquides e Alcina; ataque contra êstes dirigido por Judas, que morreu em combate, 9, 1-22.

II SEÇÃO. — *Govêrno de Jônatas*, 9, 23-73.

- a) Guerra de Jônatas contra Baquides, 9, 23-72.
- b) Novas vitórias de Jônatas e favores de Alexandre, c. 10.
- c) Guerra com Ptolomeu Filometor. Prudência de Jônatas, c. 11.
- d) Aliança com os romanos. Morte de Jônatas, c. 12.

III SEÇÃO. — *Govêrno de Simão*, cc. 13-16.

- a) Sucessão de Simão, c. 13.
- b) Aproveitando-se da paz emprega esforços para a prosperidade do povo que reconhece os seus serviços, aclamando-o pontífice e rei, c. 14.
- c) Aliança de Simão com Antíoco, c. 7; triunfos alcançados, traições dos aliados. Morte de Simão: sucessão de seu filho João Hyrcano, cc. 15 e 16.

O primeiro livro dos macabeus terminou com o advento dêste João Hyrcano.

MACABEUS

LIVRO I

CAPÍTULO 1

VITÓRIAS DE ALEXANDRE MAGNO. SUA MORTE. PARTILHA DOS SEUS ESTADOS. CERTOS JUDEUS ÍMPIOS SE SEPARAM DA SANTA ALIANÇA. ANTIOCO EPIFANES ASSOLA A JUDEIA, E ROUBA O TEMPLO. JERUSALÉM É POR ELE DESTRUÍDA. O MESMO ANTIOCO QUER CONSTRANGER OS ISRAELITAS A DEIXAREM A SUA LEI. MANDA POR UM ÍDOLO NO TEMPLO.

1 E aconteceu que depois que Alexandre, rei de Macedônia, filho de Filipe, que reinou primeiramente na Grécia, saiu do país de Cetim, derrotou a Dario, rei dos persas e dos medos: (1)

(1) QUE REINOU PRIMEIRAMENTE NA GRÉCIA — Assim é que o traz o grego do Manuscrito da Alexandria, *qui primum regnavit*, que reinou primeiramente e não como se lê na Edição Romana, e na Vulgata, *qui primus regnavit*, que foi o primeiro que reinou na Grécia. Porque é inegável pela História Secular, que antes de Alexandre da Macedônia houve muitos reis na Grécia, a saber: os de Argos, os de Atenas, os de Lacedemônia, os de Corinto. Todavia em defesa das palavras da Vulgata *qui primus regnavit in Graecia* (as quais se acham repetidas no cap. 6, versículo 2.), notam alguns hábeis intérpretes, que elas se podem verter assim: que foi

1 Macabeus 1, 2-7

2 Deu êle muitas batalhas, e tomou as mais fortes cidades de tôdas as nações, e matou os reis da terra.

3 E passou até às extremidades do mundo: Lançou mão dos despojos de muitas gentes: E tôda a terra emudeceu diante dêle. (2)

4 Então ajuntou Alexandre grandes tropas, e um exército em extremo forte: E o seu coração se elevou, e ficou todo inchado:

5 E se fêz Senhor das províncias, e dos reis das gentes: E lhe ficaram sendo tributários.

6 E depois disto caiu enfermo, e conheceu que era chegada a sua morte.

7 E chamou os grandes da sua côrte, que se tinham criado com êle desde a sua mocidade: E repartiu por êles o seu reino, estando ainda vivo. (3)

o primeiro que estabeleceu a Monarquia dos gregos. Porque com efeito depois de vencido Dario Codomano, passou para os gregos o Império da Ásia, que até ali andava nos persas.

DERROTOU A DARIO, REI DOS PERSAS — Todos sabem que êste Dario é Dario Codomano, último rei daquela Monarquia.

(2) **E TODA A TERRA EMUDECEU DIANTE DELE** — Isto é, não houve quem lhe não cedesse, nem quem se lhe sujeitasse. Porque como escreve Justino no fim do Livro XII: *Cum nullo hostium umquam, congressus est, quem non vicerit; nullam urbem obsedit quam non expugnaverit, nullam gentem adlit, quam non calcaverit.* — Pereira.

(3) **REPARTIU POR ELES O SEU REINO** — Servem-se os adversários desta passagem para julgar errôneos os fatos contados pelo autor dos macabeus, deduzindo dali argumentos contra a sua veracidade. Citam a êste propósito Quinto Cúrcio 10, 10, 5, que diz: *Credidere quidam esse primitias, sed famam ejus rei, quanquam ab auctoribus traditam, vanam fuisse comperimus.* A isto responde-se que o historiador judaico não fala do testamento, e que a pro-

8 Reinou pois Alexandre doze anos, e morreu.

9 E os grandes da sua cõrte se fizeram reis, cada um com o seu govêrno:

10 E depois da morte de Alexandre puseram todos o diadema, e assiim mesmo seus filhos depois dêles por muitos anos, e os males se multiplicaram sôbre a terra.

11 E dêstes é que saiu aquela raiz do pecado, Antíoco o illustre, filho do rei Antíoco, o qual em Roma tinha já estado em reféns: E reinou no ano cento e trinta e sete do reino dos gregos. (4)

posição que avança é confirmada pela unânime tradição do Oriente. Cfr. de Herbelot. *Bibliothèque Orientale*. Depois todos sabem que as narrações antigas acêrca da morte e da sucessão de Alexandre, são de todo o ponto contraditórias: Arriano 7, 26 e Quinto Cúrcio 15, 5, pretendem que Alexandre elegeu à hora da morte, sucessor o mais digno; pelo contrário Diodoro da Sicília 18, 2; Justino 12, 5, e o próprio Quinto Cúrcio 10, 5, 4, afirmam que êle entregou o seu anel a Pérdicas, cfr. Arriano Marcelino, 23, 6; Jornandes, *De Get. rebus*, 10, e Migne *Patrologia latina*, 1, 44, col. 1260. Ora nestas hesitações e com estas dúvidas não se pode afirmar que o autor de 1 Mac se tivesse enganado. De resto, o autor sagrado não diz que Alexandre dividiu o seu império entre os generais, elevando êstes à dignidade real; diz, ao contrário, um pouco mais adiante, 1, 6, que êles se fizeram reis, cada um com o seu govêrno, mas depois da morte de Alexandre 1, 10. Ora o sentido desta frase, é que Alexandre pôs à frente de cada província um dos seus generais para governar em seu nome. Esta interpretação, seguida pelos exegetas contemporâneos, é devida ao eminente teólogo, padre Patrizi.

(4) **ANTIÓCO O ILUSTRE** — Isto quer dizer o epíteto de Epífanes, que os gregos lhe deram.

FILHO DO REI ANTIÓCO — Do rei Antíoco chamado por antonomásia o Grande, que teve longas guerras com os romanos, e foi dêles vencido, como se diz adiante, 1 Mac 8, 6. Para êste Antíoco o Grande é que tinha fugido Aníbal, depois de vencido em África, por Clpião.

1 Macabeus 1, 12-18

12 Naqueles dias saíram de Israel uns filhos iníquos, e deram a muitos êste conselho dizendo: Vamos, e façamos aliança com as gentes, que se acham em tórno de nós: Porque desde o ponto em que nós nos apartamos delas, vieram sôbre nós muitos males.

13 E pareceu bem êste conselho à seus olhos.

14 E alguns do povo se resolveram, e foram ter com o rei: E êste lhes deu poder de viverem segundo os costumes dos gentios.

15 E êles edificaram em Jerusalém um colégio conforme os ritos das nações: (5)

16 E tiraram de cima de si os sinais da sua circuncisão, e separaram-se da santa aliança, e ajuntaram-se com as nações, e deram-se em venda para fazerem o mal.

17 E Antíoco se estabeleceu no seu reino e começou a querer reinar na terra do Egito para ficar sendo rei de dois reinos. (6)

18 Com êste desígnio entrou no Egito à testa de um poderoso exército, com carroças, e elefantes, e cavalaria, e grande número de naus:

DO REINO DOS GREGOS — Isto é, da era dos Selêucidas, que tomou o nome de Seleuco Nicanor, ou Nicátor, rei da Síria, trezentos e doze anos antes da era de Cristo. E devem estar de sobreaviso os meus leitores, que o autor do Livro 1 dos Macabeus, e com êle José, e os outros judeus, começam a contar os anos desta era dos Selêucidas pelo mês de Nisã, que corresponde ao nosso março e abril; ao mesmo tempo que o autor do Livro 2, à imitação dos gregos e dos árabes, começa a contar êstes anos pelo mês de Tisri, que corresponde ao nosso setembro e outubro. De onde vem, que o autor do Livro 1 leva na sua conta seis meses de dianteira ao autor do 2.

(5) **UM COLÉGIO** — O nome grego *Gymnasium*, que a Vulgata aqui conservou, significa propriamente uma casa ou um lugar, onde a gente moça se dava a exercitar as fôrças do corpo, correndo ou lutando.

(6) **NO SEU REINO** — Entende-se na Síria.

19 E fêz guerra a Ptolomeu, rei do Egito, e Ptolomeu teve mêdo diante dêle, e fugiu, e caíram feridos muitos dos seus. (7)

20 E Antíoco tomou as cidades mais fortes da terra do Egito: E pôs a sacco a terra do Egito.

21 E depois que assolou o Egito no ano cento e quarenta e três, deu volta Antíoco: E marchou contra Israel.

22 E chegou a Jerusalém com um formidável exército.

23 E entrou cheio de soberba no santuário, e tomou o altar de ouro, e o candeeiro dos lumes, e todos os seus vasos, e a mesa da proposição, e as bacias, e os copos, e os graís de ouro, e o véu, e as coroas, e o ornamento de ouro, que estava na fachada do Templo: E quebrou tudo.

24 E tomou a prata e o ouro, e os vasos de apetite: E tomou os tesouros escondidos, com que êle foi dar: E tendo levado tudo, foi-se para o seu país.

25 E fêz grande matança de homens, e falou com grande soberba.

26 Então houve um grande pranto em Israel, e em todos os lugares dêles.

27 E os príncipes, e os anciãos gemeram: As virgens, e os mancebos ficaram sem fôrças: E a formosura das mulheres tôda se mudou.

28 Todos os maridos se entregaram ao chôro: E as mulheres que estavam assentadas sôbre o seu leito nupcial, derramavam lágrimas:

29 E a terra se comoveu com a desolação dos seus habitantes, e tôda a casa de Jacó se cobriu de confusão.

(7) **E FÊZ GUERRA A PTOLOMEU, REI DO EGITO** — Este Ptolomeu Filometer é filho de Ptolomeu Epifanes e de sua mulher Cleópatra, irmã de Antíoco.

1 Macabeus 1, 30-41

30 E depois no fim de dois anos completos enviou o rei por tôdas as cidades de Judá um superintendente dos tributos, que veio a Jerusalém com grande comitiva.

31 E êle lhes falou palavras de paz com artifício: Assim os homens lhe deram crédito.

32 Mas êle deu de repente sôbre a cidade, e fêz nela grande estrago, e matou grande número do povo de Israel.

33 E tomou os despojos da cidade: E depois lhe pôs fogo, e destruiu as suas casas, e os seus muros que a cercavam:

34 E levaram cativas as mulheres: E se fizeram senhores de seus filhos, e de seus gados.

35 E fortificaram a cidade de Davi com um grande, e forte muro, e com boas tôrres, e fizeram dela fortaleza.

36 E puseram ali uma raça de pecado, uns homens corrompidos que nela se fizeram fortes: E para ali trouxeram armas e vitualhas, e ajuntaram os despojos de Jerusalém:

37 E os puseram ali de reserva: E dêste modo vieram a ser um pernicioso laço.

38 E isto serviu para armarem traições a todos aquêles que vinham santificar-se, e foram como o mau demo de Israel: (8)

39 E derramaram o sangue inocente ao redor do santuário, e profanaram o santuário.

40 E os habitantes de Jerusalém fugiram por causa dêles, e a cidade ficou sendo morada dos estrangeiros, e ela se tornou estranha aos seus naturais, e seus próprios filhos a deixaram.

41 O seu santuário ficou desolado como um ermo,

(8) **QUE VINHAM SANTIFICAR-SE** — Ou que vinham ao lugar santo, isto é, ao templo.

os seus dias de festa se mudaram em pranto, os seus sábados em opróbrio, as suas honras em nada.

42 À proporção da sua glória se multiplicou a sua ignomínia: E a sua alta elevação foi mudada em luto.

43 Então escreveu o rei Antíoco a todo o seu reino, que todo o povo não fôsse mais que um: E que cada qual abandonasse a sua lei.

44 E tôdas as nações consentiram nesta ordem do rei Antíoco:

45 E muitos de Israel consentiram em darem esta sujeição a êle, e sacrificarem aos ídolos, e profanaram o sábadô.

46 E o rei dirigiu cartas suas por mãos de mensageiros a Jerusalém, e a tôdas as cidades de Judá: Mandando-lhes que seguissem as leis das nações da terra.

47 E proibissem que no Templo de Deus se fizessem holocaustos, sacrificios, e ofertas em expiação de pecado.

48 E proibissem que se celebrasse o sábadô, e os dias solenes:

49 E mandou que se profanassem os lugares santos, e o santo povo de Israel.

50 Outrossim mandou que se edificassem altares, e templos, e que se levantassem ídolos, e que se sacrificassem carnes de porco, e rezes imundas.

51 E que deixassem os seus filhos por circuncidar, e que contaminassem suas almas com tôda a casta de comeres imundos, e com tôdas as abominações, de sorte que se esquecessem da lei de Deus, e transtornassem tôdas as suas ordenanças.

52 E que todos aquêles que não obrassem conforme a ordem do rei Antíoco, morressem.

1 Macabeus 1, 53-61

53 Por êste mesmo teor escreveu êle a todo o seu reino: E nomeou oficiais, que constrangessem o povo a cumprir isto.

54 Êles pois mandaram às cidades de Judá, que sacrificassem aos ídolos.

55 E muitos do povo se vieram ajuntar com aquêles que tinham abandonado a Lei do Senhor: E êles fizeram grandes males sôbre a terra:

56 E obrigaram o povo de Israel a fugir para lugares escusos, e a buscar retiros, onde pudessem esconder-se na sua fugida.

57 No dia quinze do mês de Casleu, ano cento e quarenta e cinco, pôs o rei Antíoco o abominável ídolo da desolação em cima do altar de Deus, e por tôda a parte edificaram altares em tôdas as cidades de Judá. (9)

58 E os homens ofereciam incenso, e sacrificavam diante das portas das casas, e no meio das ruas:

59 E rasgando os livros da Lei de Deus, os deitaram no fogo:

60 E a todo aquêle, em poder do qual se achavam os livros do Testamento do Senhor, e qualquer que observava a lei do Senhor, cruelmente o matavam, conforme o edito do rei.

61 Com êste poder que tinham tratavam assim o povo de Israel, que cada mês se achava junto em tôdas as cidades.

(9) NO DIA QUINZE DO MÊS DE CASLEU — O mês de Casleu correspondia ao nosso novembro e dezembro. Mas como se aponta aqui o dia quinze do mês pelo dia da profanação do templo, quando em todos os mais lugares dêstes livros se supõe que o dia da profanação fôra o dia vinte e cinco? Veja-se 1 Mac 1, 62; 4, 52; e 2 Mac 1, 16 e 10, 5. Isto moveu Calmet a julgar que aqui houve falta da parte dos copistas, e que onde êles, por descuido, puseram *Die quinta decima*, se devia repor *Die quinta et vigesima*.

62 E no dia vinte e cinco de cada mês sacrificavam sobre a ara, que estava oposta ao altar.

63 E as mulheres, que circuncidavam seus filhos, eram cruelmente mortas, segundo o mandamento do rei Antíoco.

64 E penduravam os meninos ao pescoço delas em tôdas as casas onde os achavam: E matavam desumanamente os que os tinham circuncidado.

65 Então muitos do povo de Israel resolveram consigo não comer nada que fôsse imundo: E escolheram antes morrer do que manchar-se com viandas imundas:

66 E êles não quiseram violar a Santa Lei do Senhor, e foram desapiedadamente mortos:

67 E então caiu sobre o povo uma ira por extremo grande. (10)

CAPÍTULO 2

MATATIAS TOCADO DOS MALES DO POVO SE RETIRA A MODIN. RECUSA SACRIFICAR AOS IDOLOS. MATA UM JUDEU, QUE IA A SACRIFICAR, E O OFICIAL QUE O CONSTRANGIA A ISSO. MUITOS JUDEUS SE ACOLHEM AO DESERTO. ÊLES SE DEIXAM MATAR POR NÃO VIOLAREM O SÁBADO. MATATIAS COM UM PÉ DE EXÉRCITO INTENTA DESTRUIR O CULTO DOS IDOLOS. EXORTA SEUS FILHOS, E MORRE.

1 Naqueles dias Matatias, filho de João, filho de Simeão, sacerdote dentre os filhos de Joarib, saiu de Jerusalém, e fêz assento no monte de Modin: (1)

(10) **UMA IRA POR EXTREMO GRANDE** — Por esta grande ira se devem entender os espantosos efeitos da ira de Deus contra os prevaricadores. — Pereira.

(1) **SACERDOTE DENTRE OS FILHOS DE JOARIB** — A família de Joarib era uma das vinte e quatro sacerdotais. 1 Par 24, 7. E do versículo 54 se conhece que Matatias descendia do pontífice Eleazar pela linha de Finéias. Como depois da morte de

1 Macabeus 2, 2-7

2 E tinha êle cinco filhos: João que tinha por sobre-nome Gadis:

3 E Sião, por sobrenome Tasi:

4 E Judas, que era chamado Macabeu: (2)

5 E Eleazar, por sobrenome Abaron: E Jônatas, por sobrenome Afó:

6 Êstes consideraram nos males que se faziam entre o povo de Judá, e em Jerusalém.

7 E Matatias disse: Desgraçado de mim, como é

Matatias se conservou na sua família o supremo governo da nação judaica, unido ao Sumo Pontificado, por espaço de cento e vinte e oito anos, desde Judas Macabeu até Herodes o Grande, julgaram S. Jerônimo sobre Oséias e sobre Sofonias e Santo Agostinho nos livros contra Fausto, que se não podia dar por verificada a célebre profecia de Jacó (Gên 44, 10) se os macabeus não participassem do sangue de Judá. Deram logo por certo aquêles Padres, que os macabeus por seu pai eram da tribo de Judá. E nisto os seguiram Nicolau de Lira, Tostado, e outros muitos intérpretes. Mas como por uma parte não se aponta testemunho algum positivo, que confirme aquela genealogia; e por outra o vaticínio de Jacó, de que não faltaria o ceptro de Judá, enquanto não viesse o Messias, se pode muito bem verificar, tomando nêle Judá por toda a nação judaica; nenhuma coisa nos obriga a estar por aquela genealogia.

DE MODIN — Era uma cidade da tribo de Dan, vizinha a Diospol, conforme escrevem Eusébio e S. Jerônimo. E do versículo 70 se colhe claramente, que Modin era pátria de Matatias.

(2) **E JUDAS QUE ERA CHAMADO MACABEU** — Por dois nomes são celebrados na História os descendentes de Matatias; por Assamoneus, e por Macabeus. E de ambos êles são incertíssimas as origens. As opiniões porém mais bem recebidas têm que êstes heróis se chamaram Assamoneus de um avô que tiveram dêste nome, como refere José no Livro 12 das Antiguidades, Cap. 8, e Eusébio na sua Crônica, e que o nome de macabeus lhes veio, de que Judas mandou pôr nos seus estandartes as cinco letras hebraicas, que correspondem a estas: M. C. B. A E e que se pretende serem abreviatura das palavras hebraicas, que formam esta sentença do Êxodo: Qui similis tui in fortibus, Domine? Êx 15, 11,

possível que nascesse eu para ver a ruína do meu povo, e a destruição da Cidade Santa, e para nela me deixar estar quedo, quando se acha entregue nas mãos dos seus inimigos?

8 O seu santuário está entre as mãos dos estrangeiros: O seu templo é tratado como um homem infame.

9 Os vasos, que contribuíam para a sua glória, foram levados como cativos para terras estrangeiras: Os seus velhos foram assassinados nas ruas, e os seus mancos caíram mortos aos golpes de espada dos seus inimigos.

10 Que nação não herdou o seu reino, e não se enriqueceu com os seus despojos?

11 Tôda a sua magnificência lhe foi roubada. A que era livre, está feita escrava.

12 E quanto nós tínhamos de santo e a nossa formosura, e o nosso esplendor, eis-aí foi tudo destruído e o profanaram as gentes.

13 De que nos serve pois a nós o viver ainda?

14 Dito isto, rasgou os seus vestidos Matatias, e seus filhos. E êles se cobriram de cilícios, e se puseram num apertado dó.

15 Ao mesmo tempo chegaram àquele sítio os que o rei Antíoco enviara a constranger os que se tinham acolhido à cidade de Modin, a que sacrificassem, e queimassem incenso, e a que abandonassem a Lei de Deus.

16 E muitos do povo de Israel consentindo nisso se ajuntaram a êles: Porém Matatias, e seus filhos perseveraram constantes.

17 E falando de mão os que Antíoco tinha enviado, disseram a Matatias: Tu és um príncipe não só muito ilustre, mas grande nesta cidade, e adornado com o braço de filhos e irmãos.

18 Nestes têrnios chega-te tu primeiro; e executa

1 Macabeus 2, 19-26

o mandado do rei, como o têm feito tôdas as nações e os homens de Judá, e os que ficaram em Jerusalém: E assim tu, como teus filhos, entrareis na classe dos amigos do rei, e ficareis cobertos de ouro, e de prata, e de ricos donativos.

19 E Matatias lhes respondeu, e disse em alta voz: Ainda quando tôdas as gentes obedeçam ao rei Antíoco, de tal sorte que cada um se aparte do jugo da lei de seus pais, e consinta nos mandamentos do rei:

20 Eu, e meus filhos, e meus irmãos obedeceremos à lei de nossos pais:

21 Deus de tal sorte nos defenda: Nós nenhuma conveniência temos em largar a lei, e as ordenanças de Deus:

22 Nós não daremos ouvidos às palavras do rei Antíoco, nem sacrificaremos transgredindo os mandamentos da nossa lei, por seguirmos outro caminho.

23 E assim que acabou de proferir estas palavras, chegou à vista de todos um judeu para sacrificar aos ídolos sôbre o altar, que se tinha levantado na cidade de Modin, em observância do mandado do rei:

24 Viu-o porém Matatias, e ficou penetrado de dor, e suas entranhas se comoveram, e se acendeu o seu furor segundo o espírito da lei, e arremetendo a êste homem, sem piedade o matou sôbre o altar:

25 E matou também ao mesmo tempo o oficial, que o rei Antíoco tinha enviado, e que constrangia os judeus a sacrificarem, e destruiu o altar.

26 E mostrou o seu zelo pela lei como fez Finéias, quando matou a Zamri, filho de Salomi.

27 Então gritou Matatias em alta voz na cidade, dizendo: Todo o que tem zelo pela lei, permanecendo firme na aliança, siga-me.

28 E fugiu êle, e seus filhos para os montes, e deixaram tudo o que tinham na cidade.

29 Então muitos que procuravam viver conforme a lei, e a justiça, foram para o deserto:

30 E lá estabeleceram a sua morada êles e seus filhos, e suas mulheres, e seus gados: Porque sôbre êles vieram os males como uma inundação.

31 E deu-se notícia aos oficiais do rei, e ao exército que estava em Jerusalém na cidadela de Davi, de como alguns homens, que tinham conculcado o edito do rei, se haviam retirado a lugares escondidos pelo deserto, e que eram muitos os que os tinham seguido.

32 E no mesmo ponto marcharam em demanda dêles, e resolveram apresentar-lhes batalha em dia de sábado.

33 E lhes disseram: Até nesta conjuntura resistis vós ainda? Saí, e obedecei ao edito do rei Antíoco, e vivereis.

34 E êles lhes responderam: Não havemos de sair nem havemos de obedecer à ordem do rei pois que profanamos o dia do sábado.

35 E logo deram pressa a os atacar.

36 E não lhes resistiram, nem atiraram contra êles uma só pedra, nem taparam as cavernas, onde estavam escondidos.

37 Dizendo: Morramos todos na simplicidade do nosso coração: E o céu, e a terra nos serão testemunhas de que vós nos fazeis morrer injustamente.

38 Os inimigos pois os atacaram em dia de sábado: E foram mortos êles e suas mulheres e seus filhos, e os seus gados até o número de mil pessoas.

39 E souberam-no Matatias, e os seus amigos, e tomaram por êles um apertado nojo.

40 Então disse cada um para seu companheiro: Se nós todos fizermos como fizeram os nossos irmãos, e não pelejarmos contra os gentios pelas nossas vidas, e pelas nossas leis: Em bem pouco tempo nos exterminarão êles da face da terra.

41 Tomaram pois naquele dia esta resolução, dizendo: Todo o homem, quem quer que êle seja, que nos atacar em dia de sábadó, não façamos difficuldade de pelear contra êle: E assim não viremos a morrer todos como morreram nossos irmãos nos esconderijos.

42 Então se incorporou com êles a Sinagoga dos assideus, que eram dos mais valentes de Israel, todos os que voluntariamente se tinham dedicado à lei. (3)

43 E todos os que fugiam dos males que os ameaçavam, vieram ajuntar-se com êles, e serviram de refôrço às suas tropas.

44 Fizeram pois um corpo de exército, e mataram os prevaricadores na sua ira, e os homens iníquos na sua indignação: E todos os mais que escaparam, fugiram para as nações, para ali acharem segurança.

45 E foi por tôda a parte Matatias, e seus amigos, e destruíram os altares:

46 E circuncidaram todos os meninos quantos acharam por circuncidar em todo o país de Israel: Havendo-se também nisto com grande valor. (4)

(3) A SINAGOGA DOS ASSIDEUS — Este nome parece a muitos intérpretes derivar-se do hebreu Chasidin, que quer dizer pios, santos, cheios de piedade e de misericórdia, como êle se toma no Sl 78, 2. Eram, segundo parece, varões santos e justos, tais como os Recanistas e Hessênios.

(4) HAVENDO-SE TAMBÉM NISTO COM GRANDE VALOR — A conjuração, etc., que aqui traz a Vulgata et in fortitudine, falta no grego, o que mostra que isto pertence ao que precede.

47 E perseguiram os filhos da soberba, e foi bem sucedida a empresa nas suas mãos:

48 E livraram a lei da servidão das gentes, e do poder dos reis: E não permitiram ao pecador abusar impunemente da sua força.

49 E a Matatias se aproximaram os dias da sua morte, e disse êle aos seus filhos: Agora tem cobrado forças o reino da soberba, e esta é a conjuntura do castigo, e o tempo da ruína, e ira da indignação:

50 Agora pois, ó filhos, sede verdadeiros zeladores da lei, e dai as vossas vidas pela aliança feita com vossos pais.

51 E lembrai-vos das obras que fizeram vossos maiores, cada um em seu tempo, e recebereis uma grande glória, e um nome eterno.

52 Porventura Abraão não foi achado fiel na tentação, e não lhe foi isto imputado a justiça?

53 José guardou os mandamentos de Deus no tempo da sua angústia, e veio a ser o Senhor de todo o Egito.

54 Finéias nosso pai, abrasando-se em zelo pela lei de Deus, recebeu a promessa do sacerdócio eterno.

55 Josué, cumprindo a palavra do Senhor, veio a ser o chefe de Israel.

56 Caleb, dando testemunho na assembléia, recebeu a herança.

57 Davi pela sua brandura conseguiu para sempre o trono do reino.

58 Elias, ardendo em zelo pela lei, foi arrebatado ao céu.

1 Macabeus 2, 59-70

59 Hananias, e Azarias, e Misael, crendo firmemente, foram salvos das chamas.

60 Daniel na sua simplicidade foi livre da bôca dos leões.

61 E por êste modo considerai vós tudo o que se tem passado de geração em geração. Achareis que todos os que esperam em Deus, não desfalecem.

62 Não temais logo as palavras do homem pecador: Porque tôda a sua glória não é mais que estêrco e bichos:

63 Êle hoje se eleva, e amanhã não haverá rasto dêle: Porque êle se tornou na terra de que veio, e todos os seus pensamentos se desvaneceram.

64 Vós pois, filhos, armai-vos de valor, e obrai com valentia em defesa da lei: Porque por êle é que vós sereis gloriosos.

65 Aqui vêdes a Simão vosso irmão, eu sei que êle é homem de conselho: Ouvi-o sempre, e êle vos será em lugar de pai.

66 E Judas Macabeu de grande valor desde a sua mocidade, seja o general das vossas tropas, e êle administrará a guerra do povo.

67 E fareis que se ajuntem convosco todos os observadores da lei: E tomai vingança dos agravos feitos ao vosso povo.

68 Pagai às nações o mal que elas vos têm feito, e estai sempre atentos aos preceitos da lei.

69 Dito isto, êle os abençoou, e depois se foi unir com seus pais.

70 E morreu no ano cento e quarenta e seis: E foi sepultado por seus filhos em Modin no jazigo de seus pais, e todo o Israel o chorou, tomando apertado dó pela sua morte.

CAPÍTULO 3

JUDAS MACABEU SUCEDE A MATATIAS SEU PAI. DESFAZ E MATA A APOLÔNIO. MARCHA CONTRA SERON, E O DERROTA. AS VITÓRIAS DE JUDAS MACABEU IRRITAM A ANTÍOCO. LISIAS MANDA UM PODEROSO EXÉRCITO CONTRA OS JUDEUS. JUDAS E OS SEUS SE PREPARAM A PELEJAR CONTRA OS INIMIGOS.

1 Então se levantou em lugar dêle seu filho Judas, que tinha o sobrenome de Macabeu.

2 E todos os seus irmãos o ajudavam: E todos aquêles que se tinham unido a seu pai, e pelejavam com alegria em defesa de Israel.

3 E dilatou a glória do seu povo, e se vestiu de couraça como um gigante, e se forrou com as suas armas bélicas nos combates, e protegia todo o arraial com a sua espada.

4 Êle se fêz semelhante ao leão nas suas grandes ações, e como o leãozinho que ruge à vista da prêsa.

5 E êle perseguiu os maus, buscando-os por tôda a parte: E queimou em vivas chamas os que perturbavam o seu povo:

6 E todos os seus inimigos foram rechaçados pelo temor que lhe tinham, e todos os obreiros da iniquidade se turbaram: E pelo seu braço foi procurada a salvação do povo.

7 E exasperava a muitos reis, e alegrava a Jacó com seus grandes feitos, e a sua memória será eternamente em bênção:

8 E correu as cidades de Judá, e lançou fora delas os ímpios, e apartou a ira de Deus de cima de Israel.

9 E êle se fêz célebre com grande nomeada até às extremidades da terra, e reuniu os que estavam a ponto de perecer.

1 Macabeus 3, 10-19

10 Neste tempo Apolônio ajuntou as nações, e levantou de Samaria um grande e poderoso exército para pelejar contra Israel. (1)

11 E soube-o Judas, e lhe saiu ao encontro: E o derrotou, e matou; e caíram muitos feridos, e os demais fugiram:

12 E tomou os despojos dêles: e tirou Judas a espada de Apolônio, e com ela pelejava sempre.

13 E ouviu Seron, general do exército da Síria, que Judas havia reunido consigo uma multidão, e congregação de fiéis à lei.

14 E disse: Eu alcançarei grande reputação, e ficarei com grande glória no meu reino, e debelarei a Judas, e aos que estão com êle que desprezavam as ordens do rei.

15 Êle pois se preparou para o atacar: E o exército dos ímpios o seguiu, servindo-lhe de um poderoso socorro, para tomarem vingança dos filhos de Israel. (2)

16 E chegaram até Betoron: E Judas lhe saiu ao encontro com pouca gente. (3)

17 Mas êstes, tanto que viram marchar contra êles o exército inimigo, disseram a Judas: Como poderemos nós, sendo tão poucos, e vindo fatigados do jejum de hoje, pelejar contra um tão numeroso e forte exército?

18 E Judas lhes disse: E' coisa fácil virem a cair os muitos nas mãos dos poucos: E quando o Deus do céu quer salvar, diante de seus olhos não há diferença entre o grande número e o pequeno:

19 Porque a vitória, que se alcança na guerra não

(1) **APOLÔNIO** — Era o que tinha a seu cargo pagar os tributos.

(2) **E O EXÉRCITO DOS ÍMPIOS** — Isto é, o exército dos judeus, que tinham apostado.

(3) **E CHEGARAM ATÉ BETORON** — Cidade de Efraim, à entrada dos desfiladeiros da planície dos filisteus em Sáfela.

depende da grandeza dos exércitos, mas dos céus é que vem tôda a fôrtalesa.

20 Êles vêm contra nós com uma grande multidão de gentes soberbas, e insolentes, para nos perderem a nós, e a nossas mulheres, e a nossos filhos, e para se enriquecerem com os nossos despojos:

21 Mas nós nos havemos de pelejar pelas nossas vidas e pelas nossas leis:

22 E o mesmo Senhor quebrará todos os seus esforços diante da nossa face: Por isso não tenhais vós mêdo dêles.

23 E tanto que cessou de falar, lançou-se Judas de repente sôbre êles: Foi desbaratado Seron, e o seu exército diante dêle:

24 E Judas o perseguiu na descida de Betoron até a planície, e morreram dêles oitocentos homens; os mais porém fugiram para a terra dos filisteus.

25 Então o terror e mêdo que infundiam Judas, e seus irmãos, se espalhou por tôdas as gentes em contôrno dêles:

26 E chegou a fama do seu nome até ao mesmo rei, e todos os povos falavam das batalhas de Judas.

27 Tanto porém que o rei Antíoco ouviu estas novas, concebeu grande ira: E mandou logo levantar em todo seu reino tropas, de que formou um exército sobremaneira poderoso:

28 E abriu o seu erário, e pagou às suas gentes um ano: E lhes mandou que estivessem prestes para tudo.

29 Mas viu que lhe faltava o dinheiro de seus tesouros, e que eram limitados os tributos do país em razão do alvôrço, e do mal que tinha feito naquela terra, porque lhes havia tirado os foros de que gozavam desde tempos antigos:

30 E temeu que não teria, como dantes costumava,

1 Macabeus 3, 31-37

para os gastos e donativos, que dantes havia feito com mão larga: E em que tinha excedido aos reis seus predecessores. (4)

31 E êle estava consternado em extremo no seu interior, e resolveu ir à Pérsia, e arrecadar os tributos daquelas províncias, e ajuntar muita prata.

32 Deixou pois a Lisias, príncipe esclarecido da casa real, para que tivesse cuidado dos negócios do reino, e mandasse nêle desde o rio Eufrates até o rio do Egito: (5)

33 E outrossim curasse da educação de seu filho Antíoco, até êle voltar. (6)

34 E deixou-lhe a metade do exército e os elefantes: E deu-lhe as suas ordens sôbre tudo o que queria fazer, e sôbre o que tocava aos habitantes da Judéia e de Jerusalém:

35 E mandou-lhe que enviasse lá um exército, para perder e extirpar inteiramente tôdas as fôrças de Israel, e os restos de Jerusalém, e para apagar dêste lugar tudo o que pudesse renovar a sua memória:

36 E que pusesse por habitadores em todos os têrmos dêles a filhos de estrangeiros, e repartisse por sorte a sua terra.

37 O rei, pois, tomou a outra metade do exército que lhe restava, e saiu de Antióquia, capital do seu reino,

(4) **E DONATIVOS** — Da indiscreta e às vêzes ridícula magnificência de Antíoco Epífanes, é digno de ser lido o que escreve Diodoro de Sicília nos Excertos do Livro XXXI, tomo II, pp. 582 e 583, da edição de Vesseling.

(5) **LISIAS** — Comandava os exércitos do rei da Síria no tempo de Antíoco Epífanes e Antíoco V Eupator. Demétrio I, tornando-se rei da Síria, mandou matar Lisias e o seu pupilo Antíoco V, 162 A. C.

(6) **DE SEU FILHO ANTIOCO** — Chamado depois Antíoco Eupator.

no ano cento e quarenta e sete: e passou o rio Eufrates, e atravessava já as altas províncias.

38 E Lísias escolheu a Ptolomeu, filho de Dori-mino, e a Nicanor, e a Gorgias, que eram homens poderosos entre os amigos do rei:

39 E mandou com êles quarenta mil infantes, e sete mil cavalos para que fôsem à terra de Judá, e assemelhassem conforme a ordem do rei.

40 Êles pois marcharam com tôdas as suas tropas, e chegaram lá, e se acamparam numa planície do território de Emaús. (7)

41 E os mercadores das províncias ouviram a fama dêles: E tomaram muita prata, e ouro em abundância, e criados: E foram ao arraial, com o fim de comprarem os filhos de Israel para escravos, e os exércitos da Síria se ajuntaram a êles, como também os das terras estrangeiras.

42 Então viu Judas, e seus irmãos, que os males se tinham multiplicado, e que os exércitos se vinham chegando para as suas fronteiras: E tiveram notícia das ordens do rei, que êle tinha dado para destruir e acabar de uma vez com o povo:

43 E disseram cada um para o seu companheiro: Levantemos o nosso povo caído no abatimento, e pelejemos pelo nosso povo, e pelas santas coisas da nossa religião. (8)

44 Êles pois se ajuntaram num corpo para se prepararem para a peleja: E para fazerem oração ao Senhor, e implorarem a sua misericórdia, e as suas comisações.

(7) **DO TERRITÓRIO DE EMAÚS** — Lugar distante de Jerusalém, hoje Amonas, ao pé das montanhas da Judéa.

(8) **LEVANTEMOS** — À letra: Levantemos o abatimento do nosso povo.

45 E Jerusalém não estava então habitada, mas parecia como um deserto: Entre seus filhos nenhum havia que entrasse e saísse dela: E o santuário estava pisado aos pés: E os filhos dos estrangeiros estavam no Alcacer; ali era a habitação dos gentios: E foi desterrada de Jacó toda a alegria, e faltou ali a flauta e a cítara.

46 Eles pois se ajuntaram, e vieram para Masfa, que é defronte de Jerusalém: Porque antes havia em Masfa um lugar de oração para Israel.

47 E jejuaram aquêle dia, e vestiram-se de cilícios, e puseram cinza sôbre as suas cabeças: E rasgaram os seus vestidos:

48 E abriram os livros da lei, nos quais os gentios procuravam achar alguma coisa, que tivesse semelhança com os seus ídoos: (9)

49 E trouxeram os ornamentos sacerdotais, e as primícias, e os dízimos: E fizeram vir os nazarenos, que tinham cumprido os seus dias:

50 E gritaram com grandes brados ao céu, dizendo: Que faremos nós destes? e para onde os levaremos?

(9) NOS QUAIS OS GENTIOS PROCURAVAM ACHAR ALGUMA COISA — Este parece ser o sentido óbvio daquelas palavras da Vulgata: *Expanderunt libros legis de quibus scrutabantur. Gentes similitudinem simulacrorum suorum.* E assim mesmo vertem os franceses, seguindo a graves intérpretes, os quais julgam que enquanto os gentios abusavam da lição das Sagradas Escrituras dos hebreus, enquanto v. g. do uso dos querubins sôbre o Propiciatório tiravam ser-lhes lícito o culto dos ídolos ou enquanto da História de Noé tiravam as fábulas de Saturno ou de Baco. Todavia o grego, da edição de Alcalá, oferece outro sentido mui diverso. Porque eis-aqui como êle diz: *Expanderunt libros legis, de quibus gentes querebant, ut in eis pingerent similitudines simulacrorum suorum.* Quer dizer: Abriram os livros da lei, nos quais quando os achavam, pintavam os gentios as figuras dos seus deuses. E esta é a intelligência que a êste lugar dá Grócio.

51 E o teu santuário foi pisado aos pés, e contaminado, e os teus sacerdotes estão em luto e em humilhação:

52 E eis-aí se ajuntaram as nações contra nós, para nos perderem: Tu sabes que desígnios são os seus contra nós.

53 Como poderemos nós subsistir diante da sua face, se tu, ó Deus, nos não assistires?

54 E fizeram retinir as trombetas com grande estrondo. (10)

55 E depois disto nomeou Judas oficiais, que mandassem o exército, coronéis sobre mil homens, e capitães sobre cem, e subalternos sobre cinqüenta, e sobre dez.

56 E disse aos que acabavam de edificar casas, e de receber mulheres, e de plantar vinhas, e aos que eram tímidos, que voltassem cada um para suas casas conforme a lei.

57 Feita esta diligência abalaram, e se foram alojar perto de Emaús, da banda do meio-dia.

58 E Judas lhes disse: Tomai as vossas armas e sede homens de valor, e estai prontos para amanhã pela manhã, a fim de pelejardes contra estas nações, que se ajuntaram contra nós para nos perderem, e para destruírem a nossa santa religião:

59 Porque melhor nos é morrer combatendo em campal batalha, do que ver os males da nossa gente, e a destruição de tôdas as coisas santas.

60 Mas cumpra-se o que fôr vontade de Deus no céu.

(10) **E FIZERAM RETINIR AS TROMBETAS COM GRANDE ESTRONDO** — Na forma que Deus mandava na Lei, quando se havia de marchar para a guerra. Núm. 10, 9.

CAPÍTULO 4

JUDAS MACABEU ATACA SEPARADAMENTE A NICANOR, E A GORGAS, E OS PÕE EM DERROTA. ALCANÇA VITÓRIA DE LISIAS. VAI A JERUSALÉM, PURIFICA OS LUGARES SANTOS, E FORTIFICA O MONTE SIÃO.

1 Então tomou Gorgias cinco mil homens de pé. e mil cavalos escolhidos: E descampou de noite.

2 Para virem atacar o arraial dos judeus, e darem sobre eles de improviso: E os do país, que eram da guarnição da fortaleza, lhes serviam de guias.

3 Chegou pois esta notícia aos ouvidos de Judas, e se levantou êle e os seus valentes para ir atacar o grosso das tropas do rei, que estavam em Emaús.

4 Porque uma parte dêste exército andava ainda dispersa fora do arraial.

5 E veio Gorgias de noite ao arraial de Judas e não achou ali ninguém, e êle os buscava pelos montes, pois disse: Estes fogem de nós.

6 E tanto que foi dia, appareceu Judas na planície, acompanhado somente de três mil homens: Que não tinham nem escudos nem espadas. (1)

7 E viram o campo forte dos gentios, e os couraços, e a cavalaria em torno dêles, e que todos eram destros para a guerra.

(1) **QUE NÃO TINHAM NEM ESCUDOS NEM ESPADAS** — Do versículo 15 consta que no exército de Judas havia espadas, a cujos golpes caíam os derradeiros do exército inimigo pôsto em fugida. Logo o que aqui se diz, que os soldados de Judas não tinham nem escudos, nem espadas, se deve entender assim do grego: que estavam mal armados, porquanto não tinham nem escudos nem espadas, quais êles quiseram ter *Tegumenta et gladios non habebant, sicut volebant*. E da mesma sorte o trazem alguns Códices Latinos neste lugar.

8 Então disse Judas aos varões, que estavam com êle: Não tenhais medo desta grande multidão, e não temais o seu encontro.

9 Lembrai-vos como nossos pais foram salvos no mar Vermelho, quando Faraó os perseguia com um grande exército.

10 Gritemos pois agora ao céu: E o Senhor se compadecerá de nós, e se lembrará da aliança que fez com os nossos pais, e quebrantarão hoje este exército diante de nossos olhos:

11 E tôdas as nações conhecerão que há um redentor e libertador de Israel.

12 Neste comenos os estrangeiros levantaram os seus olhos, e viram que a gente de Judas vinha marchando contra êles.

13 Ao mesmo tempo saíram êles do seu arraial para o combate, e os que estavam com Judas deram sinal com as trombetas.

14 E travaram a batalha: E foram desfeitas as gentes e fugiram para o campo.

15 Os derradeiros, porém, caíram mortos passados todos à espada, e os vencedores os perseguiram até Gezeron, e até os campos da Iduméia e de Azot e de Jamnia, e morreram dêles até três mil homens. (2)

16 E voltou Judas e o seu exército que o seguia.

17 E êle disse à sua gente: Não vos deixeis levar do desejo da prêsa: Porque ainda temos inimigos com que pelear.

18 E porque Gorgias e o seu exército está perto de nós no monte: Mas conservai-vos agora firmes contra

(2) **ATÉ GEZERON** — Naturalmente Gezes 2 Rs 5, 2, ou Gazer na tribo de Efraim.

nossos inimigos, e acabou de os derrotar e ao depois tomareis com segurança os seus despojos.

19 E ainda Judas estava com a palavra na boca, eis senão quando aparece um golpe de gente, olhando de cima do monte.

20 E Gorgias viu que os seus tinham sido postos em fuga, e que haviam queimado o seu arraial: Porque o fumo, que aparecia, lhe fazia ver o que tinha acontecido.

21 À vista do que tiveram êles muito mêdo, vendo também ao mesmo tempo que Judas e o seu exército estavam no campo apercebidos para a batalha.

22 E fugiram todos para as terras dos estrangeiros. (3)

23 E Judas voltou para tirar a prêsa do arraial e os seus levaram muito ouro e prata, e muito jacinto, e púrpura marinha e grandes riquezas. (4)

24 E saindo dali, cantavam hinos, e bendiziam a Deus, chegando com o seu louvor até o céu, porque êle é bom, porque a sua misericórdia se estende a todos os séculos.

25 E por esta vitória foi grande a salvação que se alcançou em Israel naquele dia.

26 E aquêles dos estrangeiros que escaparam, vieram de lá, e recontaram a Lisias tudo o que tinha acontecido.

27 O que tendo êle ouvido, consternado no interior

(3) **PARA AS TERRAS DOS ESTRANGEIROS** — Isto se pode entender das terras dos filisteus, conformemente ao uso de falar dos intérpretes gregos, que ordinariamente vertem o nome de *Philistim* pelo de estrangeiros. Adiante versículo 30 e noutras partes.

(4) **E PÚRPURA MARINHA** — Isto é, da que era tinta no sangue do peixe chamado púrpura, para differença da que era tinta com ervas, que era menos estimada.

do seu espírito, desmaiou: Vendo que lhe não tinham saído as coisas como êle ideara contra Israel e como o rei lhe tinha encomendado.

28 E no ano seguinte ajuntou Lisias um exército de sessenta mil homens escolhidos, e de cinco mil cavaleiros, para debelar os judeus.

29 E marcharam para a Judéia e se acamparam junto a Betoron, e Judas lhes veio ao encontro com dez mil homens.

30 E reconheceram êles que o exército inimigo era forte, e Judas fez oração e disse: Bendito és, Salvador de Israel, tu que quebraste a força do gigante por mão do teu servo Davi, e que entregaste o arraial dos estrangeiros nas mãos de Jônatas, filho de Saul, e do seu escudeiro.

31 Mete agora êste exército de nossos inimigos entre as mãos do teu povo de Israel, e fiquem êles confundidos com as suas tropas e com a sua cavalaria.

32 Infunde-lhes terror e fazê definhar a ousadia do seu valor e com o seu mesmo quebrantamento sejam destruídos.

33 Deita-os abaixo por meio da espada dos que te amam: E todos os que conhecem o teu nome, publiquem os teus louvores nos seus cânticos.

34 Depois disto deu-se a batalha: E caíram nela mortos cinco mil homens do exército de Lisias.

35 Vendo pois Lisias a fuga dos seus, e a afouteza dos judeus, e que estavam dispostos ou a viver ou a morrer valorosamente, foi para Antióquia, e levantou novos soldados, para tornar a vir à Judéia com mais recrescido número de tropas.

36 Então disseram Judas e seus irmãos: Eis-aí estão nossos inimigos desfeitos: Vamos agora purificar e renovar o Templo.

1 Macabeus 4, 37-48

37 Logo se ajuntou todo o exército e subiram ao monte Sião.

38 E viram os santos lugares de todo desertos, e o altar profanado, e as portas queimadas, e nos átrios arbustos nascidos como sucede num bosque ou nos montes, e os quartos do templo todos destruídos.

39 E rasgaram os seus vestidos, e fizeram grande pranto, e puseram cinza sobre suas cabeças:

40 E prostraram-se por terra de bruços, e deram sinal com trombetas e levantaram gritos ao céu.

41 Então ordenou Judas certos homens, que pelejassem contra os que estavam na fortaleza, enquanto se purificavam os lugares santos. (5)

42 E escolheu sacerdotes sem mancha, religiosos observadores da lei de Deus.

43 E limparam os santos lugares e levaram para uma paragem inunda as pedras de profanação.

44 E Judas deliberou que faria êle do altar dos holocaustos, que tinha sido profanado.

45 E ocorreu-lhes um bom conselho, que foi destruí-lo: Tremendo não viesse êle a ser-lhes um motivo de opróbrio, por causa de o terem contaminado os gentios, assim êles o demoliram.

46 E puseram as suas pedras no monte do templo num lugar próprio, esperando que viesse algum profeta, que declarasse o que se devia fazer delas.

47 E tomaram pedras inteiras segundo a lei, e fizeram com elas um altar novo conforme àquele que tinha havido dantes:

48 E reedificaram o santuário e o que havia que

(5) **QUE PELEJASSEM CONTRA OS QUE ESTAVAM NA FORTALEZA** — Quer dizer, que resistissem, no caso que êles intentassem embaraçar que Judas e os seus não purificassem o templo. — Pereira.

reparar da parte de dentro da casa: E santificaram o templo e os átrios.

49 E fizeram de novo vasos sagrados, e puseram no templo o candeeiro, e o altar dos perfumes, e a mesa.

50 Puseram também o incenso sôbre o altar, e acenderam as lâmpadas, que estavam sôbre o candeeiro, e que luziam no templo.

51 Puseram igualmente os pães sôbre a mesa, e suspenderam os véus, e enfim acabaram tudo o que tinham começado.

52 E o dia vinte e cinco do nono mês (êste é o mês de Casleu) do ano cento e quarenta e oito, êles se levantaram antes de amanhecer:

53 E ofereceram o sacrifício conforme a lei sôbre o novo altar dos holocaustos que tinham feito.

54 No mesmo tempo, e no mesmo dia, em que o contaminaram os gentios, nesse mesmo foi êle renovado ao som de cânticos, e de cítaras, e de liras, e de tímbores.

55 E todo o povo se lançou com o rosto por terra, e adoraram, e em gritos, que chegavam até ao céu, bendisseram aquêle que lhes havia dado o feliz successo da sua empresa.

56 E celebraram a dedicação do altar, por oito dias, e ofereceram holocaustos com alegria, e um sacrificio de ação de graças e de louvores.

57 E enfeitaram a face exterior do templo com coroas de ouro, e com uns pequenos escudos: E dedicaram as entradas do templo, e os quartos dos lados, e puseram-lhes portas.

58 E recresceu no povo mui grande contentamento, e banhiu-se dentre êles o opróbrio das gentes.

59 E ordenou Judas, e seus irmãos, e tôda a Igreja de Israel, que se celebrasse o dia da Dedicação do Altar a seus tempos, de ano em ano, por oito dias contados des-

I Macabeus 4, 60-61; 5, 1-3

de o dia vinte e cinco do mês de Casleu, com alegria e gozo:

60 E neste mesmo tempo fortificaram êles o monte Sião, e levantaram em tôrno altos muros, e fortes tôrres, tremendo não tornassem os gentios a vir outra vez, e o pisassem aos pés como tinham feito antes.

61 E ali pôs Judas uma guarnição para o guardar, e fortificou-o para também segurar Betsura, a fim de ter o povo uma fortaleza nas fronteiras da Iduméia. (6)

CAPÍTULO 5

GUERRAS DE JUDAS CONTRA OS IDUMEUS, E CONTRA OS AMONITAS. EXPEDIÇÃO DE SIMÃO A GALILEIA, E DE JUDAS A GALAAD. JOSÉ, E AZARIAS DEIXADOS NA JUDÉIA INVESTEM TEMERARIAMENTE CONTRA GORGIIAS, E SÃO VENCIDOS. JUDAS TENDO VOLTADO PARA A JUDÉIA. MARCHA CONTRA OS IDUMEUS, E CONTRA OS FILISTEUS.

1 E aconteceu que assim que as gentes, que estavam nos contornos, ouviram que o altar e o santuário tinham sido reedificados como dantes, iraram-se muito:

2 E resolveram extinguir de todo aos da linhagem de Jacó, que viviam entre êles, e começaram a matar alguns do povo, e a perseguir outros.

3 Entretanto Judas estava ocupado em debelar os filhos de Esaú na Iduméia, e os que estavam na Acrabatane: Porque tinham sempre os israelitas como bloqueados, e os desbaratou com uma grande mortandade. (1)

(6) **BETSURA** — Cidade entre Jerusalém e o Hebron, na fronteira da Iduméia.

(1) **NA ACRABATANE** — Eram umas gargantas, que ficavam na extremidade meridional do mar Morto, nos confins da Iduméia.

4 Ele se lembrou também da malícia dos filhos de Bean, que serviam como de laço e de tropêço para apanhar o povo, armando-lhe emboscadas no caminho. (2)

5 E foram encerrados por ele em tórres, e os bloqueou, e anatematizou-os, e lançou fogo às suas tórres queimando-as com todos os que estavam nelas.

6 Daqui passou Judas a ver-se com os filhos de Amon, e achou fortes tropas, e um numeroso povo, e a Timóteo que era seu capitão:

7 E teve com eles diversos recontros, e foram desfeitos à vista d'êles: E os matou:

8 E tomou a cidade de Gazer, e as povoações do seu distrito, e voltou para a Judéia.

9 Entretanto as gentes que viviam em Galaad, se uniram contra os israelitas, que estavam no seu país, para os exterminar: Mas êstes fugiram para a fortaleza de Dateman.

10 E mandaram cartas a Judas, e a seus irmãos, em que lhes diziam: Ajuntaram-se contra nós as gentes do contórno, para nos exterminarem:

11 E elas se prepararam a vir, e a tomar a fortaleza, a que nós nos acolhemos: E Timóteo é o general do seu exército. (3)

12 Vem tu pois agora, e livra-nos das suas mãos, porque muitos dos nossos têm já perecido.

(2) **DOS FILHOS DE BEAN** — Não se sabe que filhos de Bean fôsem êstes. Conhece-se nos arredores do mar Morto uma cidade chamada Beon (Núm 32, 3), que poderá ser esta. Outros entendem que é Batanéia, comarca do Além-Jordão.

(3) **TIMÓTEO E' O GENERAL DO SEU EXÉRCITO** — Calmet e de Carrières julgam que êste Timóteo é diverso do outro do mesmo nome, que fica referido no versículo 6. O qual primeiro Timóteo se supõe que tinha sido morto em Gazara algum tempo antes. 2 Mac 10, 37.

13 E todos os nossos irmãos, que assistiam nos arredores de Tubin, foram passados à espada: E levaram cativas suas mulheres, e seus filhos, e tomaram os seus despojos, e mataram ali perto de mil homens. (4)

14 Quando ainda se estavam lendo estas cartas, eis-que chegaram então outros mensageiros de Galiléia, rasgados já os vestidos, trazendo outras novas semelhantes:

15 Porque diziam que os de Ptolemaida, e de Tiro, e de Sidônia se tinham congregado contra êles: E tôda a Galiléia está cheia de estrangeiros, para nos perderem.

16 E tanto que Judas e o povo ouviram estas novas, fizeram uma junta magna, para deliberarem o que se devia fazer, em ordem a darem socorro a seus irmãos, que se achavam no último apêrto, e quãse em têrmos de perecerem à violência de seus inimigos.

17 Então disse Judas a seu irmão Simão: Toma gente contigo, e vai, e livra teus irmãos que estão em Galiléia: Que eu e meu irmão Jônatas iremos para Galaad.

18 E deixou a José, filho de Zacarias, e a Azarias por chefes do povo, para guardarem a Judéia com o resto das tropas:

19 E lhes deu esta ordem dizendo: Governai êste povo: E não deis batalha contra as gentes, menos que nós não tenhamos vindo.

20 E deram-se a Simão três mil homens, para ir para Galiléia: E a Judas oito mil para ir para Galaad.

21 E marchou Simão para Galiléia, e deu muitas vêzes batalha às nações: E estas foram derrotadas na sua presença, e foi em seu alcance até à porta

(4) **QUE ASSISTIAM NOS ARREDORES DE TUBIN** — O país de Tubin crê-se que era o mesmo que o país de Tob, na outra banda do Jordão, ao norte de Galaad, de que êle fazia uma trepa.

22 de Ptolemaida: E morreram daquelas gentes perto de três mil homens, e tomou os seus despojos.

23 E tomou consigo os que estavam em Galiléia, e em Arbates com suas mulheres, e seus filhos, e tudo quanto eles tinham, e trouxe-os para Judéia com grande alvoroço.

24 Ao mesmo tempo Judas Macabeu, e seu irmão Jônatas passaram o Jordão, e marcharam três dias de caminho pelo deserto.

25 E os nabuteus lhes saíram ao encontro, e os receberam pacificamente, e lhes contaram tudo o que tinha acontecido a seus irmãos em Galaad. (5)

26 E como muitos dêles haviam sido fechados em Barasa, e em Bosor, e em Alimas, e em Casfor, e em Maget, e em Carnaim: Que tôdas estas cidades eram fortificadas, e grandes. (6)

27 E acrescentaram que da mesma sorte se achavam fechados outros nas outras cidades de Galaad, e que seus inimigos tinham resolvido fazer marchar ao outro dia o seu exército contra estas cidades, com o fim de os apanhar, e de acabar com todos eles num mesmo dia.

28 E Judas com o seu exército marchou, tomando de repente o caminho do deserto de Bosor, e tomou a cidade por assalto: E mandou passar ao fio da espada todos os varões, e tomou todos os despojos dêles, e pôs fogo à cidade.

(5) **E OS NABUTEUS** — Estes eram os povos mais consideráveis da Arábia deserta, cuja capital era a cidade do Petrá. E os nabuteus descendiam de Nabajot, filho de Ismael. Gên 25, 13.

(6) **E EM CASFOR** — Hábeis intérpretes querem que em lugar de Casfor se deva aqui ler Gasban, a mesma que adiante vem assim nomeada no versículo 36 é o moderno Kastum ao lado do lago Tiberíades.

1 Macabeus 5, 29-38

29 E saíram dali de noite, e marcharam até à fortaleza.

30 E ao ponto de romper o dia, tendo levantado os olhos, viram uma multidão de gente, que não tinha número, que levava escadas, e máquinas para tomar esta fortaleza, e acabar com os que estavam dentro.

31 Viu pois Judas que o ataque estava já começado, e que o alarido dos combatentes retumbava até ao céu, como o som de uma trombeta, e que se levantava também grande clamor na cidade:

32 E disse ao seu exército: Pelejai hoje por vossos irmãos.

33 E marchou em três corpos atrás dos inimigos, ao mesmo tempo tocaram as trombetas, e levantaram gritos a Deus, dirigindo-lhe as suas orações.

34 Logo as gentes de Timóteo conheceram que aquêle era Macabeu, e fugiram de diante dêle: E os soldados de Judas fizeram nêles grande estrago: E dêles ficaram mortos naquele dia oito mil homens com pouca diferença.

35 E dali passou Judas a Masfa, e assaltou-a e tomou-a e matou a todos os varões que achou nela, e tomou os seus despojos, e pôs-lhe fogo.

36 Continuou depois a sua expedição, e tomou a Casbon, e a Maget, e a Bosor, e as demais cidades de Galaad.

37 E depois disto ajuntou Timóteo outro exército, e se acampou defronte de Rafon, da banda de além da torrente.

38 E mandou Judas reconhecer êste exército: E tornados que foram os mensageiros, lhe disseram: Tôdas as nações pois que estão em tórno de nós se ajuntaram com Timóteo; o exército que elas compõem é extraordinariamente numeroso:

39 E êles trouxeram em seu socorro os árabes, e se acamparam da banda de além da torrente, apercebidos para vir atacar-te. No mesmo ponto marchou Judas contra êles.

40 Então disse Timóteo aos príncipes do seu exército: Quando Judas tiver chegado com sua gente ao pé da torrente da água: Se êle vier primeiro a nós, nós não poderemos aturar o choque: Porque êle terá sôbre nós tôda a vantagem:

41 Mas se êle temer passar, e se acampar da outra banda do rio, passemos nós a êles, e poderemos fazer-lhes rosto.

42 E tanto que Judas chegou à torrente da água, pôs ao longo da torrente os escribas do exército, e lhes passou ordem, dizendo: Não deixeis ficar aqui homem algum, mas venham todos ao combate. (7)

43 E foi êle o primeiro que passou a êles, e todo o povo após dêle, e foram derrotados por êles na sua presença todos os gentios, os quais arrojaram as suas armas, e fugiram para um templo, que havia em Carnaim:

44 E tomou Judas a mesma cidade, e queimou o templo com todos os que nêle estavam: E Carnaim foi assolada, e não pôde resistir contra o ímpeto de Judas.

45 Então congregou Judas todos os israelitas, que havia em Galaad, desde o mais pequeno até o maior, e suas mulheres, e filhos, e formou um exército muito grande para que viessem à terra de Judá.

46 E chegaram até Efron: E acharam que esta cidade, que está situada à entrada do país, era grande,

(7) OS ESCRIBAS DO EXÉRCITO — À letra, ou escribas do povo. Eram êstes, como parece, uns oficiais ou inspetores do exército, que tinham a cargo ter as listas da tropa, e apontar nelas o nome dos soldados, passar-lhes revista, e cumprir com o mais que tocava à sua obrigação.

1 Macabeus 5, 47-56

por extremo forte, e que se não podia declinar dela nem para a direita, nem para esquerda, mas que o caminho ia por meio dela.

47 E os que estavam na cidade fecharam-se dentro dela, e taparam as portas com pedras: E Judas lhes enviou a dizer palavras de paz

48 nestes têrmos: Sêde servidos de nos deixar passar pelo vosso país, para irmos para a nossa terra: E ninguém vos fará mal algum: Nós passaremos a pé sem nos determos. Mas êles não queriam abrir-lhes.

49 Então mandou Judas apregoar pelo arraial, que cada um fôsse atacar a cidade pelo lugar em que estivesse:

50 Os mais valentes homens pois se chegaram aos muros: E deu Judas o assalto àquela cidade por todo o dia, e por tôda a noite, e a cidade se lhe entregou às mãos:

51 E êles fizeram passar ao fio da espada todos os varões, e Judas destruiu a cidade até os fundamentos, e levou tôda a prêsa que se achou nela, e passou por tôda a cidade por cima dos corpos mortos.

52 Depois passaram êles o Jordão na grande campina, que está bem defronte de Betsan.

53 E Judas estava na retaguarda tornando a unir os derradeiros, e animava o povo por todo o caminho, até que chegassem ao país de Judá:

54 E êles subiram ao monte Sião com alegria, e regozijo, e ofereceram holocaustos em ação de graças, por terem voltado em paz, sem que nenhum dêles houvesse perecido.

55 E ao tempo em que Judas e Jônatas estavam no país de Galaad, e Simão, irmão dêles, em Galiléia, diante da fronteira de Ptolemaida:

56 José, filho de Zacarias, e Azarias, general dos

judeus, souberam os bons sucessos que êles tinham tido e as batalhas que se tinham dado.

57 E disse um para o outro: Façamos nós também célebre o nosso nome, e vamos pelejar com as gentes que estão à roda de nós.

58 Passou pois José ordens aos que estavam no seu exército, e êles marcharam contra Jamnia.

59 E saiu Gorgias da cidade, e os seus soldados a encontrar-se com êles, apresentando-lhes batalha.

60 E José, e Azarias foram postos em fugida até à fronteira da Judéia: E os que naquele dia ficaram mortos do povo de Israel, montaram a dois mil homens, e foi grande a deserção que houve no povo:

61 Por êles não terem seguido as ordens de Judas, e de seus irmãos, imaginando que fariam prodígios de valor.

62 Mas os tais não eram da linhagem daqueles homens, por quem a salvação veio a Israel.

63 Ora as tropas de Judas ficaram gozando de grandíssimas estimações na presença de todo Israel, e de tôdas as gentes onde se ouvia o seu nome.

64 E muitos lhes vieram dar os parabéns de tantas vitórias.

65 Passado algum tempo, marchou Judas com seus irmãos, e foi sujeitar os filhos de Esaú no país que fica para o meio-dia, e tomou por fôrça a Quebron e as cidades que dependiam dela: E queimou os seus muros, e as tôrres que a torneavam.

66 Depois disto levantou o campo, para dar consigo no país dos estrangeiros, e corria tôda a Samaria. (8)

(8) **E CORRIA TODA A SAMARIA** — Como Samaria parece muito distante do lugar onde então estava Judas, conjecturam muitos e bons intérpretes, que em vez de Samaria se deve aqui substituir Maresa. Era esta uma cidade de Judá, por onde se ia da Iduméa

67 Naquele dia caíram mortos os sacerdotes no combate, querendo dar mostras do seu valor, saindo à peleja sem conselho.

68 E Judas deu volta para Azot, no país dos estrangeiros, e demoliu os seus altares, e queimou as estátuas dos seus deuses: E tomou os despojos que se acharam nas suas cidades, e tornou a vir para a terra de Judá.

CAPÍTULO 6

MORTE DE ANTÍOCO EPÍFANES. SEU FILHO EUPATOR LHE SUCEDE. EUPATOR VEM À JUDEIA COM UM PODEROSO EXÉRCITO. TOMADA DE BETSURA. OS JUDEUS SÃO CERCADOS NO TEMPLO. PAZ ENTRE EUPATOR, E OS JUDEUS.

1 Entretanto o rei Antíoco discorria por tôdas as altas províncias, e ouviu que na Pérsia havia uma cidade nobilíssima, chamada Elimaida, e que era abundante de prata e ouro, (1)

2 E nela um templo riquíssimo: E que ali estavam os véus de ouro, e as couraças, e os escudos, que tinha deixado Alexandre, rei de Macedônia, filho de Filipe, que foi o primeiro que reinou na Grécia. (2)

3 E marchou, e intentava tomar a cidade e saqueá-la, mas não pôde porque o seu desígnio chegou à notícia dos que estavam na cidade.

para os filisteus. Modernamente entende-se ser uma cidade de Judá, na vizinhança de Beit-Djibrin.

(1) **CHAMADA ELMAIDA** — O autor do livro 2 Mac 11, 2, a chama Persépolis, e estava situada sobre o Araxes, a qual Alexandre Magno havia muitos anos tinha queimado como atestam Diodoro, Apiano, Plutarco e Quinto Cúrcio no livro 5, cap. 15.

(2) **E NELA UM TEMPLO RIQUÍSSIMO** — Dedicado à Lua, ou a Diana, segundo o testemunho de Políbio, de José, de Diodoro e de S. Jerônimo, se bem que Apiano e Pausânias nomeiam Vênus.

4 E saíram a pelejar contra êle, e fugiu dali, e se retirou com grande tristeza, e tomou a rota de Babilônia. (3)

5 E quando êle ainda estava na Pérsia, chegou-lhe a notícia de que tinha sido pôsto em fugida o seu exército que estava no país de Judá:

6 E que Lísias tendo passado lá com um poder sobremaneira grande, fôrâ pôsto em fugida pelo valor dos judeus, e que êstes se haviam feito mais fortes pelas armas, e pela gente, e com os muitos despojos, que haviam tomado do campo que derrotaram:

7 E que tinham destruído o abominável ídolo que êle tinha mandado colocar sôbre o altar que estava em Jerusalém, e que tinham cercado o seu templo de altos muros, como antes, e assim mesmo a sua cidade de Betsura.

8 E aconteceu que depois que o rei ouviu estas notícias, ficou cheio de espanto, e de grande turbação: E caiu doente de cama, e veio a enfermar de melancolia, porque não lhe tinha sucedido como pensava.

9 E havia já muitos dias que ali se achava: Porque se renovou nêle uma grande melancolia, e entendeu que morria.

10 Chamou pois todos os seus amigos, e lhes disse: O sono fugiu dos meus olhos, e eu me vejo prostrado, e o meu coração abatido de cuidados:

11 E eu disse no meu coração: A quanta tribulação me não acho eu reduzido, e em que ondas de tristeza me não vejo eu agora soçobrado: Eu, que era feliz, e querido no auge do meu poder!

12 Agora, porém, se me representam os males que fiz em Jerusalém, de onde não só tirei todos os despojos

(3) E TOMOU A ROTA DE BABILÔNIA — O contexto seguinte prova que Antíoco não teve tempo de lá chegar, por causa do que se refere no versículo 5.

1 Macabeus 6, 13-24

de ouro, e prata, que havia nela, mas ainda enviei a exterminar sem causa os que habitavam na Judéia.

13 Eu pois reconheço, que por isso é que vieram sôbre mim todos êstes males: E eis-aqui venho a morrer de grande melancolia numa terra estrangeira.

14 Então chamou a Filipe, um de seus amigos, e o constituiu regente sôbre todo o seu reino:

15 E lhe meteu nas mãos o seu diadema e a sua opa real, e o seu anel, para que fôsse buscar a seu filho Antíoco, e cuidasse da sua educação, e o fizesse reinar depois dêle.

16 E o rei Antíoco lá morreu, no ano cento e quarenta e nove.

17 E soube Lísias que o rei era morto, e aclamou rei a Antíoco, seu filho, a quem êle tinha criado desde menino: E pôs-lhe por nome Eupator.

18 Ora os que estavam na fortaleza, tinham fechado a Israel tôdas as avenidas ao redor do templo: E procuravam sempre o seu mal, e o apoio dos gentios.

19 E Judas resolveu perdê-los: E convocou todo o povo, para o cercarem.

20 Concorreram pois ali todos, e os cercaram no ano cento e cinqüenta e fizeram instrumentos de despedir pedras, e outras máquinas de guerra.

21 Então saíram alguns dos que estavam cercados: E agregaram-se a êles alguns ímpios dos filhos de Israel.

22 E foram ter com o rei, e disseram-lhe: Até quando diferes tu fazer-nos justiça, e vingar nossos irmãos?

23 Nós resolvemo-nos a servir a teu pai, e a nos conduzir pelas suas ordens, e a obedecer aos seus editos:

24 E por esta causa os filhos do nosso povo se alienavam de nós, e matavam de entre nós todos aquêles que achavam, e roubavam as nossas heranças.

25 E êles estenderam as suas mãos não sòmente sôbre nós, mas ainda sôbre todo o nosso país:

26 E agora ei-los-aí vieram a atacar a fortaleza de Jerusalém, para se fazerem senhores dela, e têm fortificado Betsura:

27 E se tu não deres pressa a preveni-los, êles farão ainda maiores males do que os que têm feito até o presente, e não poderás sujeitá-los mais.

28 E o rei, assim que ouviu isto, ficou irritado: E fêz chamar todos os seus amigos, e os príncipes do seu exército, e os comandantes da cavalaria:

29 E ainda de outros reinos, e de ilhas marítimas lhe vieram tropas assoldadas.

30 O número porém do seu exército era de cem mil infantes, e de vinte mil cavalos, e de trinta e dois elefantes adestrados para a batalha.

31 E êles marcharam pela Iduméia, e vieram sitiá-los Betsura, e atacaram-na por muitos dias, e fizeram para isso máquinas: Porém os sitiados saíram contra êles, e as queimaram, e pelejaram com grande valor.

32 E Judas se retirou da fortaleza, e abalou com o seu exército para Betzacarão, para defronte do campo do rei.

33 E o rei se levantou antes de amanhecer, e fêz marchar impetuosamente tôdas as suas tropas caminho de Betzacarão: E prepararam-se os dois exércitos para o combate, e tocaram as trombetas:

34 E êles mostraram aos elefantes o sumo da riva e das amoras, para os incitarem à peleja:

35 E repartiram estas alimárias pelas legiões: E mil homens armados de saios de malha, e de capacetes de bronze nas suas cabeças, acompanhavam a cada um dos elefantes: E quinhentos de cavalo escondidos tinham ordem de se conservar sempre ao pé de cada alimária.

36 Estes onde quer que estava a alimária, ali se achavam já prevenindo-a: E para onde quer que ela ia, iam êles, e nunca a largavam.

37 Havia também sôbre cada alimária destas, uma forte tôrre de madeira, destinada a protegê-la: E por cima das tais tôrres umas máquinas: E em cada tôrre trinta e dois dos mais valentes homens, que pelejavam de alto: Com um índio por condutor. (4)

38 E ordenou o resto da cavalaria de um e de outro flanco em dois troços, para animar o exército com o som das trombetas, e para estreitar nas suas filas os batalhões.

39 E tanto que o sol feriu com os seus raios os escudos de ouro, e de bronze, com o seu reflexo resplandeceram os montes e resplandeceram como fachas de fogo.

40 E uma parte do exército do rei se espalhou pelo alto dos montes, e outra pelas planícies: E marchavam com precaução e ordem.

41 E todos os habitantes daquela terra estavam espantados da grita que fazia esta multidão de soldados, e da marcha de tanta gente, e da colisão das suas armas: Porque era um exército muito grande e forte.

(4) **E EM CADA TÔRRE TRINTA E DOIS** — Samuel Bucharl, na sua obra *De Animalibus Sacrae Scripturae*, deu por incrível que um elefante pudesse levar em cima de si, fora a tôrre de madeira, trinta e dois homens. Mas os nossos intérpretes respondem que Plínio, no livro 8, cap. 7, faz menção de elefantes que levavam sessenta combatentes, e notam que os elefantes de Antíoco eram dos que vinham da Índia, que são muito mais corpulentos e muito mais fortes do que os da África. Alguns intérpretes querem que haja aqui exagero, proveniente de erro da cópia ou da tradução. O texto hebreu, dizem, devia ter dois ou três homens, errando posteriormente. Cfr. Glaire, *La Sainte Bible*, ed. 1902.

42 E Judas se chegou com o seu exército para dar a batalha: E morreram do exército do rei seiscentos homens.

43 Então Eleazar, filho de Saura, viu um dos elefantes todo encorajado com as armas do rei: E era mais alto que todos os outros: E pareceu-lhe que o rei iria sobre ele:

44 E expôs a sua vida por livrar o seu povo, e adquirir para si um nome imortal.

45 E correu a ele animosamente pelo meio da legião matando da direita e da esquerda, e caíam, de uma e de outra parte, à força dos seus golpes, todos os que se lhe punham diante.

46 E chegou até os pés do elefante, e se meteu debaixo d'ele, e o matou: E caiu em terra sobre ele mesmo, e morreu ali.

47 Mas os judeus vendo as grandes tropas do rei, e o ímpeto do seu exército, retiraram-se do combate.

48 Ao mesmo tempo o exército do rei marchou contra eles para a banda de Jerusalém, e chegou à Judéia o referido exército do rei, e se acampou junto do monte Sião.

49 E o rei fez paz com os que estavam em Betsura: E eles saíram da cidade, porque não tinham já que comer, estando ali encerrados, pois era o ano do Sábado da terra.

50 Assim o rei tomou Betsura: E pôs nela guarnição que a guardasse.

51 Depois fez marchar as suas tropas para o lugar santo onde se deteve muitos dias: E ali pôs balistas, e máquinas, e engenhos para tiros missivos de fogo, e trabucos para despedir pedras, e arremessar dardos, e escorpções para despedir setas, e pôs fundas. (5)

(5) **BALISTAS** — Máquinas de guerra para arremessar pedras.

1 Macabeus 6, 52-61

52 E os sitiados fizeram também máquinas contra as máquinas dos outros, e pelejaram muitos dias.

53 Mas não havia víveres na cidade, por ser o ano sétimo: E porque os das nações que tinham ficado na Judéia, haviam consumido o resto dos que tinham ficado de reserva.

54 E ficaram poucos homens de guarda nos lugares santos, porque os tinha apertado a fome: E eles se espalharam cada um para sua parte.

55 Neste meio tempo ouviu dizer Lísias que Filipe, a quem o rei Antíoco, vivendo ainda, tinha feito aio de seu filho Antíoco, para fazer reinar depois d'ele,

56 era chegado da Pérsia, e da Média com o exército que lá o tinha acompanhado e que ele se preparava para tomar o governo dos negócios do reino:

57 Ele pois se deu pressa a ir dizer ao rei, e aos generais do seu exército: Nós nos vamos consumindo aqui todos os dias, e os víveres que temos são poucos, e a praça que sitiamos, está bem fortificada, e a nós nos incumbe pôr em ordem os negócios do reino.

58 Demos pois logo as mãos direitas a estes homens e façamos paz com eles, e com toda a sua nação:

59 E permitamos-lhes que vivam segundo as suas leis, como dantes: Porque por amor das suas leis, que nós temos desprezado, é que eles se irritaram, e fizeram todas estas façanhas.

60 E pareceu bem esta proposição diante do rei, e de seus príncipes: Pelo que enviou ele a tratar de paz com os judeus, e estes a aceitaram.

61 E o rei, e seus príncipes lha confirmaram com juramento: E eles saíram da fortaleza que defendiam.

MAQUINAS — De guerra, que destruíam os muros das fortalezas.

62 Então subiu o rei ao monte Sião, e viu as suas fortificações: E logo quebrou o juramento que tinha feito: Porque mandou derribar o muro que estava de roda.

63 Daqui partiu a grã pressa, e voltou para Antióquia, onde achou que Filipe se tinha apoderado da cidade: E pelejou contra êle, e recobrou a cidade.

CAPÍTULO 7

DEMÉTRIO, FILHO DE SELEUCO, VEM À SÍRIA E MANDA MATAR A ANTÍOCO EUPATOR, E A LISIAS. MANDA BAQUIDES À JUDEIA PARA FAZER SUMO PONTIFICE O ÍMPIO ALCIMO. BAQUIDES PRETENDE EM VÃO SURPREENDER A JUDAS E RETIRA-SE. NICANOR É ENVIADO CONTRA JUDAS. MORRE NA BATALHA, E O SEU EXÉRCITO É DESFEITO.

1 No ano cento e cinqüenta e um Demétrio, filho de Seleuco, saiu da cidade de Roma, e veio com alguns poucos homens para uma cidade marítima, e começou a reinar nela. (1)

2 E aconteceu que depois que êle entrou na casa,

(1) NO ANO CENTO E CINQUENTA E UM — Estes anos são os do reino dos grêgos. Correspondem a 160 A.C.

DEMÉTRIO, FILHO DE SELEUCO — E' Demétrio Soter, filho de Seleuco IV, por sobrenome Elibapator, o qual Seleuco IV era irmão de Antíoco Epifanes, e ambos filhos de Antíoco o Grande. Pelas quais contas era êste Demétrio Soter primo co-irmão de Antíoco Eupator, a quem mandou matar juntamente com Lisias.

SAIU DA CIDADE DE ROMA — Onde havia muito tempo estava detido em reféns, e de onde saiu com muito segredo, de sorte que os Padres o não souberam senão passados quatro dias. Tudo consta dos Excertos das Embaixadas de Políbio, que então florescia, e que tinha estreita amizade com o mesmo Demétrio. — Pereira.

PARA UMA CIDADE MARÍTIMA — Era Trípoli, na Síria, como declara o livro 2 Mac 16, 1.

1 Macabeus 7, 3-10

onde tinham reinado seus pais, o exército prendeu a Antíoco, e a Lísias, para os trazerem a Demétrio. (2).

3 E logo isto lhe veio à notícia: E disse: Não me obrigueis a ver-lhes as caras.

4 Então o exército os matou a ambos. E Demétrio se assentou no trono do seu reino.

5 E vieram ter com êle certos homens iníquos e ímpios de Israel: E entre êles Alcimo, seu chefe, que aspirava a ser pontífice. (3)

6 E êles acusaram o povo diante do rei, dizendo: Judas, e seus irmãos têm dado cabo de todos os teus amigos, e a nós mesmos nos lançou fora da nossa terra.

7 Envia pois agora um homem, de quem te fies, para que vá, e veja todo o estrago que êle nos tem feito a nós, e às províncias do rei: E castigue a todos os seus amigos, e a todos os seus auxiliares.

8 E o rei escolheu dentre os seus amigos a Baquides, que tinha o govêrno das províncias de além do rio, um dos grandes do reino, e fiel ao rei: E o enviou (4)

9 a reconhecer o estrago que lhe tinha feito Judas: Até deu de mais a mais o pontificado ao ímpio Alcimo, e lhe ordenou que castigasse os filhos de Israel.

10 Partiram êles pois, e vieram com um grande exército para a terra de Judá: E mandaram deputados,

(2) **NA CASA ONDE TINHAM REINADO SEUS PAIS** — Isto é, depois que entrou em Antíóquia, côrte que tinha sido de seus pais.

(3) **E ENTRE ÊLES ALCIMO** — Dêste afirma José no livro 20 das Antiguidades, cap. 8, que sim: na de linhagem sacerdotal, mas não de família pontifical.

(4) **BAQUIDES** — Enviado por Demétrio para a Judéia com Alcimo; tinha sido governador das províncias assírias do estado do Eufrates.

que falaram a Judas, e a seus irmãos, propondo-lhes condições de paz com intento de os enganar.

11 Mas êles não deram ouvidos às suas palavras: Por verem que tinham vindo com um poderoso exército.

12 E foi ver-se com Alcimo e Baquides o colégio dos escribas, a fim de lhes proporem o que fôsse justo.

13 E os que entre os filhos de Israel se chamavam assideus, eram os primeiros dêste congresso, e êles queriam pedir-lhes a paz.

14 Porque disseram: Um homem sacerdote da linhagem de Aarão, é o que vem ter conosco; êle não nos há-de enganar:

15 E Alcimo lhes falou com tôdas as aparências de paz: E lhes jurou, dizendo: Nós não faremos mal algum nem a vós, nem aos vossos amigos.

16 E êles o creram: Mas Alcimo fêz prender sessenta homens dêles, e os mandou matar num mesmo dia, segundo esta palavra que está escrita:

17 Êles fizeram cair os corpos dos teus Santos, e derramaram o seu sangue ao redor de Jerusalém, sem que houvesse quem os sepultasse.

18 E apoderou-se de todo o povo um grande temor, e tremor: Porque disseram: Não há entre êles verdade, nem justiça: Porque êles quebraram a palavra que tinham dado, e o juramento que tinham feito.

19 E Baquides abalou de Jerusalém, e foi acampar-se junto a Betzecca: E enviou a prender muitos daqueles que tinham deixado o seu partido, e matou alguns do povo, e os mandou deitar num grande poço. (5)

20 Depois disto, pôs tôda a província nas mãos de Alcimo, e deixou com êle um corpo de tropas para o sustentarem. E Baquides voltou para o rei:

(5) **BETZECCA** — Provavelmente a cidade indicada nos Jz 7, 25. Baquides seguiu assim para a Síria.

1. Macabeus 7, 21-31

21 E Alcimo fazia todos os esforços por se firmar no principado do seu sacerdócio:

22 E vieram ajuntar-se com êle todos os que perturbavam o seu povo, e se fizeram senhores do país de Judá, e executaram grandes estragos em Israel.

23 E viu Judas que todos os males, que Alcimo, e os que com êle estavam, tinham feito aos filhos de Israel, eram muito maiores do que tudo o que os gentios haviam obrado:

24 E saiu por todos os têrmos da Judéia em contôrno, e deu o merecido castigo aos desertores do seu partido e assim cessaram dali em diante de fazer mais correrias pelo país.

25 Mas Alcimo, como se enganou que Judas, e a sua gente eram mais fortes: E experimentou que êle não podia resistir-lhes, e nesta conformidade tornou para o rei, e os acusou de muitos crimes.

26 Então mandou o rei a Nicanor, um dos mais illustres senhores da sua côrte: O qual andava fomentando inimizades contra Israel: E lhe deu ordem que acabasse com êste povo.

27 Veio pois Nicanor a Jerusalém com um grande exército, e deputou quem fôsse ter com Judas, e com seus irmãos para tratar de paz com engano,

28 dizendo: Não haja guerra entre mim e vós: Eu virei com uns poucos de homens a ver-vos pessoalmente, e a vos falar de paz.

29 Depois veio êle buscar Judas, e uns, e outros se saularam amigavelmente: Mas os inimigos estavam preparados para levar Judas prêso.

30 Judas, tanto que percebeu que Nicanor tinha vindo falar-lhe com dolosa tenção, logo se temeu dêle, e não quis mais ver-lhe o rosto.

31 E conheceu Nicanor que estava descoberto o seu

desígnio: E marchou contra Judas, para lhe dar batalha junto a Cafarsalama. (6)

32 E do exército de Nicanor ficaram mortos perto de cinco mil homens, e os mais fugiram para a cidade de Davi.

33 E depois desta feita subiu Nicanor ao monte Sião: E saíram alguns dos sacerdotes do povo para o cumprir em espírito de paz, e mostrar-lhe os holocaustos, que se ofereciam pelo rei.

34 Mas êle os desprezou, fazendo zombaria dêles, e tratou-os como uns profanos: E falou-lhes com grande soberba.

35 E jurou, metido em cólera, dizendo: Se se me não entregar às mãos Judas, e o seu exército, logo que eu sair vitorioso, queimarei êste templo. E saiu-se todo enfurecido:

36 E entraram os sacerdotes, e se apresentaram diante da face do altar e do templo: E com as lágrimas nos olhos disseram:

37 Tu, Senhor, escolheste esta casa para haver de nela ser invocado o teu nome, para que fôsse uma casa de oração e de deprecação para o teu povo:

38 Faze reluzir a tua vingança contra êste homem, e contra o seu exército, e caiam as suas tropas debaixo do fio da espada: Lembra-te das suas blasfêmias, e não permitas que êles durem muito tempo sôbre a terra.

39 E Nicanor saiu de Jerusalém, e foi acampar-se junto a Betoron: E se lhe veio ajuntar o exército da Síria.

40 E Judas se foi alojar junto de Adarsa com três mil homens: E fêz Judas a sua oração, e disse: (7)

(6) **CAFARSALAMA** — Lugar desconhecido, que devia ficar perto de Jerusalém, pois que Judas se retirou para ali depois do primeiro combate contra Nicanor.

(7) **ADARSA** — Ou Adasa, cidade da tribo de Efraim.

41 Senhor, porquanto os que o rei Senaquerib tinha enviado, blasfemaram de ti, veio um anjo, e matou dêles cento e oitenta e cinco mil homens:

42 Extermina tu da mesma sorte hoje êste exército diante de nós: E saibam os outros que êle falou mal contra o teu Santuário: E julga-o, segundo a sua malícia.

43 Deram pois os exércitos a batalha no dia treze do mês de Adar: E o exército de Nicanor foi desfeito, e êle o primeiro que morreu no combate. (8)

44 E tanto que o seu exército viu que Nicanor era morto, largaram as suas armas, e deitaram a fugir.

45 E foi a gente de Judas no seu alcance jornada de um dia desde Adazer até à entrada de Gazara, e tocaram as trombetas atrás dêles para todos o saberem.

46 E saíram de todos os castelos da Judéia ao redor e os fustigavam rijamente, e os faziam voltar aos vencedores, que os mataram a todos à espada, e nem um só dêles absolutamente escapou.

47 E fizeram prêsa nos seus despojos, e cortaram a cabeça a Nicanor, e a sua mão direita, que êle tinha estendido insolentemente, e as trouxeram, e penduraram à vista de Jerusalém.

48 E alegrou-se muito o povo, e passaram aquêle dia num grande regozijo.

49 E ordenou-se que êste mesmo dia seria celebrado todos os anos, como festivo, a treze do mês de Adar.

50 E o país de Judá estêve em descanso por uns poucos de dia.

(8) **NO DIA TREZE DO MÊS DE ADAR** — O mês de Adar era o duodécimo do ano Santo, e o sexto do ano Civil, e correspondia parte ao nosso fevereiro, parte a março.

CAPÍTULO 8

CHEGA A NOTÍCIA DE JUDAS MACABEU O NOME DOS ROMANOS. ENVIA SEUS EMBAIXADORES A ROMA PARA FAZER ALIANÇA COM ELES. FORMULÁRIO, E CONDIÇÕES DESTA ALIANÇA.

1 Então ouviu Judas falar da reputação dos romanos, de como eles eram poderosos em forças, e condescendiam em tudo o que se lhes pedia: E que tinham estabelecido amizade com todos quantos se haviam chegado a eles, e que o seu poder era grande.

2 E ouviram contar as suas batalhas, e as grandes proezas que tinham feito na Galácia, como se tinham senhoreado destes povos, e os tinham sujeitado a lhes pagar tributo. (1)

3 E quanto haviam obrado na região de Espanha, e como eles puseram debaixo do seu poder as minas de prata e de ouro, que ali há, e conquistaram tôdas estas terras pelo seu conselho, e paciência: (2)

(1) QUE TINHAM FEITO NA GALÁCIA — Em tempo de Antíoco o Grande, depois de cuja derrota venceu o cônsul Mânlio Vulso os gálatas confederados de Antíoco, e voltado a Roma triunfou deles. Querem alguns que a Galácia fôsse a Gália Narbonense, tributária dos romanos.

(2) E QUANTO HAVIAM OBRADO NA REGIÃO DE ESPANHA — Sob Marco Pórcio Catão, sob Fúlvio Flaco, sob Semprônio Graco, sob Lúcio Póstumo, os romanos entraram na posse de Espanha depois da batalha do Zama.

AS MINAS DE PRATA E DE OURO, QUE ALI HÁ — Plínio, Livro 3, cap. 3, *Metallis plumbi, ferri, aeris argenti, auri, tota fere Hispania scatet*. Quase tôda a Espanha abunda em minas de chumbo, de ferro, de cobre, de prata e de ouro. Veja-se Bochart no seu *Canaã*, Livro 1, cap. 35. Foi a cobiça destas minas que determinou a segunda guerra púnica.

TODAS ESTAS TERRAS — Isto é, de Espanha. Também se

1 Macabeus 8, 4-8

4 E como tinham sujeitado países mui distantes dêles, e derrotado reis, que os tinham vindo atacar desde as extremidades do mundo, e que tinham feito grande mortandade nos seus exércitos: E que os outros lhes pagavam tributo todos os anos:

5 E que tinham desfeito em batalha a Filipe e a Perseu, rei dos ceteus, e aos outros, que tinham tomado as armas contra êles e que se tinham feito senhores das suas terras: (3)

6 E que por êles tinha sido desbaratado Antíoco o Grande, rei da Ásia, o qual lhes tinha movido guerra trazendo cento e vinte elefantes, e muita cavalaria, e carros, e um mui numeroso exército: (4)

7 E que o tinham tomado vivo, e o tinham obrigado a que lhes pagasse êle, e os que reinassem depois dêle, um grande tributo, e a dar-lhes reféns, e tudo quanto se tinha convencionado;

8 Que vinha a ser o país dos índios, e dos medos, e dos lídios, as mais belas das suas províncias: E que depois de as terem recebido dêles, as deram ao rei Eumenes: (5)

pode entender em geral das conquistas que fizeram em todo o Orbe Romano, adquiridas pelo seu conselho, prudência, valentia, constância.

(3) **REI DOS CETEUS** — Isto é, dos macedônios, cuja religião se chama nestes livros Cetim. 1 Mac 1, 1.

(4) **ANTIOCO, O GRANDE** — Antíoco III, que usava o título de rei da Ásia como soberano da Síria e duma parte da Ásia Menor. Perdeu o poder na batalha de Magnésia 189.

DA ASIA — Exprime tôda a Ásia Menor.

(5) **O PAÍS DOS ÍNDIOS, DOS MEDOS E DOS LÍDIOS** -- Como até o tempo de Judas Macabeu não consta que os romanos tivessem feito guerra aos índios, ou medos, julgava Grócio que em lugar de índios e medos se devia aqui ler jônios e misos. Todavia para a verdade da História, como adverte Menochio, basta que

9 E que os que estavam em Hélada, tinham querido marchar contra êles, e destruí-los: E lhes chegou à notícia o seu intento. (6)

10 E enviaram contra êles um dos seus generais, e lhes deram batalha, e lhes mataram muita gente, e trouxeram cativas as suas mulheres, e seus filhos, e os saquearam, e se fizeram senhores do seu país, e destruíram os muros das suas cidades, e os reduziram à servidão até o dia de hoje:

11 E que tinham arruinado, e subjugado ao seu império os outros reinos, e ilhas, que alguma hora lhes tinham resistido.

12 Mas que conservavam cuidadosamente as alianças que tinham feito com os seus amigos, e com os que se lhes tinham entregado, e que se haviam apoderado dos reinos, que lhes eram vizinhos, e dos que lhes ficavam longe: Porque todos quantos ouviam o seu nome, os temiam:

Judas assim o tivesse ouvido, pôsto que assim não fôsse. Por onde, além de Grócio entendem outros intérpretes por êstes povos as províncias mais remotas que demoravam da outra parte do monte Tauro, como eram a Mísia, a Jônia, a Nídia. Sobre o que veja-se Lívio no Livro 38. Nem é de espantar haver esta alteração nos nomes de provincia, pois que isto succede a cada passô, quando se trasladam de uma língua para outra.

EUMENES II — Rei de Pérgamo (197-159) filho e sucessor de Átala I, tinha herdado de seu pai o favor e a aliança dos romanos. Recompensaram-lhe os serviços dando-lhe províncias conquistadas a Antíoco Magno.

(6) **EM HÉLADA** — Salião os tem pelos Étolos, que tendo-se confederado com Antíoco o Grande, e com os outros reis foram depois vencidos por Marco Acílio Glabrião. Mas propriamente falando, a Helada era uma provincia da Tessália, que tinha o nome de Heles filho de Deucalião; e dela se chamaram helenistas os gregos, que falavam o dialeto comum da Grécia.

1 Macabeus 8, 13-18

13 E que reinavam aquêles a quem queriam dar socorro para que reinassem: E aos que queriam, destronavam: E que se achavam muito engrandecidos.

14 E que sem embargo de tôdas estas coisas, nenhum entre êles trazia diadema, nem se vestia de púrpura, para com ela se engrandecer.

15 Mas que tinham estabelecido entre si um senado, e que todos os dias consultavam trezentos e vinte senadores, tendo sempre conselho sôbre os negócios da república, para obrarem o que fôsse digno dêles:

16 E confiavam cada ano a Supremia Magistratura a um só homem, para êste comandar em todos os seus estados, e assim todos obedeciam a um só, sem haver entre êles nem inveja, nem ciúme.

17 Judas pois escolheu a Eupolemo, filho de João, filho de Jacó, e a Jasão, filho de Eleazar, e os enviou a Roma a fazer amizade, e aliança com êles. (7)

18 E para que lhes tirassem o jugo dos gregos, porque viam que êstes reduziam à escravidão o reino de Israel. (8)

(7) **EUPOLEMO** — Filho de João, que tinha obtido grandes vantagens para os judeus.

(8) **E PARA QUE LHES TIRASSEM O JUGO DOS GREGOS** — A doutrina constante das Escrituras de um e outro Testamento é, que por muito maus, e muito violentos, e muito cruéis que sejam os príncipes a quem a Divina providência dispôs que fôssemos sujeitos, nunca é lícito aos vassallos sublevarem-se contra êles, nem aliarem-se com outras nações, a fim de sacudirem de cima de si o jugo, que os mesmos príncipes lhes impuseram. Nestes termos, absolutamente falando, não era lícito aos judeus fazerem aliança com os romanos contra o seu rei Demétrio Soter. Mas como a Escritura por uma parte louva tanto o valor, o zelo de Judas; e por outra refere que mais de uma vez mandou Deus os seus Anjos, que em figura de homens armados o defendiam visivelmente nas batalhas; e que noutra ocasião lhe apparecera o profeta Jeremias, e lhe

19 E depois de um mui largo caminho chegaram a Roma, e entraram no senado, e disseram:

20 Judas Macabeu, e os seus irmãos, e o povo dos judeus nos enviaram a vós para fazer aliança convosco, e para estabelecer paz entre nós, e a fim de para que vós nos conteis no número dos vossos aliados e dos vossos amigos.

21 E agradou esta proposição aos romanos.

22 E eis-aqui o rescrito que elles fizeram gravar numas tábuas de bronze, e que meteram a Jerusalém, para ali servir como de um monumento de paz, e da aliança que tinham feito com os judeus.

23 BEM SEJA AOS ROMANOS, e à nação dos judeus, por mar, e por terra para sempre: E a espada, e o inimigo estejam longe dêles.

24 E se sobrevier primeiro uma guerra aos romanos, ou a quaisquer dos seus aliados em tôda a extensão dos seus domínios:

25 A nação dos judeus lhes dará socorro com tôda a boa vontade, conforme o pedir o tempo.

26 E os romanos não darão, nem subministrarão aos combatentes nem trigo, nem armas, nem dinheiro, nem embarcações, porque assim é que pareceu bem aos romanos: E êstes soldados judeus obedecerão ao seu mando, sem receber nada dêles.

27 E da mesma sorte, se antes sobrevier também uma guerra à nação dos judeus, os romanos lhes assis-tirão de boa fé, segundo lhes permitir o tempo:

dera uma espada de ouro, dizendo: Toma esta espada, que Deus te manda de presente, para com ela deitares abaixo os inimigos do meu povo de Israel; (2 Mac 10, 20.30; 11, 8; 15, 12.14.15.16). Estas circunstâncias nos movem a crer, que o que Judas nesta, e noutras ocasiões, fêz contra as regras gerais da santa moral, ôle o fazia por impulso, e illustração especial do espirito de Deus.

28 E aos que os auxiliarem não se dará nem trigo, nem armas, nem dinheiro, nem embarcações, porque assim é que prouve aos romanos: E êstes obedecerão às suas ordens com fidelidade:

29 Segundo estas condições fizeram os romanos o seu tratado com o povo dos judeus.

30 Porém se depois desta concordata, ou uns, ou outros quizerem acrescentar, ou tirar alguma coisa ao que vai escrito aqui, êles o poderão fazer de comum acôrdo: E tudo o que acrescentarem ou tirarem ficará valioso.

31 E também pelo que toca aos danos, que o rei Demétrio tem feito ao povo dos judeus, nós lhe temos escrito sôbre isso, nestes têrmos: Por que tens tu feito carregar o teu jugo sôbre os judeus nossos amigos, e aliados?

32 Se êles porém vierem outra vez representar-nos as suas queixas, nós lhes faremos justiça contra ti, e te faremos guerra por mar, e por terra.

CAPÍTULO 9

RAQUIDES E ALCIMO VÊM SEGUNDA VEZ À JUDEIA. JUDAS É MORTO NA BATALHA. JONATAS SEU IRMÃO LHE SUCEDE. BAQUIDES O PERSEGUE. JOÃO, IRMÃO DE JONATAS, É MORTO. JONATAS PASSA O JORDÃO À VISTA DO INIMIGO. ALCIMO MORRE FERIDO POR DEUS. BAQUIDES SE RETIRA. TORNA A VIR, E É DERROTADO POR JONATAS. PAZ ENTRE JONATAS E BAQUIDES.

1 Entretanto Demétrio, assim que ouviu que Nicenor tinha sido morto na batalha, e o seu exército rôto, mandou novamente a Baquides, e a Alcimo para a Judeia, e com êles a ala direita do seu exército. (1)

(1) **DEMÉTRIO** — Sotero.

2 E marcharam pelo caminho, que vai ter a Galgala, e se acamparam em Masalot, que é em Arbelas: E tomaram a mesma cidade, e mataram grande número de pessoas. (2)

3 No primeiro mês do ano cento e cinquenta e dois chegaram com o exército a Jerusalém:

4 E partiram e marcharam para Beréia vinte mil infantes, e dois mil cavalos.

5 Ora Judas estava acampado em Laisa, e com êle três mil homens escolhidos: (3)

6 E quando viram a multidão do exército, que era numerosa, temeram por certo em grande maneira: E muitos se retiraram escondidamente do campo, e não ficaram dêles senão oitocentos homens.

7 E viu Judas que se tinha diminuído o seu exército, e o apêto em que o inimigo o punha para pelejar, e assim ficou descorçoado: Porque não tinha tempo de os ajuntar, e desmaiou;

8 Mas sempre disse aos que tinham ficado com êle: Vamos, e marchemos contra nossos inimigos, a ver se poderemos combater com êles.

9 Os seus porém o desviavam disso, dizendo: Nós não poderemos tal fazer, antes por ora cuidemos em assegurar nossas vidas, e voltemos para nossos irmãos, e depois que assim o tivermos feito, então tornaremos a vir. pelejar contra êles: Por ora somos poucos.

10 Então Judas lhes disse: Deus nos livre que tal façamos, fugindo à vista dêles: E se é chegada a nossa hora, morramos valorosamente por nossos irmãos, e não manchemos a nossa glória com esta nódoa.

(2) **QUE VAI TER A GALGALA** — Doutos intérpretes são de parecer que Galgala está aqui posta por Galiléia.

(3) **LAISA** — Sítio desconhecido, e diversamente escrito em manuscritos, devia ficar ao oeste ou ao sul de Jerusalém.

1 Macabeus 9, 11-21

11 E o exército abalou do seu campo, e se vieram por diante deles: E a cavalaria se dividiu em dois corpos e os fundibulários e os frecheiros marchavam à testa do exército, e todos os que seguiam na primeira linha eram os mais valentes.

12 Baquides porém estava na ala direita, e os esquadrões cerraram por ambos os lados e atroaram os ares com o som das suas trombetas:

13 E os que eram da parte de Judas levantaram também eles mesmos igualmente as vozes num grito, e estremeceu a terra com o alarido dos exércitos: E durou o combate desde a manhã até à tarde.

14 E observou Judas que a ala da parte direita do exército, onde estava Baquides, era a mais forte, e nesta conformidade a investiram juntamente com êle todos os que eram de ânimo mais intrépido.

15 E com isto foi rôta por êles a mesma ala direita, e Judas os foi perseguindo até o monte de Azot. (4)

16 Mas os que estavam na ala esquerda, quando viram que a ala direita tinha sido desfeita, logo foram seguindo por detrás a Judas, e aos que com êle se achavam:

17 E travou-se uma renhida peleja, e foram muitos os que de uma e outra parte caíram feridos.

18 E Judas caiu morto, e os mais fugiram.

19 E Jônatas, e Simão levaram o corpo de seu irmão Judas, e o sepultaram no jazigo dos seus maiores, que era na cidade de Modin.

20 E tódo o povo de Israel chorou com apertado luto a sua morte, e o pranteavam já havia muitos dias.

21 E disseram: Como caiu êste esforçado guerreiro, que defendia o povo de Israel!

(4) AZOT — Cidade dos fillsteus.

22 E quanto às outras relações, que se podiam fazer, das guerras de Judas, e das façanhas que obrou, e da grandeza do seu espírito, elas se não acham aqui escritas: Porque eram muitas em grande número.

23 E aconteceu isto: Depois da morte de Judas appareceram por todos os termos de Israel homens perversos, e se deram a conhecer todos os que obravam a iniquidade.

24 Naqueles dias sobreveio uma fome muito grande, e todo o país dêles com os seus habitantes se rendeu a Baquides.

25 E Baquides escolheu homens ímpios e os pôs por governadores daquelle país:

26 E andavam em busca, e em pesquisa dos amigos de Judas, e os traziam a Baquides, o qual se vingava nêles, e os insultava.

27 E levantou-se uma tão grande tribulação em Israel, que se não tinha visto outra tal, desde o tempo em que os profetas tinham desaparecido de Israel. (5)

28 Então se ajuntaram todos os amigos de Judas, e disseram a Jônatas: (6)

29 Desde que teu irmão Judas é falecido, não se acha homem semelhante a êle, que marche contra nossos inimigos, Baquides, e contra os outros, que são inimigos da nossa gente.

30 Portanto nós agora te temos elegido hoje para seres nosso príncipe, e nosso capitão em lugar dêle, a fim de administrar as nossas guerras.

(5) DESDE O TEMPO EM QUE OS PROFETAS TINHAM DESAPARECIDO DE ISRAEL. — Isto é, desde a morte dos profetas Ageu, Zacarias, e Malaquias, que vieram algum tempo depois da soltura do cativo de Babilônia.

(6) JÔNATAS — Distinguiu-se pela sua valentia em combates e pela sua habilidade política.

1 Macabeus 9, 31-37

31 Jônatas pois naquele tempo recebeu o principado, e tomou o lugar de seu irmão Judas.

32 E teve notícia disso Baquides, e andava vendo como o havia de matar.

33 Mas Jônatas, e Simão seu irmão, e todos os que com êle estavam, souberam isto: E fugiram para o deserto de Têcua e pararam junto às águas do lago de Asfar. (7)

34 Soube-o igualmente Baquides, e êle mesmo, e todo o seu exército num dia de sábado passou à banda de além do Jordão.

35 Então enviou Jônatas a seu irmão, que comandava o povo, e rogou aos nabuteus, seus amigos, que lhe emprestassem o seu aparelho que era muito grande. (8)

36 Mas os filhos de Jambri saíram de Madaba, e apanharam a João, e tudo o que êle tinha, e se foram, levando tudo isso. (9)

37 Passado isto, vieram dizer a Jônatas, e a Simão seu irmão, que os filhos de Jambri celebravam umas grandes vodas, e traziam de Madaba com grande pompa a noiva, que era filha de um dos primeiros príncipes de Canaã.

(7) **TÊCUA** — Cidade perto de Jerusalém na tribo de Judá.

LAGO DE ASFAR — Êste lago, segundo tôda a aparência, é o mesmo a que os gregos chamam Asfaltites, por causa do muito asfalto, ou betume que cria.

(8) **QUE LHE EMPRESTASSEM O SEU APARELHO** — Assim a Vulgata de hoje: *Ut commodarent illis apparatus suum*. Mas o grego, o siríaco, o historiador José, e muitas Bíblias latinas antigas, às quais se encostou a de Xisto V, trazem: *Ut Commendarent illis apparatus suum*: que lhes guardassem em suas casas o seu aparelho, isto é, o aparelho dêle Jônatas.

(9) **SAÍRAM DE MADABA** — Era uma cidade famosa da terra de Moab. Is 11, 2.

38 Lembraram-se êles então do sangue de seu irmão João: E subiram, e foram-se emboscar detrás de um monte que os cobria.

39 E levantaram-se os seus olhos, e olharam: E eis-que vinha um grande tropel, e um magnífico aparato: E o noivo, e seus amigos, e seus irmãos, vieram encontrar-se com esta comitiva, ao som de tambores e instrumentos músicos, escoltados de muita gente de armas.

40 Ao mesmo tempo deram sôbre êles os da emboscada e os mataram, e caíram muitos feridos, e os que tinham escapado fugiram para os montes: E êles tomaram todos os seus despojos:

41 Assim as vodas se trocaram em luto, e os seus concertos músicos em gritos de lamentação.

42 E desta maneira tomaram êles vingança do sangue de seu irmão: E voltaram para a ribanceira do Jordão.

43 E Baquides ouviu isto, e veio com um poderoso exército em dia de sábadô até à ribanceira do Jordão.

44 Jônatas porém disse aos seus: Vamos pelear contra os nossos inimigos, porque hoje não é como ontem e anteontem:

45 Vêde pois que temos o inimigo por diante, e as correntes do Jordão de uma e outra parte, e suas ribanceiras, e paúes, e bosques: E não há meio de escapar.

46 Agora pois clamai ao céu, para que sejais livres da mão de vossos inimigos. E travou-se a batalha.

47 E Jônatas estendeu a sua mão para ferir a Baquides, mas êle evitou o golpe, retirando-se para trás:

48 Enfim, Jônatas e os que eram com êle, deitaram-se ao Jordão, e o passaram a nado, à vista dêles:

49 E da parte de Baquides ficaram mortos naquele dia mil homens: E êle com a sua gente voltou para Jerusalém.

50 E edificaram cidades fortes na Judéia, e forti-

ficaram de altos muros, e de portas, e de fechaduras, as cidadelas que havia em Jericó, e em Amaus, e em Beteron, e em Betel, e em Tammata, em Fara, e em Topo.

51 E nelas pôs Baquides guarnições, para que fizessem suas correrias contra Israel:

52 Fortificou também a cidade de Betsura, e Gázara, e a fortaleza, e pôs nelas gentes de guarda, e provisão de mantimentos:

53 E tomou para reféns os filhos das primeiras personagens da terra, e pô-los em custódia na fortaleza de Jerusalém.

54 E no ano cento e cinqüenta e três, no segundo mês, mandou Alcimo demolir as paredes da parte interior do templo, e destruir as obras dos profetas: E começou a deitá-las a baixo.

55 Naquele tempo foi Alcimo ferido da mão de Deus: E se atalharam as suas obras e a bôca se lhe fechou, e êle ficou tolhido de uma paralisia, nem pôde mais falar palavra, nem fazer disposição alguma tocante à sua casa.

56 Desta sorte morreu Alcimo naquele tempo atormentado de grandes dores.

57 E viu Baquides que Alcimo era morto: E voltou para o rei, e a terra estêve calada por dois anos.

58 Ao cabo dêste tempo todos os maus formaram entre si êste desígnio, dizendo: Reparai Jônatas, e os que com êle estão; vivem desassustadamente com descanso: Pois agora façamos vir a Baquides, e êle os apañará a todos numa noite.

59 Pelo que êles ^{*}o foram buscar, e lhe deram êste conselho.

60 Baquides pois se deu pressa a vir com um grande exército: E mandou em sêgrêdo cartas aos do seu partido,

que estavam na Judéia, em que lhes advertia prendessem a Jônatas, e aos que eram com êle: Mas êles não o puderam fazer, porque chegou à notícia dêstes o seu desígnio.

61 E dentre as pessoas da terra prendeu Jônatas cinqüenta homens, que eram os capatazes da velhacaria, e os mandou matar:

62 E retirou-se Jônatas, e Simão, e os que com êle estavam a Betbessen, que é no deserto: E reparou às suas ruínas, e fizeram dela uma forte praça. (10)

63 E quando Baquides o soube, ajuntou logo tôdas as suas tropas: E do que passava fêz aviso àqueles que estavam na Judéia.

64 E veio acampar-se acima de Betbessen: E a combateu por muitos dias, e fêz construir diversas máquinas de guerra.

65 Porém Jônatas deixou a Simão seu irmão na cidade, e saiu à campanha, e marchou com um reforçado corpo de tropas.

66 E desfez a Odaren, e a seus irmãos, e aos filhos de Faseron, dentro das suas mesmas tendas, e começou a dar rijo nos inimigos, e a fazer-se célebre pelos seus grandes feitos. (11)

67 Porém Simão, e os que com êle estavam, saíram da cidade, e queimaram os aproches.

68 E pelejaram contra Baquides, e o desbarataram: E lhe causaram grande pesar, vendo que tinham saído frustrados os seus desígnios, e a sua empresa.

69 E encolerizado contra aquêles homens iníquos, que lhe haviam dado o conselho de que viesse para a

(10) **BETBESSEN** — No grego está Baithbasi, em Joselo Bethalaga; verossimilmente a cidade de Bet-Hagla, no deserto de Taras. Jos 15, 6.

(11) **ODAREN** — Tribos de árabes nômadás dos arredores de Betbessen.

1 Macabeus 9, 70-73; 10, 1

sua terra, matou a muitos d'êles: E resolveu êle mesmo tornar para o seu país com todo o resto do exército.

70 E soube isto Jônatas, e lhe mandou embaixadores para fazer pazes com êle, e oferecer-lhe que restituiria os prisioneiros.

71 E aceitou Baquides de boa vontade a oferta, e consentiu no que Jônatas queria, e jurou que em todos os dias da sua vida lhe não faria mal algum.

72 E restituiu-lhe os prisioneiros, que antes fizera cativos na terra de Judá: E se foi na volta do seu país, e não quis mais tornar à terra de Judá.

73 Assim a guerra cessou em Israel: E Jônatas assistiu em Macmas, e ali começou o mesmo Jônatas a julgar o povo, e exterminou os ímpios do meio de Israel.

CAPÍTULO 10

ALEXANDRE BALA SE LEVANTA CONTRA DEMÉTRIO SOTER. UM E OUTRO PROCURAM A AMIZADE DE JÔNATAS. ÊSTE SE DECLARA POR ALEXANDRE, QUE O ENCHE DE HONRAS. ALEXANDRE DERROTA, E MATA A DEMÉTRIO. CASA COM UMA FILHA DE PTOLOMEU FILOMETER. CHAMA JÔNATAS A PTOLEMAIDA, E O PÕE NAS NUENS. DEMÉTRIO NICATOR MANDA A APOLÔNIO CONTRA OS JUDEUS. JÔNATAS DERROTA A APOLÔNIO.

1 No ano pois cento e sessenta, Alexandre, filho de Antíoco, que teve o sobrenome de Ilustre, subiu: E se senhoreou de Ptolemaida: E o receberam os habitantes, e reinou ali. (1)

(1) ALEXANDRE, FILHO DE ANTÍOCO — A Escritura fala segundo a opinião que corria entre os sírios, egípcios, judeus, e romanos, que todos tinham êste Alexandre por filho de Antíoco Epífanes. Mas na verdade êle o não era, como unânimemente atestam todos os escritores gregos e latinos: entre êles Ateneo, Apiano, Jus-

2 E soube isto o rei Demétrio, e levantou um exército em extremo numeroso, e saiu a encontrar-se com êle para lhe dar batalha. (2)

3 Então Demétrio remeteu a Jônatas uma carta cheia de expressões de paz, onde êle o engrandecia muito.

4 Porque dizia Demétrio: Antecipemo-nos a fazer a paz com êle, antes que êle a faça com Alexandre em dano nosso:

5 Porque êle Jônatas se lembrará de todos os males que nós lhe fizemos a êle, e a seu irmão, e à sua gente.

6 Demétrio pois lhe deu poder de levantar um exército, e de mandar fazer armas, e quis que êle fôsse seu aliado: E mandou que se lhe entregassem os reféns, que estavam na fortaleza.

7 E veio Jônatas a Jerusalém, e leu as cartas, ouvindo-o todo o povo, e os que estavam na fortaleza.

8 E êles ficaram tomados de um grande mêdo, depois que ouviram que o rei lhe tinha dado poder de ajuntar um exército.

9 Foram pois entregues a Jônatas os reféns, e êle os restituiu a seus pais:

10 E Jônatas ficou habitando em Jerusalém, e começou a edificar e a renovar a cidade.

tino, e Severo Sulpício. Por isso até Petau no catálogo dos reis Selêucidas chama a êste Alexandre enxertado. Assim é o presente lugar da Escritura um daqueles, com que se pode confirmar, que na realidade de certos fatos genealógicos, nem sempre falavam os eleitores sagrados segundo o que passava na realidade, mas que muitas vêzes se explicavam êles segundo a voz e fama que corria nos povos.

(2) DEMÉTRIO — Pretendeu fazer a paz com Jônatas para resistir a Alexandre, o que não logrou conseguir, pois Jônatas desprezou-o. Alexandre venceu-o, assassinando-o no combate, 46-50.

1 Macabeus 10, 11-20

11 E mandou aos arquitetos que levantassem os muros, e cercassem de pedras de silharia o monte Sião todo em tórno para a sua fortificação: E êles assim o fizeram.

12 Então os estrangeiros, que estavam nas fortalezas que Baquides tinha edificado, fugiram:

13 E cada um deixou o seu lugar, e se foi para a sua terra:

14 Ficaram sòmente em Betsura alguns daqueles que tinham abandonado a lei, e os preceitos de Deus: Porque esta cidade era a que lhes servia de acolheita.

15 Entretanto ouviu o rei Alexandre as promessas que Demétrio tinha feito a Jônatas: Recontaram-lhe também as batalhas, e provas de valor, que êle, e seus irmãos tinham dado, e os trabalhos que tinham padecido:

16 E disse êle: Acaso poderemos nós achar outro algum homem tal como êste? pois vejamos como o faremos agora nosso amigo, e aliado.

17 E escreveu uma carta, e lha enviou concebida nestes têrmos, dizendo:

18 O rei Alexandre a seu irmão Jônatas, saúde. (3)

19 Nós temos ouvido dizer de ti, que és um homem poderoso em fôrças, e azado para seres nosso amigo:

20 E agora te constituímos hoje Sumo Pontífice da tua nação, e queremos que sejas chamado amigo do rei (e mandou-lhe uma púrpura, e uma coroa de ouro), e que te conformes conosco em tôdas as coisas que são dos nossos interêsses, e nos conserves a amizade. (4)

(3) **A SEU IRMÃO JÔNATAS** — O costume de se chamar irmãos os soberanos, é antiquíssimo. 3 Rs 9, 23. Por outra parte o nome de irmão frequentemente se dava aos governadores de províncias. 2 Mac 11, 22.

(4) **UMA PÚRPURA, E UMA COROA DE OURO** — Uma púrpura, isto é, uma opa de púrpura, como aqui explica José. Tanto

21 E no ano cento e sessenta, no sétimo mês, se vestiu Jônatas da Santa Opa, no dia da solene festa dos Tabernáculos: E levantou um exército, e mandou fazer quantidade de armas. (5)

22 E Demétrio tanto que ouviu estas coisas, logo se contristou em extremo, e disse:

23 Como temos nós dado lugar a que Alexandre nos haja prevenido em conciliar a amizade dos judeus para fortificar o seu partido?

24 Eu pois lhes escreverei também exortando-os a isso com rogativas, e oferecendo-lhes dignidades, e dádivas: Para êles serem comigo em minha ajuda.

25 Êle pois lhes escreveu nestes têrmos: O rei Demétrio à nação dos judeus, saúde:

26 Ouvimos que vós tendes guardado a aliança que fizestes conosco, e que perseverastes firmes na nossa amizade, e que vos não acostastes ao partido de nossos inimigos, e disto nos alegramos.

27 Perseverai pois agora como até aqui em nos conservar a mesma fidelidade, e nós vos pagaremos avantajadamente o que obrastes conosco:

28 E nós vos remeteremos muitas das prestações que vos estavam impostas, e vos faremos grandes doações.

29 E desde agora eu vos remito a vós, e a todos os judeus os tributos que costumáveis pagar, e vos perdoo os impostos do sal, e vos dou por isentos das coroas, e da têrça da semente:

a púrpura, porém, como a coroa de ouro, eram insígnia sòmente dos reis, ou daqueles a quem êles queriam distinguir. Por isso os valldos dos reis se costumam chamar purpurados.

(5) SE VESTIU JÔNATAS DA SANTA OPA — Não da opa que tinha recebido de Alexandre, que era um hábito secular; mas da Opa Santa, que êle tinha direlto de tomar na qualidade de pontífice, que era dos judeus.

30 E do que eu tinha direito de levar pela metade dos frutos das árvores, eu vos alivio de tudo isso desde o dia de hoje em diante, não querendo que ela se cobre mais do país de Judá, nem das três cidades, que lhe foram anexadas, da Samaria e da Galiléia, começando de hoje e pelo decurso do tempo para sempre: (6)

31 Quero outrossim que Jerusalém seja santa, e livre com todo o seu território: E que os dízimos e os tributos sejam seus. (7)

32 Também abro mão do senhorio da fortaleza, que está em Jerusalém: E a dou ao sumo sacerdote, a fim

(6) **NEM DAS TRÊS CIDADES** — Em lugar de três cidades, traz o grego três Nomes, isto é, três Comarcas; José três Toparquias, isto é, três Distritos de província. E as cidades principais destas três Comarcas eram Lida, Ramata, e Aferema. Adiante 11, 34.

DA SAMARIA E DA GALILÉIA — José nomeia três províncias, de onde aquelas três Comarcas se desmembraram, para se unirem à Judéia; a saber: da Samaria, da Galiléia, e da Peréia, que era no Alémjordão.

(7) **QUE JERUSALÉM SEJA SANTA E LIVRE** — Isto é, que seja inviolável, para se não alojarem nela tropas estrangeiras, como era Delfos na Grécia. Esta parece ser a mente de Demétrio a respeito de Jerusalém, e não a que lhe atribui José, que ela gozasse do privilégio de asilo. Porque êste privilégio o restringe Demétrio claramente no versículo 43, ao templo de Jerusalém, e ao seu território. Não se pode negar contudo, que por toda a Grécia havia muitas cidades, às quais os príncipes concediam o mesmo privilégio de asilo, que Demétrio concedeu só ao templo de Jerusalém. Tal era Esmirna por concessão de Seleuco Calínico, como consta do primeiro dos Mármores de Oxford, comentados por Lidiato. Tal Tapsaca nas medalhas de Trajano. Tal Cesaréia nas de Setínio Severo. Tal Gabala nas de Elagábalo. E não só cidades, mas também ilhas inteiras havia, que gozavam dêste privilégio de imunidade, como pelos escritos de Lívio sabemos, que gozava toda a ilha de Samotrácia, à qual se acolheu o rei Perseu, depois de vencido por Paulo Emílio.

de que êle ponha nela quaisquer homens que êle mesmo escolher, para que a guardem.

33 Dou mais sem resgate algum a liberdade a todos os judeus, que foram cativos do país de Judá, e se acharem em todo o meu reino, isentando-os a todos de pagarem tributos por si, e ainda pelos seus gados.

34 Quero da mesma sorte que tôdas as festas solenes, e os dias de sábado, e as luas novas, e as festas decretadas, e os três dias antes de cada festa solene, e os três depois dela, sejam todos uns dias de imunidade, e de franqueza para todos os judeus que estão no meu reino:

35 E ninguém terá poder de andar em litígio, nem mover demanda contra algum dêles em qualquer negócio que fôr.

36 Item, ordeno que dos judeus se alistem nas tropas do rei até trinta mil homens: E se lhes subministrará o necessário como convém a tôdas as tropas do rei, e dêles se escolherão os que houverem de ser postos nas fortalezas do grande rei:

37 Item, dêstes se elegerão alguns para o manejo dos negócios do reino, que pedem fidelidade, e sejam dêles mesmos tirados os cabeceiras do govêrno, e vivam conforme as suas leis, como o rei ordenou para o país de Judá.

38 E que as três cidades do país de Samaria, que foram anexadas à Judéia sejam havidas como da Judéia: Para que não dependam senão de um governador, nem obedeçam a nenhuma outra potestade, que não seja a do sumo pontífice. (8)

(8) E QUE AS TRÊS CIDADES DO PAÍS DE SAMARIA —

Aqui parece que se toma Samaria numa significação mais lata, do que no versículo 30, senão é que alguém queira suprir com de

1 Mácabeus 10, 39-47

39 Quanto a Ptolemaida, e a todo o seu território, tenho feito doação dela ao santuário de Jerusalém, para daqui se acudir às despesas necessárias das coisas santas.

40 Afora isto darei eu todos os anos quinze mil siclos de prata, que se tomarão dos direitos reais, que me pertencem:

41 E os que administravam a minha fazenda os anos passados, darão desde hoje para as obras da casa tudo o que restar daqueles anos, que elles ainda não pagaram.

42 E além disto cinco mil siclos de prata, que todos os anos cobravam das rendas do santuário: Também estes pertencem aos sacerdotes, que fazem as funções do seu ministério.

43 Item quero que todos aquêles que, sendo devedores ao rei por qualquer negócio que ser possa, se refugiarem no templo de Jerusalém, e em todo o seu couto, fiquem seguros, e gozem livremente de tudo o que têm no meu reino.

44 Item para edificar ou reparar as obras do santuário, sairão as despesas do bolsinho do rei:

45 Também para reedificar os muros de Jerusalém, e para os fortificar ao redor, fôr-se-ão os gastos do mesmo bolsinho do rei, e para fazer muros por tôda a Judéia.

46 Mas Jônatas, e o povo quando ouviram estas proposições de Demétrio, não as tiveram por sinceras, nem as aceitaram: Porque se lembraram dos grandes males que elle tinha feito a Israel, e quanto os tinha atribulado.

47 Elles pois se declararam a favor de Alexandre,

Carrières assim "e que as três cidades do país da Samaria, da Galiléia e da Peréia, etc. — Pereira.

visto ter êle sido o primeiro que lhes falara de paz, e êles o auxiliaram sempre dali por diante.

48 Negociado isto, levantou o rei Alexandre um grande exército, e marchou com as suas tropas contra Demétrio.

49 E deram batalha os dois reis, e fugiu o exército de Demétrio, e foi Alexandre em seu alcance, e deu sôbre êles.

50 E fôï mui renhida a peleja, até que se pôs o sol: E acabou Demétrio naquele dia.

51 E depois destas coisas enviou Alexandre embaixadores a Ptolomeu, rei do Egito, dizendo:

52 JÁ QUE sou entrado no meu reino e me assentei no trono de meus pais, e recobrei o meu império, e desfiz a Demétrio, e entrei na posse de meus domínios,

53 e vim com êle às mãos, e o derrotei a êle e às suas tropas, e me assentei no trono do seu reino:

54 Portanto façamos agora amizade um com outro: E dá-me tua filha por mulher, e eu serei teu genro, e assim a ti, como a ela, eu farei presentes dignos de ti.

55 E o rei Ptolomeu lhe respondeu, dizendo: VENTUROSO o dia em que tornaste a ocupar a terra de teus pais, e te assentaste no trono do seu reino.

56 E agora te farei o que me pediste por escrito: Mas vem ter comigo a Ptolemaida, para que ambos ali nos vejamos, e dar-te-ei a minha filha como disseste.

57 Saiu pois Ptolomeu do Egito, e êle, e sua filha Cleópatra, e veio a Ptolemaida no ano cento e sessenta e dois.

58 E foi ali encontrar-se com êle o rei Alexandre, a quem Ptolomeu deu sua filha Cleópatra: E celebrou as suas núpcias em Ptolemaida com grande magnificência, segundo o costume dos reis.

1 Macabeus 10, 59-66

59 O rei Alexandre também escreveu a Jônatas, para que viesse avistar-se com êle.

60 E foi Jônatas com grande pompa a Ptolemaida, e ali saiu ao encontro aos dois reis, e lhes deu muita prata, e ouro, e presentes: E achou um entranhável acolhimento em ambos êles.

61 E conspiraram-se contra êle certos homens pestilenciais de Israel, homens iníquos, para darem contra êle capítulos de acusação: Mas o rei os não quis atender.

62 Antes mandou que se tirassem a Jônatas os seus vestidos, e que o vestissem de púrpura: E assim o fizeram. E o rei o fêz assentar a par de si.

63 E disse aos grandes de sua côrte: Ide com êle pelo meio da cidade, e fazei publicar em voz alta, que ninguém se atreva a formar contra êle queixa por título algum, e que ninguém lhe seja molesto por qualquer coisa que fôr.

64 Aquêles pois que tinham vindo com tenção de o acusar, quando o viram sublimado ao auge de glória, que se apregoava dêle, e a êle vestido de púrpura, fugiram todos:

65 E o rei o elevou a grande honra, e pô-lo no número dos seus primeiros amigos, e constituiu-o chefe, e príncipe junto à sua pessoa. (9)

66 E Jônatas voltou para Jerusalém em paz, e com alegria.

(9) E PÔ-LO NO NÚMERO DOS SEUS PRIMEIROS AMIGOS

— Daqui se conhece que o costume de ter os amigos repartidos em três classes, conforme era o grau de valimento de cada um, que depois se introduziu na côrte dos imperadores romanos, (costume de que fazem menção Suetônio na vida de Tibério, e Lamprídio na vida de Alexandre Severo), tinha a sua origem na côrte dos reis gregos.

67 No ano cento e sessenta e cinco, Demétrio, filho de Demétrio, veio de Creta à terra de seus pais.

68 Tanto que o rei Alexandre teve notícia disto, logo se contristou em extremo e voltou para Antióquia.

69 E o rei Demétrio fez general das suas tropas a Apolônio, que era governador da Celesíria: e este levantou um grande exército, e chegou a Jamnia: E enviou um mensageiro a Jônatas sumo sacerdote,

70 dizendo: Tu és o único que nos resistes: E eu estou feito um objeto de riso, e de opróbrio, porque tu te vales contra nós da vantagem que tens nos montes.

71 Se pois agora confias nas tuas tropas, desce a nós ao campo, e façamos lá prova das nossas forças: Porque o valor militar me acompanha sempre.

72 Pergunta, e saberás quem eu sou, e os outros que me dão socorro, os quais também dizem que os vossos pés se não podem manter firmes diante da nossa face, porque teus pais duas vezes foram postos em fugida na sua própria terra:

73 Como poderás tu logo agora aturar a força da minha cavalaria, e a de um tão grande exército num campo, onde não há nem pedra, nem penedo, nem lugar para fugir?

74 E Jônatas assim que ouviu estas palavras de Apolônio, alterou-se no fundo do seu coração: E escolheu dez mil homens, e partiu de Jerusalém, e Simão seu irmão se foi incorporar com ele para o socorrer:

75 E vieram acampar-se ao pé de Jope, e os da cidade lhes fecharam as portas: Porque dentro de Jope havia uma guarnição de Apolônio, e Jônatas a combateu.

76 E espantados os que estavam dentro da cidade, abriram-lhe as portas, e Jônatas se apoderou de Jope.

77 E tanto que ouviu isto, Apolônio fez logo avançar consigo três mil cavalos, e um grande corpo de tropas.

1 Macabeus 10, 78-89

78 E marchou como quem ia para Azot, e logo de improviso se lançou na campina, porque tinha muita cavalaria, e nela se fiava. Seguiu-o pois Jônatas para a parte de Azot, e ali deram batalha um ao outro.

79 Mas Apolônio tinha deixado de emboscada no seu arraial mil cavalos por detrás dos inimigos.

80 E teve notícia Jônatas de que ficava por detrás dêle uma emboscada, e os inimigos rodearam o seu arraial, e desde a manhã até à tarde não cessaram de despedir tiros missivos contra a sua gente.

81 Mas ela se tinha firme, conforme a ordem que Jônatas lhe havia dado: Entretanto os cavalos dos inimigos se fatigaram muito.

82 Então fêz Simão avançar as suas tropas, e atacou a infantaria: Porque a cavalaria estava já cansada, de sorte que foi rôta por êle e fugiu.

83 E os que se tinham espalhado pelo campo, se acolheram a Azot, e entraram pelo templo de Dagon, seu ídolo, para ficarem salvos.

84 Porém Jônatas queimou a Azot, e as cidades que estavam nos seus contornos, e tomou os seus despojos, e pôs fogo ao templo de Dagon, queimando-o com todos os que nêle se tinham refugiado.

85 E foram perto de oito mil homens os que morreram passados à espada, entrando nesta conta os que ficaram consumidos do fogo.

86 E Jônatas fêz abalar o campo dêste lugar, e marchou contra Ascalon: E os paisanos saíram fora da cidade a recebê-lo com grandes honras.

87 Depois se recolheu Jônatas a Jerusalém com a sua gente carregada de muitos despojos.

88 E aconteceu isto: O rei Alexandre como ouviu êstes felizes sucessos elevou ainda Jônatas a maior glória.

89 Mandou-lhe pois uma fivela de ouro, daquelas

que se costumam dar aos príncipes de sangue real. E deu-lhe a propriedade de Acaron com todo o seu território.

CAPÍTULO 11

PTOLOMEU FILOMETOR USURPA O REINO A ALEXANDRE BALA. BATALHA ENTRE ÊSTES DOIS PRÍNCIPES. ALEXANDRE SE SALVA. CORTAM-LHE A CABEÇA. PTOLOMEU MORRE. DEMÉTRIO NICANOR SOBE AO TRONO, ENCHE DE HONRAS A JONATAS: CONCEDE VÁRIOS PRIVILÉGIOS AOS JUDEUS. EMPRESA DE TRIFÃO. LEVANTAMENTO EM ANTIÓQUIA. OS JUDEUS SALVAM A DEMÉTRIO. INGRATIDÃO DESTES PRÍNCIPE. ANTÍOCO DEUS É POSTO NO TRONO, E BUSCA A AMIZADE DE JONATAS. GUERRA DE JONATAS CONTRA AS TROPAS DE DEMÉTRIO.

1 Passado isto, o rei do Egito ajuntou um exército, como a areia que está na orela do mar, e um grande número de naus: E êle andava vendo, como se faria senhor do reino de Alexandre por surpresa, e o ajuntaria ao seu reino. (1)

2 Marchou pois para a Síria em tom de paz, e os habitantes das cidades lhe abriam as portas, e o vinham receber: Porque o rei Alexandre tinha mandado que saíssem a recebê-lo, pelo motivo de que o rei do Egito era seu sogro.

3 Mas Ptolomeu logo que entrava numa cidade punha guarnição militar em cada uma delas.

4 E quando chegou perto de Azot, mostraram-lhe o templo de Dagon queimado, e Azot, e os seus subúrbios demolidos, e os cadáveres por terra, e ao longo do cami-

(1) O REI DO EGITO — Ptolomeu Filometor sogro de Alexandre Bala, rei da Síria, a quem tinha dado por mulher sua filha Cleópatra, como se disse no capítulo passado.

1 Macabeus 11, 5-13

nho os montões que tinham feito daqueles que haviam sido mortos na batalha.

5 E disseram ao rei, que Jônatas era quem tinha feito todos êstes estragos, para lho fazerem odioso: Mas o rei a tudo isto se calou.

6 E Jônatas veio com grande ponipa encontrar-se com o rei em Jope, e se cumprimentaram um ao outro, e passaram ali a noite.

7 E Jônatas acompanhou o rei até ao rio, que se chama Eleutero: E voltou para Jerusalém.

8 Mas o rei Ptolomeu se levantou com o domínio de tôdas as cidades até Selência que está sôbre o mar, e trazia maus intentos contra Alexandre. (2)

9 E enviou embaixadores a Demétrio, dizendo: VEM, façamos aliança um com outro, e eu te darei minha filha que Alexandre tem por mulher, e tu reinarás no reino de teu pai:

10 Porque eu estou arrependido de lhe ter dado minha filha em matrimônio: Visto que êle procurou matar-me.

11 E acusava dêste modo Ptolomeu a Alexandre, pelo desejo que tinha de lhe tirar o seu reino.

12 E lhe tirou sua filha, e a deu a Demétrio, e se descartou inteiramente de Alexandre, e então se fêz pública a sua inimizade.

13 Ptolomeu entrou pois em Antióquia, e pôs na sua cabeça dois diademas, um do Egito, e outro da Ásia. (3)

(2) QUE ESTA SÔBRE O MAR — Na foz, ou embocadura do rio Orontes. — Calmet.

(3) E OUTRO DA ASIA — Da Ásia Menor, que hoje se chama Natólia, a qual Ásia se compreendia então nos domínios dos reis da Síria.

14 E o rei Alexandre naquele tempo achava-se em Cilícia: Porque os que estavam naquelas províncias se tinham rebelado contra êle.

15 E quando Alexandre ouvia esta notícia, veio logo ter com êle para o combate; E o rei Ptolomeu fêz sair a campo o seu exército, e lhe saiu ao encontro com um grande poder, e o pôs em fuga.

16 E Alexandre fugiu para a Arábia, a ver se achava ali alguma proteção: E o rei Ptolomeu foi exaltado a grande glória.

17 Mas Zabdiel, príncipe dos árabes, fêz cortar a cabeça a Alexandre: E a mandou a Ptolomeu.

18 Mas a cabo de três dias morreu o rei Ptolomeu: E os da sua gente, que estavam nas fortalezas, foram mortos pelos que se achavam no arraial. (4)

19 Entrou pois Demétrio a reinar no ano cento e sessenta e sete.

20 Naqueles dias ajuntou Jônatas os que estavam na Judéia, para combaterem a fortaleza, que havia em Jerusalém: E applicaram muitas máquinas de guerra para a tomar.

21 Mas certos homens iníquos que aborreciam a sua gente, foram ter com o rei Demétrio, e lhe contaram que Jônatas tinha de cerco a fortaleza.

22 E Demétrio, quando tal ouviu, ficou irritado: E veio logo para Ptolemaida, e escreveu a Jônatas que não

(4) **MAS A CABO DE TRÊS DIAS MORREU O REI PTOLOMEU** — Porque espantado do herro que deu um elefante, o sacudiu de si o cavalo em que montava ao tempo da batalha. Deram sobre êle os soldados de Alexandre, e o feriram gravemente na cabeça. Acudiram-lhe os seus, e o tiraram meio morto, e sem sentidos. Estêve assim Ptolomeu quatro dias, até que ao mostrarem-lhe a cabeça de Alexandre, tornou em si: mas ao terceiro dia da cura expirou. — Calmet.

1 Macabeus 11, 23-31

sitiasse a fortaleza, mas que viesse sem demora ver-se com êle, para terem uma conferência.

23 Mas Jônatas logo que recebeu esta carta, mandou que se continuasse o cêrco: E escolheu alguns dos anciãos de Israel, e dos sacerdotes, e foi com êles expor-se ao perigo.

24 E tomou quantidade de ouro, e de prata, e de vestidos, e outros presentes, e deu consigo em Ptolemaida, a ver-se com o rei, e achou graça diante dêle.

25 Ainda alguns homens perdidos da sua nação formavam queixas contra êle.

26 Mas o rei o tratou como o tinham tratado os príncipes seus predecessores: E o elevou a grande honra à vista de todos os seus amigos.

27 E confirmou-o no sumo sacerdócio, e em todos os outros distintivos de honra, que antes tinha, e fê-lo o primeiro dos seus amigos.

28 E Jônatas suplicou ao rei que concedesse imunidade de tributos à Judéia, e às três toparquias, e à Samaria, e ao seu território: E prometeu-lhe trezentos talentos. (5)

29 E conveyo nisso o rei: E fêz expedir a Jônatas sobre tôdas estas coisas cartas patentes, que eram concebidas nestes têrmos:

30 O rei Demétrio a seu irmão Jônatas, e à gente dos judeus, saúde.

31 Nós vos mandamos entregar uma cópia da carta, que a vosso respeito escrevemos a Lastenes, nosso pai, para serdes informado de tudo. (6)

(5) **E AS TRÊS TOPARQUIAS** — Senhorios, ou governos de lugar, território, Província. Eram pois as três cidades, de que se fala no capítulo 10, 30.38, cujos nomes expressamente se declaram adiante neste mesmo capítulo, versículo 34.

(6) **A LASTENES NOSSO PAI** — Era costume dos príncipes

32 O rei Demétrio a Lastenes seu pai, saúde.

33 Temos resolvido fazer bem à nação dos judeus, que são nossos amigos, e nos conservam a fidelidade que lhes cumpre, por causa da sua boa vontade, que tem para conosco.

34 Temos pois decretado em benefício dêles que todos os termos da Judéia, e que as três cidades de Lida, e Ramata, as quais foram anexadas à Judéia da província da Samaria, e todos os seus territórios, sejam destinados para todos os sacerdotes de Jerusalém, em lugar dos impostos que o rei cobrava já dêles cada ano, e em lugar do que lhe rendiam os frutos da terra, e dos pomares. (7)

35 Remitimos-lhes também desde agora as outras coisas, que nos pertenciam de dízimos, e de tributos: Da mesma sorte as lagoas das marinhas, e as coroas que se nos costumavam trazer:

36 Tôdas estas coisas lhes damos: E nada disto será anulado desde agora, e para sempre.

37 Cuidai pois de tirar agora uma cópia desta ordenação, e ela se entregue a Jônatas, e seja posta no monte santo em lugar público.

38 E o rei Demétrio vendo que a terra estava sossegada diante dêle, e que nada lhe resistia, licenciou todo

antigos honrar com o título de pais os seus primeiros ministros, e conselheiros. Hirão, rei de Tiro, chama seu pai a outro Hirão judeu que êle enviava a Salomão por arquiteto do Templo de Jerusalém, 2 Par 2, 23. Dositeu, prefeito do Pretório, em tempo dos gordianos, é chamado Pai dos príncipes numa inscrição que traz Júlio Capitolino.

(7) E QUE AS TRÊS CIDADES DE LIDA E RAMATA — Aquí por descuido dos copistas faltou sem dúvida o nome Aferema, para fazer o número das três cidades. Porquanto o grego as nomeia expressamente, lendo assim: e que as três comarcas de Aferema, e Lida, e Ramata. — Pereira.

1 Macabeus 11, 39-47

o seu exército, mandando cada um para sua casa, exceto as tropas estrangeiras, que êle tinha levantado das ilhas das gentes: E isto excitou contra êle o ódio de tôdas as tropas, que tinham servido a seus pais.

39 Havia então um certo Trifão, que antes tinha sido do partido de Alexandre: Quando viu que tôdas as gentes de guerra murmuravam contra Demétrio, foi logo ter com Emalcuel Árabe, que criava ao pé de si a Antíoco, filho de Alexandre.

40 E por muitos tempos apertou com êle, que lhe desse aquêlê moço príncipe, para o fazer reinar em lugar de seu pai: E contou-lhe tudo o que Demétrio tinha feito, e o ódio que tôdas as gentes de guerra haviam concebido contra êle. E lá se demorou muitos dias.

41 Entretanto Jônatas enviou embaixadores ao rei Demétrio, suplicando-lhe que deitasse fora os que estavam na fortaleza de Jerusalém, e os que havia nos outros presídios: Porque faziam muitos danos a Israel.

42 E Demétrio mandou dizer a Jônatas: Não só farei por ti, e pela tua gente o que me pedes, mas elevar-te-ei em glória a ti, e ao teu povo, tanto que o tempo me der lugar.

43 Agora pois farás tu uma ação de justiça, se mandares tropas em meu socorro: Porque todo o meu exército me desamparou.

44 Então lhe mandou Jônatas para Antióquia três mil homens esforçados, que vieram ter com o rei, e o rei se alegrou muito com a sua chegada.

45 Ao mesmo tempo ajuntaram-se dos habitantes da cidade cento e vinte mil homens, que queriam matar o rei.

46 E fugiu o rei para o seu palácio: E os da cidade se fizeram senhores de tôdas as ruas dela, e começaram a atacá-lo.

47 E o rei chamou os judeus em seu socorro, e êles

se ajuntaram todos ao pé dêle, e fizeram todos suas correrias pela cidade:

48 E mataram naquele dia cem mil homens, e puseram fogo à cidade, e tomaram naquele mesmo dia muitos despojos, e livraram o rei.

49 Quando porém os da cidade viram que os judeus se tinham apoderado dela como desejavam: Logo perderam o ânimo, e com deprecações gritaram misericórdia ao rei, dizendo:

50 Dá-nos a tua destra, e cessem os judeus de nos atacar a nós, e à cidade.

51 Ao mesmo tempo largaram as suas armas, e fizeram a paz, e os judeus adquiriram grande glória no conceito do rei, e no conceito de todos os que se achavam no seu reino, e ficaram afamados em todo o reino: E voltaram para Jerusalém carregados de muitos despojos.

52 E o rei Demétrio se assentou no trono do seu reino: E o país ficou apaziguado diante dêle.

53 Mas êste príncipe faltou a tudo que tinha prometido, e se alienou de Jônatas, e não lhe correspondeu segundo os benefícios, que lhe havia feito, antes em grande maneira o molestava.

54 E depois disto voltou Trifão, e com êle Antíoco mui moço, que reinou, e se pôs o diadema na cabeça. (8)

55 E tôdas as tropas, que Demétrio tinha despedido, se ajuntaram logo ao pé de Antíoco, e batalharam contra Demétrio: O qual fugiu, e voltou as costas.

(8) **QUE REINOU** — Com o nome de Antíoco Deus Epífanes, como se lê numa rara moeda sua, que se conserva no Museu de Florença. Onde o apelido de Deus foi uma louca imitação do que fizera Antíoco II, e o apelido de Epífanes, ao mesmo tempo que o leva a conhecer por neto de Antíoco III, quadrava bem a um rei que se tinha manifestado de repente na Síria.

1 Macabeus 11, 56-63

56 Trifão se apoderou então dos elefantes, e se fêz senhor de Antióquia:

57 E escreveu o moço Antioco a Jônatas, nestes termos: Eu te confirmo no sumo pontificado, e eu te constituo sôbre as quatro cidades, para que tu sejas dos amigos do rei. (9)

58 Mandou-lhe também vasos de ouro para o seu serviço, e lhe deu poder de beber por copo de ouro, e de se vestir de púrpura, e de trazer fivela de ouro:

59 E a seu irmão Simão nomeou-o governador das terras, que vão desde a costa de Tiro até a fronteira do Egito.

60 E saiu Jônatas, e andava visitando as cidades de além do rio: E se lhe ajuntou em seu socorro todo o exército da Síria, e marchou para Ascalon e os da cidade saíram a recebê-lo com grandes honras.

61 E daqui passou êle a Gaza: E os de Gaza lhe fecharam as portas: E êle a sitiou, e queimou tudo quanto havia ao redor da cidade, e fêz saque do que achou.

62 Então mandaram os de Gaza dizer a Jônatas, que queriam capitular, e êle lhes deu a sua mão direita: E tomou seus filhos em reféns, e os remeteu a Jerusalém: Depois correu todo o país até Damasco.

63 Mas depois que Jônatas ouviu dizer que os generais de Demétrio tinham vindo com um poderoso exér-

(9) **SOBRE AS QUATRO CIDADES** — A saber: Lida, Ramata, Aferema, e Ptolemaida, diz na sua paráfrase de Carrières. Eu dissera que eram Lida, Ramata, Aferema e Acaron. Porque Ptolemaida sim tinha sido dada por Demétrio, mas era ao Santuário de Jerusalém (Acima 10, 39.) Acaron porém tinha sido dada por Alexandre ao mesmo Jônatas, para êle ser senhor dela. (Acima 10, versículo ult.) Também não é para esquecer que em lugar de quatro cidades, torna o grego a dizer aqui, quatro comarcas.

cito a sublevar os de Cadés, que é na Galiléia, com o fim de o apartar do manejo dos negócios do reino:

64 Logo lhes foi ao encontro, e deixou na província seu irmão Simão.

65 E Simão pôs cerco a Betsura, e a atacou por muitos dias, e teve bloqueados os de dentro.

66 E lhe pediram que lhes desse a sua mão direita, e ele lha concedeu: E os lançou fora dali, e se apoderou da cidade, e pôs nela guarnição.

67 Jônatas porém, e as suas tropas se avizinham até à borda d'água de Genesar, e antes de amanhecer deram consigo na campina de Asor:

68 E eis-que acham lá o exército dos estrangeiros, que vinham a encontrar-se com eles na campina, e que lhe armavam emboscadas nos montes: E ele mesmo marchou direito a eles.

69 E neste comenos os que estavam escondidos saíram dos lugares da sua emboscada, e travaram a batalha.

70 E todos os que eram da parte de Jônatas fugiram, sem ficar nem só um deles, senão Matatias, filho de Absolomi, e Judas, filho de Calfi, general do seu exército.

71 Então rasgou Jônatas os seus vestidos, e pôs terra sobre a sua cabeça, e orou.

72 Feito isto, tornou Jônatas sobre eles para os combater, e os fez voltar as costas e pelejaram.

73 E os do seu partido que fugiram, quando o viram pelejar tornaram logo a vir-se ajuntar com ele, e todos perseguiram com ele os inimigos até Cadés, onde tinham o arraial, e chegaram só até ali:

74 E ficaram naquele dia mortos três mil homens do exército estrangeiro: E Jônatas se recolheu a Jerusalém.

CAPÍTULO 12

RENOVA JÔNATAS A ALIANÇA COM OS ROMANOS, E COM OS LACEDEMÔNIOS. PÕE EM FUGIDA O EXÉRCITO DE DEMÉTRIO. VOLTA AS SUAS ARMAS CONTRA OS ÁRABES, E OS SIROS. SIMÃO ESTENDE AS SUAS CONQUISTAS ATE' JOPE. JÔNATAS É APANHADO EM PTOLEMAIDA POR TRIFÃO.

1 Viu pois Jônatas que o tempo lhe corria favorável, e escolheu certos homens, e enviou-os a Roma a confirmar, e renovar a amizade com os romanos:

2 Mandou também aos lacedemônios, e a outros lugares cartas do mesmo teor:

3 E foram os seus embaixadores a Roma, e entraram no senado, e disseram: Jônatas, sumo sacerdote, e o povo judeu nos enviaram aqui a renovar convosco a amizade, e a aliança, como ela foi antes feita entre nós.

4 E os romanos lhes deram cartas dirigidas aos seus oficiais em cada província, para elles os fazerem conduzir em paz até a Judéia.

5 E a cópia das cartas, que Jônatas escreveu aos lacedemônios, é como se segue:

6 JÔNATAS, sumo sacerdote, e os anciãos da nação e os sacerdotes, e o resto do povo judeu, aos lacedemônios seus irmãos, saúde.

7 Muito tempo há que foram enviadas cartas ao sumo sacerdote Onias por Ário, que reinava entre vós, que testemunharam que vós éreis nossos irmãos, como se contém no seu transunto, que vai junto. (1)

(1) **POR ARIO** — O grego e o siríaco com manifesto erro trazem Dario em lugar de Ário. Era este o rei Ário II, filho e sucessor de Acrótao II, e predecessor de Leonides, filho de Clonimeu. Este príncipe, que estava sob a tutela de Leonides, morreu em idade de oito anos, pelos anos 181 antes da era de Cristo. Onias III tinha

8 E Onias recebeu com grande honra o mensageiro, que tinha sido enviado: E aceitou as cartas, onde êle lhe falava desta aliança, e amizade.

9 Nós, pôsto que não tivéssemos necessidade alguma destas coisas, tendo para nossa consolação os santos livros, que estão entre nossas mãos,

10 quisemos antes contudo enviar-vos mensageiros para renovarmos esta confraternidade, e amizade, temendo não viéssemos a ficar como estranhos a vosso respeito: visto ter já passado muito tempo, desde que vós cá mandastes.

11 Nós pois em todo o tempo sem interrupção, nos dias solenes, e nos outros, em que convém, nos lembramos de vós nos sacrifícios, que oferecemos, e nas nossas santas cerimônias como é justo, e pede a decência que nos lembremos dos irmãos.

entrado a ser pontífice pelos anos de 199 antes da mesma era; e consequentemente alguns cinquenta e cinco antes do tempo em que Jônatas escreveu esta carta. — Culmet.

QUE TESTEMUNHARAM QUE VÓS ÉREIS NOSSOS IRMÃOS

— E' grande questão entre os intérpretes, de onde era que vinha este parentesco entre lacedemônios e judeus. Ario na sua carta verso 21, diz que era por descenderem uns e outros de Abraão. E aqui é que está tôda a dúvida. Nem se disputa aqui, se este parentesco era verdadeiro e real, porque o sagrado escritor não fez mais do que referir o que se passou por cartas entre as duas nações: e não faltam grandes críticos, como Escalígero e Bochart, que dão este parentesco por quimérico e sem fundamento. Mas como os judeus mostraram que davam crédito à tradição que corria entre os lacedemônios, de descenderem uns e outros de Abraão; cansam-se os modernos expositores muito em indagar, de onde podia vir este parentesco. E deixadas outras opiniões, que se podem ver na dissertação que sobre este assunto publicou Calmet, a mais comum e mais bem recebida, é que os lacedemônios tinham por tronco a Abraão, enquanto descendiam ou dos árabes por via de Ismael, ou dos idumeus por via de Esaú.

12 Nós portanto nos regozijamos da vossa glória.

13 Mas a nós outros nos têm cercado grandes tribulações, e várias guerras, e nos têm invadido os reis que estão em nossos contornos.

14 Entretanto não quisemos ser pesados nem a vós, nem aos outros aliados, e nossos amigos, em todos êstes combates:

15 Porque temos tido o socorro do céu, e nós fomos livres, e os nossos inimigos se viram humilhados.

16 Portanto escolhemos a Nunienio, filho de Antíoco, e a Antípatro, filho de Jasão, e os enviamos aos romanos a renovar a antiga aliança, e amizade, que temos com êles.

17 Assim que nós lhes demos ordem, que fôsem também a vós, e que vos cumprimentassem da nossa parte: E que vos entregassem as nossas cartas, sôbre a renovação da nossa confraternidade.

18 E agora fareis bem se nos responderdes a isto.

19 E êste é o traslado das cartas, que Ário tinha enviado a Onias:

20 Ário, rei dos lacedemônios, ao sumo sacerdote Onias, saúde.

21 Achou-se aqui numa escritura sôbre os lacedemônios, e os judeus, que êles são irmãos, e que todos vêm da linhagem de Abraão.

22 Agora pois desde que nós soubemos isto, fazeis bem de nos escrever acêrca da vossa paz:

23 E também nós vos respondemos: Os nossos gados e todos os nossos bens são vossos: E os vossos são nossos: E isto é o que nós ordenamos que se vos declarasse da nossa parte.

24 Entretanto ouviu dizer Jônatas, que os generais de Demétrio tinham voltado com um exército muito maior que o de antes, para pelejar contra êle:

25 E partiu Jônatas de Jerusalém, e se foi encontrar com eles no país de Amatite: Porque não queria dar-lhes tempo de entrarem pelas suas terras.

26 E mandou espias ao arraial dos inimigos: E depois de voltarem os avisaram de que eles tinham resolvido vir sobre eles de noite.

27 Tanto pois que se pôs o sol, mandou Jônatas aos seus que vigiassem, e estivessem tôda a noite sobre as armas, apercebidos para a peleja, e pôs guardas em tórnio do arraial.

28 E ouviram os inimigos que Jônatas com a sua gente se conservava prestes para o combate: E tiveram mêdo, e perderam o alento sobressaltados de pavor: E acenderam fogos no seu campo.

29 Mas Jônatas, e os que com êle estavam, não deram fé da sua retirada até pela manhã: E estavam vendo as fogueiras acesas.

30 E Jônatas foi atrás dêles mas não os pôde apanhar: Porque já tinham passado o rio Eleutero.

31 Dali marchou Jônatas na volta dos árabes que se chamam zabadeus, e desbaratou-os, e tomou os seus despojos. (2)

32 Depois reuniu a sua gente, e veio a Damasco, e fazia correrias por tôda aquela província.

33 Ao mesmo tempo saiu Simão, e foi até Ascalon, e até às fortalezas vizinhas: E de lá partiu para Jope e a tomou.

(2) **QUE SE CHAMAM ZABADEUS** — José escreve *nabatens*. E a maior parte dos comentadores adotam esta lição, supondo que os nabateus, que eram amigos dos judeus (acima 5, 25 e 9, 35) se tornaram seus inimigos, declarando-se por Demétrio, porque árabes zabadeus não se conhecem nenhuns.

1 Macabeus 12, 34-44

34 (Porque tinha sabido que êles queriam entregar a praça aos do partido de Demétrio) e pôs ali guarnição que guardasse a cidade.

35 E voltou Jônatas, e convocou os anciãos do povo, e assentou com êles levantar fortalezas na Judéia,

36 e edificar muros em Jerusalém, e levantar um muro de grande altura entre a fortaleza e a cidade para a separar da cidade, de sorte que ficasse ela sem comunicação, e os de dentro não pudessem comprar nem vender.

37 Êles pois se ajuntaram, para edificarem a cidade; e havia caído o muro, que estava sôbre o ribeiro da banda do nascente, e Jônatas reparou aquêle que se chama Caféteta:

38 Simão da mesma sorte edificou Adiada em Séfela, e a fortificou, e lhe pôs portas e fechaduras.

39 Mas Trifão tendo resolvido fazer-se rei da Ásia, e tomar o diadema, e matar o rei Antíoco:

40 Temendo não lho tolhesse Jônatas, e não lhe declarasse guerra, buscava meios de se apoderar da sua pessoa, e de o matar. E levantando o seu campo se foi para Betsan:

41 E marchou Jônatas em seu encontro com quarenta mil homens escolhidos para lhe dar batalha, e veio para Betsan.

42 E quando Trifão viu que Jônatas era chegado com um grande exército para o combater, ficou cheio de medo:

43 E recebeu-o com grande honra, e recomendou-o a todos os seus amigos, e fêz-lhe presentes: E mandou a todo o seu exército que lhe obedecessem, como a êle mesmo.

44 Depois disse a Jônatas: Porque fatigaste tu inutilmente todo êste povo, quando nós não temos guerra um com outro?

45 Manda-os pois agora para suas casas, e escolha dentre eles alguns poucos, que fiquem contigo e vem comigo para Ptolemaida, que eu te entregarei com as outras fortalezas, e com as tropas, e com todos os que têm a intendência dos negócios, e feito isto eu me retirarei: Porque a isto é que eu vim.

46 E creu-o Jônatas, e fez o que ele lhe disse: E despediu as suas tropas, as quais se tornaram para a terra de Judá.

47 E ele não reteve consigo senão três mil homens: Dos quais mandou ainda dois mil para Galiléia, e mil se foram com eles.

48 E tanto que Jônatas entrou em Ptolemaida, fecharam as portas da cidade os ptolemenses: E o apanharam e passaram ao fio da espada todos os que tinham entrado com ele.

49 E Trifão enviou as suas tropas, e a sua cavalaria para Galiléia e para o campo grande para matarem todos os companheiros de Jônatas.

50 Mas estes, tendo sabido que Jônatas tinha sido prêso, e tinha perecido com todos os que com ele estavam, uns aos outros se animaram, e saíram apercebidos para combater.

51 Os que os tinham perseguido porém, vendo-os de todos resolutos a vender bem caro as suas vidas, tornaram para trás:

52 Assim eles vieram todos em paz para a terra de Judá. E choraram muito a Jônatas, e aos que com ele tinham estado: E Israel tomou apertado nôjo.

53 Então todos os povos, que estavam ao redor deles, procuraram perdê-los: Porque disseram:

54 Eles não têm chefe, nem pessoa que os auxilie: Ataquemo-los pois agora: E apaguemos o seu nome da memória dos homens.

CAPÍTULO 13

SIMÃO SUCEDE A JÔNATAS. OPÕE-SE AOS INTENTOS DE TRIFÃO. MORTE DE JÔNATAS. SIMÃO EDIFICA UM SEPULCRO PARA SEU PAI E SEUS IRMÃOS. TRIFÃO MATA O MOÇO REI ANTIOCO E REINA EM SEU LUGAR. SIMÃO PROCURA A AMIZADE DE DEMÉTRIO NICATOR, E ALCAÇA DELE A LIBERDADE DA SUA TERRA. PÕE SÍTIO A GAZA, E A TOMA. RESTITUEM-LHE A FORTALEZA DE JERUSALÉM. PÕE A SEU FILHO JOÃO HIRCANO À TESTA DO EXÉRCITO.

1 Entretanto ouviu dizer Simão, que Trifão tinha levantado um grande exército, para vir à terra de Judá, e assolá-la.

2 Vendo que o povo estava todo amedrontado, e espavorido, subiu a Jerusalém, e fêz ajuntar o povo:

3 E para os animar, lhes disse: Vós sabeis quanto havemos pelejado, eu e meus irmãos, e a casa de meu pai pelas nossas leis, e pelo Santo Templo, e em que apertos nos temos visto:

4 Por esta causa são mortos todos os meus irmãos, por quererem salvar a Israel, e fiquei eu só.

5 Mas não permita Deus agora que queira eu perdoar à minha vida, enquanto durarem as nossas tribulações: Porque eu não sou melhor do que meus irmãos.

6 Eu pois vingarei a minha gente, e o Santuário: Também os nossos filhos, e mulheres: Porque tôdas as nações se têm ajuntado para nos oprimir, sòmente pelo ódio que nos têm.

7 E o espírito do povo, assim que ouviu estas palavras, ficou todo inflamado.

8 E responderam em alta voz, dizendo: Tu és o nosso capitão em lugar de Judas e de Jônatas teu irmão:

9 Dirige as nossas batalhas: E nós faremos tudo o que nos disseres.

10 E ajuntando todos os homens de guerra, fêz acabar com presteza todos os muros de Jerusalém, e fortificou-a tôda em roda.

11 E enviou a Jônatas, filho de Absalomi, e com êle um novo exército a Jope, e tendo deitado fora os que estavam dentro dela, êle se deixou lá ficar.

12 Trifão, entretanto, abalou de Ptolemaida com um grande exército, para vir para a terra de Judá, e trazia consigo a Jônatas, que êle tinha retido prisioneiro.

13 E Simão acampou-se perto de Adus, defronte da planície.

14 E Trifão tanto que soube que Simão entrara em lugar de seu irmão Jônatas: E que se dispunha a lhe dar batalha, mandou-lhe embaixadores,

15 dizendo: Pelo dinheiro que teu irmão Jônatas devia à fazenda real, por causa dos negócios que manejou, nós o temos retido.

16 Mas envia-me tu agora cem talentos de prata, e os seus dois filhos em reféns, para que êle, sendo pôsto em liberdade, não fuja do nosso partido, e nós to remeteremos.

17 Simão, ainda que conheceu que Trifão lhe falava assim para o enganar, mandou todavia que se lhe levasse o dinheiro com os meninos: Temendo não mover contra si o ódio do povo de Israel, que poderia dizer:

18 Porque não lhe enviou o dinheiro, e os meninos, por isso é que Jônatas pereceu.

19 Êle pois-lhe mandou os meninos, e os cem talentos: E Trifão faltou à palavra, e não remeteu a Jônatas.

20 E depois disto veio Trifão à terra para a assolar: E deram volta pelo caminho que vai a Ador: Mas Simão e o seu exército marchavam para tôda a parte, para onde quer que êles iam.

21 Então os que estavam na fortaleza, mandaram

1 Macabeus 13, 22-29

por uns mensageiros dizer a Trifão, que se desse pressa em vir pelo deserto, e que lhes enviasse víveres.

22 E pôs Trifão tôda a cavalaria pronta, para partir aquela mesma noite: Mas tinha caído muita neve em grande cópia, e não pôde ir ao território de Galaad.

23 E estando perto de Bascaman, matou ali a Jônatas, e a seus filhos. (1)

24 Depois voltou Trifão, e foi para a sua terra.

25 Então mandou Simão buscar os ossos de seu irmão Jônatas, e os sepultou em Modin, que era a cidade de seus pais.

26 E todo Israel tomou grande dó da sua morte, e o pranteou por muitos dias.

27 E Simão levantou sôbre o sepulcro de seu pai e de seus irmãos um alto edifício, que se via de longe, cujas pedras eram polidas por detrás e por diante.

28 E pôs sete pirâmides em correspondência umas das outras, uma a seu pai, outra a sua mãe, e quatro a seus irmãos: (2)

29 E pôs-lhe à roda umas grandes colunas: E sôbre estas colunas armas, que subissem de um monumento eterno, e ao pé das armas navios de escultura, que fôsem vistos de longe por todos os que navegavam pelo mar:

(1) **E ESTANDO PERTO DE BASCAMAN** — José chama a esta cidade Basca, que é talvez a mesma que Bascat na Tribo de Judá. Jos 15, 39. — Calmet.

(2) **E PÓS SETE PIRÂMIDES** — Por Diodoro, Estrabão e Plínio consta que as famosas pirâmides do Egito eram sepulturas dos reis. E isto mesmo significou Lucano, quando disse, no livro 8, verso 1971 *Cum Ptolomæorum manes sortemque pudendam pyramides claudant, indigna quæ mausoleum*. E à imitação destes sepulcros dos reis do Egito, mandou Simão guarnecer de pirâmides o sepulcro de seu pai e irmãos, as quais pirâmides, atestam Eusébio e S. Jerônimo, que ainda existiam no seu tempo.

30 Êste é o sepulcro, que êle fêz em Modin, que até o presente ainda dura.

31 Ora Trifão indo em jornada com o moço rei Antíoco, matou-o à traição. (3)

32 E reinou em lugar dêle, e pôs sôbre a cabeça o diadema da Ásia, e fêz grande estragos na terra. (4)

33 Simão entretanto reparou as praças da Judéia, fortificando-as de altas tôrres, e de grandes muros e de portas, e fechaduras: E meteu viveres nas praças fortes.

34 Escolheu também Simão certos homens, e os enviou ao rei Demétrio, pedindo-lhe que restabelecesse a Judéia nas suas liberdades: Porque todo o procedimento de Trifão tinha sido fundado em rapina. (5)

(3) MATOU-O A TRAIÇÃO — O Epitomador do livro 56 de Tito Lívio diz que Trifão matara a Antíoco peitando os médicos, para que quando estivessem fingindo que o curavam da dor de pedra, o assassinassem, o que êles assim fizeram. *Alexander filius rex Syriae decem annos admodum habens a Diodoro qui Tryphon cognominabatur tutore suo per fraudem occisus est: corruptis qui dem medicis, qui eum calculi dolore consumi ad populum mentiti dum cecant illum occiderunt.*"

(4) E REINOU EM LUGAR DÊLE — Disto são testemunhas as medalhas que depois de Fúlvio Ursini produziu Vaillant, onde se lê esta inscrição: *Basileos tryphonos*. Porque depois que se viu rei, se começou a chamar Trifon, o que antes se chamava Deodato. E chamou-se Trifão, querendo dar-se a conhecer pelo capacete que sempre trazia; porque em grego Trifaléia é Gales, e Trifon é Galeatus.

O DIADEMA DA ASIA — Já acima vimos, no capítulo 12, versículo 39, que Trifão aspirava a reinar na Ásia, e que debaixo do nome Ásia se devia entender nestes lugares, Ásia Menor, que pertencia aos domínios dos reis da Síria desde o tempo dos primeiros Selêucidas.

(5) E OS ENVIOU AO REI DEMÉTRIO — A Demétrio Nicator, que conservou aquela parte da Síria, que Antíoco lhe não pudera tomar. Ora Jônatas tinha seguido as partes de Antíoco, movido da pouca ou nenhuma fé que achara em Demétrio (1 Mac

1 Macabeus 13, 35-43

35 E veio o rei Demétrio no que êle lhe tinha pedido, e lhe respondeu por escrito nestes termos:

36 O rei Demétrio a Simão, sumo sacerdote, e amigo dos reis, e aos anciãos, e ao povo dos judeus, saúde.

37 Nós recebemos a coroa, e a palma de ouro, que vós nos mandastes: E estamos prontos a fazer convosco uma paz sólida, e a escrever aos governadores do rei que vos remitam o que nós vos temos concedido.

38 Porque tudo o que nós temos ordenado a nosso favor, fica para vós valioso. As praças, que edificastes, sejam vossas.

39 Também vos perdoamos as ignorâncias, e as faltas, em que podeis ter caído até o dia de hoje, e a coroa que devíeis: E se acaso se nos pagava qualquer outro impôsto em Jerusalém, não se torne êle mais a pagar.

40 E se entre vós alguns há que sejam capazes de se alistarem nas nossas tropas, alistem-se e haja entre nós paz.

41 No ano cento e setenta foi tirado o jugo dos gentios a Israel.

42 E o povo de Israel começou a pôr nas Tábuas e registros públicos a Era desde o primeiro ano sob Simão, sumo pontífice, grande capitão, e príncipe dos judeus.

43 Naqueles dias foi Simão sitiado Gaza, e bloqueou-a com o seu exército, e fez máquinas, e chegou-se à cidade, e atacou uma das suas tôrres, e a levou. (6)

11, 53.57). Simão, porém, depois que se viu livre da tirania de Trifão, julgou que lhe convinha muito e a tãda a república, unir-se outra vez com Demétrio, e reconhecer o rei da Síria. Por isso lhe mandou pedir que confirmasse a liberdade, que à Judéa tinha concedido seu pai Demétrio Soter, e que até ali não tinha tido efeito, por causa de Jônatas ter seguido a Alexandre Bala contra o mesmo Demétrio.

(6) E FEZ MÁQUINAS — O grego especifica quais elas

44 E os que estavam numa destas máquinas haviam já entrado de golpe na cidade: E levantou-se um grande motim na cidade.

45 E os que estavam na cidade subiram acima dos muros com suas mulheres e filhos, rasgados os seus vestidos, e clamaram a grandes gritos, pedindo a Simão que lhes desse a sua mão direita.

46 E disseram: Não nos trates segundo a nossa muita malícia, mas segundo a tua grande clemência.

47 E ainda que movido Simão de piedade, lhes não fêz sentir o rigor da guerra: Contudo lançou-os fora da cidade, e purificou as casas em que tinham estado os ídolos, e então é que entrou nela bendizendo com hinos ao Senhor.

48 E depois de tiradas da cidade tôdas as imundícies, pôs nela homens que observassem a lei: E fortificou-a, e fêz nela habitação para si.

49 Os que porém estavam na fortaleza de Jerusalém não podiam, tolhidos disso, nem sair dela nem entrar pelo país, nem comprar nada, ou vender: E viram-se reduzidos a uma grande fome, e muitos dêles morreram à míngua.

fóssem, dizendo: *Et fecit helepoles*. Era a *helepole* uma máquina monstruosa de madeira, que, segundo Vitrúvio no livro 10, cap. 22, tinha cento e vinte e cinco pés de alto e sessenta de largo e pesava quatrocentas e sessenta mil libras. Diodoro de Sicília no livro 10, cap. 48, ainda lhe dá maiores dimensões, porque diz que tinha em cada lado quarenta e cinco côvados de altura, e que era dividida em nove andares, que se sustentavam e moviam sobre quatro rodas firmíssimas, cada uma de oito côvados. Da mesma *helepole* se lembra Amiano Marcelino no livro 22, cap. 9, concordando e advertindo todos, que esta espécie de máquinas a inventara Demétrio, rei de Macedônia, que das muitas cidades que tomara por meio da *helepole* teve o sobrenome de *Pollorcertes*, que quer dizer: Expugnador de cidades.

1 Macabeus 13, 50-54; 14, 1-2

50 E gritaram a Simão, pedindo-lhe composição: E êle lha outorgou: E lançou-os fora da fortaleza, e limpou-a de tôdas as contaminações.

51 E entraram depois nela em o dia vinte e três do segundo mês, ano cento e setenta e um, entoando louvores, e levando ramos de palmas na mão, e ao toque de harpas e de tímbores, e de liras, e cantando hinos, e cânticos, por ter sido exterminado de Israel um grande inimigo.

52 E ordenou Simão que todos os anos se celebrassem êstes dias com alegria.

53 Fortificou outrossim o monte do templo, que era perto da fortaleza, e habitou ali êle mesmo, e os que com êle estavam.

54 Ao depois viu Simão que João, seu filho, era um homem de guerra mui valente: E fê-lo general de tôdas as tropas: E João habitou em Gazara.

CAPÍTULO 14

GUERRA DE DEMÉTRIO CONTRA OS PARTOS. E' NELA FEITO PRISIONEIRO. FELICIDADE DO GOVERNO DE SIMÃO. OS ROMANOS E OS LACEDEMÔNIOS RENOVAM COM ELE A SUA ALIANÇA. OS JUDEUS LHE CONFIRMAM POR UM SOLENE ATO A SUPREMA AUTORIDADE.

1 No ano cento e setenta e dois ajuntou o rei Demétrio o seu exército, e foi para a Média, para tirar dali socorros, e fazer guerra a Trifão. (1)

2 Ora Arsaces, rei da Pérsia, e da Média, como ouviu que Demétrio tinha entrado nas suas terras, des-

(1) **E FOI PARA A MÉDIA** — Para a recobrar dos partos, que de pouco tempo se tinham feito senhores daquela e de outras províncias. — De Carrières.

pachou logo um dos seus generais para que o tomasse vivo, e lho levasse. (2)

3 Marchou êle pois, e desbaratou o exército de Demétrio: E o apanhou, e o levou a Arsaces, o qual o fêz meter numa prisão.

4 E todo o país de Judá estêve sossegado por todo o tempo que Simão governou, e procurou fazer bem à sua nação: E o seu poder e a sua glória foram do agrado dos judeus enquanto êle viveu.

5 E além de tôdas as outras ações gloriosas que fêz, tomou a Jope para lhe servir de pôrto, e fêz que ela fôsse uma passagem para as ilhas do mar.

6 E estendeu os limites da sua nação, e se fêz senhor de todo o país.

7 E ajuntou um grande número de prisioneiros, e apoderou-se de Gazara, e de Betsura, e da fortaleza: E tirou dela tôdas as imundícies, e não havia quem lhe resistisse. (3)

8 E cada um cultivava a sua fazenda em paz: E a terra de Judá produzia as suas novidades, e as árvores do campo os seus frutos.

9 Os velhos estavam assentados pelas praças e se entretinham na abundância dos bens da terra, e os moços se enfeitavam com vestidos magníficos, e com hábitos de guerra.

10 E êle distribuía mantimentos às cidades, e as ordenava em forma que ficassem sendo praças de armas,

(2) **ORA ARSACES, REI DA PÉRSIA E DA MÉDIA** — A História profana chama a êste rei Mitridates, a Escritura chama-lhe Arsaces, porque êste era o nome comum dos reis partos, depois que Arsaces I se fêz célebre pelas suas grandes conquistas. Justino, livro 41, cap. 5.

(3) **E DA FORTALEZA** — Entende-se de Jerusalém, como na sua paráfrase declara De Carrières.

1 Macabeus 14, 11-20

de maneira que a nomeada da sua glória se fêz célebre até às extremidades da terra.

11 Ele firmou a paz nos seus estados, e Israel se regozijou com grande alegria.

12 E cada um se punha assentado debaixo da sua parreira, e debaixo da sua figueira: E não havia quem lhes fizesse o menor medo.

13 Não se achou sôbre a terra quem os atacasse: Os reis ficaram abatidos por aquêles dias:

14 E protegeu todos os pobres do seu povo, e zelou a observância da lei, e exterminou todos os iníquos, e todos os maus:

15 Restabeleceu a glória do santuário, e multiplicou os vasos santos.

16 E souou em Roma a notícia de que Jônatas era falecido: E chegou ela até aos lacedemônios: E todos o sentiram em extremo.

17 Mas quando ouviram dizer que Simão, seu irmão, tinha sido feito sumo pontífice em seu lugar, e que êle estava senhor de todo o país, e de tôdas as cidades dêle:

18 Escreveram-lhe em tábuas de metal, para renovarem a amizade, é a aliança que haviam feito com Judas, e com Jônatas seus irmãos.

19 Estas cartas pois foram lidas em Jerusalém diante de todo o povo. E êste é o teor das cartas que mandaram os lacedemônios:

20 OS PRÍNCIPES, e as cidades dos lacedemônios, a Simão, sumo sacerdote, e aos anciãos, e aos sacerdotes, e a todo o povo dos judeus, seus irmãos, saúde. (4)

(4) OS PRÍNCIPES E AS CIDADES DOS LACEDEMONIOS
— O grego tem os magistrados e a cidade dos lacedemônios, porque então não tinham os lacedemônios rei depois que morrera Cleómenes, último de todos. — Calmet.

21 Os embaixadores, que foram enviados ao nosso povo, nos informaram da glória, e da honra, e da alegria, em que vós presentemente vos achais: E nós nos regozijamos com a sua chegada.

22 E o que elles nos disseram nas juntas do povo escrevemos nós nos registros públicos, pelo teor seguinte: Numenio, filho de Antíoco, e Antípatro, filho de Jasão, deputados dos judeus, vieram ter conosco, para renovar a nossa antiga amizade.

23 E pareceu bem ao povo receber a êstes homens honorificamente, e pôr o traslado de suas palavras nos livros reservados do povo, para que ficasse em lembrança aos povos dos lacedemônios. Ora nós mandamos uma cópia de tudo isto a Simão, sumo pontífice.

24 E depois disto enviou Simão a Roma a Numenio com um grande escudo de ouro, que pesava mil minas, a fim de renovar a aliança com elles. E tendo ouvido os do povo romano

25 estas razões, disseram: Que ação de graças renderemos nós a Simão, e a seus filhos?

26 Porque elle restabeleceu seus irmãos, e exterminou no meio de Israel os seus inimigos, e elles lhe deram o privilégio de uma inteira liberdade, e gravaram isto numas tábuas de metal, e o puseram numa inscrição pública sôbre o monte Sião.

27 E isto é o que continha a inscrição: AOS DEZOITO dias do mês de Elul, ano cento e setenta e dois, o terceiro ano sob Simão, sumo sacerdote em Asaramel. (5)

28 Foi feita esta declaração no grande ajuntamento

(5) AOS DEZOITO DIAS DO MÊS DE ELUL — O mês de Elul correspondia ao nosso agosto e setembro, e era o sexto do ano santo e último do ano civil. — Calmet.

1 Macabeus 14, 29-36

dos sacerdotes, e do povo, e dos príncipes da nação, e dos anciãos do país. Todos sabem que no nosso país têm havido frêquentes guerras.

29 E Simão, filho de Matatias, da prosápia de Jarib, e seus irmãos se expuseram ao perigo, e resistiram aos inimigos da sua nação, para sustarem o seu santo templo, e a sua lei: E levaram o seu povo a uma grande glória.

30 E Jônatas congregou os da sua nação, e foi feito sumo sacerdote dêles: E foi-se unir ao seu povo.

31 E os inimigos dos judeus quizeram espezinhar, e destruir o seu país e alçar as mãos contra o seu santo templo.

32 Então lhes resistiu Simão, e pelejou pelo seu povo, e distribuiu muito dinheiro, e armou os mais valentes da sua nação, e lhes deu sôlido:

33 E fortificou as cidades da Judéia e a de Betsura, que era na fronteira da Judéia, onde seus inimigos tinham feito antes sua praça de armas: E pôs nela uma guarnição de judeus.

34 E fortificou a Jope, que estava sôbre a costa do mar: E a Gazara, que está na fronteira de Azot, onde antes habitavam os inimigos, e pôs nelas judeus que as guardassem: E as proveu de tôdas as coisas necessárias para a sua defesa.

35 E viu o povo os feitos de Simão, e o que êle fazia por exaltar a glória da sua nação, e êles o constituíram seu chefe, e príncipe dos sacerdotes, pelo motivo de ter êle obrado tudo isto, e pela justiça e fidelidade, que tinha guardado à sua nação, e por ter procurado por todos os meios exaltar o seu povo.

36 E em seus dias tudo foi próspero nas suas mãos, de maneira que os estrangeiros foram banidos do seu país, e também os que estavam em Jerusalém, na cidade de Davi na fortaleza, da qual faziam as suas sortidas,

e profanavam tudo o que há no contôrno do Santuário, e faziam um grande ultraje a sua santidade:

37 E pôs ali soldados judeus para segurança do país, e da cidade, e levantou os muros de Jerusalém.

38 E o rei Demétrio o confirmou no sumo pontificado.

39 Depois disto lhe deu o título de seu amigo, e o elevou a uma grande glória.

40 Porque ouviu dizer que os romanos tinham chamado aos judeus seus amigos, e aliados, e irmãos, e que tinham recebido os embaixadores de Simão com grande honra:

41 E que os judeus, e os seus sacerdotes tinham consentido que êle fôsse seu chefe, e sumo sacerdote para sempre, até que se levantasse um profeta fiel: (6)

42 E que tivesse sôbre êles autoridade de chefe, e que tomasse sôbre si o cuidado das coisas santas, e que designasse quais haviam de ter a intendência sôbre as obras públicas, e sôbre a província, e sôbre as armas, e sôbre os presídios:

43 Vigiasse outrossim na guarda dos santos lugares: E que a êle obedecessem todos, e em nome dêle fôssem escritos todos os instrumentos públicos do país: E que andasse vestido de púrpura, e ouro:

44 E que a nenhum do povo, nem dos sacerdotes fôsse permitido violar alguma destas coisas, nem contradizer a nada do que êle ordenasse, nem colocar junta alguma na província sem a sua autoridade, nem vestir púrpura, nem usar fivela de ouro:

(6) **E SUMO SACERDOTE PARA SEMPRE** — Com isto restituíram os judeus o sumo pontificado à sua antiga e primitiva ordem, que era succederem por linha reta os filhos aos pais, o que desde o tempo de Onias III tinha deixado de se observar. — Calmet.

1 Macabeus 14, 45-49; 15, 1

45 E o que obrasse contra esta ordenança, ou violasse qualquer parte dela, ficaria réu.

46 Aproveu pois a todo o povo constituir a Simão nesta grande autoridade, e executar todo o conteúdo nesta declaração.

47 E aceitou Simão o govêrno, e consentiu em fazer as funções do sumo pontificado e em ser chefe, e príncipe da nação dos judeus, e dos sacerdotes, e em ter o comando de tôdas as coisas.

48 E acordaram pôr esta declaração em pranchas de metal, e colocá-las na galeria do santuário, em lugar público:

49 E guardar no erário uma cópia de tudo isto, para que tivessem ali êste título Simão, e seus filhos.

CAPÍTULO 15

OFERECIMENTOS VANTAJOSOS DE ANTÍOCO SIDETES A SIMÃO. TRIFÃO DESAMPARADO DAS SUAS TROPAS, E' SITIADO EM DORA. OS ROMANOS ESCRIVEM A FAVOR DOS JUDEUS AOS REIS, E POVOS VIZINHOS. ANTÍOCO SE EMBARAÇA COM SIMÃO. TRIFÃO SE SALVA DE DORA. ANTÍOCO O PERSEGUE DEPOIS DE TER DADO ORDEM A CENDEBEU DE MARCHAR CONTRA OS JUDEUS COM UM PODEROSO EXÉRCITO.

1 Então o rei Antíoco, filho de Demétrio, remeteu das ilhas do mar cartas a Simão, sumo sacerdote, e príncipe do povo dos judeus, e a tôda a sua nação: (1)

(1) **ENTÃO O REI ANTÍOCO, FILHO DE DEMÉTRIO** — Era Antíoco Sidetes filho de Demétrio Soter e irmão de Demétrio Nicátor, que atualmente estava prisioneiro dos partos na côrte do seu rei Fraates, como vimos no cap. 14, versículo 3. As suas medalhas nunca nomeiam Sidetes, mas sempre Evergetes, isto é, benéfico, o que é observação de Vaillant.

REMETEU DAS ILHAS DO MAR — Isto é, de Rhodes, uma

2 E o seu conteúdo era desta maneira: O rei Antíoco a Simão, sumo sacerdote e à nação dos judeus, saúde: (2)

3 Porquanto certos homens pestilenciais invadiram o reino de nossos pais, e eu quero recobrá-lo, e restabelecê-lo no estado em que antes se achava: E levantei um grande exército de gente escolhida e fiz construir naus de guerra.

4 Assim faço tenção de entrar nos meus estados para me vingar daqueles que têm danificado as minhas províncias, e que têm assolado muitas cidades no meu reino.

5 Eu pois te remito agora todos os impostos, que todos os reis meus predecessores te remittiram e te confirmo em tôdas as imunidades que êles te concederam:

6 E eu te dou licença que batas moeda do teu cunho no teu país:

7 E que Jerusalém seja uma cidade santa, e livre: E que tôdas as armas, que mandaste fazer, e tôdas as praças fortes, as quais tu construístes, e tens em teu poder, fiquem para ti.

8 E tôdas as dívidas do rei: E as regalias que o rei devia haver, desde agora e para sempre, te são perdoadas.

9 E quando nós tivermos entrado na posse do nosso reino, e te faremos a ti, e à tua nação, e ao templo, gran-

das ilhas do Arquipélago, como lemos em José, liv. 13, cap. 12, e em Aplan, na história da Síria, pág. 213, da edição de Tollio.

(2) O REI ANTÍOCO A SIMÃO — Intitulou-se Antíoco rei, porque Cleópatra mulher do seu irmão, prisioneiro, a qual assistia em Selúcia com seus filhos, e já antes tinha sido casada com Alexandre Bala, lhe mandou oferecer a Rodes casamento com ela e o exército que tinha à sua ordem, e isto picada de Demétrio Nicator, seu segundo marido, ter celebrado no seu mesmo cativeiro segundas núpcias com Rodegona, irmã do rei Fraates, do que também resultou que restituído Demétrio à Síria, veio por último a morrer violentamente por diligência de Cleópatra.

1 Macabeus 15, 10-21

des honras, de maneira que fique manifesta a vossa glória em tôda a terra.

10 No ano cento e setenta e quatro entrou Antíoco no reino de seus pais, e tôdas as tropas vieram logo oferecer-se a êle, de sorte que poucas ficaram com Trifão.

11 E o rei Antíoco o perseguiu, e êle Trifão veio para Dora, fugindo pela costa do mar.

12 Porque sabia que sôbre êle estavam os males iminentes, e que o exército o desamparara:

13 E Antíoco caiu sôbre Dora com cento e vinte mil homens de guerra, e oito mil cavalos:

14 E pôs cêrco à cidade, e os navios a bloquearam pela parte do mar: E a tinham em apêrto por mar, e por terra, sem deixarem entrar nem sair pessoa alguma.

15 Entretanto chegaram de Roma Numenio, e os que tinham ido com êle, trazendo cartas escritas aos reis, e a diversos povos, nas quais se continha o seguinte:

16 LÚCIO, cônsul dos romanos, ao rei Ptolomeu, saúde.

17 Os embaixadores dos judeus, que são nossos amigos, vieram ter conosco, enviados por Simão, príncipe dos sacerdotes, e pelo povo dos judeus, a fim de renovarem a antiga aliança, e amizade que há entre nós.

18 E êles trouxeram também um escudo de ouro de mil minas.

19 Nós pois resolvemos escrever aos reis e aos povos, que lhes não façam mal nenhum, que não acometam nem a êles, nem as suas cidades, nem as suas províncias: E que não dêem socorro aos que pelejarem contra êles.

20 Ora nós julgamos que devíamos aceitar o escudo que êles nos trouxeram.

21 Se pois alguns homens corrompidos saíram do país dêles para se refugiarem entre vós, remetei-os a

Simão, príncipe dos sacerdotes, para que êle os faça castigar conforme a sua lei.

22 Estas mesmas coisas escreveram ao rei Demétrio, e a Atalo, e a Ariarates, e a Arsaces. (3)

23 E a tôdas as terras: E a Lâmpsaco, e aos lacedemônios, e a Delos, e a Míndo, e a Sicionia, e a Caria, e a Samos, e a Panfília, e a Lícia, e a Halicarnasso, e a Cós, e a Siden, e a Arado, e a Rodas, e a Faselida, e a Gortina, e a Gnido, e a Chipre, e a Cirene. (4)

(3) **ESTAS MESMAS COISAS ESCREVERAM AO REI** — Os romanos depois da segunda guerra Púnica ficaram tão poderosos e começaram a ser tão respeitadas em todo o mundo, que se pode dizer que desde então eram eles os árbitros de todos os reis, e de tôdas as repúblicas, e que nada se fazia de parte na Ásia, África e Europa sem a sua intervenção. Os reis porém aqui nomeados, fora Demétrio, eram Atalo, rei de Pérgamo, por sobrenome Filadelfo, e Ariarates, rei da Capadócia, por sobrenome Filopator e Arsaces, rei dos partos. E o escreveram os romanos a Demétrio, que estava cativo dos partos, porque não reconheciam rei da Síria nem a Trifão nem a Antíoco Sidetes: E é também de saber, que este Demétrio Nicátor, depois de sair do cativeiro, ainda tornou a reinar quatro anos, segundo a Crônica de Eusébio, porque tantos sobreviveu a seu irmão Antíoco Sidetes.

(4) **E A LÂMPSACO** — Cidade célebre de Mísia sobre o Helesponto: A Delos, cidade célebre do mar Egeu. A Míndo, cidade da Caria. A Sicionia, cidade antiquíssima da Acaia. A Caria, província marítima da Ásia Menor. A Samos, ilha perto da costa da mesma Ásia. A Panfília, nome de diversas cidades; esta parece ser a da Cilícia, da parte de cá do Monte Tauro, que dava o nome a uma província também assim chamada. A Lícia, província vizinha da Panfília. A Halicarnasso, cidade de Caria. A Cós, cidade ou ilha famosa do Arquipélago, defronte de Caria. A Siden, cidade de Panfília, em lugar da qual presumem alguns que se deve aqui ler Sidon ou Sidônia, capital da Fenícia. A Arado, ilha perto da costa da Síria. A Rodas, ilha celebradíssima pelo seu Colosso do Sol, e pelo estabelecimento que nela teve por muitos séculos a Ordem Militar, que depois se chamou de Malta. A Faselida, cidade marí-

1 Macabeus 15, 24-32

24 E destas cartas mandaram os romanos uma cópia a Simão, príncipe dos sacerdotes, e ao povo dos judeus.

25 O rei Antíoco, porém, pôs um segundo cerco a Dora, sem nunca levantar mão do seu combate, e aplicando máquinas: E ali teve de tal sorte fechado a Trifão, que não podia sair:

26 Então lhe mandou Simão um socorro de dois mil homens escolhidos, com dinheiro e ouro, e muitos vasos:

27 Mas Antíoco os não quis receber, e rompeu todos os tratados, que tinha feito com êle antes, e se alienou dêle.

28 Depois enviou-lhe a Atenóbio, um dos seus confidentes, para tratar com Simão, dizendo-lhe da sua parte: Vós tendes entre vossas mãos a Joze, e a Gazara, e a fortaleza que está em Jerusalém, que são cidades do meu reino.

29 Tendes assolado os seus têrmos, e fizestes grande destrôço no país, e levantastes-vos com o senhorio de muitos lugares no meu reino.

30 Agora pois dai para cá as cidades que tomastes, e os tributos de diferentes lugares, em que vós dominastes fora das fronteiras da Judéia:

31 E senão, pagai pelas cidades que retendes, quinhentos talentos de prata, e pelos estragos que fizestes, e tributos das cidades, outros quinhentos talentos: De outra sorte, nós iremos, e vos faremos guerra.

32 Veio pois Atenóbio, amigo do rei, a Jerusalém, e viu a glória de Simão, e as suas peças de ouro, e prata que

tima nos confins da Lícia, e da Panfília. A Gortina, capital da ilha de Creta, que hoje dizemos Candia. A Gnido, ilha vizinha de Rodas. A Chipre, ilha célebre, assaz conhecida. A Cirene, província do Egito.

brilhavam, e o seu grande aparato: E ficou maravilhado: Depois lhe referiu as palavras do rei.

33 E Simão lhe respondeu, e lhe disse: Nós não temos usurpado o país de ninguém, nem retemos os bens de outrem: Mas temos somente recuperado a herança de nossos pais, que de certos tempos a esta parte estava injustamente possuída pelos nossos inimigos.

34 Assim que, tendo-nos sido favorável o tempo, nós nos tornamos a meter de posse da herança de nossos pais.

35 Pelo que toça às queixas que nos fazes acêrca de Jope, e de Gazara, êles eram os que causavam muitos males entre o povo, e no nosso país: Entretanto nós estamos prontos a dar por estas cidades cem talentos. E Ate-nóbio não lhe respondeu uma só palavra.

36 Mas êle cheio de ira, tendo voltado para o rei, lhe deu parte destas razões, e da glória de Simão, e de tudo o que tinha visto, do que o rei ficou em grande extremo irritado.

37 Neste comenos fugiu Trifão numa nau para Ortosiada.

38 E o rei Antíoco deu a Cendebeu o comando de tôda a costa marítima, e lhe entregou um exército composto de infantaria, e cavalaria.

39 E ordenou-lhe que fizesse abalar o seu campo contra a fronteira da Judéia: E lhe mandou que reedificasse a Gedor, e tapasse as portas da cidade, e reduzisse o povo à fôrça das suas armas. Entretanto o rei perseguia a Trifão.

40 E Cendebeu chegou a Jamnía, e começou a vexar o povo, e a espezinhar a Judéia, e a fazer um grande número de prisioneiros, e a matar gente, e a reedificar Gedor.

41 E pôs ali cavalaria, e gente de pé: Para que sain-

1 Macabeus 16, 1-6

do fizessem correrias pelas terras da Judéia, em conformidade do que lhe tinha mandado o rei.

CAPÍTULO 16

GUERRA DE CENDEBEU CONTRA OS JUDEUS. ELE É POSTO EM FUGIDA PELO FILHO DE SIMÃO. SIMÃO É MORTO POR PTOLOMEU, SEU GENRO. JOÃO HIRCANO SUCEDE A SIMÃO, SEU PAI.

1 Veio João de Gazara, e contou a Simão, seu pai, tudo o que Cendebeu fizera contra o seu povo.

2 E Simão fez vir a seus dois filhos mais velhos, Judas e João, e lhes disse: Eu, e meus irmãos, e a casa de meu pai temos desbaratado os inimigos de Israel desde a nossa mocidade até o dia de hoje: E neste nosso manejo temos tido a ventura de livrar a Israel, por várias vêzes.

3 Agora porém já estou velho, mas tomai vós o meu lugar, e sede como meus irmãos, e ide pelejar pelo nosso povo: E seja convosco o socorro do céu.

4 Depois disto escolheu de todo o país vinte mil homens de guerra, e soldados de cavalo; e os dois marcharam contra Cendebeu: E pernoitaram em Modin.

5 E levantaram-se ao romper da manhã, e marcharam para o campo: E eis-que vinha em demanda dêles um grosso exército de infantaria, e cavalaria, e em meio dêles havia uma impetuosa torrente.

6 E abalou êle com a sua gente para os atacar, e como viu que as suas tropas estavam receosas de passar a torrente, por essa causa a passou êle primeiro: e quando os outros o viram fazer esta ação, logo passaram atrás dêle.

7 E dividiu a sua gente em dois corpos, e pôs no meio da infantaria a cavalaria: Porque a cavalaria dos inimigos era muito numerosa.

8 E assim que fizeram soar as sagradas trombetas, logo Cendebeu fugiu para as suas tropas: E caíram mortos das feridas muitos dêles: E o resto se recolheu precipitadamente à fortaleza.

9 Nesta ocasião foi ferido Judas, irmão de João: E João perseguiu os inimigos até chegar a Cedron, que Cendebeu tinha reedificado: (1)

10 E muitos fugiram para as tôrres que havia na campina de Azot, e João as fêz queimar. E morreram dêles dois mil homens, e João voltou em paz para a Judéia:

11 E Ptolomeu, filho de Abóbo, tinha sido feito governador da campina de Jericó, e tinha muita prata, e muito ouro: (2)

12 Porque era genro do sumo sacerdote.

13 E o seu coração se elevou de soberba, e queria fazer-se senhor do país, e andava maquinando alguma aleivosia contra Simão, e seus filhos para os matar.

14 Simão porém, correndo as cidades, que havia no país da Judéia, e tratando cuidadosamente de as pôr em ordem, baixou a Jericó êle, e Matatias, seu filho, e Judas, ano cento e setenta e sete, no undécimo mês: Que é o mês Sabat. (3)

(1) **ATÉ CHEGAR A CEDRON** — Pelo que se disse no cap. 15, versículo 39, parece que em lugar de Cedron se deva ler aqui Gedor.

(2) **PTOLOMEU** — Só nos é conhecido pela narração deste capítulo. O seu nome de origem grega acusa as tendências helenizantes da sua família.

(3) **QUE É O MÊS SABAT** — Era o mês undécimo do ano santo, e correspondia a janeiro e fevereiro.

1 Macabeus 16, 15-22

15 E o filho de Abóbo os recebeu com má tenção num pequeno forte, que tinha edificado, o qual se chamava Doc: e mandou-lhe fazer um grande banquete, e escondeu ali homens. (4)

16 Quando pois Simão, e seus filhos tinham bebido bem, levantou-se Ptolomeu com a sua gente, e tomaram as suas armas, e entraram na sala do banquete, e mataram a Simão, e a seus dois filhos, e alguns dos seus criados:

17 Dêste modo executou Ptolomeu em Israel uma grande perfídia, e tornou mal por bem.

18 E escreveu Ptolomeu isto ao rei, e lhe mandou pedir que lhe enviasse um exército em seu socorro, e êle lhe entregaria o país e cidades dêles, e os tributos.

19 Ao mesmo tempo mandou outros a Gazara para matarem a João: E enviou cartas aos tribunos para que viessem unir-se com êle, prometendo que lhes daria ouro, e prata, e presentes.

20 E mandou outros a fazerem-se senhores de Jerusalém, e do monte do templo.

21 Mas prevenindo-os certo homem, foi avisar a João em Gazara, que seu pai, e seus irmãos tinham sido mortos, e que Ptolomeu tinha também enviado gente para o matarem a êle.

22 Êle porém assim que ouviu isto, ficou espavorido em extremo: E fêz apanhar os que vinham matá-lo,

(4) O QUAL SE CHAMAVA DOC — Em siríaco Doc quer dizer Atalala. Grócio, Calmet e Josefó, chamam-lhe Dagon, perto de Jericó.

e mandou-lhes tirar a vida: Porque conheceu que,êles vinham com tenção de o matar.

23 O resto porém da vida de João, e das suas guerras, e das gloriosas facções, em que valorosamente se portou, e da reedificação dos muros, que construiu, e das ações que obrou:

24 Eis-aí que tudo isto está escrito no livro dos annals do seu pontificado, começando desde o tempo em que êle foi constituído príncipe dos sacerdotes em lugar de seu pai.

MACABEUS

LIVRO II

INTRODUÇÃO

Autor. — Não se pode afirmar com segurança quem tenha sido o autor dêste livro. Uns atribuíram-no a Filon, outros a Josefo, alguns a um certo Judas essênio, mas tôdas estas opiniões não passam de conjecturas sem fundamento sério. O que se pode afirmar é que o autor dêste segundo livro dos Macabeus não é o do primeiro. Parece ter sido um judeu helenista que tinha vivido em Jerusalém.

Ignora-se a data, embora se saiba que não é anterior ao ano 124 A. C. nem posterior ao 63 A. C. época da tomada de Jerusalém por Pompeu. Pode talvez assinar-se a do tempo de João Hircano, falecido em 107 A. C. aproximadamente.

Objeto. — Êste segundo livro dos Macabeus não é a seqüência do anterior, é um novo livro completo e independente ainda que referindo os mesmos acontecimentos cuja narração completa.

Língua original. — Foi escrito em grego, conforme atesta S. Jerônimo. À parte alguns hebraísmos, o estilo é puro e semelhante aos escritores profanos do último

século anterior a Jesus Cristo. A frase é elegante e opulenta em locuções genuinamente gregas. O texto original dêste livro está no *Codex Alexandrinus*, conquanto falte no *Codex Vaticanus* e no *Sinaiticus*. A tradução latina da versão Ítala, conservada na Vulgata, reproduz rigorosamente o grego, outrotanto não sucede à siríaca, que se encontra no tomo IV do Poliglota de Walton, que freqüentes vêzes degenera em paráfrase.

Análise e divisão. — O segundo livro dos Macabeus divide-se em duas partes distintas.

A primeira, cc. 1-2, 19, é uma mera compilação de documentos, contém duas cartas, dirigidas: 1.^a pelos habitantes de Jerusalém aos judeus do Egito, convidando-os para a festa dos Tabernáculos, 1, 1-10; 2.^o pelo sanedrim e por Judas Macabeu a Aristóbulo, preceptor de Ptolomeu VI, e aos judeus do Egito para lhes anunciar a morte de Antíoco III, o grande, e alguns outros acontecimentos importantes.

A segunda é propriamente histórica. Depois de um prefácio, 2, 20-33, em que indica que vai fazer resumo de cinco livros de Jasão de Cirene, o autor conta em duas seções: 1.^a Os acontecimentos da história judaica que tiveram lugar no reinado de Antíoco Epífanes e em particular as suas perseguições, 3; 10, 9; 2.^a os fatos que se relacionam com o govêrno de Antíoco Eupator 10, 10-15, cada uma das duas versões termina pela notícia da instituição de uma festa, 10, 6; 15, 36. 37. Êste livro abrange um período de quinze anos, de 175 a 161 A. C. isto é, o do último ano ou pouco mais ou menos de Seleuco IV, falecido em 175, à morte de Nicanor em 161.

MACABEUS

LIVRO II

CAPÍTULO 1

CARTA DOS JUDEUS DA JUDEIA AOS DO EGITO, RECOMENDANDO-LHES QUE CELEBREM A FESTA DA NOVA DEDICAÇÃO DO TEMPLO. OUTRA CARTA, EM QUE OS JUDEUS DA JUDEIA EXORTAM OS DO EGITO A CELEBRAREM A FESTA DA PURIFICAÇÃO DO TEMPLO, E A DE SE TER RECOBRADO O FOGO SAGRADO.

1 AOS IRMÃOS judeus, que estão espalhados pelo Egito, os judeus seus irmãos, que estão em Jerusalém, e que vivem no país da Judéia, lhes desejam saúde e boa paz.

2 Deus vos encha de bens, e se lembre da sua aliança que fêz com Abraão, e Isaac, e Jacó, seus fiéis servos:

3 E êle vos dê a todos um mesmo coração para que vós o adoreis, e façais a sua vontade com um coração grande, e um ânimo fervoroso.

4 Êle abra o vosso coração para a sua lei, e para os seus preceitos, e êle vos dê a paz.

5 Êle escute as vossas orações, e se reconcilie convosco, e vos não desampare no tempo mau.

2 Macabeus 1, 6-11

6 Pelo que nos diz respeito, nós aqui estamos agora ocupados em orar por vós.

7 Sob o reinado de Demétrio, ano cento e sessenta e nove, nós outros judeus vos escrevemos na aflição, e violência dos males, que nos tinham sobrevindo êstes anos, desde que Jasão se retirou da Terra Santa, e do reino. (1)

8 Êles queimaram a porta e derramaram o sangue inocente: E nós fizemos oração ao Senhor, e fomos ouvidos, e oferecemos o sacrifício e a flor da farinha, e acendemos as lâmpadas, e pusemos os pães.

9 Celebrai pois agora a festa dos tabernáculos do mês de Casleu.

10 Ano cento e oitenta e oito, o povo, que está em Jerusalém, e na Judéia, e o senado e Judas, a Aristóbulo, mestre do rei Ptolomeu, que é da linhagem dos sacerdotes ungidos, e aos judeus que vivem no Egito, saúde e prosperidade. (2)

11 Livrados por Deus de grandes perigos, nós lhe rendemos grandiosas ações de graças, pela fortaleza que nos deu para pelejarmos contra um tal rei. (3)

(1) **SOB O REINADO DE DEMÉTRIO** — Demétrio Picator, a quem sucedeu seu irmão Antíoco Sídetes, filhos ambos de Demétrio Soter.

ANO CENTO E SESSENTA E NOVE — Do reino dos gregos, cento e cinqüenta e dois A. C.

(2) **ANO CENTO E OITENTA E OITO** — E' o ano cento e vinte e três antes de J. C. Glaire, *La Sainte Bible*.

(3) **CONTRA UM TAL REI** — Antíoco Sídetes, segundo a maior parte dos intérpretes, ou Antíoco Epífanês segundo outros, ou antes Antíoco III, o Grande (222-187), que depois da narração dos autores profanos, morreu massacrado pelos habitantes numa cidade persa, da qual queria saquear o templo. Os romanos, depois de o terem batido em Magnera, impuseram-lhe um violento tributo que jamais poderia pagar.

12 Porque êle foi o que fêz sair da Pérsia aquela multidão de gentes, que pelejaram contra nós, e contra a cidade santa. (4)

13 Porquanto, achando-se na Pérsia o mesmo chefe, e com êle um exército imenso, pereceu no templo de Nanéia, enganado pelo fraudulento conselho dos sacerdotes da referida Nanéia. (5)

14 Porque veio Antíoco em companhia de seus amigos ao seu templo, como para se desposar com ela, e para receber grandes somas de dinheiro a título de dote.

15 E como os sacerdotes de Nanéia lhe tivessem mostrado as tais somas, e êle houvesse entrado com uns poucos dentro do âmbito do templo fecharam logo o templo.

16 Assim que entrou Antíoco: E depois de terem aberto uma oculta entrada do templo, arrojando pedras feriram o chefe, e os que com êle estavam, os esquartejaram, e cortadas as cabeças os deitaram fora.

17 Em tudo e por tudo seja Deus bendito, que assim entregou os ímpios.

18 Devendo nós pois celebrar no dia vinte e cinco do mês de Casleu a purificação do templo, julgamos que era necessário avisar-vos disso: Para que vós também celebreis tanto a festa dos Tabernáculos, como a festa do fogo que nos foi dado quando Neemias, depois de ter edificado o templo e o altar, ofereceu nêle os sacrifícios.

19 Porque quando nossos pais foram levados cativos para a Pérsia, os sacerdotes, que então eram tementes a Deus, tirando o fogo que estava sobre o altar, o

(4) **O QUE FEZ SAIR DA PÉRSIA** — O grego da Edição Romana e o do manuscrito da Alexandria, não nomeiam aqui Pérsia.

(5) **PERECEU NO TEMPLO DE NANÉIA** — Já no primeiro livro advertimos que esta Nanéia, segundo uns, era Diana, segundo outros, Vênus.

2 Macabeus 1, 20-25

esconderam secretamente num vale, onde havia um poço alto, e sêco, e o guardaram ali, de sorte que a todos ficasse incógnito o lugar. (6)

20 Tendo-se passado pois muitos anos, foi Deus então servido que Neemias fôsse enviado à Judéia pelo rei da Pérsia: Mandou êle que os netos daqueles sacerdotes, que tinham escondido o fogo, o fôsem buscar: E não acharam fogo, como êles mesmos no-lo disseram, mas uma água crassa.

21 Então mandou o sacerdote Neemias que tirassem êles desta água, e lha trouxessem: Ordenou-lhes que com a mesma água se fizessem aspersões sôbre os sacrifícios, que estavam postos em cima, e sôbre a lenha, e sôbre o que se achava pôsto em cima. (7)

22 E logo que se isto fêz, e veio o tempo em que raiou o sol, que havia estado antes nublado, se acendeu um grande fogo, de maneira que todos ficaram maravilhados.

23 Entretanto todos os sacerdotes estavam fazendo oração, enquanto o sacrifício se consumava, principiando Jônatas, e respondendo os outros.

24 E a oração que fazia Neemias, era desta maneira: SENHOR Deus, Criador de tôdas as coisas, terrível, e forte, justo, e misericordioso, que és o só bom rei.

25 O só excelente, o só justo, e todo-poderoso, e eterno, que livras a Israel de todo o mal, que escolheste a nossos pais, e os santificaste:

(6) **PARA A PÉRSIA** — Isto é, para a Caldéia, ou terra de Babilônia, que agora é do reino da Pérsia.

(7) **ENTÃO MANDOU O SACERDOTE NEEMIAS** — O grego não dá aqui a Neemias a qualidade de sacerdote, mas diz: Então mandou Neemias aos sacerdotes que tirassem desta água, e lha trouxessem.

26 Recebe êste sacrifício por todo o teu povo de Israel, e guarda a tua herança, e santifica-a.

27 Congrega a todos os nossos irmãos dispersos, livra os que estão debaixo da escravidão dos gentios, e olha favoravelmente para os que estão feitos um objeto de desprezo, e de abominação: Para que as nações conheçam que tu és nosso Deus.

28 Aflige os que nos oprimem, e os que nos ultrajam com soberba.

29 Estabelece o teu povo no teu santo lugar, como o disse Moisés.

30 Entretanto os sacerdotes cantavam hinos, até que o sacrifício fôsse acabado.

31 E acabado que foi o sacrifício, ordenou Neemias que com o que restava daquela água fôssem borrifadas as pedras maiores.

32 O que depois de feito, se acendeu delas uma grande chama: Porém ela foi consumida pelo lume, que resplandeceu do altar.

33 E tanto que êste sucesso se fêz público, contaram ao rei dos persas, como no lugar, onde os sacerdotes, que tinham sido levados cativos, haviam escondido o fogo, se tinha achado uma água, com a qual Neemias, e os que estavam com êle, tinham purificado os sacrifícios.

34 E considerando nisto o rei, e examinando com diligência o caso, fêz ali um templo, para memória do que tinha acontecido.

35 E tendo-se assegurado dêste prodígio, deu aos sacerdotes muitos bens, e lhes fêz muitos e diversos presentes, que êle lhes distribuía por sua própria mão.

36 E Neemias chamou a êste lugar Neftar, que quer dizer, Purificação. Mas há muitos que o chamam Nefi. (8)

(8) NEFI — E' provavelmente uma corrupção de Neftar,

CAPÍTULO 2

CONTINUAÇÃO DA CARTA PRECEDENTE, ONDE SE ACHAM VÁRIAS PARTICULARIDADES SUCEDIDAS AO TEMPO DA TRANSMIGRAÇÃO DOS JUDEUS PARA BABILONIA. PREFAÇÃO EM QUE O AUTOR DÊSTE LIVRO EXPÕE O SEU DESIGNIO.

1 Ora nas relações do profeta Jeremias se acha escrito que êle aos que iam da Judéia para um país estrangeiro, lhes mandou que tomassem o fogo: Como já ficou indicado, e como êle o prescreveu aos que eram levados cativos. (1)

2 E o mesmo profeta lhes deu a lei, para que êles se não esquecessem dos preceitos do Senhor, nem se extraviassem nos seus espíritos vendo os ídolos de ouro, e de prata, e os seus adornos.

3 E dando-lhes outros avisos semelhantes a êstes os exortava a que não apartassem do seu coração a lei.

4 Continha-se outrossim no mesmo escrito, como êste profeta por ordem particular que tinha recebido de Deus, mandou que levassem com êle o tabernáculo, e a arca, até que chegasse ao monte, a que Moisés tinha subido, e do qual êle viu a herança de Deus.

5 E tendo ali chegado Jeremias, achou naquele lugar uma caverna: E meteu nela o tabernáculo, e a arca, e o altar dos perfumes, e tapou-lhe a entrada.

6 Alguns porém dos que o seguiam, se chegaram juntos para notarem êste lugar: E não puderam achá-lo.

que por sua vez parece ser Necfar, derivado do verbo hebraico *nafar*, de onde a forma *nicafer* e que se lê no Dt 21, 8, por *nite-cafer*.

(1) **ORA NAS RELAÇÕES DO PROFETA JEREMIAS** — Estas relações existiam sem dúvida entre os judeus quando êles escreviam esta segunda carta, mas já hoje não existem.

7 E quando isto soube Jeremias, repreendendo-os, disse: Sabei que êste lugar ficará incógnito, até que Deus reuna a congregação do povo, e se lhe mostre propício:

8 E então descobrirá o Senhor estas coisas e aparecerá a majestade do Senhor, e ver-se-á uma nuvem, como também se manifestava a Moisés, e assim como apareceu a Salomão quando pediu que o templo fôsse santificado pelo grande Deus. (2)

9 Porque então fazia êle resplandecer magnificamente a sua sabedoria: E êle ofereceu o sacrifício da dedicação, e da consumação do templo, como quem estava cheio de sabedoria. (3)

10 E assim como Moisés orava ao Senhor, e desceu fogo do céu e consumiu o holocausto, por semelhante modo também orou Salomão, e desceu fogo do céu, que consumiu o holocausto.

11 E Moisés disse pelo motivo de que se não comeu a hóstia que era oferecida pelo pecado, foi ela consumida. (4)

12 Também Salomão da mesma sorte celebrou por oito dias a dedicação.

13 E estas mesmas coisas se achavam nos escritos, e memórias de Neemias: E êle as descreveu como quem, formando uma biblioteca, ajuntara de diversos países livros, assim os dos profetas, como os de Davi, e as cartas dos reis, e o que tocava aos seus dons.

(2) SALOMÃO — Cfr. 3 Rs 8, 11; 2 Par 6, 14.

(3) CONSUMAÇÃO DO TEMPLO — O templo não foi por assim dizer concluído senão quando foi dedicado, porque só então Deus foi devidamente adorado.

(4) E MOISÉS DISSE — Alude-se ao caso que se refere no Lev 10, 16 s. Mas alude-se por um modo tão escuro, que com razão suspeitam alguns intérpretes ter êste lugar padecido alguma alteração das mãos dos copistas.

2 Macabeus 2, 14-23

14 E do mesmo modo também Judas Macabeu recolheu tudo o que se havia perdido durante a guerra, que nos sobreviera, e esta coleção nós a temos nas nossas mãos.

15 Se vós pois desejais êstes escritos, mandai pessoas que vo-os possam levar.

16 Nós pois vos escrevemos, estando a ponto de celebrar a purificação: E vós fareis bem se celebrardes esta festa. (5)

17 Porque Deus, que livrou o seu povo, e que restituiu a todos a herança, e o reino, e o sacerdócio, e o lugar santo,

18 conforme o tinha prometido na lei, esperamos que cedo nos fará misericórdia, e nos tornará a ajuntar de todos os países, que estão debaixo do céu, no seu santo lugar.

19 Pois que êle nos livrou de grandes perigos, e purificou o seu templo.

20 Nós pois temo-nos proposto escrever o que toca a Judas Macabeu, e a seus irmãos, e sôbre a purificação do grande templo, e a respeito da dedicação do altar:

21 E também acêrca das batalhas que se deram sob Antíoco, ilustre, e sob seu filho Eupator:

22 E sôbre as manifestas aparições que tiveram do céu aquêles que pelejaram pelos judeus com tanto valor, que sendo poucos, se fizeram senhores de todo o país: E puseram em fugida um grande número de bárbaros.

23 E recobramos o mais famoso templo que há em todo o mundo, e livramos a cidade da escravidão, restituíram ao seu vigor as leis, que tinham sido abolidas, tendo-se-lhes o Senhor mostrado propício com evidentes provas da sua bondade:

(5) **A PURIFICAÇÃO** — E' a festa de que se fala no 1, 18.

24 E além disto o que Jasão de Cirene compreendeu em cinco livros, procuramos nós epitomar num só volume. (6)

25 Porquanto considerando a multidão de livros, e a dificuldade que encontram os que querem aplicar-se às narrações das histórias por causa da multidão dos sucessos,

26 procuramos em benefício dos que desejarem com efeito ler esta nossa, que ela lhes servisse de recreação do espírito: E para comodidade dos estudiosos, que êles a pudessem entregar mais fàcilmente à memória, e pudesse geralmente ser útil a todos os que a folhearem.

27 Mas na verdade pelo que diz respeito a nós, que nos encarregamos de fazer o resumo desta obra, não é ligeiro trabalho que temos tomado, antes porém uma empresa cheia de vigílias, e de suor.

28 Como aquêles que dispõem um banquete, e procuram lisonjear o gôsto dos outros, assim nós, pelo proveito que daqui muitos podem tirar, levamos de boa vontade esta fadiga.

29 E deixando correr a afirmação da verdade de cada um dos fatos por conta dos autores que os referem, nós com isso tomamos à nossa o resumi-los segundo foi nossa tenção.

30 Porque assim como um arquiteto, que emprende edificar uma casa nova, deve pôr o cuidado em regular tôda a sua fábrica: E o que trata de a pintar, há de inquirir o que é acomodado para o seu ornato: Da mesma sorte se deve julgar também de nós.

(6) **JASÃO DE CIRENE** — Era um judeu da provincia de Cirene, que vizinhava com o Egito, cuja individualidade nos é desconhecida. O que se pode concluir é que sendo oriundo de Cirene, cidade da África, onde eram numerosos os judeus helenistas, este devia ter escrito em grego.

31 Porquanto quem compõe uma história, deve recolher diferentes espécies de que ela se teça, e distribuir cada uma delas por sua ordem, e examinar com individuação cada uma de suas partes:

32 Mas a quem faz um resumo, se deve permitir que siga a brevidade no que escreve, e fuja dilatar-se em longos discursos.

33 Nós pois começaremos daqui a nossa narração: Para prefção baste só o que temos dito: Porque seria uma loucura sermos difusos na prefção da história, e sucintos no corpo dela.

CAPÍTULO 3

FELICIDADE DOS JUDEUS NO PONTIFICADO DE ONIAS III. SIMÃO TESOUREIRO DO TEMPLO DA PARTE A SELEUCO, REI DA SÍRIA, DOS GRANDES TESOUROS QUE HAVIA NO TEMPLO. HELIODORO É LÁ MANDADO A TIRÁ-LOS. DEUS O CASTIGA POR MÃO DOS ANJOS.

1 Gozando pois a cidade santa de uma perfeita paz, e guardando-se ainda exatissimamente as leis, por causa da piedade do pontífice Onias, e do ódio que êle tinha no coração contra todo o mal, (1)

2 nascia daqui, que também os mesmos reis, e príncipes reputavam o santo lugar por digno de suma veneração, e enriqueciam o templo com grandíssimos donativos:

(1) **ONIAS** — Conhecem-se quatro sumo-sacerdotes d'êste nome. Onias I, filho de Juda, contemporâneo de Alexandre Magno, de Ptolomeu I e de Seleuco I Nicátor, 323-300, A. C. Onias II, filho de Simão II, pontífice no tempo de Seleuco IV, Filopator, 187-175. Onias III, no reinado de Antíoco IV, Epífanes, 175-164, e seu filho Onias IV. Aqui trata-se de Onias III, que foi forçado a abandonar o mesmo sacerdócio a seu irmão Jasão.

3 De sorte que Seleuco, rei da Ásia, subministrava das suas rendas tôda a despesa que pertencia ao ministério dos sacrifícios. (2)

4 Porém Simão da tribo de Benjamim, que estava constituído prepósito do templo, trabalhava por fazer alguma má obra na cidade, não obstante a resistência que achava no príncipe dos sacerdotes.

5 E vendo que não podia vencer a Onias, foi ter com Apolônio, filho de Tarséias, que naquele tempo era governador da Celesíria e da Fenícia. (3)

6 E declarou-lhe que o erário de Jerusalém estava cheio de infinitas somas de dinheiro, e que nêle se achavam imensas riquezas do comum, que não pertenciam ao ramo dos sacrifícios: E que se poderia descobrir meio para que todo êste cabedal viesse a cair em poder do rei.

7 E tendo Apolônio avisado o rei desta grande somma de dinheiro, que lhe tinha sido delatado, o rei tendo feito chamar a Heliodoro, que era seu primeiro ministro, o enviou com ordem de fazer transportar o sobre-dito dinheiro. (4)

(2) **SELEUCO, REI DA ÁSIA** — Era Seleuco Filopator filho de Antíoco o Grande, 187-175, e irmão mais velho de Antíoco Epífanes.

(3) **APOLONIO** — E' provavelmente o Apolônio de que fala Políbio como de um homem que tinha grande preponderância na côrte de Seleuco, e que tinha um filho do mesmo nome, governador da Celesíria. 1 Mac 10, 69.

(4) **QUE ERA SEU PRIMEIRO MINISTRO** — Assim com a Vulgata, a lição romana e o siríaco: Qui erat super negotia. Mas o grego vulgar diz: Super pecuniis ejus. Intendente geral do erário. Foram encontradas em 1877 e 1879, na ilha de Delos, duas inscrições gregas que se referem a Heliodoro, e que nos dizem que o pai se chamava ésquilo, e que era originário de Antióquia. Uma dá-lhe o mesmo título que o autor dos Macabeus lhe confere. Heliodoro assassinou posteriormente Seleuco IV Filopator.

8 E pôs-se logo Heliodoro a caminho, e isto com o pretexto de quem tinha de visitar as cidades da Celestíria e da Fenícia, mas na realidade levando em propósito executar a intenção do rei.

9 E chegou que foi a Jerusalém, e recebido na cidade com grande benignidade pelo sumo sacerdote, declarou-lhe Heliodoro o aviso que se tinha dado ao rei sobre este dinheiro: E manifestou-lhe que esta era a verdadeira causa da sua vinda: Perguntou-lhe, se era verdade o que se tinha dito.

10 Então lhe representou o sumo sacerdote, que este dinheiro estava em depósito, e que era subsistência de viúvas, e de órfãos:

11 E que no monte deste dinheiro, que o ímpio Simão tinha denunciado, havia uma parte que pertencia a Hircano Tobias, varão muito eminente: E que toda esta soma vinha a consistir em quatrocentos talentos de prata, e duzentos de ouro: (5)

12 E que era uma coisa absolutamente impossível, enganar aos que tinham segurado o seu dinheiro metendo-o em depósito num lugar, e num templo, que por todo o mundo era honrado pela veneração que infundia, e santidade que respirava.

13 Mas Heliodoro, em cumprimento das ordens que recebera do rei, insistia que em todo o caso devia aquêl dinheiro ser levado ao rei.

14 O dia pois que tinha assinado para isso, entrou êle no templo, para haver de ordenar a entrega deste di-

(5) **HIRCANO TOBIAS** — Ou filho de Tobias, é, segundo uns, um filho de Tobias e do irmão do sumo sacerdote Onias; segundo outros, é um neto de Tobias, cujo pai se chamava José, e que é o mesmo a quem se refere Josefo, que no-lo apresenta desempenhando um papel político importante.

nheiro. Entretanto não havia pequeno sobressalto por toda a cidade.

15 Os sacerdotes porém se prostraram diante do altar com as suas vestes sacerdotais, e invocavam aquêle que está do céu dominando tudo, que fêz uma lei sobre os depósitos, rogando-lhe que os guardasse salvos para aquêles que os tinham depositado.

16 Já quanto aos que olhavam para o semblante do sumo sacerdote, ficavam com o coração traspassado: Porque a mudança do seu parecer, e da sua côr, mostrava bem a pena interior da sua alma:

17 Porque uma certa tristeza difundida por todo êle e o horror de que o seu corpo parecia tomado, era o sinal por que se fazia manifesta, aos que o viam, a dor do seu coração.

18 Outros também corriam em bandos de suas casas, conjurando a Deus com públicas preces, que não permitisse que um lugar tão santo houvesse de ser exposto ao desprêzo.

19 E as mulheres cingidas pelo peito com cilícios, iam em ranchos pelas ruas: E até as donzelas, que antes se conservavam clausuradas, corriam umas para Onias, e outras para os muros, e algumas olhavam pelas janelas:

20 Tôdas, porém, levantando as mãos para o céu, dirigiam a Deus as suas rogativas:

21 E era na verdade um espetáculo digno de compaixão, ver toda esta confusa multidão de povo, e o sumo sacerdote reduzido a uma tal angústia.

22 E êstes sinceramente invocavam a Deus todo-poderoso, para que êle conservasse inviolável o depósito daqueles que lho tinham confiado.

23 Mas Heliodoro levava ao fim o que tinha determinado, achando-se no mesmo lugar presente êle com os seus guardas junto à porta do erário.

2 Macabeus 3, 24-31

24 Mas o espírito de Deus todo-poderoso se deu então a conhecer em sinais bem sensíveis, de sorte que todos os que tinham ousado obedecer a Heliodoro, lançados a terra pelo poder de Deus, chegaram a ficar num total desfalecimento, e em grande terror.

25 Porque lhes apareceu um cavalo, sôbre que estava montado um homem terrível, ajaezado com os melhores arreios: O qual, investindo com ímpeto a Heliodoro, lhe deu muitas patadas com os dois pés de diante: E o que vinha montado sôbre êle, parecia ter armas de ouro.

26 Ao mesmo tempo se viram outros dois mancebos, de varonil formosura, cheios de majestade, e ricamente ataviados: Os quais rodearam a Heliodoro, e o açoitavam nas costas cada um da sua banda, descarregando sôbre êle muitos golpes sem cessar.

27 Caiu pois Heliodoro de repente por terra, e envolvido todo êle numa grande escuridade o arrebatarem e pôsto numa cadeira de mãos o lançaram dali para fora.

28 Assim o que tinha entrado no já mencionado erário com tanta comitiva de guardas e de arqueiros, era levado sem ninguém o poder socorrer, no que se tinha deixado ver manifestamente o poder de Deus:

29 E êle na verdade por um efeito dêste divino poder jazia emudecido, e sem esperança alguma de vida.

30 Mas os outros bendiziam o Senhor, por engrandecer o seu santo lugar: E o templo que pouco antes estava cheio de trepidação, e de tumulto, logo que o Senhor manifestou a sua onipotência, se encheu de gôsto, e de alegria.

31 Então, porém, alguns dos amigos de Heliodoro foram a tôda a pressa suplicar a Onias, que quisesse invocar o Altíssimo, para que êle desse vida ao que estava reduzido a dar o último bocejo.

32 Então o sumo sacerdote considerando que o rei poderia talvez suspeitar alguma trama urdida pelos judeus contra Heliodoro ofereceu uma hóstia saudável pela vida daquele homem.

33 E quando o sumo sacerdote fazia a sua oração, os mesmos dois mancebos vestidos dos mesmos trajos, apresentando-se a Heliodoro, lhe disseram: Dá as graças ao sacerdote Onias: Porque o Senhor te deu a vida por seu respeito.

34 Tu pois que assim foste açoitado por Deus, anuncia a todos as maravilhas de Deus, e o seu poder. E ditas estas palavras desapareceram.

35 E Heliodoro depois de ter oferecido uma hóstia a Deus, e feito grandes promessas ao que lhe tinha concedido a vida, e dando graças a Onias, tornando a ir ajuntar-se com as suas tropas, voltou para o rei.

36 E a todos testificava Heliodoro as obras do grande Deus, que êle vira com os seus olhos.

37 E tendo perguntado o rei a Heliodoro quem lhe parecia apto para ser ainda mandado outra vez a Jerusalém, respondeu:

38 Se tu tens algum inimigo; ou algum que tenha maquinado contra o teu reino, manda-o lá, e tu o receberás tornado a vir açoitado, se é que escapar: Porque verdadeiramente naquele templo há uma virtude divina.

39 Porque aquêle mesmo que tem a sua habitação nos Céus, êsse mesmo é visitador, e protetor daquele lugar, e êle fere, e mata aos que lá chegam para fazer algum mal.

40 Isto é pois o que se passou a respeito de Heliodoro, e da conservação do erário.

CAPÍTULO 4

CALÓNIAS DE SIMÃO. JASÃO ALCANÇA POR DINHEIRO O SUMO PONTIFICADO. COMETE TODA A CASTA DE IMPIEDADE. ANTÍOCO É RECEBIDO EM JERUSALÉM. MENELAU SUPLANTA A JASÃO. E' ACUSADO DIANTE DE ANTÍOCO E DEIXA EM SEU LUGAR A LISÍMACO. ONIAS REPRESENTA A MENELAU, E É MORTO POR ANDRÔNICO. ANTÍOCO VINGA A MORTE DE ONIAS. LISÍMACO É MORTO PELO POVO. MENELAU RIME A SUA VIDA POR UMA SOMA DE DINHEIRO.

1 Mas Simão, que, como se disse acima, tinha denunciado o dinheiro, e se havia declarado contra a sua pátria, dizia mal de Onias como se ele fôsse o que tinha instigado Heliodoro a fazer o que fizera, e tivesse ele sido a causa impulsiva de todos êstes males:

2 E atreveu-se a fazer passar por um traidor do reino o protetor da cidade, e o defensor da sua nação, e o zelosíssimo observador da lei de Deus.

3 Mas como esta inimizade passava a tal extremo, que até por alguns amigos de Simão se cometiam homicídios:

4 Considerando Onias o perigo desta dissensão, e que Apolônio, como governador que era da Celesíria, e da Fenícia, aumentava o seu furor, para animar a malícia de Simão, foi ter com o rei.

5 Não como acusador dos seus compatriotas, mas atendendo no seu coração à comum utilidade de todo o seu povo.

6 Porque via que sem uma providência do rei não era possível pôr as coisas em paz, nem que Simão cessasse da sua loucura.

7 Mas depois da morte de Seleuco, como tivesse recebido o reino, Antíoco, que se chamava o Ilustre, pro-

curava Jasão, irmão de Onias, usurpar-lhe o sumo sacerdócio: (1)

8 Tendo ido com êste fim buscar o rei, prometendo-lhe trezentos e sessenta talentos de prata, e oitenta talentos de outras rendas.

9 Sôbre isto lhe prometia ainda mais outros cento e cinqüenta talentos, se se lhe desse faculdade de instituir uma academia, e uma aula, e de fazer os habitantes de Jerusalém cidadãos de Antióquia. (2)

10 Tendo o rei anuído a esta sua petição, e êle mesmo alcançado já o principado, logo começou a trabalhar por que os seus naturais abraçassem os ritos dos gentios:

11 E abolidos todos os privilégios, que os reis por um efeito da sua humanidade tinham concedido aos judeus, por meio de João, pai de Eupolemo, que foi enviado por embaixador aos romanos, a renovar a amizade, e a aliança dos judeus com êles, transtornando as ordenações legítimas dos seus compatriotas, estabelecia leis perversas. (3)

12 Porque teve o atrevimento de fundar uma academia debaixo da mesma fortaleza, e de expor os mais perfeitos moços em lugares infames. (4)

(1) **ANTIOCO** — E' o quarto ou Epífanes, sucessor de Seleuco IV. — 176-164.

(2) **DE INSTITUIR UMA ACADEMIA, E UMA AULA** — O texto distingue aqui *Gymnasium* e *Ephebiûm*, porque o primeiro era para os homens feitos, que se exercitavam em correr e lutar; e o segundo uma sala destinada para os exercícios de gente moça, que passava de catorze anos. — De Carrières e Glairé.

(3) **E ABOLIDOS TODOS OS PRIVILÉGIOS** — Estes privilégios eram, que os judeus pudessem viver segundo a sua lei, e segundo os costumes do seu país; que os reis dariam das suas rendas o que fôsse necessário para se oferecerem os sacrificios; e que os gentios fôsem excluídos do templo. — Sacy.

(4) **E DE EXPOR OS MAIS PERFEITOS MOÇOS EM LU-**

2 Macabeus 4, 13-19

13 E isto não era um princípio, mas já um progresso, e consumação da vida pagã, e estrangeira por causa da detestável, e inaudita maldade do ímpio e falso sacerdote Jasão:

14 De tal sorte que os sacerdotes não se aplicando já às funções do altar, mas desprezado o templo, e descuidados dos sacrifícios, se apressavam a assistir aos jogos da luta, e à injusta distribuição dos seus prêmios, e aos exercícios do disco.

15 E por certo não reputando em nada as honras da pátria, faziam muito maior aprêço das glórias dos gregos:

16 Por esta causa se excitava entre eles uma perigosa emulação, e faziam alarde de imitar os costumes dêstes gentios, e afetavam ser em tudo semelhantes àquelles que antes tinham sido seus mortais inimigos.

17 Porque o obrar ímpiaemente contra as leis de Deus, não fica sem castigo: E isto mostrará bem às claras a história do tempo que se vai seguindo.

18 Pois como se celebrassem em Tiro os jogos, que se fazem de cinco em cinco anos, e estivesse o rei presente,

19 mandou de Jerusalém o ímpio Jasão uns ho-

GARES INFAMES — O grego diz: “E de obrigar os mais fortes moços a passar por baixo do Pétaso. O Pétaso era uma espécie de chapéu de grandes abas, qual o de que se costumavam cobrir as imagens de Mercúrio. De onde alguns conjecturam, que a aula de Jerusalém seria dedicada a Mercúrio, e que quando algum moço queria alistar-se nela, o obrigavam a passar por baixo do chapéu de Mercúrio. Mas como em várias medalhas dos reis da Síria se vê Baco, tendo na mão direita uma espécie de Pétaso, tem Calmet por mais provável, que por baixo dêste Pétaso de Baco é que se faziam passar os novos aulistas daquela palestra. Conjectura que tem por si o saber-se, que Liber, ou Baco, era por êstes tempos mui venerado em Jerusalém, como se verá adiante pelo cap. 6 e 14, 33.

mens de vida estragada levar trezentas didracmas de prata para o sacrifício de Hércules, as quais os mesmos que as tinham levado, pediram que se não empregassem em tais sacrifícios, porque não convinha que elas fossem aplicadas para isso, mas para outra casta de despesas.

20 Porém estas didracmas sim é verdade que foram oferecidas por aquêle que as enviara para o sacrifício de Hércules: Mas em tenção às instâncias dos que as levavam, se applicaram para a construção das galeras.

21 Entretanto enviado ao Egito, Apolônio, filho de Mnesteu, por causa dos grandes da côrte do rei Ptolomeu Filometor, como Antíoco viesse a conhecer que tinha sido excluído do govêrno dos negócios daquele reino, atendendo só a seus próprios interesses, depois de haver partido de lá, veio primeiro a Joze, e depois a Jerusalém. (5)

22 E recebido magnificamente por Jasão, e por tôda a cidade, fêz a sua entrada alumiada de fachos, e entre públicas aclamações: E dali voltou para a Fenícia com o seu exército.

23 E passado o espaço de três anos mandou Jasão a Menelau, irmão daquele Simão, de que se falou acima, para levar dinheiro ao rei, e para haver de trazer a resolução de certos negócios importantes. (6)

(5) **APOLÔNIO** — E' diverso daquele de quem se falou no cap. 3, 5-7; é talvez o que Antíoco IV pôs à frente da embaixada que mandou a Roma. Alguns crêem que é também o general que este mesmo príncipe enviou contra Judas Maçabeu, e que morreu em campanha. 1 Mac 1, 30.

(6) **MENELAU** — Pertencia à tribo de Benjamim, não podendo por isso aspirar legitimamente ao sacerdócio, visto não ser descendente de Aarão. Comprou o mesmo pontificado, mas não

2 Macabeus 4, 24-32

24 Porém Menelau tendo adquirido para si a benevolência do rei pelo modo lisonjeiro com que exagerava a grandeza do seu poder, achou com que fazer recair nas suas mãos o sumo sacerdócio, dando trezentos talentos de prata sobre o que tinha dado Jasão.

25 E recebidas as ordens do rei se retirou, não tendo por certo nada que fôsse digno do sacerdócio: Mas sim portando-se com o ânimo de um cruel tirano, e com a ira de uma bêsta fera.

26 E assim Jasão, que tinha surpreendido a seu próprio irmão, êle mesmo enganado, depois de banido fugiu expulsado para o país dos amonitas.

27 E desta sorte obteve Menelau o principado: Mas não tratava de mandar ao rei o dinheiro que lhe tinha prometido, ainda que Sóstrato, que era o governador da fortaleza, o apertava que fizesse êste pagamento:

28 Porque a êle pertencia a arrecadação dos tributos: Pelo qual motivo ambos foram citados para comparecer diante do rei.

29 E Menelau foi removido do sacerdócio, sucedendo-lhe Lisímaco, seu irmão: E Sóstrato foi promovido ao cargo de governador de Chipre.

30 E enquanto estas coisas se passavam, aconteceu excitarem os de Tarso, e os de Malo uma sedição, por terem sido dados a Antioquides, concubina do rei.

31 Foi lá pois o rei a tôda a pressa apaziguá-los, tendo deixado por seu lugar-tenente um dos grandes da sua côrte, por nome Andrônico.

32 Menelau porém crendo que tinha chegado a lograr uma ocasião favorável, tendo furtado do templo

pagando a Antíoco Epífanes a soma prometida foi expulso e substituído por seu irmão Lisímaco.

alguns vasos de ouro, deu parte dêles a Andrônico, e vendeu os outros em Tiro, e nas cidades vizinhas.

33 Como Onias tivesse sabido isto com tôda a certeza, repreendeu a Menelau, contendo-se êle entretanto em Antióquia num lugar seguro junto a Dafné. (7)

34 Por esta causa indo Menelau ter com Andrônico, lhe rogava que matasse a Onias. Tendo pois vindo Andrônico onde estava Onias, e depois de haver persuadido a êste dando-lhe a destra com juramento (se bem que Onias o tinha por suspeito) que saísse daquele asilo, Andrônico o matou logo, sem temor algum da justiça.

35 Por esta causa não sòmente os judeus mas também as outras nações estavam indignadas, e levaram muito a mal a injusta morte de um tão grande varão.

36 Pelo que tendo o rei voltado das partes da Cilícia, foram ter com êle a Antióquia os judeus, e juntamente os gregos, queixando-se desta injusta morte de Onias.

37 E ficou Antíoco penetrado de tristeza, no fundo do seu coração, por causa da morte de Onias, e movido a compaixão dêle, derramou lágrimas, lembrado da temperança e modéstia do defunto.

38 E aceso em ira manda que Andrônico, despojado da púrpura, seja levado por tôdas as ruas da cidade: E que um tal sacrílego seja privado da vida no mesmo lugar onde tinha cometido esta impiedade, contra Onias, dando-lhe o Senhor o castigo que merecia.

(7) **JUNTO A DAFNÉ** — Dafné era um arrabalde a quarenta estádios de Antióquia, onde havia um famoso bosque de ciprestes, e um templo dedicado a Apolo, em veneração e respeito do qual era o tal bosque um religioso asilo, ou coito para todos os que a êle se refugiavam. Dêste bosque de Dafné faz menção Estrabão no Livro XXI, pág. 1083, e o código das leis imperatórias, Livro XI, Tit. 77, que é: *De Cupressis ex Luco Daphniosi*, etc.

39 Ora, tendo cometido Lisímaco muitos sacrilégios no templo por conselho de Menelau, e divulgada esta fama, ajuntou-se contra Lisímaco uma grande multidão de povo, a tempo que êle já tinha exportado muito ouro.

40 Como os da cidade pois se sublevassem e estivessem os ânimos cheios de cólera, Lisímaco, tendo feito armar perto de três mil homens, começou a usar de violência, sendo capitão desta gente um certo Tirano, igualmente avançado em idade e em malícia. (8)

41 Mas quando os do povo entenderam o intento de Lisímaco, uns arrebatadamente lançaram mão de pedras, outros de fortes cajados: E alguns arrojaram cinza contra Lisímaco.

42 E foram ali muitos feridos, e alguns também ficaram mortos, e todos postos em fugida: E mataram ao mesmo sacrílego ao pé do tesouro.

43 Por tôdas estas desordens pois se começou a tratar de uma acusação contra Menelau.

44 E tendo vindo o rei a Tiro, vieram três deputados enviados pelos anciãos oferecer-lhe as suas queixas nesta matéria.

45 E vendo Menelau que êle sucumbia a esta acusação, prometeu dar a Ptolomeu uma grande soma de dinheiro, para êle falar ao rei em seu favor.

46 Ptolomeu pois foi buscar o rei, quando êle estava pôsto num átrio, como a tomar o fresco, e o fêz mudar de resolução:

47 E êste príncipe declarou inocente de delitos a Menelau, pôsto que culpado em tôda a casta de crimes: E condenou à morte aquêles infelizes deputados, que

(8) **UM CERTO TIRANO** — Quer dizer, um homem chamado Tirano. Os Atos dos Apóstolos, cap. 19, versículo 9, falam de um personagem com êste nome.

teriam sido julgados inocentes, ainda quando tivessem orado a sua causa diante dos citas.

48 Assim aquêles que haviam sustentado os interesses da cidade, e do povo, e o respeito devido aos sagrados vasos, foram punidos para logo contra tôda a justiça.

49 Por isso também os mesmos Tiros, indignados do caso, se mostraram generosíssimos na honrada sepultura que lhes deram.

50 Entretanto Menelau se mantinha na autoridade pela avareza dos que tinham o poder, crescendo em malícia para fazer traições aos seus compatriotas.

CAPÍTULO 5

ANTIOCO SE PREPARA PARA MARCHAR CONTRA O EGITO.
TEMEROSOS PRODÍGIOS QUE APARECIAM NO AR POR
CIMA DE JERUSALÉM. EXPEDIÇÃO DE JASÃO CONTRA
JERUSALÉM. VIOLÊNCIAS QUE ALI EXECUTA O MESMO
JASÃO. E DEPOIS DELE APOLONIO. JUDAS MACABEU
SE RETIRA PARA O DESERTO.

1 Neste mesmo tempo se preparava Antíoco para fazer uma segunda expedição contra o Egito.

2 Aconteceu porém que em tôda a cidade de Jerusalém por espaço de quarenta dias se viam homens a cavalo, que discorriam pelo ar, vestidos de telas de ouro, e armados de lanças, como tropas de cavalaria.

3 E cavalos ordenados em esquadrões, correndo uns contra os outros, e pelejas de corpo a corpo, e movimentos de escudos, e grande multidão de gente armada de capacetes com espadas nuas, e tiros de dardos, e resplendor de armas de ouro, e de couraças de tôda a casta.

4 Por conta do que todos rogavam a Deus que tais prodígios se tornassem a seu favor.

2 Macabeus 5, 5-11

5 Mas tendo-se espalhado uma falsa voz de que Antíoco era morto, tomando Jasão consigo não menos de mil homens, de repente veio acometer a cidade: E ainda que os cidadãos concorreram de tôdas as partes aos muros, tendo-se êle feito por último senhor da cidade, Menelau fugiu para a fortaleza.

6 Entretanto Jasão fazia grande matança não perdoando aos seus patrícios, nem êle considerava que o ser bem sucedido numa guerra feita aos próximos, era uma grandíssima infelicidade, julgando que alcançaria um troféu de seus inimigos, e não de seus compatriotas.

7 Ainda assim não lhe foi possível entrar de posse do seu principado, mas pôr último remate das suas traições, veio a tirar a sua própria confusão, e se retirou fugitivo outra vez para a terra dos amonitas.

8 Por fim Jasão, metido para ruína sua numa prisão por Aretas, rei dos árabes, da qual depois de se ter salvo, fugindo de cidade em cidade, aborrecido de todos como um violador de tôdas as leis, e um homem execrável, como um inimigo da pátria, e dos seus naturais, foi empurrado para o Egito.

9 E aquêle que tinha lançado fora da sua terra a tantas pessoas, êle mesmo pereceu fora da sua pátria, tendo ido para Lacedemônia, como quem esperava que acharia lá algum refúgio por causa do parentesco.

10 E êle que tinha feito arrojear os corpos de muitos sem sepultura, êle mesmo foi arrojado, sem ser chorado nem sepultado, não achando nem sepultura na terra estranha, nem participando do sepulcro na sua própria.

11 Passadas assim estas coisas, suspeitou o rei que os judeus poderiam bem largar a aliança que tinham feito com êle: E por esta causa tendo voltado do Egito

com o ânimo enfurecido, tomou com efeito a cidade à fôrça de armas.

12 E mandou aos soldados que matassem tudo, e não perdoassem a pessoa alguma que encontrassem, e que subindo às casas fizessem a mesma cruel matança.

13 Foi executada pois uma grande mortandade de moços, e de velhos, e feito um geral extermínio de mulheres, e de seus filhos, e dada violenta morte a donzelas, e a meninos.

14 Em três dias porém foram mortos oitenta mil, feitos cativos quarenta mil e não foram menos os que se venderam. (1)

15 Mas nem ainda esta crueldade foi bastante a Antíoco: Êle se atreveu de mais a mais a entrar no templo, que era o lugar mais santo de todo o mundo, tendo por condutor a Menelau, que foi traidor às leis, e à sua pátria.

16 E tomando com as suas criminosas mãos os vasos sagrados, que os outros reis, e as outras cidades tinham ali pôsto para ornamento, e glória de tal lugar, êle os maneava indignamente, e os profanava.

17 Assim alienado de juízo, Antíoco não considerava que Deus, por causa dos pecados dos que moravam na cidade, se tinha irado por algum pouco de tempo contra êles: E que por isso é que também acontecera o desacato feito àquele lugar:

18 Doutra sorte a não ser acharem-se êles envolvidos em muitos pecados, êste príncipe a exemplo de Heliodoro,

(1) **EM TRÊS DIAS PORÉM FORAM MORTOS OITENTA MIL** — Segundo o texto da Vulgata, foram oitenta mil os que morreram, e outros oitenta mil, parte feitos cativos, parte vendidos. Mas o grego reparte o número de oitenta por tôdas estas três classes; de sorte que entre mortos e cativos põe quarenta mil e outros quarenta mil postos em venda, como escravos.

2 Macabeus 5, 19-24

que foi enviado pelo rei Seleuco a despojar o erário, teria sido açoitado também como ele ao ponto da sua chegada, e tolhido por certo de executar a sua insolente empreza.

19 Porém Deus não escolheu o povo por amor do templo: Mas escolheu o templo por amor do povo.

20 E por isso também este lugar participou dos males do povo: Bem como depois há-de participar com ele dos bens: E aquêle que foi desamparado por causa da ira do Deus Onipotente, virá de novo a ser elevado a uma soberana glória, quando se aplacar aquêle grande Senhor.

21 Tendo pois Antíoco tirado do templo mil e oitocentos talentos, voltou sem demora para Antióquia, deixando-se possuir de um tal excesso de soberba, e elevando-se no coração, que lhe parecia que podia navegar sobre a terra, e fazer marchar as suas tropas por cima do mar.

22 E deixou também ali certos homens, que constituiu em autoridade para afligirem o povo: A saber, em Jerusalém a Filipe originário da Frigia, mais cruel em seus costumes, do que aquêle mesmo que aí o havia estabelecido.

23 E em Garizim a Andrônico, e a Menelau, que estavam mais empenhados do que os outros, a fazerem mal aos seus naturais. (2)

24 E não estando ainda satisfeito o ódio que ele tinha aos judeus, mandou-lhes lá por comandante o de-

(2) **GARIZIM** — Montanha da Samaria, fronteira ao monte Hebal. Siquém está construída no vale que separa as duas montanhas. Os samaritanos, depois do cativeiro, levantaram sobre o Garizim um templo que opuseram ao de Jerusalém. Jer 4, 20.

ANDRÔNICO — Personagem desconhecido, diverso daquele cuja história está atrás narrada. 4, 31.

testável Apolônio com um exército de vinte e dois mil homens, com ordem que matasse todos os que estivessem em idade perfeita, que vendesse as mulheres, e os moços.

25 Apolônio pois, chegado que foi a Jerusalém, fingindo que só buscava a paz, estêve quedo até ao santo dia do sábadó: E nêle, quando os judeus estavam em descanso, mandou aos seus tomar armas.

26 E matou cruelmente a todos os que tinham vindo a vê-los: E correndo por tôda a cidade com os seus soldados, tirou a vida a grande número de pessoas.

27 Entretanto Judas Macabeu, que era o décimo, se retirou a um lugar despovoado, e passava ali a vida nos montes com os seus entre as feras: E ali assistiam comendo ervas do campo, por não serem participantes do que manchava os outros.

CAPÍTULO 6

ANTIÓCO FORÇA OS JUDEUS A DEIXAREM AS LEIS DE DEUS .
PARA ABRAÇAREM O CULTO DOS IDOLOS. PROFANAÇÃO
DO TEMPLO. CRUEZAS EXECUTADAS CONTRA OS JUDEUS
FIEIS A LEI DE DEUS. DESENHO DE DEUS EM PERMITIR
ESTES MALES. MARTÍRIO DO SANTO VELHO ELEAZAR.

1 Mas não muito tempo depois mandou o rei um certo velho de Antióquia para forçar os judeus a deixarem as leis de Deus e as de seus pais:

2 Para profanar também o templo que havia em Jerusalém, e chamá-lo o templo de Júpiter Olímpico, e para dar ao templo de Garizim o nome de templo de Júpiter hospitaleiro como o eram os que habitavam naquêle lugar. (1)

(1) E CHAMA-LO O TEMPLO DE JÚPITER OLÍMPICO —
Este era o grande desígnio e o grande artifício dos gregos; para

2 Macabeus 6, 3-10

3 Era pois muito perniciosa e grave para todos esta aluvião de males:

4 Porque o templo estava cheio de desonestidades, e de comezainas dos gentios, e de homens impudicos metidos com prostitutas, e as mulheres entravam com todo o despejo nestes lugares sagrados, metendo dentro o que não era permitido.

5 O altar também estava cheio de viandas impuras, que eram proibidas pelas leis.

6 Nem tampouco se guardavam os sábados, nem se celebravam já as festas solenes do país, e nenhum havia que confessasse de plano que era judeu.

7 E por uma dura necessidade eram levados aos sacrifícios no dia dos anos do rei: E quando se celebrava a festa de Baco, constrangiam-nos a ir pelas ruas coroados de hera em louvor do mesmo Baco.

8 Também por sugestão dos habitantes de Ptolemaida se publicou um edito em tôdas as cidades vizinhas dos gentios, pelo qual eram êles também obrigados a obrarem da mesma sorte contra os judeus, constrangendo-os a sacrificarem,

9 e a matarem os que não quisessem abraçar os costumes dos gentios: Assim tudo o que se via, era miséria.

10 Porque foram acusadas duas mulheres de ter circuncidado seus filhos: As quais tendo-as levado êles públicamente por tôda a cidade, pendurados êsses filhos à seus peitos, depois as precipitaram de cima dos muros.

introduzirem nas nações que conquistavam e sujeitavam o uso da sua religião e faziam-lhes trocar os nomes das suas divindades pátrias pelo de Júpiter Olímpico, que era o ídolo mais célebre, e o mais venerado da Grécia. Sôbre a antiguidade do templo de Júpiter Olímpico, veja-se Prideaux nas notas à crônica de Paros, Época 4.

11 Outros porém ajuntando-se nas cavernas vizinhas, e celebrando ali secretamente o dia de sábado, tendo sido denunciados a Filipe, foram queimados em vivas chamas, porque por escrúpulo, e por não faltarem à sua observância temiam defender-se.

12 Eu conjuro porém os que lerem êste livro, que se não escandalizem de tão horríveis infelicidades, mas que considerem que todos êstes males, que sucederam, não foram para ruína, mas por castigo da nossa nação.

13 Porque é sinal de grande misericórdia de Deus para com os pecadores, não os deixar por muito tempo viver segundo os seus apetites, mas aplicar-lhes prontamente o castigo.

14 Porque o Senhor não se há conosco, como se porta com as outras nações, que êle sofre com paciência, aguardando pelas castigar na plenitude de seus pecados, quando chegar o dia do juízo:

15 E assim êle se houve conosco, não esperando, para que então finalmente êle nos castigue, que os nossos pecados tenham subido ao seu cume.

16 Portanto êle por certo não aparta jamais a sua misericórdia de cima de nós: E quando castiga ao seu povo com adversidades, não o desampara.

17 Mas baste-nos dizer em poucas palavras estas coisas para a prevenção dos leitores. Assim que nós tornaremos já ao fio da narração.

18 Eleazar pois, um dos primeiros doutores da lei, varão provecto na idade, e de venerável presença, depois de lhe abrirem a bôca à fôrça, era constrangido a comer carne de porco.

19 Mas êle, preferindo uma morte cheia de glória a uma vida odiosa, voluntariamente se encaminhava ao suplicio.

20 Considerando pois o qué lhe convinha sofrer neste

2 Macabeus 6, 21-26

recontro, firme na paciência, resolveu não fazer nada contra a lei por amor da vida.

21 Mas os que estavam presentes, movidos de uma injusta compaixão, por causa da antiga amizade que tinham com o homem, tomando-o à parte, lhe rogavam que tivesse por bem que lhe trouxessem das carnes, que lhe era lícito comer, para assim se poder fingir que ele tinha comido das carnes do sacrifício, como o rei o tinha mandado:

22 Tudo a fim de que por êste modo se livrasse ele da morte: E usavam eles com Eleazar desta espécie de humanidade, por efeito da antiga afeição que lhe professavam.

23 Mas ele começou a considerar o que era digno do auge da sua idade e velhice, e das suas cãs sócias daquela grandeza de ânimo que lhe era natural, e dos irrepreensíveis costumes em que sempre se criara desde menino: E logo respondeu segundo as ordenações da lei santa, e estabelecida por Deus, dizendo que ele antes queria ser lançado na sepultura.

24 Porque não é digno da idade em que eu me acho, lhes dizia ele, usar de uma tal ficção: Dela poderá resultar que muitos moços, tendo para si que Eleazar em idade de noventa anos passara para a vida dos pagãos:

25 Venham também eles por causa dêste meu fingimento, e por conservar um pequeno resto de uma vida corruptível, a cair em êrro, e com isto me grangearia eu uma vergonhosa nota, e a execração dos homens sobre a minha velhice.

26 Porque dado que eu me livrasse presentemente dos suplícios dos homens, não poderia todavia fugir à mão do Todo-Poderoso, nem na vida, nem depois da morte.

27 Pelo que morrendo valorosamente, parecerei por certo digno da velhice em que estou:

28 E deixarei aos moços um exemplo de fortaleza, se sofrer com ânimo pronto, e constante uma honrosa morte em defesa de leis tão graves, e tão santas. Tanto que acabou de dizer estas palavras, foi logo arrebatado para o suplicio.

29 E os que o levavam, e que pouco antes tinham sido mais brandos, se acenderam em cólera por causa das palavras que Eleazar acabara de dizer, as quais eles entendiam tê-las proferido por arrogância.

30 E quando ele estava a ponto de morrer pela veemência dos golpes, deu um grande suspiro, e disse: Senhor, que tens uma ciência tôda santa, tu sabes claramente que podendo eu livrar-me da morte, sofro em meu corpo acerbos dores: Mas que na alma sinto alegria em as padecer pelo temor que te tenho.

31 E desta maneira é que ele morreu, deixando não somente aos moços, mas também a tôda a sua nação, a lembrança da sua morte para exemplo de virtude, e de fortaleza.

CAPÍTULO 7

MARTÍRIO DOS SETE IRMÃOS MACABEUS, E DE SUA MÃE

1 E aconteceu também que tendo sido presos sete irmãos com sua mãe, o rei os queria obrigar a comer carnes de porco contra a lei, atormentando-os para isso com açoites que lhes davam com azorragues de couro, e de nervo de boi. (1)

(1) **QUE TENDO SIDO PRESOS SETE IRMÃOS COM SUA MÃE** — Os sete irmãos de que se fala neste capítulo, são comumente chamados com o nome "Macabeus". José foi o primeiro que assim os chamou no livro que compôs do seu Martírio. Não é fácil

2 Macabeus 7, 2-6

2 Mas um dêles, que foi o primeiro, lhe disse desta maneira: Que pretendes tu, e que queres saber de nós? nós estamos prontos a antes morrer do que a violar as leis de Deus, e da nossa pátria:

3 Com o que irritado o rei, mandou pôr ao lume frigideiras, e panelas de cobre até ficarem em brasa: As quais feitas logo em brasa

4 ordenou que se cortasse a língua ao que tinha falado primeiro: E que arrancada a pele da cabeça, lhe cortassem também as extremidades das mãos, e dos pés, à vista dos outros seus irmãos e de sua mãe.

5 E depois dêle assim decepado já por todo o corpo, mandou que o chegassem ao fogo, e o torrassem na frigideira, quando ainda respirava: Na qual por todo o tempo que êle era atormentado, os mais irmãos se exortavam uns aos outros com sua mãe a morrerem constantemente,

6 dizendo: O Senhor Deus verá a verdade, e consolar-se-á em nós, conforme o declarou Moisés quando o protestou no seu cântico, por estas palavras: E êle será consolado nos seus servos.

descobrir ao certo a origem desta denominação, não tendo êstes Mártires nada com a família de Matatias, nem com seu filho Judas Macabeu. Calmet julga, que tendo-se Judas Macabeu pôsto à testa dos que perseveraram na religião de seus pais, veio a fazer-se o seu nome tão célebre, que se comunicou não só a seus irmãos, e a toda a sua família, mas também a todos os que então pugnaram contra a impiedade.

O REI — Josefo, tanto na Obra das Antiguidades, como no Livro dos Macabeus, e com êle Cedreno, dizem que isto fôra em Jerusalém. Mas a comum, e mais certa opinião é que êstes Santos padeceram martírio em Antióquia, como dizem vários Martirológios. E o admirar-se S. Jerônimo no Livro de Locis Hebraicis, de que êstes Macabeus tivessem seus sepulcros em Antióquia, foi sem dúvida porque não advertiu, que êstes eram diversos dos filhos de Matatias, que tinham os seus sepulcros em Modin. — *Pereira.*

7 E morto dêste modo o primeiro, e levavam êles o segundo a padecer com ultraje: E tendo-lhe arrancado a pele da sua cabeça com os cabelos, lhe perguntavam, se queria êle comer das viandas que lhe presentavam, antes que ser atormentado em cada um dos membros de todo o seu corpo.

8 Mas êle respondendo na língua de seus pais, disse: Não farei tal. Pelo que também êste padeceu em segundo lugar os mesmos tormentos que o primeiro:

9 E estando já para dar o último suspiro, disse desta maneira: Tu, ó malvadíssimo, na verdade nos fazes perder a vida presente: Mas o rei do mundo nos ressuscitará na ressurreição da vida eterna, depois de sermos mortos em defesa das suas leis.

10 Depois dêste insultaram também o terceiro, e tendo-lhe sido pedida a língua, êle a apresentou logo, assim como estendeu as mãos constantemente:

11 E disse afouto: Do céu recebi êstes membros, mas agora eu os desprezo pela defesa das leis de Deus, porque espero que êle nos tornará a dar algum dia.

12 De sorte que o rei, e os que o acompanhavam admiraram o valor dêste moço, que reputava por nada tão grandes tormentos.

13 E morto assim êste atormentavam da mesma sorte com igual tirania o quarto.

14 E quando êle estava já para render o espírito, disse assim: A nós é-nos melhor ser entregues à morte pelos homens, esperando firmemente em Deus, que de novo havemos de ser por êle ressuscitados: Porque quanto a ti, a tua ressurreição não será para a vida.

15 E tendo pegado no quinto, atormentavam-no como os mais: Então êle olhando para o rei, lhe disse:

16 Tu fazes o que queres, porque recebeste o poder

2 Macabeus 7, 17-24

entre os homens, ainda que mortal como êles: Mas não cuides que Deus tem desamparado a nossa nação:

17 Espera tu sòmente um pouco, e verás o seu grande poder, e como êle te atormentará a ti, e à tua descendência.

18 Após êste, levavam ao suplicio o sexto, e quando êle estava perto de morrer, disse assim: Não te enganes vãmente: Porque se nós padecemos isto, é porque o merecemos, tendo pecado contra o nosso Deus, e assim nós somos os que chamamos sôbre nós êstes tão espantosos flagelos.

19 Mas não imagines tu que hás de ficar sem castigo, depois de teres empreendido combater contra Deus.

20 Ora a mãe dêles sobremaneira admirável, e digna da memória dos bons, que vendo morrer a seus sete filhos no têrmo de um só dia, levava com ânimo constante a sua morte, pela esperança que tinha em Deus:

21 Cheia de sabedoria exortava com grande esforço na língua de seus pais a cada um dêles em particular: E unindo um ânimo varonil à ternura de mulher,

22 lhes disse: Eu não sei como vós fôstes formados no meu ventre: Porque eu não fui a que vos dei o espírito, nem a alma, nem a vida, nem eu mesma fui a que reuni os membros de cada um de vós.

23 Mas porque o Criador do mundo que é quem formou o homem no seu nascimento, e quem deu a origem a tôdas as coisas, êle também vos tornará a dar o espírito e a vida por sua misericórdia, em recompensa do quanto vós agora vos desprezais a vós mesmos por amor das suas leis.

24 Ora Antíoco, entendendo que era desprezado, e ao mesmo tempo fazendo pouco caso da voz de quem o insultava, como faltasse ainda o mais novo, êle não sòmente o exortava com palavras, mas ainda lhe assegu-

rava com juramento que o faria rico, e ditoso, e que o teria na classe dos seus favorecidos, e lhe daria tudo o que houvesse mister, conquanto que êle deixasse as leis de seus pais. (2)

25 Mas como o moço não se pudesse dobrar a estas palavras, chamou o rei sua mãe, e lhe persuadia que inspirasse àquele mancebo sentimentos para salvar a vida.

26 E depois de a ter exortado com muitas razões, ela lhe prometeu que faria por persuadir a seu filho.

27 Ao mesmo tempo tendo-se inclinado já para lhe falar, zombando dêste cruel tirano, lhe disse na língua pátria: Meu filho, tem compaixão de mim, que te trouxe nove meses no meu ventre, e te dei o leite, e sustentei por três anos, e te cheguei a essa idade.

28 Peço-te, meu filho, que olhes para o céu e para a terra, e para tôdas as coisas que há nêles: Que te capacites bem, que Deus as criou do nada a elas, e a todos os homens:

29 Com isto não temerás êste cruel algoz, mas fazendo-te digno de ter parte nos tormentos de teus irmãos, aceita de boamente a morte, para que eu te torne a receber com teus irmãos naquela misericórdia que nos espera. (3)

30 Quando ela ainda estava dizendo isto, pôs-se o moço a gritar, exclamando. Que esperais vós de mim? eu não obedeço ao mandado do rei, mas ao preceito da lei, que nos foi dada por Moisés.

(2) **E LHE DARIA TUDO QUE HOUVESSE MISTER** — O texto grego admite ainda êste sentido, “e que como tal lhe confiaria os negócios ou cargos de importância.

(3) **NAQUELA MISERICÓRDIA** — Isto é, quando Deus por misericórdia nos ressuscitar no último dia, para nos dar a posse da vida eterna.

2 Macabeus 7, 31-41

31 Quanto a ti, que és o autor de todos os males que oprimem os hebreus, tu não escaparás da mão de Deus.

32 Porque pelo que toca a nós, por causa de nossos pecados é que padecemos tôdas estas coisas.

33 E se o Senhor nosso Deus se irou um pouco contra nós para nos castigar, e para nos corrigir: Êle todavia se tornará outra vez a reconciliar com seus servos.

34 Quanto a ti porém, ó malvado, e de todos os homens o mais perverso, não te lisonjeies inútilmente em vãs esperanças, inflamado contra os servos de Deus:

35 Porque ainda não escapaste ao juízo de Deus, que pode tudo, e que vê tudo.

36 Quanto a meus irmãos, êles depois de terem suportado agora uma dor transitória, entraram já na aliança da vida eterna: Tu porém tens de sofrer no juízo de Deus a pena justamente devida à tua soberba.

37 Quanto a mim eu de boamente, assim como também fizeram meus irmãos, entrego a minha alma, e corpo pela defesa das leis de meus pais: Conjurando a Deus que bem cedo se mostre propício à nossa gente, e te constranja a ti por meio de tormentos e de flagelos a confessares que êle é o que só é Deus.

38 Na minha morte, porém, e na de meus irmãos acabará a ira do Todo-Poderoso, que justamente caiu sobre todo o nosso povo.

39 Então o rei abrasado em ira, se embraveceu contra êste mais cruelmente que contra os outros, não podendo sofrer ver-se assim iludido.

40 Assim que também êste morreu sem se contamar, confiando em tudo, e por tudo no Senhor.

41 E por fim a mãe veio a sofrer também a morte depois de seus filhos.

42 Mas de sacrifícios, e de crueldades excessivas, assaz é o que temos dito.

CAPÍTULO 8

JUDAS MACABEU FORTIFICA O SEU PARTIDO E FAZ SUAS CORRERIAS SOBRE OS INIMIGOS. NICANOR E GORGAS SÃO MANDADOS CONTRA ELE. ELE EXORTA OS SEUS A PELEJAR VALOROSAMENTE. PÕE EM FUGIDA O EXÉRCITO CONTRÁRIO.

1 Por êste meio tempo Judas Macabeu, e os que com êle viviam, entravam às escondidas nos castelos: E chamando seus parentes, e amigos, e tomando consigo os que se mantinham firmes na religião judaica, uniram ao seu partido seis mil homens.

2 E invocaram o Senhor, para que olhasse benignamente para o seu povo, que andava pisado por todos: E que se compadecesse do templo, que era contaminado pelos ímpios:

3 Que se apiedasse também das ruínas da cidade, que estava a ponto de ser logo arrasada, e que ouvisse a voz do sangue que clamava a êle:

4 Que se lembrasse igualmente das injustíssimas mortes das crianças inocentes, e das blasfêmias que se tinham proferido contra o seu nome, e que se revestisse de indignação contra êstes excessos.

5 Macabeu pois tendo ajuntado grande número de gente, se fazia intolerável às nações: Porque a ira do Senhor se mudou em misericórdia.

6 E dando de improviso sobre os castelos, e cidades, os queimava: E apoderando-se dos lugares vantajosos, fazia não pequeno estrago nos inimigos:

7 E principalmente de noite é que êle fazia estas

2 Macabeus 8, 8-12

suas correrias, e a fama do seu valor se espalhava por tôda a parte.

8 Então Filipe, vendo os progressos que êste grande homem ia fazendo de dia em dia, e a felicidade das suas emprêsas quase sempre bem sucedidas: Escreveu a Ptolomeu, governador da Celesíria, e da Fenícia que lhe mandasse socorro com que reforçar o partido do rei.

9 Ptolomeu pois lhe enviou logo a Nicanor, filho de Patroclo, amigo seu entre os grandes da côrte, dando-lhe não menos de vinte mil homens de guerra de diversas nações, para extinguir tôda a linhagem dos judeus, aggregando-lhe por companheiro também a Gorgias, grande capitão, e homem de longas experiências nos accidentes de guerra. (1)

10 E resolveu Nicanor pagar o tributo de dois mil talentos, que o rei devia dar aos romanos, tirando-os do dinheiro da venda dos judeus, que cativasse: (2)

11 Despachou pois sem perda de tempo correios pelas cidades marítimas, convidando os negociantes a que viessem comprar escravos judeus, prometendo dar-lhes noventa escravos por cada talento, sem fazer reflexão na vingança do Todo-Poderoso, que por momentos estava a vir sôbre êle.

12 Mas Judas tanto que teve notícia da chegada de Nicanor, deu parte dela aos judeus que o acompanhavam.

(1) **AMIGO SEU ENTRE OS GRANDES DA CÔRTE** — Esse parece ser o sentido da Vulgata, quando diz: *de primoribus amicis*. Mas o grego oferece outro, que é: "um dos primeiros entre os amigos do rei". — *Pereira*.

(2) **QUE O REI DEVIA DAR AOS ROMANOS** — Antíoco o Grande, pai de Antíoco Epífanes, tendo sido vencido pelos romanos, foi obrigado a pagar a quantia de quinze mil talentos pelas despesas feitas na guerra; os doze mil que devia Antíoco filho, eram o resto desta soma. — *Calmet*.

13 Alguns dos quais deixando-se entrar de mêdo, e não confiando na justiça de Deus fugiam:

14 Os outros porém vendiam tudo o que lhes podia ficar, e ao mesmo tempo rogavam ao Senhor que os livrasse do ímpio Nicanor, que antes de se chegar a êles, os tinha já vendido:

15 E quando não fôsse por amor dêles, ao menos em consideração da aliança que tinha feito com seus pais, e da honra que êles tinham de invocar sôbre si mesmos e o seu santo, e grande nome.

16 Macabeu porém, tendo feito ajuntar os sete mil homens que estavam com êle, os conjurava que se não reconciliassem com seus inimigos, nem tivessem mêdo daquela multidão de adversários que injustamente os vinham atacar, mas que pelejassem galhardamente. (3)

17 Tendo diante dos olhos o desacato, que por êles havia sido feito com injustiça ao santo lugar, como também o ultraje cometido contra a cidade igualmente insultada, e ainda a abolição das ordenanças dos antigos.

18 Porque êles, lhes dizia, só se fiam nas suas armas e ao mesmo tempo na sua audácia: Porém nós confiamos no Senhor todo-poderoso, que pode destruir com um dar de olhos não só os que vêm para nos atacar, mas ainda o mundo inteiro.

19 Lembrou-lhes também ainda os socorros, que

(3) OS SETE MIL HOMENS QUE ESTAVAM COM ÊLE — O grego diz, "seis mil". E com efeito no versículo 22 se verá que estas tropas foram divididas em quatro corpos, cujo comando repartiu Judas por seus três irmãos, de sorte que cada um ficou com mil e quinhentos. Ora quatro vêzes mil e quinhentos fazem seis mil, e não sete mil. Porém se afora os quatro mil e quinhentos, que os três irmãos de Judas comandavam, tinha Judas a seu cargo três mil, como se diz, 1 Mac 4, 6, já aqui temos constando todo o exército de sete mil e quinhentos homens. — Calmet.

Deus tinha dado a seus pais: E que do exército de Senaquerib haviam perecido cento e oitenta e cinco mil homens:

20 E a batalha, que êles tinham dado contra os gálatas em Babilônia, com tal felicidade que logo se entrou na ação, tendo fraqueado os macedônios seus aliados, êles, que ao todo eram só seis mil, mataram cento e vinte mil homens por causa do socorro que lhes foi dado do céu, e por isto alcançaram grandíssimos bens. (4)

21 Com estas palavras ficaram êles cheios de valor, e prontos a morrer pelas leis, e pela pátria.

22 Êle pois deu o comando de uma parte do exército a seus irmãos, Simão, e José, e Jônatas, subordinando a cada um dêles mil e quinhentos homens. (5)

23 Além disto havendo-lhes também lido Esdras o santo livro, e dado Judas o sinal da ajuda de Deus, êle como general pôsto na frente do exército, acometeu a Nicanor. (6)

(4) **E A BATALHA, QUE ÊLES TINHAM DADO CONTRA OS GALATAS EM BABILÔNIA** — Por falta de documentos antigos não puderam até agora determinar os intérpretes que batalha fôsse esta, e por que ocasião fôsse dada. Sabe-se somente que em tempo de Antíoco o Grande, eram os gálatas muito poderosos na Ásia, e que os judeus, depois do reinado de Alexandre Magno, serviam ordinariamente nos exércitos dos reis da Síria. Pelo que os macedônios expressados aqui são os soldados gregos, ou siros, aos quais juntamente com os judeus se tinha confiado a guarda e defesa de Babilônia.

(5) **DEU O COMANDO** — O grego diz: dividiu o exército em quatro troços, corpos ou colunas, vindo a ser também quatro os seus comandantes.

E JOSÉ — Como o nome de José se não acha noutra parte attribuído a algum irmão de Judas, há quem suspeite que êste José era algum seu parente, ou talvez seu cunhado.

(6) **HAVENDO-LHES TAMBÉM LIDO ESDRAS O SANTO LIVRO** — Em lugar de Esdras tem o grego Eleazar. E alguns com

24 E tendo-se declarado a favor deles o Todo-Poderoso, mataram passante de nove mil homens: E enfraquecida a maior parte do exército de Nicanor com as feridas que recebera, eles a puseram na necessidade de fugir.

25 E depois de tomarem todo o dinheiro dos que tinham vindo para os comprar, os foram perseguindo até bem longe.

26 Mas voltaram, vendo-se apressados pela hora: Porque era véspera do sábado: Motivo por que não continuaram em seguir o seu alcance.

27 Tendo depois recolhido as armas, e os despojos dos inimigos, celebravam o sábado: Bendizendo ao Senhor, que os tinha livrado naquele dia, derramando sobre eles como as primeiras gôtas da sua misericórdia.

28 E depois do sábado, repartiram dos despojos com os enfermos, e com os órfãos, e com as viúvas: E reservaram o resto para si, e para os seus.

29 Executadas que foram assim estas coisas, e havendo todos feito a sua oração em comum, conjuravam ao misericordioso Senhor que se congraçasse para sempre com seus servos.

30 E daqueles que estavam com Timóteo, e com Baquides, e que vinham contra eles, mataram mais de vinte mil homens, e tomaram várias praças fortes: E repartiram muitas prêsas, dando partes iguais aos doentes, aos órfãos, e às viúvas, e até aos velhos.

31 E tendo recolhido com diligência as armas dos inimigos, as puseram tôdas de reserva em lugares azados para isso, e o resto dos despojos levaram-no para Jerusalém.

bastante fundamento crêem que este Eleazar era irmão de Judas,
1 Mac 5.

32 Mataram outrossim a Filarkes, que estava com Timóteo, homem facinoroso, que tinha feito muitos males aos judeus. (7)

33 E quando estavam em Jerusalém rendendo a Deus ações de graças por esta vitória, a um, que tinha queimado as sagradas portas, isto é, a Calístenes, tendo-se ele refugiado a certa casa, nela o queimaram pondo-lhe fogo, dando-lhe a recompensa que mereciam as suas impiedades. (8)

34 Nicanor porém, aquêlê homem facinorosíssimo, que tinha trazido mil negociantes para lhes vender os escravos judeus,

35 humilhado com o socorro do Senhor, por aquêles mesmos, que êle tinha considerado como uma gente de nada, tendo largado a vestidura de honra, fugindo pelo meio das terras, chegou desacompanhado a Antióquia, reduzido ao cúmulo da infelicidade pela perda do seu exército. (9)

36 E o que tinha prometido aos romanos, que lhes pagaria o tributo com o que tirasse da venda dos cativos de Jerusalém, publicava então que os judeus tinham a Deus por protetor, e que por isso eram invulneráveis, porque seguiam as leis que êle lhes tinha dado.

(7) **FILARQUES** — Conhecido só por esta passagem.

(8) **CALISTENES** — Partidário de Nicanor.

(9) **TENDO LARGADO** — Deixando o distintivo de general, por atalhos, e veredas não trilhadas, como fugitivo, sem mais companhia, em traje desconhecido, assim escapou. — Calmet.

CAPÍTULO 9

ANTÍOCO VOLTA DA PÉRSIA. SABE DA DERROTA DOS SEUS GENERAIS PELOS JUDEUS. JURA PERDER ESTE POVO. DEUS O FERE E O OBRIGA A CONFESSAR SUA PRÓPRIA FRAQUEZA. VAS PROTESTAÇÕES DE ANTÍOCO. CARTA QUE ESCRIVE AOS JUDEUS. MORRE MISERÁVELMENTE. FILIPE TRANSPORTA SEU CORPO.

1 No mesmo tempo Antíoco voltava ignominiosamente da Pérsia.

2 Porque tinha entrado naquela que se chama Persépolis, e intentou roubar o templo, e vexar a cidade: Mas correndo às armas todo o povo, foram os seus postos em fugida: Assim resultou daqui o voltar Antíoco desta fugida com afronta. (1)

3 E depois que chegou perto de Ecbátana, teve notícia da desfeita de Nicanor e de Timóteo. (2)

4 E transportado em ira, imaginava que poderia vingar-se sobre os judeus, da afronta que lhe tinham feito os que o fizeram fugir: E por isso mandou ao cocheiro que apertasse com os cavalos que tiravam por êle, correndo sem cessar, sendo a vingança do céu a que o perseguia, por ter dito com tanto orgulho que iria a Jerusalém, e faria dela um sepulcro de cadáveres amontoados de judeus.

5 Mas o Senhor Deus de Israel, que vê tôdas as

(1) **NAQUELA QUE SE CHAMA PERSÉPOLIS** — Persépolis era uma formosíssima e majestosa cidade da Pérsia, edificada por Ciro sobre o rio Araxes. Mas Quinto Cúrcio no Livro V, Cap. XV, testifica que Alexandre Magno lhe mandara pôr fogo, ficando ainda por muito tempo cidade importante, acabando por cair mais tarde em ruína total. Ainda nos escombros se encontram numerosos monumentos dos reis persas. Foi também chamada Istacar.

(2) **ECBATANA** — Cidade capital da Média.

2 Macabeus 9, 6-12

coisas, feriu a êste príncipe com uma chaga incurável, e invisível. Porque no momento em que êle proferiu estas mesmas palavras, o assaltou uma terrível dor de entranhas, e uns cruéis tormentos dos intestinos:

6 E isto com assaz de justiça, pois que êle mesmo tinha rasgado as entranhas aos outros por muitas, e novas maneiras de tormentos, se bem apesar do que de nenhum modo tinha cessado da sua malícia.

7 Antes pelo contrário cheio de soberba, respirando fogo de dentro do coração contra os judeus, e mandando que se acelerasse a jornada, aconteceu que indo êle com ímpeto caiu da carroça, e pela grave contusão se lhe quebrantaram os membros do corpo.

8 Assim aquêlê elevando-se pela sua soberba sôbre a condição de homem, se tinha lisonjeado que podia até mandar às ondas do mar, e pesar numa balança os mais altos montes, agora humilhado até à terra era levado numa cadeira, dando em si mesmo um manifesto testemunho do poder de Deus.

9 Tanto assim que do corpo dêste ímpio saíam bichos a ferver, e ainda vivendo lhe caíam as carnes a pedaços no meio das dores, sendo também tão hediondo o cheiro, e fétido que dêle saía, que não havia do exército quem lhe pudesse ter o rosto direito:

10 E aquêlê que pouco antes cuidava que podia tocar até às estrêlas do céu, agora ninguém o podia suportar por causa dos insuportáveis eflúvios do mau cheiro que saía dêle.

11 E assim derribado com isto da sua grande soberba começou a entrar no conhecimento de si mesmo, advertido do que era pelo castigo de Deus, dobrando-se-lhe a cada instante as suas dores:

12 E como nem êle mesmo pudesse já sofrer o seu mau cheiro, disse assim: E' justo que o homem seja

sujeito a Deus, e que quem é mortal, não queira pôr-se ombro por ombro com o mesmo Deus.

13 Ora êste malvado orava ao Senhor, do qual não havia de conseguir misericórdia.

14 E aquella cidade, contra a qual êle antes se encaminhava apressado para a assolar, e reduzir a um sepulcro de cadáveres amontoados, agora deseja fazê-la livre:

15 E aos judeus, de quem havia dito que nem sequer os teria por dignos de sepultura, mas que os arrojará às aves, e feras, para os despedaçarem, e que os exterminaria com os seus filhinhos, promete agora fazê-los iguais aos atenienses:

16 Promete outrossim que ornará de preciosísimos dons o Santo Templo, que antes tinha roubado, e que multiplicará o número dos vasos sagrados, que concorrerá das suas rendas para as despesas necessárias dos sacrifícios.

17 Que, além disso, êle até se fará judeu, e correrá todos os lugares da terra, e nêles publicará o poder de Deus.

18 Mas como não cessavam as suas dores (porque o justo juízo de Deus tinha enfim descarregado sobre êle) perdendo as esperanças, escreveu aos judeus em forma de súplica uma carta, que continha o seguinte:

19 A SEUS BONÍSSIMOS compatriotas, judeus, o rei e príncipe Antíoco deseja muita saúde, e que passem bem, e tenham felicidades.

20 Se vós, e vossos filhos passais bem, e se vos sucedem tôdas as coisas como desejais, nós rendemos por isso muitas graças a Deus. (3)

(3) **MUITAS GRAÇAS A DEUS** — O termo Deus que a Vulgata omite, é expresso no grego, e quando o não fôsse, sempre se devia entender.

21 Eu pois, achando-me agora enfermo, e lembrando-me benignamente de vós, nesta grande doença que me apanhou ao voltar das partes da Pérsia, julguei que era necessário cuidar dos interesses comuns do meu estado:

22 Não porque eu desespere da minha saúde, mas, antes pelo contrário, tenho grande confiança que tornarei a melhorar.

23 Tendo pois considerado que até meu pai, quando capitaneava o seu exército para as altas províncias, declarou quem havia de tomar as rédeas do governo depois dêle: (4)

24 A fim de que dado o caso que succedesse alguma infelicidade, ou se espalhasse alguma má nova, não se inquietassem por isso os que viviam nas províncias do seu reino, sabendo quem era o que êle tinha deixado por herdeiro da sua coroa.

25 Refletindo além disto que cada um dos confidentes e vizinhos poderosos estão espreitando as conjunturas, e aguardando as ocasiões, tendo designado rei a meu filho Antíoco que eu muitas vêzes, ao passar às altas províncias do meu reino, recomendava a muitos de vós, e lhe tenho escrito o que abaixo se segue.

26 Portanto vos rogo, e peço que, lembrados dos benefícios que tendes recebido de mim em comum, e em particular, guarde cada um a fidelidade devida a mim, e a meu filho.

(4) PARA AS ALTAS PROVÍNCIAS — As províncias para além do Eufrates.

DECLAROU QUEM HAVIA DE TOMAR AS RÉDEAS DO GOVERNO DEPOIS DÊLE — Que foi a seu filho mais velho, Seleuco Filopator, a quem depois succedeu Antíoco Epífanes, que era mais moço, excluindo seu sobrinho Demétrio, filho de Seleuco. Antíoco III tinha perecido quando se preparava para roubar um templo em Elimaida, como fizera Antíoco Epífanes em Persépolis.

27 Porque espero que êle se portará com moderação, e com brandura, e que seguindo as minhas intenções, até vos dará boas provas da sua afabilidade.

28 Enfim, êste homicida, e blasfemo, ferido de uma horrível úlcera e tratado da mesma sorte que êle tinha tratado os outros, longe da sua terra, acabou a sua vida nos montes com uma miserável morte.

29 E fêz trasladar o seu corpo, Filipe seu colço, que, tendo-se do filho de Antíoco, partiu para o Egito, para Ptolomeu Filometor.

CAPÍTULO 10

PURIFICAÇÃO DO TEMPLO POR JUDAS MACABEU. LISIAS REGENTE DO REINO DA SÍRIA SOB ANTIOCO EUPATOR. MORTE DE PTOLOMEU MAGRO. CORRERIAS DE GORGAS SOBRE OS JUDEUS. VITÓRIAS DE JUDAS SOBRE OS IDUMEUS. DESFEITA DE TIMÓTEO. TOMADA DE GAZARA.

1 Entretanto Macabeu, e os que êle tinha consigo, protegendo-os o Senhor, com efeito recobram o templo, e a cidade:

2 E demoliu os altares, que os inficéis tinham levantado nas praças públicas, e também os templos dos ídolos: (1)

3 E depois de terem purificado o templo, erigiram nêle outro altar: E tendo feito sair algumas faíscas de pedras de fogo, ofereceram sacrificios dois anos depois, e puseram o incenso, e as lâmpadas, e os pães da proposição.

4 Feitas estas coisas, prostrados por terra, rogavam ao Senhor que não permitisse que êles tornassem a cair

(1) E TAMBÉM OS TEMPLOS DOS ÍDOLOS — O grego diz "e os bosques consagrados aos ídolos".

em tão grandes males: Mas que no caso que ainda pecassem, os castigasse com mais brandura, e não fôsem entregues a homens bárbaros, e blasfemos.

5 E aconteceu que naquele dia em que o templo tinha sido profanado pelos estrangeiros, nesse mesmo dia foi purificado, no dia vinte e cinco do mês de Casleu. (2)

6 E celebraram esta festa com alegria por oito dias, como a dos tabernáculos, lembrando-se que pouco tempo antes tinham passado a solenidade dos tabernáculos nos montes, e nas cavernas, onde viviam como feras.

7 Pelo que levavam nas mãos varas cobertas de folhagem, e ramos verdes, e palmas à honra daquele que tinha facilitado o modo de se purificar o seu templo. (3)

8 E por um preceito, e decreto em que êles convieram, mandaram a tôda a nação judia que celebraria esta festa todos os anos os mesmos dias.

9 E tal foi por certo, quanto a Antíoco, que foi chamado o Ilustre, o fim que teve a sua vida.

10 Agora porém falando de Eupator, filho dêste ímpio Antíoco, relataremos as ações que obrou, resumindo os males que sucederam durante as suas guerras.

11 Êste pois tanto que entrou a reinar, nomeou por seu primeiro ministro de estado dos negócios do reino a um certo Lísias, o general do exército da Fenícia, e da Síria.

12 Porque Ptolomeu, que tinha por alcunha o Magro, determinou guardar religiosamente justiça aos judeus e principalmente por causa do injusto tratamento que

(2) **DE CASLEU** — Que corresponde a novembro. — **Menochlo.**

(3) **VARAS COBERTAS DE FOLHAGEM** — À letra, tirsos, varas enfeitadas com folhas de parreira e cachos de uvas, de que usavam as baçantes.

se tinha praticado com êles, e portar-se pacificamente a respeito dos mesmos. (4)

13 Mas êle, acusado disto na presença de Eupator pelos seus favorecidos, como ouvisse que o tratavam muitas vêzes de traidor, por ter deixado Chipre, que o rei Filometor lhe tinha confiado, e porque tendo passado para o partido de Antíoco o Ilustre se tinha também aliado dêste príncipe, se tirou a si a vida com veneno.

14 Quanto a Gorgias, que tinha o mando daqueles lugares, tomando consigo tropas estrangeiras, dava de quando em quando suas refregas aos judeus.

15 Por outra parte os judeus, que estavam senhores das praças fortes, recolhiam os que tinham sido sacudidos de Jerusalém, e buscavam ocasiões de guerrear.

16 Entretanto os que andavam com Macabeu, tendo conjurado pelas suas orações ao Senhor, que viesse em seu socorro, atacaram com grande vigor as fortalezas dos idumeus:

17 E porfiando em as combater com muita atividade, se apoderaram daqueles lugares, mataram os que se lhes puseram diante, e entre todos passaram à espada não menos que vinte mil homens.

18 E tendo-se alguns retirado para duas tôrres em extremo fortes, onde tinham todos os petrechos que haviam mister para bem se defenderem,

19 Macabeu deixando para a sua expugnação a Simão, e a José, e também a Zaqueu: E aos que estavam com êles em bastante número, marchou em pessoa para onde as necessidades mais urgentes da guerra o chamavam.

(4) PORQUE PTOLOMEU, QUE TINHA POR ALCUNHA O MAGRO — O grego tem, por alcunha macron, que quer dizer o Longo.

2. Macabeus 10, 20-27

20 Mas os que estavam com Simão, levados da co-
biça, foram ganhados com dinheiro por alguns dos que
estavam nas tôrres: E tendo recebido setenta mil didrac-
mas, deixaram escapar alguns dêles.

21 E tendo chegado à notícia de Macabeu o que ti-
nha passado, ajuntando os primeiros do povo acusou
aquêles homens de terem vendido a seus irmãos por di-
nheiro, deixando escapar seus inimigos.

22 Fêz pois matar a êstes tais convencidos de trai-
dores, e tomou logo imediatamente as duas tôrres.

23 E cedendo tudo pròsperamente ao valor de suas
armas, matou dentro destas duas praças passante de vinte
mil homens.

24 Porém Timóteo, que antes tinha sido vencido
pelos judeus, levantado um exército de tropas estran-
geiras, e ajuntada a cavalaria da Ásia, veio à Judéia;
parecendo-lhe qué se faria senhor dela pelas armas.

25 Ao mesmo tempo que êle vinha chegando, Ma-
cabeu, e os que estavam com êle, faziam oração ao Se-
nhor, lançando terra sôbre suas cabeças, e tendo cingidos
os seus rins de cilícios.

26 Prostrados ao pé da porta do altar, para que
lhes fôsse a êles favorável, e se declarasse inimigo de
seus inimigos, e adversário de seus adversários, como
diz a lei. (5)

27 E assim tomadas as armas depois da oração,
tendo-se avançado a bastante distância da cidade, fize-
ram logo alto estando já próximos aos inimigos.

(5) AO PÉ DA PORTA DO ALTAR — O grego tem, de-
frente do altar dos perfumes: Isto é, diante do santo, entre o altar
dos holocaustos, e o vestibulo do Templo. Êste era o lugar, onde
os sacerdotes se prostravam para orar nas ocasiões de calamidade
pública. Jl 2, 17.

COMO DIZ A LEI — Do Ex 36, 22.

28 E tanto que saiu o sol travaram batalha os dois exércitos: Tendo uns por certo, além do seu esforço, ao Senhor por fiador da vitória e bom sucesso das suas armas: E os outros só tinham por guia o seu ânimo. (6)

29 Mas a tempo que a peleja era de parte a parte mais obstinada, apareceram do céu aos inimigos cinco homens a cavalo, com o adorno de freios de ouro, servindo de guia aos judeus:

30 Dois dêles tendo no meio de si a Macabeu, cobrindo-o com suas armas, o guardavam para que andasse sem risco de sua pessoa: E contra os inimigos lançavam dardos, e raios, com que vinham a cair mortos assim confundidos pela cegueira, como cheios de turbação:

31 Foram pois mortos vinte mil e quinhentos homens, e seiscentos cavalos.

32 E Timóteo fugiu para Gazara, praça fortificada, de que era governador Quéreas. (7)

33 Macabeu porém, e os que com êle estavam, cheios de alegria tiveram cercada a praça por quatro dias.

34 Mas os que estavam dentro, confiados no fortificado da praça, os insultavam sobremaneira com injúrias, e proferiam palavras abomináveis.

35 Porém amanhecendo o dia quinto, vinte mancebos dos que estavam com Macabeu, irritados no seu interior por causa destas blasfêmias, se chegaram valorosamente aos muros, e subiram acima dêles com um ânimo embravecido:

36 E subindo também outros em seu seguimento,

(6) O SEU ÂNIMO — O seu valor, a sua ousadia. O grego diz ira, orgulho, ou cobiça.

(7) GAZARA — Cfr. Mac 14, 34.

DE QUE ERA GOVERNADOR QUÉREAS — Êste era irmão de Timóteo, como logo se verá pelo versículo 37.

começaram a pôr fogo às tôrres, e às portas, e a queimar vivos aquêles blasfemadores.

37 E depois de gastarem dois dias inteiros em destruir a praça, tendo achado a Timóteo num lugar, onde êle se escondera, o mataram: Também tiraram a vida a seu irmão Quêreas, e a Apolofanes. (8)

38 Concluídas que foram estas emprêsas, cantando hinos e cânticos, bendiziam ao Senhor, que tinha feito estas grandes coisas em Israel, e lhes havia dado a vitória.

CAPÍTULO 11

LÍSIAS VEM À JUDEIA COM UM PODEROSO EXÉRCITO. OS JUDEUS INVOCAM O SENHOR, E ALCANÇAM VITÓRIA. LÍSIAS LHES PEDE PAZ, E JUDAS LHA CONCEDE. CARTA DE LÍSIAS AOS JUDEUS. CARTAS DE ANTIOCO EUPATOR A LÍSIAS, E AOS JUDEUS. CARTA DOS ROMANOS AOS JUDEUS.

1 Mas pouco tempo depois Lísias, aio do rei, e seu parente, e que tinha a seu cargo os negócios do reino, muito sentido do que havia acontecido,

2 ajuntando oitenta mil homens de pé, e tôda a cavalaria, marchava contra os judeus, imaginando que sem dúvida tomaria a cidade, com tenção de a dar aos gentios para a povoarem.

3 E de tirar do templo grandes somas de dinheiro, como dos outros templos dos pagãos, e vender todos os anos o sumo sacerdócio:

4 Não fazendo reflexão alguma no poder de Deus, mas tendo largado as rédeas à sua soberba, punha Lísias tôda a confiança na multidão da sua infantaria, e nos seus milhares de cavalos, e em oitenta elefantes.

(8) **APOLOFANES** — Um personagem desconhecido.

5 Entrando pois na Judéia, e chegando a Betsura, que estava situada num lugar estreito, cinco estádios distante de Jerusalém, atacava esta praça. (1)

6 Tanto porém que Macabeu e os que estavam com êle souberam que as fortalezas eram combatidas, com gemidos, e lágrimas, rogavam ao Senhor, e juntamente todo o povo, que enviasse algum bom anjo para salvação de Israel.

7 E Macabeu foi o primeiro que depois de tomar êle mesmo as armas exortou os outros a se exporem juntamente com êle ao perigo, e a darem socorro a seus irmãos.

8 E quando êles marchavam todos juntos com ânimo resolutivo, appareceu ao sair de Jerusalém um homem a cavalo, que ia adiante dêles vestido de hábitos brancos com armas de ouro, brandindo uma lança. (2)

9 Então bendisseram todos êles ao mesmo tempo ao Senhor misericordioso, e se encheram de ânimo: Prontos a pelejar, não só com os homens mas também com as alimárias mais ferozes, e atravessar por muros de ferro.

10 Marchavam êles pois com grande coragem, tendo por si o Senhor, que do alto do céu se declarava seu

(1) CINCO ESTÁDIOS DISTANTE DE JERUSALÉM — Cinco estádios faziam seiscentos e vinte e cinco passos. De Betsura porém a Jerusalém, atestam Eusébio e S. Jerônimo, que iam vinte mil passos. Por onde julga Calmet, que por descuido dos copistas há aqui um erro na conta. O que se confirma do manuscrito de Alexandria, que em lugar de "cinco estádios", traz aqui "cinco esquenos", medida que ainda não era uniforme em tôdas as terras, todavia em parte nenhuma tinha menos de trinta estádios. Assim cinco esquenos dão ao menos cento e cinqüenta estádios.

(2) APARECEU AO SAIR DE JERUSALÉM UM HOMEM A CAVALO — Era sem dúvida o bom Anjo, que êles no versículo 6 tinham pedido a Deus, que enviasse em seu auxilio e ajuda.

2 Macabeus 11, 11-19

protetor, e fazia resplandecer sobre êles a sua misericórdia.

11 Ao mesmo tempo lançando-se êles com grande ímpeto sobre seus inimigos, à maneira de leões, mataram onze mil homens da sua infantaria, e mil e seiscientos de cavalaria:

12 E fizeram fugir todo o mais resto, e a maior parte dêles não se puderam salvar, senão ficando feridos e sem armas. E até mesmo Lísias por meio de uma vergonhosa fugida escapou.

13 E como êle não era insensato, considerando consigo mesmo a perda que tinha tido, e reconhecendo que os hebreus eram invencíveis quando se escoravam no socorro de Deus todo-poderoso, mandou-lhes embaixadores:

14 E prometeu-lhes que consentiria em tôdas as condições de paz, que fôsem justas, e que persuadiria ao rei que fizesse amizade com êles.

15 Anuiu pois Macabeu aos rogos de Lísias, atendendo em tôdas as coisas ao interêsse do público: E o rei estêve por tudo o que Macabeu pediu aos judeus na carta que escreveu a Lísias.

16 Porque Lísias tinha escrito uma carta aos judeus concebida assim nestes têrmos:

LÍSIAS ao povo dos judeus, saúde.

17 João e Absalon, que por vós tinham sido enviados, entregando-me as vossas cartas, me pediram que cumprisse eu as coisas que por intervenção dêles me eram significadas.

18 Portanto expus ao rei tudo o que se lhe podia representar: E êle conveio naquilo que os seus negócios lhe permitiam.

19 Se vós pois fôrdes fiéis ao rei nos vossos tratados, eu também daqui em diante me empenharei por vos fazer todo o bem que puder.

20 E pelo que toca aos outros pontos, eu, tanto aos que vós me enviastes, como aos que eu vos envio, os encarreguei de conferirem pessoalmente mais em particular convosco sôbre êles.

21 Tende boa saúde. Ano cento e quarenta e oito, a vinte e quatro dias do mês de Dioscoro. (3)

22 E a carta do rei continha o seguinte:

O REI Antíoco a Lísias, seu irmão, saúde. (4)

23 Tendo sido o rei nosso pai trasladado para entre os deuses, desejando nós que os que estão no nosso reino vivam em paz e que ponham diligência em tratar dos seus negócios,

24 ouvimos que os judeus não condescenderam com meu pai no tocante a se passarem para o rio dos gregos, mas que querem conservar os seus costumes, e que por esta razão êles nos pedem que lhes seja permitido viverem segundo as suas leis.

25 Querendo pois que também êste povo viva em quietação, determinamos, e ordenamos que lhes seja restituído o seu templo, para êles viverem conforme os costumes de seus antepassados.

26 Tu pois farás bem de mandares lá, e de fazeres aliança com êles: Para que tendo conhecido a nossa vontade, fiquem já com o ânimo desassombrado, e atendam a seus próprios interesses.

(3) **ANO CENTO E QUARENTA E OITO** — Entende-se da era dos gregos, isto é, dos Seléucidas, e cento e sessenta e três antes de Jesus Cristo.

DO MÊS DE DIOSCORO — Não se sabe que mês era êste entre os gregos. Uns suspeitam que era o mês **Dio**, que correspondia a novembro; outros que o mês **Distro**, que correspondia a março; outros que um mês intercalar entre o **Distro** e o **Xantico**, isto é, entre março e abril.

(4) **A LISÍAS, SEU IRMÃO, SAÚDE** — Título anexo à dignidade de Lísias, segundo já notamos noutra parte, 1 Mac 10, 18.

2 Macabeus 11, 27-37

27 E a carta do rei aos judeus era do teor seguinte:
O REI Antíoco ao senado dos judeus, e aos outros judeus, saúde.

28 Se vós passais com saúde, estais no estado em que nós desejamos: E nós também passamos bem.

29 Veio buscar-nos Menelau, dizendo que vós desejáveis vir ter com os vossos, que estão no nosso reino.

30 Nós pois damos passaportes aos que quiserem vir até ao dia trinta do mês de Xantico, (5)

31 permitindo que os judeus usem das suas comidas, e vivam segundo as suas leis, como dantes: E que nenhum dêles de modo algum padeça detrimento pelas faltas que foram cometidas por ignorância.

32 Nós pois vós mandamos também Menelau, para conferir convosco.

33 Tende saúde. Ano cento e quarenta e oito, aos quinze dias do mês de Xantico.

34 E também os romanos mandaram sua carta concebida nestes termos:

QUINTO Memio, e Tito Manílio, legados dos romanos, ao povo dos judeus, saúde.

35 Nós vos concedemos igualmente as mesmas coisas que Lísias, parente do rei, vos concedeu.

36 E pelo que toca às que êle julgou que deviam ser representadas ao rei, mandai quanto mais depressa alguém, depois de terdes entre vós deliberado bem na matéria, para nós determinarmos o que vos fôr mais conveniente: Porque nós vamos a Antióquia.

37 Por isso mandai-nos depressa a resposta, para nós sabermos também qual é a vossa vontade.

(5) DO MÊS DE XANTICO — Este mês correspondia entre os gregos ao nosso abril.

38 Tende boa saúde. Ano cento e quarenta e oito, aos quinze dias do mês de Xantico.

CAPÍTULO 12

OS JUDEUS SÃO PERSEGUIDOS PELOS GOVERNADORES DAS PROVÍNCIAS VIZINHAS DA JUDÉIA. EXPEDIÇÃO DE JUDAS SOBRE JOPE E SOBRE JAMNIA. ELE MARCHA CONTRA TIMÓTEO AO ALÉM-JORDÃO. DERROTA O EXÉRCITO DE TIMÓTEO. VOLTA A CITÓPOLIS. MARCHA CONTRA GORGAS, E PÕE-NO EM FUGIDA. OBLAÇÕES PELOS JUDEUS MORTOS NESTA BATALHA.

1 Feitos êstes tratados, voltou Lísias para o rei, e os judeus se ocupavam em cultivar as terras.

2 Mas outros, que tinham ficado no país, a saber, Timóteo e Apolônio, filho de Jeneu, como também Jerônimo e Demofonte, além dêstes, também Nicanor, governador de Chipre, não os deixava viver em paz nem em sossego. (1)

3 Entretanto os de Jope cometeram uma aleivosia tal, como esta: Rogaram aos judeus, com quem habitavam, que com suas mulheres e filhos se metessem numa barca que tinham preparado, como se não houvesse entre êles inimizade alguma.

4 Enfim segundo um decreto acordado unanimemente pela cidade, depois de consentirem até nisto os mesmos judeus, não tendo outrossim a menor suspeita por causa da paz que havia entre êles: Tanto que chega-

(1) A SABER, TIMÓTEO — Êste Timóteo é diferente daquele que foi morto em Gazara com seu irmão Quéreas. Acima 10, 37. E é o mesmo que vem nomeado no 1 Mac 5.

E APOLÔNIO — Também êste é diverso de Apolônio, filho de Tarséas, de que se falou acima 3, 5, e 1 Mac 10, 69.

2 Macabeus 12, 5-13

ram ao mar alto, os de Joze afogaram nêles alguns duzentos judeus.

5 Judas assim que soube desta crueldade cometida contra a gente da sua nação, mandou aos que estavam com êle que tomassem as armas: E depois de ter invocado a Deus, justo juiz,

6 marchou contra êstes homicidas de seus irmãos, e logo lhes queimou de noite o pôrto, queimou as barcas, e fêz passar ao fio da espada os que tinham escapado das chamas.

7 E depois de ter assim executado isto, retirou-se com tenção de lá tornar, e de acabar de uma vez com todos os de Joze.

8 Mas como tivesse entendido que também os de Jamnia queriam fazer do mesmo modo aos judeus que viviam entre êles,

9 deu também de noite sôbre os tais jamnitas, e lhes queimou o pôrto com as suas embarcações: De sorte que o clarão do fogo se via em Jerusalém ficando ela na distância de duzentos e quarenta estádios.

10 Tendo-se apartado já dali nove estádios, e indo marchando contra Timóteo, investiram com êle os árabes, que eram cinco mil infantes e quinhentos cavalos.

11 E como se travasse um rijo combate, e tivesse havido bom sucesso com ajuda de Deus, os árabes que tinham ficado, vendo-se vencidos, pediam a Judas que se compusesse com êles, prometendo que lhe dariam pastos, e lhe assistiriam em tudo o mais.

12 E Judas crendo que êles efetivamente lhe poderiam ser úteis em muitas coisas, prometeu-lhes paz: E feita a composição, êles se retiraram às suas tendas.

13 E atacou ainda uma cidade forte, que tinha por nome Casfin, cercada de pontes e de muros, a qual estava mui povoada de uma mistura de diversas nações.

14 Os que porém estavam dentro, confiados na firmeza dos seus muros, e no provimento que tinham de víveres, defendiam-se negligentemente, insultando a Judas com dictérios, e com blasfêmias, e proferindo palavras detestáveis.

15 Macabeu porém, invocado o grande príncipe do mundo, que sem aríetes, nem máquinas bélicas, em tempo de Josué instantâneamente derribou a Jericó, subiu furiosamente aos muros:

16 E tendo tomado a cidade pela vontade do Senhor executou nela incríveis estragos, de sorte que um tanque que estava ao pé, de dois estádios de largo, se viu tinto do sangue dos mortos.

17 Partidos dali, caminharam setecentos e cinquenta estádios, e chegaram a Caraca aos judeus, que se chamam tubianeus: (2)

18 E não puderam por certo haver às mãos a Timóteo naqueles lugares, porque como não tinha podido fazer ali nada, voltou para trás, deixada em certo sítio uma fortíssima guarnição.

19 Mas Dositeu e Sosipatro, que eram comandantes das tropas com Macabeu, mataram dez mil homens, que Timóteo havia deixado para guarda desta praça. (3)

20 Entretanto Macabeu, ordenados e repartidos em coortes seis mil homens que o acompanhavam, marchou

(2) **E CHEGARAM A CARACA** — E' talvez a mesma que a fortaleza de Dateman, 1 Mac 10, 9. Caraca em caldeu e siríaco significa uma fortaleza. Alguns querem que seja Kir, cidade de Moab.

QUE SE CHAMAM TUBIANEUS — Isto é, os judeus habitantes no país de Tubin, ou de Tub. Veja-se 1 Mac 5, 13. — Calmet.

(3) **DOSITEU E SOSIPATRO** — Lugares-tenentes de Judas Macabeu.

2 Macabeus 12, 21-27

contra Timóteo, que tinha consigo cento e vinte mil infantes, e dois mil e quinhentos cavalos.

21 E Timóteo sabida a chegada de Judas, mandou adiante as mulheres, e os filhos, e o resto da bagagem para uma praça chamada Carnion: Porque era inquistável e difícil de ser entrada por causa da estreiteza das suas avenidas. (4)

22 Mas tanto que apareceu a primeira coorte de Judas ficaram os inimigos passados de medo, pela presença de Deus, que vê todas as coisas, e tomaram a fuga uns atrás dos outros, de sorte que eram com maior desbarato derribados pelos seus, e se feriam com golpes das suas mesmas espadas.

23 E Judas carregava sobre eles com grande vigor castigando a estes profanos, e deles fez cair mortos no campo trinta mil homens.

24 E o mesmo Timóteo veio a cair nas mãos de Dositeu, e de Sosipatro: E lhes pediu com agonizadas instâncias que o deixassem ir com vida, porque tinha feito prisioneiros muitos pais, e muitos irmãos de judeus, os quais pela sua morte perderiam a esperança de cobrar a liberdade. (5)

25 E tendo-lhes dado palavra que restituiria estes prisioneiros segundo o tratado, eles o deixaram ir sem lhe fazerem mal algum, com os olhos em salvar a seus irmãos.

26 Depois tornou Judas a ir a Carnion, onde matou vinte e cinco mil homens.

27 Depois da fuga, e matança destes inimigos,

(4) **CHAMADA CARNION** — E' a mesma que Carnaim, ou Astarot-Carnaim, 1 Mac 5, 26-43.

(5) **PORQUE TINHA** — Timóteo quer dizer que tendo aprisionado um grande número de pais e irmãos dos judeus seriam iludidos na esperança de recobrar a liberdade.

fêz êle marchar seu exército para Efrom, cidade forte, em que habitava uma grande multidão de diversos povos: E os seus muros estavam bordados de valentes mancebos, que os defendiam vigorosamente: E dentro havia muitas máquinas de guerra, e prevenção de armas de arremesso.

28 Mas tendo os judeus invocado o Todo-Poderoso, que destrói com o seu poder as fôrças dos inimigos, tomaram a cidade: E mataram dos que estavam dentro vinte e cinco mil.

29 Dali passaram à cidade dos citas, que distava de Jerusalém seiscentos estádios. (6)

30 E como os mesmos judeus, que viviam com os citopolitas, tivessem atestado que eram bem tratados por êles, que ainda nos tempos da sua desgraça tinham usado com êles de moderação:

31 Dando-lhes por isso as graças, tendo-os exortado a que se mostrassem ainda para o diante benignos com os da sua nação, voltaram para Jerusalém por estar próxima a solenidade das semanas. (7)

32 E passado que foi o Pentecostes, marcharam êles contra Gorgias, governador da Iduméia.

33 E Judas o foi atacar com três mil infantes, e quatrocentos cavalos.

34 Tendo vindo às mãos os dois exércitos, foram poucos os judeus que ficaram mortos.

35 Um certo cavaleiro porém dos de Bacenoris, por nome Dositeu, homem valente, tinha aferrado de Gorgias: E quando êle o queria tomar vivo, outro cavaleiro

(6) **CIDADE DOS CITAS** — Ou Citópolis, é o mesmo que Batsan. Cfr. Mac 10, 32.

(7) **SOLENIIDADE DAS SEMANAS** — Do Pentecostes. Veja-se o Lev 23, 10.

2 Macabeus 12, 36-42

dos de Trácia arremeteu a êle, e lhe cortou um ombro, e assim escapando Gorgias fugiu para Maresa. (8)

36 Mas achando-se fatigados os que estavam com Esdrim, por terem pelejado havia muito tempo, invocou Judas ao Senhor, para que se fizesse êle mesmo o protetor, e o capitão neste combate:

37 Começando a falar na língua pátria, e a levantar clamores em hinos, pôs em fugida os soldados de Gorgias.

38 Depois ajuntando Judas o seu exército, partiu para a cidade de Odolan: E chegando o dia sétimo, purificados segundo o costume, celebraram o sábadno no mesmo lugar. (9)

39 E no dia seguinte foi Judas com os seus ao campo, para levar os corpos dos que tinham sido mortos, e para os sepultar com os seus parentes nos sepulcros de seus pais.

40 Ora êles acharam debaixo das túnicas dos mortos na batalha algumas das oferendas consagradas aos ídolos, que havia em Jamnia, que a lei proíbe ao judeus: Todos pois reconheceram que esta fôra a causa da sua morte.

41 Todos por isso bendisseram o justo juízo do Senhor, que tinha descoberto o que estava escondido.

42 E assim, tendo-se pôsto em oração, conjuraram o Senhor que se esquecesse do pecado, que fôra cometido. Mas na verdade o fortíssimo Judas exortava o povo a que se conservasse sem pecado, vendo diante de seus olhos o que tinha acontecido por causa dos pecados daqueles que tinham sido mortos.

(8) **PARA MARESA** — Em lugar de Maresa traz o siríaco Samaria, como também a Vulgata, e o grego no lugar acima citado do primeiro livro dos Macabeus. E' uma cidade da tribo de Judá.

(9) **ODOLAN** — Na parte meridional da Judéa.

43 E tendo ajuntado uma coleta, mandou doze mil dracmas de prata a Jerusalém para serem oferecidas em sacrifício pelos pecados dos mortos, sentindo bem e religiosamente da ressurreição: (10)

44 (Porque se êle não esperasse que os que tinham sido mortos, haviam um dia de ressuscitar, teria por uma coisa supérflua e vã orar pelos defuntos).

45 E porque êle considerava que os que haviam falecido na piedade tinham uma grandíssima misericórdia reservada.

46 E' logo um santo, e saudável pensamento orar pelos mortos, para que sejam livres dos seus pecados. (11)

(10) PARA SEREM OFERECIDAS EM SACRIFICIO —

Este e os versículos seguintes provam incontestavelmente a crueza da vida futura e a existência do purgatório. Foi por isso que Lutero, não tendo melhor argumento, proclamou apócrifos os livros dos Macabeus; em que lhe pese a autenticidade e divindade destes livros, ficou completamente demonstrado no Concílio do Vaticano. Munster e outros críticos protestantes sustentam que esta passagem foi interpolada; porém a crítica rigorosa averiguou que todos os exemplares gregos, latinos, siríacos, os de maior autoridade apresentam esta passagem, e que os mais antigos Padres da Igreja, os de melhor nome, já pela sua antiguidade, já pela sua santidade, citaram esta passagem como autêntica e como indubitável testemunho da existência do purgatório.

(11) É LOGO UM SANTO E SAUDÁVEL PENSAMENTO —

Texto claríssimo não só pelo dogma da existência do purgatório, mas também pelo outro, de aproveitarem às almas dos defuntos que nêle padecem, os sacrificios e orações que lhes aplicam os vivos. Um e outro negam os protestantes, e por isso também não querem admitir por Canônicos estes dois Livros dos Macabeus. Mas Santo Agostinho no princípio do livro De cura pro mortuis, já advertiu, que quando não tivéssemos no segundo Livro dos Macabeus um testemunho tão expresso pela utilidade dos sufrágios, bastava a antiquíssima praxe da igreja cristã, quando oferece pelos fiéis defuntos o sacrifício do altar, para este artigo se dar por indubitável. E que nesta mesma persuasão estivera a sinagoga, ou

CAPÍTULO 13

ANTIOCO EUPATOR MARCHA CONTRA OS JUDEUS COM UM PODEROSO EXÉRCITO. MANDA MATAR A MENELAU. JUDAS PÕE EM TURBAÇÃO O CAMPO DOS INIMIGOS. SÍ-TIO DE BETSURA. PAZ ENTRE EUPATOR E OS JUDEUS.

1 O ano cento e quarenta e nove, soube Judas que Antíoco Eupator marchava com grandes tropas contra a Judéia. (1)

2 E com êle Lísias, regente, o primeiro ministro dos negócios do reino, trazendo consigo cento e dez mil homens de pé, e cinco mil de cavalo, com vinte e dois elefantes, e trezentas carroças armadas de foices.

3 E Menelau se uniu também a êles: E com muito ardil procurava por meio de rogos abrandar a Antíoco, não pela salvação da pátria, mas esperando ser êle promovido ao principado.

4 Porém o rei dos reis suscitou o coração de Antíoco contra êste pecador: E persuadido por sugestão de Lísias, que Menelau era a causa de todos os males, mandou que, prêso que fôsse, o matassem no mesmo lugar, segundo o costume dêles.

5 E' de saber que naquele lugar havia uma tórre de cinqüenta côvados de altura, que de tôdas as partes estava cercada de um grande montão de cinzas: Do cimo da qual não se via ao redor senão um grande precipício:

igreja judaica, prova bem o presente texto dos macabeus. Até Grócio reconheceu, e confessou, que principalmente depois do cativeiro de Babilônia era uma praxe ordinária dos judeus orar pelos mortos, o que êle atribui à doutrina que então lhes deram os dois profetas Daniel e Ezequiel.

(1) **CENTO E QUARENTA E NOVE** — Do governo dos gregos, e cento e setenta e dois A. C.

6 Mandou o rei que precipitassem aquêlê sacrílego dali abaixo sôbre a cinza, empurrando-o todos para lhe dar a morte. (2)

7 E em observância da tal lei coube morrer a Mene-lau, prevaricador da lei, sem que o seu corpo fôsse dado à terra.

8 E isto sem dúvida aconteceu por um juízo assaz justo: Porque como êle tinha cometido muitas impiedades contra o altar de Deus, cujo fogo e cinza eram umas coisas santas: Foi êle justamente condenado a morrer abafado na cinza.

9 Entretanto marchava o rei bravamente desenfreado, prometendo mostrar-se mais violento aos judeus que seu pai.

10 O que sabendo Judas, mandou ao povo que invocassem o Senhor de dia e de noite, para que também então lhes assistisse, como sempre tinha feito:

11 Pois que receavam verem-se privados da sua lei, e da sua pátria, e do seu santo templo: E que não permitisse que o seu povo, que não havia muito tempo começara a respirar um pouco, ficasse outra vez sujeito às nações que blasfemavam o seu santo nome.

12 E fazendo todos uniformemente o que Judas lhes havia ordenado, e implorando a misericórdia do Senhor

(2) **QUE PRECIPITASSEM AQUELE SAORÍLEGO DALI ABAIXO SOBRE A CINZA** — O grego diz: "Mandou o rei que, segundo o costume do lugar, levando-o Boréia, o matassem. Há pois neste lugar uma tôrre de cem côvados cheia de cinza, e esta tinha um engenho que dava voltas ao redor e estava inclinado de tôdas as partes para a cinza". Este gênero de suplício era desconhecido entre os judeus. Mas entre os persas era frequentíssimo. Valério Máximo, que o descreve no Livro 9, cap. 2, dá por primeiro inventor dele a Dario Histáspides, e assim fez morrer Dario Oco ao príncipe Secundano. — Calmet.

2 Macabeus 13, 13-19

com lágrimas, e jejuns, prostrados diante d'êles três dias contínuos, Judas os exortou que se preparassem.

13 E êle com os anciãos resolveu marchar contra o rei, antes que êle fizesse entrar as suas tropas na Judéia, e se apoderasse da cidade, e deixar ao juízo do Senhor o êxito da emprêsa.

14 Remetendo pois tudo ao poder de Deus, criador do universo, e tendo exortado os seus a combater valorosamente, e a resistir até à morte em defesa das suas leis, do seu templo, da sua cidade, da sua pátria, e dos seus compatriotas, fêz acampar o seu exército junto a Modin.

15 E depois de ter dado aos seus por sinal, A VITÓRIA DE DEUS, tomando consigo os mais valentes dentre os mancebos, atacou de noite o quartel do rei, matou no seu campo quatro mil homens, e o mais corpulento dos elefantes, com todos os que levava em cima: (3)

16 E tendo enchido de espantosíssimo terror, e de turbação o campo dos inimigos, depois do feliz successo desta emprêsa, se retiraram.

17 E foi êste feito cometido ao romper do dia, assistindo a Macabeu a proteção do Senhor.

18 Mas o rei, depois de ter assim provado a audácia dos judeus, procurava tomar as cidades fortes por estratagemas:

19 E veio pôr o cêrco diante de Betsura, que era uma praça dos judeus bem fortificada: Mas foi rechaçado, achou seus encontros, perdeu muita gente.

(3) MATOU NO SEU CAMPO QUATRO MIL HOMENS — Neste número concorda com a Vulgata atual o grego da edição romana. Mas outros exemplares gregos trazem dois mil, o siríaco três mil. Os exemplares antigos da Vulgata antes da de Clemente VIII, traziam catorze mil.

20 Entretanto Judas mandava aos sitiados o que lhes era necessário.

21 Mas um certo Rodoco, do exército dos judeus, ia descobrir aos inimigos os segredos do seu partido, mas depois de reconhecido, foi apanhado, e metido em prisão.

22 O rei fez que se tornasse a falar aos que estavam em Betsura: Deu-lhes a sua palavra: Recebeu a dêles: Foi-se:

23 Pelejou contra Judas, foi vencido: Mas tanto que teve por notícia, que Filipe, que tinha ficado por superintendente dos negócios, se havia rebelado em Antióquia, todo consternado no seu espírito fazendo deprecções aos judeus, e submetendo-se a êles, jurou guardar-lhes tôdas as condições que parecessem justas: E depois desta reconciliação ofereceu um sacrifício, honrou o templo, e fêz-lhe presentes: (4)

24 Abraçou a Macabeu, e o declarou governador e príncipe de todo o país, desde Ptolemaida até os Gerrenos.

25 Quando porém Antíoco entrou em Ptolemaida, estavam os ptolemenses num grande descontentamento por causa das condições daquela aliança, mostrando a sua indignação por temerem não viessem êles a romper o tratado.

26 Então subiu Lísias ao tribunal, e expôs as razões desta aliança, e apaziguou o povo, e tornou para Antióquia: E desta maneira foi a jornada do rei contra a Judéia, e depois a sua retirada.

(4) PELEJOU CONTRA JUDAS — De Carrières e Sacy, supondo que aqui se fala de alguma outra batalha antecedente, parafraseiam: "Mas êle antes pelejou contra Judas".

CAPÍTULO 14

DEMÉTRIO, FILHO DE SELEUCO, VEM METER-SE DE POSSE DO REINO DA SÍRIA. ALCIMO O IRRITA CONTRA JUDAS. DEMÉTRIO MANDA NICANOR CONTRA OS JUDEUS. NICANOR FAZ PAZES COM JUDAS. ALCIMO AS PERTURBA. DEMÉTRIO ORDENA A NICANOR QUE LHE REMETA JUDAS PRESO. JUDAS SE RETIRA. NICANOR BLASFEMA CONTRA O TEMPLO. ACUSAM NA SUA PRESENÇA A RAZIAS. MORTE GENEROSA DESTE VELHO.

1 Mas passado o espaço de três anos soube Judas, e os que com êle estavam, que Demétrio, filho de Seleuco, tinha vindo pelo pôrto de Trípoli com um poderoso exército, e navios, para se apoderar dos postos vantajosos. (1)

2 E que se tinha feito senhor de diversas províncias, apesar de Antíoco, e do seu general Lísias. (2)

(1) MAS PASSADO O ESPAÇO DE TRÊS ANOS — Isto é, 3 anos depois que Eupator subira ao trono, ou o terceiro ano do seu reinado.

QUE DEMÉTRIO, FILHO DE SELEUCO — Já advertimos nas notas ao livro 1, cap. 7, versículo 1, que êste Demétrio era Demétrio Soter, filho de Seleuco IV por sobrenome Filopator. O qual Demétrio tendo ficado em Roma em reféns por seu pai Antíoco Epífanes, teve modo de se ausentar de Roma secretamente, e vir à Síria a recobrar o reino que lhe competia, como filho que era de Seleuco, e tirá-lo das mãos a Antíoco Eupator, seu primo, que indevidamente o possuía, pelo ter usurpado para si seu pai Antíoco Epífanes.

TRÍPOLI — Cidade fenícia e pôrto do mar, a norte de Sidon, entre Biblos e Arados, junto da parte mais elevada da cordilheira do Líbano, chamada Trípoli, nome que significa três cidades, porque se compusera de três colônias distintas, Sidon, Tiro e Arado, lugar ainda hoje de grande importância comercial.

(2) APESAR DE ANTÍOCO — O grego diz, depois de ter morto a Antíoco e a Lísias. O que se confirma do 1 Mac 7, 3.4. — Pereira.

3 Ora um certo Alcimo, que tinha sido sumo sacerdote, e que voluntariamente se tinha manchado no tempo da mistura, considerando que êle de nenhum modo podia ter melhoramento de estado, nem acesso ao altar,

4 veio ter com o rei Demétrio no ano cento e cinqüenta, oferecendo-lhe uma coroa de ouro e uma palma, além disto também uns ramos, que pareciam ser do templo. E com efeito aquêlle dia não lhe disse nada.

5 Mas tendo achado ocasião oportuna de executar o seu louco intento, chamado por Demétrio ao conselho, e perguntado em que fundamentos e conselhos se estribavam os judeus,

6 respondeu: Aquêles de entre os judeus, que se chamam Assideus, cujo capitão é Judas Macabeu, fomentam guerras, e excitam sedições, e não sofrem que o reino esteja quieto.

7 Porque até eu mesmo despojado da glória que tinha recebido de meus pais (quero dizer do sumo pontificado) vim ter aqui. (3)

8 Primeiramente para guardar por certo a fidelidade que devo ao rei, no tocante aos seus interesses, e segundariamente para negociar também as conveniências de meus compatriotas: Porque tôda a nossa nação está vexada não de mui leves opressões pela maldade destas pessoas.

9 Assim que, eu te rogo, ó rei, que informando-te miudamente de tôdas estas coisas, olhes pelos interesses tanto da nossa terra, como da nossa nação, conforme a tua bondade por todos já tão conhecida.

(3) DA GLÓRIA QUE TINHA RECEBIDO DE MEUS PAIS

— Alcimo sim era da prosápia de Aram, 1 Mac 7, 14, mas segundo José, não era da família que até então tinha possuído o Sumo Pontificado. — Calmet.

2 Macabeus 14, 10-19

10 Porque enquanto viver Judas, é impossível que haja paz no estado.

11 E depois que Alcimo assim falou, os outros amigos, que mostravam uma declarada inimizade contra Judas, inflamaram ainda mais contra êle a Demétrio.

12 Enviou logo Demétrio por general à Judéia a Nicanor, intendente dos elefantes.

13 Dando-lhe ordem que tomasse com efeito às mãos vivo ao mesmo Judas: E que dissipasse todos os que estavam com êle, e que constituísse a Alcimo sumo sacerdote do grande templo.

14 Então os pagãos que tinham fugido da Judéia por temor de Judas, vieram em magotes unir-se a Nicanor, havendo que as misérias, e perdas dos judeus serviam de prosperidade para os seus negócios.

15 Assim que tendo os judeus ouvido a chegada de Nicanor, e a união dos gentios com êle, cobertas suas cabeças de pó, faziam as suas rogativas àquele que tinha fundado o seu povo, para o conservar eternamente, e que protegia com evidentes prodígios a sua herança.

16 E logo depois partiram êles do lugar onde estavam, por ordem do seu general, e foram pôr-se ao pé do castelo de Dessau.

17 Ora Simão, irmão de Judas, tinha principiado a batalha contra Nicanor: Mas foi aterrado com a imprevista chegada dos inimigos.

18 Todavia Nicanor ouvindo falar do esforço da gente de Judas, e da grandeza de ânimo com que êles pelejavam pela pátria, temia expor-se a um combate sanguinolento.

19 Portanto enviou diante a Possidônio, e a Teodócio, e a Matias, para que presentassem, e recebessem proposições de paz.

20 E como por largo tempo se tomasse deliberação a respeito destas ocorrências e tivesse o mesmo general exposto a causa a todo o exército, foram todos uniformemente de parecer que se aceitasse a concórdia.

21 Pelo que ajustaram os dois generais um dia certo, em que conferenciassem entre si secretamente sôbre o ponto: E para cada um se assentar se tiraram cadeiras: E com efeito lhes foram postas.

22 Entretanto Judas tinha mandado que estivesse gente armada em lugares oportunos, por não succeder que lhes viesse de repente algum mal dos inimigos: E elles tiveram uma conferência tendente ao bom êxito do seu negócio.

23 Ficou pois Nicanor em Jerusalém, e não obrou ali nada contra a equidade, e despediu a multidão de tropas, que se lhe tinham ajuntado.

24 E elle amava sempre a Judas com um amor sincero, e sentia particular inclinação para a sua pessoa.

25 Até lhe pediu que se casasse, e que visse se tinha filhos. Judas se casou: Teve descanso e elles viviam familiarmente um com outro.

26 Mas Alcimo, vendo a amizade, e boa harmonia que havia entre elles, foi ter com Demétrio, e lhe disse que Nicanor favorecia os interêsses dos seus inimigos, e que tinha destinado por seu successor dêle Alcimo a Judas que aspirava ao reino.

27 Então exasperado o rei, e todo irritado com as mui detestáveis calúnias que ouvia da bôca dêste mau homem, escreveu a Nicanor, dizendo-lhe que levava por certo muito a mal que elle tivesse feito amizade com Macabeu, que todavia lhe ordenava que o mais depressa que pudesse ser, lho remetesse prêso a Antióquia.

28 Nicanor, recebida esta nova, ficou todo consternado, e custava-lhe muito haver de violar o concôrto que

2 Macabeus 14, 29-37

tinha feito com Macabeu, não tendo recebido agravo algum da sua pessoa.

29 Mas porque não podia resistir ao rei, buscava ocasião favorável para executar a ordem recebida.

30 Entretanto Macabeu, vendo que Nicanor o tratava mais desabridamente que de ordinário, e que lhe mostrava, quando se encontravam, um aspecto mais carrancudo do que costumava, refletindo que esta austeridade não podia proceder de boa causa, convocados alguns poucos dos seus, furtou-se a Nicanor.

31 Quando Nicanor veio a conhecer que ele tinha sido prevenido por Judas com valente resolução, foi ao augustíssimo e santíssimo templo: E oferecendo os sacerdotes as vítimas ordinárias, lhes mandou que lhe entregassem nas mãos a Macabeu:

32 Mas afirmando-lhe eles com juramento, que não sabiam onde estava aquêle que buscava, estendendo a mão para o templo,

33 jurou, dizendo: Se vós me não entregardes Judas debaixo de prisão, eu arrazarei êste templo de Deus, e derribarei o altar, e consagrarei êste templo ao pai Baco.

34 E ditas estas coisas, foi-se. Os sacerdotes porém levantando as mãos ao céu, invocavam aquêle que sempre se tinha declarado protetor da sua nação, dizendo assim:

35 Senhor de todo o universo, que de nada necessitas, tu quiseste que se edificasse um templo da tua habitação no meio de nós.

36 Agora pois, ó santo dos santos, ó Senhor de todas as coisas, isenta para sempre de profanação esta casa, que há pouco foi purificada.

37 Então foi acusado diante de Nicanor um dos anciãos de Jerusalém, chamado Razias, homem zeloso

pela cidade, e que estava em grande reputação: O qual era chamado o pai dos judeus, pelo afeto que lhes tinha.

38 Êste já de tempos muito atrasados fazia uma vida puríssima no judaísmo, e estava pronto para entregar o seu corpo e a sua vida, por perseverar assim até o fim.

39 Querendo pois Nicanor mostrar o ódio que tinha dos judeus, mandou quinhentos soldados a prendê-lo:

40 Porque tinha para si, que se seduzisse a êste homem, haveria êle de causar um grandíssimo estrago aos judeus.

41 A tempo pois que estas tropas forcejavam por entrar na sua casa, e arrombar a porta, e pôr-lhe fogo, como êle se viu a ponto de ser prêso, deu em si um golpe com a espada.

42 Escolhendo antes morrer nobremente do que ver-se sujeito a pecadores, e padecer ultrajes indignos do seu nascimento. (4)

43 Mas como pela pressa com que o deu, não fôra mortal o golpe, e entrando tôda aquela soldadesca de tropel em sua casa correndo com extraordinária resolução ao muro, se precipitou êle mesmo animosamente de alto a baixo sôbre o povo:

44 Tendo-se todos afastado com presteza, para não dar em cima dêles a queda, caiu no chão, dando primeiro com o meio da cerviz: (5)

(4) **ESCOLHENDO ANTES MORRER NOBREMENTE** — Esta exposição do fato deve-se tomar, não como palavras de quem aprova o que escreve, mas como palavras de quem exprime o juízo, que Razias fazia da sua ação, segundo os princípios em que estavam os judeus daquelle tempo, quando davam por uns heróis dignos de todo o louvor, os que em tais circunstâncias se matavam por não virem às mãos de seus inimigos.

(5) **CAIU NO CHÃO, DANDO PRIMEIRO COM O MEIO DA**

45 E como ainda respirasse, tendo cobrado alento se pôs em pé: E não obstante correr-lhe o sangue em largos rios, e estando muito maltratado com as feridas, atravessou numa carreira pelo meio do povo:

46 E pôsto sôbre um escarpado penedo, e tendo já perdido quase todo o sangue, tirando do corpo para fora as suas entranhas, com ambas as mãos as lançou sôbre o povo, invocando o Senhor da vida e da alma, para que lhas tornasse a dar algum dia: E assim acabou a vida. (6)

CAPÍTULO 15

NICANOR QUER ATACAR OS JUDEUS. BLASFEMIA CONTRA O SENHOR. JUDAS EXORTA OS SEUS E CONTA-LHES UMA VISÃO QUE TEVE. DESBARATA O EXÉRCITO DE NICANOR. NICANOR É ACHADO MORTO NO CAMPO DA BATALHA. A SUA CABEÇA E A SUA MÃO SÃO PENDURADAS À VISTA DE TODOS. AÇÕES DE GRAÇAS POR ESTA VITÓRIA. FESTA INSTITUÍDA EM MEMÓRIA DELA.

1 Orã Nicanor, tanto que soube que Judas estava nas terras de Samaria, resolveu atacá-lo com tôdas as suas forças no dia do sábadô.

2 E quando os judeus, que se viam constrangidos

CERVIZ — O grego da edição romana diz: "Caiu sôbre o meio do ventre". Outros exemplares: "Caiu no chão no meio da turba". A diferença vem, de que a mesma voz grega significa ventre, e significa o lugar vazio de edificios. Mas com isto ainda se não sabe de onde procedeu: pois o latino intérprete, venit per mediam cervicem, caiu dando primeiro com a cabeça.

(6) **E ASSIM ACABOU A VIDA** — A ação de Razias em se matar a si mesmo divide os sentimentos d'os intérpretes. Santo Agostinho na carta 204 escreve: "A sua conduta é mais admirável do que prudente." A Escritura narra o fato sem o louvar nem o censurar. Dêste parecer são S. Marcos, Calmet e outros. Nelid Alexandre condena-o.

a segui-lo, lhe disseram: Não obres tão ferozmente, nem com tanta barbaridade, mas fazes honra à santidade do dia, e reverencia aquêle que vê tôdas as coisas:

3 Aquêle infeliz lhes perguntou se havia no céu algum Deus poderoso, que tivesse mandado celebrar o dia do sábado.

4 E respondendo-lhe êles: Há um Senhor vivo poderoso no céu, o qual mandou guardar o dia sétimo.

5 Então replicou êle: Também eu sou poderoso na terra, que mando se tomem armas, e que se cumpram as ordens do rei. Êle todavia não pôde executar o seu desígnio.

6 Porque com efeito Nicanor no cume de soberba em que estava, tinha assentado consigo levantar um mesmo trofeu de Judas, e de tôda a sua gente. (1)

7 Porém Macabeu esperava sempre com tôda a confiança que Deus lhe havia de assistir com o seu auxílio:

8 E exortava os seus a que não tivessem medo ao chegar destas nações, mas repassassem com a memória as ajudas que tinham recebido do céu, e esperassem agora que o Todo-Poderoso lhes daria vitória.

9 Tendo-lhes também dado suas instruções tiradas da lei e dos profetas, e trazido à memória os combates que tinham sustentado, êle lhes infundiu novos alentos:

10 E depois de lhes ter levantado assim os espíritos, lhes representou Judas ao mesmo tempo a perfídia das nações e a violação dos seus juramentos.

11 Êle pois armou a cada um dêles não tanto com a prevenção de escudos, e lanças, como com palavras e exortações excellentíssimas, referindo-lhes uma visão dig-

(1) DE JUDAS E DE TODA A SUA GENTE — Este é o sentido do grego: *Commune tropæum statuere de his qui erant cum Juda.*

na de fé que êle tinha tido em sonhos, com a qual encheu a todos de alegria.

12 A visão pois que teve foi desta maneira: Parecia-lhe que Onias, sumo sacerdote, que havia sido homem de bem e afável, recatado no olhar, comedido nos costumes, e prazenteiro nos seus discursos, e que desde menino se tinha exercitado nas virtudes, estendendo as mãos orava por todo o povo dos judeus: (2)

13 Que depois disto lhe apparecera também outro varão, admirável pela sua idade, e glorioso esplendor, e cercado de grande formosura:

14 E que Onias apontando para êle, dissera: Êste é o amador de seus irmãos, e do povo de Israel, êste é Jeremias, profeta de Deus, que ora muito pelo povo, e por tôda a santa cidade. (3)

15 Que ao mesmo estendera Jeremias a mão, e dera a Judas uma espada de ouro, dizendo-lhe:

16 Toma esta santa espada como um presente que Deus te faz, com a qual tu deitarás por terra os inimigos do meu povo de Israel.

17 Excitados pois com estas tão excelentes exortações de Judas, capazes de poderem dar brios, e fortalecer os ânimos dos mancebos, resolveram atacar e combater vigorosamente os inimigos: Para que o esforço com

(2) **PARECIA-LHE QUE ONIAS** — Era Onias III, cujos louvores, e morte dada por Andrônico, lemos no cap. 4 d'êste livro.

ORAVA POR TODO O POVO DOS JUDEUS — Êste é outro motivo por que aos protestantes amarga admitir êste livro por canônico, ver aqui, e no versículo seguinte, expresso o Dogma da Invocação e Intercessão dos Santos, que com a Sinagoga abraçou sempre a Igreja Cristã ensinada pelos apóstolos.

(3) **APONTANDO PARA ELE** — À letra: respondendo. E' pois de saber que nas Escrituras se toma muitas vêzes, como aqui, o verbo responder por falar.

que os rebatessem, fôsse a decisão desta guerra, porque a cidade santa, e o templo estavam expostos a um grande perigo.

18 Porquanto a êles não se lhes dava tanto de suas mulheres, e filhos, como também de seus irmãos, e parentes: Porém o maior, e o primeiro temor que tinham era pela santidade do templo:

19 E também dos que estavam na cidade, se apoderava um não mui pequeno sobressalto, por causa dos que haviam de combater.

20 E quando já todos esperavam a futura decisão do combate, e estando à vista os inimigos, e o exército formado em batalha, os elefantes, e a cavalaria disposta no seu competente lugar.

21 Considerando Macabeu aquela multidão de gentes que vinha sôbre êles, e aquêle aparato de armas tão diversas, e a ferocidade daquelas alimárias, estendendo as mãos ao céu, invocou o Senhor, que faz prodígios, que não atendendo ao poder das armas, porém como a êle muito lhe apraz, dá a vitória aos que são dignos dela.

22 Invocando-o pois disse desta maneira: Tu, ó Senhor, que mandaste o teu anjo em tempo de Ezequias, rei de Judá, e que mataste cento e oitenta e cinco mil homens do exército de Senaquerib:

23 Manda também agora adiante de nós, ó Senhor dos céus, o teu bom anjo, que inspire temor, e tremor da grandeza do poder de teu braço,

24 para que aquêles, que blasfemando o teu nome, vêm atacar o teu santo povo, tenham mêdo. E assim é que êle na verdade acabou a sua oração.

25 Entretanto Nicanor, e o seu exército se vinham chegando para o combate ao som das trombetas, e com alaridos.

2 Macabeus 15, 26-34

26 Judas porém, e os que vinham com êle, invocando a Deus, com as suas orações deram sôbre os inimigos:

27 Pelejando sim com as armas na mão, porém encomendando-se ao Senhor no fundo de seus corações, mataram não menos que trinta e cinco mil homens, sentindo-se cheios de uma grande alegria pela presença de Deus.

28 E tendo êles acabado a peleja, e ao tempo que voltavam com júbilo, souberam que Nicanor tinha caído morto, coberto das suas armas.

29 Assim que tendo dado um grande grito, e levantando um ruído de confusas vozes, bendiziam ao Senhor todo-poderoso na língua de seus pais.

30 E Judas, que em tudo e por tudo estava pronto de corpo, e alma, a dar a vida por seus compatriotas, mandou que cortada a cabeça a Nicanor, e a sua mão com o ombro, fôsse levada a Jerusalém.

31 Tendo lá chegado, convocados junto ao altar os seus patrícios, e os sacerdotes, chamou também os que estavam na fortaleza.

32 E tendo-lhes mostrado a cabeça de Nicanor, e aquela malvada mão, que êle com tanta soberba, e insolência, estendera contra a santa casa de Deus todo-poderoso,

33 mandou também que a língua daquele ímpio Nicanor, cortada em muitos pedacinhos, se desse a comer às aves: E que fôsse pendurada defronte do templo a mão daquele furioso.

34 Todos pois bendisseram ao Senhor do céu, dizendo: Bendito seja aquêle que conservou puro o seu santo templo.

35 Pendurou Judas também a cabeça de Nicanor no alto da fortaleza, para ser vista de todos, e com um sinal manifesto do auxílio de Deus. (4)

36 Pelo que decretaram todos de comum acôrdo, que de nenhum modo se deixasse passar aquêlê dia sem se fazer nêlê uma festa particular:

37 E que esta celebração se fizesse ao décimo terceiro dia do mês, que na língua siríaca se chama Adar, um dia antes do de Mardoqueu. (5)

38 Passadas pois estas coisas acêrca de Nicanor, e ficando os hebreus desde aquêles tempos de posse da cidade, eu também porei aqui fim à minha narração.

(4) NO ALTO DA FORTALEZA — Como a fortaleza de Jerusalém estava ainda com a guarnição sira dentro, julga Calmet que Judas mandara pendurar a cabeça de Nicanor da parte de fora, para assim insultar mais os inimigos.

(5) AO DÉCIMO TERCEIRO DIA DO MÊS... ADAR — Era o duodécimo do ano Santo, e o sexto do ano civil, e correspondia parte a fevereiro, parte a março. — *Pereira.*

UM DIA ANTES DO DE MARDOQUEU — Isto é, na vigília da festa das sortes, na qual se celebrava o livramento dos judeus por Mardoqueu, como se lê no livro de Ester, cap. 9. — *Pereira.*

NOTA FINAL — Comparando o segundo livro dos Macabeus com o primeiro, vê-se que a história de Heliodoro, empreendendo saquear o templo de Jerusalém, 3, e a acusação caluniosa de Simão contra o sumo sacerdote Onías, 3, 4; 1, 6, são anteriores em data ao reinado de Antioco Epífanes pela qual começa a narração de 1 Mac 1, 11, e que são do reinado de Seleuco IV. Os fatos relatados 2 Mac 4, 7; 7, intercalam-se facilmente no período de 1 Mac 1, 11-66. O resto da narração é pouco mais ou menos paralela nos dois livros, o fim de 2 Mac correspondente ao 1 Mac 3, 3.

2 Macabeus 15, 39-40

39 E se ela está bem organizada, e como convém à história, isso é também o que eu desejo: Mas se pelo contrário, foi escrita com menos dignidade, deve-se-me perdoar.

40 Porque assim como beber sempre vinho, ou sempre água é coisa danosa: Mas agradável o fazer uso alternativo de ambas estas bebidas: Assim também se o discurso fôr sempre limado, não será grato aos leitores. Acabarei pois aqui.

	1 Mac.	2 Mac.
Primeiros combates de Judas com os sírios, vitória sôbre Nicanor e Gorgias	3, 1; 4, 7	8, 1-35
Guerra contra Lísias	4, 28-35	11, 1-12
Conclusão de paz entre Lísias e os judeus		11, 13-38
Purificação do Templo	4, 36-61	10, 1-8
Guerra de Judas contra os idumeus e pagãos de Galaad, Gallléia e Filistéia	c. 5	10, 10-38; c. 12
Morte de Antíoco Epífanes	6, 1-16	9, 1-29
Campanha de Antíoco Eupator e de Lísias contra a Judéia, tratado de paz	6, 17-61	c. 13
Guerra no tempo de Demétrio até à morte de Nicanor	c. 7	cc. 14 e 15

FIM DO VELHO TESTAMENTO E DO NONO VOLUME

O TOQUE DA TROMBETA DO ARCANJO, PELAS BÔCAS DOS PROFETAS, ANUNCIA A VINDA DO REDENTOR.

AS PROFECIAS MESSIÂNICAS

Encerrando neste volume as vigorosas páginas que constituem o Antigo Testamento, as quais vêm resistindo o perpassar dos séculos numa constante afirmação de sua origem divina, pareceu-nos de utilidade proporcionar ao leitor um pequeno descanso para sua meditação e revigoramento espiritual, que aproveitaremos, sugerindo um volver de olhos para trás, como o viandante, que do alto da montanha, após difícil escalada, pára e contempla, na paisagem estendida a seus pés, as terras que atravessou e que longe se perdem no horizonte distante.

E' uma necessidade que se impõe. Antes de encetar nova jornada em demanda daqueles domínios que têm por divisa "a graça e a verdade", a saber, o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, antes de penetrar nos humbraís sagrados da Lei do Amor do Filho de Deus, convém, imitando o exemplo de Moisés diante da sarça que ardia, "tirar as sandálias porque o lugar é santo" e lançar um olhar retrospectivo ao passado para meditar sôbre a beleza espiritual dos símbolos que apontam a pessoa do Salvador, sôbre a misericórdia sempre manifesta do Criador para com os homens, embora muitas

vêzes encoberta pela linguagem severa dos profetas, mas sempre patente, sempre visível no propósito eterno de redimir a humanidade por meio do sacrifício do Filho Unigênito no alto de um monte, o Calvário, já que o homem se mostrou impotente para cumprir a Lei esculpida em pedra no cimo de outro monte, o Sinai. O que o homem não pôde fazer, Deus fez por êle. Cumpriu a Lei em seu lugar, ficando assim satisfeito aquêle tributo da Divindade que se denomina Justiça, por intermédio de outro de seus atributos, o maior entre todos, o Amor.

A vinda do Filho de Deus ao mundo, eis o liame, o fio maravilhoso que liga todos os livros da Bíblia Sagrada, unificando o grande plano da Redenção através dessas antigas escrituras, pois desde os primeiros versículos do Gênesis até as últimas palavras de Malaquias, transparece iluminada a grande verdade de que “a profecia não foi dada em nenhum tempo, pela vontade dos homens, mas os homens santos de Deus é que falaram, inspirados pelo Espírito Santo” conforme diz o apóstolo São Pedro em sua Segunda Epístola, verso 21 do 1.º capítulo.

Assim, a cosmogonia mosaica, resistindo os embates racionalistas, aí está, confirmando de maneira insofismável a eternidade de seus princípios, enquanto se esboroam as teorias humanas em tôrno da origem do universo. A legislação do Sinai, firmada nos postulados da Justiça Eterna, refulge nas tábuas dos Dez Mandamentos, rígidos e severos, é verdade, como o granito das montanhas de Israel, mas isto porque muito distante se achava ainda o clarão que devia iluminar os horizontes espirituais da humanidade, com a alvorada do Evangelho do Filho de Deus, daquele que seria chamado “Sol.

da Justiça” e “Luz do Mundo”: Ele, sim, completando a grande obra da Redenção, viria esparrizar sobre a humanidade os raios de sua bondade, de seu misericordioso coração. “Porque a Lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade foi trazida por Jesus Cristo”. (Ev. de São João, 1, 17).

A história do povo de Israel, inconstante e insatisfeito, como que buscando sempre algo melhor, evoluindo do patriarcado, mudando de governo para governo, de judicatura para a monarquia, está subdividida, enfraquecida pela ambição, colimando todos êsses desastres com o cativo ignóbil, é uma reafirmação constante da esperança na vinda do “Desejado das Nações”. Aplicando ao domínio espiritual a significação dessa ânsia, dêsse incontido desejo que a humanidade sente, de ser readmitida naquela doce comunhão com o Pai Celestial, perdida pela desobediência, com bastante razão exclama Santo Agostinho em suas *Confissões*: “Nosso coração não repousa, ó Deus, enquanto não descansa em ti...” Esta é, de fato, a grande necessidade do coração humano. Os poetas hebreus, através das produções também inspiradas de seus salmos, de seus cantos de louvor, de seus devaneios filosóficos, proclamaram igualmente a mesma grande verdade. Eis porque exclama Davi: “Assim como o cervo suspira pelas fontes das águas, assim a minha alma suspira por ti, ó Deus”. (Sl 41, 1).

E colimando com a participação do elemento humano na sacrossanta missão de indicar aos seus semelhantes o roteiro certo no caminho da vida, surgem as figuras impressionantes dos profetas, homens intemeratos, obedientes a Deus, cômicos de seu dever, desafiando reis poderosos, lançando-lhes em rosto suas fraquezas e seus crimes, com aquela autoridade superior que lhes dava a

fôrça necessária para afirmar desassombradamente:
“Assim diz o Senhor...”



Em todo o Antigo Testamento, através da história da criação, continuando com as narrativas singelas dos tempos dos velhos patriarcas, seguindo pelos anos em fora com as provações do povo de Deus no cativeiro egípcio e conseqüente livramento pelo pulso firme de Moisés, mantém-se viva a grande e acalentadora esperança na vinda do Messias. A Canaã terrena prefigura a celestial. Os anseios daquela pequena, porém viva e vibrante nação, formada de ex-escravos, se robustecem depois da promulgação da Lei e da orientação de Moisés, preparando o caminho da teocracia.

Buscando, entretanto, melhores condições e novos ideais, aspirações estas correspondidas pelo próprio Deus, é estabelecida a monarquia, onde sobressai a personalidade inconfundível do rei Davi, que apesar de suas imperfeições como homem, foi um dos mais agigantados vultos da Velha Dispensação. Após o reinado promissor de Salomão, esfacela-se, porém, a nação, com a divisão das tribos formando os reinos de Israel e de Judá. Uma sucessão de reis ambiciosos, distanciados muitos deles dos princípios de justiça, surdos à voz dos profetas, provoca o desastre final, o cativeiro para os dois povos, antes unidos sob a proteção divina.

Mas, apesar de tôda essa luta, continua viva a chama da esperança. Os homens de Deus apontam o caminho da Salvação e o povo espera e confia. Como um lenitivo, vêm os dias promissores da Restauração, um raio de luz nas trevas da escravidão. E os profetas cla-

Profecias Messiânicas

mam e a sua voz, ecoando pelas quebradas das montanhas de Israel, lembra ao povo que as promessas do Senhor serão cumpridas e que se aproxima o grande dia da vinda daquele cujo reinado não terá fim...



Procurando atingir o objetivo proposto desde o princípio do livro do Gênesis, encontram-se no Antigo Testamento, como atrás foi referido, a par de outras predições de ordem temporal, aquelas que se referem diretamente ao Messias, o Cristo de Deus, que havia de libertar o povo das aflições e agruras por que passava. Acharmos que seria acertado coligi-las num só corpo, para maior facilidade na compreensão do maravilhoso plano da Redenção da humanidade. Assim, vamos focalizar, distintamente, as profecias que se referem à Vida, Pai-xão e Morte de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

NASCIMENTO DO MESSIAS

Sua ascendência — E' logo no capítulo 3, versículo 15 do livro do Gênesis que vamos encontrar a primeira referência à vinda do Salvador, que havia de nascer de uma mulher: "E disse o Senhor à serpente: Serás maldita entre todos os animais da terra... Porei inimizade entre a sua descendência e a tua. Ela te esmagará a cabeça e tu inútilmente procurarás mordê-la no calcanhar".

Vem depois a solene promessa feita a Abraão, quando o patriarca, procurando antes de tudo obedecer à vontade do Senhor, sentiu seguro no ar o braço que se preparava para desferir no filho o golpe mortal: "Eu

jurei por mim mesmo, diz o Senhor, que pois que tu me fizeste esta ação, e que por me obedeceres não perdoaste a teu filho único; eu te abençoarei, e multiplicarei a tua raça como as estrelas do céu, e como a areia, que há nas praias do mar. Os teus descendentes possuirão as portas de seus inimigos. E todas as gentes da terra serão benditas na tua posteridade porque obedeceste à minha voz". (Gên 22, 16-18).

Eis São Mateus confirmando essa promessa quando ao iniciar o seu Evangelho, se refere a Nosso Senhor Jesus Cristo, chamando-o também Filho de Abraão.

Ainda pela voz dos patriarcas, desta vez pelos lábios de Jacó, quando este diz: "Não se tirará o cetro de Judá, nem o príncipe, que proceda d'ele, até que venha aquele que deve ser enviado. E este será a expectativa das gentes". (Gên 49, 10).

Passam-se os anos. Israel é já uma nação organizada e próspera sob o comando do rei Davi. Eis a palavra do Senhor dirigida ao piedoso soberano de seu povo: "E completos que forem os teus dias, e tiveres dormido com teus pais, suscitarei depois de ti a teu filho, que proceda do teu ventre, e firmarei o seu reino, ele edificará uma casa em meu nome: e eu estabelecerei para sempre o trono do seu reino", (2 Rs 7, 12. 13). Estas palavras que no seu sentido temporal se referiam a Salomão, indicavam, sem nenhuma dúvida, espiritualmente, o reinado do Messias, prefigurado pelo sucessor de Davi, em sua sabedoria e seu poder.

Tempo em que havia de nascer o Messias — A profecia de Jacó, atrás referida, designa claramente o tempo em que Jesus havia de nascer. Os judeus, mesmo quando se encontravam sofrendo no cativeiro, sob o látego de

seus inimigos, sempre foram governados por chefes ou juizes de sua própria nação, como se depreende da história de Susana. Assim, sòmente sob o domínio de Roma, é que vamos encontrar um estrangeiro reinando em Judá, quando então se completou a plenitude dos tempos “e o Verbo se fêz carne, e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, glória como de Filho Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade”. (Ev. de S. João 1, 14).

Um dia, estando em oração, o profeta Daniel pedia insistentemente a Deus que abreviasse o sofrimento de seu povo, que se encontrava na escravidão e se lembrasse de sua aliança, quando lhe apareceu o anjo Gabriel e lhe disse: “Daniel, eu saí agora para te ensinar, e para que tu entendesses. Desde o exórdio das tuas preces, foi dada esta ordem; e eu vim para te descobrir tôdas as coisas, porque tu és um varão de desejos; tu, pois, toma bem sentido no que vou a dizer-te, e compreende a visão. Setenta semanas foram abreviadas a respeito do teu povo, e a respeito da tua santa cidade, a fim de que a prevaricação se consuma, e o pecado tenha o seu fim, e a iniquidade se pague, e a justiça eterna seja trazida, e as visões e profecias se cumpram, e o santo dos santos se unja. Sabe pois isto, e adverte-o bem: desde a saída da palavra para Jerusalém ser segunda vez edificada, até ao Cristo capitão, passarão sete semanas, e sessenta e duas semanas; e segunda vez serão edificadas as ruas e os muros na angústia dos tempos. E depois de sessenta e duas semanas, será morto o Cristo, e o povo que o há de negar não será mais seu povo. E um povo com o seu capitão que há de vir, destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será uma ruína total, e a desolação, a que ela foi condenada, lhe virá depois do fim da guerra. Esse Cristo porém confirmará para muitos o seu pacto numa semana, e no meio da semana faltará a hóstia e o sacri-

fício, e ver-se-á no templo a abominação de desolação; e a desolação perseverará até à consumação e até ao fim. (Dan 9, 22-27).

Nesta admirável profecia, não se hão de contar semanas ordinárias, mas semanas de anos, modo aliás usado entre os judeus, e também pelo anjo Gabriel. Não sòmente a época da vinda do Messias é positivamente fixada, mas o profeta anuncia igualmente a sua morte, o estabelecimento da lei nova e a ruína perdurável de Jerusalém, que renegou seu Salvador. Esta profecia, que atravessou os dezoito séculos da Igreja Cristã, ainda hoje se está cumprindo em nossos dias, e à nossa vista e pesa como um anátema indelével sôbre o povo deicida e a cidade infiel.

Lugar em que havia de nascer — Miquéias, que profetizava no tempo de Joatan, Acaz e Ezequias, exclama: “E tu, Belém Efrata, tu és pequenina entre os milhares de Judá, mas de ti é que me há de sair aquêlê que há de reinar em Israel, e cuja geração é desde o princípio, desde os dias da eternidade. (Miq 5, 2). Palavras mais convincentes e maior clareza não poderá exigir o mais meticoloso indagador das verdades eternas. Elas falam por si, de maneira eloqüente e insofismável.

Quem seria a mãe de Jesus Cristo — Acaz, rei de Judá, cercado em Jerusalém pelos reis da Síria e de Israel, temendo a perda da coroa e do reino, mandou chamar o profeta Isaías, o qual, predizendo que em pouco tempo o rei se veria livre de seus inimigos, predisse ao mesmo tempo o miraculoso nascimento do Salvador, que havia de nascer de sua linhagem: “Pois por isso o mesmo Senhor vos dará êste sinal. Eis-que uma virgem conceberá e dará à luz um filho, e será chamado o seu nome Emanuel”. (Is 7, 14).

MISSÃO E CARÁTER DO MESSIAS

Moisés tinha-se referido ao caráter próprio da missão do Messias, quando disse: "O Senhor vosso Deus suscitará no meio de vós um profeta semelhante a mim". Queria dizer, com estas palavras, que seria legislador e fundaria uma nova aliança. Muitos profetas apareceram em Israel, mas seu ministério era passageiro e não se prolongava além de sua morte. Contentavam-se em concitar seus compatriotas à observância da Lei de Moisés, terminando por saudarem antecipadamente a chegada daquele outro profeta a quem só pertencia ditar uma nova Lei, que, mais ampla que a de Moisés, se estenderia sobre toda a terra: a Lei da Graça e do Amor, que corrigisse o que a primeira tinha de áspero e de duro e que ao sacrifício sangrento de animais, sobrepujasse a oblação incruenta da Nova Aliança.

Esse caráter do Messias não somente é figurado séculos antes de sua vinda, mas também quando já se achava no mundo iniciando sua carreira, um profeta é enviado com a especial incumbência de o dar a conhecer e que o apontou ao povo, dizendo: "Eis-aí o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo..." E mesmo este profeta foi também predito em sua vinda. Malaquias, que encerra o ciclo profético do Antigo Testamento, anuncia João Batista, o qual não devia prometer para o futuro o Cristo que havia de vir, mas Aquêlê que já se encontrava no meio do seu povo: "Eis-aí mando eu o meu anjo, e êle preparará o caminho diante da minha face. E logo o Dominador que vós buscais, e o anjo do testamento, que vós desejais, virá ao seu templo. Ei-lo aí vem, diz o Senhor dos exércitos". (Mal 3, 1).

Isaías, mais que todos os outros profetas, fêz bem conhecidos os dons do Desejado das Nações e qual seria

o poder de sua doutrina. Ouçamo-lo: “E sairá uma vara do tronco de Jessé, e uma flor brotará da sua raiz. E descansará sobre ele o espírito do Senhor: Espírito de sabedoria e de entendimento, espírito de conselho e de fortaleza, espírito de ciência e de piedade, e enchê-lo-á o espírito do temor do Senhor: Não julgará segundo a vista dos olhos, nem argüirá pelo fundamento dum ouvi dizer: Mas julgará os pobres com justiça: E argüirá com equidade em defesa dos mansos da terra: E ferirá a terra com a vara da sua bôca, e matará o ímpio com o assôpro dos seus lábios. E a justiça será o cinto dos seus lombos: E a fé o talabarte dos seus rins. (Is 11, 1-5).

“Porquanto já UM PEQUENO se acha NASCIDO para nós, e um filho nos foi dado a nós, e foi pôsto o principado sobre o seu ombro. E o nome com que se apelide será admirável, conselheiro, Deus forte, pai do futuro século, príncipe da paz. O seu império se estenderá cada vez mais, e a paz não terá fim: Assentar-se-á sobre o trono de Davi, e sobre o seu reino: Para o firmar e fortalecer em juízo e justiça, desde então e para sempre: Fará isto o zêlo do Senhor dos Exércitos”. (Is 9, 6. 7).

“Eis-aqui o meu servo, eu o ampararei: O meu escolhido, nêle pôs a minha alma a sua complacência: Sobre ele derramei o meu espírito, êle promulgará a justiça às nações”. (Is 42, 1).

Propositadamente suprimimos qualquer comentário nosso na transcrição destas passagens do profeta Isaías, o que melhor sentiu os sofrimentos do Salvador, deixando que suas palavras falassem por si mesmas. O que mais poderíamos acrescentar, diante de uma luz tão viva, cujo resplendor, atravessando os oito séculos que o separa-

vam de Jesus Cristo, ainda assim pôde iluminar a agonia do Filho de Deus no alto da cruz, para provar ao mundo o caráter divino daquele que se imolou para salvação da humanidade?

PAIXÃO E MORTE DO MESSIAS

Parece que Deus, prevendo como o espírito carnal daqueles que “têm olhos mas não vêem” havia de se enganar com relação às profecias que anunciavam o poder e os triunfos do Messias, quis prevenir êsse erro, revelando em seus detalhes, as circunstâncias de sua paixão e morte. A entrada triunfal em Jerusalém, a instituição da Eucaristia, a traição de Judas, o silêncio de Jesus diante de seus juizes, sua condenação pronunciada pelos gentios, o gênero de seu suplício, tudo foi previsto de tal sorte, que só uma cegueira espiritual sem precedentes poderia resistir a uma luz tão intensa. Vamos resumir, na melhor ordem possível, essas profecias.

“SALTA de extremado prazer, ó filha de Sião, enche-te de júbilo, ó filha de Jerusalém: EIS-AÍ O TEU REI virá a ti, justo e salvador; êle é pobre, e êle vem montado sôbre uma jumenta, e sôbre o potrinho da jumenta”. (Zac 9, 9).

“Jurou o Senhor e não se arrependerá: Tu és sacerdote eternamente segundo a ordem de Melquisedee”.

“Porque desde o nascente do sol até ao poente é o meu nome grande entre as gentes, e em todo o lugar se sacrifica, e se oferece ao meu nome uma oblação pura; porque o meu nome é grande entre as gentes, diz o Senhor dos Exércitos”.

“Porque se o meu inimigo houvera falado mal de mim, eu o houvera sofrido por certo. E se aquêle que me tinha em aborrecimento, houvera falado de mim com insolência, talvez me houvesse escondido dêle. Mas tu, homem de um coração comigo, minha guia e meu conhecido: Que juntamente comigo tomavas doces manjares: Na casa do Senhor andamos acordes. (Sl 54, 13-15).

“E eu lhes disse: Se parece bem aos vossos olhos, dai-me a recompensa que é devida; e, se não, deixai-vos disso. Então me pagaram êles pelo meu salário trinta moedas de prata. E o Senhor me disse: Arroja ao estatuário êsse dinheiro, essa bela soma que êles creram que eu valia, quando me puseram em preço. E tomei as trinta moedas de prata, e as lancei na casa do Senhor, para o estatuário”. (Zac 11, 12. 13).

“Sacrifício e oferenda não quiseste: deste-me ouvidos perfeitos. E holocaustos pelo pecado não pediste. Então disse: Eis-aqui venho. Na cabeceira do livro está escrito de mim. Para fazer a tua vontade: Deus meu, eu o quis, e no íntimo do meu coração desejei se cumprisse a tua lei”. (Sl 39, 7-9).

Eis agora o retrato mais fiel dos sofrimentos suportados pelo Salvador, como o pinta o inexcédível capítulo 53 de Isaías: “Feito um objeto de desprezo, e o último dos homens, um varão de dores, e experimentado nos trabalhos: E o seu rosto se achava como encoberto, e parecia desprezível, por onde nenhum caso fizemos dêle. Verdaderamente êle foi o que tomou sôbre si as nossas fraquezas, e êle mesmo carregou com as nossas dores: E nós o reputamos como um leproso, e ferido por Deus e humilhado. Mas êle foi ferido pelas nossas iniquidades, foi quebrantado pelos nossos crimes: O castigo que nos

devia trazer a paz, caiu sôbre êle, e nós fomos sarados pelas suas pisaduras. Todos nós andamos desgarrados como ovelhas, cada um se extraviou por seu caminho: E o Senhor carregou sôbre êle a iniquidade de todos nós. Foi oferecido porque êle mesmo quis, e não abriu a sua bôca: Êle será levado como uma ovelha ao matadouro, e como um cordeiro diante do que o tosquia emudecerá, e não abrirá a sua bôca". (Is 53, 3-7).

Vamos transcrever, a seguir, o Salmo 21, cujas primeiras palavras, o próprio Cristo citou na cruz, quando exclamou: Eli, Eli, lama sabachtani, ou seja: Deus, Deus meu, olha para mim: Por que me desamparaste? Mas tu moras no lugar santo, ó Glória de Israel. Em ti esperaram nossos pais: Esperaram, e os livraste. A ti clamaram, e foram salvos: Em ti esperaram e não foram confundidos. Mas eu sou bichinho e não homem: O opróbrio dos homens e a abjeção da plebe. Todos os que me viam, escarneceram de mim: Falaram com os lábios, e menearam a cabeça. Esperou no Senhor: livre-o: Salve-o: se é que o ama... Êles trespassaram as minhas mãos e os meus pés: Contaram todos os meus ossos. E êles mesmos me estiveram considerando e olhando: Repartiram entre si os meus vestidos, e lançaram sorte sôbre a minha túnica. (Sl 21, 2-9 e 17-19).

Respeitando a seqüência dos acontecimentos que se deram no alto do Calvário, intercalaremos aqui uma parte do Salmo 68: "À tua vista estão todos os que me afligem, impropério aguardou o meu coração e miséria. E esperei se algum se entristecia comigo e não houve ninguém: E esperei se algum me consolava, e não o achei. E deram-me na minha comida fel: E na minha sede me propinaram vinagre". (Sl 68, 21. 22).

Voltemos, porém, ao Salmo 21: “Livra, ó meu Deus, a minha alma da espada: E da mão do cão a minha vida. Salva-me a mim da boca do leão: E a minha humildade dos cornos dos unicórnios. Então anunciarei o teu nome a meus irmãos: No meio da Igreja te louvarei. Vós os que temeis ao Senhor, louvai-o: Vós todos que sois descendência de Jacó, glorificai-o: Tema-o tôda a posteridade de Israel: Porque êle não desprezou, nem se indignou da humilde súplica do pobre: Nem apartou de mim a sua face: Mas êle me ouviu quando eu lhe clamava. Para contigo o meu louvor na Igreja grande: Eu cumprirei os meus votos em presença dos que o temem. Os pobres comerão, e serão fartos: E os que buscam ao Senhor louvá-lo-ão: Os seus corações viverão pelos séculos dos séculos. Lembrar-se-ão, e converter-se-ão ao Senhor todos os limites da terra: E adorarão na sua presença tôdas as famílias das gentes”. (Sl 21, 21-29).

Neste admirável salmo, que Bossuet chama de *Testamento de Jesus Cristo*, se vêem descritas, antecipadamente, tôdas as circunstâncias da agonia do Salvador pregado na cruz, mas nêle prediz também o real profeta, em cântico de triunfo, a vitória de Cristo sôbre a morte e o estabelecimento de sua Igreja, espalhada por tôda a terra.

RESSURREIÇÃO DE JESUS CRISTO E ESTABELECIMENTO DA IGREJA

São Pedro, pregando Cristo ressuscitado aos judeus que tinham pedido a sua morte, cita as palavras de Davi no Sl 15, 10: “Porque não deixarás a minha alma

no inferno: Nem permitirás que o teu Santo veja corrupção”. E acrescenta depois, o Príncipe dos Apóstolos: “Varões irmãos, seja-me permitido dizer-vos ousadamente do patriarca Davi, que êle morreu e foi sepultado, e o seu sepulcro se vê entre nós até ao dia de hoje. Sendo êle pois um profeta, e sabendo que com juramento lhe havia Deus jurado que do fruto dos seus lombos se assentaria um sôbre o seu trono: Prevendo isto falou da ressurreição de Cristo, que nem foi deixado no inferno, nem a sua carne viu a corrupção”. (At 2, 29-31).

“E acontecerá isto: todo o que invocar o nome do Senhor será salvo, porque a salvação se achará, como o Senhor disse, no monte Sião, e em Jerusalém, e nos restos que o Senhor tiver chamado”. (Jl 2, 32).

“Êste povo, que andava em trevas, viu uma grande luz: Aos que habitavam na região da sombra da morte, lhes nasceu o dia”. (Is 9, 2).

Quem não observará, nestes caracteres, os sinais da Igreja, do Império de Cristo, que tem visto as coroas e os ceptros arrebatados pela torrente das revoluções e só ela conserva-se em pé, fundada sôbre a rocha firme em que a mão divina a colocou?

E’ ainda no Salmo 21 que vamos encontrar estas palavras: “Lembrar-se-ão, e converter-se-ão ao Senhor todos os limites da terra”. (v. 28).



Quem não vê, nestas últimas palavras, vaticinada formalmente, a pregação do Evangelho pelos apóstolos e pelos missionários, que ainda hoje atravessam mares

e correm longes terras para dar cumprimento à ordem do Mestre: “Ide e pregai o Evangelho a toda criatura” anunciando aos bárbaros e aos gentios aquela justiça de Deus, que pelos merecimentos de Jesus Cristo justifica gratuitamente o homem, mediante a fé?”

Termina aqui a tarefa que nos propusemos ao encerrar o presente volume. Nosso desejo sincero é que o leitor prossiga novamente sua jornada, olhando agora, não mais para o passado, mas para o futuro, para o horizonte à sua frente, onde o céu começa a clarear anunciando a nova Lei da Graça, da Verdade e do Amor. Que o leitor prossiga sem desfalecimentos em demanda da Canaã Celestial, que continue sua jornada até poder ouvir bem no íntimo de seu coração aquela voz suave, jamais igualada, dizendo: “Vinde a mim todos vós que vos achais cansados e oprimidos e eu vos aliviarei...”

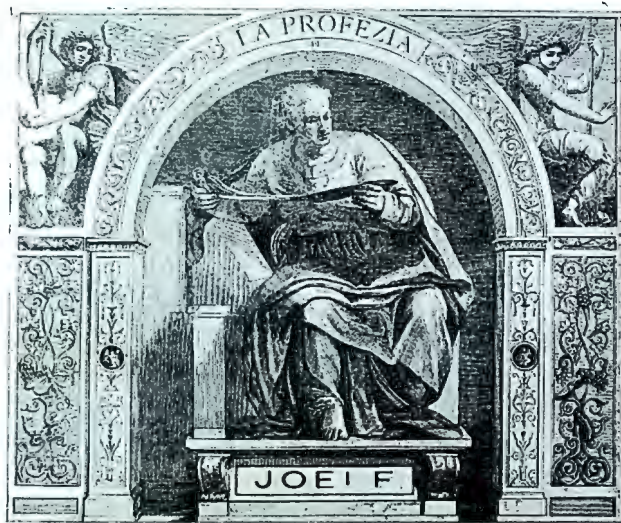
A EDITORA

INDICE DAS GRAVURAS

- I — Palavra do Senhor, que foi dirigida a Joel, filho de Fatuel.
- II — O profeta Amós.
- III — Palavras de Amós.
- IV — Visão de Abdias.
- V — E foi dirigida a palavra do Senhor a Jonas.
- VI — Jonas é engolido por um peixe.
- VII — Jonas dirige-se a Nínive em pregação.
- VIII — Exortação de Jonas aos ninivitas para que façam penitência.
- IX — Deus mostra com um exemplo sensível a Jonas como éle ama os homens, e como sofre quando é obrigado a puni-los.
- X — Palavra do Senhor, que foi dirigida a Miquéias de Morasti.
- XI — Miquéias exorta os israelitas a fazerem penitência.
- XII — Desgraça de Nínive.
- XIII — Desgraça que viu o profeta Habacuc.
- XIV — Palavra do Senhor que foi dirigida a Sofonias.
- XV — Palavras do Senhor a Zorobabel.
- XVI — Palavras do Senhor a Zacarias.
- XVII — Visão dos quatro carros.
- XVIII — Visão de Zacarias.
- XIX — E as ruas da cidade serão cheias de meninos e meninas, que brincarão nas suas praças.
- XX — Eu então tomei o meu cajado, que se chamava a Formosura, e quebrei-o.
- XXI — Desgraça opressora da palavra do Senhor sobre Israel, por ministério de Malaquias.
- XXII — Alexandre derrotou a Dario, rei dos persas e dos medos.

- XXIII — Matatias, acendendo-se o seu furor segundo o espirito da lei de Deus, mata um judeu que sacrificara aos ídolos sôbre o altar.
- XXIV — Matatias mata à vista de todos o profanador do templo.
- XXV — Judas Macabeu sucede a seu pai Matatias no comando do exército.
- XXVI — Judas Macabeu inflige várias derrotas a Nicanor, a Gorgias, e a Lísias.
- XXVII — Judas Macabeu persegue Timóteo.
- XXVIII — Antíoco Eupator, filho do ímpio Antíoco Epífanes, combate, após a morte de seu pai, contra Judas Macabeu.
- XXIX — A horrível morte do rei ímpio Antíoco.
- XXX — E chegou Eleazar até os pés do elefante, e se meteu debaixo d'êle, e o matou.
- XXXI — Jônatas sucede a seu irmão Judas Macabeu.
- XXXII — Derrota de Demétrio e Nicanor.
- XXXIII — Porém Jônatas queimou a Azot, e as cidades que estavam nos seus contornos, e tomou os seus despojos.
- XXXIV — E Simão levantou sôbre o sepulcro de seu pai e de seus irmãos um alto edifício que se via de longe.
- XXXV — Heliodoro, enviado por Seleuco a fim de saquear o templo de Jerusalém, é vergastado por anjos.
- XXXVI — Caiu pois Heliodoro de repente por terra, e envolvido todo êle numa grande escuridade o arrebataram e pôsto numa cadeia de mãos, o lançaram dali para fora.
- XXXVII — Em tôda a cidade de Jerusalém por espaço de quarenta dias se viam homens a cavalo, que discorriam pelo ar, vestidos de tela de ouro, armados de lanças, como tropas de cavalaria.
- XXXVIII — Eleazar, um dos primeiros doutores da lei, varão proecto na idade, foi morto, porque não quis comer carnes proibidas.
- XXXIX — Eleazar preferindo uma morte cheia de glória a uma vida odiosa, voluntariamente se encaminhava ao suplicio.
- XL — Martírio dos sete irmãos Macabeus.

Composto e impresso na
EDITORA CUPOLO LTDA.,
R. Seminário, 137 - S. Paulo



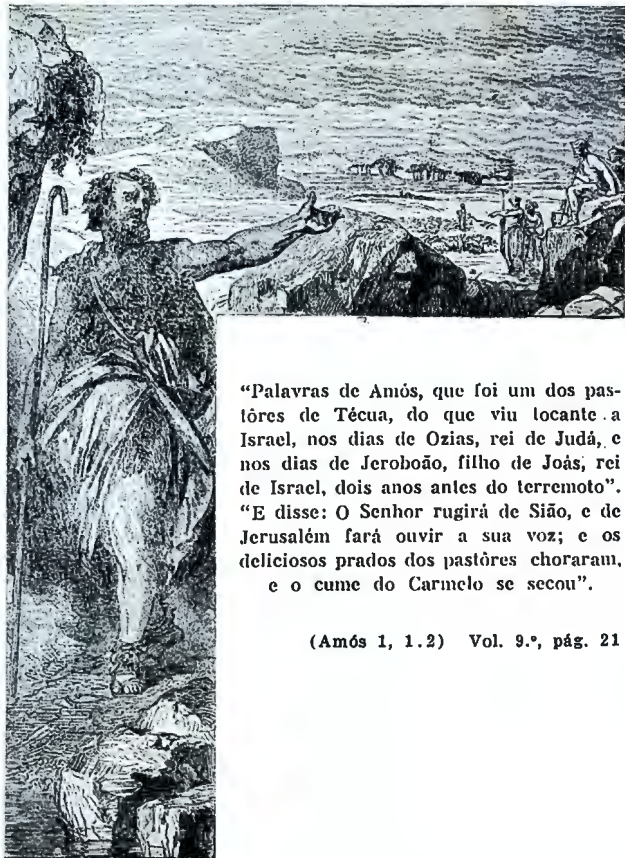
“Palavra do Senhor, que foi dirigida a Joel, filho de Fatuel”.
“Ouvi isto, velhos, e vós, todos os habitantes da terra, aplicai
os vossos ouvidos; se aconteceu coisa como esta em vossos dias,
ou nos dias de vossos pais”.

(Joel 1, 1.2) Vol. 9.º, pág. 7



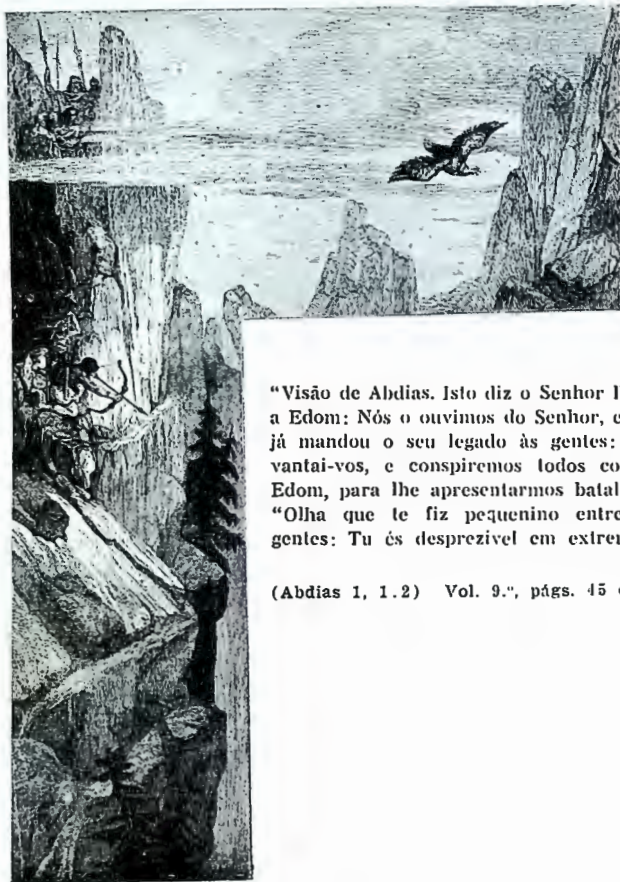
O profeta Amós.

(Amós) Vol. 9.º, pág. 21 ss.



“Palavras de Amós, que foi um dos pastôres de Têcua, do que viu locante a Israel, nos dias de Ozias, rei de Judá, e nos dias de Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel, dois anos antes do terremoto”. “E disse: O Senhor rugirá de Sião, e de Jerusalém fará ouvir a sua voz; e os deliciosos prados dos pastôres choraram, e o cume do Carmelo se secou”.

(Amós 1, 1.2) Vol. 9.º, pág. 21



“Visão de Abdias. Isto diz o Senhor Deus a Edom: Nós o ouvimos do Senhor, e ele já mandou o seu legado às gentes: Levantai-vos, e conspiremos todos contra Edom, para lhe apresentarmos batalha”. “Olha que te fiz pequenino entre as gentes: Tu és desprezível em extremo”.

(Abdias 1, 1.2) Vol. 9.º, págs. 45 e 46



“E foi dirigida a palavra do Senhor a Jonas, filho de Amati, a qual dizia:”: “Levanta-te e vai à grande cidade de Ninive, e prega nela: Porque a sua malícia subiu até à minha presença”.

(Jonas 1, 1.2) Vol. 9.º, pág. 51



Jonas é engolido por um peixe e após três dias o peixe o lança vivo na praia.

(Jonas 2) Vol. 9.º, pág. 54



Jonas dirige-se a Ninive em pregação. Os ninivitas se convertem e fazem penitência.

(Jonas 3) Vol. 9.º, pág. 56



Exortação de Jonas aos ninivitas para que façam penitência.
(Jonas 3) Vol. 9.º, pág. 56



Deus mostra com um exemplo sensível a Jonas como èle ama os homens, e como sofre quando é obrigado a puni-los.

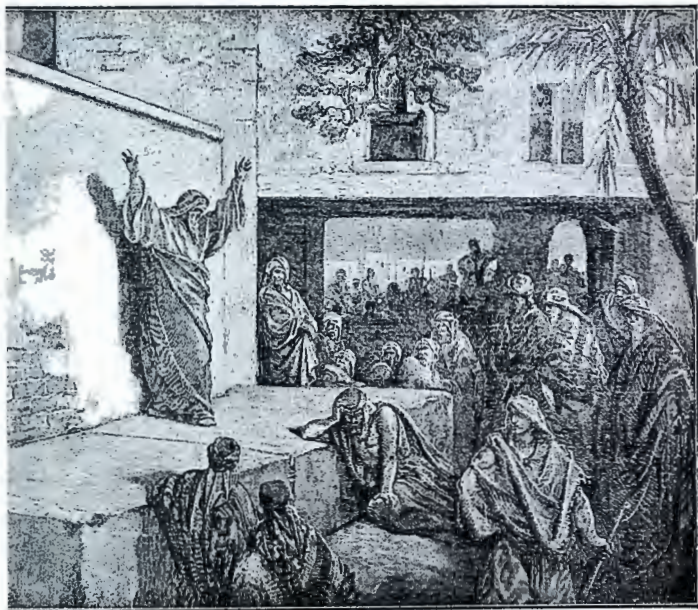
(Jonas 4) Vol. 9.º, pág. 57



“Palavra do Senhor, que foi dirigida a Miquéias de Morasti, nos dias de Joatan, de Acaz, e de Ezequias, reis de Judá: A qual êle viu sôbre Samaria e Jerusalém”.

“Povos, ouvi todos vós e a terra, e tôda a sua plenitude esteja alenta: E o mesmo Senhor Deus seja testemunha contra vós, o Senhor que tudo vê do seu santo Templo”.

(Miquéias 1, 1.2) Vol. 9.º, pág. 61



Miquéias exorta os israelitas a fazerem penitência.

(Miquéias) Vol. 9.º, pág. 61 ss.

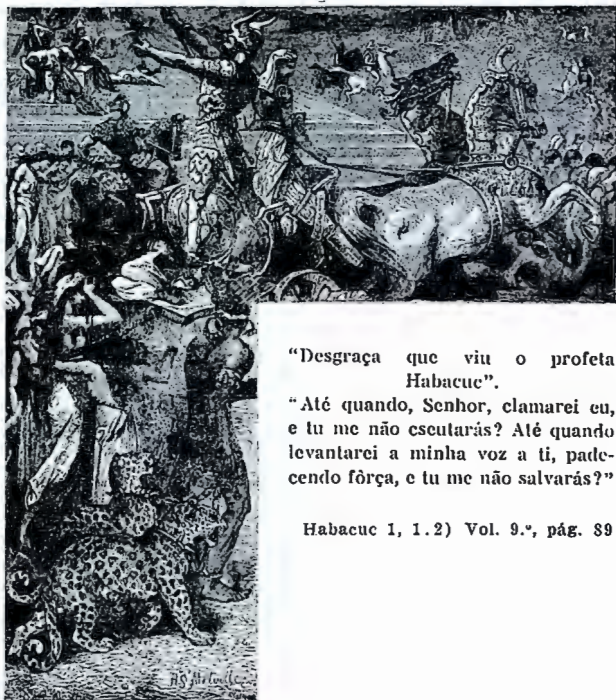


“Desgraça de Nínive: Livro da visão de Naum de Elcese”.

“O Senhor é um Deus zeloso e vingador: O Senhor é vingador e se arma de furor: O Senhor toma vingança contra os seus adversários, e êle mesmo se ira contra seus inimigos”.

(Naum 1, 1.2) Vol. 9.º, pág. 79





“Desgraça que viu o profeta
Habacuc”.

“Até quando, Senhor, clamarei eu,
e tu me não cseutarás? Até quando
levantarei a minha voz a ti, padec-
endo fôrça, e tu me não salvarás?”

Habacuc 1, 1.2) Vol. 9.º, pág. 89



“Palavra do Senhor que foi dirigida a Sofonias, filho de Cusi, filho de Godolias, filho de Amazias, filho de Ezequias, em tempo de Josias, filho de Amon, rei de Judá”.

“Eu infallivelmente congregarei tudo o que se achar sôbre a face da terra, diz o Senhor”.

(Sofonias 1, 1.2) Vol. 9.º, pág. 101





“No segundo ano do reinado de Dario, no sexto mês, no primeiro dia do mês, foi dirigida a palavra do Senhor, por mão do profeta Ageu, a Zorobabel, filho de Salatiel, chefe de Judá, e a Jesus, sumo sacerdote, filho de Josedec, a qual dizia”:

“Isto profere o Senhor dos exércitos, dizendo: Este povo diz: Ainda não é chegado o tempo de reedificar a casa do Senhor”.

(Ageu 1, 1.2) Vol. 9.º, pág. 113



“No segundo ano do reinado de Dario, no oitavo mês, foi dirigida ao profeta Zacarias, filho de Baraquias, filho de Ado, a palavra do Senhor, a qual dizia”:

“O Senhor se irou por extremo contra vossos pais”.

(Zacarias 1, 1.2) Vol. 9.º, pág. 123



Visão dos quatro carros.

(Zacarias 1, 8) Vol. 9.º, pág. 124



Visão de Zacarias.

(Zacarias 6, 1) Vol. 9.º, pág. 135



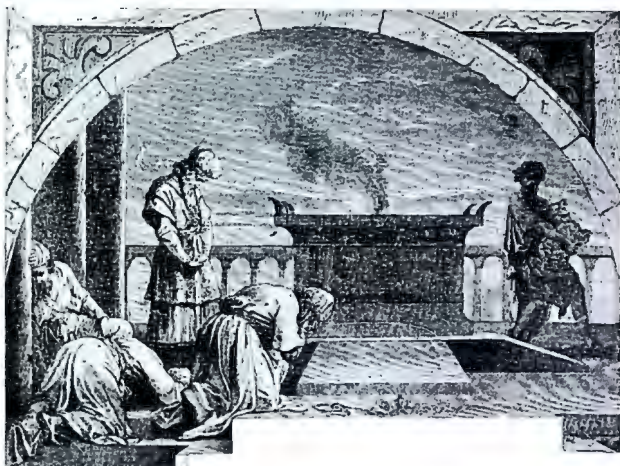
“E as ruas da cidade serão cheias de meninos e meninas, que
brincarão nas suas praças”.

(Zacarias 8, 6) Vol. 9.º, pág. 140



“Eu então tomei o meu cajado, que se chamava a Formosura, e quebrei-o para assim desfazer o meu concêrto, que tinha feito com todos os povos”.

(Zacarias 11, 10) Vol. 9.º, pág. 150



“Desgraça opressora da palavra do Senhor sobre Israel, por ministério de Malaquias”.
 “Eu vos amei, diz o Senhor, e vós disses-
 tes: Em que nos amaste tu? Acaso não
 era Esaú irmão de Jacó, diz o Senhor, e
 contudo eu amei a Jacó e aborreci a Esaú?”

(Malaquias 1, 1.2) Vol. 9.º, pág. 161



“E aconteceu que depois que Alexandre, rei de Macedônia, filho de Filipe, que reinou primeiramente na Grécia, saiu do país de Cetim, derrotou a Dario, rei dos persas e dos medos”:

“Deu êle muitas batalhas, e tomou as mais fortes cidades de tôdas as nações, e matou os reis da terra”.

(1 Macabeus 1, 1.2) Vol. 9.º, págs. 177 e 178



Matatias, acendendo-se o seu furor segundo o espirito da lei de Deus, mata um judeu que sacrificara aos idolos sôbre o altar.

(1 Macabeus 2, 23.24) Vol. 9.º, pág. 188



Judas Macabeu sucede a seu pai Matatias no comando do exército.

(1 Macabeus 3) Vol. 9.º, pág. 193



Judas Macabeu inflige várias derrotas a Nicanor, a Gorgias, e
a Lisias.

(1 Macabeus 4) Vol. 9.º, pág. 200



Judas Macabeu persegue Timóteo.

(1 Macabeus 5, 42 ss) Vol. 9.º, pág. 211



Antioco Eupator, filho do ímpio Antioco Epifanes, combate, após a morte de seu pai, contra Judas Macabeu. Proezas de Eleazar, irmão de Judas Macabeu.

(1 Macabeus 6) Vol. 9.º, pág. 214 ss.



A horrível morte do rei impio Antioco.

(1 Macabeus 6) Vol. 9.º, pág. 214



“E chegou Eleazar até os pés do elefante, e se meteu debaixo d’êle, e o matou: E caiu em terra sôbre êle mesmo, e morreu ali”.

(1 Macabeus 6, 46) Vol. 9.º, pág. 219



Jônatas sucede a seu irmão Judas Macabeu. Obtém
várias vitórias.

(1 Macabeus 9) Vol. 9.º, pág. 232



Derrota de Demétrio e Nicanor. Morte de Judas Macabeu.
(1 Macabeus 9) Vol. 9.º, pág. 232



“Porém Jônatas queimou a Azot, e as cidades que estavam nos seus contornos, e tomou os seus despojos, e pôs fogo ao templo de Dagon, queimando-o com todos os que nêle se tinham refugiado”.



“E Simão levantou sôbre o sepulcro de seu pai e de seus irmãos
um alto edificio que se via de longe, cujas pedras eram polidas
por detrás e por diante”.

(1 Macabeus 13, 27) Vol. 9.º, pág. 268



Heliodoro, enviado por Seleuco a fim de saquear o templo de Jerusalém, é vergastado por anjos.

(2 Macabeus 3) Vol. 9.º, pág. 300



“Caiu pois Heliodoro de repente por terra, e envolvido todo êle numa grande escuridade o arrebataram e pôsto numa cadeira de mãos, o lançaram dali para fora”.

(2 Macabeus 3, 27). Vol. 9.º, pág. 304



“Aconteceu porém que em tôda a cidade de Jerusalém por espaço de quarenta dias se viam homens a cavalo, que discorriam pelo ar, vestidos de tela de ouro, armados de lanças, como tropas de cavalaria”.

(2 Macabeus 5, 2) Vol. 9.º, pág. 313



Elcazar, um dos primeiros doutores da lei, varão provecto na idade, foi morto, porque não quis comer carnes proibidas.

(2 Macabeus 6) Vol. 9.º, pág. 317



Eleazar preferindo uma morte cheia de glória a uma vida odiosa, voluntariamente se encaminhava ao suplicio".

(2 Macabeus 6, 19) Vol. 9.º, pág. 319



Martírio dos sete irmãos Macabeus.

(2 Macabeus 7) Vol. 9.º, pág. 321

NOVO

TESTAMENTO

O NOVO TESTAMENTO

ADVERTÊNCIA PRELIMINAR

Compõe-se o Novo Testamento de vinte e sete livros, segndo os catálogos dos concílios de Hipona (393), terceiro de Cartago (397), de Florença (1441), e de Trento (1546).

Dêstes vinte e sete livros, como já ficou dito, uns são *Históricos*, os Evangelhos e Atos dos Apóstolos; outros *Sapientiais* ou *Morais*, as Epístolas; e outro *Profético*, o Apocalipse.

O objeto de todos êles é Jesus Cristo.

Os livros do Novo Testamento, exceção feita a S. Mateus e, segundo alguns mentores, a epístola aos hebreus, foram escritos em grego, a língua falada então não só nas colônias judaicas e em tôdas as grandes cidades da costa do Mediterrâneo, mas ainda no império romano, salvo a África, a Espanha, o norte da Itália e uma parte das Gálias. Na própria Palestina era falado o grego, e em Roma as classes menos ilustradas compreendiam-no, tão vulgarizado êle estava: *Graeca leguntur in omnibus ferme gentibus; latina suis finibus, exiguis sane, continentur*. Cícero, *Pro Archia*, 10.

E' claro que o grego do Novo Testamento não é o grego clássico, longe disso; é um grego comum, contendo estrangeirismos e mormente hebraísmos.

O fenômeno sociológico que contribuiu para esta difusão do helenismo, foi o estabelecimento de colônias judaicas nos centros helênicos, e a promiscuidade crescente dos gentios com os hebreus, e daqui provinha ser êste dialeto, chamemos-lhe assim, o mais familiar aos apóstolos e às multidões, às quais êles anunciavam a *Boa Nova*.

Torna-se necessário advertir, que todos os autores do Novo Testamento são judeus de origem. Viveram no meio dos pagãos para o desempenho da missão que lhes fôra confiada, mas não tiveram outras relações com gregos e com romanos, senão as que tem o mestre com os seus discípulos, que lhes comunica o que sabe, sem inquerir do que aquêles conhecem e que êle ignora. Falaram-lhes de modo que êles percebessem, mas não procuraram iniciar-se nas sutilezas e sofismas da filosofia profana. *Ils ne se sont pas initiés aux sciences et à la philosophie profane.* Vigouroux, *Le Nouveau Testament et les découvertes archéologiques modernes*, 1896.

*
* *

Para os pregoeiros da Boa Nova só havia uma lei, uma doutrina, uma pregação — anunciar aos homens Jesus Cristo — e por isso só da Divina Pessoa do Redentor e da sua Divina Doutrina se ocupavam.

Os livros do Novo Testamento demonstram claramente a veracidade do que se afirma: Os Evangelhos contam o nascimento, a vida, as pregações, os milagres, os

benefícios, a paixão, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo. Os Atos dos Apóstolos descrevem os trabalhos daqueles que foram aos confins do mundo *pregar o Evangelho a toda a criatura*. — *In omnem terram exivit sonus eorum*. As Epístolas desenvolvem, comentam e aplicam a doutrina cristã, e rememoram os pontos essenciais da História Evangélica. O Apocalipse, escrito na Ilha de Patmos, anuncia a ruína da Roma Pagã, os sinais precursores dos últimos tempos e o juízo final.

Ora, êstes livros, de tão diversos autores, de estilo tão variado, são rigorosamente unânimes a respeito do Divino Personagem principal, ao qual todos se referem, e têm sido, no decurso dos séculos, recebidos como autênticos pela Igreja e pela heresia.

Juliano, o Apóstata, cita os Evangelhos, não contestando a sua autenticidade, *Epístola 42*.

Celso foi aos Evangelhos procurar armas contra a doutrina cristã, mas admitiu-os como autênticos.

Taciano e Marcião, que fizeram esforços inauditos para corromper em favor da sua seita várias passagens do Novo Testamento, prestaram homenagem à autoridade dêstes livros. Cfr. Tertuliano, *Contra Marcionem*, 4, 4, 6.

Eusébio de Cesaréia, no ano 324, redige o catálogo dos livros sagrados e diz que foram todos récebidos como autênticos pelo consenso universal. *Hist. Eclesiástica*, 3, 25.

Orígenes, anterior um século ao *Pai da História Eclesiástica*, diz que a tradição admite quatro, e só quatro Evangelhos: S. Mateus, S. Marcos, S. Lucas e S. João, *Com. in Math.*, 203. Cinquenta anos antes de Orígenes, no ano 207, Tertuliano refere-se aos quatro Evangelistas, distinguindo entre os dois Apóstolos, Mateus e João e os dois discípulos, Lucas e Marcos. *Contra Marcionem*, 1, 4, c. 5.

Antes de Tertuliano, já tinha escrito S. Irineu, discípulo de S. Policarpo, que tinha sido instruído por S. João Evangelista: “Tal é a certeza dos nossos Evangelhos, que os próprios hereges vão ali buscar textos para confirmar a sua doutrina”. *S. Irin.*, 1, 3 c. 2. A êste precedeu S. Justino, que escreveu pelo ano 138, e que na Apologia que dirige ao imperador Antonino, cita a prática de ler “as memórias dos Apóstolos”, a que chamam Evangelhos.

Santo Inácio, martirizado em 107, S. Barnabé, S. Clemente de Roma, S. Policarpo, pertencentes ao primeiro século, incrustam, por assim dizer, nas suas Epístolas, citações numerosas do Novo Testamento, precedida destas expressões, que confirmam a sua autenticidade o *Ait quippe Dominus in Evangelio*, “porque o Senhor o diz no Evangelho”, ou *sicut scriptum est*, “como está escrito”.

E, assim, sobe-se do quarto ao primeiro século, encontrando uma cadeia ininterrupta de tradições constantes referentes à autenticidade incontestável do Novo Testamento, e estas citações são feitas por escritores da alta autoridade de Eusébio, Orígenes, Tertuliano, historiadores e apologistas considerados, por S. Irineu, S. Justino, S. Inácio, S. Clemente, isto é, por filósofos convertidos, por santos, por mártires, por discípulos de apóstolos que os conduzem aos pés do Evangelista S. João, o último sobrevivente dos companheiros de Jesus Cristo, que escreveu

O Novo Testamento

após a ruína do Templo de Jerusalém, a dispersão dos judeus e a segunda perseguição contra os cristãos.

Continuando na mesma escala ascendente encontramos S. Pedro citando S. Paulo; e as Epístolas do *Doutor das Gentes* em absoluta concordância com os Atos dos Apóstolos, que oferece as mais concludentes provas intrínsecas de sua autenticidade, e que tem por autor S. Lucas, que também é Evangelista, apresentando os seus dois livros traços inconfundíveis da mesma personalidade que os redigiu.

S. Lucas, como êle mesmo o confessa 1, 1 não é o primeiro dos Evangelistas, na ordem cronológica; foi precedido por S. Mateus e S. Marcos. O primeiro escreveu para os judeus em aramaico. *Mateus hebræus, hebraeis hebraice scripsit*. "O hebreu Mateus escreveu em hebraico para os hebreus" é proverbial o aforismo. Mas esta lingua era desprezada em Roma, e quando S. Pedro aí chegou, o seu primeiro cuidado foi escolher um discípulo que traduzisse para o latim o Evangelho de S. Mateus. Foi S. Marcos o escolhido, que traduziu e abreviou o primeiro Evangelho. Bossuet chama a S. Marcos *Le plus divin des abrégiateurs*. O trabalho de S. Marcos foi também adaptar ao conhecimento dos romanos a doutrina Evangélica, precisando as minúcias que se referem a S. Pedro, que lhe havia cometido tão espinhoso trabalho. Certamente que não há história mais demorada e rigorosamente feita de que a de Jesus, desde o Apocalipse a S. Mateus, isto é, desde o ano cem, até aos primeiros tempos posteriores à Ressurreição de Jesus Cristo entre o ano oitavo ao décimo quinto.

Razão tem o insuspeito Rousseau quando afirma que todos os fatos da vida de Jesus estão mais profundamente gravados e confirmados do que os que se referem aos ou-

tros filósofos, cuja existência, vida e atos célebres ninguém contesta. *“Disons nous que l’histoire de l’Évangile est inventée à plaisir? Mon ami, ce n’est pas ainsi que l’on invente, et les faits de Socrate, dont personne ne doute, sont moins attestés que ceux de Jésus Christ.*

Jamais des auteurs juifs n’eussent trouvé ce ton ni cette morale; et l’Évangile a des caractères de vérité si grands, si parfaitement inimitables, que l’inventeur en serait plus étonnant que le héros”. — Emile L. 4.

*

* *

O Novo Testamento é tão autêntico como verídico.

Jesus Cristo podia ter tido só um historiador e comentador da sua doutrina; em vez de um, porém, tem oito, que se sucedem, e que com o mesmo intuito testemunham e descrevem a mesma verdade, pregam a mesma doutrina, pela qual todos são martirizados.

Foram testemunhas que viram e ouviram Jesus, o objeto dos seus escritos. Foram testemunhas a quem não faltou profundo conhecimento do que narram, porque foram os que mais de perto trataram com o Mestre, melhor o conheceram, melhor o estudaram.

São testemunhas de idades diversas, e de temperamento, profissão, e espírito diferentes, onde se vê um publicano como S. Mateus, um renegado como S. Pedro, pescadores ignorantes e homens instruídos, mancebos e velhos, e sobressaindo entre todos, um perseguidor encarniçado de Jesus, o S. Paulo, que, depois de convertido,

afirmou ao mundo a força das suas convicções. Testemunhas que tinham o máximo interesse em conhecer os fatos porque dêles dependia a sua sorte, a sua fortuna, a sua missão, o futuro do seu país, o destino da sua raça, o estabelecimento do cristianismo, a religião do mundo.

São testemunhas que facilmente apreendiam os fatos que depois narraram, pois eram singularmente notórios, públicos, refulgentes como a luz do sol.

Era preciso saber se Jesus tinha feito milagres, operado a cura prodigiosa dos enfermos; a ressurreição sobrenatural dos mortos: se êle próprio havia ressuscitado; e se lhes tinha conferido o mandato de pregar o Evangelho por toda a terra. Sobre êsses milagres, acêrca da sua morte, da sua ressurreição e da missão que receberam, falam todos da mesma sorte, porque todos viram, todos escutaram, e todos se convenceram, embora exigissem provas como S. Tomé: *nisi videro. Non credam*.

Testemunhas bem instruídas narram os mesmos fatos, mas cada uma a seu modo; são pintores diversos, empregando várias côres, em telas diferentes, com métodos e fins diversos, mas o retrato é o mesmo; idêntica a firmeza dos traços, idêntica a formosura do retratado.

Descrevem uns Jesus sob um aspecto, outros sob outro; uns retêm certos traços, outros insistem em certas palavras. Uns seguem Jesus na sua vida pública, outros surpreendem-no na sua vida íntima. S. João acompanhou o Divino Mestre por toda a parte, S. Pedro abandonou-o no Calvário, S. Paulo só o conheceu na via de Damasco. O primeiro compartilhou das alegrias e tristezas de Jesus, como *discípulo amado*. Pedro recebeu a plenitude dos poderes, e foi investido na suprema chefatura do Colégio Apostólico, e o terceiro só O viu ressuscitado e triunfante às portas de Damasco. S. Mateus, S. Tiago e S.

Judas foram apóstolos. S. Lucas e S. Marcos só discípulos. Cada um dêles escreveu pois como melhor conheceu o Mestre, e demora-se no que mais o impressiona. S. Mateus insiste nos discursos que anunciam a nova Lei; S. Marcos, instruído por S. Pedro, amplia ou resume como um discípulo instruído pelo mestre; S. Lucas, elegante e correto no estilo, é mais preciso em determinar circunstâncias de tempo, lugar, pessoas, seqüência dos acontecimentos; S. João, espírito puro e contemplativo, mais perto da Sabedoria Increada, águia que desfere vôos mais arrojados, pairando em regiões supremas, arrouba-se na contemplação do mistério inefável da Encarnação do verbo, que se fêz homem para remir e salvar os homens; S. Paulo recorda a história de Jesus e estabelece nitidamente a doutrina do Evangelho. Nos Evangelhos como nos Atos, nas Epístolas e no Apocalipse, sempre a mesma ternura, as mesmas palavras, a mesma fisionomia, a mesma sublimidade, o mesmo homem, o mesmo Cristo, o mesmo Deus.

Todos O historiam, todos O conhecem e amam da mesma maneira, morrendo por Jesus, sacrificando-se pela sua divina doutrina. Pedro foi crucificado, Paulo degolado, João metido numa caldeira de azeite a ferver; Roma presenciou o seu martírio. O Egito contemplou o suplício de Marcos, a Etiópia o de Mateus, Lucas sofre inclemências na Grécia, na Dalmácia, na Macedônia, morrendo em Bitínia, depois de ter regado com o seu sangue, com o seu suor e com as suas lágrimas, todo o Peloponeso. A Pérsia recolhe o sangue de S. Judas, e S. Tiago morre em Jerusalém. A Europa, a África e a Ásia ouviram os ensinamentos do Novo Testamento, e escutaram os gemidos dos seus autores, no meio dos maiores tormentos, pregando a verdade que tinham escrito.

O Novo Testamento

Os historiadores profanos encarregam-se também de vingar a veracidade do Novo Testamento, com as suas alusões, embora muitas vêzes deturpadas, a Jesus Cristo. Nos *Anais de Tácito*, êste historiador diz que Cristo foi condenado ao suplicio no reinado de Tibério, sendo Pôncio Pilatos governador da Judéia. *Annales*, lib. 15. Plínio refere-se a Jesus e aos sectários da sua doutrina. 3, *Plinii Jun. Epist.* Flávio Josefo cita Jesus, a quem se refere em termos encomiásticos, e donde se deduz a verdade da narração Evangélica. *Antiq.* 18, 3, 3.

E assim a história profana põe em relêvo a história sagrada, que numa só voz exclamou: Só conheço, creio e adoro Jesus Cristo.

EVANGELHO DE S. MATEUS

INTRODUÇÃO

Origem d'este Evangelho. — O autor do primeiro Evangelho é o apóstolo S. Mateus. A tradição universal e constante na Igreja confere-lhe a prioridade cronológica. Eusébio *Hist. Ecl.*, 3, 24; S. Irineu, 3, 1; S. Agostinho, de *Consensu Evang.*

Autor. — S. Mateus aparece na lista dos Apóstolos, com o sobrenome grego, o *telones*, Mt 10, 13; Mc 3, 18; Lc 6, 15. E' chamado filho de Alfeu, sob o nome de Levi, Mc 2, 14; Lc 5, 25, que foi o seu primitivo nome, ligado à primeira fase da sua vida, pois só depois da vocação tomou o nome de Mateus, que quer dizer: dom de Deus. Habitou em Cafarnaum, cidade então notável pelo seu movimento comercial.

Ocupava-se Mateus no cargo de cobrador de impostos. E' o sétimo na ordem da vocação. Dos seus dados biográficos pouco sabemos, pois o Evangelho não os apresenta; apenas sabemos pela tradição que apostolizou durante doze anos na Palestina. Apolônio, cit. por Eusébio *Hist. Ecl.* e Clemente de Alexandria *Strom.*, 6, 15, p. 804. Depois para sudoeste, sendo martirizado na Etiópia, onde pregou o Evangelho.

Tempo. — Não é fácil precisar com rigor a data da composição do Evangelho de S. Mateus. Foi escrito an-

Evangelho de S. Mateus

tes da dispersão dos Apóstolos, o que teve lugar antes do ano 42, ou entre 45 e 48 como afirma Vigouroux, *Manuel Biblique*. A Crônica Alexandrina indica que foi composto entre o oitavo e décimo quinto ano depois da ascensão de Jesus.

Língua. — S. Mateus escreveu o Evangelho para uso dos Cristãos da Judéia, e consequentemente em língua que elles sem esforço comprehendessem, o idioma materno, o hebreu, ou melhor, o aramaico. — *Hebræus Hebræis hebraice scripsit.* Papias, Panteno, Origenes, Eusébio, Cirilo de Jerusalém, todos concordam neste ponto, que foi admitido sem discussão até ao século XVI, em que Erasmo de Roterdão apresentou as primeiras dúvidas, suscitando-se depois discussões entrando na luta vários exegetas, Tomás Vio, o cardeal Caltana, Calvino, etc. Hoje é geralmente admitido que S. Mateus escreveu em aramaico.

Caráter do Evangelho de S. Mateus. — O Evangelho de S. Mateus não é uma história propriamente dita, nem mesmo uma biografia no sentido rigoroso do termo. E' um esboço da vida de Jesus, e um sumário de uma pregação. O autor não atende nem à ordem cronológica nem à ordem lógica, pois nas circunstâncias nem agrupa os fatos, nem os discursos consoante as suas analogias. O seu escopo é demonstrar que Jesus é o Messias prometido ao povo escolhido e por consequência que era necessário acreditar na sua palavra, aceitar as suas máximas, entrar na sua Igreja e obedecer às suas leis. Assinala na pessoa de Jesus as características de legislador, taumaturgo, profeta, rei e sumo sacerdote. Refere todos estes pontos à vista das profecias e diz: *Tunc adimpletuni est... Ut adimpleretur... Sicut scriptum est.*

As características d'este Evangelho estão perfeitamente de acôrdo com o testemunho da tradição.

1.^o *O autor era judeu de nascimento.* As suas frequentes citações indicam um homem versado no estudo do Antigo Testamento e na leitura dos Profetas. A sua linguagem revela uma educação judaica e o hábito constante de falar a língua do seu país. Segundo êle, a casa de Israel é sempre a *Casa de Deus*; Jerusalém, a *Cidade Santa*; o templo, o *lugar santo*. Os hebraísmos, as aposições paralélicas, características da poesia hebraica, superabundam. E finalmente a descrição rigorosa do aspecto da Galiléia, esclarecimentos topográficos e etnográficos abundantíssimos, revelam o conhecimento da fauna, da flora, da posição geográfica, do modo de pensar e do viver daquele povo, que só podia ter um natural; e esta qualidade revela-se no uso das parábolas, das comparações e imagens, que a cada passo se encontram no Evangelho de S. Mateus.

2.^o *Foi testemunha presencial dos fatos que narra.* Isto mesmo se infere da precisão com que relata os mais insignificantes pormenores da vida de Jesus, principalmente reproduzindo na íntegra os discursos pronunciados pelo Divino Mestre, sem indicar nenhuma outra fonte. E' certo que as narrações de S. Marcos são mais circunstanciadas, e que S. Lucas é mais rigoroso na ordem cronológica, mas é preciso ter em vista o escopo de S. Mateus. Êste Evangelista reproduz os discursos de Jesus fielmente, porque os ouviu, senão tê-los-ia inventado, mas se o fizesse, nêle se encontraria alguma coisa que destoasse da divindade de Jesus, que aliás transparece evidentemente nas palavras recolhidas neste Evangelho.

3.^o *Escrevia para compatriotas,* isto é, para os judeus da Palestina, convertidos ao Cristianismo. Se escrevesse para os gentios seguiria outros processos, enveredaria por outro caminho; não tinha necessidade de in-

Evangelho de S. Mateus

sistir tanto na Lei Antiga. A leitura do Evangelho de S. Mateus convence-nos de que êle escrevia para os judeus, porque só êstes conheciam as prescrições legais, os vaticínios dos profetas; só êstes entendiam a genealogia do Redentor, só êstes percebiam o valor da frase "*filho de Davi*". De que servia falar aos estranhos na *Cidade santa e no lugar santo*? Para que falar aos gentios nos usos e leis dos judeus, e para que colocar aquêles no mesmo plano que os publicanos? O que queria indicar falando do livro da Sinagoga, senão que a Lei Mosaica cedia o lugar à Lei da Graça, e que dos destroços da lei abrogada devia erguer-se uma nova Igreja, Una, Santa e Universal? .

" *Divisão do Evangelho de S. Matheus.* — O Evangelho de S. Mateus compreende três partes, que abrangem os vinte e oito capítulos em que êle se reparte.

PRIMEIRA PARTE — Os primeiros anos da vida do Salvador, 1, 3. Jesus.

SEGUNDA PARTE — A pregação de Jesus, cc. 4-25, que se subdivide:

a) Pregação na Galiléia, cc. 4-18:

1 Jesus *legislador*, cc. 4-7.

2 Jesus *taumaturgo*, cc. 8-18.

b) Ministério público de Jesus, cc. 19-25:

Jesus *profeta*, ensina, admoesta e prediz o futuro.

Evangelho de S. Mateus

TERCEIRA PARTE — Últimos tempos de Jesus,
cc. 26-28:

Jesus sacerdote e vítima, no sacrifício do Calvário;
a ressurreição e a ascensão.

NOTA — Conquanto sigamos a tradução do Padre Antônio Pereira de Figueiredo, edição aprovada pelo Exmo. Patriarca D. Guilherme, teremos sempre presente a versão de Glaire, 1902, aprovada pela Santa Sé, depois de exame cuidadoso do S. C. do Index.

EVANGELHO DE S. MATEUS

CAPÍTULO 1

GENEALOGIA DE JESUS CRISTO, SUA CONCEIÇÃO E NASCIMENTO.

1 LIVRO da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão. (1)

2 Abraão gerou a Isaac.

Isaac gerou a Jacó.

Jacó gerou a Judas e a seus irmãos.

3 E Judas gerou de Tamar a Farés, e a Zarão.

Farés gerou a Esron.

Esron gerou a Arão.

4 E Arão gerou a Aminadab.

Aminadab gerou a Naasson.

Naasson gerou a Salmon.

5 E Salmon gerou de Raab a Booz.

Booz gerou de Rute a Obed.

Obed gerou a Jessé.

Jessé gerou ao rei Davi.

(1) **FILHO DE DAVI** — O nomear o Evangelista, somente a Davi, e Abraão, foi porque a estes especialmente prometera Deus, que do seu sangue nasceria o Messias. O nomear primeiro a Davi, sendo mais moderno, foi atender à dignidade real, e a que a sua memória estava mais fresca entre os judeus, é o seu nome na boca de todos. — Calmet, com S. Jerônimo e S. João Crisóstomo.

Evangelho de S. Mateus 1, 6-10

6 O rei Davi gerou a Salomão, daquela que foi de Urias. (2)

7 E Salomão gerou a Roboão.

Roboão gerou a Abias.

Abias gerou a Asá.

8 Asá gerou a Josafat.

Josafat gerou a Jorão.

Jorão gerou a Ozias. (3)

9 Ozias gerou a Joatão.

Joatão gerou a Acáz.

E Acáz gerou a Ezequias.

10 Ezequias gerou a Manassés.

Manassés gerou a Amon.

Amon gerou a Josias.

(2) **DAQUELA QUE FOI DE URIAS** — Isto é, daquela que foi mulher de Urias, a qual vem a ser Bersabé, de cujo adultério com o rei Davi nasceu um filho, e morto este, recebeu Davi por sua legítima mulher a Bersabé, cujo primeiro marido foi morto na guerra, e dela teve Davi a Salomão, 2 Rs 12, 24. — Calmet.

(3) **JORÃO GEROU A OZIAS** — Jorão não foi pai imediato de Ozias, mas somente seu terceiro avô, porque Jorão gerou a Ocozias. Ocozias a Joás, que teve a Amazias, de quem nasceu Ozias, 2 Par cc. 22, 24, 25. Duas razões se alegam da causa desta omissão. Uma que o Evangelista, por um certo mistério, quis dividir toda a genealogia de Cristo em três classes iguais cada uma de catorze gerações. Outra de como o profeta Elias tinha predito a Acab, rei de Israel, que toda a sua descendência seria exterminada; parece que o Evangelista quis executar essa sentença por uma espécie de morte civil, ao menos até à quarta geração na genealogia de Cristo, porque Jorão teve por mulher uma filha de Acab. — Sacy. De resto é frequente entre os orientais omitir-se o nome de muitos descendentes, porque só cuidam de enumerar os mais célebres.

- 11 Josias gerou a Jeconias, e a seus irmãos na transmigração de Babilônia: (4)
- 12 E depois da transmigração de Babilônia:
Jeconias gerou a Salatiel.
Salatiel gerou a Zorobabel.
- 13 Zorobabel gerou a Abiú. d.
Abiú. d. gerou a Eliacim.
Eliacim gerou a Azor.
- 14 E Azor gerou a Sadoc.
Sadoc gerou a Achim.
Achim gerou a Eliú. d.
- 15 Eliú. d. gerou a Eleazar.
Eleazar gerou a Matan.
Matan gerou a Jacó.
- 16 E Jacó gerou a José, espôso de Maria, da qual nasceu Jesus, que se chama o Cristo. (5)

(4) **JOSIAS GEROU A JECONIAS** — Aqui se deve entender não imediatamente, senão por meio de Joaquim, pai de Jeconias. 1 Par 3, 15. 16. Este Joaquim não mereceu ter lugar na sepultura dos reis de Judá, Jer 22, 18. E por esta razão S. Mateus julgou que também não devia pôr-se na genealogia de Jesus Cristo.

E A SEUS IRMAOS — Quer dizer, e a seu irmão Sedecias. 1 Par 3, 16.

(5) **GEROU A JOSÉ** — S. Mateus apresentando aqui a genealogia de S. José, mostra bem que era judeu, conformando-se em tudo com os usos dos seus compatriotas, que, em suas tábuas genealógicas, não faziam menção das mães, mas nem por isso deixa de ser completa a genealogia apresentada, pois que a Santíssima Virgem, sua mãe, descendia, como seu espôso, da família de Davi; já S. Lucas, como no seu próprio lugar veremos, seguiu outro caminho, e isto porque S. Mateus escrevia para os judeus e S. Lucas para os gentios; S. Mateus pretendia que vissem em Jesus o herdeiro de Davi, seguindo a genealogia legal, para que se não contestasse o direito da sucessão. S. Lucas, que escrevia para os gentios, considerava o Salvador como nascido da mulher — *semen mulieris*, e apresenta a genealogia natural.

17 De maneira que tôdas as gerações, desde Abraão até Davi, são catorze gerações: E desde Davi até a transmigração de Babilônia, catorze gerações: E desde a transmigração de Babilônia até Cristo catorze gerações.

JOSÉ — S. José era, como nos diz o Evangelho, oriundo da tribo de Davi e exercia o mister humilde de carpinteiro para ganhar a vida. Viviu em Nazaré, onde esposou Maria. A missão que desempenhou na terra, guarda da Santa Família, põe em relêvo a sua singular perfeição e exímia santidade. Ignora-se a época da sua morte, mas tudo leva a crer que faleceu antes da vida pública de Jesus. A tradição das catacumbas representa S. José nas cenas evangélicas, em que desempenha um papel importante, como Nascimento, fuga para o Egito. Até ao século IV pintam-no como um homem novo e sem barba; depois do século V, sob a influência dos Evangelhos apócrifos, representam-no como um respeitável velho. Crf. de Rossi, *Bolletino di Archeologia cristiana*, 1864, p. 85, e Northcote e Brownlow, *Roma Sotterranea*, t. 2.

MARIA — Em hebreu Myriam, significa senhora, dona, de sorte que o nome de Nossa Senhora com que os cristãos antonomasticamente invocam a Mãe de Jesus, é a tradução de seu nome próprio. Isenta da culpa original, e destinada a ser a Mãe do Redentor dos homens, devia exceder em perfeições morais tôdas as criaturas. Por isto tudo, Maria tem jus a um culto que, excedendo a veneração tributada aos Santos, só seja inferior à adoração devida a Deus. E isto compreenderam e praticaram dezenove séculos de vida cristã, para os quais Maria tem sido o objeto dum culto muito sincero, muito espontâneo e muito afetuoso, que tem a corroborá-lo a tradição constante e universal na Igreja Católica. Era filha de S. Joaquim e de Santa Ana, da tribo de Judá e da casa real de Davi. A tradição diz-nos que foi apresentada no Templo de Jerusalém e empregada no serviço de Deus. A consagração de Maria ao serviço de Deus, inspirou uma das mais belas telas de Ticiano, e que é uma das maravilhas da Escola de Veneza, em cuja Academia de Belas Artes se conserva religiosamente. Desposou S. José em Nazaré, onde teve o lugar o mistério da Anunciação. O Evangelho conta-nos a caridade com que visitou sua prima Santa Izabel, as angústias do nascimento de Jesus, os sobressaltos da fuga para o Egito, e acompanha a sua vida toda amargurada até ao Calvário, e do Calvário à solidão do Cenáculo. A tradição diz-nos que depois da descida do Espírito Santo, viveu com S. João e que a sua vida mortal terminou, segundo uns, em Efeso, segundo outros, em Jerusalém, em idade avançada, sendo depois assumta ao Céu, onde foi coroada pelo Eterno. A arqueologia cristã fornece-nos alguns dados curiosos acêrca da Virgem. A pintura mais antiga é a de Santa Priscila, do início do século II.

18 Ora a Conceição de Jesus Cristo foi desta maneira: Estando já Maria, sua mãe, desposada com José antes de coabitarem, se achou ter ela concebido por obra do Espírito Santo.

19 E José, seu espôso, como era justo, e não queria infamá-la, resolveu deixá-la secretamente. (6)

Cfr. Lefort, *Revue archologique*, setembro, 1880, p. 158. Existem cerca de cinquenta representações da mais alta antiguidade; Schulze, *Archeologische Studien über altchristliche Monumente* 6, p. 176, 211, 219, contudo são tão diferentes, que não é fácil reconstituir o verdadeiro retrato de Maria; Northcote e Brownlow, ob. cit., e Frau Lehner, *Die Marienverehrung in der Jahrhunderten*, Stuttgart, 1886, e Liell, *Die Darstellungen der allerseligsten Jungfrau Maria auf den Kundstedenkmäler der Katakomben* Friburgo, 1887, pelo que podemos dizer com Santo Agostinho: *Neque enim vidimus faciem Virginis Mariae*. De Trinitate, 8, 5, 7, t. 42, col. 902.

(6) **RESOLVEU DEIXÁ-LA SECRETAMENTE** — É esta uma das passagens mais graves do Novo Testamento, e que tem dado ocasião a importantes e desenvolvidos comentários dos exegetas mais abalizados. Há aqui duas questões distintas: Por que resolveu S. José deixar a Virgem? por que intenta fazê-lo secretamente? S. José, vendo que Maria havia concebido, não podia ficar junto dela. Dt 22, 20, 21; Eclo 19, 3, pelo que diz S. Jerônimo: *Hoc testimonium Mariae est, quod Ioseph sciens illius castitatem et admirans quod evenerat, celat silentio cuius mysterium nesciebat*; mas, como bondoso que era, não queria infamar àquela, a cuja virtude tinha consagrado tanta veneração, não sabendo mesmo explicar o fato assombroso que se passava. Estava numa ansiedade horrível, perplexo. Dum lado as aparências, doutro um passado de virtude a mais sublimada, do recolhimento mais profundo, da modéstia mais admirável, o que excluía a culpabilidade. S. Bernardo Homilia 2 *Super Missus est*, interpreta desta sorte o texto. S. José nada suspeitando mais, conheceu apenas a grandeza do milagre que se realizava, e alta dignidade a que era elevada a sua casta espôsa, reconhece a sua humildade e exclama como S. Pedro: *Exi a mè, quia homo peccator sum*. Lc 5, 8, ou como o centurião: *Non sum dignus ut intres sub tectum meum*. Mas esta explicação, como bem adverte Maldonado, pode agradar à acrisolada piedade do místico doutor do Claraval, mas nem se concilia com o sentido natural do texto *vuluit occulte dimittere eam*, nem com o sentir comum. Resolve deixá-la, mas sem a querer infamar, *nollet eam traducere*, o que indica a dúvida,

20 Mas andando êle com isto no pensamento, eis-que lhe appareceu em sonhos um anjo do Senhor dizendo: José, filho de Davi, não temas receber a Maria tua mulher: Porque o que nela se gerou, é obra do Espírito Santo:

21 E ela dará à luz um filho: e lhe chamarás por nome JESUS: Porque êle salvará o seu povo dos pecados dêles.

22 Mas tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que falou o Senhor pelo Profeta, que diz:

23 Eis uma virgem conceberá e dará à luz um filho: E apelidá-lo-ão pelo nome de Emanuel, que quer dizer, Deus conosco. (7)

a hesitação. Foi então que baixou o anjo, que lhe certifica o fato, e a direta intervenção divina. Então cessam as angústias e dúvidas, e advém a veneração respeitosa para com Aquele em quem Deus obrava tal prodígio.

(7) **UMA VIRGEM CONCEBERÁ** — S. Mateus cita a profecia de Isaías, conhecida por aqueles a quem se dirigia, e ao mesmo tempo que põe em relêvo que Jesus será o Messias esperado, Deus feito homem, habitando entre os homens, **Deus conosco**, faz ressaltar a virgindade de Maria, pois isto quer indicar o têrmo grego **partenos** e o hebraico **Almah**. Os racionalistas, pretendendo atacar esta passagem, dizem que esta narração se não encontra em S. Lucas, pelo que não deve ser aceita como verdadeira e que não passou dum mero sonho. Quanto à primeira parte da objeção falta atender à diversidade do escopo dos dois Evangelistas citados, pois S. Mateus procurava demonstrar aos judeus que na pessoa de Jesus se realizavam as antigas profecias messiânicas, e entre essas, a de Isaías tinha lugar primacial, porque falava do nascimento de Emanuel, filho duma virgem. Esta razão não militava para S. Lucas, que escrevia para os gentios, para quem não tinham importância as antigas profecias que ignoravam. Pelo que respeita à segunda parte, é necessário distinguir. A revelação feita a S. José foi um sonho, porque se deu durante o sono, mas deu-se por tal forma, que a S. José não restou dúvida alguma sobre a inocência de Maria, o que mostra não ter sido o sonho vulgar, a que se não presta crédito, e as revelações feitas durante o sono são frequentes. Si quis fuerit inter vos propheta Domini, in visione apparebo ei, vel per somnium loquar ad illum. Num 12, 6. Cfr. Gên 15, 12-17; 20, 3; 28, 11-13; 3 Rs 3, 5; Est 10, 5; 11, 5; Dan 4, 7; At e ainda S. Tomás, Sum. 2.^a, 2.^aae. q. 171.

24 E despertando José do sono, fêz como o anjo do Senhor lhe havia mandado, e recebeu a sua mulher.

25 E ele não a conheceu, enquanto ela não deu à luz ao seu primogênito: E lhe pôs por nome Jesus. (8)

CAPÍTULO 2

**CHEGADA DOS MAGOS, E SUAS OFERTAS AO DEUS MENINO.
MORTE DOS INOCENTES POR HERODES. FUGIDA DE
JESUS PARA O EGITO, E A SUA VOLTA PARA JUDÉIA.**

1 Tendo pois nascido Jesus em Belém de Judá, em tempo do rei Herodes, eis-que vieram do Oriente uns Margos a Jerusalém, (1)

(8) **PRIMOGENITO** — Primogênito, não porque a Senhora tivesse depois outro filho, mas porque antes dêste não teve outro; que na frase da Escritura isso é o que precisamente quer dizer primogênito. — S. Jerônimo.

JESUS — Em hebreu *Yehoschouah*, na forma completa, e que quer dizer *Iahveh* é salvador. Jesus é na verdade o salvador dos homens, o Deus salvador, que nos resgatou e livrou do pecado.

(1) **BELÉM DE JUDÁ** — Etimologicamente *Bethleem* significa a “casa do pão”, nome dado a esta povoação por causa da sua singular fertilidade. Era a pátria de Davi, pertencia à tribo de Judá e tinha o sobrenome *Efrata*, a fértil, para a distinguir de Belém, da tribo de Zabulon. Erguia-se sobre um montículo, a 822 metros de altitude, rodeada de vales tão amenos como fecundos. O seu clima é frio, caindo no inverno abundante neve, que depressa se derrete. A este estão as colinas selvagens, onde pastaram os rebanhos de Davi, de Amós e doutros pastores belemitas. Hoje vê-se a Igreja da Natividade sobre a gruta onde nasceu Jesus Cristo. Esta gruta, que se venera na cripta, tem 12m40 de comprimento, 3m 91 de largura e 3m de altura. Era um estábulo. Hoje as paredes primitivas estão cobertas de mármore. Numa pequena capela, ao este, vê-se uma estrêla de prata com esta inscrição: *Hic de Virgine Maria Jesus Christus natus est*. Imediatamente para o sul, está a capela do Presépio, para a qual se descem três degraus. No Presépio de mármore, que aí se guarda, venera-se uma imagem do Menino Jesus. Porém, o verdadeiro presépio, ou

Evangelho de S. Mateus 2, 2

2 dizendo: Onde está o rei dos judeus, que é nascido? Porque nós vimos no Oriente a sua estrela: E viemos a adorá-lo. (2)

melhor, os fragmentos que restam, foram transportados para Roma em 642 e guardam-se na Basilica de Santa Maria Maior, na Capela do Presépio. Estes fragmentos são cinco tábuas, de madeira enegrecida pelo tempo, de vinte e cinco centímetros de comprimento. Para este de Belém estende-se um pequeno vale, chamado Ouadi-el-Scharabéh, que vai até ao Mar Morto e de notável fertilidade, onde se ergue a torre do Rebanho, Migdal Heder, Gên 35, 21, onde Jacó apascentava o seu gado, e onde, diz S. Jerônimo, viglavam, à distância de mil passos, os pastores que ouviram o *Gloria in excelsis*, na fausta noite do nascimento de Jesus. Santa Helena levantou neste lugar uma capela consagrada aos Santos Anjos. Os primitivos costumes de Belém conservam-se integros. As mulheres vestem da mesma maneira que nós representamos a Virgem das Dores: vestido roxo e manto azul, ou vice-versa, e um véu branco sobre a cabeça. O padre de Geramh diz, na descrição duma das suas viagens, que, quando viu uma belemita com o filho nos braços, pareceu-lhe a Virgem com Jesus em seu regaço.

EM TEMPO DO REI HERODES — Três Herodes é preciso distinguir na história evangélica. Um, que chamam Herodes o Grande, de nação idumeu, que reinou em Judéa depois de Antígono, e que é o de quem neste capítulo fala S. Mateus, quando põe no seu tempo o nascimento de Cristo, e a morte dos inocentes. E neste Herodes, que era príncipe estrangeiro, se verificou o célebre vaticínio de Jacó, Gên 49, 10. Que se não tiraria o cetro de Judá, enquanto não viesse o Messias. Outro que chamam Herodes Antipas, filho do mesmo Herodes o Grande, e irmão e sucessor de Arquelaú e este Herodes é o que mandou degolar o Batista e o que concorreu com Pilatos na morte de Cristo. Outro, que chamam Herodes Agripa, que foi o que mandou cortar a cabeça a S. Tiago, e prender a S. Pedro, como lemos nos Atos dos Apóstolos. Veja-se Pert. na dissertação. *De Epochis Herodiadum*.

VIERAM DO ORIENTE UNS MAGOS A JERUSALEM — Os Magos eram sábios que vieram da Arábia deserta, da Caldéa ou da Mesopotâmia. Como Balaão habitou estas regiões, conservou-se a lembrança da profecia que anunciou o advento do Messias por uma estrela. Num 24, 17.

(2) **A SUA ESTRELA** — Esta passagem tem servido aos adversários de argumento contra a narração sagrada, porque, dizem uma estrela, por causa da sua imensa elevação não pode indicar um país, menos uma cidade, e de modo nenhum uma casa. A dificuldade desaparece desde que se considere que o termo *aster* d

3 E o rei Herodes ouvindo isto se turbou e toda Jerusalém com êle.

4 E convocando todos os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo, lhes perguntava onde havia de nascer o Cristo. (3)

5 E êles lhe disseram: Em Belém de Judá: Porque assim está escrito pelo profeta:

6 E tu Belém, terra de Judá, não és a de menos consideração entre as principais de Judá: Porque de ti sairá o condutor que há de comandar o meu povo de Israel.

7 Então Herodes tendo chamado secretamente os Magos, inquireu dêles com todo o cuidado que tempo havia que lhes apparecera a estrêla:

grego, e a palavra latina *stella* da Vulgata significam uma estrêla, no sentido rigoroso da palavra, mas ainda um meteoro luminoso que, visto a certa distância, tem todas as aparências duma estrêla. Neste sentido emprega Homero o termo *aster*, dando-lhe Aristóteles a mesma significação. Nós mesmos chamamos aos meteoros estrêlas, e é vulgarissima a expressão, *estrêla cadente*. Portanto podemos admitir que os Magos viram um sinal luminoso que os conduzia, como a coluna de fogo dirigira os judeus no deserto e a que, embora imprópriamente, chamaram estrêla. Cfr. Glaire. Mas, perguntam, como é que os Magos conheceram que êsse sinal os conduziria ao berço de Jesus? Certamente por uma revelação. A profecia de Balaão não é expressa em termos tão precisos, que bastasse para por ela inferirem o fim do meteoro; a recordação dêsse vaticínio, conservado ali, servia como que para confirmar o que fôsse revelado. Por isso S. Leão diz terminantemente *Dedit aspicientibus intellectum qui praestitit signum L.*, in *Epiph.* E' esta a primeira manifestação de Jesus aos homens, e é comemorada na liturgia católica com a festa denominada a Epifania, a 6 de janeiro.

(3) **OS PRÍNCIPES DOS SACERDOTES** — Isto é, os chefes das vinte e quatro famílias sacerdotais, que serviam no templo por seu turno como lemos no 1 Par 24. Calmet.

E OS ESCRIBAS DO POVO ETC. — Isto é, os doutores da Lei porque êstes eram os depositários dos livros santos, e os intérpretes das escripturas divinas.

Evangelho de S. Mateus 2, 8-15

8 E enviando-os a Belém, disse-lhes: Ide, e informai-vos bem que menino é esse: E depois que o houverdes achado, vinde-mo dizer, para eu ir também adorá-lo.

9 Eles, tendo ouvido as palavras do rei, partiram: e logo a estrêla, que tinham visto no Oriente, lhes apareceu, indo adiante dêles, até que, chegando, parou sôbre onde estava o menino.

10 E quando êles viram a estrêla, foi sobremaneira grande o júbilo que sentiram.

11 E entrando na casa, acharam o menino com Maria sua Mãe, e prostrando-se, o adoraram: e abrindo os seus cofres, lhe fizeram suas ofertas de ouro, incenso, e mirra: (4)

12 E havida resposta em sonhos, que não tornassem a Herodes, voltaram por outro caminho para a sua terra.

13 Partidos que êles foram, eis-que apareceu um anjo do Senhor em sonhos a José e lhe disse: Levanta-te, e toma o menino, e sua mãe, e foge para o Egito, e fica-te lá até que eu te avise, porque Herodes tem de buscar o menino para o matar.

14 José, levantando-se, tomou de noite o menino, e sua mãe, e retirou-se para o Egito:

15 E ali estêve até à morte de Herodes: para se cumprir o que proferira o Senhor pelo profeta, que diz: Do Egito chamei a meu filho.

(4) **OURO, INCENSO E MIRRA** — Símbolos da realeza, da humanidade e da divindade de Jesus, como entende a tradição universal.

16 Herodes então, vendo que tinha sido iludido dos Magos, ficou muito irado por isso, e mandou matar todos os meninos que havia em Belém, e em todo o seu termo que tivessem dois anos, e daí para baixo, regulando-se nisto pelo tempo que tinha exatamente averiguado dos Magos.

17 Então se cumpriu o que estava anunciado pelo profeta Jeremias que diz:

18 Em Ramá se ouviu um clamor, um choro, e um grande lamento: Vinha a ser Raquel chorando a seus filhos, sem admitir consolação pela falta dêles. (5)

19 E sendo morto Herodes, eis-que o anjo do Senhor apareceu em sonhos a José no Egito,

20 dizendo: Levanta-te, e toma o menino e sua mãe, e vai para a terra de Israel: Porque são mortos os que buscavam o menino para o matar.

21 José, levantando-se, tomou o menino e sua mãe, e veio para a terra de Israel.

(5) **VINHA A SER RAQUEL** — O grego diz: "Choro, e lamentação, e gemido grande." Jer 31, 15. O que o profeta havia dito antes do tempo do cativo de Babilônia, o aplicou também o Evangelista ao tempo da mortandade dos inocentes. Jeremias para dar uma idéia da dor que causaria o cativo das dez tribos, introduz a Raquel, como saindo da sua sepultura, para chorar à vista de tão triste espetáculo. As lágrimas dos vivos não bastavam para chorar esta terrível desgraça; e assim era necessário juntar a dos mortos, e sobretudo de Raquel, cuja sepultura estava no caminho por onde deviam passar os cativos. Gên 35, 19. Os gemidos, e gritos penetrantes dêstes a fizeram, por assim dizer, sair do sepulcro, e derramar lágrimas, temendo que não tornariam mais a ver a sua pátria. Esta bela imagem a aplica o Evangelista à crueldade de Herodes com os inocentes — **Calmet**. Raquel fôra enterrada perto de Belém. O seu túmulo foi restaurado em 1579, no tempo de Moamed IV, e modernamente por um judeu europeu.

22 Mas ouvindo que Arquelau reinava na Judéia em lugar de seu pai Herodes, temeu ir para lá: E avisado em sonhos, se retirou para as partes da Galiléia. (6)

23 E veio morar em uma cidade que se chama Nazaré: Para se cumprir o que fôra dito pelos profetas: Que será chamado Nazareno. (7)

(6) **ARQUELAU** — Filho de Herodes, o Grande, e da Samaritana Maltácia, designado por seu pai para suceder no reino da Judéia. Os soldados proclamaram-no rei, mas não quis usar de tal título sem ter prévia autorização de Augusto. Antes de partir para Roma sufocou uma sedição, matando três mil judeus. Regressou da capital do império com o título de etnarca e esposou Glafira, viúva de seu irmão Alexandre. Desprezava a lei mosaica e tratava com supremo desprezo os judeus, que se queixaram a Augusto. Foi deposto no ano 7 e exilado para Viena, nas Gálias onde morreu. A autoridade de Arquelau estendia-se pela Judéia, Iduméia e Samaria. O resto do reino de Herodes tinha sido dividido pelos outros dois filhos: a Herodes Antipas coube a Galiléia e Peréia e a Felipe a Batanéia, a Traconitida e a Hauranitida. A Judéia propriamente dita correspondia pouco mais ou menos ao antigo reino de Judá formado pela Palestina do sul.

(7) **NAZARÉ** — Nazaré é uma aldeia da Galiléia, que nunca é mencionada no Antigo Testamento. Foi Jesus Cristo que a tornou célebre. Está a 270 metros acima da planície de Esdrelon. É um dos pontos mais pitorescos da Palestina. As casas são cobertas de verduras, vendo-se por toda a parte flores, oliveiras, figueiras e cactus. Onde outrora foi a casa da Santíssima Virgem vê-se hoje a Igreja da Anunciação reconstruída em 1730, e restaurada em 1877. A casa que foi habitada pela Santíssima Virgem foi milagrosamente transportada para Loreto, no fim do século XIII. A nordeste da Igreja da Anunciação, no atual bairro muçulmano, está a oficina de S. José, onde parece que os cruzados edificaram uma Igreja, da qual só restam ruínas, sobre uma parte das quais os Franciscanos levantaram uma capela em 1859. A quatro minutos de Nazaré, para nordeste, está a Fonte da Virgem, cuja nascente fica na parte setentrional da Igreja de S. Gabriel que pertence aos gregos.

CAPÍTULO 3

VINDA E PREGAÇÃO DO BATISTA NO DESERTO. REPREENSAO QUE DA AOS FARISEUS, E SADUCEUS. DIFERENÇA ENTRE O SEU BATISMO, E O DE JESUS CRISTO. DESCE O ESPÍRITO SANTO SOBRE JESUS CRISTO DEPOIS DE JOAO O BATIZAR. O ETERNO PAI O ACLAMA SEU FILHO MUITO AMADO.

1 Naqueles dias pois veio João Batista pregando no deserto da Judéia, (1)

2 e dizendo: Fazei penitência: Porque está próximo o reino dos Céus. (2)

3 Porque este é de quem falou o profeta Isaías, dizendo: Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor: Endireitai as suas veredas.

4 Ora o mesmo João tinha um vestido de peles de camelo, e uma cinta de couro em roda dos seus rins: E a sua comida eram gafanhotos, e mel silvestre. (3)

5 Então vinha a êle Jerusalém, e tôda a Judéia, e tôda a terra da comarca do Jordão.

(1) **NAQUELES DIAS** — Isto é, no tempo de Cristo, no ano 781-782 de Roma, 15 Tib. 28 da Era Cristã.

JOÃO BATISTA — João, em hebraico *Yohanam*, *Iahveh dá graça*, apelidado o Batista, porque batizava no Jordão, era da tribo sacerdotal, filho de Zacarias e de Izabel, prima da Virgem. Lc 1, 5-80. Destinado pela Providência para ser o Precursor do Messias, preparou-se para a sua missão, por uma vida rude e austera. Morreu mártir de seu zelo em defender a pureza dos costumes.

DESERTO DA JUDEIA — Assim chamado, não que fôsse estéril e sem pastagens, mas porque era desabitado; é a região que fica a oeste do Mar Morto.

(2) **REINO DOS CÉUS** — A sociedade nova que o Messias vinha fundar sobre a terra, é o grande reino predito por Daniel; reino sempre combatido e sempre triunfante.

(3) **ERAM GAFANHOTOS** — Entre os hebreus não se reputavam os gafanhotos alimento imundo, como se colhe do Lev 11, 22. E fora da Palestina, escreve Plínio no livro VI, cap. 30 e

Evangelho de S. Mateus 3, 6-11

6 E confessando os seus pecados, eram por êle batizados no Jordão.

7 Mas vendo que muitos dos fariseus, e dos saduceus vinham ao seu batismo, lhes disse: Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira vindoura? (4)

8 Fazei pois dignos frutos de penitência.

9 E não queirais dizer dentro de vós mesmos: Nós temos por pai a Abraão: porque eu vos digo que poderoso é Deus para fazer que nasçam destas pedras filhos a Abraão.

10 Porque já o machado está pôsto à raiz das árvores. Tôda a árvore pois que não dá bom fruto, será cortada, e lançada no fogo.

11 Eu na verdade vos batizo em água para vos trazer à penitência: Porém o que há de vir depois de mim, é mais poderoso do que eu, e eu não sou digno de lhe

no livro VII. cap. 2 que a gente pobre os comia temperados com sal, e secos ao fumo. Calmet. — Ainda dêstes últimos séculos atesta o nosso Barros na Década 2, livro 3, cap. 4.º, ser esta conserva dos gafanhotos um prato delicioso entre os mouros da Índia.

MEL SILVESTRE — É muito abundante no deserto da Judéa.

(4) **FARISEUS** — No tempo de Cristo a sociedade judaica estava dividida em duas poderosas facções — fariseus e saduceus. Os primeiros constituíam o partido conservador, os últimos o avançado. Aquêles prendiam-se em extremo à letra da lei, e procuravam observar escrupulosamente todas as antigas tradições, e faziam consistir a religião nesse respeito e nas práticas exteriores, seguidas à risca, com o máximo cuidado, pregavam mais do que praticavam e procuravam fazer proselitismo. Os saduceus, assim chamados de Sadoc, discípulo de Antigono de Soche, sectário de Simão o Justo, o último membro da grande Sinagoga, estavam em oposição com os fariseus. Eram demolidores das antigas tradições, a que não prestavam importância, negavam a ressurreição dos mortos, a existência dos Anjos; nas fileiras dos saduceus tinham lugar os representantes da aristocracia judaica, que dava a êste partido grande importância.

ministrar o calçado: Ele vos batizará no Espírito Santo, e em fogo. (5)

12 A sua pá na sua mão se acha: e ele limpará muito bem a sua eira: E recolherá o seu trigo no celeiro, mas queimará as palhas num fogo, que jamais se apagará.

13 Então veio Jesus da Galiléia ao Jordão ter com João, para ser batizado por ele.

14 Porém João o impedia, dizendo: Eu sou o que devo ser batizado por ti, e tu vens a mim?

15 E respondendo Jesus, lhe disse: Deixa por ora: Porque assim nos convém cumprir tôda a justiça. Ele então o deixou. (6)

16 E depois que Jesus foi batizado, saiu logo para fora da água: e eis-que se lhe abriram os céus: e viu ao Espírito de Deus, que descia como pomba, e que vinha sobre ele. (7)

(5) **NO ESPÍRITO SANTO E EM FOGO** — O Salvador deve mergulhar as almas nas chamas ardentes que as purificam doutro modo que as águas do Jordão. Por este fogo entendem os intérpretes as comunicações do Espírito Santo e a infusão da Graça pelos Sacramentos.

(6) **TÔDA A JUSTIÇA** — Jesus Cristo nesta passagem ensina ao Precursor a regular a sua conduta, não atendendo à dignidade de quem solicita o batismo, mas em obediência aos designios do Céu. Mostra-lhe o que a ambos é conveniente e o que mais útil é ao seu ministério, dando ao mesmo tempo uma grande lição de virtude sobretudo da humildade, da penitência e da submissão. Por esta mesma razão quis o Filho de Deus antes de iniciar a sua pregação, ser batizado publicamente no meio dos pecadores que confessam as suas culpas, e pela mão dum homem que só tinha a superioridade de idade, humanamente falando. Resolvido a expiar os pecados dos homens na cruz, começou por aceitar este encargo, e assume publicamente a responsabilidade diante de Deus. **Tôda a justiça** significa pois virtude plena e perfeita.

(7) **E QUE VINHA SOBRE ELE** — Não somente o Senhor, senão também S. João e todos os judeus que o acompanhavam.

17 E eis uma voz dos céus, que dizia: Este é meu filho amado, no qual tenho pôsto toda a minha complacência.

CAPÍTULO 4

VAI JESUS PARA O DESERTO, ONDE DEPOIS DE JEJUAR QUARENTA DIAS, É TENTADO PELO DEMÔNIO. CHAMA OS QUATRO PESCADORES, PEDRO, ANDRÉ, TIAGO E JOÃO. ANUNCIA O EVANGELHO NA GALILÉIA. CURA MUITOS DOENTES. ANDA ACOMPANHADO DE MUITO POVO.

1 Então foi levado Jesus pelo espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo. (1)

2 E tendo jejuado quarenta dias, e quarenta noites, depois teve fome.

viram a figura de uma pomba, na qual o Espírito Santo desceu do Céu, e descansou sobre a cabeça de Jesus Cristo. O Espírito Santo apareceu nesta figura, porque, como diz S. João Crisóstomo, sendo a pomba doce e pura, quis aquêle divino espírito, que o é de doçura, de pureza e de paz eleger esta forma, que representava de alguma maneira o que êle é, e o que devem ser aquêles sobre os quais desce pelo batismo. O mistério da Trindade, como observa S. Jerônimo, se descobre no batismo de Jesus Cristo: o Filho, que é o mesmo batizado; o Espírito Santo, que desce sobre êle, em figura de pomba; e a voz do Padre, que dá um ilustre testemunho da pessoa de seu Filho.

(1) **AO DESERTO** — Este deserto é o chamado da Quarentena, por causa dos quarenta dias que Jesus Cristo aí passou. Passa a oeste de Jericó; é muito acidentado, e as suas montanhas são as mais belas da Palestina meridional: são de calcáreo branco formando amplas cavernas; foi nestas que naturalmente se refugiaram os espíões que Josué mandou a Jericó (Jos 2, 22.) Na era cristã habitaram estas paragens piedosos anacoretas. Pergunta-se: por que se retirou Jesus para o deserto? — 1.º Para obedecer a Deus — **Levado pelo espírito**, diz o texto. 2.º Para iniciar a expiação dos pecados dos homens. 3.º Para deixar ao homem uma lição de penitência, e de resignação no meio das tentações. 4.º Para se preparar para o seu ministério, pelo afastamento do mundo, recolhimento, oração e mortificação.

3 E chegando-se a êle o tentador, lhe disse: Se és filho de Deus, dize que estas pedras se convertam em pães.

4 Jesus respondendo lhe disse: Escrito está: Não só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus.

5 Então tomando-o o diabo o levou à cidade santa, e o pôs sobre o pináculo do templo. (2)

6 E lhe disse: Se és filho de Deus, lança-te daqui abaixo. Porque escrito está: Que mandou aos seus anjos que cuidem de ti, e êles te tomarão nas palmas, para que não suceda tropeçares em pedra com o teu pé.

7 Jesus lhe disse: Também está escrito: Não tentarás ao Senhor teu Deus.

8 De novo o subiu o diabo a um monte muito alto: E lhe mostrou todos os reinos do mundo, e a glória dêles.

9 E lhe disse: Tudo isto te darei, se prostrado me adorares.

10 Então lhe disse Jesus: Vai-te, satanás: Porque escrito está: Ao Senhor teu Deus adorarás, e a êle só servirás.

11 Então o deixou o diabo: e eis-que chegaram os anjos, e o serviram.

12 E quando ouviu Jesus que João fôra prêso, retirou-se para a Galiléia.

(2) **PINÁCULO DO TEMPLO** — O sentido é incerto, segundo Vigouroux nas notas à Bíblia de Glaire. Uns querem que seja a fachada do templo, outros o conjunto das construções do templo; outros o pórtico de Salomão ou a porta Real, que ficam sobre um precipício como adverte Josefo.

Evangelho de S. Mateus 4, 13-19

13 E, deixada a cidade de Nazaré, veio habitar em Cafarnaum, cidade marítima nos confins de Zabulon, e Neftalim: (3)

14 Para se cumprir o que tinha dito o profeta Isaías:

15 A terra de Zabulon, e a terra de Neftalim, a estrada que vai dar no mar além do Jordão, a Galiléia dos gentios.

16 Povo, que estava de assento nas trevas, viu uma grande luz: E aos que estavam de assento na região da sombra da morte, a estes appareceu a luz.

17 Desde então começou Jesus a pregar, e a dizer: Fazei penitência; porque está próximo o reino dos céus.

18 E caminhando Jesus ao longo do mar da Galiléia, viu dois irmãos, Simão, que se chama Pedro, e seu irmão André, que lançavam a rêde ao mar (porque eram pescadores). (4)

19 E disse-lhes: Vinde após mim, e farei que vós sejais pescadores de homens.

(3) **CAFARNAUM** — Não é fácil indicar precisamente onde fica Cafarnaum. A maldição calu de tal sorte sobre a cidade anatematizada que não é fácil discriminar entre as ruínas o local onde se ergueu. Segundo uns, Cafarnaum ficava em Rhan-Miniéh; segundo outros, em Tell Hum.

(4) **DO MAR DA GALILÉIA** — Era um lago, ao qual, como a muitos outros, os hebreus chamavam mar, e que teve os seguintes nomes: lago Cennereth, Genesareth ou de Genesar. Chamavam-lhe mar da Gallléia, porque banhava esta região. No tempo de Herodes tomou o nome de Tiberíades, quando elle fundou uma povoação em honra de Tibério. Lamartine descreve com a sua bela pena os encantos do Mar da Gallléia, tão belo, cujas margens eram tão formosas.

20 E eles sem mais detença, deixadas as rêdes, o seguiram.

21 E passando dali, viu outros dois irmãos, Tiago, filho de Zebedeu, e João seu irmão, em uma barca com seu pai Zebedeu, que consertavam as suas rêdes: E os chamou.

22 E eles no mesmo ponto, deixando as rêdes, e o pai, foram em seu seguimento.

23 E Jesus rodeava tôda a Galiléia, ensinando nas suas Sinagogas, e pregando o Evangelho do reino: E curando tôda a casta de doenças, e tôda a casta de enfermidades no povo. (5)

24 E correu a sua fama por tôda a Síria e lhe trouxeram todos os que se achavam enfermos, possuídos de vários achaques, e dores, e os possessos, e os lunáticos, e os paralíticos, e os curou. (6)

25 E uma grande multidão de povo o foi seguindo de Galiléia, e de Decápole, e de Jerusalém, e da Judéia, e de além do Jordão. (7)

(5) **O EVANGELHO DO REINO** — Evangelho é uma palavra grega, que significa bom anúncio, ou alegre nova. O evangelho do reino, porém, é o que prometia o reino dos Céus aos homens que seguissem a Jesus Cristo, o reino de Deus.

(6) **TÔDA A SÍRIA** — No Novo Testamento a Síria designa a região limitada a este pelo Eufrates e pela Arábia, ao sul pela Palestina, a oeste pelo Mediterrâneo e Fenícia, ao norte pela Cordilheira do Amnus.

(7) **DECÁPOLE** — Era a confederação de muitas cidades unidas para a defesa mútua. Ainda que a palavra Decápole, etimologicamente, designe dez cidades, o número das cidades confederadas era variável. A maior parte ficava situada a este no Jordão. A capital, Sitópolis, a antiga Betsan, a oeste do rio, é a chave da Palestina; depois destas, as mais importantes são Cesaréia, Asor, Cedes, Sefet, Corozain, Cafarnaum, Betsaida, Jetapata e Tiberíades.

CAPÍTULO 5

SERMÃO DAS OITO BEM-AVENTURANÇAS, PREGADO NO MONTE. OS APÓSTOLOS, SAL DA TERRA, E LUZ DO MUNDO. JESUS CRISTO VINDO AO MUNDO, NÃO PARA DESTRUIR A LEI, MAS PARA A APERFEIÇOAR. QUE NOS NÃO DEVEMOS IRAR CONTRA O PRÓXIMO, MAS IR BUSCÁ-LO QUANDO ELE ESTÁ QUEIXOSO DE NÓS. QUE SE NÃO DEVE OLHAR PARA A MULHER COM OLHOS IMPUDICOS. QUE DEVEMOS CORTAR POR TUDO O QUE NOS PODE SERVIR DE OCASIÃO DE RUÍNA ESPIRITUAL. QUE A TRÓCO DE SE NÃO VIOLAR A CARIDADE FRATERNA DEVEMOS ESTAR FEITOS A TUDO DEIXAR, E A TUDO SOFRER. QUE DEVEMOS AMAR, E FAZER BEM A NOSSOS INIMIGOS.

1 E vendo Jesus a grande multidão do povo, subiu a um monte, e depois de se ter sentado, se chegaram para o pé dêle os seus discípulos.

2 E êle abrindo a sua bôca os ensinava dizendo: (1)

(1) **DIZENDO** — Começa aqui a pregação de Jesus Cristo, que durou três anos. O monte em que Jesus fala está situado ao nordeste da cidade de Tiberiades, e é hoje denominado **Kurn-Hattin**, monte das Bem-aventuranças. Tem cinquenta metros acima da planície. Em dias claros, dêste monte avista-se o Tabor para sudoeste; a este o país de Galaad e o lago Tiberiades, e para nordeste o grande Hermon. Êste é de todos os discursos de Cristo, que os evangelistas nos conservaram, o mais extenso de todos e o mais completo. Pelo seu objeto e pela sua importância merece de certo uma atenção e um estudo muito particular, pois que o **Sermão do Monte-Oratio Montana**, é propriamente o Código do Reino Messiânico, ou seja o código do povo cristão. Abrange os capítulos V-VI-VII, formando um todo único, um só discurso seguido, pronunciado numa e mesma ocasião, num e no mesmo lugar e perante os mesmos ouvintes, pois não há uma razão positiva, terminante e clara que possa fazer-nos duvidar da sua unidade, apesar das dúvidas que têm levantado alguns críticos modernos, que pretendem que o **Sermão do Monte** é uma composição livre do evangelista, o qual coligindo e agrupando pensamentos e sentenças enunciadas por Cristo em ocasiões e lugares e para auditórios diferentes, o compôs e arranjou. As partes maiores ou menores dêste discurso estão entre si tão íntima e logicamente ligadas, a sua conexão é tão estreita e natural, que ressalta logo à vista, como impossível, que êle possa ser um conjunto, ou, arranjo

3 Bem-aventurados os pobres de espírito: Porque deles é o reino dos Céus. (2)

arbitrário de sentenças variadas do Divino Mestre. A simples conjectura sem base sólida, e puramente arbitrária, por mais imaginosa que seja, nada vale nem deve valer contra o fato. Note-se porém que, em qualquer das hipóteses, a importância e valor dogmático do Sermão do Monte é sempre o mesmo. Com os melhores exegetas admitimos que o Sermão do Monte é um só e mesmo discurso, pronunciado pelo Salvador no mesmo lugar, na mesma ocasião e perante as mesmas pessoas. O contexto lógico, psicológico e histórico levam-nos ao convencimento, de que Jesus Cristo não podia deixar de proceder como o Evangelista S. Mateus narra. Cr. Dr. Bisping *Exegetisches Handbuch zum Neuen Testament* — Münster, 1867. O mesmo autor, comentando esta importante pericopa, chama-lhe a Magna Carta e o Codex Civilis do reino moral e divino que o Salvador viera estabelecer, onde se descrevem: 1.º as condições fundamentais para se obter o direito de cidadão do reino Messiânico — As Bem-aventuranças V-3-12; 2.º as autoridades deste Estado, as suas obrigações e direitos 13-16, e 3.º o estabelecimento de relações entre o reino Messiânico e a teocracia do Antigo Testamento, assinalando que o seu fim é expurgar a lei Velha das falsas deduções e interpretações, reconduzindo à idéia própria e legítima, primitiva e divina, com que fôra dada ao homem, 17-48: 4.º a) o modo como os cidadãos do reino Messiânico devem proceder em seus atos particulares, 6, 1-18: b) o que é relativo à propriedade, e à sua natureza e índole do reino Messiânico, 19-34: c) o que respeita aos direitos e deveres recíprocos dos concidadãos do reino Messiânico, 7, 1-6: d) o direito de petição e sua fórmula 7-12: e) disposições gerais sobre a forma de admoestações e conselhos, 13-23: f) epílogo ou peroração do Sermão do Monte, utilidade suma para o homem do cumprimento das prescrições expostas, 24-27. Dr. Bisping. ob. cit.

(2) **BEM-AVENTURADOS OS POBRES DE ESPÍRITO** — Começam aqui as condições ou requisitos dirigidos aos cidadãos do reino Messiânico, sob a forma de sentenças breves e curtas, cada uma das quais, em seu sentido profundo, tem o mesmo valor e significação. São as oito bem-aventuranças ou Macarismos. Na primeira parte de cada uma, ou prótase, enuncia uma virtude cristã, declarando-se bem-aventurado aquele que possuir ou observar. Na segunda, ou apódose, contém-se o motivo duma bem-aventurança, motivo sempre idêntico — a posse do reino de Deus — seja qual fôr a imagem por que se represente.

POBRES DE ESPÍRITO — Convém determinarmos bem o valor desta expressão, que a leviandade, a ignorância e a má fé tantas vezes deturpam, entendendo por pobres de espírito os homens destituídos de senso comum, loucos, insensatos, ignorantes ou estúpidos, procurando os que assim ensinam e julgam descon-

4 Bem-aventurados os mansos: Porque êles possuirão a terra. (3)

ceituar a Igreja, ridicularizar Jesus Cristo, afrontar o Santo Evangelho. A filologia, e o usus, e quando geral, especial e especialíssimo desmentem tão estulta, interpretação. Segundo a força do termo *spiritus*, vontade, a expressão *pauperes spiritu* designa o desprendimento do homem, não só de tudo o que é externo a êle, mas de si próprio; numa palavra só, é a oposição formal consideravelmente contrária ao egoísmo. Por isso S. Hilário, cap. 4, S. João Crisóstomo *Hom in Math.* 15, S. Ambrósio *Lib. V. in Lucam* e tantíssimos outros, cuja enumeração seria fastidiosa, entendem que a pobreza de espírito vale o mesmo que a humildade. Os pobres de espírito são pois os pobres do coração e afeição. Se não têm riquezas e grandezas não as desejam, se as possuem não se prendem a elas. São os que deixam tudo pela vida eterna; são os que nada mais querem do que a graça de Deus, *nihil habentes et omnia possidentes*. Na pobreza não têm impaciência, na riqueza têm abnegação, repartindo o que possuem com os que nada têm. São os que muito valem, socorrendo e elevando os que nada são. Finalmente são os que se separam do espírito da riqueza, do fausto, conculcando o orgulho, vencendo a avidez. Pobres de espírito, por último, são os que allam à mais profunda humildade, a mais acrisolada caridade, pois é esta a força do termo original *ptochoi pneumati*. E a esta humildade corresponde a grandeza, porque a esta pobreza corresponde o reino dos Céus, e os cidadãos d'este reino reinarão com Cristo — *Ibi quot cives tot reges*. Aqui ha uma verdadeira igualdade, uma verdadeira democracia, a democracia da virtude e da santidade, da ordem e da justiça, norteadas pela verdade, tendente a unir todos os homens entre si pelos mesmos afetos na terra e reuni-los depois no Céu.

(3) **BEM-AVENTURADOS OS MANSOS** — O pensamento enunciado neste versículo é uma dedução legitima da pobreza de espírito ou humildade enunciada no versículo antecedente. A humildade e a mansidão são precisamente a mesma virtude sob dois aspectos diferentes, ou, se se quiser, duas feições duma e da mesma virtude. O homem é humilde em relação a Deus, e é manso, *mitis*, para com o próximo. Quem reconhece a sua fraqueza perante Deus, é indulgente para com as fraquezas dos seus semelhantes, brande e manso na apreciação das faltas do próximo.

POSSUIRÃO A TERRA — Esta expressão é equivalente a do versículo antecedente — porque dêles é o reino dos Céus — A expressão grega *Kleronomein ten gen* corresponde à hebraica *nachal iarach et haaretz*, que era a fórmula constante por que no Antigo Testamento se designava a posse da terra da Canaã. E Canaã era a terra da promessa, a terra por excelência, o reino messiânico; desta maneira possuirão a terra vale o mesmo do que o reino dos Céus, do qual era tipo a terra de Canaã.

5 Bem-aventurados os que choram: Porque êles serão consolados. (4)

6 Bem-aventurados os que têm fome, e sêde de justiça: Porque êles serão fartos. (5)

7 Bem-aventurados os misericordiosos: Porque êles alcançarão misericórdia. (6)

(4) **BEM-AVENTURADOS OS QUE CHORAM** — Uns intérpretes entendem os que choram os seus pecados; S. João Crisóstomo, S. Antônio, S. Cirilo; outros os que choram os alheios, como Cristo chorou sobre Jerusalém; S. Agostinho e S. Gregório de Nissa. Ambas estas interpretações parecem restritas. Atendendo aos antecedentes, e concatenando com a doutrina antecedente, nós podemos explicar por aquêles que choram a fraqueza dos seus recursos, e se afligem com as suas e com as misérias alheias.

PORQUE ÊLES SERÃO CONSOLADOS — E' uma nova forma de designar o reino dos Céus. Esta expressão vale o mesmo que dizer: **porque êles serão concidadãos do reino de Deus**, ou do reino dos Céus; pois que o reino de Deus é por essência a plenitude da consolação, da alegria e do júbilo.

(5) **BEM-AVENTURADOS OS QUE TÊM FOME E SEDE.** — Fome e sede é uma fórmula metafórica muito usada na Sagrada Escritura para designar um desejo ardente, veemente e sincero de alguma coisa.

DE JUSTIÇA — Esta palavra (*dikaïosyne* no texto grego) significa a justiça intrínseca, a santidade pessoal, o estado de justo, o que propriamente chamamos justificação. Por isso os exegetas, como S. Ambrósio, S. Jerônimo, S. Bernardo, **Serm I de omn. Sancti**, entendem este versículo desta sorte: Bem-aventurados aquêles que desejam ardentemente com sinceridade ser santos e justos perante Deus, ou os que anseiam pela sua completa justificação.

SERÃO FARTOS — E' o reino de Deus, onde só podem ter cabal satisfação as aspirações da alma humana, que se representa por esta expressão.

(6) **BEM-AVENTURADOS OS MISERICORDIOSOS** — No texto grego está *eleēmōnes*, os que dão a esmola; Jesus quer que os cidadãos do seu reino sejam dotados dos melhores sentimentos uns para com os outros, de sentimentos de amor recíproco; mas quer também que êsses sentimentos não sejam estéréis, e que se traduzam em atos de caridade — **dêem esmola**, e dando-a partilharão duma grande esmola, é a força da expressão *eleethēsontai*, que a Vulgata traduziu **misericiordiam consequentur** — alcançarão misericórdia.

8 Bem-aventurados os limpos de coração: Porque eles verão a Deus. (7)

9 Bem-aventurados os pacíficos: Porque eles serão chamados filhos de Deus. (8)

10 Bem-aventurados os que padecem perseguição por amor da justiça: Porque d'elles é o reino dos Céus. (9)

(7) **BEM-AVENTURADOS OS LIMPOS DE CORAÇÃO.** — A expressão grega *katharoi te kardia, mundi corde*, correspondente à hebraica *iches lebi*, quer dizer, retidão, pureza de intenções, candura, simplicidade de coração *Hoc est mundum cor*, diz S. Agostinho, *quod est simplex cor, et quem ad modum lumen hoc videri non potest nisi oculis mundis, ita nec Deus videtur, nisi mundum sit illud quod videri potest.*

VERÃO A DEUS — Possuirão o reino dos Céus, a visão beatífica, a visão de Deus.

(8) **BEM-AVENTURADOS OS PACÍFICOS** — O termo grego *eirenopoios*, *pacificus*, significa o que vive em paz consigo e com os seus semelhantes, o que é amigo da paz e que a promove ou restabelece onde ela não existe ou está quebrada.

SERÃO CHAMADOS FILHOS DE DEUS. — Há aqui dois hebraísmos que é preciso bem entender. A expressão *filhos de Deus*, segundo o *usus loquendi* hebraico, significa em geral a semelhança ou conformidade com Deus, de sorte que equivale a imitadores de Deus. O outro hebraísmo está na expressão — serão chamados — *vocabuntur*. Este modo de dizer equivale a serão. Bisping, ob. cit., vai mais adiante, e diz que o termo *klethesontai* quer significar que os pacíficos não são somente filhos de Deus, mas como tais serão reconhecidos pelo mundo.

(9) **BEM-AVENTURADOS OS QUE PADECEM PERSEGUIÇÃO POR AMOR DA JUSTIÇA** — O termo de justiça é o mesmo que já encontramos no v. 6 *dikaioisyne*. É a justiça intrínseca, a justificação e santidade íntima e pessoal. E como Jesus Cristo é propriamente a nossa justificação, por isso no versículo 11, que, como o 12, nada mais é que uma explicação d'este, o Salvador não diz — por amor de justiça, — mas sim — por meu respeito — *propter me*. Aqui diz só padecerem perseguição, nos versículos seguintes especifica três modos de perseguição: a) quando vos carregarem de injúrias; b) quando vos perseguirem; c) quando disserem contra vós falsamente toda a espécie de mal. E assim se indica o espírito da resignação, a autoridade do princípio e a firmeza de convicções que devem ter os membros do reino messiânico. Singular reino, sem dúvida, que se firma na humildade, se fortalece na mansidão; avigora-se pela dor das culpas próprias e desgraças alheias; floresce por misericórdia, pela pureza do coração e pelo amor da paz; e robustece-se pelos tormentos e perseguições d'este mundo.

11 Bem-aventurados sois, quando vos injuriarem, e vos perseguirem, e disserem todo o mal contra vós, mentindo, por meu respeito:

12 Folgai, e exultai, porque o vosso galardão é copioso nos Céus: Pois assim também perseguiram os profetas que foram antes de vós.

13 Vós sois o sal da terra. E se o sal perder a sua força, com que outra coisa se há de salgar? para nenhuma coisa mais fica servindo, senão para se lançar fora e ser pisado dos homens. (10)

14 Vós sois a luz do mundo. Não pode esconder-se uma cidade que está situada sobre um monte: (11)

(10) **VÓS SOIS O SAL DA TERRA** — Começa aqui a perícopa que vai até o v. 16, e onde se indicam as autoridades do reino messiânico e se discriminam as suas atribuições. Aqui há uma imagem cujo emprêgo constitui uma das propriedades características da dicção bíblica; esta é uma das mais belas do texto sagrado. Tem o sal duas propriedades por todos conhecidas; evita e destrói a corrupção, tempera os alimentos. Jesus Cristo faz destas propriedades físicas uma aplicação moral. Os Apóstolos, que são as autoridades do reino messiânico devem evitar e destruir a corrupção. E ainda mais: assim como o sal tempera e torna agradáveis os alimentos de que o homem usa, do mesmo modo eles devem temperar as ações do homem por forma, que este no seu proceder não deslize da lei e do caminho que dirige pela virtude e pelo bem, pela ordem, ao seu último fim, para que seja agradável a Deus. Esta imagem tem alguma relação com a praxe ritual nos sacrifícios do Antigo Testamento. Temperavam-se com sal as vítimas sacrificadas, para serem mais agradáveis a Deus; no reino messiânico, os Apóstolos, e os seus sucessores, Bispos e Presbíteros, devem ser para a humanidade o que o sal era para os alimentos, destruir e evitar a corrupção do pecado, temperar o procedimento dos homens, de modo que os seus atos sejam em tudo agradáveis a Deus e conforme a justiça.

(11) **VÓS SOIS A LUZ DO MUNDO** — Depois de lhes ter chamado sal que preserva e depura, Jesus Cristo chama às autoridades de seu reino luz; mas a luz ilumina: também a eles cumpre iluminar os que estão imersos nas densas trevas.

Evangelho de S. Mateus 5, 15-20

15 Nem os que acendem uma luzerna a metem debaixo do alqueire, mas põem-na sôbre o candeeiro, a fim de que ela dê luz a todos os que estão na casa.

16 Assim luza a vossa luz diante dos homens: Que êles vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso pai, que está nos Céus. (12)

17 Não julgueis que vim destruir a lei, ou os profetas: Não vim a destruí-los, mas sim a dar-lhes cumprimento.

18 Porque em verdade vos afirmo, que enquanto não passar o Céu e a terra, não passará da lei um só i, ou um til, sem que tudo seja cumprido.

19 Aquêlê pois que quebrar um dêstes mínimos mandamentos, e que ensinar assim aos homens, será chamado mui pequeno no reino dos Céus: Mas o que os guardar, e ensinar a guardá-los, êsse será reputado grande no reino dos Céus.

20 Porque eu vos digo, que se a vossa justiça não for maior e mais perfeita do que a dos escribas, e a dos fariseus, não entrareis no reino dos Céus.

(12) **ASSIM LUZA A VOSSA LUZ** — Compreende não só a luz da verdade evangélica, cuja pregação era a missão principal dos Apóstolos e seus sucessores, mas também o exemplo — o que com maior clareza se manifesta nos termos *opera vestra bona* (as vossas boas obras) *ta kala erga*. Portanto, e cumpre bem fixar, está aqui indicada a existência das autoridades, que devem preservar do mal, purificar, e ao mesmo tempo iluminar, dirigindo, esclarecendo, e edificando com as suas boas obras, pois são como luzerna colocada no alto do monte. Portanto estas autoridades têm de superintender na moralização da humanidade, por consequência da educação individual e social do homem: e todos os cristãos devem receber esta instrução dessas autoridades, a quem devem respeito e veneração.

21 Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás: E quem matar será réu no Juízo. (13)

22 Pois eu digo-vos: Que todo o que se ira contra seu irmão, será réu no juízo. E o que disser a seu irmão: Raca, será réu no conselho: E o que lhe disser: És um tolo, será réu do fogo do inferno. (14)

23 Portanto, se tu estás fazendo a tua oferta diante do altar, e te lembrar aí que teu irmão tem contra ti alguma coisa:

24 Deixa ali a tua oferta diante do altar e vai-te reconciliar primeiro com teu irmão: E depois virás fazer a tua oferta.

25 Concerta-te sem demora com o teu adversário, enquanto estás pôsto a caminho com êle: Para que não suceda que êle adversário te entregue ao juiz, e que o juiz te entregue ao seu ministro: E sejas mandado para a cadeia.

26 Em verdade te digo, que não sairás de lá, até não pagares o último ceitil.

(13) **NO JUÍZO** — O juízo era provavelmente o tribunal que funcionava em cada cidade, composto por vinte e três juizes. Jesus Cristo quer significar que o ódio, a cólera, o desejo de vingança são tão criminosos aos olhos de Deus, como o homicídio, porque o que vota ódio ao seu irmão, se o não assassina é pelo temor da justiça da terra.

(14) **RÉU NO CONSELHO** — Era o tribunal soberano composto de setenta e dois membros, que julgava em suprema instância os crimes religiosos e políticos.

FOGO DO INFERNO — O que está na Vulgata é *gehennae ignis*, que Glalre traduz *geena* de fogo. O nosso *geena* vem de duas palavras hebraicas designando um vale onde outrora queimaram vítimas humanas.

Evangelho de S. Mateus 5, 27-37

27 Ouvistes que foi dito aos antigos: Não adulterarás.

28 Eu porém digo-vos: Que todo o que olhar para uma mulher cobiçando-a, já no seu coração adulterou com ela.

29 E se o teu olho direito te serve de escândalo, arranca-o, e lança-o fora de ti: Porque melhor te é que se perca um de teus membros, do que todo o teu corpo seja lançado no inferno.

30 E se a tua mão direita te serve de escândalo, corta-a e lança-a fora de ti: Porque melhor te é que se perca um de teus membros, do que todo o teu corpo vá para o inferno.

31 Também foi dito: Qualquer que se desquitar de sua mulher, dê-lhe carta de repúdio.

32 Mas eu vos digo: Que todo o que repudiar a sua mulher, a não ser por causa de fornicção, a faz ser adúltera: E o que tomar a repudiada, comete adultério.

33 Igualmente ouvistes que foi dito aos antigos: Não jurarás falso: Mas cumprirás ao Senhor os teus juramentos.

34 Eu porém vos digo, que absolutamente não jureis, nem pelo Céu, porque é o trono de Deus:

35 Nem pela terra, porque é o assento de seus pés: Nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande rei:

36 Nem jurarás pela tua cabeça, pois não podes fazer que um cabelo teu seja branco ou negro.

37 Mas seja o vosso falar, sim, sim: Não, não: Porque tudo o que daqui passa, procede do mal.

38 Vós tendes ouvido o que se disse: Ôlho por ôlho, e dente por dente.

39 Eu porém digo-vos, que não resistais ao que vos fizer mal: Mas se alguém te ferir na tua face direita, oferece-lhe também a outra:

40 E ao que quer demandar-te em juízo, e tirar-te a tua túnica, larga-lhe também a capa:

41 E se qualquer te obrigar a ir carregado mil passos, vai com êle ainda mais outros dois mil.

42 Dá a quem te pede, e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes.

43 Tendes ouvido que foi dito: Amarás ao teu próximo, e aborrecerás a teu inimigo.

44 Mas eu vos digo: Amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos têm ódio: E orai pelos que vos perseguem e caluniam:

45 Para serdes filhos de vosso Pai, que está nos Céus, o qual faz nascer o seu sol sôbre bons e maus: E vir chuva sôbre justos e injustos.

46 Porque se vós não amais senão os que vos amam, que recompensa haveis de ter? não fazem os publicanos também o mesmo? (15)

(15) **OS PUBLICANOS** — Eram os que tinham a seu cargo os tributos e impostos. Pompeu, havendo subjugado aos judeus, sessenta anos antes com pouca diferença da vinda de Cristo, os fez tributários. Os cavalleiros romanos, e outras pessoas consideráveis arrendavam estes impostos nas províncias, e para cobrá-los nomeavam comissários dos mesmos do país. E estes comissários nomeavam outros, que eram seus subalternos, e lhes estavam subordinados. Do número dos primeiros parece que foi Zaqueu. *Lc 19, 2*, e *S. Mateus dos segundos. Mt 9, 9*. Estavam em muita honra entre os romanos, como se vê na oração *pro Lege Manilla* de Cícero; porém eram tidos por infames entre os judeus. — *Pereira*.

47 E se vós saudardes sòmente aos vossos irmãos, que fazeis nisso de especial? não fazem também assim os gentios?

48 Sêde vós logo perfeitos, como também vosso Pai celestial é perfeito.

CAPÍTULO 6

COMO HAVEMOS DE DAR A ESMOLA, E COMO HAVEMOS DE ORAR. DO BOM ESPÍRITO DO JEJUM. QUE NÃO DEVEMOS AJUNTAR TESOUROS, SENÃO NO CÉU. QUE O NOSSO OLHO DEVE SER SIMPLES. QUE NÃO PODEMOS SERVIR A DOIS SENHORES. QUE NÃO DEVEMOS INQUIETAR-NOS PELO QUE HAVEMOS DE COMER, OU VESTIR, OU PELO QUE HÁ-DE SER DE NÓS.

1 Guardai-vos, não façais as vossas boas obras diante dos homens, com o fim de serdes vistos por êles: Doutra sorte não tereis a recompensa da mão de vosso Pai, que está nos Céus. (1)

2 Quando pois dás a esmola, não faças tocar a trombeta diante de ti, como praticam os hipócritas nas Sinagogas, e nas ruas, para serem honrados dos homens: Em verdade vos digo, que êles já receberam a sua recompensa.

3 Mas quando dás a esmola, não saiba a tua esquerda o que faz a tua direita:

4 Para que a tua esmola fique escondida, e teu Pai, que vê o que tu fazes em secreto, te pagará.

5 E quando orais, não haveis de ser como os hipócritas, que gostam de orar em pé nas Sinagogas, e nos cantos das ruas, para serem vistos dos homens: Em verdade vos digo, que êles já receberam a sua recompensa.

(1) **GUARDAI-VOS.** — Condena-se aqui a hipocrisia e a vaidade na prática das obras meritórias.

6 Mas tu quando orares, entra no teu aposento, e, fechada a porta, ora a teu Pai em secreto: E teu Pai, que vê o que se passa em secreto, te dará a paga. (2)

7 E quando orais não faleis muito, como os gentios: Pois cuidam que pelo seu muito falar serão ouvidos.

8 Não queirais portanto parecer-vos com êles: Porque vosso Pai sabe o que vos é necessário, primeiro que vós lh'o peçais.

9 Assim pois é que vós haveis de orar: *Padre nosso que estais nos Céus: Santificado seja o vosso nome.*

10 *Venha a nós o vosso reino. Seja feita a vossa vontade, assim na terra, como no céu.*

11 *O pão nosso, necessário à nossa subsistência, nos dai hoje.* (3)

12 *E perdoai as nossas dívidas, assim como nós também perdoamos aos nossos devedores.*

13 *E não nos deixeis cair em tentação. Mas livrai-nos do mal, amém.*

14 Porque se vós perdoardes aos homens as ofensas que tendes dêles: Também vosso Pai celestial, vos perdoará os vossos pecados.

15 Mas se não perdoardes áos homens: Tampouco vosso Pai vos perdoará os vossos pecados.

(2) **ENTRA NO TEU APOSENTO** — Jesus Cristo não proíbe as ações públicas, que se fazem nas assembleias dos fiéis, pois que Ele mesmo diz que estará no meio de dois ou três que se reunam para orar em seu nome, mas quer que nas orações particulares e, de simples devoção cada um se retire para rezar com mais recolhimento e evitar qualquer ostentação. Também não condena as longas súplicas, pois orou de dia e de noite; protesta unicamente contra o abuso que cometiam os judeus imitando os pagãos, que julgavam tornar os deuses propícios falando muito durante a oração.

(3) **NECESSÁRIO A NOSSA SUBSISTENCIA** — Seguimos a tradução de Glaire *Donnez-nous aujourd'hui le pain nécessaire à notre subsistance*, 19-2.

Evangelho de S. Mateus 6, 16-24

16 E quando jejuais, não vos ponhais tristes como os hipócritas: Porque êles desfiguram os seus rostos, para fazer ver aos homens, que jejuam. Na verdade vos digo, que já receberam a sua recompensa.

17 Mas tu, quando jejuas, unge a tua cabeça, e lava o teu rosto.

18 A fim de que não pareças aos homens que jejuas, mas somente a teu Pai que está presente a tudo o que há de mais secreto; E teu Pai que vê o que se passa em secreto te dará a paga.

19 Não queirais entesourar para vós tesouros na terra: Onde a ferrugem, e a traça os consome: E onde os ladrões os desenterram, e roubam.

20 Mas entesourai para vós tesouros no Céu: Onde não os consome a ferrugem, nem a traça, e onde os ladrões não os desenterram, nem roubam.

21 Porque onde está o teu tesouro, aí está também o teu coração.

22 Ó teu olho é a luz do teu corpo. Se o teu olho fôr simples: Todo o teu corpo será luminoso. (4)

23 Mas se o teu olho for mau: Todo o teu corpo estará em trevas. Se pois a luz, que em ti há, são trevas: Quão grandes não serão essas mesmas trevas?

24 Ninguém pode servir a dois senhores: Porque ou há de aborrecer um, e amar outro: Ou há de acomodar-se a êste, e desprezar aquêle. Não podeis servir a Deus, e às riquezas.

(4) **O TEU OLHO.** — Pelo olho entende Santo Agostinho, com êle Santo Izidoro, a intenção com que obramos; pelo corpo as obras que fazemos. E chama-se olho simples o que é de todo puro e limpo.

25 Portanto vos digo, não andeis cuidadosos da vossa vida, que comereis, nem para o vosso corpo, que vestireis. Não é mais a alma que a comida? E o corpo mais que o vestido?

26 Olhai para as aves do Céu, que não semeiam, nem segam, nem fazem provimentos nos celeiros: E contudo vosso Pai celestial as sustenta.. Porventura não sois vós muito mais do que elas?

27 E qual de vós discorrendo pode acrescentar um côvado à sua estatura?

28 E por que andais vós solícitos pelo vestido? Considerai como crescem os lírios do campo: Eles não trabalham, nem fiam.

29 Digo-vos mais, que nem Salomão em tôda a sua glória se cobriu jamais como um dêstes.

30 Pois se ao feno do campo, que hoje é, e amanhã é lançado no forno, Deus veste assim: Quanto mais a vós, homens de pouca fé?

31 Não vos aflijais pois, dizendo: Que comeremos, ou que beberemos, ou com que nos cobriremos?

32 Porque os gentios é que se cansam por estas coisas. Porquanto vosso Pai sabe que tendes necessidade de todas elas.

33 Buscai pois primeiramente o reino de Deus, e a sua justiça: E tôdas estas coisas se vos acrescentarão.

34 E assim não andeis inquietos pelo dia de amanhã. Porque o dia de amanhã a si mesmo trará seu cuidado: Ao dia basta a sua própria aflição.

CAPÍTULO 7

CONDENAM-SE OS JUIZOS TEMERÁRIOS. QUE SE NÃO DEVEM DAR AS COISAS SANTAS AOS CÃES. QUE TODO O QUE PEDE, E BUSCA, E BATE À PORTA, DEUS O OUVE. QUE DEVEMOS FAZER AO PRÓXIMO E O QUE QUEREMOS QUE ELE NOS FAÇA. QUE É ESTREITA A PORTA POR ONDE SE ENTRA NO CÉU. COMO SE HÃO DE CONHECER OS PROFETAS FALSOS. COMO SE HÁ-DE OUVIR A PALAVRA DE DEUS.

1 Não queirais julgar, para que não sejais julgados.

2 Pois com o juízo com que julgardes, sereis julgados: E com a medida com que medirdes, vos medirão também a vós.

3 Por que vês tu pois a aresta no olho de teu irmão: E não vês a trave no teu olho? (1)

4 Ou como dizes a teu irmão: Deixa-me tirar-te do olho uma aresta: Quando tu tens no teu uma trave?

5 Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho, e então verás como hás de tirar a aresta do olho de teu irmão.

6 Não deis aos cães o que é santo: Nem lanceis aos porcos as vossas pérolas, para que não suceda que eles lhes

(1) **POR QUE VÊS TU POIS A ARESTA** — Jesus Cristo não tira aqui o poder de julgar, nos que estão estabelecidos para corrigir e castigar aos que pecam. Condena sim o juízo, que fazemos temerariamente dos nossos irmãos, quando por menos consideração, por preocupação, ou por malignidade julgamos da sua conduta, dos seus sentimentos, e das suas intenções. Condena também o orgulho, que nos cega para não vermos nossas faltas, ainda que sejam muito avultadas, e que nos dá olhos de lince para descobrir ainda os menores defeitos de nossos próximos. Era este um provérbio entre os hebreus.

ponham os pés em cima, e tornando-se contra vós, vos despedacem. (2)

7. Pedi, e dar-se-vos-á: Buscai, e achareis: Batei, e abrir-se-vos-á.

8. Porque todo o que pedé, recebe: E o que busca, acha: E a quem bate, abrir-se-á.

9. Ou qual de vós porventura é o homem que se seu filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra?

10. Ou porventura, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma serpente?

11. Pois se vós outros sendo maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos: Quanto mais vosso pai, que está nos Céus, dará bens aos que lhos pedirem?

12. E assim tudo o que vós quereis que vos façam os homens, fazei-o também vós a eles. Porque esta é a lei, e os profetas.

13. Entrai pela porta estreita: Porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que guia para a perdição, e muitos são os que entram por ela.

14. Que estreita é a porta, e que apertado o caminho, que guia para a vida: E que poucos são os que acertam com êle!

(2) **NEM LANCEIS AOS PORCOS** — Assim como não é permitido dar às pessoas impuras, e muito menos aos animais, as vítimas que se oferecem a Deus, da mesma sorte não convém que se anuncie a palavra de Deus, ou se comuniquem as suas graças, aos que as desprezam. — Amelote.

15 Guardai-vos dos falsos profetas, que vêm a vós com vestidos de ovelhas, e dentro são lobos roubadores: (3)

16 Pelos seus frutos os conhecereis. Porventura os homens colhem uvas dos espinhos, ou figos dos abrolhos?

17 Assim tôda a árvore boa dá bons frutos: E a má árvore dá maus frutos:

18 Não pode a árvore boa dar maus frutos: Nem a árvore má dar bons frutos: (4)

19 Tôda a árvore, que não dá bom fruto, será cortada e metida no fogo.

20 Assim pois pelos frutos dêles os conhecereis.

21 Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos Céus: Mas sim o que faz a vontade de meu Pai, que está nos Céus, êsse entrará no reino dos Céus.

22 Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não é assim que profetizamos em teu nome, e em teu nome expelimos os demônios, e em teu nome obramos muitos prodígios?

23 E eu então lhes direi em voz bem inteligivel: Pois eu nunca vos conheci: Apartai-vos de mim, os que obraís a iniquidade.

(3) **FALSOS PROFETAS** — Os hebreus davam a designação de profetas não só aos que prediziam o futuro, mas àqueles que interpretavam a Escritura. Sob a denominação de falsos profetas entendem os falsos doutores judeus e cristãos.

(4) **A ARVORE MÁ DA BONS FRUTOS** — O homem mau corrompe e perverte com os seus maus conselhos, e sobretudo com os péssimos exemplos, levando a corrupção ao coração dos outros.

24 Todo aquêle pois que ouve estas minhas palavras, e as observa, será comparado ao homem sábio, que edificou a sua casa sôbre rocha.

25 E veio a chuva, e transbordaram os rios, e asopraram os ventos, e combâteram aquela casa, e ela não caiu: Porque estava fundada sôbre a rocha.

26 E todo o que ouve estas minhas palavras, e as não observa, será comparado ao homem sem consideração, que edificou a sua casa sôbre areia:

27 E veio a chuva, e trasbordaram os rios, e asopraram os ventos, e combateram aquela casa e ela caiu, e foi grande a sua ruína.

28 E aconteceu que, tendo acabado Jesus êste discurso, estava o povo admirado da sua doutrina.

29 Porque êle os ensinava como quem tinha autoridade, e não como os escribas dêles, e os fariseus.

CAPÍTULO 8

SARA JESUS CRISTO UM LEPROSO. ADMIRA, E LOUVA A FÉ DO CENTURIÃO. CURA A SOGRA DE PEDRO. EXPELE OS DEMÔNIOS. MANDA A UM QUE O SIGA, E QUE SE DEIXE DE IR ENTERRAR SEU PAI. FAZ SERENAR UMA TEMPESTADE NO MAR. PERMITE AOS DEMÔNIOS QUE SAIAM DE UM POSSESSO, E QUE SE VÃO METER NUMA MANADA DE PORCOS.

1 E depois que Jesus desceu do monte, foi muita a gente do povo que o seguiu:

2 E eis-que vindo um leproso, o adorava, dizendo: Se tu queres, Senhor, bem me podes limpar. (1)

(1) **UM LEPROSO** — A lepra era muito vulgar na Palestina. O que sofria desta horrível enfermidade incorria nas impurezas legais.

3 E Jesus estendendo a mão, tocou-o, dizendo: Pois eu quero. Fica limpo. E logo ficou limpa toda a sua lepra. (2)

4 Então lhe disse Jesus: Vê não o digas a alguém: Mas vai, mostra-te ao sacerdote, e faz a oferta que ordenou Moisés, para lhes servir de testemunho a eles. (3)

5 Tendo porém entrado em Cafarnaum, chegou-se a ele um centurião, fazendo-lhe esta súplica, (4)

6 e dizendo: Senhor, o meu criado jaz em casa doente de uma paralisia, e padece muito com ela. (5)

(2) **E LOGO FICOU** — A ação imediata do poder de Deus, transcendendo as forças da natureza.

(3) **NÃO O DIGAS A ALGUÉM** — Jesus impõe este silêncio pelas seguintes razões: 1.º Por modéstia, a fim de nos ensinar a evitar a publicidade das nossas obras meritórias, até onde o permitirem os interesses da causa de Deus. 2.º Por prudência, para que se não excitasse o ódio dos seus inimigos, que começava já manifestando-se:

MOSTRA-TE AO SACERDOTE — Jesus Cristo curou o leproso por um ato libérrimo da sua divina vontade, envia porém o leproso ao sacerdote: — 1.º Para que ele respeitasse a lei, que proibia aos leprosos aproximarem-se do povo, Lev 14, 2. 2.º Porque sem esta formalidade não podia participar das coisas santas. 3.º A fim de que os seus inimigos constatassem o milagre. 4.º Para completar a figura esboçada neste fato miraculoso; a lepra é a figura da culpa, e o pecado só podia ser remitido pelo ministério dos sacerdotes.

(4) **UM CENTURIÃO** — Este era um oficial do exército, o capitão de cem soldados. As Legiões Romanas eram mandadas por Tribunos, que correspondem aos nossos coronéis, e repartidas em companhias de cem homens, donde veio o nome de centuriões aos seus capitães. Ainda que Herodes Antipas era tetrarca da Galiléia, isto não obstante os romanos, como próprios e verdadeiros soberanos, mantinham aí as suas tropas.

(5) **E PADECE MUITO COM ELA** — A paralisia nem sempre priva o enfermo da sensibilidade; pode haver a falta do movimento e existir sensibilidade. Assim este paralítico podia sofrer extremamente, mesmo nas partes paralisadas, para o que bastava uma afecção nos nervos motores, que não atingisse os sensitivos, e resultar daí dores violentíssimas.

7 Respondeu-lhe então Jesus: Eu irei, e o curarei.

8 E respondendo o centurião, disse: Senhor, eu não sou digno de que entres na minha casa: Porém manda-o só com a tua palavra, e o meu criado será salvo.

9 Pois também eu sou homem sujeito a outro, que tenho soldados às minhas ordens e digo a um: Vai acolá, e ele vai: E a outro: Vem cá, e ele vem: E ao meu servo: Faze isto, e ele o faz.

10 E Jesus, ouvindo-o assim falar, admirou-se, e disse para os que o seguiam: Em verdade vos afirmo, que não achei tamanha fé em Israel. (6)

11 Digo-vos, porém, que virão muitos do Oriente, e do Ocidente, e que terão lugar com Abraão, e Isaac e Jacó no reino dos Céus.

(6) **NÃO ACHEI TAMANHA FÉ EM ISRAEL** — Na verdade o discurso procedente do centurião traduz uma confiança ilimitada em Jesus, a quem pedia auxilio, não como homem, pois não se considera digno de que Jesus entre em sua casa, mas como Deus, que tudo pode. Portanto temos diante de Jesus um homem de posição elevada manifestando a sua fé em Jesus, o que não foi, segundo parece, um entusiasmo de momento, mas já vinha de tempo anterior, o que quer dizer que a fama de Jesus já se espalhara de tal sorte que, quando chegou a Cafarnaum, já era conhecida a sua singular nomeada. Devemos notar aqui que a civilização judaica no tempo de Jesus era completa, circunstância que cumpre assinalar e não esquecer. Ao mesmo tempo vigoravam falsos princípios, e gérmen da descrença, acentuando-se dia a dia, com o aparecimento de novas seitas, todas ambiciosas. Esperavam o Messias, é certo, mas aguardavam um Messias guerreiro e conquistador, cheio de poder, riqueza, prestígio e orgulho, que devia levantar a Judéia à grandeza de outrora, fazendo renascer os famosos dias de Salomão e libertando o Povo da dominação romana. Pois é nesta cidade esclarecida, propensa ao cepticismo, aferrada às velhas tradições que aparece a enorme fé do centurião, acreditando no poder de Jesus, que nascera na pobreza e na pobreza vivia.

Evangelho de S. Mateus 8, 12-23

12 Mas que os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores: Ali haverá choro, e ranger de dentes.

13 Então disse Jesus ao centurião: Vai, e faça-se-te segundo tu crêste. E naquela mesma hora ficou são o criado.

14 E tendo chegado Jesus à casa de Pedro, viu que a sogra dele estava de cama, e com febre:

15 E tocou-lhe na mão, e a febre a deixou, e ela se levantou, e se pôs a servi-los.

16 Sôbre a tarde porém lhe puseram diante muitos endemoninhados: E êle com a sua palavra expelia os espíritos: E curou todos os enfermos:

17 Para se cumprir o que estava anunciado pelo profeta Isaías, que diz: Êle mesmo tomou as nossas enfermidades: E carregou com as nossas doenças.

18 Ora vendo-se Jesus rodeado de muito povo, mandou-lhes que passassem para a banda dalém do lago.

19 Então chegando-se a êle um escriba, lhe disse: Mestre, eu seguir-te-ei para onde quer que fôres.

20 Ao que Jesus lhe respondeu: As rapôsas têm covas, e as aves do Céu, ninhos: Porém o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça.

21 E outro de seus discípulos lhe disse: Senhor, deixa-me ir primeiro a enterrar meu pai.

22 Mas Jesus lhe respondeu: Segue-me e deixa que os mortos sepultem os seus mortos.

23 E entrando êle numa barca, o seguiram seus discípulos:

24 E eis-que sobreveio no mar uma grande tempestade, de modo que a barca se cobria das ondas, e entretanto êle dormia.

25 Então se chegaram a êle seus discípulos, e o acordaram, dizendo: Senhor, salva-nos, que perecemos.

26 E Jesus lhes disse: Por que temeis, homens de pouca fé? E levantando-se, pôs preceito ao mar, e aos ventos, e logo se seguiu uma grande bonança.

27 E os homens se admiraram, dizendo: Quem é este que os ventos e o mar lhe obedecem?

28 E quando Jesus passou à outra parte do lago, ao país dos gerasenos, vieram-lhe ao encontro dois endemoninhados, que saíam dos sepulcros, em extremo furiosos, de tal maneira que ninguém ousava passar por aqueles caminhos. (7)

29 E gritaram logo ambos, dizendo: Que temos nós contigo, Jesus, Filho de Deus? Vieste aqui atormentar-nos antes de tempo?

30 Ora em alguma distância dêles andava uma manada de muitos porcos pastando.

31 E os demônios o rogavam, dizendo: Se nos lanças daqui, manda-nos para a manada dos porcos.

32 E êle lhes disse: Ide. E saindo êles se foram aos porcos, e no mesmo ponto tôda a manada correu im-

(7) **QUE SAÍAM DOS SEPULCROS** — Eram estes muito espaçosos, e como umas grandes grutas, ou cavernas, como se vê em muitos lugares da Escritura, e da história sagrada. Distavam das cidades, e dos povoados, para que os cadáveres não infeccionassem o ar com a sua corrupção, e porque os que se chegavam a êles ficavam impuros, segundo a lei. Num 19, 11.

Evangelho de S. Mateus 8, 33-34; 9, 1-4

petuosamente por um despenhadeiro a precipitar-se no mar: E morreram afogados nas águas.

33 E os pastôres fugiram: E vindo à cidade, contaram tudo, e o sucesso dos que tinham sido endemoninhados.

34 E logo tôda a cidade saiu a encontrar-se com Jesus: E quando o viram, pediram-lhe que se retirasse do seu têrmo.

CAPÍTULO 9

SARA JESUS CRISTO UM PARALÍTICO. DECLARA O PODER QUE TEM DE PERDOAR PECADOS. CHAMA A MATEUS. MURMURAÇÃO DOS FARISEUS, POR VEREM COMER O SENHOR COM OS PECADORES. CURA UMA MULHER, QUE PADECIA UM FLUXO DE SANGUE, E RESSUSCITA UMA MENINA. DÁ VISTA A DOIS CEGOS, E FALA A UM ENDEMONINHADO MUDO.

1 Entrando em uma barca, passou à outra banda, e foi à sua cidade. (1)

2 E eis-que lhe apresentaram um paralítico, que jazia em um leito. E vendo Jesus a fé dêles, disse ao paralítico: Filho, tem confiança, perdoados te são teus pecados. (2)

3 E logo alguns dos escribas disseram dentro de si: Êste blasfema.

4 E como visse Jesus os pensamentos dêles, disse: Por que cogitais mal nos vossos corações?

(1) **E FOI A SUA CIDADE** — A Cafarnaum, onde costumava habitar.

(2) **A FÉ DELES** — A do paralítico, e a dos que o traziam.

5 Que coisa é mais fácil dizer: Perdoados te são teus pecados, ou dizer: Levanta-te, e anda?

6 Pois para que saibais que o Filho do homem tem poder sobre a terra de perdoar pecados, disse êle então ao paralítico: Levanta-te, toma o teu leito, e vai para tua casa.

7 E êle se levantou, e foi para sua casa.

8 E vendo isto as gentes, temeram, e glorificaram a Deus, que deu tal poder aos homens.

9 E passando Jesus dali, viu um homem que estava sentado no Telônio, chamado Mateus. E lhe disse: Segue-me. E levantando-se êle, o seguiu. (3)

10 E aconteceu que estando Jesus sentado à mesa numa casa, eis-que vindo muitos publicanos, e pecadores, se sentaram a comer com êle, e com os seus discípulos. (4)

11 E vendo isto os fariseus diziam aos seus discípulos: Por que come o vosso mestre com os publicanos, e pecadores?

12 Mas ouvindo-os Jesus, disse: Os sãos não têm necessidade de médico, mas sim os enfermos.

13 Ide pois e aprendei o que quer dizer: Misericórdia quero, e não sacrificio. Porquanto eu não vim a chamar os justos, mas os pecadores.

14 Então vieram ter com êle os discípulos de João, dizendo: Qual é a razão por que nós, e os fariseus jejuamos com freqüência, e os teus discípulos não jejuam?

(3) **QUE ESTAVA SENTADO NO TELÔNIO** — Telônio se chamava a mesa, e o lugar onde se cobravam as rendas públicas.

(4) **NUMA CASA** — Isto é, em casa do mesmo S. Mateus, como consta de Mac 2, 15, e de Lc 5, 29.

Evangelho de S. Mateus 9, 15-19

15 E Jesus lhes disse: Porventura podem estar tristes os filhos do espôso? mas virão dias em que lhes ser tirado o espôso: E então êles jejuarão. (5)

16 E ninguém deita remendo de pano novo em vestido velho: Porque leva quanto alcança do vestido: E s faz maior a ruptura.

17 Nem deitam vinho novo em odres velhos: D outra maneira rebentam os odres, e se vai o vinho, e s perdem os odres: Mas deitam vinho novo em odres novos: E assim ambas as coisas se conservam. (6)

18 Dizendo-lhes êle estas coisas, eis-que um príncipe se chegou a êle, e o adorou, dizendo: Senhor, agora acaba de expirar minha filha: Mas vem tu, põe a tua mão sôbre ela, e viverá. (7)

19 E Jesus levantando-se o foi seguindo com seus discípulos.

(5) **OS FILHOS DO ESPÔSO** — S. Lucas, cap. 5, vers. 34, d a entender que os fariseus fizeram esta nova tentativa, ou insult a Jesus Cristo, por si mesmos. Mas no estilo da Escritura, e ainda no uso comum, costuma atribuir-se uma coisa àquele, por cujo mandado, conselho, ou instigação se faz. Confundidos pois os fariseus com as respostas do Salvador se valeram dos discípulos de João, para de novo o atacarem. E em vez de imitar a profunda humildade de seu Mestre, chegaram êstes a perguntar ao Senhor de um modo tão orgulhoso que merecia uma severa repreensão. Porém o Filho de Deus se contentou com instruí-lo, usando de maior doçura e dizendo-lhes: "Que os filhos do Espôso não podiam estar tristes, enquanto o Espôso estava na sua companhia". Isto é um hebraísmo e assim os filhos do Espôso não querem dizer outra coisa mais, que os seus amigos, ou companheiros; havendo alusão ao costume que havia antigamente, de dar aos que casavam alguns mancebos, que os acompanhassem em todas as cerimônias da sua boda, e estes eram os chamados "filhos do Espôso".

(6) **ODRES** — Os orientais serviam-se vulgarmente de odres de pele de cabra e de camelo para conservar o vinho.

(7) **UM PRÍNCIPE** — Da Sinagoga, por nome Jairo. Luc 8, 4 Chama-se pois príncipe da Sinagoga, porque presidia à Sinagoga.

20 E eis-que uma mulher, que havia doze anos padecia um fluxo de sangue, se chegou por detrás dêle, e lhe tocou a orela do vestido. (8)

21 Porque ia dizendo dentro de si: Se eu tocar, ainda que seja sòmente o seu vestido, serei curada.

22 E voltando-se Jesus, e vendo-a, disse: Tem confiança, filha, a tua fé te sarou. E ficou sã a mulher, desde aquella hora.

23 E depois que Jesus chegou à casa daquele príncipe, e viu os tocadores de flautas, e uma multidão de gente, que fazia reboliço, disse: (9)

24 Retirai-vos: Porque a menina não está morta, mas dorme. E êles o escarneciam. (10)

(8) **EIS-QUE UMA MULHER** — Eusébio de Cesaréia, na sua história, diz que esta mulher era de Panéias, cidade da Fenícia, chamada por fim Cesaréia Filipe. Diz que no seu tempo existiam diante da porta de sua casa duas estátuas de bronze, representando uma a mulher numa atitude suplicante, e a outra Jesus Cristo estendendo a sua destra. Acrescenta o célebre historiador, que junto desta última estátua crescia uma esquisita erva de singulares propriedades medicinais. Diz terminantemente que viu isto tudo. Hist. Eccl. 7, 14, 18. Tillemont, *Mémoires*, 7, 1. Fleury, Hist. Eccl. 15-20. Sozômeno confirma a narração de Eusébio. A arqueologia cristã fornece dados valiosos sôbre este fato, que está representado pelas mais antigas pinturas das catacumbas. No cemitério de S. Pretextato vê-se a doente que se curava tocando a fimbria do manto do Salvador. Está de joelhos, e Jesus de pé, acompanhado de dois discípulos. Cfr. Garucci, *Storia dell'arte cristiana*, t. 2, pl. 38, n.º 2, text.-p. 45. Martigny, Dict.

(9) **TOCADORES DE FLAUTAS** — Acompanhavam com as carpideiras os funerais, Cfr. Jer 9, 17.

(10) **MAS DORME** — Jesus Cristo diz que a filha de Jairo dorme, no mesmo sentido em que mais tarde disse a Lázaro: Vai revocá-lo à vida, com a mesma facilidade com que desperta o que esteja dormindo. Desta expressão a simplicidade e a confiança do Evangelista. Se pretendessem enganar, acautelar-se-iam de empregar tais expressões, atribuindo-as ao Salvador. De resto S.

Evangelho de S. Mateus 9, 25-34

25 E tendo saído a gente, entrou Jesus: E a tomou pela mão. E a menina se levantou.

26 E correu esta fama por toda aquela terra.

27 Passando Jesus daquele lugar, o seguiram dois cegos, gritando, e dizendo: Tem misericórdia de nós, filho de Davi.

28 E chegando à casa vieram a êle os cegos. E Jesus lhes disse: Credes que vos posso fazer isto a vós outros? Disseram êles: Sim, Senhor.

29 Então lhes tocou os olhos, dizendo: Faça-se-vos segundo a vossa fé.

30 Imediatamente foram abertos os seus olhos: E Jesus os ameaçou, dizendo: Vêde lá que o não saiba alguém.

31 Mas êles, saindo dali, divulgaram por toda aquela terra o seu nome.

32 Depois que saíram, lhe apresentaram um homem mudo, possuído do demônio.

33 E depois que foi expellido o demônio, falou o mudo, e se admiraram as gentes, dizendo: Nunca tal se viu em Israel.

34 Porém os fariseus diziam: Êle em virtude do príncipe dos demônios lança fora os demônios.

Lucas acrescenta **Et reversus est spiritus ejus**, e o próprio S. Mateus no versículo seguinte: **Correu esta fama por toda aquela terra**, o que denota a singularidade do acontecimento. O acordar um dormiente é fato tão vulgar e tão banal que não era apregoadado por toda a terra.

35 Entretanto ia Jesus dando volta por tôdas as cidades, e aldeias, ensinando nas sinagogas dêles, e pregando o evangelho do reino, e curando tôda a doença, e tôda a enfermidade.

36 E olhando para aquelas gentes, se compadeceu delas: Porque estavam fatigadas, e quebrantadas como ovelhas que não têm pastor.

37 Então disse a seus discípulos: A seara verdadeiramente é grande, mas os obreiros poucos.

38 Rogai pois ao Senhor da seara, que envie obreiros à sua seara.

CAPÍTULO 10

ENVIA JESUS CRISTO OS DOZE DISCÍPULOS A PREGAR, INSTRUI-OS. DESCREVEM-SE OS SEUS NOMES. EXORTA-OS A PADECER E SOFRER. DIZ-LHES QUE NÃO VIERA AO MUNDO TRAZER PAZ, MAS TRAZER GUERRA. QUE É NECESSÁRIO CONFESSÁ-LO DIANTE DOS HOMENS, E PREZAR MAIS DO QUE TUDO O SEU NOME. QUE O QUE HONRA AOS SEUS SERVOS, A ELE HONRA E DELE TERÁ A RECOMPENSA.

1 Então, convocados os seus doze discípulos, deu-lhes Jesus poder sobre os espíritos imundos, para os expelirem, e para curarem tôdas as doenças, e tôdas as enfermidades.

2 Ora os nomes dos doze Apóstolos são êstes: O primeiro, Simão, que se achama Pedro, e André seu irmão.

3 Iago, filho de Zebedeu, e João seu irmão, Filipe, e Bartolomeu, Tomé, e Mateus, o Publicano, Tiago, filho de Alfeu e Tadeu. (1)

(1) **IAGO** — Em latim **Jacob**: pelo princípio de menor esforço começou a pronunciar-se na península hispânica Iago, precedi-

Evangelho de S. Mateus 10, 4-10

4 Simão Cananeu e Judas Iscariotes, que foi o que o entregou. (2)

5 A êstes doze enviou Jesus, dando-lhes estas instruções, dizendo: Não ireis caminho de gentios, nem entreis nas cidades dos samaritanos.

6 Mas ide antes às ovelhas, que pereceram da casa de Israel.

7 E pondo-vos a caminho pregai, dizendo: Que está próximo o reino dos Céus.

8 Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, limpai os leprosos, expeli os demônios: Dai de graça o que de graça recebestes.

9 Não possuais ouro, nem prata, nem tragais dinheiro nas vossas cintas:

10 Nem alforje para o caminho, nem duas túnicas, nem calçado, nem bordão; porque digno é o trabalhador do seu alimento. (3)

do do Sant, vindo dali Sant'Iago e por corrupção inaceitável e injustificável **Tiago**, ou **Thiago**, como vulgarmente se diz e escreve, formando uma palavra só da abreviatura de Sant' e do Iago. Dever-se-ia escrever T'Iago. (Nota do editor: — Seguindo o critério ortográfico adotado nesta edição, estamos exatamente usando a grafia **Tiago**).

(2) **ISCARIOTES** — Assim chamado, talvez por ser do lugar de Carioth, da tribo de Judá, de que se faz menção no livro de Jos 15, 25.

(3) **PORQUE DIGNO É O TRABALHADOR** — Daqui se colhe, estarem os fiéis obrigados por Direito Divino a sustentar os ministros do evangelho, que são os seus pastôres, devendo porém êstes ministrar os socorros espirituais, o ensino, e todos os deveres do seu Santo Ministério, tendo em vista o máximo desinterêsse e abnegação. Dêste texto também se deduz a Lei da Igreja que não permite aos curas de almas que capitalizem o que auferem da sua chamada cônica, cumprindo-lhes restituir aos pobres o que fôr desnecessário à sua decente sustentação.

11 E em qualquer cidade, ou aldeia, em que entrardes, informai-vos de quem há nela digno: E ficai aí até que vos retireis. (4)

12 E ao entrardes na casa, saudai-a, dizendo: Paz seja nesta casa.

13 E se aquela casa na realidade o merecer, virá sobre ela a vossa paz: E se o não merecer, tornará para vós a vossa paz.

14 Sucedendo não vos querer alguém em casa, nem ouvir o que dizeis: Ao sair para fora de casa, ou da cidade, sacudi o pó de vossos pés.

15 Em verdade vos afirmo isto: Menos rigor experimentarás no dia do Juízo a terra de Sodoma, e de Górra, do que aquela cidade.

16 Vêde que eu vos mando como ovelhas no meio de lobos. Sede logo prudentes como as serpentes, e simples como as pombas.

17 Mas guardai-vos dos homens. Porque eles vos farão comparecer nos seus juízos, e vos farão açoutar nas suas sinagogas: (5)

18 E vós sereis levados por meu respeito à presença dos governadores, e dos reis, para lhes servirdes a eles, e aos gentios de testemunho. (6)

(4). **DIGNO** — Isto é, de vos hospedar.

(5) **FARÃO AÇOUTAR NAS SUAS SINAGOGAS** — Profetiza aqui Jesus Cristo as perseguições que sofreriam os Apóstolos e os que seguissem e pregassem a sua doutrina. A perseguição da Sinagoga começou bem depressa, sendo o protomártir S. Estêvão.

(6) **GOVERNADORES E REIS** — Assim sucedeu dentro e fora do império romano, e ainda hoje sucede, pois as perseguições continuam, como por todos é sabido.

Evangelho de S. Mateus 10, 19-25

19 E quando vos levarem, não cuideis como ou o que haveis de falar: Porque naquela hora vos será inspirado o que haveis de dizer: (7)

20 Porque não sois vós os que falais, mas o espírito de vosso Pai é o que falará em vós.

21 E um irmão entregará à morte a outro irmão, e o pai ao filho: E os filhos se levantarão contra os pais, e lhes darão a morte: (8)

22 E vós por causa do meu nome sereis o ódio de todos: Aquele porém que perseverar até ao fim, êsse é o que será salvo.

23 Quando porém vos perseguirem numa cidade, fugi para outra. Em verdade vos afirmo, que não acabareis de correr as cidades de Israel, sem que venha o Filho do homem.

24 Não é o discípulo mais que seu mestre, nem o servo mais que seu senhor.

25 Basta ao discípulo ser como seu mestre: E ao servo como seu senhor. Se êles chamaram Belzebu ao pai de família: Quanto mais aos seus domésticos?

(7) PORQUE NAQUELA HORA VOS SERÁ INSPIRADO — Jesus Cristo promete aqui o dom de inspiração e assistência de auxílios e graças especiais, e só por estas se pode explicar a constância admirável, a firmeza heroica, a paciência sobrenatural que ostentavam os mártires do cristianismo, no meio das perseguições mais acerbadas, e dos tormentos mais requintados.

(8) E UM IRMÃO ENTREGARÁ A MORTE A OUTRO IRMÃO — Foi frequente durante as perseguições ver os pais acusarem e martirizarem os filhos, os irmãos, as irmãs, etc., como succedeu a Santa Bárbara, etc.

26 Pois não os temais: Porque nada há encoberto, que se não venha a descobrir: Nem oculto, que se não venha a saber.

27 O que eu vos digo às escuras, dizei-o às claras: E o que se vos diz ao ouvido, publicai-o dos telhados. (9)

28 E não temais aos que matam o corpo, e não podem matar a alma: Temei antes porém ao que pode lançar no inferno tanto a alma como o corpo.

29 Porventura não se vendem dois passarinhos por um asse: E um dêles não cairá sobre a terra sem vosso Pai? (10)

30 E até os mesmos cabelos da vossa cabeça todos êles estão contados.

31 Não temais pois: Que mais valeis vós que muitos pássaros.

32 Todo aquele pois que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante do meu Pai que está nos Céus:

33 E o que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante do meu Pai que está nos Céus.

(9) **PUBLICAI-O DOS TELHADOS** — É um hebraísmo com que se queria significar que se devia dar publicidade aos ensinamentos ministrados por Jesus. Os tetos das casas dos judeus são em forma de terraço, para o qual dava acesso uma escada exterior. Neste terraço liam, isolavam-se, ensinavam, instruíam, recebiam os seus hóspedes, etc.

(10) **UM ASSE** — Moeda insignificante; parece mais ou menos os nossos dez reis.

SEM VOSSO PAI — Isto é, sem a vontade, sem a ordem do vosso Pai. Jesus Cristo quer fazer entender aos seus Apóstolos, que estão sob a proteção especial do Pai Celeste, e que, por consequência, não se deve arrecear dos homens.

Evangelho de S. Mateus 10, 34-41

34 Não julgueis que vim trazer paz à terra: Não vim trazer-lhe paz mas espada: (11)

35 Porque vim a separar ao homem contra o seu pai, e a filha contra sua mãe, e a nora contra sua sogra: (12)

36 E os inimigos do homem serão os seus mesmos domésticos.

37 O que ama o pai, ou a mãe mais do que a mim, não é digno de mim. E o que ama o filho ou a filha mais do que a mim, não é digno de mim.

38 E o que não toma a sua cruz, e não me segue, não é digno de mim.

39 O que acha a sua alma, perdê-la-á: E o que perder a sua alma por mim, achá-la-á. (13)

40 O que a vós vos recebe, a mim me recebe: E o que a mim me recebe, recebe aquêlê que me enviou.

41 O que recebe um profeta na qualidade de profeta, receberá a recompensa de profeta: E o que recebe um justo na qualidade de justo, receberá a recompensa de justo.

(11) **MAS ESPADA** — Espada contra o mal, contra a injustiça, contra o erro, contra o pecado e contra o inferno; porque o Evangelho, que é a Luz, não transija com as trevas, porque é a liberdade, não transija com a tirania.

(12) **CONTRA O SEU PAI** — É a explicação do versículo anterior; promulgando-se a intransigência contra o mal.

(13) **O QUE ACHA A SUA ALMA** — Aquêlê que ao tempo da confissão do meu nome na presença dos perseguidores, me nega por salvar a sua vida, perderá a sua alma; e ao contrário salvará esta o que por aquela causa perder a vida. A expressão alma designa pessoa; a vida, eu e os bens do mundo.

42 E todo o que der a beber a um daqueles pequeninos um copo d'água fria, só pela razão de ser meu discípulo, na verdade vos digo, que não perderá a sua recompensa.

CAPÍTULO 11

MANDA O BATISTA DESDE A PRISÃO PERGUNTAR A JESUS SE ELE É O MESSIAS PROMETIDO. JESUS O LOUVA EM PRESENÇA DO POVO. COMPARA OS JUDEUS AOS MENINOS, QUE BRINCAM NO TERREIRO. REPREENDE E AMEAÇA AS CIDADES, QUE SE NÃO TINHAM CONVERTIDO COM SEUS MILAGRES. CONVIDA QUE VENHAM A ELE OS QUE ESTÃO FATIGADOS. DIZ QUE O SEU JUGO É SUAVE.

1 E aconteceu que quando Jesus acabou de dar estas instruções aos seus doze discípulos, passou dali a ensinar e pregar nas cidades dêles.

2 E como João, estando no cárcere, tivesse ouvido as obras de Cristo, enviando dois de seus discípulos, (1)

3 lhe fêz esta pergunta: Tu és o que hás-de vir, ou é outro o que esperamos?

4 E respondendo Jesus, lhes disse: Ide contar a João o que ouvistes, e vistes.

5 Os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos limpam-se, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, aos pobres anuncia-se-lhes o Evangelho:

6 E bem-aventurado aquêlê que não fôr escandalizado em mim.

(1) **NO CARCERE** — S. João Batista estava prisioneiro em Maqueronte, a este do Mar Morto.

Evangelho de S. Mateus 11, 7-16

7 E logo que elles se foram, começou Jesus a falar de João às gentes: Que saistes vós a ver no deserto? uma cana agitada do vento?

8 Mas que saistes a ver? um homem vestido de roupas delicadas? Bem vêdes que os que vestem roupas delicadas, são os que assistem nos palácios dos reis.

9 Mas que saistes a ver? um profeta? Certamente vos digo, e ainda mais do que profeta.

10 Porque este é de quem está escrito: Eis-aí envio eu o meu anjo ante a tua face, que preparará o teu caminho diante de ti.

11 Na verdade vos digo, que entre os nascidos de mulheres não se levantou outro maior que João Batista. Mas o que é menor no reino dos Céus, é maior do que elle.

12 E desde os dias de João Batista até agora, o reino dos Céus sofre violência, e os que fazem violência são os que o arrebatam.

13 Porque todos os profetas, e a lei até João profetizaram:

14 E se vós o quereis bem comprehender, elle mesmo é o Elias, que há-de vir.

15 O que tem ouvidos de ouvir, ouça.

16 Mas a quem direi eu que é semelhante esta geração? E' semelhante aos meninos, que estão sentados na praça: Que gritando aos seus iguais,

17 dizem: Nós cantamos para vós, e vós não bailastes: Choramos-vos, e não chorastes.

18 Porque veio João, que não comia, nem bebia, e dizem: Ele tem demônio.

19 Veio o Filho do homem, que come, e bebe, e dizem: Eis-aquí um homem glutão, e bebedor do vinho, amigo de publicanos, e de pecadores. Mas a sabedoria foi justificada por seus filhos.

20 Então começou a lançar em rosto às cidades, em que foram obradas tantas das suas maravilhas, que não haviam feito penitência.

21 Ai de ti, Corozain, ai de ti, Betsaida: Que se em Tiro, e em Sidônia se tivessem obrado as maravilhas que se obraram em vós, muito tempo há que elas teriam feito penitência em cilício, e em cinza. (2)

22 Eu vos digo contudo: Que haverá menos rigor para Tiro, e Sidônia, que para vós outros no dia do Juizo.

(2) **COROZAIN** — Aldeia da Galiléia, de que se não fala no Antigo Testamento. S. Jerônimo diz que ficava a duas milhas romanas de Cafarnaum, nas margens do lago de Genesaré. Outros colocam-na ao norte de Cafarnaum, na planície.

BETSAIDA — Cidade da Galiléia, que etimologicamente significa Cidade de pesca, situada na margem ocidental do lago de Genesaré, perto de Cafarnaum. Havia na extremidade setentrional do lago, a este, perto do Jordão, uma outra Betsaida, que fazia parte da Gaulonitida, engrandecida pelo Tetrarca Filipe, que lhe chamou Júlia, em honra de Júlia, filha do Imperador Augusto. Segundo alguns intérpretes é a esta a que se refere o texto sagrado.

TIRO — Antiga capital da Fenícia, sobre o Mediterrâneo, em poder dos romanos, no tempo de Jesus Cristo.

SIDÔNIA — Primitiva capital da Fenícia, ao norte de Tiro.

Evangelho de S. Mateus 11, 23-30

23 E tu, Cafarnaum, elevar-te-ás porventura até o Céu? has-de ser abatida até o inferno: Porque se em Sodoma se tivessem feito os milagres que se fizeram em ti, talvez que ela tivesse permanecido até ao dia de hoje.

24 Eu vos digo, contudo, que no dia do Juizo haverá menos rigor para a terra de Sodoma, que para ti.

25 Naquele tempo respondendo Jesus, disse: Graças te dou a ti, Pai, Senhor do Céu, e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios, e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. (3)

26 Assim é, Pai: Porque assim foi do teu agrado.

27 Tôdas as coisas me foram entregues por meu Pai. E ninguém conhece o filho senão o pai: Nem alguém conhece o pai senão o filho, e a quem o filho o quiser revelar.

28 Vinde a mim todos os que andais em trabalho, e vos achais carregados, e eu vos aliviarei.

29 Tomai sôbre vós o meu jugo, e aprendei de mim que sou manso, e humilde de coração: E achareis descanso para as vossas almas.

30 Porque o meu jugo é suave, e o meu ônus é leve.

(3) **ESTAS COISAS** — Estes mistérios do reino celestial — Menochio.

CAPÍTULO 12

DEFENDE JESUS CRISTO SEUS DISCÍPULOS, QUE HAVIAM COLHIDO UMAS ESPIGAS EM DIA DE SÁBADO. CURA O QUE TINHA UMA DAS MÃOS RESSECADA. MANDA A OUTROS MUITOS QUE CUROU, QUE O NÃO DIGAM POR ORA. CONVINCE A CALÚNIA DOS FARISEUS QUE ATRIBUÍAM A BELZEBU A LIBERDADE QUE ELE DERA A UM POSSESSO. DECLARA SER IRREMISSIVEL O PECADO CONTRA O ESPÍRITO SANTO. DIZ QUE SE HÁ DE DAR CONTA DE TÔDA A PALAVRA OCIOSA. NÃO MOSTRA AOS JUDEUS OUTRO PRODÍGIO, QUE O DO PROFETA JONAS. DECLARA POR SUA MÃE, E POR SEUS IRMÃOS, TODOS OS QUE FAZEM A VONTADE DE SEU ETERNO PAI.

1 Naquele tempo, num dia de sábado, saiu Jesus caminhando ao longo dos pães: E seus discípulos, que tinham fome, começaram a colher espigas, e a comer delas.

2 E vendo isto os fariseus, lhe disseram: Eis-aí estão fazendo os teus discípulos o que não é permitido fazer nos sábados.

3 Porém êle lhes disse: Não tendes lido o que fez Davi, quando êle teve fome, e os que com êle estavam:

4 Como entrou na casa de Deus, e comeu os pães da proposição, os quais não era lícito comer, nem a êle, nem aos que com êle estavam, mas unicamente aos sacerdotes? (1)

5 Ou não tendes lido na lei, que os sacerdotes nos sábados no templo quebrantam o sábado, e ficam sem pecado?

(1) **OS PAES DA PROPOSIÇÃO** — Pelo cap. 24 do Levítico mandava Deus que sobre o altar do templo se conservassem sempre doze pães, muito grandes, que todos os sábados se reformavam, e eram só para os sacerdotes. Chamavam-se pães da proposição, porque sempre estavam diante de Deus.

Evangelho de S. Mateus 12, 6-17

6 Pois digo-vos, que aqui está o que é maior que o templo.

7 E se vós soubésseis o que é: Misericórdia quero, e não sacrifício, jamais condenarieis aos inocentes:

8 Porque o Filho do homem é Senhor até do sábado mesmo.

9 E depois de partir dali, veio à sinagoga dêles.

10 E eis-que aparece um homem, que tinha ressecada uma das mãos, e êles, para terem de que o argüir, lhe fizeram esta pergunta, dizendo: E' porventura lícito curar nos sábados?

11 E êle lhes disse: Que homem haverá por acaso entre nós, que tenha uma ovelha, e que se esta lhe cair no sábado em uma cova, não lhe lance a mão para dali a tirar?

12 Ora quanto mais excelente é um homem, do que uma ovelha? Logo é lícito fazer bem nos dias de sábado.

13 Então disse para o homem: Estende a tua mão. E êle a estendeu, e lhe foi restituída sã como a outra.

14 Mas os fariseus saindo dali, consultavam contra êle, como o fariam morrer.

15 E Jesus sabendo-o, se retirou daquele lugar, e foram muitos após êle, e os curou a todos:

16 E lhes pôs preceito, que não descobrissem quem êle era.

17 Para que se cumprisse o que foi anunciado pelo profeta Isaías, que diz: (2)

(2) **PELO PROFETA ISAÍAS** — Cap. 42, 1, cujo texto, ainda segundo a letra, pertence a Jesus Cristo.

18 Eis-aqui o meu servo, que eu escolhi, o meu amado, em quem a minha alma tem pôsto a sua complacência. Porei o meu espírito sobre êle, e êle anunciará às gentes a justiça.

19 Não contenderá, nem clamará, nem ouvirá algum a sua voz nas praças:

20 Não quebrará a cana, que está deprimida, nem apagará a torcida que fumea, até que saia vitoriosa a sua justiça.

21 E as gentes esperarão no seu nome.

22 Então lhe trouxeram um endemoninhado cego, e mudo, e êle o curou, de sorte que falava, e via.

23 E ficaram pasmadas tôdas as gentes, e diziam: Porventura é êste o filho de Davi?

24 Mas os fariseus ouvindo isto diziam: Êste não lança fora os demônios, senão em virtude de Belzebu, príncipe dos demônios. (3)

25 E Jesus sabendo os pensamentos dêles, lhes disse: Todo o reino dividido contra si mesmo, será desolado: E tôda a cidade, ou casa dividida contra si mesma, não subsistirá.

26 Ora se satanás lança fora a satanás, está êle dividido contra si mesmo: Como persistirá logo o seu reino?

27 E se eu lanço fora os demônios em virtude de Belzebu, em virtude de quem os expelem vossos filhos? Por isso é que êles serão os vossos juízes,

(3) **BELZEBU** — Nome dum ídolo dos filisteus. Os judeus davam este nome ao demônio.

28 Se eu porém lanço fora os demónios pela virtude do espírito de Deus, logo é chegado a vós o Reino de Deus:

29 Ou como pode alguém entrar na casa do valente e saquear os seus móveis, se antes não prender o valente? e então lhe saqueará a casa.

30 O que não é comigo, é contra mim: E o que não ajunta comigo, dispersa. (4)

31 Portanto vos digo: Todo o pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens, porém a blasfêmia contra o Espírito Santo não lhes será perdoada. (5)

32 E todo o que disser alguma palavra contra o Filho do homem, perdoar-se-lhe-á: Porém o que a disser

(4) **DISPERSA** — Jesus Cristo fala aqui dos fariseus, que se opunham à pregação da Boa Nova.

(5) **PORÉM A BLASFÊMIA CONTRA O ESPÍRITO SANTO** — Qual seja porém a blasfêmia contra o Espírito Santo, que Jesus Cristo aqui declara ser irremissível? diz Santo Agostinho, no sermão 71, que é talvez a maior dificuldade que se encontra em toda a Escritura: *Fortē in omnibus Escrip̃turis nulla maior quaestio, nulla difficilior invenitur.* Ele se inclina, neste e noutros lugares, a que este pecado contra o Espírito Santo se deve entender da impenitência final junta com a desesperação da misericórdia divina. Porém Santo Atanásio na epístola 4, a Serapião, e S. Jerônimo na epístola 149, a Marcela, entendem que é o pecado com que as obras visivelmente do Espírito Santo se atribuem ao demônio, como os judeus attribuiam ao poder de Belzebu os milagres de Cristo. Desta matéria é digna de se ler a dissertação de Calmet, *De peccato in Spiritum Sanctum*: e as notas de Tomasi, e Vezzosi ao livro 3, dos testemunhos de S. Cipriano, cap. 28. Glai re nesta segunda interpretação o dizer-se que a blasfêmia contra o Espírito Santo não se há-de perdoar nem neste século, nem no futuro, não é dizer que se não pode perdoar, mas sim, que é muito difficiloso perdoar-se, porque também é difficilissimoo arrepender-se o pecador da sua obstinação.

contra o Espírito Santo, não se lhe perdoará, nem neste mundo, nem no outro. (6)

33 Ou fazei a árvore boa, e o seu fruto bom: Ou fazei a árvore má e o seu fruto mau: Pois que pelo fruto é que a árvore se conhece.

34 Raça de víboras, como podeis falar coisas boas, sendo maus? porque a bôca fala o de que está cheio o coração.

35 O homem bom do bom tesouro tira boas coisas: Mas o homem mau do mau tesouro tira más coisas.

36 E digo-vos, que tôda a palavra ociosa, que falem os homens, darão conta dela no dia do Juízo. (7)

37 Porque pelas tuas palavras serás justificado, e pelas tuas palavras serás condenado.

38 Então lhe tornaram alguns dos escribas, e fari-seus, dizendo: Mestre, nós quiséramos ver-te fazer algum prodígio.

39 Êle lhes respondeu, dizendo: Esta geração má, e adúltera, pede um prodígio: Mas não lhe será dado outro prodígio, senão o prodígio do profeta Jonas.

(6) **NEM NESTE MUNDO** — Daqui tira Santo Agostinho, no livro 21 da Cidade de Deus, cap. 24, e S. Gregório, no livro 4 dos Diálogos, cap. 39, um bom argumento da existência do purgatório. Porque não diria Cristo, que o pecado contra o Espírito Santo não se perdoava nem neste mundo, nem no outro, se não supusesse que alguns pecados se perdoavam no outro mundo.

(7) **QUE TÔDA A PALAVRA OCIOSA** — Se até de uma palavra ociosa hão de os homens dar conta a Deus no dia do Juízo, que será das palavras de murmuração, de calúnia, de desonestidade, de blasfêmia, e de heresia!

40 Porque assim como Jonas estêve no ventre da baleia três dias, e três noites; assim estará o Filho do homem três dias, e três noites no coração da terra.

41 Os habitantes de Nínive se levantarão no dia do Juízo com esta geração, e a condenarão: Porque fizeram penitência com a pregação de Jonas. E eis-aquí está neste lugar quem é mais do que Jonas.

42 A rainha do meio-dia se levantará no dia do Juízo com esta geração, e a condenará: Porque veio lá das extremidades da terra a ouvir a sabedoria de Salomão e eis-aquí está neste lugar quem é mais do que Salomão. (8)

43 E quando o espírito imundo tem saído de um homem, anda por lugares secos, buscando repouso, e não o acha.

44 E então diz: Voltarei para minha casa, donde saí. E quando vem, a acha desocupada, varrida e ornada.

45 Então vai e ajunta a si outros sete espíritos piores do que êle, e entrando habitam ali: E o último estado daquele homem fica sendo pior que o primeiro. Assim também acontecerá a esta geração péssima.

46 Estando êle ainda falando ao povo, eis-que se achava da parte de fora sua mãe, e seus irmãos, que procuravam falar-lhe. (9)

(8) **RAINHA DO MEIO-DIA** — A Rainha de Sabá, província da Arábia, situada no sul da Judéa.

(9) **SEUS IRMAOS** — Esta expressão tem dado ocasião aos racionalistas a formularem hipóteses infundadas sôbre a pessoa de Jesus Cristo, negando que fôsse unigênito. Infundadas dizemos pois esta expressão indica os primos ou parentes em geral. Entre os hebreus e entre muitos outros povos da Antiguidade, a palavra irmão tinha um sentido muito mais amplo. Assim no Gê

47 E um lhe disse: Olha que tua mãe, e teus irmãos estão ali fora, e te buscam.

12, 8, Abraão e Ló são chamados irmãos, e contudo Ló era apenas sobrinho daquele Gên 11, 27. Labão é igualmente dito irmão de Abraão, sendo neto de Nacor, que era irmão do patriarca. No livro de Tob 7, 4, Raquel chama irmão ao seu primo Tobias. Mas entre os demais povos era isto também freqüente. Em Quinto Curcio lê-se que Amintas é chamado irmão de Alexandre sendo aliás seu primo co-irmão. Sendo assim, o Evangelho podia chamar irmãos e irmãs de Jesus a pessoas remota ou próximamente aparentadas. E se assim fôsse como querem os antigos hereges, como Essênio e Helvidio, que pretenderam sustentar a existência de irmão de Cristo, como explicar que Maria nunca foi chamada mãe dêles? Jesus no alto da cruz, prestes a morrer, confia sua mãe aos cuidados de S. João (Jo 19, 26, 27) o que não faria se tivesse outros filhos, porque êstes tinham o dever natural de cuidar da mãe. Só Jesus é indicado filho de Maria, em oposição a quaisquer outros seus parentes (Mc 6, 3). Além disso êstes têm as suas mães indicadas nos Evangelhos. Mt 27, 56, cita, entre as mulheres presentes à crucifixão, outra Maria, mãe de Tiago e de José; S. Marcos diz a mesma cousa, 15, 40, e faz a distinção entre um Tiago e outro Tiago, filho de Zebedeu, com o sobrenome de *minor*, *mikros*. O primeiro dêstes é aquêl irmão do Senhor, a quem se refere S. Paulo, Gal 1, 19, e êste o Bispo de Jerusalém, autor duma epístola, que faz parte do Cânon do Novo Testamento. S. Judas, no começo da sua epístola, intitula-se irmão dêste Tiago. E assim temos que os chamados três irmãos de Jesus, são Tiago, José e Judas, os quais têm uma mãe conhecida, outra Maria, que não a mãe de Jesus. Esta Maria, mãe dêstes três, é aquela a quem se refere o Evangelho de S. João 19, 22, que é mulher do Cleofas. Êste Cleofas, nome que tem outra forma, Alfeu, era o pai do Tiago, que muitas vêzes é chamado o filho de Alfeu, Mt 10, 3; Mc 3, 18; Luc 6, 15; At 1, 13, de José e de Judas, e era cunhado de Maria, mãe de Jesus, porque sua mulher era irmã da mãe de

Evangelho de S. Mateus 12, 48-49

48 E êle respondendo ao que lhe falava, lhe disse: Quem é minha mãe, e quem são os meus irmãos? (10)

49 E estendendo a mão para seus discípulos, disse: Eis-aqui minha mãe, e meus irmãos: (11)

Jesus. Simão é expressamente apresentado como filho de Cleofas por Hegesipo, o mais antigo historiador eclesiástico. De sorte que os quatro pretendidos irmãos de Jesus são apenas seus primos direitos, como entre nós se costuma dizer. Objetam que as duas irmãs não podiam usar o mesmo nome; é porém certo que nos últimos tempos sucedia isto entre os judeus e era vulgar entre os romanos. Entre outros exemplos basta citar as filhas de Otávia, irmã do Imperador Augusto, que eram contemporâneas de Jesus e que se chamavam duas Marcelas e duas Otávias. Diz-se ainda que, segundo S. Hilário, S. Epifânio, Teofilato e muitos outros autores, S. José tinha tido filhos duma outra mulher antes de seu casamento com a Virgem, e que são êstes os chamados irmãos de Jesus. Porém Orígenes diz que foi o Evangelho apócrifo de S. Pedro que originou esta falsa opinião; que não é abonada pela tradição.

(10) **QUEM É MINHA MAE** — Isto não foi deprezar sua mãe: foi mostrar quanto êle estava despegado da carne, e sangue, e quanto nós o devemos estar no exercício do ministério Apostólico, que todo é espiritual. S. Jerônimo e S. Ambrósio.

(11) **EIS-ALI MINHA MAE** — É mãe de Jesus Cristo todo o que faz nascer na alma de qualquer próximo, ou com a sua pregação, ou com o seu bom exemplo, S. Ambrósio, S. Gregório, e S. Bernardo.

50 Porque todo aquêlê que fizer a vontade de meu Pai, que está nos Céus: Esse é meu irmão, e irmã e mãe.

CAPÍTULO 13

JESUS SENTADO EM UMA BARCA PROPÕE AO POVO VÁRIAS PARÁBOLAS, COMO A DO SEMEADOR, E A DO JOIO MISTURADO NO TRIGO, E ELE AS EXPLICA PARTICULARMENTE A SEUS DISCÍPULOS. ENSINANDO EM NAZARÉ, DIZ QUE UM PROFETA SÓ NA SUA PÁTRIA DEIXA DE TER ESTIMAÇÃO.

1 Naquele dia saindo Jesus de casa, sentou-se à borda do mar.

2 E vieram para êle muitas gentes, de tal sorte que entrando em uma barca se assentou: E tôda a gente estava de pé na ribeira.

3 E lhe falou muitas coisas por parábolas, dizendo: Eis aí que saíu o que semeia, a semear. (1)

(1) **POR PARÁBOLAS** — Foi esta a principal forma do ensino de Jesus. Etimologicamente, parábola significa semelhança, aproximação, analogia desenvolvida. No Antigo Testamento designa sentença, Proverbio, máxima, etc. No Novo, designa uma forma especial, um gênero de apólogo determinado. É uma narração quase sempre fictícia, que exprime simbolicamente uma verdade religiosa e em que entram como principais agentes seres naturais ou hábitos de vida humana. Quando nas parábolas entram seres irracionais chamam-lhe apólogos. O ensino parabolico tem a vantagem de se acomodar facilmente à capacidade dos ouvintes, que assim podem chegar a conhecer e compreender verdades transcendentes. Despertam a atenção dos ouvintes, e servem para mais facilmente se dizerem verdades, cujo enunciado por outra forma seria estéril ou melindroso. Finalmente gravam-se profundamente na memória e com ela a doutrina que inculcam. As parábolas são constituídas por três partes: — **protase**, que é a história ou narração — **apódose** ou aplicação, que é a verdade fundamental que se inculca, verdade moral que delas imediatamente se inferem. Ha três formas de interpretar as parábolas: uma, a mais geralmente seguida pelos exegetas, consiste em interpretar a narração à letra, como se fosse uma história, e depois fazer a aplicação. Ou

Evangelho de S. Mateus 13,4

4 E quando semeava, uma parte da semente caiu junto da estrada, e vieram as aves do Céu, e comeram-na. (2)

vai interpretando gradualmente a parábola e ao mesmo tempo indica quais os pontos da doutrina que lhe correspondem. Finalmente ha outro método que indica o sentido sem se importar com a letra da parábola. Jesus Cristo devia ter pronunciado muitas parábolas, mas os Evangelhos conservam apenas vinte e quatro, que podemos agrupar em três classes, consoante a diversidade de assuntos a que respeitam.

1. Sete parábolas deduzidas das instituições e usos sociais:

- 1.º Dos Talentos. Mat 25, 14-30 e Lc 19, 12-30.
- 2.º Veste nupcial. Mat 22, 1-14.
- 3.º Convites desprezados. Lc 14, 6-24.
- 4.º Viuva oprimida. Lc 18, 2-8.
- 5.º Bom Samaritano. Lc 10, 30-37.
- 6.º Rico avarento. Lc 16, 19-31.
- 7.º O fariseu e o publicano. Lc 18, 9-14.

2. Oito tiradas de familia e usos domésticos.

- 1.º Os dois filhos. Mat 21, 28-32.
- 2.º O filho pródigo. Lc 15, 11-32.
- 3.º O bom senhor e o servo infiel. Mat 18, 31-35.
- 4.º O bom e o mau servo. Lc 12, 35-48.
- 5.º O guarda infiel. Lc 16, 1-12.
- 6.º As dez virgens. Mat 25, 1-13.
- 7.º O fermento. Mat 13, 33.
- 8.º O dracma. Lc 15, 8-10.

3. Nove da agricultura, vida pastoril e pesca.

- 1.º Semente. Mat 13, 3-9, 18-23.
- 2.º O bom grão e a cizânia. Mat 13, 24-30.
- 3.º O grão de mostarda. Mat 13, 31-32.
- 4.º A árvore estéril. Lc 13, 6-9.
- 5.º Os obreiros da vinha. Mat 20, 1-16.
- 6.º Os lavradores assassinos. Mat 21, 33-41.
- 7.º O rico insensato. Lc 12, 16-21.
- 8.º O pastor que corre atrás da ovelha desgarrada. Lc 15, 3-7.
- 9.º Os peixes pescados e escolhidos. Mat 13, 47-50.

Também outros as agrupam em três classes: proféticas, proféticas e morais e só morais.

(2) **UMA PARTE DA SEMENTE** — Pela semente quer Jesus Cristo indicar a palavra de Deus, a boa pregação. Nesta parábola,

5 Outra porém caiu em pedregulho, onde não tinha muita terra: E logo nasceu, porque não tinha altura de terra:

6 Mas saindo o sol se queimou: E porque não tinha raiz se secou.

7 Outra igualmente caiu sobre os espinhos: E cresceram os espinhos, e êstes a afogaram.

8 Outra, enfim, caiu em boa terra: E dava fruto, havendo grãos que rendiam a cento por um, outros a sessenta, outros a trinta. (3)

9 O que tem ouvidos de ouvir, ouça.

10 E chegando-se a êle os discípulos, lhe disseram: Por que razão lhes falas tu por parábolas?

que vai até ao versículo 24, quer Jesus Cristo ensinar duas coisas: — 1.^a Que são poucos os que aproveitam a palavra de Deus. 2.^a As coisas que impedem que a pregação produza os seus bons frutos, que são a dissipação do espírito, a dureza do coração e o desregramento da conduta. A primeira, significada pela semente que caiu na estrada, e que é destruída pelas aves do Céu, pois da mesma sorte os maus conselhos que ouvimos, os maus exemplos a que nos expomos apagam nas almas o bom efeito da palavra divina. A segunda, pela semente caída entre pedregulhos que a não deixam frutificar, da mesma sorte que a tibieza e o enregelamento do coração tolhem a boa ação da pregação. E a terceira, pelos espinhos que a afogam, da mesma sorte que as afeições desordenadas aniquilam qualquer esforço para a emenda e para a regeneração. Aqueles porém que em recolhimento e com boas disposições escutam a palavra de Deus, logram que êle atue benêficamente em sua alma e êsses receberão o prêmio.

(3) **CENTO POR UM** — Por estas boas obras que produzem trinta, sessenta e cem, entendem os Padres os que as enunciam com perfeição, os que progridem, os que a aproximam do grau mais elevado do aperfeiçoamento moral. A proposito escreveu S. Jerônimo. *Sicut in terra mala tres fuere diversitates, secus viam et petrosa et spinosa loca sic in terra bona trina diversitas est centesimi, sexagesimi et tricesimi fructus.*

Evangelho de S. Mateus 13, 11-21

11 Ele respondendo, lhes disse: Porque a vós outros vos é dado saber os mistérios do reino dos Céus: Mas a êles não lhes é concedido.

12 Porque ao que tem, se lhe dará, e terá em abundância: Mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado.

13 Por isso é que eu lhes falo em parábolas: Porque êles vendo não vêem, e ouvindo não ouvem, nem entendem.

14 De sorte que neles se cumpre a profecia de Isaías, que diz: Vós ouvireis com os ouvidos, e não entendereis: E vereis com os olhos, e não vereis.

15 Porque o coração dêste povo se fêz pesado, e os seus ouvidos se fizeram tardos, e êles fecharam os seus olhos: Para não suceder que vejam com os olhos, e ouçam com os ouvidos, e entendam no coração, e se convertam, e eu os sare.

16 Mas por vós, ditosos os vossos olhos, pelo que vêem, e ditosos os vossos ouvidos pelo que ouvem.

17 Porque em verdade vos digo, que muitos profetas, e justos desejaram ver o que vêdes, e não o viram: E ouvir o que ouvis, e não o ouviram.

18 Ouvi pois, vós outros, a parábola do semeador.

19 Todo aquele que ouve a palavra do reino, e não a entende, vem o mau, e arrebatá o que se semeou no seu coração: Este é o que recebeu a semente junto da estrada.

20 Mas o que recebeu a semente no pedregulho, este é o que ouve a palavra, e logo a recebe com gosto:

21 Porém ele não tem em si raiz, antes é de pouca duração: E quando lhe sobrevém tribulação e perseguição por amor da palavra, logo se scandaliza.

22 E o que recebeu a semente entre espinhos, este é o que ouve a palavra, porém os cuidados dêste mundo, e o engano das riquezas sufocam a palavra e fica infrutuosa.

23 E o que recebeu a semente em boa terra, este é o que ouve a palavra, e a entende, e dá fruto, e assim um dá a cento, e outro a sessenta, e outro a trinta por um.

24 Outra parábola lhes propôs, dizendo: O reino dos Céus é semelhante a um homem, que semeou boa semente no seu campo:

25 E enquanto dormiam os homens, veio o seu inimigo, e semeou depois cizânia no meio do trigo, e foi-se. (4)

26 E tendo crescido a erva e dado fruto, apareceu também então a cizânia.

27 E chegando os servos do pai de família, lhe disseram: Senhor, porventura não semeaste tu boa semente no teu campo? Pois donde lhe veio a cizânia?

28 E elle lhes disse: O homem inimigo é que fez isto. E os servos lhe tornaram: Queres tu que nós vamos e a arranquemos?

29 E respondeu-lhes: Não: Para que talvez não suceda que, arrancando a cizânia, arranqueis juntamente com ela também o trigo.

(4) **CIZANIA** — É uma planta da família das gramíneas e da tribo das hordeáceas. Existem várias espécies. A desta parábola é o *Lolium temulentum*, muito comum nas searas da Palestina. Parece que Jesus Cristo não apresenta aqui uma narração fictícia mas alude a um facto conhecido. De facto este atentado estava previsto na legislação romana, e um escritor moderno, Roberts, afirma que este crime é frequente entre os povos orientais.

30 Deixai crescer uma, e outra coisa até à ceifa, e no tempo da ceifa, direi aos segadores: Colhei primeiramente a cizânia, e atai-a em molhos para a queimar, mas o trigo recolhei-o no meu celeiro. (5)

31 Propôs-lhes mais outra parábola dizendo: O reino dos Céus é semelhante a um grão de mostarda, que um homem tomou, e semeou no seu campo:(6)

32 O qual grão é na verdade o mais pequeno de todas as sementes: Mas depois de ter crescido, é a maior de todas as plantas e se faz árvore, de sorte que as aves do Céu vêm a fazer ninhos nos seus ramos.

33 Disse-lhes ainda outra parábola: O reino dos Céus é semelhante ao fermento, que uma mulher toma, e o esconde em três medidas de farinha, até que todo êle fica levedado.

34 Todas estas coisas disse Jesus ao povo em parábolas: E não lhes falava sem parábolas:

35 A fim de que se cumprisse o que estava anunciado pelo profeta, que diz: Abrirei em parábolas a minha bôca, farei dela sair com ímpeto coisas escondidas desde a criação do mundo.

36 Então, despedidas as gentes, veio à casa: E chegaram-se a êle os seus discípulos, dizendo: Explica-nos a parábola da cizânia do campo.

(5) **ATAI-A EM MOLHOS PARA A QUEIMAR** — Jesus pretende significar pela cizânia os maus que pervertem os bons, corrompendo-os com as suas máximas e péssimos exemplos, os quais serão eternamente condenados.

(6) **É SEMELHANTE A UM GRÃO DE MOSTARDA** — Esta parábola exprime bem o progresso e eficácia da doutrina Evangélica, e como de uns humildes princípios chegou a Igreja ao estado da maior grandeza, dilatando-se maravilhosamente por todo o mundo. — **Amelote.**

37 Ele lhes respondeu, dizendo: O que semeia a boa semente, é o Filho do homem.

38 E o campo é o mundo. A boa semente porém são os filhos do reino dos Céus. E a cizânia são os maus filhos.

39 E o inimigo que a semeou, é o diabo. E o tempo da ceifa é o fim do mundo. E os segadores são os Anjos.

40 De maneira que assim como é colhida a cizânia, e queimada no fogo: Assim acontecerá no fim do mundo:

41 Enviará o Filho do homem os seus Anjos, e tirarão do seu reino todos os escândalos, e os que obram a iniquidade:

42 E lançá-los-ão na fornalha do fogo. Ali será o chôro, e o ranger com os dentes.

43 Então resplandecerão os justos, como o sol, no reino de seu pai. O que tem ouvidos de ouvir, ouça.

44 O reino dos Céus é semelhante a um tesouro escondido no campo: Que quando um homem o acha, o esconde, e pelo gôsto que sente de o achar, vai, e vende tudo o que tem, e compra aquele campo.

45 Assim mesmo é semelhante o reino dos Céus a um homem negociante, que busca boas pérolas.

46 E tendo achado uma de grande preço, vai vender tudo o que tem, e a compra.

47 Finalmente o reino dos Céus é semelhante a uma rêde lançada ao mar, que toda a casta de peixes colhe:

Evangelho de S. Mateus 13, 48-56

48 E depois de estar cheia, a tiram os homens para fora, e sentados na praia escolhem os bons para os vasos e deitam fora os maus.

49 Assim será no fim do mundo: Sairão os Anjos, e separarão os maus dentre os justos.

50 E lançá-los-ão na fornalha do fogo: Ali será o choro, e o ranger com os dentes.

51 Tendes vós compreendido bem tudo isto? Responderam êles: Sim.

52 Êle lhes disse: Por isso todo o escriba instruído no reino dos Céus, é semelhante a um pai de família, que tira do seu tesouro coisas novas e velhas.

53 E depois que acabou de dizer estas parábolas, aconteceu partir Jesus dali.

54 E vindo para a sua pátria, êle os ensinava nas suas sinagogas de modo que se admiravam, e diziam: Donde lhe vem a êste uma sabedoria como esta, e tais maravilhas?

55 Porventura não é êste o filho do carpinteiro? Não se chamava sua mãe Maria, e seus irmãos Tiago, e José, e Simão, e Judas: (7)

56 E suas irmãs não vivem elas tôdas entre nós? Donde vêm logo a êste todás estas coisas?

(7) **SEUS IRMAOS**. — Está já dito o sentido desta expressão: primos e parentes.

TIAGO — É S. Tiago Menor, um dos doze Apóstolos.

JUDAS — É o apóstolo S. Judas, autor da Epístola católica que tem o seu nome. Simão foi sucessor de seu irmão na Sé de Jerusalém, pois não é conhecido como filho de Maria Cleofas. Veja not. ao v. 46 do cap. 12 de S. Mateus.

57 E dele tomavam ocasião para se escandalizarem. Mas Jesus lhes disse: Não há profeta sem honra senão na sua pátria e na sua casa.

58 E não fez ali muitos milagres, por causa da incredulidade de seus naturais.

CAPÍTULO 14

MORTE DE S. JOÃO BATISTA. COM CINCO PAES E DOIS PEIXES, SATISFAZ JESUS CRISTO NO DESERTO CINCO MIL HOMENS. CAMINHA SOBRE AS ONDAS EM OCASIÃO DE TORMENTA. O MESMO FAZ PEDRO, ENQUANTO LHE NÃO FALTA A FÉ. CURA O SENHOR DIVERSAS ENFERMIDADES AO CONTACTO DO SEU VESTIDO.

1 Naquele tempo Herodes tetrarca ouviu a fama de Jesus. (1)

2 E disse aos seus criados: Êste é João Batista: Êle ressuscitou dentre os mortos, e por isso obram nele tantos milagres.

3 Porque Herodes tinha feito prender a João, e ligar com cadeias: E assim o meteu no cárcere, por causa de Herodiades, mulher de seu irmão. (2)

(1) **HERODES TETRARCA** — Chamava-se também Antipas e era filho, como Arquelau, de Herodes o Grande e da Samaritana Maltácia. Depois da morte de seu pai tornou-se tetrarca da Galiléia e da Peréia. Casou em primeiras núpcias com uma filha do rei árabe Areta, mas pouco depois juntou-se com sua sobrinha Herodiades, mulher de seu irmão Herodes Filipe. Era um espirito fraco, pusilânime, sem vontade própria, supersticioso, astuto e sem convicções. Foi diante d'êste Herodes que compareceu Jesus. Veio a morrer no exílio, indo primeiro para Leão e depois para a Espanha, onde morreu. O título de tetrarca era dado aos príncipes que governavam a quarta parte dum reino desmembrado.

(2) **HERODIADES** — Era filha de Aristóbulo, um dos filhos de Herodes Magno e de Mariana, e irmã de Herodes Agripa. Casou com

Evangelho de S. Mateus 14, 4-9

4 Porque João lhe dizia: Não te é lícito tê-la por mulher. (3)

5 E querendo matá-lo, temia ao povo: Porque reputavam como um profeta.

6 Mas no dia em que Herodes fazia anos, bailou: filha de Herodiades diante de todos e agradou a Herodes. (4)

7 Por onde êle lhe prometeu com juramento, que lhe daria tudo o que lhe pedisse.

8 Mas ela, prévenida por sua mãe: Dá-me, disse aqui em um prato a cabeça de João Batista.

9 E o rei se entristeceu: Mas pelo juramento e pelo que estavam com êle à mesa, lhe mandou dar.

Herodes Felipe, a quem abandonou para se juntar criminosamente com Herodes Antipas, que por sua vez cometeu adultério, abandonando sua mulher, a filha do rei da Arábia. Este último, para vingar a afronta feita à sua filha, investiu contra o exercito de Herodes que desbaratou. O povo, conta Flávio Josefo, tomou esta derrota à conta de castigo, pelo bárbaro assassinato de João Batista, mandado perpetrar por Antipas a instâncias de Herodiades de sua filha Salomé. Esta Herodiades, vivendo em ambições, acabou por perder o seu cúmplice, obrigando-o a pedir a Roma o título de rei, o que foi aproveitado pelos inimigos, que lhe prepararam o exílio.

MULHER DE SEU IRMAO — Filipe, (como exprime o texto grego) filho do mesmo pai, mas não da mesma mãe. E ela era netinha de Herodes, o Grande, e filha de Aristóbulo, irmão dos dois — Duhamel.

(3) **NAO TE É LICITO** — Porque semelhantes núpcias estavam proibidas por Deus no Lev 18. — Calmet.

(4) **A FILHA DE HERODIADES** — Chamada Salomé, consta da história de José, no livro 18, cap. 7. — Duhamel.

10 E deu ordem para que fossem degolar a João no cárcere. (5)

11 E foi trazida a sua cabeça num prato, e dada à moça, e ela a levou a sua mãe.

12 E chegando os seus discípulos, levaram o seu corpo, e o sepultaram: E foram dar a notícia a Jesus.

13 E quando Jesus a ouviu, se retirou dali em uma barca a um lugar deserto: E tendo ouvido isto, as gentes foram saindo das cidades a pé em seu seguimento. (6)

14 E ao saltar em terra viu Jesus uma grande multidão de gente, e teve deles compaixão, e curou os seus enfermos.

15 E vindo a tarde, se chegaram a êle os seus discípulos, dizendo: Deserto é êste lugar, e a hora é já passada: Deixa ir essa gente, para que, passando às aldeias, compre de coímer.

16 E Jesus lhes disse: Não têm necessidade de se ir: Dai-lhes vós outros de comer.

(5) **NO CARCERE** — Josefo ensina-nos que S. João Batista foi preso em Maqueronte (Machœrus, hoje M'Kaus) a este do Mar Morto. Era uma fortaleza construída por Alexandre, filho de Hircano I. Herodes Magno tinha-a tornado a fortaleza mais importante. Estava a 1158 metros acima do Mar Morto, e 764 acima do Mediterrâneo.

(6) **LUGAR DESERTO** — Ficava nas cercanias de Betsaida-Julias, a nordeste do lago de Tiberíades, na tetrarquia de Filipe, príncipe dum caráter pacífico e bondoso.

FORAM SAINDO — Daqui se colhe que o Senhor não atravessou o mar à outra banda, mas sim alguma enseada, donde desembarcou para a mesma parte da terra, por onde foram ter com êle as turbas. — Duhamel.

Evangelho de S. Mateus 14, 17-25

17 Responderam-lhe: Não temos aqui senão cinco pães e dois peixes.

18 Jesus lhes disse: Trazei-mos cá.

19 E tendo mandado à gente que se recostasse sobre o feno, tomando os cinco pães e os dois peixes, com os olhos no Céu abençoou e partiu os pães, e os deu aos discípulos, e os discípulos ao povo. (7)

20 E comeram todos, e se saciaram. E levantaram, do que sobejou, doze cestos cheios daqueles fragmentos.

21 E o número dos que comeram foi de cinco mil homens, sem falar em mulheres e meninos.

22 E obrigou logo Jesus a seus discípulos a que se embarcassem, e que passassem primeiro que êle à outra ribeira do lago, enquanto êle despedia a gente. (8)

23 E logo que a despediu, subiu só a um monte a orar. E quando veio a noite, achava-se ali só.

24 E a barca no meio do mar era combatida das ondas: Porque o vento era contrário.

25 Porém na quarta vigília da noite, veio Jesus ter com êles, andando sobre o mar. (9)

(7) **ABENÇOOU** — Abençoar e dar graças, são expressões sinônimas na Escritura. Jo 6, 11.

(8) **A OUTRA RIBEIRA DO LAGO** — De Genesar ou Tiberíades. Na margem ficava a terra de Genesar, a oeste provavelmente do lugar chamado hoje el Ghoulir, entre Khan Minych e Midjdel. Josefo diz que esta terra era muito fértil e duma grande beleza.

(9) **NA QUARTA VIGÍLIA** — Quase ao ralar da alva. Dividiam a noite em quatro partes, que chamavam vigílias, porque, segundo a disciplina militar, se mudavam as sentinelas quatro vezes no de-

26 E quando o viram andar sôbre o mar, se turbaram dizendo: E' pois um fantasma, e de mêdo começaram a gritar.

27 Mas Jesus lhes falou imediatamente, dizendo: Tende confiança, sou eu, não temais.

28 E respondendo Pedro, lhe disse: Senhor, se tu és, manda-me que vá até onde tu estás por cima das águas.

29 E êle lhe disse: Vem. E descendo Pedro a barca, ia caminhando sôbre a água para chegar a Jesus.

30 Vendo, porém, que o vento era rijo, temeu, e quando se ia submergindo, gritou, dizendo: Senhor, põe-me a salvo.

31 E no mesmo ponto Jesus estendendo a mão, o tomou por ela e lhe disse: Homem de pouca fé, por que duvidaste?

32 E depois que subiram à barca, cessou o vento.

33 Então vieram os que estavam na barca, e o adoraram, dizendo: Verdadeiramente tu és Filho de Deus.

34 E tendo passado à outra banda, vieram para a terra de Genesar.

35 E depois de o terem reconhecido os naturais daquele lugar, mandaram por todo aquele país circunvizinho, e lhe apresentaram todos quantos padeciam algum mal:

curso da noite. Estas eram maiores ou menores, segundo variava a estação do ano. A quarta vigília era a última, como se disséssemos ao amanhecer, ou ao ralar da alva. Mc 13, 35. Este costume foi tomado dos romanos, porque antes de estarem debaixo do seu domínio dividiam a noite em três vigílias. Por isso nos Evangelhos se faz menção da quarta vigília da noite, expressão que não se acha em todo o Antigo Testamento.

36 E lhe rogavam que os deixasse tocar sequer a orla do seu vestido. E todos os que o tocaram, ficaram sãos.

CAPÍTULO 15

TRADIÇÃO DOS FARISEUS, QUE OS OBRIGAVA A LAVAREM AS MÃOS FREQUENTEMENTE. ELES TINHAM CORROMPIDO O QUARTO PRECEITO DO DECÁLOGO. A CANANÉIA ALCANÇÁ REMÉDIO PARA UMA SUA FILHA ENDEMONINHADA. JESUS SUSTENTA QUATRO MIL HOMENS COM SETE PAES E POUCOS PEIXES.

1 Então chegaram a êle uns escribas, e fariseus de Jerusalém, dizendo:

2 Por que violam os teus discipulos a tradição dos antigos? pois não lavam as suas mãos, quando comem pão. (1)

3 E êle, respondendo, lhes disse: E vós também por que transgredis o mandamento de Deus pela vossa tradição? Porque Deus disse:

4 Honra a teu pai, e a tua mãe: E o que amaldiçoar a seu pai, ou a sua mãe, morra de morte. (2)

(1) **QUANDO COMEM PAO** — Hebraísmo que significa quando se alimentam. A tradição dos antigos, a que se refere este versículo, designa os preceitos rituais que, segundo os judeus, tinham sido dados oralmente por Moisés e da mesma maneira transmitidos até êles, aos quais ligavam tanta importância como à própria lei escrita. Jesus Cristo porém em Mc 7, 7, chama a estas tradições — a tradição dos homens, em oposição à verdadeira lei de Deus.

(2) **MORRA DE MORTE** — Hebraísmo frequente, que significa, morrerá infalivelmente.

5 Porém vós outros dizeis: Qualquer que disser a seu pai, ou a sua mãe, toda a oferta que eu faça a Deus, te aproveitará a ti.

6 Pois é certo que o tal não honrará a seu pai, ou a sua mãe: Assim é que vós tendes feito vão o mandamento de Deus pela vossa tradição. (3)

7 Hipócritas, bem profetizou de vós outros Isaías, quando diz:

8 Este povo honra-me com os lábios: Mas o seu coração está longe de mim. (4)

9 Em vão pois me honram, ensinando doutrinas e mandamentos, que vêm dos homens. (5)

(3) **NÃO HONRARÁ A SEU PAI** — Isto é, se com este pretexto, já não socorre, nem assiste com o necessário a seu pai ou a sua mãe, preceito que Jesus encarece suavissimamente.

(4) **HONRA-ME COM OS LÁBIOS** — Quer dizer, entrega-se tão somente às práticas exteriores, sem se importar com o que lhe vai na alma. Esta censura cabe àqueles que se contentam em rezar e frequentar os templos, sem que contudo procurem viver na observância da lei de Jesus Cristo, de cujo espírito não estão possuídos, pois o seu coração está longe do mesmo Senhor, mas o seu coração está longe de mim. Finalmente este versículo tão singelo, contém a mais formal, a mais veemente condenação da hipocrisia. Jesus Cristo quer a sinceridade do coração, não o fingimento das palavras e dos atos externos. Tartufo poderá iludir os homens, bem merecer até deles, de Deus só receberá castigo, pois que o seu coração está muito longe do mesmo Deus.

(5) **QUE VÊM DOS HOMENS** — Isto é, os que são contrários à lei de Deus. São estes mandamentos e estas doutrinas que Jesus condena e contra as quais se insurge, como o esquecimento dos pais, a que se refere o versículo 6, que os fariseus julgam bem compensado pelas abluções, sem que se lhes importe a pureza de coração. É este o único sentido deste versículo, e que naturalmente ressalta dos antecedentes e consequentes. É necessário frisar bem esta interpretação, visto que os adversários torcem o sentido verdadeiro deste texto para impugnarem a Tradição da Igreja, que, como é sabido, constitui uma das fontes da revelação.

Evangelho de S. Mateus 15, 10-17

10 E chamando a si as turbas, lhes disse: Ouvi, e entendei.

11 Não é o que entra pela bôca, o que faz imundo o homem: Mas o que sai da bôca, isso é o que faz imundo o homem. (6)

12 Então chegando-se a êle seus discipulos, lhe disseram: Sabes que os fariseus, depois que ouviram o que disseste, ficaram escandalizados?

13 Mas êle, respondendo, lhes disse: Tôda a planta que meu Pai celestial não plantou, será arrancada pela raiz. (7)

14 Deixai-os: Cegos são o condutores de cegos: E se um cego guia a outro cego, ambos vêm a cair no barranco.

15 E respondendo, Pedro lhe disse: Explica-nos essa parábola.

16 E respondeu Jesus: Também vós outros estais ainda sem intelligência?

17 Não compreendeis que tudo o que entra pela bôca, desce ao ventre, e se lança depois num lugar escuso?

(6) **NAO É O QUE ENTRA PELA BOCA** — Frequentes vezes se tem abusado deste texto para autorizar a violação da abstinência prescrita pela Igreja nos chamados dias proibidos, em que ha obrigação de não comer carne, etc. É certo que a carne que se ingere não pode manchar a alma, mas o desprezo das leis da Igreja estabelecidas por Jesus Cristo, isso é que mancha a alma, e torna-a criminoso diante de Deus. Não foi o fruto que entrou na bôca de Adão que o maculou, foi sim a desobediência à lei de Deus.

(7) **TÔDA A PLANTA** — Tôda a doutrina, que se não confirma com o que Deus manda e ensina. — S. Hilário.

18 Mas as coisas que saem da bôca vêm do coração, e essas são as que fazem o homem imundo:

19 Porque do coração é que saem os maus pensamentos, os homicídios, os adultérios, as fornicções, os furtos, e os falsos testemunhos, as blasfêmias.

20 Estas coisas são as que fazem imundo o homem. O comer porém com as mãos por lavar, isto não faz imundo o homem.

21 E tendo saído daquele lugar, retirou-se Jesus para as partes de Tiro, e de Sidônia.

22 E eis que uma mulher cananéia, que tinha saído daqueles confins, gritou, dizendo-lhe: Senhor, filho de Davi, tem compaixão de mim: Que está minha filha miseravelmente atormentada do demônio. (8)

23 Mas êle não lhe respondeu palavra. E chegando-se seus discípulos, lhe pediam, dizendo: Despede-a: Porque vem gritando atrás de nós. (9)

24 E êle respondendo lhes disse: Eu não fui enviado senão às ovelhas que pereceram da casa de Israel. (10)

25 Mas ela veio, e o adorou, dizendo: Senhor, valei-me.

(8) **UMA MULHER CANANÉIA** — S. Marcos lhe chama grega sirofenícia, porque esta provincia que estava entre a Palestina e a Síria, era naquele tempo povoada pelo resto dos antigos cananeus, que usavam do idioma, e ritos dos gregos, introduzidos pelos reis da Síria, sucessores de Alexandre.

(9) **NÃO LHE RESPONDEU PALAVRA** — Para lhe experimentar a fé.

(10) **EU NÃO FUI ENVIADO** — O Messias tinha sido enviado para salvação da humanidade, mas a pregação dos gentios competia aos Apóstolos.

26 Ele respondendo lhe disse: Não é bom tomar o pão dos filhos, e lançá-lo aos cães. (11)

27 E ela replicou: Assim é, Senhor: Mas também os cachorrinhos comem das migalhas, que caem da mesa dos seus donos. (12)

28 Então respondendo Jesus, lhe disse: O' mulher, grande é a tua fé: Faça-se contigo como queres, e desde aquela hora ficou sã a sua filha.

29 E tendo Jesus saído dali, veio ao longo do mar de Galiléia: E subindo a um monte se assentou ali.

30 Então concorreu a ele uma grande multidão de povo que trazia consigo mudos, cegos, coxos, enfermos e outros muitos: E lançaram-se a seus pés, e ele os sarou.

31 De sorte que se admiravam as gentes, vendo falar os mudos, andar os coxos, ver os cegos: E engrandeciam por isso ao Deus de Israel.

(11) **E LANÇA-LO AOS CÃES** — Na frase dos judeus de que Cristo usava, chamam-se cães os gentios, por causa da impureza de seus costumes, e da imprudência com que se prostituíam à idolatria. E o pão que ele aqui entendia, eram as graças e favores, que estavam destinados para Israel, no caso que este os não enfeitasse. — Sacy.

(12) **MAS TAMBÉM OS CACHORRINHOS** — Assim é, Senhor, como dizeis, replicou a cananéia; porém depois que os filhos estão saciados do pão que lhes é devido, os cachorrinhos que andam ao redor da mesa, aproveitam aquelas migalhas, que caem, ou que sobram aos filhos; como se dissera: Eu, Senhor, conheço que os judeus são os filhos, e os senhores, e eu, sendo gentia, somente me considero como uma vil cachorrinha. Portanto não peço a enchente de graças, que é devida aos filhos, senão um desperdício somente da vossa mesa, algumas reliquias, ou sobras dos milagres, que podeis obrar em favor dos judeus. Estas palavras cheias de humildade, de modéstia, de fé, e de prudência, moveram ao Senhor, a que louvasse a sua fé, e lhe concedesse o que pedia.

32 Mas Jesus chamando a seus discípulos, disse: Tenho compaixão destas gentes, porque ha já três dias que perseveram comigo, e não têm que comer: E não quero despedi-los em jejum, por que não desfaleçam no caminho.

33 E os discípulos lhe disseram: Como poderemos nós pois achar neste deserto tantos pães, que fartemos tão grande multidão de gente?

34 E Jesus lhes perguntou: Quantos pães tendes vós? E elles responderam: Sete, e uns poucos de peixinhos. (13)

35 Mandou elle então à gente que se recostasse sobre a terra.

36 E tomando os sete pães e os peixes, e dando graças, os partiu, e deu aos seus discípulos, e os discípulos os deram ao povo.

37 E comeram todos e se fartaram. E dos fragmentos que sobejaram, levantaram sete alcôfas cheias.

38 E os que comeram foram quatro mil homens, fora meninos e mulheres.

39 E despedida a gente entrou Jesus em uma barca, e passou os limites de Magedan. (14)

(13) **SETE** — Por aqui se vê que Jesus Cristo operou por duas vêzes distintas a multiplicação dos pães. Na primeira vez havia cinco pães e dois peixes; agora ha sete pães e alguns peixes. Pelo primeiro milagre Jesus saciou cinco mil homens, sem contar mulheres nem crianças, pelo segundo, quatro mil. Depois da primeira ficaram doze cestos, agora sete.

(14) **DE MAGEDAN** — O grego diz de Magdala. S. Jerônimo e Eusébio fazem demorar a Magedan, ou Magdala junto de Gerasa no Além-Jordão, hoje el Medjdel, na margem occidental dô lago Tiberíades.

CAPÍTULO 16

PARA O EXPERIMENTAREM, PEDEM OS FARISEUS E SADUCEUS A JESUS CRISTO QUE LHE FAÇA VER ALGUM PRODÍGIO DO CÉU. ELE OS REPREENDE. PERGUNTA DO SENHOR AOS APÓSTOLOS SOBRE A SUA PESSOA. RESPOSTA DE PEDRO CONFESSANDO A DIVINDADE DO SENHOR. LOUVA JESUS CRISTO A SUA FÉ, E PROMETE-LHE AS CHAVES DO REINO DOS CÉUS. DEPOIS O REPREENDE, CHAMANDO-O SATANÁS, POR ELE SE OPOR À SUA PAIXÃO E MORTE. ENSINA-NOS QUE DEVE CADA UM LEVAR A SUA CRUZ E QUE CADA UM PAGARÁ A DEUS, SEGUNDO FOREM AS SUAS OBRAS.

1 Então se chegaram a Jesus os fariseus e saduceus para o tentarem: E pediram-lhe que lhes fizesse ver algum prodígio do Céu. (1)

2 Mas ele, respondendo, lhes disse: Vós, quando vai chegando a noite, dizeis: Haverá tempo sereno, porque está o Céu rubicundo.

3 E quando é de manhã: Hoje haverá tormenta, porque o Céu mostra um avermelhado triste.

4 Sabeis logo conhecer que coisa prognostica o aspecto do Céu: E não podeis conhecer os sinais dos tempos? Esta geração perversa e adúltera pede um prodígio: E não se lhe dará outro prodígio, senão o prodígio do profeta Jonas. E deixando-os ali, se retirou. (2)

5 Ora, seus discípulos, tendo passado à banda da-lém do estreito, esqueceu-lhes trazer pão.

(1) **PARA O TENTAREM** — A fazerem experiência da sua virtude, e do seu poder. — Duhamel.

(2) **OS SINAIS DOS TEMPOS** — Isto é, os tempos da minha vinda que os profetas deixaram assinalados; como o tempo designado ao vaticínio de Jacó, e o das setenta semanas de Daniel. Por isso a Versão Árábica diz neste lugar, os sinais deste tempo. — Amelote.

6 Jesus lhes disse: Vêde, e guardai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus.

7 Mas êles discorriam lá entre si, dizendo: E' que não trouxemos pão.

8 E entendendo-os Jesus, disse-lhes: Homens de pouca fé, por que estais considerando lá convosco, que não tendes pão?

9 Ainda não compreendeis, nem vos lembrais dos cinco pães para cinco mil homens, e quantos foram os cêstos que tomastes?

10 Nem dos sete pães para quatro mil homens, e quantas alcôfas recolhestes?

11 Por que não compreendeis que não é pelo pão que eu vos disse: Guardai-vos do fermento dos fariseus, e dos saduceus?

12 Então entenderam que não havia dito que se guardassem do fermento dos pães, senão da doutrina dos fariseus, e dos saduceus.

13 E veio Jesus para as partes de Cesaréia de Filipe: E fez a seus discípulos esta pergunta, dizendo: Quem dizem os homens que é o Filho do homem? (3)

(3) **CESARÉIA DE FILIPE** — Ao pé do Líbano, perto duma das nascentes do Jordão, na Gaulenitídia, que primitivamente se chamava Panéias. O tetrarca Filipe chamou-lhe Cesaréia em homenagem a Tibério César, e acrescentou-lhe o nome Filipe para a distinguir doutra Cesaréia, construída sobre o Mediterrâneo, por Herodes o Grande, entre Joze e Dora. Atualmente a Cesaréia de Filipe retomou o seu nome primitivo sob a fôrma Baniyas e conta cerca de 150 fogos.

QUEM DIZEM OS HOMENS — Jesus Cristo queria preparar a Pedro, a quem destinava para a alta missão do Chefe Supremo, inconfundível, da sua Igreja, a primeira ocasião de se salientar entre os demais apóstolos, para provocar da parte de Jesus a primeira e solene distinção.

14 E eles responderam: Uns dizem que João Batista, mas outros que Elias, e outros que Jeremias, ou algum dos profetas.

15 Disse-lhes Jesus: E vós quem dizeis que sou eu? (4)

16 Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo. (5)

17 E respondendo Jesus, lhe disse: Bem-aventurado és Simão, filho de João: Porque não foi a carne e

(4) **E VÓS** — Aqui está a interrogação direta a Pedro, como que recorrendo para ele em suprema instância, o que é o reconhecimento da primazia de Pedro.

(5) **O FILHO DE DEUS VIVO** — Jesus Cristo proporcionou a Pedro a ocasião de confessar a natureza divina do Salvador. Nem doutro modo se podem interpretar as palavras do texto, proferidas por S. Pedro. O artigo que precede no original a palavra **Filho**, diz Teofilacto, indica claramente que se trata do Filho Único de Deus, da mesma maneira que o artigo que precede a palavra **Cristo**, mostra que se trata, não dum rei ou sacerdote vulgar, mas do Messias, Rei e Sacerdote por excelência. De resto, se S. Pedro dissesse somente que Jesus Cristo era um Filho de Deus, filho de adoção como somos todos, não diria mais, ao contrário, diria menos, do que disseram os precedentes, e então que razão teria Jesus Cristo para louvar a sua fé, e de lhe dizer que foi o Céu que lhe havia revelado semelhante verdade? É certo que S. João Batista confessava a divindade do Messias, **Mat 3, 17; Jo 3, 31. 35. 36**; também é averiguado que S. Pedro falava em nome de seus colegas, **Mat 16, 15**, mas o que se pode afirmar é que Pedro vai além de todos, que o seu testemunho é mais expresso, mais solene, a sua fé mais ardente, enérgica, e o seu entusiasmo mais vivo e eloquente. Por S. João diz: **Primus est Domine confessione qui primus erat in apostolica dignitate**. E' o primeiro em confessar a divindade de Cristo, o que era o primeiro na dignidade apostólica. Na verdade Jesus pergunta: **E vós quem dizeis que eu sou?** e Pedro não responde: eu direi que vós sois Cristo, mas sim pela mais concludente forma: Tu és o Cristo, Messias, e acrescenta imediatamente, o **Filho de Deus vivo**, epíteto com que os israelitas distingulam o verdadeiro Deus das falsas divindades do paganismo.

sangue quem to revelou, mas sim meu Pai que está nos Céus. (6)

18 Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. (7)

19 E eu te darei as chaves do reino dos Céus. E tudo o que ligares sobre a terra, será ligado também

(6) **BEM-AVENTURADO ÉS SIMÃO, FILHO DE JOÃO** — Bem-aventurado, porque este conhecimento só o tiveste pela revelação de meu Pai Celestial: "não foi a carne e sangue"; isto é: nem teus pais, nem algum outro homem foi o que to ensinou, ou persuadiu; mas somente meu Pai foi o que te revelou. O nome "Bar-Jona" consta de duas dicções, das quais "Bar" é aramaico, e significa "filho" o mesmo que "Ben" em hebreu; e "Jona" por Johhanam: "João".

(7) **TU ÉS PEDRO** — Jesus Cristo muda o nome ao que havia de ser desde aquele momento Príncipe dos Apóstolos. A mudança do nome implicava sempre o exercício duma alta missão. Portanto, segundo os usos vigentes, Jesus Cristo mudando o nome de Simão em Pedro indicava que o queria como um homem novo ao qual ia destinar um elevado cargo no seu serviço. É sabido que também na Escritura sempre a cerimônia da mudança do nome designava a escolha para uma especial missão; basta citar o exemplo de Abraão. Cfr. Gên 17, 5; 23, 28; 35, 10; 41, 45; 48, 7; ainda se podem ver 4 Rs 23, 34; Dan 1, 6, 7, etc. Cumpre notar que esta distinção só foi conferida a Pedro, portanto temos aqui o segundo reconhecimento da primazia deste apóstolo.

SOBRE ESTA PEDRA — No aramaico que se falava no tempo de Jesus Cristo não havia diferença de gênero entre o nome próprio Pedro e o comum pedra, o que torna a alusão mais natural. Temos então o Apóstolo, a quem se mudou o nome para ser constituída a pedra angular sobre a qual há de se edificar a Igreja. Pedro é o fundamento da Igreja, e como tal foi reconhecido pelos próprios Apóstolos, que nunca reclamaram contra o seu primado, reconhecido pelos Evangelistas, que o nomeiam sempre em primeiro lugar. Da mesma maneira o veneraram e escutaram os primeiros cristãos, os primeiros mártires, os primeiros apologetas, os primeiros Padres, que deixaram testemunhos insuspeitos de acatamento, por todos mantido ao primado de Pedro.

nos céus; E tudo o que desatares sobre a terra, será desatado também nos Céus. (8)

20 Então mandou a seus discípulos que a ninguém dissessem que ele era Jesus Cristo. (9)

(8) **AS CHAVES** — Entre os povos orientais as chaves simbolizavam sempre o poderio, e a entrega das chaves a investidura em suprema autoridade. Jesus Cristo dizendo que entregou as chaves a Pedro, investiu-o na chefatura do colégio apostólico. E aqui está outro testemunho da colação do primado universal de Pedro, que não há de ter fim e que subsistirá enquanto houver homens. E fique isto desde já. Jesus Cristo não fala só para uma época, pois assegura absoluta perduração à Igreja, contra a qual não prevalecerão as portas do inferno; e agora diz tudo, isto é, em todos os tempos, pois não faz restrição alguma, e promete mais tarde a assistência da sua Igreja até à consumação dos séculos. *Ecce ego vobiscum sum omnibus diebus usque ad consummationem saeculi.* Mat 27, 20. Portanto o primado que estabelece não é pessoal nem temporário, pois constituir um primado temporário numa sociedade que deveria ser perpétua seria uma anomalia inconcebível. Um edifício perpétuo deve ter um alicerce perpétuo: um rebanho permanente carece dum pastor supremo igualmente permanente, que seja a cabeça visível desse místico corpo. Cfr. Phillips *Du droit ecclésiastique dans ses principes généraux*, vol. 1.º §20.

E TUDO O QUE LIGARES — Esta locução metafórica, e o sentido que faz é este: Deus só é o que pode perdoar os pecados, e assim te dou esse poder; e para isto podes exortar corrigir e castigar aos rebeldes, usando de toda a autoridade do mesmo Deus para lhes conceder ou negar a absolvição, segundo as regras do Evangelho, e a luz do Espírito Santo. E isto é o que geralmente se entende por estes termos figurados de "atar e desatar". E acrescenta o Senhor que tudo seria confirmado por ele, que é a cabeça suprema de toda a Igreja, e está no Céu sentado à mão direita do Padre.

(9) **QUE A NINGUÉM DISSESSEM QUE ERA JESUS CRISTO** — Ocorre imediatamente perguntar quais as razões desta estranha proibição. Apontam os exegetas as seguintes razões: 1.º Interesse das almas, que não estavam preparadas para reconhecer a sua divina natureza e submeter-se à sua autoridade. Preferia persuadí-los por obras, que fazer-se proclamar pelos discípulos, Mat 12, 23; Jo 4, 29; 6, 31. 46. 2.º Interesse dos apóstolos, que antes da descida do Espírito Santo eram rudes, e sem a força necessária para vencerem as subtilezas dos adversários. 3.º Interesse pela sua própria casa, falando humanamente porque se Jesus Cristo se proclamasse desde logo publicamente o Messias, originar-se-lam per-

21 Desde então começou Jesus a declarar a seus discípulos que convinha ir êle a Jerusalém, e padecer muitas coisas dos anciãos, dos escribas, e dos príncipes dos sacerdotes, e ser morto e ressuscitar ao terceiro dia. (10)

22 E tomando-o Pedro de parte, começou a increpá-lo, dizendo: Deus tal não permita, Senhor; não sucederá isto contigo.

23 Êle voltando-se para Pedro lhe disse: Tira-te de diante de mim, satanás, que me serves de escândalo: Porque não tens gosto das coisas que são de Deus, mas das que são dos homens. (11)

24 Então disse Jesus aos seus discípulos: Se algum quer vir após de mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-me. (12)

25 Porque o que quizer salvar a sua alma, perdê-la-á, e o que perder a sua alma por amor de mim, achá-la-á. (13)

turbações, levantamentos populares, insurreições, etc. Daquí deduzia a Igreja a disciplina do arcano, isto é, a imposição do segredo nos primeiros séculos acerca dos Santos Misterios da fé católica, sobre os quais ou nada podiam dizer, ou alguma coisa muito pouco apenas.

(10) **OS ANCIAOS** — São os membros do sanedrim que de ordinário eram velhos, porque êstes eram os escolhidos de preferência para chefes da cidade e juizes. Nos Atos esta expressão tem outro sentido, como veremos.

(11) **SATANÁS** — Satanás quer dizer, adversário ou inimigo, e êste nome de Jesus a Pedro, por se querer opor à sua Paixão e Morte. — S. Hilário e S. Bernardo.

(12) **NEGUE-SE A SI MESMO** — Isto é, às suas inclinações corrompidas; à sua própria vontade no que ela é contrária a Deus: em uma palavra, a tudo o que se opõe à nossa salvação. Porque quando se trata de servir e obedecer a Deus, nenhum caso se deve fazer nem dos bens temporais, nem da honra mundana, nem da mesma vida. — Sacy.

(13) **SALVAR A SUA ALMA** — Ou vida, isto é, viver segundo as paixões do homem velho, que são os apetites desordenados. — Duhamel.

Evangelho de S. Mateus 16, 26-28; 17, 1

26 Porque, de que aproveita ao homem ganhar todo o mundo, se vier a perder a sua alma? Ou que comutação fará o homem para recobrar a sua alma?

27 Porque o Filho do homem há de vir na glória de seu pai com os seus anjos: E então dará a cada um a paga, segundo as suas obras.

28 Em verdade vos afirmo, que dos que aqui estão, há alguns que não hão de gostar a morte, antes que vejam vir o Filho do homem na glória do seu reino. (14)

CAPÍTULO 17

A TRANSFIGURAÇÃO DE JESUS CRISTO, COM O MAIS QUE NELA SUCEDEU. O BATISTA COMPARADO A ELIAS. SARA JESUS CRISTO UM LUNÁTICO, QUE OS APÓSTOLOS NÃO PUDERAM LIVRAR. A FÉ, AINDA DO TAMANHO DE UM GRÃO DE MOSTARDA, É CAPAZ DE TRANSPORTAR MONTES. PREDIZ JESUS A SUA PAIXÃO. FAZ PAGAR POR SI E POR PEDRO O TRIBUTO DAS DUAS DRACMAS.

1 E seis dias depois toma Jesus consigo a Pedro, e a Tiago, e a João, seu irmão, e os leva à parte a um alto monte: (1)

(14) **ANTES QUE VEJAM VIR** — Alguns Padres antigos, como Orígenes, Santo Hilário, S. Jerônimo, entendem por esta glória do reino de Cristo a glória da sua transfiguração, que brevemente haviam de presenciar alguns discípulos. Calmet com outros modernos, entendem-no da vinda do Senhor contra Jerusalém, a cuja destruição feita pelos romanos, sobreviveram alguns discípulos como S. João Evangelista.

(1) **ALTO MONTE** — Diz-se o Tabor, opinião aventada por Eusébio e S. Jerônimo. Hoje é contestada e pensa-se que a montanha da Transfiguração está situada mais ao norte e a este do Jordão, sem que se precise rigorosamente. Cf. Glaire, *Nouveau Testament*, 1901.

2 E transfigurou-se diante dêles. E o seu rosto ficou refulgente como o sol: E as suas vestiduras se fizeram brancas como a neve.

3 E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com êle.

4 E começando a falar Pedro, disse a Jesus: Senhor, bom é que nós estejamos aqui: Se queres, façamos aqui três tabernáculos, um para ti, outro para Moisés, e outro para Elias.

5 Estando êle ainda falando, eis que uma lúcida nuvem os cobriu. E eis que saiu uma voz da nuvem que dizia: Êste é aquele meu querido Filho, em quem tenho pôsto tôda a minha complacência: Ouvi-o.

6 E ouvindo isto os discípulos caíram de bruços e tiveram grande medo.

7 Porém Jesus se chegou a êles, e tocou-os, e disse-lhes: Levantai-vos e não temais.

8 Êles então levantando os seus olhos, não viram mais do que tão sòmente a Jesus.

9 E quando êles desciam do monte, lhes pôs Jesus preceito, dizendo: Não digais a pessoa alguma o que visteis, enquanto o Filho do homem não ressurgir dos mortos. (2)

(2) **ENQUANTO O FILHO DO HOMEM** — Não quis o Senhor que os apóstolos declarassem a um povo todo carnal, o que haviam visto, temendo que a grandeza do prodígio os fizesse mais incrédulos, e que depois de ter ouvido esta transfiguração tão gloriosa, servisse de escândalo a sua morte a uns espíritos tão grosseiros na inteligência dos segredos da Divina Sabedoria. S. Jerônimo, S. Lucas 9, 6, diz: que guardaram silêncio sobre as coisas que haviam visto, e então não as descobriram a ninguém. Porém S. Pedro,

Evangelho de S. Mateus 17, 10-18

10 E os seus discípulos lhe perguntaram, dizendo: Pois por que dizem os escribas que importava vir Elias primeiro?

11 Mas êle, respondendo, lhes disse: Elias certamente há de vir, e restabelecerá todas as coisas:

12 Digo-vos porém que Elias já veio, e êles não o conheceram, antes fizeram dele quanto quiseram. Assim também o Filho do homem há de padecer às suas mãos.

13 Então conheceram os discípulos, que de João Batista é que êle lhes falara.

14 E depois que veio para onde estava a gente, chegou a êle um homem, que, pôsto de joelhos diante dele, lhe dizia: Senhor, tem compaixão de meu filho, que é lunático e padece muito, porque muitas vezes cai no fogo, e muitas vezes na água.

15 E tenho-o apresentado a teus discípulos e êles o não puderam curar.

16 E respondendo Jesus, disse: O' geração incrédula e perversa, até quando hei de estar convosco? até quando vos hei de sofrer? Trazei-mo cá.

17 E Jesus o ameaçou, e saiu dele o demônio, e desde aquela hora ficou o moço curado.

18 Então se chegaram os discípulos a Jesus em particular, e lhe disseram: Por que não pudemos nós lançá-lo fora?

depois da ressurreição do Senhor, as publicou nos seus Sermões, e na 2.^a Carta 1, 18. Mc 9, 9, diz que os apóstolos disputavam entre si, perguntando um ao outro o que queriam dizer aquelas palavras: ressuscitar de entre os mortos? E é que não entendiam que o Senhor falava da sua ressurreição.

19 Jesus lhes disse: Por causa da vossa pouca fé. Porque na verdade vos digo, que se tiverdes fé, como um grão de mostarda, direis a êste monte, passa daqui para acolá, e êle ha de passar, e nada vos será impossível. (3)

20 Mas esta casta de demônios não se lança fora, senão à fôrça de oração e de jejum.

21 E achando-se êles juntos em Galiléia, disse-lhes Jesus: O Filho do homem será entregue às mãos dos homens.

22 E êstes lhe darão a morte, e ressuscitará ao terceiro dia. E êles se entristecerão em extremo.

23 E tendo vindo para Cafarnaum, chegaram-se a Pedro os que cobravam o tributo das duas dracmas e disseram-lhe: Vosso Mestre não paga as duas dracmas? (4)

24 Êle lhes respondeu: Paga. E depois que entrou em casa, Jesus o preveniu, dizendo: Que te parece, Simão? De quem recebem os reis da terra o tributo, ou censo? de seus filhos, ou dos estranhos?

(3) **POR CAUSA DA VOSSA POUCA FÉ** — A pouca fé, que mostraram neste caso os apóstolos, foi causa de que curassem aquele mancebo, e a que mereceu a justa repreensão de Jesus Cristo.

(4) **DUAS DRACMAS** — ou didracmas valiam aproximadamente cento e noventa réis. Esta didracma era a contribuição que as famílias judaicas pagavam para a manutenção do Templo. Vespasiano cobrou mais tarde êste imposto para o Capitólio. Os coletores dirigem-se a S. Pedro, fosse pelo respeito devido a Jesus, fosse para o discípulo ceder o lugar ao Mestre. A resposta de Jesus Cristo supõe a sua Divindade. Para não escandalizar os que a ignoravam, consente em pagar; mas faz observar que não estava sujeito ao imposto, e revela êste ato de condescendência por um milagre.

25 E Pedro lhe respondeu: Dos estranhos. Disse-lhe Jesus: Logo são isentos os filhos.

26 Mas para que os não escandalizemos, vai ao mar, e lança o anzol: E o primeiro peixe que subir, toma-o: E abrindo-lhe a boca, acharás dentro um estáter: Tira-o, e dá-lho por mim e por ti. (5)

CAPÍTULO 18

O MAIOR NO REINO DOS CÉUS É O QUE SE FAZ COMO UM MENINO. É GRANDE PECADO ESCANDALIZAR OS PEQUENOS. COMO SE DEVE DAR A CORREÇÃO FRATERNA. O QUE NÃO OBEDECE À IGREJA, DEVE SER TRATADO COMO UM GENTIO, OU PUBLICANO. DÁ JESUS CRISTO AOS APÓSTOLOS O PODER DE LIGAR, E DESATAR. DE QUANTA FORÇA SEJA A ORAÇÃO DOS QUE SE UNEM. A IRA DE DEUS CONTRA OS QUE A SUA IMITAÇÃO NÃO PERDOAM AO PRÓXIMO.

1 Naquela hora chegaram-se a Jesus os discípulos, dizendo: Quem julgas tu que é maior no reino dos Céus?

2 E chamando Jesus a um menino, o pôs no meio deles,

3 e disse: Na verdade vos digo que se vos não converterdes, e vos não fizerdes como meninos, não haveis de entrar no reino dos Céus.

4 Todo aquele pois que se fizer pequeno, como este menino, esse será o maior no reino dos Céus.

5 E o que receber em meu nome um menino tal como este, a mim é que recebe.

(5) **ESTÁTER** — Ou **tetradracma**, moeda dos hebreus correspondente a quatro dracmas, aproximadamente seis tostões.

6 O que escandalizar porém a um destes pequeninos, que creem em mim, melhor lhe fôra que se lhe pendurasse ao pescoço uma mó de moinho, e que o lançassem no fundo do mar.

7 Ai do mundo por causa dos escândalos. Porque é necessário que sucedam escândalos: Mas ai daquele homem, por quem vem o escândalo.

8 Ora se a tua mão, ou o teu pé te escandaliza: Corta-o, e lança-o fora de ti: Melhor te é entrar na vida manco, ou aleijado, do que tendo duas mãos, ou dois pés, ser lançado no fogo eterno.

9 E se o teu olho te escandaliza, tira-o, e lança-o fora de ti: Melhor te é entrar na vida com um só olho, do que tendo dois, ser lançado no fogo do inferno.

10 Vêde não desprezeis algum destes pequeninos: Porque eu vos declaro que os seus anjos nos Céus incessantemente estão vendo a face de meu Pai que está nos Céus.

11 Porque o Filho do homem veio a salvar o que havia perecido.

12 Que vos parece? Se tiver alguém cem ovelhas, e se se desgarrar uma delas: Porventura não deixa as noventa e nove nos montes, e vai a buscar aquela que se extraviou?

13 E se acontecer achá-la: Digo-vos em verdade, que maior contentamento recebe êle por esta, do que pelas noventa e nove, que não se extraviaram.

14 Assim não é a vontade do vosso Pai, que está nos Céus, que pereça um destes pequeninos.

Evangelho de S. Mateus 18, 15-23

15 Portanto se teu irmão pecar contra ti, vai e corrige-o entre ti e êle só; se te ouvir, ganhado terás a teu irmão:

16 Mas se te não ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que por bôca de duas ou três testemunhas fique tudo confirmado.

17 E se os não ouvir, dize-o à Igreja, e se não ouvir a Igreja, tem-no por um gentio, ou um publicano. (1)

18 Em verdade vos digo, que tudo o que vós ligardes sôbre a terra, será ligado também no Céu: E tudo o que vós desatardes sôbre a terra, será desatado também no Céu.

19 Ainda vos digo mais, que se dois de vós se unirem entre si sôbre a terra, seja qual fôr a coisa que êles pedirem, meu Pai, que está nos Céus, lha fará.

20 Porque onde se acham dois ou três congregados em meu nome, aí estou eu no meio deles.

21 Então chegando-se Pedro a êle, perguntou: Senhor, quantas vezes poderá pecar meu irmão contra mim, que eu lhe perdoe? será até sete vezes?

22 Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas que até setenta vezes sete vezes. (2)

23 Por isso o reino dos Céus é comparado a um homem rei, que quis tomar contas aos seus servos.

(1) **TEM-NO** — Como incorrigível, como incurável, como um homem separado da Igreja, como um pecador público — S. Tomás.

(2) **SETENTA VEZES SETE VÊZES** — Ou sete vêzes setenta. Que fazem quatrocentas e noventa. E quem diz até sete vêzes setenta, diz todos os pecados, observa S. Agostinho.

24 E tendo começado a tomar as contas, apresentou-se-lhes um, que lhe devia dez mil talentos. (3)

25 E como não tivesse com que pagar, mandou o seu Senhor que o vendessem a êle, e a sua mulher, e a seus filhos, e tudo o que tinha, para ficar pago da dívida.

26 Porém o tal servo lançando-se-lhe aos pés, lhe fazia esta súplica, dizendo: Tem paciência comigo, que eu te pagarei tudo.

27 Então o Senhor compadecido daquele servo, deixou-o ir livre, e perdoou-lhe a dívida.

28 E tendo saído este servo, encontrou um de seus companheiros, que lhe devia cem dinheiros: E lançando-lhe a mão o afogava, dizendo: Paga-me o que me deves. (4)

29 E o companheiro lançando-se-lhe aos pés o rogava, dizendo: Tem paciência comigo que eu te satisfarei tudo.

30 Porém êle não quis: Mas retirou-se, e fez que o metessem na cadeia, até pagar a dívida.

(3) **DEZ MIL TALENTOS** — Soma exorbitante, ainda que se refere ao pequeno talento dos egípcios e dos árabes. Pode referir-se a um administrador dos dinheiros públicos, ou das rendas régias. Mas com ela mostra Jesus Cristo a gravidade infinita de um pecado mortal, e a ilimitada grandeza da dívida, em que este pecado nos constitui no tribunal divino.

(4) **CEM DINHEIROS** — O dinheiro era uma moeda antiga de prata de tão pouco valor.

Evangelho de S. Mateus 18, 31-35; 19, 1

31 Porém os outros servos seus companheiros, vindo o que se passava, sentiram-no tão fortemente, e foram dar parte a seu Senhor de tudo o que tinha acontecido.

32 Então o chamou o seu Senhor, e lhe disse: Servo mau, eu perdoei-te a dívida tôda porque me vieste rogar para isso:

33 Não devias tu logo compadecer-te igualmente do teu companheiro, assim como também eu me compadeeci de ti?

34 E cheio de cólera mandou seu senhor que o entregassem aos algozes, até pagar tôda a dívida. (5)

35 Assim também vos ha de fazer meu Pai celestial, se não perdoardes do íntimo de vossos corações, cada um a seu irmão.

CAPÍTULO 19

O MATRIMÔNIO INDISSOLÚVEL. LOUVOR DOS QUE POR AMOR DE DEUS OBSERVAM O CELIBATO. JESUS IMPONDO AS MÃOS AOS MENINOS. ACONSELHA A POBREZA A UM RICO, E ÊSTE SE ENTRISTECE. EMBARAÇO QUE AS RIQUEZAS FAZEM A SALVAÇÃO. PRÊMIO DOS QUE TUDO DEIXAM POR CRISTO.

1 E aconteceu que tendo Jesus acabado êstes discursos, partiu de Galiléia, e veio para os confins da Judéia, além do Jordão.

(5) **E CHEIO DE CÓLERA** — Nada provoca mais a ira de Deus contra nós, do que a falta de caridade com os próximos. Parábola admirável que nos ensina a perdoar para que sejamos perdoados.

2 E seguiram-no muitas gentes, e curou ali os enfermos.

3 E chegaram-se a êle os fariseus tentando-o, e dizendo: E' porventura lícito a um homem repudiar a sua mulher, por qualquer coisa?

4 Êle respondendo, lhes disse: Não tendes lido que quem criou o homem desde o princípio, fê-los macho, e fêmea? e disse: (1)

5 Por isso deixará o homem pai e mãe, e ajuntar-se-á com sua mulher, e serão dois numa só carne:

6 Assim que já não são dois, mas uma só carne: Não separe logo o homem o que Deus juntou.

7 Replicaram-lhe êles: Pois por que mandou Moisés dar o homem a sua mulher carta de desquite, e repudiá-la?

8 Respondeu-lhes: Porque Moisés, pela dureza de vossos corações, vos permitiu repudiar a vossas mulheres: Mas ao princípio não foi assim. (2)

9 Eu pois vos declaro que todo aquele que repudiar sua mulher, se não é por causa de adultério, e casar com

(1) **O HOMEM** — Isto é, a criatura humana. Esta palavra refere-se à espécie, e não ao individuo. Êste é o sentido de hebreus donde Jesus Cristo fez a citação Gên 1, 27.

(2) **PERMITIU** — Não vo-lo mandou Moisés, como vós dizeis, mas só o permitiu, à vista da vossa obstinação, e dureza, e prevendo maiores males, se vo-lo não permitia.

MAS AO PRINCÍPIO NÃO FOI ASSIM — Porque Adão e Eva foram de tal maneira criados um por causa do outro, e unidos tão estreitamente por disposição do seu Criador, que a sua união devia ser inseparável, e o modelo do laço indissolúvel dos matrimônios dos seus descendentes.

outra, comete adultério: E o que se casar com a que outro repudiou, comete adultério. (3)

10 Disseram-lhe seus discípulos: Se tal é a condição de um homem a respeito de sua mulher, não convém casar-se.

11 Ao que êle respondeu: Nem todos são capazes desta resolução, mas somente aqueles a quem isto foi dado.

12 Porque ha uns castrados, que nasceram assim do ventre de sua mãe; e ha outros castrados, a quem outros homens fizeram tais: E ha outros castrados que a si mesmos se castraram por amor do reino dos Céus. O que é capaz de compreender isto, compreenda-o. (4)

13 Então lhe foram apresentados vários meninos, para lhes impor as mãos e fazer oração por êles. E os discípulos os repeliam com palavras ásperas.

14 Mas Jesus lhes disse: Deixai os meninos e não embaraceis que êles venham a mim, porque destes tais é o reino dos Céus.

(3) **SE NÃO É POR CAUSA DE ADULTÉRIO** — Jesus Cristo, visto os costumes e legislação então vigentes, permite ao marido, em caso de adultério, que se separe da mulher, mas proibe-lhe expressamente que vá esposar outra, sendo a primeira viva: de maneira que, dado o adultério, permite-se a separação da pessoa e bens, *quoad thorum et habitationem*, condena-se, porém, o divórcio. Em Mc 10, 11, e principalmente em Lc 16, 18, confirma-se esta proposição, e teremos ocasião de voltar ao assunto.

(4) **O QUE É CAPAZ DE COMPREENDER.** — Não o foi Orígenes no terceiro século, que entendendo à letra este texto, êle mesmo se castrou, cuidando que assim observava o Evangelho, como refere Eusébio na sua *História Eclesiástica*, Livro 6, cap. 8. Mas não foi antes de Orígenes outro cristão, de quem escreve S. Justino Mártir na *Apologia* 2, que pedira licença ao governador Félix para os cirurgiões o castrarem, não obstante a proibição das leis romanas. Porém a Igreja católica sempre entendeu esta castração, não no sentido material, mas sim no espiritual: que consiste em vivermos em carne, como se não fôssemos de carne, renunciando a todos os bens e prazeres terrenos.

15 E depois que lhes impôs as mãos, partiu dali.

16 E eis que chegando-se a êle um, lhe disse: Bom Mestre, que obras boas devo eu fazer para alcançar a vida eterna?

17 Jesus lhe respondeu: Porque me perguntas tu o que é bom? Bom só Deus o é. Porém se tu queres entrar na vida, guarda os mandamentos.

18 Êle lhe perguntou: Quais? e Jesus lhe disse: Não cometerás homicídio: Não adulterarás: Não cometerás furto: Não dirás falso testemunho:

19 Honra teu pai e a tua mãe, e amarás ao teu próximo como a ti mesmo.

20 O mancebo lhe disse: Eu tenho guardado tudo isso desde a minha mocidade; que é o que me falta ainda?

21 Jesus lhe respondeu: Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens, e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no Céu: Depois vem, e segue-me.

22 O mancebo porém, como ouviu esta palavra, retirou-se triste, porque tinha muitos bens.

23 E Jesus disse a seus discípulos: Em verdade vos digo, que um rico dificilmente entrará no reino dos Céus.

24 Ainda vos digo mais: Que mais fácil é passar um camelo pelo fundo duma agulha, do que entrar um rico no reino dos Céus. (5)

(5) **DO QUE ENTRAR UM RICO NO REINO DOS CÉUS** — Isto é um ditado, rifão vulgar entre os judeus e os arábes, para designar a dificuldade de conseguir qualquer coisa. Jesus Cristo

Evangelho de S. Mateus 19, 25-30

25 Ora, os discípulos, ouvidas estas palavras, conceberam grande espanto, dizendo: Quem poderá logo salvar-se?

26 Porém Jesus olhando para êles, disse: Aos homens é isto impossível: Mas a Deus tudo é possível.

27 Então respondendo Pedro, lhe disse: Eis aqui estamos nós que deixamos tudo e te seguimos: Que galardão pois será o nosso? (6)

28 E Jesus lhes disse: Em verdade vos afirmo que vós, quando no dia da regeneração estiver o Filho do homem sentado no Trono da sua Glória, vós, torno a dizer, que me seguistes, também estareis sentados sobre doze tronos, e julgareis as doze Tribos de Israel. (7)

29 E todo o que deixar por amor do meu Nome a casa, ou os irmãos, ou as irmãs, ou o pai, ou a mãe, ou a mulher, ou os filhos, ou as fazendas, receberá cento por um, e possuirá a vida eterna.

30 Porém muitos primeiros virão a ser os últimos, e muitos últimos virão a ser os primeiros.

quer exprimir a nímia dificuldade que tem o rico, que viva apegado às suas riquezas e prazeres, cuidando só destes, com menosprezo dos seus irmãos, de se salvar.

(6) **QUE DEIXAMOS TUDO** — Não tendo Pedro deixado senão o seu barco, e as suas rêdes, diz resolutamente a Cristo, que deixará tudo; porque, como adverte Santo Agostinho escrevendo a Paulino, com efeito tudo despreza aquele que despreza a posse não só de tudo quanto podia ter, mas também de tudo o que queria ter — Duhamel.

(7) **NO DIA DA REGENERAÇÃO** — No dia do Julzo. — Pereira

CAPÍTULO 20

A PARÁBOLA DOS TRABALHADORES MANDADOS TRABALHAR NA VINHA EM DIVERSAS HORAS. OS PRIMEIROS SERÃO OS ÚLTIMOS, E OS ÚLTIMOS OS PRIMEIROS. PREDIZ JESUS A SUA MORTE E RESSURREIÇÃO. AMBIÇÃO DOS FILHOS DE ZEBEDEU. OS QUE SÃO MAIORES, DEVEM SER OS MAIS PEQUENOS. A DOMINAÇÃO É ALHEIA DO APOSTOLADO.

1 O reino dos Céus é semelhante a um homem pai de família, que ao romper da manhã saiu a assalarar trabalhadores para a sua vinha. (1)

2 E feito com os trabalhadores o ajuste de um dinheiro por dia, mandou-os para a sua vinha. (2)

3 E tendo saído junto da terceira hora, viu estarem outros na praça, ociosos. (3)

(1) **O REINO DOS CÉUS** — Esta parábola é, no entender dos melhores intérpretes, a continuação do capítulo precedente, e explicação do último versículo em que Jesus afirma que os últimos serão os primeiros.

PAI DE FAMÍLIA — Quer Jesus Cristo significar Deus.

VINHA — Que Jesus simboliza a Santa Igreja.

(2) **DE UM DINHEIRO POR DIA** — Este pai de família é Deus: a vinha a sua Igreja, a praça o mundo, os trabalhadores ociosos são os homens antes da sua vocação, as diversas horas são os diversos tempos da vida, em que Deus os chama. O dinheiro é a glória que Deus dá em paga do trabalho. Temos pois desta parábola três coisas. Primeira, que as boas obras são meritórias da vida eterna. Segunda, que ainda que todos os Santos gozam substancialmente da mesma felicidade, vendo a Deus na sua mesma essência, uns contudo o vêem mais claramente do que outros, segundo a igualdade ou desigualdade dos merecimentos. Terceira, que para receber maior paga, e ver a Deus mais claramente, não se atende tanto a extensão, ou intenção do trabalho, como ao fervor da caridade que o acompanhou. E assim poderá bem ser, que uma pelágia penitente de poucos anos goze de maior glória do que um anacoreta sepultado no deserto toda a vida. **Amelote, Duhamel.** Com S. João Crisóstomo na Homília 68 sobre S. Mateus. O dinheiro tinha dez anes, e cada ane valla quatro réis.

(3) **TERCEIRA HORA** — Corresponde às nove da manhã. Os Santos Padres têm apresentado interpretações diversas acêrca das

Evangelho de S. Mateus 20, 4-8

4 E disse-lhes: Ide vós também para a minha vinha, e dar-vos-ei o que fôr justo.

5 E elles foram. Saiu portanto outra vez junto da hora sexta, e junto da nona: E fez o mesmo.

6 E junto da undécima tornou a sair, e achou outros que lá estavam, e lhes disse: Por que estais vós aqui todo o dia ociosos?

7 Responderam-lhe elles: Porque ninguém nos assalariou. Elle lhes disse: Ide vós também para a minha vinha.

8 Porém lá no fim da tarde disse o senhor da vinha ao seu mordomo: Chama os trabalhadores, e paga-lhes o jornal, começando pelos últimos, e acabando nos primeiros. (4)

diferentes horas a que o pai de família saía à praça; uns que estas horas querem significar as épocas diversas da história da humanidade, outros aos diferentes períodos da história do Cristianismo, outros apresentam a explicação mais comumente assente, que se refere às diferentes fases da vida do homem: na hora da **terça** quando a conversão se inicia no começo da vida; sexta, na idade adulta, nona, na velhice, e na undécima quando se opera à hora da morte. Está hipótese é abonada e seguida por S. Agostinho, S. Jerônimo e quase todos os exegetas modernos. De fato uns seguem a Jesus desde o uso da razão, como S. João Beschmann, S. Stanislaw de Kostka, S. Rosa de Viterbo, outros na adolescência, como Santa Teresa de Jesus, que nesse período de sua vida mais amou o seu Deus, como S. Inácio de Loyola, e sobre todos S. Agostinho, cuja conversão tão admirável foi. E a quantos as desilusões da vida, os desenganos do mundo não lhes abrem na velhice os olhos que durante toda a vida estiveram cerrados? E quantos também na hora da morte, recebem a graça da conversão, chorando todos os seus pecados, lastimando os seus erros, arrependendo-se da sua descrença? Está na memória de todos a conversão à hora da morte de Littré, o patriarca do positivismo.

(4) **COMEÇANDO PELOS ÚLTIMOS** — Esta frase está para confirmar o vers. 30 do capítulo anterior, e porque se quer signifi-

9 Tendo chegado pois os que foram junto da hora undécima, recebeu cada um seu dinheiro.

10 E chegando também os que tinham ido primeiros, julgaram que haviam de receber mais: Porém êstes também não receberam mais do que um dinheiro cada um.

11 E ao recebê-lo, murmuravam contra o pai de família,

12 dizendo: Êstes que vieram últimos, não trabalharam senão uma hora, e tu os igualaste conosco, que aturamos o pêso do dia, e da calma.

13 Porém êle respondendo a um dêles, lhe disse: Amigo, eu não te faço agravo; não convieste tu comigo num dinheiro? (5)

14 Toma o que te pertence, e vai-te: Que eu de mim quero dar também a êste último tanto como a ti. (6)

car o procedimento do pai de famílias, galardoando todos os que acorreram ao seu chamamento, ao qual deve corresponder o agradecimento da chamada. Quem sabe se são êstes últimos os que maior necessidade têm do auxílio do Senhor, e que por isso êste mais se compadece da sua fraqueza e da sua miséria?

(5) **EU NÃO TE FAÇO AGRAVO** — Neste e nos dois versículos seguintes está a justificação do pai de famílias, porque relembra o que havia contratado, que fôra por ambos aceito, e que êle cumpre religiosamente o que prometera.

(6) **COMO A TI** — E assim tomou Jesus a parábola, do qual deduz a última conclusão no verso seguinte. Em resumo: Assim como o pai de famílias chamou obreiros para trabalharem em sua vinha a diversas horas e pagou a todos igualmente, assim Deus chama a muitos por modos diferentes e nas épocas mais diversas das suas vidas, dando a todos a salvação. E daqui se infere que nunca é lícito desesperar da conversão dum pecador, antes que sempre e sempre se deve pedir a Deus que o toque com a sua santíssima Graça. As lágrimas de Santa Mônica não obtiveram depois de tantos anos a conversão de S. Agostinho?

Evangelho de S. Mateus 20, 15-22

15 Visto isso não me é lícito fazer o que quero? acaso o teu olho é mau, porque eu sou bom?

16 Assim serão últimos os primeiros, e primeiros os últimos: Porque são muitos os chamados, e poucos os escolhidos. (7)

17 E subindo Jesus a Jerusalém, tomou de parte os seus doze discípulos, e disse-lhes:

18 Eis aqui vamos para Jerusalém, e o Filho do homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes, e aos escribes, que o condenarão à morte. (8)

19 E entregá-lo-ão aos gentios para ser escarnecido, e crucificado, mas ao terceiro dia ressurgirá.

20 Então se chegou a êle a mãe dos filhos de Zebedeu com seus filhos, adorando-o e pedindo-lhe alguma cousa. (9)

21 Êle lhe disse: Que queres? Respondeu ela: Dize que êstes meus dois filhos se assentem no teu reino, um à tua direita, e outro à tua esquerda.

22 E respondendo Jesus, disse: Não sabeis o que pedis. Podeis vós beber o cálice que eu hei de beber? Disseram-lhe êles: Podemos. (10)

(7) **PORQUE SÃO MUITOS OS CHAMADOS, E POUCOS OS ESCOLHIDOS** — Terrível sentença para temermos, e tremermos, ainda quando soubéssemos que só um dos homens se havia de perder, e são tantos os que não correspondem ao chamamento.

(8) **O CONDENARÃO A MORTE** — Jesus profetiza a sua própria condenação e a morte na cruz, v. 19.

(9) **A MAE DOS FILHOS DE ZEBEDEU** — Por nome Salomé, que fiada no estreito parentesco que tinha com Maria e com Jesus, pedia para seus filhos as primeiras dignidades — Calmet.

(10) **NÃO SABEIS O QUE PEDIS** — O Senhor faz ver aos seus discípulos, que o pensamento todo terreno que tinham era indigno

23 Êle lhes disse: E' verdade que vós haveis de beber o meu cálice. Mas pelo que toca a terdes assento à minha mão direita, ou à esquerda, não me pertence a mim o dar-vo-lo, mas isso é para aqueles para quem está preparado por meu Pai. (11)

24 E quando os dez ouviram isto, indignaram-se contra os dois irmãos.

25 Mas Jesus os chamou a si, e lhes disse: Sabeis que os príncipes das gentes dominam os seus vassallos: E que os que são maiores exercitam o seu poder sobre elles.

26 Não será assim entre vós outros: Mas entre vós todo o que quizer ser o maior, esse seja o que vos sirva:

27 E o que entre vós quizer ser o primeiro, esse seja o vosso servo:

28 Assim como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar sua vida em redenção por muitos.

29 E saindo elles de Jericó, seguiu a Jesus muita gente.

do seu reino, e que não sabiam o que pediam. Vós outros me falais, lhes disse, de dignidades e coroas; e eu pelo contrário vos falo de combates, e de sofrimento. Não é aqui o lugar nem o tempo de recompensas, senão de perigos, de guerra, e morte. E assim verdadeiramente não sabiam o que pediam, porque não reconheciam que o reino de Jesus Cristo era todo espiritual, e todo diferente dos da terra, nem que o caminho para chegar aos seus primeiros postos, era diverso do que a elles se representava — S. João Crisóstomo.

(11) **NÃO ME PERTENCE A MIM** — A mim considerado só como homem. — Duhamel como Santo Agostinho.

Evangelho de S. Mateus 20, 30-34; 21, 1-2

30 E eis que dois cegos que estavam sentados junto à estrada, ouviram que Jesus passava: E gritaram, dizendo: Senhor, filho de Davi, tem compaixão de nós.

31 E repreendia-os a gente que se calassem. Porém eles cada vez gritavam mais, dizendo: Senhor, filho de Davi, tem compaixão de nós.

32 Então parou Jesus, e chamou-os, e disse: Que quereis que vos faça?

33 Responderam eles: Que se nos abram, Senhor, os nossos olhos.

34 E Jesus compadecido deles, lhes tocou os olhos. E no mesmo instante viram, e o foram seguindo.

CAPÍTULO 21

DA JESUS CRISTO A SUA ENTRADA EM JERUSALÉM. LANÇA FORA DO TEMPLO OS NEGOCIANTES. TAPA A BÓCA AOS FARISEUS QUE MURMURAVAM DELE. ESPANTAM-SE OS APÓSTOLOS DE VER QUE UMA FIGUEIRA QUE O SENHOR AMALDIÇOARA, SECOU NO MESMO INSTANTE. QUANTO PODE A FÉ. A PARÁBOLA DOS DOIS FILHOS, E A DOS MAUS LAVRADORES. O REINO DOS CÉUS PASSARÁ DOS JUDEUS AOS GENTIOS.

1 Como eles pois se avizinham a Jerusalém, e chegaram a Betfagé, ao monte das Oliveiras, enviou então Jesus dois de seus discípulos, (1)

2 dizendo-lhes: Ide a essa aldeia, que está defronte de vós e logo achareis presa uma jumenta e um jumentinho com ela: Desprendeia-a, e trazei-mos:

(1) **BETFAGÉ** — Perto de Betânia, junto ao monte das Oliveiras, que ficava a este de Jerusalém, do qual estava separado pela torrente de Cedron.

3 E se alguém vos disser alguma coisa, respondei-lhe que o Senhor os ha de mister: E logo vo-os deixará trazer.

4 E isto tudo succedeu para que se cumprisse o que tinha sido anunciado pelo profeta, que diz:

5 Dizei à filha de Sião: Eis aí o teu rei, que vem a ti cheio de doçura, montado sobre uma jumenta, e sobre um jumentinho, filho do que está debaixo do jugo. (2)

6 E indo os discípulos, fizeram como Jesus lhes ordenara.

7 E trouxeram a jumenta e o jumentinho, e cobriram-nos com os seus vestidos, e fizeram-no montar em cima.

8 Então da gente do povo, que era muita, uns estendiam no caminho os seus vestidos, e outros cortavam ramos de árvores, e juncavam com êle a passagem:

9 E tanto as gentes que iam adiante, como as que iam atrás, gritavam, dizendo: Hosana ao filho de Davi: Bendito o que vem em nome do Senhor: Hosana nas maiores alturas. (3)

(2) **MONTADO SOBRE UMA JUMENTA** — Esta citação parece ser de Jeremias ou de Zacarias; o Evangelista refere apenas o sentido e não apresenta os próprios termos.

(3) **DIZENDO** — Hosana por *Hoschignamoh*, que quer dizer: Salva!, eu vos rogo: assim a versão dos Setenta, SI 117, 25. Hosana ao filho de Davi quer dizer: O Deus, salva! a este Jesus, que é filho de Davi, ou o Messias. Vós, Senhor, que residis nas alturas, fazei prosperar ao vosso Cristo, ao vosso rei. Bendito seja aquele que vem em nome do Senhor. Que gritos tão diferentes são estes! Bendito seja o que vem em nome do Senhor; e tira-o, crucifica-o! exclama S. Bernardo. Que coizas são tão contrárias! reconhecer a Jesus Cristo para soberano rei de Israel, e dizer de-

Evangelho de S. Mateus 21, 10-16

10 E quando entrou em Jerusalém, se alterou toda a cidade dizendo: Quem é este?

11 E os povos diziam: Este é Jesus o profeta de Nazaré de Galiléia.

12 E entrou Jesus no templo de Deus, e lançava fora todos os que vendiam e compravam no templo; e pôs por terra as mesas dos banqueiros, e as cadeiras dos que vendiam pombas: (4)

13 E lhes disse: Escrito está: A minha casa será chamada casa de oração: Mas vós a tendes feito covil de ladrões.

14 E chegaram-se a êle cegos, e coxos no Templo: E os sarou.

15 E quando os príncipes dos sacerdotes, e os escribas viram as maravilhas que êle tinha feito e os meninos no Templo gritando e dizendo: Hosana ao filho de Davi, se indignaram.

16 E lhe disseram: Ouves o que dizem êstes? E Jesus lhes respondeu: Sim: Nunca lestes: Que da bôca

pois: Nós não temos outro rei, senão Cesar. Que diferentes são êstes ramos, e palmas verdes, que levam agora nas mãos, dos espinhos com que poucos dias depois o coroaram, e da Cruz em que o cravaram! Que opposição tão grande entre o despojarem-se agora dos seus vestidos, para os estenderem por onde passava o Senhor, e despirem-no dos seus ao depois, da maneira mais ignominiosa! Tal é o apreço que se deve fazer da estimação dos homens, e de todos os vãos aplausos do mundo.

(4) **NO TEMPLO** — No grego está hieron. O hagiógrafo tem sempre cuidado de distinguir o hieron do naós. No hieron estavam as dependências do santuário, consagradas também a Deus; o naós era o santuário propriamente dito. Ora as cenas narradas neste e nos versículos seguintes passaram-se no hieron.

dos meninos, e dos que mamam, tiraste o perfeito louvor?

17 E tendo-os deixado, retirou-se Jesus para fora da cidade passando a Betânia, e ali ficou. (5)

18 Mas pela manhã quando voltava para a cidade teve fome.

19 E vendo uma figueira junto do caminho, se chegou a ela: E não achou nela senão unicamente folhas, e lhe disse: Nunca jamais nasce fruto de ti. E no mesmo ponto se secou a figueira. (6)

20 E vendo isto os discípulos, se admiraram, dizendo: Como se secou para logo?

21 E respondendo Jesus, lhes disse: Na verdade vos digo que, se tiverdes fé, e não duvidardes, não só fareis o que eu acabo de fazer à figueira, mas ainda se disserdes a este monte, tira-te, e lança-te no mar, assim se fará.

(5) **BETANIA** — Hoje el-Azariyeh, ou Lazariéh, outrora tão célebre pelas narrações evangélicas e hoje uma pobre aldeia. Está situada na falda oriental do monte das Oliveiras, próximo do declive que da estrada de Jerusalém para Jericó vai ao vale do Jordão. Vê-se hoje o sitio tradicional da casa e do túmulo de Lázaro, bem como as ruínas da habitação de Simão o leproso.

(6) **UMA FIGUEIRA** — É uma parábola de coisas, querendo Jesus significar por esta figueira, que devia dar frutos e os não dava, o homem que deve aproveitar a sua vida, saúde, bens, talentos para prestar homenagem a Deus e ser útil ao seu próximo. E assim como a árvore que não dá fruto merece a maldição de Deus, amaldiçoado será o homem que não produzir frutos de benção. Os racionalistas dizem que Jesus não tinha de que se admirar da figueira não dar frutos, seria assim se na Palestina não sucedesse exatamente o contrário. As figueiras têm fruto quase todo o ano. O próprio Flávio Josefo nos diz que as figueiras do lago de Genesaré produziam figos durante dez meses em cada ano.

22 E todas as coisas que pedirdes, fazendo oração com fé, haveis de conseguir.

23 E tendo ido ao Templo, os príncipes dos sacerdotes, e os anciãos do povo se chegaram a êle quando estava ensinando, e lhe disseram: Com que autoridade fazes estas coisas? E quem te deu este poder? (7)

24 Respondendo Jesus, lhes disse: Também eu tenho que vos fazer uma pergunta; se me responderdes a ela, então eu vos direi com que autoridade faço estas coisas.

25 Donde era o batismo de João? do Céu, ou dos homens? Mas êles faziam entre si êste discurso, dizendo:

26 Se nós lhe dissermos que do Céu, dir-nos-á êle: Pois por que não crestes nele? E se lhe dissermos que dos homens, tememos as gentes, porque todos tinham a João na conta dum profeta.

27 E respondendo a Jesus, disseram: Não o sabemos. Disse-lhes também êle: Pois nem eu vos digo com que poder faço estas coisas.

28 Mas que vos parece? Um homem tinha dois filhos e chegando ao primeiro lhe disse: Filho, vai hoje, trabalha na minha vinha.

29 E respondendo êle, lhe disse: Não quero. Mas depois tocado de arrependimento, foi.

(7) **OS PRÍNCIPES DOS SACERDOTES** — Os chefes de vinte e quatro famílias sacerdotais.

30 E chegando ao outro, lhe disse do mesmo modo. E respondendo, êle disse: Eu vou, Senhor, e não foi:

31 Qual dos dois fez a vontade do pai? Responderam êles: O primeiro. Jesus lhes disse: Na verdade vos digo, que os publicanos e as meretrizes vos levarão a dianteira para o reino de Deus.

32 Porque veio João a vós no caminho da justiça, e não o crestes, e os publicanos, e as prostitutas o crearam, e vós outros, vendo isto, nem ainda fizestes penitência depois, para o credes.

33 Ouvi outra parábola: Era um homem pai de família, que plantou uma vinha, e a cercou com uma sebe, e cavando fez nela um lagar, e edificou uma torre e depois a arrendou a uns lavradores, e ausentou-se para longe. (8)

34 E estando próximo o tempo dos frutos, enviou os seus servos aos lavradores, para receberem os seus frutos.

35 Mas os lavradores, lançando a mão aos servos dele, feriram um, mataram outro, e a outro apedrejaram.

36 Enviou ainda outros servos em maior número, do que os primeiros, e fizeram-lhes o mesmo.

(8) **QUE PLANTOU UMA VINHA** — Esta vinha significa o povo judaico. A sebe, a providência de Deus, que o protege por meio de seus anjos e profetas. O lugar é a lei, que pelo medo da pena estava pedindo dele frutos de justiça. A torre é o Templo, onde estavam as sentinelas, isto é, sacerdotes e doutores da Lei, para velarem sobre o povo. Os lavradores, os reis, os pontífices, e os sacerdotes. Os servos, os profetas que os judeus mataram. O Filho, Jesus Cristo. — Amelote.

Evangelho de S. Mateus 21, 37-45

37 E por último enviou-lhes seu filho, dizendo: Hãc de ter respeito a meu filho.

38 Porém os lavradores vendo o filho, disseram entre si: Este é o herdeiro, vinde, matemo-lo, e ficaremos senhores da sua herança.

39 E lançando-lhe as mãos, puseram-no fora da vinha e mataram-no.

40 Quando pois vier o senhor da vinha, que fará êle àqueles lavradores?

41 Responderam-lhe: Aos maus destruirá rigorosamente: E arrendará a sua vinha a outros lavradores que lhe paguem o fruto a seus tempos devidos.

42 Jesus lhes disse: Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que fôra rejeitada pelos que edificavam, essa tornou-se o vértice do ângulo? Pelo Senhor foi feito isto, e é coisa maravilhosa nos nossos olhos: (9)

43 Por isso é que eu vos declaro, que tirado vos será o reino de Deus, e será dado a um povo que faça os frutos dêle.

44 O que cair sôbre esta pedra far-se-á em pedaços: E aquêle sôbre que esta pedra cair, ficará esmagado.

45 E os príncipes dos sacerdotes, e os fariseus, depois de ouvirem as suas parábolas, conheceram que dêles é que falava Jesus.

(9) **ESSA TORNOU-SE** — Esta pedra, que fechou o canto, é Jesus Cristo, que unindo as duas paredes do edificio espiritual, a Sinagoga com a Igreja, os judeus com os gentios, se constitui principal fundamento da nova religião que fundava. — S. Agostinho.

46 E quando procuravam prendê-lo, tiveram medo do povo, porque este o tinha na estimação de um profeta.

CAPÍTULO 22

PARÁBOLA DO FESTIM DAS BODAS. O QUE NÃO TROUXE VESTIDO NUPCIAL, É EXPULSO, E LANÇADO EM TREVAS. DEVE-SE PAGAR O TRIBUTO A CÉSAR. OS SADUCEUS CONFUNDIDOS. O PRECEITO MÁXIMO É O DE AMAR A DEUS DE TODO O CORAÇÃO. DAVI SENDO PAI DO MESSIAS, CHAMA A ESTE SEU SENHOR.

1 E respondendo Jesus, lhes tornou a falar segunda vez em parábolas, dizendo:

2 O reino dos Céus é semelhante a um homem rei, que fez as bodas a seu filho.

3 E mandou os seus servos a chamar os convidados para as bodas, mas eles recusaram ir.

4 Enviou de novo outros servos, com este recado: Dizei aos convidados: Eis aqui tenho preparado o meu banquete, os meus touros, e os animais cevados estão já mortos, e tudo pronto, vinde às bodas.

5 Mas eles desprezaram o convite: E se foram, um para a sua casa de campo, e outro para o seu tráfico:

6 Outros porém lançaram mão dos servos que elle enviara, e depois de os haverem ultrajado, os mataram.

7 Mas o rei tendo ouvido isto, se irou: E tendo feito marchar os seus exércitos, acabou com aqueles homicidas, e pôs fogo à sua cidade. (1)

(1) **E TENDO FEITO MARCHAR OS SEUS EXERCITOS** — Alude em profecia ao sítio e destruição de Jerusalém em tempo de Vespasiano e de Tito, quarenta anos depois. — Duhamel.

8 Então disse aos seus servos: As bodas com efeito estão preparadas, mas os que estavam convidados não foram dignos de se acharem no banquete:

9 Ide pois às saídas das ruas, e a quantos achardes, convidai-os para as bodas. (2)

10 E tendo saído os seus servos pelas ruas, congregaram todos os que acharam, maus e bons: E ficou cheia de convidados a sala do banquete das bodas. (3)

11 Entrou depois o rei para ver os que estavam à mesa, e viu ali um homem que não estava vestido com veste nupcial. (4)

12 E disse-lhe: Amigo, como entraste aqui, não tendo vestido nupcial? Mas êle emudeceu.

13 Então disse o rei aos seus ministros: Atai-o de pés e mãos, e lançai-o nas trevas exteriores: Aí haverá chôro e ranger dos dentes. (5)

(2) **IDE POIS AS SAIDAS DAS RUAS** — Estas ruas, ou estradas, e estas saídas representam os diferentes extravios, por onde as nações haviam andado, desde que começaram a apartar-se do direito, negando-se a admitir a verdade, e "corrompendo cada um o seu caminho", Gên 6, 12. Todos os povos, sem distinção alguma, foram convidados à fé de Jesus Cristo ao banquete das suas bodas pela pregação do Evangelho, que se publicou, e anunciou até às extremidades da terra.

(3) **E FICOU CHEIA DE CONVIDADOS** — E a Igreja, figurada nesta sala, se encheu de um grande número de povos e nações, que ocuparam o lugar dos judeus; "cujo pecado", como diz S. Paulo, Rom 9, 12, passou a ser cousa de salvação para os gentios.

(4) **COM VESTE NUPCIAL** — Este homem representa os maus cristãos, que não tiveram cuidado de se vestir das obras da justiça, e da caridade, que são os frutos da fé, e por isso se perderam — Sacy.

(5) **NAS TREVAS EXTERIORES** — Que consistem em uma inteira privação da luz de Deus, como a dos condenados. — Sacy.

14 Porque são muitos os chamados e poucos os escolhidos.

15 Então retirando-se os fariseus, consultaram entre si como o surpreenderiam no que falasse.

16 E enviaram-lhe seus discípulos juntamente com os herodianos, que lhe disseram: Mestre, nós sabemos que és verdadeiro, e que ensinas o caminho de Deus pela verdade, e não se te dá de ninguém: Porque não fazes acepção de pessoas: (6)

17 Dize-nos pois qual é o teu sentimento: E' lícito dar o tributo a Cesar, ou não? (7)

18 Porém Jesus conhecendo a sua malícia, disse-lhes: Por que me tentais, hipócritas?

19 Mostrai-me cá a moeda do censo. E elles lhe apresentaram um dinheiro.

20 E Jesus lhes disse: De quem é esta imagem e inscrição?

21 Responderam-lhe elles: De Cesar. Então lhes disse Jesus: Pois dai a Cesar o que é de Cesar, e a Deus o que é de Deus.

(6) **HERODIANOS** — Uns entendem que eram os membros duma seita, outros os partidários e familiares de Herodes Antipas. Parece porém que constituíam um partido político, que considerava a família de Herodes como o melhor esteio dos judeus contra a absorção total do seu país no império romano, e que procurava aliar o judaísmo com o paganismo, não se importando com a estrita observância da lei mosaica.

(7) **É LÍCITO** — Desde o tempo de Pompeu eram obrigados os judeus a pagar o tributo de duas dracmas aos imperadores romanos, que por isso costumavam bater moeda ou do valor do tributo ou de uma metade. E este tributo era muito diverso do outro que os judeus pagavam para as obras do templo, como ouvi-

Evangelho de S. Mateus 22, 22-31

22 E quando isto ouviram se admiraram, e deixando-o se retiraram.

23 Naquele dia vieram a êle os saduceus, que dizem não haver ressurreição: E lhe fizeram esta pergunta,

24 dizendo: Mestre, Moisés disse: Que se morrer algum que não tenha filho, seu irmão se case com sua mulher, e dê sucessão a seu irmão.

25 Ora entre nós havia sete irmãos: Depois de casado faleceu o primeiro: E porque não teve filho, deixou sua mulher a seu irmão.

26 O mesmo succedeu ao segundo, ao terceiro, até ao sétimo.

27 E últimamente, depois de todos, faleceu também a mulher.

28 A qual dos sete logo pertencerá a mulher na ressurreição? porque todos foram casados com ela.

29 E respondendo Jesus, lhes disse: Errais não sabendo as Escrituras, nem o poder de Deus.

30 Porque depois da ressurreição, nem as mulheres terão maridos, nem os maridos mulheres: Mas serão como os Anjos de Deus no Céu.

31 E sôbre a ressurreição dos mortos, vós não tendes lido o que Deus disse, falando convosco:

mos no cap. 17, vers. 23. Porque o do cap. 17, era instituido por Moisés a favor do templo, não o pagavam senão os que tivessem vinte e cinco anos. Este porém do cap. 22, era imposto pelos romanos: e segundo escreve Ulpiano na lei 3, *De Censibus*, pagavam-no todos os varões de quatorze anos, e todas as fêmeas de doze para cima.

32 Eu sou o Deus de Abraão, e o Deus de Isaac, e o Deus de Jacó? ora Deus não o é de mortos, mas de vivos. (8)

33 E a gente do povo ouvindo isto, estava admirada da sua doutrina.

34 Mas os fariseus, quando ouviram que Jesus tinha feito calar a bôca aos saduceus, se ajuntaram em conselho:

35 E um dêles, que era doutor da lei, tentando-o, lhe perguntou:

36 Mestre, qual é o grande mandamento da lei?

37 Jesus lhe disse: *Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de tôda a tua alma, e de todo o teu entendimento,*

38 Êste é o máximo, e o primeiro mandamento.

39 E o segundo semelhante a êste é: *Amarás a teu próximo, como a ti mesmo.*

40 Dêstes dois mandamentos depende toda a lei e os profetas.

41 E estando juntos os fariseus, lhes fez Jesus esta pergunta,

(8) **ORA DEUS NÃO O É DE MORTOS** — Argumento dos que os filósofos chamam *ad hominem* tirado do testemunho do Êxodo. Como se Cristo dissera: Se não há espírito, nem alma imortal, como vós dizels; nem por consequência ressurreição, como podia Deus, falando com Moises muito anos depois da morte de Abraão, Isaac, e Jacó, chamar-se Deus deles? Logo êle se chama seu Deus, é isto prova de que ainda depois de mortos viviam aqueles Patriarcas. Porque Deus não é Deus do que não há, ou do que não existe. Logo é falso que as almas morrem com os corpos. — Sacy.

42 dizendo: Que vos parece a vós do Cristo? de quem é êle filho? Responderam-lhe: De Davi. (9)

43 Jesus lhes replicou: Pois como lhe chama Davi em espírito, Senhor, dizendo: (10)

44 Disse o Senhor ao meu Senhor, senta-te à minha mão direita até que eu reduza os teus inimigos a servirem de escabelo a teus pés? (11)

45 Se pois Davi o chama o seu Senhor, como é êle seu filho?

46 E não houve quem lhe pudesse responder uma só palavra: E daquele dia em diante ninguém mais ousou fazer-lhe perguntas.

CAPÍTULO 23

DEVEM-SE CRER, MAS NÃO IMITAR OS MAUS PASTORES. FAZ JESUS CRISTO UMA LARGA E FORTE INVECTIVA CONTRA OS VÍCIOS DOS FARISEUS. EM PERSEGUIREM A JESUS CRISTO, IMITAM ÊLES A PERVERSIDADE DE SEUS MAIORES. O TEMPLO VIRÁ A FICAR DESERTO.

1 Então falou Jesus às turbas, e aos seus discípulos,

2 dizendo: Sôbre a cadeira de Moisés se assentaram os escribas, e os fariseus. (1)

(9) **DE DAVI** — Isto é: descendente de Davi.

(10) **EM ESPÍRITO** — Isto é, falando pelo Espírito de Deus.

(11) **A SERVIREM DE ESCABELO** — Estas palavras são do Salmo 109. Os vencedores tinham o costume de pôr os seus pés no colo dos vencidos em sinal de triunfo, de modo que esta expressão corresponde a submetê-los sob o seu poder.

(1) **SÔBRE A CADEIRA** — Isto é: em razão da sua dignidade, tem legítima autoridade para ensinar e para interpretar a lei. Os doutores chamam em pé a lei, ou os profetas, e se assentavam quando

3 Observai pois, e fazei tudo quanto êles vos disserem: Porém não obreis segundo a prática das suas ações: Porque dizem, e não fazem.

4 Porque atam cargas pesadas, e inoportaveis, e as põem sôbre os ombros dos homens: Mas nem com seu dedo as querem mover. (2)

5 E fazem tôdas as suas obras, para serem vistos dos homens: Por isso trazem as suas largas tiras de pergaminho, e grandes franjas. (3)

— os explicavam ao povo. Chama-se cadeira de Moisés, porque estava destinada para nela se ensinar a lei de Moisés.

(2) **ATAM CARGAS PESADAS** — Quer dizer, que os fariseus usando com os outros de um rigor excessivo, obrigavam os homens de observar uma infinidade de tradições onerosíssimas; ao mesmo tempo que êles praticando consigo mesmos uma delicadeza, que custava a entender, de tudo se eximiam. — Sacy. Dêste parecer eram os jansenistas.

(3) **LARGAS TIRAS DE PERGAMINHO** — Isto significa o nome grego *phylaterio*, que a Vulgata conservou. Porque mandando Deus no Dt 6, 8, que trouxessem os judeus a sua lei sempre diante dos olhos, e nas mãos, para significar com isto que se não deviam nunca esquecer dela, antes sim estimá-la, como um preciosíssimo ornamento, os fariseus, que eram como os teólogos daquela nação, e cuja seita se tinha introduzido entre êles muito depois da morte dos santos macabeus, começaram a interpretar à letra as palavras da lei, e a persuadir com o seu exemplo, aos nacionais, que trouxessem cingidas na cabeça, e nos braços, umas tiras de pergaminho, em que se llam escritos vários lugares da mesma lei. E para se inculcarem a si mesmos por mais perfeitos observadores da lei, traziam os fariseus estas tiras muito largas, e até procuravam persuadir o povo ignorante, serem estas tiras escritas um grande amuleto, ou defensivo contra as doenças e malefícios. — Calmet.

E GRANDES FRANJAS — Eram estas franjas um ornato ordinário dos vestidos entre os judeus, do qual nem o mesmo Cristo se absteve de usar, segundo o que geralmente ordenara Moisés no livro dos Núm 15, 38. Eram de linho ou de lã azul, e punham-se nos quatro cantos das capas — Calmet.

Evangelho de S. Mateus 23, 6-10

6 E gostam de ter nos banquetes os primeiros lugares, e nas sinagogas as primeiras cadeiras. (4)

7 E que os saúdem na praça, e que os homens os chamem mestres.

8 Mas vós não queirais ser chamados mestres: Porque um só é vosso Mestre, e vós todos sois irmãos.

9 E a ninguém chameis pai vosso sobre a terra: Porque um só é o vosso Pai, que está nos Céus.

10 Nem vos intituleis mestres: Porque um só é vosso Mestre, o Cristo.

(4) **NAS SINAGOGAS** — As sinagogas generalizaram-se no tempo de Esdras, tornando-se muito numerosas na Palestina; o Talmude pretende que no primeiro ano da era cristã existiam quatrocentas e oitenta na cidade de Jerusalém. Gratz, *Geschichte der Juden*, 1.º, 3, p. 391. Espalhando-se os judeus espalharam-se também por todo o Império Romano as sinagogas, Neubaer, *Studia Biblica*, 885, p. 63. A sinagoga tinha uma forma retangular, de diversas dimensões. O pavimento era de mármore ou de pedra; entravam por uma das extremidades do retângulo, na oposta estava colocado num cofre um exemplar da lei, escrito em pergaminho finíssimo, coberto com uma custosa tapeçaria. Entre o cofre e a parede sentavam-se os anciãos nas chamadas primeiras cadeiras, a que se refere aqui o Evangelista e que eram os lugares de honra. Em frente deles estavam os assistentes, dum lado os homens, doutro as mulheres. A meio da sala havia uma cadeira, onde se explicava a lei e se comentavam os profetas. A expedição inglesa que nestes últimos anos explorou cientificamente a Palestina, descobriu, especialmente na Galiléia, as ruínas de muitas sinagogas. A mais notável é a de Kcp Birim, coeva de Jesus Cristo, cujas ruínas são as mais importantes, pois estão muito bem conservadas. *The Survey of western Palestine Memoirs Galilee* 1.º 1. Londres, 1881. As sinagogas da Galiléia ofereciam uma particularidade notável e curiosa: tinham colunas formando duas, três e quatro naves. Estas colunas eram pouco elevadas, muito juntas e os seus capiteis coríntios ou jônicos. A luz vinha das janelas abertas na fachada e na face posterior, e algumas vezes nas paredes laterais. No exterior tinham ornatos diversos, símbolos e alusões a passagens dos Livros Santos, e um texto da sagrada Escritura, como se vê nos destroços que chegaram até nós e que os viajantes e arqueó-

11 O que de entre vós é o maior, será o vosso servo.

12 Porque aquele que se exaltar, será humilhado:
E o que se humilhar, será exaltado.

13 Mas ai de vós, escribas, e fariseus hipócritas:
Que fechais o reino dos Céus diante dos homens: Pois
nem vós entraís, nem aos que entrariam deixais entrar.

14 Ai de vós, escribas, e fariseus hipócritas: Por-
que devorais as casas das viúvas, fazendo largas orações:
Por isto levareis um juízo mais rigoroso.

15 Ai de vós, escribas, e fariseus hipócritas: Por-
que rodeais o mar e a terra por fazerdes um prosélito: E
depois de o terdes feito, o fazeis em dôbro mais digno do
inferno do que vós. (5)

16 Ai de vós, condutores cegos, que dizeis: Todo o
que jurar pelo Templo, isso não é nada: Mas o que jurar
pelo ouro do Templo, fica obrigado ao que jurou.

17 Estultos, e cegos: Pois qual é mais: o ouro ou o
Templo que santifica o ouro?

logos têm cuidadosamente recolhido e estudado. Os judeus cha-
mavam às sinagogas — *bet hak-kenesset*, a casa das reuniões.
Junto à sinagoga havia em algumas uma casa de estudo, *het han*
midras, distante da primeira, onde se reuniam e discutiam os
intérpretes. Foi nestas casas de estudo que discutiam S. Estevão e
S. Paulo, Cfr. Fonard, *La vie de N. S. Jesus Christ*, 1880, p. 22.

(5) **O FAZEIS EM DÔBRO** — Porque os fariseus com o seu
mau exemplo, e perniciosas tradições, corrompiam a pureza da
lei, e eram causas de que estes novos convertidos, ou voltassem de
novo à idolatria, ou, se permaneciam na religião judaica, fôsem
mais corrompidos que os mesmos fariseus. Porque um discípulo
que tem um mau mestre, sai pior que o seu mesmo mestre — S.
João Crisóstomo.

Evangelho de S. Mateus 23, 18-24

18 E todo o que jurar pelo Altar, isso não é nada; mas qualquer que jurar pela oferenda, que está sobre êle, está obrigado ao que jurou.

19 Cegos: pois qual é mais, a oferenda ou o Altar, que santifica a oferenda?

20 Aquele pois que jura pelo Altar, jura por êle, e por tudo quanto sobre êle está:

21 E todo o que jurar pelo Templo, jura por êle, e pelo que habita nele:

22 E o que jura pelo Céu, jura pelo trono de Deus e por aquele que está sentado nele.

23 Ai de vós, escribas, e fariseus hipócritas, que pagais o dízimo da hortelã, e do endro, e do cominho, e haveis deixado as coisas, que são mais importantes da lei, a justiça, e a misericórdia, e a fé; estas coisas eram as que vós devíeis praticar, sem que entretanto omitissem as outras. (6)

24 Condutores cegos, que coais um mosquito, e engulis um camelo. (7)

(6) **QUE PAGAI O DÍZIMO** — Eram mui exatos em pagar o dízimo de todas estas ervas, e coisas de pouco valor, ao mesmo tempo que não faziam caso do que havia mais importante na lei de Deus. S. Jerônimo translada este lugar de outro modo mui diferente, porque diz, não que pagavam, senão que exigiam com o maior rigor o dízimo, ainda das coisas mais desprezíveis, por um efeito de avareza, e por relação aos seus próprios interesses, pondo de parte a lei de Deus, de que cuidavam mui pouco. E isto é propriamente decimatis, exigit os dízimos.

(7) **QUE COAIS UM MOSQUITO** — Provérbio contra os que nas coisas mínimas são mui escrupulosos, e ao mesmo tempo nas grandes são relaxadíssimos. — Amelote.

25 Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque limpais o que está por fora do copo, e do prato, e por dentro estais cheios de rapinas e imundícies.

26 Fariseu cego, purifica primeiro o interior do copo e do prato, para que também o exterior fique limpo.

27 Ai de vós, escribas, e fariseus hipócritas: Porque sois semelhantes aos sepulcros branqueados, que parecem por fora formosos aos homens, e por dentro estão cheios de ossos de mortos, e de toda a asquerosidade:

28 Assim também vós outros por fora vos mostrais na verdade justos aos homens: Mas por dentro estais cheios de hipocrisia, e iniquidade.

29 Ai de vós, escribas, e fariseus hipócritas, que edificais os sepulcros dos profetas, e adornais os monumentos dos justos,

30 e dizeis: Se nós houvérámos vivido nos dias de nossos pais, não teríamos sido seus companheiros no sangue dos profetas. (8)

31 E assim dais testemunho contra vós mesmos, de que sois filhos daqueles que mataram os profetas.

32 Acabai vós pois de encher a medida de vossos pais.

(8) **NO SANGUE DOS PROFETAS** — Como se lhes dissera: Ai de vós outros desgraçados! pois quando fazels ostentação destes sepulcros, que levantaiis aos profetas, e vos ilsonjeais de que se tivésseis vivido nos dias de vossos pais, não teriels tido parte no delicto, que cometeram, tirando-lhes a vida; dais claramente a entender, que sois dignos filhos de tais pais, posto que no fundo não sois melhores do que elles, havendo concebido já no vosso co-ração o desígnio do mais enorme delicto, que se executou, e se executará em todos os séculos, que é o Deicidio.

33 Serpentes, raça de víboras, como escapareis vós de serdes condenados ao inferno?

34 Por isso eis aqui estou eu que vos envio profetas, e sábios, e escribas, e dêles matareis, e crucificareis a uns, e deles açoutareis a outros nas vossas sinagogas, e os perseguireis, de cidade em cidade.

35 Para que venha sôbre vós todo o sangue dos justos, que se tem derramado sôbre a terra, desde o sangue do justo Abel, até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, a quem vós destes a morte entre o Templo e o Altar. (9)

36 Em verdade vos digo, que tôdás estas coisas virão a cair sôbre esta geração.

37 Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas, e apedrejas os que te são enviados, quantas vezes quis eu ajuntar teus filhos, do modo que uma galinha recolhe debaixo das asas os seus pintos, e tu o não quiseste? (10)

38 Eis aí vos ficará deserta a vossa casa.

39 Porque eu vos declaro que desde agora não me tornareis a ver até que digais: Bendito seja o que vem em nome do Senhor.

(9) **A QUEM VÓS DESTES A MORTE** — S. Jerônimo diz que era o Santo Sacerdote, filho do pontífice Jojada, por outro nome Baraquias. Animado do espirito de Deus, repreendeu com grande zelo aos israelitas, da abominação e idolatria que cometiam, e por isso o mataram às pedradas, entre o altar dos holocaustos, e o templo. Outros se persuadem, que é vaticínio da morte de Zacarias, filho de Baruc, antes que os romanos tomassem Jerusalém.

(10) **RECOLHE DEBAIXO DAS ASAS** — Com esta comparação declara o Senhor a ternura do amor, com que tantas vezes os havia chamado, e abrigado, e a sua ingratidão, e desconhecimento, depois de tão grande cuidado, e paternal afeto. — Santo Hilário.

CAPÍTULO 24

PREDIZ JESUS CRISTO A RUÍNA DO TEMPLO. MANDA-NOS RESGUARDAR DOS PROFETAS FALSOS. FENÓMENOS ESPANTOSOS, QUE HÃO DE PRECEDER A SUA VINDA. O BOM SERVO ESTÁ SEMPRE VIGILANTE AO QUE SEU SENHOR QUERERÁ DELE. DEVEMOS ESTAR PRONTOS PARA O TEMPO EM QUE O SENHOR VIER.

1 E tendo saído Jesus do Templo, se ia retirando. E chegaram a êle os seus discípulos, para lhe mostrarem a fábrica do Templo.

2 Mas êle respondendo, lhes disse: Vêdes tudo isto? Na verdade vos digo, que não ficará aqui pedra sobre pedra, que não seja derribada.

3 E estando êle assentado no monte das Oliveiras, se chegaram a êle seus discípulos à puridade, perguntando-lhe: Dize-nos, quando sucederão estas coisas? E que sinal haverá da tua vinda, e da consumação do século?

4 E respondendo Jesus, lhes disse: Vêde, não vos engane alguém.

5 Porque virão muitos em meu nome, dizendo: Eu sou Cristo: E enganarão a muitos.

6 Haveis pois de ouvir guerras, e rumores de guerras. Olhai não vos turbeis: Porque importa que assim aconteça, mas não é êste ainda o fim:

A Deus não convém a vontade imperfeita de simples desejo, pois o seu decreto é imutável, e sem a menor opposição, Is 46, 10; Rom 9, 19; assim que isto se há de entender dos meios externos, de que se valeu para os atrair: as suas exortações, doutrina, milagres, etc., a que êles, por efeito da sua depravada e rebelde vontade, e por um oculto juízo, e permissão de Deus; voluntariamente fecharam os olhos. — **Pereira.**

Evangelho de S. Mateus 24, 7-15

7 Porque se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e haverá pestilência, e fomes, e terremotos em diversos lugares:

8 E todas estas coisas são princípios das dores.

9 Então vos entregarão à tribulação, e vos matarão: E sereis aborrecidos de tôdas as gentes por causa do meu nome.

10 E muitos então serão escandalizados, e se entregarão de parte a parte, e se aborrecerão uns aos outros.

11 E levantar-se-ão muitos falsos profetas, e enganarão a muitos. (1)

12 E porquanto multiplicar-se-á a iniquidade, e se resfriará a caridade de muitos:

13 Mas o que perseverar até o fim, êsse será salvo.

14 E será pregado êste Evangelho do reino por todo o mundo, em testemunho a tôdas as gentes: E então chegará o fim.

15 Quando vós pois virdes que a abominação da desolação, que foi predita pelo profeta Daniel, reinando no lugar santo: (o que lê, entenda). (2)

(1) **FALSOS PROFETAS** — Os primeiros escritores eclesiásticos viram estes falsos profetas nos pseudo messias, Teudas, Barcochebas, Simão, o Magico, Cerinto, etc. Notam os exegetas que nesta profecia se misturam os acontecimentos que se deviam cumprir na ruína de Jerusalém e no fim do mundo.

(2) **ABOMINAÇÃO DA DESOLAÇÃO** — É a profanação da cidade santa pelos romanos, quando êstes aí penetraram levando os seus ídolos, profanando o templo, devastando, violando, saqueando e incendiando.

LUGAR SANTO — É o templo, cuja profanação e destruição Jesus Cristo profetizou.

16 Então os que se acham em Judéia, fujam para os montes:

17 E o que se acha no telhado, não desça a levar coisa alguma de sua casa:

18 E o que se acha no campo, não volte a tomar a sua túnica.

19 Mas ai das que estiverem pejadas, e das que criarem naqueles dias. (3)

20 Rogai pois que não seja a vossa fuga em tempo de inverno, ou em dia de sábado: (4)

21 Porque será então a aflição tão grande que, desde que ha mundo até agora, não houve nem haverá outra semelhante. (5)

22 E se não se abreviassem aqueles dias, não se salvaria pessoa alguma: Porém abreviar-se-ão aqueles dias em atenção aos escolhidos.

23 Então se alguém vos disser: Olhai, aqui está o Cristo, ou ei-lo acolá: Não lhe deis crédito.

(3) **AI DAS QUE ESTIVEREM PEJADAS** — Porque lhes será muito custoso o fugir.

(4) **EM TEMPO DE INVERNO** — Quando os maus caminhos retardam muito os passos.

OU EM DIA DE SÁBADO — No qual, segundo a lei, não era lícito caminhar mais do que uma légua. — Amelote.

(5) **A AFLIÇÃO TÃO GRANDE** — A história profana registra os horrores da tomada de Jerusalém. Todas as profecias de Jesus se cumpriram à letra, e o povo deicida pagou bem caro com a ruína total da sua terra, da qual era tão cioso, o seu crime.

24 Porque se levantarão falsos Cristos, e falsos profetas: Que farão grandes prodígios, e maravilhas tais, que (se fôra possível) até os escolhidos se enganariam.

25 Vêde que eu vo-lo adverti antes.

26 Se pois vos disserem: Ei-lo lá está no deserto, não saiais: Ei-lo cá mais retirado da casa, não lhes deis crédito.

27 Porque de modo que um relâmpago sai do Oriente, e se mostra até o Ocidente: Assim ha de ser também a vinda do Filho do homem.

28 Em qualquer lugar em que estiver o corpo, aí se hão de ajuntar também as águias. (6)

29 E logo depois da aflição daqueles dias, escurecer-se-á o sol, e a lua não dará a sua claridade, e as estrêlas cairão do Céu, e as virtudes dos Céus se comoverão: (7)

30 E então aparecerá o sinal do Filho do homem no Céu: E então todos os povos da terra chorarão: E verão

(6) **EM QUALQUER LUGAR EM QUE ESTIVER O CORPO** — Era um provérbio vulgar entre os hebreus: a palavra *corpo* tomase na acepção do cadáver. Pelo que respeita às águias também alguns intérpretes querem ver uma alusão às aguias romanas. É sabido que Herodes tinha mandado colocar uma águia sobre o pórtico do Templo, para lisonjear Augusto, o que indignou os judeus, que a apearam e quebraram, o que custou a vida a quarenta judeus, que foram queimados vivos. Grupo A. 17, 6, 4.º

(7) **E AS VIRTUDES DOS CÉUS SE COMOVERÃO** — Santo Ambrósio e S. João Crisóstomo o entendem dos anjos, a quem a majestade do juízo encherá de espanto e de temor. Santo Agostinho, na carta já outra vez citada a Hesíquio, o entende dos justos; dos quais, a força das perseguições e tribulações, fará cair a uns, e vacilar a outros.

ao Filho do homem, que virá sôbre as nuvens do Céu com grande poder, e majestade. (8)

31 E enviará os seus anjos com trombetas, e com grande voz: E ajuntarão os seus escolhidos desde os quatro ventos, do mais remontado dos Céus até às extremidades dêles. (9)

32 Aprendei pois o que vos digo, por uma comparação tirada da figueira: Quando os seus ramos estão já tenros, e as folhas têm brotado, sabeis que está perto o estio:

33 Assim também quando vós virdes tudo isto, sabeí que está perto, às portas.

34 Na verdade vos digo, que não passará esta geração sem que se cumpram tôdas estas coisas. (10)

35 Passará o Céu, e a terra, mas não passarão as minhas palavras.

36 Mas daquele dia, nem daquela hora, ninguém sabe, nem os anjos dos Céus, senão só o Padre.

(8) **O SINAL DO FILHO DO HOMEM** — Isto é, a Cruz do Salvador, que nesta ocasião aparecerá resplandecente como um astro. — S. Jerônimo.

(9) **COM TROMBETAS** — Que por meio de uma voz espantosa, semelhante ao ruído de uma trombeta, farão comparecer em um momento a todos os homens diante do trono da Majestade dêste Juiz Soberano, para ouvir, à vista de todos os santos, e de todos os anjos, a sentença que corresponda às obras, e méritos de cada um. Pelo som da trombeta pode entender-se também a suprema Majestade do Juiz, e a irresistível força da sua palavra, com que pronunciará a sentença.

(10) **QUE NÃO PASSARÁ ESTA GERAÇÃO, DOS JUDEUS** — Mas que se perpetuará de família em família até ao fim do Mundo, devendo converter-se então um grande número dêles, conforme a piedosa crença da Igreja. — S. João Crisóstomo.

Evangelho de S. Mateus 24, 37-47

37 E assim como foi nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do homem.

38 Porque assim como nos dias antes do dilúvio estavam comendo e bebendo, casando-se e dando-se em casamento, até ao dia que Noé entrou na arca,

39 e não o entenderam enquanto não veio o dilúvio e os levou a todos: Assim será também a vinda do Filho do homem.

40 Então de dois que estiverem no campo: Um será tomado, e outro será deixado.

41 De duas mulheres que estiverem moendo em um moinho: Uma será tomada, e outra será deixada.

42 Velai pois, porque não sabeis a que hora ha de vir vosso Senhor.

43 Mas sabeis que se o pai de família soubesse a que hora havia de vir o ladrão, vigiaria sem dúvida, e não deixaria minar a sua casa.

44 Por isso estai vós também preparados: Porque não sabeis em que hora tem de vir o Filho do homem.

45 Quem crês que é o servo fiel, e prudente, a quem seu Senhor pôs sobre a sua família, para que lhes dê de comer a tempo?

46 Bem-aventurado aquele servo, a quem seu Senhor achar nisto ocupado quando vier.

47 Na verdade vos digo, que ele o constituirá administrador de todos os seus bens. (11)

(11) **O CONSTITUIRÁ ADMINISTRADOR DE TODOS OS SEUS BENS** — O levará à sua glória, que é a suma de todos os bens, em recompensa da sua prudente fidelidade.

48 Mas se aquele servo sendo mau disser no seu coração: Meu Senhor tarda em vir: (12)

49 E começar a maltratar aos seus companheiros, a comer, e beber com os que se embriagam:

50 Virá o Senhor daquele servo no dia em que êle o não espera, e na hora em que êle não sabe:

51 E removê-lo-á, e porá a sua parte com os hipócritas: Ali haverá choro, e ranger de dentes.

CAPÍTULO 25

A PARÁBOLA DAS DEZ VIRGENS. A OUTRA DOS TALENTOS REPARTIDOS. CADA UM SERÁ RECOMPENSADO SEGUNDO OS SEUS MERECIMENTOS. JESUS CRISTO RECONHECERÁ COMO FEITO A ELE, O QUE SE FIZER AOS SEUS.

1 Então será semelhante o reino dos Céus a dez virgens: Que tomando as suas lâmpadas, saíram a receber o espôso e a espôsa. (1)

2 Mas cinco de entre elas eram loucas, e cinco prudentes.

3 As cinco porém que eram loucas, tomando as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo:

(12) **MEU SENHOR TARDA EM VIR** — Representa este mau servo a um pecador, que abusando da paciência de Deus, que o espera, e sofre um dia, e outro dia, toma ocasião desta mesma paciência, e sofrimento, para cometer novos pecados, e para cair em maiores e mais abomináveis excessos.

(1) **A DEZ VIRGENS** — Este completo número compreende todos os fiéis cristãos, que se comparam às Virgens, por causa da pureza da sua fé, e da profissão que fazem de se abster de todos os deleites profanos. O espôso é Jesus Cristo; a espôsa a Igreja.

4 Mas as prudentes levaram azeite nas suas vasilhas juntamente com as lâmpadas. (2)

5 E tardando o espôso, começaram a tosquenejar tôdas, e assim vieram a dormir. (3)

6 Quando à meia-noite se ouviu gritar: Eis aí vem o espôso, sai a recebê-lo.

7 Então se levantaram tôdas aquelas virgens, e prepararam as suas lâmpadas.

8 E disseram as fátuas às prudentes: Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas se apagam.

9 Responderam as prudentes, dizendo: Para que não suceda talvez faltar-nos êle a nós, e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai o que haveis mister.

10 E enquanto elas foram a comprá-lo, veio o espôso, e as que estavam apercebidas entraram com êle a celebrar as bodas, e fechou-se a porta. (4)

11 E por fim vieram também as outras virgens, dizendo: Senhor, Senhor, abre-nos.

(2) **AZEITE** — Este azeite é a caridade que faz luzir, e que nutre a fé, para obrarmos bem.

(3) **E TARDANDO O ESPÔSO** — Esta tardança do espôso significa, segundo os santos Padres, o tempo que passara desde a primeira vinda do Filho de Deus até à segunda.

(4) **E ENQUANTO ELAS FORAM** — S. Jerônimo o explica, dizendo: que depois do dia do juízo, está fechada a porta, e não fica lugar para as boas obras e justiça. Pelo nome de lâmpada se entende a Fé, e pelo de óleo a Caridade. — Bossuet.

A CELEBRAR AS BODAS — Entraram no banquete, e gôzo do Céu. O fim porém desta parábola é mostrar a necessidade que todos têm de trabalhar, cada um segundo o seu talento, e segundo o seu emprêgo. — Sacy.

12 Mas êle respondendo, lhes disse: Na verdade vos digo, que vos não conheço.

13 Vigiai pois, porque não sabeis o dia, nem a hora.

14 Porque assim é como um homem que, ao ausentar-se para longe, chamou aos seus servos, e lhes entregou os seus bens.

15 E deu a um cinto talentos, e a outro dois, e a outro deu um, a cada um segundo a sua capacidade, e partiu logo. (5)

16 O que recebera pois cinco talentos, foi-se e entrou a negociar com êles, e ganhou outros cinco.

17 Da mesma sorte também o que recebera dois, ganhou outros dois.

18 Mas o que havia recebido um, indo-se com êle cavou na terra, e escondeu ali o dinheiro de seu senhor.

19 E passando muito tempo veio o Senhor daqueles servos, e chamou-os a contas.

20 E chegando-se a êle o que havia recebido os cinco talentos, apresentou-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, tu me entregaste cinco talentos, eis aqui tens outros cinco mais que lucrei.

21 Seu senhor lhe disse: Muito bem, servo bom, e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-ei a intendência das grandes; entra no gozo de teu Senhor.

(5) **TALENTOS** — Cada talento valia quase dez tostões.

SEGUNDO A SUA CAPACIDADE — Segundo a medida da fé, e da graça, que cada um haja recebido; porque Deus não nos manda coisas impossíveis, nem nos põe uma carga que não possamos levar, ajudados da sua graça.

Evangelho de S. Mateus 25, 22-31

22 Da mesma sorte apresentou-se também o que havia recebido dois talentos, e disse: Senhor, tu me entregaste dois talentos, eis aqui outros dois, que ganhei com êles.

23 Seu Senhor lhe disse: Bem está, servo bom, e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-ei a intendência das grandes; entra no gozo de teu senhor.

24 E chegando também o que havia recebido um talento, disse: Senhor, sei que és um homem de rija condição, segas onde não semeaste, e recolhes onde não espalhaste:

25 E temendo me fui, e escondi o teu talento na terra: Eis aqui tens o que é teu.

26 E respondendo seu Senhor, lhe disse: Servo mau, e preguiçoso, sabias que sego onde não semeio, e que recolho onde não tenho espalhado:

27 Devias logo dar o meu dinheiro aos banqueiros, e vindo eu teria recebido certamente com juro o que era meu.

28 Tirai-lhe pois o talento, e dai-o ao que tem dez talentos.

29 Porque a todo o que já tem, dar-se-lhe-á, e terá em abundância: E ao que não tem, tirar-se-lhe-á até o que parece que tem.

30 E ao servo inútil lançai-o nas trevas exteriores: Ali haverá choro, e ranger de dentes.

31 Mas quando vier o Filho do homem na sua majestade, e todos os anjos com êle, então se assentará sobre o trono da sua majestade:

32 E serão tôdas as gentes congregadas diante dê-le, e separará uns dos outros, como o pastor aparta dos cabritos as ovelhas:

33 E assim porá as ovelhas à direita, e os cabritos à esquerda.

34 Então dirá o rei aos que hão de estar à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí o reino que vos está preparado desde o princípio do mundo:

35 Porque tive fome, e destes-me de comer: Tive sêde, e destes-me de beber: Era hóspede, e recolhestes-me:

36 Estava nu, e cobristes-me: Estava enfermo, e visitastes-me: Estava no cárcere, e viestes ver-me.

37 Então lhe responderão os justos, dizendo: Senhor, quando é que nós te vimos faminto, e te demos de comer: Ou sequioso, e te demos de beber?

38 E quando te vimos hóspede, e te recolhemos: Ou nu, e te vestimos?

39 Ou quando te vimos enfermo: Ou no cárcere, e te fomos ver?

40 E respondendo o rei, lhes dirá: Na verdade vos digo, que quantas vezes vós fizestes isto a um dêstes meus irmãos mais pequeninos, a mim é que o fizestes.

41 Então dirá também aos que hão de estar à esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, que está preparado para o diabo, e para os seus anjos:

42 Porque tive fome, e não me destes de comer: Tive sêde, e não me destes de beber:

43 Era hóspede, e não me recolhestes; estava nu, e não me cobristes: Estava enfermo, e no cárcere, e não me visitastes.

44 Então eles também lhe responderão, dizendo: Senhor, quando é que nós te vimos faminto, ou sequioso, ou hóspede, ou nu, ou enfermo, ou no cárcere, e deixamos de te assistir?

45 Então lhes responderá ele, dizendo: Na verdade vos digo: Que quantas vezes o deixastes de fazer a um destes pequeninos, a mim o deixastes de fazer.

46 E irão estes para o suplicio eterno, e os justos para a vida eterna.

CAPÍTULO 26

FAZEM OS SACERDOTES CONSELHO PARA DAREM A MORTE A JESUS CRISTO. UMA MULHER LHE LANÇA SOBRE A CABEÇA O PRECIOSO ÓLEO, QUE TRAZIA NUMA REDOMA DE ALABASTRO. NEGOCIAÇÃO DE JUDAS NO CONSELHO SUPREMO. FALA JESUS CRISTO DESTA TRAIÇÃO ESTANDO CEANDO. INSTITUI O SACRAMENTO DA EUCARISTIA. PREDIZ A PEDRO QUE ELE O NEGARÁ TRÊS VEZES. A SUA ORAÇÃO NO HORTO. A SUA PRISÃO. TOMA PEDRO A ESPADA PARA O DEFENDER. FOGEM OS DISCÍPULOS. É ACUSADO JESUS NA PRESENÇA DE CAIFÁS POR TESTEMUNHAS FALSAS. É JULGADO RÉU DE MORTE. OS SERVOS LHE FAZEM TODO O GÊNERO DE ULTRAJES. PEDRO O NEGA TRÊS VEZES.

1 E aconteceu isto: Que tendo Jesus acabado todos estes discursos, disse a seus discípulos:

2 Vós sabeis que daqui a dois dias se há de celebrar a Páscoa, e o Filho do homem será entregue para ser crucificado. (1)

(1) **PASCOA** — Era a festa mais solene dos judeus, que se celebrava em memória da libertação da escravidão do Egito, em que se comia o cordeiro pascal, figura de Jesus Cristo. Era a festa mais popular e a que inaugurava o ano religioso.

3 Então se ajuntaram os príncipes dos sacerdotes, e os magistrados do povo no átrio do príncipe dos sacerdotes, que se chamava Caifás: (2)

4 E tiveram conselho para prenderem a Jesus com engano, e fazerem-no morrer.

5 Mas diziam êles: Não se execute isto no dia da festa, para que não suceda levantar-se algum motim no povo.

6 Ora estando Jesus em Betânia, em casa de Simão o Leproso, (3)

7 chegou-se a êle uma mulher, que trazia uma redoma de alabastro cheia de precioso bálsamo, e o derramou sobre a cabeça de Jesus estando recostado à mesa. (4)

8 E vendo isto os seus discípulos, se indignaram dizendo: Para que foi êste desperdício?

9 Porque podia isto vender-se por bom preço, e dar-se êste aos pobres.

10 Mas, Jesus sabendo isto, disse-lhes: Por que molestais vós esta mulher? que, no que fez, me fez uma boa obra:

(2) **OS PRÍNCIPES DOS SACERDOTES** — Os chefes das vinte e quatro famílias sacerdotais.

CAIFÁS — Chamava-se também José. Foi nomeado sumo sacerdote pelo procurador romano Valério Grato, no ano 27 da nossa era, em lugar de Simão, filho de Camit. Exerceu as suas funções enquanto Pilatos esteve na Judéia, sendo deposto no ano 36 pelo procônsul Vitelino, e substituído por Jônatas, filho do pontífice Ananus ou Anás.

(3) **SIMÃO O LEPROSO** — Isto é, que tinha sido leproso.

(4) **UMA MULHER** — É um dos pontos mais curiosos da exegese do Novo Testamento. Esta mulher, Maria Madalena, Maria irmã de Marta, e a pecadora de S. Lucas, são uma e a

Evangelho de S. Mateus 26, 11-13

11 Porque vós outros sempre tendes convosco os pobres: Mas a mim nem sempre me tereis.

12 Porquanto derramar ela êste bálsamo sôbre o meu corpo, foi ungir-me para ser enterrado.

13 Em verdade vos digo, que onde quer que for pregado êste evangelho, que será em todo o mundo, publicar-se-á também, para memória sua, a ação que esta mulher fez.

mesma pessoa, ou entidades distintas? Esta questão suscitou as mais sérias controvérsias entre os exegetas e principalmente entre os franceses. Em 1516, Jacques Lefevre d'Etaples pôs a questão nestes termos: São três personalidades diferentes, que a Igreja confunde na sua liturgia sob uma única designação, Maria Madalena, fundando-se na autoridade de Origenes, S. João Crisóstomo, etc. Este livro, como é de supor, levantou grande celeuma, e o célebre bispo de Rochester, João Fischer, refutou-o vitoriosamente, em seu livro *De única Madalena*. Igual parecer seguiu o autor espanhol Socco, e a Universidade de Paris, então a *alma mater*, emitiu igual opinião. No fim do século décimo sétimo recomeçou a polémica, a propósito da revisão do breviário parisiense. Não cabe nesta nota historiar desenvolvidamente esta importante controvérsia em que entraram os melhores teólogos da época. Hoje, no campo da teologia ortodoxa, a questão perdeu o seu interesse, pois é assente entre os teólogos que não há distinção a fazer entre a pecadora de que fala Lc 7, 37, Maria Madalena, Maria, irmã de Marta, e Maria de Betânia. Esta opinião é solidamente fundada. Com efeito: 1.º Tal é a opinião dos doutores e mais antigos Padres da Igreja, que com esta orientação dirigiram a liturgia antiga. 2.º Seria possível, se se tratasse de pessoas diferentes, que os Apóstolos não instruissem sobre essas os primeiros fiéis? 3.º S. João fala da conversão da pecadora aos pés de Jesus, que enxergara em casa de Simão, e quando se refere a Maria, irmã de Lázaro; diz que é aquela que enxugou os pés do Salvador, com seus cabelos. Só se pode pensar por esta descrição na pecadora convertida em casa de Simão. De mais não há razão nenhuma séria em favor da opinião contrária. A mesma pessoa poderia em diferentes ocasiões encontrar-se na Galiléia, em casa de Simão, ter possuído casa em Magdala, e vir para junto de sua irmã na Betânia. No capítulo 20 de S. João, onde se trata de Santa Maria Madalena, vê-se que o Evangelista chama-lhe indiferentemente

14 Então se foi ter um dos doze, que se chamava Judas Iscariotes, com os príncipes dos sacerdotes: (5)

15 E lhes disse: Que me quereis vós dar, e eu vo-lo entregarei? E elles lhe assinaram trinta moedas de prata. (6)

16 E desde então buscava oportunidade para o entregar.

17 E no primeiro dos dias em que se comiam os pães asmos, vieram ter com Jesus seus discípulos, dizendo: Onde queres tu que te preparemos o que se há de comer na Páscoa? (7)

Maria e Maria Madalena, o que indica que se referiam ambos os nomes à mesma pessoa, a irmã de Marta. Aproximando todas as referências que se encontram nos documentos evangélicos, relativos à pecadora, a Maria de Betânia e a Maria Madalena, vê-se que se fundem harmonicamente na unidade dum tipo único. Sempre, nos diversos lugares bíblicos, aparece a mesma mulher; alma ardente, sincera, subjugada pelo arrependimento, elevada no amor, chela de zelo, de fé e de ternura. É o ideal das convertidas. A tradição acerca da identidade da pecadora, de Maria de Betânia, Maria Madalena, irmã de Marta, é antiga, universal e perpétua entre gregos e latinos. Desde o segundo século, S. Clemente de Alexandria, Peólogo, 3, 8, se professou esta doutrina. Tertuliano De pudicitia, 2, Eusébio de Cesaréia, Canon, Evang. S. Efrem. t. 3, p. 390, edit. Migne, S. Jerónimo e S. Agostinho defendem-na brillantemente. Daí para diante poderíamos citar S. Gregório, S. Izidoro de Sevilha, o Venerável Beda, Raban Maur, Odon de Cluny, S. Pedro Damiano, Hugo e S. Vitor, S. Bernardo, S. Boaventura, S. Tomás, o nosso Schetinio, S. Vicente de Ferrer, Gerson, etc. Dos modernos o Padre Didon, Knabenbauer, Baouez, Vigouroux, etc.

(5) **ENTÃO** — Isto é, depois de se haverem congregado em casa de Calfas os príncipes dos sacerdotes, os escribas e os anciãos, para deliberarem sobre os meios que haviam de tomar para prenderem ao Senhor.

(6) **LHE ASSINARAM TRINTA MOEDAS DE PRATA** — Isto é: quasi oito mil réis da nossa moeda. Era o preço de um escravo.

(7) **EM QUE SE COMIAM OS PÃES ASMOS** — Que eram sete dias, como lemos no Dt 16, 3, e começavam no dia

Evangelho de S. Mateus 26, 18-25

18 E disse Jesus: Ide à cidade à casa de um tal, e dizei-lhe: O Mestre diz: O meu tempo está próximo, em tua casa quero celebrar a Páscoa com meus discípulos. (8)

19 E fizeram os discípulos como Jesus lhes havia ordenado, e prepararam a Páscoa.

20 Chegada pois a tarde, pôs-se Jesus à mesa com os seus doze discípulos.

21 E estando êles comendo, disse-lhes: Em verdade vos afirmo, que um de vós me há de entregar.

22 E êles mui cheios de tristeza, cada um começou a dizer: Porventura sou eu, Senhor?

23 E êle respondendo, lhes disse: O que mete comigo a mão no prato, esse é o que me há de entregar. (9)

24 O Filho do homem vai certamente como está escrito dêle: Mas aí daquele homem, por cuja intervenção há de ser entregue o Filho do homem e melhor fôra ao tal homem não haver nascido.

25 E respondendo Judas, o que o entregou, disse: Sou eu porventura, Mestre? Disse-lhe Jesus: Tu o disseste.

quinze do mês da Páscoa, como é expresso nas antiguidades de José, livro 3, cap. 10. O qual dia quinze se começava a contar desde a sua véspera.

(8) **A CASA DE UM TAL** — E' muito provável que Cristo o nomeou, mas o evangelista não julgou necessário exprimi-lo. Cfr. Mc 14, 15.

(9) **A MÃO NO PRATO** — Em grego *Trubilion* prato enorme. No Oriente desconhecem-se os pratos pequenos; cada um come da travessa, como nós lhe chamariamos, servindo-se do auxílio do pão, que substitui a colher. Estas palavras não determinavam explicitamente o traidor, apenas indicavam que um havia de cometer a traição.

26 Estando êles, porém, ceando, tomou Jesus o pão e benzeu-o e partiu-o e deu-o à seus discípulos, e disse: Tomai, e comei, *êste é o meu corpo*. (10).

27 E tomando o cálice, deu graças: E deu-lho, dizendo: Bebei dêle todos. (11)

28 Porque *êste é o meu sangue* do novo testamento, que será derramado por muitos para remissão de pecados. (12)

29 Mas digo-vos: Que desta hora em diante não beberei mais dêste fruto da vide até aquele dia em que o beberei de novo convosco no reino de meu Pai. (13)

30 E cantado o hino, saíram para o monte das Oliveiras. (14)

(10) **ÊSTE É O MEU CORPO** — Cumpre notar bem no sentido destas palavras, Jesus não diz: Isto é a figura do meu corpo; nem aqui, ou com isto, está o meu corpo, mas absolutamente: **Êste é o meu corpo**, o que implica claramente a transsubstanciação.

(11) **BEBEI DELE TODOS** — Isto foi dito só aos apóstolos, que estavam todos presentes, mas não impôs aos fiéis o cumprimento de igual preceito. Aos apóstolos conferia-lhes o poder de consagrar, oferecer e administrar êste sacramento, pois no mesmo instante acrescentou: Fazei isto em minha memória!

(12) **QUE SERÁ DERRAMADO** — O texto grego tem no presente, que há derramado; e assim traduziu Amelote, tanto aqui em S. Mateus, como em S. Marcos, e em S. Lucas.

(13) **DÊSTE FRUTO DA VIDE** — Como estas palavras parecem denotar o cálice não consagrado, são alguns expositores de parecer que as dissera Cristo, não depois da consagração do seu corpo e sangue, mas antes de tal consagração, o que os teólogos do Porto Real na sua Concórdia dos quatro Evangelistas, provam com o texto de Lc 22, 17.

(14) **CANTADO O HINO** — Isto é, segundo uns, depois do canto dos Sl 112, 117, consagrados nos cerimoniaes judaicos para a ceia pascal; segundo outros; após um cântico expressamente composto para a ocasião por Jesus Cristo. Como Jesus e os Apóstolos obedeciam às prescrições legais a primeira opinião é a mais provável.

Evangelho de S. Mateus 26, 31-38

31 Então lhes disse Jesus: A todos vós serei esta noite uma ocasião de escândalo. Está pois escrito: Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho se porão em desarranjo.

32 Porém depois que eu ressurgir, irei adiante de vós para a Galiléia.

33 E respondendo Pedro, lhe disse: Ainda quando todos se scandalizarem a teu respeito, eu nunca me scandalizarei.

34 Jesus lhe replicou: Em verdade te digo, que nesta mesma noite, antes que o galo cante, me hás de negar três vezes.

35 Pedro lhe disse: Ainda que seja necessário morrer eu contigo, não te negarei. E todos os mais discípulos disseram o mesmo.

36 Então foi Jesus com êles a uma granja, chamada Getsêmane, e disse a seus discípulos: Assentai-vos aqui, enquanto eu vou acolá, e faço oração. (15)

37 E tendo tomado consigo a Pedro, e aos dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e angustiar-se.

38 Disse-lhes então: A minha alma está numa tristeza mortal: Demorai-vos aqui, e vigiai comigo.

(15) **GETSÊMANE** — Na margem, e quase junto à torrente de Cedron, a este de Jerusalém, está o Getsêmane ou Jardim das Oliveiras. Ainda aí se vê a gruta de suor de sangue. É uma cavidade irregular, profunda e alta, dividida em duas partes que comunicam por uma espécie de pórtico subterrâneo, onde depois se erigiram altares. O horto é rodeado por um pequeno muro de pedra solta, e oito oliveiras plantadas a pequena distância assombram-no totalmente. Essas oliveiras são enormes, o que fez dizer a Lamartine: *Ces oliviers sont au nombre des plus grands arbres que j'ai jamais rencontrés.*

39 E adiantando-se uns poucos de passos se prostrou com o rosto em terra, fazendo oração, e dizendo: Pai meu, se é possível, passe de mim este cálice: Todavia não se faça nisto a minha vontade, mas sim a tua. (16)

40 Depois veio ter com seus discípulos, e os achou dormindo, e disse a Pedro: Visto isso não pudeste uma hora vigiar comigo? (17)

41 Vigiai, e orai para que não entreis em tentação. O espírito na verdade está pronto, mas a carne é fraca.

42 De novo se retirou segunda vez, e orou, dizendo: Pai meu, se este cálice não pode passar sem que eu o beba, faça-se a tua vontade.

43 E veio outra vez, e também os achou dormindo: Porque estavam carregados os olhos deles.

(16) **PASSE DE MIM ESTE CÁLICE** — O Senhor pedindo que este cálice passasse dele, se era possível, quis representar o quanto era fraca a natureza humana; e acrescentando: todavia não se faça nisto a minha vontade, mas sim a tua, nos deu exemplo daquela fortaleza com que havemos de seguir a Deus, ainda quando a natureza se oponha, e faça esforços em contrário, S. João Crisóstomo. Parece que o Senhor quis como abandonar-se a si mesmo, dando lugar à maior tristeza e aflição que se conheceu jamais. Considerava por uma parte a traição de Judas, a negação de S. Pedro, o escândalo dos Apóstolos, a reprovação do povo dos judeus, e a funesta ruína de Jerusalém; e por outra, viu que ia a entrar em um mar de penas, e de amarguras, onde estava vendo uma profundidade e extensão quase infinita. Vivamente se lhe representavam todos os pecados de todos os homens, e sobretudo a ingratidão daquele povo, que havia escolhido entre tôdas as nações, e os sacrilégios ainda mais sensíveis de uma infinidade de cristãos, que profanando a santidade da sua profissão, não se aproveitam do preço inestimável do seu sangue. Esta tristeza foi tão profunda, que houvera acabado com a sua vida, se o mesmo Senhor o houvesse permitido. — Santo Hilário, S. João Crisóstomo e S. Jerônimo.

(17) **UMA HORA** — Daqui se vê que a sua oração havia durado uma hora com pouca diferença.

44 E deixando-os, de novo foi orar terceira vez, dizendo as mesmas palavras.

45 Então veio ter com os seus discípulos, e lhes disse: Dormi já, e descançai; eis aqui está chegada a hora em que o Filho do homem será entregue nas mãos dos pecadores.

46 Levantai-vos, vamos: Eis aí se vem chegando o que me há de entregar.

47 Estando êle ainda falando, eis que chega Judas, um dos doze, e com êle uma grande multidão de gente com espadas, e varapaus, que eram os ministros enviados pelos príncipes dos sacerdotes, e pelos anciãos do povo. (18)

48 Ora o traidor tinha-lhes dado êste sinal, dizendo: Aquele a quem eu der um ósculo, esse é que é, prendei-o.

49 E chegando-se logo a Jesus lhe disse: Deus te salve, Mestre. E deu-lhe um ósculo.

50 E Jesus lhe disse: Amigo, a que vieste? Ao mesmo tempo se chegaram os outros a êle, e lançaram mão de Jesus, e o prenderam. (19)

(18) **E PELOS ANCIÃOS DO POVO** — S. Lucas nos diz, 22, 52, que acompanhavam também a esta vil tropa alguns sacerdotes. Judas ia adiante algum tanto apartado do resto da gente, para dar sem dúvida menos que suspeitar a Jesus Cristo, e aos seus Apóstolos, da sua má vontade, e por esta mesma razão chegou a saudá-lo, e a osculá-lo como amigo, seguindo o costume dos judeus.

(19) **AMIGO, A QUE VIESTE?** — As palavras cheias de suavidade, amor e doçura, que disse o Senhor a Judas, podê-lo-lam fazer cair em si, a não ser a sua obstinação. Ao mesmo tempo nos ensinam a amar aos nossos inimigos, ainda àqueles mesmos que sabemos que têm vontade de empregar todo o seu furor contra nós outros. — **Santo Hilário.**

51 E senão quando um dos que estavam com Jesus, metendo mão à espada que trazia, a desembainhou e ferindo a um servo do sumo pontífice, lhe cortou uma orelha. (20)

52 Então lhe disse Jesus: Mete a tua espada no seu lugar: Porque todos os que tomarem espada, morrerão à espada. (21).

53 Acaso cuidas tu que eu não posso rogar a meu pai, e que ele me não porá aqui logo prontas mais de doze legiões de Anjos?

54 Como se poderão logo cumprir as Escrituras, que declaram que assim deve succeder? (22)

55 Na mesma hora disse Jesus àquele tropel de gente: Vós viestes armados de espadas, e de varapaus, para me prender, como se eu fôra um ladrão: Todos os dias assentado entre vós, estava eu ensinando no Templo, e não me prendestes.

56 Mas tudo isto assim aconteceu, para que se cumprissem as Escrituras dos profetas: Então todos os discípulos o deixaram, e fugiram. (23)

(20) **E SENÃO QUANDO UNS DOS QUE ESTAVAM COM JESUS** — Foi S. Pedro, como consta do Evangelho de S. João 18, 10, o que feriu, e o ferido Malco.

(21) **ENTÃO LHE DISSE JESUS** — Este golpe feriu o coração a Jesus Cristo. Todo o cristão ficou desarmado na pessoa de Pedro quando se trata de padecer e sofrer pela causa de Deus. — **Amelote.**

(22) **QUE ASSIM DEVE SUCEDER?** — Ele se ofereceu em sacrificio, porque quis, e sem abrir a sua boca. Ele será conduzido como uma ovelha, para ser crucificado. Is 53, 7.

(23) **E FUGIRAM** — Nisto veio a parar toda a valentia dos Apóstolos, que se ofereceram a morrer com o Senhor. Aqui se viu cumprida a profecia de Zac 13, 7, que se acha no verso 1 deste mesmo capítulo.

57 Mas os que tinham preso a Jesus, o levaram à casa de Caifás, príncipe dos sacerdotes, onde se haviam congregado os escribas, e os anciãos. (24)

58 E Pedro o ia seguindo de longe, até ao pátio do príncipe dos sacerdotes. E tendo entrado para dentro, estava assentado com os oficiais de justiça, para ver em que parava o caso. (25)

59 Entretanto os príncipes dos sacerdotes, e todo o conselho, andavam buscando quem jurasse algum falso testemunho contra Jesus, a fim de o entregarem à morte: (26).

(24) **O LEVARAM À CASA DE CAIFÁS** — Isto foi pouco antes da meia-noite, porque o galo cantou a primeira vez, quando o Senhor estava já em casa de Caifás. Este havia comprado a Herodes por uma grande soma de dinheiro o Pontificado daquele ano, S. Jerônimo. Pela narração mais extensa, que se acha em Jo 18, 13, se conhece claramente que levaram a Jesus primeiro à casa de Anás, sogra de Caifás, e daí à casa de Caifás. Santo Tomás diz que ambos se ajuntaram no palácio de Anás.

(25) **E PEDRO O IA SEGUINDO DE LONGE** — S. Pedro fugiu primeiro como os outros; porém caindo um pouco em si, e lembrando-se sem dúvida dos seus protestos, envergonhado voltou passos atrás e começou a seguir Jesus, bem que de longe, como afirmam os Evangelistas; e porque o seu coração, diz S. Jerônimo, se ia apartando de seu mestre, estando já mui perto de o negar. Mas fosse por algum resquício de amor, que ainda ardia no seu coração, ou por curiosidade de ver o fim de toda esta cena, teve valor para seguir, para entrar no mesmo palácio de Caifás, e ainda para estar ali com muito descanso.

(26) **TODO O CONSELHO** — É o sanedrim. O sanedrim, que é muitas vezes designado nas Escrituras pela perífrase — os príncipes dos sacerdotes, os escribas, os anciãos, era o conselho ou tribunal supremo dos judeus. Compunha-se de setenta e dois membros, presididos pelo sumo sacerdote; os vinte e quatro chefes das famílias sacerdotais representavam o elemento sacerdotal; os escribas, a ciência jurídica; os anciãos o resto de Israel. Os judeus faziam remontar a origem do sanedrim aos tempos de Moisés, mas a constituição que tinha no tempo de Jesus Cristo data

60 Mas não o acharam, sendo assim que foram muitos os que se apresentaram para jurar falso. Mas por último chegaram duas testemunhas falsas. (27)

61 E depuseram: Êste disse: Posso destruir o templo de Deus e reedificá-lo em três dias. (28)

62 Então levantando-se o príncipe dos sacerdotes, lhe disse: Não respondes nada ao que êste depõe contra ti?

63 Porém Jesus estava calado. Êste, o príncipe dos sacerdotes, lhe disse: Eu te conjuro pelo Deus vivo, que nos digas, se tu és o Cristo, filho de Deus.

64 Respondeu-lhe Jesus: Tu o disseste: Mas eu vos declaro que vereis daqui a pouco o Filho do homem assen-

do fim do cativeiro. No tempo de Pilatos o sanedrim julgava as causas graves, tinha direito de proferir a sentença de morte, que só podia ser executada depois da confirmação do procurador romano.

(27) **MAS NÃO O ACHARAM** — Porque ainda que foram muitos os que vieram com ânimo de jurar falso, não eram suficientes os depoimentos, porque uns aos outros se destruíam, como dá a entender Mc 14, 56. Aqui se verificou aquilo do Sl 63, 7. *Scrutati sunt iniquitates: defecerunt scrutantes scrutiny.* E também o lugar do Sl 26, 12. *Insurrexerunt in me testes iniqui, etc: mentita est iniquitas sibi* — Pereira.

(28) **E REEDIFICA-LO EM TRÊS DIAS** — Esta expressão está mais determinada no texto grego, que diz: *te per tres dies*. Jesus Cristo, falando do seu próprio corpo, ao qual chamava templo, depois de haver dito aos judeus: *Destruí êste templo, acrescentou: E eu o restabelecerei; ou segundo a força do texto sagrado, eu o levantarei, ou também, eu o ressuscitarei.* Mas os judeus alteraram as palavras, e applicando-as ao tempo material, declararam que haviam dito, que em três dias o tornaria a fabricar. Dêste modo, acrescentando, e mudando alguma coisa, procuravam dar alguma côr de verdade e de justiça à injusta acusação que formavam contra o Salvador. — S. Jerônimo, S. João Crisóstomo e S. Tomás.

tado à direita do poder de Deus, e vir sobre as nuvens do Céu. (29)

65 Então o príncipe dos sacerdotes rasgou as suas vestiduras, dizendo: Blasfemou: Que necessidade temos já de testemunhas? Eis aí acabais de ouvir agora uma blasfêmia:

66 Que vos parece? Eles respondendo disseram: E' réu de morte. (30)

(29) **TU O DISSESTE** — Jesus, que na sua vida pública, tão modesto se apresentara sempre, embora sempre se tivesse afirmado Filho de Deus, interpelado agora pelo sumo sacerdote, e convencido que a sua resposta implicaria a sua sentença de morte, não hesitou em quebrar o silêncio, rendendo à verdade um testemunho supremo e solene: **Tu o disseste!** Esta declaração reúne toda a sua doutrina acerca da sua própria pessoa e da sua obra, e lembrava aos juizes o que mais os podia impressionar: a participação do Filho do homem do próprio poderio de Deus — a sua verdadeira divindade. O acusado elevava-se até à altura de Deus, e anunciando a sua volta sobre as nuvens, significava aos seus juizes que eles deveriam comparecer diante do seu tribunal, onde, Ele, revestido de majestade divina, os julgaria.

(30) **É RÉU DE MORTE** — Não foi longa a deliberação. Em breve estava proferida a sentença. Nem uma voz se ergueu a defender a Jesus. Não se sabe ao certo se José de Arimatéia, que tinha assento no sínédrio, estava então presente; no caso afirmativo o seu silêncio explica-se pela impossibilidade de conseguir resultado favorável. Esta sentença só pode ter como causa o ódio que cegava os juizes. O poder tirânico que perseguia Jesus exigia a sua morte; é sobre um texto de lei, desarrazoadamente aplicado, que vão firmar a sua sentença. O blasfemador, diz o Lev 24, 16, será exterminado; ora, raciocinaram, atribuir-se a glória incommunicável de Deus é a maior das blasfêmias, Jesus é um blasfemo. Mas Jesus dissera-se o Messias, o Messias é o filho de Deus, o dever do sanedrim era proceder oficialmente ao exame dos títulos messiânicos invocados por Aquele que eles arrastaram ao seu tribunal. O sanedrim não o fez; violou a justiça. O interrogatório terminou ainda noite cerrada. Ouve-se então a palavra final contra Jesus — é digno de morte — Inicia-se então uma cena horrível. Nunca o pior dos criminosos fôra tratado como Jesus no palácio de Caifás.

67 Então uns lhe cuspiram no rosto, e o feriram a punhadas, e outros lhe deram bofetadas no rosto, (31)

68 dizendo: Adivinha-nos, Cristo, quem é o que te deu?

69 Pedro entretanto estava assentado fora no átrio: E chegou a êle uma criada, dizendo: Tu também estavas com Jesus, o Galileu.

70 Mas êle o negou diante de todos, dizendo: Não sei o que dizes.

71 E saindo êle à porta, viu-o outra criada, e disse para os que ali se achavam: Êste também estava com Jesus Nazareno. (32)

(31) **E OUTROS LHE DERAM BOFETADAS** — Então se viu como os sacerdotes cobriram de salivas aquele rosto, que apareceu aos apóstolos tão brilhante como o sol, no dia da sua transfiguração; viu-se como uns vis servos, soldados, descarregavam bofetadas sobre o sagrado rosto do supremo Senhor dos homens, e dos anjos; viu-se enfim como tudo o que havia malor, e mais respeitável no ministério da religião e no govêrno do estado estava confundido, e de mistura com o povo mais baixo, para conspirarem juntos, e animados do mesmo furor, com os mais horríveis desprezos, contra aquele de quem só haviam recebido benefícios. E porquanto o Salvador havia declarado, que êle era o Cristo, e por conseguinte aquele profeta por excelência, que o Senhor em outro tempo havia prometido levantar no meio do seu povo, para que escutassem a sua voz, Dt 18, 15-18, o insultaram por êste duplicado motivo; e vendando-lhe os olhos, a cada golpe que lhe davam, lhe diziam: Cristo, adivinha-nos quem é o que te deu.

(32) **ESTE TAMBÉM ESTAVA COM JESUS** — Esta criada foi a que assistia à porta e havia introduzido a Pedro, e vendo-o ao lume, lhe perguntou, como de passagem, segundo consta de 8.

72 E segunda vez negou com juramento, dizendo: Juro que tal homem não conheço.

73 E daí a pouco chegaram-se uns que ali estavam, e disseram a Pedro: Tu certamente és também dos tais: Porque até a tua linguagem te dá bem a conhecer. (33)

74 Então começou a fazer imprecações, e a jurar que não conhecia tal homem. E imediatamente cantou o galo.

75 E Pedro se lembrou da palavra que lhe havia dito Jesus: Antes de cantar o galo, três vezes me negarás. E tendo saído para fora, chorou amargamente. (34)

Lucas: Porventura tu também és dos discípulos deste homem? O que depois confirmou, e disse, como se vê de S. Mateus e S. Marcos: Tu também estavas com Jesus o Galileu. Pedro negou primeiramente, e disse que não o conhecia, e logo saiu do átrio, porém não da casa.

(33) **CHEGARAM-SE UNS QUE ALI ESTAVAM** — Outros dos que ali estavam; e um deles parente de Malco, conheceram que Pedro era galileu, porque a língua desta província tinha muitas palavras próprias do idioma samaritano e siríaco, as quais eram dissonantes ao ouvido dos jerosolimitanos. Isto mesmo se experimenta em quase tôdas as províncias de um reino, no qual, ainda que tôdas falem um idioma comum, cada uma tem a pronúnciação diferente, ou idiotismos particulares.

(34) **CHOROU AMARGAMENTE** — Lc 22, 61, diz que o Senhor voltou o rosto para olhar para Pedro. Esta vista do Senhor lhe atravessou o coração, e lhe fez conhecer o abismo em que havia caído. Pelo que, tocado de uma particular graça sua, saiu fora, e chorou o seu pecado amargamente. — **Santo Agostinho.**

CAPÍTULO 27

SEGUNDA ASSEMBLEIA DO SANEDRIM. JUDAS TORNA A ENTREGAR AOS SACERDOTES O DINHEIRO, QUE ELES LHE TINHAM DADO, E VAI ENFORCAR-SE. JESUS ACUSADO NA PRESENÇA DE PILATOS NÃO RESPONDE PALAVRA. SONHO DA MULHER DE PILATOS A RESPEITO DA INOCÊNCIA DE JESUS. O POVO LHE PREFERE BARRABÁS. PILATOS, DEPOIS DE LAVAR AS MÃOS, O MANDA AÇOITAR, E O ENTREGA AOS JUDEUS PARA SER CRUCIFICADO. OS SOLDADOS O CARREGAM DE OPRÓBRIOS. CAMINHA PARA O MONTE CALVÁRIO, LEVANDO A CRUZ AOS OMBROS. ALI LHE DÃO A BEBER VINHO MISTURADO COM FEL. É CRUCIFICADO ENTRE DOIS LADRÕES. DIVIDEM OS SOLDADOS ENTRE SI OS SEUS VESTIDOS. É BLASFEMADO. TREVAS EM TODA A TERRA. CLAMA EM ALTA VOZ, ELI. DÃO-LHE A BEBER VINAGRE. TORNA A DAR OUTRO BRADO, E EXPIRA. PRODÍGIOS QUE SUCEDERAM NA SUA MORTE. JOSÉ DE ARIMATÉIA PEDE O SEU CORPO, E O ENTERRA. PÕEM-SE GUARDAS AO SEPULCRO.

1 E chegada que foi a manhã, todos os príncipes dos sacerdotes, e os anciãos do povo entraram em conselho contra Jesus, para o entregarem à morte. (1)

2 E preso o levaram, e entregaram ao governador Pôncio Pilatos. (2)

(1) **ENTRARAM EM CONSELHO** — Houve uma segunda reunião do sanedrim. Naturalmente a primeira tinha sido considerada ilegal, já por falta de convocação de todos os membros, já por ter funcionado de noite, e fora do local designado para as sessões. Esta segunda assembleia devia obedecer a todas as prescrições, guardadas todas as formalidades.

(2) **PÔNCIO PILATOS** — Este não era mais do que um procurador da Judéia. Assim chamavam os romanos aos que estavam encarregados de cobrar as rendas do Império. Dião Cassio, Liv. 53, Tácito Annal. Liv. 15." Os que eram enviados a províncias grandes, governadas por um presidente, só tinham a superintendência das rendas: porém quando as províncias eram pequenas, exerciam também a autoridade de governadores, e desta classe era Pilatos. Os romanos tinham tirado aos judeus o poder de condenar a algum réu a pena capital, e por esta razão, ainda que

Evangelho de S. Mateus 27, 3-8

3 Então Judas, que havia sido o traidor, vendo que fôra condenado Jesus, tocado de arrependimento, tornou a levar as trinta moedas de prata aos príncipes dos sacerdotes, e anciãos,

4 dizendo: Pequei, entregando o sangue inocente. Mas eles lhe responderam: A nós que se nos dá? viras tu lá o que fazias.

5 E depois de lançar as moedas no templo retirou-se: E foi-se pendurar de um laço.

6 Mas os príncipes dos sacerdotes, tomando o dinheiro, disseram: Não é lícito deitá-lo na arca das esmolas: Porque é preço de sangue. (3)

7 Tendo, pois, deliberado em conselho sôbre a matéria, compraram com êle o campo de um oleiro, e para servir de cemitério aos forasteiros. (4)

8 Por esta razão se ficou chamando aquele campo até o dia de hoje, Haceldamá, isto e, campo de sangue. (5)

Calfás declarou a Jesus Cristo réu de morte, não deu contra êle a sentença, mas remeteu-o ao governador da província. Governou a província da Judéa desde 26 a 30, subordinado ao legado da Síria. Residiu em Cesaréia; como Antipas, vinha a Jerusalém nas grandes solenidades. Habitou o pretório contíguo ao palácio de Herodes e Torre Chitoria.

(3) **NA ARCA DAS ESMOLAS** — Ou cofre Corbona ou como lhe chama Mc 7, 11. Corban é palavra hebraica, que significa oferta feita a Deus, ou ao seu templo, do verbo Carab, ou Cerlb, apresentar, oferecer: e quer dizer "tesouro sagrado". — S. Jerônimo.

(4) **O CAMPO DE UM OLEIRO** — Onde se faziam panelas e vasilhas de barro.

PARA SERVIR DE CEMITÉRIO — Dos que não pertenciam ao povo de Deus, dos quais os judeus queriam estar separados ainda depois de mortos.

(5) **HACELDAMA** — A voz "haceldamá" é siríaca, do hebreu dan ou para melhor dizer do caldeu dama, "sangue". Foi tão

9 Então se cumpriu o que foi anunciado ao profeta Jeremias, que diz: E tomaram as trinta moedas de prata, preço do que foi apreçado, a quem puseram em preço com os filhos de Israel: (6)

10 E deram-nas pelo campo de um oleiro, assim como me ordenou o Senhor.

11 Foi apresentado, pois, Jesus ao governador, e o governador lhe fez esta pergunta, dizendo: Tu és o rei dos judeus? Respondeu-lhe Jesus: Tu o dizes.

12 E sendo acusado pelos príncipes dos sacerdotes, e pelos anciãos, não respondeu coisa alguma.

13 Então lhe disse Pilatos: Tu não ouves de quantos crimes te fazem cargo?

14 E não lhe respondeu a palavra alguma, de modo que se admirou o governador em grande maneira.

assinalado este campo, que desde aquele tempo não foi conhecido por outro nome, permitindo-o Deus assim, para que fosse uma prova e um monumento eterno da injustiça dos judeus. Fica ao sul de Jerusalém; sobre a vertente meridional do vale Ben-Himon.

(6) **QUE DIZ** — Parte dessa profecia se acha em Jer 32, 7-9, e parte em Zac 11, 12, 13. A compra do campo está em Jeremias, e o preço das trinta moedas se lê em Zacarias; em S. Mateus acrescenta as últimas palavras do preço dos filhos de Israel: Davi Kimchi, na prefacção a Jeremias, diz: que Jeremias antigamente occupava o primeiro lugar no Livro dos profetas, e daqui a menção que faz Mt 18, 14, com referência aos outros profetas, parece ser, porque era o primeiro, cujo nome se lia no dito Livro. E o mesmo deve entender-se aqui, isto é, que cita o Livro dos profetas nomeando a Jeremias. A este modo disse também o Salvador, Lc 24, 44, há-de se cumprir tudo o que há escrito acêrca de mim na Lei, nos profetas, nos salmos, isto é, nos Livros dos escriptores Sagrados, nos quais tinha o primeiro lugar o dos salmos.

Evangelho de S. Mateus 27, 15-20

15 Ora o governador tinha por costume, no dia da festa, soltar aquele preso que os do povo quisessem; (7)

16 E naquela ocasião tinha êle um preso afamado, que se chamava Barrabás.

17 Estando pois êles todos juntos, disse-lhes Pilatos: Qual quereis vós que eu vos solte? Barrabás, ou Jesus, que se chama o Cristo? (8)

18 Porque sabia que por inveja é que lho haviam entregado.

19 Entretanto, estando êle assentado no seu tribunal, mandou-lhe dizer sua mulher: Não te embaraces com a causa dêsse justo: Porque hoje em sonhos foi muito o que padeci por seu respeito. (9)

20 Mas os príncipes dos sacerdotes, e os anciãos persuadiram aos do povo que pedissem a Barrabás, e que fizessem morrer a Jesus.

(7) **NO DIA DA FESTA** — Da Páscoa. Costume introduzido pelos judeus, em memória de haverem sido livres por Deus da escravidão do Egito, e que conservaram, segundo se vê neste lugar, os romanos senhores da Província.

(8) **QUE SE CHAMA O CRISTO** — Causa verdadeiramente assombro, que costumando pedir os judeus, nesta solenidade da Páscoa, o livramento e soltura de um réu, fôsse Pilatos o que pediu pelo justo dos justos, e não pôde conseguir a sua liberdade. S. João Crisóstomo. Pilatos, que conhecia a inocência do Senhor e que desejava tirá-lo das mãos dos judeus, escolheu expressamente a Barrabás para o pôr em comparação do Salvador, não duvidando que o povo, a quem Jesus havia acumulado de benefícios, o preferira a um ladrão, assassino, e sedicioso. Mas enganou-se; porque o povo, instigado pelos príncipes dos sacerdotes, e pelos seus anciãos, ou magistrados, pediu a liberdade do facinoroso, e condenou a ser crucificado ao que era a mesma inocência. Barrabás era ladrão e assassino.

(9) **SUA MULHER** — Era, segundo a tradição, Claudia Procula ou Prócula.

21 E fazendo o governador esta pergunta, lhes disse: Qual dos dois quereis vós que eu vos solte? e responderam êles: Barrabás.

22 Disse-lhes Pilatos: Pois que hei de fazer de Jesus, que se chama o Cristo?

23 Responderam todos: Seja crucificado. O governador lhes disse: Pois que mal tem êle feito? e êles levantaram mais o grito dizendo: Seja crucificado.

24 Então Pilatos vendo que nada aproveitava, mas que cada vez era maior o tumulto: Mandando vir água, lavou as mãos à vista do povo, dizendo: Eu sou inocente do sangue dêste justo: Vós lá vos avinde. (10)

25 E respondendo todo o povo, disse: O seu sangue caia sôbre nós, e sôbre nossos filhos. (11)

26 Então lhes soltou a Barrabás: E depois de fazer açoitar a Jesus, entregou-lho para ser crucificado. (12)

(10) **MANDANDO VIR ÁGUA** — Os pagãos lavavam as mãos, quer nas alianças, quer para expiar um assassino; julgam contudo alguns críticos que Pilatos quis apenas conformar-se com a usança dos judeus para lhes ser agradável.

(11) **E SÔBRE NOSSOS FILHOS** — Terrível impreciação! o seu funesto efeito tem sido, é, e será sempre bem visível. O estado a que foi reduzida a nação dos judeus, chegando a ser o opróbrio de todos os povos, tem sido o complemento desta maldição, que pronunciaram contra si; e êste mesmo complemento deveria abrir-lhes os olhos para que vissem uma luz, que podia dissipar as trevas da morte, em que voluntária e pertinazmente se acham sepultados.

(12) **E DEPOIS DE FAZER AÇOITAR A JESUS** — Os romanos costumavam fazer açoitar aos que condenavam a serem crucificados, antes de os encravarem na cruz. S. Jerônimo. Mas pelo Evangelho de S. João, 19, 12, se vê que Pilatos tinha feito açoitar Jesus, com designio de abrandar os corações de seus inimigos, crendo que movidos de compaixão, e satisfeito o seu furor desistiriam de pedir a sua morte. Porém foi acender mais a sêde que tinham de o ver crucificado. E assim como cães danados grita-

27 Então os soldados do governador, tomando a Jesus para o levarem ao Pretório, fizeram formar à roda d'ele toda a coorte: (13)

28 E despindo-o, lhe vestiram um manto carmezim. (14)

29 E tecendo uma coroa de espinhos, lha puseram sobre a cabeça, e na sua mão direita uma cana. E ajoelhando diante dele, o escarneciam, dizendo: Deus te salve, rei dos judeus. (15)

vam cada vez mais, até que viram cumpridos os seus desejos. S. Mateus não segue aqui a ordem precisa do tempo na narração de tôdas estas circunstâncias. — Santo Agostinho.

PARA SER CRUCIFICADO — O suplicio da cruz era o castigo dos escravos, ladrões e sediciosos, segundo as leis romanas. Os hebreus, segundo certos escritos, não crucificavam os homens em vida, mas depois da morte, antes do pôr do sol Dt 21, 22. 23. Cfr. Glaire.

(13) **PRETÓRIO** — O pretório ficava no lugar onde hoje se vê uma caserna turca. Ainda se descobrem as antigas pedras que pertenceram ao edificio. Era a habitação de Pilatos. A escada que ligava o andar inferior com o superior, foi transportada para Roma, em 326, pela imperatriz Helena, e venera-se hoje perto de S. João de Latrão, sob o nome de *Scala Santa*. Compõe-se de vinte e oito degraus de pedra, cobertos de madeira. Os fieis sobem-na de joelhos. No meio há dois pequenos orificios na madeira, que deixam ver a pedra, que é beijada respeitosamente.

(14) **UM MANDO CARMEZIM** — Em grego *chlâmyde* nome que a Vulgata conservou: E' um manto de lã, aberto, passando no sovaco esquerdo para deixar o braço completamente desembaraçado, prendendo-se com um colchete. Era a veste militar do soldado romano. Os tribunos usavam-na de côr branca; os generais e imperadores de côr de púrpura. „

(15) **UMA COROA DE ESPINHOS** — Esta coroa era feita de juncos entrelaçados de espinhos, de *Ziziphus*. A coroa propriamente dita guarda-se, como é sabido, em Notre-Dame de Paris. Compõe-se dum anel de feixes de juncos, sendo o diâmetro interior de 10

30 E cuspindo nele, tomaram uma cana, e lhe davam com ela na cabeça.

31 E depois que o escarneceram, despiram-no do manto, e vestiram-lhe os seus hábitos, e assim o levaram para o crucificarem.

32 E ao sair da cidade acharam um homem de Cirene, por nome Simão: A êste constrangeram a que levasse a cruz dele padecente. (16)

milímetros, e a espessura de 15 milímetros de diâmetro. Os juncos são apertados por dezesseis nós de juncos semelhantes. Os espinhos são de *rhamus*, nome genérico, a cuja classe pertence a *ziziphus spini Christi*. Estes espinhos são perfurantes, cada um é mais cortante do que a garra do leão, fazendo brotar sangue em abundância. O espinho principal tem 20 milímetros de comprimento. Crf. Rehault de Fleury, *Mémoire sur les instruments de la Passion*, 1870, Paris, p. p. 202, 208. Os espinhos mais notáveis que se conhecem são o de Pisa, o de Saint Servien, de Toulouse, e do seminário de Autun, da catedral de Treves. Na Sé de Lisboa existe um, guardado em magnífico relicário de ouro êsmaltado, preciosíssimo trabalho, que veio do convento de Thomar, dos freires de Cristo. Também as religiosas da Madre de Deus, de Xabregas, possuíam outro, em suntuoso relicário, que se pode ver no Museu das Belas Artes às Janelas Verdes.

(16) **A CRUZ** — Os autores têm apresentado opiniões diversas sobre a forma e materia da Cruz. Depois do exame científico rigoroso feito sobre as reliquias da Paixão, pode-se afirmar que a madeira da cruz provinha duma conífera, e não se pode duvidar que fosse o pinheiro. Rehault de Fleury, ob. cit. p. 63. A forma devia ser a usualmente apresentada: uma haste vertical, e uma transversal, tendo aquela 4m, 80 e esta 2m, 30 a 2,60. Segundo o uso dos romanos os condenados levavam êles próprios a cruz ao lugar do suplicio, atravessando as principais ruas da cidade (Plauto). Mas na crucificação de Cristo intervem Simão o Cireneu, certamente para ajudar Jesus, que teve de atravessar tôda a cidade de Jerusalém, desde o Pretório até ao Calvário, percorrendo um trajeto não inferior a 500 ou 600 metros. O peso da cruz devia ser de 100 quilos aproximadamente. Como a arrastava pela terra, haveria uma diminuição do peso, que não podia ir além de 30 quilos, tendo Jesus de suportar 70 a 75 quilos. Exausto pelos sofrimentos suportados anteriormente, êste peso excedia as suas

Evangelho de S. Mateus 27, 33

33 E vieram a um lugar que se chama Gólgota, que é o lugar do Calvário. (17)

forças, e isto justifica naturalmente a intervenção do Cireneu, tanto mais se nos lembrarmos que as dificuldades exaradas acima eram agravadas pela tortuosidade dos caminhos, cobertos de enormes pedregulhos. Na cruz havia o sedile, um pedaço de madeira destinado a dar um ponto de apoio ao corpo, para que este não calasse, rasgando-se os tecidos das mãos cravadas. Zockler, *Das Kreuz*, p. 437, e Krauss, *Real Encyclopedie der christlichen Alterthümer*, t. 2, p.p. 224, 245.

(17) **CALVÁRIO** — Em hebreu *Gulgolet*, em aramaico *Gulgota*, nomes que querem dizer crâneo, caveira. S. Lucas o traduziu por *kranion*, e os demais evangelistas *kranion topos calvariae locus*. Isso indica a forma do lugar da crucificação; não era monte, nem colina, mas somente o lugar parecido com um crâneo, um pequeno montículo, pequeno e acessível cabeça, vizinho às muralhas de Jerusalém, como lhe chama o sr. Bispo de Betsaida, nos *Ensaio do Pulpito*, p. 151. Segundo este erudito prelado "o Calvário não excede uma altura inferior a cinco metros, a qual se sobe, ao presente, dum lado por dezoito escadões e doutro por dezenove, abertos na rocha." Está situado no declive de Gareb. Muitos escritores heterodoxos têm pretendido contestar a autenticidade do Gólgota, mas a estes respondem brilhantemente os autores católicos de nossos dias. E começaremos por transcrever as palavras do douto prelado acima indicado: "Seria porém esta a topografia de Jerusalém no tempo de Jesus Cristo? "As numerosas e assoladoras guerras aí ocorridas, desde as legiões de Tito, no ano 70 da era vulgar, até as côrtes dos Cruzados, e reconquista dos turcos capitaneados por Saladino, em 1187; o terremoto que abalou tudo no momento de render na cruz o Espírito; a ação constantemente transformadora do tempo, através do longuíssimo trecho de dezenove séculos; a mão do homem sucessivamente construindo e destruindo, dentro duma cidade sempre habitada e cujo perímetro mais duma vez se alterou: não serão tudo isto motivos sufficientíssimos para afirmar a metamorfose duns lugares ou, quando menos, para duvidar da genuína identidade deles? Estas ponderadas interrogações colhem em parte, na verdade; e tanto que, sendo o lugar do Calvário nessa época fora da cidade, forma hoje o coração dela; mas o aspecto geral, o panorama das diversas colinas não se transmutou. E, dando que assim acontecesse a qualquer delas, ao sítio do Calvário é que não chegou a alteração. A Providência divina vela por aqueles sacratíssimos lugares. Ali se aponta o sítio onde os algozes O crucificaram: ali se vê a cova em que foi acunhado o pé da cruz; ali se apalpa a fenda da rocha aberta pelo terremoto; ali se beija a pedra sobre

34 E lhe deram a beber vinho misturado com fel. E tendo-o provado não o quis beber. (18)

35 E depois que o crucificaram, repartiram as suas vestiduras, lançando sortes: Porque se cumprisse o que tinha sido anunciado pelo profeta, que diz: Repartiram entre si as minhas vestiduras, e sobre a minha túnica lançaram sortes. (19)

36 E assentados o guardavam.

37 Puseram-lhe também sobre a cabeça esta inscrição, que declarava a causa da sua morte: ÊSTE É' JESUS, REI DOS JUDEUS. (20)

que foi ungido; ali se banha de lágrimas o sepulcro que O recebeu — Tudo o mesmo sem a mínima mudança." Ensaio do Púlpito p. 184. O notável exegeta contemporâneo H. Lesetre publicou na *Correspondence Catholique*, N. 14, 3 janeiro 1895, um importante trabalho critico, intitulado *Le Golgotha, et les nouveaux Calvaires*, onde refuta brilhantemente as pretensões dos adversários da identidade do Calvário, e principalmente a objeção deduzida do local contemporâneo do Sepulcro, no coração da cidade demonstrando com as mais seguras e indiscutíveis provas que este local ficava, ao tempo de Jesus, fora da cidade. De fato, em 1835, lançando-se os alicerces duma construção, descobriu-se um fosso perto da Porta Judiciária, que era uma parte do fôss de defesa da antiga cidade: *Lievin, Guide de la terre Sainte*. Por isso Vitor Guerin escreve: *Ces deux augustes sanctuaires, du Saint Sepulchre et du Golgothe, n'ont absolument rien à redouter de l'étude topographique de Jerusalem*. V. Guerin, *Jerusalem*, p. p. 315 e 316.

(18) **E LHE DERAM A BEBER VINHO** — Os tormentos da crucificação causavam uma sede ardente; daqui o uso de dar aos supliciados uma beberagem própria para lhes acalmar a sede e entorpecer a sensibilidade.

(19) **O CRUCIFICARAM** — Divergem os autores sobre o número de cravos empregados na crucificação; uns querem que fossem quatro, um para cada mão e para cada pé, outros que fossem três, um para cada mão e um para os dois pés. Plauto Mostellaria, 2, 1, 12, 10, edit. Tubner de 1896, supõe formalmente quatro cravos, *bis pedes, bis brachia*; do mesmo parecer é a maioria dos autores que se ocupam da crucificação.

(20) **ESTA INSCRIÇÃO** — Era costume de escrever-se os motivos da condenação. O único Evangelista que o reproduz textual-

Evangelho de S. Mateus 27, 38-46

38 Ao mesmo tempo foram crucificados com êle dois ladrões: Um da parte direita, e outro da parte esquerda.

39 E os que iam passando blasfemavam dele, movendo as suas cabeças,

40 e dizendo: Ah, tu o que destróis o templo de Deus, e o reedificas em três dias, salva-te a ti mesmo: Se és filho de Deus, desce da cruz.

41 Da mesma sorte insultando-o também os príncipes dos sacerdotes com os escribas, e anciãos, diziam:

42 Êle salvou a outros, a si mesmo não se pode salvar: Se é rei de Israel, desça agora da cruz, e creemos nele:

43 Confiou em Deus; livre-o lá agora, se é seu amigo, porque êle disse: Eu, pois, sou Filho de Deus.

44 E os mesmos improperios lhe diziam também os ladrões, que haviam sido crucificados com êle.

45 Mas desde a hora sexta até à hora nona se difundiram trevas sôbre tôda a terra. (21)

46 E perto da hora nona deu Jesus um grande brado, dizendo: Eli, Eli, lamma sabachthani? isto é: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?

mente é Jo 19, 19. 20, e aí nos occuparemos mais demoradamente dêste notável titulo, que encimou a cruz do Redentor.

(21) **DESDE A HORA SEXTA** — Três horas depois do meio-dia.

47 Alguns porém dos que ali estavam, e que ouviram isto, diziam: Este chama por Elias. (22)

48 E logo correndo um dêles, tendo tomado uma esponja, a ensopou em vinagre, e a pôs sobre uma cana e lha dava a beber.

49 Porém os mais diziam: Deixa, vejamos se vem Elias a livrá-lo.

50 E Jesus tornando a dar outro grande brado, rendeu o espírito.

51 E eis que se rasgou o véu do templo em duas partes dalto abaixo: E tremeu a terra, e partiram-se as pedras. (23)

52 E abriram-se as sepulturas: E muitos corpos de santos, que eram mortos, ressurgiram.

53 E saindo das sepulturas depois da ressurreição de Jesus, vieram à cidade santa, e apareceram a muitos.

54 Mas o centurião, e os que com êle estavam de guarda a Jesus, tendo presenciado o terremoto, e os su-

(22) **ELIAS** — Êste mal entendido prova que entre os peregrinos que afluíam a Jerusalém por ocasião da Páscoa, estavam gregos ou romanos que não entendiam nem o hebreu, nem o arameu, nem o sirocaldaico.

(23) **VEU DO TEMPLO** — Em grego naos. Havia no templo de Jerusalém dois véus; um separava o pórtico do Santo, outro o Santo do Santo dos Santos. Foi êste último que se rasgou em dois no momento da morte de Jesus Cristo. Estava destruído o velho templo, estava patente o Santo dos Santos. A vítima que acabava de expirar introduzir-nos-á, à custa do seu sangue, no verdadeiro Santo dos Santos, do qual o da lei velha era apenas pálida figura. Os próprios mortos ouvirão a sua voz; a vida que êle deu ao mundo vivificará a humanidade; abrem-se os túmulos, e despertam os que dormiam.

cessos que aconteciam, tiveram grande medo, e diziam: Na verdade, este homem era Filho de Deus. (24)

55 Achavam-se também ali, vindo de longe, muitas mulheres, que desde a Galiléia tinham seguido a Jesus, subministrando-lhe o necessário:

56 Entre as quais estavam Maria Madalena, e Maria, mãe de Tiago, e de José, e a mãe dos filhos de Zebedeu. (25)

57 E quando foi lá pela tarde, veio um homem rico de Arimatéia, por nome José, que também era discípulo de Jesus: (26)

(24) **O CENTURIÃO** — Os corpos dos crucificados eram guardados à vista. Petrônio, numa sátira, diz que se tomavam estas precauções para que não tirassem da cruz o crucificado.

(25) **MARIA MADALENA** — É célebre no Evangelho pelos seus sentimentos de caridade ardente para com Jesus Cristo, e na tradição eclesiástica pelas suas lágrimas de penitência. Este sobrenome de Madalena vem-lhe da sua casa de Magdala, na Galiléia, perto do lago de Tiberíades. É a pecadora, como lhe chama o Evangelho, atormentada pelo demônio até àquele instante em que o Salvador lhe perdoou os seus pecados, como recompensa de seu arrependimento, com que traduzia o muito amor à sacratíssima pessoa de Jesus: *Quia dilex multum*. Foi desde então que ela, renunciando a tudo quanto fosse vaidade, se entregou à mais áspera penitência. Por esse mesmo amor e por essa contínua austeridade mereceu a dita de acompanhar o Divino Mestre até aos derradeiros momentos da sua vida mortal, e depois a ventura de saber da Sua ressurreição. A partir deste instante o Evangelho não torna a falar de Madalena. Segundo a opinião geral, ela abandonou Jerusalém e a Palestina depois da descida do Espírito Santo, seguindo para a Provença, onde veio a terminar os seus dias, depois de ter pregado ali o Evangelho, e de ter assombrado o mundo com as mais rudes penitências.

(26) **ARIMATÉIA** — Segundo Eusébio, é a Ramathan — Sophim; no entender de S. Jerônimo, é a atual Ramlet, a quatro quilômetros de Lídia.

58 Este chegou a Pilatos, e lhe pediu o corpo de Jesus. Pilatos mandou então que se lhe desse o corpo. (27)

59 Tomando, pois, o corpo, amortalhou-o José num aseado lençol. (28)

60 E depositou-o no seu sepulcro, que ainda não tinha servido, o qual elle tinha aberto numa rocha. E tapou a bôca do sepulcro com uma grande pedra que para ali resolveu, e retirou-se. (29)

61 E Maria Madalena, e outra Maria estavam ali sentadas defronte do sepulcro.

(27) **PEDIU O CORPO** — Porque as leis romanas não permitiam dar sepultura aos criminosos sem permissão dos juizes.

(28) **AMORTALHOU-O** — Os judeus lavavam os cadáveres, e quando eram de pessoas ricas, e de qualidade, os embalsamavam, não lhes tirando as entranhas, como faziam os egípcios, e se praticou depois no ocidente, mas ensopando-os em um licor espesso de mirra, áloes, e outras drogas aromáticas; depois os envolviam desde a cabeça até aos pés com faixas largas de linho, ensopadas também no mesmo licor. E envolvendo-os depois em lençol novo, e mui claro, os recostavam desta sorte nas sepulturas, sobre pequenos leitos. Cobriam-lhes as cabeças, e os rostos com um lenço a que chamavam sudário. E assim parece que foi sepultado o Senhor. Veja-se Calmet na Dissert., sobre os funerais, e sepulturas dos hebreus. Quanto ao sudário, falaremos adiante.

(29) **SEPULCRO** — Este tumulo pertencente a José de Arimatéia era, segundo o uso do país, cavado na rocha. Ainda hoje, se vêem em volta de Jerusalém muitos túmulos deste gênero. Era composto de duas câmaras, das quais a primeira forma o vestibulo da segunda. E nesta última que foi colocado o Sagrado Corpo do Divino Crucificado. Vê-se pela descrição Evangélica, como foi simples o enterramento de Jesus. Os condenados pelo sanedrim deviam ser sepultados sem honras fúnebres.

QUE AINDA NÃO TINHA SERVIDO — Para não dizerem os judeus, que fôra outro o que ressurgira, diz Santo Ambrósio. — **Duhamel.** Aqui deve o cristão advertir com a maior reflexão, quanta é a pureza de coração que se requer, para chegar a receber no seu peito o adorável corpo do Senhor, que não quis ser depositado depois de morto em lugar onde tivesse habitado a corrupção.

62 E no outro dia, que é o seguinte ao Parasceve, os príncipes dos sacerdotes, e os fariseus acudiram juntos à casa de Pilatos, (30)

63 dizendo: Senhor, lembramo-nos de que aquele embusteiro, vivendo ainda, disse: Eu hei de ressurgir depois de três dias.

64 Dá logo ordem que se guarde o sepulcro até ao dia terceiro: Por não suceder que venham seus discípulos, e o furem, e digam à plebe: Ressurgiu dos mortos: E desta sorte virá o último embuste a ser pior do que o primeiro.

65 Pilatos lhes respondeu: Vós aí tendes guardas; ide, guardai-o como entendeis. (31)

66 Êles, porém, retirando-se, trabalharam por ficar seguro o sepulcro, selando a campa, e pondo-lhe guardas. (32)

(30) **AO PARASCEVE** — Êste dia de Parasceve, ou preparação era, segundo Lc 23, 54, o que precedia ao sábado, isto é, a sexta feira em que morreu Jesus Cristo. Chamava-se dia de preparação, porque nele se preparava tudo o que era necessário para o mesmo sábado, segundo a lei do Êx 16, 5, ainda que fosse acender lume, ou cozinhar, porquanto este era dia de descanso, e do Senhor, e não se podia trabalhar nele. E assim foi a manhã do mesmo sábado, quando acudiram a Pilatos os príncipes dos sacerdotes, e os fariseus.

(31) **GUARDAI-O COMO ENTEDEIS** — Tinham os judeus uma companhia de soldados para a guarda do templo, e Deus permitiu, segundo a reflexão de S. João Crisóstomo, que Pilatos não quisesse que fossem os seus soldados os que guardassem o sepulcro; porque neste caso os judeus diriam, que se haviam concertado com os discípulos do Salvador, e que lhes haviam entregado o seu corpo. Êles mesmos tomaram sobre si êste cuidado, e não omitiram meio algum para evitar êste roubo, que temiam dos discípulos.

(32) **SELANDO A CAMPA** — Jesus permitiu que o seu túmulo fosse selado pelo seu inimigo, e guardado pelos soldados romanos, que eram quatorze, revessando-se de três em três horas, para que mais estupendo fosse o milagre de sua ressurreição.

CAPÍTULO 28

TREME A TERRA. ESPANTAM-SE OS GUARDAS. UM ANJO DECLARA AS SANTAS MULHERES A RESSURREIÇÃO DE JESUS. O SENHOR MESMO LHEZ APARECE, E MANDA-LHEZ QUE AVISEM OS APÓSTOLOS. QUE O VERÃO EM GALILÉIA. OS GUARDAS SUBORNADOS DIZEM QUE ESTANDO ELES DORMINDO, VIERAM OS DISCÍPULOS, E LEVARAM O CORPO. OS DISCÍPULOS O VÊEM EM GALILÉIA. ELE OS ENVIA A PREGAR E BATIZAR POR TODO O MUNDO.

1 Mas na tarde do sábadó, ao amanhecer o primeiro dia da semana, veio Maria Madalena, e outra Maria a ver o sepulcro. (1)

2 E eis que tinha havido um grande terremoto, porque um anjo do Senhor desceu do Céu: E chegando revoltou a pedra, e estava assentado sôbre ela.

3 E o seu aspecto era como um relâmpago: E a sua vestidura como a neve.

4 E de temor dele se assombraram os guardas, e ficaram como mortos.

5 Mas o Anjo falando primeiro, disse às mulheres: Vós outras não tenhais medo: Porque sei que vindes buscar a Jesus, que foi crucificado:

6 Êle já aqui não está, porque ressuscitou como tinha dito: Vinde, e vêde o lugar onde o Senhor estava pôsto.

(1) **AO AMANHECER** — O Evangelista conta aqui o dia natural de vinte e quatro horas, desde que sai o sol, até que outra vez torna a sair, como o contavam os romanos. Os hebreus o faziam desde pôsto o sol até que no outro dia se tornava a pôr. E assim o que isto quer dizer, é que se acabava o último dia da semana, e começava o primeiro dia da outra. Jesus Cristo ressuscitou na

Evangelho de S. Mateus 28, 7-9

7 E ide logo, e dizei aos seus discípulos que êle resuscitou: E ei-lo aí vai adiante de vós para Galiléia: Lá o vereis: Olhai, que eu vo-lo disse antes. (2)

8 E saíram logo do sepulcro com mêdo, e ao mesmo tempo com grande gozo, e foram correndo a dar a nova aos seus discípulos. (3)

9 E eis que lhes saiu Jesus ao encontro, dizendo: Deus vos salve. E elas se chegaram a êle, e se abraçaram com os seus pés, e o adoraram. (4)

manhã do domingo, como o crê a Igreja. S. Jerônimo, S. Gregório Niceno, Santo Agostinho e S. Tomás se applicaram particularmente a fazer ver que na *vespere Sabbati* se deve explicar, passada a semana, ou a noite do mesmo sábado, e as outras palavras: *quae lucescit in prima Sabbati* assinalam a declinação desta mesma noite, que era o principio, e como o raiar da aurora do seguinte dia, isto é, do domingo, primeiro dia da semana seguinte.

OUTRA MARIA — Maria, mulher de Cleofas.

(2) **VAI ADIANTE DE VÓS** — Obrigando-os assim a sair quanto antes de Jerusalém, e passar a Galiléia, para que estivessem mais distantes de todos aqueles que lhes pudessem fazer algum dano. — S. João Crisóstomo e S. Tomás.

(3) **E FORAM CORRENDO A DAR** — O grego tem: e quando vão a dar a nova aos seus discípulos. Tudo isto se não lê na Vulgata. Estas mulheres saíram do Sepulcro, isto é, da gruta em que estava o Sepulcro de Jesus Cristo, e onde haviam entrado por ordem do Anjo. Este dissipou as trevas daquele lugar escuro, com a luz e resplendor de que ia rodeado, como observa S. Jerônimo. O temor que tiveram, nascia da vista do Anjo, e do perigo em que se julgavam estar, porque duvidavam da verdade das coisas que lhes diziam. Mas êste temor ia de mistura com uma extraordinária alegria, pela novidade da Ressurreição milagrosa do Salvador, que lhes parecia incrível.

(4) **E SE ABRAÇARAM COM OS SEUS PÉS** — Ação de respeito, e de humildade. — Améote.

10 E então lhes disse Jesus: Não temais, ide, dai as novas a meus irmãos para que vão a Galiléia, que lá me verão. (5)

11 Ao tempo que elas iam, eis que vieram à cidade alguns dos guardas, e noticiaram aos príncipes dos sacerdotes tudo o que havia sucedido.

12 E tendo-se congregado com os anciãos, depois de tomarem conselho, deram uma grande soma de dinheiro aos soldados,

13 intimando-lhes esta ordem: Dizei que vieram de noite os seus discípulos, e o levaram furtado enquanto nós estávamos dormindo. (6)

14 E se chegar isto aos ouvidos do governador, nós lho faremos crer, e atenderemos à vossa segurança.

15 Eles porém depois de receberem o dinheiro, o fizeram conforme as instruções que tinham. E esta voz que se divulgou entre os judeus, dura até ao dia de hoje.

16 Partiram pois os onze discípulos para Galiléia, para cima de um monte, onde Jesus lhes havia ordenado que se achassem.

(5) **A MEUS IRMÃOS** — Aos apóstolos, a quem chama irmãos, para os consolar e animar.

(6) **ENQUANTO NÓS ESTÁVAMOS DORMINDO** — Como podem estes dar testemunho do que passou, se estavam dormindo? Os que dormistes fostes vós outros, diz admiravelmente Santo Agostinho, encaminhando o seu discurso aos príncipes dos sacerdotes, e aos anciãos, porque recorrendo a um artifício tão pouco verossímil, descobristes vós mesmos a impostura. E que enorme crime não teriam cometido se assim praticassem. E como explicar que todos dormiam?

Evangelho de S. Mateus 28, 17-20

17 E vendo-o o adoraram: Ainda que alguns tiveram sua dúvida. (7)

18 E chegando Jesus lhes falou, dizendo: Tem-se-me dado todo o poder no Céu e na terra. (8)

19 Ide pois e ensinai todas as gentes: Batizando-as em nome do Padre, e do Filho, e do Espírito Santo. (9)

20 Ensinando-as a observar tôdas as coisas que vos tenho mandado, e estai certos de que eu estou convosco todos os dias, até à consumação do século.

(7) **SUA DÚVIDA** — Esta dúvida exclui a nimia credulidade que querem atribuir aos apóstolos, e ainda mais o estado de alucinação. Quem duvida pensa, reflete, compara e deduz.

(8) **TEM-SE-ME DADO TODO O PODER** — Para estabelecer em todo o mundo o Reino espiritual de Deus, não para o governar temporalmente. — **Amelote.**

(9) **E ENSINAI TODAS AS GENTES** — Nisto se encerram todas as funções apostólicas: em instruir os povos, e ministrar os Sacramentos, dos quais o primeiro e mais necessário é o Batismo.

EVANGELHO DE S. MARCOS

INTRODUÇÃO

Autor. — Muitos críticos distinguem entre S. Marcos, o Evangelista, e João Marcos parente de Barnabé. Comumente admite-se a identidade. São uma e a mesma pessoa. Segundo os Atos dos Apóstolos, João, ou João Marcos, estava ligado com S. Pedro, e foi em casa de sua mãe que o Príncipe dos Apóstolos, ao sair da prisão de Herodes, encontrou os cristãos reunidos, *At* 12, 12, o que faz supor que S. Marcos nem era pobre, nem rude. S. Pedro tomou-o para seu intérprete ou secretário, e por isso a sua composição chegou a ser conhecida pelo nome de *Evangelho de S. Pedro*, como refere Tertuliano, *Cont. Marc.*, 4, 5. Se é chamado Marcos e não João, é porque estando no império romano, pregando entre os gentios, devia tomar um nome facilmente compreendido. Foi ao Egito, alguns anos depois de S. Pedro ter estado em Roma, fundou a Igreja de Alexandria. S. Pedro estimava-o muito, dando-lhe nas cartas o tratamento de filho. Certamente que era judeu e contemporâneo dos Apóstolos, o que se prova pelos muitos hebraísmos de que está cheio o seu Evangelho, bem como de citações siro-caldaicas, 2, 3-17; 5, 41; 7, 11, 34; 10, 46. E' de tal sorte minucioso, descendo às particularidades do tempo, 1, 22, lugar, 2, 13;

Evangelho de S. Marcos

2, 7; 4, 1; 5, 20; 6, 38; 7, 31; 11, 21, número 5, 13; 6, 7-40, etc., de pessoas, 1, 29, 36; 3, 22; 12, 13, disposição, etc. Era muito afeiçoado a S. Pedro, cuidando com muito zêlo de narrar todos os fatos importantes da vida do Príncipe dos Apóstolos.

Data. — O Evangelho de S. Marcos foi composto pouco tempo depois do de S. Mateus, sendo o Príncipe dos Apóstolos quem apresentou o seu Evangelho, para que por todos fôsse recebido como objeto de fé e livro inspirado.

Objeto. — S. Marcos escreveu para os gentios, e muito particularmente para os romanos. E' esta a razão que explica a ausência de citações do Velho Testamento. Por êste motivo não chamou a Jesus Cristo o Messias, apresenta-o como rei; não lhe chama filho de Davi, mas Filho de Deus, Filho do homem, e omite muitas narrações que se encontram em S. Mateus.

I ARGUMENTOS EXTRÍNSECOS:

a) *Testemunhos formais da antiguidade.* O mais antigo testemunho da autenticidade de S. Marcos é o de Papias. "O Padre João, escreve êle, contava também que Marcos, intérprete de Pedro, escreveu exatamente, ainda que sem ordem, as palavras e ações de Cristo". Não tinha, é certo, ouvido nem seguido o Senhor, mas tinha acompanhado a S. Pedro, o qual ensinava conforme o exigiam as circunstâncias e não como quem expõe por ordem os oráculos do Senhor. Eusébio, *Hist. Eccl.* 3, 39. Em vista dêste texto, que é tão autorizado como concludente, pretendem os racionalistas afirmar que o escrito de Marcos a que Papias se refere, não é o Evangelho que nós lemos com o seu nome, mas um resumo das pregações de S. Pedro, que devia ser uma compilação desordenada, e que

nada se parece com o Evangelho que nos apresenta narrações bem coordenadas. A isto responde-se que o Evangelho de S. Marcos revela a mais completa ausência da ordem cronológica como Papias refere. De resto a passagem de Papias está em completo acôrdo com Irineu, Clemente de Alexandria, Orígenes, e quantos na antiguidade cristã se occuparam dêste Evangelho, consignando todos que S. Marcos compendiara os ensinamentos de Pedro.

O catálogo escriturário, de Muratori, que data do segundo século, principia por estas palavras, que se referem ao segundo Evangelista: *Quibus tamen interfuit et ita possit*, o que significa sem dúvida que o autor do segundo Evangelho assistiu às pregações de Pedro e fez delas por escrito uma fiel narração. Tertuliano escreve: — Afirma-se que o Evangelho composto por Marcos é o de Pedro, de quem Marcos era o intérprete. *Adv. Marcion*, 4,5.

b) *Testemunhos indirectos*. — Todos os manuscritos e tôdas as antigas versões, a Peschito, itala, gótica e outras, contêm êste Evangelho precedido desta inscrição: — *segundo Marcos*. E' verdade que êste Evangelho é menos citado pelos Padres do segundo e terceiro século, o que se explica por não conter quase nada que não seja narrado equivalentemente por S. Mateus ou S. Lucas; em todo o caso S. Justino refere-se a êste Evangelho em termos muito explícitos.

II ARGUMENTOS INTRÍNSECOS:

Entre os Evangelistas, S. Marcos é o que conta os fatos com mais minuciosidade. E' o Evangelho mais breve, mas nem por isso deixa de ser muito completo, e mesmo o mais completo pelo que respeita às notícias sô-

bre os feitos e ações de Pedro, como, por exemplo, a triplíce negação; e, coisa notável, narram-se minuciosamente os fatos que não honram o apóstolo, e deixam-se na sombra os que redundam em sua glória, por exemplo o magnífico elogio dado à sua fé pelo Salvador, quando Pedro se acabava de confessar por filho de Deus diante dos membros do colégio apostólico. Isto só se explica por determinação expressa de S. Pedro, cuja humildade aqui tão belamente se patenteia.

E' manifesto que o Evangelho de S. Marcos é dirigido, não aos habitantes da Palestina, mas em especial aos romanos. As palavras hebraicas que êle emprega são cuidadosamente traduzidas, para a boa intelligência dos leitores, que as não conheciam. Tudo pois concorre para corroborar a tradição primitiva, que attribui a redação do segundo Evangelho canônico a S. Marcos, discípulo de S. Pedro, e o considera composto em Roma, vivendo o Príncipe dos Apóstolos. E' também o resumo das pregações de S. Pedro.

Portanto os argumentos dos racionalistas sôbre João Marcos, o proto Marcos e o doutor Marcos, que certos exegetas modernos têm pretendido sustentar à face do texto, caem pela base, vingando-se a tradição primitiva, única competente em tal assunto.

Estilo. — S. Marcos é claro, preciso, mas árido, e a sua linguagem é pouco acurada. Usa frequentes vezes os diminutivos. Repete as mesmas idéias e os mesmos termos, seja para reforçar o sentido, seja por negligência.

Ocasião. — S. Clemente de Alexandria, citado por S. Jerônimo, explica assim as razões que moveram S. Marcos a escrever o seu Evangelho. Quando S. Pedro pregou o Evangelho em Roma, os ouvintes dirigiram-se a Marcos, rogando-lhe instantemente que escrevesse a dou-

trina ensinada por S. Pedro, visto que êle o acompanhara tanto tempo e retivera as próprias palavras do Príncipe dos Apóstolos. Marcos aquiesceu, redigiu o Evangelho e entregou-o aos que o solicitavam.

Escopo. — Conquanto se não note no Evangelho de S. Marcos nenhuma tendência especial, seja apologética, seja polêmica, e pareça que o intento de S. Marcos foi resumir as pregações de S. Pedro, seguindo *pari passu* o Evangelho de S. Mateus, que resumiu, pelo que S. Agostinho lhe chama *pedissequus Mathaei*, e Bossuet *le plus divin des abreviateurs*, é certo que o seu escopo parece ter sido mostrar que Jesus é o Senhor de tôdas as coisas, *Jesum esse rerum omnium Dominum*. Cfr. D. Eduardo Nunes, *Theologiae Fundamentalis compendium*.

A idéia mãe do Evangelho de S. Marcos resume-se nesta proposição. A ação externa de Jesus prova que o Cristianismo é uma revelação divina. Esta ação está descrita pelo Evangelista tal qual ela se exerceu primeiramente na Galiléia, 9, depois na Judéa e em Jerusalém, 10, 16. P. Tiefenthal. O. S. Bento, Munster, 1893. *Dar heilige Evangelium nach Markus*.

Autenticidade. — A autenticidade do Evangelho de S. Marcos está perfeitamente vingada pelos Antigos Padres e pelos melhores exegetas modernos. Em que pese aos racionalistas, depois do estudo de Lardner, *Les Evangeliques et la critique rationaliste*; Demarest, *De auctoritate Evangeliorum*, Tiefenthal, ob. cit. e outros, inútil será contestar a autenticidade de S. Marcos, que se prova por argumentos intrínsecos e extrínsecos.

EVANGELHO DE S. MARCOS

CAPÍTULO 1

PREGA JOÃO O BATISMO DE PENITÊNCIA. BATIZA-SE JESUS, E RETIRA-SE AO DESERTO. É TENTADO DO DEMÔNIO. PREGA O EVANGELHO EM GALILÉIA. CHAMA A PEDRO, ANDRÉ, TIAGO E JOÃO. VAI A CAFARNAUM, ONDE CURA DE UMA FEBRE A SOGRA DE PEDRO. CURA TAMBÉM UM POSSESSO E UM LEPROSO. DE TÓDAS AS PARTES O VEM BUSCAR O POVO.

1 Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus.

2 Conforme está escrito no profeta Isaías: Eis aí envio o meu anjo ante a tua face, o qual irá adiante de ti preparar-te o caminho.

3 Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas.

4 Estava João batizando no deserto, e pregando o batismo de penitência, para remissão de pecados. (1)

(1) **PREGANDO O BATISMO** — João iniciou a sua pregação no ano 27 da Era Cristã, que era um ano sabático, durante o qual estava suspensa a vida agrícola; não se trabalhava nem se semeava a terra; os animais e os homens, tudo repousava. As sinagogas eram muito frequentadas; os fieis aglomeravam-se juntos às cadeiras dos doutores. Contudo o Batista conserva-se anacoreta, foge

Evangelho de S. Marcos i, 5-11

5 E saía concorrendo a êle tôda a terra de Judéia, e todos os de Jerusalém, e eram batizados por êle no rio Jordão, confessando os seus pecados.

6 E João andava vestido de peles de camelo, e trazia uma cinta de couro à roda de seus lombos, e comia gafanhotos, e mel silvestre. E pregava dizendo:

7 Após de mim vem outro mais forte do que eu: Ante o qual não sou digno de me prostrar para lhe desatar a correia dos sapatos.

8 Eu tenho-vos batizado em água, porém êle batizar-vos-á no Espírito Santo.

9 E aconteceu isto: Naqueles dias veio Jesus de Nazaré, cidade de Galiléia: E foi batizado por João no Jordão.

10 E logo que saiu da água, viu Jesus os Céus abertos, e que o Espírito Santo descia, e pousava sôbre êle em figura de pomba.

11 E ouviu-se dos Céus esta voz: Tu és aquêlê meu filho singularmente amado, em ti tenho pôsto toda a minha complacência. (2)

dos centros, escolhe o deserto para aí pregar. Is 11, 3; Mat 3, 3. S. João percorreu-o do norte ao sul, do poente ao oriente, ia, vagueando pelos caminhos, desde o Engadi e das margens do mar morto ao Dayebah, desde a gruta de Ain-Karim até ao Jordão. Esperava os que passavam nas caravanas e dirigia-lhes a sua palavra, firme com as suas convicções, austerá como a sua vida, e emocionante como a verdade que anunciava, a aproximação do reino de Deus.

(2) **OUVIU-SE DOS CÉUS ESTA VOZ** — Este ato inaugura a vida pública de Jesus, revela a sua natureza, a sua missão divina, o seu destino e a força que o há de conduzir. Jesus deixou de ser

12 E logo o Espírito o lançou para o deserto. (3)

13 E esteve no deserto quarenta dias e quarenta noites: E ali foi tentado por satanás: e habitava com as feras, e os anjos o serviam. (4)

14 Mas depois que João foi entregue à prisão, veio Jesus para Galiléia, pregando o Evangelho do reino de Deus,

o humilde carpinteiro da Galiléia, o véu que o ocultava à multidão despedaça-se; aparece como é, o Cristo, o Filho de Deus. Vinha salvar o mundo perdido pelo orgulho, uma sociedade dementada pela vaidade; o seu primeiro ato solene é sujeitar-se à lei da penitência e do sacrificio, do qual o batismo de João era o símbolo, depois o deserto.

(3) **O DESERTO** — Qual era êste deserto? Os documentos evangélicos não o determinam expressamente. E entretanto certo que a palavra grega eremos empregada pelos Evangelistas com o artigo no singular e sem epíteto só pode convir no deserto de Judá. A mais antiga tradição procurou os vestígios de Jesus na região montanhosa e inculta que se estende para oeste de Jericó até às alturas da Betânia, limitada ao sul pelo Suady el Kelt, ao norte pelo Ouady Neuahimeh. Jesus deixando o Jordão devia atravessar a planície de Jericó, e, deixando a cidade para a esquerda, internar-se nos desfiladeiros, ainda hoje chamados de Quarentena. É um bloco imenso de calcáreo encarniçado que parece ter sido calcinado por um incêndio. No mais elevado cume vê-se uma gruta que os fiéis veneram, como se tivesse sido nela que Jesus se abrigasse durante a sua estada no deserto, à qual se chega por um caminho aberto na rocha. É incomparável de majestade o vasto horizonte que daí se descortina. A este, para lá da planície do Jordão, o monte Nebo e os planaltos da Peréla; ao norte o Hermon, coroado de neves douradas fendendo as nuvens, por onde se perdem ao sul, o Mar Morto, brilhante como um disco de prata; ao poente a terra deserta da Judéa, onde as chuvas fazem brotar esquisitas e formosas plantas. Por isso diz o padre Didon: *C'est tout à la fois le desert et la montagne; deux grandeurs reunues, pleines d'austerité et de majesté* — Jesus Cristo, t. 1 pag. 156.

(4) **ESTEVE NO DESERTO** — Para mostrar que a solidão devia ter sempre para os religiosos um atrativo irresistível. Além disto Jesus Cristo quis sujeitar-se a êsse total recolhimento que, na

Evangelho de S. Marcos 1, 15-21

15 e dizendo: Pois que o tempo está cumprido, e se aproximou o reino de Deus: Fazei penitência, e crêde no Evangelho.

16 E passando ao longo do mar de Galiléia, viu a Simão, e a André seu irmão, que lançavam suas redes ao mar (porque eram pescadores).

17 E disse-lhes Jesus: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens.

18 E no mesmo ponto, deixadas as redes, o seguiram.

19 E dali tendo passado um pouco mais adiante, viu a Tiago, filho de Zebedeu, e a João seu irmão, que também numa barca estavam consertando as redes:

20 E chamou-os logo. E eles, tendo deixado na barca a seu pai Zebedeu com os jornaleiros, foram-no seguindo.

21 Entraram depois em Cafarnaum: E Jesus vindo logo nos dias de sábado para a sinagoga, ensinava o povo.

vida dos homens de ação, precede a execução da sua obra. Porque a verdade é esta: a solidão aproxima a alma de Deus, depura o coração, fortalece o espirito, alenta os tíbios, e anima os fortes. Moisés retirou-se ao solitário Horeb, para procurar Deus. Ex 3, 1. Elias pediu ao deserto um asilo contra o mundo, 2 Rs 19; no deserto se engrandeceu o Batista; Paulo isolou-se nas planícies de sabitadas da Arábia para meditar e tornar a ouvir o som daquela inigualável voz que retinha aos seus ouvidos na estrada de Damasco, e os discípulos do Crucificado, fugindo da corrupção do mundo, absorvidos na contemplação, sequiosos da vida eterna, caíram um dia nas concavidades dum rochedo, pedindo à Tebalda a paz que o mundo lhes não oferecia. De resto sabe-se que Cakya-Muni procurou a solidão. Rayga, 364, Cfr. Rudolph Seytel *Das Evangel. von Jesus*, Zoroastro viveu muito tempo na solidão duma montanha, Maomé fugiu para o monte Hlra, perto de Meca, etc.

22 E os que ouviam a sua doutrina, estavam pasmados: Porque êle os ensinava, como quem tinha autoridade, e não como os escribas.

23 Ora na sinagoga deles achava-se um homem possesso do espírito imundo, que gritou,

24 dizendo: Que tens tu conosco, Jesus Nazareno? Vieste a perder-nos? bem sei quem és, que és o Santo Deus.

25 Mas Jesus o ameaçou, dizendo: Cala-te e saí dêsse homem.

26 Então o espírito imundo agitando-o com violentas convulsões, e dando um grande grito, saiu dêle.

27 E ficaram todos tão espantados, que uns a outros se perguntavam, dizendo: Que é isto? que nova doutrina é esta? porque êle põe preceito com imperio até aos espíritos imundos, e obedecem-lhe.

28 E correu logo sua fama por tôda a terra de Galiléia.

29 E êles saindo logo da sinagoga, foram à casa de Simão, e de André, juntamente com Tiago, e João.

30 E a sogra de Simão estava de cama com febre: E lhe falaram logo a respeito dela.

31 E chegando-se Jesus ao pé dela, depois de a tomar pela mão, a fez levantar: E immediatamente a deixou a febre, e ela se pôs a servi-los.

32 E de tarde, sendo já sol pôsto, trouxeram-lhe todos os enfermos e possessos:

33 E tôda a cidade se tinha ajuntado à porta.

Evangelho de S. Marcos 1, 34-44

34 E curou a muitos, que se achavam oprimidos de diversas doenças, e expeliu muitos demônios, aos quais não permitia que dissessem que o conheciam.

35 E levantando-se muito de madrugada, saiu, e foi a um lugar deserto, e fazia ali oração.

36 E foram-no seguindo Simão, e os que com ele estavam.

37 E depois de darem com ele disseram-lhe: Todos andam em busca de ti.

38 E respondeu-lhe Jesus: Vamos para as aldeias, e cidades circunvizinhas, porque também quero lá pregar, que a isso é que vim.

39 Pregava pois nas suas sinagogas, e em toda a Galiléia, e expelia os demônios.

40 E veio a êle um leproso, fazendo-lhe suas rogativas. E pondo-se de joelhos, lhe disse: Se queres, podes limpar-me.

41 E Jesus, compadecido dêle, estendeu a sua mão: E tocando-lhe, disse-lhe: Quero: Sê limpo.

42 E tendo dito estas palavras, em um momento desapareceu dele a lepra, e ficou limpo.

43 E Jesus o ameaçou, e logo o fez retirar:

44 E lhe disse: Guarde-te, não o contes a alguém: Mas vai, mostra-te ao príncipe dos sacerdotes, e oferece pela tua purificação o que Moisés ordenou, para lhes servir de testemunho. (5)

(5) **PARA LHE SERVIR DE TESTEMUNHO** — Tanto do respeito que eu guardo à lei, Lev 14, 4, como da minha Onipotência.

45 Porém o homem tanto que saiu, começou a contar, e a publicar o sucedido, de sorte que Jesus não podia já entrar descobertamente numa cidade, mas ficava fora nos lugares desertos, e de tôdas as partes vinham ter com êle.

CAPÍTULO 2

APRESENTAM A JESUS UM PARALÍTICO. PROVA, COM A SUA CURA, QUE ELE TEM PODER DE PERDOAR PECADOS. CHAMA A MATEUS, E COME EM SUA CASA. OS QUE ESTÃO BONS, NÃO NECESSITAM DE MEDICO. DÁ A RAZÃO POR QUE SEUS DISCÍPULOS NÃO JEJUAM. DESCULPA-OS DE HAVEREM COLHIDO UMAS ESPIGAS EM DIA DE SÁBADO.

1 E entrou Jesus outra vez em Cafarnaum, depois de alguns dias.

2 E tanto que soou que estava ali em uma casa, acudiu logo um tão crescido número de gente, que não cabia, nem ainda à porta, e êle lhes pregava a palavra.

3 E vieram a êle trazendo um paralítico, que o conduziam quatro às costas.

4 E como não pudessem pôr-lho diante, por causa do tropel da gente, patentearam o telhado da casa onde estava: E tendo feito uma abertura, arriaram o leito em que jazia o paralítico. (1)

5 E quando Jesus viu a fé dêles, disse ao paralítico: Filho, perdoados te são os teus pecados.

(1) **O TELHADO** — Já dissemos que os telhados das casas judaicas eram planos, subindo-se para êles por uma escada exterior. Ali recebiam as visitas, estudavam e até comiam.

Evangelho de S. Marcos 2, 6-14

6 E estavam ali assentados alguns dos escribas, que lá nos seus corações estavam dizendo:

7 Como fala assim êste homem? êle diz uma blasfêmia. Quem pode perdoar pecados, senão só Deus?

8 Jesus conhecendo logo no seu espírito que êles pensavam desta maneira dentro de si, lhes disse: Por que estais vós pensando isso dentro de vossos corações?

9 Qual é mais facil, dizer ao paralítico: Os teus pecados te são perdoados, ou dizer: Levanta-te, toma o teu leito e anda?

10 Ora para que saibais que o Filho do homem tem na terra poder de perdoar pecados (disse ao paralítico):

11 A ti te digo: Levanta-te, toma o teu leito, e vai para tua casa.

12 E no mesmo ponto êle se levantou, e tomando o seu leito, se foi à vista de todos, de maneira que se admiraram todos, e louvaram a Deus, dizendo: Nunca tal vimos.

13 E saiu outra vez para a parte do mar, e vinha a êle, toda a gente, e êle os ensinava.

14 E indo passando, viu a Levi, filho de Alfeu, assentado no telônio, e lhe disse: Segue-me. E êle, levantando-se, o foi seguindo. (2)

(2) **LEVI, FILHO DE ALFEU** — A identidade de S. Mateus e de Levi foi posta em dúvida por Grotius, Annot in N., 1, Mt 9, 9, Michaelis Einliet, etc. Citam em favor da sua opinião Orígenes, mas sem fundamento, porque êste claramente diz em resposta a Celso, que no colégio apostólico havia só um publicano. Depois na evocação tomou o nome de Mateus, que quer dizer: dom de Deus.

15 E aconteceu que, estando Jesus assentado à mesa em casa dele, estavam também à mesa com Jesus, e com os seus discípulos, muitos publicanos, e pecadores, porque havia muitos que também o seguiam.

16 E vendo os escribas, e os fariseus, que Jesus comia com os publicanos e pecadores, diziam a seus discípulos: Por que come e bebe vosso Mestre com os publicanos e pecadores?

17 Quando isto ouviu Jesus, lhes disse: Os são não têm necessidade de médico, senão os que estão enfermos: Porque eu não vim a chamar justos senão pecadores.

18 Ora, os discípulos de João, e os fariseus jejuavam, e eles vão buscar a Jesus, e lhe dizem: Por que jejuam os discípulos de João, e os dos fariseus, e não jejuam os teus discípulos?

19 E Jesus lhes disse: Podem porventura jejuar os filhos das bodas, enquanto está com eles o Espôso? Todo o tempo que tem consigo ao Espôso, não podem jejuar. (3)

20 Mas lá virão os dias em que lhes será tirado o Espôso: E então naqueles dias eles jejuarão.

21 Ninguém cose um remendo de pano novo num vestido velho; doutra sorte o mesmo remendo novo leva parte do velho, e fica maior a ruptura.

22 E ninguém lança vinho novo em odres velhos: Doutra sorte fará o vinho arrebentar os odres, e entornar-se-á o vinho, e perder-se-ão os odres: Mas o vinho novo deve-se lançar em odres novos.

(3) **FILHOS DAS BODAS** — ou do espôso.

23 E sucedeu outra vez que caminhando o Senhor por entre os pães, num dia de sábado, começaram então os seus discípulos a ir-se adiantando, e a apanhar espigas.

24 E os fariseus lhe diziam: Olha, como fazem no sábado o que não é lícito?

25 E êle lhes respondeu: Nunca lestes o que fez Davi, quando se achou em necessidade, e teve fome êle e os que com êle estavam?

26 Como entrou na casa de Deus em tempo de Abiatar, príncipe dos sacerdotes, e comeu os Pães da Proposição, dos quais não era lícito comer, senão aos sacerdotes, e ainda deu aos que com êle estavam? (4)

27 E lhes dizia: O sábado foi feito em contemplação do homem, e não o homem em contemplação do sábado.

28 Assim que o Filho do homem é senhor também do sábado.

CAPÍTULO 3

CURA JESUS CRISTO O HOMEM DA MÃO RESSECADA. FOGE DE TER DISPUTAS COM OS FARISEUS. CONCORREM OS POVOS A ELE. CURA VÁRIAS ENFERMIDADES. ESCOLHE OS DOZE APÓSTOLOS. PÔEM-SE OS SEUS NOMES. ENVIA-OS A PREGAR O EVANGELHO. CONFUNDE OS DOUTORES DA LEI. O QUE OBEDECE A DEUS, É MÃE E IRMÃO DE JESUS CRISTO.

1 E entrou Jesus outra ocasião na Sinagoga: E achava-se ali um homem que tinha ressecada uma das mãos.

(4) **ABIATAR** — O pontífice, a quem Davi nesta ocasião se encaminhou, diz o primeiro Livro dos Reis, Cap. 21, que era

2 E os judeus o estavam observando, se curaria em dia de sábado, para o acusarem.

3 E disse ao homem que tinha a mão ressecada: Levanta-te para o meio.

4 E lhes disse: E' lícito em dia de sábado fazer bem, ou mal? salvar a vida, ou tirá-la? Mas eles ficaram em silêncio.

5 E olhando-os em roda com indignação, condoído da cegueira de seus corações, disse ao homem: Estende a tua mão. E ele a estendeu, e foi-lhe restabelecida a mão.

6 Mas os fariseus saindo dali, entraram logo em conselho contra ele com os herodianos, para ver como o haviam de arruinar.

7 Mas Jesus se retirou com os seus discípulos para a parte do mar: E o foi seguindo uma grande multidão de povo da Galiléia, e da Judéia,

8 e de Jerusalém, e da Iduméia, e do Além-Jordão: E da Comarca de Tiro, e de Sidônia vieram em grande número ter com ele, quando ouviram as coisas que fazia. (1)

Aquimelec. Por onde creram alguns que o pontífice Aquimelec se chamava também Abiatar: outros discorrem que Cristo nomeara aqui a Abiatar em lugar de Aquimelec, ou por ser Abiatar muito mais conhecido em tempo de Davi, ou porque fazendo as vezes de Abiatar, é que Aquimelec deu os pães a Davi. — Calmet.

(1) **IDUMÉIA** — Deriva de Edom ou de Esaú, irmão de Jacó que ali se tinha estabelecido. Fica ao sul da Palestina. Vencidos por Davi, recuperaram a liberdade no tempo de Jorão, 4 Rs 8, 20-22, e foram os mais encarniçados inimigos dos judeus. Mais tarde João Hircano subjugou-os. Os herodes eram de origem iduméia.

Evangelho de S. Marcos 3, 9-20

9 E mandou aos seus discípulos que lhe aprontassem uma barca em que pudesse entrar, para que o tropel da gente o não oprimisse:

10 Porque curava a muitos, de tal maneira que todos os que padeciam algum mal, se arrojavam sobre êle para o tocarem.

11 E quando os espíritos inundos o viam, se prostravam diante dêle: E gritavam, dizendo:

12 Tu és o Filho de Deus. Mas êle fazia-lhes grandes ameaças, que o não dessem a conhecer.

13 Depois, tendo subido a um monte, chamou Jesus para si os que quis: E vieram a êle.

14 E escolheu doze para que andassem com êle: E para os enviar a pregar.

15 E lhes deu o poder de curar enfermidades e de expelir demônios.

16 A saber, a Simão, a quem pôs o nome de Pedro:

17 E a Tiago, filho de Zebedeu, e a João, irmão de Tiago, aos quais êle deu o nome de Boanerges, que quer dizer, filhos do trovão:

18 E a André, e a Filipe, e a Bartolomeu, e a Mateus, e a Tomé, e a Tiago, filho de Alfeu, e a Tadeu, e a Simão Cananeu:

19 E a Judas Iscariotes, que foi o mesmo que o entregou.

20 E vieram à casa: E concorreu de novo tanta gente, que nem ainda podiam tomar o alimento.

21 E quando isto ouviram os seus, saíram para o prender: Porque diziam: Ele está furioso.

22 E os escribas, que haviam baixado de Jerusalém, diziam: Ele está possesso de Belzebu, e em virtude do príncipe dos demônios, é que expelle os demônios.

23 E havendo-os convocados, lhes dizia em parábolas: Como pode satanás lançar fora a satanás?

24 E se um reino está dividido contra si mesmo, não pode durar aquele reino.

25 E se uma casa está dividida contra si mesma, não pode permanecer aquela casa.

26 E se satanás se levantar contra si mesmo, dividido está, e não poderá subsistir; antes está para acabar.

27 Ninguém pode entrar na casa do valente a roubar as suas alfaías, se primeiro não ata ao valente, para poder depois saquear a sua casa.

28 Na verdade vos digo, que aos filhos dos homens perdoados lhes serão todos os pecados, e as blasfêmias que proferirem.

29 Mas o que blasfemar contra o Espírito Santo, nunca jamais terá perdão, mas será réu de eterno delito.

30 Porquanto diziam: Está possesso do espírito imundo.

31 E chegaram sua mãe e seus irmãos: E ficando da parte de fora, o mandaram chamar. (2)

(2) **SEUS IRMÃOS** — Seus parentes segundo o *usus loquendi*, Cfr. Mt 12, 46.

32 E estava sentado à roda dele um crescido número de gente, e lhe disseram: Olha que tua mãe e teus irmãos te buscam ali fora.

33 E ele lhes respondeu, dizendo: Quem é minha mãe, e meus irmãos?

34 E olhando para os que estavam sentados à roda de si, lhes disse: Eis aqui minha mãe e meus irmãos.

35 Porque o que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, e minha irmã, e minha mãe.

CAPÍTULO 4

A PARÁBOLA DO SEMEADOR EXPLICADA POR JESUS CRISTO AOS APÓSTOLOS. A LÂMPADA DEVE-SE PÔR SOBRE O CANDEIEIRO. O REINO DOS CÉUS COMPARADO A UM GRÃO DE MOSTARDA. A TORMENTA ACALMADA.

1 E de novo se pôs a ensinar à beira do mar: E se ajuntaram à roda dele tantas gentes, que, entrando em uma barca, se assentou dentro no mar, e toda a gente estava em terra na ribeira: (1)

2 E lhes ensinava muitas coisas por parábolas, e lhes dizia segundo o seu modo de pregar:

3 Ouvi: Eis saiu o sementeiro a semear.

4 E ao tempo de semear, uma parte caiu junto do caminho, e vieram as aves do Céu, e a comeram.

(1) **A BEIRA DO MAR** — Da Galiléia.

5 E outra caiu sobre pedregulho, onde não tinha muita terra: E nasceu logo, porque não havia profundidade de terra:

6 Mas logo que saiu o sol, se entrou a queimar: E como não tinha raiz se secou:

7 E outra caiu entre espinhos: E cresceram os espinhos, e a afogaram, e não deu fruto.

8 E outra caiu em boa terra: E deu fruto, que vingou, e cresceu, e um grão deu a trinta, outro a sessenta, e outro a cento.

9 E dizia: Quem tem ouvidos de ouvir, ouça.

10 E quando se achou só, lhe perguntaram os doze, que estavam com êle, qual era o sentido da parábola.

11 E lhes disse: A vós outros é concedido saber o mistério do reino de Deus: mas aos que são de fora tudo se lhes propõe em parábolas:

12 Para que vendo vejam, e não vejam: E ouvindo oiçam e não entendam: Para que não suceda que alguma vez se convertam, e lhes sejam perdoados os pecados.

13 E lhes disse: Não entendeis esta parábola? pois como entenderéis todas as parábolas?

14 O que semeia, semeia a palavra.

15 E êstes são os que estão junto do caminho, nos quais a palavra é semeada, mas quando a têm ouvido, vem logo satanás e tira a palavra que foi semeada nos seus corações.

16 E assim mesmo são aqueles que recebem a semente em pedregulho: Os quais, quando têm ouvido a palavra, logo a recebem com gosto:

Evangelho de S. Marcos 4, 17-26

17 Mas não têm raiz em si, porquanto perseveram até certo tempo: Depois em se levantando a tribulação e a perseguição por amor da palavra, logo se escandalizam.

18 E os outros são os que recebem a semente entre espinhos; êstes são os que ouvem a palavra.

19 Mas as fadigas do século, e a ilusão das riquezas, e as outras paixões a que dão entrada, afogam a palavra e assim fica infrutuosa.

20 E os que recebem a semente em boa terra, são os que ouvem a palavra, e a recebem, e dão fruto, um a trinta, outro a sessenta, e outro a cento.

21 Dizia-lhes mais: Porventura vem a luzerna para a meterem debaixo do alqueire, ou debaixo da cama? não é assim que a trazem para a porem sobre o candeeiro?

22 Porque não há coisa alguma escondida, que não venha a ser manifesta: Nem coisa alguma feita em oculto, que não venha a ser pública.

23 Se algum tem ouvidos de ouvir, oiça.

24 Também lhes dizia: Atendei ao que ides agora a ouvir. Com a medida com que medirdes aos mais, vos medirão a vós, e ainda se vos acrescentará. (2)

25 Porque ao que já tem, dar-se-lhe-á: E ao que não tem, ainda o que tem se lhe tirará.

26 Dizia também: Tal é o reino de Deus, como um homem que lança a semente sobre a terra.

(2) **E AINDA SE VOS ACRESCENTARÁ** — O grego: "A vós outros que ouvis, isto é, à proporção do trabalho, e atenção que empregardes em receber e cultivar a semente da divina palavra,

27 E que dorme, e se levanta de noite e de dia, e a semente brota, e cresce sem êle saber como.

28 Porque a terra por si mesma produz, primeira-mente a erva, depois a espiga, e por último o grão grado na espiga.

29 E quando produzir os frutos, mete logo a foice, porque está chegado o tempo da ceifa.

30 Ainda dizia: A que coisa assemelharemos nós o reino de Deus? ou com que parábola o compararemos?

31 E' como um grão de mostarda, que quando se semeia na terra, é a menor de tôdas as sementes que há na terra:

32 Mas depois de semeado, cresce, e faz-se mais alto que tôdas as hortalças, e cria grandes ramos, de modo que as aves do Céu podem vir pousar debaixo da sua sombra.

33 E assim lhes propunha a palavra com muitas parábolas, tais como estas, conforme ó permitia a capacidade dos ouvintes:

34 E não lhes falava sem usar de parábolas: Mas tudo explicava depois em particular a seus discípulos.

35 E naquele dia, já sôbre a tarde, lhes disse: Passemos à banda dalém.

será Deus liberal, e magnífico em derramar sobre vós novas e maiores graças. O homem recolherá à proporção do que houver semeado, S. Paulo aos Gál 6, 8, e na segunda aos de Cor 9, 6. O que semela pouco, colherá pouco. Deus é liberalíssimo, e aos que sabem fazer bom uso do que já têm, lhes dará mais e mais.

36 E despedindo a gente, o levaram consigo assim mesmo como estava na barca: E outras embarcações, que com êle estavam, o seguiram.

37 Então se levantou uma grande tormenta de vento que metia as ondas na barca, de sorte que ela se encheu d'água.

38 Entretanto estava Jesus dormindo na pôpa sobre um travesseiro: Então êles o acordam, e lhe dizem: Mestre, a ti não se te dá que pereçamos?

39 E levantando-se ameaçou o vento, e disse para o mar: Cala-te, emudece. E cessou o vento, e seguiu-se uma grande bonança.

40 Então lhes disse Jesus: Por que sois vós assim tímidos? Ainda não tendes fé? Ficaram êles sobremaneira penetrados de temor, e uns para os outros diziam: Quem julgas que é êste, que até o vento, e o mar lhe obedecem?

CAPÍTULO 5

LIVRA JESUS UM ENDEMONINHADO. PERMITE A UMA LEGIÃO DE DEMÔNIOS QUE SE METAM NUMA MANADA DE PORCOS. NÃO QUER QUE ÊSTE HOMEM O SIGA. CURA UMA MULHER QUE PADECIA UM FLUXO DE SANGUE. RESSUSCITA UMA MENINA.

1 E passaram à outra banda do mar ao território dos gerasenos. (1)

(1) **GERASENOS** — De Gerasa, que ficava situada, segundo a opinião comum, no local onde hoje estão as ruínas informes de Khersa, na margem esquerda do Ouadi do Semak, que desagua a este do lago de Genesaré. Estas ruínas de Khersas estão rodeadas dum muro.

2 E ao sair Jesus da barca, veio logo a êles dos sepulcros um homem possesso do espirito imundo.

3 O qual tinha nos sepulcros o seu domicilio, e nem com cadeias o podia já alguém suster preso:

4 Porque tendo sido atado muitas vezes com grilhões, e com cadeias, tinha quebrado as cadeias, e despedaçado os grilhões e ninguém o podia domar:

5 E sempre de dia e de noite andava pelos sepulcros, e pelos montes, gritando, e ferindo-se com pedras.

6 Vendo pois a Jesus de longe, veio correndo e adorou-o:

7 E dando um grande grito, disse: Que tens tu comigo, Jesus, Filho de Deus Altíssimo? eu te esconjuro por Deus, que me não atormentes.

8 Porque Jesus lhe dizia: Espirito imundo, sai dêse homem.

9 E perguntou-lhe: Que nome é o teu? Ao que êle respondeu: Legião é o meu nome, porque somos muitos. (2)

10 E pedia-lhe instantemente que o não lançasse fora do país.

11 Andava pois ali pastando ao redor do monte uma grande manada de porcos.

(2) **LEGIÃO** — A palavra legião toma-se aqui indefinidamente no sentido dum grande número. Vê-se aqui a intenção de S. Marcos empregando um termo conhecido pelos romanos. A legião romana, no tempo de Augusto, compunha-se de 6.800 homens.

Evangelho de S. Marcos 5, 12-20

12 E os imundos espíritos suplicavam a Jesus, dizendo: Manda-nos para os porcos, para nos metermos neles.

13 Deu-lhes Jesus logo esta permissão. E saindo os espíritos imundos, entraram nos porcos; e a manada que era de alguns dois mil, foi precipitar-se com grande violência no mar, e ali todos se afogaram.

14 E os que os andavam apascentando, fugiram e foram dar a notícia à cidade, e pelos campos. Então saíram muitos a ver o que tinha sucedido:

15 E vão ter com Jesus: E vêem ao que tinha sido vexado do demônio, sentado, vestido, e em seu perfeito juízo: E tiveram medo.

16 E os que se tinham achado presentes lhes contaram todo o fato, como havia acontecido ao endemoninhado, e o dos porcos.

17 E começaram a rogar a Jesus que se retirasse dos confins dêles.

18 E ao tempo que êle ia para entrar na barca, então começou o que fôra vexado do demônio a pedir-lhe que o deixasse ir com êle.

19 E Jesus o não admitiu, mas disse-lhe: Vai para a tua casa, para os teus, e anuncia-lhes quão grandes coisas o Senhor te fez, e a misericórdia que usou contigo.

20 E foi-se, e começou a publicar em Decápolis quão grandes coisas lhe havia feito Jesus: E todos se admiravam. (3)

(3) **EM DECÁPOLIS** — Território ao oriente do mar de Tiberíades, chamado assim das dez cidades principais, que nele havia. Cfr. Mt 4, 25.

21 E tendo passado Jesus segunda vez à banda da-lém, numa barca, concorreu a êle muita gente do povo, que se achava junto na ribeira.

22 E chegou um dos príncipes da sinagoga, por nome Jairo: E vendo a Jesus, lançou-se a seus pés.

23 E pediu-lhe com instância, dizendo: Eu tenho uma filha que está nas últimas; vem impor-lhe a mão para a curares, e para lhe dares vida.

24 E foi Jesus com êle, e era tanto o povo que o seguia, que o apertavam.

25 Então uma mulher, que havia doze anos que padecia um fluxo de sangue:

26 E que tinha sofrido muito às mãos de vários médicos: E que havia gastado tudo quanto tinha, nem por isso aproveitara coisa alguma, antes cada vez se achava pior:

27 Tendo ouvido falar de Jesus, veio por detrás entre a chusma, e tocou-lhe o vestido:

28 Porque dizia: Se eu tocar ainda que seja só o seu vestido, ficarei sã.

29 E no mesmo instante se lhe secou a fonte do seu sangue: Ela sentiu no seu corpo estar curada do mal. (4)

(4) **DO MAL** — Daquele açoite. As enfermidades são verdadeiramente um açoite com que Deus misericordiosamente nos desperta do letargo em que vivemos. A que padecia esta mulher era daquelas que lhe impediam tratar com os demais. Lev 15, 19. e por isto com muito tento, e como às escondidas, se chegou por detrás a tocar a roupa do Senhor, dando-lhe lugar para isto a grande confusão e tropel da gente. As outras circunstâncias que refere S. Marcos servem para realçar a verdade e grandeza do milagre.

Evangelho de S. Marcos 5, 30-39

30 Mas Jesus, conhecendo logo em si mesmo a virtude que saíra d'ê, voltando para a gente, disse: Quem tocou meus vestidos?

31 E responderam-lhe seus discípulos: Tu vês que a chusma te vai comprimindo de tôdas as partes, e então perguntas: Quem me tocou?

32 E Jesus olhava em roda para ver a que isto fizera.

33 A mulher, porém, que sabia o que se tinha passado nela, cheia de mêdo, e tôda tremendo, veio lançar-se a seus pés, e declarou-lhe tôda a verdade.

34 E Jesus lhe disse: Filha, a tua fé te salvou: Vai-te em paz, e fica curada do teu mal.

35 Ainda êle não tinha acabado de falar quando chegam alguns da casa do príncipe da sinagoga, dizendo: E' morta tua filha: Por que queres tu dar ao Mestre o trabalho de ir mais longe?

36 Mas Jesus tendo ouvido o que êles falavam, disse ao príncipe da sinagoga: Não tenhas mêdo: Crê sòmente.

37 E não permitiu que o acompanhasse nenhum se'não Pedro e Tiago, e João, irmão de Tiago.

38 Depois que chegaram à casa do príncipe da sinagoga, viu logo Jesus o reboliço e os que estavam chorando, e fazendo grandes prantos.

39 E tendo entrado, lhes disse: Para que é esta turbacão e este chôro que fazeis? A menina não está morta, mas dorme.

40 E zombavam dele. Mas Jesus, tendo feito sair todos para fora, tomou o pai e a mãe da menina, e os que consigo trazia, e entrou onde a menina estava deitada.

41 E tomando a mão da menina, lhe disse: *Talitha, cumi*, que quer dizer: Menina (eu te mando) levanta-te: (5)

42 E no mesmo ponto se levantou a menina, e começou a andar: Porque era já de doze anos: E eles ficaram assombrados com grande espanto.

43 Mas Jesus lhes mandou, com preceito expresso, que ninguém o soubesse: E disse que dessem de comer à menina. (6)

CAPÍTULO 6

JESUS DESPREZADO NA SUA PÁTRIA. ENVIA JESUS OS APÓSTOLOS A PREGAR. HERODES OUVINDO A FAMA DE JESUS DIZ QUE ÉLE ERA O BATISTA RESSUSCITADO. MILAGRE DOS PÃES MULTIPLICADOS. CAMINHA JESUS POR CIMA DAS ÁGUAS. FAZ ACALMAR UMA TORMENTA. CONSEGUEM MUITOS ENFERMOS A SAUDE, SÓ COM LHE TOCAR A ORLA DO VESTIDO.

1 Tendo Jesus saído dali foi para a sua pátria: E o seguiam os seus discípulos: (1)

(5) **TALITHA, CUM(I)** — São duas palavras aramaicas, a primeira das quais significa donzela, e a segunda é um imperativo, na segunda pessoa do singular, forma feminina.

(6) **QUE DESSEM DE COMER À MENINA** — Para verem que ela não só estava viva, mas também curada, pois podia comer.

(1) **PARA A SUA PÁTRIA** — Para Nazaré, onde costumava habitar com seus pais e de onde havia quase onze meses que se tinha ausentado. — Calmet. Estava em Cafarnaum e daí partia.

2 E chegando o dia de sábado começou a ensinar na sinagoga: E muitos dos que o ouviam, se admiravam da sua doutrina, dizendo: Donde vêm a êste tôdas estas coisas? e que sabedoria é esta que lhe foi dada? E donde tais maravilhas que pelas suas mãos são obradas?

3 Não é êste o oficial, filho de Maria, irmão de Tiago, e de José, e de Judas, e de Simão? não vivem aqui entre nós também suas irmãs? E daqui tomavam motivo para se escandalizarem. (2)

4 Mas Jesus lhes dizia: Um profeta só deixa de ser honrado na sua pátria, e na sua casa, e entre os seus parentes.

5 E não podia fazer ali milagre algum, senão foi que curou alguns poucos enfermos, impondo-lhes as mãos: (3)

6 E Jesus se admirava da incredulidade deles, e andava pregando por tôdas as aldeias circunvizinhas.

7 E chamou os doze: E começou a enviá-los a dois e dois, e lhes dava poder contra os espíritos imundos.

8 E ordenou-lhes que não levassem nada nas jornadas, senão somente um bordão; nem levassem alforge, nem pão, nem dinheiro na cinta.

9 Mas que fossem calçados de sandálias, e que não se provessem de duas túnicas.

(2) **NÃO É ÊSTE** — Cfr. Mt 13, 55. 56.

(3) **E NÃO PODIA FAZER ALI MILAGRE ALGUM** — Terribes consequências as da incredulidade, e da obstinação! Secarem de um certo modo a fonte das divinas graças, e tornarem como impotente o que tudo pode. A incredulidade e ingratidão dos homens frustram muitas vezes os designios de Deus pelo óbice que as más disposições estabelecem.

10 E dizia-lhes: Em qualquer casa onde entrardes, ficai nela, até sairdes do lugar:

11 E quando alguns vos não receberem, nem vos escutarem, saindo dali, sacudi o pó dos vossos pés, em testemunho contra êles.

12 E saindo êles pregavam aos povos, que fizessem penitência:

13 E expeliam muitos demônios, e ungiam com óleo a muitos enfermos, e ôs curavam.

14 E ouviu isto o rei Herodes, (porque o seu nome se tinha feito célebre) e dizia: E' que João Batista ressurgiu dentre os mortos: E por isso os prodígios obram nele. (4)

15 Outros porém diziam: E' Elias. E diziam outros: E' profeta como um dos profetas. (5)

16 Herodes, que ouvia êstes rumores, disse: Êste é João a quem eu mandei degolar e que ressurgiu dos mortos.

17 Porque é de saber que o mesmo Herodes, como tinha casado com Herodíades, sendo esta mulher de seu irmão Felipe, mandou prender, e meter em ferros a João, por causa desta mulher.

18 Porque dizia João a Herodes: Não te é lícito ter a mulher de teu irmão.

(4) **REI HERODES** — Herodes Antipas, tetrarca da Galiléia e Peréia, Cfr. Mt 14, 1.

(5) **COMO UM DOS PROFETAS** — Isto é, como um dos antigos profetas, como se lê em Lc 9, 8.

Evangelho de S. Marcos 6, 19-26

19 . E Herodíades lhe andava espreitando alguma ocasião: E o queria fazer morrer, porém não podia.

20 Porque Herodes temia a João, sabendo que êle era varão justo e santo: E o protegia e pelo seu conselho fazia muitas coisas, e o ouvia de boa vontade. (6)

21 Até que últimamente chegou um dia favoravel, em que Herodes celebrava o dia do seu nascimento, dando um banquete aos grânds da sua côrte, aos tribunos, e aos principais da Galiléia.

22 E havendo entrado no festim a filha da mesma Herodíades, e dançado, e dado gôsto a Herodes, e aos que com êle estavam à mesa, disse o rei à moça: Pede-me o que quiseres que eu to darei:

23 E lhe jurou: Tudo o que me pedires te darei, ainda que seja metade do meu reino.

24 Tendo ela saído, disse a sua mãe: Que hei de eu pedir? e ela respondeu: A cabeça de João Batista.

25 E tornando logo a entrar a grã-pressa onde estava o rei, pediu, dizendo: Quero que sem mais demora me dês num prato a cabeça de João Batista.'

26 E o rei se entristeceu, mas pôr causa do juramento, e pelos que com êle estavam ali à mesa, não quis desgostá-la. (7)

(6) **O PROTEGIA** — É o sentido do texto, e o que se deduz da continuação dos versículos. Assim traduz Glairé.

(7) **MAS POR CAUSA DO JURAMENTO** — O juramento caindo sôbre uma matéria tão iníqua, como era dar a morte a um homem como o Batista, por si mesmo era nulo, e de nenhum vigor. Só o capricho, ou a valdade, o podiam fazer cumprir. Este

27 Mas enviando um dos da sua guarda, lhe mandou trazer a cabeça de João num prato, e ele indo o degolou no cárcere.

28 E trouxe a sua cabeça num prato, e a deu à moça, e a moça a deu a sua mãe.

29 O que ouvindo seus discípulos, vieram e levaram o seu corpo, e o puseram no sepulcro.

30 Ora, os Apóstolos ajuntando-se onde Jesus estava, contaram-lhe tudo o que haviam feito, e ensinado.

31 E ele lhes disse: Vinde, retirai-vos a algum lugar deserto, e descansai um pouco. Porque eram muitos os que entravam e saíam: E não tinham tempo para comer.

32 Entrando pois numa barca, retiraram-se a um lugar deserto, por estarem sós.

33 E muitos os viram partir, e outros tiveram disso noticia, e concorreram lá a pé de tôdas as cidades, e chegaram primeiro que êles.

34 E ao desembarcar viu Jesus uma grande multidão de povo, e teve compaixão deles, porque eram como ovelhas que não têm pastor, e começou a ensinar-lhes muitas coisas.

35 E como fosse já mui tarde, chegaram-se a êle seus discípulos, dizendo: Este lugar é deserto, e a hora é já passada:

36 Despede-os, que vão por êsses casais e aldeias da comarca, a comprar alguma coisa que comam.

assunto provaram os nossos Padres do Concílio 8 de Toledo no Cânon 2, com as autoridades de Santo Antônio, Santo Agostinho, S. Gregório Magno, e Santo Isidoro de Sevilha.

Evangelho de S. Marcos 6, 37-46

37 E êle respondendo lhes disse: Dai-lhes vós outros de comer. E êles lhe tornaram: Será logo preciso que vamos com duzentos dinheiros comprar pão, para haver de lhes darmos de comer.

38 E Jesus lhes disse: Quantos pães tendes vós? Ide, e vêde lá isso. E depois de o terem examinado, lhe vêm dizer: Temos cinco e dois peixes.

39 Então lhes mandou que os fizessem recostar a todos em ranchos sôbre a verde relva.

40 E se recostaram em ranchos, de cento em cento, e de cinqüenta em cinqüenta.

41 E Jesus tomando os cinco pães, e os dois peixes, com os olhos no Céu, abençoou e partiu os pães, e os deu a seus discípulos, para que lhos pusessem diante: E repartiu por todos os dois peixes.

42 E todos comeram, e ficaram fartos.

43 E levantaram doze cestôs cheios de pedaços, que sobejaram dos pães, e dos peixes.

44 Ora os que comeram, eram cinco mil homens.

45 E imediatamente obrigou Jesus a seus discípulos a se embarcarem, para chegarem primeiro que êle à banda dalém a Betsaida, enquanto êle despedia o povo.

46 E depois que os despediu, retirou-se a um monte a fazer oração.

47 E chegada a tarde achava-se a barca no meio do mar e êle só em terra.

48 E vendo o trabalho que êles tinham em remar (porque o vento lhes era contrário), lá junto da quarta vigília da noite foi ter com êles, andando por cima das águas: E queria passar-lhes adiante.

49 Quando êles porém o viram caminhar sobre as águas, cuidaram que era algum fantasma, e puseram-se a gritar.

50 Porque todos o viram, e se turbaram. Mas êle logo falou com êles, e lhes disse: Tende ânimo, sou eu, não temais.

51 E meteu-se na barca para ir ter com êles, e cessou o vento. E êles ainda mais se espantavam no seu interior do que viam:

52 Pois ainda não tinham conhecido o milagre dos pães: Porque estava obcecado o seu coração.

53 E tendo passado à outra banda, vieram ao país de Genesaré, e tomaram ali porto.

54 E como saíram da barca, logo o conheceram:

55 E correndo por todo aquele país, começaram onde quer que sabiam que Jesus estava, a trazerem-lhe de tôdas as partes, nos leitos, os que padeciam algum mal.

56 E donde quer que êle entrava, fôsse nas aldeias, ou nos casais, ou nas cidades, punham os enfermos no meio das praças; e pediam-lhe que os deixasse tocar ao menos a orla do seu vestido, e todos os que o tocavam, ficavam sãos.

CAPÍTULO 7

TRADIÇÕES HUMANAS CONTRA OS DIVINOS PRECEITOS. SÓ O QUE SAI DO CORAÇÃO, FAZ IMUNDO O HOMEM. CASO DA MULHER CANANÉIA. CURA JESUS UM HOMEM SURDO E MUDO.

1 E vieram ter com Jesus os fariseus, e alguns dos escribas, que eram chegados de Jerusalém.

2 E quando viram tomar a refeição a alguns dos seus discípulos com as mãos imundas, isto é, por lavar, os vituperaram por isso. (1)

3 Porque os fariseus, e todos os judeus em observância da tradição dos antigos, não comem sem lavarem as mãos muitas vezes:

4 E quando vêm do mercado, não comem sem se purificarem: E assim observam outros muitos costumes, que lhes ficaram por tradição, como lavar os copos, e os jarros, e os vasos de metal, e os leitos:

5 E lhe perguntaram os fariseus e os escribas: Por que não andam os teus discípulos conformes com a tradição dos antigos, mas comem as viandas com as mãos por lavar?

6 E êle respondendo, lhes disse: Com muita razão profetou de vós, hipócritas, Isaías, como está escrito: Este povo honra-me com a bôca, mas o seu coração está longe de mim:

(1) **COM AS MÃOS IMUNDAS** — O latim diz *communibus manibus*, que tomado à letra, quer dizer, com as mãos comuns. Porque as mãos que andavam expostas aos toques de toda a

7 E em vão me adoram êles, quando ensinam máximas e preceitos dos homens.

8 Porque deixando o mandamento de Deus, observais cuidadosamente a tradição dos homens, lavando os jarros e os copos: E fazeis muitas outras coisas semelhantes a estas.

9 E dizia-lhes: Vós bem fazeis por invalidar o mandamento de Deus, para guardardes a vossa tradição. (2)

10 Porque Moisés disse: Honra a teu pai e a tua mãe. Item: Todo o que tratar mal de palavra a seu pai, ou a sua mãe, morra de morte. (3)

11 Mas vós outros dizeis: Para cumprir com a lei, basta que um homem diga a seu pai, ou a sua mãe: Toda a Corban, (que é toda a oferta) que eu faço a Deus, será em teu proveito.

12 E não lhe deixais fazer mais coisa alguma a favor de seu pai, ou de sua mãe.

13 Vindo assim a rescindir a palavra de Deus por uma tradição de que vós mesmos fostes os autores: e fazeis ainda muitas mais coisas que se parecem com esta.

sorte, de gente, de judeus e gentios, de bons e maus, tinham os fariseus por mãos imundas enquanto se não purificavam daqueles toques. Porque geralmente chamavam comum, e reputavam imundo, tudo o que servia ao uso comum, como se prova dos At 10, 14, e da Epístola aos Rom 14, 14 — Calmet.

(2) **VÓS BEM FAZEIS POR INVALIDAR** — Ou melhor, Vós fazeis bem em invalidar, etc. E então é uma ironia.

(3) **HONRA A TEU PAI** — Jesus aproveita sempre o ensejo de exaltar o respeito devido pelos filhos aos pais, preceito do direito divino.

Evangelho de S. Marcos 7, 14-23

14 E convocando de novo ao povo, lhes dizia: Ouvi-me todos, e entendei.

15 Não há coisa fora do homem que entrando nele o possa manchar, mas as que saem do homem, essas são as que fazem imundo ao homem.

16 Se algum há que tenha ouvidos de ouvir, oiça.

17 E depois que, deixada a plebe, entrou em casa, perguntaram-lhe seus discípulos qual era o sentido desta parábola.

18 E êle lhes disse: Que! também vós sois ignorantes? Não compreendeis que tudo o que de fora entra no homem, nada o pode contaminar:

19 Porque isso não lhe entra no coração mas vai ter ao ventre, e depois lança-se num lugar escuso, levando consigo tôdas as fezes do alimento? (4)

20 E lhes dizia que as coisas que saem do homem, essas são as que contaminam ao homem.

21 Porque do interior do coração dos homens é que saem os maus pensamentos, os adultérios, as fornicções, os homicídios:

22 Os furtos, as avarezas, as malícias, as fraudes, as desonestidades, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura.

23 Todos estes males vêm de dentro, e são os que contaminam ao homem.

(4) **NO CORAÇÃO** — Porque o coração é considerado como a sede da vida espiritual e afetiva.

24 E levantando-se dali, foi Jesus para os confins de Tiro e de Sidônia: E tendo entrado numa casa, quis que ninguém o soubesse mas não pôde ocultar-se.

25 Porque uma mulher, cuja filha estava possessa do espírito imundo, tanto que ouviu que êle lá estava, entrou, e lançou-se-lhe aos pés.

26 Era pois uma mulher gentia, de nação siro-fênícia, e rogava-lhe que expelisse de sua filha o demônio.

27 Disse-lhe Jesus: Deixa que primeiro sejam fartos os filhos; porque não é bom tomar o pão dos filhos, e lançá-lo aos cães.

28 Mas ela respondeu, e disse-lhe: Assim é, Senhor, mas também os cachorrinhos comem debaixo da mesa, das migalhas que caem dos meninos.

29 Então lhe disse Jesus: Por esta palavra que diseste, vai, que já o demônio saiu de tua filha.

30 E tendo vindo para sua casa, achou que a menina estava deitada sobre a cama, e que o demônio a deixara.

31 E Jesus, tornando a sair do termo de Tiro, veio por Sidônia ao mar de Galiléia, passando pelo meio do território de Decápolis.

32 E lhe trouxeram um surdo e mudo, e lhe rogavam que pusesse a mão sobre êle.

33 Então Jesus, tirando-o de entre o povo e tomando-o de parte, meteu-lhe os seus dedos nos ouvidos: E cuspido, pôs-lhe da sua saliva sobre a língua:

34 E levantando os olhos ao Céu, deu um suspiro, e disse-lhe: *Ephphetha*, que quer dizer, abre-te.

35 E no mesmo instante se lhe abriram os ouvidos, e se lhe soltou a prisão da língua, de sorte que entrou a falar expeditamente.

36 E mandou-lhes que a ninguém o dissessem. Porém quanto mais Jesus lho defendia, tanto mais eles o publicavam.

37 E tanto mais se admiravam, dizendo: Ele tudo tem feito bem: Fez não só que ouvissem os surdos, mas que falassem os mudos.

CAPÍTULO 8

SUSTENTA JESUS QUATRO MIL HOMENS COM SETE PAES. O FERMENTO DOS FARISEUS. CURA UM CEGO. PERGUNTA AOS APÓSTOLOS QUE CONCEITO FORMAM DELE. RESPONDE PEDRO CONFESSANDO SER ELE O MESSIAS. MAS COMO POUCO DEPOIS O QUER DISSUADIR DE PADECER, E DE MORRER, O SENHOR O REPREENDE CHAMANDO-LHE SATANÁS. É NECESSÁRIO LEVAR A CRUZ, E IR EM SEGUIMENTO DE JESUS CRISTO. NADA DEVEMOS ESTIMAR TANTO, COMO A NOSSA ALMA.

1 Naqueles dias, como o povo houvesse concorrido outra vez em grande número, e não tivessem que comer, tendo chamado Jesus aos seus discípulos, lhes disse:

2 Tenho compaixão deste povo, porque, olhai, há já três dias que andam aturadamente comigo, e não têm que comer:

3 E se os despedir em jejum para suas casas, virão a desfalecer no caminho: Porque alguns deles vieram de longe.

4 E seus discípulos lhe responderam: De donde poderá alguém fartá-los de pão aqui nesta solidão?

5 E Jesus lhes perguntou: Quantos pães tendes vós? Responderam êles: Sete.

6 E mandou à gente que se recostasse sôbre a terra. E tomando os sete pães, dando graças, os partiu, e deu a seus discípulos, para que os distribuíssem, e êles os distribuíram pelo povo.

7 Tinham também uns poucos de peixinhos, e êle os abençoou, e mandou que lhos pusessem:

8 Comeram pois, e ficaram fartos, e dos pedaços que tinham sobejado, levantaram sete cestos.

9 Eram porém os que comeram perto de quatro mil, e Jesus os despediu.

10 E entrando logo na barca em companhia de seus discípulos, passou ao território de Dalmanuta. (1)

11 E saíram os fariseus, e se puseram a disputar com êle, pedindo-lhe que lhes fizesse ver algum prodígio do Céu, tudo para o tentarem.

12 Porém Jesus arrancando do íntimo do coração um suspiro, disse: Por que pede esta geração um prodígio? Em verdade vos digo, que a esta geração se não concederá prodígio.

13 E deixando-os, tornou outra vez a embarcar, e passou à outra banda.

14 Ora, os discípulos esqueceram-se de tomar pão, e não tinham consigo na barca senão um único.

(1) **DALMANUTA** — Fica, segundo uns, a oeste do lago Tiberíades, segundo outros nas vizinhanças de Magdala.

Evangelho de S. Marcos 8, 15-22

15 E pôs-lhes Jesus um preceito, em que dizia: Vê-de bem, e acautelai-vos do fermento dos fariseus, e do fermento de Herodes. (2)

16 E discorriam entre si, dizendo: E' porque não temos pão. (3)

17 O que conhecendo Jesus, disse-lhes: Que estais vós considerando que não tendes pão? é possível que ainda não no conheçais nem compreendais? ainda tendes cego o vosso coração?

18 Tendo olhos não vêdes? e tendo ouvidos não ouvis? e não vos lembrais,

19 quando parti cinco pães para cinco mil, quantos cêstos levantastes cheios de pedaços? Responderam êles: Doze.

20 E quando eu parti sete pães para quatro mil, quantos cêstos levantastes de pedaços? E eles lhe responderam: Sete.

21 E Jesus lhes dizia: Pois comp não entendeis ainda?

22 E vieram a Betsaida, e lhe trouxeram um cego, e lhe rogavam que o tocasse.

(2) **DO FERMENTO DE HERODES** — O que S. Mateus, 16. 6, diz fermento dos fariseus, e dos saduceus, diz S. Marcos fermento dos fariseus, e dos Herodes, porque na côrte de Herodes dominava a seita dos saduceus. — *Amelote.*

(3) **É PORQUE NÃO TEMOS PAO** — Parece que é o sentido: Diz porque não temos pão. Outros entendem que o *quia* é para mais certa expressão, e então entrava a maior diligência, e apêto dos discípulos, se além de não terem pão, não podiam tomá-lo, nem dos fariseus, nem dos herodianos.

23 E tomando ao cego pela mão, o tirou para fora da aldeia, e cuspidolhe nos olhos, tendo-lhe imposto as suas mãos, lhe perguntou se via alguma coisa.

24 E levantando êle os olhos, disse: Vejo os homens que andam semeando as árvores. (4)

25 Depois tornou-lhe Jesus a pôr as mãos sobre os olhos, e começou êle a ver, e ficou de todo curado, de sorte que via distintamente todos os objetos.

26 E Jesus o despediu para sua casa, dizendo-lhe: Vai para tua casa: E se entrares na aldeia não o digas a pessoa alguma.

27 E saiu Jesus com os seus discípulos pelas aldeias de Cesaréia de Filipe: E perguntava pelo caminho a seus discípulos, dizendo-lhes: Quem dizem os homens que sou eu?

28 Êles lhe responderam, dizendo: Uns dizem que João Batista, outros que Elias, e outros como um dos profetas.

29 Então lhes disse Jesus: E vós outros quem dizeis que sou eu? Respondendo Pedro, lhe disse: Tu és o Cristo.

30 E Jesus lhes proibiu com ameaças, que a ninguém dissessem isto dêle.

(4) **AS ÁRVORES** — Este homem principiou a ver confusamente, via a figura dos corpos humanos como sombras, sem poder distinguir delineamentos dos membros, como quando se olha de noite, ou de longe para os objetos, que não se pode distinguir se são árvores, ou homens. Este cego conheceu pelo movimento, que eram homens os que principiava a ver. O particípio *ambulantes* se deve referir aos homens, e não às árvores, como se vê claramente no texto grego.

Evangelho de S. Marcos 8, 31-39

31 E começou a declarar-lhes que importava que o Filho do homem padecesse muito, e que fosse rejeitado pelos anciãos, e pelos príncipes dos sacerdotes, e pelos escribas, e que fosse entregue à morte: E que ressuscitasse depois de três dias.

32 E tudo isto lhes declarava êle abertamente. Sobre o que Pedro, tomando-o de parte, começou a repreendê-lo.

33 Mas Jesus, virando-se, e olhando para seus discípulos, ameaçou a Pedro, dizendo: Tira-te de diante de mim, satanás, que não tens gosto das coisas de Deus, mas sim das dos homens.

34 E chamando assim o povo com seus discípulos, disse-lhes: Se alguém me quer seguir, negue-se a si mesmo: E tome a sua cruz, e siga-me.

35 Porque o que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á: Mas o que perder a sua vida por amor de mim, e do Evangelho, salva-la-á.

36 Pois de que aproveitará ao homem, se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?

37 Ou que dará o homem em troço pela sua alma?

38 Porque se nesta geração adúltera, e pecadora, se envergonhar alguém de mim, e das minhas palavras: Também o Filho do homem se envergonhará dêle, quando vier na glória de seu Pai acompanhado dos santos anjos.

39 Dizia-lhes mais: Em verdade vos afirmo que dos que aqui se acham, alguns há que não hão de gostar a morte, enquanto não virem chegar o reino de Deus no seu poder.

CAPÍTULO 9

A TRANSFIGURAÇÃO DE JESUS CRISTO. A VINDA DE ELIAS. EXPELE JESUS UM DEMÔNIO SURDO E MUDO. PREDIZ A SUA PAIXÃO E MORTE. O MAIOR ENTRE SEUS DISCÍPULOS DEVE SER O MAIS PEQUENO. DEVE-SE ARRANCAR O OLHO QUE NOS SERVE DE ESCÂNDALO.

1 E seis dias depois tomou Jesus consigo a Pedro, e a Tiago, e a João: E os levou sós a um alto monte em lugar apartado, e transfigurou-se ante eles. (1)

2 E os seus vestidos se tornaram resplandecentes, e em extremo brancos como a neve, tanto que nenhum lavandeiro sôbre a terra os poderia fazer tão brancos.

3 E lhes apareceu Elias com Moisés e estavam falando com Jesus.

4 E respondendo Pedro, disse a Jesus: Mestre, bom será que nós estejamos aqui: E façamos três tendas, para ti uma, e para Moisés outra, e para Elias outra.

5 Porque não sabia o que diziam: Pois estavam atônitos de medo;

6 E formou-se uma nuvem que lhes fez sombra: E saiu uma voz da nuvem, que dizia: Este é meu Filho diletíssimo: Ouvi-o.

7 E olhando logo em roda, não viram ali mais ninguém, senão somente a Jesus que estava com eles: (2)

(1) ALTO MONTE — Cfr. Mt 17, 1.

(2) SENÃO SÔMENTE A JESUS — Fez o eterno Pai retirar Moisés e Elias, que na Lei antiga haviam sido os doutores do mundo, porque na Lei da Graça só quer que escutemos a seu Filho. — Amelote.

8 E ao descerem êles do monte, mandou-lhes que a ninguém contassem o que tinham visto: Até que o Filho do homem houvesse ressurgido dos mortos.

9 E êles guardaram segredo, disputando entre si, sôbre que queria dizer aquela palavra: Até que houvesse ressurgido dos mortos.

10 E lhe perguntaram, dizendo: Pois como dizem os fariseus, e os escribas, que Elias deve vir primeiro?

11 Êle respondendo, lhes disse: Elias quando vier primeiro, reformará tôdas as coisas: E como está escrito acêrca do Filho do homem, deve padecer muito, e ser desprezado.

12 Mas digo-vos que Elias já veio (e fizeram dele quanto quiseram) como está escrito dele.

13 E vindo a seus discípulos, viu perto deles uma grande multidão de gente, e que os escribas estavam disputando com êles.

14 E logo todo o povo vendo a Jesus, ficou espantado, e todos se encheram de temor, e correndo a êle o saudavam.

15 E ele perguntou-lhes: Que é o que estais disputando entre vós outros?

16 E respondendo um dentre a gente, disse: Mestre, eu te trouxe meu filho, possuido de um espírito mudo:

17 O qual onde quer que o apanha, o lança por terra, e o moço deita escuma pela bôca e range os dentes, e vai-se mirrando: E roguei a teus discípulos que o expellessem, e êles não puderam.

18 Respondendo-lhes Jesus, disse: O' geração incrédula, até quando hei de eu estar convosco? Até quando vos hei de sofrer? Trazei-mo cá.

19 Trouxeram-lho então. E ainda bem êle não tinha visto a Jesus, quando logo o espírito imundo o começou a agitar com violência: Até que caiu por terra, onde se revolia babando-se todo.

20 E perguntou Jesus ao pai dele: Quanto tempo há que lhe sucede isto? E êle disse: Desde a infância:

21 E o demônio o tem lançado muitas vezes no fogo, e muitas na água, para o matar: Porém se tu podes alguma coisa, ajuda-nos, tem compaixão de nós.

22 Disse-lhe pois Jesus: Se tu podes crer, tudo é possível ao que crê.

23 E imediatamente o pai do moço gritando, dizia com lágrimas: Sim, Senhor, eu creio: Ajuda-tu a minha incredulidade.

24 E Jesus vendo que o povo concorria, ameaçou o espírito imundo, dizendo-lhe: Espírito surdo, e mudo, eu te mando, sai dêsse moço: E não tornes a entrar nefe.

25 Então dando grandes gritos, e maltratando-o muito, saiu dele, e ficou como morto, de sorte que muitos diziam: Está morto.

26 Porém tomando-o Jesus pela mão, o levantou, e êle se ergueu.

27 E depois que entrou em casa, perguntaram-lhe seus discípulos particularmente: Por que o não pudemos nós expelir?

Evangelho de S. Marcos 9, 28-38

28 E êle lhes disse: Esta casta de demônios não se pode fazer sair, senão à força de oração, e de jejum.

29 E tendo partido dali, caminharam mais além de Galiléia: E não queria que ninguém o soubesse.

30 Entretanto ensinava a seus discípulos, e dizia-lhes: O Filho do homem será entregue às mãos dos homens, que lhe tirarão a vida, e êle ressurgirá ao terceiro dia, depois da sua morte.

31 Mas êles não entendiam o discurso: E tinham medo de lho perguntar.

32 Vieram depois a Cafarnaum. Quando êles estavam já em casa, lhes perguntou Jesus: De que vínheis vós tratando pelo caminho?

33 Mas êles calaram-se: Porque no caminho haviam disputado entre si qual deles era o maior.

34 E sentando-se chamou aos doze, e lhes disse: Se algum quer ser o primeiro, será o último de todos, e o servo de todos.

35 E tomando a si um menino, pô-lo no meio deles: Depois de o abraçar, disse-lhes:

36 Todo que receber um destes meninos em meu nome a mim me recebe: E todo o que me receber a mim, não me recebe a mim, mas recebe àquele que me enviou.

37 Respondeu-lhe João, dizendo: Mestre, vimos a um que lançava fora demônios em teu nome, que nos não segue, e lho proibimos.

38 E disse Jesus: Não lho proibais: Porque não há nenhum que faça milagre em meu nome, e que possa logo dizer mal de mim:

39 Porque quem não é contra vós, é por vós.

40 E qualquer que vos der a beber um copo d'água em meu nome, em atenção a que sois coisa de Cristo: Digo-vos em verdade que não perderá a sua recompensa.

41 E todo o que escandalizar a um destes pequenos que crêem em mim: Melhor lhe fôra que lhe atassem a roda do pescoço uma mó de atafona, e que o lançassem no mar.

42 E se a tua mão te escandalizar, corta-a: Melhor te é entrar na vida eterna manco, do que tendo duas mãos, ir para o inferno, para o fogo que nunca jamais se apaga:

43 Onde o bicho que os rói nunca morre, e onde o fogo nunca se apaga.

44 E se o teu pé te escandaliza, corta-o: Melhor te é entrar na vida eterna côxo, do que tendo dois pés ser lançado no fogo do inferno, que nunca jamais se apaga:

45 Onde o bicho que os rói nunca morre, e onde o fogo nunca se apaga.

46 E se o teu olho te escandaliza, lança-o fora: Melhor te é entrar no reino de Deus sem um olho, do que tendo dois ser lançado no fogo do inferno:

47 Onde o bicho que os rói nunca morre, e onde o fogo nunca se apaga. (3)

(3) **ONDE O BICHO QUE OS RÓI** — É uma citação de Isaías. Santo Agostinho no livro 21, da *Cidade de Deus*, cap. 9, observa justissimamente o temor santo, que nos deve causar esta sentença de Cristo, repetida no mesmo lugar três vezes. *Non eum piguit uno loco eadem verba ter dicere. Quem non terreat ista repetitio et illius*

48 Porque todos êles serão salgados no fogo, e toda a vítima será salgada com sal. (4)

49 O sal é bom: Porém se êle se fizer insípido, com que o haveis de temperar? Tende sal em vós, e guardai paz entre vós.

CAPÍTULO 10

NÃO SE PODE O MARIDO SEPARAR DE SUA MULHER PARA CASAR COM OUTRA. ABRAÇA E ABENÇO A JESUS OS MENINOS. QUANTO CUSTA LARGAR OS BENS DO MUNDO. RECOMPENSA DOS QUE O LARGAM POR AMOR DE DEUS. REPRIME JESUS A AMBIÇÃO DOS DOIS APÓSTOLOS, TIAGO E JOÃO. DÁ VISTA A UM CEGO.

1 E saindó dali, foi Jesus para os confins da Judéa, na banda dalém do Jordão: E voltaram as gentes a ajuntar-se com êle: E de novo os ensinava, como sempre costumara.

2 E chegando os fariseus, lhe perguntavam: E' lícito ao marido repudiar a sua mulher? o que êles diziam para o tentarem.

3 Mas êle respondendo, lhes disse: Que é o que vos mandou Moisés?

poenae comminatio tam vehemens ore divino? Neste mesmo lugar se inclina o Santo doutor, a que tanto o bicho, como o fogo do condenado, é material, e corpóreo.

(4) **E TODA A VITIMA SERÁ SALGADA, ETC.** — Por alusão às vítimas, que se sacrificavam salgadas, como consta do Lev 2, 13, afirma Jesus Cristo, que serão salgados no fogo do inferno todos os réprobos, como umas vítimas da glória e justiça de Deus— Sacy.

4 Responderam êles: Moisés permitiu escrever libelo de repúdio e reenviá-la. (1)

5 Aos quais respondendo Jesus, disse: Pela dureza de vosso coração é que êle vos deixou escrito êsse mandamento:

6 Porém ao princípio da criação, fê-los Deus macho e fêmea.

7 Por isto deixará o homem a seu pai, e a sua mãe, e se ajuntará a sua mulher.

8 E serão dois numa só carne. Assim que êles já não são dois, mas uma só carne.

9 O que Deus pois ajuntou, não o separe o homem. (2)

(1) **MOISÉS PERMITIU** — É certo que o legislador do povo de Deus tolerou o repúdio, por causa do adultério, mas ficou declarado quanto estava longe Deus de se comprazer em semelhante infração das disposições da ordem primitiva. A condescendência de Deus para com gerações moralmente enfraquecidas, e incapazes de suportarem inteiramente o jugo da lei, não obriga a abandonar para sempre os seus primeiros mandamentos, procurando restabelecer um dia o mais alto nível da perfeição moral que se aproximava do estado em que primeiro estivera constituído o homem antes da queda adâmica. Esse momento chegou com Jesus Cristo, que derogou a prática do mosaísmo, Mt 5, 31, e elevou o matrimônio à dignidade de Sacramento, recebendo a união conjugal, por esta consagração sobrenatural, uma restauração e confirmação indiscutíveis da sua estabilidade natural e primitiva. No caso do adultério ficou apenas permitida a separação *quoad thorum et habitationem*, sem a permissão de tomar segundas núpcias durante a vida de qualquer dos cônjuges.

(2) **NÃO O SEPRE O HOMEM** — Condenação categórica do divórcio. Moisés permite, em certos casos, o uso do libelo do repúdio pela dureza do coração, lê-se terminantemente no v. 5.º É evidente que a concessão mosaica tolerava essa quebra da dignidade do matrimônio, mas Jesus Cristo não quis conservar semelhante imper-

Evangelho de S. Marcos 10, 10-14

10 E tornaram a fazer-lhe seus discípulos em casa perguntas sobre a mesma matéria.

11 E'êlê lhes disse: Qualquer que repudiar a sua mulher, e se casar com outra, comete adultério contra a sua primeira mulher.

12 E se a mulher repudiar a seu marido, e se casar com outro, comete adultério.

13 Então lhe apresentavam uns meninos para que os tocasse. Mas os discípulos ameaçavam aos que lhos apresentavam.

14 O que vendo Jesus, levou-o muito a mal e disse-lhes: Deixai vir a mim os pequeninos, e não os embaraceis: Porque dos tais é o reino de Deus.

feição no gênero humano, que êle vem levantar do abatimento em que jazia, e então terminantemente diz: **O que Deus pois ajuntou não o separe o homem.** E este texto invalida as pretensões da Igreja grega cismática e outras seitas que entendem que o adultério é uma causa legítima de completo divórcio: a tradição dos Santos Padres, a prática da Igreja, sustentam firmemente a indissolubilidade matrimonial. O Concílio de Trento anatematiza os sectários do divórcio, Sess. IV, can 7, e Leão XIII expôs com tanta sublimidade como energia a imutável doutrina da Santa Igreja no tocante à indissolubilidade do vínculo matrimonial, na Encíclica *Arcanum* de 10 de fevereiro de 1880. Sobre o assunto, na impossibilidade de nos alargarmos nas considerações que êle suscita, diremos apenas que sob a influência do divórcio, a moralidade desce a passos agigantados; a pureza dos costumes desaparece; a paz do lar extingue-se; o amor foge; o interesse e o egoísmo reinam e até se oblitera o sentimento mais santo, mais puro que na terra existe — O amor de mãe. O divórcio não é um progresso a caminho da liberdade, é um retrocesso para os tristes dias do paganismo; não é uma conquista de bem, é uma fonte de enormes males sociais, cuja consequência experimentam as nações, as famílias e os indivíduos.

15 Em verdade vos digo: Que todo o que não receber o reino de Deus como pequenino não entrará nele. (3)

16 E abraçando-os, e pondo sôbre êles as mãos, os abençoava.

17 E tendo saído Jesus para se pôr a caminho, veio correndo um homem, e com o joelho em terra diante dele, lhe fez esta súplica: Bom Mestre, que devo eu fazer para alcançar a vida eterna?

18 E Jesus lhe disse: Por que me chamas tu bom? Ninguém é bom senão só Deus.

19 Tu sabes os mandamentos: Não cometas adultério, não mates, não furtas, não digas falso testemunho, não cometas fraudes, honra a teu pai e a tua mãe.

20 Então êle respondendo, lhe disse: Mestre, todos êstes mandamentos tenho eu observado desde a minha mocidade.

21 E Jesus, pondo nele os olhos, lhe mostrou agrado, e lhe disse: Uma coisa só te falta: Vai, vende quanto tens, dá-o aos pobres, e terás um tesouro no Céu: E vem, segue-me. (4)

22 O homem desgostoso das palavras que ouvira, foi-se todo triste: Porque era muito afaizendado.

(3) **O REINO DE DEUS** — Isto é, a fé, e a profissão cristã. Porque para crer as verdades católicas, e observar o que elas mandam, é necessária em nós a simplicidade de um menino.

(4) **LHE MOSTROU AGRADO** — Enquanto amou nele a simplicidade com que falou, e o cuidado de observar a Lei divina. — Sacy e Duhamel.

23 E Jesus, olhando em roda, disse a seus discípulos: Com quanta dificuldade entrarão no reino de Deus os que têm riquezas!

24 E os discípulos se assombravam das suas palavras. Mas Jesus continuando por diante lhes disse: Filhinhos, quão difícil coisa é entrarem no reino de Deus os que confiam nas riquezas!

25 Mais fácil é passar um camelo pelo fundo duma agulha, do que entrar no reino de Deus um rico.

26 Êles ainda ficaram muito mais cheios de espanto, e diziam uns para os outros: Quem pode logo salvar-se?

27 Então Jesus olhando para êles, disse: Para os homens coisa é esta que não pode ser, mas não para Deus: Porque para Deus todas as coisas são possíveis.

28 E começou Pedro a dizer-lhes: Eis aqui estamos nós que largamos tudo, e te seguimos.

29 Respondendo Jesus, disse: Na verdade vos digo: Que não ha nenhum que haja deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou filhos, ou terras por amor de mim, e por amor do Evangelho,

30 que não venha a receber, já de presente neste mesmo século, a cento por um: Das casas, e dos irmãos, e das irmãs, e das mães, e dos filhos, e das terras, com as perseguições, e no século futuro a vida eterna. (5)

(5) **JA DE PRESENTE NESTE MESMO SÉCULO** — Ainda neste mundo-se verifica esta promessa de Cristo; enquanto à consolação e alegria de que Deus enche os corações de seus servos, que por amor dele desprezaram os bens terrenos, é cem vezes maior, do que a que eles mesmos teriam, se gozassem desses bens.

31 Porém haverá muitos que, sendo os primeiros, serão os últimos, e muitos que, sendo os últimos, serão os primeiros.

32 E estavam no caminho para subir a Jerusalém: E Jesus ia adiante deles, do que os mesmos se espantavam: E o seguiam com medo. E tornando a tomar de parte aos doze, começou a declarar-lhes as coisas que tinham de lhe acontecer.

33 Eis aqui está que nós subimos a Jerusalém, e o Filho do homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes, e aos escribas, e aos anciãos; e sentenciá-lo-ão à morte, e o entregarão aos gentios:

34 E o escarnecerão, e lhe cuspirão no rosto, e o açoutarão, e lhe tirarão a vida: E ao terceiro dia ressurgirá:

35 Então se chegaram a ele Tiago e João, filhos de Zebedeu, dizendo-lhe: Mestre, queremos que nos concedas tudo o que te pedirmos. (6)

COM AS PERSEGUIÇÕES — Estas perseguições serão a recompensa da fé, com que houvermos renunciado todas as coisas por amor de Jesus Cristo. A glória de um cristão ha de ser a de conformar-se com a imagem do Filho de Deus, tendo parte na sua cruz para participar depois da sua glória. "Se padecemos juntamente com êle, é para que juntamente com êle sejamos também glorificados". S. Paulo, *Rom 8, 17*. E isto é verdadeiramente dar Deus cento por um nesta vida, exercitando com tribulações e trabalhos aos seus escolhidos; "porque todos os que querem viver com piedade em Jesus Cristo padecerão perseguição, 2 Tim 3, 12, recompensando a sua piedade com êstes novos sofrimentos, para multiplicar-lhes as coroas". Outros o *cum persecutio-nibus* o trasladam "ainda no meio das perseguições". Outros, "depois das perseguições".

(6) **TIAGO E JOÃO** — Mt 20, 20, atribui à mãe a petição, que S. Marcos atribui aos filhos. No que não ha contra-

36 E êle lhes disse: Que quereis vós que eu vos faça?

37 E êles responderam: Concede-nos que nos sentemos na tua gloria, um à tua direita e outro à tua esquerda.

38 Mas Jesus lhes disse: Não sabeis o que pedis: Podeis vós beber o cálice que eu estou para beber? Ou ser batizados no batismo em que eu estou para ser batizado? (7)

39 E êles lhe disseram: Podemos. E Jesus lhes disse: Vós com efeito haveis de beber o cálice que eu estou para beber: E haveis de ser batizados no batismo em que eu estou para ser batizado.

40 Mas pelo que toca a terdes assento à minha destra, ou à minha esquerda, não me pertence a mim o conceder-vos-lo, porém, essa honra é para aqueles para quem ela está preparada.

41 E ouvindo isto os outros dez começaram a indignar-se contra Tiago e João.

42 Mas Jesus, chamando-os, lhes disse: Vós sabeis que os que têm autoridade entre os povos, esses são os que os dominam, e que os seus príncipes têm poder sobre êles.

dição alguma. Porque o que a mãe pediu, pediram também os filhos, enquanto a induziram a pedir por êles.

(7) **NO BATISMO, EM QUE EU ESTOU PARA SER BATIZADO**
— Mais à letra. No batismo em que eu sou batizado. Porquanto desde o princípio de sua vida começou Cristo a beber o cálice de sua paixão, e continuou a bebê-lo sempre enquanto viveu. — **Pereira.**

43 Porém entre vós não deve ser assim, mas todo o que quiser ser o maior, êsse deve ser o que vos ministre:

44 E todo o que entre vós quiser ser o primeiro, êsse deve fazer-se servo de todos.

45 Porque o mesmo Filho do homem não veio a ser servido, mas a servir, e a dar a sua vida para redenção de muitos.

46 Depois foram a Jericó; e ao sair de Jericó êle, e os seus discípulos, e muitíssimo povo com êles, Bartimeu, que era cego, filho de Timeu, estava assentado junto ao caminho pedindo esmola.

47 O qual, como ouviu que passava Jesus Nazareno, começou a gritar, e a dizer: Jesus, filho de Davi, tem misericórdia de mim.

48 E ameaçavam-no muitos, para que se calasse. Mas êle cada vez gritava muito mais: Filho de Davi, tem misericórdia de mim.

49 Parando então Jesus mandou que lho chamassem. E chamaram o cego, dizendo-lhe: Tem boas esperanças, levanta-te, que êle te chama.

50 Êle, deitando fora de si a capa, saltando, veio ter com êle.

51 E falando Jesus, lhe disse: Que queres tu que eu te faça? O cego pois lhe respondeu: Mestre, que eu tenha vista.

52 Então lhe disse Jesus: Vai, a tua fé te sarou. E no mesmo ponto viu, e o foi seguindo pelo caminho.

CAPÍTULO 11

ENTRADA DE JESUS CRISTO EM JERUSALEM. AMALDIÇO A
UMA FIGUEIRA. LANÇA FORA DO TEMPLO OS NEGOCIAN-
TES. NADA É IMPOSSÍVEL À FÉ E À ORAÇÃO. PERDÃO
DOS INIMIGOS. CONFUNDE OS DOUTORES DA LEI.

1 E quando êles se iam aproximando a Jerusalém, e a Betânia, perto do monte das Oliveiras, enviou dois dos seus discípulos,

2 e lhes disse: Ide a essa aldeia que está defronte de vós, e logo que entrardes nela, achareis preso um asininho, em que ainda não montou homem algum: Soltai-o e trazei-o.

3 E se alguém vos perguntar: Que é o que vós fazeis? dizei-lhe que o Senhor tem necessidade dele: E logo o deixará vir aqui.

4 E saindo êles acharam o jumentinho atado de fora da porta na encruzilhada, e desprenderam-no.

5 E alguns dos que estavam ali lhes diziam: Que fazeis, desprendendo o jumentinho?

6 Eles responderam como Jesus lhes havia mandado, e os homens lho deixaram levar.

7 E trouxeram o jumentinho a Jesus, e acobertaram-no com os seus vestidos, e Jesus montou em cima dele.

8 E muitos estenderam os seus vestidos pelo caminho: E outros cortavam ramos das árvores e juncavam com êles o caminho.

9. E tanto os que iam adiante, como os que o seguiam atrás davam os vivas a Jesus, dizendo: Hosana.

10 Bendito seja o que vem em nome do Senhor, bendito seja o reino que vemos chegar do nosso pai Davi: Hosana nas alturas.

11 E entrou em Jerusalém no Templo: E depois de ter observado tudo quanto nele havia, como fosse já tarde, saiu a Betânia com os doze.

12 E ao outro dia como saíssem de Betânia teve fome.

13 E tendo visto ao longe uma figueira que tinha folhas, foi lá a ver se acharia nela alguma coisa: E quando chegou a ela, nada achou senão folhas: Porque não era tempo de figos.

14 E falando lhe disse: Nunca jamais coma alguém fruto de ti para sempre. E ouviram-no os seus discípulos. (1)

15 Chegaram pois a Jerusalém. E havendo entrado no Templo, começou a lançar fora os que vendiam e compravam no Templo, e derribou as mesas dos banqueiros, e as cadeiras dos que vendiam pombas. (2)

16 E não consentia que qualquer transportasse móvel algum pelo Templo:

(1) **NUNCA JAMAIS** — Se não era tempo de figos, por que amaldiçoou Jesus a figueira? É porque na Palestina havia figueiras que davam fruto fora de tempo, em fevereiro, março e abril. E Jesus, querendo simbolizar nesta figueira a Sinagoga, amaldiçoou a figueira, que só achou com folhas, para significar que também amaldiçoava a Sinagoga, por não achar nela senão a folhagem dos seus ritos e tradições. — Calmet.

(2) **AS MESAS DOS BANQUEIROS** — Que davam a câmbio o dinheiro miúdo, que lhes vinham pedir de toda a parte, os que necessitavam dele, ou para as contribuições e ofertas do Templo, ou para pagarem os impostos ao César. — Amelote e Calmet.

17 E êle os ensinava, dizendo-lhes: Porventura não está escrito: Que a minha Casa será chamada Casa de Oração entre tôdas as gentes? E vós tendes feito dela um covil de ladrões.

18 O que ouvindo os príncipes dos sacerdotes e os escribas, andavam excogitando de que modo o haviam de perder, porque como todô o povo admirava a sua doutrina, tinham mêdo dele.

19 Quando era já pela tarde, saiu da cidade.

20 E no outro dia pela manhã, ao passarem pela figueira, viram que ela estava sêca até às raizes.

21 Então lembrado Pedro, disse para Jesus: Olha, Mestre, como se secou a figueira que tu amaldiçoaste.

22 E respondendo, Jesus lhe disse: Tende a fé de Deus.

23 Em verdade vos afirmo, que todo o que disser a êste monte: Tira-te, e lança-te no mar, e isto sem hesitar no seu coração, mas tendo fé de que tudo o que disser succederá, êle o verá cumprir assim.

24 Por isso vos digo, tôdas as coisas que vós pedirdes orando, crêde que as haveis de haver, e que assim vos succederão.

25 Mas quando vos puserdes em oração, se tendes alguma coisa contra alguém, perdoai-lha, para que também vosso Pai, que está nos Céus, vos perdoe vossos peccados.

26 Porque se vós não perdoardes, também vosso Pai, que está nos Céus, vos não há de perdoar vossos peccados.

27 E voltaram outra vez a Jerusalém. E andando Jesus pelo Templo, se chegaram a êle os príncipes dos sacerdotes, e os escribas, e os anciãos:

28 E lhe disseram: Com que autoridade fazes tu estas coisas? e quem te deu êste poder de fazer estas coisas?

29 E respondendo, Jesus lhes disse: Eu também vos farei uma pergunta, e respondi-me a ela: E eu então vos direi com que autoridade faço estas coisas.

30 O batismo de João era do Céu, ou dos homens? Respondei-me.

31 Mas êles faziam lá consigo êste juízo, discorrendo: Se nós dissermos que era do Céu, dir-nos-á êle: Por que razão logo não crestes nele?

32 Se dissermos que dos homens, temos medo do povo: Porque todos tinham a João em conta de um profeta.

33 E respondendo, disseram a Jesus: Não sabemos. E respondendo Jesus, lhes disse: Pois nem eu tampouco vos direi com que autoridade vos faço estas coisas.

CAPÍTULO 12

A PARÁBOLA DOS LAVRADORES A QUEM SE ARRENDOU UMA VINHA. TENTAM OS FARISEUS A JESUS SOBRE A OBRIGAÇÃO DE PAGAR O TRIBUTO A CÉSAR, E TENTAM-NO OS SADUCEUS SOBRE A RESSURREIÇÃO. QUAL É O PRIMEIRO MANDAMENTO. DAVI CHAMA SEU SENHOR AO MESSIAS. CAUTELA CONTRA OS DOUTORES DA LEI. LOUVA JESUS A ESMOLA DUMA POBRE VIUVA.

1 Começou depois Jesus a falar-lhes por parábolas: Um homem plantou uma vinha e cercou-a com uma sebe,

Evangelho de S. Marcos 12, 2-10

e cavando fez um lagar, e edificou uma torre, e arrendou-a a uns lavradores; depois ausentou-se para longe. (1)

2. E chegado o tempo enviou aos lavradores um servo, que fosse receber dos mesmos lavradores o que lhe deviam do fruto da sua vinha.

3. Êles apanhando-o às mãos o feriram e o remeteram com as mãos vazias.

4. E enviou-lhes de novo outro servo: E também a êste o feriram na cabeça, e o carregaram de afrontas.

5. E de novo enviou outro, e o mataram: E outros muitos: Dos quais feriram a uns, e mataram a outros.

6. Mas como tivesse ainda um filho, a quem êle muito amava: Também lho enviou por último, dizendo: Terão respeito a meu filho.

7. Porém os lavradores disseram uns para os outros: Êste é o herdeiro: Vinde, mate-mo-lo: E será nossa a herança.

8. E pegando nele mataram-no: E lançaram-no fora da vinha.

9. Que fará pois o Senhor da vinha? Virá, e acabará de todo com êstes lavradores: E dará a sua vinha a outros.

10. Vós nunca lestes êste lugar da Escritura: A pedra, que fôra rejeitada pelos que edificavam, essa veio a ser a principal da esquina:

(1) **UM HOMEM** — Já em Mt 21, 33, explicamos o sentido desta parábola. — **Pereira.**

11 Pelo Senhor é que foi feito isto, e é coisa maravilhosa nos nossos olhos?

12 E buscavam meios para o prenderem: Mas temeram o povo: Porque entenderam que contra eles havia dito esta parábola. E deixando-o se retiraram.

13 E lhe enviaram alguns dos fariseus, e dos herodianos, para que o apanhassem no que falasse.

14 Eles vindo lhe dizem: Mestre, sabemos que és homem verdadeiro, e que não atendes a respeitos humanos: Porque não olhas os homens pela aparência, mas ensinas o caminho de Deus segundo a verdade: E'-nos permitido dar o tributo a César, ou não lho devemos dar? (2)

15 Jesus, conhecendo a sua hipocrisia, respondeu-lhes: Por que me tentais? Dai-me cá um dinheiro para o ver.

16 E eles lho trouxeram. Então lhes perguntou Jesus: De quem é esta imagem e inscrição? Responderam-lhe eles: De Cesar.

17 E, respondendo, Jesus lhes disse: Pois dai a César o que é de César: E a Deus o que é de Deus. E desta resposta ficaram admirados.

18 E vieram a ele os saduceus, que negam a Ressurreição: E lhe perguntavam, dizendo:

19 Mestre, Moisés nos deixou escrito que, se morrer o irmão de algum, e deixar mulher, e não tiver filhos, que tome seu irmão a mulher dele, e que dê sucessão a seu irmão.

(2) **CESAR** — Ou o imperador, que era **TIBÉRIO**.

Evangelho de S. Marcos 12, 20-29

20 Eram pois sete irmãos: E o maior tomou mulher, e morreu sem deixar sucessão.

21 E o segundo a tomou, e morreu: E nem êste deixou filhos. E da mesma sorte o terceiro.

22 E assim mesmo a tomaram os sete: E não deixaram filhos. E sendo já a última de todos, morreu também a mulher.

23 Ao tempo pois da ressurreição, quando tornarem a viver, de qual destes será a mulher? Porque todos sete a tiveram por mulher.

24 E, respondendo, Jesus lhes disse: Não vêdes que por isso errais, porque não compreendeis as Escrituras, nem o poder de Deus?

25 Porque quando ressuscitarem dentre os mortos, não hão de os homens ter mulheres, nem as mulheres homens, mas todos serão como os anjos nos Céus.

26 E dos mortos que têm de ressuscitar, não haveis lido no livro de Moisés, como Deus lhe falou sobre a sarça, dizendo: Eu sou o Deus de Abraão, e o Deus de Isaac, e o Deus de Jacó?

27 Êle não é Deus de mortos, senão de vivos, logo estais vós num grande êrro.

28 Então se chegou um dos escribas, que os tinha ouvido disputar, e vendo que Jesus lhes havia respondido bem, lhe perguntou qual era o primeiro de todos os mandamentos.

29 E Jesus lhe respondeu: Que de todos o primeiro mandamento era êste: Ouve, Israel, o Senhor teu Deus é só o que é Deus:

30 E amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças. Este é o primeiro mandamento.

31 E o segundo semelhante ao primeiro é: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Nenhum outro mandamento há que seja maior do que estes.

32 Disse-lhe então o escriba: Mestre, na verdade disseste bem, que Deus é um só e que não ha outro fora êle.

33 E que o amá-lo cada um de todo o seu coração. e de todo o seu entendimento, e de toda a sua alma, e de todas as suas forças: E o amar ao próximo como a si mesmo, é uma coisa que excede todos os holocaustos, e sacrificios.

34 E vendo Jesus que o escriba tinha respondido sãbiamente, lhe disse: Não estás longé do reino de Deus. E desde então ninguém mais se atreveu a fazer-lhe perguntas. (3)

35 E falando Jesus dizia ensinando no Templo: Como dizem os escribas que o Cristo é Filho de Davi?

36 Porque o mesmo Davi por bôca do Espírito Santo diz: Disse o Senhor ao meu Senhor, senta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por estrado de teus pés.

(3) **NAO ESTÁS LONGE** — Porque conhecendo consistirem na observância dos dois preceitos, do amor de Deus e do próximo, os deveres mais essenciais do homem, só lhe faltava, para se salvar, crer em Jesus Cristo. — Sacy e Calmet.

Evangelho de S. Marcos 12, 37-44

37 Pois se o mesmo Davi lhe chama Senhor, como é êle logo seu Filho? E uma grande multidão de povo o ouvia com gôsto.

38 E êle lhes dizia segundo o seu modo de ensinar: Guardai-vos dos escribas, que gostam de andar com roupas largas, e de que os cumprimentem nas praças,

39 e de ocupar nas sinagogas as primeiras cadeiras, e nos banquetes os primeiros lugares.

40 Que devoram as casas das viúvas debaixo do pretexto de longas orações: Estes serão julgados com maior rigor.

41 E estando Jesus assentado defronte donde era o gazofilácio, observava êle de que modo deitava o povo ali o dinheiro, e muitos que eram ricos deitavam com mão larga. (4)

42 E tendo chegado uma pobre viúva, lançou duas pequenas moedas, que importavam um real. (5)

43 E convocando a seus discípulos, lhes disse: Na verdade vos digo, que mais deitou esta pobre viúva, que todos os outros que lançaram no gazofilácio.

44 Porque todos os outros deitaram do que tinham na sua abundância: Porém esta deitou da sua mesma in-

(4) **O GAZOFILÁCIO** — Assim chamavam o mealheiro ou arca em que se deitavam as ofertas no Templo. Eram treze e chamavam-lhes trombetas, por causa da sua forma.

(5) **UM REAL** — A letra, um quadrante. Era pois o quadrante a quarta parte do asse, e assim significava o valor de uma moeda de cobre, que por pesar três onças, se chamava *teruntius*, que vem a ser um real.

digência tudo o que tinha, e tudo o que lhe restava para seu sustento.

CAPÍTULO 13

DESTRUIÇÃO DO TEMPLO. GUERRAS, E PERSEGUIÇÕES. FALSOS CRISTOS, E FALSOS PROFETAS. SINAIS NO SOL E NA LUA. VINDA DE JESUS CRISTO EM GRANDE GLÓRIA. INCERTO O DIA DA SUA VINDA.

1 E ao sair Jesus do Templo, disse-lhe um de seus discípulos: Olha, Mestre, que pedras, e que fábricas. (1)

2 E respondendo Jesus, lhe disse: Vês todos êstes grandes edificios? Não ficará pedra sobre pedra, que não seja derribada. (2)

3 E estando assentado no Monte das Oliveiras, de frente do templo, perguntaram-lhe em particular Pedro, e Tiago, e João, e André:

4 Dize-nos, quando hão de succeder estas coisás? e que sinal haverá de quando todas elas se começarem a cumprir?

5 Então em respoſta a isto começou Jesus a dizer-lhes: Guardai-vos, não vos engane alguém:

6 Porque muitos virão em meu nome dizendo: Sou eu: E enganarão a muitos.

(1) **QUE PEDRAS** — José, nas suas *Antiguidades*, nos informa de que estas pedras eram alvissimas, e durissimas, como alabastros, e que tinham de comprido vinte e cinco côvados, de largura doze, de grossura oito. — Sacy e Calmet.

(2) **NÃO FICARÁ PEDRA** — Assim aconteceu, como é sabido pela história profana.

Evangelho de S. Marcos 13, 7-14

7 Quando vós porém ouvirdes falar de guerras, e de rumores de guerras, não temais; porque importa que estas coisas sucedam: Mas êste não será ainda o fim.

8 Porque se levantará nação contra nação e reino contra reino, e haverá terremotos por diversas partes, e fomes. Estas cousas não serão mais do que o princípio das dores.

9 Tende pois sentido convosco. Porque vos hão de entregar nos juizos, e vos hão de açoutar nas sinagogas, e fazer comparecer por meu respeito diante dos governadores, e dos reis, a fim de que perante êles deis testemunho de mim.

10 Mas primeiro importa que o Evangelho seja pregado a tôdas as nações.

11 Quando pois vos levarem para vos entregarem, não premediteis no que haveis de dizer: Mas dizei o que vos for inspirado naquela hora: Porque não sois vós os que falais, mas sim o Espírito Santo.

12 Então um irmão entregará à morte outro irmão, e o pai ao filho: E os filhos se levantarão contra os pais, e lhes darão a morte.

13 E vós sereis aborrecidos de todos por amor do meu nome. Mas o que perseverar até o fim, êsse será salvo.

14 Quando porém vós virdes estar a abominação da desolação, onde não deve estar, o que lê, entenda: Então os que estiverem em Judéia, fujam para os montes: (3)

(3) **A ABOMINAÇÃO DA DESOLAÇÃO** — O texto grego acrescenta, que foi predita pelo profeta Daniel, como lemos em S. Mateus, onde se pode ver a explicação de todo êste capítulo.

15 E o que estiver sôbre o telhado, não desça a casa nem entre para levar dela coisa alguma.

16 E o que se achar no campo, não volte atrás a buscar o seu vestido.

17 Mas ai das que naquele tempo estiverem pejudas, e criarem.

18 Rogai pois que não sucedam estas coisas no inverno.

19 Porque naqueles dias haverá tribulações tais, quais não houve desde o princípio das criaturas, que Deus fez até agora, nem haverá. (4)

20 De sorte que se o Senhor não abreviasse aqueles dias, nenhuma pessoa se salvaria: Mas êle os abreviou em atenção aos escolhidos, de que fez escolha.

21 E se então vos disser alguém: Reparaí, aqui está o Cristo, ou, ei-lo acolá está, não lhe deis crédito.

22 Porque se levantarão falsos Cristos, e falsos profetas, que farão prodígios, e portentos para enganarem, se possível fôra, até os mesmos escolhidos.

23 Estai vós pois de sobreaviso; olhai que eu vos preveni de tudo.

(4) PORQUE NAQUELES DIAS HAVERÁ TRIBULAÇÕES TAIS
— A letra, porque naqueles dias serão tribulações tais, isto é, aqueles dias serão a mesma tribulação. É um hebraísmo enfático. Porque a aflição daquele tempo será tal, qual desde o primeiro momento em que Deus criou tôdas as coisas, até o presente, não houve, nem haverá outra semelhante.

Evangelho de S. Marcos 13, 24-34

24 Mas naqueles dias, depois daquela tribulação, o sol se escurecerá, e a lua não dará o seu resplendor:

25 E cairão as estrélas do Céu, e se comoverão as virtudes que estão nos Céus.

26 E então verá o Filho do homem que virá sobre as nuvens, com grande poder e majestade.

27 E então enviará os seus Anjos, e ajuntará os seus escolhidos de todos os quatro ventos, desde a extremidade da terra até à extremidade do Céu.

28 Aprendei pois o que vos digo, de uma comparação tirada da figueira. Quando os seus ramos estão já tenros, e nascidas as folhas, conheceis que está perto o estio:

29 Assim também quando vós virdes que acontecem estas coisas, sabeis que está perto e já à porta.

30 Na verdade vos digo, que não passará esta geração sem que tudo isto seja cumprido.

31 Passará o Céu e a terra, mas não passarão as minhas palavras.

32 A respeito porém dêste dia, ou desta hora, ninguém sabe quando ha de ser, nem os Anjos no Céu, nem o Filho, mas só o Pai:

33 Estai de sobreaviso, vigiai, e orai: Porque não sabeis quando chegará êsse tempo.

34 Assim como um homem que, ausentando-se para longe, deixou a sua casa, e designou a cada um de seus servos a obra que devia fazer, e mandou ao porteiro que estivesse de vigia.

35 Vigiai pois, (visto que não sabeis quando virá o Senhor da casa: se de tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã),

36 para que não suceda que quando vier de repente, vos ache dormindo.

37 O que eu porém vos digo a vós, isto digo a todos: Vigiai. (5)

CAPÍTULO 14

AJUNTA-SE O SUPREMO CONSELHO CONTRA JESUS. UMA MULHER LHE LANÇA SÓBRE A CABEÇA UMA REDOMA DE CHEIROS. TRAIÇÃO DE JUDAS, QUE JESUS DESCOBRE. INSTITUIÇÃO DO SACRAMENTO DA EUCARISTIA. CORTA PEDRO UMA ORELHA A MALCO. FOGEM OS DISCÍPULOS. JESUS ACUSADO NA PRESENÇA DE CAIFÁS, É CONDENADO À MORTE E ENTREGUE AOS ULTRAJES DA FAMÍLIA. PEDRO O NEGA TRÊS VEZES.

1 Faltavam pois dois dias para chegar a Páscoa, em que se começava a comer os pães asmos: E os príncipes dos sacerdotes, e os escribas andavam buscando modo como prenderiam por traição a Jesus, para o matarem.

(5) **VIGIAI** — O preceito da vigilância cristã obriga geralmente a todos os fieis. Cristo nestas palavras não se cingia a uma só condição de homem, ou de estados, fala com todos, e assim todos devem ter presente e meditar muito esta verdade, que nos diz Santo Agostinho, que o estado em que a cada um achar o último momento da sua vida, que ignora quando será, êsse terá no último dia do mundo, e êste decidirá a sorte que lhe ha-de caber por tôda a eternidade. É êste e aquele terrível momento, de que depende a eternidade.

2 Mas êles diziam: Não convém que isto se faça no dia da festa, por não succeder que no povo se excite algum motim.

3 E estando Jesus em Betânia, em casa de Simão o leproso, e sentado à mesa: Chegou uma mulher que trazia uma redoma de alabastro cheia de precioso bálsamo feito de espigas de nardo, e quebrada a redoma, lho deramou sôbre a sua cabeça:

4 E alguns dos que estavam presentes indignaram-se lá entre si do que viam e disseram: Para que foi êste desperdício de bálsamo?

5 Pois podia êle vender-se por mais de trezentos dinheiros, e dar-se êste produto aos pobres. E murmuravam fortemente contra ela. (1)

6 Mas Jesus lhes disse: Deixai-a; por que a molestais? ela fez-me uma boa obra.

7 Porque vós sempre tendes convosco os pobres: Para que quando lhes queirais fazer bem, lho possais fazer: Porém a mim não me tendes sempre.

8 Ela fez o que cabia nas suas forças: Foi isto em balsamar-me antecipadamente o corpo para a sepultura.

9 Em verdade vos digo: Onde quer que for pregado êste Evangelho, que será em todo o mundo, será também contado para sua memória, o que esta obrou.

10 Então se retirou Judas Iscariotes, que era um dos doze, a buscar os príncipes dos sacerdotes, pará lhes entregar a Jesus.

(1) **POR MAIS DE TREZENTOS DINHEIROS** — Isto é trinta mil réis da nossa moeda, aproximadamente.

11 Eles ouvindo isto se alegraram, e prometeram dar-lhe dinheiro. E buscava Judas ocasião oportuna para o entregar.

12 E no primeiro dia em que se comiam os pães asmos, quando se imolava o Cordeiro Pascal, disseram-lhe seus discípulos: Onde queres tu que nós vamos preparar-te o que é necessário para comeres a Páscoa?

13 Enviou êle pois a dois de seus discípulos, e disse-lhes: Ide à cidade, e lá vos sairá ao encontro um homem que levará uma bilha de água; ide atrás dêle:

14 E onde quer que êle entrar: Dizei ao dono da casa que o Mestre diz: Onde é o aposento em que eu poderei comer a Páscoa com meus discípulos?

15 E êle vos mostrará um cenáculo, todo mobilado, e preparai-nos lá o que é necessário. (2)

16 E partiram seus discípulos, e chegaram à cidade, e acharam tudo como êle lhes havia dito, e prepararam a Páscoa.

17 E chegada a tarde, foi Jesus com os doze.

18 E quando êles estavam à mesa e ceavam, disse-lhes Jesus: Em verdade vos digo, que um de vós que comigo come, me há de entregar.

(2) **CENACULO** — E' o *anágaion*, compartimento superior onde se recebiam os hóspedes. Sobre o lugar do cenáculo edificou-se uma igreja, de que dá testemunho S. Epifânio. Em 1551, a igreja do cenáculo foi convertida em mesquita e passou a ter o nome que ainda hoje conserva — Nebi-Davi. Uma antiga tradição dizia que o cenáculo pertencera a José de Arimatéia. Devia ter dois andares; no superior ficava o local onde Jesus Cristo celebrou a derradeira cea, e instituiu a Sacrossanta Eucaristia. A este desta última sala está a do cenotáfio de Davi.

19 Então se começaram êles a entristecer, e cada um de per si lhe perguntava: Sou eu?

20 Respondeu-lhes Jesus: E' um dos doze que mete comigo a mão no prato.

21 E quanto ao Filho do homem, êle vai segundo o que dêle está escrito: Mas ai daquêlê homem, por meio do qual será entregue o Filho do homem: Melhor lhe fôra, se êsse homem não houvera nascido.

22 E quando êles estavam comendo, tomou Jesus o pão, e depois de o benzer, partiu-o e deu-lho, e disse: Tomai, êste é o meu Corpo. (3)

23 E tendo tomado o cálice, depois que deu graças, lho deu: E todos beberam dêle.

24 E Jesus lhes disse: Êste é o meu sangue do Novo Testamento, que será derramado por muitos. (4)

25 Em verdade vos digo, que eu não beberei jamais dêstê fruto da vide até chegar aquêlê dia em que o beba de novo no reino de Deus.

(3) **TOMAI** — O grego acrescenta: comei. — **Pereira.**

(4) **QUE SERÁ DERRAMADO POR MUITOS** — O grego diz: que é derramado. S. Marcos diz aqui, por antecipação, que beberam todos do cálice e lhes disse: Êste é o meu sangue, etc. E assim é necessário ajuntar estas palavras: Êste é o meu sangue, com estas outras; bebei todos dele, como se lê em Mt 26, 27, 28, em S. Paulo, 1. Cor 11, 25. Com êste sangue se estabeleceu a aliança entre Deus, e o homem, e se declarou a última vontade de Jesus Cristo neste Testamento. Tudo o que aceitaram em nome da Igreja os Apóstolos, que ali estavam. Êste é o Novo Testamento, que se selou depois na Cruz, e se confirmou com a morte do Salvador.

26 E depois de cantado o hino, saíram para o Monte das Oliveiras. (5)

27 Então lhes disse Jesus: A todos vós serei eu esta noite uma ocasião de escândalo: Pois está escrito: Eu ferirei o pastor, e as ovelhas se porão em desarranjo.

28 Mas depois que eu ressurgir, ir-vos-ei esperar em Galiléia.

29 Disse-lhe então Pedro: Ainda quando todos se escandalizarem a teu respeito, eu contudo me não hei de escandalizar.

30 E Jesus lhe respondeu: Em verdade te digo, que hoje, nesta mesma noite; antes que o galo cante a segunda vez, me has de tu negar três vezes.

31 Mas Pedro, insistindo no mesmo, acrescentava: Ainda no caso de eu me ver precisado a morrer contigo, não te hei eu de negar. E o mesmo disseram também todos os mais.

32 Vieram depois para uma herdade chamada Get-sêmane. Então Jesus disse a seus discípulos: Assentai-vos aqui, enquanto eu oro.

33 E levou consigo a Pedro, e a Tiago, e a João: E começou a ter pavor, e angustiar-se em extremo.

34 Então lhes disse: A minha alma se acha numa tristeza mortal: Detende-vos aqui, e vigiai.

(5) **CANTADO O HINO** — Assim os de Moas, Sacy e Huré, seguindo o texto grego. Porque a Vulgata diz simplesmente, dito o hino, tanto em S. Marcos, como em S. Mateus.

Evangelho de S. Marcos 14, 35-43

35 E tendo-se adiantado alguns passos, prostrou-se em terra: E orava que, se era possível, passasse dele aquela hora: (6)

36 E disse: Abba, Pai, tôdas as coisas te são possíveis; traspassa de mim êste cálice, porém não se faça o que eu quero senão o que tu queres. (7)

37 Depois veio, e achou-os dormindo. Então disse a Pedro: Simão, dormes? não pudeste vigiar uma hora?

38 Vigiai, e orai, para que não entreis em tentação. O espírito na verdade está pronto, mas a carne é fraca.

39 E foi outra vez a orar, dizendo as mesmas palavras.

40 E tornando a vir, achou-os outra vez dormindo, (porque tinham carregados os olhos) e não sabiam que lhe respondessem.

41 E veio terceira vez, e disse-lhes: Dormi agora, e descansai. Basta: E' chegada a hora: Eis aqui vai o Filho do homem a ser entregue em mãos de pecadores.

42 Levantai-vos, vamos: Eis aí vem chegando quem me há de entregar.

43 Ainda bem Jesus não tinha acabado de falar, quando chega Judas Iscariotes, um dos doze, e com êle

(6) **AQUELA HORA.** — Em que havia de padecer. No verso seguinte lhe chama cálice.

(7) **ABBA, PAI** — Em hebreu e em aramaico abba quer dizer pai; palavra terna e carinhosa, com que os filhos pequenos chamavam a seus pais, e que ao depois se usou nas orações que se dirigiam a Deus cheias de afeto, Rom 8, 15; Gal 4, 6.

uma grande tropa de gente armada de espadas e de varapaus, da parte dos príncipes dos sacerdotes, e dos escribas, e dos anciãos.

44 Ora, o traidor tinha-lhes dado uma senha, dizendo: Àquele a quem eu der um ósculo, esse é que é, prendei-o e levai-o com cuidado.

45 E tanto que chegou, indo logo ter com Jesus, lhe disse: Deus te salve, Mestre: E deu-lhe um ósculo.

46 Então elles lhe lançaram as mãos, e o prenderam.

47 E um certo dos circunstantes, tirando da espada, feriu a um servo do sumo sacerdote, e lhe cortou uma orelha.

48 E respondendo Jesus lhes disse: Como se eu fôra algum ladrão viestes com espadas, e varapaus a prender-me?

49 Todos os dias estava eu convosco ensinando no templo e não me prendestes. Mas isto acontece para que se cumpram as Escrituras.

50 Então desamparando-o os seus discípulos, fugiram todos.

51 Ia-o, porém, seguindo um mancebo, coberto com um lençol sôbre o corpo nu: E o prenderam. (8)

(8) **UM MANCEBO** — O grego tem *adolescentulus*, que denota um moço ainda muito rapaz. Com que se desvanece a opinião de alguns, que cuidaram que este moço fôra um dos dois irmãos, Tiago, ou João. O mais verossimil é que era algum dos que ali moravam perto, e que ouvindo o reboliço de tanta gente armada, se levantou da cama coberto sômente de um lençol: e como também o quizeram prender, o que mostra bem qual era o furor com

Evangelho de S. Marcos 14, 52-61

52 Mas êle, largando o lençol, lhes escapou nu.

53 E levaram Jesus à casa do sumo sacerdote. E se ajuntaram todos os sacerdotes, e os escribas, e os anciãos.

54 Mas Pedro o foi seguindo de longe até dentro do pátio do sumo sacerdote: E estava assentado ao fogo com os oficiais, e ali se aqueitava.

55 E os príncipes dos sacerdotes, e todo o conselho buscavam algum testemunho contra Jesus, para o fazerem morrer, e não o achavam.

56 Porque muitos, sim, depunham falsamente contra êle: Mas não concordavam os seus depoimentos.

57 E levantando-se uns, atestavam falsamente contra êle, dizendo:

58 Nós outros lhe ouvimos dizer: Eu destruirei este templo, obra de mãos, e em três dias edificarei outro, que não será obra de mãos.

59 Mas esta sua mesma deposição não era coerente.

60 Então levantando-se no meio do conselho o sumo sacerdote, perguntou a Jesus, dizendo: Não respondes alguma coisa ao que estes atestam contra ti?

61 Mas êle estava em silêncio, e nada respondeu. Tornou a perguntar-lhe o sumo sacerdote, e lhe disse: E's tu o Cristo, Filho de Deus bendito?

que vinham os judeus, largou o lençol para fugir. Alguns querem que fosse o próprio S. Marcos. — Glaire.

62 E Jesus lhe disse: Eu o sou: E vós vereis o Filho do homem assentado à destra do poder de Deus, e vir sôbre as nuvens do Céu.

63 Então o sumo sacerdote, rasgando as suas vestiduras, disse: Para que desejamos nós ainda mais testemunhas?

64 Vós acabais de ouvir a blasfêmia: Que vos parece? A sentença que todos êles deram foi que era réu de morte.

65 Então começaram alguns a cuspir nele e a tapar-lhe o rosto, e a dar-lhe punhadas, e a dizer-lhe: Adivinha: E os oficiais lhe davam bofetadas.

66 E estando Pedro em baixo no pátio, chegou uma das criadas do sumo sacerdote:

67 E quando viu a Pedro, que se aquentava, encarando nele, disse-lhe: Tu também estavas com Jesus Nazareno.

68 Mas êle o negou, dizendo: Nem o conheço, nem sei o que dizes. E saiu fora onde era a entrada do pátio, e neste tempo cantou o galo.

69 E tendo-o visto outra vez a criada, começou a dizer aos que estavam presentes: Êste é lá daqueles.

70 Mas êle o negou segunda vez. E pouco depois ainda os que ali estavam, diziam a Pedro: Verdadeiramente tu és daqueles; porque és também galileu.

71 E êle começou a praguejar-se, e a jurar: Não conheço êsse homem de quem falais.

72 E no mesmo ponto cantou o galo a segunda vez. E então se lembrou Pedro da palavra que Jesus lhe havia

Evangelho de S. Marcos 15, 1-5

dito: Antes que o galo cante duas vezes, me negarás três vezes. E começou a chorar.

CAPÍTULO 15

JESUS APRESENTADO A PILATOS. BARRABÁS PREFERIDO A JESUS. É CONDENADO A MORRER CRUCIFICADO. ULTRA-JES QUE LHE FAZEM OS SOLDADOS. CAMINHA PARA O CALVÁRIO, ONDE É CRUCIFICADO ENTRE DOIS LADRÕES. REPARTEM OS SOLDADOS ENTRE SI OS SEUS VESTIDOS. BLASFEMAM MUITOS DÉLE. TREVAS EM TÓDA A TERRA. DÁ JESUS UM GRANDE BRADO, DIZENDO: ELI. CHEGAM-LHE A BOCA UMA ESPONJA DE VINAGRE. DÁ OUTRO GRANDE BRADO, E EXPIRA. JOSÉ DE ARIMATEIA O SEPULTA COM DECÊNCIA.

1 E logo pela manhã, tendo conselho os príncipes dos sacerdotes com os anciãos, e os escribas, e com todo o conselho, fazendo amarrar a Jesus, o levaram e entregaram a Pilatos. (1).

2 E Pilatos lhe perguntou: Tu és o rei dos judeus? E êle; respondendo, lhe disse: Tu o dizes.

3 E o príncipe dos sacerdotes o acusava de muitas coisas.

4 E Pilatos lhe perguntou outra vez, dizendo: Tu não respondes coisa alguma? Vê de quantos crimes te acusam.

5 Mas Jesus não respondeu mais palavra, de sorte que Pilatos estava admirado. (2)

(1) **ENTREGARAM A PILATOS** — Da casa de Calfás conduziram Jesus para o Pretório, onde estava Pilatos.

(2) **NAO RESPONDEU MAIS PALAVRA** — Tocante às acusações que lhe faziam os príncipes dos sacerdotes: porque sobre outras matérias é certo que êle falou muitas mais vezes. — Sacy.

6 Ora, Pilatos costumava no dia da festa soltar-lhes um dos presos, qualquer que êles pedissem.

7 E havia um chamado Barrabás, que estava preso com outros sediciosos, porque em certo motim havia feito uma morte.

8 E como concorresse o povo, começou a pedir-lhe a graça que sempre lhes fazia.

9 E Pilatos lhes respondeu, e disse: Quereis que vos solte ao rei dos judeus?

10 Porque êle sabia que os príncipes dos sacerdotes lho haviam entregado por inveja.

11 Mas os pontífices concitaram o povo, para que lhes soltasse antes a Barrabás.

12 E Pilatos, falando outra vez, lhes disse: Pois que quereis que eu faça ao rei dos judeus?

13 E êles tornaram a gritar: Crucifica-o.

14 E Pilatos lhes replicava: Pois que mal fez êle? E êles cada vez gritavam mais: Crucifica-o.

15 Então Pilatos, querendo satisfazer ao povo, soltou-lhes Barrabás, e depois de fazer açoutar a Jesus, o entregou para que o crucificassem.

16 E os soldados o levaram ao pátio do Pretório, e ali convocam tôda a coorte.

17 E o vestem de púrpura, e, tecendo uma coroa de espinhos, lha põem na cabeça.

18 E começaram a saudá-lo: Deus te salve, rei dos judeus.

19 E lhe davam na cabeça com uma cana: E lhe cuspiam no rosto, e pondo-se de joelhos, o adoravam.

20 E depois de o terem assim escarnecido o despiram da púrpura, e lhe vestiram os seus vestidos, e então o tiram para fora, para o crucificarem.

21 E acertando de passar por ali certo homem de Cirene, por nome Simão, que vinha duma herdade, pai de Alexandre, e de Rufo, o obrigaram a levar-lhe a Cruz. (3)

22 E o levam a um lugar chamado Gólgota: Que quer dizer lugar do Calvário.

23 E davam-lhe a beber vinho misturado com mirra: E não o tomou. (4)

24 E depois de o crucificarem, repartiram os seus vestidos, lançando sortes sobre eles, para ver a parte que cada um levaria.

25 Era pois a hora de tẽrça: Tempo em que elles o crucificaram: (5)

(3) **PAI DE ALEXANDRE E DE RUFO** — Esta advertência do Evangelista dá lugar a crer que Alexandre e Rufo eram dois homens conhecidos então em Roma, onde S. Marcos escrevia, e talvez cristãos, que podiam atestar a verdade do caso. — Sacy. A Rufo refere-se S. Paulo, Ep. Rom. 16, 13.

(4) **MISTURADO COM MIRRA** — O que S. Mateus, 27, 34, disse que era vinho misturado com fel, diz aqui S. Marcos que era vinho com mistura de mirra. O modo de conciliar os dois evangelistas, é dizer que S. Mateus no seu original não pusera senão o gênero, usando da palavra "Rosch" que significa geralmente "amargor" e que S. Marcos exprimira a espécie, declarando que era de mirra, o que o intérprete de S. Mateus explicou por fel. Dava-se porém esta bebida aos padecentes para os confortar, e para lhes conciliar sono. — Calmet.

(5) **A HORA DE TÊRÇA** — Segundo o modo de contar do tempo, que já explicamos no cap. 20, de S. Mateus. Este é o modo

26 E a causa da sua condenação estava escrita neste titulo: O REI DOS JUDEUS.

27 Crucificaram também com êle a dois ladrões: Um à sua direita, e outro à esquerda.

28 E se cumpriu a Escritura, que diz: E foi contado com os maus.

29 E os que iam passando blasfemavam dele, movendo as suas cabeças, e dizendo: O' lá, tu que destroys o templo de Deus e que o reedificas em três dias,

30 livra-te a ti mesmo, descendo da cruz.

31 Desta maneira escarnecendo-o também os príncipes dos sacerdotes com os escribas, diziam uns para os outros: Êle salvou aos outros, a si mesmo não se pode salvar.

32 Êsse Cristo, rei de Israel, desça agora da cruz, para que o vejamos, e creiamos. Também os que haviam sido crucificados com êle, o afrontavam de palavras.

33 E chegada a hora de sexta, se cobriu toda a terra de trevas até à hora de noa.

34 E à hora de noa deu Jesus um grande brado, dizendo: Eli, Eli, lamma sabacthani? que quer dizer: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?

35 E ouvindo isto alguns dos circunstantes, diziam: Vêde que êle chama por Elias.

ordinário de conciliar S. Marcos com S. João. De sorte que o fim da hora, que S. Marcos chama "terceira" era quase o princípio da que S. João chama "quase sexta", e um e outro denota o espaço de tempo, que corresponde ao nosso meio-dia. Vejam-se Calmet neste lugar, e Tillemont, Tom. 1, pag. 470.

36 E correndo um, e ensopando uma esponja em vinagre, e atando-a numa cana, dava-lhe a beber, dizendo: Deixai, vejamos se Elias vem tirá-lo.

37 Então Jesus dando um grande brado, expirou.

38 E o véu do templo se rasgou em duas partes, de alto a baixo.

39 E o centurião, que estava bem defronte, vendo que Jesus expirara, dando êste brado, disse: Verdadeiramente êste homem era Filho de Deus.

40 E achavam-se também ali algumas mulheres vendo de longe: Entre as quais estava Maria Madalena, e Maria, mãe de Tiago Menor, e de José, e Salomé: (6)

41 E quando Jesus estava em Galiléia, elas o seguiam, e lhe assistiam com o necessário, e assim muitas outras, que juntamente com êle haviam subido a Jerusalém.

42 E quando era já tarde (pois era a Parascève, que vem a ser a vigília do sábado),

43 veio José de Arimatéia, ilustre senador, que também êle esperava o reino de Deus, e foi com toda a resolução à casa de Pilatos, e pediu-lhe o corpo de Jesus.

44 E Pilatos se admirava de que Jesus morresse tão depressa. E chamando ao centurião, lhe perguntou se era já morto.

(6) **SALOMÉ** — Mulher de Zebedeu, mãe de Tiago Maior, e de João Evangelista. Os que com o Martirológio romano a 22 de outubro lhe chamam "Maria Salomé" são hoje impugnados geralmente pelos modernos críticos.

45 E depois que o soube do centurião, deu o corpo a José.

46 E José tendo comprado um lençol, e tirando-o da Cruz, o amortalhou no lençol, e depositou-o num sepulcro, que estava aberto em rocha, e arrimou uma pedra à boca do sepulcro.

47 Entretanto Maria Madalena, e Maria, mãe de José, estavam observando onde êle se depositava.

CAPÍTULO 16

VAO AS SANTAS MULHERES AO SEPULCRO. SABEM POR AVISO DE UM ANJO TER JESUS RESSURGIDO. APARECE O SENHOR A MADALENA, DEPOIS A DOIS DISCÍPULOS; DEPOIS A TODOS OS APÓSTOLOS JUNTOS. ENVIA-OS A PREGAR POR TODO O MUNDO. PREDIZ OS MILAGRES QUE HÃO DE FAZER OS QUE CREREM. SOBE AO CÉU.

1 E como tivesse passado o dia de sábado, Maria Madalena, e Maria, mãe de Tiago, e Salomé, compraram aromas para irem embalsamar a Jesus. (1)

2 E no primeiro dia da semana, partindo muito cedo, chegaram ao sepulcro, quando já o sol era nascido. (2)

(1) **PARA IREM EMBALSAMAR A JESUS** — Estas santas mulheres foram então ao sepulcro de Jesus Cristo com os unguentos ou aromas, que haviam comprado no dia da preparação, ou na sexta-feira, como diz Lc 23, 56 e 24, 1. Porque os historiadores ordinariamente, por abreviar, costumam ajuntar duas coisas, como executadas ao mesmo tempo, ainda que uma o haja sido muito antes. Também poderiam comprar os unguentos, depois de pôsto o sol, na mesma tarde do sábado, cuja festividade se concluía ao pôr do sol, e logo entrava o primeiro dia de semana seguinte.

(2) **PARTINDO MUITO CEDO** — E saindo para irem ao sepulcro, quando era ainda escuro, Jo 20, 1, não chegaram a êle senão tendo já nascido o sol, como aqui se diz.

3 E diziam elas entre si: Quem nos há de revolver a pedra da bôca do sepulcro?

4 Mas olhando viram revolvida a pedra, e era ela muito grande.

5 E entrando no sepulcro viram assentado da parte direita um mancebo, vestido de roupas brancas, do que elas ficaram muito pasmadas.

6 Êle lhes disse: Não tenhais pavor, vós buscais a Jesus Nazareno, que foi crucificado. Êle ressurgiu, já não está aqui; eis o lugar onde o depositaram. (3)

(3) **ÊLE RESSURGIU** — A ressurreição de Cristo é, sem dúvida alguma, o ponto capital do Novo Testamento. Já S. Paulo disse "se Cristo não ressuscitou vã é a nossa fé". A ressurreição de Jesus foi o cumprimento das muitas profecias que desde muito tempo tinham feito entrever ao mundo este grande acontecimento. Is cc. 52 e 53, apresenta-nos as humilhações de Cristo, e no cap. 11, 10, denuncia a ressurreição e a glória do túmulo de Jesus. Davi antecipou-se a Isaías Sl 16, predizendo a ressurreição do Santo por excelência, o Messias prometido. Jesus predisse que estaria no seio da terra três dias e três noites, ao cabo das quais ressuscitaria Mt 12, 30-40; Mt 16, 14; Lc 11, 29; Jo 2, 18-22, e principalmente Mc 14, 28; 16, 7, em que conta que o Divino Mestre acrescentara: **Mas depois da minha ressurreição preceder-vos-ei na Galiléia.** Este texto tão simples e tão claro lança por terra a afirmação caluniosa de Renan, quando diz: "Jesus, ainda que falando incessantemente da ressurreição, nunca dissera claramente que ressuscitaria em sua carne". **Les Apôtres, 1866, p. 1.** Que mais claro de que estas palavras citadas, onde se pode encontrar afirmação mais categórica? Por certo que não. Por isso os Apóstolos tiveram por missão principal dar ao mundo inteiro testemunho deste assombroso fato, tomando-o por base das suas pregações, e sofrendo o martírio por confessarem Jesus ressuscitado. A realidade histórica da ressurreição de Cristo prova-se com fatos incontestáveis. Os príncipes dos sacerdotes e os fariseus tomaram precauções sérias e solenes, a fim de que se evitasse qualquer tentativa de roubo do Divino Crucificado. Dirigiram-se ao sepulcro, postaram guardas e selaram a pedra com os selos do Estado. Esta circunstância é primordial no estudo do fato que vamos analisando. Depois destas precauções, de todos estes cuidados e de todas

7 Mas ide, dizei a seus discípulos, e a Pedro, que
êle vai adiante de vós esperar-vos em Galiléia: Lá o ve-
reis como êle vos disse:

estas medidas, as santas mulheres não encontraram o cadáver de Jesus, apenas o lugar onde o depositaram. A hipótese de roubo do sacrossanto cadáver é inadmissível. O sepulcro fechado por uma grande pedra, guardado pelos soldados romanos, então o roubo só podia ser perpetrado por uma das três formas — ou o suborno, ou a força, ou a astúcia. Quanto à hipótese de suborno cai pela base, porquanto os fariseus tinham escolhido gente sua, e não era um nem dois que ali estavam, eram muitos; como se pode admitir que todos se deixavam subornar, não obstante as recomendações especiais do sinédrio? E se tal tivesse acontecido, qual teria sido o procedimento das autoridades judaicas e romanas, tão interessadas em impedir tôda a mistificação? Não tem mais valor a segunda hipótese, que afirma que os discípulos podiam usar da violência para com os soldados? Mas como? Quem ignora que os Apóstolos eram nimiamente tímidos, derivando essa timidez do seu caráter e da sua humilde posição? Quem ignora que os Apóstolos fugiram durante a palxão, abandonaram na hora mais crítica o Mestre? Pedro negou Jesus com juramento à voz duma mulher serva, e junto à cruz só esteve S. João. Como pretender que êstes homens fossem atacar ousadamente os representantes armados do Pretório, no exercício das suas funções? E para quê? Descoberto o embuste, que provocaria um grande ruído, ficariam completamente desacreditados; escusavam de pregar que ninguém os ouvia. Pelo que respeita à astúcia, era preciso admitir que todos os soldados dormiam a sono solto, para que não sentissem o ingresso dos discípulos, a quebra dos selos, a deslocação da pesada pedra, etc., o que demandaria de muito tempo, de muita coragem e de muito descanso da parte dos guardas, circunstâncias impossíveis de se realizarem conjuntamente em tal ocasião. Era necessário supor tal intrepidez, tal sangue frio, que os antecedentes não deixam admitir. Depois se tal tivesse acontecido, caliriam aos primeiros interrogatórios, trair-se-lam às primeiras investigações. E como haviam de persuadir o mundo da ressurreição de Jesus e os seus próprios colegas do Apostolado? Como destruir a incredulidade do Apóstolo S. Tomé, que não quis acreditar sem ver, sem meter o dedo nas chagas? Como podiam arraigar a sua convicção, firmar a sua fé tão robusta, que os fez com que se decidissem a afrontar os mais horríveis tormentos, até à morte, preferindo-a a apresentar a menor dúvida sobre a realidade da ressurreição de Jesus Cristo? Mas ainda mais seria necessário que todos os cúmplices se entendessem mutuamente, e concordassem em que, autores ou fautores da mesma intriga, te-

8 E elas saindo logo fugiram do sepulcro, porque as tinha assaltado o sobressalto, e o pavor, e a ninguém disseram coisa alguma, porque estavam possuídas de medo.

riam todos que testemunhá-la com igual e firme energia, deixando-se loucamente entregar à morte pelo prazer de assegurar o sucesso de uma mistificação, o que é absurdo admitir. E então tudo seria uma igual mistificação: a doutrina era falsa, os pregadores impostores, os milagres embustes, e o mundo que se converteu um pouco. Teria de se admitir que a mentira destruiu uma velha sociedade, e que a humanidade prestasse culto à fraude. Dir-se-ia então que foi a falsidade que fez correr o sangue dos mártires, que ocupou o espírito dos apologetas, que foi vingado pelos doutores e que encheu o deserto de penitentes; e que todos estes apóstolos, mártires, filósofos, pagãos convertidos, os mais insignes talentos não descobriam o logro. Haverá alguém de boa e má fé, e de são critério que possa aceitar estas consequências que derivariam naturalmente dos princípios expostos pelos adversários da ressurreição? Batidos em toda a linha lançaram mão doutro sofisma: socorreram-se da alucinação. Maria Madalena foi vítima das suas alucinações, os Apóstolos da sua credulidade. Ouçamos o próprio Renan, e transcrevamos as palavras do autor da *Vie de Jesus*, p. 433: "*Heure solennelle où la passion d'une hallucinée donne au monde un Dieu ressuscité... Le cri: Il est ressuscité! courut parmi les disciples comme un éclair. L'amour lui fit trouver partout une créance facile*". Foram, com efeito, três mulheres que se dirigiram ao sepulcro, mas também é certo que nenhuma delas pensava na ressurreição de Jesus, porque levavam os perfumes que tencionavam derramar no túmulo de Jesus. Quando não encontraram o cadáver perguntaram com espanto onde estava, e dirigindo-se Madalena a Pedro e a João, não lhes anunciou a ressurreição mas disse-lhes que levaram o corpo de Jesus. Depois João certificou-se da ausência do cadáver do Redentor, mas igualmente formulou a primeira hipótese aventada por Madalena, e certamente atribuiu ao sinédrio o sacrilego roubo. E tanto que Madalena, começou a chorar, considerando como mais uma tortura infligida aos discípulos de Jesus, e mais uma ofensa dirigida ao Mestre. Depois pergunta: diz-me onde o puseram? Até aqui Madalena via tudo, acreditava em tudo, anunciava tudo, menos que Jesus ressuscitou. Quando o viu tomou-o por um jardineiro: quando o reconheceu, acreditou com dificuldade, quis primeiro convencer de que não era vítima duma ilusão; e quando depois anuncia a ressurreição, exprime-se a medo. Julgue-se depois desta atitude se foi a paixão duma mulher alucinada que deu ao mundo um Deus ressuscitado. E a credulidade dos Apóstolos? Começaram por não acreditar nas

9 E Jesus tendo ressurgido de manhã no primeiro dia da semana, apareceu primeiramente a Maria Madalena, da qual êle tinha expulsado sete demônios. (4)

10 Foi ela noticiá-lo aos que haviam andado com êle, os quais estavam aflitos, e chorosos.

santas mulheres; no caminho de Emaús encontram o Mestre, não o reconhecem, mas confessam que Jesus está morto há três dias, que as mulheres foram ao sepulcro e não o encontraram, mas nem uma palavra só acerca da ressurreição. Onde está a nimia credulidade? Aparece-lhes várias vezes Jesus, e sempre eles se perturbam, creem ver um fantasma, julgam-se iludir, é preciso que Jesus coma com eles, fale com eles para assim se convencerem da ressurreição. O caso de S. Tomé é frisante. Êsse declara terminantemente que não acredita, quer ver primeiro, e só depois acreditará. Onde está a demasiada credulidade? Ao contrário, parece que se obstinavam na incredulidade, e só depois de repetidas aparições se convencem. Seria crível que tantas testemunhas, diferentes na idade, no sexo, no caráter, tivessem sido vítimas duma alucinação? Se tal hipótese fosse admitida, seria necessário renunciar a toda a certeza experimental, fechar para sempre os livros da história, duvidar de tudo, até do sol que nos alumia. Afirmar em semelhante erro, uma constância e uma harmonia tão admiráveis que se comunicou depois a indivíduos tão diferentes na educação, na posição social, em tantos lugares e em tempos tão diversos, seria querer fugir de confessar um milagre pela afirmação dum outro milagre. E não se diga que as testemunhas da ressurreição quiseram iludir o mundo, se fosse possível o mundo ser iludido! pois deram uma prova indiscutível da sua sinceridade, morreram pela fé, e é caso de se dizer com Pascal: Creio nas testemunhas que se deixam estrangular.

(4) **DA QUAL ÊLE TINHA EXPULSADO** — Santo Ambrósio e outros intérpretes o explicam e entendem literalmente, isto é: que efetivamente havia sido possuída de sete demônios, que o Senhor expulsou do seu corpo. Alguns antigos o explicam em sentido espiritual, entendendo por êstes demônios todos os vícios, e principalmente os sete capitais, que a dominavam. Porém esta explicação não convém com o que diz *Lc 8, 2*. Pode-se dizer que esta possessão, que os demônios tinham do seu corpo, era figura da tirania com que dominavam na sua alma. O Senhor distinguiu particularmente a Madalena. Parece que se empenhava em fazê-lo com os que alumiados da sua graça o buscavam e se convertiam.

11 Mas eles, ouvindo dizer que Jesus estava vivo e que fôra visto por ela, não o creram.

12. E depois disto se mostrou em outra forma a dois deles que iam caminhando para uma aldeia :

13 E êstes o foram dizer aos outros, que também lhe não deram crédito.

14 Finalmente appareceu Jesus aos onze, a tempo que êles estavam à mesa, e lançou-lhes em rosto a sua incredulidade, e dureza de coração, pois não haviam dado crédito aos que o viram ressuscitado.

15 E disse-lhes: Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a tôda a criatura.

16 O que crer e fôr batizado, será salvo; o que porém não crer será condenado.

17 E êstes sinais seguirão aos que crerem: Expulsarão os demônios em meu Nome, falarão novas línguas.

18 Manusearão as serpentes: E se beberem alguma potagem mortífera, não lhes fará mal: Porão as mãos sobre os enfermos, e sararão.

19 E na realidade o Senhor Jesus, depois de assim lhes haver falado, foi assunto ao Céu, onde está assentado à mão direita de Deus. (5)

20. E eles tendo partido, pregaram em toda a parte, cooperando com eles o Senhor, e confirmando a sua pregação com os milagres que a acompanhavam.

(5) **DEPOIS DE ASSIM LHES HAVER FALADO** — Não só esta vez, mas outras muitas, no espaço de quarenta dias, como declara S. Lucas nos Atos dos Apóstolos. — Amelote.

EVANGELHO DE S. LUCAS

INTRODUÇÃO

AUTOR. — S. Lucas era médico (Col 4, 14) , natural de Antioquia na Síria, segundo os testemunhos de Eusébio, *Hist. Eccl.* 3-4, Hieron. *de Vir. ill.* cap. 7. Parece que era grego de nascimento; Eusébio, *Commént. in Luc. Collect. Nov.* p. 149, e Sedúlio diz em confirmação desta hipótese *Hic Lucas primitus Apostolorum discipulus, postea Paulum magistrum gentium quasi gentilis et virg6 virginem secutus fuerat.* O próprio nome *Lucas* pode ser uma abreviatura de *Lucanus*. O que é certo é que S. Lucas se exprime muito melhor em grego do que os outros hagiógrafos do Novo Testamento, e também se sabe que a Igreja de Antioquia era primitivamente composta na quase totalidade de gregos, o que tudo confirma a opinião supra indicada.

Não sabemos quando nem como S. Lucas se converteu ao Cristianismo, Valroger, *Introduction historique et critique aux livres du Nouveau Testament.* t. 2, S. 13, p. 74. Segundo tôdas as aparências, professou o cristianis-

mo em Antioquia, onde travou relações com S. Barnabé e S. Paulo e depois com S. Pedro. Quando nos *Atos dos Apóstolos* 16, 10, se refere a S. Paulo fala do Príncipe dos Apóstolos como dum antigo conhecido, o que não acontece a respeito de Timóteo, *At* 16, 1. Acompanha S. Paulo de Tróade para Filipos, na Macedônia, onde ficou, enquanto que o Apóstolo se dirigia para a Grécia com os seus companheiros. Esteve bastante tempo ausente de S. Paulo, a quem depois seguiu para o Oriente, voltando à Itália, permanecendo ambos em Roma durante dois anos.

Durante este último lapso de tempo, S. Paulo fala dele duas vezes nas suas Epístolas (Col 6, 14: Flm 24). Na 2.^a Epístola a Timóteo 6, 11, diz que S. Lucas tinha ficado em sua companhia. Abandonou depois Roma e veio a morrer na Acaia, com setenta e quatro anos. Sedúlio *Argum. in Luc.* 5, 11. As suas reliquias foram transportadas para Constantinopla, no vigésimo ano do reinado de Constâncio, 357. S. Gregorio Nazianzeno conta-o entre os mártires. *Orat.* 6 e 69. *Cfr. Act. Sanct.* die 18 oct.

DATA. — Todos os autores eclesiástico, exceto Clemente de Alexandria, atestam que este Evangelho appareceu depois do de S. Marcos. O próprio S. Lucas confessa que não é o primeiro que tentou escrever a vida de Jesus Cristo, *Lc.* c. 1. Sabe-se também que publicou o seu Evangelho antes de escrever os *Atos dos Apóstolos At* 1, 1. Ora o livro dos *Atos* terminou no ano 62 ou 63, em que acaba bruscamente.

FIM. — A idéia de escrever este Evangelho foi suggerida a S. Lucas, pelas lacunas que se encontram nos dois

Evangelho de S. Lucas

Evangelhos precedentes, procurando dar ao seu trabalho uma ordem mais rigorosa, e fortificar nos seus leitores a convicção das coisas anunciadas. S. Lucas, escrevendo para os gentios *Evangelium graecis scripsit*, como diz S. Jerônimo, trata de pôr ante os olhos destes tudo quanto lhes podia interessar ou comover, como o perdão ao filho pródigo e à pecadora, a preferência dada ao publicano sobre o fariseu e ao samaritano sobre o próprio levita. S. Mateus apresentara Jesus aos hebreus como Messias, e S. Marcos aos romanos como Filho de Deus; S. Lucas apresenta-O aos gregos, isto é, a todos os povos civilizados, como o Salvador de todo o gênero humano.

ESTILO. — E' o livro mais cuidado do Novo Testamento, tendo muita analogia com o livro dos Atos. A linguagem é correta, as imagens vivas, os termos escolhidos, havendo mesmo o emprêgo frequente de palavras diletas do autor, tocantes, afetuosas, cheias de delicadeza; periodos que se destacam pela simplicidade e harmonia, etc. Jesus Cristo é chamado o *Senhor*, e preconiza-se a confiança no Salvador como meio indispensável para se obter a Salvação. Há uma circunstância notavel neste livro e que deriva da profissão do autor. No presente Evangelho, S. Lucas descreve as doenças curadas por Jesus Cristo com muita precisão, e com a terminologia adequada, vigente na época. Além disso o seu trabalho reveste a forma histórica. Começa por um prólogo, e por uma dedicatória a um Teófilo, cristão de Roma ou de Acaia, como era uso entre os gregos. Vai buscar o início dos fatos evangélicos, segue a sua narração até ao fim, concatenando os acontecimentos e observando a ordem cronológica. E' este o único que menciona os setenta e dois discípulos que, ao mesmo tempo que revela a precisão histórica do autor, faz supor que elle pertenceu a esse corpo.

Evangelho de S. Lucas

Notam-se-lhe alguns hebraísmos, é certo, mas os que apresenta têm certa correção, sendo sem dúvida alguma o mais correto dos Evangelistas.

DIVISÃO. — Podem distinguir-se neste Evangelho quatro partes e um prólogo.

Prólogo. — cap. 1, 1-4.

Primeira parte: Infância e juventude de Jesus Cristo, cap. 1, 5-4, 13.

Segunda parte: Preparação na Galiléia, 4, 14-9, 50.

Terceira parte: Viagem da Galiléia a Jerusalém, 9, 51-18, 30.

Quarta parte: Últimos mistérios, 18, 31-24.

AUTENTICIDADE DO EVANGELHO DE S. LUCAS. — Prova-se com vários argumentos extrínsecos e intrínsecos.

I ARGUMENTOS EXTRÍNSECOS: 1.^o — *Testemunhos formais da antiguidade:* O catálogo de Muratori apresenta-nos um testemunho indiscutível do século II: “O terceiro livro do Evangelho segundo S. Lucas. Êste Lucas, médico, que S. Paulo, depois da Ascensão do Senhor, associou aos seus trabalhos, escreveu no seu próprio nome, seguindo as idéias de S. Paulo. Todavia elle não viu o Senhor em carne, e por isso conta os fatos pelo modo como pôde deles ter conhecimento”. Tertuliano censura Marcião por ter alterado o Evangelho de S. Lucas, que foi recebido por tôdas as Igrejas. Reivindica em favor dêste escrito a própria autoridade dos Apóstolos. *Adv. Marcion.* IV, 5. S. Irineu reproduz a mesma opinião, e ao cabo duma análise minuciosa conclui dizendo que corresponde aos antecedentes. Clemente de Alexandria invoca, em prova duma das suas asserções, o Evangelho segundo S. Lucas. *S. Tron.* F. 21.

2.^o *Testemunhos indirectos*: Todos os antigos manuscritos e todas as antigas versões dão ao terceiro Evangelho a inscrição — *segundo S. Lucas*. S. Justino, do segundo século, narra a Anunciação e o Nascimento de Jesus parafraseando S. Lucas, cujas palavras também reproduz a propósito da Instituição da Eucaristia. A carta da Igreja de Viena, documento do mesmo tempo, aplica aos seus mártires as palavras que S. Lucas dirigia a Zacarias. Os próprios gnósticos apropriam-se de palavras dêste Evangelho, como Basilides a propósito da saudação de S. Gabriel à SS. Virgem; Valentim, falando de S. Ireneu, emprega textos que só se encontram em S. Lucas, e finalmente Marcião, rejeitando os outros Evangelhos, admitia somente o de S. Lucas, fazendo-lhe mutilações e interpolações. Celso compara textos de S. Lucas com os dos outros Evangelhos, para deduzir as considerações que lhe apraz, mas mostra, como as citações precedentes, que no segundo século o Evangelho de S. Lucas era universalmente recebido como livro sagrado.

II ARGUMENTOS INTRÍNSECOS. — Analisando o terceiro Evangelho, descobrem-se nele indícios claros da influência de S. Paulo, que correspondem à tradição, segundo a qual S. Lucas foi discípulo do grande Apóstolo das gentes, e se propôs reproduzir nos seus escritos os ensinamentos de tão grande mestre. Primeiramente, segundo nota Corluy, há entre o terceiro Evangelho e as Epístolas de S. Paulo uma certa concordância digna de nota. Muitas expressões comuns a S. Lucas e S. Paulo não aparecem nas obras dos demais escritores do Novo Testamento. As palavras da instituição da SS. Eucaristia são referidas do mesmo modo por S. Paulo na I Epístola aos Cor 11, 24. 25, etc.

EVANGELHO DE S. LUCAS

CAPÍTULO 1

PREFAÇÃO DO EVANGELISTA. PROMETE GABRIEL UM FILHO A ZACARIAS. FICA ESTE MUDO EM CASTIGO DE SUA INCREDULIDADE. ANUNCIAÇÃO DE MARIA SANTÍSSIMA PARA SER MÃE DE DEUS. VISITA A ISABEL. CÂNTICO DA SENHORA. NASCIMENTO DO BATISTA. RECOBRA ZACARIAS A FALA. O SEU CÂNTICO.

1 Pois que foram na verdade muitos os que emprenderam pôr em ordem a narração das coisas, que entre nós se viram cumpridas: (1)

2 Como no-las referiram os que desde o princípio as viram com seus próprios olhos, e que foram ministros da palavra:

3 Pareceu-me também a mim, excelentíssimo Teófilo, depois de me haver diligentemente informado de como

(1) **EMPREENDERAM** — Orígenes, Santo Ambrósio, S. Jerônimo e outros Padres, entendem por êstes escritores de que fala S. Lucas, os que sem ordem de Deus ou dos Apóstolos, se ingeriram a escrever diversos Evangelhos; que por isso saíram chelos de fábulas e de inépcias, e como tais foram sempre reputados por apó-

Evangelho de S. Lucas 1, 4-9

tôdas elas passaram desde o princípio, dar-te por escrito a série delas, (2)

4 para que conheças a verdade daquelas coisas, em que tens sido instruído.

5 Houve, em tempos de Herodes, rei de Judéia, um sacerdote por nome Zacarias, da turma de Abias, e sua mulher era da família de Aarão, e tinha por nome Isabel. (3)

6 E ambos eram justos diante de Deus, caminhando irrepreensivelmente em todos os mandamentos e preceitos do Senhor.

7 E não tinham filhos, porque Isabel era estéril, e ambos se achavam em idade avançada.

8 Sucedeu pois que exercendo Zacarias diante de Deus o cargo do sacerdócio na ordem da sua turma,

9 caiu-lhe por sorte, segundo o costume que havia entre os sacerdotes, entrar no templo do Senhor a oferecer o incenso:

crifos na igreja como os Evangelhos segundo S. Matias, segundo os hebreus, segundo Nicodemos, etc. Alguns doutos modernos, porém, entre eles Duhamel e Calmet, julgam que a mente de S. Lucas não é reprovar de incúria, ou de algum outro defeito, os escritores de que fala, mas somente dizer, que à sua imitação se resolverá ele também a escrever este Evangelho. E este é o sentido, que eu propus no corpo da versão.

(2) **EXCELENTÍSSIMO TEÓFILO** — Assim expõem tôdas as versões, de que uso, aquele ótimo Teófilo da Vulgata. Teófilo quer dizer, Amador de Deus. Porém a opinião comum dos intérpretes crê que este Teófilo, como já se disse na prefação, era algum homem de qualidade, conhecido e amigo de S. Lucas.

(3) **DA TURMA DE ABIAS** — Que era a oitava das vinte e quatro que Davi escolhera por sortes, para cada uma por seu turno servir no templo. Par 24, 10. — Calmet.

10 E estava toda a multidão do povo fazendo oração da parte de fora, a tempo que se oferecia o incenso.

11 E apareceu a Zacarias um anjo do Senhor, pôsto em pé da parte direita do altar do incenso. (4)

12 O que vendo Zacarias, ficou todo turbado, e foi grande o temor que o assaltou.

13 Mas o anjo lhe disse: Não temas Zacarias, porque foi ouvida a tua oração: E Isabel, tua mulher, te parirá um filho, e pôr-lhe-ás o nome João:

14 E te encherás de gosto, e de alegria, e muitos se alegrarão no seu nascentó:

15 Porque êle será grande diante do Senhor: E não beberá vinho nem outra alguma bebida que possa embriagar, e já desde o ventre de sua mãe será cheio do Espírito Santo: (5)

16 E converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor seu Deus.

17 E o mesmo irá adiante dêle no espírito e virtude de Elias: Para reunir os corações dos pais aos filhos e reduzir os incrédulos à prudência dos justos, para preparar ao Senhor um povo perfeito.

18 E disse Zacarias ao anjo: Por donde conhecerei eu a verdade dessas coisas? Porque eu sou velho, e a minha mulher está avançada em anos.

(4) **ALTAR DO INCENSO** — O altar dos perfumes, a que se refere o Ex 37, 27.

(5) **NEM OUTRA ALGUMA BEBIDA** — A palavra *Sicera* significa não só a cerveja, mas tudo o que pode embriagar. Esta abstinência era parte da consagração dos Nazarenos. Num 6, 3.

Evangelho de S. Lucas 1, 19-26

19 E respondendo, o anjo lhe disse: Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus: E que fui enviado para te falar, e te dar esta boa nova. (6)

20 E desde agora ficarás mudo e não poderás falar até o dia que estas coisas sucedam, visto que não deste crédito às minhas palavras, que se hão de cumprir a seu tempo.

21 E o povo estava esperando a Zacarias: E maravilhava-se de ver que êle se demorava no templo.

22 E quando saiu não lhes podia falar, e entenderam que havia tido no templo alguma visão. E êle lho significava por acenos e ficou mudo.

23 E aconteceu que depois de se terem acabado os dias do seu ministério, retirou-se Zacarias para sua casa:

24 E algum tempo depois concebeu Isabel, sua mulher, que por cinco meses se deixou estar escondida, dizendo:

25 Isto é a graça que o Senhor me fez nos dias em que atendeu a tirar o meu opróbrio dentre os homens.

26 E estando Isabel no sexto mês, foi enviado por Deus o anjo Gabriel a uma cidade de Galiléia, chamada Nazaré.

(6) **EU SOU GABRIEL** — Cujo nome indica o homem de Deus, um dos principais anjos que estão na conta de Deus e que é o mesmo que anunciara a Daniel a época da vinda do Messias. Dan 9, 21.

27 A uma virgem desposada com um varão que se chamava José, da casa de Davi, e o nome da virgem era Maria. (7)

28 Entrando pois o anjo onde ela estava, disse-lhe: Deus te salve, cheia de graça: O Senhor é contigo: Benta és tu entre as mulheres.

29 Ela quando o ouviu, turbou-se do seu falar, e discorria pensativa que saudação seria esta.

30 Então o anjo lhe disse: Não temas, Maria, pois achaste graça diante de Deus:

31 Eis conceberás no teu ventre, e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de JESUS:

32 Êste será grande e será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi: E reinará eternamente na casa de Jacó,

33 e seu reino não terá fim.

34 E disse Maria ao anjo: Como se fará isso, pois eu não conheço varão?

35 E respondendo, o anjo lhe disse: O Espírito Santo descerá sobre ti, e a virtude do Altíssimo te cobrirá da sua sombra. E por isso mesmo o Santo, que há de nascer de ti, será chamado Filho de Deus.

(7) **DA CASA DE DAVI** — Descendente de Davi. Ainda não havia sido conduzida a sua casa, segundo o antigo costume de levarem a espôsa à casa do espôso, e de a deixarem em seu poder. Mas nem por isso deixava de ser "mulher de José, e José marido de Maria", Mt 1, 20.

Evangelho de S. Lucas 1, 36-46

36 Que aí tens tu a Isabel, tua parenta, que até concebeu um filho na sua velhice: E este é o sexto mês da que se diz estéril.

37 Porque a Deus nada é impossível.

38 Então disse Maria: Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra. E o anjo se apartou dela.

39 E naqueles dias, levantando-se Maria, foi com pressa às montanhas a uma cidade de Judá. (8)

40 E entrou na casa de Zacarias, e saudou a Isabel.

41 E aconteceu que tanto que Isabel ouviu a saudação de Maria, deu o menino saltos no seu ventre: E Isabel ficou cheia do Espírito Santo.

42 E bradou em alta voz, e disse: Benta és tu entre as mulheres, e bento é o fruto do teu ventre.

43 E donde a mim esta dita, que venha visitar-me a que é mãe de meu Senhor?

44 Porque assim que chegou a voz da tua saudação aos meus ouvidos, logo o menino deu saltos de prazer no meu ventre.

45 E bem-aventurada tu, que crêste, porque se hão de cumprir as coisas, que da parte do Senhor te foram ditas.

46 Então disse Maria:

(8) **A UMA CIDADE DE JUDÁ** — Que alguns discorrem seria Hebron, da qual consta por Josué, cap. 21, que era cidade sacerdotal.

“A minha alma glorifica o Senhor. (9)

47 “E o meu espírito se alegrou por extremo em Deus, meu Salvador.

48 “Por êle ter pôsto os olhos na baixeza da sua escrava: Porque eis aí de hoje em diante me chamarão bem-aventurada tôdas as gerações.

49 “Porque me fez grandes coisas o que é Poderoso: E Santo o seu nome.

50 “E a sua misericórdia se estende de geração a geração sôbre os que o temem.

51 “Êle manifestou o poder do seu braço: Dissipou os que no fundo do seu coração formavam altivos pensamentos.

52 “Depôs do Trono os poderosos, e elevou os humildes.

53 “Encheu de bens os que tinham fome: E despediu vazios os que eram ricos.

54 “Tomou debaixo da sua proteção a Israel, seu servo, lembrado da sua misericórdia.

(9) **GLORIFICA O SENHOR** — O conhecido cântico **Magnificat**, o primeiro do Novo Testamento, que bem pode servir de conclusão ao Antigo. A Virgem, entoando este cântico, descreve o estabelecimento da Lei da Graça, a rejeição da sinagoga, a fundação da Igreja, a aniquilação dos gentios e a sua própria glorificação por toda a eternidade. Este cântico mostra ao mesmo tempo a erudição religiosa da Mãe de Jesus Cristo, pois não emprega uma só expressão que não esteja consagrada no Salmista ou nos Profetas, aos quais sobreleva pela superioridade dos pensamentos e pela sublimidade dos seus sentimentos. A Igreja recita quotidianamente este cântico em vésperas, e os fiéis repetem-no nas ocasiões de grandes perigos, mormente nas grandes tempestades.

55 “Assim como o tinha prometido a nossos pais, a Abraão, e à sua posteridade para sempre.”

56 E ficou Maria com Isabel perto de três meses: Depois dos quais voltou para sua casa.

57 Mas a Isabel se lhe chegou o tempo de dar à luz e teve um filho.

58 E ouviram os seus vizinhos, e parentes, que o Senhor havia assinalado com ela a sua misericórdia, e se congratulavam com ela.

59 E aconteceu que ao oitavo dia vieram circuncidar ao menino, e lhe queriam pôr o nome de seu pai Zacarias.

60 E respondendo sua mãe, disse: De nenhuma sorte, mas será chamado João. (10)

61 E responderam-lhe: Ninguém há na tua geração que tenha este nome.

62 E perguntavam por acenos ao pai do menino, como queria que se chamasse.

63 E pedindo uma tabuinha escreveu, dizendo: João é o seu nome. E todos se encheram de assombro. (11)

(10) **MAS SERÁ CHAMADO** — Isabel não tinha ouvido o nome com que Deus queria distinguir, e sinalar a seu filho, nem do Anjo, nem de Zacarias; e assim é mui verossimil que o Espírito Santo, de que estava já cheia, lho revelasse. — Santo Ambrósio.

(11) **TABUINHA** — Em grego *pinakidion*, tábua de pinho, coberta de cera, sobre a qual se gravavam com o estilete os caracteres escritos.

64 E logo foi aberta a sua bôca, e a sua língua, e falava bendizendo a Deus.

65 E o temor se apoderou de todos os vizinhos dêles: E se divulgaram tôdas estas maravilhas por tôdas as montanhas da Judéia:

66 E todos os que as ouviam as conservavam no seu coração, dizendo: Quem julgais vós que virá a ser este menino? Porque a mão do Senhor era com êle.

67 E Zacarias, seu pai, foi cheio do Espírito Santo: E profetizou, dizendo:

68 Bendito seja o Senhor Deus de Israel, porque visitou e fez a redenção do seu povo:

69 E porque nos suscitou um salvador poderoso: Na casa de seu servo Davi, (12)

70 segundo o que êle tinha prometido por bôca dos seus santos profetas, que viveram nos séculos passados:

71 Que nos havia de livrar de nossos inimigos, e das mãos de todos os que nos tivessem ódio:

72 Para exercitar a sua misericórdia a favor de nossos pais: E lembrar-se do seu santo pacto.

(12) **UM SALVADOR PODEROSO** — O cornu saintis é um tropo e frase hebraica: por uma redução vem a ser um salvador poderoso. A haste nos touros e nos outros animais é tôda a sua força para acometer e se defenderem. E assim na Escritura é frequente esta expressão, figurada, para significar a força, e também o poder dos reinos, ou impérios. Davi, Sl 131, 17, falando de Sião ou de Jerusalém, declara profeticamente que o Senhor levantaria nela o corno do rei Davi, isto é: restabeleceria em Jerusalém, ainda que de uma maneira espiritual, e na pessoa de Jesus Cristo, o cetro e o reino de Davi. — Bossuet.

Evangelho de S. Lucas 1, 73-80

73 Segundo o juramento, que êle fez a nosso pai Abraão, de que êle nos faria esta graça:

74 Para que livres das mãos de nossos inimigos, o sirvamos sem temor: (13)

75 Em santidade e justiça diante dele, por todos os dias da nossa vida.

76 E tu, ó menino, tu serás chamado o profeta do Altíssimo: Porque irás ante a face do Senhor a preparar os seus caminhos.

77 Para se dar ao seu povo o conhecimento da salvação: A fim de que êle receba o perdão dos seus pecados:

78 Pelas entranhas de misericórdia do nosso Deus, com que lá do alto nos visitou êste sol no Oriente:

79 Para alumiar os que vivem de assento nas trevas, e na sombra da morte: Para dirigir os nossos pés no caminho da paz.

80 Ora o menino crescia, e se fortificava no espírito: E habitava nos desertos até o dia em que se manifestou a Israel.

(13) **SEM TEMOR** — A lei antiga era uma lei de temor, a lei nova é uma lei de amor. O efeito pois da Encarnação é fazer-nos servir a Deus, não já por um temor de escravos, mas com um amor de filhos; é fazer-nos servir a Deus, não já por uma religião cerimonial e figurativa, mas por uma religião verdadeira e interior, com uma justiça e uma santidade não já legal, carnal e transitória, mas cristã, espiritual e eterna. — Sacy com S. Raul e Santo Agostinho.

CAPÍTULO 2

O EDITO DE AUGUSTO OBRIGA A JOSÉ, E A MARIA SUA ESPOSA A IREM PARA BELÉM. DÁ A LUZ A VIRGEM MÃE O SALVADOR. OS PASTORES, AVISADOS POR UM ANJO, VÊM ADORÁ-LO. CIRCUNCIDA-SE O MENINO, E PÔE-SE-LHE O NOME DE JESUS. VAI SUA MÃE APRESENTÁ-LO NO TEMPLO. SIMEÃO RECEBE A JESUS NOS BRAÇOS, E PRE-DIZ A SUA PAIXÃO. ASSISTE TAMBÉM ANA PROFETISA. JESUS DE DOZE ANOS SENTADO ENTRE OS DOUTORES. TORNA DE JERUSALÉM PARA NAZARÉ COM SEUS PAIS, A QUEM VIVE SUBORDINADO.

1 E aconteceu naqueles dias que saiu um edito emanado de César Augusto para que fosse alistado todo o mundo. (1)

(1) **EDITO DE CÉSAR AUGUSTO** — Nenhum texto dos Evangelhos oferece tantas dificuldades como este e o versículo segundo. Strauss negava a realidade deste edito promulgado por César Augusto. "Nenhum autor antigo, — diz o notável crítico alemão — dos tempos de Augusto faz menção dum recenseamento geral ordenado por este soberano. Apenas Suetônio, Dion Cássio e o monumento de Ancira dizem que os cidadãos romanos foram registados." Strauss, *Nouvelle vie de Jesus*, trad. Nefftzer e Dobgus, t. 2, p. 22. Reuss vai mais além: "Está assente que no reinado de Augusto não houve recenseamento geral de todo o império". *Histoire Evangelique*, 1876, p. 143. A mesma opinião seguiu Mausen, *Resgestae August*, 125. Não obstante estas afirmações categóricas de tão nomeados corifeus da escola racionalista, nós podemos dizer, em face de documentos, que Augusto publicou um edito para recensear todo o império, não só os habitantes da Itália, mas todos os das províncias incorporadas e todos os reinos aliados dos romanos, como a Judéia. Se o testamento de Augusto, conservado sobre o monumento de Ancira, descrevera três censos feitos por este imperador, como afirma Strauss, embora nenhum deles se refira ao da Judéia, ao menos dá-nos já a certeza de que este gênero de operações estava nas práticas do governo romano. Sabe-se pelos testemunhos de Tácito, Suetônio e Dion Cássio que Augusto pretendeu saber o número dos aliados que continham os reinos unidos ao império. (Tácito, *Annal* 1, 11; Suetônio, *August*, 101; Dion Cássio, 66, 33. Como podia Augusto chegar a este conhecimento sem fazer um recenseamento geral, ou ampliar o que mandara fazer? E se organizara recenseamentos parciais, por que

2 Este primeiro recenseamento foi feito por Ciri-
no, governador da Síria: (2)

havia de excluir a Judéia, cujos dados interessavam tanto ao go-
vêrno de Roma? Mas a Cosmografia de Ethicos Ister declara que
Julio César decretou, sendo cônsul, a delimitação do mundo ro-
mano, confiando esse trabalho tão vasto e tão importante a ho-
mens superiores, como Teodato, Policlito, etc., e que esta obra le-
vou trinta e dois anos, o que quer dizer que esta vasta operação
cadastral teve lugar no tempo de Augusto, que foi chefe único do
império desde o ano 30 A. C. até 19 de Agosto do ano 14 da nossa
era. São muitos os textos dos historiadores antigos que se referem
a este censo geral. O *Breviarium impéria*, Cassiodoro *Variarum*
liber 4, cap. 52; Suidas, *Lexicon*, e tantíssimos outros que viveram
quando existiam intatos muitos monumentos da antiguidade ro-
mana, aceitam como incontestável este recenseamento. Mas há
mais: em 1527, um cavador descobriu na encosta de S. Sebastião,
perto de Lião, duas lâminas de bronze sôbre as quais estava gra-
vada uma inscrição latina. Claudio Bellèvre estudando-a, reco-
nheceu um trecho do discurso pronunciado no senado romano, no
ano 801, pelo imperador Claudio. Tácito conserva nos *Anais 11*,
24, uns extratos desse discurso, não o apresenta na íntegra. É do
teor seguinte:

ILLI PATRI. MEO DRVSO. GERMANIAM
SVBIGENTI. TVTAN QVIETE SVA. SECVRAMQVE. A TERGO PAGEM. PRAES
TITERVNT. ET. QVIDEM. CVM. ADCENSVS. NOVO. TVM. OPEREET. IN. AD. SVE
TOGALLIS. AD. BELLVM. AVOCATVS. ESSET. QVOD. OPUS. QVAM. AR
DVVM. SIT. NOBLS. NVNC. CVM. MAXIME. QVAM. VLS. NIHIL. VLTRA. QVAM
VT. PVBLICE. NOTAE. SINT. FACILTATES. NOSTRAE. EXQVIRATVR. NIMIS
MAGNO. EXPERIMENTO. COGNOSCIMVS.

Neste monumento confessa-se que a principal preocupação do
espírito de Drúsiq era o recenseamento, operação nova, para a qual
não estavam preparados os gauleses. Temos pois testemunhos de
sobra da frequência dos recenseamentos, e vestígios dum recensea-
mento geral, pois no ano 746 de Roma e sétimo antes de Jesus Cristo,
o Império está em plena paz, cerraram-se as portas do templo de
Jano, entregando-se Augusto durante esse período de prosperidade
às reformas administrativas. Mede as terras, recenseia os vassalos,
impõe o calendário retificado e regulariza a recepção dos impostos.
Flavio Joséfo, cujo pretendido silêncio é invocado pelos racionalistas,
na *Antiguidade*, 42, 2-4, censura os fariseus porque "recusaram o
juramento quando a nação judaica foi forçada a prestar fidelidade
a César". O que era este juramento? Era a fórmula que acompa-
nhava os recenseamentos romanos, e o nome César indica inquestio-
navelmente que se tratava de Roma. E assim o confirmam as pa-
lavras de S. Lucas.

(2) CIRINO — É o outro ponto de que se servem os adversá-
rios quando querem atacar a veracidade do Evangelho de S. Lucas,

3 E iam todos a alistar-se cada um à sua cidade.

4 E subiu também José de Galiléia, da cidade de Nazaré à Judéia, à cidade de Davi, que se chamava Belém: Porque era da casa e família de Davi,

5 para se alistar com a sua espôsa Maria, que estava pejada.

6 E estando ali aconteceu completarem-se os dias em que havia de dar à luz.

e que tem dado margem a graves discussões, das quais tem resultado o triunfo para o texto sagrado. O notável historiador Mommsen, recentemente falecido, ousa dizer a este propósito: *Lucam in rerum memoria tradenda vera falsis miscuissse* — *Resgestae divi Augusti*, 1883, pag. 176. Stapfer levianamente argúi de erro S. Lucas, no livro *La Palestine au temps de Jésus Christ*, Paris, 1875. A série conhecida dos legados da Síria era esta:

- 1 Marcus Tullius Cicero (filius oratorio).
- 2 Varro.
- 3 M. Titurs.
- 4 C. Sentius Saturninus — 746.
- 5 P. Quinctilius Varus — 748.
- 6 P. Sulpicius Quirinius — 750.
- 7 Calus Cesar, praepositus Orienti — 753 (?)
- 8 L. Valerius Saturninus — 757.
- 9 P. Sulpicius Quirinius — 759.
- 10 R. Caecilius Metellus Creticus — 763.

Resolvem a objeção que os racionalistas aduzem do fato de Quirino ter sido procurador da Síria no ano 6 ou 7 da era vulgar, os exegetas, apresentando dois sistemas de interpretação: um gramatical, procurando no texto original a interpretação, e indo buscar o termo proté do original primitivo, que se pode ler no *Codex Sinaiticus* de Tischendorf é traduzindo desta sorte: Este primeiro recenseamento terminou antes que Cirino fosse governador da Síria. O segundo sistema distingue dois recenseamentos, terminado o último no tempo de Cirino. Em vista dos dados históri-

Evangelho de S. Lucas 2, 7-9

7 E deu à luz a seu filho primogênito, e o enfaixou e o reclinou em uma mangedoura: Porque não havia lugar para êles na estalagem. (3)

8 Ora, naquela mesma comarca havia uns pastores que vigiavam e revesavam entre si as vigílias da noite para guardarem o seu rebanho.

9 E eis que se apresentou junto deles um anjo do Senhor, e com uma luz divina os cercou de refulgente luz, e tiveram grande temor.

cos admitem os críticos ortodoxos a seguinte explicação, apresentada por Lesêtre: Em 746, Augusto ordena o recenseamento dos cidadãos romanos e dos habitantes das províncias; a ordem é transmitida a Sêncio Saturnino, que a executa; Quintílio Varo continua o trabalho do seu antecessor, e o recenseamento, interrompido por algum tempo na Judéia, por causa das perturbações que se seguiram à morte de Herodes, é concluído por Cirino, que sela os registros respectivos, ligando o seu nome a uma operação que êle apenas concluiu. E assim não ha opposição entre a historia e a indicação do Evangelista. Em confirmação desta explicação temos três pontos incontestavelmente certos: 1.º Os trabalhos do recenseamento executavam-se no tempo de Q. Varo, pois que antes da morte de Herodes fizeram com que S. José e Maria Santíssima e os seus compatriotas se pusessem a caminho. 2.º Que êsses trabalhos não se podiam concluir immediatamente, devendo preencher um largo período, terminando no tempo de Cirino, como refere S. Lucas, sendo êste legado quem coordenou os trabalhos dos seus predecessores. 3.º Que Cirino foi por duas vezes legado na Síría e succedeu a Varo. Cfr. Lexton. Le Cirinus de Saint Luc. *Correspondence Catholique*, p. 40, julho 1895. S. Lucas, tão combatido, fornece elementos preciosos para a história, que por sua vez se encarrega de vingar as suas asserções. A propósito escreve o dr. Aberle: "Se nos encontrassemos nos Zonaras, nos Malalas, ou em qualquer outro compilador das histórias bizantinas com a referência análoga à que nos fornece o terceiro Evangelho, nós o julgaríamos como um dado precioso para a história, e uma valiosa indicação das antigas fontes tantas vezes incompletas. Por que é pois S. Lucas tão mal apreciado?" Ueber den Stathalter Quirinius, na *Theologische Quartalschrift*, Tübinge 1865, p. 147-148.

(3) **PRIMOGENITO** — Os hebreus davam esta denominação ao primeiro filho.

ESTALAGEM — Esta palavra não deve ser entendida no sentido moderno e vulgar, mas sim na acepção de abrigo. Na Palestina eram frequentes as grutas naturais, por causa dos accidentes de terreno calcáreo, onde se abrigavam homens e animais.

10 Porém o anjo lhes disse: Não temais: Porque eis aqui vos venho anunciar um grande gozo, que o será para todo o povo:

11 E é que hoje vos nasceu na cidade de Davi o Salvador, que é o Cristo Senhor.

12 E este é o sinal que vo-lo fará conhecer: Achareis um menino envolto em panos, e posto em uma mangedoura.

13 E subitamente apareceu com o anjo uma multidão numerosa da milícia celestial, que louvavam a Deus, e diziam:

14 Glória a Deus no mais alto dos Céus, e paz na terra aos homens de boa vontade.

15 E aconteceu que depois que os anjos se retiraram deles, para o Céu: Falavam entre si os pastores, dizendo: Passemos até Belém, e vejamos que é isto que succedeu, que é o que o Senhor nos mostrou.

16 E foram com grande pressa: E acharam a Maria, e a José, e ao menino posto em uma mangedoura.

17 E vendo isto conheceram a verdade do que se lhes havia dito acerca deste menino.

18 E todos os que o ouviram se admiraram: E também do que lhes haviam referido os pastores.

19 Entretanto Maria conservava todas estas coisas, conferindo lá no fundo do seu coração umas com outras.

20 E os pastores voltaram glorificando, e louvando a Deus, por tudo o que tinham ouvido e visto, que era conforme ao que se lhes tinha dito.

Evangelho de S. Lucas 2, 21-24

21 E depois que foram cumpridos os oito dias para ser circuncidado o menino: Foi-lhe pôsto o nome de Jesus, como lhe tinha chamado o anjo, antes que fôsse concebido no ventre de sua mãe. (4)

22 E depois que foram concluidos os dias da purificação de Maria, segundo a lei de Moisés, ô levaram a Jerusalém, para o apresentarem ao Senhor, (5)

23 segundo o que está escrito na lei do Senhor: Todo o filho macho, que fôr primogênito, será consagrado ao Senhor: (6)

24 E para oferecerem em sacrificio, conforme ao que está mandado na lei do Senhor: Um par de rôlas ou dois pombinhos.

(4) **PARA SER CIRCUNCIDADO** — A circuncisão foi naturalmente feita por S. José. No côro da basílica da Natividade, em Belém, ao sul do altar-mor, onde está a gruta em que nasceu Jesus Cristo, está o altar da circuncisão no sítio onde a tradição, mencionada já por S. Epifânio, localiza esta cerimônia.

(5) **SEGUNDO A LEI DE MOISÉS** — A mesma razão que obrigou ao Senhor a mostrar-se em traje de pecador, sujeitando-se à lei da circuncisão, obrigou também a Maria a que parecesse impura, e a sujeitar-se à da purificação, abatendo com êste raro exemplo de humildade a soberba dos que, sendo pecadores, impuros e rebeldes, querem ganhar o conceito de bons, limpos e irrepreensíveis. As cerimônias que nesta ocasião se observam, se podem ler no Lev 12, 2 e no Ex 13, 2. 15.

(6) **QUE FOR PRIMOGÊNITO** — Isto quer dizer precisamente a frase hebraica, "*ada periens vulvam*" que S. Lucas alegou do livro do Êxodo. "Vatâbulo, Jansênio de Band, Arnault, Duhamel." Peio que tôdas as versões francesas, de que uso, traduzem "*ad aperiens vulvam, premier né*" Glaire Ouvrant un sein,

25 E havia então em Jerusalém um homem chamado Simeão, e este homem justo e timorato esperava a consolação de Israel, e o Espírito Santo estava nele. (7)

26 E havia recebido resposta do Espírito Santo, que ele não veria a morte sem ver primeiro ao Cristo do Senhor.

27 E veio por espírito ao templo. E trazendo os pais ao menino Jesus, para cumprirem com o preceito, segundo o costume da lei por ele:

28 Então o tomou em seus braços Simeão, e louvou a Deus, e disse:

29 Agora é, Senhor, que tu despedes ao teu servo em paz, segundo a tua palavra: (8)

30 Porque já os meus olhos viram o Salvador que tu nos deste.

31 O qual aparelhaste ante a face de todos os povos:

32 Como lume para ser revelado aos gentios, e para glória do teu povo de Israel.

33 E seu pai, e mãe estavam admirados daquelas coisas que dele diziam.

34 E Simeão os abençoou, e disse para Maria sua mãe: Eis aqui está pôsto este menino para ruína, e para

(7) **SIMEÃO** — Conjetura-se que era filho do famoso doutor judaico Hilel e pai de Gamaliel, de quem se fala nos At 22, 3.

(8) **DESPEDES AO TEU SERVO** — Como se dissera: Agora não me fica já que ver, nem que esperar neste mundo: agora podéis já desatar ao vosso servo, e romper os laços que o detêm aqui, para que livremente possa ir a gozar da paz e repouso dos justos.

salvação de muitos em Israel: E para ser o alvo, a que atire a contradição: (9)

35 E será esta uma espada que traspassará a tua mesma alma, a fim de se descobrirem os pensamentos que muitos terão escondidos nos corações.

36 E havia uma profetisa chamada Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser: Esta havia já chegado a uma idade muito avançada, e tinha vivido sete anos com seu marido, desde a sua virgindade. (10)

37 Achava-se esta então viuva, de idade de oitenta e quatro anos: Ela não se apartava do templo, onde servia a Deus de dia, e de noite, em jejuns, e orações.

38 Ela pois sobrevivendo nesta mesma ocasião, dava graças a Deus: E falava dele a todos os que esperavam a redenção de Israel.

39 E depois que êles deram fim a tudo, segundo o que mandava a Lei do Senhor, voltaram a Galiléia para a sua cidade de Nazaré.

40 Entretanto o menino crescia, e se fortificava, estando cheio de sabedoria: E a graça de Deus era com êle.

41 E seus pais iam todos os anos a Jerusalém no dia solene da Páscoa.

(9) **PARA RUÍNA**, etc. — S. Pedro na sua primeira carta, cap. 11, decifra belamente o sentido desta profecia, quando, falando de Jesus Cristo, diz assim: Para vós, que crêdes, será êle honra, mas para os que não crêem, será pedra de escândalo. — **Pereira**.

(10) **DESDE A SUA VIRGINDADE** — Desde que se casou. É frase hebraica, que significa ter sido casada sete anos. — **Pereira**.

42 E quando teve doze anos, subindo êles a Jerusalém, segundo o costume do dia da festa,

43 e acabados os dias que ela durava, quando voltaram para casa, ficou o menino Jesus em Jerusalém, sem que seus pais o advertissem.

44 E crendo que êle viria com os da comitiva, andaram caminho de um dia, e o buscavam entre os parentes, e conhecidos. (11)

45 E como o não achassem, voltaram a Jerusalém em busca dêle.

46 E aconteceu que três dias depois o acharam no templo, assentado no meio dos doutores, ouvindo-os, e fazendo-lhes perguntas.

47 E todos os que o ouviam, estavam pasmados da sua inteligência, e das suas respostas.

48 E quando o viram se admiraram. E sua mãe lhe disse: Filho, por que usaste assim conosco? Sabe que teu pai e eu te andávamos buscando cheios de aflição.

49 E êle lhes respondeu: Para que me buscáveis? não sabíeis que importa ocupar-me nas coisas que são do serviço de meu Pai?

50 Mas êles não entenderam a palavra que lhes disse.

(11) **O BUSCAVAM** — A tradição cristã refere a localidade moderna El-Bireh (o Beeroth bíblico), o lugar em que Maria deu pela falta de seu divino Filho. Em memória do fato construiu-se uma igreja, de que só resta a abside e um muro setentrional.

51 E desceu com êles, e veio a Nazaré, e obedecia-lhes. E sua mãe conservava tôdas estas palavras no seu coração.

52 E Jesus crescia em sabedoria, e em idade, e em graça diante de Deus e dos homens. (12)

CAPÍTULO 3

EM QUE TEMPO FOI ENVIADO POR DEUS JOÃO BATISTA A PREGAR O BATISMO DE PENITÊNCIA. AS SUAS INSTRUÇÕES AO POVO, AOS PUBLICANOS, E AOS SOLDADOS. VEM JESUS A SER BATIZADO POR JOÃO. ABRE-SE O CÉU E O ESPÍRITO SANTO DESCE SOBRE JESUS. VOZ DO PAI DECLARANDO-O SEU FILHO. GENEALOGIA DE JESUS CRISTO DESDE JOSÉ ATÉ ADÃO.

1 E no ano décimo quinto do império de Tibério César, sendo Pôncio Pilatos governador da Judéia, e Herodes tetrarca da Galiléia, e seu irmão Filipe tetrarca

(12) **CRESCIA EM SABEDORIA E EM IDADE** — Jesus, enquanto homem, tendo as mesmas faculdades e aptidões como nós, e achando-se neste mundo em condições análogas às nossas, via como nós vemos, formava as mesmas idéias e adquiria a mesma ciência, que manifestava gradualmente. Esta ciência era para Jesus a consequência natural da condição em que se encontrava, desde que assumira a natureza humana, dando sinais dela, progredindo, interrogando, admirando-se, etc. Isto não impede de reconhecer a ciência sobre-humana e as luzes superiores do Filho de Deus, inerentes à sua natureza divina. *Humana natura in Christo divinae unita fuit in unica Verbi persona.*

de Iturêia, e da província de Traconites, e Lisânias, tetrarca de Abilina, (1)

(1) **DE TIBÉRIO CÉSAR** — Cláudio Tibério Nero, filho de Tibério Cláudio Nero e de Livia Drusila, segundo imperador romano, nasceu em Roma no ano 42 A. C. Sua mãe Livia desposou em 30 o imperador Augusto, que o adotou no ano 4 da era cristã, obrigando-o a esposar no ano 14 A. C. sua filha Júlia. No ano 13 da era cristã foi associado ao governo, e encarregado da administração das províncias. No ano seguinte morre Augusto, e Tibério encontra-se só à frente do governo. Tinha então 55 anos. Durante o seu reinado nomeou dois procuradores para a Palestina: Valério Grato, que ocupou o lugar durante onze anos (15-26 da nossa era) e Pôncio Pilatos, que foi procurador durante dez anos (26-36). O décimo quinto ano de Tibério vai de 19 de agosto do ano 28, até igual dia do ano 29.

HERODES TETRARCA — Herodes Antipas. Cfr. Mt 14, 1.

FILIFE TETRARCA DE ITURÊIA — Era Herodes Filipe, filho de Herodes Magno e de sua quinta mulher, Cleópatra de Jerusalém. É o único dos filhos deste rei que não deixou má fama de si, como homem cruel; era fraco, tão fraco que aquiesceu ao pedido da filha de Herodiades, que lhe pediu a cabeça de S. João Batista. A Iturêia, região montanhosa, conquistada pelo rei Aristóbulo um século antes de Cristo, ficava ao nordeste da Palestina e a oeste de Damasco. Os seus habitantes eram notáveis pela sua habilidade para atirar flechas e pelas suas pilhagens.

TRACONITES — É o antigo Argob e o atual Ledja, igualmente habitado por salteadores. O imperador Augusto confiou esta região a Herodes Magno, no ano 23 A. C., para que ele a depurasse dos salteadores. S. Lucas entende por Traconite toda a região do sul do Antilibano, a este do alto Jordão e do lago Tiberíades até às montanhas das Drusias. Filipe governou esta região 37 anos; engrandeceu e aformoseou a Cesaréia de Filipe, que recebeu dele este nome, e Betsaida Julia, morrendo sem posteridade no ano 34 da nossa era.

LISANIAS — Strauss, no seu persistente intento de encontrar S. Lucas em erro, diz a propósito deste Lisânias: "Lucas faz reinar, trinta anos depois do nascimento de Cristo, um Lisânias, que foi morto trinta anos antes do seu nascimento, é apenas um erro de sessenta anos". Strauss, *Nouvelles vie de Jesus*, trad. Nefftzer Dollfus, t. 2, p. p. 20-21. A epigrafia moderna porém vinga por completo S. Lucas, pois demonstra até à saciedade, com monumentos irrefutáveis, a existência de dois Lisânias, um filho de Ptolomeu de que fala Josefo, e outro tetrarca da Abilina no tempo de Tibério, e de que fala S. Lucas. Até ha muito pouco os próprios apologetas cristãos viam-se em dificuldades para resolver esta dificuldade histórica,

2 sendo príncipes dos sacerdotes Anás e Caifás, veio a palavra do Senhor sobre João, filho de Zacarias, no deserto. (2)

3 E ele foi discorrendo por toda a terra do Jordão, pregando o batismo de penitência para remissão de pecados. (3)

avertando hipóteses mais ou menos verossímeis. Hoje, graças aos progressos da epigrafia, as dificuldades desaparecem. É decisiva a inscrição encontrada em 1737 pelo celebre viajante Richar Pococke nas ruínas da Abilina, que fazia parte dum templo dórico, onde se lia o nome de Lisânias, tetrarca de Abilina. R. Pococke, *Inscriptiones antiquae graece et latinae* — Londres, 1752. em 1823, Brocchi encontrou em Balbeck restos doutra inscrição que confirmam a anterior. Brocchi, *Giornale delle osservazioni*, 1882, t. 3, e a ela se refere o P. Patrizi nos seus *Commentarios* — De Evangelis, Dissert. 42, De tetrarchis a Luca commemoratis. Em 1851, Saulcy, membro do Instituto de França, encontrou outros fragmentos da inscrição de Balbeck e convenceu-se que ela se referia a Zenodoro e Lisânias. Está em caracteres gregos e é do teor seguinte o que está conservado:

...filha, a Zenodoro filho de Lisânias o tetrarca, e a Lisânias...
...e a seus filhos, foi dedicado piedosamente este monumento.

Ar. John Hogg, *Transaction of the R. Society of Litterature*, 2.^a série, 1863, t. 7, p. 274, e E. Renan, *Memoires de l'Academie des Inscriptions*, 1870, part. 2, p. 70-79. E assim fica, em face da arqueologia cristã, vingado mais uma vez o texto sagrado.

ABILINA — Era a região que tirava o seu nome da cidade de Abila. Ficava entre o Líbano e o Hermon, a nordeste de Damasco, a dezolto milhas romanas desta última cidade e a trinta e sete de Heliópolis.

(2) **ANÁS** — Filho de Set, chamado por Josefo Anano, foi eleito sumo sacerdote por Cirino e governador da Siria, no ano 7 da nossa era. No principio do reinado de Tibério, no ano 14, foi deposto por Valério Grato, sucedendo-lhe Ismael, filho de Fabi, depois Eleazar, filho de Anás, que o cedeu a Simão, filho de Camit, que veio a ser substituído pelo genro de Anás, José Caifás, que conservou esta dignidade desde o ano 27 ou 28 até 36 ou 37. Anás viveu muito tempo, e cinco dos seus filhos foram sucessivamente sumo sacerdotes. Os Evangelistas nomelam Anás com Caifás, já porque ele era sagan ou vigário d'este, já por ser presidente do sanedrim, já por ter ficado com as honras por ter exercido o supremo pontificado. Com certeza que gozava grande influência em Jerusalém, e em parte no ânimo do seu genro Caifás.

(3) **TODA A TERRA DO JORDÃO** — O Ghor atual.

4 Como está escrito no livro das palavras do profeta Isaías: Voz do que clama no deserto: Aparelhai o caminho do Senhor: Fazei direitas as suas verêdas.

5 Todo o vale será cheio: E todo o monte e cabeço será arrasado, e os maus caminhos tornar-se-ão direitos, e os escabrosos planos.

6 E todo o homem verá o Salvador enviado por Deus.

7 Dizia pois João ao povo, que vinha para ser por êle batizado: Raça de víboras, quem vos advertiu que fugísseis da ira que vos está ameaçada?

8 Fazei portanto frutos dignos de penitência, e não comeceis a dizer: Nós temos por pai a Abraão. Porque eu vos declaro que poderoso é Deus para fazer que destas pedras nasçam filhos a Abraão.

9 Porque já o machado está pôsto à raiz das árvores. E assim tôda a árvore que não dá bom fruto, será cortada e lançada no fogo.

10 E lhe perguntavam as gentes, dizendo: Pois que faremos?

11 E respondendo, lhes dizia: O que tem duas túnicas dê uma ao que a não tem, e o que tem que comer, faça o mesmo. (4)

12 E vieram também a êle publicanos, para que os batizasse, e lhe disseram: Mestre, que faremos nós?

13 E êle lhes respondeu: Não façais mais que o que vos foi ordenado.

(4) **DE UMA AO QUE A NÃO TEM** — Logo há preceitos de dar esmola do que nos não é necessário, porque o Batista assim o dizia, a quem lhe perguntava que devia fazer para escapar da ira de Deus. — Duhamel.

Evangelho de S. Lucas 3, 14-22

14 Da mesma sorte perguntavam-lhe também os soldados, dizendo: E nós outros que faremos? E João lhes respondeu: Não trateis mal, nem oprimeis com calúnias pessoa alguma: E dai-vos por contentes com o vosso sôlido.

15 E como o povo entendesse, e todos assentassem nos seus corações, que talvez João seria o Cristo,

16 respondeu João, dizendo a todos: Eu na verdade vos batizo em água, mas virá outro mais forte do que eu, a quem eu não sou digno de desatar a correia dos seus sapatos; êle vos batizará em virtude do Espírito Santo, e no fogo:

17 Cujá pá está na sua mão, e êle limpará a sua eira, e recolherá o trigo no seu celeiro, e queimará as palhas em um fogo, que nunca se apaga.

18 E assim anunciava outras muitas coisas ao povo nas suas exortações.

19 Mas Herodes tetrarca, sendo por êle repreendido por causa de Herodíades, mulher de seu irmão, e de todos os males que Herodes havia feito,

20 acrescentou sôbre todos os mais crimes também êste, de mandar meter em um cárcere a João.

21 E aconteceu que, como recebesse o batismo todo o povo, depois de batizado também Jesus, e estando em oração, abriu-se o Céu.

22 E desceu sôbre êle o Espírito Santo em forma corpórea como uma pomba, e soou do Céu uma voz que dizia: Tu és aquele meu Filho especialmente amado; em ti é que tenho pôsto tôda a minha complacência.

23 E o mesmo Jesus começava a ser, quase de trinta anos, filho, como se julgava, de José, que o foi de Heli, que o foi de Matat. (5)

24 Que o foi de Levi, que o foi de Melqui, que o foi de Jane, que o foi de José.

25 Que o foi de Matatias, que o foi de Amós, que o foi de Naum, que o foi de Hesli, que o foi de Nage.

(5) **DE JOSÉ** — Segundo muitos intérpretes, S. José, que, segundo a natureza, era filho de Jacó, era, segundo a lei, filho de Heli. Porque Heli e Jacó eram irmãos uterinos; Heli, o primogênito, morreu sem posteridade, Jacó, segundo a lei, esposou a viuva e por consequência dêsse casamento, seu filho José foi reputado filho de Heli segundo a lei. Outros dizem que José, filho de Jacó por natureza, era-o de Heli por aliança. Temos porém que, comparando a genealogia que se inicia neste versículo de S. Lucas com S. Mateus, encontramos divergência. Já falamos destas genealogias em Mt 1, 1-17, onde vimos que Jesus descende de Davi por Salomão e pelos reis de Judá. É claro que citando neste lugar S. Lucas outros nomes, diversos dos apresentados na primeira genealogia, os racionalistas não perderam o ensejo de atacar a veracidade e consequentemente a divindade dos Evangelhos, e eil-os em campo declarando a primeira genealogia absolutamente irreconciliável com a segunda, e portanto uma ou outra, ou ambas falsas. Os exegetas apresentam varios sistemas de conciliação, dois dos quais devemos aqui registrar.

Primeiro sistema: S. Mateus apresenta a genealogia pelo lado de S. José, e S. Lucas pela parte de Maria, pois que é muito provável que S. Lucas escrevendo para gentios estranhos às prescrições legais da Sinagoga, nos tenha dado a genealogia dos verdadeiros antepassados do Salvador, cuja série ascendente só podia começar pelo pai da Virgem, omitindo o nome de Maria por não ser costume fazer menção das mulheres nas genealogias. O segundo sistema entende que ambas as genealogias são de S. José, uma seguindo a série dos antepassados naturais, outra a dos antepassados legais, assim chamados pela aplicação da lei de leviratos, o que podia acontecer tôdas as vezes que os antepassados naturais, desposando a viuva do seu mais próximo parente falecido sem filhos, adotassem o nome dêste para lhe dar uma posteridade que a lei considerava da mesma sorte que se tivesse sido por êle próprio gerada, como acima dissemos, acêrca de José, descendente de Jacó e reputado legalmente filho de Heli.

De resto, pergunta-se que interêsse poderia ter S. Lucas em inventar uma lista de nomes diferentes dos apresentados por S. Mateus? Ou conhecia ou não a genealogia feita pelo seu ante-

Evangelho de S. Lucas 3, 26-30

26 Que o foi de Maat, que o foi de Matatias, que o foi de Semei, que o foi de José, que o foi de Judá.

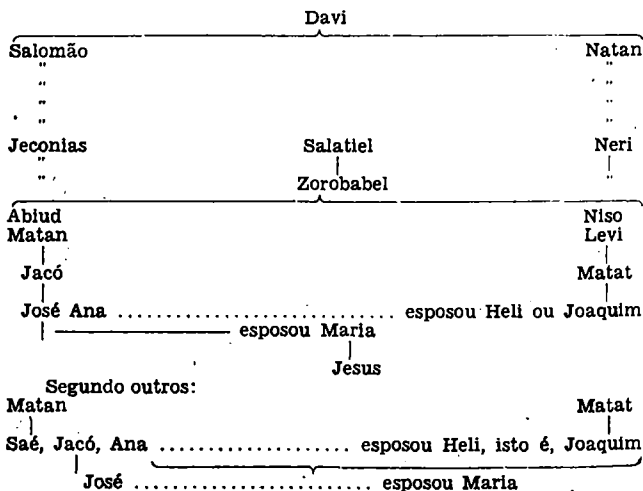
27 Que o foi de Joana, que o foi de Resa, que o foi de Zorobabel, que o foi de Salatiel, que o foi de Neri.

28 Que o foi de Melqui, que o foi de Adi, que o foi de Cosan, que o foi de Elmadan, que o foi de Her.

29 Que o foi de Jesus, que o foi de Eliezer, que o foi de Jorim, que o foi de Matat, que o foi de Levi.

30 Que o foi de Simeon, que o foi de Juda, que o foi de José, que o foi de Jona, que o foi de Eliaquim.

cessor; no primeiro caso transcrevia-a, no segundo para que inventar uma, segundo a qual Jesus não contava os reis de Judá entre os seus antepassados? Apresentamos dois esquemas, que facilitam a inteligência dos dois sistemas:



31 Que o foi de Meléia, que o foi de Mena, que o foi de Matata, que o foi de Natã, que o foi de Davi.

32 Que o foi de Jessé, que o foi de Obed, que o foi de Booz, que o foi de Salmon, que o foi de Naasson.

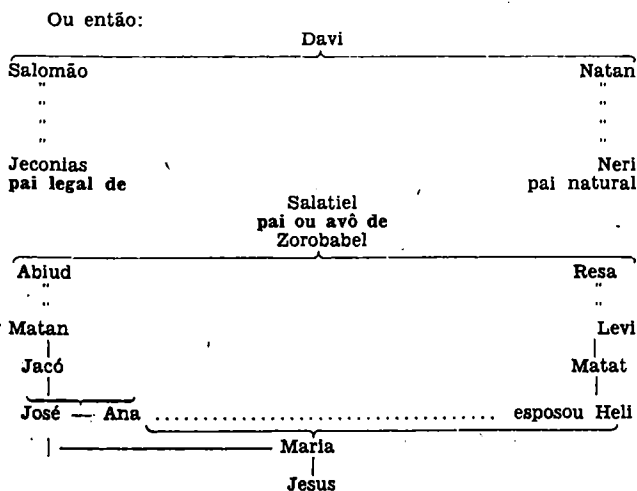
33 Que o foi de Aminadab, que o foi de Arão, que o foi de Esron, que o foi de Farés, que o foi de Judas.

34 Que o foi de Jacó, que o foi de Isaac, que o foi de Abraão, que o foi de Tare, que o foi de Nâcor.

35 Que o foi de Sarug, que o foi de Ragau, que o foi de Fale, que o foi de Héber, que o foi de Sale.

36 Que o foi de Cainan, que o foi de Arfaxade, que o foi de Sem, que o foi de Noé, que o foi de Lamec.

37 Que o foi de Matusalém, que o foi de Henoc, que o foi de Jared, que o foi de Malaleel, que o foi de Cainan:



38 Que o foi de Henos, que o foi de Set, que o foi de Adão, que foi criado por Deus.

CAPÍTULO 4

JEJUM E TENTAÇÃO DE JESUS CRISTO NO DESERTO. LÊ E EXPLICA AS ESCRITURAS NA SINAGOGA DE NAZARÉ, SÓ NA SUA PÁTRIA NÃO TEM O PROFETA ESTIMAÇÃO. LIVRA UM ENDEMONINHADO EM CAFARNAUM. CURA DE UMA FEBRE A SOGRA DE PEDRO, E OBRA OUTRAS MARAVILHAS EM DOENTES E POSSESSOS.

1 Cheio pois do Espírito Santo voltou Jesus do Jordão, e foi levado pelo Espírito ao deserto.

2 Onde esteve quarenta dias, e foi tentado pelo diabo. E não comeu nada nestes dias, e passados êles teve fome.

3 Disse-lhe então o demônio: Se és Filho de Deus, dize a esta pedra que se converta em pão.

4 E Jesus lhe respondeu: Está escrito que o homem não vive somente de pão, mas de toda a palavra de Deus.

5 E o demônio o levou a um alto monte, e lhe mostrou todos os reinos da redondeza da terra em um momento de tempo.

6 E lhe disse: Dar-te-ei todo êste poder, e a glória dêstes reinos, porque êles me foram dados, e eu os dou a quem bem me parece.

7 Portanto, se tu na minha presença prostrado me adorares, todos êles serão teus.

8 E respondendo Jesus, lhe disse: Escrito está: Ao Senhor teu Deus adorarás, e a êle só servirás.

9 Levou-o ainda a Jerusalém, e pô-lo sobre o pináculo do Templo, e disse-lhe: Se és Filho de Deus lança-te daqui abaixo.

Evangelho de S. Lucas 4, 10-16

10 Porque está escrito que Deus mandou aos seus Anjos que tivessem cuidado de ti, e que te guardassem.

11 E que te sustivessem em seus braços, para não maguares talvez o teu pé em alguma pedra.

12 E respondendo Jesus, lhe disse: Dito está: Não tentarás ao Senhor teu Deus.

13 E, acabada toda a tentação, se retirou dele o demônio, até certo tempo. (1)

14 E voltou Jesus em virtude do Espírito para Galiléia, e a fama dele se divulgou por todo aquele país.

15 E ele ensinava nas Sinagogas deles, e era aclamado grande por todos.

16 E veio a Nazaré, onde se havia criado, e entrou na Sinagoga segundo o seu costume em dia de sábado, e levantou-se para ler. (2)

(1) **ATÉ CERTO TEMPO** — Isto é, até ao tempo da Paixão de Jesus Cristo, no qual não tanto veio a tentá-lo, como combatê-lo abertamente. O cristão não se deve contentar com resistir a satanás duas ou três vezes, mas deve estar em contínua vigia temendo os seus assaltos e os seus insultos. Cerca-nos e rodeia-nos como um sanguinolento leão, buscando alguma aberta por onde possa entrar, e ainda que parece que nos deixa, e se retira por algum tempo, é para nos achar descuidados e acometer-nos com um novo e maior furor.

(2) **SINAGOGA** — De Nazaré, onde Jesus Cristo ensinou a Lei. Ficava no local onde, segundo a tradição, fica atualmente a igreja dos gregos unidos, pouco mais ou menos no centro da cidade mo-

Evangelho de S. Lucás 4, 17-22

17 E foi-lhe dado o livro do profeta Isaías. E quando desenrolou o livro, achou o lugar onde estava escrito:

18 O Espírito do Senhor repousou sobre mim, pelo que êle me consagrou com a sua unção, e enviou-me a pregar o Evangelho aos pobres, a sarar aos quebrantados de coração.

19 A anunciar aos cativos redenção, e aos cegos vistas, a pôr em liberdade aos quebrantados para seu resgate, a publicar o ano favorável do Senhor, e o dia da retribuição.

20 E havendo enrolado o livro, o deu ao ministro, e se assentou. E quantos havia na Sinagoga tinham os olhos fixos nele: (3)

21 E começou êle a dizer-lhes: Hoje se cumpriu esta Escritura nos vossos ouvidos.

22 E todos lhe davam testemunho, e se admiravam da graça das palavras que saíam da sua boca, e diziam: Não é este o filho de José?

derna, perto do mercado. Todos os judeus podiam ler e falar nas sinagogas. Havia leitores encarregados da leitura do texto sagrado, mas não faziam parte do pessoal oficial, e o chefe podia à sua vontade escolher dentre os assistentes o que quisesse para desempenhar este cargo. É por este costume que Jesus lê na sinagoga. Quando se acabava a leitura, o presidente convidava o leitor ou algum dos ouvintes a explicar o que se acabava de ler e exortar o povo. É também em virtude deste uso que Jesus se dirige ao auditório 5, 21.

(3) **AO MINISTRO** — Aquele a quem os rabinos chamam **Khazan**, espécie de acólito encarregado de abrir as portas da sinagoga, preparar os manuscritos da Escritura e acondicionar tudo quanto era necessário para os officios.

23 Então lhes disse Jesus: Sem dúvida que vós me aplicareis este provérbio: Médico, cura-te a ti mesmo: todas aquelas grandes coisas que ouvimos dizer, que fizeste em Cafarnaum, faze-as também aqui na tua pátria. (4)

24 E prosseguiu: Na verdade vos digo, que nenhum profeta é bem aceito na sua pátria: (5)

25 Na verdade vos digo, que muitas viúvas havia em Israel nos dias de Elias, quando foi fechado o Céu por três anos e seis meses, quando houve uma grande fome por toda a terra:

26 E a nenhuma delas foi mandado Elias, senão a uma mulher viúva de Sarepta de Sidônia.

27 E muitos leprosos havia em Israel em tempo do profeta Eliseu, mas nenhum deles foi limpo senão Naaman, da Síria. (6)

(4) **VÓS ME APLICAREIS** — Declara-lhes a objeção que ele estava lendo nos seus corações. — **Amelote.**

(5) **QUE NENHUM PROFETA** — Com outro provérbio lhes dá a entender que a sua incredulidade os fazia indignos de que ele obrasse ali os milagres, que em outras partes obrava. E a incredulidade dos compatriotas do profeta costuma nascer da inveja e da soberba, que não sofre ver-se excedida pelo que é seu igual. — **Amelote.**

(6) **SENAO NAAMAN DA SÍRIA** — O grego tem Neeman. Com estes exemplos de pessoas estranhas em quem Deus empregou a sua misericórdia, lhes deu a entender que o seu orgulho os fazia indignos de receber as graças, que concedia abundantemente aos outros povos. Porque, como observa Santo Ambrósio, Deus não atende ao país senão ao coração do homem, e sua graça não é como um direito que se deve à natureza, mas é sim o objeto e o preço de nossos desejos. Neste lugar o advérbio nisi se põe em lugar da conjunção sed adversativa, porque Naaman não era do número dos leprosos de Israel.

28 E todos os que estavam na Sinagoga, ouvindo isto, se encheram de ira.

29 E levantaram-se, e o lançaram fora da cidade: E o conduziram até ao cume do monte, sôbre o qual a sua cidade estava fundada, para o precipitarem. (7)

30 Mas êle, passando pelo meio deles, se retirou. (8)

31 E desceu a Cafarnaum, cidade de Galiléia, e ali os ensinava nos sábados.

32 E êles se espantavam da sua doutrina, porque a sua palavra era com autoridade.

33 E estava na Sinagoga um homem possesso do espírito imundo, e exclamou em voz alta,

34 dizendo: Deixa-nos, que tens tu conosco, Jesus Nazareno? Vieste a perder-nos? Bem sei quem és: E's o Santo Deus. (9)

(7) **MONTE** — É o chamado monte de precipitação, isto é, a montanha para a qual os nazarenos conduziram Jesus Cristo para precipitá-lo. Não está perfeitamente identificado. O sitio tradicional é ao sul da cidade, a uma hora de caminho. Há aí um rochedo que serviria para tão ruins intentos. Os Franciscanos fizeram construir aí uma Igreja, donde se descobre a planície de Esdrelon.

(8) **SE RETIROU** — Ou fazendo-se invisível, como crêem alguns, ou deixando-os suspensos e imóveis, dando com isto a entender que o haver-se entregado depois à morte, não foi por necessidade, senão por um effeito da sua vontade. — Santo Ambrósio.

(9) **ÉS O SANTO DEUS** — O texto grego tem com a maior energia aquele Santo de Deus. E deve-se advertir com os santos Padres, que este conhecimento que os demônios mostravam ter da pessoa e dignidade de Jesus Cristo, não passava de um conhecimento conjectural, com que êles discorriam, não que o Senhor era verdadeiro Deus, mas que era o Messias prometido pelos profetas. — Calmet.

35 Mas Jesus o repreendeu, dizendo: Cala-te, e saí dêsse homem. E o demônio dêpois de o ter lançado em terra no meio de todos, saiu dele, sem lhe fazer algum mal.

36 E ficaram todos cheios de pavor, e falavam uns com os outros, dizendo: Que coisa é esta, porque êle com poder, e com virtude manda aos espíritos imundos, e estes saem?

37 E por todos os lugares do país corria a fama do seu nome.

38 E saindo Jesus da Sinagoga, entrou em casa de Simão. Ora a sogra de Simão padecia grandes febres: E pediram-lhe que se compadecesse dela.

39 E inclinando-se em pé sôbre ela, pôs preceito à febre: E a febre a deixou. E ela levantando-se logo, se pôs a servi-los.

40 E quando foi sol pôsto, todos os que tinham enfermos de diversas moléstias lhos traziam. E êle, pon-do as mãos sôbre cada um dêles, os sarava.

41 E de muitos saíam os demônios, gritando, e dizendo: Tu és o Filho de Deus. Mas êle, repreendendo-os, não permitia que êles tal dissessem: Que sabiam que êle mesmo era o Cristo.

42 E depois que foi dia, tendo saído, se retirou para um lugar deserto, e as gentes o buscavam, e foram até onde êle estava: E o detinham para que se não apartasse deles.

43 Êle lhes disse: Às outras cidades é necessário também que eu anuncie o reino de Deus: Que para isso é que fui enviado.

44 E andava pregando nas Sinagogas de Galiléia.

CAPÍTULO 5

JESUS PREGANDO NA BARCA DE PEDRO, A QUEM MANDA LANÇAR AS REDES COM FELIZ SUCESSO. CURA UM LEPROSO E UM PARALÍTICO, PERDOANDO-LHES OS PECADOS. CHAMA PARA SI A MATEUS E JANTA EM SUA CASA. POR QUE RAZÃO COME ÊLE COM OS PECADORES, E POR QUE RAZÃO NÃO JEJUAM OS SEUS DISCÍPULOS.

1 E aconteceu que atropelando-o a gente, acudia a êle para ouvir a palavra de Deus: E êle estava à borda do lago de Genesaré.

2 E viu duas barcas que estavam à borda do lago: E os pescadores haviam saltado em terra, e lavavam as suas redes.

3 E entrando em uma destas barcas, que era de Simão, lhe rogou que o apartasse um pouco da terra. E estando sentado ensinava ao povo desde a barca.

4 E logo que acabou de falar disse a Simão: Faze-te mais ao largo, e soltai as vossas redes para pescar.

5 E respondendo Simão, lhe disse: Mestre, depois de trabalharmos tôda a noite, não apanhamos coisa alguma: Porém sôbre a tua Palavra soltarei a rede.

6 E depois que assim o fizeram, apanharam peixe em tanta abundância, que a rede se lhes rompia.

7 O que os obrigou a dar sinal aos companheiros, que estavam em outra barca, para que os viessem ajudar. E vieram, e encheram tanto ambas as barcas, que pouco faltava que elas não fossem ao fundo.

8 O que vendo Simão Pedro, lançou-se aos pés de Jesus, dizendo: Retira-te de mim, Senhor, que sou um homem pecador. (1)

9 Porque o espanto o tinha assombrado a êle e a todos os que se achavam com êle, de ver a pesca de peixes que haviam feito:

10 E da mesma sorte havia deixado atônitos a Tiago e a João, filhos de Zebedeu, que eram companheiros de Simão. Mas Jesus disse a Simão: Não tenhas medo: Desta hora em diante serás pescador de homens.

11 E como chegaram à terra as barcas, deixando tudo, foram-no seguindo.

12 E succedeu que se achava Jesus em uma daquelas cidades, e eis que appareceu um homem cheio de lepra, o qual vendo a Jesus, e lançando-se com o rosto em terra, lhe fez esta rogativa, dizendo: Senhor, se tu queres, bem me podes limpar.

13 E êle, estendendo a mão, lhe tocou, dizendo: Quero: Sê limpo. E no mesmo ponto desapareceu dele a lepra:

14 E o mesmo Jesus lhe mandou que a ninguém o dissesse: Mas, vai, lhe disse, mostra-te ao sacerdote, e oferece pela tua limpeza o que foi ordenado por Moisés, para lhes servir de testemunho. (2)

(1) **RETIRA-TE DE MIM** — Como se julgava indigno da presença do Senhor, não lhe pede que o desampare, mas sim que o livre da soberba, diz Santo Ambrósio. *Non rogat ut deseratur, sed ne infletur.* — Amelote.

(2) **O QUE FOI ORDENADO POR MOISÉS** — Porque a impureza legal, que era como uma excomunhão do leproso, durava-lhe ainda depois de limpo, enquanto êle não fazia a sua oferta.

15 Entretanto se dilatava cada vez mais a fama do seu nome: E concorriam muitas gentes para o ouvirem, e para serem curadas das suas enfermidades.

16 Mas êle se retirava para o deserto, e se punha em oração.

17 E aconteceu um dia que também êle se achava sentado ensinando. E estavam igualmente assentados ali uns fariseus, e doutores da lei, que tinham vindo de tôdas as aldeias de Galiléia, e de Judéia, e de Jerusalém: E a virtude do Senhor operava para os sarar.

18 E eis que apareceram uns homens que traziam sôbre um leito um homem que estava paralytico: E o procuravam introduzir dentro na casa, e pô-lo diante de'ê.

19 Mas não achando por onde o introduzir, por ser muita a gente, subiram ao telhado, e pelas lages desceram-no com o leito no meio da casa diante de Jesus. (3)

20 O qual, como viu a fé dos homens, disse: Homem, os teus pecados te são perdoados.

21 Então começaram os escribas, e os fariseus a discorrer lá consigo, dizendo: Quem é êste que diz blasfêmias? Quem pode perdoar pecados, senão só Deus?

22 Mas Jesus, como entendia os pensamentos deles, respondendo, lhes disse: Que considerais vós lá nos vossos corações?

(3) **AO TELHADO** — Já ficou dito que as casas dos judeus tinham um terraço, onde se reuniam, discutiam, ensinavam, etc.

LAGES — O padre Pereira traduziu por telhas a palavra *teguas* da Vulgata, que corresponde ao grego *dia ton keramon*. *Keramon* designa tudo o que é feito com terra, e em particular o terraço em terra, que forma o teto das casas orientais. É claro, pois, que não é rigoroso o termo *lages*, mas ainda menos o é *telhas*, que pode originar confusão na leitura do texto.

23 Qual é mais fácil dizer: São-te perdoados os pecados: Ou dizer: Levanta-te, e anda?

24 Pois para que saibas que o Filho do homem tem sobre a terra poder de perdoar pecados (disse ao paralítico): A ti te digo, levanta-te, toma o teu leito e vai-te para tua casa.

25 E levantando-se logo à vista deles, tomou o leito em que jazia: E foi para sua casa, engrandecendo a Deus.

26 E ficaram todos pasmados e engrandeceram a Deus. E penetraram-se de temor, dizendo: Hoje temos visto prodígios.

27 E depois disto saiu Jesus, e viu sentado no telhão um publicano, por nome Levi, e disse-lhe: Segue-me. (4).

28 E êle, deixando tudo, levantando-se, o seguiu.

29 E Levi lhe deu um grande banquete em sua casa: Onde concorreu grande número de publicanos, e de outros, que estavam sentados à mesa com êles.

30 Porém os fariseus, e os escribas deles murmuravam, dizendo aos discípulos de Jesus: Por que comeis e bebeis vós com publicanos e pecadores?

31 E respondendo Jesus, lhes disse: Os que se acham sãos não necessitam de médico, mas os que estão enfermos.

32 Eu vim chamar não os justos, mas os pecadores à penitência.

(4) **UM PUBLICANO, POR NOME LEVI** — É S. Mateus. Cfr. Introdução ao Evangelho de S. Mateus.

33 Então lhe disseram êles: Por que razão os discípulos de João, e assim mesmo os dos fariseus, fazem muitos jejuns, e orações: E os teus comem, e bebem?

34 Aos quais respondeu Jesus: Porventura podeis vós fazer que jejuem os amigos do espôso, enquanto o espôso está com êles?

35 Mas lá virão dias, nos quais quando o espôso lhes for tirado, então jejuarão naquelles dias.

36 E também lhes propôs esta comparação: Ninguém põe remendo de pano novo em vestido velho: Porque doutra sorte rompe-se o pano novo e o retalho novo não condiz com o velho.

37 Também ninguém lança vinho novo em odres velhos: Porque de outra sorte fará o vinho novo arrebentar os odres, e entornar-se-á o mesmo vinho, e perder-se-ão os odres:

38 Mas o vinho novo deve-se recolher em odres novos, e assim tudo se conserva.

39 De mais que ninguém bebendo do vinho velho. quer logo do novo, porque diz: E' melhor o velho.

CAPÍTULO 6

OS APÓSTOLOS COLHENDO ESPIGAS EM DIA DE SABADO. JESUS OS DESCULPA. NO SEQUINTE SABADO CURA O HOMEM DA MÃO RESSECADA. PASSA A NOITE EM ORAÇÃO POR ESCOLHER OS APÓSTOLOS. PREGA NO MEIO DO CAMPO AS BEM-AVENTURANÇAS. DIVERSOS CONSELHOS E PRECEITOS DA LEI NOVA. A ARESTA E A TRAVE NO OLHO. A BOA E A MÁ ÁRVORE. O QUE OUVI, E PRÁTICA O QUE OUVI, LEVANTA EDIFÍCIO SÓLIDO.

1 E aconteceu um dia de sábado, chamado segundo primeiro, que como passasse pelas searas, os seus discí-

pulos cortavam espigas, e machucando-as nas mãos as comiam. (1)

2 E alguns dos fariseus lhes diziam: Por que fazeis o que não é lícito nos sábados?

3 E respondendo-lhes Jesus, disse: Vós não tendes lido o que fez Davi, quando teve fome êle, e os que com êle estavam?

4 Como entrou na casa de Deus, e tomou os pães da proposição, e comeu deles, e deu aos que vinham com êle: Sendo assim que não podiam comer deles, senão só os sacerdotes?

5 Disse-lhes mais: O Filho do homem é Senhor também do sábado mesmo.

6 E aconteceu que também outro sábado entrou Jesus na Sinagoga, e ensinava. E achava-se ali um homem que tinha ressecada a mão direita. (2)

7 E os escribas, e os fariseus o estavam observando, para ver se curava em sábado: A fim de terem de que o acusar.

8 Mas Jesus sabia os pensamentos deles: E disse para o homem que tinha a mão ressecada: Levanta-te e põe-te em pé no meio. E levantando-se êle, ficou em pé.

9 E Jesus lhes disse: Pergunto-vos, se é lícito nos sábados fazer bem, ou mal: Salvar a vida, ou tirá-la?

(1). **CHAMADO SEGUNDO PRIMEIRO** — O primeiro sábado depois do segundo dia da Páscoa.

(2). **QUE TAMBÉM OUTRO SÁBADO** — Que se chamava "sábado segundo", pela mesma razão que há pouco explicamos.

Evangelho de S. Lucas 6, 10-16

10 Depois correndo a todos com os olhos, disse ao homem: Estende a tua mão. E estendeu-a êle, e foi-lhe restituída a mão.

11 E êles se encheram de furor e falavam uns com os outros, para ver que fariam de Jesus.

12 E aconteceu naqueles dias, que saiu ao monte a orar, e passou tôda a noite em oração a Deus. (3)

13 E quando foi dia, chamou os seus discípulos: E escolheu dentre êles doze que chamou Apóstolos, (4)

14 a saber: Simão, a quem deu o sobrenome de Pedro, e André seu irmão, Tiago, e João, Filipe, e Bartolomeu,

15 Mateus, e Torné, Tiago, filho de Alfeu, e Simão, chamado o Zelador.

16 E Judas, irmão de Tiago, e Judas Iscariotes, que foi o traidor.

(3) **EM ORAÇÃO A DEUS** — Jesus Cristo ensinou com êste exemplo à sua Igreja, que devia preceder uma oração perseverante e fervorosíssima, que isto quer dizer "oração de Deus", à eleição dos que deviam ocupar os primeiros postos do seu reino sôbre a terra. Sobe a um monte, como apartando-se da terra e avizinhando-se ao Céu, e dando a entender com isto que devem cessar tôdas as atenções temporais e todos os sentimentos da carne e do sangue, quando se trata de dar ministros à igreja para a conduta espiritual dos povos.

(4) **QUE CHAMOU APÓSTOLOS** — Nome que significa "Enviados", para entendermos ser tão necessária "a missão em que ha de exercer o ministério evangélico, que sem ela não pode haver na igreja autoridade legítima, e que na igreja não pode haver "missão" legítima, senão a que vem dos sucessores dos Apóstolos.
— Duhamel.

17 Descendo depois com êles, parou numa planície, acompanhado da comitiva de seus discípulos e de grande multidão de povo de toda a Judéia e de Jerusalém e das terras marítimas, assim de Tiro, como de Sidônia.

18 Que tinham concorrido a ouvi-lo e para que os sarasse das suas enfermidades. E os que eram vexados dos espíritos imundos ficavam sãos.

19 E todo o povo fazia diligência por tocá-lo: Pois saía dêle uma virtude, que os curava a todos.

20 E levantando êle os olhos para seus discípulos, dizia: Bem-aventurados vós os pobres: Porque vosso é o reino de Deus.

21 Bem-aventurados os que agora tendes fome: Porque vós sereis fartos. Bem-aventurados os que agora chorais: Porque vós vos rireis.

22 Bem-aventurados sereis quando os homens vos aborrecerem, e quando vos separarem, e carregarem de injúrias, e rejeitarem o vosso nome como mau, por causa do Filho do homem.

23 Folgai naquele dia, e exultai: Porque olhai, grande é o vosso galardão no Céu: Porque desta maneira tratavam aos profetas os pais dêles.

24 Mas ai de vós os que sois ricos, porque tendes a vossa consolação. (5)

(5) **TENDES A VOSSA CONSOLAÇÃO** — Neste mundo. Isto foi o que respondeu Abraão ao rico avarento, que lhe pedia lhe enviasse a Lázaro, para que lhe moderasse e refrigerasse a ardente sede que o atormentava: "Filho, recebeste bens na tua vida".

Evangelho de S. Lucas 6, 25-33

25 Ai de vós os que estais fartos: Porque vireis a ter fome. Ai de vós os que agora rides: Porque gemeis e chorareis. (6)

26 Ai de vós, quando vos buvarem os homens: Porque assim faziam os falsos profetas aos pais deles.

27 Mas digo-vos a vós outros, que me ouvís: Amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos têm ódio.

28 Dizei bem dos que dizem mal de vós, e orai pelos que vos caluniam.

29 E ao que te ferir numa face, oferece-lhe também a outra. E ao que te tirar a capa, não defendas levar também a túnica.

30 E dá a todo aquêl que te pedir: E ao que tomar o que é teu, não lho tornes a pedir.

31 E o que quereis que vos façam a vós os homens, isso mesmo fazei vós a êles.

32 E se vós amais aos que vos amam, que merecimento é o que vós tereis? porque os pecadores também amam aos que os amam a êles.

33 E se fizerdes bem aos que vos fazem bem, que merecimento é o que vós tereis? porque isto mesmo fazem os pecadores.

Daqui podem aprender os ricos quanto lhes não convém não pôr o seu coração nas riquezas: "As riquezas, se abundarem, não põem o coração". Sl 61, 11. Do contrário se acharão à hora da morte sem merecimentos e sem riquezas: "Dormirão o seu sono, e nada acharão nas suas mãos todos os varões das riquezas." Sl 75. Cfr. Ecl 31, 1-8; Am 6, 1.

(6) AI DE VÓS OS QUE ESTAIS FARTOS — Cfr. Is 65, 13.

34 E se vós emprestardes àqueles, de quem esperais receber, que merecimento é o que vós tereis? porque também os pecadores emprestam uns aos outros, para que se lhes faça outrotanto.

35 Amai pois a vossos inimigos: Fazei bem, e emprestai, sem daí esperardes nada: E tereis muito avultada recompensa, e sereis filhos do Altíssimo, que faz bem aos mesmos que lhe são ingratos e maus.

36 Sêde pois misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso.

37 Não julgueis, e não sereis julgados: Não condeneis, e não sereis condenados. Perdoai, e sereis perdoados.

38 Dai, e dar-se-vos-á: No seio vos meterão uma boa medida, e bem cheia, e bem acalcada, e bem acogulada. Porque qual fôr a medida de que vós usardes para os outros, tal será a que se use para vós. (7)

39 E pôs-lhe também esta comparação: Pode acaso um cego guiar outro cego? não é assim que um e outro cairão no barranco?

40 Não é o discípulo sôbre o mestre: Mas todo o discípulo será perfeito, se o fôr como seu mestre.

41 E por que vês tu uma aresta no ôlho de teu irmão, e não reparas na trave, que tens no teu ôlho?

42 Ou como podes tu dizer a teu irmão: Deixa-me, irmão, tirar-te do teu ôlho uma aresta. Quando tu não

(7) **NO SEIO** — Cavidade na parte superior e anterior da túnica.

Evangelho de S. Lucas 6, 43-49

vês que tens no teu uma trave? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho: E depois verás para tirar a aresta do olho de teu irmão.

43 Porque não é boa árvore, a que dá frutos maus: Nem má árvore, a que dá bons frutos.

44 Porquanto cada árvore é conhecida pelo seu fruto. Porque nem os homens colhem figos dos espinheiros: Nem dos abrolhos vindimam uvas.

45 O homem bom, do bom tesouro do seu coração tira o bem: E o homem mau, do mau tesouro tira o mal. Porque do que está cheio o coração, disso é que fala a boca.

46 Mas por que me chamais vós, Senhor, Senhor: E não fazeis o que eu vos digo?

47 Todo o que vem a mim, e ouve as minhas palavras e as põe por obra: Eu vos mostrarei a quem êle é semelhante.

48 E' semelhante a um homem que edifica uma casa, o qual cavou profundamente e pôs o fundamento sobre uma rocha: E quando veio uma enchente d'águas, deu impetuosamente a inundação sobre aquela casa, e não pôde move-la: Porque estava fundada sobre rocha.

49 Mas o que ouve, e não obra: E' semelhante a um homem que fabrica a sua casa sobre terra levadiça: Na qual bateu com violência a corrente do rio, e logo caiu: E foi grande a ruína daquela casa.

CAPÍTULO 7

GRANDE FÉ DO CENTURIÃO. CURA JESUS O SEU CRIADO. RESSUSCITA O FILHO DE UMA VIUVA DE NAIM. ENVIA O BATISTA SEUS DISCÍPULOS A JESUS. OBRA JESUS MUITOS MILAGRES EM SUA PRESENÇA. FAZ GRANDES ELOGIOS AO BATISTA, E COMPARA OS JUDEUS AOS MENINOS QUE JOGAM NO TERREIRO. UMA MULHER PECADORA BANHA COM AS SUAS LÁGRIMAS OS PÉS A JESUS. ELE A DEFENDE, E LHE PERDOA SEUS PECADOS.

1 E depois que Jesus acabou de fazer soar todos estes discursos aos ouvidos do povo, entrou em Cafarnaum.

2 E achava-se ali gravemente enfermo, já quase às portas da morte, o criado de um centurião, que era muito estimado dele.

3 E quando ouviu falar de Jesus, enviou a êle uns anciãos dos judeus, rogando-lhe que viesse a sarar o seu criado. (1)

4 E êles logo que chegaram a Jesus, lhe faziam grandes instâncias, dizendo-lhe: E' pessoa que merece que tu lhe faças êste favor:

5 Porque é amigo da nossa gente: E êle mesmo nos fundou uma Sinagoga.

6 Ia pois Jesus com êles. E quando se achava já perto da casa, lhe mandou o centurião dizer por seus amigos êste recado: Senhor, não te fatigues: Porque eu não sou digno de que tu entres em minha casa:

7 Por essa razão nem eu me achei digno de te ir buscar: Mas dize tu uma só palavra, e o meu criado será salvo:

(1) **UNS ANCIÃOS** — Os que estavam à frente da administração da cidade. Única passagem em que o título de ancião não designa os membros do sanedrim.

Evangelho de S. Lucas 7, 8-14

8 Porque também eu sou oficial subalterno, que tenho soldados às minhas ordens: E digo a um, vai acolá, e ele vai: E a outro, vem cá, e ele vem: E ao meu servo, faze isto, e ele o faz (2).

9 O que ouvindo Jesus, ficou admirado: E voltando-se para o povo que ia seguindo, disse: Em verdade vos afirmo, que nem em Israel tenho achado fé tamanha.

10 E voltando para casa os que haviam sido enviados, acharam que estava são o criado que estivera doente.

11 E aconteceu isto: No dia seguinte caminhava Jesus para uma cidade chamada Naim: E iam com ele seus discípulos, e muito povo (3).

12 E quando chegou perto da porta da cidade, eis que levavam um defunto a sepultar, filho único de sua mãe, que já era viuva: E vinha com ela muita gente da cidade.

13 Tendo-a visto o Senhor, movido de compaixão para com ela, disse-lhe: Não chores.

14 E chegou-se, e tocou no esquife. (Pararam logo os que o levavam). Então disse ele: Moço, eu te mando, levanta-te.

(2) **E ELE O FAZ** — Este exemplo que o centurião pôs deixa para suprir o que se segue: Com quanta maior razão logo poderá Jesus Cristo, que tudo pode ainda sem se mover, curar com uma só palavra o meu criado? — Sacy.

(3) **NAIM** — Fica a nordeste do pequeno Hermon (Djebel-el-Duhy) excelente ponto de vista; era fortificada e tinha uma porta aberta nos muros que defendiam a cidade das investidas dos beduínos.

15 E se sentou o que havia estado morto, e começou a falar. E Jesus o entregou a sua mãe.

16 Pelo que se apoderou de todos o temor: E glorificavam a Deus, dizendo: Um grande profeta se levantou entre nós: E visitou Deus o seu povo.

17 E a fama d'êste milagre correu por tôda a Judéia, e por tôda a comarca.

18 E referiram a João os seus discípulos tôdas estas co'isas.

19 E João chamou a dois de seus discípulos, e os enviou a Jesus, dizendo: E's tu o que hás de vir, ou é outro o que esperamos?

20 E como viessem êstes homens a êle, lhe disseram: João Batista nos enviou a ti, para te perguntar: E's tu o que hás de vir, ou é outro o que esperamos?

21 (E naquela mesma hora curou Jesus a muitos de enfermidades, e de chagas, e de espíritos malignos, e deu vista a muitos cegos.)

22 Depois, dando a sua resposta, lhes disse: Ide referir a João, o que tendes ouvido, e visto: Que os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos ficam limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, aos pobres é anunciado o Evangelho:

23 E que é bem-aventurado todo aquêlle que se não scandalizar a meu respeito.

24 E partidos que foram os mensageiros de João, começou Jesus a falar de'e ao povo, dizendo: Que fostes vós ver ao deserto? uma cana sacudida do vento?

Evangelho de S. Lucas 7, 25-33

25 Mas que fostes vós ver? um homem vestido de roupas delicadas? Bem vêdes que os que vestem roupas preciosas, e vivem em delícias, são os que vivem nos palácios dos reis.

26 Mas que fostes vós ver? um profeta? Na verdade vos digo, é mais que profeta:

27 Êste é aquele de quem está escrito: Eis aí envio eu o meu anjo diante da tua face, que preparará o teu caminho diante de ti.

28 Porque eu vos declaro: Que entre os nascidos de mulheres não há maior profeta que João Batista: Mas o que é menor no reino de Deus é maior do que êle.

29 E todo o povo, e os publicanos, que tinham sido batizados com o batismo de João, deram glória a Deus, ouvindo êste discurso.

30 Porém os fariseus, e os doutores da lei desprezaram os desígnios de Deus, acharam dano de si mesmos, em não se terem feito batizar por êle.

31 Então disse o Senhor: Pois a quem direi que se assemelham os homens desta geração? e a quem se parecem êles?

32 São semelhantes aos meninos que estão sentados no terreiro, e que falam uns para os outros, e dizem: Nós temos cantado ao som da gaita para vos divertir, e vós não bailastes; temos cantado em ar de lamentação, e vós não chorastes.

33 Porque veio João Batista, que nem comia pão, nem bebia vinho, e dizeis: Êle está possesso do demônio.

34 Veio o Filho do homem, que come e bebe, e vós dizeis: Vejam o homem glutão, e amigo de vinho, que acompanha com publicanos e pecadores.

35 Mas a sabedoria foi justificada por todos os seus filhos.

36 E lhe rogava um fariseu que fosse a comer com ele. E havendo entrado em casa do fariseu se assentou à mesa.

37 E no mesmo tempo uma mulher pecadora, que havia na cidade, quando soube que estava à mesa em casa do fariseu, levou uma redoma de alabastro cheia de bálsamo.

38 E pondo-se a seus pés por detrás dele, começou a regar-lhe com lágrimas os pés, e os enxugava com os cabelos da sua cabeça, e lhe beijava os pés, e os ungia com o bálsamo. (4)

39 E quando isto viu o fariseu, que o tinha convidado, disse lá consigo, fazendo este discurso: Se este homem fôra profeta, bem saberia quem, e qual é a mulher que o toca, porque é pecadora.

40 Então respondendo Jesus, lhe disse: Simão, tenho que te dizer uma coisa. E ele respondeu: Mestre, dize-a.

41 Um credor tinha dois devedores: Um lhe devia quinhentos dinheiros e outro cinquenta.

(4) **COMEÇOU A REGAR-LHE COM LAGRIMAS OS PÉS E OS ENXUGAVA, ETC.** — O costume dos judeus era descalçarem-se para comer, e ter os pés levantados. — Duhamel,

Evangelho de S. Lucas 7, 42-50

42 Porém não tendo os tais com que pagarem, remitiu-lhes êle a ambos a dívida. Qual pois o ama mais?

43 Respondendo Simão, disse: Creio que aquele a quem o credor perdoou maior quantia. E Jesus lhe disse: Julgaste bem.

44 E voltando para a mulher, disse a Simão: Vês essa mulher? Entrei em tua casa, não me deste água para os pés: Mas esta, com as suas lágrimas regou os meus pés, e os enxugou com os seus cabelos.

45 Não me deste ósculo: Mas esta, desde que entrou não cessou de me beijar os pés.

46 Não ungiste a minha cabeça com bálsamo: E esta com bálsamo ungiu os meus pés.

47 Pelo que te digo: Que perdoados lhe são seus muitos pecados, porque amou muito. Mas ao que menos se perdoa, menos ama.

48 E disse-lhe a ela: Perdoados te são teus pecados.

49 E os que comiam ali começaram a dizer entre si: Quem é este que até perdoa pecados?

50 E Jesus disse para a mulher: A tua fé te salvou: Vai-te em paz. (5)

(5) **A TUA FÉ** → Aqui se atribui à fé a remissão dos pecados, porque a fé em Jesus Cristo é o principio da salvação, e o primeiro passo que dá o pecador para a justiça. A fé conduziu esta mulher aos pés de Jesus Cristo, porém o seu arrependimento foi o que a reconciliou com Deus; de maneira que, arrependendo-se e começando a amar, bastou para que o Senhor lhe perdoasse; está mesma graça e perdão do Senhor incendeu no seu coração novas e maiores chamas de amor. A paz da consciência é um fruto da fé.

CAPÍTULO 8

A PARÁBOLA DO SEMEADOR, QUE JESUS EXPLICA AOS SEUS APÓSTOLOS. QUAIS SÃO OS QUE ELE TEM POR MÃE E POR IRMÃOS. FAZ ACALMAR UMA TEMPESTADE. LIVRA UM POSSESSO DE UMA LEGIÃO DE DEMÔNIOS. TOCANDO A ORLA DO VESTIDO DE JESUS, RECOBRA SAÚDE UMA MULHER, QUE PADECIA FLUXO DE SANGUE. RESSURREIÇÃO DA FILHA DE JAIR.

1 E aconteceu depois, que Jesus caminhava por cidades e aldeias pregando, e anunciando o reino de Deus: E os doze com êle.

2 E também algumas mulheres, que êle tinha livrado de espíritos malignos e de enfermidades: Maria, que se chama Madalena, da qual Jesus havia expellido sete demônios,

3 e Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes, e Susana, e outras muitas, que lhes assistiam de suas posses. (1)

4 E como houvesse concorrido um crescido número de povo, e acudissem solícitos a êle das cidades, lhes disse Jesus por semelhança:

5 Saiu o que semeia, a semear o seu grão: E ao semeá-lo, uma parte caiu junto ao caminho, e foi pisada, e a comeram as aves do Céu. (2)

(1) **QUE LHES ASSISTIAM** — Era costume entre os judeus, que as mulheres subministrassem de seus bens o necessário para o alimento e vestido dos que tinham por seus mestres espirituais; e o Senhor quis valer-se dêste meio para socorrer as suas necessidades temporais, ao mesmo tempo que as fazia participantes dos seus tesouros e graças espirituais, ensinando a seus discípulos, com o exemplo destas mulheres, a que assistissem com as coisas temporais aos pregadores do Evangelho, e a êstes que se contentassem só com o preciso para seu alimento e vestido. — S. Jerônimo.

CUZA — Tesoureiro ou ecônomo de Herodes Antipas.

(2) **SAIU** — Crf. Mt 13, 3; Mc 4, 3.

Evangelho de S. Lucas 8, 6-15

6 E outra caiu sôbre pedregulho: E quando foi nascida se secou, porque não tinha umidade.

7 E a outra caiu entre espinhos, e logo os espinhos que nasceram com ela, a afogaram.

8 E outra caiu em boa terra: E depois de nascer, deu fruto, cento por um. Dito isto, começou a dizer em alta voz: Quem tem ouvidos de ouvir, ouça.

9 Então os seus discípulos lhe perguntaram que queria dizer esta parábola.

10 Ele lhes respondeu: A vós foi-vos concedido conhecer o mistério do reino de Deus, mas aos outros se lhes fala por parábolas: Para que vendo não vejam, e ouvindo não entendam.

11 E' pois êste o sentido da parábola: A semente é a palavra de Deus.

12 A que cai à borda do caminho, são aqueles que a ouvem: Mas depois vem o diabo, e tira a palavra do coração deles, porque não se salvem crendo.

13 Quanto à que cai em pedregulho, significa os que recebem com gôsto a palavra quando a ouviram: E êstes não têm raízes: Porque até certo tempo crêm, e no tempo da tentação voltam atrás.

14 E a que caiu entre espinhos: Estes são os que a ouviram, porém indo por diante, ficam sufocados dos cuidados, e das riquezas, e deleitês desta vida, e não dão fruto.

15 Mas a que caiu em boa terra: Estes são os que ouvindo a palavra com coração bom, e muito são, a retêm e dão fruto pela paciência.

16 Ninguém pois acende uma luzerna, e a cobre com alguma vasilha, ou a põe debaixo da cama: Põe-na sim sobre um candeeiro, para que vejam a luz os que entram.

17 Porque não há coisa encoberta que não haja de ser manifestada: Nem escondida, que não haja de saber-se, e fazer-se pública.

18 Vêde pois como ouvis, porque àquele que tem lhe será dado: E ao que não tem, ainda aquilo mesmo que entende ter, lhe será tirado.

19 E vieram ter com êle sua mãe, e seus irmãos, e não podiam chegar a êle, pela muita gente.

20 E vieram-lhe dizer: Tua mãe e teus irmãos estão lá fora, querem-te ver.

21 Êle respondendo, lhes disse: Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus, e a põem por obra.

22 E aconteceu isto num daqueles dias, que entrou êle e os seus discípulos em uma barca, e lhes disse: Passemos à outra ribeira do lago. E êles partiram.

23 E enquanto êles iam navegando, dormiu Jesus, e levantou-se uma tempestade de vento sobre o lago, e se encheu d'água, e perigavam.

24 E chegando-se a êle o despertaram, dizendo: Mestre, nós perecemos. E êle, levantando-se, increpou ao vento, e a tempestade da água, e logo tudo cessou. E veio bonança.

25 Disse-lhes então Jesus: Onde está a vossa fé? Êles, cheios de temor, se admiraram, dizendo uns para os outros: Quem cuidas que é êste, que assim manda aos ventos e ao mar, e êles lhe obedecem?

26 E navegaram para a terra dos gerasenos, que está fronteira à Galiléia.

27 E logo que saltou em terra, veio ter com êle um homem que estava endemoninhado havia já muitos tempos, e não vestia roupa alguma, nem habitava em casa, senão nos sepulcros.

28 Êste, logo que viu a Jesus, prostrou-se diante dele, e gritando muito alto, disse: Que tens tu comigo, Jesus, Filho de Deus Altíssimo? Peço-te que me não atormentes.

29 Porque Jesus mandava ao espírito imundo, que saísse do homem. Porque havia muitos tempos que o arrebatava, e ainda que o guardassem preso em cadeias, e grilhões, logo rompia as cadeias, e agitado do demônio, fugia para os desertos.

30 E fez-lhe Jesus esta pergunta, dizendo: Que nome é o teu? Êle então respondeu: Legião: Porque eram em grande número os demônios que tinham entrado nele.

31 E êstes lhe pediram que os não mandasse ir para o abismo.

32 Ora, andava ali pastando no monte uma grande manada de porcos, e lhe rogavam que lhes permitisse entrar neles. E Jesus lho permitiu. (3)

33 Sairam pois do homem os demônios, e entraram nos porcos, e logo a manada dos porcos se arrojou por um despenhadeiro impetuosamente no lago, e ali ficou toda afogada.

(3) **E JESUS LHO PERMITIU** — Jesus Cristo não os enviou, mas permitiu-lhes que entrassem. Deus envia o mal de pena, para castigar os pecados dos homens, e permite o mal de culpa, deixando-os correr desenfreadamente pelos seus apetites, para maior castigo dos mesmos.

34 Quando isto viram os porqueiros, fugiram e foram-no contar às cidades, e pelas granjas.

35 E saíram a ver o que havia acontecido, e vieram ter com Jesus, e acharam a seus pés sentado, já vestido, e em seu juízo, ao homem, de quem haviam saído os demônios, e tiveram grande medo.

36 E os que haviam presenciado o que tinha sucedido, lhes contaram também como o possesso fôra livrado da legião:

37 E tôda a gente do território dos gerasenos pediu a Jesus que se retirasse deles: Porque estavam possuídos de grande medo. Pelo que êle, embarcando-se, se retirou de volta.

38 E pedia-lhe o homem, de quem tinham saído os demônios, que o deixasse estar com êle. Porém Jesus o despediu, dizendo:

39 Volta para tua casa, e conta as grandes coisas que Deus te fez. E foi publicando por tôda a cidade as singulares graças, que lhe fizera Jesus.

40 E aconteceu que tendo voltado Jesus, o receberam as gentes: Pois todos o estavam esperando.

41 E eis que veio um homem chamado Jairo, que era príncipe da Sinagoga: E lançou-se aos pés de Jesus, pedindo-lhe que viesse a sua casa. (4)

42 Porque tinha uma filha única que teria doze anos, e estava morrendo. E sucedeu que enquanto ia Jesus caminhando, molestavam-no os apertões do povo.

(4) **JAIRO** — É o chefe da Sinagoga. Cfr. Mc 5, 22.

Evangelho de S. Lucas 8, 43-51

43 E uma mulher padecia fluxo de sangue havia doze anos, e tinha dispendido com médicos todo o seu cabedal, sem poder de nenhum deles ser curada:

44 Chegou por detrás, e tocou a orla do vestido de Jesus: E no mesmo instante lhe parou o fluxo de sangue. (5)

45 Disse então Jesus: Quem é que me tocou? E respondendo todos que nenhum fôra, disse Pedro, e os que com êle estavam: Mestre, as gentes te apertam e oprjmem, e ainda perguntas: Quem é que me tocou?

46 Replicou todavia Jesus: Alguem me tocou: Porque eu conheci que de mim saía uma virtude.

47 Quando a mulher se viu assim descoberta, veio tôda tremendo e se prostrou aos pés de Jesus: E declarou diante de todo o povo a causa por que lhe havia tocado: E como ficara logo sã.

48 E êle lhe disse: Filha, a tua fé te salvou: Vai-te em paz.

49 Ainda êle não tinha acabado de falar, quando veio um dizer ao príncipe da sinagoga: E' morta tua filha, não lhe dês o trabalho de cá vir.

50 Mas Jesus, tendo ouvido estas palavras, disse para o pai da menina: Não temas, crê sòmente, e ela será salva.

51 E depois de chegar à casa, mandou que ninguém entrasse com êle, senão Pedro, e Tiago, e João, e o pai, e a mãe da menina.

(5) E NO MESMO INSTANTE — Eusebio na sua *História Ecclesiástica* livro 5, cap. 14, refere que esta mulher, em agradecimento e memória de tão estupendo benefício, mandara levantar a Jesus Cristo uma estátua de bronze em Cesaréia.

52 Entretanto todos a choravam, e se feriam de pena. Porém Jesus lhes disse: Não choreis, que a menina não está morta, mas dorme.

53 Mas os que sabiam que ela estava morta, zombavam dele.

54 Então Jesus tomando-lhe a mão, disse em alta voz: Menina, levanta-te.,

55 Então a sua alma tornou ao corpo, e ela se levantou logo. E Jesus mandou que lhe dessem de comer.

56 Ficaram pois cheios de assombro seus pais, a quem Jesus pôs preceito de não contarem a pessoa alguma o que se tinha passado.

CAPÍTULO 9

ENVIA JESUS OS SEUS APÓSTOLOS, DANDO-LHES AS INSTRUÇÕES QUE DEVIAM OBSERVAR. DESEJA HERODES VÊ-LO MOVIDO DA FAMA QUE DELE CORRIA. MULTIPLICAÇÃO DOS CINCO PÃES. PEDRO O RECONHECE POR MESSIAS. PREDIZ JESUS A SUA PAIXÃO. CADA UM DEVE SEGUI-LO, LEVANDO A SUA CRUZ. A TRANSFIGURAÇÃO DO SENHOR. LIVRA UM MENINO POSSESSO. DISPUTAM OS APÓSTOLOS ENTRE SI QUAL ERA O MAIOR. ZELO MAL ENTENDIDO DOS FILHOS DE ZEBEDEU. NÃO ADMITE JESUS A UM CERTO HOMEM, QUE O QUERIA SEGUIR, E CHAMA A OUTRO, SEM LHE DAR TEMPO PARA IR ENTERRAR SEU PAI.

1 Tendo porém Jesus convocado os doze Apóstolos, deu-lhes poder e autoridade sobre todos os demônios; e virtude de curar enfermidades. (1)

(1) **TENDO PORÉM** — Cfr. Mt 10, 1; Mc 3, 15.

Evangelho de S. Lucas 9, 2-12

2 Depois enviou-os a pregar o Reino de Deus, e a curar os enfermos.

3 E disse-lhes: Não leveis coisa alguma pelo caminho, nem bordão, nem alforge, nem pão, nem dinheiro, nem tenhais duas túnicas.

4 E em qualquer casa, em que entrardes, ficai aí, e não saiais dela.

5 E quando quaisquer vos não queiram receber: Ao sair dessa cidade, sacudi até o pó dos vossos pés, para servir de testemunho contra eles.

6 Tendo eles pois saído, andavam de aldeia em aldeia pregando o Evangelho, e fazendo curas em todo o lugar.

7 E chegou à noticia de Herodes tetrarca tudo o que Jesus obra, e ficou como suspenso, porque diziam

uns: E' João que ressurgiu dos mortos; e outros: E' Elias que apareceu; e outros: E' um dos antigos profetas que ressuscitou.

9 Então lhes disse Herodes: Eu mandei degolar a João: Quem é pois êste, de quem eu ouço semelhantes coisas? E buscava ocasião de o ver.

10 E tendo voltado os Apóstolos, lhe contaram tudo quanto haviam feito, e Jesus, tomando-os consigo à parte, foi a um lugar deserto, que é do território de Betsaida.

11 O que ouvindo os povos, o foram seguindo, e Jesus os recebeu, e falava-lhes do Reino de Deus, e sarava os que necessitavam de cura.

12 Ora, o dia tinha começado já a declinar, quando, chegando a êle os doze, lhe disseram: Despede estas gen-

tes, para que indo êles por essas aldeias, e granjas da comarca, se alberguem, e achem que comer: Porque aqui estamos em lugar deserto.

13 Mas Jesus lhes respondeu: Dai-lhes vós de comer. E replicaram êles: Nós não temos mais do que cinco pães e dois peixes, senão é que devemos ir comprar mantimento para todo êste povo.

14 Porque eram quase cinco mil homens. Então disse Jesus a seus discípulos: Fazei-os sentar para comer, divididos em ranchos de cinquenta em cinquenta.

15 E êles assim o executaram. E os fizeram sentar a todos.

16 E tendo tomado Jesus os cinco pães e dois peixes, levantou os olhos ao Céu, e os abençoou, e partiu e deu aos seus discípulos, para que os pusessem diante das gentes.

17 E comeram todos, e ficaram fartos. E levantaram, do que lhes sobejou, doze cestos de fragmentos.

18 E aconteceu que estando só orando, se achavam com êle também os seus discípulos: E Jesus lhes perguntou, dizendo: Quem dizem as gentes que sou eu? (2).

19 E êles responderam, e disseram: Uns dizem que João Batista, outros que Elias, e outros, que ressuscitou algum dos antigos profetas.

20 Então lhes disse Jesus: E vós quem dizeis que sou eu? Respondendo Simão Pedro, disse: O Cristo de Deus.

(2) **SÓ ORANDO** — Em Cesaréia de Filipe. Cfr. Mt. 16, 13.

Evangelho de S. Lucas 9, 21-30

21 Êle então ameaçando-os mandou que o não dissessem a ninguém,

22 dizendo: E' necessário que o Filho do homem padeça muitas coisas, e que seja rejeitado dos anciãos e dos príncipes dos sacerdotes, dos escribas, e que seja entregue à morte, e que ressuscite ao terceiro dia.

23 E dizia a todos: Se alguém quer vir após de mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz cada dia, e siga-me:

24 Porque o que quizer salvar a sua alma, virá a perdê-la: E quem perder a sua alma por amor de mim salva-la-á:

25 Porque, que aproveita um homem, se grangear todo o mundo, quando se perde a si mesmo, e se faz dano a si?

26 Porque se alguém se envergonhar de mim, e das minhas palavras: Também o Filho do homem se envergonhará dele, quando vier na sua majestade e na de seu Pai, e santos Anjos.

27 E digo-vos na verdade: Que dos que aqui se acham, alguns há que não hão de gostar a morte, até não verem o reino de Deus.

28 E aconteceu que passados quase oito dias depois que disse estas palavras, tomou Jesus consigo não só a Pedro, mas a Tiago, e a João e subiu a um monte a orar.

29 E enquanto orava, pareceu todo outro o seu rosto: E fez-se o seu vestido alvo e brilhante.

30 E eis que falavam com êle dois varões. E êstes eram Moisés e Elias.

31 Que apareceram cheios de majestade: E falavam da sua saída dêste mundo, que havia de cumprir em Jerusaém.

32 Entretanto Pedro, e os que com êle estavam, se tinham deixado oprimir do sono. E despertando viram a glória de Jesus, e aos dois varões, que com êle estavam.

33 E aconteceu que ao tempo que se apartaram dele, disse Pedro a Jesus: Mestre, bom é que nós aqui estejamos: E façamos três tendas, uma para ti, e outra para Moisés, e outra para Elias: Não sabendo o que dizia.

34 E quando êle estava ainda dizendo isto, veio uma nuvem, e os cobriu: E tiveram mêdo, entrando êles na nuvem.

35 E saiu uma voz da nuvem, dizendo: Êste é aquele meu Filho especialmente amado, ouvi-o.

36 E ao sair esta voz, acharam só a Jesus. E êles se calaram, e a ninguém disseram naqueles dias coisa alguma das que tinham visto.

37 E sucedeu no dia seguinte que descendo êles do monte, lhes veio sair ao encontro uma grande multidão de gente.

38 E eis que um homem da turba clamou, dizendo: Mestre, rogo-te que ponhas os olhos em meu filho, porque é o único que tenho:

39 E eis que um espírito se apodera dele, subitamente dá gritos, e o lança por terra, e o agita com violência, fazendo-o escumar, e apenas o larga deixando-o feito em pedaços:

40 E pedi a teus discípulos que o expelissem, e êles não puderam.

Evangelho de S. Lucas 9, 41-50

41 E respondendo Jesus, disse: O' geração infiel, e perversa, até quando estarei eu convosco, e vos sonegareis? Traze cá o teu filho.

42 E quando êste ia chegando, o lançou o demônio por terra, e o agitou com violentas convulsões.

43 Mas Jesus ameaçou ao espírito imundo, e sarou o menino, e o restituiu a seu pai.

44 E pasmavam todos do grande poder de Deus: E admirando-se todos de tôdas as coisas que fazia, disse Jesus aos seus discípulos: Ponde vós nos vossos corações estas palavras: O Filho do homem há de vir a ser entregue nas mãos dos homens.

45 Mas êles não entendiam esta palavra, e lhes era tão obscura, que não a compreendiam: E tinham medo de lhe perguntar acerca dela.

46 Veio-lhes então ao pensamento qual deles era o maior.

47 Mas Jesus vendo o que êles cuidavam nos seus corações, tomou um menino, e o pôs junto de si,

48 e lhes disse: Todo o que receber êste menino em meu nome, a mim me recebe: E todo o que me receber a mim, recebe àquele que me enviou. Porque quem dentre vós todos é o menor, êsse é o maior.

49 Então respondendo João, disse: Mestre, nós vimos a um que expelia os demônios em teu nome, e lho vedamos: Porque não te segue conosco.

50 E Jesus lhes disse: Não lho proibais; Porque o que não é contra vós, é por vós.

51 E aconteceu que sendo chegado o tempo da sua Assunção, mostrou êle um semblante intrépido e resoluto para ir para Jerusalém. (3)

52 E enviou adiante de si mensageiros: E indo êles entraram em uma cidade dos samaritanos para lhe prevenirem pousada. (4)

53 E não o receberam, por êle dar mostras de que ia para Jerusalém.

54 O que porém tendo visto seus discípulos Tiago e João, disseram: Senhor, queres tu que d'igamos que desça fogo do Céu, e que os consuma?

55 Porém Jesus voltando-se para êles, os repreendeu, dizendo: Vós não sabeis. qual é o espirito da vossa vocação.

56 O Filho do homem não veio a perder as almas, mas a salvá-las. E foram para outra povoação.

57 E aconteceu isto: Indo êle pelo caminho, veio um homem, e disse a Jesus: Eu seguir-te-ei para onde quer que tu fôres.

58 Respondeu-lhe Jesus: As raposas têm suas covas, e as aves do Céu têm seus ninhos: Mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça. (5)

(3) **ASSUNÇÃO** — Esta palavra do texto, segundo os intérpretes, significa aquele tempo em que Jesus Cristo se havia de ausentar dêste mundo para o seio de seu pai ou o da sua morte.

(4) **E INDO ÊLES** — Para darem notícia de que êle vinha. Porque, como os samaritanos viviam em cisma com os judeus em matéria de religião, e consequentemente se abstinham de todo o comércio com êles, justamente se podia reear que o não quisessem admitir.

(5) **MAS O FILHO** — Vale-se o Senhor destas comparações para denotar a extrema pobreza com que vivia entre nós. E se

59 E a outro disse Jesus: Segue-me: E êle lhe disse: Senhor, permite-me que vá eu primeiro enterrar a meu pai. (6)

60 E Jesus lhe respondeu: Deixa que os mortos entrem os seus mortos: E tu vai, e anuncia o Reino de Deus.

61 E disse-lhe outro: Eu, Senhor, seguir-te-ei, mas dá-me licença que eu vá primeiro dispor dos bens que tenho em minha casa.

62 Respondeu-lhe Jesus: Nenhum que mete a sua mão no arado, e olha para trás, é apto para o Reino de Deus.

CAPÍTULO 10

ESCOLHE JESUS SETENTA E DOIS DISCÍPULOS, E ENVIA-OS A PREGAR O EVANGELHO. PODERES E INSTRUÇÕES QUE LHES DÁ. CONDENÇÃO DAS CIDADES, QUE SE NÃO CONVERTERAM COM OS SEUS MILAGRES. CHEIO DE JÚBILLO DA GRAÇAS AO ETERNO PAI, POR SE HAVER COMUNICADO AOS HUMILDES. QUE É NECESSÁRIO PARA UM SE SALVAR. QUEM É O NOSSO PRÓXIMO. HOSPEDA MARTA A JESUS.

1 E depois disto designou o Senhor ainda outros setenta e dois: E mandou-os de dois em dois adiante de si

quer chamar o "Filho do homem", isto é, da Virgem Maria, não obstante que o anjo lhe havia chamado "Salvador", ainda antes de nascer, e os profetas o haviam anunciado com os títulos de "Messias, Sacerdote Eterno, Anjo do grande conselho, Deus, Senhor, Príncipe de Paz", e outros, Is 9, 6, para abater o nosso orgulho, e confundir a nossa soberba, ensinando-nos o amor da humildade e da pobreza.

(6) **SEGUE-ME** — Oferecendo-se um para o seguir, Jesus o não admite. E quando outro se queria retirar, Jesus o detem em

por tôdas as cidades, e lugares, para onde êle tinha de ir. (1)

2 E dizia-lhes: Grande é na verdade a messe, e poucos os trabalhadores. Rogai pois ao dono da messe, que mande trabalhadores para a sua messe.

3 Ide: Olhai que eu vos mando como cordeiros entre os lobos.

4 Não leveis bolsa, nem alforge, nem calçado, e a ninguém saudeis pelo caminho. (2)

5 Em qualquer casa onde entrardes, dizei primeiro que tudo: Paz seja nesta casa:

6 E se ali houver algum filho da paz, repousará sôbre êle a vossa paz, e senão, ela tornará para vós.

seu seguimento. No que se está vendo aquela grande verdade, que escreveu o Apóstolo na carta aos romanos, 9, 16: Que da misericórdia de Deus, e não da nossa vontade, depende todo o negócio da predestinação. — Sacy.

(1) **SETENTA E DOIS** — A lista dos setenta e dois discípulos não é conhecida, apenas sabemos alguns com certeza. Sabe-se que a escolha recaiu naqueles que com mais assiduidade acompanhavam o Salvador, e que o divino Mestre os associou aos Apóstolos na qualidade de coadjutores. É certo que eram inferiores aos doze, pois um destes discípulos, Matias, foi promovido ao apostolado em substituição de Judas. S. Inácio mártir compara aos diáconos, e S. Jerônimo aos presbíteros. O seu ministério foi transitório e puramente pessoal, não se transmitindo os poderes em que estavam investidos. Em lugar de setenta e dois discípulos os manuscritos gregos falam de setenta, mas pode supor-se que é um arredondamento de números, como sucede em várias outras partes da Escritura.

(2) **E A NINGUÉM** — Isto é, não vos embaraceis, nem ainda em saudar a alguém. Era costume entre os povos orientais saudarem-se com muitas cerimônias, e com muitas perguntas e respostas. E o Senhor lhes encarrega, que quando forem a um negócio da maior importância, como é o anunciar aos povos o reino de Deus, não percam o tempo em semelhantes cerimônias inúteis. Mt 10, 10. — Pereira.

Evangelho de S. Lucas 10, 7-17

7 E permaneei na mesma casa, comendo e bebendo do que êles tiverem: Porque o trabalhador é digno do seu jornal. Não andeis de casa em casa.

8 E em qualquer cidade em que entrardes, e vos receberem, comei o que se vos apresentar.

9 E curai os enfermos que nela houver, e dir-lhes-eis: Está a chegar a vós outros o Reino de Deus.

10 Mas se vós entrardes nalguma cidade, e vos não receberem, saindo pelas suas praças, dizei:

11 Vêde que até o pó, que se nos pegou da vossa cidade, sacudimos contra vós: Não obstante isto, sabei que está a chegar a vós outros o Reino de Deus.

12 Digo-vos, que naquele dia haverá menos rigor para Sodoma, que para a tal cidade.

13 Ai de ti, Corozain; ai de ti, Betsaida: Que se em Tiro e Sidônia se tivessem obrado as maravilhas que se obraram em vós, há muito tempo que elas teriam feito penitência, cobrindo-se de cilício e de cinza.

14 Por isso haverá sem dúvida no dia do Juízo para Tiro e Sidônia menos rigor que para vós.

15 E tu, Cafarnaum, que te elevaste até o Céu, serás submergida até o inferno.

16 O que a vós ouve, a mim ouve: E o que a vós despreza, a mim despreza. E quem a mim despreza, despreza aquele que me enviou.

17 Voltaram depois os setenta e dois muito alegres, dizendo: Senhor, até os mesmos demônios se nos submetem em virtude do teu nome.

18 E o Senhor lhes respondeu: Eu via cair do céu a satanás, como um relâmpago. (3)

19 Eis aí vos dei eu poder de pisardes as serpentes, e os escorpiões, e toda a força do inimigo: E nada vos fará dano.

20 E contudo, o sujeitarem-se-vos os espíritos, não é o de que vós vos deveis alegrar: Mas sim deveis alegrar-vos de que os vossos nomes estão escritos nos Céus.

21 Naquela mesma hora exultou Jesus a impulsos do Espírito Santo, e disse: Graças te dou, Pai, Senhor do Céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, Padre: Porque assim foi do teu agrado.

22 Todas as coisas me têm sido entregues por meu Pai. E ninguém sabe quem é o Filho, senão o Pai: Nem quem é o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar.

23 E tendo-se voltado para seus discípulos disse: Ditosos olhos aqueles que vêem o que vós vêdes.

24 Pois eu vos afirmo, que foram muitos os profetas, e reis, que desejaram ver o que vós vêdes, e não o vi-

(3) **EU VIA CAIR DO CÉU** — Como se lhe dissera: Tende presente a queda de satanás, e guardai-vos bem da vanglória, e soberba, que um momento o derribaram do Céu, e da maior felicidade à maior miséria. Santo Ambrósio. Outros intérpretes justificam aos discípulos, e querem que toda a glória de lançar fora os demônios a atribuissem à virtude do Nome de Jesus Cristo, e neste sentido explicam este verso deste modo: Não creiais que me dizeis uma coisa nova: Porque desde o momento mesmo da minha encarnação, via eu, que ia a cair, e ser destruído todo o poder de satanás, e a estabelecer-se o reino de Deus, pela pregação do meu Evangelho.

Evangelho de S. Lucas 10, 25-30

ram: E que desejaram ouvir o que vós ouvis, e não o ouviram.

25 E eis que se levantou um doutor da lei, e lhe disse para o tentar: Mestre, que hei de eu fazer para entrar na posse da vida eterna?

26 Disse-lhe então Jesus: Que é o que está escrito na lei? como lês tu?

27 Êle, respondendo, disse: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento: E ao teu próximo como a ti mesmo.

28 E Jesus lhe disse: Respondeste bem: Faze isso, e viverás. (4)

29 Mas êle, querendo justificar-se à si mesmo, disse a Jesus: E quem é o meu próximo?

30 E Jesus, prosseguindo no mesmo discurso, disse: Um homem baixava de Jerusalém a Jericó, e caiu nas mãos dos ladrões, que logo o despojaram do que levava: E depois de o terem maltratado com muitas feridas, se retiraram deixando-o meio morto.

(4) **FAZE ISSO, E VIVERÁS** — Logo por sentença de Jesus Cristo, para se alcançar a vida eterna, é necessário amar a Deus de todo o coração, de toda a alma, de todo o entendimento, e de todas as forças. Ora quem assim quer ser amado do homem, diz Santo Agostinho, quer para si toda a vida, e todas as ações deliberadas do homem; de sorte, que em nenhuma deve parar o homem na criatura, mas em todas ter a Deus por último fim. *Dum ait, toto corde, tota anima, tota mente, nullam vitae mostrae partem reliquit, quae vacare debeat, et quasi locum dare, ut alia re velit frui*, livro I Da Doutrina Cristã, cap. 20. Eis aqui uma demonstração bem fácil da necessidade e obrigação, que todos temos, de referirmos a Deus todas as nossas ações deliberadas, ao menos com uma intenção virtual.

31 Aconteceu pois que passava pelo mesmo caminho um sacerdote: E quando o viu passou de largo.

32 E assim mesmo um levita, chegando perto da-quele lugar, e vendo-o, passou também de largo.

33 Mas um samaritano, que ia seu caminho, chegou perto dele: E quando o viu, se moveu à compaixão.

34 E chegando-se lhe atou as feridas, lançando nelas azeite e vinho, e, pondo-o sobre a sua cavalgada, o levou a uma estalagem, e teve cuidado dele.

35 E ao outro dia, tirou dois denários, e deu-os ao estalajadeiro, e lhe disse: Tem-me cuidado dele, e quanto gastares de mais, eu to satisfarei quando voltar.

36 Qual destes três te parece que foi o próximo da-quele que caiu nas mãos dos ladrões?

37 Respondeu logo o doutor: Aquele que usou com o tal de misericórdia. Então lhe disse Jesus: Pois vai, e faz tu o mesmo.

38 E aconteceu, que como fossem de caminho, entrou depois Jesus em uma aldeia: Uma mulher, por nome Marta, o hospedou em sua casa. (5)

(5) **EM UMA ALDEIA** — Na parte meridional da Galiléia, perto de Naim, segundo Mgr. Darvy; outros comentadores entendem que era na Betânia.

POR NOME MARTA — Marta tinha por irmã Maria Madalena e por irmão Lázaro, pertencentes a uma família muito respeitável. Parece que Marta era a mais velha, porque é sempre a primeira nomeada, e também por esta qualidade fazia as honras da casa que administrava. Pensa-se que Lázaro, Marta e Maria Madalena deixaram a Galiléia com Jesus, e fixaram a sua residência perto de Jerusalém, na aldeia de Betânia.

39 E esta tinha uma irmã chamada Maria, a qual até sentada aos pés do Senhor ouvia a sua palavra.

40 Marta porém andava toda afadigada na contínua lida da casa, a qual se apresentou diante de Jesus, e disse: Senhor, a ti não se te dá que minha irmã me deixasse andar servindo só? dize-lhe pois que me ajude.

41 E respondendo o Senhor, lhe disse: Marta, Marta, tu andas muito inquieta, e te embaraças com o cuidar em muitas coisas.

42 Entretanto só uma coisa é necessária. Maria escolheu a melhor parte, que lhe não será tirada. (6)

CAPÍTULO 11

ENSINA JESUS CRISTO A SEUS DISCÍPULOS COMO DEVEM ORAR. O QUE ORA COM PERSEVERANÇA, CONSEGUE O QUE DESEJA. O DEMÔNIO MUDO. ATRIBUEM OS JUDEUS À OBRA DO DEMÔNIO OS MILAGRES DO SENHOR. REFUTA ELE ESTA BLASFEMIA. UMA MULHER APREGOA BEM-AVENTURADA A MÃE QUE O GEROU, E LHE DEU O LEITE. O PRODÍGIO DE JONAS. OS NINIVITAS E A RAINHA DO MEIO-DIA CONDENARÃO OS JUDEUS NO DIA ÚLTIMO. O ÓLHO SIMPLES E O ÓLHO MAU. OS FARISEUS LAVANDO O EXTERIOR E DEIXANDO IMUNDO O INTERIOR. REPREENDE JESUS ASPERAMENTE A SUA HIPOCRISIA E A DOS DOUTORES DA LEI. ELES HÃO DE DAR CONTA DO SANGUE DE TODOS OS PROFETAS.

1 E aconteceu que estando orando em certo lugar, quando acabou, lhe disse um dos seus discípulos: Senhor.

(6) **MARIA ESCOLHEU A MELHOR PARTE** — Não quis o Senhor censurar Marta, pois que também esta teve a sua recompensa, que começou com os dons de fé viva e de veemente caridade, quis contudo pôr em relêvo a ocupação de Maria, que tão singular influência tem nos destinos da alma. A antiguidade

ensina-nos a orar, assim como também João ensinou aos seus discípulos.

2 E Jesus lhes disse: Quando orardes, dizei: Padre, santificado seja o teu Nome. Venha a nós o teu Reino. (1)

3 O pão nosso de cada dia nos dá hoje.

4 E perdoa-nos os nossos pecados, pois que também nós perdoamos a todo o que nos deve. E não nos deixes cair em tentação.

5 Disse-lhes mais: Se qualquer de vós tiver um amigo, e for ter com êle à meia-noite, e lhe disser: Amigo, empresta-me três pães,

6 porque um meu amigo acaba de chegar a minha casa de uma jornada, e não tenho que lhe pôr diante.

7 E êle, respondendo lá de dentro, lhe disser: Não me sejas importuno, já está fechada a porta, e os meus criados estão também como eu na cama; não me posso levantar a dar-tos.

eclesiástica personificou em Marta a vida ativa, chela de boas obras; em Maria a vida contemplativa, com os enlevos da alma por Deus; e a esta chamou Cristo a melhor parte. Mal avisados pois andam os que agredem a vida contemplativa, a malsinam, caluniam e guerreiam, procurando apenas cercar de louvores a vida ativa. Se esta é benemerente, aquela não o é menos; se a vida ativa concita respeitos e aplausos, aquela arrebatada pela fé que representa, pelo amor que traduz, pela abnegação que prega. Quantas paixões desenganadas, quantas afeições traídas, quantas amargas decepções não encontraram nos ermos contemplativos o remédio que o mundo não podia dar a essas almas aflitas?

(1) **PADRE** — O texto grego traz aqui toda a oração dominical, como S. Mateus.

8 E se o outro perseverar em bater: Digo-vos que no caso que êle se não levantar a dar-lhos, por ser seu amigo, certamente pela sua importunação se levantará, e lhe dará quantos pães houver mister.

9 Portanto eu vos digo: Pedi, e dar-se-vos-á: Buscai, e achareis: Batei, e abrir-se-vos-á.

10 Porque todo aquele que pede, recebe: E o que busca, acha: E ao que bate, se lhe abrirá. (2)

11 E se algum de vós outros pedir pão a seu pai, acaso dar-lhe-á êle uma pedra? Ou se lhe pedir um peixe, dar-lhe-á êle porventura em lugar de peixe uma serpente?

12 Ou se lhe pedir um ovo, porventura dar-lhe-á um escorpião?

13 Pois se vós outros, sendo maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos: Quanto mais o vosso Pai celestial dará espírito bom aos que lho pedirem? (3)

14 E estava Jesus lançando um demônio, e êle era mudo. E depois de ter expellido o demônio, falou o mudo, e se admiraram as gentes.

15 Mas alguns deles disseram: Êle expele os demônios em virtude de Belzebu, príncipe dos demônios. Mt 10, 15.

(2) **RECEBE** — Santo Agostinho, no Sermão 105: Não nos exortara Deus tanto a pedir, se não nos quisesse despachar. Envergonhe-se a negligência humana. Mais é o que êle nos quer dar, do que nós receber.

(3) **ESPÍRITO BOM** — O grego tem Espírito Santo. Isto é, vos aumentará os dons do Espírito Santo; porque os Apóstolos haviam já recebido as primícias d'este Divino Espírito, sem o qual não podem ser agradáveis a Deus os nossos rogos.

16 E outros, pelo tentarem, lhe pediam que lhes mostrasse algum prodígio do Céu.

17 E Jesus, quando viu os pensamentos deles, lhes disse: Todo o Reino dividido contra si mesmo será assolado, e cairá casa sôbre casa.

18 Pois se satanás está também dividido contra si mesmo, como estará em pé o seu reino? Porque vós dizeis que em virtude de Belzebu é que eu lanço fora os demônios.

19 Ora se é por virtude de Belzebú que eu lanço fora os demônios: Vossos filhos por virtude de quem os lançam? Por isso êles serão os vossos juizes. Mt 12, 27.

20 Mas se pelo dedo de Deus lanço os demônios: E' certo que chegou a vós o reino de Deus.

21 Quando um homem valente guarda armado o seu páteo, estão em segurança os bens que possui.

22 Mas se, sobrevindo outro mais valente do que êle, o vencer, êste lhe tirará tôdas as suas armas, em que confiava, e repartirá os seus despojos. (4) Mt 12, 29.

23 O que não é comigo, é contra mim: E o que não colhe comigo, desperdiça.

(4) **OUTRO MAIS VALENTE** — O homem valente era o demônio, que antes de vir Jesus Cristo ao mundo estava senhor dêle, e se sustentava nesta posse pelo pecado. O outro mais valente é o Filho de Deus, que venceu o demônio, e o prendeu por todo o tempo que durar a Igreja, significado nos mil anos de que fala o Apocalipse, cap. 20. De sorte que, em comparação do que êle antes fazia, é pouco o que hoje nos tenta o demônio, e isto só quanto Deus lhe permite, ou para castigo, ou para prova nossa.

Evangelho de S. Lucas 11, 24-31

24 Quando o espírito imundo tem saído de um homem, anda pelos lugares secos, buscando repouso: E como o não acha, diz: Tornarei para minha casa, donde saí.

25 E depois de vir, êle a acha varrida e adornada.

26 Vai então, e toma consigo outros sete espíritos piores do que êle, e entrando na casa fazem nela habitação. E vem o último estado dêste homem a ser pior do que o primeiro. Mt 12, 43-45.

27 E aconteceu que dizendo êle estas palavras, uma mulher, levantando a voz do meio do povo, lhe disse: Bem-aventurado o ventre que te trouxe, e os peitos a que foste criado.

28 Mas êle respondeu: Antes bem-aventurados aqueles que ouvem a palavra de Deus, e a guardam. (5)

29 E como o povo vinha concorrendo, começou Jesus a dizer: Esta geração é uma geração perversa: Eia pede um sinal, e não se lhe dará outro sinal, senão o sinal do profeta Jonas.

30 Porque assim como Jonas foi um sinal para os ninivitas: Assim também o Filho do homem o será para esta nação.

31 A rainha do meio-dia levantar-se-á no dia do juizo contra os homens desta nação, e condená-los-á: Porque veio do cabo do mundo ouvir a sabedoria de Sa-

(5) **ANTES BEM-AVENTURADOS AQUELES** — Não desaprovava com isto o Senhor, o que aquela mulher dissera em louvor e honra de sua Mãe Santíssima; mas prefere a fé e obediência ao Evangelho, à mera qualidade de Mãe de Deus, assim como preferira já a graça de um Cristão ao puro ministério do Batista.

lomão: Entretanto sabeí que aqui está quem é maior do que Salomão. (6)

32 Os ninivitas levantar-se-ão no dia do Juizo contra esta gente, e condená-la-ão: Porque fizeram penitência ao pregar-lha Jonas; entretanto sabeí que aqui está quem é maior do que Jonas.

33 Ninguém acende uma candeia, e a põe em um lugar escondido, nem debaixo de um alqueire: Mas sôbre um candeeiro, para que os que entram vejam a luz. (7)

34 O teu ôlho é a luz do teu corpo. Se o teu ôlho for simples, todo o teu corpo será lúcido: Se porém for mau, também o teu corpo será tenebroso. (8)

35 Olha pois bem que a luz, que é em ti, não sejam trevas.

36 Se pois o teu corpo fôr todo lúcido, sem ter parte alguma tenebrosa, todo êle será luminoso, e alumiar-te-á, como uma luzerna de brilhante luz.

37 E quando Jesus estava falando, pediu-lhe um fariseu que fosse jantar com êle. E havendo entrado, se sentou à mesa.

(6) **DO CABO DO MUNDO** — Da Etiópia, ou Terra dos Abexins, que outros chamam o Preste João. Veja-se o nosso Barros, Década 3, Livro 4, cap. 1.

(7) **MAS SÔBRE UM CANDEEIRO** — Quer dizer o Senhor, que devemos primeiro instruímo-nos muito bem, e depois não ter ociosos nossos conhecimentos, mas fazer bom uso dêles em provelto nosso e do próximo. — Sacy.

(8) **SE O TEU ÔLHO FOR SIMPLES** — Se a tua intenção for pura já a ação será boa. Santo Isidoro nas *Sentenças*, livro 2, cap. 17.

Evangelho de S. Lucas 11, 38-47

38 E o fariseu começou a discorrer lá consigo mesmo sobre o motivo por que se não tinha lavado êle antes de comer.

39 E o Senhor lhe disse: Agora vós outros os fariseus limpais o que está por fora do vaso e do prato: Mas o vosso interior está cheio de rapina e de maldade.

40 Nescios, quem fez tudo o que está de fora, não fez também o que está de dentro?

41 Dai contudo esmola do que é vosso: E eis aí que tôdas as coisas vos ficam sendo limpas.

42 Mas ai de vós, fariseus, que pagais o dízimo da hortelã, e da arruda, e de tôda a câsta de ervas, e que despreza a justiça, e o amor de Deus: Pois estas eram as coisas que importava que vós praticásseis, sem entretanto omitirdes aquelas outras.

43 Ai de vós, fariseus, que gostais de ter nas sinagogas as primeiras cadeiras, e de que vos saúdem na praça.

44 Ai de vós, que sois como os sepulcros, que não aparecem, e que os homens que caminham por cima não conhecem.

45 Então respondendo um dos doutores da lei, lhe disse: Mestre, tu falando assim, também a nós outros nos afrontas.

46 Mas Jesus lhe respondeu: Ai de vós outros também, doutores da lei, que carregais os homens de obrigações que êles não podem desempenhar, e vós nem com um dedo vosso lhes aliviais a carga.

47 Ai de vós, que edificais sepulcros aos profetas, quando vossos pais foram os que lhes deram a morte.

48 Por certo que bem testemunhais que consentis nas obras de vossos pais: Porque êles na verdade os mataram, e vós edificais os seus sepulcros. (9)

49 Por isso também disse a Sabedoria de Deus: Mandar-lhes-ei profetas, e Apóstolos, e êles darão a morte a uns, e perseguirão a outros:

50 Para que a esta nação se peça conta do sangue de todos os profetas, o qual foi derramado desde o princípio do mundo.

51 Desde o sangue de Abel até o sangue de Zaccarias, que foi morto entre o Altar e o Templo. Sim, eu vos declaro que a esta nação se pedirá conta disto.

52 Ai de vós, doutores da lei, que depois de terdes arrogado a vós a chave da ciência, nem vós outros entrastes, nem deixastes entrar os que vinham para entrar. (10)

53 E como êle lhes falava desta sorte, começaram os fariseus, e doutores da lei a apertá-lo com fortes instâncias, e a quererem-no fazer calar com a multidão das questões, a que o obrigavam a responder. (11)

54 Armando-lhe desta maneira laços e buscando ocasião de lhe apanharem da bôca alguma palavra, para o acusarem.

(9) **OS SEUS SEPULCROS** — Os fariseus cuidavam de erigir túmulos aos profetas por hipocrisia, não lhes seguindo os conselhos, nem reparando os crimes que êles castigaram.

(10) **A CHAVE DA CIÊNCIA** — A interpretação das Escrituras simbolizadas na chave, que por isso (como observa Grócio e Lightfoot) era a chave entre os judeus a insígnia, dos que se doutoravam para mestres da Lei. — Calmet.

(11) **E A QUEREREM-NO FAZER CALAR** — O que a Vulgata diz *os ejus opprimere*, é no grego *os ejus obstruere*. — Duhamel.

CAPÍTULO 12

O FERMENTO DOS FARISEUS. QUEM É O DE QUEM DEVEMOS TER MEDO. BLASFEMIA CONTRA O ESPÍRITO SANTO. CONFORTA JESUS CRISTO OS SEUS APOSTOLOS CONTRA AS PERSEGUIÇÕES. ESCUSA-SE DE FAZER PARTILHAS ENTRE DOIS IRMÃOS. O RICO QUE DEPOIS DE AJUNTAR MUITOS CABEDAIIS, MORRE QUANDO MENOS O CUIDA. NÃO NOS DEVEMOS INQUIETAR POR CAUSA DAS NECESIDADES DESTA VIDA. QUAL É O DISPENSEIRO FIEL. JESUS VINDO AO MUNDO A LANÇAR FOGO, E A FAZER SEPARAÇÕES. REPREENDE OS JUDEUS POR NÃO CONHECEREM O TEMPO DA GRACA. QUE CADA UM DEVE COMPOR-SE COM O QUE LHE É PARTE.

1 E como se tivessem ajuntado à roda de Jesus muitas gentes, de sorte que uns a outros se atropelavam, começou êle a dizer a seus discípulos: Guardai-vos do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia. (1)

2 Porque nenhuma coisa há oculta, que não venha a descobrir-se: E nenhuma há escondida, que não venha a saber-se.

3 Porque as coisas que dissesstes nas trevas, às claras serão ditas, e o que falastes ao ouvido no gabinete, será apregoado sobre os telhados.

4 A vós outros pois, amigos meus, vos digo: Que não tenhais medo daqueles que matam o corpo, e depois disto não têm mais que fazer.

5 Mas eu vos mostrarei a quem haveis de temer: Temei aquele que, depois de matar, tem poder de lançar no inferno: Sim eu vo-lo digo, temei a êste.

(1) **MUITAS GENTES** — O grego: "Nisto, tendo-se ajuntado milhares de gente". *Myrias* significa o número de dez mil, e ainda que pareça figurada esta expressão, serve para nos dar a entender, que concorreu um crescido número de povo a ouvir a Jesus Cristo.

6 Não se vendem cinco pardais por dois réis, e nem um deles só está em esquecimento diante de Deus?

7 E até os cabelos da vossa cabeça, todos estão contados. Pois não temais: Porque de maior valia sois vós outros que muitos pardais.

8 Ora, eu vos declaro: Que todo o que me confessar diante dos homens também o Filho do homem o confessará ante os anjos de Deus.

9 O que porém me negar diante dos homens, também será negado na presença dos anjos de Deus.

10 E todo o que proferir uma palavra contra o Filho do homem, ser-lhe-á dado perdão: Mas àquele que blasfemar contra o Espírito Santo, não lhe será isso perdoado. (2)

11 Mas quando vos levarem às sinagogas, e perante os magistrados, e potestades, não estejais com cuidado, ou de que modo respondereis, ou que direis.

12 Porque o Espírito Santo vos ensinará na mesma hora o que for conveniente que vós digais.

13 Então lhe disse um homem da plebe: Mestre, diz a meu irmão que reparta comigo da herança.

14 Porém Jesus lhe respondeu: Homem, quem me constituiu a mim juiz, ou partidor sobre vós outros? (3)

(2) **NÃO LHE SERÁ ISSO PERDOADO** — Porque morrerá na impenitência final; a Igreja tem o poder de perdoar os pecados aos que estão arrependidos e voltados para Deus.

(3) **JUIZ** — Jesus era juiz de todo o mundo, mas nem sempre quis exercer este munus. Todavia experimentava a fé dos que lhe pediam alguma coisa.

Evangelho de S. Lucas 12, 15-24

15 Depois lhes disse: Guardai-vos, e acautelai-vos de tôda a avareza: Porque a vida de cada um não consiste na abundância das coisas que possui.

16 Sôbre o que lhes propôs esta parábola, dizendo: O campo de um homem rico tinha dado abundantes frutos:

17 E êle revolvía dentro de si êstes pensamentos, dizendo: Que farei, que não tenho onde recolher os meus frutos?

18 E disse: Farei isto: Derribarei os meus celeiros, e fá-los-ei maiores. E neles recolherei tôdas as minhas novidades, e os meus bens.

19 E direi à minha alma: Alma minha, tu tens muitos bens em depósito para largos anos: Descansa, come, bebe, regala-te.

20 Mas Deus disse a êste homem: Nêscio, esta noite te virão demandar a tua alma: E as coisas que tu ajuntaste, para quem serão?

21 Assim é o que entesoura para si, e não é rico para Deus.

22 E disse a seus discípulos: Portanto vos digo: Não andeis solícitos para a vossa vida, com que a sustentareis: Nem para o corpo com que o vestireis.

23 A vida vale mais do que o sustento, e o corpo mais do que o vestido.

24 Olhai para os corvos que não semeiam, nem segam, nem têm dispensa, nem celeiro, e Deus contudo os sustenta. Quanto mais consideráveis sois vós do que êles?

25 Mas qual de vós, por mais voltas que dê ao entendimento, pode acrescentar um côvado à sua estatura?

26 Se vós pois não podeis as coisas que são mínimas, por que estais em cuidado sobre as outras?

27 Olhai como crescem as açucenas: Elas não trabalham, nem fiam: E contudo eu vos afirmo que nem Salomão em toda a sua glória se vestia como uma delas.

28 Se pois o feno, que hoje está no campo, e que amanhã se lança no forno, Deus o veste assim, quanto mais a vós, homens de pouquíssima fé?

29 Vós pois não vos inquieteis com o que haveis de comer, ou beber: E não andeis com o espírito suspenso: (4)

30 Porque as gentes do mundo são as que buscam tôdas estas coisas. E vosso Pai bem sabe que as haveis mister.

31 Buscai logo primeiro o Reino de Deus e a sua justiça: E em cima dar-se-vos-ão tôdas estas coisas como acessórias.

32 Não temais, ó pequenino rebanho, pois que foi do agrado do vosso Pai dar-vos o seu reino.

(4) **E NÃO ANDEIS** — Não andeis desconfiados da Divina Providência, ou não façais discursos no ar. Os meteoros são coisas que estão na região do ar. E assim o Senhor quer dar a entender que não observemos com desassossego a disposição dos astros, do Céu e do ar, mudando de côr, quando prognosticam carestia, ou também quer dizer-nos, que chelos de aflição, e duvidando da Divina Providência, não levantemos ao Céu os olhos, como fazem os que se acham na maior tribulação e cuidado, posto que o Senhor jamais abandonou ao justo, nem deixou que seus filhos buscassem pão, SI 36, 25.

Evangelho de S. Lucas 12, 33-40

33 Vendei o que possuis, e dai-o em esmolas. Provei-vos de bôlsas que se não gastam com o tempo, ajuntai nos Céus um tesouro que não acaba: Onde não chega o ladrão e ao qual não rói a traça.

34 Porque onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.

35 Estejam cingidos os vossos lombos, e nas vossas mãos tochas acesas. (5)

36 E sêde vós outros semelhantes aos homens que esperam a seu Senhor, ao voltar das bodas: Para que, quando vier, e bater à porta, logo lha abram.

37 Bem-aventurados aqueles servos, a quem o Senhor achar vigiando quando vier: Na verdade vos digo, que êle se cingirá, e os fará sentar à mesa, e passando por entre êles, os servirá.

38 E se vier na segunda vigília, e se vier na terceira vigília, e assim os achar, bem-aventurados são os tais servos.

39 Mas sabei isto, que se o pai de família soubesse a hora em que viria o ladrão, vigiaria sem dúvida, e não deixaria minar a sua casa.

40 Vós outros, pois, estai apercebidos: porque à hora que não cuidais, virá o Filho do homem.

(5) **ESTEJAM CINGIDOS** — Em os mandar cingir, alude Jesus Cristo aos hábitos dos povos do Oriente, que costumavam ser muito compridos, e fita sinua ao mesmo tempo a diligência e atividade com que seus discípulos devem exercer o ministério da pregação evangélica. Em os mandar cingir pelos lombos, significa a continência que devem guardar. — Calmet.

41 Disse-lhe então Pedro: Senhor, tu propões esta parábola respectiva só a nós outros: Ou também a todos?

42 E o Senhor lhe disse: Quem crês, que é o dispenseiro fiel, e prudente, que pôs o Senhor sôbre a sua família para dar a cada um a seu tempo a ração de trigo?

43 Bem-aventurado aquele servo que quando o Senhor vier, o achar assim obrando.

44 Verdadeiramente vos digo, que êle o constituirá administrador de tudo quanto possui.

45 Porém se disser o tal servo no seu coração: Meu Senhor tarda em vir: E começar a espancar os servos, e as criadas, e a comer, e a beber, e a embriagar-se:

46 Virá o Senhor daquele servo no dia em que êle o não espera, e na hora em que êle não cuida, e removê-lo-á e pô-lo-á à parte com os infiéis.

47 Porque aquele servo, que soube a vontade do seu Senhor, e não se apercebeu, e não obrou conforme a sua vontade, dar-se-lhe-ão muitos açoites:

48 Mas aquele que não a soube e fez coisas dignas de castigo, levará poucos açoites. Porque a todo aquele, a quem muito foi dado, muito lhe será pedido: E ao que muito confiaram, mais conta lhe tomarão.

49 Eu vim trazer fogo à terra, e que quero eu senão que êle se acenda? (6)

(6) **E QUE QUERO** — O grego: "E que quero se já está incendiado." Por êste fogo entendem muitos Padres o Espírito Santo, ou a Caridade, e o amor do Divino amor. Outros a pregação Evangélica. Tertuliano, a quem seguem muitos intérpretes, o en-

Evangelho de S. Lucas 12, 50-58

50 Eu pois tenho de ser batizado num batismo: E quão grande não é a minha angústia, até que êle se conclua?

51 Vós cuidais que eu vim trazer paz à terra? Não, vos digo eu, mas separação:

52 Porque de hoje em diante haverá numa mesma casa cinco pessoas divididas, três contra duas, e duas contra três.

53 Estarão divididas: O pai contra o filho, e o filho contra o seu pai, a mãe contra a filha, e a filha contra a mãe, a sogra contra a sua nora, e a nora contra a sua sogra.

54 E dizia também ao povo: Quando vós tendes visto aparecer uma nuvem da parte do poente, logo dizeis: Aí vem tempestade: E assim sucede:

55 E quando vêdes assoprar o vento do meio-dia, dizeis: Há de haver calma. E vem a calma.

56 Hipócritas, sabeis distinguir os aspectos do Céu, e da terra, pois como não sabeis reconhecer o tempo presente?

57 E por que não julgais ainda por vós mesmos o que é justo?

58 Ora quando tu fores com o teu contrário ao príncipe, faz o possível por te livrares dêle no caminho,

tende, das perseguições e aflições que haviam de padecer os seguidores de Jesus Cristo; e esta exposição parece mais conforme ao sentido do versículo seguinte, em que o Senhor explica os grandes desejos que tinha de beber o cálice da sua Paixão, que chama batismo, para alentar com o seu exemplo a todos os Cristãos, a que padecessem pelo seu amor. Jesus trouxe o fogo do amor divino, os seus discípulos passarão pelo fogo da perseguição.

para que não suceda que te leve ao juiz, e o juiz te entregue ao meirinho, e o meirinho te meta na cadeia.

59 Digo-te, que não sairás dali, enquanto não pagares até o último ceitel.

CAPÍTULO 13

OS GALILEUS, QUE PILATOS MANDOU MATAR, ESTANDO ELES OFERECENDO SACRIFÍCIOS. A RUÍNA DA TÔRRE DE SILOÉ. A NECESSIDADE, QUE HÁ-DE FAZER PENITÊNCIA. A FIGUEIRA SEM FRUTO. CURA DA MULHER ACURVADA. O REINO DO CÉU COMPARADO AO GRÃO DE MOSTARDA, E AO FERMENTO. A PORTA ESTREITA. NÃO DEIXA JESUS POR MEDO DE HERODES DE PROSEGUIR A SUA OBRA. JERUSALÉM FICARÁ ARRASADA, POR DAR A MORTE AOS PROFETAS.

1 Ora neste mesmo tempo estavam ali uns que lhe davam noticia de certos galileus, cujo sangue misturara Pilatos com o dos sacrificios deles. (1)

2 E Jesus respondendo lhes disse: Vós cuidais que aqueles galileus eram maiores pecadores que todos os outros de Galiléia, por haverem padecido tão cruel morte?

3 Não eram, eu vo-lo declaro: Mas se vós outros não fizerdes penitência, todos assim mesmo haveis de acabar.

(1) **DELES** — Isto é, deles mesmos galileus. Supõe-se que Pilatos os mandara matar no mesmo ato dos seus sacrificios; ou por quererem impedir que se oferecessem vítimas pela saúde do imperador, ou por serem daqueles que diziam não estarem sujeitos a César, para lhe reconhecerem domínio, e pagarem tributo. At 5, 37. — **Pereira.**

Evangelho de S. Lucas 13, 4-11

4 Assim como também no tocante àqueles dezoito homens, sobre os quais caiu a torre de Siloé, e os matou: Cuidais vós que êles também foram mais devedores que tôdas as pessoas moradoras em Jerusalém?

5 Não, vo-lo declaro: Mas se vós outros não fizerdes penitência, todos acabareis da mesma sorte.

6 E dizia também esta semelhança: Um homem tinha uma figueira plantada na sua vinha, e foi a buscar fruto nela, e não o achou. (2)

7 Pelo que disse ao que cultivava a vinha: 'Olha, três anos há que venho buscar fruto a esta figueira, e não o acho: Corta-a pois pelo pé: Para que está ela ainda ocupando a terra?

8 Mas êle respondendo, lhe disse: Senhor, deixa-a ainda êste ano, enquanto eu a escavo em roda, e lhe lanço estêrco:

9 E se com isto der fruto, bem está: E se não, virás a cortá-la depois.

10 E estava Jesus ensinando na Sinagoga deles nos sábados.

11 E eis que veio ali uma mulher, que estava possessa dum espírito, que a tinha doente havia dezoito anos:

(2) **UM HOMEM.** — Esta figueira representa a nação dos judeus, na qual buscou o Senhor largo tempo o fruto das suas obras, sem havê-lo jamais achado. Jesus Cristo representado pelo que cuidava da vinha, não deixou meio de cultivá-la com o maior esmero durante a sua vida mortal, exortando-os e pregando-lhes continuamente, e obrando em benefício seu infinitas maravilhas; porém, como não se aproveitaram destas instruções e avisos, foram ultimamente arrojados da terra em que Deus os havia estabelecido. Esta parábola se aplica também aos pecadores.

E andava ela encurvada, e não podia absolutamente olhar para cima.

12 Vendo-a Jesus, chamou-a a si, e disse-lhe: Mulher, estás livre do teu mal.

13 E pôs sobre ela as mãos, e no mesmo instante ficou direita, e glorificava a Deus.

14 Mas entrando a falar o príncipe da Sinagoga, indignado de ver que Jesus fazia curas em dia de sábado, disse para o povo: Seis dias estão destinados para trabalhar: Vinde pois nestes a ser curados, e não em dia de sábado.

15 Mas o Senhor respondendo, lhe disse: Hipócritas, não desprende cada um de vós nos sábados o seu boi, ou o seu jumento, e não os tira da estrebaria, para os levar a beber?

16 Por qué razão logo se não devia livrar dêste cativo em dia de sábado esta filha de Abraão, que satanás tinha assim presa do modo que vêdes havia dezoito anos?

17 E dizendo êle estas palavras, se envergonhavam todos os seus adversários: Mas alegrava-se todo o povo, de tôdas as ações que por êle eram obras com tanta glória.

18 Dizia pois: A que é semelhante o Reino de Deus, e a que o compararei eu?

19 E' semelhante ao grão de mostarda, que um homem tomou e semeou na sua horta, e que cresceu até se fazer uma grande árvore: E as aves do Céu repousaram nos seus ramos.

Evangelho de S. Lucas 13, 20-26

20 E disse outra vez: A que direi que o reino de Deus é semelhante?

21 Semelhante é ao fermento, que tomou uma mulher, e o escondeu dentro de três medidas de farinha, até que ficasse lêveda tôda a massa.

22 E ia pelas cidades, e aldeias ensinando, e caninhando para Jerusalém.

23 E perguntou-lhe um: Senhor, é assim que são poucos os que se salvam? E êle lhes disse: (3)

24 Porfiai a entrar pela porta estreita: Porque vos digo que muitos procurarão entrar, e não poderão. (4)

25 E quando o pai de família tiver entrado, e fechado a porta, vós outros estareis de fora, e começareis a bater à porta, dizendo: Senhor, abre-nos: E êle vos responderá, dizendo: Não sei donde vós sois:

26 Então começareis vós a dizer: Nós somos aqueles que em tua presença comemos, e bebemos, e a quem tu ensinaste nas nossas praças.

(3) **E ÊLE LHES DISSE** — Deve notar-se que a pergunta foi de um só *quidam*, e o Senhor dirige a resposta a muitos: *Dixit ad illos*. Quicá para mostrar que a pergunta feita por vã curiosidade, não merecia resposta; porém quis dela tomar ocasião o Senhor para dar a todos uma lição importante.

(4) **PORFIAI A ENTRAR** — O Senhor não responde diretamente à sua curiosa e inútil pergunta, somente lhes dá a entender que são poucos, e que êles deviam procurar com o maior esforço ser do número destes poucos. — *Bossuet*.

MUITOS PROCURARÃO ENTRAR — Terão um cego e estéril desejo de bem-aventurança, porém não a constância e firmeza que convém para andar por um caminho tão estreito. *Jo 7, 54; 8, 21; 13, 33; Rom 9, 31.*

27 E êle vos responderá: Não sei donde vós sois: Apartai-vos de mim, todos os que praticais a iniquidade.

28 Ali será o choro, e o ranger dos dentes: Quando vires que Abraão, Isaac, e Jacó, e todos os profetas estão no Reino de Deus, e que vós ficais fora dele excluídos.

29 E virão do oriente, e do ocidente, e do setentrão, e do meio-dia muitos que se sentarão à mesa no Reino de Deus.

30 E então os que são os últimos, serão os primeiros, e os que são os primeiros, serão os últimos.

31 No mesmo dia chegaram alguns dos fariseus a Jesus, dizendo-lhe: Sai, e vai-te daqui: Porque Herodes te quer matar.

32 E êle lhes respondeu: Ide, e dizei a êsse raposo: Que bem se vê que eu lanço fora demônios, e faço perfectas curas, hoje, e amanhã, e que ao terceiro dia vou a ser consumado. (5)

33 Importa contudo caminhar eu ainda hoje e amanhã, e depois de amanhã: Porque não convém que um profeta morra fora de Jerusalém. (6)

(5) **VOU A SER CONSUMADO** — Dizei-lhe: Que forme contra a minha vida os designos que quizer, porque eu devo empregar ainda algum tempo no meu ministério, que é dar saúde espiritual e temporal, e fazer bem a todo o mundo, e pregar o Reino de Deus, e, passado este tempo, consumarei ou acabarei o meu sacrifício com a morte.

(6) **PORQUE NÃO CONVÉM** — O grego tem: "Não é possível". Assim lança Jesus Cristo em rosto a Jerusalém a crueldade e ingratitude que ela usara com quase todos os profetas, dando-lhes a morte. Não é bem, diz o Senhor para a motejar, que o profeta por excelência morra fora de Jerusalém, onde morreram pela maior parte todos os maus profetas.

34 Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas, e apedrejas os que a ti são enviados, quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, bem como uma ave recolhe os do seu ninho debaixo das asas, e tu não quiseste?

35 Eis aí vos será deixada deserta a vossa casa. E digo-vos, que não me vereis até que venha o tempo em que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor.

CAPÍTULO 14

CURA JESUS CRISTO UM HIDRÓPICO EM DIA DE SÁBADO. DEFENDE O QUE FIZERA. DEVE-SE ESCOLHER O ÚLTIMO LUGAR, E DEVEM-SE CONVIDAR PARA A MESA ANTES OS POBRES, DO QUE OS RICOS. PARÁBOLA DOS QUE SE ESCUSARAM DE IR ÀS BODAS. É NECESSÁRIO DAR DE MÃO A TUDO, POR SEGUIR A JESUS CRISTO. O SAL QUE PERDEU A FÓRÇA.

1 E aconteceu, que entrando Jesus um sábadó em casa de um dos príncipes fariseus a tomar a sua refeição, ainda elles o estavam ali observando.

2 E eis que diante d'elle estava um homem hidrópico.

3 E Jesus dirigindo a sua palavra aos doutores da lei, e aos fariseus, lhes disse, fazendo esta pergunta: E' permitido fazer curas nos dias de sábadó?

4 Mas elles ficaram calados. Então Jesus pegando no homem o curou, e mandou-o embora.

5 E dirigindo a elles o discurso, lhes disse: Quem ha dentre vós que se o seu jumento, ou o seu boi cair num poço em dia de sábadó, o não tire logo no mesmo dia? (1)

(1) **O SEU BOI CAIR** — Os poços na Palestina eram abertos à superfície da terra, tapando-se o orificio com uma pedra. Quando por descuido se deixava descoberto, era fatal a queda de animals e de homens.

6 E eles não lhe podiam replicar a isto.

7 E observando também como os convidados esto-
liam os primeiros assentos na mesa, propondo-lhes uma
parábola, lhes disse:

8 Quando fôres convidado a algumas bodas, não
te assentes no primeiro lugar, porque pode ser que esteja
ali outra pessoa mais autorizada do que tu convidada pelo
dono da casa,

9 e que vindo êste, que te convidou a ti e a êle, te
diga: Dá o teu lugar a êste, e tu envergonhado vás bus-
car o último lugar:

10 Mas quando fôres convidado, vai tomar o úl-
timo lugar, para que quando vier o que te convidou, te di-
ga: Amigo, senta-te mais para cima. Servir-te-á isto en-
tão de glória na presença dos que estiverem juntamente
sentados à mesa:

11 Porque todo o que se exalta, será humilhado, e
todo o que se humilha, será exaltado.

12 Dizia mais ainda ao que o tinha convidado:
Quando deres algum jantar, ou alguma ceia, não chames
nem teus amigos, nem teus irmãos, nem teus parentes,
nem teus vizinhos que forem ricos: Para que não aconte-
ça que também eles te convidem a sua vez e te paguem
com isso: (2)

(2) **NAO CHAMES NEM TEUS AMIGOS** — Não reprova com
isto o Senhor a liberalidade e civilidade com os amigos e pa-
rentes, mas quer dizer, que se queremos ser remunerados mais no
Céu do que na terra, o melhor modo de segurarmos a nossa
retribuição é gastando com os pobres, porque dos ricos poderemos

Evangelho de S. Lucas 14, 13-20

13 Mas quando deres algum banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos, e os cegos:

14 E serás bem-aventurado, porque esses não têm com que te retribuir: Mas ser-te-á isso retribuído na ressurreição dos justos.

15 Tendo ouvido estas coisas um dos que estavam à mesa, disse para Jesus: Bem-aventurado o que comer o pão no Reino de Deus. (3)

16 Então lhes disse Jesus: Um homem fez uma grande ceia, para a qual convidou a muitos.

17 E quando foi a hora da ceia, enviou um dos seus servos a dizer aos convidados, que viessem, porque tudo estava já aparelhado.

18 Porém todos à uma começaram a escusar-se. Disse-lhe o primeiro: Eu comprei uma quinta, e é-me necessário ir vê-la: Rogo-te que me dês por escusado.

19 E disse outro: Eu comprei cinco juntas de bois, e vou fazer prova dêles: Rogo-te que me dês por escusado.

20 Disse também outro: Eu casei, e por isso não posso ir lá.

talvez esperar que eles nos façam o mesmo que nós lhes fazemos. Dos pobres, porém, nada podemos esperar, e assim toda a remuneração fica da parte de Deus. — Amelote.

(3) **BEM-AVENTURADO** — Ditoso aquele que merecer ser admitido no Banquete Celestial, onde Deus alimentará a seus santos duma maneira inefável, enche-los-á de bens incompreensíveis, e fá-los-á beber na torrente dos prazeres espirituais e Divinos, que tem reservados na sua casa para os seus escolhidos. SI 35, 9.

21 E voltando o servo deu conta a seu Senhor de tudo isto. Então irado o pai de família, disse ao seu servo: Sai logo às praças, e às ruas da cidade: E traze-me cá quantos pobres, e aleijados, e cegos, e coxos achares.

22 E disse o servo: Senhor, feito está, como o mandaste, e ainda há lugar para outros mais.

23 E respondeu o Senhor ao servo: Sai por esses caminhos, e cercos: E força-os a entrar, para que fique cheia a minha casa. (4)

24 Porque eu vos declaro que nenhum daqueles homens, que foram convidados, provará a minha ceia.

25 E muitas gentes iam com êle: E voltando Jesus para todos lhes disse:

26 Se algum vem a mim, e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs, e ainda a sua mesma vida, não pode ser meu discípulo. (5)

27 E o que não leva a sua cruz, e vem em meu seguimento, não pode ser meu discípulo.

(4) **E FORÇA-OS A ENTRAR** — Este verbo dá bem a conhecer não só a eficácia da Divina Graça, mas também o vivo desejo que teve Deus, representado neste pai de família, de que, pressuposta a incivildade e rebeldia dos judeus, acudissem à sua vocação, abraçando a fé e recolhendo-se à Igreja os povos idólatras. — Amelote.

(5) **E NÃO ABORRECE A SEU PAI** — Não quer dizer Jesus Cristo que aborrecamos em si mesmo umas pessoas que nos são tão próximas e tão amáveis, como o pai e mãe; mas que quando estas mesmas pessoas nos queiram apartar de Jesus Cristo, mandando ou aconselhando alguma coisa contrária à nossa salvação e à vontade de Deus, então as devemos considerar não só como estranhas, mas também como inimigas, para lhes resistirmos e desobedecermos. — Bossuet, na primeira Instrução sobre a versão de Trevoux, com S. Gregório, e com o Veneravel Beda.

Evangelho de S. Lucas 14, 28-35

28 Porque qual de vós, querendo edificar uma torre, não se põe primeiro muito de seu vagar a fazer contas dos gastos que são necessários, para ver se tem com que a acabar.

29 Para se não expor a que, depois que tiver assentado o fundamento, e não a puder acabar, todos os que a virem, comecem a fazer zombaria dele,

30 dizendo: Este homem principiou o edificio, e não o pôde acabar?

31 Ou que rei ha que, estando para ir para a campanha contra outro rei, não tome primeiro muito de assento as suas medidas, a ver se com dez mil homens poderá ir a encontrar-se com o que traz contra elle vinte mil?

32 Doutra maneira, ainda quando o outro está longe, enviando sua embaixada, lhe pede tratados de paz.

33 Assim pois qualquer de vós que não dá de mão a tudo o que possui, não pode ser meu discípulo.

34 O sal é bom. Porém se o sal perder a fôrça, com que outra coisa se há de temperar?

35 Ficará sem servir nem para a terra, nem para o monturo, mas lançar-se-á fora. O que tem ouvidos de ouvir, ouça. (6)

(6) **NEM PARA A TERRA** — Este dito de Jesus Cristo faz ver que é um erro cuidar (como muitos cuidam) que todo sal esteriliza as terras.

O QUE TEM OUVIDOS DE OUVIR, OUÇA — Todas as vezes que Jesus Cristo usa desta expressão, é sempre para denotar ser de uma grandíssima importância o que disse, ou vai a dizer.
— Sacy.

CAPÍTULO 15

MURMURAÇÃO DOS FARISEUS POR VEREM QUE JESUS RECEBE OS PECADORES. PARÁBOLAS DA OVELHA, E DRACMA PERDIDA. O FILHO PRÓDIGO. A ALEGRIA DO CÉU PELA CONVERSÃO DE UM PECADOR.

1 Chegavam-se pois a Jesus os publicanos, e os pecadores para o ouvirem.

2 E os fariseus, e os escribas murmuravam, dizendo: Êste recebe os pecadores, e come com êles.

3 E êle lhes propôs esta parábola, dizendo:

4 Qual de vós outros é o homem que tem cem ovelhas: E se perde uma delas, não é assim que deixa as noventa e nove no deserto, e vai a buscar a que se havia perdido, até que a ache?

5 E que depois de a achar, a põe sobre seus ombros cheio de gôsto:

6 E vindo à casa chama a seus amigos, e vizinhos, dizendo-lhes: Congratulai-vos comigo, porque achei a minha ovelha, que se havia perdido?

7 Digo-vos que assim haverá maior júbilo no Céu, sobre um pecador que fizer penitência, que sobre noventa e nove justos, que não hão mister de penitência.

8 Ou que mulher há que, tendo dez dracmas, e perdendo uma, não acende a candeia, não varra a casa, e não a busque com muito sentido, até que a ache? (1)

(1) **DEZ DRACMAS** — Dinheiro, que só não era vilíssimo, para quem não tinha senão dez. E sendo cada um de nós a respeito de Deus muito menos do que é uma dracma a respeito de

Evangelho de S. Lucas 15, 9-18

9 E que, depois de a achar, não convoque as suas amigas, e vizinhas, para lhes dizer: Congratulai-vos comigo, porque achei a dracma que tinha perdido?

10 Assim vos digo eu, que haverá júbilo entre os anjos de Deus por um pecador que faz penitência.

11 Disse-lhes mais: Um homem teve dois filhos:

12 E disse o mais moço dêles a seu pai: Pai, dá-me a parte da fazenda que me toca. E êle repartiu entre ambos a fazenda.

13 E passados não muitos dias, entrouxando tudo o que era seu, partiu o filho mais moço para uma terra muito distante num país estranho, e lá dissipou tôda a sua fazenda vivendo dissolutamente.

14 E depois de ter consumido tudo, succedeu haver naquele país uma grande fome, e êle começou a necessitar.

15 Retirou-se pois dali, e acomodou-se com um dos cidadãos da tal terra. Êste porém o mandou para um casal seu a guardar os porcos.

16 Aqui desejava êle encher a sua barriga de lardes, das que comiam os porcos: Mas ninguém lhas dava.

17 Até que tendo entrado em si, disse: Quantos jornaleiros há em casa de meu pai, que têm pão em abundância, e eu aqui pereço à fome!

18 Levantar-me-ei, e irei buscar a meu pai, e direi-lhe: Pai, pequei contra o Céu, e diante de ti:

um homem rico, Deus, contudo, estima tanto a conversão de uma alma, como esta pobre mulher estimava uma dracma.

19 Já não sou digno de ser chamado teu filho: Faze de mim como de um dos teus jornaleiros.

20 Levantou-se pois, e foi buscar a seu pai. E quando êle ainda vinha longe, viu o seu pai, que ficou movido de compaixão, e correndo lhe lançou os braços ao pescoço para o abraçar, e o beijou. (2)

21 E o filho lhe disse: Pai, pequei contra o Céu, e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho.

22 Então disse o pai aos seus servos: Tirai depressa o seu primeiro vestido, e vesti-lho, e metei-lhe um anel no dedo, e os sapatos nos pés: (3)

23 Trazei também um vitelo bem gordo, matai-o, para comermos e para nos regalarmos: (4)

24 Porque êste meu filho era morto, e reviveu: Tinha-se perdido, e achou-se. E começaram a banquetear-se.

(2) **QUE FICOU MOVIDO DE COMPAIXÃO** — Tudo isto representa os diversos graus de conversão do pecador. Volta sobre si, conhece a sua miséria, e a grande felicidade que ha em servir a Deus; resolve-se a deixar o pecado, e a apartar-se de tudo aquilo que lhe pode servir de ocasião de pecar, e volta-se para Deus, a quem olha sempre como para seu pai; pede-lhe, como uma singular graça, que o ponha na sorte dos últimos da sua casa; e por último executa sem dilatação o em que tem assentado.

(3) **O SEU PRIMEIRO VESTIDO** — O primeiro, não no tempo, mas na estimação; o vestido (mais precioso), como verteu o siríaco, (e mais roçagante) como verteu o Bispo de Chalons. O texto original diz *stole*, palavra que designa as vestes usadas pelas pessoas de elevada hierarquia, reis, sacerdotes, etc., que chegam até aos pés.

(4) **VITELO** — Costume oriental para festejar um personagem.

Evangelho de S. Lucas 15, 25-31

25 E o seu filho mais velho estava no campo e quando veio, e foi chegando a casa, ouviu a sinfonia, e o cântico:

26 E chamou um dos servos, e perguntou-lhe que era aquilo.

27 E este lhe disse: E' chegado teu irmão, e teu pai mandou matar um novilho cevado, porque veio com saúde.

28 Ele então se indignou, e não queria entrar. Mas, saindo o pai, começou a rogá-lo que entrasse. (5)

29 Ele porém deu esta resposta a seu pai: Há tantos anos que te sirvo, sem nunca transgredir mandamento algum teu e tu nunca me deste um cabrito, para me regalar com os meus amigos:

30 Mas tanto que veio este teu filho, que gastou tudo quanto tinha com prostitutas, logo lhe mandaste matar o novilho gordo.

31 Então lhe disse o pai: Filho, tu sempre estás comigo, e tudo o que é meu é teu:

(5) **E NÃO QUERIA ENTRAR** — A misericórdia de Deus com os pecadores é tão grande, que poderá dar zêlo aos mesmos justos, se estes fossem capazes de os ter. Este filho maior, desgostado desta maneira, representa aos fariseus, que tendo-se por justos, não podiam sofrer que Jesus Cristo conversasse e se familiarizasse tanto com os pecadores, dando-lhes tão particulares mostras do seu amor e benevolência.

COMEÇOU A ROGA-LO — Representando-lhe amigavelmente, e com carinho, que aquilo, longe de lhe dar razão de queixa, devia pelo contrário enchê-lo de alegria, pelas razões que depois lhe alega.

32 Era porém necessário que houvesse banquete, e festim, pois que este teu irmão era morto, e reviveu: Tinha-se perdido, e achou-se. (6)

CAPÍTULO 16

O FEITOR, QUE SE VALEU DA SUA ADMINISTRAÇÃO PARA ADQUIRIR AMIGOS. NÃO SE PODE SERVIR A DEUS E AO DINHEIRO. O MATRIMÔNIO INDISSOLÚVEL. A PARÁBOLA DO RICO AVARENTO E DE LÁZARO MENDIGO. QUEM NÃO CRÊ A ESCRITURA, TAMBÉM NÃO CRERÁ A UM MORTO RESSUSCITADO.

1 E dizia também Jesus a seus discípulos: Havia um homem rico que tinha um feitor: E este foi acusado diante dele como quem havia dissipado os seus bens.

2 E ele o chamou, e lhe disse: Que é isto que ouço dizer de ti? Dá conta da tua administração: Porque já não poderás ser meu feitor.

3 Então o feitor disse entre si: Que farei, visto que meu amo me tira a administração? Cavar não posso, de mendigar tenho vergonha.

(6) **ESTE PAI** — é Deus; os dois filhos, as almas inocentes, e os pecadores convertidos. Os bens, de que o pai fez repartição ao mais moço, são os dons da graça, entregues na mão do livre alvedrio. A terra muito distante, é o esquecimento de Deus, e da virtude. A dissipação da fazenda, é a perda da graça. A fome, e a servidão, é a miséria de uma alma, que se sujeita ao demônio. Os mercenários são os que servem a Deus com a esperança dos bens temporais. O pai abraçando a seu filho, é Deus todo misericordioso para com o pecador. O primeiro vestido é a graça santificante. O anel, a imagem de Deus, e o selo do Espírito Santo. O novilho cevado, a participação da Eucaristia. Todo o restabelecimento do filho é a restituição da graça, e dos dons de Deus depois da conversão. A alegria, e o banquete, o concerto, e o coro, é a festa, que se faz no Céu, quando um pecador se converte.

4 Mas já sei o que hei de fazer, para que quando for removido da administração, ache quem me recolha em sua casa.

5 Tendo chamado pois cada um dos devedores de seu amo, disse ao primeiro: Quanto deves tu a meu amo?

6 E este lhe respondeu: Cem cados de azeite. Êle então lhe disse: Toma a tua obrigação: E senta-te depressa, escreve outra de cinquenta.

7 Depois disse a outro. E tu quanto deves? Respondeu êle: Cem coros de trigo. Disse-lhe o feitor: Toma o teu escrito, e escreve oitenta.

8 E o amo louvou êste feitor iníquo, por haver obrado como homem de juízo: Porque os filhos dêste século são mais sábios na sua geração que os filhos da luz. (1)

9 Também eu vos digo: Que grangeeis amigos com as riquezas da iniquidade: Para que quando vós vierdes a faltar, vos recebam êles nos tabernáculos eternos.

10 O que é fiel no menos, também é fiel no mais: E o que é injusto no pouco, também é injusto no muito.

11 Se pois vós não fostes fieis nas riquezas injustas: Quem haverá que confie de vós as verdadeiras?

(1) **E O AMO LOUVOU** — Não louvou a iniquidade mas sim o documento a que ela deu ocasião. O qual documento consiste em que assim como êste feitor fez amigos, que o recolhessem nas moradas terrenas dos bens de seu amo, assim dos bens que possuem, que não são propriamente seus, mas de Deus, devem os Cristãos, por meio da esmola, fazer amigos, que os recebam no Céu. As expressões filhas do século e da luz são meros hebraísmos.

12 E se vós não fostes fieis no alheio: Quem vos dará o que é vosso?

13 Nenhum servo pode servir a dois senhores: Porque ou ha de ter aborrecimento a um, e amor a outro: Ou ha de entregar-se a um, e não fazer caso do outrò: Vós não podeis servir a Deus e às riquezas.

14 Ora, os fariseus, que eram avarentos, ouviam tôdas estas coisas: E zombavam dêle.

15 E Jesus lhes disse: Vós outros sois os que vos dais por justificados diante dos homens: Mas Deus conhece os vossos corações: Porque o que é elevado aos olhos dos homens, é abominação diante de Deus.

16 A lei e os profetas duraram até à vinda de João: Desde êste tempo é o reino de Deus anunciado, e cada um faz força por entrar nêle.

17 E' porém mais fácil passar o Céu e a terra, do que perder-se um til da lei.

18 Todo o que larga a sua mulher, e casa com outra, comete adultério: E o que casa com a que foi repudiada de seu marido, comete adultério: (2)

19 Havia um homem muito rico, que se vestia de púrpura, e de holanda: E que todos os dias se banqueteara esplendidamente.

(2) **TODO O QUE LARGA A SUA MULHER** — No Evangelho de S. Mateus assentou Jesus Cristo os seguintes principios: Recordou a instituição do matrimônio naquela parte em que disse que Deus tinha criado um só homem e uma só mulher. Impôs o mútuo amor, dizendo que deviam estar unidos de maneira que fosse *duo in carne una*. Estabeleceu a indissolubilidade do matrimônio, referindo que, visto ter Deus formado assim o homem e a mulher unidos, o homem não os devia separar, *Quod ergo Deus*

Evangelho de S. Lucas 16, 20-21

20 Havia também um pobre mendigo, por nome Lázaro, todo coberto de chagas, que estava deitado à sua porta. (3)

21 E que desejava faltar-se das migalhas que caíam da mesa do rico, mas ninguém lhas dava: E os cães vinham lamber-lhe as úlceras.

conjuncti, homo non separet, e assim indicou que o divórcio é contrário à natureza, do mesmo modo que é contra a natureza, que uma só carne ou um só homem se dividam em dois, e contra a instituição divina, porque o divórcio separa o que Deus quis que estivesse sempre unido. Aqui Jesus Cristo insiste na indissolubilidade matrimonial, cujos fundamentos podemos reduzir a três. O matrimônio é indissolúvel: 1.º Para se assemelhar ao matrimônio dos proto-parentes, 2.º Para fortificar o mútuo amor dos cônjuges. 3.º Para corresponder à sua instituição divina. A Igreja tem-se mostrado inflexível sobre a doutrina da indissolubilidade matrimonial, inculcada no Evangelho com tanto afínco. De resto todos sabem os inconvenientes sociais do divórcio. E bem conhecido o trecho de Bonald, que merece sempre ser transcrito: "Si la dissolution du lien conjugal est permise, même, pour cause d'adultère, toutes les femmes qui voudront divorcer se rendront coupables d'adultère; les femmes seront une marchandise en circulation, et l'accusation d'adultère sera la monnaie courante, et le moyen convenu de tous les échanges. E a França tem visto o marido, a mulher e o sedutor combinarem-se a fim de poderem provar o adultério perante os tribunais, para dêste modo conseguirem divorciar-se judicialmente. Madame Stael, em um livro sobre a Alemanha, escreveu: *L'amour est une religion en Allemagne, mais une religion poétique, qui tolère trop volontiers tout ce que la sensibilité, peut excuser; on ne saurait le nier, la facilité du divorce dans les provinces protestantes qui porte atteinte à la sainteté du mariage. On y change passablement d'épouse que s'il agissait d'arranger les incidents d'un drame.* Jesus Cristo, modelo de todos os legisladores, e legislador divino, instituindo as suas leis, não condescende com as paixões humanas, visou a máxima perfeição do indivíduo, da família e da sociedade; e a indissolubilidade matrimonial, em que pese aos sectários do divórcio, concorre poderosamente para o progresso da sociedade e civilização do povo.

(3) **POR NOME LÁZARO** — Daqui colheram alguns Padres, como Tertuliano, e com eles os Mestres das Sentenças, livro IV, dist. ult., ser esta uma verdadeira história, e não simples parábola. Outros com Teofilacto, e Eutímio sentem o contrário, o que hoje é aceito.

22 Ora succedeu morrer êste mendigo, que foi levado pelos anjos ao seio de Abraão. E morreu também o rico, e foi sepultado no inferno. (4)

23 E quando êle estava nos tormentos, levantando seus olhos, viu ao longe a Abraão, e a Lázaro, no seu seio.

24 E gritando, êle disse: Pai Abraão, compadece-te de mim, e manda cá a Lázaro, para que molhe em água a ponta do seu dedo, a fim de me refrescar a língua, pois sou atormentado nesta chama.

25 E Abraão lhe respondeu: Filho, lembra-te que recebeste os teus bens em tua vida, e que Lázaro não teve senão males: Por isso está êle agora consolado, e tu em tormentos:

26 E demais que entre nós e vós está firmado um grande abismo: De maneira que os que querem passar daqui para vós, não podem, nem os de lá passar para cá. (5)

27 E disse o rico: Pois eu te rogo, pai, que o mandes à casa de meu pai:

28 Pois que tenho cinco irmãos, para que lhes dê testemunho, que não suceda virem também êles parar a êste lugar de tormentos.

(4) **AO SEIO DE ABRAÃO** — Lugar que havia destinado para o descanso das almas dos justos, até que Jesus Cristo, triunfando da morte, os levou consigo a gozar da terra bem-aventurada. Abraão é proposto como pai de todos os viventes. **Rom 11, 12.** Os que imitam a sua fé, e a sua piedade, são seus filhos espirituais, e se diz que descansam no seio de Abraão, à maneira de uns filhos ternos, e mui amados, que lhos levam, para que repousem no seio, ou regaço de seus pais. — **Pereira.**

(5) **UM GRANDE ABISMO** — Assim vertem todos os que costumam alegar, aquele caos da Vulgata, que o grego chama: **chasma** — **Pereira.**

29 E Abraão lhe disse: Eles lá têm a Moisés, e aos profetas: Ouçam-nos. (6)

30 Disse pois o rico: Não, pai Abraão: Mas se fôr a eles algum dos mortos, hão de fazer penitência.

31 Porém Abraão lhe respondeu: Se eles não dão ouvidos a Moisés, e aos profetas, tão pouco se deixarão persuadir, ainda quando haja de ressuscitar algum dos mortos.

CAPÍTULO 17

CONDENAÇÃO DO QUE DÁ ESCÂNDALO AOS PEQUENINOS.
DEVE-SE PERDOAR SETE VEZES NO DIA AO QUE SE ARREPENDE. QUÃO PODEROSA SEJA A FÉ. POR MAIS QUE FAÇAMOS, SEMPRE NOS DEVEMOS TER EM CONTA DE SERVOS INÚTEIS. DE DEZ LEPROSOS, QUE JESUS CUROU, SÓ UM É AGRADECIDO. SEGUNDA VINDA DO SENHOR AO MUNDO, COMO UM RELÂMPAGO.

1 E disse Jesus a seus discípulos: E' impossível que deixe de haver escândalos, mas ai daquele por quem eles vêm.

2 Seria melhor para êle que se lhe atasse ao pescoço uma pedra de moinho, e que fôsse precipitado ao mar, do que ser êle a causa de se escandalizar um dêstes pequeninos.

3 Estai com cuidado sôbre vós; se teu irmão pecar contra ti, repreende-o, e se êle se arrepender, perdoa-lhe.

(6) **OUÇAM-NOS** — Note-se, que aconselha Jesus Cristo a lição dos livros de Moisés, e dos profetas, ao povo judaico, e consequentemente ao povo Cristão.

4 E se elle pecar sete vezes no dia contra ti, e sete vezes no dia te vier buscar, dizendo: Pesa-me, perdoa-lhe.

5 E disseram os Apóstolos ao Senhor: Aumentanos a fé.

6 E o Senhor lhes disse: Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a esta amoreira: Arranca-te e transplanta-te no mar, e ela vos obedecerá.

7 Qual é pois de vós o que tendo um servo occupado em lavrar, ou em guardar gado, lhe diga, quando elle se recolhe do campo: Vai já pôr-te à mesa:

8 E que antes lhe não diga: Prepara-me a ceia, e cinge-te, e serve-me, enquanto eu como e bebo, e depois disto comerás tu, e beberás?

9 E quando o servo tenha feito tudo o que lhe ordenou, porventura fica-lhe o Senhor em obrigação?

10 Creio que não. Pois assim também vós, depois de terdes feito tudo o que vos foi mandado, dizei: Somos uns servos inúteis: Fizemos o que devíamos fazer. (1)

11 Sucedeu pois que indo Jesus para Jerusalém, passava pelo meio de Samaria, e de Galiléia.

12 E ao entrar numa aldeia, saíram-lhe ao encontro dez homens leprosos, que se puseram de longe,

13 e levantaram a voz, dizendo: Jesus, Mestre, tem compaixão de nós.

(1) **FIZEMOS O QUE DEVÍAMOS FAZER** — Com esta comparação pretende o Senhor curar a vaidade daqueles homens, que quando têm feito alguma coisa boa, querem logo entrar a contas com Deus.

Evangelho de S. Lucas 17, 14-21

14 Jesus tanto que os viu, disse-lhes: Ide mostrar-vos aos sacerdotes. E resultou, quando iam no caminho, ficarem limpos.

15 E um d'êles, quando viu que havia ficado limpo, voltou atrás, engrandecendo a Deus em altas vozes.

16 E veio lançar-se a seus pés com o rosto em terra, dando-lhe as graças: E êste era samaritano. (2)

17 E respondendo Jesus, disse: Não é assim que todos os dez foram curados? e onde estão os outros nove?

18 Não se achou quem voltasse, e viesse dar glória a Deus, senão só êste estrangeiro.

19 E disse para êle: Levanta-te, vai: Que a tua fé te salvou. (3)

20 Tendo-lhe feito os fariseus esta pergunta: Quando virá o Reino de Deus? Respondendo-lhes Jesus, disse: O Reino de Deus não virá com mostras algumas exteriores:

21 Nem dirão: Ei-lo aqui, ou ei-lo acolá. Porque eis aqui está o Reino de Deus dentro de vós. (4)

(2) **E ÊSTE ERA SAMARITANO** — Os outros nove eram judeus. — **Pereira.**

(3) **QUE A TUA FÉ TE SALVOU** — Destas palavras parece inferir-se, que além da saúde do corpo, lhe concedeu o Senhor a da alma, com diferença dos outros nove, que somente ficaram sãos no corpo.

(4) **PORQUE EIS AQUI ESTÁ O REINO DE DEUS** — Quer dizer, o Messias que esperais já veio, e está no meio de vós outros. Os fariseus, que estavam cheios de orgulho, não formavam uma parte deste Reino, que é um Reino de humildade, e de doçura; mas o Senhor lhes ensinava a buscarem-no, não na pompa exterior de

22 Depois disse a seus discípulos: Lá virá tempo em que vós desejareis ver um dia o Filho do homem, e não o vereis. (5)

23 Então vos dirão: Ei-lo aqui está, e ei-lo acolá. Não queirais ir, nem o sigais.

24 Porque assim como o relâmpago, que fuzilando na região inferior do Céu, faz clarão desde uma até à outra parte: Assim será o Filho do homem no seu dia.

25 Mas é necessário que ele sofra primeiro muito, e que seja rejeitado dêste povo.

26 E o que sucedeu em tempo de Noé, do mesmo modo sucederá também quando vier o Filho do homem.

27 Eles comiam e bebiam, casavam os homens com as mulheres, e as mulheres com os homens, até ao dia em que Noé entrou na arca, e então veio o dilúvio e fez perecer a todos.

28 E como sucedeu também em tempo de Ló, estavam eles comendo e bebendo, faziam compras e vendas, plantavam e edificavam.

um poder temporal, semelhante aos dos príncipes dos séculos, mas no mesmo fundo do coração do homem, onde Deus devia estabelecer principalmente o seu Reino, pelo seu espírito, e pela sua graça.

(5) **LÁ VIRÁ TEMPO** — Lembrando-vos do tempo em que gozastes da sua presença, e da sua conversação, e comprando por qualquer preço a consolação de o ver, e ouvir, para ter esforço com as suas palavras, e conselhos no meio das tribulações, que haveis de padecer: mas não o vereis, porque o Espôso vós terá sido já tirado, e será aquele para vós outros um tempo de luto, e de tristeza. Mt 9, 15; Mc 2, 20. Mas toda esta predição de Jesus Cristo, desde o verso 22 até ao fim do capítulo, interpreta Calmet da destruição de Jerusalém, e do castigo da nação judaica, entendendo a vinda do Senhor em sentido metafórico, pelo castigo que ele fará cair sobre os judeus.

Evangelho de S. Lucas 17, 29-37; 18, 1

29 Mas no dia em que Ló saiu de Sodoma, choveu fogo e enxôfre do Céu, que consumiu a todos.

30 Assim mesmo será no dia em que se há de manifestar o Filho do homem.

31 Naquela hora quem estiver no telhado, e tiver os seus moveis em casa, não desça a tirá-los, e da mesma sorte quem estiver no campo, não volte atrás.

32 Lembrai-vos da mulher de Ló.

33 Todo o que procurar livrar a sua vida, perdê-la-á, e todo o que a perder, salvá-la-á.

34 Eu vos declaro que naquela noite, de dois homens que estiverem na mesma cama, um será tomado, e deixado o outro:

35 E de duas mulheres, que estiverem moendo juntas, uma será tomada, e deixada a outra; de dois, que estiverem no campo, um será tomado, e deixado o outro.

36 Replicando, elles lhe disseram: Onde será isso, Senhor?

37 Elle lhes respondeu: Onde quer que estiver o corpo, ajuntar-se-ão ali também as águas.

CAPÍTULO 18

A PARABOLA DO JUÍZ INÍQUO. IMPORTA SER PERSEVERANTE EM ORAR. PARABOLA DO FARISEU, E DO PUBLICANO. ACOLHE JESUS OS MENINOS. SÓ DEUS É BOM. O QUE GUARDA OS SEUS MANDAMENTOS, SALVA-SE. ENTRISTECE-SE UM RICO, POR LHE ACONSELHAR O SENHOR QUE DEIXE TUDO. QUÃO DIFÍCULTOSO SEJA ENTRAR UM RICO NO CEU. PRÊMIO DOS QUE TUDO DEIXAM POR AMOR DE DEUS. PREDIZ O SENHOR A SUA MORTE. CURA UM CEGO PERTO DE JERICÓ.

1 E propôs-lhes também Jesus esta parábola, para mostrar que importa orar sempre, e não cessar de o fazer,

2 dizendo: Havia em certa cidade um juiz que não temia a Deus, nem respeitava os homens.

3 Havia também na mesma cidade uma viuva, que costumava vir buscá-lo, dizendo: Sustenta o meu direito contra o que contende comigo.

4 E êle por muito tempo lhe não quis deferir. Mas por último disse lá consigo: Ainda que eu não temo a Deus, nem respeito os homens,

5 todavia como esta viuva me importuna, far-lhe-ei justiça, para que por fim não suceda que vindo ela muitas vezes me carregue de afrontas. (1)

6 Então disse o Senhor: Ouvi o que diz êste juiz iníquo:

7 E Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que estão clamando a êle de dia e de noite, e sofrerá êle que os oprimam?

8 Digo-vos que êle os vingará bem depressa. Mas quando vier o Filho do homem, julgais vós que achará êle alguma fé na terra? (2)

9 E propôs também esta parábola a uns, que confiavam em si mesmos, como se fossem justos, e desprezavam aos outros:

(1) **ME CARREGUE DE AFRONTAS** — O verbo, que o texto grego aqui põe, significa propriamente, dar na cara. E esta era a afronta, que o juiz temia. — Sacy e Duhamel.

(2) **QUE ACHARÁ ÊLE ALGUMA FÉ NA TERRA?** — A saber, entre os judeus incrédulos. Santo Agostinho e o Venerável Beda.

Evangelho de S. Lucas 18, 10-15

10 Subiram do's homens ao templo a fazer oração: Um fariseu, e outro publicano.

11 O fariseu posto em pé, orava lá no seu interior desta forma: Graças te dou, meu Deus, porque não sou como os mais homens: Que são ladrões, uns injustos, uns adúlteros: Como é também êste publicano. (3)

12 Jejuo duas vezes na semana: Pago o dízimo de tudo o que tenho. (4)

13 O publicano, pelo contrário, posto lá de longe, não ousava nem ainda levantar os olhos ao Céu: Mas batia nos peitos, dizendo: Meu Deus, sê propício a mim pecador. (5)

14 Digo-vos que êste voltou justificado para sua casa, e não o outro: Porque todo o que se exalta, será humilhado: E todo o que se humilha, será exaltado.

15 E algumas pessoas lhe traziam também os seus meninos, para êle os tocar; o que vendo os discípulos, repeliram-nos com palavras desabridas.

(3) **COMO É** — Esta ação de graças vai acompanhada de uma muito refinada soberba: porque olhando a todos os outros como pecadores, parece que só a si se tem pelo mais justo de todos os homens. — Santo Agostinho.

(4) **JEJUNO** — Isto é, segundas e quintas-feiras, como atesta Santo Epifânio. Estes jejuos se guardam ainda hoje pelos judeus mais observantes. Os rabinos tinham ordenado êste jejum por três razões: pela ruína do Templo; por haver sido cusimada a Lei; e pelas injúrias que se faziam ao nome Santo de Deus. — Pereira.

(5) **O PUBLICANO** — No publicano se vê um caráter todo diferente metido em um canto do Templo, cheio de confusão, de sentimentos da sua própria indignidade, e longe do lugar Santo, onde habitava Deus entre os homens, sem atrever-se a levantar os olhos ao Céu, a quem considerava ofendido, e ferindo o seu peito

16 Porém Jesus, chamando a si os meninos, disse: Deixai vir a mim os meninos, e não lho embaraceis: Porque dos tais é o reino de Deus.

17 Em verdade vos digo: Todo o que não receber o Reino de Deus, como um menino, não entrará nêle.

18 Então lhe fez esta pergunta um homem de qualidade, dizendo: Bom Mestre, que devo eu fazer para possuir a vida eterna?

19 E Jesus lhe respondeu: Por que me chamas tu bom? ninguém é bom, senão só Deus.

20 Tu sabes os mandamentos: Não matarás: Não cometrás adultério: Não furtarás: Não dirás falso testemunho: Honrarás a teu pai e a tua mãe.

21 Disse o homem: Todos estes mandamentos tenho eu guardado desde a minha mocidade.

22 O que tendo ouvido Jesus, disse-lhe: Ainda te falta uma coisa: Vende tudo quanto tens, e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no Cêu, e depois vem, e segue-me.

com mostras de grande dor, arrependimento, e compunção, se contentava com dizer a Deus: Senhor, tende misericórdia de um pecador, tal como eu sou. Vejamos, diz Santo Agostinho, como estes dois homens representam a sua causa antes o Juiz Soberano das consciências. Um se louva como justo, e acusa com orgulho a todos os outros pecadores; o outro se reconhece réu, e confessa com uma profunda humildade a sua miséria. Ouçamos agora a sentença que se pronuncia: Declaro-vos, diz Jesus Cristo, que o publicano voltou justificado para sua casa, e ao contrário o fariseu, e daqui aprendamos a merecer ser justificados aos olhos de Deus por uma humilde confissão dos nossos pecados.

POSTO LÁ DE LONGE. — Em algum canto do primeiro átrio do Templo, onde toda a sorte de pessoas, ainda que fossem profanas, podiam entrar. 3 Rs 8, 41. E isto por verdadeira humildade, e sentimento da sua indignidade.

23 Quando êle ouviu isto, se entristeceu, porque era mui rico.

24 E Jesus vendo que êle ficara triste, disse: Que dificultosa coisa é entrarem no Reino de Deus os que têm cabedais. (6)

25 Porque é mais fácil entrar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no Reino de Deus.

26 E disseram os que o ouviam: Visto isso, quem é que pode salvar-se?

27 Respondeu-lhes Jesus: O que é impossível aos homens, é possível a Deus.

28 Então disse Pedro: Eis aqui estamos nós, que deixamos tudo, e te seguimos.

29 Jesus lhes respondeu: Em verdade vos digo: Que ninguém há que, uma vez que deixou pelo reino de Deus a casa, ou os pais, ou os irmãos, ou a mulher, ou os filhos,

30 logo neste mundo não receba muito mais, e no século futuro a vida eterna.

(6) **OS QUE TÊM CABEDAIS** — Tendo nas riquezas todo o seu coração, e toda a sua confiança. A regra pois que devemos todos observar, para que os bens temporais nos não sirvam de embaraço para a vida eterna, é a que aponta Santo Agostinho, quando no Livro dos Costumes da Igreja Católica, cap. 21, diz assim: "A regra de usar bem das coisas deste mundo, que um e outro Testamento nos ensina, consiste em que o homem não ame, nem apeça algumas delas, pelo que é em si; mas em que as desfrute precisamente, quanto basta para acudir às necessidades e obrigações da vida, e que as desfrute com a parcimônia de quem usa, e não com afeto de quem ama".

31 Depois tomou Jesus à parte os doze Apóstolos, e lhes disse: Eis aqui vamos para Jerusalém, e tudo o que está escrito pelos profetas tocante ao Filho do homem, será cumprido:

32 Porque êle será entregue aos gentios, e será escarnecido, e açoitado, e cuspido:

33 E depois de o açoitarem, tirar-lhe-ão a vida, e êle ressurgirá ao terceiro dia.

34 Mas os Apóstolos nada disto compreenderam, e era para êles êste discurso um **segredo**, e não penetravam coisa alguma do que se lhes dizia.

35 Sucedeu, porém, que quando Jesus ia chegando à Jericó, estava sentado à borda da estrada um cego pedindo esmola.

36 E ouvindo o tropel da gente que passava, perguntou que era aquilo.

37 E responderam-lhe que era Jesus Nazareno que passava.

38 No mesmo tempo se pôs êle a bradar, dizendo: Jesus, filho de Davi, tem de mim piedade.

39 E os que iam adiante reprendiam-no para que se calasse. Porém êle cada vez gritava mais: Filho de Davi, tem de mim piedade.

40 Então Jesus, parando, mandou que lho trouxessem. E quando êle chegou, fez-lhe esta pergunta,

41 dizendo: Que queres que te faça? E êle respondeu: Senhor, que eu veja.

42 E Jesus lhe disse: Vê, a tua fé te salvou.

43 E logo imediatamente viu, e o foi seguindo, engrandecendo a Deus. E todo o povo, assim que isto presenciou, deu louvor a Deus.

CAPÍTULO 19

CONVERSÃO DE Zaqueu. A PARÁBOLA DOS DEZ MARCOS DE PRATA. PREDIÇÃO DA RUÍNA DOS JUDEUS. ENTRADA DE JESUS EM JERUSALÉM, CUJA FUTURA DESTRUIÇÃO O FAZ CHORAR. VAI AO TEMPLO, E LANÇA FORA DELE OS NEGOCIANTES.

1 E tendo entrado em Jericó, atravessava Jesus a cidade.

2 E vivia nela um homem chamado Zaqueu: E era ele um dos principais entre os publicanos, e pessoa rica: (1)

3 E procurava ver a Jesus, para saber quem era: E não o podia conseguir por causa da muita gente, porque era pequeno de estatura.

4 E correndo adiante, subiu a um sicômoro para o ver: Porque por ali havia de passar. (2)

(1) **ENTRE OS PUBLICANOS** — Assim eram chamados os que arrendavam os tributos e rendas que se pagavam ao povo romano. Além dos que iam pelos povos para os cobrar e recolher, havia outros que os exigiam nos portos e nas pontes. Não é fácil determinar a qual classe destes pertencia Zaqueu; porém, pode presumir-se que aos da primeira ou da segunda, porque em qualquer das duas lhe era mais fácil defraudar, como ele confessa de si mesmo, vers. 8, que na última. — Bossuet.

(2) **A UM SICÔMORO** — É figueira silvestre, a que Santo Agostinho e Dioscórides chamam figueira egipciaca, a qual participa da figueira e da amoreira. Ainda hoje se vê no vale do Jordão e no Egito.

5 E quando Jesus chegou àquele lugar, levantando os olhos, ali o viu, e lhe disse: Zaqueu, desce depressa: Porque importa que eu fique hoje em tua casa. (3)

6 E desceu êle a tôda a pressa, e recebeu-o gostoso.

7 E vendo isto todos, murmuravam, dizendo que tinha ido hospedar-se em casa de um homem pecador.

8 Entretanto Zaqueu, pôsto na presença do Senhor, disse-lhe: Senhor: Eu estou para dar aos pobres a metade dos meus bens: E naquilo em que eu tiver defraudado a alguém, pagar-lho-ei quadruplicado. (4)

9 Sôbre o que lhe disse Jesus: Hoje entrou a salvação nesta casa: Porque êste também é filho de Abraão.

10 Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que tinha perecido.

11 Ouvindo êles isto, continuando Jesus a falar, lhes propôs uma parábola, por ocasião de estar êle perto de Jerusalém: E porque cuidavam que o Reino de Deus se havia de manifestar cedo.

12 Disse pois: Um homem de grande nascimento foi para um país muito distante a tomar posse de um reino, para depois voltar.

(3) **ALI O VIU** — Viu diz Santo Agostinho, com os olhos da sua admirável misericórdia. Viu-o como a Natanael, quando estava debaixo da figueira, antes que Filipe o chamasse, Jo 1, 48: viu-o como viu a S. Pedro, depois da sua queda.

(4) **EU ESTOU PARA DAR** — Como as ações, que Zaqueu se resolveu a fazer, em virtude e por efeito da sua conversão, eram ainda sem dúvida futuras, por isso o que a Vulgata diz: *ecce do etc.*, traduzi eu: "Eu estou para dar etc.", seguindo as versões de Mons de Sacy, de Huré e outras. — **Pereira**. Glaire traduz. Senhor eis que eu dou.

13 'E chamando dez servos seus, deu-lhes dez marcos de prata, e disse-lhes: Negociai até eu vir.

14 Mas os do seu país o aborreciam, e enviaram nas suas costas deputedos que fizessem êste protesto: Não queremos que êste seja nosso rei. (5)

15 E com efeito voltou êle com a posse do reino tomada: E mandou chamar aqueles servos, a quem dera o seu dinheiro, a fim de saber quanto cada um tinha negociado.

16 Veio pois o primeiro dizendo: Senhor, o teu marco adquiriu dez.

17 E o Senhor lhe respondeu: Está bem, servo bom, porque foste fiel no pouco serás governador de dez cidades.

18 Veio depois o segundo dizendo: Senhor, o teu marco rendeu cinco.

E NAQUILO — Pôsto que na realidade tenho defraudado ao meu próximo, como o confesso hoje diante de ti. Esta é a linguagem daquele a quem o Senhor havia olhado, e que havia já recebido a Jesus Cristo, não sômente em sua casa, senão dentro no seu coração. Era o Senhor o que falava nele, ou que o fazia falar desta sorte. **Santo Agostinho.** O voltar quatro tantos mais, era pena que impunham as Leis Romanas aos publicanos que houvessem defraudado a algum, e também a de Moisés pelos frutos. **Ex 22, 1; Núm 5,7.**

(5) **NAO QUEREMOS** — Estes foram os judeus, que mostraram maior obstinação em não receber a Jesus Cristo por seu rei, e que foram os primeiros em opor-se ao estabelecimento do seu Evangelho. "Ao seu velo, e os seus o não receberam." **Jo 1, 2.**

19 E o Senhor lhe respondeu: Sê tu também governador de cinco cidades.

20 Veio também o terceiro dizendo: Senhor, aqui tens o teu marco, que eu guardei embrulhado num lenço:

21 Porque tive medo de ti, que és um homem rígido: Que tiras donde não puseste, e que recolhes o que não semeaste.

22 Disse-lhe o Senhor: Servo mau, pela tua mesma bôca te condeno eu: Tu sabias que eu era um homem rígido, que tiro donde não pus, e que recolho o que não semeei:

23 Logo por que não meteste tu o meu dinheiro ao banco, para que quando viesse, o recebesse eu então com os seus lucros?

24 E disse aos que estavam presentes: Tirai-lhe o marco de prata, e dai-o ao que tem dez.

25 E êles lhe responderam: Senhor, êste já tem dez.

26 Pois eu vos digo, que a todo aquele que tiver se lhe dará, e terá mais: Mas ao que não tem, se lhe tirará ainda isso mesmo que tem.

27 Quanto porém àqueles meus inimigos que não quiseram que eu fosse seu rei, trazei-mos aqui, e tirai-lhes a vida em minha presença. (6)

(6) **E TIRAI-LHES A VIDA** — O grego diz, "e degolai-os." Assim foi executado pelas armas dos romanos, que castigaram aos judeus rebeldes diante do altar e templo. Pode isto entender-se também da sentença contra os réprobos, que não quiseram submeter-se ao império de Jesus Cristo.

Evangelho de S. Lucas 19, 28-37

28 E dito isto, ia Jesus adiante de todos subindo para Jerusalém.

29 E aconteceu que quando chegou perto de Betfagé, e de Betânia, no monte que se chama das Oliveiras, enviou dois discípulos seus,

30 dizendo: Ide a essa aldeia, que está fronteira: Entrando nela, achareis um jumentinho atado, em que nunca montou pessoa alguma: Desprendei-o e trazei-o.

31 E se alguém vos perguntar: Por que o soltais vós? Dir-lhe-eis assim: Porque o Senhor deseja servir-se dêle.

32 Partiram pois os que tinham sido enviados: E acharam lá o jumentinho, como o Senhor lhes dissera.

33 E quando êles estavam desprendendo o tal jumentinho, lhes disseram seus donos: Por que soltais vós êsse jumentinho?

34 E êles responderam: Porque o Senhor tem necessidade dêle.

35 Trouxeram-no pois a Jesus. E lançando sôbre o jumentinho os seus vestidos, fizeram-no montar em cima.

36 E por onde quer que êle passava, estendiam os seus vestidos no caminho.

37 Mas quando já ia chegando à descida do monte das Oliveiras, todos os seus discípulos, transportados de gôsto, começaram de chusma a louvar a Deus em altas vozes por tôdas as maravilhas que tinham visto,

38 dizendo: Bendito o rei que vem em nome do Senhor; paz no Céu, e glória nas alturas. (7)

39 Então alguns dos fariseus, que se achavam entre o povo, disseram-lhe: Mestre, repreende os teus discípulos.

40 Aos quais êle respondeu: Asseguro-vos que se êles se calarem, clamarão as mesmas pedras. (8)

41 E quando chegou perto, ao ver a cidade, chorou Jesus sôbre ela, dizendo:

42 Ah! se ao menos neste dia, que agora te foi dado, conhecesses ainda tu o que te pode trazer a paz! mas por ora tudo isto está encoberto aos teus olhos.

43 Porque virá um tempo funesto para ti: No qual os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiarão: E te porão em apêrto de tôdas as partes: (9)

(7) **E GLÓRIA NAS ALTURAS** — Aqui se vê renovado em parte o Hino, que os Anjos cantaram no Nascimento do Salvador: Que a paz que está no Céu, e vem do Céu, desça sobre a terra, e que Deus, que habita nas alturas, seja glorificado. A paz em frase hebraica significa a mais perfeita e completa prosperidade. — Bossuet.

(8) **CLAMARÃO** — Não só os gentios, que se comparam às pedras, senão as mesmas pedras, por um efeito maravilhoso da Divina Onipotência. S. Jerônimo. Assim se viu, que na morte do Senhor se rasgou de alto a baixo o véu do Templo, estremeceu a terra, estalaram as pedras, e se abriram as sepulturas, testemunhando com esta espécie de grito público a Divindade e a glória daquele a quem se fazia morrer como a um malfetor, ainda que verdadeiramente era rei dos judeus, o príncipe de tôdas as nações, e o Deus da natureza.

(9) **NO QUAL OS TEUS INIMIGOS** — Alude manifestamente ao sítio que Tito pôs a Jerusalém, e à destruição desta Metrópole da Palestina pelo exército romano. — Pereira.

44 E te derribarão por terra a ti, e a teus filhos, que estavam dentro de ti, e não deixarão em ti pedra sobre pedra: Porquanto não conhecestes o tempo da tua visitaço.

45 E havendo entrado no templo, começou a lançar fora todos os que vendiam e compravam nele,

46 dizendo-lhes: Está escrito: Que a minha Casa é Casa de oração. E vós tendes feito dela um covil de ladrões.

47 E todos os dias ensinava no templo. Mas os príncipes dos sacerdotes, e os escribas, e os principais do povo andavam vendo como o haviam de perder:

48 Mas não achavam meio de lhe fazerem mal. Porque todo o povo estava suspenso quando o ouvia.

CAPÍTULO 20

QUEREM OS SACERDOTES E DOUTORES DA LEI SABER DONDE TEM JESUS CRISTO A AUTORIDADE. ELE OS FAZ EMUDECER COM OUTRA PERGUNTA. A PARÁBOLA DOS QUE TOMARAM UMA VINHA DE RENDA. DEVE-SE PAGAR O TRIBUTO A CÉSAR. ERRO DOS SADUCEUS REFUTADO. CHAMA DAVI SEU SENHOR AO MESSIAS. O ORGULHO DOS DOUTORES DA LEI. QUER JESUS QUE HAJA DELES CAUTELA.

1 E aconteceu um daqueles dias que, estando Jesus no templo ensinando ao povo, e anunciando o Evangelho, se ajuntaram os príncipes dos sacerdotes, e os escribas com os anciãos.

2 E falaram-lhe nestes têrmos: Dize-nos, com que autoridade fazes tu estas coisas? ou: Quem é que te deu êste poder?

3 E respondendo Jesus, lhes disse: Também eu vos farei uma pergunta. Respondei-me:

4 O batismo de João era do Céu ou era dos homens?

5 Mas elles discorriam dentro de si, dizendo. Se dissermos que era do Céu, dirá: Por que razão logo não crestes nele?

6 E se dissermos que era dos homens, todo o povo nos apedrejará: Porque elles têm por certo que João era um profeta.

7 Responderam pois que não sabiam donde era.

8 Disse-lhes então Jesus: Pois nem eu vos direi com que autoridade faço estas coisas.

9 E começou a dizer ao povo esta parábola: Um homem plantou uma vinha, e arrendou-a a uns fazendeiros: E elle esteve ausente por muitos tempos.

10 E em uma ocasião enviou um dos seus servos aos fazendeiros, para que lhe dessem do fruto da vinha. Elles, depois de o ferirem, recambiaram-no sem coisa alguma.

11 E tornou a enviar outro servo. Mas elles, ferindo também a este, e carregando-o de afrontas, o despediram vazio.

12 Tornou a enviar ainda terceiro: Elles, ferindo também a este, o deitaram fora.

13 Disse então o senhor da vinha: Que hei de fazer? Mandarei meu filho amado: Sem dúvida que quando o virem, lhe guardarão respeito.

14 Quando os fazendeiros o viram, correram entre si, dizendo: Este é o herdeiro, matemo-lo, para fazer nossa a herança.

15 E lançando-o fora da vinha, o mataram. Que lhes fará pois o senhor da vinha?

16 Virá e acabará de todo com aqueles fazendeiros, e dará a vinha a outros. O que ouvindo êles, lhe disseram: Deus tal não permita. (1)

17 E êle olhando para êles, disse: Pois que quer dizer isto que está escrito: A pedra, que desprezaram os edificadores, esta veio a ser a principal do ângulo?

18 Todo o que cair sôbre aquela pedra, ficará quebrantado: E sôbre quem ela cair, será feito em migalhas.

19 E os príncipes dos sacerdotes, e os escribas lhe desejavam lançar as mãos naquela hora: Mas temeram ao povo: E isto porque entenderam que contra êles havia proposto esta parábola.

20 Com o olho pois nele mandaram espias, que se disfarçassem em homens de bem, para o apanharem no que dizia, a fim de o entregarem à jurisdição e poder do governador.

(1) **DEUS TAL NÃO PERMITA** — Isto é, que nós sejamos como foram os da vinha. Em S. Mateus, 21, 41, depois dos judeus ouvirem a parábola, perguntou-lhes Jesus, que devia fazer o Senhor àqueles péssimos rendeiros? Responderam, que devia acabar com êles, e dar a vinha a outros. Parece agora de S. Lucas, que Jesus aprovara a resposta dos judeus, mas que ao mesmo tempo lhes dera a entender, com algum gesto, que êles eram os mesmos, de quem se verificava a parábola. Ao que êles disseram: Deus tal não permita. E o Senhor os convenceu, alegando a profecia de Davi, que lemos no verso 17. — Duhamel.

21 Estes pois lhe fizeram uma pergunta, dizendo: Mestre, sabemos que falas e ensinas retamente: E que não fazes acepção de pessoas, mas que ensinas o caminho de Deus em verdade:

22 E'-nos permitido dar o tributo a César ou não?

23 E entendendo Jesus a astúcia dêles, lhes disse: Por que me tentais?

24 Mostrai-me cá um dinheiro: De quem é a imagem e a inscrição que tem? Respondendo êles, lhe disseram: De César.

25 Então lhes disse o Senhor: Pagai logo a César o que é de César: E a Deus o que é de Deus.

26 E não puderam repreender as suas palavras diante do povo: Antes, admirados da sua resposta, se calaram.

27 Chegaram depois alguns dos saduceus, que dizem que não há ressurreição, e lhe fizeram esta pergunta,

28 dizendo: Mestre, Moisés nos deixou escrito: Se morrer o irmão de algum, tendo mulher, e êste não deixar filhos, que se case com ela o irmão do tal, e dê sucessão a seu irmão.

29 Havia pois sete irmãos: O primeiro dos quais casou, e morreu sem filhos.

30 Casou também o segundo com a viuva, e morreu sem filho.

31 Casou depois com ela o terceiro. E assim sucessivamente todos os sete, os quais também morreram sem deixar sucessão.

32 Morreu enfim também a mulher depois de todos êles.

33 Quando fôr pois a ressurreição, de qual dêles será ela mulher? Pois que o foi de todos os sete.

34 E Jesus lhes disse: Os filhos dêste século casam homens com mulheres, e mulheres com homens:

35 Mas os que forem julgados dignos daquele século, e da ressurreição dos mortos, nem os homens desposarão mulheres, nem as mulheres homens: (2)

36 Porque não poderão jamais morrer: Porquanto são iguais aos Anjos, e são filhos de Deus: Visto serem filhos da ressurreição.

37 E que os mortos hajam de ressuscitar, o mostrou também Moisés ao pé da sarça, quando chamou ao Senhor o Deus de Abraão, e o Deus de Isaac, e o Deus de Jacó.

38 Ora, Deus não o é de mortos, mas de vivos: Porque todos vivem para êle.

39 E respondendo alguns dos escribas, lhe disseram: Mestre, disseste bem.

40 E dali em diante não se atreveram mais a fazer-lhe pergunta alguma.

(2) **OS QUE FOREM JULGADOS** — Dignos da outra vida, e de uma ressurreição gloriosa, a qual nas Escrituras se compara a um segundo nascimento. Que por isso S. Paulo nos Atos dos Apóstolos, 13, 33, entendeu da Ressurreição de Jesus Cristo aquêlê verso de Davi: *Ex utero ante luciferum genui te: Eū te gerei antes da aurora.* — Calmet.

41 Mas Jesus lhes disse: Como dizem que o Cristo é filho de Davi?

42 Porque Davi mesmo no livro dos Salmos diz: Disse o Senhor ao meu Senhor: Senta-te à minha mão direita,

43 até que eu ponha os teus inimigos por escabelo de teus pés.

44 Logo Davi lhe chama Senhor: Pois como é ele seu filho?

45 Estando-o porém ouvindo todo o povo, disse Jesus a seus discípulos:

46 Guardai-vos dos escribas, que querem andar com roupas talares, e gostam de ser saudados nas praças, e das primeiras cadeiras nas Sinagogas, e dos primeiros assentos nos banquetes:

47 Que devoram as casas das viúvas, fingindo largas orações. Estes tais receberão maior condenação.

CAPÍTULO 21

UMA POBRE VIUVA LANÇA NO GAZOFILÁCIO MAIS DO QUE AS PESSOAS RICAS. PREDIZ JESUS CRISTO A RUÍNA DO TEMPLO. DISPÕE A SEUS DISCÍPULOS PARA O TEMPO DAS GUERRAS, E TRIBULAÇÕES. SINAIS QUE HÃO DE PRECEDER A SEGUNDA VINDA. É NECESSÁRIO PREPARAR-SE CADA UM COM A ABSTINÊNCIA, COM O DESPREZO DO MUNDO, COM AS VIGÍLIAS, E COM A ORAÇÃO.

1 E estando Jesus olhando, viu os ricos que lançavam as suas oferendas no gazofilácio.

Evangelho de S. Lucas 21, 2-9

2 E viu também uma pobrezinha viuva, que lançava duas pequenas moedas.

3 E disse: Na verdade vos digo, que esta pobre viuva lançou mais que todos os outros.

4 Porque todos êsses fizeram a Deus ofertas daquilo que tinham em abundância: Mas ela deu da sua mesma indigência tudo o que lhe restava para o seu sustento.

5 E dizendo-lhe alguns a respeito do templo, que estava ornado de belas pedras, e de magníficos donativos, Jesus lhes respondeu: (1)

6 No tocante a estas coisas que vêdes, virão dias em que não ficará pedra sobre pedra, que não seja demolida.

7 Então lhe fizeram esta pergunta, dizendo: Mestre, quando será isto, e que sinal haverá quando assim começar a cumprir-se?

8 Respondeu-lhes Jesus: Vêde não, sejais enganados: Porque muitos hão de vir debaixo do meu Nome, dizendo, eu sou: E êste tempo está próximo: Mas guardai-vos de ir após êles.

9 E quando ouvirdes falar de guerras, e de tumultos, não vos assusteis: Estas coisas sim devem succeder primeiro, mas não será logo o fim.

(1) **E DE MAGNÍFICOS DONATIVOS** — O texto grego chama-lhes *anatemata*, como se disséramos, coisas separadas e suspensas. Tais eram o painel de ouro, que ofereceu o rei Ptolomeu, quando mandou pedir a pereira de ouro oferecida por Herodes o Grande; a qual José chama um prodígio na grandeza e no artifício. — *Amelote*.

10 Então lhes dizia: Levantar-se-á nação contra nação, e reino contra reino.

11 E haverá grandes terremotos por várias partes, e epidemias, e fomes, e aparecerão coisas espantosas, e grandes sinais do Céu.

12 Mas antes de tudo isto lançar-vos-ão êles as mãos, e perseguir-vos-ão entregando-vos às Sinagogas e aos cárceres, levando-vos à presença dos reis, e dos governadores, por causa do meu Nome:

13 E isto vos será ocasião de dardes testemunho. (2)

14 Gravaí pois nos vossos corações, o não premeditar como haveis de responder:

15 Porque eu vos darei uma bôca, e uma sabedoria, à qual não poderão resistir, nem contradizer todos os vossos inimigos:

16 E sereis entregues por vossos pais, e irmãos, e parentes, e amigos, e farão morrer a alguns de vós outros:

17 E sereis aborrecidos de todos por causa do meu Nome:

18 Entretanto não se perderá um cabelo da vossa cabeça.

19 Na vossa paciência possuireis as vossas almas.

(2) **DE DARDOS TESTEMUNHO** — Da vossa fé e amor para comigo, ou de testemunho contra os judeus. — Duhamel.

Evangelho de S. Lucas 21, 20-28

20 Quando virdes pois que Jerusalém é sitiada de um exército, então sabei que está próxima a sua desolação:

21 Os que nesse tempo se acharem em Judéia, fujam para os montes: E os que dentro da cidade, retirem-se: E os que nos campos, não entrem nela:

22 Porque êstes são dias de vingança, para que se cumpram tôdas as coisas que estão escritas.

23 Mas ai das que estiverem prenhes, e das que então criarem naqueles dias! Porque haverá grande apêto sôbre a terra, e ira contra êste povo.

24 E cairão ao fio da espada: E serão levados cativos a tôdas as nações, e Jerusalém será pisada dos gentios: Até se completarem os tempos das nações. (3)

25 E haverá sinais no sol, e na lua, e nas estrêlas, e na terra consternações das gentes pela confusão em que as porá o bramido do mar, e das ondas:

26 Mirrando-se os homens de susto, e na expectação do que virá sôbre todo o mundo, porque as virtudes dos Céus se abalarão:

27 E então verá o Filho do homem, que virá sôbre uma nuvem com grande poder, e majestade.

28 Quando começarem pois a cumprir-se estas coisas, olhai, e levantai as vossas cabeças: Porque está perto a vossa redenção.

(3) **SERÁ PISADA DOS GENTIOS** — Porque arrasada por Tito a primeira Jerusalém, será fundada sôbre as suas ruínas outra por Adriano, que do seu nome se chamará Elias Capitolina, como consta da História de Eusébio, livro 4, cap. 6. — Calmet.

29 Propôs-lhes depois êste símile: Olhai para a figueira, e para as mais árvores.

30 Quando elas começam já a produzir de si fruto, conheceis vós que está perto o estio.

31 Assim também quando vós virdes que vão succedendo estas coisas, sabeis que está perto o Reino de Deus.

32 Em verdade vos afirmo, que esta geração não passará, enquanto se não cumprirem tôdas estas coisas. (4)

33 Passará o Céu e a terra: Mas as minhas palavras não passarão.

34 Velai pois sôbre vós, para que não suceda que os vossos corações se façam pesados com as demasias do comer, e do beber, e com os cuidados desta vida: E para que aquele dia vos não apanhe de repente.

35 Porque êle, assim como um laço, prenderá a todos os que habitam sôbre a face de tôda a terra.

ATÉ SE COMPLETAREM OS TEMPOS DAS NAÇÕES — Até que tenha passado o tempo do reino da Idolatria. Êste tempo em que profanaram a Jerusalém os gentios, durou até o império de Constantino. Êste príncipe, havendo abraçado a religião Cristã, principiou com Santa Helena sua mãe a purificar a Jerusalém, fazendo edificar igrejas, em lugar dos templos que os idólatras haviam levantado em honra dos seus falsos deuses. Euseb. Vit. Constant. Lib. 3, cap. 25. Pode também explicar-se de todo o tempo da infidelidade dos judeus, que deu lugar, como diz S. Paulo aos Rom 11, 25, à conversão dos gentios, que o filho de Deus chama aqui o tempo das nações.

(4) **QUE ESTA GERAÇÃO NAO PASSARA** — Tudo isto se verificou, pelo que respeita à ruína de Jerusalém, antes que se houvessem cumprido cinquenta anos da morte do Salvador: e se cumprirá pelo que respeita aos sinais que hão de preceder ao Julzo final, antes que haja passado a dos homens que habitarem na terra. — **Pereira.**

36 Vigiai pois, orando em todo o tempo, a fim de que vos façais dignos de evitar todos êstes males, que têm de suceder, e de vos apresentardes com confiança diante do Filho do homem. (5)

37 Ora, Jesus de dia ensinava no templo: E de noite saía a ficar no monte, que se chama das Oliveiras.

38 E todo o povo ia ter com êle de madrugada para o ouvir no templo.

CAPÍTULO 22

TRATAM OS PRÍNCIPES DOS SACERDOTES DE DAR A MORTE A JESUS CRISTO. JUDAS LHO VENDE. MANDA O SENHOR PREPARAR O NECESSÁRIO PARA CELEBRAR A PASCOA. CONSAGRA O PÃO E VINHO NO SEU CORPO E SANGUE, E ORDENA SACERDOTES OS APÓSTOLOS. DISPUTAM ÊSTES ENTRE SI A PRIMAZIA. ORA JESUS PELA FÉ DE PEDRO, SANGUE. A SUA PRISÃO. É LEVADO A PRESENÇA DO PREDIZ-LHE AS SUAS NEGAÇÕES. ALEGORIA DAS DUAS ESPADAS. ORAÇÃO DO HORTO. AGONIA E SUOR DO PONTÍFICE. NEGA-O PEDRO TRÊS VÉZES. OPRÓBRIOS INDIGNOS, QUE JESUS PADECE DOS MINISTROS. ÊLE SE CONFESSA FILHO DE DEUS EM PRESENÇA DE TODO O CONSELHO.

1 Estava pois chegada a festa dos pães asmos, que se chama a Páscoa: (1)

(5) **VIGIAI POIS** — Estas palavras dizem respeito em geral a todos os cristãos. Porque ainda que nem todos podem ser testemunhas dêstes sinais e prodígios que não de suceder no fim do mundo, todavia será êste para êles a hora da sua morte, e a disposição em que os ache, esta será a que decida por uma eternidade da sua dita, ou da sua desgraça. Quanto nos importa que êste último momento não nos surpreenda, e tome como um laço ou uma rede, em que um pássaro repentinamente se acha preso sem havê-lo antes previsto! Por isso nos encarrega o Senhor, que estejamos alerta, que vigiemos e oremos sem cessar, mortificando as nossas paixões, fugindo dos excessos no comer e no beber, seguros de que se tivermos em todo o tempo os olhos levantados ao Senhor, êle mesmo desviará os nossos pés dos laços dos nossos inimigos. Sl 24, 15.

(1) **QUE SE CHAMAA A PASCOA** — Cfr. Mc 14, 1.

2 E os príncipes dos sacerdotes, e os escribas andavam buscando modo de tirarem a vida a Jesus: Porém ténham o povo.

3 Ora, satanás entrou em Judas, que tinha por sobrenome Iscariotes, um dos doze:

4 E foi, e tratou com os príncipes dos sacerdotes, e com os magistrados, de como lho entregaria.

5 E eles folgaram com isso, e ajustaram de lhe darem dinheiro.

6 E Judas deu também a sua palavra. Para o que buscava ocasião oportuna de lho entregar sem tumulto.

7 Entretanto chegou o dia dos pães asmos, no qual era necessário imolar-se a Páscoa. (2)

(2) **NO QUAL ERA NECESSÁRIO** — É coisa certamente admirável. Conspiram três Evangelistas em referir, como Jesus Cristo nas vésperas da sua paixão mandara dois de seus discípulos à cidade, a preparar-lhe em casa de certo homem, que ele lhes apontou, o Cenáculo, em que o mesmo Senhor celebrasse a Páscoa com todos eles, na qual Páscoa a cerimônia principal era a comida do cordeiro. Assim Mt 26, 18; Mc 14, 14, e aqui Lc 22, 7. 8. 11. 13. 14. Parece que se não podia escrever mais clara e expressamente, que Jesus Cristo pouco antes de ser prêso e ir a padecer, celebrara, na forma da Lei de Moisés, a festa da Páscoa, e imolara o cordeiro. Pelo menos esta é a persuasão, em que ainda hoje mostra estar a Igreja, quando todos os anos canta: *Observata lege plene cibis in legalibus, cibum turbæ duodenæ se dat suis manibus.*

Evangelho de S. Lucas 22, 8-16

8 Enviou pois Jesus a Pedro e a João, dizendo: Ide aparelhar-nos a Páscoa, para a comermos.

9 E êles lhe perguntaram: Onde queres tu que nós ta aparelhemos?

10 E respondeu-lhes Jesus: Tanto que vós entrardes na cidade, sair-vos-á ao encontro um certo homem, que levará uma bilha de água: Ide seguindo-o até à casa em que êle entrar.

11 E direis ao pai de família da casa: O Mestre te manda dizer, onde está o aposento que tu me dás, para eu nele comer a Páscoa com os meus discípulos?

12 E êle vos mostrará uma grande sala tôda orna-da, e ali fazei os preparos.

13 Indo êles pois, acharam tudo como o Senhor lhes dissera, e prepararam a Páscoa.

14 E chegada que foi a hora, pôs-se Jesus à mesa, e com êle os doze Apóstolos:

15 E disse-lhes: Tenho desejado ansiosamente comer convosco esta Páscoa, antes da minha Paixão.

16 Porque vos declaro que a não tornarei mais a comer, até que ela se cumpra no Reino de Deus. (3)

(3) **NÃO TORNAREI MAIS A COMER** — Jesus quer significar por estas expressões, que não tornará a comer esta vítima figurativa, até que se cumpram os designios de Deus, em que a vítima que vai ser imolada se torne a Páscoa da nova gente. 1 Cor 5, 7.

17 E depois de tomar o cálice, deu graças, e disse: Tomai-o, e distribuí-o entre vós: (4)

18 Porque vos declaro que não tornarei a beber do fruto da vida enquanto não chegar o Reino de Deus.

19 Também depois de tomar o pão deu graças, e partiu-o, e deu-lho, dizendo: Este é o meu corpo, que se dá por vós: Fazei isto em memória de mim. (5)

20 Tomou também da mesma sorte o cálice, depois de cear, dizendo: Este cálice é o Novo Testamento em meu sangue, que será derramado por vós. (6)

21 Entretanto eis aí a mão de quem me há de entregar, está à mesa comigo.

22 E na verdade o Filho do homem vai, segundo o que está decretado: Mas aí daquele homem, por quem ele há de ser entregue!

23 Começaram eles então a perguntar entre si, qual deles seria o que tal houvesse de fazer.

(4) **E DEPOIS DE TOMAR O CÁLICE** — Não o cálice de vinho, que depois se consagrou, mas outro, com que o presidente da mesa costumava brindar por sua ordem os convidados — Caetano, Estio e Calmet, que se não deve confundir com o que abaixo se menciona no vers. 20.

(5) **FAZEI ISTO EM MEMÓRIA DE MIM** — Nestas palavras ordenou Jesus Cristo de sacerdotes da Nova Lei os Apóstolos, como definiu o sagrado concílio de Trento. Sess. 22. Can. 2.

(6) **QUE SERÁ DERRAMADO** — No texto latino fica em dúvida a qual dos dois antecedentes se deve referir o relativo *qui*, se ao cálice, se ao sangue. O original grego tira toda a equívoca. Porque, como advertem Amelote, Sacy e Duhamel, diz assim: *Poculum quod vobis effunditur*: onde necessariamente se deve referir o relativo ao cálice.

Evangelho de S. Lucas 22, 24-29

24 E excitou-se também entre êles a questão, sôbre qual dêles se devia reputar o maior.

25 Porém Jesus lhes disse: Os reis dos gentios dominam sôbre êles: E os que têm sôbre êles autoridade, chamam-se benfeitores. (7)

26 Não há de ser porém assim entre vós outros: Mas o que entre vós é maior, faça-se como o mais pequeno: E o que governa, seja como o que serve.

27 Porque qual é maior, o que está sentado à mesa, ou o que serve? Não é maior o que está sentado à mesa? Pois eu estou no meio de vós outros, assim como o que serve:

28 Mas vós outros sois os que haveis permanecido comigo nas minhas tentações:

29 E por isso eu preparo o reino para vós outros, como meu Pai o tem preparado para mim.

POR VÓS — O que em S. Mateus e em S. Marcos se diz, que será derramado por muitos; se diz em S. Lucas, que será derramado por vós. É uma e outra lição repete a Igreja no cânon da missa, quando diz: *Qui pro vobis et pro multis effunditur*. Sôbre o que é notável a doutrina que nos dá o Catecismo do Concílio de Trento, aprovado por Pio V. e por Gregório XIII. Estas palavras (diz o Catecismo, tratando do Sacramento da Eucaristia) umas são tiradas de S. Mateus, outras de S. Lucas. Porém a Igreja, instruída pelo Espírito Santo, ajuntou umas e outras, para mostrar particularmente o fruto e a utilidade da Paixão de Nosso Senhor. Porque se nós consideramos a virtude, que a sua paixão tem em si mesmo, é necessário confessar que o sangue de Nosso Senhor foi derramado para salvação dos homens todos. Mas se nós olhamos para o fruto que os homens dêle recebem, facilmente reconhecemos, que êste sangue não aproveita a todos, mas sômente a muitos.

(7) **CHAMAM-SE BENFEITORES** — Isto é, grandiosos e liberais. Que isso significa o nome *Evergetes* de que usa o texto grego, e que se atribuíram muitos reis do Egito. — **Duhamel.**

30 Para que comais, e bebais à minha mesa, no meu reino: E vos senteis sobre tronos, para julgar as doze tribos de Israel.

31 Disse mais o Senhor: Simão, Simão, eis aí vos pediui satanás com instância para vos joeirar como trigo.

32 Mas eu roguei por ti, para que a tua fé não faltasse: E tu enfim, depois de convertido, conforta a teus irmãos. (8)

33 Respondendo-lhe Pedro: Senhor, eu estou pronto a ir contigo, tanto para a prisão, como a morrer.

34 Mas Jesus lhe disse: Declaro-te, Pedro, que não cantará hoje o galo, sem que tu por três vezes não hajas negado que me conheces. Depois perguntou-lhes:

35 Quando eu vos mandei caminhar sem bolsa, e sem alforge, e sem sapatos, faltou-vos porventura alguma coisa?

36 E elles responderam: Nada. Prosseguiu logo Jesus: Pois agora quem tem bolsa, tome-a, e também alforge: E o que a não tem, venda a sua túnica e compre espada. (9)

(8) **PARA QUE A TUA FÉ** — O sentido natural e óbvio destas palavras é que Cristo rogara a seu eterno Padre pela fé pessoal de Pedro, pedindo-lhe que, já que Pedro pela sua fraqueza o havia de negar brevemente três vezes, não permitisse o Senhor que a fé lhe faltasse para sempre, mas depois da queda a tornasse a recobrar, e com o seu exemplo confortasse depois os outros discípulos. Mais um testemunho da supremacia conferida a Pedro.

(9) **E COMPRE ESPADA** — Não quer significar o Senhor com esta alegoria, que se armem os Apóstolos de espadas materiais; mas que serão tais os trabalhos e apertos, em que se hão de ver, que para vencer estes combates lhes será preciso valer-se das armas, de que nos apertos do corpo se valem as pessoas do mundo, isto é, do século da fé, do capacete da esperança, e da espada da palavra de Deus. Assim o entenderam com os antigos Padres todos os bons expositores modernos.

37 Porque vos digo, que é necessário que se veja cumprido em mim ainda isto que está escrito: E foi reputado por um dos iníquos. Porque as coisas que dizem respeito a mim, vão já a ter o seu cumprimento.

38 Mas eles responderam: Senhor, eis aqui estão duas espadas. E Jesus lhes disse: Basta. (10)

39 E tendo saído, foi dali, como costumava, para o monte das Oliveiras. E seus discípulos o seguiram também.

40 E quando chegou àquele lugar, lhes disse: Oraí para que não entreis em tentação.

41 E Jesus se arrancou dêles obra de um tiro de pedra: E pôsto de joelhos, orava,

42 dizendo: Pai, se é do teu agrado, transfere de mim êste cálice: Não se faça contudo a minha vontade, senão a tua.

43 Então lhe apareceu um anjo do Céu, que o confortava. E pôsto em agonia, orava Jesus com maior insistência. (11)

(10) **EIS AQUI ESTÃO DUAS ESPADAS** — Daqui se conhece que os Apóstolos não entenderam o sentido em que seu Mestre lhes falava, e que se não enganaram menos os que depois entenderam por estas duas espadas em poder dos Apóstolos, os dois direitos de espiritualidade e temporalidade, que quiseram dar aos sucessores de Pedro.

BASTA — Os Apóstolos não compreenderam o sentido das palavras de Jesus Cristo. E como não julgou a propósito explicar-se mais por então, interrompeu o discurso, dizendo: Basta; Como se dissera: "Deixemos isso, passemos a outras coisas: a experiência vos mostrará o que agora não entendeis.

(11) **QUE O CONFORTAVA** — Jesus Cristo não tinha necessidade dêste socorro, porém, quis ser consolado e confortado por

44 E veio-lhe um suor, como de gotas de sangue, que corria sobre a terra.

45 Depois, tendo-se levantado da oração, e vindo ter com seus discípulos, achou-os dormindo de tristeza.

46 E disse-lhes: Que, vós dormis? Levantai-vos, orai, para que não entreis em tentação.

47 Estando êle ainda falando, eis que chega um tropel de gente: E um dos doze, que se chamava Judas, vinha à testa dêles: O qual se chegou a Jesus para o beijar.

48 E Jesus lhe disse: Judas, basta que entregues o Filho do homem, dando-lhe um ósculo?

49 Então os que estavam com Jesus, vendo no que isto viria a parar, disseram para êle: Senhor, firamo-los à espada?

50 E um dêles deu um golpe num servo do sumo pontífice, e cortou-lhe a orelha direita.

51 Mas respondendo Jesus, disse: Deixai-os, basta. E tendo-lhe tocado a orelha, o sarou.

52 E voltando-se Jesus para os príncipes dos sacerdotes, e para os magistrados do templo, e para os anciãos, que tinham vindo contra êles, disse: Viestes armados de espadas e de varapaus como contra um ladrão? (12)

um anjo, como também quis entregar-se ao temor e à tristeza: para nos ensinar com o seu exemplo a vencer as nossas repugnâncias, a esperar de Deus o socorro nas nossas angústias. — Santo Agostinho.

(12) **E PARA OS MAGISTRADOS** — Isto é, para os capitães da guarda do templo, cujo prefeito se chamava "comandante do monte do templo", que era diferente do outro que presidia a todo o ministério sagrado, do qual se faz menção nos At 4, 1.

Evangelho de S. Lucas 22, 53-61

53 Havendo eu estado cada dia convosco no templo, nunca estendestes as mãos contra mim: Porém esta é a vossa hora, e o poder das trevas.

54 Prendendo logo a Jesus, o levaram à casa do sumo pontífice: E Pedro o ia seguindo de longe.

55 E tendo-se acendido fogo no meio do pátio, e sentando-se todos em roda, estava Pedro no meio dêles.

56 Então uma escrava, que o viu sentado ao lume, depois de encarar bem nele, disse: Êste também era da companhia daquele homem.

57 Mas Pedro o negou, dizendo: Mulher, eu não o conheço.

58 E daí a pouco vendo-o outro, disse-lhe: Tu também és dos tais. Ao que Pedro respondeu: Homem, não o sou.

59 E tendo-se passado o intervalo quase de uma hora, afirmava outro o mesmo, dizendo: Certamente que êste também estava com êle: Pois que também é galileu.

60 E Pedro lhe respondeu: Homem, eu não sei que é o que tu dizes. E no mesmo ponto, quando êle ainda falava, cantou o galo.

61 E voltando-se o Senhor pôs os olhos em Pedro. E Pedro se lembrou da palavra do Senhor, como lhe havia dito: Antes que o galo cante, me negarás três vezes: (13)

(13) **PÓS OS OLHOS EM PEDRO** — Como se supõe que o Senhor estava na sala com os sacerdotes, e Pedro no pátio com os oficiais, diz S. Agostinho no livro "Da graça de Cristo", cap. 45, que êste olhar do Senhor para Pedro se não deve entender

62 E tendo saído para fora, chorou Pedro amargamente.

63 Entretanto os que tinham prêso a Jesus, faziam escárneo dêle, ferindo-o.

64 E vendaram-lhe os olhos, e davam-lhe na cara: E perguntavam-lhe, dizendo: Adivinha quem é o que te deu?

65 E diziam outras muitas afrontas, blasfemando contra êle.

66 E depois que foi dia se ajuntaram os anciãos do povo, e os príncipes dos sacerdotes, e os escribas, e o levaram ao seu conselho, dizendo ali: Se tu és o Cristo, dizeno-lo.

67 E respondeu-lhes Jesus: Se vo-lo disser, não me haveis de dar crédito.

68 E também se vos fizer qualquer pergunta, não me haveis de responder, nem deixar ir.

69 Mas depois disto estará sentado o Filho do homem à mão direita do poder de Deus.

70 Então disseram todos: Logo tu és o Filho de Deus? Respondeu êle: Vós o dizeis, que eu o sou.

71 E êles prosseguiram: Que mais testemunho nos é necessário? quando nós mesmos o ouvimos da sua boca.

dos olhos do corpo, mas da ilustração, e toque interior da sua graça. Outros todavia, combinando de novo os Evangelistas entre si, julgam que Cristo depois de examinado e pronunciado na sala, descera ao pátio entre os soldados e servos, e que all pudera muito bem olhar corporalmente para Pedro. — Calmet.

CAPÍTULO 23

É JESUS LEVADO À PRESENÇA DE PILATOS. ÊSTE O REMETTE A HERODES, DONDE TORNA A VIR PARA PILATOS. QUER ÊSTE LIVRÁ-LO. PEDE O POVO QUE SOLTE ANTES A BARRABÁS. INSTAM OS JUDEUS PELA CONDENAÇÃO DE JESUS CRISTO, E PILATOS O ENTREGA A SER CRUCIFICADO. É CONSTRANGIDO SIMÃO A LEVAR-LHE A CRUZ. CRUCIFICAM-NO ENTRE DOIS LADROES. ORA PELOS QUE LHE DÃO A MORTE. É ILUDIDO DE GRANDES E PEQUENOS. DÃO-LHE A BEBER VINAGRE. O BOM LADRÃO CONVERTIDO E PREMIADO. ESCURECE O SOL, E RASGA-SE O VÉU DO TEMPLO. EXPIRA JESUS. O CENTURIAO O RECONHECE FILHO DE DEUS. JOSÉ O ENCERRA.

1 E levantando-se tôda a multidão dos daquele conselho, levaram Jesus a Pilatos.

2 E começaram a acusá-lo, dizendo: A êste temos achado pervertendo a nossa nação, e vedando dar o tributo a César, e dizendo que êle é o Cristo Rei.

3 E Pilatos lhe perguntou, dizendo: Tu és o rei dos judeus? E êle respondendo, disse: Tu o dizes. (1)

4 Então disse Pilatos aos príncipes dos sacerdotes, e ao povo: Eu não acho neste homem crime algum.

5 Mas êles porfiavam cada vez mais, dizendo: Êle subleva o povo com a doutrina que prega por toda a Judeia, desde Galiléia, onde começou, até aqui.

(1) **TU O DIZES** — Se o seu orgulho lhes houvera deixado considerar as obras maravilhosas do Senhor e a perfeita correspondência de tôdas as ações da sua vida, contudo o que tinham dito e escrito dêle os profetas, teriam conhecido sem dúvida que êle era o verdadeiro Messias, e que o seu reino, sendo todo espiritual, não podla mover os zelos, ou suspeitas do César, nem de nenhum outro potentado deste mundo. Mt 21, 22; Mc 12, 17; Jo 18, 36, 37; e por isto Pilatos não fez caso desta ocasião.

6 E Pilatos, ouvindo falar de Galiléia, perguntou se era galileu aquele homem.

7 E quando soube que era da jurisdição de Herodes, remeteu-o ao mesmo Herodes, o qual naqueles dias pessoalmente se achava também em Jerusalém.

8 E Herodes tendo visto a Jesus, folgou muito; porque de longo tempo tinha desejo de o ver, por ter ouvido dizer dêle muitas coisas, e esperava ver-lhe fazer algum milagre.

9 Fez-lhe pois muitas perguntas. Mas êle a nenhuma deu resposta.

10 E os príncipes dos sacerdotes, e os escribas estavam ali presentes, acusando-o com grande instância.

11 Herodes, porém, com os do seu exército desprezou-o, e fez escárneo dêle, tendo-o mandado vestir de uma vestidura branca, e tornou-o a enviar a Pilatos. (2)

12 E naquele dia ficaram amigos Herodes e Pilatos, porque estavam antes inimigos um do outro.

13 Pilatos, pois, tendo chamado os príncipes dos sacerdotes, e os magistrados, e o povo,

14 lhes disse: Vós apresentastes-me êste homem, como perturbador do povo, e vêde que fazendo-lhe eu perguntas diante de vós outros, não achei neste homem culpa alguma daquelas de que o acusais.

(2) **UMA VESTIDURA BRANCA** — Herodes, revestindo Jesus duma túnica branca, quis escarnecer da realeza de Cristo, pois que os reis e imperadores romanos vestiam de branco nas grandes solenidades.

Evangelho de S. Lucas 23, 15-25

15 Nem Herodes tampouco, porque vos remeti a êle e eis que nada se lhe tem provado que mereça morte.

16 Soltá-lo-ei logo depois de o castigar. (3)

17 Ora, Pilatos estava precisado a soltar-lhes pela festa um criminoso.

18 Por isso todo o povo gritou a uma voz dizendo: Faze morrer êste, e solta-nos Barrabás.

19 O qual havia sido prêso por causa de uma sedição feita na cidade, e por causa de um homicídio.

20 E Pilatos, que desejava livrar a Jesus, falou de novo aos judeus.

21 Mas êles tornaram a gritar, dizendo: Crucifica-o, crucifica-o.

22 E terceira vez lhes disse Pilatos: Pois que mal fez êle? Eu não acho nele causa alguma de morte; irei logo castigá-lo, e depois soltá-lo-ei.

23 Mas êles instavam, pedindo a grandes vozes que fosse crucificado, e cresciam mais as suas vozes.

24 Enfim ordenou Pilatos que se executasse o que êles pediam.

25 No mesmo tempo soltou-lhes aquele que havia sido prêso por causa do homicídio, e da sedição, que era

(3) **DEPOIS DE O CASTIGAR** — Com a pena de açoites, que entre os romanos era ordinária nos crimes que não eram capitais. — **Calmet.** O Talmude descreve assim a flagelação: As mãos são prêsas à coluna; o carrasco despe o condenado; uma pedra é colocada na parte posterior, sobre ela o algoz está de pé com o azorrage ou correias com que bate constantemente na vítima.

quem elles pediam, e permitiu-lhes que fizessem de Jesus o que quisessem.

26 Indo-o já levando, pegaram num certo homem de Cirene, chamado Simão, que vinha de uma granja, e puseram a Cruz sôbre elle, para que a levasse após de Jesus.

27 E seguia-o uma grande multidão de povo, e de mulheres: Que batendo nos peitos o choravam e lamentavam.

28 Mas Jesus voltando-se para ellas, lhes disse: Filhas de Jerusalém, não choreis sôbre mim, mas chorai sôbre vós mesmas, e sôbre vossos filhos.

29 Porque sabeis que virá tempo em que se dirá: Ditasas as que são estéreis, e ditosos os ventres que não geraram, e ditosos os peitos que não deram de mamar.

30 Então começarão os homens a dizer aos montes: Caí sôbre nós: e aos outeiros: Cobri-nos.

31 Porque se isto se faz no lenho verde, que se fará no sêco?

32 E eram também levados com Jesus outros dois, que eram malfeteiros, para se lhes dar a morte.

33 E depois chegaram ao lugar que se chama Calvário; ali o crucificaram a elle, e aos ladrões, um à direita e outro à esquerda.

34 E Jesus dizia: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem. Dividindo porém os seus vestidos, sortearam-nos.

35 Entretanto estava o povo olhando para elle e os príncipes dos sacerdotes com o povo o escarneciam, di-

Evangelho de S. Lucas 23, 36-43

zendo: Quem salvou aos outros, que se salve a si, se éste é o Cristo escolhido de Deus.

36 E da mesma sorte o escarneciam os soldados, chegando-se a êle, e oferecendo-lhe a beber vinagre,

37 e dizendo: Se tu és o rei dos judeus, salva-te a ti mesmo.

38 E estava também sobre êle um título, escrito em letras gregas, e latinas, e hebraicas, o qual dizia: ÊSTE E' O REI DOS JUDEUS.

39 E um daqueles ladrões, que estavam pendurados, blasfemava contra êle, dizendo: Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo, e a nós outros.

40 Mas o outro respondendo, o repreendia, dizendo: Nem ainda tu temes a Deus, estando no mesmo supplicio.

41 E nós outros o estamos na verdade justamente, porque recebemos o castigo que merecem as nossas obras: Mas éste nenhum mal fez.

42 E dizia a Jesus: Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino:

43 E Jesus lhe respondeu: Em verdade te digo: Que hoje serás comigo no paraíso. (4).

(4) **QUE HOJE SERÁS COMIGO NO PARAISO** — Muitos santos Padres, que alega Calmet, o entendem da visão beata da divindade. Outros com o padre Amelote, dizem que por "Paraíso" se deve entender a vista da alma gloriosa de Jesus Cristo, que no mesmo dia desceu ao seio de Abraão. Dêste ponto escreveu Santo Agostinho uma longa carta a Dardano, que sobre isso o consultara.

44 Era então quase a hora sexta, e toda a terra ficou coberta de trevas até à hora nona: (5)

45 Escureceu-se também o sol: E rasgou-se pelo meio o véu do templo.

46 E Jesus dando um grande brado, disse: Pai, nas tuas mãos encomendo o meu espírito. E dizendo estas palavras, expirou.

47 O centurião, porém, que tinha visto o que sucedera, deu glória a Deus, dizendo: Na verdade que este homem era justo.

48 E todo o povo que assistia a este espetáculo, e via o que se passava, retirava-se batendo nos peitos.

49 Todos os que eram do conhecimento de Jesus, e as mulheres que o tinham seguido desde Galiléia, estavam da mesma sorte vendo estas coisas lá de parte. (6)

50 E eis que um varão por nome José, que era do sanedrim, varão bom, e justo,

51 que não tinha consentido com a determinação dos outros nem com o que eles tinham obrado, de Arimatéia, cidade de Judéia, o qual também esperava o reino de Deus:

52 Este homem pois foi ter com Pilatos, e pediu-lhe o corpo de Jesus:

(5) **ATÉ A HORA NONA** — Desde o meio-dia até às três horas da tarde.

(6) **AS MULHERES** — Maria Madalena, Marla Cléofas, Salomé.

53 E depois que o desceu, amortallhou-o num lençol, e depositou-o num sepulcro aberto em rocha, onde ainda ninguém tinha sido pôsto.

54 Era então dia da preparação, e já raiava o sábado. (7)

55 Ora, as mulheres, que tinham vindo de Galiléia com Jesus, indo atrás de José, observaram o sepulcro, e como o corpo de Jesus fôra nele depositado.

56 E voltando, prepararam aromas e bálsamos: E quanto ao dia de sábado, estiveram sem fazer coisa alguma, segundo a lei.

CAPÍTULO 24

VÃO AS MULHERES AO SEPULCRO COM AROMAS PARA ENBALSAMAR O CORPO DO SENHOR. UM ANJO LHES DIZ QUE ELE JÁ RESSURGIRA. VÃO DIZÊ-LO AOS APÓSTOLOS, E ÉSTES AS NÃO CRÊEM. RECORRE PEDRO AO SEPULCRO; E NÃO ACHA O CORPO DE JESUS. APARECE O SENHOR A DOIS DISCÍPULOS, QUE IAM PARA EMAÚS. APARECE TAMBÊM A TODOS OS APÓSTOLOS, E MANDA-LHES QUE O TOQUEM. COME COM ÊLES. PROMETE-LHES O ESPÍRITO SANTO, E SOBE AOS CÉUS.

1 Mas no primeiro dia da semana vieram muito cedo ao sepulcro, trazendo os aromas que haviam preparado. (1)

(7) **DIA DA PREPARAÇÃO** — A tarde de sexta-feira, em que se preparava o comer para o sábado.

E JÁ RAIAVA O SÁBADO — Porque o sábado dos judeus não começava ao nascer do sol do mesmo dia, mas ao pôr do sol do antecedente. — Sacy.

(1) **MAS NO PRIMEIRO DIA DA SEMANA** — No domingo.

2 E acharam que a pedra estava revolvida do sepulcro. (2)

3 Entrando depois dentro, não acharam o corpo do Senhor Jesus.

4 E aconteceu que estando por isso consternadas, eis que apareceram junto delas dois homens vestidos de brilhantes roupas.

5 E como estivessem medrosas, e com os olhos no chão, disseram para elas: Por que buscais entre os mortos ao que vive?

6 Ele não está aqui, mas ressuscitou; lembrai-vos do que ele vos declarou, quando ainda estava em Galiléia,

7 dizendo: Importa que o Filho do homem seja entregue nas mãos de homens pecadores, e que seja crucificado, e que ressuscite ao terceiro dia.

8 Então se lembraram elas das suas palavras.

9 E tendo voltado do sepulcro, contaram tôdas estas coisas aos onze, e a todos os mais. (3)

10 E as que referiam aos Apóstolos estas coisas eram Maria Madalena, e Joana, e Maria, mãe de Tiago, e as demais que estavam com elas.

11 Mas o que as mulheres lhes diziam, pareceu-lhes um como desvario, e não lhes deram crédito. (4)

(2) **A PEDRA** — A porta do sepulcro.

(3) **E A TODOS OS MAIS** — Que haviam recebido a doutrina de Jesus, e elas sabiam que eram seus discípulos. — **Pereira.**

(4) **E NÃO LHES DERAM CRÉDITO** — A morte do Senhor, e tôdas as mais aflições, que haviam acompanhado esta morte, fize-

Evangelho de S. Lucas 24, 12-15

12 Ainda levantando-se Pedro, correu ao sepulcro, e abaixando-se viu só os lençóis ali postos, e retirou-se admirando consigo mesmo o que sucedera. (5)

13 E eis que no mesmo dia caminhavam dois d'êles para uma aldeia, chamada Emaús, que estava em distância de Jerusalém sessenta estádios. (6)

14 E êles iam falando um com o outro em tudo o que se tinha passado.

15 E sucedeu que quando êles iam conversando, e conferindo entre si, chegou-se também o mesmo Jesus, e ia com êles.

ram tal impressão nos espíritos dos Apóstolos, que pareceram mais incrédulos, que as mesmas mulheres. Mas como êste grande mistério devia ser o principal fundamento da religião cristã, esta mesma incredulidade dos Apóstolos contribuiu muito mais para que ficasse estabelecido, e assentado com provas mais evidentes, e infalíveis êste mistério excluindo a dúvida, a hipótese da sugestão e da alucinação.

(5) **O QUE SUCEDERA** — Porque nem êles nem S. João, que o acompanhou, tinham ainda sôbre êste mistério a intelligência que só a fé lhes podia dar. — Jo 19, 40.

(6) **DOIS DÊLES** — Isto é dois dos discípulos, aos quais as santas mulheres contaram o que tinham visto no sepulcro. Um d'êles é Cléofas, citado adiante, o outro querem alguns críticos que fosse o próprio S. Lucas.

PARA UMA ALDEIA — Esta aldeia ou castelo, se chamou depois Nicópolis, hoje Amonas. — S. Jerônimo. — Alguns querem que êste castelo seja diferente da cidade do mesmo nome, que depois foi chamada Nicópolis, e que distava de Jerusalem cento e setenta e seis estádios, ou vinte e duas milhas romanas; segundo outros é Kolonieh.

SESENTA ESTÁDIOS — Um estádio constava de cento e vinte e cinco passos geométricos; sessenta estádios equivalem a sete milhas e meia romanas, e duas léguas das nossas, com pouca diferença.

16 Mas os olhos dos dois estavam como fechados, para o não conhecerem. (7)

17 E êle lhes disse: Que é isso que vós ides praticando e conferindo um com outro, e por que estais tristes?

18 E respondendo um deles chamado Cléofas, lhe disse: Tu só és forasteiro em Jerusalém e não sabes o que ali se tem passado êstes dias? (8)

19 Êle lhes disse: Que? E responderam os dois: Sôbre Jesus Nazareno, que foi um varão profeta, poderoso em obras, e em palavras diante de Deus, e de todo o povo:

20 E de que maneira os sumos sacerdotes, e os nossos magistrados, o entregaram a ser condenado à morte, e o crucificaram:

21 Ora, nós esperávamos que êle fosse o que resgatasse a Israel: E agora sobre tudo isto, é já hoje o terceiro dia, depois que sucederam estas coisas. (9)

(7) **ESTAVAM COMO FECHADOS** — Isto é, Jesus suspendia a impressão que o seu santíssimo corpo devia fazer naturalmente sôbre os olhos dêles, aliás o conheceriam logo em um momento, Mc 16, 12 — **Pereira.**

(8) **CHAMADO CLÉOFAS** — Que Eusébio, no Livro 3 da sua história, cap. 11, e Santo Epifânio na Heresia 66, num. 19, crêem que era irmão de José, Espôso da Virgem, e pai de S. Simeão, bispo de Jerusalém. Outros, que sim era cunhado da mesma Virgem, mas pai de Tiago Menor. Tillemont, Nota 2 sobre S. Tiago Menor. Cléofas é uma contração de Cleópatras, e que é diferente daquele a que se refere Jo 19, 25.

(9) **O QUE RESGATASSE A ISRAEL** — Êstes discípulos eram ainda carnais, e não esperavam de Jesus Cristo, como Messias, mais do que sacudir pelo seu meio o jugo da dominação romana e

Evangelho de S. Lucas 24, 22-30

22 E' verdade também que certas mulheres, das que conosco estavam, nos espantaram, as quais na alvorada foram ao sepulcro.

23 E não tendo achado o seu corpo, voltaram, dizendo que elas também tinham tido uma visão de anjos, os quais dizem que êle vive.

24 E alguns dos nossos foram ao sepulcro: E acharam que era assim como tinham dito as mulheres, mas a êle não o acharam.

25 Então lhes disse Jesus: O' estultos, e tardos de coração para crer tudo o que anunciaram os profetas!

26 Porventura não importava que o Cristo sofresse estas coisas, e que assim entrasse na sua glória?

27 E começando por Moisés, e percorrendo por todos os outros profetas, lhes explicava o que dêle se achava dito em tôdas as Escrituras.

28 E quando êles estavam perto da aldeia, para onde caminhavam, fingiu então Jesus que ia para mais longe.

29 Mas êles o constrangeram, dizendo: Fica em nossa companhia, porque é já tarde, e está o dia na sua declinação. E êle entrou com os dois.

30 Mas o caso foi que, estando sentado com êles à mesa, tomou o pão, e o abençoou, e tendo-o partido lhodava.

o estabelecimento de um reino temporal. E vendo que haviam passado três dias depois da sua morte, criam que não lhes ficava já mais que esperar. A isto alude a repreensão que depois lhes dá o Salvador.

31 No mesmo tempo se lhes abriam os olhos, e o conheceram: Mas elle desapareceu-lhes de diante dos olhos.

32 Então disseram um para o outro: Não é verdade que nós sentíamos abrasar-se-nos o coração, quando elle nos falava pelo caminho, e nos explicava as Escrituras?

33 E levantando-se na mesma hora voltaram para Jerusalém: E acharam juntos os onze, e os que com elles estavam,

34 que diziam: Na verdade que o Senhor ressuscitou, e appareceu a Simão. (10)

35 E elles os dois contaram também o que lhes havia acontecido no caminho: E como conheceram a Jesus ao partir do pão. (11)

36 E estando ainda falando nisto, apresentou-se Jesus no meio d'elles, e disse-lhes: Paz seja convosco: Sou eu, não temais. (12)

37 Mas elles achando-se perturbados, e espantados, cuidavam que viam algum espirito.

38 E Jesus lhes disse: Por que estais vós turbados, e que pensamentos são esses que vos sobem aos corações?

(10) **A SIMÃO** — Pedro.

(11) **AO PARTIR DO PÃO** — Muitos Santos Padres, entre elles S. Jerônimo no Epitáfio de Paulo, e Santo Agostinho no Livro 3 da Concórdia dos Evangelistas, cap. 15, são de parecer que o Senhor consagrara este pão. — Calmet.

(12) **APRESENTOU-SE JESUS NO MEIO DELES** — Improvisamente, e quando por temor dos judeus tinham as portas fechadas.

PAZ SEJA CONVOSCO — Este era o modo ordinário com que os saudava, pois elle mesmo era o autor da verdadeira paz.

39 Olhai para as minhas mãos e pés, porque sou eu mesmo: Apalpai e vêde, que um espírito não tem carne nem ossos como vós vêdes que eu tenho.

40 E em dizendo isto, mostrou-lhes as mãos e os pés.

41 Mas não crendo êles ainda, e estando com admiração transportados de gôsto, lhes disse: Tendes aqui alguma coisa que se coma?

42 E êles lhe puseram diante uma posta de peixe assado, e um favo de mel.

43 E tendô comido Jesus à vista dêles, tomando os sobejos lhos deu. (13)

44 Depois disse-lhes: Isto que vós estais vendo, é o que queriam dizer as palavras que eu vos dizia, quando ainda estava convosco, que era necessário que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na Lei de Moisés, e nos Profetas, e nos Salmos. (14)

45 Então lhes abriu o entendimento, para alcançarem o sentido das Escrituras. (15)

(13) **E TENDO COMIDO** — Comeu, realmente, não por alguma necessidade que tivesse, mas porque podia fazê-lo. **Santo Agostinho.** O ralo ardente do sol, acrescenta o Santo, atrai a água da terra de uma maneira mui diferente daquela que uma terra queimada bebe esta mesma água, quando cai desfeita em chuva. E seria, continua o mesmo Santo, uma felicidade imperfeita, se um corpo ressuscitado não tivesse a faculdade de comer; porém, a sua felicidade seria também imperfeita, se tivesse necessidade de o fazer. — **Bossuet.**

(14) **E NOS SALMOS** — Os hebreus distinguem o Antigo Testamento nestas três partes, Lei, Profetas, Hagiógrafos, e entre êstes últimos dão o primeiro lugar aos Salmos. — **Bossuet.**

(15) **PARA ALCANÇAREM** — Tirando-lhes um cômô véu que lhes impedia ver a luz da verdade, que se encerrava nas palavras

46 E disse-lhes: Assim é que está escrito, e assim é que importava que o Cristo padecesse, e que ressurgisse dos mortos ao terceiro dia: (16)

47 E que em seu nome se pregasse penitência, e remissão de pecados em tôdas as nações, começando por Jerusalém.

48 Ora, vós sois as testemunhas destas coisas. (17)

49 E eu vou a mandar sobre vós o dom que vos está prometido por meu Pai; entretanto ficai vós de assento na cidade, até, que sejais revestidos de virtude lá do alto. (18)

50 Depois levou-os fora até Betânia: E levantando as suas mãos, os abençoou. (19)

de Jesus Cristo e da Escritura. Lc 9, 41. Daqui se vê que as Escrituras encerram obscuridade, e que os mesmos Apóstolos não as entenderiam, se Jesus Cristo lhas não explicasse.

(16) **ASSIM É QUE ESTÁ ESCRITO** — Como se lhes dissera: Assim é como o escreveram Isaías, Jeremias, Davi e Jonas, etc.

(17) **VÓS SOIS AS TESTEMUNHAS** — Vós outros que haveis visto tudo, dareis testemunho a todo o mundo da minha vida, da minha doutrina, da minha morte, e sobretudo da minha ressurreição.

(18) **O DOM QUE VOS ESTÁ PROMETIDO** — O Espírito Santo; que baixará sobre vós outros e que meu Pai vos prometeu pela boca dos Profetas. Is 44, 5; Ez 36, 26 e 39, 26; Jl 2, 28; At 1, 3; 2, 2.

(19) **FORA ATÉ BETANIA** — Ao monte das Oliveiras, e deixando-se ver, por um novo milagre, somente dos seus discípulos.

E LEVANTANDO AS SUAS MAOS — Como um Pai que se ausenta de seus filhos. Esta última bênção do Filho de Deus os dispôs para o retiro e para a oração, e os preparou para receberem a plenitude da graça Apostólica.

Evangelho de S. Lucas 24, 51-53

51 E aconteceu que enquanto os abençoava, se ausentou d'êles, e era elevado ao Céu.

52 E êles, depois de o adorarem, voltaram para Jerusalém com grande júbilo. (20)

53 E estavam continuamente no Templo louvando e bendizendo a Deus. Amém.

(20) **DEPOIS DE O ADORAREM** — Prostrados por terra, considerando-o já, não como um mestre ou como um profeta, mas como Rei da glória, e Senhor do Universo.

ÍNDICE DAS GRAVURAS

- I — O Evangelho de S. Mateus foi escrito no ano 39 da era cristã.
- II — Mas andando êle com isto no pensamento, eis que lhe appareceu em sonho um anjo do Senhor dizendo: José, filho de Davi, não temas receber a Maria tua mulher: Porque o que nela se gerou, é obra do Espirito Santo.
- III — A Adoração dos reis magos.
- IV — Fugida do menino Jesus para o Egito.
- V — José, levantando-se, tomou de noite o menino, e sua mãe e retirou-se para o Egito.
- VI — Herodes então, vendo que tinha sido iludido dos magos, ficou muito irado por isso, e mandou matar todos os meninos que havia em Belém.
- VII — A pregação de S. João Batista no deserto.
- VIII — E depois que Jesus foi baptizado, saiu logo para fóra da água: E eis que se abriram os céus. E viu o Espirito de Deus que vinha sobre êle.
- IX — Jesus Cristo vai para o deserto, onde depois de jejuar quarenta dias, é tentado pelo demônio.
- X — De novo subiu o diabo a um monte muito alto: E lhe mostrou todos os reinos do mundo, e a glória dêles. E lhe disse: Tudo isto te darei, se prostrado me adorares.
- XI — E Jesus rodeava toda a Galliléia, ensinando nas suas Sinagogas, e pregando o Evangelho do reino: E curando toda a casta de doenças, e toda a casta de enfermidades no povo.

- XII — E correu a sua fama por toda a Síria, e lhe trouxeram todos os que se achavam enfermos, possuídos de vários achaques e dores, e os possessos, e os lunáticos, e os paralíticos, e os curou.
- XIII — E vendo Jesus a grande multidão do povo, subiu a um monte, e depois de se ter sentado, se achegaram para o pé dele seus discípulos.
- XIV — E eis que vindo um leproso, o adorava, dizendo: Se tu queres, Senhor, bem me podes limpar. E Jesus estendendo a mão tocou-o dizendo: Pois eu quero. Fica limpo. E logo ficou limpa toda a sua lepra.
- XV — Depois que saíram, lhe apresentaram um homem mudo possuído do demônio. E depois que foi expellido o demônio falou o mudo.
- XVI — Naquele tempo num dia de sábado, saiu Jesus caminhando ao longo dos pães: E seus discípulos, que tinham fome, começaram a colher espigas e a comer delas.
- XVII — Porque o Filho do homem é Senhor até do sábado mesmo.
- XVIII — E quando o viram andar sobre o mar se turbaram dizendo: E' pois um fantasma, e de medo começaram a gritar: Mas Jesus lhes falou imediatamente dizendo: Tende confiança, sou eu, não temais.
- XIX — E tomando os sete pães e os peixes, e dando graças, os partiu, e deu aos seus discípulos, e os discípulos os deram ao povo.
- XX — E depois que veio para onde estava a gente, chegou a ele um homem que, pôsto de joelhos diante dele, lhe dizia: Senhor, tem compaixão de meu filho que é lunático e padece muito, porque muitas vezes cai no fogo e muitas vezes na água.
- XXI — E trouxeram a jumenta e o jumentinho, e cobriram-nos com os seus vestidos, e fizeram-no montar em cima.
- XXII — E lhes disse: Escrito está: A minha casa será chamada casa de oração: Mas vós a tendes feito covil de ladrões.
- XXIII — Porém Jesus conhecendo a sua malícia, disse-lhes: Por que me tentais, hipócritas? Mostrai-me cá a moeda do censo. E eles lhe apresentaram um dinheiro.
- XXIV — E Jesus lhes disse: De quem é esta imagem e inscrição? Responderam-lhe eles: De César. Então lhes disse Jesus: Dai a César o que e de César, e a Deus o que é de Deus.

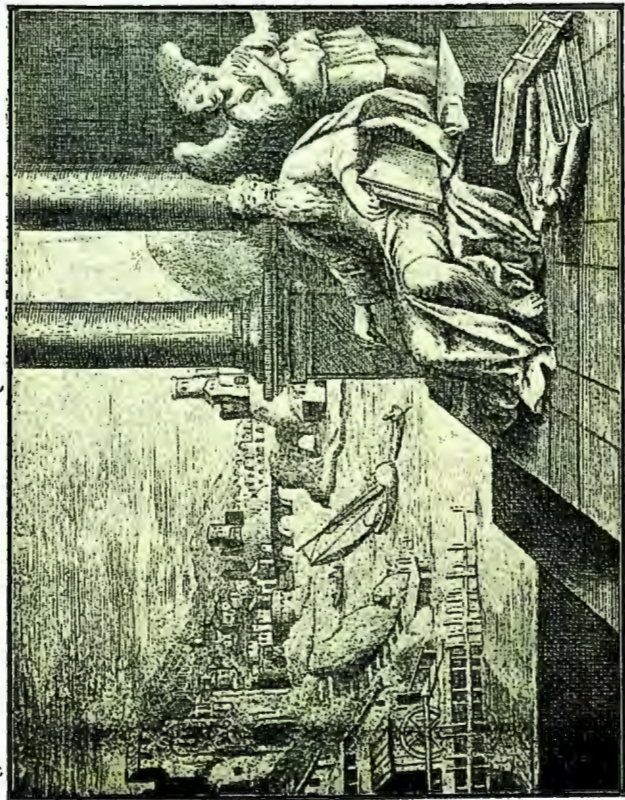
- XXV — Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados, quantas vezes quis eu ajuntar teus filhos, do modo que uma galinha recolhe debaixo das asas os seus pintos, e tu o não quiseste?
- XXVI — Chegada pois a tarde, pôs-se Jesus à mesa com os seus doze discípulos.
- XXVII — E chegando-se Judas a Jesus, lhe disse: Deus te salve, Mestre. E deu-lhe um ósculo.
- XXVIII — Pedro entretanto estava assentado fora no atrio: E chegou a êle uma criada dizendo: Tu estavas também com Jesus, o Galileu. Mas êle o negou diante de todos, dizendo: Não sei o que dizes.
- XXIX — E tecendo uma coroa de espinhos lha puseram sobre a cabeça, e na sua mão direita uma cana. E ajoelhando diante dêle, o escarneciam, dizendo: Deus te salve, rei dos judeus.
- XXX — Puzeram-lhe também sobre a cabeça esta inscrição, que declarava a causa da sua morte: Este é Jesus rei dos judeus.
- XXXI — O Evangelista S. Marcos.
- XXXII — Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus. Conforme está escrito no profeta Isaías.
- XXXIII — Jesus aplaca a tempestade.
- XXXIV — Então lhe apresentavam uns meninos para que os tocassem. Mas os discípulos ameaçavam aos que lhos apresentavam.
- XXXV — Chegaram pois a Jerusalém. E havendo entrado no Templo, começou a lançar fora os que vendiam e compravam no Templo, e derribou as mesas dos banqueiros, e as cadeiras dos que vendiam pombas.
- XXXVI — E convocando a seus discípulos, lhes disse: Na verdade vos digo, que mais deitou esta pobre viúva, que todos os outros que lançaram no gazofilácio.
- XXXVII — E na realidade o Senhor Jesus, depois de assim lhes haver falado, foi assunto ao céu à mão direita de Deus.
- XXXVIII — O Evangelho de São Lucas foi escrito no ano 56 da era cristã.
- XXXIX — Pois que foram na verdade muitos os que empreenderam pôr em ordem a narração das coisas que entre nós se viram cumpridas.
- XL — A Anunciação de Maria Santíssima.

- XLI — Entrando pois o anjo onde ela estava, disse-lhe: Deus te salve, cheia de graça. O Senhor é contigo: Benta és tu entre as mulheres.
- XLII — A Virgem Maria em visita a sua prima Isabel.
- XLIII — Um anjo anuncia o nascimento de Jesus Cristo aos pastores.
- XLIV — E deu à luz seu filho primogênito e o enfaixou e o reclinou em uma mangedoura: Porque não havia lugar para eles na estalagem.
- XLV — A Circuncisão de nosso Senhor Jesus Cristo.
- XLVI — A Virgem Santíssima leva o menino Jesus ao Templo.
- XLVII — Maria Santíssima, tendo perdido a Jesus Cristo, e procurando-o com muita ansiedade, o encontra no Templo, entre os doutores.
- XLVIII — E aconteceu que três dias depois o acharam no Templo, assentado no meio dos doutores, ouvindo-os e fazendo-lhes perguntas.
- XLIX — E veio a Nazaré onde se havia criado, e entrou na Sinagoga segundo o seu costume em dia de sábado, e levantou-se para ler.
- L — E aconteceu que atropelando-o a gente, acudia a ele para ouvir a palavra de Deus. E ele estava à borda do lago de Genezaré.
- LI — E logo que acabou de falar disse a Simão: Faze-te mais ao largo, e soltai as vossas redes para pescar.
- LII — Ressurreição da filha de Jairo.
- LIII — A chegada do bom samaritano a uma estalagem.
- LIV — Mas um samaritano, que ia seu caminho, chegou perto d'ele: E quando o viu se moveu a compaixão, e pondo-o sobre a sua cavalgada o levou a uma estalagem.
- LV — E aconteceu como fossem de caminho, entrou depois Jesus a uma aldeia: Uma mulher, por nome Marta, o hospedou em sua casa.
- LVI — Entretanto só uma coisa é necessária. Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada.
- LVII — Levantou-se pois, e foi buscar a seu pai. E quando ele ainda vinha longe, viu o seu pai, que ficou movido de compaixão, e correndo lhe lançou os braços ao pescoço para o abraçar, e o beijou.
- LVIII — Havia um homem muito rico, que se vestia de púrpura, e de holanda: E que todos os dias se banque-

teava splendidamente. Havia também um pobre mendigo, por nome Lázaro, todo coberto de chagas, que estava deitado à sua porta.

- LIX — Não se achou quem voltasse, e viesse dar glória a Deus senão só este estrangeiro. E disse para ele: Levanta-te, vai: Que a tua fé te salvou.
- LX — E quando Jesus chegou àquele lugar, levantando os olhos, ali o viu, e lhe disse: Zaqueu, desce depressa: Porque importa que eu fique hoje em tua casa.
- LXI — Estando Jesus no monte das Oliveiras, apareceu-lhe um anjo do Céu. E pôsto em agonia, orava Jesus com maior instância.
- LXII — Indo-o já levando, pegaram num certo homem de Cirene, chamado Simão, que vinha de uma granja, e puseram a Cruz sobre ele, para que a levasse após de Jesus.
- LXIII — E eis que no mesmo dia caminhavam dois deles para uma aldeia, chamada Emaús, que estava em distância de Jerusalém sessenta estádios. E sucedeu, quando eles iam conversando, chegar-se também Jesus, e ia com eles.

Este livro foi composto e impresso nas oficinas da
"GRÁFICA MERCÚRIO S. A."
Al Cleveland, 303 — em Junho de 1951 para a
Editôra das Américas
— SÃO PAULO — BRASIL —



O Evangelho de S. Mateus foi escrito no ano 39 da era cristã.

(Evangelho de S. Mateus) Vol. 10 pág. 15



“Mas andando êle com isto no pensamento, eis que lhe appareceu em sonho um anjo do Senhor dizendo: José, filho de Davi, não temas receber a Maria tua mulher: Porque o que nela se gerou, é obra do Espírito Santo”.

(S. Mateus 1, 20) Vol. 10 pág. 26

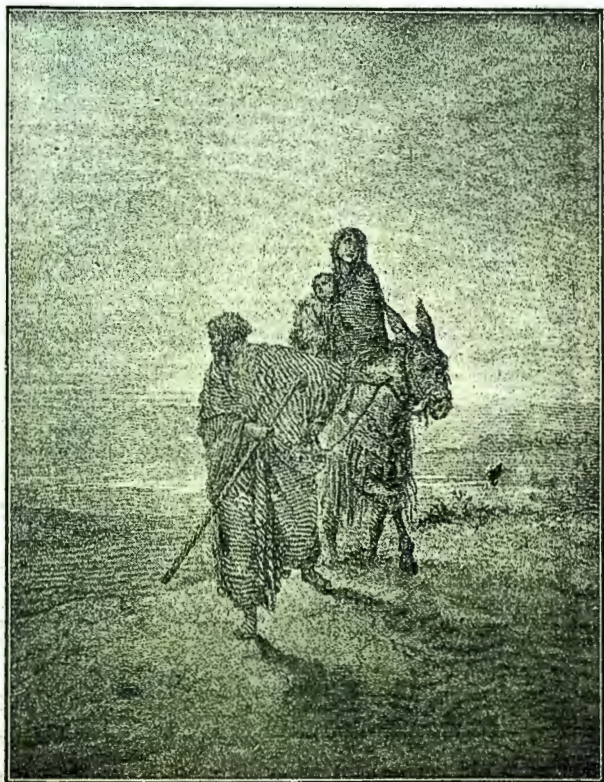


A adoração dos reis magos.

(Evangelho de S. Mateus c. 2) · Vol. 10 · pág. 27



Fugida do menino Jesus para o Egito
(Evangelho de S. Mateus cap. 2) Vol. 10 pág. 27



“José, levantando-se, tomou de noite o menino, e sua mãe, e retirou-se para o Egito.”

(S. Mateus 2, 14) Vol. 10^o pág. 30

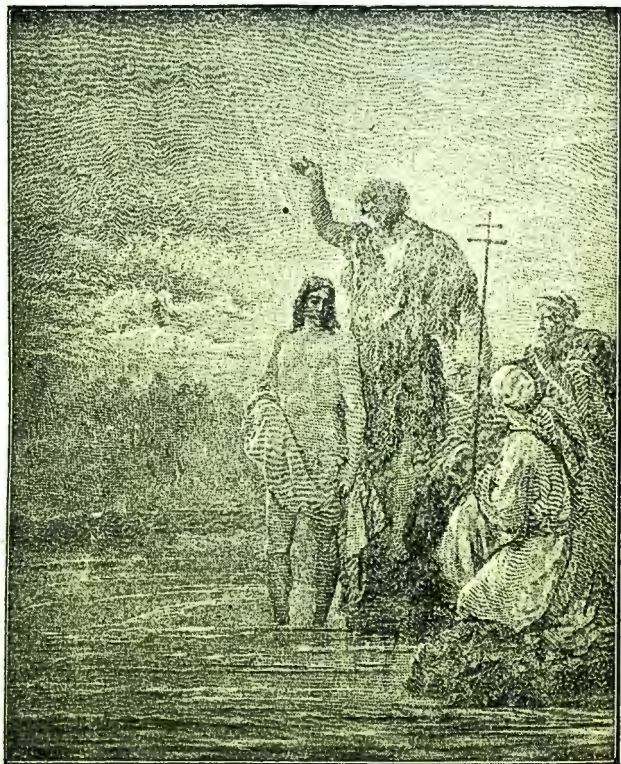


“Herodes então, vendo que tinha sido iludido dos Magos, ficou muito irado por isso, e mandou matar todos os meninos que havia em Belém, e em todo o seu termo que tivessem dois anos, e daí para baixo regulando-se nisto pelo tempo que tinha exatamente averiguado dos Magos”.

(S. Mateus 2, 16) Vol. 10 pág. 31



A pregação de S. João Batista no deserto.
(Evangelho de S. Mateus c. 3) Vol. 10.º, pág. 33

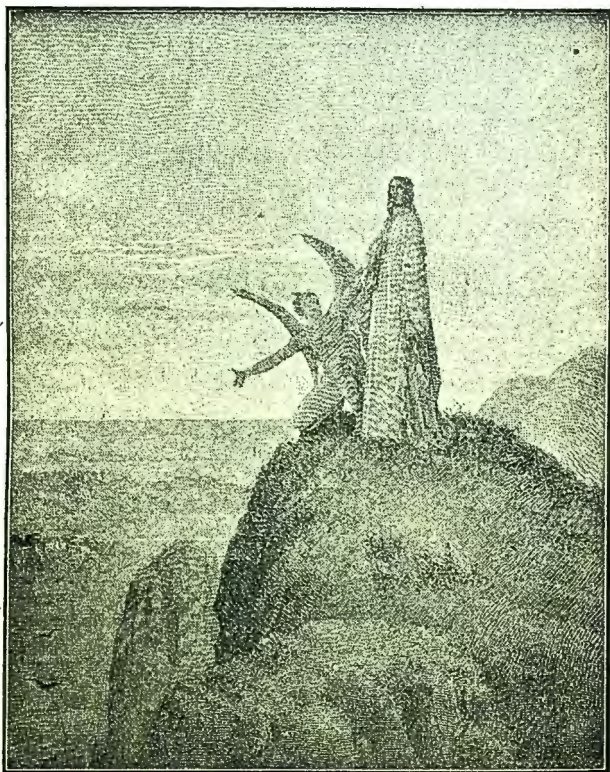


“E depois que Jesus foi batizado, saiu logo para fora da água: E eis que se lhe abriram os céus: E viu ao Espírito de Deus, que descia como pomba, e que vinha sôbre êle.”

(S. Mateus 3, 16) Vol. 10.º, pág. 35



Jesus Cristo vai para o deserto, onde depois de jejuar quarenta dias, é tentado pelo demônio.
(Evangelho de S. Marcus cap. 4) pág. 36



“De novo subiu o diabo a um monte muito alto: E lhe mostrou todos os reinos do mundo, e a glória deles”.

“E lhe disse: Tudo isto te darei, se prostrado me adorares”.
(S. Mateus 4, 8. 9) Vol. 10.º, pág. 37



“E Jesus rodeava tôda a Galiléia, ensinando nas suas Sinagogas, e pregando o Evangelho do reino: E ‘curando tôda a casta de doenças, e tôda a casta de enfermidades no povo”.

(S. Mateus 4, 23) Vol. 10.º pág. 39



“E correu a sua fama por tôda a Síria, e lhe trouxeram todos os que se achavam enfermos, possuídos de vários achaques e dores, e os possessos, e os lunáticos, e os paralíticos, e os curou”.

(S. Mateus 4, 24) Vol. 10.º, pág. 39.



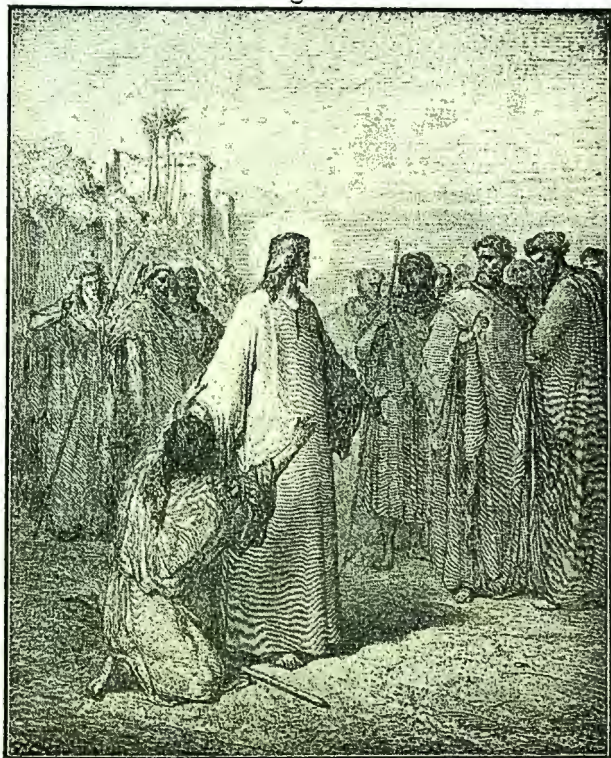
“E vendo Jesus a grande multidão do povo, subiu a um monte, e depois de se ter sentado, se achegaram para o pé dêle os seus discípulos.”

(S. Mateus 5, 1) Vol. 10.º, pág. 40



“E eis que vindo um leproso, o adorava, dizendo: Se tu queres, Senhor, beni me podês limpat.” “E Jesus estendendo a mão, tocou-o, dizendo: Pois eu quero. Fica limpo. E logo ficou limpa tôda a sua lepra.”

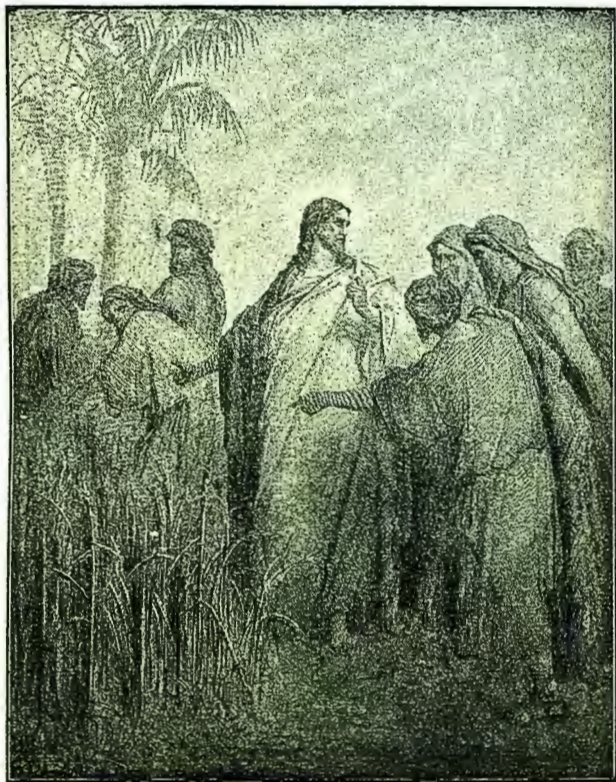
(S. Marcus. 8. 2. 3.) Vol. 10.º pp. 57 e 58.



“Depois que saíram, lhe apresentaram um homem mudo, possuído do demônio.”

“E depois que foi expelido o demônio, falou o mudo, e se admiraram as gentes, dizendo: Nunca tal se viu em Israel”.

(S. Marcus 9, 32. 33) Vol. 10.º, pág. 66



“Naquele tempo num dia de sábado, saiu Jesus caminhando ao longo dos pães: E seus discípulos, que tinham fome, começaram a colher espigas, e a comer delas.”

(S. Mateus 12, 1) Vol. 10.º, pág. 77



“Porque o Filho do homem é Senhor até do sábado mesmo”.
 • (S. Mateus 12, 8) Vol. 10.º, pág. 78



“E quando o viram andar sôbre o mar, se turbaram dizendo: E’ pois um fantasma, e de mêdo começaram a gritar:” “Mas Jesus lhes falou imediatamente dizendo: Tende confiança, sou eu, não temais.”
(S. Mateus 14, 26. 27) Vol. 10.º, pág. 97



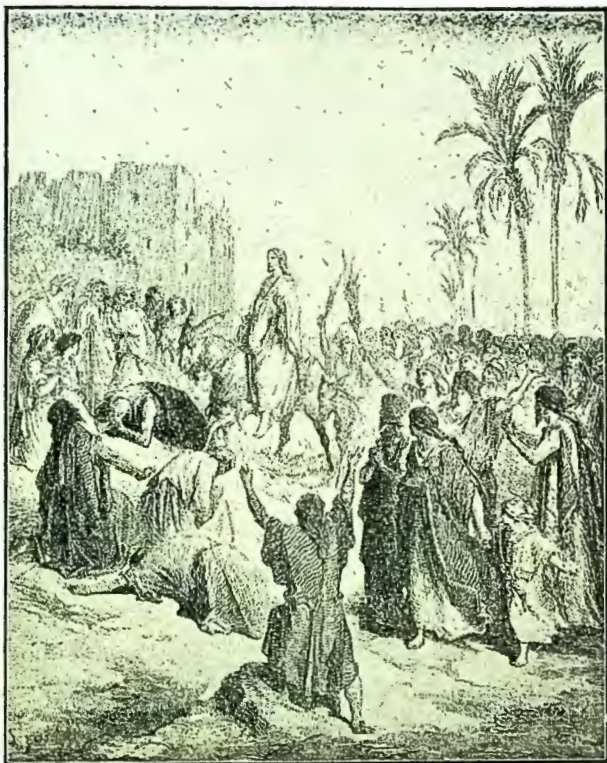
“E tomando os sete pães e os peixes, e dando graças, os partiu, e deu aos seus discípulos, e os discípulos os deram ao povo.” “E comeram todos e se fartaram. E dos fragmentos que sobejaram, levantaram sete alcôfas cheias”.

(S. Mateus 15, 36. 37) Vol. 10.º, pág. 103



“E depois que veio para onde estava a gente, chegou a êle um homem, que, posto de joelhos diante d’êle, lhe dizia: Senhor, tem compaixão de meu filho, que é lunático e padece muito, porque muitas vezes cai no fogo e muitas vezes na água.”

(S. Mateus 17, 14) Vol. 10.º, pág. 112



“E trouxeram a jumenta e o jumentinho, e cobriram-nos com os seus vestidos, e fizeram-no montar em cima”.

“Então da gente do povo, que era muita, uns estendiam no caminho os seus vestidos, e outros cortavam ramos de árvores, e juncavam com êle a passagem.”

(S. Mateus 21, 7. 8) Vol. 10.º, pág. 129



“E lhes disse: Escrito está: A minha casa será chamada casa de oração: Mas vós a tendes feito covil de ladrões”.

(S. Mateus 21, 13) Vol. 10.º, pág. 130



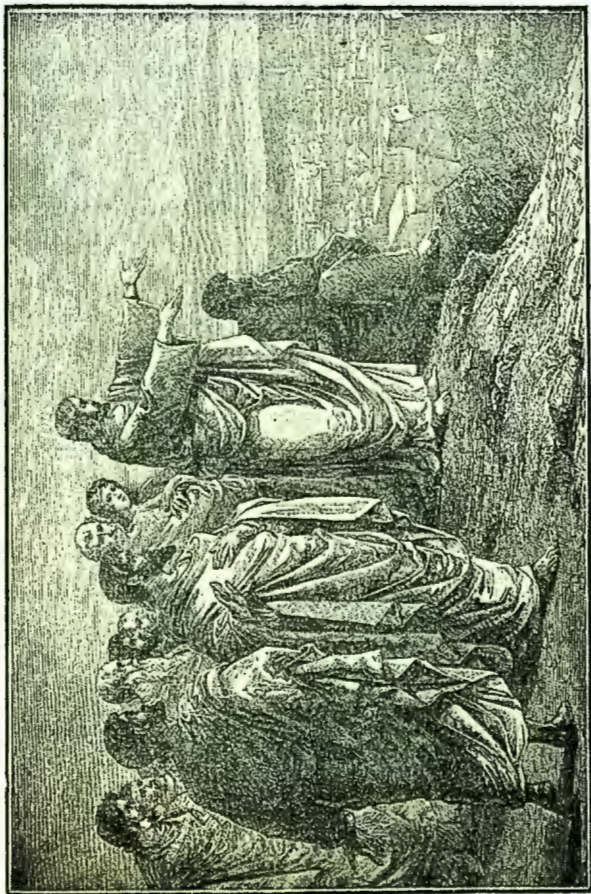
“Porém Jesus conhecendo a sua malícia, disse-lhes: Por que me tentais, hipócritas?”

“Mostrai-me cá a moeda do censo. E êles lhê apresentaram um dinheiro.”

(S. Mateus 22, 18. 19) Vol. 10.º, pág. 137

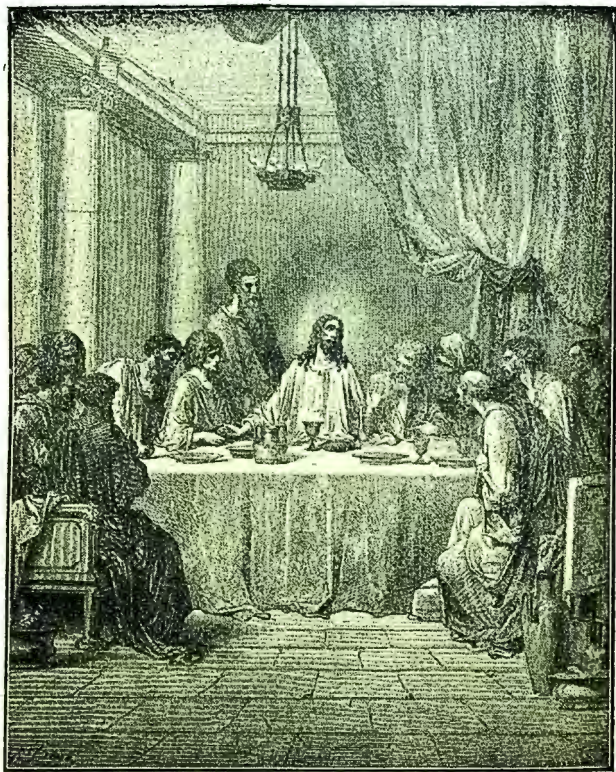


“E Jesus lhes disse: De quem é esta imagem e inscrição?”
“Responderam-lhe eles: De César. Então lhes disse Jesus: Pois dai a
César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.”
(S. Mateus 22, 20. 21) Vol. 10.º, pág. 137



“Jerusalém, que matas os profetas, e apedrejas os que te são enviados, quantas vezes quis eu ajuntar teus filhos, do modo que uma galinha recolhe debaixo das asas, os seus pintos, e tu o não quiseste?”

S. MATEUS 23, 37) Vol. 10.º, pág. 146



“Chegada pois a tarde, pôs-se Jesus à mesa com os seus doze discípulos.”

“E estando êles comendo, disse-lhes: Em verdade vos afirmo, que um de vós me há de entregar.”

(S. Mateus 26, 20. 21) Vol. 10.º, pág. 162



“E chegando-se Judas a Jesus lhe disse: Deus te salve, Mestre.
E deu-lhe um ósculo.”

(S. Mateus 26, 49) Vol. 10.º, pág. 166



“Pedro entretanto estava assentado fora no átrio: E chegou a êle uma criada, dizendo: Tu estavas também com Jesus, o Galileu.”
“Mas êle o negou diante de todos, dizendo: Não sei o que dizes.”
(S. Mateus 26, 69. 70) Vol. 10.º, pág. 171



“E tecendo uma coroa de espinhos, lha puseram sôbre a cabeça, e na sua mão direita uma cana. E ajoelhando diante dêle, o escarneciam, dizendo: Deus te salve, rei dos judeus.”

(S. Mateus 27, 29) Vol. 10.º, pág. 178



"Puseram-lhe também sôbre a cabeça esta inscrição, que declarava a causa da sua morte: **ESTE É JESUS, REI DOS JUDEUS**". "Ao mesmo tempo foram crucificados com êle dois ladrões: Um da parte direita, e outro da parte esquerda".

(S. Mateus 27, 37..38) Vol. 10.º, pág. 181 e 182



O Evangelista S. Marcos.
(Evangelho de S. Marcos) Vol. 10.º, pág. 191



“Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus.” “Conforme está escrito no profeta Isaías: Eis aí envio o meu anjo ante a tua face, o qual irá adiante de ti preparar-te o caminho.” “Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas”.

(S. Marcos 1, 1. 2. 3) Vol. 10.º, pág. 197.



Jesus aplaca a tempestade.

(S. Marcos 4, 37 ss.), Vol. 10.º, pág. 214

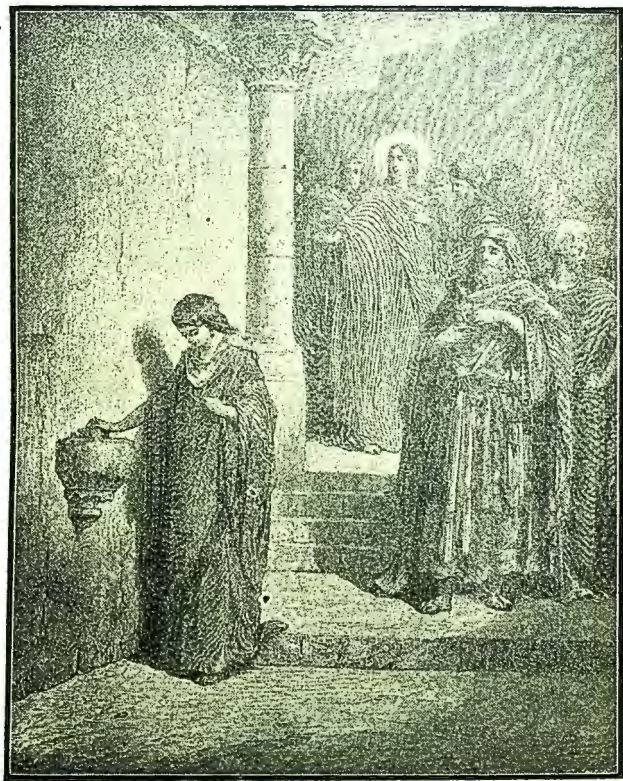


“Então lhe apresentavam uns meninos para que os tocassem. Mas os discípulos ameaçavam aos que lhos apresentavam.” “O que vendo Jesus, levou-o muito a mal e disse-lhes: Deixai vir a mim os pequeninos, e não os embaraceis: Porque dos tais é o reino de Deus.” (S. Marcos 10, 13. 14) Vol. 10.º, pág. 242



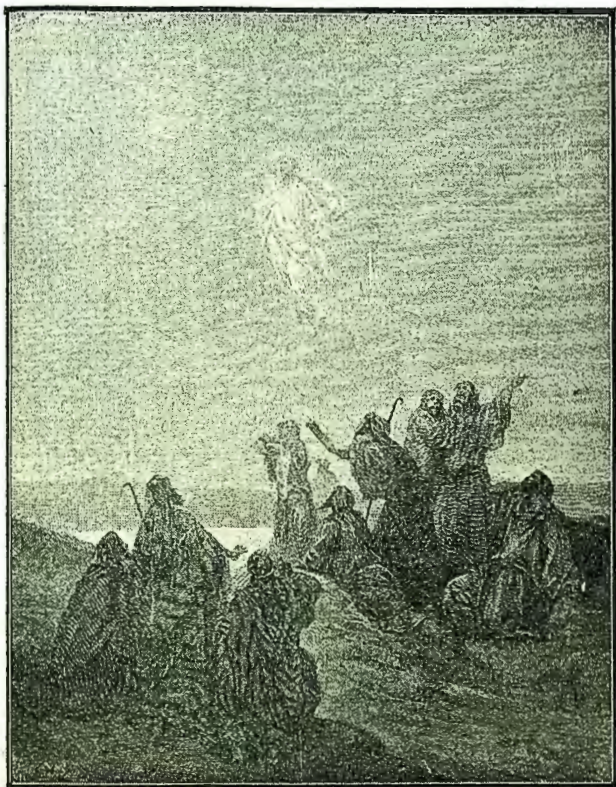
“Chegaram pois a Jerusalém. E havendo entrado no Templo, começou a lançar fora os que vendiam e compravam no Templo, e derubou as mesas dos banqueiros, e as cadeiras dos que vendiam pombas.”

(S. Marcos 11, 15) Vol. 10.º, pág. 249



"E convocando a seus discípulos, lhes disse: Na verdade vos digo, que mais deitou esta pobre viúva, que todos os outros que lançaram no gazofilácio."

(S. Marcos 12, 43) Vol. 10.º, pág. 256.



“E na realidade o Senhor Jesus, depois de assim lhes haver falado, foi
assunto ao Céu, onde está assentado à mão direita de Deus.”

(S. Marcos 16, 19) Vol. 10.º, pág. 280.



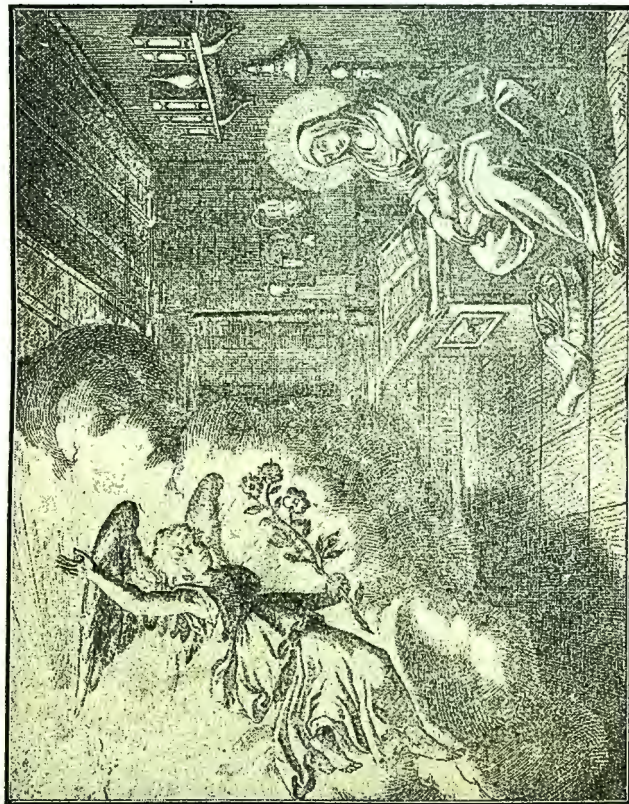
O Evangelho de S. Lucas foi escrito no ano 56 da era cristã.
(Evangelho de S. Lucas) Vol. 10.º, pág. 287 ss.



"Pois que foram na verdade muitos os que empreenderam pôr em ordem a narração das coisas, que entre nós se viram cumpridas:"

"Como no-las referiram os que desde o princípio as viram com os seus próprios olhos, e que foram ministros da palavra."

(S. Lucas 1, 1. 2) Vol. 10.º, pág. 287



A Anunciação de Maria Santíssima.
(S. Lucas 1, 2-8 ss.) Vol. 10.º, pág. 291.



"Entrando pois o anjo onde ela estava, disse-lhe: Deus te salve, cheia de graça: O Senhor é contigo: Benta és tu entre as mulheres."

"Eis conceberás no teu ventre, e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus."

(S. Lucas 1, 28. 31) Vol. 10.º, pág. 291





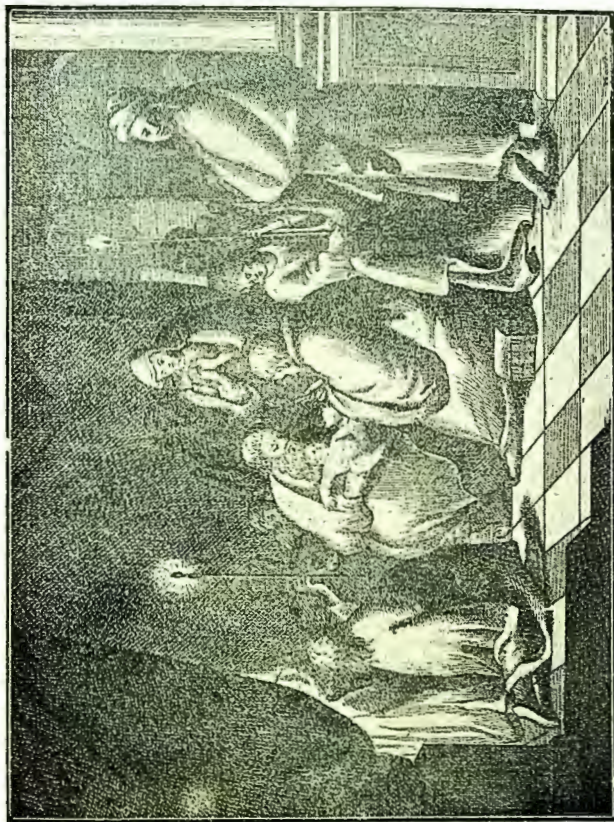
Um anjo anuncia o nascimento de Jesus Cristo aos pastores.

(Evangelho de S. Lucas cap. 2) Vol. 10.º, pág. 297



"E deu à luz seu filho primogênito, e o enfaixou e o reclinou em um mangedoura: Porque não havia lugar para eles na estalagem."

(S. Lucas 2, 7) Vol. 10.º, pág. 299



A Circuncisão de Nosso Senhor Jesus Cristo.
(S. Lucas 2, 21) Vol. 10.º, pág. 302

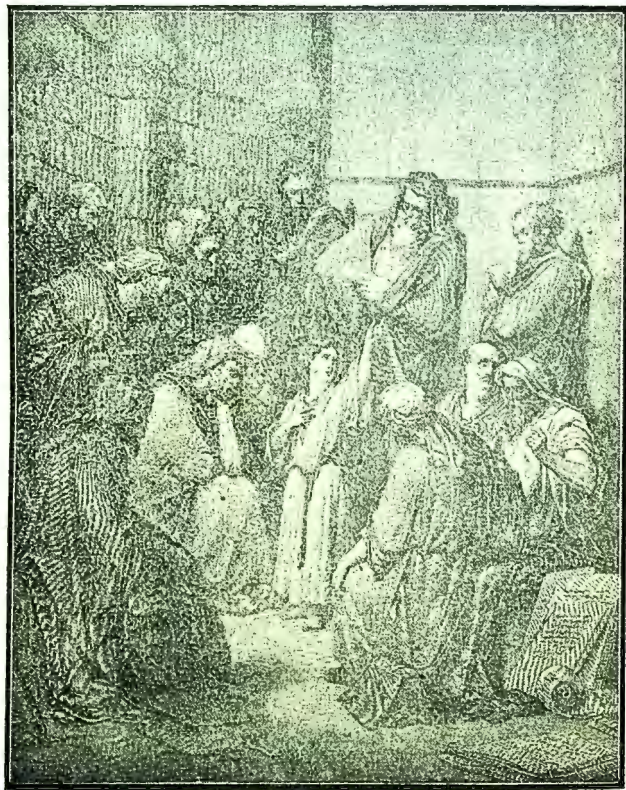


A Virgem Santíssima leva o menino Jesus ao Templo.
(S. Lucas 2, 22 ss.) Vol. 10.^o; pág. 302



Maria Santíssima, tendo perdido a Jesus Cristo, e procurando-o com muita ansiedade, o encontra no Templo entre os doutores.

(S. Lucas 2, 45 ss.) Vol. 10.º, pág. 305



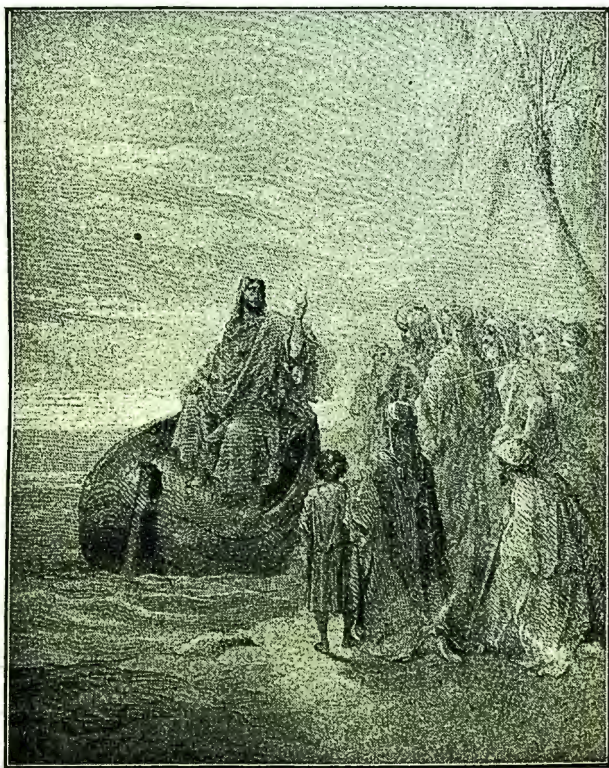
“E aconteceu que três dias depois o acharam no Templo, assentado no meio dos doutores, ouvindo-os, e fazendo-lhes perguntas.”

(S. Lucas 2, 46) Vol. 10.º, pág. 305



“E veio a Nazaré, onde se havia criado, e entrou na Sinagoga segundo o seu costume em dia de sábado, e levantou-se para lêr.”

. (S. Lucas 4, 16) Vol. 10.º, pág. 315



"E aconteceu que atropelando-o a gente, acudia a êle para ouvir a palavra de Deus: E êle estava à borda do lago de "Genezaré".
(S. Lucas 5, 1) Vol. 10.º, pág. 320



“E logo que acabou de falar disse a Simão: Faze-te mais ao largo,
e soltai as vossas redes para pescar”.

(S. Lucas 5,4) Vol. 10.º, pág. 320



Ressurreição da filha de jairo.

(S. Lucas 8, 54 ss.) Vol. 10.º pág. 343



A chegada do bom samaritano a uma estalagem.

(S. Lucas 10, 34) Vol. 10.º, pág. 355



"Mas um samaritano, que ia seu caminho, chegou perto dêle: E quando o viu se moveu a compaixão."

"E chegando-se lhe atôu as feridas, lançando nelas azeite e vinho, e, pondo-o sôbre a sua cavalgadura, o levou a uma estalagem e teve cuidado dêle."

(S. Lucas 10, 33. 34) Vol. 10.º, pág. 355



“E aconteceu que como fossem de caminho, entrou depois Jesus em uma aldeia: Uma mulher, por nome Marta, o hospedou em sua casa.”

(S. Lucas 10, 38) Vol. 10.º, pág. 355



“Entretanto só uma coisa é necessária. Maria escolheu a melhor parte, que lhe não será tirada.”

(S. Lucas 10, 42) Vol. 10.º, pág. 356



“Levantou-se pois, e foi buscar a seu pai. E quando ele ainda vinha longe viu o seu pai, que ficou movido de compaixão, e correndo lhe lançou os braços ao pescoço para o abraçar, e o beijou”.

(S. Lucas 15, 20) Vol. 10.º, pág. 383



“Havia um homem muito rico, que se vestia de púrpura, e de Holanda: E que todos os dias se banqueteava esplendidamente.”

“Havia também um pobre mendigo, por nome Lázaro, todo coberto de chagas, que estava deitado à sua porta.”

(S. Lucas 16, 19. 20) Vol. 10.º págs. 387-388



“Não se achou quem voltasse, e viesse dar glória a Deus, senão só
 este estrangeiro.” “E disse para-ê: Levanta-te, vai: Que a tua fé
 te salvou.”

(S. Lucas 17, 18. 19) Vol. 10.º, pág. 392



“E quando Jesus chegou àquele lugar, levantando os olhos, ali o viu, e lhe disse: Zacheu, desce depressa: Porque importa que eu fique hoje em tua casa.”

(S. Lucas 19, 5) Vol. 10.º, pág. 401.



Estando Jesus no monte das Oliveiras, apareceu-lhe um anjo do Céu. E pôsto em agonia, orava Jesus com maior instância. (S. Lucas 22, 43) Vol. 10.* pág. 422.



“Indo-o já levando, pegaram num certo homem de Cirene, chamado Simão, que vinha de uma granja, e puseram a Cruz sôbre êle, para que a levasse após de Jesus.”

(S. Lucas 23, 26) Vol. 10.º, pág. 429



“E eis que no mesmo dia caminhavam dois d'elles para uma aldeia, chamada Emaús, que estava em distância de Jerusalém sessenta estádios”.

“E succedeu que quando elles iam conversando, e conferindo entre si, chegou-se também o mesmo Jesus, e ia com elles.”

(S. Lucas 24, 13: 15) Vol. 10.º, pág. 434

EVANGELHO DE S. JOÃO

INTRODUÇÃO

Autor. — A tradição é unânime em atribuir o quarto Evangelho a S. João. Todos os Padres que falam dêste Evangelho proclamam como seu autor o apóstolo S. João, o discípulo a quem Jesus amava; apenas a seita dos Aloges, que negava a Divindade do Verbo, discordou desta opinião geral. Análogas razões têm compelido a moderna incredulidade a duvidar da autenticidade dêste importante documento Apostólico. João era filho de Zebedeu, que exercia a profissão de pescador no lago Genesaré na Galiléia, e residia, segundo as melhores probabilidades, em Betsaida. Sua mãe Salomé fazia parte das piedosas mulheres galiléias que seguiam Jesus (*Mc* 15, 40) e que o acompanhavam nas suas viagens a Jerusalém. João e seu irmão Tiago, cognominado Maior, juntos com Simão e André (*Lc* 5, 7-10; *Jo* 21, 2) ajudavam seu pai no exercício da sua profissão. Quando S. João Batista iniciava sua pregação na Peréia, o evangelista alistou-se entre os seus discípulos e ficou com êle até ao dia em que Batista lhes ensinou que Jesus era o *Filho de Deus, o Cordeiro Redentor do Mundo*. João e

Evangelho de S. João

André, confiados na palavra do Mestre, foram com Pedro, Filipe e Natanael procurar Jesus, sendo os primeiros que ao Divino Mestre se juntaram (*Jo* 1, 35).

Um ano mais tarde Jesus escolhe os doze Apóstolos e a lista insere S. João ao lado de Pedro (*At* 1, 13). S. João ocupou desde o princípio um lugar proeminente no Colégio Apostólico. Ele, Tiago e Simão formavam por assim dizer a companhia diletta do Salvador. Jesus Cristo mudou o nome a Simão chamando-lhe Pedro, e a João e Tiago *Boanerges*, que quer dizer *filho de trovão*. (*Mc* 3, 17). S. João era o discípulo amado, que mereceu acompanhar o Mestre até ao suplício da Cruz, recebendo ali o legado que Jesus Cristo deixou à humanidade, por elle representada no Calvário, a Sua própria mãe, — Maria, — quando lhe dirigiu aquelas palavras: *Ecce mater tua*, que a grei cristã ainda agora escuta reverente.

Depois da descida do Espírito Santo, elle é o primeiro com S. Pedro a meter ombros à empresa de salvar o mundo, fundando a Igreja de Jerusalém. Prega com o Príncipe dos Apóstolos, partilha das suas alegrias e participa das suas angústias. Partem ambos para a Samaria (*At* 8, 14) exercendo o seu ministério junto dos neo-conversos.

A primitiva Igreja hierosolimitana considerava-o como uma das colunas sobre as quais se erguia a casa de Deus.

Não sabemos ao certo quanto tempo durou o seu apostolado na Palestina; Barônio, *Anais ecl.* 48, seguindo Nicéforo, crê que chegou até ao ano 48, época da morte da SS. Virgem; porém é certo que no ano 50 ainda estava em Jerusalém, pois ali o encontrou S. Paulo (*Gál*

Evangelho de S. João

2, 9). Está porém bem averiguado que mais tarde partiu para Éfeso, onde continuou os seus trabalhos apostólicos, e onde esteve até ao fim do primeiro século. Do Oriente veio para Roma, quando S. Pedro e S. Paulo tinham acabado de sofrer o martírio.

Reservou o Céu para o discípulo dileto a mesma coroa. Perseguido, prêso, foi lançado numa caldeira de azeite fervendo, porém Deus destinava-o para outros trabalhos. Escapa da morte iminente, e é recolhido na ilha de Patmos, onde escreveu o Apocalipse 14 *igitur anno secundam post Neronem persecutionem movente Domitiano, in Patmos insulam relegatus scripsit Apocalypsim*, S. Jeronymo, de Virgille fundado numa passagem de S. Irineu. Segundo S. Epifânio ali morreu com 94 anos.

Caráter do Evangelho de S. João — Êste quarto Evangelho é inteiramente diferente dos três primeiros. É uma obra à parte, escrita com intuítos diversos daqueles que tiveram os outros Evangelistas, tem um caráter acentuadamente polêmico, ao qual tudo está subordinado na escolha dos fatos da vida de Jesus, cuidadosamente referidos pelo autor. Certamente, porque isso ressalta da leitura do seu Evangelho, S. João quis estabelecer a divindade de Jesus, combatendo as seitas nascentes e os adversários que negavam êste dogma capital, suprimindo também uma lacuna dos Evangelhos sinópticos, que omitem quase completamente os fatos relativos aos dois primeiros anos da vida pública de Jesus, o que S. João narra desenvolvidamente, mas narra-os com a mesma e constante preocupação, fazer crer em Jesus Cristo como Filho de Deus, para que os homens acreditassem na sua natureza Divina, na sua Onipotência, na sua caridade e na sua ressurreição.

Evangelho de S. João

No prólogo, tão breve como sublime, o Evangelista diz desde logo que o Verbo existia desde toda a Eternidade, que é a luz e a vida por essência, conhecimento e atividade infinitas, tornado pela Encarnação princípio de fé e origem da vida sobrenatural das almas. É a grande verdade que o Evangelista estabelece, e cuja prosa vai fazendo em todos os capítulos subsequentes. *Fonte da vida* em Caná, no poço de Jacó, na multiplicação dos pães, na cura dos enfermos, na ressurreição dos mortos. *Ressurrectio et vita, ressurreição e vida. Luz verdadeira* curando o cego de nascimento, mas sobretudo luz nos seus ensinamentos, nas suas revelações, na exposição da doutrina de seu Pai celestial. E com este norte todos os fatos que S. João relata têm por fim conduzir a um discurso onde se simboliza a mesma idéia — Jesus Cristo Deus — combatendo o gnosticismo, os coríntios, docetas, etc.

Data e lugar da composição do Evangelho de S. João. — Segundo os melhores e mais abalizados autores foi composto depois do Martírio de S. Pedro e S. Paulo, isto é, depois do ano 67. Jo 21, 19. De fato a maneira como S. João fala de Jerusalém e os seus arredores, faz supor que a cidade santa já não existia, contudo também não passa muito do ano 70, pois que viviam ainda muitos dos discípulos, e entre eles S. André.

As palavras *Verbo, vida, luz, trevas* não familiares aos gnósticos, mostram que ele escrevia quando eram conhecidos os erros do gnosticismo, que ele se propunha refutar, o que comprova datar dos fins do primeiro século.

Quanto ao lugar, os autores, com S. Irineu, indicam a cidade de Éfeso, embora alguns outros opinem por Patmos.

Evangelho de S. João

Este Evangelho, destinado à Igreja Universal, foi dirigido duma maneira especial às Igrejas da Ásia menor e à sua metrópole, Éfeso, onde S. João tinha trabalhado, e cujas necessidades o determinaram a escrever.

Plano deste Evangelho. — O Evangelista supondo nos leitores uma noção geral do Evangelho, dirige a sua obra para a demonstração da verdade que se propunha defender.

Como já dissemos, começa por estabelecer a Divindade e Eternidade do Verbo, as suas relações com a humanidade, depois a exposição histórica de fatos e discursos que confirmam as premissas expostas.

Esta narração começa (1, 15) pelo testemunho que S. João Batista dá da divindade de Jesus. Os discípulos seguem o Salvador que abandona com eles a Peréia, sai para a Galiléia, onde realiza o milagre de Caná. A seguir a primeira festa da Páscoa e novos milagres de Jesus, narra a conversação do Mestre com Nicodemos e assenta que a missão do Filho de Deus é salvar o mundo pela fé, 3, 1-21. Conta os batismos de S. João, o acolhimento que Jesus teve na Judéia, e na volta para a Galiléia, passando pela Samaria; o encontro de Jesus com a Samaritana, perto de Siquem, e a cura milagrosa do filho de Centurião, em Cafarnaum.

Vai Jesus a Jerusalém pela festa dos Purim, cura um doente ao sábado, mostra Jesus apresentando-se como Filho de Deus, essencialmente igual ao Pai, confirmando com textos da Escritura.

Passa a descrever os sucessos da segunda Páscoa, o milagre da multiplicação dos pães e dos peixes, a promessa da Eucaristia, a festa dos Tabernáculos, com a entrada

Triunfal de Jesus; a passagem da mulher adúltera, a cura do cego de nascimento, as diversas fases por que passa a opinião pública a respeito de Jesus, que abertamente se declarou de nome Filho de Deus; a viagem a Betânia, a ressurreição de Lázaro, o recolhimento na montanha, e a volta de Jerusalém, no meio das mais estrépitosas aclamações. E por este fato termina S. João a história da vida ativa e pública de Jesus (12).

Descreve depois a ceia, a traição de Judas, a despedida de Jesus Cristo, a promessa da descida do Espírito Santo, e de se encontrarem juntos depois duma curta separação, e a oração que Jesus dizia a seu Eterno Pai cc. 13 e 14.

Lê-se imediatamente a história da Paixão desde o horto das Oliveiras ao Calvário e a história da ressurreição, que apresenta circunstâncias que se não lêem nos Evangelhos sinóticos.

Autenticidade. — Argumentos extrínsecos:

1.^o *Testemunhos formais da antiguidade.* — Nenhum destes testemunhos sobrepuja o de S. Irineu, bispo de Lião, nascido e educado na Ásia, onde foi discípulo de S. Policarpo, que foi discípulo de S. João. Eis o que nos diz este ilustre doutor: “Em seguida também João, discípulo do Senhor, sobre cujo peito repousou, publicou um Evangelho, enquanto residia em Éfeso na Ásia. (*Haer.*, 3, 1)” Estas palavras são tão claras, a informação é completa, o testemunho é duma competência e duma autoridade tão grande, que, ainda que não possuíssemos outro, devíamos ter por indubitável a autenticidade do Evangelho de S. João. Porém não ficamos reduzidos a este só testemunho; o Ocidente e o Oriente unem-se para o corroborar. A Igreja de Roma dá-nos a conhecer o seu pensar no *fragmento de Muratori*, onde se lêem estas palavras:

Evangelho de S. João

“O autor do quarto Evangelho é João, um dos discípulos. Como os seus condiscípulos e os bispos o exortassem (a escrever), êle disse-lhes: Jejuai comigo durante três dias a partir de hoje e nos comunicaremos mutuamente o que tiver sido revelado a cada um.

Na mesma noite foi revelado a André que João devia escrever tudo em seu próprio nome, e mandar a todos os outros que revissem o seu trabalho. Qualquer que seja o valor histórico desta narração, resulta certamente das palavras citadas, que cêrca do ano 170, a Igreja romana não tinha a menor dúvida de que o quarto Evangelho foi composto pelo apóstolo S. João. A Igreja africana fala, por seu lado, pela bôca de *Tertuliano*. Êste Padre do segundo século, distingue claramente entre os outros evangelistas, dois apóstolos, João e Mateus. Afirma que antes da aparição do evangelho de Marcião, outro evangelho nos dá a conhecer a incredulidade dos irmãos do Senhor, circunstância esta que não é dada senão por S. João. (7, 5).

No Egito ouvimos, pelo mesmo tempo, *S. Clemente de Alexandria*, que diz que “segundo a tradição dos antigos, João, o último evangelista, vendo que nos Evangelhos dos outros se encontravam relatados os fatos respeitantes ao corpo de Cristo, escreveu êle próprio, sob a inspiração do Espírito Santo e a pedido dos seus companheiros, um Evangelho espiritual (Ap. Euseb., *Hist. ecl.*, 6, 14)”. A Síria dá-nos o testemunho de *S. Teófilo de Antioquia*, que coloca S. João no número dos escritores inspirados e cita palavra por palavra o comêço do seu Evangelho. Os testemunhos formais não remontam para além do segundo século: o que não é de admirar, porque S. João escreveu pelo fim do primeiro; mas, em épocas mais afastadas, podemos obter ainda preciosos testemunhos indiretos.

2.^o *Testemunhos indiretos*: — Encontramo-los nas antigas versões, a itálica e a siríaca, que contem o quarto Evangelho, *segundo João*, e nas citações dos Padres.

S. *Inácio de Antioquia* diz do espirito de Deus “que elle sabe donde vem e para onde vai”; S. João diz o mesmo do Espírito Santo (ad Filad., 7; Jo 3, 8); o autor da carta a Diognetes, escritor do segundo século, fala do Verbo nos mesmos termos que S. João no seu prólogo e no diálogo de Jesus com Nicodemos (*Ep. ad Diogn.*, 7, 10); S. *Policarpo* conhecia certamente o quarto Evangelho, pois que, na sua carta aos Filipenses (7), citou um texto da primeira epístola de S. João (4, 2. 3). Sabe-se que, segundo confessam todos os críticos, esta epístola é do mesmo autor que o quarto Evangelho, e supõe a existência dêste. S. *Papias* serve-se também da primeira epístola de S. João (Ap. Euseb., *Hist. ecl.*, 3, 39); e por isso conhecia também o quarto Evangelho. S. *Justino* cita as palavras de Jesus Cristo a Nicodemos para mostrar a necessidade do batismo (Jo 3, 5), e faz uma alusão evidente à objeção que este doutor fez ao Salvador (Trif., 105); refere exatamente como S. João e do modo diferente dos Setenta, a profecia de Zacarias: e elles porão os olhos naquele que feriram. (Apc 1, 52). *Taciano* começa o seu *Diatessaron* pelo prólogo de S. João: *Apollinário*, bispo de Hierápolis, não pôde saber senão pelo quarto evangelista que Jesus celebrou a Páscoa no dia catorze da lua, que o seu lado foi aberto sobre a cruz e que da chaga saíu sangue e água (Fragm. Pat. gr., 5, 1297).

As citações dos antigos gnósticos não são menos evidentes. *Basilides* diz que elle escreveu nos Evangelhos: *Ele era a verdadeira luz que illumina todo o homem que vem a este mundo* (*Filosof.*, 7, 22). Ptolomeu cita, como do apóstolo. (Jo 1, 3 — Ap. Epiph. *Sacr.* 33). *Teódoto*

cita Jo 18, 11: *Pai Santo, santificai-os em meu nome.* Heracleão escreveu um comentário sôbre o Evangelho de S. João, de que Orígenes nos conservou fragmentos.

Conclusão. — S. João morreu no fim do primeiro século. Muitos dos seus discípulos viveram sem dúvida até ao meio do segundo século. Ora, desde o segundo século, toda a Igreja possuía o quarto Evangelho e attribuía-o sem hesitação nem contestação àquele apóstolo; servia-se dêله como duma obra inspirada. Como explicar êste fenómeno, se êste Evangelho, como pretende o racionalismo, saiu em pleno segundo século, da pena de um falsário? Os nossos adversários não têm sequer tentado esta explicação; pois ella é absolutamente impossível.

Argumentos intrínsecos. — O autor do quarto Evangelho designa-se a si mesmo, sem todavia indicar o nome. E' "o discípulo que Jesus amava"; e êste discípulo, segundo toda a tradição, não é senão S. João. Aliás isto mesmo se colhe do próprio livro. Havia no colégio dos doze apóstolos três homens preferidos pelo divino Mestre, que eram Pedro, Tiago e João. Pedro e João apparecem, nos Evangelhos sinópticos, frequentemente associados um ao outro, em diversos passos da vida de Jesus. O autor do quarto Evangelho nomeia quase todos os apóstolos menos importantes: Pedro desempenha, nas suas narrações, um papel notavel, e mais do que uma vez lá apparece associado ao discípulo querido de Jesus; mas em nenhuma parte se encontram designados por seus nomes, Tiago e João, seu irmão.

Uma vez se faz menção dos filhos de Zebedeu, na história do aparecimento do Salvador nas margens do lago de Tiberíades. O autor fala muitas vezes do Precursor, e em parte nenhuma acrescenta o sobrenome de Baptista;

chama-lhe João, sem nenhum determinativo: nos Sinópticos só o apóstolo é que é designado por este nome. A anomalia explica-se facilmente, admitindo-se que seja o mesmo João o narrador. Este narrador é, aliás, sem dúvida nenhuma, um judeu da Palestina.

Qualquer outro seria menos conhecedor dos costumes judaicos e das particularidades históricas e geográficas daquele país. Ele fala de Caná na Galiléia, porque sabe que há outra Caná na tribo de Aser; conhece o sítio exato de Cafarnaum; sabe que do outro lado do mar de Tiberíades se elevam montanhas; não ignora que neste lugar o lago é tão estreito, que quem quer lhe pode dar uma volta a pé numa noite, e chegar de manhã a Cafarnaum; descreve minuciosamente a piscina de Betsaida; conhece a fonte de Siloé e avalia exatamente a distância de Jerusalém a Betânia; enumera as grandes festas dos judeus, assinala a época em que elas se celebravam, e faz notar que o oitavo dia da Cenopegia era especialmente solene. Enfim esteve presente à crucificação de Jesus, e viu com seus olhos a água e o sangue, que saíram do seu lado traspassado. Será necessária mais alguma coisa para caracterizar o autor e excluir qualquer outro que não seja o apóstolo S. João?

Objeções dos racionalistas contra a autenticidade do Evangelho de S. João. — Pretendem: 1.º que o autor do quarto Evangelho não é um judeu; 2.º que este Evangelho contém erros de fato que não são de esperar de uma testemunha ocular; 3.º que ele está em contradição com os Sinópticos e professa doutrinas religiosas diferentes das destes; 4.º que põe na boca de Jesus discursos que Jesus nunca pronunciou; 5.º que o dia assinado por ele para a celebração da última páscoa não concorda com a tradição de S. João. Examinemos sucessivamente estas dificuldades.

Evangelho de S. João

1.º O autor do primeiro Evangelho fala sempre dos judeus na terceira pessoa e põe-se em oposição com êles. Portanto, dizem, não é judeu. Esquecem que João escreveu em Éfeso para cristãos saídos da gentilidade, numa época em que os judeus tinham perdido a sua nacionalidade. Além disso, Jesus, falando aos judeus, não lhes disse: *Abraão, vosso pai* (Jo 7, 56), o que não obstava a que êle mesmo fôsse da raça de Abraão?

2.º Pretendem que o autor se tenha enganado, falando duma cidade de Sicár, desconhecida na história de Israel (4, 5); chamando a Caifás sumo pontífice daquele ano, como se o sumo pontificado fosse um cargo anual, erro tanto mais grosseiro quanto é certo que Caifás ocupou esta dignidade durante dez anos consecutivos.

Resposta. Em lugar de Betânia, é mister ler provavelmente Betabara. De mais, S. João fala noutra parte expressamente de Betânia na Judéia, burgo vizinho de Jerusalém. Sicár era provavelmente uma corrupção de Siquém, cidade principal da Samaria, situada no sopé da montanha sagrada dos samaritanos. S. João diz que Caifás era sumo pontífice naquele ano, sem dizer com isso que êle não o foi antes nem depois.

3.º Os adversários do Evangelho de S. João taxam de contraditórias narrações que se completam mutuamente. S. João conhecia os três primeiros Evangelhos e supunha-os conhecidos dos seus leitores. Sabia que os seus predecessores não tinham querido fazer uma biografia completa de Jesus e que, pelo contrário, todos êles tinham escolhido e disposto as suas narrações segundo um plano determinado. Os Sinópticos não tinham narrado mais que uma viagem de Jesus a Jerusalém; João não os contradiz

quando faz menção de cinco. Êle pode do mesmo modo contar como Jesus, no princípio da sua vida pública, expulsou os vendilhões do templo, ainda que sabia muito bem que o Mestre tinha praticado um ato semelhante três anos mais tarde, segundo os Sinópticos. Além disso não é impossível que os Sinópticos, quando narraram os fatos e ações de Cristo no templo, por ocasião da última páscoa da sua vida, tenham mencionado, neste mesmo lugar, o ato de autoridade que o Mestre tinha exercido no templo três anos mais cedo. S. Mateus e S. Marcos são pouco cuidadosos da ordem cronológica; preferem seguir a ordem dos fatos. Notemos, além disso, que a duração precisa da vida pública de Jesus não é fixada por nenhum dos quatro evangelhos. Os Sinópticos não dizem em parte alguma que tudo o que narram se passasse num só ano; e o quarto evangelista, pôsto que fale de três ou quatro páscoas celebradas por Jesus Cristo, não diz que êle celebrasse mais depois do seu batismo.

O racionalismo afirma que o Jesus dos Sinópticos é uma personagem muito diferente daquela de que nos faz menção o quarto evangelista. O Mestre para os Sinópticos é um doutor simples e popular; o seu ensino é quase exclusivamente moral; êle propõe-no por meio de parábolas acessíveis às inteligências vulgares; quando lhe chamam Filho de Deus êle impõe silêncio às línguas indiscretas. Pelo contrário o Cristo de João é um filósofo que fala por sentenças enigmáticas, uma dialética sutil e obscura; o seu ensino é dogmático; sempre preocupado com a sua própria personalidade, não cessa de inculcar a fé na sua natureza superior. Eis o que "a crítica" tem descoberto e o que passou despercebido durante dezoito séculos. Falará um professor de teologia da mesma maneira, quando se dirige aos discípulos, e quando, descendo

da cadeira, se põe a catequizar crianças ou gente do campo? O exemplo applica-se muito bem ao caso sujeito.

Os Sinópticos mostram-nos Jesus pregando às populações rurais ou comerciantes da Galiléia. João conta as disputas do Salvador com os escribas, fariseus e sacerdotes de Jerusalém, homens instruidos na lei e versados em tôdas as sutilidades do rabinismo. Notemos, além disso, a diferença de fim que se propunham os evangelistas.

Os Sinópticos visavam a fazer reconhecer Jesus como o Messias, o grande libertador de Israel e de tôdas as nações. João encontra-se em presença dos dogmatizadores gnósticos que atacavam o caráter divino de Cristo. Pretendia opor-lhes a afirmação e a demonstração que o próprio Jesus fez da sua divindade.

4.º Digamos, finalmente, que êstes discursos de Jesus deviam causar profunda impressão no discípulo amado, que repousara a cabeça no peito do Salvador. Não admira, pois, que tais discursos ficassem mais presentes à sua lembrança, mais caros ao seu coração, e que em tempo oportuno êle os comunicasse por escrito à Igreja. Se nos replicarem que semelhantes discursos são demasiadamente longos, para que um apóstolo os pudesse reter e reproduzir passados tantos anos, podemos responder que o evangelista nos dá o sentido das palavras do Salvador e a substância dos seus discursos, que não o desenvolvimento que lhes deu o Mestre. Não era preciso grande esforço de memória, para que o discípulo amado de Jesus pudesse reproduzir assim discursos, a que o diálogo dava bastante relêvo e vivacidade.

Deve aliás supor-se que, em suas pregações e catequeses, o apóstolo comentasse frequentemente aquelas divinas palavras, que assim se lhe tornassem perfeitamente

familiares. Finalmente, se algumas vezes a memória do escritor fosse menos exata, lá estava o Espírito Santo, para lhe recordar tudo o que o Mestre tinha dito (*Jo* 14, 26).

5.º A quinta objecção é tirada da célebre disputa que se travou no século 2, entre o papa S. Vitor e alguns bispos da Ásia, a respeito do dia em que se devia celebrar a festa da Páscoa. Polícrates e os seus aderentes apelavam para a tradição de João, para manter o seu costume de celebrar a festa no dia décimo quarto do mes de Nizam. Ora, dizem, o quarto evangelista coloca a última Ceia de Jesus no décimo terceiro dia daquele mês.

Podem dar-se a esta objecção duas respostas. Primeiramente, S. João podia muito bem ter adotado para a celebração da festa da Páscoa o dia décimo quarto do mês de Nizam, ainda quando, no seu Evangelho, pusesse a última Ceia do Salvador no décimo terceiro. Em segundo lugar, pode negar-se a suposição dos adversários. Porque é muito mais provavel que S. João coloque na sua narração aquella Ceia na tarde do dia décimo quarto de Nizam, segundo o sentido que apresentam naturalmente as narrações dos Sinópticos.

Mas não é este o lugar próprio para entrarmos nos particulares desta questão, que é uma das mais complicadas para os intérpretes dos Evangelhos.

Tôdas estas objecções são tiradas de elementos intrínsecos do próprio livro. E' este o processo habitual da crítica incrédula: mas nem por isso ela tem deixado de experimentar suas forças no campo dos testemunhos extrínsecos. Incapaz de produzir contra a autenticidade do quarto Evangelho uma só palavra de testemunhos da an-

tiguidade, tem invocado o seu silêncio para afirmar que o apóstolo João nunca residiu na Ásia. A não ser assim, dizem, Inácio de Antioquia, nas suas cartas às igrejas da Ásia, não deixaria de invocar para as morigerar, a autoridade do apóstolo. Ora, João em nenhuma parte é mencionado. Paulo, pelo contrário, é nomeado no princípio da carta de Inácio aos Efésios.

Respondemos: E' verdade que se podia esperar tal menção nas cartas de Inácio; mas ninguém pode demonstrar que era necessário que ela lá se encontrasse. S. Paulo tinha, como Inácio, passado por Éfeso, para ir ao martírio; e por isso é que a sua recordação é invocada. S. João não havia *passado* por aquela cidade; logo não havia motivo para, neste lugar da carta, ser associado a S. Paulo. S. Policarpo, na carta que dêle temos, fala também de S. Paulo, sem mencionar S. João; mas escreve à igreja de Filipos, que havia sido fundada por S. Paulo; e que S. João nunca visitou.

EVANGELHO DE S. JOÃO

CAPÍTULO 1

O VERBO GERADO ANTES DE TODO O TEMPO. ELE É DEUS E ESTÁ COM DEUS. É O AUTOR DE TUDO O QUE FOI CRIADO. É A VIDA, É A LUZ DOS HOMENS TODOS. ELE SE FÊZ HOMEM. JOÃO BATISTA DÁ TESTEMUNHO DELE. E O DECLARA CORDEIRO DE DEUS. ANDRÉ, COM OUTRO MAIS SEGUE A JESUS, E LHE LEVA SEU IRMÃO. JESUS OLHANDO PARA ESTE, MUDA-LHE O NOME DE SIMÃO NO DE PEDRO. CHAMA A FILIPE, E FILIPE LHE LEVA NATANAEL.

1 No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. (1)

(1) **NO PRINCÍPIO** — Lá em toda a eternidade; nesse princípio sem princípio. — *Perelra.*

O VERBO — Em grego *logos*. A escolha desta palavra não foi certamente arbitrária. Parece que *lhe* foi revelada, embora se não possa determinar com segurança o instante em que foi feita essa revelação. Não se confunde o Verbo de S. João com o *logos* de Platão, que emprega este termo numa acepção totalmente diversa daquela em que é tomado pelo Evangelista. Para o filósofo grego o *logos* não é uma pessoa, mas uma abstracção, a razão de Deus receptáculo de todas as suas obras. Muito mais diverso ainda é o de Filon, que tanto quanto é possível perceber este filósofo através

Evangelho de S. João 1, 2-7

2 Êle estava no princípio com Deus.

3 Tôdas as coisas foram feitas por êle: E nada do que foi feito, foi feito sem êle. (2)

4 Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens:

5 E a luz resplandece nas trevas, mas as trevas não a compreenderam.

6 Houve um homem enviado por Deus que se chamava João.

7 Êste veio por testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por meio dêle:

das nuvens das suas alegorias, nada tem que ver com o verdadeiro Deus, e por consequência impossível de se identificar com o Messias. Não foi a filosofia pagã que S. João foi buscar este pensamento tão superiormente expandido neste capítulo.

COM DEUS — Não como uma palavra (isso quer dizer verbo) exterior, ou adventícia; mas como uma palavra consubstancial daquele com quem estava: pois com Deus não pode estar coisa, que não seja da sua mesma substância. Sendo que o padre Amelote verte *en Dieu*, o que a Vulgata diz, *apud Deum*: eu preferi as versões de Mons, de Sacy, de Huré, e de Mesengui, que todas trazem, *avec Dieu*, pelas gravíssimas razões de autoridade, que se podem ver na "Defense de la Traduction du Nouveau Testament imprimée a Mons." Parte 3, pág. 1 e seguintes.

ERA DEUS — E como este Verbo, que era Deus, estava com Deus, segue-se que o Verbo era na pessoa distinto daquele com quem estava. E como ambos eram Deus, segue-se que sendo ambos um só na substância, ou natureza, eram distintos nas pessoas. De sorte que este Evangelho igualmente arruína a heresia dos arianos e a dos sabellianos. E para mostrar a divindade do Verbo encarnado, é que principalmente pegou na pena S. João, como advertem Santo Irineu e S. Jerônimo.

(2) **FOI FEITO SEM ELE** — Se nada do que foi feito foi feito sem o Verbo, logo o Verbo não foi feito, logo não é criatura. **Santo Agostinho.** Em alguns Códices se lla dêste modo. *Et sine ipso factum est nihil: quod factum est in ipso, vita erat.*

8 Ele não era a luz, mas para que desse testemunho da luz.

9 Era a luz verdadeira, que alumia a todo o homem, que vem a este mundo:

10 Estava no mundo, e o mundo foi feito por ele e o mundo não o conheceu.

11 Veio para o que era seu, e os seus não o receberam:

12 Mas a todos os que o receberam, deu ele poder de se fazerem filhos de Deus aos que crêem no seu nome: (3)

13 Que não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus.

14 E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós: E nós vimos a sua glória, a sua glória como de Filho unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade. (4)

(3) **MAS A TODOS** — Aos que o reconheceram por seu redentor e Salvador: deu-lhes a prerrogativa e direito de serem filhos de Deus, como irmãos de Jesus Cristo, e por conseguinte herdeiros da eterna felicidade; e isto não por uma geração, ou parentesco carnal, senão por um nascimento todo espiritual, que vem do Espírito de Deus, pelo qual se corrigem as más inclinações, se dissipam as trevas da alma, o coração se purifica, e se incende em vivas chamas de amor Divino: não pela circuncisão, nem pelo sacrifício do cordeiro pascal, senão por virtude do batismo do verdadeiro cordeiro sacrificado na Cruz.

(4) **E O VERBO SE FEZ CARNE** — Fez-se homem, "não por conversão da Divindade em Homem, mas por assunção da humanidade em Deus" como diz o símbolo atribuído a Santo Atanásio.

CHEIO DE GRÇA E DE VERDADE — Estas palavras se devem referir às precedentes: "E habitou entre nós cheio de graça", para nos curar dos nossos pecados, e encher-nos dos seus dons. "Cheio de verdade": para dissipar as nossas trevas, instruindo-nos na sua Santa Lei, e inspirando-nos as regras puras do seu Evangelho.

Evangelho de S. João 1, 15-20

15 João dá testemunho d'êlê, e clama, dizendo: Êste era o de quem eu disse: O que há de vir depois de mim, foi preferido a mim: Porque era antes de mim. (5)

16 E todos nós participamos da sua plenitude; e graça por graça: (6)

17 Porque a lei foi dada por Moisés, a graça, e a verdade foi trazida por Jesus Cristo. (7)

18 Ninguém jamais viu a Deus: O Filho unigênito, que está no seio do Pai, êsse é quem o deu a conhecer. (8)

19 E êste é o testemunho que deu João, quando os judeus lhe enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas a perguntar-lhe: Quem és tu?

20 Porque êle confessou, e não negou: E confessou: Eu não sou o Cristo.

(5) **FOI PREFERIDO** — Foi gerado "ab aeterno" por Deus seu Pai. Ainda que eu tenho sido o primeiro que vos tenho pregado, não creiais que sou maior, antes infinitamente inferior ao que vos virá a pregar depois. Porque êste é de toda a eternidade antes que eu. — S. João Crisóstomo.

(6) **E GRAÇA POR GRAÇA** — A graça da lei nova pela graça da lei velha, segundo parece do verso 17. Ou a graça da glória pela graça da justificação, como entende Santo Agostinho.

(7) **A GRAÇA E A VERDADE** — Moisés, ministro do Antigo Testamento, promulgou solenemente uma Lei, na qual tôdas as cerimônias não eram mais que sombras e figuras, que descobriram ao homem as obrigações que tinha, porém sem lhe dar socorros para as cumprir. Mas Jesus Cristo, mediador do Novo Testamento substituindo a verdade às figuras, nos tem dado um espirito de graça que nos faz amar e cumprir a lei. — Santo Agostinho.

(8) **QUE ESTÁ NO SEIO DO PAI** — Que é da mesma natureza e substância. — S. João Crisóstomo, S. Cirilo, e Santo Agostinho.

21 E perguntaram-lhe: Pois quem és logo? E's tu Elias? E êle respondeu: Não o sou. E's tu profeta? E respondeu: Não.

22 Disseram então êles: Quem és tu logo, para que possamos dar resposta aos que nos enviaram? Que dizes de ti mesmo?

23 Disse-lhes êle: Eu sou a voz do que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como o disse o profeta Isaías.

24 Ora, os que haviam sido enviados, eram de entre os fariseus.

25 E êles lhe fizeram esta pergunta, e lhe disseram: Por que batizas logo, se tu não és o Cristo, nem Elias, nem profeta?

26 João respondeu, dizendo-lhes: Eu batizo em água, mas no meio de vós estive quem vós não conheceis.

27 Êsse é o que há de vir depois de mim, que foi preferido a mim, de quem eu não sou digno de desatar a correia dos sapatos.

28 Estas coisas passaram em Betânia da banda da-lém do Jordão, onde João estava batizando.

Evangelho de S. João 1, 29-35

29 No dia seguinte viu João a Jesus, que vinha para êle, e disse: Eis aqui o Cordeiro de Deus, eis aqui o que tira o pecado do mundo. (9)

30 Êste é o mesmo de quem eu disse: Depois de mim vem um homem, que me foi preferido, porque era antes de mim:

31 E eu não o conhecia, mas por isso eu vim batizar em água, para êle ser conhecido em Israel.

32 E João deu testemunho, dizendo: Vi o Espírito que descia do Céu em forma de pomba, e repousou sobre êle.

33 E eu não o conhecia: Mas o que me mandou batizar em água, me disse: Aquele, sobre que tu vires descer o Espírito, e repousar sobre êle, esse é o que batiza no Espírito Santo.

34 E eu o vi: E dei testemunho do que êle é o Filho de Deus.

35 Ao outro dia ainda João lá estava, e dois de seus discípulos.

(9) **O QUE TIRA O PECADO DO MUNDO** — Nestas palavras fez alusão ao cordeiro pascal, que devia ser sacrificado segundo a lei de Moisés, e também ao que havia dito o profeta Isaías, 53. Que seria levado à morte como uma ovelha, e que estaria em silêncio e mudo como um cordeiro diante daquele que o está tosquiando. S. João Crisóstomo. Um cordeiro, por quem nos seria dada a vitória sobre o pecado, que é o agulhão com que a morte nos havia ferido. 1 Cor 15, 56. 57. Pode ser também alusivo ao sacrificio perene, que de manhã e de tarde se oferecia pelos pecados de todo o povo. Diz pecado no singular, porque veio principalmente a tirar e livrar-nos do pecado original, que é o que no primeiro homem perdeu a todos os seus filhos, e dele têm, e têm tido principio todos os demais pecados do mundo. — S. Tomás.

36 E vendo a Jesus, que ia passando, disse: Eis ali o Cordeiro de Deus.

37 Então os dois discípulos, quando isto lhe ouviram dizer, foram logo seguindo a Jesus.

38 E Jesus olhando para trás, e vendo que iam após êle, disse-lhes: Que buscais vós? Disseram-lhe êles: Rabi, (que quer dizer mestre) onde assistes tu?

39 Respondeu-lhes Jesus: Vinde, e vêde. Foram êles, e viram onde assistia, e ficaram lá aquele dia: Era então quase a hora décima.

40 E André, irmão de Simão Pedro, era um dos dois que tinham ouvido o que João dissera, e que tinham seguido a Jesus.

41 Êste encontrou primeiro a seu irmão Simão, e lhe disse: Temos achado ao Messias (que quer dizer o Cristo).

42 E levou-o a Jesus. E Jesus depois de olhar para êle, disse: Tu és Simão, filho de Jona: Tu serás chamado Cefas, que quer dizer Pedro.

43 No dia seguinte quis Jesus ir a Galiléia e achou lá a Filipe. Disse-lhe então: Segue-me.

44 E era Filipe natural da cidade de Betsaida, donde também o eram André e Pedro.

45 Encontrou Filipe a Natanael e disse-lhe: Sabrás que achamos aquele de quem falou Moisés na Lei, e de quem escreveram os profetas, a saber, Jesus de Nazaré, filho de José.

46 E Natanael lhe disse: De Nazaré pode sair coisa que boa seja? Disse-lhe Filipe: Vem, e vê. (10)

47 Viu Jesus a Natanael, que vinha buscá-lo e disse dêle: Eis aqui um verdadeiro israelita, em quem não há dolo.

48 Perguntou-lhe Natanael: Donde me conheces tu? Respondeu Jesus, e disse-lhe: Primeiro que Filipe te chamasse, te vi eu, quando estavas debaixo da figueira.

49 Natanael lhe respondeu, e disse: Mestre, tu és o Filho de Deus, tu és o rei de Israel.

50 Jesus respondeu, e disse-lhe: Porque eu te disse: Que te vi debaixo da figueira, crês: Maiores coisas que estas verás.

51 Também lhe disse: Na verdade, na verdade vos digo, que vereis o Céu aberto, e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do homem.

CAPÍTULO 2

ASSISTE JESUS COM SUA MÃE A UMAS BODAS EM CANÁ DE GALILÉIA. CONVERTE A ÁGUA EM VINHO. VAI A JERUSALÉM CELEBRAR A PASCOA. LANÇA FORA DO TEMPLO OS NEGOCIANTES. PERGUNTAM-LHES OS JUDEUS, COM QUE AUTORIDADE O FAZIA. CRÊEM MUITOS NELE, E ELE NÃO CRÊ EM MUITOS.

1 E dali a três dias se celebraram umas bodas em Caná de Galiléia: E achava-se lá a mãe de Jesus. (1)

(10) **DE NAZARÉ** — Isto lhe dizia, conforme a idéia geral que se tinha desta cidade, que estava em grande descrédito entre os judeus, e também porque tendo conhecimento da profecia, que falava do Messias, sabia que o que havia de mandar em Israel, havia de sair de Belém; *Miq* 5, 2.

(1) **CANÁ DE GALILÉIA** — É célebre não só pelo milagre da transformação da água em vinho, como pelo outro milagre narrado

2 E foi também convidado Jesus com seus discípulos para o noivado.

3 E faltando o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Eles não têm vinho. (2)

4 E Jesus lhe respondeu: Mulher, que importa isso a mim e a vós? ainda não é chegada a minha hora. (3)

por este mesmo Evangelista no cap. 4, 46-54. Foi também aqui que nasceu Natanael, Jo 21, 2. Hoje Caná é conhecida pelo nome de Kafr-Kenna, no caminho de Nazaré para Tiberíades. Mostram-se duas ânforas de calcário, grosseiramente trabalhadas, onde se fez a transformação milagrosa. Não têm nenhuma escultura. Uma delas tem 1m,20 por 0m,80, a segunda 0m,90 por 0m,75. Cada uma das ânforas continha, segundo o Evangelista, duas ou três metretas, devendo ser portanto a capacidade delas de 78 a 117 litros, visto que cada metreta correspondia a 39 litros; por esta capacidade regulam também as ânforas existentes, às quais já se refere Antonino Martir.

(2) **E FALTANDO O VINHO** — Talvez porque os que concorreram, foram mais do que esperavam os pobres noivos, ou porque seriam passados muitos dias de bodas, que entre os judeus costumavam durar sete.

(3) **MULHER** — O termo grego *gunai* empregado no original, que a Vulgata traduziu *Mulier*, *Mulher*, tem, na língua originária, uma significação sobremaneira respeitosa. Ésquilo serve-se dele para invocar uma rainha, e os outros poetas trágicos gregos usaram este termo frequentes vezes designando rainhas, princesas, ou mulheres de singular prestígio. O próprio termo latino *mulier* é igualmente uma fórmula de respeito; assim saúda Augusto a Cleópatra. Dion. Cassius, *Historia*, 51, 52, e não é este o único exemplo que se poderia alegar. Mas como traduzir o termo *mulier*? A primeira palavra que imediatamente ocorre é *mulher*, mas este termo, pelo nosso *usus loquendi*, não se emprega quando se fala duma certa e determinada mulher, à qual costumam os povos latinos chamar *Senhora*. Isto constituiu uma dificuldade para os tradutores e comentadores bíblicos. É certo que na linguagem polida o vocativo de *Mulher* é *Senhora*, mas também é certo que no decorrer dos tempos vários usos diferentes se têm notado, ainda nas relações familiares. Os exegetas modernos, e que com mais autoridade tratam da vida de Jesus, traduzem à letra a palavra *mulier* por *mulher*, como Didon, Fossard, Lesetre, Frette, Le Camus, etc., contentando-se alguns com advertir a diferença do grego *gunai* e

Evangelho de S. João 2, 5-7

5 Disse a mãe de Jesus aos que serviam: Fazei tudo o que êle vos disser.

6 Ora, estavam ali postas seis talhas de pedra, para servirem às purificações de que usavam os judcus, que cada uma levava dois ou três almedes.

7 Disse-lhes Jesus: Enchei de água essas talhas. E encheram-nas até acima.

o termo francês *femme*, diferença que é comum à nossa palavra **Mulher**. Outros, como Sepp, Dehaut, etc., renunciam a traduzir a *mulier*, passando assim por cima da dificuldade. Lasserre acrescenta a interjeição *oh!* como que para suavizar a aparente aspereza do termo, e em nota diz que se subentende *oh! mulher, amada e venerada*; outros ainda traduzem por *mãe*. Não me parece contudo indispensável recorrer a estas sutilezas, porquanto a palavra **mulher**, tanto no *usus loquendi* hebraico como no grego, indica uma forma de tratamento respeitosa e de veneração, que não tem nada de áspero ou de menos amável. Sem excluir a ternura filial, dá ao mesmo tempo ao Divino Mestre a independência necessária à sua divina Missão. De resto esta expressão repetiu-a Jesus no Calvário, e empregou-a quando se dirigia à Madalena depois da ressurreição.

QUE IMPORTA ISSO A MIM E A VÓS? — De várias formas se tem traduzido esta passagem. Uns vertem o *quid mihi et tibi* por esta fórmula: — o que há entre vós e eu. É a versão de Bossuet seguida por Dehaut, Pauvert, Luiz Veuillot, Coleridge, Meschler e dela se aproximam Didon e Pressensé. Esta tradução, pelo que tem de vago, presta-se a interpretações diversas, como: o que há que nos una, ou a inversa: o que há que nos separe. Outros subentendem na frase latina o verbo *refert*, e este é o sentido adotado por Dupanloup, Fava, Bougand, Le Camus, Bovier-Lapierre e muitos outros e em especial Frette, que apresenta a seguinte interpretação: *Ils n'ont plus de vin? Qu'est-ce que cela peut faire à vous et à moi en ce qui nous concerne personnellement? Nous sommes l'un et l'autre de pauvres gens habitués à nous passer de vin; la privation ne sera pas grande pour nous. Ah! si l'heure était venu de léguer aux hommes un sacrement d'éternel amour, en changeant le vin en mon sang, si vous même, afin de vous consoler de ma perte, en vous nourrissant de ma substance, aviez besoin que le vin fut changé en mon sang; il nous importerait beaucoup à tous deux que le vin ne manquât pas. Mais mon heure n'est pas encore venue.* N. S. J. Cristo, t. 1 p. 307. Esta versão é incontestavelmente preferível, pois

8 Então lhes disse Jesus: Tirai agora e levai ao Arquitriclino. E eles lha levaram. (4)

9 E o que governava a mesa, tanto que provou a água, que se fizera vinho, como não sabia donde lhe viera, ainda que o sabiam os serventes, porque eram os que tinham tirado a água: Chamou ao noivo o tal Arquitriclino,

10 e disse-lhe: Todo o homem põe primeiro o bom vinho: E quando já os convidados têm bebido bem, então lhe apresenta o inferior: Tu ao contrário tiveste o bom vinho guardado até agora.

11 Por êsse milagre deu Jesus princípio aos seus em Caná de Galiléia: E assim fez que se conhecesse a sua glória, e seus discípulos creram nele.

é a que melhor se conforma com o texto grego, e lembra aquela outra frase que Jesus dirigiu a sua mãe: *In his quae Patris mei sunt oportet me esse*. Há porém muitos outros lugares onde está expressão aparece, o que faz supor a não poucos intérpretes que se trata duma locução proverbial, que a Vulgata traduziu à letra Cfr. Jz 11, 12; *Quid mihi et tibi, est*, 2 Rs 16, 10; *Quid mihi et vobis est*, 2 Rs 19, 22, 3 Rs 17, 18, *Quid mihi et tibi est* 4 Rs 3, 13, *Quie mihi et tibi est* etc. Sendo assim nada de extraordinário aparece que possa surpreender ainda o mais meticoloso, e põe em relêvo simultaneamente a Divindade de Jesus, a liberdade da sua ação divina, e a enlevante aquiescência ao pedido de sua Mãe. Assim vemos o Deus, como que obedecendo às súplicas de Maria, operando às instâncias suas o primeiro milagre, embora não se tivesse iniciado ainda o famoso ciclo da sua vida pública, durante o qual os homens viram as obras estupendas só atribuíveis à causalidade divina. É sobremaneira tocante esta passagem do milagre de Caná pela sua simplicidade e pela sua beleza.

(4) **ARQUITRICLINO** — Era êste o que governava o banquete, por nome *Rex*, ou *princeps convivii*, o mestre sala.

Evangelho de S. João 2, 12-19

12 Depois disto vieram para Cafarnaum, êle e sua mãe, e seus irmãos, e seus discípulos: Mas não se demoraram ali muitos dias. (5)

13 Porque como estava a chegar a Páscoa dos judeus, foi logo Jesus para Jerusalém.

14 E achou no Templo a muitos vendendo bois, e ovelhas, e pombas, e os cambiadores lá sentados. (6)

15 E tendo feito de cordas um como azorrague, os lançou fora a todos do Templo, também as ovelhas, e os bois, e arrojou por terra o dinheiro dos cambiadores, e derribou as mesas.

16 E para os que vendiam as pombas, disse: Tirai daqui isto, e não façais da casa de meu Pai casa de negociação.

17 Então se lembraram seus discípulos, do que está escrito: O zelo da tua casa me comeu.

18 Perguntaram-lhe pois os judeus, e disseram-lhe: Que milagre nos fazes tu, para mostrares que tens autoridade para fazeres estas coisas?

19 Respondeu-lhes Jesus, e disse: Desfaizei êste Templo, e eu o levantarei em três dias. (7)

(5) **E SEUS IRMAOS** — Os hebreus chamavam irmãos a todos os parentes. Veja-se Mt 12, 46.

(6) **E OS CAMBIADORES** — Que por dinheiro grosso de ouro e prata davam trocos miudos, aos que de todas as partes os vinham buscar, para com êles fazerem suas ofertas no Templo, ou de devoção, ou de obrigação. Por isso o texto grego no verso 15, onde a Vulgata diz *nummulariorum* aes, usa do termo *kerma*, derivado do verbo *keireion*, cuja significação é cortar em partes miudas — Calmet.

(7) **DESFAZEI ÊSTE TEMPLO** — O imperativo *solvite*, desfazei, destruí, derribai, está pôsto pelo futuro *solvitis*, destruireis. Os

20 Replicaram logo os judeus: Em se edificar este Templo gastaram-se quarenta e seis anos, e tu hás de levantá-lo em três dias? (8)

21 Mas ele falava do Templo de seu corpo.

22 Assim que depois que ele ressurgiu dos mortos, se lembraram seus discípulos do que ele dissera, e creram na Escritura, e nas palavras que Jesus tinha dito:

23 E estando em Jerusalém pela festa solene da Páscoa, muitos, vendo os milagres que ele fazia, creram no seu nome.

24 Mas o mesmo Jesus não se fiava deles, porque os conhecia a todos. (9)

25 E porque não necessitava de que lhe dessem testemunho de homem algum: Pois ele bem sabia por si mesmo o que havia no homem.

judeus entenderam que falava do Templo material que havia em Jerusalém: porém o Senhor lhes deu a entender, que destruiriam, fazendo-o morrer, o templo místico do seu corpo, e que ressuscitaria ao terceiro dia.

(8) **QUARENTA E SEIS ANOS** — O primeiro Templo foi fabricado por Salomão no espaço de sete anos. O segundo, que é do que falam os judeus, foi construído por Zorobabel, em quarenta e seis anos, não contínuos, senão contados desde que se deu princípio à sua fábrica, até que se concluiu. Outros entendem isto da reparação que empreendeu Herodes, e todavia continuava: pois contando desde o ano dezenove do reino de Herodes, até ao décimo quinto do de Tibério, em que Jesus Cristo principiou a pregar, se acham efetivamente quarenta e seis anos, particularidade que confirma o testemunho do Evangelista.

(9) **PORQUE OS CONHECIA A TODOS** — Não se fiava deles, nem lhes confiava, como a verdadeiros discípulos seus, os segredos e mistérios do seu reino, porque conhecia quão débil era a sua fé, fundada somente sobre o haverem visto os seus milagres, e que para o futuro o abandonariam, levantando-se e voltando-se contra ele.

CAPÍTULO 3

BUSCA NICODEMOS DE NOITE A JESUS. JESUS O INSTRUI DA REGENERAÇÃO DO HOMEM. DECLARA-LHE A NECESSIDADE DO BATISMO. JESUS DEVE SER EXALTADO, COMO O FORA A SERPENTE DE MOISÉS. DISPUTAM OS DISCÍPULOS DE JOÃO SOBRE O BATISMO. MURMURAM DE JESUS BATIZAR. JOÃO O ANTEPÕE A SI. ELE É O ESPÓSO. DEUS LHE COMUNICA O SEU ESPÍRITO SEM MEDIDA.

1 E havia um homem de entre os fariseus, por nome Nicodemos, um dos chefes dos judeus. (1)

2 Êste uma noite veio buscar a Jesus, e disse-lhe: Rabi, sabemos que és Mestre, vindo da parte de Deus, porque ninguém pode fazer êstes milagres, que tu fazes, se Deus não estiver com êle.

3 Jesus respondeu, e lhe disse: Na verdade, na verdade, te digo, que não pode ver o reino de Deus, senão aquele que renascer de novo.

4 Nicodemos lhe disse: Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, e nascer outra vez?

5 Respondeu-lhe Jesus: Em verdade, em verdade te digo, que quem não renascer da água, e do Espírito Santo, não pode entrar no reino de Deus.

6 O que é nascido da carne, é carne: E o que é nascido do espírito, é espírito.

(1) **UM DOS CHEFES DOS JUDEUS** — Isto é um dos membros do sanedrim. O Talmude fala dum Nicodemos, filho de Gorion, homem rico e piedoso, que é talvez o mesmo de que fala S. João. Segundo a tradição, Nicodemos fez-se cristão, abandonando o sanedrim e Jerusalém.

7 Não te maravilhes de eu te dizer: Importa-vos nascer outra vez.

8 O espírito assopra onde quer: E tu ouves a sua voz, mas não sabes donde êle vem, nem para onde vai: Assim é todo aquele que é nascido do espírito. (2)

9 Perguntou Nicodemos, e disse-lhe: Como se pode isso fazer?

10 Respondeu Jesus, e disse-lhe: Tu és mestre em Israel, e não sabes estas coisas?

11 Em verdade, em verdade te digo, que nós dizemos o que sabemos, e que damos testemunho do que vimos, e vós contudo isso não recebeis o nosso testemunho.

12 Se quando eu vos tenho falado nas coisas terrenas, ainda assim vós me não crêdes: Como me creereis vós, se eu vos falar nas celestiais?

13 Também ninguém subiu ao Céu, senão aquele que desceu do Céu, a saber, o Filho do homem, que está no Céu.

14 E como Moisés no deserto levantou a serpente, assim importa que seja levantado o Filho do homem:

(2) **O ESPÍRITO ASSOPRA** — Grande parte dos antigos Padres entende por êsse espírito o mesmo Espírito Santo, e por esta voz os seus efeitos exteriores, como são as virtudes dos Santos, e os milagres, que por êles se obram. Porém outros, com S. João Crisóstomo e S. Cirilo, o entendem do espírito material que é o vento; de sorte que por comparação ao espírito material, que é o vento, explique Jesus Cristo o oculto modo de obrar nas almas do Espírito Santo. Glaire diz que a palavra empregada no original significa vento e espírito. — *La Sainte Bible*.

Evangelho de S. João 3, 15-23

15 Para que todo o que crê nele, não pereça, mas tenha a vida eterna.

16 Porque assim amou Deus ao mundo, que lhe deu seu Filho unigênito: Para que todo o que crê nele não pereça, mas tenha a vida eterna.

17 Porque Deus não enviou seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele.

18 Quem nele crê, não é condenado: Mas o que não crê, já está condenado: Porque não crê no nome do Filho unigênito de Deus.

19 E a causa desta condenação é: Que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz: Porque eram más as suas obras.

20 Porquanto todo aquele que obra mal, aborrece a luz, e não se chega para a luz, para que não sejam arguidas as suas obras.

21 Mas aquele que obra verdade, chega-se para a luz, para que as suas obras sejam manifestas, porque são feitas em Deus.

22 Passado isto veio Jesus com seus discípulos para a terra de Judéia: E ali se demorava com eles, e batizava.

23 E João batizava também em Enon, junto a Salim: Porque havia ali muitas águas, e eram muitos os que vinham, e eram batizados. (3)

(3) ENON — No dizer de S. Jerônimo, que cita Eusébio, este lugar ficava a 8 milhas de Citópolis, ao sul, perto de Salim e do Jordão. Etimologicamente significa fonte.

24 Porque ainda João não tinha sido pôsto no cárcere.

25 Excitou-se pois uma questão entre os discípulos de João e os judeus, acerca da purificação. (4)

26 E foram ter com João, e lhe disseram: Mestre, o que estava contigo da banda dalém do Jordão, de quem tu deste testemunho, ei-lo aí está batizando, e todos vêm a êle.

27 Respondeu João, e disse: O homem não pode receber coisa alguma, se do Céu lhe não fôr dada.

28 Vós outros mesmos me sois testemunhas de que eu vos disse: Eu não sou o Cristo mas sou enviado adiante dêle.

29 O que tem a espôsa, é o espôso: Mas o amigo do espôso, que está com êle, e o ouve, se enche de gôsto com a voz do espôso. Pois já êste meu gôzo é cumprido.

30 Convém que êle cresça, e que eu diminua.

31 O que vem lá de riba, é sôbre todos. O que é da terra, é da terra, e fala da terra. O que vem do Céu, é sôbre todos.

32 E o que viu, e ouviu, isso testifica: E ninguém recebe o seu testemunho.

SALIM — É lugar completamente desconhecido atualmente. Existe um Salim a este de Naplusá — Samaria, onde há abundantes nascentes. Descobriu-se uma outra povoação do mesmo nome perto de Tará.

(4) **ACERCA DA PURIFICAÇÃO** — Isto é, sobre o batismo, preferindo uns o de Cristo, outros o de João. — **Pereira.**

Evangelho de S. João 3, 33-36; 4, 1-3

33 O que recebeu o seu testemunho, confirmou que Deus é verdadeiro.

34 Porque aquele a quem Deus enviou, êsse fala palavras de Deus: Porque não lhe dá Deus o espírito por medida.

35 O Pai ama ao Filho: E tôdas as coisas pôs na sua mão.

36 O que crê no Filho, tem a vida eterna: O que porém não crê no Filho, não verá a vida, mas sôbre êle permanece a ira de Deus.

CAPÍTULO 4

JESUS FATIGADO DO CAMINHO DESCANÇA JUNTO DE UMA FONTE. VEM ALI BUSCAR AGUA UMA MULHER SAMARITANA. JESUS LHE FALA DA AGUA VIVA, E LHE DESCOBRE TUDO O QUE ELA TINHA FEITO. PROPÕE-LHE A MULHER A DIFICULDADE SÔBRE A RELIGIÃO QUE HAVIA ENTRE OS SAMARITANOS E OS JUDEUS. JESUS LHA SOLTA, E DIZ QUE ÊLE É O MESSIAS. QUAL SEJA A SUA COMIDA, QUAL A SUA SEARA. CRÊEM NELE MUITOS SAMARITANOS. CURA O FILHO DE UM SENHOR DA CÔRTE.

1 E quando Jesus entendeu que os fariseus tinham ouvido que êle Jesus fazia mais discípulos, e batizava mais pessoas do que João,

2 (sendo assim que não era Jesus o que batizava, mas seus discípulos),

3 deixou a Judéia, e foi outra vez para Galiléia: (1)

(1) **DEIXOU A JUDEIA** — Para não irritar com a sua presença o ódio que os judeus lhe tinham, e para com o seu exemplo ensi-

4 E importava que êle passasse por Samaria.

5 Veio pois a uma cidade de Samaria, que se chamava Sicar, junto da herdade que tinha dado Jacó a seu filho José. (2)

6 Ora, ali havia um poço, chamado a fonte de Jacó. Fatigado pois do caminho, estava Jesus assim sentado sobre a borda do poço. Era isto quase à hora sexta. (3)

7 Veio uma mulher de Samaria a tirar água. Jesus lhe disse: Dá-me de beber.

8 (Porque seus discípulos tinham ido à cidade a comprar mantimento).

9 Mas aquela mulher samaritana lhe disse: Como sendo tu judeu, me pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana? Porque os judeus não se comunicam com os samaritanos.

10 Respondeu Jesus, e disse-lhe: Se tu conheceras o dom de Deus, e quem é o que te diz: Dá-me de beber: Tu certamente lhe pediras, e êle te daria a ti da água viva. (4)

nar a seus discípulos, haver certas ocasiões em que a caridade, a prudência, e o bem da Igreja pedem, que êles se subtraíam ao furor dos que a perseguem. — Sacy.

(2) **SICAR** — É, segundo uns, Siquem, hoje Naplúsia, a três quilômetros do poço de Jacó; segundo outros Sicar era uma aldeia situada entre o poço e Naplúsia, talvez o atual Askar.

(3) **HORA SEXTA** — Cerca do meio-dia.

(4) **TU CERTAMENTE LHE PEDIRAS** — Sendo que a Vulgata tem aqui, tu *forsitan* petiisses; seguindo a versão de Mons e a de Huré, traduzi: tu certamente pediras. Porque, como neste lugar advertem Sacy e Calmet, a partícula grega a que corresponde o

Evangelho de S. João 4, 11-20

11 Disse-lhe a mulher: Senhor, tu não tens com que a tirar, e o poço é fundo; onde tens logo essa água viva?

12 E's tu porventura maior do que nosso pai Jacó, que foi o que nos deu êste poço, do qual também êle mesmo bebeu, e seus filhos e seus gados?

13 Respondeu Jesus, e disse-lhe: Todo aquele que bebe desta água tornará a ter sêde; mas o que beber da água que eu lhe hei de dar, nunca jamais terá sêde.

14 Mas a água que eu lhe der virá a ser nele uma fonte d'água, que salte para a vida eterna.

15 Disse-lhe a mulher: Senhor, dá-me dessa água para eu não ter mais sêde, nem vir aqui tirá-la.

16 Disse-lhe Jesus: Vai, chama a teu marido, e vem cá.

17 Respondeu a mulher, e disse: Eu não tenho marido. Jesus lhe disse: Bem disseste, não tenho marido.

18 Porque cinco maridos tiveste, e o que agora tens não é teu marido: Isto disseste com verdade.

19 Disse-lhe a mulher: Senhor, pelo que vejo, tu és profeta.

20 Nossos pais adoraram sobre êste monte, e vós outros dizeis que em Jerusalém é o lugar onde se deve adorar. (5)

forsitan da Vulgata, é uma partícula das que chamam expletivas. que afirma e não duvida. Sobre o mais veja-se o que dissemos em Mt 11, 23.

(5) **SOBRE ESTE MONTE** — O monte de Garizim, onde os samaritanos tinham erguido um templo cismático, perto de Siquém,

21 Disse-lhe Jesus: Mulher, crê-me, que é chegada a hora em que vós não adorareis o Pai, nem neste monte, nem em Jerusalém. (6)

22 Vós adorais o que não conheceis: Nós adoramos o que conhecemos, porque dos judeus é que vem a salvação.

23 Mas a hora vem, e agora é, quando os verdadeiros adoradores hão de adorar o Pai em espírito e verdade. Porque tais quer também o Pai que sejam os que o adorem. (7)

24 Deus é espírito, e em espírito e verdade é que o devem adorar os que o adoram.

25 Disse-lhe a mulher: Eu sei que está a chegar o Messias (o que se chama o Cristo); quando pois êle vier então nos anunciará tôdas as coisas.

com autorização do rei persa Dario Noto, o qual foi destruído por João Hircano. No tempo de Cristo os samaritanos ainda tinham um altar sobre a montanha.

(6) **A HORA** — Isto é, o tempo da promulgação da lei evangélica.

NEM EM JERUSALÉM — Não se limitará a lugares nem tão pouco a esta ou aquela nação, o culto do verdadeiro Deus; porque a fé da nova aliança se estenderá por toda a redondeza da terra, e abolidas as cerimônias e sacrifícios dos judeus, será Deus adorado mais perfeitamente do que até aqui o tem sido em Jerusalém.

(7) **EM ESPÍRITO E VERDADE** — Não porque Deus reprove as cerimônias externas, como daqui pessimamente concluem os modernos sectários, mas sim porque o culto principal, que de nós pede a religião Cristã, é o do espírito, que consiste em que as nossas obras concordem com a nossa fé, embora seja necessário para a existência desta concordância, como auxiliar poderoso, o culto externo.

Evangelho de S. João 4, 26-35

26 Disse-lhe Jesus: Eu sou, que falo contigo.

27 E nisto vieram seus discípulos: Os quais se maravilharam de que elle estivesse falando com uma mulher. Nenhum contudo lhe disse: Que é o que perguntas, ou que falas com ela? (8)

28 A mulher pois deixou o seu cântaro, e foi-se à cidade, e disse àqueles homens:

29 Vinde, e vêde um homem, que me disse tudo o que eu tenho feito; será este porventura o Cristo?

30 Sairam pois da cidade, e vieram ter com elle.

31 Entretanto seus discípulos o rogavam, dizendo: Mestre, come.

32 Mas elle lhes respondeu: Eu para comer tenho um manjar, que vós não sabeis.

33 Pelo que diziam os discípulos uns para os outros: Será caso que alguém lhe trouxesse de comer?

34 Disse-lhes Jesus: A minha comida é fazer eu a vontade daquele que me enviou, para cumprir a sua obra.

35 Não dizeis vós, que ainda há quatro meses até à ceifa? Mas eu digo-vos: Levantai os vossos olhos, e

(8) **DE QUE ELLE ESTIVESSE FALANDO** — Sinal de que elle não costumava falar com mulheres, e de que lhes aconselhava que evitassem semelhantes colloquios. — Amelote.

NENHUM CONTUDO LHE DISSE — Porque os deteve a santidade e majestade, que nele divisavam, disse o antigo escritor do tratado *De Singularitate Clericorum*, entre as obras de S. Cipriano. — Amelote.

olhai para essas terras, que já estão branquejando próximas à ceifa. (9)

36 E o que sega, recebe galardão, e junta fruto para a vida eterna: Para que assim o que semeia, como o que sega, juntamente se regozijem.

37 Porque nisto é verdadeiro o ditado: Que um é o que semeia, e outro o que sega.

38 Eu enviei-vos a segar o que vós não trabalhastes: Outros foram os que trabalharam, e vós entrastes nos seus trabalhos.

39 Ora, daquela cidade foram muitos os samaritanos que creram em Jesus, por causa da palavra da mulher, que dava êste testemunho: Ele me disse tudo quanto eu tenho feito.

40 Vindo pois ter com êle os samaritanos, pediram-lhe que se deixasse ficar ali com êles. E êle ficou ali dois dias.

41 E foram então muitos mais os que creram nele, pelo ouvirem falar.

42 De sorte que diziam à mulher: Não é já sôbre o teu dito que nós cremos nele: Mas é porque nós mesmos o ouvimos, e porque sabemos ser êste verdadeiramente o Salvador do mundo.

43 E passados dois dias, saiu Jesus dali, e foi para Galiléia.

(9) **QUATRO MESES** — Como na Palestina a ceifa começa em abril, segue-se que os fatos narrados neste capítulo viram lugar pelo mês de dezembro.

Evangelho de S. João 4, 44-51

44 Porque Jesus mesmo deu testemunho de que um profeta não tem honra na sua pátria.

45 Tendo pois vindo a Galiléia, receberam-no bem os galileus, porque tinham visto tôdas as coisas que Jesus fizera no dia da festa em Jerusalém: Pois êles também tinham ido à festa. (10)

46 Veio pois segunda vez a Caná de Galiléia, onde fizera da água vinho. Havia porém ali um régulo, cujo filho estava doente em Cafarnaum. (11)

47 Êste tendo ouvido que Jesus tinha vindo de Judéia para Galiléia, foi ter com êle, e rogou-o que viesse a sua casa curar a seu filho: Porque estava a morrer.

48 Disse-lhe pois Jesus: Vós se não vêdes milagres e prodígios, não credes.

49 Disse-lhe o régulo: Senhor, vem antes que meu filho morra.

50 Disse-lhe Jesus: Vai, que teu filho vive. Deu o homem crédito ao que lhe disse Jesus, e foi-se.

51 E quando êle já ia andando, vieram os seus criados sair-lhe ao encontro, e deram-lhe novas de que seu filho vivia.

(10) **NO DIA DA FESTA** — A da Páscoa, que era a grande solenidade dos judeus.

(11) **UM RÉGULO OU POTENTADO** — Assim à letra a Vulgata, que parece seguir alguns manuscritos gregos, que lêem *Basilliscos*. Todavia a lição que temos agora no grego que é *Basilliscos*, isto é, *Reglos*, mostra que pode significar, como expôs S. Jerônimo, *Palatianus*, um palaciano, um aulico, um cortesão, um personagem da côrte de Herodes.

52 E perguntou-lhes a hora em que o doente se achara melhor. E elles lhe disseram: Ontem pela sétima hora o deixou a febre. (12)

53 Conheceu logo o pai ser aquella mesma a hora em que Jesus lhe dissera: Teu filho vive: E creu elle e toda a sua casa.

54 Foi este o segundo milagre que Jesus obrou, tendo vindo de Judéa para Galiléia.

CAPÍTULO 5

O TANQUE, OU PISCINA DAS OVELHAS. CURA JESUS UM PARALÍTICO. MURMURAÇÃO DOS JUDEUS POR SER EM DIA DE SÁBADO. RESPOSTA DE JESUS. DA DEUS TESTEMUNHO DELE, COMO TAMBÉM O BATISTA. NÃO QUEREM OS JUDEUS OUVIR NEM A DEUS, NEM A JESUS CRISTO. HÃO DE ESCUTAR PORÉM O ANTICRISTO. A SUA SOBERBA SE OPÕE À FÉ.

1 Depois disto era dia duma festa dos judeus, e Jesus subiu a Jerusalém. (1)

2 Ora, em Jerusalém está a piscina probática, que em hebreu se chama Betsaida, a qual tem cinco alpendres. (2)

(12) **SÉTIMA HORA** — Uma hora depois do meio-dia. Erradamente o padre Pereira tinha traduzido sete horas.

(1) **ERA DIA DUMA FESTA** — Da Páscoa. Santo Irineu, S. João Crisóstomo, S. Cirillo, e outros, querem que fosse a festa de Pentecostes.

(2) **PISCINA PROBÁTICA** — Chamava-se assim, porque neste tanque, ou nesta piscina, se costumavam purificar as ovelhas e cordeiros que haviam de servir nos sacrificios. Porém o texto grego tem aqui com alguma variedade: Havia em Jerusalém, à porta das ovelhas, uma piscina chamada Betsda. E adverte

Evangelho de S. João 5, 3-9

3 Neste jazia uma grande multidão de enfermos, de cegos, de côxos, dos que tinham os membros ressecados, todos os quais esperavam que se movesse a água.

4 Porque um anjo do Senhor descia em certo tempo ao tanque: E movia-se a água. E o primeiro que entrava no tanque depois de se mover a água, ficava curado de qualquer doença que tivesse.

5 Estava também ali um homem, que havia trinta e oito anos que se achava enfermo.

6 Jesus, que o viu deitado, e que soube que tinha já muito tempo de enfermo, disse-lhe: Queres ficar são?

7 O enfermo lhe respondeu: Senhor, não tenho homem que me meta no tanque, quando a água for movida: Porque enquanto eu vou, outro entra primeiro do que eu. (3)

8 Disse-lhe Jesus: Levanta-te, toma a tua cama, e anda.

9 E no mesmo instante ficou são aquele homem: E tomou a sua cama, e começou a andar. E era aquele dia um dia de sábado.

Sacy, que Betesda significa casa de misericórdia. Ficava à porta da atual igreja de Santa Ana, ao pé da porta de S. Estêvão, na parte nordeste de Jerusalém; hoje chamam-lhe Birket Israil. Alimentava-a a água do aqueduto de Belém.

(3) **SENHOR, NÃO TENHO HOMEM** — Como se dissera: Senhor, depois de tantos anos de enfermidade, me perguntas se quero sarar? Ah! Senhor! não desejo outra coisa, mas não há um homem que se mova à piedade, vendo-me assim, que me ajude a procurar a minha saúde, já que eu não posso mover-me: ajuda-me tu, se podes. Com razão, diz Santo Agostinho, se queixa este paralítico, de que não tem homem que o socorra, porque para isto lhe era absolutamente necessário um homem-Deus. — **Pereira.**

10 Pelo que diziam os judeus ao que havia sido curado: Hoje é sábado, não te é lícito levar a tua cama.

11 Respondeu-lhes êle: Aquele que me curou, êsse mesmo me disse: Toma a tua cama, e anda.

12 Perguntaram-lhe então: Quem é êsse homem que te disse: Toma a tua cama, e anda?

13 Porém o que havia sido curado, não sabia quem êle era: Porque Jesus se havia retirado do muito povo que estava naquele lugar.

14 Depois achou-o Jesus no Templo, e disse-lhe: Olha que já estás são: Não peques mais, para que te não suceda alguma coisa pior. (4)

15 Foi aquele homem declarar aos judeus que Jesus era o que o havia curado.

16 Por esta causa perseguiam os judeus a Jesus, por êle fazer estas coisas em dia de sábado.

17 Mas Jesus lhes respondeu: Meu Pai até agora não cessa de obrar, e eu obro também incessantemente.

18 Por isso pois procuravam os judeus com maior ânsia matá-lo: Porque não somente quebrantava o sábado, mas também dizia que Deus era seu Pai, fazendo-se

(4) **PARA QUE TE NÃO SUCEDA** — Sem dúvida foi dar graças a Deus pela saúde recebida. O Senhor nestas palavras lhe ensinou três verdades: a primeira que havia padecido aquela larga enfermidade pelos seus pecados; a segunda que é verdadeiro o que se diz dos castigos da outra vida; a terceira, que as penas do inferno são infinitas na sua duração. — S. João Crisóstomo.

Evangelho de S. João 5, 19-25

igual a Deus. E assim Jesus lhes respondeu, e lhes disse: (5)

19 Em verdade, em verdade vos digo: Que o Filho não pode de si mesmo fazer coisa alguma, senão o que vir fazer ao Pai: Porque tudo o que fizer o Pai, o faz também semelhantemente o Filho.

20 Porque o Pai ama ao Filho, e mostra-lhe tudo o que êle faz: E maiores obras do que estas lhe mostrará, até o ponto de vós ficardes admirados.

21 Porque assim como o Pai ressuscita os mortos, e lhes dá vida: Assim também dá o Filho vida àqueles que quer.

22 Porque o Pai a ninguém julga: Mas todo o juízo deu ao Filho.

23 A fim de que todos honrem ao Filho, bem como honram ao Pai: O que não honrar ao Filho, não honra ao Pai, que o enviou.

24 Em verdade, em verdade vos digo, que quem ouve a minha palavra, e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, e não incorre na condenação, mas passou da morte para a vida.

25 Em verdade, em verdade vos digo, que vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus: E os que a ouvirem, viverão.

(5) **FAZENDO-SE IGUAL A DEUS** — Entenderam logo os judeus, o que não querem entender os socinianos, isto é, que Jesus Cristo dizia de si, que era Deus verdadeiro, filho de Deus verdadeiro.

26 Porque assim como o Pai tem a vida em si mesmo, assim também deu êle ao Filho ter vida em si mesmo.

27 E lhe deu o poder de exercitar o juizo, porque é Filho do homem.

28 Não vos maravilheis disso, porque vem a hora em que todos os que se acham nos sepulcros, ouvirão a voz do Filho de Deus:

29 E os que obraram bem, sairão para a ressurreição da vida: Mas os que obraram mal, sairão ressuscitados para a condenação.

30 Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma. Assim como oïço, julgo: E o meu juizo é justo: Porque não busco a minha vontade, mas a vontade daquelle que me enviou.

31 Se eu dou testemunho de mim mesmo, não é verdadeiro o meu testemunho.

32 Outro é o que dá testemunho de mim: E eu sei que é verdadeiro o testemunho que êle dá de mim.

33 Vós enviastes mensageiros a João: E êle deu testemunho da verdade.

34 Eu porém não é do homem que recebo o testemunho: Mas digo-vos estas coisas, a fim de que sejais salvos.

35 Êle era uma lâmpada, que ardia e alumia. E vós por algum tempo quisestes alegrar-vos com a sua luz.

36 Mas eu tenho maior testemunho, que o de João. Porque as obras que meu Pai me deu que cumprisse: As

Evangelho de S. João 5, 37-43

mesmas obras que eu faço, dão por mim testemunho de que meu Pai é quem me enviou:

37 E meu Pai, que me enviou, êsse é o que deu testemunho de mim: Vós nunca ouvistes a sua voz, nem viste quem o representasse:

38 E não tendes em vós permanente a sua palavra, porque não credes no que êle enviou.

39 Examinai as Escrituras, pois julgais ter nelas a vida eterna: E elas mesmas são as que dão testemunho de mim: (6)

40 Mas vós não quereis vir a mim, para terdes vida.

41 Eu não recebo dos homens a minha glória.

42 Mas bem vos conheço, que não tendes em vós a dileção de Deus.

43 Eu vim em nome de meu Pai, e vós não me recebeis: Se vier outro em seu próprio nome, haveis de recebê-lo. (7)

(6) **EXAMINAI AS ESCRITURAS** — Ainda que tanto no grego, como no latim, se pode o verbo entender ou no indicativo ou no imperativo, eu pus o imperativo, seguindo a S. João Crisóstomo, Santo Agostinho, Teofilato, e outros muitos intérpretes, como também fizeram as versões de Sacy, Huré, Le Gros, e Mensangul. A de Mons aponta um e outro sentido. Jesus Cristo dirigia-se com estas palavras aos fariseus que não procuravam entender as Escrituras nas profecias Messianicas, não querendo reconhecer Jesus Cristo como Messias, e que era o principio de toda a vida, e como êle mesmo disse *Ego sum vita*.

(7) **SE VIER OUTRO** — Isto é o Anticristo. — *Pereira*.

44 Como podeis crer vós outros, que recebeis a glória uns dos outros: E que não buscais a glória, que vem só de Deus?

45 Não julgueis que eu vos hei de acusar diante de meu Pai: O mesmo Moisés, em que vós tendes as esperanças, é o que vos acusa. (8)

46 Porque se vós crêsseis a Moisés, certamente acreditaríeis também em mim: Porque êle escreveu de mim. (9)

47 Porém se vós não dais crédito aos seus escritos, como dareis crédito às minhas palavras?

CAPÍTULO 6

SUSTENTA JESUS CINCO MIL HOMENS COM CINCO PAES. FOGE DE QUE O FAÇAM REI. CAMINHA SOBRE O MAR EM OCASIÃO DE TORMENTA. CONFERÊNCIA QUE TEVE COM OS JUDEUS SOBRE A COMIDA DA SUA CARNE. ELE É O VERDADEIRO PAO DO CÉU. É NECESSÁRIO COMER DESTES PAOS PARA TER A VIDA ETERNA. A SUA CARNE É COMIDA, E O SEU SANGUE É BEBIDA. SEUS DISCÍPULOS O LARGAM. DECLARA-OS JESUS FIEIS, EXCETO JUDAS.

1 Depois disto passou Jesus à outra banda do mar de Galiléia, que é o de Tiberíades.

(8) **O MESMO MOISÉS** — Os judeus punham tôda a sua glória em se chamarem discípulos de Moisés, e assim diziam: nós outros sabemos que Deus falou a Moisés, mas dêste não sabemos donde é; Jo 9, 28. 29. Pelo que lhes diz o Senhor que êste mesmo Moisés, que para êles era de tanta autoridade e veneração, seria o que os acusaria diante de seu Pai, porque não somente falou de Jesus Cristo em muitos lugares dos seus Escritos, mas que não teve presente a outro em todos êles. — Santo Agostinho.

(9) **CERTAMENTE ACREDITARIEIS** — Ainda que a Vulgata diz *crederetis forsitan*, já advertiram Titelman, Estio e outros

Evangelho de S. João 6, 2-9

2 E seguia-o uma grande multidão de gente, porque viam os milagres que fazia sobre os que se achavam enfermos.

3 Subiu, pois, Jesus a um monte, e ali se assentou com seus discípulos.

4 E estava perto a Páscoa, dia da festa dos judeus.

5 Pelo que tendo Jesus levantado os olhos, e visto que veio ter com êle uma grandissima multidão de povo, disse para Filipe: Com que compraremos nós o pão, de que êstes necessitam para comer?

6 Mas Jesus falava assim para experimentar: Porque êle bem sabia o que havia de fazer.

7 Respondeu-lhe Filipe: Duzentos dinheiros de pão não lhe bastam, para que cada um receba à sua parte um pequeno bocado.

8 Um de seus discípulos, chamado André, irmão de Simão Pedro, disse-lhe:

9 Aqui está um moço, que tem cinco pães de cevada e dois peixes; mas isto que é para se repartir entre tanta gente?

muitos, que, segundo a partícula grega, a que corresponde, aquele *forsitan*, se deve entender a oração em sentido absoluto, e não de dúvida. Quanto mais que Santo Irineu, S. Cipriano e Santo Agostinho alegam êste texto sem o *forsitan*. Confira-se o que notamos em Mt 2, 23.

PORQUE ELE ESCREVEU DE MIM — No Gên 3, 15; 22, 18, e 49, 10, e no Dt 18, 15. — Duhamel.

10 Então disse Jesus: Fazei assentar essa gente. Havia muita erva naquele lugar. E se assentaram a comer, em número de cinco mil pessoas. (1)

11 Tomou, pois, Jesus os pães: E tendo dado graças, distribuiu-os aos que estavam assentados: • E assim mesmo dos peixes, quanto êles queriam.

12 E como estiveram fartos, disse a seus discípulos: Recolhei os pedaços, que sobejaram, para que se não percam.

13 Êles pois os recolheram, e encheram doze cestos de pedaços dos cinco pães de cevada, que tinham sobejado aos que haviam comido.

14 Vendo então aqueles homens o milagre que Jesus obrara, diziam: Êste é verdadeiramente o Profeta que devia vir ao mundo. (2)

15 E entendendo Jesus que o viriam arrebatat para o fazerem rei, tornou-se a retirar para o monte, êle só.

16 E quando veio a tarde, desceram seus discípulos ao mar.

17 E metendo-se numa barca, atravessaram à banda dalém a Cafarnaum; e era já escuro: E ainda Jesus não tinha vindo a êles.

(1) **HAVIA MUITA ERVA** — A erva rebenta em abundância. O padre de Geramb fala com assombro da alta erva que encontrou na Palestina.

(2) **VENDO ENTÃO AQUELES HOMENS O MILAGRE** — É incontestável êste milagre praticado diante de tal multidão, que assombrada quis arrebatat Jesus para o proclamar seu rei.

Evangelho de S. João 6, 18-27

18 Entretanto o mar começava a empolar-se, por causa do vento rijo que assoprava.

19 E tendo navegado quase o espaço de vinte e cinco, ou trinta estádios, viram a Jesus, que vinha andando sôbre o mar, e vinha chegando à barca, do que êles ficaram atemorizados.

20 Mas Jesus lhes disse: Sou eu, não temais.

21 Quiseram êles, pois, recebê-lo na barca: E logo a barca chegou à terra, a que êles queriam abordar.

22 No dia seguinte o povo que estava da outra banda do mar, advertiu que não tinha ali estado outra barca, senão só aquela, e que Jesus não tinha entrado na barca com seus discípulos, mas que os seus mesmos discípulos tinham ido sós.

23 Mas depois arribaram de Tiberíades outras barcas, perto do lugar onde tinham comido o pão, depois do Senhor ter dado graças.

24 Quando enfim viu a gente que nem Jesus lá estava, nem seus discípulos, entraram naquelas barcas, e vieram até Cafarnaum em busca de Jesus.

25 E depois que o acharam da banda dalém do mar, disseram-lhe: Mestre, quando chegaste tu aqui?

26 Respondeu-lhe Jesus, e disse: Em verdade, em verdade vos digo: Que vós me buscais, não porque vistes os milagres, mas porque comestes dos pães, e ficastes fartos.

27 Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que dura até à vida eterna, a qual o Filho do homem vos

dará. Porque êle é o em que Deus Padre imprimiu o seu sêlo.

28 Disseram-lhe pois êles: Que faremos nós para obrarmos as obras de Deus?

29 Respondeu Jesus, e disse-lhes: A obra de Deus é esta, que creiais naquêlê que êle enviou.

30 Disseram-lhe então êles: Pois que milagre fazes tu, para que o vejamos, e creiamos em ti? Que obras tu?

31 Nossos pais comeram o maná no deserto, segundo o que está escrito: Êle lhes deu a comer o pão do Céu.

32 E Jesus lhes respondeu: Em verdade, em verdade vos digo: Que Moisés não vos deu o pão do Céu, mas meu Pai é o que vos dá o verdadeiro pão do Céu.

33 Porque o pão de Deus é o que desceu do Céu, e que dá vida ao mundo.

34 Êles pois disseram-lhe: Senhor, dá-nos sempre dêste pão.

35 E Jesus lhes respondeu: Eu sou o pão da vida: O que vem a mim, não terá jamais fome, e o que crê em mim, não terá jamais sêde.

36 Porém eu já vos disse, que vós me vistes, e que me não credes.

37 Todo o que meu Pai me dá, virá a mim: E o que vem a mim, não o lançarei fora: (3)

(3) **TODO** — Tôda a pessoa de qualquer sexo, idade, ou condição que seja. — **Menóchio**.

Evangelho de S. João 6, 38-46

38 Porque eu desci do Céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou.

39 E essa é a vontade daquele Pai que me enviou: Que nenhum perca eu de todos aqueles que êle me deu, mas que o ressuscite no último dia.

40 E a vontade de meu Pai que me enviou, é esta: Que todo o que vê o Filho, e crê nele, tenha a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia.

41 Murmuravam pois dêle os judeus, porque dissera: Eu sou o pão vivo, que desci do Céu.

42 E diziam: Porventura não é êste Jesus o filho de José, cujo pai e mãe nós conhecemos? Como logo diz êle: Desci do Céu?

43 Respondeu pois Jesus, e disse-lhes: Não murmurais entre vós outros.

44 Ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, o não trazer: E eu o ressuscitarei no último dia. (4)

45 Escrito está nos profetas: E serão todos ensinados de Deus. Assim que todo aquele que do Pai ouviu, e aprendeu, vem a mim.

46 Não que alguém tenha visto ao Pai, senão só aquele que é de Deus, êsse é o que tem visto ao Pai.

(4) **SE O PAI QUE ME ENVIOU** — Dêste texto, que é capital na materia da graça colhem-se muitas verdades da última importância. Primeira: Que sem Deus nos dar a sua graça eficaz, nunca o homem crê ou obra efetivamente, o que Deus mande que creia ou obre. Segunda: Que a virtude desta graça eficaz é puxar o homem, e trazê-lo, ao que êle talvez antes repugnava; ou o fazer

47 Em verdade, em verdade vos digo: O que crê em mim, tem a vida eterna. (5)

48 Eu sou o pão da vida.

49 Vossos pais comeram o maná no deserto, e morreram.

50 Aqui está o pão que desceu do Céu: Para que todo o que dele comer, não morra.

51 Eu sou o pão vivo, que desci do Céu.

52 Se qualquer comer dêste pão, viverá eternamente: E o pão, que eu darei, é a minha carne, para ser a vida do mundo. (6)

que êle agora queira o que antes não queria. Terceira. Que não é o homem o que traz a si a Deus, determinando com o seu consentimento a graça, mas Deus é o que traz a si o homem, com o forte atrativo da graça interior. De outra sorte, como observa o mesmo Santo Agostinho, não diria o Senhor "se o não trouxer", mas "se o não conduzir". Quarta: Que esta graça não é o homem o que a faz ser eficaz, mas ela mesma o tem de sua natureza independente do homem. Quinta: Que sendo ela indispensavelmente necessária para obrar bem, Deus a não dá a todos. Sexta: Que por isso lha devemos pedir com toda a humildade e sem cessar.

(5) **O QUE CRÊ EM MIM** — Com uma fé viva, acompanhada do exercício das virtudes teologais, e das outras que o Evangelho prescreve. — **Pereira.**

(6) **PARA SER A VIDA DO MUNDO** — Pela redenção do Universo, entregando-a à crueldade dos judeus, e morrendo sobre a cruz. Estas palavras demonstram claramente, que o sacramento da Eucaristia conteria verdadeiramente a sua própria carne, e que havia de ser crucificado pela salvação dos homens. — **Santo Agostinho e S. Tomás.**

53 Disputavam pois entre si os judeus, dizendo: Como pode este dar-nos a comer a sua carne?

54 E Jesus lhes disse: Em verdade, em verdade vos digo: Se não comerdes a carne do Filho do homem, e berdes o seu sangue, não tereis vida em vós. (7)

55 O que come a minha carne, e bebe o meu sangue, tem a vida eterna: E eu o ressuscitarei no último dia.

56 Porque a minha carne verdadeiramente é comida: E o meu sangue verdadeiramente é bebida.

57 O que come a minha carne, e bebe o meu sangue, esse fica em mim, e eu nele. (8)

(7) **NÃO TEREIS** — O grego, não tendes. Estas palavras de Jesus Cristo dão a entender, que todo o cristão, se quer viver a vida dos filhos de Deus, deve participar do sacramento da Eucaristia, seja realmente quando está em idade, e estado de o poder fazer, seja de coração, e desejo, e pela união espiritual, que tem como membro de Jesus Cristo com todo o seu corpo, quando algum obstáculo invencível, ou alguma razão legítima, o impedem de recebê-lo realmente. A razão disto é porque sendo a carne de Jesus Cristo verdadeira comida, e o sangue verdadeira bebida, não se podem manter as nossas almas sem este divino alimento e bebida. E isto não deve tomar-se como um discurso figurado e parabólico; porque o Senhor pretende obrigar os homens a comer realmente a sua carne, e a beber o seu sangue, como que lhes é necessário para a vida santa das suas almas, e para a ressurreição gloriosa dos seus corpos. — S. João Crisóstomo e S. Tomás. A prova de que Jesus falava em sentido natural, que não figurado, é que os ouvintes assim o escutavam, está nas palavras dos que o escutavam: Duro é este discurso, v. 12.

(8) **ESSE FICA EM MIM** — Se qualquer ajunta, ou mistura uma porção de cera com outra cera, uma e outra não fazem mais que uma só. Por este modo o que recebe a carne de Jesus Cristo, nosso Salvador, e bebe o seu precioso sangue, é uma só coisa com ele, como ele mesmo disse, porque está como incorporado com ele por esta divina comunhão do seu corpo; de sorte que ele está em Jesus Cristo, como Jesus Cristo está também nêle. — S. Cirilo.

58 Assim como o Pai, que é vivo, me enviou, e eu vivo pelo Pai: Assim o que se alimenta com a minha carne, esse mesmo também viverá por mim. (9)

59 Aqui está o pão que desceu do Céu. Não como vossos pais, que comeram o maná, e morreram. O que come dêste pão viverá eternamente.

60 Estas coisas disse Jesus quando em Cafarnaum ensinava na Sinagoga.

(9) **SE ALIMENTA COM A MINHA CARNE** — Na Vulgata está *Qui manducat me et ipse vivet propter me*, que o padre Peireira traduzia, e bem à letra, o que me come a mim, esse mesmo também viverá por mim. Um ano depois, na véspera de sua paixão e morte, o Filho de Deus reuniu os doze Apóstolos e comeu a Páscoa com eles; narram então os Evangelistas que nessa ceia Jesus tomou o pão, abençoou-o, partiu-o, deu-o aos discípulos, dizendo: — **Tomai e comei, este é o meu corpo** — e, tomando em seguida o cálice, disse: **Bebei todos porque este é o meu sangue**. Temos pois que Jesus disse anteriormente, na passagem presente v. 54, **Se não comerdes a carne do Filho do Homem e beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós**, o v. 57, o que come a minha carne e bebe o meu sangue esse fica em mim e eu nele; prometeu e realizou depois, e fez a promessa em termos claros, precisos, e não vagos ou obscuros. Jesus declarava que estava real e substancialmente presente debaixo das aparências do pão e do vinho — **o meu corpo — o meu sangue** — Por isso, diz o padre Lahousse, se Jesus Cristo não queria falar em termos próprios, mas sim intentava falar em sentido metafórico, apenas duma presença simbólica, deve então dizer que enganou ciente e voluntariamente os seus discípulos e a sua Igreja, fazendo aparecer uma idolatria nova, o que se não pode conciliar com a sua divindade, admitida pelos adversários da Eucaristia. Por isso todos os Padres da Igreja, da mais remota antiguidade, desde Clemente Romano, Santo Inácio martir, S. Justino, todas as liturgias orientais e ocidentais, gregos, latinos, coptas, egípcios, godos, etiópicos e sirios, atestam unanimemente a crença universal em todas as idades e lugares cristãos no dogma da Eucaristia, cuja promessa formal se encontra no presente lugar de S. João. Os próprios herejes separados da catholicidade desde os primeiros séculos, demonstram, a seu modo, a universalidade da crença do dogma eucarístico, pois que se encarregaram de provocar muito cedo categóricas explicações dos apologistas, por causa das calúnias que tendiam a corromper o

61 Muitos pois dos seus discípulos, ouvindo isto, disseram: Duro é este discurso, e quem o pode ouvir? (10)

62 Porém Jesus conhecendo em si mesmo que seus discípulos murmuravam por isso, disse-lhes: Isto escandaliza-vos?

63 Pois que será, se vós virdes subir o Filho do homem, onde ele primeiro estava?

64 O espírito é o que vivifica: A carne para nada aproveita: As palavras que eu vos disse são espírito e vida.

65 Mas há alguns de vós outros que não crêem. Porque bem sabia Jesus desde o princípio quem eram os que não criam, e quem o havia de entregar.

66 E dizia: Por isso eu vos tenho dito, que ninguém pode vir a mim, se por meu Pai lhe não fôr isso concedido.

67 Desde então se tornaram atrás muitos de seus discípulos: E já não andavam com ele.

68 Por isso disse Jesus aos doze: Quereis vós outros também retirar-vos?

mistério; e assim, mau grado seu, fizeram resplandecer a fé da Igreja primitiva, cuja tradição constante foi resumida admiravelmente pelo Concílio de Trento, sessão 13, cc. 1.^o, 2.^o e 4.^o

(10) **DURO É ESTE DISCURSO** — E contudo Jesus Cristo não muda de discurso, nem mitiga o que disse, antes deixa ficar tanto aos judeus, como a seus discípulos, na persuasão de que a carne e sangue de que falava, era a sua verdadeira carne e sangue. O que é um bom argumento do dogma da Transubstanciação e da real presença do Senhor na Eucaristia, contra os que negam uma e outra. Vê-se por esta palavra a impressão de surpresa que este discurso causou no meio dos ouvintes.

Evangelho de S João 6, 69-72; 7, 1-3

69 E respondeu-lhe Simão Pedro: Senhor, para quem havemos nós de ir? Tu tens palavras da vida eterna.

70 E nós temos crido e conhecido que tu és o Cristo Filho de Deus.

71 Disse-lhes Jesus: Não é assim que eu vos escolhi em número de doze, e contudo um de vós é o diabo?

72 O que ele dizia por Judas Iscariotes, filho de Simão, porque ele era o que o havia de entregar, sendo que era um dos doze.

CAPÍTULO 7

VAI JESUS SECRETAMENTE ASSISTIR A FESTA DOS TABERNÁCULOS. ADMIRAM OS JUDEUS A SUA SABEDORIA. JUSTIFICA ELE A CURA QUE HAVIA FEITO EM DIA DE SÁBADO. DISPUTA DOS JUDEUS. SOBRE SE JESUS ERA O MESSIAS. ELE PROMETE O ESPÍRITO SANTO AOS QUE CRÊEM NELE. DEFENDE-O NICODEMOS.

1 E depois disto andava Jesus por Galiléia, porque não queria andar por Judéia: Visto que os judeus o queriam matar.

2 Estava porém a chegar a festa dos judeus, chamada dos Tabernáculos.

3 Disseram-lhe pois seus irmãos: Sai daqui, e vai para Judéia, para que também teus discípulos vejam as obras que fazes. (1)

(1) **SEUS IRMAOS**. — Seus parentes. Cfr. Mt 12, 46.

Evangelho de S. João 7, 4-13

4 Porque ninguém, que deseje ser conhecido em público, obra coisa alguma em secreto: Já que fazes estas coisas, descobre-te ao mundo.

5 Porque nem ainda seus irmãos criam nele.

6 Disse-lhe pois Jesus: Ainda não é chegado o meu tempo, mas o vosso tempo sempre está pronto.

7 O mundo não vos pode aborrecer: Mas êle me aborrece a mim: Porque eu dou testemunho dêle, que são más as suas obras.

8 Vós outros subi a esta festa, que eu todavia não vou a esta festa: Porque não é ainda cumprido o meu tempo. (2)

9 Tendo dito isto, deixou-se ficar êle mesmo em Galiléia.

10 Mas quando seus irmãos já tinham subido, então subiu êle tanibém à festa não descobertamente, mas como em segredo.

11 Buscavam-no pois os judeus no dia da festa, e diziam: Onde está êle?

12 E' era grandé a murmuração que dêle havia no povo. Porque uns diziam: Êle é bom. Outros porém diziam: Não é, antes engana o povo.

13 Ninguém contudo ousava falar dêle em público, por mêdo dos judeus.

(2) **QUE EU TODAVIA NÃO VOU** — Não vou ainda, ou não vou descobertamente, segundo se colhe do contexto.

14 Ora, estando já os dias da festa no meio, entrou Jesus no Templo, e pôs-se a ensinar.

15 E admiravam-se os judeus, dizendo: Como sabe êste letras, não as tendo estudado?

16 Respondeu-lhes Jesus, e disse: A minha doutrina não é minha, mas é daquele que me enviou.

17 Se alguém quizer fazer a vontade de Deus: Reconhecerá se a minha doutrina vem dêle, ou se eu falo de mim mesmo.

18 O que fala de si mesmo, busca a própria glória: Mas aquêle que busca a glória de quem o enviou, êsse é verdadeiro, e não há nele injustiça.

19 Não é assim que Moisés vos deu a Lei, e contudo nenhum de vós cumpre com a Lei?

20 Por que me procurais vós matar? Respondeu o povo, e disse: Tu estás possesso do demônio; quem é que procura matar-te?

21 Respondeu Jesus, e disse-lhes: Eu fiz uma só obra, e todos vós estais por isso maravilhados: (3)

22 Vós contudo, porque Moisés vos ordenou a circuncisão (Se bem que ela não vem de Moisés, mas dos patriarcas) no sábadò mesmo circuncidais um homem.

23 Se por não se violar a Lei de Moisés vos ordenou a circuncisão em dia de sábadò: Por que vos indignais vós

(3) **EU FIZ UMA SÓ OBRA** — Entende-se em dia de sábadò.
— Sacy.

Evangelho de S. João 7, 24-29

de que eu em dia de sábado curasse a todo um homem? (4)

24 Não julgueis segundo a aparência, mas julgai segundo a reta justiça.

25 Então alguns de Jerusalém diziam: Não é este o tal a quem procuram matar?

26 E contudo ei-lo aí está falando em público, e não lhe dizem coisa alguma. Será que tenham verdadeiramente reconhecido os senadores que este é o Cristo?

27 Mas nós sabemos donde este é: E do Cristo, quando vier, ninguém saberá donde ele seja. (5)

28 E Jesus levantava a voz no templo ensinando, e dizendo: Vós outros não só me conheceis, mas sabeis donde eu sou: E eu não vim de mim mesmo, mas é verdadeiro o que me enviou, a quem vós não conheceis:

29 Eu sou quem o conheço: Porque d'ele sou, e ele me enviou.

(4) **A TODO UM HOMEM** — Na Circuncisão cortava-se somente uma mínima partícula de carne, a que chamavam prepúcio, que entre os hebreus estava reputado ser um labéu, ou uma infâmia, como se colhe de Jos 5, 9. Na cura, porém, que Jesus fizera no paralítico, ficou este todo curado. Outros entendem por "todo um homem", o homem em corpo, e alma. — Calmet.

(5) **NINGUÉM SABERÁ** — Confundiam as duas gerações de Jesus Cristo: uma temporal e visível; e a outra oculta, e incompreensível.

30 Procuravam pois os judeus prendê-lo: Mas ninguém lhe lançou as mãos, porque não era ainda chegada a sua hora. (6)

31 E muitos do povo creram nele, e diziam: Quando vier o Cristo, fará êle mais prodígios que os que êste faz?

32 Ouviram os fariseus êste murmúrio que dêle fazia o povo: E os príncipes dos sacerdotes, e os fariseus enviaram quadrilheiros para o prenderem.

33 Mas Jesus lhes disse: Ainda por um pouco de tempo estou convosco: E depois vou para aquele que me enviou.

34 Vós me buscareis, e não me achareis: Nem vós podeis vir onde eu estou.

35 Disseram logo entre si os judeus: Para onde é que irá êste e que o não possamos achar? Será caso que vá para os que se acham dispersos entre as nações, e para instruir os gentios?

36 Que quer dizer esta palavra, que êle nos disse: Vós me buscareis, e não me achareis: E onde eu estou, não podeis vós vir?

37 E no último dia da festa que era o mais solene, estava ali Jesus, pôsto em pé, e levantava a voz, dizendo: Se alguém tem sede, venha a mim, e beba. (7)

(6) **PORQUE NÃO ERA AINDA CHEGADA** — A hora de Jesus Cristo era a da sua vontade, porquanto se ofereceu ao Sacrifício porque quis, e assim, enquanto não chegou aquele momento determinado no conselho de Deus, ainda que queriam lançar-lhe a mão, e o tinham presente, eram detidos por uma oculta força e virtude que não conheciam. — S. Tomás.

(7) **SE ALGUÉM TEM SEDE** — Estas palavras de Jesus referem-se a uma cerimônia da festa dos tabernáculos. No último

Evangelho de S. João 7, 38-47

38 O que crê em mim, como diz a Escritura, do seu ventre correrão rios d'água viva.

39 Isto porém dizia êle, falando do Espírito, que haviam de receber os que cressem nele: Porque ainda o Espírito não fôra dado, por não ter sido ainda glorificado Jesus.

40 Entretanto alguns daquele povo, tendo ouvido estas suas palavras, diziam: Êste seguramente é profeta.

41 Outros diziam: Êste é o Cristo. Porém diziam alguns: Pois que de Galiléia é que há de vir o Cristo?

42 Não diz a Escritura: Que o Cristo há de vir da geração de Davi, e da vilota de Belém, onde assistia Davi?

43 Assim que havia esta dissensão entre o povo acêrca dêle.

44 E alguns dêles o queriam prender: Mas nenhum lançou as mãos sôbre êle.

45 Voltaram pois os quadrilheiros para os príncipes dos sacerdotes, e fariseus. E êles lhes perguntaram: Por que o não trouxestes vós prêso?

46 Responderam os quadrilheiros: Nunca homem algum falou como êste homem.

47 Replicaram-lhes então os fariseus: Dar-se-á caso qué sejais vós também dos enganados?

dia, um levita ia à fonte de Siloé com uma ânfora de ouro buscar água que lançava sôbre a vítima, em memória do milagre de Moisés fazendo brotar água do rochedo. Por isto Jesus diz: — Se alguém tem sede, etc.

48 Houve porventura algum dentre os senadores, ou dos fariseus, que crêsse nele?

49 Porque enquanto a esta plebe, que não sabe o que é lei, eles são uns homens amaldiçoados.

50 Disse-lhes Nicodemos que era um deles, e o mesmo que viera de noite buscar a Jesus:

51 Condena porventura a nossa lei a algum homem antes de o ouvir, e antes de se informar das suas ações?

52 Responderam êles, e disseram-lhes: E's tu também galileu? Examina as Escrituras, e verás que de Galiléia não se levanta profeta. (8)

53 E tornaram-se cada um para sua casa.

CAPÍTULO 8

O CASO DA MULHER ADÚLTERA. PREDIZ O SENHOR AOS JUDEUS A SUA IMPENITÊNCIA FINAL. QUAIS SÃO OS SEUS VERDADEIROS DISCÍPULOS. OS JUDEUS NÃO SÃO FILHOS DE DEUS, NEM DE ABRAÃO, MAS DO DIABO. DOBRAM ÊLES AS BLASFÊMIAS CONTRA JESUS. ABRAÃO DESEJOU VÊ-LO E NÃO O VIU. ELE ERA ANTES DE ABRAÃO. QUEREM-NO APEDREJAR OS JUDEUS.

1 Entretanto foi Jesus para o monte das Oliveiras.

(8) **ÉS TU TAMBÉM** — A esta sólida pergunta de Nicodemos deviam responder os fariseus, fazendo-lhe presentes os motivos que êles tinham para mandar que se perdesse a Jesus! Mas respondeu-lhe com uma duplicada injúria; primeiramente tratando-o de galileu, que na sua opinião era um grande impropério, porque assentavam que não podia sair nada bom da Galiléia; e em segundo lugar dando-lhe em rosto com uma grosseira ignorância das Escrituras.

Evangelho de S. João 8, 2-7

2 E ao romper da manhã tornou para o templo, e todo o povo veio ter com êle, e assentado os ensinava.

3 Então lhe trouxeram os escribas e os fariseus uma mulher que fôra apanhada em adultério e a puseram no meio.

4 E lhe disseram: Mestre, esta mulher foi agora mesmo apanhada em adultério.

5 E Moisés na lei mandou-nos apedrejar a estas tais. Que dizes tu logo?

6 Diziam pois isto os judeus tentando-o, para o poderem acusar. Porém Jesus abaixando-se, pôs-se a escrever com o dedo na terra. (1)

7 E como êles perseveravam em fazer-lhe perguntas, ergueu-se Jesus e disse-lhes: O que de vós outros está sem pecado, seja o primeiro que a apedreje. (2)

(1) **TENTANDO-O, PARA** — Foi esta uma pergunta cheia de malícia, porque se a condenava à morte, tomavam daí pretexto, para o desacreditarem para com o povo, cuja afeição, e crédito havia adquirido pela sua suavidade e mansidão. Além de que o houveram acusado perante o governador, de que usurpava um poder, que não pertencia senão ao soberano. Se a absolvía, o haviam de acusar de prevaricador, e inimigo da lei. Se respondesse, que a êle lhe não tocava julgar delitos, nem impôr penas capitais, que acudissem ao governador, o houveram do mesmo modo desacreditado perante as gentes, fazendo-lhes crer que era um inimigo da nação e fautor da tirania, atropelando os privilégios e a liberdade que Deus havia concedido ao seu povo escolhido.

(2) **O QUE DE VÓS OUTROS** — Isto alude ao costume que tinham os judeus, pois os que testemunhavam, eram os primeiros que atiravam com pedras contra os culpados. Jesus Cristo não quer dizer com isto, que para que um juiz possa castigar legitimamente os delitos de outros, lhe é necessário que esteja livre de pecado. Pretende somente obrigar aos malignos acusadores desta mulher, a deixarem-na livre, à vista dos remordimentos da sua

8 E tornando a abaixar-se, escrevia na terra.

9 Mas êles ouvindo-o, foram saindo um a um, sendo os mais velhos os primeiros: E ficou só Jesus, e a mulher, que estava no meio em pé.

10 Então ergueu-se Jesus, e disse-lhe: Mulher, onde estão os que te acusavam? Ninguém te condenou?

11 Respondeu ela: Ninguém, Senhor: Então disse Jesus: Nem eu tão pouco te condenarei: Vai e não peques mais.

12 E outra vez lhes falou Jesus, dizendo: Eu sou a luz do mundo: O que me segue não anda em trevas, mas terá o lume da vida.

13 E os fariseus lhe disseram: Tu és o que dás testemunho de ti mesmo: Assim o teu testemunho não é verdadeiro.

14 Respondeu Jesus, e disse-lhe: Ainda que eu mesmo sou o que dou testemunho de mim, o meu testemunho é verdadeiro: Porque sei donde vim e para onde vou: Mas vós não sabeis donde eu venho, nem para onde vou.

15 Vós julgais segundo a carne: Eu a ninguém julgo: (3)

16 E se eu julgo a alguém, o meu juizo é verdadeiro, porque eu não sou só: Mas eu e o Pai, que me enviou.

própria consciência, e temendo que o Senhor publicasse os delitos ocultos, que êles tinham ainda da mesma classe. Desta maneira a tirou livre das suas mãos, e sem lhes deixar o menor pretexto para o poderem acusar.

(3) **EU A NINGUÉM JULGO** — Entende-se, segundo a carne, ou segundo a aparência. — Sacy.

Evangelho de S. João 8, 17-25

17 E na vossa mesma lei está escrito que o testemunho de duas pessoas é verdadeiro.

18 Ora, eu sou o que dou testemunho de mim mesmo: E meu Pai, que me enviou, também dá testemunho de mim.

19 Perguntaram-lhe eles então: Onde está teu Pai? Respondeu-lhes Jesus: Vós não me conheceis a mim, nem a meu Pai: Se me conhecêsseis a mim, certamente conheceríeis também a meu Pai.

20 Estas palavras disse Jesus, ensinando no templo no lugar do gazofilácio: E ninguém o prendeu, porque não era ainda chegada a sua hora.

21 E em outra ocasião lhes disse Jesus: Eu retiro-me, e vós me buscareis e morrereis no vosso pecado. Para onde eu vou não podeis vós vir.

22 Diziam pois os judeus: Será que êle se mate a si mesmo, pois diz: Para onde eu vou, não podeis vós vir?

23 Mas Jesus lhes respondia: Vós sois cá de baixo, e eu sou lá de cima. Vós sois dêste mundo, e eu não sou dêste mundo.

24 Por isso eu vos disse, que morreríeis nos vossos pecados: Porque se não crêdes em quem eu sou, morrereis no vosso pecado.

25 Perguntaram-lhe pois eles: Quem és tu? Respondeu-lhes Jesus: Eu sou o princípio, o mesmo que vos falo. (4)

(4) **EU SOU O PRINCÍPIO** — Sou o Autor, e Criador de todas as coisas. Esta lição é própria dos Padres e códices latinos: E

26 Muitas coisas são as que tenho que vos dizer, e de que vos condenar: Mas o que me enviou é verdadeiro: E eu o que digo no mundo é o que dêle aprendi.

27 E não conheceram os judeus que êle dizia: que Deus era seu Pai.

28 Disse-lhes pois Jesus: Quando vós tiverdes levantado o Filho do homem, então conhecereis quem eu sou, e que nada faço de mim mesmo, mas que como o Pai me ensinou, assim falo: (5)

29 E o que me enviou, está comigo, e não me deixou só: Porque eu sempre faço o que é do seu agrado.

30 Ao tempo que Jesus dizia estas palavras, creram muitos nele.

31 Pelo que dizia Jesus aos judeus que nele creram: Se vós permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos:

32 E conhecereis a verdade, e a verdade vos livrará.

ainda destes não convêm todos nela, como mostra Sabatier e Calmet. O texto grego parece discrepar notavelmente da Vulgata. Porque nele se lê em acusativo o nome e na forma neutra o relativo, arquen o ti: quando na Vulgata se lê em nominativo o nome e na forma masculina o relativo, principium qui. De sorte que, segundo os inteligentes da língua, faz o texto grego êste sentido: Eu sou o que desde o principio vos digo ser. Ou como vertem Le Gros e de Mons: Eu sou desde o principio, e isso é o que vos digo.

(5) **TIVERDES LEVANTADO** — O maior de todos os delitos que cometeréis na minha pessoa, levantando-me, e fazendo-me morrer em uma Cruz, vos obrigará por último, a que reconheçais que sou o que tantas vêzes vo-lo tenho dito. Isto se verificou nos prodígios que se viram na sua morte, na sua Ressurreição gloriosa, quando enviou o Espírito Santo, na pregação, constância, e milagre dos Apóstolos, e ultimamente na ruína de Jerusalém, e na dispersão e total extermínio dos judeus.

33 Responderam-lhe êles: Nós somos descendentes de Abraão, e em nenhum tempo fomos escravos de alguém; como dizes tu: Que viremos a ser livres? (6)

34 Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: Que todo o que comete pecado, é escravo do pecado:

35 Ora, o escravo não fica para sempre na casa, mas o Filho fica nela para sempre:

36 Assim que se o Filho vos livrar, sereis verdadeiramente livres.

37 Eu bem sei que sois filhos de Abraão, mas vós quereis me dar a morte, porque a minha palavra não cabe em vós.

38 Eu falo o que vi em meu Pai: E vós fazeis o que vistes em vosso pai. (7)

39 Responderam êles, e disseram-lhe: Nosso pai é Abraão. Disse-lhes Jesus: Se sois filhos de Abraão, fazei obras de Abraão.

40 Mas vós atualmente procurais tirar-me a vida, a mim que sou um homem que vos falei a verdade, que ouvi de Deus: Isto é o que Abraão nunca fez.

(6) **QUE VIREMOS A SER LIVRES?** — Ainda que o Senhor podia replicar-lhes, pondo-lhes presente a escravidão em que haviam estado no Egito, em Babilônia, e ainda mesmo então debaixo do jugo do império dos romanos, se contentou com lhes propor outro gênero de escravidão, em que êles não cuidavam, e da qual pretendia libertá-los.

(7) **EM VOSSO PAI** — Quem fosse êste pai o declara no verso 44: Vosso pai é o da mentira, e por isso vos inspira que me tireis a vida, opondo-vos, e resistindo perversa e obstinadamente à verdade que vos annuncio.

41 Vós fazeis as obras de vosso pai. E êles lhe disseram: Nós não somos nascidos da impureza; um pai temos que é Deus. (8)

42 Respondeu-lhes pois Jesus: Se Deus fosse vosso pai, vós certamente me amaríeis: Porque eu saí de Deus, e vim, porque não vim de mim mesmo, mas êle foi quem me enviou.

43 Por que não conheceis vós a minha fala? E' porque não podeis ouvir a minha palavra.

44 Vós sois filhos do diabo, e quereis cumprir os desejos de vosso pai; êle era homicida desde o princípio, e não permaneceu na verdade, porque a verdade não está nele: Quando êle diz a mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso, e pai da mentira.

45 Mas ainda que eu vos digo a verdade, vós não me credes.

46 Qual de vós me arguirá de pecado? Se eu vos digo a verdade, por que não me credes?

47 O que é de Deus, ouve as palavras de Deus. Por isso vós não as ouvis, porque não sois de Deus.

48 Responderam então os judeus, e disseram-lhe: Não dizemos nós bem, que tu és um samaritano, e que tens demônio?

(8) **NÓS NAO SOMOS** — Nós não somos filhos bastardos, porque na terra o nosso pai é Abraão, e no Céu Deus. Tomando-se porém aqui "impureza", por idolatria, segundo a frase da Escritura, será então o sentido: nós não somos idólatras, nem seguidores dos seus vícios, mas reconhecemos um pai, e veneramos um Deus, que nos escolheu para seu povo, e nos chama seus filhos. — Menóchio.

Evangelho de S. João 8, 49-56

49 Respondeu-lhes Jesus: Eu não tenho demônio, mas dou honra a meu Pai, e vós a mim desonrastes-me

50 E eu não busco a minha glória: Outro é o que a buscará, e que fará justiça.

51 Em verdade, em verdade vos digo: Que se alguém guardar a minha palavra, não verá a morte eternamente.

52 Disseram-lhe pois os judeus: Agora é que conhecemos que estás possesso do demônio. Abraão morreu, e os profetas morreram, e tu dizes: Se alguém guardar a minha palavra, não provará a morte eternamente.

53 Acaso és tu maior do que o nosso pai Abraão que morreu? E do que os profetas, que também morreram? Quem te fazes tu ser?

54 Respondeu Jesus: Se eu glorifico a mim mesmo, não é nada a minha glória: Meu Pai é que me glorifica, aquele que vós dizeis que é vosso Deus.

55 E entretanto vós não o tendes conhecido: Mas eu conheço-o: E se disser que o não conheço, serei como vós mentiroso. Mas eu conheço-o, e guardo a sua palavra.

56 Vosso pai Abraão desejou ansiosamente ver o meu dia: Viu-o, e ficou cheio de gozo. (9)

(9) **VER O MEU DIA** — O tempo em que eu havia de assistir entre os homens feito homem. Santo Irineu, Santo Hilário, S. Bernardo.

VIU-O — Quando em espírito conheceu o dia em que se haviam de cumprir todas as promessas, que se lhe haviam feito sobre o Messias. — Sacy.

57 Disseram-lhe por isso os judeus: Tu ainda não tens cinquenta anos, e viste a Abraão?

58 Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo, que antes que Abraão fosse feito, sou eu. (10)

59 Então pegaram os judeus em pedras para lhe atirarem: Mas Jesus encobriu-se, e saiu do Templo.

CAPÍTULO 9

DA JESUS VISTA A UM CEGO DE NASCENÇA. CONDENAM OS FARISEUS ESTE MILAGRE. EXCOMUNGAM O CEGO. JESUS O INSTRUI, E ELE CRÊ EM JESUS.

1 E passando Jesus, viu a um homem que era cego de nascença:

2 E seus discípulos lhe perguntaram: Mestre, que pecado fez êste, ou fizeram seus pais, para nascer cego?

(10) **QUE ABRAÃO FOSSE FEITO** — Este texto é outra prova claríssima da Divindade de Jesus Cristo contra os Socinianos. E como Santo Agostinho, no Tratado 43, sobre S. João, daquele *fieret* da Vulgata atribuído a Abraão, e do *ego sum* entendido de Jesus Cristo, mostra contra os Arianos, ser Abraão uma coisa feita, *facturam humanam*; e ser Jesus Cristo uma coisa que é, *qui est*, sem ser feita: Por isso me cingi religiosamente aos termos da Vulgata, traduzindo aquele *antequam fieret*, não antes que fosse nascido, como traduziam Amelote, Simon, e Mesengui; nem antes que viesse ao mundo, como Sacy e os de Mons; mas antes que fosse feito, como o grande Bossuet mostrou que se devia traduzir, e como o Cardeal de Noailles, arcebispo de Paris, mandou que se corrigisse na versão de Trevoux de 1702, que é a do referido Simon. Advirta-se também que o grego com a Vulgata, emprega para Abraão o verbo ser feito, é para Jesus Cristo — *ser, existir*.

Evangelho de S. João 9, 3-7

3 Respondeu Jesus: Nem foi por pecado que êle fizesse, nem seus pais: Mas foi para se manifestarem nele as obras de Deus. (1)

4 Importa que eu faça as obras daquele que me enviou, enquanto é dia: A noite vem, quando ninguém pode obrar.

5 Eu entretanto que estou no mundo, sou a luz do mundo.

6 Dito isto, cuspiu no chão, e fez lodo do cuspo, e untou com o lodo os olhos do cego,

7 e disse-lhe: Vai, lava-te na piscina de Siloé (que quer dizer o Enviado). Foi êle pois e lavou-se, e veio com vista. (2)

(1) **MAS FOI PARA SE MANIFESTAREM** — O Senhor lhe responde, que não precisamente por seus pecados lhe havia Deus enviado aquele trabalho, pois havia outros muitos igualmente pecadores, a quem não havia acontecido semelhante desgraça; e que Deus as envia aos homens, ou para castigar os seus próprios pecados, ou nos filhos as injustiças dos pais em que tiveram alguma parte, ou que os imitam; ou para purificar e provar a sua virtude, ou para fazer brilhar as obras do seu poder. Santo Tomás, e S. João Crisóstomo fazem aqui uma observação mui importante, que pode servir para ilustrar outros muitos lugares paralelos da Escritura: Isto é, que Deus não fez nascer cego a êste homem, para ter ocasião de obrar um milagre na sua pessoa, senão que a cegueira dêste homem serviu para manifestar e fazer brilhar o poder Divino. A palavra grega que se traslada, "para que, ou a fim de que" nem sempre denota "o fim" ou a "causa", mas muitas vêzes "o efeito". Assim se ha de entender nos vers. 39 dêste mesmo Cap. e o que S. Paulo diz na Epístola aos Rom 1, 19. 20.

(2) **PISCINA DE SILOÉ** — A piscina de Siloé fica junto do Monte Ofel, para este do lugar de Siloen, em frente de Jerusalém, na vertente setentrional do vale de Ben-Hinnon. Desce-se por uma escada de dezessete degraus, até um pavimento abobadado, de 3m,50 de comprimento e por outros tantos de largo; daí, por doze degraus abertos em rocha, vê-se a própria fonte, cujo reservatório

8 Então os seus vizinhos, e os que o tinham visto antes pedindo esmola diziam: Não é este aquele que estava assentado e pedia esmola? Respondiam uns: Este é.

9 Outros, pelo contrário: Não é, mas é outro que se parece com êle. Porém êle dizia: Eu é que sou.

10 Perguntaram-lhe pois: Como te foram abertos os olhos?

11 Respondeu êle: Aquêlê homem que se chama Jesus fez lôdo: E untou-me os olhos, e disse-me: Vai ao tanque de Siloé, e lava-te. E fui, lavei-me, e acho-me com vista.

12 E perguntaram-lhe: Onde está êle? Respondeu: Não sei.

13 Então levaram o que fôra cego aos fariseus.

14 E era dia de sábadô, quando Jesus fez o lodo, e lhe abriu os olhos.

15 Perguntaram-lhe pois de novo os fariseus, de que modo vira. E êle lhes disse: Pôs-me lôdo sôbre os olhos, e lavei-me, e estou vendo.

16 Pelo que diziam alguns dos fariseus: Êsse homem, que não guarda o sábadô, não é de Deus. Porém

é retangular, abastecido pela água que vem dum canal cavado no rochedo. Uma inscrição hebraica descoberta em 1880, datando do reinado de Ezequias, dá-nos conta da forma como foi construída esta fonte, destinada a abastecer Siloé. A nascente que alimenta esta célebre piscina, que vem por este aqueduto subterrâneo, é a que se chama hoje a Fonte da Virgem.

O ENVIADO — Não omite o Evangelista a interpretação da palavra "Siloé", para significar o mistério, de que essa fonte era figura; que era que Jesus Cristo fôra enviado pelo Eterno Padre a lavar as nossas culpas, por meio da Fé e do Batismo. — **Duhamel.**

Evangelho de S. João 9, 17-22

outros diziam: Como pode um homem pecador fazer êstes prodígios? e havia dissensão entre êles.

17 Perguntaram pois ainda ao cego: Tu que dizes daquele que te abriu os olhos? E respondeu êle: Que é um profeta.

18 Mas os judeus não creram que êle fosse cego, e visse, enquanto não chamaram os pais do que vira:

19 E lhes fizeram esta pergunta, dizendo: E' êsse o vosso filho, que vós dizeis que nasceu cego? Pois como vê agora? (3)

20 Seus pais lhes responderam, e disseram: O que nós sabemos é que êste é nosso filho, e que êle nasceu cego: (4)

21 Mas não sabemos como êle agora vê: Ou quem foi o que lhe abriu os olhos, nós o não sabemos também: Perguntai-lho a êle mesmo: Êle idade tem, que fale êle mesmo de si. (5)

22 Isto disseram séus pais, por mêdo que tinham dos judeus: Porque já os judeus tinham conspirado em ser expulsado fora da Sinagoga todo o que confessasse que Jesus era o Cristo.

(3) **E LHEZ FIZERAM ESTA PERGUNTA** — Como se vê, houve um verdadeiro inquérito, com todas as formalidades.

(4) **NASCEU CEGO** — Confirmam desassombradamente que o filho era cego de nascimento, e ninguém lhes contraditou a afirmativa.

(5) **MAS NAO SABEMOS** — Não atribuem a êste ou àquele o prodígio, prova da sua sinceridade.

23 Por isso é que seus pais responderam: Êle idade tem, perguntai-lho.

24 Tornaram pois a chamar ao homem que fôra cego, e disseram-lhe: Dá glória a Deus: Nós sabemos que êsse homem é um pecador. (6)

25 Então lhes respondeu êle: Se êle é pecador, não sei: O que só sei, é que sendo eu antes cego, vejo agora. (7)

26 Perguntaram-lhe pois: Qué é o que te fez êle? como te abriu êle os olhos?

27 Respondeu-lhes: Eu já vô-lo disse, e vós já o ouvistes: Por que o quereis vós tornar a ouvir? Quereis vós porventura fazer-vos também seus discípulos?

28 Sôbre isto o carregaram êles de injúrias, e lhe disseram: Discípulo dêle sejas tu: Que nós outros somos discípulos de Moisés.

29 Nós sabemos que Deus falou a Moisés: Mas dêste não sabemos donde é.

30 Respondeu aquele homem, e disse-lhes: Por certo que é coisa admirável, que vós não saibais donde êle é, e que êle me abrisse os olhos:

(6) **DA GLÓRIA A DEUS** — Fórmula ordinária entre os judeus, quando juramentavam alguém para depor a verdade, como se colhe de Jos 7, 19, e de outros lugares: porque a verdade serve a Deus de glória. — Duhamel.

(7) **VEJO AGORA** — A mim não me toca julgar, lhes respondeu, se é, ou não o que vós outros dizels: sômente me toca declarar o que sei: Sei, "Que era cego", e não me engano tão pouco quando digo, "que agora vejo claramente". A esta resposta tão sincera, e tão concludente, ficaram como mudos para lhe poderem replicar, e voltaram outra vez à primeira pergunta.

Evangelho de S. João 9, 31-37

31 E nós sabemos que Deus não ouve a pecadores: Mas se alguém lhe dá culto, e faz a sua vontade, a êste escuta Deus. (8)

32 Desde que há mundo, nunca se ouviu que alguém abrisse os olhos a um cego de nascença.

33 Se êste não fosse de Deus, não podia êle obrar coisa alguma. (9)

34 Responderam êles, e disseram-lhe: Tu desde o ventre de tua mãe todo és pecado, e tu és o que nos queres ensinar? E lançaram-no fora. (10)

35 Ouviu Jesus dizer que o tinham lançado fora: E havendo-o encontrado disse-lhe: Tu crês no Filho de Deus?

36 Respondeu êle, e disse: Quem é êle, Senhor, para eu crer nele?

37 Disse-lhe pois Jesus: Até já tu o viste, e é aquele mesmo que fala contigo.

(8) **QUE DEUS NÃO OUVI A PECADORES** — O cego fala, como quem ainda não estava de todo alumado no espírito; porque é certo que Deus também ouve pecadores, como se viu no publicano. Santo Agostinho no livro 3, do batismo contra os donatistas: "*Haec adhuc junctus loquitur: nam et peccatores Deus exaudit; alioquin frustra publicanus diceret: Deus, propitius est mihi peccatori*".

(9) **SE ÊSTE NÃO FOSSE DE DEUS** — Êste é o reconhecimento solene da Divindade de Jesus, deduzido das suas obras, que transcendem as forças da natureza, e só podiam ser atribuídas à casualidade divina.

(10) **E LANÇARAM-NO FORA** — Ou o templo, ou a Sinagoga, que foi o mesmo que excomungá-lo. — Amelote.

38 Então respondeu êle: Eu creio, Senhor. E prostrando-se, o adorou.

39 E Jesus lhe disse: Eu vim a êste mundo a exercitar um juízo: A fim de que os que não vêem, vejam, e os que vêem, se façam cegos.

40 E ouviram alguns dos fariseus, que estavam com êle, e disseram-lhe: Logo também nós somos cegos?

41 Respondeu-lhes Jesus: Se vós fôsseis cegos não teríeis culpa: Mas como vós agora mesmo dizeis: Nós vemos, fica subsistindo o vosso pecado.

CAPÍTULO 10

A PARÁBOLA DO BOM PASTOR. JESUS É A PORTA. DÁ A VIDA PELAS OVELHAS. FARÁ DOS JUDEUS, E DOS GENTIOS UM SÓ REBANHO. VAI AO TEMPLO NO DIA DA DEDICAÇÃO. PERGUNTAM-LHE OS JUDEUS SE É ÊLE O MESSIAS. OS SEUS MILAGRES O PUBLICAM, MAS SÓ AS SUAS OVELHAS O OUVEM. QUEREM-NO APEDREJAR, POR SE FAZER FILHO DE DEUS. ÊLE SE DEFENDE COM AS OBRAS QUE TEM FEITO.

1 Em verdade, em verdade vos digo: Que o que não entra pela porta no aprisco das ovelhas, mas sobe por outra parte: Êsse é ladrão e roubador. (1)

2 Ô que porém entra pela porta, êsse é pastor das ovelhas.

(1) **NO APRISCO** — O aprisco é a Igreja; as ovelhas são os fieis, e particularmente os escolhidos: a porta é Jesus Cristo. O porteiro o mesmo Deus, que recebe a todos os que entram por Jesus Cristo; isto é, em seu nome, por sua ordem e pelo movimento do seu espírito. O verdadeiro pastor é o que entra por Jesus Cristo, que é o pastor dos pastores: o estranho e o ladrão, é o que não tem vocação legitima para conduzir as ovelhas.

Evangelho de S. João 10, 3-11

3 A êste abre o porteiro, e as ovelhas ouvem a sua voz, e às ovelhas próprias chama pelo seu nome, e as tira para fora.

4 E depois que tirou para fora as próprias ovelhas, vai adiante delas: E as ovelhas o sèguem, porque não conhecem a sua voz.

5 E não seguem o estranho, antes fogem dêle: Porque não conhecem a voz dos estranhos.

6 E Jesus lhes disse esta parábola. Mas êles não entenderam que era o que lhes dizia.

7 Tornou pois Jesus a dizer-lhes: Em verdade, em verdade vos digo, que eu sou a porta das ovelhas.

8 Todos quantos têm vindo são ladrões e roubadores, e as ovelhas não lhes deram ouvidos. (2)

9 Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo: E êle entrará, e sairá, e achará pastagens.

10 O ladrão não vem senão a furtar, e a matar, e a perder. Mas eu vim para elas terem vida, e para a terem em maior abundância.

11 Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a própria vida pelas suas ovelhas.

ESSE É LADRAO — Fur é o que furta às escondidas, latro o que faz descobertamente, sem reboço, e com violência. Ez 34, 23 chama ao Messias único e verdadeiro pastor, com que demonstrando o Senhor, que êle é aquele pastor, demonstra ao mesmo tempo que êle é o Messias. — Pereira.

(2) **TODOS QUANTOS TÊM VINDO** — Na qualidade de pastores que têm vindo de si mesmo, sem estar por Jesus Cristo, sem missão legítima. — Amelote.

12 Porém o mercenário, e o que não é pastor, de quem não são próprias as ovelhas, vê vir o lobo, e deixa as ovelhas, e foge: E o lobo arrebatava e faz desgarrar as ovelhas:

13 E o mercenário foge, porque é mercenário, e porque lhe não tocam as ovelhas.

14 Eu sou o bom pastor: E eu conheço as minhas ovelhas, e as que são minhas me conhecem a mim. (3)

15 Assim como meu Pai me conhece, também eu conheço a meu Pai: E ponho a minha vida pelas minhas ovelhas.

16 Tenho também outras ovelhas, que não são dêste aprisco: E importa que eu as traga, e elas ouvirão a minha voz, e haverá um aprisco e um pastor.

17 Por isso meu Pai me ama: Porque eu ponho a minha vida, para outra vez a assumir.

18 Ninguém a tira de mim, mas eu de mim mesmo a ponho, e tenho poder de a pôr, e tenho poder de a reasumir. Êste mandamento recebi de meu Pai.

19 Originou-se por causa dêstes discursos uma nova dissensão entre os judeus.

20 Porque muitos dêles diziam: Êle está possesso do demônio, e perdeu o juizo; por que o estais vós ouvindo?

(3) E AS QUE SÃO MINHAS ME CONHECEM A MIM — Conheço as minhas ovelhas na minha presclência e eleição eterna, e elas me conhecem por seu redentor, por seu salvador. S. João Crisóstomo e S. Paulo ad Rom 8, 29.

Evangelho de S. João 10, 21-27

21 Diziam outros: Estas palavras não são de quem está possesso do demônio; acaso pode o demônio abrir os olhos aos cegos?

22 Ora, em Jerusalém celebrava-se a festa da Dedicção: E era inverno. (4)

23 E Jesus andava passeando no Templo, no alpendre de Salomão.

24 Rodearam-no pois os judeus, e disseram-lhe: Até quando nos terás tu perplexos? se tu és o Cristo, diz-no-lo claramente.

25 Respondeu-lhes Jesus: Eu digo-vo-lo, e vós não me credes: As obras, que eu faço em nome de Meu Pai, elas dão testemunho de mim.

26 Porém vós não credes, porque não sois das minhas ovelhas. (5)

27 As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu conheço-as, e elas me seguem.

(4) **E ERA INVERNO** — O que parece notou o Evangelista para mostrar antecipadamente a causa por que o Senhor passeava no alpendre de Salomão e não no atrio descoberto. — Calmet. A festa da dedicação remontava ao ano 164, em que Judas Macabeu, tendo libertado Jerusalém, destruíra a estatua de Júpiter, colocada no santuário, e purificou o templo das profanações anteriormente cometidas. Durou oito dias esta solenidade, e celebrava-se no inverno, como S. João notou para os que não conheciam a vida dos judeus.

(5) **PORQUE NÃO SOIS DAS MINHAS OVELHAS** — Daqui se segue, diz Santo Agostinho sobre este lugar, que os judeus eram réprobos, e que só os escolhidos são ovelhas de Cristo.

28 E eu lhes dou a vida eterna, e elas nunca jamais hão de perecer, e ninguém as há de arrebatara da minha mão. (6)

29 O que meu Pai me deu, é maior do que-tôdas as coisas, e ninguém as pode arrebatara da mão de meu Pai.

30 Eu e o Pai somos uma mesma coisa, (7)

31. Então pegaram os judeus em pedras para lhe atirarem.

32 Disse-lhes Jesus: Eu tenho-vos mostrado muitas obras boas, que fiz em virtude de meu Pai: Por qual destas obras me quereis vós apedrejar?

33 Responderam-lhe os judeus: Não é por causa de alguma boa obra, que nós te apedrejam, mas sim porque dizes blasfêmias, e porque sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo.

34 Replicou-lhes Jesus: Não é assim que está escrito na vossa Lei: Eu disse, vós sois deuses? (8)

(6) **E ELAS NUNCA JAMAIS** — Porque suposto o decreto da sua predestinação para a vida eterna, é impossível que se perca alguma destas ovelhas. Santo Agostinho no livro da Correção e da Graça, cap 9, e S. Fulgêncio no livro da Fé a Pedro, cap. 75.

(7) **SOMOS UMA MESMA COISA** — Na essência ou na natureza o texto capital contra os arianos, donde principalmente tiraram os Santos Padres do primeiro Concílio de Nicéa o adjetivo *O* ou *ousios*, que quer dizer: consubstancial, ou da mesma substância.

(8) **NAO É ASSIM QUE ESTÁ ESCRITO** — Sl 81, 6. Por Lei entendiam frequentemente não só o Pentatêuco, senão tudo o que compreendia o Antigo Testamento, que o olhavam como regra das suas ações. Nestas palavras falava Deus com os que havia estabelecido por juizes do seu povo, exortando-os a desempenhar

Evangelho de S. João 10, 35-40

35 Se ela chama deuses àqueles a quem a palavra de Deus foi dirigida, e a Escritura não pode falhar, (9)

36 a mim, a quem o Pai santificou, e enviou ao mundo, porque dizeis vós: Tu blasfemas, por eu ter dito que sou Filho de Deus? (10)

37 Se eu não faço as obras de meu Pai, não me creiais.

38 Porém se eu as faço: E quando não queirais crer em mim, crede as minhas obras, para que conheçais, e creiais que o Pai está em mim, e eu no Pai. (11)

39 Então procuravam os judeus prendê-lo: Mas ele se escapou das suas mãos.

40 E retirou-se outra vez para a banda dalém do Jordão, para o lugar em que João batizava no princípio: E deixou-se lá ficar:

o seu ministério, sem perder de vista a justiça, e sem acepção de pessoa. Chamava-lhes deuses e filhos do Altíssimo, pela sua elevada dignidade, que os fazia semelhantes àquele que, sendo Deus soberano, lhes comunicava uma parte do seu poder.

(9) **SE ELA CHAMA DEUSES** — Santo Agostinho *Si ergo vos deos facit sermo Dei, quomodo non erit Deus Verbum Dei?* Logo, se a palavra de Deus vos faz deuses, como não será Deus o Verbo de Deus? — Duhamel.

(10) **TU BLASFEMAS** — Se aqueles juizes, que só receberam de Deus uma pequena posição do seu poder, são chamados deuses, como dizeis que blasfemo quando me chamo filho de Deus, eu, a quem meu Pai comunicou a sua santidade essencial, e a quem gerou de toda a eternidade como a seu filho? — Santo Agostinho.

(11) **CREDE AS MINHAS OBRAS** — E já que não me credes a mim sobre a minha palavra, crede as minhas obras, pois estas vos dirão que são obras de meu Pai, descobrindo-se nelas os efeitos da sua bondade e poder divino; elas vos convencerão de que o Pai está em mim, e eu no Pai, e que meu Pai e eu somos uma mesma coisa, como já vo-lo tenho declarado. — S. Tomás.

41 E vieram a êle muitos, e diziam: Por certo que João não fez milagre algum.

42 E tôdas as coisas, que João disse dêste, eram verdadeiras. E muitos creram nele.

CAPÍTULO 11

RESSUSCITA JESUS A LÁZARO. AJUNTA-SE O SUPREMO CONSELHO CONTRA JESUS. O PONTÍFICE CAIFÁS PROFETIZA QUE DEVIA UM MORRER POR TODOS. RETIRA-SE JESUS A EFREM. DÁ O CONSELHO ORDEM PARA O PRENDEREM.

1 Estava pois enfêrmo um homem, chamado Lázaro, que era da aldeia de Betânia, onde assistiam Maria e Marta, suas irmãs.

2 (E esta Maria era aquela que ungiu o Senhor com o bálsamo, e lhe limpou os pés com os seus cabelos; cujo irmão Lázaro estava enfêrmo.) (1)

3 Mandaram pois suas irmãs dizer a Jesus: Senhor, eis aí está enfêrmo aquele que tu amas.

4 E ouvindo isto Jesus, disse-lhes: Esta enfermidade não se encaminha a morrer, mas a dar glória a Deus, para o Filho de Deus ser glorificado por ela.

5 Ora, Jesus amava a Marta, e a sua irmã Maria, e a Lázaro:

6 Tanto que ouviu pois que Lázaro estava enfermo, deixou-se então ficar ainda dois dias no mesmo lugar:

(1) **QUE UNGIU O SENHOR** — Em casa de Simão o leproso, como ouvimos em Mt 14, 3. — **Pereira.**

Evangelho de S. João 11, 7-14

7 Depois, passado isto, disse a seus discípulos: Tornemos outra vez para Judéia.

8 Disseram-lhe os discípulos: Mestre, ainda agora te queriam apedrejar os judeus, e tu vais outra vez para lá? (2)

9 Respondeu-lhes Jesus: Não são doze as horas do dia? Aquele que caminhar de dia não tropeça, porque vê a luz deste mundo:

10 Porém o que andar de noite tropeça, porque lhe falta a luz.

11 Assim falou, e depois disto lhes disse: Nosso amigo Lázaro dorme: Mas eu vou despertá-lo do sono.

12 Disseram-lhe então seus discípulos: Senhor, se ele dorme estará sã.

13 Mas Jesus tinha falado da sua morte: e eles entenderam que falava do dormir do sono.

14 Disse-lhes pois Jesus então abertamente: Lázaro é morto.

(2) **E TU VAIS** — Ainda que os discípulos amavam a seu mestre e o temor de perdê-lo sugeria estas razões, para o persuadirem a que não voltasse à Judéia, isto não obstante se conhece que nasciam de amor próprio e de pusilanimidade, porque viam que na necessidade de seguir ao Senhor, expunham eles também a sua vida, ao mesmo perigo, e por isso procuram dissuadi-lo. Estes discípulos tão covardes e tão fracos durante a vida, e à vista do seu mestre, depois da sua morte, Ressurreição, Ascensão e vinda do Espírito Santo, fizeram frente a todos os perigos, e derramando o seu sangue, deram e deixaram a todo o mundo, um testemunho inegável da verdade de todos estes grandes mistérios. — **Pereira.**

15 E eu por amor de vós folgo de me não ter achado lá, para que acrediteis: Mas vamos a êle. (3)

16 Disse então Tomé, chamado Dídimo, aos outros condiscípulos: Vamos nós também, para morrermos com êle.

17 Chegou enfim Jesus, e achou que Lázaro estava na sepultura havia já quatro dias.

18 (Estava pois Betânia em distância de Jerusaleém, perto de quinze estádios).

19 E muitos dos judeus tinham vindo a Marta e a Maria, para as consolarem na morte de seu irmão.

20 Marta pois tanto que ouviu que vinha Jesus, saiu a recebê-lo: E Maria ficou em casa.

21 Disse então Marta a Jesus: Senhor, se tu houveras estado aqui, não morrerá meu irmão.

22 Mas também sei agora que tudo o que pedires a Deus, Deus to concederá. (4)

(3) **PARA QUE ACREDITES** — Para que se confirme e aumente a vossa fé.

(4) **QUE TUDO O QUE PEDIRES A DEUS** — Depois da amorosa queixa, se animou a dizer-lhe, que ainda que seu irmão fosse morto e estivesse supultado de quatro dias, com isso estava persuadida que Deus lhe concederia tudo o que pedisse, que era como pedir-lhe que o ressuscitasse. Com estas palavras manifesta também, que o respeitava como um grande profeta e como um santo de um grande valimento para com Deus. S. Cirilo. Porém, ao mesmo tempo nos ensina, que se roga a Deus com maior eficácia, quando com uma humilde resignação nos entregamos à sua vontade, e lhe pedimos que nos conceda aquilo que conhece ser-nos mais útil e conveniente. — S. Bernardo.

Evangelho de S. João 11, 23-31

23 Respondeu-lhe Jesus: Teu irmão há de ressurgir. (5)

24 Disse-lhe Marta: Eu sei que êle ha de ressurgir na ressurreição, que haverá no último dia.

25 Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida: O que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá.

26 E todo o que vive e crê em mim, não morrerá eternamente. Crês isto?

27 Ela lhe disse: Sim, Senhor, eu já estou na crença de que tu és o Cristo, Filho de Deus vivo, que vieste a êste mundo.

28 E dito isto, retirou-se Marta, e foi chamar em segredo a sua irmã Maria, a quem disse: E' chegado o Mestre, e êle te chama.

29 Ela, como ouviu isto, levantou-se logo, e foi buscá-lo.

30 Porque ainda Jesus não tinha entrado na aldeia: Mas estava ainda naquele mesmo lugar, onde Marta saira a recebê-lo.

31 Então os judeus, que estavam com ela em casa, e a consolavam, como viram que Maria se havia levantado tão depressa, e tinha saído, foram nas suas costas dizendo: Ela vai chorar ao sepulcro.

(5) **TEU IRMAO** — Não lhe diz: eu o ressuscitarei, porque para isto, como Deus que sou, não necessito de valer-me de outro, senão ressuscitará dando-nos em todos os seus discursos um exemplo admirável de humildade e de modéstia. — S. João Crisóstomo.

32 Maria, porém, depois de chegar aonde Jesus estava, tanto que o viu, lançou-se aos seus pés, e disse-lhe: Senhor, se tu houveras estado aqui, não morrera meu irmão.

33 Jesus, porém, tanto que viu chorar a ela, e chorar os judeus, que tinham vindo com ela, afligira-se em seu espírito, e turbou-se a si mesmo. (6)

34 E perguntou: Onde o pusestes vós? Responderam-lhe êles: Senhor, vem e vê.

35 Então chorou Jesus.

36 O que foi causa de dizerem os judeus: Vejam como êle o amava.

37 Mas alguns de entre êles disseram: Êste, que abriu os olhos ao que era cego de nascença, não podia fazer que êste outro não morresse?

38 Jesus, pois, tornando a bramir em si mesmo, veio ao sepulcro: E era êste uma gruta: E em cima dela se havia pôsto uma campa. (7)

(6) **E TURBOU-SE A SI MESMO** — Os mais homens, diz Santo Agostinho, turbam-se sem querer turbar-se, Jesus turba-se, porque quer. — Duhamel.

(7) **E EM CIMA DELA SE HAVIA PÔSTO UMA CAMPA** — Outros trasladam: "cuja entrada haviam tapado com uma pedra". Os mais pobres eram simplesmente enterrados em terra, porém os mais ricos tinham sepulcros à parte para si e para a sua família. Êstes sepulcros eram, ou grutas feitas pela natureza, como se acham em crescido número na Síria, ou qué faziam abrir em uma rocha. Depois de haverem depositado nelas os cadáveres, tapavam a entrada com uma pedra, para os defenderem dos insultos, principalmente das fêras e dos animais.

39 Disse Jesus: Tirai a campa. Respondeu-lhe Marta, irmã do defunto: Senhor, êle já cheira mal, porque é já de quatro dias.

40 Disse-lhe Jesus: Não te disse eu, que se tu crêres verás a glória de Deus?

41 Tiraram pois a campa: E Jesus levantando os olhos ao Céu, disse: Pai, eu te dou graças, porque me tens ouvido:

42 Eu pois bem sabia que tu sempre me ouves, mas falei assim por atender a êste povo, que está à roda de mim, para que êles creiam que tu me enviaste. (8)

43 Tendo dito estas palavras, bradou em alta voz: Lázaro, sai para fora. (9)

44 E no mesmo instante saiu o que estivera morto, ligados os pés e mãos com as ataduras, e o seu rosto estava envolto num lenço. Disse Jesus aos circunstantes: Desatai-o e deixai-o ir. (10)

(8) **SEMPRE ME OUVES** — Porque sendo verdadeiramente seu único Filho, pela união inefável do homem com Deus na Pessoa do Verbo, não podia deixar de ser ouvido, porque o Pai e o Filho querem sempre uma mesma coisa. — Santo Tomás.

(9) **BRADOU EM ALTA VOZ** — Para denotar, diz o mesmo Santo Agostinho, quão dificultosa seja a conversão de um pecador inveterado nos vícios. Sacy. — Esta é a voz de um Deus Onipotente, que tem em seu poder as chaves da morte e da vida, e isto mesmo quis o Senhor que comprehendessem os que o ouviam clamar desta maneira. Assim se obram os milagres que excedem às forças e às leis da natureza. Obram-se em um instante, e sem empregar mais que a palavra ou a vontade. A ressurreição dos mortos se obra do mesmo modo que a criação, assim que uma e outra são obra do mesmo poder.

(10) **NUM LENÇO** — Aqui se viu um duplicado milagre, porque não somente ressuscitou Lázaro à voz do Autor da Natureza,

45. Então muitos dentre os judeus, que tinham vindo visitar a Maria e a Marta, e que tinham presenciado o que Jesus fizera, creram nele.

46 Porém alguns dêles foram ter com os fariseus, e disseram-lhes o que Jesus tinha feito.

47 Por cuja causa se ajuntaram os pontífices e os fariseus em conselho, e diziam: Que fazemos nós, que êste homem faz muitos milagres?

48 Se o deixamos assim livre, crerão todos nele: e virão os romanos e tirar-nos-ão o nosso lugar e a nossa gente.

49 Mas um dêles, por nome Caifás, que era o pontífice daquele ano, disse-lhes: Vós não sabeis nada.

50 Nem considerais que vos convém que morra um homem pelo povo, e que não pereça tôda a nação.

senão que atado como estava saiu do sepulcro, tirando dêste modo aos judeus tôda a ocasião de poderem duvidar do milagre, ou de calúniá-lo de que havia usado de alguma ilusão para os enganar. E por esta razão mandou que êles mesmos o desatassem, para que reconhecessem se era verdade que estava vivo, e que realmente andava pelo seu pé, o que havia quatro dias que estava enterrado, com sinais indefectíveis de estar morto. A maneira de amortalhar que costumavam os judeus, era cobrir com um lenço a cabeça e a cara do defunto, envolvendo o resto do corpo em um pano ou lençol, que enfaixavam com muitas tiras desde as costas até aos pés.

DESATAI-O — Ainda depois de ressurgir, e de sair do sepulcro, é necessário ao pecador que o desatem, isto é, que o absolvam os ministros da Igreja, Santo Agostinho neste lugar: *Quid est solvite, et sinite abire? Quae solveritis in terra, soluta erunt in caelo.* — Duhamel. A ressurreição de Lázaro é um dos assuntos mais triviais nas catacumbas. Encontra-se desde o 2.º século no cemitério de Priscila e de Domitila.

Evangelho de S. João 11, 51-56

51 Ora, êle não disse isto de si mesmo: Mas como era pontífice daquele ano, profetou que Jesus tinha de morrer pela nação. (11)

52 E não sòmente pela nação, mas também para êle unir num corpo os filhos de Deus que estavam dispersos.

53 Desde aquele dia pois cuidavam êles em ver como lhe dariam a morte.

54 De sorte que já não andava Jesus em público entre os judeus, mas retirou-se para uma terra vizinha do deserto, a uma cidade chamada Efrem, e lá estava com seus discípulos.

55 E estava próxima a Páscoa dos judeus: E muitos daquela terra subiram a Jerusalém antes da Páscoa, para se purificarem a si mesmos.

56 E buscavam a Jesus: E diziam uns para os outros estando no Templo: Que julgais vós de não ter vindo a êste dia de festa? Mas os pontífices e fariseus tinham

(11) **PROFETOU** — Deus, que costumava falar ao seu povo pela bôca do Sumo Sacerdote, dirigiu nesta ocasião a língua e espirito de Calfás, para que pronunciasse um oráculo, cujo verdadeiro sentido êle mesmo não entendia. Ele falou de si mesmo, que convinha tirar do mundo, e fazer morrer aquele homem, para que por sua causa não percesse tôda a nação; e êste conselho lhe foi sugerido por uma falsa política, que lhe ditara, que devia ser oprimido um inocente, por um perigo remoto e imaginário. Mas não falou de si mesmo a verdade do mistério que compreendiam estas mesmas palavras, isto é, que o Filho de Deus, feito homem, devia morrer para salvar o universo. E assim o Senhor se serviu da bôca de Calfás, como em outro tempo da de Balaão, para profetizar o mistério inefável da nossa Redenção. Ao mesmo tempo quis o Senhor dar-nos a entender, quanto respeito se deve aos seus ministros, e aos que estão em seu lugar, ainda que sejam maus e perversos, pois assim honrou o mesmo Senhor a dignidade de que estão revestidos, e os lugares que ocupam em seu nome. — **Santo Tomás.**

passado ordem, que todo o que soubesse onde Jesus estava, o denunciasse para o prenderem.

CAPÍTULO 12

DÃO UMA CEIA A JESUS EM BETÂNIA. MARIA, IRMÃ DE LÁZARO, O UNGE COM UM PRECIOSO BALSAMO. MURMURAÇÃO DE JUDAS POR ISSO. DEFENDE-A JESUS. MEDITAM OS JUDEUS DAR A MORTE A LÁZARO. ENTRADA DE JESUS EM JERUSALEM. DESEJAM ALGUNS GENTIOS VÊ-LO. DECLARA JESUS, QUE ELE NÃO PRODUZIRÁ FRUTO ENTRE ÊLES, SENÃO DEPOIS DA SUA MORTE. TURBA-SE COM O PENSAMENTO DA MORTE. DEPOIS DE CRUCIFICADO, ATRAIRA TUDO A SI. MUITOS SENADORES CRÊEM NÊLE, MAS NÃO OUSAM CONFESSÁ-LO EM PÚBLICO, POR MEDO DE SEREM LANÇADOS DA SINAGOGA.

1 Seis dias pois antes da Páscoa veio Jesus a Betânia, onde morrera Lázaro, a que Jesus ressuscitou.

2 E deram-lhe lá uma ceia: Na qual servia Marta, e onde Lázaro era um dos que estavam à mesa com êle.

3 Tomou Maria então uma libra de bálsamo, feito de nardo puro de grande preço, e ungiu os pés de Jesus e lhe enxugou os pés com os seus cabelos: E ficou cheia toda a casa do cheiro do bálsamo. (1)

4 Então Judas Iscariotes, um dos discípulos de Jesus, aquele que o havia de entregar, disse:

5 Por que se não vendeu êste bálsamo por trezentos dinheiros, e se deu aos pobres?

(1) **UMA LIBRA** — A libra valia 326 gramas.

OS PÉS DE JESUS — Primeiramente os pés, diz Santo Agostinho, depois a cabeça, como testifica Mt 26, 7; Mc 14, 3. — Amelote.

Evangelho de S. João 12, 6-14

6 E disse isto, não porque êle tivesse cuidado dos pobres, mas porque era ladrão, e sendo o que tinha a bolsa, trazia o que se lançava nela. (2)

7 Mas Jesus respondeu: Deixai-a que ela guarde isto para o dia da minha sepultura.

8 Porque vós outros sempre tendes convosco os pobres: Mas a mim não me tendes sempre.

9 Soube pois um crescido número de judeus, que Jesus estava ali: E vieram, não somente por causa dêle, senão também para verem a Lázaro, a quem êle havia ressuscitado dentre os mortos.

10 Porém os príncipes dos sacerdotes assentaram matar também a Lázaro:

11 Porque muitos por causa dêle se retiravam dos judeus; e criam em Jesus.

12 E no dia seguinte uma grande multidão de povo, que tinha vindo à festa, ouvindo dizer que Jesus vinha a Jerusalém:

13 Tomaram ramos de palmas, e saíram a recebê-lo, e clamavam: Hosana, bendito seja o Rei de Israel, que vem em nome do Senhor.

14 E achou Jesus um jumentinho, e montou em cima dêle, segundo o que está escrito:

(2) **O QUE SE LANÇAVA NELA** — Judas se apropriava de uma parte do dinheiro, sendo um infiel depositário do que davam ao Senhor para seu sustento, para o de seus discípulos, e para que se distribuisse entre os pobres. Porém êle queria paliar a sua cobiça com pretexto de caridade, o que é muito comum nos aventureiros.

15 Não temas, filha de Sião. Eis aqui o teu rei, que vem montado sobre o asininho, filho da jumenta.

16 Não fizeram seus discípulos no princípio reflexão nestas coisas: Mas quando Jesus foi glorificado, então se lembraram de que assim estava escrito d'êle: E que êles mesmos haviam contribuído para o seu cumprimento.

17 E o grande número dos, que se achavam com Jesus, quando êste chamou a Lázaro do sepulcro, e o resuscitou dos mortos, dava testemunho d'êle.

18 E isto foi o que também fez que o povo o viesse receber: Porque ouviram que êle obrara êste milagre.

19 De sorte que disseram entre si os fariseus: Vêdes vós que nada aproveitamos? Eis aí vai após êle todo o mundo.

20 Ora, havia alguns gentios, daqueles que tinham vindo adorar a Deus no dia da festa. (3)

21 Êstes pois se encaminharam a Filipe, que era de Betsaida de Galiléia, e lhe fizeram esta rogativa, dizendo: Senhor, nós quiséramos ver a Jesus:

(3) **ORA HAVIA ALGUNS GENTIOS** — Alguns são de sentir que eram prosélitos, ou que estavam em disposição de o ser. Os prosélitos eram gentios de nascimento e judeus de religião. — S. João Crisóstomo. Outros entendem que eram verdadeiros gentios, daqueles que habitavam nas vizinhanças da Palestina, e que atraídos da grandeza, das maravilhas, e da majestade do Deus de Israel, vinham a adorá-lo e a oferecer-lhe também seus sacrifícios. Havia no templo um lugar destinado para êles, que se chamava o átrio dos gentios. Destes fala Salomão naquela excelente oração, que fez a Deus no dia em que celebrou a dedicação do templo, e no em que foi trasladada a êle a arca do Testamento, 3 Rs 8, 41. Movidos das aclamações que o povo dava a Jesus Cristo, e da fama que corria dos seus milagres, conceberam grande desejo de o ver.

22 Veio Filipe dizê-lo a André: Então André e Filipe o disseram a Jesus.

23 E Jesus lhes respondeu, dizendo: E' chegada a hora em que o Filho do homem será glorificado.

24 Em verdade, em verdade vos digo, que se o grão de trigo, que cai na terra, não morrer:

25 Fica êle só: Mas se êle morrer, produz muito fruto. O que ama a sua vida, perdê-la-á: E o que aborrece a sua vida neste mundo, conserva-la-á para a vida eterna.

26 Se alguém me serve, siga-me: E onde eu estiver, estará ali também o que me serve: Se alguém me servir meu Pai o honrará.

27 Agora presentemente está turbada a minha alma. E que direi eu? Pai, livra-me desta hora. Mas para padecer nesta hora é que eu vim a ela. (4)

28 Pai, glorifica o teu nome. Então veio esta voz do Céu: Eu não só o tenho já glorificado, mas ainda o glorificarei.

29 Ora, o povo que ali estava, e ouvira aquela voz, dizia que havia sido um trovão. Outros diziam: Algum Anjo lhe falou.

30 Respondeu Jesus, e disse: Esta voz não veio por amor de mim, mas veio por amor de vós outros.

(4) **ESTÁ TURBADA** — Com a memória da morte, excitada pela espécie da futura conversão do gentilsimo, que havia de ser consequência, e fruto da mesma morte. — Amelote.

31 Agora é o juízo do mundo: Agora será lançado fora o príncipe dêste mundo.

32 E eu quando fôr levantado da terra, tôdas as coisas atrairêi a mim mesmo:

33 (E dizia isto, para designar de que morte havia de morrer.)

34 Respondeu-lhe o povo: Nós temos ouvido da lei que o Cristo permanece para sempre: Como dizes tu logo: Importa que o Filho do homem seja levantado? Quem é êste Filho do homem?

35 Respondeu-lhes então Jesus: Ainda por um pouco de tempo está a luz convosco. Andai enquanto tendes luz, para que vos não apanhem as trevas, porque quem caminha em trevas, não sabe por onde vai.

36 Enquanto tendes a luz, crede na luz, para que sejais filhos da luz. Isto disse Jesus, e retirou-se, e escondeu-se dêles.

37 Mas sendo tantos os milagres que fizera em sua presença, não criam nele.

38 Para se cumprir a palavra do profeta Isaías, a qual êle proferiu: Senhor; quem chegou a crêr o que ouviu de nós? E a quem foi revelado o braço do Senhor? (5)

E QUE DIREI EU? — Aqui se está vendo o combate, que a memória da morte excitou entre a porção inferior e a superior da humanidade; não porque esta pudesse desobedecer ao decreto absoluto do Pai, mas para mostrar como era verdadeiro homem, lhe era custosa a sua execução: Pai, livra-me desta hora. Eis aqui a voz da natureza fugindo da morte. Mas para padecer nesta hora é que eu vim. Eis aqui a voz da obediência resignando-se no decreto do Pai. — **Amelote.**

(5) **O BRAÇO DO SENHOR** — Este braço de Deus é o mesmo Jesus Cristo, que é a virtude e fôrça do Pai, figurada no braço, e

Evangelho de S. João 12, 39-47

39 Por isso não podiam crer, porque outra vez disse Isaías:

40 Êle obcecou-lhes os olhos, e obdurou-lhes o coração: Para que não vejam com os olhos, e não entendam com o coração: E se convertam, e eu os sara.

41 Isto disse Isaías, quando viu a sua glória, e falou dêle. (6)

42 Contudo isto também creram nele muitos senadores, mas por causa dos fariseus não o confessavam, por não serem expulsos da Sinagoga:

43 Porque amaram mais a glória dos homens do que a glória de Deus.

44 Mas Jesus levantou a voz, e disse: O que crê em mim, não crê em mim, mas naquele que me enviou.

45 E o que me vê a mim vê aquele que me enviou.

46 Eu, que sou a luz, vim ao mundo: Para que todo o que crê em mim, não fique em trevas.

47 E se alguém ouvir as minhas palavras e não as guardar: Eu não o julgo: Porque não vim a julgar o mundo, mas a salvar o mundo.

o seu instrumento para concluir a grande obra do estabelecimento da Igreja, e da redenção dos homens. — Sacy.

(6) **QUANDO VIU A SUA GLÓRIA E FALOU DÊLE** — Os Padres entendem estas palavras daquela célebre visão que se descreve no capítulo 6, dêste profeta, na qual lhe foi representada a glória de Deus, e por conseguinte a de seu Filho, de que aqui fala. Tão patente está neste lugar a Divindade de Jesus Cristo, que só ella bastaria para confundir aos Socinianos. — Pereira.

48 O que me despreza; e não recebe as minhas palavras, tem quem no julgue: A palavra, que eu tenho falado, essa o julgará no dia último.

49 Porque eu não falei de mim mesmo, mas o Pai, que me enviou, é o mesmo que me prescreveu pelo seu mandamento, o que eu devo dizer, e o que devo falar.

50 E eu sei que o seu mandamento é a vida eterna. Assim que o que eu digo digo-o segundo mo disse o Pai.

CAPÍTULO 13

LAVA JESUS OS PÉS A SEUS DISCÍPULOS. DEVE ESTE EXEMPLO SER IMITADO. DESCOBRE JESUS A JOÃO QUEM É O QUE O HÁ DE ENTREGAR. DIZ QUE É CHEGADA A SUA GLÓRIA. ESTABELECE O SEU NOVO MANDAMENTO DA CARIDADE. PREDIZ A PEDRO QUE ELE O NEGARÁ TRÊS VÉZES.

1 Antes do dia da festa da Páscoa, sabendo Jesus que era chegada a sua hora, de passar deste mundo ao Pai: Como tinha amado os seus, que estavam no mundo, amou-os até ao fim.

2 E acabada a ceia, como já o diabo tinha metido no coração de Judas, filho de Simão Iscariotes, a determinação de o entregar:

3 Sabendo que o Pai depositara em suas mãos todas as coisas, e que ele saíra de Deus, e ia para Deus:

4 Levantou-se da ceia, e dispôs suas vestiduras: E pegando numa toalha, cingiu-se.

5 Depois lançou água numa bacia, e começou a lavar os pés aos discípulos, e limpar-lhos com a toalha com que estava cingido.

Evangelho de S. João 13, 6-13

6 Veio pois a Simão Pedro. E disse-lhe Pedro: Senhor, tu a mim me lavas os pés? (1)

7 Respondeu Jesus, e disse-lhe: O que eu faço, tu não o sabes agora, mas sabê-lo-ás depois. (2)

8 Disse-lhe Pedro: Não me lavarás tu jamais os pés. Respondeu-lhe Jesus: Se eu te não lavar, não terás parte comigo.

9 Disse-lhe Simão Pedro: Senhor, não sòmente os meus pés, mas também as mãos, e a cabeça.

10 Disse-lhe Jesus: Aquele que está lavado, não tem necessidade de lavar senão os pés, e no mais todo êle está limpo. E vós outros estais limpos, mas não todos.

11 Porque êle sabia qual era o que o havia de entregar, por isso disse: Não estais todos limpos.

12 E depois que lhes lavou os pés, tomou logo as suas vestiduras, e tendo-se tornado a pôr a mesa, disse-lhes: Sabeis o que vos fiz?

13 Vós chamais-me Mestre e Senhor, e dizeis bem: Porque o sou.

(1) **TU A MIM** — Senhor, vós que sois o Filho único de Deus vivo, e o Senhor de todo o mundo, vós me haveis de lavar os pés, a mim que sou um grande pecador, e uma formiga da terra! — Santo Agostinho.

(2) **MAS SABÊ-LO-ÁS DEPOIS** — Quando eu tiver explicado o mistério disto que vos faço, e muito melhor quando vós tiverdes recebido do Espírito Santo a inteligência dêste, e dos outros arcanos.

14 Se eu logo sendo vosso Senhor, e Mestre, vos lavei os pés, deveis vós também lavar-vos os pés uns aos outros:

15 Porque eu dei-vos o exemplo, para que como eu vos fiz, assim façais vós também.

16 Em verdade, em verdade vos digo: Não é o servo maior do que o seu senhor, nem o enviado é maior do que aquele que o enviou.

17 Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sereis, se as praticardes.

18 Eu não digo isto de todos vós, eu sei os que tenho escolhido: Porém, é necessário que se cumpra o que diz a Escritura. O que come o pão comigo, levantará contra mim o seu calcanhar. (3)

19 Desde agora vo-lo digo, antes que suceda, para que quando suceder acrediteis que eu sou. (4)

20 Em verdade, em verdade vos digo: O que recebe aquele que eu enviar, a mim me recebe, e o que me recebe a mim, recebe aquele que me enviou.

21 Tendo Jesus dito estas palavras, turbou-se todo no espírito e protestou, e disse: Em verdade, em verdade vos digo: Que um de vós me há de entregar.

(3) **LEVANTARÁ** — Sl 11, 10. O que deve entender-se de Judas. Literalmente fala o profeta Davi, queixando-se de Aquitofel, que havendo sido admitido à mais estreita confiança deste príncipe, o vendeu depois vergonhosamente, rebelando-se contra ele, e passando ao partido de Absalão, a quem deu um conselho mui pernicioso contra Davi. Rs 17, 21. Veja-se Santo Agostinho.

(4) **QUE EU SOU** — Para que creiais que eu sou o Messias, que sou o Filho de Deus, pois penetro os corações e anuncio o que há de vir.

22 Olhavam pois os discípulos, uns para os outros, na dúvida de quem falava êle.

23 Ora um dos seus discípulos, ao qual amava Jesus, estava recostado à mesa no seio de Jesus. (5)

24 A êste pois fez Simão Pedro um sinal, e disse-lhe: Quem é o de quem êle fala? (6)

25 Aquele discípulo pois tendo-se reclinado sobre o peito de Jesus, perguntou-lhe: Senhor, quem é êsse?

26 Respondeu Jesus: E' aquele a quem eu der o pão molhado. E tendo molhado o pão, deu-o a Judas, filho de Simão Iscariotes.

27 E atrás do bocado entrou nele satanaz. E Jesus lhe disse: O que fazes, faze-o depressa. (7)

28 Nenhum porém dos que estavam à mesa percebeu a que propósito êle lhe dizia isto.

29 Porque alguns, como Judas era o que tinha a bolsa, cuidavam que lhe dissera Jesus: Compra as coisas

(5) **AO QUAL AMAVA JESUS** — Êste era S. João.

NO SEIO DE JESUS — Os orientais não se sentavam à mesa, mas recostavam-se sobre camas, que se chamavam triclinios, porque eram três os que se acomodavam em cada uma, e ajudados do cotovêlo esquerdo, ficavam em tal disposição, que a cabeça do segundo vinha a cair sobre o peito do primeiro, e esta era a situação que tinha João a respeito de Jesus Cristo.

(6) **QUEM É O DE QUEM ÊLE FALA?** — O grego diz: "Que perguntasse quem era de quem êle falava". — *Pereira*.

(7) **O QUE FAZES, FAZE-O DEPRESSA** — Faze quanto antes o que tens determinado fazer. Não foi êste um mandamento que o Senhor deu a Judas, de que pusesse a última mão à sua traição, mas sim uma permissão. Não no exorta a que cumpra a sua malvada determinação, mas sim mostra-se disposto e pronto para sofrer tudo. — *S. Leão Magno*.

Evangelho de S. João 13, 30-36

que havemos mister para o dia da festa: Ou que desse alguma coisa aos pobres.

30 Tendo pois Judas recebido o bocado, saiu logo para fora. E era já noite.

31 E depois que êle saiu, disse Jesus: Agora é glorificado o Filho do homem: E Deus é glorificado nele. (8)

32 Se Deus é glorificado nele, também a êle o glorificará Deus em si mesmo: E glorificá-lo-á logo.

33 Filhinhos, ainda estou convosco um pouco. Vós buscar-me-eis, e o que eu disse aos judeus: Vós não podeis vir para onde eu vou: Isso mesmo vos digo eu agora.

34 Eu dou-vos um novo mandamento: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei, para que vós também mutuamente vos ameis. (9)

35 Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.

36 Disse-lhe Simão Pedro: Senhor, para onde vais tu? Respondeu-lhe Jesus: Para onde eu vou não podes tu agora seguir-me: Mas seguir-me-ás depois.

(8) **E DEUS É GLORIFICADO NÊLE** — Pela sua ressurreição, e pela sua ascensão ao Céu. E a sua morte, destruindo o reino do pecado, vai dar a Deus a glória, que as criaturas rebeldes lhe quiseram tirar.

(9) **UM NOVO MANDAMENTO** — Novo não na substância, mas na maior perfeição, de que Jesus Cristo o revestiu: qual é amarmos os nossos próximos, como êle nos amou, até dar a vida por nós. Assim o explicam comumente os Santos Padres. Outros querem que se chama "novo", porque o que se achava escrito na Lei de Moisés, estava como esquecido, entre os mesmos judeus, e corrompido com as más interpretações dos seus doutores, e porque na lata acepção em que Jesus o tomara nunca havia sido escutado.

37 Disse-lhe Pedro: Por que te não posso eu seguir agora? Eu darei a minha vida por ti. (10)

38 Respondeu-lhe Jesus: Hás de dar a tua vida por mim? Em verdade, em verdade te digo: Que não cantará o galo, sem que tu me negues três vezes.

CAPÍTULO 14

CONSOLA JESUS OS APÓSTOLOS DA SUA AUSÊNCIA. NO CÉU HÁ MUITAS MANSÕES, JESUS É O CAMINHO, A VERDADE, E A VIDA. ELE ESTÁ NO PAI, E O PAI NÊLE. OS DISCÍPULOS FARÃO AINDA MAIORES MILAGRES DO QUE OS SEUS. ELE LHES ENVIARÁ O ESPÍRITO SANTO. PROMETE-LHES A SUA PAZ. DIZ-LHES QUE DEVEM FOLGAR COM A SUA PARTIDA.

1 Não se turbe o vosso coração. Crêdes em Deus, crêde também em mim. (1)

2 Na casa de meu Pai há muitas moradas; se assim não fôra, eu vo-lo tivera dito: Pois vou a aparelhar-vos o lugar. (2)

(10) **EU DAREI** — Não podia ouvir falar de apartar-se de Cristo, ainda que fosse por pouco tempo. Era como um enfermo, a quem enganava a vontade, porém, não conhecia enfermidade que o consumia e acabava. Tinha ouvido dizer ao Senhor, que não poderia segui-lo, e isso não obstante, replica, que bem podia. Mas a experiência lhe ensinou depois, que o amor que cria ter a seu mestre, era vão sem o socorro que vem do alto. — Santo Agostinho.

(1) **NÃO SE TURBE O VOSSO CORAÇÃO** — Os discursos contidos nos capítulos 14-17 e são reputados os trechos mais emocionantes, de maior beleza dos Evangelhos. "Ha, diz La Harpe, um sermão da Ceia que me parece resumir toda a nossa religião. e do qual cada palavra é um oráculo celeste; nunca o li sem que me comovesse profundamente".

(2) **SE ASSIM NÃO FÔRA** — O grego: Si autem ita non esset, e se assim não fôra, não vos houvera dito, etc. Ainda que vos tenho dito, que não podeis vir agora para onde eu vou, não vos

Evangelho de S. João 14, 3-7

3 E depois que eu fôr, e vos aparelhar o lugar: Virei outra vez, e tomar-vos-ei para mim mesmo, para que onde eu estou estejais vós também.

4 Assim que vós sabeis para onde eu vou, e sabeis o caminho.

5 Disse-lhe Tomé: Senhor, nós não sabemos para onde tu vais: E como podemos nós saber o caminho? (3)

6 Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida: Ninguém vem ao Pai senão por mim. (4)

7 Se vós me conhecesseis a mim, também certamente haviéis de conhecer a meu Pai: Mas conhece-lo-eis bem cedo, e já o tendes visto.

aflijais, porque nem por isso vos privo da esperança de terdes lugar comigo no reino de meu Pai: lugar há também para vós, pôsto que naquela casa há muitas moradas que correspondem aos diversos graus de méritos de seus habitantes. E tão longe está de que a minha partida vos possa servir de impedimento para entrardes nela, que pelo contrário me adianto a preparar-vos o assento e lugar, que corresponde a cada um de vós outros. S. Paulo diz, que como o sol tem o seu resplendor, a lua o seu, e as estrélas o seu; e entre as estrélas há umas que brilham mais, e outras menos, o mesmo sucederá na ressurreição dos mortos, na qual uns terão maior glória, e outros menor. E tais são as diferentes moradas da casa do Padre Eterno. — S. Jerônimo.

(3) **NÓS NÃO SABEMOS** — Santo Agostinho explica. Eles sabiam, mas imperfeitamente. Eles sabiam, mas não sabiam o que sabiam.

(4) **EU SOU O CAMINHO** — Deus e homem, Jesus Cristo é simultaneamente mediano e fim. Possui tudo o que nos falta a glória e a graça, mas o seu recurso é conceder-nos todos esses bens, e assim é o caminho por que nos oferece os meios pelos quais chegaremos à felicidade eterna, quer pela sua doutrina e pelos seus exemplos, quer enriquecendo-nos com os auxílios de sua santíssima graça. E à verdade, porque como Verbo encarnado ele é a própria verdade, a verdade absoluta, a luz, a Fé. Só ele conhece o Pai, só ele nos revela a verdade que conduz a Deus. E

8 Disse-lhe Filipe: Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta.

9 Respondeu-lhe Jesus: Há tanto tempo que estou convosco, e ainda me não tendes conhecido? Filipe, quem me vê a mim, vê também o Pai. Como dizes tu logo: Mostra-nos o Pai?

10 Não credes que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo, não, as digo de mim mesmo: Mas o Pai, que está em mim, esse é o que faz as obras. (5)

11 Não credes que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim?

12 Crede-o ao menos por causa das mesmas obras. Em verdade, em verdade vos digo, que aquele que crê em mim, esse fará também as obras que eu faço, e fará outras ainda maiores: Porque eu vou para o Pai.

13 E tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome, eu vo-lo farei: Para que o Pai seja glorificado no Filho.

é a vida, vida essencial e infinita como Deus, porque como homem-Deus possui em sua humanidade a plenitude da vida divina, e o fim por que se fez homem foi associar-nos a sua vida, tornando-nos participantes da glória do Céu, para a qual nos convida, não como servos, mas como amigos. *Jam non dicam vos servos, sed amicos.* Em Jesus ha tudo, fora de Jesus nada ha. *In ipso enim vivimus, et movemur et sumus.* Quem possui essa vida escapa a todos os perigos, às trevas e à morte. Jesus é o caminho por onde devem seguir as almas sedentas de justiça, é a verdade que deve deslumbrar tôdas as inteligências, é a vida que devem viver tôdas as sociedades, para que na terra reine a paz e o amor.

(5) **AS OBRAS.** — Que me vêdes praticar e que admirais. E' meu Pai que fala e que opera em mim, o que é corolário da identidade adiante estabelecida. *Ego et pater unum sumus.*

Evangelho de S. João 14, 14-23

14 Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, essa vos farei.

15 Se me amais: Guardai os meus mandamentos.

16 E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Paráclito, para que fique eternamente convosco. (6)

17 O espírito de verdade, a quem o mundo não pode receber, porque o não vê, nem o conhece: Mas vós o conhecereis: Porque ele ficará convosco, e estará em vós.

18 Não vos hei de deixar órfãos: E eu hei de vir a vós.

19 Resta ainda um pouco: Depois já o mundo me não verá. Mas ver-me-eis vós: Porque eu vivo e vós vivereis. (7)

20 Naquele dia conhecereis vós que eu estou em meu Pai, e vós em mim, e eu em vós.

21 Aquele que tem os meus mandamentos, e que os guarda: Esse é o que me ama. E aquele que me ama, será amado de meu Pai, e eu o amarei também, e me manifestarei a ele.

22 Disse-lhe Judas, não o Iscariotes: Senhor, donde procede que te hás de manifestar a nós e não ao mundo?

23 Respondeu-lhe Jesus, e disse-lhe: Se algum me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e nós viremos a ele, e faremos nele morada.

(6) **PARÁCLITO** — Quer dizer advogado, como explica a 1.^a Epist. de S. João 2, 1. Outros traduzem consolador.

(7) **PORQUE EU VIVO** — Isto é, porque eu estarei vivo, e vós a todos os mistérios que tenho de obrar sobreviveréis.

24 O que me não ama, não guarda as minhas palavras. E a palavra que vós tendes ouvido não é minha, mas sim do Padre, que me enviou.

25 Eu disse-vos estas coisas, permanecendo convosco.

26 Mas o Consolador, que é o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, êle vos ensinará tôdas as coisas, e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito. (8)

27 A paz vos deixo, a minha paz vos dou, e eu não vo-la dou, como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem fique sobressaltado.

28 Já tendes ouvido que eu vos disse: Eu vou, e venho a vós. Se vós me amásseis, certamente haviéis de folgar, de que eu vá para o Pai: Porque o Pai é maior do que eu. (9)

29 E eu vo-lo disse agora, antes que suceda, para que quando succeder o creiais.

30 Já não falarei muito convosco: Porque vem o príncipe dêste mundo, e êle não tem em mim coisa alguma.

(8) **VOS TENHO DITO** — Aqui põem quase tôdas as versões o verbo no preterito *dixi*, o que a Vulgata põe no futuro *dixero*, isto é, *disser*. — **Pereira**.

(9) **É MAIOR DÓ QUE EU** — A intelligência mais clara deste lugar e expedita, é a que dá Santo Agostinho no Tratado 88 sobre João, entendendo esta superioridade do Pai a respeito do Filho, não enquanto Deus, mas sim enquanto homem. Jesus enquanto Deus é igual ao Pai: *Glaire, La Sainte Bible*, explica assim: *Jesus Christ, en tant que homme, est inférieur à son pere, mais il lui est égal autant que Dieu*.

31 Mas para que conheça que amo ao Pai, e que faço como êle me ordenou: Levantai-vos, vamo-nos daqui. (10)

CAPÍTULO 15

JESUS CRISTO É A VIDEIRA, E SEUS DISCÍPULOS AS VARAS. REPETE O PRECEITO DO AMOR. OS APOSTOLOS SÃO OS SEUS AMIGOS. ÊLE OS ESCOLHEU PARA DAREM FRUTOS, E OS CONFORTA CONTRA AS PERSEGUIÇÕES DO MUNDO. OS JUDEUS NÃO TÊM DESCULPA NO SEU PECADO.

1 Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o agricultor.

2 Tôdas as varas, que não derem fruto em mim, êle as tirará, e tôdas as que derem fruto, limpá-las-á, para que o dêem mais abundante.

3 Vós já estais puros, em virtude da palavra que eu vos disse. (1)

(10) **LEVANTAI-VOS** — É provável que levantando-se da mesa, e permanecendo em pé com os seus discipulos, continuou antes de sair de casa, para a do meio de Jerusalem tudo o que aqui se lê até o fim do Capítulo 17. Temos de considerar ao Senhor, como um terno amigo, que devedo separar-se de seus amigos, e vendo-os tristes, e cheios de amargura, não acaba de resolver-se a deixá-los, e vai insensivelmente prolongando a conversação, até ao ponto mesmo de os abraçar, para separar-se deles, porque o ministério a que necessariamente deve atender, o obriga a isso mesmo. Veja-se Mt 26, 36.

(1) **EM VIRTUDE DA PALAVRA** — Santo Agostinho: Porque não diz o Senhor: Vós estais limpos em virtude do batismo que recebestes: mas diz, em virtude da palavra que eu vos disse? É porque na mesma água a palavra é a que purifica. Tira a palavra, e que é a água, senão água? — Duhamel,

4 Permanecei em mim, e eu permanecerei em vós. Como a vara da videira não pode de si mesmo dar fruto, se não permanecer na videira: Assim nem vós o podereis dar, se não permanecerdes em mim.

5 Eu sou a videira, vós outros as varas: O que permanece em mim, e o em que eu permaneço, êsse dá muito fruto, porque vós sem mim não podeis fazer nada. (2)

6 Se alguém não permanecer em mim, será lançado fora como a vara, e secará, e enfeixá-lo-ão, e lançá-lo-ão no fogo, e ali arderá.

7 Se vós permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós: Pedireis tudo o que quizerdes, e ser-vos-á feito. (3)

8 Nisto é glorificado meu Pai, em que vós deis muito fruto, e em que sejais meus discípulos.

9 Como meu Pai me amou, assim vos amei eu. Permanecei no meu amor.

10 Se guardardes os meus preceitos, permanecereis no meu amor, assim como também eu guardei os preceitos de meu Pai, e permaneço no seu amor.

(2) **SEM MIM NÃO PODEIS FAZER NADA** — Que seja útil para a vida eterna. Santo Agostinho. Ou seja logo pouco, ou seja muito, nada se pode fazer sem a graça *praeveniente*, *adjuvante et cooperante* daquele, sem o qual nada se pode fazer. *Sive ergo parum, vive multum, sive illius gratis praeveniente, adjuvante cooperante fieri non potest sine quo nihil fieri potest.*

(3) **E SER-VÓS-Á FEITO** — Se permanecermos em Deus por caridade, e pusermos as suas palavras no fundo do nosso coração, para não pecar, Sl 118, 2, conseguiremos sem dúvida tudo o que pedirmos; porque neste caso não quereremos, nem pediremos,

Evangelho de S. João 15, 11-19

11 Eu tenho-vos dito estas coisas: Para que o meu gozo fique em vós, e para que o vosso gozo seja completo.

12 O meu preceito é este, que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei.

13 Ninguém tem maior amor do que este, de dar um a própria vida por seus amigos.

14 Vós sois meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando.

15 Já vos não chamarei servos: Porque o servo não sabe o que faz seu senhor. Mas chamei-vos amigos: Porque vos descobri tudo quanto ouvi de meu Pai.

16 Vós não fostes os que me escolhestes a mim: Mas eu fui o que vos escolhi a vós e o que vos constitui para que vades e deis fruto, e para que o vosso fruto permaneça, para que tudo quanto vós pedirdes a meu Pai em meu nome, ele vo-lo conceda.

17 Isto é o que eu vos mando, que vos ameis uns aos outros.

18 Se o mundo vos aborrece: Sabei que primeiro do que a vós, me aborreceu ele a mim.

19 Se vós fôsseis do mundo, amaria o mundo o que era seu; mas porque vós não sois do mundo, antes eu vos escolhi do mundo, por isso é que o mundo vos aborrece. (4)

senão o que for conforme a vontade de Deus, e este Senhor não deixará de nos conceder o que lhe pedirmos, porque ele é o mesmo que no-lo faz pedir. — Santo Agostinho.

(4) **AMARIA O MUNDO** — O mundo aborrece tudo o que lhe é oposto; o mundo soberbo aborrece os discípulos do Senhor, que são humildes, e que pregam a necessidade da humildade. O

20 Lembrai-vos da minha palavra, que eu vos disse: Não é o servo maior do que seu senhor. Se eles me perseguiram a mim, também vos hão de perseguir a vós: Se eles guardaram a minha palavra, também hão de guardar a vossa.

21 Mas eles far-vos-ão todos estes maus tratamentos por causa do meu nome: Porque não conhecem aquele que me enviou.

22 Se eu não viera e não lhes tivera falado, não teriam eles pecado: Mas agora não têm desculpa no seu pecado. (5)

23 Aquele que me aborrece: Aborrece também a meu Pai.

24 Se eu não tivera feito entre eles tais obras, quais não fez outro algum, não haveria da parte deles pecado, mas agora eles não somente as viram, mas ainda me aborreceram, tanto a mim, como a meu Pai.

mundo que ama as riquezas aborrece aos pobres, que com o seu exemplo e palavra pregam a pobreza. O mundo entregue aos prazeres, aborrece aos que amam a Cruz e ensinam a penitência. E assim é necessário que seja aborrecido do mundo o que não segue o espírito e as máximas do mundo egoísta.

(5) **MAS AGORA NÃO TÊM DESCULPA** — Na sua voluntária, e obstinada incredulidade. Eu mesmo vim a pregar-lhes, eu confirmei a minha doutrina com repetidos e nunca vistos prodígios. Eu mesmo lhes tenho feito ver, quão conforme é tudo o que vem em mim, com o que Moisés, e os profetas lhes anunciaram do Messias, que havia de vir para os salvar. Daqui se vê que a infidelidade negativa daqueles a quem não foi pregado o Evangelho, não é pecado. Mas por terem desculpa deste pecado, não se segue, diz Santo Agostinho, que a tenham também de todos os outros pecados. *Habent excusationem non de omni peccato suo, sed de hoc peccato, quod in Christum non crederunt.*

25 Mas isto é para se cumprir a palavra que está escrita na sua lei: Eles me aborrecerão sem motivo.

26 Quando porém vier o Consolador, aquele espírito de verdade, que procede do Pai, que eu vos enviarei da parte do Pai, ele dará testemunho de mim.

27 E também vós dareis testemunho, porque estais comigo desde o princípio.

CAPÍTULO 16

PREVINE JESUS CRISTO OS APÓSTOLOS PARA AS PERSEGUIÇÕES FUTURAS. DIZ QUE LHES É CONVENIENTE A SUA AUSÊNCIA, PARA QUE ELES RECEBAM O ESPÍRITO SANTO. O ESPÍRITO SANTO ENSINARÁ AOS APÓSTOLOS TODAS AS VERDADES, E GLORIFICARÁ A JESUS CRISTO. O PAI CONCEDE TUDO O QUE SE LHE PEDE EM NOME DO FILHO. PREDIZ ESTE A FUGIDA DOS APÓSTOLOS.

1 Eu disse-vos estas coisas, para que vós vós não escandalizeis.

2 Eles vos lançarão fora das Sinagogas: E está a chegar o tempo em que todo o que vos matar, julgará que nisso faz serviço a Deus:

3 E eles vos tratarão assim, porque não conhecem ao Pai, nem a mim.

4 Ora eu disse-vos estas coisas: Para que quando chegar este tempo, vos lembreis vós de que eu vo-las disse.

5 Não vo-las disse porém desde o princípio, porque estava convosco: E agora vou eu para aquele que me enviou, e nenhum de vós me pergunta: para onde vais?

6 Antes porque eu vos disse estas coisas, se apode-rou do vosso coração a tristeza.

7 Mas eu digo-vos a verdade, a vós convem-vos que eu vá: Porque se eu não fôr, não virá a vós o Consolador: Mas se fôr, enviar-vô-lo-ei.

8 E êle quando vier, argüirá o mundo do pecado, e da justiça, e do juizo:

9 Sim do pecado, porque não creram em mim:

10 E da justiça, porque eu vou para o Pai, e vós não me vereis mais.

11 Do juizo enfim, porque o príncipe dêste mundo já está julgado.

12 Eu tenho ainda muitas coisas que vos dizer, mas vós não as podeis suportar agora.

13 Quando vier porém aquele Espírito de verdade, êle vos ensinará tôdas as verdades: Porque êle não falará de si mesmo: Mas dirá tudo o que tiver ouvido, e anunciar-vos-á as coisas que estão para vir. (1)

14 Êle me glorificará: Porque há de receber do que é meu, e vo-lo-á de anunciar.

15 Tôdas quantas coisas tem o Pai são minhas; por isso é que eu vos disse, que êle há de receber do que é meu, e vo-lo-á de anunciar.

16 Um pouco, e já me não vereis: E outra vez um pouco; e ver-me-eis: Porque vou para o Pai.

(1) **ELE VOS ENSINARÁ** — Jesus Cristo anuncia que é do Espírito Santo que devemos aprender tôdas as verdades; em outro lado afirma que estará com a Igreja, até à consumação dos séculos; na Igreja, pois, há a assistência perene dum Espírito que nos ensina tôdas as verdades, ou o que vale o mesmo: a Igreja é a depositária infalível de todos êsses ensinamentos.

Evangelho de S. João 16, 17-23

17 Disseram então alguns de seus discípulos uns para os outros: Que vem a ser isto, que êle nos diz: Um pouco, e já me não vereis: E outra vez um pouco, e ver-me-eis, e porque eu vou para o Pai?

18 E diziam: Que vem a ser isto que êle nos diz: Um pouco? Nós não sabemos o que êle vem a dizer.

19 E entendendo Jesus que lho queriam perguntar, disse-lhes: Vós perguntais uns aos outros que é o que vos quis eu significar, quando disse: Um pouco, e já me não vereis, e outra vez um pouco, e ver-me-eis.

20 Em verdade, em verdade vos digo: Que vós haveis de chorar, e gemer, e que o mundo se há de alegrar: E que vós haveis de estar tristes, mas que a vossa tristeza se há de converter em gôzo.

21 Quando uma mulher pare, está em tristeza, porque é chegada a sua hora: Mas depois que ela pariu um menino, já se não lembra do apêto, pelo gôzo que tem: Por haver nascido ao mundo um homem.

22 Assim também vós outros sem dúvida estais agora tristes, mas eu hei de ver-vos de novo, e o vosso coração ficará cheio de gôzo: E o vosso gôzo ninguém vo-lo tirará.

23 E naquele dia nada mais me perguntareis. Em verdade, em verdade vos digo: Se vós pedirdes a meu Pai alguma coisa em meu nome, êle vo-la-á de dar. (2)

(2) **SE VÓS PEDIRDES** — Pedir em nome de Jesus Cristo é pedir os bens eternos, que nos mereceu com a sua morte; é pedir com uma inteira confiança só nos seus merecimentos, e persuadidos pela fé, de que Deus não recebe favoravelmente as nossas

24 Vós até agora não pedistes nada em meu nome. Pedi, e recebereis, para que o vosso gozo seja completo.

25 Eu tenho-vos dito estas coisas debaixo de parábolas. Está chegado o tempo em que eu vos não hei de falar já por parábolas, mas abertamente vos falarei do Pai.

26 Naquele dia pedireis vós em meu nome: E eu não vos digo que hei de rogar ao Pai por vós outros:

27 Porque o mesmo Pai vos ama, porque vós me amastes, e crestes que eu saí de Deus.

28 Eu saí do Pai, e vim ao mundo: Outra vez deixo o mundo, e torno para o Pai.

29 Disseram-lhe seus discípulos: Eis aí está que tu agora é que nos falas abertamente, e não usas de parábola nenhuma:

30 Agora conhecemos nós que tu sabes tudo, e que a ti não é necessário fazer-te ninguém perguntas: Nisto cremos que saíste de Deus.

31 Respondeu-lhes Jesus: Vós credes agora?

32 Eis aí vem, e já é chegada a hora em que sejais espalhados, cada um para sua parte, e que me deixeis só: Mas eu não estou só, porque o Pai está comigo.

33' Eu tenho-vos dito estas coisas, para que vós tenhais paz em mim. Vós haveis de ter aflições no mundo: Mas tende confiança, eu venci o mundo.

adorações, os nossos rogos, e as nossas ações de graças, senão quando lhe são apresentadas por Jesus Cristo, nosso único Mediador.

CAPÍTULO 17

ORA JESUS AO PAI POR SI E PELOS SEUS. NÃO ORA PELO MUNDO. ELE GUARDOU TODOS OS QUE O PAI LHE DEU. DESEJA QUE OS SEUS SEJAM SANTIFICADOS NA VERDADE. QUE SEJAM TODOS UMA MESMA COISA POR AMOR. QUE ESTEJAM COM ELE NA SUA GLÓRIA, E QUE REINE NELES O AMOR COM QUE SEU PAI O AMA.

1 Assim falou Jesus: Levantando os olhos ao Céu, disse: Pai, é chegada a hora, glorifica a teu Filho, para que teu Filho te glorifique a ti.

2 Assim como tu lhe deste poder sobre todos os homens, a fim de que ele dê a vida eterna a todos aqueles que tu lhe deste.

3 A vida eterna porém consiste em que eles conheçam por um só verdadeiro Deus a ti, e a Jesus Cristo, que tu enviaste.

4 Eu glorifiquei-te sobre a terra: Eu acabei a obra que tu me encarregaste que fizesse:

5 Tu pois agora, Pai, glorifica-me a mim em ti mesmo, com aquela glória que eu tive em ti, antes que houvesse mundo.

6 Eu manifestei o teu nome aos homens que tu me deste do mundo: Eles eram teus, e tu mos deste: E eles guardaram a tua palavra.

7 Agora conheceram eles que todas as coisas que tu me deste, vêm de ti:

8 Porque eu lhes dei as palavras que tu me deste: E eles as receberam, e verdadeiramente conheceram que eu saí de ti, e creram que tu me enviaste.

9 Por êles é que eu rogo: Eu não rogo pelo mundo, mas por aqueles que tu me deste: Porque são teus: (1)

10 E tôdas as minhas coisas são tuas, e tôdas as tuas coisas são minhas: E neles sou eu glorificado.

11 E eu não estou jamais no mundo, mas êles estão no mundo, e eu vou para ti. Padre Santo, guarda em teu Nome aqueles que me deste: Para que êles sejam um, assim como também nós. (2)

12 Quando eu estava com êles, eu os guardava em teu Nome. Eu conservei os que tu me deste: E nenhum dêles se perdeu, mas sòmente o que era filho de perdição para se cumprir a Escritura. (3)

13 Mas agora vou eu para ti, e digo estas coisas, estando ainda no mundo, para que êles tenham em si mesmos a plenitude do meu gozo.

14 Eu dei-lhes a tua palavra, e o mundo os aborreceu, porque êles não são do mundo, como também eu não sou do mundo.

(1) **EU NÃO ROGO PELO MUNDO** — Como se trata da oração especial, em que Jesus Cristo rogou eficazmente pela salvação dos escolhidos, por isso desta sua oração declara o Senhor excluído o "Mundo", que são os incrédulos, e os que vivem segundo a concupiscência, e os que por isso são réprobos. — Santo Agostinho no Tratado 107 sobre S. João.

(2) **SEJAM UM** — Para que êles sejam por união e caridade, o que nós somos por natureza.

(3) **O QUE ERA FILHO DA PERDIÇÃO** — Hebraísmo que significa o que ama ou acha preciosa a perdição.

PARA SE CUMPRIR A ESCRITURA — Não se perdeu Judas porque assim o predisse a Escritura: mas por isso a Escritura o predisse, porque Judas se havia de perder, pois que o Espírito Santo, que falava por boca de Davi, Sl 108, 8, via o enorme delito dêste apóstata. — Santo Tomás.

Evangelho de S. João 17, 15-24

15 Eu não peço que os tires do mundo, mas sim que os guardes do mal.

16 Eles não são do mundo, como eu também não sou do mundo.

17 Santifica-os na verdade. A tua palavra é a verdade.

18 Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo.

19 E eu me santifico a mim mesmo por eles: Para que também eles sejam santificados na verdade.

20 E eu não rogo somente por eles, mas rogo também por aqueles que hão de crer em mim por meio da sua palavra: (4)

21 Para que eles sejam todos um, como tu, Pai, o és em mim, e eu em ti, para que também eles sejam um em nós, e creia o mundo que tu me enviaste.

22 E eu lhes dei a glória que tu me havias dado: Para que eles sejam um, como também nós somos um.

23 Eu estou neles, e tu estás em mim, para que eles sejam consumados na unidade, e para que o mundo conheça que tu me enviaste e que tu os amaste, como amaste também a mim.

24 Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo aqueles que tu me deste, para verem

(4) **QUE HÃO DE CRER EM MIM** — Roga o Senhor em qualidade de Pontífice, por todos os seus, que creem nele, e haviam de crer na série de todos os séculos, até ao fim do mundo. — **Pereira.**

a minha glória, que tu me deste: Porque me amaste antes da criação do mundo.

25 Pai justo, o mundo não te conheceu: Mas eu conheci-te, e êstes conheceram que tu me enviaste.

26 E eu lhes fiz conhecer o teu nome, e lho farei ainda conhecer: A fim de que o mesmo amor, com que tu me amaste, esteja neles, e eu neles.

CAPÍTULO 18

A PRISÃO DE JESUS. ÊLE NENHUM PERDEU DOS QUE SEU PAI LHE DERA. REPREENDE A PEDRO, POR ÊSTE O DEFENDER COM A ESPADA. LEVAM-NO À CASA DE ANÁS, E DE CAIFAS. PEDRO O NEGA. FAZ-LHE O PONTÍFICE PERGUNTAS. UM QUADRILHEIRO LHE DÁ UMA BOFETADA. ENTREGAM-NO OS JUDEUS A PILATOS. CONFESSA JESUS QUE É REI, MAS NÃO DÊSTE MUNDO. QUER PILATOS LIVRÁ-LO. PREFEREM-LHE OS JUDEUS, BARRABÁS.

1 Tendo Jesus dito estas palavras, saiu com os seus discípulos para a outra banda do ribeiro de Cedron, onde havia um horto, no qual entrou êle, e seus discípulos. (1)

2 Ora, Judas, que o entregava, sabia também dêste lugar, porque a êle tinha vindo. Jesus muitas vezes com seus discípulos.

(1) **DO RIBEIRO DE CEDRON** — Como no hebraico a palavra Cedron significa obscuridade, por isso lhe chamavam assim, ou porque as águas eram turvas, ou pela sombra que lhe faziam as muitas árvores que havia nas suas ribeiras. Era uma torrente que corria entre a cidade de Jerusalém e o Monte das Oliveiras. Davi, que passou esta mesma torrente, fugindo de seu filho Absalão, para se retirar ao deserto, 2 Rs. 15 23, foi uma excelente figura de Jesus Cristo, que o passou também, não para fugir de seus inimigos, mas para pôr-se nas suas mãos, e se entregar à morte. O vale de Cedron chama-se também de Josafá.

Evangelho de S. João. 18, 3-10

3 Tendo pois Judas tomado uma companhia de soldados, e os quadrilheiros da parte dos pontífices e fariseus, veio ali com lanternas e archotes, e armas. (2)

4 Pelo que Jesus, que sabia tudo o que estava para lhe sobrevir, adiantou-se, e disse-lhes: A quem buscais?

5 Responderam-lhe êles: A Jesus Nazareno. Disse-lhes Jesus: Eu sou. E Judas, que o entregava, estava também com êles.

6 Tanto pois que Jesus lhes disse: Eu sou, recuaram para trás, e caíram por terra. (3)

7 Perguntou-lhes pois Jesus segunda vez: A quem buscais? E responderam êles: A Jesus Nazareno.

8 Disse-lhes Jesus: Já vos disse que eu sou: Se a mim pois é que buscais, deixai ir êstes.

9 Para se cumprir a palavra que êle dissera: Dos que me destes não perdi nenhum dêles. (4)

10 Mas Simão Pedro, que tinha espada, puxou de-la: E feriu um servo do pontífice. E lhe cortou a orelha direita. E o servo se chamava Malco.

(2) **COMPANHIA DE SOLDADOS** — A Vulgata tem coôrte. A coorte romana compunha-se de cento e vinte homens. Os soldados romanos alojavam-se na fortaleza Antônia.

(3) **E CAÍRAM POR TERRA** — Que tem feito, exclama Santo Agostinho, êste formidável poder de tantas gentes armadas, e cheias de furor contra Jesus Cristo. Êle mesmo se descobre, e declara que é aquele a quem buscam, e esta só palavra os abate, e os desarma, porque o que falava era um Deus Onipotente, que se occultava debaixo da carne do homem.

(4) **NÃO PERDI NENHUM DÉLES** — Estas palavras tomadas do capítulo precedente vers. 2, se entendem ali da alma, e aqui da perda da vida corporal.

11 Porém Jesus disse a Pedro: Mete a tua espada na bainha. Não hei de beber o cálice que o Pai me deu?

12 A coorte pois, e o tribuno, e os quadrilheiros dos judeus prenderam a Jesus, e o manietaram:

13 E primeiramente o levaram à casa de Anás, por ser sogro de Caifás, que era o pontífice daquele ano. (5)

14 Caifás porém era aquele que tinha dado aos judeus o conselho: De que convinha que um homem morresse pelo povo.

15 Ora seguia a Jesus Simão Pedro, e outro discípulo. Era pois o tal discípulo conhecido do pontífice, e entrou com Jesus no pátio do pontífice. (6)

16 Mas Pedro estava de fora à porta. Saiu então o outro discípulo, que era conhecido do pontífice, e falou à porteira: E esta fez entrar a Pedro.

17 Esta porteira pois, que era escrava, disse a Pedro: Não és tu também dos discípulos dêste homem? Respondeu êle: Não sou.

18 Ora, os servos e quadrilheiros estavam em pé ao lume porque fazia frio, e ali se aquetavam: E com êles estava também Pedro em pé, do mesmo modo aqueitando-se.

(5) **E PRIMEIRAMENTE O LEVARAM A CASA DE ANÁS** — Em atenção à grande autoridade que tinha entre os judeus, e porque era sogro de Caifás, e morava no caminho. — **Amelote.**

(6) **E OUTRO DISCÍPULO** — Que não sabe quem fosse. Porque a conjectura de S. Jerônimo, que entendeu que fôra o mesmo Evangelista S. João; diz Calmet que não tem fundamento algum sólido.

19 Entretanto fez o pontífice perguntas a Jesus, sobre que discípulos tinha, e qual era a sua doutrina. (7)

20 Respondeu-lhe Jesus: Eu falei publicamente ao mundo: Eu sempre ensinei na Sinagoga, e no Templo, aonde concorrem todos os judeus: E nada disse em secreto.

21 Por que me fazes tu perguntas? Faze-as àqueles que ouviram o que eu lhes disse: Ei-los aí estão que sabem o que eu ensinei.

22 E tendo dito isto, um dos quadrilheiros, que se achavam presentes, deu uma bofetada em Jesus, dizendo: Assim é que tu respondes ao pontífice?

23 Disse-lhe Jesus: Se eu falei mal, dá tu testemunho do mal, mas se eu falei bem, por que me feres?

24 E Anás o enviou manietado ao pontífice Caifás. (8)

25 Estava pois ali em pé Simão Pedro, aquecendo-se ainda. E eles lhe disseram: Não és tu também dos seus discípulos? Negou êle, e disse: Não sou.

(7) **O PONTIFICE** — Não concordam os expositores se foi Anás ou Caifás. É certo pelo Evangelho, que as primeiras perguntas foram em casa de Anás. Porém o que aqui se refere desde o verso 15 até o verso 23, assenta a maior parte deles com S. Cirilo, que tudo se passou em casa de Caifás, ainda que Calmet está pela opinião contrária.

(8) **E ANÁS O ENVIOU** — *Misit* é um hebraísmo: o pretérito perfeito pelo mais que perfeito, porque os hebreus carecem dêste tempo: havia enviado. Outros intérpretes tomam o *Misit* no seu próprio tempo: enviou.

26 Disse-lhe um dos servos do pontífice, que era parente daquele a quem Pedro cortara a orelha: Não é assim que eu te vi com êle no horto?

27 E negou-o Pedro outra vez: E imediatamente cantou o galo.

28 Levaram pois Jesus da casa de Caifás ao pretório. Era de manhã: E êles não entraram no pretório por se não contaminarem, mas comerem a Páscoa. (9)

29 Pilatos pois saiu fora para lhes falar, e disse: Que acusação trazeis vós contra êste homem?

30 Responderam êles e disseram-lhe: ' Se êste não fôra malfeitor, não to entregáramos nós.

31 Pilatos lhes disse então: Tomai-o lá vós outros, e julgai-o segundo a vossa lei. E os judeus lhe disseram: A nós não nos é permitido matar ninguém.

32 Para se cumprir a palavra, que Jesus dissera, significando de que morte havia de morrer.

33 Tornou pois a entrar Pilatos no pretório, e chamou a Jesus, e disse-lhe: Tu és o rei dos judeus?

34 Respondeu Jesus: Tu dizes isso de ti mesmo, ou foram outros os que to disseram de mim?

35 Disse Pilatos: Porventura sou eu judeu? A tua nação, e os pontífices são os que te entregaram nas minhas mãos: Que fizeste tu?

(9) **POR SE NÃO CONTAMINAREM** — Entendiam os judeus que entrando em casa dalgum gentio, ficavam manchados com uma impureza igual, que os estorvava de ter parte nas cerimônias da religião, pelo menos até à tarde do mesmo dia. Para isso tinham escrúpulo e de tirarem a vida ao mais santo e inocente de todos os homens, nenhum caso faziam.

36 Respondeu Jesus: O meu reino não é dêste mundo: Se meu reino fosse dêste mundo, certo que os meus ministros haviam de pelejar, para que eu não fosse entregue aos judeus: Mas agora não é daqui o meu reino.

37 Disse-lhe então Pilatos: Logo tu és rei? Respondeu Jesus: Tu o dizes, que eu sou rei. Eu para isso nasci, e ao que vim ao mundo foi para dar testemunho da verdade: Todo o que é da verdade, ouve a minha voz.

38 Disse-lhe Pilatos: Que coisa é a verdade? E dito isto, tornou a sair a ver-se com os judeus, e disse-lhes: Eu não acho nele crime algum.

39 Mas é costume entre vós, que eu pela Páscoa vos solte um: Quereis vós logo que vos solte o rei dos judeus?

40 Então gritaram todos novamente, dizendo: Não queremos sóto a êste, mas a Barrabás. Ora, este Barrabás era um ladrão.

CAPÍTULO 19

MANDA PILATOS AÇOITAR A JESUS. OS SOLDADOS O COROAM DE ESPINHOS, E O VESTEM DE PÚRPURA. PILATOS O MOSTRA AOS JUDEUS CARREGADO DE OPRÓBRIOS. PEDEM ÊLES QUE O CRUCIFIQUE. PILATOS O CONDENA CONTRA SUA PRÓPRIA CONSCIÊNCIA. LEVA JESUS A SUA CRUZ ATÉ O CALVÁRIO. CRUCIFICAM-NO ENTRE DOIS LADROES. SORTEIAM OS SOLDADOS ENTRE SI OS SEUS VESTIDOS. DÁ JESUS A JOÃO POR MÃE SUA MESMA MÃE. DIZ QUE TUDO ESTÁ CUMPRIDO, E EXPIRA. QUEBRAM OS JUDEUS AS PERNAS AOS DOIS LADROES, MAS NÃO A JESUS. SAI DO SEU LADO SANGUE E ÁGUA. PEDE JOSÉ O SEU CORPO, E EMBALSAMADO O SEPULTA.

1 Pilatos pois tomou então a Jesus, e o mandou açoitar.

2 E os soldados, tecendo de espinhos uma coroa, lha puseram sôbre a cabeça: E o vestiram dum manto de púrpura.

3 Depois vinham ter com êle, e diziam-lhe: Deus te salve, rei dos judeus: E davam-lhe bofetadas.

4 Saiu Pilatos ainda outra vez fora, e disse-lhes: Eis aqui vo-lo trago fora, para que vós conheçais que eu não acho nele crime algum.

5 (Saiu pois Jesus trazendo uma coroa de espinhos, e um vestido de púrpura.) E Pilatos lhes disse: Eis aqui o homem.

6 Então os príncipes dos sacerdotes, e os oficiais, tendo-o visto, gritaram, dizendo: Crucifica-o, crucifica-o. Disse-lhes Pilatos: Tomai-o vós outros, crucificai-o: Porque eu não acho nele crime algum.

7 Responderam-lhe os judeus: Nós temos uma lei, e êle deve morrer segundo a lei, pois se fez Filho de Deus. (1)

8 Pilatos pois como ouviu estas pàlavras, temeu ainda mais.

9 E entrou outra vez no pretório: E disse a Jesus: Onde és tu? mas Jesus não lhe deu resposta alguma.

(1) **POIS SE FEZ FILHO DE DEUS** — A lei de Moisés condemnava à morte aos blasfemos, Lv 24, 14. E êste é o suposto dellto, pelo qual pretendiam agora que fosse condenado Jesus Cristo. Deixando a um lado tantos prodígios, com os quais o Senhor lhes havia dado mostras evidentes da sua divindade, não reconheceram outra lei, que a do seu furor e ódio, para pedirem a sua morte.

Evangelho de S. João 19, 10-15

10 Então lhe disse Pilatos: Tu não me falas? Não sabes que tenho poder para te crucificar, e que tenho poder para te soltar?

11 Respondeu-lhe Jesus: Tu não terias sôbre mim poder algum, se êle te não fôra dado lá de cima. Por isso o que me entregou a ti, tem maior pecado. (2)

12 E dêste ponto em diante buscava Pilatos algum meio de o livrar. Mas os judeus gritavam, dizendo: Tu se livras a êste, não és amigo do César: Porque todo o que se faz rei, contradiz ao César.

13 Pilatos pois como ouviu estas vozes, trouxe para fora a Jesus: E assentou-se no seu tribunal, no lugar que se chama Litostrotos, e em hebraico Gabata. (3)

14 Era então o dia da preparação da Páscoa, quasi a hora sexta, e disse Pilatos aos judeus: Eis aqui o vosso rei.

15 Mas êles diziam a gritos: Tira-o, tira-o, crucifica-o. Disse-lhes Pilatos: Pois eu hei de crucificar o vosso rei? Responderam os príncipes dos sacerdotes: Nós não temos outro rei senão o César. (4)

(2) **SE ÊLE TE NÃO FÔRA DADO LÁ DE CIMA** — S. Bernardo: "Vós desprezais o julz por ser secular? Quem mais secular de que Pilatos, diante do qual foi o Senhor apresentado para ser julgado? Tu não terias, lhe disse êle, sobre mim poder algum, se êle te não fosse dado lá de cima.

(3) **QUE SE CHAMA LITOSTROTOS** — Nome grego, que significa "pavimento de pedra". O hebraico *Gabata* quer dizer "lugar alto". Josefo dizia-nos que o Pretório tinha o pavimento de mosaico.

(4) **NÓS NÃO TEMOS OUTRO REI** — Os judeus se gloriavam outras vezes de não ter mais rei que a Deus. Acima, cap. 7, 41. Porém agora renunciavam publicamente a êste tão assinalado privi-

16 Então porém lho entregou para que fosse crucificado. E eles tomaram a Jesus, e o tiraram para fora.

17 E levando a sua cruz às costas, saiu para aquele lugar que se chama do Calvário, e em hebreu Gólgota:

18 Onde o crucificaram, e com ele outros dois, um de uma parte, outro de outra, e Jesus no meio.

19 E Pilatos escreveu também um título: E o pôs sobre a cruz. E dizia a inscrição: JESUS NAZARENO, REI DOS JUDEUS. (5)

20 E muitos dos judeus leram este título: Porque estava perto da cidade o lugar onde Jesus fôra crucificado. E estava escrito em hebraico, em grego, e em latim. (6)

légio. Por isso o Senhor os pôs depois nas mãos dos Césares para que os destruíssem duma maneira tão funesta. — S. Cirilo e S. Crisóstomo.

(5) **JESUS NAZARENO** — S. João é o único dos Evangelistas que reproduziu o título da Cruz do Salvador. Na Igreja de Santa Cruz de Jerusalém, em Roma, conserva-se um fragmento considerável desta insigne reliquia. É uma pequena tábua, crivada de buracos, duma madeira cuja natureza não se pode hoje determinar com precisão: carvalho, álamo ou sicômoro. Tem 235 milímetros de comprimento por 130 de largura. Vêem-se ainda distintamente dois restos de inscrição, um em grego outro em latim, e, no alto, a extremidade de algumas curvas que devem ser os traços inferiores das letras da inscrição hebraica. Os caracteres, pintados a encarnado sobre um fundo branco, são ligeiramente gravados, como se tivessem sido feitos com um estilete. Há uma particularidade interessantíssima. É que os caracteres gregos e latinos estão escritos à maneira oriental, da direita para a esquerda. Por este fragmento calcula-se que o título da cruz tivesse 0m, 65 por 0m, 20. O costume de escrever inscrições em várias línguas era frequente na Palestina. Na estrada de Samaria encontrou-se uma lápide do tempo de Marco Aurélio em latim e grego. Foi publicado no *Cosmos* de 10 de Setembro de 1887, pág. 144, pelo Sr. Gernez Durand, num artigo intitulado *Le miliare romain de la route de Samarie*.

(6) **EM HEBRAICO** — Isto é, em aramaico.

Evangelho de S. João 19, 21-26

21 Diziam pois a Pilatos os pontífices dos judeus: Não escrevas rei dos judeus: Mas o que êle diz: Eu sou rei dos judeus.

22 Respondeu Pilatos: O que escrevi, escrevi. (7)

23 Porém os soldados, depois de haverem crucificado a Jesus, tomaram as suas vestiduras (e fizeram delas quatro partes, para cada soldado sua parte) e a túnica. Mas a túnica não tinha costura, porque era tôda tecida de alto a baixo. (8)

24 E disseram uns para os outros: Não a rasguemos, mas lancemos sortes sôbre ela, a ver quem a há de levar. Para se cumprir a Escritura, que diz: Repartiram meus vestidos entre si: E lançaram sorte sôbre a minha vestidura. E os soldados de fato assim o fizeram.

25 Entretanto estavam em pé junto à Cruz de Jesus sua mãe, e irmã de sua mãe, Maria, mulher de Cléofas, e Maria Madalena.

26 Jesus pois tendo visto sua mãe, e ao discípulo que êle amava, o qual estava presente, disse a sua mãe: Mulher, eis aí teu filho. (9)

(7) **O QUE ESCREVI, ESCRIVI** — O escrito uma vez, escrito ficará: e com isto, sem que o conhecesse, deixou afiançada e indubitável uma das mais importantes verdades da nossa religião; à maneira que Caifás profetizou sem o saber. — **Pereira.**

(8) **DE ALTO A BAIXO** — O manto, ou 'capa,' era o vestido exterior, que constava de quatro pedaços, cosidos e unidos uns aos outros, Dt 22, 12, e assim não tiveram que fazer mais que descosê-los e reparti-los entre si. E daqui se infere foram quatro soldados os que crucificaram ao Senhor, e aos quais pertenciam os vestidos dos que eram crucificados pela lei romana. — **De bonis damnatorum.** — Os outros que assistiam com o oficial, serviam para lhes fazer a guarda, e impedir que os tirassem da Cruz. Era a túnica figura da Igreja, indivisível, e uma em fé e caridade.

(9) **EIS AÍ TEU FILHO** — Jesus ama até ao derradeiro instante da sua vida. Ao amigo dileto, ao discípulo amado dá uma

27 Depois disse ao discípulo: Eis aí tua mãe. E desta hora em diante a tomou o discípulo para sua casa.

28 Depois sabendo Jesus que tudo estava cumprido, para se cumprir uma palavra, que ainda restava das Escritura, disse: Tenho sede.

29 Tinha-se porém ali posto um vaso cheio de vinagre. Então os soldados ensopavam no vinagre uma esponja, e atando-a a um hissôpo lha chegaram à bôca.

30 Jesus porém havendo tomado o vinagre, disse: Tudo está cumprido. E abaixando a cabeça, rendeu o espírito.

31 E os judeus (porquanto era a preparação) para que não ficassem os corpos na cruz em dia de sábadô

mãe, e à sua mãe dá-lhe um filho que ela muito amara. Mas estas palavras de Jesus, pronunciadas nos últimos momentos da sua vida mortal têm um alcance mais elevado. O discípulo amado é aos seus olhos divinos, a Igreja inteira, a assembléia dos fiéis, todos os amigos que o Evangelista ali representavá. Quando voltado para sua mãe lhe diz: "Eis aí teu filho", cria nela uma maternidade divina; associa-a à obra de Redenção. Imolando-se à vontade de Deus, que lhe pedia o sacrifício de seu Filho, esta mulher, heroína incomparável, tornou-se cooperadora da salvação universal. E continua a sua obra invisivelmente pela sua ação maternal na Igreja. Todos os que seguem Jesus são para ela filhos estremecidos, e os que amam Jesus estremecem Maria como sua mãe, à qual recorrem na alegria e na tristeza, na felicidade e na desgraça. Estas palavras, incutindo na humanidade sofredora a confiança em Maria, porque é mãe, ressoam sempre docemente aos ouvidos dos aflitos que invocam a Mãe de Jesus como a sua consoladora, dos pecadores que lhe chamam o seu refúgio, e dos contentes que a louvam como a causa da nossa alegria.

Evangelho de S. João 19, 32-35

(porque aquele dia de sábado era de grande solenidade), rogaram a Pilatos que se lhes quebrassem as pernas, e que fossem dali tirados.

32 Vieram pois os soldados: E quebraram as pernas ao primeiro, e ao outro, que com ele fôra crucificado. (10)

33 Tendo vindo depois a Jesus, como viram que estava já morto, não lhe quebraram as pernas. (11)

34 Mas um dos soldados lhe abriu o lado com uma lança, e imediatamente saiu sangue e água. (12)

35 Aquele porém que o viu, deu testemunho disso: E o seu testemunho é verdadeiro. E ele sabe que diz a verdade: Para que também vós o creiais.

(10) **VIERAM POIS OS SOLDADOS** — Os romanos deixavam de ordinário os cadáveres na cruz; os animais ferozes se encarregavam de os tragar. A lei judaica exigia que desaparecessem ao pôr do sol, a fim de que a terra santa não fosse manchada com a maldição que caía sobre o cadáver. Dt 21, 23. **De bello judaico** (4, 5, 2). Para os casos excepcionais os romanos tinham então o **Crurifragium**, isto explica o pedido dos judeus e a resposta de Pilatos.

(11) **VIRAM QUE ESTAVA JÁ MORTO** — E' o reconhecimento oficial do óbito de Jesus, feito insuspeitamente pelos seus inimigos.

(12) **UM DOS SOLDADOS** — Segundo uma tradição consignada no martirológio romano em 15 de março, este soldado chamava-se Longinos, que mais tarde se converteu ao cristianismo.

LHE ABRIU O LADO — Foi mais um insulto ao corpo inanimado de Jesus. Porém este coração aberto é mais uma prova irrefutável da morte de Jesus, realiza simultaneamente uma profecia que anunciava aos judeus Messias ferido duma lança. O sangue e a água que brotaram do coração de Jesus são os símbolos dos maiores mistérios. O Gênesis, diz o P. Pidon, narra que do flanco de Adão adormecido, Javé tirou Eva, a mãe dos vivos; o verdadeiro Adão é Jesus na Cruz; do seu coração entreaberto saiu a Igreja, a verdadeira mãe que gera para Deus todos os vivos pela água do batismo e pelo sangue da Eucaristia. *La vie de Jesus* tomo 2, página 347.

36 Porque estas coisas succederam para que se cumprisse esta palavra da Escritura: Não quebrareis d'ele osso algum. (13)

37 E também diz outro lugar da Escritura: Eles verão aquele a quem traspassaram.

38 E depois disto José de Arimatéia (pois que era discípulo de Jesus, ainda que era por medo dos judeus) rogou a Pilatos que o deixasse tirar o corpo de Jesus. E Pilatos lho permitiu. Veio pois, e tirou o corpo de Jesus.

39 E Nicodemos, o que havia ido primeiramente de noite buscar a Jesus, veio também, trazendo uma composição de quase cem libras de mirra e de aloes. (14)

40 Tomaram pois o corpo de Jesus, e o ligaram em volta em lençóis depois de embalsamado com aromas, da maneira que os judeus têm por costume sepultar os mortos.

(13) **NÃO QUEBRAREIS DELE OSSO ALGUM** — Este texto escreveu Moisés literalmente no Exodo do cordeiro Pascal. Agora o entende o Evangelista também literalmente do corpo de Jesus. Logo um mesmo texto pode ter dois sentidos literais, ou entender-se literalmente de dois objetos distintos. **Opstraet.**

(14) **CEM LIBRAS DE MIRRA** — A mirra e aloes, ou azebre, sendo muito amargos resistem à corrupção, e por isso se usavam para embalsamar os cadáveres da gente mais principal, e também para dar fragrância às vestiduras dos reis. — SI 44, 9 — Alguns intérpretes achando o peso de cem libras excessivo, apontam aqui varias razões de congruência: a meu ver, nenhum mais a propósito que o Padre João de Mariana, de quem são as seguintes palavras: — *Porro multis aromatibus opus erat, ut corpus integrum nec exenteratum, servaretur: libra etiam duodecim uncia- rum erat.*

41 No lugar porém em que Jesus fôra crucificado havia um horto: E neste horto um sepulcro novo, em que ninguém ainda tinha sido depositado.

42 Portanto em razão de ser o dia da preparação dos judeus, visto que êste sepulcro estava perto, depositaram nele a Jesus. (15)

CAPÍTULO 20

VAI A MADALENA DE MANHÃ AO SEPULCRO. AVISA A PEDRO E A JOÃO, DE QUE NÃO ESTÁ NO SEPULCRO O CORPO DE JESUS. VÃO LÁ OS DOIS. A MADALENA TORNANDO AO SEPULCRO, ACHA NELE SENTADOS DOIS ANJOS. APARECE-LHES JESUS. ELA O ANUNCIA AOS APÓSTOLOS. JESUS APARECE A ÊSTES NO MESMO DIA. ÊLE OS ENVIA PELO MUNDO, COMO SEU PAI O ENVIOU. DÁ-LHES O ESPÍRITO SANTO, E COM ÊLE O PODER DE PERDOAR PECADOS. REPREENDE A INCREDULIDADE DE TOMÉ.

1 No primeiro dia porém da semana veio Maria Madalena ao sepulcro, de manhã, fazendo ainda escuro: E viu que a campa estava tirada do sepulcro.

2 Correu pois, e foi ter com Simão Pedro, e com o outro discípulo, a quem Jesus amava, e disse-lhes: Levaram o Senhor do sepulcro, e não sabemos onde o puseram.

3 Saiu então Pedro, e aquêle outro discípulo, e foram ao sepulcro.

4 Ora êles corriam ambos juntos, mas aquêle outro discípulo correu mais do que Pedro, e levando-lhe a dianteira chegou primeiro ao sepulcro.

5 E tendo-se abaixado, viu os lençóis postos no chão mas todavia não entrou. (1)

6 Chegou pois Simão Pedro, que o seguia, e entrou no sepulcro, e viu postos no chão os lençóis, (2)

7 e o lenço, que estivera sôbre a cabeça de Jesus, o qual não estava com os lençóis, mas estava dobrado num lugar à parte.

8 Então pois entrou também aquêlê discípulo, que havia chegado primeiro ao sepulcro: E viu, e creu. (3)

9 Porque ainda não entendiam a Escritura, que importava que êle ressuscitasse dentre os mortos.

10 E voltaram os discípulos outra vez para sua casa.

11 Porém Maria conservava-se em pé da parte de fora, chorando junto do sepulcro. E a tempo que ela chorava, abaixou-se, e olhou para ver o sepulcro.

(1) **NO CHÃO** — A Vulgata diz simplesmente, *lintheamina posita*, os lençóis postos. O texto grego é que acrescenta *posita in terra*, postos no chão, como advertiu Sacy, e traduziram os de Mons. — Pereira.

(2) **OS LENÇÓIS** — Foi êste um sinal evidente da Ressurreição, porque se o corpo houvera sido furtado, não o desatariam para deixarem os lençóis, nem deixariam o lenço dobrado em outra parte, o que tudo pedia muito tempo e muito descanso. — Amelote.

(3) **E VIU, E CREU** — Ficaram persuadidos de que era certo o que a Madalena lhe havia dito, isto é, que haviam levado o corpo do Senhor. E assim, ainda que Jesus Cristo lhes tinha declarado diversas vezes, que ressuscitaria ao terceiro dia depois da sua morte, não o entenderam, estando costumados a ouvir-lhe dizer um grande número de parábolas imaginando que o que dizia da sua Ressurreição, podia também significar figuradamente outra coisa. — Santo Agostinho.

Evangelho de S. João 20, 12-17

12 E viu dois anjos vestidos de branco, assentados no lugar onde fôra pôsto o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés.

13 Os quais lhe disseram: Mulher, por que choras? Respondeu-lhes ela: Porque levaram o meu Senhor: E não sei onde o puseram.

14 Ditas estas palavras olhou para trás, e viu a Jesus em pé: Sem saber contudo que era Jesus. (4)

15 Disse-lhe Jesus: Mulher, por que choras? Ela, julgando que era o hortelão, disse-lhe: Senhor, se tu o tiraste, dize-me onde o puseste: E eu o levarei.

16 Disse-lhe Jesus: Maria. Ela voltando-se, lhe disse: Raboni (que quer dizer Mestre).

17 Disse-lhe Jesus: Não me toques, porque ainda não subi a meu Pai: Mas vai a meus irmãos, e dize-lhes que vou para meu Pai, e vosso Pai, para meu Deus, e vosso Deus. (5)

(4) **OLHOU PARA TRÁS** — Por que olhou para trás? Porque chegando o Senhor, os anjos, que estavam defronte da Madalena, se levantaram logo, em sinal de respeito: e isto é que a fez olhar para trás a ver o que era. — Amelote, citando a Santo Atanásio e a S. João Crisóstomo.

(5) **NÃO ME TOQUES** — A razão desta proibição, no sentido de S. Jerônimo e de S. Leão Magno, foi para que a Madalena conhecesse, que depois de Jesus Cristo se achar no estado glorioso e imortal, deviam ser outros os obséquios que ela devia tributar, isto é, obséquios de espírito, e não dos sentidos. — Amelote.

A MEUS IRMÃOS — Assim lhes chama, por causa da sua Santa humanidade, declarando que seu Pai era também pai deles. e o seu Deus o Deus deles, pela união e enlace que o mérito da sua morte, e do seu precioso sangue, havia feito entre a cabeça, que era o mesmo Senhor, e os membros do seu corpo místico, que eram os seus discípulos, e são todos os fiéis. — Pereira.

18 Veio Maria Madalena dar aos discípulos a nova de que ela tinha visto o Senhor, e de que êle lhe havia dito estas coisas.

19 Chegada porém que foi a tarde daquele mesmo dia, que era o primeiro da semana, e estando fechadas as portas da casa, onde os discípulos se achavam juntos, por mêdo que tinham dos judeus: Veio Jesus, e pôs-se em pé no meio dêles, e disse-lhes: Paz seja convosco. (6)

20 E dito isto, mostrou-lhes as mãos, e o lado. Alegraram-se pois os discípulos de terem visto o Senhor.

21 E êle lhes disse segunda vez: Paz seja convosco. Assim como o Pai me enviou a mim, também eu vos envio a vós.

22 Tendo dito estas palavras, assoprou sôbre êles: E disse-lhes: Recebi o Espírito Santo: (7)

23 Aos que vós perdoardes os pecados, ser-lhes-ão êles perdoados: E aos que vós os retiverdes, ser-lhes-ão êles retidos. (8)

(6) **ESTANDO FECHADAS** — O mesmo poder, nota Vigouroux, que fazia passar o corpo de Jesus Cristo através das portas fechadas, torna o mesmo corpo realmente presente no Santíssimo Sacramento da Eucaristia, ainda que ambas as coisas transcendam a nossa acanhada inteligência. — *La Sainte Bible* — 1902.

(7) **ASSOPROU** — Para baixo dêste sinal visível lhes comunicar a graça invisível dos dons do Espírito Santo, e para lhes fazer conhecer que o Espírito Santo procede dele, como um asso-pro. — *Amelote*.

(8) **AOS QUE VÓS PERDOARDES OS PECADOS SER-LHES-ÃO PERDOADOS** — Por estas palavras tão concludentes conferiu Jesus Cristo aos seus Apóstolos o grande poder de perdoar pecados; já antes lhes havia dito: todo o que vós ligardes na terra, será ligado no Céu, e o que desligardes na terra, será

24 Porém Tomé, um dos doze, que se chama Dídimo, não estava com eles quando veio Jesus.

25 Disseram-lhe pois os outros discípulos: Nós vimos o Senhor. Mas êle lhes disse: Eu se não vir nas suas mãos a abertura dos cravos, e se não meter o meu dedo no lugar dos cravos, e se não meter a minha mão no seu lado, não hei de crer.

desligado no Céu. Está pois claramente expresso o poder de remittir ou não remittir os pecados, de dar ou negar a absolvição delles. Como porém se há de regular o exercicio dêste poder? Como se há de remittir e reter sem saber o que? E' preciso que se diga, e que se patenteie o que se passa na alma para se lograr sujeitar ao poder das chaves as culpas que precisam de obter êsse perdão. De sorte que o dilema deve ser pôsto desta forma; ou truncar com impiedade inqualificável o Santo Evangelho, ou aceitar a confissão Sacramental como um preceito divino. A confissão das próprias culpas como meio de obter o perdão delas, esta confissão tão conforme com a natureza de Deus e do homem, tem em seu abono a história de todos os povos desde a mais remota antiguidade. Logo nos primeiros dias do mundo Adão e Eva confessaram o seu peccado; Caim confessa o primeiro fratricídio. Nos Provérbios fala-se em termos expressos de perdão, que Deus concede ao pecador que confesse as suas culpas. — *Qui abscondit scelera sua, non dirigetur: qui autem confessus fuerit et reliquerit ea, misericordiam consequetur.* — 28, 13. O Ecclesiástico diz: Não te envergonhes de confessar os teus peccados. *Non confundaris confiteri peccata tua.* Eclo 4, 31. Davi confessa as suas culpas, confessou-as ao profeta Natan. E entre os judeus existia já a prática da confissão de peccados próprios, o que fez dizer ao protestante Grócio — julgo muito provável a opinião dos que sustentam que entre os judeus se fizera já ao sacerdote a confissão dos próprios peccados. O Talmude Babilônico insiste na necessidade da confissão, principalmente depois que o templo foi destruido e acabou a possibilidade de expiar os peccados por meio de sacrificios, pg. 87. O *Mischna* apresenta testemunhos terminantes a êste respeito, dizendo: aquelle que se confessa terá uma parte no século futuro. — Calmet, no seu *Dicionário da Biblia*, atesta que os judeus praticavam a confissão. Não foi só entre o povo judaico que se achava estabelecida a confissão, esta prática encontra-se em muitos outros povos. Na Ásia como na América, na África como na Europa encontra-se o uso da confissão, como atestam os que têm examinado as histórias dêsses povos. De

26 E oito dias depois, estavam os seus discípulos outra vez dentro, e Tomé com êles. Veio Jesus às portas fechadas, e pôs-se em pé no meio, e disse: Paz seja convosco.

forma que pode com razão dizer-se uma prática universalmente estabelecida. Na Índia havia uma lei que preceituava a confissão, como se vê nas leis de Manu, filho de Brama. Além disto os índios celebram em cada ano uma festa, em que são obrigados a confessar-se para lhes serem remitidas as culpas. *Choix de Lettres edifiantes* — 1, 8, Pernet. A propósito dos Tibetanos, diz o autor da obra intitulada *Recherches sur la confession auriculaire*, que os Lhamas, religiosos do Tibé, se reúnem quatro vezes por mês, e que o grande Lhama, antes de aparecer na assembleia, confessa-se e recomenda aos outros que façam o mesmo. Pernet, ob. cit. No *Zend Avesta* encontram-se orações dirigidas a Ormuzd pelas pessoas no dia em que confessam as suas culpas. Voltaire diz-nos que na Grécia os indivíduos na celebração dos mistérios de Orfeu, de Iris e do Céu, confessavam as suas más obras. *Oeu-vres completes*, 49. Sócrates diz... Acuse-se a si mesmo, descubra o seu crime, e ponha-o à luz para ser punido e curado. De Maistre, no seu clássico livro *Du Pape*, apresenta muitos outros testemunhos que confirmam a universalidade da prática da confissão. Esta universalidade deriva dos frutos copiosos e salutareos que produz tão salutar prática, quer no individuo, quer na família, quer na sociedade. Ouçam-se de preferência os próprios adversários, cujos testemunhos, por isso mesmo, são mais valiosos. O calvinista Brestschneider exprime-se desta sorte: *A confissão privada* proporciona ao padre a mais favorável ocasião para as instruções individuais e as advertências acêrca das relações domésticas, e de tudo quanto é concernente ao aperfeiçoamento moral do individuo. Esta prática estabelece entre o pastor e o rebanho uma intimidade que é tão útil ao ministério dum como às necessidades morais do outro. Gerbert, *Dogme catholique de la Penitence*. Espíritos irrefletidos têm pretendido sustentar que a confissão foi inventada pelos papas, bispos ou sacerdotes. A primeira coisa a perguntar aos adversários é qual o ano em que na Igreja se introduziu tal prática; porque um acontecimento desta ordem, que tão grande revolução veio fazer na Igreja cristã, devia ficar profundamente assinalado na história, sabendo-se dia, ano e inventor, que passaria à posteridade cercado de louros por uns e coberto de opróbrios e maldições por outros. A segunda pergunta é, se os papas, bispos e padres inventaram a confissão como é que se sujeitam a ela? Por que não crêem êles, e não creram nunca que se possam dispensar dela? Por que é que as seitas orientais, desde o século V, conservam a mesma doutrina e a mes-

Evangelho de S. João 20, 27-31; 21, 1-2

27 Logo disse a Tomé: Mete aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos, chega também a tua mão, e mete-a no meu lado: E não sejas incrédulo, mas fiel.

28 Respondeu Tomé, e disse-lhe: Senhor meu, e Deus meu.

29 Disse-lhe Jesus: Tu crêste, Tomé, porque me viste: Bem-aventurados os que não viram e creram.

30 Outros muitos prodígios ainda fez também Jesus em presença de seus discípulos, que não foram escritos neste livro.

31 Mas foram escritos êstes, a fim de que vós creiais que Jesus é o Cristo, filho de Deus: E de que cren-do-o assim, tenhais a vida em seu nome.

CAPÍTULO 21

APARECE JESUS TERCEIRA VEZ AOS APÓSTOLOS, E FAZ-LHES APANHAR GRANDE QUANTIDADE DE PEIXES. CONVIDA-OS A JANTAR. PERGUNTA A PEDRO SE O AMA. ENCOMENDA-LHE AS SUAS OVELHAS.

1 Depois tornou Jesus a mostrar-se a seus discípulos junto do mar de Tiberíades. E mostrou-se-lhes desta sorte:

2 Estavam juntos Simão Pedro e Tomé, chamado Dídimo, e Natanael, que era de Caná de Galiléia, e os filhos de Zebedeu, e outros dois de seus discípulos.

ma prática sobre este ponto? Quando pois, ou porque incalculável submissão dos povos, é que pode semelhante instituição ganhar tanto terreno no mundo e fazer-se adotar por divina e indispen-

3 Disse-lhes Simão Pedro: Eu vou pescar. Responderam-lhe os mais: Também nós outros vamos contigo. Saíram pois, e entraram numa barca: Mas naquela noite nada apanharam.

4 Mas chegada a manhã, veio Jesus pôr-se na ribeira: Sem que ainda assim conhecessem os discípulos que era Jesus.

5 Disse-lhes pois Jesus: O' moços, tendes alguma coisa de comer? Responderam-lhes êles: Nada.

6 Disse-lhes Jesus: Lançai a rede para a parte direita da embarcação, e achareis. Lançaram êles pois a rede: Mas já a não podiam trazer acima que tão grande era a carga dos peixes.

7 Então aquêlê discípulo, a quem Jesus amava, disse a Pedro: E' o Senhor. Simão Pedro quando ouviu que era o Senhor, cingiu-se com a sua túnica (porque estava nu) e lançou-se ao mar.

8 E os outros discípulos vieram na barca: (Porque não estavam distantes de terra, senão só obra de duzentos côvados) trazendo a rede cheia de peixes.

sável à salvação? Os Santos Padres dos primeiros tempos do Cristianismo praticavam a confissão, inculcaram-na, defenderam-na e assim cai pela base o asserto dos que pretendem que a confissão data dos séculos V e de João I. Impossível extrair nesta nota tôda a enorme série de Padres apostólicos, discípulos dos primeiros pregadores do Evangelho, como S. Inácio, Clemente, S. Irineu, e Barnabé, cujos testemunhos, datando do século I, mostraram claramente que a Igreja desde os seus primórdios professava a mesma crença que hõje professa a respeito da confissão Sacramental.

Evangelho de S. João 21, 9-15

9 E tanto que saltaram em terra, viram umas brasas postas, e um peixe em cima delas, e pão. (1)

10 Disse-lhes Jesus: Dai cá dos peixes, que agora apanhastes.

11 Subiu Simão Pedro à barca, e tirou a rede para terra, cheia de cento e cinquenta e três grandes peixes. E sendo tão grandes, não se rompeu a rede.

12 Disse-lhes Jesus: Vinde, jantai. E nenhum dos que estavam à mesa ousava perguntar-lhe: Quem és tu? sabendo que era o Senhor.

13 Veio pois Jesus, e tomou o pão, e deu-lho e assim mesmo do peixe.

14 Foi esta já a terceira vez que Jesus se manifestou a seus discípulos, depois de ressurgir dos mortos.

15 Tendo êles pois jantado, perguntou Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de João, tu amas-me mais do que êstes? Êle respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Disse-lhe Jesus: Apascenta os meus cordeiros. (2)

(1) **VIRAM UMAS BRASAS POSTAS** — Este segundo milagre foi para mostrar-lhes, que não era por necessidade que deles tivesse, o perguntar-lhes se tinham alguma coisa de comer. Que antes êle era o que liberalmente os provia de tôdas as coisas sem dêles receber alguma. E que não só tinha poder para multiplicar o pão, como outras vezes fizera, mas também para o produzir como assim mesmo o fogo e o peixe. — Amelote.

(2) **TU AMAS-ME MAIS** — Jesus Cristo pediu a Pedro três protestações do seu amor, para que reparasse as três negações. Porém, escarmentado com as quedas passadas, quando o Senhor lhe pergunta se o ama mais que os outros, responde moderadamente; e pondo o Senhor por testemunha do seu amor, dá testemunho do seu próprio coração, sem querer entrar a ser juiz dos outros. Entristece-se a terceira vez que o Senhor lhe faz a mesma

16 Perguntou-lhe outra vez: Simão, filho de João, tu amas-me? Ele respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo. Disse-lhe Jesus: Apascenta os meus cordeiros.

17 Perguntou-lhe terceira vez: Simão, filho de João, tu amas-me? Ficou Pedro triste, porque terceira vez lhe perguntara: Tu amas-me? E respondeu-lhe: Senhor, tu conheces tudo: Tu sabes que eu te amo. Disse-lhe Jesus: Apascenta as minhas ovelhas. (3)

18 Em verdade, em verdade te digo: Quando tu eras mais moço, tu te cingias, e ias por onde te dava na vontade, mas quando já fôres velho, estenderás as tuas mãos e outro será o que te cinja, e que te leve para onde tu não queiras.

19 E isto disse Jesus, para significar com que gênero de morte havia Pedro de dar glória a Deus. E depois de assim ter falado, disse-lhe: Segue-me.

20 Voltando Pedro, viu que o seguia aquêlê discípulo que Jesus amava, que ao tempo da ceia estivera até reclinado sôbre o seu peito, e lhe perguntara: Senhor, quem é o que te há de entregar?

21 Assim que como Pedro viu a êste, disse para Jesus: Senhor, é êste que?

pergunta, temendo com o que já outra vez lhe havia acontecido, que o Senhor registasse no seu coração um amor muito mais remisso, do que a êle lhe parecia. Jesus Cristo lhe encomenda o cuidado de apascentar o comum dos fieis, sem exceção, figurados pelas ovelhas, e pelos cordeiros. Porque, S. Pedro foi constituido por estas palavras, cabeça universal de toda a Igreja, e pastor de todo o rebanho. — S. Bernardo. O que todos os Santos Padres e Concílios reconhecem desde alta antiguidade.

(3) **APASCENTA AS MINHAS OVELHAS** — Está assentado entre os melhores intérpretes, não haver mistério algum nos nomes de cordeiros e de ovelhas, mas que debaixo de um e outro entendenda o Senhor sem diferença alguma todos os fieis. — Calmet.

22 Disse-lhe Jesus: Eu quero que êle fique assim até que eu venha; que tens tu com isso? Segue-me tu.

23 Correu logo esta voz entre os irmãos, que aquêlê discípulo não morreria. E não lhe disse Jesus: Não morre; senão: Eu quero que êle fique assim, até que eu venha; que tens tu com isso?

24 Êste é aquêlê discípulo que dá testemunho destas coisas, e que as escreveu: E nós sabemos que é verdadeiro o seu testemunho.

25 Muitas outras coisas porém há ainda, que fez Jesus: As quais se se escrevessem uma por uma, creio que nem no mundo todo poderiam caber os livros, que delas se houvessem de escrever.

NOTA FINAL' — SANTO SUDÁRIO — Entre as relíquias da Paixão, a mais célebre, sem dúvida, é o Santo Sudário, em que o corpo do Salvador foi envolvido no sepulcro, e que por isso mesmo tem sido objeto de estudos importantes e trabalhos curiosos, dentre os quais citaremos os de Rohault de Fleury, *Memoire sur les instruments de la Passion*. Vicente de Gourgues, *Le Saint Suaire*, 1860, etc. Estava porém reservada ao século 20 a glória de ir rebuscar essa veneranda relíquia e de assombrar o mundo inteiro com revelações feitas em nome da ciência, com o cunho da mais irrefragável autoridade e da mais insuspeita imparcialidade. O Santo Sudário, que em 1353 fôra doado pelo conde Godofredo de Charny à abadia de Lirey, perto de Troyes, acha-se desde 1578 na posse da Casa Real de Turim. É o Santo Sudário tecido de linho, medindo 4m,10 de comprimento, por 1m,40 de largura. Amarelecido pela ação do tempo, tendo o aspecto de pergaminho; apresenta uns buracos e marcas de fogo, manchas negras e vestígios dos estragos do incêndio da capela do Castelo de Chambery, em 1552, que por pouco não o destruiu. Paul Vinçon, doutor em ciência, adido à faculdade de ciências na Uni-

versidade de Paris, entregou-se ao estudo do Sudário, e ao seu trabalho devemos preciosas informações. Sigamos o douto naturalista, cuja obra — *Linceul du Christ, etude scientifique*, par M. Paul Vignon, 1903, Masson & Cie., éditeurs, celebrou. Segundo os seus estudos, as imagens gravadas sobre o Sudário de Turim, podem agrupar-se em duas categorias. A primeira pertencem as que se dispõem segundo o eixo do lençol e que são duma côr de castanho avermelhado. As outras correm paralelas aos lados das precedentes, pela parte de fora, e têm uma coloração negra. Ora, essas manchas centrais, rigorosamente analisadas, dão-nos as duas faces do corpo dum homem, colocadas no mesmo prolongamento, isto é, as duas projeções da cabeça gravadas frente a frente. A análise minuciosa de cada uma destas imagens dá o seguinte: Imagem anterior: — A parte mais visível é a cabeça. O nariz apresenta-se enegrecido; os olhos, cercados dum círculo alvo; a bôca, quase sômente esboçada, sem que apareçam traços das orelhas ou do pescoço. Lateralmente, os cabelos são representados por duas manchas sombrias, que se interrompem bruscamente, talvez porque os cabelos passam por detrás das espáduas. A partir da cabeça modela-se mais nitidamente a figura, mormente nos músculos peitorais, sendo a região epigástrica marcada por uma sombra vaga. São visíveis os ante-braços colocados dum e doutro lado, vendo-se apenas uma mão, visto estar cruzada sobre a outra. É perfeitamente visível o desenho da bacia. De resto, apenas se vê bem um dos joelhos. Imagem dorsal: Mostra a região occipital e os ombros, abaixo dos quais as omoplatas são marcadas por umas manchas escuras. O dorso é nítido, outro tanto não sucede à região lombar. Duas zonas acentuadas marcam os calcanhares. A planta dos pés estampa-se à frente. De experiência em experiência, cuja enumeração seria longa e fastidiosa, chegou-se à conclusão de que o Sudário era, por si mesmo, um negativo exato do cadáver que nele fôra embrulhado. Nem é obra de um pintor, nem é artifício de falsário. *Cette image n'est ni l'oeuvre d'un peintre, ni le resultat d'un contact direct menagé par l'artifice d'un faussaire*, afirma solenemente Vignon, afirmou-o e provou-o ao mundo científico, no século 20. Rebatidas tôdas as hipóteses que os detratores do sudário poderão fazer, levando de vencida os argumentos dos seus adversários, refutando tôdas as suposições, Vignon enuncia sua tese. *L'image résulte d'une impression à distance, projectée par le corps couché sous ce suaire, impression analogue aux actions photo-chimiques*: temos pois estabelecido o principio de que as imagens gravadas no sudário resultam duma impressão a distância, impressão causada pelo corpo deitado e envolvido no sudário, e que causam um fenômeno análogo ao que produzem as ações fotoquímicas. A ação a distância é um fenômeno averiguado e indiscutível; para o caso do sudário. Vignon fez experiências que mais comprovam as ações produzidas sobre as placas fotográficas por gases ou vapores que emanam de certos corpos e que atuam quimicamente sobre o alvo impressionável. O alvo sensível aqui era

o lençol embebido nos aromas, que eram gomas — resinas — o aloés e a mirra e azeite muito fino obtido pela trituração de azeitonas em almofariz. O aloés contém dois princípios ativos — aloina e aloetina. A primeira destas substâncias dá, com a água, uma solução de amarelo claro, e com os álcalis uma coloração alaranjada. A aloetina, em presença dos álcalis, dá uma coloração acastanhada. E aqui está o sudário sendo um alvo sensível. Os vapores alcalinos lá estavam fornecidos pela evaporação de suor, e suor anormal, em que, pelos flagícios da crucifixão, devia abundar uréia. Revela o sudário ferimento, um evidente sôbre o lado esquerdo do peito devia ser perfurante, pois tem um aspecto dum coágulo sanguíneo de grande hemorragia. Nos ante-braços vêem-se vestígios doutras hemorragias provenientes de feridas naquela região. Além doutras observemos que sob os calcanhares notam-se manchas acastanhadas, de bordos nítidos, devendo corresponder a sangue já coagulado. Daqui infere-se a perfuração dos pés com os cravos. Os vergões pelo corpo e as chagas também se evidenciavam, embora nem todas se vejam da mesma sorte, porque a impressão fez-se com maior ou menor energia conforme a maior ou menor densidade dos coágulos. Estes coágulos atuaram não só pelo carbonato de soda que o soro contém sempre, mas ainda pela uréia que neles se deve ter incorporado, como no suor. A identificação do corpo envolto no sudário de Turim e Jesus Cristo é evidente. Foi o corpo dum condenado à flagelação e à cruz que ali esteve envolto. A propósito escreveu um autor nosso, tão novo como insuspeito: “E no lençol de Turim as fases dum martírio extraordinário estão gravadas em imagens duma nitidez indiscutível...” A corôa de espinhos, colocada sôbre a cabeça de Jesus, como uma ironia cruel ao título de rei dos judeus, também lá deixou vestígios eternos... A lançada, tomada por Strauss na conta de um artil simbólico de S. João, ainda no lençol de Turim aparece assegurada como um fato real. Como negar que o lençol fosse a mortalha de Cristo? As condições exigidas para a razão científica das imagens do sudário, acompanharam todas as cenas posteriores à morte de Jesus. Ele foi amortalhado num lençol, Mt 27, 15, 46; Lc 23, 53; Jo 19, 40. Cristo foi embalsamado com aloés e mirra Jo 19, 39. Cfr. Alberto Pimentel, filho, *A morte de Cristo*, Monografia médica — Lisboa, 1902.

ATOS DOS APÓSTOLOS

INTRODUÇÃO

Autor e título. — A S. Lucas se deve êste livro, que pode ser considerado como uma continuação do terceiro Evangelho, agora sob um aspecto diverso.

Desde os primeiros tempos foi chamado “Atos dos Apóstolos”, como se vê em Clem. Alex, *Strom.* 22, pag. 696, Tertuliano, *de Bapt.* 10, etc.

Objeto. — O livro dos Atos dos Apóstolos é, pelas numerosas citações dos fatos mais importantes da vida de Jesus, uma brilhante confirmação das narrações evangélicas: contém a relação dos sucessos manifestamente milagrosos e de pública notoriedade, tornando evidente a ação sobrenatural no estabelecimento, organização e propagação do Cristianismo. Disto mesmo resulta a grande importância histórica dêste livro, acêrca do qual Cornely, Velon, Patrizzi e Lami, fizeram estudos especiais no campo da ortodoxia católica.

Ocasião e fins dêste livro. — Vivia-se já sob o influxo salutar da nova doutrina, tornava-se necessário, po-

rém, fixar pela escrita os trabalhos dos pregoeiros da Boa Nova, o que tinham feito e o que tinham pregado. Apareceram ensaios primitivos com os títulos: — *Periodi Petri*, *Predicatio Petri*, *Acta Pauli*, etc.

As primitivas Igrejas mostraram o máximo empenho em possuir um documento autêntico sobre o estabelecimento do Cristianismo. A razão era óbvia. Os fatos extraordinários que acompanhavam o desenvolvimento da nova crença, demonstravam a divindade da sua origem. A narração duns milagres, a leitura de fatos estupendos era um poderoso auxiliar para a instrução daqueles que se queriam alistar nas fileiras da nova legião de paz e amor.

E isto que determinou S. Lucas a escrever o seu Evangelho e os seus Atos, descobre o fim que o hagiógrafo sagrado teve em vista, que era, como é evidente, confirmar os fiéis na nova fé pela exposição de tantos fatos extraordinários.

S. Lucas não faz a história dos Apóstolos, conta o que eles fizeram. Na história da primitiva Igreja de Jerusalém, apenas narra fatos isolados, resumindo em onze capítulos os acontecimentos concernentes a um período de mais de onze anos.

No segundo período, que abrange cerca de vinte e dois anos, ainda há mais concisão parecendo que a preocupação constante do autor, era narrar os fatos que mais interessavam aos fiéis da Acaia e da Macedônia. Não se alarga na história íntima das Igrejas nascentes, pois o seu fim não era escrever uma história eclesiástica completa, mas sim salientar a marcha progressiva do Evangelho, levando de vencida o Mosaismo e o paganismo.

Atos dos Apóstolos

Os atos e discursos de S. Pedro fixam as condições em que o Evangelho se apresentava. O discurso de S. Estêvão é original da guerra aberta entre os sectários da Lei Antiga e os pregoeiros da Lei Nova; o martírio d'este diácono é o início da perseguição sangrenta. Depois escreve sobre a Universalidade do Cristianismo, a observância dos preceitos legais, e a teoria dogmática desta Universalidade, que constitui uma das notas características da doutrina de Jesus e da sua Igreja.

Divisão. — Compreende este livro duas partes bem distintas:

1.^a — Compreende doze capítulos, em que narra a pregação do Evangelho em Jerusalém e na Palestina. O principal personagem é S. Pedro.

2.^a — Abrange dezessete capítulos, relativos a 22 anos, durante os quais foi pregado o Evangelho aos gentios. A figura principal é S. Paulo. Do capítulo 12 ao 16 o autor descreve os primeiros progressos do Cristianismo entre os pagãos, especialmente em Antioquia, na ilha de Chipre e na Ásia. A partir do capítulo 16, 1, relata as pregações do Apóstolo na Europa, na Macedônia, na Acaia, enfim, em Roma, a capital do mundo. Essas duas partes reunidas realizam a profecia de Jesus Cristo: — Vós dareis testemunho de mim, na Judéia, na Samaria, até aos confins da Terra.

Autenticidade dos Atos dos Apóstolos. — “Que os *Atos dos Apóstolos* tiveram como autor o do terceiro Evangelho, de que são uma continuação, diz o próprio Renan, (*Les Apôtres, introd., p. 10*), é uma coisa sem dúvida. Não vale a pena gastar tempo em provar semelhante proposição, que nunca foi seriamente contestada. As prefações que abrem os dois documentos, a dedicação de

Atos dos Apóstolos

ambos a Teófilo, a perfeita semelhança do “estilo e das idéias, dão margem para abundantes demonstrações”. Do mesmo voto é Credner, racionalista alemão. Ora, aceitando-se por averiguado para a crítica êste ponto, e supondo-se sólidamente provada a autenticidade do Evangelho de S. Lucas, não podem deixar de ser atribuídos os *Atos dos Apóstolos* ao mesmo escritor apostólico, discípulo e companheiro de S. Paulo. Noutro artigo se demonstra que o terceiro Evangelho é incontestavelmente obra de S. Lucas: logo bastaria reportarmo-nos a essa demonstração para legitimamente podermos atribuir ao mesmo autor os *Atos dos Apóstolos*. Mas para firmar a autenticidade destes, podemos aduzir, além daquele argumento intrínseco, vários testemunhos peremptórios.

Não se pode duvidar de que aluda a um texto dos *Atos dos Apóstolos* S. Clemente Romano, (1 Cor 2) quando louva os Coríntios porque “antes querem dar do que receber (At 20, 35”. — S. Inácio d’ Antioquia, em dois passos de suas epístolas autênticas, parece quase transcrever as palavras dos Atos quando diz (ad Smirn., 3): *metá dé “tén anástasin sunéphagen autois kai sunépien*; cf., At 10, 41: *“oitines sunephágomen “kai sunepiomen autô metá tō anastēnai auton ek nkrôn”*; e ad Magn., 5): *“hekastos eis “ton idion topon mellici chōrein”*; cf. At 1, 25: *“Ioudas poreutēnai eis ton topon ton idion.”* — O mesmo se pode dizer de S. Policarpo, que escreve (Phil., 1): *“hon egeiren ho Theos aneste êse lusas tas ôdinas tou thanatou (hádou, segundo outra lição)”*. Estas passagens, que equivalem a citações, são uma prova clara de que o livro dos Atos já existia e era conhecido dos fiéis naquelas épocas remotas.

Atos dos Apóstolos

Não precisamos de ir além do princípio do terceiro século, para ouvir as vozes mais autorizadas de toda a Igreja clamarem que S. Lucas é o autor do livro dos *Atos*. S. Irineu, que é testemunha das tradições da Ásia e da Gália, havendo referido várias coisas consignadas nos *Atos*, acrescenta (Hær., 3, 14): “Lucas, testemunha ocular de todos êstes sucessos, descreveu-os com diligência, para que ninguém possa argúi-lo de mentira, nem de ostentação.” Clemente Alexandrino (Strom., 5, 12), diz: “Como também refere Lucas em seus comentários que Paulo falou assim: Atenienses...”; e continua o discurso do Apóstolo no Areópago (*At* 17, 22 ss.), — Tertuliano, testemunha da Igreja de África (*De jejun.*, 10), escreve: “Em seguida no mesmo comentário de Lucas se faz menção da terceira hora da oração, quando foram tomados por homens embriagados os que acabavam de receber o Espírito Santo; e da sexta hora, quando Pedro subiu ao alto de sua casa”. Cf. *At* 2, 15 e 10, 9. — Mais antigo ainda é o testemunho da Igreja Romana. Encontra-se êste no Cânon do segundo século descoberto por Muratori: “*Acta autem “oninium Apostolorum sub uno libro scripta sunt. Lucas optimo Theophilo comprehendit, quæ sub præsentia ejus singula gerebantur”*”.

É’ pois sem dúvida que o livro dos *Atos* se achava espalhado na Igreja desde o primeiro século, e que já então era considerado por todos como obra de S. Lucas. A não ser assim, não se compreende como, no fim do segundo século, a Igreja toda concordasse em o atribuir ao discípulo de S. Paulo.

O próprio livro dos *Atos* confirma sólidamente esta tradição unânime. 1.º O autor, referindo as viagens de S. Paulo, fala constantemente, depois do capítulo 20, na primeira pessoa do plural, e nesta forma prossegue a nar-

ração até ao cativeiro de S. Paulo em Roma. Donde se colige que êle acompanhava o Apóstolo, e nomeadamente se achava com êle em Roma. Ora tal era S. Lucas, de quem S. Paulo, escrevendo de Roma a Timóteo (2 *Tim* 4, 11), diz: "Só Lucas está comigo", e de quem envia da mesma cidade saudações aos Colossenses, (4, 14) e a Filêmon (24). Além disso o autor dos *Atos* desce a tais minudências a respeito dos últimos anos do ministério de S. Paulo e de suas viagens, que a cada passo mostra claramente ter sido testemunha ocular. Atente-se, por exemplo, na cena da víbora, que acomete o Apóstolo, e que êle sacode, passada na ilha de Malta (*At* 28, 2-6); na descrição das peripécias do naufragio (27, 14-44); e na relação exata dos lugares, por onde passaram dirigindo-se de Cesaréia para Roma.

2.º Tem-se colhido grande número de construções e expressões singulares, que se encontram nos *Atos* e também no terceiro Evangelho, e que os outros autores sagrados nunca, ou quase nunca empregam. Delas se pode ver grande parte indicada no *Manuel biblique* de Bacuez (t. IV, n.º 484). Supérfluo nos parece enumerá-las aqui.

3.º S. Lucas era médico em Antioquia, portanto era um espírito culto. E a juízo de todos os críticos, a sua linguagem é mais correta e o estilo mais puro que o dos outros escritores do Novo Testamento. Era porém natural da Síria, mas judeu em religião. Daí os muitos hebraísmos, que se encontram no seu livro dos *Atos*, bem como no seu Evangelho.

Integridade dos Atos dos Apóstolos. — Esta não tem sido, que nós sabemos, objeto de contestação. Seria fácil prová-la, se necessário fosse, por um processo análogo

ao que se emprega para mostrar a integridade dos Evangelhos.

Veracidade dos Atos dos Apóstolos. — Esta é principalmente atacada pelos adeptos da escola racionalista de Tubinga. A crê-los, o autor de tal livro escreveu-o com intento polêmico, isto é, para harmonizar o partido étnico, cristão, com o dos judaizantes. A êste fim ordenou êle sua narração, a qual revestiu de aparência histórica, de tal arte, que os acontecimentos, verdadeiros uns, inventados outros, mostrassem Pedro e Paulo igualmente favoráveis às idéias dos dois partidos, e entre si unidos pelos laços de uma concórdia fraternal. Quanto é ligeira a hipótese fundamental dos exegetas de Tubinga, demonstramo-lo noutro lugar, neste, provada devidamente a autenticidade dos livros dos *Atos*, demonstraremos a veracidade do escritor.

1.º S. Lucas tinha cabal conhecimento dos fatos que narra. Foi testemunha presencial de tudo o que se lê desde o cap. 20 para diante. Companheiro de S. Paulo durante doze anos, não lhe faltou ocasião de conhecer por miúdo a história do apostolado de seu mestre. Pelo que toca ao Apostolado de S. Pedro, de que fala no princípio da história, obteve a êsse respeito informações exatas daqueles “que tudo viram desde o começo”, como êle próprio declara no prólogo do seu Evangelho. E’ certo pois que S. Lucas conhecia: até aos mais miúdos, todos os sucesos narrados em suas memórias.

2.º Mas nós afirmamos ainda que S. Lucas expôs fielmente os fatos que conhecia. Por um lado, o caráter, que o distingue no conceito que dele temos, é uma imaculada probidade; por outro, são palpáveis, nessas páginas tão singelas, tão desafetadas e tão despidas de preocupação, a

candura e a sinceridade. E ainda quando S. Lucas quisesse enganar seus leitores, não o o pudera fazer, porque quase todos os acontecimentos, que constituem a sua história, são públicos, notáveis e sucedidos perante numerosas testemunhas. A fraude, a havê-la, logo seria denunciada.

Objecções. — Para convencer de falsidade a S. Lucas, não tem faltado quem pretenda descobrir contradição entre êle e S. Paulo.

Crêem que não há acôrdo entre *At* 17, 14; 18, 5 e 1 *Tes* 3, 1. O Apóstolo escreve aos Tessalonicenses que, não podendo ir vê-los pessoalmente, se determinou a ficar só em Atenas, enviando-lhes Timóteo para os consolar e exortar em suas tribulações. Mas narram os *Atos dos Apóstolos* que, tendo os judeus de Tessalônica levantado motins contra S. Paulo em Beréia de Macedônia, os fiéis acompanharam o Apóstolo a Atenas, entãto que Silas e Timóteo ficaram sós em Beréia. S. Paulo, depois de breve demora em Atenas, dirigiu-se a Corinto; e aí é que Silas e Timóteo, chegados da Macedônia, se vieram encontrar com êle. Logo Timóteo não esteve em Atenas em companhia de seu mestre; donde se segue que S. Paulo o não pôde mandar de lá a Tessalônica.

A esta objecção podemos responder primeiro indiretamente. A narração dos *Atos dos Apóstolos* e as epístolas de S. Paulo estão constantemente na mais perfeita harmonia a respeito dos passos mais minuciosos da carreira evangélica do Apóstolo, e, se alguma coisa nisso há digna de nota, é o cabal acôrdo que se admira entre o historiador e o autobiógrafo. Direito teríamos pois de supor *a priori*, que no ponto em questão existe, como nos outros, a concordância, e pôsto que não chegássemos a descobri-la pelo

exame e estudo, o partido mais prudente seria confessar a nossa ignorância. Mas não nos reduz a êsse extremo a presente dificuldade. Para estabelecer a harmonia entre S. Lucas e S. Paulo, basta completar as informações dum e outro. Eis aqui uma hipótese provavel que concilia tudo: S. Paulo, chegado a Atenas, dá ordem a Silas e Timóteo, que venham ter com êle a esta cidade. Os dois obedecem. O Apóstolo, antes de sair de Atenas, envia Timóteo a Tessalonica e Silas a outra cidade da Macedônia. Entretanto que um e outro executam seu mandado, vai S. Paulo a Corinto, onde outra vez se vêm com êle encontrar seus discípulos, de volta da Macedônia. E' possível ainda que o Apóstolo, revogando a ordem que primeiro dera, mandasse a Timóteo que, sem vir a Atenas, fosse de Beréia a Tessalonica, e a Silas que esperasse em Beréia a volta de Timóteo.

Pretendem também achar contradições nas três narrações da conversão de S. Paulo, que se lêem nos *At* 9, 7; 22, 6; 26, 14. No primeiro dêstes lugares diz-se que os companheiros de Saulo, ao ouvirem a voz que o derribou, ficaram de pé, tomados de espanto; no terceiro lê-se que todos caíram em terra no momento em que aquella voz se ouviu. Refere-se também no primeiro, que os companheiros de Saulo ouviram a voz, mas não viram ninguém, ao passo que no segundo se narra que viram a luz, mas não ouviram a voz de quem falava com Saulo.

Antes de mais nada, notemos que a primeira narração é a única que S. Lucas faz em seu nome, nas outras duas passagens reproduz a narração do próprio S. Paulo. Tudo o que nestas duas passagens se lhe pode exigir, é que tenha traduzido fielmente as palavras do Apóstolo. E ainda quando as narrações de S. Paulo estivessem, em

pontos secundários, em desarmonia com a exposição do historiador, poder-se-ia, quando muito, coligir que S. Paulo, ao referir a sua conversão, foi vítima dalguma infidelidade de memória, quanto a certos pormenores do acontecimento.

E como não é certo que o Apóstolo fosse inspirado nessas duas narrações, não repugna absolutamente que a memória o tenha traído a respeito de particularidades, que não alteram substancialmente o successo. Mas não é mister recorrer a esta hipótese. Bem se pode admitir que os companheiros de Saulo, derribados primeiro pelo esplendor da luz, se erguessem logo, e ouvissem, já de pé e atônitos, a voz que lhes feria os ouvidos. O mesmo Saulo, derribado pela luz, viu a Jesus, e ouviu distintamente a sua voz. Mas depois do colóquio com o Salvador, levantou-se e nada mais viu, pôsto que tinha os olhos abertos. Assim se explica a primeira contradição aparente. Para desfazer a segunda, Beelen (*At 9, 7*) explica os dois textos dêste modo: Os companheiros de Saulo ouviram a voz dêle (*audientes quidem vocem*), mas não ouviram a de Jesus, que falava com êle, (*non audierunt, autem vocem ejus, qui loquebatur mecum*). Contudo custa-nos a admitir que, dizendo o historiador na mesma frase: “êles ouviram bem a voz, mas não viram ninguém”, a voz de que se trata não seja a do ser misterioso, invisível a seus olhos. Dever-se-á dizer que a voz, que chamou Saulo, foi ouvida por todos os caminhanes e não a que travou diálogo com o chefe do rancho?

Aponta-se um êrro histórico do discurso de Gamaliel (*At* 5, 36), quando menciona como um fato passado a revolta de Teudas, cabeça de 400 rebeldes, ao passo que Flavio Josefo refere que Teudas foi condenado à morte, pelo crime de rebelião, pelo governador C. Fado, que vem a ser catorze anos depois do discurso de Gamaliel, *Antiq.*, 20, 5, 1.

Para que se pudesse argüir de êrro o escritor sagrado, fôra mister que se demonstrasse: primeiro que o Teudas de Gamaliel é o mesmo que o de Flávio Josefo; segundo que a exatidão histórica neste ponto está mais do lado de Flávio que de S. Lucas. Josefo escreveu a sua história vinte anos depois de S. Lucas, e não tinha tido, como êste, relações com Gamaliel, nem com nenhum de seus discípulos. Ora, é princípio admitido em crítica que, quando dois historiadores igualmente sérios se contradizem sôbre as circunstâncias de um acontecimento, se prefere a relação daquele dos dois que foi contemporâneo dêsse acontecimento, e que mais conversou entre os personagens entremetidos no fato narrado. Bem pudéramos, pois, no caso presente, rejeitar a narração de Josefo e abraçar a de S. Lucas. Mas há mais: as duas narrações fâcilmente se podem harmonizar. Pela época de que fala Gamaliel succedeu, segundo Flávio Josefo, a revolta dum tal Matias (*Antiq.*, 18, 6, 4). Ora, êste Matias muito bem podia ser o mesmo que o Teudas ou Teodas de S. Lucas, porque os nomes Matias em hebraico, e Teudas (abreviado de Teodoros) em grego, têm a mesma significação: "*dom de Deus*". Podem pois ter sido usados ambos pelo mesmo indivíduo, segundo um costume muito frequente entre os judeus.

— Notam-se no discurso de Santo Estêvão inexatidões a respeito da história de Israel.

Atos dos Apóstolos

Sem razão se atribuem tais inexatidões ao autor dos *Atos*; são da responsabilidade do orador, de quem S. Lucas refere as palavras. O santo mártir, ainda que cheio de Espírito Santo, podia muito bem, no seu discurso, enganar-se em alguns pontos indiferentes para a substância das coisas. Nada há que prove que o seu discurso foi verdadeiramente inspirado. Não seria pois infalível em todos seus pormenores. (Cf. Bacuez, *Manuel*, 4, n.º 510).

ATOS DOS APÓSTOLOS

CAPÍTULO 1

ASCENSÃO DE JESUS CRISTO. AO CÉU. ORAÇÃO DOS DISCÍPULOS NO CENÁCULO. ELEIÇÃO DE MATIAS EM LUGAR DE JUDAS.

1 No meu primeiro discurso falei na verdade, ó Teófilo, de tôdas as coisas que Jesus começou a fazer, e a ensinar. (1)

2 Até ao dia em que ascendeu ao Céu, depois de ter dado preceitos pelo Espírito Santo aos Apóstolos que elegeram.

3 Aos quais também se manifestou a si mesmo vivo com muitas provas depois da sua Paixão, aparecendo-lhes por quarenta dias e falando-lhes do reino de Deus. (2)

(1) **NO MEU PRIMEIRO DISCURSO** — Isto é, no primeiro livro que escrevi que foi o meu Evangelho. — **Pereira.**

(2) **DO REINO DE DEUS** — Isto é, da sua Igreja e da doutrina Evangélica, em que se contêm muitas verdades não escritas, que o Senhor revelou então aos Apóstolos de viva voz, e que nos foram depois transmitidas pelo canal da tradição apostólica. — **Sacy.**

Atos dos Apóstolos 1, 4-9

4 E comendo com êles, lhes ordenou que não saíssem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Padre, que ouvistes (disse êle) na minha bôca:

5 Porque João na verdade batizou em água, mas vós sereis batizados no Espírito Santo, não muito depois destes dias. (3)

6 Portanto os que se haviam congregado lhe perguntavam, dizendo: Senhor, dar-se-á caso que restituas neste tempo o reino a Israel? (4)

7 E êle lhes disse: Não é para vós saber já os tempos; nem momentos, que o Padre reservou ao seu poder:

8 Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e me sereis testemunhas em Jerusalém e em tôda a Judéia, e Samaria, e até às extremidades da terra.

9 E tendo dito isto, vendo-o êles, se foi elevando: E o recebeu uma nuvem que o ocultou a seus olhos. (5)

(3) **NO ESPÍRITO SANTO** — Os Apóstolos já tinham recebido o batismo de Cristo. Faltava-lhes porém aquela inundação do Espírito Santo, que consistia no dom da confirmação, e que de todo o habilitasse para, com tôda a coragem e intrepidez, excitarem o Episcopado, ate se sacrificarem pela Igreja. E este era o segundo batismo ou efusão da Divina graça, que êles haviam de receber no dia de Pentecostes. — Sacy, Amelote, Duhamel.

(4) **RESTITUAS NESTE TEMPO O REINO** — Por estas palavras se vê que até então os Apóstolos não tinham percebido a doutrina de Cristo, nem compreendido o que o seu Divino Mestre tantas vezes lhes havia inculcado. Para êles ainda há a preocupação dum reino temporal.

(5) **SE FOI ELEVADO** — Severo Sulpício e S. Paulino de Nola, escritores do quinto século, atestam que ao subir Jesus do monte do Olival ao Céu deixara impressas na terra as suas divinas pegadas. Santo Agostinho e o veneravel Beda acrescentam

10 E como estivessem olhando para o Céu quando êle ia subindo, eis que se puseram ao lado dêles dois varões com vestiduras brancas.

11 Os quais também lhes disseram: Varões galileus, que estais olhando para o Céu? Êste Jesus que, separando-se de vós foi assunto ao Céu, assim virá, do mesmo modo que o haveis visto ir ao Céu.

12 Então voltaram para Jerusalém desde o monte, que se chama do Olival que está perto de Jerusalém na distância da jornada de um sábado. (6)

13 E tendo entrado em certa casa, subiram ao quarto de cima, onde permaneciam Pedro e João, Tiago e André, Filipe e Tomé, Bartolomeu e Mateus, Tiago, filho de Alfeu, e Simão o Zeloso e Judas, irmão de Tiago. (7)

14 Todos êstes perseveraram unanimemente em oração com as mulheres e com Maria, Mãe de Jesus, e com os irmãos dêle. (8)

15 Naqueles dias, levantando-se Pedro no meio dos irmãos (e montava a multidão dos que ali se achavam juntos a quase cento e vinte pessoas) disse:

-que em seu tempo iam muitos de romaria a visitá-las. Advirto mais que êste monte, que os Evangelistas chamam do Olival, é o que, adotando em português o mesmo nome latino, chamamos comumente o Monte Olivete.

(6) **NA DISTANCIA DA JORNADA DE UM SÁBADO** — Era o espaço de dois mil côvados, ou de mil passos, que tanto distava do campo dos israelitas o Tabernáculo no deserto. — **Amelote.**

(7) **E TENDO ENTRADO EM CERTA CASA** — Dizem que fôra a de Maria, mãe de João Marcos, de quem adiante se faz menção neste livro, 12, 12. **Calmet.** A letra do texto diz: e tendo entrado no cenáculo, que aqui se toma por uma sala ou quarto superior da tal casa. — **Pereira.**

(8) **E COM OS IRMAOS DELE** — Isto é, com os parentes dele, segundo o modo de falar dos hebreus.

Atos dos Apóstolos 1, 16-23

16 Varões irmãos, é necessário que se cumpra a Escritura, que o Espírito Santo predisse por bôca de Davi, acêrca de Judas, que foi o condutor daqueles que prenderam a Jesus:

17 O qual estava entre nós alistado no mesmo número, e a quem coube a sorte dêste ministério.

18 E êste possuiu de fato um campo do preço da iniquidade, e depois de se pendurar rebentou pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram.

19 E tão notório se fêz a todos os habitantes de Jerusalém êste sucesso, que se ficou chamando aquele campo, na língua dêles, Haceldama, isto é, campo de sangue.

20 Porque escrito está no Livro dos Salmos: Fique deserta a habitação dêles e não haja quem habite nela, e receba outro o seu Bispado.

21 Convém pois que dêstes varões, que têm estado juntos na nossa companhia todo o tempo em que entrou e saiu entre nós o Senhor Jesus: (9)

22 Começando desde o batismo de João até ao dia em que foi assunto acima dentre nós, que um dos tais seja testemunha conosco da sua Ressurreição.

23 E propuseram dois, a José, que era chamado Barsabás, o qual tinha por sobrenome o Justo, e a Matias. (10)

(9) **ENTROU E SAIU** — É o mesmo que dizer todo o tempo que viveu entre nós; porque a expressão de entrar e sair por um Hebraismo, significa tôda a série e teor de vida, tôdas as palavras e ações de qualquer pessoa. Confirma-se o Dt 31, 2, o 2 Par 1, 10.

(10) **JOSÉ QUE ERA CHAMADO BARŠABÁS** — Naturalmente um dos 70 discípulos, na opinião de Eusébio. — *História eclesiástica.*

24 E orando disseram: Tu, Senhor, que conheces os corações de todos, mostra-nos destes dois um a quem tiveres escolhido, (11)

25 para que tome o lugar deste ministério e Apóstolado, do qual pela sua prevaricação caiu Judas para ir ao seu lugar.

26 E a seu respeito deitaram sortes, e caiu a sorte sobre Matias, e foi contado com os onze Apóstolos. (12)

CAPÍTULO 2

DESCE O ESPÍRITO SANTO SOBRE OS APÓSTOLOS DIA DE PENTECOSTES. FALAM TODAS AS LÍNGUAS. OS JUDEUS OS ACUSAM DE ESTAREM TOMADOS DO VINHO. PEDRO OS REFUTA, PREGANDO-LHES A INOCÊNCIA E RESSURREIÇÃO DE JESUS. DIZ QUE ELE É O QUE LHES MANDOU O ESPÍRITO SANTO, E QUE É O MESSIAS. EXORTA-OS A PENITÊNCIA E CONVERTE A TRÊS MIL. VENDEM OS CONVERTIDOS TODOS OS SEUS BENS E OS FAZEM COMUNS.

1 E quando se completavam os dias de Pentecostes, estavam todos juntos num mesmo lugar. (1)

MATIAS — Pertencia também aos 70 discípulos, foi pregar o Evangelho para a Etiópia, onde foi martirizado.

(11) **TU, SENHOR, QUE CONHECES OS CORAÇÕES** — Esta oração é naturalmente dirigida a Jesus Cristo, que reservou para si a escolha dos Apóstolos.

(12) **DEITARAM SORTES** — Por este modo de eleição vê-se quanto os Apóstolos contavam com a assistência Divina. É o que diz eloquentemente S. Agostinho. *Electi sunt duo iudicio humano et electus de duobus unus iudicio divino.* S. Agostinho, *Enarratio in Psalmum 30.* Sabiam que o Senhor em breve se lhes revelaria, e nesta confiança entregam-se aos seus desígnios.

(1) **PENTECOSTES** — Palavra prega, que significa série de cinquenta, porque a festa a que nós chamámos de Pentecostes, celebra-se no quinquagésimo dia depois da Páscoa. Era a segunda festa judaica importante, que tinha por objeto agradecer a Deus a colheita.

Atos dos Apóstolos 2, 2-9

2 E de repente veio do Céu um estrondo, como de vento que assoprava com ímpeto, e encheu tôda a casa onde estavam assentados. (2)

3 E lhes apareceram repartidas umas como línguas de fogo, que repousou sobre cada um dêles:

4 E foram todos cheios do Espírito Santo, e começaram a falar em várias línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem.

5 E achavam-se então habitando em Jerusalém judeus, varões religiosos de tôdas as nações, que há debaixo do Céu.

6 E tanto que correu esta voz, acudiu muita gente e ficou pasmada, porque os ouvia a êles falar cada um na sua própria língua.

7 Estavam pois todos atônitos e se admiravam, dizendo: Porventura não se está vendo que todos êstes que falam são galileus?

8 E como assim os temos ouvido nós falar cada um na nossa língua em que nascemos?

9 Partos, e Medos, e Elamitas, e os que habitam a Mesopotâmia, a Judéia e a Capadócia, o Ponto e a Ásia, (3)

(2) **UM ESTRONDO** — Escritores racionalistas pretenderam inculcar que os Apóstolos estavam ébrios. Se era de manhã como podiam estar ébrios? E se estivessem em tal estado quem os atenderia, quem os procuraria ouvir, e quem acreditaria no que êles dissessem? E contudo correram milhares de nacionais e estrangeiros ao soar dessas vozes, que em breve ecoariam por todo o mundo.

(3) **PARTOS** — A Pártia era uma província da Ásia, limitada ao norte pela Hircânia, ao sul pelos desertos de Carmânia. A

10 a Frigia e a Panfília, o Egito e várias partes da Líbia, que é comarcã a Cirene, e os que são vindos de Roma.

11 Também judeus, prosélitos, cretenses e árabes: Todos os temos ouvido falar nas nossas línguas as maravilhas de Deus. (4)

12 Estavam pois todos atônitos e se maravilhavam, dizendo uns para os outros: Que quer isto dizer?

13 Outros, porém, escarnecendo, diziam: E' porque êstes estão cheios de mosto.

14 Porém Pedro em companhia dos onze, pôsto em pé, levantou a sua voz e lhes falou assim: Varões de Judéia, e todos os que habitais em Jerusalém, seja-vos isto notório, e com ouvidos atentos percebei as minhas palavras.

Média ficava também na Ásia, confinava a este com a Pártia, ao norte tinha o mar Cáspio, a oeste a Síria, e a sul a Pérsia. A Mesopotâmia ficava entre o Tigre e o Eufrates. A Capadócia, na Ásia Menor, bem como o Ponto. A Ásia, na divisão administrativa do império romano, designava a Ásia proconsular, isto é a Misia, Lídia, Cária e Frigia. A Frigia tinha ao norte a Galácia. As cidades frigias mencionadas nos Atos são: Laodicéia, Hierápolis e Colones. A Panfília ficava ao sul da Pisídia. A Líbia é a vasta região da África Setentrional, a oeste do Egito, compreendendo a Cirenaica, que tirou o seu nome de cidade a Cirene, onde os judeus eram muito numerosos. Cirene ficava a onze milhas romanas do Mediterrâneo. Os judeus tinham-se aí estabelecido no tempo de Ptolomeu 1.º, rei do Egito.

(4) **PROSÉLITOS** — Gentios convertidos ao judaísmo.

CRETENSES — Os habitantes das ilhas de Creta, no Arquipélago, hoje Cândia.

ÁRABES — Os habitantes da península da Arábia.

Atos dos Apóstolos 2, 15-23

15 "Porque êstes não estão tomados do vinho, como vós cuidais, sendo a hora terceira do dia. (5)

16 Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel:

17 E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que eu derramarei do meu Espírito sôbre tôda a carne: E profetizarão vossos filhos e vossas filhas, e os vossos meninos verão visões, e os vossos anciãos sonharão sonhos.

18 E certamente naqueles dias derramarei do meu Espírito sôbre os meus servos, e sôbre as minhas servas, e profetizarão.

19 E farei ver prodígios em cima no Céu e sinais em baixo na terra, sangue e fogo, e vapor de fumo.

20 O sol se converterá em trevas e a lua em sangue, antes que venha o grande e ilustre dia do Senhor.

21 E isto acontecerá: Todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo.

22 Varões israelitas, ouvi estas palavras: A Jesus Nazareno, varão aprovado por Deus entre vós com virtudes, e prodígios, e sinais, que Deus obrou por êle no meio de vós, como também vós o sabeis.

23 A êste depois de vos ter entregue pelo decretado conselho e presciência de Deus, crucificando-o por mãos de iníquos, lhe tirastes a mesma vida.

(5) **HORA TERCEIRA DO DIA** — A isto respondem os adversários: porventura não há tantos que se embriagam às nove horas da manhã! A esta dificuldade responde Glaire — "Nos dias de festas solenes e nos sábados, era proibido aos judeus comer antes do meio-dia, fosse o que fosse, e ninguém se atreveria a

24 Ao qual Deus ressuscitou livrando-o das dores do inferno, porquanto era impossível que por êste fôsse êle retido.

25 Porque Davi diz dêle: Eu via sempre ao Senhor diante de mim: Porque êle está à minha direita, para que eu não seja comovido.

26 Por amor disto se alegrou o meu coração, e se regozijou a minha língua, além de que também a minha carne repousará em esperança:

27 Porque não deixarás a minha alma no inferno, nem permitirás que o teu santo experimente corrupção. (6)

28 Tu me fizeste conhecer os caminhos da vida: E me encherás de alegria, mostrando-me a tua face.

29 Varões e irmãos, seja-me permitido dizer-vos ousadamente do patriarca Davi, que êle morreu, e foi sepultado: E o seu sepulcro se vê entre nós até o dia de hoje.

30 Sendo êle pois um profeta, e sabendo que com juramento lhe havia Deus jurado que um fruto do seu sangue se assentaria sôbre o seu trono:

31 Prevendo isto falou da Ressurreição de Cristo, que nem foi deixado no inferno, nem a sua carne viu a corrupção.

32 A este Jesus ressuscitou Deus, do que todos nós somos testemunhas.

transgredir êste precelto legal. É pois com razão que S. Pedro faz esta exclamação". Glaire, *Les Livres Saints Vengés*, t. 2, pág. 488.

(6) **NO INFERNO** — Isto é, no limbo.

Atos dos Apóstolos 2, 33-42

33 Assim que exaltado pela destra de Deus, e havendo recebido do Padre a promessa do Espírito Santo, derramou sobre nós a êste, a quem vós vêdes, e ouvis.

34 Porque Davi não subiu ao Céu: Mas êle mesmo disse: O Senhor disse ao meu Senhor: Assenta-te à minha mão direita,

35 até que eu ponha a teus inimigos por escabelo de teus pés.

36 Saiba logo tôda a casa de Israel com a maior certeza, que Deus o fez não só Senhor, mas também Cristo a êste Jesus, a quem vós crucificastes.

37 Depois que êles ouviram estas coisas, ficaram compungidos no seu coração, e disseram a Pedro, e aos mais Apóstolos: Que faremos nós, varões irmãos?

38 Pedro então lhes respondeu: Fazei penitência, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão de vossos pecados: E recebereis o dom do Espírito Santo.

39 Porque para vós é a promessa, e para vossos filhos, e para todos os que estão longe, quantos chamar a si o Senhor nosso Deus.

40 Com outras muitíssimas razões testificou ainda isto e os exortava, dizendo: Salvai-vos desta geração depravada.

41 E os que receberam a sua palavra, foram batizados: E ficaram agregadas naquele dia perto de três mil pessoas.

42 E êles perseveravam na doutrina dos Apóstolos, e na comunicação da fração do pão, e nas orações.

43 E a toda a pessoa se lhe infundia temor: Eram também obrados pelos Apóstolos muitos prodígios e sinais em Jerusalém, e em todos geralmente havia grande medo.

44 E todos os que criam, estavam unidos, e tudo o que cada um tinha, era possuído em comum por todos.

45 Vendiam as suas fazendas e os seus bens, e distribuíam-nos por todos, segundo a necessidade que cada um tinha. (7)

46 E todos os dias perseveravam unânimesmente no Templo, e partindo o pão pelas casas, tomavam a comida com regozijo e simplicidade de coração,

47 louvando a Deus, e achando graça para com todo o povo. E o Senhor aumentava cada dia mais o número dos que se haviam de salvar, encaminhando-os à unidade da sua mesma corporação.

CAPÍTULO 3

PEDRO E JOÃO CURAM A UM COXO DE NASCENÇA. CONCURSO DO POVO A VER O MILAGRE. SEGUNDA PREGAÇÃO DE PEDRO.

1 Pedro, pois, e João iam ao Templo, à oração, à hora da Noa. (1)

(7) **VENDIAM AS SUAS FAZENDAS E OS SEUS BENS** — Para os distribuírem por todos, tão grande era o entusiasmo que despertara naqueles corações a doutrina do Evangelho anunciada pelo Príncipe dos Apóstolos. Era a fraternidade cristã na sua mais elevada, ampla e sublime manifestação.

(1) **A ORAÇÃO À HORA DA NOA** — Era a última das três, em que os judeus repartiam as suas preces, e correspondiam às nossas vespertas. — **Amelote.**

Atos dos Apóstolos 3, 2-9

2 E era para ali trazido um certo homem que era coxo desde o ventre de sua mãe, ao qual punham todos os dias à porta do Templo chamada a Especiosa, para que pedisse esmola aos que entravam no Templo. (2)

3 Êste, quando viu a Pedro e a João, que iam a entrar no Templo, fazia a sua rogativa para receber alguma esmola.

4 E Pedro pondo nele os olhos juntamente com João, lhe disse: Olha para nós.

5 E êle os olhava com atenção, esperando receber dêles alguma coisa.

6 E Pedro disse: Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho, isto te dou: Em nome de Jesus Cristo Nazareno, levanta-te e anda. (3)

7 E tomando-o pela mão direita, o levantou, e no mesmo ponto foram consolidadas as basês dos seus pés, e as suas plantas.

8 E dando um salto se pôs em pé, e andava: E entrou com êles no Templo, andando e saltando, e louvando a Deus.

9 E todo o povo o viu andando, e louvando a Deus.

(2) **CHAMADA A ESPECIOSA** — Chamava-se assim por ser a maior, a mais alta e mais suntuosa. Josefo diz-nos que era de bronze de Corinto, coberta de ouro e prata. Ficava na parte oriental do Templo e conduzia ao recinto dos gentios, no vale de Cedron.

(3) **NÃO TENHO PRATA NEM OURO** — Daqui o espírito de pobreza.

10 E conheciam que êle era o mesmo que se assentava à porta Especiosa do Templo à esmola: E ficaram cheios de espanto, e como fora de si, pelo que àquele lhe havia acontecido.

11 E tendo aferrado de Pedro e de João, todo o povo correu para êles de tropel ao pórtico, que se chama Salomão, atônitos.

12 E vendo isto, Pedro disse ao povo: Varões israelitas, por que vos admirais disto, ou por que ponde os olhos em nós, como se por nossa virtude ou poder tivéssemos feito andar a êste?

13 O Deus de Abraão, e o Deus de Isaac, e o Deus de Jacó, o Deus de nossos pais glorificou a seu filho Jesus, a quem vós sem dúvida entregastes e negastes perante a face de Pilatos, julgando êle que se soltasse.

14 Mas vós negastes ao santo, e ao justo, e pedistes que se vos desse um homem homicida:

15 E assim matastes ao autor da vida, a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, do que nós somos testemunhas.

16 E na fé do seu nome confirmou seu mesmo nome a êste que vós tendes visto, e conheceis: E a fé, que há por meio dêle, foi a que lhe deu esta inteira saude à vista de todos vós.

17 E agora, irmãos, eu sei que o fizestes por ignorância, como também os vossos magistrados.

18 Porém Deus, o que já dantes anunciou por bôca de todós os profetas, que padeceria o seu Cristo, assim o cumpriu.

Atos dos Apóstolos 3, 19-26

19 Portanto, arrependei-vos, e convertei-vos, para que os vossos pecados vos sejam perdoados:

20 Para que quando vierem os tempos do refrigério diante do Senhor, e enviar aquele Jesus Cristo que a vós vós foi pregado. (4)

21 Ao qual certamente é necessário que o Céu receba até os tempos da restauração de tôdas as coisas, as quais Deus falou por bôca dos seus santos profetas, desde o princípio do mundo.

22 Moisés, sem dúvida, disse: Porquanto o Senhor vosso Deus vos suscitará um profeta dentre vossos irmãos, semelhante a mim: A êste ouvireis em tudo o que êle vos disser.

23 E isto acontecerá: Tôda a alma que não ouvir aquêle profeta, será exterminada do meio do povo.

24 E todos os profetas desde Samuel, e quantos depois falaram, anunciaram êstes dias.

25 Vós sois os filhos dos profetas, e do testamento, que Deus ordenou a nossos pais, dizendo a Abraão: E na tua semente serão abençoadas tôdas as famílias da terra.

26 Deus ressuscitando a seu Filho vo-lo enviou primeiramente a vós, para que vos abençoasse: A fim de que cada um se aparte da sua maldade.

(4) **QUE A VÓS** — Aqui se há de suprir alguma coisa: Para que sejais salvos quando vierem, etc. No texto grego é uma sentença continuada: "para que vossos pecados vos sejam perdoados, quando vierem os tempos, etc., isto é, no tempo da outra vida, em que os judeus, e verdadeiros penitentes, depois dos trabalhos e misérias destas, hão de achar no selo de Deus um eterno descanso, e refrigério. S. João Crisóstomo, e outros intérpretes, com maior fundamento o entendem do Juízo final e alguns da ruína de Jerusalém. — Pereira.

CAPÍTULO 4

CINCO MIL HOMENS SE CONVERTEM COM A PREGAÇÃO DE PEDRO. SÃO METIDOS EM PRISÃO OS DOIS APÓSTOLOS. O SUPREMO CONSELHO Lhes PROIBE O A ANUNCIAREM A RESSURREIÇÃO DE CRISTO. RESPONDE QUE MAIS IMPORTA A OBEDECER A DEUS, QUE AOS HOMENS. TUDO POSSUEM OS DISCÍPULOS EM COMUM. BARNABÉ VENDE SEUS BENS E ENTREGA O PREÇO EM MÃOS DOS APÓSTOLOS.

1 Estando eles falando ao povo, sobrevieram os sacerdotes, e o magistrado do templo e os saduceus, (1)

2 doendo-se de que eles ensinassem o povo, e de que anunciassem na pessoa de Jesus a ressurreição dos mortos: (2)

3 E lançaram mão deles, e os meteram em prisão até o outro dia: Porque era já tarde.

4 Porém, muitos daqueles que tinham ouvido a pregação, creram nela: E chegou o seu número a cinco mil pessoas.

5 E aconteceu que no dia seguinte se juntaram em Jerusalém os principais deles, e os anciãos, e os escribas:

6 E Anás, príncipe dos sacerdotes, e Caifás, e João, e Alexandre, e todos os que eram da linhagem sacerdotal.

7 E mandando-os apresentar no meio, lhes perguntavam: Com que poder, ou em nome de quem fizestes vós isto?

(1) **E OS SADUCEUS** — Estes, como de mais a mais negavam a ressurreição dos mortos, claro está que não faltavam a impugnar a de Cristo. — **Pereira.**

(2) **DOENDO-SE** — Principalmente porque viam profundamente abalado o seu prestígio.

Atos dos Apóstolos 4, 8-17

8 Então Pedro, cheio do Espírito Santo, lhes respondeu: Príncipes do povo, e vós anciãos, ouvi-me.

9 Se a nós hoje se nos pede razão do benefício feito a um homem enfermo, com que virtude êste foi curado,

10 seja notório a todos vós, e a todo o povo de Israel: Que em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo Nazareno, a quem Deus ressuscitou dos mortos, no tal nome que digo, é que êste se acha em pé diante de vós já são.

11 Esta é a pedra, que foi reprovada por vós que a edificastes, e que se tornou como o vértice do ângulo.

12 E não há salvação em nenhum outro: Porque do Céu abaixo nenhum outro nome foi dado aos homens, pelo qual nós devamos ser salvos.

13 Vendo êles, pois, a firmeza de Pedro, e de João, depois de saberem que eram homens sem letras, e idiotas, se admiravam, e conheciam ser os que haviam estado com Jesus:

14 Vendo também estar com êles o homem, que havia sido curado, não podiam dizer nada em contrário.

15 Mandaram-lhes, pois, que saíssem fora da Junta: E conferiam entre si,

16 dizendo: Que faremos a êstes homens? Porquanto foi por êles feito na verdade um milagre notório a todos os habitantes de Jerusalém: E' manifesto, e não o podemos negar.

17 Todavia, para que não se divulgue mais no povo, ameacêmo-los que para o futuro não falem mais a homem algum neste nome.

18 E chamando-os, lhes intimaram que absolutamente não falassem mais, nem ensinassem em nome de Jesus. (3)

19 Então Pedro, e João, respondendo, lhes disseram: Se é justo diante de Deus ouvir-vos a vós antes que a Deus, julgai-o vós:

20 Porque não podemos deixar de falar das coisas que temos visto e ouvido.

21 Eles então, ameaçando-os, os deixaram ir livres: Não achando pretexto para os castigar por medo do povo, porque todos celebravam o milagre que se fizera neste fato que tinha acontecido.

22 Porquanto já tinha mais de quarenta anos o homem, em quem havia sido feito aquele prodígio de saúde. (4)

23 Mas depois de postos em liberdade, vieram aos seus: E lhes referiram quanto lhes haviam dito os príncipes dos sacerdotes e os anciãos.

24 Os quais tendo-os ouvido, levantaram unânimes a voz a Deus, e disseram: Senhor, tu és o que fizeste o Céu e a terra, o mar e tudo o que há neles.

25 O que pelo Espírito Santo, por bôca de nosso pai Davi, teu servo, disseste: Por que bramaram as gentes, e meditaram os povos projetos vãos?

(3) **EM NOME DE JESUS** — Foi sempre o meio de que se serviu o inferno na luta contra a vontade e o bem.

(4) **JÁ TINHA MAIS DE QUARENTA ANOS** — Quer dizer que fizeram um rigoroso inquérito sobre a veracidade do acontecimento.

Atos dos Apóstolos 4, 26-32

26 Levantaram-se os reis da terra, e os príncipes se ajuntaram em conselho contra o Senhor, e contra o seu Cristo?

27 Porque verdadeiramente se ligaram nesta cidade contra o teu santo Filho Jesus, ao qual ungiste, Herodes, e Pôncio Pilatos com os gentios, e com os povos de Israel,

28 para executarem o que o teu poder, e o teu conselho determinaram que se fizesse. (5)

29 Agora pois, Senhor, olha para as suas ameaças, e concede a teus servos, que com tôda a liberdade falem a tua palavra,

30 estendendo a tua mão a sarar as enfermidades, e a que se façam maravilhas, e prodígios em nome do teu santo Filho Jesus.

31 E tendo êles assim orado, tremeu o lugar onde estavam congregados: E todos foram cheios do Espírito Santo, e anunciavam a palavra de Deus confiadamente.

32 E da multidão dos que criam o coração era um, e a alma uma: E nenhum dizia ser sua coisa alguma daquelas que possuía, mas tudo entre êles era comum. (6)

(5) **O QUE O TEU PODER, E O TEU CONSELHO DETERMINARAM** — Da parte de Deus foi sapientíssimo o conselho, que para redenção dos homens decretou a morte de Cristo. Da parte dos homens foi perversíssima a vontade, com que os judeus o crucificaram. Sem querer, concorreram os judeus para o fim que Deus intentara. Bem como sucede, quando o amo com boa intenção manda dar a esmola que o criado dá com vontade perversa. — Duhamel.

(6) **MAS TUDO ENTRE ÊLES ERA COMUM** — Ninguém deixa de ver neste modo de vida comum, instituído pelos Apóstolos,

33 E os Apóstolos, com grande valor, davam testemunho da Ressurreição de Jesus Cristo nosso Senhor: E havia muita graça em todos êles.

34 E não havia nenhum necessitado entre êles. Porque todos quantos eram possuidores de campos, ou de casas, vendendo isso traziam o preço do que vendiam,

35 e o punham aos pés dos Apóstolos. Repartia-se, pois, por êles em particular, segundo a necessidade que cada um tinha.

36 E José, a quem os Apóstolos davam o sobrenome de Barnabé (que quer dizer filho de consolação), levita, natural de Chipre, (7)

37 como tivesse um campo, o vendeu, e levou o preço, e o pôs ante os pés dos Apóstolos.

o primeiro exemplar da vida Monástica, que nos primeiros séculos exercitaram nos desertos os cenobitas, nas Catedrais os Bispos com o seu Clero, e de que depois tomaram a forma os Santos fundadores das religiões. — **Pereira.**

(7) **E JOSÉ** — Este José, cognominado Barnabé, devia desempenhar um papel importante na pregação do Evangelho aos gentios. Ignora-se se êle fôra um dos discípulos de Jesus Cristo: outros supõem, embora sem provas decisivas, que tivesse sido condiscípulo de S. Paulo na Escola de Gamaliel. O que é certo é que foi companheiro muito dedicado do grande Apóstolo das Gentes. Os Atos contam a sua vida até ao momento em que o viram em Chipre, sua pátria.

CAPÍTULO 5

ANANIAS, E SAFIRA, POR MENTIREM AO ESPÍRITO SANTO, CASTIGADOS POR PEDRO COM MORTE SÚBITA. FAZEM OS APÓSTOLOS MUITOS MILAGRES. A SOMBRA DE PEDRO CURA OS ENFERMOS. O CONSELHO SUPREMO MANDA PRENDER OS APÓSTOLOS. UM ANJO OS LIBERTA, E MANDA-LHES QUE PREGUEM LIVREMENTE A FÉ. PEDRO, EM PRESENÇA DOS JUIZES, SUSTENTA QUE JESUS CRISTO RESSUSCITARA, E QUE ÊLE ERA O MESSIAS. GAMALIEL OS DISSUADE, QUE OS NÃO MATEM. OS APÓSTOLOS AÇOITADOS SE ALEGRAAM DE TER PADECIDO POR AMOR DE JESUS.

1 Um varão pois por nome Ananias, com sua mulher Safira, vendeu um campo:

2 E com fraude usurpou certa porção do preço do campo, consentindo-o sua mulher: E levando uma parte a pôs aos pés dos Apóstolos. (1)

3 E disse Pedro: Ananias, por que tentou satanaz o teu coração para que tu mentisses ao Espírito Santo, e reservasses parte do preço do campo? (2)

4 Porventura não te era livre ficar com êle, e ainda depois de vendido, não era teu o preço? Como puseste lo-

(1) **E COM FRAUDE** — Ananias era o legítimo senhor do seu dinheiro, e ninguém o obrigava a separar-se dêle, não tendo culpa alguma se o reservasse todo para si; mas o que o tornou criminoso foi o fato de reter por avareza parte da quantia, querendo simultaneamente alardear valdosamente de sua generosidade, tentando mentir a Deus e enganar os homens. Aqui é que esteve o mal, e por isso é que êle foi castigado.

(2) **PARA QUE TU MENTISSES AO ESPÍRITO SANTO** — A mentira esteve em querer enganar os Apóstolos, fazendo-lhes querer que êle trazia todo o preço. O mentir ao Espírito Santo era, porque os que Ananias quis enganar, estavam cheios do Espírito Santo.

go em teu coração fazer tal? Sabe que não mentiste aos homens, mas a Deus. (3)

5 Ananias, em ouvindo porém estas palavras, caiu e expirou. E fundiu-se um grande temor em todos os que isto ouviram.

6 Levantando-se pois uns mancebos, o retiraram, e levando-o dali para fora o enterraram.

7 E passado que foi quase o espaço de três horas, entrou também sua mulher, não sabendo o que tinha acontecido.

8 E Pedro lhe disse: Dize-me, mulher, se vendestes vós por tanto a herdade? E ela lhe disse: Sim, por tanto.

9 Pedro então disse para ela: Por que vos haveis por certo concertado para tentar o Espírito do Senhor? Eis

(3) PORVENTURA NÃO TE ERA LIVRE FICAR COM ELE?

— Se era livre ficar com a terra, ou reservar todo o preço da venda, como estranha tanto S. Pedro a Ananias, o não ter trazido senão uma parte? É certo que era livre a todos os fieis venderem, ou não venderem as suas fazendas; trazerem, ou não, aos pés dos Apóstolos, os preços delas, quando as vendiam. Mas depois de se terem uma vez resolvido com voto, ao menos implicito, a vender as suas fazendas e dedicar a Deus por mãos dos Apóstolos todo o produto das vendas, era já um sacrilégio, e um roubo do sagrado, o reservar parte do preço. É porém comum sentir dos Santos Padres, que a venda, que Ananias fizera, ia acompanhada deste voto. Assim S. Basílio, no Sermão 1, da Instituição dos Monjes; S. João Crisóstomo a este lugar dos **Atos dos Apóstolos**; S. Jerônimo na carta a Demetrias; S. Agostinho no Sermão 148 da Edição Mauriana; S. Gregório na Carta 54 do Livro 1. Desta sorte foi o crime de Ananias um crime complicado de roubo sacrilego, de mentira e hipocrisia. **Calmet.**

MAS A DEUS — No verso precedente arguiu S. Pedro a Ananias de ter mentido ao Espírito Santo na pessoa dos Apóstolos; agora, neste, acrescenta, que a mentira não fôra feita aos homens mas a Deus; logo o Espírito Santo é Deus.

Ato dos Apóstolos 5, 10-16

aí estão à porta os pés daqueles que enterraram a teu marido, e te levarão a ti. (4)

10 No mesmo ponto caiu a seus pés, e expirou. E aqueles moços entrando, a acharam morta: E a levaram, e a enterraram junto ao seu marido.

11 E difundiu-se um grande temor por toda a igreja, e entre todos os que ouviram êste sucesso.

12 E pelas mãos dos Apóstolos se faziam muitos milagres, e prodígios entre a plebe. E estavam todos unânimes no pórtico de Salomão.

13 E nenhum dos outros ousava ajuntar-se com êles, mas o povo lhes dava grandes louvores. (5)

14 E cada vez se aumentava mais a multidão dos homens, e mulheres, que criam no Senhor.

15 De maneira que traziam os doentes para as ruas, e os punham em leitos e enxergões, a fim de que, ao passar Pedro, cobrisse sequer a sua sombra alguns deles, e ficassem livres das suas enfermidades.

16 Assim mesmo concorriam enxames deles das cidades visinhas a Jerusalém, trazendo os seus enfermos, e

(4) **PARA TENTAR O ESPÍRITO DO SENHOR.** — Estas palavras nos descobrem novo pecado nos dois consortes. Era o de querer sondar se o Espírito Santo nos Apóstolos conhecia a sua mentira. O que quando êles não intentassem por ato expresso, ao menos obraram como se o tivessem. S. Tomás 2.^a, 2ae, quæst, 97, art. 1.

(5) **E NENHUM DOS OUTROS** — Nenhum dos que entre os judeus seguiam diversas seitas: a saber, fariseus, saduceus, herodianos. — Calmet.

os vexados dos espíritos imundos: Os quais todos eram curados.

17 Mas levantando-se o príncipe dos sacerdotes, e todos os que com êle estavam (que é a seita dos saduceus) se encheram de inveja e ciúme:

18 E fizeram prender aos Apóstolos, e os mandaram meter na cadeia pública.

19 Mas o Anjo do Senhor, abrindo de noite as portas do cárcere, e tirando-os para fora, lhes disse:

20 Ide, e, apresentando-vos no templo, pregai ao povo tôdas as palavras desta vida.

21 Os quais, tendo ouvido isto, entraram ao amanhecer no templo, e se punham a ensinar. Mas chegando o príncipe dos sacerdotes, e os que com êle estavam, convocaram o conselho, e a todos os anciãos dos filhos de Israel: E enviaram ao cárcere para que fossem ali trazidos.

22 Mas tendo lá ido os ministros, e como aberto o cárcere, os não achassem, depois de voltarem deram a notícia,

23 dizendo: Achamos sim o cárcere fechado com toda a diligência, e os guardas postos diante das portas: Mas abrindo-se não achamos ninguém dentro. (6)

24 Quando porém ouviram esta novidade, os magistrados do templo, e os príncipes dos sacerdotes estavam perplexos sobre o que teria sido feito deles.

(6) **ACHAMOS SIM O CÁRCERE** — Sinal que o Anjo, depois de o abrir, o tornou a fechar. — Calmet.

Atos dos Apóstolos 5, 25-34

25 Mas ao mesmo tempo chegou um que lhes deu esta notícia: Olhai que aqueles homens, que metestes no cárcere, estão postos no templo, e doutrinando ao povo.

26 Então foi o magistrado com os seus ministros, e os trouxe sem violência: Porque temiam que o povo os apedrejasse.

27 E logo que os trouxeram, os apresentaram no conselho. E o príncipe dos sacerdotes lhes fez a seguinte pergunta,

28 dizendo: Com expresso preceito vos mandamos que não ensinasseis neste nome e isto não obstante, eis aí tendes enchido a Jerusalém da vossa doutrina: E quereis lançar sôbre nós o sangue dêsse homem.

29 Mas dando Pedro a sua resposta, e os Apóstolos disseram: Importa obedecer mais a Deus do que aos homens.

30 O Deus de nossos pais ressuscitou a Jesus, a quem vós destes a morte, pendurando-o num madeiro.

31 A êste elevou Deus com a sua destra por Príncipe, e por Salvador, para dar o arrependimento a Israel, e a remissão dos pecados.

32 E nós somos testemunhas destas palavras, e também o Espírito Santo, que Deus deu a todos os que lhe obedecem.

33 Quando isto ouviram, enraiveciam-se, e formavam tenção de os matar.

34 Mas levantando-se no conselho um fariseu por nome Gamaliel, doutor da lei, homem de respeito em todo

o povo, mandou que saíssem para fora aqueles homens por um breve espaço, (7)

35 e lhes disse: Varões israelitas, atendei por vós, reparando no que haveis de fazer acerca destes homens.

36 Porque há uns tempos a esta parte que se levantou um certo Teodas, que dizia ser êle um grande homem, a quem se acostou o número de quatrocentas pessoas com pouca diferença: O qual foi morto: E todos aqueles que o acreditavam foram desfeitos e reduzidos a nada. (8)

37 Depois dêste levantou-se Judas Galileu nos dias em que se fazia o arrolamento do povo, e levou-o após si,

(7) **UM FARISEU POR NOME GAMALIEL** — S. Paulo neste mesmo livro, 22, 3, chama a Gamaliel seu mestre. S. João Crisóstomo o supõe convertido e batizado primeiro que S. Paulo. A relação autêntica do miraculoso descobrimento das relíquias do Protomartir Santo Estêvão, escrita e dirigida a todos os fiéis pelo presbítero Luciano, a instâncias do nosso Avito de Braga, que então se achava em Jerusalém, esta relação, digo, que corre na Igreja desde quasi o principio do quinto século e que refere, que se acharam no mesmo sepulcro as relíquias de Gamaliel e de seu filho Abibas, sendo o mesmo Gamaliel o que as revelou, faz indubitável a sua conversão ao cristianismo, e a sua perseverança na Fé e Caridade até à morte. Como de Santo pois fazem dele honorífica menção os Martirológios de Adon, Usuárdo, e outros antigos, a quem seguiu o Romano a 3 de agosto. — **Tillemont.** Este Gamaliel, fariseu e doutor da lei parece ser aquele tão celebrado no Talmude. Era filho do rabi Simeão e neto de Hilel, um dos mais afamados doutores do Mosaismo. Foi presidente do sínédrio no tempo de Tibério Calígula e Cláudio. Segundo a tradição converteu-se ao cristianismo e morreu dezoito anos antes da tomada de Jerusalém por Tito.

(8) **UM TEODAS** — O sedicioso de quem aqui se fala não é aquele de quem José narra a revolta no ano 44, reinando Cláudio, pois êste é posterior ao discurso de Gamaliel. S. Lucas é historiador tão meticoloso que não cometeria um tal anacronismo. Supõem então os críticos modernos a existência de dois agitadores com o mesmo nome. Esta sedição, a que se referem os

Atos dos Apóstolos 5, 38-41

mas êle pereceu: E foram dispersos todos quantos a êle se acostaram. (9)

38 Agora pois enfim vos digo, não vos metais com êstes homens, e deixai-os: Porque se êste consêlho, ou esta obra vem dos homens, ela se desvanecerá.

39 Porém se vem de Deus, não a podereis desfazer, porque não pareça que até a Deus resistis. E êles seguiram o seu consêlho.

40 E tendo chamado aos Apóstolos, depois de os haverem feito açoitar, lhes mandaram que não falassem mais no nome de Jesus, e os soltaram. (10)

41 Porém êles saíam por certo gozozos de diante do consêlho por terem sido achados dignos de sofrer afrontas pelo nome de Jesus. (11)

Atos, foi uma das numerosas que ensanguentaram a Judéa por ocasião da morte de Herodes Magno. Foi nesta ocasião que um escravo do defunto rei Herodes, que se dizia chamar-se Simão, tentou fazer-se aclamar rei. **Josefo**, Ant 17, 10, 6. **De Bello Judaico** 2-4, 2 e parece ser êste que trocou o seu nome Teodas, por aquele com que se apresentou. — Fossard, Saint Pierre, 889, pag. 12.

(9) **JUDAS GALILEU** — Era o gaulonita, que se revoltou contra os romanos por causa do recenseamento de Quirino. Era originário de Gamala. Tomou o sobrenome de Galileu porque a sua insurreição começou na Galiléia. A sua divisa era: "Não temos outro Senhor senão Deus". Judas morreu e os seus sectários dispersaram-se. Josefo considera-o, como o fariseu Sadoc, como o fundador duma nova seita, a dos gaulonitas, que se juntou á dos fariseus, saduceus e essênios. Os gaulonitas podem ser considerados como os precursores dos zelotes, que dominaram em Jerusalém durante o cerco de Tito.

(10) **DEPOIS DE OS HAVEREM FEITO AÇOITAR** — Não se entendia a mais a alçada dos magistrados judaicos depois que a nação ficou súbdita dos romanos. — Calmet.

(11) **SOFRER AFRONTAS** — A flagelação da Sinagoga era cruel, como se vê na **Mischna**, tratado dos castigos, na palavra **Maccoth**. Era um açoite que dilacerava as carnes.

42 E todos os dias não cessavam de ensinar, e de pregar a Jesus Cristo no templo, e pelas casas.

CAPÍTULO 6

QUEIXUME DOS JUDEUS GREGOS DE LHE DESATENDEREM AS SUAS VIUVAS. ELEGEM OS APÓSTOLOS A SETE DIÁCONOS PARA DISTRIBUIREM AS ESMOLAS. CONVERTEM-SE MUITOS DOS MESMOS SACERDOTES. VÁS DISPUTAS CONTRA SANTO ESTEVAO, A QUE SE SEGUEM MUITOS FALSOS TESTEMUNHOS. O SEU ROSTO PARECE AOS MESMOS JUIZES COMO O ROSTO DUM ANJO.

1 Naqueles dias porém, crescendo o número dos discípulos, se moveu uma murmuração dos gregos contra os hebreus, pelo motivo de que as suas viuvias eram desprezadas no serviço de cada dia. (1)

2 Pelo que os doze, convocando a multidão dos discípulos, disseram: Não é justo que nós deixemos a palavra de Deus, e que sirvamos às mesas. (2)

(1) **DOS GREGOS CONTRA OS HEBREUS** — Judeus gregos se chamam os que não falavam senão grego, como eram os do Egito, os das ilhas do Arquipélago, os da Ásia Menor; Judeus Hebreus, os que falavam o Aramaico ou Siriaco que era o que então se chamava Hebraico, como eram os da Palestina, da Galiléia, da Síria. Tal é a advertência que faz com o comum dos intérpretes Calmet.

PELO MOTIVO DE QUE AS SUAS VIUVAS ERAM DESPREZADAS — O desprezo estava em que como a economia da administração da vida comum, que então professavam os novos convertidos, corria pelas mãos dos fieis hebreus, a quem os Apóstolos a confiaram, estes se mostravam mais largos com as viúvas dos seus, do que com as de fora.

(2) **NÃO É JUSTO QUE NÓS DEIXEMOS A PALAVRA DE DEUS** — Com esta mesma consideração ordenou a Igreja, nos seus Cânones, que os Bispos, para lhes ficar todo o tempo livre para o estudo das sagradas letras, e para a instrução do povo, encarregassem da administração das rendas Eclesiásticas os seus Diáconos, com o título de Ecônomos. Assim o Concílio de Calcedônia.

Atos dos Apóstolos 6, 3-9

3 Portanto, irmãos, escolhei dentre vós a sete varões de boa reputação, cheios do Espírito Santo, e de sabedoria, aos quais encarreguemos desta obra.

4 E nós atenderemos de contínuo à oração, e à administração da palavra.

5 E aprouve êste arrazoamento a tôda a Junta. E êles escolheram a Estêvão, homem cheio de fé e do Espírito Santo, e a Filipe, e a Prócoro, e a Nicanor, e a Timão, e a Parmenas, e a Nicolau, prosélito de Antioquia. (3)

6 A êstes apresentaram diante dos Apóstolos, e orando puseram as mãos sôbre êles.

7 E crescia a palavra do Senhor, e se multiplicava muito o número dos discípulos em Jerusalém; uma grande multidão de sacerdotes obedecia também à fé.

8 Mas Estêvão, cheio de graça e de fortaleza, fazia grandes prodígios e milagres entre o povo.

9 E alguns da Sinagoga, que se chama dos libertinos, e dos cirenenses, e dos alexandrinos, e dos que eram da Cilícia, e da Ásia, se levantaram a disputar com Estêvão. (4)

(3) **E A NICOLAU, PROSÉLITO DE ANTIOQUIA** — A qualidade de prosélito mostra que Nicolau era gentio de origem, e que do gentilismo passou para o judaísmo, do judaísmo para o Cristianismo. A origem gentílica faz duvidar que êste fosse um dos setenta Discípulos de Cristo, como o deixou escrito Santo Epifânio. Fosse como fosse, e deixadas as diversas opiniões, que correm dos procedimentos pessoais dêste Nicolau pelo tempo adiante, é certo que os Nicolaitas, seita a mais torpe e abominável que tem havido na Igreja, se jactavam de o ter por Autor, e Patriarca, o que é contestado.

(4) **DA SINAGOGA, QUE SE CHAMA DOS LIBERTINOS** — Isto é, dos que depois de serem cativos, e feitos escravos por Pom-

10 E não podiam resistir à sabedoria, e ao Espírito que nele falava.

11 Então subornaram a alguns que dissessem que eles lhe haviam ouvido dizer palavras de blasfêmia contra Moisés e contra Deus.

12 Amotinaram enfim o povo, e os anciãos, e os escribas: E conjurados o arrebataram, e levaram ao conselho.

13 E produziram falsas testemunhas, que dissessem: Este homem não cessa de proferir palavras contra o lugar santo e contra a lei.

14 Porque nós o ouvimos dizer: Que êsse Jesus Nazareno há de destruir êsse lugar, e há de trocar as tradições que Moisés nos deixou.

15 E fixando nele os olhos todós aqueles que estavam assentados no conselho viram o seu rosto como o rosto dum anjo.

CAPÍTULO 7

SANTO ESTEVÃO DIANTE DOS JUIZES. MOSTRA QUE ELE NÃO FALOU CONTRA MOISÉS, NEM CONTRA O TEMPLO, MAS QUE OS JUDEUS SE OPUSERAM SEMPRE AOS PROFETAS E AO ESPÍRITO SANTO. VÊ AO FILHO DE DEUS ASSENTADO À DESTRA DO PADRE. OS JUDEUS O APEDREJAM, GUARDANDO-LHE SAULO OS VESTIDOS. SANTO ESTEVÃO DE JOELHOS ORA A DEUS POR ELES.

1 Então o sumo sacerdote disse: Pois com efeito são assim estas cousas?

peu, e por outros capitães romanos, vieram a alcançar liberdade de suas pessoas e religião. — Amelote.

Ato dos Apóstolos 7, 2-8

2 Respondeu êle: Varões irmãos, e Padres, escutai. O Deus da glória appareceu a nosso pai Abraão, quando estava em Mesopotâmia, antes de assistir em Caran. (1)

3 E lhe disse: Sai do teu país e da tua parentela, e vem para a terra que eu te mostrar.

4 Então saiu êle da terra dos caldeus, e veio morar em Caran. E de lá, depois que morreu seu pai, Deus o fez passar a esta terra; na qual vós agora habitais.

5 E não lhe deu herança nela, nem ainda o espaço dum pé: Mas prometeu dar-lhe a posse dela a êle, e depois dêle à sua posteridade, quando ainda não tinha filho.

6 E Deus lhe disse: Que a sua descendência seria habitadora em terra estranha, e que a reduziriam à servidão, e a maltratariam por espaço de quatrocentos anos. (2)

7 Mas eu julgarei a gente, a quem êles houverem servido, disse o Senhor: E depois disto sairão, e me servirão neste lugar.

8 E lhe deu o testamento da circuncisão: E assim gerou a Isaac, e circuncidou passados oito dias: E Isaac gerou a Jacó: E Jacó aos doze patriarchas.

(1) **CARAN** — Cidade da Mesopotâmia, sobre o Belik, afluente do Eufrates.

(2) **POR ESPAÇO DE QUATROCENTOS ANOS** — Estes quatrocentos anos devem-se contar desde o nascimento de Isaac até à saída dos israelitas do Egito. É verdade que entre êsses dois termos mediam na realidade quatrocentos e trinta anos, como diz o **Ex** 12, 40, e S. Paulo escrevendo aos Gálatas, 3, 17: Mas Santo Estêvão não fez caso dos trinta de mais, por dar um número redondo. — **Calmet**.

9 E os patriarcas, movidos de inveja, venderam a José para ser levado ao Egito: Mas Deus era com êle,

10 e o livrou de tôdas as suas tribulações: E lhe deu graça, e sabedoria diante de Faraó, rei do Egito, o qual o fez governador do Egito, e de tôda a sua casa.

11 Veio depois fome por tôda a terra do Egito, e de Canaã, e uma grande tribulação, e os nossos pais não achavam que comer.

12 E tendo Jacó ouvido dizer que havia trigo no Egito: Enviou a primeira vez a nossos pais.

13 E na segunda foi conhecido José de seus irmãos, e foi descoberta a Faraó a sua linhagem.

14 E enviando José mensageiros, fez ir ao seu pai Jacó e a tôda à sua família, que constava de setenta e cinco pessoas (3)

15 E Jacó desceu ao Egito, e morreu êle, e nossos pais.

(3) **QUE CONSTAVA DE SETENTA E CINCO PESSOAS** — Segundo o hebreu do Gên 46, 27, e do Êx 1, 5, elas não eram senão setenta. Mas segundo a Versão dos Setenta intérpretes, eram setenta e cinco. E esta seguiu Santo Estêvão, porque disputava contra os judeus gregos, entre os quais principalmente gozava ela de todo o crédito. Mas ainda com isto se não tira de todo a dúvida. Porque o número preciso de setenta almas que o hebreu conta nos referidos lugares do Gênesis e do Êxodo, é o mesmíssimo que o grego traz no Dt 10, 22. A isto ocorre S. Jerônimo advertindo, que quando se trata de contar quantas entraram com Jacó no Egito, elas não eram mais que setenta; mas quando se trata de contar a quantas chegaram em vida de José, foram setenta e cinco. Que é o que basta para conciliar o hebreu com o grego, e a Santo Estêvão com ambos. — Pereira.

Atos dos Apóstolos 7, 16-26

16 E foram trasladados a Siquém, e postos no momento que Abraão tinha comprado em moeda de prata, aos filhos d'Hemor, filho de Siquém.

17 E chegando o tempo da promessa, que Deus havia jurado a Abraão, cresceu o povo, e se multiplicou no Egito.

18 Até que se levantou outro rei no Egito, que não conhecia a José.

19 Êste, usando de astúcia contra a nossa Nação, apertou a nossos pais, para que expusessem a seus filhos, a fim de que não vivessen.

20 Naquele mesmo tempo nasceu Moisés, e foi agradável a Deus, e se criou três meses na casa de seu pai.

21 Depois, como êle fosse exposto, a filha de Faraó o levantou, e o criou como seu filho.

22 Depois foi Moisés instruído em tôda a literatura dos egípcios, e era êle poderoso em palavras e obras.

23 E depois que completou o tempo de quarenta anos, lhe veio ao coração o visitar a seus irmãos, os filhos de Israel.

24 E como visse a um que era injuriado, o defendeu: E vingou ao que padecia a injúria, matando ao egípcio.

25 E êle cuidava que seus irmãos estavam capacitados de que por sua mão os havia de livrar Deus, mas êles não o entenderam.

26 Porém no dia seguinte, pelejando êles, se lhes manifestou: E os reconciliava em paz, dizendo: Varões, irmãos sois, por que vos maltratais um a outro?

27 Mas o que fazia injúria ao seu próximo o repletiu, dizendo: Quem te constituiu a ti príncipe, e juiz sobre nós?

28 Dar-se-á caso que tu me queiras matar, assim como mataste ontem aquele egípcio?

29 Porém Moisés, ouvindo esta palavra, fugiu: E esteve como estrangeiro na terra de Madian, onde houve dois filhos.

30 E cumpridos quarenta anos, lhe apareceu no deserto do monte Sinai um Anjo na chama de uma sarça que ardia.

31 E vendo isto Moisés, se admirou de uma tal visão e, chegando-se êle para a examinar, se dirigiu a êle a voz do Senhor, a qual dizia:

32 Eu sou o Deus de teus pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, e o Deus de Jacó. Moisés, porém, espantado, não ousava olhar.

33 E o Senhor lhe disse: Tira os sapatos dos teus pés, porque o lugar em que estás é uma terra santa.

34 Considerando bem, tenho visto a aflição do meu povo, que reside no Egito, e tenho ouvido os seus gemidos, e baixei a livrá-los. Vem, pois, agora, para eu te enviar ao Egito.

35 A êste Moisés, ao qual desprezaram, dizendo: Quem te fez a ti príncipe, e juiz? A êste enviou Deus por príncipe e redentor, por mão do Anjo que lhe appareceu na sarça.

36 Êste os fez sair obrando prodígios, e milagres na terra do Egito, e no mar Vermelho, e no deserto, por espaço de quarenta anos.

Atos dos Apóstolos 7, 37-43

37 Este é aquele Moisés, que disse aos filhos de Israel: Deus vos suscitará dentre vossos irmãos um profeta como eu; a êle ouvireis.

38 Este é o que esteve na assembléia do Povo, no deserto, com o Anjo, que lhe falava no monte Sinai, e com os nossos pais, que recebeu palavras de vida, para no-las dar a nós.

39 A quem nossos pais não quiseram obedecer, antes o repeliram, e com os seus corações se tornaram ao Egito,

40 dizendo a Aarão: Faze-nos deuses, que vão adiante de nós, porque no tocante a este Moisés, que nos tirou da terra do Egito, nós não sabemos que foi feito dêle.

41 E por aqueles dias fizeram um bezerro, e ofereceram sacrifício ao ídolo, e se alegravam nas obras das suas mãos.

42 Mas Deus se apartou, e os abandonou a que servissem a milícia do Céu como está escrito no Livro dos Profetas. Porventura oferecestes-me vós, Casa de Israel, algumas vítimas, e sacrifícios pelo espaço de quarenta anos no deserto? (4)

43 E recebestes a tenda de Moloque, e a estrêla do vosso deus Renfam, figuras que vós fizestes para as adorar. Pois eu vos farei ir para lá de Babilônia. (5)

(4) **QUE SERVISSEM A MILÍCIA DO CÉU COMO ESTÁ ESCRITO NO LIVRO DOS PROFETAS** — Isto é, a multidão dos astros e das estrêlas.

(5) **E RECEBESTES A TENDA DE MOLOQUE** — A Vulgata Latina de Amós 5, 26, diz: vós levastes. E Moloque, que significa

44 O tabernáculo do testemunho esteve com os nossos pais no deserto, assim como Deus lho ordenou, dizendo a Moisés que o fizesse conforme o modelo que tinha visto.

45 E nossos pais, depois de o terem recebido, o levaram debaixo da condução de Josué à possessão dos gentios, aos quais lançou Deus fora da presença de nossos pais, até aos dias de Davi. (6)

46 O qual achou graça diante de Deus, e pediu o achar tabernáculo para o Deus de Jacó.

47 Mas Salomão lhe edificou a casa.

48 Porém o Excelso não habita em feitura de mãos, como diz o profeta:

49 O Céu é o meu trono, e a terra o estrado dos meus pés. Que casa me edificareis vós? diz o Senhor; ou qual é o lugar do meu repouso?

50 Não fez porventura a minha mão tôdas estas coisas?

51 Homens de dura cerviz, de corações e ouvidos incircuncisos, vós sempre resistis ao Espírito Santo; as-

rei, era uma estátua vasada, que tinha a cabeça de novilho e as mãos estendidas a modo de quem queria receber alguma coisa. Os sacerdotes, depois de lhe meterem fogo nas sete concavidades que tinha, punham-lhe nas mãos por oferta a seus filhos, que ali eram queimados vivos. Era o ídolo predileto dos amonitas.

RENFAM — O planeta Saturno divinizado, segundo Kircher.

(6) **JOSUÉ** — Na Vulgata está Jesus, mas êstes dois nomes tendo a mesma significação, Salvador, empregam-se indistintamente.

Atos dos Apóstolos 7, 52-57

sim como obraram vossos pais, assim o fazeis vós também. (7)

52 A qual dos profetas não perseguiram vossos pais? E mataram êles aos que de antemão anunciavam a vinda do Justo, do qual vós agora fostes traidores e homicidas:

53 Vós, que recebestes a lei por ministério dos anjos, e não a guardastes.

54 Ao ouvir, porém, tais palavras, enraiveciam-se dentro nos seus corações, e rangiam com os dentes contra êle,

55 Mas como êle estava cheio do Espírito Santo, olhando para o Céu, viu a glória de Deus e a Jesus que estava em pé à destra de Deus. E disse: Eis estou eu vendo os Céus abertos, e o Filho do homem que está em pé à mão direita de Deus.

56 Então êles, levantando uma grande grita, taparam os seus ouvidos, e todos juntos arremeteram a êle com fúria. (8)

57 E tendo-o lançado para fora da cidade, o apedrejaram: E as testemunhas depuseram os seus vestidos aos pés de um moço que se chamava Saulo. (9)

(7) **DE CORAÇÕES E OUVIDOS INCIRCUNCISOS** — Havendo maus desejos, ruins intentos e surdos para bons conselhos.

(8) **TAPARAM OS SEUS OUVIDOS** — Ação de quem não queria ouvir blasfêmias.

(9) **DEPUSERAM OS SEUS VESTIDOS** — A fim de ficarem mais desembaraçados para o apedrejarem, cap. 7. — Calmet.

58 E apedrejavam a Estêvão, que invocava a Jesus, e dizia: Senhor Jesus, recebe o meu espírito. (10)

59 E pôsto de joelhos, clamou em voz alta, dizendo: Senhor, não lhes imputes este pecado. E tendo dito isto, dormiu no Senhor. E Saulo era consentidor na sua morte. (11)

CAPÍTULO 8

PERSEGUIÇÃO CONTRA OS FIEIS. TODOS SE DESMANTELAM PARA DIVERSAS PARTES. A EXCEÇÃO DOS APOSTOLOS. SAULO DEVASTA A IGREJA. FILIPE BATIZA A MUITOS EM SAMARIA. PEDRO E JOÃO SÃO ALI ENVIADOS PARA LHE DAR O ESPÍRITO SANTO. SIMÃO QUER COMPRAR POR DINHEIRO O PODER DE O DAR AOS OUTROS. PEDRO O REPREENDE DISSO. FILIPE É ENVIADO A UM GRANDE DA ETIÓPIA. ELE O INSTRUI PELO CAMINHO E O BATIZA. UM ANJO LEVA FILIPE A AZOT.

1 Naquele dia pois se moveu uma grande perseguição na igreja que estava em Jerusalém, e foram todos dispersos pelas províncias da Judéia, e de Samaria, excetuando os Apóstolos.

(10) **E APEDREJAVAM** — São pouco precisas as tradições acerca do lugar do martírio de Santo Estêvão, porém o pouco que há faz conjecturar que o Protomártir atravessasse a *Via Dolorosa* e saísse por uma das portas do norte da cidade. Há contudo várias opiniões; outros sustentam, que fosse no vale de Cedron, defronte de Getsêmane. Robinson, *Biblical Researches* 1, 321, entende que foi na porta de Damasco. Schulz, *Jerusalem*, 1845, na de Herodes, etc.

(11) **NAO LHE IMPUTES ESTE PECADO** — A oração de Santo Estêvão foi ouvida; a esta prece deve a Igreja a conversão de S. Paulo, esse grande S. Paulo. *Si Stephanus non orasset, Ecclesia Paulum non habuisset.* — S. Agostinho.

DORMIU NO SENHOR — A imagem do sono para exprimir a morte é vulgar entre os autores gregos e latinos. Mas o que para os pagãos era apenas uma imagem retórica, para os cristãos era mais alguma coisa, é um dogma *In Christianis mors non est mors sed dormitio et somnus appellatur.* — S. Jerônimo Ep. 29.

Atos dos Apóstolos 8, 2

2 E uns homens timoratos trataram de enterrar a Estêvão e fizeram um grande pranto sobre ele. (1)

(1) **E UNS HOMENS** — Segundo uma narrativa, que toda a antiguidade reputou autêntica, o corpo era posto à voracidade das feras, ficava um dia abandonado no local do martírio. Mas no dia seguinte, Gamaliel, impressionado pelas palavras e pela morte do Santo diácono, resolveu os cristãos, que, persuadidos, levassem durante a noite o cadáver para uma terra que ele, Gamaliel, possuía a oito léguas de Jerusalém, chamada Cafar Gâmala. *Epistola Luciani de Revelatione corporis Stephani martyris primi*. Os Beneditinos apresentam esta carta como anêndice à *Cidade de Deus*, (obras de Santo Agostinho, t. 7) conferindo-lhe autoridade Tillemont afirma que a citada narração foi sempre considerada como uma história tão fiel como segura. A invenção do corpo de Santo Estêvão foi muito falada no século quinto; encontra-se nos mais antigos martirológios, e a Igreja Romana celebra-a a 3 de agosto. São curiosas as minudências que sobre o assunto se lêem nas *Mémoires pour servir à l'Histoire Ecclesiastique* t. 2, 5 n.º 24. Esta notícia, que corre autêntica, do achado das relíquias do Santo Protomártir, diz Gamaliel, aparecendo ao Presbítero Luciano, que foi o que escreveu: "Que depois de morto estivera o corpo de Santo Estêvão por enterrar um dia e uma noite, quando por diligência do mesmo Gamaliel o levaram alguns bons cristãos em um coche seu a sepultar numa casa de campo, que ele Gamaliel tinha a sete léguas de Jerusalém; e que também correram por sua conta as exéquias que se lhe fizeram por quarenta dias. Neste mesmo sepulcro foram depois depositados, com Nicodemos, o mesmo Gamaliel, e seu filho Abibas. E por divina revelação feita ao Presbítero Luciano em Jerusalém, foram achadas as ossadas de todos no ano 415, sendo arcebispo daquela cidade João, sucessor de Prailo, e antecessor de Juvenal, e vivendo nela havia anos o nosso Avito, Presbítero de Braga, que nesta mesma ocasião escreveu ao arcebispo Balcônio, e a todo o clero bracarense uma carta, em que dá notícia do achado das relíquias do Protomártir, e manda parte delas por Orósio, Presbítero da mesma Igreja. Mas não consta que elas chegassem efetivamente a Braga, por Orósio as levar à ilha de Minorca.

E FIZERAM UM GRANDE PRANTO SOBRE ELE — Espécie de honra; que os orientais costumavam praticar com os defuntos de qualidade. Maior honra porém foi a que Deus deu ao Protomártir quando, depois de descoberta a sua ossada, e trazida à África parte das suas relíquias, obrou o Senhor por elas muitos e estupendos milagres, que Santo Agostinho refere e celebra no livro 22 da *Cidade de Deus*, cap. 8, e na carta 102.

3 Mas Saulo assolava a igreja, entrando pelas casas, e tirando com violência homens e mulheres, os fazia meter no cárcere.

4 Portanto, os que haviam sido dispersos iam de uma parte para a outra, anunciando a palavra de Deus.

5 E Filipe, descendo a uma cidade de Samaria, lhes pregava a Cristo.

6 E os povos estavam atentos ao que Filipe lhes dizia, escutando-o com um mesmo ardor, e vendo os prodígios que fazia.

7 Porque os espíritos imundos de muitos possessos saíam dando grandes gritos.

8 E muitos paralíticos e côxos foram curados.

9 Pelo que se originou uma grande alegria naquela cidade. Havia porém nela um homem, por nome Simão, o qual antes tinha ali exercitado a mágica, enganando ao povo samaritano, dizendo que ele era um grande homem. (2)

10 A quem todos davam ouvidos desde o menor até ao maior, dizendo: Este é a virtude de Deus, a qual se chama grande.

(2) **HAVIA PORÉM NELA UM HOMEM POR NOME SIMÃO** Santo Epifânio o faz natural da aldeia de Giton na Samaria. E segundo refere S. Jerônimo, ele se jactava de ser a palavra de Deus, o Especioso dos Salmos de Davi, o Paracleto e Onipotente, o tudo de Deus: *Ego sum Sermo Dei, ego sum Speciosus, ego Paracletus, ego Omnipotens, ego Omnia Dei*. Acrescenta Santo Agostinho, que Simão se fazia ser o Messias, e também Júpiter, e que uma amiga que tinha, chamada Helena, era a Minerva, ou a primeira inteligência ou o Espírito Santo. O seu primeiro crime foi querer comprar o episcopado.

Atos dos Apóstolos 8, 11-18

11 E êles o atendiam: Porque, com as suas artes mágicas, por muito tempo os havia dementado.

12 Porém, depois que creram o que Filipe lhes anunciava do reino de Deus, iam-se batizando homens e mulheres em nome de Jesus Cristo. (3)

13 Então creu também o mesmo Simão: E depois que foi batizado, andava unido a Filipe. Vendo também os prodígios e grandíssimos milagres que se faziam, todo cheio de pasmo se admirava.

14 Os Apóstolos, porém, que se achavam em Jerusalém, tendo ouvido que a Samaria recebera a palavra de Deus, mandaram-lhes lá a Pedro e a João.

15 Os quais, como chegaram, fizeram oração por êles, a fim de receberem o Espírito Santo.

16 Porque êle ainda não tinha descido sôbre nenhum, mas sômente tinham sido batizados em nome do Senhor Jesus.

17 Então punham as mãos sôbre êles, e recebiam o Espírito Santo.

18 E quando Simão viu que se dava o Espírito Santo por meio da imposição da mão dos Apóstolos, lhes ofereceu dinheiro, (4)

(3) IAM-SE BATIZANDO HOMENS E MULHERES EM NOME DE JESUS CRISTO — Assim mesmo mais adiante, no verso 16. Mas sômente tinham sido batizados em nome do Senhor Jesus. E no cap. 10, verso 48. E mandou que se batizassem em nome do Senhor Jesus Cristo. E já no cap. 2, verso 38 ouvimos de S. Pedro: E cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo.

(4) LHES OFERECEU DINHEIRO — É a origem da chamada simonia, ou compra de benefícios eclesiásticos, severamente condenada pela Igreja.

19 dizendo: Dai-me também a mim êste poder, que qualquer a quem eu impuser as mãos, receba o Espírito Santo. Mas Pedro lhe disse:

20 O teu dinheiro pereça contigo: Uma vez que tu te persuadiste que o dom de Deus se podia adquirir com dinheiro,

21 tu não tens parte, nem sorte alguma, que pretender neste ministério: Porque o teu coração não é reto diante de Deus.

22 Faze, pois, penitência desta tua maldade: E roga a Deus que, se é possível, te seja perdoado êste pensamento do teu coração.

23 Porque eu vejo que tu estás num fel de amargura, e preso nos laços da iniquidade.

24 E respondendo Simão, disse: Rogai vós por mim ao Senhor, para que não venha sôbre mim nenhuma coisa das que haveis dito.

25 E êles, depois de terem testemunhado com efeito, e anunciado a palavra do Senhor, tornavam já para Jerusalém e pregavam por muitos lugares dos samaritanos.

26 E o anjo do Senhor falou a Filipe, dizendo: Levanta-te e vai contra o meio-dia em direitura ao caminho que vai de Jerusalém a Gaza: Esta se acha deserta.

27 E êle, levantando-se, partiu. E eis que um varão etíope, eunuco, valido de Candace, rainha da Etiópia, o qual era superintendente de todos os seus tesouros, tinha vindo a Jerusalém para fazer a sua adoração: (5)

(5) **DE CANDACE, RAINHA DA ETIÓPIA** — Muito antes do que depois adotaram os modernos expositores, dotara o nosso

Atos dos Apóstolos 8, 28-36

28 E voltava já assentado sobre o seu coche, e ia lendo o profeta Isaías.

29 Então disse o espírito a Filipe: Chega e ajunta-te a este coche.

30 E correndo logo Filipe, ouviu que o eunuco lia no profeta Isaías, e lhe disse: Crês porventura que entendes o que estás lendo?

31 Ele lhe respondeu: E como o poderei eu entender, se não houver alguém que mo explique? E rogou a Filipe que montasse e se assentasse com ele.

32 Ora, a passagem da Escritura que lia era esta: Como ovelha foi levado ao matadouro: E como cordeiro mudo diante do que o tosquia, assim ele não abriu a sua boca.

33 No seu abatimento o seu juízo foi exaltado. Quem poderá contar a sua geração, pois que a sua vida será tirada da terra?

34 E respondendo o eunuco a Filipe, disse: Rogo-te que me digas de quem disse isto o Profeta? De si mesmo ou dalgum outro?

35 E abrindo Filipe a sua boca, e principiando por esta Escritura, lhe anunciou a Jesus.

36 E continuando eles o seu caminho, chegaram a um lugar onde havia água, e disse o eunuco: Eis aqui está água; que embaraço há para que eu não seja batizado?

Barros, na Terceira Década, livro 4, cap. 2, que a Etiópia se deve aqui tomar pela ilha Méroe do rio Nilo, na parte mais meridional do Egito: e que Candace não era entre aquelas rainhas nome próprio mas título comum, como o de Faraó entre os reis egípcios, e César entre os imperadores romanos.

37 E disse Filipe: Se crês de todo o coração, bem podes. E êle respondendo disse: Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus.

38 E mandou parar o coche: E desceram os dois à água, Filipe e o eunuco, e o batizou. (6)

39 E tanto que êles saíram da água, arrebatou o Espírito do Senhor a Filipe, e o eunuco o não viu mais. Porém continuava o seu caminho cheio de prazer.

40 Mas Filipe se achou em Azot, e indo passando pregava o Evangelho em tôdas as cidades até que veio a Cesaréia.

CAPÍTULO 9

A CONVERSÃO DE PAULO. O SEU BATISMO. ANUNCIA A JESUS CRISTO NA SINAGOGA DE DAMASCO. DEUS O LIVRA DAS CILADAS DOS JUDEUS. BARNABÉ O LEVA A JERUSALÉM AOS APÓSTOLOS. PAULO SE RETIRA A TARSO. PEDRO CURA A UM PARALÍTICO, E RESSUSCITA UMA MULHER DEFUNTA.

1 Saulo, pois, respirando ainda ameaças e morte contra os discípulos do Senhor, se apresentou ao príncipe dos sacerdotes. (1)

(6) **E O BATIZOU** — O batismo se dava então, e continuou muito tempo a dar-se por imersão. S. Jerônimo diz que foi batizado em uma fonte, chamada depois por esta causa do Etíope, na tribo de Judá, ao pé de um monte vizinho a um povo chamado Bethsur ou Bethsoron, hoje Ain Dironeh e que se ocultava na terra a poucos passos do seu nascimento.

(1) **SAULO** — Era coevo do início da era cristã, segundo as melhores conjecturas, embora não se possa determinar com segurança a data do seu nascimento, visto não se achar no Novo Testamento nem nos primitivos Padres indicação precisa sobre a

Atos dos Apóstolos 9, 2

2 E lhe pediu cartas para as Sinagogas de Damasco: Com o fim de levar presos a Jerusalém quantos achasse desta profissão, homens e mulheres.

data do seu nascimento. S. Lucas apenas nos diz que no tempo do martírio de S. Estêvão era muito jovem, At 7, 58. Na Epist. a Filemon, escrita no ano 63, é próprio se qualifica velho, embora o termo por ele empregado — *presbyter*, compreenda já a idade de 80 anos. Nasceu em Tarso, na Cilícia, terra pagã, mas filho de pais judeus, e por isso hebreu, filho de pais hebreus. circuncidado ao oitavo dia, e descendente de Benjamim. Flp 3, 5, e desta descendência lhe vinha o nome de Saúo, que lhe foi dado como gratidão à memória de Saul, uma das maiores glórias dessa tribo, da qual ele era oriundo. Não é fácil investigar as causas que levaram uma família tão afeta aos judeus a abandonar as montanhas de Benjamim e emigrar para a Cilícia. Saulo gozava o privilégio de cidadão romano; entendeu-se muito tempo que este privilégio derivava da terra da sua naturalidade, e que era um privilégio local, que não pessoal. Hoje está averiguado o contrário. Tarso nunca foi nem município nem colônia para gozar tal privilégio. Pauly, *Real Encyclopedia, Colonia, Municéps*. Antônio apenas a declara livre. Píinio, *Historia Naturalis* 5, 22. Portanto este privilégio tinha-lhe sido conferido em recompensa de quaisquer serviços. Sabem-se pela história os danos que assolaram Tarso, depois da morte de César, o pesado tributo que lhe impôs Cássio: para esse pagamento foi necessário vender um certo número de habitantes. Nestas dificuldades os judeus, eram as primeiras vítimas. Pode ser que os pais de S. Paulo, reduzidos assim a situação de escravos, fossem libertados pelo seu Senhor, dando-lhes carta de alforria, o que conferia os direitos de cidadão romano. *Lex Valerio de Libertate Vindici*. Tito Lívio, *Historiae* 2, 5, 2. Cfr. Pauly, *Real Encyclopedia Libertini Manumissio*. Esta explicação é, ao menos verossímil porque é pouco prova real que os pais de S. Paulo comprassem esse título, porque os primeiros imperadores só as concediam sob grande reserva. Tarso era um meio notável pela sua excepcional cultura intelectual, vivendo ali numerosos sábios abalizados, entre eles Atenodoro, mestre de Cláudio; Nestor, o acadêmico, mestre de Marcelo, sobrinho de Chinotoi Nestor, o Estoico, mestre de Tibério, etc. E contudo ao lado de tamanha difusão de instrução, notava-se a mais deprimente descida moral. Viviam em ódio contínuo uns com os outros, rojavam-se por todas as ignomínias, desdiziam a todas as baixeiras, o que tornava a Cilícia uma das regiões mais dissolutas, e Tarso o centro do desregramento dos costumes, completamente pervertidos. Basta dizer que tinham por divindade tutelar Sardanápalo, a cujo culto se ligavam as mais revol-

3 E indo êle seu caminho, foi coisa fatível que se avizinhasse a Damasco: E súbitamente o cercou ali uma luz vinda do Céu.

4 E caindo em terra ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues?

5 Êle disse: Quem és tu, Senhor? E êle lhe respondeu: Eu sou Jesus, a quem tu persegues: Dura coisa é para ti recalcitrar contra o aguilhão. (2)

6 Então, tremente e atônito, disse: Senhor, que queres tu que eu faça? (3).

tantes orgias. Cfr. Estrabão 19, 5-14; Dion. Crisóstomo *Orationes* e Pauly do citado *Sardanapalus*. Foi neste meio que foi educado Saulo, que contudo recebeu dos seus pais a instrução religiosa, que o familiarizou com o texto Sagrado, os comentários, as tradições, as interpretações dos rabinos, numa palavra os livros Santos e o *Mischna*. Saulo escolhera a indústria vulgar naquela religião, cardador, embora a família o destinasse para rabi. Aos doze anos seus pais mandaram-no para Jerusalém a fim de frequentar as escolas superiores do judaísmo, sendo um dos mestres Gamallel, mestre muito considerado, pois era um dos sete a quem os judeus honraram com o título de Rabban, que era o título honorífico por excelência. Com êste mestre muito aproveitou e muito se distinguiu na escrita. Foi êste o meio em que êle viveu e as pessoas com quem tratou até aos 20 anos aproximadamente.

(2) **DURA COISA É PARA TI** — Modo de falar, tomado dos dois presos ao jugo, e tirando do carro, os quais, ao picá-los a aguilhada, quanto mais estrebucham, tanto mais se ferem, e tanto mais o ferro se lhes crava pelo couro. Assim Saulo, quanto mais resistia ao estabelecimento da Igreja, tanto mais a seu pesar a fortalecia Deus. — Calmet.

(3) **QUE QUERES TU QUE EU FAÇA?** — Num instante fez a divina graça, de um perseguidor, um Apóstolo. Nas conversões ordinárias, obra e graça por partes. Primeiramente começa pelo temor que incute; ao temor segue-se um amor imperfeito; por último uma completa caridade dá fim à obra. Mas aqui, de um golpe triunfa a graça do coração de Saulo. E é êste milagre da graça, o efeito mais sensível que do seu poder e eficácia nos oferece a Escritura. — Santo Agostinho e Calmet.

Atos dos Apóstolos 9, 7-15

7 E o Senhor lhe respondeu: Levanta-te, e entra na cidade, e aí se te dirá o que convém fazer. A êsse tempo aqueles homens, que o acompanhavam, estavam espantados, ouvindo sim a voz, mas sem ver ninguém.

8 Levantou-se pois Saulo da terra, e tendo os olhos abertos, não via nada. Êles porém levando-o pela mão o introduziram em Damasco.

9 E esteve ali três dias sem ver, e não comeu, nem bebeu.

10 Ora, em Damasco havia um discípulo, que tinha por nome Ananias: E o Senhor numa visão lhe disse: Ananias. Êle acudiu dizendo: Eis-me aqui, Senhor.

11 E o Senhor lhe tornou: Levanta-te e vai ao bairro que se chama Direito: E busca em casa de Judas a um de Tarso chamado Saulo: Porque ei-lo aí está orando.

12 (E viu um homem por nome Ananias, que entrava e que lhe impunha as mãos para recobrar a vista).

13 Respondeu pois Ananias: Senhor, eu tenho ouvido dizer a muitos a respeito dêste homem, quantos males fez aos teus Santos em Jerusalém: (4)

14 E êste tem poder dos príncipes dos sacerdotes de prender todos aqueles que invocam o teu nome.

15 Mas o Senhor lhe disse: Vai, porque êste é para mim um vaso escolhido para levar o meu nome diante das gentes, e dos reis, e dos filhos de Israel.

(4) **AOS TEUS SANTOS EM JERUSALÉM** — Era êste o tratamento que deram os primeiros cristãos.

16 Porque eu lhe mostrarei quantas coisas lhe é necessário padecer pelo meu nome.

17 E foi Ananias, e entrou na casa: E pondo as mãos sobre êle, disse: Saulo irmão, o Senhor Jesus, que te apareceu no caminho por onde vinhas, me enviou para que recobres a vista e fiques cheio do Espírito Santo.

18 E no mesmo ponto lhe caíram dos olhos umas como escamas, e assim recuperou a vista: E levantando-se foi batizado.

19 E depois que tomou alimento, ficou então com as fôrças recobradas. Alguns dias porém estive com os discípulos, que se achavam em Damasco.

20 E logo pregava nas Sinagogas a Jesus, que êste era o Filho de Deus.

21 E pasmavam todos os que o ouviam, e diziam: Pois não é êste o que perseguia em Jerusalém aos que invocavam êsse nome? E ao que veio cá não foi para os levar presos aos príncipes dos sacerdotes?

22 Porém Saulo muito mais se esforçava, e confundia aos judeus que habitavam em Damasco, afirmando que êste era o Cristo.

23 E passando muitos dias, os judeus juntos tiveram conselho para matá-lo.

24 Porém Saulo foi advertido das suas ciladas. Guardavam pois até as portas de dia e de noite, para o matarem.

25 E tomando conta dêle os discípulos de noite, o deslizaram pela muralha, metendo-o numa alcôfa.

Atos dos Apóstolos 9, 26-35

26 Tendo porém chegado a Jerusalém, procurava Saulo ajuntar-se com os discípulos, mas todos o temiam, não crendo que êle fosse discípulo.

27 Então Barnabé levando-o consigo, o apresentou aos Apóstolos: E lhes contou como havia visto ao Senhor no caminho e que lhe havia falado, e como depois em Damasco êle se portara com tôda a liberdade em nome de Jesus.

28 E estava com êles em Jerusalém entrando, e saindo, e portando-se com liberdade em nome do Senhor.

29 Falava também com os gentios, e disputava com os gregos: Mas êles tratavam de o matar.

30 O que tendo sabido os irmãos o acompanharam até Cesaréia, e o enviaram a Tarso.

31 Tinha então paz a igreja por tôda a Judéia, e Galiléia, e Samaria, e se propagava caminhando no temor do Senhor, e estava cheia da consolação do Espírito Santo.

32 Aconteceu pois que andando Pedro visitando a todos, chegou aos Santos, que habitavam em Lida.

33 E achou ali um homem por nome Enéias, que havia oito anos jazia em um leito, porque estava paralítico.

34 E Pedro lhe disse: Enéias, o Senhor Jesus Cristo te sara: Levanta-te, e faze a tua cama. E num momento se levantou.

35 E viram-no todos os que habitavam em Lida, e em Saroná: Os quais se converteram ao Senhor.

36 Houve também em Jope uma discípula, por nome Tabita, que quer dizer Dorcas. Esta se achava cheia de boas obras e de esmolas que fazia. (5)

37 E aconteceu naqueles dias, que depois de cair enferma, morresse. A qual, tendo-a primeiro lavado, a puseram num quarto alto. (6)

38 E como Lida estava perto de Jope, os discípulos ouvindo que Pedro se achava lá, enviaram-lhe dois homens, rogando-lhe: Não te demores em vir ter conosco.

39 E levantando-se Pedro foi com eles. E logo que chegou, o levaram ao quarto alto: E o cercaram tôdas as viúvas chorando, e mostrando-lhe as túnicas, e os vestidos, que lhes fazia Dorcas.

40 Mas Pedro, tendo feito sair a todos para fora, pondo-se de joelhos, entrou a orar: E depois de se ter voltado para o corpo, disse: Tabita, levanta-te. E ela abriu os seus olhos: E vendo a Pedro, se assentou. (7)

(5) **TABITA** — Em siríaco, em grego Dorcas, nome que quer dizer Gazela.

(6) **A QUAL TENDO-A PRIMEIRO LAVADO** — Segundo o costume que então era geral entre os hebreus, gregos e romanos, e que ainda hoje se pratica entre nós em algumas partes, e principalmente nos mosteiros. — Calmet.

(7) **PONDO-SE DE JOELHOS ENTROU A ORAR** — Pois quê? Não é este o mesmo Pedro, que havia pouco tinha curado em Lida a um paralítico de oito anos; e que só com a sua sombra sarara de caminho outros muitos enfermos? Como logo aqui para obter de Deus a ressurreição de Tabita, manda sair todos para fora, e se põe de joelhos a orar? É para que entendamos, que o dom de milagres não é graça que esteja sempre nas mãos dos Santos, e que tudo o que eles obram, é inteiramente dependente da vontade de Deus. — Calmet.

41 Mas elle a fez levantar, dando-lhe a mão. E havendo chamado os santos, e as viúvas, lha entregou viva.

42 E este caso se fez notório por toda Jope: E foram muitos os que creram no Senhor.

43 E aconteceu que Pedro se deixou ficar em Jope por muitos dias, em casa dum curtidor de peles, chamado Simão.

CAPÍTULO 10

UM ANJO ADVERTE A CORNELIO, QUE MANDE CHAMAR PEDRO A JOPE. VÊ PEDRO DESCER DO CÉU UMA COMO GRANDE TOALHA, SUSTIDA PELAS PONTAS, EM QUE HAVIA TODA A CASTA DE ANIMAIS IMUNDOS. RECUSANDO PEDRO COMER DELES, DEUS LHE DIZ QUE ELE OS TINHA PURIFICADO. DAQUI VEM A CONHECER PEDRO, QUE SE DEVIAM RECEBER NA IGREJA OS GENTIOS. VAI À CASA DE CORNELIO E ANUNCIA-LHE A JESUS CRISTO. DESCE O ESPÍRITO SANTO SOBRE CORNELIO E SOBRE OS SEUS. O QUE VENDO PEDRO, BATIZA A TODOS.

1 Havia pois em Cesaréia um homem, por nome Cornélio, que era centurião da coôrte, que se chama Italiana, (1)

(1) **EM CESARÉIA** — Como Lucas a nomeia simplesmente Cesaréia, sem acrescentar Filipe, discorrem Amelote e Calmet, que era a Cesaréia cidade marítima, que distava de Jerusalém obra de vinte e cinco léguas, e que depois foi metrópole eclesiástica da Palestina, enquanto se não erigiu no quinto século o Patriarcado de Jerusalém. Não é a de Filipe.

POR NOME CORNÉLIO — Este nome por si mesmo está dando a conhecer um homem romano, ou ao menos natural da Itália. — Calmet.

2 cheio de religião e temente a Deus com toda a sua casa, que fazia muitas esmolas ao povo, e que estava orando a Deus incessantemente: (2)

3 Este viu em visão manifestamente, quase à hora da Noa, que um anjo de Deus se apresentava diante dele e lhe dizia: Cornélio.

4 E ele fixando nele os olhos, possuído de temor, disse: Que é isto, Senhor? Ele, porém, lhe respondeu: As tuas orações e as tuas esmolas subiram para ficarem em lembrança na presença de Deus. (3)

5 Envia pois agora homens a Jope e faz vir aqui a um certo Simão, que tem por sobrenome Pedro:

6 Este se acha hospedado em casa dum certo Simão, curtidor de peles, cuja casa fica junta ao mar: Ele te dirá o que te convém fazer.

DA COORTE, QUE SE CHAMA ITALIANA — O exército romano compunha-se de muitas legiões, e cada legião de muitas coortes, é dada coorte de quinhentos homens. — Calmet.

(2) **CHEIO DE RELIGIÃO** — Ou **Devoto**. Daqui se conhece que Cornélio, ainda que era gentio de nação, não o era na crença; mas conhecia e adorava o verdadeiro Deus, sem contudo fazer profissão do Judaísmo. E estes eram os que na frase dos judeus se chamavam **Prosélitos da porta**; porque para orarem no templo de Jerusalém, tinham nele atrio separado. E esta fé em Deus, que Cornélio tinha, era sem dúvida fé sobrenatural. Doutra sorte não seriam agradáveis a Deus as suas orações e esmolas, como o anjo atestou que o eram. Porque, como ensina S. Paulo na carta aos Hebreus, **sem fé é impossível agradar a Deus**.

(3) **SUBIRAM PARA FICAREM EM LEMBRANÇA** — Não dava Cornélio esmolas, nem fazia orações, sem ter alguma fé; mas se ele pudesse ser salvo, sem a fé em Jesus Cristo, não seria mandado por arquiteto para o edificar o Apóstolo Pedro: "Non sine aliqua fide donabat, et orabat Cornelius; sed si posset sine fide Christi esse salvus, non ad eum aedificandum mitteretur architectus apostolus Petrus". Tal é a inteligência que no livro da **Predestinação dos Santos**, cap. 71, dá a este lugar Santo Agostinho.

Ato dos Apóstolos 10, 7-16

7 E logo que se retirou o anjo que lhe falava, chamou a dois dos seus domésticos, e a um soldado temente a Deus, daqueles que estavam às suas ordens:

8 E havendo-lhes contado tudo isto, os enviou a Jope.

9 E no dia seguinte, indo êles seu caminho e estando já perto da cidade, subiu Pedro ao alto da casa a fazer oração perto da hora de sexta.

10 E como tivesse fome, quis comer. Mas ao tempo que lho preparavam, sobreveio-lhe um rapto de espírito:

11 E viu o Céu aberto, e que descendo um vaso, como uma grande toalha, suspenso pelos quatro cantos, era feito baixar do Céu à terra. (4)

12 Na qual havia de todos os quadrúpedes, e dos reptis da terra, e das aves do Céu.

13 E foi dirigida a êle uma voz, que lhe disse: Levanta-te, Pedro, mata e come.

14 E disse Pedro: Não, Senhor, porque nunca comi coisa alguma comum, nem imunda.

15 E a voz lhe tornou segunda vez a dizer: Ao que Deus purificou não chames tu comum.

16 E isto se repetiu até três vezes: E logo o vaso se recolheu ao céu.

(4) **SUSPENSO PELOS QUATRO CANTOS** — Por êstes quatro cantos, ou quatro ângulos da toalha, se significava que a graça do Evangelho se estendia às quatro partes do mundo. Assim se entende no Sermão 3, sobre o Sl 103. — Santo Agostinho.

17 E enquanto Pedro entre si duvidava sôbre o que seria a visão: Eis que os homens, que tinha enviado Cornélio, perguntando pela casa de Simão, chegaram à porta. (5)

18 E havendo chamado, perguntavam se estava ali hospedado Simão, que tinha por sobrenome Pedro.

19 E considerando Pedro na visão, lhe disse o'espírito: Eis aí três homens que te procuram:

20 Levanta-te pois, desce e vai com êles sem duvidar: Porque eu sou o que os enviei.

21 E descendo Pedro para ir ter com os homens, lhes disse: Aqui me tendes, que eu sou a quem buscais: Qual é a causa por que aqui viestes?

22 Responderam êles: O centurião Cornélio, homem justo e temente a Deus, e que disto mesmo logra o testemunho de tôda a nação dos judeus, recebeu resposta do santo anjo, que te mandasse chamar a sua casa, e que ouvisse as tuas palavras.

23 Pedro pois, fazendo-os entrar, os hospedou. E levantando-se ao seguinte dia, partiu com êles: E alguns dos irmãos, que viviam em Jope, o acompanharam.

24 E ao outro dia depois entrou em Cesaréia. E Cornélio os estava esperando, havendo convidado já aos seus parentes, e mais íntimos amigos.

25 E aconteceu que quando Pedro estava para entrar, saiu Cornélio a recebê-lo: E prostrando-se a seus pés o adorou.

(5) **A PORTA** — A palavra empregada pelo texto designa a porta grande da casa.

Atos dos Apóstolos 10, 26-34

26 Mas Pedro o levantou, dizendo: Levanta-te, que eu também sou homem.

27 E entrou falando com êle, e achou muitos que haviam concorrido:

28 E lhes disse: Vós sabeis como é coisa abominável para um homem judeu o juntar-se ou unir-se a um estrangeiro: Mas Deus me mostrou que a nenhum homem chamasse comum ou imundo.

29 Por isso, sem duvidar, vim logo assim que fui chamado. Pergunto, pois, por que causa me chamaste?

30 E disse Cornélio: Hoje faz quatro dias que estava orando em minha casa à hora de Noa, e eis que se me pôs diante um varão, vestido de branco, e me disse: (6)

31 Cornélio, a tua oração foi atendida, e as tuas esmolas foram lembradas na presença de Deus.

32 Manda pois a Jope, e faze vir a um Simão, que tem por sobrenome Pedro; êle está hospedado em casa de Simão, curtidor de peles, à borda do mar.

33 Em consequência disto, enviei logo a buscar-te, e tu fizeste bem em vir. Agora, porém, nós todos estamos na tua presença, para ouvir tôdas as coisas quantas o Senhor te ordenou que nos dissesses.

34 Então Pedro abrindo a sua bôca, disse: Tenho na verdade alcançado que Deus não faz acepção de pessoas.

(6) **VESTIDO DE BRANCO** — Era o hábito dos altos personagens, *Lc 23, 11*. Por isso também é estabelecido que o Sumo Pontífice vista de branco.

35 Mas que em tôda a nação aquele que o tem e obra o que é justo, êsse lhe é aceito.

36 Deus enviou a sua Palavra aos filhos de Israel, anunciando-lhes a paz por meio de Jesus Cristo: (este é o Senhor de todos).

37 Vós sabeis que a Palavra foi enviada por tôda a Judéia, pois começando desde a Galiléia, depois do batismo, que pregou João,

38 sabeis que a Palavra mencionada é Jesus de Nazaré: Como Deus o ungiu do Espírito Santo e de virtude, o qual andou fazendo bem e sarando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com êle.

39 E nós somos testemunhas de tudo quanto fez na região dos judeus e em Jerusalém, ao qual êles mataram, pendurando-o num madeiro.

40 A êste ressuscitou Deus ao terceiro dia, e quis que se manifestasse,

41 não a todo o povo, mas às testemunhas que Deus havia ordenado antes: A nós, que comemos e bebemos com êle, depois que ressuscitou dentre os mortos.

42 E nos mandou pregar ao povo, e dar testemunho de que êle é o que por Deus foi constituído Juiz de vivos e mortos.

43 A êste dão testemunho todos os profetas, de que todos os que crêem nele recebem perdão dos pecados por meio do seu Nome.

44 Estando Pedro ainda proferindo estas palavras, desceu o Espírito Santo sôbre todos os que ouviam a palavra.

Atos dos Apóstolos 10, 45-48; 11, 1

45 E se espantaram os fiéis que eram da circuncisão, os quais tinham vindo com Pedro, de verem que a graça do Espírito Santo foi também derramada sobre os gentios.

46 Porque eles os ouviam falar diversas línguas e engrandecer a Deus.

47 Então respondeu Pedro: Porventura pode alguém impedir a água para que não sejam batizados êstes que receberam o Espírito Santo, assim também como nós?

48 E mandou que eles fossem batizados em nome do Senhor Jesus Cristo. Então lhe rogaram que ficasse com eles por alguns dias.

CAPÍTULO 11

DISPUTA DOS JUDEUS CONVERTIDOS CONTRA S. PEDRO POR ELE TER TRATADO COM OS GENTIOS. CONVERTEM-SE MUITOS EM ANTIOQUIA. BARNABÉ E PAULO SÃO LA ENVIADOS. OS FIEIS SE CHAMAM ALI CRISTÃOS. UMA GRANDE FOME É PREDITA PELOS PROFETAS. A IGREJA DE ANTIOQUIA AJUDA COM SUAS ESMOLAS A DE JUDEIA.

1 E ouviram os apóstolos e os irmãos que estavam na Judéia: Que também os gentios haviam recebido a palavra de Deus. (1)

(1) **OS GENTIOS HAVIAM RECEBIDO A PALAVRA DE DEUS** — Contrapõe-se aqui Judéia e Cesaréia; porque ainda que esta pertencia à Palestina, os seus habitantes, pela maior parte, eram gentios e gregos ou assírios. — **Calmet.**

2 E quando Pedro passou a Jerusalém disputavam contra êle os que eram da circuncisão, (2)

3 dizendo: Por que entraste tu em casa de homens que não são circuncidados e comeste com êles?

4 Mas Pedro, tomando as coisas desde o princípio, lhas expunha pela sua ordem, dizendo: (3)

5 Eu estava orando na cidade de Jope, e vi, em um arrebatamento de espírito, uma visão que, descendo um vaso, como uma grande toalha, sustida pelas quatro pontas, baixava do Céu e veio até onde eu estava.

6 Detendo eu nele os olhos o estava contemplando, e vi dentro animais terrestres de quatro pés, e alimárias, e reptis, e aves do Céu.

7 E ouvi também uma voz que me dizia: Levanta-te, Pedro, mata e come.

8 E eu disse: De nenhuma sorte, Senhor: Porque nunca na minha bôca entrou coisa comum ou imunda.

9 E me respondeu outra vez a voz do Céu: O que Deus purificou, tu não lhe chames comum.

10 E isto succedeu por três vezes: E depois tôdas estas coisas tornaram a recolher-se no Céu.

(2) **DISPUTAVAM CONTRA ÊLE OS QUE ERAM DA CIRCUNCISÃO** — Santo Epifânio na *Heresia* 28, cap. 2, atesta que o autor desta dissensão fôra Corinto, aquele que depois foi Heresiarca.

(3) **MAS PEDRO, TOMANDO AS COISAS** — Pudera S. Pedro com a autoridade de cabeça visível da Igreja repor a êstes fieis, que as ovelhas não deviam repreender a seu pastor; mas a caridade, de que S. Pedro estava chelo, o fez como esquecer do alto

Atos dos Apóstolos 11, 11-18

11 E eis que chegaram logo três homens à casa onde eu estava, enviados a mim de Cesaréia.

12 E o Espírito me disse que fosse eu com êles, sem pôr a isso alguma dúvida. Êstes seis irmãos que vêdes, foram também comigo, e entramos na casa de certo varão.

13 E nos referiu como tinha visto na sua casa ao Anjo que estava diante dêle e que lhe dizia: Envia a Jope, e faze vir a Simão, que tem por sobrenome Pedro.

14 O qual te dirá as palavras, pelas quais serás salvo tu e toda a tua casa.

15 É como eu tivesse começado a falar, desceu o Espírito Santo sobre êles, assim como também tinha descido sobre nós no princípio.

16 E eu me lembrei então das palavras do Senhor, como êle havia dito: João, na verdade, batizou em água, mas vós sereis batizados no Espírito Santo.

17 Pois se Deus deu àqueles a mesma graça que também a nós, que cremos no Senhor Jesus Cristo: Quem era eu para que me pudesse opor a Deus?

18 Êles, tendo ouvido êste arrazoamento, se aquietaram: E deram glória a Deus, dizendo: Logo também

grau que ocupava na Igreja, para praticar com êstes súbditos o que êle depois ensinou a todos na sua primeira epístola: Que importa estarmos sempre prontos para dar razão da nossa fé e da nossa esperança a todo o que no-la pedir! "*Parati semper ad satisfactionem omni poscenti vos rationem reddere de ea, quae in vobis est, spe.* 1 Pdr. 3, 15. — Calmete.

aos gentios participou Deus o dom da penitência, que conduziu à vida. (4)

19 E na verdade aqueles que haviam sido dispersos pela tribulação, que tinha acontecido por causa de Estêvão, chegaram até Fenícia, Chipre e Antioquia, não pregando a ninguém a palavra senão só aos judeus. (5)

20 E entre eles havia alguns varões de Chipre e de Cirene, os quais, quando entraram em Antioquia, falavam também aos gregos, anunciando-lhes ao Senhor Jesus.

21 E a mão do Senhor era com eles, e um grande número de crentes se converteu ao Senhor.

22 E chegou a fama destas coisas aos ouvidos da Igreja, que estava em Jerusalém, e enviaram Barnabé a Antioquia.

(4) **LOGO TAMBÉM AOS GENTIOS** — Até ali estavam persuadidos os judeus cristãos, que os gentios sim se podiam salvar, convertendo-se, mas que era por meio de circuncisão, e obrigando-se a observar a Lei de Moisés. Agora que vêem a Corneílio passar do paganismo ao Cristianismo, sem alguma destas condições, e receber sem elas o batismo, a remissão dos pecados, a graça do Espírito Santo, caem finalmente na conta, e dão por isso a glória a Deus. — Calmet.

(5) **FENÍCIA** — No primeiro século da era Cristã a Fenícia formava uma provincia da Síria, perto do Mediterrâneo, entre o rio Eleutério e o Monte Carmelo

CHIPRE — Ilha do Mediterrâneo entre a Cilícia e a Síria.

ANTIOQUIA — É a mais importante, pois foi sede do Príncipe dos Apóstolos. Era a capital da Síria, sobre o Oriente, construída por Selêuco Nicanor, que lhe pôs o nome de Antioquia em honra de seu pai Antíoco. Era numerosíssima a colônia de judeus helenistas. A situação geográfica de Antioquia tornava-a preferível a Jerusalém para trabalhos Apostólicos. Enquanto que a velha cidade Santa ficava sobre as montanhas da Judéa, como que se-

Atos dos Apóstolos 11, 23-27

23 O qual, quando lá chegou e viu a graça de Deus, se alegrou: E exortava a todos a perseverar no Senhor pelo propósito do seu coração.

24 Porque era varão bom e cheio do Espírito Santo e de fé. E se uniu ao Senhor grande número de gente.

25 E dali partiu Barnabé para Tarso em busca de Saulo; tendo-o achado o levou a Antioquia.

26 E aqui nesta igreja passaram êles todo um ano e instruíram uma grande multidão de gente, de maneira que em Antioquia foram primeiro os discípulos denominados Cristãos. (6)

27 E por êstes dias vieram de Jerusalém a Antioquia uns profetas.

parada das regiões vizinhas, Antioquia ficava nos confins da Ásia Menor e da Síria, traço de união do antigo com o novo mundo, perto do Mediterrâneo, o que facilitava a comunicação com os outros povos. Nem os reis de Ninive e de Babilônia, nem o chefe das Terras, Faran, prestaram importância a Antioquia. Alexandre passou a largo, mas Selêuco reconheceu-lhe a importância, aproveitou-a e deu-lhe toda a grandeza a que tal cidade tinha jus. *Ottfried Muller Antiquitates Antiochenae*. Este Selêuco, no intento de engrandecer esta cidade, promulgou uma lei em vista da qual era conferido o título de cidadão a todo o estrangeiro que fixasse ali a sua residência. Aqui fundou S. Pedro a Igreja pelo ano 40, que teve o seu início só com judeus conversos, sendo o início duma famosa cristandade que tão glorioso nome deixou na História Eclesiástica.

(6) **FORAM PRIMEIRO OS DISCÍPULOS** — Se este nome lhes foi posto pelos Apóstolos, ou pelos gentios, é coisa totalmente incerta. Porém da História de Tácito e de Suetônio está averiguado que em tempo de Nero eram já conhecidos e chamados Cristãos em Roma, os que professavam a Lei de Cristo, ou como êles diziam, Cresto, que em grego significa bom, ou doce. E isto talvez, porque como ignoravam a causa de se chamar Cristo o Autor da nova Profissão, cuidaram pelo modo brando e suave, que observavam nos Discípulos, ser Cristo o seu nome. Latânio no Livro 4, da Verdadeira Sabedoria, Cap. 7, diz assim: Cristo não é nome próprio, mas apelação de poder e de império. Por-

28 E levantando-se um dêles, por nome A'gabo, dava a entender, por espírito, que havia de haver uma grande fome por todo o globo da terra; esta veio em tempo de Cláudio. (7)

29 E os discípulos, cada um conforme a possibilidade que tinha, resolveram enviar algum socorro aos irmãos que habitavam na Judéia.

30 O que êles efetivamente fizeram, enviando-o aos anciãos por mãos de Barnabé e de Saulo. (8)

CAPÍTULO 12

MANDA HERODES CORTAR A CABEÇA A TIAGO MAIOR, E METER EM PRISÃO A PEDRO. UM ANJO O LIVRA DELA. HERODES FALA AO POVO E, DEPOIS DE PERMITIR QUE LHE DÊEM HONRAS DIVINAS, É CASTIGADO POR DEUS E MORRE COMIDO DE BICHOS.

1 E neste mesmo tempo enviou o rei Herodes tropas para maltratar a alguns da Igreja. (1)

que assim mesmo chamavam os judeus aos seus reis. Mas os romanos, mudando o i em e, costumam dizer Cresto.

(7) **ESTA VEIO EM TEMPO DE CLÁUDIO** — Desde o ano segundo até ao quarto do seu império. Dião Cássio, Livro 60 e Eusébio na sua Crônica.

(8) **ENVIANDO-O AOS ANCIAOS** — Como os Expositores não concordam que qualidade fosse a dos que o Texto Grego chama aqui Presbíteros: cingi-me com Martini ao Senhores da Vulgata, que à letra significa os Anciãos. E o mesmo observarei daqui por diante noutros lugares, em que se encontra a mesma palavra Senhores, à qual os tradutores franceses explicam ordinariamente pela de Pretres. — Pereira.

(1) **ENVIOU O REI HERODES TROPAS** — Era Herodes Agripas, neto de Herodes o Grande. Os quais já noutra parte distinguimos de Herodes Antipas.

Atos dos Apóstolos 12, 2-10

2 E matou, à espada, a Tiago, irmão de João.

3 E vendo que agradava aos judeus, fez também prender a Pedro. Eram então os dias dos asmos.

4 Tendo-os, pois, feito prender, meteu-o num cárcere, dando-o a guardar a quatro esquadras, cada uma de quatro soldados, com tenção de o apresentar ao povo, depois da Páscoa.

5 E Pedro estava guardado na prisão a bom recado. Entretanto, pela igreja se fazia, sem cessar, oração a Deus por êle. (2)

6 Mas quando Herodes estava para o apresentar, nessa mesma noite se achava dormindo Pedro entre dois soldados, liado com duas cadeias: E as guardas à porta vigiavam o cárcere.

7 E eis que sobreveio o Anjo do Senhor: E resplandeceu uma claridade naquela habitação: E tocando a Pedro em um lado, o despertou, dizendo: Levanta-te depressa. E caíram as cadeias das suas mãos.

8. E o Anjo lhe disse: Toma a tua cinta e calça as tuas sandálias. E fê-lo Pedro assim. E o Anjo lhe disse: Põe sobre ti a tua capa e segue-me.

9 E saindo, o ia seguindo, e não sabia que o que se fazia por intervenção do Anjo era assim na realidade: Mas julgava que êle via uma visão.

10 E depois de passarem a primeira e a segunda guarda, chegaram à porta de ferro que guia para a ci-

(2) **POR ÊLE** — Como cabeça visível da Igreja, e Príncipe dos Apóstolos. — Duhamel.

dade: A qual se lhes abriu por si mesma. E saindo, caminharam juntos o comprimento duma rua: E logo depois o deixou o Anjo.

11 Então Pedro entrando em si, disse: Agora é que eu conheço verdadeiramente que mandou o Senhor o seu Anjo, e me livrou da mão de Herodes e de tudo o que esperava o povo dos judeus.

12 E considerando nisto, fôï ter à casa de Maria, mãe de João, que tem por sobrenome Marcos, onde muitos estavam congregados e faziam oração. (3)

13 Mas quando êle bateu à porta, foi uma moça chamada Rode, a que veio ver quem era.

14 E tanto que conheceu a voz de Pedro, com o alvoroço lhe não abriu logo a porta, mas correndo para dentro foi dar a nova de que Pedro estava à porta.

15 Êles, porém, lhe disseram: Tu estás louca. Mas ela asseverava que assim era. E êles diziam: Deve de ser o seu Anjo. (4)

16 Entretanto Pedro continuava em bater. E depois de lhe terem aberto a porta, então o conheceram e ficaram pasmados.

17 Mas êle tendo-lhes feito sinal com a mão, que se calassem, contou-lhes como o Senhor o havia livrado da

(3) **QUE TEM POR SOBRENOME MARCOS** — Querem muitos que seja o Evangelista.

(4) **DEVE DE SER O SEU ANJO** — Boa prova da persuasão, em que todos estavam, de que cada homem tem seu Anjo da Guarda. S. Gregório Magno, e dêle Santo Isidoro de Sevilha.

Atos dos Apóstolos 12, 18-24

prisão, e disse-lhes: Fazei saber isto a Tiago e aos irmãos. E tendo saído se foi logo a outra parte.

18 Mas quando foi dia, houve não pequena turbação entre os soldados, sôbre o que tinha sido feito de Pedro.

19 E Herodes tendo-o feito buscar, e não o achando, feito exame a respeito dos guardas, os mandou justificar: E passando de Judéia a Cesaréia deixou-se aqui ficar.

20 Ora, Herodes estava irritado contra os de Tiro e de Sidônia. Mas êstes de comum acôrdo o foram buscar, e com o favor de Blasto, que era seu camarista, pediram paz, porque das terras do rei é que o seu país tirava a subsistência.

21 E um dia assinado, Herodes, vestido em traje real, se assentou no tribunal e lhes fazia uma fala.

22 E o povo o aplaudia, dizendo: Isto são vozes de Deus e não de homem. (5)

23 Porém, súbitamente o feriu o Anjo do Senhor, pelo motivo de que não tinha tributado honra a Deus: E comido de bichos expirou.

24 Entretanto a palavra do Senhor crescia e se multiplicava.

(5) **ISTO SÃO VOZES DE DEUS** — José, no Livro 19 das *Antiguidades Judaicas*, cap. 7, descreve com individuação estas e outras muitas lisonjas, com que o povo fez evaporar-se todo, em uma valdade louca e temerária, o coração do seu príncipe que no fim conheceu sem remédio a falsidade das lisonjas, e o castigo de as não ter reprimido.

25 Mas Barnabé e Saulo, tendo concluído o seu ministério, tornaram a sair de Jerusalém, levando consigo a João, que tem por sobrenome Marcos.

CAPÍTULO 13

O ESPÍRITO SANTO SEPARA A S. PAULO, E A S. BARNABÉ. SÃO AMBOS ENVIADOS AOS GENTIOS. S. PAULO PRIVA DA VISTA DOS OLHOS A UM MÁGICO. COM ESTE MILAGRE SE CONVERTE O PROCÔNSUL SERGIO PAULO. S. PAULO PREGA EM ANTIOQUIA DE PISÍDIA. OS JUDEUS COMBATEM A SUA DOCTRINA. TORNA-SE PARA OS GENTIOS. OS JUDEUS LEVANTAM CONTRA ELE UMA SEDIÇÃO.

1 Havia pois na Igreja, que era de Antioquia, vários profetas e doutores, entre êles Barnabé e Simão, que tinha por apelido o Negro, e Lúcio de Cirene, e Manaen, o qual era colação de Herodes o tetrarca, e Saulo.

2 A tempo porém que êles ofereciam o sacrifício ao Senhor e jejuavam, disse-lhes o Espírito Santo: Separaí-me a Saulo e a Barnabé para a obra a que eu os hei destinado. (1)

(1) **A TEMPO PORÉM QUE ÊLES OFERECIAM** — Para que ninguém repare, que dizendo aqui o Texto Latino: *Ministrantibus autem illis Domino*, vertesse eu: "A tempo porém que êles ofereciam o sacrifício ao Senhor". É de saber, que o original Grego tem *illis autem liturgiam celebrantibus Domino*; o qual traduzido à letra, quer dizer: "A tempo porém que êles celebravam a Liturgia ao Senhor". Ora na frase do Original Grego do Novo Testamento, o nome Liturgia constantemente significa o sacrifício, como se comprova do Evangelho de S. Lucas, 1, 8, da Epístola aos Hebreus, 10, 11, e dos outros lugares de S. Paulo, que Duhamel aqui aponta. O mesmo se confirma do perpétuo uso dos padres gregos, que por Liturgia entenderam sempre o Sacrifício da Missa. Nem pode obstar contra esta intelligência o que Beza opõe,

Atos dos Apóstolos 13

que é, que na propriedade e rigor da língua grega, **Celebrar a Liturgia**, soa exercitar um ministério, ou cargo público. Por onde os Calvinistas, que aborrecem tudo o que é favorável à existência de verdadeiro sacrifício, e à presença real de Cristo no Sacramento do Altar, querem que por celebração da **Liturgia** se não entenda neste Texto dos **Atos dos Apóstolos**, senão o exercício de pregar, ou de profetizar. Não pode obstar digo, contra a nossa intelligência a razão de Beza; porque dado que, absolutamente falando, o celebrar a **Liturgia** se possa aplicar ao exercício de pregar, ou de profetizar, os adjuntos contudo, ou circunstâncias do texto, estão persuadindo por muito mais verossimil que a **Liturgia**, de que fala S. Lucas, se deve tomar pelo sacrifício **Primo**: porque como acima notámos está a significação ordinária de **Liturgia** nos escriptores do Novo Testamento. **Secundo**: porque o dativo grego **Kyrio**, ou o Latino **Domino** junto ao verbo, claramente o determina para significar um ato de culto especial feito a Deus. **Tertio**: porque S. Lucas aponta este ato, como época do tempo, ou da ocasião, em que o Espirito Santo chamou S. Paulo para ir missionar. E o exercício de pregar, ou de profetizar, por isso mesmo que era continuo entre os Apóstolos, não podia dar-se por época daquele acontecimento. **Quarto**: porque o mesmo ato de celebrar a **Liturgia** é um ato de ministério público, pois se faz por autoridade, e em nome de toda a Igreja. Também se não pode opor, o ter o intérprete latino explicado por **Ministrare Domino** o que no original grego é **celebrare Liturgiam Domino**, porque pelo mesmo verbo **Ministrare** verteu ele na epistola aos Hebreus, 10, 11, o **Liturgiam celebrare** do grego, que ali ninguém dúvida significar o ato de sacrificio, pois as palavras não admitem outro sentido: **Et omnis quiden sacerdos praesto est quotidie ministrans**. E pela mesma razão que o ato de sacrificar é um ato de especial obsequio a Deus, ainda hoje nas linguas francesa e teutônica, se dá ao Sacrificio da Missa o nome de **Serviço**, como bem advertiu Estio. De tudo o sobredito se conclui, que com muita razão verteram aquele **Ministrantibus illis Domino**, uns como o padre Veron: **Comme les Apôtres célébraient la Messe au Seigneur**; outros com o bispo Godeau: **Pendant qu'ils faisaient le Divin Service au Seigneur**; outros com o padre Amelote: **Pendant qu'ils offraient le sacrifice au Seigneur**; outros com os de Mons: **Pendant qu'ils sacrifiaient au Seigneur**. Arnault respondeu a Mr. Spons, tomo 12, pág. 501 e 502. — **Pereira**. — Glaire traduz: **offraient au Seigneur les saints mystères**. **La Sainte Bible**, 1902. Também todos os historiadores, fundados nos escriptos dos primeiros Padres, sustentam que os Apóstolos iniciaram a prática do Santo Sacrificio, dividido em duas partes — **Missa dos catecúmenos** e a **missa dos fieis**. A proposito escreve S. Justino: — **Die solis omnes ex verbo et agris in unum conveniunt, illi scripta apostolorum et prophetarum leguntur Porcea omnes consurgimus et preces communes fundimus usque finitis invicem osculos salutamus...** **Tunc panis offertur et poculum vini aqua mixti.** Precibus absolutis, quibus omnis populus reclamant. Amen, diaconi panem et vinum, quae

3 Depois que jejuaram e oraram, e lhes impuseram as mãos, os despediram. (2)

4 E êles assim enviados pelo Espírito Santo foram a Selêucia, e dali navegaram até Chipre.

5 E quando chegaram a Salamina, pregavam a palavra de Deus nas Sinagogas dos judeus. Tinham pois êles também a João no ministério. (3)

6 E tendo recorrido por tôda a ilha até Pafos, acharam um homem mago, falso profeta, judeu, que tinha por nome Barjesus.

per consecrationem facta sunt corpus et sanguis Christi, uncuique praesentium participanda distribuunt et ad absentes perferrunt. His tamen frui non permittitur, nisi is que baptisati sunt et integram tenent fidem Christi et vitam agunt praeceptis Christi conformes. Fala assim S. Justino, discípulo dos Apóstolos, que soube como êles praticavam e como êles ofereciam o Sacrifício ao Senhor, e no que consistia a essência desse Sacrifício, que era na oblação do pão e do vinho consagrado, tornado corpo e sangue de Cristo — *facta sunt corpus et sanguis Christi*, e que era distribuído aos fiéis, não a todos, mas aos eleitos, os devidamente instruídos na doutrina de Cristo e que pautavam a sua vida pelos preceitos do Santo Evangelho. Vê-se pois que o Santo Sacrifício da Missa, a consagração e a doutrina da transubstanciação é dos primórdios da Igreja, vem dos Apóstolos.

(2) **E LHE IMPUSERAM AS MÃOS** — S. João Crisóstomo, a quem segue Ecumênio, o entendem de uma verdadeira ordenação em bispos. Outros, com Caetano, de uma simples destinação, ou missão para o ministério de Apostolar. — **Pereira.**

(3) **SALAMINA** — Era uma das cidades da ilha de Chipre, ficava na costa oriental e tinha um excelente porto.

7 O qual estava com o procônsul Sérgio Paulo, varão prudente. Êste, havendo feito chamar a Barnabé e a Saulo, desejava ouvir a palavra de Deus. (4)

8 Mas Elimas, o mago (porque assim se interpreta o seu nome) se lhes opunha, procurando apartar da fé ao procônsul. (5)

9 Porém Saulo, que é também chamado Paulo, cheio do Espírito Santo, fixando nele os olhos,

10 disse: O' homem cheio de todo o engano e de tôda a astúcia, filho do diabo, inimigo de tôda a justiça, tu não deixas de perverter os caminhos retos do Senhor.

11 Pois agora eis aí está sôbre ti a mão do Senhor, e serás cego, que não verás o sol até certo tempo. E logo caiu sôbre êle uma obscuridade e trevas, e andando à roda buscava quem lhe desse a mão.

12 Então o procônsul quando viu êste fato, abraçou a fé, admirando a doutrina do Senhor. (6)

13 E tendo Paulo e os que com êle se achavam, desafiado de Pafos, vieram a Perge na Panfília. Mas João apartando-se dêles, voltou a Jerusalém.

(4) **SÉRGIO PAULO** — Sabe-se pela numismática, que Chlipre, em virtude da sua importância, certamente, tinha um procônsul anual. Sérgio Paulo devia ter sido um apolo da Igreja nascente.

(5) **MAS ELIMAS, O MAGO** — Ainda que S. Lucas não declara a língua em que Elimas significa magico, os modernos críticos convêm que é a Árabe. — Pereira.

(6) **ABRAÇOU A FÉ, ADMIRANDO A DOCTRINA DO SENHOR** — Alguns Martirológios do século IX, a 22 de Março, fazem primeiro bispo de Narbona a êste Paulo. Porém Rolando neste dia, e Tillemont no tomo 4, pág. 470, dão por muito mal

14 E eles passando por Perge vieram a Antioquia de Pisídia: E tendo entrado na Sinagoga em dia de sábado, assentaram-se. (7)

15 E depois da lição da lei, e dos profetas, mandaram-lhes dizer os chefes da Sinagoga: Varões irmãos, se vós tendes que fazer alguma exortação ao povo, fazei-a.

16 E levantando-se Paulo e fazendo com a mão sinal de silêncio, disse: Varões israelitas, e os que temeis a Deus, ouvi:

17 O Deus do povo de Israel escolheu nossos pais e exaltou a este povo, sendo eles estrangeiros na terra do Egito, donde os tirou com o excelso poder do seu braço.

18 E suportou os costumes deles no deserto, por espaço de quarenta anos.

19 E destruindo sete nações da terra de Canaã, distribuiu entre eles por sorte aquela sua terra,

20 quase quatrocentos e cinquenta anos depois: E daí em diante lhes deu juizes, até ao profeta Samuel.

21 E depois pediram rei: E Deus lhes deu a Saul, filho de Cis, varão da tribo de Benjamim, por quarenta anos:

fundada esta opinião; e assentam que S. Paulo, primeiro bispo de Narbona, é muito mais moderno, e que não veio à França senão no meio do terceiro século.

(7) **VIERAM A ANTIOQUIA DE PISÍDIA** — Assim chamada para diferença doutras do mesmo nome, que havia na Ásia, das quais a principal, e mais famosa, era a Antioquia metrópole da Síria, sobre o rio Orontes. A Pisidia, porém, era uma provincia da Asia Menor, que jazia entre a Frigia, e a Panfília. Era uma cidade importante.

Ato dos Apóstolos 13, 22-31

22 E tirado êste, lhes levantou em rei a Davi: A quem dando testemunho, disse: Achei a Davi, filho de Jessé, homem segundo o meu coração, que fará tôdas as minhas vontades.

23 Da linhagem dêste, conforme a sua promessa, trouxe Deus a Israel o Salvador Jesus,

24 havendo João pregado antes da manifestação da sua vinda, o batismo de penitência a todo o povo de Israel.

25 E João quando acabava a sua carreira, dizia: Não sou eu quem vós cuidais que eu sou, mas eis aí vem após de mim aquêlê a quem eu não sou digno de desatar o calçado dos pés.

26 Varões irmãos, filhos da linhagem de Abraão, e os que entre vós temem a Deus, a vós é que foi enviada a palavra desta salvação.

27 Porque os que habitavam em Jerusalém e os príncipes dela, não conhecendo a êste, nem as vozes dos profetas, que cada sábadô se lêem, sentenciando-o, as cumpriram.

28 E não achando nêlê nenhuma causa de morte, fizeram a sua petição a Pilatos, para assim lhe tirarem a vida.

29 E quando tiveram cumprido tôdas as coisas, que dêlê estavam escritas, tirando-o do madeiro, o puseram no sepulcro.

30 Mas Deus o ressuscitou dentre os mortos ao terceiro dia: E foi visto muitos dias por aqueles

31 que tinham vindo juntamente com êle da Galiléia a Jerusalém: Os quais até agora dão testemunho dêle ao povo.

32 E nós vos anunciamos aquela promessa, que foi feita a nossos pais:

33 Visto Deus a ter cumprido a nossos filhos, resuscitando a Jesus, como também está escrito no Salmo segundo: Tu és meu Filho; eu te gerei hoje.

34 E que o haja ressuscitado dentre os mortos, para nunca mais tornar à corrupção, êle o disse desta maneira: Dar-vos-ei pois as coisas santas de Davi firmes.

35 E por isso é que também diz noutro lugar: Não permitirás que o teu santo experimente corrupção.

36 Porque Davi no seu tempo, havendo servido conforme a vontade de Deus, morreu: E foi sepultado com seus pais, e experimentou corrupção.

37 Porém aquêle que Deus ressuscitou dentre os mortos, não experimentou corrupção.

38 Seja-vos pois notório, varões irmãos, que por êste se vos anuncia remissão de pecados, e de tudo o de que não pudestes ser justificados pela lei de Moisés.

39 Por êste é justificado todo aquêle que crê.

40 Guardai-vos pois que não venha sôbre vós o que foi dito pelos profetas:

41 Vêde, ó desprezadores, e admirai-vos e finai-vos: Que eu obro uma obra em vossos dias, uma obra que vós não creeis, se alguém vo-la referir.

42 E quando êles saíam lhes rogavam que no seguinte sábadô lhes falassem estas palavras.

43 E como tivesse sido despedida a Sinagoga, muitos dos judeus, e prosélitos tementes a Deus seguiram

Atos dos Apóstolos 13, 44-51

a Paulo, e a Barnabé: os quais com as suas razões os exortavam a que perseverassem na graça de Deus.

44 E no sábado seguinte concorreu quase toda a cidade a ouvir a palavra de Deus.

45 Mas vendo os judeus tanta multidão de gente, encheram-se de inveja e, blasfemando, contradiziam as razões que por Paulo eram proferidas.

46 Então Paulo e Barnabé lhes disseram resolutamente: Vós éreis os primeiros a quem se devia anunciar a palavra de Deus; mas porque vós a rejeitais, e vos julgais indignos da vida eterna, desde já nos vamos daqui para os gentios:

47 Porque o Senhor assim no-lo mandou: Eu te pus para luz das gentes para que sejas de salvação até à extremidade da terra.

48 Os gentios, porém, ouvindo isto, se alegraram, e glorificaram a Palavra do Senhor: E creram todos os que haviam sido predestinados para a vida eterna.

49 Assim por toda esta terra se disseminava a Palavra do Senhor.

50 Mas os judeus concitaram a algumas mulheres devotas e nobres, e os principais da cidade, e excitaram uma perseguição contra Paulo e Barnabé: E os lançaram fora do seu país.

51 Então Paulo e Barnabé, tendo sacudido contra eles o pó dos seus pés, foram para Icônia, (8)

(8) **ICÔNIA** — Hoje Cônia, importante cidade da Ásia Menor, capital da Licaônia, numa fértil planície, junto do monte Tauro.

52 Entretanto estavam os Discípulos cheios de gôzo e do Espírito Santo.

CAPÍTULO 14

PAULO E BARNABÉ EM ICÔNIA. CONVERTEM AQUI A MUITOS. OS JUDEUS OS MALQUISTAM COM OS GENTIOS, E LEVANTAM CONTRA ELES UMA SEDIÇÃO. FOGEM OS DOIS PARA LICAÔNIA. PAULO CURA A UM COXO DE NASCENÇA. O POVO LHEZ OFERECE SACRIFÍCIOS COMO SE FOSSEM DEUSES. ESTABELECEM IGREJAS EM MUITOS LUGARES. VOLTAM PARA ANTIOQUIA.

1 E aconteceu em Icônia, que entraram juntos na Sinagoga dos judeus, e que ali pregaram, de maneira que uma copiosa multidão de judeus e de gregos se converteu à Fé. (1)

2 Mas os judeus que permaneceram incrédulos, concitaram e fizeram irritar os ânimos dos gentios contra seus irmãos. (2)

3 Por isso se demoraram ali muito tempo, trabalhando com confiança no Senhor, que dava testemunho à palavra da sua graça, concedendo que se fizessem por suas mãos prodígios e milagres.

4 E se dividiu a multidão da gente da cidade: E assim uns eram pelos judeus, outros, porém, pelos Apóstolos.

(1) **QUE UMA COPIOSA MULTIDÃO** — Um destes convertidos em Icônia foi a gloriosa Virgem e Mártir Santa Tecla, celebradíssima nos escritos dos Padres gregos e latinos dos primeiros séculos. Veja-se Tillemont, Tom. 2, pag. 65, e seg.

(2) **SEUS IRMAOS** — Isto é, os neoconvertos, tanto do paganismo como do judaísmo.

Atos dos Apóstolos 14, 5-11

5 Mas como se tivesse levantado um motim dos gentios e dos judeus com os seus chefes, para os ultrajar e apedrejar,

6 entendendo-o êles, fugiram para Listra e Derbe, cidades da Licaônia, e para tôda aquela comarca em circuito, e ali se achavam pregando o Evangelho.

7 Ora em Listra residia um homem leso dos pés, coxo desde o ventre de sua mãe, o qual nunca tinha andado. (3)

8 Este homem ouviu pregar a Paulo. Paulo pôz nêle os olhos, e vendo que êle tinha fé de que seria curado,

9 disse em alta voz: Levanta-te direito sôbre os teus pés. E êle saltou, e andava.

10 Os do povo, porém, tendo visto o que fizera Paulo, levantaram a sua voz, dizendo em língua licaônica: Êstes são deuses que baixaram a nós em figura de homens. (4)

11 E chamavam a Barnabé Júpiter, e a Paulo Mercurio, porque êle era o que levava a palavra. (5)

(3) **LISTRA** — A sul da Icônia e norte do monte Tauro, era pátria de Timóteo, discípulo de S. Paulo.

(4) **DIZENDO EM LÍNGUA LICAÔNICA** — Sendo a Licaônia uma das províncias da Ásia Menor, onde a língua grega geralmente era a dominante, a notar aqui S. Lucas, a língua licaônica parece que foi para significar um dialeto, que entre os mais gregos era algum tanto corrompido, ou menos puro, como mesclado talvez do siríaco. — Calmet.

(5) **E CHAMAVAM A BARNABÉ JÚPITER** — Outros querem que seja o Capadócio. — São Barnabé devia de ser um homem de bom parecer, e de um talhe majestoso. S. Paulo distinguu-

12 Também o sacerdote de Júpiter, que estava à entrada da cidade, trazendo para ante as portas-touros e grinaldas, queria sacrificar com o povo. (6)

13 Mas os Apostolos Barnabé e Paulo, quando isto ouviram, tendo rasgado as suas vestiduras, saltaram no meio das gentes, clamando, (7)

14 e dizendo: Varões, por que fazeis isto? Nós também somos mortais, homens assim como vós, e vos pregamos, que destas coisas vãs vos convertais a Deus vivo, que fez o Céu, e a terra, e o mar, e tudo quanto há nêles:

15 O que nos séculos passados permitiu a todos os gentios andar nos seus caminhos.

16 E nunca se deixou por certo a si mesmo sem testemunho, fazendo bem lá do Céu, dando chuvas, e tempos favoráveis para os frutos, enchendo os nossos corações de mantimento e de alegria.

se pela força, e veemencia de dizer, e não o recomendava a figura, como êle mesmo confessa que diziam alguns. 2 Cor. 10, 10. A majestade pois do semblante em S. Barnabé, e o ser S. Paulo quem falava por êle, deu motivo a que os gentios tivessem ao primeiro por Júpiter, ao segundo por Mercúrio. Porque dos autores profanos, assim gregos como latinos, é bem notório que Júpiter se servia de Mercúrio como de mensageiro, ou língua, para com os homens. — Calmet.

(6) **TOUROS E GRINALDAS** — Que houvessem de ornar a cabeça, ou do mesmo sacerdote, ou das vítimas, ou as de uns e outros. Plínio no liv. 16, cap. 4: *Postea deorum honori sacrificantes sumpsere coronam, victimus simul coronatis*. E Minucio Felis no Otavio: *Victimæ ad supplicium saginatur, hostiæ ad poenam coronantur*. — Calmet.

(7) **TENDO RASGADO AS SUAS VESTIDURAS** — Costume dos hebreus, quando viam fazer algum grande sacrilégio, ouviam dizer alguma grande blasfêmia. Eu o notei já em Mt 26, 65.

Atos dos Apóstolos 14, 17-24

17 E dizendo isto, apenas puderam apaziguar as gentes, para que lhes não sacrificassem.

18 Então sobrevieram de Antioquia, e de Icônia alguns judeus: Os quais tendo ganhado para si a vontade do povo e apedrejando a Paulo, o trouxeram, arrastando-o fora da cidade, dando-o por morto.

19 Mas rodeando-o os discípulos, e levantando-se êle, entrou na cidade, e ao dia seguinte partiu com Barnabé para Derbe.

20 E tendo êles pregado o Evangelho àquela cidade, e ensinado a muitos, voltaram para Listra e Icônia e Antioquia,

21 confirmando os corações dos discípulos, e exortando-os a perseverar na Fé: E que por muitas tribulações nos é necessário entrar no reino de Deus.

22 Por fim, tendo-lhes ordenado em cada igreja seus presbíteros e feito orações com jejuns, os deixaram encomendados ao Senhor, em quem tinham crido. (8)

23 E atravessando a Pisídia foram a Panfília. (9)

24 E anunciando a palavra do Senhor em Perge, desceram a Atália:

(8) **E FEITO ORAÇÕES COM JEJUNS** — Daqui aprendeu a igreja o santo costume de não dar ordens, sem precederem orações, acompanhadas de jejuns, para impetrar de Deus a graça dos ordenandos desempenharem as obrigações de seu sagrado ministério.

(9) **PISÍDIA** — provincia da Ásia Menor, situada a este pela Licaônia e Cilícia, ao sul pela Panfília, e oeste e norte pela Frígia.

25 E dali navegaram para Antioquia, de onde haviam sido encomendados à graça de Deus, para a obra que concluíram.

26 E havendo chegado e congregado a igreja, contaram quão grandes coisas havia Deus feito com eles, e como havia aberto a porta da Fé aos gentios.

27 E se detiveram com os discípulos não pouco tempo.

CAPÍTULO 15

OS JUDEUS CONVERTIDOS PRETENDEM OBRIGAR OS GENTIOS À OBSERVÂNCIA DA LEI MOSAICA. PAULO E BARNABÉ VÃO A JERUSALEM, PARA QUE OS APÓSTOLOS DECIDAM ESTA QUESTÃO. ÊLES A DECIDEM A FAVOR DOS GENTIOS. PAULO DESEJA IR VISITAR OS LUGARES ONDE TINHA PREGADO. BARNABÉ SE SEPARA DELE POR CAUSA DE JOÃO MARCOS.

1 E vindo alguns da Judéia, ensinavam assim aos irmãos: Pois se vos não circuncidais segundo o rito de Moisés, não podeis ser salvos. (1)

2 E tendo-se movido uma disputa não mui pequena de Paulo e Barnabé contra eles, sem os convencer, resolveram que fosse Paulo e Barnabé e alguns dos outros aos Apóstolos, e aos Presbíteros de Jerusalém sobre esta questão.

3 Êles, pois, acompanhados pela Igreja, passavam já pela Fenícia e por Samaria, contando a conversão dos

(1) **E VINDO** — Os fatos narrados neste capítulo tiveram lugar no ano 51.

Atos dos Apóstolos 15, 4-7

gentios: E davam grande contentamento a todos os irmãos. (2)

4 E tendo chegado a Jerusalém, foram recebidos pela Igreja e pelos Apóstolos e pelos Presbíteros, aos quais êles referiam quão grandes coisas tinha obrado Deus com êles.

5 Mas levantaram-se alguns da seita dos fariseus, que abraçaram a Fé, dizendo: E' necessário pois que os gentios sejam circuncidados, mandar-lhes também que observem a lei de Moisés. (3)

6 Congregaram-se pois os Apóstolos e os Presbíteros para examinar êste ponto.

7 E depois de se fazer sôbre êle um grande exame, levantando-se Pedro lhes disse: Varões irmãos, vós sabeis que desde os primeiros dias ordenou Deus entre nós que da minha bôca ouvissem os gentios a palavra do Evangelho, e que a crêsem. (4)

(2) **PELA IGREJA** — Isto é, que a Igreja os fez acompanhar por alguns fieis.

PASSAVAM JÁ PELA FENÍCIA — Acompanhados até certa parte do caminho, por honra e amizade que lhes quiseram fazer, e não que os acompanhassem a Jerusalém alguns outros, que não foram deputados. — Fremond.

(3) **MAS LEVANTARAM-SE ALGUNS DA SEITA DOS FARISEUS** — E do partido de Corinto, como nos informa Santo Epifânio na *Heresia* 23. — Calmet.

(4) **LEVANTANDO-SE, PEDRO LHES DISSE** — Como Príncipe dos Apóstolos, e como cabeça visível de tôda a Igreja, é Pedro o primeiro que fala, ainda antes de Tiago, que era o Bispo da cidade em que se celebrava o concílio. Daqui vem aos sucessores de Pedro, que são os Sumos Pontífices, a prerrogativa de presidirem nos concílios ecumênicos. E daqui também o incontestável primado de Pedro.

8 E Deus, que conhece os corações, se declarou por êles, dando-lhes o Espírito Santo, assim como também a nós.

9 E não fez diferença alguma entre nós e êles, purificando com a fé os seus corações.

10 Logo por que tentais agora a Deus, pondo um jugo sobre as cervizes dos Discípulos, que nem nossos pais nem nós pudemos suportar? (5)

11 Mas nós cremos que pela graça do Senhor Jesus Cristo somos salvos, assim como êles também o foram.

12 Então tôda a assembléia se calou: E escutavam a Barnabé e a Paulo, que lhes contavam quão grandes milagres e prodígios fizera Deus, por intervenção dêles, nos gentios.

13 E depois que êles se calaram, entrou a falar Tiago, dizendo: Varões irmãos, ouvi-me. (6)

14 Simão tem contado como Deus primeiro visitou aos gentios, para tomar dêles um povo para seu nome.

15 E com isto concordam as palavras dos profetas, como está escrito:

16 Depois disto eu voltarei, e edificarei de novo o tabernáculo de Davi que caiu e repararei as suas ruínas e o levantarei:

(5) **QUE NEM NOSSOS PAIS NEM NÓS PUDEMOS SUPORTAR?** — Por causa do número quase sem número das cerimônias legais, do rigor inexorável da Lei, e da própria fraqueza dos homens.

(6) **ENTROU A FALAR TIAGO** — São Tiago o Menor, a quem, como Bispo de Jerusalém, competia falar logo depois de S. Pedro. — S. João Crisóstomo.

Atos dos Apóstolos 15, 17-26

17 Para que os restos dos homens busquem a Deus, e tôdas as gentes, sôbre as quais tem sido invocado o meu Nome, diz o Senhor, que faz estas coisas.

18 Pelo Senhor é conhecida a sua obra desde a eternidade.

19 Pelo que, julgo eu, que se não devem inquietar os que dentre os gentios se convertem a Deus.

20 Mas que se lhes deve sòmente escrever que se abstenham das contaminações dos ídolos e da fornicação, e das carnes sufocadas, e do sangue.

21 Porque Moisés, desde tempos antigos, tem em cada cidade homens que o preguem nas Sinagogas, onde é lido cada sábadô.

22 Então pareceu bem aos Apóstolos e aos Presbíteros com tôda a igreja, eleger varões dentre êles, e enviá-los a Antioquia com Paulo, e Barnabé, enviando a Judas, que tinha o sobrenome de Barsabás, e a Silas, varões principais entre os irmãos,

23 escrevendo-lhes por mão dêles assim: Os Apóstolos e os Presbíteros irmãos, àqueles irmãos convertidos dos gentios, que se acham em Antioquia, e na Síria, e na Cilícia, saúde.

24 Porquanto havemos ouvido que alguns que têm saído de nós, transtornando os vossos corações, vos têm perturbado com palavras, sem lhes termos mandado, tal:

25 Aprouve-nos a nós, congregados em Concílio, escolher varões e enviá-los a vós com os nossos mui amados Barnabé e Paulo,

26 que são uns homens: que têm exposto as suas vidas pelo Nome de Nosso Senhor Jesus Cristo.

27 Enviamos portanto a Judas, e a Silas, que até de palavra êles vos exporão as mesmas coisas.

28 Porque pareceu bem ao Espírito Santo e a nós, não vos impor mais encargos do que os necessários, que são êstes: (7)

29 A saber: que vos abstenhais do que tiver sido sacrificado aos ídolos, e do sangue, e das carnes sufocadas, e da impureza, das quais coisas fareis bem de vos guardar. Deus seja convosco. (8)

30 Êles enviados assim foram a Antioquia: E havendo congregado a multidão dos fiéis, entregaram a carta.

(7) **PARECEU BEM AO ESPÍRITO SANTO E A NÓS** — As diligências, por averiguar o Dogma, poderão ser feitas por um modo humano, as Definições, que depois saem dos Sagrados Concilios, já não são definições só de homens, mas também, e principalmente, do Espírito Santo, que neles assiste. — Bossuet.

DO QUE OS NECESSÁRIOS — Necessários, *necessitate praecepti*, como dizem os Teólogos, e não *necessitate medii*. Porque o seu objecto não era já sobre o Dogma, mas de mera disciplina. — Amelote.

(8) **DO QUE TIVER SIDO SACRIFICADO AOS ÍDOLOS** — Estas são as que no verso 20 chamava São Tiago contaminações dos ídolos. — Calmet.

E DO SANGUE — Para inspirar aos homens um grande horror a toda a efusão de sangue humano, proibira Deus primeiramente por Noé, Gên 9, 4. 5, depois por Moisés, Lev 7, 26. 27, que se não comesse sangue algum, ou êle estivesse ainda no corpo dos animais, ou fosse já derramado. Que para se não comer nunca sangue, é que os Apóstolos quiseram que fosse também proibido o alimento com as carnes sufocadas, isto é, com as carnes de animais mortos por se lhes tirar a respiração. A razão, que obrigou aos Apóstolos a permitir, é ainda a mandar que se guardassem êstes preceitos da Lei velha, foi por conservar em paz e boa harmonia os judeus com os gentios, e com observância destes poucos enterrar (como diz Santo Agostinho) honradamente a Sinagoga, que com

Atos dos Apóstolos 15, 31-38

31 A qual, tendo êles lido, se encheram de contentamento pela consolação que lhes causou.

32 E Judas e Silas, como também profetas que eram, consolaram com muitas palavras aos irmãos, e os confirmaram na Fé.

33 E tendo-se demorado ali por algum tempo, foram remetidos em paz pelos irmãos, aos que lhos tinham enviado.

34 A Silas, contudo, pareceu bem ficar ali, e Judas foi só para Jerusalém.

35 E Paulo e Barnabé se demoravam em Antioquia, ensinando e pregando com outros muitos a palavra do Senhor.

36 E, dali a alguns dias, disse Paulo a Barnabé: 'Tornemos a ir visitar os irmãos por tôdas as cidades em que temos pregado a palavra do Senhor, para ver como se portam.

37 E Barnabé queria também levar consigo a João, que tinha por sobrenome Marcos.

38 Mas Paulo lhe rogava, tendo por justo que (pois se havia separado dêles desde Panfília, e não havia ido com êles à obra) não devia ser admitido.

a Lei da Graça acabava. Porque de feito êste decreto só era para obrigar até certo tempo. Pois já no de Santo Agostinho (segundo êle atesta nos Livros contra Fausto) se davam muitos Católicos por desobrigados dele, como há muitos séculos o estão todos. O metem os Apóstolos nesta classe a impureza não foi porque ela não fosse sempre de sua natureza má e sempre proibida, mas sim porque entre os gentios não passava a impureza por um grande pecado.

39 E houve tal desavença entre êles que se separaram um do outro, e assim Barnabé, levando consigo a Marcos, navegou para Chipre.

40 E Paulo, tendo escolhido a Silas, partiu, encomendado pelos irmãos à graça de Deus.

41 E andava pela Síria e pela Cilícia, confirmando as igrejas, ordenando-lhes que guardassem os Cânones dos Apóstolos e dos Presbíteros.

CAPÍTULO 16

PAULO CIRCUNCIDA A TIMÓTEO, O ESPÍRITO SANTO O DESVIA DA ÁSIA E DA BITÍNIA, E O CHAMA A MACEDÔNIA. CHEGA A FILIPOS, ONDE CONVERTE A LÍDIA, MULHER QUE VENDIA PÚRPURA, E EXPELE DUMA PITONISA O ESPÍRITO MALIGNO. LEVANTA-SE O POVO CONTRA ELE. É AÇOITADO E METIDO EM PRISÃO COM SILAS. ABRE-SE-LHE A PRISÃO DE NOITE. CONVERTE-SE O CARCEREIRO. OS MAGISTRADOS O MANDAM SOLTAR. E PAULO OS OBRIGA A SEREM ÊLES MESMOS OS QUE O FAÇAM.

1 E chegou a Derbe e a Listra. E eis que havia ali um discípulo por nome Timóteo, filho de uma mulher fiel de Judéia, de pai gentio.

2 Dêste davam bom testemunho os irmãos que estavam em Listra, e em Icônia.

3 Quis Paulo que êste fosse em sua companhia, e tomando-o o circuncidou por causa dos judeus que havia naqueles lugares. Porque todos sabiam que seu pai era gentio. (1)

(1) **O CIRCUNCIDOU POR CAUSA DOS JUDEUS** — Os quais de aditos que eram ainda à Lei de Moisés, não o queriam dou-

Atos dos Apóstolos 16, 4-8

4 E quando passavam pelas cidades, lhes ensinavam que guardassem os decretos que haviam sido estabelecidos pelos Apóstolos e pelos Presbíteros, que estavam em Jerusalém. (2)

5 E, com efeito, as igrejas eram confirmadas na Fé, e cresciam em número cada dia.

6 E atravessando a Frígia, e a província de Galácia, foram proibidos pelo Espírito Santo de anunciarem a palavra de Deus na Ásia. (3)

7 E tendo chegado a Mísia, intentavam passar a Bitínia: Mas o Espírito de Jesus lho não permitiu. (4)

8 E depois de haverem atravessado a Mísia, baixaram a Tróade: (5)

tra sorte por Bispo, porque não tinham decretado que ela fosse ilícita, mas somente desnecessária.

(2) **QUE GUARDASSEM OS DECRETOS** — Daqui se confirma que os Bispos têm autoridade de fazer Constituições, a que os fiéis sejam obrigados a obedecer.

(3) **FORAM PROIBIDOS PELO ESPÍRITO SANTO** — Ou porque uns não estavam ainda dispostos, ou porque outros mereciam que Deus os deixasse morrer na infidelidade. — S. Gregório Magno.

NA ÁSIA — Na Ásia Menor, tomada não em toda a sua extensão, que compreendia a Galácia, a Frígia, a Pisídia, a Licaônia, a Panfília, onde S. Paulo já tinha pregado, mas contraindo a Ásia, mais especial, cuja Metrópole era Éfeso, e a Província Jônia. — Calmet.

(4) **MÍSIA** — Província da Ásia Menor, que fazia parte da Ásia proconsular.

BITÍNIA — Outra província da Ásia Menor.

(5) **TRÓADE** — Cidade e porto de mar perto de Helesponto.

9 E de noite foi representada a Paulo esta visão: Achava-se ali em pé um homem macedônio, que lhe rogava e dizia: Tu passando a Macedônia ajuda-nos.

10 E assim que teve esta visão, procuramos logo partir para Macedônia, certificados de que Deus nos chamava a lhes irmos pregar o Evangelho.

11 Tendo-nos pois embarcado em Tróade, viemos em direitura a Samotrácia e ao outro dia a Nápoles: (6)

12 E daí a Filipos, que é uma colônia e cidade principal daquela parte da Macedônia. E nesta cidade nos detivemos alguns dias, conferindo. (7)

13 E um dia dos sábados saímos fora da porta junto ao rio, onde parecia que se fazia oração: E assentando-nos ali, falavamos às mulheres que haviam concorrido.

14 E uma mulher, por nome Lídia, da cidade dos Tiatirenos, que comerciava em púrpura, serva de Deus, ouviu: O Senhor lhe abriu o coração, para atender àquelas coisas que por Paulo eram ditas. (8)

(6) **E AO OUTRO DIA A NÁPOLES** — Não a Nápoles de Itália, mas a Nápoles de Macedônia, na rala da Trácia. — Calmet.

(7) **QUE É UMA COLÔNIA** — As medalhas de Cláudio a intitulam — COLONIA AVGUSTA, JULIA PHILIPPENSIS. — Calmet.

(8) **QUE COMERCIAVA EM PÚRPURA** — Isto é, sedas ou lã, tinta de púrpura. — Calmet.

PARA ATENDER ÀQUELAS COISAS — Isto é, para se deixar penetrar da doutrina de Paulo. Porque ter ouvidos de ouvir, como se diz no Evangelho, é feito que só o pode ser da Divina Graça, por ser só ela a que tira a nossa surdez e dureza. — Pereira.

Atos dos Apóstolos 16, 15-21

15 E tendo sido batizada, ela e a sua família, fez esta deprecação dizendo: Se haveis feito juízo de que eu sou fiel ao Senhor, entrai em minha casa, e pousai nela. E nos obrigou a isso.

16 Aconteceu, pois, que indo nós à oração, nos encontrou uma moça que tinha o espírito de Piton, a qual com as suas adivinhações dava muito lucro a seus amos. (9)

17 Esta, seguindo a Paulo e a nós, gritava, dizendo: Êstes homens são servos do Deus Excelso, que vos anunciam o caminho da salvação.

18 E isto fazia muitos dias. Mas Paulo indignando-se já, tendo-se voltado para ela, disse ao espírito: Eu te mando em nome de Jesus Cristo, que saias desta mulher. E ele na mesma hora saiu.

19 E vendo seus amos que se lhes tinha acabado a esperança do seu lucro, pegando em Paulo e em Silas os levaram à praça, aos do govêrno:

20 E apresentando-os aos magistrados, disseram: Êstes homens amotinam a nossa cidade, porque são judeus:

21 E pregam um modo de vida que a nós não nos é lícito receber, nem praticar, sendo romanos.

(9) **QUE TINHA O ESPÍRITO DE PITON** — Piton em hebreu significa serpente, ou áspide. E este nome davam os gregos a Apolo, em memória da serpente que fabulavam que ele matara. Como pelos ídolos de Apolo, e principalmente pelo que se adorava em Delfos é que o demônio costumava dar os seus oráculos, chamavam os gentios Pitonisas àquelas mulheres que, a imitação das sacerdotisas de Apolo Delfico, respondiam, como inspiradas, às consultas que lhes faziam.

22 E acudiu o povo, pondo-se contra êles: E os magistrados, rasgados os vestidos dêles, mandaram que fossem açoitados com varas.

23 E depois de muito bem os terem fustigado, meteram-nos numa prisão mandando ao carcereiro que os tivesse a bom recato.

24 Êle tendo recebido uma ordem tal como esta, os meteu em um segredo e lhes apertou os pés no cêpo.

25 Mas à meia-noite, postos em oração, Paulo e Silas louvaram a Deus: E os que estavam na prisão os ouviam.

26 E súbitamente se sentiu um terremoto tão grande, que se moveram os fundamentos do cárcere. E se abriram logo tôdas as portas: E foram soltas as prisões de todos.

27 Tendo pois espertado o carcereiro, e vendo abertas as portas do cárcere, tirando da espada queria matar-se, cuidando que eram fugidos os presos.

28 Mas Paulo lhe bradou mui de rijo, dizendo: Não te faças nenhum mal: Porque todos aqui estamos.

29 Então tendo pedido luz, entrou dentro: E todo tremendo se lançou aos pés de Paulo e de Silas:

30 E tirandô-os para fora, disse-lhes: Senhores, que é necessário que eu faça, para me salvar?

31 E êles lhe disseram: Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua família.

32 E lhe pregaram a palavra do Senhor, e a todos os que estavam em sua casa.

33 E tomando-os naquela mesma hora da noite, lhes lavou as chagas: E imediatamente foi batizado êle e tôda a sua família.

Atos dos Apóstolos 16, 34-40; 17, 1

34 E havendo-os levado a sua casa, lhes pôs a mesa e se alegrou com todos os da sua casa, crendo em Deus.

35 E quando foi dia, lhe enviaram a dizer os magistrados pelos litores: Deixa ir livres êsses homens.

36 E o carcereiro fez aviso desta ordem a Paulo: Já os magistrados mandarani que sejais postos em liberdade; agora, pois saindo daqui, ide em paz.

37 Então Paulo lhes disse: Açoitados públicamente seni forma de juízo, sendo romanos, nos meteram no cárcere e agora nos lançam fora em segredo? Não será assim: Mas venham.

38 E tirem-nos êles mesmos. E os litores deram parte destas palavras aos magistrados: E êstes temerani quando ouviram que eram romanos.

39 E vindo lhes pediram perdão, e tirando-os lhes rogavam que saíssem da cidade.

40 Saindo pois do cárcere, entraram em casa de Lídia: E como viram aos irmãos, os consolaram e logo partiram.

CAPÍTULO 17

VAI PAULO A TESSALÔNICA, DEPOIS A BERÉIA. É PERSEGUIDO DOS JUDEUS. VEM A ATENAS. PREGA NO AREÓPAGO, ONDE CONVERTE A DIONISIO AREOPAGITA E A MUITOS OUTROS.

1 E tendo passado por Anfípolis e Apolônia, chegaram a Tessalônica, onde havia uma Sinagoga de judeus. (1)

(1) **ANFÍPOLIS** — Cidade da Macedônia sôbre o Strimon, colônia ateniense, metrópole sob a dominação romana da primeira subdivisão da Macedônia.

2 E Paulo entrou a êles, segundo o seu costume, e por três sábados disputou com êles sôbre as Escrituras.

3 Declarando e mostrando que havia sido necessário que Cristo padecesse e ressurgisse dos mortos: E êste, dizia, é o Jesus Cristo que eu vos anuncio.

4 E alguns dêles creram e se agregaram a Paulo e a Silas, como também uma grande multidão de prosélitos e de gentios, e não poucas mulheres de qualidade.

5 Porém os judeus levados de zêlo e fazendo seus alguns da escória do vulgo, maus homens, e com esta gente junta amotinaram a cidade: E, bloqueando a casa de Jason, procuravam apresentá-los ao povo. (2)

6 E como os não tivessem achado, trouxeram por força a Jason e a alguns irmãos, à presença dos magistrados da cidade, dizendo a gritos: Êstes são pois os que amotinam a cidade, e vieram a ela.

7 Aos quais recolheu Jason, e êles todos são rebeldes aos decretos de César, sustentando que há um outro Rei, que é Jesus. (3)

8 E amotinaram ao povo e aos principais da cidade ao ouvirem estas coisas.

APOLÔNIA — Outra cidade da Macedônia, no deserto de Midônia, dedicada a Apolo.

(2) **LEVADOS DE ZÊLO** — De zêlo falso, de ciume, ou, como verteu Amelote, de inveja.

JASON — Era provavelmente irmão de S. Paulo.

(3) **E ELES TODOS SÃO REBELDES AOS DECRETOS DE CÉSAR** — Para saírem com a sua, não fundaram estes maus judeus a calúnia sôbre ponto de Religião, porque esta desprezariam facilmente os gentios; fundaram-na sobre um crime de Estado, crime suposto, e facil de diluir, mas que podia revoltar o povo e os magistrados. — Calmet.

Atos dos Apóstolos 17, 9-16

9 Mas depois que Jason e os outros deram caução, os deixaram ir. (4)

10 E os irmãos, logo que chegou a noite, enviaram a Paulo e a Silas a Beréia. Os quais tendo lá chegado, entraram na Sinagoga dos judeus. (5)

11 Êstes pois eram mais generosos do que aquêles que se acham em Tessalônica, os quais receberam a palavra com ansioso desejo, indagando todos os dias nas Escrituras, se estas coisas eram assim.

12 De sorte que foram muitos dentre êles os que creram, e dos gentios muitas mulheres nobres, e não poucos homens.

13 Porém como os judeus de Tessalônica soubessem que também em Beréia tinha sido pregada por Paulo a palavra de Deus, foram também lá comover e sublevar o povo:

14 E logo então os irmãos deram modo a que Paulo se retirasse e fosse para a parte do mar, porém Silas e Timóteo ficaram ali.

15 E os que acompanhavam Paulo, o levaram até Atenas, e depois de haverem dêle recebido ordem para dizerem a Silas e a Timoteo que muito à pressa viessem a êle, partiram logo.

16 E enquanto Paulo os esperava em Atenas, o seu espírito se sentia comovido em si mesmo, vendo a cidade toda entregue à idolatria.

(4) **DERAM CAUÇÃO** — Isto é, obrigaram-se a dar conta de Paulo e de Silas em sendo necessário. O que não foi, porque êles se ausentaram para Beréia. — Calmet.

(5) **BERÉIA** — Cidade da terceira subdivisão da Macedônia, perto de Pelo, junto ao monte Bérnio.

17 Disputava, portanto, na Sinagoga com os judeus e prosélitos, e na praça todos os dias com aquêles que se achavam presentes.

18 E alguns filósofos epicúreus e estóicos disputavam com êle, e uns diziam: Que quer dizer êsse paroleiro? E outro: Parece que é pregador de novos deuses: Porque lhes anunciava a Jesus, e a Ressurreição.

19 E depois de pegarem nêle, o levaram ao Areópago, dizendo: Podemos nós saber que nova doutrina é essa que pregas? (6)

20 Porque nos andas metendo pelos ouvidos umas coisas tôdas novas para nós: Queremos pois saber que vem a ser isto.

21 (E todos os atenienses, e os forasteiros ali assistentes, não se ocupavam noutra coisa senão em dizer ou em ouvir alguma coisa de novo.)

22 Paulo, pois, posto em pé no meio do Areópago, disse: Varões atenienses, em tudo e por tudo vos vejo um pouco excessivos no culto da vossa religião.

23 Pois indo passando, e vendo os vossos simulacros, achei também um altar, em que se achava esta letra: Ao Deus desconhecido. Pois aquêle Deus que vós adorais sem o conhecer, êsse é de fato o que eu vos anuncio. (7)

(6) **O LEVARAM AO AREÓPAGO** — Areópago em grego quer dizer outeiro de Marte, porque no mais alto da cidade, Areópago de Atenas, junto ao templo daquele falso Deus, era o tribunal supremo, a que por isso deram o mesmo nome. Os seus juizes eram perpétuos e nele se sentenciavam todos os grandes negócios da religião e do estado. — *Amelote*,

(7) **AO DEUS DESCONHECIDO** — Pausânias, na sua descrição de Atenas, diz que o altar do Deus desconhecido ficava perto de Falério, onde naturalmente S. Paulo tinha desembarcado.

24 Deus, que fez o mundo, e tudo o que nêle há, sendo êle o Senhor do Céu, e da terra, não habita em templos feitos pelos homens.

25 Nem é servido por mãos de homens, como se necessitasse de alguma criatura, quando êle mesmo é o que dá a todos a vida, e a respiração, e todas as coisas:

26 E de um só fez todo o gênero humano, para que habitasse sôbre tôda a face da terra, assinando a ordem dos tempos, e os limites da sua habitação:

27 Para que buscassem a Deus, se porventura o pudessem tocar, ou achar, ainda que não esteja longe de cada um de nós.

28 Porque nêle mesmo vivemos, e nos movemos, e existimos: Como ainda disseram alguns de vossos poetas: Porque dêle também somos linhagem. (8)

29 Sendo nós pois linhagem de Deus, não devemos pensar que a divindade é semelhante ao ouro, ou à prata, ou à pedra lavrada por arte e indústria de homem.

30 E Deus, dissimulando por certo os tempos desta ignorância, denuncia agora aos homens que todos em todo o lugar façam penitência,

31 pelo motivo de que êle tem determinado um dia em que há de julgar o mundo, conforme a justiça, por

(8) COMO AINDA DISSERAM ALGUNS DE VOSSOS POETAS — S. Paulo nalguns poetas, que ele cita, é Arato nos seus fenômenos, e Eleanto, discípulo de Zeneo.

PORQUE DELE TAMBÉM — Este é um hemistiquio do já mencionado Arato. — Pereira.

aquêle varão que destinou para juiz, do que dá certeza a todos ressuscitando-o dentre os mortos.

32 E quando ouviram a ressurreição dos mortos, uns na verdade faziam zombaria, e outros disseram: Outra vez te ouviremos sôbre este assunto.

33 Assim saiu Paulo do meio dêles.

34 Todavia alguns varões agregando-se a êle abraçaram a fé: Entre os quais foi não só Dionísio areopagita, mas também uma mulher por nome Damáris, e com êles outros. (9)

CAPÍTULO 18

PAULO EM CORINTO TRABALHA DE MÃOS. DEIXA OS JUDEUS POR IR INSTRUIR OS GENTIOS. É LEVADO ANTE O PROCÔNSUL. VAI A SÍRIA, DAÍ A JERUSALÉM, DAÍ A GALÁCIA, E A FRÍGIA. APOLO É INSTRUIDO DE PRISCILA E DE ÁQUILA.

1 Depois disto, havendo saído Paulo de Atenas, chegou a Corinto. (1)

2 E achando ali um judeu por nome Áquila, natural do Ponto, que pouco antes havia chegado de Itália, e

(9) **DIONÍSIO AREOPAGITA** — Isto é, o juiz do tribunal do Areópago, segundo a tradição da Igreja foi o primeiro bispo de Paris, martirizado em Montmartre. Em sua honra erigiu El-Rei D. Diniz o famoso mosteiro de Odivelas, perto de Lisboa.

DAMÁRIS — Era pessoa de alta categoria.

(1) **CORINTO** — Cidade capital de Acala, no istmo de Peloponeso, entre o mar Jônio e Egeu.

Atos dos Apóstolos 18, 3-8

a Priscila sua mulher (pelo motivo de que tinha mandado Cláudio sair de Roma a todos os judeus) se uniu a êles. (2)

3 E porquanto era do seu mesmo ofício, estava com êles, e trabalhava: (Porque o ofício dêles era o de fazer tendas de campanha.) (3)

4 E disputava todos os sábados na Sinagoga, fazendo entrar nos seus discursos o nome do Senhor Jesus, e convencia aos judeus e aos gregos.

5 E quando vieram de Macedônia Silas e Timóteo, Paulo instava com a sua pregação, dando testemunho aos judeus de que Jesus era o Cristo.

6 Mas como êles contradissem, e blasfemassem, sacudindo êle os seus vestidos, lhes disse: O vosso sangue seja sobre a vossa cabeça: Eu estou limpo, desde agora me vou para os gentios.

7 E saindo dali, entrou em casa de um chamado Tito Justo, temente a Deus, cuja casa vizinhava com a Sinagoga.

8 E Crispo, que era o príncipe da Sinagoga, creu no Senhor com todos os da sua casa: E muitos dos coríntios, ouvindo-o, criam e eram batizados.

(2) **AQUILA** — De origem judaica, nascido na Ásia Menor, no Ponto, viveu em Roma, com sua mulher Priscila, até ao ano 50, em que Cláudio expulsou os judeus de Roma. Priscila é o diminutivo de Prison. Acompanharam mais tarde S. Paulo a Efeso voltando a Roma.

(3) **O DE FAZER TENDAS DE CAMPANHA** — Este ofício reconheceu Santo Agostinho no livro *Da obra dos Monges*, onde expõe assim o presente texto: *Propter artis similitudinem mansit apud illos, opus faciens: erant enim tabernaculorum artifices.* A semelhança da arte o fez ficar, e trabalhar com êle, porque eram artífices de fazer tendas. Estas tendas eram pa-

9 Ora de noite em visão disse o Senhor a Paulo: Não temas, mas fala, e não te cales.

10 Porque eu sou contigo, e ninguém se chegará a ti para te fazer mal, porque tenho muito povo nesta cidade.

11 E se deteve ali um ano, e seis meses, ensinando entre êles a palavra de Deus.

12 Mas sendo procônsul de Acaia, Galião, os judeus de comum acôrdo se levantaram contra Paulo, e o levaram ao tribunal, (4)

13 dizendo: Êste pois contra a lei persuade aos homens que sirvam a Deus.

14 E como Paulo começasse a abrir a sua bôca, disse Galião aos judeus: Se isto fosse na realidade algum agravo, ou enormíssimo crime, eu vos ouviria, ó varões judeus, conforme o direito.

15 Mas se são questões de palavra, e de nomes, e da vossa lei, vêde-o vós lá: Porque eu não quero ser juiz destas coisas.

16 E assim os mandou sair do tribunal.

ra soldados e viandantes. Nem a isto se opõe o escreverem S. João Crisóstomo e Teodoreto, que S. Paulo cortava, ou talhava peles. Porque de peles com efelto eram as barracas, que se faziam para o inverno. Por onde, na frase de Títo Lívio, esse *sub pellibus*, é estarem os soldados alojados em barracas de inverno. — Pereira.

(4) **GALIAO** — Era irmão de Sêneca e tio de Lucano, morreu em 65.

Atos dos Apóstolos 18, 17-24

17 Então êles toços, lançando mão de Sóstenes, cabeça da Sinagoga, lhe davam pancadas diante do tribunal: E a Galião nada disto lhe dava cuidado.

18 Mas Paulo havendo permanecido ali ainda muitos dias, despedindo-se dos irmãos, navegou para a Síria (e com êle Priscila e Áquila) depois de se ter feito cortar o cabelo em Cêncris: Porque tinha voto. (5)

19 E chegou a Éfeso, e os deixou ali. E tendo êle entrado na Sinagoga, disputava contra os judeus.

20 E rogando-lhe êles que ficasse ali mais tempo, não consentiu nisso.

21 Mas despedindo-se dêles, e dizendo-lhes: Outra vez, querendo Deus, voltarei a vós, partiu de Éfeso.

22 E descendo a Cesaréia, subiu a Jerusalém e saudou aquela Igreja, e logo passou a Antioquia. (6)

23 E havendo estado ali por algum tempo, partiu, atravessando por sua ordem a terra de Galácia e a Frígia, fortalecendo a todos os Discípulos. (7)

24 E veio a Éfeso um judeu por nome Apolo, natural de Alexandria, homem eloquente, mui versado nas Escrituras.

(5) **DEPOIS DE SE TER FEITO CORTAR O CABELO EM CÊNCRIS** — A cerimônia de cortar o cabelo, quem se consagrava a Deus por algum voto, era tomada do que se mandara dos Nazarenos no Livro dos Num 6, 18. O que S. Paulo, segundo os Santos Padres, executou em si, para mostrar aos judeus que êle tanto não reprovava a Lei, que antes a observava, ainda quando esta observância era já desnecessária.

(6) **SUBIU A JERUSALÉM** — Esta viagem de S. Paulo a Jerusalém era a quarta que fazia depois da sua conversão.

(7) **GALACIA** — Província do centro da Ásia Menor.

25 Este era instruído no caminho do Senhor: E falava com fervor de espírito e ensinava com diligência o que pertencia a Jesus, conhecendo somente o batismo de João.

26 Este pois começou a falar com liberdade na Sinagoga. Quando Priscila e Áquila o ouviram, o levaram consigo e lhe declararam mais particularmente o caminho do Senhor.

27 E querendo êle ir a Acaia, havendo-o animado a isso os irmãos, escreveram aos Discípulos que o recebessem. Êle, tendo ali chegado, foi de muito proveito para aquêles que haviam crido.

28 Porque com grande veemência convencia publicamente aos judeus; mostrando-lhes, pelas Escrituras, que Jesus era o Cristo.

CAPÍTULO 19

TORNA PAULO A ÉFESO, BATIZA OS DISCÍPULOS, QUE SÓ TINHAM RECEBIDO O BATISMO DE JOÃO. FAZ CURAS EXTRAORDINÁRIAS. EXORCISTAS JUDEUS. OS GREGOS CONVERTIDOS CONFESSAM SEUS PECADOS, E QUEIMAM OS LIVROS DA ARTE MÁGICA. OS OURIVES SUBLEVAM OS EFÊSIOS CONTRA PAULO. O MAGISTRADO OS AQUIETA.

1 E aconteceu que, estando Apolo em Corinto, Paulo, depois de haver atravessado as altas províncias da Ásia, veio a Éfeso e achou alguns Discípulos: (1)

(1) **AS ALTAS PROVÍNCIAS DA ÁSIA** — Isto é, a Galácia e a Frígia. — Pereira.

Atos dos Apóstolos 19, 2-9

2 E lhes disse: Vós recebestes já o Espírito Santo quando abraçastes a Fé? E eles lhe responderam: Antes nós nem sequer temos ainda ouvido se há Espírito Santo. (2)

3 E ele lhes disse: Em que batismo logo fostes vós batizados? Eles disseram: No batismo de João.

4 Então disse Paulo: João batizou ao povo com batismo de penitência, dizendo: Que crêsem naquele que havia de vir depois dêle, isto é, em Jesus:

5 Ouvindo isto, foram batizados em nome do Senhor Jesus.

6 E havendo-lhes Paulo imposto as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo e falavam em diversas línguas e profetizavam.

7 E eram por todos algumas doze pessoas.

8 Tendo pois entrado dentro da Sinagoga, falou com liberdade por espaço de três meses, disputando e persuadindo-os acerca do reino de Deus.

9 Mas como alguns se endurecessem, e não crêsem, desacreditando o caminho do Senhor diante da multidão,

(2) **VÓS RECEBESTES JÁ O ESPÍRITO SANTO** — S. Paulo, vendo que estes homens faziam profissão do Cristianismo, não entrou em dúvida do seu batismo. Mas como a este se costumava seguir a confirmação, e em Éfeso não havia Apóstolo, nem bispo que a desse, (porque só Apóstolos, ou bispos a davam) somente se informa, se tinham já recebido este sacramento. E o significar o Apóstolo o Sacramento da Confirmação pelo nome do Espírito Santo, foi porque nos primeiros tempos da Igreja era a recepção dêle ordinariamente seguida de graças sobrenaturais, que serviam como de penhores e símbolos da presença interior do Divino Espírito.

apartando-se dêles, separou os Discípulos, disputando todos os dias na escola de um certo Tirano.

10 E isto foi por dois anos, de tal maneira que todos os que moravam na Ásia, ouviram a palavra do Senhor, judeus, e gentios.

11 E Deus fazia milagres, não quaisquer, por mão de Paulo:

12 Chegando êstes a tal extremo, que até sendo aplicados aos enfermos os lenços e aventais, que tinham tocado no corpo de Paulo, não só fugiam dêles as doenças, mas também os espíritos malignos se retiravam. (3)

13 Ora também alguns dos exorcistas judeus que andavam de terra em terra, tentaram invocar o nome do Senhor Jesus sôbre os que se achavam possessos dos malignos espíritos, dizendo: Eu vos conjuro por Jesus, a quem Paulo prega.

14 E os que faziam isto eram uns sete filhos de certo judeu, príncipe dos sacerdotes, chamado Sceva. (4)

15 Mas o espírito maligno respondendo, lhes disse: Eu conheço a Jesus e sei quem é Paulo: Mas vós quem sois?

16 E o homem, no qual estava um espírito maligníssimo, saltando sôbre êles e apoderando-se de ambos, pre-

(3) **OS LENÇOS E AVENTAIS** — Lenços, ou de atar a cabeça, ou de limpar o rosto. Aventais, dos que usam os artífices nas suas oficinas para resguardo.

(4) **SCEVA** — Era príncipe dos sacerdotes, naturalmente chefe das vinte e quatro famílias sacerdotais.

Atos dos Apóstolos 19, 17-22

valeceu contra êles, de tal maneira que nus, e feridos, fugiram daquela casa.

17 E êste caso se fêz notório a todos os judeus e gentios que habitavam em Êfeso, e caiu sôbre todos. êles grande temor, e o nome do Senhor Jesus era engrandecido.

18 E muitos dos que haviam crido vinham confessando e denunciando as suas obras.

19 Muitos também daqueles que tinham seguido as artes vãs, trouxeram juntos os seus livros e os queimaram diante de todos e, calculando o seu valor, acharam que montava a cinqüenta mil dinheiros. (5)

20 Dêste modo crescia muito, e tomava novas fôrças a palavra de Deus.

21 E concluidas estas coisas, propôs Paulo, por instinto do Espírito Santo, ir a Jerusalém depois atravessar a Macedônia e a Acaia, dizendo: Porque depois que eu estiver ali, é necessário que também eu veja Roma.

22 E enviando a Macedônia dois dos que lhe ministravam, Timóteo, e Erasto, ainda êle mesmo se demorou algum tempo na Ásia. (6)

(5) **QUE TINHAM SEGUIDO AS ARTES VÃS** — Entende-se a arte mágica, e as outras que confinam com ela, como a astrologia Judiciária, e a Genetliaca, condenada pelos nossos Santos Padres no primeiro Concílio de Toledo e no primeiro de Braga, e depois por Santo Isidoro de Sevilha nas suas Origens. Era tanta a voga da mágica, que às formulas mágicas usadas no Oriente, e que consideravam Amuletos, chamavam Cartas Efésias.

(6) **ERASTO** — Provavelmente é o mesmo a que se refere a segunda Epístola a Timóteo.

23 Mas neste tempo se excitou um não muito pequeno tumulto a respeito do caminho do Senhor.

24 Porque um ourives da prata, por nome Demétrio, que fazia de prata uns nichos de Diana, dava não pouco que ganhar aos artifices. (7)

25 Aos quais convocando êle e a outros, que trabalhavam em semelhantes obras, disse: Varões, vós sabeis que o nosso ganho nos resulta dêste artifício:

26 E estais vendo e ouvindo, que não só em Éfeso, mas em quasi tôda a Ásia, êste Paulo com as suas persuações aparta do nosso culto muitas gentes, dizendo: Que não são deuses os que são feitos por mãos de homens.

27 Pelo que não sòmente correrá perigo de que esta nossa profissão venha a ficar em descrédito, senão que também o Templo da grande Diana será tido em nada e até começará a cair por terra a majestade daquela a quem tôda a Ásia e o mundo adora.

28 Ouvindo isto, se encheram de ira e levantaram um grito, dizendo: Viva a grande Diana dos efésios.

(7) **QUE FAZIA DE PRATA UNS NICHOS DE DIANA** — Que representavam em pequeno o Templo e a Deusa. Êste Templo de Éfeso era uma das sete maravilhas do mundo, em cuja fábrica se gastaram duzentos e vinte anos, correndo tôdas as despesas por conta da Ásia Menor. Os principais arquitetos foram Teodoro e Quenifron. Tinha de comprido quatrocentos e vinte e cinco pés, e de largo duzentos e vinte. Dentro deste âmbito havia duas ordens de colunas de 60 pés, que tôdas juntas faziam o número de cento e vinte sete, dada cada uma por seu rei, e trinta e seis delas obra de alto relêvo, com figuras excelentes. O que era de madeira, tudo era de cedro. E estava todo o Templo ornado de riquíssimos donativos e de primorosas estátuas. Tôda esta relação devemos a Vitório, no Livro 3. Cap. 10. A Diana de Éfeso differia da Grega.

Atos dos Apóstolos 19, 29-37

29 E se encheu tôda a cidade de confusão e todos à uma arremeteram ao teatro, arrebatando a Gaio e a Aristarco, macedônios, companheiros de Paulo.

30 E querendo Paulo apresentar-se ao povo, os Discípulos o não deixaram.

31 E alguns até dos principais da Ásia, que eram seus amigos, lhe enviaram a rogar que não se apresentasse no teatro:

32 E outros levantavam outro grito. Porquanto aquela concorrência de povo estava ali confusa: E os mais dêles não sabiam o porque se haviam ajuntado.

33 E tiraram a Alexandre dentre aquela turba, levando-o a empurrões os judeus. E Alexandre, pedindo silêncio com a mão, queria dar satisfação ao povo.

34 Quando conheceram que êle era judeu, todos a uma voz gritaram pelo espaço de quase duas horas: Viva a grande Diana dos efésios.

35 Então o escrivão, tendo apaziguado a gente, disse: Vârões de Êfeso, quem há pois dentre todos os homens que não saiba que a cidade de Êfeso é honradora da grande Diana e filha de Júpiter? (8)

36 E porquanto isto se não pode contradizer, convém que vos sossegueis e que nada façais inconsideradamente.

37 Porque êstes homens, que vós fizestes vir aqui, nem são sacrílegos, nem são blasfemadores da vossa deusa.

(8) **O ESCRIVÃO** — Era um funcionário público encarregado da redação e guarda dos atos administrativos.

38 Mas se Demétrio e os oficiais que estão com ele têm alguma queixa contra algum, audiências públicas se dão, e procônsules há; acusem-se uns a outros.

39 E se pretendeis alguma coisa sôbre outros negócios: Em legítimo ajuntamento se poderá despachar.

40 Porque até corremos risco de sermos arguidos pela sedição de hoje, não havendo nenhuma causa (de que possamos dar razão) dêste concurso. E havendo dito isto, despediu o congresso.

CAPÍTULO 20

PAULO EM TRÓADE. RESSUSCITA UM MOÇO QUE TINHA CAIDO DO TERCEIRO ANDAR. PREGA O EVANGELHO EM DIVERSAS PARTES. SAI DA ÁSIA COM GRANDE SENTIMENTO DOS FIEIS.

1 E depois que cessou o tumulto, chamando Paulo aos discípulos, e fazendo-lhes uma exortação, se despediu dêles, e se pôs a caminho para ir a Macedônia.

2 E depois de haver andado aquelas terras e de os ter exortado ali com muitas palavras, veio à Grécia,

3 onde, havendo estado três meses, lhe foram armadas ciladas pelos judeus, estando ele para navegar para a Síria: E assim tomou a resolução de voltar por Macedônia.

4 E acompanhou-o Sopatro de Beréia, filho de Pírrro, e dos de Tessalônica Aristarco, e Secundo, e, Gaio de Derbe, e Timóteo: E dos da Ásia Tíquico e Trófimo. (1)

(1) **SOPATRO** — O mesmo que Soipatro, parente de S. Paulo, **Rom 16, 21.**

SECUNDO — É desconhecido, como Gaio Fíquico, e foi o portador das epístolas.

Ato dos Apóstolos 20, 5-13

5 Estes, tendo partido adiante, nos esperaram em Tróade.

6 E nós, depois dos dias dos asmos, nos fizemos à vela desde Filipos, e fomos em cinco dias ter com eles a Tróade, onde nos detivemos sete.

7 Ora, no primeiro dia da semana, tendo-nos nós ajuntado os discípulos a partir o pão, Paulo, que havia de fazer jornada ao dia seguinte, disputava com eles e foi alargando o discurso até à meia-noite.

8 E havia muitas lâmpadas no cenáculo, onde estávamos congregados.

9 E um mancebo, por nome Eutico, que estava assentado sobre uma janela, como fosse tomado de um profundo sono, enquanto Paulo ia prolongando o seu discurso, vencido já do sono, caiu abaixo desde o terceiro andar da casa e foi levantado morto. (2)

10 Para socorrer o qual, havendo Paulo descido, se recostou sobre ele, e, tendo-o abraçado, disse: Não vos perturbeis, porque a sua alma nêle está.

11 E subindo, partindo o pão, e comendo, ainda lhes falou largamente até que foi de dia, depois disto partiu.

12 E levaram vivo ao mancebo, de que receberam não mui pequena consolação.

13 Nós, porém, metendo-nos num navio navegamos até Asson para recebermos ali a Paulo, pois assim o havia elle disposto, devendo fazer a viagem por terra. (3)

(2) **EUTICO** — Este nome significa afortunado.

(3) **ASSON, OU ASSOS** — Porto de mar da Mísia, em frente de Lesbos, a nove milhas romanas da cidade de Tróas.

14 E tendo-se ajuntado conosco em Asson, depois de o tomarmos, fomos a Mitilene. (4)

15 E continuando dali a nossa derrota, chegamos ao seguinte dia bem defronte de Chio, e no outro aportamos em Samos, e no dia seguinte chegamos a Mileto. (5)

16 Porque Paulo havia determinado passar adiante de Éfeso, por se não demorar na Ásia. Apressava-se pois, se possível lhe fosse, por celebrar em Jerusalém o dia de Pentecostes. (6)

17 E enviando desde Mileto a Éfeso, chamou aos anciãos da igreja. (7)

18 Aos quais, depois de virem ter com êle, e estando todos juntos, lhes disse: Vós sabeis, desde o primeiro dia que entrei na Ásia, de que modo me tenho portado convosco por todo esse tempo,

(4) **MITILENE** — Capital de Lesbos, ao sul da Uha, no mar Egeu, hoje Metelim, célebre outrora pela sua riqueza, magnífica situação e superior cultura literaria dos seus habitantes.

(5) **CHIO** — Ilha do mar Egeu, entre Lesbos e Samos, perto da Lídia.

SAMOS — Ilha do mar Egeu, perto do continente e de Éfeso.

MILETO — Ao sul de Éfeso, antiga capital da Jônia, perto da foz do Meandro, hoje completamente arruinada. Tinha quatro portos e fundou um grande número de colônias.

(6) **NA ÁSIA** — Na Ásia proconsular.

(7) **ANCIÃOS DA IGREJA** — Este nome é comum aos padres e aos bispos, v. 20. S. Irineu provou que o Apóstolo convocou não somente o bispo e os padres da Igreja de Éfeso, mas ainda os das Igrejas vizinhas.

Atos dos Apóstolos 20, 19-27

19 servindo ao Senhor com tôda a humildade, e com lágrimas e com tentações, que me aconteceram por via das emboscadas dos judeus:

20 Como não tenho ocultado coisa alguma das que vos podiam ser úteis, para que vo-las deixasse de anunciar, e vos ensinasse públicamente e dentro em vossas casas,

21 pregando aos judeus e aos gentios a penitência para com Deus, e a Fé em nosso Senhor Jesus Cristo.

22 E agora eis aqui estou eu que, liado pelo Espírito, vou para Jerusalém: Não sabendo as coisas que ali me hão de acontecer,

23 senão o que o Espírito Santo me assegura por tôdas as cidades, dizendo que me esperam em Jerusalém prisões e tribulações.

24 Porém eu nada disto temo: Nem faço a minha própria vida mais preciosa, que a mim mesmo, contanto que acabe a minha carreira, e o ministério da palavra, que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho do Evangelho da graça de Deus.

25 E agora eis aqui estou eu, que já sei que não tornareis mais a ver a minha face todos vós, por entre os quais passei pregando o reino de Deus. (8)

26 Portanto, eu vos protesto neste dia, que estou limpo do sangue de todos.

27 Porque não tenho buscado subterfúgio para vos deixar de anunciar tôda a disposição de Deus.

(8) **NÃO TORNAREIS MAIS A VER A MINHA FACE** — S. Paulo contava não voltar a Mileto e à Ásia; porém, depois mudou de opinião e parece que voltou à Ásia.

28 Atendei, por vós e por todo o rebanho, sôbre que o Espírito Santo vos constituiu Bispos, para governardes a igreja de Deus, que êle adquiriu pelo seu próprio sangue. (9)

29 Porque eu sei que depois da minha despedida, hão-de entrar a vós certos lobos arrebatadores, que não hão de perdoar ao rebanho.

30 E que dentre vós mesmos hão de sair homens que hão de publicar doutrinas perversas, com o intentô de levarem após si muitos discípulos.

31 Por cuja causa vigiai, lembrando-vos que por três anos não cessei de noite e de dia de admoestar com lágrimas a cada um de vós.

32 E agora eu vos encomendo a Deus, e à palavra da sua graça, àquele que é poderoso, para edificar e dar-vos herança entre todos os que são santificados.

33 Não cobicei prata nem ouro nem vestido de nenhum, como

34 vós mesmos sabeis: Porque estas mãos me serviram para as coisas que me eram necessárias a mim, e àqueles que estão comigo.

35 E tudo vos tenho mostrado, que trabalhando todos desta maneira, convem receber os enfermos e lembrar daquelas palavras do Senhor Jesus, porquanto êle mesmo disse: Coisa mais bem-aventurada é dar que receber. (10)

(9) **SOBRE QUE O ESPÍRITO SANTO VOS CONSTITUIU BISPOS** — Este texto comprova a origem divina do Episcopado, condenando o presbiterianismo

(10) **PALAVRAS DO SENHOR** — Este dito de Cristo não se acha nos Evangelhos. Mas podia S. Paulo tê-lo sabido, ou dalgum

Atos dos Apóstolos 20, 36-38; 21, 1-2

36 E havendo dito isto, depois de pôr em terra os seus joelhos, orou com todos êles.

37 E entre todos se levantou um grande pranto e lançando-se ao pescoço de Paulo, o beijavam,

38 aflitos em grande maneira, pela palavra que havia dito, que não tornariam a ver mais a sua face. E êles o conduziram a bordo.

CAPÍTULO 21

VIAGEM DE PAULO A FENÍCIA, E DAI A JERUSALÉM. AGABO LHE PREDIZ O QUE TEM DE LHE SUCEDER NAQUELA CIDADE; MAS NEM POR ISSO DEIXA PAULO DE LÁ IR. A IGREJA DE JERUSALÉM O ACONSELHA, QUE COM OUTROS QUATRO CUMpra NO TEMPLO O SEU VOTO. OS JUDEUS O PRENDEM. O TRIBUNO LHO TIRA DAS MÃOS. PEDE PAULO LICENÇA DE FALAR AO POVO. O TRIBUNO LHA CONCEDE.

1 E tendo-nos feito à vela depois que nos separamos dêles, fomos em direitura a Cóos, e no dia seguinte a Rodes e dali a Pátara. (1)

2 E como tivéssemos achado um navio, que passava à Fenícia, entrando nêle, nos fizemos à vela.

outro Apóstolo, ou por imediata revelação do mesmo Senhor. Êle se acha no Livro 4, Cap. 3, das chamadas Constituições Apostólicas. — Calmet.

(1) **CÓOS** — Pequena ilha do mar Egeu, em frente de Guide e de Halicarnasso, muito abundante de vinho e trigo.

RODES — É uma das Cíclades, perto de Cária e de Lícia, muito rica e centro notável de comércio.

PATARA — Cidade marítima de Lícia, na foz de Xanto, célebre por um oráculo de Apolo.

3 E depois de estarmos à vista de Chipre, deixando-a à esquerda, continuamos a nossa derrota para as partes da Síria, e chegamos a Tiro: Porque aí se havia de descarregar o navio.

4 E como achássemos discípulos, nos detivemos ali sete dias: Os quais inspirados pelo Espírito Santo diziam a Paulo que não subisse a Jerusalém.

5 E passados poucos dias tendo partido dali iam os nossos caminhos, acompanhando-nos todos com suas mulheres e com seus filhos até fora da cidade: E postos de joelhos na praia fizemos a nossa oração. (2)

6 E tendo-nos despedido uns dos outros, nos embarcamos: E eles voltaram para suas casas.

7 Nós, porém, concluída a nossa navegação, de Tiro passamos a Ptolemaida: E havendo saudado aos irmãos, nos detivemos um dia com eles.

8 E no dia seguinte, havendo partido dali, chegamos a Cesaréia. E entrando em casa de Filipe o evangelista, que era um dos sete, ficamos com ele. (3)

(2) **NA PRAIA** — Era entre os hebreus e primeiros Cristãos muito ordinária a oração em lugares descobertos e sobre o mar. Do que dão boas testemunhas os escritos de Tertuliano. — *Calmet*.

(3) **EM CASA DE FILIPE, O EVANGELISTA** — Dêste texto e doutro de S. Paulo aos Efésios e a Timóteo, sabemos que na ordem eclesiástica tinham seu próprio lugar os Evangelistas, ou anunciadores do Evangelho. E com este título trata largamente dêste S. Filipe o exatíssimo Tillemont. Tom. 2, pág. 70 e seg.

DOS SETE — Isto é, Diáconos. Veja-se acima o capítulo 6, 5. — *Calmet*.

Atos dos Apóstolos 21, 9-16

9 E tinha êle quatro filhas virgens: que profetavam. (4)

10 E como nos detivéssemos ali por alguns dias, chegou da Judéia um profeta, por nome Agabo.

11 Êste tendo vindo a nós, tomou a cinta de Paulo: E atando-se os pés e as mãos, disse: Isto diz o Espírito Santo: Assim atarão os judeus em Jerusalém ao varão, cuja é esta cinta, e o entregarão nas mãos dos gentios.

12 Quando ouvimos isto, nós e os que eram daquele lugar, lhe rogamos que não fôsse a Jerusalém.

13 Então Paulo a resposta que deu foi dizendo: Que fazeis chorando e afligindo-me o coração? Porque eu estou aparelhado não só para ser atado, mas até para morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus.

14 E vendo que o não podíamos persuadir, não o importunamos mais, dizendo: Faça-se a vontade do Senhor.

15 E depois dêstes dias, tendo-nos prevenido, subimos a Jerusalém.

16 E alguns dos discípulos vieram também conosco desde Cesaréia, os quais levavam consigo a um Mnason de Chipre, discípulo antigo, para nos hospedarmos em sua casa. (5)

(4) **PROFETAVAM** — Que eram virgens consagradas ao Senhor, não resta dúvida. Em recompensa da sua dedicação, conceder-lhe-la Deus o dom da profecia? Pode ser, e esta é a opinião de exegetas abalizados; mas o verbo profetar da Vulgata também significa algumas vezes entoar louvores a Deus, o que seria certamente a principal ocupação destas virgens a Deus consagradas também.

(5) **MNASON** — Nome grego dum judeu helenista.

17 E chegados que fomos a Jerusalém, os irmãos nos receberam de boa vontade.

18 E no seguinte dia foi Paulo em nossa companhia à casa de Tiago, onde se tinham congregado todos os anciãos. (6)

19 Havendo-os saudado, lhes contou uma por uma tôdas as coisas que Deus tinha obrado entre os gentios por seu ministério.

20 Eles porém depois que o ouviram, engrandeceram a Deus e lhe disseram: Bem vês, irmão, quantos milhares de judeus são os que têm crido, e todos são zeladores da lei.

21 E têm ouvido dizer de ti, que ensinas ao judeus, que estão entre os gentios, que deixem a Moisés, dizendo que eles não devem circuncidar a seus filhos, nem andar segundo o seu rito.

22 Pois que se há de fazer? certamente é necessário que a multidão se ajunte, porque ouvirão que tu és chegado.

23 Faze pois o que te vamos a dizer: Temos aqui quatro varões, que têm voto sôbre si.

24 Depois de haveres tomado êstes contigo, santifica-te com eles: E faze-lhes os gastos da cerimônia, para que rapem as cabeças: E saberão todos que é falso quanto

(6) **FOI PAULO** — Era Tiago o menor bispo da mesma santa cidade.

Atos dos Apóstolos 21, 25-27

de ti ouviram, e que pelo contrário segues o teu caminho guardando a lei. (7)

25 E acerca daqueles que creram dentre os gentios, nós temos escrito, ordenando que se abstenham do que fôr sacrificado aos ídolos, e de sangue, e de sufocado, e da fornicção.

26 Então Paulo, depois de tomar consigo aquêles varões, purificado com êles, no seguinte dia entrou no templo, fazendo saber o cumprimento dos dias da purificação, até que se fizesse a oferta ppr cada um dêles. (8)

27 Mas quando estavam a findar os sete dias, aquêles judeus que se achavam ali da Ásia, tendo-o visto no Templo, amotinaram todo o povo e lhe lançaram as mãos, gritando:

(7) **E FAZE-LHES OS GASTOS DA CERIMÔNIA** — Estes gastos faziam com os sacrificios de várias rezes e de pães asnos, que no capítulo 6 do livro dos números mandava Deus que lhe fizessem os Názarenos por espaço de oito dias. — Tillemont.

(8) **ENTÃO PAULO** — É muito para admirar e louvar aqui a docilidade de S. Paulo. Ele tinha resistido publicamente, e na sua mesma face a S. Pedro, por êste, pelo modo com que se havia com os gentios convertidos, os obrigar a observarem as cerimônias da Lei velha. Tinha repreendido aos gálatas, por quererem continuar na circuncisão, dando-a por necessária. Em toda a parte, em que tinha pregado aos gentios, os declarara desobrigados da observância da mesma lei, mostrando que a nossa justificação não estava em cerimônias, mas no exercício das virtudes cristãs, e principalmente no da caridade. E agora por evitar toda a ocasião de escândalo e de dissensão entre os cristãos novos do judaísmo, acomoda-se e condescende com o que por uma sábia economia lhe aconselha que faça S. Tiago, com os mais do clero de Jerusalém. Para se verificar com isto o que o mesmo S. Paulo escrevia aos Coríntios; que êle, para ganhar a todos, se fazia judeu com os judeus e gentio com os gentios. 1 Cor 9, 20. — Calmet.

28 Varões de Israel, socorro: Êste é aquêlê homem, que por tôdas as partes ensina a todos contra o povo e contra a lei, e contra êste lugar, até de mais a mais meteu os gentios no Templo e profanou êste santo lugar.

29 Porque tinham visto andar com êle pela cidade a Trófimo de Êfeso, creram que Paulo o havia introduzido no Templo. (9)

30 E se comoveu toda a cidade, e se ajuntou um grande concurso de povo. E lançando mão de Paulo o arrastaram para fora do Templo e logo foram fechadas as portas.

31 E procurando êles matá-lo, chegou aos ouvidos do tribuno da coorte: Que tôda a Jerusalém estava amotinada. (10)

32 Êle liavêdo logo tomado soldados e centuriões correu a êles. Os quais, tendo visto ao tribuno e aos soldados, cessaram de ferir a Paulo.

33 Então chegando-se o tribuno lançou mão dêle, e o mandou-atar com duas cadeias, e lhe perguntou quem era e o que havia feito.

34 Mas nesta confusão de gente, uns gritavam duma sorte, outros doutra; e como por causa do tumulto

(9) **A TRÓFIMO DE ÊFESO** — A esta Trófimo celebra a Igreja de Arles em França por seu primeiro bispo: Opinião que, se são genuínas as cartas do papa Zózimo, que do arquivo da mesma Igreja publicou Sismond, era já constante naquele reino nos princípios do século quinto.

(10) **CHEGOU AOS OUVIDOS DO TRIBUNO DA COORTE** — S. Lucas nos informa mais adiante, 23, 26, que êle se chamava Claudío Lísias.

Atos dos Apóstolos 21, 35-40

não podia vir no conhecimento de coisa alguma ao certo, mandou que o levassem à cidadela. (11)

35 E quando Paulo chegou às escadas, foi necessário tomarem-no os soldados, de grande que era a violência do povo.

36 Porque era grande a aluvião que o seguia, dizendo a gritos: Mata-o.

37 E quando começavam já a meter a Paulo na cidadela, disse ao tribuno: Desejara saber se me é permitido dizer-te duas palavras? O qual lhe respondeu: Sabes o grego?

38 Porventura não és tu aquêlo egípcio que os dias passados levantaste um tumulto e conduziste ao deserto quatro mil homens assassinos?

39 E Paulo lhe disse: Eu na verdade sou homem judeu, natural de Tarso na Cilícia, cidadão desta não desconhecida cidade. Mas rogo-te que me permitas falar ao povo.

40 E quando lho permitiu o tribuno, pondo-se Paulo em pé sobre os degraus, fez sinal ao povo com a mão, e tendo ficado todos num grande silêncio, falou então em língua hebraica, dizendo: (12)

(11) **MANDOU QUE O LEVASSEM A CIDADELA** — Esta parece ser a que José chama a Torre Antônio. — Tillemont.

(12) **FALOU ENTÃO EM LÍNGUA HEBRAICA** — Tal qual ela então se falava, que era uma mistura do hebreu e do siríaco. — Tillemont.

CAPÍTULO 22

DISCURSO DE PAULO, CONTANDO A SUA CONVERSÃO, E A SUA MISSÃO AOS GENTIOS. GRITAM OS JUDEUS, QUE É NECESSÁRIO TIRAR-LHE A VIDA. O TRIBUNO O MANDA AÇOITAR. PAULO SE DECLARA CIDADÃO ROMANO. O TRIBUNO O MANDA DESLIAR, E CHAMA OS JUDEUS A OUVÍ-LO.

1 Varões irmãos, e padres, ouvi a razão que presentemente vos dou de mim.

2 E quando ouviram que lhes falava em língua hebraica, o escutaram com maior silêncio.

3 E disse: Eu pelo que toca à minha pessoa sou judeu, que nasci em Tarso de Cilícia, e me criei nesta cidade, instruído aos pés de Gamaliel, conforme a verdade da Lei de nossos pais, zelador da Lei, assim como todos vós também o sois no dia de hoje:

4 Eu o que persegui êste caminho até à morte, prendendo, e metendo em cárceres a homens, e mulheres. (1)

5 Como o príncipe dos sacerdotes, e todos os anciãos me são testemunhas, dos quais havendo também recebido cartas para os irmãos, ia a Damasco com o fim de os trazer dali presos a Jerusalém, para que fossem castigados.

6 Mas aconteceu que indo eu no caminho, e achando-me já perto de Damasco à hora do meio-dia, de repente me cercou uma grande luz do Céu:

(1) **EU O QUE PERSEGUI ÊSTE CAMINHO** — Esta religião, ou profissão dos Cristãos.

Ato dos Apóstolos 22, 7-8

7 E caindo por terra, ouvi uma voz que me dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? (2)

8 E eu respondi: Quem és tu, Senhor? E o que falava me disse: Eu sou Jesus Nazareno a quem tu persegues.

(2) **SAULO, SAULO, POR QUE ME PERSEGUIES?** — Pretende a crítica racionalista não ver nisto mais que um fenómeno meramente subjetivo, uma alucinação doentia, uma manifestação morbida, destituída de realidade objetiva. Uma extrema fadiga do sistema nervoso, causada por uma viagem longa e penosa, debaixo dum grande calor, tudo acompanhado duma tempestade que fez ouvir o seu estrépito, foram as condições anormais em que se deu o notável caso, afirmam os críticos racionalistas. Nestas condições, continuam, o doente derribado crer ver no delírio da febre ardente o Jesus de Nazaré; cujos sectários éle incansavelmente persegue, julga ouvi-lo e crê depois receber uma missão apostólica. Esta alucinação persiste, até que Ananias o chama à realidade. Renan — *Les Apôtres*, p. 179 e 185. Corby, respondendo, começa por afirmar que a leitura atenta da narração bíblica destrói este falso asserto. Saulo não foi o único que sentiu os efeitos da aparição. É certo que os seus companheiros nada viram, a não ser a extraordinária claridade que deslumbrou os seus olhos, mas ouviram a voz que falou a Saulo; Saulo é conduzido a Damasco; Ananias impõe-lhe as mãos e restitui-lhe a vista; mas este Ananias não vem ao chamamento de Saulo, vem enviado por Deus, e não é provável que este fosse também alucinado. A visão de Saulo no caminho de Damasco, foi para éle um fato da maior importância; operou uma profunda revolução nas suas idéias, transformou-o radicalmente, e imprimiu à sua vida uma orientação diametralmente oposta à seguida até ali, como éle mesmo o confessa. 1 Cor 9, 1; Gal 1, 12. Éle mesmo se encarrega de contar duas vezes esta cena maravilhosa, para mostrar a origem divina do seu Apostolado, At. 22, 6-16; 26, 12-17. Estas duas narrações concordam com a do autor dos Ato. Por isto pergunta-se: será crível que esse homem de vistas tão largas, critério tão abalizado, de talento tão pujante, persistisse, durante toda a sua vida, numa ilusão que lhe não permitisse distinguir uma visão objetivamente real, duma alucinação puramente subjetiva? E por outro lado os milagres operados por S. Paulo não confirmam a origem sobrenatural da sua conversão? Tudo pois me leva a admitir o caráter sobrenatural do acidente de Damasco. A visão foi real, ainda que pudesse ter sido interior, sendo certo que a luz e a voz foram manifestações materiais e sensíveis.

9 E os que estavam comigo viram sim a luz, mas não ouviram a voz daquele que falava comigo.

10 Então disse eu: Senhor, que farei? E o Senhor me respondeu: Levanta-te, vai a Damasco, e lá se te dirá tudo o que deves fazer.

11 E como eu ficasse cego pelo intenso clarão daquela luz, tendo sido pelos que me acompanhavam levado pela mão, cheguei a Damasco.

12 E um certo Ananias, varão segundo a Lei, que tinha o testemunho de todos os judeus que ali assistiam:

13 Vindo ter comigo, e pondo-se-me diante me disse: Saulo irmão, recebe a vista. E eu no mesmo ponto o vi a êle.

14 E êle me disse: O Deus de nossos padres te predestinou para que conhecesses a sua vontade, e visses ao Justo, ouvisses a voz da sua bôca: (3)

15 Porque tu serás sua testemunha diante de todos os homens, das coisas que tens visto e ouvido.

16 E agora para que te demoras? Levanta-te, e recebe o batismo, e lava os teus pecados, depois de invocar o seu nome.

17 E aconteceu que voltando eu para Jerusalém, e orando no Templo, fui arrebatado fora de mim,

18 e vi ao que me dizia: Da-te pressa, e sai logo de Jerusalém, porque não receberão o teu testemunho de mim.

(3) **E VISSER AO JUSTO** — O justo por excelência, que é Jesus Cristo, como o chamou S. Pedro, At 3, 14, e S. João na sua primeira Carta 2, 20. — **Amelote.**

Atos dos Apóstolos 22, 19-26

19 E eu disse: Senhor, êles mesmos sabem que eu era o que metia em cárceres, e açoutava pelas Sinagogas aos que criam em ti:

20 E quando se derramava o sangue de Estêvão, testemunha tua, eu estava presente, e o consentia, e guardava os vestidos dos que o matavam.

21 E êle me disse: Vai, porque eu te enviarei às nações de longe.

22 E os judeus o haviam escutado até esta palavra, mas levantaram então a sua voz, dizendo: Tira do mundo a tal homem: Porque não é justo que êle viva.

23 E como êles fizessem alaridos, e arrojassem de si os seus vestidos, e lançassem pó ao ar,

24 mandou o tribuno metê-lo na cidadela, e que o açoutassem, e lhe dessem tormento para saber por que causa clamavam assim contra êle. (4)

25 Mas tendo-o liado com umas correias, disse Paulo a um centurião, que estava presente: Ê-vos permitido açoutar a um cidadão romano, e que não foi condenado? (5)

26 Tendo ouvido isto, foi o centurião ter com o tribuno, lhe fez aviso, dizendo: Que determinas tu fazer? Pois êste homem é cidadão romano.

(4) **PARA SABER** — O tribuno, como não entendia a língua hebraica, em que o Apóstolo tinha falado ao povo, vendo que êste se dava por ofendido, quis à força de tormentos saber de Paulo qual era o motivo desta queixa.

(5) **Ê-VOS PERMITIDO AÇOUTAR** — Cícero, na Oração pro Rabirio: *Lex Porcia virgas ab omnium Civium Romanorum corpore amovet.*” A lei Pórcia proíbe que as varas toquem o corpo dalgum cidadão romano.

27 E vindo o tribuno, lhe disse: Dize-me se tu és romano? E ele dissé: Sim.

28 E respondeu o tribuno: A mim custou-me uma grande soma de dinheiro alcançar êste fôro de cidadão. Então lhe disse Paulo: Pois eu sou-o de nascimento. (6)

29 Logo ao mesmo tempo se apartaram dêle os que o haviam de pôr a tormento. Também o tribuno entrou em temor, depois que soube que era cidadão romano, e porque o tinha feito liar.

30 E ad dia seguinte, querendo saber com mais individuação a causa que tinham os judeus para acusá-lo, o fez desatar, e mandou que se juntassem os sacerdotes, e todo o conselho, e produzindo a Paulo, o apresentou diante dêles.

CAPÍTULO 23

PAULO SE JUSTIFICA DIANTE DOS SACERDOTES. O SUMO PONTÍFICE O MANDA ESBOFETEAR. DÁ-SE A CONHECER POR FARISEU. DESCOBRE UMA CONJURAÇÃO CONTRA A SUA VIDA. É REMETIDO A CESARÉIA AO GOVERNADOR FÉLIX.

1 Paulo pois, pondo os olhos no conselho, disse: Varões irmãos, eu até o dia de hoje me tenho portado diante de Deus com toda a boa consciência.

(6) **A MIM CUSTOU-ME UMA GRANDE SOMA DE DINHEIRO.** — Dião Crisóstomo escreve, que o abuso de se vender o fôro de cidadão romano se tinha introduzido em tempo de Claudio, que era o em que isto succedeu.

Atos dos Apóstolos 23, 2-6

2 E Ananias, príncipe dos sacerdotes, mandou aos que estavam junto dêle, que o ferissem na cara. (1)

3 Então lhe disse Paulo: Deus te ferirá a ti, parede branqueada. Tu estás aí sentado para julgar-me a mim segundo a lei, e contra a lei mandas que eu seja ferido? (2)

4 E os que estavam ali disseram: Tu injurias ao sumo sacerdote de Deus?

5 E disse Paulo: Não sabia eu, irmãos, que é príncipe dos sacerdotes. Porque escrito está: Não dirás mal do príncipe do teu povo. (3)

6 Ora sabendo Paulo que uma parte era de saduceus, e outra de fariseus, disse em alta voz no conselho: Varões irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseus, acerca da esperança; e da ressurreição dos mortos eu sou julgado. (4)

(1) **ANANIAS** — Filho de Zebedeu, constituído sumo pontífice por Herodes, no ano 48, em substituição de Josefo, filho de Camitaa. Morreu assassinado no ano 66 ou 67.

(2) **PEREDE BRANQUEADA** — Por êstes têrmos argúi S. Paulo a hipocrisia do pontífice, que, debaixo do pretexto de zelo pela Lei de Moisés, violava a Lei natural. Nem esta repreensão se deve reputar injúria de palavra, mas sim uma pronúncia: *Minus intelligentibus convicium donat, intelligentibus vero propheta est*, disse Santo Agostinho no livro 1 do Sermão do Monte, cap. 19. — Sacy e Calmet.

(3) **NÃO SABIA** — Como o Sumo Pontífice assistia sem os ornamentos pontifíciais, não deve ninguém maravilhar-se de que S. Paulo, que havia vinte e cinco anos não tinha estado em Jerusalém senão alguns dias, e de passagem, não conhecesse por tal a Ananias. — Sacy e Calmet.

(4) **ACERCA DA ESPERANÇA E DA RESSURREIÇÃO** — O valerem-se os Santos alguma vez de traças humanas e da prudência de serpente, não se opõem ao espírito de Deus, nem à simplicidade evangélica. Ninguém deixa de ver que, declarando-se

7 E quando isto dissê; se moveu uma grande dissensão entre os fariseus e os saduceus, e se dividiu a multidão.

8 Porque os saduceus dizem que não há ressurreição, nem anjo, nem espírito: Ao mesmo tempo que os fariseus reconhecem um e outro.

9 Houve pois grande vozzeria. E levantando-se alguns dos fariseus, altercavam, dizendo: Não achamos mal algum neste homem; quem sabe, se lhe falou algum espírito ou anjo?

10 E como se tivesse originado daqui uma grande dissensão, temendo o tribuno que Paulo fosse por êles despedaçado, mandou que descessem os soldados, e que o tirassem dentre êles, e o levassem à cidadela.

11 E na seguinte noite, aparecendo-lhe o Senhor, lhe disse: Tem constância: Porque assim como deste testemunho de mim em Jerusalém, assim importa que também mo dêes em Roma.

12 E quando chegou o dia, houve alguns dos judeus que fizeram liga entre si, e apostados se praguejaram di-

do partido dos fariseus, e de sentimentos contrários aos saduceus acerca da vida eterna e ressurreição dos mortos, discorreu S. Paulo que podia conseguir ser absoluto. **Primo:** Porque com esta lembrança do partido, que seguia, fazia seus os fariseus. **Secundo:** Porque sendo o ponto da questão em matéria, em que os saduceus lhe eram parte, mostrava que conseqüentemente não podiam ser seus juizes. **Tertio:** Porque declarando que a causa toda versava sobre pontos especulativos e problemáticos entre os mesmos que o queriam sentenciar, era natural que o tribuno o defendesse. Mas a Providência conduziu a coisa doutro modo que o que se podia esperar, como se vê de todo o contexto da história. — Calmet.

Atos dos Apóstolos 23, 13-18

zendo que eles não haviam de comer, nem beber, enquanto não matassem a Paulo.

13 E eram passante de quarenta pessoas, as que tinham entrado nesta conjuração.

14 As quais se foram apresentar aos príncipes dos sacerdotes, e aos senadores, e disseram: Nós temo-nos obrigado por voto, sob pena de maldição, a não provarmos bocado até não matarmos a Paulo.

15 Vós pois agora com o conselho fazei saber ao tribuno que quereis vo-lo produza, como para haverdes de tomar algum conhecimento mais ao certo da sua causa. E nós estaremos prestes para o matar, antes que elle chegue.

16 Mas um filho da irmã de Paulo, tendo ouvido esta conspiração, foi, e entrou na cidadela, e deu aviso a Paulo.

17 Então Paulo chamando a si um dos centuriões, disse: Leva este moço ao tribuno, porque tem coisa que lhe cômunicar. (5)

18 E nesta conformidade tomando-o elle consigo, o levou ao tribuno, e disse: O prêso Paulo me rogou que trouxesse eu à tua presença este moço, que tem coisa que dizer-te.

(5) **LEVA ESTE MOÇO AO TRIBUNO** — Por ser a causa de Deus, não deixa S. Paulo de se valer dos melos humanos que a bondade do Senhor lhe oferecia. A sua confiança em Deus não era presuntuosa, era sim sábia, era prudente. Seria tentar a Deus o desprezar os socorros humanos e esperar milagres para evadir o perigo. S. João Crisóstomo, na **Homilia 49**, e S. Agostinho no livro 2, contra Petilliano, capítulo 97.

19 E o tribuno tomando-o pela mão, o tirou à parte, e lhe perguntou: Que é o que tens que me dizer?

20 E ele disse: Os judeus têm concertado rogar-te que amanhã apresentes Paulo ao conselho, como para haverem de inquirir dele alguma coisa mais ao certo:

21 Mas tu não os creias, porque há mais de quarenta deles que lhe armam traição, os quais têm jurado, sob pena de maldição, que não comerão, nem beberão, enquanto o não matarem: E para isto estão já prestes, esperando que tu faças o que eles desejam.

22 Então o tribuno despediu o moço, mandando-lhe que a ninguém dissesse que lhe havia dado aviso disto.

23 E chamando a dois centuriões, lhes disse: Tende prontos duzentos soldados, que vão até Cesaréia, e setenta a cavalo, e duzentas lanças, desde a hora terceira da noite: (6)

24 E aparelhai cavalgaduras, para que fazendo eles montar a Paulo o chegassem a levar com segurança ao presidente Félix, (7)

(6) **E DUZENTAS LANÇAS** — As versões francesas dizem aqui duzentos arqueiros que em Portugal seriam duzentos alabardeiros, porque o texto grego parece significar guardas do corpo dum príncipe. Eu com Martini cingi-me aos termos da Vulgata.

(7) **AO PRESIDENTE FÉLIX** — Escravo fôro que tinha sido do imperador Cláudio e de sua mulher Antônia, por cujo respeito se chamou Cláudio Antônio Félix. Dêle escreve Tácito no livro 5 da sua história: "Que governara com autoridade de rei e com insolência de escravo, sem nenhum temor, nem vergonha. Félix *per omnem saevitiam, et libidinem jus regium servili ingenio exercuit.*" E no livro 2 dos anais acrescenta que, "como era irmão de outro Liberto Palante, valido de Cláudio, creu Félix que podia fazer na Judéia tudo quanto quisesse: *Judee impositus, et cuncta male facta sibi impune ratus tanta potentia subnixo.*"

Atos dos Apóstolos 23, 25-33'

25 (porque temeu não se desse caso que os judeus o arrêbatassem, e o matassem, e depois disto fosse êle acusado como quem havia de receber dinheiro por lho entregar).

26 Escrevendo uma carta nestes termos: CLÁUDIO Lísias ao ótimo presidente Félix, saude.

27 A êste homem, que foi prêso pelos judeus, e que estava a ponto de ser por êles morto, sobrevivendo eu com a tropa o librei tendo sabido já que é romano.

28 E querendo saber o delito de que o acusavam, o levei ao conselho deles.

29 Achei que êle era acusado sôbre questões da lei dos mesmos, sem haver nêle delito algum que merecesse morte, ou prisão.

30 E como tivesse chegado a mim notícia das traições que êles judeus lhe tinham aparelhado, to remeti, intimando também aos acusadores que recorram a ti. Adeus. (8)

31 Os soldados pois, conforme a ordem que tinham, tomando a Paulo, o levaram de noite a Antipátride. (9)

32 E ao dia seguinte deixando aos de cavalo que fossem com êle, voltaram para a guarnição.

33 Os quais, tendo chegado a Cesaréia, e depois de entregarem ao presidente a carta que levavam, apresentaram diante dêle também a Paulo.

(8) **QUE RECORRAM A TI** — No caso que queiram continuar na sua acusação contra Paulo. — **Menóchio**.

(9) **A ANTIPATRIDE** — Cidade marítima da Palestina, que fez edificar Herodes, o Grande, em honra de Antipatro, seu pai, e distante de Jerusalém doze léguas, com pouca diferença. — **Pereira**.

34 Ele, porém, depois de a ler, e perguntar de que província era, e sabendo que era de Cilícia,

35 ouvir-te-ei, lhe disse, quando chegarem os teus acusadores. E mandou que Paulo fosse pôsto em custodia no pretório de Herodes.

CAPÍTULO 24

TERTULO ADVOGADO DOS JUDEUS ACUSA A PAULO DIANTE DE FÉLIX. PAULO SE DEFENDE, E REFUTA O SEU ADVERSÁRIO. FALA DA JUSTIÇA, DA CASTIDADE, DO JUÍZO FINAL, E FAZ TREMER O GOVERNADOR. PORCIO FESTO SUCEDE A FÉLIX.

1 E dali a cinco dias veio o príncipe dos sacerdotes, Ananias, com alguns anciãos, e com um certo Tertulo orador, todos os quais compareceram ante o presidente contra Paulo. (1)

2 E citado Paulo, começou Tertulo a acusá-lo nestes termos: Como pela tua autoridade é que nós gozamos de uma profunda paz, e pela tua sábia providência se têm emendado muitos abusos:

3 Nós o reconhecemos em todo o tempo e lugar, ótimo Felix, com a devida ação de graças.

4 Mas por te não ter suspenso muito tempo, rogo-te que ouças com a tua equidade ordinária, o que te vanios a dizer em breves palavras.

(1) **TERTULO ORADOR** — Tertulo (diminutivo de Tertus) era um caudidico romano, que entendia melhor as fórmulas do fóro que os judeus.

Atos dos Apóstolos 24, 5-12

5 Nós temos achado que este homem é pestífero, e que em todo o mundo excita sedições entre todos os judeus, e que é da sediciosa seita dos Nazarenos: (2)

6 Que também intentou profanar o templo, de maneira que depois de prêso o quisemos julgar segundo a nossa lei.

7 Mas sobrevivendo o tribuno Lísias, êle no-lo tirou das mãos com grande violência,

8 ordenando que os seus acusadores viessem comparecer diante de ti: Dêle poderás tu mesmo, julgando, tomar conhecimento de tôdas estas coisas, de que nos o acusamos.

9 E também os judeus acrescentaram, dizendo ser isto assim.

10 Mas Paulo (tendo-lhe o presidente feito sinal que falasse) respondeu: Sabendo que tu és juiz desta nação muitos anos há, com bom ânimo satisfarei por mim.

11 Tu podes facilmente saber que não há mais que doze dias, que eu cheguei a Jerusalém a fazer a minha adoração:

12 E nem me acharam no templo disputando com algum, nem fazendo concurso de gente, nem nas sinagogas.

(2) **NÓS TEMOS ACHADO** — Todo este arrazoamento de Tertulo foi um tecido de mentiras e de calúnias. Porque entendendo por Nazarenos os Cristãos, nem S. Paulo era, ou se ostentava sua cabeça, nem esta seita (como os judeus a chamavam) era sediciosa. E dar a S. Paulo o nome de peste pública, e de homem turbulento, era outra injúria, tão falsa como atrás. Pois nenhum dos Apóstolos foi mais pacífico, nenhum mais atento aos Príncipes, nenhum que mais inculcasse a sujeição e obediência que se lhes devia. — Calmet.

13 nem na cidade: Nem te podem provar as coisas de que agora me acusam.

14 Porém confesso isto diante de ti que, segundo a seita que êles chamam heresia, sirvo eu a meu Pai, e Deus, crendo tôdas as coisas que estão escritas na lei, e nos profetas:

15 Tendo esperança em Deus, como êles mesmos também esperam, que há de haver a ressurreição dos justos, e dos pecadores.

16 E por isso procuro ter sempre a minha consciência sem tropêço diante de Deus, e dos homens.

17 E depois de muitos anos vim à minha gente a fazer esmolos, e oferendas, e votos:

18 Nisto me acharam purificado no templo: Não com turba, nem com tumulto.

19 E êstes foram uns judeus da Ásia, que deviam comparecer diante de ti, e acusar-me se tivessem alguma coisa contra mim:

20 Ou estes mesmos digam se acharam em mim alguma maldade, quando eu compareci em conselho,

21 senão só destas palavras, que proferi em alta voz, estando no meio deles: Eu hoje pois sou julgado por vós acerca da ressurreição dos mortos.

22 Félix, porém, que sabia perfeitissimamente as coisas dêste caminho, os remeteu para outro tempo, dizendo: Quando vier o tribuno Lísias, então vos ouvirei.

23 E mandou a um centurião que o tivesse em custódia, mas sem tanto apêrto, e sem proibir que os seus o servissem.

Atos dos Apóstolos 24, 24-27; 25, 1

24 E passados alguns dias, vindo Félix com sua mulher Drusila, que era judia, chamou a Paulo, e o esteve ouvindo falar da fé que há em Jesus Cristo. (3)

25 Mas como Paulo lhe falou em tom de disputa da justiça, e da castidade, e do Juízo futuro, Felix todo atemorizado lhe disse: Por ora basta, vai-te: E quando tiver vagar eu te chamarei.

26 Esperando também ao mesmo tempo que Paulo lhe desse algum dinheiro, por cuja causa, mandando-o chamar ainda repetidas vezes, se entretinha com êle. (4)

27 Completos porém dois anos, teve Felix por successor a Pórcio Festo. E querendo Felix ganhar a graça dos judeus, deixou a Paulo na prisão. (5)

CAPÍTULO 25

FESTO EM JERUSALÉM. RECUSA REMETER-LHES PAULO, COMO OS JUDEUS PEDIAM. NOVA ACUSACÃO, E NOVA DEFENSA DE PAULO. DÁ-SE-LHE A ESCOLHER. SE QUER ÊLE SER JULGADO EM JERUSALÉM. APELA ÊLE PARA O CÉSAR. FALA DIANTE DE AGRIPA.

1 Tendo pois chegado Festo à província veio, passados três dias, de Cesaréia a Jerusalém.

(3) **VINDO FÉLIX** — Tendo voltado a Cesaréia, talvez dalguma casa de campo, aonde fôra. — Calmet.

COM SUA MULHER DRUSILA — Princesa infame, filha do rei Herodes Agripa, que, depois de casar com Aziz, rei de Emessa, o deixou por casar com um liberto do Imperador Cláudio, qual era o Governador Félix. — Calmet.

(4) **LHE DESSE ALGUM DINHEIRO** — A venalidade era moeda corrente na administração romana.

(5) **FESTO** — Sucedeu a Félix como procurador; era um liberto como o seu antecessor. Veio à Judéa no ano 59, o quinto ano de Nero

2 E os príncipes dos sacerdotes, e os principais dos judeus acudiram a êle contra Paulo, e lhe rogavam:

3 Pedindo favor contra êle, para que o mandasse vir a Jerusalém, armando-lhe insídias, para o assassinare no caminho.

4 Mas Festo respondeu que Paulo se achava em custódia em Cesaréia: E que êle partiria para lá dentro de poucos dias.

5 Por onde, os que dentre vós (disse êle) são os principais, vinde comigo, se algum crime há neste homem, acusem-no.

6 E havendo-se demorado entre êles não mais de oito, ou dez dias, baixou a Cesaréia, e o dia seguinte se assentou no Tribunal, e mandou trazer a Paulo.

7 O qual depois de ser ali trazido, o rodearam os judeus que tinham vindo de Jerusalém, acusando-o de muitos e graves delitos, que não podiam provar.

8 Dizendo Paulo em sua defesa: Em nada pois tenho pecado contra a lei dos judeus, nem contra o Templo, nem contra o César.

9 Mas Festo querendo comprazer com os judeus, respondendo a Paulo, disse: Queres subir a Jerusalém, e ser ali julgado destas coisas diante de mim?

10 E Paulo disse: Ante o tribunal do César estou, onde convém que seja julgado: Nenhum mal tenho feito aos judeus, como tu melhor o sabes.

11 E se lhes tenho feito algum mal, ou coisa digna de morte, não recuso morrer: Mas se nada há daquilo de

Atos dos Apóstolos 25, 12-16

que êstes me acusam, ninguém me pode entregar a êles: Apelo para o César. (1)

12 Então Festo, depois de haver conferido o negócio com o conselho, respondeu: Para o Cesar tens apelado? Ao César irás.

13 E alguns dias depois o rei Agripa e Berenice vieram a Cesaréia a dar os emboras a Festo. (2)

14 E demorando-se ali muitos dias Festo deu notícia de Paulo ao rei, dizendo: Felix deixou aqui prêso a um certo homem.

15 Por cujo respeito quando estive em Jerusalém, acudiram a mim os príncipes dos sacerdotes, e os anciãos dos judeus, pedindo que o condenasse.

16 Aos quais respondi que não era costume dos romanos condenar homem algum antes do acusado ter presentes os seus acusadores, e antes de se lhe dar liberdade para êle se defender dos crimes que se lhe imputam.

(1) **APELO PARA O CÉSAR** — Pelo Direito Romano podiam os que gozavam o fôro de cidadãos apelar para o imperador nas causas-crimes, e prevenir a sentença quando o juiz fazia alguma coisa contra a Lei: *Ante sententiam appellari potes in criminali negotio, si iudex contra leges hoc faciat* Lei anie, D. De *appellationibus suscipiendis*. O César para quem apelava era para Nero.

(2) **O REI AGRIPA E BERENICE** — Este Agripa era filho do rei Herodes Agripa, de quem falamos atrás. E Berenice era sua irmã. Agripa filho não succedeu ao pai no reino da Judéia, mas o imperador Cláudio lhe deu o da Taracônite, com a guarda do Templo, e com direito de criar e depor os sumos sacerdotes. Depois lhe acrescentou Nero os estados. E sobreviveu ainda a Vespasiano e a Tito. Berenice, sua irmã, depois de casar a primeira vez com seu tio Herodes, rei de Calcida, deixando êste, casou com Polémon, rei do Ponto, a quem também deixou. E a fama, ou infâmia, que corria por todo o Oriente, era que Berenice era amiga do irmão, o que até deu lugar às sátiras de Juvenal. — Calmet.

17 Tendo eles, pois, acudido aqui sem a menor dilação, ao outro dia assentando-me no meu tribunal, mandei trazer a êste homem.

18 A quem, estando presentes os seus acusadores, nenhum delito opuseram dos que eu suspeitava :

19 Mas tinham só contra êle algumas questões sobre a sua superstição, e sobre um certo Jesus defunto, o qual Paulo afirmava viver.

20 E duvidando eu de semelhante questão, lhe disse se queria ir a Jerusalém e ali ser julgado destas coisas.

21 Mas apelando Paulo para que ficasse reservado ao conhecimento de Augusto, mandei que o guardassem até que o remeta ao César. (3)

22 Então Agripa disse a Festo: Eu também queria ouvir a êste homem. Amanhã, respondeu êle, o ouvirás.

23 Ao outro dia, pois, tendo vindo Agripa e Bernice com grande pompa, e depois de entrarem na audiência com os tribunos e pessoas principais da cidade, foi trazido Paulo por ordem que Festo dera.

24 E disse Festo: Rei Agripa, e todos os varões que aqui estais conosco, aqui tendes êste homem, contra quem tôda a multidão dos judeus me fez recurso em Jerusalém, pedindo e gritando que não convinha que êle vivesse mais.

(3) **AO CONHECIMENTO DE AUGUSTO** — Era êste então o imperador Nero, sucessor de Cláudio. E todos sabem que o título de Augusto, bem como o de César, ficou sendo comum a todos os imperadores. E Jesus Cristo com os seus Evangelistas, não obstante serem êstes títulos uns títulos inventados pela validade mundana, não duvidaram assim tratar por eles aos imperadores.

Atos dos Apóstolos 25, 25-27; 26, 1-5

25 E eu tenho achado que ele não tem feito coisa alguma de morte. Mas havendo ele mesmo apelado para Augusto, tenho determinado remeter-lho.

26 Do qual não tenho coisa certa que escrever ao senhor. Pelo que vo-lo tenho apresentado, e mormente a ti, ó rei Agripa, a fim de ter que escrever-lhe, depois de feita a informação.

27 Porque me parece sem razão remeter um homem prêso, e não informar das acusações que lhe fazem.

CAPÍTULO 26

FALA DE PAULO DIANTE DE AGRIPA. RESUMO DA SUA CONVERSÃO. FESTO DIZ QUE O MUITO SABER LHE TINHA PERTURBADO O JUÍZO. AGRIPA RECONHECE A SUA INOCÊNCIA.

1 Disse depois Agripa a Paulo: A ti se te permite falar em defesa de ti mesmo. Então Paulo estendendo a mão começou a dar a razão de si.

2 Devendo eu fazer hoje a minha defesa na tua presença, ó rei Agripa, de tudo quanto me acusam os judeus, me tenho por ditoso.

3 Mormente sabendo tu todas as coisas e os costumes, e questões que há entre os judeus: Pelo que eu te suplico me oiças com paciência.

4 E quanto à minha vida, desde a mocidade que eu observei desde aquele princípio entre a minha gente em Jerusalém, é certo que a sabem todos os judeus.

5 Conhecendo-me desde os meus princípios (se quiserem dar disso testemunho) porque eu, segundo a seita mais segura da nossa religião, vivi fariseu.

6 E agora sou acusado em juízo, por esperar a promessa que foi feita por Deus a nossos pais:

7 A qual as nossas doze tribos, servindo a Deus de noite e de dia, esperam ver cumprida. Por esta esperança, ó rei, sou acusado dos judeus.

8 Reputa-se no vosso conceito por alguma coisa incrível, que Deus ressuscite os mortos?

9 E eu, na verdade, tinha para mim, que devia fazer a maior resistência contra o nome de Jesus Nazareno: (1)

10 E assim o fiz em Jerusalém, e eu encerrei em cárceres a muitos santos, havendo recebido poder dos príncipes dos sacerdotes: E quando os faziam morrer, consenti também nisso.

11 E muitas vezes castigando-os por tôdas as sinagogas, os obrigava a blasfemar: E enfurecendo-me mais e mais contra êles, os perseguia até nas cidades estrangeiras.

12 Levado dêstes intentos, indo a Damasco com poder e com missão dos príncipes dos sacerdotes,

13 ao meio-dia vi, ó rei, no caminho uma luz do Céu que excedia o resplendor do sol, a qual me cercou a mim e aos que iam comigo.

(1) **TINHA PARA MIM.** — Tôda esta relação da sua vida primeira vai dirigida por S. Paulo a capacitar Agripa de que êle se não resolvera a abraçar o Cristianismo por espirito de novidade, ou por inconstância de espirito, mas por causas muito fortes que adiante expõe. — Calmet e Sacy. (É o exemplo do *obsequium rationabile*, de que êle fala nas suas Epístolas.)

Atos dos Apóstolos 26, 14-20

14 E como todos nós caíssemos por terra, ouvi uma voz que me dizia em língua hebraica: Saulo, Saulo, por que me persegues? dura coisa te é recalitrar contra o aguilhão. (2)

15 Então disse eu: Quem és tu, Senhor? E o Senhor me respondeu: Eu sou Jesus, a quem tu persegues.

16 Mas levanta-te e põe-te em pé: Porque eu por isso te apareci, para te fazer ministro e testemunha das coisas que viste, e de outras que te hei de mostrar em minhas aparições,

17 livrando-te do povo e dos gentios, aos quais eu agora te envio

18 a abrir-lhes os olhos, a fim de que se convertam das trevas à luz, e do poder de satanaz a Deus para que recebam perdão de seus pecados, e sorte entre os Santos pela fé que há em mim.

19 Pelo que, ó rei Agripa, não fui desobediente à visão celestial: (3)

20 Mas preguei primeiramente aos de Damasco, e depois em Jerusalém e por toda a terra de Judéia e aos gentios, que fizessem penitência e se convertessem a Deus, fazendo dignas obras de penitência. (4)

(2) **EM LÍNGUA HEBRAICA** — Daqui tira Calmet que a presente fala de S. Paulo diante de Agripa fôra em grego. Porque naquele tempo era a língua grega a língua do comércio das nações, como hoje o é a francesa.

(3) **NÃO FUI DESOBEDIENTE A VISÃO CELESTIAL** — Eis aqui o que me fez mudar de sentimento acerca da religião de Jesus Cristo. — Calmet.

(4) **FAZENDO DIGNAS OBRAS DE PENITÊNCIA** — No verso 18 tinha dito Jesus Cristo que, pela fé, nele receberiam os homens remissão de seus pecados. Agora, para que ninguém cuidasse que

21 Por esta causa os judeus, estando eu no Templo, depois de prêso me intentaram matar.

22 Mas assistido eu do socorro de Deus, permaneço até ao dia de hoje, dando testemunho disso a pequenos e a grandes, não dizendo outras coisas fora daquelas que disseram os profetas e Moisés, que haviam de acontecer:

23 Que o Cristo havia de padecer, que seria o primeiro da ressurreição dos mortos, e para anunciar a luz ao povo e às gentes. (5)

24 Dizendo êle estas coisas, e dando razão de si, disse Festo em alta voz: Estás louco, Paulo: As muitas letras te tiram o teu sentido.

25 Então Paulo: Eu não estou louco (disse), ótimo Festo, mas digo palavras de verdade e de prudência.

26 Porque destas coisas tem conhecimento o rei, em cuja presença falo até com toda a liberdade: Pois creio que nada disto se lhe encobre. Porque nenhuma destas coisas se fez ali a um canto.

27 Crês, ó rei Agripa, nos profetas? Eu sei que crês.

bastava a fé para a justificação do ímpio, ensina o Apóstolo neste verso 20 que a fé não há-de ser estéril, nem lânguida, mas sim junta com a penitência, com a dor, com a mudança de vida, com uma perfeita conversão das criaturas para o Criador.

(5) **QUE SERIA** — Entende-se, para não tornar mais a morrer. Porque antes de Cristo, é certo pelas Escrituras que Eliséu ressuscitou alguns mortos e que o mesmo Cristo ressuscitou a Lazaro e ao filho da viuva de Naim. Mas todos êstes morreram outra vez. Só Cristo ressuscitou para não morrer mais. E a sua morte e ressurreição foram o fundamento da pregação do Evangelho. — Calmet e Sacy.

Atos dos Apóstolos 26, 28-32; 27, 1

28 Então, Agripa disse a Paulo: Por pouco me não persuades a fazer-me Cristão.

29 E Paulo lhe respondeu: Prouvera a Deus que por pouco e por muito, não somente tu, senão também todos quantos me ouvem se fizessem hoje tais qual eu também sou, menos estas prisões.

30 Então se levantaram o rei e o presidente e Berenice, e os que estavam assentados com eles.

31 E havendo-se retirado à parte, falaram uns com os outros, dizendo: Este homem, pois, não fez coisa que seja digna de morte nem de prisão.

32 E Agripa disse para Festo: Ele podia ser solto, se não tivesse apelado para o César.

CAPÍTULO 27

PAULO É REMETIDO PRÊSO A ROMA. O VENTO CONTRÁRIO O FAZ ARRIBAR A CRETA. ACONSELHA QUE INVERNEM ALI. NÃO ESTÃO PELO SEU PARECER, E UMA FURIOSA TEMPESTADE FAZ NAUFRAGAR O NAVIO. ALIJAM TÔDA A CARGA E EQUIPAGEM. PAULO LHES PROMETE A VIDA A TODOS. TODOS SE SALVAM, OU A NADO, OU SOBRE PRANCHAS.

1 Mas como se determinou enviá-lo por mar à Itália, e que Paulo fosse entregue com outros presos a um centurião da coorte augusta, por nome Júlio: (1)

(1) **COORTE AUGUSTA** — Da qual era Justus centurião; era composta dos **Augustarii**, que eram os veteranos da guarda imperial. A partida de S. Paulo teve lugar no ano 60.

2 Embarcando num navio de Adrumète, levantamos âncora começando a costear as terras da Ásia, perseverando em nossa companhia Aristarco, macedônio, de Tessalônica. (2)

3 Ao dia seguinte porém chegamos a Sidon. E Júlio, usando de humanidade com Paulo, lhe facultou ir ver seus amigos, e prover-se do que havia mister.

4 E feitos dali à vela, fomos navegando abaixo de Chipre, por nos serem contrários os ventos.

5 E tendo atravessado o mar da Cilícia, e da Panfília, chegamos a Listra, que é da Lícia.

6 E achando ali o centurião um navio de Alexandria que fazia viagem para a Itália, fez-nos embarcar nele.

7 E como por muitos dias navegássemos lentamente, e apenas pudéssemos avistar o Gnido, sendo-nos contrário o vento, fomos costeando a Ilha de Creta junto a Salmóna.

8 Navegando com dificuldade ao longo da costa, abordamos a um lugar, a que chamam os Bons Portos, com quem vizinhava a cidade de Talassa.

9 E como se tivesse passado muito tempo, e não fosse já segura a navegação, pelo motivo de haver até já passado o jejum, Paulo os alentava, (3)

(2) **ADRUMÊTE** — Perto do mar de Mísia.

(3) **PELO MOTIVO DE HAVER** — O tempo do jejum dos judeus, conforme expressamente o diz aqui a Versão siríaca. O que S. Lucas advertiu, para se entender que a estação de que falava era do meado de outubro. Porque então é que acabava o jejum

Atos dos Apóstolos 27, 10-17

10 dizendo-lhes: Varões, vejo que a navegação começa a ser trabalhosa, e com muito dano, não somente do navio, e da sua carga, mas ainda das nossas vidas.

11 Porém o centurião dava mais crédito ao mestre, e ao piloto, do que ao que Paulo lhes dizia.

12 E como o porto não era azado para invernar, foram os mais dêles de parecer que se passasse adiante, a ver se dalguma sorte podiam, em ganhando Fenice, invernar ali, por ser este um porto de Creta, o qual olha ao Áfrico, e ao Côro. (4)

13 Começando porém a ventar brandamente o Sul, cuidando êles que tinham o que desejavam, depois de levantarem âncora de Asson, iam costeando Creta.

14 Mas não muito depois veio contra a mesma ilha um tufão de vento que é chamado Euro-aquilão. (5)

15 E sendo a nau arrebatada, e não podendo resistir ao vento, éramos levados, deixada a nau aos ventos.

16 E arrojados da corrente a uma pequena ilha que se chama Cauda, apenas pudemos ganhar o esquite.

17 Tendo-o trazido a nós, êles se valiam de todos os meios cingindo a nau, temerosos de dar na Sirte, caladas as velas: Eram assim levados. (6)

dos judeus, estabelecido no Livro dos Núm 29, 7, e que começa o mau tempo para navegar. — **Amelote.**

(4) **CÔRO** — Vento a que chamam Galego, que sopra entre Norte e Oeste; também lhe chamam Noroeste.

(5) **EURO-AQUILÃO** — A. que chamamos Nordeste, e sopra entre Norte e Oriente; é vento que causa os maiores estragos e muito contrário para os que navegam para a Itália.

(6) **CALADAS AS VELAS** — Ou amainadas as velas.

18 E agitados nós da força da tormenta, ao dia seguinte alijaram:

19 E ao terceiro dia também arrojaram com as suas mãos os aparelhos da nau.

20 E não aparecendo por muitos dias sol, nem estrêlas, e ameaçando-nos uma não pequena tempestade, tínhamos já perdida tôda a esperança de chegarmos a salvamento.

21 E havendo todos estado muito tempo sem comer, levantando-se então Paulo no meio dêles, disse: Era por certo conveniente, ó varões, seguindo o meu conselho, não ter saído de Creta, e evitar êste perigo, e dano.

22 Mas agora vos admoesto que tenhais bom ânimo: Porque não perecerá nenhum de vós, senão sòmente o navio.

23 Porque esta noite me apareceu o Anjo de Deus, de quem eu sou, e a quem sirvo,

24 dizendo: Não temas, Paulo, importa que tu compares ante o César: E eu te anuncio que Deus te há dado todos os que navegam contigo. (7)

25 Pelo que, ó varões, tende bom ânimo: Porque eu confio em Deus que assim há de succeder como me foi dito.

(7) **QUE DEUS TE HÁ DADO TODOS** — Êste modo de falar do Anjo denota que S. Paulo fizera oração a Deus pela vida de todos. E daqui se pode provar o dogma da intercessão dos Santos e da eficácia das suas preces em nosso proveito. Porque se o Apóstolo, estando ainda em corpo mortal, alcançou de Deus vida para duzentas e setenta e seis pessoas, que conceito não devemos nós fazer da sua intercessão, agora que êle reina glorioso no Céu?

Atos dos Apóstolos 27, 26-34

26 Porém é necessário que vamos dar a uma ilha.

27 E quando chegou a noite do dia catorze, indo nós navegando pelo mar Adriático, perto da meia-noite suspeitaram os marinheiros que estavam perto dalguma terra. (8)

28 E lançando eles a sonda acharam vinte passos: Depois um pouco mais adiante, acharam quinze passos.

29 E temendo que déssemos em alguns penedos, lançando quatro âncoras desde a pôpa, desejavam que viesse o dia.

30 E procurando os marinheiros fugir do navio, depois de lançarem o esquife ao mar, com o pretexto de começarem a largar as âncoras da proa,

31 disse Paulo ao centurião, e aos soldados: Se êstes homens não permanecerem no navio, não podereis vós salvar-vos.

32 Então cortaram os soldados os cabos ao esquife, e deixaram-no perder.

33 E entretanto que o dia vinha, rogava Paulo a todos que comessem alguma coisa, dizendo: Faz hoje já catorze dias, que estais à espera em jejum, sem comer bocado.

34 Portanto rogo-vos por vida vossa, que comais alguma coisa, porque não perecerá nem um só cabelo da cabeça de nenhum de vós.

(8) **ADRIÁTICO**. — Os antigos davam êste nome ao mar Jônio, entre a Grécia e a Itália meridional.

35 E tendo dito isto, tomando do pão, deu graças a Deus em presença de todos: E depois que o partiu, começou a comer.

36 Todos com isto tomaram ânimo, e se puseram também a comer.

37 E as pessoas do navio éramos por tôdas duzentas e setenta e seis.

38 E depois que se refizeram com a comida, aliviaram o navio, lançando o trigo ao mar.

39 E como já tivesse aclarado o dia não conheceram a terra: Sòmente viram uma enseada que tinha ribeira, na qual intentavam, se pudessem, encalhar o navio.

40 Pelo que tendo levantado âncoras, se entregaram ao mar, largando ao mesmo tempo as amarraduras dos lemes: E levantada ao vento a cevadeira, encaminharam-se à praia.

41 Mas tendo nós dado numa língua de terra, que de ambos os lados era torneada de mar, deram com o navio ao través: E a proa sem dúvida afincada permanecia imóvel, ao mesmo tempo que a pôpa se abria com a força do mar.

42 Nestes têrmos a resolução dos soldados era matar os presos: Por temerem não fugisse algum, salvando-se a nado.

43 Mas o centurião, querendo salvar a Paulo, embaraçou que o fizessem: E mandou que aqueles, que pudessem nadar, fossem os primeiros que se lançassem às ondas, e se salvassem, e saíssem em terra:

Atos dos Apóstolos 27, 44; 28, 1-4

44 E quanto aos mais, a uns faziam salvar em tábuas, a outros em cima dos destroços que eram do navio. E dêste modo aconteceu que tôdas as pessoas saíssem em terra.

CAPÍTULO 28

ARRIBA PAULO A MALTA. MORDE-O UMA VÍBORA E NÃO O DANA. OS BÁRBAROS O TÊM POR UM DEUS. CURA O SENHOR DA ILHA, E OUTROS MUITOS. PASSADOS TRÊS MESES CHEGA PAULO A PUZOLO, E DEPOIS A ROMA. DECLARA AOS JUDEUS O MOTIVO DA SUA VINDA E PREGA-LHES A JESUS CRISTO POR ESPAÇO DE 2 ANOS.

1 E estando nós já em salvo, soubemos então que a ilha se chamava Malta. E os bárbaros nos trataram com muita humanidade. (1)

2 Porquanto, acesa uma grande fogueira, nos alentaram a todos contra a chuva que vinha, e em razão do frio.

3 Então havendo Paulo ajuntado e pôsto sôbre o lume um molho de vides, uma víbora que fugira do calor, lhe acometeu uma mão.

4 Quando porém os bárbaros viram a bicha pendente da sua mão, diziam uns para os outros: Certamente êste homem é algum matador, pois tendo escapado do mar, a vingança o não deixa viver.

(1) **OS BÁRBAROS** — Os últimos habitantes Africanos que ficaram na ilha, depois do domínio romano. Não falavam nem o grego nem o latim, daí a denominação de bárbaros.

MALTA — Alguns comentadores querem que se trate aqui de Meleda, no golfo de Veneza, mas o maior número identificam-na com a moderna Malta, no Mediterrâneo, ao sul da Sicília.

5 Mas é certo que êle sacudindo a bicha no fogo, não experimentou nenhum dano.

6 Os tais porém julgavam que êle viesse a inchar, e que subitamente caísse e morresse. Mas depois de esperarem muito tempo, e vendo que lhe não sucedia mal nenhum, mudando de parecer, disseram que êle era algum deus.

7 E naqueles lugares havia umas terras do príncipe da ilha, chamado Públio, o qual hospedando-nos em sua casa, três dias nos tratou bem.

8 Sucedeu porém achar-se então doente de febre e de disenteria, o pai de Públio. Foi Paulo vê-lo: E como fizesse oração, e lhe impusesse as mãos, sarou-o.

9 Depois do qual milagre, todos os que na ilha se achavam doentes, vinham a êle e eram curados:

10 Êles nos fizeram também grandes honras, e quando estávamos a ponto de navegar, nos proveram do que era necessário.

11 E ao cabo de três meses embarcamos num navio de Alexandria, que tinha invernado na Ilha, o qual levava por insígnia *Castor e Pollux*. (2)

12 E arribados a Siracusa, ficamos ali três dias.

(2) **CASTOR E POLLUX** — Eram os dois gêmeos filhos de Júpiter e de Leda, que a Gentilidade cria presidirem à bonança, e aos quais por isso professavam os marinheiros grande devoção. E tendo cada um seu próprio nome, costumavam os gentios dar a conhecer ambos pelo nome do mais velho, dizendo por exemplo o **Templo dos Castores**, o **Navio dos Castores**.

Atos dos Apóstolos 28, 13-17

13 De lá correndo a costa, viemos a Régio: E um dia depois, ventando o Sul, chegamos em dois a Puzolo: (3)

14 Onde, como achamos irmãos, êles nos rogaram que ficássemos na sua companhia sete dias: E passados êles, tomamos o caminho de Roma.

15 Donde, porém, tendo os irmãos novas que chegávamos, saíram a receber-nos à Praça d'Ápio, e às Três Vendas. Paulo, como os viu, dando graças a Deus, cobrou ânimo. (4)

16 E chegados que fomos a Roma, deu-se licença a Paulo que ficasse onde quisesse, com um soldado que o guardasse.

17 Mas passados três dias convocou Paulo os principais dos judeus. Havendo-se êles ajuntado, lhes disse: Eu, varões irmãos, sem cometer nada contra o povo, nem

(3) **RÉGIO** — Hoje Reggio, no reino de Nápoles, a sudoeste e em frente de Sicília.

PUZOLO — Na Vulgata Puteolos, é, segundo os melhores autores Pouzzoles, cidade da Campânia, no golfo de Nápoles. Era porto de fácil desembarque, e onde vinham os navios chegados de Alexandria. S. Paulo chegou aqui dois dias depois da sua partida de Régio. Pouzzoles ficava perto de Pompéia. Posteriormente encontrou-se nas ruínas desta cidade, sepultada dezoito anos depois, em 79, nas lavas do Vesúvio, uma sinagoga, e uma inscrição, vestígio irrefutável da existência do Cristianismo nestas paragens e nesta época, pois diz assim *Audi christianos, saevos olores*.

(4) **A PRAÇA D'APIO E AS TRÊS VENDAS** — Entre Pouzzoles e Roma, os Atos só mencionam o Fóro Ápio e as Três Vendas, onde compareceram os fiéis de Roma na presença do grande Apóstolo. Em Abril de 1892 o Padre Vigouroux empreendeu, na companhia do padre Le Camus, uma viagem de estudo aos lugares por onde passou S. Paulo. Foi com dificuldade, diz o sábio exegeta, que pude estabelecer a identidade das Três Vendas, *Três Tabernae*. Seguiram os dois investigadores a Via Appia e chegaram a Cisterna, onde al-

contra os costumes de nossos pais, havendo sido prêso em Jerusalém, fui entregue nas mãos dos romanos.

18 Os quais tendo-me examinado, quiseram soltar-me, visto que não achavam em mim crime algum que merecesse morte.

19 Mas opondo-se a isso os judeus, vi-me obrigado a apelar para o César, sem intentar contudo acusar de alguma coisa os da minha nação. (5)

20 Por esta causa pois é que vos mandei chamar aqui, para vos ver, e vos falar. Porquanto, pela esperança de Israel é que eu estou prêso com esta cadeia.

guns críticos diziam ser as **Tres Tabernae**, porém o próprio pároco informou que, embora na Igreja exista uma capela dedicada a S. Paulo, onde os descendentes dos que tinham recebido o apóstolo receberam o imortal Pio IX, as **Três Vendas** deviam ficar a três milhas, perto da Torre de Anibal. Al se vêem hoje umas construções modernas, a uma pequena distância da estrada real, o que corresponde perfeitamente à indicação dada pelo *Itinerarium Antonini*. As **Três Vendas** eram o lugar de paragem dos viajantes, pois era ali o entroncamento da estrada d'*Antium* (hoje Porto-Anzio) e da *Via Appia*. Cicero *Ad Attic*, 11, 12, Cfr. Smith, *Dictionary of Graeck and Roman Geography*. Vigouroux e os seus companheiros seguiram depois para o Fôro, Apio, visitando cuidadosamente todos os terrenos, que naquele ano eram propriedade do genro do notável arqueólogo Rossi, conseguindo localizar os sítios indicados por S. Lucas e poder concluir que todos os pormenores dados pelo autor dos **Atos dos Apóstolos** são rigorosamente históricos, não havendo nada discordante com as descobertas e investigações modernas na narração da viagem marítima de S. Paulo. Os hodiernos estudos marítimos confirmam a travessia da Palestina para a Itália, da mesma sorte que as relações dos viajantes e as descobertas epigráficas contemporâneas, atestam, como se vê, que o historiador dos Apóstolos conhecia muito bem os lugares, personagens e costumes a que se refere, revelando-se assim em cada página o autor do livro contemporâneo dos fatos que narra. consciencioso e digno de fé.

(5) O CÉSAR — Era Nero.

Atos dos Apóstolos 28, 21-27

21 Então eles lhe responderam: Nós nem temos recebido carta de Judéia que fale em ti, nem de lá tem vindo irmão algum que nos dissesse ou falasse algum mal da tua pessoa.

22 Porém quiséramos que tu nos disseses o que sentes: Porque o que nós sabemos desta seita, é que em tôda a parte a impugnam.

23 Tendo-lhe pois aprasado dia, vieram muitos vê-lo ao seu hospício, aos quais ele tudo expunha, dando testemunho do Reino de Deus, e convencendo-os a respeito de Jesus pela lei de Moisés e pelos profetas, de pela manhã até à tarde.

24 Uns criam o que ele dizia, outros porém não criam.

25 E como não estivessem entre si concordes, estavam para se retirar, quando lhes disse Paulo esta palavra: Bem falou pois o Espírito Santo pelo profeta Isaías, a nossos pais,

26 dizendo: Vai à êsse povo, e dize-lhes: De ouvido ouvireis, e não entendereis: E vendo vereis, e não percebereis.

27 Porque o coração dêste povo se endureceu, e dos ouvidos ouviram pesadamente, e apertaram os seus olhos: Porque não vejam com os olhos, e ouçam com os ouvidos, e entendam no coração, e se convertam e eu os sare. (6)

(6) **PORQUE O CORAÇÃO DÊSTE POVO** — Com êsse mesmo texto de Isaías ameaçou Cristo Senhor nosso o povo judaico, como vimos e observamos no Evangelho de S. Mateus, 13, 14. 15.

Atos dos Apóstolos 28, 28-31

28 Seja-vos pois notório que aos gentios é enviada esta salvação de Deus, e êles a ouvirão.

29 E tendo acabado de dizer isto, saíram dali os judeus, tendo entre si grandes altercações.

30 E dois anos inteiros permaneceu Paulo num aposento que alugara: E recebia a todos que o vinham ver;

31 pregando o reino de Deus, e ensinando as coisas que são concernentes ao Senhor Jesus Cristo, com tôda a liberdade, sem proibição.

EPÍSTOLAS DE S. PAULO

INTRODUÇÃO GERAL

AUTOR. — Bossuet chama a S. Paulo o mais zeloso dos Apóstolos e o mais ilustre dos pregadores. Pregou com a sua palavra veemente, apostolizou com os seus escritos arremessados à posteridade, que os recolheu reverentemente, de sorte que ainda hoje o Apóstolo das gentes quotidianamente nos está pregando Jesus Cristo Crucificado, instruindo e edificando a grei cristã com os seus ensinamentos.

Saulo, convertido na estrada de Damasco, transformado de cruel perseguidor de cristãos em infatigável Apóstolo do Santo Evangelho, aliava, sem dúvida alguma, veemente energia, que denota singular robustez física, a um talento não vulgar, que se revela na sublimidade dos conceitos que se encontram nos seus escritos, outros tantos argumentos da acuidade do seu espírito.

Tenaz nos seus intentos, firme nos seus propósitos, sai da Palestina, evangeliza a ilha de Chipre, prega em Perga, na Panfília, na Antioquia de Pisídia, em Icônia, em Listra, em Derbe e demora-se em Antioquia até 47 ou 48.

Epístolas de São Paulo

Depois do Concílio de Jerusalém empreende segunda jornada Apostólica, que durou cêrca de 3 anos, 51 a 53, percorre o norte da Ásia Menor, vai à Frígia, inicia a pregação na Galácia. Por aviso do Céu vem à Europa, funda as Igrejas de Filipos, de Tessalônica e de Beréia, na Macedônia. Depois, na Grécia, a de Atenas e a de Corinto, voltando a Antioquia por Éfeso, Cesaréia e Jerusalém.

No ano 55 começa terceira missão, e esta mais longa, indo até ao ano de 58. Depois de ter visitado as Igrejas da Galácia e de Frígia e de ter estado bastante tempo em Éfeso e nos arredores, parte para a Macedônia, de onde vem para Tróade, passa na Grécia, voltando a Corinto, onde permaneceu três meses; procura de novo a Macedônia, embarca em Filipos, passa em Tróades, em Asson e Mileto. Aparece depois em Cesaréia, em casa do diácono Filipe. Por fim chega a Jerusalém, cai em poder dos seus inimigos, apela para César, é conduzido a Roma, recuperando a liberdade em 62, sendo alfin prêso e martirizado cêrca do ano 67, em Roma, com S. Pedro.

Mas a herança de S. Paulo foi gloriosa. São as suas 14 Epístolas. Nove destas Epístolas são dirigidas a Igrejas, entendendo a dirigida aos hebreus como dirigida à Igreja de Jerusalém, uma a uma província e quatro a particulares.

LÍNGUA EM QUE ESTÃO ESCRITAS. — São tôdas escritas em grego, ou melhor, no idioma helenista em

Epístolas de São Paulo

uso nas colônias judaicas, à exceção da Epístola aos Hebreus, na sua primitiva redação, o que ainda assim não é muito certo. A preferência dêste idioma facilmente se percebe. A unidade de linguagem facilitava a propagação do Cristianismo e preparava a unidade da religião. O grego era a língua oficial; em Roma era tão compreendido como o latim, segundo vem no Juvenal *Sat.* 3, 60-61. Por esta mesma razão escreveram em grego os primeiros padres, S. Clemente, Hermas, S. Irineu, Caio, S. Hipólito, etc.

ÉPOCA, ORDEM CRONOLÓGICA E DATA DESTAS EPÍSTOLAS. — A sua data precisa não é sempre fácil de determinar com rigorosa exatidão.

S. Paulo converteu-se no ano 35, quando tinha também trinta e cinco anos aproximadamente.

Iniciou os seus trabalhos pelo ano 45, foi prêso em 58, recuperou a liberdade em 62 e foi martirizado em 67. As suas Epístolas foram compostas durante a parte ativa da sua vida, em diversas estações de viagens apostólicas, entre 52 e 66. Com os dados fornecidos pela narração dos Atos dos Apóstolos e pelas indicações das próprias Epístolas pode organizar-se o seguinte quadro cronológico, segundo Bacuez.

Seis epístolas escritas em 6 anos durante a 2.^a e 3.^a viagem

1.^a Aos Tessalonicenses — 2.^a viagem, em 52, de Corinto

2.^a Aos Tessalonicenses — no mesmo ano e local

Epístola de São Paulo

1.^a Aos Coríntios — 3.^a viagem, em 57 de Éfeso

2.^a Aos Coríntios — em 57 de Filipe

Aos Gálatas — em 57, de Corinto

Aos Romanos — em 58 de Corinto

Quatro epístolas escritas no fim do 1.^o cativoiro

Aos Filipenses

Aos Efesios

Aos Colossenses

A Filemon

} em Roma no ano 62

Três entre os dois cativoiros

Aos Hebreus, no ano 63, de Itália

A Tito, no ano 64 de Macedônia

1.^a a Timóteo, mesmo ano e lugar

Uma durante o seu último cativoiro

2.^a A Timóteo, ano 66 de Roma.

} Doze escritas no tempo de Nero, de 56 a 66

AUTENTICIDADE. — Todos os críticos, em todos os tempos, hereges e ortodoxos defendem a autenticidade destas Epístolas. Os escritores coevos, como S. Pedro, as primeiras versões, todos os cânones, dos Padres de toda a Igreja, a começar por S. Clemente, S. Policarpo e S. Irineu, citam as Epístolas Paulinas como fazendo parte do Novo Testamento.

A análise intrínseca destes escritos prova-a superabundantemente.

EPÍSTOLA

DE

S. PAULO AOS ROMANOS

INTRODUÇÃO

LUGAR E DATA. — Estava S. Paulo pela terceira vez em Corinto, hospedado em casa de um cristão chamado Caius, que êle tinha batizado, quando escreveu esta Epístola, *At* 20, 2; *Rom* 16, 23 e 1 *Cor* 1, 14; 2 *Cor* 12, 14. Três meses depois ia partir para Jerusalém. Era talvez o ano 58. Aproximava-se a festa de Pentecostes, ao mesmo tempo que Nero, atingindo os vinte anos, começava a mostrar os seus perversos instintos. S. Paulo formava o desígnio de ir cristianizar Roma, a Roma dos Césares, a capital do mundo.

Para preparar o terreno compõe a sua carta, dirige-se aos fieis que estavam em Roma *sanctis qui sunt Roma* *Rom* 1, 7-15, sendo portadora uma viuva chamada Rebeca que êle apresenta como diaconisa da Igreja de Corinto.

Esta Epístola precede-o três anos na cidade eterna.

Epístola de S. Paulo aos Romanos

Sabe-se que em Roma existia uma colônia de judeus havia mais de um século, e que Augusto a tratara com muita benevolência. Garantira-lhe liberdade religiosa e dera-lhe mesmo uma faixa importante de terreno na região transtiberina. *Fil. de leg. ad Caium*, 9. Cícero *Pro Flaco* 28. Também se sabe que muitos dos judeus residentes em Roma tinham vindo a Jerusalém no ano da morte de Jesus Cristo e que assistiram à pregação de S. Pedro, *At* 2.

Muitos dêsses converteram-se e voltando a Roma formaram o núcleo primitivo dessa cristandade, que tão gloriosa havia de ser em pouco tempo, formando já no ano 58, em que S. Paulo lhes escrevia, uma Igreja considerável e bem organizada *At* 28, 15, à qual pertenciam muitos gentios. Rossi, o notável arqueólogo cristão, descobriu numa pedra dum túmulo cristão, uma data consular que corresponde ao ano 61, com o nome de Vespasiano, e nas inscrições das catacumbas, um grande número dos nomes das mais nobres famílias do império. *Inscript Christianae*. As pinturas mais antigas das catacumbas confirmam plenamente o asserto.

AUTENTICIDADE. — A autenticidade da Epístola ao Romanos é universalmente aceita, e à exceção dos últimos capítulos, os próprios racionalistas a sustentam. No primeiro século está citada por S. Clemente, e no segundo por S. Policarpo, por S. Justino, por S. Teófilo, por S. Irineu, etc. Encontra-se nos cânones mais antigos, incluindo o de Muratori.

DIVISÃO. — Esta Epístola compreende um prólogo e duas secções.

Epístola de S. Paulo aos Romanos

PRÓLOGO. — É uma saudação e apresentação da sua pessoa invocando as suas qualidades de servo do Senhor e de Apóstolo 1, 1-7, e a seguir, em uma segunda parte dêste prólogo fala do zêlo que o animava, da forma humilde, modesta, despretensiosa de impor a sua autoridade e da viva fé daqueles a quem se dirigia. 1, 8-17.

I *Seção Primeira* ou dogmática, compreende duas partes em que se propõe demonstrar.

a) A fé cristã é para os gentios e para os judeus uma condição indispensavel de justificação e de salvação.

b) A fé cristã é a única condição de justificação e da salvação.

II *Seção Segunda Moral* — cc. 12-16.

a) Preceitos e conselhos relativos à vida e virtudes cristãs.

1) em relação aos cristãos.

2) em relação às autoridades,

3) pelo que respeita aos que têm obrigações particulares.

EPÍSTOLA

DE

S. PAULO AOS ROMANOS

CAPÍTULO 1

RECOMENDA PAULO A EXCELENCIA DO SEU APOSTOLADO. DESEJA EXERCITÁ-LO EM ROMA. OS INFIEIS SÃO INESCUSÁVEIS, PORQUE, CONHECENDO A DEUS, NÃO O GLO-RIFICARAM COMO DEVIAM. POR ISSO PERMITIU DEUS QUE ÊLES CAISSEM EM ABOMINÁVEIS TORPEZAS DE PECADOS CONTRA A NATUREZA.

1 Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado Apóstolo, escolhido para o Evangelho de Deus. (1)

2 O qual Evangelho tinha êle antes prometido pelos seus profetas nas Santas Escrituras

(1) **CHAMADO APÓSTOLO** — Entende-se por Deus, segundo o que já vimos nos At 9, 15, e 13, 2. — **Pereira.**

Epístola de S. Paulo aos Romanos 1, 3-9

3 sôbre seu Filho Jesus Cristo Senhor nosso, que lhe foi feito da linhagem de Davi, segundo a carne.

4 Que foi predestinado Filho de Deus com poder, segundo o Espírito de santificação, pela ressurreição dentre os mortos: (2)

5 Pelo qual havemos recebido a graça, e o Apostolado para que se obedeça à Fé em tôdas as gentes pelo seu Nome.

6 Entre os quais também vós sois chamados de Jesus Cristo:

7 A todos os que estão em Roma; queridos de Deus, chamados Santos, graça vos seja dada, e paz da parte de Deus nosso Pai, e da de Jesus Cristo nosso Senhor. (3)

8 Primeiramente dou na verdade graças ao meu Deus por Jesus Cristo na consideração de todos vós: Porque em todo o mundo é divulgada a vossa fé.

9 Porque Deus, a quem sirvo em meu espírito no Evangelho do seu Filho, me é testemunha que incessantemente faço menção de vós,

(2) **QUE FOI PREDESTINADO FILHO DE DEUS** — Como homem, Jesus Cristo era predestinado para ser Filho de Deus. Provam a sua divindade os milagres que operou, a sua ressurreição e a voz do Espírito Santo. *Hic est Filius meus dilectus*...

(3) **CHAMADOS SANTOS** — Já vimos nos Atos dos Apóstolos, 9, 13, 32, 41, e 26, 10, 18, e o tornaremos a ver nos capítulos oitavo, duodécimo e décimo quinto desta mesma Epístola, que este nome de Santos era, na primitiva Igreja, um nome comum a todos os fieis. E isto não porque todos fossem Santos, mas porque tanto na igreja Universal, como na igreja Particular, são os Santos os melhores e mais principais membros dela, até para a sua abominação. — *Estio*.

Epístola de S. Paulo aos Romanos 1, 10-20

10 sempre nas minhas orações: Rogando-lhe que me abra enfim nalguma ocasião de qualquer modo algum caminho favorável, sendo esta a vontade dêle, Deus, para ir a vós.

11 Porque vos desejo ver: Para vos comunicar alguma graça espiritual com que sejais confirmados:

12 Isto é, para me consolar juntamente convosco, por aquela vossa e minha fé que uns e outros professamos.

13 Mas não quero que vós, irmãos, ignoreis isto: Que muitas vezes tenho proposto ir ver-vos, (e tenho sido impedido até agora) para lograr também algum fruto entre vós como ainda entre as outras nações.

14 Eu sou devedor a gregos, e a bárbaros, a sábios e a ignorantes:

15 Assim (quanto é em mim) estou pronto para vos anunciar também o Evangelho, a vós que viveis em Roma.

16 Porque eu não me envergonho do Evangelho. Porquanto a virtude de Deus é para dar a salvação a todo o que crê, ao judeu primeiro, e ao grego.

17 Porque a Justiça de Deus se descobre nele de fé em fé, como está escrito: O justo porém vive da fé.

18 Porque a ira de Deus se manifesta do Céu contra tôda a impiedade, e injustiça daqueles homens, que retêm na injustiça a verdade de Deus.

19 Porque o que se pode conhecer de Deus lhe é manifesto a êles: Porque Deus lho manifestou.

20 Na verdade as suas perfeições invisíveis, tornadas compreensíveis depois da criação do mundo, conside-

Epístola de S. Paulo aos Romanos 1, 21-27

radas pelas obras que foram feitas, e que passaram a ser tão visíveis como a virtude sempiterna e a sua divindade, de tal sorte que são inescusáveis.

21 Porquanto depois de terem reconhecido a Deus, não o glorificaram como a Deus, ou deram graças: Antes se desvaneceram nos seus pensamentos, e se obscureceu o seu coração insensato. (4)

22 Porque atribuindo-se o nome de sábios, se tornaram estultos,

23 e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança de figura de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de serpentes.

24 Pelo que os entregou Deus aos desejos dos seus corações, à imundícia: De modo que desonraram os seus corpos em si mesmos.

25 Os quais mudaram a verdade de Deus em mentira, e adoraram, e serviram à criatura antes que ao Criador, que é bendito por todos os séculos. Amém.

26 Por isso os entregou Deus a paixões de ignomínia. Porque as suas mulheres mudaram o natural uso em outro uso, que é contra a natureza.

27 E assim mesmo também os homens, deixado o natural uso das mulheres, arderam nos seus desejos mu-

(4) **PORQUANTO DEPOIS DE TEREM RECONHECIDO A DEUS** — Dá o Apóstolo a razão de serem inescusáveis os filósofos gentios. E a razão é, porque tendo conhecido pelo lume do entendimento, que um só Deus era o Criador conservador do mundo, não o glorificaram, nem lhe deram graças, como o Criador e conservador, antes o culto de reconhecimento, e de sujeição, que deviam tributar a este Deus, e que deviam ensinar ao povo ignorante, eles o tributaram aos ídolos, e ensinaram o povo a que lho tributassem. Erradamente se pretende concluir daqui contra as imagens, pois o Apóstolo refere-se aos ídolos do paganismo.

tuamente, cometendo homens com homens a torpeza, e recebendo em si mesmos a paga que era devida ao seu pecado.

28 E assim como eles não deram provas de que tivessem o conhecimento de Deus, assim os entregou Deus a um sentimento depravado, para que fizessem coisas que não convém,

29 cheios de toda a iniquidade, de malícia, de desonestidade, de avareza, de maldade, cheios de inveja, de homicídios, de contendas, de engano, de malignidade, mexeriqueiros,

30 murmuradores, aborrecidos de Deus, contumeliosos, soberbos, altivos, inventores de males, desobedientes a seus pais,

31 insipientes, imodestos, sem benevolência, sem palavra, sem misericórdia.

32 Os quais tendo conhecido a justiça de Deus, não compreenderam que os que fazem semelhantes coisas, são dignos de morte: Não somente os que estas coisas fazem, senão também os que consentem aos que as fazem.

CAPÍTULO 2

OS JUDEUS, QUE CONDENAVAM OS GENTIOS SÃO CULPAVEIS, COMO ELES, PORQUE OS IMITAM NAS MESMAS DESORDENS. DEUS HÁ-DE RETRIBUIR A CADA UM, SEGUNDO O MERECEREM AS SUAS OBRAS. OS QUE SÃO JUSTOS SEM A LEI SALVAR-SE-AO SEM A LEI. ELA NÃO SALVARÁ AOS QUE A VIOLAREM. O GENTIO GUARDANDO A LEI, FICA CIRCUNCIDADO. O JUDEU NÃO A GUARDANDO, FICA POR CIRCUNCIDAR. A VERDADEIRA CIRCUNCISÃO É A DO CORAÇÃO E DO ESPÍRITO.

1. Pelo que és inescusável, tu, ó homem, qualquer que julgas. Porque no mesmo em que julgas a outro, a ti

Epístola de S. Paulo aos Romanos 2, 2-8

mesmo te condenas: Porque fazes essas mesmas coisas que julgas. (1)

2 Porque nós sabemos que o juízo de Deus é segundo a verdade contra aqueles que tais coisas fazem.

3 E tu, ó homem, que julgas aqueles que fazem tais coisas, e executas as mesmas, entendes que escaparás do juízo de Deus?

4 Acaso desprezas tu as riquezas da sua bondade e paciência, e longanimidade? Ignoras que a benignidade de Deus te convida à penitência?

5 Mas pela tua dureza, e coração impenitente, entesouras para ti ira no dia da ira, e da revelação do justo juízo de Deus,

6 que ha de retribuir a cada um segundo as suas obras.

7 Com a vida eterna por certo, aos que perseverando em fazer obras boas, buscam glória e honra, e imortalidade.

8 Mas com ira, e indignação aos que são de contenda, e que não se rendem à verdade, mas que obedecem à injustiça.

(1) **PELO QUE ÉS INESCUSAVEL** — Depois de mostrar aos judeus os erros e abominação em que caíram os seus filósofos; e isto para os enganar, de que não foram as virtudes e ciências de seus Maiores, as por que Deus os chamou à fé, e à graça do Evangelho, passa o Apóstolo a convencer os judeus, de que por serem o Povo escolhido de Deus, e terem recebido dele a Lei, se não deviam eles ter por mais dignos da vocação divina do que o eram os gentios; e de que nem a Lei nem a circuncisão os justificará, nem salvará, se as obras não concordarem com a profissão.

9 A tribulação e a angústia virá sôbre tôda a alma, do homem que obra mal, do judeu primeiramente e do grego.

10 Mas a glória, e a honra, e a paz será dada a todo o obrador do bem, ao judeu primeiramente, e ao grego.

11 Porque não há para com Deus acepção de pessoas.

12 Porque todos os que sem lei pecaram, sem lei perecerão: E quantos com lei pecaram, por lei serão julgados.

13 Porque não são justos diante de Deus os que ouvem a lei: Mas os que fazem o que manda a lei, serão justificados.

14 Porque quando os gentios, que não têm lei, fazem naturalmente as coisas, que são da Lei, êsses tais não tendo semelhante lei, a si mesmos servem de lei.

15 Os quais mostram a obra da lei escrita nos seus corações, dando testemunho a êles a sua mesma consciência, e os pensamentos de dentro, que umas vezes os acusam, e outras os defendem,

16 no dia em que Deus, segundo o meu evangelho, há de julgar as coisas ocultas dos homens, por Jesus Cristo. (2)

17 Mas se tu, que tens o sobrenome de judeu, e repousas sôbre a lei, e te glorias em Deus:

(2) **NO DIA** — Este versículo parece ser a continuação do décimo segundo, sendo os três precedentes um parêntesis.

MEU EVANGELHO — O Evangelho que eu prego.

Epístola de S. Paulo aos Romanos 2, 18-29

18 E sabes a sua vontade, e distingues o que é mais proveitoso, instruído pela lei.

19 Tu mesmo que presumes ser o guia dos cegos, o farol daqueles que estão em trevas.

20 O doutor dos ignorantes, o mestre das crianças, que tens a regra da ciência, e da verdade na lei.

21 Tu pois, que a outro ensinas, não te ensinas a ti mesmo: Tu que pregas que se não deve furtar, furtas:

22 Tu que dizes que se não deve cometer adultério, o cometes: Tu que abominas os ídolos, sacrilegamente os adoras:

23 Tu que te glorias na lei, desonras a Deus pela transgressão da lei.

24 (Porque o nome de Deus por vós é blasfemado entre as gentes, assim como está escrito).

25 A circuncisão na verdade aproveita, se guardares a lei: Mas se fores transgressor da lei, a tua circuncisão se converteu em prepúcio.

26 Pois se o incircunciso guardar os preceitos da lei: Não é verdade que o seu prepúcio será reputado como circuncisão?

27 E se o que naturalmente é incircunciso cumpre de todo o ponto a lei, te julgará êle a ti, que com a letra, e com a circuncisão és transgressor da lei?

28 Porque não é judeu o que o é manifestamente: Nem é circuncisão a que se faz exteriormente na carne:

29 Mas é judeu o que o é no interior: E a circuncisão do coração é no espírito, não segundo a letra: cujo louvor não vem dos homens, senão de Deus.

CAPÍTULO 3

VANTAGENS DOS JUDEUS SOBRE OS GENTIOS. A ÊLES É QUE DEUS FEZ AS SUAS PROMESSAS. A SUA INCREDU-
LIDADE NÃO DESTRUIRÁ A FIDELIDADE DE DEUS. TO-
DOS SÃO PECADORES, JUDEUS E GENTIOS. A LEI A
NINGUÉM JUSTIFICA, MAS SIM A FÉ EM JESUS CRISTO.
NINGUÉM LOGO SE PODE GLORIAM.

1 Que tem pois de mais o judeu? ou que utilidade é a da circuncisão?

2 Muita vantagem logra em tôdas as maneiras. Principalmente porque lhes foram por certo confiados os oráculos de Deus.

3 Que será pois se alguns dêles não creram? Porventura a sua incredulidade destruirá a fidelidade de Deus? Não, por certo.

4 Porque Deus é veraz: E todo o homem mentiroso, segundo está escrito: Para que sejas reconhecido por fiel nas tuas palavras: E venças quando fores julgado.

5 Se a nossa injustiça porém faz brilhar a justiça de Deus, que diremos? Acaso Deus, que castiga com ira, é injusto?

6 (Como homem falo.) Não por certo: De outra maneira, como julgará Deus a êste mundo?

7 Porque se a verdade de Deus pela minha mentira cresceu para glória sua: Por que sou eu ainda assim julgado como pecador?

8 E não (como somos murmurados, e como alguns dizem que nós dizemos) que façamos males para que ve-nham bens: A condenação dos quais é justa.

Epístola de S. Paulo aos Romanos 3, 9-19

9 Que dizemos pois? logramos alguma vantagem sobre eles? De nenhuma sorte. Porque já temos provado que judeus e gentios estão todos debaixo do pecado,

10 assim como está escrito: Não há pois nenhum justo. (1)

11 Não há quem entenda, não há quem busque a Deus.

12 Todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis, não há quem faça bem, não há nem sequer um.

13 A garganta dêles é um sepulcro aberto, com as suas línguas fabricavam enganos: Um veneno de áspides se encobre debaixo dos lábios dêles, (2)

14 cuja boca está cheia de maldição, e de amargura.

15 Os pés dêles são velozes para derramar sangue.

16 A dor, e a infelicidade se acha nos caminhos dêles.

17 E não conheceram o caminho da paz.

18 Não há temor de Deus diante dos olhos dêles.

19 Sabemos pois que quanto a lei diz, àqueles que debaixo da lei estão, o diz para que toda a boca esteja fechada, e todo o Mundo fique sujeito a Deus: (3)

(1) **NENHUM JUSTO**, quer dizer, em virtude da lei natural ou da lei escrita, mas somente pela fé e pela graça. Cfr. SI 13, 3. 4.

(2) **UM VENENO** — Cfr. SI 5, 2; 139, 4.

(3) **SABEMOS POIS** — Para tirar aos judeus o subterfúgio de poderem dizer, que o que o salmista escrevera da universal

Epístola de S. Paulo aos Romanos 3, 20-24

20 Porque pelas obras da lei não será julstificado nenhum homem diante dêle. Porque pela lei só vem o conhecimento do pecado. (4)

21 Mas agora sem a lei se tem manifestado a justiça de Deus: Testificada pela lei, e pelos profetas.

22 E a justiça de Deus é infundida pela fé de Jesus Cristo em todos, e sôbre todos os que crêem nele: Porque não há nisto distinção alguma:

23 Porque todos pecaram, e necessitam da glória de Deus.

24 Tendo sido justificados gratuitamente por sua graça, pela redenção que têm em Jesus Cristo.

corrupção do gênero humano, se não devia entender deles, mas somente dos gentios, adverte oportunamente o Apóstolo, que sendo os Salmos uma parte tão notável, e principal da lei escrita, não podiam negar, nem duvidar os judeus, que deles, e com êles falava o Real profeta.

PARA QUE TÔDA A BÔCA — A todos, isto é, a judeus e a gentios; a cujas duas classes de homens se reduziam então todos os homens. E à vista da geral corrupção, que lamentara o salmista, diz o Apóstolo que a todos se tapou a bôca, para não attribuirem às suas obras merecimento e o beneficio da justificação. Porque do que se afirma e verifica dos judeus pelo que deles escreveu o salmista, conclui o Apóstolo tãcitamente o que succedeu aos gentios, por aquella espécie de argumento, que os lógicos chamam do maior ao menor. Porque se os judeus tendo recebido a Lei com tanto aparato e solenidade, e conservando-a escrita em caracteres sensíveis, para ela lhes servir de Pedagogo, assim se deixaram corromper do vicio, e do pecado, que seria dos gentios, que se não tinham a lei natural apagada de todo nos seus corações, tinham-na certamente muito escurecidas; e cegos com as suas idolatrias e paixões, dificultosamente podiam refletir nos seus ditames. — **Pereira.**

(4) PORQUE PELAS OBRAS DA LEI NÃO SERÁ JUSTIFICADO NENHUM HOMEM DIANTE DÊLE — Quando sejam puramente exteriores praticadas sem fé nem caridade.

Epístola de S. Paulo aos Romanos 3, 25-30

25 Ao qual propôs Deus para ser vítima de propiciação pela Fé no seu sangue, a fim de manifestar a sua justiça pela remissão dos delitos passados,

26 na paciência de Deus, para demonstração da sua justiça neste tempo: A fim de que êle seja achado justo, e justificador daquele que tem a Fé de Jesus Cristo.

27 Onde está logo o motivo de te gloriaries? Todo êle foi excluído. Por que lei? Pela das obras? Não: Mas pela Lei da Fé.

28 Concluimos pois que o homem é justificado pela Fé, sem as obras da lei. (5)

29 Porventura Deus só o é dos judeus? Não o é êle também dos gentios? Sim, por certo, êle o é também dos gentios.

30 Porque na verdade não há senão um Deus, que justifica pela fé os circuncidados, e que também pela fé justifica os incircuncidados.

(5) **QUE O HOMEM É JUSTIFICADO PELA FÉ SEM AS OBRAS DA LEI** — Quando S. Paulo diz, que a justificação do homem é pela fé, é porque, como adverte o Concílio de Trento na sessão 6 do Cap. 8, a fé é o principio da salvação, o fundamento e raiz de toda a justificação: *Per fidem ideo justificari dicimur quia fides est unitium salutis, fundamentum, et radix omnis justificationis*. A fé que justifica o homem não é uma certeza presuntiva de ser justificada, mas uma viva e firme crença de tudo o que Deus revelou ou prometeu; uma fé abrasada pela caridade em Jesus Cristo; acompanhada da esperança, de amor, de arrependimento, fortalecida pelo uso dos sacramentos. Daqui se deve concluir, que as obras, que o Apóstolo contrapõe à Fé, são as obras feitas sem a Graça do Novo Testamento, isto é, sem a graça de Jesus Cristo, a qual graça porque principia pela Fé e porque pela Fé se concebe a esperança e a caridade, por isso a Fé principalmente atribui S. Paulo na Epístola aos hebreus todas as grandes ações, que obraram os antigos Santos Patriarcas, e à Fé principalmente atribui êle aqui na Epístola aos romanos a justificação, e a salvação.

31 Logo destruimos nós a lei pela fé? De nenhuma sorte: Antes estabelecemos a mesma lei.

CAPÍTULO 4

ABRAÃO JUSTIFICADO PELA FÉ, AINDA ANTES DE CIRCUNCIDADO. A SUA CIRCUNCISÃO FOI UM SINAL DA SUA FÉ. AS PROMESSAS FORAM FEITAS A ABRAÃO NÃO PELA LEI, MAS PELA FÉ. A JUSTIÇA DA FÉ VEM DA GRAÇA. A FÉ FEZ A ABRAÃO PAI DE TODOS. ELE CREU CONTRA O QUE SE LHE REPRESENTAVA QUE DEVIA ESPERAR. A SUA FÉ LHE FOI IMPUTADA A JUSTIÇA. ELA O SERÁ TAMBÉM AOS QUE O IMITAREM.

1 Que vantagem diremos pois ter achado Abraão, nosso pai, segundo a carne?

2 Porque, se Abraão foi justificado pelas obras, tem de que se gloriar, mas não diante de Deus. (1)

3 Que diz pois a Escritura? Abraão creu em Deus: E isto lhe foi imputado à justiça.

4 E ao que trabalha, não se lhe imputa salário como favor, mas como dívida.

5 Mas ao que não obra, e crê naquele que justifica o ímpio, à sua fé lhe é imputada a justiça, segundo o decreto da graça de Deus.

(1) **SE ABRAÃO FOI JUSTIFICADO** — Se Abraão neste estado tivera devido a sua justificação às suas obras, tivera sido o autor dele sem que a graça de Deus tivesse feito nada; ou se tivesse tido parte, houvera sido com dependência da vontade de Abraão, que nesta hipótese devia considerar-se como o primeiro princípio, e por assim dizer a causa determinante. — S. Tomás.

Epístola de S. Paulo aos Romanos 4, 6-15

6 Como também Davi declara a bem-aventurança do homem, a quem Deus atribui justiça sem obras:

7 Bem-aventurados aqueles, cujas iniquidades foram perdoadas, e cujos pecados têm sido cobertos.

8 Bem-aventurado o varão, a quem o Senhor não imputou pecado.

9 Ora, esta bem-aventurança está somente na circuncisão, ou também no prepúcio? Porquanto dizemos que a fé foi imputada a Abraão a justiça.

10 Como lhe foi ela pois imputada? depois da circuncisão, ou antes da circuncisão? Não foi depois da circuncisão, mas sim antes da circuncisão.

11 E recebeu o sinal da circuncisão, como sêlo da justiça que tinha adquirido pela fé, quando incircunciso, a fim de que fosse pai de todos os crentes incircuncisos. a fim de que também a êles lhes seja imputada a justiça:

12 E seja pai da circuncisão, não somente àqueles que são circuncidados senão também aos que seguem as pisadas da fé, que teve nosso pai Abraão antes de ser circuncidado.

13 Porque a promessa a Abraão, ou à sua posteridade, de que seria herdeiro do mundo, não foi pela lei: Mas pela justiça da fé.

14 Porque se os da lei é que são os herdeiros, fica aniquilada a fé, sem valor a promessa.

15 Porque a lei provoca a cólera. Porquanto onde não há lei, não há transgressão. (2)

(2) **PORQUE A LEI PROVOCA A CÓLERA** — Esta expressão, à primeira vista obscura, significa que a lei tem como resultado o

16. Em consequência do que pela fé é que são os herdeiros, a fim de que por graça a promessa seja firme a tôda a sua posteridade, não somente ao que é da lei, senão também ao que é da fé de Abraão, que é pai de todos nós, (3)

17. (Como está escrito: Eu pois te constituí pai de muitas gentes) diante de Deus, a quem havia crido, o qual dá vida aos mortos, e chama às coisas que não são, como as que são. (4)

18. Êle creu em esperança contra a esperança, que seria pai de muitas gentes, segundo o que se lhe havia dito: Assim será a sua descendência.

19. E não fraqueou na fé, nem considerou o seu próprio corpo amorticado, sendo já de quase cem anos: Nem que a virtude de conceber se achava extinta em Sara.

castigo, não a graça nem a salvação. *Operatur iram occasionaliter tamen non ex se, efficaciter.* Cfr. Lc 2, 34; Rom 7, 7-13, 2 Cor 2, 16. Em direito, todo aquele que viola uma lei incorre numa pena imposta à transgressão. Mas de fato todos os submetidos à lei mosaica transgrediram-na mais ou menos. Por isso duas consequências deduz o Apóstolo: — 1.º A lei só não tornou os homens justos, mas multiplicou as transgressões e tornou-os mais devedores para com a justiça divina. Isto não provém de que a lei seja má, nem que arraste ao mal, de contrário, mas nós é que somos fracos, e de tal sorte inclinados ao pecado, que nem as penas, nem o temor dos castigos inerentes às infrações da lei nos demovem de a transgredir. — 2.º Se as promessas feitas a Abraão tivessem por condição indispensável a observância rigorosamente exata e perfeita da lei do Sinai, esta promessa jamais seria realizada.

(3) **QUE É PAI DE TODOS NÓS** — Pai de todos os crentes pela imitação, e seguimento da sua fé.

(4) **EU POIS TE CONSTITUI** — No sentido literal e histórico foi Abraão pai de muitas nações por Ismael, por Isaac, e pelos outros filhos que teve de Cetura. Mas no sentido moral e profético havia Abraão de vir a ser pai de muitas nações, pela conversão do gentilismo à fé de Jesus Cristo. — Calmet.

Epístola de S. Paulo aos Romanos 4, 20-25

20 Não hesitou ainda com a mais leve desconfiança na promessa de Deus, mas foi fortalecido pela fé, dando glória a Deus.

21 Tendo por muito certo, que também é poderoso para cumprir tudo quanto prometeu.

22 Por isso lhe foi também imputado a justiça.

23 E não está escrito somente por êle, que lhe foi imputado a justiça:

24 Mas somente por nós, a quem será imputado, se cremos naquele que ressurgiu dos mortos, Jesus Cristo nosso Senhor.

25 O qual foi entregue por nossos pecados, e ressuscitou para nossa justificação. (5)

(5) **O QUAL FOI ENTREGUE POR NOSSOS PECADOS** — S. Paulo faz esta distinção para pôr em evidência as relações que existem entre a vida do cristão e a de Jesus Cristo. Assim a morte do Homem Deus é a figura mais natural da destruição do homem velho, aferrado ao mundo, ilaqueado pelas suas seduções, crucificado às suas paixões; e a ressurreição à imagem do homem novo, quebrando os liames que o acorrentavam ao mal, surgindo do sepulcro da hipocrisia e do egoísmo; ressuscitando para o bem e para a justiça e para o Céu; duplo caráter da vida cristã, duplo efeito da graça do Salvador no Sacramento da regeneração. *Quia affectus habet aliqualem similitudinem causae, mortem Christi, qua extincta est in eo mortalis vita, Apostolus dicit esse causam extinctionis peccatorum nostrorum, resurrectionem autem ejus, qua reddit ad novam vitam gloriae, dicit esse causam justificationis nostrae per quam redimus ad novitatem justitiae.* — S. Tomás, In Rom 4, 25. Cfr. p.p. 39, 49 e 53.

CAPÍTULO 5

A JUSTIÇA ADQUIRIDA PELA FÉ NOS FAZ ESPERAR A GLÓRIA DE FILHOS DE DEUS. JESUS CRISTO, QUE MORREU PELOS ÍMPIOS, SALVAR-NOS-A, SENDO JUSTOS, TODOS SÃO MORTOS EM ADÃO, E TODOS VIVERÃO POR JESUS CRISTO. A SUA GRAÇA É MAIS ABUNDANTE DO QUE O PECADO.

1 Justificados pois pela Fé, tenhamos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo:

2 Pelo qual temos também acesso pela Fé a esta graça, na qual estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da glória dos filhos de Deus.

3 E não somente nesta esperança, mas também nas tribulações nos gloriamos: Sabendo que a tribulação produz paciência:

4 E a paciência experiência, e a experiência esperança.

5 E a esperança não traz confusão: Porque a caridade de Deus está derramada em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi dado.

6 A que fim pois, quando nós ainda estávamos enfermos, morreu Cristo, no tempo prescrito por uns ímpios?

7 Porque apenas há quem morra por um justo, ainda que algum se atreva talvez a morrer por um bom. (1)

(1) **PORQUE APENAS** — Mostra o Apóstolo a fineza da Redenção dos homens por Jesus Cristo, observando, que quando dificultosamente se acha no mundo quem dê a vida por um homem benéfico, quando ainda é mais raro achar-se quem dê a vida por um homem justo, foi contudo tão intenso, tão extre-

Epístola de S. Paulo aos Romanos 5, 8-12

8 Mas Deus faz brilhar a sua caridade em nós: Porque ainda quando éramos pecadores em seu tempo,

9 morreu Cristo por nós: Pois muito mais agora, que somos justificados pelo seu sangue, seremos salvos da ira por êle mesmo.

10 Porque se, sendo nós inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho: Muito mais estando já reconciliados, seremos salvos por sua vida.

11 E não só fomos reconciliados: Mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, por quem agora temos recebido a reconciliação.

12 Portanto assim como por um homem entrou o pecado neste mundo, e pelo pecado a morte, assim passou também a morte a todos os homens por um homem, no qual todos pecaram. (2)

moso o amor de Deus para com os homens, que sendo êstes maus, sendo ingratos, sendo pecadores, quis êle morrer pelos homens, e livrá-los com a sua morte da condenação eterna.

(2) **NO QUAL TODOS PECARAM** — Sem que pretendamos fazer a história dos êrros contra a doutrina do pecado original desde os Gnósticos, Maniqueus, Pelagianos, protestantes, etc., não podemos deixar de fazer referência ao artigo de Janet, publicado na *Revue des Deux mondes*, sobre o pecado original escrito em termos violentos, como se pode deduzir desta passagem "Quant à cette justice qui punit les innocents pour les coupables et declare coupable celui qui n'a pas encore agi, c'est la VENDETTA barbare, ce n'est pas la justice des hommes éclairés; noutra passagem declara que à moins d'admettre la preexistence des âmes ou une sorte de pantheisme humanitaire, on ne peut pas comprendre cette expression theologique: tous les hommes ont pêché en Adam. A combater o impugnador do pecado original appareceu um lutador impertérito Mgr. Elias Meric, com um opúsculo intitulado *La Chutte originelle et la responsabilité humaine*. Paris 1885. A moderna teoria orthodoxa sobre o pecado original e acerca deste texto pode resumir-se no seguinte: Adão pecou, transgredindo uma lei que lhe fôra solenemente imposta; por êste ato foi despojado de todos

os dons, que elle frua nesse estado de justiça por privilégio divino; ficou privado de todos os dons sobrenaturais com que havia sido graciosamente enriquecido. Nós nascemos de Adão depois da culpa, portanto depois de elle ter perdido todos esses favores, todos esses auxilios, todos esses dons, consequentemente privados de herdar o que elle já não possuia. Assim nós não afirmamos em Adão um ato mau, e em todos os demais homens um estado de indigência, que se concatena pela solidariedade do sangue e da alma ao pai da raça humana; é para explicar esta solidariedade que os teólogos repetem: — todo o homem pecou em Adão. — Nunca a Igreja ensinou que nós cooperássemos na falta adâmica, e cometêssemos, ao nascer, uma falta original; tão longe foi que condenou os que diziam que o homem devia fazer penitência toda a vida pelo pecado original. Tal afirmação estaria em contradição com o ensino dos teólogos. São claras as palavras de S. Tomás: *Peccatum originale non esse ationem quandam, quae maxime spectat ad personam; sed esse privationem rectitudinis et sanctitatis*. E assim o asserto de Janet, que já Bayle havia formulado: *Il est évident qu'une créature qui n'existe pas ne saurait être complice d'une action mauvaise*, nada tem que ver com o ensinamento católico acerca do dogma do pecado original, que não offende nem os attributos de Deus nem os mais respeitáveis direitos do coração humano. Muito menos razão de ser tem a afirmativa de Janet quando diz: *le dogme du pêché originel est une dogme barbare*. Se-lo-ia se o ensinamento católico propusesse o que Janet inculca, ou o que queriam os jansenistas e os falsos místicos que, desnaturando a doutrina do pecado original, transformavam Deus num carrasco injusto e indomável, e o homem num ser essencialmente corrupto e degradado. Mas nós cremos com S. Tomás e com os teólogos da melhor nomeada, que Deus retirou a Adão, em castigo da sua culpa, os dons gratuitos que lhe havia comunicado, e que por título algum poderia exigir de Deus, da mesma sorte que nós não temos título algum para também os reclamar. Acreditamos que a geração nos faz nascer com uma natureza idêntica à de Adão. Ora, a natureza adâmica tendo sido despojada da justiça original, nós nascemos como ela, carentes dessa justiça, e isto é o que chamam culpa original. Estamos privados de dons gratuitos e sobrenaturais, e a tal privação não pode ser nunca uma punição bárbara. Nós só podemos reclamar aquilo a que temos direito, nunca dons gratuitos ou favores sobrenaturais. Onde está a barbaridade da privação dum favor? Essa privação não aniquilou por completo a bondade no homem, em que pese aos jansenistas. Lá o está afirmando o Velho com o Novo Testamento. Os Salmos celebram as belezas do homem e da terra. Sl 8, 18; 19, 29; 30, 33. Os Atos lembram-nos que o homem caído ainda é uma criatura de origem divina 17, 29. S. Paulo e São Tiago não cessam de repetir que o homem é a imagem de Deus. A privação dos dons e do estado da justiça original tornam-no fraco, propenso para a culpa, sujeito à dor e ao erro. carece agora de lutar, de trabalhar para merecer de se

Epístola de S. Paulo aos Romanos 5, 13-16

13 Porque até à lei o pecado estava no mundo: Mas não era imputado o pecado, quando não havia lei. (3)

14 Entretanto reinou a morte desde Adão até Moisés, ainda sobre aqueles que não pecaram por uma transgressão semelhante à de Adão, o qual é figura do que havia de vir. (4)

15 Mas não é assim o dom como o pecado: Porque se pelo pecado de um morreram muitos: Muito mais a graça de Deus, e o dom pela graça de um só homem, que é Jesus Cristo, abundou sobre muitos.

16 E não foi assim o dom como o pecado por um: Porque o juízo na verdade se originou de um pecado para

vencer a si mesmo, mas não desapareceram as energias para o bem, nem a faculdade de atingir a perfeição e lograr a felicidade celeste.

(3) **NÃO ERA IMPUTADO O PECADO** — A Lei de que fala o Apóstolo é a Lei escrita, a lei de Moisés. O dizer, pois, que havia no mundo o pecado, mas que este não se imputava, porque não havia ainda lei, deve-se entender no sentido em que ele dissera no Capítulo 4, verso 15: Que onde não há lei, não há transgressão da lei. Não se imputava pois o pecado como transgressão da lei escrita. Ainda que ele certamente se imputava, como transgressão da lei natural, que logo existiu com o primeiro homem.

(4) **O QUAL É FIGURA DO QUE HAVIA DE VIR** — Isto é, figura do Messias, futuro, ou figura de Jesus Cristo, a quem por isso o mesmo Apóstolo em outro lugar chama o segundo Adão. A figura porém consiste particularmente, segundo o sentido do Apóstolo, em que Adão é a cabeça natural de todos os homens pecadores, bem como Jesus Cristo é a cabeça espiritual de todos os Fieis, e em que Adão na qualidade de pecador comunicou efeitos do seu pecado a todos os seus descendentes por meio da geração carnal, bem como Jesus Cristo soberanamente justo comunica a sua graça, e a sua justiça a todos os Fieis pela regeneração do batismo.

condenação: Mas a graça procedeu de muitos delitos para a justificação.

17 Porque se pelo pecado de um, reinou a morte por um só homem: Muito mais reinarão em vida por um só, que é Jesus Cristo, os que recebem a abundância da graça, e do dom e da justiça.

18 Pois assim como pelo pecado de um só, incorreram todos os homens na condenação: Assim também pela justiça de um só, recebem todos os homens a justificação da vida.

19 Porque assim como pela desobediência de um só homem, foram muitos feitos pecadores: Assim também pela obediência de um só, muitos se tornarão justos.

20 E sobreveio a lei para que abundasse o pecado. Mas onde abundou o pecado, superabundou a graça. (5)

21 Para que assim como o pecado reinou para a morte: Assim reina também a graça pela justiça para a vida eterna, por meio de Jesus Cristo nosso Senhor.

(5) **PARA QUE ABUNDASSE O PECADO** — Não porque a lei faça o pecado, ou o intente, mas porque, por uma parte, onde não há lei, não há transgressão da lei, como assim ouvimos ao Apóstolo, e por outra parte, onde falta a graça, dá a lei ocasião a muitos pecados, enquanto com a sua mesma proibição acende a nossa concupiscência. *Ubi non est gratia liberatoris, auget peccandi desiderium prohibitio peccatorum*, diz Santo Agostinho no Livro das Oitenta e Três Questões, Questão 66, n.º 1. E na Exposição do Salmo 83, discorre assim o mesmo Santo Doutor: A Lei foi dada ao homem, para converter o homem, e para o fazer confessar, que ele estava enfermo então mesmo quando o homem cria que estava são. Foi-lhe dada para lhe fazer ver o seu pecado, e não para o curar. E que produziu nele o conhecimento do seu pecado? Aumentou-se mais o pecado, cobrou o pecado novas forças; de sorte que quando antes era o homem pecador, depois tornou-se o homem prevaricador.

CAPÍTULO 6

POR SER A GRAÇA MAIS ABUNDANTE QUE O PECADO NÃO DEVEMOS POR ISSO PECAR POR AUMENTAR A GRAÇA. O BATISMO NOS FAZ MORRER AO PECADO, PARA ESTE NÃO TORNAR A REVIVER EM NÓS. A ÁGUA REPRESENTA EM NÓS O SEPULCRO DE JESUS CRISTO. POR IMITAÇÃO DESTA NÃO DEVEMOS VIVER SENÃO PARA DEUS. O ESTÍPENDIO E PAGA DO PECADO É A MORTE: O DA JUSTIÇA É A VIDA ETERNA.

1 Que diremos pois? Permaneceremos no pecado, para que abunde a graça?

2 Deus nos livre, porque uma vez que ficamos mortos ao pecado, como viveremos ainda nele?

3 Vós não sabeis que todos os que fomos batizados em Jesus Cristo, fomos batizados na sua morte?

4 Porque nós fomos sepultados com êle para morrer ao pecado pelo batismo: Para que como Cristo ressurgiu dos mortos pela glória do Padre, assim também nós andemos em novidade de vida.

5 Porque se nós fomos plantados juntamente com êle à semelhança da sua morte: Se-lo-emos também igualmente na conformidade da sua ressurreição.

6 Sabendo isto, que o nosso homem velho foi crucificado juntamente com êle para que seja destruído o corpo do pecado e não sirvamos jamais ao pecado. (1)

(1) **SABENDO ISTO, QUE O NOSSO HOMEM VELHO** — O homem velho na frase do Apóstolo é a corrupção do pecado, que o homem contraiu em Adão: ou é o mesmo homem, enquanto afeto, ou infeto desta corrupção. E na Epístola aos Efésios, cap. 4, verso 24, opõe o Apóstolo ao homem velho, o homem novo, que é o homem regenerado pela graça a uma nova vida: isto é,

7 Porque o que é morto, justificado está do pecado. (2)

8 E se somos mortos com Cristo: Creemos que juntamente viveremos também com Cristo.

9 Sabendo, que tendo Cristo ressurgido dos mortos, já não morre, nem a morte terá sobre êle mais domínio.

10 Porque enquanto a êle morrer pelo pecado, êle morreu uma só vez: Mas enquanto ao viver, vive para Deus.

11 Assim também vós considerai-vos que estais certamente mortos ao pecado, porém vivos para Deus, em nosso Senhor Jesus Cristo.

12 Não reine pois o pecado no vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais aos seus apetites.

13 Nem tão pouco ofereçais os vossos membros ao pecado por instrumentos de iniquidade: Mas oferecei-vos a Deus, como ressuscitados dos mortos: E os vossos membros a Deus, como instrumentos de justiça.

14 Porque o pecado vos não dominará: Pois já não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça. (3)

a uma vida em que já não reinem as antigas paixões, mas o amor da justiça.

(2) **JUSTIFICADO ESTÁ DO PECADO** — Isto é, isento, livre do pecado. — Pereira.

(3) **POIS JÁ NÃO ESTAIS DEBAIXO DA LEI, MAS DEBAIXO DA GRAÇA** — Santo Agostinho (sem cuja lição, como dizia o grande Dominicano Fr. Luiz do Sotô Maior, se não pode entender bem S. Paulo) distingue, segundo a doutrina do Apóstolo, quatro estados, em que o homem se pode considerar: "Antes da lei, debaixo da lei, debaixo da graça, na paz." Não ha divisão

Epístola de S. Paulo aos Romanos 6, 15-18

15 Pois que? Pecaremos, porque não estamos debaixo da lei, mas debaixo da graça? Deus tal não permita.

16 Não sabeis que seja qual fôr ou a quem vos ofereceis por servos para lhe obedecer, ficais servos do mesmo a quem obedeceis, ou do pecado para a morte, ou da obediência para a justiça?

17 Porém graças a Deus, que fostes servos do pecado, e haveis obedecido de coração àquela forma de doutrina, a que tendes sido entregues.

18 E libertados do pecado, haveis sido feitos servos da justiça.

mais célebre, nem mais freqüente em Santo Agostinho. Ele a traz na explicação dalgumas proposições tiradas da Epístola aos Romanos; no comentário sobre a Epístola aos Gálatas; no livro *Da Continência*; no *Manual a Lourenço*; no livro das oitenta e três questões. Como nesta última obra se explica o Santo Doutor mais concisamente, dela transcreverei as suas palavras como elas se acham na questão 66. "O primeiro estado é antes da lei, o segundo debaixo da lei, o terceiro debaixo da graça, e o quarto na paz. O estado antes da lei, é quando nós nos entregamos às concupiscências da carne, sem sabermos que coisa é pecado. O estado debaixo da lei, é quando depois de se nos proibir o pecado, nós não deixamos de o cometer, por estarmos habituados a êle, porque ainda não temos o socorro da fé. O estado debaixo da graça, é quando nós temos uma fé plena e inteira no nosso libertador, e attribuindo tudo à sua misericórdia, e nada aos nossos merecimentos, nós resistimos aos deleites daquele mau hábito, que nos incita ao pecado, e não somos mais dêle vencidos, ainda que sem nos podermos desfazer das suas importunas sollicitações. O estado na paz, é quando já não há nada no homem que resista ao espírito, o que sucederá quando o nosso corpo mortal for revestido da immortalidade. Segundo esta explicação de Santo Agostinho à frase de S. Paulo, dizem-se estar "dabaixo da lei", àqueles que vivem debaixo do jugo da lei de Moisés, considerada nua e pura, isto é, sem a fé, e sem a graça de Jesus Cristo, que êles não conhecem, e sem as quais é forçoso que êles se deixem arrastar e vencer da concupiscência carnal. E pelo contrário dizem-se estar "dabaixo da graça" aqueles que, pela fé e

Epístola de S. Paulo aos Romanos 6, 19-23; 7, 1

19 Humanamente falo, atendendo à fraqueza da vossa carne: Que assim como para a maldade oferecestes os vossos membros para que servissem à imundícia e à iniquidade, assim para santificação ofereci agora os vossos membros para que sirvam a justiça.

20 Porque quando éreis escravos do pecado, fostes livres da justiça.

21 Que fruto pois tivestes então naquelas coisas, de que agora vos envergonhais? Pois o fim delas é morte.

22 Mas agora que estais livres do pecado, e que haveis sido feitos servos de Deus, tendes o vosso fruto em santificação, e por fim a vida eterna.

23 Porque o estipêndio do pecado é a morte. Mas a graça de Deus é a vida perdurável em nosso Senhor Jesus Cristo.

CAPÍTULO 7

NÓS SOMOS ABSOLTOS DA LEI PELA MORTE DE JESUS CRISTO. A LEI AUMENTA O PECADO. JESUS CRISTO NO-LO FAZ VENCER PELO SEU ESPÍRITO. A LEI ERA SANTA, MAS O HOMEM CARNAL A VIOLAVA. ELA FOI CAUSA DE RECRESCER O PECADO. AS PAIXÕES DO JUSTO PELEJAM CONTRA ELE. ELE NÃO FAZ O BEM QUE DESEJA. A GRAÇA NOS HÁ DE LIVRAR DESTES CATIVEIROS.

1 Porventura ignorais vós, irmãos, (falo pois com os que sabem a Lei), que a lei só tem domínio sobre o homem, por quanto tempo ele vive?

graça do Salvador, têm, ou esperam ter, a verdadeira justiça, ou eles vivam adstritos à lei de Moisés, ou não vivam. Por onde os justos do testamento velho, ainda que obrigados a guardar a lei

Epístola de S. Paulo aos Romanos 7, 2-7

2 Porque a mulher que está sujeita ao marido, enquanto vive o marido, atada está à lei: Mas se morrer seu marido, solta fica da lei do marido.

3 Logo se, vivendo o marido, for achada com outro homem, será chamada adúltera: Mas se morrer seu marido, livre fica da lei do marido: De maneira que não é adúltera se estiver com outro marido.

4 Pelo que, irmãos meus, também vós estais mortos à lei pelo corpo de Cristo: Para que sejais de outro, do que ressuscitou dentre os mortos, a fim de que demos fruto a Deus.

5 Porque enquanto estávamos na carne, as paixões dos pecados, que havia pela lei, obravam em nossos membros, para darem fruto à morte:

6 Mas agora soltos estamos da lei da morte, na qual estávamos presos, de sorte que sirvamos em novidade de espírito, e não na velhice da letra.

7 Que diremos logo? E' a lei do pecado? Deus nos livre de tal cuidarmos. Mas eu não conheci o pecado, senão pela lei: Porque eu não conheceria a concupiscência, se a lei não dissera: Não cobiçarás.

como todavia não esperavam a justiça pelas obras da lei, mas pela fé do Messias prometido, não se deve dizer (insistindo na frase de S. Paulo) que estiveram "debaixo da lei", mas sim "debaixo da graça". Porque então se diz estar o homem "debaixo da lei", quando impondo-lhe a lei os preceitos, não lhe dá, nem lhe pode dar a lei as forças que lhe são necessárias para as observar. E então se diz estar o homem "debaixo da graça", quando com os preceitos se lhe dão as forças para os cumprir. E esta é a diferença entre a lei de Moisés e a lei evangélica; aquela mandava, mas não ajudava; esta manda, e ao mesmo tempo ajuda, para se observar o que manda, porque é a lei da graça, a lei da caridade.

8 E o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, obrou em mim toda a concupiscência, porque sem a lei o pecado estava morto.

9 E eu nalgum tempo vivia sem lei. Mas quando veio o mandamento, reviveu o pecado.

10 E eu sou morto: O mandamento que me era para vida, êsse foi achado que me era para morte.

11 Porque o pecado tomando ocasião do mandamento me enganou, e me matou pelo mesmo mandamento.

12 Assim que a lei é na verdade santa, e o mandamento é santo e justo e bom.

13 Logo, o que é bom se tem feito morte para mim? Não por certo. Mas o pecado, para se mostrar pecado, produziu em mim a morte por bem: A fim de que o pecado se faça excessivamente pecador pelo mandamento.

14 Porque sabemos que a lei é espiritual: Mas eu sou carnal, vendido para estar sujeito ao pecado.

15 Porque eu não compreendo o que faço: Porque não faço êsse bem que quero: Mas o mal que aborreço, êsse é que faço. (1)

(1) **PORQUE EU NÃO COMPREENDO** — S. Paulo, neste e nos versículos seguintes até ao 17, parece contradizer o que adiante afirma no 6, 4, dizendo que o pecado não dominará mais; mas esta contradição não é senão aparente. Com efeito o Apóstolo reconhece dois cativeiros que nos prendem: o dos sentidos, que contraem o hábito de preferir o prazer ao dever; o da vontade, que considera bom e preferível o que nos lisonjeia os sentidos. A Graça divina livra-nos deste segundo cativeiro que é o único real, pois o primeiro é a fragilidade da natureza, não é absolutamente um mal. *Cette même Grâce du Sauveur nous libère au contraire sujets à la première, qui n'est pas un mal mais une fragilité, et c'est ce*

Epístola de S. Paulo aos Romanos 7, 16-23

16 Se eu porém faço o que não quero: Consinto com a lei, tendo-a por boa.

17 E neste caso não sou eu já o que faço isto, mas - sim o pecado que habita em mim.

18 Porque eu sei que em mim, quero dizer na minha carne, não habita o bem. Porque o querer o bem, eu o acho em mim: Mas não acho o meio de o fazer perfeitamente. (2)

19 Porque eu não faço o bem que quero. Mas faço o mal que não quero.

20 Se eu porém faço o que não quero, não sou eu já o que faço, mas é sim o pecado que habita em mim.

21 Portanto querendo eu fazer o bem, acho a lei de que o mal reside em mim.

22 Porque eu me deleito na Lei de Deus, segundo o homem interior. (3)

23 Mas sinto nos meus membros outra lei, que repugna à lei do meu espírito, e que me faz cativo na lei do pecado, que está nos meus membros.

qui signifient ces mots: Ce n'est plus moi qui fais cela, mais le péché qui habite en moi, v. 17. Nota de Vigouroux na Sainte Bible de Glairé. — 1902.

(2) **QUERO DIZER, NA MINHA CARNE** — Note-se que na frase de S. Paulo, se toma a carne por todo o homem, enquanto carnal, isto é, enquanto que Adão corrupto nasce ele corrupto. — **Éstio.**

(3) **HOMEM INTERIOR**, significa a razão e a inteligência esclarecidas pela Graça.

24 Infeliz homem eu, quem me livrará do corpo desta morte? (4)

25 A graça de Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor. Assim que eu mesmo sirvo à lei de Deus segundo o espírito, e sirvo à lei do pecado, segundo a carne.

CAPÍTULO 8

OS QUE VIVEM EM JESUS CRISTO SÃO ISENTOS DA CONDENACÃO. ELES ANDAM SEGUNDO O ESPÍRITO, E OS QUE SÃO LEVADOS PELO ESPÍRITO DE DEUS, SÃO FILHOS DE DEUS E GOZAM DA ESPERANÇA DA GLÓRIA FUTURA. TUDO AOS ESCOLHIDOS CEDE EM BEM. NENHUMA COISA OS PODE SEPARAR DO AMOR DE JESUS CRISTO.

1 Agora pois nenhuma condenação têm os que estão em Jesus Cristo: Os quais não andam segundo a carne.

2 Porque a Lei do espírito da vida em Jesus Cristo me livrou da lei do pecado, e da morte.

3 Porquanto o que era impossível à lei, em razão de que se achava debilitada pela carne: Enviando Deus a seu Filho em semelhança de carne de pecado, ainda do pecado condenou ao pecado na carne,

4 para que a justificação da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o espírito.

(4) **INFELIZ HOMEM EU** — Exclamação de quem geme debaixo do jugo, e servidão do pecado, segundo a carne, e de quem anela a liberdade, que só se alcançará no Céu. — **Estio.**

QUEM ME LIVRARÁ DO CORPO DESTA MORTE? — O corpo da morte, em frase dos hebreus, é o corpo mortal — **Estio.**

Epístola de S. Paulo aos Romanos 8, 5-13

5 Porque os que são segundo a carne, gostam das coisas que são da carne, mas os que são segundo o espírito, percebem as coisas que são do espírito. (1)

6 Ora, a prudência da carne é morte, mas a prudência do espírito é vida e paz.

7 Porque a sabedoria da carne é inimiga de Deus, pois não é sujeita à Lei de Deus, nem tão pouco o pode ser.

8 Os que vivem pois segundo a carne, não podem agradar a Deus.

9 Vós porém não viveis segundo a carne, mas segundo o espírito, se é que o espírito de Deus habita em vós. Mas se algum não tem o espírito de Cristo, êste tal não é dêle.

10 Porém se Cristo está em vós: O corpo verdadeiramente está morto pelo pecado, mas o espírito vive pela justificação.

11 Porque se o Espírito daquele que ressuscitou dos mortos a Jesus, habita em vós: Aquele que ressuscitou dos mortos a Jesus Cristo, também dará vida aos vossos corpos mortais, pelo seu Espírito, que habita em vós.

12 Portanto, irmãos, somos devedores não à carne, para que vivamos segundo a carne.

13 Porque se vós viverdes segundo a carne, morrireis: Mas se vós pelo espírito fizerdes morrer as obras da carne, vivereis.

(1) **SEGUNDO A CARNE** — Aqueles para quem a matéria, os sentidos e os prazeres são tudo.

14 Certamente todos os que são levados pelo Espírito de Deus, estes tais são filhos de Deus.

15 Na verdade vós não recebestes o espírito de escravidão, para estardes outra vez com temor, mas recebestes o espírito de adoção de filhos, segundo o qual clamamos, dizendo: Abba Pai. (2)

16 Porque o mesmo Espírito dá testemunho ao nosso espírito, de que somos filhos de Deus. (3)

17 E se somos filhos, também somos herdeiros: Herdeiros verdadeiramente de Deus, e co-herdeiros de Cristo: Se é que todavia nós padecemos com êle, para que sejamos também com êle glorificados.

18 Porque eu tenho para mim que as penalidades da presente vida, não têm proporção alguma com a glória vindoura que se manifestará em nós. (4)

(2) **ABBA PAI** — No original exprime o Apóstolo a qualidade do Pai, a primeira vez por um nome grego, que é "Abba", a segunda por um nome grego que é "Pater", usado também dos latinos. E isto para significar, que pela adoção da graça recebida no batismo, podiam com igual direito chamar a Deus Pai os fieis judeus e os fieis gentios, que viviam em Roma. — Santo Agostinho.

(3) **DÁ TESTEMUNHO AO NOSSO ESPÍRITO** — Pela ação interna da graça e da paz de consciência que logram os filhos de Deus. têm, com efeito, um como que testemunho de favor divino, galardão da sua virtude, que consiste ainda na bem fundada esperança de sua justificação; esperança bem fundada, dizemos, mas não certeza absoluta, pois esta não se obtém nesta vida, onde temos que trabalhar sempre e persistentemente para a nossa salvação, lutando sempre contra os perigos a que estamos expostos, contra todas as ocasiões igualmente perigosas, que num momento podem comprometer a nossa justificação, pois que é certo que aquele que mais firme se julga, mais perto está da queda.

(4) **NÃO TEM PROPORÇÃO ALGUMA COM A GLÓRIA** — Não têm as penalidades sofridas proporção alguma com a grandeza

Epístola de S. Paulo aos Romanos 8, 19-26

19 Pelo que a expectação da criatura é esperar ansiosamente a manifestação dos filhos de Deus. (5)

20 Porque a criatura está sujeita à vaidade, não por seu querer, mas pela daquele que a sujeitou com a esperança:

21 Porque também a mesma criatura será livre da sujeição à corrupção, para participar da liberdade da glória dos filhos de Deus.

22 Porque sabemos que tôdas as criaturas gemem, e estão com dores de parto até agora.

23 E não só elas, mas também nós mesmos, que temos as primícias do espírito: Também nós gememos dentro de nós mesmos, esperando a adoção de filhos de Deus, a redenção do nosso corpo.

24 Porque na esperança é que temos sido feitos salvos. Ora, a esperança que se vê, não é esperança: Porque o que qualquer vê, como o espera?

25 E se o que não vemos, esperamos: Por paciência o esperamos.

26 E assim mesmo o Espírito ajuda também a nossa fraqueza: Porque não sabemos o que havemos de pe-

da glória futura, comparada a intenção e duração das tais penalidades com a intenção e duração da glória eterna. Mas têm a proporção, que basta, para merecerem de "condigno" (como dizem os teólogos) essa glória eterna suposto ter ajustado e prometido Deus dar a sua glória aos justos, como paga das suas boas obras. — Êstio.

(5) **PELO QUE A EXPECTAÇÃO DA CRIATURA** — Para amplificar a grandeza da glória, que espera aos justos, usa o Apóstolo, conforme o seu costume, da prosopopéia, de fingir que a criatura, isto é, mundo corpóreo e visível está com toda a atenção e ânsia esperando que apareça finalmente essa tão grande glória. — Êstio.

dir, como convém: Mas o mesmo Espírito ora por nós com gemidos inexplicáveis. (6)

27 E aquele que esquadrinha os corações, sabe o que deseja o espírito: Porque êle só pede segundo Deus pelos Santos.

28 Ora nós sabemos que aos que amam a Deus, tôdas as coisas lhes contribuem para seu bem, àqueles que segundo o seu decreto são chamados Santos. (7)

29 Porque os que êle conheceu na sua preciência, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu filho, para que êle seja o primogênito entre muitos irmãos. (8)

(6) **MAS O MESMO ESPÍRITO ORA POR NÓS** — Quando S. Paulo diz que o Espírito Santo ora por nós, é neste sentido, (segundo a frase das Escrituras) que o Espírito Santo é quem faz que oremos. Veja-se Santo Agostinho na Epístola 130, cap. 14.

COM GEMIDOS INEXPLICÁVEIS — Isto é, que se não podem explicar por palavras, e isto ou porque procedem do desejo de uma coisa inefável, qual é a glória celestial, ou porque os mesmos movimentos do coração, enquanto procedidos do Espírito Santo, são inexplicáveis. S. Tomás a êste lugar.

(7) **TÓDAS AS COISAS LHES CONTRIBUEM PARA SEU BEM** — Tanto é assim, que tudo contribui para o bem dos escolhidos, que até os pecados em que caem contribuem para seu bem, enquanto os tornam mais humildes e mais instruídos. Assim o escreve no livro da correção e da graça. — Santo Agostinho.

(8) **PORQUE OS QUE ÊLE CONHECEU** — S. Paulo nesta passagem, como no resto da Epístola, quis tratar da vocação à graça, e indiretamente da vocação à glória. Aqueles que foram chamados *oi kletoi*, são já glorificados por isso mesmo. Têm já a glória do Céu; possuem-na desde logo, porque disto é penhor a graça santificante com que Deus os enriqueceu; penhor e primícias da mesma glória — *semen, inchoatio gloriae*. Cfr. Beelen, *Revue des sciences ecclesiastiques* 1874 (outubro). Sendo assim, não é difícil reconhecer que esta vocação e esta glorificação são um puro efeito da misericórdia divina, *ante praevisa merita*. O termo *Praescire*, ver de lon-

30 E aos que predestinou, a êstes também chamou: E aos que chamou, a êstes também justificou: E aos que justificou também os glorificou. (9)

31 Pois que diremos à vista destas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?

32 O que ainda a seu próprio Filho não perdoou, mas por nós todos o entregou: Como não nos deu também com êle tôdas as coisas?

33 Quem formará acusação contra os escolhidos de Deus? sendo Deus o que os justifica.

34 Quem é que os condenará? Jesus Cristo, que morreu, ou para melhor dizer, que também ressuscitou, que está à mão direita de Deus, que também intercede por nós.

ge, discernir estas coisas distintas, preferir umas às outras, indica um ato simultâneo da vontade e da inteligência, mas nada implica relativamente ao mérito. Cfr. Jer 1. 5: Mt 7. 23. *Praedestinare* significa mais alguma coisa que determinar os meios próprios para tornar a alma ao estado de conformidade em que ela se deve encontrar com o modelo de toda a perfeição. Jesus Cristo, que disse: *Discite a me, aprendei de mim.* A partícula *pro*, que precede os dois termos, indica que se trata de atos divinos anteriores ao tempo. *Vocatio* (o chamamento), designa o primeiro efeito dêsses atos no tempo, a colação das graças que conduzem à fé. *Justificatio* (justificação), designa o segundo efeito, a santificação da alma. *Glorificatio* (a glorificação), exprime o resultado dos dois efeitos precedentes.

(9) **E AOS QUE PREDESTINOU, A ÊSTES TAMBÉM CHAMOU** — Clara e exatamente nos ensina o Apóstolo nesta graduação, a ordem dos divinos decretos para o fim da salvação dos escolhidos, pondo primeiro a predestinação para a glória, depois a vocação para a graça por meio da fé, depois a justificação por meio da graça, e ultimamente a glorificação como prêmio da justificação. Desta sorte vem a ser a predestinação da parte de Deus causa de toda a graça, e de todo o merecimento, e de toda a glória dos escolhidos.

Epístola de S. Paulo aos Romanos 8, 35-39; 9, 1

35 Quem nos separará pois do amor de Cristo? será a tribulação? ou a angústia? ou a fome? ou a desnudez? ou o perigo? ou a perseguição? ou a espada? (10)

36 (Assim como está escrito: Porque por amor de ti somos entregues à morte cada dia: Somos reputados como ovelhas para o matadouro).

37 Mas em tôdas estas coisas saímos vencedores por aquele que nos amou.

38 Porque eu estou certo que nem a morte, nem a vida, nem os Anjos, nem os principados, nem as virtudes, nem as coisas presentes, nem as futuras, nem a violência,

39 nem a altura, nem a profundidade, nem outra criatura alguma nos poderá apartar do amor de Deus, que está em Jesus Cristo Senhor nosso.

CAPÍTULO 9

AFLIGE-SE PAULO COM A PERDIÇÃO DOS JUDEUS. ELA NÃO FRUSTRA AS DIVINAS PROMESSAS, PORQUE O OBJETO DAS PROMESSAS DE DEUS SÃO OS FILHOS DE ABRAÃO SEGUNDO A ELEIÇÃO. E NÃO SEGUNDO A CARNE. ISAAC E JACÓ FORAM OS FILHOS DA PROMESSA, E NÃO ISMAEL, NEM OS OUTROS. DEUS É SENHOR DAS SUAS MISERICÓRDIAS. ELE ENDURECE A QUEM QUER. O QUE ERA POVO SEU, DEIXA DE O SER, E O QUE NÃO ERA, VEM A SER SEU POVO. OS JUDEUS COM A LEI PERDERAM-SE, OS GENTIOS PELA FÉ EM JESUS CRISTO SALVARAM-SE.

1 Eu digo a verdade em Cristo, não minto: Dando-me testemunho a minha consciência no Espírito Santo:

(10) **QUEM NOS SEPARARÁ POIS DO AMOR DE CRISTO? —**
Que grande não é este testemunho de amor a Jesus Cristo, prestado

Epístola de S. Paulo aos Romanos 9, 2-8

2 Que tenho grande tristeza, e contínua dor no meu coração.

3 Porque eu mesmo desejara ser anátema por Cristo, por amor de meus irmãos, que são do mesmo sangue que eu segundo a carne. (1)

4 Que são os israelitas, dos quais é a adoção de filhos, e a glória, e a aliança, e a legislação, e o culto e as promessas:

5 Cujos pais são os mesmos, de quem descende também Cristo segundo a carne, que é Deus sobre todas as coisas, bendito por todos os séculos, Amém.

6 E não que a palavra de Deus haja faltado. Porque nem todos os que são de Israel, estes tais são israelitas.

7 Nem os que são linhagem de Abraão, todos são seus filhos: Mas de Isaac sairá uma estirpe que há de ter o teu nome:

8 Isto é, não os que são filhos da carne, esses tais são filhos de Deus: Mas os que são filhos da promessa, se reputam descendentes.

pelo Apóstolo! E a mais acrisolada gratidão devida também ao amor de um Deus! É o rendimento de oração, aquele coração que está sempre a interceder por nós. *Semper vivens ad interpellandum pro vobis.* Foram estas palavras que também calaram profundamente no ânimo dos mártires, que tudo sofreram para se não apartarem do seu Deus, seu Pai, seu Rei e seu Senhor.

(1) **SER ANÁTEMA POR CRISTO** — O Latim e o Grego diz anátema êsse: que vertido à letra soaria ser excomungado. Porque isso significa em ambas as línguas o nome anátema. O qual nas Escrituras se costuma tomar pela pessoa ou coisa apartada do uso e trato dos homens, não como sagrada mas como execrável e digna de exterminar. (Num 21, 3; Jos 6, 17. E assim na frase dos

9 Porque a palavra da promessa é esta: Por êste tempo virei: E Sara terá um filho.

10 E não sòmente ela: Mas também Rebeca de um ajuntamento que teve com Isaac, nosso pai, concebeu.

11 Porque não tendo êles ainda nascido, nem tendo ainda feito bem, ou mal algum (para que o decreto de Deus ficasse firme segundo a sua eleição),

12 não por respeito às suas obras, mas por causa da vocação de Deus, lhe foi dito a ela.

13 O mais velho pois servirá ao mais moço, segundo o que está escrito: Eu amei a Jacó, e aborreci a Esaú.

14 Pois que diremos? Há porventura em Deus injustiça? E' certo que não.

15 Porque êle disse a Moisés: Eu terei misericórdia com quem me aprouver ter misericórdia: E terei piedade com quem me aprouver ter piedade.

16 Logo isto não depende do que quer, nem do que corre, mas de usar Deus da sua misericórdia.

17 Porque, diz a Escritura a Faraó: Para isto mesmo pois eu te levantei, para mostrar em ti o meu poder: E para que seja anunciado o meu nome por tôda a terra.

Cânones da Igreja o mesmo é dizer, seja anátema, que seja separado da sociedade dos Fieis, separados dos Sacramentos, que é o que por uma só palavra chamamos excomungado. Como pois o ser separado de Jesus Cristo soa ser separado do amor, da companhia, da glória de Jesus Cristo, e ficar réu de pena eterna, e êste desejo, sendo absoluto, parece que pugna com as regras da Fé e da Moral Cristã, quanto mais com as luzes e santidade de um Paulo; tem Êstio e Duhamel por mais provavel, que as palavras do Apóstolo se devem considerar uma hipérbole, com que êle quis exagerar quanto sentia no seu coração, e quão deveras desejava poder evitar a perdição de seus irmãos.

Epístola de S. Paulo aos Romanos 9, 18-22

18 Logo êle tem misericórdia de quem quer, e ao que quer endurece. (2)

19 Nêstes têrmos dir-me-ás tu agora. De que se queixa êle ainda? Porquanto, quem é o que resiste à sua vontade? (3)

20 Mas, ó homem, quem és tu, para replicares a Deus? Porventura o vaso de barro diz a quem o fez: Por que me fizeste assim? (4)

21 Acaso não tem poder o oleiro para fazer por certo de uma mesma massa um vaso para honra e outro para ignomínia?

22 Do que te não deves queixar, se querendo Deus mostrar a sua ira e fazer manifesto o seu poder, sofreu com muita paciência os vasos de ira, aparelhados para a morte.

(2) **LOGO ÊLE TEM MISERICÓRDIA** — Santo Agostinho na Epístola a Xisto, num. 3. Buscamos o merecimento da obduração e achamo-lo, porque pelo merecimento do pecado incorreu na condenação tôda a massa do gênero humano, nem Deus endurece, inspirando a malícia, mas não dando a graça. Buscamos o merecimento da misericórdia, e não achamos nenhum, porque não há nenhum. E isto para que se não evacue a graça, se a misericórdia se não dá gratuitamente, mas como prêmio dos merecimentos.

(3) **NÊSTES TÊRMO** — Propõe o Apóstolo esta objeção em nome de um judeu obstinado. Se é verdade que Deus tem abandonado a nossa Nação à incredulidade, e que êle a não quis chamar eficazmente à fé de Jesus Cristo, por que se queixa êle de nós sermos incrédulos, como se dependesse de nós não o sermos? Porque quem há que resista à sua vontade? Como poderemos nós não ser incrédulos, pois que êle resolveu não nos dar a fé, e ninguém pode resistir ao que êle uma vez decretou? — Sacy.

(4) **MAS O' HOMEM, QUEM ÉS TU, PARA REPLICARES A DEUS?** — Porventura o vaso de barro, etc. Santo Tomás na lição 4, diz assim: Duas questões se podem fazer sobre a eleição dos

23 A fim de mostrar as riquezas da sua glória sobre os vasos de misericórdia, que preparou para a glória.

24 Os quais somos nós, a quem ele também chamou não só dos judeus, mas ainda dos gentios.

25 Assim como ele diz em Oséias: Chamarei povo meu ao que não era meu povo: E amado, ao que não era amado: E que alcançou misericórdia, ao que não havia alcançado misericórdia.

Santos, e reprovação dos ímpios. Uma geral e absoluta. Onde vem querer Deus endurecer a uns e usar de misericórdia com outros. Outra especial e comparativa. Porque quer Deus usar de misericórdia com este e endurecer aquele. Da primeira questão pode-se dar razão, mas da segunda não se pode dar outra senão unicamente ser assim vontade de Deus. Ora S. Paulo não responde à segunda questão senão nos versos 22 e 23. Mas à primeira responde ele logo no verso 20, com um texto de Isaías no capítulo 45, verso 9, que diz assim: Porventura o vaso de barro diz a quem o fez: Por que me fizeste tu assim? Sobre o que se deve considerar: Que se um artifice faz um vaso formoso e próprio a empregar-se em usos nobres, de uma materia vil, tudo o que este vaso tem de excelente, se attribui à bondade do artifice. Porém se de uma materia vil, como é a terra, faz ele um vaso para servir em usos vis, se este vaso tivesse intelligência, não poderia queixar-se de quem o fizera, mas poderia queixar-se de alguma sorte, se a materia, em que trabalhou o artifice, fôsse uma materia de grande preço, como é o ouro e as pedras preciosas. Ora a natureza humana é vil pela sua materia, pois o homem foi formado por Deus do limo da terra, e ainda é muito mais vil pela corrupção do pecado, que de um se transfundi por todos. Por esta razão tudo o que tem de bom, deve o homem attribuir à bondade divina como à habilitade do artifice. E assim ou Deus exalte o homem ou o deixe na sua baixeza e o destine a usos vis, a nenhum faz Deus injustiça, e nenhum tem direito para se queixar dele. Da mesma sorte pois que o oleiro, que trabalha numa materia vil, pode, sem que haja lugar para a queixa, formar da mesma massa desta vil materia um vaso de honra, isto é, destinado a usos nobres, e outro de ignominia, isto é, destinado a usos vis; assim também é livre a Deus formar da mesma materia do gênero humano, corrompida pelo pecado, como de uma vil materia, uns homens preparados para a glória, outros deixados na sua miseria, sem que alguém se possa queixar, que ele lho faz injúria.

Epístola de S. Paulo aos Romanos 9, 26-33

26 E acontecerá isto: No lugar em que lhes foi dito: Vós não sois povo meu: Ali serão chamados filhos de Deus vivo.

27 E pelo que toca a Israel, dêle clama Isaías: Se fôr o número dos filhos de Israel como a areia do mar, as reliquias serão salvas.

28 Porquanto a palavra será consumadora e abreviadora em justiça: Porque o Senhor fará abreviada a palavra sôbre a terra: (5)

29 E assim como predisse Isaías: Se o Senhor dos exércitos nos não tivera deixado alguns da nossa geração, estaríamos nós feitos semelhantes a Sodoma e tais como Gomorra.

30 Que diremos, pois? Que os gentios, que não seguiam a justiça, abraçaram a justiça, e a justiça que vem da fé.

31 Mas Israel, que seguia a lei da justiça, não chegou à lei da justiça.

32 Por que causa? Porque não pela fé, mas como se ela se pudesse alcançar pelas obras: Porque tropeçaram na pedra do tropêço,

33 conforme o que está escrito: Eis aí ponho eu em Sião o que é a pedra do tropêço, e a pedra de escândalo, e todo aquele que crê nele não será confundido.

(5) **PORQUANTO A PALAVRA SERÁ CONSUMADORA** — Como se dissera: Deus consumará e abreviará a palavra, isto é, o negócio, convém a saber, fará breve, isto é, pequeno o número dos fiéis de Israel. — **Menóchio.**

CAPÍTULO 10

ORA PAULO PELA SALVAÇÃO DOS JUDEUS. O ZÊLO DÊSTE NÃO É SEGUNDO A CIÊNCIA. ÊLES IGNORAM O FIM DA LEI, QUE É JESUS CRISTO. A JUSTIÇA NÃO CONSISTE NAS OBRAS, MAS NA FÉ VIVA. A FÉ É PARA TODOS, MAS É NECESSÁRIO QUE HAJA MISSIONÁRIOS QUE A PREGUEM. TODOS OUVIRAM A FÉ, MAS SÓ OS GENTIOS A RECEBERAM.

1 Irmãos, por certo que o bom desejo do meu coração, e a minha oração a Deus, é para que êles consigam a salvação.

2 Pois eu lhes dou testemunho de que êles têm zêlo de Deus, mas não segundo a ciência.

3 Porque, não conhecendo a justiça de Deus, e querendo estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à justiça de Deus.

4 Porque o fim da lei é Cristo, para justificar a todo o que crê. (1)

5 Ora, Moisés acêrca da justiça que vem da Lei, escreveu que o homem que observar os seus mandamentos, achará a vida nêles.

6 Mas a justiça que vem da fé, diz assim: Não digas no teu coração: Quem subirá ao Céu? isto é, a trazer do alto a Cristo.

7 Ou quem descerá ao abismo? isto é, para tornar trazer a Cristo de entre os mortos.

(1) **PARA JUSTIFICAR A TODO O QUE CRÊ** — Não porque só a fé os justifique, mas porque a justificação começa pela fé e a fé lhes ensina o que devem fazer para se justificarem. — **Êstio.**

Epístola de S. Paulo aos Romanos 10, 8-17

8 Mas que diz a Escritura? Perto está a palavra na tua bôca e no teu coração: Esta é a palavra da fé, que pregamos.

9 Porque se confessares com a tua bôca ao Senhor Jesus, e crêres no teu coração que Deus o ressuscitou de entre os mortos, serás salvo.

10 Porque com o coração se crê para alcançar a justiça: Mas com a bôca se faz a confissão para conseguir a salvação.

11 Porque, diz a Escritura: Todo o que crê nele, não será confundido.

12 Porque não há distinção de judeu e de grego: Pôsto que um mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam.

13 Porque todo aquele, quem quer que fôr, o que invocar o nome do Senhor, será salvo.

14 Como invocarão pois aquele em quem não crearam? Ou como crerão àquele que não ouviram? E como ouvirão sem pregador?

15 Porém como pregarão êles, se não forem enviados? Assim como está escrito: Que formosos são os pés dos que anunciam a paz, dos que anunciam os bens!

16 Mas nem todos obedecem ao Evangelho. Porque Isaías diz: Senhor, quem creu ao que nos ouviu pregar?

17 Logo a Fé é pelo ouvido, e o ouvido pela Palavra de Cristo. (2)

(2) **PELA PALAVRA DE CRISTO** — Pela pregação da palavra de Cristo.

Epístola de S. Paulo aos Romanos 10, 18-21; 11, 1-3

18 Mas pergunto: Acaso êles não têm ouvido? Sim, por certo, pois por tôda a terra saiu o som dêles, e até aos limites da redondeza da terra, as palavras dêles.

19 Pergunto mais: Acaso Israel não o soube? Moisés é o primeiro que lhes diz: Eu vos meterei em ciume com uma, que não é gente; eu vos provocarei a ira contra uma gente ignorante.

20 E Isaías se atreve a mais, e diz: Fui achado dos que me não buscavam: Claramente me descobri aos que não perguntavam por mim.

21 E a Israel diz: Todo o dia abri as minhas mãos a um povo incrédulo, e rebelde.

CAPÍTULO 11

DEUS RESERVOU PARA SI ALGUNS DOS JUDEUS. ISTO FOI PELA ELEIÇÃO DE DEUS, E NÃO PELAS OBRAS DOS HOMENS. OS OUTROS FICARAM NA SUA CEGUEIRA. A SUA PERDA, QUE DEU OCASIÃO A SE SALVAREM OS GENTIOS, DEVE NO EXEMPLO DESTES ACHAR O SEU REMÉDIO. A SUA CONVERSÃO SERÁ ÚTIL PARA TODO O MUNDO.

1 Digo pois agora: Rejeitou Deus acaso o seu povo? Não por certo. Porque eu também sou israelita, do sangue de Abraão, da tribo de Benjamim.

2 Não rejeitou Deus o seu povo, que êle conheceu na sua preciência. Porventura não sabeis vós o que a Escritura refere de Elias? De que modo pede êle justiça a Deus contra Israel?

3 Senhor, mataram os teus profetas, derribaram os teus altares: E eu fiquei sòzinho, e êles me procuram tirar a vida.

Epístola de S. Paulo aos Romanos 11, 4-11

4 Mas que lhe disse a resposta de Deus? Eu reservei para mim sete mil homens, que não dobraram os joelhos diante de Baal.

5 Do mesmo modo pois ainda neste tempo, segundo a eleição da sua graça, salvou Deus a um pequeno número, que êle reservou para si. (1)

6 E se isto foi por graça, não foi já pelas obras: Doutra sorte a graça já não será graça.

7 Que diremos logo? Senão que Israel não conseguiu o que buscava: E que os escolhidos o conseguiram: E que os mais foram obocados:

8 Assim como está escrito: Deus lhes deu um espírito de estúpidez: Olhos para que não vejam, e ouvidos para que não ouçam até o presente dia.

9 E Davi diz: A mesa dêles se lhes converta em laço, em prisão, e em escândalo, e em paga.

10 Escurecidos sejam os olhos dêles para que não vejam: E encurva sempre o seu espinhaço.

11 Digo pois: Acaso tropeçaram êles de maneira que caíssem? Não, por certo. Mas pelo pecado dêles, veio a salvação aos gentios, para incitá-los à imitação.

(1) **SEGUNDO A ELEIÇÃO DA SUA GRAÇA** — E segundo a eleição gratuita, com que Deus, sem olhar para algumas boas obras, escolheu para si e determinou salvar a um certo número de judeus. Porque, como já advertimos nas notas ao capítulo oitavo, sempre quando se trata da predestinação dos Justos, a refunde S. Paulo na gratuita eleição ou escolha de Deus, e nunca na previsão dos merecimentos futuros.

12 Porque se o pecado dêles são as riquezas do mundo e o menoscabo dêles as riquezas dos gentios: Quanto mais a plenitude dêles?

13 Porque convosco falo, ó gentios: Enquanto eu na verdade for Apóstolo das Gentes, honrarei o meu ministério.

14 Para ver se de algum modo posso mover à emulação aos da minha nação, e fazer que se salvem alguns dêles.

15 Porque se a perda dêles é a reconciliação do mundo: Que será o seu restabelecimento, senão uma vida restaurada dentre os mortos?

16 Se as primícias porém são santas, também o é a massa: e se é santa a raiz, também o são os ramos.

17 E se alguns dos ramos foram quebrados, e tu, sendo zambujeiro, foste enxertado nêles, e tens sido participante da raiz, e do suco da oliveira,

18 não te jactes contra os ramos: Porque se te jactas, tu não sustentas a raiz, mas a raiz a ti.

19 Porém dirás: Os ramos foram quebrados, para que eu seja enxertado.

20 Bem: Por sua incredulidade foram quebrados. Mas tu pela fé estás firme: Pois não te ensoberbeças por isso, mas teme. (2)

(2) **MAS TEME** — A razão para o temor é a que o Apóstolo dá no verso 22. E a bondade de Deus para contigo se permaneceres na bondade, doutra maneira também tu serás cortado. Dêstes textos, como também de outro aos **Fip 2, 12**, em que S. Paulo os exorta, a que cuidem em obrar a sua salvação com temor

Epístola de S. Paulo aos Romanos 11, 21-26

21 Porque se Deus não perdoou aos ramos naturais: Deves tu temer que êle te não perdoe a ti.

22 Considera pois a bondade, e a severidade de Deus: A severidade por certo para com aqueles que caíram: E a bondade de Deus para contigo, se permaneceres na bondade; doutra maneira também tu serás cortado.

23 E ainda êles, se não permanecerem na incredulidade, serão enxertados: Pois Deus é poderoso para enxertá-los de novo.

24 Porque se tu foste cortado do natural zambujeiro, e contra a tua natureza foste enxertado em boa oliveira: Quanto mais aqueles que são naturais, serão enxertados na sua própria oliveira?

25 Mas não quero, irmãos, que vós ignoreis êste mistério, (para que não sejais sábios em vós mesmos) que a cegueira veio em parte a Israel, até que haja entrada a multidão das gentes. (3)

26 E que assim todo Israel se salvasse, como está escrito: Virá de Sião um que seja libertador, e que deserre a impiedade de Jacó. (4)

e tremor, se prova manifestamente contra os Calvinistas, que podem justo perder a fé e descair do estado da graça.

(3) **ATÉ QUE HAJA ENTRADO** — Isto é, até que o povo gentílico tenha entrado na igreja. — **Pereira.**

(4) **E QUE ASSIM TODO ISRAEL SE SALVASSE** — Daqui inferem S. João Crisóstomo, S. Tomás, Caetano e Soto, que depois de convertidos todos os gentios no fim do mundo, também todos os judeus, que até ali eram incrédulos, hão de reconhecer a Jesus Cristo e abraçar a sua fé. Todavia, S. Gregório Magno, e com êle Estilo, o entendem só da maior parte deles.

27 E esta será com êle a minha aliança: Quando eu tirar os seus pecados.

28 E' verdade que quanto ao Evangelho, êles agora são aborrecidos por vossa causa: Mas quanto à eleição, êles são mui queridos por amor de seus pais.

29 Porque os dons, e a vocação de Deus são imutáveis.

30 Porque assim como também vós em algum tempo não crêstes a Deus, e agora haveis alcançado misericórdia pela incredulidade dêles:

31 Assim também êstes agora não creram na vossa misericórdia.

32 Porque Deus a todos encerrou na incredulidade, para usar com todos de misericórdia.

33 O' profundidade das riquezas da sabedoria e da ciência de Deus! Quão incompreensíveis são os seus juizos, e quão inscrutáveis os seus caminhos! (5)

34 Porque quem conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro?

35 Ou quem lhe deu alguma coisa primeiro, para esta lhe haver de ser recompensada? (6)

(5) **QUAO INCOMPREENSÍVEIS SÃO OS SEUS JUIZOS!** — Tôda esta exclamação com que o Apóstolo conclui o seu largo discurso sobre a reprovação dos judeus e vocação dos gentios, mostra bem que até no seu juízo é esta uma materia superior a tôda a compreensão criada, e que assim tanto da predestinação, como da reprovação dos homens, não se deve buscar a causa na previsão dos merecimentos, mas que toda ella está na vontade de Deus, na qual se contém todas as suas razões das suas obras. — **Êstio.**

(6) **OU QUEM LHE DEU ALGUMA COISA PRIMEIRO?** — Esta pergunta do Apóstolo basta para fazer emudecer tôda a presunção

36 Porque dêle e por êle e nêle existem tôdas as coisas: A êle seja dada glória por todos os séculos. Amem.

CAPÍTULO 12

EXORTA PAULO AOS ROMANOS A SE OFERECEREM A DEUS COMO VÍTIMAS; A NÃO SE CONFORMAREM COM ÊSTE SÉCULO; A CONHECEREM O QUE DEUS QUER DELES; A SEREM SÁBIOS COM MODERAÇÃO. TODOS POIS SE DEVEM AJUDAR MÚTUAMENTE COMO MEMBROS DUM MESMO CORPO. CADA UM DEVE EMPREGAR OS SEUS TALENTOS A BEM DE TODOS. SOBRETUDO OS EXORTA O APÓSTOLO A CARIDADE COM OS PRÓXIMOS ATÉ CHEGAREM A FAZER BEM AOS QUE LHES FAZEM MAL.

1 Assim que pela misericórdia de Deus vos rogo, irmãos, que ofereçais os vossos corpos como uma hóstia viva, santa, agradável a Deus, que é o culto racional que lhe deveis.

2 E não vos conformeis com êste século, mas reformai-vos pela regeneração de vosso espírito, para que experimenteis como a vontade de Deus é boa, agradável e perfeita.

3 Porque pela graça que me foi dada, digo a todos os que estão entre vós: Que não saibam mais do que convém saber, mas que saibam com temperança: E cada um conforme Deus lhe repartiu a medida da fé.

4 Porque da maneira que em um corpo temos muitos membros, mas todos os membros não têm uma mesma função:

humana. Aqui está a chave com que se nos patentela, que o nosso mesmo obrar bem é o nosso mesmo merecer obrando o devemos nós reputar entre os dons gratuitos de Deus: quanto mais o prevenirmos êle para o bem, e o ajudar-nos para o querer.

Epístola de S. Paulo aos Romanos 12, 5-16

5 Assim ainda que muitos, somos um só corpo em Cristo, e cada um de nós membros uns dos outros.

6 Mas temos dons diferentes segundo a graça que nos foi dada: Ou seja profecia, segundo a proporção da fé.

7 Ou ministério em administrar, ou o que ensina em doutrina.

8 O que admoesta em exortar, o que reparte em simplicidade, o que preside em vigilância, o que se compadece em alegria.

9 O amor seja sem fingimento. Aborrecei o mal, aderi ao bem:

10 Amai-vos reciprocamente com amor fraternal: Adiantai-vos em honrar uns aos outros:

11 No cuidado que deveis ter, não sejais preguiçosos: Sêde fervorosos de espírito: Servi o Senhor:

12 Na esperança alegres, na tribulação sofridos, na oração perseverantes:

13 Socorrei as necessidades dos santos: Exercitai a hospitalidade.

14 Abençoai aos que vos perseguem: Abençoai-os, e não os praguejeis.

15 Alegrai-vos com os que se alegram, chorai com os que choram:

16 Tende entre vós uns mesmos sentimentos: Não blazoneis de coisas altas, mas acomodai-vos às humildes: Não sejais sábios aos vossos olhos:

Epístola de S. Paulo aos Romanos 12, 17-21

17 Não torneis a ninguém mal por mal: Procurando bens não só diante de Deus, mas também diante de todos os homens.

18 Se pode ser, quanto estiver da vossa parte, tende paz com todos os homens;

19 Não vos vingueis a vós mesmos, ó caríssimos, mas dai lugar à ira: Porque está escrito: A mim me pertence a vingança: Eu retribuirei, diz o Senhor.

20 Antes pelo contrário, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer: Se tem sede dá-lhe de beber: Porque se isto fizeres amontoarás brasas vivas sobre a sua cabeça. (1)

21 Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem. (2)

(1) **PORQUE SE ISTO FIZERES** — Não para dano e condenação, mas para correção e arrependimento, porque vencido dos benefícios que lhe fazes e amolecido no favor da tua caridade, deixará de ser teu inimigo. S. Jerônimo, no diálogo contra os Pelagianos.

BRASAS VIVAS — Parece ser uma locução proverbial, S. Jerônimo e Santo Agostinho entendem esta frase acerca do fogo da caridade e do amor que fazem que um inimigo se envergonhe da sua própria malícia e procure alfin a reconciliação.

(2) **NÃO TE DEIXES VENCER DO MAL** — O vingar-se não é ação de ânimo forte, mas de ânimo baixo e tímido. O que se vinga não vence ao inimigo mas é por ele vencido. Assim no livro 1 *Dos officios*, cap. 36. — Santo Ambrósio.

CAPÍTULO 13

TODOS DEVEM OBEDECER AOS PRÍNCIPES. O SEU PODER VEM DE DEUS. O QUE LHE RESISTE, CONDENA-SE. ELES NÃO SÃO PARA TEMER SENÃO OS MAUS. DEUS LHE DEU A ESPADA PARA CASTIGAR. A CONSCIÊNCIA NOS OBRIGA A ESTARMOS-LHE SUJEITOS. OS TRIBUTOS SÃO DEVIDOS AOS PRÍNCIPES POR SEREM MINISTROS DE DEUS. NÃO SE LHE DEVEM NEGAR OS SEUS DIREITOS. O AMOR DO PRÓXIMO É O COMPLEMENTO DA LEI. O TEMPO DA GRAÇA NOS OBRIGA PARTICULARMENTE A ESTE AMOR. ESTE TEMPO É O TEMPO DA LUZ, TEMPO INIMIGO DO VÍCIO, E DESTINADO AS VIRTUDES E A IMITAÇÃO DE JESUS CRISTO.

1 Todo o homem esteja sujeito aos poderes superiores: Porque não há poder que não venha de Deus: E os que há êsses foram por Deus ordenados. (1)

2 Aquele pois que resiste à potestade, resiste à ordenação de Deus: E os que lhe resistem, a si mesmos trazem a condenação:

3 Porque os príncipes não são para temer quando se faz o que é bom, mas quando se faz o que é mau. Queres tu pois não temer a potestade? Obra bem: E terás louvor dela mesma:

4 Porque o príncipe é o ministro de Deus para bem teu. Mas se obrares mal, teme: Porque não é debalde que êle traz a espada. Porquanto êle é ministro de Deus; vingador em ira contra aquele que obra mal.

(1) **TUDO O HOMEM ESTEJA SUJEITO AOS PODERES SUPERIORES** — Todo o homem, sem exceção alguma de estados ou condições, esteja sujeito às potestades superiores, isto é, aos príncipes do século e aos seus magistrados, ainda que seja um profeta, ainda que seja um Apóstolo, ainda que seja um Evangelista, porque esta sujeição não destrói a piedade. E se S. Paulo assim o mandou, quando os príncipes eram infieis, com quanto maior ra-

Epístola de S. Paulo aos Romanos 13, 5-9

5 E' logo necessário que lhe estejais sujeitos, não sòmente pelo temor do castigo, mas também por obrigação de consciência. (2)

6 Porque por esta causa pagais também tributos: Pois são ministros de Deus, servindo-os nisto mesmo.

7 Pagai pois a todos o que lhes é devido: A quem tributo, tributo: A quem imposto, imposto: A quem temor, temor: A quem honra, honra.

8 A ninguém devais coisa alguma, senão ao amor com que vos ameis uns aos outros: Porque aquele que ama o próximo, tem cumprido com a lei. (3)

9 Porque êstes mandamentos de Deus: Não cometerás adultério: Não matarás: Não furtarás: Não dirás falso testemunho: Não cobiçarás: E se há algum outro

zão se lhes deve agora render esta obediência, quando eles são fiéis? — S. João Crisóstomo e Teodoreto. Entende-se porém quando poderes legítimos.

• (2) **MAS TAMBÉM POR OBRIGAÇÃO DE CONSCIÊNCIA** — Dêste lugar se segue manifestamente, que toda a lei e todo o preceito que emana do poder legítimo dos homens, ou seja política, (que é a que aqui trata o Apóstolo) ou seja eclesiástica, obriga os súbditos em consciência, isto é, diante de Deus e não só no fóro exterior. E na verdade a doutrina contrária não sòmente é falsa e alheia do sentido das Escrituras, mas também nociva e inimiga da piedade, porque torna hipócritas os homens, enquanto só servem à vista e não de coração, o que o Apóstolo vitupera escrevendo aos Efésios. — Êstio. Mas esta obrigação de consciência refere-se ao poder legítimo e que virá ao bem dos homens, inspirado no bem e na justiça.

(3) **A NINGUÉM DEVAIS COISA ALGUMA SENÃO AO AMOR** — Todas as outras dívidas se extinguem pagando-se, só a dívida do amor recíproco nunca se extingue porque sempre nos devemos amar uns aos outros. — Amelote.

Epístola de S. Paulo aos Romanos 13, 10-14; 14, 1

mandamento, todos eles vêm a resumir-se nestas palavras: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.

10 O amor do próximo não obra mal. Logo a caridade é o complemento da lei.

11 E pratiquemos isto sabendo que é chegado o tempo, que é já hora de nos levantarmos do sono. Porquanto agora está mais perto a nossa salvação, que quando recebemos a fé.

12 A noite passou e o dia vem chegando. Deixemos pois as obras das trevas, e vistamo-nos das armas da luz.

13 Caminhemos como de dia, honestamente: Não em glotonarias e borracheiras, não em desonestidades e dissoluções, não em contendas e emulações:

14 Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo: E não façais caso da carne em seus apetites.

CAPÍTULO 14

OS VALENTES DEVEM SUPORTAR OS FRACOS, E OS FRACOS NÃO DEVEM CONDENAR OS VALENTES. NÃO DEVEMOS JULGAR A NOSSOS IRMÃOS. JESUS CRISTO É O JUIZ DE NÓS TODOS. IMPORTA NÃO ESCANDALIZAR AQUELES POR QUEM JESUS CRISTO MORREU. O REINO DE DEUS CONSISTE NA CARIDADE. É MELHOR ABSTER-SE UM DAS COISAS PERMITIDAS, DO QUE USAR DELAS COM PERIGO DE OUTREM. O QUE OBRA CONTRA A SUA CONSCIÊNCIA PERDE-SE.

1 Ao que é pois ainda fraco na fé, ajudai-o, não com debates de opiniões.

Epístola de S. Paulo aos Romanos 14, 2-5

2 Porque um crê que pode comer de tudo: Outro porém que é fraco não come senão legumes. (1)

3 O que come, não despreze ao que não come: E o que não come, não julgue ao que come: Porque Deus o recebeu por seu.

4 Quem és tu, que julgas o servo alheio? Para seu Senhor está em pé, ou cai: Mas ele estará firme: Porque poderoso é Deus para o segurar. (2)

5 Porque um faz diferença entre dia e dia: Outro porém considera iguais todos os dias: Cada um abunde em seu sentido. (3)

(1) **PORQUE UM CRÊ** — Este era um dos pontos controvertidos, não entre os fiéis judeus e os fiéis gentios, como supõe Martini, mas entre os convertidos do Judaísmo uns com outros, como bem prova Estlo. Os que, pois dentre os judeus estavam plenamente capacitados, pela Redenção feita por Jesus Cristo, ficara de todo abrogada a Lei de Moisés naqueles Preceitos, que não eram da Lei natural, comiam de tudo sem escrúpulo, não fazendo diferença alguma de vianda a vianda. Outros, que não eram tão bem instruídos na plena liberdade que a morte do Redentor trouxera ao mundo, abstinham-se ainda de comer carne e só comiam legumes. Daqui nasciam que os segundos consideravam os primeiros como violadores da Lei e tradição de seus Maiores, e os primeiros tratavam os segundos com desprezo, reputando-os uns homens ignorantes e materiais. E não só os desprezavam, mas ainda lhes davam ocasião de escândalo, enquanto com o seu exemplo os provocam a comer talvez contra o ditame da própria consciência. Para evitar o dano espiritual que de parte a parte se seguia, é que S. Paulo dirige o presente capítulo.

(2) **PORQUE PODEROSO É DEUS PARA O SEGURAR** — Este texto está consagrado por todos os Padres e pelo Concílio de Trento, sessão 6, cap. 13, para estabelecer o dom da perseverança

(3) **CADA UM ABUNDE EM SEU SENTIDO** — O abuso que desta sentença do Apóstolo fazem os Protestantes, quando dela concluem, que sem razão proíbe a Igreja em certos dias a comida de carne e de laticínios, é um abuso tão grosseiro e de tão má fé que basta qualquer simples reflexão do intento do Apóstolo,

6 O que distingue o dia, para o Senhor o distingue: E o que come, para o Senhor come: Porque a Deus dá graças: E o que não come, para o Senhor não come, e dá graças a Deus.

7 Porque nenhum de nós vive para si, e nenhum de nós morre para si.

8 Porque se vivemos, para o Senhor vivemos: Se morremos, para o Senhor morremos. Logo ou nós vivamos, ou morramos, sempre somos do Senhor.

9 Porque por isso é que morreu Cristo, e ressuscitou: Para ser Senhor, tanto de mortos, como de vivos.

10 E tu por que julgas a teu irmão? Ou por que desprezas tu a teu irmão? Pois todos compareceremos ante o tribunal de Cristo: (4)

para logo o convencer, porque é mais que evidente que S. Paulo não fala senão das abstinências legais, e a Igreja, mui longe de induzir os fieis a estas observâncias da lei de Moisés, lhes tem absolutamente proibido tôda a prática delas. Nem ela tem outro objeto nas abstinências que lhes impõe, que o de elevar os seus espiritos a Deus e dar-lhes ocasião de merecerem e impetrarem o perdão de seus pecados por meio dêste exercicio de penitência, que tão recomendado se acha pelo exemplo dos Varões santos do Velho e Novo Testamento. E assim a liberdade que o Apóstolo aqui dá de comer de tudo ou de se abster de certas viandas, por isso mesmo que é contraria à observância ou não observância de uma lei que já por si não obrigava os fieis só se pode trazer em consequência nos casos semelhantes, isto é, naqueles casos em que a materia da ação humana é indifferente ou de sua natureza ou por falta de lei que determine o que se deve fazer. Nos quais casos a regra de obrar com prudência e segurança, é seguir cada um a sua consciência e permitir aos outros que façam o mesmo — Pereira.

(4) **E TU** — E tu que não comes por que julgas a teu irmão que come?

Epístola de S. Paulo aos Romanos 14, 11-21

11 Porque escrito está: Por minha vida, diz o Senhor, que ante mim se dobrará todo o joelho: E toda a língua dará louvor a Deus.

12 E assim cada um de nós dará conta a Deus de si mesmo.

13 Não nos julguemos pois mais uns ao outros: Antes cuidai bem nisto, em não pordes tropeço, ou escândalo ao vosso irmão.

14 Eu sei, e estou persuadido no Senhor Jesus, que nenhuma coisa há imunda de sua natureza, senão para aquele que a tem por tal, para êsse é que ela é imunda:

15 Pois se por causa da comida entristeces tu a teu irmão: Já não andas segundo a caridade. Não percas tu pelo teu manjar aquele por quem Cristo morreu.

16 Não seja pois blasfemado o nosso bem.

17 Porque o reino de Deus não é comida, nem bebida; mas justiça e paz, e gozo no Espírito Santo.

18 E quem nisto serve a Cristo, agrada a Deus, e é aprovado dos homens.

19 Pelo que sigamos as coisas que são de paz: E as que são de edificação, guardemo-las, assim uns, como outros.

20 Não queiras destruir a obra de Deus por causa da comida: Todas as coisas na verdade são limpas: Mas é mau para o homem, que come com escândalo.

21 Bom é não comer carne, nem beber vinho, nem coisa em que teu irmão acha tropeço, ou se escandaliza, ou se enfraquece.

22 Tu tens fê? pois tem-na em ti mesmo diante de Deus. Bem-aventurado o que não se condena a si mesmo naquilo que aprova. (5)

23 Mas o que faz distinção, se comer, é condenado: Porque não come por fé. E tudo o que não é segundo a fé, é pecado. (6)

CAPÍTULO 15

DEVEMOS A EXEMPLO DE JESUS CRISTO COMPAZER AO PRÓXIMO, E NÃO A NÓS MESMOS. TÔDA A ESCRITURA É PARA NOSSA INSTRUÇÃO. EXORTA PAULO OS ROMANOS A UNIDADE DO ESPÍRITO. JESUS CRISTO DADO AOS JUDEUS, COMO PROMETIDO, E DESCOBERTO AOS GENTIOS POR GRAÇA. PROGRESSO DO EVANGELHO POR MEIO DE PAULO. ELE ESPERA IR A ROMA E VIR DEPOIS A ESPANHA. ENCOMENDA A SUA VIAGEM AS ORAÇÕES DOS ROMANOS.

1 Portanto nós, que somos mais valentes, devemos suportar as fraquezas dos que são débeis, e não buscar a nossa própria satisfação.

(5) POIS TEM-NA EM TI MESMO DIANTE DE DEUS — Quer dizer o Apóstolo que se um está plenamente persuadido que os cristãos estão desonerados pelo Evangelho das observâncias da lei de Moisés, e que todas as viandas são igualmente puras e permitidas aos fieis, mas ao mesmo tempo vê que obrando segundo esta persuasão em comer de tudo, scandaliza a outro irmão que é mais fraco por menos ilustrado. Deve contentar-se de ter a Deus por testemunha da sua fé e suprimi-la aos olhos do próximo. Não que alguma vez seja lícito negar a fé por palavra ou obra, mas porque nalguns casos pede a prudência e a caridade que a ocultemos.

(6) E TUDO O QUE NÃO É SEGUNDO A FÉ — A fé neste lugar do Apóstolo, segundo a interpretação mais comum, toma-se pela consciência, isto é, pela persuasão com que um obra crendo ser lícito o que obra.

Epístola de S. Paulo aos Romanos 15, 2-10

2 Cada um de vós procure agradar ao seu próximo no que é bom, para edificação.

3 Porque Cristo nenhum respeito se guardou a si mesmo, antes como está escrito: Os impropérios dos que se ultrajavam, caíram sobre mim.

4 Porque tudo quanto está escrito, para nosso ensino está escrito: A fim de que pela paciência, e consolação das escrituras, tenhamos esperança.

5 Mas o Deus de paciência, e de consolação vos conceda uma uniformidade de sentimentos entre vós segundo o espírito de Jesus Cristo:

6 Para que unânimes, a uma bôca, glorifiquéis a Deus, e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo:

7 Por cuja causa mostrai acolhimento uns aos outros, como também Cristo vo-lo mostrou para a glória de Deus.

8 Digo pois que Jesus Cristo foi ministro da circuncisão, pela verdade de Deus, para confirmar as promessas dos pais: (1)

9 E que os gentios devem glorificar a Deus pela misericórdia de que usou com êles, como está escrito: Por isso eu te confessarei, Senhor, entre os gentios, e entoarei cânticos de louvor ao teu nome.

10 E outra vez diz: Alegrai-vos, ó gentios, com o seu povo.

(1) **FOI MINISTRO DA CIRCUNCISÃO** — Isto é, foi o dis-
pensero e o ministro do Evangelho a respeito dos judeus circuncidados.

11 E noutro lugar: Louvai ao Senhor, todos os gentios: E engrandecei-o, todos os povos.

12 E Isaías também diz: Sairá a raiz de Jessé, e naquele que se levantar a reger os gentios, esperarão os gentios.

13 O Deus pois de esperança vos encha de todo o gôzo, e de paz na vossa crença: Para que abundeis na esperança, e na virtude do Espírito Santo.

14 E certo estou, irmãos meus, sim eu mesmo a vosso respeito, que também vós mesmos estais cheios de caridade, cheios de todo o saber, de maneira que vos podeis admoestar uns aos outros.

15 O que não obstante, eu, irmãos, vos escrevi com mais uma pouca de ousadia, como trazendo-vos isto à memória: Por causa da graça que a mim me foi dada por Deus,

16 a fim de que eu seja o ministro de Jesus Cristo entre os gentios: Santificando o evangelho de Deus, para que seja aceita a oblação dos gentios, e santificada pelo Espírito Santo.

17 Tenho pois glória em Jesus Cristo para com Deus.

18 Porque não ousou falar coisa alguma daquelas que não faz Cristo por mim, para trazer as gentes à obediência, por palavras e por obras.

19 Por eficácia de sinais, e de prodígios, em virtude do Espírito Santo: De maneira que desde Jerusalém, e terras comarcãs, até à Ilíria tenho enchido tudo do Evangelho de Cristo.

Epístola de S. Paulo aos Romanos 15. 20-27

20 E assim tenho anunciado êste Evangelho, não onde se havia feito já menção de Cristo, por não edificar sôbre fundamento de outro: Mas como está escrito.

21 Aqueles a quem não foi pregado dêle, verão: E os que não ouviram, entenderão.

22 Por cuja causa eu até me havia embargado muitas vezes para vos ir ver, e tenho sido embaraçado até aqui.

23 Mas agora não tendo já motivo para demorar-me mais nestas terras, e desejando já muitos anos a esta parte passar a ver-vos:

24 Quando me puser a caminho para Espanha, espero que de passagem vos verei, e que por vós seja encaminhado lá, depois de haver gozado primeiro algum tanto da vossa companhia. (2)

25 Mas agora estou de partida para Jerusalém em serviço dos santos. (3)

26 Porque a Macedônia e a Acaia tiveram por bem fazer uma coleta para os pobres do número dos santos, que estão em Jerusalém.

27 Assim pois o tiveram por bem: E disso lhes são devedores. Porque se os gentios têm sido feitos partici-

(2) **QUANDO ME PUSER A CAMINHO PARA ESPANHA** — Grande glória para esta nossa península, ter sido o principal objeto da viagem que o grande Paulo, Doutor das Gentes, determinava fazer a estas partes, quando de Corinto escrevia esta carta aos Romanos. Se Deus lhe cumpriu os desejos que tinha de nos aproveitar, se com efeito veio o grande Apóstolo a Espanha, é ponto que, falando ingenuamente, se não pode decidir, nem por êste nem pelo outro lugar do verso 28.

(3) **DOS SANTOS** — Dos fiéis de Jerusalém a parte mais escolhida e ilustrada.

pantes dos seus bens espirituais: Devem também êles assistir-lhes com os temporais.

28 Quando houver eu pois cumprido isto, e lhes tiver feito entrega dêste fruto: Irei a Espanha passando por onde vós aí estais.

29 E sei que quando vos fôr ver chegarei com abundância de bênção do Evangelho de Cristo.

30 Rogo-vos pois, ó irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo, e pelo amor do Espírito Santo, que me ajudeis com as vossas orações por mim a Deus.

31 Para que eu seja livre dos infiéis, que há na Judeia, e seja grata aos santos de Jerusalém a oferendá do meu serviço.

32 Para que eu passe a ver-vos com alegria pela vontade de Deus e seja recreado convosco.

33 Enfim o Deus de paz seja com todos vós. Amem.

CAPÍTULO 16

RECOMENDA O APÓSTOLO AOS ROMANOS ALGUMAS PESSOAS, QUE TÊM SERVIDO BEM A IGREJA. ELE OS MANDA SAUDAR DA SUA PARTE. EXORTA-OS A FUGIREM DOS AUTORES DO CISMA E DO ERRO. DIZ QUE ESTES SÃO UNS HOMENS INTERESSEIROS, HIPÓCRITAS, ENGANADORES. QUER QUE OS FIEIS SEJAM SIMPLICES E PRUDENTES. MANDA-LHES RECADOS DA PARTE DOS QUE ESTÃO COM ELE. ACABA LOUVANDO A DEUS.

1 Recomendo-vos pois a nossa irmã Febe, que está no serviço da Igreja de Cencris. (1)

(1) **A NOSSA IRMÃ FEBE** — No fim desta carta trazem os códices Gregos uma nota que diz que esta Febe fôra a portadora da mesma carta. Estio. Era diaconisa,

Epístola de S. Paulo aos Romanos 16, 2-11

2 Para que a recebais no Senhor, como devem fazer os Santos, e a ajudeis em tudo o que de vós houver mister: Porque ela tem assistido também a muitos, e a mim em particular.

3 Saudai a Prisca, e a Áquila, que trabalharam comigo em Jesus Cristo. (2)

4 (Os quais pela minha vida expuseram as suas cabeças, o que não lhes agradeço eu só, mas também tôdas as Igrejas dos Gentios).

5 E do mesmo modo a Igreja que está em sua casa. Saudai ao meu querido Epéneto, que é as primícias da Ásia em Cristo. (3)

6 Saudai a Maria, a qual trabalhou muito entre vós.

7 Saudai a Andrônico, e a Júnio, meus parentes, e cativos comigo, os quais se assinalaram entre os Apóstolos, e que foram Cristãos primeiro do que eu.

8 Saudai a Ampliato, a quem mui entranhavelmente amo no Senhor.

9 Saudai a Urbano, que trabalhou comigo em Jesus Cristo, e ao meu amado Staquis.

10 Saudai a Apeles, provado em Cristo.

11 Saudai aqueles que são da casa de Aristóbulo.

(2) **A PRISCA E A ÁQUILA** — São os dois consortes de que se fez menção no capítulo dezoito dos **Atos dos Apóstolos**, onde a mulher se chama por nome diminutivo Priscilla, como aqui também a nomela S. João Crisóstomo.

(3) **QUE É AS PRIMÍCIAS** — Isto é, que foi o primeiro que abraçou a Fé de Jesus Cristo. — **Sacy.**

Saudai a Herodião, meu parente. Saudai aos que são da família de Narciso, que estão no Senhor. (4)

12 Saudai a Trifena, e a Trifosa, que trabalham no Senhor. Saudai a nossa muito amada Persida, que trabalhou muito no Senhor.

13 Saudai a Rufo, escolhido no Senhor, e a sua mãe, e minha. (5)

14 Saudai a Asíncrito, a Flegonte, a Hermas, a Pátrobas, a Hermes, e aos irmãos que estão com eles.

15 Saudai a Filólogo, e a Júlia, a Nereu, e a sua irmã, e a Olímpíades, e todos os Santos, que com eles estão.

16 Saudai-vos uns aos outros em ósculo santo. Todas as Igrejas de Cristo vos saudam.

17 Rogo-vos, porém, irmãos, que não percais de vista aqueles que causam dissensões, e escândalos contra a doutrina que vós tendes aprendido, e apartai-vos deles.

18 Porque êstes tais não servem a Cristo Senhor nosso, mas ao seu ventre, e com doces palavras, e com bênçãos enganam os corações dos simplices.

19 Porquanto a vossa obediência tem-se feito por toda a parte notória. Pelo que eu me alegro em vós. Mas quero que vós sejais sábios no bem e simplices no mal.

(4) **QUE ESTÃO NO SENHOR** — Isto é, que crêem no Senhor como Cristãos. Porque talvez nem todos o eram na família de Narciso. — Estio.

(5) **E MINHA** — A quem respeito e amo como a minha mesma mãe ou como se fôra minha mãe. Rufo era naturalmente filho do irmão Cireneu.

Epístola de S. Paulo aos Romanos 16, 20-26

20 E o Deus de paz esmague logo a satanaz debaixo de vossos pés. A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja convosco.

21 Sauda-vos Timóteo, meu coadjutor, e Lúcio, e Jason, e Sosípatro, meus parentes.

22 Eu, Tércio, que escrevi esta carta vos saúdo no Senhor. (6)

23 Sauda-vos Caio, meu hospedeiro, e tôda a Igreja. Como também Erasto, tesoureiro da cidade, e Quarto, irmão.

24 A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós, Amem.

25 E ao que é poderoso para vos confirmar, segundo o meu Evangelho, e a pregação de Jesus Cristo segundo a revelação do mistério encoberto desde tempos eternos,

26 (O qual agora foi patentado pelas Escrituras dos profetas segundo o mandamento do eterno Deus, para se dar obediência à fé) entre tôdas as gentes já sabido. (7)

(6) **EU TÉRCIO QUE ESCREVI ESTA CARTA** — Entende-se ditando-a Paulo, por cuja vontade também é que Tércio se meteu a saudar os romanos. Pelo que não são menos divinas estas palavras do que as outras do Apóstolo. — Êstio. Tércio era um secretário.

(7) **PELAS ESCRITURAS DOS PROFETAS** — Êste meio era confrontar com as profecias do Velho Testamento o que sucedia na Igreja, e por esta confrontação fazer patente, que em Jesus Cristo se verificava palpavelmente o que do futuro Messias tinham vaticinado tantos séculos antes um Moisés, um Davi, um Jeremias, e assim os demais profetas. Esta demonstração da divindade de Jesus Cristo, da verdade da lei evangélica pelos profetas, mais ainda que a dos milagres, era a demonstração de que ordinariamente se vallam os Apóstolos quando pregavam aos judeus, como da mais concludente para os convencer. Isto se mostra: 1.º dos Sermões,

27 A Deus que só é sábio, a êle por meio de Jesus Cristo seja tributada honra e glória por todos os séculos dos séculos. Amem.

que de S. Pedro e S. Paulo, descreve S. Lucas nos **Atos dos Apostolos**, cap. 2, cap. 3 e cap. 13, e do que êle no capítulo 28, versículo 23, afirma do mesmo S. Paulo, pregando em Roma de Jesus pela lei de Moisés e pelos profetas, desde manhã até à tarde. Mostra-se 2.º do que no presente lugar escreve S. Paulo, quando aos oráculos dos profetas, explicados por êle e pelos demais Apóstolos, atribui principalmente a revelação do misterio até ali oculto. Mostra-se 3.º de que S. Pedro na sua segunda epístola, cap. 1, alegando o insigne milagre da transfiguração e da voz ouvida do Céu, não deixa de produzir, como mais firme, a palavra dos profetas.

PRIMEIRA EPÍSTOLA
DE
S. PAULO AOS CORÍNTIOS

INTRODUÇÃO

Causa determinante desta Epístola. — Corinto, a capital de Acaia, era uma cidade declarada colônia romana por Julio César, a primeira da Grécia, pois contava cerca de seiscentos mil habitantes de todas as nacionalidades, Latinos, Gregos, Judeus, etc. A tão grande e variada população correspondia naturalmente singular opulência, notabilizando-se pela sua vasta atividade e pelo seu luxo. Cícero chamava-lhe *Totius Graeciae lumen*. A sua posição geográfica, no istmo que une o Peloponeso à Grécia, entre o mar Egeu ao Oriente e o Jônio ao Ocidente, tornava Corinto um importante centro comercial. O comércio imprimia opulência à cidade, e esta aproveitava-se dessa riqueza para se entregar ao luxo e aos prazeres imoderadamente. O espetáculo que a cidade oferecia era de tal ponto dissolvente, que as orgias de agora não são senão pálida sombra de devassidão de então. O culto mais propaga-

1.^a Epistola de S. Paulo aos Coríntios

do e porventura o único praticado era o de Vênus. Compreende-se portanto bem quanto era árido o terreno sôbre que havia de cair a semente da palavra divina.

Era assim Corinto, a cidade que mais tinbrava na corrupção de costumes, que inventava requintes da mais perversa voluptuosidade no templo de Afrodite, quando S. Paulo, depois dos seus trabalhos Apostólicos na Macedônia, se resolveu ir ali pregar o Evangelho.

Que Corinto, pela sua posição, pela sua importância, pela sua riqueza, lhe oferecia vantagens extraordinárias ao seu Apostolado, facilmente se compreende, como se percebe também o desejo do Apóstolo a chegar até ali. Porém como pregar a castidade onde reinava a mais desenfreada crápula? Como pregar penitência e abnegação a quem vivia só da matéria e para a matéria? Por isso às primeiras tentativas seguiu-se o mais desanimador insucesso. E S. Paulo teve de se recolher em casa dum judeu converso, recentemente chegado de Roma, e de procurar pelo trabalho o indispensável para a sua sustentação (*At* 23, 2). E como se isto não bastasse para atormentar aquêlê coração inflamado em zêlo pela salvação de tantas almas imersas no êrro, veio a enfermidade roubar-lhe as forças e tolher-lhe o seu apostolado. Todavia não desanimou, e apesar de pobre, fraco e doente, começou a ir ao sábadô à sinagoga pregar, mas com uma certa timidez. Continuou o insucesso. Era preciso que a posteridade recolhesse uma lição de constância e de perseverança, era preciso tudo isto para que no decorrer dos séculos os apóstolos, a quem cumpre pregar a Jesus Cristo, aprendessem ali a firmeza no desempenho da sua missão.

Vendo S. Paulo que por êsse lado pouco conseguia, deixou a sinagoga, e abriu em casa de um prosélito uma

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios

escola para os pagãos. Foi então que êle mereceu uma visão que lhe encendeu a alma de esperança, pois lhe era anunciado que ali estava o germen duma grande cristandade. Redobra o seu zêlo, multiplica a sua atividade, vence a sua própria fraqueza, cogita novas industrias para converter corações endurecidos, inicia rasgadamente a sua pregação, supera tôdas as dificuldades, e dá comêço a uma ação apostólica, que se traduzia pelo ensino e pela beneficência, cativando assim todos os corações.

E' um quadro muito amplo êste do Apostolado de S. Paulo em Corinto, e sobretudo duma palpitante oportunidade para aquêles que nestes tempos têm por dever ensinar ao povo a doutrina de Jesus Cristo.

Por êste exemplô de S. Paulo se vê que, quem quizer ser Apóstolo, e consequentemente benemérito da causa de Deus e da humanidade, não pode circunscrever a sua ação apostólica às quatro paredes do presbitério ou apenas dentro do templo. A sua ação tem de se exercer dum modo muito diverso; tem de aparecer em tôda a parte, destacando-se sempre pelas luzes do seu espírito, que devem iluminar, e pelas virtudes da sua alma que a todos devem edificar. E' preciso ir ao mundo para salvar o mundo.

Os primeiros sucessos da pregação de S. Paulo em Corinto foram entre o povo; as classes elevadas não aceitavam a palavra do grande Apóstolo. Não admira: aferados aos seus preconceitos, escravos das suas paixões, no trono do seu orgulho, não querendo fitar desgraças nem sabendo enxugar lágrimas, não lhes soava bem uma doutrina que proclamava felizes os que choravam.

Ficassem êsses, revoluteando-se no torvelinho dos seus crapulosos desmandos; os humildes, êsses iam formando, em muito pouco tempo, uma considerável cristan-

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios

dade. Quando frutificou a pregação de S. Paulo, inflamou-se a inveja dos judeus de Corinto, que se queixaram ao procônsul Galião, que pouco ou nenhum caso fêz da acusação, continuando S. Paulo em liberdade para pregar o Evangelho, o que fêz até ao ano 54 em que se retirou para a Palestina.

Estabelecida a Igreja entre os Coríntios, a breve trecho o Helenismo começa a causar uma certa perturbação nos espíritos, havendo uma tal ou qual cisão, agravada com a vinda de novos pregadores, que uns queriam escutar e a quem outros não queriam ouvir.

Daqui as controvérsias, as discussões estéreis, e a formação de vários partidos, e como consequência fatal os abusos. S. Paulo teve conhecimento dêste estado de coisas, amargurou-se extremamente e escreveu a sua Epístola.

Tempo e lugar em que foi escrita. — Esta epístola foi escrita na época em que se fazia a grande coleta para as Igrejas da Judéia; além disso havia dois anos que pregava a fé, e quatro ou cinco que tinha fundado a Igreja de Corinto, e ainda viviam muitos dos discípulos de Jesus que tinham presenciado a sua ressurreição, 1 *Cor* 15, 6. Por tudo isto os Padres assinam a esta epístola o ano 56. Quanto ao lugar não resta a menor dúvida que foi escrita em Éfeso, pois o próprio Apóstolo diz que ficara algum tempo em casa de Áquila e de Priscila, moradores nesta cidade durante a sua passagem por Corinto, 1 *Cor* 11, 19 cfr. At 13, 19-26.

Autenticidade. — Não se apresenta um fundamento sério para negar a autenticidade desta Epístola. Basta a sua leitura séria e refletida para trazer o convencimento indestrutível da sua autenticidade. A descrição dos tra-

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios

balhos do autor, as recomendações doutrinárias, as minudências a que chegou, os conselhos que dá, tudo o que aí se encontra só pode ser obra de S. Paulo.

Mas tôdas as considerações são supérfluas em face dos testemunhos decisivos dos Padres, da crença unânime dos fiéis. Além de Inácio *Ad. Eph.* 18, S. Policarpo, *Ad Phil.*, a *Epístola a Diognetes*, nós temos um documento irrefragável em S. Clemente, papa, que, trinta anos mais tarde, escrevia aos Coríntios relembrando-lhes esta Epístola.

Divisão. — Esta Epístola difere muito da precedente, não só enquanto à matéria como enquanto à forma.

Esta Epístola não tem nada de dissertação nem de tratado dogmático, é uma série de avisos, reflexões, soluções dirigidas pelas circunstâncias e repartidas em sete artigos. Podemos contudo dividi-la da seguinte forma:

PRÓLOGO. — 1, 1-9.

PRIMEIRA SECÇÃO. — 1, 10-6, 20 *Reforma dos abusos notados em Corinto.*

a) Abusos introduzidos por certos pregadores, cc. 1-4.

b) Diversos escândalos dados por particulares, cc. 5 e 6.

SEGUNDA SECÇÃO. — *Resposta às dvidas formuladas.*

a) Sobre o casamento e sobre o celibato, c. 7.

b) Sobre os manjares consagrados aos ídolos, cc. 8, 1-11, 1.

c) Acerca da ordem que deve reinar na assembléia religiosa, c. 11, 2-16.

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios

- d) Do uso dos dons sobrenaturais, cc. 12-14.
- e) Sobre a ressurreição, c. 15.

A leitura desta Epístola faz conhecer bem o espírito do Apóstolo e a primitiva disciplina da Igreja, ao mesmo tempo que revela o discernimento de S. Paulo, pois êle responde à carta que lhe fôra enviada pelas pessoas da casa de Cloé, à narração oral que lhe foi feita do estado da Igreja de Corinto, por Estéfanos e seus coadjutores, e as questões que os fiéis de Corinto propuseram ao seu critério para que êle lhes desse solução.

PRIMEIRA EPÍSTOLA
DE
S. PAULO AOS CORÍNTIOS

CAPÍTULO 1

DÁ PAULO GRAÇAS A DEUS PELOS DONS QUE REPARTIU COM OS CORÍNTIOS, MAS SENTE QUE ÊLES TENHAM ENTRE SI DIVISÕES. CADA UM SE GUIA POR SEU CABEÇA AO QUE O TINHA BATIZADO. PAULO SE ALEGRA POR ISSO DE TER BATIZADO A MUI POUCOS. A PRUDÊNCIA DA CARNE É REJEITADA DA CRUZ. DEUS CONFUNDE OS PRUDENTES PELOS SÍMPLES. TÔDA A NOSSA GLÓRIA DEVE SER EM JESUS. CRISTO.

1 Paulo, chamado Apóstolo de Jesus Cristo por vontade de Deus, e Sóstenes, nosso irmão. (1)

2 À igreja de Deus, que está em Corinto, aos santificados em Jesus Cristo, chamados santos, com todos os

(1) **E SÓSTENES NOSSO IRMÃO** — Dêle faz menção S. Lucas nos Atos dos Apóstolos, 18, 17, como de príncipe da Sinagoga. E o martirólio Romano o celebra por Santo a 28 de novembro.

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 1, 3-11

que invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, em qualquer lugar que seja, em que nós próprios estejamos.

3 Graça vos seja aumentada, e paz da parte de Deus, nosso Pai, e da do nosso Senhor Jesus Cristo.

4 Graças dou incessantemente ao meu Deus por vós, por causa da graça de Deus, que vos foi dada em Jesus Cristo:

5 Porque em tôdas as coisas sois enriquecidos nêle em tôda a palavra e em toda a ciência:

6 Assim como tem sido confirmado em vós o testemunho de Cristo:

7 De maneira que nada vos falta em graça alguma, esperando vós a manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo. (2)

8 O qual também vos confirmará até ao fim sem crime, no dia da vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.

9 Fiel é Deus: Pelo qual fostes chamados à companhia de seu filho Jesus Cristo nosso Senhor.

10 Mas, irmãos, rogo-vos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que todos digais uma mesma coisa, e que não haja entre vós cismas: Antes sejais perfeitos em um mesmo sentimento, e em um mesmo parecer.

11 Porque de vós, irmãos meus, se me tem significado pelos que são de Cloé, que há contendas entre vós. (3)

(2) **DE MANEIRA QUE NADA VOS FALTA** — Estes elogios dirigem-se à coletividade da Igreja de Coríntio, e não a indivíduos em particular.

(3) **DE CLOÉ** — Parece ser nome de família, ou de mulher, como se dissera: Ouvi-o aos da família de Cloé. — Menóchio.

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios¹, 12-16

12 E digo isto, porque cada um de vós diz: Eu na verdade sou de Paulo: E eu de Apolo: Pois eu de Cefas: E eu de Cristo. (4)

13 Está dividido Cristo? Porventura Paulo foi crucificado por vós? Ou haveis sido batizados em nome de Paulo?

14 Dou graças a Deus, porque não tenho batizado a nenhum de vós, senão a Crispo, e a Caio. (5)

15 Para que nenhum diga que fostes batizados em meu nome.

16 E batizei também a família de Estéfnas: Não sei porém se tenho batizado a algum outro. (6)

(4) **E EU DE APOLO** — É nome próprio de um judeu convertido, originário de Alexandria, homem eloquente e versado nas Escrituras, conforme lemos nos Atos dos Apóstolos, 18, 24. — **Pereira.**

CEFAS — É S. Pedro. Segundo o testemunho de S. Dionísio, bispo de Corinto, no meado do século segundo, esta Igreja considerava S. Pedro como seu fundador, bem como S. Paulo. É provável que o chefe dos Apóstolos passasse por esta cidade, quando se dirigiu para Roma, ou então que aqui se refugiasse como Prisca e Áquila, depois da promulgação do decreto de Cláudio, que obrigou todos os judeus a saírem da capital do império. Como quer que seja, a censura que S. Paulo faz aqui aos Coríntios não pode apoiar a pretensão injustificada dos fautores do petrínismo e do paulinismo, teoria imaginada por Baur e pela sua escola. Os partidos de que fala S. Paulo são agremiações puramente pessoais e que nada têm com a crença, e que nunca passaram as raias da cidade.

(5) **CRISPO** — Era o chefe da sinagoga de Corinto. Cfr. At 18, 8.

CAIO — Hospedava S. Paulo em Corinto: **Rom 16, 23.** Orígenes diz que veio a ser mais tarde bispo da Tessalonica.

(6) **ESTÉFNAS** — Torna-se a falar d'este personagem no cap. 16, 16. 17, como um dos primeiros convertidos da Acaia. Estava com S. Paulo em Efeso, quando o Apóstolo escreveu esta Epístola aos Coríntios. Segundo S. João Crisóstomo, Estéfnas tinha ido a Efeso consultar S. Paulo sobre questões disciplinares.

1.ª Epístola de S. Paulo aos Coríntios 1, 17-23

17 Porque não me enviou Cristo a batizar, mas a pregar o Evangelho: Não em sabedoria de palavras, para que não seja feita vã a cruz de Cristo. (7)

18 Porque a palavra da cruz é na verdade uma estultícia para os que se perdem: Mas para os que se salvam, que somos nós, é ela a virtude de Deus.

19 Porque escrito está: Destruirei a sabedoria dos sabios, e reprovarei a prudência dos prudentes.

20 Onde está o sabio? onde o doutor da lei? onde o esquadrinhador dêste século? Porventura não tem Deus convencido de estultícia a sabedoria dêste mundo?

21 Porque como na sabedoria de Deus não conheceu o mundo a Deus pela sabedoria: Quis Deus fazer salvos aos que crêsem nêle, pela estultícia da pregação.

22 Portanto os judeus pedem milagres, como os gregos buscam sabedoria: (8)

23 Mas nós pregamos a Cristo crucificado: Que é um escândalo de fato para os judeus, e uma estultícia para os gentios.

(7) **NÃO ME ENVIOU CRISTO** — Estas palavras não significam que o batismo não seja a função e objeto importante da missão dos Apóstolos, mas sim que o munus especial de S. Paulo, a sua obra principal era a pregação.

PARA QUE NÃO SEJA FEITA VÃ — Para que não se atribuisse a conversão do mundo à força da eloquência, senão à virtude da Cruz de Jesus Cristo — S. Tomás.

(8) **PEDEM MILAGRES** — Estes judeus não só pediam milagres, como prodígios que viessem imediatamente do Céu.

24 Mas para os que têm sido chamados assim judeus, como gregos, pregamos a Cristo, virtude de Deus, e sabedoria de Deus:

25 Pois o que parece em Deus uma estultícia, é mais sábio que os homens: E o que parece em Deus uma fraqueza, é mais forte que os homens.

26 Vêde pois, irmãos, a vossa vocação, porque chamados não foram muitos sábios segundo a carne, não muitos poderosos, não muitos nobres:

27 Mas as coisas que há loucas do mundo escolheu Deus para confundir aos sábios: E as coisas fracas do mundo escolheu Deus para confundir as fortes: (9)

28 E as coisas vis, e desprezíveis do mundo escolheu Deus, e aquelas que não são, para destruir as que são:

29 Para que nenhum homem se glorie na presença dêle.

30 E do mesmo vem serdes vós o que sois em Jesus Cristo, o qual nos tem sido feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção:

31 Para que, como está escrito: O que se gloria, glorie-se no Senhor.

(9) **LOUCAS DO MUNDO** — As que parecem ao mundo loucas, mas que são nimiamente prudentes: as que o mundo não sabe compreender nem apreciar.

CAPÍTULO 2

O ASSUNTO DA PREGAÇÃO DE PAULO AOS CORÍNTIOS FOI JESUS CRISTO CRUCIFICADO. AS SUAS PALAVRAS SEMPRE CHAMAM AOS PERFEITOS CONTUDO PREGAVA ELE UMA SABEDORIA DESCONHECIDA DOS MUNDANOS, A QUAL SABEDORIA SÓ O ESPÍRITO DE DEUS A FAZ CONHECER: E DELA É INCAPAZ O HOMEM CARNAL.

1 E eu, quando fui ter convosco, irmãos, fui não com sublimidade de estilo, ou de sabedoria, a anunciar-vos o testemunho de Cristo.

2 Porque julguei não saber coisa alguma entre vós, senão a Jesus Cristo, e êste crucificado. (1)

3 E eu estive entre vós em fraqueza, e temor, e grande tremor: (2)

4 Tanto a minha conversação, como a minha pregação não consistiu em palavras persuasivas de humana sabedoria, mas em demonstração de espírito, e de virtude:

5 Para que a vossa fé não se funde em sabedoria de homens, mas na virtude de Deus.

6 Isto não obstante, entre os perfeitos falamos da sabedoria: Não porém da sabedoria dêste século, nem da dos príncipes dêste século, que são destruídos: (3)

(1) **A JESUS CRISTO** — Daqui se infere que a pregação católica deve ter como objeto exclusivo o divino Redentor. Alienar Jesus do púlpito é conspurcar a cadeira da verdade, é trair o ministério sacerdotal. O exemplo de S. Paulo é de tal sorte evidente que todos o podem conhecer e praticar.

(2) **EM FRAQUEZA** — Em fraqueza, isto é, em humildade de conversação, em temor, e em tremor, isto é, não cometesse eu por palavra, ou por obra, coisa que vos ofendesse, e vos fizesse esfriar na fé, que tínheis abraçado. — **Êstio**.

(3) **ENTRE OS PERFEITOS FALAMOS** — Por "perfeitos" entende o Apóstolo neste verso, os que no verso 15 ele chama "espi-

7 Mas falamos da sabedoria de Deus em mistério que está encoberta, da que predestinou antes dos séculos para nossa glória. (4)

8 A qual nenhum dos príncipes dêste século conheceu: Porque se êles a conheceram, nunca crucificariam ao Senhor da Glória.

9 Mas assim como está escrito: Que o olho não viu, nem o ouvido ouviu, nem jamais veio ao coração do homem, o que Deus tem preparado para aqueles que amam:

10 Porém Deus no-lo revelou a nós pelo seu espírito: Porque o espírito tudo penetra, ainda o que há de mais oculto na profundidade de Deus.

11 Porque qual dos homens conhece as coisas que são do homem, senão o espírito do homem, que nêle mes-

rituais". Por "sabedoria" entende, não qualquer sabedoria das coisas sobrenaturais, mas a sabedoria dos mistérios mais altos, como são os que êle na Epístola aos Romanos ensina sobre a eleição e reprobção dos homens. Na Epístola aos Tessalonicenses, os que ensina sobre o Anticristo. Na Epístola aos hebreus, os que ensina do Sacerdócio de Jesus Cristo. — **Éstio.**

NÃO PORÉM DA SABEDORIA DESTE SÉCULO — Isto é, dos filósofos gentios, autores de diversas escolas. — **Éstio.**

NEM DA DOS PRÍNCIPES DESTE SÉCULO — São os potentados da terra, os filósofos, os sectários do demônio que foram vencidos pelo estabelecimento do Cristianismo. São os tais, cuja geração se tem perpetuado, dos quais disse o doutíssimo Macedo: que são conduzidos a extremos, não só indignos do homem cristão, mas do homem que em tudo se diz, e em tudo quer ser conhecido como Filósofo, que são pertinazmente crédulos nas coisas que são favoráveis ao seu modo de sentir, e pertinazmente incrédulos nas razões contrárias aos seus funestos princípios. Macedo. — **Simeão sobre o Espírito Dominante, 1855.**

(4) **EM MISTÉRIO** — Isto é, no mistério da Encarnação, e no que nele há de mais recôndito. — **Sacy e Amelote.**

1.ª Epístola de S. Paulo aos Coríntios 2, 12-16

mo reside? assim também as que são de Deus, ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus.

12 Ora nós não recebemos o espírito dêste mundo, mas sim o espírito que vem de Deus, para sabermos as coisas que por Deus nos foram dadas:

13 O que também anunciamos não com doudas palavras de humana sabedoria, mas com a doutrina do espírito, acomodando o espiritual ao espiritual.

14 Mas o homem animal não percebe aquelas coisas, que são do espírito de Deus: Porque lhe parecem uma esultícia, e não as pode entender: Porquanto elas se ponderam espiritualmente.

15 Mas o espiritual julga tôdas as coisas: E êle não é julgado de ninguém. (5)

16 Porquanto quem conheceu o conselho do Senhor, para que o possa instruir? Porém nós sabemos a mente de Cristo. (6)

(5) **MAS O ESPIRITUAL JULGA TÔDAS AS COISAS** — Não se pode deduzir daqui, como pèssimamente deduzem os sectários modernos, que cada fiel tem autoridade de julgar das controvérsias de Religião. **Primo:** porque o Apóstolo quando aprova no homem espiritual o julgar de tôdas as coisas, considera não a profissão, mas a ciência, enquanto supõe que entre os mesmos fieis há muitos que por serem ainda animais, isto é, rudes do que é mais elevado na religião, não são capazes de julgar das coisas dela. **Secundo:** porque o Apóstolo não fala do juizo de autoridade, mas do juizo de discreção. E pode por exemplo um Teólogo ter voto nas matérias de religião, para interpor sôbre elas doutamente o seu juizo, e ensiná-lo aos outros, e não ter autoridade pública de julgar da religião, a qual só compete aos pastores, assim como não é o mesmo ser bom jurisconsulto, que ser julgador legítimo.

(6) **QUEM CONHECEU O CONSELHO DO SENHOR?** — O homem sensual não pode conhecer os pensamentos, os designios, os decretos de Deus. A mente, o sentido, o espírito, a intenção. Tudo isto significa a voz *sensus*.

NÓS SABEREMOS — Pela revelação. — **Pereira.**

CAPÍTULO 3

SENDO OS CORÍNTIOS AINDA CARNAIS, NÃO PODIAM RECEBER AS INSTRUÇÕES ESPIRITUAIS. CONTESTAÇÕES QUE ENTRE ELLES HAVIA. JESUS CRISTO É SÓ O FUNDAMENTO. O EDIFÍCIO QUE SE FIRMAR SOBRE ELE, SERÁ PROVADO PELO FOGO. NÃO DEVEMOS VIOLAR O TEMPLO DE DEUS, QUE SOMOS NÓS. A SABEDORIA DO MUNDO SERÁ DESTRUÍDA. NINGUÉM SE DEVE GLORIAR NOS HOMENS.

1 E eu, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, senão como a carnaís. Como a pequeninos em Cristo.

2 Leite vos dei a beber, não comida: Porque ainda não podíeis: E nem ainda agora podeis: Porque ainda sois carnaís.

3 Porquanto havendo entre vós zelos e contendias: Não é assim que sois carnaís, e andais segundo o homem?

4 Porque dizendo um: Eu certamente sou de Paulo. E outro: Eu de Apolo: Não se está vendo nisto que sois homens? Que é logo Apolo? e que é Paulo? (1)

5 São uns Ministros daquele a quem crêstes, e segundo o que o Senhor deu a cada um.

6 Eu plantei, Apolo regou: Mas Deus é o que deu crescimento.

7 Assim que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega: Mas Deus, que dá o crescimento. (2)

(1) APOLO — Cfr. 1 Cor 1, 12.

(2) ASSIM QUE NEM O QUE PLANTA — Não é coisa alguma o que planta nem o que rega; porque ainda que de fora ponham a ação de plantar e de regar, não atingem com a sua ação no efeito intrínseco ao da vegetação nas coisas naturais, ou da santificação nas coisas espirituais. Porque a vegetação é obra da na-

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 3, 8-12

8 E uma mesma coisa é o que planta e o que rega. E cada um receberá a sua recompensa particular segundo o seu trabalho.

9 Porque nós outros somos uns cooperadores de Deus: Vós sois agricultura de Deus, sois edifício de Deus: (3)

10 Segundo a graça de Deus, que me foi dada, lancei o fundamento como sábio arquiteto; mas outro edifica sobre êle. Porém veja cada um como edifica sobre êle.

11 Porque ninguém pode pôr outro fundamento senão o que foi pôsto, que é Jesus Cristo. (4)

12 Se algum porém levanta sobre êste fundamento edifício de ouro, de prata, de pedras preciosas, de madeira, de feno, de palha, (5)

tureza, a quem Deus deu essa virtude; a santificação reservou-a Deus inteiramente a si, com exclusão de toda a coisa criada. — Êstio.

(3) **SOMOS UNS COOPERADORES DE DEUS** — A Vulgata Latina diz, coadjutores de Deus. Porém o Grego tem Cooperadores, e assim verteram todos os intérpretes franceses e com êle o italiano Martini, movidos não só da autoridade do Original, mas também da razão, de que a respeito de Deus não é o homem propriamente Coadjutor, mas Cooperador. Por isso também o nosso português João Ferreira d'Almeida verteu, Obreiros com Deus. Glaire também traduziu cooperador.

(4) **PORQUE NINGUÉM PODE PÔR OUTRO** — Entende-se: que seja fundamento primário e essencial. Porque falando do fundamento secundário, nenhum inconveniente há, em que também os Apóstolos e os Profetas se digam fundamento da Igreja, como S. Paulo os chama na Epístola aos Efésios, 2, 29.

(5) **EDIFÍCIO DE OURO, DE PRATA, DE PEDRAS PRECIOSAS.** — Por edifício de ouro, de prata, de pedras preciosas, entende Santo Agostinho as obras inteiramente boas e perfeitas que fazem os Santos de virtude abalizada; por edifício de madeira, de feno, de palha, as imperfeições, que nas obras boas misturam os que são menos santos e geralmente os pecados veniais. Assim Santo Agos-

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 3, 13-16

13 manifesta será a obra de cada um: Porque o dia do Senhor a demonstrará, porquanto em fogo será descoberta: E qual seja a obra de cada um, o fogo o provará. (6)

14 Se permanecer a obra do que a sobreedificou, receberá prêmio.

15 Se a obra de alguém se queimar, padecerá êle detrimento, mas o tal será salvo: Se bem desta maneira como por intervenção do fogo.

16 Não sabeis vós que sois templo de Deus, e que o espírito de Deus mora em vós?

tinho no Livro da Fé, e das obras, cap. 16; no Manual, cap. 68; no Livro 21 da Cidade de Deus, cap. 26; nas Questões a Dulcídio, e na exposição dos Salmos, 37 e 80. Em todos os quais lugares reconhece o Santo Doutor ser este discurso do Apóstolo dificultoso e escuro de entender. Com Santo Agostinho sente o mesmo S. Gregório Magno no Livro 4 dos seus diálogos, cap. 39. Os Expositores modernos, tomando por base da sua interpretação o sentimento de Santo Agostinho e de S. Gregório, e refletindo que o discurso do Apóstolo se contrai aos edificadores místicos, que são os doutores e pregadores evangélicos, entendem por edificio de ouro, de prata, de pedras preciosas, uma doutrina pura, sincera, sólida, toda tendente a mover os fieis à piedade e à compunção, e por edificio de madeira, de feno, de palha, uma doutrina menos pura e menos sólida, uma doutrina mundana, curiosa, impertinente, que mais nutre o aplauso do que a virtude. Assim Êstio, Amelote, Sacy com Santo Tomás, Dionísio e Caetano.

(6) **PORQUE O DIA DO SENHOR** — Isto é, o dia do Juízo Universal, que por antonomásia se chama nas Escrituras o dia do Senhor.

A DEMONSTRARÁ — Pelo fogo que os teólogos chamam na conflagração ou abrasamento do Mundo. No qual fogo virá Jesus Cristo julgar todos os homens, como a Igreja reconhece no Offício dos defuntos: *Qui venturus es judicare vivos, et mortuos, et sæculum per ignem.* — Pereira.

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 3, 17-23; 4, 1-2

17 Se alguém pois violar o Templo de Deus, Deus o destruirá. Porque o Templo de Deus, que sois vós, santo é.

18 Ninguém se engane a si mesmo: Se algum dentre vós se tem por sábio neste mundo, faça-se insensato para ser sábio.

19 Porque a sabedoria dêste mundo é uma estultícia diante de Deus. Porquanto está escrito: Eu apanharei os sábios na sua mesma astúcia.

20 E outra vez: O Senhor conhece os pensamentos dos sábios que são vãos.

21 Portanto nenhum se glorie entre os homens.

22 Porque tôdas as coisas são vossas, ou seja Paulo, ou seja Apolo, ou seja Cefas, ou seja o mundo, ou seja a vida, ou seja a morte, ou sejam as presentes, ou sejam as futuras, porque tudo é vosso:

23 E vós de Cristo: E Cristo de Deus.

CAPÍTULO 4

CONCEITO QUE SE DEVE FAZER DOS PREGADORES. NÃO OS DEVEMOS JULGAR ANTES DE TEMPO. REPREENDE O APÓSTOLO AOS QUE SE GLORIAVAM DOS DONS QUE TINHAM RECEBIDO. CONDIÇÃO DOS APÓSTOLOS LABORIOSA, E DESPREZIVEL AOS OLHOS DO MUNDO. PROMETE PAULO IR CEDO VER OS CORÍNTIOS.

1 Os homens devem-nos considerar como uns ministros de Cristo: E como uns dispenseiros dos mistérios de Deus.

2 Ora o que se deseja nos dispenseiros, é que êles se achem fiéis.

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 4, 3-9

3 A mim pois bem pouco se me dá de ser julgado de vós ou de qualquer outro homem: Pois nem ainda eu me julgo a mim mesmo. (1)

4 Porque de nada me argúi a consciência: Mas nem por isso me dou por justificado: Pois o Senhor é quem me julga.

5 Pelo que não julgueis antes de tempo, até que venha o Senhor: O qual não só porá às claras o que se acha escondido nas mais profundas trevas, mas descobrirá ainda o que há de mais secreto nos corações: E então cada um receberá de Deus o louvor.

6 Mas eu, irmão, tenho representado estas coisas na minha pessoa e na de Apolo, por amor de vós: Para que em nós outros aprendais, que um por causa de outro não se ensoberbeça contra outro fora do que está escrito:

7 Porque quem é o que te diferencia? E que tens tu que não recebesses? Se porém o recebeste, por que te glorias, como se o não tiveras recebido?

8 Vós já estais fartos, já estais ricos: Vós reinais sem nós: E praza a Deus que reineis, para também nós reinarmos convosco.

9 Porque entendo que Deus nos tem pôsto pelos últimos dos Apóstolos, como sentenciados à morte: Por-

(1) **OU DE QUALQUER OUTRO HOMEM** — Assim interpreta S. João Crisóstomo e com êle a torrente dos expositores, o que tanto no Grego como no Latim se diz, *aut ab humano die*, que tomado à letra quer dizer, ou pelo dia humano. Porque na frase dos hebreus se chama dia humano o juízo humano ou o juizo dos homens, como adverte S. Jerônimo na Carta a Algasia. E com efeito o nosso Almeida verteu aqui, ou de juizo de homem. — **Pereira.**

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 4, 10-17

que somos feitos espetáculo ao mundo, e aos Anjos, e aos homens.

10 Nós néscios por Cristo, e vós sábios em Cristo: Nós fracos, e vós fortes: Vós nobres, e nós desprezíveis.

11 Até esta hora padecemos até fome, e sêde, e desnudez, e somos esbofeteados, e não temos morada segura.

12 E trabalhamos obrando por nossas próprias mãos: Amaldiçoam-nos, e bendizemos: Perseguem-nos, e sofremos.

13 Somos blasfemados, e rogamos: Temos chegado a ser como a inundícia deste mundo, como a escória de todos até agora. (2)

14 Eu não vos escrevo isto, para vos envergonhar, mas admoesto-vos como a filhos meus, que muito amo.

15 Porque ainda que tenhais dez mil Aios em Cristo, não teríeis todavia muitos pais. Pois eu sou o que vos gerei em Jesus Cristo pelo Evangelho.

16 Rogo-vos pois que sejais meus imitadores, como também eu o sou de Cristo.

17 Por isso é que vos enviei Timóteo, que é meu filho muito amado, e fiel no Senhor: Que vos fará saber os

(2) **COMO A ESCÓRIA DE TODOS** — Os gentios em tempo de peste, ou de outro mal público, costumavam sacrificar a Netuno algum homem, que precipitavam no mar, desde o alto de um rochedo, dizendo-lhe ao mesmo tempo: *Sis pro nobis peripsema*, sê tu a vítima que nos salve a nós e à nossa cidade. Veja-se Suides. E assim o sentido dêste lugar parece ser êste: Somos tão detestáveis para com o vulgo dos gentios, como o eram aqueles que, carregados de maldições, despenhavam ou precipitavam no mar, pelo bem público.

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 4, 18-21; 5, 1-4

meus caminhos, 'que são em Jesus Cristo, como eu ensino por tôdas as partes em cada Igreja.

18 Alguns andam inchados, como se eu não tivesse de ir ter convosco.

19 Mas brevemente irei ter convosco, se o Senhor quiser: E examinarei, não as palavras dos que assim andam inchados, mas a virtude.

20 Porque o reino de Deus não consiste nas palavras, mas na virtude.

21 Que quereis? irei a vós outros com vara, ou com caridade, e espírito de mansidão?

CAPÍTULO 5

O CORÍNTIO INCESTUOSO PAULO O ENTREGA A SATANAZ. QUER QUE SE NÃO TENHA COMUNICAÇÃO COM OS QUE COMETEM GRANDES CRIMES.

1 E' fama constante que entre vós há fornicação, e tal fornicação, qual nem ainda entre os gentios, tanto que chega a haver quem abusa da mulher de seu pai.

2 E andais ainda inchados: E nem ao menos haveis mostrado pena, para que seja tirado dentre vós o que fez tal maldade.

3 Eu na verdade, ainda que ausente com o corpo, mas presente com o espírito, já tenho julgado como presente aquele que assim se portou.

4 Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, congregados vós e o meu espírito, com o poder de Nosso Senhor Jesus. (1)

(1) **CONGREGADOS VÓS** — O Apóstolo fala principalmente com os que governaram a Igreja de Corinto, porque a estes, e não

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 5, 5-9

5 Seja o tal entregue a satanaz, para mortificação da carne, a fim de que a sua alma seja salva no dia de nosso Senhor Jesus Cristo. (2)

6 Não é boa a vossa jactância. Não sabeis que um pouco de fermento corrompe tôda a massa?

7 Purificai o velho fermento, para que sejais uma nova massa, assim como sois asmos. Porquanto Cristo, que é nossa Páscoa, foi imolado. (3)

8 E assim solenizemos o nosso convite, não com o fermento velho, nem com o fermento da malícia e da corrupção: Mas com os asmos da sinceridade e da verdade.

9 Por carta vos escrevi: Que não tivésseis comunicação com os impuros. (4)

à multidão dos fieis leigos, é que competia o poder de excomungar. E ainda que elle por si só podia excomungar a este criminoso, quer contudo que esta ação se faça de comum acôrdo da Igreja. — Sacy.

(2) **SEJA O TAL ENTREGUE A SATANAZ** — Ao excomungar a um fiel chama o Apóstolo entregá-lo a satanaz.

PARA MORTIFICAÇÃO DA CARNE — Para ser mortificado, ou pelo demônio com doenças e maus tratamentos, conforme a referida exposição dos Gregos, ou por si mesmo com penitências voluntárias conforme a exposição dos Latinos, devendo-se esperar que tanto as doenças como as penitências quebrantariam na carne daquelle homem o appetite libidinoso e lhe seriam ocasião de que, emendado e arrependido elle do escândalo que dera, o tornasse a Igreja a admitir ao seu grêmio.

(3) **NOSSA PÁSCOA** — Que é verdadeiro cordeiro Pascal, de que era figura e dos judeus.

(4) **POR CARTA VOS ESCRIVI** — Esta carta entende S. João Crisóstomo, e com elle o comum dos expositores gregos, ser esta primeira Epístola aos Coríntios. E esta intelligência seguiu Calmet na sua versão. Os mais intérpretes latinos a entendem de outra Epístola, que se perdeu.

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 5, 10-13; 6, 1

10 Não a entendendo por certo daquela com os impuros dêste mundo, ou com os avarentos, ou ladrões, ou com os que adoram ídolos: De outra sorte deveríeis sair dêste mundo. (5)

11 Mas agora vos escrevi, que não tenhais comunicação com êles: Vindo nisto a dizer que se aquele que se nomeia vosso irmão, é impuro, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou dado a bebedices, ou ladrão, com êste tal nem comer deveis.

12 Porque, que me vai a mim em julgar daqueles que estão fora? Porventura não julgais vós daqueles que estão dentro?

13 Porque Deus julgará aos que estão fora. Tirai do meio de vós outros a êsse iníquo.

CAPÍTULO 6

LEVA A MAL O APOSTOLO QUE OS CORÍNTIOS SE DEMANDEM UNS AOS OUTROS PERANTE OS JUIZES GENTIOS. NEM PERMITE QUE AINDA ENTRE SI FORMEM PROCESSOS. PECADOS QUE FECHAM A PORTA DO CÉU. OS NOSSOS CORPOS SÃO MEMBROS DE JESUS CRISTO, E TEMPLOS DO ESPÍRITO SANTO. A IMPUDICÍCIA OS FAZ IMUNDOS E PROFANOS.

1 Atreve-se algum de vós, tendo negócio contra outro, ir a juízo perante os iníquos, e não à presença dos Santos? (1)

(5) **DE OUTRA SORTE DEVERÍEIS** — Como todo o mundo estava cheio de homens impudicos, avarentos, roubadores, idólatras, se os cristãos se houvessem de abster da comunicação de todos, diz o Apóstolo que seria necessário irem buscar outro mundo. E desta impossibilidade tira êle por conclusão que os públicos pecadores, a cujo trato deviam êles fugir, eram os fiéis escandalosos.

(1) **ATREVE-SE ALGUM DE VÓS** — Estranha e repreende o Apóstolo aos Coríntios levarem os seus pleitos aos juizes gentios,

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 6, 2-7

2 Porventura não sabeis que os Santos hão de um dia julgar a este mundo? E se o mundo há de ser julgado por vós, sois vós porventura indignos de julgar das coisas mínimas? (2)

3 Não sabeis que havemos de julgar aos Anjos? Pois quanto mais as coisas do século?

4 Portanto, se tiverdes diferenças por coisas do século: Estabelecei aos que são de menor estimação na Igreja, para julgá-las.

5 Eu vo-lo digo para confusão vossa. E' possível que não haja entre vós um homem sábio, que possa julgar entre seus irmãos?

6 Mas o que se vê é que um irmão litiga com outro irmão: E isto diante de infieis.

7 Já o haver entre vós demandas de uns contra os outros: E' sem controvérsia um pecado que cometeis. Por que não sofreis vós antes a injúria? Por que não tolerais antes o dano?

e não aos eclesiásticos. O descrédito que a religião cristã padeceria, se aos tribunais gentílicos chegassem as contendas e dissensões dos fiéis uns com os outros, e a utilidade que os mesmos fiéis tiravam, de terem no recurso aos juizes da Igreja quem os exortasse a anteporem a paz e caridade fraternal a todos os interesses temporais, foram sem dúvida as causas que moveram o Apóstolo a ordenar aos Coríntios, que, deixados os juizes gentios, se compromettessem no arbitrio dos eclesiásticos, de quem muito melhor que daqueles deviam esperar que lhes fizessem justiça e os compuzessem com toda a suavidade e caridade.

(2) **QUE OS SANTOS HÃO DE UM DIA JULGAR A ESTE MUNDO** — Hão de os Santos julgar o mundo, quando no dia do juizo final hão de os Apóstolos e seus imitadores ser assessores de Jesus Cristo, e hão de todos os escolhidos aprovar a sentença contra os réprobos.

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 6, 8-15

8 Mas vós mesmos sois os que fazeis a injúria, e os que causais o dano: E isto a vossos próprios irmãos.

9 Acaso não sabeis que os iníquos não hão de possuir o Reino de Deus? Não vos enganeis: Nem os crapulosos, nem os idólatras, nem os adúlteros.

10 Nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os que se dão a bebedices, nem os maldizentes, nem os roubadores hão de possuir o reino de Deus.

11 E tais haveis sido alguns: Mas haveis sido lavados, mas haveis sido santificados, mas haveis sido justificados em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, e pelo Espírito do nosso Deus.

12 Tudo me é permitido, mas nem tudo me convém: Tudo me é permitido, mas eu de ninguém me farei escravo.

13 Os manjares são para o ventre, e o ventre para os manjares: Mas Deus destruirá tanto aquele como a êstes: E o corpo não é para a devassidão mas para o Senhor: E o Senhor para o corpo. (3)

14 E Deus também ressuscitou ao Senhor: E nos ressuscitará a nós pela sua virtude.

15 Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? Tomarei eu logo os membros de Cristo, e fá-los-ei membros duma prostituta? Deus nos livre de tal. (4)

(3) **E O CORPO NÃO É PARA A DEVASSIDÃO** — Isto se deve entender segundo a analogia de membros e de cabeça, que o Apóstolo no verso 15 considera entre os fiéis e Jesus Cristo. — Êstio.

(4) **TOMAREI EU LOGO OS MEMBROS DE CRISTO** — O texto latino diz aqui *Tollens ergo membra Christi*, etc. O que Sa-

1.ª Epístola de S. Paulo aos Coríntios 6, 16-20

16 Não sabeis porventura que o que se ajunta com a prostituta, faz-se um mesmo corpo com ela? Porque se-
rão, disse, dois em uma carne.

17 Mas o que está unido ao Senhor, é um mesmo espírito com êle.

18 Fugi da fornicção. Todo o outro pecado, qual-
quer que o homem cometer, é fora do corpo: Mas o que
comete fornicção, peca contra o seu próprio corpo.

19 Acaso não sabeis que os vossos membros são
templo do Espírito Santo, que habita em vós, o qual ten-
des por vo-lo haver dado Deus, e que não sois mais do que
vós mesmos?

20 Porque vós fostes comprados por um grande
preço: Glorificai pois, e trazei a Deus no vosso corpo.

cy, Calmet e Messengui verteram assim: "Arrancarei eu a Jesus
Cristo os seus membros, etc.". Porém, como o Apóstolo supõe, que
os mesmos fiéis impudicos não delxam por isso de ser membros do
corpo de Jesus Cristo, que é a Igreja, ainda que membros mortos
pelo pecado, e o verbo "arrancar" parece que denota o contrário.
Por esta razão, seguindo a exposição de Dionísio Cartusiano, a
advertência de Êstio e a versão de Hure, julga melhor exprimir o
tollens por tomar, do que por arrancar. E creio que com o mes-
mo pensamento traduziu Amelote assim êste lugar: "Farei eu dos
membros de Jesus Cristo membros de uma prostituta?" — **Pereira.**

CAPÍTULO 7

REGRAS PARA OS CASADOS, E COMO DEVEM USAR DO MATRIMÔNIO. COMO SE DEVEM HAVER OS MARIDOS CRISTÃOS COM AS MULHERES QUE O NÃO SÃO, E PELO CONTRÁRIO. LOUVOR DA VIRGINDADE. ELA É MELHOR QUE O MATRIMÔNIO. A VIÚVA PODE CASAR; MAS FARÁ MELHOR SE SE CONSERVAR COMO ESTÁ.

1 Pelo que pertence porém às coisas, sôbre que me escrevestes: Digo que bom seria a um homem não tocar mulher alguma: (1)

2 Mas por evitar a luxúria cada um tenha sua mulher, e cada uma tenha seu marido.

3 O marido pague a sua mulher o que lhe deve, e da mesma maneira também a mulher ao marido. (2)

4 A mulher não tem poder no seu corpo, mas tem-no o marido. E também da mesma sorte o marido não tem poder no seu corpo, mas tem-no a mulher.

5 Não vos defraudeis um ao outro, senão talvez de comum acôrdo por algum tempo, para vos applicardes à oração: E de novo tornai a coabitar, porque não vos tente satanaz, por vossa incontinência. (3)

(1) **DIGO QUE BOM SERIA A UM HOMEM NÃO TOMAR MULHER ALGUMA** — Não se opõe esta doutrina do Apóstolo ao que Deus disse no principio do mundo (Gên 2, 18): "Não é bom que o homem esteja só". Porque no caso em que Deus falava, entendia-se o bem da espécie; no caso em que fala S. Paulo, entende-se o bem do individuo. — **Éstio.**

(2) **PAGUE A SUA MULHER** — Refere-se o Apóstolo ao débito conjugal.

(3) **PARA VOS APLICARDES À ORAÇÃO** — S. João Crisóstomo o entende da oração mais fervorosa e de retiro. Outro, com Éstio, o entendem da oração pública e da assistência ao sacrificio, porque falando da oração ordinária, esta tanto se não pode

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 7, 6-12

6 Porém eu digo-vos isto como uma coisa que se vos perdoa, não por mandamento.

7 Porque quero que todos vós sejais tais como eu mesmo, porém cada um tem de Deus seu próprio dom: Uns na verdade duma sorte, e outros de outra.

8 Digo também aos solteiros, e às viúvas: Que lhes é bom se permanecerem assim, como também eu.

9 Mas se não têm dom de continência casem-se. Porque melhor é casar-se do que abrasar-se. (4)

10 Mas àqueles que estão unidos em matrimônio, mando, não eu, senão o Senhor, que a mulher se não separe do marido:

11 E se ela se separar, que fique sem casar, ou que faça paz com seu marido. E o marido tão pouco deixe a sua mulher.

12 Pelo que toca porém aos mais, eu é que lho digo, não o Senhor. Que se algum irmão tem mulher infiel, e esta consente em coabitar com êle, não a largue.

dizer incompatível com o matrimônio, que antes Cristo e o mesmo Apóstolo mandam que ela em todos seja contínua. — **Pereira.**

PORQUE NÃO VOS TENTE SATANAZ — Isto é, para que não tente o marido a que peque com outra mulher, e tente a mulher a que peque com outro homem.

(4) **PORQUE MELHOR É CASAR-SE DO QUE ABRASAR-SE** — Abrasar-se, aqui, não é ser tentado da concupiscência da carne, mas é arder já nos maus desejos. *Uri est occulta flamma concupiscentiae vastari*, diz Santo Agostinho no Livro da Santa Virgindade, cap. 34. E o ser melhor casar-se é porque é pior abrasar-se. *Ideo melius est nubere, quia peius est uri*, diz S. Jerônimo na **Apologia a Pamáquio**. Advirta-se que S. Paulo fala aqui das pessoas livres, e não das que estão presas por voto; para estas só na oração e penitência podem encontrar remédio para as suas paixões.

13 E que se uma mulher fiel tem marido, que é infiel, e este consente em coabitar com ela, não largue a tal a seu marido.

14 Porque o marido infiel é santificado pela mulher fiel, e a mulher infiel é santificada pelo marido fiel: Doutra sorte os vossos filhos não seriam limpos, mas agora são santos. (5)

15 Porém se o infiel se retira, que se retire: Porque neste caso já o nosso irmão, ou a nossa irmã não estão mais sujeitos à escravidão: Mas Deus nos chamou em paz.

16 Porque donde sabes tu, ó mulher, se salvarás a teu marido? Ou donde sabes tu, ó marido, se salvarás a tua mulher?

17 Porém todavia cada um conforme o Senhor lhe haja repartido, cada um conforme Deus o haja chamado, assim ande: E isto é como eu o ordeno em tôdas as igrejas. (6)

(5) **PORQUE O MARIDO INFIEL** — Têm dado os críticos duas interpretações a este texto. 1.^a O marido é atraído à fé e à virtude pela santidade da esposa. Já é um bom indício e uma boa disposição tomar para companheira uma mulher virtuosa; daqui se pode esperar que pelos bons conselhos e bons exemplos desta esposa fiel ele passe a viver honestamente no seu estado e a professar a mesma fé. 2.^a Um tal consórcio nada tem de desregrado ou de impuro; não importa para a esposa nenhuma mancha diante de Deus; entra na ordem estabelecida pela Providência e é de natureza a realizar o seu fim, a saber: a procriação e a educação cristã da prole, batizada, instruída e formada na prática do bem. Erradamente andaria aquele que intentasse dissolver este matrimônio.

(6) **ASSIM ANDE** — Quer dizer, assim viva, assim se conduza. O Apóstolo expõe aqui a teoria da vocação. S. Paulo faz estas recomendações pelas razões seguintes: 1.^o Para prevenir a objeção levantada contra o cristianismo, de que este perturbava a

1.ª Epístola de S. Paulo aos Coríntios 7, 18-25

18 E' chamado algum sendo circuncidado? Não se dê por incircunciso. E' chamado algum incircunciso? Não se circuncide.

19 A circuncisão nada vale, e a incircuncisão nada vale: Senão a guarda dos mandamentos de Deus.

20 Cada um na vocação em que foi chamado nela permaneça.

21 Foste chamado sendo servo? Não te dê cuidado: E se ainda podes ser livre aproveita-te melhor. (7)

22 Porque o servo que foi chamado no Senhor, libertado é do Senhor: Assim mesmo o que foi chamado sendo livre, servo é de Cristo.

23 Por preço fostes comprados, não vos façais servos de homens.

24 Cada um pois, irmãos, permaneça diante de Deus no estado em que foi chamado.

25 Quanto porém às virgens, não tenho mandamento do Senhor: Mas dou conselho, como quem do Senhor tem alcançado misericórdia, para ser fiel:

ordem estabelecida nas famílias e no Estado. **Ne nomen Dei et doctrina blasphemetur.** 2.º Para reprimir o zelo indiscreto dos exagerados, que muitas vezes transtornam as melhores e mais santas disposições. 3.º Para ensinar aos fiéis a prática da paciência conformando o seu gosto com a sua posição.

(7) **APROVEITA-TE MELHOR** — Mas se podes lograr liberdade por meios legítimos, não percas a ocasião, aproveita-te dela, porque Deus ta dá, para servires com mais liberdade a Cristo. É o sentido mais corrente, que traduz o desejo de libertação do escravo.

26 Entendo pois que isto é bom, por causa da instante necessidade, porque é bom para o homem o estar assim. (8)

27 Estás ligado à mulher? Não busques soltura. Estás livre de mulher? Não busques mulher.

28 Mas se tomares mulher, não pecaste. E se a virgem se casar, não pecou: Todavia os tais padecerão tribulação da carne. E eu quisera poupar-vos a ela. (9)

29 Isto finalmente vos digo, irmãos: O tempo é breve: O que resta é que não só os que têm mulheres sejam como se as não tivessem.

(8) **POR CAUSA DA INSTANTE NECESSIDADE** — Por necessidade instante, (que são os termos precisos da Vulgata) entendem comumente os expositores as misérias a que na vida presente estão sujeitos os casados, as quais misérias o Apóstolo, no verso 28, chama tribulações da carne. Não que a excelência, que no estado do celibato considera o Apóstolo, consista precisamente em ele nos livrar de certos cuidados e inquietações, como interpretava Joviniano, mas sim porque no estado do celibato estamos mais livres e desembaraçados para a oração e mais exercícios de piedade, como o Apóstolo pondera nos versos 33 e 34, e como contra Joviniano mostra Santo Agostinho no livro *Da Santa Virgindade*, cap. 13. Onde também pelo que a Vulgata diz: *propter instantem necessitatem*, alega o Santo, como lição dos códices do seu tempo, *propter praesentem necessitatem*, como com efeito verteu Erasmo do grego, e como do latim verteram Veron Godeau, Amelote, Sacy, os de Mons, e outros.

PORQUE É BOM PARA O HOMEM O ESTAR ASSIM. — Bom em todos os três gêneros de bondade, porque o celibato é um bem honesto, por causa da pureza; um bem deleitável, por causa da liberdade; um bem útil, por causa da paga, que lhe é devida a cento por um. — S. Tomás.

(9) **PADECERÃO TRIBULAÇÃO DE CARNE** — Isto é, em si mesmos, tomada a carne por todo o homem, segundo o estilo das Escrituras. — Sacy.

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 7, 30-39

30 Mas também os que choram, como se não chorassem, e os que folgam, como se não folgassem: E os que compram, como se não possuissem:

31 E os que usam dêste mundo, como se dêle não usassem: Porque a figura dêste mundo passa.

32 Quero pois que vós vivaís sem inquietação. O que está sem mulher, está cuidadoso das coisas que são do Senhor, de como há de agradar a Deus.

33 Mas o que está com mulher, está cuidadoso das coisas que são do mundo, de como há de dar gosto a sua mulher, e anda dividido.

34 E a mulher solteira, e a virgem, cuida nas coisas que são do Senhor, para ser santa no corpo, e no espírito. Mas a que é casada, cuida nas coisas que são do mundo, de como agradará ao marido.

35 Na verdade digo-vos isto para proveito vosso: Não para vos ilaquear, mas somente para o que é honesto, e que vos facilite a orar ao Senhor sem embaraço.

36 Mas se algum julga o que parece ser desonra própria, quanto a sua filha donzela, o ir-lhe passando a idade de casar, e que assim convém fazer-se-lhe o casamento: Faça o que quiser: Não peca, se casar.

37 Porque o que formou em seu peito uma firme resolução, não no obrigando a necessidade, mas antes tendo poder na sua própria vontade, e com isto determinou no seu coração conservar a sua filha virgem, bem faz:

38 Assim que o que casa a sua filha donzela, faz bem: E o que a não casa, faz melhor.

39 A mulher está ligada à lei por todo o tempo que seu marido vive: Mas se morrer o seu marido, fica ela li-

vre: Case com quem quiser: Contanto que seja no Senhor.

40 Porém será mais bem-aventurada, se permanecer assim, conforme o meu conselho: E julgo que também eu tenho o Espírito de Deus.

CAPÍTULO 8

OS ÍDOLOS NÃO SÃO NADA. OS MANJARES, QUE LHES FORAM OFERECIDOS, NÃO SÃO PROIBIDOS. MAS NÃO SE DEVE COMER DELES CONTRA O DITAME DA PRÓPRIA CONSCIÊNCIA, NEM QUANDO OUTROS SE ESCANDALIZAM POR ISSO.

1 No tocante porém às coisas que são sacrificadas aos ídolos sabemos que todos temos ciência. A ciência envaidece, mas a caridade edifica. (1)

2 E se algum se lisonjeia de saber alguma coisa, este ainda não conheceu de que modo convém que ele saiba.

3 Mas se algum ama a Deus, esse é conhecido dele.

4 Acêrca porém das viandas, que são imoladas aos ídolos, sabemos que os ídolos não são nada no mundo, e que não há outro Deus, senão só um. (2)

(1) **QUE TODOS TEMOS CIÊNCIA** — Que ciência? a de que o Apóstolo fala no verso 4, que é, que isto de ídolos não é nada. — **Êstio.**

(2) **SABEMOS QUE OS ÍDOLOS NÃO SÃO NADA NO MUNDO** — Os ídolos, não tomados materialmente, segundo os metais, de que são compostos, mas tomados formalmente pelo que no conceito dos gentios significam, que são umas divindades quiméricas. — **Êstio.**

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 8, 5-8

5 Porque ainda que haja alguns que se chamem deuses, ou no Céu, ou na terra (e assim sejam muitos os deuses, e muitos os senhores: (3)

6 Para nós, contudo, há só um Deus, o Padre, de quem tiveram o ser tôdas as coisas, e nós nêle: E só um Senhor Jesus Cristo, por quem tôdas as coisas existem, e nós outros por êle. (4)

7 Mas nem em todos há conhecimento. Porque alguns até agora com consciência do ídolo, comem como do sacrificado a ídolo: E a consciência dêstes, como está en-fôrma, é contaminada. (5)

8 E a comida não nos faz agradáveis a Deus. Porque nem comendo-a, seremos mais ricos: Nem seremos mais pobres, não a comendo.

(3) **OU NO CÉU, OU NA TERRA** — Alude o Apóstolo à divisão dos deuses que, segundo a Mitologia dos gentios uns eram celestes, outros terrestres. — **Êstio.**

(4) **HÁ SÓ UM DEUS, O PADRE** — O nomear por Deus sômente ao Pai, não é porque exclua de ser Deus também o Filho e o Espírito Santo, mas é porque o Pai é a Fonte da Divindade, que comunica o ser Divino às outras duas pessoas. E o nomear por Senhor, sômente ao Filho, é porque o Filho pelo direito da redenção é com especialidade Senhor dos homens, imitando a locução do Apóstolo, dizemos nós no Símbolo da nossa Fé, com os Santos Padres, que o compuseram. Creio num só Deus, Padre tudo poderoso, Criador do Céu e da terra, e num só Senhor Jesus Cristo seu Filho Unigênito. — **Êstio.**

(5) **MAS NEM EM TODOS** — O Apóstolo tinha dito no verso 1, que todos tinham ciência. Como diz agora no verso 7, que nem todos a têm? É porque fala do bom uso da ciência no sentido do verso 2. — **Êstio.**

COM CONSCIÊNCIA DO ÍDOLO — Isto é, crendo com consciência errônea, que o ídolo tem alguma virtude para transmutar a natureza dos manjares oferecidos e que assim pode obrar, ou causa alguma contaminação nos que comem deles. — **Êstio.**

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 8, 9-13; 9, 1

9 Mas vêde que esta liberdade que tendes, não seja talvez ocasião de tropeço aos fracos.

10 Porque se algum vir ao que tem ciência estar assentado à mesa no lugar dos ídolos: Porventura com a sua consciência que está enferma, não se animará a comer do sacrificado aos ídolos?

11 E pela tua ciência perecerá o teu irmão fraco, pelo qual morreu Cristo?

12 E dêste modo pecando contra os irmãos, e ferindo a sua débil consciência, pecais contra Cristo.

13 Pelo que se a comida serve de escândalo a meu irmão: Nunca jamais comerei carne, por não escandalizar a meu irmão. (6)

CAPÍTULO 9

AINDA QUE O APÓSTOLO TINHA DIREITO DE PEDIR AOS CORÍNTIOS QUE O PROVESSEM DO NECESSÁRIO: DIZ ÊLE QUE O NÃO FIZERA, POR NÃO LHES SER PESADO. TUDO SOFRE PAULO POR ADIANTAR A FÉ. NÓS TODOS CORREMOS NO CURRO. PAULO NOS ANIMA COM O SEU EXEMPLO AO QUE DEVEMOS FAZER.

1 Não sou eu livre? Não sou Apóstolo? Não vi eu a nosso Senhor Jesus Cristo? Não sois vós obra minha no Senhor? (1)

(6) **NUNCA JAMAIS COMEREI CARNE** — Grande e tremenda doutrina para os que, sem fazerem caso de escandalizar o próximo, comem carne sem nenhuma necessidade e contra o preceito expresso da Igreja. — **Pereira.**

(1) **NÃO SOU EU LIVRE?** — Chama-se livre o Apóstolo no sentido que êle declara no verso 4. Como se dissera: Não sou eu livre como êsses vossos doutores, que tanto fazem valer a liberdade, que lhes dá o Evangelho?

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 9, 2-5

2 E quando eu não seja Apóstolo a respeito de outros, ao menos sou-o a respeito de vós, porque vós sois o sêlo do meu Apostolado no Senhor.

3 Esta é a minha defesa contra aqueles que me perguntam:

4 Porventura não temos nós direito de comer e de beber? (2)

5 Acaso não temos nós poder para levar por tôda a parte uma mulher irmã, assim como também os outros Apóstolos e os irmãos do Senhor e Cefas? (3)

(2) **DE COMER E DE BEBER?** — Segundo o preceito do Senhor por Lc 10, 7 "Deixai-vos estar na mesma casa comendo e bebendo do que ha nela, porque o trabalhador é digno do seu jornal". — Pereira.

(3) **UMA MULHER IRMÃ** — Era êste um costume recebido entre os Judeus, (diz S. Jerônimo) serem as mulheres as que de seus bens assistiam a seus mestres. Assim lemos Mt 28, 55, e em Lc 8, 3, que foram muitas as que acompanhavam o Senhor, ministrando-lhe o necessário do seu. Destas, que por semelhante modo e pelo mesmo fim acompanhavam os Apóstolos, fala também S. Paulo escrevendo aos Coríntios; se bem que para evitar o escândalo, que êste costume dos judeus podia causar nos gentios, diz o Apóstolo que se absteria de o praticar. S. Jerônimo no Comentário a S. Mateus, e no livro 1, contra Joviniano, capítulo 14.

E OS IRMÃOS DO SENHOR — Irmãos do Senhor aqui, como no Evangelho, são os primos do Senhor, segundo o modo de falar dos judeus. E tais eram, segundo o Evangelho, S. Tiago Menor, S. Simão e S. Tadeu, como já tem sido dito muitas vezes.

E CEFAS — Já advertimos noutras partes, que Cefas era S. Pedro. E em nomeá-lo aqui S. Paulo em último lugar, depois de nomear os principais Apóstolos, (quais eram os irmãos, ou primos do Senhor) dá êle a entender, que S. Pedro era o Príncipe e Cabeça visível de todos. Porque é o mesmo que se dissesse o Apóstolo: Porventura não poderemos nós fazer o que fazem os mais Apóstolos e os mesmos que são irmãos do Senhor, e até o mesmo Cefas? No qual modo de falar ninguém deixa de ver que Cefas se supõe maior que todos.

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 9, 6-12

6 Ou eu só, e Barnabé, não temos poder de fazer isto?

7 Quem jamais vai à guerra à sua custa? Quem planta uma vinha, e não come de seu fruto? Quem apascenta um rebanho, e não come do leite do rebanho? (4)

8 Porventura digo eu isto como homem? Ou não o diz também a lei?

— 9 Porque escrito está na lei de Moisés: Não atarás a bôca ao boi que debulha. Acaso tem Deus cuidado dos bois? (5)

10 Não é antes por nós mesmos que êle diz isto? Por certo que por nós é que estão escritas estas coisas: Porque o que lavra, deve lavrar com esperança: E o que debulha, deve-o fazer com esperança de perceber os frutos.

11 Se nós vos semeamos as coisas espirituais, é porventura muito se recolhermos as temporalidades que vos pertencem?

12 Se outros participam dêste poder sôbre vós, por que não mais justamente nós? mas não temos feito uso

(4) **QUEM JAMAIS VAI À GUERRA** — Com êstes três exemplos do soldado, do agricultor e do pastor, que todos vivem do seu mesmo exercício, prova o Apóstolo, que também os Ministros do Evangelho devem viver do Evangelho. E o demorar-se o Apóstolo nos seguintes versos em confirmar ainda com outras razões o direito, que os Pastores têm, a que os sustentem os Fiéis, que são como suas ovelhas, mostra de mais a mais, que os Coríntios tinham mais de ricos que de largos. — **Pereira.**

(5) **ACASO TEM DEUS CUIDADO DOS BOIS?** — Tem Deus maior cuidado dos bois, que de nós? Ou, se Deus tem êste cuidado dos bois, acaso não o terá de nós? e não é êste o sentido principal desta lei? — **S. João Crisóstomo e S. Tomás.**

dêste poder: Antes sofremos tudo por não ocasionarmos algum obstáculo ao Evangelho de Cristo. (6)

13 Não sabeis que os que trabalham no Santuário, comem do que é do Santuário: E que os que servem ao altar, participam justamente do altar?

14 Por êste modo ordenou também o Senhor aos que pregam o Evangelho, que vivessem do Evangelho. (7)

15 Porém eu de nada disto tenho usado. Nem tão pouco tenho escrito isto, para que se faça assim comigo: Porque tenho por melhor morrer antes que algum me faça perder esta glória.

16 Porquanto se prego o Evangelho não tenho de que gloriar-me: Pois me é imposta essa obrigação: Porque ai de mim se eu não evangelizar.

(6) **ANTES SOFREMOS TUDO** — Tudo, isto é, todos os males e incômodos, que nascem do não uso do sobredito poder, como são a fome, a sede, a desnudez, o frio, as vigílias, o trabalho de mãos e outros, que o mesmo Apóstolo declara na segunda aos Coríntios, cap. 6 e cap. 11.

(7) **POR ÊSTE MODO ORDENOU TAMBÉM O SENHOR** — Esta ordenação do Senhor é expressa em Mt 10, 10, e em Lc 10, 7. Por ela têm os ministros da palavra de Deus e dos Sacramentos, direito a que os fiéis os sustentem e provenham do necessário, e os fiéis obrigação de justiça de assim o fazerem, como o Apóstolo também ensinou e provou na Epístola aos Romanos, 15, 27. E o não quererem usar dêste direito S. Paulo e S. Barnabé, como aqui lemos, foi um ato de grande e perfeita caridade, qual é também hoje o daqueles Regulares, que, imitando o exemplo dos dois Santos Apóstolos, exercitam o ministério de pregar, confessar e dar a sagrada Comunhão, sustentando-se ao mesmo tempo do que mendigam como esmola. Mas daqui se infere que a sustentação do clero deve ser feita pelas ofertas dos fiéis, legados, dioceses, etc., nunca por ordenados estipulados, que o equiparariam a funcionalismo civil, algemando-o também àqueles que lhe satisfizessem o salário, ficando sem a independência indispensável ao desempenho do seu cargo.

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 9, 17-23

17 Pelo que se o faço de vontade, terêi prêmio: E se for por fôrça, a dispensação me veio só a ser encarregada.

18 Qual é portanto a minha recompensa? Que pregando o Evangelho, dispense eu o Evangelho, sem causar gasto, para não abusar do meu poder no Evangelho. (8)

19 Porque sendo livre para com todos, me fiz servo de todos, para ganhar muitos mais. (9)

20 E me fiz para os judeus como judeu, para ganhar os judeus:

21 Para os que estão debaixo da lei, como se eu estivesse debaixo da lei, (não me achando eu debaixo da lei) por ganhar aqueles que estavam debaixo da lei: Para os que estavam sem lei, como sê eu estivera sem lei, (ainda que não estava sem a lei de Deus: Mas estando na lei de Cristo) por ganhar os que estavam sem lei.

22 Fiz-me fraco com os fracos, por ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, por salvar a todos. (10)

23 E tudo faço pelo Evangelho: Para dêle me fazer participante.

(8) **DO MEU PODER** — E receber daqueles a quem prego, o necessário para me alimentar. — Sacy.

(9) **LIVRE PARA COM TODOS** — Porque não estando sujeito a nenhuma pessoa particular.

(10) **FIZ-ME TUDO PARA TODOS** — Quer dizer que, quando a lei de Deus o permitia, êle se acomodava aos costumes, gênios, afetos e inclinações de todos, para os ganhar: para Cristo, que é o que no glorioso S. Francisco de Sales, bispo de Genebra, louva também a Igreja, que escolheu esta divisa *omnia omnibus*.

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 9, 24-27; 10, 1

24 Não sabeis que os que correm no Estádio, correm sim todos, mas um só é que leva o premio? Correi de tal maneira que o alcanceis. (11)

25 E todo aquele que tem de contender, de tudo se abstém, e aqueles certamente por alcançar uma coroa corruptível: Nós porém uma incorruptível. (12)

26 Pois eu assim corro, não como a coisa incerta; assim pelejo, não como quem açoita o ar:

27 Mas castigo o meu corpo, e o reduzo à servidão: Para que não suceda que havendo pregado aos outros, venha eu mesmo a ser reprovado. (13)

CAPÍTULO 10

OS JUDEUS INGRATOS E MURMURADORES, CASTIGADOS POR DEUS NO DESERTO. TUDO O QUE A ELES SUCEDIA, ERA UMA FIGURA DO QUE SUCEDE A BONS E MAUS. DEUS NOS AJUDA NAS NOSSAS TENTACÕES. DEVE-SE FUGIR À IDOLATRIA. O QUE PARTICIPA DOS SACRIFÍCIOS FEITOS A DEUS DEVE-SE DESVIAR DOS QUE SE FAZEM AOS DEMÔNIOS. NÃO BASTA A BOA CONSCIÊNCIA, É DE MAIS A MAIS NECESSÁRIO EVITAR O ESCANDALO DOS FRACOS.

1. Porque não quero, irmãos, que vós ignoreis que nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem, e que todos passaram o mar.

(11) **NO ESTÁDIO** — Em que na Grécia os atletas se exercitavam correndo; em Corinto havia estes mesmos jogos.

(12) **DE TUDO SE ABSTEM** — De tudo o que pode diminuir as forças.

(13) **PARA QUE NÃO SUCEDA QUE** — Se Paulo assim temeu, (nota aqui S. João Crisóstomo) tendo ensinado e pregado a tantos, que diremos nós? E Santo Agostinho faz esta outra reflexão: O Apóstolo com o seu temor nos atemoriza. Porque que fará o cordeiro, quando assim treme o Leão?

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 10, 2-6

2 E todos foram batizados debaixo da conduta de Moisés, na nuvem e no mar. (1)

3 E todos comeram dum mesmo manjar espiritual. (2)

4 E todos beberam duma mesma bebida espiritual, (porque todos bebiam da pedra misteriosa, que os seguia: E esta pedra era Cristo). (3)

5 Mas de muitos dêles Deus se não agradou, pelo que foram prostrados no deserto.

6 Mas estas coisas foram feitas em figura de nós outros, por que não sejamos cobiçosos de coisas más, como também êles as cobiçaram.

(1) **NA NUVEM E NO MAR** — Quer dizer que a nuvem e o mar foram figuras do Batismo, que Jesus Cristo havia de instituir. Para o que é muito crível, dizem Estio e Amelote, que os israelitas fossem alguma vez borrifados dalgumas gotas d'água que caíssem da nuvem e dalgumas do Mar Vermelho, quando divididas as suas águas, passaram por entre elas a pé enxuto.

(2) **DUM MESMO MANJAR ESPIRITUAL** — Chama o Apóstolo espiritual o manjar e espiritual a bebida dos israelitas no deserto, sendo que tanto o maná, como a água, eram umas criaturas materiais e corporais, porque as considera não em si, mas no que significavam, que era o Corpo e Sangue de Cristo sacramentado; os quais ainda que também em si são criaturas materiais e corpóreas, estão contudo no Sacramento por um modo espiritual.

(3) **PORQUE TODOS BEBIAM DA PEDRA MISTERIOSA QUE OS SEGUIA** — Beblam da pedra, como nós dizemos, beber da fonte, ou beber do poço. E a pedra os seguia, enquanto os seguia a água, que arrebentara da pedra.

E ESTA PEDRA ERA CRISTO — Isto é, e o que esta pedra significava era Jesus Cristo. O qual como pedra firmíssima sustenta a sua Igreja, e como o sangue que de si verteu, inundou o mundo de enchentes de graças.

1.ª Epístola de S. Paulo aos Coríntios 10, 7-18

7 Nem vos façais idólatras, como alguns dêles; conforme está escrito: O povo se assentou a comer e a beber, e se levantaram a jogar.

8 Nem sejamos impuros, como alguns dêles foram e morreram em um dia vinte e três mil.

9 Nem tentemos a Cristo: Como alguns dêles o tentaram e pereceram pelas mordeduras das serpentes.

10 Nem murmureis, como murmuraram alguns dêles, e foram mortos pelo exterminador.

11 Tôdas estas coisas porém lhes aconteciam a êles em figura, mas foram escritas para escarmento de nós-outros, a quem os fins dos séculos têm chegado.

12 Aquêlc pois que crê estar em pé, veja não caia.

13 Vós ainda não experimentastes, senão tentações humanas, mas Deus é fiel, o qual não permitirá que vós sejais tentados mais do que podem as vossas forças; antes fará que tireis ainda vantagem da mesma tentação, para o poderdes suportar.

14 Pelo que, meus caríssimos, fugi da idolatria.

15 Eu falo como a prudentes, julgai vós mesmos o que eu vos digo.

16 Porventura o cálice da bênção, que nós benze-mos, não é a comunhão do sangue de Cristo? e o pão, que partimos, não é a participação do corpo do Senhor?

17 Porque nós todos somos um pão e um corpo, nós todos, que participamos dum mesmo pão.

18 Considerai a Israel segundo a carne: Os que comem as vítimas, porventura não têm parte com o altar?

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 10, 19-28

19 Mas que? digo que o que foi sacrificado aos ídolos, é alguma coisa? ou que o ídolo é alguma coisa?

20 Antes digo que as coisas que sacrificam os gentios, as sacrificam aos demônios, e não a Deus. E eu não quero que vós tenhais sociedade com os demônios: Não podeis beber o cálice do Senhor, e o cálice dos demônios.

21 Não podeis ser participantes da mesa do Senhor, e da mesa dos demônios.

22 Queremos porventura irritar com zelos ao Senhor? Acaso somos nós mais fortes do que êle? Tudo me é permitido, mas nem tudo me convém. (4)

23 Tudo me é permitido, mas nem tudo edifica.

24 Ninguém busque o que é seu, senão o que é do outro.

25 De tudo o que se vende na praça, comei, sem perguntar nada por causa da consciência.

26 Porque do Senhor é a terra, e tudo quanto há nela.

27 Se algum dos infiéis vos convida e quereis ir: Comei de tudo o que se vos põe diante, não perguntando nada por causa da consciência.

28 E se algum disser: Isto foi sacrificado aos ídolos: Não no comais em atenção daquele que o advertiu, e por causa da consciência:

(4) **QUEREMOS PORVENTURA IRRITAR COM ZELOS** — Como o demônio e o inimigo é o rival de Deus, quer dizer o Apóstolo, que os que dentre os Coríntios se assentavam com os gentios a comer dos manjares oferecidos aos ídolos, depois de terem noutra mesa participado do corpo de Jesus Cristo, provocavam com aquela ação a ira e ciúme de Deus.

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 10, 29-33; 11, 1

29 E digo a consciência, não a tua, mas a do outro. Porque, a que fim a minha liberdade é julgada pela consciência alheia?

30 Ainda que eu com graça participo, a que fim darei ocasião a ser blasfemado por uma coisa por que dou graças?

31 Logo, ou vós comais, ou bebais, ou façais qualquer outra coisa: Fazei tudo para glória de Deus. (5)

32 Portai-vos sem dar escândalo, nem aos judeus, nem aos gentios, nem à igreja de Deus.

33 Como também eu em tudo procuro agradar a todos, não buscando o que me é de proveito, senão o de muitos: Para que sejam salvos.

CAPÍTULO 11

O HOMEM DEVE QUANDO ORA ESTAR COM A CABEÇA DESCOBERTA, A MULHER COM O VEU PÓSTO. REPREENDE O APÓSTOLO A DESORDEM, COM QUE OS CORÍNTIOS CELEBRAVAM A CEIA DO SENHOR. REFERE A INSTITUIÇÃO DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO PELA REVELAÇÃO QUE DELA TIVERA. CRIME E CASTIGO DOS QUE O RECEBEM INDIGNAMENTE.

1 Sêde meus imitadores, bem como eu também o sou de Cristo.

(5) **FAZEI TUDO PARA GLÓRIA DE DEUS** — De preceito estamos obrigados a referir para glória de Deus tudo o que fazemos. Mas não obra contra êste, o que não refere com um ato expresso para glória de Deus a ação que faz. Porque basta que a refira para Deus, habitual ou virtualmente. S. Tomás na primeira da segunda, questão 88, art. 1, e na segunda da segunda, questão 69, art. 4.

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 11, 2-9

2 Eu vos louvo pois, irmãos, porque em tudo vos lembrais de mim: E guardais as minhas instruções, como vo-las ensinei.

3 Porém quero que vós outros saibais que Cristo é a cabeça de todo o varão: E o varão a cabeça da mulher: E Deus a cabeça de Cristo. (1)

4 Todo o homem que faz oração, ou que profetiza com a cabeça coberta desonra a sua cabeça.

5 E toda a mulher que faz oração, ou que profetiza não tendo coberta a cabeça, desonra a sua cabeça, porque é como se estivesse rapada.

6 Portanto, se a mulher se não cobre, tosque-se também. E se para a mulher é uma desonra tosquiar-se, ou rapar-se, então cubra a sua cabeça.

7 O varão, na verdade, não deve cobrir a sua cabeça: Porque é a imagem e glória de Deus, mas a mulher é a glória do varão.

8 Porque não foi feito o varão da mulher, mas a mulher do varão.

9 E não foi outrossim criado o varão por causa da mulher, mas sim a mulher por causa do varão.

(1) **E O VARÃO A CABEÇA DA MULHER** — Cabeça secundária e subordinada: Porque cabeça primária de um e outro, é Jesus Cristo. — **Êstio.**

E DEUS A CABEÇA DE CRISTO — De Jesus Cristo, enquanto homem: Porque enquanto Deus, é Jesus Cristo o Divino Verbo e o Divino Verbo é igual a Deus Padre, e uma mesma cabeça, ou princípio como êle de todas as criaturas. — **Êstio.**

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 11, 10-17

10 Por isso deve a mulher trazer o poder sôbre a sua cabeça por causa dos Anjos. (2)

11 Contudo isso nem o varão é sem a mulher: Nem a mulher sem o varão no Senhor.

12 Porque como a mulher foi tirada do varão, assim também o varão é concebido pela mulher: Mas tôdas as coisas vêm de Deus.

13 Julgai lá vós mesmos: E' decente que uma mulher faça oração a Deus, não tendo véu?

14 Nem a mesma natureza vo-lo ensina, já quanto ao varão, se êle deixasse com efeito crescer os cabelos, isto é para êle uma ignomínia? (3)

15 E pelo contrário é glória para a mulher deixá-los crescer; porque êles lhe foram dados em lugar de véu.

16 Se porém algum quizer ser contencioso: Nós não temos tal costume, nem a igreja de Deus.

17 Isto pois vos ^oprescrevo: Não vos dando a minha aprovação, por saber que vos não ajuntais para melhor, senão para pior.

(2) **POR CAUSA DOS ANJOS** — S. Jerônimo, Santo Agostinho, S. João Crisóstomo, e Teodoreto, o entendem da reverência, que se deve aos Anjos da Guarda, que a tudo o que fazemos se acham presentes. S. Tomás com outros o entende dos bispos e sacerdotes, que também na Escritura se chamam Anjos, enquanto anunciam aos homens a palavra de Deus. A primeira inteligência porém é mais provável que esta segunda. — **Pereira.**

(3) **NEM A MESMA NATUREZA VO-LO ENSINA** — Isto é, que uma mulher faça oração não tendo véu, mas antes o contrário, que é o que se segue. Por isso a Igreja proíbe que se esteja sem véu na cabeça, com a cabeça coberta de qualquer maneira.

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 11, 18-24

18 Porque em primeiro lugar ouço que quando vos ajuntais na igreja, há entre vós divisões, e eu em parte o creio.

19 Pois é necessário que até haja heresias para que também os que são provados, fiquem manifestos entre vós.

20 De maneira que quando vos congregais em um corpo, não é já para comer a Ceia do Senhor. (4)

21 Porque se antecipa cada um a comer a sua ceia particular, e uns têm na verdade fome: E outros estão mui fartos.

22 Porventura não tendes vós as vossas casas, para lá comerdes e beberdes? Ou desprezais a igreja de Deus, e envergonhais aquêles que não têm? Que vos direi? Louvar-vos-ei? Nisto não vos louvo.

23 Porque eu recebi do Senhor o que também vos ensinei a vós, que o Senhor Jesus, na noite em que foi entregue, tomou o pão,

24 e dando graças, o partiu, e disse: Recebei, e comei: Este é o meu corpo, que será entregue por amor de vós: Fazei isto em memória de mim.

(4) **A CEIA DO SENHOR** — Santo Agostinho na célebre carta a Januário, e com êle Pedro Lombardo, Santo Tomás, e o autor da Glosa, entendem esta ceia do Senhor, da ceia Eucarística, isto é, da ceia em que os congregados na Igreja no dia de Quinta-Feira-Maior, comungavam o Corpo e Sangue de Cristo Senhor nosso. Porém S. João Crisóstomo, e com êle Teofilato, Primácio, e Caetano, querem que o Apóstolo chama aqui ceia do Senhor, fosse o banquete, que os fiéis, pública e solenemente faziam naquele dia antes de comungarem, e isto em memória da ceia legal, que o Senhor celebrou com todos os seus discípulos, antes de instituir o Santíssimo Sacramento do seu Corpo, e Sangue. E as razões, que

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 11, 25-28

25 Por semelhante modo, depois de haver ceado, tomou também o cálice, dizendo: Este cálice é o novo testamento no meu sangue: Fazei isto em memória de mim, tôdas as vezes que o beberdes.

26 Porque tôdas as vezes que comerdes este pão, e beberdes este cálice: Anunciareis a morte do Senhor, até que êle venha.

27 Portanto, todo aquêle que comer este pão, ou beber o cálice do Senhor indignamente, será réu do corpo, e do sangue do Senhor.

28 Examine-se pois a si mesmo o homem: E assim coma dêste pão, e beba dêste cálice. (5)

aponta êstio, assim o persuadem, sem que deva causar o mais leve reparo comungarem então os Fiéis o Corpo, e Sangue de Cristo depois de comerem. Por isso mesmo foi o que sucedeu, quando das mãos do mesmo Senhor comungaram os Apóstolos o seu Corpo, e Sangue, tendo antes celebrado com êle a ceia legal, em que se comia o Cordeiro. E por imitação, e memória do que o Senhor fizera naquele dia, durou até o tempo de Santo Agostinho na Igreja da África o costume de comungarem todos em Quinta-Feira Santa, depois de tomarem a refeição ordinária, como se faz evidente dos Escritos do mesmo Santo, e do Cânon 29 do Terceiro Concílio de Cartago. Finalmente também não deve fazer dúvida chamar o Apóstolo Ceia do Senhor a este banquete, que precedia a Comunhão: Porque se lhe dava este nome pelo que representava, que era a ceia legal, o ágape celebrado com os Apóstolos. E porque os Coríntios o faziam de um modo tão desordenado, que nada menos parecia aquele banquete, que ser representação da ceia do Senhor; por isso o Apóstolo os repreende, ensinando-lhes a ordem, a modéstia, e a caridade com que o devem fazer. A Igreja recita esta perícopa no ofício da Eucaristia.

(5) **EXAMINE-SE POIS A SI MESMO O HOMEM** — Dêste lugar prova o Concílio de Trento, na sessão 13, cap. 7, ser absolutamente necessário, que antes de comungar examinem todos os fiéis, sem exceção dos sacerdotes; a sua consciência, a fim de que achando-se réus do pecado mortal, se não atrevam a chegar à sagrada mesa, sem preceder a necessária dor, e confissão sacramental do mesmo pecado; o que já por tradição apostólica ensi-

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 11, 29-34; 12, 1

29 Porque todo aquêle que o come, e bebe indignamente, come e bebe para si a condenação: Não discernindo o corpo do Senhor.

30 Esta é a razão por que entre vós há muitos enfermos e sem forças, e muitos que dormem.

31 Ora se nos examinássemos a nós mesmos, é certo que não seríamos julgados.

32 Mas quando nós somos julgados, somos corrigidos do Senhor, para não sermos condenados com êste mundo.

33 Portanto, irmãos meus, quando vos ajuntais a comer, esperai uns pelos outros.

34 Se algum tem fome, coma em casa: Para que vos não ajunteis para juízo. No tocante às demais coisas eu as ordenarei quando fôr.

CAPÍTULO 12.

SÃO DIVERSOS OS DONS DO ESPÍRITO SANTO: E ÊLE OS REPARTE DIVERSAMENTE AOS FIEIS. BEM COMO OS MEMBROS DO CORPO HUMANO, CADA UM SEGUNDO AS SUAS DIVERSAS FUNÇÕES, CONCORREM PARA O BEM E CONSERVAÇÃO DO TODO, ASSIM TAMBÉM CADA UM DOS FIEIS, COMO MEMBROS DO CORPO MÍSTICO, DEVEM TRABALHAR EM UTILIDADE COMUM.

1 E sôbre os dons espirituais, não quero, irmãos, que vivais em ignorância.

nava no meio do terceiro século S. Cipriano no livro de Lapsis, e ao fim do quarto século Santo Ambrósio no livro 6, sôbre o Evangelho de S. Lucas, daqui se deduz o livro existente na Igreja contra a comunhão sacrilega.

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 12, 2-9

2 Sabeis que quando ereis gentios, concorriéis aos simulacros, mudos conforme éreis levados.

3 Portanto vos faço saber que ninguém, que fala pelo espírito de Deus, diz anátema a Jesus. E ninguém pode dizer Senhor Jesus senão pelo Espírito Santo. (1)

4 Há pois repartição de graças, mas um mesmo é o espírito:

5 E os ministérios são diversos, mas um mesmo é o Senhor:

6 Também as operações são diversas, mas um mesmo Deus é o que obra tudo em todos.

7 E a cada um é dada a manifestação do espírito para proveito.

8 Porque a um pelo espírito é dada a palavra de sabedoria: A outro porém a palavra de ciência, segundo o mesmo espírito:

9 A outro a fé pelo mesmo espírito: A outro graça de curar as doenças em um mesmo espírito:

(1) **DIZ ANÁTEMA A JESUS** — Dizer anátema a alguém, nas frases das Escrituras, é amaldiçoá-lo, ou rogar-lhe pragas.

SENÃO PELO ESPÍRITO SANTO — Isto é, por graça, ou dom do Espírito Santo. Porque o Apóstolo fala do ato, com que um confessa a Jesus por Senhor, com pio afeto do coração de sorte que concorde o ânimo com a palavra, isto é, que S. Paulo aqui ensina que nenhum pode fazer, sem o interior movimento do Espírito Santo. Porque doutra sorte o mesmo Jesus Cristo nos desengana no Evangelho, que nem todos os que dizem Senhor, Senhor, hão

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 12, 10-18

10 A outro a operação dos milagres, a outro a profecia, a outro o discernimento dos espíritos, a outro a variedade de línguas, a outro a interpretação das palavras.

11 Mas tôdas estas coisas obra só um e o mesmo espírito repartindo a cada um como quer.

12 Porque assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, ainda que sejam muitos, são contudo um só corpo: Assim também Cristo.

13 Porque num mesmo espírito fomos batizados todos nós, para sermos um mesmo corpo, ou sejamos judeus, ou gentios, ou servos, ou livres: E todos temos bebido em um mesmo espírito.

14 Porque também o corpo não é um só membro, mas muitos.

15 Se disser o pé: Porque não sou mão, não sou do corpo: Ataso deixa êle por isso de ser do corpo?

16 E se a orelha disser: Uma vez que eu não sou ôlho, não sou do corpo: Porventura deixa ela por isso de ser do corpo?

17 Se o corpo todo fôsse ôlho: Onde estaria o ouvido? Se fôsse todo ouvido: Onde estaria o olfato?

18 Agora porém Deus pôs os membros no corpo, cada um dêles assim como quis.

de entrar no reino dos Céus; mas só os que fizerem a vontade de seu eterno Pai. Donde se segue, que nem toda a confissão da fé procede do Espírito Santo, nem tôda é meritória diante de Deus, como dêste mesmo lugar do Apóstolo deduzem S. Jerônimo e Santo Agostinho.

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 12, 19-28

19 Se todos os membros porém fôsem um só membro, onde estaria o corpo?

20 Mas a verdade é que são muitos os membros, e um só corpo.

21 Ora, o olho não pode dizer à mão: Eu não necessito do teu préstimo: Nem também a cabeça pode dizer aos pés: Vós não me sois necessários.

22 Antes pelo contrário, os membros do corpo, que parecem mais fracos, são os mais necessários:

23 E os que temos por mais vis membros do corpo, a êsses cobrimos com mais decôro: E os que em nós são menos honestos, os recatamos com maior decência.

24 Porque os que em nós são mais honestos, não têm necessidade de nada: Mas Deus atemperou o corpo, dando honra mais avultada àquêle membro que a não tinha em si,

25 para que não haja cisma no corpo, mas antes conspirem mutuamente todos os membros a se ajudarem uns aos outros.

26 De maneira que se algum mal padece um membro, todos os membros padecem com êle: Ou se um membro recebe glória, todos os membros se regozijam com êle.

27 Vós outros pois sois corpo de Cristo, e membros uns dos outros.

28 E assim a vários pôs Deus na Igreja, primeiramente os Apóstolos, secundariamente os profetas, em terceiro lugar os doutores, depois os que têm a virtude de obrar milagres, depois os que têm a graça de curar doenças, os que têm o dom de assistir a seus irmãos, os que têm o dom de governar, os que têm o dom de falar diversas línguas, os que têm o dom de as interpretar.

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 12, 29-31; 13, 1-6

29 São porventura todos Apóstolos? São todos profetas? São todos doutores?

30 Fazem todos porventura milagres? Têm todos a graça de curar doenças? Falam todos muitas línguas? Têm todos o dom de as interpretar?

31 Entre êstes dons aspirai pois aos que são melhores. Mas eu ainda vou a mostrar-vos outro caminho mais excelente.

CAPÍTULO 13

TODOS OS DONS SÃO INÚTEIS SEM A CARIDADE. VIRTUDES E OFÍCIOS QUE A CARIDADE EM SI CONTÉM. ELA HA DE DURAR SEMPRE. VANTAGEM QUE LEVA A FÉ, E A ESPERANÇA.

1 Se eu falar as línguas dos homens, e dos Anjos, e não tiver caridade, sou como o metal que soa, ou como o sino que tine.

2 E se eu tiver o dom de profecia, e conhecer todos os mistérios, e quanto se pode saber: E se tiver tôda a fé, até o ponto de transportar montes, e não tiver caridade, não sou nada.

3 E se eu distribuir todos os meus bens em o sustento dos pobres, e se entregar o meu corpo para ser queimado, se todavia não tiver caridade, nada disto me aproveita.

4 A caridade é paciente, é benigna, a caridade não é invejosa, não obra temerária, nem precipitadamente, não se ensoberbece.

5 Não é ambiciosa, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal.

6 Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade.

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 13, 7-13; 14, 1

7 Tudo tolera, tudo crê, tudo espera, tudo sofre.

8 A caridade nunca jamais há de acabar, ou deixem de ter lugar as profecias, ou cessem as línguas, ou seja abolida a ciência.

9 Porque em parte conhecemos, e em parte profetizamos.

10 Mas quando vier o que é perfeito, abolido será o que é em parte.

11 Quando eu era menino, falava como menino, julgava como menino, discorria como menino. Mas depois que eu cheguei a ser homem feito, dei de mão às coisas que eram de menino.

12 Nós agora vemos a Deus como por um espelho em enigmas, mas então face a face. Agora conhecemo-o em parte, mas então hei de conhecê-lo, como eu mesmo sou também dEle conhecido.

13 Agora pois permanecem a Fé, a Esperança, a Caridade, estas três virtudes; porém, a maior delas é a Caridade.

CAPÍTULO 14

O DOM DA PROFECIA PREFERE AO DAS LÍNGUAS, E O DOM DAS LÍNGUAS NÃO SERVE DE NADA SEM O DA INTERPRETAÇÃO. REGRAS SOBRE O USO DESTES DONS NA IGREJA. AS MULHERES DEVEM NELA GUARDAR SILÊNCIO.

1 Segui a caridade, anelai aos dons espirituais, e sobre todos ao de profecia. (1)

(1) **E SOBRE TODOS AO DE PROFECIA** — O dom de profecia, de que aqui e noutros lugares fala o Apóstolo, (segundo se

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 14, 2-8

2 Porque o que fala uma língua desconhecida, não fala a homens, senão a Deus: Porque nenhum o ouve, e em Espírito fala mistérios.

3 Mas o que profetiza, fala aos homens para sua edificação, e exortação, e consolação.

4 O que fala uma língua desconhecida, se edifica a si mesmo, porém o que profetiza, edifica a Igreja de Deus.

5 Quero pois que todos vós tenhais o dom de línguas: Porém muito mais que profetizeis. Porque maior é o que profetiza que o que fala diversas línguas, a não ser que também êle interprete, de maneira que a Igreja receba edificação.

6 Agora pois, irmãos, se eu fôr ter convosco falando em diversas línguas, de que vos aproveitarei eu, se vos não falar ou por revelação, ou por ciência, ou por profecia, ou por doutrina?

7 Certamente as coisas inanimadas, que fazem consonância, como a flauta, ou a cítara: Se não fizerem diferença de sons, como se distinguirá o que se canta à flauta, ou o que se toca na cítara?

8 Porque se a trombeta der um som confuso, quem se preparará para a batalha?

colige do contexto, e combinação duns com outros) não consistia sòmente em predizer os sucessos futuros, que é o que propriamente se chama profetizar, mas também em conhecer e descobrir, por inspiração Divina, os segredos do coração humano, ou o sentido dos lugares difíceis e escuros das Sagradas Letras. — Estio.

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 14, 9-14

9 Assim também vós, se pela língua não derdes palavras inteligíveis: Como se entenderá o que se diz? Porque sereis como quem fala ao vento.

10 Há, como acontece, tantos gêneros de línguas neste mundo, e nada há sem voz.

11 Se eu pois não entender o que significam as palavras, serei um bárbaro para aquêle a quem falo: E o que fala, sê-lo-á para mim do mesmo modo: (2)

12 Assim também vós, porquanto sois desejosos de dons espirituais, procurai abundar neles, para edificação da Igreja.

13 E por isso o que fala uma língua desconhecida: Peça o dom de a interpretar.

14 Porque se eu orar numa língua estrangeira, verdade é que o meu espírito ora, mas o meu entendimento fica sem fruto. (3)

(2) **SE EU POIS NÃO ENTENDER O QUE SIGNIFICAM AS PALAVRAS** — Daqui se confirma, que pode um homem ter o dom de línguas, e não ter o dom de as interpretar, porque não entende o mesmo que fala. E que assim houve muitos fiéis na primitiva igreja, que sendo movidos e inspirados por Deus para falarem em diversas línguas as maravilhas do Senhor, careciam do dom de as entender, consta de todo este capítulo de S. Paulo. O que todavia se restringe a certos fiéis, com quem Deus não era tão liberal na repartição dos seus dons. Porque falando dos Apóstolos, e ainda doutros particulares de inferior jerarquia na Igreja, é indubitável que eles foram dotados não somente do dom de línguas, mas também dos dons de intelligência, de interpretação, de profecia. Estio com Santo Tomás, e com Caetano.

(3) **VERDADE É QUE O MEU ESPÍRITO ORA** — Ora pelo afeto de devoção, e de elevação da alma a Deus, que é o principal em toda a oração, como neste lugar ensina Santo Tomás. O que deve servir de grande consolação áqueles, e áqueles que, não entendendo a língua latina, rezam o Offício Divino com recolhimento, e atenção de seus espiritos, ao que nele se diz de Deus, ou a Deus.

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 14, 15-23

15 Que farei eu logo? Orarei com o espírito, orarei também com a mente: Cantarei com o espírito, cantarei também com a mente.

16 Mas se louvares com o espírito: O que ocupa o lugar de simples povo como dirá Amem sobre a tua bênção? visto não entender êle o que tu dizes.

17 Verdade é que tu dás bem as graças: Mas o outro não é edificado.

18 Graças dou ao meu Deus, que falo tôdas as línguas que vós falais.

19 Mas eu antes quero falar na Igreja cinco palavras da minha inteligência, para instruir também aos outros: Do que dez mil palavras em língua estranha.

20 Irmãos, não sejais meninos no sentido, mas sede pequeninos na malícia: E sede perfeitos no sentido. (4)

21 Na Lei está escrito: Em outras línguas, e outros lábios falarei pois a êste povo: E nem ainda assim me ouvirão, diz o Senhor.

22 E assim as línguas são para sinal, não aos fiéis, mas aos infiéis: Porém as profecias, não aos infiéis, mas aos fiéis.

23 Se pois tôda a Igreja se congregar em um corpo, e todos falarem línguas diversas, e entrarem então

(4) **E SEDE PERFEITOS** — Irmãos meus, não prefiraes por uma pueril valdade os dons de maior esplendor, como é o das línguas, aos mais sólidos e necessários, como são os de profecia, o de interpretar as línguas, e outros. Haveis de imitar aos meninos em ignorar tudo aquilo que toca em malícia; mas deveis ser homens perfeitos para entender e julgar de tôdas as coisas, e para saber discernir o bom do mau. — Santo Agostinho.

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 14, 24-32

idiotas, ou infieis: Não dirão porventura que estais loucos?

24 Porém se profetizarem todos, e entrarem ali um infiel, ou um idiota, de todos é convencido, de todos é julgado:

25 As causas ocultas do seu coração se fazem manifestas: E assim prostrado com a face em terra adorará a Deus, declarando que Deus verdadeiramente está entre vós.

26 Pois que haveis de fazer, irmãos? Quando vos congregais, se cada um de vós tem o dom de compor salmos, tem o de doutrina, tem o de revelação, tem o de línguas, tem o de as interpretar: Faça-se tudo isto para edificação.

27 Ou se alguns têm o dom de línguas, não falem senão dois, ou quando muito três, e um depois do outro, e haja algum que interprete o que eles disserem.

28 E se não houver intérprete, estejam calados na igreja, e não falem senão consigo, e com Deus.

29 Pelo que toca porém aos profetas, falem também só dois, ou três, e os mais julguem o que ouvirem.

30 E se neste tempo fôr feita qualquer revelação a algum outro dos que se acham assentados, cale-se o que falava primeiro.

31 Porque vós podeis profetizar todos, um depois do outro: Para assim aprenderem todos, e serem todos exortados ao bem:

32 Porque os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas.

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 14, 33-40; 15, 1

33 Porquanto Deus não é Deus de dissensão, senão de paz: Como eu também o ensino em tôdas as igrejas dos santos.

34 As mulheres estejam caladas nas igrejas porque lhes não é permitido falar, mas devem estar sujeitas, como também o ordena a lei.

35 E se querem aprender alguma coisa, perguntem-na em casa a seus maridos. Porque é coisa indecente para uma mulher o falar na igreja.

36 Porventura é dentre vós que saiu a palavra de Deus? Ou não veio ela senão para vós?

37 Se algum crê ser profeta, ou espiritual, reconheça que as coisas, que vos escrevo, são mandamentos do Senhor.

38 Se algum porém o quer ignorar, será ignorado.

39 Assim que, irmãos, tende emulação ao dom de profetizar: E não proibais o uso do dom de línguas.

40 Mas faça-se tudo com decência, e com ordem.

CAPÍTULO 15

PROVAS DA RESSURREIÇÃO DE JESUS CRISTO. DELA SE CONCLUI A DE NÓS TODOS. COM QUE ORDEM HÃO DE RESSURGIR OS HOMENS. COM QUE QUALIDADES. COM QUE DIVERSIDADE DE GLÓRIA. ENTÃO A MORTE SERÁ INTEIRAMENTE VENCIDA.

1 Ponho-vos pois presente, irmãos, o Evangelho que vos preguei, o qual também vós recebestes, e nele ainda perseverais. (1)

(1) **IRMAOS** — Havla entre os Coríntios alguns que, ou negavam a ressurreição dos mortos, ou a explicavam em um sentido

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 15, 2-8

2 Pelo qual é certo que sois salvos: Se todavia o conservais, como eu vo-lo preguei, salvo se em vão o crestes.

3 Porque desde o princípio eu vos ensinei o mesmo que havia aprendido: Que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras.

4 E que foi sepultado, e que ressurgiu ao terceiro dia segundo as mesmas Escrituras:

5 E que foi visto por Cefas, e depois disto pelos onze. (2)

6 Depois foi visto por mais de quinhentos irmãos estando juntos: Dos quais ainda hoje em dia vivem muitos, e alguns são já mortos: (3)

7 Depois foi visto de Tiago, logo de todos os Apóstolos:

8 E últimamente, depois de todos os mais, foi também visto de mim, como dum abôrto. (4)

alegórico. Contra estes escreve o Santo Apóstolo o presente capítulo, confirmando nele a fé da ressurreição da carne. Quero que tenhais presente, lhes diz, a doutrina que vos preguei, tocante à ressurreição dos mortos, desde o mesmo ponto que fundei a vossa igreja, e que é o que deveis crer, sem vos deixar persuadir dos que temerariamente pretendem ensinar o contrário. — Teodoreto.

(2) **E QUE FOI VISTO POR CEFAS** — Por S. Pedro.

(3) **ESTANDO JUNTOS** — Esta aparição foi na Galiléia.

(4) **COMO DUM ABORTO** — Assim se nomeia e denomina por humildade o Santo Apóstolo, como se dissera: "eu não sou verdadeiro apóstolo, mas sim um como abortivo, e o último de todos os Apóstolos, como fora da ordem".

9 Porque eu sou o mínimo dos Apóstolos, que não sou digno de ser chamado Apóstolo, porque persegui a igreja de Deus.

10 Mas pela graça de Deus, sou o que sou, e a sua graça não tem sido vã em mim; antes tenho trabalhado mais copiosamente que todos êles: Não eu contudo, mas a graça de Deus comigo. (5)

11 Porque seja eu, ou sejam êles: Assim vo-lo pregamos, e assim crestes.

(5) **ANTES TENHO TRABALHADO** — Entende-se no sentido distributivo, enquanto trabalhou mais do que cada um deles. Porque nenhum em particular correu tantas terras nem tantos mares; nenhum padeceu tantas perseguições nem tantos trabalhos como S. Paulo.

NÃO EU — Depois do Apóstolo se ter gloriado de haver trabalhado mais do que todos os seus colegas, logo, como emendando o que tinha dito, se reporta dizendo: "Não eu contudo, mas a graça de Deus comigo". E isto para nos ensinar que a graça é a causa principal de todo o bem que fazemos, e tão principal, que na frase das Escrituras e dos santos Padres a ela se atribui tudo o que com o seu auxilio obramos. S. Cipriano, no livro 3 dos testemunhos, cap. 4. *In nullo gloriandum, quando nostrum nihil sit.* Santo Agostinho no livro 4 contra as duas epístolas dos pelagianos, cap. 9, depois de referir contra êstes hereges a autoridade de S. Cipriano, prossegue assim: *Nunquid iste sanctus, tam memorabilis Ecclesiarum in studio veritatis instructor, liberum arbitrium negat esse in hominibus, quia Deo totum tribuit, quod recte vivimus?* E no livro dos Atos de Pelágio, capítulo 144, refletindo no presente lugar da epístola aos Coríntios, exclama assim, falando de S. Paulo: "O grande doutor, pregador e confessor da graça". Que quer dizer: Eu trabalhei mais, não Eu? E tanto que a vontade se elevou um pouco, logo a piedade despertou, e a humildade tremeu, e a fraqueza se conheceu a si.

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 15, 12-19

12 E se se prega que Cristo ressuscitou dentre os mortos, como dizem alguns entre vós outros que não há ressurreição de mortos? (6)

13 Pois se não há ressurreição de mortos: Nem Cristo ressuscitou.

14 E se Cristo não ressuscitou, é logo vã a nossa pregação, é também vã a vossa fé:

15 E somos assim mesmo convencidos por falsas testemunhas de Deus: Porque demos testemunho contra Deus, dizendo que ressuscitou a Cristo, ao qual não ressuscitou, se os mortos não ressuscitam.

16 Porque se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou.

17 E se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, porque ainda permaneceis nos vossos pecados.

18 Também por conseguinte os que dormiram em Cristo, pereceram.

19 Se nesta vida tão somente esperamos em Cristo, somos nós os mais infelizes de todos os homens.

(6) **NAO HÁ RESSURREIÇÃO DE MORTOS?** — O grande argumento apresentado por S. Paulo, como se deduz do contexto, é a ressurreição recente e incontestável de Jesus Cristo. *Christus resurrexit primitiae dormientium*. Este fato decisivo, singular e prodigioso, causou tão profunda impressão no ânimo de S. Paulo, que o Apóstolo, primitivo perseguidor dos discípulos do Divino ressuscitado, pode ser antonomasticamente chamado o Apóstolo da ressurreição. Comprova-a citando as profecias que a êle se referiam, depois pelas aparições multiplicadas e irrecusáveis a S. Pedro, aos Apóstolos, a mais de quinhentos discípulos, enfim, a êle mesmo; e então argumenta com êle para provar a ressurreição final. O tom polêmico e apologético em que S. Paulo fala, faz supor que tinha diante de si acérrimos contraditores; já assim o entendeu Tertuliano *Notat negatores et dubitatores*.

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 15, 20-29

20 Mas agora ressuscitou Cristo dentre os mortos, sendo êle as primícias dos que dormem.

21 Porque como a morte veio na verdade por um homem, também por um homem deve vir a ressurreição dos mortos.

22 E assim como em Adão morrem todos, assim também todos serão vivificados em Cristo,

23 mas cada um em sua ordem: as primícias foi Cristo: Depois os que são de Cristo, que creram na sua vinda.

24 Depois será o fim: Quando tiver entregado o Reino a Deus e ao Padre, quando houver destruído todo o principado, e poder, e virtude.

25 Porque é necessário que êle reine até que ponha todos os seus inimigos debaixo dos seus pés.

26 Ora, o último inimigo destruído será a morte: Porque tôdas as coisas sujeitou debaixo dos pés dêle. E quando diz:

27 Tudo está sujeito a êle, excetua-se sem dúvida aquêle que lhe sujeitou a êle tôdas as coisas.

28 E quando tudo lhe estiver sujeito: Então ainda o mesmo Filho estará sujeito àquele que sujeitou a êle, tôdas as coisas, para que Deus seja tudo em todos.

29 De outra sorte, que farão os que se batizam pelos mortos, se absolutamente os mortos não ressuscitam? Pois por que até se batizam por êles? (7)

(7) **OS QUE SE BATIZAM PELOS MORTOS** — Não há em toda a Escritura texto que mais dividisse entre si aos Expositores, do que o presente. O doutíssimo Calmet, que depois de Schmid,

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 15, 30-32

30 Por que nos expomos também nós a perigos a tôda a hora?

31 Cada dia, irmãos, morro pela vossa glória, a qual tenho em Jesus Cristo Senhor nosso.

32 Se (como homem) eu batalhei com as feras em Éfeso, que me aproveita isso, se não ressuscitam os mortos? comamos, e bebamos, porque amanhã morreremos. (8)

e. Harduin trabalhou sobre êle uma Dissertação particular, refere algumas vinte inteligências diversas. E depois de as refutar uma por uma, conclui que a mais provável é a dos que, seguindo a Tertuliano e a Hilário Diácono, vem falar o Apóstolo dos que se batizavam em nome, e a favor dos que tinham falecido sem batismo, crendo que o batismo lhes podia aproveitar depois da morte, ainda sendo recebido por outros. Assim Haimon de Alberstad, Valafrido Strabon, Santo Anselmo, Pedro de Cluny, o autor da Glosa Ordinária, Santo Tomás, Mr. Goudeau, e outros muitos. Esta inteligência, além de ser a que logo ocorre a quem lê o texto do Apóstolo, o que é sinal de ser este o sentido óbvio das suas palavras, recebe muita força do que por documentos irrefragáveis sabemos, que praticaram antigamente muitos hereges. Porque dos Coríntios atesta Santo Epifânio na heresia 28, Cap. 6, que se faziam batizar em nome dos que morriam sem batismo na sua seita. Dos marcionistas afirmam o mesmo Tertuliano no Livro 5, contra Marcião, cap. 10, e S. João Crisóstomo na Homilia 40, sobre a primeira Epístola aos Coríntios. E falando dos Católicos, é claro pelos Cânones de Cartago, que ainda no quarto século havia alguns em África, que praticavam o mesmo abuso. Ou o Apóstolo pois fale de hereges, ou fale de Católicos, este é o sentido mais natural das suas palavras, não como quem aprova aquele mau costume, mas como quem dele argumenta *ad hominem*, contra os que negavam a ressurreição. Paulo alude a um costume praticado pelos fiéis pouco instruídos.

(8) **EU BATALHEI** — Este combate com as bestas feras interpretam alguns, com Barônio, Êstio, e Natal Alexandre, de um combate metafórico, em que as feras sejam os maus homens, que cruelmente perseguiram e molestaram o Apóstolo em Éfeso. Porém a antiguidade está pelo sentido próprio e literal, como os curiosos podem ver em Tillemont na nota 40, sobre a vida de S. Paulo, Tom. 1 pág. 589, e em Calmet na Dissertação particular, que sobre este Texto publicou.

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 15, 33-43

33 Não vos deixeis enganar: As ruins conversações corrompem os bons costumes.

34 Vigiai, justos, e não pequeis: Porque alguns não têm o conhecimento de Deus, para vergonha vossa o digo.

35 Mas dirá algum: Como ressuscitarão os mortos? ou em que qualidade de corpo virão?

36 Como és insipiente! O que tu semeias, não se vivifica, se primeiro não morre.

37 E quando tu semeias, não semeias o corpo da planta que há de nascer, senão o mero grão, como, por exemplo, de trigo, ou de algum dos outros.

38 Porém Deus lhe dá o corpo como lhe apraz: E a cada uma das sementes o seu próprio corpo.

39 Nem tôda a carne é uma mesma carne, mas uma certamente é a dos homens, e outra a dos animais, uma a das aves e outra a dos peixes.

40 E corpos há celestiais, e corpos terrestres: Mas uma é por certo a glória dos celestiais, e outra a dos terrestres:

41 Uma é a claridade do sol, outra a claridade da lua, e outra a claridade das estrêlas. E ainda há diferença de estrêla a estrêla na claridade:

42 Assim também a ressurreição dos mortos. Semeia-se o corpo em corrupção, ressuscitará em incorrupção.

43 Semeia-se em vileza, ressuscitará em glória: Semeia-se em fraqueza, ressuscitará em vigor:

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 15, 44-54

44 E' semeado o corpo animal, ressuscitará o corpo espiritual. Se há corpo animal, também o há espiritual, assim como está escrito:

45 Foi feito o primeiro homem Adão em alma vivente, o último Adão em espírito vivificante.

46 Mas não primeiro o que é espiritual, senão o que é animal; depois o que é espiritual.

47 O primeiro homem formado da terra, é terreno: O segundo homem, do Céu, celestial.

48 Qual foi o terreno, tais são também os terrenos: e qual é o celestial, tais são também os celestiais.

49 Pelo que, assim como trouxemos a imagem do terreno, tragamos também a imagem do celestial.

50 Mas digo isto, irmãos, que a carne e o sangue não podem possuir o reino de Deus: Nem a corrupção possuirá a incorruptibilidade.

51 Eis-aqui vos digo um mistério: Todos certamente ressuscitaremos, mas nem todos seremos mudados.

52 Num momento, num abrir e fechar de olhos, ao som da última trombeta. Porque uma trombeta soar, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis: E nós outros seremos mudados.

53 Porque importa que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade: E que este corpo mortal se revista da imortalidade.

54 E quando este corpo mortal se revestir da imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória.

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 15, 55-58; 16, 1-2

55 Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?

56 Ora, o aguilhão da morte é o pecado: E a fôrça do pecado é a lei.

57 Porém graças a Deus, que nos deu a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo.

58 Portanto, meus amados irmãos, estai firmes, e constantes: Crescendo sempre na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é vão no Senhor.

CAPÍTULO 16

RECOMENDÁ O APÓSTOLO AOS CORÍNTIOS O CUIDADO DOS POBRES DE JERUSALÉM. PROMETE IR VE-LOS. DESCULPA A APOLO DE NÃO TER VINDO. RECOMENDA-LHES A TIMÓTEO, E A CASA DE ESTÉFANAS. CONCLUI COM VÁRIAS SAUDAÇÕES.

1 Quanto porém às coletas, que se fazem a benefício dos Santos, fazei também vós o mesmo que eu ordenei às igrejas da Galácia.

2 Ao primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte alguma soma em sua casa, guardando assim o que bem lhe parecer: Para que se não façam as coletas quando eu chegar. (1)

(1) **O QUE BEM LHE PARECER** — É à letra o que diz a Vulgata. O original Grego tem: o em que tiver sido bem sucedido, isto é, uma racionável parte dos ganhos lícitos que tiver conseguido pela sua indústria e favor Divino, dependendo sempre deste modo segundo as suas posses, como verte Amelote, segundo a fôrça do mesmo Original Grego, que Estio expende.

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 16, 3-12

3 E quando eu fôr presente: Aos que vós aprovar-des por cartas, a êsses tais enviarei eu, para que levem a Jerusalém o vosso socorro. (2)

4 E se a coisa merecer, que também vá eu mesmo, irão comigo.

5 Eu porém irei ver-vos, depois que tiver passado pela Macedônia: Porque tenho de passar pela Macedônia.

6 E talvez que ficarei convosco, e passarei também o inverno: Para que vós me acompanheis aonde eu houver de ir.

7 Porque não vos quero agora ver de passagem, antes espero demorar-me algum tempo convosco, se o Senhor o permitir.

8 E ficarei em Éfeso até à festa de Pentecostes.

9 Porque se me abriu uma porta grande, e espaçosa: E os adversários são muitos.

10 E se vier Timóteo, vêde que esteja sem temor entre vós: Porque trabalha na obra do Senhor, assim como eu também.

11 Portanto nenhum o tenha em pouco: Antes o acompanhai em paz, para que venha ter comigo: Porque o espero com os irmãos.

12 E vos faço saber do irmão Apolo, que lhe roguei muito que passasse a vós outros com os irmãos: E na ver-

(2) **AOS QUE VÓS APROVARDES POR CARTAS** — Por cartas, que ou me tendes escrito a mim, apontando quais êles devem ser: (Que é como o entendem Amelote, Calmet) ou por cartas, que hajais de escrever a Jerusalém pelos mesmos portadores, em recomendação sua, como o explica Estio com Aires Montano.

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 16, 13-19

dade não foi sua vontade o ir agora ter convosco: Mas irá quando tiver oportunidade.

13 Vigiai, estai firmes na fé, portai-vos varonilmente, e fortalecei-vos.

14 Tôdas as vossas obras sejam feitas em caridade. (3)

15 Rogo-vos porém, irmãos, pois já conheceis a casa de Estéfanos, e de Fortunato, e de Acaico; porque são as primícias da Acaia, e se consagraram ao serviço dos Santos:

16 Que não só vós sejais obedientes a êstes tais, mas também a todo aquêl que nos ajuda, e trabalha.

17 E eu me alegro com a vinda de Estéfanos, e de Fortunato, e de Acaico: Porque o que a vós vos faltava, êles o supriram:

18 Porque recrearam assim o meu espírito, como o vosso. Tende pois consideração com tais pessoas.

19 As igrejas da Ásia vos saudam. Muito vos saudam no Senhor, Áquila, e Priscila, com a igreja de sua casa: Na qual até me acho hospedado.

(3) **TODAS AS VOSSAS OBRAS SEJAM FEITAS EM CARIDADE** — Isto é, por motivo de caridade, de sorte, que a ela se refiram ao menos virtualmente. Assim o explicam Santo Agostinho, tanto no seu Manual, cap. 12, como no Livro da Graça, e do Livre Alvedrio, cap. 17, e com êle Santo Tomás expondo êste mesmo lugar do Apóstolo. Não é preciso porém, como adverte Êstio, que para as nossas ações saírem retificadas, procedam sempre da caridade perfeita, qual é a dos que estão em graça de Deus, mas basta que se radiquem nalguma caridade, ainda que somente inicial, imperfeita, como já na outra parte.

1.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 16, 20-24

20 Todos os irmãos vos saudam. Saudai-vos uns aos outros no ósculo santo.

21 Eu, Paulo, escrevi de meu próprio punho a seguinte saudação. (4)

22 Se algum não ama a nosso Senhor Jesus Cristo, seja anátema, Maran-Ata. (5)

23 A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja convosco. (6)

24 O meu amor é por vós todos em Jesus Cristo. Amém.

(4) **DE MEU PRÓPRIO PUNHO** — Tudo o que precede a esta carta foi ditado pelo Apóstolo, e escrito por amanuense: mas o presente verso, e os seguintes foram escritos pela sua própria mão. — **Menóchio.**

(5) **SE ALGUM NÃO AMA A NOSSO SENHOR JESUS CRISTO** — Como o não amam os judeus, que blasfemam o seu Nome, e os hereges, que impugnaram a sua doutrina. Assim éstio com Santo Tomás.

SEJA ANÁTEMA, MARAN-ATA — Anátema já notámos na Epístola aos Romanos, que significa na frase das Escrituras a pessoa, ou coisa, que como excrável se deve separar, e expelir. As outras duas vozes, Maran-Ata, S. Jerônimo, numa carta a Marcela diz, que na língua siríaca e hebraica querem dizer, Nosso Senhor velo. E isto confirma, que os contra quem o Apóstolo fala deste lugar, são principalmente os judeus.

(6) **A GRAÇA** — Depois de interpor no verso antecedente uma execração contra os que não têm amor de Deus, e que por isso são indignos de se salvarem, escreve agora a saudação, que afirmou ter escrito pelo seu próprio punho. — **Menóchio.**

ÍNDICE DAS GRAVURAS

- I — Jesus Cristo cura a um homem mudo, possuído do demônio.
- II — Jesus Cristo propõe a seus discípulos um menino como modelo de humildade cristã.
- III — Parábola do festim das bodas, onde o que não trouxe vestido nupcial é expulso e lançado em trevas.
- IV — A traição de Judas e a prisão de Jesus Cristo.
- V — Jesus Cristo carrega a cruz ao Calvário. Simão é constrangido a ajudá-lo.
- VI — A Crucificação de Jesus Cristo.
- VII — O sepulcro de Jesus Cristo.
- VIII — João o Evangelista.
- IX — "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus". "Ele estava no princípio com Deus".
- X — Primeiro milagre de Jesus Cristo, que converte a água em vinho nas bodas em Caná.
- XI — "E dali a três dias se celebraram umas bodas em Caná de Galiléia: E achava-se lá a mãe de Jesus". "E foi também convidado Jesus com seus discípulos para o noivado".
- XII — Jesus Cristo expulsa do Templo os que o profanavam, pelo tráfico que faziam.
- XIII — "E havia um homem de entre os fariseus, por nome Nicodemos, um dos chefes dos judeus". "Este uma noite veio buscar a Jesus e disse-lhe: Rabi, sabemos que és Mestre, vindo da parte de Deus, porque ninguém pode fazer estes milagres, que tu fazes, se Deus não estiver com ele".
- XIV — Jesus Cristo converte uma samaritana.
- XV — "Ora, ali havia um poço chamado a fonte de Jacó. Fatigado pois do caminho, estava Jesus assim sentado sobre a borda do poço — Era isto quasi à hora sexta". "Veio uma mulher de Samaria a tirar água. Jesus lhe disse: Dá-me de beber".
- XVI — "E no último dia da festa que era o mais solene, estava ali Jesus, pôsto em pé, e levantava a voz dizendo: Se alguém tem sede, venha a mim, e beba".

- XVII — "Então lhe trouxeram os escribas e os fariseus uma mulher que fôra apanhada em adultério e a puseram no meio".
- XVIII — "Diziam pois isto os judeus tentando-o, para o poderem acusar. Porém Jesus abaixando-se, pôs-se, a escrever com o dedo na terra."
- XIX — Jesus dá vista a um cego de nascença.
- XX — "Tendo dito estas palavras, bradou em alta voz: Lázaro, sai para fora".
- XXI — A Ressurreição de Lázaro.
- XXII — A entrada triunfal de Jesus Cristo em Jerusalém.
- XXIII — A instituição do Santíssimo Sacramento.
- XXIV — "Pilatos pois tomou então a Jesus e o mandou açoitar".
- XXV — "E os soldados, tecendo de espinhos uma coroa, lha puseram sobre a cabeça: E o vestiram de um manto de púrpura".
- XXVI — Era então o dia da preparação da Páscoa, quase a hora sexta, e disse Pilatos aos judeus: Eis aqui o vosso rei".
- XXVII — A Crucificação de Jesus.
- XXVIII — E depois disto José de Arimatéia (pois que era discípulo de Jesus, ainda que era por medo dos judeus) rogou a Pilatos que o deixasse tirar o corpo de Jesus. E Pilatos lho permitiu. Veio pois, e tirou o corpo de Jesus".
- XXIX — "No lugar porém em que Jesus fôra ressuscitado havia um horto. E neste horto um sepulcro novo, em que ninguém ainda tinha sido depositado". "Portanto em razão de ser o dia da preparação dos judeus, visto que este sepulcro estava perto, depositaram nele a Jesus".
- XXX — Ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo.
- XXXI — "No meu primeiro discurso falei na verdade, ó Teófilo, de todas as coisas que Jesus começou a fazer, e a ensinar".
- XXXII — A descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes.
- XXXIII — Pedro cura milagrosamente um homem coxo de nascença.
- XXXIV — Morte de Ananias e de sua mulher Safira.
- XXXV — A morte de Santo Estevão, o primeiro mártir.
- XXXVI — E mandou parar o coche: E desceram os dois à água, Filipe e o eunuco, e o batizou".
- XXXVII — E caindo em terra ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues?
- XXXVIII — A Conversão de São Paulo.
- XXXIX — Cornélio o centurião é batizado por São Pedro.
- XL — Um anjo livra da prisão a Pedro.
- XLI — São Paulo cura a um coxo de nascimento.
- XLII — "Então havendo Paulo ajuntado e pôsto sobre o lume um molho de vides, uma vibora que fugira do calor, lhe acometeu uma mão".

Este livro foi composto e impresso nas oficinas da
GRAFICA MERCÚRIO S. A.
Al. Cleveland, 303 — em Julho de 1951 para a
EDITORA DAS AMÉRICAS
— SÃO PAULO — BRASIL —



Jesus Cristo cura a um homem mudo, possuido do demônio.
(S. Mateus 9, 32 ss.) Vol. 10.º pág. 66



Jesus Cristo propõe a seus discípulos um menino como modelo de humildade cristã.
(S. Mateus 18, 4.5) Vol. 10.º pág. 114



“Parábola do festim das bodas, onde o que não trouxe vestido nupcial
é expulso e lançado em trevas”.

(S. Mateus c. 22) Vol. 10.º pág. 135.



A traição de Judas e a prisão de Jesus Cristo.



Jesus Cristo carrega a cruz ao Calvário. Simão é constringido a ajudá-lo.
(S. Mateus 27, 31 ss.) Vol. 10.º pág. 179.

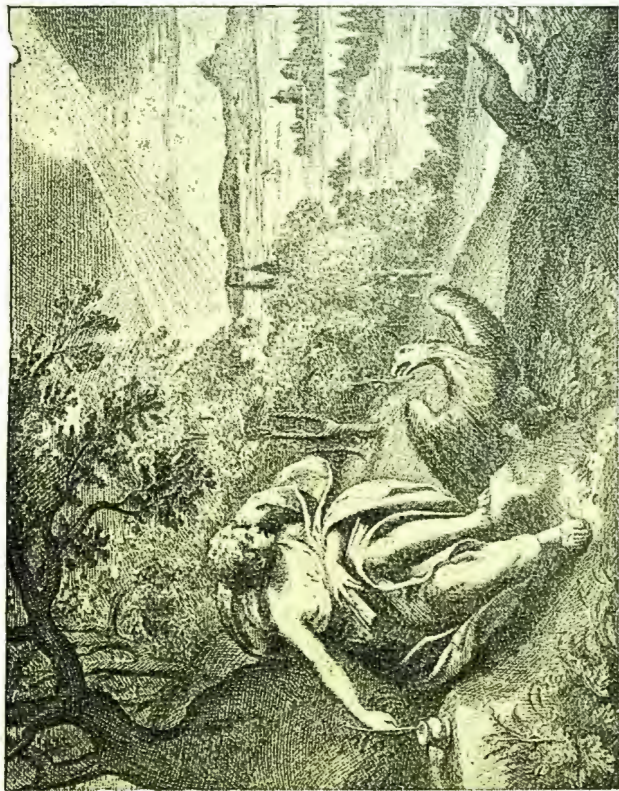


A Crucificação de Jesus Cristo.

(S. Mateus 27, 35 ss.) Vol. 10.º pág. 181

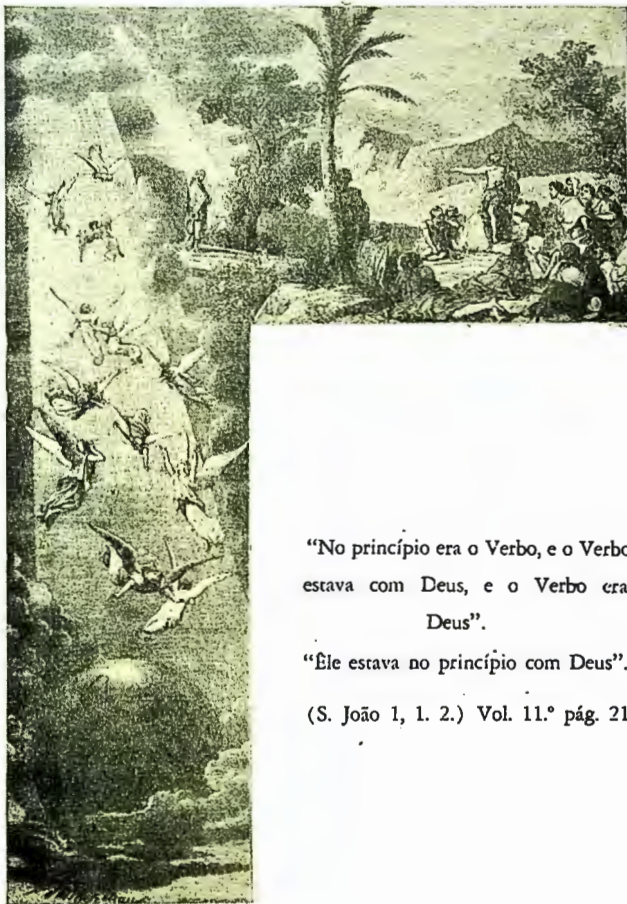


O sepulcro de Jesus Cristo.
(S. Mateus 27, 59. 60. 61) Vol. 10.º pág. 185.



João o Evangelista

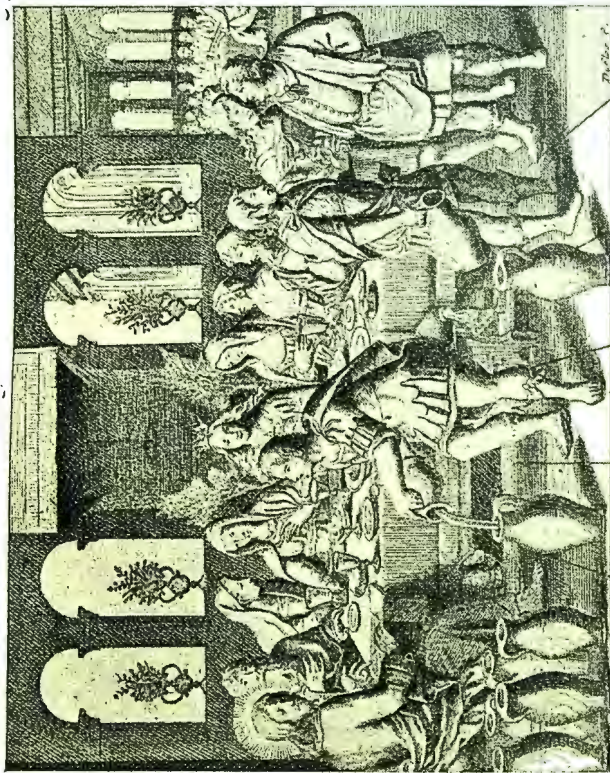
(Livro de S. João) Vol. 11.º pág. 5 ss



“No princípio era o Verbo, e o Verbo
estava com Deus, e o Verbo era
Deus”.

“Ele estava no princípio com Deus”.

(S. João 1, 1. 2.) Vol. 11.º pág. 21



Primeiro milagre de Jesus Cristo, que converte a água em vinho nas bodas em Caná.

(S. João c. 2) Vol. 11.º pág. 28.



“E dali a três dias se celebraram umas bodas em Caná de Galiléia: E achava-se lá a mãe de Jesus”. “E foi também convidado Jesus com seus discípulos para o noivado”.

(S. João 2, 1. 2.) Vol. 11º pág. 28. -



Jesus Cristo expulsa do Templo os que o profanavam, pelo tráfico que faziam.
(S. João 2, 14 ss.) Vol. 11.º pág. 32.



“E havia um homem de entre os fariseus, por nome Nicodemos, um dos chefes dos judeus.”
(S. João 3, 1) Vol. 11.º pág. 34.



Jesus Cristo converte uma samaritana.

(S. João c. 4) Vol. 11.º pág. 38



“Ora, ali havia um poço chamado a fonte de Jacó. Fatigado pois do caminho estava Jesus assim sentado sôbre a borda do poço. — Era isto quase à hora sexta”. “Veio um mulher de Samaria a tirar água. Jesus lhe disse: Dá-me de beber”.

(S. João 4, 6. 7.) Vol. 11.º pág. 39.

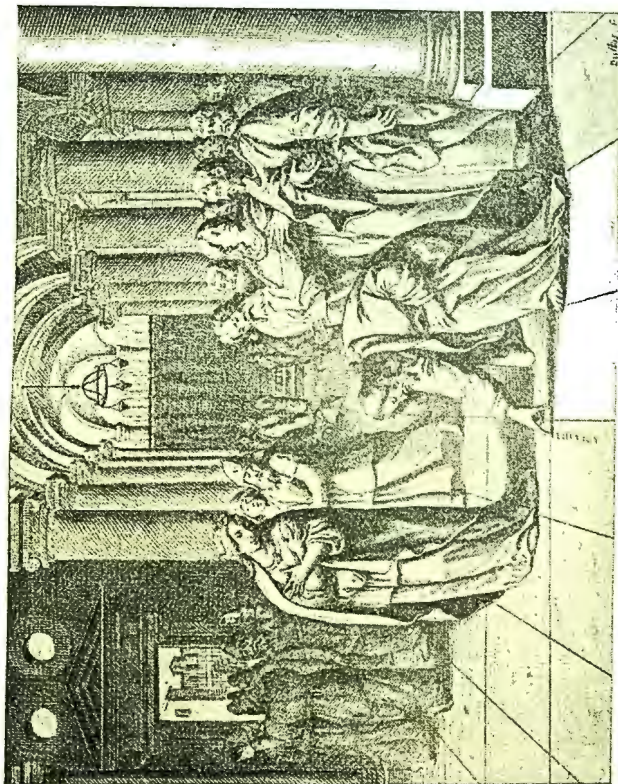


“Jesus pôsto em pé, levantava a voz dizendo: Se alguém tem sede, venha a mim, e beba”.
(S. João 7, 37). Vol. 11.º pág. 65

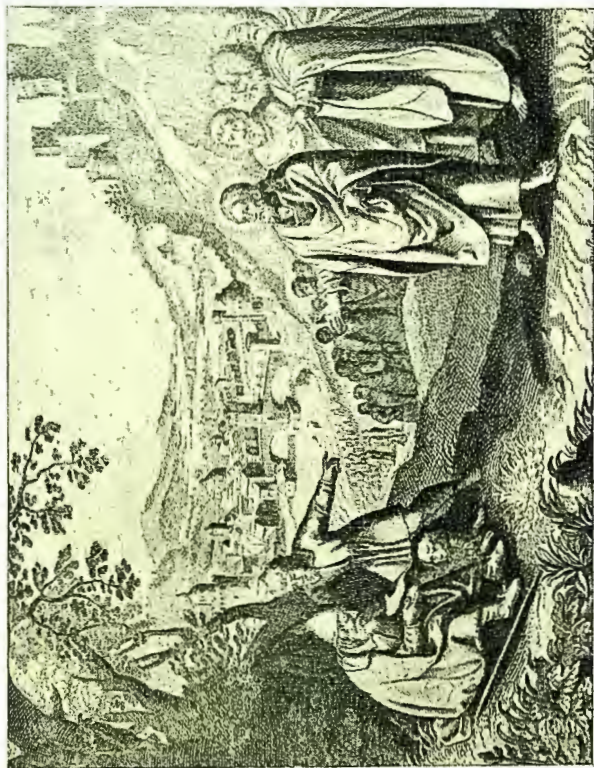


“Então lhe trouxeram os escribas e os fariseus uma mulher que
fôra apanhada em adultério e a puseram no meio”.

(S. João 8, 3) Vol. 11.º pág. 68.



Jesus abaixando-se, pôs-se a escrever com o dedo na terra.



Jesus dá vista a um cego de nascença.

(S. João 9, 1 ss.) Vol. 11.º pág. 75.



“Tendo dito estas palavras, bradou em alta voz: Lázaro, sai para fora” .
(S. João 11, 43) Vol. 11.º pág. 92



A ressurreição de Lázaro.

(S. João 11, 43. 44) Vol. 11.º pág. 92.

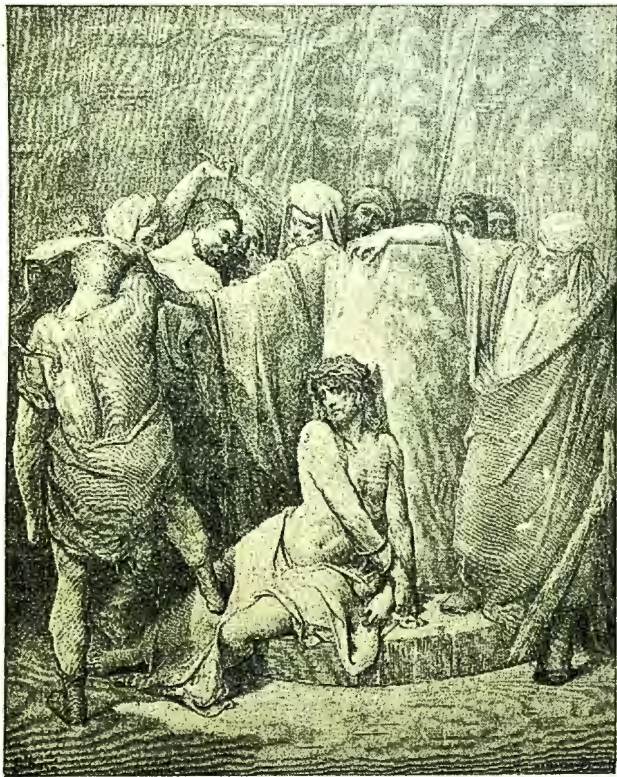


A entrada triunfal de Jesus Cristo em Jerusalém.

(S. João 12, 12 ss.) Vol. 11.º pág. 96.



A instituição do Santíssimo Sacramento.
(S. João c. 13) Vol. 11.º pág. 101.



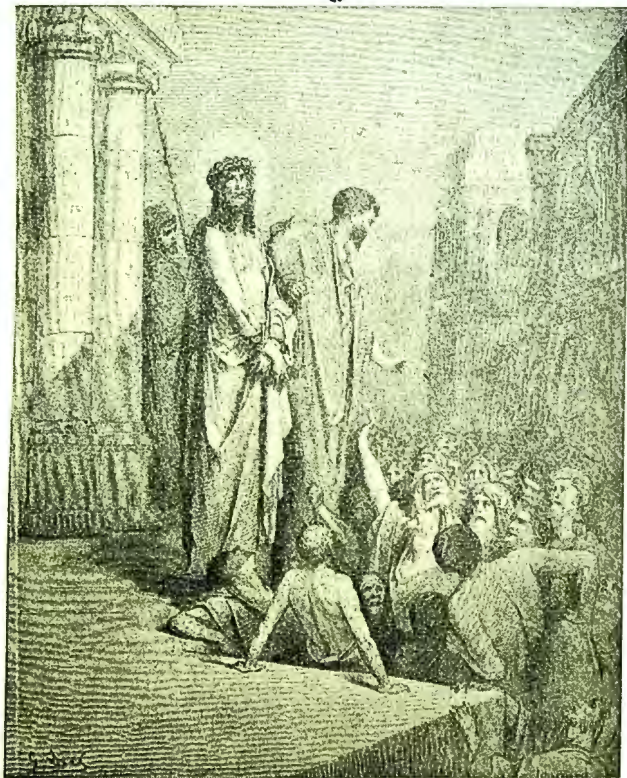
“Pilatos pois tomou então a Jesus e o mandou açoitar”.

(S. João 19, 1.) Vol. 11.º pág. 127



“E os soldados tecendo de espinhos uma coroa, lha puseram sôbre a cabeça: E o vestiram de um manto de púrpura”.

(S. João 19, 2) Vol. 11.º pág. 128.



“Era então o dia da preparação da Páscoa, quase a hora sexta e disse Pilatos aos judeus: Eis aqui o vosso rei”.

(S. João 19, 14) Vol. 11.º pág. 129.



A crucificação de Jesus

(S. João 19, 18 ss.) Vol. 11.º pág. 130.



“E depois disto José de Arimatéia (pois que era discípulo de Jesus, ainda que era por medo dos judeus) rogou a Pilatos que o deixasse tirar o corpo de Jesus. E Pilatos lho permitiu. Veio pois, e tirou o corpo de Jesus”.

(S. João 19, 38) Vol. 11.º **pág. 134.**



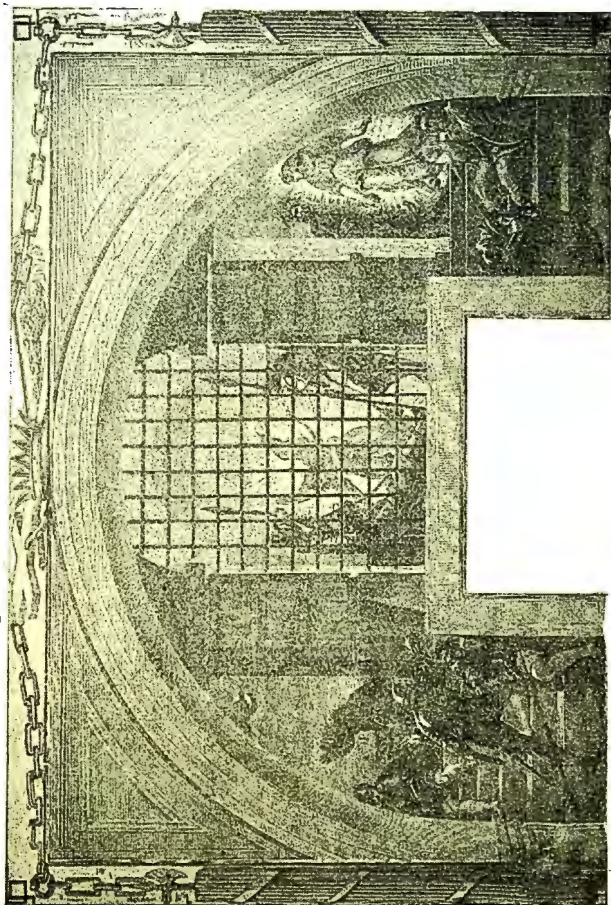
“No lugar porém em que Jesus fôra ressuscitado havia um horto: E neste horto um sepulcro novo, em que ninguém ainda tinha sido depositado”. “Portanto em razão de ser o dia da preparação dos judeus, visto que êste sepulcro estava perto, depositaram nele a Jesus”.

(S. João 19, 41. 42) Vol. 11.º pág. 135.



Ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo.

(Atos c. 1) Vol. 11.º pág. 161



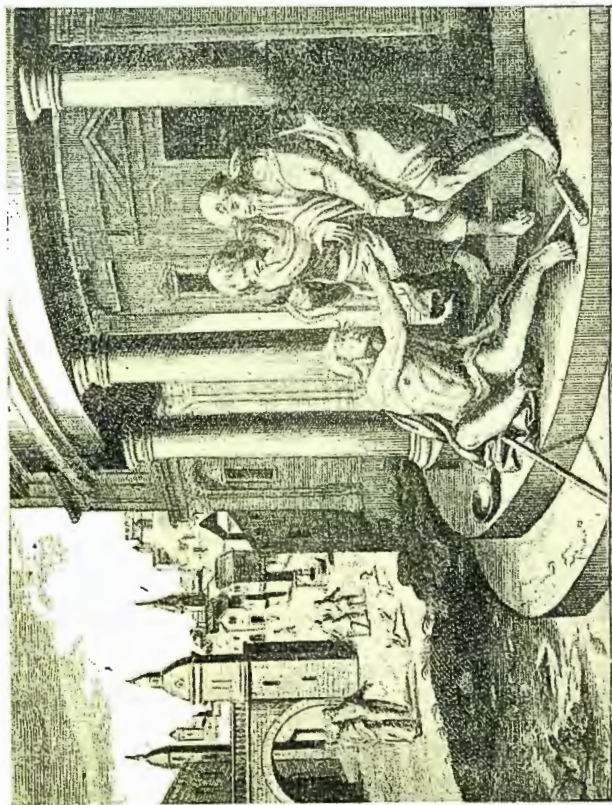
“No meu primeiro discurso falei na verdade, ó Teófilo, de tôdas as coisas que Jesus começou a fazer, e a ensinar”.

(Atos 1 1.) Vol. 11.º pág. 161



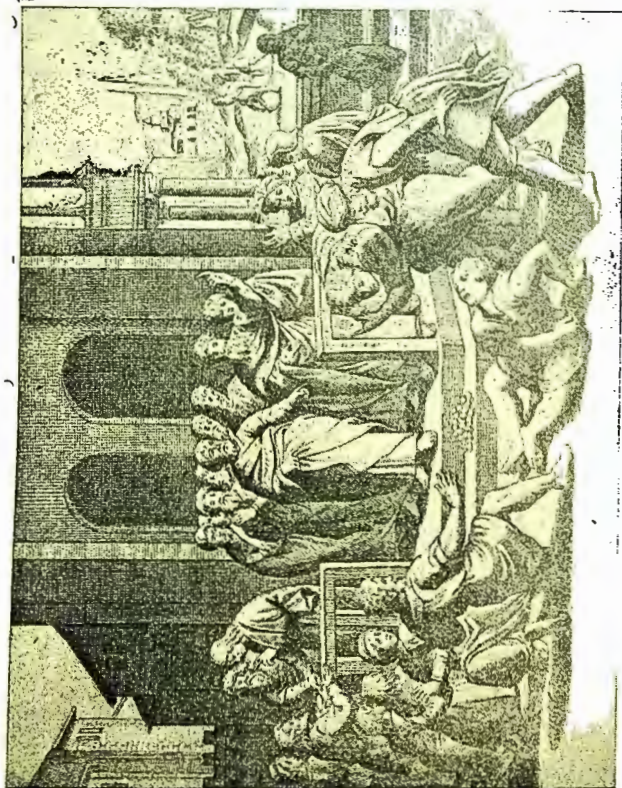
A descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes.

(Atos c. 2.) Vol. 11.º pág. 165.



Pedro cura milagrosamente um homem coxo de nascença.

(Atos 3, 6. 7. 8.) Vol. 11.º pág. 172.





A morte de Santo Estevão, o primeiro mártir.
(Aos 7, 58. 59.) Vol. 11.º pag. 197.



“E mandou parar o coche: E desceram os dois à água, Felipe e o eunuco, e o batizou”
(Atos 8, 38.) Vol. 11.º pág. 203.



“E caído em terra ouviu uma voz que lhe dizia: Saul, Saul, por que me persegues?
(Atos c. 9, 4.) Vol. 11.º pág. 205.



A Conversão de S. Paulo.

(Atos 9, 3 ss.) Vol. 11.º pág. 205.

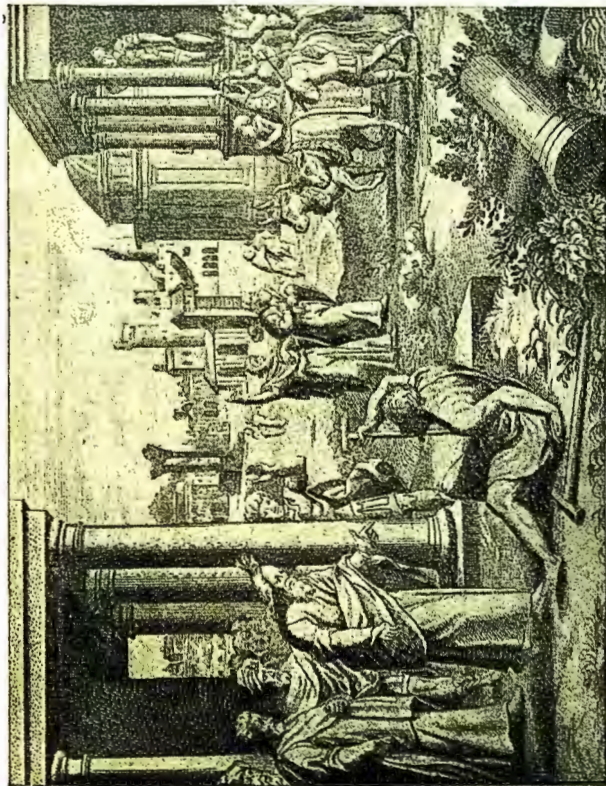


Cornélio o centurião é batizado por S. Pedro.
(Atos c. 10, 1.ª ss.) Vol. 11.º pág. 210.



Um anjo livra da prisão a Pedro.

(Atos 12, 7 ss.) Vol. 11.º pág. 222



S. Paulo cura a um coxo de nascimento.
(Atos 14, 7. 8. 9.) Vol. 11.º pág. 234.



“Pôsto sobre o lume um molho de vides, uma vřbora que fugira do calor, lhe acometeu uma mão”.
(Aros 28, 3.) Vol. 11.º pág. 302.

SEGUNDA EPÍSTOLA
DE
S. PAULO AOS CORÍNTIOS

INTRODUÇÃO

Data e lugar em que foi escrita. — Concordam os críticos em que esta Epístola foi escrita pouco depois das precedentes, no ano 57, segundo o maior número. S. Paulo estava na Macedônia, talvez em Filipos, para onde veio depois a perseguição que o obrigou a deixar Éfeso, e ali se encontra com Tito, por quem tem conhecimento do que se passava em Corinto. Em vista das informações prestadas, que eram desfavoráveis, pois que davam conta de inimizades, rixas freqüentes, vaidades mal reprimidas, ambições criminosas, escreveu, pelo muito afeto que consagrava a esta cristandade, a sua segunda Epístola, encarregando o seu próprio discípulo de ser o portador dela para Corinto.

Objeto. — Nesta carta nota-se uma apologia da sua conduta e do seu ministério; apologia moderada, depois franca, e no fim acerada e veemente.

2.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios

Divisão. — Compreende um *prólogo*, 1, 14, em que descreve os seus sofrimentos.

Tês seções: 1.^a, 1, 15; c. 7, Apologia calma.

2.^a Digressão sôbre a esmola e mútuo auxílio, cc. 8 e 9.

3.^a Apolôgia animada e veemente, cc. 10 e 12.

Nesta Epístola revela S. Paulo o seu judicioso critério e procura: 1.^o dissipar qualquer prevenção contra a sua pessoa; 2.^o reformar os abusos; 3.^o confundir os falsos mestres.

SEGUNDA EPÍSTOLA
DE
S. PAULO AOS CORÍNTIOS

CAPÍTULO 1

DECLARA O APÓSTOLO OS TRABALHOS, QUE TEM PADECIDO NA ASIA. MOSTRA QUE TODOS ÊLES CONTRIBUEM PARA UTILIDADE E CONSOLAÇÃO DOS CORÍNTIOS. DESCULPA-SE DE OS NÃO TER IDO VISITAR. A PALAVRA DE DEUS É INVARIÁVEL.

1 Paulo, Apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus, e Timóteo, seu irmão, à Igreja de Deus, que está em Corinto, e a todos os Santos, que há por tôda a Acaia.

2 Graças vos seja dada, e paz da parte de Deus nosso Pai e da do Senhor Jesus Cristo.

3 Bendito seja o Deus, e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, Pai de misericórdias e Deus de tôda a consolação:

4 O qual nos consola em tôda a nossa tribulação para que possamos também nós mesmos consolar aos que estão em tôda a angústia, peio conforto com que também nós somos confortados de Deus.

2.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 1, 5-10

5 Porque à medida que em nós crescem as penas de Cristo: Crescem também por Cristo as nossas consolações.

6 Porque se somos atribulados, para vossa exortação é, e salvação; se somos consolados para vossa consolação é; se somos confortados, para vosso conforto é, e salvação, a qual se realiza pelo sofrimento das mesmas aflições, que nós também sofremos.

7 Para que seja firme a nossa esperança por vós; estando certos, que assim como sois companheiros nas aflições, assim o sereis também na consolação.

8 Porque não queremos, irmãos, que vós ignoreis a nossa tribulação, que se excitou na Ásia, porque fomos maltratados desmedidamente sobre as nossas forças, de sorte que até a mesma vida nos causava tédio. (1)

9 Mas nós dentro de nós mesmos tivemos resposta de morte, para não pormos a nossa confiança em nós, mas em Deus, que ressuscita os mortos: (2)

10 .O qual nos livrou de tão grandes perigos, e livra ainda: Como esperamos que ainda igualmente nos livrará,

(1) **PORQUE FOMOS MALTRATADOS DESMEDIDAMENTE** — O que o Apóstolo aqui diz que experimentara em Efeso, não se opõe ao que elle tinha escrito na primeira aos mesmos Coríntios, 10. 13. Que Deus é fiel para não permitir que os seus servos sejam tentados, mais do que podem as suas forças. Porque o que o Apóstolo quer significar no presente lugar, é, que a atribulação, que lhe fizeram, fôra tão grande, que excedia o modo comum, e as forças ordinárias de um homem ainda justo, e constituido em graça de Deus; a qual elle contudo vencera, sendo fortificado de mais poderosos socorros da graça.

(2) **MAS NÓS** — Esta narração visa a comover os discípulos, manifestando-lhes a estima que lhes consagrava, e a confiança nos seus bons officios, agradecendo-lhes as orações e os cuidados prodigalizados na hora da aflicção.

2.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 1, 11-19

11 se vós nos ajudardes também orando por nós: Para que pelo dom, que se nos tem concedido em atenção de muitas pessoas, por intervenção de muitos sejam dadas graças por nós outros.

12 Porque a nossa glória é esta, o testemunho da nossa consciência, de que em simplicidade de coração e em sinceridade de Deus: E não em sabedoria carnal, mas pela graça de Deus temos vivido neste mundo: E maiormente convosco.

13 Porque não vos escrevemos outra coisa, senão o que haveis lido, e conhecido. E espero que conhecereis até ao fim.

14 E como também nos haveis conhecido em parte. que somos a vossa glória, assim como também vós sereis a nossa, no dia de nosso Senhor Jesus Cristo.

15 E nessa confiança tinha resolvido primeiro ir ver-vos, para que vós recebésseis uma dobrada graça:

16 E passar por vós a Macedônia, e de Macedônia ir outra vez ter convosco, e ser acompanhado de vós outros até à Judéia.

17 Tendo eu pois por então formado êste desígnio, foi acaso por inconstância não o executar eu? Ou quando eu tomo uma resolução, é esta uma resolução, que não passa de humana, de sorte que venha a se achiar em mim SIM e NÃO?

18 Mas Deus é fiel testemunha, de que não há SIM e NÃO naquela fala que tive convosco.

19 Porque o Filho de Deus Jesus Cristo, que tem sido por nossa intervenção pregado entre vós, por mim, e

2.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 1, 20-23; 2, 1

por Silvano e Timóteo, não foi tal que se achasse nele SIM e NÃO, mas sempre houve SIM. (3)

20 Porque tôdas as promessas de Deus são SIM em seu Filho: E por êle também é o Amém, que se diz a Deus para nossa glória. (4)

21 E o que nos confirma em Cristo convosco, e o que nos ungiu, é Deus:

22 O qual também nos selou, e deu em nossos corações a prenda do espírito.

23 Mas eu chamo a Deus por testemunha sôbre a minha alma, de que por perdoar-vos não tenho ido mais a Corinto: Não porque tenhamos domínio sôbre a vossa fé, mas porque somos cooperadores do vosso gozo: Pois pela fé estais em pé.

CAPÍTULO 2

COM RECEIO DE QUE NÃO SE AFLIGISSEM OS FIÉIS DESTA IGREJA, NÃO FOI PAULO A CORINTO. PERDOA AO INCESTUOSO. DESEJA QUE VOLTE TITO, POR SABER NOVAS DELES. FRUTOS QUE PAULO COLHEU. ALGUNS TODAVIA MUDARAM O CHEIRO DE VIDA EM CHEIRO DE MORTE. ÊSTES SÃO OS FALSOS DOUTORES.

1 .Eu porém assentei isto mesmo comigo, não ir outra vez ter convosco por não vos causar tristeza.

(3) **HOÛVE SIM** — Isto é, foi sempre firme e verdadeiro, como com efeito verteram no corpo os de Mons, e como nas notas explicou Amelote.

(4) **EM SEU FILHO** — Pois que não há em Jesus Cristo senão verdade pura, a Êle devemos sempre dizer Amem, pois Êle realiza todas as suas promessas, e é em virtude da realização dessas promessas que nós logramos o resgate pela obra da Redenção.

2.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 2; 2-10

2 Porque se eu vos entristeço: Quem é também o que me alegrará, senão o que por via de mim é entristecido?

3 E isto mesmo vos escrevi, para que quando passar a ver-vos, não tenha tristeza sobre tristeza, dos que me devera alegrar: Confiando em todos vós que a minha alegria é a de todos vós.

4 Porque pela muita tribulação, e angústia de coração, com muitas lágrimas vos escrevi: Não porque fôsseis contristados: Mas para que soubesseis quanto maior amor tenho para convosco.

5 E se algum me contristou, não me contristou, senão em parte, por não carregar-vos a todos vós.

6 Basta-lhe ao que é tal, esta repreensão, que é dada por muitos.

7 De sorte que, pelo contrário, deveis agora usar com êle de indulgência, e consolá-lo, para que não aconteça que seja consumido de demasiada tristeza quem se acha em tais circunstâncias.

8 Por conta do que vos rogo, que lhe deis efetivas provas da vossa caridade.

9 E por isso também vos escrevi, para ver por esta prova, se sois obedientes em tôdas as coisas.

10 E ao que perdoastes em alguma coisa, também eu: Pois eu também a indulgência de que usei, se de alguma tenho usado, foi por amor de vós em pessoa de Cristo. (1)

(1) **EM PESSOA DE CRISTO** — Quer dizer, em nome e pela autoridade de Jesus Cristo, cuja pessoa fazem os prelados eclesiásticos no infligir ou absolver das censuras, conforme o dito do

2.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 2, 11-17

11 Para não sermos surpreendidos de satanás: Pois que não ignoramos as suas maquinações.

12 Mas quando passei à Tróade, pelo Evangelho de Cristo, e me foi aberta a porta do Senhor,

13 não tive repouso no meu espírito, porque não achei a meu irmão Tito, mas despedindo-me dêles, parti para Macedônia.

14 Mas graças a Deus, que sempre nos faz triunfar em Jesus Cristo, e que por nosso meio difunde o cheiro do conhecimentó de si mesmo em todo o lugar:

15 Porque nós somos diante de Deus o bom cheiro de Cristo, nos que se salvam, e nos que perecem:

16 Para uns na verdade cheiro de morte para morte: E para outros cheiro de vida para vida. E para estas coisas quem é tão idôneo?

17 Porque não somos falsificadores da palavra de Deus, como muitos, mas falamos em Cristo com sinceridade, e como da parte de Deus diante de Deus.

mesmo Senhor por Mt 18, 18: "Tudo o que vós atardes sôbre a terra, será também atado no Céu, e tudo o que vós desatardes sôbre a terra, será também desatado no Céu".

CAPÍTULO 3

DIZ O APÓSTOLO QUE ELE NÃO NECESSITA DE QUE ALGUÉM O RECOMENDE, POIS ASSAZ RECOMENDADO ESTÁ PELA CONVERSÃO DOS CORÍNTIOS. O NOVO TESTAMENTO É MAIS DIGNO DE HONRA DO QUE O VELHO. ESTE CAUSAVA MORTE, AQUELE DÁ VIDA. OS JUDEUS LÊEM A ESCRITURA COM UM VEU SOBRE OS OLHOS. ESTE VEU É TIRADO PELOS QUE ANUNCIAM O EVANGELHO. A LUZ, QUE ÊLES TÊM, É MAIOR QUE A DE MOISÉS.

1 Começamos de novo a louvar-nos a nós mesmos? ou temos acaso necessidade (como alguns) de cartas de recomendação para vós ou de vós? (1)

2 A nossa carta sois vós, escrita em nossos corações, que é reconhecida, e lida por todos os homens.

3 Sendo manifesto que vós sois a carta de Cristo, feita pelo nosso ministério, e escrita não com tinta, mas com o Espírito de Deus vivo: Não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne do coração.

4 E temos uma tal confiança em Deus por Cristo:

5 Não que sejamos capazes de nós mesmos de ter algum pensamento, como de nós mesmos: Mas a nossa capacidade vem de Deus:

(1) **DE NOVO A LOUVAR-NOS A NÓS MESMOS?** — O Apóstolo, com o fim de reprimir o orgulho dos seus êmulos, se viu necessitado na carta antecedente e no fim do capítulo que precede, a dizer muitas coisas que redundavam em louvor próprio; como a experiência lhe ensinava, que os seus contrários não deixariam de opor-lhe que dava sentença em causa própria, para prevenir a sua acusação, diz desta sorte: "Farei eu agora o elogio de mim mesmo? ou será necessária uma carta de recomendação, para que saibais quem eu sou, ou que a deis vós, para que o saibam as outras Igrejas?" — S. João Crisóstomo.

2.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 3, 6-15

6 O qual é também o que nos fêz idôneos ministros do Novo Testamento: Não pela letra, mas pelo Espírito: Porque a letra mata, e o Espírito vivifica.

7 E se o ministério de morte gravado com letras sobre pedras, foi acompanhado de tanta glória, de maneira que os filhos de Israel não podiam olhar para o rosto de Moisés, pela glória do seu semblante, a qual era transitória:

8 Como não será de maior glória o ministério do Espírito?

9 Porque se o ministério da condenação foi glória: De muito maior glória vem a ser o ministério da justiça.

10 Porque o que resplandeceu nesta parte, não foi glorioso, à vista da sublime glória.

11 Porque se o que se desvapece é reputado por grande glória: De muito maior glória é o que fica permanente.

12 Tendo pois uma tal esperança, falamos com muita confiança:

13 E não como Moisés, que punha um véu sobre seu rosto, para que os filhos de Israel não fixassem a vista no seu semblante, cuja glória havia de perecer.

14 E assim os sentidos dêles ficaram obtusos. Porque até ao dia de hoje permanece na lição do Antigo Testamento o mesmo véu sem levantar-se, (porque não se tira senão por Cristo)

15 pelo que até ao dia de hoje, quando lêem a Moisés, o véu está pôsto sobre o coração dêles.

2.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 3, 16-18; 4, 1-2

16 Mas quando se converter ao Senhor, será tirado o véu.

17 Ora, o Senhor é Espírito. E onde há o Espírito do Senhor: aí há liberdade. (2)

18 Todos nós pois, registrando à cara descoberta a glória do Senhor, somos transformados de claridade em claridade na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor.

CAPÍTULO 4

OS APÓSTOLOS DERAM A CONHECER A TODOS O EVANGELHO. ELES O ANUNCIARAM COM TODA A SINCERIDADE. SÓ OS REPROVADOS O NÃO CONHECERAM. POR MAIORES QUE SEJAM AS TRIBULAÇÕES QUE OS APÓSTOLOS PADECEM, ELES A NENHUMA CEDEM. AS PENALIDADES DUM MOMENTO PRODUZEM UMA GLÓRIA ETERNA.

1 Pelo que tendo nós esta administração e segundo a misericórdia que temos alcançado, não desmaiamos.

2 Antes lançamos fora de nós as paixões, que por ignominiosas se ocultam, não nos conduzindo com artifi-

(2) **AI HÁ LIBERDADE** — Da mesma sorte que o temor de Deus é o alicerçamento da sã ciência *Initium sapientiae est timor Dei*, o espírito divino é a melhor garantia de liberdade. O homem que pauta os atos da sua vida pelo espírito de Deus, exalta-se e não se escraviza às suas paixões, aos seus ruins instintos, e os povos que orientam os seus destinos por êsse mesmo, que é o da suprema justiça, inefável retidão, logram a verdadeira liberdade, que é e será sempre a faculdade de praticar o bem, excluindo o mal. Era êste o espírito que ilustrava aqueles portugueses que, ao fundarem a nação portuguesa, exclamavam: *Nos liberi sumus, rex noster liber est*. Nós queremos ser livres e governados por um rei livre, e consequentemente responsável perante Deus e perante o povo livre. Expressão que revela o mais alevantado conceito da soberania popular.

2.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 4, 3-10

cio, nem adulterando a palavra de Deus, mas recomendando-nos a nós mesmos a tôda a consciência de homens diante de Deus na manifestação da verdade. (1)

3 E se o nosso Evangelho ainda está encoberto: Naqueles que se perdem, está encoberto:

4 Nos quais o Deus dêste século cegou os entendimentos dos infieis, para lhes não resplandecer o farol do Evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus.

5 Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Jesus Cristo nosso Senhor: E nós nos consideramos como servos vossos por Jesus:

6 Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, êle mesmo resplandeceu em nossos corações para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo.

7 Temos porém êste tesouro em vasos de barro: Para que a sublimidade seja da virtude de Deus, e não de nós.

8 Em tudo padecemos tribulação, mas nem por isso nos angustiamos: Somos cercados de dificuldades insuperáveis, e a nenhuma sucumbimos:

9 Somos perseguidos, mas não desamparados: Somos abatidos, mas nem por isso perecemos:

10 Trazendo sempre no nosso corpo a mortificação de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste nos nossos corpos.

(1) **NÃO NOS CONDUZINDO COM ARTIFÍCIO** — S. Paulo põe em relêvo o seu ministério divino a fim de combater com autoridade os falsos apóstolos, que pretendiam inutilizar a sua pregação.

2.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 4, 11-18

11 Porque nós, que vivemos, somos a toda a hora entregues à morte por amor de Jesus: Para que também a vida de Jesus apareça na nossa carne mortal.

12 Em nós logo obra-se a morte, e em vós a vida. (2)

13 E porque nós temos um mesmo espírito da fé segundo está escrito: Eu cri, por isso é que falei: Também nós cremos, por isso é também que falamos:

14 Sabendo que aquêlê que ressuscitou a Jesus, nos ressuscitará também com Jesus, e nos colocará convosco.

15 Porque tudo é por amor de vós: Para que a graça que abunda pela ação de graças rendida por muitos, redunde em glória de Deus.

16 Esta é a razão por que não desfalecemos: Mas ainda que se destrua em nós o homem exterior: Todavia o interior se vai renovando de dia em dia.

17 Porque o que aqui é para nós de uma tribulação momentânea, e ligeira, produz em nós, de um modo todo maravilhoso no mais alto grau, um pêso eterno de glória,

18 não atendendo nós às coisas que se vêem, mas sim às que se não vêem. Porque as coisas visíveis são temporais: E as invisíveis são eternas.

(2) **E EM VÓS A VIDA** — Porque pelos nossos quotidianos perigos, e quotidiana morte, se gera, se aumenta, e se aperfeiçoa em vós a vida espiritual. — **Êstio.**

CAPÍTULO 5

A ESPERANÇA DA GLÓRIA FAZ QUE OS APÓSTOLOS DESEJEM VER-SE LIVRES DAS PRISÕES DO CORPO. ENTRETANTO ELES SE ESFORÇAM POR AGRADAR A JESUS CRISTO. COMO A SEU JUIZ. TUDO POR JESUS CRISTO SE FEZ NOVO. OS APÓSTOLOS SÃO SEUS EMBAIXADORES. DEUS FALA, EXORTA E PERDOA POR ÊLES.

1 Porque sabemos que se a nossa casa terrestre desta morada fôr desfeita, temos de Deus um edifício. casa não feita por mãos humanas, que durará sempre nos Céus. (1)

2 E por isto também gememos, desejando ser revestidos da nossa habitação, que é do Céu,

3 se todavia formos achados vestidos e não nus. (2)

4 Porque também os que estamos neste tabernáculo, gememos carregados. Não que desejemos ser despojados dêle, mas sim ser revestidos por cima, de sorte que o que há em nós de mortal, seja absorvido pela vida. (3)

(1) **CASA NÃO FEITA** — Esta casa no comum sentir dos santos Padres, será o corpo glorioso e imortal, que pela ressurreição será regenerado por Deus, e como criado de novo. — **Éstio**.

(2) **SE TODAVIA FORMOS ACHADOS VESTIDOS E NÃO NUS** — Ali Gosa Interneal o expõe da vestidura, ou desnudez das obras. Porém Tertuliano no livro da *Ressurreição da carne*, entende falar o apóstolo dos que na vinda do Senhor forem achados vestidos do seu corpo, isto é, vivos; e não forem achados nus do seu corpo, isto é, mortos. E isto segundo o que o mesmo Apóstolo escrevera na primeira aos Coríntios, 15, 52, e mais claramente repete na segunda aos Tessalonicenses, 4, 16. Esta mesma inteligência abraçaram Caetano e Éstio, como mais provável. — **Pereira**.

(3) **SER DESPOJADOS DÊLE** — Entende-se por impaciência, que tenhamos de lhe sofrer o peso; (porque isso não seria de Santos) ou ser despojados dêle para sempre, porque isto seria desejar a destruição da natureza humana, que não pode subsistir sem um corpo. — **Sacy**.

2.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 5, 5-13

5 Mas o que nos fêz para isto mesmo, é Deus, que nos deu o penhor do Espírito.

6 Por isto vivemos sempre confiados, sabendo que enquanto estamos no corpo, vivemos ausentes do Senhor:

7 (Porque andamos por fé, e não por visão).

8 Mas temos confiança, e ansiosos queremos mais ausentar-nos do corpo, e estar presentes ao Senhor.

9 E por isso forcejamos por lhe agradar, ou estejamos d'ele ausentes, ou lhe estejamos presentes.

10 Porque importa que todos nós compareçamos diante do Tribunal de Cristo, para que cada um receba o galardão segundo o que tem feito, ou bom ou mau, estando no próprio corpo.

11 Certos pois do temor que se deve ao Senhor, persuadimos aos homens, mas a Deus estamos descobertos. E espero que também nós estejamos descobertos nas vossas consciências. (4)

12 Isto não é que queiramos ainda recomendar-nos ao vosso conceito, mas é querer dar-vos ocasião de vos gloriardes em nós: Para terdes que responder aos que se gloriam na aparência, e não no coração:

13 Porque se enlouquecemos, é para Deus: E se conservamos o juízo, é para vós.

(4) **CERTOS POIS DO TEMOR QUE SE DEVE AO SENHOR** — Isto é, sabendo pois quanto o Senhor é para se temer, procurando persuadir aos homens a nossa inocência.

2.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 5, 14-21

14 Porque o amor de Cristo nos constringe: Fazendo êste juízo, que se um morreu por todos, por consequência todos são mortos:

15 E Cristo morreu por todos: A fim de que também os que vivem, não vivam mais para si mesmos, mas para aquêles que morreu e ressurgiu por êles.

16 Por isso nós desde agora a ninguém conhecemos segundo a carne. E se houve tempo em que conhecemos a Cristo segundo a carne: Já agora o não conhecemos dêste modo.

17 Se algum pois é de Cristo, é uma nova criatura, passou o que era velho: Notai que tudo se fêz novo.

18 E tudo vem de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por Cristo: Que confiou de nós o ministério da reconciliação:

19 Porque certamente Deus estava em Cristo reconciliando o mundo consigo, não lhes imputando os seus pecados, e êle é o que pôs em nós a palavra da reconciliação.

20 Logo nós fazemos o ofício de embaixadores em nome de Cristo, como que Deus vos admoesta por nós outros. Por Cristo vos rogamos que vos reconcilieis com Deus.

21 Aquêles que não havia conhecido pecado o fêz pecador por nós, para que nós fôssemos feitos justiça de Deus nele.

CAPÍTULO 6

QUE SE NÃO DEVE DESPREZAR O TEMPO DA GRAÇA. PAULO
HONRANDO O SEU MINISTÉRIO. EXORTA OS CORÍNTIOS
A UM AMOR RECÍPROCO. PROIBE O MATRIMÔNIO DOS
FIEIS COM OS INFIEIS. OS CRISTÃOS SÃO O TEMPLO, O
POVO, E OS FILHOS DE DEUS.

1 E assim nós como coadjutores vos exortamos a que não recebais a graça de Deus em vão.

2 Porque êle diz: Eu te ouvi no tempo aceitável, e te ajudei no dia da Salvação. Eis-aqui agora o tempo aceitável, eis-aqui agora o dia da Salvação.

3 Não demos a ninguém ocasião alguma de escândalo para que não seja vituperado o nosso ministério.

4 Mas em tôdas as coisas nos portemos em nossas mesmas pessoas como ministros de Deus, na muita paciência, nas tribulações, nas necessidades, nas angústias,

5 nos açoitamentos, nos cárceres, nas sedições, nos trabalhos, nas vigílias, nos jejuns,

6 na castidade, na ciência, na longanimidade, na mansidão, no Espírito Santo, na caridade não fingida, (1)

7 na palavra da verdade, na virtude de Deus, pelas armas da justiça, na prosperidade, e na adversidade:

8 Por honra, e por desonra, por infâmia, e por boa fama: Como enganadores, ainda que verdadeiros, como os que são desconhecidos, ainda que conhecidos:

(1) **NO ESPÍRITO SANTO** — Isto é, pelos frutos ou dons do Espírito Santo, como com Êstilo expõem os de Mons, Sacy, Calmet, Mesengui. — **Pereira.**

2.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 6, 9-16

9 Como morrendo, e eis aqui está que vivemos: Como castigados, mas não amortecidos:

10 Como tristes mas sempre alegres: Como pobres, mas enriquecendo a muitos: Como quem não tendo nada, mas possuindo tudo.

11 A nossa boca aberta está para vós, ó coríntios, o nosso coração se tem dilatado.

12 Não estais estreitados em nós: Mas estais apertados nas vossas entranhas: (2)

13 E correspondendo-me vós com igual ternura, eu vos falo como a filhos: Dilatai-vos também vós outros.

14 Não vos prendais ao jugo com os infiéis. Porque que união pode haver entre a justiça e a iniquidade? Ou que comércio entre a luz e as trevas? (3)

15 E que concórdia entre Cristo e Belial? Ou que sociedade entre o fiel e o infiel?

16 E que consenso entre o Templo de Deus e os ídolos? Porque vós sois o templo de Deus vivo, como Deus

(2) **NÃO ESTAIS** — O sentido é: A afecção que eu vos tenho é tão grande, que a todos vos trago no meu coração, mas vós tendes-me tão pouco a mim, que nem lugar tenho no vosso. — Sacy.

(3) **NÃO VOS PRENDAIS AO JUGO COM OS INFIEIS** — Isto é, não caséis com eles. É logo proibido por Direito Divino o matrimônio dos fiéis com os infiéis, como dêste texto mostra S. Jerônimo no livro 1 contra Joviniano, cap. 5, e na carta a Ageruchia. E este é o impedimento dirimente do matrimônio, que os teólogos e canonistas chamam disparidade de culto ou de religião. O que se deve entender, quando o que já era fiel casa com a que ainda é infiel. Porque quando tendo casado ambos sendo infiéis, um se converte à fé, e outro não se converte, este é já outro caso, sobre que o Apóstolo dá outra doutrina na primeira aos Coríntios, capítulo sétimo.

2.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 6, 17-18; 7, 1-4

diz: Eu pois habitarei neles, e andarei entre êles, e serei o seu Deus, e êles serão o meu povo.

17 Portanto saí do meio dêles, e separai-vos dos tais, diz o Senhor, e não toqueis o que é imundo:

18 E eu vos receberei: E ser-vos-ci Pai, e vós sereis para mim filhos, e filhas, diz o Senhor Todo Poderoso.

CAPÍTULO 7

EXORTA O APÓSTOLO OS CORÍNTIOS A PUREZA DA ALMA E CORPO. TESTEMUNHA-LHES O AMOR QUE LHES TÊM. ADOÇA-LHES A SEVERIDADE COM QUE ELE SE TINHA HAVIDO COM O INCESTUOSO. ALEGRA-SE DA TRISTEZA QUE LHES CAUSOU, POR SER UMA TRISTEZA EM DEUS. CONSOLA-SE PELO BOM GASALHADO QUE FIZERAM A TITO E PELAS BOAS NOVAS QUE LHE TROUXERA DELES.

1 Tendo pois recebido estas promessas, meus carísimos, purifiquemo-nos de toda a imundícia da carne, e do espírito, aperfeiçoando a nossa santificação no temor de Deus.

2 Recebei-nos dentro do vosso coração. Nós a ninguém temos ofendido, a ninguém temos corrompido, a ninguém temos enganado.

3 Não vos digo isto por vos condenar: Pois já vos declaramos que vós estais nos nossos corações para a morte e para a vida.

4 Tenho grande confiança de vós, e grande motivo de me gloriar de vós, cheio estou de consolação, exubero de gozo em toda a nossa tribulação.

2.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 7, 5-11

5 Porque ainda quando passamos à Macedônia, nenhum repouso teve a nossa carne, antes sofremos toda a tribulação: Combates fora, sustos dentro.

6 Porém Deus, que consola aos humildes, nos consolou a nós com a chegada de Tito.

7 E não somente com a sua chegada, mas também com a consolação que elle recebeu de vós, tendo-me o mesmo referido as extreminosas saudades, que vós tendes de me ver, as vossas lágrimas, o vosso zelo por mim, o que tudo fez crescer a minha alegria.

8 Porque ainda que eu vos entristeci com a minha carta, não me arrependo disso: Se bem que ao principio me pesasse, vendo que a tal carta (ainda que por breve tempo) vos entristeceu.

9 Agora folgo: Não de vos haver entristecido, mas de que a vossa tristeza vos trouxe à penitência. A tristeza, que tivestes, foi segundo Deus, de sorte que nela nenhum detrimento recebestes de nós.

10 Porque a tristeza, que é segundo Deus, produz para a salvação uma penitência estável: E a tristeza do século produz a morte.

11 Considerai pois quanto esta mesma tristeza, que sentistes segundo Deus, produziu em vós não só de vigilante cuidado: Mas também de apologia, de indignação, de temor, de saudade, de zelo, de vingança; vós mostrastes em tudo que não tínheis culpa neste negócio. (1)

(1) **MAS TAMBÉM DE APOLOGIA** — De apologia, com que vos defendestes e justificastes diante de Tito, de não terdes parte no crime alheio, antes o castigastes com severidade. De indignação, contra o incestuoso. De temor, não tornasse a succeder entre vós

2.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 7, 12-16; 8, 1

12 Portanto, ainda que vos escrevi, não o fiz por causa do que fêz a injúria, nem por causa do que a padeceu: Mas sim para vos manifestar o nosso cuidado, que de vós temos,

13 diante de Deus: Por isso nos havemos consolado. Mas na nossa consolação ainda mais nos havemos alegrado, pela alegria de Tito, vendo que todos vós contribuístes a aliviar-lhe o espírito.

14 E se de vós em alguma coisa eu me tenho gloriado com êle, não me envergonho disso: Antes, como tudo que vos temos falado foi com verdade, assim também a gloriosa abonação que de vós fizemos a Tito, se tem achado ser verdade.

15 E por isso a sua ternura por vós é cada vez maior: Quando êle se lembra da obediência que vós todos lhe prestastes: De como o recebestes com temor, e tremor.

16 Eu me alegro, vendo que tudo me possa prometer de vós.

CAPÍTULO 8

EXCITA PAULO OS CORÍNTIOS A FAZEREM ESMOLA AOS POBRES DE JERUSALÉM. PARA ISSO LHES ALEGA O EXEMPLO DOS MACEDÔNIOS, E O DE JESUS CRISTO MESMO. LOUVA OS COLETORES, QUE ENVIA A ESTE FIM.

1 Assim mesmo vos fazemos saber, irmãos, a graça de Deus, que foi dada nas igrejas de Macedônia.

semelhante maldade. De saudade, de me verdes. De zelo, em acudir pela minha pessoa, defendendo, e aprovando o meu procedimento. De vingança, em castigar o crime. E desta última palavra, de vingança, provam bem os teólogos católicos, ser a satisfação parte da penitência, enquanto por ela castiga o pecador em si mesmo o mal que fez. — Êstio.

2.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 8, 2-10

2 Como em grande prova de tribulação, tiveram êles abundância de gôsto, e a sua abatidíssima pobreza abundou em riquezas da sua beneficência.

3 Porque eu lhes dou testemunho, que segundo as suas fôrças, e ainda sôbre as suas fôrças têm sido voluntários.

4 Rogando-nos com muito encarecimento que comunicássemos a graça, e serviço, que se faz para os Santos.

5 E não só o fizeram como nós o esperávamos, mas ainda se deram a si mesmos, primeiro ao Senhor, depois a nós pela vontade de Deus.

6 De maneira que rogamos a Tito: Que assim como começou, assim também acabe em vós ainda esta graça.

7 Para que como em tudo abundais em fé, e em palavra, e em ciência, e em tôda a diligência, e além disso no afeto que nos tendes, assim também abundeis nesta graça.

8 Não o digo como quem manda: Mas pelo cuidado acêrca dos outros, e ainda para experimentar a boa índole da vossa caridade.

9 Porque sabeis que a graça não foi a de nosso Senhor Jesus Cristo, que sendo rico, se fêz pobre por vosso amor, a fim de que vós fôsseis ricos pela sua pobreza.

10 E neste particular vos dou um conselho: Porque isto é o que vos cumpre, se bem não só o começastes a fazer, mas já tivestes o desígnio disso mesmo desde o ano passado. (1)

(1) **VOŚ DOU UM CONSELHO** — Não fala assim o Apóstolo, porque o dar esmolas do supérfluo não seja preceito divino, e

2.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 8, 11-18

11 Agora pois cumpri-o já de fato: Para que assim como a vontade está pronta para querê-lo, assim também o esteja para o cumprir, segundo as posses que tendes.

12 Porque se a vontade está pronta para dar, segundo aquilo que tem, é aceita, não segundo aquilo que não tem.

13 Não é porém minha intenção que os outros hajam de ter alívio, e vós fiquéis em apêto, mas sim que haja igualdade.

14 Ao presente a vossa abundância supra a indigência daqueles: Para que também a abundância dos tais sirva de suplemento à vossa indigência, de maneira que haja igualdade como está escrito.

15 Ao que dêle colheu muito, não lhe sobejou: E ao que pouco, não lhe faltou.

16 E graças a Deus, que pôs no coração de Tito o mesmo cuidado por vós.

17 Porque na verdade recebeu a exortação: Mas indo êle estando mais solícito, por sua vontade partiu a visitar-vos.

18 Enviamos também com êle a um irmão, cujo louvor é célebre pelo Evangelho em tôdas as igrejas:

ainda natural, (que certamente o é, e as Escrituras o ensinam expressamente) mas chama o conselho, o que podia ser preceito porque quis levar os coríntios mais pela brandura do que pelo rigor, e também porque os coríntios, ainda por preceito de Deus, não estavam obrigados a dar tanto, como deram os macedônios, e nem todos talvez tinham que dar. — Estio.

2.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 8, 19-24; 9, 1

19 E não sòmente isto, senão que pelas igrejas foi também escolhido por companheiro da nossa peregrinação; para esta graça, que por nós é ministrada para a glória do Senhor, e para mostrar a nossa pronta vontade:

20 Evitando isto, que ninguém nos possa censurar nesta abundância, que por nós é ministrada.

21 Porque procuramos fazer o bem não só diante de Deus, senão também diante dos homens.

22 E com êles enviamos também a outro nosso irmão, o qual várias vezes temos em muitas coisas experimentado ser diligente: E agora será muito mais pela grande confiança que há de vós.

23 Ou seja por causa de Tito, que é meu companheiro, e coadjutor para convosco, ou por causa dos nossos irmãos, que são Legados das Igrejas, glória de Cristo. (2).

24 Portanto dai para com êles ante a face das igrejas mostras do vosso amor, e de que sois a nossa glória.

CAPÍTULO 9

INSTRUÇÕES SOBRE O MODO DE DAR A ESMOLA. QUE ELA SE DEVE DAR COM ALEGRIA. QUE NÃO DEVEMOS RECEAR QUE FIQUEMOS POBRES. DIVERSOS FRUTOS DA ESMOLA.

1 Já quanto à administração que se faz a benefício dos santos, coisa supérflua é o eu escrever-vos.

(2) **LEGADOS DAS IGREJAS** — Chama "Legados das Igrejas" aos que elas enviaram, para diferença dos Apóstolos, que enviou Jesus Cristo.

2 Porque conheço a prontidão do vosso ânimo pela qual eu de vós me glorio diante dos macedônios. Porquanto Acaia também está pronta desde o ano passado, e o vosso zelo tem alentado a muitíssimos.

3 Enviei porém êstes irmãos: Para que o de que nos gloriamos acêrca de vós, não deixe de ter fundamento nesta parte, para que (como o tenho dito) estejais prevenidos:

4 Por não suceder que quando vierem comigo os macedônios, e se vos acharem desapercibidos, tenhamos nós de que nos envergonhar, (por não dizer vós outros) neste ponto.

5 Portanto julguei que era necessário rogar aos irmãos, que vão antes de vós, e que preparem a bênção já prometida, que ela esteja pronta, assim como bênção, não como avareza.

6 E digo isto: Que aquêlê que semeia pouco também segará pouco: E que aquêlê que semeia em abundância, também segará em abundância. (1)

7 Cada um como propôs o seu coração, não com tristeza, nem como por fôrça: Porque Deus ama ao que dá com alegria. (2)

(1) **QUE AQUELE QUE SEMEIA POUCO** — Este texto destrói duas heresias: a de Joviniano, que ensinava que a glória dos Santos havia de ser igual para todos, e a dos modernos sectários, que negam as nossas boas obras à razão de merecimentos. — **Êstio.**

(2). **PORQUE DEUS AMA** — Se deste o pão com tristeza, perdeste o pão e perdeste o merecimento. S. Agostinho sobre o **SI 42.**

2.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 9, 8-15; 10, 1

8 E poderoso é Deus para fazer abundar em vós tôda a graça: Para que estando sempre abastados de tudo, abundeis para tôda a obra boa.

9 Assim como está escrito: Espalhou, deu aos pobres: A sua justiça dura para sempre dos sempre.

10 E o que subministra semente ao sementeador: Dará também pão para comer, e multiplicará a vossa semente, e aumentará os acrescentamentos dos frutos da vossa justiça,

11 para que enriquecidos em tôdas as coisas, abundeis em tôda sinceridade, a qual faz que por nós sejam dadas graças a Deus.

12 Porque a administração desta oferenda não somente supre o que aos Santos falta, senão que abunda também em muitas ações de graças ao Senhor,

13 pela experiência dêste serviço, dando êles glória a Deus pela submissão que vós mostrais ao Evangelho de Cristo, e pela sinceridade da vossa comunicação com êles e com todos.

14 E testemunhando na oração, que êles fazem por vós, o amor que vos têm, por causa da iminente graça de Deus, que há em vós.

15 Graças a Deus pelo seu dom inefável.

CAPÍTULO 10

DECLARA O APÓSTOLO QUAL SEJA A SUA MILÍCIA, E QUAIS AS SUAS ARMAS. QUE OU AUSENTE, OU PRESENTE, É IGUALMENTE FORTE. QUE ELE SE NÃO GLORIA, SENÃO À MEDIDA DO SEU TRABALHO. QUE SE NÃO INTROMETE NOS LIMITES DOS OUTROS. QUE A VERDADEIRA GLÓRIA SÓ VEM DE DEUS.

1 Mas eu mesmo Paulo vos rogo pela mansidão e modéstia de Cristo, eu que quando pessoalmente estou en-

2.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 10, 2-7

tre vós me mostro na verdade humilde, mas ausente sou ousado convosco.

2 Rogo-vos pois que quando estiver presente, não me veja obrigado a usar com liberdade da ousadia que se me atribui ter contra alguns, que nos julgam, como se andássemos segundo a carne.

3 Porque ainda que andamos em carne, não militamos segundo a carne.

4 Porquanto as armas da nossa milícia não são carnaís, mas são poderosas em Deus para destruição das fortificações, derribando os conselhos, (1)

5 e tôda a altura que se levanta contra a ciência de Deus, e reduzindo a cativo todo o entendimento, para que obedeça a Cristo.

6 E tendo em nossa mão o poder de castigar a todos os desobedientes, depois que fôr cumprida a vossa obediência. (2)

7 Julgai ao menos das coisas pelo que elas são na aparência. Se algum está confiado que êle é de Cristo, considere isto também dentro de si: Que como êle é de Cristo, assim também nós o somos.

(1) **DERRIBANDO OS CONSELHOS** — Isto é, os discursos da Filosofia humana, como se viu em tantos sábios da Gentilidade convertidos pelos Apóstolos e seus sucessores ao Cristianismo, como foram Dionísio Aeropagita, Aristides, Justino, Panteno e outros.

(2) **O PODER DE CASTIGAR A TODOS OS DESOBEDIENTES** — Este lugar prova claramente o poder, que têm os Prelados Eclesiásticos, para castigar com penas espirituais os delinquentes, das quais penas a principal é a excomunhão contra os rebeldes e contumazes.

2.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 10, 8-12

8 Porque ainda que eu me glorie mais algum tanto do meu poder, que o Senhor me deu para vossa edificação, e não para vossa destruição: Não me envergonharei por isso. (3)

9 Mas para que não pareça que vos quero como aterrar por cartas:

10 Porque na verdade as cartas, dizem alguns, são graves e fortes: Mas a presença do corpo é fraca, e a palavra desprezível: (4)

11 O tal que assim pensa entende que quais somos nas palavras por cartas estando ausentes, tais seremos também de fato quando estivermos presentes.

12 Porque não ousamos entremeter-nos, ou comparar-nos com alguns que se gabam a si mesmos: Mas nós nos medimos conosco, e nos comparamos a nós mesmos.

(3) **DO MEU PODER QUE O SENHOR ME DEU PARA VOSSA EDIFICAÇÃO** — Eis aqui o fim do Poder Eclesiástico, edificar e não destruir. E por este fim se deve regular o uso do mesmo poder, como ensina o Concílio de Trento na Sessão 25, da Reformação, cap. 3.

(4) **DIZEM ALGUNS** — Este homem, diziam, que escreve em um tom de autoridade tão alto, que faz tremer ainda aos mais esforçados, é muito diferente visto de perto, corpo pequeno, ar rústico, discurso trivial e bárbaro, apenas ousa apresentar-se diante das gentes, e assim não há para que temer a sua presença, como pretende persuadir-nos na sua carta. S. Paulo foi pequeno de estatura, e não mui favorecido nos dotes naturais do corpo. Ainda que a sua linguagem parecesse despojada da eloquência, adorno, e graças da Acaia, isto não obstante estas cartas, em que parece lhe não devem nenhum cuidado o concerto, e a elegância do estilo, estão cheias dos mais nobres rasgos daquela grande e sublime eloquência, que era própria de um Apóstolo; e se atendermos em particular à presente que temos entre mãos, se vê claramente, que não ignorava as fontes da Eloquência.

2.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 10, 13-18

13 Nós pois não nos gloriaremos fora de medida, mas segundo a medida da regra com que Deus nos mediu, medida de chegar até vós outros. (5)

14 Porque não nos entendemos fora dos limites, como se não chegássemos lá a vós: Pois temos chegado até vós pregando o Evangelho de Cristo:

15 Não nos gloriando fora de medida nos trabalhos alheios: Mas esperando que, crescendo a vossa fé, sejamos em abundância engrandecidos em vós outros, segundo a nossa regra.

16 Que também anunciemos o Evangelho nos lugares que estão além de vós, não no distrito de outrem, para nos gloriarmos no que estava já aparelhado.

17 Aquêles pois que se gloria, glorie-se no Senhor.

18 Porque não é o que a si mesmo se recomenda, o que é estimável: Mas é sim aquêles a quem Deus recomenda.

(5) **DA REGRA COM QUE DEUS NOS MEDIU** — Não quer dizer Paulo com isto, ter tido alguma ordem de Deus para não passar de Corinto com a pregação do Evangelho, porque pelo preceito, que Cristo dera a todos por S. Mateus, ide por todo o mundo, ensinai tôdas as gentes, tinha cada Apóstolo por Diocese o mundo todo. E quando o mesmo Senhor constituiu a Paulo Apóstolo, e doutor dos povos gentios, nenhuma exceção faz de lugares, ou nações. Mas quer dizer, que tudo o de que êle com verdade se podia gloriar, lhe fôra distribuido por Deus, e que assim se êle se gloriava sôbre os coríntios, era porque por ordem de Deus tinha fundado aquela Igreja, sendo o primeiro que ali pregara o Evangelho.

CAPÍTULO 11

PAULO VENDO-SE OBRIGADO A LOUVAR-SE, O FAZ COM UMA MODÉSTIA ADMIRÁVEL. DECLARA O AMOR QUE TÊM AOS CORÍNTIOS. TEME NÃO SEJAM ELES ENGANADOS. TAPA A BÓCA AOS FALSOS APÓSTOLOS. DEFENDE CONTRA ELES A SUA AUTORIDADE. COMPARA-SE AOS MAIS EMINENTES APÓSTOLOS PELAS SUAS PREGAÇÕES, E FADIGAS.

1 Oxalá que suportasseis por um pouco a minha insipiência, mas enfim tolerai-me:

2 Porque vos zelo com zelo de Deus. Porquanto eu vos tenho desposado com Cristo, para vos apresentar como virgem pura ao único Espôso. (1)

3 Mas temo que assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim sejam corrompidos os vossos sentidos, e se apartem da sinceridade que há em Cristo.

4 Porque se aquêlê que vem prega outro Cristo, que nós não temos pregado, ou recebeis outro Espírito que não haveis recebido: Ou outro Evangelho, que não haveis abraçado: Bem o tolerarieis. (2)

5 Mas eu cuido que em nada tenho sido inferior aos maiores dentre os Apóstolos. (3)

(1) **ZELO DE DEUS** — Isto é, zelo veemente, forte.

(2) **PREGA OUTRO CRISTO** — Remove aqui o Apóstolo a escusa, que podiam dar aos coríntios, se dissessem, que se lhes não devia proibir a darem ouvidos a outros novos Mestres, pois que estes lhes pregavam objetos mais sublimes, do que os que Paulo lhes annunciara. — **Éstio.**

(3) **QUE EM NADA TENHO SIDO INFERIOR** — A Vulgata diz, Existimo enim nihil me minus fecisse a magnis Apostolis. O que traduzido à letra, quer dizer: Mas eu cuido que não tenho feito menos do que os maiores dentre os Apóstolos. E assim verteram Huré e Martini.

2.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 11, 6-11

6 Porque ainda que eu sou grosseiro nas palavras, não o sou todavia na ciência, mas em tudo a vós nos temos dado a conhecer. (4)

7 Ou porventura cometi eu delito, humilhando-me a mim mesmo, para que vós fôsseis exaltados? Porque sem interêsse vos preguei o Evangelho de Deus.

8 Eu despojei as outras igrejas, recebendo delas estipêndio por vos servir.

9 E quando eu estava convosco, e necessitava: Não fui oneroso a nenhum: Porque os irmãos, que tinham vindo de Macedônia, supriram tudo o que me faltava: em tudo me guardei, e guardarei de vos ser pesado:

10 A verdade de Cristo está em mim, porque não será quebrantada em mim esta glória, enquanto às regiões da Acaia. (5)

11 Por que? Será por que eu vos não amo? Deus o sabe.

(4) **PORQUE AINDA QUE SOU GROSSEIRO** — Porque ainda que as minhas expressões sejam menos limitadas, que as dos meus contrários, que fazem profissão de uma eloquência toda mundana e profana, isto não obstante, possuo-a em um grau muito eminente revelada que me foi por Deus a ciência dos misterios, e das verdades da Religião, o que excede infinitamente tôda a ciência dos meus êmulos. Disto tendes vós bastantes provas, posto que haveis visto que a minha eloquência consiste em persuadir e converter os corações, não em lisonjear e contentar os ouvidos com discursos estudados e limitados. **O imperitus sermone**, conforme S. Jerônimo, o diz por humildade, pois êle era um rio de eloquência Cristã, ao menos na força de persuadir. — **Êstio**.

(5) **A VERDADE DE CRISTO** — Forma de jurar, com que o Apóstolo assevera o que diz, e onde se deve subentender o verbo protesto, ou seguro.

2.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 11, 12-20

12 Mas eu o faço, e farei sempre: Por cortar a ocasião de se gloriarem aos que a buscam, querendo parecer-se também conosco, para daí se gloriarem.

13 Porque os tais falsos Apóstolos são obreiros dolo-
losos, que se transformam em Apóstolos de Cristo.

14 E não é de espantar: Porque o mesmo satanás se transforma em Anjo de luz:

15 Não é logo muito que os seus ministros se transformem como em ministros de justiça: Cujo fim será segundo as suas obras.

16 Outra vez o digo, (para que ninguém me tenha por imprudente, ao menos sofri-me como a insensato, para que eu me glorie ainda por um pouco.)

17 O que falo, pelo que toca a esta matéria de glória, não o digo segundo Deus, mas como por insipiência. (6)

18 Porque muitos se gloriam segundo a carne: Também eu me gloriarei.

19 Porque vós, sendo como sois uns homens sensatos: Sofreis de boa mente aos insensatos. (7)

20 Porque sofreis a quem vos põe em escravidão, a quem vos devora, a quem de vós recebe, a quem se exalta, a quem vos dá na cara.

(6) **NAO O DIGO SEGUNDO DEUS** — Isto é, não segundo a modestia, e humildade, que Jesus Cristo nós prescreve, mas como fazem os loucos e vãos do mundo.

(7) **SENDO COMO SOIS** — É uma ironia, com que o Apóstolo tácitamente repreende os aplausos, que os coríntios tinham dado aos que não faziam senão gabar-se a si mesmos. — Sacy.

2.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 11, 21-27

21 Digo-o quanto à afronta como se nós afracassemos nesta parte. No que qualquer tem ousadia, (falo com imprudência) também eu a tenho:

22 São hebreus, também eu: São israelitas, também eu: São descendência de Abraão, também eu:

23 São ministros de Cristo, (falo como menos sábio) mais o sou eu: Em muitíssimos trabalhos, em cárceres muito mais, em açoites sem medida, em perigo de morte, muitas vezes.

24 Dos judeus recebi cinco quarentenas de açoites, menos um. (8)

25 Três vezes fui açoitado com varas, uma vez fui apedrejado, três vezes fiz naufrágio, uma noite e um dia estive no profundo do mar.

26 Em jornadas muitas vezes eu me vi em perigos de rios, em perigos de ladrões, em perigos dos da minha nação, em perigos dos gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre falsos irmãos:

27 Em trabalho e fadiga, em muitas vigílias, com fome e sede, em muitos jejuns, em frio e desnudez.

(8) **MENOS UM** — Para que ninguém estranhe que cinco vezes diversas dessem os judeus sempre em Paulo trinta e nove açoites, é de saber, que pela lei, que lemos no Dt 25, 3, não podia o castigo de açoites exceder o número de quarenta, mas que os judeus, por uma tradição, que havia entre eles, costumavam parar nos trinta e nove por não suceder excedendo por engano o número prescrito pela lei, parecessem desumanos. — **Estio.**

2.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 11, 28-33; 12, 1

28 Afora êstes males, que são exteriores, me combatem as minhas ocorrências urgentes de cada dia, o cuidado que tenho de tôdas as igrejas. (9)

29 Quem enferma, que eu não enferme? Quem se escandaliza, que eu me não abraze?

30 Se importa que algum se glorie de alguma coisa: Eu me gloriarei nas coisas que são da minha fraqueza.

31 O Deus, e Pai do nosso Senhor Jesus Cristo, que é bendito por todos os séculos, sabe que não minto.

32 Em Damascô o que era Governador da Província por el-rei Áretas, fazia que estivessem guardas naquella cidade, para me prender: (10)

33 Mas numa alcofa me desceram por uma janela da muralha abaixo, e assim escapei das suas mãos.

CAPÍTULO 12

REFERE PAULO AS REVELAÇÕES QUE TEVE. A NECESSIDADE DE SE DEFENDER O OBRIGA A FAZÊ-LO. REMÉDIO, QUE DEUS LHE ENSINOU, PARA SE NÃO ENSOBERBECER. O SEU AMOR PELOS CORÍNTIOS.

1 Se importa que alguém se glorie (o que não convém na verdade): Descerei agora às visões, e às revelações do Senhor.

(9) **AFORA ÊSTES MALES** — Com que me afligem os meus inimigos, que também o são da igreja.

(10) **ARETAS** — Este nome foi usado por alguns reis da Arabia Pétreá. Aquele a quem se refere o texto deve ser Aretas Eneias, que subiu ao trono no ano 7 da era cristã. Uma filha deste casou com Herodes Antipas; o que mandou degolar S. João, que a abandonou para agradar à celebre Herodíades. Aretas declarou-lhe guerra.

2.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 12, 2-9

2 Conheço a um homem em Cristo, que catorze anos há foi arrebatado, se foi no corpo não o sei, ou se fora do corpo, também não sei, Deus o sabe, até ao terceiro Céu.

3 E conheço a êsse tal homem, se foi no corpo, ou fora do corpo, não o sei, Deus o sabe:

4 Que foi arrebatado ao Paraíso: E que ouviu lá palavras secretas, que não é permitido a um homem referir.

5 Dêste tal me gloriarei: Mas de mim em nada me gloriarei, senão nas minhas fraquezas.

6 Porque, ainda quando me quiser gloriar, não serei insipiente: Porque direi a verdade: Mas deixo isto, para que nenhum cuide de mim fora do que vê em mim, ou ouve de mim.

7 E para que a grandeza das revelações me não ensoberbecesse, permitiu Deus que eu sentisse na minha carne um estímulo, que é o anjo de satanás, para me esbofetear.

8 Por cuja causa roguei ao Senhor três vezes, que êle se apartasse de mim:

9 E então me disse: Basta-te a minha graça: Porque a virtude se aperfeiçoa na enfermidade. Portanto de boa vontade me gloriarei nas minhas enfermidades, para que habite em mim a virtude de Cristo. (1)

(1) **BASTA-TE A MINHA GRAÇA** — Não foi ouvido Paulo no que expressamente pedia, mas foi ouvido no que implicitamente queria, e intentava, que era o seu bem espiritual. "Louvado seja o nosso bom Deus, (diz S. Jerônimo na mesma Carta

2.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 12, 10-16

10 Pelo que sinto complacência nas minhas enfermidades, nas afrontas, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por Cristo: Porque quando estou enfermo, então estou forte.

11 Tenho-me feito insipiente, vós mesmos me obrigastes a isso: Porque eu devia ser louvado de vós: Pois que em nada fui inferior aos mais excelentes Apóstolos: Ainda que eu nada sou:

12 Entre vós contudo se tem visto os sinais do meu Apostolado em todo o gênero de tolerância, nos milagres, e nos prodígios, e nas virtudes.

13 Porque em que tendes vós sido inferiores às outras igrejas, se não é que em nada vos quis eu mesmo ser pesado? Perdoai-me esta injúria.

14 Eis-aqui estou pronto terceira vez a vos ir ver: E também agora vos não gravarei. Porque eu não busco as vossas coisas, mas a vós. Pois que não são os filhos que devem entesourar para os pais, mas os pais para os filhos.

15 E eu de mui boa vontade darei o meu, e me darei a mim mesmo pelas vossas almas: Ainda que amando-vos eu mais, seja menos amado.

16 Mas seja assim: Eu não vos gravei: Porém, como sou astuto, vos tomei com dolo.

a Paulo) que muitas vêzes não concede o que queremos, para nos dar o que mais quiséramos". Donde se segue que aquela promessa, que Cristo nos fez no Evangelho: "Tudo o que pedirdes a meu Pai em meu Nome, êle vo-lo concederá" se deve entender necessariamente com esta restrição: Tudo o que pedirdes, que seja conveniente para a vossa salvação. — Êstio.

2.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 12, 17-21; 13, 1

17 Porventura enganei-vos por algum daqueles que vos enviei?

18 Roguei a Tito, e enviei com êle um irmão. Porventura enganou-vos Tito? Não andamos com o mesmo espírito? Não fomos por umas mesmas pisadas?

19 Cuidais há bem tempo que nos escusamos convosco? Deus é testemunha, que em Cristo falamos: E tudo, meus muito amados, para vossa edificação.

20 Porque temo que talvez quando eu vier, vos não ache quais vos eu quero: E que vós me acheis qual não quereis: Que por desgraça não haja entre vós contendas, invejas, rixas, dissensões, detrações, mexericos, altivezas, parcialidades:

21 Para que não suceda que quando eu vier outra vez, me humilhe Deus entre vós, e que chore a muitos daqueles que antes pecaram, e não fizeram penitência da imundície, e fornicção, e desonestidade, que cometeram.

CAPÍTULO 13

AMEAÇA PAULO OS QUE PECARAM. DIZ QUE EXECUTARÁ NÊLES O PODER, QUE TEM DE JESUS CRISTO. EXORTA-OS A PAZ, E SAUDA-OS.

1 Eu me disponho a vos ir ver pela terceira vez. Na bôca de duas, ou três testemunhas estará tôda a palavra. (1)

(1) **NA BÔCA** — É um preceito judicial do **Deuterônômio** 19, 15. O qual alegou o Apóstolo, ou para significar aos Coríntios, que os havia de julgar, não precipitadamente, mas conforme o prescrevia a lei de Deus, que era valendo-se de duas, ou três testemunhas, ou porque debaixo da ilusão das duas, ou

2.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 13, 2-7

2 Assim como já o disse dantes achando-me presente, assim o digo também agora estando ausente, que se eu fôr outra vez, não perdoarei aos que antes pecaram, nem a todos os demais.

3 Porventura buscais prova daquele que fala em mim, Cristo, o qual não é fraco em vós, mas sim poderoso em vós? (2)

4 Porque ainda que foi crucificado por enfermidade: Vive todavia pelo poder de Deus. Porque também nós somos enfermos nele: Mas viveremos com êle, pela virtude de Deus em vós.

5 Examinai-vos a vós mesmos, se estais firmes na fé: Provai-vos a vós mesmos. Acaso não vos conheci a vós mesmos, que Jesus Cristo está em vós? Se é que porventura não sois reprovados.

6 Mas espero que conhecereis que nós não somos reprovados.

7 E rogamos a Deus que não façais mal nenhum, não porque nós pareçamos aprovados, mas a fim de que vós façais o que é bem: Ainda que nós sejamos como reprovados.

três testemunhas, que a lei do Deuteronomio requeria nos juízos quis significar a sua segunda, ou terceira vinda a Corinto, como quem só falava de pecados notórios, que para se castigarem não necessitavam de mais depoimentos, que os da sua publicidade. Este segundo sentido, que é o dos expositores gregos, parece o mais provável, e o mais conforme o contexto que se segue.

(2) **MAS SIM PODEROSO EM VÓS** — Não só pelos seus estupendos milagres, mas também pelos seus espantosos castigos, quais constam da primeira Epístola. — **Êstio.**

2.^a Epístola de S. Paulo aos Coríntios 13, 8-13

8 Porque nada podemos contra a verdade, senão pela verdade.

9 Porque nos alegramos de ser fracos, enquanto vós sois fortes. E ainda rogamos pela vossa perfeição.

10 Portanto, eu vos escrevo isto ausente, para que estando presente não empregue com rigor a autoridade, que Deus me deu para edificação, não para destruição.

11 Quanto ao mais, irmãos, alegrai-vos, sêde perfeitos, admoestai-vos, senti uma e a mesma coisa, tende paz, e o Deus da paz e da dileção será convosco.

12 Saudai-vos uns aos outros em ósculo santo. Todos os santos vos saudam.

13 A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, e a caridade de Deus, e a comunicação do Espírito Santo seja com todos vós. Amém.

EPÍSTOLA
DE
S. PAULO AOS GÁLATAS

INTRODUÇÃO

Causa e objeto desta Epístola. — A Galácia era a *Gália do Oriente*. Três séculos antes de Jesus Cristo, deixaram muitos galo-célticos o seu país, passaram para o norte da Grécia, indo depois estabelecer-se na Ásia, acampando nos arredores de Ancira, onde foram conhecidos pelo nome de Gálatas. Este êxodo gaulês foi capitaneado por Lutário, e teve lugar, segundo as mais justas referências, pelo ano 280 A. C. Pôsto que em contato com os gregos, conservaram sempre traços característicos da sua antiga nacionalidade, tanto na língua como nos costumes. *Unum est, quod inferimus et promissum in exordio reddimus, Galatas excepto sermone gracco; quæ omnis Oriens loquitur, propriam linguam eandem paene habere quam Treviros, nec referre, si aliqua exinde corrumpèrint S. Jeronymo. Comi in ep. Gar.* Ocupavam-se principalmente na agricultura, e alguma coisa no comércio em pequena escala em Ancira, Tavium, Pessinonte, etc. Da sua religião só sabemos que eram idólatras. Foram governa-

dos pelos seus reis, mesmo sob a dominação romana, que tornou o país tributário no ano 189. Morto seu último rei Amintas, os romanos enviaram-lhe procuradores da sua nacionalidade, tornando-se então a Galácia uma província romana, que ocupava o centro da Ásia Menor.

Os Gálatas eram inteligentes, mas duma acentuada volubilidade de espírito e dum carácter sobremaneira inconstante, o que foi sempre nota característica da raça gaulesa. *Sunt in capiendis consiliis mobiles, et novis plerumque rebus student Cesar. De Bello Gallico. IV. 5.* Apesar disso S. Paulo empreendeu aí a pregação do Evangelho e obteve resultados lisonjeiros. Mais tarde soube que doutores judaizantes vindos de Jerusalém, alteravam os seus ensinamentos, impondo práticas de mosaísmo. Se uns resistiram, outros deixaram-se enlevar pela novidade, estabelecendo a necessária e consequente cisão, pelo que o Apóstolo lança mão da sua bem aparada pena e reconstitui a verdadeira doutrina.

Tempo e lugar de composição desta Epístola. — Esta epístola deve ter sido composta pela mesma época em que foi a primeira epístola aos Coríntios. Quanto ao lugar, S. Jerônimo, Teodoreto e muitos outros dataram-na de Roma, atendendo ao v. 17 do Capítulo 6. Porém bons argumentos apresentam outros considerados autores que sustentam ter sido escrita em Éfeso, pouco tempo depois da sua vinda a esta cidade, aí pelo ano 55. Windischmann, *Erklärung des Galaterb.* pág. 6. Cfr. Glaire, *Introduction hist. écrit aux livres de l'A. et du N. T.* tomo 6.

Autenticidade. — Deve-se aos herejes o melhor ensejo de se demonstrar a autenticidade desta Epístola, por não só a citarem a cada passo, como deram ocasião aos Padres que a citassem do mesmo modo. Marcio, não só-

Epístola de S. Paulo aos Gálatas

mente a insere no cânon dos livros sagrados, como vai aí buscar argumentos em favor das suas proposições. De igual sorte procederam os maniqueus, e contra êstes abusos dos herejes ergueram-se então os apologetas como S. Irineu, dizendo *Et iterum in epistola quae est ad Galatas, ait Paulus*, e Tertuliano que se exprime da mesma sorte. Mas já anteriormente se encontram citações à Epístola aos Gálatas em S. Inácio de Antioquia, *ad Philadel.* 1 Policarpo, *ad Philipp.* e 1 Justino *Orat ad Grace*. Foi talvez por êstes e outros testemunhos herejes e orthodoxos que a hipercrítica poupa geralmente a Epístola aos Gálatas.

Divisões. — Compreende um exórdio e três pactos.

Exórdio — 1, 1-10. — Breve saudação e manifestação clara do desgosto de ver corrompida a sua doutrina.

1 *Secção Apologética.* 1, 11-2, 16, em que demonstrou a realidade do seu apostolado e perfeita identidade com a doutrina dos apóstolos.

2 *Secção dogmática.* 2, 17-5, 13 — Demonstra que a justificação depende da fé em Jesus Cristo e não no mosaísmo cuja observância é perigosa.

3 *Secção nua* 5, 14-6 — Corrige os abusos e fortalece os espíritos na fé.

EPÍSTOLA
DE
S. PAULO AOS GALATAS

CAPÍTULO 1

REPREENDE PAULO AOS GALATAS POR HAVEREM DEIXADO A DOCTRINA, QUE ELE LHES PREGARA. REFERE EM SUMA OS PRINCÍPIOS E PROGRESSOS DA SUA CONVERSAÇÃO.

1 Paulo Apóstolo, não pelos homens, nem por algum homem, mas por Jesus Cristo, e por Deus Padre, que o ressuscitou dentre os mortos: (1)

2 E todos os irmãos, que estão comigo, às igrejas da Galacia.

3 Graça a vós, e paz da parte de Deus Padre, e de nosso Senhor Jesus Cristo.

4 O qual se deu a si mesmo por nossos pecados, para nos livrar dêste presente século mau, segundo a vontade de Deus, e Pai nosso.

(1) **NAO PELOS HOMENS** — É como se dissera: Não por eleição do colégio apostólico, como foi Matias ou pelos votos dalguma igreja, como foram Barnabé e Silas. — **Estio.**

Epístola de S. Paulo aos Gálatas 1, 5-11

5. Ao qual seja dada glória por todos os séculos dos séculos: Amém.

6 Eu me espanto de que deixando aquêlê que vos chamou à graça de Cristo, passásseis assim tão depressa a outro Evangelho: (2)

7 Porque não há outro, senão é que há alguns que vos perturbam, e querem transtornar o Evangelho de Cristo.

8 Mas ainda quando nós mesmos, ou um Anjo do Céu vos anuncie um Evangelho diferente do que nós vos temos anunciado, seja anátema. (3)

9 Assim como já vo-lo dissemos, agora de novo também vo-lo digo: Se algum vos anunciar um Evangelho diferente daquele que recebestes seja anátema.

10 Por que enfim desejo eu por acaso ser agora aprovado dos homens, ou de Deus? Ou é aos homens que eu pretendo agradar? Se agradasse ainda aos homens, não seria servo de Cristo.

11. Porque vos faço saber, irmãos, que o Evangelho, que por mim vos tem sido pregado, não é segundo o homem:

(2) **OUTRO EVANGELHO** — S. Paulo refere-se ao Evangelho que pregavam os falsos doutores. Era no fundo o de Jesus Cristo, ao qual juntavam a prática de mosaísmo.

(3) **SEJA ANÁTEMA** — Isto é, como já outras vezes explicamos, seja maldito e execrável: Que isso significa o nome grego anátema, que os Setenta Intérpretes substituem ao hebreu Herma, e que a igreja adotou da Escritura nos seus Cânones, para significar, como aqui significa S. Paulo, que um tal merece ser excomungado, isto é separado do corpo dos Fieis, e condenado a penas eternas. — **Pereira.**

Epístola de S. Paulo aos Gálatas 1, 12-21

12 Porque eu não o recebi, nem aprendi de homem algum, mas sim por revelação de Jesus Cristo.

13 Porque vós ouvistes dizer de que modo eu vivi noutro tempo no Judaísmo: Com que excesso perseguia a igreja de Deus, e a devastava,

14 e aproveitava no Judaísmo mais do que muitos coetâneos meus da minha Nação, sendo em extremo zeloso das tradições de meus pais.

15 Mas quando aprouve àquele que me destinou desde o ventre da minha mãe, e me chamou pela sua graça,

16 o revelar seu Filho por mim, para que eu o pregasse entre a gente: Desde aquêlo ponto não me acomodei à carne, nem ao sangue. (4)

17 Nem vim a Jerusalém aos que eram Apóstolos antes de mim, mas parti para a Arábia, e voltei outra vez a Damasco.

18 Dali, no fim de três anos, vim a Jerusalém por ver a Pedro, e fiquei com êle quinze dias.

19 E dos outros Apóstolos não vi a nenhum, senão a Tiago, irmão do Senhor.

20 E nisto que vos escrevo, vos digo diante de Deus que não minto.

21 Ao depois fui para as partes da Síria, e da Cilícia.

(4) **DESDE AQUELE PONTO** — Obedeci à vocação de Deus, sem consultar sobre isso a nenhum homem porque estava assegurado que era de Deus. O Texto Grego: Não comuniquel, não consultei com nenhum homem, S. Jerônimo entende carne et sanguini do homem carnal. — **Pereira.**

Epístola de S. Paulo aos Gálatas 1, 22-24; 2, 1-3

22 E as Igrejas da Judéia, que criam em Cristo, nem ainda de vista me conheciam.

23 Mas sòmente tinham ouvido dizer: Aquêlê porém que antes nos perseguia, agora prega aquela Fé que noutro tempo combatia.

24 E davam glória a Deus a respeito de mim.

CAPÍTULO 2

CATORZE ANOS DEPOIS DA SUA CONVERSÃO, CONFERE PAULO A SUA DOUTRINA COM OS APÓSTOLOS. ÊLES LHE NÃO PRESCREVEM NADA, NEM O OBRIGAM A OBSERVAR A LEI DE MOISÉS. ANTES DANDO-LHE A MÃO, O ASSOCIAM CONSIGO. PAULO CARA A CARA RESISTE A PEDRO. NÃO É A LEI A QUE JUSTIFICA, MAS SIM A GRAÇA DE JESUS CRISTO. O QUE É BATIZADO, ESTÁ MORTO PARA A LEI. SE A LEI JUSTIFICASSE, SERIA EM VÃO A MORTE DE JESUS CRISTO.

1 Catorze anos depois, subi dali outra vez a Jerusalém com Barnabé, levando também comigo a Tito.

2 E subi em consequência duma revelação: Comuniquei com êles o Evangelho, que prego entre os gentios, e particularmente com aqueles que pareciam ser de maior consideração: Por temor de não correr em vão, ou de haver corrido: (1)

3 Mas nem ainda Tito, que estava comigo, sendo gentio, foi compelido a que se circuncidasse.

(1) **POR TEMOR** — Isto é, a fim de não ver malogrado o fruto do que eu esperava fazer, ou vinha já feito na carreira do meu ministério. No verso 6, adverte S. Paulo, que da conferencia que tivera com o Colégio Apostólico, não aprendera êle verdade alguma, que já antes lhe não tivesse sido revelada por Deus. O

4 .Nem ainda pelos falsos irmãos, que se intrometeram a esquadriñar a nossa liberdade, que temos em Jesus Cristo, para nos reduzirem à servidão.

5 Aos quais nem só uma hora quisemos estar em sujeição, para que permaneça entre vós a verdade do Evangelho.

6 Mas quanto àquêles que pareciam ser mais consideráveis (quais tenham sido noutro tempo, nada me toca. Deus não aceita a aparência do homem) a mim certamente, os que pareciam ser alguma coisa, nada me comunicaram.

7 Antes, pelo contrário, tendo visto que me havia sido encomendado o Evangelho da incircuncisão, como também a Pedro o da circuncisão: (2) .

8 (Porque o que obrou em Pedro para o Apostolado da circuncisão, também obrou em mim para com as gentes).

9 E como Tiago, e Cefas, e João, que pareciam ser as colunas, conheceram a graça que se me havia dado, deram as destros a mim, e a Barnabé, em sinal de companhia: Para que nós fôssemos aos gentios, e êles à circuncisão: (3)

fim pois desta conferência não foi para ser ensinado mas sim para tapar a bôca a seus Adversários, para êstes depois de verem provada publicamente pelo Sagrado Colégio a sua doutrina, não poderem espalhar que ela não era segura, nem verdadeira.

(2) **ANTES, PELO CONTRÁRIO** — Pelo contrário, do que queriam, e pretendiam os falsos irmãos, de que Corinto era cabeça, como nos informa Santo Epifânio. — **Pereira.**

(3) **CEFAS** — É S. Pedro.

Epístola de S. Paulo aos Gálatas 2, 10-13

10 Recomendando somente que nos lembrássemos dos pobres, isto mesmo é-o que eu também procurei executar com cuidado.

11 Ora tendo vindo Cefas a Antioquia: Eu lhe resisti na cara, porque era repreensível. (4)

12 Porque antes que chegassem os que vinham de estar com Tiago, comia êle com os gentios: Mas depois que êles chegaram, subtraía-se, e separava-se dos gentios, temendo ofender aos que eram circuncidados.

13 E os outros judeus consentiram na sua dissimulação, de sorte que ainda Barnabé foi induzido por êles àquela simulação.

(4) **EU LHE RESISTI NA-CARA** — É notório pelas Cartas de S. Jerônimo e de Santo Agostinho a controvérsia, que houve entre êstes dois grandes doutores, sobre a intelligência dêste texto, e dêste fato de S. Paulo com S. Pedro. Porque S. Jerônimo no comentar a êste lugar tinha escrito, que a repreensão, que S. Paulo dera a S. Pedro, fôra só por economia, e na aparência, e não que julgasse que S. Pedro verdadeiramente pecava, e era repreensível no que fazia, subtraindo-se a comer com os gentios. Pelo contrário, Santo Agostinho qualificou de falsa, e de perigosa esta interpretação: Observando judiciosamente, que se depois de S. Paulo escrever em termos expressos, que S. Pedro era repreensível, e que não andava direito com o Evangelho, era permitido cuidar, e escrever, que tudo fôra só na aparência, e não na realidade, vacilava tôda a verdade das Escrituras santas, e de todo o crédito dos Sagrados Apóstolos. Convencido das razões de Santo Agostinho, que escorava também o seu sentimento na autoridade do grande Santo Bispo, e Mártir Cipriano, retratou S. Jerônimo à primeira opinião, como é manifesto pelo seu diálogo contra os Pelagianos, e pela sua Apologia contra Rufino. E todos, ou quase todos os que depois escreveram entre os Latinos, seguiram a Santo Agostinho, entre êles S. Gregório Magno nos seus Morais, e Homilias, Santo Agapito, também Sumo pontífice, na carta ao imperador Justino, e Santo Tomás no seu comentário a esta Epístola aos Gálatas. Deve-se advertir por último, como adverte Êstio: Que a culpa re-preendida por S. Paulo não esteve precisamente na simulação de que usou S. Pedro, pois dela usou também S. Paulo, quando cir-

14 Mas quando eu vi que não andavam directamente segundo a verdade do Evangelho, disse a Cefas diante de todos: Se tu, sendo judeu, vives como os gentios, e não como os judeus: Por que obrigas tu os gentios a judaizar?

15 Nós somos judeus por natureza, e não pecadores dentre os gentios.

16 Mas como sabemos que o homem não se justifica pelas obras da lei, senão pela fé de Jesus Cristo: Por isso também nós cremos em Jesus Cristo, para sermos justificados pela fé de Cristo, e não pelas obras da lei: Porquanto pelas obras da lei não será justificada toda a carne. (5)

cuncidou a Timóteo, e quando se tosquiou à Nazarena por cumprir o seu voto. Mas esteve em usar da simulação, quando e onde não devia usar dela: porque subtraindo-se de comer com os gentios, dava a estes ocasião de apostatarem da fé, ofendidos de S. Pedro os evitar como gente imunda. Concluo com a reflexão de Santo Agostinho, comparando a humildade de um Apóstolo com a fortaleza de outro: Muito mais admirável, e muito mais digno de louvor é em Pedro, receber de boamente a repreensão de Paulo, do que repreender Paulo com tanta liberdade o extravio de Pedro. *Multo mirabilis est, et laudabilis libenter accipere corrigentem, quem andacter corrigere deviantem.* Bacuez explica: Isto somente significa que a doutrina de S. Pedro dava ocasião a interpretações prejudiciais, e isto servia para que este desse uma grande lição de humildade.

(5) **MAS COMO SABEMOS QUE O HOMEM** — A primeira habilitação indispensável para se justificar o homem, é a fé no Mediador entre Deus e os homens, que é Jesus Cristo Deus e homem. Sem esta fé ninguém se salva, ninguém se justifica. As mesmas obras da lei mosaica, ou da lei natural, sendo destituídas daquela fé, e não as fecundando por meio da fé o sangue do Redentor, são totalmente estéréis em ordem à justificação e salvação. Este é o assunto principal desta Epístola aos Gálatas.

Epístola de S. Paulo aos Gálatas 2, 17-21; 3, 1

17 Pois se nós que procuramos ser justificados em Cristo somos também achados pecadores, é porventura Cristo ministro do pecado? Certo que não. (6)

18 Porque se eu torno a edificar o que destruí, faço-me prevaricador.

19 Porque eu estou morto à Lei pela mesma Lei, para viver para Deus, estou encravado com Cristo na Cruz. (7)

20 E vivo, por melhor dizer, não sou eu já o que vivo: Mas Cristo é que vive em mim. E se eu vivo agora em carne: Vivo na fé do Filho de Deus, que me amou, e se entregou à si mesmo por mim.

21 Eu não rejeito a graça de Deus. Porque se a justiça é pela Lei, segue-se que morreu Cristo em vão.

CAPÍTULO 3

O ESPÍRITO SANTO NÃO FOI DADO PELA LEI, MAS PELO EVANGELHO. É UMA LOUCURA ACABAR PELA CARNE, TENDO COMEÇADO PELO ESPÍRITO. ABRAÃO FOI JUSTIFICADO PELA FÉ, E ASSIM O SERÃO SEUS FILHOS. O QUE ESTÁ DEBAIXO DA LEI, ESTÁ DEBAIXO DA MALDIÇÃO. JESUS CRISTO FEZ-SE POR NÓS MALDIÇÃO. AS PROMESSAS FEITAS A ABRAÃO CUMPRIRAM-SE PELA FÉ. A LEI SERVIU DE FREIO E DE MONITOR.

1 O' insensatos Gálatas, quem vos fascinou para não obedêrdes à verdade, vós ante cujos olhos foi já re-

(6) **SOMOS TAMBÉM ACHADOS PECADORES** — Isto é, se somos ainda reputados pecadores pelos que judaizam e põem a sua justificação nas obras da lei Mosalca. — **Éstio.**

(7) **PORQUE EU ESTOU MORTO A LEI, PELA MESMA LEI** — Estar morto à Lei pela mesma Lei, é estar desobrigado da Lei, pelo mesmo que ela ensina, entendida espiritualmente: Que é, que tendo vindo ao mundo o figurado pela Lei, que é Jesus Cristo, deve cessar a mesma Lei, como figura que é dêle. — **Éstio.**

presentado Jesus Cristo, como crucificado entre vós mesmos?

2 Só quero saber isto de vós: Tendes recebido o Espírito pelas obras da Lei, ou pela fé que ouvistes?

3 Sois vós tão faltos de juízo, que depois de terdes começado pelo Espírito, acabeis agora pela carne?

4 Será debalde que vós tenhais padecido tantos trabalhos? Se é que todavia foram debalde. (1)

5 Aquêlo pois que vos dá o seu Espírito, e que obra milagres entre vós, acaso fá-lo êle pelas obras da Lei, ou pela fé, que vós ouvistes pregar?

6 Assim como está escrito, Abraão creu a Deus, e lhe foi imputado a justiça.

7 Reconhecei pois que os que são da fé, êsses tais são filhos de Abraão.

8 Mas vendo antes a Escritura, que Deus pela fé justifica as gentes, anunciou primeiro a Abraão: Em ti serão pois benditas tôdas as gentes.

9 Assim os que são da fé, serão benditos com o fiel Abraão.

10 Porque todos os que são das obras da Lei, estão debaixo da maldição. Porque escrito está: Maldito todo o que não permanecer em tôdas as coisas, que estão escritas no Livro da lei, para fazê-las.

(1) **SE É QUE TODAVIA FORAM DEBALDE** — Este lugar mostra o que ensinam os Teólogos, que as boas obras, seguindo-se pecado grave, morrem e se fazem infrutuosas: E que as mesmas, arrependendo-se o pecador, tornam a reviver e aproveitam. Pode o pecador dar quantas esmolas, fazer quanto de bem quizer, que o estado de pecador é obstáculo a que essas obras lhe aproveitem.

Epístola de S. Paulo aos Gálatas 3, 11-19

11 E é claro que pela lei nenhum é justificado diante de Deus: Porque o justo vive da fé.

12 Ora a lei não é da fé, mas diz: O que observar estes preceitos, achará neles vida.

13 Cristo nos remiu da maldição da lei, feito êle mesmo maldição por nós: Porque está escrito: Maldito toda aquele que é pendurado no lenho:

14 Para que a bênção de Abraão fôsse comunicada aos gentios em Jesus Cristo, a fim de que pela fé recebamos a promessa do espírito.

15 Irmãos (falo como homem) ainda que um testamento seja de um homem, contudo, sendo confirmado, ninguém o reprova, nem lhe acrescenta coisa alguma.

16 As promessas foram ditas a Abraão, e à sua semente. Não diz: E as sementes, como de muitos: Senão como de um: E à tua semente, que é Cristo.

17 Mas digo isto, que o testamento foi confirmado por Deus: A Lei que foi feita quatrocentos e trinta anos depois, não o faz nulo para abrogar a promessa.

18 Porque se da lei é que vem a herança, logo não vem ela já da promessa. Ora, pela promessa é que Deus deu a esperança a Abraão.

19 Para que é logo a lei? Por causa das transgressões foi posta, até que viesse a semente, a quem havia feito a promessa, ordenada por Anjos, na mão de um mediador. (2)

(2) **POR CAUSA DAS TRANSGRESSÕES FOI POSTA** — Enquanto foi posta, ou para as cobrir com o terror das penas amea-

Epístola de S. Paulo aos Gálatas 3, 20-26

20 O mediador porém não é de um só: E Deus é só um. (3)

21 Logo a lei é contra as promessas de Deus? De nenhuma sorte. Porque se a lei, que foi dada, pudesse vivificar, a justiça na verdade seria pela lei.

22 Mas a Escritura tôdas as coisas encerrou debaixo do pecado, para que a promessa fosse dada aos crentes, pela fé em Jesus Cristo.

23 Ora, antes que a fé viesse, estávamos debaixo da guarda da lei, encerrados para aquela fé que havia de ser revelada.

24 Assim que a lei nos serviu de pedagogo, que nos conduziu a Cristo, para sermos justificados pela fé.

25 Mas depois que veio a fé, já não estamos debaixo de pedagogo.

26 Porque todos vós sois filhos de Deus pela fé, que é em Jesus Cristo.

çadas, como explicam S. Jerônimo e S. João Crisóstomo, ou para as manifestar e aumentar, como entende Santo Agostinho.

NA MÃO DE UM MEDIADOR — Uns o expõem assim: Na mão, isto é, pelo poder e direção do mediador, que eles entendem ser Jesus Cristo, que dêste modo preparava o povo Israelítico para a sua vinda. Dêste sentimento é Santo Agostinho, que o prossegue largamente. Outros assim: Na mão do mediador, isto é, intervindo o mediador, qual eles crêem chamar-se aqui Moisés. A êste segundo se inclina mais Êstio.

(3) **NÃO É DE UM SÓ** — Mas de muitos, ou ao menos de dois: Porque isso significa mediador, o que se põe no meio dos extremos. E assim falando de Jesus Cristo, diz o Apóstolo escrevendo a Timóteo, que êle é o mediador entre Deus e os homens. E falando de si, disse Moisés ao povo, depois de promulgar a lei: Eis aqui fui eu o mediador entre Deus e vós. — Êstio.

Epístola de S. Paulo aos Gálatas 3, 27-29; 4, 1-6

27 Porque todos os que fostes batizados em Cristo, revestistes-vos de Cristo.

28 Não há judeu, nem grego: Não há servo, nem livre: Não há macho, nem fêmea. Porque todos vós sois um em Jesus Cristo.

29 E se vós sois de Cristo: Logo sois vós a semente de Abraão, os herdeiros segundo a promessa.

CAPÍTULO 4

OS JUDEUS DEBAIXO DA LEI SÃO COMO OS PUPILOS DEBAIXO DO TUTOR. OS GÁLATAS GUARDANDO A LEI TORNAM-SE ESCRAVOS. OS ESCRAVOS NÃO SÃO HERDEIROS. A FIGURA DE SARA E DE AGAR. JESUS CRISTO NOS FEZ LIVRES.

1 Digo pois: Que quanto tempo o herdeiro é menino, em nada difere do servo, ainda que seja senhor de tudo.

2 Mas está debaixo dos tutores, e curadores, até o tempo determinado por seu pai:

3 Assim também nós quando éramos meninos, servíamos debaixo dos rudimentos do mundo.

4 Mas quando veio o cumprimento do tempo, enviou Deus a seu Filho, feito de mulher, feito sujeito à lei.

5 A fim de remir aquêles que estavam debaixo da lei, para que recebessemos adoção de filhos.

6 E porque vós sois filhos, mandou Deus aos vossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Pai, Pai.

7 E assim já não é servo, mas filho. E se é filho: Também é herdeiro por Deus. (1)

8 Mas então que certamente não conheciéis a Deus, serviéis aos que por natureza não são deuses.

9 Porém agora tendo vós conhecido a Deus, ou para melhor dizer, sendo conhecidos de Deus: Como tornais outra vez aos rudimentos fracos, e pobres, aos quais quereis de novo servir?

10 Observais os dias, e os meses, e os tempos, e os anos.

11 Temo-me de vós, não tenha sido talvez baldado o trabalho que tive convosco.

12 Sêde como eu, porque também eu sou como vós, o que vos peço, irmãos: Vós nunca me ofendestes.

13 E sabeis que ao princípio vos preguei o Evangelho com enfermidade da carne: E sendo eu a vossa tentação na minha carne, (2)

14 vós me não desprezastes, nem rejeitastes: Antes me recebestes como a um Anjo de Deus, como a Jesus Cristo.

15 Onde está logo a vossa bem-aventurança? Porque vos dou testemunho, que, se pudesse ser, vos arrancariéis os olhos, e mos houvereis dado.

(1) **TAMBÉM É HERDEIRO** — O grego tem: Herdeiro de Deus por Cristo, e isto seguiram os de Mons, Sacy e Huré.

(2) **E SENDO EU A VOSSA TENTACÃO** — Sendo eu, pelas afrontas que sofri, e males que me oprimiam, um objeto que vos podia servir de tentação para desprezardes o Evangelho que vos pregava tanto, não fui de vós ultrajado, que antes me vi respeitado e honrado como se fôra um anjo, ou mesmo Cristo em pessoa.

Epístola de S. Paulo aos Gálatas 4, 16-25

16 Tornei-me eu logo vosso inimigo, porque vos disse a verdade?

17 Êles vos zelam, não retamente: Mas querem-vos separar, para que os sigais a êles: (3)

18 Sêde pois zelosos do bem em bem sempre: E não só quando eu estou presente convosco.

19 Filhinhos meus, por quem eu de novo sinto as dores do parto, até que Jesus Cristo se forme em vós.

20 Eu porém quisera agora estar convosco, e mudar de palavras: Porque me vejo em tormento, sôbre como vos hei-de falar.

21 Dizei-me-vós, os que quereis estar debaixo da Lei, não tendes lido a Lei?

22 Porque está escrito: Que Abraão teve dois filhos, um de mulher escrava, e outro de mulher livre.

23 Mas o que nasceu da escrava, nasceu segundo a carne: E o que nasceu da livre, nasceu por promessa:

24 As quais coisas foram ditas por alegoria. Porque êstes são os dois Testamentos. Um certamente no monte Sinai, que gera para servidão; êste é figurado em Agar.

25 Porque Sinai é um monte da Arábia, que representa a Jerusalém, que é cá debaixo, e que é escrava com seus filhos. (4)

(3) **ELES VOS ZELAM** — Eles, isto é, os falsos Apóstolos, que vos persuadem ser necessária a observância da Lei de Moisés.

(4) **E QUE É ESCRAVA COM SEUS FILHOS** — Isto diz o Apóstolo, aludindo a que ainda estava em Jerusalém terrena observando a lei mosaica, mostrando-se nisso escrava da mesma lei.

Epístola de S. Paulo aos Gálatas 4, 26-31; 5, 1-2

26 Mas aquela Jerusalém, que é lá de cima, é livre, a qual é nossa mãe.

27 Porque escrito está: Alegra-te, ó estéril, que não pares: Esforça-te, e dá vozes, tu que não estás de parto: Porque são muitos mais os filhos da desolada, que daquela que tem marido.

28 E nós, irmãos, somos filhos da promessa segundo Isaac.

29 Mas como então aquêlê, que havia nascido segundo a carne, perseguia ao que era segundo o espírito: Assim também agora.

30 Mas o que diz a Escritura? Lança fora a escrava e a seu filho: Porque o filho da escrava não será herdeiro com o filho da livre.

31 E assim, irmãos, não somos filhos da escrava, senão da livre: Com cuja liberdade Cristo nos fêz livres.

CAPÍTULO 5

OS QUE SÃO LIVRES, NÃO SE DEVEM TORNAR ESCRAVOS. JESUS CRISTO NÃO SERVE DE NADA AOS QUE SE CIRCUNCIDAM. A CIRCUNCISÃO OBRIGA A TÔDA A LEI. A ESPERANÇA FUNDA-SE NO ESPÍRITO E NÃO NA LETRA. SÓ A FÉ VIVA É A QUE NOS SALVA. O FERMENTO DOS FALSOS DOUTORES É PARA SE TEMER. DEUS OS HÁ-DE CONDENAR. A LIBERDADE NÃO DEVE FAVORECER A CARNE. TÔDA A LEI CONSISTE NO AMOR. O ESPÍRITO VENCE A CARNE. QUAIS SEJAM OS VÍCIOS CARNAIS. QUAIS OS FRUTOS DO ESPÍRITO.

1 Tende-vos firmes, e não vos coloqueis outra vez sob o jugo da escravidão.

2 Olhai que eu Paulo vos digo: Que se vos fazeis circuncidar, Cristo vos não aproveitará nada.

Epístola de S. Paulo aos Gálatas 5, 3-11

3 E de novo protesto a todo o homem que se circuncida, que está obrigado a guardar toda a lei.

4 Vazios estais de Cristo os que vos justificais pela lei: Decaistes da graça.

5 Porque nós aguardamos pelo Espírito a esperança da justiça pela fé.

6 Porque em Jesus Cristo nem a circuncisão vale alguma coisa, nem a incircuncisão: Mas sim a fé, que obra por caridade.

7 Vós corrieis bem: Quem vos impediu que não obedecesseis à verdade?

8 Esta persuasão não vem daquele que vos chamou.

9 Um pouco de fermento altera toda a massa.

10 Eu confio de vós no Senhor, que não tereis outros sentimentos: Mas o que vos inquieta, quem quer que ele seja, levará sobre si a condenação. (1)

11 E quanto a mim, irmãos, se eu ainda prego a circuncisão: A que fim padeço eu ainda perseguição? Logo está tirado o escândalo da Cruz. (2)

(1) **QUE NÃO TEREIS OUTROS SENTIMENTOS.** — Entende-se, que os que eu tenho.

(2) **A QUE FIM PADEÇO EU AINDA PERSEGUIÇÃO?** — Os falsos Apóstolos, para mais facilmente persuadirem aos gálatas a circuncisão, diziam-lhes que o mesmo Paulo a pregava, e observava ainda. Desfaz o Apóstolo esta calúnia, mostrando que se assim fôra, não padeceria ele tanto dos judeus, nem eles se escandalizariam tanto da Cruz de Jesus Cristo.

12 Oxalá que também foram cortados os que vos inquietam. (3)

13 Porque vós, irmãos, haveis sido chamados à liberdade: Cuidai só em que não deis a liberdade por ocasião da carne, mas servi-vos uns aos outros pela caridade do Espírito.

14 Porque toda a lei se encerra neste só preceito: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo.

15 Se vós porém vos mordeis, e vos devorais uns aos outros: Vêde não vos consumais uns aos outros.

16 Digo-vos pois: Andai segundo o espírito e não cumprireis os desejos da carne.

17 Porque a carne deseja contra o espírito: E o espírito contra a carne: Porque estas coisas são contrárias entre si: Para que não façais todas aquelas coisas que quereis.

(3) **OXALÁ QUE TAMBÉM FORAM CORTADOS** — Todos os padres gregos, e latinos, como advertem, Êstio e Amelote, entendem este "corte" do "corte", que deixasse castrados aos que aconselhavam aos gálatas a circuncisão. E este é o sentido, que nas suas versões exprimem os de Mons, Sacy e Huré, dizendo assim: *Plut a Dieu, que ceux qui vous troublent, fussent non seulement circoncis, mais plus que circoncis.* A diferença que há entre os padres, é que Santo Agostinho, e com elle Santo Tomás, querem que as palavras do Apóstolo se tomem não em tom de imprecação mas de depreciação, entendendo-as não da castração corporal, mas da espiritual, qual é a de que fala Cristo no Evangelho, quando diz: Que alguns se fizeram eunucos pelo reino dos Céus. Porém, como no desejo que o Apóstolo mostrava de que fossem "cortados" os falsos doutores, e entendem alguns doutos e pios modernos do desejo, de que aqueles homens fossem cortados do corpo dos fiéis por meio da excomunhão, que é o que Êstio tem por mais provável: Por esta razão preferi neste texto a versão de Amelote e Mesengui à de Mons, Sacy e Huré, por dar lugar (como também de si o confessa Amelote) a ambas as intelligências.

— Pereira.

Epístola de S. Paulo aos Gálatas 5, 18-26

18 Se vós porém sois guiados pelo espírito, não estais debaixo da lei. (4)

19 Mas as obras da carne estão patentes: Como são a fornicção, a impureza, a desonestidade, a luxúria,

20 a idolatria, os envenenamentos, as inimizades, as contendas, os zelos, as iras, as brigas, as discórdias, as seitas,

21 as invejas, os homicídios, as bebedices, as devassidões, e outras coisas semelhantes, das quais eu vos declaro, como já vos disse, que os que tais coisas cometem, não possuirão o reino de Deus.

22 Mas o fruto do espírito é: A caridade, o gozo, a paz, a paciência, a benignidade, a bondade, e a longanimidade,

23 a mansidão, a fidelidade, a modéstia, a continência, a castidade. Contra estas coisas não há lei.

24 E os que são de Cristo, crucificaram a sua própria carne com os seus vícios e concupiscências.

25 Se nós vivemos pelo espírito, conduzamo-nos também pelo espírito.

26 Não nos façamos cobiçosos da vanglória, provocando-nos uns aos outros, tendo inveja uns dos outros.

(4) **NÃO ESTAIS DEBAIXO DA LEI** — Isto é, não olhais para a lei com temor, como para um severo amo: E não é este temor o que vos faz fugir o pecado, mas é o amor o que vo-lo faz fugir. Por isso diz noutra parte o Apóstolo: "A lei não foi posta ao justo:" porque elle de si mesmo previne o preceito.

CAPÍTULO 6

DEVEM-SE ADVERTIR OS QUE PECAM; SOFREREM-SE UNS AOS OUTROS; NÃO SE ESTIMAR UM A SI MESMO. CADA UM HÁ DE RECOLHER, CONFORME TIVER SEMEADO. PAULO SE NÃO GLORIA SENÃO EM JESUS CRISTO CRUCIFICADO. A GRAÇA NÃO CONSISTE NEM NA CIRCUNCISÃO, NEM NA INCIRCUNCISÃO.

1 Irmãos, se algum como homem fôr surpreendido ainda em algum delito, vós outros, que sois espirituais, admoestai ao tal com espírito de mansidão: Tu considera-te a ti mesmo, não sejas também tentado. (1)

2 Levai as cargas uns dos outros, e desta maneira cumprireis a Lei de Cristo.

3 Porque se algum tem para si que é alguma coisa não sendo nada, êle mesmo a si se engana.

4 Mas prove cada um a sua obra, e então terá glória em si mesmo sòmente, e não em outro. (2)

5 Porque cada um levará a sua carga.

6 E o que é catequizado na palavra, reparta de todos os bens com o que o doutrina.

7 Não queirais errar, de Deus não se zomba.

(1) **TU CONSIDERA-TE A TI MESMO** — Nada modera tanto a severidade de quem corrige, como o temor da queda própria. — Santo Tomás.

NAO SEJAS TAMBEM TENTADO — Pôs o Apóstolo a causa pelo efeto: a tentação pela queda. Porque o sentido é: Não calas tu também na tentação, segundo o que noutra parte diz o mesmo Apóstolo: O que está firme, veja não caia.

(2) **E ENTÃO TERÁ GLÓRIA EM SI MESMO** — Isto é, no que achar de bom em si mesmo, e não em outro, isto é, e não comparando-se com outro. — Sacy.

Epístola de S. Paulo aos Gálatas 6, 8-18

8 Porque aquilo que semear o homem, isso também segará. Porquanto o que semeia na sua carne, da carne também segará corrupção: Mas o que semeia no espírito, do espírito segará a vida eterna.

9 Não nos cansemos pois de fazer bem: Porque a seu tempo segaremos, não desfalecendo.

10 Logo, enquanto temos tempo, façamos bem a todos, mas principalmente aos domésticos da fé.

11 Vêde que carta vos escrevi de minha própria mão.

12 Porque todos os que querem agradar na carne, êstes vos obrigam a que vós circuncideis, só por não padecerem êles a perseguição da Cruz de Cristo.

13 Porque êsses mesmos, que se circuncidam, não guardam a Lei: Mas querem que vós vos circuncideis, para se gloriarem na vossa carne.

14 Mas nunca Deus permita que eu me glorie, senão na Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo: Por quem o mundo está crucificado para mim, e eu crucificado para o mundo.

15 Porque em Jesus Cristo nem a circuncisão, nem a incircuncisão valem nada, mas o ser uma nova criatura.

16 E a todos os que seguirem esta regra, paz, e misericórdia sôbre êles, e sôbre o Israel de Deus. (3)

17 Quanto ao mais ninguém me seja molesto: Porque eu trago no meu corpo as marcas do Senhor Jesus.

18 A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, irmãos, assista no vosso espírito. Amém.

(3) **E SÔBRE O ISRAEL DE DEUS** — Isto acrescenta o Apóstolo, por não parecer que exclui da salvação todos os judeus. — Êstio.

EPÍSTOLA
DE
S. PAULO AOS EFÉSIOS

INTRODUÇÃO

Objeto. — Éfeso, metrópole da Ásia proconsular, era célebre pelo seu comércio, pela sua opulência, e sobretudo pelo seu celeberrimo templo de Diana, uma das sete maravilhas do mundo. S. Paulo chegou até aí, pregou, recolheu bom fruto do seu apostolado, e fundou aí uma florescente cristandade. Nesta Epístola o grande Apóstolo dirige-se aos seus súditos e procura-os penetrar do grande amor que deviam ter a Jesus Cristo, deixando os enganos fantasiosos da mentira, os ardis da gentildade, as subtilidades dos gnósticos.

Tempo e local desta Epístola. — Segundo a opinião geral, S. Paulo escreveu esta Epístola em Roma, no ano 62. Foi S. Epafros, bispo de Colosso, quem lhe trouxe as notícias de Éfeso, e lhe anunciou os perigos a que estava sujeita aquela cristandade por causa dos erros que os falsos doutores iam sutilmente introduzindo.

Autenticidade. — Os católicos aceitam sempre a autenticidade desta Epístola. S. Inácio, mártir, dá testemu-

Epístola de S. Paulo aos Efésios

nho que os Efésios receberam uma epístola de S. Paulo. S. Irineu, originário da Ásia Menor como S. Inácio, cita esta epístola com a mesma inscrição; todos os outros Padres afirmam, com Tertuliano e com S. Epifânio, que esta epístola no Cânon dos Livros Sagrados ocupa o quinto lugar entre as Epístolas de S. Paulo.

Marcião, em seu *Apostolicon*, dava a esta Epístola o título de *Epístola ad Laodiceos*. *Epístola, quam nos ad Ephesios praescriptam habemus, haeretici vero ad Laodiceos*. Tert. adv. Marc. 7.

Divisão. — A Epístola tem duas partes. Na *primeira*, o Apóstolo põe em relêvo a grandeza da obra de Jesus 1-2, 11, todos os povos e todos os indivíduos foram pelo Redentor chamados à adoção divina, e a Igreja instituída para os reunir a todos em seu seio 2, 12-3, 21.

Na *segunda*, traça aos cristãos a sua regra de conduta, dá-lhes conselhos gerais 4-5, 21, e particulares 5, 22-6, para os diversos estados da vida cristã.

O estilo é, às vezes, obscuro, mas as idéias são profundas e os pensamentos sublimes.

EPÍSTOLA
DE
S. PAULO AOS EFÉSIOS

CAPÍTULO 1

LOUVA PAULO A DEUS PELAS GRAÇAS QUE NOS FEZ POR SEU FILHO, EM NOS PREDESTINAR PARA GLÓRIA SUA, EM NOS ENCHER DE SABEDORIA, EM NOS REVELAR QUE POR JESUS CRISTO RESTAUROU ÊLE TÓDAS AS COISAS NO CÉU E NA TERRA, QUE NO ESPÍRITO SANTO NOS FOI DADO UM PENHOR DA HERANÇA QUE ESPERAMOS. A GRANDEZA DO PODER DE DEUS MOSTRADA NA CONVERSÃO DOS EFÉSIOS, E NA RESSURREIÇÃO DE JESUS CRISTO. ÊLE É SOBRE TODOS OS ANJOS DO CÉU E É CABEÇA DE TÔDA A IGREJA.

1 Paulo, Apóstolo de Jesus Cristo por vontade de Deus, a todos os Santos que há em Êfeso, e fieis em Jesus Cristo.

2 Graça seja a vós outros, e paz da parte de Deus nosso Pai, e da do Senhor Jesus Cristo.

3 Bendito o Deus, e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com tôda a bênção espiritual em bens celestiais em Cristo.

Epístola de S. Paulo aos Efésios 1, 4-13

4 Assim como nos elegeu nele mesmo antes do estabelecimento do mundo, pelo amor que nos teve, para sermos Santos e imaculados diante de seus olhos.

5 O qual nos predestinou para sermos seus filhos adotivos por Jesus Cristo em crédito de si mesmo: Por um puro efeito da sua benevolência.

6 Em louvor, e glória da sua graça, pela qual nele nos fêz agradáveis a si em seu amado Filho.

7 No qual nós temos a redenção pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo as riquezas da sua graça.

8 A qual êle derramou em abundância sobre nós, enchendo-nos de toda a sabedoria, e de prudência:

9 A fim de nos fazer conhecer o segredo da sua vontade, seguindo o seu beneplácito que havia proposto em si mesmo.

10 Para restaurar em Cristo todas as coisas na dispensação do cumprimento dos tempos, assim as que há no Céu, como as que há na terra, nele mesmo: (1)

11 Nele é também que a herança nos caiu como por sorte, sendo predestinados pelo decreto daquele que obra todas as coisas segundo o conselho da sua vontade:

12 Para que sejamos o motivo do louvor da sua glória, nós que antes havíamos esperado em Cristo:

13 No qual também vós esperastes, quando ouvistes a palavra da verdade, (o Evangelho da vossa sal-

(1) **NELE MESMO** — É pleonasma hebreu, e significa o mesmo que **in Christo**, isto é, em Cristo.

vação) e havendo crido nele, fostes selados com o Espírito Santo, que fora prometido:

14 O qual é o penhor da nossa herança, para redenção da possessão adquirida, em louvor da glória d'ele mesmo.

15 Por isso eu também, tendo ouvido a fé, que vós tendes no Senhor Jesus, e o amor para com todos os Santos,

16 não cesso de dar graças a Deus por vós, fazendo memória de vós nas minhas orações:

17 Para que o Deus de glória, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, vos dê o espírito de sabedoria, e de luz, para o conhecerdes:

18 Para que êle esclareça os olhos do vosso coração, em ordem a que vós conheçais qual é a esperança a que êle vos chamou, e quais as riquezas e a glória da herança que êle prepara aos Santos.

19 E qual é a suprema grandeza do poder que êle exercita em nós, os que cremos, pela fôrça tôda poderosa da sua operação. (2)

20 A qual efetuou em Cristo ressuscitando-o dos mortos, e pondo-o à sua mão direita no Céu:

21 Sôbre todo o principado, e potestade, e virtude, e dominação, e sôbre todo o nome, que se nomeia, não só neste século, mas ainda no futuro.

(2) **PELA FÔRÇA TÔDA PODEROSA** — Estas duas palavras — **fôrça e poderosa** — são sinônimos reunidos aqui para exprimir o supremo grau do poder divino.

Epístola de S. Paulo aos Efésios 1, 22-23; 2, 1-5

22 E lhe meteu debaixo dos pés tôdas as coisas: E o constituiu a êle mesmo cabeça de tôda a igreja.

23 Que é o seu corpo, e o inteiro complemento da-quele que cumpre tudo em tôdas as coisas.

CAPÍTULO 2

NÓS ESTÁVAMOS MORTOS PELO PECADO. DEUS NOS RES-SUSCITOU, E ELEVOU AO CÉU COM JESUS CRISTO. A SUA GRACA NOS SALVOU PELA FÉ. OS GENTIOS DE INIMIGOS E ESTRANGEIROS QUE ERAM, PASSARAM A SER AMIGOS E CIDADÃOS. ELES COM OS JUDEUS FORMAM UM SÓ POVO. UNS E OUTROS SÃO O EDIFÍCIO FUNDADO SOBRE OS PROFETAS, E SOBRE OS APÓSTOLOS. JESUS CRISTO É A PEDRA ANGULAR QUE OS UNE.

1 E êle é quem vos deu a vida, quando vós estaveis mortos pelos vossos delitos e pecados. (1)

2 Em que noutro tempo andastes segundo o costume dêste mundo, segundo o príncipe das potestades dêste ar, o príncipe daqueles espíritos, que agora exercitam o seu poder sobre os filhos da infidelidade.

3 Entre os quais também vivemos todos nós em outro tempo segundo os desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne, e dos seus pensamentos, e éramos por natureza filhos da ira, como também os outros:

4 Mas Deus, que é rico em misericórdia, pela sua extremada caridade, com que nos amou,

5 ainda quando estávamos mortos pelos pecados nos deu vida juntamente em Cristo (por cuja graça sois salvos).

(1) **E ELE É QUEM VOS DEU A VIDA** — Estas palavras são tomadas do verso 5 e devem-se subentender aqui. — Sacy e Glaire.

6 E com êle nos ressuscitou, e nos fêz assentar nos Céus, com Jesus Cristo:

7 Para mostrar nos séculos futuros as abundantes riquezas da sua graça, pela sua bondade sôbre nós outros em Jesus Cristo.

8 Porque pela graça é que sois salvos mediante a fé, e isto não vem de vós: Porque é um dom de Deus.

9 Não vem das nossas obras, para que ninguém se glorie.

10 Porque somos feitura dêle mesmo, criados em Jesus Cristo para boas obras que Deus preparou, para caminharmos nelas.

11 Pelo que lembrai-vos, que vós noutro tempo fostes gentios em carne, que éreis chamados prepúcio pelos que em carne têm a circuncisão feita por mão dos homens.

12 Que estaveis naquele tempo sem Cristo, separados da comunicação de Israel, e hóspedes dos testamentos, não tendo esperança na promessa, e sem Deus neste mundo.

13 Mas agora por Jesus Cristo, vós, que noutro tempo estáveis longe, vos haveis avizinhado pelo sangue de Cristo.

14 Porque êle é a nossa paz, êle que de dois fêz um, e destruindo na sua própria carne o lanço do muro das inimizades, que os dividia: (2)

(2) **ÊLE, QUE DE DOIS FEZ UM** — Êle, que de dois povos, que eram o judaico e o gentílico, fez um, que é o povo cristão, segundo estava profetizado por Ez 37, 22 e segundo o que Jesus Cristo prometeu que êle havia de fazer, Jo 10, 16.

Epístola de S. Paulo aos Efésios 2, 15-22

15 Abolindo com os seus decretos a lei dos preceitos, para formar em si mesmo os dois em um homem novo, fazendo a paz,

16 e para reconciliá-los com Deus a ambos em um só corpo pela Cruz, matando as inimizades em si mesmo.

17 E vindo evangelizou paz a vós outros, que estáveis longe, e paz àqueles que estavam perto;

18 Porquanto por êle uns e outros temos entrada ao Padre em um Espírito.

19 De maneira que já não sois hóspedes, nem adventícios: Mas sois cidadãos dos Santos e domésticos de Deus:

20 Edificados sôbre o fundamento dos Apóstolos, e dos profetas, sendo o mesmo Jesus Cristo a principal pedra angular.

21 No qual todo o edifício que se levantou, cresce para ser um templo santo no Senhor:

22 No qual vós outros sois também juntamente edificados, para morada de Deus pelo Espírito Santo. (3)

(3) **PELO ESPÍRITO SANTO** — A Vulgata latina, como também o original grego, tem somente, pelo Espírito. Amelote, Sacy e os mais tradutores franceses, incluindo Glaire, ajuntam Santo, porque êste é sem dúvida o que o Apóstolo tinha na mente, e assim o tinha feito também séculos antes a versão Etiópica.

CAPÍTULO 3

PAULO SE DECLARA PRÊSO PELO EVANGELHO. DEUS LHE REVELOU O GRANDE SEGRÊDO, DE QUE OS GENTIOS SE HAVIAM DE UNIR NUM POVO COM OS JUDEUS. E PARA DESCOBRIR ESTE SEGRÊDO, FOI ESCOLHIDO PAULO. OS ANJOS APRENDENDO DA IGREJA. EXORTA PAULO AOS EFÉSIOS A QUE NÃO DESFALEÇAM POR CAUSA DA SUA PRISÃO. PEDE A DEUS QUE OS FORTIFIQUE COM A SUA GRAÇA, E LHES DÊ TODO O CONHECIMENTO DESTES MISTÉRIOS.

1 Por esta causa eu, Paulo, eu sou o prisioneiro de Jesus Cristo por amor de vós outros gentios, (1)

2 se é que ouvistes a dispensação da graça de Deus, que me foi dada para convosco:

3 Posto que por revelação se me tem feito conhecer o Sacramento, como acima escrevi em poucas palavras: (2)

4 Onde pela lição podeis conhecer a inteligência, que tenho no mistério de Cristo:

5 O qual em outras gerações não foi conhecido dos filhos dos homens, assim como agora tem sido revelada aos seus santos Apóstolos, e profetas pelo Espírito. (3)

(1) **EU SOU** — Estas duas palavras intercaladas por Glaire na sua versão, são necessárias para ligar este versículo aos seguintes.

PRISIONEIRO — S. Paulo escreveu esta epístola de Roma, onde se achava prêso por confessar a doutrina cristã.

(2) **COMO ACIMA ESCRIVI EM POUCAS PALAVRAS** — Alude ao que dissera no fim do capítulo precedente.

(3) **ASSIM COMO AGORA** — Não quer dizer o Apóstolo que o mistério da vocação dos gentios, e da união dos judeus com eles num mesmo povo, fôsse absolutamente desconhecido dos antigos patriarcas, e profetas, pois é inegável, que quanto à substância o conheceram Abraão, Davi, Isaías, e outros, com cujos

Epístola de S. Paulo aos Efésios 3, 6-10

6 Que os gentios são co-herdeiros, e incorporados, e juntamente participantes da sua promessa em Jesus Cristo pelo Evangelho:

7 Do qual eu fui feito ministro, segundo o dom da graça de Deus, que me foi comunicada pela sua operação toda-poderosa.

8 A mim, que sou o mínimo de todos os Santos, me foi dada esta graça de anunciar entre os gentios as riquezas incompreensíveis de Cristo. (4)

9 E de manifestar a todos, qual seja a comunicação do Sacramento escondido desde os séculos em Deus, que tudo criou.

10 Para que a multiforme sabedoria de Deus seja patenteada pela Igreja aos principados, e potestades nos Céus. (5)

testemunhos provou o nosso Apóstolo este mesmo assunto na epístola aos romanos. O que pois quer dizer é, que os antigos patriarcas e profetas não conheceram este mistério, como ele agora é revelado aos santos Apóstolos e profetas da lei da graça, isto é, não o conheceram com aquela clareza, com aquela individuação de circunstâncias, com aquela perfeição. De sorte que as palavras de S. Paulo se devem entender comparativa, e não absolutamente. Assim soltam esta dificuldade Caetano, Estio, e outros modernos, seguindo a S. Tomás.

(4) **QUE SOU O MÍNIMO DE TODOS OS SANTOS** — Isto é, o mínimo de todos os fiéis. Humildade rara, e verdadeiramente heróica num homem, que quando isto escrevia aos Efésios, tinha obrado e padecido pelo Evangelho tudo quanto dêle refere S. Lucas nos Atos Apostólicos, e de si o mesmo S. Paulo na segunda aos Coríntios.

(5) **SEJA PATENTEADA PELA** — Todos os Anjos desde o principio da sua confirmação na graça, conheceram o mistério da encarnação quanto à substância; e pelo decurso do tempo foram conhecendo, ao menos alguns dêles, muitas causas pertencentes a Cristo e à Igreja, de sorte que por ministério dos mesmos Anjos as revelava Deus aos Santos Patriarcas e Profetas. Mas

11 Conforme a determinação dos séculos, que êle cumpriu em Jesus Cristo nosso Senhor.

12 No qual temos a segurança, e o chegarmo-nos a êle confiadamente pela sua fé.

13 Pelo que eu vos rogo, que não desfaleçais nas minhas tribulações por vós outros: Pois que elas vos são gloriosas. (6)

14 Por esta causa dobro eu os meus joelhos diante do Pai de nosso Senhor Jesus Cristo.

15 Do qual toda a paternidade toma o nome nos Céus e na terra.

16 Para que, segundo as riquezas da sua glória, vos conceda que sejais corroborados em virtude pelo seu Espírito no homem interior.

17 Para que Cristo habite pela fé nos vossos corações: Arraigados e fundados em caridade.

quanto a certas particularidades e circunstâncias, não conheceram os Anjos este mistério de redenção e salvação dos homens, senão depois que as viram efetivamente executadas na igreja. E isto é o que quer significar o Apóstolo, quando escreve, que pela igreja fez Deus conhecer nos principados, e potestades celestiais, a multiplicadas e diversas operações da sua Sabedoria a respeito do Povo Cristão; pela igreja, isto é, pelo que Deus todos os dias estava nela obrando. Assim Caetano e Estio depois de Santo Tomás.

(6) **POIS QUE ELAS VOS SÃO GLORIOSAS** — São os trabalhos de S. Paulo gloriosos aos Efésios, porque por êles devem os Efésios conhecer quanto Deus os estima, pois que pela salvação dêles permite Deus que não só seu Filho, mas também os seus Apóstolos sejam atribulados. — Estio.

Epístola de S. Paulo aos Efésios 3, 18-21; 4, 1-3

18 Para que possais compreender com todos os Santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade. (7)

19 E conhecer também a caridade de Cristo, que excede todo o entendimento, para que sejais cheios segundo a toda a plenitude de Deus.

20 E àquele, que é poderoso para fazer todas as coisas mais abundantemente do que pedimos, ou entendemos, segundo a virtude que obra em nós outros.

21 A esse glória na Igreja, e em Jesus Cristo por todas as idades do século dos séculos: Amém.

CAPÍTULO 4

EXORTA PAULO AOS EFÉSIOS A UNIDADE DO ESPÍRITO NO VÍNCULO DA PAZ. MOSTRA QUE SÃO VÁRIOS OS DONS DO ESPÍRITO SANTO, E TODOS PARA EDIFICAÇÃO DA IGREJA. ADMOESTA-OS A QUE, DEIXADOS OS VÍCIOS DA GENTILIDADE, SE VISTAM DO HOMEM NOVO.

1 E assim vos rogo eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis como convém à vocação, com que haveis sido chamados.

2 Com toda a humildade e mansidão, com paciência, sofrendo-vos uns aos outros em caridade.

3 Trabalhando cuidadosamente por conservar a unidade de espírito pelo vínculo da paz.

(7) **QUAL SEJA A LARGURA E O COMPRIMENTO** — Em uma palavra: a imensidade do mistério da Encarnação.

4 Sendo um mesmo corpo, e um mesmo espírito, como fostes chamados em uma esperança da vossa vocação.

5 Assim como não há senão um Senhor, uma fé, um batismo,

6 um Deus, e Pai de todos, que é sobre todos, e governa todas as coisas, e reside em todos nós.

7 Ora a cada um de nós foi dada a graça, segundo a medida do dom de Cristo.

8 Pelo que diz: Quando êle subiu ao alto, levou cativo o cativo: Deu dons aos homens. (1)

(1) **LEVOU CATIVO** — O texto latino diz, *captivam duxit captivitatem*: o que tomado à letra soa, **levou cativo o cativo**. Porém já advertiu Êstio, que **cativar o cativo**, é um puro hebraísmo, que em latim, e nas mais línguas vale o mesmo que **levar cativos ou fazer cativos**. Pelo que os de Mons, a quem seguí, verteram, *Il a emmené une grande multitude de captifs*. E Mesengui, *Il a emmené une multitude de captifs*. Isto é pelo que toca à tradução do texto. Passando agora ao sentido dêle, uns como S. João Crisóstomo entendem por êstes cativos os demônios, os pecados, e a morte, que tinham o gênero humano em cativo, como se o Apóstolo, diz Naclanto, bispo de Chiozza, quisesse fazer alusão a um príncipe, que recolhendo-se vitorioso à sua corte, leva diante do carro do seu triunfo os inimigos que vencera. Outros entendem por êstes cativos as almas dos justos, que Cristo resgatara do cativo do Limbo, e que com êle subiram ao Céu. Outros finalmente entendem por êstes cativos os homens, que Cristo fez seus pela pregação dos Apóstolos, aos quais o mesmo Senhor tinha dito que os faria pescadores de homens, para os reduzirem ao cativo do pecado, à obediência do Evangelho. Esta terceira inteligência é a que Êstio mais se inclina, advertindo ser ela a mesma que deram Santo Tomás e Jansênio de Gand. A mesma segue Fromond. Veja-se Arnault na *Nova defesa do Novo Testamento de Mons contra Mr. Mallet*, livro 10, cap. 10, tomo 7, da nova edição, pag. 748 e seg. — Pereira.

Epístola de S. Paulo aos Efésios 4, 9-16

9 E quanto a dizer subiu, porque é isto, senão porque também antes havia descido aos lugares mais baixos da terra? (2)

10 Aquêlê que desceu, êsse mesmo é também o que subiu acima de todos os Céus, para encher tôdas as coisas. (3)

11 E êle mesmo fêz a uns certamente Apóstolos, e a outros profetas, e a outros evangelistas, e a outros pastores, e doutores.

12 Para consumação dos santos em ordem à obra do ministério, para edificar o corpo de Cristo.

13 Até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a estado de varão perfeito, segundo a medida da idade completa de Cristo:

14 Para que não sejamos já meninos flutuantes, nem nos deixemos levar em roda de todo o vento de doutrina, pela malignidade dos homens, pela astúcia com que induzem ao êrro.

15 Mas praticando a verdade em caridade, crescamos em tôdas as coisas naquele que é a cabeça, Cristo:

16 Do qual todo o corpo coligado, e unido por tôdas as juntas, por onde se lhe subministra o alimento, obrando à proporção de cada membro, toma aumento dum corpo perfeito para se edificar em caridade.

(2) **DESCIDO AOS LUGARES** — Isto é, aos infernos, como com S. Jerônimo o entendem comumente os mais padres latinos e gregos.

(3) **ACIMA DE TODOS OS CÉUS** — Isto é, ao mais alto, e ao mais superior lugar de todos os Céus.

Epístola de S. Paulo aos Efésios 4, 17-28

17 Isto pois digo, e requeiro no Senhor, que não andeis já como andam também os gentios na vaidade do seu sentido.

18 Tendo o entendimento obscurecido de trevas, alienados da vida de Deus pela ignorância que há neles, pela cegueira do coração dos mesmos.

19 Que desesperando, se entregaram a si mesmos à dissolução, à obra de toda a impureza, à avareza.

20 Mas vós não haveis assim aprendido a Cristo.

21 Se é que o haveis ouvido, e haveis sido ensinados nele, como está a verdade em Jesus:

22 A despojar-vos do homem velho, segundo o qual foi a vossa antiga conversação, que se vicia segundo os desejos do êrro.

23 Renovai-vos pois no espírito do vosso entendimento.

24 E vesti-vos do homem novo, que foi criado segundo Deus em justiça, e em santidade de verdade.

25 Pelo que renunciando a mentira, fale cada um a seu próximo a verdade, pois somos membros uns dos outros.

26 Se vos irardes, seja sem pecar: Não se ponha o sol sobre a vossa ira.

27 Não deis lugar ao diabo:

28 Aquêle que furtava, não furtar mais: Mas ocupe-se antes do trabalho, fazendo alguma obra de mãos que seja boa e útil, para daí ter com que socorra ao que padece necessidade.

Epístola de S. Paulo aos Efésios 4, 29-32; 5, 1-3

29 Nenhuma palavra má saia da vossa bôca, senão só a que seja boa para edificação da fé, de maneira que dê graça aos que a ouvem.

30 E não entristeçais ao Espírito Santo de Deus: No qual estais selados para o dia da redenção.

31 Tôda a amargura, e ira, e indignação, e gritaria, e blasfêmia, com tôda a malícia seja desterrada dentre vós outros.

32 Antes sêde uns para com os outros benignos, misericordiosos, perdoadando-vos uns ao outros, como também Deus por Cristo vos perdoou.

CAPÍTULO 5

EXORTA PAULO OS EFÉSIOS A IMITAREM A DEUS. RETRAI-OS DAS OBRAS DAS TREVAS, E INCITA-OS AS OBRAS DA LUZ. COM O EXEMPLO DE CRISTO, E DA IGREJA, ADMOESTA AS MULHERES A QUE SEJAM SUJEITAS A SEUS MARIDOS, E AOS MARIDOS A QUE AMEM A SUAS MULHERES.

1 Sêde pois imitadores de Deus, como filhos muito amados:

2 E andai em caridade, assim como também Cristo nos amou, e se entregou a si mesmo por nós-outros, como oferta, e hóstia a Deus em odor de suavidade.

3 Portanto a luxúria, e tôda a impureza ou avareza, nem sequer se nomeie entre vós-outros, como convém a santos: (1)

(1) **A LUXÚRIA E TÔDA A IMPUREZA** — Quer dizer o Apóstolo, que tanto devemos fugir destes vícios, que, se puder ser, nem os tomaremos na bôca.

4 Nem palavras torpes, nem loucas, nem chocarri-
ces, que são impertinentes: Mas antes ações de graças.

5 Porque haveis de saber, e entender: Que nenhum
fornicário, ou imundo, ou avaro, o que é culto de ídolos,
não tem herança no reino de Cristo e de Deus. (2)

6 Ninguém vos seduza com discursos vãos: Porque
por estas coisas vem a ira de Deus sobre os filhos da in-
credulidade.

7 Não queirais logo nada com êles.

8 Porque noutro tempo éreis trevas: Mas agora sois
luz no Senhor. Andai como filhos da luz:

9 Porque o fruto da luz consiste em tôda a bonda-
de, e em justiça, e em verdade:

10 Aprovando o que é agradável a Deus:

11 E não comuniqueis com as obras infrutuosas das
trevas, mas antes pelo contrário condenai-as.

12 Porque as coisas que êles fazem em secreto, ver-
gonha é ainda o dizê-las.

13 Mas tôdas as que são repreensíveis, se desco-
brem pela luz: Porque tudo o que se manifesta, é luz.

14 Pelo que a Escritura diz: Desperta tu que dor-
mes, e levanta-te dentre os mortos, e Cristo te alu-
miará. (3)

(2) **O QUE É CULTO DE ÍDOLOS** — Em qualquer dos dois
sentidos acima apontados, que se tome o nome de avareza ou de
avarento, dizer o Apóstolo que isto é uma espécie de idolatria, é
no mesmo sentido em que êle noutra parte, falando dos gulotões,
diz que o ventre é o seu Deus.

(3) **A ESCRITURA** — Com Glairé intercalamos esta palavra
(*Sainte Bible*, 1902), pois o Apóstolo refere-se a Isaías certamente,

Epístola de S. Paulo aos Efésios 5, 15-23

15 E assim vêde, irmãos, de que modo andais sobrevivo: Não como insipientes,

16 mas como sábios: Remindo o tempo, pois que os dias são maus. (4)

17 Portanto não sejais imprudentes: Mas entendei qual é a vontade de Deus.

18 E não vos deis com excesso ao vinho, donde nasce a luxúria: Mas enchei-vos do Espírito Santo. (5)

19 Falando entre vós mesmos em Salmos, e em Hinos, e Canções espirituais, cantando, e louvando ao Senhor em vossos corações.

20 Dando sempre graças ao Deus, e Pai por tudo, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo:

21 Submetidos uns aos outros no temor de Cristo.

22 As mulheres sejam sujeitas a seus maridos, como ao Senhor:

23 Porque o marido é a cabeça da mulher: Assim como Cristo é a cabeça da Igreja: Ele mesmo que é o seu corpo, do qual é o Salvador.

embora não para a citação textual, o que poucas vezes faz. As passagens e alocuções 9, 2; 26, 19; 60, 1. 2.

(4) **POIS QUE OS DIAS SÃO MAUS** — Maus os dias deste mundo, que é o lugar das tentações e dos laços do pecado, segundo aquilo do Santo. A vida do homem sobre a terra é uma tentação contínua, que é como traz a versão dos Setenta.

(5) **E NÃO VOS DEIS COM EXCESSO AO VINHO** — Quando o Apóstolo mete a bebedice entre os pecados mortais, não se deve a sua malícia e gravidade restringir precisamente ao caso de beber até perder o juízo, mas entender-se a todo o excesso de más consequências. — **Estio.**

24 Bem como pois é a Igreja sujeita a Cristo, assim o sejam também as mulheres em tudo a seus maridos.

25 Vós, maridos, amai a vossas mulheres, como também Cristo amou a Igreja, e por ela se entregou a si mesmo,

26 para a santificar, purificando-a no batismo da água pela palavra da vida. (6)

27 Para a apresentar a si mesmo Igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem outro algum defeito semelhante, mas santa, e imaculada.

28 Assim é que também os maridos devem amar as suas mulheres, como a seu próprio corpo. O que ama a sua mulher, ama-se a si mesmo.

29 Porque ninguém aborreceu jamais a sua própria carne: Mas cada um a nutre, e fomenta, como também Cristo o faz à sua Igreja:

30 Porque somos membros do seu corpo, da sua carne, e dos seus ossos.

31 Por isso o homem deixará a seu pai, e a sua mãe, e se unirá a sua mulher: E serão dois em unia mesma carne.

32 Êste sacramento é grande, mas eu digo em Cristo, e na Igreja.

33 Contudo também vós, cada um de per si ame a sua mulher como a si mesmo: E a mulher reverencie a seu marido.

(6) **PELA PALAVRA DA VIDA** — Êste genitivo da vida não o trazem nem os padres e biblias gregas, nem os padres e mais antigos códices latinos. E entre os mesmos padres, uns com S. João Crisóstomo entendem por esta palavra a forma do batismo, em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo; outros com Santo Agostinho a palavra do Evangelho em geral. — Êstio.

CAPÍTULO 6

ENSINA COMO SE DEVEM HAVER UNS COM OUTROS, OS FILHOS, E OS PAIS, OS SERVOS, E OS AMOS. DEPOIS DESCREVE QUAIS SEJAM AS ARMAS, DE QUE NA MILÍCIA CRISTÁ NOS DEVEMOS VALER CONTRA OS ESPÍRITOS MALIGNOS. PEDE AOS EFÉSIOS QUE O ENCOMENDEM A DEUS. ENVIA-LHES A TIQUICO PARA OS CONSOLAR, E ABENÇOÁ-OS.

1 Filhos, obedecei a vossos pais no Senhor: Porque isto é justo.

2 Honra a teu pai e tua mãe, que é o primeiro mandamento com promessa.

3 Para que te vá bem e sejas de larga vida sôbre a terra.

4 E vós outros, pais, não provoqueis a ira a vossos filhos: Mas criai-os em disciplina, e correção do Senhor.

5 Servos, obedecei a vossos senhores temporais com temor, e tremor, na sinceridade de vosso coração, como a Cristo: (1)

6 Não os servindo ao ôlho, como por agradar a homens, senão como servos de Cristo, fazendo de coração a vontade de Deus. (2)

(1) **COM TEMOR E TREMOR** — Assim à letra a Vulgata, e com ela Amelote, em lugar do que verteram Sacy e os de Mons, com temor e respeito. Contudo Êstilo é de parecer que por estas duas palavras não quer o Apóstolo significar outra coisa senão um grande cuidado ou um grande desvêlo em servir. — **Pereira.**

(2) **NÃO OS SERVINDO** — Este lugar prova evidentemente que a obediência que os servos devem aos senhores, os criados aos amos, os vassallos aos príncipes, é uma obediência sincera e interior, que não se satisfaz só com as exterioridades. Prova outrossim que a moral dos que ensinam que as leis penais dos príncipes seculares não obrigam na consciência, é uma moral inductiva da hipocrisia, e contrária ao espírito Evangelico.

7 Servindo-os com boa vontade, como ao Senhor e não como a homens.

8 Sabendo que cada um receberá do Senhor a paga do bem que tiver feito, ou seja escravo, ou livre.

9 E vós outros os senhores fazei isso mesmo com êles, deixando as ameaças: Sabendo que o Senhor, tanto dêles, como vosso, está nos Céus: E que não há acepção de pessoas para êle. (3)

10 Quanto ao mais, irmãos, fortalecei-vos no Senhor, e no poder da sua virtude.

11 Revesti-vos da armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as ciladas do diabo:

12 Porque nós não temos que lutar contra a carne e o sangue: Mas sim contra os principados, e potestades, contra os governadores destas trevas do mundo, contra os espíritos de malícia espalhados por êsses ares.

13 Portanto tomai a armadura de Deus para que possais resistir no dia mau, e estar perfeitos em tudo. (4)

14 Estai pois firmes, tendo cingidos os vossos lombos em verdade, e vestidos da couraça da justiça.

15 E tendo os pés calçados, na preparação do Evangelho da paz:

16 Embracando sobretudo o escudo da fé, com que possais apagar todos os dardos inflamados do mais que maligno:

(3) **DEIXANDO AS AMEAÇAS** — Isto é, deixando e perdoadolhes o castigo com que os tiver ameaçado.

(4) **DIA MAU** — No dia do perigo e da tentação.

Epístola de S. Paulo aos Efésios 6, 17-24

17 Tomai outrossim o capacete da salvação: E a espada do espírito (que é a palavra de Deus).

18 Orando em todo o tempo com tôdas as deprecações e rogos em espírito: E vigiando para isto mesmo com todo o fervor, e rogando por todos os santos:

19 E por mim, para que me seja dada no abrir da minha bôca palavra com confiança, para fazer conhecer o mistério do Evangelho:

20 Pelo qual ainda estando na cadeia, faço ofício de embaixador, de maneira que eu fale livremente por êle, como devo falar.

21 E para que vós saibais também o estado das minhas coisas, e o que eu faço: Vos informará de tudo Tíquico, nosso irmão muito amado, e ministro fiel no Senhor.

22 A quem vo-lo enviei para isto mesmo, para que saibais o que é feito de nós, e para que console os vossos corações.

23 Paz seja aos irmãos, e caridade com fé, da parte de Deus Padre, e da do Senhor Jesus Cristo.

24 A graça seja com todos os que amam a nosso Senhor Jesus Cristo com tôda a pureza. Amém.

EPÍSTOLA
DE
S. PAULO AOS FILIPENSES

INTRODUÇÃO

A Igreja de Filipos. — E' a primeira que S. Paulo fundou na Europa. Situada sôbre uma colina, perto de Strimon, fazia outrora parte da Trácia e chamava-se então *Crénides*. Foi ocupada por Filipe da Macedônia, em 358, que a engrandeceu, tornando-a próspera, dando-lhe o seu próprio nome. Deveu a sua prosperidade ao trabalho produtivo das minas, e à vizinhança do porto de Neápolis, que a tornava muito frequentada pelos viajantes que vinham da Ásia. Dividida a Macedônia, no tempo dos romanos, Filipos passou a fazer parte da *Macedônia Prima* da qual Anfípolis era a capital. Foi perto de Filipos que se decidiu a sorte da república romana, no 42 A. C. Augusto deu-lhe foros de colônia romana, conferindo-lhe o *jus italicum*. Os Atos dos Apóstolos 16, 12, dão-lhe o título honorífico do *proto-polis*, a primeira cidade.

A população era quasi tôda pagã, At 16, 21, e os judeus pouco numerosos, tendo apenas uma só casa de oração, perto do rio. At 16, 13.

Epístola de S. Paulo aos Filipenses

Ocasião desta Epístola. — Quando S. Paulo se decidiu a passar da Ásia para a Macedônia, fêz-se acompanhar de Silvanus, Timóteo e Lucas. Vindo de Tróades, nò ano 51, parou em Filipos para celebrar a festa da Páscoa. Acolheram-se em casa dum negociante de púrpura, e desde logo se acentuou o entusiasmo pela pregação do Evangelho, sendo o Apóstolo alvo de muitas atenções. Em pouco tempo registraram-se muitas conversões, sendo muito consoladora a esperança que animava todos acêrca do futuro desta nascente cristandade.

Distinguia-se esta cristandade das demais pela perseverança na sua fé, constância nas suas crenças, que não abandonaram, resistindo às seduções e falsos argumentos dos doutores judaizantes.

Não havia pois motivo para que o Apóstolo escrevesse dirigindo reprimendas, ou enviando admoestações. Pelo contrário esta epístola foi enviada como um ato de reconhecimento. Sabendo os Filipenses que o Apóstolo estava prêso, e abandonado de recursos, fizeram uma coleta, que enviaram por mão de Epafrodito, clérigo venerável, o que o comoveu tanto que êle tomou da pena para escrever esta Epístola. Por isso esta Carta se distingue de tôdas as demais pelo caráter de intimidade que nela continuamente se acentua.

Não há nesta Epístola uma exposição doutrinal propriamente dita, nem uma discussão polêmica, nem argumentos concatenados em defesa dêste ou daquele ponto, é apenas uma carta familiar, uma efusão dum coração amigo e grato, com incitamentos para o bem, bons conselhos, agradecimentos, e à parte algumas curtas narrativas, tôda é uma exortação amigável, em que não pode reprimir o Apóstolo os transportes do seu júbilo.

Epístola de S. Paulo aos Filipenses

Há frases tão concisas como veementes, como por exemplo, quando chama à Igreja de Filipos a sua alegria e a sua coroa, e se os confirma mais na fé, é para que neles se radicasse mais e mais o amor a Jesus Cristo.

Local e data da composição desta Epístola. — A opinião mais geralmente seguida entre os Antigos e os Modernos julga esta Epístola composta em Roma, quando se aproximasse o termo do processo de S. Paulo, aí pelo ano de 62.

Autenticidade. — Ainda que Baur contestou a autenticidade desta Epístola no seu livro intitulado *Paulus der Apostel und Christ, ein Beitrag zur crit. Geschichte des Urchristent.* Stub. 1845, que foi refutado por Lunemann na sua obra *Epist Paul. Phillipp.* Goeth. 1847, contudo tódá a Antiguidade dá testemunho que esta Epístola foi escrita por S. Paulo e S. Irineu, *Adv Haere* 4; 18, n. 4 *Paulus Philippensibus ait, Repletus sum et. Clement Alex Paedag* 1; 6, pg. 129, Tertuliano *De Resurr. carn.* 23; 47, e vem citada no Cânon de Muratori.

Divisão. — Divide-se em duas secções:

- 1.^a Felicitações e ações de graças 1, 1-30.
- 2.^a Avisos e exortações cc. 2-4.

EPÍSTOLA
DE
S. PAULO AOS FILIPENSES

CAPÍTULO 1

DÁ PAULO GRAÇAS A DEUS PELA FÉ DOS FILIPENSES DECLARANDO O AFETO QUE LHES TEM. MOSTRA QUE AS SUAS CADEIAS CONTRIBUEM PARA O BEM DO EVANGELHO. QUE AINDA QUE POR UMA PARTE DESEJA ELE VER-SE COM JESUS CRISTO, POR OUTRA TEM POR NECESSÁRIO O VIVER PARA LHES SER ÚTIL. EXORTA-OS A SOFREREM COM PACIÊNCIA AS PERSEGUIÇÕES POR JESUS CRISTO.

1 Paulo, e Timóteo, servos de Jesus Cristo, a todos os Santos em Jesus Cristo, que se acham em Filipos, com os bispos, e diáconos.

2 Graça seja a vós outros, e paz da parte de Deus nosso Pai, e da do Senhor Jesus Cristo.

3 Graças dou a meu Deus, cada vez que me lembro de vós.

4 Fazendo sempre deprecações com gosto por todos vós em tôdas as minhas orações.

Epístola de S. Paulo aos Filipenses 1, 5-13

5 Sobre a vossa comunicação no Evangelho de Cristo desde o primeiro dia até agora. (1)

6 Tendo por certo isto mesmo, que quem começou em vós a boa obra a aperfeiçoará até o dia de Jesus Cristo.

7 Como é justo que eu sinta isto de todos vós: Porque vos tenho no coração, e me acho convosco nas minhas prisões, e na defesa e confirmação do Evangelho, por serdes todos vós companheiros do meu gôsto.

8 Porque Deus me é testemunha, de quão ternamente eu vos amo a todos na entranhas de Jesus Cristo.

9 E o que eu lhe peço é que a vossa caridade cresça mais e mais em ciência, e em todo o conhecimento.

10 Para que aproveis o melhor, para que sejais sinceros e sem tropêço para o dia de Cristo.

11 Cheios de frutos de justiça por Jesus Cristo, para glória e louvor de Deus.

12 Quero pois, irmãos, que vós saibais que tôdas as coisas que passam comigo, têm contribuído mais ao proveito do Evangelho.

13 De maneira que as minhas prisões se têm feito notórias em Cristo, por tôda a côrte do imperador, e em todos os outros lugares. (2)

(1) **SOBRE A VOSSA COMUNICAÇÃO** — Comunicar ou participar no Evangelho, aqui em atenção àquelas palavras desde o primeiro dia até agora, explica a constância dos Filipenses em conservar o depósito da Fé que haviam recebido. Porém S. João Crisóstomo e Teodoreto entendem, pela comunicação no Evangelho, os socorros e esmolas dos Filipenses.

(2) **POR TÔDA A CÔRTE DO IMPERADOR** — Era êste Nero, que daí a anos mandou degolar a S. Paulo.

Epístola de S. Paulo aos Filipenses 1, 14-22

14 E muitos dos irmãos no Senhor cobrando ânimo com as minhas prisões, têm ousado mais alentadamente falar a palavra de Deus sem temor.

15 E' verdade que alguns pregam a Cristo até por inveja e por emulação: Mas outros o fazem também por uma boa vontade.

16 Outros por caridade: Sabendo que eu tenho sido pôsto para defesa do Evangelho.

17 Mas outros pregam a Cristo por contenção, não sinceramente, crendo acrescentar aflição às minhas cadeias.

18 Mas que importa? Contanto que Cristo em tôdas as maneiras seja anunciado, ou por pretexto, ou por verdade: Não só nisto me alegro, mas ainda me alegrarei.

19 Porque sei que isto se me converterá em salvação, pela vossa oração, e pelo socorro do espírito de Jesus Cristo,

20 segundo as minhas ânsias e esperanças, que tenho, de que em nenhuma coisa serei confundido: Antes com tôda a confiança, assim como sempre, também agora será Cristo engrandecido no meu corpo, ou seja pela vida, ou pela morte.

21 Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer lucro.

22 E se o viver em carne, êste é para mim fruto do trabalho, não sei na verdade que devo escolher. (3)

(3) NÃO SEI NA VERDADE QUE DEVO ESCOLHER —
O Apóstolo aqui quer significar que morrer por Jesus Cristo é para êle um galardão, pelo qual alcança a imediata posse do Céu, mas hesita, pois que vivendo pode ser muito útil à salvação dos seus irmãos.

Epístola de S. Paulo aos Filipenses 1, 23-30; 2, 1

23 Pois me vejo em apêto por duas partes: Tendo desejo de ser desatado da carne, e estar com Cristo, que é sem comparação muito melhor.

24 Mas o permanecer em carne, é necessário por amor de vós.

25 E persuadido disto, sei que ficarei, e permanecerei com todos vós, para proveito vosso, e gozo da fé.

26 A fim de que o vosso regozijo abunde por mim em Cristo Jesus, pela minha nova ida a vós outros.

27 Sòmente vos recomendo que vos porteis conforme ao Evangelho de Cristo: Para que, ou seja que eu vá ver-vos, ou que esteja ausente, ouça de vós que permaneçais unânimes em um mesmo espírito, trabalhando concordemente na fé do Evangelho.

28 E em nada tendes medo dos vossos adversários: O que para eles é motivo de perdição, é para vós outros de salvação, e isto vem de Deus:

29 Porque a vós vos é dado por Cristo, não sòmente que creiais nele, senão que padeçais também por êle.

30 Sofrendo o mesmo combate, qual vós também vistes em mim, e agora tendes ouvido de mim.

CAPÍTULO 2

EXORTA PAULO OS FILIPENSES A MUTUA CONCÓRDIA E, A EXEMPLO DE JESUS CRISTO, A SEREM HUMILDES, E OBEDIENTES. ADMOESTA-OS A QUE TRABALHEM COM TEMOR O NEGÓCIO DA SUA SALVAÇÃO. PROMETE ENVIAR-LHES A TIMÓTEO. E AGORA LHES ENVIA E RECOMENDA A EPAFRODITO.

1 Portanto, se há alguma consolação em Cristo, se algum refrigério de caridade, se alguma comunicação de espírito, se algumas entranhas de compaixão;

Epístola de S. Paulo aos Filipenses 2, 2-10

2 Fazei completo o meu gôzo, de sorte que sintais uma mesma coisa, tendo uma mesma caridade, um mesmo ânimo, uns mesmos pensamentos.

3 Nada fazeis por porfia, nem por vanglória: Mas com humildade, tendo cada um aos outros por superiores.

4 Não atendendo cada um às coisas que são suas próprias, senão às dos outros.

5 E haja entre vós o mesmo sentimento que houve também em Jesus Cristo.

6 O qual tendo a natureza de Deus, não julgou que fôsse nele uma usurpação o ser igual a Deus: (1)

7 Mas êle se aniquilou a si mesmo, tomando a natureza de servo, fazendo-se semelhante aos homens, e sendo reconhecido na condição como homem.

8 Humilhou-se a si mesmo, feito obediente até à morte, e morte de cruz.

9 Pelo que Deus também o exaltou, e lhe deu um Nome que é sobre todo o nome:

10 Para que ao Nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos Céus, na terra e nos infernos. (2)

(1) **A NATUREZA DE DEUS** — Isto significa o **forma Dei** do texto latino, na inteligência de todos os expositores. A letra se traduzirá: "O qual sendo em forma de Deus". E é êste verso um dos testemunhos mais expressos da Divindade de Cristo, contra os Arianos e Socinianos.

(2) **E NOS INFERNOS** — O papa Inocência III, no sermão 1 De todos os Santos, entende por êstes Infernos o Purgatório. O mais provável e mais bem recebido, é, que se entende o Inferno onde estão os demônios e homens condenados, os quais em tanto se dizem dobrar o joelho ao nome de Jesus, enquanto são contrangidos a reconhecerem-lhe sujeição. — **Estio.**

Epístola de S. Paulo aos Filipenses 2, 11-21

11 E tôda a língua confesse que o Senhor Jesus Cristo está na glória de Deus Padre.

12 Portanto, meus caríssimos, (pôsto que sempre fostes obedientes) obrai a vossa salvação com receio, e com tremor, não só como na minha presença, senão muito mais agora na minha ausência.

13 Porque Deus é o que obra em vós o querer, e o perfazer, segundo o seu beneplácito.

14 Fazei logo tôdas as coisas sem murmurações e sem dúvidas.

15 A fim de serdes sem nota, e sem refólho, como filhos de Deus irrepreensíveis no meio duma nação depravada e corrompida: Onde vós brilhaes como astros no mundo.

16 Retendo a palavra da vida para glória minha no dia de Cristo, pois não corri em vão, nem trabalhei em vão.

17 Mas ainda quando eu seja imolado sobre o sacrifício e vítima da vossa fé, me alegro, e me dou o parabém com todos vós.

18 E vós também gozai-vos, e dai-me parabém a mim por isto mesmo.

19 E tenho esperança no Senhor Jesus de brevemente vos enviar a Timóteo: Para que eu também esteja de bom ânimo, sabendo o estado das vossas coisas.

20 Porque não tenho nenhum tão unido de coração comigo, que com sincera afeição mostre cuidado por vós outros.

21 Porque todos buscam as suas próprias coisas, e não as que são de Jesus Cristo.

22 E em prova disto sabeí que, como filho a pai, serviu comigo no Evangelho.

23 Espero pois mandar-vo-lo, logo que eu tiver visto o estado dos meus negócios.

24 E confio no Senhor, que também eu mesmo cedo vos irei ver.

25 Entretanto julguei necessário remeter-vos Epafrodito, meu irmão, e coadjutor, e companheiro, e vosso Apóstolo, e que me tem assistido nas minhas necessidades.

26 Pois que êle vos desejava por certo ver a todos: E tinha pena de que vós tivésseis noticia da sua doença.

27 Porque êle com efeito esteve mortalmente enfermo: Mas Deus se compadeceu dêle, e não sòmente dêle, mas ainda também de mim, para que eu não tivesse aflição sôbre aflição.

28 Por isso me dei mais pressa a remetê-lo, para vos dar o renovado gôsto de o ver, e tirar-me a mim mesmo da pena.

29 Assim que, recebei-o com todo o gênero de alegria no Senhor, e tratai com honra a umas tais pessoas.

30 Porque pela obra de Cristo chegou às portas da morte, arriscando a própria vida por suprir com a sua assistência aquella que vos não era possível fazer no meu serviço.

CAPÍTULO 3

MOSTRA PAULO QUE OS CRISTÃOS SÃO OS VERDADEIROS CIRCUNCIDADOS. RENUNCIA AS CONVENIÊNCIAS QUE ELE TINHA, SEGUNDO A LEI. TRABALHA POR SER CADA VEZ MAIS PERFEITO. EXORTA OS FILIPENSES A QUE SE ACAUTELEM DOS DOUTORES FALSOS COMO DE INIMIGOS DA CRUZ, E IDÓLATRAS DO SEU VENTRE.

1 No mais, irmãos meus, alegrai-vos no Senhor. A mim por certo não me é penoso, e a vós é-vos conveniente que eu vos escreva as mesmas coisas.

2 Guardai-vos dos cães, guardai-vos dos maus operários, guardai-vos dos falsos circuncidados. (1)

3 Porque nós é que somos os circuncidados, pois que servimos a Deus em espírito, e nos gloriamos em Jesus Cristo, sem nos lisonjearmos de alguma vantagem carnal.

4 Se bem que eu também posso ter alguma confiança no que é carnal. Se algum outro a pode ter, muito mais eu:

5 Que fui circuncidado ao oitavo dia, que sou da geração de Israel, que sou da tribo de Benjamim, nascido hebreu de pais hebreus, que quanto à lei, fui fariseu.

6 Que quanto ao zelo, cheguei a perseguir a igreja de Deus, que quanto à justiça da lei, vivia irrepreensível:

7 Porém as coisas que me foram lucro, as reputo como perdas por Cristo.

(1) **DOS CAES** — Dos judaizantes e herejes, que vos ladram e mordem como cães. — **Menochio.**

FALSOS CIRCUNCIDADOS — Chama o Apóstolo à letra, por desprezo, "cortadura" ou "golpe" à circuncisão **circumcisionem**,

8 E na verdade tudo tenho por perda, pelo eminente conhecimento de Jesus Cristo meu Senhor: Pelo qual tudo tenho perdido, e o avalio por estêrco, contanto que ganhe a Cristo.

9 E que seja achado nele, não tendo a minha justiça, que vem da lei, senão aquela que nasce da fé em Jesus Cristo: A justiça que vem de Deus pela fé. (2)

10 Para conhecê-lo a êle, e a virtude de sua ressurreição, e a comunicação das suas aflições: Tendo-me conformado a êle na sua morte:

11 Por ver se de alguma maneira posso chegar à ressurreição, que é dos mortos. (3)

12 Não que a tenha eu já alcançado, ou que seja já perfeito: Mas eu prossigo, para ver se de algum modo poderei alcançar aquilo, para o que eu também fui tomado por Jesus Cristo.

13 Irmãos, eu não julgo havê-lo já alcançado. Mas antes o que agora faço, é que esquecendo-me por certo do que fica para trás, e avançando-me ao que resta para o diante,

como se dissera: "Antigamente estava em uso a circuncisão, agora não é mais do que uma cortadura ou golpe que se recebe".

(2) **QUE NASCE DA FÉ EM JESUS CRISTO** — Daqui se torna a confirmar invencivelmente, que ninguém pode ser justo diante de Deus, nem salvar-se senão mediante a fé em Jesus Cristo. E que assim, fôssem quais fôssem os conhecimentos que os antigos filósofos tiveram de Deus, pelo lume da razão, fôssem quais fôssem as virtudes que excitaram a impulsos da lei natural, nenhum deles, faltando-lhe a fé em Jesus Cristo, podia ter a verdadeira justiça, que indispensavelmente se requer para a salvação.

(3) **QUE É DOS MORTOS** — Entende-se na ressurreição bem-aventurada, que é a que os justos esperam. — **Pereira.**

Epístola de S. Paulo aos Filipenses 3, 14-21

14 prossigo segundo o fim proposto ao prêmio da soberana vocação de Deus em Jesus Cristo.

15 E assim todos os que somos perfeitos vivamos nestes sentimentos: E se sentis alguma coisa de outra maneira, Deus também vo-lo revelará.

16 E na verdade quanto ao que temos já chegado, tenhamos uns mesmos sentimentos, e permaneçamos em uma mesma regra.

17 Sêde meus imitadores, irmãos, e não percais de vista aos que assim andam, conforme tendes o nosso exemplo.

18 Porque muitos andam, de quem outras vezes vos dizia, (e agora também o digo chorando) que são inimigos da Cruz de Cristo:

19 Cujo fim é a perdição: Cujo Deus é o ventre: E a sua glória é para a confusão dêles, que gostam só do que é terreno.

20 Mas a nossa conversação está nos Céus: Donde também esperamos ao Salvador nosso Senhor Jesus Cristo. (4)

21 O qual reformará o nosso corpo abatido, para o fazer conforme ao seu corpo glorioso, segundo a operação com que também pode sujeitar a si tôdas as coisas. (5)

(4) **A NOSSA CONVERSAÇÃO** — A conversação aqui não é precisamente de palavras, mas de trato e de conveniência, qual dos cidadãos duma terra uns com outros. Isso significa no oriente grego a palavra *politeuma*.

(5) **COM QUE TAMBÉM PODE SUJEITAR A SI TÔDAS AS COISAS** — Na primeira aos Coríntios, 15, 26. 27, atribui o Apóstolo ao Pai a ação de sujeitar tôdas as coisas ao Filho. Aqui diz que o Filho terá virtude para ele mesmo se sujeitar a si. Donde Santo Ambrósio, no livro 5 *Da fé*, cap. 7, argumenta contra os Arianos, ser o mesmo o poder do Pai e do Filho, e conseqüentemente uma mesma a essência e divindade de ambos.

CAPÍTULO 4

EXORTA PAULO OS FILIPENSES À ALEGRIA ESPIRITUAL, À MODESTIA, À ORAÇÃO, E A DAR GRAÇAS A DEUS. DESEJALHES A PAZ DO SENHOR. AGRADECE-LHES O BEM QUE LHE TÊM FEITO, E LHE FAZEM.

1 Portanto, meus muito amados e desejados irmãos, gôsto meu, e coroa minha: Estai assim firmes no Senhor, caríssimos.

2 Rogo a Evódia, e suplico a Síntique, que sintam o mesmo no Senhor. (1)

3 Também te rogo a ti ainda, ó fiel companheiro, que as ajudes como pessoas que trabalharam comigo no Evangelho com Clemente, e com os outros que me ajudaram, cujos nomes estão no livro da vida. (2)

4 Alegrai-vos incessantemente no Senhor: Outra vez digo, alegrai-vos.

(1) **ROGO A EVÓDIA E SUPLICO A SÍNTIQUE** — Parece que tinha havido alguma leve divisão pelo tocar-se a matérias de religião e de piedade sobre essas santas matronas da igreja de Filipos. Ha intérprete moderno que crê que "Síntique" é nome próprio de homem e não de mulher, e pelo texto grego não se colige o contrário. Mas S. João Crisóstomo, Teodoreto e os expositores antigos o explicam como nome próprio de mulher, e esta é a tradição da igreja, que põe no martirologio romano, no dia 22 de julho, a Síntique entre as santas. — Pereira.

(2) **Ó FIEL COMPANHEIRO** — Assim vertem Sacy, os de Mons, Amelote e Mesengui, o que na Vulgata latina é *germane compar*. Nem se deve estar pela inteligência de Jacques de Estanlo e de Erasmo (a qual contudo abraçaram depois Caetano e Catarino) que movidos de que o nome grego a que o interprete latino substituiu "compar", significa o "companheiro no jugo" ou o "conjuge", cuidaram que o Apóstolo falava com sua mulher, e assim o primeiro verteu *ungenua conjux* e o segundo *germana conjux*. Porque, dado que no grego seja talvez comum de dois o tal nome, aqui de nenhuma sorte se pode êle entender de pessoa

Epístola de S. Paulo aos Filipenses 4, 5-11

5 A vossa modéstia seja conhecida de todos os homens: O Senhor está perto.

6 Não tenhais cuidado de coisa alguma: Mas com muita oração e rogos, com ação de graças sejam manifestas as vossas petições diante de Deus.

7 E a paz de Deus, que sobrepuja todo o entendimento, guarde os vossos corações, e os vossos sentimentos em Jesus Cristo.

8 Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é santo, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, se há algum louvor de costumes, isto seja o que ocupe os vossos pensamentos.

9 O que não só aprendestes, mas recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso também praticai: E o Deus da paz será convosco.

10 Muito me tenho pois alegrado no Senhor, de que já por fim tenhais renovado o vosso cuidado acêrca de mim, pois é certo que o tínheis: Mas só vos faltava a oportunidade.

11 Não o digo como apertado da necessidade: Porque eu tenho aprendido a contentar-me com o que tenho.

feminina, visto serem gravíssimos os argumentos de autoridade e de razão com que Baronio nos seus anais, ano 57, e Estio no commentário ao presente lugar, demonstram que S. Paulo nunca fôra casado. Pelo menos é fé, que quando êle escrevia a primeira aos Coríntios era solteiro (1 Cor 7, 7. 8). Quem era logo êste fiel companheiro com quem fala S. Paulo aqui na epístola aos Filipenses? Digo que se não sabe, mas que os termos por que o Apóstolo se explica, mostram claramente que era alguma grande pessoa entre os cristãos. — **Pereira.**

Epístola de S. Paulo aos Filipenses 4, 12-20

12 Sei ainda viver humilhado, sei também viver na abundância: (Para tudo e para todos os encontros me acostumei a estar apercebido) Ter assim fartura, como ter fome, e passar em afluência, e padecer necessidade:

13 Tudo posso naquele que me conforta.

14 Contudo fizestes bem, em tomar parte na minha tribulação. (3)

15 E sabeis também vós, ó Filipenses, que no princípio do Evangelho, quando parti de Macedônia, nenhuma igreja comunicou comigo em razão de dar, e de receber, senão vós somente: (4)

16 Porque vós me mandastes duas vezes ainda a Tessalônica, o que me era necessário.

17 Isto não é porque eu busque dádivas, mas busco fruto que abunde à vossa conta.

18 Assim tenho tudo, e o desfruto em abundância: Cheio estou, depois que recebi de Epafrodito o que me mandastes, como cheiro de suavidade, como hóstia aceita, agradável a Deus.

19 O meu Deus pois cumpra todos os vossos desejos, conforme as suas riquezas, na glória por Jesus Cristo.

20 E glória a Deus e Pai nosso por todos os séculos dos séculos. Amém.

(3) **EM TOMAR PARTE** — Isto é, em auxiliar a minha necessidade.

(4) **QUE NO PRINCÍPIO DO EVANGELHO** — Desde o tempo em que principei a vos pregar o Evangelho.

Epístola de S. Paulo aos Filipenses 4, 21-23

21 Saudai a todos os Santos em Jesus Cristo.

22 Os irmãos, que estão comigo, vos saudam. Todos os Santos vos saudam, mas com muita especialidade os que são da família de César. (5)

23 A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com o vosso espírito. Amém.

(5) **OS QUE SÃO DA FAMÍLIA DE CÉSAR** — Daqui se vê, que entre os que serviam a Nero, havia alguns que eram cristãos. Que até sendo criado dum Nero, se pode servir a Deus.

EPISTOLA
DE
S. PAULO AOS COLOSSENSES

INTRODUÇÃO

Causa que determinou a publicação desta Epístola.
— S. Lucas, falando das Províncias da Ásia Menor onde se havia proficuamente difundido a luz do Santo Evangelho, cita Frígia. Conheciam-se duas Frígias, uma grande e outra pequena. A primeira, que é a que nos interessa, compreendia, numa fértil planície banhada pelo Meandro, três grandes cidades, pouco distanciadas: Laodiceia, Colossos e Hierápolis. Colossos ou Colosses, como se lê em alguns manuscritos, ficava na foz do Lícus, attingindo no tempo de Xenofonte um considerável grau de progresso, pelo número, riqueza e cultura dos seus habitantes. No tempo dos Selêucidas, que protegiam Laodiceia, Colossos começou a decair; mas mais perdeu ainda no tempo dos Romanos. No tempo de Nero, no ano 64, um tremor de terra destruiu estas cidades. Laodiceia conseguiu ser restaurada, emergindo nova das ruínas em que fôra sepultada, mas Colossos perdeu tôda a sua importância.

Quando S. Paulo, após o concílio de Jerusalém, visitou as Igrejas que tinha fundado na Ásia Menor, pare-

Epístola de S. Paulo aos Colossenses

ce que não esteve nesta região, pelo menos em Colossos e Laodicéia, sendo na primeira destas cidades pregado o Evangelho por Epafras, que sucedeu, segundo é provável, no Episcopado, a Arquipas.

Há muitas semelhanças entre esta Epístola e a dirigida aos Efésios, pois também são idênticos os motivos que determinaram estas epístolas. Como em Éfeso os doutores judaizantes enxameavam Colossos, perturbando os fiéis, com as suas exigências, semeando a cisão, da qual se iam aproveitando por sua vez os gnósticos. Aquêles, pretendendo fazer vingar as velhas instituições hebraicas, êstes confundindo, sofismando, dando às suas idéias uma forma teológica, ou para melhor dizer, teosófica.

Data e local da composição. — Segundo todos os autores foi escrita esta Epístola em Roma, no ano 62

Autenticidade. — O testemunho e a praxe da Igreja de tôdas as épocas vingam a autenticidade desta Epístola. S. Irineu, Clemente de Alexandria, Tertuliano, Teófilo de Antioquia e Justino Mártir defendem e provam exuberantemente a autenticidade desta Epístola.

Divisão. — Além dum exórdio 1, 1-12 e da conclusão 4, 7-18, compreende duas partes:

1.^a *Dogmática* — 1, 2-2.

a) Confirmação da doutrina pregada por Epafras, 1, 13. 29.

b) Refutação de erros que os adversários procuravam espalhar 2, 9.

2.^a *Moral* — cc. 3 e 4.

Regras e exortações gerais e particulares.

EPÍSTOLA
DE
S. PAULO AOS COLOSSENSES

CAPÍTULO 1

PAULO, TENDO NOTÍCIA DA FÉ, DA CARIDADE, E DA ESPERANÇA DOS COLOSSENSES, ROGA A DEUS PELA SUA PERFEIÇÃO. DIZ-LHES QUE JESUS CRISTO É A IMAGEM DE DEUS, E O CRIADOR DE TÓDAS AS COISAS, QUE ELE É A CABEÇA DA IGREJA, E O QUE TROUXE A PAZ A TODOS. EXORTA-OS A QUE PERSEVEREM NA FÉ.

1 Paulo Apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus, e Timóteo seu irmão:

2 Aos Santos e fiéis irmãos em Jesus Cristo, que habitam em Colossos.

3 Graça a vós outros, e paz da parte de Deus nosso Pai, e da de nosso Senhor Jesus Cristo. Graças damos ao Deus, e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, orando sempre por vós:

4 Ouvindo a vossa fé em Jesus Cristo, e o amor que tendes a todos os Santos.

5 Pela esperança que vos está guardada nos Céus, a qual tendes ouvido pela palavra da verdade do Evangelho:

Epístola de S. Paulo aos Colossenses 1, 6-14

6 O qual vos tem chegado a vós, como está também em todo o mundo, e frutifica, e cresce como entre vós, desde o dia em que ouvistes, e conhecestes a graça de Deus segundo a verdade.

7 Como o aprendestes de Epafras, nosso conservo muito amado, que é por vós fiel ministro de Jesus Cristo. (1)

8 O qual também nos informou do vosso amor segundo o espírito:

9 Por isso nós também desde o dia em que o ouvimos, não cessamos de orar por vós, e de pedir que sejais cheios do conhecimento da sua vontade, e em toda a sabedoria, e inteligência espiritual.

10 Para que andeis dignamente diante de Deus, agradando-lhe em tudo: Fortificando em toda a boa obra, e crescendo na ciência de Deus:

11 Sendo confortados em toda a virtude, segundo o poder da sua glória, em toda a paciência, e longanimidade com alegria.

12 Dando graças a Deus Padre, que nos fez dignos de participar da sorte dos Santos em luz:

13 Que nos livrou do poder das trevas, e nos transferiu para o Reino de seu Filho muito amado.

14 No qual pelo seu sangue temos a redenção, a remissão dos pecados:

(1) **EPAFRAS** — Foi discípulo de S. Paulo, e esteve com ele prêso em Roma.

15 Que é a imagem de Deus invisível, o Primogênito de toda a criatura: (2)

16 Porque por ele foram criadas todas as coisas nos Céus e na terra, visíveis e invisíveis, quer sejam os Tronos, quer sejam as Dominações, quer sejam os Principados, quer sejam as Potestades: Tudo foi criado por ele, e para ele:

17 E ele é antes de todos, e todas as coisas subsistem por ele.

18 E ele é a cabeça do corpo da Igreja, ele é o princípio, o Primogênito dentre os mortos: De maneira que ele tem a primazia em todas as coisas:

19 Porque foi do agrado do Pai que residisse nele toda a plenitude.

20 E reconciliar por ele a si mesmo todas as coisas, pacificando pelo sangue da sua Cruz, tanto o que está na terra, como o que está no Céu.

21 E sendo vós noutro tempo estranhos, e inimigos de coração pelas más obras.

22 Agora por certo vos reconciliou no corpo da sua carne pela morte, para vos apresentar santos, e imaculados, e irrepreensíveis diante dele.

23 Se é que perseverais fundados na fé, e firmes, e imóveis na esperança, que vos dá o Evangelho, que vos

(2) **O PRIMOGÊNITO DE TODA A CRIATURA** — Chama S. Paulo a Jesus Cristo o primogênito de toda a criatura, não que Jesus Cristo seja a primeira das criaturas, que esse era o sentido que a este lugar davam os arianos: Mas porque ele foi gerado antes de toda a criatura, e consequentemente gerado desde toda a eternidade. O que se confirma do que o Apóstolo acrescenta nos versos seguintes: Que por Jesus Cristo foram criadas todas as coisas, e todas subsistem nele. O que claramente está denotando, que Jesus Cristo é Deus.

Epístola de S. Paulo aos Colossenses 1, 24-29; 2, 1

foi anunciado, que foi pregado a tôdas as criaturas que há debaixo do Céu, do qual eu Paulo fui constituído Ministro.

24 Eu, que agora me alegro nas penalidades que sofro por vós, e que cumpro na minha carne o que resta a padecer a Jesus Cristo pelo seu Corpo, que é a Igreja.

25 Da qual eu fui constituído Ministro, segundo a dispensação de Deus, que me foi dada para convosco, para dar cumprimento à palavra de Deus.

26 Anunciando-vos o mistério que esteve escondido pelos séculos, e gerações, e que agora foi descoberto aos seus Santos.

27 Aos quais quis Deus fazer conhecer as riquezas da glória dêste mistério entre os gentios, que é Cristo, em quem vós tendes a esperança da glória.

28 A quem nós anunciamos, admoestando a tôdas as pessoas, e ensinando a todos os homens, em tôda a sabedoria, para que apresentemos a todo o homem perfeito em Jesus Cristo.

29 No que eu ainda trabalho, combatendo segundo a sua eficácia, que obra em mim por seu poder.

CAPÍTULO 2

MANDA-OS ACAUTELAR DOS FALSOS DOUTORES. DECLARALHES A GRANDEZA DE JESUS CRISTO. DIZ-LHES QUE NÃO DEVEM ADORAR OS ANJOS, QUANDO TÊM A JESUS CRISTO POR CABEÇA, NEM GUARDAR A LEI MOSAICA, QUANDO ESTÃO PARA ELE MORTOS EM JESUS CRISTO.

1 Quero pois que saibais qual é o cuidado que tenho por vós, e por aquêles que estão em Laodicéia, e por quantos não viram a minha face em carne.

Epístola de S. Paulo aos Colossenses 2, 2-11

2 A fim de que os seus corações sejam consolados, instruídos em caridade, e cheios de tôdas as riquezas de uma perfeita inteligência, para conhecerem o mistério de Deus Padre e de Jesus Cristo.

3 No qual estavam encerrados todos os tesouros da sabedoria, e da ciência.

4 E digo-vos isto, para que ninguém vos engane com sublimidade de discursos.

5 Porque ainda que estou ausente quanto ao corpo, estou contudo presente em espírito: Gozando-me, e vendo o vosso concerto, e a firmeza daquela vossa fé, que é em Cristo.

6 Pois assim como recebestes ao Senhor Jesus Cristo, andai nêle.

7 Arraigados, e sobreedificados nele, e fortificados na fé, como também o aprendestes, crescendo nele em ação de graças.

8 Estai sôbre aviso, para que ninguém vos engane com Filosofias, e com os teus falaces sofismas, segundo a tradição dos homens, segundo os elementos do mundo, e não segundo Cristo.

9 Porque nele habita tôda a plenitude da Divindade corporalmente.

10 E nele é que vós estais cheios, nele, que é a cabeça de todos os Principados e Potestades.

11 Também nele é que vós estais circuncidados, de circuncisão não feita por mão de homem no despôjo do corpo da carne, mas sim na circuncisão de Cristo.

Epístola de S. Paulo aos Colossenses 2, 12-19

12 Estando sepultados juntamente com êle no baptismo, no qual vós também ressuscitastes mediante a fé no poder de Deus, que o ressuscitou dos mortos.

13 E a vós, que estáveis mortos em vossos pecados, e no prepúcio da vossa carne, vos deu vida juntamente com êle, perdoadando-vos todos os pecados.

14 Cancelando a cédula do decreto que havia contra nós, a qual nos era contrária, e aboliu inteiramente, encravando-a na Cruz.

15 E despojando os Principados, e Potestades, os trouxe confiadamente, triunfando em público dêles em si mesmo.

16 Ninguém pois vos julgue pelo comer, nem pelo beber, nem por causa dos dias de festa, ou das luas novas, ou dos sábados:

17 Que são sombra das coisas vindouras: Mas o corpo é em Cristo.

18 Ninguém vos desencaminhe, afetando parecer humilde, e dar culto aos Anjos, que nunca viu no estado de viador, inchado vãmente no sentido da sua carne. (1)

19 E sem estar unido com a cabeça, da qual todo o corpo fornido, e organizado pelas suas ligaduras, e juntas, cresce em aumento de Deus.

(1) **CULTO AOS ANJOS** — Dêste texto abusam os protestantes, quando com êle impugnham a invocação dos santos, que é sem dúvida alguma uma espécie de culto que lhe damos, se bem que muito inferior ao que damos a Deus. Não têm razão. Porque a mente do Apóstolo está muito longe de reprovar a invocação dos celestiais espiritos. O culto dos anjos pois, que o Apóstolo

20 Portanto, se estais mortos com Cristo aos rudimentos dêste mundo: Por que dogmatizais ainda assim, como se vivésseis para o mundo?

21 Não toqueis, nem proveis, nem manuseeis semelhantes coisas:

22 As quais são tôdas para morte pelo mesmo uso, segundo os preceitos, e doutrinas dos homens:

23 As quais coisas na verdade têm aparência de sabedoria em culto indevido, e humildade, e em mau tratamento do corpo, na escassez do necessário para sustentar a carne.

CAPÍTULO 3

QUE DEVEMOS ANELAR AS COISAS DO CÉU, MORTIFICANDO O NOSSO CORPO, E DESPINDO O HOMEM VELHO. QUE DEVEMOS TER CARIDADE E PAZ. OBRIGAÇÕES MÚTUAS ENTRE OS MARIDOS E AS MULHERES; ENTRE OS FILHOS E OS PAIS; ENTRE OS SERVOS E OS SENHORES.

1 Peló que, se ressuscitastes com Cristo: Buscai as coisas que são lá de cima, onde Cristo está assentado à destra de Deus:

condena, é aquele culto que lhes davam os hereges, ou simonianos, ou corintianos, os quais tendo aos Anjos por criadores do mundo, e superiores a Cristo, aos Anjos, e não a Cristo invocavam por seus mediadores diante de Deus. E porque êste erro se tinha introduzido entre os cristãos da Frigia, e da Pisidia, e durava ainda entre êles no quarto século da Igreja, por isso os padres do concílio de Laodicéia, metrópole da Frigia, e vizinha de Colossos, estabeleceram entre outros o seguinte Cânon, que é o trigésimo quinto: importa que os cristãos não deixem as suas igrejas, por irem com uma idolatria abominável adorar os anjos em certos conventículos. E todo o que se achar, que pratica esta idolatria, seja excomungado: Porque deixando o nosso Senhor Jesus Cristo, filho de Deus, foi adorar os ídolos. Do qual Cânon faz menção Teodoro no comentário a êste lugar.

Epístola de S. Paulo aos Colossenses 3, 2-11

2 Cuidai nas coisas que são lá de cima, não nas que há sôbre a terra.

3 Porque já estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus.

4 Quando aparecer Cristo, que é a vossa vida: Então também vós apparecereis com êle na glória.

5 Mortificai pois os vossos membros que estão sôbre a terra: A fornicação, a impureza, a lascívia, os desejos maus, e a avareza, que é serviço de ídolos:

6 Pelas quais coisas vem a ira de Deus sôbre os filhos da incredulidade:

7 Nas quais vós também andastes em outro tempo, quando vivíeis nelas.

8 Mas agora deixai também vós tôdas estas coisas, a ira, a indignação, a malícia, a blasfêmia, a palavra tôrpe da vossa bôca.

9 Não mintais uns aos outros, despojando-vos do homem velho com tôdas as suas obras.

10 E revestindo-vos do novo, que é aquêle que se renova para o conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou:

11 Onde não há diferença de gentio e de judeu, de circuncisão, e de prepúcio, de bárbaro e de cita, de servo e de livre: Mas Cristo é tudo, e em todos. (1)

(1) **É TUDO, E EM TODOS** — Vem dizer o Apóstolo, que Cristo é toda a santidade, toda a justiça, toda a Religião, numa palavra todo o bem, e isto não só num, mas naqueles a quem comunica êstes dons da sua liberalidade.

Epístola de S. Paulo aos Colossenses 3, 12-22

12 Vós pois como escolhidos de Deus, Santos, e amados, revesti-vos de entranhas de misericórdia, de benignidade, de humildade, de modéstia, de paciência:

13 Sofrendo-vos uns aos outros, e perdoadando-vos mutuamente, se algum tem razão de queixa contra o outro, assim como ainda o Senhor vos perdoou a vós, assim também vós.

14 Mas sobre tudo isto, revesti-vos de caridade, que é o vínculo da perfeição:

15 E triunfe em vossos corações a paz de Cristo, na qual também fostes chamados num mesmo corpo: E sede agradecidos.

16 A palavra de Cristo more em vós outros abundantemente em toda a sabedoria, ensinando-vos e admoestando-vos uns aos outros com Salmos, Hinos, e Cânticos espirituais, cantando com a graça do fundo dos vossos corações louvores a Deus.

17 Tudo quanto quer que fizerdes seja de palavra ou de obra, fazei tudo isso em nome do Senhor Jesus Cristo, dando por êle graças a Deus, e Padre.

18 Casadas, estai sujeitas a vossos maridos, como convém no Senhor.

19 Maridos, amai a vossas mulheres, e não as trateis com amargura.

20 Filhos, obedeei em tudo a vossos pais: Porque isto é agradável ao Senhor.

21 Pais, não provoqueis a indignação a vossos filhos, para que se não façam de ânimo apoucado.

22 Servos, obedeei em todas as coisas a vossos senhores temporais, não servindo só na presença, como para

Epístola de S. Paulo aos Colossenses 3, 23-25; 4, 1-5

agradar a homens, mas com sinceridade de coração temendo a Deus.

23 Tudo o que fizerdes, fazei-o de boa mente, como quem o faz pelo Senhor, e não pelos homens.

24 Sabendo que recebereis do Senhor o galardão da herança. Servi a Cristo, o Senhor:

25 Pois o que faz injustiça receberá o pago que fez injustamente, porque não há acepção de pessoas em Deus.

CAPÍTULO 4

ENCOMENDA-SE PAULO NAS ORAÇÕES DOS COLOSSENSES. DIZ-LHES QUE TÍQUICO LHES EXPORÁ O ESTADO EM QUE SE ACHAM AS SUAS COISAS. SAUDA A ALGUMAS PESSOAS. MANDA QUE ESTA SUA CARTA, DEPOIS DE LIDA EM COLOSSOS, SEJA ENVIADA A LAODICÉIA, PARA TAMBÉM ALI SE LER. FAZ UMA ADVERTÊNCIA A ARQUIPO.

1 Vós, senhores, fazei com os vossos servos o que é de justiça e equidade: Sabendo que também vós tendes Senhor no Céu.

2 Perseverai em oração, velando nela com ação de graças:

3 Orando ao mesmo tempo também por nós, para que Deus nos abra a porta da palavra para anunciarmos o mistério de Cristo (pelo qual todavia estou prêso)

4 para que o manifeste, assim como é necessário que eu o apregoe.

5 Conduzi-vos em sabedoria com aquêles que estão fora, remindo o tempo.

Epístola de S. Paulo aos Colossenses 4, 6-11

6 A vossa conversação seja sempre sazoadada em graça com sal, para que saibais como deveis responder a cada um.

7 O muito amado irmão Tíquico, e fiel ministro, e companheiro meu no Senhor vos fará saber o estado de tôdas as minhas coisas:

8 O qual eu vo-lo enviei expressamente para que saiba o estado das vossas coisas, e console os vossos corações,

9 juntamente com Onésimo, muito bem amado, e fiel irmão, que é da vossa naturalidade. Êles vos informarão de tudo o que aqui se passa. (1)

10 Sauda-vos Aristarco, que é meu companheiro na prisão, e Marcos, primo de Barnabé, sôbre o qual vos tenho já feito minhas recomendações: Se êle fôr ter convosco, recebei-o:

11 E Jesus, que se chama Justo: Os quais são da circuncisão: Êstes sós são os que me ajudam no Reino de Deus, êles têm sido a minha consolação. (2)

(1) **ONÉSIMO** — Este era de Colossos, è escravo de Filemon, que, fugindo dêle, veio a Roma em busca de S. Paulo. Chamava-lhe amado e fiel irmão, porque o havia convertido à fé, e o amava como a filho. — **Fim 10.**

(2) **ÊSTES SÓS SÃO** — Daqui pretendem alguns modernos sectários mostrar que quando S. Paulo escrevia esta epístola não estava S. Pedro em Roma. Que se segue, porém, daí? Acaso os católicos, que provam com muitos documentos da antiguidade, que desde o tempo de Cláudio estivera S. Paulo em Roma, e que nela morrera em tempo de Nero, querem que S. Pedro nunca nesse meio tempo estivesse ausente daquela metrópole? Todos reconhecemos que o cuidado que êle tinha de tôda a Igreja, como seu pastor universal, o tiraria muitas vezes de Roma para ir a

Epístola de S. Paulo aos Colossenses 4, 12-16

12 Sauda-vos Epafras, que é vosso contrerrâneo, servo de Jesus Cristo, sempre solícito por vós nas suas orações, para que sejais com firmeza perfeitos, e completos em toda a vontade de Deus.

13 Porque lhe dou este testemunho, que tem muito trabalho por vós, e pelos que estão em Laodicéia, e pelos que se acham em Hierápolis.

14 O muito amado Lucas, médico, vos saudas, e também Demas. (3)

15 Saudai aos irmãos que estão em Laodicéia, e a Ninfas, e a Igreja que está em sua casa. (4)

16 E lida que fôr esta Carta entre vós, fazei-a ler também na Igreja dos Laodicenses: E lêde vós outros a dos de Laodicéia. (5)

outras partes prover e ordenar o que fôsse conveniente ao rebanho de Cristo. Demais, que ao tempo que S. Paulo isto escrevia, estavam em Roma outros pregadores, fora Marcos e Justo, porque estava S. Timóteo, que vem nomeado no princípio da carta; estavam S. Lucas e S. Epafras, que ambos saudam nela os Colossenses. Devemos logo confessar de boa fé, que a expressão de S. Paulo se não deve tomar em todo o rigor lógico, mas em sentido benigno, como se dissesse: "E são quasi os únicos", etc. E que quando se devesse tomar rigorosamente, era falando dos coadjutores subsidiários na pregação do Evangelho, e não do que era seu co-apóstolo e pastor de toda a Igreja.

(3) **E TAMBÉM DEMAS** — "Demas" ou "Demade", parece o mesmo que Demétrio. Este a princípio seguiu a S. Paulo e lhe fez em Roma muitos serviços. *Flm*, 24, mas depois o abandonou e se retirou a Tessalônica. 2 *Tim* 4, 8.

(4) **NINFAS** — Este é o nome próprio de homem, como se vê claramente pelo pronome masculino que no grego se lhe segue depois.

(5) **A DOS DE LAODICÉIA** — Este lugar deu ocasião a se fingir uma carta de S. Paulo aos Laodicenses, de que já fazem menção S. Jerônimo e S. Filastro no quinto século, e que com efei-

Epístola de S. Paulo aos Colossenses 4, 17-18

17 E dizei a Arquipo: Vê o ministério, que recebeste do Senhor, para o cumprires. (6)

18 Esta saudação escrevo eu, Paulo, do meu próprio punho. Lembrai-vos das minhas prisões. A graça seja convosco. Amém. (7)

to se acha hoje em algumas bíblias manuscritas (como numa da biblioteca da Congregação do Oratório de Lisboa), donde a copiaram, entre outros, Jacques de Estaple e Xisto de Sena. O papa S. Gregório Magno, no livro último dos Morals, cap. 5, julgou que S. Paulo escrevera efetivamente uma epístola aos Laodicenses, mas que esta se perdera. — **Pereira.**

(6) **DIZEI A ARQUIPO** — Deve-se suprir. "Dizei a Arquipo da minha parte o que se segue", etc. E crê-se provavelmente que este Arquipo era algum presbítero da Igreja de Colossos.

(7) **LEMBRAI-VOS DAS MINHAS PRISÕES** — Para que imiteis a minha constância em padecer pela Fé os maiores trabalhos.

PRIMEIRA EPÍSTOLA
DE
S. PAULO AOS TESSALONICENSES

INTRODUÇÃO

Causas que determinaram a publicação desta Epístola.
— Tessalônica tornara-se a capital de Macedônia e o ponto mais importante do Mediterrâneo (*Tito Livio* 45, 30). Primitivamente tinha tido o nome de *Thermae* (*Tucídides, de Bello Pelepon.* 1, 61). Cassandro engrandecendo-lhe o nome de sua mulher Tessalônica, filha de Filipe, rei de Macedônia. Era a cidade mais populosa de toda a Macedônia e a mais comercial. Os romanos collocaram-se na *Macedonia secunda*, e foi residência dum pretor. Segundo Plínio H. N. 4, 1-17 gozou, como Antioquia, Atenas e Torre, do privilégio de *Cidade livre*.

S. Paulo, saindo de Filipo, dirigiu-se diretamente a Tessalônica, e achou aí uma sinagoga onde pregou durante três semanas deixando o gérmen duma nova cristandade. Mas em breve tempo, expulso pelas intrigas dos judeus, retirou-se para Beréia, depois para Atenas e daí para Corinto. Ainda hoje são numerosos os judeus aí existentes e muito diminuto o número dos católicos e tanto que é apenas uma sé titular.

Primeira Epístola de S. Paulo aos Tessalonicenses

O Apóstolo escreveu para os acautelar das sugestões dos adversários, preveniu-os contra os ataques dos inimigos e remediou algumas lacunas na disciplina eclesiástica.

Nesta epístola há poucos ensinamentos dogmáticos; no quarto capítulo faz-nos conhecer a idéia que o Apóstolo formou do Evangelho.

Tempo e local da composição desta epístola. — Conforme a opinião geralmente seguida. S. Paulo escreveu esta Epístola em Corinto, no ano 62.

Autenticidade. — A autoridade desta epístola e a sua inserção na Causa eclesiástica são confirmadas pelos testemunhos de S. Irineu, *adv. Hæres* 5, 5, Clemente de Alexandria *Paedag* (1, 5), *Strom* (1, 1.) Tertuliano *De Resurrectione*, e muitos outros Padres. Tertuliano cita mais de vinte vêzes esta epístola. Cfr. o fragmento de Muratori, Orígenes *C. Cels* 1, 3 e 20. S. Atanásio cfr. 39. De resto, o texto desta epístola está de tal sorte em harmonia com os dados históricos dos trabalhos de S. Paulo na Macedônia e em Acaia, que é difícil formular uma objeção séria.

PRIMEIRA EPÍSTOLA
DE
S. PAULO AOS TESSALONICENSES

CAPÍTULO 1

**LOUVA PAULO OS TESSALONICENSES PELA PRONTIDÃO COM
QUE RECEBERAM A FÉ, E PELA FIRMEZA COM QUE
PERSEVERAVAM NELA.**

1 Paulo, Silvano e Timóteo, à Igreja dos Tessalonicenses em Deus Padre, e no Senhor Jesus Cristo.

2 Graça, e paz a vós. Sempre damos graças a Deus por todos vós, fazendo memória de vós nas nossas orações sem cessar.

3 Lembrando-nos diante de Deus, e nosso Pai, da obra da nossa fé, e do trabalho, e da caridade, e da firmeza da esperança em nosso Senhor Jesus Cristo:

4 Porque sabemos, amados irmãos, que a vossa eleição é de Deus.

5 Porquanto o nosso Evangelho não foi pregado a vós outros somente de palavra, mas também com eficácia, e em virtude do Espírito Santo, e em grande plenitude, como sabeis quais nós fomos entre vós por amor de vós.

1.^a Epístola aos Tessalonicenses 1, 6-10; 2, 1-2

6 E vós vos fizestes imitadores nossos, e do Senhor, recebendo a palavra com muita tribulação, com gozo do Espírito Santo.

7 De tal sorte que vos haveis feito modelo a todos os que abraçaram a Fé na Macedônia, e na Acaia.

8 Porque por vós outros foi divulgada a palavra do Senhor, não só na Macedônia e na Acaia, mas também se propagou com grande boato por tôdas as partes a fé que tendes em Deus, de sorte que nós outros não temos necessidade de dizer coisa alguma.

9 Porque êles mesmos publicam de nós qual entrada tivemos a vós outros: E como vos convertestes dos ídolos a Deus, para servirdes ao Deus vivo e verdadeiro.

10 E para esperardes do Céu a Jesus seu Filho (a quem êle ressuscitou dos mortos), o qual nos livrou da ira, que há de vir.

CAPÍTULO 2

DECLARA PAULO AOS TESSALONICENSES, COM QUANTA SINCERIDADE ÊLE LHES ANUNCIOU O EVANGELHO. CONSOLA-OS POR TEREM PADECIDO DOS SEUS NATURAIS DE TESSALÔNICA OS MESMOS TRABALHOS, E AS MESMAS PERSEGUIÇÕES, QUE JESUS CRISTO PADECEU DOS SEUS JUDEUS. TESTEMUNHA-LHES O SINGULAR AMOR QUE LHES TÊM.

1 Porque vós mesmos não ignorais, irmãos, que a nossa chegada a vós não foi sem fruto.

2 Antes, havendo primeiro padecido, e tolerado afrontas (como sabeis) em Filipos, tivemos liberdade em nosso Deus para vos pregar o Evangelho de Deus com o maior cuidado.

1.^a Epístola aos Tessalonicenses 2, 3-12

3 Porque a nossa exortação não foi de êrro, nem de imundícia, nem por engano.

4 Mas assim como fomos aprovados de Deus, para que se nos confiasse o Evangelho: Assim falamos, não como para agradar a homens, senão a Deus, que prova os nossos corações.

5 Porque a nossa linguagem nunca foi de adulação, como sabeis, nem um pretexto de avareza: Deus é testemunha:

6 Nem buscando glória dos homens, nem de vós, nem de outros.

7 Podendo como Apóstolos de Cristo ser-vos gravosos: Mas fizemo-nos párvulos no meio de vós outros como uma mãe que amima a seus filhos.

8 Assim amando-vos muito, ansiosamente desejávamos não só dar-vos o conhecimento do Evangelho de Deus, mas ainda as nossas próprias vidas: Porquanto nos fostes muito amados.

9 Porque já vos lembrais, irmãos, do nosso trabalho, e fadiga: Trabalhando de noite e de dia, por não gravarmos a nenhum de vós, pregamos entre vós o Evangelho de Deus.

10 Vós sois testemunhas e Deus, de quão santa, e justa, e sem querela, foi a nossa mansão com vós outros que crêstes:

11 Assim como sabeis de que maneira a cada um de vós (como um pai a seus filhos)

12 vos admoestávamos, e consolávamos, protestando-vos que andásseis de uma maneira digna de Deus, que vos chamou ao seu reino, e glória.

1.^a Epístola aos Tessalonicenses 2, 13-18

13 Por isso é que nós também damos sem cessar graças a Deus: Porque quando ouvindo-nos recebestes de nós outros a palavra de Deus, vós a recebestes, não como palavra de homens, mas (segundo é verdade) como palavra de Deus, o qual obra em vós, os que crestes:

14 Porque vós, irmãos, vos haveis feito imitadores das igrejas de Deus, que há pela Judéia em Jesus Cristo: Porquanto as mesmas coisas sofrestes também vós da parte dos da vossa nação, que êles igualmente da dos judeus:

15 Os quais também mataram ao Senhor Jesus, e aos profetas, e nos têm perseguido a nós, e não são do agrado de Deus, e são inimigos de todos os homens:

16 Proibindo-nos falar aos gentios, para que sejam salvos, a fim de encherem sempre a medida dos seus pecados: Porque a ira de Deus caiu sobre êles até o fim. (1)

17 Nós, porém, irmãos, privados por um pouco de tempo de vós, de vista, não de coração, tanto mais nos temos apressado com grande desejo, para vos ver em pessoa.

18 Pelo que quisemos ir ter convosco: Eu, Paulo na verdade uma, e outra vez, mas satanás no-lo estorvou.

(1) **ATÉ O FIM** — Está até o fim não se deve entender de modo que queira dizer o Apóstolo, que até o fim do mundo há de estar a ira de Deus sobre os Judeus: porque na Epístola aos Romanos 11, 25, ensina S. Paulo, que então se há de converter, e se há de salvar Israel, depois que a multidão dos Gentios tiver entrado na Igreja. Mas deve-se entender da permanência da ira de Deus para sempre, sobre a multidão dos que do povo Judaico foram reprovados por Deus. — **Pereira.**

1.^a Epístola aos Tessalonicenses 2, 19-20; 3, 1-5

19 Porque, qual é a nossa esperança, ou o nosso gozo, ou coroa de glória? Porventura não sois vós outros ante nosso Senhor Jesus Cristo, na sua vinda?

20 Certamente vós sois a nossa glória, e o nosso contentamento.

CAPÍTULO 3

CUIDADO DE PAULO PELOS TESSALONICENSES. A INFORMAÇÃO, QUE LHE DEU TIMÓTEO, DA FÉ E CARIDADE DELES, O CONSOLA GRANDEMENTE. TORNA A CONFESSAR O GRANDE DESEJO QUE TEM DE OS VER.

1 Pelo que não podendo mais sofrer a falta de notícias vossas, fomos de parecer deixarmo-nos ficar sós em Atenas: (1)

2 E enviamos a Timóteo, nosso irmão, e Ministro de Deus no Evangelho de Cristo, para vos fortalecer e consolar na vossa fé.

3 A fim de que nenhum se comova por estas tribulações: Pois vós mesmos sabeis que para isto é que nós fomos destinados.

4 Pois ainda estando convosco, já dantes vos dizíamos que havíamos de padecer tribulações, como tem com efeito acontecido, e vós o sabeis.

5 E por isso não podendo eu sofrer mais dilação, enviei a reconhecer a vossa fé: Temendo não vos haja tentado aquêle que tenta, e que se torne inútil o nosso trabalho.

(1) **ATENAS** — Cfr. 17, 15.

1.^a Epístola aos Tessalonicenses 3, 6-12

6 Mas agora vindo Timóteo a nós, depois de vos haver visto, e fazendo-nos saber a vossa fé e caridade, e como sempre tendes afetuosa lembrança de nós, estando com desejo de nos ver, assim como também nós outros igualmente a vós:

7 Por isso, irmãos, no meio de tôda a nossa necessidade e tribulação, temos sido consolados em vós por causa de vossa fé.

8 Porque agora vivemos nós, se vós estais firmes no Senhor. (2)

9 E verdadeiramente que ação de graças podemos nós render a Deus por vós, em atenção de todo o gozo, com que nos regozijamos, por causa de vós outros diante do nosso Deus:

10 Rogando-lhe de noite e de dia, com a maior instância, que cheguemos a ver a vossa face, e que cumpramos o que falta à vossa fé?

11 E o mesmo Deus, e Pai nosso, e nosso Senhor Jesus Cristo encaminhe os nossos passos para vós outros.

12 E o Senhor vos multiplique, e faça crescer mais e mais a vossa caridade entre vós, e para com todos, assim como nós também vo-la temos. (3)

(2) **PORQUE AGORA VIVEMOS NÓS** — Quer dizer, agora nos, é doce a vida: ou, agora é que nos parece que vivemos entre tantas perseguições, e traições, que nos cercam, e que nos fazem ver a morte sempre diante dos olhos. — **Êstio.**

(3) **VOS MULTIPLIQUE** — Aumentando o vosso número pela conversão dos infiéis.

13 Para confirmar os vossos corações sem repreensão em santidade, diante de Deus, e Pai nosso, na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo com todos os seus Santos. Amém.

CAPÍTULO 4

EXORTA O APÓSTOLO AOS TESSALONICENSES A GUARDAR OS SEUS PRECEITOS SOBRE A CASTIDADE. CONSOLA-OS SOBRE OS MORTOS. DECLARA A ORDEM QUE HÁ-DE HAVER NA RESSURREIÇÃO.

1 Quanto porém ao mais, nós, irmãos, vos rogamos e vos exortamos no Senhor Jesus, que como haveis aprendido de nós, de que maneira vos convém andar e agradar a Deus, assim também andeis para ir crescendo cada vez mais.

2 Porque já sabeis que preceitos vos tenho dado, por autoridade do Senhor Jesus.

3 Pois esta é a vontade de Deus, a vossa santificação: Que vos abstenhais da fornicação.

4 Que saiba cada um de vós possuir o seu corpo em santificação e honra. (1)

5 Não em efeito de concupiscência, como igualmente fazem os gentios, que não conhecem a Deus.

6 E que nenhum oprima, nem engane em nada a seu irmão: Porque o Senhor é vingador de tôdas estas coisas, como já antes vo-lo temos dito e protestado.

(1) **O SEU CORPO** — No original e na Vulgata está *vaso*. Os padres gregos entendem por este vaso o corpo de cada um e assim traduz Glaire.

1.^a Epístola aos Tessalonicenses 4, 7-14

7 Porque Deus não vos chamou para a imundícia senão para a santificação.

8 E assim o que despreza isto, não despreza a um homem, senão a Deus: Que pôs também o seu Espírito Santo em nós outros.

9 E pelo que toca à caridade fraterna, não temos a necessidade de vos escrever: Porquanto vós mesmos aprendestes de Deus, que vos ameis uns aos outros.

10 E de fato vós assim o praticais com todos os irmãos em toda a Macedônia. Mas nós vos rogamos, irmãos, que vades cada vez mais avante neste amor.

11 E que procureis viverdes quietos e que trateis do vosso negócio, e que trabalheis com as vossas mãos, como vo-lo temos ordenado: E que andeis honestamente com os que estão fora e não cobiceis coisa alguma d'alguém. (2)

12 E não queremos, irmãos, que vós ignoreis coisa alguma acêrca dos que dormem, para que não vos entristeçais como também os outros, que não têm esperança.

13 Porque se cremos que Jesus morreu e ressuscitou: Assim também Deus trará com Jesus aquêles que dormiram por êle.

14 Nós pois vos dizemos isto na palavra do Senhor, que nós outros, que vivemos, que temos ficado aqui para a vinda do Senhor não preveniremos aquêles que dormiram. (3).

(2) **COM OS QUE ESTÃO FORA** — Com os infieis, que estão investigando todos os vossos passos e ações, para desacreditarem a religião que professais.

(3) **NÃO PREVENIREMOS** — Na incerteza daquêle grande dia se considera o Apóstolo, como um daqueles que então se hão

15 Porque o mesmo Senhor com mandato e com voz de Arcanjo, e com a trombeta de Deus, descera do Céu: E os que morreram em Cristo, ressurgirão primeiro (4)

16 Depois nós os que vivemos, os que ficamos aqui, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens a receber a Cristo nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor.

17 Portanto consolai-vos uns aos outros com estas palavras.

de achar vivos, e se cita a si mesmo, por exemplo do que sucederá aos que naquele ponto estiverem ainda vivos, os quais não irão a receber a Cristo mais prontamente, que os que de muitos séculos estiverem mortos e reduzidos a pó. Desta maneira de falar do Apóstolo entenderam comumente os padres gregos, que os escolhidos que viveram naquele tempo, não sofrerão a morte, senão que em um ponto serão trasladados e revestidos da incorrupção e da imortalidade: E que neste passo instantâneo de um estado caduco e mortal, a outro da imortalidade e de glória consistirá a sua ressurreição. Mas quase todos os padres latinos, fundados em que todos os filhos de Adão devem morrer, assentam que morrerão também; ainda que a sua morte, pelo curto espaço que mediará entre elle e a sua ressurreição, mais deve chamar-se sono que morte. 1 Cor 15. 15 — Santo Agostinho e S. Tomás.

(4) **E COM A TROMBETA** — Quem não admira o infinito poder do Senhor, o qual em um momento, em um abrir e fechar de olhos reunirá o pó dos corpos de todos os filhos de Adão, desde o primeiro até ao último, para os formar novamente? Alguns entendem por este arcanjo a S. Miguel, considerado no Apocalypse 12, 7, por tutelar da igreja. Outros o entendem do mesmo filho de Deus, cuja voz será ouvida dos mortos: Jo 5, 28, a quem Isaías 9, 6, chama também o anjo de grande conselho. Mas de qualquer modo que se entenda esta voz, e esta trombeta significa, que será intimada a divina vontade a todos os mortos, para que ressuscitem e se apresentem no tribunal de Jesus Cristo. — S. Tomás.

CAPÍTULO 5

A HORA DO JUÍZO É INCERTA. EXORTA PAULO OS TESSALONICENSES A VIGIAR, PARA QUE ELE OS NÃO APANHE DESCUIDADOS. ELES DEVEM OBEDECER AOS SEUS PRETORES. DÁ-LHES VÁRIOS PRECEITOS SOBRE A CARIDADE.

1 . Acêrca porém dos tempos e dos momentos, não haveis mister, irmãos, que nós vos escrevamos.

2 Porque vós sabeis muito bem, que assim como costuma vir um ladrão de noite, assim virá o dia do Senhor.

3 Porque quando disserem paz e segurança: Então lhes sobrevirá uma morte repentina, como a dor a uma mulher que está de parto, e não escaparão.

4 Mas vós, irmãos, não estais em trevas, de modo que aquêlê dia como um ladrão vos surpreenda.

5 Porque todos vós sois filhos da luz, e filhos do dia: Nós não somos filhos da noite, nem das trevas.

6 Não durmamos pois como também os outros, mas vigiemos e sejamos sóbrios.

7 Porque os que dormem, dormem de noite: E os que se embebedam, embebedam-se de noite.

8 Mas nós, que somos filhos do dia, sejamos sóbrios, estando vestidos da couraça da fé e da caridade, e tendo por elmo a esperança da salvação:

9 Porque não nos pôs Deus para ira, senão para alcançar a salvação por nosso Senhor Jesus Cristo,

10 que morreu por nós: A fim de que, ou vigiemos ou durmamos, vivamos sempre com êle.

1.^a Epístola aos Tessalonicenses 5, 11-21

11 Pelo que consolai-vos mutuamente: E edificai-vos uns aos outros, como ainda o fazeis.

12 Ora nós vos suplicamos, irmãos, que tenhais consideração com aquêles que trabalham entre vós, e que vos governam no Senhor, e que vos admoeçam,

13 a que tenhais uma particular veneração em caridade, por causa do seu trabalho, Conservai paz com êles.

14 Pedimo-vos também, irmãos, que repreendais os inquietos, que consoleis os pusilânimes, que suporteis os fracos, que sejais pacientes para todos.

15 Vêde que nenhum dê a outro, mal por mal: Antes segui sempre o que é bom entre vós e para com todos.

16 Estai sempre alegres.

17 Orai sem intermissão. (1)

18 Em tudo dai graças: Porque esta é a vontade de Deus em Jesus Cristo para com todos vós.

19 Não extingais o Espírito de Deus. (2)

20 Não desprezeis as Profecias.

21 Examinai porém tudo: Abraçai o que é bom.

(1) **ORAI SEM INTERMISSÃO** — Este preceito de oração contínua, que já antes fôra dado pelo mesmo Jesus Cristo no Evangelho, os Santos Padres o entendem da oração freqüente, ensinando que o que ora com freqüência, ora sem cessar, no sentido de quem pôs o preceito. Assim Santo Atanásio na vida de Santo Antônio; Santo Ambrósio no Livro 1 de Abel e Caim, cap. 9, Santo Agostinho no Livro das Heresias, Heresia 57.

(2) **NÃO EXTINGAIS O ESPÍRITO DE DEUS** — Não levanteis pelas vossas culpas obstáculos à operação da graça em vossas almas.

1.^a Epístola aos Tessalonicenses 5, 22-28

22 Guardai-vos de toda a aparência do mal.

23 E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo, para que todo o vosso espírito, e a alma, e o corpo se conservem sem repreensão para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.

24 Fiel é o que vos chamou: qual também o cumprirá.

25 Irmãos, orai por nós. (3)

26 Saudai a todos os irmãos em ósculo santo.

27 Eu vos conjuro pelo Senhor, que se leia esta carta a todos os Santos irmãos.

28 A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja convosco. Amém.

(3) **IRMAOS, ORAI POR NÓS** — Se o Apóstolo se encomenda d'este modo nas orações Tessalonicenses, que ainda eram viadores, como se não encomendaria êle nas orações dos Santos do Céu, que já são compreensores? Não têm logo razão os protestantes em dizer, que nós, os Católicos Romanos, fazemos injúrias a Jesus Cristo, quando nas Ladainhas invocamos a intercessão dos Santos Bem-aventurados, dizendo, como dizia o Apóstolo dos Santos da terra: Orai por nós.

SEGUNDA EPÍSTOLA

DE

S. PAULO AOS TESSALONICENSES

INTRODUÇÃO

Tempo e lugar da sua composição. — Esta segunda Epístola aos Tessalonicenses foi escrita pouco tempo depois da primeira. Eram, segundo se depreende do texto, idênticas as circunstâncias em que se encontrava esta Igreja, referindo-se o Apóstolo aos mesmos fatos a que se tinha reportado na primeira Epístola. O que é mais decisivo, é que Silvanus é ainda nomeado com Paulo e Timóteo, o que mostra ter mediado pouco tempo entre uma e outra Epístola. Por isto parece que foi composta quando todos três trabalhavam em Corinto, portanto aí pelo ano 53.

Autenticidade. — A tradição constante que atribui a S. Paulo esta Epístola não encontrou nunca objeção séria, pois está perfeitamente garantida pelos testemunhos da mais alta antiguidade. Basta-nos indicar S. Irineu, *Adn Heres* 3, 7, 2. *Et iterum in secunda ad Thessalonicenses*, Clemente de Alexandria *Strono* 5, 3. Tertuliano *Adv. Marci*, S. Justino, *Dial.* c. 110. S. Policarpo, *ad Philipp.* 100, 11.

2.^a Epístola de S. Paulo aos Tessalonicenses

Causas que determinaram a publicação desta Epístola.

— Em primeiro lugar estabelecer a doutrina referente ao derradeiro julgamento; a conduta desordenada de alguns membros desta Igreja; os choros de alguns que, confiados na prática das obras de misericórdia, não queriam trabalhar, achando mais cômoda a vida à custa da caridade dos outros.

Há algumas passagens de difícil interpretação, como se vê das opiniões diversas dos vários comentadores.

SEGUNDA EPÍSTOLA
DE
S. PAULO AOS TESSALONICENSES

CAPÍTULO 1

PAULO DÁ GRAÇAS A DEUS PELA FÉ DOS TESSALONICENSES, E PELA SUA PACIÊNCIA NAS PERSEGUIÇÕES. CONSOLA-OS COM O PRÊMIO QUE OS ESPERA NO DIA DO SENHOR, NO QUAL TAMBÉM SERÃO PUNIDOS OS SEUS ADVERSÁRIOS. ROGA A DEUS PELA SUA PERSEVERANÇA.

1 Paulo, e Silvano, e Timóteo, à Igreja dos Tessalonicenses em Deus nosso Pai, e no Senhor Jesus Cristo. (1)

2 Graça seja a vós outros, e paz da parte de Deus nosso Pai, e da do Senhor Jesus Cristo.

3 Nós devemos, irmãos, dar graças a Deus sem cessar por vós, como é justo, porque a vossa fé vai em grande crescimento, e abunda a caridade de cada um de vós, correspondendo-vos nela reciprocamente:

4 De sorte que ainda nós mesmos nos gloriamos de vós outros nas igrejas de Deus, pela vossa paciência, e fé

(1) **SÍLVANO** — O Silas nos Atos.

2.^a Epístola aos Tessalonicenses 1, 5-10

e em tôdas as vossas perseguições, e tribulações, que sofreis.

5 Em prova do justo juízo de Deus, para que sejais tidos por dignos no reino de Deus, pelo qual outrossim padeceis. (2)

6 Se bem é justo diante de Deus, que êle dê em paga tribulação àqueles que vos atribulam:

7 E a vós, que sois atribulados, descanso juntamente conosco, quando aparecer o Senhor Jesus descendo do Céu, com os anjos da sua virtude.

8 Em chama de fogo, para tomar vingança daqueles que não conheceram a Deus, e dos que não obedecem ao Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo: (3)

9 Os quais pagarão a pena eterna de perdição ante a face do Senhor, e a glória do seu poder:

10 Quando êle vier para ser glorificado nos seus santos, e para se fazer admirável em todos os que creram nele, pois que o testemunho, que nós demos à sua palavra, foi por vós recebido na esperança daquele dia.

(2) **DO JUSTO JUÍZO DE DEUS** — São as tribulações dos Tessalonicenses uns sinais do justo juízo de Deus, enquanto do que padecem neste mundo os justos, vem a conhecer-se qual será no outro mundo o castigo dado aos ímpios. — S. Tomás.

(3) **E DOS QUE NÃO OBEDECEM AO EVANGELHO** — É muito para reparar que não diz aqui o Apóstolo, "e dos que não conhecem o Evangelho", bem como primeiro tinha dito "dos que não conhecem a Deus"; mas diz "e dos que não obedecem ao Evangelho". E isto porque o não conhecer a Deus sempre é pecado nos gentios, visto que tendo uso de razão o deviam conhecer pelas mesmas criaturas; mas o não conhecer o Evangelho de Jesus, posto que nos gentios sempre é pena de pecado original, nem sempre é pecado que se lhes impute, visto que não os podendo conhecer pela razão natural, só então pecam, quando, ouvindo-o pregar, não lhe obedecem.

11 Por isso também é que nós oramos incessantemente por vós: Para que o nosso Deus vos faça dignos da sua vocação, e cumpra todo o conselho de bondade, e a obra de fé pelo seu poder.

12 Para que o nome de nosso Senhor Jesus Cristo seja glorificado em vós, e vós nele pela graça de nosso Deus, e do Senhor Jesus Cristo.

CAPÍTULO 2

QUE NÃO DEVEM SER FÁCEIS OS TESSALONICENSES PARA CRER QUE O DIA DO JUÍZO UNIVERSAL ESTÁ PRÓXIMO. QUE PRIMEIRO HÁ-DE VIR O ANTICRISTO. QUE ESTE HÁ-DE ENGANAR OS RÉPROBOS COM FALSOS MILAGRES. TORNA PAULO A DAR GRAÇAS A DEUS PELA ELEIÇÃO E FÉ DOS TESSALONICENSES. QUER QUE GUARDEM AS TRADIÇÕES QUE ELE LHE DEIXOU.

1 Ora nós vos rogamos, irmãos, pela vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo e pela nossa reunião com êle.

2 Que não vos movais facilmente da vossa inteligência, nem vos perturbeis, nem por qualquer espírito, nem por discurso, nem por carta como enviada de nós, como se o dia do Senhor estivesse já perto. (1)

(1) **POR QUALQUER ESPÍRITO** — Falsamente divino ou profético, por qualquer suposta revelação falsamente atribuída ao Espírito Santo.

DIA DO SENHOR — Esta expressão, segundo o *usus loquendi* da Escritura, designa o livro sagrado, o fim do mundo, o juízo universal, com que o Senhor se ostentará na plenitude da sua majestade e da sua infinita justiça, At 2, 20; 1 Cor 3, 13; 5, 5; 2 Cor 1, 14, etc.; mas os autores sagrados designam algumas vezes por esta expressão os grandes acontecimentos em que a majestade divina se manifestou duma maneira frizante, e que são

2.^a Epístola aos Tessalonicenses 2, 3

3 Ninguém de modo algum vos enganê: Porque não será, sem que antes venha a apostasia, e sem que tenha aparecido o homem do pecado, o filho da perdição. (2)

como imagens da catástrofe final Jer 30, 7, 8; At 1, 7; Hebr 10, 25; Apc 6, 17. S. Paulo aconselha aos fiéis de Tessalonica que se não assustem com os ditos daqueles que anunciam o termo, alegando revelações que não existirão. O Apóstolo ensina que ainda estão longe êsses tempos últimos. Enumera os insólitos acontecimentos que hão de preceder essa última data: a **apostasia**, **discessio**, que, segundo a explicação mais autorizada, se refere à apostasia dos povos cristãos, dos filhos mais diletos da Igreja, que se separam de tão boa mãe, afrontando-a e combatendo-a; a aparição do filho da perdição, do homem do pecado, dêste inimigo do verdadeiro Deus, que se atribuirá honras divinas. O que levava o Apóstolo a apresentar êstes avisos não era só poupar aos fiéis inquietações infundadas, era a precisão do perigo em que incorria a fé pelas decepções que resultavam de semelhantes ilusões. A mesma razão impera no ânimo da Igreja, que proibiu sob pena de excomunhão assinalar a época da vinda do Anticristo e o dia do julgamento Concílio Later, sessão 11.

(2) **SEM QUE ANTES VENHA A APOSTASIA** — O que o Grego diz **apostasia**, verte o intérprete latino **discessio**, que quer dizer apartamento, ou separação; por isso mesmo é a apostasia. Por isso dizemos apostatar, e apóstata, dos que largam a Religião Católica, ou a ordem religiosa que antes professavam. Mas que apostasia é esta, que o Apóstolo afirma que há de suceder, antes que venha o Anticristo? (Que o Anticristo é que êle quer designar debaixo do nome de homem do pecado, e de filho da perdição). S. Jerônimo na Carta a Algasia, e outros padres antigos, que escreviam durante ainda o Império Romano, foram de parecer que esta apostasia era a rebelião geral, com que tôdas as nações se subtraíram da obediência do mesmo Romano Império. Porém como há muitos séculos que o Império Romano se acabou, sem que ainda assim tenha vindo o Anticristo, crêem S. Tomás, Domingos Soto e Guilherme Êstio, (e êste é hoje o sentimento comum dos modernos), que por esta apostasia designa o Apóstolo uma apostasia não geral, mas quase geral, com que os povos e nações inteiras se apartarão da Igreja Católica, e da obediência ao Sumo Pontífice, Vigário de Jesus Cristo, naqueles últimos tempos do mundo, dos quais, falando o mesmo Jesus Cristo, disse por S. Lucas, 18, 8; *Filius hominis veniens, putas, inveniet fidem in terra?* Quando vier o Filho do homem, cuidas que achará fé na terra? Não obstante porém esta, que parece gene-

4 Aquêlê que se opõe, e se eleva sôbre tudo o que se chama Deus, ou que é adorado, de sorte que se assentará no Templo de Deus, ostentando-se como se fôsse Deus.

5 Não vos lembraís que eu vos dizia estas coisas quando ainda estava convosco?

6 E vós sabeis que é o que agora o detém, a fim de que seja manifestado a seu tempo.

7 Porque o mistério da iniquidade já de presente se opera: Sômente que aquêlê que agora tem, tenha, até que êste homem seja destruído. (3)

ralidade de apostasia, sempre até o fim do mundo há de subsistir uma verdadeira e visível Igreja de Cristo, segundo êle mesmo prometeu no Evangelho.

O HOMEM DO PECADO — O homem do pecado é um Hebraísmo com que o Apóstolo quis significar um homem insigne pecador, ou o péssimo de todos os homens. Da mesma sorte por filho da perdição entendem os Hebreus um homem destinado a perder-se miseravelmente, que é como com efeito vertem neste passo Sacy e os de Mons, o que a Vulgata diz: *filii perditiones*. E êstes são os caracteres com que S. Paulo designa ao Anticristo. — **Pereira,**

(3) **SÔMENTE QUE AQUÊLE, QUE AGORA TEM, TENHA** — O sentido dêste texto é abstrusíssimo e dificultosíssimo, tanto no grego como no latim; à uma, por causa da conclusão daquelle período, *tantum ut que tenet, nunc, teneat*, à outra porque se não pode determinar com certeza o que quer dizer o outro período, *donec de medio fiat*. Os padres antigos, insistindo na hipótese, que acima dissemos, de estar a vinda do Anticristo conexa com a destruição do Império Romano, explicam assim todo o texto: sômente faz diferi-lo, para se manifestar de todo, que o que agora tem o Império Romano, o tenha, até que seja destruído. Os modernos, como extinto há tantos séculos o Império Romano, mostra a experiência que ainda o Anticristo não veio, vêem-se obrigados a recorrer a outros sentidos. E uns, com Estlo e Amelote, vertem assim o texto do Apóstolo: "Sômente, que aquêlê que tem a fé, a tenha até que se faça a divisão". E por esta divisão entendem êles a apostasia, de que se falou no verso 3.

2.^a Epístola aos Tessalonicenses 2, 8-10

8 E então aparecerá o tal iníquo, a quem o Senhor Jesus matará com o assôpro da sua bôca, e o destruirá com o resplendor da sua vinda: (4)

9 A vinda do qual é, segundo a obra de satanás, em todo o poder, e em sinais, e em prodígios mentirosos.

10 E em tôda a sedução da iniquidade para aquêles que perecem: Porque não receberam o amor da verdade para serem salvos. Por isso lhes enviará Deus a operação do êrro, para que creiam a mentira.

Outros, com Arnault, Sacy e Huré, vertem dêste modo: "Sômente, que aquêlo que tem a fé, a conserve, até que êste homem seja destruído, a saber, o Anticristo". E a êstes últimos é que eu segui, movido da reflexão que fiz, que quanto ao primeiro periodo, concordam uns e outros que o Apóstolo fala da conservação da fé; e quanto ao segundo, que em tomar de *medio fiat*, como se dissesse, *de medio tollatur*, (que era o que a Êstio parecia duro e insólito) tem esta interpretação por si a intelligência de todos os padres antigos, gregos e latinos. Com tudo isto Mesengui, verte assim: *Attendant seulement, que ce qui le retient maintenant, ait disparu*. A qual versão, chegando-se mais para o grego, do que para o latim, concorda todavia com a nossa, em entender de *medio fiat*, por desaparecer. Glaire traduz..., *seulement, que celui qui tient maintenant tiennne jusqu'à ce qu'il disparaisse*, e comenta, agora tem, subentende a fé, a conserve até à morte do Anticristo.

(4) **COM O ASSÓPRO DA SUA BÓCA** — Esta expressão, de que já tinha usado também Isaías, 11, 4, declara admiravelmente qual é o poder de Jesus Cristo; pois que com um assôpro, ou com uma palavra, há-de destruir aquêlo mesmo Anticristo, que até ali blasonava de ser Deus, e como tal tinha sido reconhecido e adorado por uma multidão infinita de sectários. Por isso também Daniel, 7, 25, diz que o Anticristo, *sine manu conteretur*, será destruído sem mão, que é como se disseramos, sem pau nem pedra. Um bocêjo do Filho de Deus fará cair morta aquela besta fêra, e horrível, que tinha devorado a quase todo o mundo.

2.^a Epístola aos Tessalonicenses 2, 11-16; 3, 1-2

11 Para que sejam condenados todos os que não deram crédito à verdade, antes assentiram à iniquidade.

12 Mas nós outros devemos sempre dar graças a Deus por vós, ó irmãos queridos de Deus, porque Deus vos escolheu como primícias para salvação, na satisfação do espírito e na fé da verdade:

13 Na qual vos chamou também pelo nosso Evangelho, para alcançar a glória de nosso Senhor Jesus Cristo.

14 E assim, irmãos, estai firmes: E conservai as tradições que aprendestes, ou de palavra, ou por Carta nossa.

15 E o mesmo nosso Senhor Jesus Cristo, e Deus e Pai nosso, o qual nos amou, e nos deu uma consolação eterna, e uma boa esperança em sua graça,

16 console as vossas orações, e os confirme em tôda a boa obra, e palavra.

CAPÍTULO 3

PEDE QUE ROQUEM POR ELE A DEUS. ADMOESTA-OS QUE FUJAM DE TRATAR COM OS TURBULENTOS E OCIOSOS, E QUE CASTIGARÁ OS CONTUMAZES. CONCLUI ROGANDO-LHES A PAZ E A GRAÇA DE DEUS.

1 Quanto ao mais, irmãos, orai por nós, para que a palavra de Deus se propague, e seja glorificada, como também o é entre vós:

2 E para que sejamos livres de homens importunos e maus: Porque a fé não é de todos. (1)

(1) **PORQUE A FÉ NÃO É DE TODOS** — Não é comum a todos. Ainda que Deus a todos concede meios de crer, nem todos dêles se aproveitam.

2.^a Epístola aos Tessalonicenses 3, 3-11

3 Mas Deus é fiel que vos confirmará, e guardará do maligno. (2)

4 E confiamos no Senhor de vós outros, que não só fazeis, mas fareis o que vos mandamos.

5 O Senhor, porém, dirija os vossos corações no amor de Deus, e na paciência de Cristo.

6 Mas nós vos intimamos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que vos aparteis de todo o irmão que andar desordenadamente, e não segundo a tradição, que êle e os mais receberam de nós outros.

7 Porque vós mesmos sabeis como deveis imitar-nos: Pois que não vivemos desregrados entre vós.

8 Nem comemos de graça o pão de algum, antes com trabalho e fadiga, trabalhando de dia e de noite, por não sermos pesados a nenhum de vós.

9 Não porque não tivéssemos poder para isso, mas para vos oferecer em nós mesmos um modelo que imitásseis.

10 Porque ainda quando estávamos convosco, vos denunciávamos isto: Que se algum não quer trabalhar não coma. (3)

11 Porquanto temos ouvido, que andam alguns entre vós inquietos, que nada fazem senão indagar o que lhes não importa.

(2) **DO MALIGNO** — Este maligno por uma antonomásia freqüente nas Escrituras é o demônio. — **Êstio.**

(3) **NAO COMA** — Esta doutrina do Apóstolo era bem que se intimasse aos mendigos que podem trabalhar e por preguiça querem antes pedir. Sobre o que era para se desejar que se

2.^a Epístola aos Tessalonicenses 3, 12-18

12 A êstes pois, que assim se portam, lhes denunciarmos, e rogamos no Senhor Jesus Cristo que comam o seu pão, trabalhando em silêncio. (4)

13 E vós, irmãos, não vos canseis nunca de fazer bem.

14 Se algum, porém, não obedece ao que ordenamos pela nossa Carta, notai-o, e não tenhais comércio com êle, a fim de que se envergonhe.

15 Não o considereis todavia como um inimigo, mas adverti-o como vosso irmão.

16 E o mesmo Senhor da paz vos dê a paz sem fim em todo o lugar. O Senhor seja com todos vós.

17 Eu, Paulo, vos saúdo aqui de minha própria mão: Que é o sinal em tôdas as Cartas: Assim é que escrevo.

18 A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós. Amém.

guardassem as Leis do Código Teodosiano, liv. 14, tit. 18, que é dos mendicantes, que não são inválidos. — Estio.

(4) **QUE COMAM O SEU PÃO** — Tem sua ênfase o dizer, "o seu pão" como se dissera: "Que comam não o pão alheio, mas o seu, isto é, o que êles ganhem com o seu trabalho". — Estio.

EPÍSTOLAS PASTORAIS

As três Epístolas dirigidas por S. Paulo aos seus discípulos diletos Timóteo e Tito são conhecidas pelo nome de Epístolas Pastorais, sendo assim chamadas porque versam assuntos referentes ao ministério pastoral, tratando em particular da escolha, deveres e virtudes dos pastores.

Timóteo, a quem são dirigidas duas cartas, tinha acompanhado S. Paulo em parte das suas viagens, desempenhando-se de varias missões, na Macedônia, na Grécia, em Filipos, em Tessalônica e em Corinto.

EPÍSTOLA A TIMÓTEO

INTRODUÇÃO

Causa que determinou a publicação desta Epístola e seu objeto. — Estando o Apóstolo de partida para a Macedônia pela quarta vez (como das palavras desta primeira Carta 1, 3 concluem os Cronologistas Sagrados depois dum largo exame das outras três viagens, de que falam

Epístola a Timóteo

os *Atos dos Apóstolos*, que o mesmo S. Paulo fizera àquella província), teve o cuidado de deixar a Timóteo seu discípulo em Éfeso, metrópole da Ásia Menor, para governar esta Igreja na sua ausência, esperando ir vê-lo com brevidade. 1 *ad Timot.* 3, 14. 15). Mas como depois soubesse que os falsos doutores enredavam feia e desgraçadamente os novos alunos desta Igreja em muitos erros, querendo estabelecer a diferença das viandas, unir com o Evangelho as observâncias legais, desacreditar a santidade do matrimônio, temendo que se visse na impossibilidade de poder ir a Éfeso com a presteza que desejava, e que Timóteo, por ser ainda mancebo, não tivesse aquella experiência, que era necessária para atalhar com a devida resolução e constância todos êstes erros: julgou que devia escrever a presente Carta, para lhes fazer algumas advertências, e particularmente instruí-lo nas obrigações do seu Ministério, e governo daquela Igreja.

Admoesta-o pois aqui mais que tudo a guardar fielmente o Depósito da Fé, que lhe foi confiado; a obviar com heróica valentia e firmeza a tudo quanto fôr novidade profana; a redarguir e combater os erros dos falsos doutores: instruindo enfim dêste modo não só a um Bispo nos principais deveres do seu Ministério, isto é, no que deve fazer e ensinar, mas ainda intimando e propondo máximas importantíssimas para formar os costumes dos mais Eclesiásticos, e também dos leigos.

Por ocasião de lhe dirigir esta carta dá o Apóstolo ao seu mesmo discípulo vários documentos e avisos de summa utilidade, todos concernentes a preveni-lo assim das futuras contradições, que havia de experimentar no exercício do seu Ministério, como do contágio de muitos males, a que tinha obrigação de ocorrer, e com tôdas as forças resistir.

Epístola a Timóteo

Tempo e local da composição. — Esta Carta foi provavelmente escrita na língua Grega, não de Laodicéia, como trazem no fim os Exemplares Gregos, mas de Macedônia no ano 64 ou 65 de Cristo, e remetida por via do Diácono Tíquico.

Autenticidade. — Ainda que dêse tempos de Marcião os herejes tenham impugnado a autenticidade desta Epístola, contudo não está bem vingada pelos antigos e pelos modernos. Sem falar de S. Irineu que começa a sua obra *Adv-Hers* por palavras extraídas desta Epístola, temos anteriormente os testemunhos de Teófilo de Antioquia e de S. Policarpo, e por isso as críticas modernas com Bertholot, Plank, Hus, Klink e outros têm a autenticidade desta Epístola como incontestável. A análise intrínseca do texto também a confirma, pois no Cap. 6, 20 refere-se à Gnose como representante de doutrinas contrárias à fé Apostólica. Aos erros de Gnósticos, S. Paulo opõe o dogma Evangélico, como um sistema doutrinal, completo, ensinado por Jesus Cristo, pregado por Apóstolos e confiado aos pastores da Igreja.

PRIMEIRA EPISTOLA
DE
S. PAULO A TIMÓTEO

CAPÍTULO 1

ROGA PAULO A TIMÓTEO, QUE SE Oponha aos doutores do judaísmo. O PURO AMOR É O FIM DA LEI. A LEI NÃO FOI POSTA AOS JUSTOS. DÁ PAULO GRAÇAS A DEUS QUE DE PERSEGUIDOR DA IGREJA O FEZ SEU APÓSTOLO. EXORTA A TIMÓTEO A MILITAR COMO BOM SOLDADO.

1 Paulo, Apóstolo de Jesus Cristo, por mandado de Deus nosso Salvador, e de Jesus Cristo nossa Esperança.

2 A Timóteo, amado filho na fé. Graça, misericórdia e paz, da parte de Deus nosso Pai e da de Jesus Cristo nosso Senhor. (1)

(1) **TIMÓTEO** — Já conhecemos este personagem dos Atos dos Apóstolos 16, 1 e seguintes; nasceu em Listra, na Licânia, de pai pagão e mãe judia. Os seus parentes maternos fizeram-lhe conhecer as Sagradas Escrituras 2 Tim 1, 5. Quando S. Paulo veio pela primeira vez a Listra, Timóteo instruiu-se na fé e foi batizado, com sua mãe e sua avó. Tal era a fé de Timóteo que S. Paulo o tomou como companheiro, seguindo nas suas peregrinações apostólicas.

1.^a Epístola de S. Paulo a Timóteo 1, 3-9

3 Como te roguei que ficasses em Éfeso, quando me parti para Macedônia, para que admoestasses alguns que não ensinassem de outra maneira, (2)

4 nem se ocupassem em fábulas e genealogias intermináveis: As quais antes ocasionam questões, que edificação de Deus, que se funda na fé.

5 Ora, o fim do preceito é a caridade nascida dum coração puro e duma boa consciência, e duma fé não fingida.

6 Donde, apartando-se alguns, se deram a discursos vãos.

7 Querendo ser doutores da lei, não sabendo nem o que dizem, nem o que afirmam.

8 Sabemos pois que a lei é boa, para aquêles que usa dela legitimamente:

9 Sabendo isto, que a lei não foi posta para o justo, mas para libertinos e desobedientes, para os ímpios e pecadores, para os irreligiosos e profanos, para os parricidas e matricidas, para os homicidas. (3)

(2) **COMO TE ROGUEI** — O sentido é: Quisera que efetuasses o que te roguei que fizesses, quando te deixei em Efeso, retirando-me para a Macedônia. — **Menóchio.**

EM ÉFESO — Daqui toma ocasião o nosso grande Dominicano e Doutor Conimbricense, Fr. Luiz de Sottomaior, de tratar da Residência dos Bispos nas suas Dioceses, que êle demonstra pelas Sagradas, Escrituras e Santos Padres, ser de direito Divino, e ainda de direito Natural. — **Pereira.**

(3) **QUE A LEI NÃO FOI POSTA PARA O JUSTO** — O sentido, em que S. Paulo diz aqui, que a lei não foi posta ao justo, é o mesmo em que êle diz aos Romanos, no capítulo 6 vers. 14. Que os justos não estão debaixo da lei, mas debaixo da graça. Em

10 Para os devassos, sodomitas, roubadores de homens, para os mentirosos e perjuros, e para tudo o que é contra a sã doutrina. (4)

11 Que é segundo o Evangelho da glória de Deus bem-aventurado, cuja pregação me foi encarregada.

12 Graças dou àquele que me confortou, a Jesus Cristo nosso Senhor, porque me teve por fiel, pondo-me no ministério:

13 A mim que havia sido antes blasfemo, e perseguidor, e injuriador: Mas alcancei a misericórdia de Deus porque o fiz por ignorância na credulidade.

14 Mas a graça de nosso Senhor abundou em grande maneira com a fé e caridade, que é em Jesus Cristo.

15 Fiel é esta palavra, e digna de toda a aceitação: Que Jesus Cristo veio a este mundo, para salvar aos pecadores, dos quais o primeiro sou eu.

16 Mas por isto alcancei misericórdia: Para que em mim, sendo o primeiro, mostrasse Jesus Cristo a sua

tanto pois a lei não foi posta para o justo, mas para os libertinos, e rebeldes; enquanto o justo, por isso mesmo que faz as obras da lei, não pelo temor da pena, mas pelo amor da justiça, de tal sorte as faz, que para as fazer não necessita de que as mande a lei; quando pelo contrário os libertinos e rebeldes, por isso mesmo que só se levam do temor da pena, e não do amor da justiça, ou não fazem as obras da lei, ou as fazem de má mente, desejando quanto em si é, que as não mandasse a Lei.

(4) **ROUBADORES DE HOMENS** — Plagiarii se chamam pelos jurisconsultos aquêles que furtam escravos de outros, ou os que roubam homens livres para os fazerem escravos, e este roubo se chama **plagium**, o que era proibido na lei do Êxodo 21, 16. — Pereira.

1.ª Epístola de S. Paulo a Timóteo 1, 17-20; 2, 1-4

extremada paciência, para modêlo dos que haviam de crer nele, para a vida eterna.

17 Ao rei pois dos séculos imortal, invisível, a Deus só seja honra e glória pelos séculos dos séculos. Amém.

18 Êste mandamento te encarrego, filho Timóteo, segundo as profecias que precederam, feitas sôbre ti, que milites por elas boa milícia.

19 Conservando a fé e a boa consciência, a qual porque ainda alguns repeliram, naufragaram na fé:

20 Dêste numero é Himeneu, e Alexandre, os quais eu entreguei a satanás, para que aprendam a não blasfemar.

CAPÍTULO 2

DEVE-SE ORAR POR TÔDA A SORTE DE PESSOAS. DEUS QUER SALVAR A TODOS OS HOMENS. NÃO HÁ SENÃO UM DEUS E UM MEDIADOR. EM QUE ESTADO DEVEM ORAR OS HOMENS E AS MULHERES. AS MULHERES NÃO DEVEM SER DOUTORAS. EVA FOI SEDUZIDA PELA SERPENTE. AS CASADAS SALVAM-SE SENDO VIRTUOSAS.

1 Eu te rogo pois, antes de tudo, que se façam súplicas, orações, petições, ações de graças por todos os homens:

2 Pelos reis, e por todos os que estão elevados em dignidade, para que vivamos uma vida sossegada, e tranqüila em tôda a sorte de piedade, e de honestidade:

3 Porque isto é bom, e agradável diante de Deus nosso Salvador.

4 Que quer que todos os homens se salvem, e que cheguem a ter o conhecimento da verdade.

5 Porque só há um Deus, e só há um Mediador entre Deus e os homens, que é Jesus Cristo homem: (1)

6 Que se deu a si mesmo para redenção de todos, testemunho no tempo próprio: (2)

7 Por isso é que eu fui constituído pregador e Apóstolo (eu digo a verdade, não minto) doutor das gentes na fé e na verdade.

8 Quero pois que os homens orem em todo o lugar, levantando as mãos puras, sem ira e sem contenda.

9 Que do mesmo modo orem também as mulheres em traje honesto, ataviando-se com modéstia e sobriedade,

(1) **E SÓ HÁ UM MEDIADOR** — Não se pode duvidar, que assim como o Apóstolo dizendo que só há um Deus, exclui todos os mals, assim quando diz que só há um Mediador entre Deus e os homens, que é Jesus Cristo homem, quer que reconheçamos ser este ofício tão próprio de Jesus Cristo, que ele se não atribua a outro, nem homem, nem Anjo. Daqui argumentam os adversários da intercessão dos Santos: Se só Cristo é o Mediador, segundo o Apóstolo, logo fazem injúria a Cristo os que transferem aquêle seu ofício para outros tantos Mediadores quantos são os Santos do Céu, cuja intercessão invocam. Deve-se responder, que o ser Cristo o Mediador próprio, primeiro e principal entre Deus e os homens, não tira que os Santos se possam e devam invocar, como uns Mediadores secundários e imperfeitos. Porque neste mesmo capítulo manda o Apóstolo que oremos uns pelos outros. E na 1 Epístola aos Tessalonicenses, 5, 25, diz o Apóstolo: "Orai por nós". Porque esta mesma intercessão dos Santos tem por base os merecimentos de Cristo, e por isso tôdas as orações em que a Igreja invoca a intercessão dos Santos acabam por estas palavras: **Per Christum Dominum nostrum**, por Cristo nosso Senhor

(2) **TESTEMUNHO NO TEMPO PRÓPRIO** — Isto é, feito testemunho da verdade, que pregara, de que ele era Filho de Deus e mandado por Deus para remir o Mundo; e feito testemunho, quando estava completo o tempo, que Deus para isso decretara. — **Estio.**

1.^a Epístola de S. Paulo a Timóteo 2, 10-15

e não com cabelos encrespados, ou com ouro ou pérolas, ou vestidos custosos:

10 Mas sim como convém a mulheres que demonstram piedade por boas obras.

11 A mulher aprenda em silêncio com toda a sujeição.

12 Pois eu não permito à mulher que ensine, nem que tenha domínio sobre o marido: Senão que esteja em silêncio. (3)

13 Porque Adão foi formado primeiro: Depois Eva:

14 E Adão não foi seduzido: Mas a mulher foi enganada em prevaricação. (4)

15 Contudo ela se salvará pelos filhos que der ao mundo, se permanecer na fé e caridade, e em santidade junta com modéstia.

(3) **QUE ENSINE** — Entende-se na Igreja, ou do púlpito, como o Apóstolo se explica na primeira aos Coríntios, 14, 34. Com o que pode muito bem estar, que elas em casa instruem a seus filhos e criados.

(4) **EM PREVARICAÇÃO** — Desobedecendo a Deus. O demônio, conhecendo que o homem era mais prudente, não lhe dirigiu os seus primeiros tiros, mas enganou primeiro a mulher. O homem pecou depois, não por sedução, mas por comprazer à mulher. E assim Eva disse: "a serpente me enganou"; porém Adão: "a mulher me deu a maçã". A mulher que tinha menores luzes e era mais fraca, pôde ser mais facilmente surpreendida; donde conclui S. Paulo, que não lhe toca a ela ensinar ao homem, nem ter domínio sobre ele. — **Teodoreto.**

CAPÍTULO 3

QUALIDADES QUE DEVE TER O BISPO. AS DOS DIACONOS E DAS DIACONISAS. A IGREJA É A CASA DE DEUS E A COLUNA DA FÉ. LOUVORES DO MISTÉRIO DA ENCARNAÇÃO.

1 Isto é uma verdade certa: Que se algum deseja o episcopado, deseja uma obra boa. (1)

2 Importa logo que o bispo seja irrepreensível, esposo de uma só mulher, sóbrio, prudente, concertado, modesto, amador da hospitalidade, capaz de ensinar. (2)

3 Não dado ao vinho, não espancador, mas moderado: Não litigioso, não cobiçoso, mas

4 que saiba governar bem a sua casa: Que tenha seus filhos em sujeição, com toda a honestidade.

5 Porque o que não sabe governar a sua casa, como terá cuidado da Igreja de Deus?

(1) **DESEJA UMA OBRA BOA** — Nestas poucas palavras quis o Apóstolo explicar, que coisa seja o Episcopado, que é nome de obra, não de honra. Porque este nome é um nome grego, que significa "tua intendência" sobre outros, tendo cuidado deles: porque vem de epi, isto é, "sobre"; e de scopus, isto é, "intendência". Assim o que os gregos dizem *Episcopo*, podendo nós verter em latim, "sobrentender". E isto para que o bispo conheça que não é bispo o que precisamente quer governar, não aproveitar. Santo Agostinho no livro 19. *Da Cidade de Deus*, cap. 19, donde extrahu o nosso Santo Isidoro de Sevilha nos seus *Ofícios eclesiásticos*, e o concílio de Achisgran no ano de 816 no livro 1 cap. 9. — **Pereira.**

(2) **QUE O BISPO SEJA IRREPREENSÍVEL** — O que o Apóstolo aqui diz, que o bispo deve ser "irrepreensível" e o que ele por outros termos diz, escrevendo a Tito, que o bispo deve ser "sem crime" debaixo do qual nome se entendem, não os pecados leves,

1.^a Epístola de S. Paulo a Timóteo 3, 6-9

6 Que não seja Neófito: Por não succeder que, inchado de soberba, venha a cair na condenação do diabo. (3)

7 Importa outrossim que também êle tenha bom testemunho daqueles que são de fora, para que não caia no opróbrio e no laço do diabo.

8 Que por semelhante modo os Diáconos sejam modestos, não dúbres nas suas palavras, nem sujeitos a beber muito vinho, nem amigos de sórdidas ganâncias.

9 Que conservem o mistério da fé com uma consciência pura.

(porque dêstes, nem os mais santos vivem isentos) mas os pecados graves; e ainda dêstes, não todos, mas os notáveis, que se podem acusar e condenar em juízo, e que fazem perder o bom nome aos que os cometem.

ESPOSO DE UMA SÓ MULHER — Isso querem dizer as palavras do Apóstolo, *unius uxoris virum*; isto é, que quando o bispo tenha atualmente, ou tivesse tido mulher, não tivesse tido outra, mas uma só. E dêste precelto do Apóstolo veio a disciplina da Igreja, que sempre repeliu, não só do Episcopado e Sacerdócio, mas de todos os graus do Clericado aos "bigamos", isto é, aos casados duas vêzes.

CAPAZ DE ENSINAR — Isto significa o nome grego *Didacton*, que vem no original, e que o autor da Vulgata verteu *Doctorem*. Porque não é a mente do Apóstolo significar o grau, ou o título, mas a capacidade, a ciência, as letras. O que se confirma claramente do que êle, falando desta mesma qualidade do bispo, escreve a Tito: *Ut potens sit exhortari qui doctrina sana, et eos qui contradicunt arguere*, que possa pregar a sã doutrina, e refutar os que a contradizem. — Pereira.

(3) **NEÓFITO** — Isto é, recém-convertido, ou por exprimir tôda a propriedade dêste vocábulo grego, enxertado, ou plantado de pouco. Na qual irregularidade contudo se dispensou antigamente com Nectário, para ser bispo de Constantinopla por empenho de Teodósio, o Grande.

1.^a Epístola de S. Paulo a Timóteo 3, 10-16

10 E também êstes sejam antes provados: E assim exercitem o ministério, achando-se que não têm crime algum.

11 Que assim mesmo as mulheres sejam honestas, não maldizentes, sóbrias, fiéis em tudo. (4)

12 Os Diáconos sejam esposos de uma só mulher; que governem bem a seus filhos e as suas casas.

13 Porque os que houverem exercitado bem o seu ministério, ganharão para si melhor grau e muita confiança na fé, que é em Jesus Cristo.

14 Estas coisas te escrevo, esperando que em breve passarei a ver-te.

15 E se tardar, para que saibas como deves portar-te na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e firmamento da verdade.

16 E visivelmente é grande o sacramento da piedade, com que Deus se manifestou em carne, foi justificado pelo espírito, foi visto dos Anjos, tem sido pregado aos gentios, crido no mundo, recebido na glória.

(4) **QUE ASSIM MESMO AS MULHERES** — Não fala o Apóstolo aqui de quaisquer mulheres, mas daquelas que os gregos chamavam Diaconisas às quais a bênção episcopal constitua aptas para certas funções, não de ordem, nem de jurisdição, mas de piedade, e de serviço da Igreja. Delas e do seu ministério trata Santo Epifânio na heresia 29, que é a dos Coliridianos.

CAPÍTULO 4

PREDIZ O APÓSTOLO, QUE AO DIANTE NASCERÃO VÁRIAS HERESIAS. ENSINA QUE TODA A CRIATURA DE DEUS É BOA. QUER QUE TIMÓTEO SE EXERCITE EM OBRAS DE PIEDADE E DE DOCTRINA. ADMOESTA-O A QUE NÃO DESPREZE A GRAÇA, QUE RECEBEU DE DEUS.

1 Ora, o Espírito manifestamente diz que nos últimos tempos apostataram alguns da fé, dando ouvidos a espíritos de êrro e a doutrinas de demônios. (1)

2 Que com hipocrisia falarão mentira, e que terão cauterizada a sua consciência.

3 Que proibirão casarem-se, e que se faça uso das viandas que Deus criou, para que com ação de graças participem delas os fiéis, e os que conheceram a verdade. (2)

4 Porque toda a criatura de Deus é boa, e não é para desprezar nada do que se participa com ação de graças.

5 Porquanto êle se santifica pela palavra de Deus e pela oração.

(1) **QUE NOS ÚLTIMOS TEMPOS** — O que compreende indiferentemente todos os tempos, até ao fim do mundo: e na pessoa de Timóteo admoesta a todos os bispos, que guardem o seu rebanho dos erros dos herejes, armando-se da sã doutrina. — Teodoreto.

(2) **QUE SE FAÇA USO DAS VIANDAS** — Já noutra parte se advertiu, que o que o Apóstolo ensina neste, e noutros lugares, que nada que Deus criou se deve rejeitar, porque todas as criaturas são boas, não se pode trazer em argumento contra a abstinência de certas coisas, que a Igreja prescreve a seus filhos, como é a abstinência da carne e dos laticínios em certos dias, e tempos do ano. O intento do Apóstolo não é reprovar a abstinência das tais coisas, quando ela é praticada com o espírito, e com o fim

6 Propondo isto aos irmãos, serás um bom Ministro de Jesus Cristo, criado com as palavras da Fé, e da boa doutrina que até agora seguiste.

7 E despreza as fábulas impertinentes, e de velhas: E exercita-te em obras de piedade.

8 Porque o exercício corporal para pouco é proveitoso: Mas a piedade para tudo é útil, porque tem a promessa da vida, que agora é, e da que há de ser.

9 Fiel palavra é esta, e digna de tódá a aceitação.

10 Pois que isto é que padecemos trabalhos, e somos amaldiçoados, porque esperamos no Deus vivo, que é o Salvador de todos os homens, principalmente dos fiéis.

11 Manda estas coisas e ensina-as.

12 Nenhum tenha em pouco a tua mocidade: Mas sê o exemplar dos fiéis na conversação, no modo de tratar com o próximo, na caridade, na fé, na castidade.

13 Enquanto eu não vou, applica-te à lição, à exortação e à instrução.

com que a Igreja Católica a pratica, que é o da mortificação e da penitência, pois ninguém ignora que desde os primeiros séculos da mesma igreja foram louvados e admirados, pelo rigor dos jejuns e pela grosseria dos alimentos, um Santo Antão Abade, um S. Basilio, Arcebispo de Cesaréa, e infinitos outros Anacoretas e Prelados santissimos, cujas vidas temos escritas por autores coetâneos, ou quasi coetâneos. Mas o que o Apóstolo condena, é a seleção e diferença dos manjares felto por superstição e por erro, qual era a que faziam alguns Cristãos-Judeus, crendo, e fazendo crer, que ainda na Lei da Graça, estavam os seus professores obrigados a abster-se de certas viandas prohibidas na Lei de Moisés, e qual a que fizeram depois os Maniqueus e Priscilianistas, crendo, e fazendo crer que, certas criaturas dèste mundo eram abomináveis, por serem obras do demônio.

1.^a Epístola de S. Paulo a Timóteo 4, 14-16; 5, 1-4

14 Não desprezes a graça, que há em ti, que te foi dada por profecia pela imposição das mãos do Presbitério.

15 Medita estas coisas, ocupa-te nelas: A fim de que o teu aproveitamento seja manifesto a todos.

16 Olha por ti, e pela instrução dos outros: Persevera nestas coisas: Porque fazendo isto te salvarás tanto a ti mesmo, como aos que te ouvem.

CAPÍTULO 5

INSTRUI PAULO A TIMÓTEO, COMO SE HÁ-DE HAVER COM OS VELHOS E MOÇOS, COM AS VIÚVAS, COM OS PRESBITEROS. QUER QUE NÃO SEJA FÁCIL EM DAR ORDENS. COMO DEVE TRATAR A SUA DEBIL SAÚDE.

1 Não repreendas com aspereza ao velho, mas adverte-o como a pai: Aos moços, como a irmãos.

2 As velhas, como a mães: As moças, como a irmãs com toda a pureza.

3 Honra as viúvas, que são verdadeiramente viúvas. (1)

4 E se alguma viúva tem filhos, ou netos: Aprenda primeiro a governar a sua casa, e a corresponder a seus pais: Porque isto é aceito diante de Deus. (2)

(1) **HONRA AS VIÚVAS** — Honrar, segundo a frase hebraica, significa aqui contribuir com o necessário para o alimento: e o mesmo nos outros lugares, em que se repete neste Capítulo. Theophylacto. Os Latinos usam também de honor, em vez de *præmium*, e por isso dizem *manus honorarium*.

(2) **APRENDA PRIMEIRO** — A Vulgata Latinã diz no singular, *discat*, referido para a viúva. E assim vertem Amelote e Huré.

5 Mas a que verdadeiramente é viúva e desamparada, espere em Deus, e esteja perseverante em rogar e orar de noite e de dia.

6 Porque a que vive em deléites, vivendo está morta.

7 Manda pois isto, para que elas sejam irrepreensíveis.

8 E se algum não tem cuidado dos seus, e principalmente dos da sua casa, esse negou a fé, e é pior que um infiel.

9 A viúva seja eleita, não tendo menos de sessenta anos, a qual não haja tido mais de um marido. (3)

10 Aprovada com testemunho de boas obras, se educou a seus filhos, se exercitou a hospitalidade, se lavou os pés aos Santos, se acudiu ao alívio dos atribulados, se praticou toda a obra boa.

11 Mas não admitas viúvas moças. Porque depois de terem vivido licenciosamente contra Cristo, querem casar-se:

12 Tendo a sua condenação, porque fizeram vã a primeira fé:

13 Além disto, vivendo também na ociosidade, elas se acostumam a andar de casa em casa: Não somente fei-

O grego tem no plural, *discant*, referido sem dúvida para os filhos e netos. Mas S. João Crisóstomo concilia admiravelmente os dois textos, tomando o plural pelo singular. — Pereira.

(3) **NÃO TENDO MENOS DE SESSENTA ANOS** — Isto é, para entrar na classe das viúvas, que a Igreja tomava à sua conta, para as sustentar e conduzir com particular cuidado. Estas faziam voto de castidade, como consta do verso 12. Se bem que como este era um voto simples e não solene, sim reputava

1.^a Epistola de S. Paulo a Timóteo 5. 14-17

tas ociosas, mas também palreiras, e curiosas, falando o que não convém.

14 -Quero, pois, que as que são moças se casem, criem filhos, governem a casa, que não dêem ocasião ao adversário de dizer mal. (4)

15 Porque já algumas se perverseram por irem após satanás.

16 Se algum dos fiéis tem viúvas, mantenha-as, e não seja gravada a Igreja: A fim de que haja o que baste para as que são verdadeiramente viúvas.

17. Os Presbíteros que governam bem sejam honrados com estipêndio dobrado: Principalmente os que trabalham em pregar e ensinar. (5)

a Igreja como adúlteras as segundas núpcias (o que é expresso pelo Cânon 104 do quarto Concílio de Cartago) mas não consta que as declarasse nulas. Viviam também juntas, mas sem cláusula, como se colhe do verso 13. A Igreja as sustentava, e assistia de tudo, verso 16. E d'este costume ainda no terceiro século dá Eusebio um notável testemunho no livro 4 da sua *História*, cap. 33. Em tempo de Santo Agostinho vestiam hábito particular, como consta da sua *Carta a Edícia*, e dos Cânones do quarto Concílio de Cartago. No Oriente eram ordenadas pelo Bispo, como se faz manifesto do Cânon 15 do Concílio de Calcedônia. Mas sempre se reputavam leigas, e não pertencentes ao Clero, pelo Cânon 19 do Concílio Niceno.

(4) **QUERO POIS QUE AS QUE SÃO MOÇAS** — Não as viúvas moças, que já tenham professado castidade, porque destas dissera já o Apóstolo no verso 13, que ainda só com quererem casar, incorrerão na condenação; mas as viúvas moças, que ainda não foram alistadas na matrícula da Igreja, Santo Agostinho no livro do bem da viuvez, cap. 8, diz assim: "Na continência virginal, ou de viúva, apetece-se a excelência dum estado mais perfeito, o qual apetecido e escolhido, e consagrado por voto, já é um peccado digno de condenação não só o casar mas ainda o querer casar.

(5) **SEJAM HONRADOS COM ESTIPÊNDIO DOBRADO** — Na frase dos Hebreus vale o mesmo que amplo, ou copioso. E

18 Porque diz a Escritura: Não ligará a bôca ao boi que debulha. E o que trabalha é digno da sua paga.

19 Não recebas acusação contra os Presbíteros, se não com duas ou três testemunhas.

20 Aos que pecarem repreende-os diante de todos, para que também os outros tenham medo.

21 Eu te esconjuro diante de Deus, e de Jesus Cristo e dos seus Anjos escolhidos, que guardes estas coisas sem preocupação, não fazendo nada por inclinação particular.

tal manda o Apóstolo que seja o estipêndio, que êle chama dobrado, e que êle manda dar aos Párocos que governam bem; isto é, um estipêndio, que, depois de os sustentar com decência, lhes deixe que dar aos pobres. Também se pode dizer, que dobrado se toma aqui por comparação às vlúvas, ou por comparação aos que não são párocos. De qualquer dos dois modos porém que se entenda o dito do Apóstolo, dêle dizer: "os Presbíteros, que governam bem", não se pode inferir, que aos que governam mal, ou vivem escandalosamente, podem os fregueses de seu moto e julzo próprio negar os seus dizimos ou ofertas. Porque êste era o artigo décimo oitavo dos condenados pelo Concílio de Constança nos escritos de Wicliffe. O Apóstolo fala segundo as Regras do Direito Natural, confirmadas pelo Divino. Se os Párocos faltarem às suas obrigações, lá estão os Prelados Eclesiásticos, que na forma dos Sagrados Cânones os possam castigar, e não o povo antes da sentença dos Superiores.

PRINCIPALMENTE OS QUE TRABALHAM — Daqui se colhe: 1.^o Quando o trabalho seja o pregar a palavra de Deus, como convém; pois compara o Apóstolo o trabalho do Pregador com o trabalho do boi, que anda na debulha. 2.^o Que já em tempo dos Apóstolos havia Presbíteros com govêrno e jurisdição espiritual no povo, que todavia não pregavam, occupados somente na administração dos Sacramentos, talvez porque eram menos idôneos para a predica, como em tempo de Santo Agostinho consta que eram S. Valério, bispo de Hipônia, e Santo Alípio, de Tagaste. —

Pereira.

1.^a Epístola de S. Paulo a Timóteo 5, 22-25; 6, 1

22 A ninguém imponhas ligeiramente as mãos, e não te faças participante dos pecados de outrem. Conserva-te a ti mesmo puro. (6)

23 Não bebas mais água só, mas usa de um pouco de vinho por causa do teu estômago, e das tuas frequentes enfermidades.

24 Os pecados de alguns homens são manifestos antes de se examinarem em juízo. Mas os de outros se manifestam ainda depois dêles.

25 Assim mesmo as boas obras também são manifestas: E as que o não são ainda, não podem por muito tempo estar ocultas.

CAPÍTULO 6

OBRIGAÇÕES DOS QUE SERVEM. DEVE-SE FUGIR AS CONTESTAÇÕES SOBRE PALAVRAS. O MAL QUE CAUSA A AVAREZA. TIMÓTEO SE DEVE GUARDAR DELA; EXERCITAR-SE NAS VIRTUDES, CONSERVAR A FÉ QUE RECEBEU NO BATISMO, E OBSERVAR ÊSTES PRECEITOS ATÉ AO FIM. BOM OU MAU USO DAS RIQUEZAS.

1 Todos os servos que estão debaixo do jugo, estimem a seus amos por dignos de toda a honra, para que o Nome do Senhor, e a sua doutrina não sejam blasfemados.

(6) A NINGUEM IMPONHAS LIGEIRAMENTE AS MÃOS — Que coisa é impor as mãos ligeiramente, senão dar as ordens saceras antes da idade madura, antes de examinada a vida do Clérigo, antes de provado o seu merecimento? S. Leão Magno na Carta aos Bispos de África.

2 E os que têm senhores fiéis não os desprezem, porque são irmãos: Antes os sirvam melhor, porque são fiéis, e amados, como participantes que são do benefício. Isto ensina tu, e admoesta. (1)

3 Se algum ensina doutrina diferente desta, e não abraça as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo. e aquela doutrina, que é conforme à piedade:

4 E' um soberbo, que nada sabe, mas antes titubeia sobre questões e contendas de palavras: De onde se originam invejas, bulhas, blasfêmias, más suspeitas:

5 Altercações de homens perversos de entendimento, e que estão privados da verdade, crendo que a piedade é um mero interesse.

6 Mas a piedade é um grande lucro com o que basta. (2)

7 Porque nada trouxemos para êste mundo: E é sem dúvida que não podemos levar nada dêle.

8 Tendo, pois, com que nos sustentarmos, e com que nos cobrirmos, contentemo-nos com isto.

9 Porque os que querem fazer-se ricos, caem na tentação, e no laço do diabo, e em muitos desejos inúteis e

(1) **COMO PARTICIPANTES QUE SÃO DO BENEFÍCIO** — Ou por serem participantes do benefício da Redenção ou porque sendo Cristãos os senhores são mais benéficos para os servos. Este segundo sentido é dos intérpretes Gregos e o que Êstio dá por mais conforme ao intento do Apóstolo.

(2) **É UM GRANDE LUCRO COM O QUE BASTA** — Isto é, o homem que exercita a piedade, está cheio de Deus, que é todo o seu bem e todas as suas riquezas, contentando-se com o que é necessário para subsistir, sem aspirar a mais. Confira-se abaixo o verso 8 com a Epístola aos Hebreus 13, 5. — Pereira.

1.^a Epístola de S. Paulo a Timóteo 6, 10-18

perniciosos, que submergem os homens no abismo da morte, e da perdição.

10 Porque a raiz de todos os males é a avareza: A qual cobiçando alguns se desencaminharam da fé, e se enredaram em muita dores.

11 Mas tu, ó homem de Deus, fuge destas coisas, e segue em tudo a justiça, a piedade, a fé, a caridade, a paciência, a mansidão.

12 Há-te com valor no santo combate da fé, trabalha por levar a vida eterna, para a qual foste chamado, havendo também feito boa confissão ante muitas testemunhas.

13 Eu te mando diante de Deus, que vivifica todas as coisas, e diante de Jesus Cristo, que sob Pôncio Pilatos deu testemunho da verdade, por uma boa confissão:

14 Que guardes o mandamento sem mácula, nem repreensão, até à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.

15 A qual mostrará a seu tempo o bem-aventurado, o só Poderoso, o Rei dos Reis, e o Senhor dos Senhores:

16 Aquêlê que só possui a imortalidade, e que habita numa luz inacessível: A quem nenhum dos homens viu, nem ainda pôde ver: Ao qual seja dada honra, e império sem fim. Amém.

17 Manda aos ricos dêste mundo que não sejam ativos, nem esperem na incerteza das riquezas, senão no Deus vivo (que nos dá abundantemente todas as coisas para nosso uso).

18 que façam bem, que se façam ricos em boas obras, que dêem, que repartam francamente,

1.^a Epístola de S. Paulo a Timóteo 6, 19-21

19 que façam para si um tesouro, como um fundamento sólido para o futuro, a fim de alcançarem a verdadeira vida.

20 O' Timóteo, guarda o depósito, evitando as profanas novidades de palavras, e as contradições duma ciência de falso nome,

21 da qual fazendo alguns profissão, descaíram da fé. A graça seja contigo. Amém.

SEGUNDA EPÍSTOLA DE S. PAULO A TIMÓTEO

INTRODUÇÃO

Época. — Esta Epístola foi escrita em Roma no ano 66.

Objeto. — Esta Epístola é mais pessoal ainda do que a primeira. E' como que o testamento do Apóstolo. Junta os avisos e as exortações com as profecias sôbre o futuro da Igreja, e algumas notícias minuciosas acêrca da sua própria pessoa. A disposição dos capítulos corresponde perfeitamente à das idéias: 1.º, S. Paulo exorta Timóteo a pôr em prática a graça do sacerdócio. 2.º, diz de que maneira convém instruir os fiéis. 3.º, aponta as heresias que lhe cumpre combater, e por fim conclui êstes seus avisos. A ternura desta Epístola deixa perceber que o Apóstolo previa a sua morte próxima 4, 6-8.

Há nesta Epístola um versículo importante para justificar a piedosa oração pelos mortos, é o 18 do capítulo 1, em que S. Paulo pede a Deus que tenha misericórdia com Onesiforo, e êste é o mais antigo exemplo dos sufrágios conhecidos pela Igreja. Cfr. Martigny, *Dyptiques, Necrologes, Funerailles, Purgatoire*.

2.^a Epístola de S. Paulo a Timóteo

Autenticidade. — Alguns gnósticos rejeitaram esta Epístola, porém os documentos mais antigos e venerandos afirmam a sua autenticidade. Assim podemos citar, entre muitos outros, S. Irineu, *Adv. Hære.*, 3-3, 3. *Clem. Alex. Strom.*, 1, 5 e 7, Tertuliano, *De Prescrip.* c. 25, e Santo Inácio Mártir, que é da idade Apostólica, comenta esta Epístola. Cfr. Kirchhofer, *Quettensammlung zur Geschichte des Neutestamentlichen Canons*, 225.

SEGUNDA EPISTOLA DE S. PAULO A TIMÓTEO

CAPÍTULO 1

LOUVA PAULO A FÉ DE TIMÓTEO. RECOMENDA-LHE QUE FAÇA REVIVER A GRAÇA QUE RECEBEU NA SUA ORDENAÇÃO, E QUE PREGUE SEM TEMOR O EVANGELHO. DECLARA ALGUNS QUE O TINHAM DEIXADO. MOSTRA-SE AGRADECIDO AOS BONS SERVIÇOS QUE LHE FIZERAM ONESIFORO E A SUA FAMÍLIA.

1 Paulo, Apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus, segundo a promessa da vida, que é em Jesus Cristo:

2 A Timóteo, muito amado filho, graça, misericórdia, paz da parte de Deus Padre, e da de Jesus Cristo nosso Senhor.

3 Dou graças a Deus, a quem desde os meus ascendentes sirvo com consciência pura, de que sem cessar faço memória de ti nas minhas orações, de noite e de dia.

4 Desejando ver-te lembrado das tuas lágrimas, para me encher de gosto.

5 Trazendo à memória aquela fé, que há em ti não fingida, a qual não só halitou primeiro em tua avó Loide,

2.^a Epístola de S. Paulo a Timóteo 1, 6-12

mas também na tua mãe Eunice, e estou certo que também em ti.

6 Pelo qual motivo te admoesto que tornes a acender o fogo da graça de Deus, que recebeste pela imposição das minhas mãos. (1)

7 Porque Deus não nos deu um espírito de pusilanimidade: Mas de fortaleza, e de caridade, e de temperança.

8 Portanto não te envergonhes do testemunho de nosso Senhor, nem de mim que sou prêso seu: Antes trabalha comigo no Evangelho, segundo a virtude de Deus:

9 Que nos livrou, e chamou com a sua santa vocação, não segundo as nossas obras, mas segundo o seu propósito e graça, que nos foi dada em Jesus Cristo antes de todos os séculos.

10 E que agora foi manifestada pela aparição de nosso Salvador Jesus Cristo, o qual na verdade destruiu a morte, e tirou à luz a vida, e a immortalidade pelo Evangelho:

11 No qual eu fui constituído pregador, e Apóstolo, e mestre das Gentes.

12 Por cuja causa também padeço isto, mas não me envergonho. Porque sei a quem tenho crido, e estou certo de que êle é poderoso para guardar o meu depósito para aquêle dia.

(1) **QUE TORNES A ACENDER O FOGO DA GRAÇA DE DEUS** — É, segundo a propriedade do verbo grego, a que o intérprete latino substituiu *Ut resuscites gratiam Dei*, que ressuscites, ou avives a graça de Deus. — **Pereira.**

2.^a Epístola de S. Paulo a Timóteo 1, 13-18; 2, 1

13 Guarda a forma das sãs palavras, que me tens ouvido na Fé e no amor em Jesus Cristo.

14 Guarda o bom depósito pelo Espírito Santo, que habita em nós outros.

15 Tu sabes isto, que se apartaram de mim todos os que estão na Ásia, do número dos quais é Figelo e Hermógenes.

16 O Senhor faça misericórdia à casa de Onesíforo: Porque muitas vêzes me consolou, e não teve vergonha das minhas cadeias. (2)

17 Antes quando veio a Roma, me buscou com diligência e me achou.

18 O Senhor lhe faça a graça de achar misericórdia diante do Senhor naquele dia. E quanto serviço êle me fez em Éfeso melhor o sabes tu.

CAPÍTULO 2

EXORTA PAULO A TIMÓTEO A TRABALHAR DILIGENTEMENTE NO EVANGELHO. QUER QUE EVITE AS DISPUTAS. ADVERTE-LHE QUE NA GRANDE CASA DE DEUS HÁ VASOS DE DIVERSOS GÊNEROS. ENSINA-LHE O QUE DEVE FUGIR E O QUE DEVE ABRAÇAR.

1 Tu pois, filho meu, fortifica-te pela graça, que é em Jesus Cristo:

(2) **ONESÍFORO** — Esta maneira de falar do Apóstolo e o que acrescenta no vers. 18, parece que demonstra que Onesíforo era já morto. A sua memória se celebra como de mártir na igreja grega e latina. Havia feito grandes serviços a S. Paulo, e também à igreja de Éfeso, e depois deu mostras de seu grande valor e caridade, consolando-o e assistindo-lhe em Roma, quando estava prêso. Dêste lugar inferem os teólogos que se deve orar pelos defuntos. — **Estilo.**

2.^a Epístola de S. Paulo a Timóteo 2, 2-4

2 E guardando o que me ouviste da minha bôca diante de muitas testemunhas, entrega-o a homens fiéis, que sejam capazes de instruir também a outros. (1)

3 Trabalha como um bom soldado de Jesus Cristo.

4 Ninguém, que milita para Deus, se embarça com negócio do século: Para assim agradar àquele que o alistou. (2)

(1) **ENTREGA-O A HOMENS FIÉIS** — Dêste verso se colhe com toda a evidência, que afora as coisas que os Apóstolos deixaram por escrito e que hoje lemos nas suas epístolas, ensinavam êles outras muitas pertencentes à fé e aos costumes, instruindo nelas de viva voz aos primeiros bispos, e mandando que êstes as comunicassem a outros de igual fidelidade, para dêste modo ir passando de mão em mão o sagrado depósito da doutrina evangélica, e conservando-se sucessivamente no corpo dos pastores eclesiásticos até ao fim do mundo, sem interrupção nem alteração no que toca à substância dos dogmas e da moral cristã. Nesta classe de doutrinas, comunicadas de palavra pelos Apóstolos aos primeiros sucessores, devemos ter por certo que entravam muitos pertencentes à genuína inteligência das Escrituras, às materias e formas dos sacramentos, e ao uso de certos ritos na administração dos mesmos sacramentos. E como se não pode também duvidar que o que os Apóstolos, como primeiros mestres da igreja, depois de Cristo, ensinavam aos bispos que lhes haviam de suceder, era por revelação e inspiração divina, que para isso tinham, segue-se daqui que as tradições que êles nos deixaram sobre o dogma ou sobre a moral, devem ter tanta força para obrigarem a nossa fé, como a têm os seus escritos. E isto é o que justamente definiu o sagrado concílio de Trento, na sessão 4, contra os modernos hereges, que só admitiam por regra da fé as Escrituras, com exclusão de tudo o que não constasse delas expressamente. Neste ponto da autoridade das tradições, é especialmente digno de se ler o que escreve Mr. d'Argentré nos seus *Elementos Teológicos*.

(2) **NINGUÉM QUE MILITA PARA DEUS** — Daqui provam bem os santos padres e sagrados cânones, não ser lícito aos clérigos negociar nem servir officios na república, como de procuradores, feitores, testamenteiros, advogados, etc. O concílio calcedonense, no cânon 3; o nosso S. Martinho de Braga, no cânon 62, que é tirado do Laodiceno, 55. A Clementina *Dioecesis, de Vita, et Honestate Clericorum*. — Pereira,

2.^a Epístola de S. Paulo a Timóteo 2, 5-12

5 Porque também o que combate nos jogos públicos, não é coroado senão depois que combateu conforme a lei.

6 Convém que o lavrador que trabalha recolha dos frutos primeiro.

7 Percebe o que te digo: Porque o Senhor te dará inteligência em tôdas as coisas.

8 Lembra-te que o Senhor JESUS CRISTO, que nasceu do sangue de Davi, ressurgiu dos mortos, segundo o Evangelho que eu prego.

9 No qual eu trabalho até estar em prisões, como um malfetor: Mas a palavra de Deus não está comigo atada. (3)

10 Portanto soffro tudo pelos escolhidos, para que também elles consigam a salvação, que é em Jesus Cristo, com a glória do Céu. (4)

11 Esta é uma palavra fiel: Se pois somos mortos com elle, também com elle viveremos.

12 Se soffrermos, reinaremos também com elle, se o negarmos, elle também nos negará a nós.

(3) **MAS A PALAVRA DE DEUS NÃO ESTÁ COMIGO ATADA** — Quer dizer, que ainda que o seu corpo está em cadeias, não o está contudo a língua, porque na mesma prisão prega elle o Evangelho, de palavra e por escrito.

(4) **PARA QUE TAMBÉM ELLES** — Também elles, entende-se como nós. Como se dissesse o Apóstolo: Tudo padeço, não só por respeito meu, ou por respeito de nós, que já somos fiéis, mas também por respeito doutros escolhidos, que ainda estão para o ser, e que o não serão sem grandes trabalhos e perigos nossos, para que também elles conosco sejam salvos. — **Éstio.**

2.^a Epístola de S. Paulo a Timóteo 2, 13-21

13 Se não cremos, êle permanece fiel, não pode negar-se a si mesmo.

14 Admoesta estas coisas: Dando testemunho diante do Senhor. Foge de contendas de palavras: Que para nada aproveitam, senão para perverter aos que as ouvem.

15 Cuida muito em te apresentares a Deus digno de aprovação, como um operário que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade.

16 Mas evita as práticas vãs e profanas: Porque servem muito para a impiedade.

17 E a prática dêles lava como gangrena, de cujo número é Himeneu, e Fileto.

18 Que se extraviaram da verdade, dizendo que a ressurreição era já feita, e perverteram a fé de alguns.

19 Porém o fundamento de Deus está firme, o qual tem êste sêlo: O Senhor conhece aos que são dêle, e aparte-se da iniquidade todo aquêle que invoca o Nome do Senhor. (5)

20 Ora numa grande casa há não sòmente vasos de ouro e de prata, mas também vasos de pau e de barro: E uns por certo são destinados a usos de honra, outros porém a usos de desonra. (6)

21 Se algum pois se purificar destas coisas, será um vaso de honra santificado, e útil para serviço do Senhor, preparado para tôda a boa obra.

(5) **PORÉM O FUNDAMENTO DE DEUS** — Isto é, a Igreja, como expõe Santo Tomás, ou a fé dos escolhidos, como entendem os Gregos. — **Pereira.**

(6) **ORA NUMA GRANDE CASA** — Por esta grande casa constantemente entenderam S. Cipriano e Santo Agostinho, a

2.^a Epístola de S. Paulo a Timóteo 2, 22-26; 3, 1

22 Foge outrossim das paixões da gente moça, e segue a justiça, a fé, a esperança, a caridade é paz com aquêles que invocam o Senhor com pureza de coração.

23 Evita igualmente questões desassizadas, e que não servem para instrução: Sabendo que produzem contendas.

24 Porque não convém que o servo do Senhor se ponha a alterar: Mas que seja manso para com todos, capaz de instruir, sofrido,

25 que corrija com modéstia aos que resistem à verdade: Na esperança de que poderá Deus algum dia dar-lhes o dom da penitência, para lhes fazer conhecer a verdade, (7)

26 e que saiam dos laços do diabo, em que estão cativos à vontade dêle.

CAPÍTULO 3

PREDIZ O APÓSTOLO OS DOUTORES FALSOS QUE HÃO DE VIR, E OS VÍCIOS A QUE SERÃO SUJEITOS, EXORTA A TIMÓTEO A QUE CONSERVE A DOCTRINA QUE ELE LHE ENSINOU, A SEGUIR O SEU EXEMPLO, E SOBRE-TUDO A PADECER POR AMOR DE JESUS CRISTO. UTILIDADE DAS SAGRADAS ESCRITURAS.

1 Sabe pois isto, que nos últimos dias virão uns tempos perigosos: (1)

Igreja de Cristo; pelos vasos de honra, os escolhidos; pelos de desonra, os réprobos. Logo, todos quantos vivem na profissão, ao menos externa, duma mesma fé, bons e maus, pertencem à Igreja e são membros dela.

(7) **NA ESPERANÇA DE QUE PODERÁ DEUS** — Daqui se prova que a penitência ou a conversão dos pecados é dom de Deus, e que para esta obra se vale Deus do ministério externo dos pregadores, que nos avisam e nos repreendem da parte de Deus. Este é o assunto de todo o livro de Santo Agostinho, que tem por título **Da Correção e da Graça**.

(1) **QUE NOS ÚLTIMOS DIAS** — Isto é, na última idade do mundo. — **Amelote**.

2.^a Epístola de S. Paulo a Timóteo 3, 2-7

2 Haverá homens amantes de si mesmos, avarentos altivos, soberbos, blasfemos, desobedientes a seus pais, ingratos, malvados.

3 Sem afeição, sem paz, caluniadores de nenhuma temperança, desumanos, inimigos dos bons. (2)

4 Traidores, protervos, orgulhosos e mais amigos de deleites do que de Deus.

5 Tendo por certo uma aparência de piedade, porém negando a virtude dela. Foge também destes tais.

6 Porque dêste número são os que entram pelas casas e levam cativas mulherzinhas carregadas de pecados, as quais são arrastadas de diversas paixões:

7 Aprendendo sempre, e nunca chegando ao conhecimento da verdade.

UNS TEMPOS PERIGOSOS — O que a Vulgata latina diz *periculosa*, tem o grego "dura" ou "acerba". Arnault e Sacy. *facheux*; Amelote, *rudes*.

(2) **DE NENHUMA TEMPERANÇA** — A Vulgata latina diz *incontinentes*, mas este termo, que na lingua portugueza se contrai de ordinário para o vício da luxúria, no rigor da latinidade compreende também o da gula, Arnault o demonstra exuberantemente na Nova Defesa contra Mr. Mallet, livro 2, cap. 7. tomo 7, pág. 207 e seg. Por isso, não só o mesmo Arnault, Sacy, Huré e Mesengui, mas também Amelote (que é o mais tenaz em seguir à letra os termos da Vulgata) vertem todos aqui "intemperantes".

INIMIGOS DOS BONS — Assim as versões de Loviana, de Marolles, e de Godeau, e de Mesengui, seguindo a propriedade do termo grego (a que a Vulgata substituiu *sine benignitate*, isto é, sem benignidade), que depois de Teofilato expôs *Éstio*. No mesmo sentido verteram os de Mons com Sacy *sans affections pour les gens de bien*. Amelote nas primeiras impressões, *sans amour pour le bien*, que é como verte o grego Arias Montano. Nas segundas *sans amour pour les personnes vertueuses*. Também neste particular mostrou Arnault uma erudição seleta na Nova Defesa contra Mr. Mallet, livro 2, cap. 8, pág. 216 e seg. — Pereira.

8 E assim como Janes e Mambres resistiram a Moisés: Assim também êstes resistem à verdade, homens corrompidos do coração, réprobos acêrca da fé. (3)

9 Mas êles não irão com o seu progresso avante: Porque se fará manifesta a todos a sua insipiência, como também se fêz a daqueles.

10 Tu porém já tens compreendido a minha doutrina; instituição, intento, fé, longanimidade, caridade, paciência.

11 As minhas perseguições, vexações: Quais me aconteceram em Antioquia, Icônia e em Listra: Quão grandes perseguições sofri e como de tôdas me livrou o Senhor.

12 E todos os que querem viver piamente em Jesus Cristo, padecerão perseguição.

13 Mas os homens maus e impostores irão pior, errando e metendo a outros em erros.

14 Mas tu, persevera nas coisas que aprendeste e que te foram confiadas: Sabendo de quem as aprendeste:

15 E que desde a infância foste educado nas sagradas letras, que te podem instruir para a salvação, pela fé que é em Jesus Cristo.

16 Tôda a Escritura divinamente inspirada, é útil para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir na justiça.

17 A fim de que o homem de Deus seja perfeito, estando preparado para tôda a boa obra.

(3) **E ASSIM COMO JANES E MAMBRES** — São os dois mágicos do Egito, cujas diabruras se referem no livro do Ex 7, 11.

CAPÍTULO 4

ESCONJURA PAULO A TIMÓTEO, QUE SE Oponha aos falsos doutores pela pregação. Pinta quais sejam os seus sequazes. Prediz a sua morte e a coroa que Deus lhe há-de de dar. Pede a Timóteo que o venha ver. dá noticia de vários discípulos. Conclui com algumas saudações suas e doutros.

1 Eu te esconjuro diante de Deus e de Jesus Cristo, que há de julgar os vivos e os mortos na sua vinda e no seu Reino.

2 Que pregues a palavra, que instes a tempo e fora de tempo, que repreendas, rogues, admoestes com toda a paciência e doutrina.

3 Porque virá tempo em que muitos homens não sofrerão a sã doutrina, mas tendo comichão nos ouvidos, acumularão para si mestres conforme aos seus desejos. (1)

4 E assim apartarão os ouvidos da verdade e os aplicarão às fabulas. (2)

E como nem neste, nem noutro lugar declara a Escritura os seus nomes, devemos crer que S. Paulo os soubera, ou por divina revelação, ou (o que é mais verossímil), por tradição que correria entre os judeus.

(1) **MAS TENDO COMICHÃO NOS OUVIDOS** — Aflição de ouvirem doutrinas novas, por não poderem sofrer a verdade.

(2) **E OS APLICARÃO ÀS FABULAS** — As doutrinas falsas, feitas e acomodadas ao paladar de cada um; por exemplo, que se podem licitamente usar os prazeres da vida; que as diversões mundanas são inocentes; que Deus não é tão severo, nem castiga com tanto rigor os pecados depois desta vida; que o caminho do Céu não é tão apertado como se pinta; e outras semelhantes, tão frequentes entre os Cristãos, como contrárias ao Cristianismo. — **Pereira.**

2.^a Epístola de S. Paulo a Timóteo 4, 5-16

5 Tu porém vigia, trabalha em tôdas as coisas, fazes a obra dum Evangelista, cumpre com o teu ministério. Sê sóbrio.

6 Porque quanto a mim, eu estou a ponto de ser sacrificado, e o tempo da minha morte se avizinha.

7 Eu pejei uma boa peje, acabei a minha carreira, guardei a Fé.

8 Pelo mais me está reservada a coroa da justiça, que o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia: E não só a mim, senão também àqueles que amam a sua vinda. Procura vir ter comigo com brevidade.

9 Porque Demas me desamparou, amando este século, e foi para Tessalônica:

10 Crescente para Galácia, Tito para Dalmácia.

11 Só Lucas está comigo. Torna a Marcos e traze-o contigo: Porque me é útil para o Ministério:

12 Também enviei Tíquico a Éfeso.

13 À vinda traze contigo a capa, que deixei em Trôade em casa de Carpo, e os livros e principalmente os pergaminhos.

14 Alexandre, o latoeiro, tem-me feito muitos males: O Senhor lhe pagará segundo as suas obras:

15 Tu também guarda-te dêle: Porque fez uma forte resistência às nossas palavras.

16 Nenhum me assistiu na minha primeira defesa, mas todos me desampararam: Permita Deus que isto lhes não seja imputado.

2.^a Epístola de S. Paulo a Timóteo 4, 17-22

17 Mas o Senhor me assistiu, e me confortou, para que fôsse cumprida por mim a pregação, e a ouvissem todos os gentios, e assim fui livre da boca do leão. (3)

18 O Senhor me livrará de tôda a obra má; e me preservará para o seu reino celestial, a êle seja dada glória pelos séculos dos séculos. Amém. (4)

19 Sauda a Prisca e a Áquila, e a família de Onesíforo. (5)

20 Erasto se deixou ficar em Corinto. E eu deixei a Trófilo doente em Mileto.

21 Apressa-te a vir antes do inverno. Saudam-te Eubulo, e Prudente, e Lino e Cláudia, e todos os irmãos.

22 O Senhor Jesus Cristo seja com o teu espírito. A graça seja convosco. Amém.

(3) **DA BÓCA DO LEÃO** — Por êste leão cuidaram os antigos com Eusébio, que quisesa o Apóstolo significar Nero. O mais provável é que por estas palavras não quis o Apóstolo significar outra coisa que a grandeza do perigo de que Deus o livrou. E desta mesma figura usamos ainda nós.

(4) **O SENHOR ME LIVRARÁ** — A Vulgata tem no pretérito *Dominus me liberavit*, o Senhor me livrou. O grego, porém, diz no futuro *Liberabit*, livrará. E é como também verteram os de Mons e Sacy. Porque no latim era muito fatível, que tendo o nosso intérprete vertido no futuro *Liberabit*, depois algum copista trocasse o *b* em *v*. No grego, porém, como adverte Estio, difere tanto o futuro do pretérito, que não é presumível que por equivação alterassem os copistas o original.

(5) **SAUDA A PRISCA** — Ou Priscila. At, 18, 18. Áquila era seu marido. Ib 26.

EPÍSTOLA
DE
S. PAULO A TITO

INTRODUÇÃO

Lugar e data da Composição desta Epístola. — Foi escrita na Macedônia, no ano 63 ou 64.

Objeto. — Por ocasião de haver de deixar o Apóstolo em Creta, hoje Candia, ilha donde se retirava, e na qual pregara o Evangelho, alguma pessoa zelosa e instruída, que procurasse arraigar a fé no coração dos Neófitos, e eleger ministros idôneos para os empregos eclesiásticos, mui oportunamente lhe ocorreu Tito, a quem ordenou bispo daquela igreja, e agora lhe escreve a presente carta, convidando-o a ir ter com êle a Nicópolis (que é onde havia resolvido passar o inverno) logo que lhe enviasse a Artemas, ou a Tíquico, para qualquer dêles ficar com o govêrno da igreja de Creta na sua ausência.

O assunto desta epístola é semelhante aos das que dirigiu a Timóteo, principalmente ao da primeira. Porquanto nela ensina a Tito a prudência e inteireza com que se deve portar no bispado, e as qualidades que hão de concorrer naqueles, a quem ordenar bispos e pastores. Apon-ta-lhe os preceitos que deve dar a todo o estado de pessoas.

Epístola de S. Paulo a Tito

Manda repreender àsperamente aos que judaizavam, e, depois de propor várias regras da moral cristã, ordena igualmente que, sem se darem ouvidos a doutrinas vãs, se evitem os hereges.

Foi esta carta escrita em grego, ou de Nicópolis, cidade de Trácia, nos confins da Macedônia, segundo os padres gregos, ou de Nicópolis do Épiro sôbre o golfo de Ambracia, como S. Jerônimo seguem muitos modernos, trinta e um anos, com pouca diferença, depois da morte de Cristo, e sessenta e quatro da era vulgar.

Autenticidade. — Os Padres da mais alta antiguidade cristã, e reconhecida autoridade, citam a cada passo esta Epístola, attribuindo-a a S. Paulo; e encontra-se inserta nos cânones mais venerandos.

EPÍSTOLA
DE
S. PAULO A TITO

CAPÍTULO 1

MANDA PAULO A TITO QUE ORDENE E PONHA BISPOS NAS CIDADES DE CRETA. DECLARA-LHE QUE QUALIDADES DEVEM TER OS ORDENANDOS. QUE A ESTES TOCA REPREENDER OS FALSOS DOUTORES. QUE TUDO É PURO PARA OS QUE SÃO PUROS. QUE AS MÁS OBRAS DESMENTEM A FÉ.

1 Paulo, servo de Deus, e Apóstolo de Jesus Cristo, segundo a fé dos escolhidos de Deus, e o conhecimento da verdade, que é segundo a piedade. (1)

2 Para a esperança da vida eterna, que aquêle Deus, que não pode mentir, prometeu antes dos tempos dos séculos:

3 E manifestou em seus tempos a sua palavra pela pregação, que me foi confiada segundo o preceito de Deus Salvador nosso:

(1) **A FÉ DOS ESCOLHIDOS** — Isto é, para anunciar a fé dos fiéis cristãos.

Epístola de S. Paulo a Tito 1, 4-12

4 A Tito, seu amado filho, segundo a fé, que nos é comum, graça e paz da parte de Deus Padre, e da de Jesus Cristo Salvador nosso.

5 Eu pelo motivo que vou a dizer é que te deixei em Creta, para que regulasses o que falta, e estabelecesses presbíteros nas cidades, como também eu to mandei.

6 O que está sem crime, marido de uma mulher que tenha filhos fiéis, que não possam ser acusados de dissolução, ou que sejam desobedientes.

7 Porque convém que o bispo seja sem crime, como dispenseiro que é de Deus: Que não seja soberbo, nem iracundo, nem dado ao vinho, nem propenso a espancar, nem amigo de sórdidas ganâncias:

8 Mas que seja inclinado à hospitalidade, benigno, sóbrio, justo, santo, homem de temperança.

9 Que abrace constantemente a palavra da fé, que é segundo a doutrina; para que possa exortar conforme a sã doutrina, e convencer aos que o contradizem.

10 Porque há ainda muitos desobedientes, vãos faladores, e impostores: Principalmente os que são da circuncisão:

11 E' necessário convencer a estes tais: Que tornam casas inteiras, ensinando o que não convém por torpe ganho.

12 Disse um dentre eles, próprio profeta seu: Que os de Creta sempre são mentirosos, más bestas, ventres preguiçosos. (2)

(2) **DISSE UM DENTRE ÊLES** — Os pagãos chamavam aos poetas profetas. Este é o poeta Epimênides, natural de Creta,

13 Este testemunho é verdadeiro. Por cuja causa repreende-os àsperamente, para que sejam sãos na fé.

14 Não dêem ouvidos às fábulas judaicas, nem aos mandamentos de homens que se apartam da verdade.

15 Para os limpos tôdas as coisas são limpas, mas para os impuros e infiéis, nada há limpo, antes se acham contaminadas tanto a sua mente, como a sua consciência.

16 Eles confessam que conhecem a Deus, mas negam-no com as obras: Sendo abomináveis, e rebeldes, e reprovados para toda a obra boa.

CAPÍTULO 2

ENSINA COMO DEVE TITO INSTRUIR OS VELHOS, AS VELHAS, OS MOCOS, AS MOCAS. OS SERVOS. O QUE TUDO CONFIRMA DO FIM POR QUE DEUS VEIO AO MUNDO.

1 Tu porém fala o que convém à sã doutrina:

2 Ensina aos velhos que sejam sóbrios, honestos, prudentes, sãos na fé, na caridade, na paciência:

3 Semelhantermente às anciãs que mostrem no seu exterior uma compostura santa, que não sejam caluniadoras, não dadas a muito vinho, que ensinem o bem:

e o verso que S. Paulo aqui cita dêle, é do seu livro **Dos Oráculos**. Este Epimênides nasceu em Creta, em Cnosso ou Cortino. Platão chamou-lhe homem divino. Dizem que fôra sacerdote, poeta e adivinho: esteve em Atenas no ano 556 antes da era de Cristo. Calímaco repetiu o verso de Epimênides no hino que compôs em honra de Júpiter, porém este verso foi pelos cretenses considerado como uma injúria injustificada.

Epístola de S. Paulo a Tito 2, 4-12

4 Que instruem na prudência às mulheres moças, que amem a seus maridos, queiram bem a seus filhos.

5 Que sejam prudentes, castas, sóbrias, cuidadosas da casa, benignas, sujeitas a seus maridos, para que a palavra de Deus não seja blasfemada.

6 Exorta também aos mancebos a que sejam regrados.

7 Faze-te a ti mesmo um exemplar de boas obras em tudo, na doutrina, na integridade, na gravidade.

8 As tuas palavras sejam sãs, irrepreensíveis: Para que os nossos adversários se envergonhem, não tendo que dizer de nós mal algum.

9 Exorta aos servos a que sejam submissos a seus senhores, que em tudo os comprazam, que os não contradigam.

10 Que os não fraudem em nada, mas que em tudo lhes testemunhem inteira fidelidade: Para que assim façam respeitar a todos a doutrina de Deus nosso Salvador. (1)

11 Porque a graça de Deus nosso Salvador apareceu a todos os homens.

12 Ensinando-nos que renunciando a impiedade e as paixões mundanas, vivamos neste século sóbria, e justa, e piamente.

(1) **QUE OS NÃO FRAUDEM** — O grego explica ainda mais claramente o sentido do Apóstolo, porque onde a Vulgata diz **Non fraudulent**, tem ele **Non sufurantes**, que quer dizer que lhes não furem nada subrepticamente. No que o Apóstolo sem dúvida condena e proíbe também as compensações ocultas.

13 Aguardando a esperança bem-aventurada, e a vinda gloriosa do grande Deus e Salvador nosso Jesus Cristo.

14 Que se deu a si mesmo por nós outros, para nos remir de toda a iniquidade, e para nos purificar para si, como povo agradável, seguidor de boas obras.

15 Prega estas coisas, e exorta, e repreende com toda a autoridade. Ninguém te despreze.

CAPÍTULO 3

QUE ADVIRTA TITO AOS FIEIS, QUE SEJAM SUJEITOS AOS PRÍNCIPES E AOS MAGISTRADOS, E QUE SE ABSTE-NHAM DE TÔDA A OBRA MÁ, VISTO QUE PELA GRAÇA DE DEUS SE ACHAM RENOVADOS E JUSTIFICADOS. QUE FUJA DE CONTENDAS E DISPUTAS VÁS. QUE EVITE O HEREJE QUE JÁ FOI ADVERTIDO. POR ÚLTIMO ROGA A TITO QUE O VENHA VER

1 Adverte-os, que sejam sujeitos aos Príncipes e aos Magistrados, que lhes obedçam, que estejam prontos para toda a boa obra:

2 Que não digam mal de ninguém, nem sejam questionadores, mas sossegados, mostrando toda a mansidão para com todos os homens.

3 Porque também nós algum tempo éramos insensatos, incrédulos, metidos no erro, escravos de várias paixões e deleites, vivendo em malícia e em inveja, dignos de ódio, aborrecendo-nos uns aos outros.

4 Mas quando apareceu a bondade e a humanidade do Salvador nosso Deus:

Epístola de S. Paulo a Tito 3, 5-10

5 Não por obras de justiça que tivéssemos feito nós outros, mas segundo a sua misericórdia, nos salvou pelo batismo de regeneração do Espírito Santo. (1)

6 O qual êle difundiu sobre nós abundantemente por Jesus Cristo nosso Salvador: (2)

7 Para que, justificados pela sua graça, sejamos herdeiros segundo a esperança da vida eterna.

8 Esta é uma verdade infalível: E quero que isto afirmes: Para que procurem avantajarem-se em boas obras os que crêem em Deus. Estas são coisas boas e úteis aos homens.

9 Mas foge de questões impertinentes, e de genealogias, e de disputas, e de contestações sobre a lei: Porque são inúteis e vãs.

10 Foge do homem hereje depois da primeira e segunda correção: (3)

(1) **MAS SEGUNDO A SUA MISERICÓRDIA** — Deus assim nos destinou para a salvação como nos salvou. Ora, êle, segundo o Apóstolo, salvou-nos não por causa das obras que nós tivéssemos feito, mas por sua pura misericórdia; logo dêste mesmo modo nos destinou. S. Tomás, parte 1, Questão 23, Artigo 5.

(2) **ABUNDANTEMENTE** — É o que diz a Vulgata: *abundanter*. Mas o grego ainda é mais expressivo, porque diz *opulenter*, isto é, com uma abundância de riqueza. E Santo Agostinho lia na sua Bíblia *ditissime*, isto é, riquíssimamente. — Pereira.

(3) **DEPOIS DA PRIMEIRA E SEGUNDA** — Só depois da primeira e segunda repreensão ou admoestação é que o Apóstolo manda que se evite o hereje, porque o não obedecer êle a outra e outra repreensão, prova bem a sua contumácia no erro, e só a contumácia é a que faz o hereje formal.

11 Sabendo que o que é tal está pervertido e peca, sendo condenado pelo seu próprio juízo.

12 Quando eu te enviar a Artemas, ou a Tíquico, apressa-te a vir ter comigo a Nicópolis: Porque tenho determinado passar ali o inverno. (4)

13 Envia adiante a Zenas, doutor da lei, e a Apolo, procurando que nada lhes falte.

14 E aprendam também os nossos a serem os primeiros em boas obras, para as coisas que são necessárias: Para que não sejam infrutuosos.

15 Todos os que estão comigo te saudam: Sauda aos que nos amam na fé. A graça de Deus seja com todos vós. Amém.

(4) **NICÓPOLIS** — Havia três Nicópolis, uma na Cilícia, outra na Trácia, outra no Épiro. É difícil apurar a qual se refere aqui o Apóstolo, mas todas as probabilidades são a favor da última, que é a mais importante das três. Foi construída por Augusto, depois da batalha de Actium.

EPÍSTOLA
DE
S. PAULO A FILEMON
INTRODUÇÃO

Ocasião. — Tíquico, que tinha sido o portador da Epístola aos Colossenses, trouxe uma outra carta dirigida a Filemon, que era um homem de posição considerada que vivia em Colossos, convertido ao Cristianismo ou pelo próprio S. Paulo, ou por seu discípulo Epafras. E' a êste que é enviada a presente Epístola, que também é dirigida a Apria e a Arquipo. A primeira é, no entender de vários críticos antigos e modernos, e entre êles Valroger, ob. cit., a mulher de Filemon, e Arquipo, filho ou próximo parente dêles. Êste Arquipo, ao que parece deduzir-se do próprio texto, estava investido em dignidade eclesiástica. No século quinto mostrava-se em Colossos uma casa que se dizia ser a de Filemon. Teodoreto *Interpr. in Ep. ad Philem.*

S. Paulo remete com cuidada recomendação Onésimo, escravo de Filemon, que fugira de casa do seu senhor com receio de ser castigado, acolhendo-se em Roma sob a proteção do Apóstolo, que o instruiu na fé, e batizou.

Epístola de S. Paulo a Filemon

Terminada a obra da conversão do escravo, remeteu-o com tôdas as provas de consideração, recebendo-o Filemon de braços abertos e cooperando ambos na difusão do Evangelho.

Local e data da composição desta Epístola. — Foi composta em Roma no ano 62.

Autenticidade e Canonicidade. — Se se não têm levantado dúvidas sérias contra a autenticidade desta Epístola, outro tanto se não pode dizer acêrca da canonicidade, pois muitos quiseram contrariar a sua inserção no Cânon dos livros sagrados, objetando que esta Epístola não se referia à Igreja, mas tinha um caráter reservado, pessoal; não tratava de assuntos eclesiásticos, mas somente dum negócio meramente particular. Não contestaram que ela fôsse escrita por S. Paulo, negaram que tivesse a autoridade dum escrito inspirado. S. Jerônimo respondeu a cada um dos argumentos refutando tôdas as objeções, e da mesma sorte S. João Crisóstomo. Se a autenticidade é demonstrada pelos testemunhos de Tertuliano, Orígenes, e dos mais antigos Padres recolhidos por Kirchofer, ob. cit., a canonicidade está comprovada pelos Cânones mais venerandos, da maior autoridade, e pela praxe constante da Igreja.

Esta pequena Epístola é eminentemente instruída e mostra como o Cristianismo sabia moderar justos ressentimentos, e embora respeitando direitos, preparava a abolição da escravatura, prodigalizando aos escravos os benefícios duma caridade generosa.

EPÍSTOLA
DE
S. PAULO A FILEMON

CAPÍTULO ÚNICO

LOUVA PAULO A FILEMON PELA SUA CARIDADE COM OS
FIEIS. REMETE-LHE A ONÉSIMO SEU ESCRAVO FUGITI-
VO, A QUEM PAULO NA PRISÃO CONVERTERA A FÉ. IN-
TERCEDE POR ELE, E TOMA SOBRE SI A SUA FALTA.

1 Paulo, prêso de Jesus Cristo, e Timóteo, seu ir-
mão: Ao amado Filemon, e Coadjutor nosso.

2 E a Ápia nossa muito amada irmã, e a Árquipo
companheiro da nossa milícia, e à Igreja que está em tua
casa. (1)

3 Graça a vós, e paz da parte de Deus nosso Pai, e
da do Senhor Jesus Cristo.

4 Graças dou ao meu Deus, fazendo sempre memó-
ria de ti nas minhas orações.

5 Ouvindo a tua caridade, e a fé que tens no Se-
nhor Jesus, e para com todos os Santos:

(1) **E A ÁPIA NOSSA** — Crê-se que esta era mulher de Fi-
lemon. Martirológio Romano a 22 de novembro.

Epístola de S. Paulo a Filemon 6-12

6 Para que a comunicação da tua fé seja clara, pelo conhecimento de toda a obra boa, que há em vós por Jesus Cristo.

7 Pois tenho tido grande gozo e consolação na tua caridade: Porquanto os corações dos Santos por ti, irmão, foram confortados. (2)

8 Pelo que, ainda que eu tenha muita liberdade em Jesus Cristo, para te mandar o que te convém.

9 Contudo antes te rogo com caridade, porque tu és tal como Paulo, velho, e atualmente prêso de Jesus Cristo.

10 Rogo-te por meu filho Onésimo, que eu gerei nas prisões. (3)

11 O qual em algum tempo te foi inútil, mas agora é útil assim para mim, como para ti.

12 O qual te tornei a enviar. E tu recebe-o, como às minhas entranhas. (4)

(2) **FORAM CONFORTADOS** — Com o conforto de caridades que Filemon usava com os fieis nobres.

(3) **QUE EU GEREI** — Que converti, para a fé de Jesus Cristo.

(4) **COMO AS MINHAS ENTRANHAS** — Não tem faltado quem haja pretendido sustentar que S. Paulo enviando Onésimo a seu Senhor, reconhecia a escravatura. Este texto é decisivo. S. Paulo reenviando Onésimo a Filemon podia condescender e até respeitar o direito estabelecido, por prudência, embora no íntimo do seu coração o repudiasse, mas não estava em seu poder abolir-lo por completo, mas ao mesmo tempo supplica que ele seja tratado pela mesma maneira como seria o Apóstolo se ali fôsse. Era a condenação mais formal da escravatura, era a igualdade dos conversos na nova fé, com os mesmos deveres e com iguais direitos; eram todos cidadãos do reino de Deus, chamados a participar dos seus mistérios e do seu reino. E era sob esta orientação que se procedia na colação das ordens, na administração dos Sa-

13 Eu queria demorá-lo comigo, para que me servisse por ti nas prisões do Evangelho.

14 Mas sem o teu consentimento nada quis fazer, para que o teu benefício não fôsse como por necessidade, senão voluntário.

15 Porque talvez elle se apartou de ti por algum tempo, para que tu o recobrasses para sempre.

16 Não já como um servo, mas em vez de servo, um irmão muito amado, principalmente de mim: E quanto mais de ti assim na carne, como no Senhor?

17 Portanto se me tens por companheiro recebe-o como a mim.

18 E se algum dano te fez ou te deve alguma coisa: Carrega-o sobre mim.

19 Eu, Paulo, o escrevi de mão própria: Eu o pagarei, por te não dizer que até a ti mesmo te me debes.

20 Sim, irmão. Eu me gozarei de ti no Senhor. Recreia as minhas entranhas no Senhor.

cramentos, na distribuição das graças. Distinções entre ricos e pobres, patricios e plebeus, senhores e escravos, não as conhecia a Igreja nascente, não as tolerava. As mesmas fontes batismaes, as mesmas igrejas, as mesmas orações, o mesmo banquete eucarístico, as mesmas bênçãos, na vida e na morte. Assim, logo no primeiro século, confere as honras dos altares a um escravo. Este próprio Onésimo succede na Sé episcopal de Éfeso a S. Timóteo e S. Calixto; um outro escravo ascende à cadeira de S. Pedro e assume a hierarquia suprema da Igreja, como Vigário de Jesus Cristo. Que pretexto mais veemente contra a escravatura? Que meio mais eficaz para a sua total supressão? Prosseguiu-se lentamente, talvez, mas eficazmente. Cfr. P. Alard, *Les esclaves chrétiens*, 1876. De Broglie, *L'église et l'empire romain*, p. 1, c. 3. Leão 13. In *Plurismo*, 5 de maio de 1878.

Epístola de S. Paulo a Filemon 21-25

21 Eu te escrevi estas coisas na confiança que a tua obediência me dá: Sabendo que farás ainda mais de quanto digo.

22 Mas também com isto prepara-me pousada: Porque espero pelas vossas orações, que eu seja concedido a vós outros.

23 Epafra que está prêso comigo por Jesus Cristo te sauda. (5)

24 O mesmo fazem Marcos, Aristarco, Demas e Lucas, que são meus coadjutores. (6)

25 A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com o vosso espírito. Amém.

(5) **EPAFRAS** — Col. 1, 7.

(6) **MARCOS** — Cfr. respectivamente At 12, 12; 21, 29 Col. 1, 14. Lucas e o Evangelista.

EPÍSTOLA
DE
S. PAULO AOS HEBREUS

INTRODUÇÃO

Ocasão, causa, objeto e importância desta Epístola.

— A Epístola de S. Paulo aos Hebreus é, dentre as Epístolas Paulinas, a que demanda mais cuidadoso estudo, não só por se extremar radicalmente das precedentes, mas pelo seu conteúdo, forma, e questões importantes que tem ocasionado.

Não se pode compreender esta epístola, única no seu gênero, sem que se conheçam as disposições singulares dos cristãos da Palestina. Sabemos, pelos Atos dos Apóstolos, que na Palestina, milhares de homens convertidos à fé de Jesus Cristo continuaram a mostrar o seu entusiasmo pela Lei, (*At* 21, 20) enquanto que outros dispersos por várias regiões puseram de parte, desde a hora da sua conversão, todos os usos judaicos. Ora é principalmente para aquêles que S. Paulo escreveu, estabelecendo que só em Jesus Cristo há salvação, ou o que vale o mesmo, que o Cristianismo é, dora avante, a única religião, a religião definitiva e universal ordenada por Deus para a salvação do gênero humano. Demonstra que, lon-

Epístola de S. Paulo aos Hebreus

ge de ser perfeita, a Antiga Lei não era senão a figura, o esboço da grande instituição messiânica, e que aquela teve o seu termo no instante da Nova Aliança. Põe em evidência o Sacerdócio de Jesus Cristo, sacerdócio inigualável, sacrificador e vítima, centro da religião cristã.

E' a análise intrínseca do texto desta Epístola que nos dá a conhecer a quem ela se destina dum modo especial. Bem sabemos que na presente carta há princípios, verdades, admoestações que convêm a várias Igrejas, e que respeitam aos Hebreus da Alexandria, aos de Leonópolis do Egito, de Antioquia na Síria, da Galácia e da Macedônia, da Frigia e até da Hispânia. Porém o escopo do autor é dirigir-se aos Judeus Palestinos, o que também se deduz da inscrição titular desta Epístola.

Sempre e em todos os cânones aparece esta Epístola com o título *ad Hebreos*. Ora no idioma do Novo Testamento — *Ebraios* significa o Judeu que conservou a língua da sua nação (*At* 7,1; *2 Cor* 11, 22) em opposição do Judeu helenista que adotou a língua dos Gentios. Mas no uso posterior das Igrejas é certo que o citado termo designou toda a nação judaica Welte, *Einleitung in das A. T. Oh*.

Quando os Padres empregaram o termo *Ebrai*, o quiseram designar os Judeus em geral, em opposição aos povos das outras nações. Porém êste sentido universal do termo não foi aquêlê que S. Paulo teve em vista, pois visou um ponto mais restrito, o qual era certamente a Palestina, que ainda tinha profundamente radicado o culto da tradição mosaica. Êsse apêgo ao mosaísmo, era de tal sorte que pôs em risco a fé de bastantes, por falta da verdadeira e sólida instrução religiosa. A êstes males que determinaram o enfraquecimento do prestígio sacerdotal,

Epístola de S. Paulo aos Hebreus

de concorrência às assembléias cristãs, um período de reserva e desconfiança contínua, que entorpeceu os mais ativos, abalou os mais firmes, e preparou a deserção dos mais tíbios, é que procurou dar remédio. S. Paulo com esta Epístola, que, definindo a situação do mosaísmo perante o Cristianismo, assume a mais alta importância. Penetrando na essência íntima do velho mosaísmo, mostra como passaram as sombras, fugiram as figuras, e veio a realidade, que é a própria Verdade Essencial, perdendo a velha aliança todo o valor obrigatório.

E ao mesmo tempo que trata de reanimar o zêlo dos cristãos, tão amortecido por essas hesitações, esta Epístola é a mais eloquente apologia do Novo Testamento.

Estilo. — O fim que S. Paulo tinha em vista, o entusiasmo de que se encontra possuído para a consecução dêsse fim, o zêlo que dominava o seu coração apostólico, tudo isto fez com que esta Epístola seja uma das mais belas páginas da sua obra. A beleza da forma e a nobreza do estilo correspondem à excelência do assunto. A sublimidade da doutrina corresponde a clareza do plano, e a demonstração empolgante. Bossuet, falando desta Epístola, qualifica-a — *savante et incomparable Sermon sur l'Ascension de N. S.* O dr. Hug considera-a como obra capital de S. Paulo. Com efeito nenhuma outra revela tanta erudição e tão profundo conhecimento dos dois Testamentos, Antigo e Novo. Há neste trabalho erudição, lógica, subtilidade de argumentação, elevação de estilo e profundeza de conceitos.

Local e data da composição desta Epístola. — Parece, segundo os melhores críticos, que foi escrita na Itália, isso se deduz do próprio texto, onde se lê a saudação final (12, 24) *oi àpò les Italías*, e a fórmula *oi àpò* indica

Epístola de S. Paulo aos Hebreus

a origem. Mas de que local da Itália? Valroger e outros críticos inclinam-se a que fôsse em Roma, porém Glaire diz que não é possível determinar com segurança o local preciso em que S. Paulo compôs esta Epístola. *Introduction a l'Ecriture Sainte*, t. 6, p. 198. O *Manuel Biblique* de Bacuez e Vigouroux, obra clássica, e tantas vezes citada, partilha esta opinião, pois limita-se a dizer que foi composta em Itália.

Depois do *ubi* o *quando*; seguindo a questão do lugar a do tempo. O estudo do texto deixa-nos asseverar que quando S. Paulo escreveu esta Epístola já o Evangelho era pregado há muito tempo (5, 12; 10, 32) portanto não pode ser do alvorecer do Cristianismo. Por outro lado precedeu a ruína de Jerusalém e destruição do Templo, porque S. Paulo fala do templo como existente (9, 1-6; 10, 1 e seg.). Além disso o Apóstolo refere-se a perseguições, dias de angústia, contrariedades violentas, e isto coincide como martírio do venerável chefe da Igreja de Jerusalém, ano 62, e com o Cativo de S. Paulo, em que o Apóstolo esteve acompanhado por Clemente. Ora tudo isto dá aproximadamente o décimo ano de Nero, e o ano 63 da Era cristã.

Texto original da Epístola de S. Paulo aos Hebreus.
— Há duas opiniões sobre o texto original da Epístola de S. Paulo aos Hebreus. Uns querem que esta Epístola fôsse originariamente composta em Hebreu e depois traduzida em Grego; outros sustentam que foi escrita em Grego. Ambas as opiniões têm defensores tão acérrimos como autorizados, tendo a primeira além de S. Jerônimo, Clemente de Alexandria, Teodoreto, a de Eusébio de Cesaréia, o *Pai da História Ecclesiástica*, que terminantemente afirma que quem traduziu do hebreu para o grego o texto de S. Paulo foi Clemente, companheiro do Apóstolo

Epístola de S. Paulo aos Hebreus

no cativeiro, bem conhecido na Acaia e Macedônia, muito considerado entre os cristãos hebreus. Glaire perfilha a segunda opinião na sua obra citada, porém Valroger, o próprio *Manuel Biblique*, e outros críticos modernos inclinam-se à primeira, que é mais seguida.

Autenticidade. — Tanto a Igreja do Oriente como a do Ocidente fornecem testemunhos valiosos e numerosos em defesa da autenticidade desta Epístola. Começando pelo Oriente, inicia-se a série de citações pelo unânime sentimento das três igrejas patriarcais de Jerusalém, de Antioquia e de Alexandria. Na igreja de Jerusalém fala S. Cirilo, que ensina que S. Paulo, êle só, deixou catorze Epístolas, produzindo duas vêzes mais que os outros Apóstolos reunidos. O ensinamento do Santo Patriarca não sofreu a menor contestação.

Em Antioquia, a tradição era a mesma. Além de S. João Crisóstomo, que insere a Epístola aos Hebreus entre as Epístolas, comentando-a, como fazia às outras de S. Paulo, pode citar-se a carta dirigida a Paulo de Samosata, bispo de Antioquia, pelos prelados constituídos em juizes, e que atribuem a Epístola aos Hebreus a S. Paulo.

Na de Alexandria, onde a exegese e crítica bíblicas eram cultivadas com tanto entusiasmo e tão sublimely elevação, vemos Panteno, no segundo século, comentar a Epístola de S. Paulo aos Hebreus. Clemente de Alexandria explica-a desenvolvidamente, apontando as dificuldades de interpretação que êste escrito suscita ao seu espirito, citando porém S. Paulo, como seu autor, oito vêzes. *Stromates* 6, 8, 62.

Mais tarde, Orígenes discute de novo a mesma Epístola, sem levantar a menor dúvida acêrca da sua autenticidade. *Non temere majores hanc epistolam Pauli esse dixerunt. Epístola ad Afric.*, 9.

Epístola de S. Paulo aos Hebreus

S. Atanásio, organizando em 260 a lista das obras inspiradas, enumera as Epístolas de S. Paulo, inserindo a Epístola aos Hebreus, e até não a inclui no fim, mas antes das Epístolas pastorais.

Aos testemunhos das três Igrejas Patriarcaes podem juntar-se a da Cesaréia, representada por Eusébio, os doutores S. Basílio, S. Gregório Nazianzeno, S. Efrem, a versão siríaca *Peschito*. Do Ocidente temos S. Clemente papa e S. Irineu, S. Hilário de Poitiers, S. Jerônimo, Proclo, etc. N. N.

A análise intrínseca do texto leva-nos à conclusão que tudo quanto ali se encontra está em perfeita harmonia com os dados fornecidos pela história sagrada e profana, com a mesma doutrina defendida nas anteriores epístolas, lendo-se as mesmas regras práticas já anteriormente expostas.

E' certo que difere um pouco, enquanto à forma das precedentes, mas também não se pode contestar que há numerosas e importantes analogias, principalmente no modo de citar os textos, na mesma maneira de apresentar e resolver dificuldades, nas mesmas imagens, expressões peculiares, fórmulas próprias, como por exemplo *Propter quem et per quem* 2, 10, Cfr. *Rom* 11, 36, *Spectaculum facti*, 10, 33, *S. Cor.* 4, 9; *mediator*, 8, 6, as expressões Deus vive, Deus da paz. Era impossível um outro autor apropriar-se a tal ponto da doutrina e do modo de dizer do Apóstolo.

Por isso sempre foi recebida como autêntica, restando-se com vantagem as objeções dos adversários

Canonicidade. — Os testemunhos dos Padres e a tradição unânime de tôdas as Igrejas provam a canonicidade

Epístola de S. Paulo aos Hebreus

desta Epístola. Pelo que respeita aos Gregos e à Igreja do Oriente não há então dúvidas algumas *Illud dicendum est*, diz Jerônimo a Dardanas, *hanc epistolam, quae inscribitur ad Hebraeos, non solum ab ecclesiis Orientalibus sed ab omnibus retro Ecclesiis cederius et Graeci sermonis scriptoribus quasi Pauli Apostoli scripsi*. E' certo que na Igreja latina suscitaram-se algumas dúvidas, num pequeno número, pois a grande maioria contou sempre a Epístola aos Hebreus entre os livros inspirados. Esta opinião foi a dos Padres mais antigos e autorizados da Igreja Latina, desde o papa Clemente, seguindo S. Irineu, Tertuliano, e posteriormente S. Hilário, S. Ambrósio e S. Agostinho.

O que porém nos pode servir mais e melhor para o nosso intento são os dados fornecidos pela História de Cânon dos Livros Sagrados. Na segunda metade do século 2 existia um cânon do Novo Testamento, no qual, é fato, não se inclui a Epístola aos Hebreus, como também não aparece no Cânon de Muratori, que data de 170. (1)

Mas isto só prova que a Igreja de Roma não tivesse logo oficialmente recebido esta Epístola como canônica, e isto confessa o próprio Eusébio de Cesaréia, que Rufino traduz: *Sciendum tamen apud Latinos de ea quae ad Hebraeos inscribitur haberi dubitationem*.

1 Multas vezes temos falado do cânon de Muratori, sem que tenhamos dito o que elle é.

Este cânon é assim chamado pelo nome do sábio italiano que o encontrou no ano 1740, na biblioteca ambrosiana de Milão. É documento importante, de altíssimo valor, e que data do século 2 e que por estar truncado é denominado Fragmento. Muratori publicou-o nas suas *Antiqui Itali medii aevi* v. 3, p. 851, e encontra-se um facsimile em Trochon, *Introduction générale*, 1886.

Epístola de S. Paulo aos Hebreus

No terceiro século aparecem-nos vários cânones. Um manuscrito importante o *Codex Claromontanus*, trabalho do século sexto, reproduz em forma sticométrica o cânon dos livros do Antigo e do Novo Testamento do século 3, tal qual se lia então nas Igrejas de África. Ali aparece-nos a Epístola aos Hebreus sob a denominação *Barnabae Epistola*. Isto fêz crer a alguns críticos modernos, que S. Barnabé, conquanto não fôsse o autor desta Epístola, tivesse sido o secretário de S. Paulo, redigindo-a sob as indicações editadas do Apóstolo. Cornely — *Introductio in libros sacros*, T. 3, p. 503, 545.

Chega porém o quarto século, celebram-se os concílios de Hipônia e Cartago, respectivamente em 393 e 397, sendo a alma dêles S. Agostinho, e organiza-se o cânon talvez calcado sobre a versão itala, e ali aparece a Epístola aos Hebreus.

De Roma escreve o papa Inocêncio I a decretal a S. Exupério, enviando-lhe o cânon, e aí vai incluída a Epístola aos Hebreus. No cânon a S. Damaso, que tem o nome de *Decretum Gelasianum* n.º 34 lá está a Epístola aos Hebreus. Tinham passado as hesitações, não eram talvez dúvidas, eram escrúpulos que em tão melindroso assunto sempre os teve a Igreja Latina.

A versão siríaca — *Peschito*, desde há muito que intercalava a Epístola aos Hebreus no cânon.

Postos de parte os escrúpulos, que aliás provam o cuidado esmerado que em tal questão tem sempre a Igreja, no fim do século 4 as Igrejas de Itália e de Galas começam a usar esta Epístola nos atos litúrgicos. Filástrico de Bréscia quer anatematizar as que não aceitem a canonicidade da Epístola de S. Paulo aos Hebreus. Nos Concílios gerais de Éfeso e de Calcedônia condenaram-se os

Epístola de S. Paulo aos Hebreus

que não tivessem a Epístola de S. Paulo aos Hebreus como livro divinamente inspirado.

O Concílio de Florença procede da mesma sorte e finalmente o Concílio de Trento insere esta Epístola no cânon em vigor com o célebre *Si quis autem libros ipsos integro cum omnibus suis partibus... prosacuis et canonicis non susceperit anathema sit*, Sem. 9, Dec. de can, determinação renovada no Concílio do Vaticano, v.v. 11 e 12.

Por isso conclui Melchior Cano *Haereticum esse epistolam ad Hebreos inter canonicas non reponere*.

Divisão. — Compreende esta Epístola duas secções.

a) *Dogmatica.* Superioridade do Cristianismo sobre o Judaísmo, deduzido de excelência incomparável do Salvador como legislador e sacerdote, 1-9, 18.

b) *Moral.* Necessidade de perseverar na fé e nas boas almas, 10, 19-13.

EPÍSTOLA DE S. PAULO AOS HEBREUS

CAPÍTULO 1

JESUS CRISTO, PELO QUAL FALOU DEUS AOS HOMENS, É IGUAL AO PAI. É SUPERIOR A TÓDAS AS HIERARQUIAS ANGÉLICAS PELA SUA ORIGEM, PELO SEU DOMÍNIO, PELO SEU PODER, E PELA SUA GLÓRIA.

1 Deus tendo falado muitas vèzes, e de muitos modos noutro tempo a nossos pais pelos profetas: (1)

2 Últimamente nestes dias nos falou pelo Filho, ao qual constituiu herdeiro de tudo, por quem fêz também os séculos:

(1) Lendo-se êste primeiro versículo, ocorre logo uma pergunta, que, conquanto pudesse ter sido feita na Introdução, propositadamente se deixou para aqui: Por que é que não aparece aqui o nome de S. Paulo, como acontece nas precedentes Epístolas? Responde-se, dizendo: 1.º Que esta Epístola não é, como as outras, uma carta propriamente dita, não reveste essa forma, mas é antes um breve tratado, uma dissertação, ou talvez melhor, uma instrução. No capítulo 6, vers. 1, chama-lhe o Apóstolo uma exortação. 2.º S. Paulo chamaria a Jesus Cristo Apóstolo, não lhe era conveniente dar-se a si mesmo igual título. 3.º S. Paulo cuidadosamente arredou tudo o que pudesse desagradar aos judaizantes, e a êstes não era agradável o nome latino de Paulo; e

Epístola de S. Paulo aos Hebreus 1, 3-8

3 O qual sendo o resplendor da glória e a figura da sua substância, e sustentando tudo com a palavra da sua virtude, havendo feito a purificação dos pecados, está sentado à direita da majestade nas alturas:

4 Feito tanto mais excelente que os Anjos, quanto herdou mais excelente nome do que eles.

5 Porque a qual dos Anjos disse jamais: Tu és meu filho, eu te gerei hoje? E outra vez: Eu serei seu Pai e ele me será meu Filho? (2)

6 E segunda vez quando introduz ao primogênito no mundo, diz: E todos os Anjos de Deus o adorem.

7 Assim mesmo sobre os Anjos diz: O que faz aos seus Anjos espíritos, e aos seus ministros chama de fogo.

8 Mas acêrca do Filho diz: O teu trono, ó Deus, subsistirá no século do século: Vara será de equidade a vara do teu reino.

ainda, diz Santo Agostinho, porque havia alguns cristãos em Jerusalém que se lembravam quanto S. Paulo tinha perseguido a lei nova, e então prudentemente o Apóstolo eliminou o seu nome. Revela-se o cuidado de não desgostar os Hebreus, em toda a Epístola, ainda nas mais pequenas e insignificantes minúcias. Se os exorta, é como amigo; fala-lhes com veneração dos seus maiores, e evita a menor preferência pelos Gentios.

(2) **TU ÉS MEU FILHO** — O aplicar o Apóstolo à pessoa de Cristo éstes dois testemunhos, um do Salmo segundo, outro do livro segundo dos Reis, faz certo e indubitável, que, segundo a primária intenção do Espírito Santo, ambos eles se devem entender de Cristo; e que só enquanto figuras de Cristo dissera Deus as primeiras palavras a Davi e as segundas de Salomão. Veja-se o illustríssimo Bossuet, na exposição do Salmo segundo e nas notas a este lugar da Epístola aos Hebreus, contra a versão de Trevoux de Ricardo Simon. — **Pereira.**

9 Tu amaste a justiça e aborreceste a iniquidade: Por isso, ó Deus, o teu Deus te ungiu com óleo de alegria sobre os teus companheiros.

10 E noutro lugar: Tu, Senhor, no princípio fundaste a terra: E os Céus são obras de tuas mãos.

11 Eles perecerão, mas tu permanecerás e todos se envelhecerão, como vestido:

12 E tu os mudarás como uma capa, e eles serão mudados: Mas tu és sempre o mesmo, e os teus anos não minguarão.

13 Pois a qual dos Anjos disse alguma vez: Sentate à minha direita, até que eu ponha teus inimigos por estrado de teus pés?

14 Porventura não são todos os espíritos uns administradores, enviados para exercer o seu ministério a favor daqueles que hão de receber a herança da salvação?

CAPÍTULO 2

O DESPREZO DAS PALAVRAS DE JESUS CRISTO SERÁ MAIS SEVERAMENTE CASTIGADO, DO QUE O DAS PALAVRAS DOS ANJOS. JESUS CRISTO SE FEZ MENOR DO QUE ELES. HUMILHANDO-SE ATÉ A MORTE, ADQUIRIU A SALVAÇÃO PARA OS FIEIS. ELE OS CHAMA SEUS IRMÃOS. ELE NÃO SE FEZ ANJO, MAS HOMEM, PARA SER MAIS SENSÍVEL AOS MALES DO HOMEM.

1 Portanto é-nos necessário guardar mais exatamente as coisas que temos ouvido, para que não suceda que nos esqueçamos:

Epístola de S. Paulo aos Hebreus 2, 2-10

2 Porque se a lei, que foi anunciada pelos Anjos, ficou firme, e tódã a prevaricação e desobediência recebeu a justa retribuição que merecia:

3 Como evitaremos nós, se desprezarmos tão grande salvação? A qual tendo começado a ser anunciada pelo Senhor, foi depois confirmada entre nós pelos que a ouviram.

4 Confirmando-a ao mesmo tempo Deus com sinais e maravilhas, e com virtudes diversas, e com dons do Espírito Santo, que repartiu-segundo a sua vontade.

5 Porque Deus não submeteu aos Anjos o mundo vindouro, de que falamos.

6 E um em certo lugar deu testemunho, dizendo: Que coisa é o homem, que assim te lembras d'êlê, ou o Filho do homem, que assim o visitas?

7 Tu o fizeste por um pouco de tempo menor que os Anjos: Tu o coroaste de glória e de honra: E o constituiste sôbre as obras das tuas mãos.

8 Tu lhe sujeitaste tódas as coisas, metendo-lhas debaixo dos pés: Ora, uma vez que êle lhe sujeitou tódas as coisas, nada deixou que lhe não ficasse sujeito. E contudo nós não vemos ainda que lhe esteja sujeito tudo.

9 Mas aquêlê Jesus, que por um pouco foi feito menor que os Anjos, nós o vemos pela paixão da morte coroado de glória e de honra: Para que pela graça de Deus gostasse a morte por todos.

10 Porque convinha que aquêlê, para quem são tódas as coisas, e por quem tódas existem, havendo de con-

Epístola de S. Paulo aos Hebreus 2, 11-16

duzir muitos filhos à glória, consumasse pela paixão ao autor da salvação deles.

11 Porque o que santifica, e os que são santificados, todos vêm dum mesmo princípio. Por esta causa não tem rubor de lhes chamar irmãos, dizendo: (1)

12 Anunciarei o teu nome a meus irmãos: Louvar-te-ei no meio da Igreja.

13 E outra vez: Eu confiarei nele. E noutro lugar: Eis aqui estou eu, e os meus filhos, que Deus me deu.

14 E porquanto os filhos tiveram carne, e sangue comum, êle também participou igualmente das mesmas coisas: Para destruir pela sua morte ao que tinha o império da morte, isto é, ao diabo.

15 E para livrar aqueles que pelo temor da morte estavam em escravidão toda a vida.

16 Porque êle em nenhum lugar tomou aos Anjos, mas tomou a descendência de Abraão. (2)

(1) **DUM MESMO PRINCÍPIO** — Porque Jesus Cristo, enquanto homem, traz, como os outros homens, a sua origem de Adão. Outros, porém, interpretam duma só natureza, isto é Deus.

(2) **EM NENHUM LUGAR TOMOU AOS ANJOS** — No Grego se lê o verbo no presente, *epilambanetai*, que significa tomar um homem pela mão, para o fazer livre e tirá-lo da escravidão. O sentido é este: Em nenhum lugar da Escritura se lê que se fizesse Libertador dos Anjos, senão dos descendentes de Abraão, isto é dos descendentes espirituais e sobretudo dos Judeus, aos quais especialmente havia sido enviado. Outros o expõem deste modo: Em nenhum lugar da Escritura se lê, que tomasse a natureza Anjélica, senão a humana, e da descendência de Abraão, em cumprimento das antigas profecias. Rom 9, 5. Gal 3, 16. Jesus Cristo foi o Libertador de todos os homens; mas S. Paulo fala aqui dos descendentes somente de Abraão, porquanto escreve aos Hebreus, que descendiam deste Patriarca, e a este povo haviam sido feitas as promessas. Ambas as exposições têm muitos Padres em seu apoio. — Estio.

Epístola de S. Paulo aos Hebreus 2, 17-18; 3, 1-6

17 Por onde foi conveniente que êle se fizesse em tudo semelhante a seus irmãos, para vir a ser diante de Deus um Pontífice compassivo, e fiel no seu ministério, a fim de expiar os pecados do povo.

18 Porque à vista de tudo quanto êle padeceu, e em que foi tentado, é poderoso para ajudar também aquêles que são tentados.

CAPÍTULO 3

JESUS CRISTO EXCEDE TANTO A MOISÉS, QUANTO O SENHOR AO SERVO. OS QUE NÃO DEREM OUVIDOS A SUA DOCTRINA, SERÃO CASTIGADOS, COMO O FORAM OS JUDEUS NO DESERTO.

1 Pelo que, santos irmãos, que sois participantes da vocação celestial, considerai ao Apóstolo, e ao Pontífice da nossa confissão, Jesus.

2 O qual é fiel ao que o constituiu, assim como também Moisés o era em tôda a sua casa.

3 Porque êste é tido por digno de tanto maior glória que Moisés, quanto o que edificou a casa tem maior honra que a mesma casa.

4 Porque tôda a casa é edificadã por algum, mas o que criou tôdas as coisas é Deus.

5 E Moisés na verdade era fiel em tôda a casa de Deus, como um servo, para testificar aquelas coisas que se haviam de anunciar:

6 Mas Cristo como Filho manda em sua casa própria: A qual casa somos nós outros, contanto que tenha-

mós firme a confiança, e a glória da esperança até ao fim. (1)

7 Pelo que, como diz o Espírito Santo: Se vós ouvirdes hoje a sua voz,

8 não endureçais os vossos corações, como sucedeu quando o povo estava no deserto, no lugar chamado Contradição e Tentação.

9 Onde vossos pais me tentaram, provaram e viram as minhas obras,

10 por espaço de quarenta anos: Por isto me indignei contra esta geração, e disse: Estes sempre erram de coração. E eles não conheceram os meus caminhos.

11 Assim lhes jurei na minha ira: Não entrarão no meu descanso.

12 Vêde, irmãos, que se não ache talvez nalgum de vós um coração corrompido da incredulidade, que se aparte do Deus vivo:

13 Mas admoestai-vos vós mesmos uns aos outros cada dia, durante o tempo que a Escritura chama Hoje, por não acontecer que algum de vós, seduzido pelo pecado, caia na obduração. (2)

(1) **FIRME A CONFIANÇA** — Não quer dizer o Apóstolo, que o pertencer um fiel à casa de Deus, que é a Igreja, depende da condição que ele persevere até ao fim na esperança, (porque então só os predestinados seriam da casa de Deus, o que é contra a mente do Apóstolo) mas quer dizer, que debalde somos nós a casa de Deus, se não perseveramos até ao fim. — **Êstio.**

(2) **DURANTE O TEMPO QUE A ESCRITURA CHAMA HOJE** — Este Hoje é todo o espaço da vida presente. — **Êstio.**

Epístola de S. Paulo aos Hebreus 3, 14-19; 4, 1

14 Porque é verdade. que nós somos incorporados com Cristo: Mas isto é debaixo da condição que nós conservemos inviolavelmente até ao fim o novo ser que começamos a ter nele. (3)

15 Enquanto se nos diz: Hoje, se vós ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações, como sucedeu no lugar chamado Contradição.

16 Porque alguns depois de a terem ouvido, irritaram a Deus com as suas contradições: Mas não foram todos os que Moisés tinha feito sair do Egito.

17 E contra quem estêve indignado quarenta anos? Porventura não foi contra aquêles que pecaram, cujos cadáveres ficaram estendidos no deserto?

18 E quais são os a quem Deus jurou que não entrariam no lugar do seu descanso, senão aquêles que foram incrédulos?

19 E nós vemos que eles não puderam lá entrar por causa da sua incredulidade.

CAPÍTULO 4

OS JUDEUS NÃO ENTRARAM NO DESCANSO DE DEUS POR CAUSA DA SUA INCREDELIDADE. OUTROS SÃO OS QUE LÁ HÃO-DE ENTRAR PELA FÉ. A PALAVRA DE JESUS CRISTO É VIVA E EFICAZ, E MAIS PENETRANTE DO QUE UMA ESPADA DE DOIS FIOS. ELE É UM PONTÍFICE SENSÍVEL AOS NOSSOS MALES. NÓS NOS DEVEMOS CHEGAR A ELE COM CONFIANÇA.

1 Temamos logo não suceda que, desprezando a promessa que nos foi feita, de entrar no descanso de Deus, haja dentre vós algum que dêle seja excluído.

(3) **MAS ISTO É DEBAIXO DA CONDIÇÃO** — Este lugar pode e deve ajuntar-se a outros muitos do mesmo Apóstolo, com que o grande Arnault na sua Obra *Le Reversement de la Morale de Jesus Christ par les erreurs des Calvinistes*, julga o falso dogma da fé, e da justiça inadmissível.

2 Porque tanto a nós foi anunciado, como também a êles: Mas a palavra que êles ouviram não lhes aproveitou, não sendo acompanhada da fé naqueles que a tinham ouvido.

3 Porque nós, que temos crido, havemos de entrar naquele descanso: Da maneira que disse: Como eu jurei na minha ira: Não entrarão no meu descanso: E Deus fala daquele descanso, que se seguiu à consumação das suas obras na criação do mundo. (1)

(1) **DAQUELE DESCANSO** — E certamente Deus fala do repouso que succedeu ao complemento das suas obras na criação do mundo. O Apóstolo pretende provar neste lugar três repousos, ou descanso pela Escritura. O primeiro pertence a Deus, o segundo aos Judeus, e o terceiro aos verdadeiros Cristãos. E assim continua: Porque em certo lugar falou assim a Escritura do dia sétimo. E repousou Deus no sétimo dia, de todas as suas obras. O que succedeu depois de haver concluído as obras do mundo, quando deixou de criar de novo, ainda que não de governá-las. Do segundo repouso, que foi na possessão da Palestina; e do terceiro, figurado pelo segundo, acrescenta, e diz: E neste alegado de Davi se diz outra vez de outro repouso: Não entrarão no meu repouso. E porquanto hão-de entrar nêle alguns, e os Judeus, a quem primeiramente foi prometido o descanso da terra santa, não entraram nêle pela sua incredulidade, à exceção de Josué e de Caleb, por isso assina a Escritura um dia determinado, chamando-lhe por Davi. Hoje, e isto tanto tempo depois do repouso da Palestina, e dizendo, como deixamos dito: Se ouvirdes hoje a sua voz não endureçais os vossos corações. Prova o Apóstolo neste lugar, que Davi pelo repouso da Palestina figurava outro repouso diferente; porquanto falando Davi, longo tempo depois da entrada de Josué na Palestina, nos determina um dia certo, que não chama sétimo, como o Gênesis, senão Hoje, isto é, o de Hoje, e assim não o entende, nem do primeiro descanso de Deus, nem do segundo da terra da Palestina, senão enquanto era figura do terceiro. Porque se Jesus Nave, ou Josué lhes houvera dado um verdadeiro descanso, não houvera falado depois Davi de outro dia diferente, avisando-nos que não endureçamos os nossos corações, para não ficarmos excluídos do verdadeiro e eterno descanso.

— S. João Crisóstomo.

Epístola de S. Paulo aos Hebreus 4, 4-13

4 Porque em certo lugar disse assim do dia sétimo: E descansou Deus no dia sétimo de tôdas as suas obras.

5 E outra vez aqui: Não entrarão no meu descanso.

6 Pois porque ainda resta que alguns entrem nele e que aquêles a quem primeiro foi anunciado, não entraram pela sua incredulidade:

7 Assina de novo um certo dia, que êle chama Hoje, dizendo, por Davi tanto tempo depois, como acima se disse: Hoje se ouvirdes a sua voz, não queirais endurecer os vossos corações.

8 Porque se Jesus lhe houvera dado o repouso, nunca jamais ao depois falaria doutro dia.

9 Pelo que resta um dia de repouso para o povo de Deus.

10 Porque aquêle que entrou no seu descanso: fêsse também descansou das suas obras, assim como Deus das suas.

11 Apressemos-nos pois a entrar naquele descanso: Para que nenhum caia em igual exemplo de incredulidade.

12 Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais penetrante do que tôda a espada de dois gumes: E que chega até ao íntimo da alma e do espírito, também às juntas e medulas, e discerne os pensamentos e intenções do coração.

13 E não há nenhuma criatura que esteja encoberta no seu acatamento: Mas tôdas as coisas estão nuas e descobertas aos olhos daquele de quem falamos. (2)

(2) **DE QUEM FALAMOS** — Esta é a inteligência de S. João Crisóstomo. Pode também verter-se: a quem nós falamos, que é

Epístola de S. Paulo aos Hebreus 4, 14-16; 5, 1

14 Tendo nós pois aquêle grande Pontífice, que penetrou os Céus, Jesus, filho de Deus: Conservemos a nossa confissão.

15 Porque não temos um Pontífice, que não possa compadecer-se das nossas enfermidades: Mas que foi tentado em tôdas as coisas à nossa semelhança, exceto o pecado.

16 Cheguemo-nos pois confiadamente ao Trono da graça: A fim de alcançar misericórdia e de achar graça, para sermos socorridos em tempo oportuno.

CAPÍTULO 5

DECLARA O APÓSTOLO QUAL SEJA O OFÍCIO DO PONTÍFICE. MOSTRA QUE JESUS CRISTO O É LEGÍTIMAMENTE. ELE ORANDO POR NÓS FOI OUVIDO. SENDO CONSUMADO NA GLÓRIA É PONTÍFICE SEGUNDO A ORDEM DE MELQUISEDEC. OS HEBREUS NÃO ERAM CAPAZES DE ENTENDER A GRANDEZA DÊSTE ESTADO.

1 Porque todo o Pontífice assento de entre os homens, é constituído a favor dos homens naquelas coisas que se referem a Deus, para que ofereça dons e sacrificios pelos pecados. (1)

à letra; ou a quem havemos de dar conta das nossas ações. E êsse sentido se funda em que a palavra grega, *logos*, significa também razão, ou conta.

(1) **TODO O PONTÍFICE** — O Apóstolo, depois de ter feito ver que Jesus Cristo é superior aos Apóstolos, e a Moisés, o faz agora superior a Aarão, e compara os Pontífices dos dois Testamentos, do seu Tabernáculo, do seu Santuário, do Testamento de que são Ministros, dos seus Sacerdócios, e dos efeitos destes sacrificios. Começa a descrever os officios do antigo Pontífice, e

Epístola de S. Paulo aos Hebreus 5, 2-7

2 O qual se possa condocer daqueles que ignoram e erram: Porquanto êle também está cercado de enfermidade.

3 E por esta causa deve, tanto pelo Povo, como também até por si mesmo, oferecer sacrificio pelos pecados.

4 E nenhum usurpa para si esta honra, senão o que é chamado por Deus, como Aarão. (2)

5 Assim também Cristo não se glorificou a si mesmo, para se fazer Pontífice: Mas aquêlê que lhe disse: Tu és meu filho, eu hoje te gerei.

6 Como também diz noutro lugar: Tu és Sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedec.

7 O qual nos dias da sua mortalidade, oferecendo com um grande brado, e com lágrimas, preces e rogos ao

passa depois a fazer a aplicação de Jesus Cristo. O Pontífice, diz o Santo Apóstolo, era homem, e tomado de entre os homens semelhantes a êle, para que oferecesse a Deus sacrificio pela saúde comum dos homens e remissão de seus pecados. — S. João Crisóstomo.

(2) **E NENHUM USURPA PARA SI** — Daqui temos, que assim como entre os judeus ninguém podia ser Pontífice, senão sendo da linha de Aarão, a quem, e a cuja posteridade chamara Deus para aquela dignidade, também na Igreja de Jesus Cristo ninguém pode ser Sacerdote, nem Ministro do Altar, sem ser para isso chamado pelos que presidem na mesma Igreja, e que como por linha reta vem dos Apóstolos. E daqui a necessidade de experimentar as vocações religiosas, para que não suceda que sejam investidos no sacerdócio individuos que consideram a vida sacerdotal como um modo de vida, de sorte que constituídos um dia em pastores, não só não dão a vida pelas suas ovelhas, mas exercem sobre elas violências por causa do dinheiro, com grande escândalo dos fieis e manifesto prejuizo dos interesses religiosos.

que o podia salvar da morte, foi atendido pelo seu humilde respeito. (3)

8 E na verdade sendo Filho de Deus, aprendeu a obediência, pelas coisas que padeceu.

9 E pela sua consumação veio a fazer-se o Autor da salvação eterna, para todos os que lhe obedecem.

10 Chamado por Deus Pontífice segundo a ordem de Melquisedec.

11 Do qual temos muitas coisas que dizer, e difíceis de declarar: Porque sois fracos para ouvir. (4)

12 Porque devendo vós ser já mestres pelo tempo: Tendes ainda necessidade de que vos ensinem quais são os elementos do princípio das palavras de Deus: E vos tendes tornado tais, que haveis mister leite, e não mantimento sólido.

13 Porque todo aquêl que usa de leite, é incapaz da palavra justiça, porque é menino.

(3) **COM UM GRANDE BRADO E COM LÁGRIMAS** — Dêste grande brado fazem menção os Evangelistas, quando referem, que pendente da Cruz exclamara Jesus Cristo, dizendo: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste. E nas tuas mãos encomendo o meu espírito. Das lágrimas neste passo não fazem menção alguma os Evangelistas. Mas basta que o diga S. Paulo para o crermos. E quando êle o não dissesse, era bem crível que a grandeza e acerbidade das dores puxasse pelas lágrimas. E o divino Verbo, segundo o célebre dito de São João Damasceno, permitia a cada faculdade natural da Humanidade romper nas ações que lhe eram próprias.

(4) **SOIS FRACOS PARA OUVIR** — O grego tem: porque vos tornastes remissos em ouvir. E esta fraqueza, ou falta de diligência, consistia talvez em que os Cristãos Hebreus não faziam a devida aplicação, por se desenganarem da inutilidade das cerimônias Legais.

Epístola de S. Paulo aos Hebreus 5, 14; 6, 1-2

14 Mas o mantimento sólido é dos perfeitos, daqueles que pelo costume têm os sentidos exercitados, para discernir o bem e o mal.

CAPÍTULO 6

NÃO QUER O APÓSTOLO DAR AQUI OS PRIMEIROS ELEMENTOS DA FÉ. OS QUE PECAM DEPOIS DO BATISMO NÃO PODEM SER NOVAMENTE BATIZADOS. OS TAIS DEVEM TEMER A MALDIÇÃO DE DEUS. EXORTA OS HEBREUS A PERSEVERAREM, IMITANDO A PACIÊNCIA DE ABRAÃO. AS PROMESSAS, QUE DEUS LHE FEZ DEBAIXO DE JURAMENTO, DEVEM FORTALECER A SUA ESPERANÇA.

1 Pelo que deixando os rudimentos dos que começam a crer em Cristo, passemos a coisas mais perfeitas, não lançando de novo o fundamento da penitência das obras mortas, e da Fé em Deus. (1)

2 Da doutrina sobre os Batismos, como também da imposição das mãos, e da ressurreição dos mortos, e do juízo eterno. (2)

(1) **DAS OBRAS MORTAS** — Por penitência das obras mortas entende Santo Tomás a penitência dos pecados, que causam a morte da alma, privando-a da vida da graça. Assim o Doutor Angélico, em o *Commentari* ao cap. 9 desta Epístola, vers. 14, e na *Sum. Theológica*, Parte Segunda, Questão 89. Artigo 6. — *Pereira*.

(2) **SÔBRE OS BATISMOS** — Por esta passagem se vê o sentir dos Apóstolos acerca da instituição divina do Batismo, em que pese a Renan, *Vie de Jesus*, c. 6, p. 108, Floir, *Hist. balnear* fig. de J. Ilis. *Origine du batême*, que a contestam. O que se pode discutir é a data da obrigação do Batismo. Hugo de S. Vitor, *Lib. 11 de Sacram.* estabelece três periodos em tempos Apostólicos: um em que a circuncisão justificava sem o Batismo; outro em que a circuncisão e o batismo justificavam igualmente, porque a primeira ainda não estava abolida; e o terceiro em que só o batismo justificava sem a circuncisão. Um anônimo do século 12 preten-

3 E isto é o que nós faremos, se Deus o permitir.

4 Porque é impossível que os que foram uma vez iluminados, que tomaram já o gosto ao dom celestial e que foram feitos participantes do Espírito Santo: (3)

5 Que gostaram igualmente a boa palavra de Deus, e as virtudes do século vindouro.

6 E depois disto caíram; é impossível, digo, que eles tornem a ser renovados pela penitência, pois crucificam de novo ao Filho de Deus em si mesmos, e o expõem ao ludíbrio. (4)

7 Porque a terra que embebe a chuva, que cai muitas vezes sobre ela, e produz erva proveitosa àqueles por quem é lavrada: Recebe a bênção de Deus:

deu que a partir do momento em que Jesus Cristo tinha revelado a Nicodemos a necessidade do batismo de água, ninguém se podia salvar sem este sacramento, salvo pelo batismo de sangue. Refutou esta opinião S. Bernardo em carta dirigida a Hugo e S. Vitor. S. Tomás diz que o batismo tem todo o seu valor depois da imersão de Jesus no Jordão, mas que só foi obrigatório depois da Paixão porque até então regenerara a circuncisão Part 3, q 66, art. 2. A maior parte dos teólogos modernos, abstendo-se de fixar uma data, dizem que esta lei só foi obrigatória depois da sua promulgação, e que essa foi mais cedo para uns e mais tarde para outros, Corbert, *Histoire du Sacrement du Baptême*, t. 1, p. 129. Após a publicação desta Epístola foi obrigatória para os Tabotinenses, sem dúvida alguma

(3) **ILUMINADOS** — Isto é, batizados. daqui vem, que na frase dos Santos Padres Gregos, o Sacramento do Batismo se chama por excelência o Sacramento da iluminação, ou das iluminações, como é notório pelos escritos de Clemente Alexandrino, de Eusébio, de Gregório Nazianzeno. E a razão é, porque no Batismo nos traslada Deus do estado das trevas para o da sua admirável luz, como escreve S. Pedro.

(4) **É IMPOSSÍVEL** — Receber a remissão dos pecados pela mesma sorte que foram remitidos pelo batismo.

Epístola de S. Paulo aos Hebreus 6, 8-17

8 Mas se ela produz espinhos e abrólhos, é reprovada, e está perto de maldição: Cujo fim é ser queimada.

9 Porém de vós outros, ó muito amados, esperamos melhores coisas, e mais vizinhas à salvação, ainda que assim falamos.

10 Porque Deus não é injusto, para que se esqueça da vossa obra, e da caridade que mostrastes em seu nome, os que haveis subministrado o necessário aos Santos, e ainda o subministrais.

11 Mas desejamos que cada um de vós mostre o mesmo zelo até ao fim, para complemento da sua esperança:

12 Para que vos não façais frouxos, mas sim imitadores daqueles que, por fé e por paciência, hão de herdar as promessas.

13 Porque quando Deus fêz a Abraão a promessa, como não teve outro maior por quem jurasse, jurou por si mesmo,

14 dizendo: Certamente abençoando te abençoarei, e multiplicando te multiplicarei.

15 E assim esperando com larga paciência, alcançou a promessa.

16 Porque os homens juram pelo que há maior que eles: E o juramento é a maior segurança para terminar tôdas as suas contendas.

17 Pelo que querendo Deus mostrar mais seguramente aos herdeiros da promessa a imutabilidade do seu conselho, interpôs o juramento:

18 Para que por duas coisas infalíveis, pelas quais é impossível que Deus minta, tenhamos uma poderosíssima consolação, os que ponhos o nosso refúgio em alcançar a esperança proposta.

19 A qual temos como uma âncora segura, e firme da alma, e que penetra até as coisas do interior do véu.

20 Onde Jesus, nosso precursor, entrou por nós, sendo constituído pontífice eterno, segundo a ordem de Melquisedec.

CAPÍTULO 7

DESCREVE O APÓSTOLO AS EXCELENCIAS DO SACERDÓCIO DE MELQUISEDEC. ABRAÃO E LEVI LHE PAGARAM O DÍZIMO. A MUDANÇA DO SACERDÓCIO PROVA A MUDANÇA DA LEI. O SACERDÓCIO DE AARÃO ERA TEMPORAL, O DE MELQUISEDEC É ETERNO. O DE AARÃO FOI INSTITUÍDO SEM JURAMENTO, O OUTRO COM JURAMENTO. AARÃO TEVE MUITOS SUCESSORES, JESUS CRISTO NENHUM. QUALIDADES DE JESUS CRISTO PONTÍFICE.

1 Porque este Melquisedec, Rei de Salém, sacerdote do Deus altíssimo, que veio sair ao encontro a Abraão, quando ele voltava da matança dos reis e que o abençoou: (1)

(1) **REI DE SALÉM** — S. Jerônimo faz menção de duas opiniões diversas, sobre que cidade era esta, de que Melquisedec se chama rei. Uma dos que diziam, que "além" era a que depois se chamou "Jerusalém" Metrópole da Palestina; outra, que ele tem por mais provável, que era a "Salém", Metrópole de Samaria, que no cap. 3 do Evangelho de S. João, mudado o e em i, se chama "Sallm".

Epístola de S. Paulo aos Hebreus 7, 2-9

2 Ao qual também Abraão deu o dízimo de tôdas as coisas: Primeiramente quer por certo dizer rei de justiça: E depois também rei de Salém, que vem a ser, rei de paz.

3 Sem pai, nem mãe, sem genealogia, que nem tem princípio de dias, nem fim de vida, mas feito semelhante ao filho de Deus, permanece sacerdote para sempre. (2)

4 Considerai pois quão grande devia êle ser a quem até o patriarca Abraão deu dízimos das melhores coisas.

5 E certamente os que dentre os filhos de Levi recebem o sacerdócio, tem mandamento de tomar, segundo a lei, os dízimos do povo, isto é, de seus irmãos: Ainda que êles hajam saído também dos lombos de Abraão.

6 Mas aquêle cuja linhagem não é contada entre êles tomou dízimos de Abraão, e abençoou ao que tinha as promessas.

7 E sem nenhuma contradição, o que é inferior recebe a bênção do que é superior.

8 E aqui certamente tomam dízimos homens que morrem: Mas ali os recebe aquêle de quem se dá testemunho que vive.

9 E (para que assim o diga) até o mesmo Levi que recebeu dízimos, foi dizimado em Abraão.

(2) **SEM PAI** — Isto é, a Escritura não indica os pais. Os antigos, deve-se notar, diziam que certo indivíduo não tinha pais, quando êstes eram desconhecidos. Veja-se Sêneca, Tito Livio e Horácio.

10 Porque ainda elle estava nos lombos de seu pai, quando Melquisedec saiu a encontrar a Abraão.

11 E se a perfeição fôsse pelo Sacerdócio Levítico (porquanto o povo debaixo dêste é que recebeu a Lei) que necessidade havia ainda de que se levantasse depois outro Sacerdote, chamado segundo a ordem de Melquisedec, e não segundo a ordem de Aarão? (3)

12 Pois mudado que seja o Sacerdócio, é necessário que se faça também mudança da Lei.

13 Porque aquêle de quem isto se diz, é de outra Tribo, da qual nenhum serviu ao altar. (4)

14 Porque manifesta coisa é que da linhagem de Judá nasceu nosso Senhor. Na qual Tribo nada falou Moisés tocante aos Sacerdotes.

(3) **E SE A PERFEIÇÃO** — S. Paulo prova o caráter transitório do sacerdócio Levítico e a sua decadência; mostra o sacerdócio novo anunciado naquelas palavras *Tu es sacerdos in aeternum secundum ordinum Melchisedec*.

(4) **É DE OUTRA TRIBO** — A saber da tribo de Judá, como se diz no verso seguinte. Sem que possa, ou deva fazer a menor dúvida contra o argumento do Apóstolo, a ser opinião comum dos padres, que Jesus Cristo, segundo a carne, descendia por sua mãe Maria Santíssima não só da Tribo de Judá, mas também da Tribo de Levi. Porque todo o fundamento dos padres é constar por S. Lucas, que a Senhora era parente de Santa Isabel, e esta descendente de Aarão. Mas este fundamento não é sólido. Porque podia bem ser que Santa Isabel, sendo da geração de Aarão, tivesse por mãe uma mulher da Tribo de Judá. Porque a Lei, segundo consta do último capítulo do Livro dos números, não prohibia casar a mulher fora da sua tribo, senão no caso de que por este casamento passasse a herança a outra Tribo e se seguisse confusão dos bens. E com effeito, alguns querem que Maria e Isabel fossem filhas de duas irmãs da casa de Davi, Ana e Ismênia. Fôsse porém como fôsse, a razão pede que o dito dos padres se acomode ao dito do Apóstolo, e não o dito do Apóstolo ao dos padres.

Epístola de S. Paulo aos Hebreus 7, 15-25

15 E ainda isto se manifesta mais claramente: Se à semelhança de Melquisedec se levanta outro Sacerdote.

16 O qual não foi feito segundo a lei do mandamento carnal, mas segundo a virtude da vida imortal.

17 Porque diz assim: Tu és pois Sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedec.

18 O mandamento primeiro é na verdade abrogado pela sua fraqueza e inutilidade:

19 Porque a Lei nenhuma coisa levou à perfeição: Mas foi introdutora de melhor esperança: Pela qual nós chegamos a Deus.

20 E quanto é mais para estimar o não ser instituído êste Sacerdócio sem juramento (porque os outros Sacerdotes na verdade foram feitos sem juramento.

21 Mas êste o foi com juramento, por aquêle que lhe disse: Jurou o Senhor, e não se arrependerá: Tu és Sacerdote eternamente:)

22 Em tanto Jesus foi feito fiador do testamento mais perfeito.

23 E na verdade os outros foram feitos Sacerdotes em maior número, porquanto a morte não permitia que durassem:

24 Mas êste, porque permanece para sempre, possui um Sacerdócio eterno.

25 E por isto pode salvar perpétuamente aos que por êle mesmo se chegam a Deus: Vivendo sempre para interceder por nós.

26 Porque tal Pontífice convinha que nós tivéssemos, Santo, inocente, imaculado, segregado dos pecadores, e mais elevado que os Céus:

27 Que não tem necessidade, como os outros sacerdotes, de oferecer todos os dias sacrificios, primeiramente pelos seus pecados, depois pelos do povo: Porque isto o fez uma vez oferecendo-se a si mesmo.

28 Porque a lei constituiu sacerdotes a homens que têm enfermidade: Mas a palavra do juramento, que é depois da lei, constitui ao Filho perfeito eternamente.

CAPÍTULO 8

RESUMO DO QUE SE DISSE NO CAPÍTULO PASSADO. O SACERDÓCIO DE JESUS CRISTO É MAIS EXCELENTE DO QUE O DE LEVI, PORQUE JESUS CRISTO É SACERDOTE NO CÉU. SE ÊLE ESTIVESSE SÔBRE A TERRA, NÃO SERIA SACERDOTE. ÊLE É O MINISTRO DUM MELHOR TESTAMENTO DO QUE FOI O VELHO.

1 Tudo o que nós porém acabamos de dizer, se reduz a isto: Temos um pontífice tal, que está assentado nos Céus à direita do Trono da grandeza.

2 Ministro das coisas santas, e daquele verdadeiro Tabernáculo, que fixou o Senhor e não o homem.

3 Porque todo o pontífice é constituído para oferecer dons e vítimas: Donde é necessário que êste tenha também alguma coisa que oferecer:

4 Se êle estivesse pois sôbre a terra, nem Sacerdote seria: Havendo outros que oferecessem os dons, segundo a lei.

Epístola de S. Paulo aos Hebreus 8, 5-12

5 Os quais servissem de modelo e sombra das coisas celestiais. Como foi respondido a Moisés, quando estava para acabar o Tabernáculo: Olha (disse) fazê todas as coisas conforme o modelo que te foi mostrado no monte.

6 Mas agora aquele alcançou tanto melhor ministério, quanto é mediador ainda do melhor testamento, o qual está estabelecido em melhores promessas.

7 Porque se aquele primeiro houvera sido sem defeito: Certamente que não se buscaria lugar para o segundo.

8 E assim diz repreendendo-os: Eis aí virão dias, diz o Senhor: E neles consumarei sobre a casa de Israel, e sobre a casa de Judá, um testamento novo.

9 Não como o testamento que fiz com os pais deles no dia em que lhes peguei pela mão para os tirar da terra do Egito: Porquanto eles não perseveraram no meu testamento: Por isso também eu os desprezei, diz o Senhor:

10 Porque este é o testamento que ordenarei à casa de Israel depois daqueles dias, diz o Senhor: Imprimindo as minhas leis na mente deles, eu as escreverei também sobre o seu coração: e serei para eles o seu Deus, e eles serão para mim o meu povo.

11 E cada um não ensinará mais a seu próximo, nem cada um a seu irmão, dizendo: Conhece ao Senhor: Porque todos eles me conhecerão, desde o mais pequeno até o maior:

12 Porque eu lhes perdorei as suas iniquidades, e não me lembrarei mais dos seus pecados.

13 Chamando-o pois novo: Deu por antiquado o primeiro. E o que se dá por antiquado, e envelhece, perto está de perecer.

CAPÍTULO 9

COMPARA O APÓSTOLO AS CERIMÔNIAS DO TESTAMENTO VELHO COM AS DO NOVO. MOSTRA PELA FRAQUEZA DAQUELAS A PERFEIÇÃO DESTAS. DESCREVE O SANTUÁRIO E O SANTO DOS SANTOS. ENTRADA DO PONTÍFICE NESTE LUGAR. JESUS CRISTO ENTROU NUM SANTUÁRIO MAIS PERFEITO. ÊLE NOS PURIFICA PELO SEU SANGUE, QUE É O SANGUE DO NOVO TESTAMENTO.

1 O primeiro na verdade teve também regulamentos sagrados do culto, e um Santuario temporal.

2 Porque no Tabernáculo que foi construído, havia uma primeira parte, em que estava o candieiro, e a mesa, e os pães da Proposição, o que se chama o Santuário. (1)

3 E depois do segundo véu, o Tabernáculo, que se chama o Santo dos Santos:

4 Onde estava um turíbulo de ouro, e a Arca do Testamento, coberta de ouro em roda por tôdas as partes, na qual havia uma urna de ouro, que continha o maná, e a vara de Aarão, que tinha florescido, e as Tábuas do Testamento.

(1) **EM QUE ESTAVA O CANDIEIRO** — A Vulgata Latina tem no plural candelabra, os candieiros. Mas o Grego tem no singular candelabrum, o candieiro. E assim vertem aqui todos os franceses, até o mesmo padre Amelote, le candélabre. Porque com efeito na descrição do Tabernáculo, que lemos nos capítulos 25 e 37 do Êxodo, só se faz menção dum candieiro. Mas põe-se aqui o plural pelo singular atendendo às sete luzes que alumiaavam no candieiro.

Epístola de S. Paulo aos Hebreus 9, 5-10

5 E sobre ela estavam os querubins de glória, que cobriam o Propiciatório; mas não é aqui o lugar de falarmos de tudo isto individualmente. (2)

6 E dispostas assim estas coisas, não há dúvida que entravam sempre no primeiro Tabernáculo os Sacerdotes, para cumprirem as funções dos seus ministérios:

7 Mas no segundo só entrava o Pontífice uma vez no ano, não sem sangue que oferecesse por suas próprias ignorâncias e pelas do povo:

8 Significando com isto o Espírito Santo que o caminho do Santuário não estava ainda descoberto, enquanto subsistia o primeiro Tabernáculo:

9 O qual é figura do que se passava naquele tempo, no qual se ofereciam dons e sacrifícios, que não podiam purificar a consciência do que sacrificava por meio somente de manjares e de bebidas.

10 E de diversas abluções e justiça da carne postas até ao tempo da correção.

(2) **E SOBRE ELA** — Eram duas figuras de ouro, de rosto humano, dizem uns que com quatro asas cada um, outros que só com duas, na forma que hoje se pintam os Anjos, que postos à direita e à esquerda da Arca, com os rostos virados um para o outro, cobriam e como que faziam sombra ao Propiciatório. E daqui provam bem os Teólogos com os Padres do Sétimo Sinodo Geral, na Ação 4, contra os Judeus e Herejes iconoclastas. Que quando Deus proibiu na Lei aos Israelitas terem simulacros, ou Imagens de qualquer coisa que fôsse, das que estão no Céu, ou na terra, ou nas águas, não era a mente de Deus proibir-lhes simples e absolutamente todos os Simulacros ou Imagens, mas sim o fazerem-nas e terem-nas para as adorar ou para lhes darem um culto absoluto, que só é devido ao mesmo Deus. Pois que o mesmo Deus foi o que mandou fazer, e pôr sobre a Arca do Testamento, os vultos de ouro dos dois Querubins, para simbolo da sua glória e da sua majestade. — **Pereira.**

11 Mas estando Cristo já presente, Pontífice dos bens vindouros, por outro mais excelente e perfeito Tabernáculo, não foi feito por mão de homem, isto é, não desta criação: (3)

12 Nem por sangue de bodes ou de bezeros, mas pelo seu próprio sangue entrou uma só vez no Santuário, havendo achado uma redenção eterna. (4)

13 Porque se o sangue dos bodes e dos touros, e a cinza espalhada de uma novilha santifica aos imundos para purificação da carne:

QUE COBRIAM O PROPICIATORIO — O Propiciatorio era uma Tábua também de ouro, de igual comprimento e largura que a Arca, á qual cobria tôda. E chamava-se **Propiciatorio**, porque êste era o lugar em que Deus se aplacava para se mostrar propicio.

(3) **POR OUTRO MAIS EXCELENTE... NÃO FEITO POR MÃO DE HOMEM** — Entendem alguns que êste Tabernáculo é a natureza humana de Jesus Cristo. A sua sacrossanta Humanidade, dizem os interpretes, era o Tabernáculo onde estava a Divindade, S. João 1, 14. Outros dão a esta frase um sentido místico e sustentam que se refere á Igreja militante e anglicana; assim como o sumo sacerdote atravessou o primeiro recinto, chamado Santo, por entrar no Santo dos Santos, assim Jesus Cristo, Pontífice da graça e dos bens futuros, atravessou a Igreja, a Terra, Tabernáculo mais perfeito que o de Moisés, para entrar depois no Céu, verdadeiro Santo dos Santos, e assentar-se á direita de seu Eterno Pai, *Tria sibi Deus Taberna ula fecit: synagogan quae umbras habuit sine veritate, Ecclesiam quae veritatem et umbras habet, coelum ubi nullae sunt umbrae sed nuda veritas*, S. Euch Ad Veram. *Umtra in lege, unago in Evangelie, veritas in Coelestibus*, S. Ambr. do officio 1, 238.

(4) **ENTROU UMA SÓ VEZ.** — Só pelo sacrificio do seu sangue oferecido uma vez sobre a Cruz, Jesus Cristo nos obteve a redenção, cujo efeito é permanente e eterno, ao passo que o efeito dos sacrificios legais era transitório. Quando a Igreja, cumpre notar, oferece Deus Jesus Cristo presente no altar, não quer dizer que julga incompleto o sacrificio da Cruz, pelo contrário, julga-o tão perfeito e completo que oferece a missa para nos aplicar os frutos dêsse sacrificio, no calvário cruento, no altar incruento.

Epístola de S. Paulo aos Hebreus 9, 14-20

14 Quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito Santo se ofereceu a si mesmo sem mácula a Deus, alimpará a nossa consciência das obras da morte para servir ao Deus vivo?

15 E por isso é mediador de um novo testamento, para que intervindo a morte, para expiação daquelas prevaricações que havia debaixo do primeiro testamento, recebam a promessa de herança eterna os que têm sido chamados.

16 Porque onde há um testamento é necessário que intervenha a morte do testador.

17 Porque o testamento não tem força senão pela morte; doutra maneira não vale enquanto vive o que fêz o testamento.

18 Por onde nem ainda o primeiro foi celebrado sem sangue.

19 Porque Moisés, havendo lido a todo o Povo todo o mandamento da Lei, tomando o sangue dos bezerros e dos bodes com água e com lã tinta de escarlata e com hisôpo, borrifou também o mesmo livro e a todo o povo,

20 dizendo: Este é o sangue do Testamento, que Deus vos tem mandado. (5)

(5) **ESTE É O SANGUE DO TESTAMENTO** — O Hebreu do Êxodo diz: Este é o sangue do Pacto. Os Setenta porém verteram: Este é o sangue do Testamento. Como a versão dos Setenta passava por uma versão divina entre os Hebreus convertidos, (pois até o mesmo Cristo consta que citara conforme ela vários Textos do Testamento Velho, argumentando com os Judeus) com muita razão se aproveitou S. Paulo da autoridade desta versão, para mostrar com um argumento que os lógicos chamam *ad hominem*, que uma vez ser Cristo autor dum novo testamento,

21 E rociou assim mesmo com sangue o Tabernáculo e todos os vasos do ministério.

22 E quase tôdas as coisas, segundo a Lei, se purificam com sangue; e sem efusão de sangue não há remissão.

23 Era logo necessário que as figuras por certo das coisas celestiais fôsem purificadas com tais coisas; mas que as mesmas coisas celestiais o fossem com umas vítimas melhores do que estas.

24 Porque não entrou Jesus em um Santuário feito por mão de homem, que era figura do verdadeiro: Senão no mesmo Céu, para se apresentar agora diante de Deus por nós outros.

25 E não entrou para se oferecer muitas vêzes a si mesmo, como o Pontífice cada ano entra no Santuário com sangue alheio.

26 De outra maneira lhe seria necessário padecer muitas vêzes desde o princípio do mundo. Mas agora appareceu uma só vez, na consumação dos séculos, para destruição do pecado, oferecendo-se a si mesmo por vítima.

era necessário que elle morresse. E como aqui toda a argumentação do Apóstolo rola sobre a significação que os Setenta deram ao vocábulo Hebreu *Berith*, que quer dizer "Pacto", substituindo-lhe o vocábulo Grego *diatheke*, que quer dizer "Testamento", por esta razão, vertendo eu noutros lugares da Vulgata Latina a palavra *Testamentum* na significação de "Pacto" ou "Concôrto", neste não pude deixar de a verter na significação de "Testamento", como eu já fizera nos Evangelhos, quando verti as palavras da consagração. Sobre o que veja-se a minha nota no cap. 26 de S. Mateus, vers. 28. E pela mesma razão os francezes, que noutros lugares da Vulgata Latina verteram a palavra *Testamentum* na significação de "Alliança", aqui todos a vertem na significação de "Testamento". — **Pereira.**

27 E assim como está decretado aos homens que morram uma só vez, e que depois disto se siga o juízo: (6)

28 Assim também Cristo foi uma só vez imolado para esgotar os pecados de muitos; e a segunda aparecerá sem pecado aos que o esperam para salvação.

CAPÍTULO 10

OS SACRIFÍCIOS DA LEI REITERAVAM-SE, PORQUE ÊLES NÃO TIRAVAM OS PECADOS. JESUS CRISTO VEIO A PADECER UMA VEZ PARA OS TIRAR. NÃO SE DEVE MAIS REITERAR ESTE SACRIFÍCIO. COM ÊLE NOS ABRIU JESUS CRISTO O VERDADEIRO SANTO DOS SANTOS. SE NÓS NOS NÃO CHEGARMOS PARA ÊLE PELA FÉ, PELA ESPERANÇA, PELA CARIDADE E PELAS BOAS OBRAS, SEREMOS CASTIGADOS MAIS SEVERAMENTE DO QUE OS JUDEUS. NÃO HÁ SEGUNDO BATISMO. O QUE DESPREZA A GRAÇA DEVE TEMER O JUÍZO. EXORTAÇÃO AS BOAS OBRAS E À PACIÊNCIA.

1 Porque a Lei, tendo a sombra dos bens futuros, não a mesma imagem das coisas, nunca pode por aquelas mesmas vítimas, que se oferecem incessantemente cada ano, fazer perfeitos aos que se chegam ao altar.

2 De outra sorte teriam elas cessado de se oferecer pelo motivo de que não teriam dali em diante consciência de pecado algum os Ministros que uma vez fossem purificados.

(6) **ESTÁ DECRETADO AOS HOMENS** — Decretado, entende-se, de Lei ordinária. Porque falando do que sucede extraordinariamente, é certo que alguns morrem duas vezes; e é provável, na opinião de varios autores, que outros não morrerão vez nenhuma. Sobre o que veja-se o que já notamos na primeira aos Coríntios, e na segunda aos Tessalonicenses. — **Pereira.**

3 Mas nos mesmos sacrifícios se faz memória dos pecados todos os anos.

4 Porque é impossível que com sangue de touros e de bodes se tirem os pecados. (1)

5 Por isso é que o Filho de Deus, entrando no mundo, diz: Tu não quiseste hóstia nem oblação, mas tu me formaste um corpo. (2)

6 Os holocaustos pelo pecado não te agradaram.

(1) **PORQUE É IMPOSSÍVEL QUE** — Assim como na Epístola aos Romanos, e na outra aos Gálatas ensina o Apóstolo, que as obras da Lei não podiam dar a verdadeira justiça, porque considera as obras da Lei despidas da fé no Mediador e da graça do novo testamento, da mesma sorte agora, instruindo os Hebreus, afirma que era impossível que pelos sacrifícios da mesma Lei se perdoassem os pecados; porque considera os mesmos sacrifícios no que eles eram em si, e não no que representavam. Isto não é porque não pudesse Deus, se quisesse, instituir que pelo sangue dos animais se conseguisse a remissão dos pecados, como ela na Lei da graça se consegue pela água do Batismo. Mas o Apóstolo fala no sentido dos Judeus carnais, que cuidavam que os sacrifícios da Lei por si mesmos eram capazes de tirar os pecados e de justificar aqueles, no que eram oferecidos. Temos logo daqui que os sacrifícios da lei velha por si não causavam, nem podiam causar graça, porque esta excelência estava reservada para o Sacramento da Lei nova, nos quais Jesus Cristo depositou o infinito preço de seu sangue sacratissimo. Temos também, que todos os que foram justos e se salvaram, tanto na Lei escrita como na natural, foram justos e se salvaram por Jesus Cristo, sem cuja fé e sem a aplicação de cujos merecimentos ninguém jamais alcançou ou podia alcançar a verdadeira justiça, nem evadir a condenação, a que todos nascemos sujeitos pelo pecado do primeiro homem. Temos por último, que todos os antigos justos e santos, tanto da Lei escrita como da natural, já então mesmo permaneciam para o novo testamento, e eram filhos da Lei da graça. — Pereira.

(2) **MAS TU ME FORMASTE UM CORPO** — Ou mais à letra: me apropriaste, ou acomodaste um corpo. Este lugar do Salmo 39 é citado pelo Apóstolo, segundo a Versão grega dos Setenta Intérpretes. Porque o Hebreu diz assim: Mas tu me furaste as orelhas, divina expressão com que Jesus Cristo, por boca de Davi,

Epístola de S. Paulo aos Hebreus 10, 7-14

7 Então disse eu: Eis aqui venho: No princípio do Livro está escrito de mim: Para fazer, ó Deus, a tua vontade.

8 Dizendo acima: Porque tu não quiseste as hóstias, e as oblações, e os holocaustos pelo pecado, nem te são agradáveis as coisas que se oferecem segundo a Lei.

9 Então disse eu: Eis aqui venho, para fazer, ó Deus, a tua vontade: Tira o primeiro para estabelecer o segundo.

10 Na qual vontade somos santificados, pela oferta do corpo de Jesus Cristo feita uma vez.

11 E assim todo o sacerdote se apresenta cada dia a exercer o seu ministério, e a oferecer muitas vezes as mesmas hóstias, que nunca podem tirar os pecados.

12 Mas êste, havendo oferecido uma só hóstia pelos pecados, está assentado para sempre à destra de Deus,

13 esperando o que resta, até que os seus inimigos sejam postos por estrado de seus pés.

14 Porque, com uma só oferta fêz perfeitos para sempre aos que tem santificado.

quis significar que Deus o fizera seu servo. Porque dos servos era ter as orelhas furadas, costume a que neste lugar se faz alusão. **Êx 21, 6; Dt 15, 17.** O sentido pois da primeira lição é dizer Cristo a seu Eterno Pai, que nenhum gênero de sacrifício lhe tinha sido aceito, senão enquanto era figura do que ele lhe havia de oferecer sobre a Cruz, e que por isso o havia revestido dum corpo formado por ele mesmo, em que pudesse ser sacrificado em lugar de todas as vítimas que se lhe podiam oferecer. O da segunda reduz-se a que o mesmo Eterno Pai lhe furara as orelhas em sinal da sua perfeita obediência, que duraria até à morte, e morte de Cruz. E dêste modo fica a versão grega conciliada com o original Hebreu. — **Pereira.**

15 E o Espírito Santo também no-lo testifica. Porque depois de haver dito:

16 Este é pois o testamento, que eu farei com êles, depois daqueles dias, diz o Senhor, dando as minhas leis, as escreverei sôbre os corações dêles e sôbre os seus entendimentos:

17 Acrescenta: E nunca jamais me lembrarei dos pecados dêles, nem das suas iniquidades.

18 Pois onde há remissão destes: Não é já necessária oferta pelo pecado.

19 Portanto, irmãos, tende confiança de entrar no santuário pelo sangue de Cristo.

20 Seguindo este caminho novo, e de vida que nos consagrou primeiro pelo véu, isto é, pela sua carne.

21 E tendo um grande sacerdote sôbre a casa de Deus:

22 Cheguemo-nos a êle com verdadeiro coração, revestidos duma completa fé, tendo os corações purificados de consciência má e lavados os corpos com água limpa.

23 Conservemos firme a profissão da nossa esperança (porque fiel é o que fêz a promessa).

24 E consideremo-nos uns aos outros, para nos estimularmos à caridade, e a boas obras:

25 Não abandonando a nossa congregação, como é costume de alguns, mas alentando-nos, e tanto mais quanto virdes que se chega o dia.

Epístola de S. Paulo aos Hebreus 10, 26-35

26 Porque se nós pecamos voluntariamente, depois de termos recebido o conhecimento da verdade, já não resta mais hóstia pelos pecados.

27 senão uma esperança terrível do juízo, e o ardor de um fogo zeloso, que há de devorar aos adversários.

28 Se algum quebranta a lei de Moisés, sendo-lhe provado com duas ou três testemunhas, morre sem dêle se ter comiseração alguma.

29 Pois quanto maiores tormentos credes vós que merece o que pisar aos pés ao Filho de Deus, e tiver em conta de profano o sangue do testamento, em que foi santificado, e que ultrajar ao espírito da graça?

30 Porque nós sabemos quem é o que disse: A mim pertence a vingança, e eu recompensarei. E outra vez: Julgará pois o Senhor ao seu povo.

31 E' horrenda coisa cair nas mãos do Deus vivo.

32 Trazei pois à memória os dias primeiros, em que depois de haverdes sido iluminados; sofrestes grande combate de trabalhos.

33 Pois por uma parte com opróbrios e tribulações fostes na verdade feitos um espetáculo: E por outra fostes feitos companheiros dos que se achavam no mesmo estado.

34 Porque não só vos compadecestes dos encarcerados, mas levastes com contentamento que vos roubassem as vossas fazendas, conhecendo que tendes património mais excelente e durável

35 Não queirais pois perder a vossa confiança, que tem um crescido galardão.

36 Porque vos é necessária a paciência: Para que, fazendo a vontade de Deus, alcanceis a promessa.

37 Porque ainda dentro dum pouquinho de tempo o que há de vir, virá, e não tardará:

38 Mas o meu justo vive da fé: Porém se êle se apartar, não agradará à minha alma.

39 Mas nós outros não somos filhos de apartamento para perdição, senão da fé para lucro da alma.

CAPÍTULO 11

DEFINIÇÃO DO QUE É A FÉ. PROVA O APÓSTOLO A FORÇA DA FÉ PELOS SEUS EFEITOS. GRANDES COISAS, QUE POR ELA OBRARAM OS ANTIGOS PADRES DESDE ABEL ATÉ OS PROFETAS. ÊLES ESPERARAM SEM NÓS A RECOMPENSA, MAS NÃO NA HÃO DE RECEBER SEM NÓS.

1 E' pois a fé a substância das coisas que se devem esperar, um argumento das coisas que não aparecem. (1)

2 Porque por esta alcançaram testemunho os antigos.

3 Pela fé é que nós entendemos que foram formados os séculos pela palavra de Deus: Para que o visível fôsse feito do invisível.

(1) **A SUBSTANCIA** — A substância e realidade do que se espera. Sendo pois a fé o inconcusso fundamento e base da nossa esperança, faz com que tenhamos por certos os bens futuros, que ainda não existem, e que, sem embargo de serem invisíveis, os esperamos, como se já os vissemos diante de nossos olhos. — **Pereira.**

UM ARGUMENTO — Uma convicção, uma evidência.

Epistola de S. Paulo aos Hebreus 11, 4-10

4 Pela fé é que offerêceu Abel a Deus muito maior sacrificio que Caim, pela qual alcançou testemunho de que era justo, dando Deus testemunho a seus dons, e êle, estando morto, ainda fala por ela. (2)

5 Pela fé é que foi trasladado Enoc, para que não visse a morte, e não foi achado: Porquanto Deus o trasladou: Porque antes desta trasladação teve testemunho de haver agradado a Deus.

6 Assim que sem fé é impossível agradar a Deus. Porquanto é necessário que o que se chega a Deus creia que há Deus, e que é remunerador dos que o buscam.

7 Pela fé é que Noé, depois que recebeu resposta de coisas que ainda se não viam, temendo, foi aparelhando uma arca, para livramento da sua casa, pela qual condenou o mundo: E foi constituido herdeiro da justiça, que é pela fé.

8 Pela fé é que aquêlê que é chamado Abraão obedeceu para sair em demanda da terra, que havia de receber por herança: E saiu, não sabendo aonde ia.

9 Pela fé é que êle se deixou ficar na terra da promessa, como em terra alheia, habitando em cabanas com Isaac e Jacó, herdeiros com êle da mesma promessa. (3)

10 Porque esperava a cidade que tem fundamentos: Cujo arquiteto e fundador é Deus.

(2) **FALA POR ELA** — Alude o Apóstolo a que, depois de morto Abel, disse Deus a Caim: Que é o que fizeste? Eis aí a voz do sangue de teu irmão clama a mim da terra.

(3) **COM ISAAC E JACÓ** — Não juntos com Abraão, mas depois de Abraão Isaac, depois de Isaac Jacó, como advertiu Êstio.

11 Pela fé até a mesma Sara, que era estéril, recebeu a virtude para conceber, ainda fora de tempo da idade: Porque creu que era fiel o que lho havia prometido. (4)

12 Por isso até de um só homem (e êsse já como morto) saiu uma posteridade tão numerosa como as estrelas do Céu, e como a areia inumerável, que está à borda do mar.

13 Na fé morreram todos êstes, sem terem recebido as promessas, mas vendo-as de longe, e saudando-as, e confessando que êles eram peregrinos, e hóspedes sôbre a terra.

14 Porque os que isto dizem declaram que buscam a pátria.

15 E se êles tivessem por certo memória daquela donde saíram, tinham na verdade tempo de tornarem para ela.

16 Mas agora aspiram a outra melhor, isto é, à celestial. Por isso Deus não se digna de se chamar Deus dêles, porque lhes aparelhou uma cidade.

(4) **ATÉ A MESMA SARA** — Faz dificuldades a alguns attribuir-se à fé de Sara a concepção de Isaac, quando no Livro do Gênesis consta, que ela tanto não crêra que havia de conceber e gerar, que antes se rira como incrédula. Movidos desta razão julgam os dois ilustres Franciscanos, Lira e Titelman, que a fé, que aqui louva o Apóstolo, não foi de Sara, mas do mesmo Abraão. E assim que o que a Vulgata diz, *Fide et Sara*, traduzem êles assim: “pela fé do mesmo é que também Sara”, etc. Êstio não desaprova, antes se inclina a esta intelligência, tendo confessado antes, que o comum de Gregos e Latinos tem que o Apóstolo fala da fé de Sara, porque dizem que, repreendida por Deus da sua incredulidade, crêra enfim na promessa.

Epístola de S. Paulo aos Hebreus 11, 17-24

17 Pela fé é que Abraão ofereceu a Isaac, quando foi provado, e ofereceu a seu filho unigênito, aquêle que havia recebido as promessas.

18 A quem se havia dito: Porque de Isaac é que há de sair a estirpe que há de ter o teu nome.

19 Considerando que Deus o podia ressuscitar até de entre os mortos. Por onde êle o recobrou também nesta figura. (5)

20 Pela fé abençoou também Isaac a Jacó e Esaú, acêrca das coisas que haviam de vir.

21 Pela fé é que Jacó, estando para morrer, abençoou a cada um dos filhos de José. Inclinou-se profundamente perante o fastigio do seu cetro. (6)

22 Pela fé é que José, quando estava para morrer, fêz menção da partida dos filhos de Israel, e dispôs sobre os seus ossos. (7)

23 Pela fé é que, depois de nascido Moisés, o tiveram seus pais escondido três meses, porque o viram menino formoso, e não temeram o mandamento do rei.

24 Pela fé é que Moisés, depois de grande, disse que não era filho da filha de Faraó.

(5) **NESTA FIGURA** — Da morte e da ressurreição do Salvador, por figura de Jesus Cristo, que ressurgiu depois do seu sacrificio.

(6) **INCLINOU-SE** — Vendo pela fé no cetro de seu filho o poder supremo do Messias, de quem José era figura.

(7) **DA PARTIDA** — Isto é, da saída do Egito: José determinou que os seus restos mortais fossem transportados para a Palestina, quando Israel deixou o Egito, o que foi fielmente cumprido.

25 Escolhendo antes ser afligido com o povo de Deus, que gozar da complacência transitória do pecado. (8)

26 Tendo por maiores riquezas o opróbrio de Cristo, que os tesouros dos egípcios: Porque olhava para a recompensa. (9)

27 Pela fé é que êle deixou o Egito, não temendo a sanha do rei: Porque estêve firme, como se vira ao invisível.

28 Pela fé é que êle celebrou a Páscoa e o derramamento do sangue: Para que os não tocasse o que matava aos primogênitos.

29 Pela fé é que êles passaram o Mar Vermelho, como por terra sêca: Tentando a mesma passagem os egípcios, foram sorvidos das ondas.

30 Pela fé é que caíram os muros de Jericó, depois do sitio de sete dias.

31 Pela fé é que Raab, que era uma prostituta, não pereceu com os incrédulos, recebendo aos espias com paz.

32 E que mais direi eu ainda? Faltar-me-á, pois, o tempo, se eu quizer falar de Gedeão, de Barac, de Sansão, de Jefte, de Davi, de Samuel e dos Profetas.

(8) **ESCOLHENDO ANTES** — Preferiu a vida trabalhosa dos Hebreus, às delícias que se lhe ofereciam e das quais êle não podia gozar sem pecar, pois entendeu que era criminoso não participar dos trabalhos, aflições e desgostos dos seus irmãos.

(9) **O OPRÓBRIO DE CRISTO** — Por opróbrio de Cristo entende aqui o Apóstolo, o que acima tinha dito ser aflito com o povo de Deus. Porque no conceito dos egípcios era um opróbrio o povo de Deus que esperava por Jesus Cristo.

Epístola de S. Paulo aos Hebreus 11, 33-36

33 Que pela fé conquistaram Reinos, praticaram a justiça, alcançaram as promessas, taparam as bocas dos leões. (10)

34 Suspenderam a violência do fogo, evitaram o fio da espada, convalesceram de enfermidades, foram fortes na guerra, puseram em fuga exércitos estrangeiros. (11)

35 As mulheres recobram os seus filhos mortos por meio da ressurreição. E uns foram torturados, não querendo resgatar a sua vida, por alcançarem melhor ressurreição. (12)

36 Outros, porém, sofreram ludibrios e açoites, e além disto, cadeias e prisões.

(10) **TAPARAM AS BOCAS DOS LEÕES** — Isto se verifica especialmente de Daniel, ainda que outros o estendem também a Sansão e a Davi.

(11) **SUSPENDERAM A VIOLENCIA DO FOGO** — Como fizeram os três meninos da fornalha de Babilônia, Ananias, Azarias e Misael.

EVITARAM O FIO DA ESPADA — Como Davi o da espada de Saul, e como Elias o da espada de Jesabel.

CONVALESCERAM DE ENFERMIDADES — Disto foi ilustre exemplo o rei Ezequias.

FORAM FORTES NA GUERRA — Como Josué, Davi, os Macabeus.

PUSERAM EM FUGIDA — Como Gedeão, Jdt 7, 21 e Jônatas 1 Rs 14, 16.

(12) **OS SEUS FILHOS MORTOS** — Como o da viúva de Sarepta ressuscitado por Elias, e o da Sunamites por Eliseu.

FORAM TORTURADOS — Como Eleazar e outros. Confira-se a lição grega do segundo Livro dos Macabeus 6, 19.

37 Êles foram apedrejados, foram serrados pelo meio, foram tentados, foram mortos ao fio da espada, êles andaram vagabundos, cobertos de peles de ovelhas, de peles de cabras, necessitados, angustiados, aflitos. (13)

38 Uns homens de que o mundo não era digno: Errantes nos desertos, nos montes, e escondendo-se nas covas e nas cavernas da terra. (14)

39 E todos êstes provados pelo testemunho da fé, ainda contudo não receberam a recompensa prometida. (15)

40 Tendo disposto Deus alguma coisa melhor a nosso favor, para que êles, sem nós, não fossem consumados.

(13) **ELES FORAM APEDREJADOS** — Como Nabot, como Zacarias, filho de Jojadas, e como Jeremias.

FORAM SERRADOS PELO MEIO — Como Isaías por ordem do rei Manassés.

FORAM MORTOS AO FIO DA ESPADA — Uns por Saul, outros por Jesabel, outros por Manassés.

(14) **E ESCONDENDO-SE NAS COVAS E NAS CAVERNAS DA TERRA** — Tais foram os cem profetas do Senhor, que Abdias escondeu, e sustentou em tempo da perseguição de Jesabel.

(15) **AINDA CONTUDO NÃO RECEBERAM A RECOMPENSA PROMETIDA** — No verso 53 tinha dito o Apóstolo, que os Santos do Testamento Velho tinham alcançado o efeito das promessas; porque falava das promessas temporais, de que com efeito gozava Josué, Caleb, Eleazar, Finéias, Davi e outros. Agora conclui que nenhum dêles, por mais abalizada que tivesse sido a sua fé, recebeu ainda a recompensa prometida, porque fala da promessa da vida eterna. Mas se é de fé, que todos aqueles Santos estão já gozando da vista clara e intuitiva de Deus, como pode dizer o Apóstolo, que êles ainda não receberam a recompensa eterna? É porque ainda a não receberam perfeita, ou consumadamente. E a razão dá-a o Apóstolo no seguinte verso final: porque quis a Divina providência que êles a não recebessem perfeita e consu-

CAPÍTULO 12

EXORTA PAULO AOS HEBREUS A SOFRER A EXEMPLO DOS ANTIGOS JUSTOS, E SOBRETUDO A EXEMPLO DE JESUS CRISTO. TODO O FILHO É ADVERTIDO POR SEU PAI. DEUS NOS TRATA COMO ILEGÍTIMOS, SE ÊLE NOS NÃO CASTIGA. CONVIDA-OS A VIVER EM PAZ E CONCÓRDIA, A TEMER E OBEDECER A DEUS.

1 E por isso, tendo também posta sôbre nós uma tão grande nuvem de testemunhas, deixando todo o peso que nos detém e o pecado que nos cerca, corramos pela paciência ao combate que nos está proposto.

2 Pondo os olhos no Autor e consumador da fé, Jesus, o qual, havendo-lhe sido proposto gozo, sofreu a Cruz, desprezando a ignomínia, e está assentado à direita do trono de Deus.

3 Considerai, pois, atentamente aquêlê que sofreu tal contradição dos pecadores contra a sua pessoa: Para que não vos fatigueis, desfalecendo em vossos ânimos.

4 Pois ainda não tendes resistido até derramar o sangue, combatendo contra o pecado:

5 E estais esquecidos daquela consolação que vos fala como a filhos, dizendo: Filho meu, não desprezes a correção do Senhor: Nem te desanimes quando por êle és repreendido.

mada, senão juntamente comigo depois da ressurreição universal. É certo que logo que Jesus Cristo subiu ao Céu, subiram também com êle as almas dos Santos Padres, que êle tirara do Limbo para gozarem eternamente da visão beatífica. Mas o complemento total, ou a consumação desta felicidade está reservada para quando depois da ressurreição, não já as almas dos santos separadas dos

6 Porque o Senhor castiga ao que ama: E açoita a todo o que recebe por filho.

7 Perseverai firmes na correção. Deus se vos oferece como a filhos: Porque qual é o filho a quem não corrige seu pai?

8 Mas se estais fora da correção, do qual todos têm sido feitos participantes: Logo sois bastardos e não filhos legítimos.

9 Depois disto, se na verdade tivemos a nossos pais carnaes, que nos corrigiam e os olhávamos com respeito: Como não obedeceremos muito mais ao Pai dos espíritos, e viveremos?

10 E aquêles na verdade em tempo de poucos dias nos corrigiam, segundo a sua vontade: Mas êste castiga-nos, atendendo ao que nos é proveitoso, para receber a sua santificação.

11 Ora tôda a correção ao presente na verdade não parece ser de gozo, senão de tristeza: Mas ao depois dará um fruto mui saboroso de justiça, aos que por ela têm sido exercitados.

12 Pelo que levantai essas vossas mãos remissas, e êsses vossos joelhos enfraquecidos,

corpos, mas os mesmos santos nas suas pessoas, gozarão para sempre da bem-aventurança prometida. E isto mesmo de esperarem por nós os Santos para o último complemento da sua eterna felicidade, considera o Apóstolo um fervor, e uma honra particular, que Deus nos quis fazer aos que viemos ao mundo tanto depois dêles. Esta é a interpretação comum dos Padres Gregos com S. João Crisóstomo, comentando neste lugar, e dos Latinos com Santo Agostinho na Carta a Evádio. — **Pereira.**

Epístola de S. Paulo aos Hebreus 12, 13-19

13 e dai passos direitos com os vossos pés, para que o que claudica não se desvie, antes porém seja sanado.

14 Segui a paz com todos, e a santidade, sem a qual ninguém verá a Deus:

15 Atendendo a que nenhum falte à graça de Deus: A que nenhuma raiz de amargura, brotando para cima, vos impeça, e por ela sejam muitos contaminados.

16 Que não haja algum sensual, ou profano, como Esaú: O qual por um manjar vendeu a sua primogenitura: (1)

17 Sabêi porém que desejando êle ainda depois herdar a bênção, foi rejeitado: porque não achou lugar de arrependimento, ainda que o solicitou com lágrimas. (2)

18 Porque não vos haveis ainda chegado ao monte palpável, e ao fogo incêndido, e ao turbilhão, e à obscuridade, e à tempestade. (3)

19 e ao som da trombeta, e à voz das palavras, que os que a ouviram, suplicaram que não se lhes falasse mais.

(1) **POR UM MANJAR** — O prato de lentilhas.

(2) **NÃO ACHOU LUGAR DE ARREPENDIMENTO** — Porque a sua penitência, ainda que acompanhada de lágrimas, não foi recebida por Deus, porque lhe faltavam condições indispensáveis.

(3) **PORQUE NÃO VOS HAVEIS** — Neste e no seguinte verso alude o Apóstolo aos espantosos fenômenos e meteoros, que o povo viu em tempo de Moisés, segundo se refere no cap. 19 do Êxodo, e no 4 do Deuteronômio.

20 Porque não podiam sofrer o que se intimava: Se até um animal tocar o monte, será apedrejado. (4)

21 E assim era terrível o que se via. Moisés chegou a dizer: Eu estou todo espavorido, e todo tremendo. (5)

22 Mas vós chegastes ao monte de Sião, e à cidade do Deus vivo, à Jerusalém Celestial, e ao Congresso de muitos milhares de Anjos,

23 e à Igreja dos primogênitos, que estão escritos nos Céus, e a Deus, que é o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos consumados,

24 e a Jesus Mediador do Novo Testamento, e à aspersão do sangue, que fala melhor do que o de Abel.

25 Olhai não desprezeis ao que fala. Porque se não escaparam aquêles que desprezavam ao que lhes falava sobre a terra, muito menos nós-outros, se desprezamos ao que nos fala do Céu:

26 Cuja voz moveu então a terra: mas agora faz uma promessa, dizendo: Ainda uma vez: E eu moverei, não só a terra, mas também o Céu. (6)

(4) **PORQUE NÃO** — Este e o versículo seguinte formam um parêntesis.

(5) **MOISÉS CHEGOU A DIZER** — Estas palavras que Moisés disse, não se acham em Escritura alguma. Donde se infere que S. Paulo as soubera por tradição, que correria entre os Judeus, como outras muitas que se não acham escritas.

(6) **AINDA UMA VEZ** — Esta grande comoção, que Deus diz há-de haver ainda, não só na terra, mas também no Céu, S. João Crisóstomo, S. Cirilo, e com eles S. Tomás, a entendem de que há-de haver na segunda vinda do Filho de Deus a julgar o mundo.

Epístola de S. Paulo aos Hebreus 12, 27-29; 13, 1-5

27 Ora isto que diz: Ainda uma vez: Declara a mudança das coisas móveis, como coisas feitas, para que permaneçam aquelas que são imóveis.

28 Assim que recebendo nós um reino imóvel, temos graça: Pela qual agradando a Deus, o sirvamos com temor e reverência.

29 Porque o nosso Deus é um fogo consumidor.

CAPÍTULO 13

EXORTA O APÓSTOLO AOS HEBREUS A PRÁTICA DAS VIRTUDES. QUE ÊLES IMITEM AOS BISPOS. QUE FUJAM DE DOUTRINAS ESTRANHAS. RECOMENDA A CARIDADE COM OS POBRES E A OBEDIÊNCIA AOS PRELADOS. PEDE ORAÇÕES POR SI E PROMETE AS SUAS PELOS OUTROS. CONCLUI COM VÁRIAS SAUDAÇÕES.

1 Permaneça entre vós a caridade fraternal.

2 E não vos esqueçais da hospitalidade, porque por esta alguns sem o saberem, hospedaram Anjos.

3 Lembrai-vos dos presos, como se estivésseis juntamente em cadeias com êles: E dos aflitos, como se também vós habitásseis no mesmo corpo.

4 Seja por todos tratado com honra o matrimônio, e o leito sem mácula. Porque Deus julgará aos fornicários, e aos adúlteros.

5 Sejam os vossos costumes sem avareza, contentando-vos com as coisas presentes: Porque êle disse: Não te deixarei, nem te desampararei:

6 De maneira que digamos com confiança: O Senhor é quem me ajuda: Não temerei o que me possa fazer o homem.

7 Lembrai-vos dos vossos prelados, que vos falaram a palavra de Deus: Cujá fé haveis de imitar, considerando qual haja sido o fim da sua conversação. (1)

8 Jesus Cristo era ontem, e é hoje, o mesmo também será por todos os séculos.

9 Não vos deixeis tirar do caminho por doutrinas várias e estranhas. Porque é muito bom fortificar o coração com a graça, não com viandas, que não aproveitaram aos que andaram nelas.

10 Nós temos um Altar, do qual os ministros do Tabernáculo não têm faculdade de comer. (2)

11 Porque os corpos daqueles animais, cujo sangue é metido pelo Pontífice no Santuário para expiação do pecado, são queimados fora dos arraiais.

(1) **LEMBRAI-VOS DOS VOSSOS PRELADOS** — A letra: "Lembraí-vos dos vossos Prepósitos". E por este nome significa o latino intérprete os Bispos, que, como se colhe dos escritos de Tertuliano, de S. Cipriano e de Santo Agostinho, se chamavam nos primeiros séculos "Prepósitos". O grego traz "gulas".

(2) **NÓS TEMOS UM ALTAR** — Que Altar seja este, de que fala o Apóstolo, não concordam entre si os Expositores. Os Gregos, com Teodoreto, julgam que é a Mesa Eucarística, e do mesmo parecer são, entre os latinos, Primásio, Caetano e Hessel. Outros, com S. Tomás e Nicolau de Lira, dizem que é a Cruz de Cristo, e que o comer deste Altar é perceber o fruto da sua Paixão, e incorporar-se com o mesmo Cristo, tendo-o por Cabeça. — Pereira.

Epístola de S. Paulo aos Hebreus 13, 12-20

12 Pelo que também Jesus, para que santificasse ao Povo pelo seu sangue, padeceu fora da porta. (3)

13 Saíamos pois a ela fora dos arraiais, levando sobre nós o seu opróbrio.

14 Porque não temos aqui cidade permanente, mas vamos buscando a futura.

15 Ofereçamos pois por êle a Deus sem cessar sacrificio de louvor, isto é, o fruto dos lábios, que confessam o seu nome.

16 E não vos esqueçais de fazer bem, e de repartir dos vossos bens com os outros: Porque com tais ofertas é que Deus se dá por obrigado.

17 Obedecei a vossos Superiores, e sede-lhes sujeitos. Porque êles velam, como quem há de dar conta das vossas almas, para que façam isto com gozo, e não gemendo: Pois isto é uma coisa que vos não convém.

18 Orai por nós, porque temos a confiança de dizer em que nenhuma coisa nos acusa a consciência desejando em tudo portar-nos bem.

19 E com mais instância vos rogo que façais isto, para que eu vos seja mais depressa restituído.

20 E o Deus de paz, que ressuscitou dos mortos pelo sangue do Testamento eterno a Jesus Cristo Senhor nosso, grande Pastor das ovelhas,

(3) **FORA DA PORTA** — De Jerusalém, pois o Calvário ficava fora das portas da cidade.

21 vos faça idôneos em todo o bem, para que façais a sua vontade: Fazendo êle em vós o que seja agradável a seus olhos por Jesus Cristo: Ao qual é dada glória pelos séculos dos séculos. Amém.

22 Mas rogo-vos, irmãos, que sofraís esta palavra de exortação. Porque pouco foi o que vos escrevi. (4)

23 Sabei, que nosso irmão Timóteo está em liberdade: Eu (se êle vier com presteza) irei com êle ver-vos. (5)

24 Saudai da minha parte aos vossos Prelados, e a todos os Santos. Os nossos irmãos de Itália vos saudam.

25 A graça seja com todos vós. Amém.

(4) **PORQUE POUCO FOI O QUE VOS ESCRIVI** — Sendo tão dilatada esta Carta, poderá alguém reparar em que diga o Apóstolo que escreveu pouco. Responde S. João Crisóstomo, que o Apóstolo lhe chama pouco, em comparação do muito mais que êle diria aos Hebreus se estivesse presente. S. Tomás acrescenta que foi pouco a respeito dos grandes mistérios que nesta carta se tocam.

(5) **ESTÁ EM LIBERDADE** — Apolelymenon, diz o Grego, *dimissum*, diz a Vulgata. O primeiro significa "sôlto", o segundo "deixado ir". Como êstes termos são de si ambíguos, uns o entendem de ser Timóteo livre da prisão, (e êste é o sentido que Amelote propôs vertendo a *etê mis en liberté*) outros o entendem de estar livre, ou desembaraçado dos negócios que o ocupavam. Para dar lugar a um e outro sentido, verteram os de Mons, Sacy e Mesengui, *est en liberté*, e eu com êles, "está em liberdade". — Pereira.

EPÍSTOLAS CATÓLICAS

INTRODUÇÃO GERAL

Tem esta designação uma série de cartas Apostólicas, que a Igreja colocou depois das Epístolas de S. Paulo, e que são assim chamadas porque se não dirigem particularmente a esta ou àquela cristandade, mas têm um caráter de universalidade. Eram circulares, sem destino local estabelecido, não se referindo a esta ou àquela cristandade, mas a todas.

São sete as cartas coligidas sob esta designação, a saber: uma de S. Tiago, duas de S. Pedro, uma de S. João e outra de S. Judas.

Não é fácil determinar precisamente a época em que se organizou esta coleção, contudo data da mais alta antiguidade. No tempo de Eusébio, 325, estas sete epístolas aparecem já assim reunidas, formando um todo distinto, que aparecia com os Atos dos Apóstolos e com o Apocalipse.

Depois da inserção no Cânon chamaram-lhes também *Epistolae Canonicae*, encontrando-se este nome primeiro com Junilio Afer, *De Part lege divi Bibl.* MPP col. 1618, t. 11, p. 11, p. 199: *Nulli alii libri ad simplicem doctrinam pertinent? Resp.: Adjungunt quam plurimi*

Epístolas Católicas

quinque alias, quae Apostolorum Canonicae nuncupantur.
Cassiodoro aceitou a mesma denominação *Iust div litt.*
c. 8.

Estas Epístolas tendem tôdas ao mesmo fim; são determinadas pelo mesmo estado de coisas; são efeitos da mesma causa, e por isso pode dizer-se que o objeto de tôdas é idêntico. Tôdas elas procuram esclarecer, inculcar e defender as verdades reveladas, determinando o sentido e alcance, e assinalando as consequências práticas.

A heresia começou a levantar a cabeça. Sobretudo no Oriente, a doutrina dos Apóstolos estava ameaçada por uma multidão de pregadores que a alteravam, com o pretexto de a completar, levando por tôda a parte a cisão e a perturbação. Simples judaizantes, isto é, Israelitas mal convertidos queriam manter com todo o rigor as abrogadas cerimônias legais; outros julgavam-se dogmatizantes, chefes de seitas, modificavam a seu talante pontos essenciais de doutrinas, aparecendo os Simonitas, Nicolaitas, Corintianos, Ebionitas, etc.

Estas Epístolas procuravam manter o prestígio do cristianismo, pondo em relêvo a realidade e grandiosidade do bem da Redenção, intentam aniquilar os esforços dos pseudos doutores, e insistem na necessidade de haver uma fé prática, unindo-se todos pela firmeza das convicções, pela participação dos mesmos sacramentos, pela profissão da mesma doutrina, para a prática das virtudes pregadas por Jesus Cristo.

Daqui advém a estas Epístolas um outro caráter diverso das precedentes, das quais estas se distinguem profundamente. São mais morais do que dogmáticas. São antes uma exortação do que uma demonstração.

Epístolas Católicas

Sob o ponto de vista histórico, estas Epístolas fornecem-nos importantes elementos sôbre os tempos Apostólicos e sôbre o caráter das primeiras heresias. Mostram como são esclarecidas e completadas as idéias pregadas pelos Apóstolos, e noticiam-nos as contradições que afligiram a Igreja nascente, as dificuldades que tiveram de superar, os grandes entraves à rápida propagação do Cristianismo, que evidenciam a ação Providencial, nesse extraordinário fato, que de outra sorte fica inexplicável.

Advirta-se desde já que as sete Epístolas católicas não tiveram tôdas sempre a mesma autoridade, exceto a primeira de S. Pedro e a de S. João. Havia umas divergências entre a igreja do Ocidente e a Oriental, porém no quarto século estabeleceu-se em ambas as igrejas uma prática uniforme, constante.

EPÍSTOLA
DE
S. TIAGO APÓSTOLO

INTRODUÇÃO

O Autor. — O autor não pode ser S. Tiago, filho de Zebedeu, morto dez anos depois do Pentecostes por ordem de Herodes Agripa, (art. 12, 2) resta-nos pois S. Tiago, filho de Alfeu, Apóstolo como o primeiro, e parente de Jesus Cristo. Concílio de Trento, vers. 14, de L. Unct, cap. 1.

Hegesipo, no ano 50, consignou fielmente em cinco livros a história das *coisas memoráveis* que tinham acontecido na igreja de Jerusalém, desde a sua origem, e fala da eleição do sucessor a S. Tiago e parente próximo de Jesus Cristo.

Uma vez bispo de Jerusalém, é sabida a parte que elle tomou na propagação do novo Evangelho, na cidade escolhida. S. Paulo, na Epístola aos Gálatas, chama-lhe columna da Igreja. Parece que occupou a sua Sé durante mais de trinta anos. A sua prudência, virtudes e saber conquistaram-lhe a simpatia de todos, até dos próprios Judeus incrédulos. Foi martirizado no ano 62 ou 63, no pontificado de Ananias, por ocasião dum motim popular,

Epístola de S. Tiago Apóstolo

instigado pelos Escribas e Fariseus intransigentes. Os Cristãos de Jerusalém conservaram durante muito tempo a cadeira do seu primeiro bispo, como nos refere Eusébio *H. Eccl.* 7, 19, 12.

Causa e objeto desta Epístola. — Os males causados pela divulgação dos erros dos Nicolaitas e Simonitas foram o motivo que obrigou S. Tiago a escrever esta Epístola, refutando os erros dêsses que, abusando das Epístolas a S. Paulo, afirmavam, entre outros erros, que a fé sem obras bastava para os salvar.

O objeto desta carta corresponde ao fim que o autor se propõe. Ainda que toque vários pontos da moral, entre os quais a vaidade das riquezas e a necessidade da paciência, o seu assunto principal é a correspondência das obras à fé; que ninguém se pode salvar sem praticar boas obras, que é indispensável a humildade contra a soberba e contra a vaidade, e que deve haver o máximo cuidado em observar os deveres de justiça e de caridade.

Data e local da sua composição. — Esta Epístola devia ser composta no ano 62, em Jerusalém, pouco tempo antes da morte do seu autor. Supõe-se que S. Pedro estava ausente da Judéia, e que as Epístolas aos Romanos e Gálatas eram conhecidas e comentadas. Também é provável que S. Paulo não estivesse na Ásia Menor, e tudo isto coincide com a data supra mencionada.

Canonicidade e autenticidade. — Está Epístola *deutero-canônica* não está no fragmento de Muratori, e Eusébio declara-a como contestada; contudo, encontra-se na versão siríaca, e sobretudo na Ítala, que a apresenta como divinamente inspirada por Sabatier, *Vetus Italica*, 1.º, 3. Citam-na como de S. Tiago, e como inspirada, S. Irineu,

Epístola de S. Tiago Apóstolo

4, 13, v. Tertulian, *Ad. Jud.* Clemente de Alexandria, Origenes, etc., etc. Veja-se na Wordsworth, *Studa Biblica*. Ep. de S. Jacques d'après le mss Corbeiensis. Clarendon, 1885.

Por isso, conclui Vigouroux, nem os protestantes nem os racionalistas hodiernos têm dificuldades em aceitar a autenticidade desta Epístola, e pode-se afirmar que, se Lutero a rejeitou, foi por contradizer o seu princípio favorito da inutilidade das boas obras.

Divisão. — Compreende três secções, a saber:

1.^a — Exortação para perseverar na fé e nas boas obras, 1, 4-27.

2.^a — Censuras dirigidas aos pseudo-doutores, cc. 2-4, 6.

3.^a — Conselhos para diversos estados, 4, 7-5.

EPISTOLA
DE
S. TIAGO APOSTOLO

CAPÍTULO 1

OS FIEIS DEVEM-SE ALEGRRAR COM AS TRIBULAÇÕES E PEDIR A DEUS A SABEDORIA. DEUS NÃO É AUTOR DO MAL, MAS SIM DE TODO O BEM. A VERDADEIRA RELIGIÃO CONSISTE NAS BOAS OBRAS.

1 Tiago, servo de Deus e de Nosso Senhor Jesus Cristo, às doze tribos, que estão dispersas, saude: (1)

2 Meus irmãos, tende por um motivo da maior alegria para vós as diversas tribulações que vos sucedem.

3 Sabendo que a prova da vossa fé produz a paciência.

4 Ora, a paciência deve ser perfeita nas suas obras: A fim de que vós sejais perfeitos e completos, não faltando em coisa alguma.

(1) **AS DOZE TRIBOS QUE ESTÃO DISPERSAS** — Entendem-se os Judeus convertidos, que viviam dispersos por todo o mundo, depois das conquistas dos Gregos e Romanos.

Epístola de S. Tiago Apóstolo 1, 5-12

5 E se algum de vós necessita da sabedoria peça-a a Deus, que a todos a dá liberalmente e não impropera: E ser-lhe-á dada. (2)

6 Mas peça-a com fé, sem hesitação alguma: Porque aquêlê que duvida, é semelhante à ónda do mar, que é agitada e levada de uma parte para a outra pela violência do vento.

7 Não cuide, pois, êste tal que alcançará do Senhor alguma coisa.

8 O homem que tem o espírito repartido é inconstante em todos os seus caminhos.

9 Aquêlê porém de nossos irmãos, que é duma condição baixa, glorie-se na sua exaltação:

10 Pelo contrário, o que é rico, na sua baixeza, porque êle passará como a flor da erva: (3)

11 Porque bem como ao sair com ardor o sol, a erva logo se seca, e a flor cai e perde a gala da sua beleza: Assim também se murchará o rico nos seus caminhos.

12 Bem-aventurado o homem que sofre com paciência a tentação: Porque depois que êle tiver sido pro-

(2) **E NÃO IMPROPERA** — Isto é, que a todos dá liberalmente, sem lançar em rosto o que já deu.

(3) **NA SUA BAIXEZA** — Como nem o Grego, nem o Latim exprime aqui algum verbo, subentendem uns, com o veneravel Beda, o mesmo verbo precedente, glorie-se, tomado ironicamente. Outros, seguindo a Ecumênio, subentendem, confunda-se. A primeira intelligência foi a que propôs Amelote, a segunda (que eu com Êstio tenho por mais provável) foi a que propuzeram os de Mons, Sacy, Mesengul, Calmet.

vado, receberá a coroa da vida, que Deus tem prometido aos que o amam.

13 Ninguém, quando é tentado, diga que Deus é o que o tenta: Porque Deus é incapaz de tentar para o mal: E êle a ninguém tenta. (4)

14 Mas cada um é tentado pela sua própria concupiscência, que o abstrai e alicia. (5)

15 Depois, quando a concupiscência concebeu, parela o pecado: E o pecado, quando tiver sido consumado, gera a morte.

16 Não queirais, pois, errar, irmãos meus muito amados.

17 Toda a dádiva em extremo excelente, e todo o dom perfeito vem lá de cima, e desce do Pai das luzes, no qual não há mudança, nem sombra alguma de variação.

18 Porque de pura vontade sua é que êle nós gerou pela palavra da verdade, a fim de que sejamos como as primícias das suas criaturas. (6)

(4) **PORQUE DEUS É INCAPAZ DE TENTAR PARA O MAL** — O que a Vulgata latina diz: *Deus enim in tentator malorum est isse autem nementat, verte assim Amelote: Car Dieu ne nous porte point au mal, ni il se tente personne. Sacy e Calmet com os de Mons: Car Dieu est incapable de tenter, et de pousser au mal. Mesengui: Car Dieu est incapable de porter au mal, et il ne tente personne.* O grego contém um sentido mui diverso, que é este: *Deus enim malis tentari nequit, ipse autem neminem tentat.* Quer dizer: Porque Deus não pode ser tentado por algum mal, e êle a ninguém tenta. — **Pereira.**

(5) **QUE O ABSTRAI E ALICIA** — Que o abstrai do bem, e o alicia para o mal. O grego ainda na metáfora é mais enérgico, porque em lugar de alicia, diz engoda. — **Pereira.**

(6) **COMO AS PRIMÍCIAS DAS SUAS CRIATURAS** — É como traduziram os de Mons, Sacy e outros, conforme o grego, que diz:

Epístola de S. Tiago Apóstolo 1, 19-27

19 Vós o sabeis, meus diletíssimos irmãos. Assim cada um de vós seja pronto para ouvir: Porém, tardo para falar e tardo para se irar.

20 Porque a ira do homem não cumpre a justiça de Deus.

21 Pelo que, renunciando a tôda a inmundícia e abundância de malícia, recebei com mansidão a palavra que em vós foi enxertada e que pode salvar as vossas almas.

22 Sêde, pois, fazedores da palavra e não ouvidores tão sòmente, enganando-vos a vós mesmos.

23 Porque se algum é ouvinte da palavra e não fazedor: Êste será comparado a um homem que contempla num espelho o seu rosto nativo:

24 Porque se considerou a si mesmo, e se foi, e logo se esqueceu qual haja sido.

25 Mas o que contemplar a Lei perfeita, que é a da liberdade, e perseverar nela, sendo não ouvinte esquecido, mas fazedor de obra: Êste será bem-aventurado no seu feito.

26 Se algum, pois, cuida que tem religião não re-freando a sua língua, mas seduzindo o seu coração, a sua religião é vã.

27 A religião pura e sem mácula aos olhos de Deus e nosso Pai consiste nisto: Em visitar os órfãos e as viúvas nas suas aflições, e em se conservar cada um a si isento da corrupção dêste século.

Ut esteimu primitae quaedam creaturarum ipsius, onde a Vulgata tem ut simus initium aliquod creaturae ejus.

CAPÍTULO 2

QUE SE NÃO DEVE FAZER ACEPTAÇÃO DE PESSOAS. QUE SE DEVEM ESTIMAR OS POBRES. QUE O QUE QUEBRA A LEI NUM SÓ PRECEITO FICA RÉU DE OS TER QUEBRADO TODOS. QUE A FÉ SEM OBRAS É MORTA.

1 Meus irmãos, não queirais pôr a fé da glória de nosso Senhor Jesus Cristo em acepção de pessoas. (1)

2 Porque se entrar no vosso congresso algum varão que tenha anel de ouro com vestido precioso, e entrar também um pobre com vestido humilde: (2)

3 E se atenderdes ao que vem vestido magnificamente e lhe disserdes: Tu assenta-te aqui neste lugar que te compete: E disserdes ao pobre: Deixa-te estar para ali em pé, ou assenta-te aqui abaixo do estrado de meus pés:

4 Não é certo que fazeis distinção dentro de vós mesmos, e que sois juizes de pensamentos iníquos?

5 Ouvi, meus diletíssimos irmãos, porventura não escolheu Deus aos que eram pobres neste Mundo, para serem ricos na fé e herdeiros do Reino, que o mesmo Deus prometeu aos que o amam?

(1) **DA GLÓRIA DE NOSSO SENHOR** — *Domini gloriae* é um hebraísmo, em lugar de Senhor gloriosíssimo. Não queirais ajuntar os respeitos mundanos com os atos da Religião Cristã; já preferindo nas juntas da religião aos ricos, já na distribuição das esmolas atendendo a respeitos particulares, e sobretudo para os ministérios eclesiásticos, não desprezeis os mais dignos, por atender aos nobres, ricos, ou amigos. — Santo Agostinho.

(2) **ANEL DE OURO** — Os anéis e outros apanhos de ouro estavam muito em voga entre os antigos.

Epístola de S. Tiago Apóstolo 2, 6-10

6 E vós, pelo contrário, deshonrais o pobre. Não são os ricos os que vos oprimem com o seu poder, e não são eles os que vos trazem por força aos Tribunais da Justiça?

7 Não blasfemam eles o bom Nome que tem sido invocado sobre vós? (3)

8 Se vós contudo cumpris a Lei real conforme as Escrituras: Amarás o teu próximo como a ti mesmo: Fazeis bem. (4)

9 Mas se vós fazeis acepção de pessoas, cometeis nisso um pecado, sendo condenados pela Lei como transgressores.

10 Porque qualquer que tiver guardado tôda a Lei e faltar em um só ponto, fêz-se réu de ter violado todos. (5)

(3) **NÃO BLASFEMAM** — Isto é, os que fazem que êle seja blasfemado, ou que se diga mal dêle, no sentido que já ouvimos de S. Paulo, Rom 2, 24. — **Êstio**.

QUE TEM SIDO INVOCADO — Desonram e fazem odioso o nome de Jesus Cristo, de quem tendes o título de Cristãos, fazendo, como já disse, que seja blasfemado 1 Cor 6, 11.

(4) **A LEI REAL CONFORME** — Chama o Apóstolo Lei real a lei da caridade, porque êste é o preceito principal da Lei, e por quem os mais são observados, ségundo o dito de S. Paulo aos Romanos 13, 8: *Qui diligit proximum, legem implevit*: Aquêle que ama ao próximo, cumpriu a Lei. E logo abaixo, 5, 10, **Plenitude legis est dilectio**: O amor é o cumprimento da Lei.

(5) **FEZ-SE RÉU** — Entre os Fariseus passava por uma doutrina corrente, que para um homem ser reputado justo diante de Deus, bastava que observasse a maior parte da Lei, ainda que violasse a menor. Êste erro impugna aqui o Apóstolo S. Tiago, ensinando que a transgressão de um só preceito da Lei, ainda quando se observem todos os mais, basta para perder a justiça.

11 Porque aquêlê que disse: Não cometerás adultério, também disse: Não matarás. Se tu, pois, matares, ainda que não adulteres, fizeste-te transgressor da Lei.

12 Falai, pois, de tal sorte e de tal sorte obrai, como quem principia a ser julgado pela Lei da liberdade.

13 Porque se fará juízo sem misericórdia, àquele que não usou de misericórdia. Mas a misericórdia triunfa sôbre o juízo.

14 Que aproveitará, irmãos meus, a um que diz que tem fé, se não tem obras? Açaso podê-lo-á salvar a fé? (6)

15 Se um irmão, porém, ou uma irmã estiverem nus e lhes faltar o alimento quotidiano,

e incorrer na pena ou na maldição da Lei. Nestes termos coincide a doutrina de S. Tiago com a que deu S. Paulo, quando, alegando com as palavras do Deuteronomio, escrevia assim aos Gálatas: *Maledictus omnis, qui non permanserit in omnibus, quae scripta sunt in libro Legis, ut faciat ea*. Maldito todo aquêlê que não permanecer em tôdas as coisas que estão escritas no livro da Lei, observando-as. Portanto, o que diz S. Tiago, "fica réu de ter violado todos", vale o mesmo que, "fica réu de não ter observado tôda a Lei", como o mesmo Apóstolo se explica no fim do seguinte verso. E a razão disto dá a Santo Agostinho na célebre carta, que sôbre a intelligência do presente Texto escreveu a S. Jerônimo, onde ensina, que por isso o que viola a Lei em um precelto, fica réu de todos, porque obra contra a caridade, da qual depende tôda a Lei. *Nam merito fit omnium reus, qui contra illam facit, ex que pendent omnia*.

(6) **ACASO PODE-LO-Á SALVAR A FÉ?** — O Apóstolo de nenhum modo contradiz aqui S. Paulo, porque S. Paulo refere-se às praticas da lei de Moisés. S. Tiago fala das obras maiores, tais como a justiça, a misericórdia e as outras virtudes. Que S. Paulo não quis excluir a prática destas boas obras prova-se pelas suas exortações aos fieis, para que estes uniformizassem os atos da sua vida com os ensinamentos de Jesus Cristo.

Epístola de S. Tiago Apóstolo 2, 16-21

16 e lhes disser algum de vós: Ide em paz, aqueantai-vos e fartai-vos, e não lhes derdes o que hão de mister para o corpo, de que lhes aproveitará? (7)

17 Assim também a fé, se não tiver obras, é morta em si mesma.

18 Poderá logo algum dizer: Tu tens a fé e eu tenho as obras: Mostra-me tu a tua fé sem obras: E eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras.

19 Tu crês que há um só Deus: Fazes muito bem: Mas também os demônios o crêem e tremem. (8)

20 Queres tu, pois, saber, ó homem vão, que a fé sem obras é morta?

21 Não é assim que nosso pai Abraão foi justificado pelas obras, oferecendo a seu filho Isaac sobre o altar?

(7) **DE QUE LHES APROVEITARÁ?** — Assim como de nada lhes servirá aquela advertência e conselho vão que lhes dais, dizendo: Ide em paz, aqueantai-vos e fartai-vos, se de fato os não socorrerdes, assim também de nada vos aproveitará a fé, se não fôr acompanhada de boas obras. — S. Gregório Nazianzeno.

(8) **MAS TAMBÉM OS DEMÔNIOS O CRÊEM** — Crêem os demônios que há um só Deus, que é Jesus Cristo, que é Filho de Deus, e que há-de vir julgar os Anjos e os homens. Mas crêem estes mistérios não com fé infusa por Deus, mas porque assim o conhecem pelo seu agudíssimo e subtilíssimo discurso, fundado nos milagres que viram obrar Jesus Cristo, e na experiência de que pela fé nêle se subtraem os homens ao poder dos mesmos demônios, e são transferidos ao Reino de Deus. É isto mesmo que os demônios assim crêem, e não crêem voluntariamente mas forçados. Por isso o Apóstolo, tendo dito do homem: fazes bem, não disse da mesma sorte dos demônios, fazem bem. Porque ninguém faz bem o que faz contra sua vontade. Quanto mais, que os demônios nada podem fazer bem, tendo a vontade sempre aplicada ao mal. — **Êstio.**

E TREMEM — Não dum santo respeito à Majestade divina, como o de que fala o Sacerdote no Prefácio da Missa, quando diz *tremunt potestates*, mas de um grandíssimo temor, como de quem deseja subtrair-se àquele que esperam há-de ser seu terribilíssimo Juiz. — **Êstio.**

22 Não vês como a fé acompanhava as suas obras, e que a fé foi consumada pelas obras?

23 E se cumpriu a Escritura, que diz: Abraão creu em Deus, e lhe foi imputada a justiça e foi chamado amigo de Deus. (9)

24 Não vêdes como pelas obras é justificado o homem, e não pela fé somente?

25 Do mesmo modo até Raab, sendo uma prostituta, não foi ela justificada pelas obras, recebendo os mensageiros e fazendo-os sair por outro caminho? (10)

26 Porque bem como um corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem obras é morta.

CAPÍTULO 3

DANOS QUE NASCEM DA MÁ LÍNGUA. QUANTO ELA CUSTA A REFREAR. DIFERENÇA ENTRE A SABEDORIA DO MUNDO E A SABEDORIA DO CÉU.

1 Não queirais, irmãos meus, fazer-vos muitos de vós mestres, sabendo que vos expondes a um juízo mais severo.

(9) **E SE CUMPRIU A ESCRITURA** — O Grego tem *impleta*, foi cheia; o que todos os franceses, exceto Amelote, vertem, "foi cumprida". Porém Amelote refletindo que o nosso Intérprete traduziu o *impleta* do Grego por *supleta*, quer que *impleta* tome, não na simples acepção de cumprida, mas na de cheia, enquanto por cheia se entende suprida do que faltava. E cre com Estio, que o Apóstolo aludira a este lugar do primeiro Livro dos Macabeus, cap. 2, verso 52: *Abraham nonne in tentatione inventus est fidelis, et reputatum est ei ad justitiam?* Não é assim que Abraão sendo provado foi achado fiel, e isto se lhe imputou a justiça? Desta sorte, exprimindo as obras de Abraão, supriu o Autor do Livro dos Macabeus o que Moisés no Gênesis não declarou, quando só fez menção da sua fé. Donde de mais se colhe, que S. Tiago tivera por Escritura Canônica o Livro dos Macabeus.

(10) **RAAB** — Recebendo os espiões de Josué.

Epístola de S. Tiago Apóstolo 3, 2-8

2 Porque todos nós tropeçamos em muitas coisas. Se algum não tropeça em qualquer palavra, êste é varão perfeito: Ele pode também sustar com o freio a todo o corpo.

3 E se pomos freio nas bôcas dos cavalos, para que nos obedeçam, também governamos todo o corpo dêles.

4 Vêde também as naus, ainda que sejam grandes, e se achem agitadas de impetuosos ventos, com um pequeno leme se voltam para onde quiser o impulso do que as governa.

5 Assim também a língua, pequeno membro é na verdade, mas de grandes coisas se gloria. Vêde como um pouco de fogo não abrasa um grande bosque!

6 Também a língua é um fogo: Um mundo de iniqüidade. Entre os nossos membros se conta a língua, a qual contamina todo o corpo, e tisona a roda do nosso nascimento, inflamada do fogo do inferno. (1)

7 Porque tôda a natureza de alimárias, e de aves, e de serpentes, e de peixes do mar se doma, e a natureza humana as tem domado tôdas: (2)

8 Porém a língua nenhum homem a pode domar: Ela é um mal inquieto, está cheia de veneno mortífero:

(1) **A RODA DO NOSSO NASCIMENTO** — Ou: "O curso da nossa vida".

(2) **E DE PEIXES DO MAR** — O intérprete latino depois de *et serpentium*, pôs *et ceterorum*, que quer dizer "e dos mais animais", porque entendeu que do contexto se conhecia quais êles eram. Porém o grego diz expressamente *et marinorum*, isto é, e de peixes do mar; e assim verteram, antes de mim, todos os franceses, exceto Amelote, que exprimiu à risca o termo da Vulgata.

9 Com ela louvamos a Deus e Pai: E com ela amaldiçoamos aos homens, que foram feitos à semelhança de Deus.

10 De uma mesma bôca procede a bênção e a maldição. Não convém, meus irmãos, que isto assim seja. (3)

11 Porventura uma fonte lança por uma mesma bica água doce e água amargosa?

12 Acaso, irmãos meus, pode uma figueira dar uvas ou uma videira dar figos? Assim uma fonte d'água salgada não pode dar água doce. (4)

13 Quem é entre vós-outros sábio e instruído? Mostre pela boa conversação as suas obras em mansidão de sabedoria.

14 Mas se tendes um zêlo amargo, e reinarem contendas em vossos corações: Não vos gloriéis, nem sejais mentirosos contra a verdade:

15 Porque esta não é a sabedoria que vem lá do alto: Mas é uma sabedoria terrena, animal, diabólica.

16 Porque onde há ciúme e contenda, ali há inconstância e tôda a obra má.

17 A sabedoria, porém, que vem lá de cima, primeiramente é na verdade casta, depois pacífica, moderada,

(3) **NÃO CONVÉM** — Já vêdes, irmãos meus, que estas coisas implicam, e são entre si muito repugnantes.

(4) **UVAS** — O grego lê "azeitonas".

ASSIM UMA FONTE — O grego traz: "Assim nenhuma fonte pode dar água salgada e doce".

Epístola de S. Tiago Apóstolo 3, 18; 4, 1-4

dócil, susceptível de todo o bem, cheia de misericórdia e de bons frutos, não julga, não é dissimulada.

18 Ora o fruto da justiça se semeia em paz, por aquêles que fazem obras de paz. (5)

CAPÍTULO 4

A CONCUPISCÊNCIA É A CAUSA DAS DIVISÕES. O AMIGO DO MUNDO É INIMIGO DE DEUS. É NECESSÁRIO SUBMETTERMO-NOS A DEUS, RESISTIR AO DEMÓNIO, CHORAR, HUMILHARMO-NOS, FUGIR DA MALEDICÊNCIA.

1 'Donde vêm as guerras e contendas entre vós? Não vêm elas dêste princípio? Das vossas concupiscências, que combatem em vossos membros?

2 Cobiçais, e não tendes o que quereis: Matais e invejais, e não podeis alcançar o que desejais: Litigais e fazeis guerra, e não tendes o que pretendeis, porque não pedís.

3 Pedís e não recebeis: E isto porque pedís mal: Para satisfazerdes as vossas paixões.

4 Adúlteros, não sabeis que a amizade dêste mundo é inimiga de Deus? Logo todo aquêlle que quiser ser amigo dêste século se constitui inimigo de Deus. (1)

(5) **POR AQUÊLES** — Ou: "Para aquêles". — Sacy.

(1) **ADÚLTEROS** — A Escritura dá este nome aos idólatras e ímpios declarados, e a todos os homens que são afeiçoados aos bens terrenos e aos prazeres ilícitos, porque quebram a missão que deve existir entre êles e Deus seu criador.

5 Acaso imaginais vós que em vão diz a Escritura: Que o espírito que habita em vós vos ama com ciúme? (2)

6 Porém dá maior graça. Por isso diz: Deus resiste aos soberbos e dá a sua graça aos humildes.

7 Sêde logo sujeitos a Deus e resisti ao diabo, êle fugirá de vós.

8 Chegai-vos para Deus, e êle se chegará para vós. Lavai, pecadores, as mãos: E os que sois de ânimo dobrado, purificai os corações.

9 Afligi-vos a vós mesmos, e lamentai, e chorai: Converta-se o vosso riso em pranto e a vossa alegria em tristeza. (3)

10 Humilhai-vos na presença do Senhor e êle vos exaltará.

11 Irmãos, não faleis mal uns dos outros. O que detrai de seu irmão, ou o que julga a seu irmão, detrai da Lei e julga a Lei. Se tu porém julgas a Lei: Não és observador dela, mas faze-te seu juiz.

(2) A ESCRITURA — Esta passagem não se encontra em termos expressos na Bíblia, mas o Apóstolo alude aos lugares em que se fala do pecado original, de concupiscência e de inclinação para o mal.

EM VÓS — O grego tem "em nós". O Espírito Santo, que habita em vós, não pode sofrer que o vosso coração se reparta entre Deus e o mundo, mostra-se zeloso e castigará o vosso amor terreno e profano. Alude aqui o Apóstolo ao lugar de Ezequiel, 23, 25. E esta é a exposição de Santo Tomás a este texto difícil. Vejam-se outras interpretações em Estlo. Por isto mesmo o Senhor, aos que o amam, os enche de bens mui superiores a quanto lhes pode dar o mundo.

(3) AFLIGI-VOS A VÓS MESMOS — Estas, e as que se seguem, são palavras de quem exorta a fazer penitência dos pecados por meio das obras penais.

Epístola de S. Tiago Apóstolo 4, 12-17; 5, 1

12 Não há mais que um Legislador e um Juiz, que pode perder e que pode salvar. (4)

13 Mas tu quem és que julgas a teu próximo? Pois vêde agora como vós vos portais os que dizeis: Hoje ou amanhã iremos àquela cidade, e demorar-nos-emos ali sem dúvida um ano, e comerciaremos, e faremos o nosso lucro.

14 Sendo que vós não sabeis o que sucederá amanhã.

15 Porque que coisa é a vossa vida? E' um vapor, que aparece por um pouco de tempo, e que depois se desvanecerá; em vez de dizerdes: Se o Senhor quiser. E: Se nós vivermos, faremos esta ou aquela coisa.

16 Mas vós, pelo contrário, elevais-vos nos vossos presumidos pensamentos. Tôda a presunção, tal como esta, é maligna.

17 Aquêles pois que sabe fazer o bem, e não o faz, peca.

CAPÍTULO 5

OS RICOS AVARENTOS SERÃO CASTIGADOS SEVERAMENTE. A PACIÊNCIA NAS TRIBULAÇÕES. DEVE-SE FUGIR AOS JURAMENTOS. USO DA EXTREMA UNÇÃO. FORÇA DA ORAÇÃO DO JUSTO.

1 Eia vós agora, ô ricos, chorai, dando urros na consideração das vossas misérias, que virão sôbre vós.

(4) **NÃO HÁ MAIS QUE UM LEGISLADOR** — As palavras que imediatamente se seguem, que pode perder e que pode salvar, mostram bem que o Apóstolo fala do Legislador e Juiz divino, sem excluir por isso os legisladores e juizes humanos. O que se deve notar contra Calvino, que protestando não se poder in-

2 As vossas riquezas apodreceram: E os vossos vestidos têm sido comidos da traça.

3 O vosso ouro e a vossa prata se enferrujaram: E a ferrugem dêles dará testemunho contra vós, e devorará a vossa carne como um fogo. Ajuntastes para vós um tesouro de ira lá para os dias últimos.

4 Sabei que o jornal, que vós retivestes aos trabalhadores, que ceifaram os vossos campos, clama: E que os seus gritos subiram até os ouvidos do Senhor dos exércitos.

5 Tendes vivido em delícias sobre a terra, e em dissoluções haveis cevado os vossos corações, para o dia do sacrificio. (1)

6 Condenastes, e matastes o justo, sem que êle vos resistisse.

7 Tende pois paciência, irmão, até à vinda do Senhor. Vós bem vêdes como o lavrador na expectação de

fringir dêste texto a autoridade legislativa e judiciária dos príncipes seculares, declama altamente aqui contra a dos Prelados eclesiásticos, o que é uma prova convincente da hipocrisia e má fé daquele Heresiarca.

(1) **PARA O DIA DO SACRIFÍCIO** — O sentido do Apóstolo é significar que êstes, que em vida assim se regalam, virão a ser no dia do juizo o delicioso pasto das aves do Céu e das bestas feras da terra, isto é, dos demônios, segundo o que escreveu Ezequiel, 39, 17, e repetiu depois S. João no Apocalipse, 19, 21. Outros com Amelote, vertem assim: Como nos dias em que se oferecem as vítimas. E neste sentido alude o Apóstolo aos banquetes que se faziam nos dias dos sacrificios, que, como se faziam das mesmas rézes já imoladas, eram mais esplêndidos que os ordinários, dos quais banquetes se referem muitos exemplos no Livro do Gênesis e nos dos Reis, que o mesmo Amelote aponta.

Epístola de S. Tiago Apóstolo 5, 8-12

recolher o precioso fruto da terra, está esperando pacientemente que venham as chuvas temporãs e seródias.

8 Esperai pois também vós outros com paciência, e fortalecei os vossos corações: Porque a vinda do Senhor está próxima. (2)

9 Não vos ressintais, irmãos, uns contra os outros, para que não sejais julgados. Olhai que o juiz está diante da porta.

10 Tomai, irmãos, por exemplo do fim que tem a aflição, o trabalho e a paciência, aos profetas, que falaram em nome do Senhor.

11 Vêde que temos por bem-aventurados aos que sofreram. Vós ouvistes qual foi a paciência de Jó e visteis o fim do Senhor, porque o Senhor é misericordioso e compassivo. (3)

12 Mas antes de tôdas as coisas, irmãos meus, não jureis nem pelo Céu, nem pela terra, nem façais outro

(2) **PORQUE A VINDA DO SENHOR ESTÁ PRÓXIMA** — Estão cheias as Escrituras, de que o dia do Senhor está próximo; porque todo o temporal o consideram elas como um momento a respeito da eternidade do prêmio ou do castigo.

(3) **E VISTES O FIM DO SENHOR** — Esta oração pode ter dois sentidos: Um relativo ao mesmo Jó, de sorte que o fim do Senhor seja o que êle deu aos seus trabalhos. E este é o que na sua Versão exprimiu Amelote, e o que Estio afirma ser o mais bem recebido entre os modernos. Outro relativo a Cristo, de sorte que o fim do Senhor, que o Apóstolo diz que verão os fiéis, a quem escreve, fôsse a paixão, que Cristo sofreu por nós com tanta paciência, ou o glorioso fim que êle teve, que foi a ressurreição do mesmo Senhor. E este é o de Santo Agostinho no Livro 1 do Símbolo aos Catecúmenos, cap. 3, a quem seguiu depois Beda no comentário ao presente lugar,

qualquer juramento. Mas seja a vossa palavra: Sim, sim: Não, não: Para que não caiais debaixo do juizo. (4)

13 Está triste algum de vós? ore: Está alegre? cante louvores a Deus.

14 Está entre vós algum enfêrmo? chame os Presbíteros da igreja, e êstes façam oração sôbre êle, ungindo-o com óleo em nome do Senhor: (5)

(4) **NÃO JUREIS NEM PELO CÉU** — Ninguém deixa de ver, que o que aqui proíbe S. Tiago é o mesmo que Cristo proibira por S. Mateus, quando disse, 5, 34, *Ego autem dico vobis, non jurare omnino*. Digo-vos, que de todo não jureis: e que assim é absolutamente proibido nas Escrituras o jurar, como uma coisa que não é boa e a que se deve fugir. Mas como por uma parte as mesmas Escrituras nos oferecem muitos exemplos de vários santos homens que juraram, como no Testamento Velho os de Abraão, Isaac, Jacó, Moisés, Elias, e no Testamento Novo os de S. Paulo, e por outra parte a Igreja condena por um erro em Wicliffe, e nos Anabatistas, o dizerem êles que ao Cristão nunca é lícito jurar: por isso, seguindo a Santo Agostinho, (que de propósito tratou esta questão no Livro 1. Sôbre o sermão do Senhor no Monte, cap. 17), ensinam os teólogos católicos, que o que Cristo e o seu Apóstolo nos quiseram dizer, quando absolutamente proibiram que não jurássemos, com o que pode muito bem estar, e com efeito está, que em caso de necessidade seja lícito jurar ao cristão, isto é, naquele caso em que doutra sorte poderá o próximo ser reduzido a crer o que é conveniente que creia, e o que a razão natural pede que se lhe persuada: *Intelligendum est illud quod positum est, omnino ad hoc positum, ut quantum in te est, non affectes, non ames, non quasi pro bono cum aliqua delectatione appetas jusjurandum*, diz Santo Agostinho no Livro sôbre a mentira, cap. 15. Sendo esta doutrina porém geral para todos os homens, a respeito dos Judeus contudo havia uma razão especial, para entre êles proibir Cristo e S. Tiago o juramento. E' esta razão era, estarem os Judeus falsamente persuadidos que só quando se jurava por Deus obrigava o juramento, e não quando se jurava pelas criaturas.

(5) **ENFÊRMO** — O têrmo dos gregos significa o que enferma de moléstia grave.

CHAME OS PRESBÍTEROS DA IGREJA — Isto é, os Sacerdotes legitimamente ordenados pelos bispos, como com toda a antiguidade entenderam os padres do concílio de Trento. E o no-

Epístola de S. Tiago Apóstolo 5, 15-17

15 E a oração da fé salvará o enfermo, e o Senhor o aliviará: E se estiver em alguns pecados, ser-lhe-ão perdoados. (6)

16 Confessai pois os vossos pecados uns aos outros, e orai uns pelos outros, para serdes salvos: Porque a oração do justo, sendo fervorosa, pode muito.

17 Elias era um homem semelhante a nós outros, sujeito a padecer; e fez oração, para que não chovesse sobre a terra, e por três anos e seis meses não choveu.

mear o Apóstolo Presbíteros no número plural, ou foi porque na primeira Igreja costumariam concorrer muitos ainda a um enfermo, ou (o que parece mais provável) porque pela figura **Enallage** pôs o plural pelo singular. Mas se numa Igreja não houvesse muitos Presbíteros, não diria S. Tiago no plural, chame os presbíteros da igreja. Donde também se colhe contra os Arianos, que não era o mesmo o presbítero que o bispo, porque numa cidade não havia muitos bispos.

UNGINDO-O COM ÓLEO — Dêste e dos mais adjuntos do texto provaram os padres do concílio de Trento, na Sessão 14, ser a Extrema-Unção um dos sete Sacramentos da Lei nova, instituído por Cristo, e promulgado pelos Apóstolos. No que os padres de Trento seguiram aos de Florença, e uns e outros ao papa Santo Inocência I na sua célebre carta a Decência, Bispo Eugubino. O que finalmente devemos aqui advertir com certo intérprete moderno, é que não diz o Apóstolo: "Se algum de vós está moribundo, ou no último extremo da vida; mas se está gravemente enfermo, como o explica a palavra grega: porque o Sacramento da Extrema-Unção, do qual fala, deve administrar-se aos enfermos, logo que se vejam estar em perigo conhecido da morte, sem se esperarem os últimos momentos da vida. Ao menos isto parece ser mais conforme ao espírito do Santo Apóstolo, e à prática da igreja católica nos seus melhores tempos. Assim Orígenes, S. João Crisóstomo, S. Pedro Damiano, etc.

(6) **E O SENHOR O ALIVIARÁ** — O Concílio de Trento, explicando esta passagem, diz: que a Graça divina aliviará e confortará o espírito angustiado do enfermo, enquanto excita nele a fé na divina misericórdia. Por isso se deduz que o fim dêste sacramento é triplice — a remissão dos pecados, o alívio do enfermo e a saúde do corpo. **Remissio peccatorum e Allevia-**

18 E orou de novo: E o Céu deu chuva e a terra deu o seu fruto. (7)

19 Meus irmãos, se algum dentre vós se extraviar da verdade, e algum outro o meter a caminho:

20 Deve saber que aquêlê que fizer converter a um pecador do êrro do seu descaminho, salvará a sua alma da morte, e cobrirá a multidão dos pecados. (8)

tio infirmie sanitas corporis. O sujeito dêste sacramento é pois o homem adulto, tendo uso de razão, estando gravemente enfermo. Bento 14, *De syn. dioce*, livro 7, cap. 21. Entendem porém os moralistas, que pode ser ministrado aos dementes que já tiveram razão, e às crianças, ainda que se não tivessem confessado. Cfr. Lehmkuhl, *Theologia moralis*. Mas resta saber se se pode administrar êste sacramento a quem estiver só afetado de doença grave, ou se é necessário estar em perigo de vida? Os teólogos entendem unanimemente que basta a doença grave. Conquanto possa ser ministrado aos enfermos carentes de sensibilidade, em todo o caso não se deve esperar por êsse estado, e quando tal acontecer, o sacerdote deve preceder a administração dêste sacramento da absolvição do *enfermo sub conditione*.

(7) **E A TERRA DEU** — Veja-se êste successo no reinado de Acab, Rei de Israel, no Livro 3 Rs 17, 7.

(8) **DOS PECADOS** — Ou dos seus próprios, ou do pecador a quem procurou converter. — Pereira.

PRIMEIRA EPISTOLA DE S. PEDRO APÓSTOLO

INTRODUÇÃO

Autor. — Simão, cognominado *Cefas*, ou Pedro, era natural de Betsaida. (*Jo* 1, 45) na Galiléia, sendo filho dum certo Jonas. Na cidade de Cafarnaum exerceu, com seu irmão André, a profissão de pescador (*S. Marcos*, 1, 30). Ouvindo S. João Batista, seguiram o Precursor, por intermédio de quem conheceram a Jesus Cristo.

Foram êstes, e S. João com êles, os primeiros que tudo deixaram para seguir a Jesus Cristo. Uma vez no séquito do Salvador, Pedro acompanhou sempre o Divino Mestre, que por sua vez não perdeu o ensejo de exaltar aquêles que seria um dia seu Vigário na Terra. E' em favor de Pedro que Jesus opera a pesca miraculosa, e é o primeiro colocado à frente do colégio Apostólico. E' a êle, e só a êle, que Jesus Cristo disse: "Bem-aventurado és Simão, filho de João... E eu te digo que tu és Pedro e sôbre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela." E' o que se lê no texto sagrado, e que não pode sofrer duas interpretações. Jesus Cristo neste lugar constitui Pedro como a pedra angular da igreja.

1.^a Epístola de S. Pedro Apóstolo

Muda-lhe o nome, o que foi sempre indicio de investitura no supremo poder, e alevantada dignidade.

Entrega a Pedro as chaves do reino do Céu: *Tibi dabo claves Regni cælorum.*

Ora, sabe-se que as chaves eram naquele tempo o signal do exercício do poder supremo, e por isso nestas palavras está a colação de primado e jurisdição.

E S. Pedro exerceu êste Primado.

1.^o Depois da ascensão de Cristo, levantando-se no meio dos seus companheiros no colégio Apostólico e presidindo à eleição de S. Matias, que havia de suceder a Judas. At 1, 15.

2.^o Depois da descida do Espírito Santo, pregando e mandando batizar os crentes. At 2, 14.

3.^o Repreendendo e castigando Ananias e Safira. At 5.

4.^o Julgando e condenando Simão Mago. At 8, 18-24.

5.^o Passando pela Judéia, Galiléia e Samaria, investindo de sua alta dignidade, *tamquam imperator suas copias recensens.* — S. João Crisóstomo.

6.^o Presidindo ao Concílio de Jerusalém, sendo o primeiro a expor os assuntos e a resolver as difficuldades. At 15.

E como primaz foi recebido pelos Padres da Igreja. S. Basílio escreve: *Beatus ille Petrus omnibus discipulis praelatus cui soli majora data,* etc.

1.^a Epístola de S. Pedro Apóstolo

S. Cirilo de Alexandria — *Prae aliis emicāt ille exte-
riorum caput ac princeps*, e Tertuliano, Orígenes, S. Ci-
priano, Oplato, S. Agostinho, S. Atanasio e tantos outros
dizem da mesma maneira.

Porém, êste primado conferido a S. Pedro e por S.
Pedro exercido, e que fêz de humilde pescador a base duma
Igreja imperecível, o pastor dum rebanho que há de sub-
sistir enquanto houver homens, não podia ser pessoal,
mas dirigido à perpetuidade de pastor supremo.

Ô, alicerce dum edifício perpétuo não pode desapare-
cer: um rebanho permanente carece dum pastor igualmen-
te permanente.

Constituir um primado *temporário* no seio duma so-
ciedade que devia ser *perpétua*, seria uma *anomalia* inus-
tificável e indigna do Filho de Deus. Quando êle disse —
— *et ecce ego vobiscum sum omnibus diebus usque ad con-
summationem saeculi*, falava ao apostolado tal qual fôra
constituído, isto é, encerrando o elemento do primado. Se
aquelas palavras fundamentam a transmissibilidade do po-
der episcopal, igualmente justificam a perpetuidade da
dignidade primacial.

E foi certamente assim pensando que S. Pedro nor-
teou os seus trabalhos apostólicos.

Negou, é certo, a Jesus no átrio do Pretório, mas con-
fessou-o sinceramente, pregando o seu Evangelho, mor-
rendo pela nova Lei, depois de ter lavado com amaríssimas
lágrimas a mancha que sôbre êle caíra. Teve o papel o
mais importante na obra Evangélica. Fundou igrejas,
sustentou as que outros tinham fundado, confirmou tí-
bios, fortaleceu fracos e fez heróis. E depois de ter pre-
gado tão zelosamente a fé de Cristo, morre mártir, cruci-

1.^a Epístola de S. Pedro Apóstolo

ficado como o Mestre, com a cabeça pendida para a Terra, em sinal de humildade profunda.

Fim e objeto desta Epístola. — S. Pedro, escrevendo esta Epístola, teve em vista confirmar os cristãos na fé e na virtude, sustentá-los na hora do perigo, prepará-los para a luta, animando-os com a coroa prometida aos que combaterem o bom combate.

Com êste intento atesta-lhes a verdade da doutrina que lhes prega, exalta-lhes a sublimidade do nome de cristãos, anima-os para a perfeição máxima a que devem aspirar. Recordando as obrigações especiais de cada um, lembra-lhes o quanto devem ao Salvador do Mundo, e assegura-lhes que se tornarão dignos do nome de cristãos e participantes da glória celeste desde que se associem aos sofrimentos de Jesus, padecendo por amor do Redentor.

Local e data da composição desta Epístola. — Foi escrita em Roma, à qual êle chama Babilônia, como a seu tempo se verá, e segundo os melhores autores foi escrita no ano 62, pois não só contém alusões à Epístola aos Romanos e aos Efésios, mas anuncia uma perseguição próxima, e designa os fiéis pelo nome de Cristãos.

Autenticidade. — A primeira das Epístolas de S. Pedro, foi em todos os tempos unanimemente recebida na Igreja. O testemunho de Eusébio sobre êste ponto é confirmado pelos catálogos de tôdas as Igrejas.

A autoridade canônica desta Epístola tem por testemunhas Papias, (Eusébio, *H. Eccl.* 3, 39) S. Policarpo, que numa pequena carta cita seis passagens desta epístola, e seu discípulo S. Irineu, que a cita com o nome do seu venerando autor. A tradição da Igreja de Alexandria é-nos atestada por Clemente de Alexandria e Orígenes; a igre-

1.^a Epístola de S. Pedro Apóstolo

ja de Síria por S. Efrem, a de Latina por Tertuliano e escritores subsequêntes. O silêncio do fragmento de Muratori, cujo texto está truncado, não prova por isso mesmo nada, e nada aduz contra testemunhos tão unânimes.

Os critérios internos acordam com a tradição, longe de a contrariar. Os assuntos às referências e alusões que nesta epístola se contêm estão em perfeita harmonia com o título. Nada ali há que desdiga do autor, do seu tempo, do seu caráter e dos seus costumes.

Eichorn supôs esta epístola como trabalho dum discípulo de S. Paulo, talvez sucessor, por sua vez companheiro de S. Pedro. A suposição será engenhosa, mas nada tem que a fundamente, nem a análise intrínseca do texto, nem os testemunhos dos contemporâneos.

PRIMEIRA EPÍSTOLA DE S. PEDRO APÓSTOLO

CAPÍTULO 1

DEUS NOS CHAMOU PELA FÉ A VIDA ETERNA. OS PROFE-
TAS O PREDISSERAM. A NOSSA VIDA DEVE SER PURA.
O SANGUE DE JESUS CRISTO, QUE FOI O PREÇO DA
NOSSA REDENÇÃO, A ISSO NOS OBRIGA.

1 Pedro, Apóstolo de Jesus Cristo, aos estrangeiros
que estão dispersos pelo Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia
e Bitínia, escolhidos, (1)

2 segundo a presciência de Deus Padre para rece-
berem a santificação do espírito, para prestarem obediên-
cia a Deus, e terem parte na aspersão do sangue de Jesus
Cristo: Graça, e paz vos seja multiplicada.

(1) **PELO PONTO** — De ter S. Pedro nomeado primeira de
tôdas esta província, daqui veio, que a esta sua carta intitularam
alguns antigos a **Epístola aos Pônticos**, como fizeram Tertuliano
no fim do **Escorpiaco**, e S. Cipriano no livro terceiro dos **Testemu-
nhos**.

ÁSIA — Como por uma parte é evidente, que por Ásia se
não pode aqui entender a Ásia Maior, e por outra tôdas as qua-
tro provincias do Ponto, Galácia, Capadócia e Bitínia, pertenciam
à Ásia Menor, devemos concluir que a Ásia, que aqui designa S.
Pedro, é a Ásia especialmente assim chamada, isto é, a que tinha
por metrópole especial a Éfeso na Iônia.

1.^a Epístola de S. Pedro Apóstolo 1, 3-11

3 Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a grandeza de sua misericórdia, nos regenerou para a esperança da vida, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos.

4 Para uma herança incorruptível, e que não pode contaminar-se, nem murchar-se, reservada nos Céus para vós outros.

5 Que sois guardados na virtude de Deus por fé para a salvação, que está aparelhada para se manifestar no último tempo.

6 No qual vós exultareis, ainda que ao presente convém que sejais afligidos um pouco de tempo com várias tentações:

7 Para que a prova da vossa fé, muito mais preciosa que o ouro (o qual é acrisolado com o fogo), se ache digna de louvor, e glória, e honra, quando Jesus Cristo for manifestado:

8 Ao qual vós amais, pôsto que o não vistes: No qual vós credes, pôsto que o não vêdes ainda agora: Mas crendo, exultais com uma alegria inefável e cheia de glória:

9 Alcançando o fim da vossa fé, que é a salvação das vossas almas.

10 Da qual salvação os profetas, que vaticinaram da graça, que havia de vir a vós-outros, inquiriram e indagaram muito.

11 Esquadrinhando em que tempo, e em que conjuntura o Espírito de Cristo, que lhes assistia, sinalava esta graça: Anunciando antes os sofrimentos que se haviam de verificar em Cristo, e as glórias que os seguiriam:

1.^a Epístola de S. Pedro Apóstolo 1, 12-20

12 Aos quais foi revelado, que não para si mesmos senão para vós-outros administravam as coisas, que agora vos têm sido anunciadas por aquêles que vos pregaram o Evangelho, havendo sido enviado do Céu o Espírito Santo, ao qual os mesmos Anjos desejam ver.

13 Portanto, cingidos os lombos da vossa mente, vivendo com temperança, esperai inteiramente naquela graça, que vos é oferecida, para a manifestação de Jesus Cristo: (2)

14 Assim como filhos obedientes, não vos confortando com os desejos que antes tinheis na vossa ignorância:

15 Mas segundo é Santo aquêle que vos chamou: Sêde vós também santos em tôdas as ações.

16 Porque escrito está: Santos sereis, porque eu sou Santo.

17 E se invocais como pai aquêle que, sem acepção de pessoas, julga segundo a obra de cada um, vivei em temor durante o tempo da vossa peregrinação.

18 Sabendo que haveis sido resgatados da vossa vã conversação, que recebestes de vossos pais, não por ouro nem por prata, que são coisas corruptíveis:

19 Mas pelo precioso sangue de Cristo, como de um Cordeiro imaculado, e sem contaminação alguma.

20 Na verdade predestinado já antes da criação do mundo, porém manifestado nos últimos tempos, por amor de vós.

(2) **QUE VOS É OFERECIDA** — Que vos será dada pelo advento de Jesus Cristo.

1.^a Epístola de S. Pedro Apóstolo 1, 21-25; 2, 1-3

21 Que por êle sois fiéis em Deus, o qual o ressuscitou dos mortos; e lhe deu glória para que a vossa fé e a vossa esperança fôsse em Deus.

22 Fazendo puras as vossas almas na obediência da caridade, no amor da irmandade, com sincero coração amai-vos intensamente uns aos outros:

23 Pôsto que haveis renascido, não de semente corruptível, mas de incorruptível, pela palavra do Deus vivo, e que permanece eternamente.

24 Porque tôda a carne é como a erva: E tôda a sua glória como a flor da erva: Secou-se a erva, e caiu a sua flor.

25 Mas a palavra do Senhor permanece eternamente: E esta palavra é a que vos foi anunciada pelo Evangelho.

CAPÍTULO 2

DEVEM OS FIEIS, COMO MENINOS, AMAR O LEITE ESPIRITUAL, E AJUNTAR-SE A PEDRA ANGULAR, QUE É JESUS CRISTO. ÊLES SÃO O POVO ESCOLHIDO. DEVEM OBEDECER AOS PRÍNCIPES, E A TODOS OS SUPERIORES, E GLORiar-SE DE SOFRER COMO JESUS CRISTO.

1 Deixando pois tôda a malícia e todo o engano, e fingimentos e invejas, e tôda a sorte de detrações.

2 Como meninos recém-nascidos, desejai o leite racional, sem dolo, para com êle crescerdes para a salvação.

3 Se é que haveis gostado quão doce é o Senhor.

1.^a Epístola de S. Pedro Apóstolo 2, 4-10

4 Chegai-vos para êle, como para a pedra viva, que os homens tinham sim rejeitados, mas que Deus escolheu e honrou:

5 Também sôbre ela vós mesmos, como pedras vivas, sêde edificados em casa espiritual, em sacerdócio santo, para oferecer sacrificios espirituais, que sejam aceitos a Deus por Jesus Cristo.

6 Por cuja causa se acha na Escritura: Eis-aí ponho eu em Sião a principal pedra do ângulo, escolhida, preciosa: E o que crer nela não será confundido.

7 Ela é pois honra para vós, que credes: Mas para os incrédulos a pedra, que os edificantes rejeitaram, esta foi posta por cabeça do ângulo.

8 E pedra de tropêço, e pedra de escândalo para os que tropeçam na palavra, e não crêem em quem igualmente foram postos. (1)

9 Mas vós sois a geração escolhida, o sacerdócio real, a gente santa, o povo de aquisição: Para que publiqueis as grandezas daquele que das trevas vos chamou à sua maravilhosa luz.

10 Vós, que noutro tempo éreis não povo, mas agora sois povo de Deus, vós que não tínheis alcançado misericórdia, mas agora haveis alcançado misericórdia.

(1) **FORAM POSTOS** — Ou fundados Mt 21, 44; 1^o Cor 8. Isto é, ainda que todos os profetas e a Lei os preparam para os conduzir a Jesus Cristo, isto não obstante permanecem na sua incredulidade. *In quo positi*, em lugar de *depositi sunt*, cujo sentido é frequente, e quer dizer: e permanecem na incredulidade a que foram abandonados. Outros em que haviam sido postos, ou colocados. O grego: para o que haviam sido destinados. — **Estilo.**

1.^a Epístola de S. Pedro Apóstolo 2, 11-19

11 Caríssimos, eu vos rogo como a estrangeiros e peregrinos, que vos abstenhais dos desejos carnaes, que combatem contra a alma.

12 Tendo boa conversação entre os gentios: Para que assim como agora murmuram de vós, como de malfeitores, considerando-vos por vossas boas obras, glorifiquem a Deus no dia da sua visita. (2)

13 Submetei-vos pois a tôda a humana criatura, por amor de Deus: Quer seja ao rei, como a soberano:

14 Quer aos governadores, como enviados por êle para, tomar vingança dos malfeitores, e para louvor dos bons.

15 Porque assim é a vontade de Deus, que obrando bem façais emudecer a ignorância dos homens imprudentes:

16 Como livres, e não tendo a liberdade como véu para encobrir a malícia, mas como servos de Deus.

17 Honrai a todos: Amai a irmandade: Temei a Deus: Respeitai ao rei.

18 Servos, sêde obedientes aos vossos senhores com todo o temor, não sòmente aos bons e moderados, mas também aos de dura condição.

19 Porque isto é uma graça, se algum pelo conhecimento do que deve a Deus sofre moléstias, padecendo injustamente.

(2) **NO DIA DA SUA VISITA** — Quando Deus, em sua misericórdia, lhes abrir os olhos e lhes conceder uma graça luminosa que os atraia à fé.

20 Porque que glória é se, pecando vós, tendes sofrimento ainda sendo esbofeteados? Mas se fazendo bem, sofreis com paciência: Isto é que é agradável diante de Deus.

21 Porque para isto é que vós fostes chamados: Pôsto que Cristo padeceu também por nós, deixando-vos exemplo para que sigais as suas pisadas:

22 O qual não cometeu pecado, nem foi achado engano na sua bôca:

23 O qual, quando o amaldiçoavam, não amaldiçoava: Padecendo, não ameaçava: Mas se entregava àquele que o julgava injustamente:

24 O qual foi o mesmo que levou os nossos pecados em seu corpo sobre o madeiro: Para que mortos aos pecados, vivamos à justiça: Por cujas chagas fostes vós salvados.

25 Porque vós éreis como ovelhas desgarradas, mas agora vos haveis convertido ao Pastor e Bispo das vossas almas.

CAPÍTULO 3

INSTRUÇÃO PARA OS CASADOS. QUE AS MULHERES GUARDEM MODESTIA NOS SEUS TRAJOS. QUE OS MARIDOS HONREM AS SUAS MULHERES. PREGAÇÃO DE JESUS CRISTO NOS INFERNOS. A ARCA DE NOÉ FIGURA DO BATISMO.

1 Igualmente as mulheres sejam também sujeitas a seus maridos: Para que se ainda alguns há, que não crêm na palavra, sejam êstes ganhados pela boa vida de suas mulheres sem o socorro da palavra. (1)

(1) **QUE NAO CRÊM NA PALAVRA** — Isto é, que são infieis e não crêm em Jesus Cristo.

1.^a Epístola de S. Pedro Apóstolo 3, 2-7

2 Considerando a vossa santa vida, que é em temor.

3 Não seja o adorno destas o exterior enfeite dos cabelos riçados, ou as guarnições de renda de ouro, ou a gala da compostura dos vestidos: (2)

4 Mas o homem que está escondido no coração, em incorruptibilidade de um espírito pacífico e modesto, que é rico diante de Deus. (3)

5 Porque assim é que noutro tempo se adornavam até as santas mulheres, que esperavam em Deus, estando sujeitas a seus próprios maridos.

6 Como Sara obedecia a Abraão, chamando-lhe Senhor: Da qual vós sois filhas, fazendo bem, e não temendo perturbação alguma.

7 Do mesmo modo vós, maridos, coabitai com elas, segundo a ciência, tratando-as com honra, como um vaso mais fraco e como co-herdeiras da graça da vida: Para que as vossas orações não tenham impedimento. (4)

(2) **O ADORNO DESTAS O EXTERIOR** — Não proíbe com isto o Apóstolo que as mulheres casadas se enfeitem exteriormente, para parecerem bem a seus maridos, mas proíbe-lhes somente o enfeite supérfluo, imoderado e indecoroso. Santo Agostinho na carta a Possídio.

(3) **QUE ESTA ESCONDIDO NO CORAÇÃO** — Quer dizer, o homem que consiste na parte racional, ou como se explica S. Paulo, o homem interior.

(4) **SEGUNDO A CIÊNCIA** — Isto é, conforme os ditames da prudência, e com discrição.

TRATANDO-AS COM HONRA — S. Jerônimo, no Liv. 1, contra Joviniano, Cap. 4, e Santo Agostinho na Enarração do salmo 146, entendem que esta honra deve consistir no moderado e honesto uso do matrimônio. Alguns modernos todavia a tomam geralmente, crendo que o que S. Pedro manda aos maridos, é que não tratem as suas mulheres vilmente como escravas, mas que em tudo as contemplem como sócias. Veja-se Arnault Nova Defesa contra M. Mallot, Livro 3, cap. 6 tomo 7, pag. 260 e seg.

8 E finalmente sêde todos de um mesmo coração, compassivos, amadores da irmandade, misericordiosos, modestos, humildes:

9 Não deis mal por mal, nem maldição por maldição, mas pelo contrário bendizei-os: Pois para isto fostes chamados, para que possuais a bênção por herança.

10 Porque o que quer amar a vida, e ver os dias bons, refreie a sua língua do mal, e os seus lábios não profiram engano.

11 Aparte-se do mal, e faça o bem: Busque paz, e vá após dela.

12 Porque os olhos do Senhor estão sôbre os justos, e os seus ouvidos atentos aos rogos dêles: Mas o rosto do Senhor está sôbre os que fazem mal. (5)

13 E quem é que vos poderá fazer mal, se vós fordes zelosos pelo bem?

14 E também se alguma coisa padeceis pela justiça, sois bem-aventurados. Portanto não temais as ameaças dêles, e não vos turbeis.

15 Mas santificai a Cristo Senhor nosso em vossos corações, aparelhados sempre para responder a todo o que vos pedir razão daquela esperança que há em vós. (6)

(5) **O ROSTO DO SENHOR** — Quer dizer aqui, como em muitos outros lugares, a sua cólera, o seu castigo.

(6) **APARELHADOS SEMPRE PARA RESPONDER** — Deveis de tal sorte estar instruídos na vossa religião, que possais dar conta dela e ainda defendê-la contra os Judeus e Gentios que a combatem. — Santo Agostinho.

1.^a Epístola de S. Pedro Apóstolo 3, 16-20

16 Mas com modéstia, e com temor, tendo uma boa consciência: Para que no que dizem mal de vós, sejam confundidos os que desacreditam a vossa santa conversação em Cristo.

17 Porque melhor é fazendo bem (se Deus assim o quizer) padecerdes vós, que fazendo mal.

18 Porque também Cristo uma vez morreu pelos nossos pecados, o Justo pelos injustos, para nos oferecer a Deus, sendo sim morto na carne, mas ressuscitado pelo espírito.

19 No qual êle também foi pregar aos espíritos que estavam no cárcere, (7)

20 que noutro tempo tinham sido incrédulos, quando nos dias de Noé esperavam a paciência de Deus, enquanto se fabricava a Arca: Na qual poucas pessoas, isto é, somente oito se salvaram no meio da água. (8)

(7) **QUE ESTAVAM NO CÁRCERE** — Que espíritos fossem êstes, e que carcere e que pregação, é um ponto que todos os intérpretes reconhecem ser difficulosissimo de resolver e em cuja resolução erraram miseravelmente alguns antigos. Sete exposições refere Êstio, dez Lorino, entre as quais de nenhuma sorte se deve admitir a dos que disseram, que os espíritos a quem Cristo pregara no cárcere, foram os daqueles impios, que morrendo infieis e sendo por isso lançados no inferno, depois com a pregação de Cristo se converteram a êle e foram salvos. A actual exposição Santo Agostinho na carta a Evódio impugna e rejeita, como oposta aos princípios da Fé. Pelo que toca às outras, não há aqui lugar de discutir tôdas. Por isso cingindo-nos à mais bem recebida entre os modernos, como Êstio, Sacy, Amelote e Calmet: "Que os espíritos, a quem Cristo pregou, descendo ao Limbo, foram os espíritos dos Justos que, ou no Limbo ou no Purgatório, estavam esperando a vinda do Libertador". Resta explicar qual foi o assunto da pregação de Cristo no Limbo. Todos os referidos Teólogos concordam, que o que Cristo pregou àqueles santos espíritos, foi anunciar-lhes a boa nova da sua redenção e soltura.

(8) **QUE NOUTRO TEMPO TINHAM SIDO INCRÉDULOS** — Que tinham sido incrédulos às vozes de Noé, que da parte de

21 O que era uma figura do batismo de agora, que também vos salva: Não a purificação das imundícies da carne, mas a promessa de boa consciência para com Deus pela ressurreição de Jesus Cristo:

22 Que está à direita de Deus depois de haver absorvido a morte, para que fôssemos herdeiros da vida eterna: Tendo subido ao Céu, sujeitos a êle os anjos, e as potestades, e as virtudes. (9)

Deus os avisava do castigo iminente, para se arrependarem e emendarem da sua má vida, e que conforme a exposição que vamos seguindo, com efeito, ao verem sobre si o castigo do Dilúvio, conheceram o erro, e antes de morrerem submergidos fizeram penitência e conseguiram misericórdia, servindo-lhes o Dilúvio como de batismo para se salvarem quanto às almas, não todos, mas alguma parte, verificando-se assim dos que pereceram no dilúvio, o que Davi no Salmo 77, 34, diz dos que morreram castigados no Deserto: *Cun occideret eos, quaerebant eum*. "Quando Deus os matava, êles o buscavam". — Pereira.

ESPERAVAM A PACIÊNCIA DE DEUS — Isto é, quando esperavam que Deus os sofresse sem os castigar. Esta é a lição da Vulgata: *Quando expectabant Dei patientiam*; porém o Grego diz às avessas: *Quando expectabat Dei patientias*; "Quando a paciência de Deus os esperava". E assim mesmo liam nos seus Códices Latinos, S. Jerônimo, Santo Agostinho e o outro antigo escritor no Livro contra Varimado, que hoje se crê ter sido Virgílio de Tapsa. E assim mesmo o trazia o missal romano da primeira correção de Clemente VIII, na Epístola da sexta feira da Páscoa, como testificam Êstio e Sacy, porque nas edições modernas se lê hoje este lugar como êle vem na Vulgata, *quando expectabant Dei patientiam*. — Pereira.

(9) **DEPOIS DE HAVER ABSORVIDO A MORTE** — É como se explica a Vulgata, *deglatiens mortem*. Em lugar do que verteu Sacy com os de Mons, *qui aiant détruit la mort*. Amelote: *qui aiant consumé la mort*. E então absorveu, ou tragou Cristo a morte, quando com a sua destruiu a nossa, como a Igreja canta no Prefácio da Missa. *Qui mortem nostram moriendo destruit, et vitam resurgendo reparavit*. As palavras porém, *deglutians mortem, ut vitae aeternae heredes efficeremur*, não se lêem no Original Grego.

CAPÍTULO 4

É NECESSÁRIO RENUNCIAR A VIDA PASSADA, E DAR-SE A ORAÇÃO, AS OBRAS DE CARIDADE, A SERVIR A IGREJA PELOS DONS QUE CADA UM RECEBEU. REFERIR TUDO PARA A GLÓRIA DE DEUS, E ALEGRAR-SE DE PADECER POR JESUS CRISTO.

1 Havendo pois Cristo padecido na carne, armai-vos também vós outros desta mesma consideração: Que aquele que padeceu na carne cessou de pecados: (1)

2 De sorte que o tempo, que lhe resta da vida mortal, êle não vive mais segundo as paixões do homem, mas segundo a vontade de Deus.

3 Porque basta para êstes, que no tempo passado hajam cumprido a vontade dos gentios, vivendo em luxurias, em concupiscências, em temulências, em glotonerias, em excessos de beber, e em abomináveis idolatrias.

4 Pelo que estranham muito, que não concorrais à mesma ignomínia de dissolução, enchendo-vos de vitupérios.

5 Os quais darão conta àquele que está aparelhado para julgar vivos e mortos.

6 Porque por isso foi o Evangelho também pregado aos mortos: Para que na verdade sejam julgados se-

(1) **PADECIDO** — O grego acrescenta: por nós.

CESSOU DE PECADOS — O cristão que morreu pelo batismo aos desejos da carne, renunciou desde logo inteiramente ao pecado. — **Pereira.**

gundo os homens em carne, mas vivem segundo Deus em espírito. (2)

7 Mas o fim de tôdas as coisas está chegado. Portanto sede prudentes, e vigiai em oração.

8 E antes de tôdas as coisas, tende entre vós mesmos mutuamente uma constante caridade: Porque a caridade cobre a multidão dos pecados.

9 Exercitai a hospitalidade uns com os outros sem murmuração:

10 Cada um, segundo a graça que recebeu, comunique-as aos outros, como bons dispenseiros das diferentes graças que Deus dá.

11 Se algum fala, seja como palavras de Deus: Se algum ministra, seja conforme à virtude que Deus dá: Para que em tôdas as coisas seja Deus honrado por Jesus Cristo: O qual tem a glória e o império nos séculos dos séculos: Amém.

12 Caríssimos, não vos perturbeis no fogo da tribulação, que é para prova vossa, como se vos acontecesse alguma coisa de novo:

13 Mas folgai de serdes participantes das penalidades de Cristo, para que folgueis também com júbilo na aparição da sua glória.

14 Se sois vituperados pelo nome de Cristo, bem-aventurados sereis: Porque o que há de honra, de glória

(2) **TAMBÉM PREGADO AOS MORTOS** — A quais mortos? Aos de quem o mesmo Apóstolo tinha dito no cap. 3, vers. 19, que descera Jesus Cristo em espírito a pregar no Limbo, ou no Purgatório, como ali explicamos nas notas.

1.^a Epístola de S. Pedro Apóstolo 4, 15-19

e de virtude de Deus, e o espírito que é dêle, repousa sobre vós. (3)

15 Porém nenhum de vós padeça como homicida, ou ladrão, ou maldizente, ou cobiçador do alheio. (4)

16 Se êle porém padece como cristão, não se envergonhe: Mas glorifique a Deus neste nome: (5)

17 Porque é tempo que principie o juízo pela casa de Deus. E se primeiro começa por nós: Qual será o paradeiro daqueles que não crêem no Evangelho de Deus? (6)

18 E se o justo apenas se salvará, o ímpio e o pecador onde comparecerão?

19 Assim que também aqueles que sofrem segundo a vontade de Deus, encomendem as suas almas ao seu fiel Criador, fazendo boas obras.

(3) **PORQUE O QUE HÁ DE HONRA** — O grego lê: Porque o que há da glória, e o espírito de Deus que repousou sobre vós; por aqueles na verdade é blasfemado, mas por vós é glorificado.

(4) **QU MILDIZENTE** — O grego, onde a Vulgata, talvez por descuido dos primeiros copistas, diz, *maledicus*, tem êle *maleficus*, *malfetor*, como também liam dos seus códices latinos Tertuliano e S. Cipriano. — Pereira.

(5) **COMO CRISTÃO** — A primeira vez, e a primeira parte, em que os professores do Evangelho se começaram a chamar cristãos, (nome talvez imposto mais pelos estranhos do que pelos nossos) foi em Antioquia, como lemos no capítulo undécimo dos Atos dos Apóstolos, no ano 43 da era vulgar, segundo a mais bem recebida cronologia. Daqui se conclui que esta epístola, na qual S. Pedro dá aos fiéis o nome de cristãos, como um nome já corrente e vulgar, foi escrita tempos depois daquele ano de 43, ainda que daqui se não pode determinar o ano certo da sua data.

(6) **PELA CASA DE DEUS** — Isto é, pela Igreja, a que também S. Paulo chama "casa de Deus" na primeira a Timóteo.

CAPÍTULO 5

COMO DEVEM OS PASTORES CONDUZIR O SEU REBANHO. QUE OS MOÇOS LHES VIVAM SUJEITOS. QUE TODOS SE HUMILHEM. QUE TODOS CONFIEM NA PROVIDÊNCIA. QUE TODOS RESISTAM AO DIABO PELA FÉ, E PELA TEMPERANÇA.

1 Esta é pois a rogativa que eu faço aos presbíteros, que há entre vós, eu presbítero como êles e testemunya das penas que padeceu Cristo: E que hei de ser participante daquela glória, que se há de manifestar para o futuro:

2 Apascentai o rebanho de Deus que está entre vós, tendo cuidado dêle, não por fôrça, mas espontâneamente, segundo Deus: Nem por amor de lucro vergonhoso, mas de boa vontade.

3 Não como que quereis ter domínio sôbre a herança do Senhor, mas fazendo-vos, de boa vontade, o modelo do rebanho.

4 E quando aparecer o Príncipe dos pastores, receberéis a coroa de glória, que nunca se poderá murchar.

5 Semelhantemente vós, mancebos, obedecei uns aos outros. E inspirai-vos todos a humildade uns aos outros, porque Deus resiste aos soberbos e dá a sua graça aos humildes.

6 Humilhai-vos pois debaixo da poderosa mão de Deus, para que êle vos exalte no tempo da sua visita,

7 remetendo para êle tôdas as vossas inquietações, porque êle tem cuidado de vós.

8 Sêde sóbrios, e vigiai: E porque o diabo vosso adversário anda ao derredor de vós, como um leão que rugge, buscando a quem possa tragar:

1.^a Epístola de S. Pedro Apóstolo 5, 9-13

9 Resisti-lhe fortes na fé, sabendo que os vossos irmãos, que estão espalhados pelo mundo, sofrem a mesma tribulação.

10 Mas o Deus de toda a graça, o que nos chamou em Jesus Cristo à sua eterna glória, depois que tiverdes padecido um pouco, êle vos aperfeiçoará, fortificará e consolidará.

11 A êle glória, e império por séculos de séculos: Amém.

12 Por Silvano, que vos é, segundo entendo, irmão fiel, vos escrevi brevemente: Admoestando-vos e protestando-vos que esta é a verdadeira graça de Deus, na qual estais firmes.

13 A Igreja, que está em Babilônia, escolhida com vós-outros, vos sauda, e Marcos meu filho. (1)

(1) **EM BABILÔNIA** — Todos os intérpretes católicos, guiando-se por uma tradição universal e constante, cuja primeira testemunha é Papias, discípulo dos Apóstolos, têm sempre entendido que Babilônia se toma aqui pela cidade de Roma, o que prova também a estada de S. Pedro na Cidade Eterna. *Civitatem illam Romam verbi translatione Babylonem appellat*. Papias, citado por Eusebio, *História Ecclesiástica*, 1.^o 2.^o, cap. 14. Esta interpretação é adotada por todos os antigos, à excepção de Cosmas Indias pleusta, escritor alexandrino do principio do século 6, e atravessou desde então até ao século 14, encontrando apenas dois contraditores: Amru Mathaei e Jesuib de Nisihe, escritores assírios, citados pelo sábio Assemani nos seus estudos sobre Biblias Orientais. Estas divergências raras não podem prevalecer contra a tradição geral. Como é sabido, existiam duas cidades com o nome de Babilônia: uma no Egipto, na qual estacionava uma das três legiões romanas que guardavam aquele país. (Strabão, *Geografia*, 1.^o 7.^o). A outra era a Babilônia dos Caldeus, que ainda naquele tempo subsistia — *sui juris urbis et libera* (Plínio *Espírito*, 1.^o 5 sp. 6). A primeira chama Strabão *Castellum*, e certamente não era desta paragem, que corresponde ao Cairo moderno, que escrevia S. Pedro, pois ali não havia nenhuma Igreja ou assembléa de Cristãos. Sendo tantos os concílios celebrados na circunscrição eclesiástica de Alexandria, não aparece nas atas de nenhum deles a assinatura do Bispo da Babilônia. Pelo que

14 Saudai-vos uns ao outros pelo santo ósculo: Graças a vós todos que estais em Jesus Cristo. Amém.

respeita da Babilônia dos Caldeus, temos o testemunho de Flavio Josefo, quando diz que em tempo de Calígula os Judeus que viviam em Babilônia e entre os assírios foram em grande parte assassinados pelos habitantes, sendo expulsos os poucos que escaparam. Além disso, de parte alguma consta que nessa cidade se formasse uma Igreja, desde os tempos Apostólicos. Por consequência, a nenhuma delas tentava aludir S. Pedro na sua Epístola. No Apocalipse, Babilônia designa Roma, e por isso escreveu Tertuliano: *Sic et Babylon, apud Joanem nostrum, romanae urbis figuram portat, preindae et magna et regna superbiae, et sanctorum debellatricis*. Mauri entende que esta bênção metafórica fôsse muito usual entre os primitivos Cristãos. Alguns fragmentos antigos, recentemente publicados, dão à capital do grande império o nome de **Babylon Roma**. Esta designação generalizou-se posteriormente, para ser distinta da Constantinopla, a nova Roma. De resto, esta Epístola de S. Pedro contém indícios intrínsecos de haver sido escrita em Roma, pois avisa os Cristãos das províncias orientais de que está iminente uma perseguição por parte do imperador. Ora, este fato só podia ser conhecido por um habitante de Roma, e não por quem residisse em Babilônia. Supõem alguns que S. Pedro substituiu o nome de Roma por uma expressão simbólica, para prevenir alguma perseguição. Sabe-se que, em virtude de instruções recebidas de Claudio, tinha Herodes Agripa mandado prender S. Pedro; ora, tendo saído do cárcere, motivos de prudência o aconselhavam a ocultar a sua residência. Conquanto esta opinião não deixe de ter fundamento, contudo, salvo devido respeito, parece-nos mais plausível a explicação dos outros exegetas, que dizem que S. Pedro empregou uma metáfora frequentemente empregada e por isso facilmente percebida por todos. Assim como a antiga Babilônia ostentava no mundo um quadro de abjeções, Roma equiparava-se-lhe, caindo nos enormes abismos e corroida pelas mesmas torpezas. Cabia-lhe, pois, bem o título de Babilônia, como quem tinha tantos pontos de contacto. Abona esta opinião o emprêgo freqüente da equivalente metáfora em muitas obras de autores contemporâneos. E que S. Pedro estava em Roma, foi Bispo de Roma e em Roma foi martirizado, é ponto averiguado pela história.

E MARCOS MEU FILHO — Quase todos os antigos e modernos dão por certo que este Marcos era o Evangelista, a quem S. Pedro chama filho seu pelo especial amor de que o fazia digno a solícita cooperação no pregar e difundir o Evangelho, de sorte que a respeito de S. Pedro fosse Marcos, como a respeito de S. Paulo era Timóteo. Ou também, e principalmente o chamar-lhe filho, procederia de ter sido S. Pedro o que gerara pelo batismo a Marcos, como Barônio mostra com boas autoridades.

SEGUNDA EPISTOLA
DE
S. PEDRO APÓSTOLO

INTRODUÇÃO

Autor. — Em que pese aos adversários, esta Epístola foi composta pelo Príncipe dos Apóstolos. E' certo que surgiram dúvidas sobre a sua autenticidade; porém, a breve trecho, foram postas de parte, como adiante se verá.

Data e local da composição desta Epístola. — Segundo os melhores autores, foi escrita em Roma, no ano 67.

Fim desta Epístola. — Como os herejes continuassem negando a necessidade das boas obras para a salvação, S. Pedro, entrevendo o seu próximo fim, quis deixar aos fieis uma segunda carta, que fôsse como que o seu testamento, como meio eficaz para os desviar dos perigos e conservá-los no bom caminho. E' esta a idéia dominante nesta carta. S. Pedro não se contenta com anatematizar o êrro, acusa os sedutores, desmascara os que pretendem levar a desolação ao seio da Igreja, refuta os seus erros e assinala-lhes funestos resultados.

Lendo-se atentamente esta Epístola, nota-se uma certa gradação na exposição das suas idéias. Começa por

2.^a Epístola de S. Pedro Apóstolo

inculcar os grandes princípios que obrigam os cristãos à prática das virtudes, convencendo-os da certeza da doutrina pregada pelos Apóstolos. Descobre os fundamentos dêstes ensinamentos divinos, que não são as *doctas fabulas* do gnosticismo, mas fatos que êles presenciaram.

Feita esta exposição mostra o que são e o que valem as máximas dos herejes, e põe em relêvo a perversidade dos costumes dos heresiarcas.

E por fim refuta as objeções que os inimigos propunham para abalar a fé dos cristãos, verberando a forma desleal como êles abusavam dos textos de S. Paulo.

Canonicidade e autenticidade. — Os testemunhos eclesiásticos em favor da segunda epístola de S. Pedro, conquanto não sejam tão numerosos como os da primeira, contudo são os bastantes para tirarem tôdas as dúvidas que sôbre a canonicidade e a autenticidade desta Epístola se possam apresentar.

E' certo que a sua inserção definitiva no Cânon dos Livros sagrados data do quarto século, mas também é igualmente certo que na Igreja de Alexandria era lida no segundo e apresentada como autêntica e canônica.

Nos mais antigos catálogos ela aparece sempre como fazendo parte do cânon Alexandrino.

Bem se sabe que até ao quarto século a Igreja latina nos não oferece um testemunho decisivo acêrca do uso litúrgico desta Epístola, mas o que também é corrente é que se encontram muitas citações desta Epístola nas obras de Padres e Escritores Eclesiásticos de muito grande autoridade, como S. Clemente, papa, no *Pastor* de Hermas. S. Irineu, etc.

Isto prova o cuidado, o escrúpulo com que a Igreja procedia na classificação dos livros sagrados.

2.^a Epístola de S. Pedro Apóstolo

Porém no quarto século todos os catálogos apresentavam esta Epístola como canônica, e não se levantou um protesto, uma objeção que abalasse a autoridade desta Epístola.

O Cassiodoro testemunha que a antiga versão eclesiástica que precedeu a de S. Jerônimo, continha as duas Epístolas de S. Pedro, sob esta designação: — *Petri Epistolæ ad Gentes*.

Orígenes tinha-se pronunciado aberta e entusiasticamente em favor da canonicidade autêntica desta Epístola, e da mesma sorte Clemente de Alexandria. A estes testemunhos poder-se-iam acrescentar o de Fermiliano, bispo de Capadócia, e do sábio Dídimo. *De Trinitate*.

Ainda se podem colecionar as declarações de S. Atanasio, S. Cirilo de Jerusalém, S. Gregorio Nazianzeno e os *cânones* apostólicos do Concílio de Laodicéia. Acrescente-se ainda S. Efrem, que emprega frequentemente esta Epístola como obra divina e autêntica. Puren. 22.

A estes testemunhos extrínsecos podemos adicionar os intrínsecos, pois o autor diz chamar-se Simão Pedro, apóstolo e servo de Jesus Cristo, apresenta-se como uma das testemunhas da transfiguração; chama S. Paulo, o seu irmão dileto, etc.

O argumento deduzido da diferença do estilo não colhe, porque essa diferença não é de tal sorte que exclua a possibilidade de ser de S. Pedro, pois embora o estilo seja o homem, contudo é certo que o escritor deve variar o estilo conforme os assuntos que trata.

Pois S. Pedro havia de empregar o mesmo modo de dizer quando se dirige aos falsos Apóstolos, e quando escreve para os Cristãos, querendo-os consolar?

2.^a Epístola de S. Pedro Apóstolo

Mas ainda que o estilo desta segunda epístola seja mais vivo, mais variado, contudo há uma grande semelhança nas sentenças, na forma de citar o Antigo Testamento, na construção dos períodos, e no uso de certas expressões que lhe são próprias. Fizeram êste estudo, entre outros. Pott *In Epist. Tetri nandar Praly.*, Michaelis *Intru. au Nor. Ten* 1.^a, 4, p. 361 e sp., e Hug *Einleit. in das N T.*

SEGUNDA EPÍSTOLA
DE
S. PEDRO APÓSTOLO

CAPÍTULO 1

O APÓSTOLO NOS EXCITA A NOS RECORDARMOS DOS DONS DE DEUS, E A PRATICAR AS VIRTUDES. O QUE NÃO CUIDA NELAS, ESQUECE-SE DO SEU BATISMO. AS BOAS OBRAS ASSEGURAM A SALVAÇÃO. PREDIZ S. PEDRO ESTAR PRÓXIMA A SUA MORTE. PREVINE AOS FIEIS PARA O DEPOIS. DÁ-SE POR TESTEMUNHO DA GLÓRIA DA TRANSFIGURAÇÃO DE JESUS CRISTO.

1 Simão Pedro, Apóstolo, servo de Jesus Cristo, aos que alcançaram igual fé conosco pela justiça de Deus, e salvador Jesus Cristo.

2 Graça e paz completa seja a vós outros pelo conhecimento de Deus, e de Jesus Cristo nosso Senhor.

3 Como todos os dons do seu divino poder, que dizem respeito à vida, e à piedade nos têm sido dados pelo conhecimento daquele que nos chamou pela sua própria glória e virtude.

4 Pelo qual nos comunicou as mui grandes e preciosas graças que tinha prometido: Para que por elas se-

2.^a Epístola de S. Pedro Apóstolo 1, 5-11

jais feitos participantes da natureza divina: Fugindo da corrupção da concupiscência, que há no mundo.

5 Vós outros aplicando pois todo o cuidado, ajuntai à vossa fé a virtude, e à virtude a ciência. (1)

6 E à ciência a temperança, e à temperança a paciência, e à paciência a piedade:

7 E à piedade o amor de vossos irmãos, e ao amor de vossos irmãos a caridade.

8 Porque se estas cousas se acharem e abundarem em vós, elas vos não deixarão vazios, nem infrutuosos no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo.

9 Mas o que não tem prontas estas coisas, é cego, e anda apalpando com a mão, esquecido da purificação dos seus pecados antigos.

10 Portanto, irmãos, ponde cada vez maior cuidado em fazerdes certa a vossa vocação, e eleição por meio das boas obras: Porque fazendo isto, não pecareis jamais.

11 Porque assim vos será dada largamente a entrada no reino eterno de nosso Senhor, e Salvador Jesus Cristo.

(1) **AJUNTAI A VOSSA FÉ** — Aqui temos a S. Pedro ensinando que devemos ajuntar à nossa fé as boas obras; e nos versos seguintes, que a fé sem boas obras é uma fé estéril e infrutuosa, e que para assegurarmos a nossa vocação e eleição devemos cuidar muito no exercício das mesmas obras. Que doutrina mais clara e conveniente se pode desejar contra os falsos dogmas dos Luteranos e Calvinistas, que pretendem que só a fé basta para justificar os adultos, e que uma vez conseguida a justificação, não se pode ela já perder, ainda mesmo quando os homens caíam nos mais enormes pecados?

12 Pelo que não cessarei de vos admoestar sempre sobre estas coisas: E isto ainda que vós estejais instruídos e confirmados na presente verdade.

13 Porque tenho por coisa justa, enquanto estou neste tabernáculo, despertar-vos com as minhas admoestações:

14 Estando certo de que logo tenho de deixar o meu tabernáculo, segundo o que também me deu a entender nosso Senhor Jesus Cristo. (2)

15 E terei cuidado que ainda depois do meu falecimento possais vós ter repetidas vezes memória destas coisas.

16 Porque não vos temos feito conhecer a virtude e a presença de nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo fábulas engenhosas: Mas sim depois de nós termos sido os espectadores da sua grandeza.

17 Porque êle recebeu de Deus Padre honra e glória, quando da magnífica glória lhe foi dirigida uma voz desta maneira: Êste é o meu Filho amado, em quem eu me comprazi, ouvi-o. (3)

18 E nós mesmos ouvimos esta voz que vinha do Céu, quando estávamos com êle no monte Santo.

(2) **ESTANDO CERTO** — Dêste lugar colhem os sagrados expositores, que S. Pedro escrevera esta carta poucos tempos antes de morrer, e que a revelação de que a sua morte estava próxima devia ser alguma revelação nova, que o Senhor lhe fizera pouco antes. — **Pereira.**

(3) **MAGNÍFICA GLÓRIA** — A mesma em que a glória de Deus se ostentou com seu singular brilho.

2.^a Epístola de S. Pedro Apóstolo 1, 19-21; 2, 1

19 E ainda temos mais firme a palavra dos Profetas: À qual fazeis bem de atender, como a uma tocha que alumia em um lugar tenebroso, até que o dia esclareça e o luzeiro nasça em vossos corações: (4)

20 Entendendo primeiro isto, que nenhuma profecia da Escritura se faz por interpretação própria. (5)

21 Porque, em nenhum tempo foi dada a profecia pela vontade dos homens: Mas os homens Santos de Deus é que falaram inspirados pelo Espírito Santo.

CAPÍTULO 2

OS FALSOS DOUTORES, QUE HÃO DE VIR, E OS SEUS TORPES COSTUMES. DEUS OS CASTIGARÁ COMO AOS ANJOS MAUS, COMO AOS QUE PERECERAM NO DILÚVIO E COMO AOS DE SODOMA.

1 Houve porém no povo, até falsos profetas, assim como também haverá entre vós falsos doutores, que intro-

(4) **MAIS FIRME A PALAVRA DOS PROFETAS** — Mais firme não em si, porque, sendo a palavra de Deus, tão firme era ela nos Profetas como nos Apóstolos, porém mais firme a respeito dos Cristãos Judeus, com quem falava S. Pedro, entre os quais a autoridade dos Profetas, como já de muitos séculos confirmada e recebida pela tradição de seus maiores, tinha mais força para o crédito da Divindade de Cristo, do que a atestação ainda ocular dos Apóstolos, que então é que começavam a ter autoridade. — Caetano e Estio.

(5) **SE FAZ POR INTERPRETAÇÃO PRÓPRIA** — Este lugar ninguém deixa logo de ver que delta a baixo o sistema dos modernos sectários, que na exposição das Escrituras dum e outro Testamento querem que este esteja pela sua intelligência particular ou pela de seus mestres, e não pela da Igreja, a quem Cristo prometeu o seu espírito.

2.^a Epístola de S. Pedro Apóstolo 2, 2-8

duzirão seitas de perdição, e negarão aquele Senhor que os resgatou, trazendo sôbre si mesmos apressada ruína.

2 E muitos seguirão as suas dissoluções, por quem será blasfemado o caminho da verdade. (1)

3 E por avareza com palavras fingidas farão de vós-outros uma espécie de negócio: Cujá condenação já de longo tempo não tarda: E a perdição dêles não dormita.

4 E se Deus não perdoou aos anjos que pecaram, mas tirados pelos calabres do inferno, os precipitou no abismo, para serem atormentados e tidos como de reserva até o juízo.

5 E se ao mundo original não perdoou, mas guardou a Noé, oitavo pregoeiro da sua justiça, trazendo o dilúvio sôbre um mundo de ímpios.

6 E se êle castigou com uma total ruína as cidades de Sodoma e de Gomorra, reduzindo-as a cinzas: Pondo-as por escarmento daqueles que vivessem em impiedade.

7 E livrou ao justo Ló oprimido das injúrias daqueles abomináveis, e da sua vida relaxada:

8 Porque de vista, e pela nomeada era justo: Habitando entre aqueles que todos os dias atormentavam uma alma justa com obras detestáveis.

(1) **E MUITOS SEGUIRÃO** — Tais foram com efeito os discípulos de Simão Magno e de Nicolau, que tomaram a infame seita dos chamados Gnósticos, que quer dizer "iluminados". Seita que no quarto século foi renovada por Prisciliano, e em tempos de nossos avós por Miguel de Molinos. — Pereira.

2.^a Epístola de S. Pedro Apóstolo 2, 9-16

9 O Senhor sabe livrar da tentação aos justos: E reservar aos maus para o dia do juízo, a fim de serem atormentados.

10 E principalmente aqueles que, seguindo a carne, andam em desejos impuros, e desprezam a dominação; atrevidos, pagos de si mesmos, não temem introduzir novas seitas, blasfemando:

11 Sendo assim que os Anjos, que são maiores em fortaleza, e em virtude, não pronunciam contra si juízo de execução.

12 Mas êstes, como animais sem razão, naturalmente feitos para presa e para perdição, blasfemando das coisas que ignoram, perecerão na sua corrupção,

13 recebendo a paga da sua injustiça, reputando por prazer as delícias do dia: Que são contaminações e manchas, entregando-se com excesso aos prazeres, mostrando a sua dissolução nos banquetes que celebram convosco.

14 Tendo os olhos cheios de adultério, e de um contínuo pecado: Atraindo com afagos as almas inconstantes, tendo um coração exercitado em avareza, como filhos da maldição:

15 Que deixando o caminho direito, se extraviaram, seguindo o caminho de Balaão, filho de Bosor, que amou o prêmio da maldade:

16 Mas teve a repreensão da sua loucura: Um animal mudo, em que ia montado, falando com voz de homem, refreou a insipiência do Profeta.

17 Êstes são umas fontes sem água, e umas névoas agitadas de turbilhões, para os quais está reservada a obscuridade das trevas.

18 Porque falando palavras arrogantes de vaidade, atraem aos desejos impuros da carne aos que pouco antes haviam fugido dos que vivem em êrro:

19 Prometendo-lhes a liberdade, quando êles mesmos são escravos da corrupção: Porque todo o que é vencido, é também escravo daquele que o venceu.

20 Porque se depois de se terem retirado das corrupções do mundo pelo conhecimento de Jesus Cristo nosso Senhor e Salvador, se deixam delas vencer, enredando-se de novo: E' o seu último estado pior do que o primeiro.

21 Porque melhor lhes era não ter conhecido o caminho da justiça, do que depois de o ter conhecido tornar para trás, deixando aquele mandamento santo, que lhes fôra dado.

22 Porque lhes succedeu o que diz aquele verdadeiro provérbio: Voltou o cão ao que havia vomitado: E a porca lavada tornou a revolver-se no lamaçal.

CAPÍTULO 3

É UMA IMPIEDADE NEGAR A SEGUNDA VINDA DE JESUS CRISTO. O MUNDO SERÁ RENOVADO, JESUS CRISTO VIRÁ SUBITAMENTE. IMPORTA ESPERÁ-LO COM PREPARAÇÃO. AS EPÍSTOLAS DE S. PAULO SÃO DIFICULTOSAS.

1 Esta é já, caríssimos, a segunda carta que vos escrevo, em ambas as quais desperto com admoestações o vosso ânimo sincero: (1)

(1) **A SEGUNDA CARTA QUE VOS ESCRIVO** — Daqui se colhe, que os mesmos a quem S. Pedro escreveu a primeira carta,

2.^a Epístola de S. Pedro Apóstolo 3, 2-7

2 Para que tenhais presentes as palavras dos Santos Profetas, de que já vos falei, e os mandamentos do Senhor e Salvador, que êle vos deu pelos seus Apóstolos: (2)

3 Sabendo isto primeiramente, que nos últimos tempos virão impostores artificiosos, que andarão segundo as suas próprias concupiscências,

4 dizendo: Onde está a promessa, ou vinda dele? porque desde que os pais dormiram, tudo permanece assim como no princípio da criação. (3)

5 Mas isto é porque êles ignoram voluntariamente que os Céus eram já dantes, e a terra foi tirada fora da água, e por meio da água subsiste pela palavra de Deus:

6 Pelas quais coisas aquele mundo de então pereceu afogado em água. (4)

7 Mas os Céus e a terra, que agora existem, pela mesma palavra se guardam com cuidado, reservados para o fogo no dia do juízo, e da perdição dos homens ímpios. (5)

são os a quem êle escreveu a segunda, isto é, os fieis convertidos do Judaísmo, que viviam dispersos pelas provincias do Ponto, da Galácia, da Capadocia, da Ásia e da Bitínia.

(2) **E OS MANDAMENTOS** — O Grego pode também significar: e os preceitos que tendes recebido de nós, que somos Apóstolos de nosso Senhor, e de nosso Salvador. — Sacy.

(3) **ONDE ESTÁ A PROMESSA** — Os de Mons, Sacy e Mesengui, seguindo o grego, verteram: Onde está a promessa da sua vinda? Eu verti com Amelote, à letra, as palavras da Vulgata.

(4) **PELAS QUAIS COISAS** — Ou por todas três, como alguns interpretam, a saber pelo Céu aereo, pela terra, e pela água, que não só caiu das nuvens, mas também arrebentou para cima das cavernas da terra, ou só pelo Céu e pela água, que dele desceu, como Estio diz que se pode verter do grego.

(5) **QUE AGORA EXISTEM** — Isto diz o Apóstolo, para differença do Céu e da terra, que foram no principio, não porque êles difiram na substância, e em tôdas as qualidades, mas porque com as águas do Dilúvio padeceram notável alteração. — Estio.

8 Mas isto só não se vos esconda, caríssimos, que um dia diante do Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia. (6)

9 Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns entendem: Mas espera com paciência por amor de vós, não querendo que algum pereça, senão que todos se convertam à penitência.

10 Virá pois como ladrão o dia do Senhor: No qual passarão os Céus com grande ímpeto, e os elementos com o calor se dissolverão, e a terra e tôdas as obras que ha nela se abrasarão.

11 Como pois tôdas estas coisas hajam de ser desfeitas, quais vos convém ser em santidade de vida, e em piedade de ações,

12 esperando, e apropinquando-vos para a vinda do dia do Senhor, no qual os Céus ardendo se desfarão, e os elementos com o ardor do fogo se fundirão?

13 Porém esperamos, segundo as suas promessas, uns novos Céus e uma nova terra, nos quais habita a justiça.

SE GUARDAM — Ainda que a Vulgata diz simplesmente *repositi sunt*, eu, como todos os bons intérpretes, verti: se guardam com cuidado; porque no grego ver o particípio *tesaurizati*, que quer dizer entesourados, e o que se guarda em tesouro, guarda-se com cuidado.

(6) **UM DIA DIANTE DO SENHOR** — Quer dizer com isto o Apóstolo, que nenhum espaço de tempo deve parecer longo, em comparação da eternidade que se há-de seguir, porque aos olhos de Deus mil anos, e um dia não têm diferença alguma, se os medirmos com uma duração infinita, visto que comparados com a eternidade, tanto são mil anos, como é um dia, e tanto é um dia, como mil anos. — *Estio.*

2.^a Epístola de S. Pedro Apóstolo 3, 14-18

14 Portanto, caríssimos, esperando estas coisas, procurai com diligência que sejais dêle achados em paz, imaculados e irrepreensíveis.

15 E tende por salvação a larga paciência de nosso Senhor: Assim como também nosso irmão caríssimo Paulo vos escreveu segundo a sabedoria que lhe foi dada.

16 Como também em tôdas as suas cartas, falando nelas disto, nas quais há algumas coisas difíceis de entender, as quais adulteram os indoutos e inconstantes, como também as outras Escrituras, para ruína de si mesmos.

17 Vós pois, irmãos, estando já de antemão advertidos, guardai-vos: Para que não caiais da vossa própria firmeza levados do êrro dêstes insensatos.

18 Mas cresci na graça, e no conhecimento de nosso Senhor, e Salvador Jesus Cristo. A êle glória, assim agora, como até no dia da Eternidade. Amém.

EPÍSTOLA PRIMEIRA
DE
S. JOÃO APÓSTOLO

INTRODUÇÃO.

Objeto. — Tem esta primeira carta do Apóstolo S. João por assunto principal contradizer a falsa doutrina de Ebion e de Cerinto, refutar os erros dos Basilidianos. Porquanto diziam os primeiros que Jesus Cristo não era verdadeiro filho de Deus, e os segundos negavam a sua humanidade. Por esta causa estabelece logo no princípio das primeiras duas cartas a divindade do Verbo, confirmando ao mesmo tempo a verdade da sua encarnação, do seu nascimento, vida, paixão e morte. Prova igualmente a necessidade das boas obras contra os Nicolaitas, inculcando por base fundamental da vida cristã o preceito do amor do próximo, tudo a fim de impugnar tanto aqueles herejes; como aos Simonitas, os quais afirmavam que para o homem se salvar bastava a fé sem obras. A recomendação contínua, que fazia dêste amor, é que foi a causa por que os discípulos enfastiados já de lhe ouvir tantas vezes dizer: “Filhinhos, amai-vos uns aos outros”, lhe perguntaram: “Mestre por que nos dizeis sempre isto?” Ao que êle respondeu, como refere S. Jerônimo no comen-

Epístola 1.^a de S. João Apóstolo

tário sobre a epístola aos Gálatas, uma sentença digna de tão grande Apóstolo, dizendo: "Porque é preceito do Senhor, e se elle só se cumprir, não é necessário mais."

Quanto aos povos a quem S. João escreveu esta primeira carta, sem embargo de que nos Códices Gregos e Latinos, que hoje se conhecem existentes, não aparece a quem ela fôsse dirigida, contudo a tradição dos antigos contém, que ela fôra escrita aos *Parthos*. Pelo menos assim a intitulam Santo Agostinho nas *Questões evangélicas*, e seu discípulo S. Possidio no *Indiculus* das obras de seu mestre. Debaixo porém do nome de *Parthos* se entendia então a Pérsia, e tudo o que demorava entre os dois rios, Tigre e Indo, em cujo trato de terras se achavam muitos judeus da antiga dispersão e cativoiro.

Tempo e lugar. — A respeito do tempo conjecturam alguns que o Apóstolo a dirigiu aos *Parthos* (como se supõe) antes da ruina de Jerusalém, pelos anos sessenta e nove da era vulgar, primeiro que escrevesse o seu evangelho. Outros, como Barônio, a fazem ser escrita no ano noventa e nove, e outros a estendem para diante do ano noventa, indeterminadamente sim, mas depois do seu retorno da ilha de Patmos. A opinião mais corrente sustenta que foi escrita em Éfeso, no ano 95.

Autenticidade. — A autenticidade desta Epístola não foi seriamente contestada. Papias citou-a (118); depois encontram-se citações em S. Policarpo (155), *cfr. Filipe* 7, S. Irineu (185) 3, 16, 8, Clemente de Alexandria (200) *Strenat* 2, 14, Tertuliano, *Adv. Marc.* 5, 16, e o Cânon de Muratori apresenta-a como fazendo parte da S. Escritura, e como obra de S. João. De resto, basta a leitura para que facilmente nos convençamos que êste Apóstolo é o seu autor. Basta afirmar ter sido testemu-

Epístola 1.^a de S. João Apóstolo

ria de tudo quanto o Verbo praticara na terra. Fala como doutor e como pai. Pelos erros que combate conhece-se a época em que escreve. As verdades que ensina e a forma como as ensina denunciam o autor do quarto Evangelho. E' o mesmo modo de expor a mesma convicção. Enfim é o mesmo estilo, a mesma simplicidade de dizer, as mesmas expressões particulares, os mesmos paralelismos, as mesmas repetições, as mesmas máximas e as mesmas imagens. Enfim, é uma linguagem que só S. João falou, linguagem de mais sublime espiritualidade da bondade acrisolada, tudo luz, pureza e amor.

Divisão. — Compreende três secções: 1.^a Deus é a luz e devemos ser os filhos da luz 1-2, 28; 2.^a Deus é a própria justiça, as nossas obras devem ser justas 3 e 19, 6; 3.^a Deus é a caridade, e nós devemos ser caridosos 4, 7 e 10-17.

EPÍSTOLA PRIMEIRA

DE

S. JOÃO APÓSTOLO

CAPÍTULO 1

S. JOÃO DIZ O QUE VIU E O QUE OUVIU DA VIDA. NÓS TEMOS SOCIEDADE COM O PAI E COM JESUS CRISTO. O PECADO NOS PRIVA DELA. O QUE DIZ QUE ELE ESTÁ SEM PECADO, MENTE, E FAZ MENTIROSO A DEUS.

1 O que foi desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que miramos, e palparam as nossas mãos do Verbo da vida. (1)

(1) **DO VERBO DA VIDA** — Expressão teológica, favorita de S. João, e semelhante ao vers. 1.º do cap. 1 do seu Evangelho *In principio erat verbum, et verbum erat apud Deum*. O Verbo é por excelência o nome que se dá à imagem perfeita e substancial que o ser divino forma de si pela contemplação da sua própria essência. O Ente Supremo tem três modos de coexistência na mesma natureza Divina: O Pai, que é o primeiro princípio, o poder radical, a fonte de divindade; o Filho que, sendo a razão, a sabedoria, a glória e o esplendor do Pai, é o seu Verbo; e o Espírito Santo, que é o amor infinito das duas primeiras pessoas. A precessão divina opera-se dum modo essencial e necessário. Deus Pai, como espírito rico de infinitas perfeições, contemplando a sua própria essência, produz uma imagem perfeita e substancial do ser divino: e este ato de eterna paternidade, que se realiza duma maneira indivisível, é eternamente atual. Tudo o que Deus faz *ad intra*, opera-o sempre e dum modo inalterável, conhecendo-se constantemente, constantemente gera outro. Ele,

Epístola 1.^a de S. João Apóstolo, 1, 2-5

2 Porque a vida foi manifestada, e nós a vimos, e damos dela testemunho, e nós vos anunciamos esta vida eterna, que estava no Pai e que nos apareceu a nós-outros:

3 O que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também vós tenhais comunhão conosco, e que a nossa comunhão seja com o Pai, e com seu Filho Jesus Cristo.

4 E estas coisas vos escrevemos para que vos alegreis, e a vossa alegria seja completa.

5 E esta é a nova que ouvimos dele mesmo, e que nós vos anunciamos: Que Deus é luz, e não há nele nenhuma trevas. (2)

pela afirmação completa da sua natureza divina. O primeiro princípio, pois, produz seu Verbo, que representa fiel e substancialmente as belezas da essência paterna, e é objeto e origem do amor recíproco, cujo termo é o Espírito Santo, espírito de amor que, formando a terceira pessoa divina, une eternamente a Trindade Augustíssima. Os três termos constantes das relações divinas, e as referências permanentes que entre eles há, constituem a vida de Deus, e formam os gozos infinitos do ser divino na solidão da eternidade. Só as três pessoas são testemunhas e ao mesmo tempo participantes deste conhecimento e amor inefável, desta intimidade infinita e eterna. Daí vem que as Três Pessoas Divinas, distintas entre si, coexistem intimamente ligadas na mesma essência, gozando todos os mesmos atributos fundamentais que constituem a divindade. Portanto, o Verbo em si é Deus, porque sendo a imagem substancial de Deus, tem a mesma natureza. Porém o Verbo em Deus é sua inteligência, sua razão, a sua infinita sabedoria, que reproduz em uma claridade pura a essência do Pai; que esclarece com esplendores infinitos os abismos de seu poder e amor; e que existe assim desde toda a eternidade, porque Deus não pode ficar um só instante sem o seu Verbo, como não fica um só momento sem a sua razão. É Verbo de vida, porque é a mesma vida. **Ego sum vita**, e ao mesmo tempo vivificante enquanto dá a vida e a salvação aos homens.

(2) **QUE DEUS É LUZ** — Não a luz material e corpórea, com que vemos os objetos materiais e corpóreos, mas chama o Evangelista a Deus luz; e diz que nele não há trevas algumas, para denotar, por estes termos metafóricos, que quanto ao entendimento

6 Se dissermos que temos sociedade com êle, e andamos nas trevas, mentimos, e não seguimos a verdade. (3)

7 Porém se nós andamos na luz, como êle mesmo também está na luz, estamos mutuamente na mesma sociedade, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado: (4)

8 Se dissermos que estamos sem pecado, nós mesmos nos enganamos, e não há verdade em nós. (5)

é Deus todo cheio de inteligência, conhecendo-se perfeitissimamente a si como a primeira verdade, e conhecendo em si todas as mais cousas; quanto à vontade, é a suma bondade, a suma retidão, a suma justiça; quanto a nós, é a fonte de tôdas as verdades que conhecemos, e autor de todos os nossos acertos. O Verbo é o sol dos espíritos.

(3) **E ANDAMOS NAS TREVAS** — Andar nas trevas não é padecer, e ter algumas trevas, mas é ser dominado por elas, é servir aos apetites desordenados, é andar em pecado mortal.

(4) **E O SANGUE DE JESUS CRISTO, SEU FILHO** — Com estas cinco palavras desfaz S. João três heresias. A dos Maniqueus, que negavam a Cristo verdadeira natureza humana, a dos Ebionitas, que diziam que Cristo não era Deus, e a dos Nestorianos, que dividiam a pessoa em Cristo.

(5) **SE DISSERMOS QUE ESTAMOS SEM PECADO** — Como os Pelagianos afirmavam, que podia o homem nesta vida mortal viver sem pecado algum, e que sem êle com efeito viveram muitos justos do Velho e Novo Testamento, condenaram os padres do Concílio Milevitano o seu êrro, e o confutaram com o presente lugar de S. João, com o qual concordam outros muitos da Escritura. De sorte que à exceção da Bem-aventurada Virgem Mãe de Deus, prova Santo Agostinho no seu Livro da correção e da graça, que aqueles mesmos de quem a Escritura testifica que foram justos, irrepreensíveis e perfeitos diante de Deus, todos tiveram suas faltas, ou pecados leves. O mesmo definiu o Concílio de Trento na Sessão 6; Can. 23. O que porém diz o Evangelista, que nos enganamos a nós mesmos, se dissermos que somos sem pecado, deve-se entender, não que nós pequemos sempre, e em toda a obra, o que é um êrro dos Luteranos, condenado pelo mesmo Concílio Tridentino, Sessão 6, Can. 25, mas que por mais justos e santos que sejamos, todos frequente e quotidianamente cometemos defeitos, que verdadeiramente são pecados, ainda que não graves, nem mortais.

Epístola 1.^a de S. João Apóstolo 1, 9-10; 2, 1

9 Porém se nós confessarmos os nossos pecados: Ele é fiel e justo para nos perdoar êsses nossos pecados, e para nos purificar de toda a iniquidade. (6)

10 Se dissermos que não pecamos: Fazemo-lo mentiroso, e a sua palavra não está em nós. (7)

CAPÍTULO 2

JESUS CRISTO É O NOSSO ADVOGADO. É A VITIMA DE PROPICIAÇÃO PELOS PECADOS DO MUNDO. AMAR A DEUS É GUARDAR OS SEUS PRECEITOS. O AMOR É O VELHO E O NOVO MANDAMENTO. OS FILHOS DA LUZ E DAS TREVAS. O APOSTOLO ESCRIVE AS PESSOAS DE TÔDAS AS IDADES. ELE AS DESVIA DE AMAREM O MUNDO E OS HERESES. QUER QUE SEJAM FIRMES NA FÉ, E QUE SIGAM AO ESPÍRITO SANTO.

1 Filhinhos meus, eu vos escrevo estas coisas, para que não pequeis. Mas se algum ainda pecar, temos por advogado para com o Padre, a Jesus Cristo, o Justo. (2)

(6) **É FIEL E JUSTO** — Fiel em cumprir a palavra que deu, de que arrependendo-se os pecadores, e confessando os seus pecados, êle lhes perdoaria. Justo, não porque pela Lei da justiça se deva dar perdão ao penitente, mas ou porque o guardar a palavra de uma parte da justiça, de sorte que êste nome seja uma explicação do primeiro, ou porque isto é uma coisa muito decente à bondade Divina, perdoar os pecados aos que deles fazem penitência. No qual sentido se diz ser Deus justo, quando tem misericórdia dos que têm misericórdia, e quando perdoa aos que perdoam.

(7) **FAZEMO-LO MENTIROSO** — Porque sustentamos, o contrário do que a Escritura nos ensina, a saber que todos temos pecados Sl. 125, 2; Jó 14, 4; Prov. 24, 6; Ecl 7, 2.

(1) **O JUSTO** — Em muitos lugares da Escritura se dá a Jesus Cristo o titulo de justo.

2 Porque êle é a propiciação pelos nossos pecados, e não sòmente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo.

3 E nisto sabemos que o conhecemos, se guardarmos os seus mandamentos.

4 Aquele que diz que o conhece, e não guarda os seus mandamentos, é um mentiroso, e não há nele a verdade.

5 Mas se algum guarda a sua palavra é nele verdadeiramente perfeito o amor de Deus: E por aqui é que nós conhecemos que estamos nele.

6 Aquele que diz que está nele, deve também êle mesmo andar como ele andou.

7 Caríssimos, eu não vos escrevo um mandamento novo, mas sim o mandamento velho, que vós recebestes desde o princípio: Êste mandamento velho é a palavra que vós ouvistes.

8 Todavia eu vos escrevo um mandamento novo, o qual é verdadeiro, assim nele mesmo, como em vós outros: Porque as trevas já passaram, e a verdadeira luz já luz. (2)

(2) **TODAVIA** — A força de iterum, neste lugar, é de ser corretivo, e significa isto, não obstante, contudo, apesar disto, sem embargo do que. — *Pereira.*

UM MANDAMENTO NOVO — Não se contradiz o Apóstolo a si mesmo, quando chama mandamento novo àquele mesmo que pouco antes chamara velho, e negara ser novo. Porque considerado por ordem ao tempo que havia, que êste mandamento fora pregado e inculcado aos fieis, era êle velho e não novo. Porém considerado quanto ao nome, que no Evangelho do mesmo S. João lhe dera Cristo, seu primeiro promulgador, e na razão que Cristo tivera para assim o chamar, pela maior extensão e maior perfeição que lhe dava, era êle, e é verdadeiramente novo e não velho.

Epístola 1.^a de S. João Apóstolo 2, 9-18

9 Aquele que diz que está na luz, e aborrece a seu irmão, até agora está nas trevas.

10 O que ama a seu irmão, permanece na luz, e não há escândalo nele.

11 Mas, aquele que tem odio a seu irmão, está em trevas e anda nas trevas, e não sabe para onde vá: Porque as trevas cegaram os seus olhos.

12 Eu vos escrevo, filhinhos, porque os vossos pecados vos são perdoados pelo seu nome.

13 Eu vos escrevo, pais, porque conhecestes aquele que é desde o princípio. Eu vos escrevo, moços, porque vencestes o maligno.

14 Eu vos escrevo, meninos, porque conhecestes o Pai. Eu vos escrevo, moços, porque sois fortes, e porque a palavra de Deus permanece em vós, e porque vencestes o maligno.

15 Não ameis ao mundo, nem ao que há no mundo. Se algum ama ao mundo, não ha nele o amor do Pai:

16 Porque tudo o que há no mundo é concupiscência da carne, e concupiscência dos olhos, e soberba da vida: A qual não vem do Pai, mas sim do mundo.

17 Ora, o Mundo passa, e também a sua concupiscência. Mas o que faz a vontade de Deus, permanece eternamente.

18 Filhinhos, é chegada a última hora: E como vós tendes ouvido dizer que o Anticristo vem: Também já, desde agora há muitos Anticristos; donde conhecemos que é chegada a última hora. (3)

(3) **É CHEGADA A ÚLTIMA HORA** — Todo o tempo do Cristianismo se chama nas Escrituras a última hora e o último tem-

19 Eles saíram de nós, mas não eram de nós: Porque se êles tivessem sido de nós, ficariam certamente conosco: Mas isto é para que se conheça que não são todos de nós. (4)

20 Porém vós outros tendes a unção do Santo e sabeis tôdas as coisas. (5)

21 Eu não vos escrevi como se vós ignorasseis a verdade, mas como a quem a conhece: E sabe que da verdade não vem nenhuma mentira.

22 Quem é mentiroso, senão aquele que nega que Jesus seja Cristo? Êste tal é um Anticristo, que nega o Pai e o Filho.

23 Todo aquele que nega o Filho, não reconhece o Pai: Todo o que confessa o Filho, reconhece também o Pai.

24 O que vós ouvistes desde o princípio, permanece em vós outros: Se em vós permanecer o que ouvistes desde o princípio, vós permanecereis também no Filho e no Pai.

po, porque depois dele não se espera outra alguma Lei, nem outro algum estado de coisas, mas segue-se a eternidade. — Êstio e Amelote.

(4) **ÊLES SAIRAM DE NÓS** — De nós, isto é, do Corpo dos Fiéis, que é a Igreja, porque da Igreja é que saem todos os Heresiarcas; antes êles se fazem Heresiarcas, porque saem da Igreja. E tais foram em tempo dos Apóstolos Simão Mago, Nicolau e Cerinto. — Pereira.

(5) **A UNÇÃO DO SANTO** — S. João teve em vista a unção interior da graça, aquela que esclarece a alma e sabe preservar na fé e na caridade spiritualis unctio. A palavra santo refere-se a Jesus, o Santo por excelência. Os filhos da Igreja, participando a unção do Espírito Santo, aí encontram todos os conhecimentos e todos os auxílios necessários para a salvação.

Epístola 1.^a de S. João Apóstolo 2, 25-29; 3, 1

25 E esta é a promessa que êle nos fez, de que teríamos a vida eterna.

26 Eis aqui o que eu julguei que vos devia escrever acêrca daqueles que vos seduzem.

27 E permaneça em vós a unção que rēcebestes dele. Ora vós não tendes necessidade que ninguém vos ensine: Mas como a sua unção vos ensina em tôdas as coisas, e ela é uma verdade, e não é mentira, também como ela vos tem ensinado, permaneçei nele.

28 Sim, meus filhos, permaneçei nele: para que quando êle aparecer, tenhamos confiança, e não sejamos confundidos por êle na sua vinda. (6)

29 Se sabeis que êle é justo, sabeí que todo aquele que pratica a justiça, também é nascido dele. (7)

CAPÍTULO 3

A CARIDADE DE DEUS PARA CONOSCO. QUAIS SÃO OS FILHOS DE DEUS E QUAIS OS DO DIABO. O AMOR E O ÓDIO AO PRÓXIMO. A CONFIANÇA EM DEUS. A FÉ E A CARIDADE TUDO ALCANÇAM DE DEUS. DEUS ASSISTE NAQUELE QUE GUARDA A SUA LEI.

1 Considerai qual foi o amor que nos mostrou o Padre, em querer que nós sejamos chamados filhos de Deus, e com efeito o sejamos. Por isso o mundo nos não conhece a nós: Porque o não conhece a êle.

(6) **SIM** — Seguimos a tradução de Glaire, que em nota diz que em muitas passagens de S. João a particula do texto que vulgarmente se traduz Agora, é apenas uma particula enclítica.

(7) **É NASCIDO DELE** — Isto é, é seu filho, a saber, pela adoção da graça. E êste é o segundo nascimento do homem, que nas Escrituras se chama "regeneração".

2 Caríssimos, agora somos filhos de Deus: E não apareceu ainda o que havemos de ser. Sabemos que quando êle aparecer, seremos semelhantes a êle: Porquanto nós outros o veremos bem como êle é.

3 E todo o que nele tem esta esperança, santifica-se a si mesmo, assim como também êle é Santo.

4 Todo o que comete um pecado, comete igualmente uma iniquidade: Porque o pecado é uma iniquidade.

5 E sabeis que êle apareceu para tomar sôbre si os nossos pecados: E nele não ha pecado.

6 Todo o que permanece nele, não peca: E todo o que peca, não o viu, nem o conheceu. (1)

7 Filhinhos, ninguém vos seduza. Aquele que faz obras de justiça, é justo: Como êle também é justo.

8 Aquele que comete o pecado, é filho do diabo: Porque o diabo peca desde o princípio. Para destruir as obras do diabo é que o Filho de Deus veio ao Mundo. (2)

(1) **NÃO PECA** — Isto é, não cai em pecados graves.

NÃO O VIU NEM O CONHECEU — Não quer dizer S. João que aquêlê que peca nunca creu verdadeiramente, mas o seu sentido é que aquêlê que peca, no ato em que peca, está alienado no conhecimento efetivo de Deus, porque por um hebraismo põe o Evangelista o pretérito pelo presente. — **Caetano e Estio.**

(2) **PECA DESDE O PRINCÍPIO** — Não desde o princípio em que êle foi criado, porque o diabo foi criado reto e bom, e o contrário foi o êrro dos Maniqueus e Priscillianistas, condenado no nosso primeiro Concílio Bracaraense, mas desde o princípio dêste mundo.

Epístola 1.^a de S. João Apóstolo 3, 9-15

9 Todo o que é nascido de Deus, não comete o pecado: Porque a semente de Deus permanece nele, e não pode pecar, porque é nascido de Deus. (3)

10 Nisto se conhece quais são os filhos de Deus, e os filhos do diabo. Todo o que não é justo, não é filho de Deus e o que não ama a seu irmão.

11 Porque esta é a doutrina que tendes ouvido desde o princípio, que vos ameis uns aos outros.

12 Não assim como Caim, que era filho do maligno, e que matou a seu irmão. E por que o matou êle? Porque as suas obras eram más: E as de seu irmão justas.

13 Não vos admireis, irmãos, de que o Mundo vos tenha ódio.

14 Nós sabemos que nós fomos trasladados da morte para a vida, porque amamos a nossos irmãos. Aquele que não ama, permanece na morte. (4)

15 Todo o que tem ódio a seu irmão, é um homem homicida. E vós sabeis que nenhum homicida tem a vida eterna permanente em si mesmo.

(3) **PORQUE A SEMENTE DE DEUS PERMANECE NÊLE** — Por esta semente de Deus se deve entender aqui o nascimento espiritual com que nós renascemos de Deus e ficamos sendo seus filhos. — **Êstio.**

E NÃO PODE PECAR — Não pode pecar entende-se no sentido composto, como lhe chamam os lógicos, isto é, não pode pecar enquanto filho de Deus, ou enquanto nêle permanece a semente de Deus. — **Êstio com S. Jerônimo.**

(4) **PORQUE AMAMOS A NOSSOS IRMÃOS** — **Êste** porque não denota a causa de nós termos sido trasladados da morte para a vida, mas sim o meio por onde nós conhecemos que o fomos. — **Êstio.**

Epístola 1.^a de S. João Apóstolo 3, 16-23

16 Nisto temos nós conhecido o amor de Deus, em que êle deu a sua vida por nós: E nós devemos também dar a nossa vida pelos nossos irmãos.

17 O que tiver riquezas dêste mundo, e vir a seu irmão ter necessidade, e lhe fechar as suas entranhas: Como está nele a caridade de Deus?

18 Meus filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade:

19 Por aqui é que nós conhecemos que somos filhos da verdade: E que nós o persuadiremos ao nosso coração diante de Deus.

20 Porque se o nosso coração nos repreender: Deus é maior do que o nosso coração, e êle conhece tôdas as coisas.

21 Caríssimos, se o nosso coração nos não repreender, temos nós confiança diante de Deus:

22 E tudo quanto nós lhe pedirmos, receberemos dele: Porque guardamos os seus mandamentos e fazemos o que é do seu agrado.

23 E êste é o seu mandamento: Que creiamos no Nome de seu Filho Jesus Cristo: E que nos amemos uns aos outros, como êle nos mandou. (5)

(5) **COMO ÊLE NOS MANDOU** — Logo, além do preceito da fé, pôs-nos Deus também o preceito da caridade, que envolve outros mais. Logo, além da fé, é necessário, para a salvação, ter caridade. Com isto se convence o erro dos modernos sectários, anatematizado pelo Concílio de Trento, Sessão 6, Can. 19, que dizia: *Nihil proceptum esse in Evangelio praeter fidem: cetera esse indifferentia, neque praeceptos, neque prohibita, sed libera.* — Êstio.

Epístola 1.^a de S. João Apóstolo 3, 24; 4, 1-3

24 Ora, o que guarda os seus mandamentos, está em Deus, e Deus nele: E nisto sabemos que êle permanece em nós, pelo Espírito que nos deu. (6)

CAPÍTULO 4

QUAL SEJA O ESPÍRITO QUE VEM DE DEUS, QUAL NÃO. QUE DEUS É CARIDADE, E QUE O QUE PERMANECE NA CARIDADE PERMANECE EM DEUS. QUE O QUE TEME NÃO TEM CARIDADE PERFEITA.

1 Caríssimos, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus: Porque são muitos os falsos Profetas, que se levantaram no Mundo: (1)

2 Nisto se conhece o espírito que é de Deus: Todo o espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne, é de Deus:

3 E todo o espírito que divide a Jesus, não é de Deus, mas êste tal é o Anticristo, do qual vós tendes ouvido que vem, e êle agora está já no mundo. (2)

(6) **E NISTO SABEMOS** — Se tu achares que tens caridade, tens o espírito de Deus, e és habitação de toda a Trindade: Si invenieris te habere caritatem, habes Spiritum Dei, et inhabitabis a tota Trinitate. — Santo Agostinho.

(1) **MAS PROVAI SE OS ESPÍRITOS** — Quer dizer: Examina-se a sua doutrina é conforme à fé católica e ao ensino da Igreja.

(2) **E TODO O ESPÍRITO QUE DIVIDE A JESUS** — Isto é, que separa nele as duas naturezas, negando que numa única Pessoa de Jesus se juntassem as duas naturezas, Divina e Humana. Dêste modo dividiram a Jesus, em primeiro lugar os que disseram que Jesus não era Cristo nem Filho de Deus, como disseram Cerinto e Ebião; ou que um era o Filho de Deus, outro o Filho de Maria, como disse Nestorio. Em segundo lugar dividiram a Jesus

4 Vós, filhinhos, sois de Deus, e vós o vencestes, porque o que está em vós outros, é maior que o que está no mundo.

5 Eles do mundo são: Por isso falam do mundo, e o mundo os ouve.

6 Nós outros somos de Deus. Quem conhece a Deus, ouve-nos: O que não é de Deus, não nos ouve: Nisto conhecemos o espírito da Verdade e o espírito do erro.

7 Caríssimos, amemo-nos uns aos outros. Porque a caridade vem de Deus. E todo o que ama, é nascido de Deus e conhece a Deus.

8 Aquele que não ama, não conhece a Deus: Porque Deus é caridade.

9 Nisto é que se manifestou a caridade de Deus para conosco, em que Deus enviou a seu Filho unigênito ao mundo, para que nós vivamos por ele.

10 Esta caridade consiste nisto: Em não termos nós sido os que amamos a Deus, mas em que ele foi o pri-

os que disseram que em Jesus não havia verdadeira natureza humana, como disseram Cerdão, Basilides, Manés e Eutiques. Como este texto, pois, de S. João, destruiu todas estas e muitas outras heresias, atesta Socrates na sua *Historia Ecclesiastica*, livro 5, cap. 32, que todos os que separam a Divindade da Humanidade de Cristo, riscaram e tiraram antigamente dos códices gregos este texto: *Sed hanc sententiam omnes, qui divinitatem ab humanitate Christis jungere studeb ut, ex vetustis exemplaribus deler ac tollere non dubitarunt.* Mas a Divina Providência não permitiu que fôsse geral a falsificação dos códices gregos e preservou dela a maior parte dos latinos, porque a lição da nossa Vulgata se conservou intacta, não só nos escritos dos Padres Latinos mais antigos, como nos de Santo Irineu, Tertuliano, S. Cipriano, Santo Agostinho, S. Leão Magno e Cassiano, mas também nos de S. Cirilo Alexandrino, que assim mesmo alega este texto no seu livro *De Recta Fide ad Reginas*.

Epístola 1.^a de S. João Apóstolo 4, 11-18.

meiro que nos amou a nós, e enviou a seu Filho como vítima de propiciação pelos nossos pecados.

11 Caríssimos, se Deus nos amou assim: Devemos nós também amarmo-nos uns aos outros.

12 Nenhum jamais viu a Deus. Se nós nos amamos mutuamente, permanece Deus em nós, e a sua caridade é em nós perfeita.

13 No em que nós conhecemos que estamos nele e ele em nós: E' em nos ter feito participantes do seu Espírito.

14 E nós vimos, e nós testificamos, que o Pai enviou a seu Filho para ser o Salvador do mundo.

15 Todo aquele pois que confessar que Jesus é Filho de Deus, permanece Deus nele, e ele em Deus.

16 E nós temos conhecido e crido a caridade que Deus tem por nós. Deus é Caridade: E assim aquele que permanece na caridade, permanece em Deus e Deus nele.

17 Por isso foi consumada em nós a caridade de Deus, para que tenhamos confiança no dia do juizo: Pois como ele mesmo é, assim somos nós outros neste mundo. (3)

18 Na caridade não há temor: Mas a caridade perfeita, lança fora ao temor, porque o temor anda acompa-

(3) **COMO ELE MESMO É** — Jesus Cristo sendo santo e imaculado, nós devemos procurar ser imunes de todo o pecado e de toda a mancha. Cfr. Glalre, *La Sainte Bible*, 1902.

nhado de pena, e aquele que teme não é perfeito na caridade. (4)

19 Portanto, amemos nós a Deus, porque Deus nos amou primeiro.

20 Se algum disser pois, eu amo a Deus, e aborrecer a seu irmão, é um mentiroso. Porque aquele que não ama a seu irmão a quem vê, como pode amar a Deus a quem não vê?

21 E nós temos de Deus êste mandamento: Que o que ama a Deus, ame também a seu irmão.

(4) **NA CARIDADE NÃO HÁ TEMOR** — Por êste temor entende o Apóstolo, não o temor filial com que tememos mais do que tudo ofender a Deus, nosso Pai, e perder a sua graça e amizade, mas o temor servil, com que principalmente tememos a severidade do juízo e a condenação eterna. Êste temor da pena, afirma o Apóstolo, que se não acha com a caridade, porque, como êle nasce dos remorsos da consciência, que nos fazem temer o rigor e êxito da conta, em havendo em nós verdadeira caridade, ela mesma nos enche de confiança para o dia de juízo, segundo ouvimos no antecedente verso, e esta mesma confiança expelle aquêle temor. Mas não culde por isso alguém, que o temor servil é mau, porque a êste sentimento condenou o concílio de Trento por herético em Lutero, tanto na Sessão 6, em que o temor foi declarado ser uma das disposições do pecador para a sua conversão e justificação, como na Sessão 14, em que o mesmo temor foi declarado ser um dom do Espírito Santo. Porque, como diz Santo Agostinho, o temor, ainda que se não ache com a caridade, prepara contudo o lugar à caridade, e depois que a introduziu é que sai: *Timor quamvis non sit in caritate, tamen quasi locum praeparat caritati, cum autem coeperit caritas habitare, pellitur timor, qui et praeparavit locum*. Explica o santo doutor esta verdade com uma comparação tão bela, como sensível, que é dizer: que o temor é como a agulha, que introduz a linha na peça, que para a linha entrar é necessário que saia a agulha.

PORQUE O TEMOR ANDA ACOMPANHADO DE PENA — Isto é, de ansiedade e de tormento. Outros vertem: tem por objeto a pena. — **Pereira.**

CAPÍTULO 5

O QUE AMA A DEUS, AMA AOS FILHOS DE DEUS. OS MANDAMENTOS DE DEUS NÃO SÃO CUSTOSOS. A FÉ VENCE O MUNDO. SÃO TRÊS OS QUE DÃO TESTEMUNHOS DE JESUS CRISTO NO CÉU, E TRÊS NA TERRA. O QUE NÃO CRÊ EM JESUS CRISTO, FAZ A DEUS MENTIROSO. DEUS OUVIU AS NOSSAS ORAÇÕES. O PECADO, QUE CAUSA A MORTE, E O PECADO, QUE NÃO CAUSA. O QUE É NASCIDO DE JESUS CRISTO, NÃO PECA. JESUS CRISTO É A VIDA ETERNA.

1 Todo o que crê que Jesus é o Cristo, é nascido de Deus. E todo o que ama ao que o gerou, ama também ao que nasceu dele.

2 Nisto conhecemos que amamos aos filhos de Deus, se amamos a Deus e guardamos os seus mandamentos.

3 Porque o amor de Deus está em que guardemos os seus mandamentos: E os seus mandamentos não são custosos. (1)

4 Porque todo o que é nascido de Deus, vence ao mundo: E esta é a vitória que vence ao mundo, a nossa fé.

(1) **PORQUE O AMOR** — Nisto está o nosso amor, não como em causa formal, mas como em razão, porque, como nota Caetano, o amor que temos a Deus é a razão de guardarmos os seus mandamentos. Por onde, ainda que o preceito de amar a Deus é um preceito diverso dos outros, todo aquele, contudo, que guarda êste preceito, por êste mesmo amor guarda os mais preceitos. — **Estio.**

E OS SEUS MANDAMENTOS NÃO SÃO CUSTOSOS — A razão dá-a o Concílio Tridentino, na Sessão 6, cap. 14, e é porque os que são filhos de Deus amam a Cristo, e os que amam Cristo, como êle mesmo testifica no Evangelho, guardam a sua palavra, porque a mesma dileção lhes dá a facilidade para assim o fazerem. — **Pereira.**

5 Quem é o que vence o mundo, senão aquele que crê que Jesus é o Filho de Deus?

6 Este é Jesus Cristo, que veio com a água e com o sangue: Não com a água tão somente, senão com a água e com o sangue: E o Espírito é o que dá testemunho, que Cristo é a verdade.

7 Porque três são os que dão testemunho no Céu, o Pai, o Verbo, e o Espírito Santo, e estes são todos a mesma coisa. (2)

(2) **PORQUE TRÊS SÃO OS QUE DÃO TESTEMUNHO NO CÉU** — Este versículo tem dado lugar a séria controvérsia, afirmando uns e contradizendo outros a sua autenticidade. Um decreto do Concílio de Trento, confirmado no Concílio do Vaticano, fulmina com anátemas todo aquêl que recusar aceitar como canônicos, em tôdas as suas partes, os livros sagrados contidos na versão Vulgata: *Si quis libros ipsos integros, cum omnibus suis partibus... pro sacris et Canonicis non susceperit, anathema sit.* Conc. Trid., ses. 4, Conc. Vat. de vul., can. 4. Ora, não resta dúvida que este versículo faz parte integrante dum livro reputado como canônico, pois está inserto na edição de Sixto V e Clemente VIII, que proibiram mutilar qualquer parte, fosse qual fôsse. A Igreja tanto o aceitou como canônico, que o apresenta na Missa e no Breviário. Os testemunhos mais graves e os monumentos mais respeitáveis da tradição eclesiástica consideram canônico este versículo, podendo citar-se S. Cipriano, S. Fulgêncio, S. Eugênio, bispo de Cartago, o hereje Prisciliano, Cassiodoro, no seu comentário às epístolas apostólicas, etc. Além destes testemunhos valiosos extrínsecos, temos os intrínsecos, que não são de menor valia. Truncando-se este versículo fica uma lacuna inexplicável, não haveria relação entre os antecedentes e conseqüentes. Considerar este versículo como uma interpolação é acusar de fraude todos os bispos de Africa, o que seria imputação temerária. Que vantagens lhes adviria daí, se o seu caráter não excluísse a hipótese do lógro? Refutar os Arianos? De que lhes servia a invenção dum texto novo, falso, desconhecido pela antigüidade, tendo de discutir com homens que conheciam a Sagrada Escritura? É certo que este versículo se não encontra em muitos manuscritos gregos, mas a explicação é fácil: é um erro de cópia trivialíssimo, visto que as palavras do versículo seguinte são exatamente as mesmas. Foi uma inadvertência, um salto natural em quem copiava. Modernamente pois não têm faltado criticos ortodoxos que consi-

Epístola 1.^a de S. João Apóstolo 5, 8-15

8 E três são os que dão testemunho na terra: O Espírito, e a água e o sangue, e estes são uma mesma cousa. (3)

9 Se nós recebemos o testemunho dos homens, o testemunho de Deus é maior; pois êste é o testemunho de Deus, que é o maior, porque êle testificou de seu Filho.

10 O que crê no Filho de Deus, tem em si o testemunho de Deus. O que não crê ao Filho, vem a fazê-lo mentiroso, porque não crê no testemunho que Deus deu de seu Filho.

11 E este é o testemunho que Deus nos deu, a vida eterna. E esta vida está em seu Filho.

12 O que tem ao Filho, tem a vida; o que não tem ao Filho, não tem a vida.

13 Eu vos escrevo estas coisas, para que saibais que tendes a vida eterna, os que crêdes no Nome do Filho de Deus.

14 E esta é a confiança que temos nele: Que em tudo quanto lhe pedirmos, êle nos ouve, sendo conforme à sua vontade.

15 E sabemos que êle nos ouve em tudo quanto lhe pedirmos, sabemo-lo, porque temos já recebido o efeito das petições que lhe fizemos.

deram o versículo 7 como uma glosa explicativa do versículo seguinte, e entre êstes citaremos Rude, Scholtz, Kaulen, Guntner, Bisping, Schauz, Comely, etc., apresentando razões de valor, entre as quais não se ter a Igreja pronunciado sôbre o assunto, não ser decisivo o testemunho e tradição, e restabelecer-se o sentido, considerado o versículo em questão como uma nota.

(3) **O ESPÍRITO E A ÁGUA** — A explicação mais plausível dêste versículo é a seguinte: Da mesma sorte que no Céu tes-

16 O que sabe que seu irmão comete um pecado que não é para morte, peça, e será dada vida ao tal, cujo pecado não é para morte. E' o seu pecado, para morte: Não digo eu que rogue alguém por êle.

17 Tôda a iniquidade é pecado, e há pecado que é para morte.

18 Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus, não peca, mas o nascimento que tem de Deus o guarda, e o maligno lhe não toca.

19 Sabemos que somos de Deus, e todo o mundo está sob o império do espírito maligno. (4)

20 E sabemos que veio o Filho de Deus, e que nos deu entendimento, para que conheçamos ao verdadeiro Deus, e estejamos em seu verdadeiro Filho. Êste é o verdadeiro Deus e a vida eterna.

21 Filhinhos, guardai-vos dos ídolos. Amem.

temunham a Divindade de Jesus, o Pai que o reconheceu por seu Filho. — *Hic est Filius meus dilectus*, o Verbo e o Espírito Santo, da mesma maneira que estas três testemunhas são uma só pelo seu testemunho e pela sua natureza, igualmente na terra há outros tantos testemunhos que atestam a sua Humanidade: o espírito que o Homem Deus entrega nas mãos de seu Eterno Pai: *In manus tuas Commende Spiritum meum*, depois a água e o seu sangue, que dimanam do seu Coração alanceado na Cruz. Estes três testemunhos atestam um mesmo dogma e um mesmo fato, encerra-se numa só natureza, a natureza humana do Salvador. Alguns entendem por água, o batismo de Jesus; por sangue, a sua morte afrontosa; por espírito, o mistério do Pentecostes. Segundo outros, o sangue e a água, juntos ao Espírito Santo, significam a Igreja, corpo místico do Salvador, cujo testemunho é a palavra de Deus. Finalmente, outros ainda julgam que se designam aqui metafóricamente as três pessoas da Trindade.

(4) **E TODO O MUNDO ESTÁ SOB O IMPÉRIO** — Isto é, debaixo do império do espírito maligno, que é o demônio, que então tiranizava todo o mundo gentílico.

EPÍSTOLA SEGUNDA E TERCEIRA

DE

S. JOÃO APÓSTOLO

INTRODUÇÃO

A íntima conexão que existe entre estas duas epístolas justifica reunir-se num só capítulo o que sôbre ambas há de dizer.

Objeto. — Estas epístolas são dirigidas a *Eklekte kuria* que a Vulgata verteu por *Electae Dominae*.

S. João felicita-a pelas suas virtudes e pelas de seus filhos, exorta-os a perseverar na pureza da fé, no fervor da caridade e no zêlo das boas obras. Na terceira epístola testemunha a Gaio a alegria que experimenta sempre que tem conhecimento do adiantamento na sua perfeição. Recomenda-lhe a prática das obras Apostólicas, e avisa-o contra as seduçõs de Díotrefes, bispo ambicioso e indócil. E' notável a energia e severidade com que censura as faltas dêste bispo.

Local e data da composição destas epístolas. — Estas epístolas, segundo os melhores autores, foram escritas em Éfeso, no ano 95.

Epístola 2.^a e 3.^a de S. João Apóstolo

Autenticidade e canonicidade. — Houve uma certa hesitação em receber estas Epístolas, naturalmente por causa de sua pouca importância. Entretanto, foram citadas por S. Irineu, Clemente de Alexandria, Cânon de Muratori, Tertuliano e Orígenes.

EPÍSTOLA SEGUNDA
DE
S. JOÃO APÓSTOLO

CAPÍTULO ÚNICO

FORTIFICA O APÓSTOLO A ELECTA E A SEUS FILHOS NA CARIDADE E NA FÉ. PREVINE-OS CONTRA OS HEREJES, E PROIBE-LHES TER COM ELES COMUNICAÇÃO.

1 O presbítero à senhora Electa, e a seus filhos, aos quais eu amo na verdade, e não somente eu, mas também todos os que têm conhecido a verdade. (1)

2 Por causa da verdade que permanece em nós, e que será conosco eternamente.

3 Seja convosco a graça, a misericórdia, a paz da parte de Deus Padre, e da de Jesus Cristo, filho do Padre, em verdade, e em caridade.

4 Muito me alegrei por ter achado que alguns de teus filhos andam em verdade, assim como temos, recebido o mandamento do Padre. (2)

(1) **O PRESBÍTERO** — Quer dizer, o velho, indicando além da sua idade, a sua dignidade episcopal.

(2) **POR TER ACHADO QUE ALGUNS DE TEUS FILHOS ANDAM EM VERDADE** — Isto é o que dá a entender a Vulgata

Epístola 2.^a de S. João Apóstolo 5-13

5 E agora rogo-te, senhora, não como se te escrevesse um novo mandamento, senão o que havemos tido desde o princípio, que nos amemos uns aos outros.

6 E nisto consiste a caridade, que andemos segundo os mandamentos de Deus. Porque este é o mandamento que andemos nele, como tendes ouvido desde o princípio:

7 Porque muitos impostores se têm levantado no mundo, que não confessam que Jesus Cristo veio em carne: Este tal é impostor e Anticristo. (3)

8 Estai alerta sobre vós, para que não percais o que haveis obrado: Mas antes recebais uma plena recompensa.

9 Todo o que se aparta e não permanece na doutrina de Cristo, não tem a Deus: O que permanece na doutrina, este tem assim ao Padre como ao Filho.

10 Se algum vem a vós, e não traz esta doutrina, não no recebais em vossa casa, nem lhe digais: DEUS TE SALVE.

11 Porque o que lhe diz DEUS TE SALVE comunica com as suas malignas obras.

12 Posto que eu tinha mais coisas que vos escrever, eu o não quis fazer por papel e tinta: Porque espero ser convosco, e falar-vos cara a cara: Para que o vosso gosto seja perfeito.

13 Os filhos da tua irmã Electa te saudam.

e o texto grego. Mas outros vertem: Por ter achado que teus filhos andavam no caminho da verdade. Ou: por ter alcançado de teus filhos que andam em verdade.

(3) **PORQUE MUITOS IMPOSTORES** — Tais como Basiliscos e seus discípulos, que ensinavam que Cristo não havia sido verdadeiro homem, mas um fantasma, que assim o parecia. — **Pereira:**

EPÍSTOLA TERCEIRA

DE

S. JOÃO APÓSTOLO

CAPÍTULO ÚNICO

LOUVA O APÓSTOLO A FÉ E A HOSPITALIDADE DE GAIO.
ADVERTE-O DOS VÍCIOS DE DIÓTREFES. DA HONRADO
TESTEMUNHO DE DEMÉTRIO.

1 O Presbítero ao caríssimo Gaio, a quem eu amo na verdade. (1)

2. Caríssimo, eu peço a Deus nas minhas orações que te prospere em tudo e que te conserve em saúde, assim como a tua alma se acha em bom estado.

3. Eu me alegrei muito pela vinda dos irmãos, e pelo testemunho que deram da tua verdade, assim como tu andas na verdade.

4. Eu não tenho maior gosto de outra coisa, que de ouvir que os meus filhos andam no caminho da verdade.

(1) AO CARÍSSIMO GAIO — Ou Gaio, que o julga ser algum dos discípulos do Evangelista. — Pereira.

Epístola 3.^a de S.-João Apóstolo 5-14

5 Caríssimo, tu te portas com fidelidade em tudo o que fazes com os irmãos, e particularmente com os peregrinos.

6 Os quais deram testemunho da tua caridade na face da igreja: Aos quais, se encaminhares como convém segundo Deus, farás bem.

7 Porque pelo seu Nome é que eles partiram, não recebendo nada dos gentios.

8 Nós pois devemos receber a estes tais, para trabalharmos com eles no adiantamento da verdade.

9 Eu talvez tivera escrito à Igreja: Mas aquele Diótrefes, que ama ter entre eles a primazia, não nos recebe: (2)

10 Por isso se eu lá for, darei a entender as obras que ele faz, chilrando com palavras malignas contra nós: E como se isto não lhe bastasse: Nem ainda quer receber a nossos irmãos: E veda aos que os recebem que o não façam, e os lança fora da Igreja.

11 Caríssimo, não imites o mal, mas o bem. Aquele que faz bem, é de Deus: O que faz mal, não viu a Deus.

12 De Demétrio todos dão testemunho e a mesma verdade lho dá, e nós lho damos também: E tu sabes que o nosso testemunho é verdadeiro. (3)

13 Eu tinha mais coisas que te escrever: Mas não quis fazê-lo por tinta e pena.

14 Porque espero ver-te cedo e então falaremos cara a cara. A paz seja contigo. Os nossos amigos te saudam. Tu saudas também os nossos amigos cada um em particular.

(2) **DIÓTREFES** — Era um homem muito influente, mas hoje completamente desconhecido.

(3) **DEMÉTRIO** — Foi naturalmente o portador desta carta.

EPÍSTOLA CATÓLICA
DE
S. JUDAS APÓSTOLO

INTRODUÇÃO

Autor. — O Autor é S. Judas, cognominado Tadeu, irmão de S. Tiago menor.

Objeto. — Dirigindo o Apóstolo S. Judas, por sobrenome Tadeu, a presente Carta aos Judeus convertidos, que se achavam dispersos pelas Províncias do Oriente, faz nela a mesma pintura dos homens ímpios, que S. Pedro havia feito na sua segunda Carta, da qual esta não é verdadeiramente mais que uma copia; em razão de imitar aqui seu Autor as mesmas expressões, os mesmos exemplos, e muitas vezes até as mesmas palavras, que naquela se encontram. De maneira que estas duas Epístolas servem de explicação uma à outra, porque ambas têm por fim prevenir os Fiéis contra os erros dos Simonitas e Nicolaitas, como ali ficou dito.

Autenticidade. — A respeito da autenticidade desta Carta, depois da decisão do Concílio de Trento, não há que duvidar, ainda que nela se veja citado o Livro de Enoc, tido por apócrifo, e a altercação de S. Miguel

Epístola Católica de S. Judas Apóstolo

com o demônio sobre o corpo de Moisés, tirada, como parece, doutro apócrifo citado por Orígenes e S. Clemente de Alexandria. Porquanto ninguém ignora que por confissão dos mesmos Padres, entre êles Santo Agostinho, nem tudo é falso e apócrifo o que se lê nos Livros apócrifos. Está mencionada no Cânon de Muratori, Tertuliano, Orígenes, S. Panfilio,

Época. — Foi esta Carta escrita em Grego, e ainda que se não sabe ao certo a sua data, contudo, como seu Autor a escreveu depois de S. Pedro ter escrito a sua segunda, pode-se concluir que esta o foi passado já o ano de Cristo sessenta e cinco, sendo provável que o fosse no ano setenta.

EPÍSTOLA CATÓLICA
DE
S. JUDAS APÓSTOLO

CAPÍTULO ÚNICO

DEVEMOS PERMANECER NA FÉ, QUE RECEBEMOS POR TRADIÇÃO. HÁ IMPIOS QUE A IMPUGNAM. DEUS OS PERDERÁ, COMO AOS MAUS ANJOS, E COMO AOS DE SODOMA. ABOMINAÇÕES AOS PRIMEIROS INCRÉDULOS. PROFECIA DE ENOC CONTRA ELES.

1 Judas, servo de Jesus Cristo, e irmão de Tiago, àqueles que são amados em Deus Padre, e conservados, e chamados pela graça de Jesus Cristo. (1)

2 A misericórdia e a paz, e a caridade se aumente em vós outros.

3 Caríssimos, desejando eu com toda a ânsia escrever-vos acêrca da vossa comum salvação, me foi necessário escrever-vos agora: Exortando-vos a que combatais pela fé, que uma vez foi dada aos Santos.

(1) **E IRMÃO DE TIAGO** — De Tiago Menor, bispo de Jerusalém, a quem S. Paulo, na Epístola aos Gálatas, chama "irmão do Senhor", e um dos três "que pareciam as Colunas da Igreja. — Pereira.

Epístola de S. Judas Apóstolo 4-9

4 Porque entraram furtivamente a vós certos homens ímpios (que estão antecipadamente destinados para êste juízo) os quais trocam a graça de nosso Deus em luxúria, e negam a Jesus Cristo, nosso único Dominador e Senhor. (2)

5 Mas quero-vos trazer à memória, pôsto que já sabeis tudo isto, como Jesus, salvando ao povo da terra do Egito, destruiu depois aqueles que não creram:

6 E que os Anjos, que não guardaram o seu principado, mas desampararam o seu domicílio, os tem reservados com cadeias eternas em trevas, para o juízo do grande dia.

7 Assim como Sodoma, e Gomorra, e as cidades comarcãs, que se entregaram aos mesmos excessos e praticando as mesmas torpezas, foram postas por escarmento, sofrendo a pena do fogo eterno.

8 Da mesma maneira também êstes contaminam por certo a sua carne, e desprezam a dominação, e blasfemam da majestade.

9 Quando o Arcanjo Miguel, disputando com o diabo, altercava sobre o corpo de Moisés, não se atreveu a fulminar-lhe sentença de blasfemo: Mas disse: Mande-te o Senhor. (3)

(2) **CERTOS HOMENS** — Estes ímpios eram os Simonitas e os Nicolaitas, cuja doutrina era tão abominável, como a sua vida escandalosa. A sua condenação estava já anunciada nas Escrituras, nos terríveis castigos que Deus mandou sobre os Israelitas, que mais de uma vez o desampararam pelos seus ídolos. — Santo Epifânio.

(3) **QUANDO O ARCANJO MIGUEL** — Não consta de outra alguma Escritura Canônica esta disputa. Os intérpretes discordam que S. Judas ou a tirou dalgum antigo livro apócrifo, mas

10 Porém êstes blasfemam na verdade de tôdas as coisas que ignoram: E se pervertem como brutos irracionais, em tôdas aquelas coisas que sabem naturalmente.

11 Ai deles, porque andaram pelo caminho de Caim, e por preço se deixaram levar do êrro de Balaão, e pereceram na rebelião de Coré.

12 Êstes são os que contaminam os seus festins, banquetecendo-se sem temor, apascentando-se a si mesmos, como nuvens sem agua, que os ventos levam de uma parte para outra, como árvores do outono, sem fruto, duas vezes mortas, desarraigadas. (4)

13. Como ondas furiosas do mar, que arrojam as espumas da sua abominação, como estrêlas errantes: Para os quais está reservada uma tempestade de trevas por tôda a eternidade.

nesta parte verdadeiro, ou a soube por tradição que correria entre os Judeus. Outra questão é, que objeto seria o desta alteração sobre o corpo de Moisés? Respondem os mesmos intérpretes, que era sobre se o corpo de Moisés havia de ficar sepultado num lugar conhecido de todos, ou se havia de ficar oculto aos olhos dos homens. Do último capítulo do livro do Deuteronomio consta que o Senhor sepultara a Moisés no Vale de Moab, defronte de Fagor, e que nenhum homem conheceu o lugar do sepulcro. O diabo, pois, pretendia que o corpo de Moisés fosse enterrado em lugar que todos vissem, porque esperava que o grande conceito que de Moisés faziam os hebreus, os arrastaria a darem-lhe honras divinas. Mas opôs-se-lhe o Arcanjo S. Miguel, sepultando-o num lugar que ninguém soubesse, e porque nisto se serviu Deus do ministério do Santo Arcanjo, por isso a Escritura no Deuteronomio atribui ao Senhor a sepultura de Moisés. — **Pereira.**

(4) **OS SEUS FESTINS** — Agapas lhe chama o texto original, nome grego usado por S. Cipriano no livro 3 dos Testemunhos cap. 3, que significava os banquetes que os fiéis celebravam depois do sacrificio e comunhão do corpo de Cristo, para fomentarem a caridade fraterna e sublevarem a necessidade dos pobres; das quais Agapas se lembra também Tertuliano no Apologetico, cap. 39, e delas trata, com outros, Barônio, no ano 57, número 134 e seguintes.

Epístola de S. Judas Apóstolo 14-18

14 Também Enoc, que foi o sétimo depois de Adão, profetizou ainda destes, dizendo: Eis aqui veio o Senhor entre milhares de seus santos: (5).

15 A fazer juízo contra todos, e a convencer a todos, os ímpios de tôdas as obras da sua impiedade, que impiamente fizeram, e de tôdas as palavras injuriosas que os pecadores ímpios têm falado contra Deus.

16 Estes são uns murmuradores queixosos, que andam segundo as suas paixões, e a sua bôca fala coisas soberbas, que mostram admiração das pessoas, por causa de interesse.

17 Mas vós outros, caríssimos, lembrai-vos das palavras que vos foram preditas pelos Apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo.

18 Os quais vos diziam, que nos últimos tempos viriam impostores, que andariam segundo as sua paixões, tôdas cheias de impiedade.

(5). O SÉTIMO DEPOIS DE ADÃO — Isto, é, o sétimo patriarca.

PROFETIZOU AINDA DESTES — S. Jerônimo, Santo Agostinho, e com eles o comum dos intérpretes, crêem que esta profecia a tirara S. Judas do livro apócrifo intitulado Profecia de Enoc, e que esta fôra a principal razão por que alguns duvidaram ter por canônica esta epístola. Porém o mesmo S. Jerônimo, no comentário sobre a epístola a Tito, advertiu judiciosamente que o alegar S. Judas um testemunho num livro apócrifo, tanto não pode nem deve tirar à sua epístola a autoridade de escritura canônica; quanto a não tira a certas epístolas de S. Paulo o alegar êle vários testemunhos de poetas gentios, porque o Espírito Santo, que lhes dirigia as penas, também lhes revelava o que em semelhantes escritos era ou não verdadeiro. E depois dos Apóstolos o escreverem por inspiração divina, fica de mais a mais canônico o que antes o não era. Mas o autor podia ter conhecimento pela tradição ou mesmo por revelação.

19 Estes são os que se separam de si mesmos, sensuais, que não têm o espírito.

20 Mas vós outros, caríssimos, edificando-vos a vós mesmos sobre o fundamento da vossa santíssima fé, orando no Espírito Santo:

21 Conservai-vos a vós mesmos no amor de Deus, esperando a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo para a vida eterna.

22 E assim repreendei aos que estão já julgados. (6)

23 E salvai aos outros, arrebatando-os do fogo. E dos demais tende compaixão com temor: Aborrecendo até a túnica que está contaminada da carne.

(6) **AOS QUE ESTÃO JÁ JULGADOS** — A Vulgata distingue três generos de pessoas: os primeiros são os que pela obstinação em seus erros e desordens levam sobre a fronte o decreto da sua condenação, e estão já condenados pelo seu próprio juízo. **Ad Tit 3, 2.** A estes repreendei-os com força e sem reboço, com o fim de descobrir os seus erros, para que os outros se guardem. Os segundos são os que miseravelmente se têm deixado enganar pelos hereges, a estes deveis trabalhar para tirar quanto antes do seu estado funesto, como se estivessem no meio das chamas. Os terceiros são os que mostram dor da sua queda, a estes tirai-os com toda a suavidade e ternura, fazendo a reflexão de que o que lhes sucedeu vos pode também acontecer a vós. O grego só põe duas classes dos que se têm deixado seduzir por outros abomináveis. O Santo Apóstolo quer que se tenha compaixão de todos, porém usando de discernimento, "e de uns compadecei-vos com discernimento", gemendo e chorando a desgraça dos obstinados e endurecidos. E pelo que toca aos que dão esperanças de voltar sobre si, procurai tirá-los daquele mau estado, como do meio de um incêndio, ameaçando-os com a severidade dos juízos de Deus, se quiserem permanecer em um estado miserável "e salvai aos outros em temor, usando com eles de uma santa e saudavel severidade, arrebatando-os ao fogo". — **Pereira.**

Epístola de S. Judas Apóstolo 24-25

24 E àquele que é poderoso para vos conservar sem pecado, e para vos apresentar ante a vista da sua glória imaculados com exultação na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.

25 Ao só Deus Salvador nosso, por Jesus Cristo nosso Senhor, seja glória e magnificência, império e poder antes de todos os séculos, e agora, e para todos os séculos dos séculos. Amem.

APOCALIPSE

DE

S. JOÃO APÓSTOLO

INTRODUÇÃO

Autor. — A crítica apurou e demonstrou cabalmente ser S. João o autor do Apocalipse. Veja-se no quinto século todas as Igrejas assinalarem unânimemente a sua crença sobre o assunto, acôrdo êste que só se podia explicar por uma antiga tradição constantemente aceita.

E' certo que alguns o quizeram atribuir a Cerinto, e como tal o rejeitaram, porém não houve jamais argumentos sérios em favor de tal opinião, e são tão poucos os que assim pensaram que o seu testemunho é completamente refutado por Papias, S. Irineu, S. Justino, Meliton, Clemente de Alexandria, S. Hipólito, Orígenes, Tertuliano, Eusebio de Cesaréia, S. Jerônimo e S. Epifânio, etc., que todos o atribuem a São João.

Data e local da composição do apocalipse. — S. João escreveu o Apocalipse durante o seu exílio em Patmos, ou imediatamente depois. Ora, S. João foi enviado para esta ilha no fim do reinado de Domiciano, pelo décimo quarto ano do seu govêrno, aí por 95.

**Cum jam semianimum laceraret Flavius orbem
Ultimus, et calvo serviret Roma Neroni.**

Juvenal, Sat.

Apocalipse de S. João Apóstolo

Esta opinião tem pelo seu lado os melhores autores sagrados, principalmente S. Irineu, que foi elucidado por Policarpo, discípulo de S. João, e que portanto conhecia perfeitamente a vida do Discípulo Amado.

De resto o reinado de Domiciano parece estar indicado e descrito com precisão nas páginas do Apocalipse. O estado rudimentar das Igrejas, a influência dos Judeus e dos Judaizantes, as Igrejas da Ásia, etc., tudo isto está perfeitamente descrito no Apocalipse, e coincide com a época assinalada.

O martírio de Antipas, referido no cap. 2, 3, indica uma época de perseguição, não somente em Roma, mas nas províncias, e em particular na Ásia Menor; ora estas perseguições não tinham tido lugar antes do reinado de Domiciano Eusebio. *H. Eccl.* 3, 17. Foi a este imperador que Juvenal e Tertuliano chamaram um segundo Nero, *Portio Neronis de crudelitate*. E' também sabido que foi este imperador quem applicou a pena de deportação aos padres e aos fiéis. Nerba, que lhe succedeu em 96, revogou os seu editos e chamou os exilados. Suetônio *In Domit.* 10.

Carácter do Apocalipse. — Da mesma sorte que o Testamento Velho continha uma parte profética, o Novo igualmente a devia possuir.

Dir-se-ia que faltava alguma coisa às Sagradas Escrituras se não fossem encerradas por um livro tão original como o presente. Ao quadro da fundação da Igreja, a organização da nova doutrina, era justo que o Espírito Santo, juntasse algumas revelações sobre o futuro; com o fim manifestó de alentar os fiéis na hora difficil das perseguições.

Convém que a Bíblia abrisse pelo *Gênesis*, onde Moisés desvendou o enigma da criação e acabasse pelo

Apocalipse, onde a acutíssima águia de Patmos projetasse luz sobre os incertos dias do fim do tempo, e algo dissesse sobre o reino Eterno do Salvador. S. João coloca uma cúpula condigna neste edificio cuja primeira pedra foi lançada pelo grande legislador do povo de Deus. *Moy-sés divinae sapientiae inchoator, Joannes divinae sapientiae terminator*. S. Boavent. *Illan. ecc.* Pela grandeza de seu objeto, pela singularidade de sua linguagem, este livro sobressai dentre os precedentes, como a copa de altiva árvore, ou a fachada de opulento edificio. *Liber iste, in fine positus, quasi cacumen et finalis summita esse videtur arboris ab imis ad alta consurgentis*. Ricardo de S. Vitor. *In Apocal.* 8, 1.

Dificuldades. — E' inegável que o Apocalipse tem passagens de muito difícil interpretação, mas também é certo que se exageram muito as obscuridades dêste livro.

As dificuldades que lhe são próprias encontram-se nas predições. O prólogo, os avisos às Igrejas e aos seus pastores, as descrições do Céu, dos Anjos e dos Mártires, não têm por objeto o futuro, e por isso são tão claros como precisos. Encontram-se ao alcance de tôdas as inteligências advertências morais, admoestações piedosas, atos de ação de graças e de adoração para com Deus e Jesus Cristo que enlevam a nossa alma. E' o insigne Bossuet que o diz. *Les avertissements moraux et les sentiments de piété, d'adoration, d'actions de graces envers Dieu et envers Jesus Christ sont admirables dans ce livre.*

Tem, bem se sabe, passagens difíceis, mas deve notar-se que o Apocalipse não é uma história como os Evangelhos, nem um livro didático como as Epístolas; é um livro profético, cheio de predições e de símbolos, o que é

Apocalipse de S. João Apóstolo

um escolha para os menos versados nas figuras da Bíblia, e para os menos lidos em História Ecclesiástica.

As predições são um esboço, uma resenha sumariíssima de futuros acontecimentos; enquanto êstes se não realizarem subsistirão as hipóteses, mais ou menos fundamentadas, mas sempre hipóteses.

A linguagem simbólica oferece, principalmente aos menos habituados à leitura dos livros santos, dificuldades doutra ordem. As coisas espirituais dá forma corpórea, imprime vida aos seres inanimados, são freqüentes as imagens emblemáticas: os ministros de Deus são anjos, ativos seres fantásticos. O império é uma cidade, a Igreja um templo, os decretos do Altíssimo uma espada. Mil anos representam um largo período, dez dias um curto espaço de tempo. Êste modo de dizer tem o seu mérito: é uma linguagem viva, rápida e impressionante; tem contudo os seus defeitos, os obstáculos que surgem na interpretação.

Para entender o Apocalipse é indispensável o estudo da História da Igreja, o conhecimento das perseguições dos primeiros séculos, das invasões barbaras, e da decadência do império romano.

Advirta-se desde já que os números, tão freqüentemente empregados, na parte simbólica dêste livro, participam da natureza dos símbolos. Daqui deduz-se: 1.º que se lhes não deve attribuir uma significação muito precisa; 2.º que cada um deles tem uma significação accessória, que os torna aptos para entrar na composição de tais ou tais símbolos. Assim por exemplo ao número *dois*, que é das testemunhas indispensáveis para legitimar uma sentença judiciária, está vinculada a idéia accessória do acôrdo, da confirmação; é por isso que os Apóstolos devem ser sempre dois a pregar, há duas testemunhas ou dois mártires

Apocalipse de S. João Apóstolo

que dão testemunho da sua fé em Jesus Cristo no dia da perseguição. O número *três* é o da Trindade, e por isso prende-se à idéia da Divindade. O número *quatro* é figurado por um quadrado que por sua vez simboliza a extensão limitada do mundo físico; daí a divisão da terra em quatro partes, ou quatro pontos cardeais. Quatro e três são *sete*; a religião unindo as três pessoas divinas às quatro partes do globo, e daí, deduzem os exegetas, que o número *sete* convém particularmente aos objetos religiosos considerados como tais. Daí o emprêgo frequente dêste número nas enumerações referentes ao culto, etc., etc.

Canonicidade. — De todos os livros do Novo Testamento, foi o Apocalipse o que ofereceu maior dificuldade a ser enumerado no Cânon Eclesiástico, embora possua em seu favor os mais antigos e venerandos testemunhos.

O cânon da Igreja Romana compreendeu sempre êste livro sob o nome do Apóstolo S. João. Temos a prová-lo a versão Ítala (150), o cânon de Muratori (170), Tertuliano, S. Cipriano, e ainda os seguintes Padres, de origem grega, como S. Irineu, S. Justino, que conhecia a Igreja da Ásia, e S. Jerônimo que resume a tradição latina. O mesmo aconteceu no patriarcado da Alexandria e no exarcado de Éfeso, onde S. João tinha vivido. Aqui encontramos os testemunhos a que já atrás nos referimos de Papias 1.º Hierápolis de Meliton, e de Apolônio, o adversário dos Montanistas.

Enquanto que por êste lado a autoridade da Igreja patrocinaria o Apocalipse, os Sírios obstavam a sua entrada no Cânon, e contudo entre êsses mesmos se encontram testemunhos em favor da canonicidade do Apocalipse:

Apocalipse de S. João Apóstolo

Teófilo, sexto bispo de Antioquia e S. Efrem e outros a sustentam.

Como Cerinto tivesse composto um plagiato do Apocalipse para espalhar as suas heterodoxas fantasias, puseram muitos em prudente dúvida a autenticidade e a canonicidade do livro atribuído a S. João. Por sua vez os Neptianos quiseram haurir no Apocalipse textos em favor dos seus erros, e justifica as hesitações de S. Dionísio da Alexandria.

Estudando bem o texto, confrontando-o com os outros escritos de S. João, interrogando cuidadosamente a tradição, depois de tudo isso fixaram os Padres no 5.^o século a canonicidade do Apocalipse, definida posteriormente em vários concílios até ao de Trento.

Divisão. — Contém-três partes: A *primeira* 1-3 contém o prólogo com avisos às sete Igrejas da Província da Ásia, todos atinentes a fortificar a fé dos cristãos. A *segunda* 4-19, a mais extensa, compreende as revelações proféticas relativas às provas difíceis por que há de passar a Igreja e o triunfo do Salvador, e os castigos reservados aos prisioneiros. A *terceira* 20-22, apresenta o quadro dos acontecimentos que hão de preceder a ressurreição final, e o triunfo para os Santos.

APOCALIPSE

DE

S. JOÃO APÓSTOLO

CAPÍTULO I

O APOCALIPSE DITADO POR JESUS CRISTO, E MANDADO AS SETE IGREJAS DA ÁSIA. SETE CANDIEIROS DE OURO SIGNIFICAM AS SETE IGREJAS. JESUS CRISTO TENDO NA SUA MÃO SETE ESTRELAS, QUE REPRESENTAM OS SETE BISPOS DELAS.

1 Revelação de Jesus Cristo que Deus lhe concedeu para descobrir aos seus servos o que dentro em pouco deve acontecer, e o fez conhecer por intermédio de um anjo enviado ao seu servo João. (1)

2 O qual deu testemunho à palavra de Deus, e o testemunho de Jesus Cristo, em tôdas as coisas que viu.

3 Bem-aventurado aquele que lê e ouve as palavras desta Profecia: E guarda as coisas que nela estão escritas: Porque o tempo está próximo.

(1) **REVELAÇÃO** — É a tradução da palavra apocalipse por que começa o original: *Apocalypsis Jesu Christi*.

AO SEU SERVO JOÃO — S. João não tinha apresentado o seu nome nas epístolas, apresenta-o aqui, porque este livro é uma

Apocalipse de S. João Apóstolo 1, 4-6

4 João às sete Igrejas, que há na Ásia. Graça a vós outros, e paz da parte daquele que é, e que era, e que há de vir, e da dos sete Espíritos, que estão diante do seu Trono. (2)

5 E da parte de Jesus Cristo, que é a testemunha fiel, o primogênito dos mortos, e o príncipe dos reis da terra, que nos amou, e nos livrou dos nossos pecados no seu sangue.

6 E nos fez sermos o reino, e os sacerdotes de Deus, e seu Pai: A êle glória e império pelos séculos: Amém. (3)

profecia, e o profeta deve atestar a realidade e a autenticidade das suas revelações assinando-as para assumir a responsabilidade do que escreve.

(2) **QUE HÁ NA ÁSIA** — Na Ásia Menor, ou na Ásia Proconsular, cujas Igrejas tinha S. João tomado especialmente à sua conta, depois da morte de S. Paulo seu fundador.

QUE É, E QUE ERA, E QUE HA-DE VIR — Em dizer, que é, quis S. João exprimir a força dos termos, de que usou o Anjo no Ex 3; 14, para sinalar o nome de Deus, Eu sou o que sou. Em ajuntar, que era, e que há-de vir, quis especificar tôdas as diferenças dos tempos, e explicar por elas a eternidade e imutabilidade de Deus. E não diz, que será, mas que há-de vir, como tem o Grego, que está a vir, porque em Deus não há futuro, senão por respeito às suas obras externas. E como o Apóstolo fala de Deus Padre, todos vêem que aquele há-de vir se deve entender da próxima execução das tais obras.

E DA DOS SETE ESPÍRITOS — Isto é, dos sete Anjos, que no Livro de Tobias 12, 15, são representados como os primeiros na Côte do Rei dos Céus, por alusão aos sete principais senhores na Côte do Rei dos Persas, que lemos no livro de Ester, 1, 14. E neste mesmo Livro do Apocalipse 4, 5, se nomeiam as sete lâmpadas ardentes... que são os sete Espíritos de Deus. E logo: Os sete cornos, e os sete olhos do cordeiro, que são os sete Espíritos de Deus. E mais expressamente, 8, 2, os sete Anjos, que estão diante de Deus. E a combinação destes lugares faz esta intelligência muito mais provável, do que a que deram alguns, entendendo pelos sete espiritos os sete dons do Espírito Santo. — Bossuet.

(3) **E NOS FEZ SERMOS O REINO, E OS SACERDOTES** — Segundo o que diz S. Pedro, 1 Pedro, 2, 9. Vós sois a geração es-

7 Ei-lo aí vem sobre as nuvens, e todo o olho o verá, e os que o traspassaram. E baterão nos peitos ao vê-lo tôdas as tribos da terra: Assim se cumprirá: Amém. (4)

8 Eu sou o Alfa e o Omega, o princípio e o fim, diz o Senhor Deus: Que é, e que era, e que há de vir, o Todo-Poderoso. (5)

9 Eu João, vosso irmão, que tenho parte na tribulação, e no reino, e na paciência em Jesus Cristo: Estive em uma ilha, que se chama Patmos, por causa da palavra de Deus, e pelo testemunho de Jesus: (6)

colhida, a ordem dos sacerdotes reis, a gente santa. E no verso 5, do mesmo capítulo: Entral também vós na estrutura do edificio, como pedras que sois vivas, para compordes uma casa espiritual, e uma ordem de santos sacerdotes, que ofereçais a Deus sacrificios espirituais, que lhe sejam agradáveis por Jesus Cristo. Isto mesmo repete S. João outras vezes no Apocalipse, 5, 10; 20, 6. O grego tem aqui: E nos fez reis, e sacerdotes; o que vem a ser o mesmo: porque nós em tanto somos o reino de Deus, enquanto Deus reina sobre nós: e em tanto reinando Deus sobre nós, somos nós reis, enquanto reinamos não somente sobre nós mesmos, mas ainda sobre tôdas as criaturas, que nós fizemos servir à nossa salvação. E como S. Pedro entende que somos sacerdotes, quando nos chama sacerdócio; assim quando S. João diz que somos o reino de Deus, entende ele também que Deus nos faz reis. — Bossuet.

(4) **E OS QUE O TRASPASSARAM** — Segundo a profecia de Zacarias, 12, 10, que S. João referiu no seu Evangelho, 19, 37. — Pereira.

(5) **EU SOU O ALFA E O OMEGA** — Alfa e Omega são a primeira e última letra do abecedário grego. Dizer pois Cristo, que ele é o Alfa e o Omega, é dizer, (como ele mesmo explica) que ele é aquele por quem tudo começa e a quem tudo se termina: que é aquele a quem nenhum precede, a quem tudo sucede. O mesmo veremos repetido adiante 21, 6; 22, 13.

(6) **PATMOS** — Ilhota do mar Egeu, uma das Sporades, a este de Caria, ao sul de Samos. É um rochedo árido, sem vegetação na sua quase totalidade, tendo trinta milhas romanas de circunferência. Ainda hoje se mostra uma gruta, onde se crê que S. João se tivesse refugiado, e aí escrito o seu Apocalipse.

Apocalipse de S. João Apóstolo 1, 10-14

10 Eu fui arrebatado em espírito um dia de domingo, e ouvi por detrás de mim uma grande voz como de trombeta,

11 que dizia: O que vês, escreve-o em um livro: E envia-o às sete Igrejas que há na Ásia, a Éfeso, e a Smirna, e a Pérgamo, e a Tiatira, e a Sardes, e a Filadélfia, e a Laodiceia. (7)

12 E me voltei para ver a voz que falava comigo: E assim voltado vi sete candieiros de ouro:

13 E no meio dos sete candieiros de ouro há um semelhante ao Filho do homem, vestido de uma roupa talar, e cingido pelos peitos com uma cinta de ouro: (8)

14 A sua cabeça, porém, e os seus cabelos eram brancos como a lã branca, e como a neve, e os seus olhos pareciam uma como chama de fogo.

PELO TESTEMUNHO DE JESUS — Isto é, por ter dado testemunho de Jesus, por ter pregado o nome de Jesus.

(7) **NA ÁSIA** — Na província romana que tinha este nome e que compreendia uma parte da Ásia Menor.

ÉFESO — Cfr. At 18, 19.

SMIRNA — Cfr. cap. 2, 8.

PÉRGAMO — Cfr. cap. 2, 12.

TIATIRA — Cfr. At 16, 14.

SARDES — Cfr. cap. 2, 1.

FILADELFIA — Cfr. 3, 7.

LAODICÉIA — Col 2, 1.

(8) **VESTIDO DE UMA ROUPA TALAR** — O nome grego *podérés*, ou *podéris*, com a segunda longa, de que aqui usa o interprete latino, concordam todos que era um vestido comprido, que descia até aos pés, qual o de que usavam os reis e os sacerdotes. E como nos textos do Testamento Velho, em que se faz menção deste vestido, ordinariamente vem no hebreu o nome *badim*, que quer dizer "de linho fino", por isso o que a Vulgata diz *vestitum*

15 E os seus pés eram semelhantes ao latão fino, quando está numa fornalha ardente, e a sua voz igualava o estrondo das grandes águas:

16 E tinha na sua direita sete estrêlas: E saía da sua bôca uma espada aguda de dois fios: E o seu rosto resplandecia como o sol na sua fôrça.

17 Logo que eu o vi, caí entre seus pés como morto. Porém êle pôs a sua mão direita sôbre mim, dizendo: Não temas, eu sou o primeiro e o último:

• 18 E o que vivo, e fui morto, mas eis aqui estou eu vivo por séculos dos séculos, e tenho as chaves da morte e do inferno.

19 Escreve pois as coisas que viste, e as que são, e as que têm de suceder ao depois destas.

20 Eis aqui o mistério das sete estrêlas, que tu viste na minha mão direita, e dos sete candieiros de ouro: As sete estrêlas são os sete Anjos das sete Igrejas: E os sete candieiros são as sete Igrejas. (9)

podére, verteu Amelote qui avait une longue robe de fin lin. Segundo esta idéia, o vestido com que apareceu vestido o Anjo que representava ao Filho do homem, era como a alva dos nossos sacerdotes.

(9) **OS SETE ANJOS** — São os sete bispos, que em virtude dos especiais poderes que lhes são conferidos, são os enviados visíveis de Deus Cf. **MI 2, 7.**

CAPÍTULO 2

RECEBE O APÓSTOLO ORDEM DE ESCRIVER AOS BISPOS DE ÉFESO, DE SMIRNA, DE PÉRGAMO E DE TIATIRA. RAZÕES DE REPREENSÃO, OU DE LOUVOR, QUE MERECEM ÊSTES BISPOS.

1 Escreve ao anjo da igreja de Éfeso: Isto diz aquele que tem as sete estrêlas na sua direita, que anda no meio dos sete candieiros de ouro: (1)

2. Eu sei as tuas obras, e o teu trabalho, e a tua paciência, e que não podes suportar os maus: E que tens provado os que dizem ser Apóstolos, e não o são: E tu os achaste mentirosos:

3 E que tens paciência, e sofreste pelo meu nome, e não tens desfalecido.

4 Mas tenho contra ti, que deixaste a tua primeira caridade.

5 Lembra-te pois de onde caíste: E arrepende-te, e faz as primeiras obras: E se não, venho a ti, e moverei o teu candieiro do seu lugar, se não fizeres penitência.

(1) **ESCREVE AO ANJO DA IGREJA DE ÉFESO** — Neste tempo era bispo de Éfeso S. Timóteo, ordenado por S. Paulo havia mais de trinta anos, o qual estando certamente mui longe dos defeitos que se notam neste lugar, entendem com razão os mesmos intérpretes que os defeitos que Cristo, neste e nos mais lugares, atribui aos bispos, não é forçoso crê-los da pessoa de cada um, mas sim de cada igreja, porque quis o Espírito Santo designar a igreja pela pessoa do bispo, assim porque na pessoa do bispo se representa, e dum certo modo se contem a mesma igreja, como porque quer Deus que o pastor à vista dos defeitos do seu rebanho se humilhe, e os impute à sua negligência. — Bossuet.

6 Mas isto tens de bom, que aborreces os feitos dos Nicolaitas, que eu também aborreço. (2)

7 Aquele que tem ouvidos, ouça o que o espírito diz às Igrejas: Ao vencedor darei a comer da árvore da vida, que está no paraíso do meu Deus.

8 E ao anjo da Igreja de Smirna escreve: Isto diz o primeiro e o último, que foi morto e que está vivo. (3)

9 Eu sei a tua tribulação, e a tua pobreza, mas tu és rico: E és caluniado por aqueles que se dizem judeus, e não o são, mas são a Sinagoga de satanás.

10 Não temas nada do que tens que padecer. Eis aí está que o diabo fará meter em prisão alguns de vós, a fim de serdes provados: E tereis tribulação dez dias. Sê fiel até à morte, e eu te darei a coroa da vida. (4)

(2) **DOS NICOLAITAS** — Eram uns hereges impuríssimos, que condenavam o matrimônio e largavam a rédea à intemperança. Tomaram o nome de Nicolau, que fôra um dos sete diáconos escolhidos e ordenados pelos Apóstolos, o que alguns autores contestam, querendo que fosse outro, que não o diácono, o fautor da heresia.

(3) **E AO ANJO** — Era S. Policarpo, constituído pelos Apóstolos bispos de Smirna, como atesta Santo Irineu, que ainda o conheceu e tratou. Livro 3, cap. 3, e segundo Tertuliano no Livro das Prescrições, cap. 32, ordenado pelo mesmo S. João, homem apostólico, cujo martírio sucedido muito tempo depois numa extrema velhice, na perseguição de Marco Aurelio, encheu de gosto e de glórias as igrejas de todo o mundo. As suas atas, escritas pelos reis de Smirna, andam insertas na História Eclesiástica, de Eusebio, livro 4, cap. 15, e correm impressas noutros livros, por Usser, por Cotelier e por Ruinart. — **Pereira.**

(4) **TE DAREI A COROA DA VIDA** — A recompensa que na eternidade está reservada aos mártires.

Apocalipse de S. João Apóstolo 2, 11-14

11 Aquele que tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas: O que sair vencedor, ficará ileso da segunda morte. (5)

12 Escreve também ao anjo da Igreja de Pérgamo: Isto diz aquele que tem o afiado montante de dois gumes: (6)

13 Sei onde habitas, onde está a cadeira de satanás: E que conservas o meu nome, e não negaste a minha fé. E isto até naqueles dias em que Antipas se ostentou minha fiel testemunha, o qual foi morto entre vós, onde satanás habita. (7)

14 Mas tenho contra ti umas poucas de coisas: Porque tens aí aos que seguem a doutrina de Balaão, que ensinava a Balac a pôr tropêço diante dos filhos de Israel, para que comessem e fornicassem: (8)

(5) **DA SEGUNDA MORTE** — Isto é, do inferno e da condenação eterna, como se explicará no cap. 20, 6. 14. Esta segunda morte é a que só se deve temer, e não a do corpo, que é a primeira, o que S. João aqui adverte, para que nenhum tema padecer a morte na perseguição que estava para vir. — Bossuet.

(6) **DE PÉRGAMO** — Cidade da grande Mísia, na Ásia Menor, afamada pelo célebre templo de Esculápio, pela sua opulenta biblioteca e pelas notáveis fábricas de pergaminho, cuja palavra deriva de Pérgamo.

(7) **EM QUE ANTIPAS SE OSTENTOU** — Os Martirológos fazem menção d'este Santo a 11 de abril, dizendo que padecera na perseguição de Domiciano, metido dentro dum boi de cobre em brasa.

(8) **QUE ENSINAVA A BALAC** — O mau profeta Balaão, sendo chamado por Balac, rei dos Moabitas, para amaldiçoar os filhos de Israel, vendo que por mais que se esforçasse para os amaldiçoar, Deus, pelo contrário, lhe punha na bôca palavras de bênção, deu a Balac e aos que o tinham ido buscar, um pernicioso conselho, que foi que mandassem das suas mulheres ao campo dos israelitas, para induzirem os hebreus á impudícia e depois á idolatria, fazendo-os comer das viandas imoladas aos falsos deuses. Assim se conta no livro dos Núm., cc. 23 e 24.

15 Assim tens tu também aos que seguem a doutrina dos Nicoláitas.

16 Faze igualmente penitência: Porque de outra maneira, virei a ti logo, e pelejarei contra eles com a espada da minha bôca.

17 Aquele que tem ouvidos, ouça o que o espírito diz às Igrejas: Eu darei ao vencedor o maná escondido, e dar-lhe-ei uma pedrinha branca: E um nome novo escrito na pedrinha, o qual não conhece senão quem o recebe. (9)

18 Escreve mais ao anjo da igreja de Tiatira: Isto diz o Filho de Deus, que tem os olhos como uma chama de fogo, e os seus pés são semelhantes ao latão fino.

19 Eu conheço as tuas obras, e a tua fé, e a tua caridade, e serviços, e a tua paciência, e as tuas últimas obras, que em número excedem as primeiras.

20 Porém tenho umas poucas de coisas contra ti: Porque tu permites a Jezabel, mulher que se diz profetisa, pregar, e seduzir aos meus servos, para cometerem impurezas e comerem das coisas sacrificadas aos ídolos. (10)

(9) **O MANÁ ESCONDIDO** — O maná escondido é a secreta consolação com que Deus sustenta a seus filhos na peregrinação desta vida — Santo Ambrósio.

UMA PEDRINHA BRANCA — Nos juizos se davam os réus por absoltos, e nos certames publicos se adjudicava a vitória com uma pedra branca. Por alusão a este costume, debaixo do nome duma pedra branca, quer significar Cristo uma sentença favorável e um testemunho de vitória aos justos.

(10) **A JEZABEL** — Debaixo do nome de Jezabel, mulher do rei Acab, se entende aqui alguma mulher de qualidade vã e ímpia, que favorecia aos nicoláitas, como a antiga Jezabel favorecia aos adoradores de Baal. — Bossuet. Outros querem que fosse uma mulher deste nome seduzida pela heresia.

Apocalipse de S. João Apóstolo 2, 21-29

21 Eu porém lhe tenho dado tempo para fazer penitência: E ela não quer arrepender-se da sua prostituição.

22 Eis aí a reduzirei a uma cama: E os que adulteram com ela, se verão numa grandíssima tribulação, se não fizerem penitência das suas obras: (11)

23 E ferirei de morte a seus filhos, e tôdas as igrejas conhecerão que eu sou aquele que sonda os rins e os corações: E retribuirei a cada um de vós segundo as suas obras. Mas eu vos digo a vós,

24 e aos outros que estais em Tiátira: A respeito de todos os que não seguem esta doutrina, e que não têm conhecido as profundidades, como êles lhes chamam, de satanás, eu não porei sôbre vós outro pêso:

25 Mas guardai bem aquilo que tendes, até que eu venha.

26 E àquele que vencer, e que guardar as minhas obras até ao fim, eu lhe darei poder sôbre as nações:

27 E êle as regerá como vara de ferro, e serão quebrados como vaso de oleiro.

28 Assim como também eu a recebi de meu Pai: E dar-lhe-ei a estrêla d'alva. (12)

29 Aquele que tem ouvidos, ouça o que o espírito diz às Igrejas.

(11) **EIS AÍ A REDUZIREI** — Daqui se faz manifesto que um dos meios ordinários de que Deus se vale para os pecadores tornarem em si e se converterem a Deus, é o de lhes mandar doenças e trabalhos. Nenhuma coisa nos desapega mais da vaidade do século e do amor dos deleites transitorios. As doenças nos fazem refletir nas misérias da vida; as doenças excitam em nós a memória da morte, a do juízo, a da conta, a do fim último; as doenças nos fazem recorrer a Deus, como a quem só pode fazer-nos eternamente felizes. — **Pereira.**

(12) **A ESTRÊLA DALVA** — É Jesus Cristo, comunicando a todos a luz brilhante da sua glória.

CAPÍTULO 3

AVISO AOS BISPOS DE SARDES, DE FILADÉLFIA, E DE LAODICÉIA, COMO SE TINHAM FEITO AOS OUTROS.

1 Escreve também ao anjo da Igreja de Sardes: Isto diz aquele que tem os sete espíritos de Deus e as sete estrêlas: Eu sei as tuas obras, que tens a reputação de que vives e tu estás morto. (1)

2 Sê vigilante, e confirma os restos que estavam para morrer. Pois que não achò as tuas obras completas diante do meu Deus. (2)

3 Lembra-te pois do que recebeste e ouviste, e guarda-o, e faz penitência. Porque se tu não vigiares, virei a ti como um ladrão, e tu não saberás a que hora eu virei a ti.

4 Mas tens algumas pessoas em Sardes que não têm contaminado os seus vestidos: Os quais andarão comigo em vestiduras brancas, porque são dignos disso.

(1) **DE SARDES** — Metrópole da Lídia, na Ásia Menor, cidade entregue a todos os prazeres, situada na colina de Tmolus. Residiam aí muitos judeus.

E TU ESTÁS MORTO — Morto em ti mesmo, e em grande parte de teus membros; isto é, dos teus suditos. Na frase das Escrituras "viver" é estar em graça de Deus, e produzir fruto de boas obras, "morrer" é viver no pecado e na negligência das suas obrigações. — Calmet.

(2) **QUE ESTAVAM PARA MORRER** — É um hebraísmo. Estes "restos" eram aqueles que estavam sãos e vivos, como os de que se fala no verso 4. É a universalidade que não admite exceção.

Apocalipse de S. João Apóstolo 3, 5-9

5 Aquele que vencer, será assim, vestido de vestiduras brancas, e eu não apagarei o seu nome do livro da vida, e confessarei o seu nome diante de meu Pai, e diante dos seus anjos.

6 Aquele que tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas.

7 Escreve também ao anjo da igreja de Filadelfia: Isto diz o santo, e o verdadeiro, que tem a chave de Davi, que abre e ninguém fecha: Que fecha e ninguém abre. (3)

8 Eu conheço as tuas obras. Eis aqui pus diante de ti uma porta aberta, que ninguém pode fechar: Porque tens pouca força, e guardaste a minha palavra, e não tens negado o meu nome.

9 Eis aqui apresentarei alguns da sinagoga de satanás, e que dizem que são judeus, e não o são, mas mentem: Eis aqui farei com que eles venham, e que se prostrem a teus pés. E eles conhecerão que eu te ameí: (4)

(3) **FILADELFIA** — Ficava, como Sardes, na Lídia, perto de Tmolus. Foi construída pelo rei filadelfo Atalo II, que lhe deu o nome. No ano 131 foi reduzida a província romana.

QUE TEM A CHAVE DE DAVI — Alude ao que já antes estava profetizado por Isaias, 22, 22: "Eu lhe porei sobre o ombro a chave da casa de Davi; ele abrirá e ninguém fechará, fechará e ninguém abrirá". Esta "chave de Davi", segundo Beda, é o poder real de Jesus Cristo, de quem o anjo tinha dito à Santíssima Virgem, Lc 1, 32: "Que Deus lhe daria o trono de Davi seu pai, e que reinaria na casa de Jacó. — Pereira.

(4) **EIS AQUI FAREI COM QUE ELES VENHAM** — Os judeus, que tão soberbos andam agora, eu brevemente os humilharei. O caso é que os judeus, depois de arruinada Jerusalém, e depois de abrasado o templo por Vespasiano e Tito, tornaram a reedificá-lo em grande parte, e conservavam em veneração o santo lugar em que tinha sido fundado o templo. E neste mesmo intervalo de anos tiveram os cristãos em Jerusalém uma igreja florescente governada por quinze bispos consecutivos uns aos outros,

10 Porque tu guardaste a palavra da minha paciência, também eu te guardarei da hora da tentação, que virá a todo o Universo, para provar aos que habitam na terra. (5)

11 Vê, que venho logo: Guarda o que tens, para que ninguém tome a tua coroa.

12 Ao que vencer, fá-lo-ei coluna no templo do meu Deus, e não sairá jamais fora: E escreverei sobre ele o

todos da mesma nação judaica. Mas impacientes da dominação estrangeira, não cessavam os judeus de maquinarem e formarem sublevações, com que sacudissem o jugo do império romano. Esta sua rebeldia tomou Deus por instrumento, para castigar até à última ruína a inflexível obstinação dos judeus em caluniarem e perseguirem os discípulos de Cristo. Morreu S. João no segundo ano do império de Trajano, e morreu em Éfeso, para onde tornara do desterro dos Patmos, imperando Nerva, sucessor de Domiciano. Poucos anos depois da sua morte, revoltando-se os judeus contra a sujeição que deviam ao império, Lisias, general de Trajano, fez perecer em batalha um infinito número deles. Depois sucedendo-lhe Adriano, deu este o último golpe de aniquilação nos judeus, por ocasião deles se revoltarem segunda vez com maior furia, debaixo da conduta do falso profeta Cochebas, que se dizia ser o Messias. Então não só arrazou Adriano a renovada Jerusalém, até ao ponto de lhe tirar o nome que tinha, chamando-a do seu nome "Elia", mas, por testemunho dos historiadores antigos, fez morrer nesta guerra perto de seiscentos mil judeus, fora os que consumiu a fome e o fogo, e fora um sem número de escravos, que por todo o mundo se venderam. — Bossuet.

(5) **QUE VIRÁ A TODO O UNIVERSO** — Por esta tentação se entende a perseguição de Trajano, que foi geral por todo o império romano, e em que padeceram martírio S. Simão, bispo de Jerusalém, e Santo Inácio de Antioquia, com muitos outros, que a história eclesiástica celebra. Veja-se Tillemont, tom. 2 pag. 183 e seg. Sendo porém geral a perseguição, e grassando ela pela Bitínia nas vizinhanças da Frigia, onde era Filadélfia, (pois da célebre carta de Plínio a Trajano consta que na Bitínia foram martirizados muitos). Não permitiu Deus que a igreja de Filadélfia fosse exposta a este trabalho, e isto em atenção à virtude do seu bispo.

Apocalipse de S. João Apóstolo 3, 13-15

nome do meu Deus, e o nome da cidade do meu Deus, a nova Jerusalém, que desce do Céu vinda do meu Deus, e o meu novo nome.

13 Aquele que tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas.

14 Escreve igualmente ao Anjo da Igreja de Laodicéia: Isto diz aquele que é a mesma verdade, a testemunha fiel e verdadeira, o que é princípio da criatura de Deus. (6)

15 Sei as tuas obras, que não és nem frio, nem quente; oxalá que tu fôras ou frio, ou quente. (7)

(6) **QUE É A MESMA VERDADE** — Verte assim o P. Pereira. Porque com efeito não quer dizer outra coisa o que lemos na Vulgata: *Haec dicit Amen*, que traduzido à letra soa dêste modo: Estas são as coisas, que diz o Amem, ou, que diz aquele cujo nome é Amem. Todos sabem que Amem em hebreu significa verdade, ou aquele que é verdadeiro. Mas nem todos saberão, que os dois pontos que hoje lemos na Vulgata, entre *dicit* e *Amem* só se acham nas edições que seguiram às de Xisto V, de 1590, e de Clemente VIII, de 1592. Porque até ali todos os Códices traziam, *Haec dicit Amen*, sem pontuação alguma intermédia. Assim o atesta Calmet, e eu examinando muitas das primeiras impressões, assim o acho não só na de Roma de 147; na de Nápoles de 1476, nas Venezianas de 1478, de 1480, de 1488, de 1490, de 1497, mas também no texto grego d'Arias Montano. Todavia coincide no mesmo sentido a Vulgata que hoje lemos, porque diz assim: Isto diz o Senhor, aquele que é a mesma verdade, etc. — Pereira — Glairé porém traduz *Voilà ce qui dit Amen, le témoin fidele et veritable, qui est le principe des creatures de Dieu*, Ed. 1902.

(7) **QUE NÃO ÉS NEM FRIO, NEM QUENTE** — Por és tes termos designa o Apóstolo as almas fracas, que não são boas para nada. Mais se deve esperar daquelas que têm algum vigor, ainda que elas se dêem ao mal. — Bossuet. — Por aqui se vê o mal que causa uma alma indifferente.

16 Mas porque tu és morno, e nem és frio, nem quente, começar-te-ei a vomitar da minha bôca. (8).

17 Porque dizes: Rico sou pois, e estou enriquecido, e de nada tenho falta: E não conheces tu que és um coitado, e miserável, e pobre, e cego, e nu.

18 Eu te aconselho a que me compres ouro retemperado no fogo para te fazeres rico, e te vestires de roupas brancas, e não se descubra a vergonha da tua desnudez, e unge os teus olhos com colírio para que vejas. (9)

19 Eu aos que amo, repreendo e castigo. Arma-te pois de zelo, e fazes penitência.

20 Eis aí estou eu à porta, e bato: Se algum ouvir a minha voz e me abrir a porta, entrarei eu em sua casa, e cearei com êle, e êle comigo. (10)

21 Aquele que vencer, eu o farei assentar comigo no meu Trono, assim como eu mesmo também depois que venci, me assentei igualmente com meu Pai no seu Trono.

22 Aquele que tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas.

(8) **MAS PORQUE TU ÉS MORNO** — Os mornos, ou tibios, que Jesus Cristo repele, são os que caminham entre o Evangelho e o século, e nunca sabem que partido sigam. — Bossuet.

(9) **OURO RETEMPERADO AO FOGO** — É o símbolo da caridade. Assim como o ouro se purifica ao fogo, assim a caridade não tem a menor liga e vaidade, mistura da ostentação que lhe amesquinhe o valor, ou ensombre o brilho com que Deus refulgiu diante do trono do Onipotente, juiz indefectível, que tudo conhece, sabe e recompensa.

(10) **E BATO** — Bate à porta do coração pelas inspirações interiores — Bossuet.

CAPÍTULO 4

A PORTA DO CÉU ABERTA. O JUIZ ASSENTADO COM OS SEUS ASSESSORES. OS QUATRO ANIMAIS. O SEU CÂNTICO. O CÂNTICO E AS ADORAÇÕES DOS VINTE E QUATRO ANCIÃOS.

1 Depois disto, olhei, e vi uma porta aberta no Céu, e a primeira voz que ouvi era como de trombeta, que falava comigo, dizendo: Sobe cá, e mostrar-te-ei as coisas que é necessário fazerem-se depois destas. (1)

2 E logo fui arrebatado em espírito: E vi imediatamente um Trono, que estava pôsto no Céu, e sobre o Trono estava um assentado. (2)

3 E aquele que estava assentado no Trono, era pelo que parecia semelhante a uma pedra de jaspe e de sardônio, e ao derredor do Trono estava um iris que se assemelhava à côr de esmeralda. (3)

(1) **E VI UMA PORTA ABERTA NO CÉU** — Esta porta aberta no Céu significa que os grandes segredos de Deus começam a ser revelados ao Evangelista. — Bossuet.

(2) **E VI IMEDIATAMENTE** — Como se trata de julgar os judeus e os romanos perseguidores, primeiro que tudo se mostra a S. João o juiz e os assessores, numa palavra todo o ato judicial, onde se há de pronunciar a sentença. Assim Daniel, indo a explicar o juízo pronunciado contra Antioco, começa pelo assento nos tronos. Eu estava olhando até que se pusessem os tronos, e o antigo dos dias se assentou. E logo os juizes tomaram assento, e os livros foram abertos. Dan 7, 9. 10. — Bossuet.

(3) **E AQUELE QUE ESTAVA ASSENTADO NO TRONO, ERA PELO QUE PARECIA SEMELHANTE A UMA PEDRA DE JASPE E DE SARDÔNIO** — Assim quando Moisés, Aarão e os Anciãos de Israel viram a Deus, diz a Escritura, que debaixo dos seus pés estava como uma obra de safira, e como o Céu, quando é sereno Ex 24, 10. E em Ezequiel, 1; 26-28, o trono de Deus parece semelhante a uma safira, e está cercado do arco do Céu. Em

4 Estavam também ao derredor do trono outros vinte e quatro tronos: E sobre estes tronos se viam assentados vinte e quatro anciãos, vestidos de roupas brancas, e nas suas cabeças coroas de ouro. (4)

5 E do trono saíam relâmpagos e vozes, e trovões: E diante do trono estavam sete lâmpadas ardentes, que são os sete Espíritos de Deus. (5)

6 E à vista do trono havia um como mar de vidro transparente semelliante ao cristal: E no meio do trono, e ao redor do trono, quatro animais cheios de olhos, por diante e por detrás. (6)

7 E o primeiro animal era semelhante a um leão, e o segundo animal semelhante a um novillo, e o terceiro animal tinha o aspecto como de homem, e o quarto animal era semelhante a uma aguia voando. (7)

todas as agradáveis côres destas pedrarias, e do arco do Céu, se vê Deus revestido de uma majestade que alegra os olhos. — Bossuet.

(4) **OUTROS VINTE E QUATRO TRONOS** — A letra, cadeiras ou assentos. Mas o original grego lê tronos, denominação que logo aqui dá imediatamente ao tais assentos a mesma Vulgata.

VINTE E QUATRO ANCIÃOS. — Estes vinte e quatro anciãos significam a universalidade dos Santos do Velho e do Novo Testamento, representada nos seus chefes e condutores. Os do Testamento Velho aparecem nos doze patriarcas, filhos de Jacó; os do Novo nos doze Apóstolos. Esta interpretação dos modernos vem já de André e de Aretas, antigos intérpretes do Apocalipse, e ambos bispos de Cesaréia da Capadócia.

(5) **QUE SÃO OS SETE ESPÍRITOS DE DEUS** — Os sete anjos executores dos seus decretos. Apc 1, 4; 8, 2. — Bossuet.

(6) **QUATRO ANIMAIS CHEIOS DE OLHOS** — São os quatro Evangelistas, e os muitos olhos significam a sua penetração. — Bossuet.

(7) **E O PRIMEIRO ANIMAL ERA SEMELHANTE A UM LEÃO** — Os padres creram que o principio de cada Evangelho

Apocalipse de S. João Apóstolo 4, 8-11

8 E os quatro animais, cada um deles tinha seis asas: E à roda e' pòr dentro estavam cheios de olhos: E não cessavam de dia e de noite de dizer: Santo, Santo, Santo, o Senhor Deus onipotente, o que era, e o que é, e o que há de vir. (8)

9 E quando aqueles animais davam glória, e honra, e bênção ao que estava assentado sôbre o trono, que vive por séculos dos séculos:

10 Os vinte e quatro Anciãos se prostravam diante do que estava assentado no trono, e adoravam ao que vive por séculos dos séculos, e lançavam as suas coroas diante do trono, dizendo:

11 Tu és digno, ó Senhor nosso Deus, de receber glória, e honra, e poder: Porque tu criaste tôdas as coisas, e pela tua vontade é que elas eram, e foram criadas.

estava marcado por cada animal, e esta inteligência vem já no tempo de Santo Irineu. A figura humana atribui-se ao princípio do Evangelho de S. Mateus, onde lemos a geração de Cristo, enquanto homem. O princípio do Evangelho de S. Marcos é apropriado ao leão, por causa da voz, que se faz ouvir no deserto. O novilho dá-se ao princípio do Evangelho de S. Lucas, por causa do sacerdócio de Zacarias por onde êste Evangelista começa, e crê-se que êste mesmo sacerdócio está designado pela vítima que se oferecia. Quanto a S. João, não há quem não reconheça nele a figura da águia voando, por causa de que êle logo remonta o seu vôo, e fita os seus olhos em Cristo no selo do Padre. — Bossuet.

(8) E À RODA, E POR DENTRO ESTAVAM CHEIOS DE OLHOS — A roda do corpo, e por dentro das asas estavam êstes quatro animais cheios de olhos, como se vê na cauda do pavão. Mas no grego o termo à roda refere-se para as asas, que estavam postas ao derredor do corpo: e assim o leram nos códices gregos André de Cesaréla, em latinos Primásio, Beda e Ticônio. — Bossuet.

CAPÍTULO 5

O LIVRO FECHADO A SETE SELOS: O CORDEIRO DIANTE DO TRONO: SÓ ELE PODE ABRIR O LIVRO. OS LOUVORES QUE LHE SÃO DADOS POR TÓDAS AS CRIATURAS.

1 E vi na mão direita do que estava assentado sobre o trono um Livro escrito por dentro e por fora, selado com sete selos. (1)

2 E vi um Anjo forte, que dizia a grande brado: Quem é digno de abrir o Livro, e de desatar os seus selos?

3 E nenhum podia, nem no Céu, nem na terra, nem debaixo da terra, abrir o Livro, nem olhar para êle.

(1) **UM LIVRO** — Quase todos os interpretes entendem por êste livro a Sagrada Escritura, e desta principalmente o Antigo Testamento, cujas figuras diziam respeito ao Messias. Diz-se que estava escrito por dentro e por fora, no que se significa o sentido externo, que é o literal, e o interno que é o espiritual, e é tocante a Cristo e à Igreja. Os livros dos antigos eram de pergaminho, ou papel do Egito, que enrolavam em um cilindro de madeira, e comumente só escreviam, como todos sabem, pelo interior, ou pelo plano de dentro.

SELADO COM SETE SELOS — O número dos sete selos, ou cadeados postos para que ninguém pudesse ler o livro, denota a importância e a profundidade dos mistérios que nele se continham. Este número no Apocalipse, onde é muito freqüente, é místico, e sinala uma coisa perfeita; e assim, o que aqui se significa por êle, é que as coisas que encerra a Escritura, ou o Apocalipse, são do maior apreço e estimação; muito recônditas, e que nenhum homem pode sondar; mui certas, e da maior autoridade. Pelos sete selos, uns entendem as sete visões que se seguem: outros, sete idades ou épocas, que no sentir de varões mui doutos e versados na exposição da Escritura, compreendem os grandes sucessos da Igreja, os quais vão a revelar-se a S. João. O douto e pio católico Pastorini, na sua obra intitulada *História Geral da Igreja Cristã*, desde o seu princípio até o seu último estado triunfante no Céu, traduzida do inglês em francês, por

Apocalipse de S. João Apóstolo 5, 4-8

4 E eu chorava muito, por ver que ninguém foi achado digno de abrir o Livro, nem de olhar para êle.

5 Porém um dos anciãos me disse: Não chores: Eis-aqui o Leão da Tribo de Judá, a raiz de Davi, que pela sua vitória alcançou o poder de abrir o Livro, e de desatar os seus sete selos. (2)

6 E olhei: E vi no meio do trono, e dos quatro animais, e no meio dos anciãos um Cordeiro como morto, que estava em pé, o qual tinha sete cornos, e sete olhos: Que são os sete Espíritos de Deus, mandados por toda a terra. (3)

7 E veio: E tomou o Livro da mão direita do que estava assentado no trono.

8 E tendo aberto o Livro, os quatro animais e os vinte e quatro anciãos se prostraram diante do Cordeiro, tendo cada um suas cítaras e suas redomas de ouro cheias de perfumes, que são as orações dos santos: (4)

um padre Beneditino da congregação de S. Mauro, pretende fazer ver, que o objeto de todas as profundas e misteriosas profecias do Apocalipse são estas sete épocas da Igreja Cristã.

(2) **QUE PELA SUA VITÓRIA ALCANÇOU O PODER** — Jesus Cristo, vencedor do demônio e da morte, mereceu pela sua vitória entrar em todos os segredos de Deus. — Bossuet.

(3) **E VI NO MEIO DO TRONO** — O "meio do trono" significa a mediação de Jesus Cristo, que com os sinais, que conserva da sua morte, que são as suas chagas, impede que não cheguem a nós os relâmpagos e trovões que saem do trono, como lêmos no capítulo 4, verso 5. — Bossuet.

(4) **TENDO CADA UM SUAS CÍTARAS E SUAS REDOMAS DE OURO** — As cítaras denotam a alegria dos santos e o acorde das paixões com a razão. As redomas de ouro cheias de cheiros por símbolo das orações, entre as mãos dos anciãos, significam estarem êles encarregados de as representar a Deus. — Bossuet.

9 E cantavam um cântico novo, dizendo: Digno és, Senhor, de tomar o Livro e de desatar os seus selos: Porque tu foste morto, e nos remiste para Deus pelo teu sangue, de toda a Tribo, e toda a língua, e de todo o povo, e de toda a nação:

10 E nos tens feito para o nosso Deus reino e sacerdotes: E reinaremos sobre a terra.

11 E olhei, e ouvi a voz de muitos anjos ao derredor do trono, e dos animais, e dos anciãos: E era o número deles milhares de milhares.

12 Que diziam em alta voz: Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber a virtude, e a divindade, e a sabedoria, e a fortaleza, e a honra, e a glória, e a bênção.

13 E a toda a criatura, que há no Céu e sobre a terra, e debaixo da terra, e as que há no mar, e quanto ali há: Ouvi dizer a todas: Ao que está assentado no trono, e ao Cordeiro, bênção, e honra, e glória, e poder por séculos de séculos.

14 E os quatro animais respondiam: Amém. E os vinte e quatro anciãos se prostraram sobre os seus rostos: E adoraram ao que vive por séculos de séculos.

AS ORAÇÕES DOS SANTOS — Este texto demonstra evidentemente a intercessão dos santos, que no Céu oferecem a Jesus Cristo as orações que os fiéis lhes dirigem na terra.

CAPÍTULO 6

OS SEIS PRIMEIROS SELOS ABERTOS. O JUIZ COM OS SEUS TRÊS FLAGELOS: A GUERRA, A FOME E A PESTE. O CLAMOR DOS MARTIRES. A ESPERA. A VINGANÇA CHEGADA EM FIM E REPRESENTADA EM GERAL.

1 E vi que o Cordeiro abriu um dos sete selos, e ouvi que um dos quatro animais dizia, como em voz de trovão: Vem e vê: (1)

2 E olhei: E vi um cavalo branco, e o que estava montado sobre ele tinha um arco, e lhe foi dada uma coroa, e saiu vitorioso para vencer. (2)

3 E como ele tivesse aberto o segundo sêlo, ouvi o segundo animal, que dizia: Vem e vê.

4 E saiu outro cavalo vermelho: E foi dado poder ao que estava montado sobre ele, para que tirasse a paz

(1) **E VI QUE O CORDEIRO** — Reparaí que os autores sagrados, e sobretudo os Evangelistas, representados nos quatro animais, são os que nos abrem os olhos para vermos os objetos revelados e estarmos atentos a eles: Isto é, que devemos ouvir toda a execução dos secretos conselhos de Deus, segundo as regras que estão propostas por Jesus Cristo no Evangelho. — Bossuet.

(2) **E VI UM CAVALO BRANCO** — Tal era o em que montavam os vencedores nos dias da sua entrada e do seu triunfo. — Bossuet.

E O QUE ESTAVA MONTADO SOBRE ELE — Este é Jesus Cristo vitorioso. Veja-se o capítulo 19, 11-13, onde o que está sobre o cavalo branco se chama o Verbo de Deus. Aqui dá-se-lhe um arco, para mostrar que ele atira de longe. Os profetas o armam juntamente de espada para ferir de perto, e de frechas para atirar de longe. Eis-aqui pois o que aparece logo no princípio e na abertura do primeiro sêlo; Jesus Cristo vencedor. Seguem-se depois os três flagelos da ira de Deus, como eles foram propostos a Davi, 2 Rs 24, 13: a guerra, a fome, a peste. — Bossuet.

de cima da terra, e que se matassem uns aos outros, e foi-lhe dada uma grande espada. (3)

5 E quando êle abriu o terceiro sêlo, ouvi ao terceiro animal, que dizia: Vem e vê. E apareceu um cavalo negro: E o que estava montado sôbre êle tinha na sua mão uma balança. (4)

6 E ouvi uma como voz no meio dos quatro animais, que diziam: Meia oitava de trigo valerá um dinheiro, e três oitavas de cevada, um dinheiro; mas não faças dano ao vinho, nem ao azeite. (5)

7 E quando êle abriu o quarto sêlo, ouvi a voz do quarto animal, que dizia: Vem e vê.

8 E apareceu um cavalo amarelo: E o que estava montado sôbre êle tinha por nome Morte, e seguia-o o In-

(3) **E SAIU OUTRO CAVALO VERMELHO** — Côr de sangue, que manifestamente significa a guerra: o que confirma dos caracteres que aqui se dão ao cavaleiro. — Bossuet e Vigouroux.

(4) **E APARECEU UM CAVALO NEGRO** — Esta é a fome marcada na côr negra. Tôdas as caras serão negras, como caldeirões tismados ao fogo, diz Joel na descrição de uma fome. 2, 16. — Bossuet.

(5) **MAS NÃO FAÇAS DANO AO VINHO, NEM AO AZEITE** — Estas palavras disse Deus ao que estava montado sobre o cavalo; e nelas se dá a entender que no meio desta grande fome e carestia não deixaria Deus a sua Igreja sem consolação. Muitos sábios interpretam esta fome do tempo do Arianismo, o qual se viu mui triunfante, quando depois do Concílio de Rímíni, ou enganados, ou atemorizados, muitos bispos católicos, junto com os inimigos da Fé, condenaram a doutrina dos padres Nicenos, e a palavra consubstancial, o que deu motivo a S. Jerônimo, no diálogo contra os Luciferianos, de queixar-se e lamentar-se de que todo o mundo se tinha tornado Ariano. Mas Deus, no meio de tão terribéis circunstâncias, não deixou sem socorro a sua Igreja, e ainda que foram em curto número os pregadores da sã doutrina, susteve aos seus fiéis com a sua celestial graça, e com a interior virtude do Espírito Santo significado no trigo e no azeite. — **Pe-reira.**

Apocalipse de S. João Apóstolo 6, 9-12

ferno, e foi-lhe dado poder sôbre as quatro partes da terra, para matar à espada, à fome, e pela mortandade, e pelas alimárias da terra. (6)

9 E quando êle abriu o quinto sêlo, vi debaixo do altar as almas dos que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus, e pelo testemunho que tinham dado dele. (7)

10 E clamavam em alta voz, dizendo: Até quando, Senhor, (Santo e verdadeiro) dilatas tu o fazer-nos justiça e vingar o nosso sangue dos que habitam sôbre a terra? (8)

11 E foram dadas a cada um deles umas vestiduras brancas: E foi-lhes dito que repousassem ainda um pouco de tempo, até que se completasse o número dos seus conservos e o de seus irmãos, que haviam de padecer como também êles a morte.

12 E olhei quando êle abriu o sexto sêlo: E eis que sobreveio um grande terremoto e se tornou o Sol ne-

(6) **E APARECEU UM CAVALO AMARELO** — Esta é a peste e a mortandade. E seguia-o o Inferno. Por Inferno se entende aqui em geral o lugar dos mortos, ou o sepulcro. — **Bossuet.**

(7) **VI DEBAIXO DO ALTAR AS ALMAS DOS QUE** — Este altar representa a Jesus Cristo, que enquanto homem é o altar debaixo do qual as almas dos mártires vivem no Céu, como os seus corpos estão na terra sob os altares Santos. Cfr. Glaire ed. 9

(8) **DILATAS TU O FAZER-NOS JUSTIÇA** — Os Santos desejam a manifestação da justiça de Deus contra os seus perseguidores, para que estes o temam e se convertam. A justa e misericórdiosa vingança dos mártires, diz Santo Agostinho, é que seja destruído o reino do pecado, que lhes foi tão rigoroso. — **Bossuet.**

gro, como um saco de cilício: E a Lua se tornou tóda como sangue: (9)

13 E as estrêlas caíram do Céu sôbre a terra, como quando a figueira, sendo agitada dum grande vento, deixa cair os seus figos verdes:

14 E o Céu se recolheu como um livro, que se enrola: E todos os montes e ilhas se moveram dos seus lugares:

15 E os reis da terra, e os príncipes, e os tribunos, e os ricos, e os poderosos, e todo o servo e livre se esconderam nas cavernas e entre os penhascos dos montes. (10)

16 E disseram aos montes e aos rochedos: Caí sôbre nós e escondei-nos de diante da face do que está assentado no Trono e da ira do Cordeiro: (11)

17 Porque chegou o grande dia da ira deles: E quem poderá subsistir?

(9) **E OLHEI, QUANDO ÊLE ABRIU O SEXTO SELO**— O que se segue, é a vingança Divina, última, e irrevogavel, primeiramente sôbre os judeus, depois sôbre o império perseguidor, mas esta vingança por ora só se representa em geral e em confusão. — Bossuet.

E SE TORNOU O SOL NEGRO — O terremoto, e eclipse do Sol e da Lua, a queda das estrelas, a comoção dos montes são uns modos de falar hiperbólicos dos profetas, para significar calamidades extremas e gerais, quais são as que se seguiram aos judeus e ao império romano. — Calmet.

(10) **E OS REIS DA TERRA, E OS PRÍNCIPES** — Estes são os que êle tinha antes figurado pelas estrêlas que caíam, vers. 13. Todo o mundo ficou aturdido com uma tão grande vingança, que Deus exercitava contra os seus inimigos, e com a ruína dum tão grande império. — Bossuet.

(11) **CAÍ SÔBRE NÓS** — Estas palavras são tiradas de Oséias, 10, 8. E Jesus Cristo as applicou à destruição de Jerusalém, mandada aos judeus em vingança da sua Paixão. Lc 23, 30. Aqui pode-

CAPÍTULO 7

A VINGANÇA SUSPENDIDA. OS ESCOLHIDOS ASSINALADOS ANTES QUE ELA VENHA E TIRADOS DAS DOZE TRIBOS DE ISRAEL. A INÚMERAVEL MULTIDÃO DOS OUTROS MÁRTIRES DA GENTILIDADE. A FELICIDADE E A GLÓRIA DOS SANTOS.

1 Depois disto vi quatro Anjos, que estavam sôbre os quatro ângulos da terra, tendo mão nos quatro ventos da terra, para que não assoprassem sôbre a terra, nem sôbre o mar, nem contra árvore alguma.

2 E vi outro Anjo que subia da parte do nascimento do Sol, tendo o sinal do Deus vivo: E clamou em alta voz aos quatro Anjos, a quem fôra dado o poder de fazer mal à terra e ao mar,

3 dizendo: Não façais mal à terra, nem ao mar; nem às árvores, até que assinalemos os servos do nosso Deus nas suas testas. (1)

se fazer delas aplicação à queda do império romano. Mas tanto estas palavras, como as mais, que precederam, se dirigem também a significar o dia do juízo final, que o Espírito Santo costuma ajuntar as grandes calamidades, que são imagens do mesmo terrível dia, e assim o fez Jesus Cristo, quando mistura este último dia com a ruína de Jerusalém, que era sua figura. — Mt 24 — Bossuet.

(1) **ATÉ QUE ASSINALEMOS** — Depois do Evangelista Profeta ter dito no cap. 6 vv. 10 e 11, que as almas dos Santos gritavam diante do trono de Deus por vingança, e que lhes fôra respondido que esperassem sossegadamente por um pouco de tempo. Agora a razão por que Deus dilatava a vingança, é que ainda restava uma grande parte de escolhidos, que primeiro se haviam de tirar dentre os judeus. Em Ez 9, 4, o sinal que distinguia os escolhidos posto nas testas era o Tau ou letra T, que figurava a Cruz de Jesus Cristo. Aqui no Apocalipse o sinal dos escolhidos é "o nome do Cordeiro, e o de seu Pai", como se explica no cap. 14, vers. 1. E ninguém reparava em que esta marca se nos representa impressa por um Anjo, se estiver lembrado do que

4 E ouvi o número dos que foram assinalados, que eram cento e quarenta e quatro mil assinalados de tôdas as Tribos dos filhos de Israel. (2)

5 Da Tribo de Judá doze mil assinalados: Da Tribo de Rúben doze mil assinalados: Da tribo de Gad doze mil assinalados: (3)

diz S. Paulo, Heb. 1, 14. Que os Anjos são os Espíritos, que servem a Deus de ministros, sendo enviados a favor dos que hão de ser herdeiros da salvação". — Bossuet.

(2) **DE TÔDAS AS TRIBOS DOS FILHOS DE ISRAEL** — Daqui se reconhece que os escolhidos que o Anjo marcara haviam de ser judeus, e tirados de cada tribo, para depois de feita essa diligência cair a vingança sobre os que restassem da mesma nação. Eu já notei acima, que ainda depois de arruinada Jerusalém e incendiado o seu templo por Vespasiano e Tito, se conservava nele uma Igreja cristã, governada sucessivamente por quinze bispos judeus de nascença. Desta Igreja esperava Deus que se tirassem os cento e quarenta e quatro mil escolhidos, antes que succedesse a dispersão e extermínio dos judeus incrédulos, executada por Adriano, arrasada Jerusalém de todo. E este tão considerável número de escolhidos daquela nação concorda bem com o que escrevera S. Paulo, Rom 11 isto é, que ela não fora de tal sorte reprovada por Deus, que não houvesse de receber num grande número de escolhidos o efeito das promessas feitas a seus pais. Nem o número "cento e quarenta e quatro mil" que S. João aponta, se deve entender por um número fixo, que não admita nem mais nem menos, porque o mistério que o Espírito Santo nos quis significar por este número é, que o número de doze, consagrado na Sinagoga e na Igreja por causa dos doze Patriarcas e dos doze Apóstolos, se multiplica por si mesmo até fazer doze mil em cada tribo, e doze vêzes doze mil em tôdas as tribos juntas, a fim de nós vermos a fé dos Patriarcas e dos Apóstolos multiplicada em seus sucessores, e na solidez dum número tão perfeitamente quadrado, a eterna imutabilidade da verdade de Deus e das suas promessas. Por isso é também que no capítulo 14 havemos de ver este mesmo número de cento e quarenta e quatro mil como um número consagrado a representar a universalidade dos Santos, de que também os judeus são o tronco e a arvore abençoada em que os outros foram enxertados. Rom 11, 16. — Bossuet.

(3) **DA TRIBO DE JUDÁ** — Começa-se pela tribo de Judá, por ser aquela que, segundo os conselhos de Deus, tinha dado o nome a todas as outras; e as tinha recolhido como no seu seio;

Apocalipse de S. João Apóstolo 7, 6-9

6 Da Tribo de Aser doze mil assinalados: Da Tribo de Neftali doze mil assinalados: Da Tribo de Manassés doze mil assinalados:

7 Da Tribo de Simeon doze mil assinalados: Da Tribo de Levi doze mil assinalados: Da Tribo de Issacar doze mil assinalados:

8 Da Tribo de Zabulon doze mil assinalados: Da Tribo de José, doze mil assinalados: Da Tribo de Benjamim doze mil assinalados.

9 Depois disto vi uma grande multidão, que ninguém podia contar, de tôdas as nações e tribos, e povos e línguas: Que estavam em pé diante do trono, e à vista do cordeiro, cobertos de vestiduras brancas e com palmas nas suas mãos: (4)

aquela que tinha recebido as promessas especiais sôbre o Messias, primeiramente da boca de Jacó, na pessoa do mesmo Judá, Gên 49, 10, depois da boca do profeta Natan, na pessoa de Davi, 2, Rs 7, aquela enfim, donde tinha saído o Salvador, que por isso no cap. 5 versículo 5, se chama êle o Leão da Tribo de Judá. A dúvida que logo ocorre é, por que razão se omitiu aqui a tribo de Dan. Os Padres e expositores a resolvem de dois modos: Primeiro, dizendo que por isso a omitira S. João, porque dela tinha que nascer o Anticristo. Segundo, que a causa de S. João a omitir, fôra por não exceder o número de doze, que se tinha proposto, bem como S. Mateus omitira na genealogia de Cristo alguns ascendentes, por não exceder o número de três vezes quatorze gerações. A mesma resposta se pode dar, a que sendo Efraim e Manassés considerados, na repartição da Terra Prometida, como fazendo cada um sua tribo; S. João só contemplou a Manassés. — Bossuet.

(4) **DEPOIS DISTO VI UMA GRANDE MULTIDÃO** — Esta innumerável multidão, pela insígnia nas palmas das mãos e pelo que se acrescenta de terem êles vindo duma grande tribulação, bem se mostra ser a innumerável multidão dos mártires tirados do gutolismo, que haviam de padecer nas perseguições dos imperadores romanos, e principalmente na de Diocleciano e Maximiano, que todos os antigos atestam que dera a Jesus Cristo um número imenso, e esta parece também a razão por que falando S. João

10 E clamavam em voz alta, dizendo: Salvação ao nosso Deus, que está assentado sobre o trono e ao cordeiro.

11 E todos os Anjos estavam em pé ao derredor do Trono, e dos Anciãos, e dos quatro animais: E se prostraram ante o trono sobre os seus rostos e adoraram a Deus,

12 dizendo: Amém. Bênção, e claridade, e sabedoria, e ação de graças, honra, e virtude, e fortaleza a nosso Deus por séculos dos séculos. Amém.

13 E respondeu um dos anciãos, e me disse: Estes que estão cobertos de vestiduras brancas, quem são? e donde vieram?

14 E eu lhe respondi: Meu Senhor, tu o sabes. E ele me disse: Estes são os que vieram de uma grande tribulação, e lavaram as suas roupas, e as embranqueceram no sangue do cordeiro:

15 Por isso estão ante o Trono de Deus e o servem de dia e de noite no seu Templo: E o que está assentado no trono habitará sobre eles: (5)

dos que se haviam de tirar dos gentios, não os reduz ele a um número certo e preciso, como fizera falando dos judeus. E assim publicar Henrique Dod-Wel, protestante de Inglaterra em Oxford, no ano de 1684, entre as suas dissertações cipriânicas, uma *De Paucitate Martyrum*, foi coisa que não só escandalizou mas que admirou a todos os católicos romanos, e que Teodorico Ruinatt confutou eruditissimamente na sua prefação ao *Acta Martyrum Sincera*. De resto os trabalhos modernos dos escritores eclesiásticos, como Paulo Aillard e outros, demonstram categoricamente que foi inumerável a legião dos mártires.

(5) **NO SEU TEMPLO** — Isto é, no Céu.

HABITARÁ SOBRE ELES — Não disse "estará sobre eles, protegendo-os", mas "habitará", para mostrar a estável e perpétua morada que ali há-de fazer, como em seu próprio domicílio. — **Menochio.**

Apocalipse de S. João Apóstolo 7, 16-17; 8, 1-4

16 Não terão fome nem sede nunca jamais, nem cairá sobre eles o Sol, nem ardor algum:

17 Porque o cordeiro, que está no meio do Trono, os guardará, e os levará às fontes das águas da vida, e enxugará Deus toda a lágrima dos olhos deles.

CAPÍTULO 8

A ABERTURA DO SÉTIMO SÊLO. AS QUATRO PRIMEIRAS TROMBETAS.

1 E quando êle abriu o sétimo sêlo fez-se um silêncio no Céu, quase por meia hora. (1)

2 E vi sete Anjos que estavam em pé diante de Deus, e lhes foram dadas sete trombetas.

3 E veio outro Anjo, e parou diante do altar, tendo um turíbulo de ouro, e lhe foram dados muitos perfumes das orações de todos os Santos, para que os pusesse sobre o altar de ouro, que estava ante o Trono de Deus. (2)

4 E subiu o fumo dos perfumes das orações dos Santos da mão do Anjo diante de Deus.

(1) **FEZ-SE UM SILÊNCIO NO CÉU, QUASE POR MEIA-HORA** — Êste era um silêncio de espanto, na expectação do que Deus ia decidir, como quando se espera em silêncio o que resolvem os juizes, e que sentença pronunciarão. E também denotava êste silêncio o princípio duma grande ação, e a submissão profunda daqueles que se deviam empregar na execução dela, que esperavam em grande silêncio a ordem de Deus, e se preparavam a partir ao primeiro sinal. — Bossuet.

(2) **E VEIO OUTRO ANJO** — Os protestantes, que se ofendem da intercessão dos Anjos, assim como da dos outros Santos, querem que êste Anjo seja o mesmo Jesus Cristo. Pretensão violenta, cuja falsidade se convence do contexto sagrado, onde S. João, dizendo: Então veio outro Anjo, mostra que era um Anjo da ordem dos

5 E o Anjo tomou o turíbulo e o encheu de fogo do altar, e o lançou sobre a terra, e logo se fizeram trovões, e estrondos, e relâmpagos, e um grande terremoto.

6 Então os sete Anjos, que tinham as sete trombetas, se prepararam para as fazer soar.

7 E tocou o primeiro Anjo a trombeta, e formou-se uma chuva de pedra, e de fogo, misturados com sangue que caiu sobre a terra, e foi abrasada a terceira parte da terra, e foi queimada a terceira parte das árvores, e queimada toda a erva verde. (3)

8 E o segundo Anjo tocou a trombeta e foi lançado no mar um como grande monte ardendo em fogo, e se tornou em sangue a terceira parte do mar. (4)

9 E a terça parte das criaturas, que viviam no mar, morreu, e a terça parte das naus pereceu.

outros que tinham as trombetas. Quanto mais, que falando de Jesus Cristo, sempre S. João o designa por outros termos, e com outra Majestade. Concluamos logo, que o Anjo que oferecia as orações simbolizadas nos incensos, era um verdadeiro Anjo, é que o Altar a que os incensos se dirigiam, era Jesus Cristo. — **Bossuet.**

(3) **E FOI ABRASADA A TERCEIRA PARTE DA TERRA** — O grande Bossuet entende verificado este castigo no principio da desolação dos judeus por Trajano; advertindo, que na Escritura se põe a terceira parte, quando a ameaça a não compreende, nem a totalidade, nem a maior parte, e que pela erva verde se significa a gente moça.

(4) **UM COMO GRANDE MONTE** — Esta é a segunda e última desolação dos judeus por Adriano. O grande monte significa um grande poder, por isso o império do Filho de Deus é designado por um grande monte. Dan 2, 14. E falando do império de Babilônia: "Quem és tu, ó grande monte? Zac 4, 7. A ti falo somente pernicioso Jer 51, 25. Um grande monte pois caindo sobre o mar, é o poder dos romanos caindo todo sobre os judeus na guerra

Apocalipse de S. João Apóstolo 8, 10-12

10 E tocou o terceiro Anjo a trombeta: E caiu do Céu uma grande Estrêla ardente como um facho, e caiu ela sôbre a terça parte dos rios, e por sôbre as fontes das águas: (5)

11 E o nome desta Estrêla era Absintio: E a terceira parte das águas se converteu em absintio, e muitos homens morreram das águas, porque elas se tornaram amargosas. (6)

12 E o quarto Anjo tocou a trombeta: E foi ferida a têrça parte do Sol, e a têrça parte da Lua, e a têrça par-

que lhe fez Adriano; onde não são já as árvores nem as ervas verdes que perecem, são as criaturas vivas, e nas naus os mesmos homens, e esta mortandade é a que converteu o mar em sangue. — Bossuet.

(5) **E CAIU DO CÉU UMA GRANDE ESTRÊLA** — Um hereje notável e temível. Talvez o falso profeta Cochebas, cujo nome quer dizer Estrêla. Os judeus enganados por Akiba, o mais autorizado dos seus rabinos, tomaram a Cochebas pelo verdadeiro Messias, entendendo dele o célebre vaticínio do livro dos Num: Nascerá uma Estrêla de Jacó. Por esta profecia dizia Cochebas, que êle era vindo para libertar a sua nação do jugo do império romano, que de tanto tempo a oprimia. Aclamam-no os judeus por seu rei, tomam as armas contra o império com uma fúria sem exemplo, executam crueldades inauditas contra os cristãos, que se lhes não queriam unir na rebelião, fazem-lhe os generais de Adriano, e Tinio Rufo e Julio Severo cruel guerra, na qual perecem perto de seiscentos mil judeus; os mais, ou são vendidos nas feiras como escravos, a preços de cavalos, ou exterminados para o Egito, fora muitos outros que morreram de fome, de doenças e de naufrágios. Depois desta desfeita ficou a Judéia inteiramente deserta de nacionais. Eusebio na sua História Eclesiástica, livro 4, cap. 6, e na sua crônica, ano 134 Mum 24, § 17, faz menção de Cochebas e da sua revolta, e das tiranias que executou contra os cristãos. — Bossuet e Calmet.

(6) **E O NOME DESTA ESTRÊLA ERA ABSINTIO** — Isto não é dizer que Absintio era o seu verdadeiro nome. Mas por êste modo de falar costuma a Escritura designar o caráter próprio de cada um. Ora o Absintio é uma planta amargosíssima. O dizer pois S. João, que o nome desta Estrêla era Absintio, é significar que Cochebas com a sua revolta havia de submergir os judeus numa profunda e amarga dor. — Bossuet.

te das Estrêlas, de maneira que se obscureceu a têrça parte deles, e não resplandeça a terceira parte do dia, e o mesmo era da noite. (7)

13 E vi eu, e ouvi a voz de uma águia que voava pelo meio do Céu, a qual dizia em alta voz: Ai, ai, ai dos habitantes da terra, por causa das outras vozes dos três Anjos que haviam de tocar a trombeta. (8)

CAPÍTULO 9

SOM DA QUINTA TROMBETA. CAI DO CÉU OUTRA ESTRELA. O POÇO DO ABISMO ABERTO. OS GAFANHOTOS SAINDO DELE FAZEM GRANDE DANO AOS HOMENS. A SEXTA TROMBETA. OS QUATRO DEMÔNIOS DO EUFRATES SÃO SOLTOS.

1 E o quinto Anjo tocou a trombeta: e vi que uma Estrêla caiu do Céu na terra, e lhe foi dada a chave do poço do abismo. (1)

(7) **DE MANEIRA QUE SE OBSCURECEU** — Esta obscuração significa a cegueira voluntária dos judeus, em não quererem entender de Jesus Cristo as profecias. Akiba o arrastava a um sentido falso, applicando-as ao falso Messias Cochebas. Então mais que nunca se obstinaram os judeus na sua cegueira. Porque ao tempo de Adriano está assentado entre os eruditos, que se deve reduzir a compilação que os judeus fizeram das suas Deuterose, isto é, das suas tradições, ou do seu Talmude, onde a lei e as profecias se acham escurcidas de falsas interpretações, e onde se estabelecem os princípios de iludir as passagens mais expressas sobre Jesus Cristo.

(8) **E OUVI A VOZ DE UMA ÁGUIA** — O grego tem, a voz dum anjo. Mas a lição da Vulgata é antiga, como reconhecida por Ticonio e por Trímásio, e por ela estão também as versões siríaca e etiópica, e não poucos códices gregos. — Calmet.

(1) **E VI QUE UMA ESTRELA CAIU DO CÉU** — Bossuet, seguindo o engenhoso plano que se propuzera, de explicar o Apocalipse pela História Ecclesiástica e Secular, entende por esta segunda

Apocalipse de S. João Apóstolo 9, 2-3

2 E abriu ela o poço do abismo: E subiu fumo do poço como fumo de uma grande fornalha: E se escureceu o Sol e o ar com o fumo do poço.

3 E do fumo do poço saíram gafanhotos para a terra e lhes foi dado um poder, como têm poder os escorpiões da terra.

estrêla ao famoso heresiarca Teodoro de Bizâncio, homem sabio e conhecido por tal, e muito instruido nas artes da Grecia, como escreve Santo Epifânio na Heresia 54, e na Sinopse delas. Este Teodoro, sendo prêso pela fé com outros muitos cristãos, foi o único de seus companheiros que fraqueou, renegando de Jesus Cristo. Como os que conheciam o seu saber, o censuravam de uma queda tão vergonhosa para um homem do seu talento e das suas luzes, Teodoro tôda a razão de desculpa que lhes deu, foi responder-lhes que se êle tinha renegado de Jesus Cristo não era nenhum Deus o de quem renegara, mas um puro homem. Detestável desculpa, que cobria uma fraqueza com uma blasfêmia. Era isto durante a perseguição de Septímio Severo, pelos anos de Cristo 196, sendo Sumo Pontífice o Papa S. Vitor, que anatematizou a Teodoro. Foi logo Teodoro de Bizâncio o primeiro heresiarca conhecido dentre os cristãos não judeus, que renovou o êrro capital da impiedade judaica, que consistia em não reconhecer em Deus senão uma só pessoa, e em negar a Divindade ao Verbo encarnado. Um homem dotado de um tão belo espirito, qual a antiguidade descreve a Teodoro, e sobretudo um homem, que tendo sido prêso por Jesus Cristo, estava no número daqueles que a Igreja chamava então confessores, segundo grau de glória depois da do martirio, êste homem, digo, apostatando da fé que tinha confessado, com muita propriedade se compara a uma estrêla que caiu do Céu. E êste mesmo nome de Cabidos era o que a Igreja dava aos que por temor dos tormentos renegavam de Jesus Cristo, que isso quer dizer em português o nome latino Lapsos. A praga de gafanhotos que saíram do fundo do poço para se espalharem sôbre a terra, entende Bossuet que são os herejes, que, seguindo o êrro de Teodoro de Bizâncio, atacaram uns depois dos outros a divindade do Verbo, a saber; Artémon, Paulo Samosatono, Noeto, Sabelio, Ario e Fotino, com todos os seus discipulos. Gafanhotos misticos a quem falta a sucessão apostólica, bem como dos gafanhotos naturais se não conhece a geração, crendo muitos que êles se formam da mesma podridão da terra. Gafanhotos sem consistência e sem movimento regular, que tudo é andarem saltando de questão em questão, mudando de doutrinas, e talando a messe de Deus. Gafanhotos a quem foi dado um poder, como o dos escorpiões da

Apocalipse de S. João Apóstolo 9, 4-9

4 E lhes foi mandado que não fizessem dano à erva da terra, nem a verdura alguma, nem a árvore alguma: Senão somente aos homens que não têm o sinal de Deus nas suas testas.

5 E lhes foi concedido, não que os matassem: Mas que os atormentassem cinco meses: E o seu tormento é como o tormento do escorpião quando fere ao homem.

6 E naqueles dias os homens buscarão a morte, e não a acharão, e eles desejarão morrer, e a morte fugirá deles.

7 E as figuras dos gafanhotos eram parecidas a cavalos aparelhados para a batalha, e sobre as suas cabeças tinham umas como coroas semelhantes ao ouro: E os seus rostos eram como rostos de homens.

8 E tinham os cabelos como os cabelos das mulheres, e os seus dentes eram como os dentes dos leões.

9 E vestiam couraças, como couraças de ferro, e o estrondo das suas asas era como o estrondo de carros de muitos cavalos, que correm ao combate. (2)

terra, para se denotar o seu oculto veneno, e um veneno que está na cauda, isto é, um veneno que não aparece logo, mas que se descobriu nas consequências. Gafanhotos de singular condição, que, deixando intatas as ervas e as árvores, só fazem mal aos homens, para que entendamos que o dano é todo espiritual, mas dano feito somente àqueles que não têm nas testas o sinal de Deus, isto é, aos que não são verdadeiros cristãos, por lhes faltar uma fé constante até o fim. Gafanhotos, finalmente, que têm por seu rei o anjo do abismo, chamado o Exterminador, porque do inferno é que saem as heresias, e o rei dos herejes é Lucifer, a quem Jesus Cristo no Evangelho Jo 8, 44, chama-o homicida desde o principio. Porém, mais acertada parece esta outra interpretação. Esta pintura lembra a passagem de Jl 1 e 2, e deve ter uma significação análoga. Joel, sob esta figura, designava a invasão dos assírios. S. João prediz a invasão dos bárbaros, que devia devastar o império. — *Bacuez.*

(2) **E O ESTRONDO** — Isto concorda bem com o que dos gafanhotos escrevera antes Plínio, livro 11, cap. 29, *Tant volant*

Apocalipse de S. João Apóstolo 9, 10-15

10. E tinham caudaş semelhantes às dós escorpiões, e havia agulhões nas suas caudas: E o seu poder se estendia a fazerem mal aos homens cinco meses, e tinham sôbre si

11 por seu rei um Anjo do abismo, chamado em hebreu Abaddon, e em grego Apolion, que segundo o latim quer dizer Exterminador.

12 O primeiro aí já passou, e eis aqui se seguem ainda desgraças.

13 Tocou também o sexto Anjo a trombeta: E eu ouvi uma voz, que saía dos quatro cantos do Altar de ouro, que está ante os olhos de Deus.

14 A qual dizia ao sexto Anjo, que tinha a trombeta: Solta os quatro Anjos que estão atados no grande rio Eufrates. (3)

15 Logo foram desatados os quatro Anjos, que estavam prestes para a hora, dia, mês e ano, para matarem a terça parte dos homens.

pennarum stridore, ut aliæ alites credantur. Fazem tão grande estrondo quando voam, que a gente cuida que são outras aves.

(3) **SOLTA OS QUATRO ANJOS QUE ESTÃO ATADOS NO GRANDE RIO EUFRATES** — Estes quatro Anjos, ou fossem bons ou maus, concorda Calmet com Bossuet serem os Anjos que presidião às fronteiras do império romano, pela parte do Eufrates, sobre cujas beiras é sabido que estavam dispostas as legiões romanas que defendiam o trânsito, e que o mandarem-se soltar estes Anjos até ali atados, é dar Deus licença aos Persas para que, passando o Eufrates, onde até então tinham sido contidos, evacuem e assolem o império romano, como a história nos informa que de feito succedeu, desde o tempo de Valerino, que foi prisioneiro dós Persas, até o de Juliano Apostata, que também morreu na guerra que trazia com elles.

16 E o número dêste exército de cavalaria era de duzentos milhões. E eu ouvi dizer o número deles. (4)

17 E vi assim os cavalos na visão: Os que estavam pois montados neles, tinham umas couraças de fogo, e de côr de jacinto e de enxofre, e as cabeças dos cavalos eram como cabeças de leões: E da sua bôca saía fogo, e fumo, e enxofre.

18 E por estas três pragas, isto é, pelo fogo, e pelo fumo, e pelo enxofre, que saíam da sua bôca, foi morta a terça parte dos homens.

19 Porque o poder dos cavalos está na sua bôca, e nas suas caudas: Porque as suas caudas assemelham-se com as das serpentes, e têm cabeças, e com elas danam. (5)

20 E os outros homens, que não foram mortos por estas pragas nem se arrependeram das obras das suas mãos, para que não adorassem os demônios, e os ídolos de ouro, e de prata, e de cobre, e de pedra, e de pau, que nem podem ver, nem ouvir, nem andar: (6)

(4) **E O NÚMERO DÊSTE EXÉRCITO DE CAVALARIA** — O número definido e preciso de duzentos milhões, foi posto por S. João para denotar um imenso e prodigioso número de combatentes, qual costumava ser o dos exércitos da Pérsia, como consta da História de Xerxes e de Dario.

(5) **E NAS SUAS CAUDAS** — Os Partos que compunham o exército dos Persas (porque estes subjugando aqueles não fizeram mais do que mudar o nome do império partico) pelejavam por diante e por detrás, e até fugindo reviravam e despediam as suas frechas e setas, conforme o que deles escreveu Virgílio nas Geórgicas: *Fidentemque fuga Parthum, versisque sagatis.*

(6) **E OS OUTROS HOMENS** — O contexto mostra que S. João fala dos idolatras romanos, porque é de saber que a idolatria dominou ainda dentro da mesma Roma até o tempo de Honório, para o que basta ter lição das cartas do perfeito Simaco.

Apocalipse de S. João Apóstolo 9, 21; 10, 1-4

21 E não fizeram penitência dos seus homicídios, nem das suas impurezas, nem dos seus furtos.

CAPÍTULO 10

**O ANJO AMEAÇANDO. O LIVRO ABERTO. OS SETE TROVÕES.
O LIVRO COMIDO.**

1 Então vi outro Anjo forte, que descia do Céu, vestido duma nuvem, e com o arco-íris sôbre a sua cabeça, e o seu rosto era como o Sol, e os seus pés como colunas de fogo.

2 E tinha na sua mão um pequeno livro aberto, e pôs o seu pé direito sôbre o mar, e o esquerdo sôbre a terra. (1)

3 E gritou em alta voz, como um leão quando ruge. E depois que gritou, fizeram sete trovões soar as suas vozes. (2)

4 E como os sete trovões tivessem feito ouvir as suas vozes, eu me punha já a escrevê-las, mas ouvi uma

(1) **UM PEQUENO LIVRO ABERTO** — Este livro não é já o livro fechado com os selos, cujo mistério esteja ainda oculto. Os selos estão já tirados, e as seis primeiras trombetas revelaram uma grande parte dêste admirável segredo. Aqui, pois, aparece o Anjo com um pequeno livro aberto na mão, esta é a sentença já pronunciada e prestes a se executar. — Bossuet.

E PÓS O SEU PÉ DIREITO SOBRE O MAR E O ESQUERDO SOBRE A TERRA — Temos o império pisado com os pés e enfraquecido por mar e por terra. — Bossuet.

(2) **E GRITOU EM ALTA VOZ, COMO UM LEÃO QUANDO RUGE** — O rugir do leão, no estilo profético, é ameaça duma vinça próxima. — Bossuet.

voz do Céu, que me dizia: Sela as palavras dos sete trovões e não as escrevas. (3)

5 E o Anjo que eu vira, que estava em pé sobre o mar, e sobre a terra levantou a sua mão para o Céu.

6 E jurou por aquele que vive por séculos de séculos, que criou o Céu, e tudo o que nele há, e a terra, e tudo o que há nela, e o mar, e tudo o que nele há, jurou, digo: Que não haveria mais tempo.

7 Mas nos dias da voz do sétimo Anjo, quando começasse a soar a trombeta, se cumpriria o mistério de Deus, como êle o anunciou pelos profetas seus servos.

8 E ouvi a voz do Céu, que falava outra vez comigo, e que dizia: Vai, e toma o livro aberto da mão do Anjo, que está em pé sobre o mar, e sobre a terra.

9 E fui eu ter com o Anjo, dizendo-lhe que me desse o livro. E êle me disse: Toma o livro e come-o, e êle te causará amargor no ventre, mas na tua boca será doce como mel.

10 E tomei o livro da mão do Anjo, e traguei-o: E na minha boca era doce como mel, mas depois que o traguei, êle me causou amargor no ventre.

11 Então me disse: Importa que tu ainda profetes a muitas gentes, e povos, e homens de diversas línguas, e reis.

(3) **SELA AS PALAVRAS DOS SETE TROVÕES** — Assim em Dan 8, 62: Tu, pois, sela a visão; e outra vez, 12, 4: Sela o livro até certo tempo. O mais secreto dos juízos de Deus é muitas vezes o mais terrível.

CAPÍTULO 11

O TEMPLO MEDIDO. O SEU ÁTRIO DEIXADO AOS GENTIOS. AS DUAS TESTEMUNHAS. A SUA MORTE, RESSURREIÇÃO E GLÓRIA. A SÉTIMA TROMBETA. O REINO DE JESUS CRISTO E OS SEUS JUÍZOS.

1 E deu-se-me uma cana semelhante a uma vara, e foi-me dito: Levanta-te e mede o templo de Deus, e o altar, e os que nele fazem as suas orações: (1)

2 Mas o átrio, que está fora do Templo, deixa-o de fora, e não o meças: Porque êle foi dado aos gentios, e êles hão de pisar com os pés a Cidade Santa por quarenta e dois meses: (2)

(1) **LEVANTA-TE E MEDE O TEMPLO DE DEUS** — Este templo de Deus é a Igreja Católica, tomada pela sociedade dos escolhidos, firme e imóvel sempre, apesar de todas as crueldades e carnificinas executadas contra ela na perseguição de Diocleciano, que todos os antigos notam que começara pela destruição das igrejas materiais. O átrio significa o exterior desta igreja espiritual, que foi entregue à fúria e profanação dos Gentios. — Bossuet.

(2) **CIDADE SANTA** — É a Igreja considerada na sua máxima amplitude.

POR QUARENTA E DOIS MESES — São três anos e meio, significados também pelo número de mil duzentos e sessenta dias, que lemos no verso 3, dados trinta dias a cada mês, segundo o antigo modo de contar. Ora três anos e meio durou a perseguição de Diocleciano, contados desde 23 de fevereiro do ano 303, em que foi afixado em Nicomédia o primeiro edital contra os cristãos, até 25 de julho de 306, em que começou a Imperar Constantino, que logo passou uma lei a favor dos cristãos, como lemos em Lactâncio, no livro de *Mortus Persecutorum*, capítulo 24. E três anos e meio tinha também durado a perseguição de Antíoco contra os judeus (figura desta de Diocleciano) segundo a profecia de Dan 7, 25. E por êste mesmo termo preciso de quarenta e dois meses, ou de mil duzentos e sessenta dias, nos quer dar também S. João a entender que a duração das perseguições era uma coisa que não dependia tanto da vontade e arbítrio dos tiranos, quanto da ordem dos decretos e conselhos de Deus. — Bossuet e Calmet.

3 E darei às minhas duas testemunhas, e elles vestidos de sacco profetarão por mil duzentos e sessenta dias. (3)

4 Estes são duas oliveiras; e dois candieiros; postos diante do Senhor da terra.

5 Se alguém pois lhes quizer fazer mal, sairá fogo das suas bocas, que devorará a seus inimigos: E se alguém os quizer ofender, importa que elle seja assim morto.

6 Elles têm poder de fechar o Céu, para que não chova, pelo tempo que durar a sua profecia: E têm poder sobre as águas, para as converter em sangue, e de ferir a terra com todo o gênero de pragas, todas as vezes que quizerem.

7 E depois que elles tiverem acabado de dar o seu testemunho, uma fera que sobe do abismo, fará contra elles guerra, e vencê-los-á e matá-los-á. (4)

(3) **E DAREI AS MINHAS DUAS TESTEMUNHAS** — Não declara o texto a coisa que se lhes há-de dar; os interpretes sustentem dar à sua ordem ou à sua graça.

(4) **UMA FERA QUE SOBE DO ABISMO** — Esta fera é o império Romano idólatra e perseguidor dos cristãos, como se faz manifesto, confrontando este capítulo 11 com o capítulo 13 e o capítulo 13 com o capítulo 17. Têm os interpretes visto nesta fera todos os perseguidores que no decorrer dos séculos têm amargurado a Igreja com os seus rudes ataques. Outros vêem aqui simbolizados os governos ímpios que com as suas leis vexam a Igreja, perseguindo-a incruentamente mas com atrocidade, tolhendo a sua ação, pervertendo o clero, escravizando os bispos, verdadeiros escravos de satanaz aos quais se podem aplicar aquelas palavras: *Vos ex patre diabolo estis.*

E VENCÊ-LOS-Á E MATA-LOS-Á — Na aparência e quanto ao corpo S. João mostra nestas palavras a terribilidade dos supplicios, e o que da sua applicação se prometiam os perseguidores, que era a extinção total do Cristianismo. Isto se confirma dumas inscrições daquelle tempo achadas em Espanha, e gravadas numas co-

Apocalipse de S. João Apóstolo 11, 8-11

8 E os seus corpos jazirão estirados nas praças da grande cidade, que se chama espiritualmente Sodoma e Egito; onde também o Senhor deles foi crucificado. (5)

9 E os das tribos, e povos, e línguas, e nações verão os corpos deles estirados por três dias e meio: E não permitirão que os seus corpos sejam postos em sepulcros: (6)

10 E os habitantes da terra se alegrarão sobre eles e farão festas: E mandarão presentes uns aos outros, porque êstes dois Profetas tinham atormentado aos que habitavam sobre a terra.

11 Mas depois de três dias e meio o espírito de vida entrou neles da parte de Deus. E eles se levantaram sô-

lunas, que diziam assim: "Aos imperadores Diocleciano e Maximiano, por haverem dilatado o império romano; por haverem extinto o nome dos cristãos, que destruíam o estado, por haverem abolido a sua superstição, e por haverem aumentado o culto aos deuses". — Bossuet e Calmet.

(5) **QUE SE CHAMA ESPIRITUALMENTE SODOMA E EGITO** — É Roma pagã, que se chama espiritualmente Sodoma, por causa das suas abomináveis torpezas, Egito por causa da sua tirania e superstição. — Bossuet. — Alguns interpretes têm querido aplicar êste texto às grandes cidades modernas, onde campeiam todos os crimes e se ostentam tôdas as devassidões.

ONDE TAMBÉM O SENHOR DELES FOI CRUCIFICADO — Tomando a grande cidade na significação de Roma com o seu império, verifica-se ao pé da letra, que nela foi crucificado Jesus Cristo, enquanto foi crucificado por ordem dum magistrado romano, qual era Pilatos; e verifica-se também, que esta mesma Roma que tinha crucificado a Jesus Cristo na sua pessoa, o crucificava todos os dias nos seus membros, bem como no capítulo seguinte o veremos parido nos seus membros pela Igreja. — Bossuet.

(6) **E NÃO PERMITIRÃO QUE OS SEUS CORPOS** — Esta impiedade e desumanidade é particularmente notada na perseguição de Diocleciano, como entre outras mostram as atas dos Santos Mártires Taraco, Probo e companheiros, que depois de Barônio publicou Ruinart.

bre os seus pés, e dos que os viram se apoderou um grande temor.

12 E ouviram uma grande voz do Céu, que lhes dizia: Subi para cá. E subiram ao Céu em uma nuvem e os viram os inimigos deles. (7)

13 E naquela hora sobreveio um grande terremoto, e caiu a décima parte da cidade, e no terremoto foram mortos os nomes de sete mil homens: E os demais foram atemorizados e deram glória ao Deus do Céu. (8)

14 E' passado o segundo ai: E eis aqui o terceiro que cedo virá. (9)

15 E o sétimo Anjo tocou a trombeta: E ouviram-se no Céu grandes vozes, que diziam: O Reino deste Mundo passou a ser de nosso Senhor, e do seu Cristo, e êle reinará por séculos de séculos: Amem. (10)

16 E os vinte e quatro Anciãos, que diante de Deus estão assentados nas suas cadeiras, se prostraram sobre os seus rostos, e adoraram a Deus, dizendo:

(7) **SUBI PARA CÁ** — Esta é a grande glória da Igreja por meio de Constantino, logo imediatamente depois da perseguição. — Bossuet.

(8) **E NAQUELA HORA SOBREVEIO UM GRANDE TERREMOTO** — Por este terremoto designa S. João o abalo e inquietação de todo o império romano, pelas guerras que então se levantavam entre os imperadores Maximiano, Galério, Maxêncio, Constantino, Maximino e Severo. — Bossuet e Calmet.

(9) **E EIS AQUI O TERCEIRO QUE CEDO VIRÁ** — É a ruína de Roma e do seu império pelas armas dos godos, como se verá adiante. — Bossuet.

(10) **O REINO DÊSTE MUNDO** — Eis-aqui a conversão universal dos Povos e a destruição da idolatria. — Bossuet.

Apocalipse de S. João Apóstolo 11, 17-19; 12, 1

17 Graças te damos, Senhor Deus Todo-Poderoso, que és, e que eras, e que hás de vir: Por haveres recebido o teu grande poderio, e entrada no teu Reino.

18 E as gentes se irritaram, mas chegou a tua ira, e o tempo de serem julgados os mortos, e de dar o galardão aos Profetas teus servos, e aos Santos, e aos que temem o teu Nome, aos pequenos, e aos grandes, e de exterminar aos que corromperam a terra. (11)

19 Então foi aberto no Céu o Templo de Deus: E apareceu a Arca do seu Testamento no seu Templo, e sobrevieram relâmpagos, e vozes, e um terremoto, e uma grande chuva de pedra.

CAPÍTULO 12

A MULHER NAS DORES DO PARTO E O FUROR DO DRAGÃO. A MULHER FUGINDO PARA O DESERTO. UMA GRANDE BATALHA NO CÉU. SEGUNDA INVESTIDA DO DRAGÃO E SEGUNDA FUGA DA MULHER. TERCEIRA INVESTIDA DO DRAGÃO E O SEU EFEITO.

1 Apareceu outrossim um grande sinal no Céu: Uma mulher vestida do Sol, que tinha a Lua debaixo de seus pés, e uma coroa de doze estrêlas sobre a sua cabeça. (1)

(11) **E O TEMPO DE SEREM JULGADOS OS MORTOS** — S. João ajunta o juízo final do mundo com o que estava para se ver executado sobre Roma, bem como Jesus Cristo ajuntara o mesmo juízo final com a ruína de Jerusalém. Mat 24. Este é o costume da Escritura ajuntar as figuras com o figurado. — Bossuet.

(1) **UMA MULHER** — Alguns Padres, como Santo Agostinho e S. Bernardo, no sentido místico entendem por esta mulher a Maria Santíssima. Porém outros, com Primásio, querem que o sentido literal respeite a Igreja, que gerou a seus filhos entre as dores da

2 E estando pejada, clamava com as dores de parto que a atormentavam.

3 E foi visto outro sinal no Céu: E eis-aqui um grande Dragão vermelho, que tinha sete cabeças e dez cornos: E nas suas cabeças sete diademas. (2)

4 E a cauda dele arrastava a têrça parte das estrêlas do Céu, e as fez cair sôbre a terra, e o Dragão parou

perseguição, e é fecundada do sangue dos mártires. Assim Bossuet e Calmet. Esta Igreja aparece vestida do sol, Jesus Cristo, e pelo luzimento da fé, que a cerca tóda, tendo debaixo de seus pés a lua, isto é, as luzes duvidosas e mudaveis da sabedoria humana, e uma coroa de doze estrêlas sôbre a sua cabeça, que são os doze Apóstolos.

(2) E EIS AQUI UM GRANDE DRAGÃO VERMELHO — Segundo Bossuet, êste dragão vermelho é o demônio, cruel e sanguinário. As suas sete cabeças com sete diademas, são os sete demônios principais de que êle se vale, para tentar os homens, segundo o número dos sete vícios capitais. Os sete diademas denotam, que êstes sete demônios se erigem em Reis, por conta do império, que exercitam sôbre os homens, porque por essa mesma razão chama Cristo no Evangelho a Lúcifer príncipe deste mundo, Jo 12, 31. Os dez cornos podem significar os dez principais autores das perseguições, pelo socorro dos quais esperava Lúcifer engulir a Igreja. Segundo Calmet, êste dragão vermelho é o império Romano, fero e sanguinolento perseguidor dos Santos. As suas sete cabeças com sete diademas, são as sete testas coroadas, qu os sete Príncipes, que em tempo de Diocleciano o governavam. Os dez cornos simbolizam os dez reis de dez Nações bárbaras, em que o império romano se dividiu, e que foram como enxertadas no seu corpo. Tudo pôde ser. A bêtea, que logo veremos aparecer no capítulo 13, tem muita semelhança com o dragão dêste capítulo 12. Aquela besta tem todas as aparências, de que representa a perseguição de Diocleciano. O mesmo se pode dizer que é representado por êste Dragão. Nem há inconveniente algum em que S. João queira dar a conhecer por diversas figuras uma mesma personagem, assim como também o não há em que êle pela batalha, que no princípio do mundo houve entre os bons e maus Anjos, representa a que houve entre o cristianismo e o gentilismo.

diante da mulher, que estava para parir: A fim de tragar ao seu filho, depois que ela o tivesse dado à luz. (3)

5 E deu à luz um filho varão, que havia de reger tôdas as gentes com vara de ferro: E seu filho foi arrebatado para Deus, e para o seu trono. (4)

6 E a mulher fugiu para o deserto, onde tinha um retiro, que Deus lhe havia preparado, para nele a sustentarem por mil e duzentos e sessenta dias. (5)

(3) **E A CAUDA DELE** — Assim como o dragão arrastou com a sua cauda e fez cair a muitos Anjos, também o império romano com a sua perseguição arrastou e fez cair a muitos, que ou sacrificaram aos ídolos, ou entregaram aos gentios os livros das santas Escrituras e os vasos sagrados. E estes segundos eram os que na frase daqueles tempos se chamavam traidores, nome com razão infame, mas que, atribuído falsamente a Ceciliano, arcebispo de Cartago, deu ocasião ao funesto cisma dos donatistas. Doendo-se desta queda dos cristãos insignes, dizia S. Pionio no meio dos seus tormentos: Eu soffro um novo género de martírio, quando considero estas estrelas do Céu, que o dragão com a sua cauda fez cair em terra. Baron. an. 254, num 13.

(4) **UM FILHO VARÃO** — Varão, para denotar a robustez dos verdadeiros filhos da Igreja. E o ser este filho arrebatado para Deus, e para o seu trono, dá idéia dum filho reinante, dum filho especialmente protegido de Deus, e feito participante do seu poder. E estes caracteres quadram bem a Constantino, que depois de destruídos todos os mais imperadores, ficou por último senhor absoluto de todo o império, ou quadram ao cristianismo, exercitando o poder soberano sobre os gentios na pessoa de Constantino e dos mais imperadores cristãos. Sem que possa obstar a esta intelligência o dizer S. João que este filho havia de governar tôdas as nações com uma vara de ferro (o que em termos é o que de Jesus Cristo escreve Davi, Sl' 2, 9), porque isto mesmo applica S. João também aos seus servos. Apc 2, 26. 27. — Bossuet.

(5) **E A MULHER FUGIU PARA O DESERTO** — A Igreja com a perseguição viu-se obrigada a retirar-se a lugares ocultos para neles, sem ser vista dos gentios, fazer as suas assembléias e celebrar os seus sacrificios. — Bossuet.

PARA NELE A SUSTENTAREM — Com o pasto da doutrina evangelica e administração dos sacramentos para que a ninguém viesse à cabeça que nestas circunstâncias era a Igreja invisivel e sem pastores. — Bossuet.

7 Então houve no Céu uma grande batalha: Miguel, e os seus anjos pelejavam contra o Dragão e o Dragão com os seus anjos pelejavam contra êle. (6)

8 Porém êstes não prevaleceram, nem o seu lugar se achou mais no Céu.

9 E foi precipitado aquele grande Dragão, aquella antiga serpente, que se chama o diabo e satanás, que seduz a todo o mundo: Sim, foi precipitado na terra, e precipitados com êle os seus anjos. (7)

10 E ouvi uma grande voz do Céu, que dizia: Agora foi estabelecida a salvação, e a fortaleza, e o reino do nosso Deus, e o poder do seu Cristo: Porque foi precipitado o acusador de nossos irmãos, que os acusava de dia e de noite diante do nosso Deus.

11 E êles o venceram pelo sangue do Cordeiro, e pela palavra do seu testemunho e não amaram as suas vidas até à morte.

12 Por isso, ó Céus, alegrai-vos, e vós os que habitais neles. Ai da terra e do mar, porque o diabo desceu a vós cheio duma grande ira, sabendo que lhe resta pouco tempo.

POR MIL E DUZENTOS E SESSENTA DIAS — Já no capítulo precedente notei que êste número de dias, reduzido a meses lunares, dava três anos e meio.

(6) **MIGUEL** — Nome do príncipe da milícia celeste, que etimològicamente significa: Seremos como Deus. A sua guarda estava confiado o povo de Deus; à sua proteção estão as almas que vão ser presentes ao supremo julgamento.

(7) **DIABO** — Quer dizer caluniador; Satanaz, adversário.

Apocalipse de S. João Apóstolo 12, 13-15

13 E o Dragão depois que se viu precipitado na terra, começou a perseguir a mulher que tinha dado à luz o filho macho.

14 E foram dadas à mulher duas asas de uma grande águia, para voar para o deserto, ao lugar do seu retiro, onde é sustentada um tempo, dois tempos e a metade dum tempo, fora da presença da serpente. (8)

15 E a serpente lançou da sua bôca, atrás da mulher, água como um rio, para fazer que ela fosse arrebatada da corrente. (9)

(8) **ONDE É SUSTENTADO UM TEMPO, DOIS TEMPOS E A METADE DUM TEMPO** — Por estes mesmos termos explicava Dan 7, 25, que havia de durar a perseguição de Antiocho contra os judeus. Porque na frase profética um tempo, dois tempos e a metade dum tempo, é o mesmo que um ano, dois anos, e meio ano. Ou um ano, dois anos e meio ano são três anos e meio ou 1360 dias. E este é o tempo que durou no Oriente a perseguição de Maximino; isto é, desde o principio do ano 308 até o meio do ano de 311, no qual Maximino a suspendeu em virtude dum edito de Galério Maximiano, que Lactâncio e Eusébio descrevem por inteiro. O caso é, que Galério Maximiano sentindo sobre si a mão pesada de Deus num terrível mal, que lhe dera desde o ano antecedente, conheceu o seu erro, arrependendo-se dele, se bem que com uma penitência falsa, como a de Antiocho; e à hora da morte fez expedir por todo o império um edito, em que se mandavam abrir as igrejas, e se concedia aos cristãos o livre exercício da sua religião. O qual edito, ainda que foi passado em Nicomédia a 30 de abril do ano 311, e aprovado tanto que lhe chegou à notícia por Constantino (circunstância advertida também por Lactancio e Eusébio), Maximino, que governava no Oriente, o teve suprimido por algum tempo, e só o mandou executar de palavra: no que bem se vê que se haviam de passar ao menos dois meses, entre a primeira data de Galério e a sua execução por Maximino. Veja-se Tillemont, tomo 5, Perseguição de Diocleciano, artigo 7 e artigo 41.

(9) **LANÇOU DA SUA BOCA** — Notório é que nas Escrituras pelas águas se simbolizam as perseguições. — Bossuet.

16 Porém a terra ajudou a mulher, e abriu a terra a sua bôca e enguliu o rio, que o dragão tinha vomitado da sua bôca. (10)

17 E o dragão se irou contra a mulher: E foi fazer guerra aos outros seus filhos, que guardam os mandamentos de Deus, e têm o testemunho de Jesus Cristo. (11)

18 E deixou-se estar sôbre a areia do mar. (12)

(10) **PORÉM A TERRA AJUDOU A MULHER** — Então pela primeira vez as potestades do mundo socorreram a Igreja. Constantino e Licínio reprimiram a perseguição de Maximino em 313. Este tirano, derrotado por Licínio na Trácia, sentiu sôbre si a vingança de Deus, publicou um edito favorável, e morreu como Antíoco, e como Galério Maximiano, arrependido sim, mas com uma penitência falsa. Lactâncio, no cap. 49 diz, que Maximino desesperado se matara a si mesmo com veneno. O mesmo tinha sucedido pouco antes a Aurelio Diocleciano, que, assaltado duma extraordinária melancolia, e duma contínua apreensão da morte, renunciara o império e morrera como louco; e a Maximiano Herculeo, que a si mesmo se enforcou.

(11) **E FOI FAZER GUERRA AOS OUTROS SEUS FILHOS** — Licínio renova a perseguição em 319, que enfim é extinta por Constantino em 323, com o desbarato, e morte de Licínio, derrotado na batalha de Cibalis na Panônia, e estrangulado pouco depois em Tessalônica. E quando assim acabou Licínio, havia já nove anos que Maxêncio, vencido pelo mesmo Constantino junto a Roma, morrera afogado no Tibre.

(12) **E DEIXOU-SE ESTAR SÔBRE A AREIA DO MAR** — Com a morte de Licínio em Tessalônica, cidade marítima, ficou o dragão reduzido a não se mover das areias do mar. Onde a Vulgata porém diz: "E deixou-se estar", tem o grego: "E eu me deixei estar sôbre a areia do mar". A lição da Vulgata tem por si ao Siríaco, ao Arabico, ao manuscrito de Alexandria e ao testemunho de Ticônio, o que tudo mostra que ela é antiquíssima; mas a lição do grego condiz belamente com o que se segue, onde S. João vê sair do mar um dragão marinho. — *Calmet*.

CAPÍTULO 13

A BESTA QUE SAI DO MAR, AS SUAS SETE CABEÇAS E OS SEUS DEZ CORNOS. UMA DAS SUAS CABEÇAS, QUE PARECIA MORTA, É CURADA. SEGUNDA BESTA COM DOIS CORNOS, SEDUZINDO A TODO O MUNDO.

1 E vi levantar-se do mar uma Bêsta, que tinha sete cabeças e dez cornos, e sôbre os seus cornos dez diademas, e sôbre as suas cabeças nomes de blasfêmia. (1)

(1) **E VI LEVANTAR-SE DO MAR UMA BESTA** — Na figura de quatro bestas tinha também visto Daniel levantarem-se do mar quatro grandes impérios. Ondê pelo mar se deve entender a agitação das coisas humanas figuradas pelo mar, sobre o qual asopram todos os ventos. Dan 7, 2. — Bossuet.

QUE TINHA SETE CABEÇAS E DEZ CORNOS — O capítulo 17, que é verdadeiramente a chave das profecias do Apocalipse, nos descobre que esta Bêsta não é outra que o império de Roma pagã, pois nele claramente diz S. João, que as sete cabeças da bêsta são os sete montes, sôbre que a prostituta está assentada, e que as mesmas sete cabeças são sete reis; porque na frase dos gregos (a qual também seguiu Eusébio no livro 8, cap. 13), reis se chamam os sete Augustos, ou os sete imperadores, que então governavam, a saber: Aurélio Diocleciano, Maximiano Herculeo, Galério Maximiano, Constâncio Cloro, pai de Constantino, Magno-Maxêncio, filho natural de Maximiano Herculeo, Maximino e Licínio, filhos adotivos de Galério Maximiano. Nem deve fazer duvida metter-se entre estas sete cabeças, ou sete imperadores, um Constâncio Cloro, pai de Constantino, porque ainda que êle, como atesta Eusébio no referido livro 8 cap. 13, e o Memorial dos Donatistas, que escreve Santo Optato no livro 1, não teve parte na perseguição contra os cristãos, quanto ao seu pessoal e quanto a não passar edito algum próprio contra êles, é contudo inegável que Constancio Cloro fazia corpo com os outros, e em nome de todos saíam os editos de perseguição, assim como em nome de todos saíam as leis do império, que ainda hoje lemos no código de Juliano, e é igualmente constante que nas mesmas Gallias, em que governava Constâncio, foram muitos os que em seu tempo padeceram martírio, ou pelas sedições do povo, ou pelo ódio dos magistrados. Terceiro argumento, de que por esta besta se representa o império de Roma pagã, é que no mesmo capítulo 17 se diz claramente que a prostituta, assentada sobre a besta, era a grande Babilônia, de baixo do qual nome de Babilônia toda a antiguidade reconheceu

2 E esta Bêsta que eu vi, era semelhante a um leopardo, e os seus pés como pés de urso, a sua bôca como bôca de leão. E o dragão, lhe deu a sua fôrça e o seu grande poder. (2)

Roma no fim da primeira epistola de S. Pedro. Os dez cornos da bêsta, já notamos noutra parte que simbolizam os dez reis ou as dez nações em que os dividiu pelo tempo adiante o império de Roma. Mas como sendo só sete as cabeças, são contudo dez os cornos, parece que a considerar nisto algum mistério, devemos crer que umas cabeças tinham mais cornos do que as outras, e que assim três delas, como as principais, tinha cada uma dois cornos, e as outras quatro cabeças tinha cada uma seu. E segundo esta intelligência, pode-se dizer que as três cabeças principais eram os três principais imperadores: Diocleciano e os dois Maximianos. — Bossuet. A todos os flageladores e usurpadores têm alguns commentadores aplicado esta passagem. Os inimigos de Napoleão I quiseram demonstrar que era a êle que se referiam estas palavras, que outros têm aplicado a alguns mal intencionados usurpadores, mormente quando perseguem a Igreja, esquecem tradições e conculcam direitos sacratissimos.

E SOBRE AS SUAS CABEÇAS NOMES DE BLASFEMIA — Repare-se que os sete montes de Roma eram dedicados aos falsos deuses da gentilidade, e que os sete imperadores, como gentios que eram, tinham adotado para si os nomes dos mesmos deuses, porque Diocleciano tomou o nome de Júpiter, chamando-se Jóvio; Maximiano, o de Hercules; chamando-se Hercúleo; o outro Maximiano o de filho de Marte; e Lactâncio, no cap. 50 adverte que os soberbos titulos de Jovios e de Herculeos, que Deocleciano e Maximiano tinham adotado, passaram a seus sucessores. Eis aqui nomes de blasfemia nas sete cabeças da besta. — Bossuet.

(2) **ERA SEMELHANTE A UM LEOPARDO** — A figura do leopardo fazia o corpo da besta. Este animal é simbolo da inconstância, por causa da variedade das cores de que é malhada a sua pele, por isso os intérpretes em Daniel o applicam aos costumes inconstantes de Alexandre. Mas êstes caracteres não convêm aqui menos a Maximiano Hercúleo, que larga o império e o torna a tomar, que desta segunda vez se dá bem, primeiramente com seu filho Maximiano, e logo pouco depois, cioso dele, o quer perder; que se faz amigo de Galério, e logo machina arruiná-lo; que por último se une com seu genro Constantino, mas depois se põe contra ele. Eis aqui o leopardo, de que S. João quis formar corpo da besta. — Bossuet.

E OS SEUS PÉS COMO PÉS DE URSO — Este é Galerio Maximiano, animal vindo do norte, a quem o seu humor selvagem e

Apocalipse de S. João Apóstolo 13, 3-6

3 E vi uma das suas cabeças como ferida de morte: E foi curada a sua ferida mortal. E se maravilhou tôda a terra após a Bêsta. (3)

4 E adoraram ao dragão, que deu poder à Bêsta: E adoraram a Bêsta, dizendo: Quem há semelhante à Bêsta? e quem poderá pelejar contra ela?

5 E foi dada à Bêsta uma bôca, que se gloriava com insolência e pronunciava blasfêmias: E foi-lhe dado poder de fazer guerra por quarenta e dois meses.

6 E abriu a sua bôca em blasfêmias contra Deus, para blasfemar o seu nome, o seu Tabernáculo, e os que habitam no Céu. (4)

brutal, a sua enorme grossura, o seu aspecto carrancudo e feroz faziam parecer um urso. E como seu semelhante, observa Lactân-cio no cap. 21, que Galério gostava muito de ter consigo este animal. *Habebat Ursos ferociae, ac magnitudinis suae simillimos.* — Bossuet.

A SUA BÔCA COMO BÔCA DE LEÃO — Este é o Diocleciano, que neste corpo monstruoso era como a primeira cabeça, que logo se apresentava, porque ele era o primeiro imperador que tinha adotado os outros, como é sabido pela história. E o nomear-se ele o último, é porque com efeito Deocleciano não era o mais inimigo dos cristãos. Galério Maximiano foi que o incitou e constrangeu a passar o cruel edito, como também a renunciar o imperio. *Lactân-cio, capítulo 11.* — Bossuet.

(3) **UMA DAS SUAS CABEÇAS** — É Maximiano, que depois de extintos os cinco primeiros tiranos, foi destruído por Licínio e por Constantino, e figurava morto o império da idolatria. — Bossuet.

E FOI CURADA A SUA FERIDA MORTAL — Daí a cinquenta anos ressuscitou a besta na pessoa de Juliano apostata. — Bossuet.

(4) **PARA BLASFEMAR O SEU NOME E O SEU TABERNÁCULO, E OS QUE HABITAM NO CÉU** — Blasfemava Juliano contra o nome de Deus, chamando a Jesus Cristo por desprezo o Galileu; blasfemava o seu tabernáculo, porque blasfemava contra a igreja; blasfemava contra os Santos do Céu, porque dizia S. Pedro, S. Paulo, S. João, os Apóstolos, os Mártires eram uns miseráveis punidos pelas leis, e adorados por uns insensatos. — Bossuet.

7 E foi-lhe concedido que fizesse guerra aos santos, e que os vencesse. E foi-lhe dado poder sobre toda a tribo, povo, língua e nação. (5)

8 E todos os habitantes da terra a adoraram: Aqueles, cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro, que foi imolado desde o princípio do mundo. (6)

9 Se alguém tem ouvidos, ouça.

10 Aquele que levar para o cativo, irá para o cativo: Aquele que matar à espada, importa que seja morto à espada. Aqui está a paciência e a fé dos Santos. (7)

11 E vi outra Bêsta, que subia da terra, e que tinha dois cornos semelhantes aos do cordeiro, e que falava como o dragão. (8)

(5) **E QUE OS VENCESSE** — Com efeito foram muitos os que Juliano fez apostatar. — Bossuet.

E FOI-LE DADO PODER — A perseguição de Juliano foi geral por todo o império, porque só ele era então imperador. — Bossuet.

(6) **QUE FOI IMOLADO DESDE O PRINCÍPIO DO MUNDO** — Imolado desde o princípio do mundo nas vítimas e nos Santos, que o figuravam, ou também podemos aqui considerar hipérbato ou transposição de palavras, de sorte que desde o princípio do mundo se deva unir com os nomes não escritos no livro da vida, conforme outra passagem toda semelhante neste mesmo livro do Apocalipse, 17, 8. — Bossuet.

(7) **AQUELE QUE LEVAR PARA O CATIVEIRO** — São palavras com que S. João consola os Santos, lembrando-lhes o castigo ainda temporal dos seus perseguidores. Valeriano meteu em prisão a muitos fiéis e ele veio a experimentar a dos persas, feito seu cativo. Juliano acabou na guerra com os mesmos persas, ferido dum' mão invisível, e então é que ele rompeu naquela blasfêmia que refere Teodoreto, dizendo para Jesus Cristo, Venceste, Galileu, venceste. — Bossuet.

(8) **E VI OUTRA BÊSTA** — Era a filosofia pitagórica, que sustentada da mágica, veio em socorro da idolatria romana, filoso-

Apocalipse de S. João Apóstolo 13, 12-15

12 E ela exercitava todo o poder da primeira Bêsta na sua presença, e fêz que a terra, e os que a habitam, adorassem a primeira Bêsta, cuja ferida mortal tinha sido curada. (9)

13 E obrou grandes prodígios, de sorte que até fazia descer fogo do Céu sôbre a terra à vista dos homens.

14 E seduziu aos habitantes da terra com os prodígios, que se lhe permitiram fazer diante da Bêsta, dizendo aos habitantes da terra que fizessem uma imagem da Bêsta, que tinha recebido um golpe de espada, e ainda estava viva. (10)

15 E foi-lhe concedido que communicasse espírito à imagem da Bêsta, e que falasse a tal imagem da mesma

fia, portanto, cheia de termos e discursos pomposos, cheia de prestígios e falsos milagres, cheia de todo o gênero de adivinhações que estavam em uso no paganismo. E os seus dois cornos eram os escritos dos dois filosofos Plotino e Porfirio, que em tempo de Deocleciano andavam muito em voga. — Bossuet.

(9) **ADORASSEM A PRIMEIRA BÊSTA** — Nestas palavras se vê que a adoração respeita a primeira besta, como curada, isto é, a Juliano Apostata, em cujo tempo reviveu a idolatria, e que, como refere Sócrates, livro 3, cap. 19, tinha resolvido, quando voltasse da guerra dos persas, aplicar contra os cristãos os mesmos supplicios de que tinha usado Diocleciano. Juliano pois é o que faz reviver os intentos de Diocleciano, que eram arruinar o cristianismo. — Bossuet.

(10) **QUE FIZESSEM UMA IMAGEM** — A mesma Roma que espalhava por todo o mundo a idolatria, era um objeto dela na sua pessoa e nas de seus imperadores. Todos sabem, que havia templos dedicados a Roma, onde ela era adorada como deusa. Além disso, da célebre Carta de Plínio Moço a Trajano, e doutra de S. Dionísio de Alexandria, que traz Eusébio, liv. 7, cap. 2, consta que justamente com as imagens dos deuses se apresentavam aos cristãos as imagens dos imperadores, incitando-os a oferecer incenso promiscuamente a umas e a outras. — Bossuet.

Bêsta: E que fizesse que fossem mortos todos aqueles que não tivessem adorado a imagem da Bêsta (11).

16 E a todos os homens pequenos, e grandes, e ricos, e pobres, e livres, e escravos fará ter um sinal na sua mão direita, ou nas suas testas: (12)

17 E que nenhum possa comprar, nem vender, senão o que tiver o sinal, ou nome da Bêsta, ou o número do seu nome. (13).

(11) **E FOI-LHE CONCEDIDO, QUE** — Juliano, antes de Imperador, e depois de imperador todo se entregou aos mágicos, que lhe prometiam, e fizeram ver muitos prodígios aparentes, como ressuscitarem mortos, falarem estátuas, acenderem-se fogos repentinamente. Por isso Juliano estimava muito os escritos de Jamblico e de Porfírio, cheios de prestígios e de embustes. E o seu mais prezado diretor era Máximo, grande mágico daquele tempo, cuja vida temos escrita por Eunápio. Santo Agostinho no livro 5 *Da Cidade de Deus*, cap. 21, escreve assim de Juliano: Uma detestável e sacrilega curiosidade, com que Juliano toda a sua vida procurou saber as coisas futuras, tinha lisonjeado a sua ambição. — Bossuet.

E QUE FIZESSE QUE FOSSEM MORTOS — S. Gregório Nazianzeno e Hermias Sozomeno atestam, que Juliano tinha passado ordem, que se castigassem, como inimigos do imperador, todos os que recusassem adorar a sua estátua juntamente com as dos deuses, que estavam ao derredor dela. — Bossuet.

(12) **E A TODOS OS HOMENS** — Para que professem a idolatria, e o mostre pelas suas obras, como era trazer o sinal, marca, ou caráter, deste ou daquele Deus, impresso com um ferro quente, ou no braço, ou na testa. Grócio e Hamon apontam muitas provas deste costume. — Bossuet.

(13) **E QUE NENHUM POSSA COMPRAR NEM VENDER** — Isto diz uma relação manifesta a perseguição de Diocleciano. Todos os interpretes apontam aqui um hino do venerável Beda, composto à honra de S. Justino Mártir, não do filósofo que tinha padecido martírio no segundo século, mas doutro Justino, que padeceu em tempo de Diocleciano. No qual hino se diz, que se não permitia, nem comprar, nem vender, nem ainda tirar água das fontes, senão depois de ter oferecido incenso aos ídolos. Isto é o que se não tinha visto noutra alguma perseguição. Isto foi próprio de Diocleciano. Porém Juliano, no qual ele devia reviver, empreendeu coisa seme-

Apocalipse de S. João Apóstolo 13, 18; 14, 1

18 Aqui há sabedoria. Quem tem inteligência, calcule o número da Bêsta. Porque é número de homem: E o número dela é seiscentos e sessenta e seis. (14)

CAPÍTULO 14

O CORDEIRO SÔBRE O MONTE DE SIÃO. OS SANTOS O ACOMPANHAM. SEGUINDO-O. O FILHO DO HOMEM APARECE SÔBRE UMA NUVEM. A VINDIMA DOS PECADORES.

1 E olhei: E eis que o Cordeiro estava em pé sôbre o Monte de Sião e com êle cento e quarenta e quatro mil,

lhante, quando fêz lançar nas fontes dos manjares imolados, e lançar da água consagrada ao demônio, sobretudo o que se vendia no mercado, para forçar assim os cristãos a participarem dos sacrificios impuros, e idolátricos. Teodoreto, Livro 3, Cap. 15. — Bossuet.

(14) E O NÚMERO DELA É SEISCENTOS E SESSENTA E SEIS — Este lugar, mais que nenhum outro do Apocalipse, tem dado muito que fazer aos antigos, e modernos interpretes. S. João quer-nos dar a conhecer uma insigne personagem humana pelo número do seu nome, para daí virmos no conhecimento da Bêsta, que havia de reviver, e cujo caráter era necessário que trouxessem impresso, os que houvessem de comprar, e vender, conforme o verso precedente. Calmet diz que a explicação de Bossuet é a mais provável de tôdas. E eis aqui a explicação de Bossuet. O nome de Diocleciano antes de imperador era Diocles. Lactâncio, Cap. 9. Para fazer daqui o imperador que S. João designou pela Bêsta, não é necessário mais do que juntar ao seu nome particular Diocles, a sua qualidade Augustus, que os imperadores com efeito costumavam juntar ao seu nome. Feito isto, logo dum golpe de vista apparece nas letras numerosas dos latinos (que destas convém que se use, visto tratar-se dum imperador romano) o número 666 DIOCLES AVGVSTVS, DCLXVI. Eis aqui o grande perseguidor, que S. João representou de tantas maneiras. Eis aqui o que Juliano fez reviver: por isso antes se marca o seu nome do que o de Juliano. Até aqui mr. Bossuet. Talvez porém que alguns entendam melhor a sua explicação na forma que a traz Calmet.

que tinham escrito sôbre as suas testas o nome dele, e o nome de seu Pai. (1)

2 E ouvi uma voz do Céu, como o estrondo de muitas águas, e como o estrondo de um grande trovão: E a voz, que ouvi, era como de tocadores de cítara, que tocavam as suas cítaras.

3 E cantavam um como cântico novo diante do trono, e diante dos quatro animais e dos anciãos: E ninguém

D		500
I		1
O		0
C		100
L		50
E		0
S		0
A		0
V		5
G		0
V		5
S		0
T		0
V		5
S		0
Total		666

Porém os modernos críticos explicam desta sorte: Os antigos usavam muito a designação numérica para indicar pessoas, fatos e qualidades, e assim dizem, o número 6 só tem um valor místico, lembra o dia do homem, portanto a imperfeição, ao passo que 8 é o de Deus, a perfeição eterna. Daqui deduzem 666 significar a imperfeição radical, como 888, o nome de Jesus, significa a perfeição infinita.

(1) **E COM ELE CENTO E QUARENTA E QUATRO MIL** — É o número consagrado à universalidade dos Santos, posto que êle só compreende os judeus, segundo vimos no Cap. 7. Mas isto é porque se entende o todo pelos primelros, e porque o número de doze, raiz dêste, é igualmente sagrado na sinagoga e na igreja. — Bossuet.

Apocalipse de S. João Apóstolo 14, 4-9

podia cantar este cântico senão aqueles cento e quarenta e quatro mil, que foram comprados da terra. (2)

4 Estes são aqueles que se não contaminaram com mulheres: Porque são virgens. Estes seguem o cordeiro, para onde quer que ele vá. Êstes foram comprados dentre os homens para serem as Primícias para Deus e para o cordeiro.

5 E na sua bôca não se achou mentira: Porque estão sem mácula diante do trono de Deus.

6 E vi outro anjo voando pelo meio do Céu, que tinha o Evangelho eterno, para o pregar aos que fazem assento sôbre a terra, e a tôda a nação, e tribo, e língua, e povo:

7 Dizendo em alta voz: Temei ao Senhor, e dai-lhe glória, porque é chegada a hora do seu juizo: E adorai aquele que fez o Céu, e a terra, o mar e as fontes das águas. (3)

8 E outro anjo o seguiu, dizendo: Caiu, caiu aquela grande Babilônia, que deu a beber a todas as gentes do vinho da ira da sua fornicação. (4)

9 E seguiu-se a êstes o terceiro anjo, dizendo em alta voz: Se algum adorar a Bêsta, e a sua imagem, e trazer o seu caráter na sua testa, ou na sua mão:

(2) **COMPRADOS DA TERRA** — Isto é, os que foram resgatados pelo sangue do cordeiro os quais deixando a terra ascenderam ao Céu.

(3) **PORQUE É CHEGADA A HORA DO SEU JUIZO** — A hora de julgar a Roma perseguidora, cujo castigo será uma imagem do juizo final de Deus. — Bossuet.

(4) **CAIU, CAIU AQUELA GRANDE BABILÔNIA** — Este outro anjo explica em particular a queda próxima de Babilônia, isto é, do império e da idolatria de Roma. E explica-se pelo pretérito "calu", porque com a luz profética se vê já como feito o que brevemente se deve cumprir. — Bossuet.

10 Êste beberá também do vinho da ira de Deus, que está misturado com outro puro no cálice da sua ira, e será atormentado em fogo e enxofre diante dos santos anjos, e na presença do cordeiro:

11 E o fumo dos seus tormentos se levantará por séculos de séculos: Sem que tenham descanso algum nem de dia, nem de noite, os que tiverem adorado a Bêsta, e a sua imagem, e o que tiver trazido o caráter do seu nome.

12 Aqui está a paciência dos santos que guardam os mandamentos de Deus, e a fé de Jesus. (5)

13 Então ouvi uma voz do céu que me dizia: Escreve: Bem-aventurados os mortos, que morrem no Senhor. De hoje em diante diz o Espírito, que descensem dos seus trabalhos: Porque as obras deles os seguem.

14 E tornei a olhar, e eis que vi uma nuvem branca: E um assentado sobre a nuvem, que se parecia com o Filho do homem, o qual tinha na sua cabeça uma coroa de ouro, e na sua mão uma foice aguda.

15 E outro anjo saiu do templo, gritando em alta voz para o que estava assentado sobre a nuvem: Mete a tua foice, e sega, porque é chegada a hora de segar, pois a seara da terra está madura.

16 Então o que estava assentado sobre a nuvem, meteu a sua foice à terra, e a terra foi segada. (6)

17 E outro anjo saiu do templo que há no Céu, tendo também êle mesmo uma aguda foice.

18 Saiu mais do altar outro anjo, que tinha poder sobre o fogo: E êste em alta voz gritou para o que tinha

(5) **AQUI ESTÁ A PACIENCIA DOS SANTOS** — Aqul é que eles devem aprender a sofrer os tormentos temporais para evitarem os eternos. — Bossuet.

(6) **E A TERRA FOI SEGADA** — Roma, rainha das cidades, foi cortada, o império romano foi assolado por Alarico, e pelos godos. — Bossuet.

Apocalipse de S. João Apóstolo 14, 19-20; 15, 1

à foice aguda, dizendo: Mete a tua foice aguda, e vindima os cachos da vinha da terra, porque as suas uvas estão maduras.

19 E meteu o anjo a sua foice aguda à terra, e vindimou a vinha da terra, e lançou a vindima no grande lagar da ira de Deus:

20 E o lagar foi pisado fora da cidade, e o sangue, que saiu do lagar, subiu até chegar aos freios dos cavalos, por espaço de seis mil e seiscentos estádios. (7).

CAPÍTULO 15

OS SETE ANJOS TENDO NA MÃO AS SETE PRAGAS ÚLTIMAS, E OS SETE CÁLICES DA IRA DE DEUS. UM MAR TRANSPARENTE, SOBRE O QUAL OS VENCEDORES CANTAM O CÂNTICO DE MOISÉS.

1 E vi no Céu outro sinal grande, e admirável, sete Anjos que tinham as sete últimas pragas: Porque nelas é consumada a ira de Deus.

(7) **E O LAGAR FOI PISADO FORA DA CIDADE** — Umas vêzes tomava-se a cidade por todo o império romano, outras vezes pela mesma Roma sem compreender o seu império 17, 9-18. Eu entendo aqui a Átila que devastando a Itália, e outras muitas províncias, perdoou a Roma por atenção e respeito a S. Leão papa. — Bossuet.

E O SANGUE... SUBIU ATÉ CHEGAR AOS FREIOS DOS CAVALOS — O espaço de mil e seiscentos estádios, é quase o espaço de sessenta e sete leguas comuns; exageração, que representa a grande quantidade de sangue derramado, é a extensão dos países assolados; o que perfeitamente convém ao tempo de Átila. Els aqui pois dois grandes flagelos, de que Roma foi ferida, como golpe sobre golpe: o primeiro, e o mais áspero sobre ela mesma, e este fez cair o seu império em tempo de Alarico, ano 410. O segundo, nas províncias, quando sim se perdoou a Roma, mas o resto do Ocidente nadava em sangue em tempo de Átila, ano 451 e 452. — Bossuet e Calmet.

2 E vi assim um como mar de vidro envolto em fogo, e aos que venceram a Bêsta, e a sua imagem, e número do seu nome, que estavam sobre o mar de vidro, tendo cítaras de Deus: (1)

3 E cantavam êles o cântico do servo de Deus Moisés, e o cântico do cordeiro, dizendo: Grandes e admiráveis são as tuas obras, ó Senhor Deus todo poderoso; justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó rei dos séculos.

4 Quem te não temerá, Senhor, e quem não engrandecerá o teu nome? porque só tu és piedoso: Em consequência do que tôdas as nações virão e se prostrarão na tua presença, porque os teus juizos foram manifestados.

5 E depois disto olhei, e eis que vi que o templo do Tabernáculo do testemunho se abriu no Céu:

6 E os sete Anjos, que traziam as sete Pragas, saíram do templo, vestidos de linho puro e branco, e cingidos pelos peitos com cintas de ouro.

7 Então um dos quatro animais deu aos sete anjos sete cálices de ouro, cheios da ira de Deus, que vive por séculos de séculos.

8 E o templo se encheu de fumo pela majestade do Deus e da sua virtude: E ninguém podia entrar no templo, enquanto se não cumprissem as sete Pragas dos sete anjos.

(1) **E VI ASSIM UM COMO MAR** — Mistura S. João, segundo o seu costume, com as tristes e funestas idéias da vingança divina, o agradável espetáculo da glória dos martires. — Bossuet.

CAPÍTULO 16

OS SETE CALICES VASADOS, E AS SETE PRAGAS.

1 E ouvi uma grande voz, que saía do Templo, a qual dizia aos sete Anjos: Ide, e derramai sôbre a terra os sete cálices da ira de Deus.

2 E foi o primeiro, e derramou o seu cálice sôbre a terra, e veio um golpe cruel; e perniciosíssimo sôbre os homens, que tinham o sinal da Bêsta: E sôbre aqueles que adoraram a sua imagem. (1)

3 Derramou também o segundo anjo o seu cálice sôbre o mar, e se tornou em sangue como de um morto: E morreu no mar tôda a alma vivente. (2)

4 E o terceiro derramou o seu cálice sôbre os rios e sôbre as fontes das águas, e estas se converteram em sangue. (3)

(1) **UM GOLPE CRUEL E PERNICIOSÍSSIMO** — É a grande pestilência, que grassou por todo o império em tempo de Valeriano, e que, como atesta S. Dionisio de Alexandria, autor contemporâneo, numa carta que escreve Eusébio, livro 7, cap. 22, atacou principalmente os gentios, porque os cristãos, como nota o mesmo S. Dionisio, mais a consideravam como um remedio, ou como uma prova, do que como uma praga, e se alguns deles contraíram o mal, foi servindo por caridade aos apastados. — Bossuet.

(2) **DERRAMOU TAMBÉM O SEGUNDO** — São as guerras em todo o corpo do império; e o mar tornado em sangue, é porque em sangue nadou então todo o império, e em sangue como de um morto, para significar o deplorável estado em que o império se achava em tempo de Valeriano, e no de seu filho Galieno, quando destituido o império de autoridade, que é a sua alma, parecia um cadaver. — Bossuet.

(3) **E O TERCEIRO DERRAMOU** — Os rios convertidos em sangue são as províncias ensanguentadas com as guerras civis. Porque então é que se levantaram os trinta tiranos, cujas vidas temos escritas na *Historia Augusta*, por Trebelio Polião — Bossuet.

5 E ouvi dizer ao Anjo das águas: Justo és, Senhor, que és, e que eras Santo, que isto julgaste:

6 Porque elles derramaram o sangue dos Santos e dos Profetas, lhes deste também a beber sangue: Porque assim o merecem.

7 E ouvi a outro que dizia do Altar: Certamente, Senhor Deus Todo-Poderoso, verdadeiros e justos são os teus juizos.

8 E o quarto Anjo derramou o seu cálice sobre o Sol, e foi-lhe dado poder de afligir os homens com calor e fogo: (4)

9 E os homens se abrasaram com um calor devorante, e blasfemaram o nome de Deus, que tem poder sobre estas Pragas, e não se arrependeram para lhe darem glória. (5)

10 Derramou igualmente o quinto Anjo o seu cálice sobre o trono da Bêsta: E o seu Reino tornou-se tenebroso, e os homens se morderam a si mesmos as línguas com a veemência da sua dor: (6)

(4) **E O QUARTO ANJO DERRAMOU** — Para significar os excessivos calores, e em consequência dos calores a sêca, e em consequência da sêca a fome. Em S. Dionisio de Alexandria vê-se-o Nilo como sêco pelos grandes calores, que tudo abrasavam. Em S. Cipriano, outro autor do tempo, uma fome geral. — Bossuet.

(5) **E BLASFEMARAM O NOME DE DEUS** — Em lugar de se converterem, era tal a cegueira dos idólatras, que imputavam êstes males públicos aos cristãos. Assim o afirma S. Cipriano. E esta iníqua e blasfema imputação durou até ao tempo de Santo Agostinho, que para que se patenteasse a sua falsidade, aconselhou e induziu ao nosso Paulo Orosio, presbítero bracaraense, que escrevesse a sua história, toda dirigida a êste fim. E com o mesmo escreveu Santo Agostinho a sua obra *Da Cidade de Deus*.

(6) **SÔBRE O TRONO DA BÊSTA** — A Bêsta, como já se viu, é Roma, idólatra. A praga, ou flagelo de Deus sobre o trono

11 E blasfemaram o Deus do Céu por causa das suas dores e das suas feridas, e não fizeram penitência das suas obras.

12 E derramou o sexto Anjo o seu cálice sobre aquele grande rio Eufrates: E secou as suas águas, para que se aparelhasse caminho para os reis do Oriente. (7)

da Bêsta, é a grandeza e majestade dos imperadores vilipendiada. Isto é o que succedeu, quando Valeriano, vencido e feito escravo dos persas, serviu ao seu rei de banco para montar a cavalo, quando depois da sua morte foi esfolada a sua pele, e pendurada no templo, como um eterno padrão de uma tão formosa vitória; quando depois de tantas indignidades, feitas a Valeriano, foi a majestade do império ainda mais desonrada pela moleza e insensibilidade de seu filho Gallieno. Lactâncio. *De Mortibus Persecutorum*, Cap. 5, e seg. — Bossuet.

E O SEU REINO TORNOU-SE TENEBROSO — A dignidade do imperador ficou envilecida pelo grande número dos que a si a atribuíram. Estes chegaram a trinta, entre eles alguns de baixíssimo nascimento. Ajuntava-se a isto para maior vergonha do nome romano, que até mulheres o quizeram governar. Trebello Polião põe na boca do senado este clamor: Livra-nos de Vitória e de Zenóbia, e por excessivos que fossem os outros males o opróbrio a todos passava. Tal foi o golpe que Roma recebeu em tempo de Valeriano logo depois da perseguição. O outro golpe ainda foi mais funesto, porque então, como já vimos acima, é que começou a inundação dos Bárbaros. Para resistir a tantos inimigos, foi necessário em tempo de Diocleciano multiplicar os imperadores e os césares. Desta sorte veio a ficar envilecido o nome de César, mostrada a fraqueza do império, pois que um príncipe sendo só, o não podia defender; os encargos e impostos públicos, aumentados a um excessivo ponto, para haver de que se sustentassem as imensas despesas de três, de seis e de nove imperadores juntos. Els aqui os degraus por onde Roma desde Valeriano se ia a precipitar na sua última ruína em tempo de Honório. — Bossuet.

(7) E SECOU AS SUAS ÁGUAS, PARA QUE SE APARELHASSE — No estilo dos profetas, o secarem-se as ribeiras significa abrir passagem. Is 11, 15. 16; Zac 10, 11. E aqui temos o Eufrates seco, para abrir caminho a Sapor, rei da Pérsia, e aos outros que o seguiram, para fazer guerra a Valeriano e aos seus sucessores. — Bossuet.

13 E eu vi sairem da bôca do Dragão, e da bôca da Bêsta, e da bôca do falso Profeta, três espíritos imundos, semelhantes às rãs. (8)

14 Estes pois são uns espíritos de demônios, que fazem prodígios e que vão aos reis de tôda a terra, para os ajuntar para a batalha no grande dia do Deus Todo Poderoso.

(8) **E DA BOCA DO FALSO PROFETA** — Este falso profeta é a segunda Bêsta do Capítulo 13, isto é. o império da filosofia pitagórica, sustentado pela mágica. — Bossuet.

TRÊS ESPÍRITOS IMUNDOS — Pelo verso seguinte, "estes três espíritos imundos, semelhantes às rãs, são uns espíritos de demônios, que fazem prodígios, etc." E tudo mostra que estes três espíritos são os mágicos e os adivinhos, que animavam os príncipes contra os cristãos por meio dos seus prestígios e falsos milagres. Ora o serem três as bôcas, donde estes três espíritos salam, está denotando três tempos, em que os mágicos valeram muito com os imperadores. O primeiro é o de Valeriano, ao qual este Capítulo respeita principalmente. S. Dionísio de Alexandria faz menção dum chefe de mágicos, que incitou este príncipe a perseguir os cristãos, metendo-lhe na cabeça que tudo lhe sairia bem, se assim o fizesse. Euseb. 7, 9. O segundo é o de Diocleciano, no qual um famoso adivinho, chamado Tages, se servia das suas adivinhações para o irritar contra os nossos. Lactância, 10. O mesmo príncipe mandou a outro adivinho, que fosse consultar o oráculo de Apolo, e ele lhe trouxe ordem do oráculo que perseguisse os cristãos. Lactancio. Cap. 11. Na mesma perseguição outro mágico, por nome Teotecho, "erigiu um ídolo de Júpiter, que preside as amizades, e pelos seus falsos milagres e falsos oráculos, que dele se davam, fez que Maximiano se enfurecesse contra os cristãos, assegurando-lhe que Deus lhe mandava que os exterminasse". Euseb. 9, 2, 3. O terceiro é o de Juliano Apóstata, de quem nós já observamos, quando ele estimava e acreditava os adivinhos, sobre todos o famoso Máximo, cujos embustes descreve Eunápio. Este foi o que prometeu a Juliano uma vitória certa dos persas, de sorte que depois da perda de Juliano o motejavam os cristãos, dizendo: Onde estão, Máximo, as tuas profecias? Theod. 3 Cap. último. — Bossuet.

Apocalipse de S. João Apóstolo 16, 15-19

15 Eis aí venho como ladrão. Bem-aventurado aquele que vigia e guarda os seus vestidos, para que não ande nu e vejam a sua fealdade.

16 E ele os ajuntará num lugar, que em hebraico se chama Armagedon. (9)

17 E o sétimo Anjo derramou o seu cálice pelo ar, e saiu uma grande voz do Templo da banda do Trono, que dizia: Está feito. (10)

18 Logo sobrevieram relâmpagos, vozes e trovões, e houve um grande tremor de terra: Tal e tão grande terremoto, qual nunca se sentiu desde que existiram homens sobre a terra.

19 E a grande cidade foi dividida em três partes: E as Cidades das Nações caíram, e Babilônia, a grande,

(9) **QUE EM HEBRAICO SE CHAMA ARMAGEDON** — O grego dos setenta escreve este nome com dois dd, **Armageddon**, e assim o traz a Vulgata em vários livros do Testamento Velho. Segundo a etimologia hebraica, **Armageddon**, quer dizer "Monte de Mageddon". Por alusão porém ao que succedeu a vários reis em Mageddon, o lugar em que em hebraico se chama Mageddon, é o lugar onde os grandes exércitos são derrotados, o lugar onde os reis perecem, porque Isara, e os reis de Cansan, foram mortos em Mageddon. **Jd** 4, 6 e 5, 19. Ocozias foi morto em Mageddon **4 Rs** 9, 27. Jôσίας foi morto em Mageddon **4 Rs** 23, 29. Dizer pois S. João que "ele os ajuntará" isto é, que ele dragão ajuntará os reis, "no lugar de Armageddon", é dizer que o demônio por meio dos embustes dos seus adivinhos levará os reis, que neles se fiam, ao lugar da sua destruição, e da sua matança. E é o que succedeu a Valeriano e a Juliano; que ambos foram desbaratados pelos persas, seus vencedores. — **Bossuet**.

(10) **E O SÉTIMO ANJO** — No ar se formam as tempestades e os raios. No império romano, depois do cativo, e morte de Valeriano, tudo se inquietou, tudo se comoveu com a invasão e hostilidades das nações bárbaras, que com repetidos golpes o iam dispondo a acabar de todo. — **Bossuet**.

veio em memória diante de Deus, para lhe dar a beber o cálice do vinho da indignação da sua ira. (11)

20 E tôda a Ilha fugiu, e os montes não foram achados. (12)

21 E caiu do Céu sôbre os homens uma grande chuva de pedra, como do pêso dum talento: E os homens blasfemaram de Deus, por causa da Praga da pedra: Porque foi grande em extremo. (13)

E SAIU UMA GRANDE VOZ — Os godos destinados por Deus para extinguir o império romano, entraram nele à testa de todos os bárbaros, em tempo de Valeriano. O Espírito Santo, que vê os efeitos nas suas causas, e todo o progresso do mal desde o seu principio, pronuncia desde o trono: Está feito. Está perdida Roma. — Bossuet.

(11) **E A GRANDE CIDADE FOI DIVIDIDA EM TRÊS PARTES** — Aqui pela sucessão das coisas, estamos já transportados do tempo de Valeriano ao de Honório. Ao pé da letra, se viu então o império ocidental dividido em três: Honório em Ravena, Atalo em Roma, Constantino nas Gálias. Oros 7, 40-42. — Bossuet.

E AS CIDADES DAS NAÇÕES CAIRAM — Os Godos tomaram muitas praças, e as províncias do império se perderam, as Gálias, as Espanhas a Grã Bretanha, e outras. — Bossuet.

E BABILÔNIA, A GRANDE, VEIO — Neste mesmo tempo, foi tomada Roma por Alarico, em 410. — Bossuet.

(12) **E TÔDA A ILHA FUGIU** — Assim representam os profetas a ruína dos grandes impérios, Ez 26, 15-18. E S. Jerônimo sôbre Ezequiel diz: Que com a perda de Roma pareceu que se perdia todo o universo. — Bossuet.

(13) **COMO DO PESO DUM TALENTO** — Este é o pêso terrível da vingança de Deus, e os golpes da sua mão tôda poderosa. — Bossuet.

E OS HOMENS BLASFEMARAM DE DEUS POR CAUSA DA PRAGA — "As blasfemias se continuaram em tôda a cidade", (diz o nosso Orosio no livro 7, cap. 37) e o nome de Jesus Cristo então mais do que nunca foi considerado como a causa de todos os males. — Pereira.

CAPÍTULO 17

A BÊSTA DE SETE CABEÇAS E DEZ CORNOS. A PROSTITUTA QUE ELA LEVA. O SEU ENFEITE. O SEU MISTÉRIO.

1 Então veio um dos sete anjos, que tinham os sete cálices, e falou comigo, dizendo: Vem cá, e eu te mostrarei a condenação da grande prostituta, que está assentada sobre as grandes águas. (1)

2 Com quem se corromperam os reis da terra, e que tem embebedado os habitantes da terra com o vinho da sua prostituição.

3 E me arrebatou em espírito ao deserto. E vi uma mulher assentada sobre uma bêsta de cor de escarlata, cheia de nomes de blasfêmias, que tinha sete cabeças e dez cornos. (2)

(1) **DA GRANDE PROSTITUTA** — É Roma gentilica; e a queda da grande Babilônia, a mesma Roma tomada por Alarico.

(2) **E VI UMA MULHER ASSENTADA SOBRE UMA BÊSTA DE COR DE ESCARLATA** — A cor de escarlata todos vêem que é cor de império e dos imperadores, e ao mesmo tempo significa o sangue e as crueldades. S. João explica claramente, que a bêsta e a mulher no seu fundo são a mesma coisa, e que uma e outra é Roma com o seu império. Por isso a bêsta é representada como a que tem os sete montes, verso 9. E a mulher é a grande cidade que domina sobre os reis da terra, verso 18. Logo uma e outra é Roma; mas a mulher é mais própria para significar a prostituição, que nas Escrituras, como acima notamos, forma o caráter da idolatria. — Bossuet.

CHEIA DE NOMES DE BLASFEMIAS — A bêsta é que estava cheia destes nomes, como se vê do grego e da combinação do que da mesma bêsta se disse no capítulo 13. E estes nomes de blasfêmia eram os títulos que por todo o império se davam a Roma, chamando-a *Urbs Aeterna*, a Cidade Eterna: dedicando-lhe templos e medalhas com a inscrição, *Dea Roma*. A deusa Roma. — Bossuet.

4 E a mulher estava cercada de púrpura, e de es-carlata, e adornada de ouro, e de pedras preciosas, e de pérolas, e tinha uma taça de ouro na sua mão, cheia de abominação, e da imundície da sua torpeza. (3)

5 E estava escrito na sua testa este nome: Mistério: A grande Babilônia, a mãe das devassidões e das abominações da terra. (4)

6 E vi esta mulher embebada do sangue dos Santos, do sangue dos Mártires de Jesus. E quando a vi fiquei espantado com uma grande admiração.

(3) **E A MULHER ESTAVA CERCADA DE PÚRPURA** — A côr do vestido está designando a Roma, aos seus magistrados e aos seus imperadores, que pela púrpura se distinguiam. O ouro e as pedras preciosas de que estava ornada, são os sinais da sua vaidade e como atractivos do amor impuro que ella queria inspirar. O vaso de ouro na mão é o de que fala Jr 51, 7, quando diz: Babilônia é um copo de ouro que embebeda toda a terra; todas as nações beberam do seu vinho, por isso ficaram embebadas. Por este vinho de Babilônia se devem entender os erros e os vícios com que ella empeçonhava todo o mundo. — Bossuet.

(4) **E ESTAVA ESCRITO NA SUA TESTA ESTE NOME: MISTÉRIO** — Como se elle dissesse: Aqui está uma personagem mística, debaixo do nome de Babilônia, Roma. Este é o sentido mais natural. Mas também se pode entender doutro modo: isto é, que a prostituta tinha escrito na testa o nome Mistério, como um rotulo que significava, que aquella personagem tinha seus mistérios na sua religião, sobre os quaes estava a sua denominação fundada, porque Roma desde o seu nascimento estava consagrada a Marte, e isto era, como se dizia, o que a fazia vitoriosa; e essa a sua mesma Roma tinha em suma veneração os livros sibillinos. Livros secretos e misteriosos, onde ella cria que achava os destinos do seu império. — Bossuet.

A GRANDE BABILÔNIA — Babilônia na Escritura é a terra dos dolos; é o monte empestado, que corrompe a terra Jer 51, 25. 47. 52. Os seus ídolos, os seus encantamentos, os seus malefícios, as suas adivinhações andam apontados em todos os profetas, e particularmente em Is 47, 9-12. Daqui se vê com quanta razão S. João nos representa Roma debaixo do nome de Babilônia, da qual tinha todos os caracteres. — Bossuet.

Apocalipse de S. João Apóstolo 17, 7-9

7 Então me disse o Anjo: Por que te admiras? Eu te direi o mistério da mulher, e da Bêsta que leva, e que tem sete cabeças e dez cornos.

8 A Bêsta, que tu viste, era, e já não é, e ela há de subir do abismo, e há de ser precipitada na perdição: E os habitantes da terra (cujos nomes não estão escritos no Livro da vida desde o princípio do Mundo) se encherão de pasmo, quando virem a Bêsta, que era, e já não é. (5)

9 E aqui há sentido que tem sabedoria. As sete cabeças são sete montes, sôbre os quais a mulher está assentada; são também sete reis. (6)

(5) **ERA, E JÁ NÃO É** — A bêsta, isto é, a Roma com a sua idolatria, enquanto tinha as sete cabeças, isto é, os sete imperadores gentios, era, isto é, subsistia; e essa mesma bêsta, que era, já não é, pela razão que se aponta no verso 10. — Bossuet.

(6) **AS SETE CABEÇAS SÃO SETE MONTES** — Todos sabem que Roma está fundada sôbre sete montes, Horacio diz: *quibus septem pelcuere colles Propertio. Septem urbs alta jugis. Ovidio: Sed quae de septem totum circumspiciet orbem montibus, imperit Roma. Deumque locus.* — Pereira.

SÃO TAMBÉM SETE REIS — Os sete reis, como já vimos no capítulo 13, são os sete imperadores que fizeram a perseguição: a saber, Aurelio Diocleciano, Maximiano Herculeo, Galério Maximiano, Constancio Cloro e Maxêncio, Maximino e Licínio. Dos quais morreram, ou à letra, caíram cinco. Estes foram Aurelio Diocleciano, Maximiano Herculeo, Galério Maximiano, Constancio Cloro e Maxêncio, mortos todos entre o ano 303, em que começou a perseguição, até o ano 312 em que Maxêncio foi derrotado por Constantino, e a cruz ereta no meio de Roma por este príncipe vitorioso.

10 Morreram cinco, resta ainda um, e o outro ainda não veio: E quando elle vier convém que dure pouco tempo. (7)

11 E a Bêsta, que era, e que já não é: E' ella também a oitava: E' também uma das sete, e caninha à sua perdição. (8)

(7) **RESTA AINDA UM** — Este era Maximino, que sobreviveu aos cinco. E o outro ainda não veio: Este era Licínio, o qual sim era já imperador desde o ano 307, mas não tinha ainda tomado o carácter, que lhe é próprio nesta profecia, de ter exercitado particularmente, depois de todos os outros, uma perseguição, de que só elle foi autor. Então pois, e no tempo a que S. João aqui olha, isto é, no tempo de Constantino, Maximino e Licínio, estava o mesmo Licínio tão longe do carácter particular de perseguidor, que antes pelo contrario concordava com Constantino; e os editos, que saíam a favor dos cristãos, saíam de comum acôrdo entre os dois principes. Lact 48; Eus. 10, 5. Longe de ser perseguidor, foi Licínio por este tempo honrado com a apariação dum Anjo. A oração, que este bem-aventurado espirito lhe ditou para invocar ao verdadeiro Deus, foi publicada em todo o exercito: e a este mesmo Deus deu Licínio as graças em Nicomédia, pela vitória que fizera alcançar de Maximino. Lact 47, 48. E neste estado permaneceu Licínio todo o tempo que Maximino durou neste mundo, continuando a perseguição, que foi até o ano de 313. Por isso de Máximo perseguidor depois da morte dos primeiros cinco, diz justamente S. João, um ainda resta: e de Licínio, que ainda então o não era, diz: e o outro ainda não veio.

E QUANDO ELLE VIER, CONVÉM QUE DURE POUCO TEMPO

— É o que succedeu à letra. Licínio, depois de favorecer por tantos anos e por tantos modos o Cristianismo, tomou enfim o carácter de seu perseguidor em 319. Mas a sua perseguição não durou senão três ou quatro anos, isto é, até ao ano 323, em que, derrotado por Constantino na batalha de Cibalis, morreu pouco depois estrangulado em Tessalónica: tempo que S. João podia chamar pouco, em comparação do que durou a perseguição de Diocleciano, que foram mais de dez anos. De todas as sobreditas combinações se conclui, que o era, da bête, é relativo ao tempo que S. João considerava inteiro, como no principio, com todas as suas sete cabeças, e que o já não o é, da bête, relativo ao tempo que S. João a viu só com uma cabeça, depois de mortas as primeiras cinco, e não tendo vindo ainda a sétima.

(8) **E A BÊSTA QUE ERA E QUE JÁ NÃO É: É ELA TAMBEM A OITAVA** — Uma miudeza histórica, sendo notada e combinada com reflexão, aclara muitas vezes um lugar escurissimo da Es-

12 E os dez cornos, que tu viste, são dez reis: Que ainda não receberam Reino, mas êles receberão poder como reis, uma hora depois da Bêsta. (9)

critura. Até aqui não tinha falado S. João senão duma bêsta de sete cabeças; agora a esta mesma bêsta chama ele oitava; e confundindo as cabeças com as bêstas, acrescenta, é também uma das sete. Que abstruso mistério! Que escuro enigma! Porém o grande Bossuet o decifrou com uma agudeza e felicidade original. O caso é que Maximiano Herculeo depois de renunciar o império, tornou depois a reassumi-lo, e foi chamado por isso Maximino bis Augustus. Maximiano duas vêzes imperador. Lact. 26. Aqui o temos logo dobrado e em estado de se contar como o oitavo, ainda que êle tivesse sido um dos sete. Só resta a dificuldade por que é Maximiano aqui chamado a bêsta. Mas ela fica já resolvida pelo que se disse no capítulo 13, verso 2, onde se notou que o leopardo que representa a Maximiano Herculeo, foi com efeito o corpo da bêsta, que assim como o leão e o urso, isto é, Diocleciano e Galério, são a sua boca e os seus pés. Num certo sentido, pois, é Maximiano chamado a bêsta, pois que êle é representado como fazendo o seu corpo; ainda que noutro sentido a bêsta inteira é a bêsta considerada tôda junta, não só com o seu corpo, mas também com as suas sete cabeças, com a sua boca, e com os seus pés. — **Peçeira.**

(9) **E OS DEZ CORNOS... SÃO DEZ REIS** — Um antigo autor dum comentário sobre o Apocalipse, atribuído falsamente a Santo Ambrósio, que hoje está assentado ter sido Berengario, monge beneditino, segundo Bossuet do sétimo século, segundo Celler do nono, ou do décimo, êste antigo comentador, digo, claramente afirma, que por êstes dez reis são designados dez reinos, pelos quais o império romano foi destruído. E êstes dez destruidores conta êle assim: Os persas e os sarracenos, que se senhorearam da Ásia; os vândalos, que se senhorearam da África; os godos alanos e suevos, que se senhorearam da Espanha; os lombardos, que se senhorearam da Itália; os borgonheses, que se senhorearam da Gália, os franceses, que se senhorearam da Germânia; os hunos, que se senhorearam da Panônia. Com esta interpretação, como probabilíssima, se acomodam Bossuet e Calmet, e eu com êles.

QUE AINDA NÃO RECEBERAM REINO — Ou êste ainda se refira ao tempo em que S. João escrevia, ou ao em que nós o temos visto situado, isto é, ao ano 312, e ao tempo de Constantino, êstes reis destruidores não tinham ainda nada no império, e assim o reino que êles vinham buscar ainda lhes não tinha sido dado. — **Bossuet.**

13 Êstes têm todos o mesmo intento, e darão a sua força e o seu poder à Bêsta. (10)

14 Êstes pelejarão contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá: Porque êle é o Senhor dos Senhores, e o Rei dos Reis, e os que são com êle, são os Chamados, os Escolhidos, e os Fieis.

15 Disse-me mais o Anjo: As águas que tu viste, onde a Prostituta está assentada, são os Povos, e as Nações, e as Línguas.

16 E os dez cornos que tu viste na Bêsta: êstes aborrecerão a Prostituta, e a reduzirão à desolação, e a deixarão nua, e comerão as suas carnes, e queimá-la-ão no fogo.

(10) **ESTES TÊM TODOS O MESMO INTENTO** — É o intento de se estabelecerem nas terras do império romano. Porque êstes reis não são reis como os outros, que andam vendo como hão de engrandecer o seu reino com alguma conquista de pais alheio; são todos uns reis sem reino, ou ao menos sem algum assento determinado da sua dominação, que andam vendo como se hão de estabelecer, e fazer um reino num país mais cômodo do que aquele que deixaram. Nunca se viram no mundo tantos reis deste caráter, como no tempo da decadência do império romano. E eis aqui já um caráter muito particular daquelle tempo; mas os outros ainda são mais admiráveis. — **Bossuet.**

E DARÃO A SUA FORÇA E O SEU PODER A BESTA — Os seus exércitos hão de andar a soldo de Roma, e na aliança dos seus imperadores. Este é o segundo caráter dêstes reis destruidores de Roma e o sinal da próxima decadência desta cidade, noutro tempo tão vitoriosa e triunfante; achar-se ela por fim reduzida a um tal ponto de fraqueza, que já não podia formar exércitos senão de tropas bárbaras, nem sustentar o seu império senão valendo-se dos mesmos que a vinham invadir. As histórias de Orosio, de Zozimo, de Procopio, de Jornandes dão testemunhos de que em tempo de Constantino, de Juliano, de Valente, de Graciano, de Teodósio o Grande, e de seus dois filhos Arcádio e Honório, eram os godos, os vândalos, os suevos, os alanos, os francos, os hérulos, os lombardos, não só os aliados do império, mas também os generais dos seus exércitos, e ainda os guardas do corpo dos imperadores. Em tempo de Teodósio o Grande podia tudo no império um Argebasto chefe dos francos. O mesmo Alarico Godo, vencedor de Roma, era um dos seus condes, isto é, um dos principais oficiais do império, a quem Honório tinha criado seu capitão general. — **Bossuet.**

17 Porque Deus lhes pôs nos seus corações o executar o que é do seu agrado dele: Que é, darem o seu Reino à Bêsta, até que se cumpram as palavras de Deus.

18 E a mulher que viste, é a grande Cidade que reina sôbre os reis da terra. (11)

CAPÍTULO 18

QUEDA DA GRANDE BABILÔNIA. TÔDA A TERRA ESPAVORIDA A VISTA DA SUA DESOLAÇÃO.

1 E depois disto vi descer do Céu outro Anjo, que tinha um grande poder: E a terra foi iluminada da sua glória.

2 E exclamou fortemente, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia: E se converteu em habitação de demônios, e em retiro de todo o espírito imundo, e em guarida de tôda a ave hedionda e abominável. (1)

(11) **A GRANDE CIDADE** — É Roma.

(1) **CAIU, CAIU A GRANDE BABILÔNIA** — É tirado de Is 21, 9, e de Jer 51, 8. O que aqueles dois profetas, porém disseram da Babilônia dos caldeus, diz aqui o Anjo de Roma, destruída por Alarico, rei dos godos, no fatal e memorável ano de 410, sendo imperador do Ocidente Honório, e sendo sumo pontífice Santo Inocêncio I. Dir-se-á talvez que Roma não foi tão inteiramente assolada por Alarico, que ela se não visse bem depressa reparada. Mas a mesma Babilônia, que foi escolhida pelo Espírito Santo para nos representar a queda de Roma, comio também a sua impiedade, e a sua altivez, não foi destruída doutro modo. Depois da sua tomada e saque por el-rei Ciro, ela se vê ainda subsistir até o tempo de Alexandre com algum gênero de glória, mas que não era comparável com a que Babilônia tinha tido antes. O que faz que os profetas a considereem como destruída, é porque ela com efeito foi tomada e saqueada, e nunca mais reparou a perda que tivera do seu império. A desgraça de Roma passou a muito mais, porque,

3 Porque tôdas as nações beberam do vinho da ira da sua prostituição: E os reis da terra se corromperam com ela: E os mercadores da terra se fizeram ricos com o excesso das suas delícias. (2)

4 Depois ouvi outra voz do Céu, que dizia: Sai dela, povo meu: Para não serdes participantes dos seus delitos, e para não serdes compreendidos nas suas pragas. (3)

5 Porque os seus pecados chegaram até ao Céu, e o Senhor se lembrou das suas iniquidades.

perdendo o seu império, ficou sendo o jôgo das nações, que ella tinha vencido, o ludíbrio dos seus príncipes e a presa do primeiro que vinha. Quarenta e cinco annos depois, isto é, no anno de 455, a tornou a saquear Genserico, rei dos vândalos. Daí a vinte e um annos, isto é, de 476, se fez senhor della, quase sem pelear, Odoacro, rei dos hérulos. Era isto a tempo que o império de Roma se achava já retalhado em pedaços, tendo levado cada nação bárbara uma parte da sua ruína. — Bossuet.

E SE CONVERTEU EM HABITAÇÃO DE DEMÔNIOS — No estylo da Escriitura os lugares assolados costumam-se representar como abandonados não só ás aves de mau agouro, mas também aos espectros e aos demônios. Jer 51, 37. Is 13, 21. 32; 34, 14, que são uns modos de falar; tirados da frase do vulgo. — Bossuet.

(2) PORQUE TÔDAS AS NAÇÕES BEBERAM DO VINHO DA IRA DA SUA PROSTITUIÇÃO — Hebraismo, que quer dizer, do vinho da sua prostituição, digna dum castigo rigoroso. — Bossuet.

(3) SAÍ DELA, POVO MEU — Ou pressentindo o castigo que estava imminente, ou porque Deus com especial providência os quis livrar, foram muitos os que pouco antes da tomada de Roma se apresentaram della. Entre estes aponta Orosio ao santo pontífice Inocência, a história lausiaca a Santa Melânia com muitos grandes de Roma. O Egipto, a África, todo o Oriente, e principalmente a Palestina, todo o mundo enfim se achou cheio de cristãos, que tinham saído de Roma, e que acharam um seguro refúgio na caridade de seus irmãos, como refere S. Jerônimo na Carta a Gaudência, e na prefação sobre Ezequiel. — Bossuet.

Apocalipse de S. João Apóstolo 18, 6-11

6 Tornai-lhe assim como ela também vos tornou: E pagai-lhe em dôbro, conforme as suas obras: No cálice que ela vos deu a beber, dai-lhe a beber dobrado. (4)

7 Quanto ela se tem glorificado e tem vivido em deleites, tanto lhe dai de tormento e pranto: Porque diz no seu coração: Eu estou assentada como Rainha: E não sou viúva: E não verei o pranto.

8 Por isso num mesmo dia virão as suas pragas, a morte, e o pranto, e a fome, e ela será abrasada em fogo: Porque é forte o Deus que a há de julgar.

9 E chorarão, e ferirão os peitos sobre ela os reis da terra, que fornicaram com ela, e viveram em deleites, quando elles virem o fumo do seu incêndio:

10 Estando longe por medo dos tormentos dela, dirão: Ai, ai daquela grande cidade de Babilônia, aquela cidade forte: Porque num momento veio a tua condenação.

11 E os negociantes da terra chorarão, e se lamentarão sobre ela: Porque ninguém comprará mais as suas mercadorias:

(4) **TORNAI-LHE ASSIM** — O imperador Claudio II, conforme escreve Pretelio Poldão, tinha feito morrer a trezentos mil godos, e metido a pique duas mil naus suas. Quatro anos antes da tomada de Roma por Alarico, isto é, no de 406, tinham os romanos feito o mesmo ao vencido, e derrotado o exército do outro rei godo Rídagásio, que constava de duzentos mil homens; e além disto tinham feito escravos a um tão imenso número de godos, que, como afirma Orosio, estes se vendiam como bēstas, e havia quem tinha rebanhos inteiros por um escudo. Assim, com razão se diz aos godos: Faze a Roma, como ela vos fez a vós. Quanto mais, que os godos se devem aqui considerar como uns vingadores da injúria comum de tôdas as nações. — Bossuet.

12. Mercadorias de ouro, e de prata, e de pedras preciosas, e de pérolas, e de linho finíssimo, e de escarlata, e de sêda, e de grã, e tôda a madeira odorífera, e todos os móveis de marfim, e todos os móveis de pedras preciosas, e de cobre, e de ferro, e de mármore. (5)

13. E de cinamomo, e de cheiros, de bálsamos, e de incenso, e de vinho, e de azeite, e de flor da farinha, e de trigo, e de bêstas de carga, e de ovelhas, e de cavalos, e de carroças, e de escravos, e de almas de homens. (6)

14. E os frutos do desejo da tua alma se retiraram de ti, e tôdas as coisas pingues, e formosas te têm faltado e não as acharão jamais.

15. Os mercadores destas coisas, que se enriqueceram, estarão longe dela por medo dos tormentos dela, chorando e fazendo pranto.

16. E dizendo: Ai, ai daquela grande Cidade, que estava coberta de linho finíssimo e de escarlata, e de grã, e que se adornava de ouro, e de pedras preciosas, e de pérolas.

17. Que em uma hora têm desaparecido tantas riquezas; e todos os pilotos, e todos os que navegam no mar, e os marinheiros, e quantos negociam sobre o mar, estiveram ao longe.

(5) **MADEIRA ODORÍFERA** — No original está *lignum thyinum*. Era uma madeira odorífera celebre entre os romanos, que crescia no oasis de Júpiter Amon na Cirenaica e na Mauritània. É o cedro branco designado pelo nome *cupressus thyioides*.

(6) **ALMAS DE HOMENS** — Quer-se o autor referir aos homens livres em contraposição aos escravos.

Apocalipse de S. João Apóstolo 18, 18-23

18 E vendo o lugar do incêndio dela, clamaram, dizendo: Que Cidade houve semelhante a esta grande Cidade?

19 E lançaram pó sobre as suas cabeças, e fizeram alaridos; chorando e lamentando diziam: Ai, ai daquela grande Cidade, na qual se enriqueceram todos os que tinham navios no mar, dos preços dela; que em uma hora foi desolada.

20 Exulta sobre ela, ó Céu, e vós, Santos Apóstolos e Profetas: Porque Deus julgou a vossa causa, quanto a ela.

21 Então um forte Anjo levantou em alto uma pedra, como uma grande mó de moinho, e lançou-a no mar, dizendo: Assim com este ímpeto será precipitada aquela grande Cidade de Babilônia, de sorte que ela se não achará jamais.

22 E não se ouvirá mais em ti nem a voz de tocadores de cítara, nem de músicos, nem de tocadores de flauta e de trombeta: Nem se achará mais em ti artifice algum de qualquer mister que seja: Nem se tornará mais a ouvir em ti o ruído da mó:

23 E não luzirá mais em ti a luz das lâmpadas: Nem se ouvirá mais em ti a voz do esposo e da esposa: Porque os teus mercadores eram uns príncipes da terra, porque nos teus encantamentos erraram tôdas as gentes. (7)

(7) **PORQUE OS TEUS MERCADORES ERAM UNS PRÍNCIPES DA TERRA** — Modo de falar, tomado de Ez 27, 25 e de Is 23, 8. O que se verifica belamente dos Cônsules, Pretores e Capitães Romanos, que das províncias, que iam governar, traziam para Roma um luxo de preciosidades e de grandeza, que os fazia pare-

24 E nela foi achado o sangue dos Profetas, e dos Santos: E de todos os que foram mortos sôbre a terra.

CAPÍTULO 19

OS SANTOS LOUVAM A DEUS E ALEGRA-SE DA CONDENAÇÃO DE BABILÔNIA. O VERBO APARECE COM OS SEUS SANTOS. COM ELES DESTROI OS ÍMPIOS. A BÊSTA, O FALSO PROFETA E TODOS OS MAUS SÃO ETERNAMENTE CASTIGADOS.

1 Depois disto ouvi uma como voz de muitas gentes no Céu, que diziam: Aleluia: A salvação, e a glória, e o poder é ao nosso Deus:

2 Porque verdadeiros e justos são os seus juizos, porque êle condenou a grande prostituta que corrompeu a terra com a sua prostituição, e porque vingou o sangue de seus servos, das mãos dela.

3 E outra vez disseram: Aleluia. E o fumo dela sobe por séculos de séculos. (1)

4 Então os vinte e quatro Anciãos e os quatro Anímaes se prostraram e adoraram a Deus, que estava assentado sôbre o Trono, e diziam: Amem. Aleluia.

cer uns príncipes. A história de Plínio Maior está cheia de judiciosas reflexões sôbre quanto os ricos despojos da Ásia e da Grécia estragaram os costumes romanos, depois que os mûmios, os metelos, os lúculos, os pompeus transportaram para aquela capital do mundo os vasos anaglipos de Corinto, as estátuas das ilhas do Arquipélago, a pedraria e baixela de mitridates, e de tantos outros reis do Oriente.

(1) **O FUMO** — Do Incêndio que a devorava.

Apocalipse de S. João Apóstolo 19, 5-10

5 E saiu do Trono uma voz que dizia: Dizei louvor ao nosso Deus todos os seus servos, e os que o temeis, pequeninos e grandes.

6 E ouvi uma como voz de muita gente e um como estrondo de muitas águas, e como o estampido de grandes trovões, que diziam: Aleluia. Porque reinou o Senhor nosso Deus: O Todo-Poderoso.

7 Alegremo-nos e exultemos: E demos-lhe glória: Porque são chegadas as bodas do Cordeiro, e a sua esposa está ataviada.

8 E lhe foi dado o vestir-se de finíssimo linho, resplandesciente e branco. E este linho fino são as justificações dos Santos. (2)

9 Então me disse êle: Escreve: Bem-aventurados os que foram chamados à ceia das bodas do Cordeiro: E me disse: Estas palavras de Deus são verdadeiras.

10 E eu me prostrei a seus pés para o adorar. E êle me disse: Vê não faças tal: Eu sou servo contigo e com teus irmãos, que têm testemunho de Jesus. Adora a Deus. Porque o testemunho de Jesus é o espírito de profecia. (3)

(2) **JUSTIFICAÇÕES DOS SANTOS** — São as boas obras pelas quais os homens se tornam justos e santos.

(3) **E EU ME PROSTREI A SEUS PÉS PARA O ADORAR** — Ou S. João tomou este Anjo pelo mesmo Jesus Cristo, e lhe quis tributar uma honra divina, a que os teólogos chamam culto de latría, ou se êle lhe quis dar uma honra conveniente à natureza angélica, e tal qual os Santos do Testamento Velho davam os Anjos que lhes apareciam, (que é o que os teólogos chamam culto de dulia) o Anjo recusa recebê-la de um apóstolo. E S. João tanto não creu ter caído em falta, que depois da advertência do Anjo êle lhe dá ainda a mesma honra, que o Anjo torna a recusar. **Apc 22, 8**, para igualar o ministério apostólico e profético ao estado Angélico S. Gregor. Hom. 8. — **Evang.** — **Bossuet.**

11 Depois vi o Céu aberto, e eis que appareceu um cavalo branco, e o que estava montado em cima dele se chamava o Fiel, e o Verdadeiro, que julga, e que peleja justamente.

12 E os seus olhos eram uma como chama de fogo, e na sua cabeça estavam postos muitos diademas, e tinha um nome escrito, que ninguém conhece senão êle mesmo.

13 E vestiu uma roupa salpicada de sangue: E o seu nome, por que se apelida, é O VERBO DE DEUS.

14 E seguiam-no os exércitos que estão no Céu, em cavalos brancos, vestidos de fino linho branco e limpo.

15 E da sua boca saía uma espada de dois gumes: Para ferir com ella as nações. Porque êle as governará com uma vara de ferro: E êle mesmo é o que pisa o lagar do vinho do furor da ira de Deus Todo-Poderoso.

16 E êle traz escrito no seu vestido e na sua coxa: O Rei dos Reis e o Senhor dos Senhores.

17 E vi um anjo que estava no Sol, e clamou em alta voz, dizendo a tôdas as aves que voavam pelo meio do Céu: Vinde e congregai-vos à grande ceia de Deus:

18 Para comerdes carnes de Reis, e carnes de Tribunos e carnes de poderosos, e carnes de cavalos, e dos que neles montam, e carnes de todos os livres, e escravos, e pequeninos, e grandes. (4)

(4) **PARA COMERDES CARNES DE REIS** — Tirado de Ezequiel 39, 17. — Bossuet.

Apocalipse de S. João Apóstolo 19, 19-21; 20, 1-2

19 E vi a Bêsta, e os reis da terra, e os seus exércitos congregados para fazerem guerra àquele que estava montado no cavalo, e ao seu exército.

20 Mas a Bêsta foi presa e com ela o falso Profeta: Que tinha feito os prodígios na sua presença, com os quais êle tinha seduzido aos que tinham recebido o caráter da Bêsta e que tinham adorado a sua imagem. Estes dois foram lançados vivos no tanque ardente de fogo e de enxofre: (5)

21 E os outros morreram à espada, que saía da bôca do que estava montado sôbre o cavalo: E tôdas as aves se fartaram das carnes deles.

CAPÍTULO 20

O DRAGÃO AMARRADO E DESAMARRADO. OS MIL ANOS. A PRIMEIRA E A SEGUNDA RESSURREIÇÃO. O DRAGÃO LANÇADO NO TANQUE DO FOGO. O JUÍZ NO TRONO. O JUÍZO DOS MORTOS. O LIVRO DA VIDA.

1 E vi descer do Céu um anjo, que tinha a chave do abismo e uma grande cadeia na sua mão. (1)

2 E êle tomou o dragão, a serpente antiga, que é o diabo e satanás, e o amarrou por mil anos:

(5) **ESTES DOIS. FORAM LANÇADOS VIVOS NO TANQUE ARDENTE** — Isto é, depois da vingança, na terra, o eterno suplício da outra vida. — Bossuet.

(1) **QUE TINHA A CHAVE DO ABISMO** — O abismo é o inferno, como se colhe do cap. 9, 1. Os santos anjos, e como ministros da justiça divina, têm a chave do abismo, para fechar ou soltar os espíritos malignos, segundo as ordens que têm lá do alto. — Bossuet.

3 E meteu-o no abismo, e fechou-o, e pôs sêlo sôbre êle para que não engane mais as gentes, até que sejam cumpridos os mil anos: E depois disto convém que êle seja desatado por um pouco de tempo. (2)

4 E vi cadeiras, e se assentaram sôbre elas, e lhes foi dado o poder de julgar: E também vi as almas dos decapitados pelo testemunho de Jesus, e pela palavra de Deus, e os que não adoraram a Bêsta, nem a sua imagem, nem receberam o seu caráter nas testas, nem nas suas mãos e viveram, e reinaram com Cristo mil anos. (3)

(2) **PARA QUE NÃO ENGANE MAIS AS GENTES** — Isto não é que estejam de todo acabadas as seduções e as tentações, quando é certo que enquanto durar êste mundo, terão sempre os homens que pelear com satanás e com os seus anjos. Mas deve-se entender que a sedução não será tão poderosa, nem tão danosa, nem tão universal, como o explica Santo Agostinho, 20. De Civitate Dei, 7, 8. — Bossuet.

(3) **E VI CADEIRAS E SE ASSENTARAM** — O contexto faz ver que os assentados nestes tronos eram "as almas dos mártires". E o dizer S. João que eram as almas "dos que tinham sido degolados" e designar os mártires pelo maior número deles, que é o dos que morreram cortada a cabeça. Note-se mais que se não vêem aqui sôbre os tronos para viverem e reinarem com Jesus Cristo, senão sômente as almas; isto contra o sistema dos milenários, que punham para os mártires uma ressurreição antecipada antes da ressurreição geral. — Bossuet.

E VIVERAM, E REINARAM COM CRISTO MIL ANOS — Êste é o primeiro reinado dos martires, por todo o tempo que durará a Igreja, o reinado das suas almas bem-aventuradas, separadas ainda dos corpos. Este reinado dos martires com Jesus Cristo consiste em duas coisas: Primeiramente na glória que eles têm no Céu com Jesus Cristo, que já desde agora os faz nele seus assessores dos juizos que ele exercita sobre a Igreja militante, como mostra esta admiravel passagem de S. Dionísio de Alexandria, que traz Eusébio, 6, 12: "Os divinos mártires são presentemente assessores de Jesus Cristo e associados no seu reino, que têm parte no juízo que ele faz". Donde este homem conclui: "Os martires receberam aos nossos irmãos que tinham caído; anularemos nós logo a sua

Apocalipse de S. João Apóstolo 20, 5-7

5 Os outros mortos não tornarão à vida, até que sejam cumpridos mil anos. Esta é a primeira ressurreição. (4)

6 Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição; a segunda morte não tem poder sobre eles, mas antes serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com êle mil anos.

7 E depois que os mil anos forem cumpridos, será desamarrado satanaz da sua prisão, e sairá, e seduzirá as

sentença e far-nos-emos seus juízes?" Em segundo lugar, consiste o presente reinado dos mártires na manifestação desta mesma glória sobre a terra, pelas grandes e justas honras que se lhes fazem na Igreja, e pelos infinitos milagres com que Deus sempre os honrou, até na presença de seus inimigos, isto é, dos infiéis, que os tinham desprezados. Mas acaso só as almas dos mártires são já de presente associadas ao reino de Jesus Cristo? E que são então as dos que não foram mártires? Onde as dos confessores? Onde as dos atanasios, dos gregórios, dos basilios, dos crisostomos, dos jerônimo, dos agostinhos? Ora, a verdade é, que todos os Santos reinaram já com Jesus Cristo no Céu, cada um na sua ordem, cada um no seu tanto. Mas S. João só faz menção dos tronos dos mártires por muitas razões: Por serem os mártires os únicos dentre os adultos, de quem é certo que entram logo na glória; por serem os únicos por quem se não fazem orações, antes pelo contrário, a Igreja os põe logo entre os intercessores. (Aug. Serm. 17, De Verb. Apost.); e finalmente, porque nos sepulcros dos mártires é que de ordinário praticou Deus os milagres, e sobre esses se celebrava o Santo Sacrifício da Missa.

(4) **ESTA É A PRIMEIRA RESSURREIÇÃO** — Esta primeira ressurreição conformemente a esta sentença do Evangelho: "Aquele que ouve a minha palavra, já passou da morte para a vida". Jo 5, 24. E a esta outra de S. Paulo: "Levanta-te, tu, que dormes, e ressurges dentre os mortos, e Jesus Cristo te alumiará" Ef 5, 14. Então pois, é que a alma começa a ressurgir, e esta ressurreição consuma-se quando a alma, saindo desta vida, que não é senão uma morte, vive da verdadeira vida com Jesus Cristo. Esta é a primeira ressurreição das almas bem-aventuradas, porque quanto à dos corpos, só se falará dela nos versos 12 e 13. O dizer S. João que os outros mortos não tornarão à vida, dá a entender que as almas não entram todas logo a princípio nesta vida bem-aventu-

nações que estão nos quatro ângulos da terra, a Gog, e a Magog, e os congregará para dar batalha, cujo número é como a areia do mar. (5)

8 E subiram sobre o âmbito da terra, e cercaram os arraiais dos Santos, e a cidade querida. (6)

9 Mas desceu do Céu, por mandado de Deus, um fogo que os trouxe; e o diabo que os enganava, foi metido no tanque de fogo e de enxofre, onde assim a Bêsta, (7)

10 como o falso profeta serão atormentados de dia e de noite por séculos dos séculos.

11 E vi um grande trono branco, e um que estava assentado sobre êle, de cuja vista fugiu a terra e o Céu, e não foi achado o lugar deles.

12 E vi os mortos, grandes e pequeninos, que estavam em pé diante do trono, e foram abertos os livros; e foi aberto outro livro que é o da vida, e foram julgados

rada, mas somente aquelas que têm chegado a um certo grau de perfeição, a que S. Paulo, por esta razão, chama os espiritos dos justos perfeitos. Heb 12, 23. E isto mesmo é o que os Santos Padres e toda a tradição nos ensina.

(5) **A GOG E A MAGOG** — Por estes nomes designa Ezequiel as nações inimigas do povo de Deus, que cobrirão a terra. Ez 38, 14. 16. 22; 39, 1, 6, e afligiam a Igreja.

(6) **E CERCARAM OS ARRAIAIS** — Este campo dos Santos e esta cidade querida, é a Igreja querida de Deus. Santo Agostinho, De Civit. Dei, 20, 11.

(7) **FOI METIDO NO TANQUE DE FOGO E DE ENXOFRE** — Este é o último castigo, a última prisão, a última amarradura do diabo no carcere do inferno, para nunca jamais sair dele, visto que depois do juízo final não haverá mais sedução, por se consumir nele inteiramente a obra da justiça e da misericórdia de Deus, com o recolhimento de todos os seus escolhidos. — Bossuet.

Apocalipse de S. João Apóstolo 20, 13-15; 21, 1-2

os mortos pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras. (8)

13 E o mar deu os mortos que estavam nele; e a morte e o inferno deram os seus mortos que estavam neles, e se fez juizo de cada um deles segundo as suas obras. (9)

14 E o inferno e a morte foram lançados no tanque de fogo. Esta é a segunda morte. (10)

15 E aquele que se não achou escrito no livro da vida, foi lançado no tanque de fogo.

CAPÍTULO 21

A NOVA JERUSALÉM, OU A MORADA DOS BEM-AVENTURADOS.

1 E vi um Céu novo, e uma terra nova. Porque o primeiro Céu e a primeira terra se foram, e o mar já não é.

2 E eu, João, vi a cidade santa, a Jerusalém nova, que da parte de Deus descia do Céu, adornada como uma espôsa ataviada para o seu espôso.

(8) **GRANDES E PEQUENINOS** — Uns, grandes pela confiança, outros, pequeninos pelo grande temor com que comparecem diante do trono. — Bossuet.

(9) **E A MORTE E O INFERNO** — O inferno toma-se aqui pela sepultura. — Bossuet.

(10) **E O INFERNO E A MORTE FORAM LANÇADOS NO TANQUE DE FOGO** — É o que diz S. Paulo, que a morte será o último inimigo que Jesus Cristo destruirá. 1 Cor 15, 26. 54. — Bossuet.

ESTA É A SEGUNDA MORTE — A morte em corpo e alma que se há-de seguir à última ressurreição. — Bossuet.

3 -E ouvi uma grande voz vinda do trono que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, e ele habitará com eles. E eles serão o seu povo, e o mesmo Deus, no meio deles, será o seu Deus. (1)

4 E Deus lhes enxugará tôdas as lágrimas de seus olhos, e não haverá mais morte, nem haverá mais choro, nem mais gritos, nem mais dor, porque as primeiras coisas são passadas.

5 Então o que estava assentado no trono, disse: Eis aí faço eu novas tôdas as coisas. E ele me disse: Escreve, porque estas palavras são muito fieis e verdadeiras.

6 Também me disse: Tudo está cumprido; eu sou o Alfa e o Omega, o princípio e o fim. Eu darei gratuitamente a beber da fonte d'água da vida ao que tiver sede. (2)

7 Aquele que vencer, possuirá estas coisas, e eu serei seu Deus e ele será meu filho.

8 Mas pelo que toca aos tímidos, e aos incrédulos, e aos execráveis, e aos homicidas, e aos fornicários, e aos que dão veneno, e aos idólatras, e a todos os mentirosos, a sua parte será no tanque ardente de fogo e de enxofre que é a segunda morte.

9 Então veio um dos sete Anjos que tinham os seus sete cálices cheios das sete pragas últimas, e falou comi-

(1) **EIS AQUI O TABERNÁCULO DE DEUS COM OS HOMENS** — Em cumprimento do que estava prometido no Lev 26, 11. 12: Eu porei o meu tabernáculo no meio de vós, etc. — Bossuet.

(2) **TUDO ESTÁ CUMPRIDO** — Isto é, tudo quanto Deus tinha resolvido desde toda a eternidade com relação ao mundo, aos eleitos e aos réprobos estava cumprido.

Apocalipse de S. João Apóstolo 21, 10-17

go, dizendo: Vem cá, e eu te mostrarei a espôsa, a consorte do cordeiro.

10 E êle me transportou em espírito a um grande e alto monte, e me mostrou a santa cidade de Jerusalém que descia do Céu da presença de Deus.

11 A qual tinha a claridade de Deus; e o lustre dela era semelhante a uma pedra preciosa como pedra de jaspe, à maneira de cristal.

12 E tinha um muro grande e alto, com doze portas, e nas portas doze Anjos, e uns nomes escritos, que são os nomes das doze tribos dos filhos de Israel.

13 Três destas portas estavam ao Oriente, e três portas ao Setentrião, e três portas ao Meio-dia, e três portas ao Ocidente.

14 E o muro da cidade tinha doze fundamentos, e neles os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro.

15 E o que falava comigo, tinha por vara de medir uma cana de ouro para medir a cidade, e as suas portas e o muro.

16 E a cidade é fundada em quadro, e tão comprida, como larga; e mediu êle a cidade com a cana de ouro e achou que era de doze mil estádios; e o seu comprimento, e a sua altura, e a sua largura são iguais. (3)

17 Mediu também o seu muro que era de cento e quarenta e quatro côvados, da medida de homem, que era a do Anjo. (4)

(3) **ESTÁDIOS** — Cada estádio tinha 185 metros.

(4) **DA MEDIDA DE HOMEM QUE ERA A DO ANJO** — Isto é, da medida ordinária entre os homens, para que ninguém imagi-

18. A estrutura porém dêste muro era de pedra de jaspe, e a mesma cidade era de puro ouro, semelhante a um vidro claro.

19 E os fundamentos do muro da cidade eram ornados de toda a qualidade de pedras preciosas. O primeiro fundamento era de jaspe, o segundo de safira, o terceiro de calcedônia, o quarto de esmeralda.

20 O quinto de sardônio, o sexto de sarda, o sétimo de crisolita, o oitavo de berilo, o nono de topázio, o décimo de crisópraso, o undécimo de jacinto, o duodécimo de ametista.

21 E as doze portas eram doze margaritas, uma em cada uma; e cada porta era feita de uma margarita, e a praça da cidade era de puro ouro como vidro transparente.

22 E não vi Templo nela. Porque o Senhor Deus Todo-Poderoso, e o Cordeiro é o seu Templo.

23 E esta cidade não há de mister Sol nem Lua que alumiem nela, porque a claridade de Deus a alumiou, e a lâmpada dela é o Cordeiro.

24 E as nações caminharão à sua luz, e os reis da terra lhe trarão a sua glória e a sua honra.

25 E as suas portas não se fecharão de dia, porque noite não haverá ali.

26 Trazer-lhe-ão também a glória, e a honra das nações.

nasse que os côvados e os estádios, de que aqui se fala, eram outros dos que nós conhecemos. — Calmet. Cada côvado tinha 52 centímetros.

Apocalipse de S. João Apóstolo 21, 27; 22, 1-5

27 Não entrará nela coisa alguma contaminada, nem quem cometa abominação ou mentira, mas somente aqueles que estão escritos no livro da vida do Cordeiro.

CAPÍTULO 22

A GLÓRIA ETERNA. QUAIS GOZARÃO DELA E QUAIS DELA SERÃO EXCLUIDOS. O JUÍZO ESTÁ PRÓXIMO. JESUS VIRÁ CEDO, E TODA A ALMA JUSTA O DESEJA. AMEAÇAS CONTRA O QUE ACRESCENTAR ALGUMA COISA A ÊSTE LIVRO OU TIRAR DELE QUALQUER COISA. O MESMO JESUS É O AUTOR DESTA PROFECIA.

1 E êle me mostrou um rio da água da vida, resplandesciente como cristal, que saía do trono de Deus e do Cordeiro. (1)

2 No meio da sua praça, e de uma e outra parte do rio, estava a Árvore da Vida, que dá doze frutos, produzindo em cada mês seu fruto, e as folhas da árvore servem para a saúde das gentes. (2)

3 E não haverá ali jamais maldição; mas os tronos de Deus e do Cordeiro estarão nela, e os seus servos o servirão.

4 E verão a sua face, e o seu nome estará nas testas deles.

5 E não haverá ali mais noite, nem êles terão necessidade de luz de lâmpada, nem de luz do sol, porque

(1) **UM RIO DA ÁGUA DA VIDA** — Esta é a felicidade eterna, comparada nas Escrituras a um rio. Sl 35, 9; Sl 45, 5; Is 66, 12, mas S. João faz especialmente alusão a Ez 47, 1.

(2) **ESTAVA A ÁRVORE DA VIDA** — Símbolo da imortalidade, que nos espera, como também em Ez 43, 12. — Pereira.

o Senhor Deus os alumiará, e reinarão por séculos de séculos. (3)

(3) **E NÃO HAVERÁ ALI MAIS NOITE** — Que se pode concluir do Apocalipse, relativamente ao fim do mundo, às circunstâncias que se hão de dar nesse transe supremo e à data? S. João não intenta satisfazer a nossa curiosidade, pretende fortificar a nossa fé e excitar a nossa vigilância. Pouco nos ensina acerca do fim do mundo. Dos últimos capítulos do Apocalipse, tão somente se deduz que há de haver uma ressurreição geral e um juízo universal, que os maus serão castigados e os bons premiados com a posse do Céu. Sabe-se também que nos últimos tempos, o demônio sairá do seu abismo, seduzirá os povos, retomará o seu império, dominará povos, governará nações, inspirará leis, combaterá a verdade, proclamará a iniquicia, destronará o direito, aclamará a desordem, tudo para afrontar a Igreja, que será cercada pelos seus mais cruéis inimigos, que inventarão novas e mais terríveis perseguições, mais terríveis talvez por mais disfarçadas, mas que ao cabo de tudo isso a cidade dos Santos triunfará, e os inimigos da Igreja serão abatidos. Pode acreditar-se que o que se disse das últimas perseguições do império romano, e das seduções causadas pela falsa sabedoria e suas operações teúrgicas, renovar-se-á com mais estrepitoso escândalo. Mas é tudo quanto se pode concluir. Além disto só conjecturas mais ou menos justificadas, mas sempre conjecturas. Quanto à data do fim do mundo, o Apocalipse apresenta-nos um único dado, e é que deve acontecer muito depois do fim das perseguições e da queda de Roma. Entre o período do verdadeiro juízo, S. João interpõe um grande período, e, terminado este, o início dum outro, cuja duração não assinala, em que satanás recuperará o seu império. O período de paz deve durar um milhar de anos, advertindo-se contudo que a expressão **um milhar** se não deve tomar à letra, mas sim como querendo significar um largo período. E para o da sedução e da impiedade, que se julga ser a época do anticristo, não se fixa prazo nem se diz que o juízo universal deva suceder imediatamente. Esta é a opinião dos exegetas modernos e em especial de Baucuez, que se encontra na *Sainte Bible*, edição de 1902, aprovada pela Santa Sé, sendo portanto apreciação que pode ser seguramente seguida. Alguns críticos, comparando com o Apocalipse os fatos que se têm dado desde os fins do século 18 até ao presente, têm sustentado que entramos-já no período da luta e da sedução, que têm aumentado progressivamente, tirando da usurpação dos Estados Pontifícios e do aprisionamento do Vigário de Cristo, e da disseminação das doutrinas heterodoxas, e dos fatos extraordinários que tantas vêzes se constam, argumento em favor da sua opinião.

Apocalipse de S. João Apóstolo 22, 6-13

6 Outrossim me disse: Estas palavras são muito fieis e verdadeiras. E o Senhor Deus dos espíritos dos profetas enviou o seu anjo para mostrar aos seus servos as coisas que devem acontecer dentro de pouco tempo.

7 E eis aqui venho à pressa. Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia dêste livro.

8 E eu, João, sou o que ouvi, e o que vi estas coisas. E depois de as ter ouvido e visto, me lancei aos pés do Anjo, que mas mostrava para o adorar.

9 E êle me disse: Vê, não faças tal; porque eu servo sou contigo, e com teus irmãos os profetas, e com aqueles que guardam as palavras da profecia dêste livro: Adora a Deus.

10 Também me diz: Não seles as palavras da profecia dêste livro, porque o tempo está próximo.

11 Aquele que faz injustiça, faça-a ainda; e aquele que está sujo, suje-se ainda, e aquêle que é justo justifique-se ainda; e aquêle que é santo santifique-se ainda. (4)

12 Eis aqui que depressa virei, e o meu galardão anda comigo para recompensar a cada um, segundo as suas obras.

13 Eu sou o Alfa e o Omega; o primeiro, e o último, o princípio e o fim. (5)

(4) **AQUELE QUE FAZ INJUSTIÇA, FAÇA-A AINDA** — Não é permissão nem conselho ao mau para que persista na prática do mal, mas sim uma suposição. O sentido é este: Se o homem injusto continua nas suas injustiças, não tardará a sofrer o castigo, da mesma sorte que se é justo receberá em bem a recompensa. De resto o versículo seguinte basta para justificar esta interpretação.

(5) **EU SOU ALFA E O OMEGA** — Estas palavras atribuem a Deus, **Apc** 1, 8, e ao que está assentado ao trono, 21, 6. Aqui

14 Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras no sangue do Cordeiro, para terem parte na árvore da vida, e para entrarem na cidade pelas portas:

15. Fora daqui os cães, e os que dão veneno, e os impudicos, e os homicidas, e os idólatras, e todo o que ama e obra a mentira. (6)

16 Eu, Jesus, enviei o meu Anjo para vos dar testemunho destas coisas nas Igrejas. Eu sou a raiz e a geração de Davi, a estrêla resplandescente da manhã.

17 E o espírito e a espôsa dizem: Vem. E o que ouve, diga: Vem. E o que tem sede venha; e o que a quer, recceba de graça a água da vida. (7)

18 Porque eu protesto a todos os que ouvem as palavras da profecia dêste livro: que se algum lhe ajuntar

agora o que diz isto de si, é constantemente Jesus Cristo, como se faz manifesto do verso 16. O que mostra em tudo e por tudo a igualdade do filho com o pai. — Bossuet.

(6) **FORA DAQUI OS CÃES** — É êste um como anátema divino para excluir para sempre desta cidade santa a todos os pecadores. Pode-se crer que do meio da santa cidade sai uma voz que grita, dizendo: "Fora daqui". Isto é também o que a Igreja parecia imitar, quando ao chegar dos mistérios, e entre o profundo silêncio em que tudo estava, dizia o diácono em alta voz: "Os catecúmenos retirem-se, os penitentes retirem-se". Para ficar aqui é necessário estar purificado. — Bossuet.

(7) **E O ESPÍRITO E A ESPÔSA DIZEM: VEM** — Este espírito é o que roga por nós, segundo S. Paulo, Rom 8, 26, 27. É o espírito da profecia que fala a S. João em todo êste livro. Este espírito é o que diz: "Vem" e o que nos faz desejar ansiosamente o reino de Jesus Cristo. E a espôsa, isto é, a Igreja, a qual não cessa de chamar o espôso com os seus gemidos, bem como a espôsa nos cânticos diz incessantemente: "Vem, amado meu". — Ferreira.

Apocalipse de S. João Apóstolo 22, 19-21

alguma coisa, Deus o castigará com as pragas que estão escritas neste livro. (8)

19 E se algum tirar qualquer coisa das palavras do livro desta profecia, tirará Deus a sua parte do livro da vida, e da cidade santa, e das coisas que estão escritas neste livro.

20 O que dá testemunho destas coisas, diz: Certamente que venho logo. Amem. Vem, Senhor Jesus.

21 A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós. Amem.

(8) **PORQUE EU PROTESTO A TODOS** — É uma advertência que S. João faz aos que houverem de copiar esta profecia, que o façam com todo o cuidado e escrúpulo, não acrescentando nem diminuindo coisa alguma no sagrado texto. No que ele mostra bem a importância destas predições, é quanto a curiosidade humana é tentada a querer penetrar os futuros. Moisés tinha semelhante protesto a respeito das leis. Dt 4, 2. O mesmo imitaram depois Santo Irineu no fim da sua *Ogdoade* ou livro *Dos Oito*. S. Jerônimo no fim da crônica de Eusébio, e Rufino na *prefação aos livros de Orígenes*. Os padres antigos nos informam que não só os Eblonitas e Marcionitas corromperam em vários lugares os Evangelhos de S. Mateus e de S. Lucas, mas que até dos mesmos fiéis houve alguns que por simplicidade tiraram do mesmo Evangelho de S. Lucas o passo do suor de sangue e do conforto do Horto; e do de S. João a história da mulher adúltera.

FINIS LAUS DEO

ÍNDICE DAS GRAVURAS

- I — A degolação de João Batista.
- II — Jesus veio da Galiléia ter com João Batista, para ser batizado por êle.
- III — O Sermão da Montanha.
- IV — Por que vês tu pois a aresta no olho de teu irmão: E não vês a trave no teu olho?
- V — Cura Jesus um leproso, e um centurião lhe suplica que cure também a seu criado.
- VI — Jesus faz serenar uma tempestade no mar.
- VII — Jesus Cristo cura um paralítico.
- VIII — A Parábola do Semeador.
- IX — Jesus Cristo multiplica cinco pães que nutrem cinco mil homens.
- X — Jesus Cristo caminha sobre as ondas, e faz marchar também a S. Pedro.
- XI — Uma mulher cananéia alcança de Jesus remédio para sua filha endemoninhada.
- XII — A transfiguração de Jesus Cristo diante de seus Apóstolos.
- XIII — Trabalhadores da vinha
- XIV — O Julzo final.
- XV — A Parábola dos talentos.
- XVI — A oração de Jesus Cristo em Getsêmane.
- XVII — Jesus é conduzido prêso à casa de Caifás.
- XVIII — Pilatos mostra Jesus ao povo, dizendo: Eis o homem.
- XIX — A flagelação de Jesus Cristo.
- XX — A Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo.
- XXI — Jesus Cristo ressuscita o filho de uma viúva de Naim.
- XXII — Madalena aos pés de Jesus, suplica-lhe perdão dos seus pecados.
- XXIII — A Parábola do Samaritano.
- XXIV — Jesus entra em casa de Marta. Maria sua irmã, sentada, ouve a palavra do Senhor.

- XXV — O filho pródigo.
XXVI — Lázaro o mendigo, e o rico avarento.
XXVII — Jesus cura dez leprosos.
XXVIII — Subiram dois homens ao templo a fazer oração: Um fariseu, e outro publicano.
XXIX — A conversão de Zaqueu.
XXX — Jesus aparece a dois discípulos que iam para Emaús.
XXXI — Revelação feita por Jesus a S. João Apóstolo.
XXXII — A porta do Céu aberta, vista por S. João.
XXXIII — O livro fechado a sete selos.
XXXIV — Os sete anjos com as trombetas.
XXXV — A quinta e a sexta trombeta.
XXXVI — Um anjo ameaçando.
XXXVII — Visão que S. João teve dos dois profetas mortos.
XXXVIII — S. João vê uma bêsta de sete cabeças.
XXXIX — Visão que S. João teve do dragão.
XL — Queda da grande Babilônia.

Este livro foi composto e impresso
em Agosto de 1951 nas Oficinas da
GRÁFICA MERCÚRIO S. A.
Al. Cleveland, 303
—— São Paulo - Brasil ——
para a **EDITORA DAS AMÉRICAS**



A degolação de João Batista.
(S. Marcos 6, 27, 28) Vol. 10.º pág. 223.



Jesus veio da Galiléia ter com João Batista, para ser batizado por êle.
(S. Mateus 3, 13) Vol. 10.º pág. 35.



O Sermão da Montanha
(S. Marcus c. 5) Vol. 10.º pág. 40.,



“Por que vês tu pois a aresta no olho de teu irmão: E não vês a trave no teu olho?”
(S. Mateus 7, 3) Vol. 10.º, pág. 54.



Cura Jesus um leproso, e um centurião lhe suplica que cure também a seu criado.
(S. Mateus 8, 3. 6) Vol. 10.º, pág. 57.



Jesus faz serenar uma tempestade no mar
(S. Mateus 8, 25 ss.) Vol. 10.^o pág. 61.



Jesus Cristo cura um paralítico.

(S. Mateus 9, 6. 7) Vol. 10.º, pág. 63.



A Parábola do Semeador.

(S. Mateus 13, 3 ss) Vol. 10.º; pág. 86.



Jesus Cristo multiplica cinco pães que nutrem cinco mil homens.
(S. Marcus 14, 19 ss) Vol. 10.º, pág. 96.



Jesus Cristo caminha sobre as ondas, e faz marchar também a S. Pedro
(S. Mateus 14, 26 ss) Vol. 10.º, pág. 97.



Uma mulher cananéia alcança de Jesus remédio para sua filha endemoninhada
(S. Mateus 15, 28) Vol. 10.º, pág. 102.



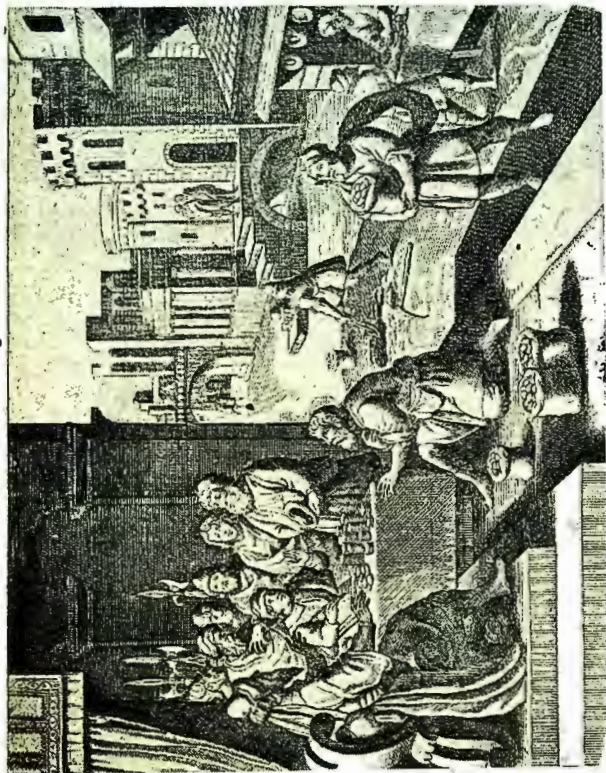
A transfiguração de Jesus Cristo diante de seus Apóstolos.
(S. Marcus 17, 2) Vol. 10.º, pág. 111.



Trabalhadores da vinha
(S. Mateus 20, 1 ss.) Vol. 10.º, pág. 123.



O Juízo final
(S. Marcus 24, 30. 31) Vol. 10.º, pág. 150.



A Parábola dos talentos
(S. Mateus 25, 14 ss.) Vol. 10.º, pág. 155.



A oração de Jesus Cristo em Getsêmane
(S. Mateus 26, 36. 39) Vol. 10.º, pág. 164.



Jesus é conduzido preso à casa de Caifás.
(S. Mateus 26, 57) Vol. 10.º, pág. 168.



Pilatos mostra Jesus ao povo, dizendo: Eis o homem
(S. Mateus 27, 24 ss) Vol. 10.º, pág. 177.



A flagelação de Jesus Cristo

(S. Mateus 27, 26 ss.) Vol. 10.º, pág. 177.



A Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo.
(S. Mateus 27, 51 ss.) Vol. 10.º, pág. 183.



Jesus Cristo ressuscita o filho de uma viúva de Naim.

(S. Lucas 7, 12 ss.) Vol. 10.º, pág. 332.



Madalena, aos pés de Jesus, suplica-lhe perdão dos seus pecados.

(S. Lucas 7, 44 ss.) Vol. 10.º, pág. 336.



A Parábola do Samaritano.

(S. Lucas 10, 33 ss.) Vol. 10.º, pág. 355.



Jesus entra em casa de Marta. Maria, sua irmã, sentada, ouve a palavra do Senhor.
(S. Lucas 10, 39) Vol. 10.º pág. 356.



O filho pródigo

(S. Lucas 15, 18 ss.) Vol. 10.º, pág. 382.

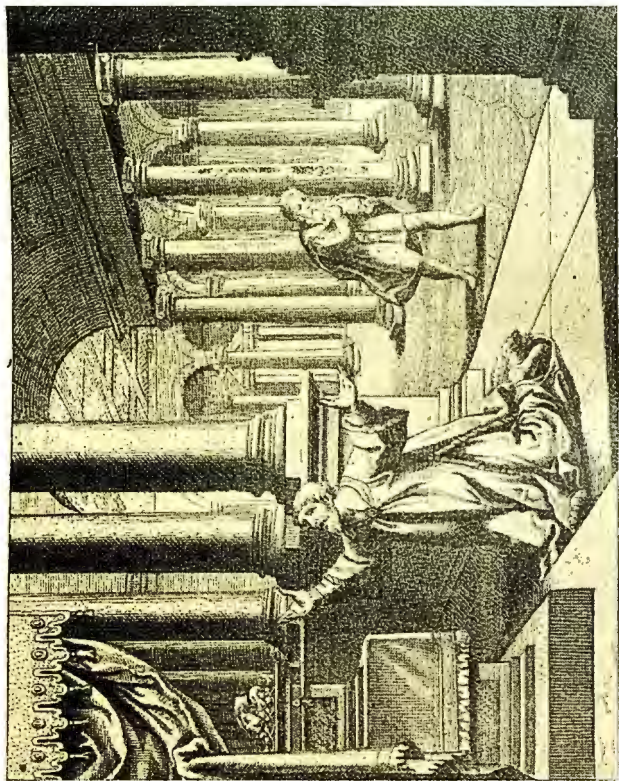


Lázaro o mendigo, e o rico avaro.
(S. Lucas 16, 19. 20) Vol. 10.º, pág. 388.



Jesus cura dez leprosos.

(S. Lucas 17, 12 ss) Vol. 10.º pág. 391.



“Subiram dois homens ao templo a fazer oração: Um fariseu, e outro publicano”.
(S. Lucas 18, 10) Vol. 10.º, pág. 396.



A conversão de Zaqueni

(S. Lucas 19, 9) Vol. 10.º, pág. 401.



Jesus aparece a dois discípulos que iam para Emaús.
(S. Lucas 24, 13 ss.) Vol. 10.º pág. 434.



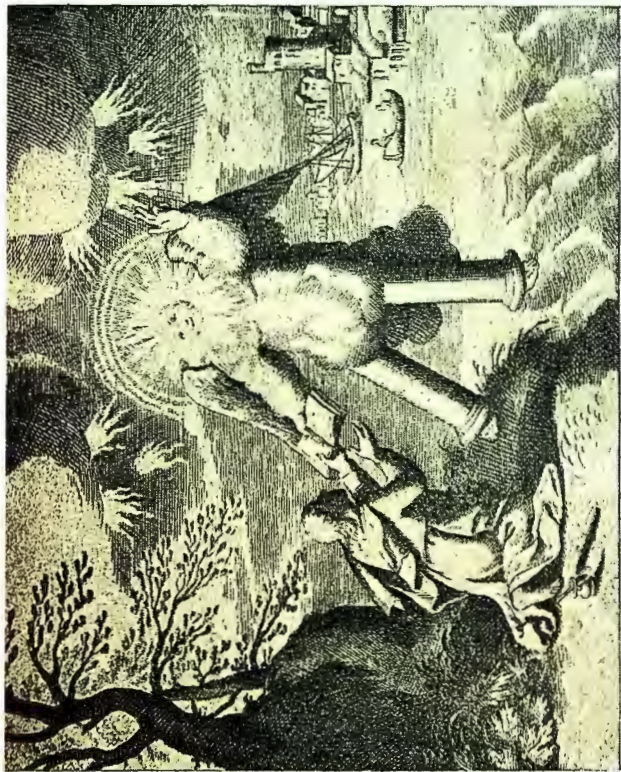
Revelação feita por Jesus a S. João Apóstolo.
(Apocalipse c. 1) Vol. 12.º, pág. 373.



A porta do Céu aberta, vista por S. João.
(Apocalipse c. 4) Vol. 12.º pág. 388.



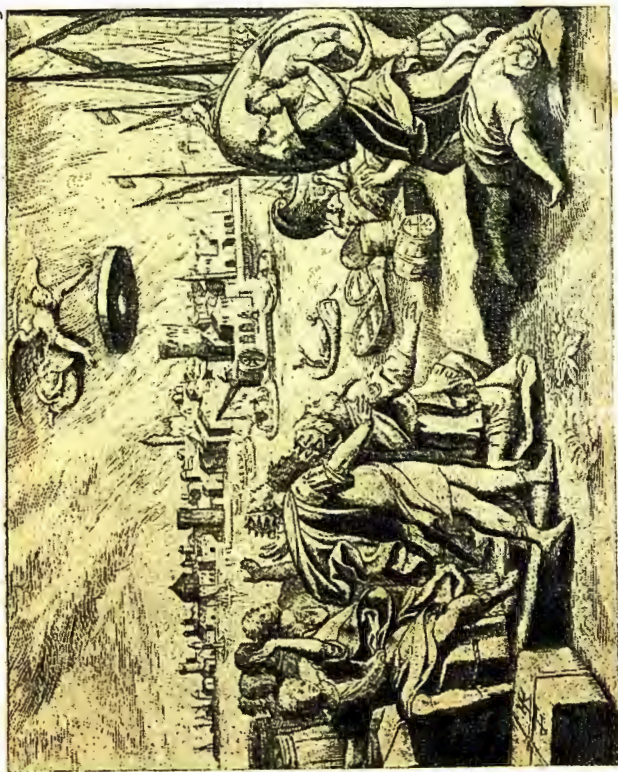
O livro fechado a sete selos
(Apocalipse c. 5) Vol. 12.º pág. 391.



O anjo ameaçando.
(Apocalipse c. 10) Vol. 12.º, pág. 410.



Visão que S. João teve dos dois profetas mortos.
(Apocalipse c. 11) Vol. 12.º, pág. 412.



Queda da grande Babilônia

NOTA DA EDITORA

Encarecer a oportunidade, ou melhor, a necessidade de anexar a versão clássica da Bíblia Sagrada, do Pe. Antônio Pereira de Figueiredo, cuja publicação vem constituindo para nós um motivo de justa e real satisfação, um complemento ao texto sagrado, é tarefa quase que dispensável. De fato, a carência de tal ajuda é reconhecida por todos aqueles que desejam se entregar ao estudo das Sagradas Letras, não somente visando o aprimoramento de sua cultura intelectual, como também procurando dilatar as fronteiras de sua visão espiritual, no descortino, cada vez mais amplo, do grande plano divino da Redenção.

Assim é que, buscando preencher essa lacuna, apresentamos com este volume o Dicionário Bíblico, que não é senão uma obra baseada, porém atualizada, no conhecido e consagrado *Tesouro Bíblico* ou *Dicionário Histórico e Etimológico* de Fr. Francisco de Jesus Maria Sarmiento.

Foi êle um ilustre pregador e escritor, que nasceu no Seixo, em Portugal, no ano de 1713 e morreu em Lisboa em 1790. Exerceu funções de alta relevância em sua Ordem e era Mestre em Artes e Bacharel em Direito Civil pela Universidade de Coimbra.

Seu trabalho foi calcado na Escritura, com especial desenvolvimento, e completado com Flávio Josefo (*Antiguidades e Guerra dos Judeus*) nos títulos relacionados com os fatos bíblico-his-

tóricos. Este é, justamente, um dos aspectos mais interessantes da sua obra, procurando aliar, como o fêz, para um só efeito, a documentação inspirada da Escritura com a do maior historiador judeu.

Seu livro foi meticulosamente refundido e atualizado, respeitada, porém, a essência e o sentido de suas exposições, sem qualquer outra preocupação senão a daquela mesma diretriz traçada no plano de publicação da Bíblia Sagrada, que é proporcionar ao povo brasileiro o ensejo de um maior conhecimento da Revelação Divina, sob os auspícios e sob orientação da Igreja.

O Dicionário Bíblico que ora apresentamos não é uma obra completa. Procuramos, entretanto, torná-lo um precioso auxiliar do leitor da Escritura, isto sem nenhuma pretensão de eruditismo. E' ao contrário, seguindo o pensamento do Autor, uma contribuição modesta ao estudo das Escrituras, sujeito a futuros melhoramentos, mesmo porque uma parte da matéria que o compõe é de natureza instável, como a questão da toponímia geográfica e da arqueologia, sujeitas a variações com a luz de novas descobertas.

Mesmo nesse sentido fizemos o possível, conscienciosamente, procurando tornar o Dicionário Bíblico um valioso instrumento de orientação, ao alcance de tôdas as inteligências e de tôdas as categorias de leitores.

A

Aarão — Irmão primogênito de Moisés. Ambos, assim como Miriam sua irmã, eram filhos de Amrão e de Jocabed, da tribo de Levi. Como Moisés alegasse não ter facilidade de expressão, ao ser chamado para livrar os israelitas da escravidão do Egito, ordenou-lhe Deus que empregasse Aarão na tarefa de falar ao povo e também na presença de Faraó. Chegando à côrte, realizaram êles grandes prodígios diante do soberano egípcio mas não lograram tocar o seu coração empedernido. Ao mesmo tempo encontravam-se na côrte alguns mágicos que, com os seus encantamentos, produziam efeitos admiráveis e procuravam igualar o poder e o dom dos milagres de Moisés e Aarão. Moisés, então, tocando as águas do Nilo com a vara que tinha na mão, converteu-as em sangue. A mesma, lançada por terra, transmudou-se em serpente e devorou tôdas as outras que os mágicos tinham feito aparecer. Pela virtude que Deus havia pôsto nos movimentos da vara, encheu-se o Egito de rãs, gafanhotos, mosquitos e outros insetos, que invadiram tudo, chegando até às salas do palacio e mesas de Faraó. Depois da passagem do Mar Vermelho, chegando os israelitas ao deserto, todo o seu sustento foi o maná que Deus lhes mandava do céu, o qual foi recolhido em um vaso, por Aarão, oferecido a Deus e pôsto no Tabernáculo.

No ano seguinte foi Aarão sagrado por Moisés na dignidade de Sumo Sacerdote, por ordem de Deus, sendo assim o primeiro pontífice e sacerdote dos judeus, preferência que, no entanto, veio a causar desordens e perturbações entre o povo. Quatro de seus filhos foram também eleitos sacerdotes. Os dois mais velhos, de nome Nadab e Abiú, tendo apresentado fogo estranho no Altar, foram mortos pelo fogo do céu. Coré, Datan e Abiron, igualmente da tribo de Levi, invejosos da honra do sacerdócio, rebelaram-se e foram mortos juntamente com suas famílias, sepultando-os a terra, que com elles se abriu.

Esse castigo foi seguido por muitos outros. De uma feita, duzentos e cinqüenta homens, tendo tido a temeridade de oferecer incenso no Altar, de repente se levantou um fogo no qual todos morreram abrasados. Diante disso o povo começou a murmurar, clamando contra a morte de tantas pessoas, o que deu em resultado formar-se uma sedição. Deus então mandou uma praga contra tôda aquela gente e a teria exterminado inteiramente, se Aarão não se pusesse entre os mortos e os vivos com um turíbulo, para oferecer incenso e assim aplacar a ira de Deus.

Confirmou-se, enfim, o sacerdócio de Aarão por meio de um grande milagre, que fêz cessar tôdas as murmurações dos hebreus. Moisés ordenou que pusessem as doze varas ou cetros, cada uma representando uma das tribos, no Tabernáculo, concordando todos em ceder o Supremo Sacerdócio à tribo cuja vara florescesse. No dia seguinte, a que representava a tribo

de Levi amanheceu com flores, folhas, botões e amêndoas que ali se formaram. Logo foi Aarão reconhecido como Sumo Sacerdote.

Ele e Hur, juntamente, sustentaram os braços de Moisés enquanto Josué exterminava os amalecitas. Teve, porém, depois, a fraqueza de atender o pedido que lhe fêz o povo, no sentido de se levantar um bezerro de ouro para ser adorado enquanto Moisés estava no monte Sinai, culpa de que depois tentou excusar-se. Tanto Aarão como Moisés foram privados da felicidade de entrar na Terra da Promissão, por terem duvidado da Palavra de Deus quando estavam no deserto de Cades.

Afinal, estando Aarão junto do monte Hor, nos limites da Iduméia, subiu ao seu cume, por ordem de Deus e ali, despojando-se, na presença do povo, das vestes pontificais, passou as funções sacerdotais a seu filho Eleazar, que foi revestido por Moisés e assim constituído sucessor de seu pai. Aarão morreu com a idade de cento e vinte e três anos. Foi casado com Isabel, filha de Aminadab, que lhe deu quatro filhos: Nadab, Abiú, Eleazar e Itamar. Exerceu o pontificado durante quarenta anos. *Êx caps. 6 a 40; Núm cap. 20; 33, 37-39; Dt 10, 6.*

Aasbai — Um dos valentes de Davi. 2 Rs 23, 34.

Aava — Rio de Babilônia, onde Esdras ajuntou os judeus para os persuadir que observassem um jejum de três dias, afim de obterem de Deus poder voltar felizmente do seu cativeiro. 1 Esd 8, 15. 31.

Abadon — Anjo do abismo ou rei dos monstros, daqueles que apareceram a S. João Evangelista numa visão que teve na ilha de Patmos, em figura de gafanhotos, semelhantes a cavalos ajaezados e armados para a peleja. Tinham êsses monstros rosto de homem, cabelos como os de mulher, na cabeça uma coroa de ouro, uma cauda de escorpião e todos levavam couraça de ferro. Na língua grega chamava-se Apolion. *Apc* 9, 1-11.

Abaná — Rio que chegava até Damasco, onde Naaman ia lavar-se, preferindo-o às ribeiras de Israel. *4 Rs* 5, 12.

Abaram — Tinha por sobrenome Eleazar e era o quarto filho de Matatias e irmão de Judas Macabeu. Fêz-se memorável pela morte gloriosa e voluntária que procurou. no combate a Antíoco Eupator, junto ao estreito de Beth-Sacaria. Chamava-se também Amram, conforme Josefo. Vendo Abaram, no aceso do combate, que um elefante dos inimigos estava ajaezado muito mais soberbamente do que todos os outros, julgou que viria nele o rei. E, acometendo intrèpidamente por entre os esquadrões, atravessando tudo o que encontrava pela frente, chegou até o animal, e pondo-se por baixo dêle, matou-o a punhaladas no ventre; ficou, porém, oprimido pelo grande pêso do animal. Depois da batalha, Judas mandou retirar o seu corpo e levá-lo a Modin para ser depositado junto à sepultura de seu pai. *1 Mac* 6, 43-46.

Abarim — Nome de uma região e um monte na tribo de Ruben. Estando já os israelitas prestes a entrar na Terra da Promissão, ordenou Deus a Moisés que su-

bisse ao alto do mesmo, donde se descortinava tôda a terra de Canaan e mostrou-lhe a sua beleza, da qual ia ser privado por ter duvidado de suas palavras. Nesse monte morreu Moisés e nunca mais se soube do seu corpo para lhe darem sepultura. *Dt* 32, 48-52. *Fl. Jos.*

Aba — (abba) palavra aramaica que significa *Pai*. *Mac* 14 36; *Rom* 8, 15; *Gal* 4, 6.

Abdemelec — Criado do rei Sedecias, etíope de nascimento, o qual, temendo que Jeremias morresse de fome na prisão, solicitou com insistência ao rei que livrasse o santo homem daquele lugar tão triste. Alcançando o livramento, Deus recompensou sua generosidade, pois depois de ter Nabucodonosor queimado o Templo, saqueado Jerusalém, prêso Sedecias e degolado todos os seus filhos na sua presença e mandado tirar os olhos ao mesmo rei, após cometidas tôdas essas crueldades, concedeu a Abdemelec e a Jeremias liberdade para irem onde quisessem. *Jer* 38, 7-24; 39, 1-18.

Abdênago — Também chamado *Azarias*. Juntamente com Sidrac (nomeado também *Ananias*) e com Mesac (chamado igualmente *Misael*), foram êles os três mancebos hebreus que se viram atirados dentro de uma fornalha ardente no tempo em que os judeus se achavam cativos na Babilônia, como castigo pelo crime de recusarem adorar uma estátua, o que fôra ordenado pelo rei babilônico. Deus, porém, livrou milagrosamente êsses moços, enviando-lhes um anjo que reprimiu o ardor das chamas. E êles, em ação de graças, compuseram o cân-

tico *Benedicite, omnia opera Domini Domino...* Abdênago era parente próximo do rei Sedecias. *Dan* 1, 6. 7; 3, 1-30.

Abdi — 1) Levita da família de Merari. *1 Par* 6, 44.

2) Um filho de Elam. *Esdr* 10, 26.

Abdias — Ou Obadias.

1) Nome de um mordomo do rei Acab, que escondeu cem profetas nas cavernas de um monte, para livrá-los do furor de Jesabel. A mesma caverna serviu depois de refúgio aos ladrões até que Herodes, o Grande a mandou entulhar. *3 Rs* 18, 3-19. *Fl. Jos.*

2) Um levita que ajudou a reedificar o Templo no renado de Josias. *2 Par* 34, 12.

3) Um profeta santo, assim chamado, que profetizou a destruição de Edom como represália ao mal que fez a Jacó, seu irmão. Seu livro, que é classificado em 4.º lugar entre os Profetas Menores, tem um só capítulo. Não se sabe ao certo em que data foi escrito nem a ocasião em que Abdias desempenhou seu ministério, conjecturando-se apenas, pelo que descreve, em sua profecia, que deve ter vivido nos tempos do rei Acáz, ou seja mais ou menos no ano 741 A.C.

Abdiel — Um morador de Galaad, da tribo de Gad. *1 Par* 5, 15.

Abdon — 1) O décimo primeiro juiz de Israel, predecessor de Sansão, que foi abençoado por Deus com uma numerosa descendência, pois deixou quarenta filhos e trinta netos, os quais tinham, cada um deles um jumento para montar. Julgou Israel pelo espaço de oito anos. *Jz* 12, 13-15.

2) Um filho de Sesac, que morava em Jerusalém. *2 Par* 8, 23-28.

3) Um parente do rei Saul. *1 Par* 8, 23.

4) Um dos oficiais do rei Josias. *2 Par* 34, 20.

5) Cidade da tribo de Aser. *Jos.* 21, 30.

Abel — O segundo filho de Adão e Eva, morto por seu irmão Cain, por inveja. Ele é citado em *Hebr* 11, 4 como um dos exemplos de fé do V. T.

Abel-Bet-Maaca — Também chamada *Abelmaim*, cidade situada na tribo de Neftali. Depois da derrota de Absalão, um certo Seba, homem turbulento e poderoso na tribo de Benjamim, fêz rebelar tôdas as demais tribos, exceto a de Judá, para onde se retirou. Joab, general dos exércitos de Davi, sabendo que Seba se havia refugiado em Judá, foi sitiar a cidade que o protegia, reduzindo-a à expressão de última miséria. Uma mulher, porém, fazendo ajuntar todos os moradores da cidade, falou-lhes com tamanha autoridade e força e mostrou-lhes de maneira tão clara as desgraças a que se expunham por causa de um traidor, que logo, sem mais demora cortaram a cabeça de Seba e a lançaram no

acampamento de Joab. Dêste modo ficou livre a cidade. 2 Rs cap. 20.

Abel-Queramim — Local onde Jefté derrotou os amonitas e que era plantado de uvas. Jz 11, 33.

Abelmeúla — Cidade do país de Madian, que Gedeão destruiu. Jz 7, 23.

Abelsatim — Acampamento nas planícies de Moab, onde choraram os israelitas a morte de Moisés. Jos 2,1.

Abes — Cidade da tribo de Issacar. Jos 19, 20.

Abezan ou *Ibsan* — Juiz que julgou Israel sete anos. Tinha trinta filhos e trinta filhas. Jz 12, 8, 10.

Abgata — Um dos oficiais de Assuero. Est 1, 10.

Abias — 1) Irmão de Joel, filho de Samuel que foi juiz em Berseba. 1 Rs 8, 2.

2) Filho primogênito de Jeroboão, primeiro rei de Samaria. Esse príncipe foi atacado de uma doença cruel e sua mãe, consultando o profeta Aías, cuidando alcançar a cura para o filho, recebeu como resposta uma ordem para voltar para casa, onde o doente morreria logo que ela regressasse e que seria ele o único de sua geração que seria sepultado no Sepulcro dos Reis, pois os outros seriam devorados pelos cães ou pelas aves de rapina. 3 Rs 14, 1-18.

3) Quinto rei de Judá filho de Roboão e de Maaca. Toda a sua vida esteve em guerra com Jeroboão;

teve de catorze mulheres, vinte e dois filhos e dezesseis filhas. Não reinou mais que três anos. 3 Rs 14, 31.

4) Mulher de Esrom, da tribo de Judá. 1 Par 2, 24.

5) Nome da mãe de Ezequias. 2 Par 29, 1.

6) Um sacerdote companheiro de Zorobabel. 2 Esdr 12, 4-7.

Abiaiel ou *Abiail* — 1) Pai de Suriel, que era chefe da família de Merari, foi do número daqueles que acampavam junto ao sagrado Tabernáculo. Num 3, 35.

2) O pai da rainha Ester. Est 2, 15.

3) Mulher de Roboão, sobrinha de Davi. 2 Par 11, 18.

4) Mulher de Abisur. 1 Par 2, 29.

Abia — Ver *Abias*.

Abiatar — O nono Sumo Sacerdote dos judeus, que foi obrigado a refugiar-se nas terras de Davi, para evitar a perseguição de Saul. Ocupou Abiatar essa eminente posição até o primeiro ano do reinado de Salomão, o qual o despojou para colocar Sadoc em seu lugar. 3 Rs 2, 26-35.

Abib — O primeiro mês do ano judaico, quando se colhia o trigo e se comemorava o livramento do Egito. Êx 13, 4.

Abida — Um descendente de Abraão — *Gen* 25, 4.

Abidan — Príncipe ou chefe da tribo de Benjamim, filho de Gedeão. Foi o nono entre os que ofereceram dádivas no Tabernáculo. *Num* 7, 60, 65.

Abiel — Avô de Saul, pai de Cis e de Ner; era da tribo de Benjamim. 1 *Rs* 9, 1 — 14, 51.

Abiezer — 1) Um dos trinta valentes que Davi teve no seu exército e general comandante de vinte e quatro mil homens. 2 *Rs* 23, 27.

2) Filho de Maquir, da descendência de Manassés. *Jos* 17, 2.

Abigail — 1) Mulher de Nabal, homem rico e poderoso, que negou a Davi o socorro que êste lhe pedira. Por essa razão, o rei protestou a si mesmo que o mataria e destruiria sua casa. Mas a prudente Abigail, aprontando sem demora um generoso donativo, foi rogar a Davi que abrandasse o seu furor. E, com efeito, alcançou o que queria, pois à sua natural eloquência, aliava-se a grande formosura de que era dotada. Morrendo Nabal, poucos dias depois, Davi casou-se com Abigail, de quem teve um filho chamado Daniel em 1 *Par* 3, 1 e mencionado em 2 *Rs* 3, 3 com o nome de Queleab.

2) Uma das irmãs de Davi, casada com Amasa. 1 *Par* 2, 16.

Abila — Capital da Abilina.

Abilina — Nome de uma tetrarquia situada do lado noroeste de Damasco, também denominada Abilene (no grego) e referida por S. Lucas no seu Evangelho como sendo governada por Lisânias. *Lc 3, 1.*

Abimael — Um nome que se encontra em *Gên 10, 28* como fazendo parte da genealogia de Jectan.

Abimelec — 1) Rei de Gerar. Abraão, vendo o deplo-rável espetáculo de Sodoma e não podendo viver em uma terra tão pecaminosa, partiu para Gerar com Sara, sua mulher. Como esta era mui formosa, para evitar os perigos a que podia estar exposta, a fêz passar por sua irmã, da mesma sorte que fizera no Egito. Abimelec, assim crendo, quis vê-la; porém Deus castigou aquêlê príncipe com a peste e lhe revelou a verdade. Arrependendo-se Abimelec da sua culpa, e mandando chamar a Abraão, o repreendeu, pedindo-lhe, ao mesmo tempo, que abrandasse a ira de Deus, que o castigava por uma culpa, em que caíra por ignorância. Obtendo o príncipe a cura da peste, encheu a Abraão de presentes, e deu a Sara mil peças de prata para comprar um véu, afim de encobrir o seu rosto e para mostrar, por meio dêsse sinal, que era casada. Depois obrigou Abraão a se estabelecer nos seus estados. A rainha, mulher de Abimelec, que ainda não tinha filhos, chegou a ser fecunda por ineio das preces, e rogos de Abraão, e deu muitos sucessores a seu marido. *Gên 20, 1-18.*

2) Outro rei de Gerar em cuja côrte Isaac tentou fazer passar Rebeca como sua irmã da mesma forma que procedera seu pai. *Gên 26, 1-33.*

3) Houve outro Abimelec, que foi filho de Ge-deão, o primeiro. Levantando algumas tropas, depois da morte de seu pai, principiou por mandar matar setenta irmãos seus, escapando somente Joatan, por ter fugido. E rebelando-se os siquemitas contra êle, arrasou a sua cidade, e foi sitiá-la de Tebas, para onde se refugiara o resto dos habitantes. Porém Abimelec foi ali mortalmente ferido com um pedaço de mó de moinho, que uma mulher arrojou sobre a sua cabeça do alto de uma torre. E, envergonhando-se êle de morrer pelas mãos de uma mulher, mandou ao seu escudeiro, que o traspassasse com a sua própria espada. *Jz* 9, 54.

4) Sacerdote, filho de Abiatar. *1 Par* 18, 16.

Abinadab — 1) Filho de Jessé e irmão de Davi. *1 Rs* 16, 8.

2) Filho de Saul, morreu na batalha de Gilboé. *1 Rs* 31, 2.

Abiram — Ver — *Abiron*.

Abiron — 1) Filho primogênito de Hiel, acabou miseravelmente a vida por ter seu pai reedificado Jericó contra a ordem de Josué. *3 Rs* 16, 34.

2) Irmão de Datan e companheiro de Coré, quando da sublevação contra Moisés. *Num* 16, 1-35.

Abisag — Sunamita, mulher de extrema formosura, com quem casou Davi, já na sua velhice, e viveu com ela em estado de celibato. Depois da morte de Davi, vendo-se Adonias excluído do trono, apesar de seus ambiciosos

desejos e diligências que fez para o conseguir, pediu que ao menos o deixassem casar com Abisag, à quem pediu em matrimônio. Não quis Salomão consentir no dito casamento e mandou matar Adonias porquanto o querer casar com a viúva de qualquer rei defunto era, (conforme o costume dos tempo), querer obter a sucessão. 3 Rs 1, 14-2, 13-25.

Abisai — Sobrinho de Abigail, e irmão de Joab. Acompanhou Davi, quando perseguido por Saul, entrou no seu acampamento e foi até à tenda real tirar-lhe por força a sua lança e a sua taça. Em um combate, matou trezentos filisteus e salvou a vida a Davi, matando um homem de estatura extraordinária, chamado Schbinebob, que quase descarregava já sobre este príncipe o golpe mortal. Em outros combate matou dezoito mil edomitas. 2 Rs 2, 18; 23, 18; 1 Par 18, 12-13; 2 Rs 21, 16-17.

Abisué — 1) Filho de Finéias, foi quarto sacerdote depois de Aarão. 1 Par 6, 4.

2) Um que foi filho de Bale. 1 Par 8, 4.

Abiú — Segundo filho de Aarão e de Isabel, foi devorado juntamente com seu irmão Nadab, pelo fogo celeste. Lev 10, 1-7.

Abiud — Filho de Zorobabel, e pai de Eliaquim. Mt 1, 13.

Abner — General dos exércitos de Saul, de quem era tio. Depois da tabalha de Gilboé, em que foi morto Saul, sustentou Abner no trono a Isboseth filho do rei morto, por espaço de sete anos contra Davi seu competidor.

Porém, não estando contente e satisfeito com o rei que êle mesmo tinha feito, abandonou e se uniu a Davi, a quem tornou a entregar Micol sua mulher, que Saul lhe tinha tirado à força. Joab, general dos exércitos de Davi, invejoso da glória de Abner, que era visto e respeitado como o maior capitão do seu tempo, matou-o à traição, aparentemente para vingar a morte de seu irmão Osael. Mandou Davi, que lhe fizessem umas exéquias na cidade de Hebron, e êle mesmo foi chorar a sua morte sobre sua sepultura, cousa que até então se não tinha visto. 2 Rs 3, 6-39.

Abraão — Filho de Taré, da cidade de Ur na Caldéia. Descendia em linha reta de Sem, filho primogênito de Noé, por parte de Arfaxad, Jalé, Heber, Faleg, Reu, Sarug, Nacor e Taré. Escolheu Deus Abraão para uni-lo e toda a sua posteridade a si, por um modo particular. Tinha-se retirado Taré para Haran na Mesopotâmia, e recebeu Abraão ordem de Deus para se dirigir à terra do Canaan, logo que seu pai morresse. Partiu Abraão com Sara, sua mulher, e com Lô, seu sobrinho. Assim que chegou, levantou um altar ao Senhor, em ação de graças. Sobrevindo uma fome, foi para o Egito com Sara sua mulher, a qual era formosíssima. Roubou Faraó a Sara, sabendo que ela e Abraão se tratavam como irmãos, como realmente eram, descendendo ambos em linha reta de Sem, pois era uso naqueles tempos o tratarem-se por irmãos, quando eram da mesma família. Mas, afligindo Deus por esta causa a Faraó com terribes flagelos, e sabendo êsse príncipe que Sara era mulher de Abraão, e que aquêlê modo de agir do casal era a origem donde manavam tôdas as suas desgraças, man-

dou buscar Abraão. Depois de o repreender por havê-lo enganado, entregou-lhe a sua esposa, ordenou ao seus criados que cuidassem e tratassem deles e os mandou para Canaan, cheios de honras e de preciosos donativos.

Tornando para a terra de Canaan, foi obrigado Abraão a separar-se de seu sobrinho Ló, por causa das desavenças, que havia continuamente entre os seus criados. E retirando-se Ló para Sodoma, muitos dos reis vizinhos, aliados, sitiaram a dita cidade, a tomaram e fizeram prisioneiros ao rei e ao povo, captura em que também Ló foi compreendido, com todo o seu gado. Chegou tudo ao conhecimento de Abraão e, pondo-se à frente de trezentos e dezoito criados seus, com outros socorros mais, marchou em seguimento dos reis vencedores. E dando sôbre êles com todo o vigor e fortaleza, libertou seu sobrinho e tudo o mais que lhe tinham tirado. Abraão e Sara afligiam-se muito por não terem filhos, quando os Anjos, que Deus mandou para destruir Sodoma e Gomorra, lhes prometeram que dentro de um ano teriam um filho, sem embargo de estar Sara já adiantada em idade. (Vid. *Sara*). Com efeito, teve Sara um filho, a quem puseram o nome de Isaac, que tinha de ser herdeiro de todos os bens e virtudes de seu pai e das promessas feitas a êle. Via Abraão com grande gôsto crescer êsse filho na virtude, quando Deus, querendo experimentar a sua fé, lhe mandou que em sacrifício lho oferecesse. Não duvidou êle, nem inter pôs demora; antes o levou logo para o lugar indicado por Deus, e quando levantava já o cutelo para o sacrificar, suspendeu Deus o seu braço por ministério de um Anjo,

e sacrificou Abraão, em lugar de seu filho, a um carneiro.

Pela morte de Sara casou Abraão com Cétura, de quem teve seis filhos. Morreu enfim Abraão na idade de cento e setenta e cinco anos entre os braços de Isaac, e Ismael, filho que lhe nascera de Agar sua escrava, e de toda a sua família. Foi sepultado junto a Sara, no sepulcro que tinha comprado em Hebron. O seu primeiro nome foi *Abrão*, que significa *Pai excelso*; porém Deus o mudou para o de *Abraão*, que quer dizer *Pai de multidão*. Gên 11, 26-25, 18.

Absalão — 1) Terceiro filho de Davi. Informado este príncipe da ofensa que Amnon seu irmão fizera a sua irmã Tamar, convidou-o para uma festa e aos outros irmãos, onde o matou. Absalão, para evitar a ira de seu pai, retirou-se para Gessur, onde ficou três anos. Nesse ínterim, trabalharam os seus amigos para conseguir de seu pai o perdão, que lhe concedeu, com a licença de poder tornar para a corte.

Pouco tempo depois, não tendo já o que temer, trabalhou ocultamente alistando gente para tirar a seu pai o trono. E com efeito se pôs em estado de apresentar-se na frente de um poderoso exército. Davi se refugiou além do Jordão, onde Absalão o perseguiu com os seus conjurados, dos quais era comandante Amasa. Porém, dada a batalha contra o exército comandado por Joab, em uma planície da tribo de Gad, Absalão foi inteiramente derrotado. E, fugindo êle, ao passar com os seus partidários por baixo de uma árvore, com a velo-

cidade da fuga os seus cabelos se embaraçaram com os ramos, de tal sorte, que ficou suspenso no ar. E não obstante recomendar Davi a todos os soldados que lhe reservasse seu filho Absalão, Joab com três lançadas o matou: o que seu pai amargamente sentiu. A Sagrada Escritura diz que era êste príncipe de uma formosura sem par, tanto pelo talhe de seu corpo, como pela feição de seu rosto. Tinha êle trinta e três anos e deixou três filhos e uma filha chamada também Tamar. 2 Rs 13, 1-19, 8.

2) Pai de Matatias, guerreiro no tempo dos Macabeus. 1 Mac 11, 70.

Acab — 1) Filho de Amri, casou com Jezabel, que o induziu a todos os gêneros de crueldade. Êle fez edificar um templo e altares a Baal. Perseguiu e mandou matar os profetas santos. E Elias, por lhe prognosticar uma fome futura, iria ter a mesma sorte, se não se escondesse no deserto, donde saíu no fim de três anos para insinuar a Acab sua obrigação. O fogo que o santo profeta mandou que descesse do Céu sobre o Altar para confundir os sacerdotes de Baal, a morte que êstes padeceram, e enfim a fertilidade que aos campos tornou a vir, nada conseguiu mudar o coração endurecido do monarca.

O mesmo profeta foi obrigado a fugir para evitar o furor de Jezabel, que se valia da autoridade do rei para vingar a morte dos sacerdotes de Baal, e induzido Acab pela mesma Jezabel, mandou matar a Nabot, para usurpar a sua vinha.

Vindo Benadad, rei da Síria assolar o reino de Israel, e sitiá-lo Acab na Samaria, recorreu este a Deus; e saindo com duzentos e trinta e dois criados a pé e sete mil homens de tropa, obrigou Benadad a levantar o cerco e o lançou fora dos seus estados. Tornando o sírio a vir no ano seguinte, derrotou Acab todo o seu exército e o fez prisioneiro. Porém, depois o restabeleceu no seu reino. Terceira vez tornou Benadad muito mais furioso com um poderoso exército e deu batalha a Acab, o qual morreu com o tiro de uma seta casualmente despedida. Foi sepultado em Samaria, para onde, sendo trazido todo ensanguentado, lamberam os cães o seu sangue no mesmo lugar, em que tinha mandado matar a Nabot. 3 Rs cap. 16.

2) Um profeta falso que foi queimado por ordem de Nabucodonosor. Jer 29, 21-23.

Acad — Cidade do país de Senaar, edificada por Nemrod. Gen 10, 10.

Acaia — Cidade e província da Grécia. Tendo pregado S. Paulo nessa cidade e sendo nela prêso, o procônsul Galeão o mandou libertar porque embora pregasse uma doutrina nova, o achou inocente e persuadiu-se que só por inveja o perseguiram os seus inimigos. At 18, 12-27.

Acaico — Um dos discípulos mais zelosos, que teve S. Paulo, que o recomendou aos Coríntios. 1 Cor 16, 17.

Acam, Acari ou Acar — Filho de Carmi da tribo de Judá.

Ele, e toda a sua família foram apedrejados por terem, contra a proibição de Josué, escondido uma capa, uma

régua de ouro, e a prata do despôjo, que se tinha feito na tomada de Jericó. *Jos* 7, 1-26.

Acaron — Cidade dos filisteus, cujos habitantes não quizeram receber a Arca, que os mesmos filisteus tinham tomados aos israelitas, receando que lhes sobreviessem algumas desgraças, pelo que a tornaram a levar. 1 Rs 5, 10.

Acaz — Foi filho e sucessor de Joatan, rei de Judá. Mandou levantar o sítio que Facée rei de Israel e Razin, rei da Síria, ambos aliados contra êle, tinham feito a Jerusalém. Depois foi atacar Facéias e vencido em um combate, em que perdeu um filho, dois generais e cento e vinte mil homens. Recorreu a Teglatfalasar, rei de Assíria, que veio assolar a Síria, apoderou-se de Damasco e o livrou de todos os seus inimigos. Acaz, em recompensa, deu-lhe todo o ouro do Templo de Jerusalém, onde levantou outro semelhante ao de Damasco e o dedicou às falsas divindades. A Escritura diz que êste mau rei chegou com a sua barbaridade a tal excesso, que sacrificou o seu próprio filho às falsas divindades. Morreu depois de reinar dezesseis anos, deixando o reino a Ezequias seus filho. 4 Rs 16, 2.

Acobor — 1) Pai de Balanan, rei da Iduméia. *Gên* 36, 38.

2) Um que por ordem do rei Josias foi consultar a profetiza Hulda sôbre alguns pontos do Livro da Lei, que Helcias, Sumo Sacerdote, tinha achado no Templo. 4 Rs 22, 14.

Acor — Vale da tribo de Benjamim, junto de Jericó, onde Acar foi apedrejado com tôda a sua família, por ter re-

servado, contra a proibição de Josué, uma capa encarnada e uma certa soma em dinheiro. *Jos* 7, 24-26.

Aczib — 1) Cidade da tribo de Judá. *Gên* 38, 5.

2) Cidade na costa de Aser. *Jos* 15, 44.

Ada — 1) Primeira mulher de Lamec, e mãe de Jabel e de Jubal. *Gên* 4, 19; 21, 23.

2) Filha de Helão, príncipe dos cananeus, foi mulher de Esaú e mãe de Elifaz. *Gên* 36, 2-4.

Adada — Cidade da tribo de Judá. *Jos* 15, 22.

Adadremão — Cidade da tribo de Manassés onde se deu a batalha contra o Faraó Necaú, rei do Egito, em que foi vencido e morto Josias, rei de Judá, perto de Meggido. Hoje tem o nome de Rumané. *4 Rs* 23, 29.

Adaia — 1) Um dos descendentes de Gerson, da tribo de Levi. *1 Par* 6, 41.

2) Sogro de Josias. *4 Rs* 22, 1.

3) Nomes de dois que foram obrigados a repudiar suas mulheres por serem estrangeiras. *Esdr* 10, 29-39.

Adali — Pai de Amasa, que libertou os prisioneiros capturados pelos israelitas nas tribos de Judá e de Benjamim. *2 Par* 28, 12.

Adalias — Quinto filho de Aman, foi enforcado, como seu pai, com toda a sua família, por ser cúmplice no crime da ruína intentada contra o inocente Mardoqueu. *Est* 9, 8.

Adão — Nome do primeiro homem, que Deus formou do lodo ou barro da terra. Pôsto com a mulher, que Deus lhe tinha dado, no Paraíso Terrestre, deixou-se vencer por ela, depois que foi enganada pelo Demônio, e comeu do fruto da árvore da ciência do bem e do mal, que Deus lhe proibira. E como fôra creado em estado de inocência, não tinha pêjo de se vêr nú. Porém a sua desobediência lhe abriu tanto os olhos, que logo quis se esconder. Então um Anjo o expulsou, e juntamente a Eva sua mulher, daquele sítio delicioso, onde tudo crescia em abundância, sem precisar de cultura. Foi Adão condenado a tirar da terra, mediante o seu trabalho, a sua subsistência. Viveu novecentos e trinta anos e teve muitos filhos, dos quais procedeu o gênero humano. *Gên* 2; 3; 4, 1-8.

Adama — Cidade de Pentápole. Senaab, rei dessa comarca, rebelando-se contra Codorlaomor, foi derrotado, a sua cidade arruinada e algum tempo depois queimada pelo fogo celeste, juntamente com Sodoma, Gomorra, Seboim, e Segor. *Gên* 14, 2-8.

Adami — Cidade de tribo de Neftali. *Jos* 19, 33.

Adar — Nome do 12.^o mês dos judeus, tirado do calendário babilônico.

Adarezer, ou *Adrazar* — Rei de Sobá, deu um poderoso socorro a Hanon, rei dos amonitas, com quem Davi estava

em guerra; porém foi inteiramente derrotado e fugiu. Davi se fez senhor de uma parte dos seus Estados, onde havia minas de cobre, das quais tirou Salomão tôda a matéria necessária para fazer os vasos do Templo, os candelabros, e a famosa cuba, que se conhece debaixo do nome de Mar de bronze. 2 Rs 8, 3-13.

Adaza — Cidade da tribo de Efraim, onde Judas Macabeu com trinta mil homens derrotou trinta e cinco mil do exército de Nicanor, que também morreu, sem que ficasse um só vivo. 1 Mac 7, 40-45.

Ader — 1) Filho de Bale, filho de Benjamim. Gên 46, 21.

2) Um monte da Iduméia.

3) Cidade na tribo de Judá. Jos 15, 3.

Adi — filho de Cosan, e pai de Melqui. Foi um dos antepassados de Jesus Cristo. Luc 3, 28.

Adiabedianos, ou *Adiamenianos* — Comarca da Assíria, ou da Arábia, junta ao rio Lico, Izato, filho de Monobazo, rei daquele país, converteu-se com tôda a sua família, e tôda a sua côrte no tempo do imperador Cláudio. Foi feita esta conversão por meio de um mercador chamado Ananias, e de um doutor da Lei por nome Eleazar. Mandou levantar êste príncipe um palácio magnífico em Jerusalém, onde se achava, quando foi tomada por Tito. Êle mesmo tinha trazido socorro para a cidade, e serviu de adôrno ao triunfo de conquistador. Fl. Jos.

Aditaim — Cidade da tribo de Judá, da mesma parte, em que fica a de Dan. *Jos* 15, 36.

Admata — Um dos sete primeiros príncipes da côrte de Assuero. *Est* 1, 14.

Adam — Cidade situada nas margens do Jordão na tribo de Ruben, onde se abriu o rio para dar passagem a Josué, e aos israelitas. *Jos* 3, 16.

Ado — 1) Um levita. *1 Par* 6, 21.

2) Nome do filho de Abinadab, intendente constituido por Salomão em Manaim. *3 Rs* 4, 14.

3) Um Profeta dêste nome escreveu as vidas de Roboão, de Jeroboão, e de Abias.

Adomim — Cidade e monte, na tribo de Benjamim. Os árabes e os ladrões cometiam alí crimes inauditos. Sendo nele atacado um viajante, escapou coberto de feridas. Por esta causa julgam alguns que Jesus Cristo contou a bellissima parábola do Bom Samaritano, que se lê em *Lc* 10, 30, narrada ao Doutor da Lei quando lhe perguntou o que havia de fazer para alcançar a vida eterna. *Jos* 15, 7.

Adonai — Quer dizer *Senhor*.

Adonias — Quarto filho de Davi, que o teve de uma das suas mulheres, chamada Agith. Betsabé, mãe de Salomão,

sabendo que Adonias trabalhava ocultamente para se fazer aclamar rei, informou de tudo a Davi, que logo mandou dizer a Salomão. Adonias, sabendo o castigo que o esperava, refugiou-se ao pé do Altar, donde mandou dizer a Salomão, que dali não sairia até não estar certo e seguro do seu perdão. Depois da morte de Davi quis este mesmo príncipe casar com Abisag Sunamita, última mulher de seu pai. Porém Salomão, que sempre desconfiava dele, valeu-se desta ocasião para o mandar matar. 3Rs 1, 51-53.

Adonibesec — Rei de Canaã. Era um príncipe tão cruel, que já em outro tempo tinha mandado cortar os pés e as mãos a setenta reis, que tinham caído debaixo do seu poder. E os tinha deixado em tal desamparo, que não permitia que lhes dessem outro sustento, senão o que eles podiam apanhar com a bôca, e o que lhes deitavam da mesa abaixo. Depois da morte de Josué juntou todos os príncipes seus vizinhos, e lhes persuadiu que aquêle era o tempo favorável, que tinham para se livrar inteiramente dos hebreus; porque não tendo eles mais chefes hábeis e capazes, era fácil o poder exterminá-los. Porém, tendo os hebreus Caleb na sua frente, saíram ao encontro do formidável exército de tantos reis, e o desbarataram. Adonibesec se achou entre o número dos prisioneiros. Cortaram-lhe as extremidades dos pés e mãos e o trataram da mesma forma que elle praticara com os outros. Jz 1, 4-7.

Adonicam — Chefe de uma família, cujos filhos voltaram de Babilônia para Jerusalém em número de seiscentos. 2 Esdr 7, 18.

Adoniram — Chefe de trinta mil oficiais, que Salomão empregou para cortar os certos do Líbano, necessários para a edificação do Templo e dos seus palácios.

Adonisedec — Rei de Jerusalém, sabendo que os gabaonitas se haviam pôsto debaixo da proteção dos hebreus e estendiam de mais a mais as suas conquistas, ajuntou os reis seus vizinhos, com os quais foi sitiá-la cidade de Gabaon. Temerosos os gabaonitas de um exército tão poderoso, recorreram a Josué, que veio dar batalha àquele rei, e inteiramente o derrotou. Nessa ocasião mandou Josué parar o sol, para ter lugar e tempo de continuar a mortandade, que fez em tôdas estas nações. Todos aquêles reis foram-se refugiar em uma caverna, que Josué mandou tapar, até que se acabasse de exterminar o exército. Depois mandou tirar os reis da caverna para os castigar de um modo especial. Os soldados hebreus lhes passaram por sôbre o ventre, e os ataram a umas forcas, onde estiveram expostos até à noite, em que os lançaram para dentro da mesma caverna; e tapando-as, deixaram-nos morrer. Josué fez esta execução para intimidar todos aqueles que se opusessem por semelhante modo às suas conquistas. *Josué 10.*

Adoram — 1) filho de Tú, rei de Emat. Foi parte de seu pai dar os parabens a Davi, por ter vencido a Adarazar rei de Sobá, seu inimigo comum. Presenteou-o com vasos de ouro e prata preciosa. Davi o recebeu como se deve às pessoas da sua qualidade e aceitou a sua aliança. *1 Par 18, 10.*

2) Um que foi filho de Jectan. *Gên 10, 27.*

Adramelec — 1) Divindade dos assírios, em honra do qual faziam passar as crianças pelo fogo.

2) Houve um filho de Senaquerib chamado *Adramelec*, o qual juntamente com Sarazar mataram a seu pai, quando voltava de Jerusalém, no mesmo lugar, em que o Anjo lhe tinha morto cento e oitenta e cinco mil homens. Assardão seu irmão se fêz senhor do trono e os parricidas se refugiaram na Armênia. 4 Rs 19, 37.

Ádria — Cidade situada na região da Dalmácia, onde S. Paulo com os seus conselhos fez com que não naufragasse o navio, que o transportava para Roma, para responder na presença de Nero.

Adriel — Marido de Merab, filha de Saul. 1 Rs 18, 19.

Adrumete — Cidade da África, na Líbia junto a Cartago. S. Paulo foi transportado para Roma em um navio de Adrumete, que estava em Alexandria. At 27, 2.

Adúltera — Mulher. Vid. *Pecadora*.

Aduram — Intendente da fazenda real no tempo de Salomão e de Jeroboão. Logo que Roboão, filho de Salomão, se viu abandonado das dez tribos, por não querer diminuir os impostos, mandou que fosse Aduram chamá-las para as fazer cumprir sua obrigação; porém elas em lugar de o atenderem o apredejaram. 2 Rs 20, 24.

Adurão — Cidade de Judá, fortificada por Roboão. 2 Par 11, 9.

Adus — Cidade da tribo de Efraim, onde Simão Macabeu foi socorrer a Jônatas seu irmão, que Trifon tinha prêso na Ptolemaida.

Aene — 1) *Enéias* — Um paralítico da cidade de Lida, que S. Pedro curou milagrosamente, o que foi causa de se converterem todos os da sua terra. Nessa cidade foi martirizado S. Jorge, e nela mandou o imperador Justiniano edificar uma igreja magnífica, dedicada ao Santo Mártir.

2) Outro *Enéias* era um dos principais habitantes de Tariquea, em cuja casa depositou Josefo, governador de Galiléia o dinheiro, que seus soldados tomaram a Ptolomeu, intendente de Agripa e de Berenice.

3) Outro do mesmo nome rendeu-se a Tito no cêrco de Jerusalém. Sendo mandado por parte dos romanos a Castor, que estava sôbre uma torre fazendo sinal para render-se por dinheiro, foi morto com uma pedra, que Castor mandou rolar sôbre êle, com a qual ia matando juntamente a Tito. *Fl. Jos.*

Aenon ou *Enoni* — Lugar ou arrabalde da Galiléia alta na tribo de Manassés, situado nas margens do Jordão junto a Salém. Neste sítio batizou S. João Batiستا a Jesus Cristo. *Jo* 3, 23.

Aesopo ou *Esopo* — Criado de Alexandra, filha de Hircano. Querendo esta rainha retirar-se para o Egito, afim de se livrar da tirania de Herodes, mandou fazer dois caixões, um para si e outro para seu filho Aristóbulo, nos quais pensava sair com tôda a segurança do reino da Judéia,

Porém foi atraída por um certo homem chamado Sobião a quem Esopo tinha confiado o segredo. *Fl. Jos.*

Agaba — Fortaleza junto a Jerusalém, que Galeste, sendo governador, entregou ao poder de Aristóbulo, filho de Janeu e de Alexandria e irmão de Hircano. *Fl. Jos.*

Ágabo — Um dos setenta e dois discípulos de Jesus Cristo, que profetizou uma fome geral dois anos antes que a houvesse. Foi avisar os cristãos de Antioquia, para socorrerem aquêles que estivessem em necessidade. A maior parte vendeu os seus bens, e o produto pôsto nas mãos de S. Paulo e de S. Bernabé. Este mesmo Santo foi a Cesaréia, onde estava S. Paulo em casa de S. Filipe, diácono; e cingindo-se com a cinta do Apóstolo, atando com ela os pés e as mãos profetizou dêste modo: Que aquêlê de quem era aquela cinta seria do mesmo modo preso pelos judeus e entregue aos gentios *At 21, 10-11.*

Agag — Rei dos amalecitas. Depois de uma batalha em que Saul derrotou esta nação, contente e satisfeito com êste príncipe que prendera, teve dele compaixão e lhe deixou a vida. A clemência que teve para com aquêlê rei, e a avareza com que reservou para si o melhor que havia entre os despojos dos inimigos, lhe atraíram uma viva e forte repreensão de Samuel, o qual mandou fazer em pedaços com um machado o rei que guardava prisioneiro. *1 Rs 15, 9-33.*

Agala — Cidade da Arábia na tribo de Rúben que Alexandre Janeu, primeiro do nome, tomou a Aretas, rei dos

árabes e outras muitas cidades juntamente, que seu filho Hircano restituiu ao mesmo rei da Arábia, por lhe ter dado socorro contra Aristóbulo seu irmão.

Agar — Mulher egípcia e criada de Sara espôsa de Abraão. Sara a entregou a seu marido para mulher de segunda ordem, conforme o uso daqueles tempos. Estando pejada no tempo em que sua ama se achava estéril, cebeu tal soberba, que chegou a desprezar Sara. Ofendida esta com o desprezo de Agar, queixou-se a Abraão, que lhe concedeu poderes sobre ela. Fugiu então Agar, para evitar os melindres de Sara; e entregue tôda a sua desgraça, assentada no deserto, nas margens de uma fonte, um Anjo para a consolar, lhe persuadiu que se fôsse lançar aos pés de sua ama, certificando-lhe, que por meio de uma submissão semelhante, facilmente conseguiria o perdão, e com efeito assim succedeu.

Agar deu à luz a Ismael e depois chegando Sara a ser mãe de Isaac, e vendo que os dois meninos não se davam bem um com o outro, obteve de Abraão a separação de Ismael. Partiu Agar com o seu filho e retirou-se para o deserto, onde não tendo água, nem outro provimento, viu-se reduzida a morrer de fome e de sede com o seu filho. Estando pois resoluta a ir para mais longe, e deixar o seu filho junto a uma árvore para o não ver expirar, appareceu-lhe um Anjo e lhe mostrou uma fonte. Continuou então Agar o seu caminho com o seu filho e achando uns pastores, que a ajudaram, ficou assistindo na Arábia, onde Ismael casou. *Gen* 21, 1-21.

Agarianos — Povos do circuito de Galaad, que se opuseram aos israelitas na saída do Egito, conduzindo-os Og seu

rei. Foram êstes derrotados e feitos em postas pelos israelitas. Julga-se que foram alguns mercadores desta nação os que compraram em outro tempo a José, para o venderem aos egipcios. *Par* 5, 10-18. *Fl. Jos.*

Ageu — Um dos doze profetas menores, que nasceu de pai e mãe, ambos cativos em Babilônia, reinando Dario filho de Histaspe. Tanto que se libertaram os judeus, mostrou tanta alegria por tornar a ver Jerusalém, que não cessou de cantar por todo o caminho: Glória a Deus. E por isso lhe puseram o nome de *Ageu*, que significa *alegria*. Repreendia o povo, por mostrar maior pressa em edificar casas do que o Templo.

Ageu — *Livro de* — Colocado em décimo lugar entre os escritos dos profetas menores.

Agripa — 1) ou Herodes Agripa I, era filho de Aristóbulo, neto de Herodes o Grande; era tão pródigo na sua mocidade que foi obrigado a viver mais como particular, que como príncipe. Herodes e Herodias sua mulher tiveram com êle um grande cuidado; porém sempre pródigo, resolveu retirar-se para Roma, pedindo emprestada uma quantia de dinheiro a um liberto de sua mãe Berenice. Informado o imperador das suas desordens, lançou-o fora de um quarto que lhe tinha dado no mesmo palácio, com ordem porém de pagar as suas dívidas o mais depressa possível. Recorreu logo a Antônia, a qual em consideração a Berenice pagou as suas dívidas. E por êste meio tornou a captar a amizade do imperador, que o incumbiu da educação de Tibério Nero. Nada fazia Agripa do que o impera-

dor lhe recomendava a respeito da educação de seu neto. Pelo contrário, unia-se mais a Caio Calígula neto de Antônio, como se profetizasse a sua sorte. Um dia em que tinham ido passear, achando-se êles na carruagem talvez para lisongear a Caio, disse-lhe: Não verei eu o dia e a ocasião em que pela morte do velho gozareis vós dêste mundo, sem a oposição de vosso primo Tibério? Foi completa a profecia, mas um dos libertos o disse ao imperador e êste o mandou prender. Morrendo pouco tempo depois Tibério, subiu Calígula ao tronó, e mandou tirar as cadeias a Agripa: deu-lhe uma terarquia, a que o imperador Claudio lhe uniu depois a Judéia. Agripa maltratou muito os cristãos; mandou prender S. Pedro em um cárcere, do qual o tirou milagrosamente um Anjo. Um dia em qu eêle falava a alguns embaixadores, o sol que dava nos seus vestidos de púrpura, bordados de ouro e prata os fazia brilhar de tal sorte, que cuidando os embaixadores que êle era um deus, por tal o adoraram. Porém logo sentiu êste príncipe abrirem-lhe as entranhas e morreu, saindo-lhe bichos por tôdas as partes do seu corpó. *Fl. Jos.* 12, 20-23. Morreu no ano 44 D.

2) ou *Herodes Agripa II*, que era filho do precedente, foi educado juntamente com o imperador Cláudio, o qual lhe fez muitos favores. Flaco, governador da Judéia, querendo mandar para a Fortaleza Antônio os vestidos pontificais, que serviam sòmente para o Supremo Sacerdote, os judeus lhe suplicaram que lhes desse licença de mandar a Roma para fazerem a êste respeito as suas representações ao imperador. Nessa ocasião serviu Agripa aos judeus, alcançando-lhes o que êles pre-

tendiam do imperador. Pela morte de Herodes concedeu o imperador a Agripa todos os seus estados; o qual depois da morte de Cláudio recebeu copiosos bens do imperador Nero. Protegeu os novos cristãos; ouviu favoravelmente S. Paulo e era de parecer que o absolvessem, se este grande Apóstolo não pedisse que o mandassem para Roma.

Reprovou Agripa a conduta de Anano principal ministro, no martírio a que mandou padecer São Tiago e a outros mais. Fêz o possível para impedir a rebelião dos judeus contra os romanos, mas não o pôde conseguir; e foi obrigado a ajudar a êstes no cerco de Jerusalém. Mereceria este príncipe o elogio mais completo se não se denegrisse pela vida incestuosa que teve com sua irmã Berenice, com quem foi para Roma em seguimento de Tito, filho de Vespasiano. *Fl. Jos.* Morreu no ano 100 A. D.

Agripíada — Cidade da tribo de Simeão, chamada em outro tempo Antedon; porém mandando-a Herodes reedificar, lhe pôs o mesmo nome, em memória de Agripa seu amigo. *Fl. Jos.*

Aialon — 1) Cidade da tribo de Dan. Combatendo Josué contra os cinco reis que haviam cercado Gabaon, mandou parar o sol e a lua sobre o vale de Aialon para ter tempo de acabar a cruel mortandade dos inimigos. *Jos caps. 10 e 12.*

2) Cidade da tribo de Benjamim, que foi reedificada por Roboão, depois da rebelião das dez tribos. De-

pois foi tomada e arrasada pelos filisteus, no tempo de Acáz, rei de Judá.

Aião — Cidade da tribo de Efraim, que Benadab, rei da Síria; tomou a Baasa, rei de Israel. 3 Rs 15, 20.

Aías — 1) Um homem valente do exército de Davi. 1 Par 11, 36.

2) Filho de Sisa, secretário de Salomão, 3 Rs 4, 3.

3) O santo profeta que predisse a Jeroboão que seria rei depois de Salomão. Também lhe profetizou a divisão das dozes tribos, rasgando a sua capa em outros tantos pedaços, dos quais entregou dez a Jeroboão. Profetizou igualmente a morte de Abia, filho de Jeroboão, como consequência das iniquidades do pai. Induziu Roboão a despedir o exército que tinha formado para tornar a pôr debaixo do seu domínio as dez tribos que se haviam separado. 3 Rs 11, 29-30.

4) Pai de Basa, que matou Nadab, filho do ímpio Jeroboão, no cêrco de Gebeton. 3 Rs 15, 27-33.

Aiat — Também chamada *Aiot*, *Hain* ou *Hai* — Cidade da tribo de Simeão, cujos habitantes sustentaram com vigor um dilatado cêrco contra os hebreus. Trinta e seis homens dos mais valentes ficaram logo mortos. Porém, depois do castigo de Acan, Josué pôs uma emboscada junto à cidade e aparentou fugir. Sairam então os inimigos procurando ir em seu encalço e, os que estavam emboscados, lançando fogo à cidade, mataram todos os inimigos. Jos 8, 1-29.

Aicam — Pai de Godolias a quem o rei Josias, de Judá, mandou consultar a profetiza Hulda sobre o que lhe pertencia e igualmente a toda a nação, tarefa de que se desincumbiu juntamente com Helcias, primeiro ministro, Safan, Acobor e Asaías. 4 Rs 22, 14.

Aieser — Filho de Amisadaí, era chefe da tribo de Dan no tempo em que o povo saiu do Egito. Consistiu a sua oferta principalmente em uma grande bandeja de prata, uma garrafinha também de prata e um prato grande de ouro puro. *Num* 7, 66.

Aiman — Um da geração dos gigantes que, juntamente com seus irmãos *Sosai* e *Tolmai*, foi lançado fora de suas terras, após a tomada de Hebron por Caleb. *Jos* 15, 14.

Aio — 1) Aquele que, com o seu irmão Oza, estava encarregado de conduzir a Arca do Senhor no tempo em que Davi a mandou transportar para Jerusalém. Foi quando sucedeu o terrível castigo de Oza, o qual vendo que os bois faziam inclinar a Arca, teve a temeridade de lhe colocar a mão para que não caísse. E Deus, irritado por tomar Oza aquela liberdade que só era permitida aos sacerdotes, castigou-o com uma dor tão forte que logo morreu. O lugar de sua morte conservou sempre o seu nome. 2 Rs cap. 6.

2) Um filho de Espaal, 1 Par 8, 14.

3) Um filho de Jeiel. 1 Par 8, 29-31.

Aira — Filho de Eliam, chefe da tribo de Neftali. A sua oferta foi a mesma que a de Aieser.

Aiud — 1) Filho de Salomi, chefe da tribo de Aser, foi um dos escolhidos para a distribuição da terra de Canaan. Num 34, 27.

2) Irmão de Oza, da tribo de Benjamim.

Alcimo — De geração sacerdotal, comprou o pontificado a Antíoco e a Lísias. Onias na sua mocidade foi privado d'ele, o qual de pesar foi para o Egito, onde obteve de Ptolomeu Filometor, e da rainha Cleopatra a licença de edificar um templo semelhante ao de Jerusalém. Estava Onias junto a Heliópolis, e foi constituído Supremo Sacerdote. Depois foi Alcimo ter com Demétrio Seleuco, e tanto fez com as suas calúnias, que este príncipe mandou um exército à Judéia assolar e destruir todo aquêlê país para sua satisfação. Chegou a tanto a sua crueldade e ódio contra os essênios, que lhes mandou matar setenta dos mais qualificados, e lançar os seus corpos no monturo. Porém depois de ter tudo assolado, querendo mandar ainda abater os muros do Santuário, e queimar os livros da Lei, Deus o castigou com uma doença tão grande, que logo caiu no chão, perdeu a voz e os sentidos e em seguida expirou depois de ter padecido por muitos dias dores contínuas, e insuportáveis.

Alexandra — 1) Uma, por sobrenome Salomé, foi primeiramente mulher de Aristóbulo e depois de Alexandre Janeu, com quem se casou quando menos o esperava, por se achar preso em uma cadeia. Este inesperado casa-

mento lhe fez alcançar a coroa da Judéia, e o Supremo Sacerdócio, unido ao reinado. Por morte de Janeu ficou ela com a regência e nesse tempo foram senhores os fariseus, que cometeram crueldades medonhas. *Flávio Josefo*.

2) Filha de Hircano, Supremo Sacerdote, teve por filhos a Aristóbulo, e a Mariana, mulher de Herodes o Grande. Era esta princesa muito soberba e ambiciosa. Por muitas vêzes atentou contra a vida de seu genro, que se viu obrigado a mandá-la prender no seu próprio palácio com proibição de não sair dêle, nem de se meter em negócio algum. Tanto a guardavam, e tanto tinham os olhos sôbre ela, que não podia dizer nem fazer nada, que logo Herodes o não soubesse. Êste tão apertado cativoeiro obrigou-a a dar parte de tudo o que lhe sucedia a Cleópatra rainha do Egito, a qual lhe prometeu que a socorreria. Mandou logo Alexandra fazer dois caixões, nos quais se fechou com seu filho Aristóbulo, e por êste meio fugir numa nau, que a esperava no pôrto. Porém Herodes, instruido do artifício, e fazendo-se ignorante a deixou sair da cidade; chegando ao pôrto para embarcar, mandou que pegassem nos caixões e os trouxessem para o palácio. Sabendo depois esta princesa que seu genro era morto, quis sem mais demora que lhe entregassem as fortalezas da cidade e do Templo; porém os governadores fidelíssimos ao seu monarca que sabiam que a notícia da sua morte era fingimen-

to, deram logo parte de tudo a Herodes, de quem receberam ordem para a mandarem matar. *Flávio Josefo. Ant. l. 8 cap. 7.*

Alexandre — Muitos houve dêste nome, entre os quais são os os mais notáveis os seguintes, a saber:

1) O filho de Filipe, rei de Macedônia, e distinto dos mais pelo sobrenome de *Grande*, que alcançou pelas suas conquistas. Os judeus não lhe quiseram dar o socorro que êste príncipe lhes pedia e por esta causa entrou logo na Judéia, resolvido de pôr tudo a fogo e sangue. Porém aplacado pela majestade de Judo, Supremo Sacerdote, que por ordem de Deus lhe saiu ao encontro, seguido do povo todo, e revestido com os ornamentos pontificais, perdoou aos judeus, entrou em Jerusalém, subiu ao Templo, ofereceu a Deus sacrifícios, ajuntou o povo, a quem encheu de benefícios, e saiu sem lhe fazer o menor mal. *Flávio Josefo.*

2) *Alexandre Bálix* ou *Veles*, filho de Antíoco Epifânio, foi o undécimo rei da Síria. O seu maior cuidado consistiu em alcançar a amizade de Jônatas; então Supremo Sacerdote. Êle lhe escreveu uma carta, em que lhe confirmava o Supremo Sacerdócio e nela o tratava por seu irmão e amigo e lhe mandou de presente uma coroa de ouro e um vestido de púrpura.

3) Outro, por sobrenome *Janeu*, foi filho de João, por outro nome *Hircano*, e juntamente foi rei dos judeus. Seu irmão Aristóbulo e seu predecessor, o tinha preso

em uma cadeia; porém logo que Aristóbulo morreu, Salomé sua mulher o soltou da prisão, e o pôs no trono. Opondo-se-lhe seu segundo irmão, o mandou matar; e a outro dos seus irmãos, que quis viver particularmente o encheu de grandes honras, e fez que fosse muito bem tratado. Sitiando Alexandre a Ptolemaida, obrigou os seus habitantes a recorrerem a Ptolomeu Satur, contra quem sustentou uma guerra dilatada. Teve êste príncipe a desgraça de ser sempre aborrecido dos seus vassallos. E tanto assim que uma vez indo oferecer um sacrifício, o povo amotinado lhe atirou com limões à cabeça. Porém êle ressentido mandou logo matar mais de seis mil homens.

Expulso depois pelos seus vassallos, viu-se reduzido a não ter mais do que cinco mil homens, com os quais e juntamente com o socorro de alguns judeus, que tornaram a dar a obediência devida ao seu monarca, recuperou todo o seu reino. Seria sem dúvida um dos maiores reis que os judeus tiveram, se não escurecesse o resplendor das suas virtudes com a muita crueldade. Em um dia que deu um banquete às suas concubinas, mandou crucificar oitocentos judeus; e enquanto ainda estavam vivos na cruz, mandou degolar à sua vista as suas mulheres e filhos. Morreu debilitado de fôrças, depois de padecer muito tempo uma doença lenta. Os fariseus, que na sua vida tinham sido os seus maiores e mais perigosos inimigos, disseram muito bem dêle, e lhe fizeram umas exéquias as mais soberbas e magníficas, que a nenhum dos seus reis tinham feito. *Flávio Josefo.*

4) Um filho de Aristóbulo e de Alexandra, que foi muito desgraçado; depois que Pompeu tomou Jerusalém, o conduziram prisioneiro para Roma juntamente com seu pai, com Antígono seu segundo irmão e duas irmãs; fugindo, formou um exército, com o qual fez algumas conquistas. Mas perdendo enfim algumas batalhas, caiu desgraçadamente nas mãos de Cipião, o qual mandou cortar-lhe a cabeça em Antioquia, por ordem de Pompeu, que lhe tinha ódio, por haver tomado o partido de Júlio César. *Fl. Jos.*

5) Um filho de Herodes o Grande, e de Mariana; o qual juntamente com Aristóbulo seu irmão acabou miseravelmente a vida. Nunca se viram dois príncipes mais formosos, do que foram êstes dois. Souberam ganhar tanto os corações de todos, que em toda a Judéia só eram aborrecidos de Feroras e de Salomé; um, seu tio, e outra, tia. Êstes parentes inumanos os escureceram para com Herodes com tantas calúnias, que êle mesmo os levou à presença do tribunal de Augusto. Reconciliou o imperador o pai com os filhos; porém as calúnias de Feroras e de Salomé tornaram a pôr novamente os dois irmãos em um abismo de desgraças. Ajuntando Herodes os governadores das províncias vizinhas, e fazendo condenar a ambos os príncipes, os mandou pôr em um calabouço, donde os tirou para os mandar afogar. *Flávio Josefo.*

6) Um judeu embusteiro da cidade de Sidon. Tinha êste uma semelhança com Alexandre, filho de Herodes, que todos quantos o tinham conhecido se persuadiam, que êle era o próprio Alexandre. Por meio de

um pouco de dinheiro, que tirou daqueles que o reconheciam, foi para Roma, onde todos os judeus saíram ao seu encontro, e pouco faltou que o mesmo Augusto não se enganasse também. Porém êste o reconheceu pelos calos que tinha na mão, sinal de trabalho, e por não ter a sua pessoa nada de magestosa. Fazendo-o pois confessar o seu fingimento, o condenou às galés, para as quais era muito próprio por ser moço robusto. E aquêle que o tinha instruído, foi enforcado. *Flávio Josefo*.

7) O sétimo era da cidade de Éfeso, grande amigo dos cristãos. Aplacou a sedição, que se excitou contra êles por causa dos templos pequenos de prata, de Diana, que Demétrio e outros ourives faziam, temendo que o progresso do Cristianismo fôsse causa de impedir a saída e a venda daqueles templos de prata. *At 19, 33*.

8) O oitavo era um caldeireiro ou fundidor, que foi excomungado por S. Paulo por ter apostatado. Fêz todo o mal que pode ao mesmo Santo Apóstolo, o qual por tôda a vingança, rogava a Deus, que o recompensasse conforme as suas obras. *1 Tim 1, 19. 20*.

Alexandria — Cidade edificada no Egito por Alexandre o Grande. Nesta cidade se fêz a famosa Versão dos Setenta Intérpretes.

Alexandrião — Fortaleza na tribo de Manassés, situada na margem do Jordão, edificada por Alexandre, rei dos judeus, para impedir que os seus vassallos se rebelassem contra êle.

Alimis — Cidade na tribo de Gad.

Alus — Da cidade de Samaria, “liberto” de Augusto, emprestou ao grande Agripa, rei dos judeus perto de um milhão de peças de prata.

Almat ou *Almão* — Cidade na tribo de Benjamim, concedida aos Levitas da família de Caath. *Par* 6, 60.

Alfeu — 1) O pai de S. Mateus. *Mc* 2, 24.

2) O outro, por sobrenome *Cleofas*, foi pai de São Tiago, o menor, e de S. Tadéu. *Mt* 10, 3.

Alus — Deserto da Arábia, onde os hebreus fizeram o seu décimo acampamento. *Núm* 33, 13.

Amaad — Cidade e fortaleza na tribo de Aser, foi destruída por Alexandre, filho de Janeu.

Amalec — Filho de Elifás e neto de Esaú; foi pai dos amalequitas, sempre inimigos dos judeus. Quando os hebreus partiram para o deserto, os amalequitas os foram atacar; porém foram derrotados pelos hebreus. Vid. *Jo-sué*. Quando Saul chegou a ser rei, Deus lhe ordenou que exterminasse aquela nação. Declarou-lhes logo a guerra; e contra a ordem de Deus perdoou a Agag. Esta desobediência custou-lhe o reino, que foi transferido para Davi. *Flávio Josefo*. *Rs* 15, 1-31.

Amalecitas — Descendentes de Amalec.

Amam — Cidade na tribo de Judá.

Aman — Amalecita, ministro de Assuero no tempo do cativo dos judeus na Babilônia.

Amana — Monte na tribo de Manassés; afirmam alguns, que no cume dêste monte há uma planície a mais agradável do mundo, pela diversidade das árvores e flores, que naturalmente ali crescem. *Cant* 4, 8.

Amarias — Filho de Azarias, foi o vigésimo terceiro Supremo Sacerdote.

Amasa — 1) Filho de Jetra e de Abigail, irmã de Davi e de Sarvia, mãe de Joab, tio de Absalão. Foi comandante da cavalaria na batalha que êste filho deshumano deu a seu pai. Reconheceu depois a sua culpa, pediu perdão ao rei, que lhe concedeu, e lhe conservou o mesmo pôsto de general. Foi morto por Joab seu primo em Gabaa, por inveja de o ver tanto na graça do rei. 2 Rs. 17, 25.

2) Outro, dêste nome, filho de Adali, que libertou todos os prisioneiros, que os israelitas tinham feito nas tribos de Judá e de Benjamim, no tempo dos reis Acaz e Facé.

Amasai — Levita, chefe dos trinta homens valentes, que serviam a Davi quando fugia da perseguição de Saul. Tocava trombeta diante da Arca na trasladação, que fez Davi para a casa de Obededon.

Amasias — 1) Oitavo rei de Judá. Sucedeu a Joás seu pai quase no segundo ano de Joás, filho de Joacás rei de Samaria. Quando subiu ao trono tinha vinte e cinco

anos; começou a reinar justificando a Josacar e Jozabel, por terem assassinado a seu pai. No seu princípio foi êste um príncipe muito religioso e fiel a Deus, que por tal lhe fez grandes favores. Declarou guerra aos idumeus, formou o seu exército de trezentos mil homens. e por meio de quatrocentas e sessenta e duas mil e setecentas libras de ouro, que deu a Joás, rei de Israel, alcançou mais cem mil homens, que Joás lhe emprestou. Porém Deus lhe ordenou que despedisse as tropas auxiliares. Partiu pois com o seu exército e alcançou sobre os seus inimigos uma vitória tão completa, que cheio de soberba se esqueceu de tudo o que devia a Deus, para se entregar todo à idolatria. E Deus permitiu, que em seu castigo se levantasse uma nova guerra entre êle e o rei de Israel, que o venceu, o fêz prisioneiro, e entrou triunfante na cidade de Jerusalém, de cujos muros mandou abater trezentos côvados, e tornou a dar a Amasias a liberdade por meio dos tesouros todos do Templo. Não fazendo porém nele impressão alguma êstes castigos todos rebelaram-se contra êle, por permissão divina, todos os seus vassalos e o obrigaram a se retirar para Jaquis, cidade da tribo de Judá, onde foi assassinado. 2 Rs 14, 1-20.

2) Uma pessoa dêste nome era sacerdote de Betel e um crudelíssimo perseguidor do santo profeta Amós, a quem Deus tirou da charrua do campo para o mandar pregar ao povo de Samaria, que fizesse penitência. E que o ameaçasse, se persistisse no mal. Que iria para o cativo da Assíria. Não podendo Amasias sofrer a liberdade do profeta, disse ao rei, que aquêlê homem pretendia sublevar o povo. E falou ao profeta àespera-

mente, intimando-lhe que, se não saísse logo daquela terra, lhe poderia suceder algum mal. Porém Amós desprezando as suas ameaças, lhe profetizou que seria cativo e abusariam da sua mulher, no meio da cidade de Samaria; que os seus filhos seriam mortos pelos soldados de Salmanasar, e que êle mesmo morreria de desgosto. Tudo succedeu, conforme Amós o profetizou. *Am* 7, 10-17.

Amat — Cidade fortíssima, situada na parte setentrional da tribo de Neftali na origem do Jordão. Alexandre Janeu achou nela grandes tesouros.

Amata — Cidade da tribo de Manassés, onde Gabinio estabeleceu o terceiro tribunal de Justiça.

Amataim ou *Ramá* — Cidade na tribo de Efraim, pátria do profeta Samuel. *Sm* 1, 1.

Amat-dor ou *Hamotdor* — Cidade dos levitas, pertencente à família de Gerson, na tribo de Neftali.

Amatus — Cidade na tribo de Manassés.

Amelec — O pai de Jeremiel.

Amerit → Arrabalde de Galiléia.

Ametista — Pedra preciosa, que estava posta sobre o racional do supremo Sacerdote. *Êx* 28, 19.

Aminadab — Filho de Aaram, um dos avós de Jesus Cristo.

Aman — Fortaleza de Judá, edificada por Jônatas Macabeu.

Amanitas ou *Amonitas* — Descendentes de Amon, filho de Ló.

Amaonte — Cidade na tribo de Aser, foi saqueada por ordem de Cássio, por não poder pagar um tributo, que este general romano lhe tinha imposto.

Amaús — Em lugar de *Emaús*.

Amiel — 1) Filho de Gemal, da tribo de Dan, foi um dos descobridores da terra de Canaan.

2) Houve outro dêste nome da cidade de Lodabar na tribo de Simeão, que foi pai de Betsabé, mulher de Davi. 1 *Par* 3, 5.

3) Houve outro também, que foi filho de Obeldon levita. 1 *Par* 26, 5.

Amiud — 1) Filho de Efraim. *Núm* 1, 10.

2) Outro dêste nome, que era da tribo de Simeão, foi pai de Samuel. *Núm* 34, 20.

3) Houve também outro, que foi pai de Fadael da tribo de Neftali. *Núm* 34, 28.

4) Outro, enfim, foi pai de Tolomai, rei de Gessur, em cuja casa se refugiou Absalão, depois de matar a seu irmão Amnon. 2 *Rs.* 13, 37.

Amon — Nasceu do incesto de Lô com a sua segunda filha, quando se retirou do incêndio de Sodoma para uma caverna com ambas as suas filhas. Foi pai do grande povo dos amonitas, sempre inimigo dos judeus, que os destruíram e derrotaram no tempo de Davi. 2 Rs 12.

Amnon — 1) Filho primogênito de Davi e de sua mulher Aquinoam. Apaixonou-se de tal forma por Tamar, sua irmã, que caiu numa languidez, que o consumia aos poucos e quase o levava à morte. Deitou-se na cama e pediu a Tamar que lhe fizesse alguns pasteis. Mandando então retirar-se toda a sua gente, entrou no local onde estava a irmã e violentou-a. Logo, porém, transformouse o seu amor em aversão e lançou-a ignominiosamente fora de casa.

Davi, que amava muito a Amnon, o qual por ser seu filho primogênito devia sucedê-lo no trono, não o castigou pelo crime. Mais tarde, porém, Absalão, ao ensejo da tosquia de suas ovelhas deu um grande banquete para o qual convidou o pai e os irmãos. Davi não compareceu mas permitiu que os filhos ali fôsem. E Absalão, quando viu Amnon dominado pela bebida mandou a seus criados que o matassem 2 Rs cap. 13 e 1 Par 3. 1.

4) Nome dado algumas vezes a Alexandria.

Amona — Cidade e vale da tribo de Rúben, onde Ezequiel profetizou que seria a sepultura de Gog e de seu povo. Ez 39, 16.

Amorreu — Quarto filho de Canaã, e tronco do povo dêsse nome. Habitou e povoou a parte da Arábia que fica além do Jordão, desde o rio Arnon até o monte Alermon. Habitavam os amorreus a terra de Canaã antes da conquista da mesma pelos hebreus, de quem mais tarde foram tributários. *Gen* 10, 16; *Ex* 3, 8.

2) Nome de um dos filhos de Simão, registrado na tribo de Judá. 1 *Par* 4, 20.

Amon — 1) Governador da cidade de Samaria, que prendeu o profeta Miquéias por ordem do rei Acab. 1 *Par* 22, 26.

2) Nome de um rei de Judá, filho de Manassés, que imitou a impiedade de seu pai. Foi assassinado pelos seus servos, após um reinado de dois anos, tendo vinte e quatro anos de idade. 4 *Rs* 21, 19. 26; 2 *Par* 33, 21. 25.

3) Uma cidade na parte setentrional da tribo de Aser.

Amós — 1) Nome de um dos profetas menores, nascido na cidade de Técuá, na tribo de Judá, que se achava a alguns quilômetros de Belém.

Era pastor de ovelhas e começou a profetizar em Betel, por ordem de Deus. Seu ministério se deu durante os reinados de Osias, rei de Judá e de Jeroboão, rei de Israel. Seu livro ocupa o terceiro lugar entre os Profetas Menores.

2) Nome do pai do profeta Isaías. *Is* 1, 1.

3) Nome de um dos ancestrais de Jesus Cristo.
Lc 3, 25.

Amosa — Cidade na tribo de Benjamim. *Jos 18, 26.*

Anfec — Cidade da tribo de Judá onde os filesteus tomaram a Arca. *1 Rs 4.*

Ampliato — Um dos setenta e dois discípulos de Cristo. S. Paulo o saudou na sua epístola aos romanos. Foi ordenado por Santo André, bispo de Odisópole, na Mésia e sofreu o martírio juntamente com S. Urbano e S. Apolo.

Amrafel — Rei de Senaar, aliado de Codorlaomor na invasão do Oriente. Ha opiniões que o indentificam como sendo Hamurábi, rei de Babel em 1975 a. C. *Gên 14, 1. 9.*

Amramitas — Nome dos descendentes de Anrão. *Num 3, 27.*

Amrão — 1) Levita, filho de Caat, tronco da casa dos amramitas. Foi casado com Jocabed e pai de Moisés, Aarão e Miriam. *Êx 6, 20.*

2) Nome de um filho de Bani, que se divorciou de sua mulher, a conselho de Esdras, por ser estrangeira. *Esdr. 10, 24.*

Amri — 1) Nome de um dos reis de Israel que foi antes general dos exércitos de Ela e de Baasa. Estava êle dirigindo o assédio de Gelbéton, cidade dos filisteus, quando soube que Ela tinha sido assassinado por Zambri, o qual usurpara o trono. Imediatamente o exército o aclamou como

rei de Israel. Foi então sitiar Zambri em Tersa, para onde se havia retirado, o qual, mandando deitar fogo ao palácio onde se encontrava, morreu juntamente com sua família. Não teve, porém, um reinado calmo porque Tebni, que tinha sido escolhido pelos poderosos para ocupar o trono, disputou com êle por espaço de quatro anos, ficando a nação dividida em duas grandes facções. Morrendo Tebni, reinou doze anos mais foi exterminado por Deus com tôda a sua geração, devido a sua impiedade. 3 Rs 16, 15. 20.

2) Nome de um homem da família de Becon, da tribo de Benjamim. 1 Par 7, 8.

3) Nome de um homem da tribo de Judá, da família de Jares. 1 Par 9, 4.

4) Nome de um filho de Miguel, príncipe da tribo de Issacar, no reinado de Davi. 1 Par 27, 18.

5) Um filho de Bani, descendente de Farés. 1 Par 9, 4.

6) O pai de Acur, que tomou parte na reconstrução do muro de Jerusalém. 2 Esdr 3, 2.

Amsi — Ver *Amasai*.

Amtar — Cidade da tribo de Zabulon, também chamada Damna.

Ana — 1) Nome de uma das duas mulheres de Elcana, predileta do espôso, o que lhe trouxe os ciúmes da rival.

Fêz um voto a Deus, prometendo que se lhe fôsse concedido um filho varão, ela o consagraria ao serviço do Senhor, no santuário. Assim nasceu o profeta Samuel. 1 Rs 1, 1-28.

Seu belo cântico é uma das mais expressivas produções poético-religiosas e parece ter sido a inspiração da Virgem Maria quando manifestou esta a sua gratidão ao Senhor, em linguagem idêntica, ao lhe ser anunciado que seria a mãe do Salvador. Lc 1, 26-55.

2) Uma viuva, filha de Fanuel, que tendo perdido o espôso, passava sua vida no Templo, dia e noite, jejuando e orando. Era também profetiza e proclamou o menino Jesus, ao ser êste apresentado no Templo, como o Messias que havia de vir. Lc. 2, 36. 38.

3) Nome de uma cidade também denominada Hena, capturada pelos assírios.

4) Uma tribo de horitas, cujo chefe tinha êsse nome. Gen 36, 20.

5) A mulher de Esaú, que tinha também uma irmã assim chamada. Gên 36, 3. 24.

6) A mãe da Virgem Maria.

Anaat — Cidade da tribo de Efraim.

Anab — Monte na tribo de Judá junto ao qual havia uma cidade com o mesmo nome, fortíssimo e edificada pelos gigantes, filhos de Enac. Jos 11, 21; 15, 50.

Anadot — Cidade na tribo de Benjamim, concedida aos levitas.

Anaarat — Cidade na tribo de Issacar.

Anamá — Cidade na tribo de Benjamim.

Anamelec — Vide *Adramelec*.

Ananel — Sexagenário, oitavo Supremo Sacerdote depois de Aarão e vigésimo oitavo, depois da volta do cativeiro de Babilônia. Era muito conhecido e amado de Herodes, o Grande. Tanto que este príncipe foi reconhecido rei, chamou a Ananel para o pé de si, e o honrou com o Supremo Sacerdócio. Não conservou este aquela dignidade mais do que três anos porque foi obrigado a cedê-la a Aristóbulo irmão de Mariana, por cuja morte tornou Ananel a ocupar a dita dignidade, para a deixar a Jesus filho de Fabet. *Flávio Josefo*.

Ananias — Indo o Anjo Rafael a Ragés para conduzir a Tobias, lhe disse que era filho do grande Ananias.

Vários houve mais deste nome, entre os quais são mais notáveis os seguintes:

1) Um que teve por outro nome Sidrac, foi dos três mancebos que foram lançados na fornalha ardente, o qual vivia no tempo do cativeiro de Babilônia. Vide *Abdênago*.

2) Aquêlê, que na qualidade de mercador foi pela província de Spasin na Armênia ensinar a mui-

tas senhoras a sêrvir a Deus, como os judeus. Por êste meio converteu a Izates, filho de Monobazo rei dos adiabênianos. E chegando Izates a reinar, converteu a Helena sua mãe e outros muitos príncipes. *Fl. Jos.*

3) Um da geração dos sacerdotes que por meio das suas liberalidades atraiu a afeição do povo. Era muito amado de Albino, governador da Judéia, que o honrou quanto pôde. *Flávio Josefo.*

4) Supremo Sacerdote depois do nascimento de Jesus Cristo. Quadrato, governador da Síria o remeteu preso para Roma, para se justificar na presença do Imperador da acusação, que lhe faziam de pretender rebelar o povo. E justificou tão bem que voltou sôlto. Depois de ter voltado, mandou prender a S. Paulo, e esbofeteá-lo. S. Paulo chama-o “parede branqueada”. Mandou Ananias que comparecesse, como criminoso na presença de Claudio Felix, de Pórcio Festo e do rei Agripa. Ocupou perto de sete anos a cadeira pontifícia, no fim dos quais Agripa o despojou do seu cargo, para revestir a Ismael, filho de Fabeu. No princípio da guerra dos judeus contra os romanos, foi esconder-se nas grutas do palácio do rei, onde foi morto. *Flávio Josefo; Par 42. At. 23, 3.*

5) Aquele que foi mandado por Eleazar, chefe dos sediciosos, certificar a Mitilio, então general das tropas romanas, cercado no palácio d'El-Rei, que lhe salvariam a vida, se lhe rendesse a praça, por ser tal a sua eloquência que tudo o que propunha, persuadia. Foi

deputado segunda vez com outro do mesmo nome pelos Zelotes para ir rogar aos Idumeus, que viessem socorrê-los contra Anano, e contra aqueles que perturbavam a paz e o sossego da cidade. Tudo conseguiu como desejava. *Flávio Josefo*.

6) O sexto era filho de Masbal da geração dos sacerdotes, muito amado do povo. Simão, tirano de Jerusalém o mandou matar no tempo do sítio daquela cidade. *Flávio Josefo*.

7) O marido de Safira, e um dos primeiros cristãos de Jerusalém. E como estes vendiam os seus bens para os pôr em comum, Ananias vendeu os seus também. Porém, ajuntando-se com sua mulher, guardou uma parte do preço, que tinha recebido, e levou o resto aos pés dos Apóstolos. Penetrou S. Pedro o seu engano, e repreendeu-o àasperamente, falando-lhe com tanta força, e severidade, que tocado Ananias das suas palavras, como se fossem um raio, logo ali caiu morto. Três horas depois, ignorando sua mulher o que se tinha passado, entrou no mesmo lugar, em que os Apóstolos estavam; e querendo sustentar na sua presença o mesmo engano, padeceu o mesmo castigo. *At. 5, 1-11*.

8) O último enfim, foi um dos setenta e dois discípulos de Jesus Cristo e o primeiro Bispo de Damasco. Este foi aquele que restituiu a vista a S. Paulo depois da sua conversão por mandado do Senhor, quando foi guiado por um Anjo, que o conduziu para sua casa. Foi também o primeiro que pregou naquela cidade o Evan-

gelho, onde os judeus o prenderam e o açoitaram. *At.* 9, 10-18.

Anano ou *Anás* — 1) Um capitão muito valente do arrabalde de Lida, acusado falsamente de ter entrado na conspiração de Ananias, Sumo Pontífice. Quadrato o mandou para Roma, para que se justificasse na presença de Cláudio Imperador. *Flávio Josefo* l. 20. cap. 5. *das Ant.*

2) O filho de Jônatas, o qual, não podendo conseguir o dissuadir os judeus do desígnio, que tinham, de se rebelarem contra os romanos, fez tãda a diligência para os fazer entrar na cidade; porém, sendo pelos sediciosos descobertos, foi apedrejado.

3) O filho de Anano, e padraсто de Caifás. O rei Agripa o constituiu na dignidade de Supremo Sacerdote. Em um concílio sedicioso, que fez contra os cristãos, condenou muitos a serem apedrejados, ou crucificados e a São Tiago a ser degolado. Indignado o rei Agripa por causa de uma ação semelhante, o depôs do seu cargo. No princípio da rebelião dos judeus comportou-se como inimigo capital dos romanos. Apoderando-se os Zelotes do Templo, animou o povo para que os expulsasse. Pediram êstes socorro aos idumeus. Porém, apesar de todos os obstáculos que Anano pôs à sua entrada, sempre acharam meios de entrar na cidade e de descarregar a sua ira sobre o mesmo Anano, em quem exercitaram mil infâmias antes e depois da sua morte e por fim o privaram da sepultura. *Flávio Josefo* l. 4. cap. 18. *da Guerra dos Judeus.*

4) O último, enfim, do arrabalde de Emaús, era guarda de Simão o Tirano, tão malvado e tão cruel, como seu amo. Estando a cidade quase já para ser forçada, saiu com Arquelau para o campó de Tito, o qual lhes perdoou, e lhes permitiu que se retirassem. *Flávio Josefo, l. 6. cap. 23. da Guerra dos Judeus.*

Anarabaquém — Nome que davam os hebreus ao seu supremo Ministro.

Anat — Pai de Sangar, o qual matou seiscentos filisteus com uma relha de arado. *Jz 3, 31.*

Andor — no qual levavam a Arca da Aliança depois da passagem do Jordão ao redor da cidade de Jericó. *Vid. Josué.*

André — 1) o Apóstolo de Jesus Cristo. Era da cidade de Betsáida, irmão de S. Pedro e discípulo de S. João Batista. Foi crucificado por ordem do pro-consul Egeu.

2) Um que foi enviado juntamente com um certo Aristeu, por Ptolomeu Filadelfo rei do Egito, para ir pedir a Onias, Supremo Sacerdote, que lhe mandasse alguns Doutores capazes de traduzirem a Bíblia.

Andrômaco e Gemelo — Foram dois irmãos de grande merecimento, os quais Herodes, mandou desterrar por se oporem à morte de Alexandre e de Aristóbulo.

Andron — Chamada em outro tempó *Zabulon*, cidade pertencente à mesma tribo, rebelou-se contra os romanos e foi destruída pelo exército de Galo.

Andronico — 1) Tenente general dos exércitos do rei Antíoco. Epifânio, mandou matar à traição o Santo Pontífice Onias. Porém Deus permitiu que algum tempo depois fôsse êle mesmo morto por ordem do rei, no próprio lugar em que mandou dar morte cruel ao mesmo Santo Pontífice. *2 Mac 4, 31.*

2) Discípulo de Jesus Cristo, parente de S. Paulo que foi martirizado em Jerusalém, juntamente com sua mulher Santa Júnia. *Rom 16, 7.*

Aném — Cidade da tribo de Issacar.

Aner e Escol — Serviram ao patriarca Abraão na derrota dos assírios e na recuperação de seu sobrinho Ló.

Antígono — 1) Filho de João por sobrenome *Hircano* que e neto de Simão Macabeu, seu irmão Aristóbulo associou no reinado. As suas meritórias ações lhe atraíram tanta inveja que foram a causa da sua morte. Um dia em que vinha do exército, revestido de brilhantes armas e subiu no Templo para orar a Deus, alguns dos seus inimigos disseram a Aristóbulo que vinha para o assassinar. Desconfiado naturalmente, Aristóbulo ordenou que o matassem no caso que passasse com armas por uma sala do palácio muito escura, chamada a Torre de Estratão. Apressaram-se os seus inimigos para lhe dizerem que Aristóbulo tinha grande gosto em vê-lo com as suas armas. Foi Antígono sem suspeitar coisa alguma: e na dita passagem foi assassinado pelos seus inimigos. *Flávio Josefo. Ant 1, 13.*

2) Outro houve dêste nome, que foi o último rei da geração dos Asmoneus, e irmão de Hircano. Perdendo

a amizade de Marco Antônio, que então era senhor da República, declarou-se inimigo do Senado, e do povo romano; e por isto constituíram a Herodes no seu lugar e depois de Antígono ser preso, foi degolado.

Antilibano — monte na tribo de Aser, assim chamado, por ser fronteiro ao Líbano.

Antioquia — Capital da Síria. Foi esta cidade por muito tempo a terceira do Império Romano. Cedia lugar só a Roma e Alexandria. Nela tomaram os primeiros fieis o nome de *cristãos* quase dez anos depois da Paixão de Cristo. Tinha S. Pedro colocado ali a sua cadeira e assistido nela por espaço de sete anos, antes que a constituisse em Roma.

Antioquialis — Era um castelo fortíssimo na tribo de Manassés, que ficava além do Jordão, e ao Oriente da Lagoa *Semecão*.

Antipas — Vide Herodes.

Antípater — 1) Um grande político idumeu, amigo de Aristóbulo. Vivendo muito tempo na Corte de Herodes aprendeu a grande arte de governar, de que soube depois aproveitar-se muito bem. Principiou a usar desta ciência no governo da Iduméia, praça em que se comportou tão bem, que ganhou a amizade de todos os seus vizinhos. Os romanos, em muitas ocasiões, experimentaram a sua generosidade e o seu valor pelo que o recompensaram, dando um governo a cada um dos seus filhos. Morreu envenenado por Hircano, Supremo Sacerdote, em um banquete.

2) Um filho de Herodes, o Grande. Com as suas calúnias fêz com que morressem seus dois irmãos Alexandre e Aristóbulo e duas vêzes intentou matar seu pai com veneno, o qual tendo descoberto sua intenção, o mandou prender e depois matar, por querer subornar o carcereiro que o guardava.

Antipatrida — Cidade da tribo de Manassés em outro tempo chamada *Apolônia*. Depois foi assim chamada em honra de Antípatro, pai de Herodes.

Antífilo — Filho de Herodes que foi castigado de morte por trazer veneno da Arábia, que havia de servir para a morte do rei.

Antitauro — Cadeia de montes da Armênia, oposta ao monte Tauro.

Antônia — (que antes se chamava Baris) monte de Jerusalém no qual mandou Herodes o Grande edificar uma torre fortíssima, que servia de cidadela ao Templo.

Anac — Aldeia situada ao Setentrião, das tribos de Benjamim e de Efraim.

Aod — Filho de Gerá. Libertou os israelitas da escravidão de Eglão, rei de Moab. Trazendo a êste príncipe os presentes de que estava encarregado de lh'os apresentar da parte do seu povo, retirou-se logo com os outros deputados, que o acompanharam. Porém tornando êle só para trás, fingiu ter alguma cousa importante que dizer ao rei em segrêdo. E fazendo sinal a todos os que ali esta-

vam para se retirarem, ficou na sua camara de verão com Aod, o qual traspassou com uma adaga que trazia escondida debaixo dos seus vestidos. Depois fugiu por uma porta interior, fechando primeiro bem tôdas as outras. Apressou-se logo a ir anunciar esta notícia aos israelitas, na frente dos quais se lançou sôbre os Moabitas e os derrotou. *Jz* 3, 20-22.

Aoé — Sexto filho de Bal e neto de Benjamim. 1 *Par* 8, 4.

Apadno — E' o lugar, onde julgam alguns, conforme uma passagem de Daniel, que o Anti-Cristo fará edificar o seu palácio. *Dan* 11, 45.

Apaméia ou *Amana* — E outro nome *Epifania*, cidade de Celesíria.

Apeles — Discípulo de Jesus Cristo, foi martirizado em Smyrna com S. Lucas.

Afara — Cidade na tribo de Benjamim.

Afarseus — Idumeus que quiseram impedir aos judeus a reedificação do Templo.

Afec — 1) Cidade na tribo de Manassés.

2) Idem, na tribo de Judá.

3) Cidade na tribo de Aser, célebre pela morte de vinte e sete mil homens do exército de Benadad, rei da Síria, que morreram sepultados debaixo das ruínas de uma grande muralha, que caiu sôbre êles. Vid. *Acab*.

Aferema — Pequeno cantão na parte Ocidental da tribo de Efraim, nos confins da Judéia e de Samaria.

Agia — O pai de Becorat e parente de Saul. 1 Rs 9, 1.

Apocalipse — quer dizer Revelação. S. João Evangelista escreveu o Apocalipse na Ilha de Patmos, onde estava desterrado. Sendo um dia arrebatado em espírito, ouviu um som igual ao de uma trómbeta, que lhe mandava escrever o que via. Descobriu então Jesus Cristo no meio de sete candelabros, com uma espada na bôca e com sete Estrêlas na mão.

Depois viu o Senhor sôbre um Trono, cercado de um arco-irís e de vinte e quatro tronos, em que estavam assentados vinte e quatro anciãos, cada qual com uma Coroa na cabeça, que a punham logo aos pés do trono e com uma harpa nas mãos. Tinham sôbre a sua cabeça sete lâmpadas ardentes e um cordeiro estava no meio do trono. Por diante, e por detrás do mesmo trono estavam quatro animais, cheios de olhos; cada um com seis asas, os quais eram semelhantes a um leão, a um bezerro, a um homem, e a uma águia.

Tendo o Cordeiro o poder de abrir os sete selos, com que estava fechado o livro misterioso, viu São João no primeiro que abriu, aparecer um cavalo branco, montado por um homem armado com um arco. No segundo viu um cavalo russo, montado por um homem com uma espada grande na mão. No terceiro, um cavalo prêto, montado por um homem com uma balança na mão. No quarto, um cavalo pálido, montado pela Morte com uma foice na mão. No quinto viu S. João estarem por baixo

do Altar aqueles que foram mortos, vestidos todos de branco. No sexto viu o pavor, e o susto em que estarão os malvados, com um grande terremoto, chegando o sol a estar negro, a lua em sangue, e caindo do céu as estrêlas. Na abertura do sétimo sêlo houve um grande silêncio, e deram uma trombeta a cada um dos sete Anjos, que estavam na presença de Deus. Adiante do altar estava outro Anjo com um turíbulo de ouro na mão, cheio de perfumes; e o mesmo Anjo o encheu do fogo do altar, e derramou sôbre a terra. Ao mesmo tempo fêz-se no ar um estrondo muito grande com trovões e terremotos.

O primeiro dos sete Anjos, que estavam com as trombetas, pondo-se a tocar, formou-se uma chuva de pedra, e um fogo junto com sangue, que caiu sôbre a terra; e o fogo queimou a terceira parte d'ella.

Ao som da segunda trombeta caiu no mar um grande monte de fogo, que mudou em sangue a terceira parte das suas águas: de sorte que os peixes, que nele estavam, morreram e os navios se abrasaram.

Ao toque da terceira trombeta caiu uma grande estrêla na terceira parte dos rios, e fontes que logo se converteram em venenosa amargura: e por isso morreu muita gente. Tocando a quarta trombeta, o sol, a lua e as estrêlas cobrindo-se de trevas na sua terceira parte, foi esta privada da luz; e uma águia andava bradando pelo céu: Desgraça! Desgraça aos homens, por causa do som das outras três trombetas, que hão de tocar!

Ouvindo-se a quinta trombeta, viu S. João uma estrêla caída na terra: e abrindo o poço do abismo com

uma chave, levantou-se dêle um fumo que escureceu o sol e o ar e saíram do meio dêste fumo os gafanhotos, que tiveram ordem para atormentar por espaço de cinco meses os homens que não tivessem na testa a marca de Deus; com proibição porém de não tocarem nem nas ervas da terra, nem nas árvores. Eram êstes gafanhotos semelhantes a uns cavalos prontos para o combate; na cabeça tinham umas espécies de coroas, uma cara como a de homem, cabelos de mulher, os dentes de leão, e couraças como se fôsem de ferro. O estrondo que faziam com as suas asas, era semelhante ao estrondo de carros e cavalos correndo para o combate. Tinham também uma cauda de escorpião com um aguilhão no fim. O seu rei era o Anjo do abismo ou o Exterminador.

Ao som da sexta trombeta ouviu S. João uma voz que saia dos quatro cantos do Altar e ordenava ao mesmo Anjo, que soltasse os quatro Anjos, que estavam atados sôbre o rio Eufrates. Os quais logo estiveram prontos para quando chegasse o instante de matarem a terceira parte dos Homens. Os seus exércitos de cavalaria compunham-se de duzentos milhões. Tanto os cavalos, como os cavaleiros estavam armados com couraças, as quais pareciam ser de fogo, e de enxofre; as cabeças dos cavalos pareciam ser cabeças de leões lançando fogo, e enxofre pela bôca. Mataram êstes a terceira parte dos homens. A cauda dos cavalos era do feitio de uma cobra, cuja cabeça feria onde quer que tocava.

Viu depois S. João outro Anjo forte, que descia do céu em uma nuvem por baixo do arco-iris. Era o seu rosto um sol, e em lugar de pernas, tinha umas colunas

de fogo com um livro pequeno aberto na mão, um pé sôbre a terra, e outro sôbre o mar. Gritou êste a S. João que fechasse as palavras dos sete trovões que ouvira; porém que não as subscrevesse; porque ao tocar o sétimo Anjo a sua trombeta, se cumpriria o mistério de Deus, como Êle o anunciou pelos seus profetas. Disse-lhe mais que tomasse o livro pequeno aberto e que o comesse. Era êste pequeno livro doce na bôca e amargo no ventre. E recebendo o livro S. João, houve um terremoto tão grande, que caiu a décima parte da cidade, onde morreram sete mil homens.

Ao taque da sétima trombeta ouviram-se umas vozes muito fortes, que disseram que os reinos do mundo tinham chegado a ser reinos de Jesus Cristo: Que as nações da terra se haviam irritado: porém que tinha chegado o tempo de exterminar os ímpios, e de recompensar os santos, e os profetas.

Viu também S. João um animal, que tinha sete cabeças, e dez córnos. Cada cabeça era guarnecida de dez diademas com nomes de blasfêmias. Surgia êste animal do mar, e sendo semelhante a um leopardo, tinha os pés de urso, e as güelas de leão; e era um dragão. Uma das cabeças estava como ferida de morte: e tôda a terra com grande admiração seguiu, e acompanhou aquele animal. Viu mais S. João outro animal, que surgia da terra, com dois cornos de carneiro. Fez êste animal descer fogo do céu, e outros prodígios mais.

Também viu os sete Anjos, que espalhavam pela terra as sete taças da ira de Deus. O primeiro derramou

a sua pela terra, e a encheu de pragas. O segundo lançou-a no mar, e o transformou em sangue, matando todos os animais, que nele estavam. O terceiro arrojou a sua nas fontes, e rios, e os transformou em sangue. O quarto derramou a sua sôbre o sol de sorte, que com o seu fogo atormentou aos homens. O quinto dirigiu a sua taça ao trono do mesmo animal: e veio o seu reinado a ser tenebroso. O sexto espalhou a sua pelo grande rio Eufrates e o secou. Sairam depois das guelras do dragão, do mesmo animal, e da bôca do falso profeta três espíritos impuros, semelhantes a rãs, que foram preparar, ou dispôr os reis para o combate. O sétimo, enfim espalhou a sua taça pelo ar: e seguiu-se um grande estrondo de trovões, e relâmpagos, e as cidades caíram. Mostrou também o Anjo a S. João a grande mulher mundana, que tinha corrompido, e pervertido os reis da terra. E o mesmo Anjo o transportou para um deserto, onde viu outra mulher sentada sôbre um animal da côr de escarlata, cheio de muitos nomes blasfemos, o qual tinha sete cabeças, e dois cornos.

Depois de ouvir S. João um Anjo pintar as desgraças de Babilônia, viu outro Anjo que lançava no mar uma pedra grande, semelhante a uma mó; significando dêste modo, que a grande cidade seria desta forma precipitada com ímpeto, e que não a tornariam a ver.

Viu mais abrirem-se os céus, e aparecer um cavalo branco. Quem o montava tinha os olhos que pareciam chamas de fogo, e na cabeça infinitos diademas. O seu vestido era branco, tinto de sangue: e seguiam-se a êle os Exércitos do céu, montados também em cavalos bran-

cos. Saía da sua bôca uma espada cortadora. Também viu S. João um Anjo, que tinha as chaves do abismo e uma grande cadeia na mão, com a qual prendendo o dragão, e lançando-o no abismo, o fechou para sempre. Então viu um grande trono de uma alvura resplandecente, no qual estava Deus todo majestoso. Viu enfim a nova Jerusalém, ou a cidade santa, sôbre um monte, para onde o transportou um Anjo, para melhor a contemplar com todos os seus ornamentos.

Apolo — Judeu da cidade de Alexandria. Era homem eloquentíssimo, e muito hábil nas Escrituras. Reconhecendo que Jesus Cristo era o verdadeiro Messias, pregava tão vigorosamente, que confundiu em várias ocasiões aos incrédulos judeus. Foi Bispo de Corinto. *At* 18, 24-28.

Apolônio — Governador da Síria e tenente dos exércitos de Antíoco Epifânio: foi um dos maiores inimigos que os judeus tiveram. Formou um exército poderoso para os exterminar, porém Judas Macabeu, só com um pequeno número de soldados, o derrotou e o matou com a sua própria mão, tomando-lhe a sua espada, da qual se serviu depois, em memória de uma ação tão feliz. *1 Mac* 3, 10-12.

Apolofanes — Junto com seus irmãos *Quéreas* e *Timóteo*, guardando a Fortaleza de Gázara, foram mortos por vinte soldados do exército de Judas Macabeu. *2 Mac* 10, 37.

Apolion — Vêr *Abadon*.

Apóstolo — Quer dizer *Enviado*. Jo 13, 16. Aquêles que foram escolhidos diretamente por N. S. Jesus Cristo: André, Simão Pedro, Tiago, João, Filipe, Natanaél (ou Bartolomeu), Mateus Tomé, Tiago (filho de Alfeu), Simão, Cananeu, Judas (irmão de Tiago) e Judas Iscariotes. Mais tarde de modo especial, foi chamado Paulo.

Áquila — Foi convertido por S. Paulo juntamente com sua espôsa Priscila. At 18, 1-4.

Aquiab — Sobrinho do grande Herodes. No espaço da doença de seu tio, impediu que Alexandra, mãe de Mariana, se assenhoreasse de uma das fortalezas de Jerusalém, de que era governador, mandando logo avisar ao rei do que se tratava. Muitas vêzes salvou a vida a Herodes. Um dia, entre outros mais, pediu êsse príncipe uma faca para descascar uma maçã; porém, percebendo Aquiab, que era para se matar (tanto a vida lhe era odiosa) tirou-lhe da mão a faca, impedindo o suicídio.

2) Outro dêste nome era filho de Naaman, filho de Bale, filho de Benjamim. 1 Par 8, 1-7.

3) O terceiro do mesmo nome era tesoureiro do Templo. 1 Par 26, 20.

4) O quarto, enfim, era filho de Aquitob, a quem sucedeu no Sumo Pontificado. Chamava-se também *Aquimelec* 1 Rs 4, 3-18.

Aquimaas — Filho e sucessor do Sumo Sacerdote Sadoc. No tempo da rebelião de Absalão, êle e Jônatas seu

irmão, resolveram ir informar Davi, quando fugia, das resoluções que contra êle se tomavam. Descobrendo Absalão o seu desígnio, mandou que os seguissem; porém, chegando a Baturim esconderam-se em um poço, donde saíram depois de se ausentarem aqueles que os procuravam por parte de Absalão e chegaram ao acampamento de Davi. Algum tempo após, casou Aquimaas com uma das filhas de Salomão chamada Samach. 2 Rs 15, 27-36.

Aquimana — Filho de Enac. Era um dos possuidores da terra de Canaan, quando Josué mandou lá os seus espias Núm 13, 23.

Aquimelec ou *Aimelec* — Sucedeu a Aquitob seu pai, no Sumo Pontificado. Fugindo Davi de Saul, refugiou-se em sua casa em Nobe, onde estava então o Tabernáculo. Recebeu Aquimelec a Davi, deu-lhe pães da Proposição e o cingiu com a espada de Golias, que ali se guardava, depois que o mesmo Davi ali a depositou, em sinal da sua vitória. Doeg, idumeu, informou de tudo a Saul o qual mandou vir à sua presença Aquimelec e aos mais sacerdotes; e depois mandou passar todos ao fio da espada. A cidade de Nobe foi arrasada por ordem do mesmo Saul. 1 Rs 21, 22.

Aquinoam — 1) Nome de uma das mulheres de Saul e também de uma das mulheres de Davi, de quem foi filho Amnon. Castigou Davi de morte a uns ladrões, que a tinham insultado. 1 Rs 25, 43; 2 Rs 3, 2.

2) Filha de Aquimaás e mulher de Saul. 1 Rs 14, 50.

Aquior — General dos amonitas, tinha ajuntado as suas tropas com as de Holofernes para sitiar a Betúlia. Êle foi de parecer, em um conselho de guerra, que antes de empreender cousa alguma contra a cidade, se informassem se os judeus tinham ofendido a Deus. Certificando que êles não estavam em culpa, seriam vitoriosos. Pensando Holofernes, que nada havia que pudesse resistir ao poder do seu rei, enfurecido contra Aquior, mandou que o prendessem a uma árvore, junto ao campo dos judeus, para lhes dar lugar de o prenderem e lhe fazerem padecer a mesma sorte que êle reservava aos judeus. Pegaram êstes logo em Aquior, que narrando-lhes a razão por que o tinham atado na árvore, os moveu logo de compaixão. Foram vitoriosos os judeus por meio de Judit. E admirando Aquior a sabedoria de Deus, converteu-se. *Idt cap. 9.*

Aquis — Rei de Guet, deu refúgio a Davi, quando fugia de Saul. Acendendo-se a guerra entre Saul e os filisteus, quis aquêlê rei que Davi fôsse do seu partido. Porém, temendo os filisteus que Davi se voltasse contra êles no combate, fizeram-no retirar-se. 1 Rs 21, 10-15.

Aquisamec — Foi pai de Ooliab, que edificou o Tabernáculo, pertencente à tribo de Dan. *Êx 31, 6.*

Aquitob — 1) Filho de Finéias, sucedeu a Eleazar seu avô, filho de Aarão, no Supremo Sacerdócio. 1 Rs 14, 3.

2) Outro do mesmo nome sucedeu como Sumo Sacerdote a Amarias, filho de Azarias, e foi pai de Sadoc, que lhe sucedeu. 2 Rs 8, 17.

Aquitofel — Deixando o partido de Davi, aconselhou a Absalão que se fizesse senhor do trono e das mulheres de seu pai. Em uma ocasião foi de parecer irem com doze mil homens prender e matar Davi. Porém, seguindo-se parecer o contrário de Cusai, enforcou-se Aquitofel de desespero, por não ter o seu voto prevalecido. É o Judas do Velho Testamento. 2 Rs 15, 12-31; 16, 15; 17, 23.

Ar — Cidade capital do reino dos Moabitas, a qual se conservou por ordem de Deus, em memória de Ló. Dt 2, 9.

Ará — 1 Filho de Ura, da tribo de Aser. 1 Par 7, 39.

2) Na Assíria houve uma cidade com este nome, para onde se conduziram cativas as tribos que assistiam além do Jordão.

Arab — Cidade na tribo de Judá. Jos 15, 52.

Arábia — A maior península do mundo, ao sul da Ásia. Foi dividida, pelo geógrafo Ptolomeu, de Alexandria, em três regiões. Arábia Félix, Arábia Pétreia e Arábia Deserta. A primeira não tem limites definidos. A segunda era a região compreendida entre o Mar Vermelho e o Mar Morte e tinha como capital a cidade de Petra. Foi onde peregrinou o povo de Israel durante quarenta anos. A terceira é o grande deserto da Síria.

Arad — Cidade no deserto de Judá, cujo rei foi vencido e morto pelos israelitas. Núm 21, 1; Jos 12, 14; Js 1, 16

Aram — 1) Quinto filho de Sem. Gên 10, 22.

2) Região onde estava a cidade de Peton, e onde Balaão morava. *Núm* 22, 5.

3) O pai de Aminadab um aos avós de Jesus Cristo, quanto à sua natureza humana. *Mt* 1, 4. Rahas — Cidade perto de Betel, fortificada por Baasa rei de Israel. *1 Rs* 15, 17.

Aram ou *Ramat* — Cidade da tribo de Simão. *Jos* 19, 8.

Aran — 1) Irmão de Abraão e pai de Ló. *Gên* 11, 27.

2) Filho de Disan, irmão de Hus. *Gên* 36, 28.

Ararat — Monte da Armênia onde encalhou a arca de Noé. Também se chama Baris. *Gên* 8, 4.

Ararita — Apelido dado a diversos dos heróis de Davi. *2 Rs* 23, 11-33; *1 Par* 11, 34-35.

Arba — Vid. *Hebron*.

Arbalete — Jônatas filho de Saul e amigo de Davi, ajustou-se com êle para atirar três flechas a um alvo, quando descobrisse e soubesse os pareceres de seu pai. E prometeu-lhe, que se mandasse apanhar as flechas pelo seu escudeiro, seria sinal de que Saul não estaria contrário à sua pessoa; porém que se não as mandasse recolher, seria sinal de que Saul estaria disposto a perseguir a Davi até à morte. *1 Rs* 20, 35-42.

Arbatis — Cidade na tribo de Issacar, arruinada por Simão Macabeu. *1 Mar* 5, 23.

Arbelis — Cidade da Galiléia alta na tribo de Neftali, situada ao Ocidente da lagôa Semecão, onde havia umas cavernas medonhas, refúgio ordinário dos ladrões. Herodes as destruiu, mandando descer por elas soldados armados, os quais desciam metidos em caixões atados com cadeias de ferro, e chegando ao fundo saiam dos caixões, e matavam com as suas alabardas a todos os que encontravam dentro; e aqueles, que subindo procuravam fugir, os agarravam com uns harpéus, e os precipitavam nas mesmas cavernas. *Fl. Jos.*

Arbi — Cidade na tribo de Benjamim. 2 Rs 23, 35.

Arcé — Cidade da Arábia, junto à qual se via a sepultura de Aaram.

Arcanjos — Quer dizer *chefes dos anjos*.

Arca — Vid. *Noé*. De aliança: Vide — *Moisés, Josué, Heli*. Continha as tábuas da Lei que Moisés recebeu da mão de Deus no monte Sinai. Êste foi o sinal mais evidente que Deus quis dar ao seu povo, da Aliança que tinha feito com êle pelo ministerio de Moisés. Tomada pelos Filisteus, e restituída pelos mesmos aos hebreus. Vid. *Azot, Dagon, Acaron*.

Arquelais — arrabalde na tribo de Efraim.

Arquelau — 1) Um filho de Herodes, o Grande e era tão cruel que os judeus se rebelaram contra êle; queixaram-se a Augusto, que logo o desterrou para Viena, no Delfinado. *Fl. Jos.*

2) O segundo foi agente do precedente, o qual lhe trouxe de Roma a sentença do seu destêrro.

3) O terceiro foi filho de Quelcias, o qual foi ajustado para casar com Mariana.

4) O quarto foi filho de Magdata, guarda de Simeão, tirano de Jerusalém. Êle, juntamente com Anano seu companheiro renderam-se a Tito, estando sitiando a cidade de Jerusalém, que lhes perdoou. *Fl. Jos.*

Arquipo — Sacerdote, ou Bispo de Colossos. Escrevendo S. Paulo aos Colossenses, ordena que o advirtam a considerar bem o ministério que de Deus tinha recebido, a fim de cumprir com tôdas as suas obrigações. *Col 4, 17.*

Ardelo — Capitão de Simeão, tirano de Jerusalém: querendo cortar a cabeça a um cavaleiro romano, deixou-o fugir calculando o tempo que levantava o braço para descarregar o golpe. *Fl. Jos.*

Arem — Voltaram os seus descendentes de Babilônia para Jerusalém em número de mil e dezessete. *Esdr 8, 16.*

Areópago ou *Monte de Marte*, em Atenas, dedicado ao deus Marte. Cécrope instituiu nele um Senado de doze Juizes, que tomaram o nome de Areopagitas. Não havia no mundo um tribunal onde se observasse a justiça mais exatamente do que neste. S. Paulo, passando pela Grécia, ali compareceu. *At 17, 16-34.*

Aretas — Rei da Arábia, tomou debaixo da sua proteção a Hircano rei e Sumo Sacerdote dos judeus, o qual foi deposto dos seus estados por Aristóbulo seu irmão. Des-

truiu Arctas a Judéia tôda; porém Scauto, general das tropas romanas o obrigou a voltar outra vez para a Arábia. *Fl. Jos.* — *Ant.* 2, 14, *cap.* 9.

Aretusa — Cidade fortíssima na Síria, cuja vizinhança causava grande afflicção aos reis da Terra Santa.

Arcuna — Jebuzeu, vendeu a Davi um campo por cinquenta mil siclos para edificar nele um Altar ao Senhor. 2 *Rs* 24, 18.

Argob — E' o nome da extensão de terra, que formava o reino de Og, rei de Basan. Os israelitas a tomaram, e arruinaram sessenta cidades, exterminaram todos os seus habitantes e a deixaram em poder das tribos de Ruben, de Gad e da metade da tribo de Manassés. *Dt* 3, 4.

Ariarates — Rei da Capadócia, grande inimigo dos judeus. Foram prohibidos de o maltratar pelos Romanos.

Aridai e Aridata — Filhos de Amam. Foram enforcados juntamente com seu pai e com seus irmãos. *Est* 9, 9.

Ario — Rei da Lacedemônia. Escreveu a Onias, Sumo Sacerdote, para lhe dizer que pretendia fazer aliança com os judeus, por serem descendentes tanto êles, como os lacedemônios, de Abraão. 1 *Mac* 12, 20-23.

Aristóbulo — 1) Rei de Judá, descendente dos Asmoneus. Assim que chegou a reinar, mandou matar todos os seus parentes, deixando sòmente vivo a Antígono seu irmão, a quem também depois mandou matar. Vid. *Antígono*.

Por esta razão foi tomado de tal pena e aflição, que lhe sobreveio um vômito de sangue, de que morreu. *Fl. Jos.* — *Ant. l.* 13, *caps.* 19-20.

2) O segundo foi o que usurpou a coroa pertencente a Hircano. Pompeu declarou-se contra êle, sitiou-o, encerrou-o em Jerusalém, prendendo-o. Fugiu Aristóbulo da prisão e, voltando para a Judéia, morreu envenenado.

3) O terceiro era filho de Alexandre e cunhado de Herodes o qual, com medo de que sua mãe não emprehendesse fazê-lo reinar, obrigou ao pequeno Aristóbulo a ir nadar com os outros rapazes da sua idade em um dia de muito calor. Tinha Herodes comprado todos aqueles rapazes para fazer morrer aquele príncipe, os quais, mergulhando, obrigaram Aristóbulo a que mergulhasse também como êles; e quando o apanharam debaixo da água, o atacaram de forma que o afogaram. *Fl. Jos.*

Armagedon — Nome do lugar em que S. João viu, no Apocalipse, ajuntar os espiritos malignos e os reis da terra para o combate do grande dia do Senhor. *Apc* 16, 16.

Armoni — Filho de Saul, e de Resfa, foi crucificado com seu irmão pelos gabaonitas. 2 *Rs* 21-8-11.

Arnon — 1) Rio que a Escritura santa chama *Torrente*, nos confins de Moab, quase na tribo de Rúben. *Núm* 21, 13-26.

2) Dêste nome há um monte na tribo de Gad.

3) Uma colina ou costa, junto à Gaba de Benjamim, em cujo cume tinha mandado Saul edificar um Castelo, no qual foi degolado o supremo Sacerdote Aquimelec por ordem do mesmo príncipe. *Fl. Jos.*

Aroer — Cidade na tribo de Gad. 1 *Par* 11, 44.

Arfad — Arrabalde da tribo de Manassés, destruído por Tiglat-Pilasar. *Jer* 49, 23.

Arsa — Governador da cidade de Tersa. Zambri matou no seu palácio o rei de Israel por nome Ela. 3. *Rs* 16, 10.

Artaxerxes ou *Assuero* — Vid. *Ester*.

Artemas — Discípulo de S. Paulo. *Ti* 3, 12.

Asa — 1) Filho, e sucessor de Abias: foi o terceiro rei de Judá. No princípio do seu reinado a sua piedade lhe atraiu a proteção de Deus contra os Etiópes. Zara, rei dos Etiópes, vindo atacá-lo com um milhão de homens, pôs Asa a sua confiança toda em Deus, e por este meio alcançou a vitória. Algum tempo depois aliando-se com Benadad, rei da Síria, Deus o mandou repreender pelo profeta Hanani; mas em lugar de lhe dar atenção, o mandou prender e morreu de gota. 2 *Par* 16, 3-8.

2) Este é também o nome do monte célebre pela morte de Judas Macabeu. Vid. *Judas Macabeu*.

Asaiá — Conselheiro de Josias, rei de Judá, foi da parte de seu amo consultar a profetiza Hulda, sobre algumas dificuldades do Livro da Lei, que Elcias, Supremo Sacerdote tinha achado no Templo. 4 *Rs* 22, 8-20.

Aser — Oitavo filho de Jacó, e chefe da tribo do mesmo nome.

Aserot — Lugar em que fizeram os israelitas o seu décimo-quarto acampamento, onde Miriam irmã de Moisés foi atacada de lepra. *Núm* 12, 10.

Asmos — Pães sem fermento usados na Páscoa. *Êx* 12, 39; *Lc* 23, 6.

Asmodeu — Demônio da impureza: matou os primeiros sete maridos de Sara, mulher de Tobias, o Moço. Vid. *Tobias*.

Assuero — Em lugar de *Artaxerxes*. Vid. *Ester*.

Assur — Filho de Sem. Deu o seu nome aos Assírios, os quais o adoravam debaixo do nome de *Baal*. *Gên* 10, 22.

Assírios — Povos de uma parte da Ásia descendentes de Assur.

Astarot — Nome de uma deusa também chamada Astarté. *1 Rs* 31, 10.

Atad — Habitava além do Jordão. Até à sua casa conduziu José, juntamente com os seus irmãos, acompanhados de todos os Grandes Egito, o corpo de Jacó onde lhe fizeram umas exéquias dignas de seu Pai. *Gên* 50,, 11.

Atac — Oficial da Rainha Ester, o qual perguntou a Mardoqueu da parte da sua Soberana, a causa porque chorava. *Est* 4, 5.

Atália — Filha de Acab e de Jegabel, e mulher de Jorão, rei de Judá. Sabendo que Jeú tinha morto a seu filho Ocozias e a quarenta e dois irmãos seus, nascidos de diferentes mulheres, formou um exército poderoso, com o qual fez guerra a Jeú, matando a geração tôda de Davi, excepto Joás, a quem Josabet irmã do rei Ocozias, e mulher de Joad, Supremo Sacerdote, socorrendo igualmente a sua ama de leite, salvou da mortandade cruel. Joás, ainda menino, tornou a subir ao trono de seus pais, concorrendo para isso Joad, ou Joiada, o qual mandou matar Atália. 4 Rs 11, 1-16.

Atenas — Capital da Ática, um dos estados gregos e centro cultural do mundo antigo.

Atenóbio — Filho de Demétrio e general dos exércitos de Antíoco Sedetes: foi enviado a Simão para lhe pedir a restituição das cidades, que tinha debaixo do seu poder.

Axa — Filha de Caleb, prometida a qualquer que tomasse Cariatséfer. Otoniel, primeiro Juiz dos Hebreus, tomou aquela cidade pertencente aos Filisteus e casou com Axa.

Azarias — 1) Um rei de Judá, por sobrenome Ozeo, ou Ozias, Foi o primeiro muito religioso, e por causa da sua piedade ficou vitorioso de todos os seus inimigos. Porém chegou depois a ser tão altivo, que pretendeu fazer o Ofício de Supremo Sacerdote. E quando tinha já na mão o turíbulo, sentiu-se um terremoto, com o qual abrindo-se o alto do templo deu lugar, a que entrasse por êle um raio do Sol, lançado como uma frecha, ou

como um dardo, que lhe cobriu o corpo todo de lepra.
4. *Rs* 15, 5. e 2. *Par* 2, 26.

2) Um profeta, mandado a Asa, rei de Judá, para o avisar que destruísse os ídolos de Judá, e do monte de Efraim. *Par* 2, 15.

3) Um capitão em Jerusalém que causou uma grande perda aos judeus pela sua temeridade. Na ausência de Judas Macabeu, quis atacar a Jania; porém perdeu dois mil homens. 1 *Mac* 5, 58.

4) Êste foi também o nome de um dos três meninos lançados na fornalha. Vide *Abdênago*.

Azer — Filho de Josué. Vide *Aser*.

Azor — Um ancestral de Cristo, que viveu no Exílio. *Mt* 1, 13, 14.

Azot — Cidade da Palestina, para onde os Filisteus conduziram a Arca da aliança, que tinham tomado, e a puseram no templo de Dagon. Derrubou Deus êste ídolo na presença da Arca; e cobriu, e encheu tanto aquella cidade (como outras muitas da Palestina, por onde foi a Arca sucessivamente conduzida) de tantas pragas e castigos, que os filisteus foram obrigados a restituí-la aos Israelitas. 1 *Rs* 5, 1-5.

B

Baal — 1) Ídolo dos assírios, dos moabitas e de outros muitos povos da Ásia. Os Israelitas varias vêzes lhe deram um culto ímpio, de que Deus os castigou com horriveis flagelos. Julga-se que Baal era o mesmo que Bel, ou o Júpiter das nações orientais, ou Nemrod, o qual empreendeu edificar a Torre de Babel.

2) Dêste nome houve uma cidade na tribo de Benjamim e um dos levitas filho de Abigabaam, e de Maaca também assim se chamava. 1 Par 8, 30.

Baalis — Rei dos Amonitas; mandou a Ismael filho de Natánias matar Godolias, a quem Nabucodonosor tinha constituído governador de Jerusalém.

Baasa — Rei de Israel: teve guerra com Asa, rei de judá, matou a Nadab filho de Jeroboam, rei de Israel, apoderou-se do seu reino, e destruiu a sua família tôda.

Babas — Da illustre geração dos Asmoneus, escondeu-se nas suas terras, ajustando-se com Castabaro, marido de Salomé, irmã de Herodes, com medo de que êste tirano o mandasse matar. Pouco tempo depois levantando-se uma disputa entre Castabro e Salomé, julgou esta que nada

haveria que pudesse dar maior pena a seu marido, do que descobrir ao rei o refúgio de Babas; o qual foi logo por sua ordem degolado. *Fl. Jos. — Ant. l. 15, cap. 11.*

Babel — Quer dizer *confusão* (numa etimologia popular). Êste é o nome da famosa torre, que Nemrod, e os descendentes de Noé edificaram na planície de Senar, para fazerem por êste meio um sinal de reunião. Porfiavam em continuá-la; porém Deus contrariando a sua empresa, fêz com que todos falassem uma língua diferente; de onde veio o nome de Babilônia, capital de Caldéia, e para onde foram cativos os judeus. *Gên cap. 10.*

Bacbacar — Levita, carpinteiro, e architecto, que, ajudou a reedificar Jerusalém.

Baaquides — General do Exército de Demétrio Sóter. Vid. *Judas Macabeu.*

Badad — Pai de Adad, derrotou os madianitas na planície de Moab.

Badaias — Voltando de Babilônia separou-se de sua mulher, por não ser judia.

Bala — 1) Serva de Raquel, e uma das mulheres de Jacó que foi mãe de Dan.

2) Azas teve um filho assim chamado.

3) Houve também uma cidade dêste nome na tribo de Simeão, e outra chamada *Segor*.

Balaão — 1) Famoso advinho, filho de Beor. Balac, rei dos

moabitas o mandou vir para amaldiçoar os israelitas, a fim de se livrar deles por êste meio. Pôs-se Balaão a caminho, montado em uma jumenta, para ir ter com Balac apesar da proibição de Deus. Parou a jumenta no caminho, e caiu. Como Balaão castigava a dita jumenta, permitiu o Senhor, que esta lhe falasse, perguntando-lhe porque a maltratava ! No mesmo instante viu aparecer um Anjo do Senhor diante da jumenta com uma espada nua na mão, o qual repreendeu a Balaão da sua desobediência; ordenando-lhe contudo que continuasse o seu caminho, com proibição porém de amaldiçoar os judeus. Chegando Balaão à côrte dos Moabitas, disse ao rei, que não tinha poder para amaldiçoar os seus inimigos; antes o poder que tinha era totalmente contrário. Porém sempre lhe aconselhou que mandasse algumas Madianitas para o campo dos judeus, a fim de os corromper e atrair por êste modo a ira de Deus sôbre êles. Isto com efeito assim sucedeu. Morreu Balaão juntamente com as madianitas, as quais foram exterminadas por ordem de Deus. *Núm 22.*

2) Êste é também o nome de um filho de Aser.

Balac — Filho de Sefor rei dos moabitas. Vid. *Balaão*.

Bale — Em lugar de Bela.

Baltazar — 1) Filho do Evilmerodac, rei de Babilônia e último da geração dos nabucodonosores. Em uma grande festa teve êste príncipe o atrevimento de beber pelos vasos sagrados, que se tomaram no templo de Jerusalém. Po-

rêm, logo, uma mão invisível escreveu na parede estas três palavras, *Mane, Tecel, Fares*. Daniel só as pôde explicar dizendo-lhe que, naquela mesma noite, morreria. Com efeito, como havia já muito tempo que os inimigos sitiavam a cidade, entraram por fim nela. Baltazar foi degolado; e Dario se apoderou do reino. Dizem que Baltazar tinha aumentado consideravelmente os soberbos muros de Babilônia, que Semíramis mandou edificar; cousa, que foi por muito tempo vista entre o número das maravilhas do mundo. *Daniel 5.*

2) Nome de uma das três reis magos que acompanharam a estrela quando Jesus nasceu.

Banaías — Capitão das guardas de Davi: matou três leões e um gigante armado, sem ter outra cousa na mão do que um pau. Foi comandante dos exércitos, reinando Salomão.

Banéias — Voltando de Babilônia, separou-se de suas mulheres, porque não eram judias.

Bara — 1) Rei de Sodoma. Foi deposto do trono por Codorlaomor, e restabelecido pela generosidade de Abraão.

2) Uma mulher de Seavim, assim chamada, a qual foi repudiada por seu marido.

Barac — Da tribo de Neftali, escolhido por Deus para libertar os hebreus da escravidão de Jabin, rei de Canaan; foi insuflado por Débora, profetiza, para formar um exército e combater a Jabin rei dos cananeus, cujas tropas co-

mandadas por Sísara desbaratou, ficando morto às suas mãos o próprio Jabin. Governou os judeus por espaço de quarenta anos. Vid. *Débora*.

Barjesus — Por sobrenome *Elimas*, falso Profeta. Procurando desviar o Procônsul Sérgio Paulo das pregações de S. Paulo, êste o cegou. *At* 13, 6-12.

Barnabé — Companheiro de S. Paulo nas suas pregações, Julga-se que padeceu o martírio em Chipre. *1 Cor* 9, 6; *Col* 4, 10.

Barsabás ou *José* — 1) Por sobrenome o *Justo* foi juntamente proposto com Matias para entrar no Apostolado, em lugar de Judas Iscariotes. *At* 1, 23.

2) Sobrenome de Judas, que acompanhou Paulo, Silas e Barnabé à Antioquia. *At* 15, 22.

Bartimeu — Cego que Jesus Cristo curou. *Mc* 10, 46.

Bartolomeu — Um dos doze Apóstolos, que foi pregar o Evangelho às Índias. *Mt* 10, 2.

Baruc — Um filho de Nérias, que era secretário de Jeremias. *Jer* 36, 26-32.

Basan — Reino no país de Galaad, onde Josué matou o rei chamado Og. Foi êste reino dado à metade da tribo de Manassés. *Núm* 21, 33-35.

Bascama — Cidade na tribo de Gad, onde foi assassinado Jônatas, irmão de Judas Macabeu por ordem de Trifon. 1 *Mac* 13, 27.

Bascat — Cidade da tribo de Judá. 4 *Rs* 22, 1.

Batuel — 1) Último filho de Nacor, pai de Labão e de Rebeca. *Gên* 22, 20-23.

2) Na tribo de Simeão houve uma cidade e um campo com êste nome. 1 *Par* 4, 30.

Baziotia — Cidade no sul de Judá. *Jos* 15, 28.

Beelfegor — Em lugar de *Baal*, ou *Beelzebu*, ídolo dos moabititas. Os israelitas o adoraram, para agradarem às filhas dêstes idólatras e como castigo foram enforcados os chefes do povo por ordem de Deus. *Núm* 25, 1-9.

Beelsefon — Cidade situada nas margens do Mar Vermelho, onde principiaram os israelitas a comer o pão sem fermento. *Núm* 33, 7.

Beelteem ou *Beeltém* — Chefe dos samaritanos que escreveu ao rei Assuero para impedir a reedificação do templo dos judeus. 1 *Esdr* 4, 8.

Beelzebu ou *Baal* — Em lugar de *Beelfegor*, ídolo das moscas, ou príncipe dos demônios. Tendo Ocozias, rei de Judá caído de uma janela, mandou consultar ao mesmo ídolo e Deus, irritado, mandou-lhe dizer pelo profeta Elias, que morreria da queda. 4 *Rs* 1, 6-16.

Bel — Vid. *Baal*.

Bela ou *Bele* — Filho primogênito de Benjamim. Também se diz *Bele* em lugar de *Segor*. Vid. *Beor*. Gên 46, 21; 14, 2-8.

Belga — Supremo Sacerdote da família de Eleazar. 2 *Esdr* 12, 5-7.

Beloram — Cidade da tribo de Benjamim.

Belial — Designação dada aos ímpios, (*Dt* 13, 13) e ao demônio. 2 *Cor* 6, 15.

Belma — Montanha vizinha de Betúlia, lugar do acampamento de Holofernes, e da sua sepultura.

Belzebut — Em lugar de *Beelzebub*.

Ben — Levita que estava diante da Arca, enquanto duravam os sacrifícios. 1 *Par* 15, 18.

Benadad — 1) Rei de Damasco, filho de Tab-Rimon que atendeu a um pedido de auxílio justo pelo rei Asa, de Judá para que o ajudasse a vencer Baasa, rei de Israel. 3 *Rs* 15, 16-22; 2 *Cron* 16, 1-6.

2) Rei de Damasco ou da Síria, que também combateu contra os judeus quando Josafá, rei de Judá e Acab, rei de Israel, emprenderam juntos uma expedição com o objetivo de retomar Ramot-Gilead. Os profetas de Baal, consultados sobre o sucesso de tal tentativa, fizeram predições favoráveis, porém Miquéias, filho de Imla, um profeta do Senhor (*ver este nome*), vaticinou o insucesso de tal empresa, motivo pelo qual foi esbo-

feteado e metido na prisão. Tudo se cumpriu, entretanto, conforme a palavra do profeta do Senhor e nessa batalha Acab, rei de Israel foi morto. 3 Rs 22, 1-40.

3) Outro rei da Síria, que desde os tempos de seu pai Hazael, oprimia as dez tribos, no reinado de Joacaz. Foi combatido por Joás filho de Joacaz, que retomou três vêzes as cidades aprisionadas pelos sírios. 4 Rs 13, 1-25.

Benabinadab — Marido de Tofet, filha de Salomão, comandava na terra de Dor. 3 Rs 4, 11.

Bendecar — Intendente do palácio de Salomão. 3 Rs 4, 9.

Bengaber — Possuía uma terra, que tinha sessenta cidades muradas, com as portas macho-fêmeas, e fechaduras de cobre. 3 Rs 4, 13.

Benjamim — O filho mais moço de Jacó e de Raquel, que deu seu nome a uma das tribos. Sua mãe deu-lhe o nome de Ben-Oni (*filho da minha dor*) por que sentiu que ia morrer ao dar à luz e assim aconteceu. Mais tarde no Egito, usando de uma artimanha, José deu-se a conhecer a seus irmãos, por meio de uma taça de prata que foi encontrada entre os objetos de Benjamim. Gên 35, 16-19.

Beor — Filho de Bela, rei de Edom, e pai de Balaão. Gên 36, 32.

Beréia — Cidade da Macedônia, onde S. Paulo e Silas pregaram o Evangelho com grande êxito. At 17, 10.

Berot — Cidade onde acamparam os cananeus para se oporem à passagem de Josué, o qual os derrotou todos. *Jos* 9, 17.

Bera — Rei de Gomorra, teve guerra com Codorlaomor e foi derrotado. *Gên* 14, 2.

Berseba — Cidade da tribo de Simeão, quer dizer *Poço do Juramento*. Junto a êste poço Abraão e Abimelec, rei de Gerar, fizeram aliança. Alguns põem esta cidade na tribo de Judá, que se estendia quase até Gerar. *Gên* 21, 31.

Berzelai — Habitante da cidade de Rogelim, em Gilead, que seguiu a Davi na sua desgraça e o socorreu com a sua pessoa e com os seus bens. Êle o não deixou enquanto não o viu restabelecido no trono. Davi lhe ofereceu a sua côrte para ficar nela. Porém não aceitou a oferta; mas deixou nela seu filho Aquimaas a quem Davi deu muitos bens, e o recomendou na sua morte a Salomão. *3 Rs* 2, 7.

Baseel ou *Baseleel* — Da tribo de Judá, e Ooliab da tribo de Dan; foram tão dedicados que Deus, os encheu do seu Espírito para trabalharem na construção do Tabernáculo, e das outras obras necessárias para o Culto Divino. *Êx* 31, 2.

Besor — Torrente da tribo de Simeão. *1 Rs* 30, 9.

Beté — Cidade da tribo de Aser. *Jos* 19, 25.

Betânia — Aldeia da tribo de Benjamim onde moravam Lázaro e suas irmãs. *Jo* 11, 1.

Betaram ou *Betaran* — Cidade da tribo de Gad, tomada por Josué, à qual deu depois Filipe o tetrarca deu o nome de *Juliada*. Núm 32, 36.

Betabara — O lugar onde João batizava, perto de Jordão. Jo 1, 28.

Betaven — Cidade na tribo de Benjamim. Jos 7, 2.

Betebera — Campo, na tribo de Efraim, onde Gedeão venceu os Madianitas. Jz 7, 24.

Betcar — Cidade da tribo de Dan. 1 Sam 7, 11.

Betel — Dêste nome houve duas cidades, uma na tribo de Benjamim, e outra na de Simeão. (1 Sam 30, 27). Na primeira Deus apareceu a Abraão e lhe prometeu a terra de Canaã com uma numerosa posteridade. Jacó também recebeu nela a confirmação desta promessa. Foi lá também onde viu em sonhos uns Anjos, que subiam, e desciam por uma escada, que chegava da terra ao Céu. Raquel e Débora morreram na mesma cidade. Significa *Casa de Deus*. Gên 13, 3.

Belém — 1) Cidade da tribo de Judá, e lugar do nascimento do Salvador. Vid. também Efrata. Gên 35, 19.

2) Outra do mesmo nome estava na tribo de Zabulon. Jos 19, 15.

Betonim — Cidade na tribo de Gad, que se rebelou contra o seu soberano Alexandre Janeu, o qual chamou a Deme-

trio Eucero em seu socorro; porém obrigado êste a retirar-se, Alexandre tomou a cidade pela fôrça e come-teu nela todo o gênero de crueldades. Um dia, em que dava um jantar às suas concubinas em um sítio elevado, mandou crucificar na sua presença oitocentos homens, e degolar à vista dêstes, antes que expirassem, as suas mulheres e os seus filhos. *Fl. Jos.* 13, 22. *Ant;* *Jo* 13, 26.

Betsura — Cidade da tribo de Judá, célebre pelas vitórias de Judas Macabeu. *1 Mac* 4, 29.

Betfagé — Um lugarejo nas vizinhanças de Betânia, no caminho de Jericó a Jerusalém. *Mc* 11, 1 — *Lc* 19, 29.

Betsabé — Mulher de Urias. Vendo-a um dia Davi banhar-se, ficou tão namorado da sua formosura, que a mandou buscar para o seu palácio, e a roubou a seu marido. Ela teve por filho a Salomão, sucessor de Davi. *2 Rs* 11, 2-27.

Betsáida — 1) Cidade florescente perto do Lago de Genezaré, onde Jesus costumava ir. *Lc* 9, 10.

2) Havia em Jerusalém um tanque dêste nome. Tinha êste a virtude de curar a quem nele se lavava. Mas para êsse efeito era preciso esperar que um Anjo turbasse a água.

Betsames — Cidade da tribo de Judá, onde as vacas postas em um carro trouxeram sem condutor a Arca, das terras dos filisteus, no tempo da ceifa, sem parar para pastar. *1 Rs* 6, 10-18.

Betúlia — Cidade da tribo de Zabulon, onde Judite matou Holofernes.

Betsacaria — Sítio, em que se deu o combate entre Judas Macabeu e Antíoco Eupator, no qual foi Eleazar arrebatado debaixo do peso de um elefante, que êle matou. 1 *Mac* 6, 31.

Bezedel — Torre forte, junto a Ascalão. Tendo os judeus ido sitiá-la, um deles, chamado Eviger, fugiu para a torre de Bezedel. Os romanos deitaram-lhe fogo; porém êle lançou-se do alto da torre em uma caverna, onde os seus o acharam vivo três dias depois *Fl. Jos.*

Boanerges — Nome que Jesus Cristo deu aos filhos de Zebedeu, devido a sua impetuosidade. Significa “Filhos do Trovão”. *Mt* 3, 17 — *Lc* 9, 54-55.

Booz — Filho de Salmon, que se casou com Rute, a moabitã, foi avô do rei Davi. *Rut* 4, 1-18.

Borceu e Febo — Capitães do exército de Agripa, estando em Jerusalém da parte do seu rei para exortar aos judeus a sujeitarem-se, estes apanharam pedras, e com elas mataram a Febo; e Borceu fugiu todo cheio de feridas e coberto todo de sangue. *Fl. Jos.*

Bula — Nome dos ornamentos, que Gedeão tomou aos camelos de Zebé, e de Salmana, depois da sua derrota.

C

Caat — Filho de Levi. Sua família foi particularmente destacada para conduzir a Arca e os vasos sagrados do Templo. E' mencionado também como Coat. *Gên* 46, 11.

Cades — Lugar no destio de Sin onde os israelitas em sua peregrinação acamparam duas vêzes e onde Moisés feriu a rocha fazendo surgir água para o povo, que se chamaram "as águas de Meribá". Ali morreu Miriam, irmã de Moisés. *Núm* 20, 1-13.

Caim — Filho primogênito de Adão. Oferecendo a Deus os piores frutos da terra, enquanto Abel seu irmão oferecia os primeiros nascidos dos seus rebanhos, e os mais gordos que achava entre êles, concebeu inveja ao ver que os sacrifícios de Abel eram mais agradaveis a Deus do que os seus. Por isso, Caim chamando seu irmão à parte, o matou; e Deus o condenou a ser vagabundo na terra, e a cultivá-la sem tirar cousa alguma do seu benefício, dando-lhe sempre a certeza de que, qualquer que o matasse, seria castigado severamente. Então pôs-lhe um sinal, a fim de o reconhecerem. Pintam-no algumas vêzes matando a seu irmão com uma quei-

xada de jumento, ainda que a Escritura não faz menção disso. *Gên* 4, 1-15.

Caiás — Sumo Pontífice dos judeus, foi o que mandou condenar à morte Jesus Cristo. Era genro de Anás e foi despojado do cargo, por Vitelio, governador romano da Síria. *Mt* 26, 57. *Fl. Jos.*

Caleb — Da tribo de Judá, foi um dos doze espias, que os hebreus mandaram para reconhecer a terra de Canaan. Trouxe umas uvas de tamanho extraordinário. A falsa relação dos enviados, os quais diziam que lhes seria preciso atravessar montanhas de uma altura inacessível, rios de uma profundidade espantosa, e combater gigantes enormes, atemorizou de tal sorte o povo, que começou então a murmurar. E certamente se rebelaria, se Caleb e Josué não tivessem destruído a tal relação, assegurando-lhes que os espias tinham exagerado a situação. Que êles mesmos se ofereciam para irem acometer na sua frente todos os perigos. E Deus, para castigar os judeus pela sua murmuração, disse que de todos les só Caleb e Josué com os mancebos, que não passassem de vinte anos, entrariam na terra de Canaan. O que com efeito sucedeu, porque só os filhos daqueles que então viviam entraram nela, debaixo do comando de Josué. Caleb pediu o cantão de Hebron, terra dos gigantes, prometendo conquistá-la; e Josué lha concedeu. Sitiou logo a cidade de Hebron e venceu-a depois de alguns assaltos, em que matou três gigantes de tamanho prodigioso. Depois marchou contra Dabir; porém, como esta cidade defendia-se bem e ninguém se atrevia a subir ali de assalto. Caleb prometeu, que aquêlê que primeiro subisse à Cidade de assalto, casaria

com sua filha Acsá, o que só mereceu Otoniel, seu primo. Caleb morreu da idade de cento e quinze anos. *Jos* 14, 1-15; 15, 13-19.

Calvário — Onde Jesus Cristo foi crucificado. *Jo* 19, 17.

Caná — Uma cidade da Galiléia cuja denominação era justamente — Caná da Galiléia — onde Jesus realizou seu primeiro milagre, transformando água em vinho, durante um casamento (*Jo* 2, 1-11) e onde curou o filho de um oficial (*Jo* 4, 46-54). Segundo Flávio Josefo havia uma outra cidade com este nome na Celesíria e talvez seja esta a razão pela qual seu nome era completado com a designação “da Galiléia” que é usada também pelo próprio Josefo. Natanael era de Caná da Galiléia. *Jo* 21, 2. Ficava situada nas proximidades de Nazaré.

Canaã — Filho de Cam e neto de Noé. Foi o pai de Sidon e Heth e o tronco de onde provieram vários povos que habitavam a chamada “Terra de Canaã” antes da conquista dos hebreus. *Gên* 9, 22-27; 10, 15-20.

Canaã — Terra de — Com a denominação também de país de Canaã, a Bíblia se refere a toda aquela região que foi submetida pelos hebreus, sob as ordens de Josué e que era habitada por tribos e povos diversos. Situada na costa oriental do Mediterrâneo, entre o Egito e o Mar Vermelho ao sul, o Deserto da Arábia e o Eufrates a oeste e ao norte a região montanhosa onde floresce o grande império dos hebreus, Canaã era o centro geográfico da civilização egípcio-mesopotâmica. Foi pro-

metida aos hebreus como sendo “a Terra em que mana o leite e o mel” que levados pela fôrça das promessas divinas, guiados por homens de tẽmpera como Josué, conseguiram submeter os seus habitantes, sendo a regiãõ repartida entre as 12 tribos de Israel.

Canaanitas — Habitantes de Canaã.

Candace — Nome comum a tãdas as rainhas da Etiópia. Um oficial de uma dessas rainhas foi convertido por S. Filipe, *At* 8, 27-39.

Cântico dos Cânticos — Um dos livros poeticos da Bíblia, que prefigura a união de Cristo e sua Igreja.

Cafarnaum — Uma das mais formosas cidades da Galiléia na tribo de Neftali. E’ célebre esta cidade, por ter sido a habitação do Salvador. Era sede de uma regiãõ militar dos romanos e pôsto coletor de impostos. *Mt* 8, 5-13; *Lc* 7, 1-10.

Caf — (*Kaph*) — Decima-primeira letra do alfabeto hebraico, que significa “palma da mão”. Em português vem sendo transliterada, de acôrdo com a reforma ortogrãfica, neste trabalho, com a letra C, no princípio das palavras.

Castor — Uma ilha de onde, segundo referem Jeremias (47, 4) e Amós (9, 7) eram originários os filisteus.

Capadócia — Província da Ásia Maior anexada ao Império Romano por Tiberio em 17 a.D. Habitantes dessa terra estavam em Jerusalém no dia da festa de Pentecostes,

quando desceu o Espírito Santo onde estavam os apóstolos e os discípulos. (*At* 2, 9). S. Pedro também se refere aos criados dessa província. 1 *Pdr* 1, 1.

Cativeiros — São três, essencialmente, os cativeiros mencionados na Escritura:

1) Cativeiro do Egito, quando da sujeição dos israelitas sob o poder dos Faraós.

2) Cativeiro das Dez Tribos, que teve início com Salnanaïar V, rei da Assíria, a quem Hoséia, rei de Israel, se recusou a pagar tributo e estava procurando a aliança de So, rei do Egito. Após um cerco de três anos, Samaria, a capital, foi subjugada, e os israelitas foram levados, já no reinado de Sargom (722 a. C.). 4 *Rs* 17, 1-6.

3) Cativeiro de Judá, cujo princípio foi no reinado do rei Joakim, quando este rei ficou sujeito a Nabucodonosor, rei de Babilônia, por três anos. Morrendo este, subiu ao trono seu filho Joaquim que apenas reinou três meses e foi levado cativo para Babilônia, sendo constituído rei de Judá, por ordem de Nabucodonosor, o tio do rei deposto de nome Metanias, mudado para Sedecias. Após onze anos de governo, Jerusalém foi sitiada ainda por Nabucodonosor, quando Sedecias foi prêso, sendo-lhe vasados os olhos e seus filhos mortos. Alguns meses depois, voltou Nebuzaradan, general de Nabucodonosor, que saqueou e queimou o Templo, levando mais cativos. Isto se deu em 587-586 A. D. 4 *Rs* 25, 1-21.

Carmelo — 1) Cadeia de montanhas ligada à região central ocidental da Palestina e terminando na costa mediterrânea, nas proximidades do Kison. Local agradável, era preferido pelo profeta Elias nos seus retiros (4 Rs 2, 25) e foi no cimo de um dos seus montes que foi decidida a disputa entre os profetas de Deus e os de Baal (3 Rs 18, 20-40). A beleza do local serviu poeticamente como termo de comparação com os encantos da mulher amada. *Cânt* 7, 5.

2) Uma cidade na região montanhosa de Judá onde Nabal apascentava suas ovelhas. *Jos* 15, 55; 1 Rs 25, 2

Carnaim — Cidade referida em *Gên* 14, 5 como “Ashteroth-Kanaim” atacada por Codorlaomor.

Carmo — Um cristão discípulo de S. Paulo, que residia em Trôade, onde o apóstolo deixou alguns livros e pergaminhos. 2 *Tem* 4, 13.

Caspim — Cidade da Judéia cujos habitantes se revoltaram contra os de Jerusalém e onde Judas Macabeu praticou uma mortandade tão grande que o tanque da cidade tingiu-se com o sangue. 2 *Mac* 12.

Castor — Fêz-se famoso no sítio de Jerusalém, estando de guarda na segunda torre onde, não podendo defender-se mais, fingiu querer falar a Tito, ou a Enéias. Este Enéias era um judeu, que se tinha refugiado no campo dos romanos. Logo que Enéias se aproximou da muralha, fêz Castor rolar sobre êle uma pedra grande. Enéias

evitou-a, porém um soldado, que o acompanhava, ficou ferido. Então mandou Tito reduplicar as máquinas contra a torre. Castor deitou-lhe fogo e, lançando-se entre as chamas, morreu. *Fl. Jos.*

Catulo — Governador da Lídia, mandou matar muitos judeus, que se tinham deixado enganar, para se rebelarem depois da ruína de Jerusalém. Apoderou-se de todos os seus bens, porém teve tão grandes remorsos, que foi acometido de uma doença, da qual foi inteiramente consumido, como se tivesse sido queimado. *Fl. Jos.*

Cadar — Foi um filho de Ismael. Edificou uma cidade à qual pôs o seu nome, na Arábia Pétreá, onde estão o monte Sinai e o monte Horeb. Esta parte da Arábia é também algumas vezes chamada *Cedar*. *Gên 25, 13.*

Cedron — Um vale por onde corriam torrentes de água, na estação chuvosa, entre Jerusalém e o Monte das Oliveiras. *Jo 18, 1.*

Cenáculo — Nome do lugar, onde se ajuntaram os Apóstolos depois da Ascensão, e onde receberam o Espírito Santo. *At 1, 13.*

Cêncriis — Pôrto de mar na cidade de Corinto, onde S. Paulo mandou cortar os seus cabelos, em cumprimento de uma promessa, que tinha feito. *At 18, 18.*

Cendebeu — General das tropas de Antíoco, filho de Demétrio, que veio por ordem de seu amo arrasar a Judéia. Judas e João, filho de Simão, Sumo Sacerdote deram-

lhe batalha. Judas foi nela ferido, porém João ganhou a batalha e oprimiu de tal sorte a Cendebeu, que não se atreveu mais este general a entrar na Judéia. 1 *Mac caps* 15-16.

Centurião — Oficial do exército romano, que comandava cem homens. *At* 21, 32; 22, 26.

Cefas — Ver *Pedro*.

Cervo — Veado, também traduzido como Corça, no Sl 4, 1, quando Davi, no auge da tristeza exclamou: — Como o cervo brama pelas correntes das águas, assim a minha alma suspira por ti, ó Deus.

César — Nome dado aos imperadores romanos. Os mencionados na Escritura, no Novo Testamento são:

1) Augusto César, que anteriormente fôra companheiro de Marco Aurélio e Lépido, formando com eles o Segundo Triunvirato ficando sozinho depois, com o título de Imperador. E' mencionado em *Lc* 2, 1 ao ser referida pelo Evangelista a ordem do recenseamento geral.

2) Tibério César, foi o segundo que as Escrituras mencionam, quando foi suscitada a questão do tributo (*Mt* 22, 15-22) e no seu tempo a Judéia foi governada por Valério Grato e Pôncio Pilatos.

3) Cláudio, sobrinho de Tibério, que banuiu os judeus de Roma (*At* 18, 2) e prestigiou Herodes Agripa I.

4) Nero, o monstro da crueldade, o incendiário, que após cometer tôda a série de atrocidades, tentou o suicídio, mas faltando-lhe a coragem, pediu a um dos seus serviçais para completar o ato. E' registrado pelos escriptores sagrados em *At* 25, 12; 21; 26, 32; *Fil* 4, 22.

5) Tito, que foi o 5.^o César, não é referido na Bíblia Sagrada, mas o é por Josefo na *Guerra dos Judeus*. Foi o destruidor de Jerusalém no ano 70, tornando-se Imperador em 79 A. D.

Cesaréia — 1) Cidade situada na costa da Palestina, construida por Herodes o Grande no local em que se achava a celebre Torre de Estratão, onde morreu Herodes Agripa (*At* 12, 19-23). Paulo visitou-a duas vêzes (*At* 18, 22; 21, 2).

2) Cesaréia de Filipe, nas fraldas do Monte Hermon, assim chamada porque foi beneficiada pelo tetrarca Filipe, no reinado de Tibério César, ficando seu nome como uma dupla homenagem a êsses dois. Seu nome primitivo era Panéias (em honra ao deus Pan). E' mencionada em *Mt* 16, 13 e *Mc* 8, 27.

Cabri e Carmi — Sacerdotes, acharam-se no sítio de Betúlia. A êles se queixou Judite de prometer Ozias render a cidade, se não fosse socorrida em cinco dias.

Cam — Segundo filho de Noé. Tendo visto um dia seu pai dormindo em uma posição inconveniente, zombou dêle, mostrando-o a seus irmãos. Porém êstes o repreenderam, e cobriram a seu pai com uma capa. E sendo

Noé informado de tudo, quando acordou, abençoou a seus filhos, e amaldiçoou a Canaan, filho de Cam. *Gên* 9, 20-27.

Chipre — Ilha das mais consideráveis do Mediterrâneo. Lá foi pregar o Evangelho S. Paulo no quarto ano do reinado de Claudio Imperador. *At* 13, 4.

Cipron — Castelo magnífico, que mandou edificar Herodes junto a Jericó. *Fl. Jos.*

Cirene — Cidade da Líbia Pentapolitana, lugar do nascimento, ou da origem de Simão Cireneu, a quem obrigaram, vindo da sua quinta, a ajudar a Jesus Cristo a levar a Cruz para o Calvário. *Mat* 27, 32.

Codorlaomor ou *Basilônios* — *Gên* 14, 1-16. Ver *Elam*.

Cléofas — Ver *Alfeu*.

Colossenses — Habitantes de Colossos. *Epístola aos Colossenses*, dirigida por S. Paulo, da prisão, aos cristãos dessa cidade. Tem 4 caps.

Colossos — Cidade da Frígia na Ásia Menor, em cuja igreja ministravam Arquipo, Epafra, Filêmon e Onésimo.

Coré, Datan e Abiron — Da tribo de Levi, invejosos da honra do Sacerdócio, foram castigados com o fogo do céu, por quererem exercitá-lo, sem serem para êle chamados. Vid. *Aarão*.

Coríntio — Habitante de Corinto. *Epístolas aos Coríntios*, em número de duas escritas por S. Paulo.

Corinto — Cidade grega onde floresceu uma grande comunidade cristã, visitada por S. Paulo. *At* 18, 1-18.

Cornélio — Centurião que honrava e vencrava o Deus verdadeiro. Um dia em que estava orando, apareceu-lhe um Anjo e disse-lhe que mandasse buscar a Simão Pedro, que morava junto ao mar. Pedro da sua parte avisado por uma visão celeste procurou a Cornélio e o batizou. A casa, que Cornélio tinha em Cesaréia, veio depois a ser uma Igreja. *At cap.* 10.

Corozaim — Cidade da tribo de Manassés. Foi de tal sorte insensível às maravilhas do Evangelho, que disse Jesus Cristo, ser digna de um castigo mais severo do que aquê-le que experimentaram as cidades de Tiro e de Sidon. *Mt* 11, 21. *Lc* 10, 13.

Costobaro — 1) Descendente de uma das mais ilustres casas da Iduméia; casou com Salomé, irmã de Herodes. Porém esta mulher foi causa da sua morte porque o denunciou a seu irmão, dizendo que êle se tinha unido com Antípatro para o envenenarem. E Herodes, acreditando, mandou matá-lo. *Fl. Jos.*

2) Houve outro Costobaro, irmão de um certo homem chamado *Saul*, ambos Sacrificadores, os quais vendo que não podiam fazer entrar os judeus nas suas obrigações, saíram da cidade e foram-se para onde estava Agripa.

Cozbi — Filha de Sur, ou Suri, príncipe dos Madianitas, tendo ido com outras mulheres ao Campo dos hebreus, corrompeu a Zambri. Porém foi morta juntamente com êle pela mão de Finés. *Num* 25, 15.

Crasso — Associado ao Triunvirato com Julio César, e com Pompeu, estando já próximos a saquear o Templo, Eleazar principal sacrificador, para livrar o Templo do saque, lhes fêz presente de uma viga de ouro, a qual servia para expor públicamente uma peça de tapeçaria preciosa. Crasso, apesar do seu juramento que tinha viga, tudo o que achou melhor. *Fl Jos.*

Cusprio Fado — Governador da Judéia, comportou-se muito bem no seu lugar. Libertou a Judéia de ladriões. Sabendo que um certo homem chamado Teudas, se fazia profeta, e levava consigo o povo, o mandou prender por alguns soldados de cavalos, os quais espalharam a multidão, e Teudas foi degolado. *Fl Jos.*

D

Dagon — Ídolo dos Filisteus. Quando êstes povos tomaram a Arca do Senhor e a puseram no Templo dêsse deus, acharam no dia seguinte deitado por terra o deus diante da Arca. Tornaram a pôr o ídolo no seu lugar; porque julgaram que teria caído por acaso. No dia seguinte acharam o ídolo, não sòmente caído, mas ainda a cabeça e os braços quebrados e separados do tronco.

Dalila — Uma das mais formosas mulheres do vale de Sorrec, na terra dos Filisteus. Sansão se inclinou por ela, e a amou de tal sorte, que teve a complacência de lhe declarar em que consistia a sua força. Adquirida com presentes esta mulher pelos Filisteus, cortou-lhe os ca- *Jz* 16, 10.

Dalmanuta — Comarca da Judéia onde os fariseus pediram a Jesus Cristo, que lhes mostrasse algum prodígio no Céu. Porém respondeu-lhe o Senhor que êles não teriam outro sinal, senão aquele do Profeta Jonas, e os deixou. *Mc* 8, 10; *Mt* 16, 1.

Damaris — Senhora de distinção da cidade de Atenas, converteu-se à Religião Cristã, tocada pelas pregações de S. Paulo. *At* 17, 34.

Damasco — Capital da Síria.

Damná — 1) Cidade nas montanhas da tribo de Judá.

2) Houve outra na tribo de Zabulon, a qual foi dada aos Levitas da família de Merari.

Dan — Quarto filho de Jacó, e o primeiro que teve Bala, uma das mulheres dêste Patriarca. A sua tribo saiu do Egito no número de sessenta e dois mil e setecentos homens, capazes de trazerem armas, sem falar das mulheres, dos rapazes e dos velhos. *Gên* 36, 6; *Núm* 1, 39.

Daniel — Da tribo de Judá, da geração de Davi, e primo do rei Joaquim. Sendo ainda menino, foi levado em cativeiro para Babilônia com Ananias, Misael, e Azarias. Ordenou Nabucodonosor que tivessem particular cuidado daqueles meninos, e que os alimentassem com as mesmas iguarias da sua mesa. Porém êles as rejeitaram, e pediram a Assenez, encarregado do seu sustento que lhes não desse outra coisa mais do que legumes. Êste não queria consentir nisso, com medo de que o rei os achasse mais magros, e o repreendesse. Contudo consentiu que se fizesse a experiência por espaço de dez dias, no fim dos quais ficou admirado de os achar em melhor estado, do que aqueles que se sustentavam das iguarias de que o Rei se servia.

Concedeu Deus então a Daniel o dom da Profecia, e o de interpretar os sonhos e as visões. Êle, na idade de doze anos, livrou a Susana da injusta morte, a que a ti-

nham condenado Acab e Sedecias, Juizes do Poyo. Vide *Susana*. Algum tempo depois, tendo Nabucodonosor um sonho, ordenou aos Mágicos que lho adivinhassem, e lhe dessem a explicação. E como elles o não podiam fazer, queria que todos morressem. Achando-se pois Daniel e os seus companheiros comprehendidos na mesma ordem, foi pedir ao rei que lhe concedesse algum tempo para lhe dar a explicação do que desejava. Passou Daniel todo êsse tempo em orações; depois foi levado ao rei e referindo-lhe êste o sonho, lhe deu a interpretação. À vista do que, logo aquelle Príncipe fez a Daniel Sátrapa de todo o Reino, e Chefe de todos os Magistrados. Mas ainda que elevado a um tão alto ponto de honra, nem por isso mudou os seus costumes e sempre foi fiel a Deus.

Nabucodonosor teve ainda outro sonho, que Daniel lhe explicou. Elle não foi menos estimado de Evilmerodac, successor de Nabucodonosor. Descobriu a êste Príncipe os enganos e trapças dos Sacerdotes de Bel. Êstes Sacerdotes, para que El-Rei crêsse que o seu deus era vivente, iam de noite por uma porta oculta debaixo do Altar roubar as carnes oferecidas ao ídolo. Mandou pois Daniel cobrir de cinza todo o pavimento do templo, e selar as portas com o sinete do Rei. E fazendo-as abrir no dia seguinte mostrou as pegadas assinaladas na cinza. Irritado então o Rei por aquelle embuste, mandou matar todos os Sacerdotes. E Daniel fêz também matar o Dragão, que os Babilônios, e o mesmo Rei adoravam como uma Divindade. Mas o povo amotinado por esta ação, clamou que lhe entregasse a Daniel para o lançarem em uma cova, onde estavam sete,

furiosos leões, aos quais sustentavam de carne humana. Porém estes animais não tocaram em Daniel no espaço de seis dias, que lá esteve. O Profeta Habacuc lhe levou de comer, conduzido por um Anjo, Evilmerodac que não pôde resistir ao furor do povo, foi no fim dos seis dias à caverna para chorar a morte de Daniel; e ficando atônito, quando o viu incólume, mandou que o tirassem prontamente daquela cova.

Daniel prognosticou a Baltazar, sucessor de Evilmerodac, que seria degolado: o que succedeu na mesma noite. E Dario, que se tinha apoderado do reino, honrou muito a Daniel. Porém os Grandes da Côrte, invejosos do seu prestígio, obrigaram o Rei a que lho entregassem, debaixo do pretexto de que êle não quisera adorá-lo. Daniel foi segunda vez exposto na cova dos leões. E no dia seguinte indo Dario ver Daniel, a quem tinha já por morto, êste respondeu à sua voz. Então o Rei transportado de alegria, mandou tirá-lo da cova, e arrojá-la nela os seus acusadores, que foram logo devorados. Dario morreu pouco tempo depois, e Daniel ainda alcançou tanto a boa amizade de Ciro, sucessor de Dario, que dele obteve a liberdade dos Judeus. Teve muitas visões, entre as quais aquela, em que viu uns monstros e um carneiro com muitos cornos: o que deu causa a profetizar as mudanças, que succederam nos Impérios depois dêle.

Dario — Filho de Assuero, reinou em Babilônia depois da morte de Baltazar. Vide *Daniel*.

Datan — Vide *Coré*, *Datan*, *Abiron*.

Dateman — Fortaleza de Galaad. Foi sitiada por Timóteo: porém o valoroso Judas Macabeu lhe fez levantar o sítio com perda de oito mil homens. 1 Mc 5, 9.

Davi — Chamado comumente o Profeta Rei, era filho de Jessé, ou Isai, da cidade de Belém na tribo de Judá. Tendo quase quinze anos de idade, foi sagrado Rei de Israel pelo Profeta Samuel, em lugar de Saul, a quem tinha Deus rejeitado por causa da sua desobediência. Depois tornou a guardar os rebanhos de seu pai: matou um leão e um urso. Tendo o espírito maligno tomado posse de Saul, fizeram vir a Davi para a Corte a fim de suavizar com a harmonia da sua harpa (a qual tocava perfeitamente) a dor, e os tormentos do Rei. Vendo Saul a Davi, foi logo muito seu amigo, e lhe deu um lugar entre as suas guardas. Algum tempo depois tornou Davi para casa de seu pai, onde esteve ainda cinco anos no mesmo exercício de guardar os rebanhos. Neste tempo acendeu-se a guerra entre os Israelitas, e os Filisteus. Entre estes últimos achou-se um gigante de dez pés de altura, o qual todos os dias desafiava aos mais valentes dos Israelitas. Durou isto quarenta dias, no fim dos quais Davi, indo um dia ao campo levar a seus irmãos o provimento, ouviu as blasfêmias que este gigante pronunciava contra Deus. E, indignado da insolência dêsse Filisteu, chamado Golias, pediu que o deixassem ir combater com o dito gigante. Fizeram seus irmãos tudo o que puderam para o impedir; porém Davi continuou, e foi apresentado a Saul, que prometera uma de suas filhas em matrimônio a quem vencesse aquêlê guerreiro.

Saul admirado da audácia dêsse mancebo, mandou contudo armá-lo para o que pudesse acontecer. Davi, depois de ter dado alguns passos, disse que não podia andar com o grande pêso das armas. Tiraram-lhas; e tendo escolhido cinco pedras para a sua funda, caminhou direito para o inimigo. Golias, vendo-o chegar, fez zombaria dele, e o ameaçou dizendo que faria servir a sua carne de alimento aos cães, e às aves do ar. Porém Davi, sem assustar-se, arrojou com a sua funda uma pedra diretamente à testa do Filisteu; e caindo êle em terra, correu logo Davi apressadamente, e lhe cortou a cabeça com a sua própria espada.

Contudo, essa ação notável, em lugar de lhe ser vantajosa, foi-lhe funesta; porque as Israelitas, contentes com o merecimento do mancebo Davi, iam cantando diante dêle: *Saul matou mil: e Davi matou dez mil.* Donde resultou ao invejoso Saul, da glória de Davi, não o ver mais com bons olhos. Antes resolvido a dar-lhe a morte, o fez tribuno de mil homens, com os quais o mandou ir contra os Filisteus, esperando que em qualquer combate perderia a vida; porém Davi veio sempre vitorioso. Vendo-se pois obrigado Saul a dar-lhe para espôsa sua filha, que até então lhe negara, lhe ordenou, que voltasse outra vez ao inimigo e lhe trouvesse cem sinais evidentes d'outros tantos Filisteus que matasse. Davi executou a ordem, e casou com Micol, filha mais moça do rei, o qual vendo que o seu valor tinha livrado Davi de tôdas as ocasiões perigosas, determinou matá-lo êle mesmo com uma lança quando estivesse tocando harpa diante dêle: porém Davi evitou o golpe.

Algun tempo depois mandou Saul que fôsem alguns arqueiros a sua casa para o matarem, porém Micol, sua mulher, o livrou, fazendo-o descer por uma janela. Davi desde então não tornou mais à Côrte. E seguindo dos amigos que a êle se uniram em número de quatrocentos, retirou-se para os desertos de Ziph, e de Zeila, e para a caverna de Engadi. Nestes lugares poupou Davi duas vêzes a Saul, contentando-se em uma de lhe cortar a ponta de sua opa, e em outra de tomar a taça, e a lança, que estava na cabeceira da sua cama, enquanto dormia. Depois foi ter com Aquis, Rei de Get, o qual lhe deu para sua habitação a cidade de Sicelegue. Alguns tempos depois Saul foi morto em um combate com os seus três filhos juntamente. E a um amalequita que escapou da derrota e lhe foi levar a notícia de ser êle o que tinha morto a Saul, ordenou logo Davi que o matassem, por ter o atrevimento de pôr a mão no Ungido do Senhor. Depois foi Davi a Hebron para fazer sagrar segunda vez Rei, porém foi somente reconhecido pela tribo de Judá. As outras onze sujeitaram-se a Isboset filho de Saul e durou sete anos a guerra entre Davi e Isboset. No fim de tal tempo, presumindo Baana e Recab fazer um grande merecimento para com Davi, cortaram a cabeça a Isboset, enquanto dormia e lha ofereceram. Porém êle os mandou logo matar, por serem pérfidos e traidores. As onze tribos não fizeram então mais difficuldade em se sujeitar a Davi, o qual, logo que foi reconhecido, fez-se sagrar terceira vez, com o que chegou a ser sumamente poderoso. E com effeito, seria de todos os reis o mais feliz, sem o adultério que cometeu com Betsabé e a morte de Urias seu marido, o que lhe atraiu males infinitos, de

que os principais foram a violência de sua filha Tamar por seu irmão Amnon, a morte de Amnon dois anos depois e a rebeldia de Absalão. Afinal, havendo mandado fazer um censo de seus vasalos, castigou-o Deus com a peste, da qual morreram em três dias sessenta mil pessoas. Porém fez êste penitência tão severa dos seus pecados, que Deus lhos perdoou. Morreu na idade de setenta e um anos. Êle compôs os Salmos, que todos os dias cantamos. Sua história se acha nos livros dos *Reis* e *Paralipomenos*.

Débora — 1) Profetiza, que governou o Povo juntamente com Barac. Ordenou que fôsem os judeus da parte de Deus combater com Jabin, Rei dos Cananeus, cujo exército foi todo derrotado. Débora entoou um Cântico em ação de graças. Julgou o Povo por espaço de quarenta anos. *Jz* 4, 4-14.

2) A ama de Rebeca. *Gên* 35, 8.

Demas — Depois de ter juntamente com S. Pedro confessado, e também sofrido por amor de Jesus Cristo, apostatou, deixando-se arrastar pelo amor do século, para onde tornou. *2 Tim* 4, 9.

Demétrio — 1) Rei da Síria, mandou a Báquides, que fôsse destruir a Judéia. Vide *Judas Macabeu*.

2) Um ourives, o qual suscitou uma sedição em Éfeso contra S. Paulo e contra os novos Cristãos. *At* 19, 24.

3) Outro por sobrenome Eucero, Rei da Síria, deu um banquete a todos os seus cortezãos, em lugar elevado para que vissem crucificar e degolar oitocentos judeus, que tinha feito prisioneiros.

Derbe — Cidade de Licaônia, para onde se retiraram S. Paulo, e S. Barnabé quando foram obrigados a sair da Jônia. *At* 20, 4. 26.

Deuteronômio — Último livro do Pentatêuco, com 34 caps. Significa “repetição da lei” e foi assim designado na Versão grega dos LXX, ou Septuaginta.

Deserto — Planícies incultas onde residiram os Israelitas por espaço de quarenta anos debaixo de barracas, tendo à sua frente a Moisés e Aarão.

Dídimo — Vide *Tomé*.

Dilúvio — Vide *Noé*.

Dina — Filha de Jacó e de Lia. Um dia, em que sua curiosidade a induziu a ir ver as mulheres do país, Siquém, filho de Hemor, rei da cidade a roubou. Depois pediu-a a Jacó em casamento. Todos os irmãos de Dina deram para isso o seu consentimento, exceto Simeão e Levi, que aparentaram consentir depois que todos os siquemitas abraçassem o Judaísmo. Porém depois, no terceiro dia, entraram na cidade, e com crueldade extrema, mataram todos os homens e meninos, exceto as meninas e as mulheres. Fizeram nela um grande despôjo e reconduziram sua irmã Dina. *Gên* 34, 18-31.

Diotrefes — Homem soberbo, cruel e ambicioso, o qual punha toda a sua glória em mostrar a grande autoridade que tinha na igreja de Derbe. Não queria que se exercitasse a hospitalidade para com os fiéis estrangeiros, e expulsava da Igreja todos aqueles que o faziam. S. João, contra quem se atrevia a proferir calúnias, queixa-se da sua maldade na epístola que escreveu a Gaio.
3 Jo v. 9.

Doeg — Um sírio que guardava as mulas de Saul, ao qual foi contar o auxílio que o sacerdote Aquimelec prestou a Davi, dando-lhe a espada de Golias e os pães da proposição. 1 Rs 2, 7.

Dorcas — Uma senhora que foi ressuscitada por S. Pedro, também chamada *Tabita*. At 9, 16.

Dotaim — Cidade de Judá, onde os irmãos de José o lançaram na cisterna. Gên 37, 17.

E

Ebal — 1) Um filho de Sobal, descendente de Seir. *Gên* 36, 23.

2) Monte onde o Senhor ordenou fôsem levantadas as pedras comemorativas da entrada do povo de Israel em Canaau, logo após a travessia do Jordão e onde subiram os representantes das tribos de Ruben, Gab, Aser, Zebulon, Dan e Neftali, para proferirem maldições enquanto os das outras seis tribos deviam estar sob o monte Gerizim, separado por um vale do Ebal, para abandonarem o povo. *Dt* 27, 1-26. Ver *Gerizim*.

Ebed — 1) Pai de Gaab. *Jz* 9, 28-30.

2) Filho de Jônatas, que voltou com Esdras e mais cinqüenta, da Babilônia. *Esdr* 8, 6.

Ebedmelec — Ver *Abdemelec*.

Ebenezer — Uma pedra comemorativa, levantada por Samuel entre Mispa e Sen, pronunciando as memoráveis palavras. “Até o que nos tem socorrido o Senhor”. (1 Rs 7, 12). Cêrca de vinte anos antes, no mesmo local, após duas tremendas derrotas infligidas pelos filisteus aos israelitas, foi tomada a Arca que tinha sido trazida de Si-

lo, ocasião em que foram mortos Hofni e Finéias, filhos de Eli. 1 Rs 4, 1-11.

Ecbátana — Cidade da Média onde, em certa época do ano, vinham residir os reis persas, chamada também Achmeta. *Esdr* 6, 2.

Effetá — Quer dizer *Abri-vos*. Jesus Cristo serviu-se desta palavra, para curar a um surdo e usa dela a Igreja na administração do Sacramento do Batismo. *Mc* 7, 34.

Éfode — Era uma espécie de vestido curto, no qual se punha o Racional, em que estavam as doze pedras preciosas, e os doze nomes das tribos, sôbre o peito do Sumo Sacerdote.

Efra — Cidade onde nasceu Gedeão, e onde êste valente homem derrotou os quatro reis Madianitas, e onde Abimelec filho natural de Gedeão matou com crueldade os seus setanta irmãos. *Jz* 6, 8. 9. — *Fl. Jos.*

Efraim — Segundo filho de José. Foi chefe de uma das doze tribos de Israel por ser segundo filho e porque Jacó seu avô, dando-lhe a sua bênção, o preferiu ao mais velho, pondo-lhe a mão direita na cabeça. *Gên* 48, 14.

Efrata ou *Belém* — Cidade na tribo de Judá, célebre pelo nascimento de Benjamim, pela morte de Raquel, e pelo nascimento do Salvador. *Gên* 48, 7. *Mat* 2, 6.

Efrém ou *Efraím* — Cidade na tribo de Efraím. Jesus Cristo retirou-se com os seus discípulos para os subúrbios

desta cidade, para não cair nas mãos dos Judeus. *Jo* 11, 54.

Efron — 1) Filho de Zoar, da cidade de Het na terra dos Cananeus, vendeu a Abraão o campo das cavernas dobradas, em que foram enterrados os primeiros Patriarcas. *Gên* 23, 8-20.

2) Cidade na tribo de Efraim, muito perto da caverna dobrada. *Jos* 15, 9.

3) Cidade pouco distante do Jordão na tribo de Manassés. E' célebre pela grande mortandade, que nela fez Judas Macabeu nos seus habitantes, por não quere-rem dar-lhe passagem. *1 Mc* 4, 46; 2, 12-27.

Egito — O país mencionado na Bíblia em conexão com a historia dos hebreus e de várias outras nações antigas, situado no norte da Africa, e banhado pelo rio Nilo. Ali floresceu uma das mais antigas civilizações do mundo. E' chamado na Escritura, primeiramente de País de Misráim por se acreditar que seu povo descendia dêsse filho de Cam. *Gên* 10, 6. E' a terra dos Faraós e das Pirâmides, onde o povo israelita viveu em cativo e saiu conduzido por Moisés e Aarão, para a terra de Canaan. Egípcios e Israelitas sempre tiveram ligadas suas histórias, ora como aliados, ora como inimigos.

Éden ou o *Paraíso terrestre*, lugar onde se acharam colocados o Pai e a Mãe do Gênero humano, e donde foram expulsos por terem transgredido a proibição do Criador. Julga-se, que estava situado na Mesopotâmia. Uma

fonte que estava naquele sítio, dividia-se em quatro ramos, origem dos quatro rios, dos quais era o primeiro o Fison, o segundo o Geon, o terceiro o Tigre, o quarto o Eufrates. *Gen* 2.

Eder — Uma torre onde Jacó armou sua tenda. *Gên* 35, 21.

Edom — Ver *Esau*.

Edraí — Cidade de Basan, capital do reino. *Jos* 19, 37.

Edrainasor — Cidade da tribo de Neftali.

Eglá — Uma das espôsas de Davi. 2 *Rs* 3, 5. 1 *Par* 3, 3.

Eglon — Rei dos Moabitas. Teve por espaço de oito anos os judeus em escravidão. Vide *Aod*.

Elad e *Eser* — Ambos filhos de Sutala, tendo ido ocultamente para a cidade de Get, com intenção de a sobressaltar, foram descobertos pelos habitantes, que os degolaram. 1. *Par* 7, 2.

Elam — Filho de Sem, deu o seu nome àquela parte da Ásia, chamada *Eliméia*.

Elinéia — Por outro nome, a Pérsia, de onde saiu Codorlaomor, e outros reis poderosos, para destruir a Síria. Ló caiu nas suas mãos, porém Abraão o libertou. *Gên* 14, 1.

Elcana — Da tribo de Levi. Ana sua mulher era estéril, até que pelas suas orações obteve do Céu um filho, que foi chamado *Samuel*, e o consagrou ao Senhor. 1 *Rs* 1, 2.

Eldad — Um homem que de repente, recebeu o dom de profecia por não querer sair da sua barraca no tempo da sedição, que Coré, Datam, e Abiron excitaram contra Moisés. *Num* 11, 26.

Eleala — Cidade da tribo de Rúben.

Eleazar — 1) Um dos três homens valentes, que atravessaram o Campo dos inimigos para trazerem a Davi água da cisterna de Belém.

2) Outro que, prontos os israelitas para darem batalha aos filisteus, fugindo de repente assustados por causa do grande número que apareceu, e deixando por êste modo a Davi quase nas mãos dos inimigos, ficou sosinho com o rei contra êles, e fez uma tão grande mortandade, que o sangue, de que a sua espada estava tinta, fez com que esta se lhe pegasse às mãos. Esta façanha envergonhou os israelitas; os quais voltando sôbre os filisteus, e espalhando-os por causa da volta que fizeram sôbre êles, não tiveram outro trabalho mais, do que o de despojar aqueles que Eleazar tinha morto.
1 *Par* 12.

3) Outro da Família dos Macabeus morreu de baixo de um elefante; ao qual traspassou o ventre com um punhal, depois de abrir caminho por entre os inimigos.

4) Outro era um santo e veneravel ancião, o qual durante a perseguição de Antíoco Epífanes, apesar das

ameaças do Rei, e dos rogos de todos os seus amigos, quis antes morrer na idade de noventa anos, do que consentir em desprezar a Lei de Deus, comendo carne de porco, animal tido por imundo. 2 Mc 6, 18.

5) Um filho de Onias principal Sacerdote, succedeu no Supremo Sacerdócio a seu irmão Simão por sobrenome o *Justo*. Mandou a Ptolomeu Filadelfo setenta e dois interpretes, os quais fizeram a famosa Versão dos Setenta. Morreu depois de ter sido Sumo Pontífice por espaço de vinte e três anos. *Fl. Jos.*

6) Um mágico, o qual por meio de uma erva encerrada em um anel sarava os endemoninhados, pondo-lhes o dito anel debaixo do nariz. Mandava ao Demônio, que vazasse uma quarta cheia de água, e êste obedecia. *Fl. Jos.*

7) Outro era Capitão do exército de Simão, filho de Gioras. Foi encarregado de ir comandar a Guarnição do Castelo de Herodião, para que entregassem esta Fortaleza ao seu Soberano. Mas apenas tinha declarado o motivo de sua missão, lhe fecharam as portas, e desembainharam as espadas para o matarem: Porém êle fugiu e lançando-se de uma alta janela, morreu. *Fl. Jos.*

8) Um, que estando no Castelo de Maqueron, o defendeu vigorosíssimamente, depois do sítio de Jerusalém. E com efeito a praça, que defendia não seria tomada sem a desgraça que lhe succedeu. Estava êle parado ao pé das muralhas, quase para ameaçar os Roma-

nos, quando um egípcio, chamado *Rufos* pegou nêle com tôda a destreza e o levou para o Campo. O General por nome Basso depois de o fazer passar pelas varas, mandou levantar uma cruz, como se estivesse já para o crucificar, o que se não executou, porque os sitiados tinham concebido para com êle uma tão grande estima, que antes quizeram render a praça do que verem-no morrer. *Fl. Jos.*

9) O último, enfim, vendo a cidade de Masseda, reduzida a não ter algum socorro, persuadiu aos seus companheiros que se matassem êles mesmos antes de caírem nas mãos dos Romanos. *Fl. Jos.*

Electa — Foi uma das primeiras mulheres que se converteram a Jesus Cristo. E' aquella a quem o Apóstolo S. João escreveu a sua segunda Epístola.

Eli, Eli, lamma sabactani, quer dizer: *Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?* Palavras pronunciadas por N. S. Jesus Cristo na cruz. *Mt 26, 47.*

Eliab — 1) Filho de Jesse e irmão de Davi, estando na guerra dos Filisteus quando o gigante Golias insultou o exército de Saul, repreendeu a seu irmão Davi, e o acusou de temeridade, por dizer, que havia de combater com o gigante. *1 Rs 16, 6-17.*

2) Houve outro dêste nome pai de *Datan*, e de *Abiron*, os quais foram submergidos vivos, por se terem rebelado contra Deus. Êle foi o terceiro que ofereceu a sua oferta no Tabernáculo.

3) Também houve outro da tribo de Levi, filho de Elcana, e pai de Jeroboão.

4) Outro dêste nome foi o terceiro dos homens valentes, que se uniram com Davi, quando êste fugia da perseguição de Saul. Prestou a Davi em tôdas as guerras serviços consideráveis.

Eliaquim — 1) Sacerdote. Voltou de Babilônia com Zorobabel. O seu officio era tocar harpa diante da Arca. 2 *Esd.* 12, 40.

2) O segundo era filho de Quelcias, Intendente da casa do rei Ezequias. No tempo do sítio de Jerusalém por Senaquerib, foi enviado para ir falar a êste Príncipe sobre os ajustes da paz. Porém Rabsacés, general do exército inimigo só deu em resposta blasfêmias horrosas, as quais proferia em hebraico, afim de as entender o povo. Eliaquim lhe pediu que falasse siríaco, porém êle nunca o quis fazer: de modo que Eliaquim apartou-se dele muito descontente da sua conferência. E Deus para recompensar a virtude de Eliaquim, o fez Supremo Sacerdote. Pretendem alguns, que êle foi o que comandou os judeus no sítio de Betúlia por Holofernes.

3) O terceiro, por sobrenome *Joaquim*, foi rei de Judá. Êste príncipe nunca se soube conservar com Faraó Necau rei do Egito, e Nabucodonosor rei de Babilônia. Êle perseguiu o profeta Jeremias, e a Baruc zombando das suas profecias, as quais foram cumpridas ao pé da letra. Entre outras, aquella que o tinha ameaçado de morrer miseravelmente por ordem de Nabucodonosor, o qual não desconfiou dêle, e por isso lhe en-

tregou a cidade de Jerusalém, sôbre a promessa que o mesmo príncipe lhe fêz, de que lhe não faria algum mal. Porém succedeu-lhe pelo contrário, porque o mandou matar, e lançar o seu corpo no monturo. E estabelecendo a Joaquim, ou *Jeconias* seu filho no seu lugar, trouxe três mil judeus, dos mais distintos, cativos para Babilônia; entre os quais se achavam Daniel, Ananias, Misael, e Azarias.

Eliacim — Nome dado a Joás, para o salvarem dos furores de Atália.

Elias — Foi um grande Profeta, que viveu no tempo de Acab Rei de Israel. Êste Príncipe ímpio, por uma fraca placência para com Jezabel sua mulher, tinha abandonado o culto do verdadeiro Deus, para oferecer incenso ao ídolo de Baal. E não podendo Elias retirá-lo das suas abominações, o castigou Deus com uma secura de três anos, que oprimiu a Judéia. Depois retirou-se Elias para a torrente de Carite, que fica ao pé do Jordão, onde um corvo lhe trazia por ordem de Deus pão e carne, pela manhã, e à noite.

A secura fez enfim esgotar a mesma torrente: e Deus mandou a Elias que fosse a Sarepta para a casa de uma viuva, a qual achou ocupada em apanhar lenha, e a juntá-la para cozer o pouco que lhe restava de farinha e azeite. Pediu-lhe Elias que lhe desse um pão, e uma taça de água; e sôbre a desculpa, que lhe deu, de não ter bastante para si mesma, certificou-lhe Elias, que a sua farinha, e o seu azeite não diminuiriam enquanto durasse a fome. Elias também ressuscitou o filho desta pobre mulher.

No fim dos três anos saiu Elias de Sarepta, e foi ter com Acab, a quem propôs que oferecesse um sacrifício a Deus enquanto os Profetas de Baal oferecessem outro ao ídolo, a fim de que vissem. e respeitassem por verdadeiro Deus aquele que mostrasse o Sacrifício, que lhe seria agradável. O rei, e o Povo convieram na proposta: e o Sacrifício de Elias foi tão grato a Deus, que o fogo que do Céu descen, *consumiu*, até as pedras, e a água que estava ao redor do Altar. Confessou então o povo que o verdadeiro Deus era o Deus de Elias, e degolou por ordem do Profeta os quatrocentos e cinquenta sacerdotes de Baal.

Elias foi depois para a montanha de Horeb; e nesta jornada caminhou por espaço de quarenta dias, e quarenta noites, sem ter tomado outro alimento mais do que um pão cozido debaixo da cinza, que um Anjo lhe trouxe com um copo de água, enquanto dormia ao pé de um zimbro. Prognosticou a Acab, que os cães lamberriam o seu sangue no campo de Nabot, o qual tinha injustamente usurpado com a morte dêsse inocente. Ele fez com as suas orações cair fogo do Céu sôbre dois capitães, que vinham na frente de cinquenta homens para o prenderem por ordem de Ocozias, filho de Acab. Mas o terceiro que veio depois, não experimentou a mesma sorte que os outros dois; porque êste aplacou o profeta com os seus rogos, e com a sua humildade. E além disto, êste terceiro official (que se chamava Abdias) tinha alimentado cem Profetas do Senhor dentro de cavernas, para os salvar do furor de Jezabel, mulher de Acab.

Falou o Senhor a Elias na mesma caverna, onde falara em outro tempo a Moisés: e lhe ordenou que fosse

escolher a Eliseu para Profeta em seu lugar, e sagrar a Jeú para ser Rei de Israel, e Azael para ser Rei de Damasco. E depois que executou as ordens de Deus, passou o Jordão a pé enxuto, e foi arrebatado ao Céu em um carro levado por dois cavalos de fogo na presença de Eliseu a quem deixou a sua capa, em penhor do dom da profecia, e dos milagres. Jorão, Rei de Judá recebeu, passados nove anos depois dêsse raptó, uma carta dêsse Profeta, na qual o reprendia das suas impiedades. 3 Rs 17-22; 4 Rs 1-2.

Eliezer — 1) Criado de Abraão. Foi o que, carregado de joias e de peças preciosas, procurou na Mesopotâmia a Rebeca, para ser espôsa de Isaac. *Gên* 24-1-67.¹

2) Um profeta, que prognosticou a Josafá Rei de Judá o naufrágio de muitos navios, que tinha unido aos do ímpio Ocozias, rei de Israel.

3) Outro era parente de Jesus Cristo. *Mt* 1, 15.

Eliseu — Filho de Safar, da Cidade de Abelmeula, da tribo de Manassés além do Jordão, foi tirado do arado para ser elevado à dignidade de Profeta. Subindo Elias para o Céu, deixou-lhe a sua capa. Praticou Eliseu com a capa de Elias milagres em abundância, e maravilhosos, como o de fazer que as águas de Jericó fossem salutares, de más, e pestíferas que antes eram. Vide *Jericó*. Indo para Betel, a uns moços que fizeram zombaria dele, por ser calvo, amaldiçoou-os Eliseu: e logo saíram do bosque vizinho uns urços, que devoraram quarenta de entre eles. Multiplicou o azeite de uma pobre viuva, a qual

encheu muitos vasos, que pedira emprestados para ter com que pagar aos seus credores, e poder alimentar-se, e a seus filhos. Ressuscitou um menino morto, curou a Naaman da sua lepra, fez vir acima da água o ferro de um machado grande, e cegou alguns soldados da Síria, que vinham para o prender. 4 Rs 2-8.

Eliud — Filho de Aquim, e pai de Eliezer, avô de S. José, Espôso da Virgem Mãe do Salvador. *Mat* 1, 14. 15.

Elmadan — Filho de Her, parente de Jesus Cristo. *Luc* 3, 28.

Elmolac — Cidade da tribo de Aser. *Jos* 19, 26.

Elon — 1) Um juiz que julgou Israel dez anos. *Jz* 12, 11.

2) Duas cidades houve dêste nome, uma na tribo de Neftali, e outra na tribo de Dan. *Jos* 19, 33-43.

Eliolad — Cidade da tribo de Judá. *Jos* 15, 30.-16, 4.

Elimas de Pafo — Mágico. Empregou tôda a sua ciência para impedir a conversão do procônsul Paulo Sérgio. Por fim S. Paulo o privou da vista, e o proncônsul se fez cristão. Também Elimas se converteu, e recobrou a vista; porém logo apostatou, e veio a ser o mais cruel perseguidor de S. Paulo. *At.* 13, 8.

Encênia — Festa da Dedicção do Templo de Jerusalém, instituida por Judas Macabeu. *Jo* 10, 22.

Endor — Cidade da tribo de Manassés, onde morava célebre pitonisa, a qual evocou Samuel na presença de Saul. 1 Rs 28, 7.

Engadi — Cidade da tribo de Judá, ao pé da qual ficavam as cavernas em que se refugiou Davi, para evitar a perseguição de Saul. Seguindo-lhe êste um dia, entrou em uma das cavernas, na qual estava Davi, e sem o ver, parou. Davi, senhor então da pessoa do Rei, teve a generosidade de lhe não fazer outro mal senão o de cortar-lhe a extremidade de seu manto. 1 Rs 24, 1-22.

Enós — Filho de Set, e neto de Adão. Viveu novecentos e cinco anos. Gên 5, 11.

Epafras — Foi um digno companheiro dos trabalhos de S. Paulo. O Apóstolo o sagrou Bispo de Rodes, onde padeceu martírio. Col 2, 25.

Epafras — Macedônio, trouxe dinheiro a S. Paulo para o aliviar na sua prisão. Foi Bispo de Filipos. Flp 4, 18.

Éfeso — Cidade da Jônia na Ásia Menor.

Efésios — Epístola de São Paulo aos — dirigida aos fiéis da cidade de Éfeso.

Epifanes, Epífane, Epifano — Vide *Antíoco* Rei da Síria.

Epifania — 1) Cidade da Celesiria. Vide *Aman*.

2) Êste é também o nome da Festa dos Três Reis Magos que foram adorar a Jesus Cristo em Belém.

Chama-se esta festa a “Vocação dos Gentios” porque êstes Magos foram os primeiros pagãos, que reconheceram o Messias.

Erasto — Um dos setenta e dois Discípulos de Jesus Cristo. Foi Bispo, e Mártir em Filipos de Macedônia. *At* 19, 22. *Rom* 16. 23.

Eroge — Cidade na tribo de Judá, a qual foi quase submergida com um terremoto, que separou a montanha que lhe estava próxima, levando metade dela até a distância de quatro estádios, e cobriu de terra, e de pedras os jardins do rei Ozias. Vide *Ozias*.

Esaú — Filho de Isaac, e de Rebeca. O seu nascimento antecipou por um pouco de tempo o do seu irmão Jacó o qual o retinha pelo calcanhar quando nasceu. Era ruivo e cabeludo. Devido ao cozinhado vermelho que deu a Jacó, foi chamado Edom e daí vem o nome de *Iduméia*, local em que êle se estabeleceu, e o do Mar Vermelho. Chegou a ser grande caçador e vindo um dia da caça e não tendo comido desde a véspera, vendeu a seu irmão Jacó o seu Direito de Primogenitura por um prato de lentilhas.

Estando já Isaac adiantado em idade o mandou à caça, prometendo-lhe que quando voltasse lhe daria a sua Bênção. Jacó aproveitou-se da velhice de seu pai, que se achava cego, para lhe usurpar a Bênção. Matou Jacó por conselho de sua mãe dois cabritos e tendo-se coberto com as peles dêstes animais, foi com o nome de Esaú pedir ao Pai a sua Bênção, e a conseguiu. Isto,

sabido por Esaú, mataria então a Jacó, se este não se retirasse para a Mesopotâmia. Depois, voltando Jacó, Esaú saiu-lhe ao encontro na frente de quatrocentos homens; porém Jacó o apaziguou de tal sorte com as suas submissões, que Esaú se reconciliou sinceramente com êle. Esaú é o tronco da grande nação dos Idumeus, Gên 25-36.

Esdras — Neto do Sumo Pontífice Saraías, e autor de dois livros, que temos com o seu nome na Bíblia. O rei Artaxerxes Longímanso agradou-se muito de Esdras e lhe permitiu a recondução do Povo Judaico para Jerusalém, e para tornar a levantar os seus muros, e restabelecer nella a Polícia: o que tudo fez com bom sucesso. Chegando a Jerusalém, achou cento e treze Judeus casados com mulheres estrangeiras, e logo os mandou separar.

Esdras — Livro de — Livro histórico do V. T. que narra os eventos e fatos principais do tempo em que os judeus se encontravam no cativeiro nos reinados de Ciro, Cambises, Dario, Xerxes (Assuero no livro de Ester).

Esdrin — Cidade da Arábia, onde foram vencidos os generais Górgias e Timóteo e onde Dositeu perdeu um braço. 2 Mac 12, 36.

Estêvão (S.), o primeiro dos sete diáconos, era um homem cheio de zelo e de fé. Os judeus, invejosos da sua santidade, sublevaram o povo, com falsas testemunhas para depôr que havia blasfemado. Fez então Estêvão um belo e excelente discurso para provar aos judeus, que em todo o tempo tinham sido rebeldes ao Espírito de

Deus. Enquanto falava tornou-se-lhe o rosto tão brilhante, que parecia um Anjo. Porém, os judeus por êle censurados de haverem morto ao Messias, arremeteram-se a êle quando chamava que via abertos os céus, e a Jesus assentado à direita de Deus seu Pai, e o arrastaram fora da cidade, onde o apedrejaram. Enquanto durava o suplício, Estêvão de joelhos estava orando pelos seus algozes. S. Paulo consentiu na sua morte e guardou os vestidos daqueles que o apedrejaram. *At* 6, 7.

Ester — Da tribo de Benjamim. Mortos os seus pais, seu tio Mardoqueo a educou com tanto cuidado, que foi digna de ser Espôsa do maior príncipe do mundo, o grande Assuero, que uns julgam ser Dario filho de Histaspes, outros Artaxerxes Longímans, ambos reis da Pérsia. Avisada esta princesa da licença, que Aman alcançara para matar cruelmente todos os judeus em um dia assinalado, apesar das Leis que proibiam até a própria rainha ir ao gabinete do rei sem expressa permissão sua, foi ela falar com Assuero. E convidando-o para uma ceia, denunciou ali a Aman de todos os seus crimes pelos quais foi logo enforcado com sua mulher, e filhos. E substituiu Mardoqueo o seu emprego de primeiro ministro.

Etam — Cidade da tribo de Simeão. Havia nesta cidade uma rocha, para a qual Sansão se retirava, quando tinha feito algum dano aos filisteus. *Jz* 15, 8.

Eva — Nome dado por Adão à sua companheira, no Eden, que significa “mãe de todos os viventes”. *Gên* 3, 20.

Evangelista — E’ o nome dos primeiros escritores sagrados do N. T., que são os quatro que escreveram a vida de N. S. Jesus Cristo, a saber: Mateus, Marcos, Lucas e João.

Evangelho — Quer dizer *Boa nova*. Por esta palavra entende-se a Vida de Jesus Cristo, como é apresentada pelos Evangelistas.

Evi — Um dos primeiros príncipes madianitas, que morreram na guerra, que Moisés lhes declarou por terem feito cair os israelitas na idolatria. Finéias filho de Eleazar na frente de mil homens foi o chefe desta expedição. *Num 31, 8.*

Evilmerodac — Filho e sucessor de Nabucodonosor. Governou o reino este mancebo príncipe por espaço dos sete anos da demência de seu pai. Porém, Nabucodonosor, subindo outra vez ao trono, depois de recuperar o uso da razão, atalhou tôdas as empresas que seu filho tinha intentado com êle, tendo-o encerrado, em cujo tempo contraiu amizade com Jeconias, rei de Judá, a quem Nabucodonosor tinha também preso. Morto Nabucodonosor, subiu ao trono Evilmerodac, e teve a crueldade de privar o corpo de seu pai da sepultura, para o mandar fazer em quartos. Evilmerodac foi assassinado por Neglissar seu cunhado. *Fl. Jos.*

Eufrates — Quarto rio do paraíso terrestre. *Gên 2, 14.*

Euricles — Homem pérfido de Lacedemônia, o qual tendo adquirido a amizade de Herodes, e dos seus filhos, descobria a uns os segredos dos outros por dinheiro. Êle foi, por êste meio, a causa da morte de Alexandre e de Aristóbulo. *Fl. Jos.*

Eutico — Mancebo que tendo-se assentado em uma janela para ouvir a S. Paulo, que pregava em Trôades, adorme-

ceu, caiu e morreu. Porém S. Paulo o ressuscitou. *At* 20, 9.

Êxodo — Segundo livro do Pentatêuco de Moisés, onde se trata da saída do Egito, da passagem do mar Vermelho e dos mandamentos de Deus.

Ezequias — Décimo-segundo rei de Judá. Foi filho de Acaz e de Abia. Começou o seu reinado, mandando abater os ídolos para restabelecer por todo o seu reino o culto do verdadeiro Deus. Sustentou com muito ânimo o sítio que Senaquerib pôs a Jerusalém. Como Ezequias era perfeitamente pio, Deus lhe concedeu pela intercessão do profeta Isaías um filho, e lhe dilatou a vida quinze anos, o que êle pedira, estando quase para morrer. 4 *Rs* 18, 1-2.

Ezequiel — Um dos quatro profetas maiores, foi cativo para Babilônia na idade de vinte anos. Teve Ezequiel muitas visões extraordinárias entre as quais, tendo-o Deus transportado para um campo coberto todo de ossos humanos, ordenou-lhe que voltasse ao redor do campo, e mandasse aos ossos que tomassem outra vez a sua forma natural com os seus nervos, e com as suas carnes, o que logo foi feito, e Deus lhes deu depois a vida. Esta é a imagem da conversão e do restabelecimento dos judeus. E como êle reprendia livremente os judeus das suas desordens, êles o perseguiram até lhe fazerem padecer martírio naquela terra estrangeira.

Ezequiel — *Livro de* — O quarto escrito dos chamados Profetas Maiores.

Eziel — Filho de Araia ourives, contribuiu para o restabelecimento do templo de Jerusalém.

F

Facéia — Também chamado Facée e Pekah. Era filho de Romelias e foi quem matou Faceias, rei de Israel, de cujos exércitos era general. Devido à sua impiedade, foi morto por Oséias, filho de Elá após um reinado de vinte anos. 4 Rs 15, 25.

Facéias — Nome de um dos filhos de Nanem, que o sucedeu no trono de Israel. Reinou dois anos somente, pois foi assassinado por Facéia, general de suas tropas, que lhe usurpou o trono. 4 Rs 15, 22.

Fadai — 1) O pai de Joel, príncipe de Manassés. 1 Par 27, 20.

2) O avô materno do rei Joaquim. 4 Rs 23, 36.

3) Um irmão de Salatiel. 1 Par 3, 18. 19.

4) Um que ajudou a reconstruir os muros de Jerusalém. 2 Esdr 3, 25.

5) Um companheiro de Esdras quando êste falava ao povo. 2 Esdr 8, 4.

6) Um parente de Jeseias, da tribo de Benjamim. 2 Esdr 11, 7.

7) Um superintendente dos celeiros, nomeado por Neemias. 2 *Esdr* 13, 13.

Fadassur — Um príncipe da tribo de Manassés. *Núm* 1, 10.

Fadon — Nome do fundador de uma família de natineus. 1 *Esdr* 2, 44.

Faat-Moab — O cabeça de uma família, da qual alguns membros estiveram no cativeiro de Babilônia. Tendo alguns dessa família contraído matrimônio com mulheres gentias, delas se separaram seguindo o conselho de Esdras. Assinaram êles um pacto de obediência a Javé. 2 *Esd* 10, 12.

Faia — Esta palavra tem na Escritura pequenas variantes em sua significação. Assim, encontrâ-mo-la com o sentido de cipreste (Is. 21, 19), o mesmo que adorna os cemitérios, como a denominação também de uma árvore do Líbano (Is 41, 19) e significando igualmente “ramos de oliveira” (2 *Esdr* 8, 15), como também de uma outra árvore que cresce junto com o cedro do Líbano e que foi empregada na construção do Templo de Salomão (3 *Rs* 5, 8-10 e 2 *Par* 28) e na feitura de navios e instrumentos de música.

Falaia — Também chamado *Pelaiah*, era o nome de um levita que acompanhou Esdras no ensino da Lei ao povo. 2 *Esdr* 8, 7.

Falti — 1) Um dos espias da terra de Canaã, também chamado Palte. *Núm* 13, 9.

2) Um que se casou com Micol, depois que Saul a tirou de Davi. Êste, porém, após a morte de Saul tornou a tomá-la do poder de Falti para ser sua mulher. 1 Rs 21, 44 2 Rs 3, 11.

Faltias — Pai de Isaías, da tribo de Simeão, que derrotou os israelitas sobre o monte de Seir. 1 Par 3, 21-4, 42.

Faltiel — Filho de Ozan, da tribo de Issacar, que ajudou a repartir a terra de Canaã. Núm 24, 26.

Fanuel — 1) O pai de Ana, a viuva que assistia no Templo quando N. S. Jesus Cristo foi apresentado.

2) Uma cidade na tribo de Gad, onde se julga tenha sido o local em que Jacó lutou com o anjo. Foi destruída por Gedeão e reedificada por Jeroboão I.

Faran — 1) Nome de um rei de Jeremot, que se aliou a Adoniseu, rei de Jerusalém contra Josué e por êste foi derrotado. Jos 10, 3.

2) Nome de uma região do deserto que ficava entre Canaã e o monte Sinai, na Arábia. Dali foram mandados os espias para reconhecerem a Terra Santa. Ismael, filho de Abraão, foi o primeiro que viveu ali, também denominada Paran. Núm 10, 12.

Faraó — Nome ou designação comum aos soberanos do Egito.

1) Um deles foi o que quis se apossar de Sara, mulher de Abraão, cuidando que era irmã e não esposa do patriarca. Gen 12, 14-20.

2) O segundo foi o grande benfeitor de José e de sua família *Gen cap. 40*.

3) Outro é mencionado em seguida, na Bíblia, como aquele que iniciou a perseguição aos hebreus. *Ex 1, 1. 22*. Julga-se que tenha sido êle Ramsés II.

4) Um outro, chamado também “O Faraó do Êxodo” foi o que deixou sair o povo de Israel do Egito, sob o comando de Moisés e que depois, arrependendo-se saiu em sua perseguição e pereceu com suas tropas nas águas do Mar Vermelho. Segundo se crê, pode ser identificado como Meneftá II, um dos filhos de Ramsés II. *Ex 14, 21-31*.

Vários outros soberanos do Egito são mencionados depois nas páginas da Escritura, sem que o seu nome seja acompanhado dessa designação, como Sesac ou Shishak, que invadiu Jer^usalém e levou os tesouros do Templo e da casa real. *3 Rs 14, 21-26*. Foi junto dêle que Jeroboão se refugiou para escapar de Salomão. *3 Rs 11, 40*.

Outro rei do Egito que invadiu o reino de Judá, foi o conhecido como Zara, ou Zera, o etíope, com o que travou batalha o rei Asa, no vale de Zefatá, nas proximidades de Maresa. Chamando o auxílio de Javé, Asa venceu o invasor, cujas tropas remanescentes fugiram. *2 Par 14, 9-13*.

Houve um outro, mencionado em *4 Rs 17, 4*, que foi contemporâneo de Oséias, rei de Israel, com o nome de Sua ou Lo.

4) Com o mesmo título de Faraó, é designado em 4 Rs 23, 39-31 aquele de nome Neco ou Necoí, que subiu contra o rei da Assíria e, vendo barrar-lhe a marcha o rei Josias, de Judá, derrotou-o em Meggido, onde Josias foi morto. O mesmo Faraó impediu que Joacaz, filho de Josias, que fôra escolhido pelo povo, reinasse como sucessor de seu pai e colocou no trono a Eliaquim, irmão mais velho de Joacaz, mudando-lhe o nome para Joaquim. Este Faraó foi mais tarde vencido por Nabucodonosor, que o derrotou de uma vez. 4 Rs 24, 7.

3) Afinal, é mencionado na Escritura mais um rei egípcio com a mesma designação: é ele o Faraó Efrée ou Hofrá (Jer 44, 30), identificado como sendo o Uah-ab-ra dos monumentos egípcios, e o Apries, de Heródoto. Foi morto pelos seus próprios comandados devido ao fracasso do ataque à colônia grega de Cirene.

Farés — Filho do patriarca Judá e de Tamar sua concubina. Quando Farés nasceu, Zara seu irmão gêmeo, foi o primeiro que apresentou o braço, porém, deixando nascer primeiro a Farés seu irmão, este veio a ser o primogênito. Gên 38, 28-30.

Fariseus — Seita dos judeus, que teve por chefe um certo homem, chamado Semei, no tempo do pontificado de João Hircano. Impuseram-se ao povo, que os respeitava muito pela vida regular que afetavam. Mas eram soberbos extremamente; e em tôdas as ocasiões os tratou Jesus Cristo de hipócritas, e fez conhecer a todos, que a sua virtude não era mais do que pura hipocrisia. Eles criam no purgatório, na ressurreição dos mortos, e que o Messias seria

um grande conquistador. Afetavam também cumprir a Lei ao pé da letra. Jesus Cristo comeu certa vez em casa de um fariseu rico, chamado Simão, o leproso .

Farurim — Arrabalde de Jerusalém, onde estava a casa do oficial chamado Natan-Melec, intendente dos cavalos e dos carros consagrados ao sol pelos rei de Judá. Josias reduziu a cinzas a dita casa, os cavalos e os carros. 4. *Rs* 23, 11.

Fasga — Cume do monte Nebo.

Fassur — Da geração dos sacerdotes. Profetizando-lhe um dia Jeremias que seria cativo, deu um bofetão no profeta mas a profecia foi cumprida. 1 *Par* 9, 12. *Jer* 20.

Faturis — Cidade do Egito, para onde se retirou uma partida dos judeus que escaparam ao furor dos caldeus, no tempo em que Nabucodonosor tomou Jerusalém. *Jer.* 44. 1. 13.

Fau — Cidade da Iduméia, onde tinha Adar a sua côrte na tribo de Benjamim, e que Herodes o Grande mandou edificar em honra de seu irmão. Tinha êste príncipe mandado também edificar em Jerusalém uma torre incontestável do mesmo nome, a qual juntamente com Hípicos, e a torre de Mariana foram conservadas por ordem de Tito no incêndio da cidade. Chama-se também Pau. *Gên* 36, 39 — *Fl. Jos.*

Fazael — Governador da Judéia foi atraído por Pachorro, oficial do rei dos Partas, em um laço que este lhe ar-

mou, onde foi preso. Fazael, de desespero, partiu a cabeça em uma pedra. Era irmão de Herodes o Grande.

Feleti — Região da Judéia, donde tirou Davi seiscentos soldados para lhe servirem de guardas.

Felti — Príncipe do povo, opôs-se aos conselhos de Jeremias, que lhe dizia se rendesse a Nabucodonosor. Deus tinha revelado a Ezequiel, que Felti seria enforcado, o que sucedeu em Babilônia, para onde fôra cativo. *Ez* 11, 1 e 13, 11. *Esdr* 12, 17.

Fenena — Segunda mulher de Elcana. Tendo tido muitos filhos de seu marido, antes que Deus desse algum a Ana, sua segunda mulher, ela se encheu de vanglória, e censurava a Ana por causa da sua esterilidade. Porém, Deus a humillhou, dando um filho a Ana; que foi chamado Samuel, e empregado nos desígnios da sua providência. *1 Rs* 1, 1-28.

Fereseus — Povo que habitava antigamente o país de Canaã na região de Betel e de Haí. Josué deu tôdas as suas terras às duas tribos de Efraim e de Manassés. Estes fereseus, inimigos sempre dos judeus, refugiaram-se por onde puderam, e se mantiveram, até que Salomão os fêz tributários. Deram as suas mulheres aos judeus para casarem com elas, depois que voltaram do cativeiro, e os fizeram cair na idolatria.

Feroras — Irmão de Herodes o Grande. Por todos os favores que Herodes lhe fez, não alcançou dêle mais do que ingratição. Pôs desordem entre a sua família, e entrou na

conjuração de Antípatro contra seu pai. Sempre guardou uma caixa cheia de veneno. Herodes, a quem disseram que aquele veneno era para o matar, ordenou à mulher de Feroras que lhe trouxesse o veneno que seu marido lhe tinha confiado. Saiu pois esta mulher, dizendo que ia buscar o veneno, mas precipitou-se de uma varanda, para se livrar dos tormentos que temia lhe fizesse Herodes padecer. Enfim Feroras retirou-se para a sua tetrarquia, e jurou que enquanto seu irmão vivesse, nunca tornaria à côrte. Observou com efeito a sua palavra; e em uma grande moléstia que teve seu irmão, não o quis ver, desculpando-se com o seu juramento. Herodes não fez o mesmo, quando Feroras caiu mortalmente enfermo e antes foi logo visitá-lo, e lhe fez depois da sua morte tôdas as honras devidas ao seu nascimento. *Fl. Jos.*

Fesdomim — Grande campo, onde se ajuntaram os filisteus para combater Davi, onde um dos valentes do seu exército matou pela sua própria mão mil e cem filisteus em dois encontros, trezentos em um e oitocentos em outro. 2. *Rs* 13, 1. *Par* 11, 13.

Fialé — Fonte na tribo de Neftali, verdadeira origem do Jordão.

Fiairot — Lugar do Egito, onde os hebreus atemorizados de se verem perseguidos por Faraó, começaram a murmurar contra Moisés. Porém não ficaram neste lugar, senão até à meia-noite. *Êx* 14, 2. 9 e 11.

Filadelfo, Ptolomeu — Segundo rei do Egito. Mandou para a Judéia todos os prisioneiros, que tinha no seu reino, e

pediu ao supremo Sacerdote Eleazar, que lhe mandasse algumas pessoas capazes de traduzirem a Bíblia, para a pôr na famosa biblioteca, que êle estabeleceu em Alexandria. Eleazar lhe mandou setenta e dois doutores — como se conta — os quais foram muito bem recebidos e fizeram a célebre tradução, chamada a *Versão dos Setenta*. *Filadelfo* enviou para o Templo algumas preciosas ofertas, entre as quais uma mesa de ouro puro, trabalhada com primoroso artifício. *Fl. Jos.*

Filadélfia — 1) Cidade da Mísia, província da Ásia. Deus louva no Apocalipse a piedade do seu Bispo. *Apc* 3, 7-13.

2) Na Síria, houve outra Filadélfia, capital dos Amonitas. Foi destruída por Davi.

Filipenses — Epístola aos — Escrita por S. Paulo aos fiéis de Filipos.

Filipos — Cidade de Macedônia, onde fez S. Paulo muitas conversões consideráveis. Contudo os magistrados da cidade em uma sedição, que um habitante excitou, aflito por ter S. Paulo livrado a sua criada do poder do demônio, por cujo meio ganhava muito dinheiro, prenderam o Apóstolo em companhia de Silas. Estando os dois na prisão, cantando hinos, sobreveio um terremoto que os livrou dando-se em consequência a conversão do carcereiro. *At* 16, 11-34.

1) *Filipe* — Sexto filho de Herodes o Grande. Amava êste príncipe a justiça e para lhe ser fácil a sua

execução, foi por tôdas as cidades do seu reino, mandando trazer uma especie de trono, no qual se assentava, satisfazendo a todos, tanto pela sua clemência, como pela sua equidade. Deixou em legado os seus estados, e as suas riquezas a Augusto, deserdando por êste modo a sua mulher e a sua filha, que desmereceram o seu agrado. *Mc 16, 17; Fl. Jos.*

2) Outro houve, que também era de uma virtude eminente, e muito estimado de Agripa, o qual o fez general dos seus exércitos, e o mandou a Jerusalém para abafar uma sedição no seu princípio. Porém o povo rebelde o sitiou no seu próprio palácio, e o obrigou a retirar-se. *Fl. Jos.*

3) Um dos doze Apóstolos chamava-se Filipe. O Salvador, mandando-lhe que o seguisse, êle o fez sem duvidar, e deu parte a Natanael, seu amigo, da felicidade que tinha de ser da companhia do Messias. Querendo Jesus Cristo dar de comer ao povo, que o seguiu, quando foi para o deserto, experimentou a fé de Filipe, perguntando-lhe onde se poderia comprar pão bastante para sustentar tôda aquela multidão de gente. Admirado êste, respondeu, que quanto se comprasse por duzentos dinheiros, não seria bastante. Êste Apóstolo pediu também ao Salvador, que lhe mostrasse seu pai. Depois da vinda do Espírito Santo foi pregar o Evangelho a Cítia e a Frígia. Entrou um dia em um Templo, onde viu adorar o povo uma víbora monstruosa. Pôs-se em oração e o animal caiu morto. Lançaram-se os judeus sobre êle e o crucificaram. *Mt 10, 13.*

4) O segundo dos sete diáconos chamava-se Filipe. Curava tôdas as doenças. Um anjo lhe ordenou que fosse pelo caminho de Jerusalém a Gaza, cidade deserta. Nela achou um oficial da rainha Candace, que lia o profeta Isaías. Subiu sôbre o seu carro, e lhe explicou a profecia com tão bom sucesso, que tendo chegado a um lugar, em que havia água, Filipe batizou o oficial, e foi depois transportado pelo espírito de Deus para a cidade de Azoto, onde o profeta lhe prognosticou a sua morte. *At* 8, 26-40.

Filisteus — Povos que estiveram sempre em guerra com os hebreus, até que por fim Davi os sujeitou inteiramente.

Filometor — Rei do Egito; deu a Onias a cidade de Heliópolis para edificar nela um templo. Sendo estabelecido como juiz entre os judeus e os samaritanos sôbre a santidade dos seus templos, julgou pelos judeus, por causa da longa e dilatada série dos seus Sumos Pontífices.

Filon — Da geração dos sacerdotes, e um dos homens mais sábios do seu tempo. Foi enviado pelos judeus a Calígula para resolver uma diferença que sobreveio entre os gregos e os judeus. Foi muito mal recebido do imperador, inimigo dêstes últimos. Porém, tornando à incumbência depois da morte de Calígula, para o imperador Cláudio, foi êle recebido com tôdas as honras. Fêz uma exposição de motivos num livro de valor em que refuta tôdas as calúnias levantadas pelos gregos contra os judeus. *Fl. Jos.*

Filopator — Rei do Egito, entrando em Jerusalém, quis ver o templo e apesar da relutância dos Sacerdotes, entrou

até ao Santuário. Porém o Supremo Sacerdote Simão fez a Deus umas orações tão fervorosas, que logo se sentiu êste príncipe tocado por uma mão invisível, pela qual foi retido com tanta fôrça, que ficou sem poder adiantar mais um passo, como se estivesse tolhido de todos os seus membros. Os seus guardas o levaram, e tiveram muito trabalho para o fazerem tornar a si. Saiu de Jerusalém, respirando mais e mais vingança. E logo que chegou a Alexandria, lavrou um decreto, pelo qual mandava, que se assinalassem na frente e despojassem dos seus bens todos os judeus do seu reino, que não quisessem deixar a sua religião. Todos resistiram, exceto trezentos. Esta firmeza dos judeus irritou a Filopator, o qual ordenou aos governadores das províncias, que lhe mandassem para Alexandria todos os judeus, atados de pés e mãos; e quis matar a todos, por meio de quinhentos elefantes, que embebedaram com vinho, e incenso, para os fazer mais furiosos. Porém quando os judeus se viram na presença dos ditos elefantes, dois annos os atemorizaram de tal sorte, que se viraram para os seus condutores, e os despedaçaram, sem fazerem o menor mal aos judeus.

Êste milagre mudou de tal sorte o rei, que depois amou tanto os judeus, quanto até então os aborrecera. Êle os restabeleceu com todos os seus bens, honras e privilégios, e quis que no espaço de sete dias fizessem êles festas solenes à sua custa no mesmo lugar que fôra destinado para o seu suplício. E mandou matar os trezentos apóstatas dizendo, que não seriam fiéis a êle rei, depois de serem pérfidos ao seu Deus. *Fl. Jos.*

Finéias — Nelo de Aarão. Tendo visto entrar um israelita, chamado Zambri, na barraca de uma madianita, chamado Cozbi, foi logo ao seu alcance, e achando-os juntos, os atravessou com um punhal. Era a idolatria entre os hebreus o maior crime considerado mesmo de estado, por ser Deus o seu rei, e um idólatra manifesto era um rebelde público. Assim pois foi tanto do agrado de Deus aquela ação, que lhe prometeu por ela a duração do supremo Sacerdocio perpétuamente na sua família. Vid. também *Ofini*. Núm 25, 1-18.

Fiton — Ver Piton.

Focor — Monte na tribo de Rúben, onde mandou Balaão levantar sete altares, quando Balac, rei de Moab o pediu para amaldiçoar o povo. Núm 23, 28.

Fraate — Rei dos partos, tratou com grande honra a Hircano Supremo Pontífice dos judeus, que seu irmão Pachoro tinha feito prisioneiro. A rôgo de Herodes o Grande, o libertou sem resgate. Êste Fraate, foi assassinado pelo seu próprio filho. *Fl. Jos.*

Fua e Séfora — Parteiras do Egito, às quais ordenou Faraó, que lançassem no rio Nilo todos os meninos que nascessem aos hebreus. Porém, as parteiras tiveram horror de uma ordem tão cruel, e não obedeceram. Faraó mandando-as chamar elas disseram, para se desculparem, que as israelitas não necessitavam do seu socorro, e Deus as recompensou por isso. *Ex* 1. 15. Ver também *Pua*.

Funam ou *Funon* — Trigésimo sexto acampamento dos hebreus, depois da saída do Egito. Núm 32, 42.

Fur ou *Furim* — Nome de uma festa soleníssima entre os judeus, instituída para celebrar o dia, em que Aman foi enforcado com toda a sua família e a sentença de morte dada contra o povo judaico, foi revogada.

Costumavam os judeus em outro tempo pôr sobre uma cruz de pau a figura de Aman, com a qual andavam por todas as cidades, e depois a queimavam e arrojavam as cinzas na água. No tempo dos imperadores, com o pretexto desta festa faziam naquele dia todos os gêneros de ofensas à cruz, o que causava uma pena incrível aos cristãos. Os imperadores Honório, e Teodósio proibiram aquela festa. Ver *Purim e Festas*.

Fut — Terceiro filho de Cam, foi o primeiro que habitou a Líbia, e a África. *Gên* 10. 6. Ver *Put*.

Filactéria — Pequena banda de pergaminho, que os judeus traziam ao redor dos seus braços, sobre a qual estavam os Mandamentos de Deus. Os fariseus afetavam trazer a mesma banda maior que a dos outros judeus.

Festo — Governador da Judéia, sucessor de Félix, o qual querendo agradar aos judeus, tinha decidido entregar-lhes S. Paulo, embora reconhecesse sua inocência. O apóstolo, ciente de sua intenção, preveniu-o de que, como cidadão romano, iria apelar para César. *At* 25, 1-12.

Festa — Geralmente, banquete ou reunião alegre acompanhada de refeições.

Designam-se também, por êste nome, as comemorações religiosas determinadas pelas ordenanças judaicas, entre as quais se contam: (a) o sábadó semanal; (b) a festa do primeiro dia do sétimo mês e (c) o dia da expiação (*Lev* 23, 2. 24. 27).

As festas anuais eram três: (a) a da *Páscoa*, celebrada na tarde do décimo quarto dia do primeiro mês, em conjunto com a dos *pães asmos*, que começava no dia quinze e durava uma semana; (b) a festa das *Semanas* ou das *Colheitas*, mais tarde denominada *Pentecostes* porque se realizava cinqüenta dias depois da Páscoa e (c) a festa dos *Tabernáculos* que começava no décimo quinto dia do sétimo mês e continuava por sete ou oito dias. Ver *Lev* 23, 5-8; *Êx* 23, 16; 34, 22; *Núm* 28, 26; *At* 2, 1; *Lev* 23, 34-44. Essas festas eram de grande importância entre os judeus, razão pela qual até os inválidos tinham que assistí-las.

Além destas foram ainda instituídas a festa do *Purim*, que comemorava a vitória dos judeus contra as intrigas de Aman e a festa da *dedicação do Templo*, cuja origem se deve a Judas Macabeu. Ver *Est* 9, 21-28; 1 *Mac* 4, 41-59.

Félix — Governador da Judéia, casado com Drusila, uma judia que havia seduzido, perante o qual o apóstolo Paulo compareceu para se defender das acusações dos judeus,

enviado pelo tribuno Cláudio Lísias, que o havia livrado das perseguições fanáticas de seus compatriotas.

Félix ouviu Paulo por diversas vezes, chegando mesmo a dar-lhe atenção e argumentar com êle sôbre a justiça, a temperança e o juízo futuro. Insinuou a Paulo obter a sua liberdade com dinheiro e conservou-o prisioneiro dois anos, para agradar aos judeus. Afinal, passou o cargo ao seu sucessor Festo, sem nada decidir. *At* 24, 24-27.

G

Gaal — Filho de Obed, que se dirigiu a Siquém com o objetivo de livrar os habitantes dessa cidade da opressão e tirania de Abimelec. O governador da cidade, de nome Zebul, mandou avisar Abimelec do que estava se dando e este, saindo de madrugada, surpreendeu os revoltosos e deu-lhes combate, fugindo Gaal após a derrota. *Jz* 9, 26-41.

Gaas — 1) Montanha da tribo de Efraim, lugar da sepultura de Josué. *Fl. Jos.*

2) Dêste nome há uma torrente, a qual tem a sua origem nesta montanha, e atravessa os limites da tribo de Efraim. 2 *Rs* 23, 30.

Gabaa — Cidade na tribo de Benjamim. Os seus habitantes desonraram um dia a mulher de um levita, que estava hospedada em casa de um ancião da tribo de Efraim. Pediram êles ao mesmo que lhes entregasse o levita, e como não quis, foram procurá-lo em sua casa e matariam logo ao levita, se este, para os atalhar e reprimir, não lhes entregasse a sua própria mulher, da qual abusaram com tanta insolência, que na manhã seguinte veio morrer à porta de seu marido. O levita, ultrajado dessa manei-

ra, pegou no corpo de sua mulher, cortou-o em doze partes, e as mandou às doze tribos de Israel, que prontamente se ajuntaram, ardendo em furor contra os gabaonitas de lhes destruir a cidade, passaram todos ao fio da espada, menos seiscentos homens que fugiram, aos quais logo perdoaram, arrependendo-se de se haverem portado naquele caso com demasiada precipitação, e lhes deram para mulheres quatrocentas donzelas da cidade de Jabés, da qual foram os habitantes exterminados, e reservaram só as donzelas para êsse fim para não violarem o juramento, que tinham feito de se não aliarem jamais com a tribo de Benjamim. Assim, pois, os duzentos, que não tinham mulheres aproveitando ocasião de um dia de festa, em que as donzelas de Silo saíam da cidade para uma cerimônia, roubaram-lhe duzentas e por êste meio tornou-se a povoar a tribo de Benjamim.

3) Houve também uma cidade dêste nome na tribo de Judá entre Hebron, e o lago Asfáltico.

Gabaon — Cidade da tribo de Benjamim dada aos levitas da família de Caat. Os gabaonitas, no tempo em que Josué conquistava esta terra, salvaram com uma idéia engenhosa a sua cidade da perda, de que os ameaçava a chegada dos hebreus. Tomaram os gabaonitas uns vestidos já usados, o pão tão duro, que se desfazia em poeira, alguns odres e sapatos velhos, como se tivessem feito uma grande caminhada. Vindo pois, dêste modo ao campo dos hebreus para fazer aliança com êles, Josué recebeu-os, e tratou-os muito bem, e jurou não lhes fazer mal. Passados alguns dias, reconheceu Josué a trapaça, e para castigá-los, condenou-os a uma perpétua escrã-

vidão, a cortar lenha e trazerem água para o ministério do Tabernáculo.

Indignados cinco reis vizinhos contra os gabaonitas, foram sitiar a cidade, e não se julgando êstes bastante fortes para se defenderem, chamaram Josué em seu socorro, o qual apresentando-lhes batalha, e querendo-os destruir de todo, como chegava a noite, pediu a Deus que parasse o sol, para completar a vitória, que conseguiu. E desde então ficaram sendo os gabaonitas fidelíssimos aos hebreus, e lhes sujeitaram as cidades da sua dependência. Depois, levado Saul de um falso zêlo; praticou em Gabaon uma cruel mortandade; e por isso, Deus, em castigo da ação, mandou uma fome à terra de Saul, que lhe fêz uma grande destruição. E, orando Davi a Deus, para exterminar esta fome, o mesmo Senhor lhe respondeu, que para aplacar aos gabaonitas era preciso conceder-se-lhes tudo o que pedissem. Pedindo êles pois sete filhos de Saul para o suplicio, Davi lhos deu e a fome cessou. *Jos 9, 3; Fl. Jos.*

Gabéia em lugar de *Gaba*.

Gabel ou *Gabelo* — Da tribo de Neftali. Foi levado cativo para a Assíria com Tobias o velho, a quem pediu emprestados dez talentos de prata, que pagou fielmente, quando Tobias moço lhos foi pedir com o Anjo. *Tob 1, 17; 11, 18.*

Gabriel — Arcanjo mandado por Deus, primeiramente a Zacarias para lhe anunciar o próximo nascimento de João.

Batista. Depois à Santíssima Virgem Maria, para lhe anunciar o nascimento do Salvador.

Gad — 1) Sétimo filho de Jacó. Os seus descendentes saíram do Egito no número de quarenta e cinco mil seiscentos e cincoenta.

2) Um profeta houve chamado *Gad*, ao qual consultou Davi perseguido por Saul, para saber se devia encerrar-se em uma fortaleza; porém o Profeta o dissuadiu. Ofereceu por ordem de Deus a Davi a escolha da fome, de guerra, ou da peste, para castigar êste príncipe, por ter a vaidade de querer saber quantos eram os seus vassallos. Davi, escolhendo a peste, *Gad* lhe aconselhou que oferecesse a Deus um sacrifício, para aplacar o seu furor, *1 Rs 22, 5-24, 18*.

Gádara — 1) Cidade da tribo de Manassés, onde Jesus Cristo curou um endemoninhado, que estava possuído de uma legião de demônios. Pediram êstes demônios ao Salvador que os deixasse entrar em uns porcos que ali estavam. E o Senhor permitindo-o, foram os mesmos submergir-se no mar: justo castigo dos cuidados que tomavam os habitantes, em sustentar vítimas para os ídólatras. Essa cidade rendeu-se sem combate algum a Vespasiano, o qual lhe fez abater as muralhas, e desmantelar as fortificações. *Fl. Jos.; Mat 8, 28; Mac 5, 1*.

2) Na tribo de Aser havia uma cidade dêste mesmo nome, a qual Vespasiano tomou também de assalto; porque não se achou ninguém nela para a defender e a mandou queimar. *Fl. Jos.*

Gadi — 1) Cidade da tribo de Gad de onde eram os doze valentes, que acompanharam a Davi, e que o defenderam tão fielmente em todo o tempo da sua desgraça. 1. *Par* 12, 8.

2) Um filho de Suzi, da tribo de Manassés. Foi um dos doze espias da terra de Canaã. 1 *Par* 12, 8.

Gader — Província antiga de Canaã, da qual foi morto o rei por Josué. *Jos* 12, 15.

Gaderot — Cidade da tribo de Judá, foi tomada pelos filisteus, os quais fizeram uma horrorosa mortandade nos seus moradores. 2 *Par* 28, 3.

Gaio, ou *Caio* — 1) Um cristão da cidade de Derbes, que foi batizado por S. Paulo. Os de Éfeso, prendendo-o em um tumulto que se levantou contra o Apóstolo, lhe fariam padecer grandes tormentos, se não fôra o escrivão público da cidade, que o livrou do perigo. *At* 19, 21; 1 *Cor* 1, 10.

2) Um discípulo em cuja casa assistia S. Paulo na cidade de Corinto. S. João Evangelista lhe escreveu uma carta na qual o louva pela sua caridade. *Rom* 16, 23; 3 *Jo* 1.

Galaad — 1) Província da Judéia. *Núm* 26, 29.

2) Na tribo de Manassés havia também uma cidade chamada *Galaad*, onde José e Labão se reconciliaram. Os habitantes dessa cidade enterraram nela Saul e seus

filhos, depois da batalha em que perderam a vida. *Gên* 31, 21 e 48.

Galácia — Terra da Ásia Menor. Os gálatas foram dos primeiros que se converteram.

Gálatas — *Epístola aos* — Uma das epístolas de São Paulo, aos fiéis da Galácia.

Gálgal — Planície nas bordas do Jordão, onde os judeus, depois da sua saída do Egito pararam, para circuncidar aquêles que o não eram e ali deixaram as doze pedras que trouxeram do Jordão. Nessa planície Josué acampou com os israelitas quase todo o tempo que gastou na conquista da terra da Promissão. Tornou ainda a vir ali Josué depois da célebre vitória, na qual parou a carreira do sol, afim de exterminar seus inimigos. *Jos* 5, 9. *Fl. Jos.*

Galiléia — Província a mais considerável da Judéia, e o teatro principal da missão do Salvador. Cafarnaum, uma das suas cidades mais célebres, ouviu a pregação do Messias, e viu os seus milagres, sem aproveitar-se de tal oportunidade. Tendo-se ali formado e levantado uma sedição, quase foi a causa da destruição de tôda a Judéia. Esta sedição começou por um certo homem chamado *Judas Galileu*, desde o tempo do recenseamento ordenado na Judéia pelo imperador Augusto. Pretendeu êsse Judas que o povo judaico não devia pagar tributo senão a Deus, e só a Êle reconhecer por Soberano Senhor. Essa disputa não estava ainda terminada, quando foram os fariseus e os herodianos pergun-

tar a Jesus Cristo se era lícito pagar o tributo a César ou não. Porém o Senhor, à vista de uma moeda, que pediu lhe mostrassem, respondeu que era preciso dar a César o que era de César, e a Deus o que era de Deus.

Galião — Irmão de Sêneca, mestre de Nero. Sendo procônsul de Acaia, trouxeram-lhe os judeus a S. Paulo para o condenar. Porém Galião lhes disse que se não metia nas suas disputas de religião, e que concordassem lá entre si. Galião condenado por Nero à morte suicidou-se. *At 12, 18.*

Galiciano — Tribuno do exército de Vespasiano, distinguiu-se muito na tomada de Jotafá, e foi enviado a Flávio Josefo para o exortar a render-se, o que não conseguiu porque Flavio Josefo não conhecia bastante o caráter dos romanos. *Fl. Jos.*

Galo — Capitão romano, que depois do assalto que os romanos tinham dado a Gâmala, onde foram rechaçados, escondeu-se com dezessete soldados em uma casa, na qual ouviu entreterem-se muitos judeus enquanto ceavam sobre que deviam fazer no outro dia contra os inimigos. No mesmo instante saiu Galo do seu retiro, degolou todos aquêles que estavam na casa, e fugiu com os seus para o campo dos romanos. *Fl. Jos.*

Gâmala — 1) Significa *Cidade dos Cavaleiros*, porque Herodes o Grande para lá mandava todos aquêles que licenciava das suas tropas. Ficava esta cidade na tribo de Zabulon. *Fl. Jos.*

2) Outra, na tribo de Manassés, era uma praça forte, situada ao pé de uma montanha. Era tão forte esta cidade, e tão animosos os seus habitantes, que o rei Agripa, contra o qual se haviam rebelado, não a pôde reduzir com um sítio de sete mêses, em que morreram tôdas as suas melhores tropas. Porém Vespasiano, tendo-a depois bloqueado, levou-a no fim de um mês. *Flav. Josefo.*

Gamaliel — 1) Foi um príncipe da tribo de Manassés no tempo da saída do Egito.

2) Outro Gamaliel, da geração dos Sacerdotes, impediu, quanto pôde, que os Judeus maltratassem aos apóstolos, representando aos Juizes, que, se os apóstolos eram mandados por Deus, todos os esforços feitos para se oporem à sua missão, seriam inúteis; e pelo contrário, atrairiam sobre êles mesmos a ira de Deus. E se a sua missão não era de Deus, e só obra dos homens, ou do demônio, cairia por si mesma, como tinham visto succeder a muitos falsos profetas.

Êle pois foi muito penetrado do mau tratamento, que deram aos Apóstolos, e sobretudo do martírio de Santo Estêvão, a quem mandou enterrar honrosamente, ainda que sem se dar a conhecer. Dizem que este santo homem foi depois descoberto, e martirizado com seu filho Abiden de idade de vinte anos, e que depois da sua morte apareceu em sonhos a um santo padre, chamado Luciano, a quem descobriu o lugar onde o seu corpo descansava. *At 5, 34; 22, 3; Tirin. Martyrol. Roman.*

Gamarias — 1) Filho de Helcias, foi mandado a Babilônia, da parte de Sedecias, rei de Jerusalém, para levar o tributo a Nabucodonosor. Levou também as profecias de Jeremias no cativeiro, para mostrar aos judeus, que estariam mais tempo cativos, do que imaginavam; e que fizessem tudo o que pudessem por vir em paz com os habitantes. *Jer* 29, 3.

2) Outro do mesmo nome, filho de Safan pediu a Baruc, que lhe lesse o livro de Jeremias. E êle, temendo as ameaças que Deus fazia pela bôca do profeta, obrigou Baruc a lêr o mesmo livro na presença do rei Joaquim, na esperança de que êste príncipe, penetrado desta lição, poderia evitar por meio da penitência a execução das ameaças de Deus. Mas, apenas tinha o rei ouvido a leitura das três ou quatro primeiras páginas, tirou das mãos de Baruc o livro, rasgou-o com uma faca, lançou-o ao fogo, e mandou prender os dois profetas. *Jer* 36, 11. 12. 23.

Garizim — Montanha muito alta, na tribo de Efraim. Abraão, tendo nela levantado um altar, Deus lhe apareceu e lhe prometeu tôda a terra que descortinasse do alto da montanha. Jacó adorou nela a Deus. Sanabalete, governador de Samaria, alcançou licença de mandar edificar nela um templo, o qual deu ocasião a um dilatado cisma entre os judeus e os samaritanos. Antíoco depois dedicou êsse templo a Júpiter. Tendo-se nele ajuntado doze mil samaritanos rebeldes, um tribuno chamado Ceeralis os derrotou. João Hircano desmantelou êsse templo duzentos anos depois do seu estabelecimento. *Fl. Jos.*

Garmi — Da cidade de Matati, foi filho de Naaman, e irmão de Ceila, e de Etama. 1 *Par* 4, 19.

Gaspar — Um dos três magos, ou sábios, os quais partiram do fim da Arábia para irem adorar o Messias em Belém, treze dias depois do seu nascimento. Esses sábios, muito versados na astronomia, foram avisados por uma estrela extraordinária, que algum prodígio tinha sucedido. Seguiram, pois, a estrela, a qual os conduziu à Judéia. Ali conferiram sobre o lugar do nascimento do Salvador com Herodes, o qual lhes rogou, que ao voltar de Belém, novamente o procurassem. Porém eles, avisados do Céu, tornaram por outro caminho para as suas terras. Então Herodes enganado, e ao mesmo tempo irritado, resolveu matar cruelmente os meninos recém-nascidos na mesma cidade. Porém Jesus Cristo escapou à tirania, com que foram mortos tantos inocentes. Os outros dois Sábios chamavam-se *Melquior e Baltazar*, conforme a tradição.

Gaver — Lugar perto de Jerusalém, onde Ocozias, rei de Judá foi mortalmente ferido por ordem de Jeú. 4 *Rs* 9, 27.

Gaulon — Cidade de refúgio dada aos levitas, da família de Gerson pátria daquele Judas, que pôs em perigo de perder-se a Judéia tôda, opondo-se ao recenseamento que Augusto mandava fazer. *Fl. Jos.*

Gaza — Uma das mais fortes cidades dos Filisteus. Sabendo estes que estava Sansão nesta cidade, fecharam as portas, certos de o prenderem e matarem no dia seguinte, quando apparecesse para sair. Porém, informado Sansão

do seu destino, levantou-se e foi de noite tirar as portas com as estacas, que estavam metidas na terra, com as suas fechaduras juntamente. E pondo-as sôbre as suas costas, as levou para o cume de uma montanha.

Para esta mesma cidade conduziram Sansão, depois que se assenhorearam dele pelo artifício de Dalila, e onde lhe tiraram os olhos. Na mesma cidade foi onde ajuntando-se três mil filisteus num grande salão do templo de Dagon e tendo mandado vir também a Sansão cego, para lhes servir de divertimento, êste, que já tinha recobrado as suas forças, pediu que o conduzissem para o pé das duas colunas, que sustentavam a sala; e tirando-as do seu lugar, caiu o edifício, ficando debaixo das suas ruínas êle, e os três mil inimigos, que o tinham es-
carnecido. *Jz caps. 13 a 16.*

Gazora ou *Gazar* — Cidade de refúgio, dada aos Levitas da família de Gaat. Vide *Refúgio*. O rei Hosam, indo ao socorro do rei Laquis contra Josué, foi morto junto a esta cidade. Salomão a aumentou depois com excelentes edifícios. Tendo esta cidade seguido o partido de Antíoco, Judas Macabeu e Simão seu irmão a tornaram a pôr no seu dever pela força das armas. *Jos 10, 33; 3 Rs 9, 37. 1. Mac 3, 8.*

Gazofilácio — Lugar do Templo, onde se guardavam os tesouros.

Gebeton — Cidade da tribo de Dan, onde Baasa filho de Aí-as da tribo de Issacar matou a Nadab, filho de Jeroboão, rei de Israel. *Jos 19, 44. 3 Rs 15, 17.*

Gediel — Um dos doze, que Moisés mandou examinar a terra de Canaã. *Núm* 13, 11.

Gedeão — Aquele que no tempo dos Juizes se fêz célebre, por ser o libertador da sua pátria. Tendo os Judeus atraído a ira de Deus pela sua impiedade, e principalmente pela sua idolatria, foram entregues aos amonitas, aos moabitas e aos madianitas. Êstes povos, indo colher o trigo dos israelitas, logo que estava maduro, os reduziram a uma tal penúria que todo lhes faltaram os víveres. Então êles, penetrados de arrependimento, recorreram ao Senhor, o qual mandou o seu anjo a Gedeão, quando êle estava debulhando o trigo ocultamente para a sua subsistência. Anunciou-lhe o anjo, que o tinha Deus escolhido para libertar o seu povo. Porém Gedeão, cuja humildade era grande, precisou de ver milagres para crer a verdade desta embaixada. E tendo êle preparado um cabrito para o oferecer em sacrifício, disse-lhe o anjo que pusesse carne e pão sem fermento em um cesto, e o mólho em uma panela, e que trazendo tudo para baixo de uma azinheira, deitasse o mólho na carne, que pôs sôbre uma pedra. Isto assim feito, tocou o anjo com uma varinha na pedra, da qual saiu logo um fogo, que consumiu tudo, e desapareceu o anjo. Tendo depois Gedeão, quase à noite, estendido a lã do cabrito, achou-a pela manhã tôda úmida do orvalho, sem que na terra ao redor se visse sinal algum de orvalho. No dia seguinte succedeu o contrário; porque a terra estava orvalhada, e a lã seca.

Começou, pois, Gedeão a sua missão, procurando à noite o altar de Baal, do que, indignados, os moradores

da cidade o mandaram pedir a seu pai. Porém êste lhes respondeu que, se Baal era Deus, êle mesmo se vingaria, sem o socorro dos homens. Mandou depois Gedeão tocar a trombeta, e viu em pouco tempo ao redor de si um exército de trinta e dois mil homens, que por ordem de Deus reduziu primeiramente a dez mil, e depois a trezentos; os quais armou Gedeão sòmente com uma panela, com um cardieiro escondido dentro da panela, e com uma trombeta. Foi logo Gedeão occultamente ao campo inimigo a tempo de ouvir o sonho que tivera um soldado, e era o presságio da sua derrota. Pelo que, certo da vitória, adiantou-se Gedeão, enquanto era noite, com os seus trezentos homens, aos quais deu ordem de quebrarem todos juntos as suas panelas. Isto assim executado, apareceram os candieiros, tocando todos ao mesmo tempo a sua trombeta. E julgando os inimigos ter um grande exército sôbre si, fugiram todos em desordem, e se matavam uns aos outros, ou caíam, fugindo, nas mãos dos soldados de Gedeão.

Em outro combate, em que os madianitas foram também derrotados, dois dos seus chefes, a saber Zebau, e Salmana, foram prêsos e mortos pelo próprio Gedeão, tendo rejeitado de o fazer, por ser ainda de pouca idade. Destruiu também Gedeão a Cidade de Socot, por lhe negar os víveres no seu caminho. Êstes heróicos serviços de Gedeão moveram os hebreus a aclamá-lo seu rei. Porém êle rejeitou esta honra, contentando-se com o cargo de Juiz, o qual exercitou por espaço de quarenta anos. Gedeão foi pai de setenta filhos, os quais foram degolados por um deles chamado Abimelec, todos sôbre

uma pedra, exceto um só, chamado Joatan, que achou meios para fugir. *Jz* 6. 7, 8.

Geenon, ou *Geena* — Vale de Enon, por outro nome o *vale de Josafá*, debaixo das muralhas de Jerusalém, o qual foi considerado impuro pelos judeus, pelo fato de terem consagrado nele um templo a Moloc chamado Tofet, nome que ficou sendo também do vale. O santo rei Josias, tendo abatido aquele templo, mandou cobrir o lugar de imundícias da cidade, e depois os seus sucessores formaram ali um lugar delicioso, ornado com fontes, e jardins magníficos, que o Imperador Tito fez demolir. E Deus mandou dizer ao povo, que, por causa de tantas idolatrias, chegaria êste lugar a ser cemitério com grande número de mortos, de que estaria cheio, o que succedeu durante o sítio de Jerusalém. E falando Jesus Cristo do Inferno, serve-se da palavra *Geena*, por causa dos tormentos que padeciam os meninos ali sacrificados ao abominável ídolo. *Jos* 15, 8; 4. *Rs* 23, 10; *Mt* 5. 10. 18. 23; *Mac* 9, 22; *Luc* 22, 5.

Geron — Um dos quatro grandes rios, que tinham a sua origem no paraíso terrestre.

Gelboé — Montanha na tribo de Issacar, sôbre a qual morreram, combatendo, Saul e seus filhos. 1 *Rs* 31, 2; *Rs* 1, 21.

Genesar ou *Genesaré* — Lago onde atravessa o Jordão. Nele há uma quantidade prodigiosa de peixes, e alguns tão extraordinários que se não encontram em outra parte do mundo conhecido.

Gênesis — O primeiro dos cinco livros do Pentatêuco de Moisés, dividido em cinqüenta capítulos, desde a criação do mundo até à morte de José, e dos seus irmãos no Egito. Os Judeus proibiam a leitura dos primeiros capítulos do Genesis até se chegar à idade de vinte e cinco ou trinta anos.

Gerar ou *Gerara* — Cidade dos Filisteus, onde tinha a sua Côrte o Rei Abimelec. *Gen* 10, 19.

Gerasa — Cidade da tribo de Manassés, junto à qual Jesus Cristo expulsou dois demônios do corpo de dois miseráveis possessos, que habitavam em sepulturas, e eram tão furiosos, que ninguém se atrevia a passar pelo caminho, onde eles estavam. Vide *Gádara*.

Gerson — 1) Primeiro filho que teve Moisés de Séfora, filha de Jetro, Sacerdote de Madiam.

2) Este é também o nome do primeiro filho de Levi, cuja família saiu do Egito em número de sete mil e quinhentos; o qual tinha o officio de trazer os véus do Tabernáculo, enquanto se viajava pelo Deserto. *Núm* 3, 4.

Gessen — País do Egito baixo, ao Oriente dos braços do Nilo, fertilíssimo em pastos. Por esta razão o deo Faraó a Jacó, e à sua família para sustentar nele os seus rebanhos. Só este país foi o que ficou isento dos flagellos, com que Deus castigou o reino do Egito. *Gen* 47, 1; *Ex* 8, 22; 9, 26.

Gessur — 1) País na parte setentrional da tribo de Manassés além do Jordão, que era morada de Tolomai, sogro

de Absalão. Êste príncipe retirou-se para êle, depois de matar a seu irmão Amnon. 2 Rs 14.

2) Houve na Iduméia um arrabalde dêste nome, o qual Davi saqueou no tempo da sua permanência em Sicelegue. 1 Rs 27, 8.

Get — Satrapia dos Filisteus na tribo de Judá, famosa por ter nela nascido o gigante Golias. 1 Rs 17.

Getsêmani — Vale junto ao monte Olivete. Depois que Jesus Cristo ceou com os seus discípulos, foi para o Horto com três dêles, a saber: Pedro, Tiago e João, onde suou sangue, que corria pela terra, e onde foi prêso pela traição de Judas. Mt 26, 36; Mc 14, 32.

Gezer ou *Gezerão* — Cidade dos filisteus, a primeira que lhes tomou Davi, depois que chegou a cingir a coroa. 2 Rs 1, 21.

Giderot ou *Giderotaim* — Cidade da tribo de Dan. Jos 11, 41.

Giezi — Criado de Eliseu. Enganando a Naaman para lhe dar dinheiro, passou a lepra que tinha êste príncipe para êle, e para tôda a sua posteridade. 4 Rs 1, 26.

Gion — Fonte junto de Jerusalém. Davi mandou conduzir para ali Salomão para o fazer sagrar rei de Judá. 3 Rs 1, 33.

Gimon ou *Jeú* — Conforme a Escritura, profeta que Deus mandou a Baasa, rei de Israel para o ameaçar com os

mesmos castigos, com que arruinou a casa de Jeroboão, se não se emendasse dos seus vícios. Esta embaixada custou a vida do profeta, porque Baasa o mandou assassinar. 3 Rs 16, l. 8; *Fl. Jos.*

Giscala — Cidade da tribo de Aser, a qual foi a primeira que se rendeu aos Romanos. Um dos seus habitantes, chamado João, foi a principal causa da ruína de Jerusalém. *Fl. Jos.*

Glafira — Filha de Arquelau, rei da Capadócia, a mais formosa princesa do seu tempo. Depois da morte de Alexandre, filho de Herodes, seu primeiro marido, casou segunda vez com Arquelau irmão de Alexandre. Êste príncipe lhe appareceu de noite, e repreendeu-a por sua infidelidade, ameaçando-a, que morreria dentro de cinco dias, o que succedeu. *Fl. Jos.*

Gólgota — E' o lugar do monte Calvário, em que se cumpriu o Mistério da nossa Redenção com a morte do Salvador na Cruz. *Jo* 19, 17.

Gob — Grande planície dos filisteus, ondè se deram dois combates entre elles, e os israelitas. Sobocai matou nela um gigante chamado *Saf*; e Adeodato matou outro chamado *Golias*. 2 Rs 21.

Godolias — Filho de Aicam. O rei Nabucodonosor o estabeleceu governador daqueles que tinham ficado na Judéia. E Ismael, filho de Natánias, o assassinou em Masfat. 4 Rs 21.

Gog — 1) Julga-se que a Escritura entende por *Gog* os tártaros, e por *Magog* aos citas.

2) O filho de Semei.

Golias — Era um gigante da cidade de Get, do qual a Escritura diz que tinha dez pés de altura. Andava armado à proporção da sua estatura. Em uma guerra em que os filisteus estavam acampados defronte dos israelitas, saiu êste gigante do campo dos filisteus, jurando e blasfemando. Desafiou a todos os israelitas para um combate singular, o que fez por espaço de quarenta dias, sem que ninguém do exército de Saul se atrevesse a apresentar-se para se medir com êle. Então Davi, assim mancebo como era, vindo à frente de combate a fim de levar alimento aos seus irmãos, ouviu êste gigante proferir blasfemias, pediu ao rei, que lhe desse licença para ir combater o gigante com a sua funda, e com um pau que na mão tinha. O rei lha concedeu e Davi, adiantando-se animosamente contra o gigante, despediu-lhe uma pedra tão a tempo, e com tanta destreza, que pregando-lha na testa, o fez cair por terra sem sentidos. E correndo logo a êle, com o seu próprio al-

fange lhe cortou a cabeça, que apresentou a Saul. 1
Rs 17.

Gomor ou *Gomorra* — Segunda cidade de Pentápole, a qual
foi subvertida juntamente com Sodoma, em castigo dos
seus vícios. *Gen* 13, 10.

Gossen — País da Judéia.

Gozam — Rio da Média, para onde Nabucodonosor transpor-
tou os Judeus. 4 *Rs* 17, 8.

Guel — Um dos doze espias da terra de Canaã. *Núm* 13, 6.

H

Habacuc — Oitavo dos Profetas Menores. Verberou as iniqüidades de Judá e predisse o castigo dos caldeus.

Hacéldama — Quer dizer *Campo de sangue*; porque o compraram com as trinta peças de prata que Judas arrojou no Templo, depois de as receber pela entrega que fez de nosso Redentor Jesus Cristo. Serviu este campo de cemitério para os estrangeiros. *Mt 28, 8.*

Haquila — Cidade, ou montanha na tribo de Benjamim, cujos habitantes quiseram entregar Davi a Saul. *1 Rs 23, 19.*

Hanania — 1) Filho de Zorobabel, trouxe os israelitas de Babilônia. *1 Par 3, 19.*

2) Um falso profeta dêste nome quebrou a cadeia que Jeremias tinha ao pescoço, e disse aos judeus que daquela mesma sorte seriam livres da mão e do poder de Nabucodonosor. Jeremias o tratou contudo de profeta falso, e lhe prognosticou que dentro de sete meses morreria; o que assim sucedeu. *Jer 28, 1-16.*

Hanon — Filho de Naas rei dos Amonitas. Dizendo-lhe os seus cortezãos, que os embaixadores, que Davi tinha

mandado para o cumprimentar da sua elevação ao trono, eram espias, mandou que lhes tirassem as barbas, e lhes cortassem os vestidos até ao meio, o que lhe custou a perda da vida e do seu reino, do que o privou Davi. 2 Rs 10, 2.

Haraf — Fonte, perto da qual ajuntou Gedeão as suas tropas para ir combater os madianitas. Jz 7, 1.

Haret — Bosque na tribo de Judá, onde se escondeu Davi, para evitar a traição de Saul. 1 Rs 22, 5.

Haroset — Cidade, onde Sísara, general dos exércitos de Jabin, ajuntou as suas tropas para combater os israelitas. Esta cidade foi depois compreendida na tribo de Neftali, Jz 4, 2.

Hazael — Um dos oficiais de Benadad, rei da Síria. Indo à Judéia para consultar Eliseu sobre a doença de seu amo, prognosticou-lhe este profeta que havia de ser o sucessor do seu rei, e que faria aos judeus tôda a sorte de males. Voltando para a Síria matou Benadad e, tendo-se apoderado do trono, derrotou os judeus em muitas ocasiões. Morreu na idade de cem anos, depois de ter feito todo o mal possível aos judeus, e aumentado consideravelmente o reino da Síria. 3 Rs 19, 15; 4 Rs 8, 7-15; 10, 32; 13, 4-7.

Heber — Filho de Salé, tendo abandonado com todos os outros a empresa da torre de Babel, por causa da confusão das línguas, conservou aquela que então estava em

uso. Dele dizem alguns que os Judeus tomaram o nome de Hebreus. *Gên* 11, 14.

Hebron — Chefe da família dos hebronitas, deu o seu nome à cidade de Hebron, chamada também *Arba*, onde estão enterrados os três supremos patriarcas. Abraão tinha comprado uma caverna neste lugar, para fazer nela o seu sepulcro e o de Sara. Nesta mesma cidade Absalão se fez sagrar rei, estando Davi seu pai ainda vivo. *Jos* 15, 52; *Gên* 23, 2.

Helam — Campo além do Jordão, onde Davi derrotou quarenta mil sírios, matou o grande Seboca, e fez um despojo de setecentos carros. 2. *Rs* 10, 17.

Helcias — 1) O Pai de Eliaquim. 4 *Rs* 18, 18-26.

2) Levita, de família de Merari. 1 *Par* 6, 45-46.

3) Outro levita, filho de Oseias. 1 *Par* 26, 11.

4) O pai do profeta Jeremias, chefe de uma das vinte e quatro famílias sacerdotais. *Jer* 1, 1.

5) Um Sumo Sacerdote, sucessor de Eliaquim, que achou o Livro da Lei no Templo e o levou a Josias, rei de Judá. 4 *Rs* 22, 8-20; 23, 1-20.

Heli — Sétimo Sumo Sacerdote e sucessor de Aquitob, ou de Ozi. Como tinha demasiada bondade para com os seus filhos Ofni e Finéias, êstes, nos cargos de Juizes; abandonavam-se a todo o gênero de excessos, e des-

pojando o Povo a seu benefício. Heli, não tendo o ânimo de se opor às suas desordens, Deus para o castigar da sua fraqueza tirou da sua família o Supremo Sacerdócio, e permitiu que em uma batalha, na qual foram mortos Finéias e Ofni, e derrotados os Israelitas, fôsse a Arca do Senhor tomada pelos Filisteus. Quando levaram estas notícias a Heli, a aflição que tomou, e sobretudo pela perda da Arca, o fez cair do seu assento. onde quebrou a cabeça e morreu. 1 Rs 1, 1-15; *Fl. Jos.*

Heliodoro — Intendente da casa de Selêuco, rei da Síria. Aconselhado por um tal Simão, benjamita, resolveu apoderar-se das riquezas e dos tesouros do Templo. Mandou então ir Heliodoro a Jerusalém para lhos trazer. E tendo chegado Heliodoro à cidade, pediu a Onias que lhe entregasse os tesouros que guardava no Templo. Onias recusou entregar-lhos, dizendo que só era um mero depositário, e não dono de tais riquezas. Entrou então Heliodoro no Templo, acompanhado de um grande número de soldados. Porém de repente foram assaltados por um tal tremor, que o próprio Heliodoro deitou-se no chão, aparecendo um varão a cavalo, que fez passar o animal por cima do seu corpo; e dois anjos com a figura de dois moços perfeitos, o açoitaram com tal rigor, que foi preciso levá-lo quase morto. Recorreu então às orações de Onias; e apareceram-lhe novamente os dois Anjos, dizendo-lhe que agradecesse a Onias, cujas orações lhe conservavam a vida. Depois de ter voltado para a Síria, como Selêuco o solicitava para tornar a Jerusalém, respondeu Heliodoro ao rei que se tinha algum inimigo, o verdadeiro meio de se

desfazer dele era encarregá-lo desta perigosa missão.
2 Mac 3, 1-40.

Helmodeblataim — Quadragésimo acampamento dos Judeus, onde se edificou uma cidade pertencente à tribo de Rúben. *Núm 33, 36.*

Henser — Príncipe e pai de Siquém, vendeu uma terra a Jacó por cem cordeiros. *Gen 33, 13.*

Henoc — 1) O filho de Caim, que nasceu depois do homicídio de Abel, e para quem mandou edificar Caim uma cidade. *Gên 4, 17.*

2) Um filho de Jared arrebatado ao Céu, e transportado ao Paraíso por causa da sua santidade. *Gên 5, 20.*

Hermas — Um dos discípulos de Jesus Cristo, e Bispo de uma cidade da Dalmácia. *Rom 16, 14.*

Hermógenes — Tendo seguido algum tempo a S. Paulo o abandonou-o para pregar erros, e negar a ressurreição dos mortos. Foi Bispo de Mégara. *2 Tim 1, 15.*

Hermon — Monte situado na parte setentrional da Palestina com 2.800 metros da altitude e onde nasce o rio Jordão. E' citado nos Salmos (89, 12; 1 33, 3). Do seu cume desfrutava-se de maravilhosa vista.

Herodes — 1) Chamado *O Grande* — rei da Judéia quando nasceu N. S. Jesus Cristo (De 39 a. C. a 4 a. D.). Era o segundo filho de Antipas (ou Antípater), governador

da Iduméia. Eram seus irmãos: Fasaelo (o mais velho) José, Ferorás e Salomé.

Herodes foi grandemente prestigiado pelos romanos e a êle se deve o Massacre dos Inocentes. (*Mt 2, 16-18*) após a visita dos Magos.

Herodes foi casado dez vêzes, tendo sido suas espôsas:

1) Doris, de origem humilde, que deixou um filho chamado Antipas.

2) Mariana, mulher bela e virtuosa, neta de Hircano, que foi mãe de dois varões Alexandre e Aristóbulo e duas filhas Cipros e Salampsio, além de um que morreu criança, do sexo masculino.

3) Mariana, filha de Simão, Sumo Sacerdote e que foi mãe de Herodes Filipe.

4) Uma das suas sobrinhas, de nome desconhecido, que não deixou filhos.

5) Outra sobrinha, também não identificada, não deixou descendência.

6) Maltace, a Samaritana, mãe de Arquelau, de Herodes Antipas e de Olímpia.

7) Cleópatra de Jerusalém, mãe de Herodes e Filipe.

8) Palas.

9 Fedra.

10) Elpis.

Herodes sofreu bastantes desgostos com a sua família, tendo sido obrigado a mandar executar seus filhos Aristóbulo e Alexandre, além de vários outros acontecimentos dolorosos, como o da execução também de Mariana, sua primeira esposa, o que lhe trouxe grande sofrimento.

Herodes mandou construir um magnífico palácio que era ao mesmo tempo uma fortaleza, com três torres de pedra branca, o qual causou admiração aos próprios romanos.

Morreu aos 70 anos de idade e deu, ao finalizar sua acidentada vida, mais uma prova de sua crueldade, fazendo sua irmã Salomé e seu cunhado Alexas prometer matar todos os prisioneiros nobres que estavam encerrados em seu palácio. Isto, porém, não foi cumprido e após sua morte, os prisioneiros foram libertados. Subiu ao trono da Judéia seu filho Arquelau (4 A. D.) *Mt 2, 22.*

1) Herodes Agripa I — Ver *Agripa*.

2) Herodes Agripa II — Ver *Agripa*.

3) Entre os outros príncipes dêste nome, um dos mais notáveis é o filho de Aristóbulo, e irmão do grande Agripa, o qual obteve para si o Reino de Cálcida por

Decreto de Cláudio Imperador; em que lhe deu todo o Direito sobre o Templo, e sagrado tesouro, e a eleição do supremo Sacerdócio. *Flávio Josefo, l. 18. das Ant.*

Herodianos — Lisonjeiros de Herodes, o Grande, tinham formado uma seita que para sustentar que o rei Herodes era o **Messias**.

Herodias — Casada com o seu tio Herodes, ao qual depois abandonou pelo impuro amor que teve a Herodes Antipas, seu cunhado. E censurando S. João Batista êste incestuoso crime, atraiu o odio daquela mulher a qual se vingou dêste modo: Tendo dansado sua filha Salomé na presença de Herodes com tanta graça, que êste príncipe prometeu dar-lhe tudo o que quisesse, foi logo perguntar a sua mãe sobre o que pediria. E dizendo-lhe esta, que pedisse a cabeça do Batista, ela assim o fez, e assim foi concedido. *Mc 6, 14-29.*

Herodião — 1) Parente de S. Paulo, um dos Discípulos de Jesus Cristo. *Rom 16, 11.*

2) Houve um castelo dêste nome, edificado por Herodes.

Heroon — Cidade do Egito, até a qual se adiantou José, para receber a seu pai Jacó. *Gen. 46, 29.*

Heser — Cidade da tribo de Judá, que Salomão reedificou. *2 Rs 19, 15.*

Hevila — Província da Palestina, aonde foi estabelecer-se Ismael, filho de Agar, e de Abraão. *Gên 25, 17.*

Hezequiel — Em lugar de *Ezequiel*.

Hiel — Habitante da cidade de Betel, reedificou Jericó, apesar das maldições que Josué tinha anunciado a quem empreendesse aquela reedificação. Viu-se pois que quando Hiel começou os alicerces, perdeu o seu filho primogênito chamado *Abiram*; e quando quis pôr as portas, perdeu o seu segundo, chamado *Sequeb*. 3 Rs 16, 34.

Hierápolis — Em lugar de *Alef* ou *Berroé*.

Hilquias — Ver *Helcias*.

Hiram — 1) Rei de Tiro, sabendo que Davi estava novamente reconhecido para reinar, e que tinha tomado Jerusalém, mandou cumprimentá-lo, e deu-lhe também oficiais para lhe edificarem um palácio. Outra tanta amizade testemunhou a Salomão, a quem fez presente de tudo o que dependia dele para o ajudar a edificar o famoso Templo de Jerusalém 2 Rs 5, 11; 3 Rs 5, 1-12.

2) Um artífice que executou vários trabalhos no Templo. 3 Rs 7, 13-46.

Hircano — 1) O Sumo Sacerdote João, filho de Simão Macabeu. Deram-lhe o sobrenome de *Hircano*, por ter conquistado a Hircânia. Sabendo que Ptolomeu, seu cunhado matara a seu pai Simão e retivera prisioneiros a sua mãe e irmãos, foi logo sitiá-lo na fortaleza de Dagon. E estando próximo a conquistá-la, fez Ptolomeu pôr nas muralhas os prisioneiros, ameaçando-os degolar, se persistisse em continuar o sítio. Hircano afrouxou então

o ardor com que oprimia a Ptolomeu, e lhe deu tempo para se defender até ao ano Sabático; Hircano retirou-se, mas Ptolomeu não deixou de mandar degolar a mãe e os irmãos de Hircano. Êle demoliu também o Templo de Garizim, causa do cisma dos samaritanos. Êste bom Varão recebeu de Deus, entre outros muitos favores, o dom de profecia. 1 *Mac* 16.

2) Outro Hircano era sobrinho do sacerdote Onias. Desde a sua infância teve uma sabedoria e um juizo superiores à sua idade. Tendo-lhe ordenado seu pai que fosse a Alexandria cumprimentar o rei Ptolomeu pelo nascimento de um filho, pediu êste príncipe a Arião, tesoureiro de seu pai, mil talentos. E recusando-se êste dar-lhe logo o dinheiro, mandou prendê-lo, e não o deixou sair enquanto não completou a soma que pedia. Foi admirada a sua magnificência no Egito, onde entrou com cem mancebos, cada um dos quais levava um talento para o rei: e cem donzelas, com seu talento para a rainha. Ptolomeu muito satisfeito, o enriqueceu também com vários donativos. O que sabido pelos seus sete, não menos perversos, que invejosos irmãos, foram esperá-lo no caminho para o matar e roubar. Porém êle matou dois, e fez fugir os outros cinco. Chegando a Jerusalém, e desconfiando de seu pai, retirou-se para uma fortaleza, donde fez guerra contínua aos árabes, até se matar a si mesmo pelo medo que teve de cair nas mãos de Antíoco Epifânio. *Fl. Jos.*

3) Outro foi o primogênito de Alexandre Janeu, e irmão de Aristóbulo. Seu irmão o obrigou a depôr o Principado e o Sacerdocio. Mas, o grande Pompeu o

restituiu depois às suas mesmas dignidades, que gozou até que Antígono seu sobrinho o prendeu, e lhe fez cortar as orelhas, afim de tirar aos Judeus a vontade de o restabelecer no Supremo Sacerdócio; porque para êste cargo era preciso não ter a menor deformidade no corpo. Depois disto levou-o Antígono preso, e o entregou aos Parthos, donde Herodes o Grande o retirou, e depois o mandou afogar, por uma falsa apparencia de justiça; supondo e dando a entender, que êste velho, na idade de noventa anos tinha conspirado contra êle. *Fl. Jos.*

Hircanium — Castelo fortíssimo na tribo de Efraim, onde Antipas, pai do Herodes o Grande foi sepultado. Nele depositava êste Rei os seus tesouros, e encarcerava os presos de Estado. *Fl. Jos.*

Hoba, ou *Soba* — Cidade da Síria, até onde seguiu Abraão os reis que tinham saqueado Sodoma e levado prisioneiro a seu sobrinho Ló. *Gên 14, 15.*

Hobab — Filho de Raguel, cunhado de Moisés, com o qual foi muito a seu pezar para a terra de Canaã. *Núm 10, 29.*

Hulda — Uma profetisa, a quem mandou pedir o santo rei Josias, que aplacasse a ira de Deus, provocada pelos peccados de seus prededecsores, e do povo. Respondeu esta santa mulher, que Deus estava inflexível a todos os rogos, e orações; e só concedia, atendendo à piedade do rei, que as desgraças do povo não sobreviessem antes da morte do mesmo monarca. — *4 Rs 22, 14.*

Holocausto — Havia um Altar dos holocaustos no átrio do Tabernáculo, por ser destinado para as vítimas, que nelle se consumiam inteiramente, sem se reservar cousa alguma delas.

Holofernes — Tenente General dos Exércitos do Rei Nabucodonosor. Tendo êste príncipe empreendido sujeitar a Terra tôda ao seu Império, colocou a Holofernes na frente de um numeroso exército. Todos os povos lhe mandaram embaixadores exceto os judeus. Por esta causa, protestando Holofernes a sua perda foi sitiá-la a Betúlia. Mas o ânimo, e virtude da famosa Judite salvaram a cidade, indo pessoalmente ao campo inimigo cortar a cabeça do impuro e soberbo Holofernes, enquanto êste tomado do vinho estava submergido em um profundo sono. *Idt cap. 1 e seg.*

Horan — Rei de Gazer, ou de Gazera.

Horeb — Montanha, junto à qual appareceu Deus a Moisés no meio de um arbusto ardente. Nesta montanha fez Moisés sair água de um rochedo, tocando-o com a sua vara. *Êx 3, 1-17.*

Hosana — Quer dizer *Salvação*, e *Glória Mt 21, 9.*

Hostia — Era a vítima que se oferecia, antes de ir ao encontro do inimigo.

Hur — O marido de Miriam, irmã de Moisés segundo *Flavio Josefo*, que ajudou a sustentar os braços do Legislador enquanto se feria a batalha contra os amalecitas. *Êx 17, 10.*

I

Ibar — Um dos filhos de Davi, que nasceu em Jerusalém. 2 Rs 5, 15.

Ibleam — Cidade da tribo de Issacar, de onde a população canaanita não foi expulsa (*Jos* 17, 11. 12; *Jz* 1, 27) e nas proximidades da qual Acazias foi mortalmente ferido pelos partidários de Jeú. 4 Rs 9, 27.

Ibnias ou *Jebonias* — Pai de Raquel. 1 Par 9, 8.

Ícônio — Cidade da Ásia Menor visitada por S. Paulo em sua primeira viagem missionária. *At* 13, 51; 14, 1-6; 19, 22.

Idaia — 1) — Filho de Semri. 1 Par 4, 37.

2) O pai do profeta Zacarias. *Zac* 1, 1-7.

Ídolo — Figura representativa das falsas divindades, proibida no Decálogo e combatida pelos profetas. Ver *Baal*, *Dagon*, *Astarte*, etc.

Idolatria — Adoração dos ídolos e dos falsos deuses. O povo de Israel foi muitas vezes tentado a se enveredar pelo

caminho dos idólatras, isto com a aquiescência de seus guias e reis, como no caso do Bezzerro de Ouro, no deserto, no de Jeroboão I, rei de Israel, que para desviar o povo de Jerusalém onde se encontrava o Templo, temendo que assim continuaria sob a influência política de seu antagonista rei de Judá, mandou colocar dois bezzerros de ouro em Betel e em Dan, proclamando que eram aquêles os deuses que haviam livrado o povo da escravidão egípcia. 3 Rs 12, 25-33.

Houve exemplos notáveis de oposição à idolatria, como aquêlê que se deu em Babilônia com Daniel e os mancebos hebreus, os quais guardaram absoluta fidelidade a seu Deus, recusando-se a adorar a estátua de Nabucodonozor. Ver *Daniel*.

No tempo de S. Paulo, êste grande apóstolo sofreu as maiores violências e perseguições devido ao culto das falsas divindades, por êle combatidas, como se deu com a *Diana* dos Efesios. *At* 19, 23-41.

Iduméia — País cujos povos descendiam de Esaú. Depois de estarem muito tempo em guerra com os judeus, foram subjugados por João Hircano, o qual os obrigou a receberem a circuncisão e a festejar o sábadô. Vindo socorrer os rebeldes de Jerusalém, cometeram todo o gênero de horrores, e voltaram carregados dos mais ricos despojos da Judéia. *Fl Jos*.

Igaal — Um dos valentes de Davi. 2 Rs 23, 36.

Ilaí — Outro que pertencia ao grupo dos valentes do rei Davi. 1 Par 11, 29.

Ilíria — Ver *Ilírico*.

Ilírico — Província do Império Romano situada entre a Panônia e o Mar Adriático, referida em *Rom* 15, 19.

Isaac — Filho de Abraão e de Sara. Como esta servisse, quando o anjo lhe anunciou que, apesar de avançada em anos, teria um filho, deram a êste o nome de Isaac que quer dizer *riço*, ou *alegria*. Abraão expulsou de casa a Ismael seu primeiro filho temendo que pelo seu mau gênio fizesse algum dano a Isaac. Êste na idade de vinte e cinco anos sujeitou-se com perfeita obediência ao sacrifício que Abraão seu pai queria fazer dêle por ordem de Deus. Porém um Anjo impediu a execução, detendo o alfange, levantado já para o sacrificar.

Casou Isaac com Rebeca, filha de Batuel, da qual teve a Esaú e Jacó. Isaac chegando depois a ser muito rico, o rei e os habitantes de Gerar tiveram dêle inveja, porém êle se conduziu com tanta prudência, que fez aliança com êle e com o seu Rei. Quando ficou velho, perdeu a vista e Jacó, seu segundo filho, lhe usurpou a sua Bênção, sinal do Direito de Primogênitura pertencente a Esaú, ficando assim transferida também para Abraão. *Gen* 27, 1-29.

Isaías — O primeiro dos quatro profetas maiores. Era filho de Amós, tio de Amasias, rei de Judá. Falou de Jesus Cristo tão claramente, e profetizou tôdas as circunstâncias da sua vida com tanta exatidão, que quase se pode considerá-lo um Evangelista. Um Serafim extraindo do fogo do Altar um carvão aceso, tocou com êle os

labios do Profeta, para lhos purificar, afim de pregar a penitência ao Povo Judaico, de quem prognosticou o cativo. Deus lhe ordenou que se despojasse do sacco que vestia, e que andasse meio nu por espaço de três anos e meio, para representar mais vivamente o deploravel estado em que poria Nabucodonosor o Povo de Judá. Profetizou também o estrago que lhe causaria a guerra de Sennaquerib, de que elle mesmo foi testemunha. Estando Ezequias perigosamente enfêrmo, foi Isaías da parte de Deus anunciar-lhe, que cuidasse em dispôr da sua casa, porquanto naquela sua doença morreria. Porém Deus, tocado das orações e das lágrimas dêste Príncipe, o mandou curar pelo mesmo Profeta: o qual fêz na sua presença retroceder dez graus a sombra do sol sôbre o quadrante de Acaz, em penhor da sua milagrosa cura, e de haver de gozar ainda mais quinze anos de vida. Afinal o rei Manassés, sucessor de Ezequias, ofendido das repreensões, que o Santo Profeta lhe dava por causa das suas impiedades, o mandou serrar pelo meio do corpo com uma serra de madeira.

Isaías — Livro de — O primeiro, na ordem em que estão collocados os escritos dos Profetas Maiores.

Isboset — Filho de Saul, sustentado por Abner, general das tropas de seu pai Saul, fêz-se sagrar rei em Hebron; porém só sete anos reinou. Abner largou o seu partido por causa de algumas discórdias; e logo dois ímpios (Baana e Recab) cortaram a cabeça a Isboset enquanto dormia e a levaram a Davi julgando que assim lhe faziam um grande obséquo. Porém êste príncipe justo

mandou matar os dois assassinos, e ordenou que se fizessem a Isboset umas exéquias magníficas. 2 Rs 3. 4.

Iscariotes — Sobrenome de Judas, o traidor, por natural da aldeia de Queriot. *Mt* 10, 4.

Ismael — 1) Filho de Abraão e de Agar. Tendo êle maltratado um dia a seu irmão Isaac, Sara obrigou Abraão expulsá-lo de casa com sua mãe Agar. Ela desterrada, lamentou logo no primeiro dia seu filho Ismael, quase morto de sede. Mas um anjo do Senhor lhe apareceu e lhe disse que, sendo Ismael destinado para ser Pai de um grande Povo, Deus queria conservar-lhe a vida. E logo lhe mostrou um poço cheio de água, da qual bebeu Ismael; como o que puderam continuar o seu caminho até o deserto de Haran, onde ficaram. Ismael depois com uma egípcia, de quem teve doze filhos. Os árabes, e sobretudo Mafoma, gloriam-se de serem seus descendentes. *Gen* 16, 1-15.

2) Outro era filho de Natãias, de real descendência, porém o mais ímpio do seu tempo. Êle imaginou que, matando a Godolias, governador da Judéia, seria ali rei, em lugar de Nabucodonosor. Estando pois com Godolias em um banquete, no final o fêz matar, e as suas filhas, parentes, e amigos que ali se achavam, pelos seus criados, e levou muitos judeus prisioneiros, os quais foram a causa da sua perda; porque muitos Judeus, que êle não pôde prender, o perseguiram: e passando os prisioneiros para o lado dos agressores, o mais que Ismael pôde fazer, foi fugir. 4 Rs 25, 25; *Jer* 40, 7-16.

3) Um descendente de Jônatas. 1 *Par* 8, 38.

4) O pai de Zebadias. 2 *Par* 19, 11.

5) Um filho de Jeoanan. 2 *Par* 23, 1.

Israel — Sobrenome de Jacó, que o Anjo lhe deu quando lutou contra êle. Esta palavra significa *Forte contra o Senhor*. Vide *Jacó*.

Israelitas — Descendentes de Israel.

Issacar — Quinto filho de Lia, e nono dos filhos de Jacó. Os seus descendentes saíram do Egito em número de cinquenta e quatro mil e trezentos. *Núm* 26, 23.

Itália — *At* 10, 1; 18, 2; 28, 13-16.

J

Jabel — Filho de Lamec, e de Adã, foi o primeiro que assistiu em barracas, para guardar os seus rebanhos. *Gen* 4, 20.

Jabés — Cidade da tribo de Manassés. Esta cidade foi arrasada, e passados os seus habitantes ao fio da espada por não quererem unir as suas armas às dos hebreus, seus compatriotas na guerra empreendida contra os banjamitas, por causa da ofensa que fizeram à mulher de um levita. Muito tempo depois livrou Saul os habitantes desta cidade do sítio, que lhe tinha posto Naas. Vide *Naas*. E eles mostraram depois a sua gratidão indo de noite tirar dos muros de Cicópolis, cidade dos filisteus os corpos do mesmo Saul e os dos seus filhos, mortos na batalha de Gelboé, e os sepultaram com a devida honra, o que lhes mereceu o justo louvor do Rei Davi. *1 Rs* 31, 11-13.

Jabin — 1) Rei de Asor, tendo feito com três reis seus vizinhos uma aliança contra Josué, este general fiado na proteção do Senhor saíu ao encontro do exército inimigo, comparado pela Escritura às areias do mar. Com efeito Josué derrotou aquele formidável exército, e mandou cortar as côxas das pernas aos cavalos e queimar

os carros de guerra, por ordem do Senhor. Josué foi depois sitiá-lo Jabin na sua própria capital, a qual foi tomada e destruída, e tanto o rei como o seu povo foram passados ao fio da espada. *Jos* 11.

2) Um dos seus descendentes, chamado Jabin como ele, o vingou duzentos anos depois, subjugando os israelitas. Porém Deus suscitou a Barac e a Débora para livrar o seu povo da escravidão. Sísara, tenente de Jabin perdeu a batalha e a vida. E Jabin querendo vingar a morte do seu general, experimentou a mesma sorte. A sua cidade capital foi segunda vez destruída, e inteiramente arrasada. *Jz* 4, 1-24.

Jabnia, ou *Jania* — Cidade e porto de mar que Ozias, rei de Judá tomou aos Filisteus, com as cidades de Get, e de Azo, as quais mandou dismantelar. 2 *Par* 26, 6.

Jaboc — Torrente, junto à qual lutou Jacó com um anjo, que lhe appareceu em figura humana. *Gên* 32, 22.

Jacó — Terceiro Patriarca, filho de Isaac. Nasceu pegando a seu irmão Esaú pela planta do pé. Como este tinha o direito de primogênito, Jacó o obrigou a ceder-lho por um prato de lentilhas, que desejou ardentemente, vindo da caça. E teve logo a advertência de fazer confirmar por seu pai o mesmo direito, que extorquirá ao dito irmão. Isto se passou assim. Como Isaac por sua muita idade estivesse cego, disse a Esaú, que fosse à caça procurar-lhe alguma cousa de que gostasse, e lhe daria depois a sua bênção. Então Jacó, persuadido por sua mãe para conseguir industriosamente a bênção paterna, ma-

tou dois cabritos, com cujas peles cobriu as mãos e o pescoço, afim de imitar, quanto lhe era possível a pilosa aspereza de seu irmão Esaú. Com efeito, apresentando-se dêste modo a seu pai, êle o abençoou, e lhe deu poder sôbre seus irmãos e sôbre os seus parentes: e Esaú de volta da caça foi obrigado a estar sujeito a Jacó por ordem de seu pai.

Mas ainda assim, temendo Jacó a ira de Esaú, fugiu para a Mesopotâmia, onde serviu sete anos a Labão seu tio, afim de merecer para sua espôsa a sua filha Raquel, que êle só lhe concedeu no fim de outros sete anos de serviço, substituindo-lhe em seu lugar a Lia, sua filha primogênita. Depois achando-se Jacó na posse de muito gado e grandes riquezas, quis retirar-se, e lhe foi necessário fugir, porque Labão não dava licença. Êste o seguiu e depois de o censurar por tal fuga, lhe pediu os seus ídolos, de que Jacó não sabia, que Raquel lhe havia roubado. Afinal, depois de várias conferências, por ordem do Senhor se reconciliaram e afetuosa-mente se despediram.

Jacó depois encontrou um anjo em forma humana, com o qual lutou, e não consentiu que se fôsse sem lhe dar a sua bênção. Nessa luta tendo o anjo tocado na côxa de Jacó, encolheu-se o nervo e ficou côxo por todo o resto da sua vida. Daí continuou Jacó o seu caminho, e encontrando a seu irmão Esaú acompanhado de quatrocentos homens, êle o abrandou com a sua submissão. Tendo-se detido com a sua família nas terras do príncipe de Síquem, foi obrigado a sair por causa da crueldade que Simeão e Levi seus filhos executaram

sôbre os siquemitas, pela violência que o seu Príncipe fizera a Dina sua irmã. Deteve-se também em Betel, onde teve a aflição de imaginar haver perdido a seu amado filho José, entregue por seus invejosos irmãos a uns mercadores Ismaelitas, que o venderam no Egito. Mais tarde, chegando José a primeiro ministro do Egito, e sabendo que seu filho o desejava ter na sua companhia, partiu logo com tôda a família para o Egito, onde o Faraó lhe deu a Província de Gosen, na qual com os seus muitos pastos, podia sustentar melhor os seus rebanhos. Morreu Jacó entre os braços de seus filhos e do seu amado José, e dos filhos dêste, quando Jacó os abençoou, pôs a sua mão direita na cabeça de Efraim, e a esquerda na de Manassés, fazendo desta sorte do primogênito segundo, e do segundo primogênito. Esta ação era profética, e significava que Efraim, ainda que segundo, seria mais poderoso na sua posteridade do que Manassés. Da mesma fôrma prognosticou Jacó o que havia de succeder à posteridade de cada um dos seus filhos, e particularmente a chegada do Messias. *Gen caps. 25 a 50.*

Jado — Trigésimo Sumo Sacerdote, quarto depois de Aarão, e sexto depois da volta de Babilônia. Tendo negado o subsídio, que pedia Alexandre Magno, Deus lhe appareceu em sonhos, e lhe ordenou que fosse com os seus vestidos pontificais ao encontro de Alexandre, o qual marchava para Jerusalém com o objetivo de a destruir; o que abrandou de tal forma a este príncipe, que perdoou aos judeus. *Fl. Jos.*

Jadon — Profeta. Um dia, em que o Rei Jeroboão oferecia vítimas e incensos aos falsos deuses no Altar que êle eri-

gira em Dan e Betel, o Profeta Jadon apareceu ali e dirigindo-se ao Altar, clamou assim: *Altar, Altar, eis-aquí o que diz o Senhor: Virá um dia, em que se degolarão sobre ti os teus falsos sacrificadores, e que em ti se queimarão os ossos daqueles que estiveram mortos.* E para prova da sua missão, ordenando ao Altar que se demolisse por si mesmo, logo se desfez, e se secou o braço com que Jeroboão mandava aos seus guardas que prendessem o Profeta. E não podendo o ímpio rei recolher, nem mover o seu braço, recorreu ao profeta, por cujas orações lhe foi restituído ao seu lugar. E oferecendo-lhe Jeroboão o seu jantar, êle se escusou com a proibição que Deus lhe fizera para não comer naquele lugar. Mas um velho chamado Semeias o enganou, certificando-lhe que era profeta, e que um anjo lhe tinha ordenado, que o trouxesse consigo para comer em sua casa: em cujo suposto se deixou conduzir. Então o velho profeta, inspirado por Deus prognosticou-lhe que em castigo da sua desobediência os seus ossos não seriam enterrados na sepultura de seus pais, o que assim sucedeu, porque antes de Jadon chegar a sua casa, foi morto por um leão, o qual lhe não tocou em cousa alguma do seu corpo, nem no jumento em que êle vinha montado. E logo Semeias, tomando o corpo do Profeta o pôs no seu sepulcro, e encomendou aos seus filhos, que o enterrassem junto a êle quando morresse. 3 Rs 13, 1-33.

Jael — Mulher de Haber gineu. Tendo-se refugiado na sua barraca Sísara, general dos exércitos de Jabin, ela, com um grande prego, o matou, enquanto dormia, traspassando-lhe com êle, a cabeça. Jz 4, 17.

Jair de Galaad — Juiz dos hebreus. Não pôde impedir que os hebreus fossem sujeitos aos filisteus enquanto durava a sua administração. Tinha trinta filhos, e todos bem parecidos, os quais eram príncipes de outras tantas cidades. *Jz* 10.

Jairo — Príncipe da Sinagoga, ao qual Jesus Cristo ressuscitou a filha. *Mt* 9, 18-26.

Jambri — Cujá família fazia assistir em Médaba assassinou a João, irmão de Judas Macabeu, e de Jônatas, porém êste se vingou do assassino, escondendo-se com uma tropa de soldados e matando-lhe tôda a sua família e a mesma espôsa, filha de um dos mais qualificados árabes, que lhe levavam com grande pompa a fim de se casar com ela. *Fl. Jos.*

Janes e Mambre — Dois célebres mágicos, depois de terem imitado por algum tempo com os seus encantamentos os milagres de Moisés, foram obrigados a confessar que o dedo de Deus operava naquela ocasião. *Êx* 7, 11; 19.

Jafé — Terceiro filho de Noé. Êle e seu irmão Sem foram concitados por Cam para escarnecerem de seu pai, que estava nu, e embriagado. Porém êles o cobriram com uma capa. Os filhos de Jafé povoaram a Europa. *Gen* 9, 20-27.

Jaramot — Cidade de refúgio da família de Gerson na parte Meridional da tribo de Issacar. *Jos* 21, 28-29.

Jardes — Um bosque perto de Maqueron, para onde fugiram muitos judeus depois da ruína de Jerusalém. Basso os foi cercar e matou três mil. *Fl. Jos.*

Jason — 1) O sucessor de Onias. Alcançou o Supremo Sacerdócio por uma soma considerável, que deu a Antíoco, rei da Síria. Instituiu uns jogos, nos quais sendo obrigado a correr nú, segundo o costume dos gregos, fêz cobrir o sinal do judaísmo, afim de não ter cousa que o distinguisse dos pagãos. Um certo Menelau, que tinha enviado ao rei Antíoco, lhe usurpou o Sacerdócio, dando trezentos talentos a mais do que êle. Jason fugiu logo para a Arábia. E depois sôbre a notícia da morte de Antíoco rei da Síria, partiu com um pequeno exército de mil homens, com os quais entrou na cidade, onde fêz uma mortandade terrível e horrorosa. Porém Menelau o venceu e Jason fugiu para os Lacedemônios, onde acabou desgraçadamente a vida, e foi privado da sepultura. *2 Mac 4, 7-26.*

2) Um parente de São Paulo e discípulo de Jesus Cristo. Recebeu na sua casa em Tessalônica o apóstolo com o risco de morrer em uma sedição excitada contra êste Santo Apóstolo. *Rom 16, 21.*

Jebus — Fortaleza onde presentemente está edificada Jerusalém.

Jeconias ou *Joaquim* — Filho de Joaquim e de Noesta e neto de Josias. Sucedeu a seu pai Joaquim, porém, reinou três meses, porque Nabucodonosor, conquistando a Jerusalém, o levou prisioneiro para Babilônia. Mas o fi-

lho de Nabucodonosor o tirou da prisão, e lhe fêz muitos favores. 4 Rs 24; 1 Par 3, 16. Fl. Jos.

Jeová ou *Javé* (forma exata) — E' o nome que o Supremo Sacerdote trazia gravado na sua tiara, e em seu lugar pronunciava-se a palavra *Adonai*. O respeito dêste nome de Deus fêz prostrar a Alexandre na presença do Sumo Sacerdote, e atravessar a Terra Santa sem a destruir. Êx 17, 15; Ne 1, 5; 5, 13.

Jeú — 1) Profeta, filho de Hanani. Foi o que avisou a Baasa, rei de Israel de todos os males, que deviam succeder na sua casa. O mesmo Jeú tinha também outro nome, que era o de *Gimon*. 3 Rs 16, 1-4.

2) Houve um segundo Jeú, o qual repreendeu a Josafá da aliança que tinha feito com Acab rei de Samaria. 2 Par 19, 2.

3) Também houve um terceiro Jeú, que foi nono rei de Israel, e succedeu a Jorão. Era filho de Nansi, e official do exército de Jorão. Eliseu o sagrou por ordem de Deus, rei de Israel, e lhe ordenou que exterminasse tôda a geração de Acab, o que êle fêz, matando com uma seta a Jorão seu amo, vindo ao seu encontro, e não sabendo que o exército lhe tinha jurado fidelidade. Depois perseguiu o Ocosias, rei de Judá, o qual tinha fugido com Jorão, e ordenou às suas gentes que o matassem. Mandou lançar a Jezabel de uma janela abaixo, e cortar a cabeça a setenta filhos de Acab. Tendo debaixo do pretexto de uma festa ajuntado todos os sacerdotes de Baal, mandou matá-los e profanar o seu templo.

Porém depois fêz-se tão soberbo e orgulhoso, que desprezou a Lei de Deus e morreu no pecado. 4 Rs 9, 10; 2 Par 22.

Jefté — Da tribo de Manassés. Os seus irmãos julgando-o ilegítimo, expulsaram-no afrontosamente da casa paterna. E assim se viu obrigado a retirar-se para a montanha de Tabe, onde na frente de uma companhia de homens valentes, vivia de tudo o que podia tirar dos que por ali passavam, ou das terras que destruía. Ao mesmo tempo levantaram os hebreus um numeroso exército para sacudir o jugo dos amonitas, e faltando-lhes chefe, escolheram a Jefté, o qual tinha todas as qualidades necessárias. Marchou êle logo contra os amonitas, e fêz voto de sacrificar a Deus a primeira criatura vivente que encontrasse quando viesse vitorioso. Alcançou com efeito uma vitória completa sôbre os amonitas, tomando-lhes vinte cidades, que abandonou à pilhagem. E recolhendo-se vitorioso, sua filha, acompanhada de outras, que a serviam, apressada querendo testemunhar-lhe a sua alegria, correu a encontrá-lo, dansando e cantando em seu louvor. Porém sabendo logo o voto de seu pai, lhe pediu dois meses de prazo, para ir com as suas companheiras chorar a sua virgindade. Então os da tribo de Efraim, invejosos da glória de Jefté declararam-lhe guerra e o queriam queimar na sua própria casa. Porém êle mandou tomar pela sua gente tôdas as passagens do Jordão, com ordem de matar todos aquêles que em lugar de pronunciarem *Shiboleth*, dissessem *Siboleth*, que era o acento ordinário dos efraimitas, e desta forma mataram quarenta e dois mil. Depois desta expedição mor-

reu Jefté, tendo julgado o povo por espaço de seis anos. *Jz 11 e 12. Fl. Jos.*

Jerameel — Filho de Esrão. Deu o seu nome a uma província da Judéia, na qual Davi fingia fazer correrias, enquanto as fazia verdadeiras nas terras dos filisteus. *1. Rs 27, 1.*

Jeremias — Da geração dos Sacerdotes, filho de Helcias, da tribo de Benjamim. Desde o ventre de sua mãe foi santificado, e começou desde a idade de catorze anos a profetizar a vinda de Nabucodonosor à Judéia, a ruína de Jerusalém, e a do Templo. A vinda dos caldeus era figurada pela visão, que teve de uma panela cheia de fogo e, junto à mesma, uma vara ameaçadora. Prognosticou ao rei Joacás, que não tornaria mais a ver a sua átria e a Joaquim que morreria miseravelmente e seria privado também da sepultura. Da mesma forma prognosticou a Jeconias o seu cativeiro.

Tôdas estas ameaças irritaram contra êle os grandes, e o povo: prenderam-no e foi pôsto em um calabouço. Estando preso, e com ferros, ordenou a Baruc que lêsse no Templo as suas Profecias. Os príncipes e o povo admirados temeram irritar mais ao Senhor, se maltratassem o seu Profeta, e o fizeram sair da prisão; porém para não irritar o rei, escondeu-se o Profeta. O rei arrancou o livro das suas profecias das mãos do secretário Baruc e o lançou no fogo; porém Jeremias ditou novamente ao secretário as mesmas profecias.

Todos os prognósticos do profeta foram cumpridos. O rei Nabucodonosor trouxe uma parte do povo em cati-

veiro, e a família real. Porém cheio de respeito para com o santo profeta, lhe ofereceu que escolhesse ir para a Babilônia ou ficar em Jerusalém. Jeremias tomou o último partido.

Tendo sido assassinado Godolias por Ismael, os judeus que ali ficaram temeram que lhes pusessem a culpa desse homicídio. E apesar das exortações de Jeremias fugiram para o Egito, e o levaram consigo para a cidade de Tahné; na qual o apedrejaram, por não poderem sofrer a liberdade com que os repreendia das suas desordens. Muito tempo depois apareceu Jeremias em sonhos a Judas Macabeu apresentando-lhe uma espada de ouro, com a qual havia de triunfar do seus inimigos.

Jeremias — Lamentações de — O terceiro livro dentre os dos Profetas Maiores.

Jeremiel — Deteve a Jeremias e Baruc por ordem de Joaquin rei de Judá. *Jer* 36, 26.

Jerias — Prêndeu a Jeremias quando saia de Jerusalém e o levou ao rei Sedecias, o qual o mandou lançar em uma cova cheia de imundícias, na qual morreria de fome, e de sede, se o não socorresse Abdemelec. Vid. *Abdemelec*.

Jericó — Cidade da tribo de Benjamim, a primeira da terra de Canaan, que ficou debaixo das armas de Josué. As suas muralhas, de uma altura extraordinária caíram ao som das trombetas, que os levitas tocavam, enquanto que por sete vezes andavam ao redor da cidade. Ela foi

arrasada, e com maldição contra quem empreendesse o ou reedificá-la, de forma que o primogênito daquelle que empreendesse a dita reedificação morreria ao cavar os alicerces e o segundo morreria também ao concluir a obra.

Porém tudo isto não impediu, que um certo homem chamado *Hiel* não empreendesse a reedificação de Jericó: o que custou a vida aos seus dois filhos, conforme a ameaça de Josué. Eliseu fez depois que as águas de uma fonte perto desta cidade de amargas e danosas que eram, fossem depois muito doces e úteis, lançando-lhe sal, em reconhecimento pelo fato de os seus habitantes o terem recebido e tratado com amizade. Herodes mandou edificar ali um palácio magnífico, no qual morreu. Zaqueu, que teve a honra de receber em sua casa a Jesus Cristo, assistia em Jericó. *Jos 1; Lc 19.*

Jerobaal — Sobrenome dado a Gedeão por haver demolido um altar de Baal, e abatido o mato que o cercava. *Jz 6, 25-27.*

Jeroboão — Oficial da corte de Salomão. Encontrando um dia ao profeta Aías, cortou este em doze partes uma capa nova, que tinha comprado, dizendo-lhe que tomasse dez pedaços e lhe deixasse dois. Depois explicou o profeta a Jeroboão esta ação, declarando-lhe que seria eleito rei das dez tribos, porque a terra de Israel se dividiria em dois partidos. Jeroboão cheio de ambição, e lisonjeado com tal prognóstico, principiou a tramar sedições, ainda em vida de Salomão, para se fazer coroar rei. Porém, tendo Salomão descoberto os seus artifícios, fugiu

para o Egito donde não saiu, senão quando soube ser já morto Salomão. E achando o povo rebelado (porque Roboão não quis conceder uma diminuição de tributos) pôs-se na frente dos rebeldes, e foi reconhecido rei das dez tribos. Porém as outras duas de Judá e de Benjamim conservaram-se fiéis a Roboão, o qual estabeleceu em Jerusalém a sua morada.

Jeroboão colocou bezerros de ouro em Dan e em Betel, e mandou que se lhes dessem culto religioso, para que os seus vassallos não fossem a Jerusalém adorar o verdadeiro Deus, e não tornassem a entrar debaixo da obediência dos reis de Judá. Estabeleceu altares e fêz sacrificios aos falsos deuses, declarando-se Soberano Sacerdote dos seus ídolos, apesar das declamações do profeta Jadon, o qual para prova da sua missão tinha feito, só pelo império da sua voz demolir-se o altar, e secar a mão do rei quando êste a estendeu para fazer sinal aos seus guardas, que prendessem o profeta. Em suma, empregou Jeroboão todos os vinte e dois anos do seu reinado em destruir inteiramente o culto de Deus. Nadab seu filho o sucessor. 3 Rs cap. 14.

2) Um príncipe chamado também Jeroboão foi filho de Joás, duodécimo rei de Israel. Imitou em tudo a impiedade dos seus predecessores. Semelhante a Joás seu pai, esteve tôda a sua vida em guerra com os sírios, aos quais derrotou em muitas ocasiões. Ajudado com os conselhos do profeta Jonas alcançou sobre êles grandes vitórias, e estendeu de tal forma os limites do seu reino que pouco faltou para chegar a ser tão poderoso, e tão feliz, como Salomão. 4 Rs 14-23.

Jerosolima — Em lugar de *Jerusalém*.

Jeruel — Deserto da Judéia, onde derrotou Josafá um grande exército de amonitas e de moabitas, os quais vinham para o atacar. 2 *Par* 20, 16.

Jerusalém — Cidade da tribo de Benjamim. Quando os israelitas entraram na terra da Promissão chamava-se esta cidade Jebus; e quando se assenhorearam dela, a alta cidade onde estava a Fortaleza, e o monte Sião, ficou aos jebuseos, os quais foram ao depois expulsos por Davi. Esta cidade chegou a ser famosa no tempo de Davi e de Salomão. Eles a fizeram capital do seu Império, continuando no tempo dos reis de Judá, reputada sempre, pela magnificência do templo, pela sua extensão, e seu palácios, pelo número, e riqueza dos seus habitantes, como uma das maravilhas do mundo. Foi também o assento da religiã do povo hebreu, e o teatro de uma infinidade de milagres. As Escrituras soam por tôda a parte com o nome de Jerusalém, e ela foi a que testemunhou a maior parte dos milagres do Salvador, o qual consumou nela com a sua paixão a máxima obra da nossa salvação. Presentemente está muito decaída daquela antiga glória; não sendo agora mais do que uma cidade pouco considerável, se a compararmos com aquela Jerusalém que foi capital do reino de Salomão.

No reinado de Sedecias foi arruinada por Nabucodonosor, o qual transportou para Babilônia os seus habitantes. Depois do cativeiro de Babilônia foi reedificada, e posta no seu antigo lugar. O valor dos príncipes Asmoneus a tinha restituído ao seu antigo esplên-

dor quando Pompeu a conquistou, e a fêz tributária da República Romana. E querendo depois os judeus sacudir o jugo, foi de novo tomada por Tito, o qual mandou arrasá-la e reduzi-la a cinzas, como também o Templo.

O Imperador Adriano mandou reedificar Jerusalém, à qual queria pôr o nome de *Ælia*, mas caiu logo no poder dos persas, aos quais alguns anos depois a tomaram os sarracenos, e ficaram senhores dela, até que foi tomada pelos cristãos, à frente dos quais estava Godofredo de Bouillon. Porém estes a perderam depois por causa da perfídia de um príncipe cristão chamado Raimundo, Conde de Trípoli, o qual, para alcançar a coroa, prometeu ao sultão do Egito renunciar o cristianismo e fazer-se maometano. Dessa sorte recaiu a cidade nas mãos dos sarracenos, e passou pouco depois para os turcos, em 1517. Na primeira guerra mundial, foi submetida pelos ingleses em 1917.

Jetro — Por sobrenome *Raguel*, Sacerdote dos madianitas. Foi o que recebeu em sua casa Moisés, e o que o guardou todo o tempo em que foi obrigado a esconder-se para o Faraó não o matar. Foi também o que fêz casar a Moisés com Séfora sua filha. E levando-lha, com os seus filhos ao deserto, onde governava os israelitas, lhe aconselhou que escolhesse algumas pessoas prudentes, capazes de formarem um Tribunal para o aliviar de uma parte dos negócios que o oprimiam. E ensinou-lhes também a arte de disciplinar aquêles que eram destinados para pegarem nas armas. *Êx caps. 4 a 18.*

Jezabel — 1) Filha de Itobal rei de Sidon e mulher de Acab, rei de Israel. Foi a que induziu o rei seu marido a um

tal excesso de impiedade, que intentou destruir inteiramente no seu reino o culto de Deus, para substituir pelo de Baal. Elias, que se atreveu a resistir a esta rainha ímpia, foi constrangido no fim a fugir e retirar-se para a montanha de Horeb. Desejando o rei Acab possuir a vinha de um certo homem chamado Nabot, ela, para contentar a êste respeito o seu marido, subornou alguns caluniadores, os quais pela sua falsa acusação foram causa da condenação de Nabot a ser apedrejado. Desta forma ficou o rei possuindo a vinha. Porém, Deus para castigar a Jezabel pôs a Jeú no trono de Samaria. Êste príncipe mandou deitar do alto de uma janela a Jezabel, e por uma justa ordem de Deus os cães devoraram de tal sorte o seu corpo, que lhe não deixaram mais do que só a caveira, os pés, e a extremidade das mãos. 4 Rs 9, 36.

2) Fala-se no Apocalípse de uma Jezabel, a qual se fazia profetiza, e pregava erros debaixo de um falso título. Esta foi ameaçada de uma doença mortal, se não fizesse penitência dos seus pecados, como todos aquêles que caíram nos mesmos erros. *Apc* 2, 20-23.

Jesus — houve muitos judeus dêste nome. Porém como o monumento da vida de Jesus Cristo se acha erguido em todo o mundo, limitar-nos-emos a sua pessoa, resumidamente. Êle é o Redentor do gênero humano, Filho de Deus, e homem juntamente. Êle é o Messias, tanto tempo esperado para a nossa salvação. Nasceu quanto à sua natureza humana, por obra do Espírito Santo de uma Virgem, chamada Maria, no reinado de Augusto, seis meses depois do nascimento de S. João Batista. Passou por filho de um pobre artífice da família de Davi. Êle

nasceu em Belém, porque José, seu pai putativo, o qual assistia em Nazaré, foi obrigado a ir com sua esposa a Belém, em consequência da ordem de Augusto, quando mandou fazer o recenseamento dos judeus, a fim de assinar o seu nome, e os da sua família nos registros públicos daquela cidade, onde estava o primeiro patrimônio de Davi. Achando-se lá Maria destituída de todo o socorro, retirou-se para um estábulo, onde deu à luz. Apenas foi Jesus nascido, logo uns Magos, conduzidos por uma estrela milagrosa, partiram do Oriente para o adorarem. Doze anos depois do seu nascimento, indo seu pai e sua mãe a Jerusalém, por causa da solenidade da Páscoa, perceberam, depois de um dia de caminho, que Jesus não estava com eles. Aflitos voltaram sobre os seus passos para o procurarem, e não o acharam senão no fim de três dias no meio dos doutores, perguntando e respondendo sobre as maiores dificuldades das Profecias. Ele voltou com José e com Maria, com quem ficou até a idade de trinta anos, em que começou a ensinar publicamente. Logo por sua graça atraiu a si doze Apóstolos. O seu primeiro milagre fez-se nas bodas de Caná, onde sendo convidado, mudou a água em vinho, porque faltava para o banquete. Depois andou pela Judéia e Galiléia, por espaço de três anos, curando os enfermos que lhe apresentavam. Ressuscitou três mortos, a saber, Lazaro, uma donzela, e o filho da viúva de Naim.

Os judeus, invejosos da reputação, que lhe atraíam os seus milagres, resolveram prendê-lo. Para este efeito convieram com Judas, um dos doze Apóstolos, para lho entregar por trinta peças de prata. Este, pois, na última ceia, em que Jesus Cristo instituiu o Santíssimo

Sacramento da Eucaristia, pôs-se à mesa, onde comeu e bebeu com Êle, e com os outros Apóstolos. Depois do que saiu logo para consumir o seu crime e Jesus foi orar no monte Olivete, onde esteve reduzido a uma tal agonia, que por todo o seu corpo lhe corria suor de sangue. Enfim Jesus foi preso pelos judcus, maltratado, injuriado, esbofeteado e pôsto nas mãos de Pilatos para ser julgado. Êste, com efeito, fêz tudo o que pôde para salvar a Jesus. Porém ouvindo que o ameaçavam de cair no desgredo de César, se absolvesse aquêle que dizia ser rei dos judeus, o mandou açoitar cruelmente. E depois que os soldados o coroaram de espinhos, o abandonou aos judeus para que o crucificassem. Então logo conduziram a Jesus para o Calvário entre dois ladrões, condenados ao mesmo suplicio. E passadas três horas, exalou o último suspiro.

No mesmo instante a terra tremeu, o sol se eclipsou, muitos mortos ressuscitaram, e foram vistos em Jerusalém, e um dos discípulos occultos de Jesus, chamado José de Arimatéia, o depositou em um sepulcro talhado em uma penha.

Então os judeus, sabendo que Jesus Cristo dissera que havia de ressuscitar ao terceiro dia depois da sua morte, fizeram guardar o sepulcro por soldados. Porém esta cautela serviu para melhor contestar o milagre da sua ressurreição, porque o Senhor appareceu logo às santas mulheres e depois aos seus apóstolos e, discípulos na casa do Cenáculo, onde entrou estando as portas fechadas.

Em seguida, Jesus ficou com êles por espaço de quarenta dias, aparecendo-lhes muitas vezes, bebendo e comendo com êles, mostrando-lhes com muitas provas que era vivo e falando-lhes do reino de Deus. Depois dêste tempo subiu ao Céu na sua presença, ordenando-lhes que pregassem o Evangelho a tôdas as Nações e prometendo-lhes que estaria sempre com êles até o fim do mundo. *Mt* 28, 16-20; *Mc* 16, 14-20; *Lc* 24, 1-50; *Jo caps.* 20 e 21.

Joab — General dos Exércitos de Davi. Foi o primeiro que subiu de assalto no sítio de Jerusalém, e alcançou belas vitórias a Davi. Mas com grande sentimento dêste monarca matou a seu filho Absalão e assassinou Abner, e Amassa, dois famosos generais, a quem temia. Pelo que o mesmo Davi nas vésperas da sua morte recomendou a seu filho Salomão, que não deixasse sem castigo a Joab, que além do referido, se aliara com Adonias para lhe usurpar a coroa. Com efeito Salomão fêz logo morrer a Joab junto ao Tabernáculo, onde se refugiara. *3 Rs* 2, 5-34.

Joacaz — 1) Filho de Jeú, succedeu a seu pai. Era tão ímpio, como os seus Predecessores. Porém Deus para o castigar suscitou-lhe dois poderosos inimigos, que foram Hazael, e Benadad, rei da Síria. Êles o oprimiram de tal sorte, que não pôde pôr prontos mais do que cinquenta cavaleiros e dez mil homens de infantaria. E as suas desgraças o fizeram arrepender-se, de sorte que se converteu, fêz penitência e morreu em paz. *4 Rs* 13.

2) Houve outro Joacaz, que foi filho de Josias, rei de Judá. Tendo sido morto seu pai na batalha de Ma-

gedo, que deu contra o Faraó Necaú, o povo o escolheu com preferência a seus irmãos, por ser bem configurado. Porém não chegou a ser rei mais do que três meses porque Necaú, tornando a passar pela Judéia, descarregou a sua ira sôbre Joacaz, a quem carregou de ferros e o levou cativo para o Egito, onde morreu. 4 Rs 23, 31.

Joaquim — Pai da Santa Virgem Maria, Mãe do Salvador.

Joana — Mulher de um intendente da casa de Herodes Antipas. Livrando-a Jesus Cristo de um demônio, entregou-se tôda a Ele e foi uma das primeiras que publicou a sua ressurreição. Lc 8, 3-24.

João — Chamado Batista. A sua conceição foi milagrosa. Um anjo a anunciou a Zacarias seu pai o qual não dando muita fé ao que o Anjo lhe disse, por ser Isabel já adiantada em anos e estéril, perdeu logo a voz. Contudo Isabel apareceu grávida. Quando Nossa Senhora foi visitar a Isabel, deu o Batista sinais de alegria no ventre de sua mãe. No tempo da mortandade dos inocentes fugiu Isabel com o seu filho para o deserto, onde ela morreu no fim de quarenta dias. S. João ficou no deserto entre as feras, onde vestido com uma pele de camelo, no espaço de trinta anos sustentou-se com mel e gafanhotos, que a Lei permitia comer. Então foi pregar a penitência nas margens do Jordão e batizou todos aquêles que lhe vinham pedir a graça do batismo. A santidade da sua vida fez crer aos judeus que era o Messias; porém êle os desenganou dizendo, ser a voz daquele que clamava no Deserto e anunciou a Cristo.

Jesus Cristo, indo também receber o batismo, João o mostrou à multidão, dizendo ser êle o “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”. Com efeito. João batizou o Senhor obrigado por Êle a êste ato. Êle repreendeu a Herodes pelo incesto que cometera com Herodiades: e as suas repreensões desagradaram tanto ao rei, que o mandou meter em uma prisão, na qual ficou dois anos até que o degolaram, para dar a sua cabeça a Herodiades que a pedira em recompensa de ter sua filha dançado bem na presença de Herodes. Os seus discípulos enterraram o seu corpo em uma sepultura. *Lc* 1, 5-66; 3, 1-22; *Mt* 1-12.

2) S. João Evangelista foi aquele a quem entre todos os Apóstolos amou Jesus Cristo mais particularmente. Êle escreveu as ações do Salvador, como as vira e escreveu também o seu Apocalipse e morreu muito velho no tempo do imperador Trajano.

3) Outro João houve por sobrenome Marcos, o qual acompanhou a S. Paulo e a S. Barnabé nas suas viagens e nas suas pregações. *At* 12, 25.

João — Evangelho de — O quarto em ordem, dentre os biógrafos de Jesus.

João — Epístolas de — 1.^a — 2.^a — 3.^a — Colocadas em 4.^o, 5.^o e 6.^o lugares entre as chamadas *Epístolas Católicas*.

João — Apocalipse — Ver *Apocalipse*.

Joás — 1) O filho de Aquimelec, o qual deteve na prisão o profeta Miquéias por ordem do ímpio Acab. 3 Rs 22, 26.

2) Aquele que foi rei de Judá e era filho de Ocosias, e neto da cruel Atália. Pelos cuidados de Josaba, ou Josabé, mulher de Joiada, Supremo Sacerdote, escapou à mortandade que esta rainha mandou executar na geração real, e foi criado no Templo até à idade de seis anos. Então o Supremo Sacerdote o mostrou ao povo, que o reconheceu por seu rei. E Joiada mandou matar a Atália, quando vinha ao estrondo das aclamações.

Os primeiros anos dêste príncipe foram felizes, enquanto seguiu os conselhos de Joiada, Sumo Sacerdote. Porém, logo que êste morreu, entregou-se todo às suas paixões e chegou a mandar matar Zacarias, filho do Supremo Sacerdote seu benfeitor porque o repreendia livremente dos seus crimes. E Deus para castigar a êste príncipe o abandonou a Hazael, rei da Síria, o qual não o largou senão com a condição de lhe entregar todo o ouro do Templo e os tesouros de Josafá, de Jorão, e de Ocosias, seus avós. Afinal foi morto pelos seus próprios vassalos, que conspiraram contra êle. 4 Rs cap. 12.

2) O filho e sucessor de Joacás, rei da Samaria, que também chamava-se *Joás*, alcançou uma grande vitória em Betsamés sobre Amasias, rei de Judá. Êle o fêz prisioneiro e o levou para Jerusalém, a qual pôs em estado de não poder se defender, mandando-lhe abrir uma brecha nos muros de quatrocentos côvados. Levou

consigo tôdas as riquezas, e os vasos do Templo com todos os tesouros dêste Príncipe, alcançou três vitórias grandes sôbre os sírios, e tornou-lhes a tomar tudo o que seu pai tinha perdido. Êle, com efeito, destruiria totalmente os sírios, se em lugar de três vêzes, que se contentou de dar com as suas setas na terra, lhe tivesse dado cinco, ou seis, ou sete vêzes, quando foi ver o profeta Eliseu, de quem era muito amado, e que estava quase para morrer. Êste príncipe foi melhor do que os seus predecessores, embora sacrificasse aos ídolos. 2 Rs 14.

João — 1) O mais moço dos filhos de Gedeão. Escapou da mortandade que Aquimelec, filho natural de Gedeão fez nos outros seus irmãos. Prognosticou do alto de uma montanha aos siquemitas os males que os esperavam por terem eleito rei a Abimelec.

2) Joatan, filho e sucessor de Ozias, por outro nome *Azarias*. Tomou conhecimento dos negócios por causa da lepra que separava a seu pai da companhia dos outros homens. Nunca quis tomar o nome de rei, enquanto viveu seu pai. Foi muito amado dos seus vassallos, pio, magnífico, e bom guerreiro, alcançando muitas vitórias, e tornando a pôr Jerusalém no seu esplendor antigo. 2 Rs cap. 15.

Jó — Patriarca, foi célebre pela sua paciência. Em um dia perdeu sete filhos e três filhas, como também todos os seus rebanhos. Ficou reduzido a tal estado de miséria, que parou sôbre um monte de estêrco, coberto de chagas; e sustentou estas desgraças tôdas com uma paciência sem exemplo. Deus para recompensar a sua

virtude restituiu-lhe a saude e o dôbro dos seus bens. Era natural do país de Hus, entre a Iduméia, e a Arábia.

Pensam alguns que fosse êste patriarca príncipe de um cantão da Iduméia e que tenha vivido algum tempo antes de Moisés.

Jó — Livro de — E' o primeiro dos chamados *Livros Poéticos da Bíblia*.

Jobab — Filho de Zara, rei da Iduméia.

Jocabel — Mulher de Amráo e mãe de Aarão, de Moisés, e de Miriam. *Êx 6, 20.*

Joiada ou Jojada — Supremo Sacerdote que salvou a vida ao rei Joás, e o pôs felizmente sôbre o trono dos seus antepassados, usurpado por Atália. Foi sepultado, em consideração aos seus merecimentos, no sepulcro dos Reis de Jerusalém. *4 Rs 12, 2.*

Jonas — Profeta da cidade de Gat-Efer na Galiléia. Deus lhe ordenou expressamente que fôsse a Nínive pregar penitência aos seus cidadãos. Porém êle, em lugar de obedecer à ordem de Deus, embarcou em um navio que ia para Tarsis, capital da Bética. E logo que se achou no mar alto, levantou-se tão grande tempestade, que o navio esteve quase para submergir-se. Jonas arrepenheu-se, e sôbre a sua própria confissão, e o seu conselho lançaram-no os marinheiros ao mar, o qual logo se pacificou. Uma baleia recolheu-o e guardou-o três dias

inteiros nas suas entranhas e depois o vomitou em um porto na costa de Nínive. Então pôs-se Jonas a pregar em Nínive com tão grande e tão bom sucesso, que o povo com o seu rei fizeram todos uma penitência rigorosa e Deus lhes perdoou os seus pecados.

Jonas — Livro de — O quinto em ordem, dentre os Profetas Menores.

Jônatas — 1) O filho de Saul, e íntimo amigo de Davi, por quem se expôs à ira de seu pai, que não era amigo do mesmo Davi. Êle só, acompanhado com o seu escudeiro, pôs um dia em derrota todo o exército dos Filisteus. Morreu na batalha de Gelboé com seu pai, e com seus irmãos. 1 Rs 31, 2.

2) Outro foi Supremo Sacerdote. Tinha êste um irmão chamado Jesus, o qual fundado na proteção do general de Artaxerxes, rei dos Persas, conversando um dia com seu irmão no Templo, lhe disse que êle poderia também pertencer ao Supremo Sacerdócio. E Jônatas furioso, sem respeito algum para a santidade do lugar, matou a seu irmão, cravando-lhe um punhal. *Fl. Jos.*

3) O carcereiro das prisões do rei Sedecias. Teve a Jeremias fechado em um calabouço, onde o fêz padecer muito tempo. *Jer* 27, 15-19.

4) Outro foi o valoroso Jônatas por sobrenome *Afus*, filho de Matatias. Sucedeu a seu irmão Judas e foi assassinado como resultado da traição de Trifon. 1 Mc 12, 48.

5) Outro foi aquele que se distinguiu pelo seu valor no sitio de Jerusalém. Saiu um dia da cidade para desafiar os Romanos, e chamar qualquer dêles para um duelo. Um certo Pudente correu para êle, a fim de experimentar as suas fôrças; porém como corria precipitadamente, caiu. E Jônatas aproveitando-se da sua queda, o matou, sem lhe dar tempo para se levantar e o pisou aos pés, insultando-o com arrogância, ainda depois da sua morte. Então outro romano, chamado Prisco, afrontado com esta insolência, atirou-lhe com uma seta, e o matou. *Fl. Jos.*

6) O último era um tecelão do arrabalde de Cirene; o qual, depois da ruína de Jerusalém por Tito, filho do imperador Vespasiano, atraiu um grande número dos Judeus para os governar, e os levou sôbre uma montanha, prometendo-lhes milagres; porém foi preso por Cátulo, governador da Lídía. Êste embusteiro disse que o tinham obrigado para a sua rebelião, e nomeou a Flávio Josefo entre os seus cúmplices. Porém, como êste se mostrou inocente, não lhe succedeu mal. *Fl. Jos.*

Jorão — 1) Rei de Judá, filho de Josafá. Tão ímpio foi êste, quanto pio foi seu pai. Estabeleceu, a conselho de Atália, sua mulher, o culto de Baal, e mandou matar os seus irmãos, que se opunham a esta abominação. Nenhum gênero de crueldade ou de impiedade houve a que se não entregasse. O que não foi bastante para a sua impiedade e assim morreu, vendo sair do seu corpo as suas entranhas cheias de podridão. 4 Rs 2, 1. 2 *Fl Jos.*

2) Outro Jorão era rei de Israel, filho e sucessor de Acab. Foi tão ímpio como os seus predecessores.

Contudo, destruiu o ídolo de Baal. O profeta Eliseu, que era amigo dêste rei, lhe obteve por meio das suas orações a vitória sôbre Mesa, rei dos moabitas. Sustentou valorosamente o sítio que Benadad pôs à cidade de Sama. Êste sítio foi tão apertado, e tão dificultoso de se suportar, que se vendia uma cabeça de jumento por um preço exorbitante: e algumas mães obrigadas pela fome, chegaram a comer os seus próprios filhos. Mas pelas orações de Eliseu foi o rei da Síria penetrado de um terror tão grande, que levantou precipitadamente o sítio, e abandonou o seu campo, no qual se achou tudo em tanta abundância, que o trigo se vendia quase de graça. Jorão foi ferido no sítio de Ramat de Galaad, tendo guerra com Benadad e vindo a Jezrael para fazer-se curar, Jeú o matou, e se apoderou do seu trono. 4 Rs 8, 28.

Jordão — Êste rio é célebre na Escritura, pelos grandes successos que nele se deram. As suas águas abriram-se e ficaram suspensas para deixarem passar os Israelitas, ocupados na conquista da terra de Canaã, conduzindo-os Josué. Elias e Eliseu fizeram outro tanto como Josué. Jesus Cristo foi nele batizado. Lc 3, 3. 22-22.

Josabet — Mulher do supremo Sacerdote Joiada. Foi a que salvou a Joás da mortandade, que fazia Atália nos príncipes do sangue de Davi. 4 Rs 11, 12.

Josafá — 1) Filho e sucessor de Asa, rei de Judá. Foi um dos reis mais pios e justos, que teve êste reino. — Êle destruiu o culto dos ídolos e mandou Levitas e Doutores por tôdas as suas Províncias para instruir o Povo de

tudo o que concernia à religião, de modo que se fez amado por Deus, querido, e respeitado por todos os seus vassallos, e temido dos seus vizinhos. Tendo-se aliado com o ímpio Acab, rei de Israel, escapou de morrer na batalha de Ramat-Galaad, tomando-o os sírios pelo rei Acab. Foi de tal sorte agradável a Deus, que só com as suas orações pôs em desordem um numerosíssimo exército dos seus inimigos, até voltarem as armas uns contra os outros. Êste rei é a pessoa mais notável entre todos os que tiveram êste nome. 2 *Par* 19, 8-20.

2) Na Terra Santa há um vale chamado o vale de Josafá, perto de Jerusalém. *Jl* 3, 12.

José — 1) Filho de Jacó, e de Raquel, irmão de Benjamim. Invejosos seus irmãos da predileção que seu pai tinha para com êle, e de que Deus o favorecia, dando-lhe em sonhos o conhecimento do futuro, o perseguiram, e procuraram todos os meios perdê-lo. Um dia em que foi por ordem de seu pai visitar os seus irmãos, que andavam no campo apascentando os seus rebanhos, resolveram matá-lo. Mas atendendo às exortações de Rúbens, seu irmão maior, o lançaram em uma cisterna velha sem água, com o intento de o deixarem morrer à fome. Depois do que, Judas, vendo passar uns mercadores madianitas e ismaelitas, persuadiu a seus irmãos que o vendessem aos tais estrangeiros como com efeito venderam por vinte moedas de prata. E manchando os seus vestidos no sangue de um cabrito, os enviaram a seu pai, dizendo-lhe que uma fera o havia devorado.

Os ditos mercadores levaram José para o Egito, e o venderam ao general dos exércitos de Faraó, chama-

do Putifar, o qual, reconhecendo a bondade dêste novo servo, o fêz intendente dos outros seus domésticos. Entretanto a mulher de Putifar concebeu uma paixão afeituosa e violenta para com a pessoa de José. E querendo-o deter consigo uma vez na sua camara, tomou êle o partido de fugir logo, abandonando-lhe a sua capa pela qual o prendia. E afrontada esta mulher com o desprezo que lhe dera, ficou tão furiosa, que se foi queixar a seu marido, que o novo servo a quisera forçar. E logo o incauto Putifar, acreditando esta calúnia, mandou prender a José.

No cárcere, explicou os sonhos de dois varões illustres, que com êle estavam presos. Isto, sabido por Faraó no tempo em que tivera um sonho horrendo, que nem os feiticeiros, nem os sábios do Egito podiam explicar, mandou soltar a José, que lhe prognosticou uma fome de sete anos precedida de uma abundância de outros sete anos. O rei cheio de admiração para com José, deu-lhe a administração do seu reino, e mandou que todos reverenciassem, e obedecessem a êste seu novo Ministro. E o casou com a filha de outro Putifar, Supremo Sacerdote de Heliópolis da qual teve dois filhos Manassés e Efraim.

Passados alguns anos, trouxe a fome seus irmãos ao Egito, para comprarem trigo, que se guardava nos armazens públicos. E José, fingindo que os reputava por espias, reteve consigo a Simeão, até lhe trazerem o seu amado Benjamim. E por último, depois de lhes causar grandes sustos, deu-se-lhes a conhecer e protestou, que lhes perdoava os trabalhos, que por sua causa

padecera. Mandou também vir Jacó para o Egito, onde o rei o estabeleceu com toda a sua família na terra de Gessen, o encheu de bens, e de honras. José morreu na idade de cento e dez anos, conjurando primeiro a seus irmãos, presentes à sua morte, que quando êles, ou seus descendentes voltassem para a terra de Canaan, levassem os seus ossos para os enterrar juntamente com os de Abraão, de Isaac, e de Jacó. *Gen caps. 37 a 50.*

2) O espôso da Virgem Maria, que descendia assim como Maria, da Família de Davi, e morava em Nazaré, pequena cidade da Galiléia, onde nascera. Sustentando-se como pobre oficial, do trabalho das suas mãos. O estado de gravidez da Virgem causou-lhe logo alguma inquietação. Mas um anjo o aplacou dizendo-lhe que a prodigiosa Maternidade de sua castíssima Espôsa era toda obra do Espírito Santo. No tempo da mortandade dos inocentes appareceu-lhe o mesmo anjo, e lhe ordenou que levasse o Menino Jesus para o Egito com sua Mãe. Não se sabe justamente do tempo em que morreu. Mas é certo que morreu antes da Paixão do Senhor. *Mt 1, 18-25.*

3) Outro foi filho de Alfeu e irmão de São Tiago Menor, o qual teve por sobrenome o *Justo*. *At 1, 23.*

4) Outro foi um Doutor da Lei, Senador da cidade de Arimatéia, e Discípulo oculto de nosso Senhor Jesus Cristo. Opôs-se, quanto pôde, à injusta condenação do Salvador; porém vendo que o iam condenar, saiu da assembléia, para não ter parte no que nela se faria. Depois que Nosso Senhor morreu, pediu a Pilatos lhe

deixasse tirar da Cruz o seu Corpo para o dar à sepultura.

5) Quanto a Flávio Josefo, é aquêlê de quem nós temos a *História dos Judeus*, e as *Antiguidades Judaicas*, desde a sua origem até à inteira destruição de Jerusalém por Tito. No princípio da guerra contra os romanos o estabeleceram os judeus governador de Galiléia. E encerrado êle em Josafá, defendeu esta praça com muito valor; porêin tendo os romanos tomado a praça de assalto, retirou-se para uma caverna oculta, onde achou quarenta dos seus, que antes quizeram matar-se, do que render-se aos romanos. E não atendendo êles às razões que lhes alegava Josefo para os desviar dêsse cruel desígnio, mataram-se inumanamente uns aos outros; os últimos dois que ficaram (de que um era Flávio Josefo) tomaram o partido de se renderem a Vespasiano.

Teve êste príncipe uma grande estima por Josefo, o qual lhe prognosticou que seria imperador, profeta, cousa aliás natural na desordem em que o Império estava; mas o seu complemento pôs a Josefo melhor do que nunca, na graça do imperador, que o beneficiou por muitos modos. No tempo do sítio de Jerusalém chegou varias vêzes à cidade e fêz muitos discursos aos Judeus para os obrigar a renderem-se mas sem resultado; porque a sua obstinação era inflexível. O resto da sua vida passou-a Josefo na Côte de Roma, onde escreveu a sua história em língua grega.

Josias — Rei de Judá. Logo que subiu ao trono, o seu primeiro cuidado foi mandar ler públicamente os Livros san-

tos, restabelecer o culto do verdadeiro Deus, e fazer celebrar a Páscoa, desprezada totalmente havia muitos anos. Mandou abater o templo de Baal, e queimar nos altares dos deuses os ossos dos falsos profetas, para cumprir a Profecia, que fizera o profeta Jadon no tempo do reinado de Jeroboão. Opondo-se êste príncipe à passagem de Necau, em uma batalha, que lhe deu, foi ferido com uma seta, de que morreu. 4 Rs 22-23.

Josué — Filho de Nun, Chefe da Tribo de Efraim, foi nomeado por Moisés para ir à conquista da terra de Canaã, na frente do Povo de Deus. Fêz passar as suas tropas pelo Jordão a pé enxuto. Para êste efeito, tendo-se o rio amontoado para o lado da sua origem, correram as suas águas para a parte do Mar Morto. Depois da passagem dêste rio, começou a sua expedição pela tomada de Jericó, cujas muralhas caíram ao som das trombetas. Depois tomou Hai, e recebeu na sua aliança aos gabaonitas, que o enganaram, dizendo-lhe que tinham vindo de longe ao estrondo somente das suas ações. Vide *Gabaon*. Tendo-se aliado alguns povos vizinhos contra os gabaonitas, por se haverem aliado com os hebreus, marchou Josué ao seu socorro. No forte do combate, começando o dia a declinar, ordenou ao sol que parasse, para ter tempo de destruir os seus inimigos. O sol parou e depois de tôdas estas conquistas, distribuiu Josué pelo Povo de Deus a terra de Canaã, e morreu em paz. *Jos caps. 1 a 29*.

Jubal — Filho de Lamec e de Ada. Julgam alguns que foi o que inventou os instrumentos da música. *Gen 4, 21*.

Jubileu — Assim se chama o quinquagésimo ano, no qual não podiam trabalhar os Judeus, ainda que fosse em cultivar a terra. Dava-se então liberdade aos escravos, e tôdas as aquisições aos antigos possuidores.

Judá — O filho de Jacó e de Lia. Êle aconselhou a seus irmãos que antes vendessem a José do que o deixassem morrer na cisterna, em que o tinham lançado. Êle come-teu um incesto com Tamar, sem saber que era sua nora; de quem teve a Fares e Zara. Perdendo a tribo de Benjamim, pela morte de Saul, a coroa de Israel, passou esta para a tribo de Judá na pessoa de Davi, donde foi tirada por Nabucodonosor no tempo do cativeiro de Babilônia. Houve, depois que tornaram do cativeiro, alguns reis da tribo de Levi; porém o cetro, que ficou na tribo de Judá, foi o da família, que tinha o Chefe desta tribo, sempre conhecida por êste seu govêrno até o Imperador Vespasiano; porque a maior parte das outras tribos, desde o Imperador Salmanasar, andavam dispersas por várias partes. *Gen* 29, 30.

Judas — 1) O chamado *Macabeu*, quinquagésimo Supremo Pontífice e capitão dos Judeus, livrou a êstes da opressão em que os faziam gemer os reis da Síria. Ganhou nove batalhas e restabeleceu o Templo de Jerusalém, o qual fôra profanado por Antióco Epífanes, rei da Síria. Macabeu instituiu uma Dedicção nova do Templo, para a qual estabeleceu uma Festa que durasse oito dias. Êste valoroso Chefe dos Judeus, depois de ter praticado ações as mais excelentes, morreu enfim no centro das suas vitórias. Achou-se com oitocentos homens, que lhe ficaram unidos (de três mil que tinha)

na presença de um exército inimigo de vinte mil homens, de infantaria, e dois mil de cavalaria. Com êste pequeno número atacou os inimigos, e pôs em fuga a sua ala direita. Porém o deinasiado ardor lhe fêz perder a vitória, juntamente com a vida. 1 e 2 *Mac*.

2) Outro teve por sobrenome *Barsabás* e acompanhou Paulo, Barnabé e Silas para trazerem os Decretos do Concílio, que se tinha realizado em Jerusalém. *At* 15, 22. 27. 32.

3) Aquele que foi Judas Iscariotes do nome da cidade de que era natural na tribo de Efraim, deixou-se corromper pelos judeus por um pouco de dinheiro e lhes entregou a Jesus seu Mestre. O sinal que deu aos soldados, foi que prenderiam aquele em quem desse um ósculo em que com efeito deu Jesus assim que chegou ao Horto. E logo prenderam Jesus e o levaram perante Caifás assentado no seu tribunal para lhe fazer perguntas. Entretanto Judas, oprimido pelos remorsos da sua consciência, em lugar de merecer por um sincero arrependimento a misericórdia de seu Senhor, trocou os seus remorsos em desespero: e furioso foi lançar o seu dinheiro no meio da Assembléia dos Judeus; e publicando em alta voz a traição que fizera ao sangue do Justo, foi logo enforcar-se. *Mt* 27, 3-10.

5) Outro é o Autor do segundo livro dos Macabeus. Tinha êle profetizado que Antígono, primeiro Príncipe dos Asmoneus, morreria na torre de Estratão. Porém no mesmo dia, que êle designara para a morte do rei, vacilava muito sôbre o sucesso da sua profecia, vendo o

príncipe em Jerusalém, distante da torre de Estratão quase vinte e cinco léguas. Estando êle nestas inquietações, soube que tinham morto o rei em uma câmara do seu palácio, chamada a *Torre de Estratão*, lugar que êle nomeara, sem conhecer, enganado pela semelhança dos nomes. Com effeito, Deus se comunicava muitas vêzes com êste santo varão e lhe dava conhecimento do futuro.

9) Um dos doze Apóstolos, e irmão de São Tiago, o menor. Teve por sobrenome *Tadeu*, ou *Lebeu*, para o distinguirem de Judas Iscariotes. Foi pregar o Evangelho à Mesopotâmia, à Arábia, à Síria, na Iduméia, e nos países vizinhos; onde morreu pela 'Fé, depois de curar milagrosamente um poderoso rei de uma doença mortal.

Judéia — País de Canaã, conquistado pelos Israelitas, quando saíram do Egito, que por outro nome se chama a Terra da Promissão, ou a Terra Santa.

Judi — Filho de Natánias. Foi enviado da parte de Joaquim, rei de Judá para ir buscar o livro das Profecias de Jeremias. Mas apenas leu o rei duas ou três páginas, logo o rasgou e o lançou no fogo.

Judite — Da tribo de Rúbens, viúva de um príncipe judeu chamado Manassés. Assistia em Betúlia quando Holofernes a foi sitiár. Judite vendo que a cidade estava reduzida à última miséria, sem socorro algum, concebeu o desígnio de a livrar por si mesma. Partiu pois animosamente, acompanhada com uma só criada. E chegando à presença de Holofernes o deixou afetosamente admirado, pelo seu adôrno, discreção e formosura. E con-

vidando-a êste General para um banquete, em que êle bebeu até perder o juizo: ela aproveitando a ocasião, chegou à cama em que o impuro dormia e cortou-lhe a cabeça com o seu próprio alfange. E voltando com ela para a cidade, os Israelitas acometeram logo aos inimigos, os quais, faltando-lhe o comandante, foram inteiramente derrotados.

L

Labão — Filho de Batuel e neto de Nacor, foi pai de Lia e de Raquel, as quais deu em casamento a Jacó para o recompensar de catorze anos de serviço que lhe prestou, cuidando do seu gado. E como viu que os seus bens aumentavam com o trabalho de Jacó, o quis reter por mais tempo em sua casa; porém Jacó retirou-se sem dizer a Labão. Êste, avisado da fuga, foi no encalço de Jacó por espaço de sete dias com o desígnio de o maltratar e obrigar a retroceder com tudo o que levava. Porém Deus lhe ordenou em sonhos que lhe não fizesse mal algum, pelo que, encontrando-se logo na montanha de Galaad, ofereceram ambos sacrifícios a Deus, e ficaram amigos.

Labão, contudo, pediu a Jacó os ídolos, que lhe extrairia de casa. E êle que ignorava aquele roubo, permitiu-lhe que os procurasse na sua bagagem. Porém Raquel, que os furtara, e estava sentada sobre o fardo onde êles vinham, desculpou-se de não se levantar, por se achar indisposta. E assim se apartaram todos, satisfeitos uns dos outros. *Gen 31, 22-55.*

Lais — Cidade da tribo de Neftali, onde Judas Macabeu foi morto combatendo valorosamente.

Lamec — Filho de Matusalém e pai de Noé, viveu cento e oitenta e dois anos, antes de lhe nascer este filho. E depois d'ele viveu ainda quinhentos e noventa e cinco: e assim foi todo o tempo da sua vida setecentos e setenta e sete anos. *Gen* 5, 28-30.

2) Um descendente de Caim, filho de Matusael, e pai de Jabel, Jubal, Tubalcaim, e Noema. Este Lamec é célebre na Escritura, por ser o primeiro no mundo, que teve no mesmo tempo duas mulheres, que foram *Ada* e *Zila*. Ada foi mãe de Jabel e Jubal; e Zila de Tubalcaim e Noema sua irmã. *Gên* 4, 19.

Lemuel — Acha-se este nome no Livro dos *Provérbios* e significa o *que é para Deus*, ou *possuído por Deus*. *Prov* 31, 1.

Laodicéia — Houve muitas cidades com este nome: mas a Escritura refere só a que estava na Frígia sobre o rio Lico, próxima a Colossos. O seu antigo nome era *Diópolis*. Chamou-se depois *Rôas*. E a afinal Antíoco, filho de Estratonico, restabelecendo-a, nomeou-a *Laodicéia* em atenção à sua mulher *Laodice*. *Col* 4, 12-13; *Apc* 1, 11.

Lapidot — Marido da profetisa Débora, de que se faz menção em *Jz* 4. Pensam alguns que *Lapidot* era o lugar do nascimento ou da habitação daquela profetisa. Outros, atendendo à significação daquela palavra, que quer dizer *lâmpadas*, julgam que Débora se ocupava em fazer torcidas para o candieiro do Tabernáculo. *Jz* 4, 1.

Latusim — Segundo filho de Dadan, filho de Abraão e de Cetura. S. Jerônimo reputa Latusim como um dos melhores artífices em obras de ferro e bronze. *Gên* 25, 3.

Lázaro — 1) Irmão de Marta e Maria moraram em Betânia. Jesus Cristo, quando por ali passava, costumava ser seu hóspede. O mesmo Senhor o ressuscitou depois de quatro dias sepultado. E fazendo este público milagre uma grande impressão no malévolo espírito dos Judeus, intentaram matar o mesmo Lázaro, como se Jesus Cristo, que o ressuscitara naturalmente morto, não o pudesse ressuscitar depois de cruelmente assassinado.

Santo Epifânio diz que Lázaro tinha trinta anos quando foi ressuscitado, e que viveu ainda outros trinta, vindo assim a morrer no ano 63 da Era Cristã. Os gregos dizem que êle faleceu em Círia, cidade da Ilha de Chipre e que o Imperador Leão, o Sábio, edificando em sua memória uma Igreja em Constantinopla no ano de 890, mandara trasladar para ela o corpo de S. Lázaro achado em um túmulo de mármore junto aos muros de Círia, com uma inscrição que o dava a conhecer. *Jo* 11, 1-44.

2) O Evangelho faz menção de outro *Lázaro*, um pobre que coberto de chagas à porta de um rico avarento, desejava os fragmentos da sua mesa, e ninguém lho dava. Porém morrendo ambos, Lázaro passou para o seio de Abraão, e o rico foi sepultado no inferno, donde vendo ao longe aquêlê Patriarca lhe pedira algum alívio por meio de Lázaro. *Lc* 16, 18-31.

Legião — A romana compunha-se de dez coortes, cada uma das quais tinha cinquenta manípulos, e cada um dêstes quinze homens, o que formava ao todo seis mil soldados. *Mt* 27, 27.

Levi — Foi o terceiro filho de Jacó. Êle, com Simeão seu irmão, mataram os moradores da cidade de Siquém, por vingança do roubo de sua irmã Dina, como se refere em *Gen* 29, 34.

Leviatan — Esta palavra se repete várias vêzes na Escritura e os padres comumente a tomam no sentido moral pelo demônio, figurado no monstro marinho, que denota o termo *Leviatan*, e se diz que vem a ser mesmo que crocodilo. *Sl* 104, 26; *Jó* 41, 1-22.

Levitas — Os descendentes de Levi e, particularmente, os que eram escolhidos para cuidar do Santuário. *Êx* 13, 11-16.

Levítico — E' o terceiro livro do Pentatêuco, assim chamado por compreender principalmente as Leis e Ordenações pertencentes aos sacerdotes, aos levitas e aos sacrificios. E' livro canônico escrito por Moisés, em que descreve a história do que se passou nos oito dias da sagração de Aarão, Sumo Sacerdote, e de seus filhos.

Lia — Filha de Labão e mulher de Jacó. Seu pai a introduziu na câmara em lugar de Raquel e desculpou-se dêste engano, dizendo que naquele país se costumava sempre casar primeiro as filhas mais velhas, como era Lia. Deu-lhe depois Raquel a quem Jacó mais amava. Porém o Senhor a fez esteril em muitos anos até que concebeu

e deu à luz a José e Benjamim, de cujo parto morreu. E no que respeita a Lia, ignora-se o ano da sua morte: mas sabe-se que faleceu na terra de Canaã, e que foi sepultada na caverna de Abraão e Sara. *Gen* 29, 21-30.

Líbano — Famoso monte, que separa a Síria da Palestina, começando junto a Simira, distante quatro léguas do Mediterrâneo, e continuando pelo espaço de cem léguas em circuito, com a Mesopotâmia ao nascente, Armênia ao norte, a Terra Santa ao sul e o Mediterrâneo ao poente. O nome de *Líbano* deriva da palavra hebraica *Leban*, que significa *alvura*, a qual resplandece neste monte, por causa das neves de que em vários sítios quase sempre está coberto. *Jer* 18, 14; 3 *Rs* 5, 6-10; 4 *Rs* 19, 23.

Ló — Filho de Aran e sobrinho de Abraão. Ele seguiu a seu tio quando saiu de Ur, e depois quando saiu de Haran para entrar na terra de Canaã. E Abraão, que o estimava muito, o levou consigo ao Egito; e depois de voltarem para a Palestina, o livrou das mãos de Cordorlaomor, que o cativara em Sodoma. Praticando incesto com suas filhas, foi o pai de Moab e Amon, dos quais descenderam os moabitas e amonitas. *Gen* 19, 30-38.

Lucas — Santo evangelista, chamado também Lúcio ou Luciano. Era natural de Antioquia e médico de profissão, e de religião judeu, conservando-se sempre casto. Ele acompanhou S. Paulo nas suas viagens, porém não consta ao certo o lugar onde se lhe reuniu. Os que sustentam que S. Paulo o convertera em Antioquia, dizem que desde então não o deixou mais.

Crê-se comumente que S. Lucas era pintor, e se conservam em alguns lugares os retratos que êle fêz da Santíssima Virgem, ou copias extraídas do que êle formou por sua mão. Porém, os antigos não reconheceram esta qualidade em S. Lucas, sendo Nicéforo o primeiro que dela faz menção.

Sobreviveu muitos anos a S. Paulo falecendo em extrema velhice, aos oitenta e quatro anos. Mas também não consta com certeza, nem o lugar, nem como morreu, ficando sempre em dúvida, se faleceu de morte natural ou, como dizem outros, crucificado em uma oliveira.

Lucas — *Evangelho de* — O terceiro e último dos chamados *Evangelhos Sinópticos*.

Lúcifer — O planeta Vênus e noutro sentido, o demônio segundo se lê nos escritos dos Santos Padres, comentando aquêlê texto de: *Como caiste do Céu, ó Lúcifer, tu que brilhavas como a Estrêla da manhã?* E suposto que êste texto quanto à letra, se refira ao rei de Babilônia, que decaiu do alto grau da sua glória até o mais profundo abatimento, isto não impede que se possa explicar alçgoricamente da queda do Anjo apóstata. *Is* 14, 12.

Lunático — Dá-se êste nome a certos enfermos, que se julgam particularmente oprimidos nos quartos da lua, como se observa nos epiléticos, maníacos e melancólicos e muito mais nos possessos pelo demônio, que não poucas vezes são parecidos com aquêles enfermos. *Mt* 4, 24; 8, 28-34; 17, 14-18.

Licaônia — Província da Ásia Menor, que confina com a Galácia ao Norte, com a Pisídia ao Sul, com a Capadócia ao Nascente, e com a Frígia ao Poente. Ali pregou S. Paulo nas cidades de Icônio e Listra. *At* 13, 51-14, 23.

Lícia — Outra província da Ásia Menor, que confina com a Panfília ao Nascente, com Cária ao Poente e ao Sul com o Mediterrâneo. S. Paulo desembarcou no porto de Listra na Lícia, quando navegava na presença de Nero no ano 60 de era vulgar. *At* 21, 1-2.

Lida — Por outro nome *Dióspolis*, no caminho de Jerusalém para Cesaréia de Filipos, confinava com a cidade de Jope, na distância de quatro léguas para o Nascente. Pertencia à tribo de Efraim e parece que foi habitada pelos benjamitas, ao voltarem de Babilônia. O Apóstolo S. Pedro curou ali um homem chamado Enéias. *At* 9, 38

Lídia — Mulher de Tiatira, mercadora de panos, que morava na cidade de Filipos em Macedônia. S. Paulo a converteu e batizou com toda a sua família. Ela antes era prosélita e não judia. O Martirológio Romano no dia 3 de agosto a declara por Santa. *At* 16, 14-40.

Lídia — Região da Ásia Menor cuja capital era Sardes. *Apc* 1, 11.

Limbo — Termo consagrado pelos teólogos para significar o lugar em que estiveram as almas dos Santos Patriarcas e todos os Justos até à Ressurreição de Jesus Cristo, que as livrou daquele tenebroso cárcere e as fez

gozar da sua gloriosa vista. A palavra *Limbo* não se encontra no Sagrado Texto e não se conhece quem, entre os Padres.e teólogos, foi o primeiro que fêz uso dela.

Lísias — Amigo e parente do rei Antíoco Epífanes, o qual passando além do Eufrates deixou a Lísias a regência do reino, com ordem de guerrear e exterminar os judeus. Porém, êstes o derrotaram em duas batalhas e êle depois foi morto em Antioquia por Demétrio, filho de Seleuco no quinto ano do seu govêrno.

M

Maaca — A Escritura menciona varias pessoas com êste nome, de um e outro sexo bem como alguns lugares assim denominados.

1) Uma região da Síria também chamada Aram-Maaca, cujo rei guerreou contra Joab na frente de Médeba. 1 *Par* 19, 7-19.

2) Um dos filhos de Naor, irmão de Abraão que parece ter sido o tronco do povo que morava em Aram-Maaca. *Gen* 22, 24.

3) A mulher de Roboão, mãe do rei Abias. 3 *Rs* 15, 2.

4) Uma concubina de Caleb. 1 *Par* 2, 48.

5) Mulher de Maquir, filho de Manassés. 1 *Par* 7, 15. 16.

6) Uma das espôsas de Davi e mãe de Absalão, que era filha do rei de Gesur. 2 *Rs* 3, 3.

7) O pai de Hana, um dos valentes de Davi. 1 *Par* 11, 43.

8) A mulher de Jeiel, pai de Gibeon. 1 *Par* 9, 35.

9) O pai de Sefatias, que era chefe dos Simeonitas.
1 *Par* 27, 16.

Maasias ou *Maasai* — 1) O filho de Adaías, a quem Joiada descobriu o desígnio de matar Atália para colocar Joás no trono de Judá. 2 *Par* 23, 1.

2) O pai do falso profeta Sedecias. *Jer* 29, 21.

3) Um filho de Salum, guardião do Templo. *Jer* 35, 4.

4) O governador de Jerusalém no reinado de Josias. 2 *Par* 34, 8.

5) Um príncipe, filho do rei Acaz, que foi morto por Zicri. 2 *Par* 28, 7.

6) Um sacerdote, pai de Sefanias. *Jer* 29, 21.

Além destes, vários outros do mesmo nome são mencionados entre os que repudiaram suas mulheres por serem estrangeiras (*Esdr* 10, 18. 30) e aquêles que auxiliaram na reconstrução dos muros de Jerusalém. *Ne* 3, 23; 8, 7; 10, 25; 12, 41.

Macabeu — Entre as diversas opiniões que há sobre a origem dêste nome, parece mais verossímil a que se funda sobre a notícia de que os Macabeus traziam nos seus estandartes militares as quatro letras hebraicas, *Mem, Caph,*

Beth, Iod, que eram iniciais de palavras hebraicas que significavam: *Quem é semelhante a Vós, entre os Deuses, Senhor?*

E quando o nome de *Macabeu* se acha em singular, refere-se ao general Judas. filho de Matatias, do qual passou a seus irmãos Simão e Jônatas, e geralmente a todos aquêles, que na perseguição de Antíoco Epífanes assinalaram o seu zêlo e constância para defender a liberdade da sua pátria e a religião de seus pais.

E assim se chamam *Macabeus* os sete irmãos que padeceram a morte com sua mãe; dá-se também o nome de *Livro dos Macabeus* aos que encerram a história daqueles tempos. *Êx* 15, 11; *Mac* 2; 4.

Macedônia — Reino da Grécia, entre a Trácia ao Norte, a Tessália ao Sul, o Epiro ao Poente e ao Nascente o Mar Egeu.

O Apóstolo S. Paulo foi convidado a pregar na Macedônia pelo Anjo que lhe apareceu em Tróades. E ali fundou as igrejas de Tessalonica e de Filipos, tendo a justa consolação de as ver florescentes, numerosas e abundantes de tôdas as graças e dons espirituais. *At* 19, 21; 20, 1-3; 2 *Cor* 2, 13; 7, 5.

Macpelá — Um lugar perto de Mamre, onde foram sepultados Abraão, Sara, Isaac, Rebeca, Lia e Jacó. *Gên* 25, 9. 10; 29, 33; 50, 12-13.

Maqueronte — Castelo forte além do Jordão, na tribo de Rúben. Gabínio, capitão romano, o demoliu, porém

Aristóbulo o restaurou, e muito mais o grande Herodes, fortificando-o de maneira que nele depositou a melhor porção dos seus tesouros. S. João Batista ali esteve preso, sendo afinal degolado por ordem de Herodes Antipas.

Madan — Terceiro filho de Abraão e de Cetura. E' provável que êste Madan, com Madian seu irmão, tenham povoado o país de Madian, que fica ao Nascente do Mar Vermelho. *Gên 25, 2.*

Madian — 1) Quarto filho de Abraão e de Cetura. Dêle descendem os madianitas, cujas filhas perverteram os hebreus, como se refere no livro dos Números, de que receberam o castigo por mão de Finéias, que na frente de doze mil homens os destruiu, e lhes matou cinco dos seus reis que dominavam naquele país, situado ao Oriente do Mar Morto. *Gen 25, 2.*

2) Outro *Madian* parece ser filho de Cus; porque Séfora, mulher de Moisés, que era madianita, se denomina também *Cusita*; e o profeta Habacuc toma os madianitas por cusitas, ou como sinônimos ou, pelo menos, como vizinhos. E para êste país, situado ao Oriente do Mar Vermelho, fugiu Moisés. *Êx 3.*

Magos — Que vieram adorar a Jesus Cristo nascido em Belém. Crê-se comumente que eram três, cada um rei no seu país e que eram filósofos aplicados ao estudo da astrologia, aprendendo na escola dos descendentes de Balaão, que muitos séculos antes escrevera as suas observações e profecias de que se faz menção no Livro dos Números.

Mágico — Toma-se de modo ordinário para significar um adivinho ou um feiticeiro.

Malaquias — Que significa *Anjo do Senhor*, nasceu no lugar de Safa na tribo de Zabulon, e profetizou no tempo de Neemias, pouco depois de Ageu e Zacarias, no tempo que entre os sacerdotes e o povo havia grandes desordens, que êle severamente repreendeu. Faleceu muito moço e foi sepultado no túmulo de seus pais.

Malaleel — Filho de Cainan, descendente de Set. Êle gerou a Jared na idade de sessenta e cinco anos, vivendo depois até completar oitocentos e sessenta e cinco anos.

Os orientais querem que êste patriarca fôsse o primeiro que edificou casas e que abriu minas na terra para buscar as veias dos metais. Também lhe atribuem a fundação das cidades de Babel e Custer. E outros o confundem com o gigante Dondasé, que não usou de armas ofensivas, nem defensivas, combatendo só com o vigor dos seus braços e o reconhecem por monarca universal antes do Dilúvio.

Malazar — Superintendente de Daniel, e de seus companheiros por ordem de Nabucodonosor, teve o encargo de os alimentar com as iguarias da mesa régia.

Malco — Servo do Sumo Sacerdote Caifás, achando-se no Horto com os que foram prender a Jesus Cristo, foi ferido por S. Pedro, que lhe cortou a orelha direita e o Senhor lha sarou logo. Cornélio A Lápide é de opinião que Malco se converteu. E outros pelo contrário escre-

vem que êle foi o que feriu no rosto ao Salvador, dizendo-lhe: *Assim respondes ao Pontífice?* Mas o texto não favorece êste argumento. S. João diz que o que deu aquela injuriosa bofetada era um dos oficiais de justiça, que estavam na sala de Anás, sem declarar, que se apelidada Malco aquêle de quem ali trata. Jo 18, 10.

Malotas — Habitantes da cidade de Malo no país da Cilícia. Êles desprezaram de tal sorte a Antioquisida, dama de Antíoco Epífanes, que lhe negaram até o deixá-la entrar na sua cidade, tal era o horror que êles tinham dos seus crimes. 2 Mac 4, 3.

Malta — Ilha da África no Mediterrâneo. Indo S. Paulo para Roma, quando passou por ela, aonde o arrojou uma grande tempestade, uma víbora o mordeu na mão, quando ajuntava algumas vides para o fogo. E admirados os circunstantes de como êle, com tôda a calma, sacudia a víbora no lume sem esta lhe causar algum dano e de o ver na mesma ilha curar logo a vários enfermos, o quiseram adorar como sendo uma divindade. At 28,1-6.

Mamre — Os seus dois irmãos Abner e Escol eram amigos de Abraão. Êles o assistiram e o ajudaram a recobrar seu sobrinho Lô, que com tôda a sua família e fazenda, levavam os assírios, depois de saquearem a Sodoma, e Gomorra, e vencerem aos reis de Pentápole, rebeldes contra Codorlaomor. O vale, em que habitava Mamre, e no qual pôs o seu nome, é um formoso campo da tribo de Judá, na vizinhança da cidade de Hebron. Neste vale

foi Abraão honrado com a visita de três anjos, que lhe anunciaram o nascimento de Isaac. *Gên* 14, 13.

Mambres — Um dos escantadores de Faraó. Êle imitou, pela sua arte diabólica, alguns milagres de Moisés. Porém não podendo imitar o dos mosquitos, reconheceu e confessou que por Moisés operava a mão de Deus. *Êx* 9, 20-24.

Manaath — Um dos filhos de Sobal. *Gen* 36, 23.

Manaém — 1) Sexto rei de Israel. Vingou a morte de Zacarias com a de Selum, filho de Jabs, que tinha subido ao trono por meio de um parricídio. Êle pois ocupou o seu lugar, e só a cidade de Tersa se atreveu a resistir-lhe. Porém, conquistando-a logo, exercitou nela crueldades medonhas e obrigou os seus moradores a contribuir com a quantia de mil talentos, para se livrar da guerra, que Ful, rei da Assíria queria declarar-lhe. 4 *Rs* 15, 17-22.

2) Outro Manaém era da cidade de Antioquia, doutor da Lei, profeta e colação do rei Herodes Antipas. Êle se uniu com Barnabé e com Paulo, para pregar o Evangelho.

3) Outro era da seita dos Essênios, e estimado do povo. Profetizou a Herodes o Grande ainda moço, que seria um dia rei dos judeus, porém que padeceria muito no seu reinado. Êste prognóstico fêz com que Herodes sempre respeitasse muito aos Essênios. *Fl. Jos.*

3) Outro, enfim, foi filho de Judas Galileu, e chefe dos sediciosos contra os romanos. Tomou por assalto a Fortaleza de Mássada, roubou o arsenal de Herodes, armou as suas gentes, e se fêz reconhecer rei de Jerusalém. Porém, Eleazar homem poderoso e rico, sublevoou o povo contra êste usurpador e o fêz castigar com o último suplício *Fl. Jos.*

Manaim — Cidade governada por Ainadab, filho de Ado.
3 Rs 4, 14.

Manassés — 1) Filho primogênito de José e neto de Jacó. Ainda que fôsse o primogênito dos dois filhos de José, Jacó, na hora da morte, dando-lhe a sua bênção pôs-lhe a mão esquerda na cabeça, e deu com êste sinal a primazia, e o direito da primogenitura a Efraim, o qual era filho segundo. A sua tribo repartiu-se em dois países diferentes, separados pelo rio Jordão.

2) Outro do mesmo nome foi o décimo quinto rei de Judá. Sucedeu a Ezequias seu pai, e foi tanto mais ímpio quanto seu pai tinha sido virtuoso. Mandou passar pelo fogo a Amon seu filho, em honra de Baal. Mandou serrar o profeta Isaías seu tio pelo meio do corpo, por lhe ter feito algumas repreensões sôbre as suas desordens. Porém Deus castigou os seus crimes, suscitando contra êle o rei da Assíria, Nabucodonosor, que o capturou e o mandou meter em uma prisão onde se humilhou diante de Deus, e fêz uma penitência tão sincera, que o mesmo Senhor lhe perdoou, e fêz que Nabucodonosor o restituísse ao seu trono.

3) Outro houve, que foi soberano Pontífice; e por haver casado com a filha de um sátrapa persa, o povo se rebelou contra êle; porém, recorrendo a seu sogro, êste lhe alcançou licença para edificar um templo em . . . Garizim. *Fl. Jos.*

Mane — Vide *Baltasar*.

Maná — Alimento celeste, que Deus mandou do céu aos israelitas, quando êstes começaram a experimentar a falta de víveres no deserto.

Maon — Cidade da tribo de Judá, junto à qual havia um bosque, onde esteve Davi escondido muito tempo, e pertencia a Nabal, marido de Abigail.

Mará — Lugar onde se fez o quinto acampamento dos judeus. Êle foi assim chamado por causa do amargo das suas águas. Porém Moisés por ordem de Deus lançou nelas um pedaço de madeira e a adoçou por êste meio.

Marbata — Em lugar de *Siquém*.

Marcos (S.) — Evangelista. Êle escreveu o seu Evangelho estando em Roma. E depois o mandou S. Pedro para Alexandria do Egito, onde floresceu grandemente a religião por espaço de muitos séculos. Porém, os gentios, invejosos do progresso e das conversões que êle fazia, e irritados ainda mais com a destruição do seu templo, o prenderam e o arrastaram pelas ruas, até o pôrem fora da cidade; e neste martírio expirou.

Mardoqueu — Tio de Ester, mulher de Assuero, e descendente de Saul. Descobriu ao rei uma conspiração que dois oficiais tinham armado contra êle, por cuja causa teve a faculdade de ficar no palácio. O rei tinha um valido chamado Aman, o qual queria que todos o adorassem de joelhos. Só Mardoqueu, que não sabia ajoelhar, se não na presença de Deus, ficava assentado quando o valido passava. Isto o irritou de tal sorte que êste obteve do rei uma licença para fazer tirar a vida a todos os judeus em determinado dia, e tinha mandado levantar na sua casa uma força de cinqüenta côvados de altura para enforcar Mardoqueu.

Entretanto, avisou Mardoqueu a rainha, sua sobrinha, daquela ordem que tinha Aman para extinguir todos os judeus. E logo esta princesa, referindo e dando a conhecer ao rei seu espôso a malévola intenção e barbaridade inumana daquele pérfido e soberbo valido, lhe fêz passar decreto, para que êle com sua mulher, e seus filhos fôsem suspensos na mesma força destinada para Mardoqueu ao qual entregou o régio sêlo, nomeando-o para seu primeiro ministro.

Maresa ou *Maret* — Cidade na tribo de Judá reedificada por Roboão, ilustre por ter dado nascimento ao profeta Eliseu, e pela vitória que Asa, rei de Judá alcançou sôbre Zara, rei da Etiópia que o tinha vindo atacar.

Maria — A Escritura fala de muitas mulheres dêste nome, entre os quais as mais notáveis são as que se seguem:

1) A Virgem Maria, escolhida para ser mãe do Salvador. Tomou por espôso a S. José, oriundo como

também ela, da tribo de Judá e família de Davi. Estando em oração, appareceu-lhe o Arcanjo S. Gabriel e lhe annunciou que o filho de Deus receberia no seu ventre a nossa humanidade, por obra do Espírito Santo. E nela enfim se cumpriram todos os outros mistérios que declara o Evangelho a seu respeito e a todos os cristãos são notórios.

2) Outra Maria foi mulher de Cléofas, por outro nome chamado *Alfeu*, irmão de S. José, espôso da Virgem Maria. Também assistiu à paixão de nosso Senhor, e foi depois da sua morte embalsamar o seu Sagrado Corpo. *Mt* 28, 1; *Mc* 16, 1.

3) Outra chamava-se Maria Salomé, filha de Maria, e de Cléofas e mãe dos Zebedeus. Esta santa mulher, ouvindo Jesus Cristo dizer muitas vezes que elle vinha para reinar, imaginou que falava de um daqueles reinos em que se trata de grandeza e de magnificência. E com este pensamento lhe apresentou os seus dois filhos, pedindo-lhe que collocasse ambos no seu reino um à sua direita e outro à sua esquerda.

4) E quanto àquella que teve por sobrenome *Madalena*, há questão sobre ser a que Jesus Cristo livrou dos sete demônios, ou a irmã de Lazaro e de Marta, ou aquella grande pecadora, que se converteu à vista do Salvador.

Mariana — Foi filha do rei Aristóbulo, mui formosa. Casou com Herodes o Grande, o qual a amava extremosamente. Porém, como foi por extremo invejada, con-

seguiram os seus inimigos que perdesse seu marido a boa opinião que dela tinha e por isso a menor coisa que fazia, o afrontava. E por fim, falsamente acusada de lhe ter faltado à fé, êste príncipe nîmiamente crédulo, sem mais demora a mandou matar. Porém, teve logo um arrependimento tão vivo, que em muitas ocasiões perdia o juízo de tal forma, que dava ordem aos que o serviam de irem procurar a rainha para ir vê-lo e para o consolar nos seus desgostos. *Fl. Jos.*

Marta — Irmã de Lázaro e de Maria. Esta era a que ordinariamente recebia Nosso Senhor Jesus Cristo no seu lar de Betânia. Um dia em que tinha muito trabalho para preparar as coisas precisas, estranhando a sua irmã o estar ao pés do Senhor ouvindo-o, em vez de ajudá-la, queixou-se ao Salvador o qual lhe respondeu, que sem razão se inquietava; porque Maria tinha escolhido a melhor parte. *Lc 10; Jo 11.*

Masfa ou *Masfat* — 1) Era uma grande planície na qual derrotou Josué ao rei Jabim. *Jz 20, l. etc.*

2) Houve outra planície dêste nome, que ficava ao setentrião da tribo de Benjamim, aonde se ajuntaram os israelitas para fazerem guerra aos de Gabaa.

3) Dêste nome houve uma cidade na tribo de Judá, onde estabeleceu Samuel a sua morada para fazer justiça aos israelitas e onde ofereceu juntamente com êles sacrifícios, por Deus os haver livrado dos filisteus, quando lhes restituíram a Arca do Testamento, que tinham

levado em cativeiro. Nesta cidade foi Ismael assassinado por Godolias.

4) Houve ainda uma dêste nome na tribo de Gad, na qual mandou Jefté ajuntar as suas tropas quando derrotou os amonitas. Jz 10, 7.

Mássada — A praça mais forte da Judéia na tribo de Judá. Herodes o Grande a mandou fortificar de tal sorte, que apenas podia-se subir para ela mais do que um a um, e ainda era preciso pegarem-se com as mãos. Tinha nela todo o gênero de provimentos para muitos anos. Eleazar, chefe dos sicários retirou-se para êste castelo, porém vendo-se quase tomado por assalto, persuadiu aos habitantes que se matassem uns aos outros. O último que ficou lançou fogo ao castelo, e morreu entre as chamas.

Matan — Entre os que houve dêste nome o mais notável é o Sacerdote do Templo de Baal, morto a mandado de Jojada, Sumo Pontífice. 4 Rs 11, 18.

Matanias ou *Sedecias*, filho de Josias, rei de Judá. Êste príncipe, no espaço de onze anos de reinado, entregou-se a todo o gênero de impiedade dos seus predecessores. E Deus, irritado, suscitou o rei Nabucodonosor, que sitiando Jerusalém, o prendeu com os grandes da sua corte, e depois de fazer degolar os seus filhos na sua presença, mandou-lhe tirar os olhos, e o meteu em um calabouço, onde morreu miseravelmente. 4 Rs 24, 17.

Matatias — O mais notável entre os dêste nome foi o neto de Asmoneu. No meio da cruel perseguição de Antíoco,

conservou êste santo homem a religião de seus pais. Um dia, em que viu chegar-se um judeu perto do altar para sacrificar aos falsos deuses, obrigado de um santo zêlo, traspassou com a sua espada o judeu e o oficial que o mandava sacrificar. Depois derrubou o Altar e o ídolo, e saiu da cidade com os seus filhos, gritando em altas vozes, que aquêles que tivêsssem zêlo pela Lei de Deus, o seguissem. E logo êste Santo Varão, na frente de um pequeno exército viu-se em estado de não temer os inimigos. Morreu em paz, deixando o govêrno nas mãos do célebre Judas Macabeu o mais valoroso de todos os seus filhos.

Matias (S.) — 1) Foi discípulo de Jesus Cristo, e ficando pela morte de Judas, vago o lugar de Apóstolo, José por sobrenome o *Justo* e Matias foram os dois propostos para aquele ministério. E pedindo os fiéis a Deus que se declarasse por um dos dois, a sorte caiu em Matias. Êle foi para a Etiópia, onde pregou o Evangelho, e padeceu o martírio.

2) Houve outro Matias, para o qual tirou Herodes o Supremo Sacerdício a Boeto, filho de Simão. Mas, passados dois anos, suspeitando êste príncipe que êle tinha entrado na sedição do povo, que abateu a sua águia de ouro, o privou daquela dignidade. Era êle tão exato observador da Lei, que tendo sonhado na véspera de uma festa, que estava em culpa, pôs no seu lugar a José seu parente para celebrar naquele dia. *Fl. Jos.*

3) Outro do mesmo nome succedeu Jesus, filho de Gamaliel no Supremo Sacerdício. Aconselhou ao povo

que recebessem a Simão na cidade, para se opor aos excessos dos Zelotes. Porém, êste ingrato fêz acusar a Matias de estar de inteligência com os romanos, e logo o condenou à morte, sem lhe permitir que se justificasse.

4) Outro do mesmo nome era filho de Anano, o qual foi revestido do Supremo Sacerdócio, rejeitando-o Jônatas seu irmão, e foi despojado no fim de um ano, em favor de Elioneu, filho de Citeu. *Fl. Jos.*

5) Outro, enfim do mesmo nome era judeu, e do partido dos Macedônios. Nicanor o mandou entreter a Judas Macabeu com falsas proposições de paz.

Mateus — Por sobrenome *Levi*, evangelista, e um dos doze Apóstolos. Era êle cobrador dos tributos romanos, e dizendo-lhe Jesus Cristo que o seguisse, largou tudo e o levou para sua casa, que tinha em Cafarnaum, onde lhe deu um banquete, e não o deixou mais. Depois da morte de Jesus Cristo foi pregar na Etiópia, e depois na Pérsia, onde morreu. Êle escreveu o Evangelho em aramaico, do qual temos a tradução sòmente em grego.

Matusael — Filho de Maviael. Muitas vêzes o confundem com *Matusala*. *Gên 4, 18.*

Matusalém — Filho de Enoc, o qual viveu novecentos e sessenta e nove anos. *Gên 6, 21.*

Medad e Eldad — Não querendo entrar na sedição de Coré, Datan e Abiron, Deus os recompensou com o dom de profecia. *Núm 11, 6. 27.*

Melquisedec — Quer dizer *Rei de Justiça*. Está representado na Escritura como se não tivesse pai nem mãe, nem genealogia, nem subindo, nem descendo, sem predecessor, nem sucessor. Era sacerdote do Altíssimo, e rei de Salém. Saiu ao encontro de Abraão, quando êste vinha das derrotas dos reis aliados, e deu-lhe a sua bênção e ofereceu a Deus pão, e vinho em ação de graças. Abraão deu a êste príncipe o dízimo dos despojos, que extraira dos inimigos. *Gên 24*.

Mênfis — Uma das cidades mais célebres do mundo. Foi o teatro das maravilhas de José, filho de Jacó. Era esta a capital do Egito, onde as divindades do paganismo nasceram, e onde o deus Ápis, um touro vivo, era principalmente venerado. Dizem alguns que os monarcas daquele reino ocuparam os israelitas no tempo do seu cativeiro em edificar as suas sepulturas, aquêles famosos mausoléus ou pirâmides soberbas, reputadas como das maiores maravilhas do mundo.

Menelau — Por sobrenome Onias, tendo usurpado trezentos talentos do tributo, que Jason, supremo Sacerdote pagava a Antíoco Epífanes êste lhe deu o emprêgo de Supremo Pontificado, tirando-o ao sobredito Jason, o qual logo depois apostatou. Introduziu a Antíoco em Jerusalém, e ajudou a pôr no Santuário do Templo a estátua de Júpiter. Mas por fim serviu-se Deus, de Antíoco Eupator para o castigar dos seus crimes. Êste príncipe o mandou precipitar de uma torre abaixo. *2 Mac caps. 4-13; Fl. Jos.*

Menit — Lugar além do Jordão onde chegou Jefté na luta contra os amonitas. *Jz 11, 33*.

Meremot — Filho de Urias, o qual deu aos sacerdotes por ordem de Artaxerxes os tesouros e os vasos sagrados do templo. 1 *Esd* 2, 8. 33.

Merob — Filha primogênita de Saul, foi prometida a Davi em recompensa da vitória, que devia alcançar sobre Goliath; porém Saul faltou à sua palavra, e a deu a Adriel de Molat. 1 *Rs* 14, 49; 18, 17-19.

Merodac — Rei de Babilônia, mandou embaixadores a Ezequias, rei de Judá para aliar-se com êle, e para o felicitar da recuperação da sua saúde. 4 *Rs* 20, 12; *Is* 39.

Meroma — Um grande campo na tribo de Neftali, ou Barac e Débora derrotaram a Jabin e a Sisara. *Jz* 5-8.

Merom — Lugar onde Josué venceu a Jabin rei de Asor. *Jos* 11, 5-7.

Meroz — Cidade da tribo de Neftali, junto a Meromé. Os seus habitantes, ainda que valorosos, não se acharam na batalha contra Jabin e Sisara. Pelo que o Anjo do Senhor, que estava na frente do exército dos hebreus, a amaldiçoou e a Escritura não fala mais desta cidade. *Jz* 5, 23.

Mesa — Rei dos moabitas, recusando pagar a Jorão rei de Israel, o tributo que pagava a seu pai Acab, Jorão formou um exército para obrigar este príncipe a pagar o mesmo tributo; e socorrido de Josafá, rei de Judá, e do rei da Iduméia perseguiu a Mesa até na sua própria capital, a qual estava já quase para ser conquistada, quando

Mesa, desesperado mandou que seu filho subisse aos muros da cidade; e para mostrar que nem êle, nem seu sucessor jamais se sujeitariam a pagar o tributo, sacrificou aquêle seu filho seu sucessor na presença dos três reis; os quais, cheios de horror por uma tal ação, levantaram logo o sítio e se retiraram. *Fl. Jos.*

Mesopotâmia — Província da Ásia, lugar do nascimento dos primeiros patriarcas.

Méssa — Lugar em que pôs Jojada os Levitas armados para impedir que não entrassem no templo outras pessoas mais do que os conjurados contra Atália. 4 Rs 11, 6. *Fl. Jos.*

Meçsias — Nome dado pelos judeus ao enviado que êles ainda esperam debaixo dêste nome. Significa Ungido.

Miquéias — 1) Da tribo de Efraim, e profeta do Senhor. Acab, rei de Israel tendo contra a vontade de Deus deixado fugir a Adad, rei da Síria, que estava em seu poder, Miquéias logo disse a um israelita da parte de Deus: *dá-me na cabeça*, o qual por atenção para com o profeta não o quis fazer, mas em castigo da sua desobediência disse-lhe Miquéias, que seria devorado por um leão, o que assim succedeu. Então o capitão das guardas de Acab, timorato com êste castigo, deu na cabeça de Miquéias, e o feriu, como também lhe tinha mandado. E logo o profeta atando a cabeça com um pano, foi ter com Acab e dizer-lhe que o seu capitão das guardas tendo-o feito guarda de um prisioneiro, o deixara fugir por temer que o matasse; e que assim a sua vida estava em

grande risco. Acab respondeu que a merecia perder. Miquéias tinha usado dêste expediente, para dar maior força às suas palavras. E tirando logo a atadura da cabeça, disse a Acab que êle mesmo tinha pronunciado contra si a sentença. E por isso Deus, como por castigo de êle deixar fugir a Adad, permitiria que fôsse vencido por êste príncipe, e morto na batalha.

Desde logo acendendo-se a guerra entre os reis de Israel e da Síria, Sedecias, chefe dos falsos profetas prognosticou a Acab um bom successo. Mas perguntado Miquéias, disse que os profetas enganavam ao rei, e que morreria. Sedecias, ofendido, deu-lhe um bofetão. E o Santo profeta contentou-se com dizer-lhe que fugiria de uma câmara para a outra, afim de evitar o castigo que mereciam as suas mentiras. Acab contudo mandou pôr Miquéias em uma prisão e ordenou que lhe não dessem outro sustento mais do que pão e água, até êle voltar. Mas a profecia de Miquéias cumpriu-se sendo vencido Acab e morto com uma seta. 3 Rs 22; Fl. Jos.

1) Houve outro Miquéias, que foi um dos doze profetas menores nos reinados de Joatan, de Acáz, e de Ezequias.

Micol — Filha de Saul, nascida depois de Merob, era uma princesa formosa. Amou Davi e descobriu a sua paixão a seu pai, o qual a aprovou e lha prometeu com condição de que êle lhe trouxesse cem cabeças de filistêus; e Davi, em lugar de cem, trouxe-lhe duzentas. Vendo então que não conseguira o seu intento, que era de fazer morrer Davi, propondo-lhe uma tarefa tão

árdua, qual era a de expôr-se a tal perigo, mandou alguns arqueiros para o matarem. Porém Micol salvou Davi, fazendo-o descer por uma janela, de noite. Saul, em vingança, tirou Micol a Davi para a dar a Falti filho de Lais, da cidade de Galim. E Abner depois, para fazer a sua paz com Davi, morto já Saul, tirou Micol a Falti e a restituiu a Davi. E porque ela censurou Davi por ter cantado e dansado diante da Arca, Deus a castigou, fazendo-a estéril. 1 Rs 14, 49; 18, 19. 20; 2 Rs 3, 13.

Miguel — Arcanjo. A Escritura diz que combateu na frente dos Anjos bons contra os máus, aos quais precipitou nos infernos. E que contestou também com o demônio sobre o corpo de Moisés. — *Dan* 10, 12; *Jud* 9.

Mifiboset — Dois foram os que tiveram êste nome.

1) O primeiro era filho de Saul e de Resfa. Davi o entregou juntamente com outros seis filhos de Saul aos gabaonitas, para se vingarem do mau tratamento que Saul lhes fizera padecer. 2 Rs 21, 8.

2) O segundo era filho de Jônatas e neto de Saul. A ama que o criava, quando soube da morte de Saul e dos seus filhos, ficou tão assustada, que o deixou cair, de cuja queda ficou côxo tôda a sua vida. Davi, em consideração a Jônatas seu pai, fêz-lhe muitos favores e ordenou a Seba, que o seguisse com os seus vinte escravos, e com as suas quinze moças juntamente. Mas por causa de uma acusação falsa de Seba tirou Davi a Mifiboset todos os seus bens; ainda que depois por compai-

xão, que dêle teve, lhe tornou a dar a metade. Vid. 2 Rs 4, 4. *Fl. Jos.*

Mira — Cidade de Lícia, onde embarcou S. Paulo para ir a Roma. *At* 27, 5.

Mirra — Qualidade de árvore, que não dá fruto mas sua madeira tem agradável perfume. Os magos, que foram adorar a Jesus Cristo recém-nascido, ofereceram-lha. Nicodemos embalsamou o corpo do Salvador com uma qualidade de perfume muito estimado, e feito de mirra. Fazia-se vinho de mirra para dar àqueles que deviam padecer suplícios dilatados, afim de que ficassem desacordados. Offereceram-no a Jesus Cristo, que o rejeitou. *Mt* 2, 11; *Jo* 19, 39.

Mísia — Província da Ásia menor. S. Paulo chegando ali, dispunha-se a partir para Bitínia, porém o espírito de Deus não lho permitiu. *At*. 16, 7-8.

Misac ou *Misael* — Um dos três mancebos que foram lançados na fornalha. Vid. *Abdênago*.

Modin — Arrabalde ao Oriente da tribo da Dan, para onde se retiraram Matatias, e seus filhos com todos aquêles, que não queriam obedecer às ordens injustas de Antíoco Epífanes.

Moloc — Ídolo dos amonitas, em honra do qual mandou Salomão erigir um templo, em que se queimavam os filhos de família nos braços da estátua ardente. Moloc era o mesmo que Saturno. Fala-se dêste abominável uso em *Lev* 20 e outras passagens.

• *Monobazo* — Rei dos acabenianos.

Morastia — Pequeno arrabalde da tribo de Judá, onde nasceu o profeta Miquéias. *Js* 26, 28.

Mória — Monte de Jerusalém, no qual quis Abraão sacrificar o seu filho Isaac, e onde foi edificado o templo salomônico. *2 Par* 3, 1.

Moisés — Quer dizer *tirado das águas*. Seu pai chamava-se Amram, e sua mãe Jocabed. O faraó Amenófis, rei do Egito, vendo que os hebreus se faziam um povo cada vez mais considerável, lavrou um decreto pelo qual ordenava aos egípcios que todos os filhos de hebreus fossem lançados no rio Nilo. Jocabed, tendo conservado a Moisés por espaço de três meses, fêz um cestinho de junco, untou-o de betume e o lançou no rio Nilo. Termutis, filha do rei, passando pela borda do rio, mandou que lhe trouxessem o tal cestinho, e agradando-se da formosura do menino, o adotou e o mandou criar ao modo dos egípcios. Flávio Josefo conta que êle se distinguia nas guerras dos egípcios contra os etíopes. Porém valha a verdade, Moisés depois de descoberta a sua origem, padeceu todos os maus tratamentos a que os egípcios submetiam por ódio que tinham aos hebreus. Êle, vendo um dia, que um egípcio maltratava um hebreu, matou o dito egípcio; e para evitar o ser procurado por causa desta ação, retirou-se para a terra de Madian, onde serviu a Jetro, sacerdote do país; e socorrendo as suas filhas na ocasião em que uns pastores lhes não deixavam beber as suas ovelhas, Jetro agradecido por esta ação, deu-lhe em casamento uma das moças, chamada Séfora.

Guardando Moisés os seus rebanhos, ouviu um dia Deus falando em um arbusto ardente; que o mandou tirar os israelitas do cativeiro em que estavam no Egito. E para o certificar de que Êle faria milagres a êste respeito, lhe ordenou que lançasse no chão a vara que tinha na mão, a qual se mudou logo em serpente, que fêz fugir a Moisés. Porém Deus o tornou a chamar e lhe ordenou que pegasse na cobra pela cauda, a qual logo se tornou no que era antes disso. Moisés então, com o dom dos milagres, foi ter com Faraó, e fez (para o obrigar a que deixasse sair os israelitas do Egito) alguns prodígios tão admiráveis que os mágicos confessaram que o dedo de Deus operava por êle. Com efeito, êle fêz vir sôbre o Egito muitas pragas, livrando contudo a terra de Gossen, em que estavam os hebreus.

A primeira praga foi a mudança das águas do Nilo em sangue. A segunda, foi a das rãs, as quais entravam por tôdas as casas, camas e mesas. A terceira, a dos mosquitos, os quais pregavam mordeduras mortais. A quarta, a das môscas. A quinta foi uma peste, que matou o gado todo que estava no campo. A sexta, foi esta mesma praga, que passou do gado para os homens. A sétima, foi uma chuva de pedra, que danificou todo o país, ou a maior parte. A oitava, uma nuvem de gafanhotos, que acabou de destruir tudo o que a pedra tinha poupado no campo. A nona, as trevas que cobriram a terra por espaço de três dias e três noites. A última, enfim, a morte dos primogênitos do Egito (incluido o de Faraó) mortos por um Anjo exterminador em uma noite, exceto os filhos dos israelitas, cujas portas foram assinaladas com o sangue do cordeiro, que tinham comido na primeira Páscoa.

Faraó, temeroso, deixou, enfim, sair os israelitas, e apenas tinham partido, logo os perseguiu. Mas chegando Moisés ao Mar Vermelho, separou as suas águas com a vara, e mandou passar o povo para a outra parte. Faraó seguiu os israelitas por êste novo caminho. Porém Moisés, com a mesma vara fez unir as águas do mar, nas quais foram submergidos e engolidos Faraó, e todo o seu exército. Moisés compôs em ação de graças um cântico. Caminhando pelo deserto, aliviou o povo que morria de sede, tirando água de um rochedo, que tocou com a sua vara. Chegando ao pé do Monte Sinai, subiu Moisés ao cume dêle, onde se entreteve com Deus por espaço de quarenta dias e quarenta noites, sem beber, nem comer. Deus lhe deu ali a Lei escrita pela sua mão, porém Moisés irritado de ver que o povo adorava um bezerro de ouro, quebrou logo as tábuas da mesma Lei.

Contudo, tornou Moisés a subir para o alto do monte, e ficando ainda com Deus outros quarenta dias e quarenta noites, sem comer, nem beber, trouxe outras tábuas da Lei, as quais mandou guardar na Arca do Testemunho. Deixou leis particulares para a paz, para a guerra, e para os costumes. Êste grande legislador obteve de Deus o perdão dos crimes dos israelitas, que se tinham muitas vêzes rebelado. E êle só por ter alguma dúvida sôbre o poder de Deus, quando tocou duas vêzes em um rochedo com a sua vara para tirar dele água, foi privado da entrada na terra de Canaã. Quando Moisés conduziu o povo até os limites da terra de Canaã,

Deus lhe mandou que subisse ao monte Nebo, donde viu tôda aquella terra. E suposto que morreu naquele monte, Deus não permitiu, que se soubesse o lugar da sua sepultura. Êx 34.

N

Naaman — General dos exércitos de Benadad, rei dos sírios, andava coberto de lepra. Uma escrava israelita disse um dia a sua senhora, mulher de Naaman, que se elle quisesse ir ver um profeta em Samaria, não duvidava de que elle o curasse. Ouviu Naaman o parecer e alcançou cartas de Benadad seu amo para Jorão rei de Israel, pelas quais lhe pedia que recebesse os seus presentes e curasse o seu general. O rei Jorão recebeu muito mal a dita carta do rei e rasgou os seus vestidos, dizendo que aquêlê príncipe procurava causa para quebrar a amizade que com elle tinha. E que não era Deus para tirar ou dar saúde. Eliseu mandou logo dizer ao rei que em Israel havia um profeta. Então foi Naaman procurá-lo e chegou à sua porta com uma grande equipagem de cavalos e de carros. Mas o profeta, sem ir em pessoa recebê-lo e falar-lhe, contentou-se em lhe mandar dizer por Giezi seu criado, que não tomasse o trabalho de subir; porque bastava ir lavar-se sete vêzes no Jordão, para ficar logo são. Ofendeu-se êste general da pouca civilidade que recebeu do profeta; e voltou logo cheio de cólera. Porém no caminho começaram os seus criados a dizer-lhe que sendo tão fácil de praticar o que lhe mandavam fazer, era justo executá-lo. Deu-lhes Naaman crédito e lavando-se sete vêzes

no Jordão, saiu com a pele tão pura e limpa, como a de um tenro menino. Cheio pois de reconhecimento por tal benefício, foi dar as graças ao profeta, o qual não quis receber nenhum dos seus donativos. Naaman renunciou à idolatria e Giezi lhe pediu e conseguiu dêله algum dinheiro com uma mentira que lhe disse. Porém Eliseu, para o castigar, fêz que passasse para êle a lepra de Naaman.

Naas — Rei dos amonitas. Passado um mês, depois da sagração de Saul foi Naas sitiar Jabes, capital da província de Galaad, a qual estando em tal situação, ofereceu aos habitantes, que lhes deixaria a vida com a condição de se deixarem tirar o olho direito. Esta resposta consternou os judeus de tal sorte que, tendo alcançado uma dilação de sete dias, expediram correios por tôda a Judéia a pedir socorro. Os mensageiros mandaram tocar a rebate por toda a Judéia, e Saul, que lavrava a terra, sabendo a causa dos gritos que ouvia, cortou os seus bois pelo meio e ameaçou com um igual tratamento a todos os israelitas que não se achassem armados e prontos para o seguirem por tôda a parte onde os quisesse levar. Vieram todos para o lugar assinalado e marchou Saul com tanta prontidão, que todo o exército de Naas foi derrotado e o mesmo Naas se achou no número dos mortos.

O filho do mesmo rei deu retirada a Davi no tempo da perseguição que lhe fazia Saul. E tendo Davi subido ao trono, mandou embaixadores a seu filho Anon, para renovar a sua amizade. Porém Anon, mal aconselhado, tratando com desprêzo os embaixadores de Davi, atraiu a si a ruína inteira da sua nação. 1 Rs 11. *Fl. Jos.*

Nabaiot — Filho primogênito de Ismael, filho de Abraão e de Agar. Dêle descenderam os nabateus, povos de maus costumes e que, entretanto, bons serviços prestaram a Judas Macabeu e aos judeus. Porém, depois da morte de Judas, quebraram a amizade que tinham com Jônatas seu irmão, que os derrotou muitas vezes e fez grande destruição nas suas terras.

Nabal — Da cidade de Naon, na tribo de Judá. Era um homem consideravelmente rico em rebanhos: mas a sua opulência era acompanhada de avareza, de brutalidade e maldade. Davi, obrigado a andar vagabundo com a sua gente pelo deserto, para fugir de Saul, sabendo que Nabal tosquiava as suas ovelhas no monte Carmelo, mandou-lhes dez mensageiros para lhe pedir que lhe desse alguns provimentos, em consideração de que, estando êles no país, longe de lhe fazer ou causar dano, tinham sempre protegido os seus pastores e os seus rebanhos. Nabal recebeu os mensageiros com desprêso e os mandou embora, dizendo-lhes mil injúrias contra Davi. Irritado, êste formou quatrocentos homens, com os quais resolveu exterminar a família de Nabal. Porém Abigail sua mulher, sabendo a conduta de seu marido, mandou logo carregar sôbre alguns jumentos provimentos de tôdas as espécies, os quais foi ela mesma apresentar a Davi. Davi comovido pela sua sabedoria e sua formosura, perdoou a seu marido o qual, quando voltou para casa, soube que tinha bebido até perder o uso da razão. No dia seguinte contou-lhe o que tinha feito e lhe pintou tão vividamente o perigo a que se tinha exposto, que Nabal deitou-se na cama e morreu no fim de dez dias. Davi casou com a viuca. 1 Rs 25; Fl. Jos.

Nabat — 1) Pai de Jeroboão rei de Israel.

2) Um parente do velho Tobias.

Nabot — Da cidade de Jezrael. Possuía uma vinha junto ao palácio do rei Acab, o qual a pediu para fazer dela um jardim, prometendo-lhe que lhe daria em troca uma melhor, ou que lhe pagaria o preço, que por ela pedisse. Nabot negou-lha, dizendo que era herança dos seus pais. Isto ocasionou uma pena tão grande a Acab, que se deitou na cama e não queria comer mais. Jezabel sua mulher, sabendo a causa do seu pesar, escreveu logo aos primeiros da cidade de Jezrael, que fizessem uma assembléia, e que produzissem testemunhas falsas, que acusassem a Nabot de blasfemo; o que foi feito, e Nabot foi apedrejado. Então Jezabel levou a notícia ao rei, o qual se apoderou da vinha. 3 Rs 21.

Nabucodonosor — Foi rei de Babilônia. Joaquim, rei de Judá, na esperança de ser socorrido pelo Faraó Necau, rei do Egito, recusou pagar a Nabucodonosor o tributo que lhe devia. Ele então sitiou Jerusalém, prendeu Joaquim e, tirando-lhe a vida, o deixou sem sepultura. Três meses depois prendeu e trouxe cativo a Jeconias, filho de Joaquim, que tinha constituído rei, em lugar de seu pai. Depois dêste, pôs Sedecias no trono, o qual experimentou e padeceu algum tempo depois uma sorte igual à do precedente. Então levou Nabucodonosor os vasos sagrados e os pôs em Babilônia. Cheio pois de soberba, mandou fazer uma estátua de ouro e ordenou a todos os seus vassallos que a adorassem, sob pena de morte. Todo o povo se sujeitou, exceto Ananias, Misael e Aza-

rias, os quais mandou lançar em uma fornalha ardente; porém um Anjo os preservou do fogo, donde saíram sãos e salvos. Nabucodonosor, à vista dêste milagre, lavrou um decreto para proibir por todo o seu império, que se blasfemasse o nome do Deus dos judeus.

Depois teve dois sonhos que Daniel lhe explicou. No primeiro lhe profetizou o que havia de ser o seu império. No segundo anunciou-lhe que, em castigo da sua altivez, seria reduzido à sorte dos brutos por espaço de sete anos; o que assim succedeu. Caiu pois perigosamente enfêrmo. e, fazendo-o a força do delírio reputar por um bruto, deixaram-no ir para o bosque, onde assistiu por espaço de sete anos; no fim dos quais viu que aquela doença era para o humilhar da sua soberba. Fêz penitência dos seus pecados, e tornou a subir ao trono. Mas Evilmerodac, seu filho, profanou seu cadáver e o expôs aos animais do campo. 4 Rs 24. 25. *Fl. Jos.*

Nabuzardan — General dos exércitos de Nabucodonosor, foi enviado para roubar o templo e levar tôda a nobreza cativa para Babilônia. A Jeremias deixou a escolha de ficar ou de o seguir e Jeremias ficou. Levou também êste general os vasos sagrados do templo, exceto a Arca da aliança, o altar dos incensos e perfumes, o grande candelabro, a mesa dos pães da proposição e o sagrado Tabernáculo que Jeremias pediu. Foi êste profeta esconder tudo o que Nabuzardan lhe deixou em uma caverna da montanha de Nebo, onde disse Jeremias que ficaria tudo guardado até o fim do mundo.

Nacor — Era irmão de Abraão e tio de Jô.

Nadab — Vide *Abiú*.

Naum — Um dos profetas menores. Renovou as profecias de Jonas contra Nínive.

Naum — *Livro de* — O sétimo entre os escritos dos Profetas Menores.

Naím — Cidade da tribo de Issacar, onde Jesus Cristo res-suscitou o filho de uma viuva no meio da rua, quando o levavam a enterrar. *Lc* 7, 11.

Naiot — Deserto junto a Ramata, para onde se refugiou Davi, quando Saul o principiou a perseguir.

Natan — 1) Um filho de Davi e de Betsabé.

2) O Profeta que repreendeu Davi pelo seu adul-tério.

Natanael — 1) Houve alguns dêste nome, entre os quais fo-ram os mais notáveis um doutor da lei, que Josafá rei de Judá mandou por diversas cidades do seu reino, para ins-truir o povo. 2 *Par* 17, 1.

2) Outro foi um dos setenta e dois discípulos de Jesus Cristo, o qual lhe deu um grande louvor, dizendo que era um *israelita verdadeiro*.

Natanias — De geração real, pai daquele Ismael que matou a Godolias. Vide Godolias. 4 *Rs* 25.

Nazaré — Cidade da tribo de Zabulon, onde assistiu Jesus Cristo. Os habitantes desta cidade quiseram um dia precipitar o Salvador do alto de um rochedo abaixo; porém Ele passou pelo meio dêles e desapareceu.

Nazareno — Era uma seita entre os judeus. Faziam voto de se consagrarem no serviço do Templo ou por alguns anos, ou perpétuamente. Era proibido aos nazarenos beber vinho e comer uvas. Nunca haviam de passar a navalha de barbear sôbre a sua cabeça.

Neápolis — Em lugar de *Siquém*.

Nebo — Montanha, de cuja altura mandou Deus a Moisés que considerasse e visse tôdâ a Terra Santa. Moisés morreu nesta montanha, e não se soube onde ficou o seu corpo.

Necau — Faraó, rei do Egito, indo para combater a Nabucodonosor, pediu a Josias, rei de Judá, que lhe desse passagem pelas suas terras; e negando-lha Josias, lhe apresentou batalha, onde foi mortalmente ferido de uma seta. Joacaz, sucessor de Josias, persuadiu a Sedecias, último rei de Judá, que se livrasse do jugo de Nabucodonosor, e foi com efeito resolvido a fazer levantar o sítio de Jerusalém. Porém Nabucodonosor tomou-lhe a dianteira, e o venceu. 4 Rs 23. Fl. Jos.

Nequeda — Cidade da província de Babilônia, onde os judeus depositavam o dinheiro que mandavam todos os anos, para o templo de Jerusalém.

Neeslecol — Quer dizer *Vale do cacho*. Êste é o vale da terra de Canaã, onde Josué e Caleb, mandados para examinar a dita terra, colheram um cacho de uvas tão grande, que foi preciso levarem-no suspenso em um grosso e comprido madeiro.

Neemias — Judeu de nação, tinha chegado a ser copeiro-mor do rei Xerxes, ou Artaxerxes: e de tal sorte ganhou a confiança de seu amo, que lhe não negava cousa alguma do que lhe pedia. Soube, com grande dor, os males que os judeus padeciam por parte dos povos vizinhos de Jerusalém. E estando servindo à mesa do rei, perguntou-lhe um dia êste príncipe a razão por que andava triste. Neemias, aproveitando-se da pergunta, alcançou um decreto para reedificar a cidade e o Templo de Jerusalém. E partindo logo com êste decreto, tanto fez com os seus cuidados e diligências, que em cinqüenta dias se acabou tôda a obra. Procurou então Neemias o fogo sagrado no poço de Nefi, onde os judeus o esconderam quando foram cativos; porém não se achou mais do que uma água espessa ou enlodada, a qual mandou Neemias tirar e trazer para regar a lenha e a vítima destinada para o primeiro sacrifício. E logo que o sol saiu de entre as nuvens, acendeu a mesma água, com grande admiração dos que presenciaram o prodígio. 2 *Esdr* 1, 2.

Nenrod — Filho de Cus e neto de Cam. Êle foi o primeiro que usurpou o poder soberano, e o que intentou edificar a torre de Babel. Reinou na Babilônia, no país de Senaar Asiático. Julga-se ser êste o fundador de Nínive, a quem prestaram as honras divinas debaixo do nome

de Baal, ou de Bel, rei de Assíria. Porém não se deve confundir o dito Nenrod, nem Baal, nem Bel, com Assur.

Nefan — Parente de Davi. Em uma guerra contra os filisteus foi mandado com um corpo de exército para os combater. Ele brigou só por só com o mais valente e o mais forte dos inimigos; o que os atemorizou de tal sorte que foram derrotados. *Fl. Jos.*

Nefat-dor — Província da Judéia, da qual era governador Ben-Abinadab, genro de Salomão.

Nefi — Nome do poço onde Neemias achou água em lugar do fogo sagrado. Outros dizem que era a piscina, ou *tanque das ovelhas*, onde se lavavam as que tinham de ser oferecidas em sacrifício.

Neftali — 1) Um dos filhos de Jacó, ou um dos doze patriarcas, chefe de uma das doze tribos de Israel.

2) Na tribo de Judá houve uma cidade assim chamada.

Neri — Filho de Melqui, e pai de Salatiel.

Neriglissar — Em lugar de *Niglissar*.

Nero — Imperador romano. Houve dois.

1) O primeiro foi Tibério Nero.

2) O segundo foi Domício, filho de C. Domício Enobardo e de Agripina e foi o primeiro que começou

a perseguir os cristãos; era tão cruel e tão mau que o seu nome passou a significar perversidade.

Nerva — Imperador romano, expediu um decreto em que proibia que se perseguissem os judeus e os cristãos por causa da religião.

Netufati — Campo junto a Jerusalém, cheio de vilas e lugares, donde tirou Neemias os levitas que deviam servir no templo.

Nicanor — Entre os que houve dêste nome o mais notável foi o general dos exércitos do rei da Síria. Foi encarregado de ir combater Judas Macabeu: e tendo-o êste vencido no primeiro combate com sete mil homens sòmente, Nicanor, cheio de admiração e de respeito, se declarou por seu amigo. Durou esta aliança até que os seus invejosos o caluniaram para com o rei, acusando-o de que se entendia com Judas Macabeu para o atraiçoar. Recebendo pois Nicanor uma carta do rei, na qual lhe ordenava que lhe entregasse Judas vivo ou morto, Nicanor mandou então aos sacerdotes, que lhe entregassem Judas, se não arrasaria o Templo. Depois marchou na frente de um numeroso exército, blasfemando contra Deus e contra o Templo. Porém Judas, cheio de confiança em Deus, lhe deu batalha, venceu-o, matou-o e mandou pendurar a sua cabeça, e o seu braço nas ameias da muralha de Jerusalém, e fazer a sua língua em picado, em castigo das suas blasfêmias. Instituiu Judas Macabeu uma festa para celebrar no futuro a derrota, e a morte dêste general. *Fl. Jos.*

Nicausis — Rainha de Sabá; ouvindo está princesa falar da sabedoria de Salomão, quis certificar-se por si mesma. Partiu pois para a Judéia, onde foi recebida magnificamente. Presenteou a Salomão com cousas muito preciosas, e recebeu suntuosos donativos dêste príncipe. *Fl. Jos.*

Nicodemos — Fariseu, doutor da lei, e um dos mais consideráveis entre os judeus foi um dos discípulos mais zelosos que teve Jesus Cristo. Ia muitas vêzes visitá-lo, mas de noite, para não ser conhecido. Opôs-se no senado à morte do Salvador, cujo corpo tirou da Cruz, ajudado nesta obra pia por José de Arimatéia. Julga-se que foi martirizado com Gamaliel. *Martyr. Rom.*

Nicolau — Foi um dos sete primeiros diáconos. Os padres falam com diversidade a seu respeito, uns o fazem autor da seita dos nicolaitas, que diziam que não se ganhava o paraíso, senão entregando-se a todo o gênero de paixões; outros justificam a Nicolau dêste êrro, o qual atribuem aos gnósticos.

Niglissar — Filho de Evilmerodac e neto de Nabucodonosor. No tempo dêstes príncipes durou o célebre cativo dos judeus em Babilônia.

Nimrod, em lugar de *Nemrod*.

Nínive — Capital da Assíria. Entregando-se esta cidade a todo o gênero de vícios, mandou-lhe Deus o profeta Jonas para pregar a penitência, e advertir os ninivitas, que não lhes dava mais tempo, do que quarenta dias, para

se arrependerem; e, não o fazendo, seria a cidade destruída. Creram os ninivitas ao profeta, e com os exemplos do seu rei, converteram-se e desviaram d'êste modo os castigos com que foram ameaçados. Depois foi esta cidade destruída pelo rei de Babilônia, que a reuniu ao seu império.

Nítia — Cidade do Egito, que os hebreus edificaram no tempo em que durava a sua perseguição.

Noadias — Sobrenome de Semeias; deixou-se corromper com os presentes do governador de Samaria, para impedir a Neemias o reedificar a Jerusalém. Supôs Noadias que tivera muitas revelações, sem poder contudo impedir a reedificação dos muros. 2 *Esdr* 6, 14.

Noan — Em lugar de *Naarata*.

Nobe — Cidade da tribo de Benjamim, onde assistia o Supremo Sacerdote e os seus coadjutores. Saul a mandou destruir e passar ao fio da espada tudo o que era vivo, por ter o supremo sacerdote Aquimelec dado a Davi a espada de Golias e os pães da proposição. O mesmo Aquimelec, e noventa e cinco sacerdotes foram degolados por ordem e na presença de Saul. Vide *Doeg* 2 *Rs* 22.

Noé — Filho de Lamec. Tendo chegado a serem os homens insuportáveis por causa dos seus enormes crimes, e dos seus excessivos vícios, resolveu Deus exterminar a todos. Noé, o único justo, mereceu ser separado do número daqueles que deviam morrer. Para o sal-

var ordenou-lhe Deus que fizesse uma arca, na qual se pudesse retirar êle, a sua família, e um casal de animais de tôdas as espécies, machos e fêmeas. No espaço de cem anos, que gastou Noé em fabricar a arca, não cessou de exortar os homens a que fizessem penitência; porém os homens não lhe deram ouvidos. Deus mandou então chuvas para afogar tudo o que tinha vida. Homens e animais, tudo morreu, exceto o que estava dentro da arca. Depois que as águas cessaram e se abateram, parou a arca no cume de um monte da Armênia, chamado Ararat, o mais alto que tinha aquêlê país.

E certo já por algumas aves que largou, de que as águas se tinham retirado, saiu Noé, e ofereceu um sacrificio a Deus. Então fêz o Senhor aliança com êle, e lhe deu o arco do céu em sinal de que não haveria mais dilúvio. Noé applicou-se depois em cultivar a terra. Entre outras plantas cultivou a vinha; porém, como não conhecia ainda a eficácia do vinho, alienou-se e dormiu, ficando descoberto por um modo inconveniente. Cam, seu segundo filho, vendo-o neste estado, fêz dele zombaria, e chamou os seus irmãos Sem e Jafé para lho mostrar. Porém êstes, cheios de respeito para com seu pai, o cobriram com uma capa, retrocedendo modestos para o não verem naquella situação. Quando Noé acordou, abençoou a Sem e a Jafé, pela ação que lhe tinham feito e amaldiçoou a posteridade de Cam. *Gen* 5, 29; 6, 9.

Noema — Filha de Lamec e irmã de Tubalcaim, inventou a arte de fiar, de cozer, e de tecer pano para se vestir.

Antes de Noema, os vestidos nenhuma outra coisa eram, senão peles de animais, que esfolavam.

Noemi — Da tribo de Judá, sendo obrigada a sair do seu país com seu marido Elimec, para a terra dos moabitas nela casou os dois filhos Maalon e Queilon; e, morrendo ambos, quis ela tornar para Belém, onde tinha nascido. E Rute uma das suas noras, empenhada em segui-la, casou ali com um homem rico chamado Booz, seu parente mais próximo, de cujo casamento nasceu Obed, avô de Davi, de quem tinha de proceder o Messias. Vide o livro de *Rute*.

Noestan — Deus, irritado com as murmurações contínuas dos israelitas, mandou para o seu campo umas serpentes, cujos dentes eram tão venenosos, que todos os mordidos morriam, como consumidos de um fogo lento. Por meio das orações de Moisés ordenou Deus que se fizesse uma serpente de bronze, e pôs nela a virtude de curar os que fôsem mordidos, quando pusessem a vista na dita figura. Porém depois tendo os israelitas feito dela um ídolo, Ezequias, rei de Judá a mandou destruir, dando-lhe por desprêzo o nome de *Noestan*. 4 Rs 18, 4.

O

Oam — Rei de Hebron, um daqueles que foram sitiá-lo em Gabaon, e que foram enforcados por ordem de Josué. *Jos* 10.

Obadias — Ver *Abdias*.

Obal — Povo descendente de Jectan. *Gên* 10, 28.

Obed — 1) Um filho de Efilial. 1 *Par* 2, 37.

2) Um filho de Booz e de Rute, avô de Davi. *Rt* 4, 17-22.

Obededom — Era um hebreu distinto pelas suas virtudes. Em sua casa mandou Davi depositar a Arca da Aliança quando a fazia transportar para Jerusalém. Impressionado Davi com o castigo de Oza, e não se julgando digno de ter consigo a Arca, mandou depositá-la em casa de Obededom; porém só ficou ali três meses porque percebendo Davi que a família de Obededom era por esta causa cheia de bênçãos, a mandou transportar alegremente para Jerusalém. 2 *Rs* 6, 11-16.

Obel — em lugar de *Obed*.

Obot — Trigésimo sétimo acampamento dos israelitas. Neste sítio, sendo os judeus mordidos pelas serpentes que Deus mandou para os castigar, foram curados com a vista da serpente de bronze. *Núm* 33, 43.

Ocozias — 1) O filho e sucessor de Acab, rei de Israel. Caíu de uma janela, e todo o corpo se lhe magoou. Mandando pois consultar a Belzebu, divindade dos moradores de Acaron, no país dos filisteus, Elias foi logo ter com os enviados, e lhes perguntou, *se em Israel havia um Deus, porque mandava o rei consultar os ídolos?* Ordenou-lhes então que dissessem ao rei que nunca tornaria a si da sua doença. E conhecendo êle que era Elias pelo relato que os enviados lhe fizeram, mandou-o prender. Porém dois capitães, que expediu para êste fim, foram queimados com tôda a sua tropa por um fogo do céu. E o terceiro que o rei mandou, mais prudente, com o exemplo dos outros, chegou-se humildemente para o profeta, pedindo-lhe que o seguisse para vir falar ao rei. Elias então o seguiu, e repetiu a *Ocozias*, que morreria daquela doença. 4 *Rs* 1; *Fl. Jos*.

2) O segundo era filho e sucessor de Jorão, rei de Judá. Tendo ido visitar a seu tio Jorão, rei de Israel, que ficara ferido no sítio de Ramot Galaad, viu que tinha sido morto por Jeú. E êle mesmo fugindo no seu carro, e sendo ferido com uma seta, montou logo a cavalo, e correu à redea solta até Maguedon, onde expirou. 4 *Rs* 8, 24. 9.

Oded — Um profeta israelita que saiu ao encontro de Facéias, rei de Israel, para censurá-lo pelo fato de levar cativos seus irmãos de Judá, especialmente mulheres, em número de duzentos mil. *2 Par* 29, 5-14.

Og — Rei de Basan, de Galaad, e de Gaulanita. Josué o matou. Era êste rei da geração dos gigantes, e deitava-se em uma cama de ferro, de nove côvados de comprimento. A tribo de Manassés possuiu os seus Estados. *Núm* 22; *Fl. Jos.*

Onan — Filho de Judá, e neto de Jacó, foi amaldiçoado por Deus, por causa das suas impurezas e morreu de repente. *Gen* 38, 9.

Onésimo — Frígio, escravo de S. Filemon, em cuja casa tinha assistido S. Paulo. Tendo êste escravo feito um considerável furto a seu senhor, fugiu para Roma, onde encontrou a S. Paulo. Êste o converteu e lhe entregou uma carta para S. Filemon o qual, satisfeito de ver que o seu escravo já era cristão, o estimou e favoreceu, dando-lhe a liberdade. Julga-se que S. Paulo o fêz bispo de Beréia em Macedônia, onde coroou a sua vida com a auréola do martírio. *Flm* 8-20.

Onesíforo — Discípulo de S. Paulo, padeceu martírio juntamente com S. Porfírio, e foi arrastado à cauda de um cavalo. *Martyrol. Rom* 2 *Tim* 4, 19.

Onias — 1) O sucessor de Jedoa, ou Joad, no Sumo Pontificado. No tempo do seu governo, Ptolomeu, por sobrenome *Sóter*, filho de Lago, tomou Jerusalém à traição

em um dia de sábado, havendo-o recebido os judeus, como amigo. *Fl. Jos; Tirin. Cron.*

2) O segundo foi também Supremo Sacerdote, o qual ia sendo a causa da ruína da Nação por culpa da sua avareza. Não quis pagar a Ptolomeu rei do Egito vinte talentos de tributo. Porém seu sobrinho José recuperou com a sua prudência a culpa de seu tio. Foi a êle quem Arias rei de Esparta, escreveu para fazer em aliança dizendo que achara nos arquivos que os lacedemônios, e os judeus tinham a mesma origem. *1 Mac 12. Fl. Jos.*

3) O terceiro Onias foi também Sumo Pontífice. Simão, prefeito do templo, perturbando a paz que havia foi procurar ao rei Seleuco e lhe aconselhou que se fizesse senhor dos tesouros do Templo. O rei mandou Heliodoro para êsse fim. Êste dispôs-se, apesar das exortações do Supremo Sacerdote, executar à força as ordens do Rei. Porém dois Anjos o maltrataram tão cruelmente, que ficaria morto, se o Santo Pontífice não tivesse alcançado, por meio das suas orações a sua cura. que êle ganhou para êsse fim. Onias apareceu depois de morte a Judas Macabeu, a quem profetizou a vitória que alcançou sobre Nicanor. *2 Mac caps. 3 e 4.*

4) Um filho do precedente. Vendo-se êste frustrado da sucessão de seu pai, retirou-se para o Egito, onde obteve do rei Ptolomeu Filometor a licença de edificar um Templo em Heliópolis. Alcançou também algumas terras e rendas para os sacerdotes destinados a servirem

no dito Templo o qual subsistiu trezentos anos, e fôï destruido pelo Imperador Vespasiano.

5) O último enfim, distinto pela sua santidade, obteve de Deus, por meio das suas orações, o fim de uma fome. Acendendo-se a guerra entre Hircano e Aristóbulo, escondeu-se em uma caverna, para não tomar parte em semelhante desordem, compondo-se ambos os partidos, de judeus. Contudo, sempre foi acusado de ser do partido de Hircano. E querendo-o obrigar a amaldiçoar a Aristóbulo, o povo e os sacerdotes do Templo, fez êste santo homem a oração seguinte: *Grande Deus, já que êstes são do vosso Povo, e aqueles os vossos Sacerdotes, eu vos peço, que não ouçais nem a uns, nem a outros.* Furioso, o povo o apedrejou, e foi êste crime castigado pouco tempo depois com uma fome horrôrsa. *Fl. Jos.*

Ofni — 1) e *Finéias*, ambos filhos de Heli, Sumo Pontífice. Tão impios eram êles, quanto seu pai era pio. Violentavam as donzelas e as mulheres que traziam ofertas; tomavam para si tudo quanto se oferecia; e pediam contribuições para fazer e dar justiça. A Escritura os chama filhos de Belial. Porém Deus puniu êstes crimes todos com a batalha de Afec, onde Ofni e Finéias, ainda que trouxessem a Arca para o campo, esperando que a sua presença faria vitoriosos os judeus, foram mortos, combatendo pela defesa da mesma Arca, que caiu em poder dos Filisteus. 1 Rs 2.

2) Na tribo de Benjamim houve uma cidade chamada Ofni.

Olimpio — Sobrenome de Júpiter. Antíoco mandou pôr a estátua dêste falso deus no templo de Jerusalém, e quis, mas em vão, obrigar a que os judeus a adorassem. *1 Mac 6, 2.*

Ooliab — Vide *Beseleel*.

Ornam — Vendeu a Salomão o lugar, no qual mandou êste príncipe edificar o famoso Templo de Jerusalem.

Otoniel — Segundo irmão de Caleb. Casou com Axa, filha de seu irmão, em recompensa do valor que mostrou na tomada de Cariat-Séfer onde foi o primeiro que subiu, quando se deu o assalto, e passou ao fio da espada os gigantes que guardavam aquela cidade.

Os hebreus, depois de dezoito anos de paz e de abundância se esqueceram de Deus, e adoraram os ídolos. Porém Deus, para os castigar, os entregou a um rei dos amonitas, chamado Cusan Rasataim, que os teve por espaço de oito anos na mais dura escravidão. A sua miséria os fez tornar a si e o Senhor, penetrado do seu arrependimento, serviu-se de Otoniel para os libertar. Formou êste um exército e, fiando-se em Deus, deu batalha a Cusan, o venceu e matou, e tornou a pôr os israelitas em liberdade. *Jz 3.*

Oza — Filho de Aminadab. Em sua casa se pôs a Arca em depósito, para a conduzirem a Jerusalém por ordem de Davi. Fêz-se êste transporte com uma pompa magnífica. Soavam na cidade as trombetas e os festivos clamores, quando a pública alegria se mudou em tristeza, por causa de um acidente imprevisto. Os bois, que pu-

xavam pelo carro, em que estava a Arca, dando um passo falso, pendeu a Arca para um lado, e Oza acudindo com a mão para a sustentar, no mesmo instante Deus o castigou com a morte. 2 Rs 6.

Este horroroso castigo atemorizou a Davi de tal sorte que se não atreveu a conduzir logo a Arca para o lugar, que lhe preparara no seu palácio. Mandou-a pôr em casa de um levita chamado Obededom, onde esteve só pelo espaço de três meses.

Oséias — *Livro de* — O primeiro dos escritos dos Profetas Menores. Casou por ordem de Deus com uma mulher mundana, de quem teve três filhos, aos quais pôs os nomes, que indicavam a destruição próxima do reino de Israel.

Oséias — *Livro de* — O primeiro dos escritos dos Profetas Menores.

3) Outro do mesmo nome era filho de Elá, e foi o último rei de Israel. Subiu ao trono, matando a Facéia. Nove anos depois dêsse homicídio, querendo livrar-se do jugo de Salmanasar, rei da Assíria, foi tomado e preso em Samaria, e levado para o cativeiro com todo o seu povo. 4 Rs 17.

Ozi — Houve muitos dêsse nome, dos quais o mais notável foi o filho de Boci, quinto Supremo Sacerdote depois de Aarão, e predecessor de Heli.

Ozias — O mais notavel de todos os que tiveram êste nome, foi o governador de Betúlia, quando Holofernes pôs o sítio a esta cidade. Recebeu com grande honra a Aquior, chefe dos amonitas. E por êle não querer entregar a cidade a Holofernes, pouco faltou para que o povo amotinado o não apedrejasse. *Idi* 10, 11-23.

P

Palestina — É a terra de Canaã, ou a terra da Promissão, também chamada Terra Santa.

Parasceve — Véspera de sábado. Em um dia semelhante morreu o Salvador na Cruz. *Mt* 27, 62.

Pármenas — Um dos sete primeiros Diáconos, eleitos com Santo Estêvão juntamente. Foi martirizado em Filipos, cidade de Macedônia. *At* 6, 5.

Páscoa — Quer dizer *Trânsito*. Duas passagens há célebres: uma, do Mar Vermelho, depois da qual Miriam, irmã de Moisés, seguida das suas companheiras, entoou o Cântico do Livramento. Outra, chamada a passagem do Anjo exterminador, o qual perdoou no Egito àqueles, cujas casas estavam assinaladas com o sangue do cordeiro sacrificado. A Páscoa era a maior Festa dos hebreus, e ainda hoje entre os cristãos, pois a celebram em memória da Ressurreição do Salvador. Foi instituída esta Festa para conservar a memória da passagem do Anjo exterminador na saída do Egito e da soltura da escravidão de Faraó. Os judeus deviam comer neste dia um cordeiro assado, com pão feito sem fermento, e alfaces e não deviam quebrar um só osso do dito cor-

deiro, nem reservar cousa alguma dêle para o dia seguinte, sendo obrigados a queimar o resto que ficava. Deviam-no comer em pé, com um bordão na mão, como fizeram na véspera, em que saíram do Egito. Era esta Festa ordenada tão rigorosamente, que todo aquêlê que não a celebrava, era condenado à morte.

Patmos — Ilha célebre, por ter sido o lugar do destêrro de S. João Evangelista, e onde escreveu o Apocalipse.

Patrôcolo — Pai do ímpio Nicanor.

Paulo (S.) — O apóstolo das Gentes. O seu primeiro nome foi *Saulo*, e era filho de um cidadão romano, da cidade de Tarso em Cilícia, e da tribo de Benjamim. Criado na seita dos fariseus, foi o mais cruel inimigo que os cristãos tiveram. De tal sorte consentiu na morte de Santo Estêvão, que seguiu os vestidos daqueles que o apedrejaram. O Supremo Sacerdote lhe assinou cartas, por onde lhe dava poder para prender todos os cristãos que achasse em Damasco. Montou a cavalo e estando já perto da cidade com a resolução de trazer para as prisões de Jerusalém os cristãos que nela achasse, de repente foi penetrado e tocado com uma luz divina. Esta luz o ofuscou de tal sorte, que caiu do cavalo, e ouviu uma voz, que dizia: *Saulo, Saulo, por que me persegues?* Levantando-se logo, como não via, os seus criados o conduziram pela mão até Damasco, onde o discípulo Ananias o visitou e o batizou. Caíram dos seus olhos como que umas escamas e recuperou a vista.

Então principiou Saulo, já convertido, a pregar na Sinagoga de Damasco, que Jesus era o Messias. Quase

três anos depois da sua conversão, achando-se ainda em Damasco, insuflaram os judeus ao governador desta cidade para que pusesse sentinelas nas portas para prenderem a Saulo, com o desígnio de o matar sem formalidade alguma. Porém os cristãos o fizeram descer dentro de uma canastra pelas ameias da muralha para escapar por este meio à crueldade dos judeus. Foi para Jerusalém, onde se ajuntou com os Apóstolos. Porém como houve algumas conspirações formadas para o matarem, os fiéis o enviaram para Tarso, para casa dos seus parentes, onde pregou por espaço de alguns anos. Ajuntou-se depois com Barnabé, e foi pregar em Antioquia. Foi encarregado de levar para Jerusalém as esmolas dos fiéis dessa cidade. Saulo e Barnabé se separaram depois para irem pregar em diferentes lugares. Então Saulo foi arrebatado até ao terceiro Céu, onde soube cousas que não é permitido, diz êle na segunda Epístola aos Coríntios, que nenhum mortal profira. Foi depois para a Ilha de Chipre, onde converteu o Procônsul Sérgio Paulo, de quem tomou o nome, e cegou a Bar-Jesus, o qual queria perverter ao dito Procônsul. Tendo chegado a Antioquia de Pisídia, como viesse o povo judaico tão obstinado, sacudiu de seus pés o pó, ameaçando-o com a ira de Deus. Acompanhado com S. Barnabé, foi para Listra, cidade de Licaônia, onde com a sua palavra sarou um côxo. Ficaram de tal sorte espantados e admirados os seus habitantes com este milagre, que lhes quizeram levantar altares como a deuses; porém êles rasgaram os seus vestidos e os impediram, dizendo que eram homens como êles. Depois em uma sedição, lançaram-se todos sôbre Paulo e o apedrejaram, de sorte que foi deixado e tido por morto. Voltou então para

Antioquia, e quase cinco anos depois se fêz o primeiro Concílio em Jerusalém, no qual se decidiu que a circuncisão não era necessária aos gentios.

Aparecendo-lhe, quando dormia, um macedônio, pedindo-lhe que pregasse no seu país, tomou Saulo êste aviso por uma ordem expressa de Deus, e partiu logo para Macedônia. Lançou fora um demônio do corpo a uma endemoninhada; porém seu amo, a quem esta possessão enriquecia muito, levando e conduzindo por tôda a parte a mostrar aquela serva, excitou uma sedição contra êstes dois Apóstolos, os quais foram passados pelas varas, postos em prisão, e carregados de ferros. Sucedeu no meio da noite sobrevir um terremoto tão grande, que as portas da prisão se abriram, e se quebraram as cadeias dos prisioneiros. O carcereiro, julgando que Paulo e Silas e os outros prisioneiros tinham fugido, queria matar-se, como responsável pela sua vida; porém êles correram, aparecendo-lhe, o converteram e o batizaram. Amanhecendo o dia, mandaram os magistrados dizer aos carcereiro que deixasse sair a Paulo e Silas. Respondeu Paulo que êles não sairiam da cadeia, até que os próprios magistrados os viessem tirar, e se desculpassem da ofensa que lhes tinham feito, sem conhecimento de causa, a êles, que eram cidadãos romanos. Os magistrados, com efeito foram, e rogaram aos dois santos que saíssem da cidade.

S. Paulo foi depois pregar em Tessalonica, em Beréia, e em Atenas, onde falou no Areópago, e converteu um Juiz chamado Dionísio, e também uma mulher chamada Damaris. S. Paulo trabalhava no seu

ofício, que era fazer barracas de peles cozidas para os soldados. Todos os dias de sábado pregava na Sinagoga. Foi apresentado por causa da religião a Galião, Procônsul de Corinto; porém êste o rejeitou, dizendo que aquella disputa não lhe pertencia. O profeta Agabo lhe profetizou, quando voltava para Jerusalém, que seria preso com cadeias, e que padeceria a morte pela fé; o que assim succedeu. Foi para Jerusalém, onde foi preso, e defendeu a sua Causa na presença de uma grande e numerosa assembléia. Como esta assembléia era composta de fariseus e de saduceus, S. Paulo disse que êle era fariseu, e que pregava a ressurreição dos mortos, na qual criam os fariseus.

Depois foi mandado ao Governador Félix, em cuja presença falou, e na de Festo, e do Rei Agripa e vendo que o queriam entregar aos judeus, apelou para César. Conduziram-no para Roma com outros presos dentro do mesmo navio, o qual foi batido por uma furiosa tempestade, em cujo templo se pôs S. Paulo em oração, e apesar do naufrágio, aportou felizmente em Malta, onde foi mordido por uma víbora, mas sem perigo. Chegou enfim a Roma, onde depois de um biênio, foi solto, e pregou com S. Pedro juntamente. Fêz milagres, combateu Simão Mágico, ficou dois anos em liberdade, e partiu depois para o Oriente, donde tornou para Roma. O Imperador Nero mandou que lhe cortassem a cabeça.

Pecadora — Jesus Cristo, depois de escreve sôbre a terra com o seu dedo na presença dos Fariseus, que lhe trouxeram uma mulher adúltera, para ver se a condenaria, ordenou que o que estivesse sem pecado lhe atirasse a primeira

pedra; porque, segundo a Lei, devia ser apedrejada. Todos se retiraram em silêncio, uns depois dos outros. E ficando Jesus Cristo só com a dita mulher, a mandou embora, dizendo-lhe que nunca mais pecasse. *Jo* 8, 11.

Pedro (S.) — Príncipe dos Apóstolos, andava ocupado em pescar com seu irmão André, quando o Salvador, passando, chamou-os. Largaram as suas redes e o seguiram. Pedro, chamado antecedentemente *Ce/as*, foi de todos os discípulos o que mais prontamente creu na Divindade do Messias. O nome de Pedro foi dado e pôsto, comparando-o à pedra, que serve de fundamento a um edifício. Foi tão grande a sua fé que, vendo um dia caminhar Jesus Cristo pela água, a pé, para ir buscar a sua barca, onde estava com outros discípulos, desceu dela, e lhe saiu ao encontro, metendo-se também na água e caminhando por ela. Mas afrouxando um pouco na fé, começava a submergir-se, quando o Salvador lhe estendeu a mão e o levantou. Perguntando um dia Jesus Cristo aos Apóstolos o que pensavam dele, Pedro respondeu logo por todos, e lhe disse: *E's o Messias, Cristo, Filho de Deus vivo*. Na véspera da Paixão, falando Jesus Cristo com os seus apóstolos sobre a experiência que havia de fazer da sua fé, S. Pedro lhe disse que, ainda quando todos os outros o abandonassem, êle estava resolvido a seguí-lo até à prisão, e até à própria morte. Porém Jesus lhe prognosticou que, bem longe de morrer por êle, o negaria três vezes, antes que o galo cantasse.

Quando veio para o Monte das Oliveiras enquanto prendiam a seu Divino Mestre, tirou pela espada pa-

ra o defender e cortou com ela a orelha de um certo Malco, criado do Sumo Sacerdote. Porém Jesus Cristo moderou o seu ardor e lhe disse que tornasse a embainhar a sua espada. Pedro seguiu o Salvador até à casa de Caifás onde, perguntando-lhe umas criadas se conhecia a Jesus, êle jurou que o não conhecia. No mesmo instante o galo cantou. Lembrando-se então S. Pedro da profecia, saiu para fora e chorou amargamente a sua culpa. Êle foi um dos primeiros a quem apareceu o Salvador ressuscitado. Depois da descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes, pregou com tanta força espiritual que converteu uma grande multidão de ouvintes. Acompanhadas as suas pregações com os milagres que fazia, multiplicaram-se as conversões em todos os países, por onde viajou. Foi preso por ordem do rei Herodes Agripa, o qual resolveu mandar matá-lo depois da Festa da Páscoa. Estava êle atado de pés e mãos com cadeias e guardado por dezesseis soldados. Porém um Anjo lhe abriu as portas da prisão e lhe tirou os ferros, e o conduziu para fora pelo meio dos guardas, que estavam dormindo. Foi logo direito para casa de Marcos, onde os fiéis juntos oravam pela sua liberdade.

Depois de ter fundado a Igreja de Antioquia, e pregado o Evangelho no Ponto, na Capadócia, etc. foi também fundar a Igreja de Roma, donde voltou para Jerusalém: e ali se achou, quando se realizou o primeiro Concílio. Enfim voltou para Roma, onde se irritou Nero contra êle, por ter feito morrer a Simão o Mágico, o qual tinha prometido ao Imperador que se elevaria ao Céu na presença dos romanos e dos Apóstolos. Com efeito, Simão fêz-se levantar no ar por meio dos demônios, para enganar aos assistentes. Porém Pedro e Pau-

lo oraram então com tanto fervor, que os demônios o abandonaram e caindo êste embusteiro, quebrou de tal sorte o corpo, que morreu da queda. Afinal, depois de ter feito S. Pedro um número prodigioso de milagres, curado doenças incuráveis, fazer andar os côxos, dado vista aos cegos, ressuscitado mortos, castigado com a morte os mentirosos, foi crucificado com a cabeça para baixo, como êle tinha pedido, por humildade.

Pentápole — Nome da província, onde estavam as cinco cidades: Sodoma, Gomorra, Adama, Seboim e Segor ou Bela. Foram destruídas pelo fogo celeste, e submergidas.

Pentecostes — Festa dos Judeus, instituída cinqüenta dias depois da Páscoa, em lembrança de que Deus lhes deu a Lei escrita pela sua mão. Também foi instituída esta Festa entre os cristãos em honra da descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos. Dez dias depois da Ascensão, estando os fiéis todos juntos em uma camara, sentiu-se na casa um grande estrondo, como o de um vento impetuoso, e viram que o Espírito Santo descia em forma de línguas de fogo sobre a cabeça de cada um dos Apóstolos. Desde então principiaram a pregar, e a falar em línguas. E no mesmo dia pregou S. Pedro com tanto fruto, que três mil pessoas se converteram.

Peréia — Uma comarca na outra parte do Jordão, onde estavam as tribos de Rubens, de Gad, e a metade da de Manassés.

Perfumes — Altar dos perfumes, que servia para se oferecerem nele continuamente vários aromas a Deus. Estava

êste Altar na primeira parte do Tabernáculo diante do véu, que separava a Arca da Mesa dos pães da Proposição e do Candelabro de ouro.

Perge — Capital da província da Panfília, que Paulo e Barnabé visitaram em sua primeira viagem missionária. *At* 13, 13. 14; 14, 25.

Petor — Cidade situada no norte da Palestina, nas vizinhanças do rio Eufrates, habitada pelos heteus até quando Salmanasar a conquistou, transformando-a em colônia assíria. Núm 22, 5.

Pêso — Palavra usada, além da significação própria, para indicar figuradamente o juízo de Deus contra um povo ou lugar. *Is* 14, 28; *Os* 8, 10.

Pigmeus — Povo de grande coragem que defendeu as torres de Tiro. *Ez* 27, 11.

Pilatos — Pôncio Pilatos foi o quinto governador romano da Judéia, sucedendo a Arquelau. Ao contrário do que acontecia, foi assumir o cargo, levando sua mulher consigo. Logo à chegada entrou em choque com os judeus porque devido ter mandado entrar os soldados dentro de Jerusalém, levando as suas insígnias, sendo que o costume era conservá-las fora das portas. Em seguida, tendo mandado empregar dinheiro sagrado na construção de um aqueduto, houve um protesto veemente contra tal ato, por parte dos judeus, que se amotinaram. Pilatos, mandando infiltrar-se por entre a multidão grande número de soldados disfarçados, reprimiu com tal

violência o motim, que houve mortos e feridos em quantidade. Pela terceira vez entrou em atrito com o povo, ao mandar guardar no palácio de Herodes alguns escudos dourados em honra ao imperador Tibério. Novamente houve protestos que não foram atendidos.

Seu modo de agir diante de Nosso Senhor Jesus Cristo deixa patente que estava disposto a fazer justiça, mas foi impedido pelo interesse próprio, pois temeu ser acusado diante de César. Assim, mandou crucificar o Filho de Deus, embora reconhecendo a sua inocência. Durante o julgamento foi advertido por sua mulher, que o mandou avisar sobre um sonho que tivera a respeito. Pilatos acomodou sua consciência dentro de uma bacia com água, onde lavou as mãos, ato pelo qual julgou fazer recair a culpa da condenação do Salvador sobre os judeus. Chamado a Roma, em consequência de uma queixa formulada contra ele pelos samaritanos, foi banido para Viena, ao sul da Gália onde, segundo consta, pôs fim a sua existência, suicidando-se.

Pináculo — Parte elevada do Templo onde Jesus foi conduzido por Satanás para contemplar a magnificência do mundo. *Mt* 4, 5.

Piscina — Tanques ou reservatórios de água existentes em várias cidades, de onde era canalizada para regar os jardins. Em Jerusalém havia os tanques de Betsaida, Siloé e Gion.

Pisídia — Um distrito da província da Galácia, cuja cidade principal era Antioquia, visitada por S. Paulo. *At* 13, 14.

Plátano — Árvore silvestre na Palestina, embora cultivada em alguns lugares. E' o *platanus orientalis*, traduzido também como pinheiro em algumas versões. *Gen* 30, 37; *Ez* 31, 8.

Plêiades — Grupo de estrêlas da constelação do Touro. Os antigos se referiam a elas como sendo em número de sete, mas apenas são vistas seis atualmente, a ôlho nu.

Poço — Escavação feita na terra para se encontrar água. Quando esta não estava muito profunda, era tirada por meio de um cântaro que era mergulhado, sendo também usadas, para êsse fim, vasilhas de barro ou de couro, que eram descidas por uma corda. Havia também poços em que eram cavados na rocha alguns degraus de modo a atingir a superfície da água. Geralmente os poços ou cisternas eram circundados, na sua abertura, por meias paredes de pedra para proteção. Muitas vezes a escavação era feita também em sentido horizontal, correndo a água encontrada, pelas depressões do terreno até ser acumulada em lugar próprio.

Diversos dêsses poços conservaram os nomes daquêles que os haviam perfurado ou usado, como o poço ou fonte de Jacó, onde a Samaritana se encontrou com Jesus e onde recebeu a mais eloqüente lição de sua vida. *Jo* 4, 5.

Pomba — Ave mencionada em várias passagens da Escritura, como símbolo de simplicidade, timidez e graça. *Sl* 54, 47; *Cant* 1, 15; *Os* 7, 11.

Era vendida no átrio do Templo (*Mt* 21, 12) para os sacrifícios e é o símbolo do Espírito Santo. *Lc* 3, 22.

Pompeu — General romano que sustentou Hircano contra Aristóbulo. Tendo tomado Jerusalém de assalto, penetrou até o Santo dos Santos, onde a ninguém se permitia penetrar senão ao Sumo Sacerdote uma vez por ano. Não levou, entretanto, o seu desrespeito ao ponto de tocar no que se encontrava no Santuário, no que foi imitado pelos que o acompanhavam. Durante todo o tempo de assédio da cidade, os sacerdotes continuaram a exercer suas funções e não deixaram de cumprir seus deveres, preferindo a morte. Pompeu foi morto mais tarde no Egito, por ordem de Ptolomeu em cujo palácio esperava refugiar-se.

Porco — Animal imundo, conforme preceituava a lei cerimonial (*Lev* 11, 7). Sua carne era abominável aos judeus (*Is* 65, 4). Era símbolo da imundícia (*Prov* 11, 22; *Mt* 7, 6) e a condição mais degradante a que um homem podia chegar era a de cuidar desses animais. *Lc* 15, 15.

Porfirião — Nome de uma ave considerada imunda (*Lev* 11, 18), uma espécie de água chamada *raam* em árabe, sendo notada principalmente pelo amor que tem pelos filhotes.

Porta — Abertura nas muralhas das cidades, guarnecidas de fortes trancas internas a fim de proteger os habitantes dos assaltos inimigos. Por cima das portas eram edificadas torres onde permaneciam sentinelas e de onde pudessem os defensores da cidade fazer frente aos que procurassem entrar (2 *Par* 26, 9). Junto às portas era costume se reunirem os mercadores, os magistrados, bem como outras pessoas de categoria, para travar discussões

sôbre assuntos de interêsse do povo (4 Rs 7, 1). Era igualmente o local uma espécie de tribunal, onde se pronunciavam sentenças condenatórias (*Dt* 21, 19).

Sansão arrancou as duas metades de uma porta da cidade de Gaza ao pretenderem os seus inimigos ali encerrá-lo e conduziu-as até o alto de um monte. *Jz* 16, 1-3.

Pórtico — Espécie de varanda coberta sustentada por meio de colunas, encontrada nos palácios dos potentados e nos templos. Ficou célebre o pórtico oriental do Templo de Salomão. *Ez* 8, 16; *Jo* 10, 23; *At* 3, 11; 5, 2.

Praga — Segundo a linguagem da Escritura, uma forma de castigo que Deus enviava, no sentido de fazer compreender ao povo as conseqüências da transgressão de suas leis e prática do mal.

A primeira menção de uma praga na Escritura, como castigo, é em *Gen* 12, 17 quando Faraó foi atingido pelo fato de ter cobiçado Sara, mulher de Abraão. Vêm em seguida as Pragas do Egito, mandadas em número de dez contra os egípcios, ao ensêjo da saída dos israelitas sob o comando de Moisés, procurando livrar-se da servidão. *Êx caps.* 7 a 11.

Pretório — Nome dado ao palácio de Pilatos em Jerusalém, onde dava audiências e lavrava sentenças (*Mc* 15, 16; *Mt* 27, 27) como também ao palácio de Herodes em Cesaréia onde S. Paulo esteve preso (*At* 33, 35).

Primícias — Aquilo que era costume oferecer a Javé em sacrifício (*Lev* 22, 12); os primeiros frutos do vinho, do azeite e do trigo (*Núm* 18, 12; 24, 30; *Dt* 18, 4).

Primogênito — E' de importância notar o valor que se dá na Escritura ao direito que tem o Senhor sobre as primícias não só dos cereais como também dos homens e dos animais.

Os primogênitos, nêsse caso, eram sempre consagrados a Deus (*Êx* 13, 2; 34, 19) e pertenciam ao Santuário.

Dessa forma ressaltava a importância aos primogênitos até no caso de calamidades, em que eram atingidos, como se deu no Egito, ao mesmo tempo que o sangue esparzido nas umbreiras das portas dos israelitas livrava da morte os seus primogênitos, enquanto eram atingidos os do Egito. *Êx cap.* 13.

O direito de primogenitura dava ao filho mais velho certas regalias que os demais não usufruíam, como o da chefia e representação da família e herança dobrada. Jacó vendeu seu direito de primogenitura a seu irmão Esaú em troca de um prato de lentilhas. *Gen* 25, 29-34.

Príncipe — Nome ou designação dada a quem exercia autoridade, de um modo geral, título de que gozavam os oficiais da sinagoga (*Lc* 8, 41), os membros do Sinédrio (*Jo* 3, 1) e os magistrados civis (*At* 16, 19).

Priscila — Mulher de um converso de nome Áquila, mencionada em *At* 18, 1-3. 18. 26 e saudada por S. Paulo em sua carta aos Romanos. *Rom* 16, 3.

Propiciatório — A cobertura da Arca, feita de ouro, ladeada por dois querubins também de ouro, cujas asas se tocavam e no meio dos quais se manifestava a glória de Deus. Êx 25, 17-22; 30, 6; Núm. 7, 89.

Prosélito — Designação dada aos pagãos que abraçavam o Judaísmo, no que se empenhavam especialmente os Fariseus.

Provérbios — Um dos livros poéticos da Bíblia.

Província — Divisões administrativas dos impérios, governadas por príncipes (3 Rs 20, 14), por sátrapas ou simplesmente governadores nomeados.

Ptolomeu — Nome comum aos reis do Egito que teve origem nos dias de Alexandre, o Grande, começando com Ptolomeu Sóter, o qual penetrando em Jerusalém como amigo, acabou levando cativo grande número de judeus. Um outro Ptolomeu ajudou por muito tempo os Macabeus, casando-se com a filha de Simão Macabeu. No entanto, mandou matar o sogro e os cunhados na fortaleza de Doc, nas proximidades de Jericó (1 Mac 16, 11).

Os mais célebres dos Ptolomeus foram: Ptolomeu Filopator, que ofereceu sacrifício no Templo de Jerusalém mas, impedido de penetrar no Santuário, planejou vingar-se dos judeus; Ptolomeu Filometox, que era filho de Cleópatra e foi amigo dos judeus. Morreu de uma queda de cavalo no ano 145 a. C. Outro Ptolomeu, chamado Fiscon ou Evérgets, irmão do precedente, cuja vida desregrada provocou reações do seu próprio povo e é mencionado em 1 Mac 1, 18. Tinha também esse nome

um dos generais de Antíoco Epífanes, que foi inimigo de Judas Macabeu (1 *Mac* 3, 38) e suicidou-se por ter caído no desagrado de seu rei.

Publicano — Cobrador de impostos ou coletor do govêrno de Roma. Devido muitas vêzes ao modo com que agiam, eram os publicanos mal vistos e mesmo odiados pelo povo. Apesar disso, um deles foi chamado por Jesus para ser um dos seus seguidores e foi êle um dos que escreveram a vida do Salvador, isto é, S. Mateus, cujo nome anterior era Levi. *Mt* 9, 9; *Mc* 2, 14.

Um outro que, também ocupava êsse cargo, foi alvo das atenções de Jesus e chamava-se Zaqueu. Ver *Lc* 19, 1. 2. Numa de suas parábolas, o Mestre faz estabelecer um chocante contraste entre a oração vaidosa e presunçosa de um fariseu e a petição humilde de um publicano. *Lc* 8, 9-14. Por tudo isto, naturalmente foi o Salvador chamado “amigo de publicanos e pecadores” e acusado de tomar refeição com êles. *Mt* 9, 10-13.

Públio — Rico morador da ilha de Malta, que hospedou S. Paulo e sua comitiva, cujo pai foi curado por intercessão do Apóstolo. Públio, que era designado como príncipe, devia exercer qualquer função de importância, como delegado do império romano e foi depois de convertido o primeiro Bispo de Malta.

Pudente — Senador romano que foi convertido por meio de S. Paulo e S. Pedro em cuja casa assistiam. E’ mencionado em 2 *Tim* 4, 21 com o nome também de Pudente, enviando saudações a Timóteo.

Purificação — Ritual estabelecido pela lei mosaica para vários casos, como a do indivíduo que tocava em cadáver (*Núm* 5, 2-3) do que padecia de purgação branca (*id*), das parturientes (*Lev* 12, 8) e dos leprosos. *Lev* 14.

Purim — Ver *Festas*.

Putifar — 1) Nome do capitão das guardas do Faraó, que comprou José dos mercadores ismaelitas e cuja mulher tentou seduzir o jovem hebreu, razão pela qual, dada a sua virtude, foi preso sob a acusação de sedutor. *Gen* 39, 1-20.

2) Um sacerdote de Heliópolis, pai de Asenet, com quem José se casou. *Gen* 41, 45-50.

Pitonisa — Mulher mágica, ou que se entregava à prática da magia, o que era contrário à Lei de Deus. Por esse motivo Saul expulsou diversas que se achavam em seus domínios mas, mais tarde, êle mesmo foi consultar uma, que lhe fez aparecer Samuel e lhe profetizou sua morte e a de seus filhos. 1 *Rs* 28, 1-24.

Q

Quadrante — Moeda de pequeno valor, referida em *Mc* 12, 42.

Quelau — Um dos filhos de Bani a quem Esdras induziu a divorciar-se de sua mulher por ser estrangeira. 1 *Esdr* 10, 35.

Queleab — Nome de um filho de Davi, o segundo cuja mãe foi Abigail (2 *Rs* 3, 3) chamado Daniel em 1 *Par* 3, 1.

Quelion — Filho mais velho de Elimelec e de Noemi. *Rt* 1, 2-5.

Querogrilo — Um animal mencionado como impuro pela lei mosaica. *Lev* 11, 15.

Querubim — O Anjo colocado por Deus, como guarda, à porta do Paraíso, após a expulsão de Adão e Eva (*Gen* 3, 24).

Os dois querubins, talhados em ouro e colocados sobre a Arca tinham as faces voltadas um para o outro e cobriam, com as asas estendidas, cujas extremidades se tocavam, a Arca santa. Simbolizavam a presença de Javé e entre eles se manifestava a glória do Senhor.

No oráculo do Templo havia também dois querubins esculpidos em madeira e recobertos de ouro.

São mencionados depois nos Salmos, nas profecias de Ezequiel e no Apocalipse.

Queslon — Nome de uma cidade, nas proximidades de Jerusalém, hoje a aldeia de Qesla. E' mencionada em *Jos* 11, 10.

Quidon — Lugar onde Oza caiu morto ao tentar tocar a Arca com a mão. Trata-se de uma eira, também chamada Nacon. Comparar 1 *Par* 13, 9 e 2 *Rs* 6,6.

Quio — 1) Uma cidade da Ásia Menor, alcançada por S. Paulo em sua terceira viagem missionária. *At* 20, 15.

2) Uma ilha à entrada de Esmirna, atualmente Quio ou Cio.

R

Raba — 1) A cidade principal dos amonitas. Joab cercou-a e dominou a parte denominada “cidade das águas” ficando, porém, livre a cidadela que só foi tomada por Davi, o qual tratou cruelmente os seus habitantes (2 Rs 11, 1; 12, 26-31). Mais tarde foi remodelada por Ptolomeu Filadelfo, que a denominou Filadélfia.

2) Outra cidade com o mesmo nome ficava nas montanhas de Judá (*Jos* 11, 60) também chamada Arebá.

Rabi — Significa meu *Mestre*. Era o título dado aos que estudavam as cousas santas e instruíam o povo. *Mt* 23, 7;

Raboni — Quer dizer: *meu Senhor e meu Mestre*. Foi com esta palavra que Maria Madalena respondeu a Jesus, quando Êle a chamou pelo nome, depois da ressurreição, ao vê-lo junto ao sepulcro, cuidando porém que era o jardineiro. *Jo* 20, 16.

Rabot — Uma aldeia na fronteira da tribo de Issacar. *Jos* 19, 20.

Rabiscar — Apanhar os restos das colheitas que os colhedores deixam para trás ou as uvas remanescentes na parreira. *Jz* 8, 8; *Rut* 2, 2-16.

Rabsaces — Generais dos exércitos de Senaquerib que procuravam sublevar o povo contra o rei Ezequias. Era um título militar. *4 Rs* 18, 17.

Raca — Palavra aramaica que significa *indigno* ou digno de desprezo. *Mt* 1, 22.

Racal — Cidade da tribo de Judá para o qual Davi enviou os despojos tomados dos ladrões de Siceleg. *1 Rs* 30, 29.

Racional — 1) Ornamento usado pelo Sumo Sacerdote. *Ex* 28, 11-30.

2) Espécie de couraça usada pelos guerreiros. *Apc* 9, 9. A mesma palavra era usada simbolicamente no sentido de justiça ou retidão. *Is* 19, 17; *Ef* 6, 14.

Radai — Irmão de Davi. *1 Par* 2, 14.

Rafá — 1) Filho de Beriá e um dos ancestrais de Josué. *1 Par* 7, 25.

2) Um filho de Benjamim que não foi contado entre os que seguiram Jacó para o Egito. *Gen* 46, 21.

3) Um que era descendente de Jônatas, também chamado Rafaia. *1 Par* 8, 37.

Rafael — 1) Um levita, filho de Semeias, porteiro do Santuário. *1 Par* 26, 7.

2) Um dos Anjos de Deus, que tomou a forma humana para proteger Tobias.

Rajains — 1) Povo gigante que habitava a Palestina de ambos os lados do Jordão. *Gen* 14, 5. Com a chegada dos hebreus, refugiaram-se entre os filisteus. 2 *Rs* 21, 16.

2) — Um vale perto de Jerusalém e de Belém (*Jos* 15, 8), onde Davi derrotou os filisteus. 2 *Rs* 5, 18-22; 1 *Par* 11, 15.

Rafidim — Local de acampamento dos israelitas, onde Moisés fez brotar água da rocha. *Êx* 17, 1-6.

Ragés — Cidade da Média ou Mesopotâmia, pátria de um homem chamado Gabelo, o qual pediu dez talentos emprestados a Tobias. *Tob* 1, 16.

Raguel — 1) O outro nome de Jetro, sogro de Moisés.

2) Um primo de Tobias, com cuja filha este se casou.

Raab — 1) Nome dado figuradamente ao Egito e usado de modo a deixar perceber que se tratava de um monstro. *Sl* 86, 4; *Jó* 9, 13.

2) Nome de uma mulher da cidade de Jericó, que recolheu em sua casa os espias enviados por Josué. Ela é citada como exemplo de fé em Hebr 11, 31. Casou-se depois com Salmão, filho de Maasson, príncipe da tribo de Judá e desta forma veio a ser uma das ascendentes da natureza humana de N. S. Jesus Cristo. Foi a mãe de Booz e tetravó de Davi. *Jos* 2, 6; *Mt* 1, 5.

Rauel — 1) Nome do sogro de Moisés. Ver Jetro e Raguel.

2) Um descendente de Esaú. *Gen* 36, 2-4.

3) Um filho de Jebanias, da tribo de Benjamim.
1 *Par* 9, 8.

Raia — 1) Um filho de Sobal. 1 *Par* 4, 2.

2) Um da tribo de Ruben. 1 *Par* 5, 5.

3) O fundador da família dos Natineus. 1
Esd 2, 47.

Ramá — 1) Cidade da tribo de Benjamim, fortificada por Baasa, rei de Israel e de onde os cativos de Judá seguiram para a Babilônia. *Jos* 18, 25; *Jer* 40, 1.

2) Cidade natal de Samuel.

Ramat — Aldeia da tribo de Simeão, chamada Ramat do Meio-dia. 1 *Rs* 30, 27.

Ramatita — Habitante de Ramat. 1 *Par* 27, 27.

Ramesses — Nome de um rei do Egito e de uma cidade edificada pelos israelitas em honra ao mesmo soberano. *Êx* 1, 11. Há referências anteriores de outra Ramesses. Ver *Gen* 47, 11.

Ramot — 1) Um dos filhos de Bani. 1 *Esd* 10, 29.

2) Uma cidade na tribo de Issacar. 1 *Par* 6, 73.

3) Uma cidade de Galaad denominada Ramot-Galaad.

Rancho de Profetas — Esta expressão é encontrada em 1 Rs 10, 5. Julga-se que era uma espécie de escola ou seminário, pois em Ramá onde Samuel se achava, dirigia êle um “rancho de profetas”.

Rasin — Nome de um rei da Síria, aliado de Facéia, rei de Israel, contra Acaz, rei de Judá. Tendo êste último solicitado o socorro de Teglathalasar, da Assíria, Rasin foi obrigado a entrar na luta de maneira mais forçada, para defender seus próprios estados. Perdeu na batalha o reino e a vida. 4 Rs cap. 16.

Razias — Homem influente entre os judeus, que sendo coagido por Nicanor a adorar ídolos, preferiu exterminar-se a si mesmo, para cujo propósito apunhalou, saltando em seguida de uma janela, caindo com a cabeça no solo. Mesmo assim ainda teve forças para se levantar e subiu a uma pedra onde, arrancando e dilacerando as entranhas, atirou-as sobre o povo, pedindo que Deus o vingasse. 2 Mac 14, 37.

Reb — Um dos cinco reis madianitas derrotado por Josué. Jos 13, 21.

Rebeca — A filha de Betuel, espôsa de Isaac, a qual foi pedida por intermédio de Eliezer, servo de Abraão. Quando ia tirar água no poço Eliezer aproximou-se e pediu-lhe de beber. Não somente atendeu como se ofereceu também para dar água aos camelos. Isto foi interpretado pelo servo de Abraão como a resposta às suas orações e viu nela a espôsa do filho de seu amo.

Foi ela mãe de Esaú e Jacó, manifestando sempre preferência por êste último ao ponto de enganar Isaac, já na velhice, para que Jacó fôsse abençoado pelo pai, em lugar de Esaú, que era o primogênito. *Gên caps.* 24 a 49. Faleceu, estando Jacó na Mesopotâmia e foi sepultado no cemitério de Macpelá.

Rebla — Cidade da região de Esnat. 4 Rs 23, 33. Foi nessa cidade que Sedecias teve os olhos arrancados por ordem de Nabucodonosor e depois levado para a Babilônia.

Recab — 1) Um filho de Remon, chefe de um bando de salteadores, a serviço de Isboset. Em companhia de seu irmão Baan penetrou na tenda de Isboset e o mataram, levando sua cabeça ao rei Davi. Êste, porém, ao contrário do que os malfeitores esperavam, mandou matá-los e dependar seus cadáveres junto a um tanque em Hebron. 2 Rs 4, 1-12.

2) Outro dêste nome foi aquêlê que Jeú encontrou e convidou para sentar-se no seu coche após ter-lhe feito a pergunta: Está o teu coração reto para com o meu coração como o meu coração está para com o teu coração? Respondendo afirmativamente, Jeú lhe disse: — Então se está, dá-me a tua mão. 4 Rs 10, 15.

Recabitas — Uma tribo de cineus, cujo chefe foi Jonadab, filho de Recab, cujos componentes se abstinham do vinho e moravam em tendas. Jeremias submeteu-os a severas provas das quais se saíram bem. *Jer* 35, 1-9. Ainda há remanescentes dos recabitas na Mesopotâmia.

Redes — Cidade na tribo de Neftali, onde os levitas da família de Gerson se refugiaram, enquanto Jônatas, irmão

de Judas Macabeu, perseguiu e derrotou com uns poucos soldados o exército de Demétrio Nicanor. 1 *Mac* 11, 63.

Rifidim — Acampamento dos israelitas no deserto, entre o Sinai e o deserto de Sin. *Êx* 17, 1.

Refan — O planeta Venus. O profeta Amós e Santo Estêvão censuraram os judeus por terem-no adorado. *Am* 5, 25; *At* 7, 47.

Refúgio — Havia algumas cidades na Terra Santa, que eram como que sagradas, a saber, quarenta e oito concedidas aos filhos de Aarão, e aos Levitas para sua morada. Além destas, havia seis (três para uma parte e três para outra do Jordão) para os que tivessem a desgraça de cometer impensadamente um homicídio, de onde não podiam sair, senão depois de se terem justificado judicialmente. *Jos* 20-21.

Resfa — Concubina de Saul, também chamada Rispa, de quem teve dois filhos, um chamado Armoni, e outro Mifiboset, que Davi entregou aos gabaonitas para os matarem por vingança dos males que Saul fizera aos seus, E Resfa, que amava muito aquêles filhos, cobriu com um pano os seus corpos, para os não devorarem as aves. Depois da morte de Saul procurou Abner a Resfa para casar com ela. Isboset considerou isto uma temeridade; o que irritou de tal sorte a Abner, que lhe fez largar o seu partido, para tomar o de Davi. 2 *Rs* 21, 8-9.

Retma — Junto a Cadesbarne, décimo quinto acampamento dos Israelitas onde murmuraram ainda, e queriam vol-

tar para o Egito, devido a notícia dos dez espias da terra de Canaã. E assim o fariam, se Josué e Caleb não os desviassem. Irritado então Deus contra êste povo rebelde, jurou que de todos aquêles que tinham saído do Egito, nenhum entraria na terra de Canaã, exceto Josué e Caleb.

Régio — Cidade do Reino de Nápoles, pela qual passou São Paulo indo de Malta (por outro nome Melita, ou Melitena) para Roma.

Rode — Donzela, criada de Maria, mãe de João, por sobre-nome Marcos. Quando em casa de sua ama se faziam orações pela liberdade de S. Pedro, encerrado no cárcere por ordem de Herodes, veio o Apóstolo bater à porta. Transportou-se de tal alegria que em lugar de lhe abrir correu para dar aquella notícia aos presentes. *At 12, 13-8.*

Esta palavra significa *Rosa*.

Roboão — Filho e sucessor de Salomão. Indo a Siquém para se fazer reconhecer rei, o povo lhe pediu uma diminuição de impostos. Sôbre isso consultou Roboão os antigos, que lhe aconselharam conceder ao povo o que lhe pediam. Depois consultou a mocidade, a qual, para o lisonjear, foi de parecer que tratasse o povo ásperamente, e que não consentisse no que pediam.

Escolheu Roboão êste último partido, e viu-se abandonado de dez tribos, as quais reconheceram por seu rei a Jeroboão. As tribos de Judá e de Benjamim lhe foram fiéis. E a tribo de Judá, só por si, valia tanto como as outras dez juntas. Querendo Roboão pôr em

ordem os seus vassallos debaixo do seu poder, e obediência à força de armas, o Profeta Semeias lhe proibiu que o fizesse, da parte de Deus. E em castigo das suas irpiedades suscitou Deus a Sebac, rei do Egito a que entrasse em Jerusalém, que a saqueasse, e roubasse os tesouros do Templo. 3 Rs 14, 25; 2 Par 12, 2.

Rogomelec — Judeu cativo em Babilônia, capitão nos exércitos de Dario, o qual foi mandado a Jerusalém para consultar o profeta Zacarias, se devia fazer um jejum pela reedificação do Templo, como se fêz no tempo do seu incendio. *Zac* 7, 2.

Roma — Em outro tempo a Capital do Império Romano, é hoje a da Igreja Católica, desde que S. Pedro e os Papas seus Sucessores constituíram nela a sua Cadeira Pontifícia.

Rúben — Primogênito dos filhos de Jacó. O crime, que commeteu com Bela, criada de Raquel, lhe fêz perder o direito da primogenitura, que foi transferido para Judá. Tinha o desígnio de tirar a José das mãos de seus irmãos e o entregar a Jacó pelo que aconselhou que o deixassem ficar em uma cisterna. Não soube que o tinham vendido aos Israelitas o que lhe ocasionou uma grande pena, cuidando que o tinham morto. Saíu a sua tribo do Egito em número de quarenta e seis mil e quinhentos combatentes. *Gên* 35, 32-39; *Núm* 1, 5-29.

Rute — Fiel nora de Noemi. Depois da morte de seu marido, quis acompanhar sua sogra, que voltou para Judéia. Todos os dias ia trabalhar para sustentar a Noe-

mi; e em um tempo de colheita foi ajuntar as espigas de trigo no campo de Booz, seu parente próximo. Êste, em consideração aos serviços que ela fazia para sua sogra, a convidou para continuar a apanhar as espigas do trigo no seu campo e a comer com os seus segadores; e afinal casou-se com ela. Dêste casamento nasceu Obed, avô de Davi e ascendente do Messias.

S

Sabá — Primeiro filho de Cus, edificou a cidade de Sabá na Arábia, cuja rainha foi ver e visitar ao Rei Salomão. *Gên* 10, 6.

Sabat, ou *Sábado* — O sétimo dia da semana, santificado por Deus, que proibiu trabalharem os hebreus nêsse dia, por ser aquêlê em que descansou, depois de criar o mundo. *Êx* 20, 8.

Sábato — Criado de Augusto, foi o que acusou a Sileu, príncipe árabe, de querer grangear, ou corromper um dos guardas de Herodes o Grande, para o matar. Sileu matou o dito Sábato. *Fl. Jos.*

Sabêia — Cidade da tribo de Simeão: é a mesma que Berseba.

Saduceus — Seita de judeus, que criam que a alma morria juntamente com o corpo; e negavam a ressurreição. Eram grandes inimigos de Jesus Cristo e dos Apóstolos.

Sadoc — Filho de Aquitob, foi o duodécimo Soberano Pontífice da Geração de Eleazar. Sucedeu nesta Dignidade

à família de Abiatar. Foi sempre muito unido com Davi, e com seu filho Salomão. 2 Rs 8, 17; 3 Rs 1, 8; 1 Par 6, 8.

Salamana — Foi um rei dos madianitas. Jz 8, 4; 4 Rs 17.

Salém — Cidade capital dos siquemitas, nos confins da tribo de Efraim. Pertence também este nome a Jerusalém. Ali se vêem, pelo que dizem, algumas ruínas do palácio de Melquisedec.

Salinas, ou *vale das Salinas* — Por causa da grande quantidade de sal, que nele há na vizinhança do Mar-Morto. Êste vale foi funesto para os idumeus, onde sempre foram derrotados, e combatidos pelos Hebreus. 2 Rs 8, 13-24; 4 Rs 14, 7.

Salmanasar — Filho e sucessor de Teglatfalasar, rei da Assíria. Tendo imposto um tributo a Oséias, rei de Jerusalém, e querendo êste livrar-se daquele pêso, com o socorro de Sua, rei do Egito, êste pérfido entrou no país; à frente de um poderoso exército, tomou Samaria, e levou o povo e o rei Oséias. Tobias o velho se achou no número dos prisioneiros.

Salomão — Filho de Davi e de Betsabé. Seu pai antes de morrer mandou que o sagraassem como sucessor. Depois da morte de seu pai mandou matar a Adonias seu irmão, por lhe querer usurpar a coroa. Tratou da mesma sorte a Joab e Semei; e despojou a Abiatar da dignidade pontifícia, para revestir a Sadoc. Prometendo Deus a Salomão de lhe conceder tudo o que quisesse pedir, pediu-lhe êste príncipe que lhe desse a sabedoria,

e Deus atendendo à sua moderação, lhe concedeu também as riquezas, que não pedira.

Assistindo juntas duas mulheres, ambas disputavam sobre um filho. Avocada esta contestação ao rei, mandou que lhe trouxessem um alfange, para partir o filho pelo meio, e darem-lhe a cada uma a sua metade. Porém a que era verdadeiramente mãe antes quis que o dessem todo inteiro à outra mulher. Salomão mandou-lhe logo entregar o filho, conhecendo que, por causa daquela ternura, ela era a mãe verdadeira. Sobre a fama da sua sabedoria, a rainha de Sabá o quis ir ver e voltou contente e satisfeita da magnificência e prudência desse monarca. Sete anos empregou em edificar um Templo em Jerusalém. Quando se fez a sua dedicação, cobriu-se o Templo de uma nuvem, que dava bem a conhecer a presença do Divino Senhor. Mandou também edificar Salomão para si um palácio tão grande, que nele assistiam mil mulheres, das quais setecentas tinham o título de rainhas; e para comprazer às mesmas, se abandonou todo à idolatria. Nada havia que igualasse à majestade do seu trono, cujos degraus eram sustentados por figuras de leões de ouro de cada parte. Morreu depois do reinado mais glorioso que nenhum príncipe da terra teve jamais. 3 Rs 1-11.

Salomé — 1) Muitas mulheres houve d'êste mesmo nome, entre as quais uma das mais notáveis foi a filha de Antípatro, e irmã de Herodes, o Grande. Tanto fez com as suas calúnias, que logo Herodes mandou matar a José seu marido. A mesma sorte fez ela padecer a Costóbar, com quem casou segunda vez, e a quem repudiou. Alexandre, Aristóbulo, seus sobrinhos, e Mariana, mulher de

Herodes, foram também vítimas das suas calúnias. Para perder a Mariana, encarregou ela a um confidente seu para dizer a Herodes que Mariana lhe tinha dado uma taça a beber sem saber de que era composta a bebida; o que pôs a êste príncipe em um tal furor, que estando já descontente de Mariana por causa das repressões que lhe dera quando mandou matar a seu pai, a condenou a perder a vida. Porém depois pouco faltou para morrer de pesar. Como Salomé não podia casar com Sileu, Príncipe árabe, a que mamava, por ser Herodes seu inimigo, entregou-se occultamente tôda a êle, e gozou em paz dos seus crimes. Herodes lhe deixou uma rica sucessão. *Fl. Jos.*

2) Outra foi aquella que deu a conselho de sua mãe Herodias, a cabeça de São João Batista, como prêmio por ter dansado diante de Herodes Antipas. Vide *João Batista* (S.).

Samaria — Capital do reino de Israel na tribo de Efraim. Foi sitiada duas vêzes por Adad, e Benadad, rei da Síria, e duas vêzes foi libertada por milagres. Na última se reduziu Samaria a um tal extremo, que as mães comiam os próprios filhos. Foi esta cidade enfim tomada por Salmanasar, rei da Assíria. Retirou dela os habitantes, e mandou para lá os seus vassallos: e unidos os Israelitas com êles, fizeram uma mistura de culto de Deus e do demônio. Os Samaritanos edificaram um Templo a Deus sôbre o monte de Garizim, pretendendo que êste era o lugar em que o deviam adorar. Hircano tomou depois esta cidade, e a destruiu inteiramente: e Herodes, reedificando-a, deu-lhe o nome de *Sebaste*.

Samaritanos — Os samaritanos entre os Judeus eram tido e havidos por hereges. Jesus Cristo propôs uma parábola aos fariseus, em que lhes disse, que sendo atacado um viajante por ladrões, foi despojado e deixado por morto. Passou então um sacerdote dos judeus que o não socorreu um levita fez o mesmo; um samaritano enfim fez tudo o que a caridade podia pedir curou as chapas do viajante e o pôs a cavalo, o remeteu para uma estalagem e lhe deixou dinheiro para ser socorrido com tudo o que precisasse. *Luc 10.*

Samaritana — Voltando Jesus Cristo para Galiléia, passou por Sicar, cidade dos samaritanos. Enquanto os seus discípulos tinham ido à cidade comprar provimentos, se deteve junto a um poço, onde estava uma mulher samaritana tirando água. Pediu Jesus Cristo que lhe desse água para beber. Admirada esta mulher de ver que um judeu lhe falava (porque os judeus fugiam de ter relações com os samaritanos) lhe mostrou qual era a sua admiração. Então Jesus Cristo pregou-lhe o Evangelho e a converteu. *João 4.*

Semaías — Um santo Profeta, que avisou a Roboão, que quando Sesac pusesse o sítio a Jerusalém, seria êle vassalo do Rei do Egito; e que como êle tinha abandonado a Deus, Deus o tinha também desamparado. *2 Par 12, 2.*

Sangar — Terceiro juiz dos hebreus. Um dia, em que andava lavrando a terra, foram os filisteus sôbre êle e quiseram tomar-lhe os seus bois. Porém êle defendeu-se tanto com a relha do arado da sua charrua de lavar a terra, que matou seiscentos.

Sansão — Filho de Manué e de Elima, da tribo de Dan, e da cidade de Saraa, ou Tamnat-Saraa. Foi o homem de maior força física que houve. Seu pai e sua mãe, não tendo filhos, pediram a Deus, depois de muito tempo, que lhes desse um. Elima sua mãe estava só um dia, quando lhe apareceu um Anjo na figura de um mancebo formosíssimo e lhe prometeu que seria atendida. Vendo Elima que seu marido, a quem referira aquela aparição, lhe não dava crédito, pediu a Deus que lhe mostrasse o mesmo. Foi um grande juiz dos hebreus e um dos maiores inimigos dos filisteus.

Foi êle um dia para a cidade de Gaza, que lhes pertencia; e os habitantes fecharam depressa as portas, e puseram nela guardas para o prenderem. Porém Sansão levantando-se na mesma noite, arrombou as portas, e pegando nelas com as mesmas macho-fêmeas, ferrolhos e fechaduras, apesar da guarda, que estava nelas, as pôs às costas, e as levou para o cume de um monte defronte de Hebron. Êle amou em excesso a uma filisteia chamada Dalila; e esta mulher, por uma soma grande de dinheiro, que lhe prometeram os príncipes filisteus, tendo alcançado dêle o segredo da sua força, lhe cortou os cabelos enquanto dormia, e o entregou aos inimigos, que lhe arrancaram os olhos, e o empregaram em virar a mó de um moínho. Depois (recobrada já a sua força com os seus cabelos) três mil filisteus, juntos no Templo de Dagon, o mandaram vir para o insultarem. Porém êle chegando-se para duas colunas, as mais fortes, que sustentavam o Templo, e deslocando-as, caiu o edifício, que o sepultou nas suas ruínas juntamente com os filisteus. *Jz 13-16.*

Samuel — Filho de Elcana e de Ana, nasceu por um modo milagroso, concedido a rogos e orações de sua mãe, que o consagrou ao serviço do Templo, onde esteve desde a idade de três anos, obedecendo a Heli, Supremo Sacerdote. Aos doze anos começou a profetizar, e Deus lhe revelou muitas cousas. Sucedeu a Heli supremo Sacerdote. Ofereceu a Deus um holocausto e por meio da sua conduta se isentaram os Judeus do jugo oneroso dos Filisteus. Mas o inconstante Povo Judaico pediu a Samuel que lhe desse um rei e êle sagrou a Saul por ordem de Deus. E depois fazendo-se êste príncipe, pela sua desobediência, indigno de ser rei, Deus o rejeitou. Sagrou então Samuel a Davi em seu lugar: e vendo que Deus tinha rejeitado a Saul, a quem êle amava, retirou-se para Ramata, lugar do seu nascimento e nunca viu mais a Saul. Muito tempo depois da sua morte lhe apareceu, quando a Pitonisa chamou pela sua sombra e lhe profetizou que morreria juntamente com os seus filhos na batalha, que deu aos filisteus sôbre o monte de Gelboé.

Sanabalat — Governador de Samaria, foi causa do cisma, que se formou entre os samaritanos, e os judeus, mandando edificar no monte de Garizim um Templo, em que os Samaritanos sustentavam, que nele se devia orar. — 2 Esdr 2, 10.

Sara — 1) Espôsa de Abraão. A sua rara e extraordinária formosura a expôs a ser roubada por dois reis poderosos, um do Egito, e outro dos Filisteus. Porém Deus a protegeu, e não permitiu que se lhe fizesse a menor ofensa. Vendo-se já muito adiantada em idade, e sem

filhos, deu a Abraão a sua criada Agar, de quem nasceu Ismael: porém chegando esta criada a ser mãe, desprezava a sua ama. Depois foi Sara avisada pelos três Anjos hóspedes de seu marido, que teria um filho, antes de um ano. Ao que ela sorriu, cuidando que lhe diziam isto para zombarem dela: o que deu ocasião a dar ao filho o nome de *Isaac*, que quer dizer *Riso*. Morreu trinta e sete anos depois e foi enterrada na caverna de Hebron, comprada por Abraão para nela fazer a sua sepultura e da sua família. *Gên 11*.

2) A filha de Raquel e de Ana, mulher de Tobias a quem tinha sido reservada.

Saraa — Cidade da Tribo de Dan, onde estava a sepultura de Sansão. *Jud. Jos. 10, 41*.

Sarai — Em lugar de *Sara*.

Searaias — 1) Filho o sucessor de Azarias no Sumo Pontificado. Exercitou êste cargo até à destruição do Templo por Nabucodonosor, que lhe mandou cortar a cabeça. Foi preso perto de Jericó, até onde tinha fugido com o Rei Sedecias e com os Grandes do Reino. *Jer 52, 24*.

2) *Outro dêste nome*, o primeiro dos Cantores do Templo, acompanhou a Sedecias, quando foi a Babilônia levar o tributo a Nabucodonosor. Era irmão de Baruc. *Jer 51-59*.

Sardanapalo — Era, conforme se julga, aquele rei de Nínive, que penetrado da pregação do Profeta Jonas, excitou o seu Povo à penitência, tanto pelo seu exemplo, como pelos seus decretos. Porém recaindo nas suas desordens,

executou Deus a sentença, da qual não tinha feito mais do que suspender a execução.

Sardes — Cidade célebre da Lícia, que se converteu com as pregações de S. João Evangelista.

Saredata — Cidade da Tribo de Efraim, pátria de Jeroboão, primeiro rei de Israel. 3 Rs 11, 26.

Sarepta — Cidade da tribo de Áser, onde morava uma pobre viuva, que em recompensa da sua caridade para com o Profeta Elias viu crescer um pouco de azeite, e de farinha sua quanto lhe bastou para todo o tempo que a fome afligiu o país. Elias ressuscitou também o seu filho, que lhe morrera naquele tempo.

Sarona — Cidade da tribo de Efraim. Foi convertida por S. Pedro. At 9, 35.

Sartân — Cidade da tribo de Gad, até à qual retrocederam as águas do Jordão, para deixarem passar os Israelitas. Jos 3, 16; 3 Rs 7, 46.

Sassabasar — Príncipe dos Judeus, recebeu de Ciro os vasos sagrados para os levar a Jerusalém, quando este libertou o povo do cativeiro. 1 Esdr 1, 8-11.

Satanás — Nome que a Escritura dá ao Demônio.

Save — Em outro tempo grande planície, ou terra fértil de Sodoma, onde Codorlaomor, Rei da Assíria, venceu os reis de Pentápole. Gen. 14, 15-17.

Saulo — Vide *Paulo*.

Saul — Filho de Cis, da tribo de Benjamim, na cidade de Gabaa. Foi escolhido para ser o primeiro rei dos Judeus. Indo buscar os jumentas, que fugiram a seu pai, e não as achando, entrou na casa de Samuel para o consultar. No mesmo tempo o sagrou Samuel, Rei de Israel. Depois, sabendo que Naas, rei dos Amonitas, tinha reduzido a cidade de Jabes em Galaad a um tal ponto, que não dava outra composição mais aos habitantes, do que deixarem-se tirar o olho direito, cortou com pedaços os bois, com os quais vinha do campo, e jurou que trataria do mesmo modo aquêles que não o quisessem seguir com as armas. Todo o Israel obedeceu. Fez levantar o cêrco de Jabes e derrotou o exército inimigo. Venceu também os amalecitas e destruiu-lhes a sua nação. Mas perdoando ao rei Agag contra a ordem de Deus, disse o Senhor a Samuel, que se arrependia de o ter feito rei.

Chegou a ser depois invejoso da glória que alcançou Davi com a morte do gigante Golias: e foi sempre o seu maior inimigo. Enfim, abandonado de Deus, êste príncipe foi consultar uma pitonisa, sôbre o sucesso da batalha, que deu aos filisteus no monte de Gelboé. A profecia de Samuel, cujo fantasma lhe mostrou a mágica, não o impediu de se achar na batalha, onde vendo-se cercado de inimigos, lançou-se sôbre a sua própria espada e morreu juntamente com os seus filhos. Os habitantes de Jabes em Galaad foram, em reconhecimento, tirar o seu corpo e o enterraram. Porém Davi mandou transportar os seus ossos para a sepultura de Cis seu pai.

Shibóleth, e . . .

Scibolet — Palavra hebraica, da qual serviu Jefté para se vingar da tribo de Efraim. Vide *Jefté*.

Sedecias — 1) — Último rei de Judá. Era neto de Jeremias por parte de sua mãe. Nabucodonosor o pôs no trono, em lugar de Joaquim, ou Jeconias. Porém êle, desprezando os conselhos de Jeremias, se rebelou contra Nabucodonosor, o qual atacando-o logo, levou o povo para o cativeiro, prendeu a êle mesmo, mandou degolar os seus filhos na sua presença, e depois de lhe arrancar os olhos, o fez transportar para Babilônia para uma estreita e apertada prisão, onde acabou miseravelmente.

2) Outro do mesmo nome, profeta falso, mandou fazer para si mesmo uns cornos de ferro e disse a Acab que êste era o sinal, pelo qual lhe significava Deus venceria os seus inimigos. Porém, profetizando o contrário, Miquéias disse que Acab morreria. Sedecias lhe deu uma bofetada, perguntando-lhe, se êle julgava que o Espírito de Deus o tivesse abandonado. 3 Rs 22.

Segor — Cidade na tribo de Simeão, tinha sido tomada por Codorlaomor. Lô retirou-se para ela por conselho do Anjo, que o fêz sair de Sodoma, em cuja consideração ficou esta cidade preservada. E' a mesma que Bale, ou Bela.

Seon — Rei dos amorreus, querendo se opor na frente de um numeroso exército à passagem dos israelitas, que fizeram sôbre as suas terras, foi vencido, morto e a sua capital conquistada juntamente com o seu reino. Núm 21, 21.

Seirat — Lugar em que Jorão, rei de Israel, derrotou os idumeus, que se tinham rebelado contra êle.

Seleuco — Rei da Síria, mandando a Heliodoro para roubar os tesouros do Templo, foi inútil a sua empresa por causa da proteção de Deus. Dois Anjos o maltrataram tão fortemente, que foi obrigado a voltar para a Síria, onde sufocou a seu senhor.

Sila — 1) Segunda mulher de Lamec, foi mãe de Noema e de Tubálcaim.

2) Havia em Jerusalém uma descida assim chamada, onde dois oficiais da guarda de Joás, rei de Judá, chamados Jozacar e Jozabad, assassinaram o dito príncipe. 2 Rs 12, 20.

Selum — Que matou a Zacarias, rei de Israel, e lhe usurpou a coroa, foi assassinado um mês depois por Manáem, que ocupou o seu lugar. 2 Rs 15, 10.

Sem — Filho primogênito de Noé, viveu seiscentos anos. Retirou-se para a parte do Oriente, quando se fêz a repartição entre Cam e Jafé, seus irmãos.

Semei — Foi um parente de Saul, o qual vendo que Davi era obrigado a fugir por causa da rebelião de seu filho Absalão, partiu de Baurim, cidade da tribo de Benjamim, e alcançando-o junto a Bacor em Judéia, o abateu com injúrias, chamando-o homem sanguinolento, filho de Belial. E não satisfeito com as injúrias, o seguiu atirando-lhe com pedras. Porém vendo vencedor o seu inimigo, correu a implorar a sua clemência, na conside-

ração de ser êle o primeiro que se lhe sujeitava. Davi lhe perdoou. Porém na hora da morte recomendou a Salomão seu filho, que não deixasse sem castigo a um tal rebelde. Salomão mandou vir a Semei e lhe proibiu o sair de Jerusalém, sob pena de morte. Contente, e satisfeito Semei, agradeceu o favor que lhe fazia Salomão de não o matar. Porém, três anos depois, fugindo um dos seus escravos para Get, terra dos filisteus, Semei esquecendo-se do juramento, que tinha dado de nunca sair de Jerusalém, correu atrás do seu escravo e o conduziu para casa. O que sabido por Salomão, mandou chamar a Semei, e repreendendo-o pela sua desobediência, lhe mandou cortar a cabeça pelo capitão das suas guardas. 2 Rs 2.

Semeias — 1) Profeta, proibiu da parte de Deus a Roboão o declarar guerra às tribos que se tinham rebelado. 3 Rs 12, 22.

2) Outro Semeias, que era da cidade de Neelela, quis-se meter em compor profecias, e mandou a Sofonias, filho de Maasias, um livro de supostas revelações no qual dizia que Deus ordenava a Sofonias que tomasse cuidado no povo, que ficava em Jerusalém. O profeta Jeremias avisou da parte de Deus a Sofonias, que não desse crédito a um tal embusteiro, que seria castigado com um cativeiro eterno, e tôda a sua posteridade. Jer 29, 32.

Semer ou Somer — Vendeu a Amri, rei de Israel, uma das suas terras para edificar a cidade de Samaria. 3 Rs 16, 22.

Sen — Lugar junto a Masfat, onde Samuel alcançou uma grande vitória sobre os filisteus. 1 Rs 7, 12.

Sené — Rocha, na qual Jônatas, filho de Saul, acompanhado do seu escudeiro sòmente, derrotou os filisteus. 1 Rs

Senaar — Planície célebre na Caldéia, onde Nemrod e os outros descendentes de Noé empreenderam edificar uma torre que subisse até o céu, para deixarem um monumento à posteridade, ou para se refugiarem no caso que houvesse um segundo dilúvio, ou para ser um sinal de reunião, depois da sua separação. Vide *Babel*.

Senaquerib — Rei da Assíria, foi sitiá a Jerusalém, e não podendo conseguir a rebelião do povo contra Ezequias, pronunciou contra Deus blasfêmias terríveis. Tirou de tudo a justiça Divina uma vingança memorável. Logo na primeira noite o Anjo exterminador lhe matou cento e oitenta e cinco mil homens. Senaquerib, assustado com um tal mortandade, retirou-se precipitadamente para Nínive, onde descarregou o seu furor nos israelitas, que estavam cativos na dita cidade. Sabendo que Tobias (o velho) tomava o cuidado de enterrar os mortos, jurou que o havia de matar; para o que o mandou procurar por toda a parte, sem o poder achar. Foi assassinado por seus próprios filhos no Templo de Nesroc. 2 Rs 18, 19; 2 Par 42; Tob 1.

Sefama — Cidade da tribo de Neftali. Davi mandou aos habitantes desta cidade uma parte do despójo, que extraiu dos ladrões de Siceleg. 1 Rs 30. 28.

Sefar — Monte da Arábia, onde os israelitas fizeram o seu vigésimo acampamento. Núm 32. 33.

Sefata — Vale na tribo de Judá, junto a Marsa, onde Asa derrotou os etíopes. 2 *Par* 14, 10.

Sefela — Passagem dificultosíssima para entrar da tribo de Judá na de Dan, onde Simão Macabeu mandou edificar uma fortaleza chamada Adiada. 1 *Mac* 12, 38.

Sefer — Em lugar de *Sefar*.

Séfora — 1) Uma das parteiras do Egito, a qual respondeu a Faraó, que as judias passavam sem elas muito bem para terem os seus filhos; e que assim ela, nem as suas companheiras podiam impedir que os hebreus se multiplicassem.

2) Outra do mesmo nome era filha de Jetro e mulher de Moisés.

Seforis — Cidade da Galiléia, tendo-se rebelado contra os romanos, Gaio, tenente de Varo a tomou e capturou os habitantes. *Fl. Jos*.

Dizem alguns, que nasceu nesta cidade a mãe do Salvador.

Serafim — Há uma legião de Anjos, que assim se chamam e que são os espíritos celestes da primeira ordem, que são inflamados do amor de Deus no primeiro grau.

Sergio — Vide *Paulo*.

Seron — General dos exércitos de Antíoco Epífanes marchou contra Judas Macabeu, que o venceu. Foi achado entre os mortos. 1 *Mac* 13, 23.

Serpente — De bronze, que curava as mordeduras das serpentes vivas, olhando só para ela. Vide *Noestan*. Vide também *Ezequias*, que manda abater os ídolos para estabelecer o culto de Deus verdadeiro.

Sesac — Rei do Egito, refugiou nos seus Estados a Jeroboão, que fugia da ira de Salomão. Declarou guerra a Roboão, rei de Judá, entrou em Jerusalém, e roubou os tesouros todos do Templo e do palácio. 3 Rs 11, 40.

Sesac — Nome que Jeremias dá a Babilônia.

Setim ou *Abel-Sataim* — 1) Campo no reino dos moabitas, onde casaram os israelitas com filhas destes povos, e se abandonaram à sua idolatria. Núm 25, 1.

2) Êste é também o nome de uma espécie de madeira incorruptível, de que a Arca e o Tabernáculo eram compostos. Êx 25, 5.

Sião — Monte em Jerusalém, sobre o qual mandou Davi edificar o seu palácio, por cuja razão lhe deram o nome de Davi. A casa, em que Jesus Cristo instituiu o Santíssimo Sacramento, e onde foram os Apóstolos iluminados pelo Espírito Santo, estava sobre o monte Sião.

Siba — Secretário do Palácio de Saul, teve ordem para servir o filho de Jônatas, Mifiboset, tolhido das pernas, e para fazer valer, e administrar os seus bens. No tempo da rebelião de Absalão, ordenou Mifiboset a Siba que lhe preparasse um jumento para ir ao encontro de Davi, e levar-lhe alguns provimentos. Porém êste criado não lhe obedeceu, e levou êle mesmo só os provimentos para

Davi, a quem disse que Mifiboset tinha ficado em Jerusalém, na esperança de subir ao trono, para onde o chamava o seu nascimento. Davi creu muito de leve no que lhe anunciara Siba, ao qual deu logo a confiscação dos bens de Mifiboset. Fêz-se êste conduzir à presença de Davi vindo vitorioso; appareceu-lhe vestido pobrememente, com a barba comprida, e os cabelos soltos, e se justificou accusando a Siba de caluniador. Davi, sem mais averiguação, mandou dar a Mifiboset só metade dos seus bens. 2 Rs 9, 16-19.

Sicários — Espécie de assassinos, que appareceram no sitio de Jerusalém, onde praticaram grandes males. Todos tinham punhais debaixo dos seus vestidos, com os quaes matavam atraíoadamente. *Fl. Jos.*

Siceleg — Cidade da dependência de Aquis, rei de Get, a qual deu êste príncipe a Davi, para nela se retirar com a sua comitiva até à morte de Saul. Em um dia que Davi saiu desta cidade, entraram nela os amalecitas e a saquearam e levaram o povo cativo. Porém logo Davi, perseguindo-os com quatrocentos homens, os derrotou e recobrou os prisioneiros e todos os despojos. Foi esta cidade onde soube Davi que Saul era morto, e onde fêz morrer o amalecita, que se gloriava de ter acabado de matar aquêlê príncipe. 1 Rs 27 e 30; 4 Rs 10.

Sicar; Siquém ou Siquema — Cidade de refúgio, que fica ao Setentrião da tribo de Efraim, ou antes da de Manassés dada aos levitas da família de Caat. O príncipe, de quem esta cidade tinha tomado o nome, era filho de Hemor, rei desta comarca: e êle foi a causa do desastre desta cidade por ter roubado a Dina, filha de Jacó. Cuidando

compensar esta injúria, pediu-a em casamento; e concederam-lha com a condição de que êle e todo o seu povo se deixariam circuncidar. Consentiu com o ajuste; porém Simeão e Levi mataram todos os siquemitas. Muito tempo depois Abimelec, filho natural de Gedeão, a tomou.

Depois foi reedificada. Nesta cidade ajuntou Roboão o povo, para se fazer reconhecer rei. Porém dando-lhe uma resposta muito áspera, foi abandonado de dez tribos, que se rebelaram contra êle. Esta cidade foi por muito tempo a côrte dos reis de Israel. Estava situada ao pé do monte Garizim. *Gên 34.*

Sidon — Cidade situada à borda do mar da tribo de Aser. Foi por muito tempo a Capital da Palestina, e foi muito florescente. Sidon seu fundador, filho primogênito de Canaã a edificou, e povoou a Fenícia.

Silas — Um dos setenta e dois discípulos de Jesus Cristo, foi escolhido com S. Judas para levarem a Antioquia os decretos do Concílio de Jerusalém. Uniu-se com S. Paulo, com quem fez muitas e diversas viagens.

Silo — Cidade da tribo de Efraim, onde foram pôr em depósito a Arca e o Tabernáculo, até que os israelitas a conduziram contra os filisteus, pelos quais tinham sido vencidos, esperando que a presença da Arca os faria vitoriosos. Porém tudo sucedeu pelo contrário. Perderam êles a batalha e a Arca foi tomada. *Jos 21; Jz 21.*

Siloé — Fonte ao pé do monte de Sião. Fizeram ali um tanque, onde Jesus Cristo mandou o cego de nascimento lavar-se, depois de lhe pôr nos seus olhos um pouco de

lodo feito com a sua saliva. Deu-se também a esta fonte o nome de *Bion*. *Is* 8; *Esdr* 3; *Jo* 9.

Silvano — Em lugar de *Silas*.

Simão — 1) Sumo Pontífice, filho de Onias, o Antigo. Tornou a levantar de novo os muros do Templo edificado por Zorobabel, por ameaçarem ruína. *Fl. Jos*.

2) O filho de Onias, segundo do nome, e seu sucessor no Supremo Sacerdócio. Teve o desgosto de ver no tempo do seu Pontificado profanado o Templo por Ptolomeu Filopator, o qual quis entrar no Santuário. Porém foram tão eficazes as suas orações, que Deus o castigou com um tremor, que lhe deu por todos os membros, que esteve quase morto. *2 Mac*

3) O filho de Matatias, irmão e sucessor do Supremo Pontífice Jônatas, irmão de Judas Macabeu. Fortificou tanto e tão bem a Jerusalém, que a fêz quase inconquistável. Deu a seus sobrinhos como reféns para tirar a seu irmão Jônatas das mãos de Trifon. Porém êste mandou matar o pai e o filho e guardou o dinheiro, que lhe tinham enviado para os seus resgates. Mandou Simão levantar em Modim, em honra de seu pai, e de seus irmãos, um mausoléu suntuoso, ornado de pirâmides, o qual passava naquele tempo por uma das maravilhas do mundo. Depois entrando em Doch, fortaleza governada por seu genro, foi logo muito bem recebido; porém à saída de uma grande festa foi assassinado com os seus filhos juntamente, por ordem e mandado de Trifon. Enviou logo Ptolomeu assassinos para matarem a Hircano o qual, avisado, fugiu para Jerusalém.

4) Um homem malvado da tribo de Benjamim, tesoureiro do Templo. Procurando pôr tudo em confusão em Jerusalém, avisou a Seleuco, rei da Síria, que o Templo estava cheio de tesouros, de que se podia fazer senhor. Seleuco enviou com êste objetivo a Heliodoro, o qual foi castigado por dois Anjos com umas varas, e deixado quase por morto.

5) Um Simão de Alexandria, elevado ao Supremo Sacerdócio por Herodes o Grande. Triste e aflito êste rei com a morte de Mariana, a quem êle mesmo tinha mandado matar por acusações falsas, sabendo que Simão tinha uma filha chamada Mariana, de uma rara formosura, viu-a, e quis casar com ela. Porém como Simão não era de nascimento bastantemente ilustre para ser sogro do rei Herodes, mandou êste depôr do Pontificado a Jesus, filho de Fabeu, e elevou Simão àquella dignidade. Porém foi brevemente deposto por se suspeitar que êle tinha também entrado na conjuração de sua filha Mariana. *Fl. Jos.*

6) Um, que teve por sobrenome *Cireneu*, e era discípulo de Jesus Cristo. Ajudou o Salvador a levar a sua cruz para o Calvário. Foi Bispo de Boestre na Arábia, e queimado pelos Gentios. Vide *Cirene*.

7) O sétimo era de Caná em Galiléia, e um dos setenta e dois discípulos de Jesus Cristo. Foi para a Pérsia pregar o Evangelho, onde o partiram pelo meio do corpo com uma serra de madeira.

8) O que teve por sobrenome o *Leproso*, recebeu muitas vêzes Jesus Cristo em sua casa. e à sua mesa. E ali foi onde a Madalena derramou os perfumes aos pés do Salvador.

9) Simão, o *Mágico*, por sobrenome, aquêlê que se fez admirar por tôda a gente em Samaria com os seus sortilégios. A pregação e os milagres de Filipe, um dos sete primeiros diáconos, o tocaram de tal sorte, que creu e foi batizado. Vendo então os milagres que obra-vam aquêles que recebiam o Espírito Santo por imposi-ção das mãos dos Apóstolos, foi oferecer dinheiro a S. Pedro, para que lhe desse o mesmo poder. Porém S. Pe-dro o expulsou, ameaçando-o com a ira do Céu. Desde então deixou Simão os Apóstolos, e pôs-se a pregar, di-zendo que êle era Deus e Jesus Cristo. Partiu para Ro-ma e foi bem recebido do Imperador Nero, a quem dis-se que se levantaria até ao Céu à vista de todos. O povo estava junto; e já sustentado Simão pelos demô-nios se levantava até às nuvens, quando as orações de S. Pedro e de S. Paulo o fizeram cair tão rapidamente, que morreu logo. *At. 8. Tyron. Chronol. Sac. cap. último.*

10) Um homem de agradável figura, e de ânimo in-trépido. Depois da morte de Herodes, o Grande, pôs a coroa na cabeça e foi reconhecido rei pela maior parte do povo e da nobreza. Saqueou o Palácio Real de Je-ricó, e deu a pilhagem às suas gentes. O seu reinado foi assinalado com homicídios e com incêndios. Porém Grato, capitão romano, o foi atacar na frente de um nu-meroso exército, o prendeu e mandou matar. *Fl. Jos.*

11) Um Essênio de uma grande virtude, o qual ex-plicou ao etnarca Arquelau o sonho que tivera das dez espigas de trigo. *Vide Arquelau.*

12) Um Doutor da Lei, que acusou públicamente ao rei Agripa de ser um homem entregue a tôdas as castas de vícios, a quem se devia negar a entrada no Templo.

O rei, não se ofendendo do tal discurso, mandou vir o Doutor para Cesaréia, onde lhe fez muitas honras, e o tornou a mandar para Jerusalém. Penetrado Simão da generosidade de Agripa, lançou-se a seus pés, pedindo-lhe perdão da sua temeridade, o que Agripa benignamente lhe concedeu. *Fl. Jos.*

13) Um nobre judeu da cidade de Citópolis. Tomou o partido dos romanos, e defendeu com muito valor a cidade contra os ataques dos judeus. Enfim chegou a ser suspeito aos habitantes, que lhe disseram se retirasse com os judeus do seu partido para um bosque perto da cidade. Quando estavam no bosque, foram os habitantes da cidade degolados à noite. Admirado Simão, contentou-se em gritar contra esta honrrorosa perfídia. Reprendia-se a si mesmo de não ter seguido o partido dos Judeus. Ao mesmo tempo pegou em seu pai pelos cabelos, e meteu-lhe a espada no ventre. Fez outro tanto a sua mãe, e a seus filhos. Depois andou por cima dos corpos mortos e levantando o braço, para ser visto de todos, deu em si mesmo uma estocada, da qual logo morreu *Fl. Jos.*

Simeão — 1) Filho de Jacó e de Lia. Uniu-se com seu irmão Levi para vingar a ofensa que Siquém, filho de Hemor, tinha feito a sua irmã Dina. Indo com os outros seus irmãos ao Egito para comprar trigo, serviu Simeão de refém para a volta de seus irmãos. Saiu a sua tribo do Egito em número de cinquenta e nove mil e trezentos combatentes. *Gên 29, 34-46; Núm 1, 22.*

2) Aquêlê a quem tinha o Espírito Santo revelado que veria o Messias antes de morrer. Achava-se no Templo, quando S. José e a Virgem Maria foram apresentar

o menino Jesus. Tomou-o nos seus braços, e compôs logo o Cântico: *Nunc dimittis*. Profetizou a Maria a dor, que sentiria à vista dos tormentos do Salvador. *Lc* 2, 25.

3) Outro, parente próximo de Jesus Cristo, foi Bispo de Jerusalém, e sofreu na idade de cento e vinte anos os mesmos tormentos que o Salvador tinha padecido. *Tyrin. Chronol. Sacr.*

Sin — Cidade e deserto entre Elim e o Monte Sinai. Os hebreus fizeram nela o seu oitavo acampamento, onde se levantou uma sedição tão furiosa, por se terem acabado os provimentos, que pouco faltou para serem apedrejados Moisés e Aarão. Deus começou a fazer cair o maná neste sítio todas as manhãs, e o continuou pelo espaço de quarenta anos que estiveram os Hebreus no Deserto, o qual, por outro nome se chama Cades, ou Faran. *Dt* 31; *Êx* 15; *Núm* 13.

Sinai — Monte da Arábia Pétreia, no qual falou Deus a Moisés, e lhe deu a Lei escrita pela sua mão. Ficou Moisés com Deus sobre este monte quarenta dias sem beber, nem comer. Quando desceu do monte e viu muitos Judeus adorarem um bezerro de ouro que tinham feito, entrou em tal furor, que quebrou as santas tábuas. E depois de ter castigado aos criminosos, tornou a subir para o monte Sinai, onde esteve também com Deus outros quarenta dias, sem beber, nem comer. E o mesmo Senhor lhe fez ainda a mercê de lhe dar os seus Divinos Mandamentos escritos em outras Tábuas. *Êx* 20.

Sirops — País daquela mulher, que a Escritura chama a *Cananéia*, de quem curou Jesus Cristo a filha que estava endemoninhada. *Mt* 15, 21; *Mc* 7, 24.

Sis — Colina, que fica para a parte do Oriente da tribo de Judá, onde Josafá, rei de Judá alcançou uma grande vitória sobre os árabes, e sobre os moabitas. 2 *Par* 20, 16.

Sísara — Tenente dos exércitos de Jabin, rei de Canaã, vendo que as suas tropas estavam vencidas e derrotadas por Barac e Débora, fugiu para a tenda de Jael, mulher de Héber, Cineu. Ela o recebeu voluntariamente, e enquanto dormia, meteu-lhe um prego por uma fonte e o matou. *Jz* 4-5.

Sison — Torrente ao pé do monte Carmelo, em cuja margem foram executados por ordem de Elias os 450 Profetas falsos de Baal. 3 *Rs* 18.

Soba — Assim se chamava a Síria, ou uma parte da Síria. Também se diz *Soba* em lugar de *Hoba*.

Sobocai — Da cidade de Hesari, matou a Sof, gigante de uma altura prodigiosa na batalha de Gob. 2 *Rs* 21, 18.

Socot — 1) Primeiro acampamento dos Hebreus, entre o Mar Vermelho e Ramesses.

2) Na tribo de Gad houve uma cidade assim chamada, no sítio onde Jacó, quando voltou de Mesopotâmia, edificou uma casa, e formou as suas barracas de campanha. Deu Jacó a este lugar o nome de Socot, que significa *Barracas de campanha*, o qual ficou também à

cidade edificada muito tempo depois no mesmo lugar. Até Socot as águas do Jordão tornaram a subir, e se abriram para dar passagem aos Israelitas, conduzidos por Josué. Quando Gedeão perseguia a Zebeu e Salmana, passou por diante de Socot, e pediu aos magistrados alguns refrescos para acabar de perseguir os inimigos. Porém êles lhos negaram, fazendo ainda zombaria dêle. Gedeão ofendido jurou de se vingar, tomou Zebeu e Salmana, foi a Socot, e prendendo os anciãos desta cidade, mandou-lhes rasgar o corpo com espinhos de silvas. *Jz* 8, 5.

Sodoma — Capital de Pentápole, em que habitava Ló. Os excessos desta cidade abandonada aos vícios lhe atraíram a ira de Deus. Sodoma e Gomorra foram destruídas por uma chuva de enxofre e de fogo. *Gen* 19.

Sofer — General dos Exércitos de Sedecias, foi preso, e degolado, por ordem de Nabucodonosor. *4 Rs* 25, 18.

Sofonias — 1) Da geração dos Sacerdotes foi degolado por ordem de Nabucodonosor, depois da tomada de Jerusalém.

2) Outro dêste nome era um dos doze Profetas Menores do tempo do Rei Josias e de Jeremias. Exortou aos Judeus a que fizessem penitência, e os ameaçou com o cativeiro de Babilônia.

Sofonias — *Livro de* — O nono dos Profetas Menores.

Sofonianos — Povo da Síria, cujo Rei Adareser declarou guerra a Davi. *Fl. Jos.*

Sorec — Torrente no vale do mesmo nome, no país dos Filisteus.

Estraton — Torre no Palácio Real de Jerusalém, onde Arisóbulo, filho de João Hircano, mandou assassinar a seu irmão Antígono. *Fl. Jos.*

Sua — Rei do Egito: deu socorro a Oséias contra Salmanaasar, rei de Assíria 4 Rs 17, 4.

Sulamita — Em lugar de *Sunamita*.

Suna ou *Sunam* — 1) Cidade na tribo de Issacar e lugar onde nasceu Abisag, última mulher que teve Davi. Vide *Abisag*. Foi perto desta cidade onde os filisteus desbarataram e fizeram em postas o exército de Saul, e onde este rei perdeu a vida com os seus filhos.

2) Uma mulher deste país, conhecida pelo nome de Sunamita, alojou em sua casa o Profeta Eliseu. Estando esta caritativa mulher aflita e triste por não ter filhos, alcançou de Deus o Profeta por meio das suas orações, que cessasse a sua esterilidade. Com efeito, deu à luz um filho, mas teve o desgosto de o ver morrer na idade de três anos por causa de uma soalheira que apanhou. A Sunamita correu logo toda banhada em lágrimas para o monte Carmelo a procurar o profeta, o qual, tocado de compaixão, e sensível às suas lágrimas, foi à sua casa, entrou na câmara em que estava o corpo do menino, deitou-se sobre ele e alcançando de Deus que o ressuscitasse, o entregou vivo a sua mãe. 4 Rs 4, 8.

Sunamita — Habitante de Sunam, Vide *Abisag*.

Sunem — Em lugar de *Sunam*.

Sur — 1) Deserto do Egito, e da Arábia, onde o Anjo achou Agar, criada de Sara, fugindo da ira de sua ama. *Gên.* 16, 7.

2) Êste era também o nome de uma das portas de Jerusalém.

Suri — Príncipe dos madianitas, e pai de Cozbi. Vide *Cozbi*.

Susa — Capital do Reino da Pérsia.

Susanequeus — Uma Colonia de Susa, foi transportada para substituir os Judeus, que tinham sido cativos. Êles foram inimigos dos Judeus. *Esdra* 4, 9.

Susandra — Arrabalde junto a Jerusalém, e lugar em que nasceram os sete irmãos Macabeus.

Susana — Filha de Helcias, e mulher de Joaquim, era de uma virtude eminente, e de uma formosura extraordinária. Dois de entre aqueles que governavam o povo, tendo ocasião de ver Susana muito a miudo, conceberam ambos por ela uma paixão criminosa. E para lha declarar, escolheram o tempo em que estivesse só, tomando o banho no seu jardim. Entrando pois para violentá-la, lhe disseram logo que a mandariam condenar como adúltera, se ela os não quisesse admitir. Contusa Susana, pelo apêto e consternação, em que se achava, recorreu a Deus e deu um grande grito. Os dois subornadores gritaram também, chamando a gente da casa, e acusaram a Susana, dizendo que êles a tinham visto com

um mancebo, o qual fugira das suas mãos. Fizeram a esta mulher o seu processo e quando a conduziam para o suplicio, Daniel, inspirado por Deus, pediu que se fizesse um segundo exame naquele processo. Perguntaram-se novamente os dois acusadores. Contradisseram-se nas suas respostas; a inocência triunfou; e êles foram condenados pelo povo a padecerem o mesmo suplicio, ao qual tinham feito injustamente condenar Susana. *Dan* 13.

Siciónia — Cidade do Peloponeso. Os romanos tinham nela um procônsul, ao qual escreveram em favor de Simão Macabeu. 1 *Mac* 15, 23.

T

Tabernáculos — O Tabernáculo, que o próprio Deus ordenou que Moisés fizesse conforme as regras que lhe deu, era para encerrar a Arca da Aliança. Havia nela duas figuras de Querubins, estendendo as suas asas no comprimento da Arca, e olhando um para o outro.

Tabita — Em lugar de *Dorcas*.

Tanis — Cidade do Egito, onde havia um palácio dos Reis. Faraó achava-se nesta cidade quando Moisés praticou milagres na sua presença.

Tafora — Cidade na Tribo de Efraim, cujo príncipe, chamado Tofna, foi morto por Josué. *Jos* 12, 17; 15, 24.

Tafnis — Em lugar de *Tanis*.

Terfaleus — Povos da Pérsia. Estabeleceram-se em Samaria, e opuseram-se ao restabelecimento de Jerusalém. *Esdr* 4, 9.

Tabor — 1) Monte de Galiléia, no qual se transfigurou Jesus Cristo na presença dos seus discípulos, Pedro, Tiago e

João. O seu rosto appareceu brilhante como o Sol, e os seus vestidos brancos como a neve. Ao mesmo tempo appareceram Moisés e Elias, falando com êle. Depois ouviu-se uma voz do Céu, que dizia: *Êste é o meu amado Filho, em quem tenho tôda a minha complacência: dai-lhe atenção.* Josefo, Governador de Galiléia, mandou fechar êste monte com um muro, e o fêz quase inconquistavel, porém Plácido, capitão romano, o forçou com seiscentos cavalos. *Fl. Jos.*

2) Dêste nome houve uma Cidade dos Levitas, da tribo de Zabulon.

3) Na tribo de Benjamim houve outra assim chamada.

Tadamor — Cidade que Salomão edificou no deserto da Síria Alta.

Tadeu — Vide *Judas*, ou *Lebeu*.

Tamar — 1) A que se casou pela primeira vez com Her, filho primogênito de Judá, do qual diz a Escritura que Deus o castigou de morte, por causa dos seus crimes. Casou segunda vez com o filho segundo de Judá, chamado Onan, o qual morreu do mesmo modo, e por causa de um crime execrável. Então disse Judá a Tamar que fôsse para sua casa, até que Sela, seu terceiro filho, tivesse idade para casar. Porém vendo Tamar, que Judá tardava muito em lhe dar Sela, foi esperá-lo ao caminho, indo êle tosquiando os seus rebanhos. Tinha o rosto coberto com um véu, e estava vestida conforme o uso das mulheres públicas. Judá, julgando que ela era uma das tais, prometeu-lhe uma recompensa, se ela o quisesse

ouvir. Tamar, antes de consentir no que êle lhe pedia, quis tomar em penhor o bastão e os braceletes que êle trazia. Judá, sabendo depois, que Tamar estava pejada, a fêz condenar como adúltera a ser queimada viva. Porém quando a conduziam para o suplício, mandou a Judá o seu bastão e os seus braceletes. Admirado Judá e arrependendo-se de ter tardado tanto em lhe dar a Sela, impediu a execução da sentença. Tamar deu à luz dois gêmeos, Fares e Zara. Gên 28, 6; 1. Par 2, 4.

2) A segunda era filha de Davi. Amon, seu irmão apaixonado por ela, a desonrou, e depois a lançou fora de casa com desprezo. Vide. *Amnon*.

3) Salomão mandou edificar uma cidade chamada Tomar nos confins da tribo de Manassés.

Tamnat-Sara — Cidade da Tribo de Efraim, edificada por Josué, e onde o mesmo Josué queria ser sepultado.

Tanac — Cidade da tribo de Manassés, dada aos Levitas da Família de Caat.

Tafsa — Cidade na tribo de Efraim, ou de Manassés.

Não querendo os habitantes reconhecer a Manaem, que tinha morto a Selum, rei de Israel, êste Príncipe os sitiou, tomou a cidade e destruiu inteiramente, depois de passar todos os habitantes ao fio da espada. 4. Rs 15, 36.

Taré — Filho de Nacor, e pai de Abraão.

Tebat — Cidade da Síria junta ao Eufrates, foi conquistada por Davi.

Tebes — Cidade da tribo de Manassés, foi sitiada por não querer reconhecer a Abimelec, filho de Gedeon. Porém Abimelec foi morto com uma pedra, quando sitiava a sua torre.

Tecel — Quer dizer *Foi pesado*. É uma das três palavras que Deus fez escrever prodigiosamente à vista de Baltazar, rei de Babilônia na parede da sala em que dava um banquete aos Grandes do seu Reino. *Dan* 5, 25. Vide *Baltazar*.

Tecué — Cidade da tribo de Judá, onde estava a sepultura do Profeta Amós. *Am* 1, 1.

Teglatfilesar — Rei da Assíria, foi ao socorro de Acab, Rei de Judá, quando êste, vendo-se oprimido pelos reis da Síria e de Israel, Rasin e Facéias, deu a êste príncipe os tesouros do Templo, afim de que atacasse os seus inimigos. *Teglatfilesar* o fez com tanta vantagem, que destruiu o reino da Síria e uma parte do de Israel.

Telmela — Cidade da Pérsia, para onde se transportaram os judeus, quando foram cativos, e onde se abandonaram a todo o gênero de impiedade, de sorte que, quando voltaram, não sabiam se descendiam dos Hebreus. *1 Esdr* 2, 59.

Tema, ou *Teman* — Neto de Esaú e de Ada, edificou uma cidade, na qual pôs o seu nome. Foi uma das principais da Iduméia.

Temosis — Nome de Faraó que constituiu José na qualidade de seu primeiro ministro.

Têodas e Teudas — Êstes são os nomes de dois embusteiros, que quizeram ser havidos pelo Messias. Um foi prêso por Saturnino, Governador da Síría no tempo de Augusto, e outro por Jado, Governador também da Síría no tempo de Claudio. *Fl. Jos.*

Teófilo — Um dos principais cristãos de Antioquia. S. Lucas dedicou-lhe o seu Evangelho. *Lc 1, 1.*

Terafim — Assim se chamavam os simulacros, estátuas, figuras e imagens que se adoravam. *Jz 17. Os 3.*

Tesbé, ou Tesbon — Cidade da tribo de Gad, pátria do Profeta Elias.

Tessalonica — Cidade de Macedônia, recebeu as luzes da fé pela pregação de S. Paulo.

Tolmai — Em lugar de *Aquimana*.

Tomé (S.), por sobrenome *Didimo*. Tendo-se retirado Jesus Cristo para além do Jordão, a fim de evitar o furor dos judeus, que o queriam apedrejar, e tendo sabido aí mesmo, pouco depois, que Lázaro era morto, disse aos seus discípulos, que queria voltar para a Judéia, afim de o ressuscitar. Assustados os Apóstolos com esta resolução, procuraram modo para o desviar de tal intento, representando-lhe o perigo a que se expunha. E vendo S. Tomé, que nada conseguiam, disse, animoso: *Vamos nós também morrer com Ele*. Contudo, custou-lhe muito a crer na Ressurreição do Salvador, por não estar com os outros Apóstolos quando Jesus lhes appareceu na sala, onde tudo estava fechado. O Salvador teve a condes-

cendência de o convencer, mostrando-lhe as suas chagas, e o repreendeu da sua incredulidade. Foi pregar às Índias o Evangelho, onde foi morto. *Jo* 11, 16; 20, 24-25.

Turíbulo — Só ao Supremo Sacerdote e aos Levitas pertencia o oferecer incenso a Deus e servir-se do turíbulo.

Tiatira — Cidade de Mísia. Mandou Deus avisar o Bispo desta cidade por S. João no Apocalipse, que se emendasse de algumas leves culpas. O Senhor o louva pelas suas virtudes.

Tiara — Vide *Aarão*.

Tiberíades — Por outro nome *Genesaré*, cidade da tribo de Zabulon, edificada por Herodes Antipas, filho de Herodes o Grande. Esta cidade no princípio da guerra dos Judeus contra os Romanos rendeu-se voluntariamente a Vespasiano. *Fl. Jos.*

Timóteo — Discípulo de Paulo, foi feito Bispo de Éfeso. S. Paulo lhe escreveu duas cartas. Foi martirizado pelo povo em Éfeso, por impedir que se celebrasse festa a Diana, falsa Deusa.

Tito — Filho do Imperador Vespasiano, destruiu o Templo e a cidade de Jerusalém e espalhou todos os judeus.

Tob — País da tribo de Gad, para onde se retirou Jefté, quando os seus irmãos o lançaram fora da casa de seu pai. *Jz* 11, 3-5.

Tobias — Filho de Tobiel, da tribo de Neftali. Era um homem muito pio. Não se dava à idolatria, como os outros israelitas. Em tôdas as principais festas ia êle a Jerusalém, conforme a Lei de Moisés, enquanto os outros iam a Betel e a Dan adorar os bezerros de ouro de Jeroboão.. Casou com uma mulher chamada Ana, da mesma tribo, de quem teve um filho chamado também Tobias. Sendo tomada Samaria e feitos prisioneiros os seus habitantes, foi Tobias, como os outros, para o cativeiro, onde fazia muitas obras de caridade. Emprestou a um certo Gabelo, sôbre a sua simples promessa, uma soma de dez talentos, que o rei Salmanasar lhe dera, pela amizade que lhe tinha. E pelo contrário Senaquerib, sucessor de Salmanasar perseguia a Tobias porque enterrava todos os Judeus, que êste bárbaro príncipe mandava matar. Um dia, indo para a mesa, e dizendo-lhe seu filho, que estava na rua um cadáver de um judeu, violentamente sufocado naquela hora, Tobias saiu logo e o foi enterrar. E adormecendo junto a uma parede, caiu-lhe nos olhos um excremento de andorinha, que o fêz cego, depois de se achar reduzido à maior pobreza pela crueldade de Senaquerib.

Vendo-se Tobias neste estado, mandou seu filho debaixo da direção do Anjo Rafael, que fosse pedir a Gabelo os dez talentos que lhe emprestara. Conduziu o Anjo a Tobias, sem ser conhecido. Um dia em que êste mancebo lavava os pés nas margens do Tigre, viu chegar-se para êle um peixe monstruoso. E gritando logo cheio de susto, disse-lhe o Anjo que o atraísse pelas barbatanas e que o abrisse pelo ventre, para tirar dêle o fel e o fígado, e fizesse assar o restante para o comer na viagem. Assim o fêz Tobias e chegando felizmente

à Media, Gabelo pagou-lhe os seus dez talentos. Casou depois com Sara, filha de Raguel; e pela virtude do fígado do peixe, que trouxera, fazendo como lhe ordenara o Anjo seu condutor, lançou fora o demônio que matara os primeiros sete maridos de Sara na primeira noite de suas bodas. Agoniada sua mãe com a ausência de seu filho, passava o tempo a ver se chegava. Vindo pois, além de salvo, muito rico, applicou aos olhos de seu Pai o fel do peixe, e recobrou a vista por cuja causa fizeram-se grandes festas. Ambos morreram muito velhos.

Tofet — Lugar destinado para as imundícias, junto a Jerusalém. Vide *Geena*.

Tróades — Cidade da Frígia. S. Paulo achava-se nela, quando viu em sonhos a um macedônio, que o convidava a vir pregar no seu país. *At* 16, 8.

Trifon — 1) Abominável traidor, que empregou tôda a sua maligna indústria em tirar a vida a Antíoco e a Jônatas. E não contente em se ter pôsto no trono de Antíoco, tratou as tropas com tanta aspereza, que por fim foi degolado. *Fl. Jos.*

2) Outro do mesmo nome, barbeiro de Herodes o Grande, acusou falsamente a Tiron de o ter muitas vêzes solicitado da parte de Alexandre seu filho, que o degolasse quando lhe fizesse a barba, o que foi causa da morte dêste Príncipe. *Fl. Jos.*

Tubalcaim — Filho de Lamec, inventou a arte de bater o ferro, e de trabalhar no bronze. *Gen* 4, 22.

Tubinianos, ou *Tubins* — Era um antigo povo da Judéia, o qual foi quase todo destruido por Judas Macabeu. 1 *Mac* 5, 13; 2 *Mac* 12, 57.

Tiro — Capital da Fenícia, situada nas margens do Mediterrâneo, célebre pelas suas riquezas e pela sua antiguidade. A escada de Tiro foi um castelo fortíssimo e edificado nas fronteiras da Judéia por Hircano, filho de Josefo.

Tirabata — Arrabalde junto a Garizim, onde mandou Pilatos cruelmente matar um grande número de samaritanos. *Fl. Jos.*

U

Ur — 1) Cidade da Mesopotâmia, pátria de Abraão. *Gen* 11, 28-31.

2) O pai de um dos valentes de Davi. *1 Par* 11, 35.

Urbano — Um dos fiéis a quem S. Paulo envia saudações. *Rom* 16, 9.

Urias — 1) O marido de Betsabé. *2 Rs* 11, 1-21.

2) O pai de um dos valentes do rei Davi. *2 Rs* 23, 39.

3) Um sacerdote. *Is* 8, 2.

4) Um profeta que predisse a ruína do reino de Judá. *Jer* 26, 20-23.

5) Outro sacerdote, pai de um certo Maremot. *Ne* 3, 4-21.

6) Um Sumo Sacerdote no tempo do reinado de Acaz. *2 Rs* 16, 10-16.

Urim e Tumim — Ornamentos usados pelo Sumo Sacerdote quando ia ter à presença do Senhor. *Êx* 28, 30.

Uz — Tribo dos arameus, que descendia de Naor. *Gên* 22, 21.

Uzal — Povo árabe, descendente de Jectan. *Gên* 10, 27; 1 *Par* 1, 21.

Uziel — 1) Um filho de Caat, levita. *Êx* 6, 18-22.

2) Um benjamita. 1 *Par* 7, 7.

3) Um levita chamado também Azarel. 1 *Par* 25, 4.

4) Um filho de Jedutun, que auxiliou o rei Ezequias na reforma religiosa que êste empreendeu. 2 *Par* 29, 14.

5) Um capitão de Ezequias. 1 *Par* 4, 41-43.

6) Um filho de Araia, que ajudou na reconstrução das muralhas de Jerusalém. *Ne* 3, 8.

V

Vania — Filho de Beni, induzido por Esdras a repudiar sua mulher estrangeira. 1 *Esdr* 10, 36.

Vapsi — Pai de Nabi, o espia da tribo de Neftali. *Núm* 13, 14.

Vasseni — Filho de Samuel, talvez o mesmo Joel. Conf. 1 *Par* 6, 28 com o mesmo, vers. 33.

Vasti — A rainha de Pérsia, mulher de Assuero. *Est* 1, 3.

Vau — Sexta letra do alfabeto hebraico.

X

Xerxes — Ver Assuero.

Z

Zabulon — Sexto filho de Jacó e de Lia, cujos descendentes saíram do Egito em número de cinqüenta e sete mil e quatrocentos. *Gên* 30, 20; *Núm* 1, 30.

Zacarias — 1) O filho de Jeroboão, segundo rei de Israel. As suas impiedades lhe atraíram a ira de Deus, que permitiu fosse morto por Selum, filho de Jabes. 4 *Rs* 15, 18.

2) Um dos Doutores da Lei, que Josafá mandou por tôdas as cidades do seu reino para instruir o Povo. 2 *Par* 17, 2.

3) O filho de Jojada, e seu sucessor no Supremo Pontificado. Joás, rei de Judá, não podendo sofrer a liberdade das correções que êste Pontífice lhe dava sobre as suas desordens, o mandou apedrejar entre o vestíbulo do Templo, e o Altar. Morrendo Zacarias, disse: *Deus bem vê o tratamento, que me fazeis: Ele vingará a minha morte.* 2 *Par* 24, 20; *Mt* 23, 25.

4) Um dos doze Profetas Menores. Êste exortou vigorosamente o povo, a que se apressasse a reedificar o Templo de Jerusalém. Narrou muitas visões que teve, as quais significavam o dito sucesso.

5) O quinto foi o marido de Santa Isabel, Mãe de S. João Batista. Estando chegada a Festa dos Tabernáculos, achou-se que pertencia a Zacarias exercer as funções sacerdotais no Templo. Enquanto oferecia incenso a Deus, apareceu-lhe um Anjo pôsto em pé a um lado do Altar. Assustou-se Zacarias, porém o Anjo o acalmou, profetizando-lhe que sua mulher teria um filho, o qual seria tão santo como Elias. Zacarias duvidou do que o Anjo lhe dizia, por causa da velhice de sua mulher e da sua. O Anjo lhe declarou então que era Gabriel, e que por lhe não dar crédito, ficaria mudo até que seu filho nascesse. Deu à luz pois Isabel no fim de nove meses um filho, e Zacarias escreveu sôbre umas taboinhas, que queria se chamasse João. Então se lhe desprende a língua, e compôs o cântico que começa pelas palavras seguintes: *Benedictus Dominus Deus Israel.* *Luc 1, 67-79.*

6) O último, enfim, foi um que, revoltado pelas desordens que causavam os Zelotes em Jerusalém, não cessava de excitar o povo contra êles. Por isso o prenderam e o acusaram na presença de setenta juizes os quais o declararam inocente. Depois, chegando aqueles homens a ser mais poderosos, e enfurecendo-se mais, o prenderam e arrastaram no meio do Templo e o mataram, dizendo por zombaria que êles lhe davam aquela absolvição por ser mais segura do que a outra. *Fl. Jos.*

Zamri — Príncipe da tribo de Simeão, o qual desprezando as proibições de Deus, entrou à vista do povo todo em uma barraca com uma madianita, chamada Cozbi. Finéias, filho de Eleazar, supremo Sacerdote, indignado por um tal atrevimento, o seguiu até à mesma barraca,

onde com um punhal atravessou de uma vez a Zamri e a madianita. *Núm* 25, 14.

2) Outro dêste nome era general da cavalaria de Ela, rei de Israel. Assassinou em uma festa ao rei seu amo, e depois cingiu a corôa. Porém Amri, outro general, sendo proclamado rei pelo exército, perseguiu a Zambri, a quem sitiou em Tersa. Zambri encerrou-se no seu próprio palácio, onde morreu queimado com tôda a sua família. 3 *Rs* 16, 9.

Zaqueu — Chefe dos publicanos, era pequeno de estatura. Não podendo ver o Salvador entrando em Jerusalém triunfante, por causa da multidão, subiu a uma árvore chamada sicômoro: e mereceu a honra de receber e hospedar a Jesus Cristo na sua casa.

Zara ou *Zarai* — Vide *Farés*.

Zarés — Mulher de Aman, foi enforcada com seu marido por tê-lo aconselhado que fizesse outro tanto a Mardoqueu.

Zelotes — Era uma seita que, com o pretexto do bem público, fizeram grandes e infinitos males à cidade de Jerusalém e profanaram o Templo, cometendo todos os gêneros e qualidades de crimes. *Fl. Jos*.

Zoara ou *Zoor* — Em lugar de *Balá*, ou *Segor*.

Zorobabel — Filho de Salatiel e sobrinho do rei Joaquim. Foi encarregado por Ciro de reconduzir o povo para Jerusalém. Porém os samaritanos atravessaram os seus desígnios logo que tornou para a Pérsia. Dario, filho de

Histaspe, seu amigo, sendo eleito rei, ficou tão satisfeito com as respostas que dava Zorobabel em uma assembléia de oficiais, para divertir ao mesmo príncipe, que lhe prometeu conceder-lhe tudo o que quisesse. Zorobabel só pediu algumas cartas para o restabelecimento de Jerusalém e do Templo, o qual com efeito, apesar dos seus inimigos, reedificou por ordem daquele príncipe. A primeira cousa que Zorobabel fêz, saindo do palácio, depois de ter alcançado dêste rei um tão grande favor, foi dar graças a Deus, juntamente com os principais da sua Nação. 1. *Esdr* 4, 5; 2 *Esdr* 7, 12.

— F I M —

NASCIMENTO, INFÂNCIA E VIDA OCULTA DE JESUS

	S. MATEUS	S. MARCOS	S. LUCAS	S. JOÃO
1. Exórdio			1, 1-4	
2. O Verbo eterno				1, 1-18
3. Anúncio de S. João			1, 5-25	
4. Anúncio do Redentor			1, 26-38	
5. Visita de Maria a Isabel			1, 39-56	
6. Nascimento de S. João			1, 57-80	
7. Aviso a S. José; seu casamento com Maria	1, 18-25			
8. Genealogia de Jesus (1)	1, 1-17		3, 23-38	
9. Nascimento de Jesus			2, 1-20	
10. Circuncisão			2, 21	
11. Oferecimento no templo			2, 22-39	
12. Adoração dos Magos	2, 1-12			
13. Fuga para o Egito; matança dos inocentes	2, 13-18			
14. Volta para a Galileia	2, 19-23			
15. Jesus com 12 anos no Templo			2, 41-50	
16. Vida em Nazaré			2, 51. 52	

VIDA PÚBLICA DE JESUS

A preparação imediata da vida pública

17. Pregação de S. João Batista	3, 1-12	1, 1-8	3, 1-18	
18. Batismo do Salvador	3, 13-17	1, 9-11	3, 21. 22	
19. Jesus no deserto	4, 1-11	1, 12. 13	4, 1-13	
20. Testemunhos de S. João				1, 19-34
21. Vocação dos discípulos				1, 35-42

1) As duas genealogias diferem desde Davi. Uns dizem que S. Mateus dá a genealogia de S. José, S. Lucas, a de Maria. E' mais provável que ambos dão a de S. José, o qual allás era, como Maria, da familia de Davi. O primeiro enumera os progenitores naturais, o segundo os legais, conforme a lei do levirato. (103).

	S. MATEUS	S. MARCOS	S. LUCAS	S. JOÃO
22. Do Jordão para a Galileia				1, 43-51
23. Bodas de Caná e breve estada em Cafarnaum				2, 1-12

O primeiro ano da atividade pública de Jesus

24. Primeira Páscoa em Jerusalém				2, 13-25
25. Colóquio com Nicodemos				3, 1-21
26. Estada em Judéia; último testemunho de S. João				3, 22-36
27. Encarceramento de S. João	4, 12	1, 14	3, 19-20	
28. Conversa com a mulher samaritana; volta à Galiléia			4, 14	4, 1-42
29. Cura do filho do funcionário real; pregação na Galiléia	4, 13-17	1, 14-15	4, 15	4, 43-54
30. Na sinagoga de Nazaré	13, 54-58	6, 1-6	4, 16-30	
31. O possesso de Cafarnaum		1, 21-28	4, 31-37	
32. A sogra de Pedro e outros doentes	8, 14-17	1, 29-34	4, 38-41	
33. Evangelização na Galiléia	4, 23-25	1, 35-39	4, 42-44	
34. Pesca milagrosa	4, 18-22	1, 16-20	5, 1-11	
35. Cura dum leproso	8, 2-4	1, 40-45	5, 12-16	
36. Cura dum paralítico	9, 1-8	2, 1-12	5, 17-26	
37. Vocação de S. Mateus; a questão do jejum	9, 9-17	2, 13-22	5, 27-39	

O segundo ano da atividade pública de Jesus

38. O paralítico de Betsáida, durante ou depois da segunda Páscoa				5, 1-16
---	--	--	--	---------

	S. MATEUS	S. MARCOS	S. LUCAS	S. JOÃO 5, 17-47
39. Jesus, Filho do Pai				
40. Volta para a Galiléia; as espigas arrancadas	12, 1-8	2, 23-28	6, 1-5	
41. Cura da mão sêca	12, 9-14	3, 1-12	6, 6-11	
42. Concurso do povo	12, 15-21	3, 20-21	6, 17-19	
43. Eleição dos Apóstolos	10, 2-4	3, 13-19	6, 12-16	
44. O sermão da montanha	5, 6-7		6, 20-49	
45. O servo do Centurião	8, 5-13		7, 1-10	
46. O jovem de Naim			7, 11-17	
47. Mensagem de S. João Batista	11, 2-6		7, 18-23	
48. Elogio de S. João	11, 7-19		7, 24-35	
49. A pecadora			7, 36-50	
50. As S. Mulheres			8, 1-3	
51. Expulsão dos demônios	12, 22-23		11, 14	
52. Refutação dos Fariseus	12, 24-37	3, 22-30	11, 15-23	
53. O sinal de Jonas	12, 38-45		11, 24-36	
54. Os parentes de Jesus	12, 46-50	3, 31-35	8, 19-21	
55. Parábolas	13, 1-53	4, 1-34	8, 4-18	
56. A tempestade acalmada	8, 23-27	4, 35-41	8, 22-25	
57. Os possesores de Gerasa	8, 28-34	5, 1-20	8, 26-39	
58. A filha de Jairo e a mulher com fluxo de sangue	9, 18-26	5, 21-43	8, 40-56	
59. Cura de dois cegos e dum possesso mudo	9, 27-34			
60. Evangelização da Galiléia	9, 35-38	6, 6		
61. Instrução aos Apóstolos	10, 1-42	6, 7-11	9, 1-5	
62. Missão dos Apóstolos	10, 5; 11, 1	6, 12-13	9, 6	
63. Morte de S. João; Herodes teme a ressurreição d'ele	10, 1-12	6, 14-29	9, 7-9	

	S. MATEUS	S. MARCOS	S. LUCAS	S. JOÃO
64. Primeira multiplicação dos pães	14, 13-21	6, 30-44	9, 10-17	6, 1-15
65. Jesus caminha sobre as águas	14, 22-33	6, 45-52		6, 16-21
66. Concurso do povo	14, 34-36	6, 53-56		
67. Fala eucarística				6, 22-71

O terceiro ano da atividade pública de Jesus

Da Páscoa até à festa dos tabernáculos

68. Discussão com os Fariseus sobre as tradições	15, 1-20	7, 1-23		
69. A mulher cananea	15, 21-28	7, 24-40		
70. Curas na Decápole	15, 29-32	7, 31-37		
71. Segunda multiplicação dos pães	15, 32-39	8, 1-10		
72. O fermento dos Fariseus	16, 1-12	8, 11-21		
73. O cego de Betsáida		8, 22-26		
74. Confissão de Pedro	16, 13-20	8, 27-30	9, 18-21	
75. Primeira predição da Paixão; imitação de Jesus	16, 21-28	8, 31-39	9, 22-27	
76. Transfiguração de Jesus	17, 1-13	9, 1-12	9, 28-36	
77. Cura do epilético	17, 14-21	9, 13-28	9, 37-44	
78. Segunda predição da Paixão	17, 22-23	9, 29-31	9, 44-45	
79. Jesus paga o tributo do templo	17, 24-27			
80. Humildade e escândalo	18, 1-14	9, 32-49	9, 46-50	
81. Perdão dos pecados; parábola do servo cruel	18, 15-35			

Da festa dos tabernáculos até à dedicação do Templo

82. Jesus recusa ir a Jerusalém; mais tarde vai				7, 1-13
83. Em viagem é repellido pelos Samaritanos; Desaprego necessário	8, 18-22		9, 51-62	
84. Missão dos 72 discípulos	11, 20-30		10, 1-24	

	S. MATEUS	S. MARCOS	S. LUCAS	S. JOÃO
85. O primeiro mandamento e parábola do bom Samaritano	22, 35-40	12, 28-34	10, 25-37 10, 38-42	
86. Marta e Maria				7, 14-53
87. Na festa dos tabernáculos				8, 1-11
88. A mulher adúltera				8, 12-59
89. Contenda sobre a pessoa de Jesus				9, 1-41
90. Cura do cego de nascimento				10, 1-21
91. O bom Pastor			11, 1-13	
92. Sobre a oração			11, 37-54	
93. Jantar na casa do Fariseu			12,	
94. As disposições verdadeiras dos discípulos de Jesus			13, 1-9	
95. A figueira estéril			13, 10-17	
96. Cura da mulher curvada no sábado			13, 18-21	
97. Parábolas do Reino dos Céus.	13, 31-33	4, 30-32		

Da dedicação do Templo até à semana da Paixão

98. Segunda viagem a Jerusalém			13, 22	
99. Em Jerusalém na Dedicção				10, 22-38
100. Jesus vai à Peréia				10, 39-42
101. O número dos escolhidos			13, 23-30	
102. Herodes a raposa			13, 31-33	
103. A volta a Jerusalém			13, 33-35	
104. Cura do hidrópico			14, 1-6	
105. Parábola do festim			14, 7-24	
106. O verdadeiro discípulo			14, 25-35	
107. Parábola da ovelha desgarrada			15, 1-7	
108. Parábola da dracma perdida			15, 8-10	

	S. MATEUS	S. MARCOS	S. LUCAS	S. JOAO
109. Parábola do filho pródigo			15, 11-32	
110. O feitor infiel			16, 1-9	
111. Várias exortações			16, 10-18	
112. O rico e Lázaro			16, 19-31	
113. Exortações			17, 1-10	
114. A ressurreição de Lázaro; fuga de Jesus para Efrem				11, 1-57
115. Terceira viagem a Jerusalém			17, 11	
116. Os dez leprosos			17, 12-19	
117. A vinda inesperada de Cristo			17, 20-37	
118. O juiz iníquo			18, 1-8	
119. O Fariseu e o publicano			18, 9-14	
120. Jesus vai da Galiléia à outra beira do Jordão; fala de matrimônio e virgindade	19, 1-12	10, 1-12	16, 18	
121. Bênção às crianças	19, 13-15	10, 13-16	18, 15-17	
122. O jovem rico	19, 16-22	10, 17-22	18, 18-23	
123. Prêmio prometido	19, 23-30	10, 23-31	18, 24-30	
124. Trabalhadores na vinha	20, 1-16			
125. Terceira predição da Paixão	20, 17-19	10, 32-34	18, 31-34	
126. Ambição dos filhos de Zebedeu	20, 20-28	10, 35-45		
127. O cego de Jericó			18, 35-43	
128. Jesus com Zaqueu			19, 1-10	
129. Parábola das dez minas			19, 11-27	
130. O cego Bartimeu	20, 29-34	10, 46-52		

Sábado antes do domingo dos ramos

131. Jesus ungido em Betânia	26, 6-13	14, 3-9		12, 1-11
------------------------------	----------	---------	--	----------

Domingo dos ramos

	S. MATEUS	S. MARCOS	S. LUCAS	S. JOAO
132. Entrada solene em Jerusalém	21, 1-11	11, 1-11	19, 28-40	12, 12-19

	S. MATEUS	S. MARCOS	S. LUCAS	S. JOAO
133. Jesus chora sobre Jerusalém			19, 41-44	
134. Cura no Templo	21, 14-16			
135. Volta a Betânia	21, 17			
SEGUNDA-FEIRA				
136. Maldição da fi- gueira	21, 18-19	11, 12-14		
137. P u r i f i c a ç ã o do Templo; volta a Betânia	21, 12-13	11, 15-19	19, 45-48	
TERÇA-FEIRA				
138. Voltando ao Tem- plo, Jesus viu a fi- gueira seca	21, 20-22	11, 20-26		
139. Os doutores exigi- ram contas de Je- sus	21, 23-27	11, 27-33	20, 1-8	
140. Parábola dos dois filhos	21, 28-32			
141. Parábola dos la- vradores perversos	21, 33-46	12, 1-12	20, 9-19	
142. Parábola do ban- quete nupcial	22, 1-14			
143. Tributo a César	22, 15-22	12, 13-17	20, 20-26	
144. Casamento e res- surreição	22, 23	12, 18-27	20, 27-40	
145. O primeiro man- damento	22, 34-40	12, 28-34		
146. Cristo, Filho e Se- nhor de Davi	22, 41-46	12, 35-37	20, 41-44	
147. Contra os douto- res e os Fariseus	23, 1-39	12, 38-40	20, 45-47	
148. O óbolo da viúva		12, 41-44	21, 1-4	
149. G e n t i o s que- rem ver a Jesus; fala da sua paixão e glorificação e oculta-se dos Ju- deus	24, 1	13, 1		12, 20-36
150. No monte das oli- veiras; da destrui- ção do Templo e do fim do mundo	24, 1-36	13, 1-31	21, 5-34	
151. O imprevisto des- sas cousas	24, 37-41	13, 32	21, 34-36	

	S. MATEUS	S. MARCOS	S. LUCAS	S. JOÃO
152. O pai de família vigilante	24, 42-51	13, 33-37		
153. As dez virgens	25, 1-13			
154. Os talentos	25, 14-30			
155. O último juízo	25, 31-46			
156. Resumo da vida de Jesus nos últimos dias			21, 37. 38	
157. Resultado dos seus trabalhos entre os Judeus				12, 37-50
QUARTA-FEIRA				
158. O Sanedrin resolve matar a Jesus	26, 1-5	14, 1-2	22, 1-2	
159. Traição de Judas	26, 14-16	14, 10. 11	22, 3-6	
QUINTA-FEIRA				
160. A Ceia pascal	26, 17-20	14, 12-17	22, 7-18	
161. Questão de precedência			22, 24-30	
162. O lava-pés				13, 1-17
163. O desmascaramento de Judas	26, 21-25	14, 18-21	22, 21-23	13, 18-30
164. Instituição da Eucaristia	26, 26-28	14, 22-24	22, 19-20	13, 31-35
165. O mandamento novo				
166. Predição da fraqueza dos Apóstolos e da queda de Pedro	26, 31-35	14, 27-31	22, 31-34 22, 35-38	13, 36-38
167. Questão da espada				
168. Palavras de despedida				14, 15. 16
169. A oração pontifical				17,
170. Saída para Getsêmane	26, 30	14, 26	22, 39	18, 1
171. Agonia em Getsêmane	26, 36-46 26, 47-50	14, 32-42 14, 43-45	22, 40-46 22, 47-48	
172. O beijo de Judas				
173. Jesus e o tropel; a prisão de Jesus	26, 50-56	14, 46-52	22, 49-53	18, 2-12
174. Interrogatório preliminar por Anás				18, 13-24

	S. MATEUS	S. MARCOS	S. LUCAS	S. JOAO
175. Diante do conselho supremo	26, 57; 59-66	14, 53; 54, 64		
176. Negação de Pedro	26, 58; 69-75	14, 54; 66-72	22, 54. 55; 56-62	18, 15-18, 25-27
177. Afrontas a Cristo	26, 67-68	14, 65	22, 63-65	
SEXTA-FEIRA				
178. Sentença do Sane-drin	27, 1. 2	15, 1	22, 66-71	
179. Fim de Judas	27, 3-10			
180. Jesus diante de Pilatos	27, 11-14	15, 2-5	23, 1-5	18, 28-38
181. Diante de Herodes			23, 6-12	
182. Proposta de flagelação			23, 13-16	
183. Jesus ou Barrabás	27, 15-18	15, 6-10	23, 17	18, 38. 39
184. Aviso da mulher de Pilatos	27, 19			
185. Postposto a Barrabás	27, 20-23	15, 11-14	23, 18-23	18, 40
186. Condenação e flagelação	27, 24-26	15, 15	23, 24. 25	19, 1
187. Jesus escarnecido	27, 27-30	15, 16-19		19, 2-3
188. Ecce Homo				19, 4-7
189. Segundo interrogatório				19, 8. 11
190. Condenação formal				19, 12-16
SEXTA-FEIRA				
191. Levamento da cruz	27, 31-34	15, 20-23	23, 26-32	19, 16-17
192. Jesus na cruz	27, 35-38	15, 24-28	23, 33-38	19, 18-24
193. Últimas palavras	27, 39-50	15, 29-37	23, 39-46	19, 25-30
194. Morte de Jesus e depois da morte	27, 51-56	15, 38-41	23, 47-49	19, 31-37
195. A sepultura	27, 57-61	15, 42-47	23, 50-56	19, 38-42
SÁBADO				
196. Guarda do sepulcro	27, 62-66			
197. Descanso no sábado			23, 56	
198. Preparativos para o embalsamamento		16, 1		

RESSURREIÇÃO E ASCENSÃO DE JESÚS

	S. MATEUS	S. MARCOS	S. LUCAS	S. JOÃO
199. Aparição do Anjo	28, 2-4			
200. Chegada das S. Mulheres	28, 1	16, 2-4	24, 1. 2	20, 1
201. Madalena e os Apóstolos			24, 12	20, 2. 3
202. As S. Mulheres e os Anjos	28, 5-8	16, 5-8	24, 3-8	
203. Pedro e João ao sepulcro			24, 12	20, 4-10
204. Aparição a Madalena		16, 5-8	24, 3-8	20, 11-17
205. Aparição às S. Mulheres	28, 9. 10			
206. Incredulidade dos Apóstolos		16, 10. 11	24, 9-11	20, 18
207. Suborno dos guardas	28, 9. 10		24, 34	
208. Aparição a Pedro				
209. Os discípulos de Emaús		16, 12. 13	24, 13-35	
210. Aparição aos Apóstolos		16, 14	24, 36-43	20, 19-23 20, 24-29
211. Aparição a Tomé				20, 1-23
212. Aparição perto do lago				
213. Aparição na Galiléia	28, 16-20			
214. Missão dos Apóstolos		16, 15-18	24, 44-49	
215. A Ascensão		16, 19. 20	24, 50-53	
216. Epílogo				20, 30-31 21, 24. 25

AS PRIMEIRAS CIVILIZAÇÕES

3.000 a. C.	— Pode-se afirmar que o Egito e a Caldéia suméria já tinham uma civilização progredida.
2.781 a. C.	— E' provavelmente a data aproximativa do Antigo Império (capital Mênfis), dos Faraós da IV e V dinastia, das grandes pirâmides.
Cêrca de 2.450 a. C.	— Os reis semitas de Acad (Caldéia do Norte) dominam a Caldéia e a Ásia Anterior. Sargon e Naramsin.
C. 2.200 a. C.	— Os reis de Elam invadem e dominam a Caldéia.
2.100-2.000	— Reis sumeros de Ur na Caldéia. Há colônias assírias na Capadócia.
2.100-1.800	— A XII dinastia no Egito. Apogeu do Médio Império. Tebas, a capital; a Etiópia reunida ao Egito.
C. 2.000	— A civilização de minoica, já florescente em Creta.
1.700-1.600	— Dominação dos Hicsos vindos da Ásia sobre o norte do Norte do Egito. Mais tarde foram rejeitados pelos Faraós de Tebas. Comêço da XVIII dinastia.
1.630-1.530	— Primeira dinastia babilonesa. Hamurabi, senhor da Caldéia, vencedor de Elam, soberano da Assíria. O célebre código. (Nem todos, porém, estão de acordo em pôr Hamurabi nesta época).
C. 1.550	— O Faraó Tutmosis I leva por primeiro os egípcios até ao Eufrates.
1.530	— Os hititas, senhores da Capadócia, levam suas expedições até a Babilônia. O reino de Mitani, sobre o alto Eufrates, por um instante soberano da Assíria.
C. 1.500	— Vindos do Irã ocidental, os Cosseus se instalam como senhores da Babilônia. Uma dinastia araméia se mantém provavelmente no sul da Caldéia.
C. 1.500	— Declínio da civilização minoica. Comêço da civilização micênica na Grécia.
C. 1.480	— Tutmosis III vence os reis sírios em Magedo. Apogeu do império egípcio, seu influxo sobre a Etiópia, a Ásia anterior, e o mar Egeu.

TÁBUA DOS REIS DO EGITO

Dinastia XVIII (1580-1350)		
Amosis	1580-1557	expulsa os Hicsos que haviam entrado lá pelo ano 1675.
Amenótepe I) (Amenofis)) Tutmosis I)	1557-1501	
Tutmosis II) Hatsepsut) Tutmosis III)	1501-1447	{ catálogo das cidades da Palestina, saída do Egito cerca do ano 1448?
Amenótepe II) Tutmosis IV)	1447-1420 1420-1411	{ sedições reprimidas na Síria.
Amenótepe III) Amenótepe IV) (Ecnaten))	1411-1375 1375-1358	{ ocupação da Palestina cerca do ano 1407 pelos israelitas? Tábuas de El-Almarna (Habiru)
Saquerê) Tutanchamon)	1358-1350	
Eie		
Dinastia XIX (1350-1205)		
Ramsés I)	1315-1314	
Seti I)	1313-1292	guerras na Líbia; expedições à Palestina e Síria.
Ramsés II)	1292-1225	
Mernefta)	1225-1215	saída do Egito cerca do ano 1225? Estela do ano 50. (1220) com o nome de Israel.
Seti II)	1209-1205	Invasão dos povos marítimos (filisteus).
Dinastia XXII		
Chochenk (Sesac)	945-924	Catálogos das cidades palestinas (cf. 3 Rs 14, 25s; 2 Par 12).

N. B.: — Estas são as datas apresentadas por Breasted, Anc. Records I (1906) 42-44. Bilabel, Geschichte Vorder siens und Aegyptens vom 16. — 11. Jahrh. v. Chr., Heidelberg 1927, 321-329 dão um cômputo um pouco diverso: Tutmosis III: 1504-1451; Amenofis II: 1451-c. 1445; Tutmosis IV: c. 1445-c. 1438; Amenofis III: c. 1438-c. 1403; Amenofis IV: c. 1403-c. 1386,... Ramsés II: c. 1312-c. 1246; Mernefta: c. 1246-c. 1239.

CATÁLOGOS DOS REIS SEGUNDO A SAGRADA ESCRITURA

JUDÁ				ISRAEL			
Nome	Reinou	Fontes		Nome	Reinou	Fontes Paralip.	
		Reis	Paralip.				
Roboão	17 anos	III. 14, 21	II. 12, 13	Jeroboão I	22 anos	III. 14, 20	
Abias	3 "	" 15, 2	" 13, 1	Nadab	2 "	" 15, 25	
Asa	41 "	" 15, 10	" 16, 21	Baasa	24 "	" 15, 33	
Josafát	25 "	" 22, 42	" 20, 31	Ela	2 "	" 16, 8	
Jorão	8 "	IV. 8, 17	" 21, 5	Zambri	7 dias	" 16, 15	
Ocozias	1	" 8, 26	" 22, 2	Omri	12 anos	" 16, 23	
				Acab	22 "	" 16, 29	
				Ocozias	2 "	" 22, 52	
Atália	7	" 11, 4	" 23, 1	Jorão	12 "	IV. 3, 1	
Joás	40	" 12, 2	" 24, 1	Jeú	28 "	" 10, 36	
Amasias	29	" 14, 2	" 25, 1	Joacaz	17 "	" 13, 1	
Azarias	52	" 15, 2	" 26, 3	Joas	16 "	" 13, 10	
				Jeroboão II	41	" 14, 23	
Joatão	16	15, 32	" 27, 1	Zacarias	6 meses	" 15, 9	
				Setum	1 mês	" 15, 13	
Acáz	16 "	" 16, 1	" 23, 1	Manaém	10 anos	" 15, 17	
Ezequias	29 "	" 18, 1	" 29, 1	Facécia	2 anos	" 15, 23	
Manassés	55 "	" 21, 1	" 33, 1	Facécia	20 "	" 15, 27	
Amon	2 "	" 21, 19	" 33, 21	Osee	9	" 17, 1	
Josias	31	" 22, 1	" 34, 1				
Joacaz	3 meses	" 23, 31	" 36, 2				
Joaquim	11 anos	" 23, 36	" 36, 5				
Joaquim (Joakin)	3 meses	" 24, 8	" 36, 9				
Sedecias	11 anos	" 24, 18	36, 11				

ECLIPSES

O eclipse mais importante para os historiadores modernos foi o eclipse do sol de 15 de junho de 763 a. C., sob o eponimato de **Pur-ilu-Sagale** da Babilônia. Determinado o eponimato de Pur-Sagale encontra-se a data de toda a lista dos epônimos e assim se fixam datas fundamentais para a história antiga do Oriente, como as que apresenta a tabela da página seguinte.

O eclipse da lua assinalado por José Flávio, acontecido pouco antes da morte de Herodes, se deu aos 13 de março do ano 4 antes de Cristo, ou seja, 750 da fundação de Roma.

Eclipses do sol de 610 a 563 a. C.

610, 30 de setembro	7 h. 54' 4"
608, 13 de fevereiro	12 h. 2' 6"
607, 30 de julho	8 h. 30' 1"
603, 18 de maio	6 h. 53' 6"
597, 9 de julho	4 h. 33' 5"
596, 28 de junho	9 h. 17' 7"
596, 23 de dezembro	13 h. 29' 5"
594, 9 de maio	7 h. 7' 2"
588, 29 de julho	15 h. 50' 6"
587, 14 de dezembro	9 h. 32' 3"
585, 28 de maio	14 h. 21' 4"
584, 18 de maio	6 h. 31' 9"
583, 1.º de outubro	15 h. 38, 7"
582, 21 de setembro	7 h. 47' 0'1
582, 16 de março	6 h. 36' 1"
563, 27 de março	13 h. 44' 7"

(Ginzel, Spezieller Kanon, p. 22).

PRINCIPAIS DATAS SINCRÔNICAS

O estudo das fontes permitiu a fixação de nove datas que podem servir de pontos de referência para a cronologia bíblica.

- 853 — Batalha de Carcar em que Salmanasar III aprisionou 10.000 homens de Acab de Israel.
- 841 — Jeú filho de Omri, rei de Israel, paga tributo a Salmanasar III.
- 738 — Manaém da Samaria paga tributo a Teglathfalasar III (4 Rs 15, 19).
- 722 — (Dezembro) ou começo de 721. Queda da Samaria no começo do reino de Sargom (4 Rs 16, 5 ss.; 18, 9 ss.).
- 701 — Campanha de Senaquerib contra a Fenícia, Judá, Filistéia, etc. (4 Rs 18, 13 ss.).
- 612 — Queda de Nínive.
- 609 — Batalha de Magedo, onde morreu Jonas (4 Rs 22, 29 ss.; 2 Par 35, 20 ss.).
- 605 — Batalha de Carcames (Carquêmis) primeiro ano de Nabucodonosor e quarto de Joaquim (Jer 25, 1).
- 538 — Tomada da Babilônia por Ciro.

CATÁLOGO DOS REIS EM CONCORDÂNCIA COM OS SINCRONISMOS CUNEIFORMES E SINCRONISMOS DA SAGRADA ESCRITURA

JUDÁ			ISRAEL		
Nomes	Reinado	Anos	Nomes	Reinado	Anos
Roboão	929-913	17	Jeroboão I	929-909	21
Abias	912-910	3	Nadab	909-908	2
Asa	910-870	41	Baasa	908-885	24
			Ela	885-884	2
			Zambri	884	7
					dias
			Omri	884-873	12
			(Tebni)	884-881	4
					como êmulo do reino
Josafat	872-870	3	Acab	873-854	20
Josafat	870-849	de corregno 22 (!) só			
Jorão	849-842	8	Ocozias	854-853	2
Ocozias	842	1	Jorão	853-842	12
Atália	842-836	7	Jeú	842-815	28
Joás	836-797	40	Joacaz	814-798	17
Amasias	797-789	9	Joás	798-783	16
Azarias	789-738	52	Jeroboão II	783-743	41
			Zacarias	743	6
					meses
			Selum	743	1
					mês
Joaão	751(0)-738	13	Manaém	742-737	6 (7)
Joaão	738-736	de corregno 3			ancs
Acáz	736-721	16	Facéias	737-736	2
Ezequias	721-693	29	Facéia	736-732	5 (6?)
Manassés	693-639	55	Oséias	732-724	9
			sítio de Samaria	724-722	2
Amon	639-638	2			
Josias	638-608?	31?			
Joacaz	608?	3			
		meses			
Joaquim	608-598	11			
Joaquim	598	3			
(Joakin)		meses			
Sedecias	597-587	11			

TÁBUA SINCRONÍSTICA

JUDÁ		ISRAEL		ASSÍRIA E BABILÓNIA
Roboão	929-913	Jeroboão	929-909	
Abias	912-910			
Asa	910-870			
		Nadab	909-908	
		Baasa	908-885	
		Ela	885-884	
		Zamri	884	
		Omri	884-873	Assurnasirpal 884-859
		Acab	873-854	
Josafat	872(70)-849			
		Ocozias	854-853	Salmanasar III 859-824
		Jorão	853-842	
Jorão	849-842			
Ocozias	842-836	Jeú	842-815	
Joás	836-797			Samsi-Adad V 824-810
		Joacaz	814-798	Semiramis 810-806
Amasias	797-789	Joás	798-783	Adadnirari III 806-782
Azarias	789-738	Jeroboão II	783-743	Salmanasar IV 782-771
Joatão	751(38)-736			Assurdan III 771-753
		Zacarias	743	Assurnirari V 753-745
				Teglatfalasar III
				(Púlu) 745-727
		Selum	743	
		Manaém	742-737	
Acáz	736-721	Facéia	737-736	
		Facée	736-732	Salmanasar V 727-722
		Osée	732-722	Sargon II 721-705
Ezequias	721-693			Senaquerib 704-681
Manassés	693-639			Asaradon 681-669
				Assurbanipal 669-626
Amon	639-638			
Josias	638-608			Nabopolassar 626-605
Joacaz	608			
Joaquim	608-598			Nabucodonosor
				605-562
Joaquim (Joakin)	598			
Sedecias	597-587			

CONSPECTO DO TEMPO DO EXÍLIO E DA RESTAURAÇÃO

HISTÓRIA SAGRADA	HISTÓRIA PROFANA
Exílio babilônico 598 (605)-538 Profetas Ezequiel e Daniel; morte de Jeremias no Egito. Volta do exílio sob Zorobabel: 538 Profetas Ageu e Zacarias Restauração do templo: 520-515 Profeta Malaquias (?) Esdras e Neemias Volta de Esdras: 458 445 Chegada de Neemias: 445 Restauração dos muros da cidade 445 Leitura da Lei e pacto com Javé 445 Epístola dos judeus de Elefantina: 407	Reis neobabiloneses Nabucodonosor 604-562 Evil-Merodac 561-560 Neriglissar 559-556 Labachi-Marduc 556 Nabonid 555-538 538 Tomada de Babilônia Reis persas Ciro 538 (553)-530 Cambises 529-522 Dario I 521-486 Xerxes I 486-465 Artaxerxes I 464-424 Dario II 423-405 Artaxerxes II 404-359 Artaxerxes III 358-338 Arses 338-336 Dario III 336-331 Alexandre Magno 336-323

Este livro foi composto e impresso
em Outubro de 1951 nas oficinas da
GRÁFICA MERCÚRIO S.A.

Al. Cleveland, 303 — São Paulo

————— B R A S I L —————

para a EDITORA DAS AMÉRICAS

INTRODUÇÃO GERAL E ESPECIAL AOS
LIVROS DO
ANTIGO E DO NOVO TESTAMENTO

ANO SANTO 1950

INTRODUÇÃO GERAL E ESPECIAL AOS LIVROS DO ANTIGO E DO NOVO TESTAMENTO

com estudos bíblicos adicionais

Colaboração de professores de Exegese do Brasil
sócios da Liga de Estudos Bíblicos (L.E.B.)

sob a supervisão do

P. Antônio Charbel S. D. B.

Volume I

Introdução geral e Introdução especial
aos livros históricos do Velho Testamento



EDITORA DAS AMÉRICAS
Rua General Osório, 90 — Tel. 34-6701
Caixa Postal 4468
SÃO PAULO

NIHIL OBSTAT

São Paulo, 14 de Dezembro de 1951

P. Vicente Pedroso

IMPRIMATUR

São Paulo, 14 de Dezembro de 1951

•

† *Paulo*, Bispo Auxiliar

COLABORADORES DO PRESENTE VOLUME:

1. *P. José Sebastião Saba*, Laureado em Teologia e em Sagrada Escritura, professor de Exegese na Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e no Seminário Central do Ipiranga (São Paulo), presidente da Liga de Estudos Bíblicos (L.E.B.):

INTRODUÇÃO GERAL

2. *Gôn. Heládio Correa Laurini*, Licenciado em Teologia e em Sagrada Escritura, professor de Exegese no Seminário Central do Ipiranga (São Paulo), da Diretoria da L.E.B.:

INTRODUÇÃO AO PENTATEUCO

3. *P. José Alberto de Castro Pinto*, Licenciado em Teologia e em Sagrada Escritura, professor de Exegese no Seminário Maior do Rio de Janeiro:

INTRODUÇÃO AOS LIVROS DE JOSUÉ, JUÍZES, RUTE

4. *P. Frederico Dattler*, S. V. D., Licenciado em Teologia, professor de Exegese no Seminário do Espírito Santo (Santo Amaro-São Paulo), da Diretoria da L.E.B.:

*INTRODUÇÃO AOS LIVROS DE SAMUEL, REIS E
PARALIPÔMENOS (CRÔNICAS)*

5. *Côn. Otto Skrzypczak*, Licenciado em Teologia e em Sagrada Escritura, professor na Pontifícia Universidade Católica de Pôrto Alegre, do Conselho de delegados da L.E.B.:

INTRODUÇÃO AOS LIVROS DE ESDRAS E NEEMIAS

6. *Dom Estêvão Bettencourt*, O.S.B., Licenciado em Teologia, professor de Exegese no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, do Conselho de delegados da L.E.B.:

*INTRODUÇÃO AOS LIVROS DE TOBIAS, JUDITE E
ESTER E AOS DOIS DOS MACABEUS*

A P R E S E N T A Ç Ã O

A benemerita *Editôra das Américas*, firma individual do sr. Saverio Fittipaldi; após ter publicado a Bíblia Sagrada na versão clássica do P. Antonio Pereira de Figueiredo, em doze volumes, suplementados pelo Dicionário Bíblico de Fr. Francisco de Jesus Maria Sarmento, inicia agora a edição dos volumes de introdução bíblica atualizada.

Êstes volumes de introdução geral e especial representam, ao que sabemos, o primeiro trabalho no gênero, em língua portugêsa, de certa amplitude e profundidade.

Destinam-se a todos os estudiosos da Bíblia que pelos estudos isagógicos se introduzem nos conhecimentos escriturísticos indispensáveis à compreensão da Palavra divina. É uma obra em que colaboram competentes professores de Escritura que lecionam em Seminários, Institutos e Faculdades do Brasil.

De há muito se fazia sentir em nosso meio a falta de um texto de introdução bíblica. Ei-lo agora, escrito por uma equipe de mestres das Divinas Letras, cuja experiência no magistério bíblico já é uma garantia da doutrina sólida aí exposta.

Como supervisor dêstes volumes, e sòmente dêstes, tenho a agradecer a 'preciosa e solícita colaboração dos ativos sócios da Liga de Estudos Bíblicos (L.E.B.), a quem se deve êste trabalho que o público certamente acolherá com agrado e proveito.

Esta iniciativa, que poderá ser estendida a outros campos da cultura eclesiástica, demonstra ser muito indicada para o nosso meio, onde os múltiplos encargos do apostolado e do magistério não deixam margem a uma produção literária de grande mole. Daí a vantagem do trabalho em colaboração, dentro de um plano orgânico.

Naturalmente em estudos dêste teor nem sempre é possível alcançar uma distribuição harmônica no desenvolvimento da matéria. Mas nem por isto deixa de haver uma variedade de estilo, um testemunho bíblico que revelam valores autênticos no quadro de uma colaboração de mestres abalizados.

Eis aqui, portanto, um texto que sem dúvida poderá servir para os cursos superiores, onde as disciplinas bíblicas são cultivadas com particular esmero.

Com êste quase-prefácio quero agradecer a iniciativa da Editôra das Américas, cuja atividade editorial, dirigida para o ideal da alta cultura, bem merece o apoio e os aplausos sinceros dos intelectuais de todo o Brasil.

São Paulo, 8 de dezembro de 1951

P. Antônio Charbel, S. D. B.

NOTA DA EDITORA

Com a publicação destes estudos modernos e introduções atualizadas da Sagrada Escritura, pela primeira vez escritos e publicados no Brasil, contamos estar prestando um valioso subsídio ao estudo dos textos sagrados.

Idealizador e supervisor geral deste valioso trabalho, o P. Antônio Charbel, S.D.B., assim dividiu a matéria:

I — ANTIGO TESTAMENTO

1. Introdução geral à Sagrada Escritura.
2. Pentateuco.
3. Josué, Juizes, Rute.
4. Samuel, Reis, Paralipômenos.
5. Esdras e Neemias.
6. Judite, Tobias, Ester.
7. Macabeus.
8. Poesia hebraica — Livros didáticos ou sapienciais (Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Sabedoria, Cântico dos Cânticos, Eclesiástico).
9. Profetas maiores e menores.

II — NOVO TESTAMENTO

1. Introdução aos Evangelhos — Parábolas — Milagres — Cronologia. — São Mateus, São Marcos, São Lucas — Questão sinótica.
2. São João.
3. Atos dos Apóstolos.
4. Introdução a São Paulo. — Introdução às Epístolas aos Romanos, aos Coríntios e aos Gálatas.

5. Introdução às Epístolas do Cativoiro (Filipenses, Colossenses, Efésios e Filemon).
6. Introdução às Epístolas Pastorais de São Paulo.
7. Introdução à Epístola aos Hebreus.
8. Introdução às Epístolas Católicas.
9. Apocalipse.

III — ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

Estudos modernos sobre os grandes problemas bíblicos.

Cada uma dessas partes foi entregue a um especialista, professor da matéria, cujo nome consta do quadro de colaboradores, colocado no início de cada volume.

Encarecer a oportunidade da publicação dêste trabalho é tarefa quase desnecessária. Nos doze primeiros volumes desta coleção, que contêm a íntegra dos textos bíblicos, apareceram, colocados ao pé de cada página, os comentários de consagrados exegetas como Vigouroux, Lesêtre, Poels, Bossuet e outros. Esses comentários, no entanto, em virtude da evolução sempre crescente dos estudos exegéticos, necessitavam um complemento moderno, que puzesse o leitor em contacto com os mais recentes estudos, investigações e descobertas científicas.

Daí a idéia da elaboração dêste trabalho, partida do Padre Antônio Charbel, S.D.B., que chamou a si a responsabilidade de organizar o quadro esquemático, distribuir a matéria aos colaboradores e, posteriormente, dar feição orgânica à obra.

Este serviço notável de difusão dos conhecimentos bíblicos em nosso país, deverá contar, por certo, com a boa acolhida do povo brasileiro, que pela primeira vez tomará contacto com matéria de tal natureza em livros elaborados por professores do Brasil; e não serão esquecidos por Deus, que premiará com o prêmio dos justos, aquêles que dêle participaram.

**INTRODUÇÃO GERAL À
SAGRADA ESCRITURA**

INTRODUÇÃO GERAL À SAGRADA ESCRITURA

PROLEGÔMENOS

PRIMEIRO TRATADO: NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

SEGUNDO TRATADO: CÂNON DOS LIVROS SAGRADOS

**TERCEIRO TRATADO: INTEGRIDADE DA SAGRADA
ESCRITURA**

QUARTO TRATADO: HERMENEUTICA

INTRODUÇÃO GERAL À SAGRADA ESCRITURA

PROLEGÔMENOS

Bíblia ou Sagrada Escritura é a coleção dos livros que, escritos por inspiração do Divino “Espírito Santo, têm a Deus por autor, e como tais foram entregues à Santa Igreja (1). Essa coleção é constituída por setenta e três livros, escritos por vários Hagiógrafos através de dezesseis séculos, parte em hebraico e aramaico, e parte em “Koine”, grego decadente.

Sua tradução latina, chamada Vulgata, foi declarada autêntica pela Santa Igreja.

A constituição interna da Sagrada Escritura consiste na inspiração divina, e sua entrega à Igreja indica a formalidade pela qual se tornam fonte da Revelação. Qualquer livro que não se enquadra nestas normas, não faz parte da Sagrada Escritura.

NOMES COLETIVOS DA SAGRADA ESCRITURA

Há três nomes mais comumente usados desde os Hagiógrafos:

(1) Conc. Vaticano, Const. de Fide Catholica, c. 2: Denz. 1787.

INTRODUÇÃO GERAL

1. *Escritura*, no plural *Escrituras*, empregado já pelo Divino Mestre e pelos apóstolos que mais frequentemente lhe ajuntavam adjetivos, Sagrada ou Santa (1)

2. *Bíblia* significa livro, ou livros, porque a Sagrada Escritura é o livro dos livros por antonomásia.

3. *Antigo e Novo Testamento* lembrando o argumento dos livros Sagrados, isto é, promessa, preparação, instituição e história das duas alianças de Deus com os homens.

Embora a palavra “Testamento” se aplique mais ao “Novo Testamento”, porque Jesus Cristo antes de morrer lançou seu testamento legando seus bens aos homens, contudo num sentido mais amplo, merecidamente podem chamar-se pelo mesmo nome também os livros do Antigo Testamento, em significando aliança ou pacto de Deus com os homens. Assim usaram os Santos Padres.

Deixamos de lado os nomes que caíram em desuso, como “Divina Literatura”, “Divina Biblioteca” e outros mais.

DIVISÃO DA SAGRADA ESCRITURA

Por si mesma a Sagrada Escritura se apresenta em duas partes bem distintas: Antigo e Novo Testamento.

Outras distinções surgiram no correr dos séculos, quer pela necessidade de dividir-se a matéria em divisão lógica, quer pelo costume das leituras que se faziam na Sinagoga e na Igreja, quer ainda pela exigência didática dos estudos, como a divisão em capítulos e versículos.

(1) S. Tomás de Aquino, In Epistulam ad Romanos 1, 2.

PROLEGÔMENOS

A. — *Divisão Lógica:*

Segundo o Sacrossanto Concílio Tridentino, divide-se o Antigo Testamento em quarenta e quatro livros, sendo que as Lamentações e a Profecia de Baruc se juntam ao livro de Jeremias. Caso se separem êsses dois livros de Jeremias e também se ponha à parte a carta de Jeremias, é certo que se devem contar quarenta e sete livros exarados no Antigo Testamento.

Por outro critério condizente com a matéria, divide-se o Antigo Testamento em livros históricos, didáticos e proféticos.

Perfazem o número de vinte e um os livros históricos, a saber: O Pentateuco ou (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio) Josué, Juizes, Rute, 4 dos Reis, 2 dos Paralipômenos, 2 de Esdras, Tobias, Judite, Ester, 2 dos Macabeus.

Os livros didáticos somam sete, a saber: Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Sabedoria e Eclesiástico.

Os livros chamados proféticos são dezesseis: 4 profetas maiores: Isaías, Jeremias (com as Lamentações, Profecia de Baruc, Epístola de Jeremias) Ezequiel, Daniel, e os 12 menores: Oséias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias.

Os hebreus, é necessário notar, em sua divisão usam outro critério.

Pelo mesmo Concílio Tridentino foi dividido o Novo Testamento logicamente em vinte e sete livros, que antigamente se dividiam apenas em duas grandes partes: Evangelho e *Escritos dos apóstolos*.

Segundo a matéria e a exemplo do Antigo Testamento se dividem ainda em livros históricos, didáticos e proféticos.

INTRODUÇÃO GERAL

Os históricos são cinco: Os quatro Evangelhos e os Atos dos Apóstolos.

São chamados livros didáticos os vinte e um livros seguintes: catorze epístolas de S. Paulo, a saber: aos Romanos, 2 aos Coríntios, aos Gálatas, aos Efésios, aos Filipenses, aos Colossenses, 2 aos Tessalonicenses, 2 a Timóteo, a Tito, a Filemon, aos Hebreus; e sete epístolas católicas: de Tiago, 2 de S. Pedro, 3 de S. João, e uma de Judas.

O livro profético, único, vem a ser o Apocalipse de S. João Evangelista.

B. — *Divisão Litúrgica:*

E' simplesmente a escolha de tal ou tal texto conforme as festas litúrgicas. Os hebreus também tinham sua divisão litúrgica, mas seguindo outro critério.

C. — *Divisão Didático-Prática:*

Pelo ano de 1214, pelo Cardeal Estêvão Langton, Arcebispo de Cantuária, foi introduzida na Vulgata Latina a divisão em capítulos da Sagrada Escritura, para facilitar os estudos da Universidade de Paris. E' a mesma que vigora ainda hoje.

A subdivisão em versículos se deveu ao dominicano Santos Pagnino no ano 1528, em parte, e em parte também a Roberto Estêvão, que nos anos de 1551 a 1555 editou os Livros Sagrados consignando a numeração dos versículos. Embora utilíssima, essa divisão é simplesmente histórica e consta não ser feita pela autoridade da Santa Igreja; por isso, se necessário, essa divisão pode ser negligenciada.

A LEITURA DA SAGRADA ESCRITURA

1. *Excelência*: — A excelência de um livro depende do autor, da finalidade, do modo por que é feito. Por êstes três motivos a Sagrada Escritura supera todos os livros que se escreveram na antiguidade ou que jamais se poderão escrever: — seu autor é Deus; seu assunto é nobilíssimo e tem o fim mais nobre que se possa imaginar — nossa felicidade sobrenatural; sua forma é variada e agradável devido à variedade dos homens e das formas literárias de que Deus se serviu para fazer-nos sua relevação.

2. *Utilidade*: — Já foi dito que um dos motivos da supremacia dos Livros Sagrados é sua finalidade. Entretanto já para esta vida a Bíblia é mestra dos que lhe são amigos: “Tôda Escritura divinamente inspirada é útil para repreender, corrigir, e instruir na justiça” (1).

Muitos fazem da Sagrada Escritura mera ocasião de curiosidade científica, sem buscar-lhe a medula, o amor de Cristo, que segundo Bento XV “é o principal e mais suave fruto da ciência escriturística”. (2).

3. *Motivos* — Só a leitura nos poderá fazer utilizar os tesouros que Deus encerrou para nós, na Sagrada Escritura. Daí o conselho de S. Paulo a seu discípulo e amigo: “Aplica-te à leitura” (das Sagradas Letras) (3), e a

(1) 2 Tím. 3, 16.

(2) Bento XV (1914-1922), Encíclica “*Spiritus Paraclitus*”, 15 de Set. de 1920.

(3) 1 Tím 4, 13.

INTRODUÇÃO GERAL

insistência de S. Jerônimo: “Lê frequentemente a Sagrada Escritura, mais ainda, nunca se afaste de tuas mãos” (1).

4. *Métodos* — Há quem distribua as leituras conforme a liturgia. Entretanto, apesar do proveito litúrgico, parece melhor a leitura corrente, conforme a distribuição da Vulgata, sem interrupções ante possíveis dificuldades. Mais proveitoso será ainda o conhecimento prévio do assunto e da divisão geral do livro. Quem deseje aproveitar ao máximo deve ainda anotar as partes que lhe parecem mais importantes e após a leitura, numa pausa de segundos, rememora-las meditando.

5. *Predisposição* de ânimo — Quem busca penetrar um livro, mesmo profano, antes de manuseá-lo dispõe-se convenientemente para isso. Que se dirá então dos Livros sagrados? É preciso amá-los e colocar-se num ambiente religioso para lê-los proveitosamente. Porque “tôda sabedoria vem de Deus” (2) “para entender a Sagrada Escritura é sumamente necessária a oração piedosa” (3).

6. *Precauções* — Embora utilíssima não é absolutamente necessária para todos esta leitura. Acrescente-se: pode ser até prejudicial conforme as circunstâncias e pessoas. É pois muito justo que a Igreja apresente restrições a respeito das versões e dos lugares que se podem ler. As versões devem ter a aprovação dos Srs. Bispos bem como notas elucidativas

(1) S. Jerônimo (342-419), Epist. ad Nepotianum 52; P. L. 22, 533.

(2) Eccl. 1, 1.

(3) Orígenes (185-6 — 254-5) Ep. ad Gregorium Neocaes. 3; M. G. 11, 92.

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

das dificuldades que se costumam fazer, a certas passagens. (1).

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

PRIMEIRA PARTE

HISTÓRICO DA DOCTRINA SOBRE A INSPIRAÇÃO

§ 1. — *Santos Padres*

Os SS. PP. sempre distinguiram entre os livros, os de origem humana e os de origem divina. A estes atribuíam autoridade infalível com relação à verdade. Esta persuasão se manifesta nas qualidades e propriedades dos livros que chamavam sagrados: — “os profetas escreveram o que lhes foi revelado pelo Espírito Santo” (2). Tais livros são “inspirados”, foram escritos sob uma inspiração divina (3). Deus é autor de tais livros (4) ou ainda os homens que os escreveram são apenas instrumentos nas mãos do Espírito Santo (5).

(1) Cod. Jur. Can. c. 1391-1399 — 1, 2 1.400.

(2) S. Hipólito (sec. II-III) in Danielelem (200-204) 4, 2; Corpus Berolinense I; 1, 198;

(3) Tertuliano (160-222/223), De Cultu Feminarum 1, 3; ML. 1, 1422.

(4) S. Agostinho (354-430) Contra Faustum 15, 1; ML. 42, 301-303.

(5) S. Justino (100-10 — 163-7), Apologia Prima (150-155), 36; MG. 6, 386 — Atenágoras, Legatio pro Christianis, 7, MG. 6, 904.

INTRODUÇÃO GERAL

Limites da Ideia de Instrumentalidade

Os SS. Padres e os Escritores Eclesiásticos afirmam que o Hagiógrafo se comporta como causa instrumental no que diz respeito à Inspiração. Esta, não é tal que faça com que o Hagiógrafo se torne objeto meramente *mecânico*, isto é, sob o influxo da Inspiração, perca o pleno uso das suas faculdades. Êste falso conceito proclamado pelos Montanistas foi rebatido pelos SS. Padres e escritores eclesiásticos, os quais, teoricamente, nenhum sistema nos apresentam quanto ao fato da Inspiração. Entretanto, podemos encontrar o germe da futura explicação teórica, embora vago e indeterminado, junto dos SS. Padres, germe êsse que já contém e encerra os elementos fundamentais. Assim por exemplo:

Orígenes (165-6 — 254-6) traça nitidamente a obra do Espírito Santo e o papel do Hagiógrafo.

“O *Espírito Santo* habita nos Hagiógrafos; investe-os, sobremaneira, impele-os a escrever e fala pela bôca deles. Por sua vez, os Hagiógrafos, ainda que *instrumentos* nas mãos do Espírito Santo, conservam o *pleno uso das faculdades* tão manifesta e claramente iluminadas, que os induz a escrever aquilo que compreenderam.

A consciência de si mesmos neste ato (escrevendo) é o critério da verdadeira Inspiração”.

Santo Agostinho (354-430), falando, de passagem, sobre a questão da cooperação entre Deus, autor principal e o Hagiógrafo, autor secundário, diz: — “Deus usa do Hagiógrafo como seu membro ou como seu instrumento, sem excluir, porém, a sua *atividade pessoal*” (1).

(1) *Enchir. Patrist.* — 1609 e 1612.

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

S. *Jerônimo* adverte sempre, sobretudo nas observações preliminares dos Livros Sacros, o *trabalho individual e pessoal* dos Hagiógrafos na confecção do livro.

§ 2. — *Doutrina dos Doutores Escolásticos sobre a Inspiração*

Duas são as escolas: Franciscana antiga e Dominicana ou Tomista.

Escola Franciscana (S. Boaventura) (1). Quanto ao conceito de Inspiração afirma: — Deus é o autor da Sagrada Escritura, dotando-a de uma certeza infalível. Quanto à natureza, a Inspiração é uma instigação e uma orientação divinas, feitas a modo de carismas especiais. Deus age como causa imperante nessas pessoas. Por conseguinte o Hagiógrafo, orientado e ajudado por Deus, é a causa exequente do Livro Sagrado.

Escola Dominicana (S. Tomás). Não tratou, S. Tomás *ex-professo* do problema da Inspiração. Sòmente, quando fala da Profecia é que êle toca nessa questão. Com efeito, na Suma Teológica IIa IIae, Questão 171, podemos ler o seguinte, sobre a *Essência da Profecia*:

A profecia pertence ao conhecimento, isto é, ilustra a inteligência. Não é um hábito, mas sim moção transitória. E' um conhecimento obtido pela *luz divina* e que se pode estender a tudo o que está sob essa mesma luz.

Esta luz divina é essencial no conhecimento profético; todavia o conhecimento do Hagiógrafo permanece imperfeito quanto ao âmbito, isto é, o Hagiógrafo conhece perfeitamente

(1) S. Boaventura, Opera ed. Ad. Claras Aquas V (1891) 201 sq.

INTRODUÇÃO GERAL

tais verdades que Deus se dignou revelar, porém, não tôdas as verdades que em Deus existem.

Quanto à certeza dessas verdades, devemos considerar aquelas que por *expressa revelação* são conhecidas e aquelas que são conhecidas por certo *instinto ocultíssimo*. No primeiro caso há sempre a *certeza* da origem do conhecimento, isto é, se é de origem divina ou humana. No segundo caso, pode não haver esta certeza, mas então, o êrro é evitado pela assistência do Espírito Santo.

Portanto, as verdades que profeticamente são conhecidas não podem ser falsas.

Na Questão 172, S. Tomás, falando das causas da Profecia, diz: — “O conhecimento profético não é natural, não exige faculdades ou qualidades naturais e morais, mas sòmente requer a *revelação divina*.”

No problema da Inspiração (Questão 173) o principal é a *luz divina*, a qual é necessária para que o homem não só ajuize segundo a divina verdade, das coisas que naturalmente aprende, mas também daquelas que Deus imediatamente revela. Portanto, é preciso distinguir, entre a concepção das coisas e o juízo acerca das coisas concebidas que é o principal na Profecia. Dêste modo a visão profética não tira o *uso dos sentidos*.

Deus age, como causa principal; o Hagiógrafo, porém, como *causa instrumental* (Questão 174).

Inspiração Verbal

S. Tomás não tratou de questões que pertencem ao papel da vontade. Eis a razão por que, formalmente, nada disse acêrca das relações entre a Inspiração e essa faculdade.

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

Tôdas as interrogações e dúvidas que, ainda hoje, se agitam neste assunto, são precisamente aquelas sôbre as quais S. Tomás não se pronunciou explicitamente.

Depois de S. Tomás merece especial menção Henrique Gandavense que patenteia o influxo do Hagiógrafo no Livro Sagrado. Êste influxo não é meramente mecânico, mas instrumental. E', por assim dizer, o efeito daquelas verdades que lhe foram infundidas, as quais deve escrever.

São autores secundários que cooperaram com a própria habilidade literária.

§ 3. — *Doutrinas Protestantes sôbre a Inspiração.*

Os Protestantes não têm sistema propriamente doutrinário. Na verdade, os princípios que hoje aceitam, amanhã, se fôr preciso e sobretudo se fôr *conveniente*, desprezam e rejeitam.

Trataremos das divisões mais importantes, deixando ficar aquelas que negam a Inspiração.

I. — *Ortodoxos* — Identificam a revelação com a Inspiração: Tôda a revelação está contida nos Livros Sagrados, sua única fonte.

A Sagrada Escritura é "*ditada*", pelo Espírito Santo. Tal ditado estende-se até às pontuações dos massoretas. Sabe-se que o livro é inspirado, pelo testemunho do Espírito Santo (durante a leitura) na Sagrada Escritura mesma.

II — *Pietistas e Racionalistas* — O papel do Hagiógrafo não é meramente passivo. São inspirados os livros que suscitam elevação e ajudam os bons costumes. (O elemento divino é sempre o mesmo e útil). O elemento humano, que uni-

INTRODUÇÃO GERAL

camente excita pios sentimentos deve ser eliminado. Numa palavra: não é Deus que fala nos livros, mas são os livros que falam de Deus. Portanto, é a razão humana o árbitro da Fé.

III — *Deístas* — Negam qualquer influxo providencial de Deus, sôbre os homens. Assim a revelação não passa de um fenômeno *simplesmente natural*. Tal ideologia influi sobremaneira na doutrina dos racionalistas.

IV — *Semi-racionalistas* v. g. Schleiermacher, nega a idéia de Inspiração e inverte o sentido das palavras, dizendo: — Espírito Santo é apenas o “sentir da comunidade cristã”, fonte de tôda a idéia religiosa. Portanto, todo o livro que exprime tal sentir pode ser considerado “inspirado”. Para R. Rothe a autoridade da Escritura reside na sua relação com o sentimento religioso.

V — *Protestantismo hodierno* — Abandonando quase tôda a teoria ortodoxa, os protestantes consideram mais importante a revelação, de tal sorte que esta toma o lugar da Inspiração. Inspirados são os livros que atestam o fato da revelação divina. Muitos negam a influência de Deus nestes livros.

Isto não ofende a “autoridade” da Bíblia porque a “fé” não é coisa intelectual e sim modo prático de viver moral e religiosamente. Porém, tal modo de viver é auxiliado pelo uso das Escrituras. Outros ainda proclamam que a Inspiração é mero entusiasmo semelhante ao que impele o poeta que verseja. Alguns mais recentes chegam ao descabro de afirmar que, nas Escrituras, a Inspiração é a voz de Deus, que não desperta a fé, mas aumenta-a naqueles que têm em maior estima as Sagradas Letras; a Escritura inspira no leitor o Espírito de Deus.

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

VI — *Modernismo* — Baseando-se nos princípios protestantes, os modernistas confirmam: — A Inspiração é uma agitação, um fervor como o da poesia. Usando do termo católico adulteram-no afirmando a impossibilidade da verdadeira Inspiração. Foram condenados no decreto “*Lamentabili*” (3-7-1907). (1).

§ 4. — *Doutrina Católica desde o Concílio Tridentino até ao Concílio do Vaticano.*

I — Tridentino (Ecumênico XIX — 1545-1563). Tanto os Livros Sagrados como a tradição oral contêm verdades “ditadas” no senso lato por Deus. Usam o termo “*autor*” no sentido técnico, falando de quem compôs um livro.

A natureza da Inspiração resume-se nesta frase:

Deus é o autor dos Livros Sagrados.

II — Início da Controvérsia sobre o “*ditado verbal*”. Tal modo de falar do Concílio Tridentino marca o início da divisão dos católicos: uns querem estender a inspiração até às palavras, outros, apenas, às coisas e conceitos.

1) *DOUTRINA que afirma o “ditado verbal”.*

Domingos Bañez, O. P., distingue três modos de Inspiração divina:

1.º revelação das coisas desconhecidas;

2.º moção especial e assistência do Espírito Santo quanto às coisas conhecidas;

(1) *Enchir, Symb.* — Denz. 2009-2012.

INTRODUÇÃO GERAL

3.º Sugestão e um como ditado para tôdas as palavras. (1).

Afirma que sem essa sentença não se distingue bem a profunda diferença entre a Sagrada Escritura e as definições dos Concílios.

DEFENSORES dessa doutrina são todos os doutores da Ordem dos Pregadores (Dominicanos) e ainda: Cornélio Ians. Gand.; Gilberto Genegrando, O.S.B.; Franc. Titelmans. O. M. Cap., Guilherme Estio; Basilio Pôncio, O.S. Aug., e depois dêste os Salmanticenses; Greg. de Valentia, S. J. Maldonato, S. J.

2) Doutrina que nega o “*ditado verbal*”.

Sentença de Leonardo Lessio S. J., (1587)

História: Leonardo Lessio S. J., professor de Teologia desde 1585, em Lovaina, viu condenadas, por influência de Baio, 34 teses suas, entre as quais, estas:

1.º Não é neccssário que cada uma das palavras da Sagrada Escritura seja inspirada pelo Espírito Santo.

2.º Não é necessário que cada uma das verdades e sentenças sejam imediatamente inspiradas pelo Espírito Santo ao Hagiógrafo.

3.º Um livro escrito de modo humano, sem assistência do Espírito Santo, pode tornar-se Escritura Sagrada, caso o Espírito Santo ateste depois que nêle não há erro.

Lessio não contestava Bañez, mas entendia combater a dictação mecânica das palavras, defendida pelós protestantes.

(1) Scholastica commentaria in lam. partem, q. 1, art. 8. (1584).

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

A 1.^a e 2.^a tese êle as explica na sua “Resposta”: a palavra “inspirar” é usada como sinônimo de “revelar”.

Lessio, pois, sustenta que é necessário um PARTICULAR IMPULSO do Espírito Santo sobre o Hagiógrafo para que escreva as VERDADES QUE DEVEM SER ESCRITAS; mas que basta uma “ASSISTÊNCIA” no que respeita à escolha das palavras.

Defensores da Doutrina que nega o “ditado verbal”:

- a) Cardeal S. Roberto Bellarmino
- b) Francisco Suarez († 1671).

III — Sentenças que atenuam a natureza da Inspiração

1) *Sistema da “direção divina”* (I. Bonfrerius S. J. (1573-1642) e R. Simon (1638-1712).

O Espírito Santo pode agir no Hagiógrafo:

- a) de modo antecedente;
- b) de modo concomitante: como que vigiando para não errar;
- c) de modo conseqüente: atestando que é verdadeiro o que está escrito (1).

2) *Sistema da “aprovação subsequente”* (H. Holden, H. Haneberg).

(1) In totam Scripturam Sacram prae loquuta, c. VIII, s. 1 et 7, in Migne Scripturae Sacrae Cursus completus I. pp. 134. 141.

INTRODUÇÃO GERAL

Holden (1) limita o influxo divino aos assuntos doutrinários; para Haneberg basta a aprovação subsequente da Igreja quanto aos livros “empírico-históricos”. (2).

3) *Sistema da “mera assistência”*. (Dupin († 1719), Calmet († 1757), Chrismann († 1792, Jahn († 1816).

A ação divina seria apenas negativa: uma vigilância que impede os erros.

§ 5 — *Doutrina da Inspiração, desde o Concílio Vaticano.*

I — Doutrina do Concílio e dos Sumos Pontífices.

A) — *Concílio Vaticano (1869-1870), XX.º Ecumênico, sobre a Fé e a Igreja.*

Na Sessão 3, cap. 2, “Da Revelação”, rejeita, primeiro, que um LIVRO POSSA SER INSPIRADO só pela aprovação subsequente da Igreja ou pela mera assistência divina que o faça conter a Revelação sem erros.

Depois, explica positivamente a ESSÊNCIA da Inspiração: os livros se dizem inspirados “por isso que, escritos por inspiração do Divino Espírito Santo, têm a Deus por autor e como tais foram entregues à Igreja”. (3).

Exarado por P. J. B. Franzelin, S. J., o esquema desta definição nos dá o sentido do Decreto:

(1) Henricus Holden († 1662), *Divinae fidei analysis* 1, I, cc. 4s. Paris 1652.

(2) Daniel Haneberg († 1876), *Versuch einer Geschichte der Bibl. Offenbarung Regensburg 1850, p. 714.*

(3) Denzinger, 1787.

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

a) O Concílio afirma, diretamente, que Deus é o autor principal da escritura do livro, enquanto que o homem que o escreveu é seu instrumento.

b) Essa operação exige uma ação sobrenatural divina na inteligência e vontade do Hagiógrafo.

c) Quanto à inspiração “verbal” o Concílio nada afirma.

B) — *Encíclica* “PROVIDENTISSIMUS DEUS” sobre o Estudo da Sagrada Escritura (18 de Nov. de 1893):

A razão da inerrância da Sagrada Escritura está nisso, que o Hagiógrafo escreve tudo e só o que Deus quer. E isto se prova pela natureza da ação de Deus, autor primário, sobre o Hagiógrafo, a quem toma como instrumento para escrever. Esta ação é uma força sobrenatural que excita, que move, que assiste, a fim de que os Hagiógrafos bem concebam na mente o que Deus quer revelar e fielmente o queiram escrever. (1).

C) — *Encíclica* “SPIRITUS PARACLITUS”, sobre a inerrância da Sagrada Escritura (15 de Set. 1920).

Afirma que S. Jerônimo reteve a doutrina comum católica sobre a Inspiração: Deus, pela graça que confere:

1) ILUMINA a mente do Hagiógrafo a fim de que ensine aos homens a verdade divina;

2) MOVE-lhe a vontade, impelindo-a a escrever;

3) por fim, **ESTÁ PRESENTE** de modo peculiar e constante até que o livro esteja feito. (2).

(1) Denzinger 1952.

(2) Denzinger 2186 seq.

INTRODUÇÃO GERAL

Portanto, confirma o tríplice influxo da “Providentissimus Deus”, precisando algo a mais sôbre cada faculdade.

II — Sentenças dos Teólogos Recentes Sôbre a Natureza da Inspiração

A) — Elementos comuns a tôdas as Escolas:

a) Deus é o inspirador e o autor da Sagrada Escritura (De fé definida).

b) Deus se faz autor dos Livros Sagrados por um influxo sobrenatural e interno (De fé, pelo Concílio Vaticano) (1).

c) O influxo de Deus se refere às faculdades racionais (inteligência e vontade) e às faculdades executivas (sentença comum e certa quanto ao fato).

d) Deus é o autor principal; o Hagiógrafo é o instrumento.

e) Na Inspiração, nem sempre se requer revelação, mas apenas o juízo sobrenatural sôbre as coisas conhecidas.

f) Não é necessário que o Hagiógrafo tenha consciência de sua inspiração.

g) O Hagiógrafo goza de plena liberdade ao escrever.

B) — Controvérsias mais recentes:

I — Fundamento da argumentação: a questão está em que o Cardeal Franzelin inicia a análise do conceito de inspiração pelo conceito de “autor”, considerado não de modo especulativo, mas concreto, qual o propõe a Tradição. (2).

(1) Denzinger 1785-1787; 1809.

(2) I. B. Franzelin, *De Traditione et Scriptura*, ed. 4., *Theol.* 3, p. 342 ss.

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

Contra êsse modo de proceder, alguns objetaram que o conceito de Inspiração é muito mais claro que o de autor e por isso não se deve começar por êle. (1).

Ao menos o uso da palavra “autor” não se pode rejeitar depois da encíclica “Providentissimus” e do Concílio Vaticano.

II — Aplicação do Conceito de “Instrumentalidade”:

1.^o Os autores da Escola Tomista querem aplicar a premoção física à vontade do Hagiógrafo. Outros contestam tal aplicação, bastando que a moção divina dobre de modo inelutável a vontade, segundo o modo ou modos explicados na questão da graça eficaz.

2.^o Sentença contra a inspiração verbal: O Cardeal Franzelin estabelece que, para Deus poder chamar-se em sentido verdadeiro e próprio, “autor” da Sagrada Escritura, basta-lhe um positivo influxo quanto à parte formal: conteúdo e sentenças; sendo suficiente, para a parte material (palavras, estilo, elocução), uma assistência negativa, que preserve de erros o autor.

Seguem esta sentença: Fr. Schid, Crets, Mazella, Herter, Brucker, Cornely, Knabenbauer, De Sant, Van Kasteren, Dorsh, etc. (2).

3.^o Sentença pela Inspiração verbal: Os tomistas argumentam que o conceito de causa instrumental exige que o efeito seja todo de Deus, portanto também as palavras. O Hagiógrafo só age enquanto movido por Deus.

E mais. Se se puserem as palavras fora da moção instrumental, o livro como tal já não será mais inspirado. Redarquem que a sentença anterior confunde “inspiração” e “re-

(1) Lagrange in *Revue Biblique* 5 (1896) 206 sq.

(2) H. Dutoquet, *La psychologie de l'inspiration*, em *Études* 85 (1909-IV) 158-171.

INTRODUÇÃO GERAL

velação” e não aplica correntemente o conceito de causa instrumental. —

Não poucos autores, fora da escola tomista, propõem sentença media: sustentam firmemente que a determinação das palavras não está na essência da Inspiração; admitem contudo um positivo influxo de Deus também quanto às palavras, não pelo princípio de instrumentalidade, e sim por razões antes psicológicas (assim a dificuldade de separar-se a coisa e a expressão).

SEGUNDA PARTE

QUESTÕES DOGMÁTICAS SOBRE A INSPIRAÇÃO

Três questões sobre a Inspiração: I. Existência; II. Natureza; III. Critério.

PRIMEIRA SECÇÃO

Secção I — EXISTÊNCIA DA INSPIRAÇÃO, SEGUNDO AS FONTES DOGMÁTICAS.

MÉTODO:

1) *Fontes*: A Inspiração, com ser um fato de origem sobrenatural e porisso mesmo envolto em mistério, só se pode conhecer por Revelação divina, a qual por sua vez chega até nós pelo Magistério da Santa Igreja e pela Tradição Católica.

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

A Sagrada Escritura só pode ser fonte “quase-dogmática” para provar a inspiração, isto é, só enquanto é livro histórico fidedigno que nos narra a doutrina de Cristo. Só assim não se cai em “círculo vicioso”.

2) *Estado da questão*: Importa demonstrar a existência da Inspiração tal como a expõem os teólogos e a defendem os documentos da Igreja;

a) Deus Nosso Senhor é o verdadeiro e legítimo autor literário;

b) Usou porém do Hagiógrafo como de um instrumento para escrever;

c) E o fez por uma ação sobrenatural sobre as faculdades para que escrevesse só aquilo que Deus queria.

Tudo isto se há de encontrar nas Fontes Teológicas, ainda que nem sempre de modo formal e explícito. E as mesmas expressões usadas se devem entender não abstratamente ou dentro de algum sistema, mas no sentido que lhes dá a Tradição.

ARGUMENTO EXTRAÍDO DOS DOCUMENTOS ECLESIAÍSTICOS

Os principais documentos são êstes, em ordem cronológica:

1) “ANTIQUA REGULA FIDEI” Denz. Enchir. Bibl. 21.

2) “STATUTA ECCLESIAE ANTIQUA” dos séculos V e VI: Enchir. Bibl. 23.

3) Carta 101.^a de São Leão IX, Papa (1049-1054) *ad Petrum*, Bispo de Antioquia, em 13 de abril de 1053: Denz. 348; Enchir. Bibl. 26.

INTRODUÇÃO GERAL

4) Profissão de fé proposta aos Valdenses pelo Papa Inocencio III (1198-1216) em carta ao arcebispo de Tarracona, a 18 de dezembro de 1208: Denz. 421; Enchir. Bibl. 27.

5) Profissão de Fé proposta, em 1267, pelo Papa Clemente IV (1265-1268) ao imperador dos gregos, Miguel Paleólogo: Denz. 464; Enchir. Bibl. 28.

6) Decreto sobre os Jacobitas, promulgado pelo Concílio Florentino, XVII Ecumênico (1438-1445), na Bula "Cantate Domino" de 4 de fevereiro de 1442 pelo Papa Eugênio IV (1431-1447): Denz. 706; Enchir. Bibl. 32.

7) Decreto sobre as Escrituras Canônicas, promulgado pelo Concílio Tridentino, XIX Ecumênico, na Sessão IV, dia 8 de abril de 1546, sob o Pontificado de Paulo III (1534-1548): Denz. 783; Enchir. Bibl. 42.

8) Constituição dogmática "Dei Filius" sobre a Fé católica, no Capítulo 2 "Da Revelação", definida pelo Concílio Vaticano, XX Ecumênico (1869-1870), na Sessão III, realizada a 24 de abril de 1870, sob o Pontificado de Pio IX (1846-1878): Denz. 1785-88 e 1809: Canon 4; Enchir. Bibl. 62.

9) Encíclica "Providentissimus Deus" sobre os estudos da Sagrada Escritura, de 18 de nov. de 1893, pelo Papa Leão XIII (1878-1903): Denz. 1941-53; Enchir. Bibl. 66; 109; 110.

10) Encíclica "Spiritus Paraclitus" sobre a inerrância da Sagrada Escritura, de 15 de set. de 1920, pelo Papa Bento XV (1914-1922): Denz. 2186-87; Enchir. Bibl. 561.

Os elementos necessários para provar dogmaticamente a existência da Inspiração, não se encontram todos em cada um desses documentos, e sim no seu conjunto, tomado coletivamente.

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

BREVE COMENTÁRIO DOS DOCUMENTOS SOBRE A QUESTÃO BÍBLICA

a) O sentido da palavra “autor” nesses documentos fica bem determinado pela oposição à doutrina dos Maniqueus contra os quais teve a Igreja de lutar nos séculos V e VI. Pois diziam que o Antigo Testamento tinha ao demônio por autor, o qual teria dito umas poucas verdades, a fim de fazer acreditar as suas muitas mentiras. Ora, no combate que fizeram a estes erros, os Santos Padres deixam claro o conceito de “autor”, atribuído a Deus tanto para o Novo como para o Antigo Testamento. Assim Hegemônio (1), Santo Agostinho (2), Fócio (3), Eutímio Zigabeno (4). A palavra autor, pois, tanto no uso clássico como eclesiástico, quer dizer “escritor”. (5).

b) A palavra “dictare” (ditar), empregada pelo Concílio Tridentino, significa não só “pronunciar lentamente o que um outro vai ouvindo e escrevendo”, mas também: mandar dizer, compor, prescrever, ensinar, aconselhar, sugerir, pronunciar”. (6).

Pelo contexto se vê que o Concílio Tridentino usou da palavra “ditar” bem como nós hoje usamos “inspirar”.

(1) Mg. 10, 1451 ss. (cap. XIII); ed. Beeson (PP. Grae. ed. Berol. 16) c. XV p. 24 sg.

(2) S. Augustinus (354-430), Contra Faustum Manichaeum (a. 400) 15, 1; ML. 42, 301-3.

(3) Photius (-891), Contra Manichaeos, 1, 8; MG. 102, 26-7.

(4) Euthymius Zigabenus (circa 1118), Panoplia dogmatis 24; MG. 139-1225.

(5) Contra F. Prat. in Etudes 85 (1903-II) 556-570.

(6) Cf. Forcellini, Totius Latinitatis Lexicon sub voce “dictare”.

INTRODUÇÃO GERAL

c) *No juízo da faculdade intelectual artística:* A escolha da veste literária não se faz por uma faculdade executiva, mas é trabalho da inteligência prática, através da faculdade artística da inteligência (1), sob o império da vontade. E para isto a luz divina deve atingir profundamente a inteligência do Hagiógrafo, pois dessa apresentação externa depende a comunicação das idéias. Mas quando essa comunicação pode ser feita de vários modos, cabe ao Hagiógrafo usar o que lhe apraz. E assim, distinguidos os aspectos, pode-se afirmar que o efeito é todo de Deus e todo do Hagiógrafo.

COROLÁRIO: Pelo tríplice influxo melhor se explica a *inerrância* e a *excelência* dos Livros Santos, bem como sua *profundidade* inexausta, pelas quais nenhum outro livro se lhes pode comparar em tôda a Literatura mundial:

a) *Inerrância:* é a imunidade de êrro. Os Hagiógrafos, de fato, soem usar também de fontes humanas e porisso mesmo passíveis de êrro. Mas, antes de subscreverem as sentenças dessas fontes com o nome e a autoridade de Deus, a luz divina da Inspiração tanto os eleva e os roboriza que os impede, de direito e de fato, de afirmar o êrro. Assim Deus jamais será autor de inverdades. (2).

b) A *excelência* da S. Escritura, embora de si não baste para provar-lhe a Inspiração, contudo a confirma e duplamente:

(1) S. Tomás de Aquino, *Summa Theologica*, 1a IIae, q. 27, a 3.

(2) Leão XIII (1878-1903), Encíclica "Providentissimus Deus" sobre o Estudo da S. Escritura, 18 de novembro de 1893: Denz. 1951; Ench. Bibl. 111.

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

— Pelo *conteúdo*: descrições históricas, sóbrias e fiéis, comprovadas pelas hodiernas escavações; doutrina santa e sublime, acomodada a tôdas as inteligências. (1).

— Pela *origem*: o povo de Israel não era dos mais cultos do tempo e alguns dos Hagiógrafos tinham medíocre cultura intelectual (Amós era pastor: Am 7, 14 ss.).

3.^o *Profundidade*, plenitude de idéias tal que o próprio Hagiógrafo nem sempre lhes percebe todo o alcance e conteúdo.

TESTEMUNHO DOS SANTOS PADRES SÔBRE A EXISTÊNCIA DA INSPIRAÇÃO

Do que já dissemos ficou bem assente qual tinha sido a doutrina dos Santos Padres com respeito à Inspiração. Para provar que tal doutrina haja sido não apenas sentença particular, senão que proposição comum eclesiástica dos mesmos Padres, trazemos por agora os testemunhos.

Já pelo ano de 230, impugnando S. Hipólito aos gnósticos hereses, que se diziam corretores da Sagrada Escritura, assim os exprobrava: “Ou não crêem ser a Escritura Sagrada inspirada pelo Espírito Santo, por onde são de fato infiéis; ou então, julgando-se mais sábios que o próprio Espírito Santo, não passam de verdadeiros demônios” (2). Orígenes afirma com segurança que a existência da Inspiração é doutrina aber-

(1) S. Augustinho (354-430), Epistulo 137, 3 e 18: ML 33, 516 e 524.

(2) Eusebio De Cesaréia (265-340), História Ecclesiástica (311-325) 5, 28; MG. 20, 516; Enchiridion Patristicum 400.

INTRODUÇÃO GERAL

tamente pregada na Igreja” (1). Há testemunhos de S. Atanasio (2), de S. Cirilo de Jerusalém (3), de S. Agostinho (4), e de muitos outros.

Que era êsse o comum sentir dos Santos Padres melhor e mais praticamente o prova o mesmo fato de buscarem êles cuidadosamente o genuíno sentido da Palavra de Deus contida nas Escrituras Sagradas e o esforço por ensiná-la reta e claramente ao povo cristão.

As objeções comumente aduzidas contra êsse unânime testemunho patrístico não lhes destroem o valor, e nem sequer o enfraquecem. Antes, ao contrário, bem examinados, por si mesmos fãcilmente se resolvem.

DOCTRINA DA SAGRADA ESCRITURA SÔBRE A EXISTÊNCIA DA INSPIRAÇÃO

Citando certos livros bem determinados a Sagrada Escritura os acumula de apelativos tão honoríficos que resulta daí possuírem êles uma particular e eminente dignidade. Fala de “Livros Santos” (5), de “Escrituras Santas” (6), de “Sagradas Letras” (7). Muitas vêzes aparecem os livros todos do

(1) Orígenes (185-6-254-5), De principiis 1 praefatio 4; MG. 11, 118; Kirch 237.

(2) S. Atanásio (295-373), Epistula Festalis 39a. (anno 367); MG. 26, 1435; Enchir. Patr. 791.

(3) S. Cirilo de Jerusalem (313-386), Catecheses (348), 4, 3; MG. 33, 458, 497.

(4) S. Agostinho (354-430), Contra Faustum Manichaeum (400) 33, 9, ML. 42, 517.

(5) 2 Mac 12, 9.

(6) Rom 1, 2.

(7) 2 Tim 3, 15.

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

Antigo Testamento como escritos pelos “Profetas” (1). Por amor da lógica, vejamos primeiramente a doutrina da Sagrada Escritura sobre a existência da Inspiração Profética, considerando-a depois com referência à Inspiração Escriturística.

Ensinam os livros todos do Antigo Testamento, que, para exercer alguém em nome e autoridade de Deus qualquer função pública entre o povo israelita, mister se fazia a infusão carismática do Espírito Santo.

Assim os setenta varões, companheiros de Moisés, na chefia do povo de Israel pelo deserto, deveriam receber a participação do espírito profético, antes de se iniciarem no ministério (2). Ao depois, os juizes, os reis de Israel, e até mesmo os escolhidos para fabricarem a Arca da Aliança e o Tabernáculo, todos foram investidos do Espírito de Deus. De modo muitíssimo especial aos Profetas, que pregavam em nome de Deus, era concedida a efusão do Espírito Santo. Ao Messias, profeta supremo, assistiria particular plenitude de Deus, segundo o testemunho de Isaías (3).

Por consequência dessa infusão sobrenatural, falam os Profetas como se foram instrumento de Deus: “a boca de Deus”, segundo Isaías e Jeremias (4). São quase coagidos a pregar, salva sempre a liberdade jamais tolhida. -

Recebendo na inteligência a luz das idéias divinas, e na vontade o conforto e a força para prega-las, o Profeta é sempre o instrumento de Deus.

(1) Cfr. Mt 26, 56; Lc 18, 31; 24, 25; Rom 16, 26.

(2) Núm 11, 24-30; 27, 18-23.

(3) Is 11, 2; 42, 1; 61, 1; Lc 4, 16 ss.; Mt 3, 16.

(4) Is 30, 2; Jer 15, 19.

INTRODUÇÃO GERAL

A Inspiração Escriturística é testemunhada pela mesma Escritura Sagrada. Não somente nos Profetas, mas também naqueles homens divinamente escolhidos para escrever Livros Santos verifica-se a infusão do Espírito Santo. Em favor da Inspiração dos Livros do Antigo Testamento há testemunhos implícitos e explícitos. Vejamo-los por ordem.

A) — *Testemunhos implícitos.*

Da múltipla e admirável concórdia entre a afirmação de Flávio Josefo, de Filon de Alexandria e dos Talmudistas, resulta certo que no tempo de Jesus Cristo e da Primitiva Igreja todos os hebreus acreditavam com firmeza na Inspiração divina e universal da Escritura Sagrada recebida dos antepassados. É o que se colige dos escritores rabínicos. (1).

As idéias que os Judeus sustentavam sobre a Inspiração da Escritura acomodou-se Jesus Cristo, confirmando-as a cada passo. O mesmo fizeram os Apóstolos, seus discípulos, reconhecendo autoridade absoluta nas Sagradas Escrituras, autoridade que decorria de sua Inspiração divina. Muitas vezes argumentou Jesus Cristo com a Escritura Sagrada, tomando-a como fonte de suprema e irrefragável verdade.

Donde é justo se conclua que a doutrina da Inspiração Divina do Antigo Testamento era cousa aceita não apenas dos Judeus, senão que igualmente de Jesus Cristo e dos Apóstolos.

B) — *Por testemunho explícito* da Inspiração dos livros do Antigo Testamento aduzem-se as palavras evidentes de S. Paulo em sua carta a Timóteo: “Tôda Escritura, divinamente

(1) Sanhedrin 10, 1; 99a.

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

inspirada, é útil para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir na justiça” (1).

Estudando acuradamente o versículo no original grego, mediante análise das partes na compreensão do contexto, desde logo se patenteia o perfeito sentido da sentença. Atribui S. Paulo, no passo citado, utilidade universal a tôda palavra que constitua Escritura inspirada pelo Espírito de *Deus*. Portanto é lógica nossa conclusão: Tinha S. Paulo, por doutrina certa e provada, a existência da Inspiração, pelo menos com respeito aos livros inseridos no Cânon, então vigente, das Sagradas Escrituras.

Não menos explicitamente atesta S. Pedro a doutrina da Inspiração das Escrituras Sagradas: “Porque em nenhum tempo foi dada a Profecia pela vontade dos homens: mas os homens santos de Deus é que falaram, inspirados pelo Espírito Santo” (2).

Dêsse texto estudado no original e do contexto, que o circunda, aparece bem elucidado o sentido da afirmação de S. Pedro.

Sempre falam os Profetas movidos do Espírito de Deus. Por conseqüência, sua palavra já falada, já escrita, é sempre de origem divina. Deus fala ao povo por boca dêsses homens escolhidos.

Concluindo, dêsses testemunhos explícitos podemos asseverar que ambos se completam perfeitamente. Mais claramente atesta S. Paulo o fato da Inspiração em todos os Livros Santos, pouco insistindo sôbre a natureza desse fato. Por seu

(1) 2 Tim 3, 16.

(2) 2 Pdr 1, 21.

INTRODUÇÃO GERAL

turno descreve S. Pedro a natureza da Inspiração sem referir-la a todos os Livros Santos. Traduzem pois, os dois textos, a verdade da Inspiração das Escrituras, doutrina que aliás invade todos os escritos dos dois Apóstolos.

Porisso é que o argumento procede com evidência, mesmo independentemente da tradição. E atenta a missão divina do Príncipe dos Apóstolos e do Apóstolo das Gentes, ainda maior é a força que colhe sua doutrina.

SEGUNDA SECÇÃO

Natureza do carisma da Inspiração Bíblica.

A Inspiração professada pela Fé Católica pertence primeiro e principalmente aos Sagrados Livros, cuja excelência e dignidade daí procede. Esta perfeição resulta da disposição do Hagiógrafo trabalhado pela ação de Deus, fonte última da Inspiração.

Portanto sob três aspectos se pode estudar mais clara e profundamente a essência da Inspiração:

- Cap. I. Ativamente, em Deus;
- II. Passivamente, no Hagiógrafo;
- III. Terminativamente, nos Livros Sagrados.

CAPÍTULO I

Ação inspirativa de Deus, ativamente considerada.

E' uma ação externa de Deus, comumente atribuida ao Espírito Santo, por se tratar de uma graça. Não é concurso

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

geral, mas um influxo carismático *transeunte* que dispõe o Hagiógrafo a escrever um livro. Consequentemente não é uma graça para a santificação individual do Escritor Sagrado, e sim um bem dirigido ao povo de Deus (1).

A Inspiração, sendo um concurso tão eficaz que torna a criatura instrumento idôneo e dócil nas mãos de Deus para execução duma obra, difere das outras graças:

1) da “graça salutar” na qual o homem usa do auxílio divino quando e como quiser.

2) da graça “gratis dada”, quando o ato da criatura é informado pela graça que o torna meritório.

3) do “dom das línguas” que abrange o conhecimento das palavras humanas mostrando-se com isso a Sabedoria de Deus. Na Inspiração patenteiam-se as próprias idéias que formam a sabedoria divina.

4) do “milagre”, poder de “operar” sobrenaturalmente; e a Inspiração para “conhecer” sobrenaturalmente. (2).

O elemento comum à Inspiração e às outras graças é a cooperação entre Deus e o homem. De próprio entretanto na Inspiração é a cooperação acêrca da expressão das idéias divinas por meio dos Livros Sagrados.

CAPÍTULO II

Ação inspirativa no homem, isto é, passivamente.

Mais facilmente se entende a questão considerando os efeitos da cooperação divina e humana no Hagiógrafo. Deus

(1) S. Thomas Summa Theol. II 2, 9. 171; 2.

(2) S. Thomas Summa Theologica, II. II. g. 172 a. 2 ad 3.

INTRODUÇÃO GERAL

será o autor do Livro Sagrado e o homem o seu instrumento. Assim pois não basta a preservação do êrro, ou a aprovação subsequente da Igreja (1), ou a Inspiração segundo os Protestantes, ou ainda mera causalidade moral. Os dois conceitos “autor” e “instrumento”, para se realizarem, requerem o influxo positivo, imediato e físico no Hagiógrafo, pelo qual Deus eleva e aplica sobrenaturalmente as faculdades que entram na composição de um livro.

Estudando a Inspiração justamente na maneira pela qual Deus usa dessas faculdades: inteligência, vontade e faculdades executivas, estabelece-se a questão: qual é a essência dessa Inspiração? Antes porém de se responder à questão é mister conhecer o método que se deve seguir na análise do conceito de Inspiração.

A. — *Sentenças.*

Alguns autores como Franzelin, F. Schmid, Dorsch e Pesch (2), considerando por um lado a individualidade e os traços pessoais do Hagiógrafo na elaboração dos livros Sagrados, (por exemplo: o estilo) e de outra parte não se esquecendo a Revelação que diz ser Deus o autor desses mesmos livros, concluíram que deve haver uma determinação e limitação suficientes da atividade humana, a fim de se atribuir a Deus a autoria dos Livros Sagrados.

(1) Concilio Vaticano (1869-1870) Ecumenico II, sessão III, cap. II “De Revelatione”; Denz. 1787; Enchir. Bibl. 62.

(2) Pesch, De Inspiratione Sacrae Scripturae, Friburgi 1906, nn. 402-404, 471; H. Dotougnat, La psychologie de l'Inspiration, in Etudes 85 (1900-IV, 158-171.

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

Outros Autores tomam como princípio o fato de ser Deus o autor principal do Livro Sagrado e o Hagiógrafo seu instrumento. Aqui aplicam os princípios filosóficos da causalidade instrumental.

Portanto, tudo no Hagiógrafo que está em função da elaboração do livro, é aplicado e elevado por Deus de tal forma que o Hagiógrafo trabalhe em virtude do agente principal, Deus mesmo. Assim o Livro Sagrado é todo de Deus e todo da criatura, mas segundo formalidades diversas (1). A Escola Tomista defende também consequentemente que essa moção instrumental é a premoção física.

B. — *Observações sôbre ambos os métodos.*

I — O Método de causalidade instrumental da Escola Tomista. Deve-se notar primeiro que na aplicação dêsse método está em jogo uma Teoria filosófica, sólida aliás, mas sempre teoria provável de uma Escola. Impugná-lo na aplicação ao conceito da Inspiração não seria pecar contra a tradição.

Pois que a tradição e os Documentos Pontifícios empregam os termos “causa principal” e “instrumento” no sentido comum, prescindindo das Escolas.

Ademais é preciso levar em consideração a índole do Hagiógrafo como instrumento, pois é chamado também autor do Livro Sagrado. Assim o faz S. Agostinho nas disputas com

(1) S. Tomás de Aquino, *Contra Gentiles* III, c. 70; Vosté I. L.; *De Divina Inspiratione et Veritate S. Scripturae*, 2 ed., Roma, 1932, pp. 66-71; Hugon E., *La causalité instrumentale*, 2 ed., Paris 1924, pp. 49-59.

INTRODUÇÃO GERAL

S. Jerônimo (1), S. Tomás de Aquino (2), e Henrique Gandavense (3). O mesmo se encontra nos Documentos Pontifícios:

A Encíclica “Providentissimus Deus” de Leão XIII, de 18 de Novembro de 1893, usa vários termos como “escritor sagrado”, “autor sagrado” (4). Diversos decretos da “Pontifícia Comissão dos Estudos Bíblicos” falam de autores hum-
da Sagrada Escritura (5).

... aplicação dos princípios deve ser feita segundo essas
... nsiderando no instrumento, não só a moção instru-
... s também sua virtude própria. Assim o machado
... a, quando utilizado (6).

... maneira se explicam facilmente os vestígios huma-
... avros Sagrados, pois o Hagiógrafo põe à disposição
... as suas faculdades, sendo os efeitos atribuídos total-
... ao Agente principal e também ao instrumento (7).
... ada-se portanto mais profundamente o conceito de Inspira-
... ção empregando os dados da Revelação, da experiência huma-

(1) S. Augustinus (354-430); Epistula 82, ad S. Hieronymum (post 405) 1. 3; ML. 33, 277; Enchir. Patr. 1421.

(2) S. Thomas de Aquino, Quodlibeta VII, quaestio 6, art. 14 ad 5.: “O autor principal da S. Scriptura é o Espírito Santo; o homem que foi autor instrumental da S. Scriptura”...

(3) Henricus Gandavensis, Summa, A. q. questio 2.

(4) Enchiridion Symbolorum: 1947. 1952.

(5) Enchiridion Symbolorum: 1997, 1998, 2000, 2110-2111; 2115: 2129-2136; 2155-2165; 2166-2171. Enchir. Bibl. 174-175-177; 100-181; 287-292; 240-246.

(6) S. Thomas de Aquino, Summa Theologica III, q. 62, art. 1, ad 2.

(7) S. Thomas de Aquino, Summa Contra Gentiles III, q. 70.

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

na e das investigações científicas, não se esquecendo porém o mistério do auxílio da graça divina, isto é, a cooperação entre Deus e o homem.

Finalmente é preciso evitar na análise do conceito de Inspiração a aplicação de princípios, como a premoção física dos tomistas, que, deixando em pé muitas dificuldades, ainda transportam a questão para o campo do Tratado Teológico da Graça.

II — O método de análise do conceito de Inspiração pela noção de “*autor*”.

Torna-se possível pela experiência comum analisar profundamente a noção de “*autor*”. Esta noção pode ser aplicada depois na análise mais completa do conceito da Inspiração, determinando-se o que se requer a fim de que Deus seja suficientemente constituído “*autor*” dos Livros Sagrados.

Entretanto devem ser evitados três *obstáculos* neste método, isto é: não é só abstratamente que se faz o exame da noção de “*autor*”, mas na realidade concreta da Tradição. E’ preciso salvar a individualidade pessoal do Hagiógrafo nas palavras e nas idéias. São Paulo, por exemplo, difere de S. João. O nexó psicológico das idéias e sua manifestação exterior, operada na psicologia do autor, também devem ficar ressaltados.

C) — *Conclusão Geral* referente aos métodos.

Seria conveniente a aplicação conjunta de ambos os métodos na análise do conceito de Inspiração. Procedendo-se pois da noção de “*autor*”, entendido na tradição, atribuir-se-iam a Deus as operações necessárias que dariamos a um indivíduo

INTRODUÇÃO GERAL

para que fôsse chamado, de direito, autor de um livro. Praticamente pode-se estabelecer o seguinte:

Deus tem em Sua Inteligência Divina tôdas as idéias organizadas para a elaboração do Livro Sagrado. Na Divina Vontade determina-se que essas idéias sejam comunicadas fielmente, pelos escritos do Hagiógrafo já informado por elas. Assim o efeito pertence ao Hagiógrafo, purificado e elevado à ordem sobrenatural, mas cuja obra entretanto se faz em consequência e dependentemente daqueles atos divinos.

A virtude própria do Hagiógrafo, empregada aqui de maneira elevada e perfeita por Deus, entende-se a personalidade do escritor sagrado nas suas operações espirituais (1).

Não olvidando pois o princípio de justiça “a cada um o seu” e a cooperação condescendente ao Hagiógrafo, explica-se mais facilmente a certeza infalível e a autoridade irrefutável das SS. Escrituras, e ao mesmo tempo, a índole humana do estilo e forma literária, própria de cada Escritor Sagrado.

UTILIDADE DO PRINCÍPIO DA CONDESCENDÊNCIA

Êsses traços pessoais dos Hagiógrafos, e mesmo suas imperfeições, são muito bem compreendidos dentro do princípio da “condescendência”.

É certo que Deus usa dos homens naquilo que êles próprios podem fazer sem a intervenção do milagre.

A sua Paternidade divina adaptou-se à debilidade humana pela Revelação no Antigo Testamento, feito aos Patriarcas

(1) Billot L., *De Inspiratione S. Scripturae Theologica disquisitione*, 4 ed., Romae 1929, pp. 65-67; Vosté I. M., *De Divina Inspiratione et veritate S. Scripturae*, 2 ed., Romae 1932, pp. 66-71.

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

e Profetas, culminando na Lei Nova com a presença e pregação de seu próprio Divino Filho Jesus (1).

Somente na Caridade Divina (2) encontraremos a razão última da condescendência. É lícito fazer a analogia entre o mistério da Encarnação e a Inspiração aos Hagiógrafos. Deus Filho aceitou todas as imperfeições humanas, com exclusão absoluta do pecado (3).

Na Inspiração, a Palavra de Deus, imune de qualquer erro mental ou moral, revestiu-se das imperfeições próprias ou derivadas dos Hagiógrafos. Esta verdade é proclamada na Encíclica “Divino afflante Spiritu” (4).

Tese da “synkatábasis” ou condescendência segundo S. João Crisóstomo (344-407)

Tese insubstituível na edificação da Teologia Bíblica, a “synkatábasis” é das colunas principais no solidíssimo edifício da Teologia Bíblica de S. João Crisóstomo.

Etimologicamente o verbo grego “synkatabáino” quer dizer *condescender*, *acomodar-se* e o substantivo “syinkatabasis” significa *condescendência*, *acomodação*, quando, por exemplo, um superior mais forte e mais robusto se acomoda, atempera-se aos costumes e à capacidade do inferior e do mais fraco. (5).

(1) Hebr 1, 1. — Núm 12, 6-8; Jl 2, 28; 2 Pdr 1, 20-21.

(2) 1 Jo 4, 7-16; 2 Cor 13, 1-13.

(3) Hebr 4, 15.

(4) Encíclica “Divino afflante Spiritu”, de Pio XII, setembro de 1943; Acta Apostolicae Sedis 35 (1943) 316.

(5) Suicerus I. C., Thesaurus Ecclesiasticus ex Patribus Graecis. Amstelodami 1682, II pp. 1067-1074.

INTRODUÇÃO GERAL

Antes de S. João Crisóstomo foram defensores da tese da “synkatabasis”, embora apenas transeuntemente, São Justino (cêrca 100/10 — 103/67) que usa o termo “armonisamenos” com o mesmo sentido de “acomodar-se”. (1).

Santo Irineu (cêrca 140-202) escreveu: “Deus... deveu fazer-se criança com o povo ainda menino”. (2).

São Clemente Alexandrino (cêrca 150-211-13) tinha dito: “Para dizer em poucas palavras: de tal modo se portou o Senhor conosco, como nós com os nossos filhos”. (3).

Além destes, Tertuliano, Orígenes, Eusébio Cesariense, Sto. Atanásio, Sto. Epifânio, outras tantas sumidades escriturísticas têm palavras similares e de igual autoridade.

A exposição da tese da “synkatabasis” ou condescendência em São João Crisóstomo é o que de mais belo existe na “boca de ouro” do grande doutor.

São João Crisóstomo, por direito e mérito, tem o título de “doutor da condescendência”, maxime após a encíclica “Divino afflante Spiritu”, porque tôda a obra exegética crisostomiana é iluminada pela luz da “condescendência divina”. Tudo no Doutor Antioqueno é penetrado pela doçura da misericórdia sem detrimento da justiça divina.

“Ademais esta tese diz relação a tôda a economia da redenção do gênero humano” diz o mesmo Crisóstomo (4).

(1) S. Justino, *Dialogus com Gryphone Judaeo* MG. 6, 518.

(2) S. Irineu, *Adversus Haereses* IV. 14. 3 MG. 7, 1011-12. IV. 38, 2; MG. 7, 1107.

(3) S. Clemente Alexandrino, *Paedagogus* 1, 9. MG. 8, 339.

(4) S. João Crisostomo, *In Genesim homiliae* (388) 17, 1; MG. 53, 134-35.

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

Ao que toca a Inspiração dos Livros Sagrados, mais apuradamente Crisóstomo diz: “Deus pelo ato de escrever as Sagradas Letras, dignou-se descer até os homens e para unicamente se acomodar à debilidade e enfermidade deles (1), condescendeu, acomodou-se também à linguagem e às palavras dêles (2).

A razão por que assim agiu Deus encontra-se na “filantropia” de Deus (3). O fim portanto da Sagrada Escritura é a manifestação da vontade de Deus para erudição dos homens, segundo S. Paulo: “Tudo aquilo que foi escrito, para doutrinação nossa ô foi escrito”. Rom 15, 4.

A divina condescendência profundissimamente conhece e pondera a razão dos tempos e a utilidade da misericórdia. (4).

Assim, pensando quais seriam aquêles que ouviram as leis de Moisés, *como* estariam afeitos, e *quando* teriam recebido estas leis, muito seria de louvar o legislador (Deus) pela Sabedoria. Dir-se-à que é um e o mesmo que estatuiu isto ou aquilo, muito útil e congruente ao tempo (5).

Acomodou-se ao homem também quanto ao afeto e à psicologia (6).

A condescendência de Deus aparece na Sagrada Escritura, aqui e ali com maior intensidade, já quanto à Verdade reve-

(1) Ibidem 15, 2; MG. 53, 121.

(2) Ibidem 3, 3 MG. 53-334-36.

(3) S. João Crisostomo. In Joannem 15, 2 MG. 59, 100.

(4) Ibidem 37, 1. MG. 59, 207.

(5) São João Crisostomo, In Mattheum 18, 1 MG. 57, 265.

(6) S. João Crisostomo, In Epistulam ad Philipenses homiliae (393-97) MG. 62, 248.

INTRODUÇÃO GERAL

lada, já no que respeita ao período histórico da humanidade. O maximum da “synkatábasis” aparece no Gênesis 1, 1 quando Deus deve falar aos hebreus, peçados do limo das coisas materiais, incapazes portanto de se levantarem para as coisas celestiais.

O Santo Doutor explica pela “condescendência” o uso dos antropomorfismos, as teofanias, as figuras retóricas, o modo de descrever os fenômenos da natureza, as razões das idéias do homem que se encontram nos “Livros Inspirados”.

Por outra parte na Sagrada Escritura observa-se a divina “acribeia”, *exatidão* pela qual se resguarda a perfeição da Sagrada Escritura, imune de todo êrro, acuram-se as expressões das idéias. É ainda João Crisóstomo que a isso se refere muito frequentemente.

A “synkatábasis” mais a “acribeia” da Sagrada Escritura são qualidades jamais encontradas em outro livro.

Mais: a índole social da Revelação e seu modo eficaz postulando da parte do homem a suficiente inteligência do que Deus fala, é uma graça universal, geral para a humanidade. Porque a comunicação “mística” na qual Deus se revela “como é, “sicut est”, é graça especialíssima reservada aos eleitos e preparados (2 Cor 12, 4).

A conclusão se impõe: a idéia de Inspiração egregiamente concorda com a razão de Deus quando trata com os homens, e as imperfeições da Sagrada Escritura tão pouco são milagres de Deus; antes demonstram sua sabedoria e bondade.

Por esta paterna acomodação Deus fala ao homem mais facilmente, mais suavemente, mais perceptivelmente que se comunicasse sua infinita sabedoria na sua própria forma. (1).

(1) S. Agostinho (354-430), Tratado sobre o Evangelho de São João 1, 1; ML 35, 1379.

Assim Deus quase desceu à debilidade e à enfermidade da nossa inteligência e, é para se notar porque nisto esplende esta divina condescendência: quanto mais rudes eram os homens, mais difícil ensinar-lhes os divinos Livros, e tanto mais condescendente era Deus. Prova disso: a diferença entre os livros antiquíssimos e os mais recentes da Sagrada Escritura.

TESE DA ILUSTRAÇÃO OU ILUMINAÇÃO DA INTELIGÊNCIA DO HAGIÓGRAFO

Um escritor deve escrever duas vezes o seu livro: primeiramente o concebe na inteligência; trabalho eminentemente intelectual. Depois, o escritor redige em todos os sentidos materiais o seu livro. É o elemento secundário na composição de um livro. Na primeira vez o autor é, por assim dizer, um cálam o obedientíssimo a si mesmo.

Na segunda vez o autor deve escrever usando instrumentos materiais, que expõem material e externamente o livro predelineado formal e internamente. Estas as duas fases necessárias ao se escrever qualquer livro.

Tratando-se contudo dos Livros Sagrados, o homem inspirado não pode ser considerado autor principal, mas secundário.

Conseqüentemente aquelas duas operações na elaboração do livro devem variar segundo as exigências da ação divina. Dependendo o Hagiógrafo do Espírito Santo como instrumento, os graus da elaboração mental do livro deverão variar, pois que o Livro Inspirado primeiro existirá completo na Inteligência Divina.

INTRODUÇÃO GERAL

Nesta questão investiga-se a maneira pela qual se forma na inteligência do Hagiógrafo, por moção do Espírito Santo, o mesmo livro concebido na Inteligência Divina. Entretanto é preciso estudar a dupla operação do conhecimento intellectual segundo São Tomás de Aquino (1): a recepção das cousas na mente e o juízo acêrca dessas mesmas cousas.

I. — *a da “recepção das coisas” por parte da inteligência do Hagiógrafo sob a luz da Inspiração;*

II. — *a “formação do juízo das coisas recebidas”.*

I. — Questão: Recepção das coisas por parte do intellecto do Hagiógrafo. S. Tomás de Aquino estatui: a recepção das coisas (2) por parte do intellecto do Hagiógrafo nem sempre, nem de modo necessário, deve estar sob a luz e deve ter a luz da graça da Inspiração. E’ preciso distinguir acuradamente entre profetas no sentido estrito, que tiveram “visões por Deus”, e o Hagiógrafo, nos quais se requer a fé sufficiente e a luz da graça da Inspiração para julgar segundo a certeza da verdade divina aquilo que pode ser conhecido segundo a razão humana.

Esta luz da Inspiração pode servir ou para julgar aquilo que foi visto por outros testemunhos, não porém pelo Hagiógrafo, ou também para julgar segundo a divina verdade aquilo que o homem aprende no curso natural da vida.

Esta doutrina do Doutor Angélico, confirmada pela Sagrada Escritura (3), não é dêle: é da Sagrada Escritura, dos

(1) S. Tomás de Aquino, Summa Theologica II, II, q. 173, a 2.

(2) S. Tomás de Aquino, Summa Theologica II. 2 Quaestio 174 art 2 ad 3um.

(3) Lc 1, 1; 2 Mac 2, 19, Prov 1; 31, 1; 1 Par; 1 Jo 1, 1-3; At 16, 10.

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

SS. Padres, dos Escritores Eclesiásticos, dos Teólogos que afirmam todos, sem dúvida alguma, que a Revelação não pode ser considerada da essência da Inspiração. De direito e de fato a “recepção das coisas” é feita pelas forças naturais da inteligência do Hagiógrafo.

O que há portanto é a assistência especial de Deus ou pelo menos da Providência, no escrever o Livro Sagrado. Com efeito, encontra-se na Sagrada Escritura muita notícia, da qual o Hagiógrafo poderia ter conhecimento intelectual, naturalmente. E isto por três vias:

1. ou pela própria consciência, reflexões e afetos próprios;
2. ou pelos fatos que se conservaram na sua memória, dos quais havia outros testemunhos.
3. ou finalmente pelos meios comuns e humanos: Fontes orais ou escritos.

Daí uma conclusão geral: a Inspiração bíblica *de fato* pode, mas de direito não deve estar ligada nem com a Revelação sobrenatural das verdades novas, nem com a ciência infusa por novas espécies, nem com a visão. (1)

Duas conclusões nascem dessa questão: *a recepção das coisas não pertence formalmente à Inspiração.*

São elas: I — Como o Hagiógrafo usa das Fontes.

II — Distinção e relação entre Revelação e Inspiração. Quanto à primeira é suficiente dizer: o Hagiógrafo pode usar

(1) Clemente Alexandrino (150/211/15) Stromata MG. 8, 1141-44.

INTRODUÇÃO GERAL

de Fontes e portanto é officio dos Doutores católicos inquirir sobre estas Fontes, como o decretou a Pontifícia Comissão de Estudos bíblicos (1), e que nem por isso as Fontes, enquanto tais, adquirem valor de Inspiração embora usadas pelo Hagiógrafo inspirado; e que finalmente não repugna ao Hagiógrafo usar de fontes pagãs.

Quanto à segunda: distinção e relação entre Revelação e Inspiração em longos traços, é dizer-se que a Revelação não é a essência da Inspiração.

A Revelação: 1. — *quanto a nós*: tudo na Sagrada Escritura é Revelação, logo de fé divina.

2. — *quanto ao Hagiógrafo*: a Revelação antecedente pode ter-se de direito e de fato se tem tratando-se de matéria estritamente sobrenatural; a Revelação concomitante ou consequente, isto é, se o Hagiógrafo sabe que escreveu inspiradamente.

3. — Quanto ao fato da Inspiração de um livro, só se conhece por Revelação que é o critério último da Inspiração, sendo a Tradição o critério próximo.

2.^a Questão — *O Hagiógrafo, pela luz da Inspiração, julga o material adquirido.*

1 — *Juízos feitos para compor o livro.*

Na sentença do Doutor Angélico, (2) aliás solidíssima,

(1) Decreto da Pontifícia Comissão de Estudos Bíblicos 26 Junho 1912. Denz. 2162. Enchr. Bibl. 415.

(2) S. Tomás de Aquino, Summa Theologica, II.^a II.^{ae}, q. 173, a. 2.

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

o elemento principal, na Inspiração, é o *juízo de certeza divina*. Sem êle, ainda que se tivessem revelações de Deus, não se teria nem profeta, nem Hagiógrafo.

Esse juízo é triplo:

a) *juízo teórico*: Recolhido e selecionado o material, deve o autor conceber o livro: emitir juízos sobre o todo e sobre as partes e relacioná-los entre si pela Lógica, pela História, pela Psicologia e também ajuizar de sua verdade e certeza.

b) *juízo prático*: É o propósito eficaz de comunicar aos homens aquelas suas idéias, escrevendo um livro.

c) *juízo da faculdade intelectual artística*: É a faculdade artística da inteligência a escolher a forma externa: gênero literário, estilo, palavras, enfim, a veste literária do livro.

2 — *Influxo de Deus nesses juízos*:

a) *Nos juízos teóricos*: Deus, autor principal, já concebeu e ordenou em sua inteligência divina, tudo quanto quer comunicar aos homens. O Hagiógrafo, agora, deve receber em sua mente essas mesmas idéias, e ter certeza divina a respeito delas. Isto se faz pela graça da Inspiração que eleva, purifica e torna a faculdade do Hagiógrafo apta a conhecer as verdades de Deus e julgá-las com certeza divina. (1)

b) *No juízo prático*: O homem só pode mover a vontade de outrem por modos mediatos: uma ordem, um conse-

(1) S. Thomas de Aquino, *Summa Theologica*, IIa. IIae. q. 171, a. 1 ad. 4. *Quaestiones disputatae de Veritate*, q. 12, a. 7.

INTRODUÇÃO GERAL

lho, um aliciamento. Mas Deus pode mover a vontade humana a querer inelutavelmente o que Deus quer, sem deixar de ser livre. Assim faz com o Hagiógrafo. De maneira que o querer escrever pertence a Deus como autor principal, e ao Hagiógrafo, como autor instrumental.

S. Tomás dá a razão: “A inteligência do profeta é movida pelo Espírito Santo como um instrumento deficiente em relação ao agente principal.” (1) Essa plenitude de sentido, também inculcada pela Encíclica “Providentissimus Deus” (2), triplamente se justifica:

— O Espírito Santo anuncia mistérios altíssimos, cuja inteligência os homens só a têm aos poucos, com o correr dos séculos e o realizar-se das profecias.

— A revelação no Antigo Testamento é progressiva; aumenta pouco a pouco, segundo a paternal “condescendência” de Deus.

— As profecias só se podem plenamente entender depois de sua realização.

Note-se que para alcançar e compreender essa “plenitude” de sentido a Hermenêutica deve ajudar-se da Tradição da Igreja. (3).

(1) S. Tomás de Aquino, *Summa Theologica*, II.a II.ae, q. 173, a 4.

(2) Leão XIII (1878-1903), Encíclica “Providentissimus Deus”, 18 de novembro de 1893, *Denz. Ench. Bibl.*

(3) Pesch, *De Inspiratione S. Scripturae*, Friburgi, 1906, n.º 499-501.

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

QUESTÃO DA INSPIRAÇÃO VERBAL

Como se Deve Explicar o Influxo de Deus na Faculdade Intelectiva Artística Quanto à Escolha das Palavras

A) *Estado da questão.*

O influxo de Deus, pela graça da Inspiração, na faculdade intelectual artística atinge também a escolha das palavras, pois os princípios de causalidade instrumental aplicam-se também a cada ação da faculdade intelectual do Hagiógrafo, pelas quais o livro Inspirado é concebido, formado e composto. (1)

Até aqui são unânimes os autores. Para a frente, divergem. A divergência está em saber se o influxo divino chega “até às palavras”, à escolha dêste ou daquele vocábulo.

Os autores que propugnam essa Inspiração verbal, de nenhum modo chegam a defender o “ditado mecânico das palavras”, nem negam a atividade própria do Hagiógrafo. Apenas afirmam que o seu trabalho próprio e pessoal, em escolhendo as palavras, não lhe pertence como a instrumento vivo e inteligente e porisso estão sob a moção prévia de Deus pelo influxo divino inspirativo.

Os autores que impugnam a Inspiração verbal não vão a afirmar que tudo, até os vocábulos, procedem das faculdades do Hagiógrafo, mesmo elevadas e roboradas. Distinguem-se dos adversários por defenderem esta sentença: “as palavras a escolher não são determinadas por Deus.”

(1) Mortori G., *La nozione di causa instrumentale e le sue applicazioni alla quaestione dell'inspirazione verbale*, Verons 1928; Hugon E., *La causalité instrumentale*, 2 ed., Paris, 1924.

INTRODUÇÃO GERAL

A divergência parece que está mais no modo de considerar, de exprimir e de provar uma única e mesma verdade admitida pacificamente por todos. Não se discute a “extensão da Inspiração”, mas sua “natureza.”

B) *Provas:*

I — *Argumento geral.*

Tôda a Tradição e os documentos do Magistério eclesiástico, desde o início até os nossos tempos, vêm afirmando que os Hagiógrafos escrevem os Livros Inspirados como instrumentos de Deus, autor principal. Ora, êste conceito de instrumentalidade, aplicado não só no campo ideal, mas nas condições concretas, leva a concluir que também na escolha das palavras os Hagiógrafos são instrumentos de Deus. Porque “escrever um livro”, segundo o modo comum de falar, não diz apenas comunicar idéias, mas expô-las concretamente em veste literária própria e individual.

Por conseguinte, sendo Deus o autor principal e primário dos Livros Inspirados, parece que também a escolha dos vocábulos deve pertencer ao seu influxo divino.

II. — *Argumento positivo:*

A. — *A Psicologia* nos ensina que há uma íntima correlação entre as nossas idéias e as nossas palavras, de tal forma que ambas nos ocorrem simultaneamente. Aplicando-se êste fenômeno natural à Inspiração, conclui-se que o Hagiógrafo, ao ter na mente as idéias já bem definidas, deve também possuir as palavras que lhes correspondem. Mas se é assim, difficilmente se poderia admitir que a veste externa e literária

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

da Escritura não pertença tôda a Deus que inspira as idéias, mas só e totalmente ao Hagiógrafo.

B. — *A Teologia* nos leva primeiro a examinar os escritos dos SS. Padres, especialmente os que cultivaram a ciência bíblica mesmo que diretamente não tenham falado da Inspiração verbal. Entre êles citamos assim Orígenes (185/6 — 254/5). Comentando os Salmos, temos que a Inspiração divina atingiu até as menores letras da Sagrada Escritura (En. Patr. 483). Uma segunda prova é o modo de agir dos Santos Padres e Exegetas: êles se firmam nas palavras, a fim de tirar argumentos para as doutrinas teológicas, morais, ascéticas e místicas. Certamente isso não fariam se as palavras fossem empregadas unicamente pela escolha do Hagiógrafo, sem a iluminação divina.

Dessas razões se pode concluir que o Hagiógrafo é instrumento nas mãos de Deus, não só para o sentido das sentenças escriturísticas, mas também quanto à sua apresentação externa.

Contudo o Hagiógrafo não padece uma determinação rígida na escolha de sua elocução, o que seria um ditado mecânico. Daí se explica facilmente como na parte literária possa haver imperfeição, a qual pertence ao instrumento. Deduzem-se também as consequências dessas verdades: diversidade de índole e de estilo dos Hagiógrafos, variedade na maneira de escrever as mesmas palavras de Nosso Senhor; a possibilidade de terem empregado secretários na redação, e, por fim, a “Inspiração equivalente” nas traduções da Sagrada Escritura.

INTRODUÇÃO GERAL

Influxo de Deus na Vontade do Hagiógrafo pela Graça da Inspiração

Três são as questões:

1.^o) *Necessidade*: Esta moção da vontade do Hagiógrafo pertence à essência da Inspiração. Prova-se pelas Encíclicas “Providentissimus Deus” de Leão XIII (1878-1903), e “Spiritus Paraclitus” de Bento XV (1914-1922), onde se diz que o Espírito Santo *excita e move* o Hagiógrafo a escrever. O mesmo se deduz do conceito de autor e de livro. Para ser autor de um livro é necessário não só conceber e coordenar as idéias na mente, mas também expô-las por escrito. Assim é preciso que Deus, após ter inspirado as idéias ao Hagiógrafo, lhe mova a vontade a fim de as exteriorizar por escrito. Caso contrário, não seria Deus, de direito, o autor do livro.

2.^o) *Natureza*. O Hagiógrafo deve seguir perfeitamente o decreto da vontade divina, por isso o influxo inspirativo deve ser eficaz e proceder da vontade absoluta de Deus, deve ser físico e imediato. Sem essa moção divina o Hagiógrafo seria o autor principal seguindo uma inclinação meramente natural.

Entretanto o divino não exclui outros influxos morais e eficazes que venham dos homens. São Clemente Alexandrino refere que os Cristãos pediram a São Marcos e S. João que escrevessem os seus Evangelhos (1).

Mas sem o influxo de Deus o humano seria absolutamente insuficiente.

(1) Clemente Alexandrino († 150 — 211/215) citado por Eusébio de Cesaréia (cêrca de 265-340) na História Eclesiástica (311-325) 6, 14; MG; 9, 749 e 20, 552; Enchir. Patris. 439, 268.

3.^o) *Liberdade* do Hagiógrafo, mesmo sob a moção divina. Essa moção imediata e física deve ser tal que o homem a siga infalivelmente sem perder sua liberdade. O conceito de inspiração “mântica”, que tolhe a liberdade humana, foi rejeitado pelos Santos Padres. Essa liberdade se prova pela convicção que tinham os Sagrados Autores de não agir coagidos, pelo modo de proceder e pelo modo de atribuir a si os Livros Inspirados (1).

A moção divina sôbre a vontade do Hagiógrafo embora não seja necessariamente prévia, é eficaz; faz escrever as sentenças de Deus que estão na mente do Escritor Sagrado. E’ isto, diz Billot, segundo o modo ou os modos que costumam ser expostos na matéria da graça eficaz” (2).

A escritura material necessariamente pode não pertencer ao Autor, isto é, êle pode confiá-la a um Secretário ou Amanuense. Exige-se sômente a assistência do Hagiógrafo a êsse cooperador mecânico. São Paulo assim usou de Tércio; S. Pedro de Silvano e Jeremias de Baruc (3).

Outro seria o caso de um auxiliar que cooperasse não só mecânica, mas também intelectualmente, isto é, dando uma forma literária às idéias manifestadas pelo Hagiógrafo ou completando um livro Inspirado já composto pelo Hagiógrafo. A êsses se estende também o influxo inspirativo acima descrito (4).

(1) Lc 1, 1; Rom 15, 15-17. 2 Cor ss. 13, 10.

(2) Billot L., *De Inspiratione Sacrae Scripturae theologia disquisitio*, 4 ed. Romae 1929, pág. 58.

(3) Rom. 16, 22, 1 Pdr 5, 12; Jer 36.

(4) *Decretum Pontificiae Commissionis de Re Biblica: “De Mosaica authentica Pentateuchi”* d. d. 27 Junii 1906; Dubium IV, Denz. 2000.

INTRODUÇÃO GERAL

Conclusão Geral

A definição descritiva de Inspiração baseada nos pontos tratados: “A graça da Inspiração bíblica é o influxo sobrenatural carismático, para o bem da Igreja, do Antigo e do Novo Testamento, pelo qual Deus, autor principal de toda a Sagrada Escritura, submete a si de modo perfeito as faculdades psíquicas do Hagiógrafo, elevando-as admiravelmente e aplicando-as sem interrupção, de tal forma que o Hagiógrafo seja autor verdadeiro e secundário de todo o Livro Inspirado.

CAPÍTULO III

A inspiração “Terminativamente” considerada, isto é, tal qual se manifesta nos próprios Livros Sagrados

Depois de examinadas as propriedades da ação inspirativa em Deus e o seu influxo na mente receptiva do Hagiógrafo, impõe-se um terceiro problema: como se nos apresenta hoje o fato da Inspiração nas páginas do Livro Inspirado?

A esta interrogação respondemos analisando três pontos:

- 1.º — A extensão da ação inspirativa nos Livros Santos.
- 2.º — O seu efeito próprio e formal ou, em outros termos: os Livros Inspirados são “Palavra de Deus”.

Enchir. Bibl. 180.

Decretum Pontificiae Commissionis Biblicae; “De auctoribus et de tempore compositionis Psalmorum”, d. d. 1 maii 1910; Dubium VI. Denz. 2134; Enc. Bibl. 345.

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

3.º — O efeito precípua da Inspiração: a inerrância bíblica.

ARTIGO I

A Extensão da Inspiração nos Livros Sagrados

TESE: A Inspiração divina estende-se a todos os assertos da Sagrada Escritura.

Estado da questão. Não se trata de saber quantos e quais os livros que devem ser inseridos entre os de Inspiração divina. Mas, é nosso intento apenas demonstrar que naqueles livros tidos por Inspirados e canônicos, a ação inspirativa “terminativamente” considerada é de direito e, portanto, deve aplicar-se a todos e a cada um dos assertos e não simplesmente a uma categoria deles.

Breve histórico da questão. Alguns Escritores desde a antiguidade patrística, aventuraram delimitar o alcance do influxo inspirativo de Deus nas SS. Escrituras a uma determinada classe de sentenças. Assim, os Anômacos, como atesta Santo Epifânio (1), e Henrique Holden (2), laureado pela Universidade de Paris.

O Concílio Vaticano rebateu-lhes a opinião, afirmando decisivamente: —

(1) S. Epiphanius (315-403), *Adverses haereses Panarium* (374-77) *Haereses* 76; MG; 42, 638.

(2) Holden Henr. († 1662), *Divinae Fidel Analysis*, Paris 1652; I 5, 1.

INTRODUÇÃO GERAL

“Se alguém não receber como sacros e canônicos os Livros da Sagrada Escritura, *íntegros, com tôdas as suas partes...*, *seja anátema*” (1).

Levados por motivos polêmicos, contra objeções nascidas por ocasião de descobertas arqueológicas e históricas, alguns autores encabeçados pelo Cardeal Newman (2) negaram o fato da extensão do influxo inspirativo às cláusulas, sentenças ou frases “ditas de passagem”.

Julgando interpretar a decisão da Igreja, Rohling (3) circunscreveu a Inspiração divina às verdades sobrenaturais contidas nas Sagradas Páginas. Fez escola, com numerosos seguidores: Lennormant, De Bartolo, Semeria, Savi e outros (4).

Argumentos:

1) — *A voz do magistério infalível da Igreja.*

a) *Diretamente*, através dos Concílios Tridentino e Vaticano e da Encíclica “Providentissimus Deus” do Santo Padre Leão XIII, sobre os Estudos das SS. Escrituras.

(1) Concílio Vaticano (1869-1870), XX.º Ecuménico: “De Fide et Ecclesia”, celebrado no pontificado do Papa Pio IX (1846-1878); Sessão III (24 de abril de 1870): “Constitutio de Fide catholica; De Revelatione Canon 4”, Denz. 1809: Enchir. Bibl. 64.

(2) Card. Newman († 1890), no artigo “On the Inspiration of Scripture”, em “The Nineteenth Century Divine 84 (1884), 185-199.

Também no opúsculo: “What is of obligation for a Catholic to believe concerning the Inspiration of the Canonicals Scriptures”, London, 1884.

(3) Rohling A., no artigo: “Die Inspiration der Bibel und ihre Bedeutung für die freie Forschung”, em Natur und Offenbarung 18 (1872), 97-108.

(4) Cfr. Van Jaak H., De S. Scripturae Inspiratione, Romae 1910, pág. 180.

b) *Indiretamente*, mediante o Decreto “Lamentabili” do Sto. Officio, condenando os erros dos Modernistas e a Encíclica do Santo Padre Bento XV, “Spiritus Paraclitus”, a respeito da inerrância bíblica.

2) — *A doutrina e o uso dos SS. Padres.*

Inúmeros os testemunhos extraídos da Tradição Patrística que se poderiam aduzir em abono de nossa tese. S. João Crisóstomo, entre outros, ponderava que as mesmas genealogias apresentadas por S. Mateus e S. Marcos em seus Evangelhos guardam em suas linhas um sentido profundo (1).

3) — *A razão teológica.*

O Hagiógrafo, como vimos acima, é o instrumento nas mãos de Deus na redação dos Livros Santos. Como causa principal, a ação de Deus não pode restringir-se a um determinado campo, mas deve atingir as menores particularidades na elaboração das Sagradas Páginas. Ademais, como nas Escrituras há ausência absoluta de erro, explicável tão somente pelo fato da Inspiração, segue-se que tudo na Bíblia é fruto da intervenção inspirativa de Deus.

4) — Confirma-se a tese se considerarmos o modo de proceder de N. S. Jesus Cristo e dos Apóstolos, os quais, argumentando com as Santas Escrituras, não diferenciavam o elemento religioso do puramente profano. “Está escrito”: nisto se resumia toda a autoridade da Palavra Inspirada. (2)

(1) S. João Crisóstomo (344-407), “In Genesin Homiliae” (388) 15, 1. MG. 53, 119.

(2) Van Laak H. em “De S. Scripturae Inspiratione”, Roma 1910, págs. 236-243, cita vários exemplos dessa argumentação.

INTRODUÇÃO GERAL

ARTIGO II

O Efeito Formal e Próprio da Inspiração. Os livros Inspirados são “Palavras de Deus”

N. Senhor, falando aos Escribas-Fariseus, disse: “Moisés mandou:

Honra teu pai e tua mãe.... vós porém ensinai....; destarte desfazeis a *Palavra de Deus* com a vossa tradição... (1).

Não apenas N. Senhor mas também os Apóstolos falam das Escrituras como “Palavras de Deus”: cf. Atos 7, 38; Rom 3, 1. 2.

Os Santos Padres consideram-nas como ditadas, pronunciadas, sugeridas ou exaradas por Deus. São a carta de Deus aos homens. A boca que nos fala da parte de Deus.

Convém distinguir na proposição: “As SS. Escrituras são Palavras de Deus”, dois aspectos bem distintos: “fato de consignação” e “conteúdo de verdade”. Quanto à “consignação”, todos os assertos da Bíblia são, em sentido pleno, “Palavra de Deus”. Em razão porém do “conteúdo”, diversamente se lhes aplica essa denominação. Daí várias categorias de sentenças quanto a chamar-se “Palavra de Deus”:

(1) *Sentenças proferidas imediatamente por Deus*: Em suas aparições e teofanias ou pela boca dos Profetas e pela pregação de Jesus, Filho Unigênito de Deus. Estas, em vista

(1) Mc 7, 10-13.

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

da consignação e da matéria, são consideradas *de maneira absoluta* “Palavra de Deus”.

2) — *As sentenças pronunciadas diretamente pelo Hagiógrafo* as quais se formam em seu intellecto totalmente pela luz divina.

São *intrinsecamente* “Palavra de Deus”.

3) — *Os enunciados procedentes de fonte divina*, através da fala de anjos e de delegados divinos, são *indirectamente* “Verbo de Deus”, em vista da missão jurídica ou do carisma confiado por Deus a eles.

4) — *As asserções nascidas de fonte humana* não são em sua matéria “Palavra de Deus”.

COROLÁRIO. — Como se explica a existência de *imprecação* nas SS. Escrituras?

E’ um fato de difícil explicação, uma vez que parece contrariar a perfeição e santidade devidas aos Livros Sagrados. Temos um exemplo frisante nos Salmos 6-19.

Diversas explicações são propostas. Tôdas, porém, insuficientes e imperfeitas.

Referem-se uns aos costumes demasiadamente rudes e grosseiros dos povos antigos, maxime orientais (1).

Apelam outros para a existência de casos semelhantes entre povos orientais com os quais Israel mantinha relações. (2).

(1) S. Tomás de Aquino, Summa Theologica, II.a II.ae, q. 25, a. 6, ad 3.

(2) Steinmetzer F., Babylonische Parallelen zu den Fluchpsalmen in Biblische Zeitschrift 10 (1912) 133-42; 363-369.

INTRODUÇÃO GERAL

Querem terceiros ver neste fato apenas a imperfeição moral do Antigo Testamento. Entretanto, para solucionar esta dificuldade é preciso ter diante dos olhos vários pontos. Primeiro, convém não esquecer a personalidade vicária do Hagiógrafo. Depois, muitas vezes, há apenas predição profética de eventos futuros, que não raro é feita de modo optativo ou jussivo. Considere-se também o emprego mui frequente de expressões assim assustadoras em ocasiões bélicas ou em causas judiciárias. Ademais, é palpável em muitos passos escriturísticos o bafejo poético. De mais a mais, a Igreja implora a vitória sobre seus inimigos e a salvação, rezando nas ladainhas Maiores: “Ut inimicos Sanctae Ecclesiae humiliare digneris, te rogamus, audi nos” — “Para que se digne humilhar os inimigos da Igreja rogamo-vos, ouvi-nos”.

Artigo III

Efeito Principal da Inspiração. Inerrância da Sagrada Escritura

O principal efeito da Inspiração é a inerrância da Sagrada Escritura. Esta questão tem sido atualmente objeto de maiores estudos, devido em parte às novas invenções, escavações arqueológicas e conhecimento mais claro da história dos povos antigos.

A) Compreensão e provação sólida do fato da inerrância.

B) Juízo sobre as teorias estabelecidas para defesa da inerrância e solução das dificuldades.

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

I — *Compreensão reta do fato da inerrância*

1) Inerrância, de direito. A Sagrada Escritura não contém erros (inerrância de direito), pois o Espírito Santo não pode inspirar o erro.

2) A inerrância pertence primeiramente aos livros originais. Fundamentada, com efeito, na origem divina dos livros inspirados, é evidente que em primeiro plano a inerrância se atribua aos livros tais quais saíram das mãos dos Hagiógrafos, sob a Inspiração divina.

3) Os textos hodiernos da Bíblia, que todos podem ter em mãos, gozam da inerrância, não por si, mas só enquanto concordam com o texto original.

4) Entretanto a força da Inspiração não impede corrupções acidentais e de pouca importância na transmissão literária do texto sagrado; isto se prova:

a) pelas inúmeras lições variantes das edições da Sagrada Escritura;

b) pela diversidade das “recensões” de um mesmo livro;

c) pelas diferenças entre o texto original e as Versões antigas.

As Versões gozam da inerrância enquanto reproduzem a obra original com fidelidade e integridade substancial. A integridade e a fidelidade da “Vulgata” latina em questões de Fé e Costumes, foi solenemente atestada pela Igreja; (1) não foi porém definida.

(1) Concílio Tridentino (1545-1563), Ecumênico sob os Papas Paulo III (1534-49), Julio III (1550-55), e Pio II (1559-65). Sessão IV: Denz. 735, Ench. Bibl. 46.

INTRODUÇÃO GERAL

5) O objeto da inerrância é apenas o sentido literal, isto é, o sentido certo e determinado que o Hagiógrafo quis exprimir e que de fato exprimitu.

II — *Prova da inerrância Bíblica*

1) A inerrância é uma consequência necessária do dogma da Inspiração. Segue-se-lhe como um corolário natural e necessário. O Hagiógrafo de fato é um instrumento nas mãos de Deus. Deus porém não usa de seu instrumento para o erro, pois que não pode errar, nem nos induzir ao erro. O mesmo ensina claramente Leão XIII e o prova com razão muito sólida (1).

2) O dogma da inerrância Bíblica embora não formalmente definido, é tão abertamente professado pelo Magistério da Igreja, que se lhe deve dizer “De Fide”, sem que precise de definição solene. (2).

a) João XXII ensina que não pode conter erros a Sagrada Escritura, pois que por ela se provam os Dogmas da fé (3).

b) O Beato Pio X, pela condenação da teoria bíblica Modernista, inculca novamente a inerrância da Sagrada Escritura (4).

(1) Leão XIII, Encíclica “Providentissimus Deus”; Denz. 1951.

(2) Merk A., *Institutiones Biblicae I: De Inspiratione*, 4 ed., Roma, 1935, pág. 68.

(3) João XXII, Constitutio “Cum inter nonnullos”, Denz. 494.

(4) Beato Pio X, Decreto “Lamentabili”; Denz. 2011.

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

c) Pio XII condena os que restringem a verdade da Sagrada Escritura só às cousas de Fé (1).

3) Os Santos Padres tanto em teoria, como em palavras claras, como na prática, sempre confessaram a doutrina da inerrância.

Citamos alguns, dentre os muitos que trataram da questão.

a) *S. Clemente Romano*: “A S. Escritura é verdadeira porque é dada pelo Espírito Santo” (2).

b) *S. Irineu*: “As Escrituras são perfeitas, porque ditadas pelo Verbo de Deus e pelo seu Espírito” (3).

c) *S. Justino* diz que nunca ousará nem pensar nem dizer que as Escrituras se contradizem.

d) *Sto. Epifânio*: “Jamais ousarei pensar ou dizer que possa haver contradições nas Escrituras” (4).

O fundamento desta unanimidade se encontra na própria Escritura, v. g.: Jo 10, 35, Atos 1, 16.

A doutrina da inerrância bíblica, com razão e de direito se chama “Dogma” pois é proposta pelo “Magistério ordinário e universal” e o Concílio Vaticano o ensina: “Deve-se crer com fé divina e católica tudo quanto se contém na Palavra de Deus seja da Escritura seja da tradição e que

(1) Pio XII., Enciclica “Divino afflante Spiritu” A. A. S. 35 (1943) 208.

(2) S. Clemente Romano, Epistula ad Corinthios, MG. 1, 300.

(3) S. Irineu (140-202), Adversus Haereses 2, 28, 2: MG. 7, 804; Enchir. Patr. 203.

(4) S. Justino (100-163), Dialogus cum Triphone Judaeo; MG. 6, 625; Enchir. Patr. 138.

INTRODUÇÃO GERAL

ou por definição solene ou pelo magistério universal ordinário a Igreja propôs como divinamente revelado" (1). Pelo exposto, a inerrância bíblica se diz "De Fide".

III) *Juízo sobre as teorias estabelecidas para defesa da inerrância e solução das dificuldades.*

E' a tese dos Autores Católicos. Depois de tantas e tão explícitas declarações do Magistério Eclesiástico, ninguém se encontra hoje entre os católicos que negue diretamente esta verdade católica. Si alguma cousa, na Sagrada Escritura, parece contradizer a verdade, procura-se resolver a dificuldade, não negando a inerrância, mas mostrando no texto, que o que o Hagiógrafo quis exprimir e exprimiu não está errado. Porisso são várias as teorias surgidas para conciliar a inerrância bíblica com as exigências científicas hodiernas.

Vamos tratar das:

I) Dificuldades contra a inerrância bíblica.

II) Teorias dos autores católicos para defender a inerrância Bíblica.

III) Decisões da Autoridade e do Magistério Eclesiástico.

IV) Estado hodierno da questão.

I. — *Dificuldades contra a Inerrância Bíblica.*

São de várias procedências:

(1) Concílio Vaticano (ut supra): sessão III "De Fide": Denz. 1792.

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

a) *Ciências Naturais*. Entre outras, surgem dificuldades quanto ao Gênesis, cc. 1-11; Josué 10, 11-13, etc.;

b) *História e Arqueologia*. Alguns duvidaram de muitos assertos históricos e também da historicidade de alguns livros (Ester, Tobias, Judite, Jonas) por causa de documentos históricos recentemente descobertos e de escavações feitas no Oriente.

c) *Literatura do Antigo Oriente*. Um mais extenso e mais profundo conhecimento da Literatura Oriental, dos gêneros literários, levou certos autores a comparar narrações bíblicas, salmos, vaticínios messiânicos, com textos egípcios semelhantes. Ora, tais comparações resultaram às vezes desfavoráveis à inerrância bíblica.

d) *Crítica Literária*. Depois de A. Ruenen (1869) e F. Wellhausen (1876-77), a crítica literária obteve grandes triunfos e parecia demonstrar que os autores de certos livros da Sagrada Escritura não eram os afirmados pela Tradição.

II. — *Teorias de autores católicos para defesa da Inerrância Bíblica*

1) *Teorias radicais e exageradas*, eivadas dos próprios princípios falsos dos adversários (1)

2) *Teorias que se afastam da Tradição*, isto é, que ultrapassam certos fins e termos estabelecidos pelos Santos Padres" (2).

(1) Papa Bento XV (1914-1922), Encíclica "Spiritus Paraclitus" sobre a Inerrância da Sagrada Escritura de 15 de setembro de 1920; Enchir. Bibl. 474.

(2) Encíclica "Spiritus Paraclitus" (ut supra); Enchir. Bibl. 467.

3) *Teorias que desconhecem as Razões Teológicas*, ou as excluem das inquirições críticas e históricas.

Uma dessas teorias foi o Modernismo: A. Loisy (1857-1940) e sequazes da Escola Modernista estabeleceram o sistema da: “Verdade apenas religiosa” e “Verdade econômica”:

A Sagrada Escritura só tem verdades na parte religiosa; as partes profanas são “vestes” com valor apenas relativo ao tempo dos primeiros leitores. A doutrina católica não é absoluta mas “econômica”, isto é, adaptada à capacidade dos tempos e dos homens, sendo portanto mutável e transitória. E’ evidente que os princípios do Modernismo destróem a própria verdade da Revelação sobrenatural, sendo porisso heresia.

Alguns autores católicos mais moderados querem, por alguns destes modos, resolver as dificuldades provenientes das Ciências Naturais e da História:

a) Distinguindo na Sagrada Escritura o que é ensinado (elemento primário, religioso) e o que são apenas afirmações (elemento secundário, profano).

b) Aplicando em questões históricas os princípios da “Verdade aparente” aos sentidos que Leão XIII permite aplicar às questões naturais (1).

c) Estabelecendo vários “gêneros literários” que tenham “verdade própria em “si”, não absoluta.

d) Recorrendo para dificuldades históricas, às “citações implícitas” em que o Hagiógrafo não assumiria responsabilidades.

(1) Leão XIII, Encíclica “Providentissimus Deus” sobre o Estudo da S. Escritura; Enchir. Bibl. 106.

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

Os autores e defensores de todas essas teorias encontraram muitas e fortes sentenças tradicionais (1).

III — *Decisões da Autoridade e do Magistério Eclesiástico.*

O Magistério da Igreja a quem Jesus Cristo confiou a guarda da revelação não podia silenciar em tal questão. Decisões importantíssimas foram emanadas ou pelos Papas ou pela Pontifícia Comissão de Estudos Bíblicos.

1) *Pontifícia Comissão de Estudos Bíblicos.*

a) instituição, direitos, atividades, autoridade: — Instituída a Comissão por Leão XIII em 30 de Outubro de 1902, foi revigorada pelo Beato Pio X que lhe deu o direito de conferir todos os Graus Acadêmicos em “Re Biblica”. A atividade da Comissão foi colossal. De 1905 a 1915 emitiram-se 14 decretos a respeito de muitas questões gravíssimas, disputadas. A autoridade destes Decretos no que toca à força de obrigar em consciência, o B. Pio X a equiparou aos Decretos das Sagradas Congregações que tratam da doutrina, aprovada pelo Pontífice (2). Não é lícito silenciar estes decretos ou retorcê-los a bem da opinião própria. (3)

b) Natureza dos Decretos. Dez Decretos tratam da origem e autenticidade dos Sagrados Livros. Outros julgam

(1) Juizos sobre as várias sentenças podem-se encontrar em Lagrange M. I., *La Méthode Historique*, ed. 2, 1904; Prat. F., *La Bible et l'Histoire*, 1908; Bonaccorsi G., *Questioni Bibliche*, 1904.

(2) *Enchir. Bibl.* 279.

(3) *Enchir. Bibl.* 487.

INTRODUÇÃO GERAL

e proíbem certas aplicações da inerrância bíblica feitas por alguns autores católicos.

2) *Decisões do Magistério Eclesiástico.*

O Beato Pio X expediu dois documentos importantes a respeito da inerrância bíblica: Decreto “*Lamentabili*” (3 de julho 1907) e Encíclica “*Pascendi Dominici Gregis*” (8 de setembro 1907).

A encíclica “*Pascendi*” condena os erros sobre a natureza da Inspiração, condena a teoria da “dupla verdade” nos Sagrados Livros, e a impugnação da autenticidade, bem como, a teoria que afirma haver erros científicos nas Sagradas Escrituras.

Pio XV. Publicou a Encíclica “*Spiritus Paraclitus*” (janeiro 1920).

Afirmar a existência e indicar a prova da inerrância. Dá interpretação autêntica da Encíclica “*Providentissimus Deus*” de Leão XIII, afirmando não poder concordar com:

a) a distinção entre verdades religiosas (elemento primário) e verdades profanas (elemento secundário);

b) a teoria da verdade relativa da Sagrada Escritura em cousas históricas como se as narrações fossem feitas segundo a opinião vulgar e não segundo a verdade objetiva da coisa;

c) o abuso de princípios em si retos, aplicados contudo além do justo limite, v. g. citações implícitas, gêneros literários, crítica literária, etc.;

d) a sentença a respeito da “compenetração da narração histórica” e da contemplação subjetiva do Hagiógrafo no Evangelho de S. João.

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

Expõe Bento XV finalmente a doutrina de Nosso Senhor Jesus Cristo sobre a inerrância Bíblica, proposta teórica e praticamente pelo Senhor.

IV — *Estado hodierno da questão.*

A pouco e pouco os problemas se esclareceram pelas controvérsias católicas e pelas grandes decisões que a par delas se foram promulgando.

Primeiro fruto foi uma salutar purificação: eliminar-se das teorias mais laxas tudo quanto não harmonizava de pleno com os princípios católicos.

Segundo fruto foi a distensão das sentenças por demais rígidas de certos tradicionalistas.

Enfim, terceiro fruto foi o acurado exame do valor e consequências das descobertas e investigações, principalmente históricas e arqueológicas, feitas no decurso de muitos anos.

Nasceu, assim, entre os autores católicos, concordância de princípios, embora se depare não pequena diferença na aplicação dêles.

PRINCÍPIOS TEOLÓGICOS PARA SE AJUIZAR SOBRE EXPLICAÇÃO E APLICAÇÃO DA INERRÂNCIA NAS TEORIAS MODERNAS

Dada a certeza plena da inerrância Bíblica para os católicos, toda e qualquer dificuldade tem que se resolver investigando o sentido legítimo que o Hagiógrafo quis exprimir e que de fato exprimiu.

INTRODUÇÃO GERAL

Dentro dêste âmbito, as teorias se dividem. Algumas limitam a intenção do Hagiógrafo à doutrina que êle quis “ensinar”, isto é, às verdades religiosas, omitindo as que fazem de mero invólucro.

Outros sistemas (“aparência histórica”, “gêneros literários”, “citações implícitas”) antes consideram certas classes de verdades que a própria intenção do Hagiógrafo.

I — *Sistema de distinção entre o elemento religioso e o elemento profano.*

Prenozções: Não tratamos, aqui, do sistema da “evolução doutrinal” ou da “verdade econômica” (Loisy) que, aplicadas aos Sagrados Livros, redundam na doutrina da “Verdade relativa” manifestamente herética. (1)

1) *Exposição do sistema:* A intenção do Hagiógrafo, ao escrever o Livro Sagrado, foi ensinar apenas o que diz respeito à salvação, coisas portanto quase sempre religiosas.

Portanto, só a elas, primariamente, se refere a inerrância. Atinge as questões de ordem natural apenas enquanto servem para expor aquelas, quase como se tudo fosse uma grande parábola religiosa.

Os propugnadores principais dêste sistema são Holzhey (2), e Gunkel H. (3).

(1) Decreto “Lamentabili”, proposição 58; Enchir. Bibl. 242; Denz. 2058.

(2) Holzhey K. Schopfung, Bibel und Inspiration, 1902.

(3) Gunkel H.; Die Biblische Urgeschichte, Bonn 1932.

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

2). *Crítica do Sistema:*

a) *Exagêro de um princípio certo:* Muitas vêzes, de fato, a Sagrada Escritura nos depara narrações forjadas pelo Hagiógrafo com o fito de, através delas, expor uma verdade religiosa (vg. as parábolas).

Mas são casos determinados: não se podem considerar como tais tôdas as narrações Bíblicas — seria destruir a credibilidade histórica da Sagrada Escritura.

Daí o ter a Pontifícia Comissão de Estudos Bíblicos determinado por “*princípio de reta exegese*” que o sentido histórico deve ser considerado como tal enquanto “se não provar, com sólidos argumentos, que o Hagiógrafo quis transmitir não uma história verdadeira e pròpriamente dita, mas, sob a aparência e forma de história, propor uma parábola, alegoria ou um sentido diverso da significação realmente literal e histórica das palavras” (1).

Nem se há de facilmente admitir tal caso, dado o direito que a Igreja se reserva do último juízo.

A Autoridade Eclesiástica, com tais decisões, protegeu eficazmente a índole histórica dos Livros Históricos da Sagrada Escritura.

“O sentir da Igreja”, sôbre que fala a Pontifícia Comissão de Estudos Bíblicos, exige ainda que se tenha em conta a “tradição”, de maneira a não se afastar, sem verdadeira ne-

(1) Decreto de 23 de Julho de 1905; Enchir. Bibl. 154; Denz. 1980.

INTRODUÇÃO GERAL

cessidade, das sentenças dos Santos Padres e dos exímios intérpretes da Bíblia (1).

E' princípio de exegese dado pela Encíclica "Providentissimus Deus", segundo a mente de Santo Agostinho: "De nenhum modo se há de afastar da letra, ou do sentido claro, a não ser que a razão impeça sustentá-lo, ou a necessidade obrigue a abandoná-lo (2).

b) *Também falso o argumento*: a Inerrância Bíblica se refere apenas ao que o Hagiógrafo quis "ensinar". A Inerrância da Sagrada Escritura não deriva do fim proposto pelo Escritor Sagrado, mas da própria natureza da Inspiração, do influxo que Deus exerce sobre a mente do Hagiógrafo, qual o declara a Encíclica "Providentissimus Deus". (3).

Este influxo inspirativo faz com que "tudo quanto o Hagiógrafo afirma, enuncia, insinua deve ser considerado afirmação enunciada, insinuação do Espírito Santo" (4).

c) A Teoria por fim não concorda com a maneira de agir dos Santos Padres e Teólogos, que nunca admitiram, nem seguiram seus princípios.

II — Sistema da "aparência histórica".

1) *Origem e histórico do sistema* — Leão XIII referiu-se às crenças naturais, ensina que os Hagiógrafos, sem se

(1) Decreto da Pont. Comissão de Estudos Bíblicos: "De characterē historico priorum capitum Geneseos", de 30 de Junho de 1909; Dubium IV, Denz. 2124.

(2) Encíclica "Providentissimus Deus": "Sobre os estudos da Sagrada Escritura" — 18 de Nov. 1893 — Leão XIII (1878-1903) — Enchir. Bibl. 97.

(3) Ibidem, Idem, Enchir. Bibl. 109.

(4) Resposta da Pontifícia Comissão de Estudos Bíblicos: "De Parousia seu de secundo adventu Domini nostri Jesu Christi in epistulis santi Pauli Apostoli"; 18, junho, 1915.

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

aplicarem a observar a natureza, às vêzes, descrevem e tratam as coisas à maneira de metáfora, ou segundo a linguagem corrente na época" (1). Ora, certos autores católicos quiseram aplicar este princípio também às narrações históricas da Sagrada Escritura, formando o sistema das "Aparências Históricas".

Entre os fundadores, temos: J. M. Lagrange, O. P. (2), F. von Hummelauer (3), entre os propugnadores: H. A. Poels (4), N. Peters. (5).

Contra o sistema insurgiram-se, desde o início, muitos Autores Católicos. Dos termos à controversia a declaração autêntica de Bento XV, na Encíclica "Spiritus Paraclitus" (6).

2) *Argumentos em favor do sistema:*

a) *As fontes históricas são aparências dos fatos:* Para F. von Hummelauer, as Fontes são para a história o que são para os sentidos as aparências das causas naturais: "As Fontes são as aparências dos fatos". Os Hagiógrafos pois que

(1) Encíclica "Providentissimus Deus" — "Sôbre os estudos da Sagrada Escritura"; 18 Nov. 1893; Enchir. Bibl. 106; Denz. 1947.

(2) Lagrange J. M. (1855-1938) — *La méthode historique*, Paris, 1904.

(3) Hummelauer F. von, († 1914), *Exegetisches zur Inspirationsfrage* (Biblische Studien IX/4), Freiburg in Br. 1904, págs. 58-73.

(4) Poels H. A., *History and Inspiration*, artigo in: *Catholic University Bulletin* II (1905) 19-67; 152-194.

(5) Peters N., *Die grundsatzliche Stellung der Katholischen Kirche zur Bibelforschung*, Paderborn, 1905, pg. 48-49.

(6) Enchir. Bibl. 469-475; Denz. 2186-2187.

INTRODUÇÃO GERAL

narram os acontecimentos segundo as Fontes, não devem ser acoimadas de mais culpas que o comum dos homens, pois é como se falassem de cousas naturais de acôrdo com a aparência dos sentidos. Os erros portanto deverão ser atribuídos ou aos autores das Fontes ou ao modo mais livre com que os antigos historiavam.

b) *As palavras de Leão XIII*, na “Providentissimus Deus”, posta a doutrina da Inspiração nas questões naturais, concluem: “Estas cousas convém se apliquem também às disciplinas do mesmo gênero, principalmente à história” (1).

c) Alguns dizeres dos Santos Padres, em especial de S. Jerônimo: “Algumas coisas se dizem nas Escrituras Santas segundo a opinião do tempo em que os fatos se deram” (2).

3) *Crítica sobre o sistema:*

a) É ilegítima a comparação à maneira comum de falar. De fato existe sempre percepção verdadeira, precedendo a todos os juízos sobre as cousas ou fenômenos naturais realizados segundo a aparência dos sentidos: (o sol nasce!) E os homens, no seu modo ordinário de falar, só entendem afirmar essa percepção. Muito bem Leão XIII diz: “Na linguagem vulgar, designam-se primeira e propriamente as cousas que incidem sob os sentidos” (3).

(1) Enciclica “Providentissimus Deus”; Enchir. Bibl. 108, Denz. 1949.

(2) S. Jerônimo (342-420), In Jeremiam Commentarii; V, 23, 10; ML. 24, 855; Ench. Patr. 1409.

(3) Ibidem; Enchir. Bibl. 106, Denz. 1947.

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

Mas são assim os fatos históricos. Eles opõem-se diametralmente às narrações das cousas naturais. Toda narração histórica, por sua mesma natureza, tende a relatar o que, com efeito, sucedeu, não o que parece. Vem a talho, aqui, o que diz Bento XV: “Esta é a principal lei da história: concordam os escritos com os fatos tais quais os fatos realmente se deram” (1).

b) Pelo contexto da Encíclica se vê claro que as palavras aduzidas pelos adversários não se referem ao método da “aparência histórica”, mas apenas condenam o “sair-se dos limites da própria disciplina”, como o fizeram alguns com prejuízo da verdade Escriturística. E’ o que declara Bento XV (2).

c) Os dizeres dos Santos Padres, a que aludem, tratam de questões particulares, não de método histórico como tal.

OS GÊNEROS LITERÁRIOS

I — *Noção.*

Os gêneros literários são formas gerais e artísticas das idéias, com personalidade literária e leis próprias. Constituem categorias, a encerrar todos os trabalhos da inteligência humana.

Os gêneros literários nascem, difundem-se, desfazem-se, desaparecem...

(1) Encíclica “*Spiritus Paraclitus*”: Sob a inerrância da Sagrada Escritura”; *Enchir. Bibl.* 470; *Denz.* 2187.

(2) Encíclica “*Spiritus Paraclitus*” — *Enchir. Bibl.* 471; *Denz.* 2187.

INTRODUÇÃO GERAL

Refletem a alma própria dum povo e dum século com toda a sua língua, suas conquistas literárias, leis, crenças, provações e esperanças.

II. *História dos gêneros literários até o sistema de v. Hummelauer S. F.:*

E' princípio indubitável e indiscutível que, na reta interpretação de qualquer texto sacro ou profano, deve tomar-se em conta o gênero literário do texto.

Julgaram alguns Autores (1) que se poderia aplicar esta norma comum para solver dificuldades históricas dos Sagrados Livros. Ora, convindo a cada gênero literário a sua verdade própria, o Hagiógrafo, com êste ou aquêlê gênero literário, visaria apenas esta ou aquela verdade e nada mais.

Hummelauer (2) apresentou, depois, esta teoria sistematizada. Segundo êle, os escritos com forma narrativa podem, consoante a matéria, distinguir-se em: fábula, parábola, conto histórico, história religiosa, história antiga, tradição popular e familiar, narração livre, midras, narração profética, narração apocalíptica.

Esta teoria, que não vingara conseguir muitos sequazes entre os exegetas (3), foi colocada nos justos limites pelo

(1) Cfr. Lagrange M. I., *L'Inspiration et les exigences de la critique*, art. in *Revue Biblique*, 5 (1896), 510-518; Prat. F., *Progress et Tradition in Exeges*, art. em *Etudes*, 93 (1902-IV), 289-312; 610-633.

(2) *Exegetisches zur Inspirationsfrage* (Bibl. Stud. IX, 4) Freiburg, 1904. Note-se que propõe como simples teoria, possível de emendas ultteriores.

(3) Cfr. Lagrange M. I., art. em *Revue Biblique* 3 (1906), 149-150.

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

Magistério Eclesiástico, mediante o Decreto da Pontifícia Comissão de Estudos Bíblicos, 23 de Junho de 1905 (1).

III. *Os gêneros literários nas literaturas antigas e na Sagrada Escritura.*

Os escritores antigos dependiam muito mais que nós do uso e tradição literária, porque os gêneros eram cultivados pelos escritores segundo leis e normas determinadas. A personalidade do Escritor aparecia muito menos que a dos hodiernos historiadores.

Encontram-se gêneros literários também na Sagrada Escritura: varios gêneros literários poéticos, formas diversas do gênero didático. Quanto ao gênero narrativo é obvio encontrar-se nos Sagrados Livros não só a história própria-mente dita, senão também a fábula, a alegoria, a parábola e semelhantes misturas do gênero histórico com o didático.

IV. — *Os gêneros literários da Escola de Hummelauer.*

Não são como dos que acabamos de expor. Parecem antes excogitações intellectuais para explicar a Sagrada Escritura, do que fruto de pesquisa na literatura antiga; apparecendo dificuldades históricas num texto bíblico, concluem por um novo gênero literário. Mas um método assim apriorístico é perfeito “circulo vicioso”.

(1) Enchir. Bibl. 154.

INTRODUÇÃO GERAL

RELAÇÕES ENTRE OS GÊNEROS LITERÁRIOS E A INSPIRAÇÃO BÍBLICA

I. — *A diferente verdade dos diferentes gêneros literários.*

Os diversos gêneros exprimem diversamente a verdade: Uma é a verdade própria da Fabula (cfr. Juizes, 9, 8-15), outra é a própria do Cântico Épico (cfr. Salmos, 103, sobre a criação), outra a do Diálogo (cfr. Diálogo de Elifaz, Baldad e Sofar, em Jó).

O critério para se determinar o gênero literário é a forma externa comumente usada para cada gênero. Quem emprega determinada forma quer evidentemente exprimir a verdade correspondente ao gênero escolhido.

II. — *Ao gênero literário narrativo compete, por sua mesma natureza, a mais estrita verdade histórica.*

A suprema lei da história é a verdade. Os antigos também tinham e aplicavam a sua Crítica histórica, embora não tão perfeita quanto a moderna. Crítica natural e obvia, que até o iletrado sabe aplicar e que conduz ao conhecimento da verdade tanto quanto a Crítica metódica. (1).

Assim sobressai a história dos Hebreus entre a dos povos Antigos, muito confirmada hoje por descobertas Arqueológi-

(1) Iousse M., Le Style orale, artigo in Archive de Philosophie II, 4, (1925) 155-190.

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

cas. Isto prova que também os Antigos com sua Crítica podiam escrever verdadeira história. E' preciso conhecer a forma e o método dos historiadores antigos, antes de emitir juizo sôbre eles:

a) — Os Hagiógrafos, como seus contemporâneos, ao referir palavras de outros e mesmo ao citar livros, não aduzem as palavras materiais, mas só o sentido delas.

b) — Usam dos números, não em sentido próprio e conhecido porém convencional e sagrado (1).

c) — Os Hagiógrafos não cuidam da cronologia das datas nem da etimologia das palavras. Estas são interpretadas pela assonância, não pela origem filológica.

d) — Gostam dos “circulos concêntricos crescentes”: ao narrar os fatos em vez de expor logo tôda a história, explicam-na gradualmente, aos poucos: era a forma usada também pelos outros Autores do tempo, e bem conhecida e apreciada por seus leitores coevos.

Não se pode, portanto, querer provar com essas formas estilísticas, certo gênero de “história antiga”, que não visasse expor a verdade tôda.

III) -- *Excelência da Historiografia hebraica.*

Os Hagiógrafos ao fazer seus juizos sôbre a verdade ou falsidade das cousas, eram auxiliados pela luz da “Inspiração” (2). Decorre disto a singular e evidente superiorida-

(1) Cfr. Lesêtre H., Nombre, artigo in Vigouroux, Dictionnaire de la Bible IV. coll. 1677-1697.

(2) S. Tomás de Aquino, Summa Theologica II 2, q. 174, art. 2, ad 3. um.

INTRODUÇÃO GERAL

de da Historiografia dos Hebreus sôbre a dos Babilônios e Egípcios mais cultos.

Aliás era necessária essa assistência especial de Deus aos Hagiógrafos, porisso que as narrações e fatos relatados na Sagrada Escritura se acham estreitamente ligados com a origem e a índole da Religião Revelada.

A tradição Judaica e Católica interpretou sempre em sentido histórico escrito as narrações bíblicas. Não admira pois a recusa da Igreja àquele sistema assim como o reservar-se o direito da última palavra, ainda nos casos em que se deve applicá-lo.

A VERDADE DE ALGUNS GÊNEROS LITERÁRIOS ATINENTES À HISTORIOGRAFIA

1) — *O Gênero literário da “História Religiosa”*

Não há dúvida que muitas vêzes as narrações Bíblicas têm finalidade religiosa. Assim o Livro dos Reis quer mostrar, pela história, que a felicidade do povo eleito está ligada ao cumprimento da lei divina; e o que não aspira a essa finalidade é simplesmente omitido.

Disto porém não se pode concluir, que a história narra-da seja menos verdadeira ou seja envolvida de aditamentos inventados. Pode ser incompleta, não se referindo a todos os acontecimentos; mas não falsa. Aliás, o autor, nem nega a existência de fatos além dos narrados por êle.

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

2) — *O Gênero literário da “Tradição popular ou familiar”*

Muitas narrações do Gênesis, e de outros livros históricos da Escritura, tiveram origem em tradições populares, existentes por muitos séculos, em cada família ou tribo e transmitidas em geral pela tradição oral. Querer que tais tradições estivessem necessariamente misturadas com erros, seria contradizer tanto a mesma admirável sobriedade e simplicidade das narrações bíblicas, como a grande sinceridade que não cala nem mesmo os vícios e pecados dos próprios antepassados.

Nem é verdade que uma narração transmitida oralmente não se possa conservar pura e incontaminada. A história dos povos primitivos mostra que foram transmitidas íntegras, por muitos séculos, as suas idéias religiosas.

Ademais Deus por certo protegeu neste sentido as famílias do seu povo. Por fim as próprias escavações arqueológicas o vêm comprovar.

3) *O Gênero literário “Midrash”*

E’ o gênero especial usado pelos Judeus postbíblicos, para interpretar e aplicar a Sagrada Escritura: ora seguia-se fielmente o texto sacro, ora se usava para compor exortações e exposições várias.

De nenhum modo se pode provar pela história que o gênero “midrash” (1), no sentido rabínico, seja empregado na Sagrada Escritura. Deve, pois, ser rejeitado.

(1) O termo de si significava “estudo”, “investigação”, “exegese”. Ocorre duas vezes no Antigo Testamento: 2 Par 13, 22 e 2 Par 24, 37.

INTRODUÇÃO GERAL

Questão das Citações Explícitas e Implícitas da Sagrada Escritura

1. *Noção.*

A questão das citações busca, antes do mais, saber o que os Hagiógrafos intencionaram ao aduzir, em seus escritos, citações de outras Fontes. Tais citações poderiam ser: explícitas ou implícitas, conforme se indica ou não a Fonte original.

2. *Verdade da “citação” e verdade da “cousa citada”.*

Muitos Hagiógrafos empregam citações explícitas, nas quais se deve distinguir a “Verdade da citação”: o texto alegado é fiel e pertence de fato à fonte indicada; “a verdade da coisa citada”: o que a citação afirma é verdade. A primeira deve sempre existir: a segunda só quando o Hagiógrafo afirma explícita ou implicitamente como verdadeiro o que se assevera na citação.

3. *Noção e importância das citações implícitas.*

A atual anotação das Fontes é bastante diligente. Entretanto consta pela experiência que assim mesmo o escritor emprega textos de outrem, embora sem citar, expressamente. Ora, isto é o que sucedia especialmente com os antigos. No Livro de Samuel, v. g., não poucas foram as Fontes usadas. Aliás o escritor, por si só, não poderia abraçar narrações que compreendessem mais de 130 anos.

O que interessa saber é se o Hagiógrafo se responsabiliza pelo que cita ou deixa à responsabilidade do autor mesmo da Fonte.

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

Como princípio geral (1) é critério a aprovação explícita do Hagiógrafo. Em outros casos, recorra-se à Crítica Histórica. E' o que pretendem hoje os Exegetas.

A importância da questão evidencia-se pelo fato de se empregarem em quase todos os livros históricos as Fontes (escritas ou orais) na ausência de testemunhas oculares. Se os princípios aduzidos são verdadeiros, não podemos só com a Inspiração ter certeza sobre a maior parte dos Livros Históricos, mas é mister recorrer a investigações críticas.

4). *Os princípios a empregar.*

a) — E' princípio geral: As citações empregadas em um livro histórico devem ser tidas como aceitas pelo Hagiógrafo, caso nada conste de particular em contrário.

Quem procura escrever história é de crer que assuma a responsabilidade do que refere. E é lei da parte dos Hagiógrafos narrar cousas verdadeiras sob pena de a obra histórica não preencher seu fim. A questão portanto seria provar que em casos especiais declina a responsabilidade da Fonte.

b) — O princípio geral vale especialmente para as Sagradas Escrituras, pois de outra forma faltaria ao fim, uma vez que o Espírito Santo quer, mediante os Livros Históricos de um e outro Testamento, ensinar aos homens a via completa da Revelação.

Os Livros Históricos não são mera coleção de escritos, nem se suponha que Deus quisesse com êles ilustrar, como com exemplos vários, as formas da vida moral.

(1) Prat. F., em *Études* 86 (1901/I) 474-500; 93 (1902/IV) 289-312; 610-633; idem, *La Bible de l'Histoire*, Paris, 1908, pág. 46-54.

INTRODUÇÃO GERAL

5) — *Decreto da Pontifícia Comissão de Estudos Bíblicos.*

A 13 de fevereiro de 1905 respondeu a Comissão negativamente à pergunta se era lícito ao exegeta católico solver dificuldades de textos históricos, afirmando tratar-se de citações tácitas ou implícitas de documento de autor não inspirado, cujas asserções o autor inspirado de forma alguma quer aprovar e fazer suas, as quais portanto não podem ser tidas como imunes de êrro.

Excetua-se, salvo o sentir e o julgar da Igreja, o caso em que se prove com sólidos argumentos, que o Hagiógrafo cita, mas não aprova nem faz sua a citação (1).

Não se nega que tais citações implícitas se possam encontrar, mas é quasi insuperável dificuldade conseguir argumentos comprobatórios.

A teoria é pouco útil para a solução das dificuldades contra o Dogma da Inerrância Bíblica.

TERCEIRA SECÇÃO

Crítério da Inspiração Bíblica

A Inspiração Bíblica é um carisma excelente, altíssimo, de grande importância sobretudo pelo papel que deve exercer na Igreja de Cristo, mas quais os Livros Inspirados? Qual o critério para os conhecer?

(1) Denz. 1979; Enchir. Bibl. 153.

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

1. — *Estado da Questão.*

Não se trata de saber o critério pelo qual o Hagiógrafo se certifica da Inspiração do livro que escreveu. Isto Deus mesmo lhe pode manifestar. A questão é: Podemos hoje saber com certeza, se um livro é inspirado? Que critério seguir? — Esse critério só pode ser uma revelação divina pública. O critério imediato é o Magistério autêntico da Igreja Católica, e o critério mediato, último, a própria Revelação Divina.

Esse critério, pois, é o meio de diferenciar um livro inspirado de um não inspirado. Além do *negativo* (tal livro não é inspirado) temos o *positivo*, que também pode ser *interno*, baseado na índole do livro ou do autor, e *externo*, que se apoia em cousas ou fatos externos ao livro. Procuramos um critério universal e último.

2) — *As propriedades do Critério inspirativo.*

Considerado em seu fim e escopo, o critério inspirativo deve apresentar as seguintes notas:

- a) — *universal quanto ao fato da Inspiração Bíblica;*
- b) — *Universal quanto aos livros*, isto é, aplicável a todos e a cada um dos livros estritamente inspirados;
- c) — *Universal quanto aos homens*, isto é, acessível a todos;
- d) — *universal quanto à certeza*, isto é, apto a produzir certeza não apenas científica, mas também de fé divina.

3) — *A Posição dos Protestantes.*

Os Protestantes, negando o valor da Tradição Católica, invocaram outros critérios. Os chamados “ortodoxos” de-

INTRODUÇÃO GERAL

fenderam critérios sobretudo internos, deduzindo-os do próprio livro inspirado: sublimidade, eficácia, beleza, harmonia das Sagradas Letras, etc. Para êles, os Livros é que dão testemunho do fato da Inspiração. Calvino simpatizou-se com o critério psicológico do “arcano testemunho do Espírito”. Lutero discernia o livro inspirado do não inspirado “pela intensidade com que falava de Cristo”.

Os Protestantes hodiernos, que ainda conservam alguma idéia genuína da Inspiração, estatuem como critério o fato de os livros serem proféticos ou certamente reconhecidos por Jesus Cristo e pelos Apóstolos.

Os Protestantes liberais anularam tôda idéia da Inspiração, fixando como “regra de fé” o testemunho da consciência religiosa dos primeiros cristãos.

4) — *Refutação.*

Todos estes critérios aventados pelos Protestantes são por demais insuficientes para nos fornecer uma concepção clara do fato da Inspiração universal.

a) — O critério interno extraído da índole mesma do livro inspirado é ineficaz, porque não é pelo simples fato da excelência do conteúdo e da forma de um livro que se pode deduzir a sua origem divina, embora seja êste um consectário do influxo ativo de Deus.

Além do mais, o juízo da sublimidade de uma doutrina é sempre subjetivo. Não há normas fixas que assinalem a índole interna dos livros inspirados. Êste modo de ver as coisas não resolve o problema da Inspiração tal qual existe, concretamente.

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

b) *O munus profético ou apostólico do Hagiógrafo* distingue-se nitidamente do carisma da Inspiração e não pode figurar como critério. Não é simplesmente porque Profetas ou Apóstolos que os escritores sagrados receberam o dom inspirativo para escrever as verdades reveladas. Existem, além disso, livros canônicos que não são de origem apostólica. (Ex. os Evangelhos de S. Marcos e de S. Lucas, os Atos dos Apóstolos).

c) — Vários livros das SS. Escrituras não receberam uma *referência direta de N. Senhor Jesus Cristo e dos Apóstolos* (como os de Rute, Ester, Esdras, Neemias, Cântico dos Cânticos, Abdias, Sofonias). Não se pode concluir daí que estes não são inspirados. É certo que os alegados ou citados por Nosso Senhor e pelos Apóstolos têm a seu favor comprovado testemunho do seu caráter divino. Mas, este critério é por si só deficiente para explicar a inspiração universal dos Livros do Antigo e do Novo Testamento.

d) — Nós não podemos contar com o *testemunho interno do Espírito Santo* como meio ordinário na aquisição da verdade. Pode-se duvidar dêle tanto mais que o homem é sujeito a ilusões e fantasias subjetivas.

e) — A investigação histórico-científica acêrca da formação do Cânon dos Livros Inspirados é um critério que não está ao alcance de todos. Ademais, êle nos pode assegurar apenas o que foi feito, nunca, porém, com que direito a cousa assim se realizou.

De tudo isso se conclui que, rejeitando a autoridade da tradição eclesiástica, o protestantismo em suas diversas modalidades é incapaz de nos fornecer uma notícia certa sobre a origem e a índole dos Sagrados Livros. É preciso admitir

INTRODUÇÃO GERAL

uma fonte teológica apta a ensinar, com certeza e autoridade, a natureza e os efeitos da Inspiração divina nas SS. Escrituras.

5) — *O Critério verdadeiro, suficiente e universal a respeito da Inspiração.*

O único critério eficaz não pode ser outro senão o testemunho explícito feito por Deus aos Apóstolos e confiado por Eles à Igreja, conservado na Tradição e legitimamente proposto pelo Magistério infalível. Este Magistério autêntico da Igreja é o critério verdadeiro, suficiente e universal da Inspiração.

Prova-se:

a) — *Pela natureza mesma da Inspiração* — Esta é essencialmente uma ação sobrenatural de Deus que pode ser considerada em seus três aspectos: *ativamente*, enquanto obra de Deus; *passivamente*, enquanto recebida pelo intelecto do Hagiógrafo e comunicada às suas faculdades operativas; *terminativamente*, em seu efeito, no próprio Livro Inspirado.

Mas esta Revelação para ser pública, notória a todos os homens e por todos reconhecida e aceita, requer seja transmitida pela Tradição ininterrupta da Igreja.

b) — *Pela doutrina dos Stos. Padres.* — Os Stos. Padres Orientais e Ocidentais nenhuma outra razão conheciam para explicar a inspiração e a canonicidade das Escrituras a não ser a voz da autoridade da Igreja. Sto. Agostinho (354-430) chegava a dizer que não acreditaria no Evangelho se a isso não o persuadissem a autoridade da Igreja Católica (1).

(1) Contra Epist. Manich. quam vocant fundamenti (397), 5, 6; ML. 42, 176; Enchir. Patr. 1581; Cf. Tertuliano — Contra Marcion. (207-208), 4, 5; ML. 2, 366; Enchir. Patr. 341.

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

c) — *A praxe da Igreja* — A Igreja desde o princípio usou do direito de determinar os Livros, chamados “Livros da Igreja”, a serem lidos nas reuniões eclesiásticas. Aos poucos, apareceram os catálogos completos. S. Cirilo propôs um Cânon (1) reproduzido por Sto. Agostinho (2). S. Dámaso Papa (366-384) fixou um catálogo autêntico (3). O Sínodo de Hipona (383) estabelece o catálogo (4), oficialmente promulgado pelo Papa Inocêncio I (401-417).

O Concílio de Trento (sessão IV) renovou (5) o Cânon adotado por Eugênio IV (1441) no Concílio de Florença (6). Confirmou-o, finalmente, o Concílio Vaticano (sessão II, 2). (7).

COROLÁRIO — Pergunta-se: Devemos considerar fechado com o Decreto do Concílio Tridentino o Cânon do Antigo e do Novo Testamento, de tal modo que nenhum livro possa mais ser inserido nele? Respondemos afirmativamente. O Concílio particular de Toledo, celebrado em 447, e o Papa Inocêncio I, em sua Carta a Exupério, declaram-no explicitamente (8).

Nenhum outro livro pode ser mais aceito como sacro e enumerado como canônico pela Igreja. O Cânon Tridentino é exclusivo e definitivo.

(1) S. Cirilo de Jerusalém (313-386), *Catecheses* (348), 4, 22-36; Cfr. *Enchir. Patr.* 819.

(2) *Epist. festalis*, 39.^a; *MG.* 26, 1427.

(3) *Denz.* 84.

(4) *Denz.* 92.

(5) *Denz.* 783-784.

(6) *Denz.* 706.

(7) *Denz.* 1785-1788.

(8) *Denz.* 96.

INTRODUÇÃO GERAL

CÂNON DOS LIVROS SAGRADOS

INTRODUÇÃO

Cânon é o catálogo dos Livros Sagrados.

Ao homem que, inspirado por Deus, escreveu um livro sagrado, dá-se o nome de Hagiógrafo. Portanto a Sagrada Escritura, que é a palavra de Deus, tem como causa principal o próprio Deus e como causa instrumental o Hagiógrafo.

Os Livros Sagrados são apresentados pela Igreja como “*inspirados*” e propostos a todos os homens como “a fonte genuína e autêntica da Revelação”. Esta proposição, feita pela Igreja, chama-se “Canonicidade”, a qual não muda a Natureza intrínseca dos livros inspirados, mas formalmente distingue êstes livros dos demais, que por hipótese fôsem inspirados pelo Espírito Santo. Mas, quais são os livros Sagrados? A resposta será dada mais abaixo.

CAPÍTULO I

O NOME E O CONCEITO DE CÂNON

Cânon vem do grego e significa: vara longa e reta, canoço. O mesmo grego foi buscar esta palavra no assirio-ba-

CÂNON DOS LIVROS SAGRADOS

bilônês *KANNU*, que significa o caniço vulgar, que nasce às margens dos rios e nos lugares aquosos.

Os artífices utilizavam-se do caniço para fazer a sua “régua”, como hoje se emprega.

Logo mais o conceito dessa palavra passou a significar também regra de vida.

No século IV o termo Cânon já era empregado para significar a coleção dos Livros Sagrados. Canônico pois é o livro inspirado e proposto pela Igreja como tal, como regra de fé para todos os homens.

DIFERENÇA ENTRE CANONICIDADE E INSPIRAÇÃO

Um livro é inspirado se foi escrito sob a Inspiração do Espírito Santo, tendo Deus como causa principal e o Hagiógrafo como causa instrumental.

A Inspiração precede pois a canonicidade e prescinde dela. A Canonicidade nada mais é que a proposição de um livro inspirado a todos os homens, como regra infalível de fé, proposição feita pela Igreja. O livro assim proposto chama-se canônico.

A Canonicidade supõe:

- 1.º — O fato da Inspiração;
- 2.º — uma Revelação formal e verdadeira;
- 3.º — o testemunho da Igreja, que pode ser:
 - a) — explícito ou tácito;
 - b) — ordinário ou solene.

INTRODUÇÃO GERAL

EVOLUÇÃO DO CÂNON

Por algum espaço de tempo, principalmente pelos meados do século V, muitos Autores duvidaram da Inspiração de algum livro tido como inspirado.

O fato é compreensível, pois a Igreja não reconheceu ao mesmo tempo todos os livros como inspirados. Assim pois, temos:

1 — HOMOLOGOU'MENOI — isto é, os livros que *todos* admitiam como inspirados.

2 — ANTILEGOU'MENOI: Isto é, os livros sôbre os quais havia *alguma dúvida* de sua Inspiração.

Hoje, a terminologia é outra:

1 — Protocanônicos, isto é, os livros que entraram no Cânon sem nenhuma controvérsia.

2 — Deuterocanônicos, isto é, os livros que entraram no Cânon depois de algumas controvérsias.

Livros Deuterocanônicos do Antigo Testamento: Tobias, Judite, Sabedoria, Eclesiástico, Baruc, I e II dos Macabeus.

E ainda os seguintes fragmentos: Ester (na Vulgata) 10, 4-16, 24. Daniel (Na Vulg.) 3, 24-90; e os capítulos 13 e 14 íntegros.

Livros Deuterocanônicos do Novo Testamento:

As épístolas: aos Hebreus, de Tiago, 2 de Pedro, 2 e 3 de João, de Judas, e o Apocalipse.

CÂNON DOS LIVROS SAGRADOS

Os Livros Protocanônicos e Deuterocanônicos se opõem aos *Apócrifos*, livros êstes que têm certa semelhança com os inspirados, não sendo contudo reconhecidos pela Igreja, justamente por não serem inspirados.

CAPÍTULO II

O CRITÉRIO DA CANONICIDADE

Compete só e unicamente à Igreja julgar da Inspiração de um livro e referi-lo no catálogo dos Livros Sagrados.

Esta é a doutrina clara e manifesta dos Santos Padres, v. gr. Orígenes, Tertuliano e outros. Portanto, para o Católico o critério próprio e único de canonicidade é

1.º — o juízo da Igreja.

2.º — a apresentação manifesta a todos os fiéis.

O critério pelo qual se conhece a Inspiração e Canonicidade de um livro é a Tradição Apostólica.

Há autores que preferem outros critérios, os quais ou não são suficientes, ou se reduzem à Tradição Apostólica.

Vejamos alguns:

I — *A leitura de um livro* na Igreja, sob o nome das Divinas Escrituras. Esse critério não é suficiente.

II — *A origem Apostólica.*

III — *O munus Apostólico do autor.*

IV — *A excelência da doutrina.*

INTRODUÇÃO GERAL

A insuficiência desses critérios, se tomados em separado, é evidente, pois poder-se-ia ter como Inspirado um livro que tal não fôsse.

V. — O critério dos Protestantes:

a) — Calvino exige o testemunho interno subjetivo.

b) — Lutero requer a concórdia com a sua doutrina da justificação.

PRIMEIRA PARTE

HISTÓRIA DO CÂNON DO ANTIGO TESTAMENTO

C A P Í T U L O I

O CÂNON DO ANTIGO TESTAMENTO ENTRE OS JUDEUS

No início da Idade Cristã o juízo acêrca do Cânon das SS. Escrituras podia ser feito de dois modos:

1.º — Pelo “Cânon dos Palestinenses”, que continha os livros que nós hoje chamamos de Protocanônicos.

2.º — Pelo “Cânon dos Alexandrinos”, que continha conjuntamente os livros que hoje chamamos Protocanônicos e Deuterocanônicos.

ARTIGO I — *As coleções dos Livros Sagrados antes do Nascimento de Cristo.*

CANON DOS LIVROS SAGRADOS

1.º) — As coleções feitas antes do exílio acham-se nos seguintes lugares da Sagrada Escritura:

a) Dt 31, 9-13; 31, 24-26

b) Jos 24, 26

c) 1 Sam 10, 25

d) 2 Rs 23, 1-3
2 Par 34, 29-32

e) Ezequias mandou coligir as Parábolas de Salomão.
Prov 25, 1.

f) 2 Par 29, 30

Sl 40, 14

Sl 71, 18-20

Sl 88, 53

Sl 105, 48

Dêsses testemunhos da Sagrada Escritura podemos concluir:

1.º) — Moisés, Josué e Samuel, divinamente iluminados, escreveram livros, e mandaram que fossem observados estritamente, e guardados em lugar santo e seguro.

2.º — Êsses livros exerceram sempre grande influência na alma do povo.

3.º — As coleções dos Livros Sagrados feitas depois do Exílio.

Temos para as coleções dêsse tempo dois testemunhos de grande valor.

A) — Testemunho de 2 Mac 2, 13: Construindo Neemias uma biblioteca congregou os Livros dos Reis e dos Profetas e de Davi.

Os Livros dos Reis correspondem à secção que os hebreus chamam "Profetas menores".

INTRODUÇÃO GERAL

O Livro de Davi indica a secção “Profetas maiores”.

B) — Testemunho do Prólogo do Eclesiástico. Jesus, filho de Sirac, escreveu em língua hebraica o livro do Eclesiástico; seu neto, pelo ano de 112 A. C., no Egito, traduziu o Eclesiástico para a língua KOINE. Colocou na versão um prólogo, onde diz: “meu avô Jesus, depois de ler diligentemente o livro da Lei e dos Profetas, e outros Livros que os nossos antepassados nos legaram...”.

O critério de Revelação e canonicidade entre os Hebreus era o *munus profético*.

ARTIGO II — *O Cânon do Antigo Testamento entre os Judeus no comêço da Idade Cristã.*

Temos duas sentenças:

I. — Flavio Josefo afirma que os Judeus só reconvheciam como sagrados os Livros Protocanônicos.

II — Outra sentença baseia-se no catálogo dos Livros Sagrados, relatados pelo Talmude Babilônico. São os seguintes livros:

- a) cinco livros de Moisés.
- b) Josué, Juizes, Samuel, Reis.
- c) Jeremias, Ezequiel, Isaías.
- d) Os doze Profetas menores.
- e) Rute, Salmos, Jó, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Daniel.
- f) Ester e Esdras.

ARTIGO III — *O tempo da definição do Cânon do Antigo Testamento entre os Judeus.*

CÂNON DOS LIVROS SAGRADOS

O Talmude, no Tratado “Baba Batra”, defende que o Cânon dos Livros Sagrados Protocanônicos, do tempo de Esdras, foi feito pelo mesmo Esdras e seus companheiros, e que era fechado e definido, isto é, o Cânon estava completo.

Temos pois duas sentenças a êste respeito:

I — A primeira afirma que mais nenhum livro inspirado foi escrito ou tido como tal depois da definição do Cânon feita por Esdras e seus auxiliares.

II — A segunda sentença é mais mitigada. Atribui a Esdras e seus companheiros e aos varões da Grande Sinagoga, a definição do Cânon do Antigo Testamento, mas ao mesmo tempo concede que mesmo depois de Esdras poderiam ser escritos novos Livros Inspirados e reconhecidos como sagrados.

Ambas as sentenças não dispõem de sólidos argumentos para provar o seu intento.

ARTIGO IV — *Os Judeus Palestinenses conheceram os livros Deuterocanônicos.*

Insustentável é a sentença daqueles que negam que os Judeus Palestinenses ignoravam todos os livros Deuterocanônicos, e a nenhum deles prestavam as honras de livro inspirado; pois encontramos nas Bíblias hebraicas palestinenses, os seguintes livros:

1) Baruc, pelo que parece, encontra-se unido ao de Jeremias; a versão feita por Teodociação, contém êste livro como também alguns fragmentos de Daniel.

2) O uso do livro I dos Macabeus e fragmentos de Ester, feito por Flávio Josefo, que só usava os inspirados, nos prova ser êle aceito no Cânon hebraico palestinese.

INTRODUÇÃO GERAL

3) O Eclesiástico é citado nos escritos dos Rabinos Palestinoses, com fórmulas próprias dos livros sagrados (1).

4) O Livro da “Sabedoria” é citado no Novo Testamento. Êstes dois últimos, porém, são considerados por S. Epifânio, como duvidosos entre os Judeus.

5) Os Livros de Tobias e de Judite foram usados nos Midrashim.

Não afirmamos que todos os Deuterocanônicos se encontravam no Cânon palestinese; sustentamos ainda que, mesmo depois da destruição de Jerusalém, eram alguns dêstes considerados como inspirados pelos Hebreus.

Há dúvida positiva a respeito do Eclesiástico, Sabedoria, e II dos Macabeus. A certeza de que são inspirados só a temos em Jesus Cristo e nos Apóstolos.

CAPÍTULO II

O CÂNON DO ANTIGO TESTAMENTO ENTRE OS CRISTÃOS.

ARTIGO I — *A aprovação apostólica do Antigo Testamento.*

Sabemos que as primeiras comunidades cristãs constavam de Pagãos e Judeus, principalmente helenistas, conhecedores da língua grega. Outra Bíblia não podiam usar, sinão

(1) Cowley A. E., and Neubauer Ad., The original Hebrew of a portion of Ecclesiasticus, Oxford 1897, págs. XXIX-XXX.

CÂNON DOS LIVROS SAGRADOS

a Bíblia grega; portanto a Versão Alexandrina, que continha os livros Deuterocanônicos.

Os Apóstolos, defensores da fé, outros livros não podiam entregar aos primeiros Cristãos, senão os inspirados.

Ora, os Apóstolos citavam continuamente a Versão dos Setenta. Restava, pois, aos Cristãos aceitar como inspirados também os Deuterocanônicos contidos na versão Alexandrina.

Nem se afirme com os Protestantes, que Jesus Cristo e os Apóstolos só conheceram o Cânon Palestinese e só este é que foi entregue à Igreja, a qual, esquecida desta tradição, introduziu também os Deuterocanônicos da versão Alexandrina; pois:

- 1) é gratuita a afirmação de que no Cânon palestinese não havia nenhum livro Deuterocanônico;
- 2) non aceito pela Igreja primitiva foi o Alexandrino;
- 3) alguns Protestantes de renome afirmam que o Câ-
- 3) para solucionar a questão, mister se faz descobrir quais os livros aceitos por Jesus Cristo e pelos Apóstolos, pois foram eles que os entregaram à primitiva Igreja, e não a Sinagoga.

ARTIGO II — *As controvérsias nos séculos II e V sobre os livros Deuterocanônicos.*

A origem destas controvérsias foi a atitude, o método empregado pelos Apologetas do Cristianismo, contra os Judeus; seguindo o método de S. Justino, só se utilizavam dos livros comumente aceitos pelos Judeus. Os primeiros que fizeram suscitar dúvidas a respeito da Inspiração dos Deutero-

INTRODUÇÃO GERAL

canônicos foram S. Melitão (que viveu entre os anos 160/80) e Orígenes, depois do ano 231, empregando o método acima explicado. Nada mais justo!

No século III aparece outra causa dessas dúvidas: os livros apócrifos. Apesar da existência delas podemos afirmar:

- 1) A Igreja Alexandrina nunca duvidou da Inspiração dos Deuterocanônicos;
- 2) A Igreja Ocidental, embora conhecesse tais dúvidas, nunca as aprovou.

Ainda que S. Jerônimo tenha duvidado da Inspiração de tais livros, e os considerasse suspeitos, permaneceu nesta sentença, sozinho; inúmeros são os testemunhos a favor dos Deuterocanônicos.

A) — Na Igreja Romana, temos o Papa S. Clemente, que cita vários desses livros, reconhecendo-os como inspirados; e o uso de alguns deles por Sto. Hipólito.

B) — Na França, ou Gália Antiga, sobressai Sto. Irineu.

C) — Na África Ocidental, temos Tertuliano.

D) — Na Igreja Alexandrina, temos os testemunhos de Clemente Alexandrino e Orígenes.

No século V, se permanecem ainda algumas dúvidas a respeito dos Deuterocanônicos, são devidas à má interpretação dada a S. Jerônimo.

Outro efeito não era de se esperar dessas dúvidas senão o aparecimento de Cânones incompletos. Assim alguns livros, ainda que considerados como inspirados por muitos, não foram por todos incluídos no Catálogo (Cânon) dos Inspira-

CÂNON DOS LIVROS SAGRADOS

dos, por causa dessas dúvidas. Tal aconteceu com o Catálogo feito por S. Melitão entre os anos 160 e 180. Incluiu êle, neste Catálogo, aquêles livros que eram aceitos por todos como inspirados, e não só aquêles por serem os únicos, inspirados, como afirmam os Protestantes. Outros testemunhos, dos Santos Padres e Escritores Eclesiásticos, nos séculos IV e V:

I) — No Oriente: Atanásio; S. Cirillo de Jerusalém; S. Gregório Nazianzeno; S. Jerônimo e Rufino.

II) — No Ocidente: Sto. Hilário.

Nota: todos êles reconheceram a Inspiração dos Deuterocanônicos, se bem que nem todos, em teoria, os colocassem no catálogo dos livros inspirados a exemplo de S. Melitão.

Estudo mais profundo sôbre os cânones (catálogos) incompletos apresentados pelos Santos Padres.

I) — *Os Santos Padres da Igreja Oriental.*

- 1) *Sto. Atanásio.* Ainda que tenha distinguido três classes de livros, considerados por alguns como inspirados, a saber: os canônicos, os que eram lidos aos catecúmenos (isto é, os deuterocanônicos) e os apócrifos, não só reconheceu os primeiros como inspirados, mas utilizou-se de algumas citações tiradas dos da segunda classe (isto é, dos deuterocanônicos), para provar os dogmas da fé. Talvez tenha também êle empregado o método de S. Melitão e Orígenes, acima exposto.
- 2) *S. Cirilo de Jerusalém.* Não só distinguiu os deuterocanônicos dos apócrifos, mas defendeu sobretudo e propa-

INTRODUÇÃO GERAL

gou a versão dos Setenta, que continha também os deuterocanônicos.

- 3) *Sto. Epifânio.* Admitiu todos os livros aceitos pelos Judeus como inspirados e canônicos; e também os Deuterocanônicos, ainda que tenha apresentado um catálogo só dos livros considerados por todos como inspirados.
- 4) *S. Gregorio Nazianzeno.* Ainda que tenha utilizado do livro da Sabedoria para provar os dogmas da fé, distinguiu entre livros inspirados e livros canônicos.

II) — Santos Padres Latinos.

- 1) *Sto. Hilário.* Ao Cânon (Catálogo) feito por Orígenes, acrescenta os deuterocanônicos, Tobias e Judite, e cita como livros da Sagrada Escritura os restantes.
- 2) *Rufino.* Na defesa dos dogmas, contra os Judeus, não usou dos deuterocanônicos, a exemplo dos Padres Orientais, porém, defende conter a versão dos Setenta, os livros inspirados, incluindo assim os Deuterocanônicos.
- 3) *S. Jerônimo.* Sabia que a Igreja Ocidental aceitava os deuterocanônicos; praticamente aceitou esta sentença, pois considerou inspirados vários deles, e traduziu outros, depois do ano 390, citando-os duzentas vezes; duvida-se também se para provar os dogmas da fé, e não é certo que em particular lhes tenha negado a Inspiração.

Citamos aqui os Santos Padres e Escritores Eclesiásticos, considerados pelos Protestantes como testemunhos incontestáveis da sua doutrina, que nega a inspiração dos deuterocanônicos; de fato, para dúvida sobre alguns, porém não temos ainda a certeza.

CÂNON DOS LIVROS SAGRADOS

O desaparecimento das dúvidas.

No Ocidente temos vários Concílios que definem a questão: principalmente o de Cartago, celebrado no ano 397. Santo Agostinho e Santo Inocêncio já não duvidaram mais. O Catálogo feito por êste último foi aprovado pelo Concílio Tridentino.

ARTIGO III

Testemunho da Idade Média.

Para melhor clareza dividamos: Oriente e Ocidente.

I. — Autores da Igreja Oriental contra a Inspiração e canonicidade dos Deuterocanônicos depois do século V.

Teodoro Mopsuesteno († 428) que negou a Inspiração dêstes livros deuterocanônicos: Tobias, Judite, Macabeus e Sabedoria.

Paulo Persa, discípulo de Teodoro, distinguiu os livros da Sagrada Escritura em livros de perfeita, de mediana e de nenhuma autoridade; os de perfeita autoridade são os que Teodoro julgava inspirados.

Leôncio Bizantino († 543), *S. João Damasceno* († 754) e *Nicéforo* contradizem só aparentemente a doutrina definida da Igreja universal; mais do que contradizer, dizem que foi dado um Cânon incompleto.

INTRODUÇÃO GERAL

II. — *Autores da Igreja Ocidental contra a Inspiração e canonicidade dos Deuterocanônicos depois do século V.*

Junílio Africano, um dos únicos até o século X que seguiu as idéias de Teodoro de Mopsuestia.

S. Gregorio Magno († 593) fala de livros não canônicos mas editados para a edificação da Igreja.

Alcuino (730-804) movido pela autoridade de S. Jerônimo e de S. Isidoro de Sevilha põe o Eclesiástico entre os apócrifos, isto é, dúbios.

Até o século X todos os Santos Padres e Escritores Eclesiásticos referem os decretos do Concílio Cartaginense IV e dos Romanos Pontífices. Quase todos, contudo, bem conheciam as antigas dúvidas e a sentença de S. Jerônimo; mas seguiram e ensinaram que se deveria seguir a doutrina da Igreja. Depois do século X alguns poucos, leitores de S. Jerônimo, quiseram instaurar o antigo erro.

Hugo de S. Vitor († 1141) concede que os Deuterocanônicos são úteis, mas não podem estar no Cânon.

S. Antonio († 1459) e Card. Caetano († 1532) cuja sentença é defendida depois do Concílio Florentino (1441), que reproduz o Cânon íntegro.

ARTIGO IV. — *Inspiração dos Deuterocanônicos desde a aurora do Protestantismo até os nossos tempos.*

Os pseudoreformadores rejeitam o Cânon da Igreja Católica e propõem para si outro, fundado em documentos da história eclesiástica antiga.

CÂNON DOS LIVROS SAGRADOS

André Carlostádio publicou em 1520 o libelo: “os Cânones Escriturísticos” e reinstaurou, com êxito, entre os Protestantes, o Cânon dos Judeus Palestinosenses.

Lutero pelo seu critério objetivo, (conformidade da sentença sôbre Cristo mediador com a justificação do homem pela fé fiducial) abriu caminho a que se excluíssem do Cânon, não só os Deuterocanônicos, mas também alguns Protocanônicos (Ester, Paralipômenos, Eclesiastes) (1).

A sentença de Carlostádio, porém, exerceu grande influxo no próprio Lutero, que após uma fraca oposição, aceitou. O primeiro triunfo da sentença de Carlostádio foi a versão de tôda a Bíblia, feita por Lutero em 1534; os Deuterocanônicos são vertidos sim, mas, relegados ao fim de tôda a versão, como apêndice e, ainda mais, sob o título de “Apócrifos”.

Não é pois de se admirar que os Protestantes tenham seguido a sentença de Lutero, “melhor informado”.

Mas não foram fiéis nem ao próprio Lutero: desde os inícios do século XVIII, os Apócrifos, impressos no fim do volume da Sagrada Escritura, tiveram ordem de retirar-se até do Apêndice: nenhuma esperança para êles de recuperar, com os Protestantes, a antiga dignidade, ainda que diminuida de muito. (2).

Protestantes Racionalistas, que desde o fim do século XVIII negaram todo o sobrenatural: muito lógica e conse-

(1) As diversas sentenças de Lutero, conforme tempos diferentes, podem ser vistas em Howorth H. H., *The Bible Canon of Luther and Karlstadt*, em: *Journal of Theolog. Stud.* 8 (1907) 321-365.

(2) Howorth H. H., *Biblical Canon of continental Reformes*, em: *Journal of Theolog. Stud.*, 9 (1908) 188-230.

INTRODUÇÃO GERAL

quentemente deveram rejeitar também o conceito de Inspiração. Entre eles não há nenhum lugar para os livros canônicos: a noção do mesmo Cânon foi destruída até a medula. Como os livros do Antigo e do Novo Testamento devem ser absolutamente comparados aos outros livros humanos, a noção do Cânon do Antigo Testamento está rebaixada ao conceito ou de coleção ou de literatura nacional hebraica (1).

Sentença moderna da Igreja Grego-Ortodoxa sobre os Deuterocanônicos.

No século 17 ainda vemos Concílios que confirmam o Cânon do Concílio Cartaginense IV, como os Concílios contrários à sentença de Cirilo Lucar e Metrifanes Critopoulos.

Mas as obras dos Pseudoreformadores levaram muitos teólogos da Igreja Grego-Ortodoxa moderna a negar os Deuterocanônicos. Tõda a Igreja Grego-Russa lentamente abraçou a sentença dos Protestantes, movida pelo Sínodo de Moscou no séc. XIX.

CAPÍTULO III

DOUTRINA DA IGREJA CATÓLICA SÔBRE A INSPIRAÇÃO E CANONICIDADE DOS DEUTEROCANÔNICOS

O Concílio Tridentino (1545-1563), XIX Ecumênico, (contra os Inovadores do século XVI) cuja Sessão (8 de Abril de 1546), assim resumimos:

(1) Entre os inúmeros livros cfr. Steuernagel C., *Lehrbuch der Einleitung in das A. T.*, Tübingen 1912, pág. 97.

CÂNON DOS LIVROS SAGRADOS

1) — Os Padres do Concílio não tiveram nem início de controvérsia sobre se deviam ou não receber os Deuterocanônicos, tão comum era a fé da Igreja confirmada principalmente no Concílio Florentino (1438-1445), XVII Ecumênico.

2) — Nenhuma dificuldade pois em confirmar o Cânon do Concílio Florentino.

3) — Quanto aos livros deveras “apócrifos”, conveio a maioria dos Padres, fossem silenciados no decreto.

4) — Disputa grave e acre foi esta; acrescentar-se-iam ao Decreto as razões, que provavam a excelência do Cânon, proposta contra os Protestantes? De viva voz ou por escrito se acrescentem tais razões; mas em particular e não por documentos públicos: foi a decisão.

5) — Distinguir-se-iam entre os livros canônicos os diversos graus de autoridade? A esta questão a maioria dos Padres conveio se acrescentassem as palavras: “recebemos com igual afeto de piedade”.

O Concílio Vaticano (1869-1870) XX Ecumênico (sobre a fé e a Igreja) que renovou o decreto do Concílio Tridentino, acrescentando explicitamente o anátema ao que negasse a canonicidade ou a Inspiração dos livros íntegros com tôdas as suas partes.

Leão XIII na Encíclica “Providentissimus Deus”, confirma o Decreto do Concílio Vaticano, e o explica, louvando os Padres Conciliares que foram unânimes em professar que os livros também nas suas partes, foram igualmente inspirados pelo divino Espírito Santo.

Logo, a doutrina católica, sobre os Deuterocanônicos do Antigo Testamento professa, sem sombra de dúvida, que to-

INTRODUÇÃO GERAL

dos os livros na íntegra, com tôdas as suas partes, como está no Decreto do Tridentino são sagrados, canônicos e igualmente por Deus inspirados.

SEGUNDA PARTE

HISTÓRIA DO CÂNON DO NOVO TESTAMENTO

Os livros do Antigo Testamento tratam da preparação da Nova Lei e do Reino de Deus a ser fundado por Cristo, porisso foram tirados das mãos da Sinagoga infiel pelo mesmo Cristo, que doou, como preparação da futura glória, à sua Esposa, a Igreja.

Nosso Senhor Jesus Cristo nada escreveu; Êle “abrindo a sua boca, ensinava” (Jo 8, 6-8).

Enviou os seus Apóstolos dizendo: “Ide, pois, ensinai a *tôdas as nações*, batizando... *ensinando* a observar tudo o que vos mandei” (Mt 28, 19 s.).

E os Apóstolos assim entenderam, fizeram e testificaram: “Não é justo deixemos a palavra de Deus e sirvamos às mesas (Atos 6, 5); S. Paulo diz: “Não me enviou Cristo para batizar mas para evangelizar” (1 Cor 1, 17).

E os Apóstolos e discípulos do Senhor primeiro ensinaram e só depois escreveram alguma cousa; mas a “palavra escrita” era sempre considerada como puro meio auxiliar da “Palavra pregada”.

Circunstância, necessidade ou condição particular levava a redigir os escritos. Desde os primeiros decênios, vivendo

CÂNON DOS LIVROS SAGRADOS

ainda a geração dos discípulos e dos inimigos de Cristo, testemunhas da pregação, morte e ressurreição de Jesus, eram redigidos os livros. Esta literatura tinha esta tríplice divisão:

- I) — a) *Evangelhos* — que narram a vida de Cristo.
- b) *Atos dos Apóstolos* — que narram a vida dos Apóstolos.

II) — *Epístolas* — a algum cristão, a Igrejas particulares, ou à Igreja Universal.

III) — *Apocalipse* — que propõe o porvir da Igreja Universal.

Os que possuíam esses documentos comunicavam aos que os desejavam e assim nasceram as coleções. Uma seleção acurada dos muitíssimos Livros dos Cristãos e das Igrejas foi necessária para determinar o Cânon dos livros inspirados e excluir os livros “Apócrifos”.

Este processo de “canonização” tem dois períodos:

I) — *Período de Canonização Rápida* — sem controvérsia e em breve tempo a questão terminou, com o consentimento de tôdas as Igrejas, porque a tradição apostólica sobre a inspiração destes livros era claríssima e universal.

II) — *Período de Canonização Lenta* — houve controvérsias e demora porque a tradição apostólica, favorável aos livros, não era clara. A controvérsia durou até o século IV. Então um único Cânon foi apresentado a tôda a Igreja Universal: Cânon de todos os livros do Novo Testamento (os 27 enumerados pelo Concílio Tridentino).

INTRODUÇÃO GERAL

CAPÍTULO I

A FORMAÇÃO DO CÂNON DO NOVO TESTAMENTO

ARTIGO I — *A primeira coleção dos escritos do Novo Testamento.*

Nos primeiros tempos da Igreja, a palavra das pregações constituía a única “regra de fé”. Entretanto, crescia, com a multiplicação das Igrejas, a necessidade de um Evangelho escrito, onde se encontrassem os ensinamentos dos pregadores, já que êstes nem sempre permaneciam junto aos fiéis, indo a terras longínquas, ou então desapareciam com a morte. Apareceram, pois, os escritos do Novo Testamento, os quais, sob tríplice forma, redigidos e chamados “Evangelhos Sinóticos”, se dirigiam a alguma Igreja particular, ou a algum cristão, motivo por que não foram logo conhecidos pela Igreja Universal e nem reunidos em um Cânon. Entretanto, como psicologicamente se deduz, todos os fiéis cristãos desejaram possuir a coleção completa dos mesmos, constituída pelas epístolas dos Apóstolos e pelos outros escritos no Novo Testamento.

Da existência dessa coleção, há, inicialmente, o testemunho dado por S. Pedro sobre uma “coleção das epístolas de S. Paulo”. Deduz-se, pois, que estas eram conhecidas e espalhadas entre as Igrejas particulares. A mesma conclusão

pode ser tirada em relação aos outros livros do Novo Testamento.

Na verdade, dificilmente se nega que S. João não tivesse em mãos os Evangelhos Sinóticos e S. Lucas os de S. Marcos e S. Mateus, quando da composição de suas obras.

ARTIGO II — *A canonicidade dos livros do Novo Testamento.*

Pelo modo de agir dos Santos Padres, crê-se que o critério, para se conhecer si um livro era inspirado ou não, era sua origem apostólica, pois acreditavam que o carisma da Inspiração estava unido ao do apostolado.

Embora essa persuasão se fundasse na catequese oral dos Apóstolos, há, contudo, fundamentos nos escritos do Novo Testamento, como, por exemplo:

1) — a passagem em que S. Pedro diz que as epístolas Paulinas são difíceis de serem entendidas, . . . “*como as outras Escrituras*”, às quais, portanto, são aquelas equiparadas.

2) — do mesmo modo, quando S. Paulo diz, em 1 Tim 5, 17: “*Dicit enim Scriptura*” . . .

3) — pelo modo de falar de S. João no Apocalipse (2, 18 ss.; 22, 18 s.), muitos deduzem o testemunho explícito da inspiração do livro.

ARTIGO III — *O Cânon do Novo Testamento nos escritores dos séculos I e II.*

Embora nenhum dos Santos Padres mais antigos tenha instituído um Cânon, dos seus escritos conclui-se que os mesmos admitiam alguns livros como inspirados. A razão é o

INTRODUÇÃO GERAL

modo das citações dos autores dessa época são muito diferentes dos atuais, pois:

1.º) Os mesmos muitas vezes não mencionavam o nome do autor do livro, nem as palavras tinham grande exatidão com o texto;

2.º) Algumas palavras atribuídas a Jesus Cristo não se encontram nos Evangelhos do Cânon, mas, sim, nos apócrifos, do que, porém, não se poderá concluir que os Evangelhos do nosso Cânon não fossem considerados como autênticos, nem que os apócrifos se igulassem aos canônicos.

Devemos ter em vista, portanto:

a) — que os autores não eram perfeitos na “acribéia”, isto é, na exatidão, citando as passagens de memória;

b) — ou então, referindo-se a uma passagem evangélica por alguma palavra característica;

c) — chegaram alguns autores modernos, pelo estudo acurado dessas citações, à conclusão de que já naquele tempo existiam algumas coleções de sentenças evangélicas, extraídas do Novo Testamento.

Para maior clareza do estudo, dividiremos os autores em três classes:

I) — Os Padres Apostólicos;

II) — Os Apologetas;

III) — Os Hereges.

I) — *Padres Apostólicos.*

Citaremos lugares nas obras, onde há referência aos livros do Novo Testamento, tidos como inspirados.

CÂNON DOS LIVROS SAGRADOS

1) — *Doutrina dos 12 Apóstolos*, ou *Didaché*: (90-100).
Aí se encontram duas passagens onde se fala de “scripto Evangelio”: uma:... “como manda o Senhor no seu Evangelho”; a outra: “como tendes no *Evangelho de Nosso Senhor*”.

2) — *S. Clemente Romano*, Papa: (92-101), na sua epístola aos Coríntios (47, 1-3), afirma que S. Paulo escreveu sua carta aos mesmos sob o influxo do Espírito Santo.

3) — *A Epístola de Barnabé* (96-98), em 4, 14, sob a fórmula “Scriptum est”, cita Mateus 22, 14.

4) — *Sto. Inácio Antioqueno* († 107), na Epístola aos Filadelfios 5, 1-2, equipara a doutrina dos Profetas, do Evangelho e dos Apóstolos.

5) — *S. Policarpo*, na Epístola aos Filipenses, equipara os Evangelhos aos escritos dos profetas, unindo numa única citação o Salmo 4, 5 e Efésios 4, 26, “dictum est”.

II) — *Os Apologetas*

1) — *S. Justino*, (100/110 — 163/7), equipara, na sua Apologia 1, 67, os “comentários dos Apóstolos”, *que se chamam Evangelhos* aos escritos dos profetas.

2) — *S. Teófilo Antioqueno* (181-2), no “*Ad Autolyicum*”, 312, diz serem inspirados os evangelistas: “omnes uno Dei afflatu Spiritus Sancti sunt”.

III) — *Os Hereges*.

1) — *Basilides e Isidoro* conhecem, segundo Clemente Alexandrino, quase todos os escritos do Novo Testamento,

INTRODUÇÃO GERAL

usando as expressões: “sicut scriptum est”, “Scriptum dicit”...

2) — *Os Valentinianos* usaram, para sua heresia, os Evangelhos autênticos, principalmente o de S. João.

3) — *Marcião* († 140) aceitava como imunes de êrro só S. Paulo e S. Lucas, êste em alguns lugares. Muitos racionalistas, como Harnach (1), disseram que o primeiro Cânon foi o de Marcião. Devemos dizer, porém, que antes dêle a Igreja tinha já o seu Cânon (4 Evangelhos, Atos dos Apóstolos, Epístolas de S. Paulo, quase tôdas, algumas epístolas dos Apóstolos e o Apocalipse).

ARTIGO IV — *Os testemunhos do fim do século II à metade do século III.*

Nessa época, mais facilmente se encontram os testemunhos claros da existência de Cânones dos livros Sagrados do Novo Testamento.

1) — *Em Roma*, o “Fragmento Muratoriano”, que parece ser uma transcrição feita no século VI, de um documento latino, encontrado na Biblioteca Ambrosiana por Antonio Muratori, o qual continha um Cânon dos livros do Novo Testamento. Êsse Cânon distinguia quatro espécies de livros:

a) — os que são tidos como sagrados por todos, e lidos publicamente na Igreja: os 4 Evangelhos, os Atos, 13 Epístolas de S. Paulo (exceto a dos Hebreus); o Apocalipse, a Epístola de Judas, pelo menos a I e II de João e o livro da Sabedoria (o que é para se admirar).

(1) Harnach A., Marcion: Das Evangelium vom fremdem Gott 2 Aufl Leipzig, 1924.

CANON DOS LIVROS SAGRADOS

b) — os que por alguns são aceitos, por outros negados: o Apocalipse de S. Pedro.

c) — os que privadamente são permitidos ser lidos, não públicamente: O Pastor de Hermas.

d) — os que não podem ser recebidos na Igreja, porque escritos pelos hereges: Livros dos Heréticos e 2 epístolas apócrifas de S. Paulo; aos laodicenses e aos alexandrinos.

2) — *Na França*: Sto. Irineu (115-140), cujo Cânon constava dos 4 Evangelhos, dos Atos dos Apóstolos, de 13 Epístolas de São Paulo, 1 de S. Pedro, de tôdas as epístolas de S. João e do Apocalipse.

3) — *Na África Ocidental*:

a) — Tertuliano (160-225) conhece todos os livros do Novo Testamento, exceto as epístolas de Tiago, II de S. Pedro e “aos Hebreus”.

b) — S. Cipriano (200-258) admite o mesmo Cânon de Tertuliano.

c) — Cânon Monseniano: admite o de Tertuliano e o de S. Cipriano, incluindo a 2.^a epístola de S. Pedro e excluindo a de Judas.

Conclusão:

No Ocidente, no século III, só faltava ao Cânon a 2.^a Epístola de S. Pedro; a de Tiago figurava pelo menos em Hermas; a de Judas era utilizada pela Igreja de Roma e da África, enquanto algumas Igrejas reconheciam a dos Hebreus; os outros livros são tidos e considerados como autênticos e inspirados.

4) — *Em Alexandria:*

a) — Clemente Alexandrino (150-211/15), segundo Eusébio, faz a narração de todos os livros do Novo e Antigo Testamento.

b) — *Orígenes*: (185/6 — 254/5) considera como inspirados todos os escritos do Novo Testamento. Orígenes em sua obra “Das exposições no Evangelho de João” Livro V, disse que S. Pedro só deixou uma epístola. Essa citação, porém, não pode ser tida como a sentença “própria” dele. Em outra obra, “Na Homília de Josué”, enumera todas as epístolas. Como conclusão, digamos que Orígenes reconheceu haver dúvidas contra a canonicidade de algumas epístolas, embora as reconhecesse tôdas como inspiradas.

Conclusão geral: na metade do século III, quase todos os livros do Novo Testamento estavam no Cânon. No Ocidente, não figuravam ainda as de S. Tiago e a II.^a de S. Pedro e, às vêzes, a dos Hebreus. No Oriente, alguns duvidavam das 5 Epístolas católicas menores.

ARTIGO V — *O testemunho de Eusébio Cesariense.*

Eusébio classificou em quatro os livros do Novo Testamento.

1) — os que sem contradição foram aceitos: 4 Evangelhos e os Atos;

14 epístolas de S. Paulo; I de São Pedro; Apocalipse. São os “proto-canônicos”;

2) — os que, embora com controvérsia, são tidos por genuínos; as Epístolas de S. Tiago, S. Judas; II de S. Pedro; a II e III de S. João. São os “Deuterocanônicos”.

CÂNON DOS LIVROS SAGRADOS

3) — livros dúbios e espúrios: “Si Placet”, o Apocalipse.

4) — os livros dos Hereges.

CAPÍTULO II

OS LIVROS DEUTEROCANÔNICOS DO NOVO TESTAMENTO ATÉ O SÉCULO VI

São sete. Analisemos cada um de per si:

ARTIGO I. — *Epístola aos Hebreus*:

No Oriente, nenhuma dúvida houve, por exemplo: o autor da epístola de Barnabé, a versão siríaca “Peshita”, os autores da Igreja Alexandrina.

No Ocidente, até a metade do século IV, era ignorada.

S. Clemente Romano a conhece; o Fragmento muratoriano não a contém, como Hermas não a usa; S. Irineu fez alusões a essa epístola, Caio Presbítero impugnou a autenticidade paulina; os novacianos admitiram a autoria paulina, os Concílios Hiponense e III Cartaginense a admitiam no Cânon; S. Agostinho sempre a admitiu.

ARTIGO II. — *O Apocalipse de S. João*:

Até o século III, tanto no Oriente como no Ocidente foi admitido: S. Justino, S. Irineu, Tertuliano, Fragmento muratoriano, S. Hipólito; S. Clemente Alexandrino e Orígenes o

INTRODUÇÃO GERAL

admitiam; os milenaristas nêle firmaram em sua doutrina. S. Dionísio Alexandrino, lutando contra os milenaristas, negou a autoria de S. João.

Eusebio Cesariense mostra alguma hesitação, pelo mesmo motivo, mas declarou que, segundo a tradição e consenso geral, deveria ser admitido como verdadeiro; quanto às dúvidas, “si placet”...

Os autores sírios não a têm no Cânon; S. Gregório Nazianzeno e S. Cirilo de Jerusalém a omitem. Só os nestorianos a rejeitam totalmente.

ARTIGO III. — *As Epístolas Menores.*

São cinco: a de S. Tiago, a de S. Judas, a II de S. Pedro e a II e III de S. João. Nas Igrejas ocidentais, antes do século IV, a epístola de S. Tiago e a II de S. Pedro eram quase desconhecidas; em Roma e Cartago, a de S. Judas era tida por inspirada. Nas Igrejas orientais, tôdas figuravam no Cânon. Alguns negavam a II de S. Pedro e a II e III de S. João.

As Escolas Antioquena e Siríaca duvidaram dessas cinco epístolas

Na Síria, Afrates cita às vêzes essas cartas, enquanto que o catálogo siríaco as omite; a versão “Peshita” não contém a II de S. Pedro, a II e III de S. João e a de S. Judas. S. Efrém, nas obras segundo a versão grega, cita tôdas as epístolas, o mesmo não acontecendo nas de língua siríaca, onde só cita a II de S. Pedro e a I de S. João.

Entre os Antioquenos, Tito Bostrenso não cita nenhuma: S. João Crisóstomo e Teodoreto Cireense citam a I de S. Pedro, a I de S. João e a de S. Tiago; Teodoro Mopsuesteno, ne-

CANON DOS LIVROS SAGRADOS

nhuma; Nestório admite a I de S. Pedro. Como conclusão digamos que os autores sírios e antioquenos tinham como autênticas as três epístolas da “Peshita”.

As dúvidas sobre ela desapareceram no século V e no início do VI.

Entre os sírios, o testemunho do bispo Filoxênio Malu-guense. Entre os gregos, do Concílio de Trulo que aceitou o Cânon do Antigo e Novo Testamento dos Concílios Africanos.

Nas Igrejas Ocidentais, as dúvidas desapareceram no século V, depois dos Concílios Africanos e de S. Inocência I.

S. Jerônimo também, depois desses documentos, depôs suas dúvidas, muito embora já antes não fôsse contra as mesmas epístolas.

S. Jerônimo, si duvidou da Epístola “aos Hebreus”, nunca, porém, pôs em dúvida o Apocalipse.

C A P Í T U L O I I I

LIVROS DEUTEROCANÔNICOS DO NOVO TESTAMENTO DEPOIS DO SÉCULO VI ATÉ AOS NOSSOS DIAS

Dividimos esse periodo em três partes: Idade Média, antes do Concílio Tridentino, depois do Concílio Tridentino.

ARTIGO I. — *Livros Deuterocanônicos do Novo Testamento na Idade Média.*

1) — *Nas Igrejas orientais* — Os autores se contentam com a repetição quase mecânica dos Antigos Cânones. Fôcio

(820-897) e Nicéforo Calisto (século XIV) apresentam Cânon completo e São João Damasceno (cerca de 675-749) acrescenta o Cânon dos Apóstolos ao elenco dos Livros Sagrados do Novo Testamento.

2) *Nas Igrejas Ocidentais* — Influenciados pela opinião de São Jerônimo, os autores ainda tiveram algumas dúvidas, que nunca levaram algum autor a tirar um livro do Cânon do Novo Testamento. Sirva de exemplo o modo de agir de Santo Isidoro de Sevilha (560-636), que diz: “Poderém crê-se que o autor daquelas Escrituras é o Espírito Santo” (1).

No século X Aélfo e no século XII João Sarisberiense (2) quiseram introduzir a epístola apócrifa de S. Paulo “ad Laodicenses” no Cânon do Novo Testamento. J. Faber Estapulense (século XVI) recebeu como canônicas tôdas aquelas epístolas que se diz ter S. Paulo enviado a Sêneca; o Cardeal Tomás de Vio (1468-1534) interpretou mal São Jerônimo, julgando ser verdadeira sentença do Santo Doutor o que era simples recensão de dúvidas.

ARTIGO II. — *Livros Deuterocanônicos do Novo Testamento nos tempos do Concílio Tridentino.*

Os fundadores do Protestantismo e seus primeiros discípulos, contradizendo-se entre si, não puderam chegar a um acôrdo a respeito do Cânon do Novo Testamento.

(1) Sto. Isidoro de Sevilha, Doutor da Igreja, De Ecclesiasticis Officiis I 12, 11; ML. 83, 749.

(2) João Sarisberiense († 1180), Epístola 143 ou 172 conforme outros; ML. 199, 126.

CÂNON DOS LIVROS SAGRADOS

Lutero (1483-1546) tirava do Cânon do Novo Testamento o Apocalipse, as Epístolas aos Hebreus, a de S. Tiago e a de S. Judas.

Zwinglio (1484-1531), discípulo de Lutero afastava sòmente o Apocalipse.

Ecolampádio (1482-1531) porém, rejeitava todos os deuterocanônicos do Novo Testamento. Flácuo Ilírico († 1575) também excluía os deuterocanônicos do Novo Testamento. Os centuriadores Magdeburgenses (1) excluía sòmente as epístolas aos Hebreus, a de S. Judas e de S. Tiago.

Chemnício Martinho (1467-1536), teólogo de grande autoridade entre os luteranos, sem nenhuma dúvida rejeitava todos os deuterocanônicos (2).

Os católicos começaram a duvidar da autenticidade de algumas Epístolas e perícopas dos Evangelhos. Contudo deve-se bem notar que os católicos duvidaram unicamente por motivos literários e não por motivos religiosos.

Desidério Erasmo (1564-1536), como gozasse de grande autoridade, foi o chefe dos que duvidaram.

Mas todos êstes não distinguíam acuradamente entre autenticidade dos livros e sua canonicidade. Ao Concílio Tridentino chegou o eco das dúvidas, pois foi proposta a dúvida sôbre a epístola aos Hebreus, a de S. Tiago, a II.^a de S. João. o livro do Apocalipse, e principalmente sôbre as perícopas dos

(1) Centuriadores Magdeburgenses são os doutos Protestantes que escreveram a História da Igreja dividida em "centúrias".

(2) Chemnício M. *Examen Concilli Tridentini quadripartitum*, Frankfurt, 1563-1573; I 6, 9.

INTRODUÇÃO GERAL

Evangelhos, uma vez que delas não se encontrava documento expresso na Tradição Eclesiástica.

A dúvida foi facilmente resolvida e todos os Padres concordaram que elas deviam ser recebidas entre as Escrituras Canônicas.

Certamente, houve uma questão longa, mas fora do âmbito da canonicidade, pois os Padres discutiam se as perícopas deviam ser expressamente nomeadas no Decreto e se os que negavam essa verdade deviam ser anatematizados pelo Decreto. O resultado das discussões foi o seguinte: “Se alguém não receber como sagrados e canônicos os mesmos livros íntegros e com todas as suas partes, conforme é costume de serem lidos na Igreja Católica, e conforme se encontram na antiga edição da Vulgata Latina, seja anatematizado”. (Denz. 784).

Para a inteligência desta parte do decreto tridentino julgamos suficiente o que segue:

1) — Uma vez que o Decreto se refere à questão disputada entre os Católicos e Protestantes é claro que suas palavras se referem a todos os livros e partes, a respeito das quais se discutiam.

2) — Também parece estar fora de controvérsia que as palavras do Decreto se devam estender a todas as outras partes dos livros sagrados, então indubitadas.

3) — A respeito do valor e da extensão do vocábulo “partes”, nasceram algumas questões entre os católicos. E’ evidente que é destituída de todo o fundamento a sentença daquêles que querem restringir o sentido da palavra “partes” para as partes maiores, ou de maior importância, ou partes

CÂNON DOS LIVROS SAGRADOS

integrantes do livro, etc., pois pelos Atos do Concílio se sabe que essas perícopas são chamadas indiferentemente Partes (Acta Concilii Tridentini V 41, 26), particulas (ibidem V, 41, 24), fragmentos (ibidem V 42, 35), capítulos (ibidem V 42, 45).

4) — Claramente consta pelo Decreto e Atas do Concílio Tridentino que a edição da Vulgata Latina é tomada somente como medida e critério da Inspiração divina. Deve-se entender a versão em si considerada e não como existe num ou noutro Códice.

5) — Alguma perícopa da Vulgata, mas que não se encontra no texto original, não deve ser incluída pelas palavras do Decreto, por exemplo: Apc 9, 11; Lev 6, 11.

ARTIGO III. — *Os deuterocanônicos do Novo Testamento desde o Concílio de Trento até a Idade Moderna.*

Depois do Concílio Tridentino, entre os católicos desapareceram totalmente as dúvidas, seja quanto ao âmbito do Cânon do Novo Testamento, seja quanto à autenticidade dos livros.

Sixto Senense, falsamente interpretando o Decreto do Concílio Tridentino, ousou rejeitar fragmentos do livro de Ester (1).

No começo do século XIX, B. Lamy e F. Jahn, em vão, tentaram reintroduzir a distinção entre a autoridade dos livros canônicos e deuterocanônicos. No decorrer do século XIX,

(1) Sixto Senense († 1569), Bibliotheca Sancta, Venetiis 1566, I pág. 55.

INTRODUÇÃO GERAL

A. Loisy (1), com pertinácia defende êsse êrro, mesmo depois da clara proposição do Concílio Vaticano (Denz. 1809).

Aquela distinção foi também condenada por Leão XIII na Encíclica “Providentissimus Deus” (18 Nov. 1893, Denz. 1952).

A respeito da autenticidade das partes, não houve nenhuma controvérsia entre os católicos. Os protestantes (2), que, no início de sua apostasia, queriam seguir somente a Sagrada Escritura como regra de fé e costumes, no decorrer dos séculos corromperam e chegaram até a perder a verdadeira noção do Cânon. Muitos, embebidos pelos princípios racionalistas, até negaram a Revelação sobrenatural, e em consequência rebaixaram os livros do Velho e Novo Testamento à classe de simples livros humanos. Os Protestantes conservadores, é verdade, admitem a Revelação sobrenatural, contudo dizem que os Livros das Sagradas Escrituras não foram inspirados pelo Espírito Santo. Assim levados pelos seus falsos princípios, os protestantes abandonaram o caminho da verdade e se transviaram miseravelmente. A Igreja Católica, ao contrário, fiel às tradições apostólicas e iluminada pelo Espírito Santo, conservou íntegro o Cânon do Velho e Novo Testamento, defendendo sempre o seu caráter divino.

(1) Loisy A., *Histoire du canon de l'A. T.* Paris, 1890; 212-215; 235-241.

(2) As opiniões dos autores protestantes e sua sistemática destruição da Sagrada Escritura se podem encontrar em Pesch Chr., de *Inspiratione S. Scripturae*, Friburgi Br., 1902, pg. 202-206.

CAPÍTULO IV

OS LIVROS APÓCRIFOS

ARTIGO I — *O vocabulo “Apócrifo” e sua história*

“Apocryphon” é uma palavra grega que significa coisa oculta, escondida, subtraída do alcance dos olhos. Antigamente livro apócrifo era considerado o que se destinava à leitura dos iniciados da seita secreta.

Podemos considerar a questão entre os judeus, protestantes e católicos.

Os Judeus — distinguíam dúplice classe de livros:

a) — “sepositi”, separados: eram os livros canônicos subtraídos ao uso comum, por serem já gastos pelo uso.

b) — “qui extra sunt”, os que estão fora, isto é, do cânon, não são canônicos. Eram os livros simplesmente de leitura permitida, ou então unânimemente proibidos pelos rabinos.

Os Protestantes — Concordam com os católicos nesta questão; mas divergem quanto à terminologia. Esquemáticamente assim podemos expor as divergencias terminológicas.

INTRODUÇÃO GERAL

<i>Protestantes</i>	<i>Católicos</i>
Apócrifo do Antigo Testamento	Deutero-canônicos do Antigo Testamento
Pseudoepigráfico do Antigo Testamento	Apócrifo do Antigo Testamento
Apócrifo do Novo Testamento	Apócrifos do Novo Testamento.

Os Católicos — Para nós, apócrifos são os livros escritos por indústria humana somente, e não por inspiração do Espírito Santo, mesmo que em algum tempo tenham sido considerados, por alguns, como livros inspirados. Para os católicos a palavra “apócrifo” é conhecida desde a mais remota antiguidade cristã; mas inicialmente usavam em sentido pejorativo, para indicar um livro suspeito. Com esta palavra os Santos Padres podiam indicar quatro categorias de livros:

a) — os livros de origem desconhecida. Assim por exemplo, S. Agostinho (1).

b) — os livros úteis, que continham um ou outro erro (2).

c) — os livros vedados à leitura pública na Igreja (3).

d) — os livros não canônicos (4).

(1) S. Agostinho, De Civ. Dei XV 23, 4; ML. 41, 470. Cfr. também S. Jerônimo, Epist. 107, Ad Laetam 12; ML. 22, 877.

(2) Cfr. Orígenes, Prologus in Canticum Canticorum; MG. 13, 83, s.

(3) Cfr. Orígenes, In Matthaeum 23, 37 ss.; MG. 13, 16, 36 s.

(4) Cfr. Jerônimo, Prologus Galeatus; ML. 28, 556.

CÂNON DOS LIVROS SAGRADOS

ARTIGO II — *Origem dos Livros Apócrifos.*

Os Apócrifos dividem-se em duas grandes classes, conforme se relacionam com o Antigo ou com o Novo Testamento. São apócrifos do Antigo Testamento se são de origem Judaica, palestinense ou da Diáspora, ou se o argumento se refere ao Antigo Testamento.

São Apócrifos do Novo Testamento os de origem cristã, ou cujo argumento se refere ao Novo Testamento. Podem ter sido escritos ou por hereges, a fim de que suas doutrinas vingassem, ou por cristãos piedosos que desejavam preencher com a imaginação as lacunas da narração evangélica, ou mesmo o desejo de conservar tradições, fábulas e prodígios deturpados.

ARTIGO III — *O Gênero literário dos Livros Apócrifos.*

E' um gênero literário especial; o leitor sente-se como que perdido, não podendo manter o fio da leitura. Eram destinados a excitar a fantasia do leitor, ou a satisfazer sua curiosidade, ou mesmo conquistá-lo para a sua doutrina. Estes escritores desconhecidos mostram que conheciam muito bem o Antigo Testamento, até suas particularidades.

Todos os gêneros literários encontram-se representados na literatura apócrifa, e o gênero muda conforme o escopo, que o autor tinha em vista.

Os Apócrifos do Antigo Testamento se subdividem em:

- a) “halachica” ou jurídicos — que giram em torno da Lei mosaica;
- b) “haggadica” ou morais — os de caráter parenético;
- c) “Apocalítica” — que tratam da libertação messiânica ou do fim do mundo.

INTRODUÇÃO GERAL

Os Apócrifos do Novo Testamento são numerosíssimos, e imitam os livros dos Apóstolos; Evangelhos, Epístolas e Apocalipses.

ARTIGO IV — *Influxo e perigo dos Livros Apócrifos.*

Os Livros Apócrifos do Antigo Testamento, maxime os de gênero apocalítico, exerceram grande influxo sôbre os Judeus tanto da Palestina como da Diáspora. Neles estava a história completa de Israel, aparecia sempre a misericórdia de Deus para com seu povo.

E assim, tanto o leitor judeu como o cristão, lia com avidez as páginas dos apócrifos, e alguns eram muito considerados. O Livro de Henoc chegou mesmo a ser inserido na Bíblia Etiópica. A Oração de Manassés e o III e IV de Esdras, ainda em nossos dias são apresentados em Apêndice na Vulgata Latina.

Daí o grande perigo para a integridade e pureza da fé cristã. Por isso fez a Igreja uma opposição continuada e violentíssima contra êsses livros. Papas e Concílios tudo faziam para a sua eliminação.

ARTIGO V — *A utilidade do estudo dos livros apócrifos.*

O estudo dêstes livros é utilíssimo, visto que:

1) — muitas doutrinas antigas só nos são conhecidas por meio dêles ;

2) — muitos ensinamentos e muitas páginas da História da Igreja primitiva estão neles contidos;

3) — a comparação dêstes livros com os livros canônicos é muito proveitosa e instrutiva;

CÂNON DOS LIVROS SAGRADOS

4) — é um grande auxílio para o estudo da filologia, pois nos transmitem a língua do tempo;

5) — é a fonte de muitas narrações e monumentos da arte cristã.

Nem pode passar despercebido o grande influxo que exerceram sobre a Liturgia Romana, dos quais esta emprestou varias passagens, entre as quais sobressai o Introito da Missa de Requiem, tirado do IV de Esdras;... “Requiem aeternitatis dabit nobis,... quia lux perpetua lucebit nobis...” (2, 34 s.).

ARTIGO VI — *Divisão dos Livros Apócrifos.*

Muitos Livros Apócrifos desapareceram ou pela ação do tempo ou por causa da condenação e eliminação feita pela Igreja.

Todavia o número de exemplares que escaparam à destruição é tal que poderíamos recompor tôda a Bíblia com os correspondentes livros apócrifos.

Assim:

A) — Livros Apócrifos do Antigo Testamento.

I) — Livros Apócrifos pseudo-históricos: em número de 10.

II) — Livros Apócrifos proféticos ou apocalípticos: são numerados 12.

III) — Livros Apócrifos didáticos ou morais: enumeram-se 6 livros.

INTRODUÇÃO GERAL

- B) — Do Novo Testamento.
- I) — Evangelhos apócrifos: 10.
- II) — Atos apócrifos: 8.
- III) — Epístolas apócrifas: 6.
- IV) — Apocalipses apócrifos: 6, um dos quais é intitulado “Apocalypses Beatae Mariae Virginis”; onde as dores de SS. e na visão são narradas.

existem ainda muitos outros escritos apócrifos, que foram incluídos nos números apresentados por estes recentes, e fogem por isso ao nosso escopo.

CAPÍTULO V

OS LIVROS INSPIRADOS E PERDIDOS

Introdução

A questão tem duas faces: de jure e de fato.

De jure — Os teólogos têm como sentença comum que livros inspirados “podem” ser perdidos, ou uma parte apenas, ou todo êle. Esta perda pode ser efetuada no intervalo que medeia a composição do livro e sua entrega à Igreja, que o reconhece e propõe como inspirado. O Cardeal Franzelin chega mesmo a afirmar que um livro “possa” ser perdido depois de o ter a Igreja, mestra infalível, declarado inspirado (1).

(1) Franzelin Card. I. B., De Deo Trino, 2 ed., Roma 1874, pág. 42.

De fato — Alguns autores afirmam que não só podem, como de fato alguns livros foram perdidos; e isto plenamente entendido: livros inspirados canônicos e não canônicos (1).

ARTIGO I — *Número e Títulos.*

Quanto a este ponto não temos documentos certos; e a isto se acresce que nem tudo que lemos na Sagrada Escritura nos textos atuais deve ser tido como inspirado. Mas muitos destes livros perdidos, pela santidade e dignidade de seus autores, como pelo título com o qual os honra o Hagiógrafo, parece que devem ser tidos como inspirados.

Podem ser enumerados livros tanto no Velho como no Novo Testamento.

Os do Antigo Testamento são os seguintes:

Livro de Samuel Vidente, Livro ou Palavras do Profeta Natan, Volume do Vidente Cad, Visão de Addo (o qual não consta ser inspirado), e Livro do Profeta Semeias.

Os do Novo Testamento. — Ninguém duvida da inspiração e canonicidade da brevíssima epístola de S. Paulo a Filemon; donde podemos concluir terem sido inspiradas pelo divino Espírito Santo também as epístolas perdidas (2).

Os livros mais provavelmente inspirados do Novo Testamento, perdidos em nossos dias, são os seguintes: Evangelho de S. Paulo, Terceira Epístola aos Coríntios, Terceira Epístola aos Tessalonicenses e Epístola aos Laodicenses.

(1) Antonius a Matre Dei († 1679), O Carm. Disc., Praeludio isagogica ad SS. Bibliorum intelligentiam, Lugduni 1669, I 7, 2, pág. 43.

(2) Cornely R., Historica et critica Introductio in Utriusque Testamenti Libros sacros, 2 ed., Paris 1894, I pág. 248.

INTRODUÇÃO GERAL

ARTIGO II — *Razões por que se perderam livros inspirados.*

Este problema preocupou S. Agostinho o qual, todavia, não atinou com a verdadeira solução. As causas mais verossímeis são as seguintes:

1) — nada de novo continham a mais do que os que nos são conhecidos;

2) — os que possuímos são suficientes para o conhecimento e defesa dos dogmas da Igreja, “a coluna e fundamento da verdade”;

3) — poderiam dar ocasião a heresias e erros;

4) — assim como muitas obras de Cristo pela divina Sabedoria não foram conservadas nos Livros santos, a mesma divina Sabedoria poderia ter querido destruir sua notícia entre os homens depois de terem sido escritas.

Se for encontrado um livro ou fragmento de um livro, a Igreja emitirá seu juízo; nós julgamos que os livros de origem apostólica, atualmente perdidos, são inspirados e pertencem ao depósito da fé.

CAPÍTULO VI

AS PALAVRAS DE CRISTO NÃO ESCRITAS

Introdução

Nem tudo que Jesus Cristo fez é narrado nos livros canônicos. Surge então a questão: haverá fatos verdadeiros narrados em outros livros? Quantos fatos podem ser colocados nesta categoria?

CANON DOS LIVROS SAGRADOS

E de fato, nas obras dos Santos Padres, monumentos litúrgicos, papiros antiquíssimos etc., encontramos referências aos feitos de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Solução — Critério

Comumente se dá resposta afirmativa, exceptuando poucos autores. Porém há grandes divergências quanto ao critério a ser empregado. Resch julga que se pode reconstruir outro evangelho, diferente dos canônicos e apócrifos (1); outros dizem que esta é a via que solucionará a questão sinótica; outros ainda dão como critério o seguinte: rejeitar tudo o que não concorda com o Evangelho ou seja uma corruptela, transposição ou mesmo simples interpretação das palavras canônicas.

Podemos afirmar que podem ser consideradas narrações agráficas as que são dignas do Divino Mestre; a questão da autenticidade é resolvida depois.

O Número

Há grande divergência entre os autores.

1) — Antonio Resch julga ter encontrado 74; mas na segunda edição de sua obra (1906) reduz a 36.

2) — I. H. Ropes propõe 14 apenas.

3) — Entre os Católicos também se disputa:

Besson propõe 68 narrações agráficas autênticas; E. Laquier julga serem 13 autênticas, 26 prováveis e 15 dúbias; L. Vaganay defende serem 4 ou 5 apenas.

As passagens que são julgadas autênticas, os autores colocam no rodapé das Sinopses Evangélicas.

(1) Resch A., *Agrapha*, 2 Aufl. *Ausserkanonische Schriftfragmente* (T. und Untersuch., NF. XV 3. 4) Leipzig 1906.

INTEGRIDADE DA SAGRADA ESCRITURA

Introdução

Importância e divisão do tratado:

Depois de provada a existência de uma virtude sobrenatural, que move o autor Sagrado a escrever um livro, que de pleno direito, tem a Deus como autor; e vistos quais são êsses livros que por meio dos Apóstolos ou mesmo por Nosso Senhor receberam o testemunho de sua inspiração, e como tais, foram entregues à guarda da Igreja, procuraremos enquanto possível examinar, no estado de conservação chegados até nós, êsses mesmos livros sagrados.

A conservação do texto sagrado é um fato de ordem histórica que podemos examinar sob dois pontos de vista: primeiro, pela história do texto, depois pela história das versões antigas.

Nesse dúplice exame podemos dizer que a Sagrada Escritura até nós chegou quanto à substância, íntegra e incorrupta: é o que procuraremos provar por meio dêsses dois argumentos.

- 1) — pelos textos originais e
- 2) — pelas versões antigas.

CAPÍTULO I

SÔBRE OS TEXTOS ORIGINAIS.

ARTIGO I — *A língua primitiva dos Livros Sagrados.*

Em três línguas se escreveram os Livros Sagrados.

a) — Na língua *hebraica* em que foram escritos o *Eclesiástico*, o primeiro dos *Macabeus*, *Judite*, *Baruc*, partes de *Daniel* e *Ester*; quanto a *Tobias* e *S. Mateus* divergem os autores.

b) — Na língua *aramaica*, partes de *Daniel*, *Esdras*, *Jeremias* e o Ev. de *S. Mateus*.

c) — Na língua *grega*, todos os livros do Novo Testamento exceto o de *S. Mateus*; do Antigo, o da *Sabedoria* e o Segundo dos *Macabeus*.

ARTIGO II — *Sôbre a língua hebraica.*

Esta é a que consideramos desde a entrada na terra prometida até a Idade Cristã. Os gramáticos comumente dizem que ela pertence a um grupo de línguas semíticas do Antigo Oriente. Hoje, apesar do grande avanço no estudo das línguas antigas, ainda é difícil a reconstrução dessa língua semítica comum, por falta de documentos.

Já no tempo de Nosso Senhor, a língua hebraica estava morta, e o pouquinho que restava, procurava refúgio nas escolas. O próprio povo hebreu, contemporâneo de Nosso Se-

nhor, ouve aos sábados, nas sinagogas, a Sagrada Escritura, mas não a compreende, a não ser depois de traduzida em aramaico.

ARTIGO III — *Sôbre a escrita alfabética dos cananeus.*

Documentos encontrados provam que os cananeus já no século XIII usavam escritura alfabética; por êstes documentos nada obsta que os mais antigos livros do Antigo Testamento, como o Pentateuco, por exemplo, fossem escritos em língua hebraica, pois a fórmula alfabética estava em plena evolução.

ARTIGO IV — *A matéria dos livros.*

Era variada a matéria empregada para a escrita, pois não tendo sido ainda descoberta a fabricação do papel, em tudo se escrevia; assim em:

a) — Tábuas de pedra, que foram as que serviram de instrumento em que Deus escreveu o decálogo (Êx 24, 12).

b) — Outras pedras lisas sem formas determinadas serviram para guardar as leis e as palavras de Deus (Jos 8, 32).

c) — Tábuas de argila em que se escreviam e depois sendo cozidas no fogo, ficavam duras como pedras. (Êx 4, 1).

d) — Tábuas de chumbo, isto é, lâminas. (Jo 19, 23-24).

e) — Tábuas de bronze (1 Mac 8, 22 s.).

f) — Tábuas de madeira (Is 30, 8).

g) — Fragmentos de vasos quebrados.

h) — O papiro foi um dos mais antigos materiais de escrita; era pois a matéria própria para receber a escritura

INTEGRIDADE DA SAGRADA ESCRITURA

dos fenícios, e de todos os povos, cuja cultura e civilização brilhavam naquele tempo (Jer 36, 23).

i) — O pergaminho; êste, sem dúvida, foi o mais importante de todos os materiais usados na escrita; era geralmente feito de peles de animais, principalmente de cabras e carneiros, bem trabalhadas e limpas para êsse fim e por isso eram também chamadas membranas (1). Mas o nome de pergaminho, vem sem dúvida de Pérgamo, o maior centro industrial dêsse produto universalmente conhecido. Seu uso sempre vigorou entre os judeus; mesmo depois da invenção do papel, êles tenazmente continuaram usando as membranas, para as Sagradas Escrituras; assim se explica a pobreza de papel nos códices hebreus.

Instrumentos de escrita:

Êstes eram muito diversos, usados de acôrdo com o material empregado para a escrita.

a) — Estilete de ferro e a

b) — cana de trigo para escrita, cuja ponta se aparava, à medida que fôsse amolecendo.

A tinta empregada era quase sempre de côr preta, e os orientais carregavam-na, quando dela precisavam, na cintura.

Formas dos Livros

Os Hebreus usavam o Volume, que era uma membrana comprida enrolada em uma peça de madeira cilíndrica e fina.

(1) Cfr. 2 Tím. 4, 13.

INTRODUÇÃO GERAL

Muitas vêzes as duas extremidades da membrana eram guardadas de madeira, para melhor ser desenrolada e novamente enrolada. Nas membranas escrevia-se sempre do lado interno, quase nunca do lado externo. Assim uma grande obra, que difficilmente poderia ser escrita em um volume de pergaminho, escrevia-se em mais de um; por isso, em várias partes, ou tomos dividiam-se as grandes obras, e daí o nome de Pentateuco dado aos cinco volumes que o compunham.

ARTIGO V — *Sôbre as várias formas da Escrita Fenícia.*

E' certo que houve hebreus que escreveram na mais remota antiguidade com letras que muito se aproximavam da grafia fenícia. Podemos verificar nos:

- 1) — Monumentos antigos encontrados em Jerusalém, mais ou menos dos anos 700 A. C.
- 2) — Figuras e fragmentos encontrados nas escavações.
- 3) — A Tabela de Geser.
- 4) — Moedas Judaicas, e principalmente
- 5) — Os caracteres do Códice Samaritano.

Esta prova de escritura antiga foi usada mesmo na Sagrada Escritura; é o que podemos notar nos:

- a) — Tetragramas escritos em letras hebraicas antiquíssimas.
- b) — As variações que apparecem no texto hebraico, nos Setenta e mesmo no Massorético.

INTEGRIDADE DA SAGRADA ESCRITURA

c) — Fato reconhecido como certo, pelos antigos hebreus e pelos Santos Padres.

Da antiga Escritura provém a chamada *Quadrada*, que outra cousa não foi senão pequeninas modificações introduzidas pelas reduções de linhas, aberturas de outras letras e curvaturas em outras.

Da Escritura Quadrada.

A mudança de alfabeto deve-se, segundo a tradição rabínica, a Esdras, mas já a encontramos em uma pequena inscrição, mais ou menos no ano 175 A. C.; assim estudando cuidadosamente vemos que os Judeus, depois do exílio de Babilônia, pouco a pouco foram introduzindo êste modo de escrita.

Pontuação.

As palavras na escritura hebraica antiga ou fenícia e mesmo entre os gregos, não tinham nenhum espaço, entre si, sinal algum de separação. Mas nas inscrições hebraicas antigas e aramaicas, cada palavra era separada por um ponto, método este usado pelos latinos. Assim a *Escritura Quadrada* costuma observar um pequeno espaço entre as palavras, o que se encontra nos antigos papiros.

ARTIGO VI — *História do texto hebraico manuscrito.*

No longo intervalo que nos separa da origem do texto Sagrado do Velho Testamento, separamos duas épocas distintas.

1) — A idade da divulgação da Sagrada Escritura em manuscrito, e

2) — Dêste tempo até a invenção da tipografia.

BREVE CONSPÉCITO DA HISTÓRIA DOS TEXTOS E VERSÕES DO ANTIGO TESTAMENTO.

	I Epoca. Das origens ao século I p. C. n.	II Epoca. do século II ao VI					III Epoca. do século VI ao X.
	Variedade relativamente grande de lições e recensões.	Século III - II a. C. n., a versão grega dos LXX.	II A siríaca "Peshitta". Gregos: de Áquila Sínaco Teodocão 5.ª 6.ª 7.ª	III recensões LXX: de Orí- genes (Hexa- pla), Luciano	IV 390-404 Foi escrito o Targum Onkelos. Jerônimo.	V Targum dos Profetas, o Pentateuco Jerusolimitano, os He- giógrafos, as recensões gre- gas: são misturadas. As Jero- nimianas, a latina antiga.	São colocados os sinais das vogais; a massora é escrita; o texto se torna imutável.
Textos							
Versões imediatas.							
versões mediatas (dos LXX).		as latinas an- tigas: cóptica sahídica	as cópticas: ahmínica faumica? (etiópica)	cóptica bohai- rica armênic; georgiana			em 508 a siríaca filoxeniana do grego não hexaplar: 518- 618, a siríaca do grego hexa- plar: siro-palestinense.

INTEGRIDADE DA SAGRADA ESCRITURA

O único testemunho da idade do Novo Testamento é o Papiro Vasch, em escrita cursiva, pelo ano 100 da era cristã.

Escrita contínua e pontuada.

Na escrita hebraica e fenícia a escrita era contínua, sem pontuação. Usava-se muito a escrita quadrada.

ARTIGO VII — *História do texto hebraico manuscrito.*

Deveinos ver a sorte dêste texto sagrado e as vicissitudes por que passara.

Dividimos em dois períodos:

1) — período em que a Sagrada Escritura era divulgada como manuscrito.

2) — período da imprensa tipográfica.

1.^o Período:

Desde a sua origem até o século I depois de Cristo. Existiam nesta época variedades de lições e recensões. Várias foram as suas causas.

a) — O texto não se havia firmado, era muito flutuante. E' verdade que muitos autores cuidaram de suas edições, como Jeremias.

b) — Escritas estavam dispersas pelos códices.

c) — Não estando o Cânon ainda encerrado, o texto não era copiado com muito esmero.

INTRODUÇÃO GERAL

d) — No tempo do exílio sofreram muito os exemplares. Qual tenha sido a condição do texto sagrado deduz-se pela comparação com os paralelos. Concluimos que tôdas as variantes e corruptelas que existem nasceram nesta época.

Logo podemos dizer que:

1) — neste período houve muitas lições variantes e também recensões.

2) — Se há edições, são muito secundárias, assim também no que diz respeito à ortografia e gramática.

O trabalho dos escribas

Atribui-se aos escribas a divisão do texto em versículos; certas anotações que se liam, mas não se escreviam; colocaram certos pontos para indicar palavras duvidosas.

II.^o *Período*: do Século I até o século VI depois de Cristo.

É a luta dos textos, prevalecendo finalmente um texto fixo.

III.^o *Período*: do século VI até o século X depois de Cristo..

E' a fossilização dos textos sagrados. Aparece o texto Massora, que é completamente uniforme.

Texto Impresso

Começa nova idade para os textos sagrados com a invenção da imprensa.

INTEGRIDADE DA SAGRADA ESCRITURA

- 1) — *Edições Principais* e fundamentais (1477-1525). São edições chamadas “não críticas”.
- 2) — *Edições* em que começam as anotações críticas, ainda que rudimentares (1525).
- 3) — *Edições críticas sérias*: B. Kennicot, do Velho Testamento (1776-1780). R. Kittel, edição da Bíblia hebraica (1906-1909).

Texto Massorético

E' muito importante porque é o texto inspirado; foi o texto que prevaleceu entre as muitas variantes. E' o melhor e o mais fiel, o mais antigo. Devemos considerar êste texto como fundamento para a crítica textual.

CAPÍTULO II

O TEXTO GREGO DO NOVO TESTAMENTO

Assim como o Antigo Testamento foi escrito, na sua maior parte, em hebraico, o Novo Testamento foi escrito quase todo em grego; faz exceção apenas o Evangelho de S. Mateus, escrito originariamente em hebraico ou aramaico. Mas nós tivemos conhecimento apenas da sua versão grega, visto que o original foi perdido.

INTRODUÇÃO GERAL

Justifica-se pois o título: Texto grego do Novo Testamento.

ARTIGO I — *A Paleografia — A matéria e a forma dos Livros.*

No tempo apostólico, para a escritura dos livros, se empregava o “papiro” e a “membrana”; o primeiro porém era muito mais comum, por ser mais barato.

Infelizmente o papiro é de duração muito mais reduzida que a membrana. Dão-se duzentos anos de existência para elles (1). Esta é a causa por que perdemos inúmeros monumentos literários.

A partir do século IV o uso do “pergaminho” tornou-se cada vez mais comum; dêste tempo é que possuímos muitos códices bíblicos.

O uso de escrever sobre o “papel” e o “pano” apparece com o século X.

A forma dos livros de papiro era quase sempre a de “volumen” (o rôlo).

A forma de códice, rara com os papiros, torna-se comum com o uso dos pergaminhos, e por causa da commodidade dominou posteriormente.

(1) Plinio, Hist. Nat. 13, 83:

INTEGRIDADE DA SAGRADA ESCRITURA

FORMA DA ESCRITURA

Nos papiros encontram-se duas formas de escritura: a cursiva e a uncial, e esta se apresenta ou com tôdas as palavras unidas, ou separadas.

A escritura uncial é a maiúscula, letras de grandes dimensões. Até o século IX nos códices escritos sobre membranas, só se usava a forma uncial.

A escritura uncial e a cursiva antiga, comumente não separavam as palavras uma das outras, o que oferece dificuldades para se distinguir as mesmas.

O uso dos acentos gregos só foi generalizado no século VIII p. C. n.. A pontuação também não era usada.

Muitos nomes sagrados eram escritos abreviadamente; nos códices mais recentes, êsses nomes são substituídos por sinais convencionais.

ARTIGO II — *Testemunhos do Texto.*

Os testemunhos para a história e crítica do texto são de tríplice espécie:

Códices — Os códices estão contados hoje em cêrca de 4171: 188 unciais, 2350 minúsculos, 38 papiros e 1595 lecionários. — Dêstes só 53 trazem o Novo Testamento inteiro; muitos só contêm fragmentos.

INTRODUÇÃO GERAL

Citações dos Padres — As citações dos Padres ocupam o primeiro lugar para determinar a cronologia, ou a sucessão histórica do texto.

Se porém se procura o teor do texto, as citações têm o último lugar pela frequente incerteza das lições: porque os Padres citavam de memória e porque os seus próprios textos não eram íntegros ou não eram críticos. Quanto à história das versões, há alguma luz por mútuo auxílio: os Padres indicam a idade das versões e as versões confirmam as citações dos Padres de modo a não deixar às vezes nenhuma dúvida.

Para a crítica textual há alguma cousa nos Padres Apostólicos; muita cousa, e de primeira ordem, nos escritores do II e III séculos.

Versões — Sobre as versões, por agora só isto: as versões devem ser tidas como as testemunhas mais importantes, podendo-se geralmente conhecer qual tenha sido a lição em grego. Às vêzes se confirma a lição das versões pelas citações dos Padres e vice-versa, e assim se pode determinar até o teor do texto para determinada região e tempo. São testemunhas tanto de integridade como de corrupção parcial do texto, para o século II, as versões latina, africana e siríaca; para o século III, a latina ítala, e a cóptica saídica; para o século IV a Vulgata, a cóptica amínica e faiúmica, e a gótica; para o século V, a siríaca “Peshita”, a cóptica bohairica, etiópica e armênic.

BREVE CONSPECTO DA HISTÓRIA DOS TEXTOS E DAS VERSÕES DO NOVO TESTAMENTO

Séc.	Textos	Versões			
II	Difunde-se um texto revisito cá e acolá harmonisticamente. Diatessaron de Taciano.	Siríacas Diatessaron	Latinas africana	Cópticas	Outras
III	Um texto mais puro é preparado em Alexandria (Orígenes).	Os Evangelhos separados.	romana	saldica	
IV	A recensão Antioquena. Os cânones e códices de Eusébio. A edição de Eutácio.	As Epístolas de São Paulo e os Atos dos Apóstolos.	Misturas das primeiras e nova revisão. 383. A recensão de S. Jerónimo (A Vulgata)	ahmémica faiúmica	gótica (Ulfilas).
V	E' difundido o texto "Antioqueno-Bizantino".	"Peshitta" (Rabbula).		bohairica.	etiópica e armênic.
VI	Os códices de púrpura (Asia Menor?): várias formas se misturam.	Filoxeniana			georgiana?
VII	A forma Antioqueno-Bizantina copreou já as outras.	Heraclense Paléstinese			
VIII					arábica
IX					eslava

ARTIGO III — *Várias formas do texto.*

O texto dos Santos Evangelhos aparece sob quatro formas, as quais representam fielmente os três códices antigos A, B, D e T.

1) — *A forma "Alfa"* está contida nos códices AEK, e na versão "siro-Peshita".

Caracteriza-se:

- a) — pela forma literária clássica;
- b) — pela clareza, obtida ou pelo acréscimo de palavras, ou pela mudança textual;
- c) — pela tendência harmonística;
- d) — pela propensão à forma completa.

2) — *A forma "Beta"* está contida nos códices B, X, (kh) L 33, e nas versões cópticas. Caracteriza-se:

- a) — pela concisão;
- b) — pela forma e ortografia vulgar;
- c) — pela imunidade quase absoluta da tendência harmonística.

3) — *A forma "Delta"* está contida no códice D e nas versões siríacas; era a mais usada pelos Latinos, chama-se ainda "texto ocidental".

Caracteriza-se:

- a) — pela tendência harmonística;
 - b) — pelo uso de paráfrase;
 - c) — pelo acréscimo de alguns fatos maravilhosos;
 - d) — pela omissão de algumas palavras.
- 4) — *A forma "Theta"*, chamada "cesariense", foi encontrada há pouco tempo.

INTEGRIDADE DA SAGRADA ESCRITURA

Caracteriza-se:

a) — pela existência de algumas lições singulares;

b) — pela tendência harmonística, ainda que amenizada pela influência da forma “Beta”.

Concordam com esta vários códices, por exemplo: a “Theta” 28, 565 e 700, juntamente com duas outras famílias escritas na Calábria e na Sicília. Finalmente aparecem também as versões armênic e georgiana.

ARTIGO IV — *História do texto manuscrito.*

No século II divulgara-se a forma que deu origem aos textos ocidental e cesariense.

No declínio do século II, Taciano compôs uma harmonia evangélica.

Seu influxo foi causa de muitas corruptelas nos códices e nas versões, como afirmam Soden e Vogels.

No século III, Orígenes fez a recensão do Antigo Testamento e também do Novo (Migne PG. 13, 1293 sq.); mas corrigiu os códices muitas vèzes. Tomou um texto que se aproximava muito da forma B, forma esta que êle divulgou, enquanto estava em Alexandria.

Passando para Cesaréia usou o texto cesariense. No começo do século IV, Luciano fez uma recensão em Antioquia.

Dominavam no século IV as formas:

na Siria e Asia menor.

no Egito e Palestina.

no Lácio.

INTRODUÇÃO GERAL

Esta última foi emendada por S. Jerônimo para B, mais ou menos em 385, recensão esta recebida pela Igreja Latina.

Entre os sírios fez-se a versão “Peshita”.

NA IDADE MÉDIA

1) — A recensão antioquena — invadiu todos os setores e acabou por dominar tôdas as outras; século XIV.

2) — A forma B rara vêzes encontra-se nos códices; no século XI cessa o seu influxo.

3) — A forma ocidental ocupa o lugar médio entre as duas precedentes. Mais propagada que a B, sobreviveu até o século XIV.

ARTIGO V — *História do Texto Impresso.*

A recensão antioquena, como vimos, foi difundida por todo o império bizantino, e propagada em muitos códices. Aparecendo a imprensa, é lógico que foi ela, a recensão antioquena, a primeira a ser impressa.

Assim, o Novo Testamento foi publicado em língua grega, pela primeira vez, por Erasmo de Rotterdam. Seguiram-se as quatro edições de Roberto Estêvão. O Card. Lachmann iniciou uma nova idade, quer quanto à crítica do Novo Testamento, quer quanto ao texto.

No século XIX Const. Tischendorf, que sobressaiu, quer pela procura de códices no Oriente, quer pela publicação dos códices encontrados.

B. F. Westcott e F. H. Hort, depois de quase 30 anos de preparação, editam em Londres o Novo Testamento. B. Weiss,

INTEGRIDADE DA SAGRADA ESCRITURA

tendo seguido o conselho de muitos, escolheu para o uso das escolas o texto de Eb. Nestle.

Edições semelhantes emitiram também alguns católicos; assim, Brandscheid, Hetzenauer; mais recentemente temos F. H. Vogels.

Da mesma maneira, mas com maior aparato temos a edição de A. Merk (Roma 1932).

Finalmente temos a edição de Hermann von Soden, que deve ser usada com cautela, por causa de alguns erros.

Assim podemos resumir a história do texto impresso:

A recensão antioquena propagou-se no século XVI, no século XVII foi confirmada, no século XVIII lutou por lições melhores, no século XIX é tirada do mesmo corpo dos livros e relegada ao aparato, no século XX finalmente é sepultada.

Em seu lugar hoje é admitido o texto que mais se aproxima dos antigos códices e da Vulgata latina, do tipo B.

ARTIGO VI — *Autoridade Crítica do Texto do Novo Testamento.*

Grande é o número das lições variantes que se encontram no texto do Novo Testamento; perto de duzentas mil são enumeradas (1), e portanto, uma cifra superior à das palavras que o Novo Testamento contém, isto é, cento e cinquenta mil palavras, mais ou menos.

(1) Durand A., *Le texte du Nouveau Testament en Études*, 126 (911, 1) 289, Patt A., *Der Text des N. T.* Leipzig, 1919, pág. 10.

INTRODUÇÃO GERAL

Pode-se perguntar: terá valor um texto que conte com tão grande número de variantes? Para a resposta considere-se:

1) — muitas destas variantes caem sôbre uma mesma palavra, enquanto há perfeita concórdia quanto ao restante do texto;

2) — e mesmo destas variantes muitas são apenas de ordem gramatical ou sintática, ou ainda palavras sinônimas, usadas pelos amanuenses;

3) — as que afetam o sentido da frase, são sòmente umas duzentas, das quaes apenas dezesseis ou dezessete gozam de real importância (1);

4) — e o principal é que com isto nenhuma verdade dogmática é acrescentada ou subtraída, permanecendo imutável o depósito da Revelação.

Como resposta pois, pode se dizer:

1. A própria multidão de testemunhos, donde o número das variantes, dão ao Novo Testamento tal certeza que, nenhum outro livro semelhante da antiguidade goza.

2. A arte crítica reduz a pouquíssimas as dúvidas verdadeiras, visto que facilmente descobre a palavra genuína.

3. Portanto, o Novo Testamento chegou íntegro até nós, não só na substância mas também, em grande parte, nas cousas accidentais.

(1) Entre as principais contam-se: Mc 1, 1; Lc 22, 19. 20; Jo 5, 3. 4; At 16, 17.

INTEGRIDADE DA SAGRADA ESCRITURA

E' certo porém, que, quanto maior fôr o número, variedade e independência dos testemunhos, tanto maior autoridade trará para aquêles pontos nos quais concordam. Westcott-Hort, editôres ingleses, julgam ser mínima a parte das variantes que afetam a substância.

A própria experiência o confirma, pois no último século diversos editôres críticos, seguindo vias diversas, acabaram por recompor textos muito semelhantes.

CAPÍTULO III

A ARTE CRÍTICA

E' a parte que trata do método de se recompor um texto. Se ela se atém ao simples texto, às palavras em si, toma o nome de crítica textual; se porém se dirigir para as pesquisas das fontes, autor, idade do livro, recebe o nome de crítica literária. Mas ambas não são completamente independentes entre si; giram em torno de um mesmo objeto e em muitos casos são conexas.

Sirvam de exemplo os seguintes tópicos: Mc 16, 19; Jo 7, 54-18; 11.

ARTIGO I — *Fontes das lições variantes nos Códices.*

Estas lições podem surgir:

I — Inconscientemente, pela confusão de letras ou vocabulos semelhantes, ou escrevendo-se uma palavra por outra, devido à identidade inicial ou final. A tôdas estas confusões estavam expostos os copistas.

Ou mesmo, no momento de se escrever uma palavra que fôra bem lida, o copista podia repetir, trocar ou inverter sílabas.

INTRODUÇÃO GERAL

Comum também era não entender o copista o que lhe era ditado, ou mesmo, confiando na memória, quanto a certas frases, deixar escapar incorreções de ordem nas palavras, ou de escrita.

II. — Conscientemente também errava o copista, e de boa fé, ao menos na maioria dos casos, quando, julgando contribuir para a perfeição linguística, mudava ou acrescentava palavras, ou por uma suposta incorreção histórica, dogmática ou harmonística, mudava certas palavras.

ARTIGO II — *A Probabilidade Extrínseca.*

A probabilidade extrínseca da lição se estabelece:

A) — Pelo exame dos testemunhos dos códices; então se excluem os que foram julgados inúteis.

B) — Os testemunhos se dividem em famílias e classes independentes; os indícios são as lições, proêmios, capítulos, etc. A classificação, pois, é de real importância.

C) — A avaliação dos testemunhos faz-se, não tanto pelo número, mas pelo valor das famílias. Toma-se o melhor texto daquela determinada família como fundamento e êste servirá de base para o julgamento dos outros.

À probabilidade extrínseca acrescenta-se a intrínseca, que se funda no contexto, mente e estilo do autor, história do texto, etc.

REGRA GERAL

Pode ser apresentada a seguinte regra para a escolha da variante, a qual regra é um resumo das demais: Deve-se preferir geralmente a lição mais difícil, mais breve, difforme do lugar paralelo, e que explique a origem das demais.

HERMENÊUTICA

Introdução

Após as considerações já feitas, iniciamos agora o estudo das regras da hermenêutica. A crítica textual propõe o texto genuíno, a hermenêutica propõe as regras para bem interpretá-lo, e a exegese deve ser a reta explanação do texto.

O objeto da Hermenêutica é o sentido da Escritura. Sentido é o conceito mental que teve o autor ao usar esta determinada palavra na frase. “Sentido” distingue-se de “significado”; a mesma palavra tem muitos significados, mas ao ser empregada pelo autor, um deles é escolhido entre os demais, e então temos o “sentido” da palavra, após ser ela entrosada na frase.

“Sentido” pois, é aquela determinada expressão que a palavra adquire ao ser usada em circunstâncias particulares.

Assim o papel da hermenêutica se torna múltiplo:

INTRODUÇÃO GERAL

- a) — estabelecer quantos e quais são os sentidos da Sagrada Escritura;
- b) — ensinar como deverá ser encontrado o sentido verdadeiro;
- c) — e de que modo deve êle ser exposto.

SECÇÃO I

QUANTOS SÃO OS SENTIDOS NA SAGRADA ESCRITURA (1).

NOEMÁTICA

Sentido literal e típico

Os conceitos podem ser interpretados por palavras, atos e obras; Deus, o Senhor de tudo, pode utilizar-se de tôdas estas cousas para significar algo.

Assim, a Sagrada Escritura, cujo autor principal é Deus, tem dois sentidos: um nas palavras usadas, é o *sentido literal*; e outro nas cousas narradas, e é o *sentido real*, ou *típico*.

Tanto o sentido literal como o típico se subdividem em: histórico, tropológico, anagógico e alegórico, segundo o argumento que contêm.

(1) Cfr. S. Tom. Quodl. 7, q. 6, a. 14-16á I, a 10; in Ep. ad Gal. c. 4; Lectio 7; Hugo a S. Victore, De Scripturis c. 3-5 PL. 175. 11-15.

Quanto ao grau de certeza, os sentidos literal e real serão: certo, provável ou duvidoso. Quanto à clareza: óbvio ou obscuro. Quanto à verdade: verdadeiro ou falso. Quanto ao uso das palavras: próprio ou translato.

Podem ser enumerados também o sentido “plenior”, consequente e acomodado, sobre os quais depois serão ditas algumas palavras. Nem sempre os autores são concordes quanto à terminologia.

CAPÍTULO I

SENTIDO LITERAL

E’ certo que, quando os homens falam, querem significar imediatamente alguma coisa pelas palavras. Por que pois não admitir o mesmo quanto ao hagiógrafo, instrumento vivo e humano?

Haverá uma mesma frase da Escritura que tenha vários sentidos literários? Não fazemos a pergunta sobre interpretações, mas sim sobre a multiplicidade de sentidos literários, os quais sejam bem diversos entre si.

Tratamos do fato, e não da possibilidade:

Afirmaram: Suarez, Vasquez, Zaneccchia e outros;

Negaram, e estes são a maioria: S. Boaventura, Ribera, Miguel de Medina, Pesch e Höpfl em nossos dias.

Nós, com os últimos, afirmamos: cada sentença possui apenas um sentido literal. E isto é de todo coerente com a

INTRODUÇÃO GERAL

experiência que mostra agirem assim todos os homens sérios e ponderados.

Provamos nossa posição pelas seguintes asserções:

A pluralidade do sentido literal é afirmada com certo fundamento de pouquíssimos lugares, os quais podem ser explicados de outra maneira. Onde se pensava haver dois sentidos literais havia apenas o sentido acomodado, “plenior” ou consequente.

Dizer que à Escritura, pela sua dignidade, deve ser atribuída a multiplicidade de sentidos literários, não parece justo, visto que isto é mais um desdouro que uma glória.

Certas palavras dos Santos Padres parecem favorecer a esta multiplicidade de sentidos literários; mas estas mesmas sentenças dos Padres podem ser interpretadas como se êles se referissem aos sentidos típico, consequente ou alegórico.

CAPÍTULO II

SENTIDO TÍPICO

Índoles

O sentido típico não decorre das palavras consideradas em si mesmas, mas pela ordenação positiva de Deus, é unido às cousas expressas por aquelas palavras. Assim por exemplo, a imolação do cordeiro pascal (Êx 12, 1-14, 46).

Mas a existência dêste outro sentido, nós a conhecemos pela revelação de Deus.

A coisa ou pessoa usada por Deus, para significar algo, é chamada *tipo*, *exemplar*; a que é representada chama-se *antitipo* (Cfr. Rom. 5, 14; 1 Pdr 3, 21).

Os *tipos* podem ser de gêneros diversos: tipo messiânico (profético, alegórico) se se refere ao reino messiânico, tropológico, se aos costumes; e anagógico, se às cousas celestes.

Uma mesma coisa pode ser tipo destes três modos; por exemplo:

Jerusalém, cidade dos judeus, prefigura a Igreja (tipo messiânico), pátria celeste (anagógico), alma do varão fiel (tropológico).

O *tipo* se distingue da *ação simbólica* e da *alegoria*. A primeira não tem em si razão de existir e destina-se inteiramente a significar outra coisa. A segunda deve ser entendida, não como verdadeiro tipo, mas como mera acomodação, se por este nome se entender uma coisa sensível, que os intérpretes transferem para outras mais altas; se porém alegoria for tomado no sentido de uma “*metáfora continuada*”, então se terá apenas o sentido literal.

Estas palavras: símbolo, alegoria, e tipo encontram-se, às vezes, como equivalentes, mas rigorosamente consideradas, não o são.

Existência

A existência indubitável do sentido típico aparece pela revelação apenas. Assim é que muitas passagens, que no Antigo Testamento eram tidas apenas como possuidoras do sentido literal, os Hagiógrafos do Novo Testamento dizem terem se verificado em Nosso Senhor Jesus Cristo.

INTRODUÇÃO GERAL

Sirva de exemplo o cordeiro pascal (Êx 12, 46; Núm 9, 12; Jo 19, 36); o povo israelita tirado da escravidão do Egito (Os 11, 1; Mt 2, 15). Nem pode ser dito tratar-se de acomodação, pois as palavras da Escritura são de clareza meridiana (“ut Scriptura impletur” Jo 19, 36, etc.).

Esta foi sentença dos Padres e Teólogos católicos: por isso julgam os teólogos ser uma sentença de fé (1).

Extensão

Disto tudo se conclui que o Antigo Testamento em geral é tipo do Novo. “Mas estas cousas foram feitas em *figura* de nós outros” escreve S. Paulo quando se dirige aos Coríntios (2).

Mas d’outra parte não se pode afirmar que o sentido típico se estenda a tudo, até às mínimas cousas, a tôdas as sentenças. S. Agostinho conservou meio termo neste assunto (3), o mesmo porém não pode ser dito de Orígenes (4), que ultrapassou a realidade e serviu de padrão para os protestantes do século XVII.

À questão: haverá também tipos no Novo Testamento? S. Tomás responde:

“A lei antiga é figura da nova lei e a própria lei nova é figura da glória futura” (5). Deve-se notar que os tipos são somente anagógicos, e não mais messiânicos.

(1) Denz. 712.

(2) I Cor 10, 6. Cfr. I Cor 10, 11 também.

(3) S. Agostinho, De Civ. Dei, 17, 3, 2 PL. 41, 526.

(4) Orígenes, De Principiis, 4, 20-26 PG. 11, 385-400.

(5) S. Tomás, Summa I, q. 1, a. 10;

HERMENÊUTICA

Força Probativa

Grande é a força probativa, visto que se baseia em Deus mesmo. Todavia, para que prove realmente, é necessário que conste com certeza e sob que aspeto o tipo signifique.

Convém notar porém que para a prova estritamente teológica o uso do sentido típico não é de grande entidade, pois:

a) ou é obvio o sentido típico, e então já vem declarado pelos Padres e pela Igreja;

b) ou é dúbido e então não pode ser usado na argumentação.

CAPÍTULO III

DOS SENTIDOS AMPLO, CONSEQUENTE, ACOMODATÍCIO

Sentido amplo — é o sentido mais amplo, mais abundante, de maior extensão, visado por Deus, mas não entendido pelo Hagiógrafo (1).

O sentido mais amplo visado por Deus e o sentido dado pelo Hagiógrafo não são opostos entre si. Deus, pelas palavras do Escritor sagrado exprime mais do que o próprio autor entende.

(1) Sentido "plenior".

INTRODUÇÃO GERAL

Sentido conseqüente — é o sentido que pelo raciocínio se deduz das palavras do Escritor Sagrado.

Pode ser comparado à conclusão teológica que flui de duas premissas, uma revelada, outra de razão. Logo, o sentido conseqüente não é propriamente divino ou bíblico, porque não está formalmente na Sagrada Escritura; dêle S. Paulo usou, v. gr., Dt 25, 4 “Non alligabis os bovi trituranti”, “porventura Deus cuida dos bois”, e conclui: Logo o cuidado dos homens é maior do que dos bois.

Sentido acomodatio — quando se aplicam as palavras a coisas diversas das aplicadas pela Sagrada Escritura. Não é um sentido bíblico. Serve para ilustrá-lo. Onde:

1) — *Ótima* a acomodação que se faz por extensão, como as acomodações feitas pela Liturgia Sagrada.

Por exemplo, aos Confessores se acomoda o texto que fala de Abraão: “Non est inventus similis illi”.

2) — *De pouco louvor* a que se faz por alusão, quando só há semelhanças nas palavras.

3) — *Reprovada*, a que se funda numa falsa interpretação.

SECÇÃO II

HEURÍSTICA

Indica a via pela qual se deve encontrar o sentido verdadeiro:

A Escritura é obra divino-humana. Devem, pois, ser estudados os critérios dogmáticos, (parte divina) e os critérios literários (parte humana).

CAPÍTULO I

OS CRITÉRIOS LITERÁRIOS

Leão XIII, na Encíclica “Providentissimus Deus” dá as seguintes normas para a interpretação dos textos difíceis:

- 1) — Considere-se a força nativa dos vocábulos e locuções.
- 2) — Conheça-se a sua significação no lugar próprio:
 - a) pelo contexto
 - b) pelos lugares paralelos.
- 3) — Tenha-se diante dos olhos a condição histórica, intelectual e religiosa do livro.
- 4) — Trate-se dos gêneros literários.
- 5) — Tenha-se em consideração a mente do autor em descrever os próprios atos.

ARTIGO I — *Da força nativa dos vocábulos e locuções.*

§ 1 — *Da força gramatical.*

Os Livros sagrados foram escritos em hebraico e grego; a versão autêntica, e como tal recebida pela Igreja é a Vulga-

INTRODUÇÃO GERAL

ta Latina. Portanto, o bom intérprete deve conhecer estas línguas quanto ao léxico, gramática e índole.

Grande utilidade é conhecer também as línguas siríaca, arábica e a assírio-babilônica.

As construções do hebraico, o uso dos tempos verbais e outras peculiaridades, muitas vezes, dão à frase especial significado, que deve ser conhecido pelo bom intérprete.

A Língua *grega* usada no Novo Testamento é a “comum” do tempo de Alexandre Magno, não a clássica; está cheia de hebraísmos e de influência das línguas dos povos afins.

A Língua latina usada por S. Jerônimo é a dos homens eruditos da época; apesar disso, por motivos graves, não é a mesma língua erudita do Doutor em suas outras obras.

§ 2 — *Da força retórica.*

As palavras e sentenças, muitas vezes, são usadas, em sentido *translato*. Assim:

1) — são frequentíssimas as imagens e figuras de *retórica* (*metáfora*, *sinédoque*, *metonímia*); algumas vezes não agradam a nossa índole ocidental, tão diversa da oriental:

a) por uma demasiada *exageração*.

b) ou por uma aparente *indecência*.

2) — Os autores sagrados gostam dos *antropomorfismos* e atribuem a Deus ações ou sentimentos humanos.

3) — Se as locuções devem ser tomadas no seu sentido próprio ou *translato*, deduz-se do argumento usado, como

também dos lugares paralelos. Geralmente não se deve recorrer ao sentido translato, quando a locução tem um sentido óbvio.

ARTIGO II — *A significação dos vocábulos e locuções no lugar próprio.*

§ 1. — Pelo contexto.

S. Jerônimo aconselha o leitor “que considere, de si para si, de tudo o que foi escrito, o que vem antes, o texto em questão e o que se segue”. (1).

Contexto é, pois, o mútuo nexa e mútua relação das partes da oração. Pode ser próximo ou remoto. Ambos se dividem em

1) — *Contexto gramatical* — mútua relação entre um vocábulo ou locução e outros vocábulos e locuções do mesmo livro ou mesmo autor, considerado quanto à construção léxica e sintática.

2) — *Contexto lógico* — mútua relação entre uma locução e autor do mesmo livro ou mesmo autor, considerado quanto à consequencia das idéias.

3) — *Contexto psicológico* — é a disposição de ânimo do autor, tanto em relação às idéias, como principalmente aos afetos.

4) — *O Contexto ótico*, também conhecido pelo nome de profético, é a aparente conjunção cronológica de dois ou mais acontecimentos que se cumprirão em tempos diversos:

(1) In Mt 25, 13. ML. 26, 186.

INTRODUÇÃO GERAL

a) — Os acontecimentos são propostos simultâneamente com um íntimo nexa, como por exemplo a Destruição de Jerusalém e a segunda vinda de Nosso Senhor. (Mt 24).

b) — Os acontecimentos são mostrados ao profeta sem nenhum intervalo, mas que de fato existe, por exemplo Is 40 ss.; chegada de Ciro, volta do exílio, idade messiânica. Ao contexto ótico pertence a

5) — *Forma poética dos livros e perícopas:*

a) Paralelismo dos membros

Sinonímico — se em ambas as frases se exprime o mesmo sentido com palavras diversas. ,

Antitético — quando se faz oposição entre ambas.

Sintético ou progressivo — quando a noção da primeira é desenvolvida na segunda,

b) Estrofes — união de muitos versos em certa unidade.

A sua existência nos livros proféticos e didáticos é certa, sua índole, porém, é incerta, porisso é necessário muito cuidado no definir o seu verdadeiro sentido.

c) — Disposição métrica — o ritmo pode trazer alguma utilidade, principalmente para a crítica textual. Muita cautela no seu uso, pois as normas por que se rege são muito incertas.

§ 2. — Dos lugares paralelos.

São os textos da Sagrada Escritura onde se trata

1) — ou do mesmo argumento (paralelismo real).

2) — ou dos mesmos vocábulos e locuções (paralelismo verbal)

E' de grande utilidade o uso dos lugares paralelos, e assim:

1) — O paralelismo *verbal* serve para illustração das sentenças, constituidas que são pela íntima ligação das palavras.

2) — O paralelismo *real*, pode também ajudar à determinação mais acurada de um vocábulo.

3) — Ambos os paralelismos são de uso eficaz quando se trata do mesmo livro e mesmo autor.

4) — Porém, como o autor principal da Sagrada Escriitura é Deus Nosso Senhor, pode-se usar o texto de um livro para illustrar outros livros.

ARTIGO III — *Devem-se investigar os elementos externos que podem illustrar os Livros Sagrados.*

1) — *O Autor* — Cada homem tem índole e formação próprias. Por elas devem ser julgados os livros. Assim, S. Paulo é ardente e vivaz, e S. João, plácido e manso; Isaías tem uma cultura mais erudita e Amós mais rude.

2) — *A Ocasião* que determinou a Escriitura do livro. Assim pela ocasião se conhecem as soluções:

Pelo escopo, finalidade, dever-se-á julgar tudo o que se escreve a êste respeito.

Pela destinação do livro, isto é, para quem foi êle escrito, poder-se-á conhecer o modo mais concreto pelo qual tratou do assunto.

INTRODUÇÃO GERAL

3) *A condição dos tempos:*

- a) Histórica
- b) Intelectual
- c) Religiosa.

Assim, quando se trata dos livros históricos, e também proféticos, é necessário considerar os acontecimentos que precederam, acompanharam e sucederam ao povo de Israel como também aos povos circunvizinhos.

Quando se trata dos livros didáticos (também os proféticos e algumas vezes os históricos) deve-se examinar qual foi a cultura e a religião de Israel e dos povos limítrofes. (1).

4) — *Os costumes de Israel*, pois nos livros sagrados faz-se muitas vezes menção de seus usos e cousas, como também usos e costumes das regiões adjacentes.

Portanto, na interpretação das Escrituras tenham-se em grande conta êstes auxiliares preciosos externos.

CAPÍTULO II

OS CRITÉRIOS DOGMÁTICOS

Como a Sagrada Escritura, por ser inspirada, tem a Deus como autor e como deve ser guardada pela Igreja, que é a

(1) Principalmente os povos Assírio-Babilônicos, que no modo de conceber e exprimir as coisas eram muito afins com os hebreus. De fato, Abraão era oriundo de Ur dos Caldeus.

INTRODUÇÃO GERAL

mestra da verdade, daí segue-se que na sua interpretação devem-se ter em mente certas normas especiais, correspondentes à sua índole especial.

Para não tornar mais longo este tratado, procuraremos dar estas normas em síntese, na forma mais concisa possível, tendo em consideração que já foram tratadas anteriormente.

1. Tôda e qualquer interpretação que tenha o menor êrro deve ser rejeitada, porque a Sagrada Escritura, pela força da divina inspiração goza de uma total inerrância.

2. A interpretação autêntica da Sagrada Escritura deve ser feita pela Igreja, cujo supremo magistério deve ser tido como norma suprema da interpretação.

O Magistério, porém, será exercido pelas *Definições* Conciliares, pelos Sumos Pontífices, pelos decretos das Sagradas Congregações Romanas e pela Tradição Eclesiástica. Não nos devemos esquecer, entretanto, da lei importantíssima da Analogia da Fé.

INTRODUÇÃO AO
PENTATEUCO

INTRODUÇÃO AO PENTATEUCO

PREFÁCIO

PROLEGÔMENOS

ANÁLISE EXPLICATIVA DO PENTATEUCO

Parte Primeira — Preâmbulo às Origens de Israel

Parte Segunda — O Período Mosaico

P R E F Á C I O

Este trabalho seguiu de perto, sobretudo de Gên 12 até o fim quanto à parte exegética, o "*Manuel d'Écriture Sainte, tome I, Introduction Générale à l'Ancien Testament. Le Pentateuque*" do Padre Renié, 6.^a edição, Paris, apud Emmanuel Vitte. Em Gên 1-11 notar-se-á quanto se foi pedir à Lusseau, compulsando o seu "*Précis d'Histoire Biblique*", I, Paris, apud Gigord, 1949. Muita cousa também foi emprestada do "*Praelectionum Biblicarum Compendium*". II, de Simon-Prado, 1947, Madrid, apud Marietti; à "*Initiation Biblique*", 2.^a edição, 1948, apud Deselée, Paris; à tradução com notas feita pelo Pontifício Instituto Bíblico, sob o nome de *La Sacra Bibbia, I, II Pentateuco*, apud Salani, Florença, 1943; e a outras obras dentre as mais recentes e conhecidas.

Será bom dar aqui o que se entende por certas abreviações:

TH ou TM quer dizer Bíblia hebraica.

LXX quer dizer a tradução da Bíblia para o grego, pelos Judeus Alexandrinos, antes de Nosso Senhor.

PS quer dizer o Pentateuco copiado com caracteres samaritanos, que é um dos três documentos preciosos dessa parte da Bíblia.

A.C., D.C. quer dizer antes e depois de Cristo.

A.T., ou V.T. quer dizer Antigo Testamento.

N.T. quer dizer Novo Testamento.

Afinal, quando não se notar o livro bíblico, e sim o capítulo e o versículo ou versículos tão só, entendem-se do livro de que se está tratando. Suas divisões não aparecem em geral aqui, porque já se encontram no quadro de abreviaturas colocado no início de todos os volumes desta coleção.

INTRODUÇÃO AO PENTATEUCO

PROLEGÔMENOS

I

I. NOME, DIVISÃO EM LIVROS, CONTEÚDO

1. “Entre os livros do Velho Testamento o que os Gregos chamaram de Pentateuco ocupa o primeiro lugar de ordem e de honra” (La S. B., I, pg. 49). Pentateuco (*de pente*, cinco, e *teuchos*, volume, tomo), quer dizer “obra em cinco tomos”. Chamam-nos os Hebreus de “Torá” ou “Lei”, nome tirado da matéria central, sendo essa obra “o *código legislativo* da sua nação” (Renié, I, pg. 321).

2. Os Hebreus alexandrinos, que liam a Bíblia na versão grega dos LXX, deram origem ao nome Pentateuco, passado do grego ao latim, e do latim ao português, dividindo a obra unitária de Moisés em cinco tomos, conservados na forma de rolos em cinco cilindros, postos à parte como coleção particular. A cada tomo impuseram nomes tirados da matéria tratada, e que estão ainda hoje em uso. Ei-los: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuterônomo. Essa divisão passou depois às Bíblias hebraicas, mas os tomos trazem nomes diferentes, tirados das suas primeiras palavras. Assim Gênesis é chamado *Bereshith* ou “No princípio”.

3. O *Gênesis* narra as origens do universo, e do gênero humano até a lenta formação do povo de Israel durante a sua estada no *Egito*. O *Êxodo* narra a saída dos Israelitas do Egito, conduzidos por Moisés ao sopé do Sinai a fim de lá receberem a sua lei religiosa e civil e se constituírem, com um pacto sagrado (“testamento”), o peculiar “povo de Deus” (Yahweh). O *Levítico* regula o culto religioso a modo de ritual destinado especialmente aos levitas, que formavam o clero adstrito ao serviço do Santuário. Os *Números* tomam êsse nome dos recenseamentos do povo que ocupam a sua primeira parte, estendendo-se a referir fatos e providências legislativas por cêrca de quarenta anos de vida nômade, que o povo passou no deserto da península sinaítica. No *Deuteronomio*, ou segunda lei, dada nos fins da estadia no deserto, Moisés retoma a precedente legislação a fim de adaptá-la às novas condições de vida sedentária, nas quais estava por encontrar-se o povo com a iminente conquista da Palestina” (La S. B., I, pg. 49). Tal conteúdo bem indica a unidade e a variedade do Pentateuco, assim resumidas: “O Pentateuco apresenta esta particularidade de ser constituído por uma série de textos legislativos enquadrados numa trama histórica. O tema geral, que unifica elementos tão diversos, pode exprimir-se na proposição seguinte, a qual tem o valor de verdadeira tese: existe um plano divino imutável, que se realiza progressivamente a despeito de todos os obstáculos, cujo termo é a criação do povo de Israel, como nação teocrática, tendo a Palestina como pátria e a lei mosaica como carta”. (Init. Bibl. 88).

II. MOSAICIDADE DO PENTATEUCO

A. A Tese Tradicional

1. O Pentateuco originalmente não tinha nem título nem assinatura do seu autor. Mas há razões internas da obra, e outras a ela externas, para se afirmar ter sido Moisés o seu autor, como o creu toda a antiguidade. E' verdade que êle não fala na primeira pessoa, sendo o protagonista dos quatro últimos livros. Aparece todavia em terceira pessoa como o autor de muitíssimas partes do Pentateuco (como por ex. do código da lei, Dt 4, 44s; 31, 9; de certas prescrições, Êx 24, 4; 34, 21; do cântico final, Dt 31, 22). Nos livros posteriores bíblicos atribui-se a Moisés grande atividade literária, citando-se várias sentenças com a fórmula: "está escrito na lei de Moisés" ou "no livro de Moisés" ou ainda "no volume da lei de Moisés". Aqui vão dois exemplos para cada Testamento: 1 Rs 2, 3; Bar 2, 2; Lc 20, 37; Rom 10, 5. São pois os hagiógrafos dos livros históricos e os profetas anteriores e posteriores ao exílio no A. T., Cristo Senhor e os Apóstolos no N. T. os que afirmaram a mosaicidade do Pentateuco. Os Judeus da era cristã receberam dos seus antepassados essa afirmação, baseada na Bíblia, só havendo duas exceções até o séc. XVII. Também reina a mesma unanimidade entre os Padres da Igreja, eco da tradição bíblica e judaica. E veja-se que os antigos notavam muitas das dificuldades movidas contra a mosaicidade, sem negá-la para o conjunto da obra. Por exemplo, notando que o Pentateuco de Moisés descreve a morte do grande condutor, atribuíam só essa parte a autor posterior. Fato assim tão universal não se há de rejeitar *a priori*.

B. A Tese dos Críticos

1. Quem ler o Pentateuco no hebraico, língua original, notará que, apesar da sua unidade de plano, de espírito e de doutrina, é livro realmente complexo, onde aparecem vários processos de redação. Isso deu origem à nova tese.

2. Sua história vem aqui. Na antiguidade só uns herejes como Tolemeu, o pagão Celso e os judeus Isaac ben Iasi e Abraão ibn Ezra discordaram da opinião comum, ao lado de alguns que admitiram certas interpolações no Pentateuco, feitas depois de Moisés. Mas no sec. XVII surgiram dúvidas mais fundas e aparecem os primeiros negadores da mosaicidade da Torá. *Jacó Bonfrère*, e no século anterior *Másio*, católico, avizinham-se do protestante *Hobbes* que afirmou a autoria mosaica só para uma porção do Deuteronomio.

Logo mais o calvinista *Isaac de la Peyrère* (1676) distinguuiu o fundo, mosaico, da forma atual, posterior a Moisés. O judeu panteista *Baruc Spinoza* (1677) e *van Dale* aventaram a hipótese de uma compilação feita por Esdras com documentos anteriores, ou pelo sacerdote judeu que instruiu os Samaritanos no culto mosaico, como pretendeu *Le Clerc*. Depois o oratoriano *Richard Simon* (1712) restringiu a mosaicidade às partes legislativas.

3. No séc. XVIII a origem literária do Pentateuco principiou a ser exposta sistematicamente.

O primeiro sistema diz-se “hipótese documentária antiga”. Seu autor foi o calvinista convertido *João Astruc*, médico de Luís XV. Afirmou em 1753 que se compõe o Gênesis de duas fontes principais (além de outras menores): uma, *elohista*, onde Deus é chamado sempre com o nome divino

Elohim; *jehovista*, a outra, na qual recebe o nome de *Jeová*. Mas não negou que Moisés o tivesse composto. Declarou-se até disposto a rejeitar sua opinião, caso fosse contrária à fé católica. Negligenciada pelos católicos, essa hipótese foi acolhida na Alemanha por *Eichorn*, o qual já introduziu um redator depois de Moisés, que coletou numa única obra os dois documentos supra e as notas deste. Entre os seus asseclas primeja *Ilgen*, quem creu ter achado dezessete documentos no Gênesis, quinze, formando o elohista (El, E2), e dois, o jehovista, tudo unificado por um redator (R), depois de Moisés. Chama-se a segunda “hipótese fragmentária”. Resume-se nisto: o Pentateuco não é mosaico e sim um mosaico de escritos justapostos e sem muita coesão entre si. *Geddes* (1802), sacerdote escocês apóstata e interdito, foi seu autor. *Vater* (1826), seu vulgarizador na Alemanha, admitiu só para o Gênesis trinta e nove fragmentos, alguns vindos provavelmente de Moisés, dispostos porém todos na forma atual do Pentateuco por um redator só nos fins do reino de Judá. *De Wette* (1849) foi mais longe, negando qualquer autoridade a esses fragmentos, que seriam mero tecido de mitos incoerentes. *Hartmann* (1838) aderiu a essa hipótese. Mas ela foi combatida por *Ewald* (1875). Surgiu assim o terceiro sistema ou “hipótese complementar” ou ainda “hipótese suplementar”, de *Ewald*, seguida por *Bleck* (1859), *Tuch* (1867) e *Staehlin* (1875). Para estes o documento E, do tempo de Saul, ou posterior, é o básico, formando a substância do Pentateuco; mas foi completado depois com vários suplementos apanhados de fontes diversas.

Até que veio *Hupfeld* e combateu o sistema anterior, vendo no Gênesis não um escrito-base, e sim três documentos: o elohista, outro elohista mais recente, e o yahwista. Seriam independentes entre si, fundidos ao depois por um redator

que os alinhavou perfeitamente. Desse modo é o precursor do quarto sistema ou “hipótese documentária recente”, chamada também “hipótese graf-wellhausiana” pelo nome dos seus máximos representantes *Graf* (1869) e *Wellhausen* (1918). Pode resumir-se nisto: o Pentateuco (ou melhor o Exateuco, visto como desde *Noeldecke* os fautores do sistema ajuntam o livro de Josué aos cinco de Moisés) é *composto de quatro documentos principais*, conhecidos pelas letras J, E, D e P, bem posteriores a Moisés, retocados continuamente até se chegar à forma definitiva atual do Exateuco, o que se deu o mais cedo no séc. IV A. C., quiçá no séc. II tão só.

Eis a história de cada fonte, na qual críticos que se dão por mais perspicazes viram já compilação de fontes anteriores:

1) O documento J ou yahwista, assim chamado porque Deus vem sob o nome de Yahweh, teria sido publicado no séc. IX A. C., no reino de Judá. Começa com o segundo relato da criação do mundo (Gên 2, 4ss.), descreve a vida dos patriarcas e de Moisés, interessa-se particularmente pelo santuário de Mambre, dá a Judas um papel simpático na história de José e narra as primeiras incursões de Israel em Canaã. Nota-se nele um reflexo da religião primitiva de Israel no deserto (animismo, feiticismo, totemismo):

2) O documento E ou elohista, dito assim porque desde o Horeb seu autor designa a Deus sob o nome de Elohim (Êx 3, 14), é de pouco posterior a J (séc. VIII A. C.), veio à luz no reino de Israel. Caracteriza-se pela importância dada ao santuário de Betel, esquecido o de Mambre (Gên 35), atribui papel honroso a Rubem na história de José, descreve Elohim a manifestar diretamente ou por sonhos os seus conselhos, narra a elevação de José, pai de Efraim, o antepassado *epônimo* da tribo principal do reino do norte, atribui

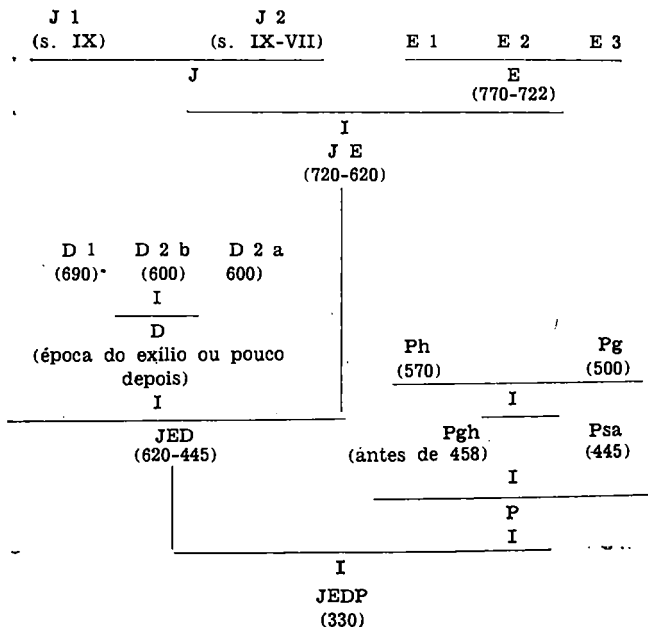
politeísmo aos patriarcas, com traços de monolatria, segunda etapa na evolução religiosa de Israel, quando o culto do deus do Sinai foi imposto solene e exclusivamente. Encerra ademais secções legislativas importantes, como o Decálogo e o Código da Aliança (Êx 20-23). Os documentos J e E fundiram-se num só, JE, graças a um redator (R 1), pouco antes ou depois da publicação do Deuteronômio ou D, visto que este livro é formado quase que só por essa compilação. Esta foi chamada *jehovista*, porque nela o nome Yahweh variou de forma e de pronúncia, passando a ser vocalizado com as vogais de Elohim (pronunciava-se o grupo consonantal YHWH não Ya-hw-eh como até então, donde a forma Javé em português, e sim Je-ho-vah, como E-lo-him, donde a forma Jeová);

3) O documento D ou Deuteronômio foi composto ou no tempo de Manassés (698-643) ou no de Josias (cerca de 623 A. C.), sempre antes de 622. Com efeito, na reforma religiosa desse último rei aparece a lume pela vez primeira, como documento feito sob o influxo da pregação profética e contendo a lei da unidade do culto e o monoteísmo, o nosso Deuteronômio, que é fonte precipuamente legislativa. Uniu-se D a JE, quer antes quer depois do exílio, e tem-se JED, com alterações em JE feitas por um R2;

4) Até que no fim do exílio ou logo depois apareceu o documento P (de "Priestercodex" ou Código Sacerdotal) (cerca de 500-450 A. C.). Compreende o inteiro Levítico e trechos longos do Êxodo e Números. Devido ao influxo de Ezequiel ou de Esdras a ele pertence o *Hexaemeron*. E no tempo do último nomeado (cerca do ano 400) um redator chamado RP o incorporou a JED, formando-se o JEDP ou o Pentateuco, qual é na forma chamada "Pentateuco Samaritano".

PENTATEUCO

Goettsberger esquematizou o exposto, como vai abaixo:



NOTA. No quadro J 1, J2 E 1, Pg, etc., são etapas dos documentos; quanto às letras g, h, etc., são iniciais de palavras alemãs (por vezes também letras do alfabeto grego).

4. Tal construção apriorística, verdadeiramente formidável, fez época. À luz das novas descobertas arqueológicas e dos trabalhos sobre história, literatura e religião dos povos semíticos, como também e sobretudo da crítica feita ao

PENTATEUCO

evolucionismo religioso de Wellhausen, que calça o sistema e de fato está atrasado, êle vai sendo abandonado aos poucos. Se Reuss, Duhm, Stade, Smend, Budde, Martir, Benziger, Holzinger, Baentsch, Bertholet, Kautsch, Steurnagel, Loris e Loisy ainda lhe permanecem fiéis, Dillmann, Baudissin, Koenig, Koehler, Orelli, Rothstein, Oetti, Strack e Lotz em geral atribuem maior antiguidade aos documentos, dos quais alguns remontariam até a época mosaica. E se Gunkel, Merx, Kittel, Gressmann, Jirker, Sellin, Oesterley-Robinson e outros procuram novas soluções para a origem do Pentateuco, muitos, embora não o atribuam a Moisés, contestam a distinção em quatro documentos, como Klostermann, Eerdmans, Dahse, Xisner, Naville, Volz, Moeller, Rudolph, Cassuto e Jacob.

5. Alguns católicos, entre os quais Lagrange e Van Hoonacker, abandonaram a tese tradicional, atribuindo sim uma parte notável do Pentateuco a Moisés, o qual no entanto não compôs a substância mesma da obra, posterior a êle.

Eis que a 27 de junho de 1908 a Pontifícia Comissão Bíblica, refreando o entusiasmo de numerosos católicos pela nova teoria, cujos preconceitos filosófico-religiosos viciavam as pesquisas científicas sobre os documentos do Pentateuco, afirmou o princípio da mosaicidade substancial desses cinco livros, não negou que Moisés tivesse usado de fontes, indicou ainda outras origens para as diferenças notadas nessa obra, e assim prestou ótimo auxílio ao esforço da sã crítica.

Depois do Decreto viu-se o que havia de bom na teoria graf-wellhausiana, despojou-se ela dos preconceitos filosóficos, e assim um Chaine, católico falecido em 1948, admite simplesmente as quatro fontes JEDP na sua obra "La Genèse". E parece que a carta do Pe. Vosté ao falecido Cardeal Suhard, embora nada diga acerca desse número, não desencoraja a in-

investigação e admissão de fontes, coevas e anteriores a Moisés, sempre com trabalho científico orientado pelas normas da Igreja. Aliás a obra do Pe. Van Hoonacker foi reeditada em 1950, porque será interpretada sem os prejuízos racionalísticos.

C. Os Supostos Fundamentos da Tese Crítica

São filosóficos, literários e históricos. A tese crítica pode compendiar-se nestes dois princípios: a) *O Pentateuco é compilação dos quatro documentos JEDP, cujos pontos de alinhamento a crítica literária pode descobrir*; b) o estudo cerrado da evolução religiosa de Israel mostra que JEDP são muito posteriores a Moisés.

1. *Princípios filosóficos.* A nossa hipótese é a aplicação do *evolucionismo hegeliano* à religião de Israel e ao livro que a contem. Negada até a possibilidade da Revelação sobrenatural, a religião israelítica, como outra qualquer, deveu evoluir-se do polidenomismo (animismo, totemismo, feiticismo) ao politeísmo, do politeísmo à monolatria, da monolatria ao monoteísmo. Depois se estabelece como princípio inconcusso que o monoteísmo surgiu em Israel só ao tempo dos profetas, imperando a monolatria nos dias de Moisés, e antes dele só as formas inferiores de religião. E concluem logicamente de premissas tão frageis que as passagens do Pentateuco, onde há idéias monoteísticas, seriam justamente por causa delas bem mais recentes do que Moisés. E conforme esta ou aquela religião, encontrada nas várias partes da obra, os críticos passam a indicar as sucessivas camadas, de épocas várias, servindo-se disso para a determinação das fontes.

Pode-se já ver o fraco da hipótese:

a) O Sobrenatural não só é possível, como ademais os fatos estão a clamar que se deu e que Yahweh fez revelações;

b) as pesquisas etnológicas, históricas e religiosas chegaram a provar que os povos os quais ficaram no estágio das religiões primitivas, adoram um Ser Supremo (o “Grande Deus do Universo” de Schmidt), pessoal, dotado de atributos morais (sabedoria, bondade, amor, liberdade, providência). Logo, a afirmação de que o animismo representa sempre o primeiro estágio religioso de cada povo é anti-científica.

2. *Princípios literários.* São de três ordens.

a) *O uso diverso dos nomes divinos.* A divindade recebe vários nomes do Pentateuco. Os mais frequentes são estes: *Elohim*, (1) plural de *Eloah*, que é forma derivada de *El*, o nome fundamental e arcaico semítico de Deus (análogo à palavra Alah do árabe), é de étimo incerto; *Yahweh*, que é gramaticalmente a terceira pessoa singular do verbo ser e significa “é”, emprega-se porém como substantivo que significa o “Ser” por excelência; *Shaddai*, que significa “o Onipotente” com muita probabilidade; *Adonai*, que quer dizer “Senhor” e *Élion*, que se verte por “Altíssimo”. Ora bem; no Pentateuco aparece Deus sob o nome de *Elohim* 975 vezes; de *Yahweh*, 1440; e de *Yahweh Elohim*, que as Bíblias traduzem por “o Senhor Deus”, etc.; e se o Gênesis contém *Elohim* 165 vezes, e o Êxodo o traz 56 vezes, *Elohim* raramente aparece nos outros três livros. Ademais em Gên 1 lê-se *Elohim* 33 vezes, e nenhuma *Yahweh*, ao passo que em Gên 4 há somente 1 vez *Elohim* e 10 *Yahweh*. Existe pois mudança bem

(1) Aplicado a Deus *Elohim*, plural quanto à forma, é singular quanto ao sentido e chamado “plural majestático”; referindo-se aos deuses o sentido é também plural.

visível, com a transição que se nota facilmente em Gên 2-3 onde os dois nomes aparecem unidos: Yaliweh Elohim. Também Gên 10-16 traz 36 vezes Yahweh, nenhuma Elohim (2 Adonai); e Gên 30-35, ao contrário, 32 vezes Elohim, e 6 Yahweh. Justamente as partes do Gên que contêm Elohim, sobretudo quando se notam outras particularidades, parecem indicar o documento E, e as outras, com o nome Yahweh, o documento J.

Crítica a esse princípio. Ele vale só na hipótese de que o TM permaneceu incorrupto, conservando fielmente os nomes da divindade colocados pelo autor. Ora, sabe-se que só guarda incorrupta a substância, não essas particularidades linguísticas. Depois, o princípio só leva a deduzir que o autor, ao transcrever fontes antigas, preferiu não mudar-lhes a forma; e assim, bem que use com predileção do termo Yahweh, conservou no documento compulsado a palavra Elohim nos trechos citados dele; não conduz pois a estar-se por uma das fontes que seja posterior ao grande condutor de Israel. Aliás, a diferença de nome pode explicar-se, e melhor ainda, por uma idéia religiosa que presidiu à escolha de Elohim ou de Yahweh. Sempre na verdade que se refere a Deus qual criador e senhor do mundo aparece o nome Elohim, que é empregado por estrangeiros; se se narra algum milagre, emprega-se já o nome Shaddai, porque é efeito da onipotência divina; e finalmente se usa Yahweh quando há relação com Deus com o senhor particular de Israel, o Deus da Aliança, o autor e vingador da moral do Antigo Testamento. Ora, como Yahweh foi nome revelado a Moisés no Monte Sinai (Êx 3, 13-15), Deus que se dava como Shaddai às gerações anteriores, e era chamado de Elohim por lábios de não israelita, desde Êx 6, porque já revelado com esse nome, aparece como Yahweh. Para remate diga-se que além do Pentateuco outros

livros bíblicos, notadamente o Saltério, apresentam a alternância dos nomes divinos. Destarte, 100 salmos, (os 40 primeiros e os 60 últimos), usam quase que exclusivamente Yahweh, quando os 50 restantes, no coração do Saltério, empregam normalmente Elohim. E nem por isso as secções elo-hística e jahvística levam a autores diversos, ainda mais que o mesmo salmo vem repetido, em ambas, trazendo aqui o nome Elohim, e lá, o de Yahweh.

b) *A diversidade de estilo, léxico e gramática.* Como “o estilo é o homem”, os vários estilos do Pentateuco forçam a concluir certa variedade de autores, mais, de autores de épocas diversas, conforme as variações gramaticais e lexicográficas da língua hebraica, que no Pentateuco apresenta desde as formas que são mais arcaicas até as mais recentes do neo-hebreu.

Crítica do princípio. A variedade citada não requer necessariamente documentos de épocas diversas da história de Israel. Na verdade a) sabe-se que a forma primitiva foi modernizando-se ao ser copiada, justamente porque muita palavra, muita frase, que se conservasse intata, não seria entendida pelo povo, cuja língua falada evoluía (escrevemos nós o “Padre Nosso” como o faziam os quinhentistas? e quando a tipografia contribuiu para a fixação dos originais, as edições recentes dos clássicos não trazem a grafia “um” por “humi”, mudanças de palavra hoje pouco usada por neologismos compreensíveis? excetuam-se está claro as edições fotoscópicas dessas obras). Logo, o texto como existe hoje não se presta para a solução do problema dos racionalistas; b) O mesmo autor varia de estilo de uma quadra a outra da vida. Basta citar aqui Paulo Setubal, cujo livro póstumo “Confiteor” de tal maneira diverge dos livros escritos em tempos mais recuados, que também do estilo se pode dizer

o que se afirma de alguém, visto após longa ausência com seus novos traços: “oh quam mutatus ab illo! “Aplicando isto ao caso, Moisés, autor de obra tão vasta, devia de, velho, apresentar aquelas diferenciações de estilo, língua e gramática, fatais a qualquer escritor. Nem se afaste e) a contribuição de algum secretário (Josué?), consoante o uso dos antigos, o qual gozava de muito maior liberdade que os atuais amanuenses e datilógrafos, estendendo por vez a escrita de outrem, que por fim a aprovava. E si podem colher-se algumas palavras usadas uma só vez, (ditas “ápax legómena” em grego), que são características, e assim umas há que individualizam uma parte, vinda de um documento, e outras, outra brotada de um segundo documento, isto só valeria se ao lado delas não existissem igualmente expressões e torneios de frase, particulares do Pentateuco, não encontradiços fora dele, os quais todavia se acham em todas aquelas partes, clamando que uma mesma mão buliu em todas e entrou em toda essa obra.

c). As “*duplicatas*”. O leitor nota que o Pentateuco encerra dois ou mais relatos do mesmo fato, os quais não poucas vezes divergem substancialmente e o mais delas, nas circunstâncias; ora estão simplesmente juxtapostos, ora fundidos num todo pouco harmonioso de dois que eram originalmente. Eis exemplos: relata-se duplo rapto de Sara no Egito (Gên 12, 10-12; 20); dupla expulsão de Agar (Gên 16, 4-16; 21, 9-21); dupla explicação do nome de Betel (Gên 28, 18-22; 35, 6-15) e de Israel (Gên 32, 25-29; 35, 9s); etc. Como tais repetições são inverossímeis segue-se que as duplicatas são relatos do mesmo fato escritos por autores diversos.

Crítica desse princípio. Antes de mais nada cumpre distinguir duas espécies de duplicatas: “duas vezes acontece um fato semelhante (*duplicata real*); ou duas vezes se narra o

mesmo fato (*duplicata literária*); para a questão da unidade ou pluralidade de autor contribui só a segunda espécie" (La S. B. I, 36). Ora bem, as duplicatas do Pentateuco são em geral da espécie. Assim, o duplo rapto de Sara explica-se facilmente no Oriente, onde então os costumes eram relaxadíssimos e os reis e poderosos faziam quanto queriam. Nem a história recente deixa de apresentar repetições à primeira vista fantásticas de fatos semelhamtíssimos. "Eu tomarei, diz o Pe. Renié, um exemplo só: em 1800 os cardeais, reunidos em conclave em Veneza, elegiam Pio VII; anteriormente fôra pronunciada a exclusiva contra o Cardeal Gerdil, em nome de Francisco II, imperador austro-alemão; nessa eleição o secretário do conclave, o futuro secretário de Estado e Cardeal Consalvi, exerceu papel preponderante. Em 1903 os cardeais reunidos em Roma elegiam Pio X; anteriormente a exclusiva foi pronunciada contra o Cardeal Rampolla, em nome de Francisco José, imperador da Austria; nessa eleição o secretário do conclave, o futuro secretário de Estado e Cardeal Merry de Val, representou papel de primeira plana. Mau grado algumas pequenas divergências de detalhes, não escapará absolutamente a quem quizer reflêtir que se trata bem aqui do mesmo fato substancialmente". (opus cit., pg. 338, nota 1).

Isso não obstante, os contraditores dizem haver no Pentateuco *duplicatas literárias*, com detalhes contraditórios. E apontam a dupla criação do mundo, sendo o homem criado no fim de tudo segundo o primeiro relato, e antes das plantas e dos animais, no segundo (Gên 1, 1-2, 4a e 2, 4b-25); o duplo relato do dilúvio (Gên 6, 5-9, 17) onde qualquer um pode ver duas fontes juxtapostas (cfr abaixo a explicação do texto); etc.

Responde-se que a psicologia das línguas semíticas, que são mais próximas do estilo oral que a nossa, exigindo repe-

tições contínuas para a memorização, fez com que os orientais não desgostassem de repisar mais de uma vez o mesmo assunto. Depois b), como na Bíblia não pode existir contradição real, elas são de fato aparentes. Assim, o sogro de Moisés é chamado aqui de Jetro, lá, de Raguel, e acolá, de Hobab; notar-se-á todavia que Raguel não é nome próprio dele e sim título honorífico dado aos sacerdotes madianitas, significando “amigo de Deus”; e Hobab mais provavelmente não era Jetro mas bem seu filho ou genro. Onde a contradição real? Além do que c), é da psicologia dos semitas o juxtapor ou fundir relatos diversos do mesmo fato, com o fim de se aproveitarem os detalhes todos que eles trazem; nem se admira que, dada a índole diversa dos seus autores ou até seu escopo particular, os mesmos detalhes divirjam um tanto. Se alguém narrar isto aos outros: “uma menina e um menino foram castigados porque ofenderam a professora”, quando depois pedir que escrevam o que foi dito, terá isto: “uma menina foi castigada porque ofendeu”; e isto: “dois meninos foram castigados... porque”; e isto: “meninos foram...” Onde porém contradição real nas várias respostas?

3. *Argumentos históricos.* Os negadores da mosaicidade do Pentateuco apresentam:

a) certos *anacronismos*, com cousas posteriores a Moisés, que levam para bem mais tarde a obra quintupla. Avançam exemplos como êstes: o lugar Cariat-Arbe, nome ao tempo de Moisés, é chamado já de Hebron (Gên 13, 18; 23, 2) nome recebido depois dele; em vez de Lais, outro lugar já traz o nome de Dan, que é bem posterior a Moisés (Gên 14, 14; cfr Jos 19, 47); a Transjordânia é chamada “A terra-além-Jordão”, supondo o autor que habitava então as terras à margem ocidental desse rio (Núm 22, 1; 24, 15; Dt 1, 5);

a indicação dos pontos cardeais é feita por alguém que morava na atual Palestina Cisjordânica: o ocidente é chamado “o mar” (Mediterrâneo), o sul, de Negev, ou “terra sêca”, como ainda hoje pelo governo israeliano, e isso não é verdade para quem escrevesse do Egito ou da Arábia Pétreia, etc.

O argumento porém não é peremptório. Moisés efetivamente pôde substituir certos nomes, já caídos em desuso, por outros mais recentes; outras mudanças se devem aos copistas, desde que ninguém ignora quanto os números e os nomes próprios, copiados e recopiados, apresentam variações; finalmente, destinado ao uso de todos, o Pentateuco teve quem mudasse as palavras arcaicas por outras recentes, que fossem entendidas dos pósteros a Moisés, o que supõe que êle é substancialmente mosaico, não o é na sua inteira identidade. Aliás, também nós não chamamos de Transjordânia aquela região, sem morar para cá do rio? Não estaria já êsse nome consagrado pelo uso no Egito?

b) O documento D teria sido composto pouco antes da reforma de Josias, como parece comprovar o relato do seu achado no Templo (4 Rs 22, 3 s; 2 Par 34, 3 s); ele abarcaria só o Deuteronômio, não todo o Pentateuco, porque, encontrado, foi lido *por inteiro* (assim é interpretado um texto que se pode entender de extratos dele ou ainda do Pentateuco, que seria o livro achado), num só dia ao povo; e até acrescentam ter Josias escondido a obra, para chamar a atenção sobre ela e assim despertar o interêsse pela reforma religiosa, nela baseada.

Crítica dessa suposição. E' mais provavel que o Pentateuco inteiro tenha sido encontrado, porque a reforma de Josias, que se serviu disso, destinava-se sobremodo à extirpação da idolatria, à destruição dos “lugares altos” ou *bamah*,

e à restauração da unidade do santuário; ora, como os Números é o livro clássico a esse respeito ele devia ter sido também achado então, e com os dois livros os demais três. Pode-se no entanto conceder que só o Deuteronomio foi encontrado. Como quer que seja, nega-se redondamente sua confecção nos tempos de Josias; pois como o rei e o povo aceitariam suas pesadas leis sem antes haverem investigado bem a sua origem? Aliás o Deuteronomio traz inúmeros vestígios de confecção bem anterior, como por exemplo a ordem de se aniquilarem os Heteus, Amorreus e Amalecitas, os preceitos que eram para observar-se na ocupação da Palestina (Dt 18, 9-20; 20, 17; 25, 17-19), quando ao tempo de Josias estes eram desnecessários e aqueles inimigos de Israel ou já nem existiam ou pelo menos inimigos já não eram, como se vê nos livros dos Reis e das Crônicas; e isso explica igualmente a ausência de Assírios, Babilônios, Arameus e Filisteus, então inimigos do povo eleito, não porém nos dias de Moisés. Nem se diga que Josias ignorava por completo as prescrições da Lei, porque a reforma religiosa, ao invés de ser consequência do achado, foi antes seu ponto de partida. Na verdade, tendo começado a reforma no ano 12.^o de Josias, só no ano 18.^o foi encontrado o livro, verossimilmente durante a reparação do Templo; e a mesma reforma deveu-se ao conhecimento da Lei por Josias, porquanto, antes que ignorada, a Lei era desprezada. Não é essa a seguinte lamentação de Josias: “Nossos pais *não ouviram* as palavras deste livro a fim de fazerem tudo o que foi escrito para nós”? (Dt 22, 13) Um século antes Ezequias tentara igual reforma, sempre por conhecer a lei, a qual portanto já existia. Também Jeremias na sua obra profética supõe que desde antigas eras o Templo era a única morada de Yahweh. Logo, nem o Deuteronomio foi composto nos tempos de Josias, nem Josias estabeleceu a

lei da unidade do Santuário, e sim a restabeleceu então, quando era desrespeitada.

c) O documento P, semelhaníssimo pela forma e pelo fundo à obra profética de Ezequiel, seria livro escrito por êste ou por alguém da sua escola; e assim a parte mais recente do Pentateuco seria o Código Sacerdotal, que Esdras propagou após o exílio (Ne 8, 1-10, 40).

Crítica. O que prova demais, nada prova. E o argumento dessa semelhança prova demais. Na verdade, como há semelhança profunda entre o Pentateuco e comentários que certos escritores eclesiásticos dele fizeram aos fiéis, aplicando-lhes as lições morais ali encontradas, o Pentateuco devia ter sido composto depois de Cristo. Mas aqui vai refutação direta: a) ao lado de semelhanças inegáveis, há diferenças tão profundas entre o profeta e o Código Sacerdotal, que Ezequiel não pode ter sido o autor de ambos. Exemplo: Ezequiel não fala jamais de sumo-sacerdote, que entanto aparece no Levítico; êste permite ao simples sacerdote esposar qualquer viuva honesta, ao passo que aquele, só a viuva de sacerdote (Ez 44, 22; Lev 21, 7. 13-15). b) Aliás o Código Sacerdotal contém instituições e leis que olham para o passado, e tem lacunas sobre preceitos que seriam importantíssimos nos tempos de Ezequiel. Seja permitido indicar o que narra acerca da Arca da Aliança, que não mais existia depois do exílio, e sobre a sorte, feita pelo pontífice, chamada "Urim e Tumim", que cessou nos dias de Esdras; as prescrições sobre o modo como os sacerdotes deviam levar o Tabernáculo; a ausência de informes sobre as peregrinações das tribos ao Templo, da proibição de matrimônios mistos, etc., que JED todavia trazem. E c) Ezequiel pressupõe o Código Sacerdotal, porque, seja quanto à forma, seja mais ainda quanto ao fundo, julga que os autores estão familiarizados

de longa data com as prescrições dele. Como a título de exemplificação, o que ensina sobre cousa pura e impura, sobre os dízimos, etc. Nem se deixe de mencionar que Oséias, Amós, os livros de Samuel aludem continuamente a assuntos, que só se encontram no documento P, o qual é portanto anterior; d) Como as leis do Pentateuco são apresentadas na trama histórica, a evolução que se nota na legislação do Pentateuco supõe uma redação definitiva bem posterior a Moisés. “A mais célebre e grave de tais modificações respeita ao lugar do culto (templo e altar). Êx 20, 24 parece permitir a ereção de altar em todo lugar memorável por alguma intervenção divina e aí imolar vítimas sagradas. Lev 17, 3-9 não permite matança alguma de animal senão perto do altar sob o qual cumpre derramar o sangue, e êsse altar, como o tabernáculo, é único para todos. Em Dt 12, 1-28, segundo a interpretação comum e óbvia, único é o templo e o altar, e fora dele não é permitido oferecer sacrifícios a Deus; permite-se contudo que sejam matados allhures animais para uso da vida, derramando-se por terra o seu sangue, ação declarada profana, não mais sagrada, no caso. A esta variedade de leis faz eco (observam) a prática da história, como vem relatada na mesma Bíblia. Vemos efetivamente nos livros dos Juizes (6, 24-28; 13, 15-23), de Samuel (1.º, 6, 9, 17; 9, 12; 2.º, 15, 7-12; 24, 18-25) . . .” (La S. B., I, 54). Daí deduzem que o Pentateuco foi composto por legisladores de várias épocas, concedendo-se a Moisés só um núcleo primitivo deveras exíguo de prescrições.

Crítica. “E’ ínsito à natureza duma lei, quer civil, quer religiosa que, permanecendo firmes os pontos fundamentais, em tantos outros fique sujeita a variações com o andar do tempo e o mudar das circunstâncias. Dessa necessidade não esteve isenta a lei mosaica; mas o mesmo texto dá a conhe-

cer o motivo das variações que se notam no Pentateuco. Entre a primeira legislação do Sinai (Código da Aliança) e a segunda às margens do Jordão ou Deuteronomio passam-se quarenta anos mais ou menos, e, o que importa, o povo de Israel acha-se no fim desse período na iminência de profunda transformação, com a passagem da vida nômade ou pastoril, para a sedentária ou agrícola; uma adaptação do velho direito às novas circunstâncias fazia-se necessária. Que a lei deuteronomística da unicidade do altar não tenha sido por séculos rigorosamente observada, não é de si prova de que não existisse. De resto, qualquer ajunta ou modificação pôde introduzir-se com o tempo nas leis mosaicas sem tirar ou diminuir a Moisés a paternidade do Pentateuco” (La S. B., I, 56-57). Aliás, para só atacar a questão da unidade do lugar do culto, deve-se distinguir a unidade de santuário e a de altar; quanto à primeira E e P concordam; quanto à segunda existe discordância mais aparente do que real, pois que a lei da centralização do culto no Deuteronomio não é absoluta, e só veda sacrifício fora do lugar marcado, caso não haja circunstância extraordinária, não abrogando consequentemente a lei do Êxodo, que permite sacrifício em altares construídos nos lugares bafejados pelas teofanias de Yahweh.

Conclusão. Como de fato se há de supor o modo da elaboração de obra assim tão importante? Respondamos com a versão italiana da Bíblia feita pelo Pontifício Instituto Bíblico, que resume o decreto citado da Comissão Bíblica:

“1.º) Contra tantos testemunhos de um e de outro Testamento, o perpétuo consenso do povo hebreu, a constante tradição da Igreja Cristã e os internos indícios do mesmo texto que militam a favor da origem mosaica do Pentateuco, os argumentos acumulados pela crítica a fim de impugná-la não

são de tal monta que dêem o direito de concluir que tais livros não têm a Moisés por autor, mas são compilados de fontes na máxima parte posteriores aos tempos de Moisés.

2.º) A autenticidade mosaica do Pentateuco não exige que Moisés em pessoa tenha escrito tudo do próprio punho ou ditado a amanuenses, mas pode-se admitir a hipótese de alguns, que Moisés, depois de haver concebido, sob divina inspiração, o tema e a urdidura, cometeu depois a outros, um ou mais, a tarefa da composição, de modo tal porém que eles referiram fielmente o seu querer, nada omitiram, e no fim a obra assim composta foi aprovada por Moisés, autor principal e inspirado, em cujo nome se divulgou.

3.º) Nem se nega a autenticidade mosaica do Pentateuco se se concede que Moisés ao compô-lo usou de fontes, vem a ser, documentos escritos ou tradições orais, de que, estando pelo seu escopo particular e pela sua inspiração, hauriu alguma coisa, inserindo-a na sua obra ou à letra ou conforme o sentido, de forma ora mais breve e ora mais ampla.

4.º) Fica salva a substancial integridade e autenticidade do Pentateuco, se se admite que ao correr dos séculos êle sofreu algumas modificações, como: ajuntas por autor inspirado depois da morte de Moisés, glosas e explicações inseridas no texto, vocábulos e formas de linguagem mais recente em lugar da antiquada, enfim erros de copistas, que à crítica pertence julgar”...

De acordo com isso julgamos dizer assim se deu com Moisés:

a) usou de fontes escritas e de tradições orais (genealogias familiares...) para o Gênesis, que traz fatos anteriores à sua vida. A fonte escrita foi E, atribuindo-se provavelmente a êle o que a crítica atribui ao documento J;

b) as passagens javísticas de Êxodo e Números, bem como a legislação sinaítica e o corpo das leis levíticas (P) éle compôs baseado parte na tradição dos maiores, parte na revelação divina, não de um jato, e sim em diversos lugares e épocas da vida;

c) Moisés foi ajudado nisso por Aarão e Josué, influyendo aquele nas explicações e variações litúrgicas (P), éste, tendo redigido as últimas recomendações de Moisés, que formam o Deuteronomio (D).

E quanto à história do Pentateuco, depois de Moisés, pode-se distinguir:

a) um primeiro estágio, logo após a sua morte, quando Josué e levitas completaram os relatos e leis de Moisés;

b) um segundo, dos Juizes até a destruição de Samaria (722), quando sacerdotes e profetas fizeram revisões do texto, mudando acidentalmente a *história* com genealogias completadas até esses tempos, aditamentos cronológicos, interpretações de fatos e inserção de interpretações novas; e as *leis*, adaptando-as às sempre novas e variadas condições, sempre contudo de acôrdo com a mente de Moisés; e quigá ainda as *profecias* e a *doutrina teológica*, introduzindo a interpretação autêntica dos textos;

c) um terceiro estágio, do descobrimento do Deuteronomio em 622 até o exílio babilônico em 587, no qual esse livro recebeu sua própria revisão, depois foi ajuntado aos livros Jos-4 Rs, depois ainda aos quatro do Pentateuco, formando uma coleção de obras sobre a história sagrada;

d) a ordem dos livros e a atual forma com adaptações litúrgicas vieram pois de autor posterior a Moisés.

Uma comparação ajudará a compreender tudo: suponha-se o Missal Romano de Pio V, publicado a 14 de julho de 1570; êle foi corrigido por Clemente VIII e Urbano VIII, reformado por Pio X com adições e variações das rubricas anteriores, aumentado de Missas novas, modificado quanto a certas Missas antigas (ainda há pouco a Santa Sé mudou a da Assunção). Entretanto apesar de tudo isso o Missal Romano de Pio V, sendo substancialmente o mesmo, é acidentalmente diverso. Assim se passou com a obra de Moisés. Talvez de modo mais profundo.

III. HISTORICIDADE DO PENTATEUCO

1. *A tese dos críticos.* Os radicais (Bertholet, . . .) dizem que Gên 1-11 são simplesmente lendários, e divergem na apreciação do resto do Gênesis e dos quatro outros livros. Os críticos mais moderados distinguem o fundo histórico das idealizações posteriores (Skinner, Driver, . . .). Destes alguns dissociam uma cousa da outra, minimizando porém o valor histórico do fundo primitivo, como Winckler, Jeremias, Jensen e outros, para quem os patriarcas não existiram e seriam divindades astrais adoradas em Canaã, ou como os colaboradores na Enciclopédia bíblica (Cheyne e outros) que fazem deles personificações fictícias das tribos.

2. *A tese católica.* E' também a dos protestantes conservadores e afirma a historicidade do Pentateuco, inclusive a de Gên 1-11, embora não a tome no sentido moderno ou greco-romano.

Dois documentos devem ser considerados: o decreto da Comissão Bíblica de 30-6-1909 sobre a historicidade Gên

1-3, cujos princípios são extensíveis a todo o Pentateuco, e a carta do Pe. Vosté, secretário dessa Comissão ao Cardeal Suhard, de 16-1-1948, sobre Gên 1-11.

O decreto afirma o sentido literal histórico desses capítulos, baseado na Escritura, na Tradição, mais ainda, no caráter histórico do Gênesis e na estreita conexão dos três primeiros capítulos com o resto do livro; aplica esse princípio a certos textos de importância dogmática especial, formando um catálogo incompleto (afirmação da criação, da criação especial do homem, da unidade do gênero humano, do pecado original, do estado de felicidade, justiça e integridade de Adão e Eva, sua perda, etc.); permite aos exegetas grande liberdade para opinião pessoal sobre textos que os Padres interpretaram diversamente, se ela respeita a analogia da fé, e seu fautor está pronto a aceitar o que a Igreja acaso disser a respeito, como ademais para nem sempre tomar as frases ao pé da letra, havendo nelas antropomorfismos, metáforas e hipérboles; finalmente orienta sobre as relações entre a Bíblia e a ciência, dizendo que não se há de buscar lá a ciência da natureza íntima das cousas, porque o hagiógrafo se serve da ciência popular das aparências.

Depois desse decreto houve divergente opinião entre os católicos. Uns, excluídos certos antropomorfismos, admitiam a história das origens à letra como está no Gênesis. Outros, baseados na semelhança relativa que há entre Gên 1-3 com os mitos babilônicos então publicados, distinguiram os fatos doutrinários que eram aceitos, dos fatos não doutrinários que eram postos em dúvida. Assim Lenormant separava os fatos reais dos mitos, que os veiculariam; Loisy rejeitava os fatos concretos e só lhes admitia a doutrina; Lagrange, bem menos radical, repartia o fundo em fatos certos descritos sob símbolos

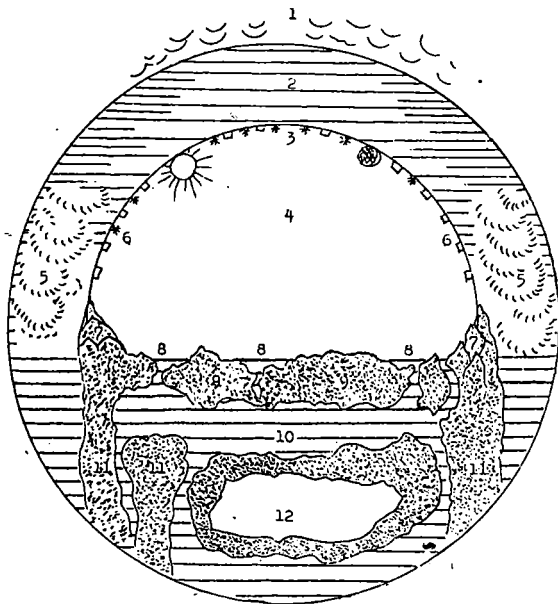
e os mesmos símbolos, emprestados das tradições populares semíticas muito espalhadas. Que tais capítulos encerrem verdadeira história viu-se no decreto mencionado. Mas como após o decreto certos católicos chegaram a sentenças que eram negações práticas da historicidade deles, a carta do Pe. Vosté precisou bem qual é a *espécie* de historicidade que cumpre admitir, e como à sua luz os exegetas hão de proceder até que se chegue a aclarar sobre tantos problemas, que estão ainda sem solução positiva. Eis o trecho da carta que trata disso: "A questão das formas literárias dos onze primeiros capítulos do Gênesis é bem mais obscura e complexa. Essas formas literárias não correspondem a nenhuma das nossas categorias clássicas nem podem ser julgadas à luz dos gêneros literários greco-romanos ou modernos. Não se pode portanto nem negar nem afirmar em bloco a historicidade sem lhe aplicar indebitamente as normas de um gênero literário sob o qual êles não podem estar classificados. Se há acordo em se não ver nesses capítulos história no sentido clássico ou moderno, deve-se confessar outrossim que os dados científicos atuais não permitem dar uma solução positiva a todos os problemas que são oferecidos. O primeiro dever que incumbe aqui à exegese científica consiste de antemão no estudo atento de todos os problemas literários, científicos, históricos, culturais, e religiosos conexos com êsses capítulos; será preciso depois examinar de perto os processos literários dos antigos povos orientais, sua psicologia, sua maneira de expressar-se e a sua mesma noção da verdade histórica: será preciso, numa palavra, recolher sem preconceitos todo o material da ciência paleontológica e histórica, epigráfica e literária. Assim somente é que se pode esperar ver mais claramente a verdadeira natureza de certos relatos dos primeiros capítulos do Gênesis. Declarar a priori que seus relatos não contêm histó-

ria no sentido moderno da palavra deixaria facilmente entender que não a contém em sentido algum, ao passo que relatam com linguagem simples e figurada, adaptada às inteligências de uma humanidade menos desenvolvida, verdades fundamentais pressupostas à economia da salvação, ao mesmo tempo que a descrição popular das origens do gênero humano e do povo eleito. Esperando, faz-se mister exercer a paciência, que é prudência e sabedoria de vida". Quanto à historicidade do resto do Gênesis, bastará dizer que a arqueologia veio comprovar os fatos que são aí narrados a respeito dos patriarcas. E dessarte as escavações na Caldéia, embora não provem diretamente a existência de Abraão, trouxeram a lume inscrições de nomes como Abiramu e Jaquibilu, que provam não serem os nomes dos patriarcas meros símbolos; descobriram os vestígios de Ur, com civilização brilhante e anterior à de Babilônia; mostraram as migrações araméias do II milenário da Caldéia para a Síria. E as do Egito revelaram que uma dinastia semítica, a dos Hyksos, lá dominou no séc. XVIII antes de Jesus, apresentando fato análogo ao da elevação de José a vice-rei do país. A arqueologia ademais prova que a idade patriarcal é descrita aí com dados, que concordam com a idade do bronze, reinante no mundo bíblico lá pelo ano 2.000 antes de Cristo. Se depois a gente compulsar esses capítulos notará a sua alta antiguidade, que é bem a dos fatos relatados, o que se requer para a sua historicidade. Mas será bom avisar que ela existe nas grandes linhas dessa parte do Gênesis, não porém nos menores detalhes.

Descendo afinal aos quatro demais livros, evidencia-se seu caráter histórico. Primeiro, por ser uma decorrência da sua mosaicidade. Moisés é com efeito testemunha *bem informada*, vivendo no coração dos fatos relatados; e *fidedigna*, porque chega a narrar com simplicidade as faltas suas e do

PENTATEUCO

COSMOGONIA HEBRAICA



A DISPOSIÇÃO DO MUNDO SEGUNDO A GEOGRAFIA DOS HEBREUS

- 1 — Céu empíreo ou habitação de Deus
- 2 — Reservatório das águas celestes
- 3 — Firmamento ou abóbada celeste
- 4 — Atmosfera ou céu aéreo
- 5 — Reservatório dos ventos
- 6 — Cataratas do céu
- 7 — Colunas do firmamento
- 8 — Mares da terra e fontes das águas
- 9 — Terra firme
- 10 — Grande abismo
- 11 — Colunas da terra
- 12 — Sheol ou habitação dos mortos

PENTATEUCO

povo. Em segundo lugar, a arqueologia exumou códigos como o de Hamurabí, o hitita de Boghaz-Keui, e ainda outros, dos quais alguns anteriores a Moisés, tendo com o deste, muito parentesco, e desse modo veio ressaltar o valor histórico desses livros do grande condutor e legislador.

Em resumo, também quanto à historicidade do Pentateuco a crítica está fazendo marcha-à-ré. Já passou o momento agudo da crise. Mais uma vez a razão estava com a Igreja, guardiã intransigente do depósito sagrado da Revelação.

ANÁLISE EXPLICATIVA DO PENTATEUCO

1 *Gênesis*

A. PREÂMBULO ÀS ORIGENS DE ISRAEL

“Otimamente como o primeiro dentre os livros sagrados está o *Gênesis*, que narra as primeiras origens: origens do mundo, origens do gênero humano, origens do povo hebreu; tudo em ordem a Deus, à sua revelação; ao seu culto. Deus cria o universo, Deus se revela aos primeiros homens, Deus escolhe uma família (Abraão e sua descendência), em cujo seio vai conservar e desenvolver os germens da revelação primitiva e a verdadeira religião, e assim preparar a nova e solene revelação do Sinai, relatada no Êxodo” (La S. B., 1, 59).

E como essa revelação do Sinai é figurativa e preparativa da evangélica vê-se que, no conjunto, o *Gênesis* relata as primeiras etapas da humanidade na sua marcha em direção a Jesus Cristo, o Libertador ali prometido.

Pode-se dividir o Gênesis em duas partes desiguais: a) os onze primeiros capítulos, b) do capítulo doze até o fim (12-50).

A primeira parte narra fatos preambulares às origens de Israel: criação do mundo, criação do gênero humano, história sucinta do gênero humano de Adão a Abraão com uma cesura visível graças ao dilúvio.

Tudo isso poderá ser distribuído em dois períodos: de Adão ao dilúvio, do dilúvio a Abraão. A segunda parte narra as mesmas origens do povo hebreu, historiando a escolha divina da família de Abraão como berço de Israel; e forma um único e terceiro período, que vai de Abraão a Moisés.

1. DE ADÃO AO DILÚVIO

I — ORIGENS DO MUNDO

ou

A COSMOGONIA

Gên 1, 1-2, 4-a

O autor “afirma fatos bem reais e com notável precisão, o que é bem próprio da história, embora exponha as diferentes fases da criação seguindo ordem antes lógica do que cronológica.” (Renié) Deve-se abstrair dos atuais conhecimentos, representando-se as cousas como o autor as imaginava, desde que êle se serviu da ciência de então para veicular sua doutrina religiosa.

Forma Literária. Com S. Tomás podem-se distinguir 4 partes nessa descrição:

PENTATEUCO

1) *A obra da criação*: 1, 1-2; II) *a obra da distinção*: 1, 3-13; III) *a obra da ornamentação*: 1, 14-31; IV) *a obra da consumação ou repouso de Deus*: 2, 1-4-a. Delas a II) e a III) são sugeridas, de certo modo, por 2, 4-a: “E ficaram terminados os céus e a terra, e todos os seus exércitos.”

O autor quer inculcar esta idéia: o mundo com tudo o que nele existe é obra de Deus, que o fez por etapas sucessivas: *criação do mundo* em estado caótico; *organização do mundo* pela formação das 3 partes que segundo os antigos constituíam o mundo: Céu, Água e Terra; povoamento de cada uma delas: Eis o esquema das II e III obras.

Dia	Obras	Coluna das obras de distinção	Coluna das obras de ornamentação	Obras	Dia
1.º	Luz	Separação entre a luz e as trevas, 1, 3-5	O firmamento recebe o exército de seus seres: o sol, a lua, as estrelas, 1, 14-19.	Luzeiros	4.º
2.º	Firma- mento	Criação do céu e separação das águas de cima e de baixo, 1, 6-8	Formação dos habitantes do céu e das águas, 1, 20-23	Peixes e aves	5.º
3.º	Terra e Plantas	Separação das águas de baixo e aparecimento da terra; produção dos vegetais, 1, 9-13	Formação dos habitantes da terra e criação do Homem, 1, 24-2, 4-a	Animais Homem	6.º

E antes do esquema temos I); depois, IV).

O trecho é fortemente estilizado e de profunda beleza. Há 8 formulas que se repetem:

- 1.^a — Fórmula introdutória: “E Deus disse:”, repetida 10 vezes.
- 2.^a — O decreto divino: “Haja” ou termo semelhante, repetida 8 vezes.
- 3.^a — A execução do decreto divino: “E assim foi feito”, repetida 7 vezes.
- 4.^a — A descrição da obra divina (sua bondade, sua relação com outras obras e sua missão): “E Deus fez” ou análoga, repetida 4 vezes.
- 5.^a — A imposição do nome: “Deus chamou”, repetida 4 vezes.
- 6.^a — A Bênção: “Deus abençoou”, repetida 3 vezes.
- 7.^a — O louvor ou forma de aprovação: “E Deus viu que era bom”, isto é, Deus viu que tudo o que criara correspondia ao seu plano divino, inculcando que o pecado, mal moral, não vem dele, autor do bem, repetida 7 vezes.
- 8.^a — A clausula final: “E houve tarde e houve manhã: (tal) dia”, repetida 6 vezes. O trecho descreve a Deus agindo como bom artista: plano, primeira demão, retoque, júbilo quando a obra chegou a realizar perfeitamente a sua idéia. Chama-se *antropomorfismo*. E, como se vê, é composição *artificial*. “Sob o ponto de vista religioso temos nesta página, debaixo de forma tão simples, quão grandiosa, ensino dogmático de profundidade que ultrapassa tudo quanto puderam inventar os mais poderosos gênios da filosofia grega”. (René).

ANÁLISE

I) OBRA DA CRIAÇÃO. 1, 1: “No princípio criou Deus o céu e a terra” exprime em resumo a obra criadora de Deus, que vai ser detalhadamente exposta nos vv. seguintes. É o dogma fundamental da religião, oposto a todos os falsos sistemas filosóficos e a todas as falsas religiões. 1. Se o mundo foi criado no “princípio” ou começo dos tempos, êle não é eterno, mas foi criado pelo Eterno. S. João (Jo 1, 1) completou o Gênesis, dizendo que “no princípio” das cousas e dos tempos o Verbo já existia, que é eterno, qual imagem perfeita do Pai (a 2.^a Pessoa divina). 2. Para “criou” traz o Hebreu o verbo BARAH, que indica ação ou intervenção só de Deus. De si não significa necessariamente *criação do nada*, mas pode significá-lo. E aqui o contexto exige o significado de criação do nada; pois “céu e terra” é expressão que designa o conjunto dos seres criados. Logo, nada existia de que os tirasse: só a vontade de Deus fecundou êsse nada, expressa pela sua palavra toda poderosa com que agiu: “Disse e foi feito assim”. “Efetivamente, os Hebreus sempre interpretaram desse modo (cfr. Prov 7, 21-29; Sl 148, 5; 2 Mac 7, 28). 3. Deus é no hebreu Elohim. E Elohim é plural quer *numérico*: deuses, quer *majestático* ou de *plenitude*: Deus (literalmente o *deuses*), sem designar muitos deles, e sim, unicamente um: o Deus único e verdadeiro. No 1.^o caso o verbo vai para o plural; no 2.^o, como aqui, vai para o singular: “criou”. Logo um só Deus. Os Hebreus são monoteístas, exceção entre todos os povos antigos. 4. “Os céus e a terra” isto é, o mundo visível na sua universalidade. “Depois dessa indicação que resume numa fórmula toda a

obra de Deus, o autor retoma as cousas mais em detalhe”. (Chaine).

1, 2: “A terra estava confusa e vazia, e (havia) trevas sobre o abismo, mas o Espírito de Deus planava sobre a superfície das águas.” “Ele descreve antes de tudo o primeiro estado do mundo, tal qual o representa a si mesmo” (Chaine). 1. “A terra estava confusa e vazia” vem no hebreu assim: “A terra era *tohu bohu*”: era um caos informe. Note-se que “terra” está aqui por céu e terra de 1, 1 e refere-se ao mundo no seu estado primordial.

2. “E trevas (havia) sobre a face do abismo... águas”: “Segundo a concepção semítica a terra inorganizada ou o caos era imensa massa líquida, na qual a terra se achava escondida e agoutada pelas vagas, que iam e vinham incessantemente” (Ceuppens). E’ o *oceano primitivo*, TE-HOM no hebreu, TIÂMAT nos relatos babilônios, (donde thálassa em grego), “que levava em seu seio todos os elementos e estava imerso na noite” (Chaine). 3. “Sobre a massa líquida e tenebrosa planava o sopro de Deus, como traduziu Chaine, vertendo por sopro o que acima o foi por Espírito. Alguns Padres viam no sopro o mesmo Espírito Santo a incubar e fertilizar as águas primitivas (Basílio, Padres Latinos...); outros, o princípio de vida comunicado pelo Espírito Santo às criaturas (Crisóstomo...), ou o vento, como agora Chaine. “Hoje os exegetas católicos pensam geralmente que o *ruach Elohim* (sopro de Deus) não visa diretamente a 3.^a Pessoa da Trindade, e que só a luz da revelação cristã nos permite suspeitar o Espírito Santo em nosso texto” (Renié). “O sopro, que em hebreu se exprime pela mesma palavra que o vento e o espírito (hálito: *ruach*), preludia a ação distinta das cousas, vindo sobre ela, semelhante à brisa

que agita as ondas, ou ao pássaro que voa sobre o ninho. No Sl 33, 6 Deus cria pelo *sopro* da sua boca” (Chaine).

II) OBRA DA DISTINÇÃO. Moisés vai descrever as diferentes fases da ação divina, que divide em 6 dias, dos quais 3 para a formação dos espaços habitáveis, e 3 para a obra do povoamento.

1.º DIA, 1, 3-5. “Haja luz. E houve a luz. E Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas. E houve tarde e houve manhã: o 1.º dia.” Como bom artista, Deus começa por alumiar o seu campo de ação. Não se trabalha no escuro, porque sem a luz, condição fundamental de toda ordem, tudo é confusão e sob as trevas nada parece existir. Essa luz é bem a do sol. Mas não era a do sol na concepção do autor, pois o sol foi criado só depois, no 4.º dia. Para êle, como a estar pelos dados dos sentidos, (ciência das aparências), nasce o dia antes do levantar do sol, e morre depois do sol posto, a luz parece independente do sol. Daí julgar êle que a luz e as trevas formavam duas entidades distintas, separadas do sol, o qual da primeira recebe o seu clarão. Como o dia vai começar pela tarde, a luz aqui é a crepuscular, que perdura depois do sol posto. 2. Com as trevas que já existiam ela vai alternativamente partir o tempo em dias e noites; cada manhã a luz se expande pelo mundo, e se retira de tarde, para os seus reservatórios celestes, quando por sua vez as trevas deixam as suas cavernas para também invadi-la. 3. O grupo de um período luminoso e de um período trevoso forma o dia. Logo, êsse dia é de 24 horas. No entanto a interpretação periodista é também aceitável, contanto que não se faça concordismo estrito e científico, qual o de anos atrás. 4. “E houve tarde e houve manhã”: “Poder-se-ia pensar que o 1.º dia começa de manhã com a criação

da luz; mas como o 7.^o dia é sábado e o sábado começa à tarde, com o deitar do sol, para terminar no dia seguinte à mesma hora, é provável que o autor... fez partir da tarde todos os dias genesíacos, compondo-se as 24 horas de noite e de dia" (Chaine).

2.^o DIA. 1, 6-8: "Haja um firmamento entre as águas e divida águas de águas" 1. "Firmamento" 2.^o. O étimo hebraico é uma sorte de lâmina dura e batida. Os semitas o representavam a modo de abóbada sólida (ou dossel) que recobria a terra, ou de imensa tenda armada sobre ela (Jó 37, 18). Por cima dessa abóbada estava o oceano celeste, dotado de comportas, cujo abrimento regular fazia cair suas águas regradamente em chuvas. Se Deus as escancarasse todas, todo o mundo voltaria ao caos, como se deu com o dilúvio (7. 11; 8, 2: abriu as cataratas do céu). Esta interpretação vem ao lado da outra, ensinada pela experiência, i. é., que as nuvens trazem as chuvas (Jó 36, 27; Sl 135, 7). 2. Por baixo do firmamento ficava o oceano terrestre a cobrir tudo (não havia ainda terra firme).

3.^o DIA. 1, 9-13. A) APARECIMENTO DA TERRA FIRME. 1. A uma ordem divina as águas se retiram para certas partes, aparecendo assim a terra emersa das águas. B) O REINO VEGETAL BROTA DA TERRA. 1. Ao emergir das ondas a terra estava inculta e desabitada. Para pô-la em condições de receber seus habitantes (que se locomovem), Deus criou as plantas, (criadas com a formação dos espaços, porque formam como que uma cousa só com o solo, não se locomovendo; são como que os cabelos da terra, logo um seu constitutivo, não morador), para lhes oferecerem comida (e para o homem ademais roupa, habitação, armas). 2. Tem-se aqui a botânica de Moisés, popular, rudimentar,

de base utilitária, só indicando a vegetação que oferece particular interesse ao homem. Divide-a em 3 classes: a *erva verde* ou relva, que parece brotar por si, sem fruto nem semente visível, a qual serve de pastagem para o gado; as *plantas gramíneas* (trigo. . .), que têm grão, nem fruta, que o homem cultiva e de que principalmente se alimenta; e as *árvores frutíferas*, que têm fruto no qual está a semente que as reproduz. A fecundidade da terra, personificada em Astarte e objeto de culto idolátrico em Canaã, é atribuída pelo autor sagrado ao mesmo Deus, para combater tal erro (cfr. Lev 26).

III) OBRA DO POVOAMENTO. Formados os espaços, Moisés passa a descrever sua ornamentação. Tendo aparecido o firmamento antes da terra e do mar, será êle o primeiro a encher-se; como, aparecido êle, antes só havia águas e depois é que apareceu a *seca* (terra firme), o mar se enche logo a seguir, só no fim a terra.

4.º DIA. 1, 14-19. 1. Temos igualmente aqui a *astronomia* de Moisés, primitiva, baseada nas aparências e de base utilitária: o sol, a lua, as estrelas (nome que inclui todos os mais astros: os cometas, planetas, etc.), feitos para o homem, a quem servem de sinais para os cálculos do tempo. O sol indica os dias e os anos; a lua, as semanas e os meses; as estrelas (constelações: gêmeos, capricórnio. . .), as estações. Em meio a povos adoradores dos astros, o autor mostra que êles não são nem deuses nem habitáculos de deuses, e sim criaturas de Deus, a cujas leis obedecem: feitos para o homem, êste usará deles, não os adorará. 2. Os astros eram tidos como pregados no firmamento, como a estrela dos magos em nossos presépios.

5.º DIA, correspondente ao 2.º 1, 20-23. Peixes e Pássaros foram criados ao mesmo tempo, desde que, formado o firmamento, aparecem simultaneamente as águas de baixo e o espaço entre estas e êle. Depois, “os animais da água e os do ar têm entre si estreito parentesco pela semelhança de se moverem”, (Sum. Theol. 1, 71, a 1, ad 2), e porque muitas aves vivem também na água. Divide os animais deste dia em 3 grupos: os *monstros marinhos*: cetáceos, crocodilos, etc.; os *outros animais aquáticos* (sapos e os *peixes*).

6.º DIA, correspondente ao 3.º. A) FORMAÇÃO DOS ANIMAIS TERRESTRES: 1, 24-25. Nascem na terra em que vivem. A distribuição é também em 3 grupos: o *gado* (ovelhum, vacum, asinino, muar...) ou animais domésticos, de que o homem se utiliza; as *feras* com que tem de lutar, (as quais, segundo os antigos, eram animais domésticos, que à guisa de escravos fugidios, quebraram os grilhões e adquiriram a liberdade); e os *répteis* que se arrastam pelo solo. B) CRIAÇÃO DO HOMEM: 1. 26-31. Atentemos para a diferença de expressão: até agora “haja”, “fervam as águas”, “produza a terra”, em resumo “fiat”; e aqui “faciamus”. Êste plural inexistente no hebreu mas que aparece no protocolo dos reis persas, que a si se designam com o “nós” majestático de que os bispos de hoje usam, é o de plenitude ou de deliberação interior. Muitos comentadores nele vêem uma alusão ao mistério da SS. Trindade. O texto porém não o prova, embora êsse mistério empreste a melhor das explicações a essa fórmula insólita no hebreu. 2. O homem é representação mais perfeita de Deus do que as demais criaturas mencionadas; isso em razão da idéia elevada que faz da transcendência divina. Contudo “imagem” não quer dizer pareença na *ordem da natureza*, e “semelhança”, pareença na *ordem da graça*, porque no hebreu as duas expressões são

sinônimas e empregam-se juntas para reforçar a idéia: o homem foi feito à imagem semelhançíssima de Deus, na ordem da natureza. E diz-se alhures que mais o é na ordem da graça. 3. O homem e a mulher aparecem aqui simultaneamente (no 2.^o relato é que se descreve separadamente o *modo* da criação de ambos). Os dois têm a mesma semelhança com Deus, donde se colhe a dignidade do gênero humano e a sua unidade, por isso que possuem a mesma natureza. 4. “Crescei” . . . logo, o matrimônio é querido por Deus e deve ser fecundo. 5. A terra com as plantas e os animais está sujeita ao homem, rei da criação. 6. Como havia paz entre os animais, êstes e o homem viviam ao que parece vegetariamente, segundo o autor; quer com isso inculcar grande respeito pela vida, que vem de Deus.

IV) OBRA DO APERFEIÇOAMENTO. 2, 1-3. 1. “Exércitos” dos céus são os astros. O texto não diz quais os exércitos da terra, mas são as criaturas animadas que a povoam. 2, 2-3: “Há verdadeiro antropomorfismo: tendo Deus criado sem fadiga não tem precisão de repouso (cfr. Jó 5, 17)” (Renié). “Se Ele é representado como tendo trabalhado 6 dias e repousado no 7.^o é para significar que o homem, (o qual se cansa) na sua atividade, deve reger-se pela criação, trabalhando 6 dias e descansando no 7.^o” (D. T.). 3. “Santificou o 7.^o dia”, quer dizer “colocou à parte”, fora do uso profano, consagrado ao culto divino. Eis porque há o uso profano durante a semana, e o repouso, no sábado. Abençoou-o igualmente. :

RESUMO de 1, 1-2, 4: “No começo Deus criou o céu e a terra. Êle fez passar esta do estado caótico a um estado mais ordenado.” (Lusseau).

A COSMOGONIA DE MOISÉS E A CIÊNCIA. 3 *Sistemas*. I) *Interpretação literal*. Êste sistema interpreta o c. 1 como soam as palavras. Segundo a interpretação literal, o mundo teria sido de fato criado numa semana de 6 dias de 24 horas. Esta interpretação não se pode sustentar pelas seguintes razões: 1.^a) O mundo não pode ter sido produzido em 6 dias de 24 horas; 2.^a) as plantas não podem ter sido criadas antes do sol; 3.^a) a formação geológica do globo exige milhões de anos para ser o que é hoje; 4.^a) a principal dificuldade é esta: Moisés apresenta um sistema geocêntrico. Depois de formada a terra é que aparece o sol, a lua e as estrelas, e isto significa inverter toda a ordem da natureza. II) *Interpretação periodística ou Periodismo*: sustenta que o “dia” da criação equivale a um período de tempo mais ou menos longo. Mas eis as principais dificuldades contra êste sistema: 1.^a) Os seis dias da Bíblia são apresentados como períodos bem definidos de 24 horas, ao passo que os geológicos são de duração indeterminada; 2.^a) A maior dificuldade está no 4.^o dia. De fato, se o mundo foi criado segundo a sucessão exigida por êste sistema, como conhecer a luz antes do sol, o sol, a lua e as estrelas muito depois da terra?; 3.^a) como explicar o aparecimento de certas plantas depois que já existiam animais (como ensina a Paleontologia), quando a narração mosaica diz que as plantas (tôdas) foram criadas no 3.^o, e os animais no 4.^o dia? III) *Sistema baseado no gênero literário* (ensino de religião pela exposição em linguagem metafórica da ciência das aparências (ciência popular) e dos fatos históricos). De fato: A. O autor quer expor doutrina contando fatos, de modo que se tem uma página histórico-didática de caráter popular. Esta página apresenta preocupações *legalistas*: (quer ilustrar pelo exemplo de Deus, artista modelo, que trabalha seis dias e descansa no 7.^o, o 3.^o preceito da lei

(cfr. Êx 20, 11). Logo a divisão da obra divina, em seis dias, é puramente artificial; ela não se ajusta à duração efetiva da obra de Deus. Preocupações *apologéticas*: Deus opera com inteligência e sabedoria, com método e vontade onipotente. Preocupações *poéticas*: *há binários*: céus e terra, *tohu bohu*, luz e trevas, dia e noite, tarde e manhã; águas de cima e de baixo, luzeiro do dia e da noite, peixes e aves, macho e fêmea... talvez início do paralelismo, que é a base da poesia hebraica; *refrões* repetidos; *imagens* (dossel), terra a emergir, astros-cronômetros...; e *antropomorfismos* que as provam suficientemente. “Assim pois todo êste relato, gracioso e artístico, não poderia ser considerado como tecido de afirmações, cada uma das quais contenha ensino óbvio que uma interpretação literalista poderia descobrir. Mas sob as imagens e em ligação com elas, a significação histórica do relato mosaico permanece, inteira. Deve-se agora separá-la e pôr em evidência a doutrina que daí decorre” (Lusseau).

ENSINO HISTÓRICO-DOUTRINAL. O relato que resumimos afirma, pelo menos, que o mundo foi criado por Deus no começo do tempo e que o Criador está na origem de todos os aperfeiçoamentos. Ele mostra o cuidado de precisar a natureza das diversas intervenções divinas. A reflexão filosófica tende a agrupá-los sob 3 títulos:

1.º. *Criação, propriamente dita* da matéria inicial. Quer dizer que a matéria foi feita do nada, por um ato da só vontade divina;

2.º *Intervenção especial*, quando se trata da vida vegetal, animal e humana. A intervenção de que falamos supõe um sujeito preexistente, do qual Deus tira um ser superior, elevando-o por influxo da sua onipotência, a uma capacidade que naturalmente não possuía? Tal elevação teria lugar,

aliás, quer na origem do tempo, quer no momento do tempo em que a vontade divina teria decidido suscitá-la. Vê-se como no caso de ser demonstrada a evolução, essas possibilidades se tornariam interessantes de aprofundar, *feita reserva para a alma humana, e a disposição correlativa que ela supõe no corpo para cuja animação foi criada.*

3.º. *Concurso natural ordinário* para as outras produções.

A *ordem de sucessão* está muito intimamente ligada com a distribuição das diversas obras em 6 dias, para que lhe atribuamos mais valor histórico do que a êsse dispositivo didático e litúrgico. Tal ordenamento, reflexo da mentalidade do autor, é mais pedagógico do que real. Todavia, ela parece deixar a possibilidade razoável de pensar que os seres menos perfeitos precederam, *no seu conjunto*, aos mais perfeitos, e que os reinos mineral, vegetal, animal apareceram sucessivamente, vindo o homem em uma época relativamente recente (concordia com a ciência em sentido largo; não concordismo estrito).

As verdades fundamentais que se colhem são:

1.º *Estrito Monoteísmo.* Moisés havia averiguado a existência de cultos idolátricos, prestados, no Egito e alhures, a falsas deidades: ao sol, à lua, ao firmamento; aos animais, até aos mais vis, às pessoas humanas (Faraó). Havia ouvido falar das intermináveis cosmogonias, teogonias, genealogias de Egípcios e Babilônios. Essas ideologias não eram desconhecidas dos contemporâneos. Assim era preciso pôr em evidência a unicidade do verdadeiro Deus;

2.º *Subordinação de todos os seres a Deus.* Bem longe de serem consideradas deuses, as criaturas provêm de Deus,

estão sujeitas à sua vontade e regidas pela sua providência. Em face aos deuses pagãos, homens, animais ou plantas, Moisés proclama a transcendência do Criador;

3.^o *Eminente dignidade da pessoa humana.* Trazido às suas verdadeiras proporções, ainda assim êle é grande. Foi criado à semelhança, à imagem de Deus. Essa parentela, de que a atitude corporal humana parece apresentar uma como manifestação sensível e longínqua, sabemos estar mais autenticamente na natureza espiritual de nossa alma e das suas faculdades essenciais: inteligência e vontade;

4.^o *Destino da humanidade.* Pela mesma vontade de Deus, o homem deve antes de tudo comunicar a vida que recebeu a numerosos descendentes. Deve exercer real dominação sobre o universo, submetê-lo, utilizar-se dele, explorá-lo. Tais perspectivas abrem ilimitado campo ao progresso sob as suas várias formas, material, intelectual, moral. O homem aparece como associado à Providência, como gerente da criação.

Em resumo, o ensino da cosmogonia mosaica põe os fundamentos da verdadeira religião, da verdadeira cultura, da vida familiar e social.

II — OS ACONTECIMENTOS DO PARAISO TERRESTRE (2, 4-b-3).

RESUMO: A terra estava ainda infecunda. Faltava água para fertilizá-la e o braço do homem para cultivá-la. Deus formou o corpo do homem do limo da terra e com um sopro lhe comunicou a vida. Depois colocou o homem num ambiente encantador, plantado de árvores, bem irrigado e rico, o jardim do Eden, com missão de cultivá-lo e de guardá-lo.

O feliz estado de Adão estava condicionado por obediência a um preceito: abster-se do fruto de uma árvore, a da ciência do bem e do mal (não teórica, e sim prática experiência), plantada junto à árvore da vida, no meio do domínio. Se Adão infringisse a ordem, perderia a immortalidade. Mas o homem estava só. O espetáculo dos animais, que o Criador lhe apresenta, não podia senão avivar o sentimento da sua solidão. Então Deus tirou dos flancos de Adão, enquanto dormia, a companheira que seria a sua esposa. Acolheu-a Adão com transporte. Ambos viviam nus, sem que isso os chocasse, até que um dia a mulher, seduzida pela serpente tentadora, desobedeceu à ordem divina e arrastou o marido ao mesmo pecado.

Para logo os olhos se lhes abriram. Ruborizando-se com a sua nudez, tentaram em vão fugir aos olhares de Deus, vindo a visitá-los. O Senhor os fez confessar a falta e, depois de amaldiçoar a serpente e predizer desforra, sancionou o ato culpado transformando a condição dos nossos primeiros pais, que desde então ficaram sujeitos à dor e à morte, e foram expulsos do paraíso. Querubins manejando espada de fogo lhes vedavam a volta.

GÊNERO LITERÁRIO. Quicá é mais difícil caracterizar o gênero literário dêste relato que o da cosmogonia mosaica. Abundam antropomorfismos: moldagem, ao menos sugerida, do corpo do homem; sopro respiratório infundido às suas narinas; plantação por Deus do jardim; desfile dos animais; formação de Eva com uma costela (cfr. nota); conversa de Eva com a serpente; passeio de Deus pelo jardim; interrogatório de Adão e de Eva; confecção de hábitos de pele; expulsão do jardim do Eden; postos de anjos curiosamente armados para impedirem a entrada. Detalhes pitorescos tam-

bém não faltam: descrição do jardim do Eden, sua irrigação, as árvores sagradas, proibição do fruto — de uma delas, aspecto extraordinário do tentador, falta dos pais, carater das sanções, são pontos que nos espantam. Logo, estamos diante de uma página difícil de classificar-se nalgum genero literário conhecido. Deve-se porém excluir-se:

1.^o *O mito desprovido de todo fim pedagógico.* Não se pode imaginar com efeito que Deus inspire um gênero literário, simplesmente destinado a divertir o espírito, sem incluir uma lição útil. Ademais, os mesmos antigos não estavam acostumados a compor fábulas denudadas de toda intenção didática. Outrora como hoje, o relato fabuloso visava, mais ou menos abertamente, a enriquecer o espírito com algum conhecimento sério em relação com a vida;

2.^o *O mito puramente filosófico e moral.* O relato bíblico, de fato, não se apresenta como pura ficção, cuja única razão de ser seria evocar, de forma concreta, uma verdade de ordem especulativa ou prática. O fim didático é sem dúvida inegavel. Mas não dissipa a impressão de que o autor, aqui como no anterior, *entende contar fatos* e, sob a máscara de procedimento literário seguramente singular, subordina a lição filosófica e moral, de natureza religiosa, à *narração de acontecimentos* que a encarnam ou evidentemente a trazem.

3.^o *A história puramente alegórica ou simbólica.* Parece com efeito que a alegoria ou o símbolo, processos literários inteiramente figurativos, deixam ao leitor muita possibilidade subjetiva de interpretações diversas para que a *significação real das imagens se resolva em dados da história*, qualquer atenuação que se faça a êsse conceito. A história, ainda que despojada de *caracteres científicos*, de que a literatura clássica é rica, exige que se possa descobrir, sob a veste do

gênero explorado, por mais florido e antropomórfico que se imagine, um *fato concreto*, no qual, definitivamente, se resolve a interpretação das figuras, e esteja, desde então, *bem estreitamente relacionado com a imagem*. Se pois se entende conservar o texto, como é de dever, num sentido histórico fundamental, o sentido alegórico e simbólico deve ser excluído, pelo menos na *forma rígida* que o uso lhe deu.

Admitir-se-á pois até prova em contrário que o presente relato contém *fatos* e que estes fatos, narrados para o fim de nossa instrução *histórica e doutrinal*, *estão definitivamente ligados de qualquer maneira à figuração*. O que não impede que esta, *muito humanizada*, por vezes até carregada de *detalhes parabólicos*, *acentue e ilustre os episódios* relatados, franjando-os com a irradiação de lindas cores poeticas. Assim os sentidos e as *lições* morais e dogmáticas, *encarnadas assim* ressaltarão com maior brilho. São tais fatos, e a doutrina deles decorrentes, que vamos agora reduzir à sua justa proporção.

ENSINO DOGMÁTICO-DOUTRINAL. Sob a imagem o autor quer inculcar estes pontos:

1.^o *Intervenção especial de Deus na formação do corpo do homem*. O relato primeiro já mostrou que a criação do homem foi objeto de atenção especial de Deus. Este segundo precisa a maneira pela qual operou, confirmando aquele. À parte os enfeites literários, deve reter-se que *Deus tirou o corpo do homem de matéria preexistente* (inorgânica ou orgânica); *que a alma do homem vem diretamente de Deus por via de criação; do nada que ela é o princípio da vida humana. O mais é imagem*.

2.^o *Origem adâmica do corpo de Eva.* Sob a figuração pitoresca e em ligação com o que ela contém, o autor parece ensinar pelo menos que Deus se utilizou do corpo de Adão para formação do de Eva. Mas de que modo? pode-se supor que foi a título de *causa exemplar*. Ao contrário dos animais entre os quais ele não encontrava ajuda, Eva partilha da mesma natureza.

Alguns observam que não seria necessária a revelação para nos instruir acerca de similitude tão notória. Eis porque muitos leitores, até exegetas, continuam a pensar que o corpo de Adão, afastado todo antropomorfismo grosseiro, pôde ser utilizado como causa *material* para a formação de Eva. Como o primeiro homem fôra feito de matéria preexistente, a primeira mulher teria sido feita “de perto do coração de Adão”.

Sem ser irreconciliáveis com a primeira hipótese, as palavras de Adão: “Esta é deveras osso de meus ossos e carne de minha carne”, concorda melhor com a segunda.

3.^o *Felicidade terrestre dos primeiros pais.* Tal é a tradução em linguagem histórico-doutrinal da instalação de Adão e Eva no jardim do Eden. A imagem é aqui particularmente colorida. Guarde-se de lhe dar um valor objetivo muito preciso. E’ portanto inútil epilogar sobre a situação real e geográfica do jardim e sobre os rios. O autor pode inspirar-se para sua descrição figurativa na baixa-Caldéia, mas o que quer que seja das fontes da figuração, a *realidade figurada é, na linha da imagem, a felicidade original*. Em Eclo 24, 35-27 os nomes dos rios parecem emprestados do Gên 2, 10-11, mas o Sirácide parece deles servir-se como de termos de comparação, sem apoiar-se sobre a sua realidade histórica. A árvore da vida torna-se inteiramente metafórica em Prov 3, 18; 11, 12; 15, 4 e até simbólica em Apc 2, 7; 22,

2.14. Esta felicidade terrestre não era aliás senão o verso dos dons sobrenaturais e preternaturais que Deus lhes havia dado em vista do fim sobrenatural, que lhes tinha assinado. A revelação que precisa essa doutrina se encontra contida na Tradição. Mas já o relato do Gên evoca fragmentos dela, por isso que afirma os dons da imortalidade corporal e da integridade, e ademais alude claramente à ciência e à impossibilidade dos primeiros pais. Igualmente a familiaridade que parece existir entre eles e Deus significaria o estado de graça original.

4.º *Preceito especial imposto a Adão.* A duração do estado de felicidade de que gozava Adão e Eva estava condicionada a um preceito imposto a Adão. A maneira pela qual é contado o preceito, tido em conta o efeito da forma, manifestamente em relação com a imaginação ambiente, força-nos a termo-lo como ordem positiva, ajuntada a prescrições da lei natural, ou decorrente da ordem sobrenatural, à qual os nossos primeiros pais foram elevados. Trata-se de preceito especial.

Bem que o relato evoque a proibição de um fruto de árvore, não parece necessário, ligando-se árvore e fruto ao aparato figurativo do jardim, que sonhemos com a mesma forma de abstinência que o sentido literal próprio exprime (menos ainda, com um fruto determinado). Pode-se ver nessa expressão uma metáfora, mas para que se fique na linha da imagem deve-se pelo menos *plausivelmente* pensar numa *abstinência corporal*. No universo que Deus entregou aos primeiros pais uma reserva foi feita, que recordará a estes de maneira concreta e sensível que, supuzeram os da criação, eles são vassallos de Deus. A restrição que assim lhes impõe, perfeitamente em relação com a sua natureza corporal espiritual,

ultrapassa, pelo seu significado, a materialidade do objeto, *qualquer que seja ele*, da abstinência (alguns: proibição momentânea do uso do matrimônio. Mas S. Agostinho diz de tal sentença: — *ridiculum istud est*). Noé receberá, e parece que por razão análoga, a proibição de se nutrir com o sangue dos animais (Gên 9, 4). O caráter objetivo do preceito noáquico (mantido no Antigo Testamento e no começo da Igreja, At 15, 20. 29) não vem confirmar a exegese que fundamentamos na imagem despojada da precisão que ela empresta da figuração ambiental?

5.^o *Tentação e queda.* Eva primeiro e depois Adão violaram a ordem divina, seduzidos pelo demo. Feita abstração, ainda aqui, do ornato da narração, parece que, em ligação com o drama pitorescamente contado, devemos reter os detalhes seguintes: tentação vinda de fora, como ensina S. Tomás; intervenção do demônio, o verdadeiro tentador como o afirmam muitos textos da Bíblia e o conjunto dos Padres e Doutores da Igreja; manifestação do espírito do mal sob forma sensível, que o autor sagrado, utilizando as imagens de seu meio, concretizou na serpente (cfr. D da P. C. B. de 1909: *diabolo sub serpentis specie suasore*: mas pode-se interpretar assim: a instigação do demo representado na Bíblia sob a figura de serpente); queda de Adão e de Eva com as consequências da violação da ordem divina.

6.^o *Promessa do Redentor e sanções divinas.* O cronista sagrado apresenta-nos estes fatos na moldura de uma cena judiciária da qual imaginou os traços gerais, ou ao menos estilizou os dispositivos. Sob as imagens são estes os fatos ensinados: o demo incorreu num castigo que o aparenta com animal sob cuja semelhança se apresentou: rastejará, e comerá pó, isto é, será humilhado e atirado por terra. Preci-

samente, Deus decreta que entre ele e a mulher, entre a sua raça e a dela, existirá oposição: a descendência desta, (a Vulgata atribui a vitória à *mulher*: ipsa conteret... o texto massorético a atribui à *descendência* da mulher (ipsum conteret. Esta última lição segundo toda a crítica é a autêntica), triunfará sobre a astúcia dele. Oráculo confortador que anuncia a recapitulação da humanidade sob novo chefe. Este chefe, novo Adão, será Cristo: a mulher, diante da qual se apaga a pessoa da vítima do demo, será Maria, a nova Eva.

Segue-se a sanção do pecado. Já sabíamos que a graça foi perdida: é o que vai representado pela fuga dos primeiros pais quando da visita de Deus. O dom da integridade desapareceu: a vergonha que sentiu Adão e Eva tomando consciência da sua nudez não tem outra significação. Ademais Deus atribui tal perda ao pecado (3, 11). Decreta além disso a cessação do dom da impassibilidade, com as consequências dolorosas que dela resultam para a mulher — especialmente as dores da maternidade, — e para o homem, — especialmente o assujeitamento penível ao trabalho quotidiano. Finalmente a pena de morte é pronunciada contra os culpados.

Finalizava assim o feliz estado da justiça original. A expulsão do paraíso terrestre, logo decretada e executada, exprime em linguagem metafórica a mudança dolorosa que se dava, como o gozo do jardim do Eden representava a deliciosa condição anterior à falta. E para notificar a irrevocabilidade do decreto divino o autor usa de uma derradeira figura: Querubins postados à entrada do Jardim.

Além das verdades doutrinais implicadas nos fatos assinalados outras há que encontram nesses mesmos fatos sua base dogmática.

1.º *A instituição divina do matrimônio.* Com as 2 propriedades fundamentais desse estado: a monogamia e a indissolubilidade. Se o homem deve deixar pai e mãe para se unir à sua esposa, se devem ser dois em uma só carne, segue-se que a aliança matrimonial exclui toda infidelidade e toda pluralidade, o que implica união exclusiva e estavel dos esposos entre si.

A poligamia e o divorcio virão viciar, provisoriamente tolerados por Deus, a rigorosa retidão da ordem original. Cristo restabelecerá o matrimônio na sua pureza primitiva.

2.º *Monogenismo.* Os primeiros pais, de quem o relato bíblico traça a história, são duas personagens individuais e não dois tipos coletivos. A maneira de transmissão do pecado de Adão a todos os homens apresentada na Bíblia na Tradição, e nos documentos do magistério eclesiástico, não permite pensar em muitos pares humanos originais: o Adão de que saíram todos os homens e do qual herdaram o pecado é bem para S. Paulo, para os Padres e os autores do decreto do Concílio de Trento uma personagem individual. As hipóteses evolucionistas moderadas e teistas não supõem irredutivelmente a crença na unidade original da humanidade. Sábios o concedem, e até os campeões do mutacionismo, sistema evolucionista hoje em voga, reconhecem que a mutação brusca, se é que ela tenha existido, dá origem a um só tipo excepcional. “Essa transformação do pre-homem em homem ter-se-ia produzido em muitos indivíduos, ou só em alguns duma família privilegiada ou num só? A resposta a essa questão depende evidentemente da opinião geral que se formou acerca da origem das espécies; se se crê que a mutação é a forma única da filiação evolutiva, pode-se admitir que houve no começo só um ou dois seres humanos”. (Guénot).

3.^o *O pecado original.* O fato histórico da desobediência de Adão lança o primeiro degrau da doutrina de fé, segundo a qual nós todos somos, em razão da nossa descendência adâmica, privados, quando da nossa concepção, da graça divina, privação que constitui uma desordem sob o ponto de vista do fim sobrenatural a que somos destinados, e portanto na ordem moral um pecado.

4.^o *A Imaculada Conceição de Maria.* O paralelismo que o texto sagrado estabelece entre a inimizade que opõe de uma parte Maria ao demo, e de outra ao demo o seu triunfador, nos inclinam a pensar que nos dois casos a inimizade é também vigorosa. Ora, no segundo ela é irreduzível e exclui toda reserva. E' portanto o mesmo no primeiro caso. Ora, tão exclusiva inimizade não se compreenderia se Maria tivesse estado um só instante no estado de pecado. Ela foi pois concebida sem pecado original, desde a sua concepção teve a graça de Cristo, embora o Gênesis não revele toda a plenitude do sentido tirado à luz dos escritos inspirados posteriores a toda razão.

RELATO BÍBLICO E EVOLUÇÃO. O texto do relato das origens é tão maleável que se presta a significações de tons variados. Sabe-se que no curso do século XIX houve esforço para adaptá-lo às hipóteses dos sábios sobre a origem do mundo. Muitos exegetas gostaram de fazer "concordismo". Mas modificando as hipóteses muitas vezes em seus dados, pareceu muito difícil com elas concordar a exegese. Por justa razão é pois que foi abandonado o sistema da concordância. Salvou-se a inerrância, porque há o gênero popular.

Tenta-se hoje novo ensaio de concordismo em função da teoria da evolução. Supondo que a evolução seja um fato,

deve-se tê-lo em conta na explicação do relato da criação? Muitos excelentes exegetas julgam que *não*, porque de nenhum modo cuidou o autor de nos ensinar a origem científica do mundo. Mas é o lugar de notar aqui: *a evolução não é senão hipótese*; donde se segue que é arriscado explicar a cosmogonia mosaica à sua luz, podendo comprometer a exegese católica. A recente encíclica *Humani Generis* diz: “Alguns, sem prudência nem discernimento, admitem e fazem valer para a origem de todas as cousas, o sistema evolucionístico, embora não esteja êle provado indiscutivelmente, no mesmo campo das ciências naturais, e sustentam temerariamente a hipótese monística e panteística do universo sujeito a contínua evolução. Dessas hipóteses de bom grado servem-se os fautores do comunismo para fazer-se defensores e propagandistas do seu materialismo dialético e arrancar das mentes toda noção de Deus. As falsas afirmações de tal evolucionismo, pelo qual se rejeita tudo quanto há de absoluto, firme e imutável, prepararam o caminho para as aberrações duma nova filosofia, a qual, fazendo concorrência ao idealismo, imanentismo e pragmatismo, tomou o nome de “existencialismo”, porque, repudiadas as essências imutáveis das cousas, preocupa-se tão só com a “existência” de cada indivíduo em particular.

Depois diz das hipóteses científicas em geral: “Resta pois falar daquelas questões que, embora pertençam às ciências positivas mais ou menos conexas, acham-se com a verdade da fé cristã. Não poucos, efetivamente, pedem insistentemente que a religião católica tenha na máxima conta aquelas ciências. O que é sem dúvida cousa louvável, quando se trata de fatos realmente demonstrados; é mister, porém, andar precavidos quando antes se trata de hipóteses ainda que de certo modo

fundadas cientificamente, nas quais se toca a doutrina contida na S. Escritura ou também na Tradição.

Caso tais hipóteses vão directa ou indirectamente contra a doutrina revelada, então não podem absolutamente admitir-se. “Este princípio é aplicado no poligenismo, que é condenado. Quanto ao evolucionismo e a origem do corpo humano diz: “Por essas razões o Magistério da Igreja não proíbe que, em conformidade com o actual conceito das ciências e da teologia, seja objeto de pesquisas e de discussões, por parte dos competentes em todos os dois campos, a doutrina do evolucionismo, enquanto a saber êle faz pesquisas a respeito da origem do corpo humano, que proviria de matéria orgânica preexistente (a fé católica obriga-nos a reter que as almas foram criadas imediatamente por Deus). Porém, isto deve ser feito de tal modo que as razões das duas opiniões, vêm a ser a favoravel e a contrária ao evolucionismo, sejam ponderadas e julgadas com a necessária seriedade, moderação e medida e sob a condição de que todos estejam prontos a submeter-se ao juizo da Igreja, à qual Cristo confiou o officio de interpretar autenticamente a S. Escritura e de defender os dogmas da fé. Alguns todavia ultrapassam tal liberdade de discussão, agindo como se fôra já demonstrada, com total certeza, a mesma origem do corpo humano da matéria orgânica, preexistente, valendo-se de dados indiciais até hoje collidos e de raciocinios baseados nesses mesmos indicios; e não como se nas fontes da Revelação, nada houvesse que exija nessa matéria a máxima moderação e cautela.

E’ melhor pois ficar numa prudente reserva e ter antes em conta os ensinos doutrinaes da Bíblia e da Igreja, sua interprete official, para apreciar a hipótese evolucionista. Esta não é oposta ao texto sagrado, contanto que respeite os pontos seguintes:

1.^o *Criação por Deus da matéria elementar e da alma humana;*

2.^o *Origem divina da vida vegetal e animal, qualquer que seja a época na qual foi infundida na matéria a potência vital e o processo pelo qual ela se encaminhou para a vitalização;*

3.^o *A origem divina do corpo humano, quer seja ele tirado diretamente do limo da terra com a última disposição exigindo a alma espiritual criada simultaneamente, quer seja esta última disposição introduzida num organismo animal em vista de sua informação pela alma, criada por Deus no mesmo instante. Vê-se que resta margem suficiente para os trabalhos livres dos sábios, os quais têm por objeto formal os fenômenos exteriores somente, cujo desenvolver-se, qualquer que seja, deixará sempre a porta aberta às exigências da causalidade metafísica, formuladas pela razão e precisadas pela Revelação.*

III. OS PATRIARCAS ANTIDILUVIANOS

cc. 4-5

Carater geral: “Sobre os primeiros séculos da humanidade a Bíblia é sóbria de detalhes” (Renié). Recollhamo-los com carinho, sem lamentações, porque desse modo é que ela se distingue bem dos relatos ricos de contradições das literaturas orientais.

CAIM E ABEL (4, 1-16)

Resumo: Dentre os muitos filhos de Adão e Eva 3 são conhecidos: Caim, Abel e Set. Caim era agricultor, Abel, pas-

tor. Ambos ofereciam a Deus sacrifícios do fruto de seus trabalhos: aquele, os frutos da terra, este, os primogênitos dos seus rebanhos. Mas as intenções deste eram puras e a fé era o móvel das suas oferendas (Hebr 11, 4), que assim agradavam a Deus; ao passo que a intenção de Caim parece que não era reta (1 Jô 3, 12). Se o era, pelo menos ficou cheio de inveja pela sorte do irmão. Em vão Deus o admoestou contra o ódio que lhe invadia o coração. Deu livre curso aos movimentos da sua má natureza ressentida e matou o irmão, o primeiro homem que morreu sobre a terra, e de morte violenta, vítima de vício abominável. Deus lhe exprobrou o crime e amaldiçoou-o. Afastou-se dos seus. Deus o protegeu do ataque de vingança. E parece que se entregou ao desespero.

Interpretação: O leitor percebe que o relato tem pronunciado *tom de história*, contando êste fato que se passou quando do primeiro casal já haviam nascido muitos filhos, netos e bisnetos, isto é, já existia gente vivendo em sociedade.

Com efeito Caim temeu vingança (4, 14). Logo, a substância do fato é verídica: o *fratricídio*; sua causa: os *instintos perversos de Caim*, *revoltados* com o pecado de origem, e os *sacrifícios* com que desde então os homens queriam homenagear a Deus. Isto não obsta a que o fato fosse embelezado com o acréscimo de cousas de outras eras, como a vida pastoril, aparecida depois, com que o autor concretizou a espécie do sacrifício de Abel, sem falar nos antropomorfismos.

O leitor percebe que o relato dessa história tende a inculcar verdades de ordem moral. São estas: desde o começo do mundo a cidade do bem e a cidade do mal estão em luta; há duas atitudes de Deus: a do comprazimento com os justos e com as boas obras, do desagrado pelas más obras e pela pessoa do pecador, que se colhe da formulação das re-

primendas a Caim e da maldição que lhe impôs; a necessidade de boas disposições íntimas nas ofertas sacrificiais, tema tão bem desenvolvido pelos profetas; a resistência da natureza viciada à graça que solicita para o bem com as consequências disso: o pecado, a sanção divina, o remorso.

Tipologia. 1. Abel é figura de Jesus, o Justo por excelência morto pelos irmãos. Com esta diferença: o sangue de Abel clama do céu vingança contra Caim, o de Cristo, mais eloquente que o daquele (Hebr 12, 24), clama sobre os seus misericórdia e perdão. 2. O sacrifício de Abel é figura do sacrifício da Missa. Nela o padre pede que Deus aceite o Pão da Vida e o Calice como se dignou de agradar-se com as oblatas de Abel.

CAINITAS E SETITAS (4, 17-5, 29)

Resumo: Duas genealogias conduzem a história das origens desde os primeiros homens até o dilúvio. 1.^o *A genealogia dos Cainitas* põe em relevo as tendências talvez muito exclusivamente terrestres dos filhos do maldito, porque ela fez “eclodir e progredir as artes que formam o progresso material”, viciado porém de “crescente corrupção moral” (La Sacra Bibbia, 1, 23). Depois da menção de Henoc, de Irad, de Mehuiael, de Matusael, o texto se demora um pouco sobre Lemec. Este introduziu o costume da poligamia, que Deus tolerou mais tarde por certo tempo, casando-se com duas mulheres: Ada e Zila. Da primeira ele recebeu 2 filhos, que são designados por causa da sua atividade social: Jabal foi o pai dos nômades, e Jubal, inventor da música; da segunda igualmente 2: Tubalcain, pai dos ferreiros, e Naama. E assim: “a estirpe de Caim não conta na história das religiões senão como causa perturbadora (cfr. 6, 1-8)” La Sacra Bibbia, 1,

23. 2. *A genealogia dos Setitas* tem história breve, porém, mais desenvolvida pelo autor. Começa pela origem adâmica de Set, que Eva deu ao mundo depois da morte de Abel e giza o caráter providencial desse nascimento. A linhagem é direta, de Adão a Noé, o restaurador da humanidade, e compõe-se de Enosh, Cainan, Mahalalel, Jered, Henoc, Matusalem, Lemec e Noé, ainda que de outros *filhos de Adão* (5, 4) hajam descido outras estirpes humanas, de que nada diz a Bíblia. A atividade geradora dos patriarcas é descrita sob fórmulas esteoripadas: idade do pai, do nascimento do primeiro filho, tempo que viveu depois desse nascimento, a admirável fecundidade de sua vida e a soma total dos seus anos com a conclusão inexorável: “e ele morreu”. Só Enoc faz exceção a esse destino final: deixou de existir num repente, porque Deus o arrebatou. O nome “Noé” foi interpretado: “Ele será o consolador de Lemec”.

Gênero literário. O cuidado histórico do autor é a) de preencher como pode o espaço que vai da criação ao dilúvio, para depois preencher o do dilúvio até Abraão (patriarcas ante e post-diluvianos): b) de mostrar a continuação da cidade do bem e do mal pela linhagem dos filhos de Deus e dos filhos dos homens, cuja fusão traria corrupção generalizada sobre a terra, que o dilúvio iria castigar; as genealogias servem pois de introdução a este; c) de indicar a continuação das esperanças messiânicas, a da prometida vitória sobre a serpente (3, 15), pela escolha de uma raça, a Setita, que daria o Pai dos crentes: Abraão. De fato sobre Set Deus lança seus olhares: Eva, sua mãe, viu nele o substituto de Abel e Enosh, seu filho, e ele ficou associado a uma forma de culto mais perfeito ao Deus verdadeiro, com atos rituais públicos e determinados regularmente.

PENTATEUCO

O autor transmitiu as 2 genealogias, juxtapondo ao que parece as 2 fontes principais que usa no Gên: J para os Cainitas, e P para os Setitas. Vê-se isto na sinopse abaixo:

	J (4, 17-25)	P (c 5)
	1. Adão	1. Adão
2. Caim	Abel Set	2. Set
	Enosh	3. Enosh
3. Henoc		4. Quenan
5. Mehuiael		5. Mahalalel
6. Matusael		6. Jered
7. Lemec		7. Henoc
8. Jabal, Jubal, Tubalcain		8. Matusalem
		9. Lemec
Noé (?)		10. Noé

Como pois simplesmente os reproduziu, seu conteúdo não parece ter sido formalmente afirmado. Poder-se-á pois, discutir tranquilamente sobre as informações que as genealogias nos apresentam: a inerrância bíblica não está envolvida nisso. Note-se também que 4, 23-24 é o primeiro espécime de poesia: “o cântico do Glaudio” de Lemek. “O breve canto respira a vingança mais feroz, como convinha à raça do primeiro fraticida” (La Sacra Bibbia, 1, 23).

Valor histórico. Objeção: A linhagem de Caim é precursora da arquitetura, tecelagem, metalurgia e música. Ora

as ciências arqueológicas mostram que os povos primitivos se elevaram lentamente até o estágio de cultura que tais artes pressupõem. Logo elas não podiam existir nos começos da humanidade. Resp. a) Os primeiros pais receberam de Deus conhecimentos suficientes para a exploração da natureza, que certamente transmitiram aos descendentes; b) os “primitivos” estudados pelas ciências provavelmente viveram em época mais recente, testemunhando antes degenerescência. Deles não há trânsito lógico e provado para a suposição de que os verdadeiros “primitivos” estariam nas mesmas condições; c) os Cainitas ensaiaram artes bem modestas. Logo, o relato é otimista mas não inverossímil; d) mas ele de fato tem inexactidão propositada e literária: a época dos Cainitas, pertencente à *paleolítica*, é descrita sob a veste da cultura *neolítica*, porque Moisés deveu narrar com traços que os leitores conheciam embora não correspondessem aos reais.

Longevidade dos Setitas. Viveram séculos. Eram bem velhos ao nascimento dos filhos. Ora, as eras mais antigas da história e pre-história apresentam Egípcios e Babilônios com vida bem mais curta. E os reinos de então não excediam de muito aos dos soberanos modernos. Depois, vida tão longa está em desacordo com os dados biológicos do homem de então. Que dizer? Vejamos o quadro: a 1.^a coluna dá a idade do patriarca quando gerou o 1.^o filho; a 2.^a quando morreu:

PENTATEUCO

	TH		TS		LXX	
dão	130	930	130	930	230	930
et	105	912	105	912	205	912
nosh	90	905	90	905	190	905
ainan	70	910	70	910	170	910
ahalalel	65	895	65	895	165	895
ered	162	962	62	847	162	962
enoc	65	365	65	365	165	365
atusalem	187	969	67	720	187	969
emec	182	777	53	653	188	753
oé	500		500	500	500	

Quatro soluções foram propostas. *A primeira*, vendo que há desacordo entre a Bíblia Hebraica, Samaritana e Grega, estende os números à letra, dando-lhes porém só valor aproximativo. “Longevidade extraordinária devida provavelmente à juventude da raça humana e às condições gerais mais favo-

ráveis naqueles remotíssimos tempos; a geologia encontrou algum paralelo a isso no reino vegetal e animal (especialmente as dimensões gigantescas)” (La Sacra Bibbia, I, 78). Sem falar nas bênçãos divinas, primeira causa de tão longos anos.

A segunda, a que o autor não dá o número real de anos, e sim o *artificial*, baseado em algum simbolismo que ainda não é bem conhecido.

A terceira julga que “anos” aqui significam meses lunares de vinte e nove dias e meio. Mas então os patriarcas seriam pais antes da puberdade.

A quarta supõe que o autor simplesmente *encaixou* um documento, sem aprová-lo, tratando-se de *citação implícita*; logo não garante nada sobre o valor de seus números. De fato, documentos extra-bíblicos atribuem ainda maior longevidade aos antigos herois. E a encíclica Divino afluente Spiritu recomenda a atenção para com a literatura oriental coeva. Mas como encaixou para realizar o seu fim, tem-se que o autor quer “pôr em evidência a *continuidade do projeto divino* que domina as efêmeras existências humanas, qualquer que seja a sua extensão. Os homens, as gerações sucedem-se, a morte cumpre mais ou menos prematuramente sua obra, mas a promessa divina é irreversível: *verbum autem Dei manet in aeternum*. Dos pais aos filhos a humanidade continua a marchar para Cristo”. (Lusseau).

As genealogias bíblicas e as tradições profanas. Os Fatos.

“Três listas reais babilônias foram aproximadas das linhagens patriarcais bíblicas: uma enumera os reis antediluvianos com menção da sua capital e da duração do seu reino; outra indica os reis que se sucederam na Baixa-Babilônia desde a

PENTATEUCO

fundação da realeza até as cercanias de 2400 A. C., igualmente com o nome de residência e a duração de seu reino; a terceira, do autor *Beroso*, agrupa os mesmos nomes, com as mesmas indicações mas ao redor de 3 cidades antediluvianas só. As 2 primeiras listas são redigidas em caracteres cuneiformes, a terceira, em grego. A vida de cada rei passa de 10, 20, 30, ou 40.000 anos. O total da primeira lista atinge 456.000 anos; da 2.^a: 241.200; o da 3.^a: 432.000. Há 10 reis, na primeira lista, 8 na segunda, 10 na terceira. Aqui vão elas:

Cuneiforme (segunda)	Cuneiforme (primeira)	Beroso
1 Alulim de Eridu 28000	Alulim de Subaru 67200	Aloros de Babilônia 36600
2 Alagar de Eridu 36000	Alagar de Subaru 72000	Alaparos, filho de Aloros 10800
3 Enmeenluanna de Baddibira 43200	...kidunnusakinkin de Larsa 72000	Amelon de Pautibibla 46800
4 Enmeengalanna de Baddibira ... 23800	... ukuk (?) de Larsa 21600	Amenon de Pautibibla 43200
5 Dumuzy, pastor de Baddibira .. 36000	Dumuzi, pastor de Baddibira 28880	Magalaros de Pautibibla 64800
6 Ensibzianna de Larak 28800	Enmeenluanna de Baddibira 21600	Daos, pastor de Pautibibla 36000
7 Enmeenduranna de Sippar 21000	Ensibzianna de Larak 36000	Evedorachos de Pautibibla 64800
8 Ubaradudu de Suruppak 18600	Enmeduranna de Sippar 72000	Amempsinos de Laracha 36000
241200	9 Sukurlam, filho de Ubaratutu de Suruppak 28800	Otiastes de Laracha 28000
	10 Ziusuddu, filho de Sukurlam de Suruppak 36000	Xisuthros, filho de Otiastes 64800
	456000	432000

Comparando-se estes com os dados da Bíblia vê-se que:

1.^o As genealogias bíblicas não falam de reis;

2.^o Os nomes não são susceptíveis de nenhuma aproximação, nem pela sua consonância, nem pelo seu sentido (sal-

vo Ziusuddu, “o prolongado quanto aos anos” da sua vida, o que significa também Noé);

3.º Os patriarcas bíblicos não são postos em relação com região alguma determinada, ao passo que os reis das tradições babilônias são referidos à Caldéia. A Bíblia guarda pois uma fisionomia independente, embora seja devedora de um fundo de tradições primitivas. Nem se podem identificar os patriarcas com os reis dessas listas. Quando muito se pode dizer que o autor bíblico, num ambiente onde as árvores genealógicas eram apreciadas, quis usar dos seus conhecimentos etnográficos e compôs a tábua dos patriarcas, merecedora de mais fé que as listas mencionadas.

2. DO DILÚVIO A ABRAÃO

I — O DILÚVIO (Gên 6-7, 20)

Resumo. — Os casamentos entre os filhos de Deus — os Setitas — e os filhos dos homens — Cainitas — deram origem a uma raça estranha e perversa, que a Bíblia chama de “gigantes”. Diante da corrupção generalizada o Senhor, arrependido de haver criado o homem, decide destruir todos os viventes. Uma família e representantes de todas as espécies de animais são subtraídos à destruição universal. A família que encontra graça diante de Deus tem como chefe Noé. Este recebe a ordem de construir um instrumento de salvação: a arca. Minuciosas são as indicações divinas relativas à matéria da barca: madeira de *gopher* (cedro ou melhor cipreste, palavra que vem do mesmo país); as dimensões de todas as ordens: — 100 côvados de comprimento, 50 de lar-

gura e 30 de altura; a acomodação interior: 3 andares com repartição em células; ao arejamento: janela que é preciso entender com abertura perimétrica, correndo de trave em trave, a um côvado do teto, (teto do barco não aderente ao costado, e sim preso a ele por traves). A arca trazendo uma janelinha no costado não corresponde à realidade.

Uma porta sim, nela dava acesso ao interior da barca. Pintura de pixe devia segurar a impermeabilidade do conjunto. Na arca estariam Noé, sua esposa, seus filhos Sem, Cam e Jafet, e as esposas deles, duas cabeças-macho e fêmea — de cada espécie animal, bem como a provisão para os homens e os animais. 120 dias de prazo, durante o qual estava sendo construída a arca, de nada aproveitaram à humanidade pecadora. Então Deus renovou seus designios a Noé. As ordens são as mesmas; só modifica o número de animais: 7 animais puros, 2 animais impuros, contando-se entre aqueles as aves. Durante 7 dias Noé terminou os preparativos. No primeiro dia da chuva os protegidos de Deus entraram na arca. O mesmo Senhor lhe fechou a porta. Então no 17.^o dia do 2.^o mês do 600.^o ano de Noé o cataclismo começou: jorro das águas do abismo (maré montante) e abertura das comportas do céu (pé de chuva); durou o flagelo 40 dias inteiros, cobrindo as águas toda a terra e elevando-se até 15 côvados acima das montanhas mais altas. Todos os seres animados pereceram nas vagas.

Depois de 150 dias de maré montante e persistente, no 17.^o dia do 7.^o mês a Arca se fixou no Monte Ararat. 75 dias depois, que foi o 1.^o do 10.^o mês, depois de fluxos e refluxos, emergiram os cimos dos montes. Noé pode então contemplar os cadáveres das vítimas juncando as alturas. Ao fim de 40 dias, quando espaços suficientes apareceram, soltou um corvo; este partiu e voltou, multiplicando seus vai-vens até que as

águas secassem, no 1.º dia do 1.º mês do ano seguinte. Tudo parece indicar que a essa data o corvo lá se foi para sempre.

O leitor percebe que o relato foi compilado de 2 documentos principais, se atentar para: a) “duplicatas”: 2 vezes foi narrada a corrupção universal, a ordem de entrada na Arca, a mesma entrada, o começo do cataclisma, a ruína universal, a promessa divina de não mais destruir os homens...; b) fatos outros provindos certamente de fontes diversas: modos diferentes nas ordenações relativas a animais puros e impuros (êstes seriam 7 pares aqui, um só ali), números das cronologias expressos ora como cardinais ora como ordinais; c) o nome divino diversamente dado. Moisés soube porém ligar bem os 2 documentos. Ele os citou mostrando *preocupações*: a) *litúrgicas*: distinção de animais puros e impuros; predileção pelo número sete: avisos últimos de Deus 7 dias antes do começo do dilúvio, 7 animais puros, 7 dias entre os envios da pomba; sacrifício oferecido à saída da Arca; b) *teológicas*: pintura de Deus arrependido de haver criado o mundo para indicar a sua *infinita santidade*, oposta ao pecado deste; decreto da destruição universal para indicar a *justiça divina*. Isso tudo com antropomorfismos: as minuciosas recomendações divinas, os detalhes do plano de salvação, o fechamento da Arca, a ordem de saída, a promessa de não mais destruir, o contentamento de Deus ao cheirar o fumo do sacrifício.

Logo, se de um lado tais flores literárias levam a não tomar tudo à letra, de outro a *precisão* do autor quanto às *personagens*, aos *números*, à *sucessão dos acontecimentos* proíbe ver no relato mera lenda: há história verídica imaginosa e exposta. Vejamo-la em ligação com as imagens que a descreveram:

ENSINO HISTÓRICO-DOCTRINAL:

1.º *Desordem moral generalizada*: as consequências do pecado original manifestam-se e o contágio por causa dos matrinhões atinge os melhores elementos: generalizou-se.

2.º *Necessidade de castigo exemplar*. Deus tarda, porque é misericordioso, mas não falha porque também é justo.

3.º *Decreto de destruição*. A justiça toma o lugar da misericórdia, com poupamento dos bons, à vista dos planos da Sabedoria infinita.

4.º *Realização do decreto divino*. Foi flagelo provocado por água e o salvamento por meio semelhante à Arca, qualquer que seja a forma e a organização dele.

5.º *Homenagem a Deus*. Noé e os seus ofereceram-no em nome dos seres poupados e aplacou-se a Justiça Divina.

Valor tipológico. O salvamento feito por Deus é tipo de outro salvamento organizado por Cristo: Noé e os seus, escapes do dilúvio, são tipos da humanidade escape das ondas do pecado; as águas que levantam a Arca figuram por vêzes o Batismo cujas águas erguem a alma acima do abismo da morte; a arca é tipo da Igreja: assim como aquela era o único meio de salvação para os atingidos pelo dilúvio, esta é para os atingidos pelo pecado. Se os contemporâneos de Noé acaso não tivessem todos tido precisão da Arca, porque não foram castigados pelo dilúvio, todos têm necessidade da Igreja, porque todos contrairam o pecado.

UNIVERSALIDADE DO DILÚVIO

a) *Certamente não foi geograficamente universal*. Esta sentença que é a da maioria dos Padres e escritores eclesiás-

ticos até o sec. XIX, foi depois abandonada justamente. De fato como não trata de questão de fé nem de costumes, e sim de história, não é obrigatória. Também as expressões: “toda a terra” e “todos os animais” não requerem essa universalidade, porque a língua hebraica gosta de *hipérboles*. Ex. Dt. 2, 25 diz que a entrada de Israel em Canaã amedrontou *todos* os povos que vivem debaixo da calota celeste, ora amedrontou só os povos vizinhos. Gên 41, 54-57 diz que todos os povos iam buscar trigo no Egito. Logo, aqui essas expressões entendem-se só da parte do globo de que trata o contexto que é o horizonte abarcado por Noé e só dos animais ali viventes.

Finalmente a tradição universal do dilúvio não é argumento, porque a dispersão dos noelitas levou o seu conhecimento por toda a parte. Ademais, êsse dilúvio exige tais e tantos milagres, que a gente não pode admitir atoa. De fato a *zoologia* demonstra a impossibilidade dele, a) porque a Arca é de incapacidade evidente para o fim: centenas de milhares de espécies animais, provisão para elas, gente para delas cuidar, não bastando Noé e os seus; b) a *aclimação* se requer dos animais de todas as regiões para a temperatura da Caldéia; c) é inverossímil a dupla migração dêles para a Arca para seus habitats; d) Noé não tinha peixes na Arca? ora, a mistura de águas, a marinha e doce, teria matado a todos eles. Igualmente a *física*: a) donde viria tão grande massa de água, que cobriu montanhas de 8.000 ms? Chuva tropical de 40 dias seguidos dão uma camada só de 800 ms., que os oceanos não podem completar até aquela altura, porque sua profundidade média é de 4.000 ms.; b) chuva torrencial por toda a terra e tão longa é contra a meteorologia; c) vai contra a *hidrostática* a posição dos oceanos como terraço sobre a terra; d) vai contra a *fisiologia*, porque essa massa de água existiria antes em forma de vapor dagua, que teria pres-

são 500 vezes maior do que a normal, sob a qual todo vivo morreria.

b) *Etnograficamente universal*. O dilúvio estendeu-se por toda a terra habitada no tempo de Noé. Razões: a) O texto fala sempre de “o homem”, referindo-se a todos, e representa a Noé como um segundo Adão: Ambos recebem uma bênção especial e a supremacia sobre o criado, ambos representam todo o gênero. Ademais S. Pedro diz que só 8 almas se salvaram (1 Pdr 3, 20). Nosso Senhor por sua vez comparou sua segunda vinda com o dilúvio (Mt 24, 37-39), sem poupar ninguém (cfr. 2 Pdr 3, 5-7). b) O fim de castigar a humanidade culpada consegue-se com êle. c) A razão da primeira opinião é ser o dilúvio tipo. Entretanto para isso não precisa ser universal.

c) *Dilúvio restrito*. Só a totalidade da região submersa, com exceção dos 8. De fato: a) Se “toda a terra” e “todos os animais” se entendem restritamente, por que não “todos os homens”? b) Os textos bíblicos de b) aludem à salvação só de 8 no meio dos naufragados, *sem se preocuparem se estes foram todos ou não*. c) A Bíblia (Gên 15, 19; Núm 24, 21-22; Jud 4, 11) ao contrário favorece esta terceira opinião, porque os *Cineus* dos lugares supra são ditos no TH *Cainitas*. Ora na hipótese de dilúvio universal estes já não existiriam. d) O escopo da Bíblia não é o de traçar a história geral da humanidade, e sim a do povo escolhido. Assim, antes do dilúvio estende-se mais sobre os *Setitas*, herdeiros das promessas messiânicas, do que sobre os *Cainitas*; depois dele, só lhe interessam os *Semitas*. Logo, no relato do dilúvio a Bíblia se ocupou só dos *Setitas* que formam uma como humanidade à parte, prescindindo de outros povos só frouxamente relacionados com a história da Redenção. “Todos os homens” tomam-

se pois restritamente (todos os Setitas). e) Gên 10, que dá a Tábua dos Povos, não fala da raça preta, que Moisés conheceu no Egito, amarela e vermelha, nem dá a filiação dos Sodomitais, Amalecitas, Emim, Zuzim, etc.; omissão que se explica bem supondo-se que estes povos não descendem de Noé. Entretanto tais razões não são peremptórias nem resolvem as objeções formuladas contra a sentença. Logo, a ciência não constrange a aceita-la. A segunda e a terceira são aceitáveis, bem que aquela mais se ajuste a todas as exigências da razão e da fé, ao menos hoje. E se aquela é a mais comum hoje, esta conta sempre mais adeptos.

As causas físicas do dilúvio segundo a Bíblia foram: a) *a chuva*. Ora sabe-se que no começo do quaternário ela era bem mais abundante do que hoje: b) *a invasão dos oceanos*: erupção vulcânica atirando as águas do mar sobre os continentes, afundamento de continente provocando forte maré sobre o golfo pérsico, movimento orogênico? Tais causas mostram a possibilidade do fato bíblico, que assim não ofende a ciência.

Causa moral: A ira de Deus por causa da corrupção universal.

O dilúvio foi milagre? E' antes de mais nada fato providencial. Depois se foi geograficamente universal, houve intervenção especial e miraculosa de Deus. Mas se foi restrito, agiram as causas segundas, sem aquela intervenção, ainda que elas estivessem sujeitas a especial disposição pela Providência e sua extraordinária extensão fá-lo milagre "quoad modum",

COMPARAÇÃO ENTRE O DILÚVIO BÍBLICO E O
DAS OUTRAS LITERATURAS ANTIGAS

Há o dilúvio *babilônio*: 5 Deuses, Anu, Enlil, Nin-urta, Ennugi e Ea, reunidos em assembléia na cidade de Shurrapak, decidiram enviar o dilúvio à terra. Ea porém traiu o segredo a fim de prevenir dele o seu protegido Um-napishtim, ordenando que ele construísse um barco e colocasse dentro toda semente de vida. Aos patrícios espantados com a construção dizia que desejava partir de viagem. Um-napishtim obedeceu, construiu o barco, embarcou todo o seu ouro e prata, sua família, parentela, artesãos, toda semente de vida. À hora marcada por Shamash a chuva começou a cair. Um-napishtim, amedrontado, entrou para o barco, fechou a porta, colocou o bateleiro puzur-Enlil ao leme. E o flagelo chegou à extrema violência, atemorizando até os mesmos deuses, que escalaram o céu de Anu, onde ficaram como cães encorujados. Seis dias e seis noites durou a tempestade acalmando-se no 7.^o. Um-napishtim abriu então a janela e viu a luz, chorando de alegria. Viu-se ao longe uma ilha, onde estava o Monte Nicir. Ali foi fixar-se o barco. Depois de 6 dias Um-napishtim enviou uma pomba que voltou. Igualmente uma andorinha que voltou. Mas enviando um corvo não voltou; ficou comendo a carniça lá fora. Um-napishtim desembarcou e ofereceu um sacrifício aos Deuses que lhe foram cheirar o bom odor. Enlil que Ea quer excluir do sacrifício, irrita-se ao ver um escape das águas. Ninurta denuncia a traição. Ea defende-se do ataque, mostrando-se que agiu por irreflexão, tendo ademais avisado Um-napishtim só por sonho que este soube compreender. Afinal tudo se compôs, Enlil recebeu a sua parte do sacrifício, abençoou Um-napishtim e sua esposa e lhes conferiu a imortalidade.

Há o *sumário*, o dos documentos *siriacos e gregos* de Be-
roso, que têm os mesmos caracteres do mencionado.

Comparando-se eles com o bíblico notam-se *semelhanças incontestáveis*: os mesmos conselhos e decretos, o mesmo processo de castigo, o mesmo cuidado de fazer uma exceção, a mesma escolha de um homem e de sua família. Até detalhes semelhantes: a calafetagem, a janela. Episódios comuns, como a extensão do flagelo, a fixação do barco num monte, o envio de aves, o sacrifício.

Ao lado há *diferenças enormes*: naqueles, politeísmo, deuses baixamente humanos até o ridículo; no bíblico, monoteísmo e são antropomorfismo. Deve pois haver *ligação* entre eles: não de *dependência mútua* entre si, por causa das divergências que existem, e sim *de ambas relativamente à fonte comum*, conservada em sua pureza no canal patriarcal, e deformada, na transmissão sumero-babilônia, de que dependem os outros.

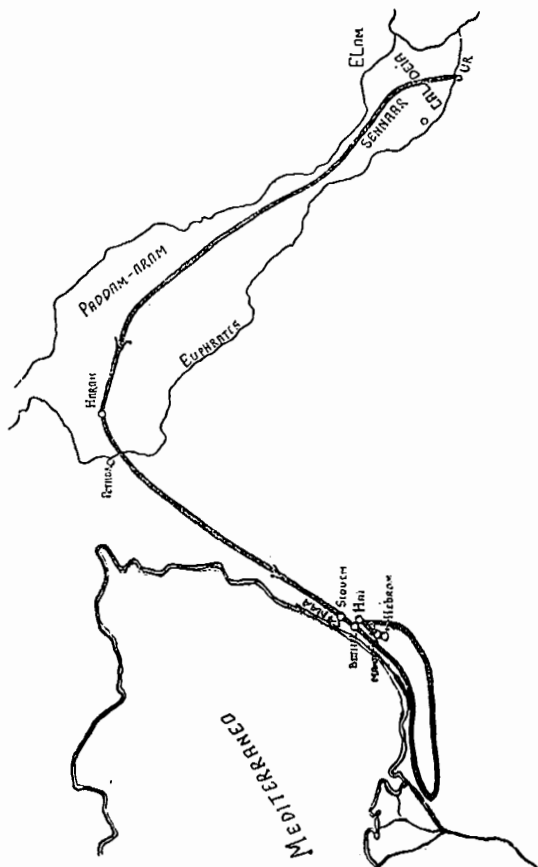
II — OS COMEÇOS DO POVO DE ISRAEL

OU TEMPO DOS PATRIARCAS

DE ABRAÃO A MOISÉS

Gên 11, 10-26, 25. O hagiógrafo une as origens de Israel aos *Povos Semíticos*, para que mediante Abraão seja Israel o herdeiro das bênçãos divinas prometidas a Sem (Gên 9, 26s.).

Nota sobre este texto: Heber aí (e em Gên 10, 21: “pater filiorum Heber”) é nome de indivíduo mais de região



Ida de Abraão ao Egito e volta para Canaã.
 "A Grande Viagem" ou migração, começo da história de Israel.

com seus habitantes: 1.º, porque outros nomes aí também significam região, como Arfaxad e Serug; e 2.º, porque Abraão em Gên 14, 13 é chamado *Ibri*, não qual filho de Heber, pois este existiu 6 gerações antes, e sim como epíteto geográfico: Abraão o *Ibri* (...o de lá (do rio). De Heber veio a palavra “Hebreu”.

ABRAÃO

A PÁTRIA E A FAMÍLIA DE ABRAÃO

Gên 11, 27-32 é um prefácio (avant-propos) à história de Abraão; não é o seguimento de Gên 11, 10-26, e sim o começo de nova secção (Chaine).

Abraão é Terahita (descendente de Terah). O habitat primitivo dos terahitas foi UR na *Mesopotâmia do Sul*. A situação de Ur foi identificada com a atual *Muqayy*, cujas “escavações (feitas) por Taylor (1849) e Loftus (1850) foram completadas por uma missão anglo-americana (Woolley e Le-grain) desde 1922.

Além dos tempos do Deus Lua, NANNAR, e de seu pai, NIN-GAL (e dos filhos de ambos), o zigurat, os palácios com colunatas, as casas com andares da época de Abraão, notar-se-ão sobretudo os hipogeus reais predinásticos (c. 3400-3100), as riquezas imensas e os ritos fúnebres cruéis” (Init. Bibl). Ela era “metrópole religiosa onde nômades iam vender os produtos de seus rebanhos, comprar os objetos necessários e praticar o culto de Deus Lua.” (Chaine) Os Terahitas eram nômades, provavelmente arameus. Eis o esquema genealógico:

PENTATEUCO

Terah (Tareh na Vulgata)

Abraão			Aran		Nacor	
Ismael	Isaac	Madian	Lot	Mela	esp. Melca)	
(de Agar)	(de Sara)	(de Cetura)			(esp. de Nacor Batuel	
	esp. de Rebeca					
			Moub Amon		Rebeca	Labão
Esau		Jacó			(esp. de Isaac)	
	(esp. Lia e Raquel)					Lia Raquel

MIGRAÇÃO DOS TERAHITAS DA MESOPOTÂMIA DO SUL PARA A MESOPOTÂMIA DO NORTE

“Houve diversas migrações de Ur para Haran. As escavações permitiram fazerem-se a esse respeito importantes averiguações.” (Chaine). Quer por intervenção divina (Gên 12, 1-3), que segundo At 7, 2 se teria dado em Ur, quer sem ela, deixada para Haran, porque Terah e Abraão “parecem agir por sua própria iniciativa; mas de fato realizando um designio de Deus, que dará o país (de Canaã) ao grande patriarca e à sua descendência” (Chaine), os Terahitas deixaram Ur da Baixa Caldéia com destino para o país de Canaã. Chegando porém aos arredores de HARAN, na Mesopotâmia do Norte, e “centro caravaneiro importante” (His. Rel. de l’ A. T. de Coppens e Irmãs de Voselaar), ali a caravana desses Nômades se fixou. Houve *razões políticas* para a migração, desde que “lutas incessantes pela conquista, posseção, e retomada da antiga cidade do Deus-Lua deram-se durante os anos que precederam ou seguiram o ano 2.000 a. C. Compreende-se pois logo como os ascendentes do patriarca, a fim de evitar as inquietações de tais conflitos, tenham abandonado o torrão natal” (D. B. S.).

VOCACÃO DE ABRAÃO. Gên 12, 1-5. “O texto que nos conta a vocação de Abraão e sua ida a Canaã é um dos mais importantes do A. T. para a história religiosa de Israel e da humanidade” (Chaine).

1. *Religião dos Terahitas.* Segundo Jos 24, 2 os Semitas *serviebant diis alienis*. Os Terahitas eram politeístas como os moradores de Ur. Os nomes que tinham isso provam: SARA deve aproximar-se de SHARRATU (Babilônio), que significa *rainha, soberana*, tradução semítica do sumério NINGAL. Labão (o leite) faz pensar na palidez da lua. Terah é nome teofórico (o Deus da lua nova).

2. *Mas Abraão era monoteísta*, “seja porque único entre os seus tivesse ficado fiel às tradições antigas, seja porque Deus, por revelações particulares, o tivesse feito renunciar à idolatria familiar. (Renié).

3. *O texto.* “Deus pede que Abraão deixe tudo. Êle manifesta a sua exigência acumulando os termos.” (Chaine). A troca faz promessas magníficas: a) será o tronco de grande povo (o povo judaico); dele saíram também os árabes (por Ismael), Madianitas (por Madiã), Idumeus (por Esaú); b) antepassado do Messias, sua posteridade espiritual será ainda maior; c) “E serás abençoado” no TM é: “serás bênção”, a saber, fonte de bênçãos para os outros, com nome tão formoso que seja fórmula de bênção.

V. 3 desenvolve essa idéia. *Universae cognationes terrae*: não se restringe só às nações de Canaã; é o universalismo: todas as nações da terra, não excluídos os Camitas, serão abençoadas em razão do Messias (texto messiânico).

TEXTOS RELATIVOS ÀS PROMESSAS. São 5 os que prometem a Abraão e à sua descendência uma bênção singu-

lar, relacionada com a vitória da humanidade sobre a serpente (Gên 3, 15), e com a bênção de Sem (Gên 9, 25-27). Os 5 têm quase as mesmas palavras, têm o mesmo sentido literal e exigem a mesma interpretação messiânica e teológica. São o texto supra e Gên 18, 17-18; 22, 16-18; 26, 2-5 e 28, 13-14. Os 3 primeiros são para Abraão, o quarto para Isaac, e o quinto para Jacó.

2. *Os benefícios prometidos*: a) inúmera posteridade; b) especial providência sobre essa posteridade de Abraão; c) possessão da terra de Canaã; d) vitória completa sobre os inimigos; e) bênção de todas as gentes em Abraão e sua descendência.

3. *Natureza das promessas*. São diretamente bens temporais, ao menos condicionalmente; não só temporais: pois a solenidade das promessas, a natureza dos bens prometidos, que só em sentido sobrenatural podem entender-se de todos os povos e a missão religiosa do povo hebraico com a interpretação de Nosso Senhor e dos Apóstolos as entendem também do Messias e do seu reino. Logo, são bens indiretamente espirituais e sobrenaturais.

4. **A DESCENDÊNCIA DE ABRAÃO, EXPRESSA NESSES TEXTOS**. Todos os católicos admitem ser o Messias só ou com o seu corpo místico, seja literal seja tipicamente. a) *Interpretação individual*: A DESCENDÊNCIA É SÓ O MESSIAS. Razão: At 3, 25-26; Gal 3, 16: “NON dicit”: Et seminibus, quasi in multis; sed quasi in uno: Et semini tuo, qui est Christus.” Crítica: Pedro só diz que Cristo trouxe bênçãos aos Israelitas, descendentes de Abraão; Paulo considera Cristo e seu corpo místico formando uma unidade espiritual, herdeira das bênçãos de Abraão; b) *Interpretação coletiva*: “Semen” é toda posteridade de Abraão,

incluído especialmente Cristo Jesus. A 1.^a parte baseia-se no contexto próximo; a 2.^a na relação para com o Protoevangelho.

ESCÓLIO: o sentido messiânico demonstra-se *teologicamente* pela Escritura e tradição de modo certo; *apologéticamente*, só de modo obscuro pela excelência da Bênção singular prometida aos pósteros de Abraão.

OS NÔMADES TERAHITAS EM CANAÃ, SIQUEM, PRIMEIRA ETAPA. Gên 12-15. “Abraão deixou tudo. Desde o começo de sua história êle aparece como homem da fé.” (Chaine). Cfr. Hebr 11, 8. O caminho das caravanas que êle devia tomar em Haran subia do sul, da Mesopotâmia, de Ur da Caldéia, para o norte, depois atravessava a Síria e levava a Canaã pelas planícies de Damasco e Esdrelon.

1. Estavam os Terahitas em Haran quando morreu o chefe da caravana, Terah. Tinha 205, segundo o TS e os LXX; só 145, segundo o PS; esta lição, a que se referem At 7, 4 é melhor pois Gên 12, 4-5 diz que Abraão tinha 75 anos quando deixou Haran, e como seu pai o gerou com 70 anos, êle partiu no ano da morte de seu pai, o que explica a sua substituição a Terah como chefe da caravana (70 mais 75: 145).

2. E’ de Haran que Abraão, o terahita chamado por Deus para ser o *verdadeiro Pai do povo escolhido*, empreendeu sua viagem para a Terra Santa. Essa viagem é, pode-se dizer, o primeiro fato da história israelítica. Com ela começou a grande epopéia, a história das ações e gestas maravilhosas realizadas pelo povo de Israel sob a orientação do mesmo Deus.” (H. R. de A. T. de Coppens e Irmãs de Vorse-laar).

3. O v. 5 dá a composição da caravana: Abraão, sua esposa Sara, o sobrinho Ló, os servos adquiridos em Haran, os bens todos (rebanhos).

4. Direção da caravana: atravessou Canaã rumo sul até o carvalho de Moré, perto de Siquém, e ali ergueu suas tendas. Nota à Vg.: ela traduziu: usque ad convallem illustrem, em lugar de: usque ad quercum Moreh. Siquém no ano 2.000 era cidade fortificada, situada a 400 ms. de altitude e à entrada do vale ladeado pelo Monte Ebal (938 ms) e Garizim (868 ms.), na encruzilhada dos caminhos do norte ao sul do país, e do Jordão ao Mediterrâneo. Daí o nome: Siquém é *nuca* entre 2 grossas espáduas.

5. ESTADO DE CANAÃ À CHEGADA DOS TERAHITAS. A “terra de Canaã” estava habitada por semitas, chamados ora Cananeus, ora também Arameus. Conciliam-se os textos, supondo duas levas sucessivas de semitas chegadas a Canaã: os Cananeus, a seguir os Arameus, instalados desde o começo do ano 3.000 a. C. “Os antigos habitantes do país, não semitas, (Refaim, Zuzim, Emin, Horrim...), subsistiram, em meio aos recém-vindos, misturando-se pouco a pouco com êles.” (Chaine). Tais anteriores, cuja história ainda se ignora, deixaram traços de sua passagem: restos de crâneos, mortos incinerados, sílex picados. Como houve ademais a invasão dos HITTITAS (ou filhos de Het), povo não semita que tinha seu centro na Ásia Menor, e este se tornou forte, os antigos habitantes do país de Canaã são ainda chamados coletivamente pelo nome de Heteus ou Hittitas. De fato, Abraão chegou a Canaã habitada por populações misturadas e sedentárias, vivendo entre elas como nômade. Ainda hoje perto de Jerusalém acampam os beduinos. Viveu em paz no meio deles, como Isaac e Jacó (Gên 34 e 47 são exce-

ções). Como hoje, nos campos de Moab, as tribos estranhas encontram asilo e proteção, segundo o direito do *qasir*.

6. NOVA APARIÇÃO DE DEUS A ABRAÃO. 1. *Lugares do culto no tempo dos patriarcas e depois ainda*. É simples cercado a céu aberto tendo no interior uma pedra sobre a qual derramavam libações e sangue de vítimas, ou altar sobre que sacrificavam, com pedras erguidas ao redor, como guardas de honra (H. MASSEBOTH); por vezes uma árvore sagrada, pois em país seco e nu a presença de árvore verde como indica algo de misterioso e benfazejo; elas são raras, participavam da veneração e eram objeto de superstições. O “carvalho do Oráculo” como se traduz o carvalho de Moré relacionava-se com essa adivinhação na época de Abraão. Como os lugares do culto eram geralmente sobre colinas, chamavam-se “lugares altos” (excelsa).

2. O carvalho de Moré vai ter destino mais alto. Aparece ali Deus e indica a Abraão que essa é a terra destinada aos seus descendentes. Esse lugar foi comprado por Jacó, que erigiu ali um altar, fundou o santuário, e de volta da casa de Labão enterrou os objetos idólatricos da sua caravana (Gên 33, 19-20; 25, 3-4); mais tarde Josué erigiu sob a árvore uma lápide em memória da Aliança e ali são enterrados os ossos de José. (Jos 24, 26. 27. 32).

7. BETEL, SEGUNDA ETAPA. (Gên 12, 6-8). Ali mais ao sul, sempre nas montanhas, numa posição entre Luz (LUZA), cidade que existia no séc XXI A. C. (hoje Beitin) e aí, Abraão erigiu um altar ao verdadeiro Deus, um santuário, “casa de Deus” ou Betel; o nome do edifício passou ao da cidade: daí a mudança de Luz para Betel. Betel ficou mais célebre do que Siquém, porque tornado centro religioso de Israel, reino do norte.

8. ABRAÃO NO NEGEB. (Gên 12, 9). Abraão desarmou novamente sua tenda e dirigiu-se para o Negeb, que “se estende de Gaza e de Berşabee ao sul de Hebron até Cades; é um deserto de montanhas nuas, áridas, descendo a pique por vezes 1.000 ms. sobre planuras cascalhentas, semeadas de sílex e de torrentes secas”. (Chaine). Daí o nome de *Negeb*, o *seco*. Parece desabitado, mas beduínos aí moram hoje; tufos de crua brotam no tempo das águas.

ABRAÃO NO EGITO. (Gên 12, 10-20) 1. *Razão da viagem*: a fome do Negeb, provinda da seca. De fato, quando a estação das águas é má, ou porque as chuvas não são abundantes, ou porque chegam tarde, o trigo ora não brota ora não chega a amadurecer. Os nômades desciam então ao Egito, passando o istmo, e deixando o rebanho a pascor a este do Delta. Um pintor representou sobre as paredes do túmulo de Knumhotep, em Beni-Hassan, uma turma de Semitas, com sacos e asnos, para a provisão de trigo, fato que se deu no ano VI de Sesostre II (1.900 A. C.). Mas a identificação dessa turma com a de Abraão não se prova, sendo aliás rejeitável, se se adotar a cronologia “baixa” (que vai no fim deste estudo).

2. As enchentes periódicas do Nilo asseguram a fertilidade ao país, se embora nem sempre (tempo das vacas magras). Daí ser o Egito o celeiro do mundo antigo.

3. INCIDENTE COM ABRAÃO NO EGITO. a) A provisão de Abraão baseava-se nos costumes fáceis dos príncipes orientais, “que se arrogavam o direito de introduzir no seu harém todas as mulheres que lhes agradassem, fazendo desaparecer, caso necessário, o molesto marido.” (Renié); b) Abraão usou de artimanha, dando-se como irmão de Sara (13); c) Deu-se o acidente previsto, pois (15) os oficiais de

FARAÓ levaram Sara para o harém real, enquanto que Abraão é cumulado de presentes; d) Mas Deus puniu Faraó com castigos não indicados a fim de levá-lo a dúvidas e trazê-lo à verdade. Conhecida esta, restituiu a Abraão sua esposa, e fe-los conduzir até a fronteira.

e) *Moralidade do ato de Abraão.* 1.^a sentença: êle mentiu. “A teologia do passo é tão primitiva como as idéias sociais. A honra da esposa vale menos que a vida do marido; o homem dispõe de sua esposa e entrega-a ao adultério. Mais adiante veremos a Ló oferecendo suas filhas (19, 8); no livro dos Juizes, conta-se que um levita prostituiu sua concubina (19, 25). Essa atitude corresponde a uma idéia conservada no antigo (testamento) código do Êx (20, 17), segundo o qual o homem é dono de sua esposa como de sua casa, de seu boi ou de seu asno. Deus é grande, porque é senhor até do Egito; mas é acomodador com Abraão, seu protegido, que tira bom proveito no negócio. A mentira não foi punida... O redator javista sabe que Abraão agiu mal e que Faraó tem razão, mas relata uma tradição que remonta a época muito antiga quando a moral não era exigente”. (Chaine).

2.^a sentença: Abraão não mentiu; êle contou parte da verdade, pois era irmão de Sara por parte de pai; nada disse de ser também esposo; escolheu o menor mal: só o adultério possível de Sara, em lugar do maior: isso mais a sua morte, sempre com confiança em Deus de que o adultério não se desse (Agost.). E’ a melhor. Sara, 9 anos mais nova do que Abraão, tinha pois 66 anos antes de sair de Haran, não podia ter beleza tal que suscitasse o ciúme de Faraó. Resp. “Mas se se notar que o mesmo fenômeno reaparece mais tarde nos episódios de Abimelec com Abraão (Gên 20) e de

novo com Isaac (26, 7-11); e, ademais, que êle está ligado intimamente, não tanto com a longevidade dos patriarcas, quanto com a maternidade nonagenária de Sara, e mais geralmente com a fecundidade centenária dos patriarcas: aparecerá claro que a Bíblia entende explicitamente apresentar esse grupo de fenômenos como efeito de um privilégio, reservado aos progenitores do povo de Deus, justamente porque tais.” (Ricciotti, Storia d’Israele, t. I, pág. 144).

SEPARAÇÃO DE ABRAÃO E DE LOT. Gên 13

1. Abraão e Lot, de volta para Canaã tornaram-se extremamente ricos. Para breve não havia mais *espaço vital* para os rebanhos de ambos (6). Querelas surgiram entre os pastores de um e de outro (7), e só estas parecem ter sido a causa da separação dos dois. Querelas de pastores, sobretudo perto de poços e nascentes, são incidentes normais; acresce que havia mais gente: cananeus e Perzzim (povo não semítico), a ocupar também a terra.

2. “Abraão tem caráter generoso e pacífico”. (Chaine) Tornando aquelas querelas difícil a convivência de ambos, pela separação oferecendo a Lot a escolha das terras. Betel assistiu a esse ato de desinteresse, até onde chegaram êles, vindos do Egito; de lá se viu uma nesga do Mar Morto e do vale do Jordão.

3. Lot viu e escolheu o KIKKAR DO JORDÃO (o círculo, a roda do Jordão): a barca o vale do Jordão inferior, o oásis de Jericó e os arredores do Mar Morto até Sôar (Segor) ao Sul.

4. O estado de KIKKAR então vem no v. 10: “estava irrigado e fecundo como o Egito, como era antes do castigo

de Sodoma e Gomorra. (A carta de Má daba, do sec. V., representa Sôar em meio a um palmeiral).

5. Partindo Lot, ficou Abraão na região montanhosa, como o grande nômade, quando Deus lhe apareceu e encorajou-o, prometendo a) dar o país todo, cuja grandeza lhe mostrou (em Siquém prometera-lhe só a região onde estava); b) ao pó da região compara a inúmera posteridade de que será pai. (14-17).

6. Pode ser que Lot, cansado da vida nômade, escolheu o KIKKAR a fim de passar a vida sedentária numa das suas cidades.

7. Abraão transporta suas tendas para o Carvalho de Mambre, que será a sua residência habitual, exceção I viagem ao Negeb (Gên 20), lugar onde lhe aparece Deus para precisar a promessa e fazer a aliança, nasce Isaac, este e Jacó fazem suas estadias. Assim Chainé, que diz: "Mais que qualquer outro lugar da Terra Santa, Mambre é o centro da história patriarcal".

8. Localização do Carvalho de Mambra. Não é KHIRBET-SIBTA A NOROESTE DE HEBRON, como rejeitam todos. Nem KHIRBET-NINRA, 1 km. ao norte de Hebron, apesar de vestígios arqueológicos e da equivalência toponímica Mambre-Ninra. E sim RAMET-EL-KHALIL, "a altura do Amigo" (e Amigo aqui está por *Amigo de Deus*, que é apelido de Abraão), cuja identificação com Mambre se tornou evidente após as escavações dos alemães de 1926-1927, que está a 6 kms. de Hebrón. "E" nessa pequena nesga de território que, séculos mais tarde, ia começar a monarquia davídica". (Renié).

VITÓRIA DE ABRAÃO SOBRE A CONFEDERAÇÃO ORIENTAL; Gên 14, 1-16).

1. *Guerra entre os reis da Pentápole e a confederação oriental* (1-4) Os reis de Sodoma, Gomorra, Seboim, Adamah e Bola-Sôar as 5 cidades que formavam a Pentápole-tributários de Kedhor-la'omer, rei de Elam durante 12 anos, rebelaram-se no 13.º, negando provavelmente o tributo de vassalagem.

2. *Invasão da Síria, Transjordânia e Pentápole* (5-7). Aliou-se Kedhor-la'omer a Amraphal, rei de Shin'ar, Aryokh, rei de Ellassar e Tidhal, rei de Goim. Do Eufrates eles descem a Damasco. (5-7). Ou porque ensinaram aumentar o seu domínio (segundo a inscrição de Assurbanípal, o rei de Elam era dono de Canaã desde o ano 2.250 a. C.), ou melhor, porque a rebelião foi mancha de óleo que se alargou além-Jordão, os confederados atacaram outros rebeldes, não nomeados na coligação pentapolitana. Entram em Carnaim, que está no país de Basan, ao norte do rio Yaboq, e em Qiriat-haim no país de Moab; esta é região de dolmens, habitada outrora por gigantes: Rephaim, Zuzim, Emim. Descem depois para o país de Seir, e batem os Horitas (Haru nas inscrições egípcias), (Seir é depois o país de Edom), até Pharan, além de Cades, da banda do Egito. Batem os Amalecitas no Negeb, cuja cidade, Cades, ou "*sagrada*", diz que era centro de superstição, onde a *fonte do julgamento*" (fonte de Misphat) parece indicar o julgamento pela água (ordália). Derrotam ainda os Amorreus em Tamar, cidade depois fortificada por Salomão, que está no caminho para Sodoma.

3. *Batalha entre os blocos pentapolitano e oriental com suas consequências.* (8-12). Travou-se a batalha no vale Sid-

dim (Silvestre, na Vg.) que o autor confunde com o local do Mar de Sal (3); de fato o Mar Morto é bem mais antigo, mas a parte sul dele é recente, e assim suas ondas cobriram o vale Siddim (ainda hoje cobre sempre mais a região sul). O vale mostrava, após terremotos, asfalto ou betume, que subia pelas fissuras do terreno até a superfície, e era explorado para uso à guisa de cimento, e levado pelos nabateus ao Egito para uso no embalsamamento. Os reis da Pentápole foram derrotados: dois deles (de Sodoma e Gomorra) ao fugirem caíram nessas fissuras (poços), os demais homisiaram-se num monte próximo. Os vencedores pilharam a região e levaram ricos despojos. Lot foi preso e levado; seus bens, tomados.

4. *Vitória de Abraão sobre o bloco oriental.* (13-16). Avisado por um fugitivo acerca da sorte de Lot, Abraão reuniu 318 dentre os empregados mais bravos, aliou-se aos três cheiks Aner, Mambre e Escol, e usando da tática dos beduínos perseguiu pacientemente os inimigos até Dan; ali fez um ataque noturno, provavelmente à retaguarda dos orientais, impedida na marcha pelos despojos, acossou-os até Hoba, e apoderou-se dos despojos todos (com os bens de Lot), libertando este e outros cativos.

5. *Importância cronológica do relato* (cfr. Cronologia do A. T.). Os que fazem de Abraão contemporâneo de Hamurabi, procedem deste modo: Amraphel é Hamurabi; Shinar é Sumer ou Shanjar, i. e., Babilônia; outras identificações são menos fundadas: Kedhor-la'omer é pronúncia hebraica de KUDUR, servo, que aparece em muitos nomes elamíticos, e La'omer, da deusa elamita Lagamar: "servo de Lagamar"; Ary okh de El-lasar seria Rim-Sim, escrito também Rim-Aku e Riw-aku, rei de Larsa; Tidhal, rei de Goim, seria Tudhalias I, rei dos Hititas ao tempo de Hamurabi, "Desgraçadamente

não há acordo pleno quanto à datação do reinado de Hamurabi: uns fazem-no reinar no comêço do séc. XXI (2123-2081), outros, na segunda metade do séc. XX (1947-1905)” (Renié). E agora os textos de Mari e a grande lista real de Khorsabad nos obrigam a fixar no comêço do séc. XVII (1728-1686). Parece consequentemente certo que Abraão não foi contemporâneo de Hamurabi, tendo vivido lá por 1850 a. C. E as identificações supra forçadas, nasceram de aproximações que nada provam.

ABRAÃO E MELQUISEDEC. (17-18).

1. Voltando da vitória, ao encontro de Abraão aparece o rei de Sodoma (que saíra do poço; ou si morto, o seu sucessor) e nova pessoa, Melquisedec, no vale Save, que é *o vale do Rei*.

2 Sam 18, 18 fala da lápide que em sua memória Absalão mandou erigir no vale do Rei. Devia ser perto de Jerusalém para obtenção do fim. Identificado com êsse, o vale Save devia estar perto da Cidade Santa, sendo provavelmente parte do vale Cedron, continuando o jardim do rei, o “jardim fechado” ou “hortus conclusus” tão conhecido.

2. *Ato de Melquisedec*. O nome dele significa “o meu rei é justo” (literalmente é justiça), paralelo ao nome de seu sucessor lá, Adonisedec, “o meu senhor é justo”, onde Sedec é nome de uma divindade, atestada por Fenícios e Sabeus. Donde melhor se diria “Sedec é meu rei (senhor).” Ele era rei de Salém. Uns pensam que Salém é Salim sobre o Jordão (Jo 3, 23). Mas essa identificação é tardia, da época cristã, e não é garantida. Outros, que é Jerusalém. De fato, Jerusalém sempre foi chamada URUSALIM, em hebreu

Yerushalem; mas a tradição judaica desde cedo identificou Salém com ela, havendo dois nomes para a mesma cidade. Assim o Sl 109 faz de Melquisedec, rei de Sião, a “cidade Davi”, que é Jerusalém; Sl 76, 3 nomeia como sinônimo Salém e Sião. Salém parece ser o final do nome Jerusalém. Usavam pronunciar só a final, porque passível de significado simbólico, vindo de SHELEM, o sacrifício pacífico da liturgia, cuja assonância lhe dava o sentido de “A PAZ”.

3. Ele, sendo sacerdote de EL ELYON, ou Deus Altíssimo, ofereceu pão e vinho, Uma primeira sentença nisso vê oferta sacrificial.

Na verdade, de sacerdote é antes de tudo sacrificar, não abençoar. E’ o que se nota pelo contexto. Uma segunda diz que é oferta não sacrificial, crendo que Melquisedec só ofereceu pão e vinho às tropas famintas de Abraão. Pois Hebr 7, 3 que insiste sobre o caráter típico de Melquisedec não fala do pão e do vinho. A relação entre o sacerdócio de Melquisedec e este fato, tomado como sacrifício e símbolo da Eucaristia, aparece primeiro com S. Cipriano, e depois em Clemente Alexandrino, como exegese alegórica.” “E’ óbvio que esses dons Melquisedec os tenha antes oferecido ao Altíssimo” diz La Sacra Bíblia, I, 90. Logo, a primeira sentença é melhor.

Tipologia. Melquisedec e Jesus. (Hebr 7). Ambos são reis e pontífices. Melquisedec é “príncipe da justiça” e reina sobre “A Paz” ou Jerusalém; ora, a justiça e a paz são notas características do reino messiânico (Sl 71, 3. 7). “O silêncio que a Escritura guarda sobre Melquisedec é ainda mais significativo. Aparece “sem pai”, “sem mãe”, figurando maravilhosamente Jesus que, na sua concepção humana, não tem pai, nem mãe na sua geração eterna. Ele é

“sem genealogia”, representando ainda maravilhosamente o Salvador, cujo sacerdócio não se prendia ao de Aarão (Sl 109, 4). O autor ademais nada fala sobre o nascimento ou a morte dessa personagem misteriosa (Hebr 7, 3), como para marcar a *perpetuidade do sacerdócio de Cristo* (Renié).

4. *Atos do rei de Sodoma*. Reavendo os seus bens, tomados por Abraão ele os oferece ao aliado, exceto as pessoas libertadas. “Da mihi animas...” o animas está aí como em português: “cidade de 20.000 almas”; não tem o sentido cristão de almas. Generosamente recusou Abraão tudo; mas pediu que os 3 cheiks obtivessem suas partes (14 fim).

RENOVAÇÃO DA ALIANÇA. Gên 15.

1. A *aliança* marca nova etapa na vida de Abraão. Foi depois da vitória, numa aparição de Deus. Deus renova as promessas: Seria a sua recompensa (o seu escudo) (4-5). Abraão, inquieto pelo seu futuro, sem filho para ser o tronco da posteridade prometida e herdeiro dos bens, que escravos receberiam, interroga Deus, que o tranquiliza, prometendo-lhe um filho; e, novamente, sob linguagem figurada, anuncia posteridade inumerável (6). Abraão fez novo ato de fé, adesão de mente e de coração à palavra divina provinda das boas disposições de sua alma, i. é., da sua justiça ou santidade. Deus o considera pois justo, santo, e isto porque ele o é. S. Paulo parte desse versículo para a sua teologia sobre a justificação pela fé. Mas a justiça é mais alta que a de Abraão.

2. *Formalidade da Aliança*. Foram feitas todas, à moda antiga. Por ocasião da aliança faziam-se sacrifícios ou ao menos imolações de animais; cortavam-se depois estes em pedaços e depositavam-se em 2 linhas paralelas. Os contra-

tantes passavam entre elas, imprecando contra si a sorte dos animais, no caso de faltarem à palavra.

3. Foi então profetizada a estadia dos pósteros de Abraão no Egito e a volta deles, depois de 400 anos, para a conquista de Canaã (13-14. 16).

NASCIMENTO DE ISMAEL. Gên 16. 1. (1-4) Sarai não tinha a fé profunda de Abraão; sendo estéril, ofereceu ao marido como concubina, a esposa de 2.^a categoria, a própria serva Agar, egípcia, quiçá doada pelo Faraó a Abraão. Agar estava sujeita ao direito vigente entre os Terahitas, que era o babilônio. Ora, o código de Hamurabi, art. 144-147, trata do caso de esposa estéril, que por isso entrega a própria serva ao marido: caso a serva seja também estéril, permita que seja vendida (§ 147); se der à luz, e ensoberbecer-se, por causa do filho não poderá ser vendida, e sim retornar à condição de serva. Pelo privilégio que tinha, Abraão é fecundo com 86 anos e Agar ficou grávida. Orgulhou-se disso chegando a desprezar Sarai. 2. (5-14) Não podendo ser nem vendida nem expulsa, Sarai fê-la de novo escrava. Agar, humilhada, fugiu para o deserto; advertida porém por um anjo, (ou pelo mesmo Deus: cfr. Gên 16, 7s. e 16, 13), voltou para casa dos patrões e deu à luz Ismael (15-16). Mau grado as humilhações que sofria, Agar continuou a mortificar a patroa, que pediu a Abraão a expulsão da rival e do filho. Estando pelo código vigente, Abraão recusou formalmente. Foi de mister uma intervenção divina para que o fizesse mais tarde (21, 8-21).

CONFIRMAÇÃO DA ALIANÇA. (Gên 17, 1).

1. Com 99 anos teve outra *teofania*; confirmadas todas as promessas, acrescentou-se que o herdeiro delas não seria

Ismael, e sim um fillio de Sarai (4-8. 16); que a aliança, ainda precisa, seria *eterna* (4-7); que Yahweh seria de modo especial o Deus de Abraão e de seus descendentes (7); que a Palestina seria o território deles; que a mudança de nome de Abrão para Abraão, de Sarai para Sara indicava que seria pai de nações numerosas (4-6).

2. *A mudança de nome* (5-e 15). ABHRAM é contração da forma babilônica (assíria) ABI-RAMU e parece dizer: “O Pai foi exaltado”, onde *Pai* quigá é título de divindade (deus-lua?). Mudou-se para ABHRAHAM, que quer dizer “Pai-de-quantidade-de-povos”, não por motivo etimológico, e sim pela mera assonância das palavras. Etimologicamente A-ba-ra-mu é “Ha-Pai-amado”. Mudou-se também o nome da esposa, de *Sarai* (onde o i não é sufixo da primeira pessoa mas terminação aramaica; logo não significa “minha princeza “em hebreu”), forma antiga (babilônio *Sa-ra-a-a*), para *Sara*, forma recente (babilônio *Sharlatu*), uma e outra significando “princeza”. 3. Sinal sensível da aliança seria a circuncisão (9-14).

A CIRCUNCISÃO

1. *Natureza e formas*. É sempre rito pelo derramamento de sangue humano. Mais comum é a Circuncisão masculina (*Ablatio praeputii*); mas existe a Circuncisão feminina (*Ablatio clitoridis*). Fazia-se ou logo antes do casamento, ou na puberdade, ou na infância.

2. *Extensão*. Não é rito só dos hebreus; pois o epíteto de “incircuncisos” que eles davam aos Filisteus supõe que outros vizinhos eram circuncidados (*Driver*). Nem sequer é rito só dos Semitas (Árabes, que já o praticavam antes de

Maomé, Edomitas, Moabitas, Amonitas...), pois outras raças também o possuem hoje (1/7 da humanidade: muitas tribos da África com certos grupos cristãos, povos da Austrália, Polinésia, América...), e dele usaram antigamente, segundo documentos deixados, os Egípcios, Fenícios...

3. *Significação.* A enorme difusão do rito faz pensar que em muitos casos a sua origem fosse independente, e não se possa explicar com uma razão única. Motivo de higiene, que Heródoto dá para a Circuncisão no Egito, de favorecimento da fecundidade e do ato sexual, de participação pelo rito à vida tribal como apto para o casamento, etc., provavelmente cedeu ao religioso, e a Circuncisão passou a ser rito sagrado, (alguma vez a cerimônia meramente civil). Qualquer que seja o significado primitivo da Circuncisão e sua evolução, entre os Hebreus era rito nacionalístico religioso, simbolizando a consagração da pessoa ao serviço de Deus (17, 10, 14. 23-27; 21, 4). Praticava-se só nos meninos ao 8.º dia do nascimento quando depois se fixou o tempo; os prosélitos também eram circuncidados. Infiltrou-se o formalismo: o rito foi tido como fonte de virtudes infalíveis; a Tora (Lev 26, 41-42; Dt 10, 16; 30, 6) e os Profetas insistem sobre as disposições morais ("Circuncisão das orelhas", "Circuncisão do coração") que o rito material requer. Abraão, terahita, não era circuncidado, (nenhum documento assírio-babilônio existe sobre o rito); nem conheceu o rito em Canaã (pois os Cananeus não o possuíam); mas no Egito chegou a conhecê-lo e depois o aceitou como sinal da sua aliança com Yahweh (17, 14). 4. Segundo Agostinho e Tomás era *verdadeiro sacramento* que perdoava o pecado original, em razão da fé dos pais no futuro Messias. Já S. Paulo fazia da Circuncisão o *tipo do Batismo* (Col 2, 11-12). 5. Prescrevendo a Circuncisão Deus lhe daria, mau grado os noventa anos

PENTATEUCO

que ele tinha, o filho ardentemente desejado (15-21). Abraão realizou a Circuncisão sobre si e sobre todos os homens que estavam com êle.

A DESTRUIÇÃO DA PENTÁPOLE. Gên 18-19.

1. *Nova teofania.* (18, 1-15) A Abraão em Mambre eis que apareceram 3 homens: Deus e dois anjos; recebidos bem, graças à hospitalidade, que é sagrada para os orientais, Deus anunciou o nascimento de Isaac para dentro de um ano. Sara, ouvindo isso, riu-se incrédula, porque era velha (e estava na menopausa), e velho era o marido. “Riu-se” é em hebreu *Yishhaq*. No masculino Isaac. (16-33) Como o amigo e confiante, Deus lhe anuncia a destruição da Pentápole. “Por uma série de intercessões tocantes, que fazem brilhar o *poder incomparavel da oração*, Abraão obteve que Êle perdoasse a Sodoma, caso lá existissem só 10 justos (16-33). Mas a perversão daquelas cidades chegara ao cúmulo. Os mensageiros divinos puderam averiguá-la pessoalmente. Lot, sua mulher e seus dois filhos não deviam ser englobados no castigo.” (Renié). 2. *O cataclisma* (19, 1-29). Lot tardou a sair da cidade. Sua mulher, triste pelo passado que abandonava e talvez também tomada de curiosidade malsã, desobedeceu formalmente à ordem recebida e olhou para trás (cfr. Lc 17, 32). Foi castigada: “Ficou sufocada e recoberta pelas exalações salinas do cataclisma”. (Ricciotti); sofreu “metamorfose” diz Chaine, e a coluna de sal aparece depois em Sab 10, 7; Josefo (Antig. Jud. I, 2, 4).

3. *A situação da Pentápole.* Estes a situam ao sul do Mar Morto, que no tempo de Lot ia só até a península de El-Lisan, a qual anteriormente estava ligada à margem ociden-

tal; depois do cataclisma, ela foi recoberta pelas águas do mar que ultrapassaram aquela península.

ISMAEL E ISAAC. (Gên. 20-21).

1. *Novo rapto de Sara* (20). Durante uma estadia em Gerara, atualmente Tell-Djemneh, no Negeb, Sara foi raptada pelo rei da cidade, Abimelec ("meu Pai é rei"), como o fora pelo Faraó. São dois fatos que se deram em situações idênticas, provindos da mesma depravação moral daqueles povos.

2. *Nascimento de Isaac e expulsão de Agar e Ismael* (21). "O nascimento de Isaac veio finalmente recompensar a fé inabalável de Abraão." (Renié); foi no tempo predito por Deus, quando o patriarca tinha 100 anos (e Sara 91). Foi imposto o nome de Isaac, em hebreu ISHHAQ, porque Sara riu. No dia da ablactação "quando Isaac tinha seus 3 anos conforme 2 Mac 7, 27, e era dia de festa, Abraão deu grande banquete. Aparece "o fruto amargo da poligamia": Sara já enciumada ficou ressentida com Agar também porque Ismael caçoava de Isaac ("ria zombeteiramente, quiçá motejando do nome de Isaac deste modo: "O' Riso!" Ademais porque Ismael era querido de Abraão (cfr. 21, 11). Pediu a expulsão da serva (não pronuncia o nome de Agar) e do filho, para que este não partilhasse um dia da herança paterna, segundo o código de Hamurabi, art. 170. Abraão cedeu a contragosto, desde que Deus lhe ordenou atendesse ao pedido da esposa, e confirmou as promessas relativas a Ismael, cujo nome significando "Deus escutou" assim se realizava (12-13; cfr. 17, 20). (14-21) "Abraão era bom. Ele tem preveniências tocantes para com a mãe e o filho" (Chaine), fornecendo-lhes a matalotagem para a nova vida. O Se-

nhor livra da morte os dois que erravam no deserto de Bersabec. (1)

3. *Tipologia do fato*: Gál 4, 22-31. Agar e Ismael figuram a Sinagoga e os Judeus, Sara e Isaac, a Igreja e os cristãos. Agar é escrava; os Judeus estão escravizados à Lei sem a libertação do pecado. Sara é livre de condição; os cristãos são livres de pecado e da lei mosaica (quanto à parte cerimonial e legal). Por fim as perseguições (que isso chegavam a ser os caçãos de Ismael a Isaac simbolizavam as dos judaizantes aos cristãos.

ALIANÇA COM ABIMELEC. 21, 22-34. Foi estipulada em Bersabéia. Depois há silêncio sobre longos anos (25, segundo Flavio Josefo em Antig. Jud. I, 13, 2) da vida de Abraão, que habitava em Bersabéia.

SACRIFÍCIO DE ISAAC. (Gên 22).

1. Lá Deus submeteu (“tentou”, v. 1) a obediência de Abraão a rude prova: ordenou-lhe que sacrificasse em holocausto a Isaac, o filho das promessas, na terra de Moriá 3 dias de viagem ao norte que é lugar incerto hoje. 1) Não é certa a identificação desta “terra de Moriá” com Moriá de 2 Par 3, 1 onde depois Salomão edificou o Templo. Aliás é dúbia até a forma do nome, que a versão Peshitta traduziu por “terra dos Amorreus, e outras, por nome comum “terra da visão”. 2) Apesar da contradição aparente, a ordem dada e a realização das promessas, obedeceu sem opor ao mandado divino a proibição de sacrifícios humanos. Pôs-se de marcha. S. Paulo dirá que o dogma da ressurreição robustecia a sua fé intrépida e acalmava suas angústias (Hebr 11, 17-19). “Deus se contentou com essas admiráveis disposições”. (Renié). Ele próprio providenciou a vítima de substituição (10-

13) e renovou as promessas com termos magníficos (15-18), quando lhe revelou mais claramente o advento do Messias (Jo 8, 56).

2. *Moralidade do episódio.* a) Deus é o senhor absoluto da vida e da morte; pode pois prescrever a morte de justos e injustos; donde segue que, obedecendo, Abraão não seria homicida, antes seria merecedor de prêmio; b) mas de fato Deus não queria a morte de Isaac, e sim uma prova das boas disposições de Abraão; tendo-a, intervem miraculosamente, mostrando que não lhe agrãdam os sacrifícios humanos; da sua fé, dando-lhe ordem contrária à promessa de numerosa descendência, e sua obediência e amor a Deus, sacrificando-lhe o ente mais querido. Com a proibição do sacrifício de Isaac também queria Yahweh cortar pela raiz com os sacrifícios humanos em uso entre os Cananeus (cfr. La Sacra Bibbia, I, 104). Sem razão é que os racionalistas negam a Moisés a autoria do trecho; e fazem do relato fábula semelhante à grega de Ifigênia em Aulide... A narração, que não descreve a comoção do patriarca e Hebr 11 refutam-nos suficientemente.

3. *Tipologia do fato.* Isaac carrega a lenha para o sacrifício, consente livremente em morrer, mas apesar disso é estendido e amarrado sobre a lenha pelo pai que nele punha todo o seu amor, como se morrera pela força tão só, é obediente sêmpre e triunfa da morte; Jesus carregou a cruz, deu a vida com soberana liberdade, mas foi cravado na cruz, ofereceu-se como vítima ao Pai que nele punha todas as suas complacências, obedecendo até a Morte de Cruz e vencendo a morte pela Ressurreição.

Dizem alguns rabinos: a morte de Isaac foi redentora. Resposta: não, mas essa idéa facilitou a difusão e doutrina de S. Paulo sobre o carater redentor do sacrifício de Cristo.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS DA VIDA DE
ABRAÃO (22, 20-25, 11).

1. Passam-se 50 anos entre o sacrifício de Isaac e a morte de Abraão. Poucos detalhes desse espaço na Bíblia. Ei-los. De volta para Bersabéia recebeu notícias sobre a família de seu irmão Nacor (22, 20-24). Morre Sara com 127 anos. Abraão compra para sepultamento dela e dos outros de sua família a caverna de Macpelah que pertencia aos Hititas. (23, 1-20). Conhecendo a depravação dos Cananeus providencia o casamento de Isaac com Rebeca, sua sobrinha-neta, cuja narração no cap. 24 é fresca e bem conhecida. Morre Abraão e é sepultado ao lado de Sara, na caverna Macpelah (25, 1-11). Esse homem de fé heroica é o protótipo dos fiéis, i. é., dos cristãos (Hebr 9; Rom 4).

ISAAC E SEUS FILHOS, ESAÚ E JACÓ.

DESCENDÊNCIA DE ISMAEL (25, 12-17). Restringido sempre a narração aos herdeiros das promessas messiânicas Moisés dá antes um resumo da história de Ismael e filhos. Os Ismaelitas todos moravam a este e ao sul de Canaã, desde Havilah na Arábia até Sur, a muralha que defendia o Egito contra os nômades.

NASCIMENTO DE ESAÚ E JACÓ. Isaac é figura quase apagada entre o pai e Jacó. 1. (25, 19-26) Como a sogra, Rebeca era também estéril.

Isaac obteve pela prece (21) a cessação dessa provação, e depois de 20 anos de casamento Rebeca concebeu dois gêmeos cheios de contrastes (22). Já antes do nascimento

estavam em rixa. Do que Rebeca se sentia desolada. Ela soube por revelação que os dois seriam os troncos de 2 nações rivais e que a maior estaria sujeita à menor (23); logo que Jacó, o mais jovem, seria o herdeiro das promessas por escolha livre e gratuita de Deus, sem que tivesse o escolhido méritos para isso. Nascidos, chamou-se o primeiro Esaú, que significa “peludo”, “hirsuto”, “veloso” e Edom, ou “vermelho, roxo” em razão dos pelos vermelhos do seu corpo; *Edom* tem outra explicação em 25, 30 e o segundo Jacó, o “suplantador”, porque segurava com a mão o talão do mais velho, como querendo nascer antes (26). Trata-se de etimologia popular, fazendo de Jacó um nome derivado da raiz verbal que significa “suplantar”. Parece que de fato é nome teofórico, Yaqobel ou “Que Deus protege”, cujo final caiu depois.

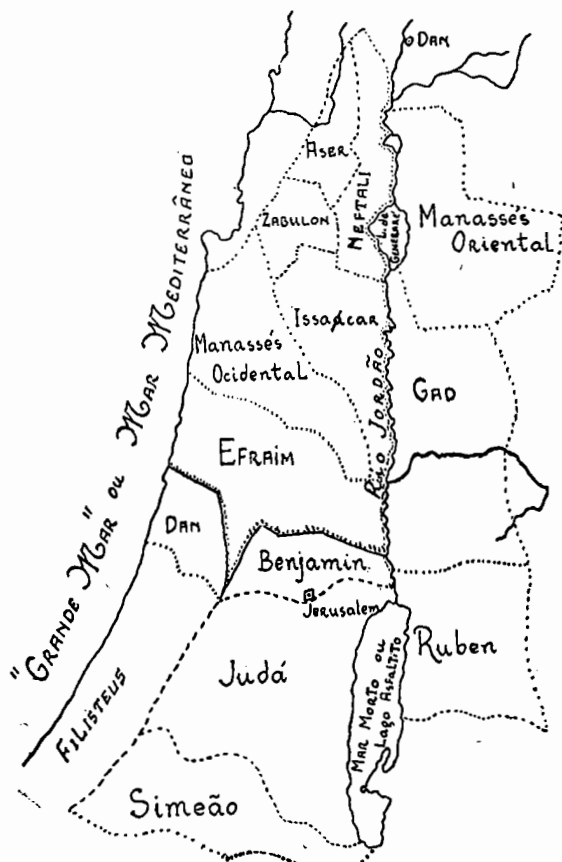
DIFICULDADES ENTRE OS DOIS IRMÃOS (25, 27-28, 9). Foram aumentando elas com a diferença de caráter: Esaú era violento, intempestivo, amante de caçadas; Jacó, pacífico, calmo, amante da tenda paterna; aquele era o predileto de Isaac, também amante de caçadas; este, de Rebeca. (27-28).

1. *Venda do direito de primogenitura* (25, 27-34): 27-28: Os dois irmãos têm diversidade de vida e de caráter: Esaú é irrefletido e impulsivo; Jacó, beduíno calculador, tira partido dos fatos para atingir seus fins. 29-34: a venda do prato de lentilhas a Esaú pelo direito de primogenitura explica o nome deste. Vindo ele morto de fome do campo, pediu ao irmão “esse vermelho, esse vermelho aí” (âdom), *Edom*, como em 25, 25, foi assim chamado porque nasceu “vermelho” (addmôni), aqui pede essa “comida” vermelha (adom): jogo de palavras. O direito de primogenitura conferia as prer-

rogativas de chefe de família, (como as de cheik), jus a dupla porção de herança (Dt 21; 15-17), e talvez mais do que isso anteriormente, e, segundo alguns, o exercício do sacerdócio familiar. *Moralidade* deste e outros passos: o hagiógrafo narra sem aprovar nem censurar, deixando a crítica ao leitor. Crítica deste passo: Jacó aparece ambicioso e espertalhão: Deus se serve das faltas humanas para obter seus fins.

ISAAC EM GERARA E ALIANÇA COM ABIMELEC (26, 1-11). Postos de lado um instante os dois gêmeos, o autor narra esses dois únicos fatos da vida de Isaac. O primeiro deveu-se à fome. Isaac foi morar em Gerara, onde reinava Abimelec. Repetiu-se em menor escala o rapto de Sara. Julgue-se conforme o que foi dito antes. Isaac diz que Rebeca é sua irmã. De fato, era sua prima, e os termos irmãos, irmãs, elásticos, abarcam no hebreu os parentes próximos. Não houve castigo; mas Abimelec surpreendeu Isaac e Rebeca em certas intimidades e garantiu publicamente a condição desta. O relato tende a dizer que Yahweh renovou ao patriarca as promessas anteriores (26, 2-5. 24). Eis o segundo: (26, 12-25); Os terahitas já alternam vida nômade com agricultura (12). Isaac, suplantado o primogênito, começa a enriquecer-se, sinal das bênçãos divinas (13). A prosperidade gerou o ciúme (14-15), e Abimelec expulsou Isaac, o qual no vale de Gerara em movimento para Bersabeia, cavou 3 poços: *Eseq* (contestação), *Sitnâh* (acusação) e *Rehobôth* (grandes lugares). Chegado a Bersabéia teve nova teofania e a renovação das promessas; onde seu pai plantara o tamarindo (21, 33) erigiu um altar. Só os grandes cheiks sabem descobrir água para abertura de poços. Mas este caso foi prova da assistência divina: a prudência levou Abimelec a travar relações com homem tão favorecido. A aliança tem o rito do repasto. Co-

PENTATEUCO



AS 12 TRIBOS

mer e beber juntamente cria liame entre os convivas; e o hóspede que comeu sob a tenda de um cheik fica sob a sua proteção até entrar noutra: é o *direito do sal*; eis porque o árabe recusa ao inimigo comida e bebida em sua casa; do contrário não mais poderia vingar-se. Deu ao poço o nome de BEER SIBEAH (ou Sheba), “poço das sete (ovelhas)”, como alusão ao presente de Abimelec a Abraão (21, 28-30). Mas este fato deu origem a outro étimo: BEER SHÂBÂ, “poço do juramento” (21,31).

CASAMENTO DE ESAÚ (26, 34-35). Aos 40 anos Esaú casou-se fora do clã com 2 hititas, que amarguraram Isaac e Rebeca (cfr. 24, 3 e 27, 46).

JACÓ ABENÇOADO POR ISAAC (27, 1-29). Isaac mais que centenário, está em Bersabéia, vizinho da morte e meio cego. Resolveu então dar ao filho preferido Esaú a benção paterna, tida como testamento irrevogável e eficaz, exercendo influxo benévolo sobre o seu destinatário. Equivalente ao direito de primogenitura, a benção foi para Jacó, a quem Rebeca ajudou a camuflagem, apresentando-se parecido com Esaú.

Moralidade do fato. Mãe e filho só podem justificar-se, crendo ter havido boa fé baseada em ignorância. Atenuantes da falta sim que existem: Jacó é o herdeiro das promessas divinas, e ambos sabem disso (25, 23); Esaú desfez-se do seu direito; ademais, ele mostrou indiferença religiosa casando-se com cananéias, fazendo-se indigno de ser o órgão da transmissão das promessas. Mas não justificam: os santos do A. T. não eram mais impecáveis do que os do Novo Testamento. E a fuga etc. não será castigo? *Tipologia do fato:* a pele com que Jacó cobriu suas mãos é tipo dos pecados de que se re-

vestiu Jesus (Agost.; cfr. lições do Breviário para o segundo domingo da Quaresma). Não é certo.

CÓLERA DE ESAÚ E FUGA DE JACÓ (27, 30-28, 9).

2. A versão para o português da Bíblia é assim: “Na abundância da terra e no orvalho do alto do céu será a tua benção...” é falsa, dando benção positiva aqui, quando é negativa. Encolerizou-se Esaú com a benção dada a Jacó antes que a si. Pediu uma benção também para si com instâncias. Deu-a Isaac. E’ antes maldição. Ei-la: “Tua moradia será privada da gordura da terra e do orvalho do céu. Viverás da espada e servirás a teu irmão. Mas quando te agitares, sacudirás seu jugo”. De fato os Idumeus habitaram, ao sul do Mar Morto, as montanhas de Seir, estéreis e inacessíveis no ocidente. Para fugir do perigo e obter esposa dentro do próprio clã vai para Haran, à casa de seu tio materno Labão.

2. *Episódio durante a viagem* (28, 10-22). E’ o *sonho* que teve o fugitivo chamado de “a escada de Jacó”. Levantando-se do sono, erigiu a pedra que lhe servira de travesseiro como MASSEBAH, derramando óleo sobre ela a) em memória do fato extraordinário; b) em testemunho de um voto que fez de substituir mais tarde a Massebah por um verdadeiro santuário, BET-ELOHIM ou “casa de Deus”. *As pedras no culto de Canaã*. A pedra de Betel ungida de óleo assemelha-se aos *betilos* pagãos ou pedras sagradas dos Cananeus, em que os deuses moravam ou se manifestavam. Os antigos Semitas não adoravam as pedras, mas nelas localizavam seus deuses (cfr. a pedra negra KAABA da Meca). Assim como a Igreja cristã tomou emprestadas algumas cerimônias das religiões politeístas, também Jacó adotou esse rito de erigir e ungir pedra, de si indiferente.

PENTATEUCO

3. *Permanência na Mesopotâmia* Gên 29-30. Jacó chegou à casa de Labão em Haran. A cidade toma dois nomes: PADDAN-ARAM E HARRAN. Paddan é transcrição do assírio *padânu* e quer dizer “rota, caminho, senda”, sentido igual ao de Haran, do assírio *harranu*. Logo, Paddan-Aram é “rota de Aram”. E Aram daqui tem muita vez a junta ARAM-NAHARAIM, “Aram dos dois Rios”, Aram da Mesopotâmia. Ali Jacó desposou suas duas primas, Lia e Raquel, e as servas destas, Zelfa e Bala. Ali nasceram seus filhos (exceto Benjamim). Eis o esquema:

	Jacó			
de Lia	de Bala	de Zelfa	de Raquel	
	Dan Neftali	Gad Aser	José Benjamim	
			Manassés Efraim	
Ruben, Simeão, Levi, Judas, Zabulon, Issacar				

4. *Observações sobre esses casamentos.* O casamento com duas irmãs é o único na história patriarcal e explica-se pelas circunstâncias. O casamento com as servas é do direito babilônio-terahita. O noivo devia oferecer ao sogro soma mais ou menos elevada, o MÔHAR, em assírio TIRHATU. Os 14 anos de serviço equivaleram ao Môhar; o pai igualmente devia entregar à filha um dote equivalente ao Môhar: o SHERRIQTU, que passava aos filhos após a morte dela. Receber o Môhar sem Sherriqtu era legalmente vender a filha, não casa-la.

5. *Observação sobre o número de filhos:* 12 filhos tiveram os terahitas Ismael, Nahor (Gên 22, 20s.) e Jacó, o que leva a pensar em convencionalismo de escopo ignorado hoje.

6. *Carater de Labão.* E' interesseiro (31, 14-16), não entregando às filhas o Sherrigtu; por isso é ainda desleal (30, 25-43) dando Lia em lugar de Raquel também para receber outros 7 anos de serviço.

IDA DE JOSÉ PARA O EGITO. Gên 37, 1-36. José era o predileto de Jacó, e por isso invejado dos irmãos. Estes passaram a odiá-lo seja porque referira ao pai certas vozes acerca deles, seja porque sonhara cousas irritantes. Tentaram pois desfazer-se dele. Tinha 17 anos quando, em missão confiada pelo pai, encontrou os irmãos em Dotan (Dotain); ali estes quiseram executar o projeto, matando-o. Ora bem, acontecia que caravaneiros vindos de Galaad, passaram por Beisan, por Jezreel perto do Monte Gelboé, e pelo sul da planura do Esdrelon, ganhando os desfiladeiros do Monte Carmelo, donde desciam à planície costeira do Mediterrâneo e atingiam a fronteira do Egipto, para onde levavam suas mercadorias. Uns dêsses, chamados Ismaelitas aqui, e Madianitas, alhures, (combinam-se os textos, supondo caravana mista), passaram por Dotan, na sua rota para o país do Nilo, com uma cargação de *goma de adragante*, que é um perfume, *mástica* ou bálsamo de almécega, e *ládano* que é outra goma, de que os Egípcios usavam para o embalsamamento de cadáveres e para a medicina. Como tais caravanas vendiam ocasionalmente escravos aos mesmos, que deles precisavam para as suas obras, José foi vendido aos Ismaelitas-Madianitas, e conduzido para o Egipto. Os irmãos explicaram mentirosamente a Jacó o fato, fazendo crer que José fôra devorado por uma fera. A túnica dele, chamada de "polymita" pela Vulgata, e tingida de sangue de cabrito, destinava-se ao engano. Que é ela? Túnica de variegadas côres? De si não. Era a túnica talar e com mangas, próprias de príncipes, que êle recebeu do pai como pre-

sente, ao passo que os irmãos usavam da que era curta e sem mangas, própria dos campestinos, se bem que esta podia ser igualmente colorida. Chegando ao Egito, José foi vendido a Putifar.

DESCENDÊNCIA DE JUDAS. Gên 38. Judas foi para a Sefela (região costeira do Mediterrâneo). Casou-se. Teve filhos. Deu Tamar como esposa a Er, seu primogênito. Castigado êste de morte por ser perverso, Onan, seu irmão, tomou segundo o costume a cunhada viuva como esposa. Já que o primogênito dessa união era tido como filho legal do defunto, de quem levava o nome para lhe continuar a descendência, Onan, que isto não queria, evitava filhos (dele a palavra “onanismo”). De fato, as leis do costume consideravam o caso de recusa do cunhado. Levado perante os anciães, caso persistisse na recusa, merecia que a viuva lhe tirasse as sandálias dos pés e lhe cuspsse no rosto, dizendo: “Assim seja feito ao homem, que não ressuscita a casa do seu irmão”, e sua casa era chamada de “a casa do descalçado”. O Deuteronomio (25, 5-10) sancionou êsse costume que tinha por escopo manter as famílias. E apesar da proibição do Levítico (18, 16; 20, 21) ficou de pé até Nosso Senhor (“lei do levirato” chamam-no). Morto Onan em castigo, Tamar ficou viuva até o crescimento do cunhado mais novo, Sela. Desejando filho, fingiu de rameira e ignorando que era sua cunhada, Judas cometeu fornicção com ela, do que nasceram dois gêmeos.

JOSÉ E PUTIFAR. Gên 39, 1-18. A história de José no Egito é narrada com forte cor local. Bastem exemplos como os que seguem: Putifar (Poti-fera) significa “quem deu Ra” ou “dom de Ra”; Aseneth é “pertencente à deusa

Neith”; o título que José recebeu de *Sa/nat pa'near* (Vulgata “Salvador do mundo”) era usado por lá, e quer dizer “quem dá alimento de vida”, ou “quem dá de comer ao vivente”, ou ainda “deus disse: vive”; a carestia de sete anos também se deu sob o rei Zoser (2.800 A.C.). Cuidadoso no ofício e sa-gaz, José para logo foi notado pelo patrão, que o elevou a chefe dos empregados; pois, indolentes como eram, só pen-sando em comer (39, 6) os Egípcios entregavam a direção das casas a superintendentes. E “enquanto os irmãos em Ca-naã se entregavam por vêzes à libidinagem (38, 1-30), êle dá exemplo de admirável castidade” (Simón-Prado).

“José era na verdade igualmente guapo mancebo, e a sua beleza física servia de moldura ao seu carater moral. Diante desse quadro a mulher do patrão exaltou-se: desejou o rapaz e fez-lhe propostas concretas. O convite foi repellido por sentimento de justiça para com o patrão, e para “não pecar diante de Deus” (39,9). A recusa acuiu o desejo, e os convites repetiram-se “dia por dia”, sempre repellidos. Por fim a mulher se exasperou e, como é natural, vingou-se. Exi-bindo a veste que o rapaz ao fugir lhe deixou na mão, ofereceu a prova de que êle havia tentado contra a sua pudicícia, José acabou no cárcere” (Ricciotti).

JOSÉ NA PRISÃO. Gên 39, 19-41, 13. O relato con-tinua a ter forte sabor egípcio. No paço real havia chefes de cada ofício; e monumentos mostram padeiros com cestos de pães na cabeça, e copeiros espremendo cachos de uva na copa de Faraó. O aniversário do rei era assinalado por favores e a força era o suplício no Egito. José interpretou bem os sonhos do copeiro e do padeiro reais, que foram parar no mesmo cárcere. Depois interpretou bem o sonho de Faraó,

cujo relato é ainda mais marcadamente egípcio, sem dizer que os sonhos tinham larga parte na vida da nação.

JOSÉ FEITO VICE-REI DO EGITO. Gên 41, 14-57. “Barbeou-se (José), mudou de roupa, e foi ter com Faraó” (14), o que só se fazia após essa purificação obrigatória, (os sacerdotes e os ilustres rapavam também a cabeça; as barbas, que aparecem em figuras e monumentos, são postiças e neles até as mulheres as trazem). Como a explicação do duplo sonho quadrava bem, é acabava com um conselho, a designação do comissário para o armazenamento do trigo era espontânea, José em pessoa. Ei-lo vice-rei do Egito, com 30 anos de idade. Percorreu todo o país, estabelecendo nos vários centros celeiros para o tempo de carestia. “O homem casto foi também fecundo” (Ricciotti). Tendo recebido como esposa a Aseneth, filha de Putifar, sacerdote do deus On, dela recebeu dois filhos. Aos mesmos impôs nomes que lhe diziam muita cousa: *Manassés*, isto é, “fazendo esquecer”, porque Deus lhe fez esquecer os dissabores e a casa paterna; e *Efraim*, ou “dupla fecundidade”, porque Deus o tornou fecundo na terra das suas penas. E vindo a carestia, Faraó mandava o povo esfomeado para José, que dos armazens o abastecia. O Egito e os países limítrofes foram beneficiados com êles.

JACÓ E OS ONZE PATRIARCAS NO EGITO. Gên 42-48. O fato é mais conhecido. “A narração, tão simples e comovedora, . . . é das que se não resumem: põe em grandioso relevo a magnanimidade de José, o qual soube praticar, com rara generosidade, o perdão das injúrias, e fez tocar com o dedo a ação providencial” (Renié).

NOTA. Certo “romance dos dois irmãos”, egípcio, que remonta à 10.^a dinastia, conta a história de certo jovem, que

em vão foi seduzido pela cunhada, e por isso também caluniado e finalmente libertado. Mas ao lado dessas semelhanças, a história de José diverge tão profundamente desse romance, que isso leva a não dependência do relato bíblico. Certa influência do romance egípcio é entretanto possível sobre a Bíblia. Aliás, o mesmo tema aparece outrossim na Grécia (Fedra tentando Hipólito).

O POEMA DE JACÓ

1. “Esta página é uma das mais grandiosas do Gênesis, e igualmente aquela onde mais se precisa a esperança messiânica” (Renié). Jacó não é todavia o autor do poema no seu estado atual. Efetivamente, moribundo, rodeado da família, não estava em condições de produzir poesia de forma tão perfeita quanto ao paralelismo. E’ sim autor, enquanto recitou as profecias que formam a substância do poema, e as recitou de forma comum e no estilo de moribundo. Elas, conhecidas das tribos, foram tradicionalmente conservadas, até que alguém as pôs em versos, como estão hoje. Esse poema andava por lá independente, e desse modo foi ajuntado aqui. Prova-o 49, 28, versículo que está em desacordo com êle, porque fala de bênçãos a todos os filhos, quando no poema *dois* são abençoados, e três, censurados: Ruben, Simeão e Levi.

2. Eis traduzido aqui o que profeticamente Jacó disse a respeito de cada um, conforme o texto hebreu de Gên 49, parcialmente reconstruído segundo a crítica:

- 1 Jacó chamou seus filhos e disse:
 “Reuní-vos, que eu quero anunciar-vos o que acontecerá convosco nos tempos vindouros.
- 2 Acercai-vos e ouvi, filhos, de Jacó,
 escutai a Israel, vosso pai.

- 3 *Ruben*, meu primogênito (és) tu,
minha força e primícias do meu vigor,
eminente em dignidade, eminente pela paixão.
- 4 Fervente como água, não serás eminente,
porque invadiste o leito do teu pai,
então manchaste o tálamo a que subiste.
- 5 *Simeão* e *Levi* são irmãos,
e suas espadas, instrumentos de violência.
- 6 Não entre minha alma nos seus conselhos,
nem a minha glória se junte às suas assembléias.
- 7 Maldito o seu furor, porque apaixonado,
e a sua cólera, por ser cruel.
Espalhá-los-ei em Jacó,
e dispersá-los-ei no meio de Israel.
- 8 *Judas*, os teus irmãos hão de te louvar;
meterás tua mão sobre a cerviz dos teus inimigos,
e prostrar-se-ão diante de ti os filhos de teu pai.
- 9 *Judas* é um leãozinho;
da presa, meu filho, vieste para cima.
Dobra-se, deita-se como um leão,
e como uma leoa; quem há de fazê-lo levantar-se?
- 10 Não sairá de *Judas* o cetro,
nem o bastão de comando de entre os seus pés,
até que venha Aquele, a quem pertence
e é devida a obediência dos povos.
- 11 Ele prende na videira o seu jumento,
e na videirinha escolhida, o filho da sua jumenta.
Lava no vinho a sua roupa,
e no suco da uva, os seus panos.

- 12 Brilhantes tem os olhos por causa do vinho,
e brancos os dentes por causa do leite.
- 13 *Zabulon* habitará junto à praia do mar;
melhor, junto ao ancoradouro das naves,
com seu flanco voltado para Sidon.
- 14 *Issacar* é um asno forçado,
deitado no cercado.
- 15 Encontrou bom posto onde pousar,
e amena a região;
e dobrou o dorso sob a carga,
e foi submetido à escravidão.
- 16 *Dan* fará justiça ao seu povo,
como qualquer das tribos de Israel.
- 17 Seja *Dan* como a serpente do caminho,
qual cerastes pela estrada,
que morde as patas do cavalo,
caindo para trás o cavaleiro.
- 18 De ti, Yahweh, espero a salvação.
- 19 *Gad*, assaltado por uma horda,
assaltar-lhe-á a retaguarda.
- 20 *Aser* tem um pão succulento,
e fornece delícias dignas de rei.
- 21 *Nestali* é uma cerva em liberdade,
e dá assunto para formosos cantos.
- 22 Viçoso arbusto é José,
Viçoso arbusto êle é, perto de uma fonte,
e seus ramos trepam pelo muro.

- 23 Provocaram-no arqueiros,
e visitaram-no os atiradores de flechas.
- 24 Mas seu arco foi feito pedaços pela força,
e enervados os seus braços,
pela virtude do “Poderoso” de Jacó,
em nome do Pastor e do Rochedo de Israel.
- 25 Pelo Deus de teu pai, que te auxilie,
e pelo Onipotente, que te abençoe,
com as bênçãos do céu (descidas) do alto,
com as bênçãos do abismo que jaz por baixo,
com as bênçãos dos seios e dos ubres.
- 26 As bênçãos do teu pai, superiores
às bênçãos das velhas montanhas,
aos atrativos das mais antigas colinas,
desçam sobre a cabeça de José,
sobre a fronte do predileto entre os seus irmãos.
- 27 *Benjamim* é lobo arrebatador,
que de manhã devora a presa,
e pela tarde reparte os despojos”.

3. *Comentário.* Seguem-se os versículos enumerados no poema. 3. O primogênito Ruben foi gerado, quando ainda Jacó era jovem: “Primícias do meu vigor”, (para a Vulgata “Primícias da dor”, tendo lido *’oni* em hebreu). Como primogênito, devia possuir o sacerdócio e a supremacia sobre os irmãos. 4. Mas por causa do incesto com Bilhah, concubina do pai, foi comparado à água fervente que transborda do vaso, tal era a sua concupiscência. “Não serás eminente” lhe foi dito, (Na Vulgata está “não cresças”); isto é, não cresça êle no número dos filhos e dos netos, nem nos bens e na glória (esterilidade, etc.). Por outras palavras: perca

o direito de primogenitura. Sua tribo, além-Jordão, no país de Moab, foi a pouco e pouco despovoada pelas guerras com os Moabitas e Amonitas: decadência da tribo em razão da falta do seu tronco e origem. Cfr em Juizes 5, 15 a censura a essa tribo, no canto de Débora, por ficar isolada, sem cuidar das outras. E Dt 33, 6, cuja profecia deseja que Ruben viva e não morra. 5. Simeão e Levi, *irmãos* mais no crime do que pelo sangue, são amaldiçoados, porque “suas espadas são instrumentos de violência”. Alusão ao fato de terem trucidado a Siquém, Hemor e a todos os habitantes da cidade de Siquém, saqueada depois (Cfr Gên 34, 25-31). 6. O versículo traz isto: “cortaram o jarrete do boi”, metáfora da truição de Siquém, figurado pelo boi. A Vulgata verteu por bem outra coisa. “Não entre... assembléias”: Jacó não quer compartilhar desses sentimentos cruéis. 7. Amaldiçoado o seu furor duro e impertinente, a tribo de Simeão recebeu magro território ao sul de Judá, no Negev e na Sefela, tomado da porção dos filhos de Judá (cfr Jos 19, 1), consistindo só em algumas cidades. Sua tribo acabou por ser absorvida pela de Judá. A tribo de Levi não recebeu território algum; mas sim, 48 cidades dispersas por Canaã (Jos 21, 4-40). Mais tarde, o zelo dos Levitas pela Lei (Êx 32) lucrou-lhes o sacerdócio e a bênção de Moisés ao morrer (Dt 38, 8-11). “Esta maldição de Jacó, transformada em bênção, mostra que a fatalidade está excluída da vida das nações e dos indivíduos” (René). 8. No hebreu há jogo de palavra: “És deveras “Louvor” (o que significa Judas), pois teus irmãos te louvarão, uma vez que a) hás de obter plena vitória sobre teus inimigos, (o que se realizaria totalmente mediante Cristo e na ordem espiritual) (Apc 5, 5); e b) haverás de ter a primazia sobre os irmãos, (os louvores e a glória de Judas estão em antítese com as censuras aos anteriores).

Note-se que a) é de realização longínqua: só com Davi Judá teve supremacia em Israel. 9. Judas é como o leão rugidor das selvas, que devora a sua presa deitado no seu antro, em lugares abruptos, sem que alguém ouse abordá-lo; e como a leoa que, amamentando os seus cachorrinhos, ainda é mais feroz que o leão. O leão é símbolo da força; é aqui metáfora aplicada à mais forte das tribos, da qual “as montanhas da Judéia são o antro inacessível”. 10. É de alcance messiânico. Versículo de paralelismo sinonímico, suas imagens querem anunciar isto: “na tribo de Judá não haverá de faltar sucessão de reis, ou pelo menos, o poder soberano, até que venha Aquele a quem pertence o mando sobre todos os povos, isto é, o Messias”. (La S. B. I, 173). Judas também “porá o cetro entre os seus pés”, vem a ser, terá a hegemonia, figurada sob a imagem que aparece nos monumentos cuneiformes assírios; êstes trazem reis sentados no trono, com seu longo cetro colocado entre os pés.

Nota sobre “Até que venha Aquele”. “Aquele” está escrito “*Shiloh*” no hebraico. Que cousa é êsse Shiloh? *Primeira sentença:* até que (Judá) venha a Silo, cidade onde esteve o Tabernáculo até os dias de Samuel. *Crítica:* ela não serve, porque privada de qualquer sério fundamento. E admitiram-na todavia muitos racionalistas e alguns protestantes. *Segunda sentença:* é “descanso”, substantivo derivado do verbo hebreu “shalah”, “estar tranquilo”. Judá terá o império enquanto durar a guerra. *Crítica:* ela a) negligencia o paralelismo; b) igualmente, o nexos gramatical, que veda a referência do último membro a Judas; e c) também o contexto histórico, pois Judas reteve o império no tempo da paz texto, porque 49, 9 já tratou da paz; d) e finalmente o condavídica. *Terceira sentença:* é o Messias, chamado como apelido próprio de Shiloh, quer dizer, “o Pacífico” (ainda do

verbo “shalah”). *Crítica*: esta derivação é incerta, aliás tida por menos provável pelos hebraístas. *Quarta sentença*: leu com a Vulgata a última consoante como sendo *Heth* em lugar de *He*, fazendo da palavra uma forma do verbo *shalach*, “enviar”: “até que venha Quem há de ser enviado”. *Crítica*: sem fundamento na tradição. *Quinta sentença*: Shiloh é a junção de *She*, forma secundária do relativo *Asher*, com *Lô*, que é a preposição *para* mais o pronome *êle*, — ao todo três partículas gramaticais, — e significa “Aquele a quem”. *Crítica*: é a sentença adotada na versão, a qual está de acordo com a tradição unânime, que vê uma pessoa sob o termo Shiloh, e de acordo com a gramática hebraica, na explicação desse termo obscuro. O texto é pois messiânico, e na verdade a Jesus compete todo o poder sobre o céu e a terra. 11. O país de Judá era rico de belos vinhedos. Imagens pintam essa fertilidade: como o rico beduino Jó banhava seus pés na manteiga ou no creme (Jó 29, 6), Judas lavava sua roupa no sangue da uva. Veja-se porém, por detrás do sentido literal, o típico da prosperidade messiânica, com os Targumin e os Padres da Igreja, inclusive os antioquenos. 12. Continua, com novas imagens, o que o v. 11 diz sobre a paz e a felicidade que hão de reinar sob o cetro do Messias. *O sentido messiânico da profecia a Judas é líquido*, tendo estas provas a favor: a) a introdução circunstancial “nos tempos vindouros”, (em hebreu “no fim dos dias), refere-se aos tempos messiânicos (cfr Num 24, 14; Is 2, 2; Jer 23, 20; etc.); mas ela não serve aos que restringem a profecia só para Judá. b) Os povos que seriam abençoados “no descendente de Abraão” aqui aparecem ou obedientes ao império de Judá, ou esperançosos de redenção dele vinda. Ora bem, o império sobre eles é característica do Messias no AT e no NT. c) A tradição inteira judaica e cristã assim interpretou. d) O confronto com Apc

5, 5, que é versículo certamente messiânico: “vence o leão da tribo de Judá”. *De que modo é messiânico?* Afora a sentença de que Shiloh é a cidade de Silo, a qual nega a messianidade do texto, tem-se a *segunda*, que diz ser *indiretamente messiânico*. Julga-se tratar-se diretamente de passagem da guerra para a paz; e como a “paz” é imagem da salvação messiânica, adscrive-se esta a Judá, que seria a região até onde ela desceria. Para uma *terceira sentença* o texto é *diretamente messiânico*, pois o Messias é descrito qual rei escatológico saído de Judá. Mas isto não se colhe, dizem, da Revelação, e sim das idéias judaicas que o figuravam qual Davi redivivo. Finalmente, em geral os católicos admitem uma *quarta e derradeira sentença*: a messianidade do texto em sentido direto e literal como revelada por Deus. *Explicam-na porém diversamente*: a) uns, afirmando que está aí revelado o *tempo do Messias*. Diz-se tão somente, afirmam, que Judas reterá o poder régio ou outro qualquer, simbolizado por “cetro”, até que chegue o Shiloh. Como “até que” não exige se interprete que êle o tenha perdido depois que veio o Shiloh, como se pode fazer, desgalha-se a sentença em dois modos de compreensão: 1) Judá perdeu o cetro no tempo dos Macabeus, maxime quando Simão foi feito sumo-sacerdote: realizava-se com essa perda a profecia; e segundo tal modo o Messias veio logo depois; 2) Judá não perdeu o poder: passou-o ao Messias. “A realeza, simbolizada pelo cetro e pelo longo bastão de comando, que o chefe sentado serrava entre os joelhos e os pés, pertence a Judas e permanecerá privilégio seu. Mais tarde virá um Judeano, que há de herdar o cetro e estender seu império sobre os povos” (Chaine). b) Outros julgam que o texto vaticina a *origem do Messias*. Notam sim que não está expresso descenda Êle de Judas. Todavia o louvor a Judas, asseguram, e a vitória sobre os inimigos, com o

carater alegre da profecia, supõem-no e dão-no a entender. c) Outros ainda dentre os católicos crêem que se revela o *poder messiânico*, profetizando-se a universalidade e a espiritualidade dele sob a imagem de reino material.

13. Jacó descreveu só a situação geográfica da tribo de Zabulon, que estava ao norte, junto ao Mediterrâneo, limitando-se com a Fenícia. Isto lhe permitia “sugar a abundância do mar” (Dt 33, 19), isto é, locupletar-se com o comércio marítimo e pescarias. De resto, afora o elogiado papel ativo que tomou na guerra da independência nos tempos de Débora (Jz 5, 14. 18), viveu apagada sempre. 14. Issacar instalou-se na fertilíssima planura do Esdremon. Ali os Cananeus permaneceram firmes nas cidades fortificadas de Beisan, Taanac e Megido, submetendo essa tribo, comparada por conseguinte ao asno, animal doméstico por excelência na Palestina, pela carga que devia ter aos ombros. 15. Ela deixou-se amolecer de ócio, preferindo a servidão à liberdade. Até aqui os seis filhos de Lea (Lia). 16. Êste é filho de Bilhah, serva de Raquel, (e o seguinte). Apesar disso não será inferior aos irmãos, nem seu escravo. “Dan fará justiça” encerra jogo de palavra no hebreu, que está assim “Juiz julgará” (Dan yadin). Vem a ser, essa tribo, bem que pequena, distribuirá a justiça; e como isto é atribuição do governo, será livre. 17. Dan é cerastes (serpente de chifres, muito venenosa e imperceptível pela cor da areia onde vive, que êle toma de esperto. Segundo alguns alude-se ao danita *Sansão*, que foi juiz (Jz 13-16). E’ curiosa a opinião de que o Anticristo, grande serpente, seria danita. Dan vencerá, como o cerastes, pela dissimulação, (ao passo que Judas, pela força real). Sua tribo, junto ao mar a oeste de Judá, pela força para o norte, instalando-se na região de *Lais*, que por isso se chamou também de Dan ou Lais-Dan (Jz 17). E’ o li-

mite setentrional da Palestina em muitos textos (1 Sam 3, 20; 2 Sam 3, 10; 24, 2. 15...). 18. Para muitos é sentença do hagiógrafo, provinda de outra parte. Alude ao nome de Dan, de cujo julgamento resultará vitória, que é típica da vitória messiânica. 19. No TM há longo e por isso mesmo obscuro jogo de palavras. A tradução dada é das mais plausíveis. E parece que este é o sentido: a tribo, habitando na Transjordânia, estaria exposta às razzias dos vizinhos, vencendo-os porém e indo-lhes ao encalço. O que de fato se deu com os Amonitas, Moabitas, Arameus e Árabes. Ela ofereceu a Davi guerreiros “tendo aspecto de leão, ageis como as gazelas sobre as montanhas” (1 Pr 12, 8-14). 20. Jacó louvou a fertilidade excepcional dessa tribo, que estava entre o Monte Carmelo e a Fenícia, exportando vinho e óleo para Sidon e Tiro (Ez 27, 17), “e mergulha(va) seus pés no azeite” (Ez 33, 24). 21. A versão dada é a da Vulgata, concorde com o TM: Neftali é uma cerva em liberdade, isto é, agil, e senhor de palavras poéticas: os neftalistas seriam guerreiros velozes, cujas vitórias teriam na tribo gloriosos cantares. Há contudo disparate na união das duas imagens (cerva-assunto para formosos versos). Por isso com os LXX há uma segunda sentença, que lê o TH assim: “é um terebinto estendido, de bela copa”. Cessa o disparate. E alude-se ao território da tribo, o qual vai do Lago de Genesaré ao Líbano, comprido e estreito de corpo, mas com uma cabeça mais larga, feito de regiões férteis, que são favores, a saber, favorecidas, como se vê no Deuteronômio. As duas sentenças prestam, se bem que a segunda exija muitas correções textuais. 22-26. Estes versículos trazem a *profecia a respeito de José*. a) *Introdução*. “Sobre ele Jacó demora-se com especial complacência. Adotando como seus os dois filhos de José, o patriarca tinha outorgado a esse filho

querido um dos privilégios do mais velho: dupla porção da herança paterna. Aqui, embora não esteja Manassés separado de Efraim, é sobre aquela tribo que se concentra a atenção de Jacó” (Renié). b) *A interpretação*. 22. Aceitou-se esta sentença: José é árvore frutífera (vide), plantada junto a fonte e perto de muro, sobre o qual os sarmentos trepam (chamados “filhas” no hebreu): alusão ao tempo em que José crescia na casa paterna como viçoso sarmento de videira. Lê-se no hebreu *ben-pôrath*. Outros assim vertem: “José é um touro”, lendo no hebreu *ben-pârâh*. A favor desta sentença militam as razões seguintes: melhor coordenação entre as imagens, pois os seteiros (de que logo vai tratar o poema), atacam o touro. Ademais, na verdade Efraim, a poderosa tribo do norte, sofreu as razzias dos Cananeus e Madianitas (Jos 17, 14-18; Jz 6, 2-6), os quais entretanto foram vencidos pelo Herói, pelo Poderoso, pelo Forte de Jacó: Deus (23-24). Também Deus é chamado de Pastor e Rochedo de Israel. Em suma o v. 24 deseja vitória para José. 25. Copiosas bênçãos prometidas a José: *do céu*, isto é, chuva, orvalho, influxo solar, serenidade do tempo; *do abismo*, figurado como animal jacente, a saber, fontes e rios, de que provirá grande prosperidade; de muitos rebanhos e numerosa descendência (cfr. v. 22). 26. O TM tem *hôrây iad*, que a Vulgata verteu por “patrum eius, donec veniret”, e assim ela “forçou o sentido messiânico do texto” (Renié). Muitos porém modificam o texto, de acordo com a versão dos LXX, para *hararêad* (em grego oréon monímon): as bênçãos de José serão superiores às de Jacó, e tão grandes como as montanhas, chamadas *eternas*, porque criadas desde séculos parecem durar sempre, cujos desejos são o orvalho e os frutos. José é entre os irmãos o NAZIR, ou “o separado”, “o consagrado”, “o predileto”, “o príncipe”. 27. Sua tribo situa-

va-se entre Efraim e Judá; com esta aqui a Geena era o limite (Jerusalém lhe pertencia). E' comparada ao lobo, porque valente na guerra: sua tropa de escol podia "lançar (com a funda) pedra contra um cabelo, sem errar" (Jz 20, 16). Aod, Saul, Mardoqueu, S. Paulo são benjamitas. O último, segundo a acomodação dos Padres da Igreja, "de manhã", isto é, antes da conversão, devorava a presa, quer dizer, perseguia os cristãos, e "pela tarde", ou depois dela, partilha os despojos, convertendo o gentio.

Prestes a morrer, terminou Jacó a profecia. A seguir deu ordem para ser sepultado na caverna de Macpclah, na Terra Prometida, e expirou (49, 29-33). Gên 50 narra o seu funeral, feito à maneira egípcia (embalsamamento, etc.), e a profecia de José quanto à futura volta dos terahitas para Canaã, pedindo que para lá transportassem os seus ossos.

A RELIGIÃO PATRIARCAL

Gên 11-50

O Gênesis tem alguns dados esparsos sobre a teologia dos patriarcas, que era sim embrionária, mas de alta perfeição. Ela não é fruto das investigações filosóficas, nem evolução do totemismo, feiticismo, culto dos antepassados, nem adoção da religião dos vizinhos: ela *repousa sobre a revelação imediata feita a Abraão*, que prestou fé, sendo ela transmitida por tradição e progressiva. Mas ela está ligada à religião da humanidade, que recebera revelações anteriores (Adão, Noé, ...).

I. DOGMÁ. a) *Deus*. Os patriarcas criam no único Deus existente. Esse *monoteísmo*, fenômeno maravilhoso em

meio ao politeísmo ambiente, era *perfeito* (transcendência de Deus, causalidade suprema com relação aos fenômenos naturais, reconhecimento dos direitos divinos, . . .), e prático, porque, embora Senhor das nações, escolheu Israel para tributar-Lhe culto digno, exclusivo a Êle, sem admitir rival, impondo ainda completa sujeição de todos. b) *Nomes divinos*. Revelou-se Deus a Abraão sob o nome de *El Shaddai*. *El* é nome da divindade, e está no fundo mais antigo de todas as línguas semíticas. Entre os muitos significados que excogitaram para *El*, êste de Barton parece satisfazer; “o Único (ser) que todos os homens se esforçam por atingir.” Aparece *El* 250 vezes na Bíblia. *Eloah* parece derivar-se de *El*; é forma rara, vindo 57 vezes, no mais delas em *Jó* (41 vezes). E também *Elohim*, o mais usado dos três nomes. Êsse plural é aplicado ao Deus único (plural majestático), não como resquício de politeísmo, e sim por razão filológica, sendo “simplesmente um dos vários substantivos no hebreu que são invariavelmente usados no plural, porque levam no bojo a *idéia de extensão indefinida, quer no tempo quer no espaço*” (Barton). *El* vem muita vez com algum apôsto, que o coloca em relação com certo fato, lugar, até qualidade: *El-roi* ou “Deus da visão”, *El-olam* é “Deus eterno”, *El-Bethel*, “Deus de Betel”, e *El-Eloah-Israel* quer dizer “*El* o Deus de Israel” (note-se *El* junto com *Elohim*). O apôsto mais frequente é *El Shaddai* (30 vezes somente em *Jó*) ou “Deus onipotente”. “Onipotente” é sentido derivado, não primitivo de *Shaddai*, nome que vem da raiz *shadad* “agir violentamente”, “sobrepoder”, “devastar”; pois o sentido perfeito saído da raiz seria o de “o destruidor”. Quiçá vem do babilônio *shadû*, “a montanha”, porque a montanha hiperbólica era a sede da divindade (Is 14, 13). Assim há no babilônio (*Shadû rabû* “a grande montanha”, e *Ilu shadu* “Deus, minha mon-

tanha”, termo comparável ao de “Rocha”, com que os Israelitas frequentemente chamavam a Deus. Exemplo: no salmo 17: “Senhor, minha Pedra, . . . meu Rochedo”. Note-se que El não é do uso particular dos Terahitas. Os Cananeus também tinham *El-Elyon*, “Deus Altíssimo”, do qual Melquisedec era sacerdote; idem os Fenícios, que depois o substituíram por Baal, (ao passo que os Israelitas, os quais usavam Baal antes, quando o termo passou a denotar “ídolos”, o abandonaram). Outros nomes da divindade: “Terror de Isaac”, “Poderoso de Jacó”, “Pedra de Israel” (êste já visto). c) *Dos atributos divinos.* O mais das vezes aparece a *onipotência* (El-Shaddai). Deus *criou* o céu e a terra (14, 19), é o seu *Senhor* (14, 22). Para Deus *nada é difícil* (18, 14). Ele é o *destruidor* de Sodoma e Gomorra (19, 24), é quem *deu fertilidade* a velhos estéreis (18, 14). E’ representado morando de certo modo em diversos lugares: os terebintos de Mambre, o terebinto divino (12, 6), Betel, . . . A *espiritualidade* não está firmada de modo formal; mas como são diversas as formas sensíveis sob que se manifesta, colhe-se que é independente da matéria. A *eternidade* é expressa em 21, 23, e como criador divino, preexiste ao criado. A *ciência* é mencionada sob antropomorfismos, donde parecer limitada (18, 21); mas conhece o futuro e os pensamentos mais secretos. Com relação aos homens exerce a sua *Providência*, concretizando as promessas messiânicas com premiar a fé viva (27, 20) e com destinar os elementos à prosperidade dos patriarcas (28, 39), que para isso oravam (20, 17-18; 25, 21); e outrossim castigando os pecadores: Sodom, Onan (26, 9-10; 42, 41), sempre com mistura de *misericórdia*, esperando que o mal chegue ao seu auge (15, 16; 18, 17 ss.). *Exige dos homens obediência total*, por isso *impôs leis* que devem ser observadas (26, 5).

b) *Os anjos.* Formam a côrte do Soberano celeste. Comparam-se a um exército (cfr Mahanaim). O nome que trazem, *Mal'akh* em hebreu, *Áγγελος* em grego, trai seu officio, que é o de *mensageiros* de Deus junto aos homens, aos quais ajudam e consolam. Exemplos sejam os anjos na *Escada de Jacó*. A forma humana sob a qual aparecem não é sua: a natureza angélica é superior à humana, como prova a attitude humilde de Abraão diante desses visitantes em Mambré (17).

c) *Os homens.* Os dados sobre os fins últimos do homem e sua natureza espiritual são poucos e vagos. Não se pode negar contudo que os terahitas cressêem na *vida futura*. Pois a Caldéia, donde vieram, considerava a ressurreição como possível, como prova suficientemente o cuidado com as sepulturas já no ano 2.000 A. C. Idem os Egípcios, onde estiveram alguns deles. O Gênesis faz eco: Jacó assemelha a sua vida a uma peregrinação (47, 9); quando morrem, qualquer que seja o lugar do sepulcro, dizem que “estão reunidos ao seu povo”, o que supõe a sobrevivência dos antepassados (25, 8; 35, 29; 49, 32).

II. *A MORAL.* É regulada pelos preceitos, que entanto não formam um código completo. Conhecem-se pelas transgressões que são censuradas ou punidas: a idolatria (35, 2), a violência e o homicídio (49, 5-7), sobretudo a impureza sob todas as formas: a prostituição (38, 24), o estupro (34, 5-7), o onanismo conjugal (38, 9. 10), o adultério (20; 26, 9-10; 39, 9), o incêsto (49, 4), a sodomia (19). Outras porém nem são aprovadas nem diretamente desaprovadas: a mentira (27), a fornicção (26, 10; 38, 15-16). Não se segue todavia que fossem toleradas. Os patriarcas não eram impecaveis; assim mesmo chegaram a dar exemplos de rara

virtude: a fé intrépida de Abraão (15, 6), a sua obediência heroica (22), a sua larga hospitalidade (18), a castidade de José e o seu generoso perdão das ofensas, a vida de contínua oração que todas levavam.

III. *O CULTO*. Caracteres: simples, sem imagens da divindade (o que a Lei imporá depois), contrastando com as religiões cananéia, egípcia, caldaica.

1. *O culto exterior*: tem preces, sacrificios, sacerdócio, circuncisão, consulta a Deus, dia festivo e voto.

Os *sacrificios* faziam-se sobre altares rústicos, provavelmente de vários tipos; alguns já eram holocaustos (220), uns sangrentos e outros não sangrentos (14, 8); e por vezes seguia-se o repasto sacrificial, com que se entrava em comunhão com a divindade (31, 54); este exigia certa *purificação* anterior, cujos detalhes se ignoram (35, 2-3). O sacerdócio era confiado ao chefe da família, que alguma vez era substituído pelo primogênito. Já se falou igualmente da *circuncisão*. Havia ademais a consulta a Deus (25, 22), cujo modo é desconhecido.

Dia festivo do culto era o *sábado*, cuja origem segundo o Gênesis é antiquíssima.

O *voto* era cousa sagrada e eficaz; faltando os contratos escritos, este era o meio de obter-se o cumprimento das obrigações dos membros da tribo entre si, e entre eles e os de outras tribos (24, 2-9; 21, 22; 26, 26-31; 25, 30-34...).

“Em geral podemos dizer que a característica dominante da religião patriarcal é o confiante e pacífico serviço sob a vigilante guarda do Onipotente” (Barton), com que os terahitas, raça privilegiada através da qual as outras deveriam

ser abençoadas, vindos como estrangeiros e peregrinos (beduinos) a Canaã (13, 14-17; 15, 16; 17, 1-8; 22, 17...), deviam depois ocupá-la e possuí-la até a vinda do Guerreiro e Conquistador que é o Messias. Assim “as narrativas patriarcais pertencem a um todo maior. A unidade interna da obra é na sua inteireza inegável, apesar da variedade dos relatos individuais e das fontes literárias de que se compõe. No primeiro livro da Bíblia encontramos pela vez primeira o grande ponto de vista histórico-mundial: a unidade da humana raça e seu desenvolvimento gradual em direção de determinado alvo, não obstante os desapontamentos e obstáculos. O plano de Deus e o pecado do homem são os dois fatores opostos do drama. A harmonia incipiente entre Deus e a humanidade foi sendo constantemente desorganizada por causa do pecado e da fraqueza do homem. Uma e outra e muita vez o prospecto de restauração dessa harmonia pareceu votado à ruína: por causa do pecado de Adão e do homicídio de Caim, da destruição da humanidade pelo dilúvio e sua dispersão depois da edificação da torre de Babel, da condição estéril de Abraão, da impostura e do combate de Jacó, do cativeiro de José. Pois bem, apesar de todas as oposições humanas e a aparente desesperança, Deus continua a sua promessa de realizar o seu plano salvífico” (Boehl). “A aliança entre Deus e Abraão devia de ser confirmada e ainda mais fortemente estabelecida com Moisés e durar por fim até que, transfigurada na Nova Aliança, fosse ratificada pelo Sangue de Cristo”. (Barton).

IV. *MODO DE VIDA DOS PATRIARCAS.* São seminômades, como os beduinos de hoje. Cuidam do gado menor: ovelhas e cabras negras, que formam o grosso de suas posses.

Cultivam também o solo (18, 6; 25, 34; 26, 12; 37, 7). Alimentam-se do leite de ovelhas, cabras e camelas, que conservam em odres e oferecem aos hóspedes, dos produtos da terra (trigo, frutos dos oasis...), da caça, de gafanhotos (Lev 11, 22), e da carne do gado nos banquetes aos hóspedes. Os rebanhos forneciam a roupa; donde a primeira indústria foi a do couro. As figuras de semitas nos sepulcros egípcios dão boa idéia disso. A primitiva tanga de couro foi depois substituída por outra tecida com pelos de cabra, e por fim esta, coberta com um manto que chegava até os joelhos, era o traje de pessoas mais destacadas. Ainda os rebanhos forneciam a pele com que se fabricavam odres, sacos, mesas e tendas. O camelo era a montaria deles.

A hospitalidade era sagrada. Abraão por ex. (18) avisou os estrangeiros, avançou para êles, convidou-os a entrar na sua tenda, lavou-lhes os pés, preparou repasto abundante. A vida de família era regulada pelo código terahita-babilônio (cfr. môhar, sheriqtu, etc.). A poligamia substituíra a monogamia. Ficou sempre limitada; em geral dava-se a bigamia; por vezes na monogamia ou naquela a esposa dava a sua escrava como concubina, em razão da esterilidade, pois "a procriação dos filhos era sumamente apreciada". Os filhos da concubina nenhum direito tinham à herança paterna. Os patriarcas casavam-se de preferência dentro da sua família; eram vedados os casamentos com cananéias.

O PERÍODO MOSAICO

I. A OPRESSÃO

1. ISRAEL NO EGITO. Os terahitas eram uns 70 à entrada no Egito (Gên 46, 26-27; Êx. 1, 5: At 7, 14), não

se computando os dependentes. O Faraó indicou-lhes como região de moradia a terra de Gessen (45, 10), em hebreu GOSHEN. Onde ficava ela? Não está bem determinado. Gessen é dita a “terra de Ramsés” (4, 47, 11) e “campos de Tanis” (Ps. 77, 12. 43). Ora bem Tanis parece ser a atual San el-Hagar, que os Hiksos fizeram sua capital com o nome de Avaris; depois ficou sendo a sede de Ramsés II: Pi-Ramsés. Outra opinião identifica Pi-Ramsés com Tell Artabi no wadi Tumilat. Como quer que seja, trata-se da região ondulada que vai do Delta aos Lagos Salgados, junto à fronteira com a Ásia, chamada antigamente Arábia, “onde parece natural que um Faraó, vindo da Ásia, instalasse asiáticos errantes” (Rops). Lá Israel ficava longe da gente autóctone e facilitava-se o êxodo. Terra de pastagens, os semi-nômades podiam criar seus rebanhos; e à borda das culturas, podiam exercer a agricultura. “Passaram-se várias gerações... Meio-nômades, meio sedentários, os filhos de Israel gozavam da vida mais prazenteira” (Rops).

2. A OPRESSÃO (Êx 1, 8-22). 1) *Causas*. Multiplicaram-se enormemente os Israelitas (7), que não puderam conter-se no Gessen. Esta terra ficou sempre o centro deles (8, 18. 22; 9, 26); muitos porém se misturaram com os egípcios (12, 13); outros, em grupos, voltaram para Canaã antes do êxodo é o que parece.

Expulsos os Hyksos, surgiram dinastias indígenas. Desarte um Faraó de uma destas dinastias “nada sabia de José” (1, 8). *Motivos nacionais e políticos* fizeram com que êle passasse a tratar diferentemente os Israelitas: como a *minoría racial progressista* que, aparentada aos Hyksos, ajudaria os inimigos do Egito (1, 9-10). Não quis expulsá-los porque precisava da sua mão de obra e dos seus rebanhos; pro-

pôs-se então torná-la inferior ao elemento nacional, mediante sistema de angariamento.

Fases da opressão. a) Na luta pela independência entre Egípcios e Hyksos os Israelitas ficaram neutros até o novo Faraó. b) Êste os sujeitou de começo a trabalhos forçados: fabricação de tijolos com palha por dentro, como são os de lá comumente, sob a vigilância de inspetores armados de bastão, a fim de que o excesso de fadiga e as sevícias provocassem anormal mortalidade... Assim é que eles edificaram *Pi-Ramsés* e *Pi-tum* ou “moradia de Ramsés (Faraó)” e “moradia do (deus) Tum ou Atun” (1, 11). Isto entrava nos planos divinos: 1) dividia os Hebreus dos Egípcios; 2) iniciava-os nos trabalhos de edificação e fortificação, até o momento ignorados, e na cultura (1, 14; 3) perdendo a vida cômoda, aceitariam as ordens de volta para Canaã. c) Apesar disso o crescimento continuou (1, 12). d) Décadas mais tarde Faraó quis eliminar os elementos heterogêneos perigosos. *Primeira ordem* foi que as parteiras matassem os filhos homens dos Hebreus: ordem bárbara, que prova bastante o desdém perfeito dos monarcas orientais pela vida humana. Nem foi executada. Essa resistência passiva foi premiada por Deus com edificação de casas para elas (e para os muitos filhos que teriam) (1, 15-21). *Segunda ordem* foi a de afogamento dos filhos no rio. e) Agravaram-se os trabalhos, quando se publicou a ordem de eles procurarem a palha para os tijolos (5, 6 ss.). “A raça parecia condenada a morrer. Surgiu então Moisés” (Rops). *Duração da opressão.* Quando Moisés tinha 80 anos ainda a opressão continuava (7, 7); como ela começou antes do seu nascimento, durou um século mais ou menos.

O Faraó da opressão e do Êxodo. Para uns seria Tutmés III (1501-1447) e Amênofis II (1447-1420) ou Amênofis III (1411-1375); para outros, Ramsés II (1292-1225) e Menefstah (1225-1215).

3. INFÂNCIA E VOCAÇÃO DE MOISÉS. Êx 2, 1-4, 31.

a) *Nascimento.* Moisés é da tribo de Levi (2, 1). Sua mãe não quis matá-lo; expô-lo consequentemente à borda do Nilo numa cesta de papiro, sob a vigilância da irmã (2, 3-4). Adotou-o a própria filha de Faraó e impôs-lhe o nome de Moisés (2, 5-10). “Porque eu o tirei da água” é explicação etimológica de tipo popular, comum na Bíblia. Seria o particípio passivo do verbo *mashah*, “tirar”, “extrair”; logo, “o tirado”, “o extraído”. De fato porém *Mosheh* é particípio passivo, “o extrair”, quicá porque Moisés é o extrair do povo do Egito (nome de missão). Outros recorrem à língua egípcia (foi a filha de Faraó que o impôs.: a) para Flávio Josefo e Filon viria de *Mô* “água”, “semente”, “filho”, e *She*, “conservado”, “lago”, “Nilo”; logo, “conservado da água” ou “filho do Nilo”. b) Melhor porém é esta sentença: vem de MS (W), transcrito como MOSE, MESU, MOSU, e significa “filho”. Têm-se na verdade os nomes teofóricos *Ahmos* ou *Ahmose*, *Ptahmos* ou *Ptahmose*, *Râmos* ou *Ramose* e *Tutmos* ou *Tutmose*, que significam “filho” do deus Ah, Ptah, Râ ou Tot, onde Mose é o segundo elemento. E isolado aparece no papiro Anastasi (1, 18, 2): “Não é bom que Mose o saiba, porque ele te castigaria”; e no de Salt (124, 2-24): “Ele foi queixar-se contra o vizir a Mose, que o destituiu da sua função de vizir.”

b) *Educação.* Foi na côrte. Lá esteve 40 anos (2, 23; 7, 7; cfr At 7, 23), influenciado pelo ambiente.

A “ciência do Egito” que a Bíblia lhe dá é a esotérica dos Magos, lá chamados REKH KHELU, “o que conhece as cousas” (cfr Contos Populares do Egito em Maspero). Se porém os sábios do Egito por meios secretos queriam forçar os deuses, com magia cheia de contradições e imoralidade, Moisés servia-se deles só para cumprir sua missão. Ademais era taumaturgo. Não se esquecia no entanto da sua raça.

c) *Fuga de Moisés*. Quis matar em segredo um inspetor de obras, que batia num Hebreu. A morte do funcionário público, no exercício do seu cargo, era coisa grave; não podia ficar oculta, ainda mais que a alteração com um Hebreu “krumiro” a levou até Faraó. Lançou-se pena de morte contra Moisés. Fugiu êle para Madian, até a zona sueste da península sinaítica, (a oriente do Delta fugiam quantos estavam ameaçados de prisão: cfr *Romance de Sinuhe*). Bem acolhido por um chefe, sacerdote, chamado aqui de Jetro, allures também de Raguel (2, 18) e Hobab (Jz 4, 11), este lhe deu uma das sete filhas, Séfora, como esposa. Morto Faraó, apiedou-se Deus do povo hebraico, que clamava sob a opressão.

d) *A vocação*. 1. Numa esplêndida teofania apareceu Deus a Moisés na sarça do Monte Horeb. Confiou-lhe uma legação junto a Faraó. Na teofania nomeou-se Deus Elohim, que é nome comum. Perguntou Moisés seu nome particular e próprio a) por sentimento da sua insuficiência para a missão; b) para responder à prevista objeção dos compatriotas. O nome era na verdade sinônimo da pessoa; e por isso mesmo firma o selo de autenticação; e no caso prova de missão verdadeira. (cfr 6, 2-3). Em resposta Deus a si se chamou de “EU SOU”. “Eu sou” é a primeira pessoa do presente, (em hebreu, imperfeito), do verbo HWH (forma

antiquada) ou HYH (forma moderna, que significa “ser”, “existir”. Falando dele os Hebreus chamavam-No “ÉLE É”, YHWH, terceira pessoa singular do presente (cfr 3, 15, onde a forma aparece completa). A pronúncia de *Yhwh* era provavelmente *Yahweh*, provada pelas transcrições *Iabé*, e *Iaoué* dos Padres. Os Massoretas porém, interpretando à letra Lev 24, 16, não pronunciavam o tetragrama divino (*Yhwh*); davam-lhe as vogais de *Adonai* e liam *Adonai* em lugar de *Yahweh*; daí é que veio a forma Jeová em lugar de *Yahweh*. O étimo da palavra é incerto. a) Não é a raiz árabe HAWAH, “cair”, “destruir”; logo Deus *Yahweh* não é “o destruidor”, “o que faz cair chuva, raio. Nem b) certa forma de HYH, “viver”, como se fôra o Deus “que dá a vida”, o “Criador”. E sim c) o imperfeito hebreu, como está acima. Os Protestantes entendem porém deste modo: “SEREI O QUE SOU”, “SOU E (SEMPRE) SEREI”. Revelar-se-ia portanto a *eternidade* de Deus. Os católicos afirmam: é a *aseidade* ao contrário que se revela. Dão como prova insofismável a versão dos LXX “O ÑN”, “Aquele que é”. Antes de Moisés, hebreus houve com nomes teofóricos onde *Yahweh* é um dos elementos. Como por exemplo sua própria mãe, chamada *Jochabed*, ou “Yah. (abreviação de *Yahweh*, escrita como Jo) é glória”. Não os há fora de Israel nem se prova adorassem os Qenitas (ramo de Madianitas) a *Yahweh*.

Nota: os LXX verteram *Yahweh* por KYRIOS, a Vulgata, por DOMINUS, “o Senhor”. E até agora não se deu a conhecer como Javé, porque não executou a Promessa. Vai mostrar que é Javé (*Yahweh*), executando-a pelos prodígios do Êxodo (6, 3-8). 3, 15-22; *Yahweh* designa o modo, os sinais e o sócio da legação (4, 1-17). Voltou Moisés para o Egito, levando Séfora e filhos (está no plural aqui, segundo o TH e Vulgata, vindo de 2, 22 e 18, 2-4, embora apareça o singular

em 4, 25) (4, 18-20). Moisés trazia uma vara na mão. Deu-se um *episódio na viagem*: Yahweh, em forma de anjo (com os LXX e TH), vai contra Moisés para matá-lo; Séfora com pedra aguda circuncidou o filho, e com o prepúcio dele tocou os pés de Moisés, chamando-o “esposo de sangue”, afastando-se Yahweh. *Que quer dizer isso tudo?* Notando-se que a narração contém antropomorfismos, (Yahweh que se aproxima e se afasta), e *eufemismo*, (“pés” está ao que parece por genitais), o todo, se bem que obscuro, provavelmente trata de doença e de cura. “A maioria entende que Moisés, tendo transcurado a circuncisão do filho, fôra punido de moléstia mortal. Mas depois que Séfora executou o rito, Moisés ficou livre da enfermidade” (La S. B., I, 190).

II. A LIBERTAÇÃO

A) MOISÉS e FARAÓ

1. *Primeiros esforços de Moisés*. Êx 5, 1-7, 13. Fracassaram as primeiras tentativas de Moisés na sua missão, porque Faraó rejeitou a ordem divina, e ainda mais oprimiu os Hebreus. Mais. Até os Hebreus desprezaram a Moisés. Deus porém o reconfortou, predizendo a iminente ruína do Egito, o que vem narrado depois da genealogia dele (6, 14-28; 7, 1-7).

2. *As dez pragas*. Êx 7, 14-10, 29. O fim principal delas era a) indicar a Yahweh qual nume poderosíssimo a Faraó, que O desprezara (5, 2);

b) confirmar a legação de Moisés junto aos Hebreus, e indicar-lhes a fraqueza de Faraó e dos deuses egípcios.

E o *secundário*, a) permitir o endurecimento de Faraó para que luzisse a divina onipotência (7, 3; Rom 9, 17);

b) punir os egípcios pela opressão dos Hebreus e pela idolatria (Sab 11, 5 ss.; 16-19).

Quanto à *natureza* das dez pragas tem-se a *primeira sentença*, dos racionalistas, que as fazem *fenômenos totalmente naturais*. Ela vai contra a Tradição unânime e os hagiógrafos, que as tiveram quais prodígios operados por Moisés mediante poder divino, sendo essa a impressão que igualmente se colhe da leitura do trecho. Uma *segunda* acredita que todas são *atos sobrenaturais quanto à mesma essência*. Obsta a essa interpretação universal o fato de as pragas serem narradas com forte cor local, assemelhando-se a fenômenos naturais do Egito em muita cousa. Logo, a *terceira sentença* é melhor: são as pragas, em sua maioria, *atos naturais quanto à natureza, e sobrenaturais quanto ao modo* (abaixo vai ser isso provado). Algumas delas contudo provavelmente são em si sobrenaturais.

Deu-se porém antes delas o *milagre da vara de Aarão* (7, 8-13), que virou serpente. Os magos entanto fizeram cousa igual: a) *por prestidigitação*: hoje derviches de lá encantam serpentes, enrijecendo-as como bastões; b) ou *por poder demoníaco*; ou c) pode explicar-se literariamente por ajunta mais tarde feita por autor inspirado, o qual *citou implicitamente* fonte oral ou escrita, sem aprovar o conteúdo.

3. *As dez pragas em particular.* 1) *praga*. Êx 7, 14-24. Eis o fenômeno natural: no começo de Julho dá-se o enverdecimento e o mau cheiro das águas do Nilo, com enxames de vermes e com perigo para os homens, mas não para os peixes; de meados de Julho para diante as águas tomam cor.

de sangue, em razão ou do humus provindo de rochas desagregadas no Alto Egito, ou de germes infusórios. As águas são potáveis então. O fenômeno jamais se dá naturalmente no Baixo Egito. Eis agora o *fenômeno bíblico*: em Fevereiro (conforme os dados do Êxodo), logo que a vara de Moisés tocou a água dos “rios”, que são os braços do Delta nos quais se subdivide o Nilo, dos “regatos” ou canais irrigatórios, das “lagoas” ou paues abundantes ali, e em suma “a água de todos os tanques”, termo coletivo e resumidor do que foi dito antes, a água ficou ruim para homens e peixes no Baixo Egito.

2) *praga*. Êx 7. 25-8, 11. Durante a inundação anual bandos de rãs (e ali a espécie “*ranae punctatae*” é mais comum) tudo invadem, com nojo dos Egípcios, amantes da limpeza, que contra elas invocam o deus *Heket*. Mas o *fenômeno bíblico* é bem mais extenso que o natural (cfr 7, 25-8, 15). Feiticeiros egípcios fizeram cousa semelhante a essas duas pragas vistas, explicando-se como se viu acima acerca da imitação do milagre da vara de Aarão.

3) *praga*. 8, 12-15. Em Outubro e Novembro pernilongos, (o TH traz “piolhos”), depõem seus ovos no pó, voam em nuvens, picam deixando grossuras que impedem o sono, possível só debaixo de mosquiteiro, (até em Dezembro eu próprio vi muitas dessas nuvens no Lago de Moeris, em 1949). São vários de espécie: a *Aedes Aegypti*, a *Stegomyia fasciata*, que Linné chamou de *Culex Aegypti*, inoculadora do dengue e da febre amarela, o pequeno e silencioso *Flebótomo*.

4) *praga*. 8, 10-28. Região úmida e quente, abunda em moscas, que formam nuvens, invadindo uma região deixando imune outra, sempre provocando oftalmias e feridas mortais.

5) *praga*. 9, 1-7. A peste dos animais não é periódica no Egito. Dá-se porém, e tão forte, que se deve importar gado da Síria. Tal epizootia é o carvão.

6) *praga*. 9, 8-12. Doenças cutâneas sobretudo durante a inundação, abundam. E' sua causa a água má ou o calor, com os germes de doenças tropicais. E' a varíola, varicela, etc., que atacam igualmente o gado.

7) *praga*. 9, 13-35. O granizo é raro no Egito. Ao passo que as seis pragas anteriores caíram sobre os homens e os animais, esta foi para as plantações. E deu-se de mistura com fogo.

8) *praga*. 10, 1-20. Os gafanhotos, comuns no Oriente, são raros no Egito, (cfr. a esplêndida descrição de Joel, em Jl 1, 2-18 e 2, 2-11).

9) *praga*. 10, 21-29. O *khamzin*, ("khamnsin" significa 50, porque sopra durante 50 dias, entre Março e Abril, embora por vezes também noutras épocas do ano), é vento que vem do deserto da Líbia. Igual ao "scirocco" da Itália, e mais ou menos como o nosso "vento norocste", levanta nuvens escuras de pó impalpável e é bem molesto. Ele cobriu o exército de Cambises, enviado contra os Amônios, diz Heródoto.

10) *praga*. E' a da morte aos primogênitos. Ameaçada em 11, 1-10, 12, 29-30 narra a sua execução.

"La S. B.". I, 195-204, traz as pragas com estes nomes: água mudada em sangue, rãs, pernilongos (mosquitos), moscas grandes, peste, pústulas, granizo, gafanhotos, trevas; depois a décima, vista acima.

4. O carater sobrenatural, em relação com as circunstâncias, que as fazem *milagres quanto ao modo tão sòmente*, nota-se claramente, porque elas:

- a) foram anunciadas matematicamente por Moisés, e dadas no momento preciso;
- b) são-lhe obedientes no começar e no cessar;
- c) têm extensão maior que os fenômenos análogos naturais;
- d) assolam tão só os egípcios;
- e) nem todas foram imitadas pelos feiticeiros. Logo denotam o dedo de Deus, como se colhe de 8, 19.

B) A PARTIDA.

1. *A Primeira Páscoa ou a Páscoa egípcia.* a) *Tra-
dução* de 12, 1-7. 1. Disse Yahweh a Moisés e Aarão na terra do Egito: 2 “Este mês será para vós o princípio do ano. ”. Falai a todo o ajuntamento dos filhos de Israel, e dizei-lhes: ao décimo dia deste mês tome cada qual um cordeiro segundo as casas paternas, uma rez por cada casa. 4. Se a casa for menor que o necessário para comer a rez, tome ao vizinho, da pegada a ela, em número que baste para comer o cordeiro. 5. A rez será sem defeito, macho, de um ano, cordeiro ou cabrito. 6 Vós a guardareis até o dia quatorze deste mês; e toda a multidão dos filhos de Israel a imolará entre luzes. 7 Eles tomarão de seu sangue e untarão as duas umbreiras e a verga das portas das casas, onde comerem”.

b) *Comentário* a essa instituição da Páscoa. Seguem-se os versículos indicados. 2. Deu-se a Páscoa, conforme a or-

dem divina, (12, 21-28), no mês de *abhib* ("das espigas"), depois chamado *nisan* ("provento das ervas"), que cai em Abril ou Março. Era o início do ano religioso; o civil começava no outono, quando *abhib* é mês primavera. 3. "Cordeiro": eis como foi traduzida a palavra hebraica, a qual porém significa cordeiro e cabrito, quase que "gado menor"; seria uma cabeça única para cada família e casa. 4. A tradição fixou o número de pessoas, que deviam comer cada rez, em não mais de 20 e não menos de 10. 5. A rez devia ser perfeita, isto é, "sem defeito": não coxa, nem doentia, etc. "Macho", porque superior à fêmea e substitutiva do primogênito. "De um ano" entendeu-se de dois modos: de um ano completo para cima, ou tenra até um ano, porque o Lev permite cabeça de 8 dias para mais. Conforme a palavra, a vítima podia ser cordeiro ou cabrito; o costume fez prevalecer a escolha do cordeiro. Todo Israel devia imolar "entre luzes"; tal expressão foi interpretada diferentemente: para uns significa "entre as duas vésperas", vem a ser, entre o ocaso do sol e o crepúsculo; para outros, entre o período que vai das 3 da tarde até o ocaso, e o que segue ao ocaso. 7. Assinalação dos umbrais e da verga das portas das casas com o sangue do animal, substitutivo do primogênito poupado pelo anjo exterminador.

c) 12, 8-11. "Nessa mesma noite", isto é, depois das segundas vésperas ou do ocaso, devia-se comer tudo. "Comer-lhe-eis a cabeça com os pés, e com os intestinos", foi dito, porque essas partes em geral não se assam, como deviam fazer com o animal.

A rez era acompanhada de *pães ázimos*: (a) porque êstes deviam indicar a pressa da fuga (nem tempo para a fermentação); (b) depois, êles com as *ervas amargas*, simbolizavam a amargura sofrida.

d) *Comeram-se as sobras*. Comeram como caminhan-tes, cingidos os “rins”, isto é, com as vestes presas à cintura para não impedir a marcha.

e) 12, 11-13: “Porque esta é a *Páscoa*, quer dizer, *a passagem do Senhor*. E aquela noite passarei pela terra do Egito, e matarei na terra do Egito todos os primogênitos, desde os homens até os animais: E eu castigarei todos os deuses do Egito. Eu, Yahweh. O sangue servirá de sinal nas casas onde estiverdes; eu verei o sangue e passarei de lado: e a praga não tocará em vós, quando eu ferir todo o Egito”.

Explica-se aí o nome “*Páscoa*” pela *passagem de Deus*, matando os primogênitos egípcios, e a dos Israelitas, saindo do Egito. *Páscoa* é “*Pesach*” no hebreu, e êsse nome vem do verbo *pasach*, que significa “coxear”, “saltar”, “passar avan- te”. *Páscoa* significando passagem aparece no Êxodo, como outrossim nestes nomes próprios: *Tiphsach*, a cidade Thapsacus dos gregos, ou “passagem além”: desde que dali se passava para outro lado do Eufrates; e ao que parece *Lampsacus*. Esta etimologia é negada por alguns, que expli- cam a *Páscoa* pelo ciclo lunar (festa da lua cheia).

Fora de Israel não se encontra paralelo à *Páscoa*.

12, 15-21 cita o preceito da comemoração da *Páscoa* egípcia ou primeira, cada ano, de 14 a 21 de nisan, com o uso dos ázimos.

II. *Primeira jornada da marcha: de Pi-Ramsés ao Mar Vermelho*.

De Gessen ou Goshen, região do Egito para cá do Canal de Suez, até a Palestina, pela “terra dos Filisteus”, vem a ser, pela rota que costea o Mediterrâneo, a estrada é reta. Mas 13, 17 diz que Moisés tomou a “via do deserto, que é perto do Mar Vermelho”, por medo de guerra com aqueles e volta de Israel para o Egito. Primeira etapa nessa rota escolhida foi *Sucot*, nome hebraico, mas aqui transcrição do nome egípcio *Theku* ou *Thuke*, cidade perto de Pithom, hoje a oeste de Ismaelia. De lá partiram para *Etham*, nome que parece ser forma hebraica do substantivo egípcio *Khetem*, que significa “a torre”, “o fortim”. Uma *coluna de fogo* pela noite, *de nuvem*, ao correr do dia, símbolo da presença de Yahweh, o qual guiava os passos de Israel, precedia o povo. Concebe-se como certa massa ígnea interna, envolta de fumaça, e o todo aparecia escuro de dia, e iluminado de noite. E isso por toda a peregrinação. Descrito êsse fenômeno, depois que se falou de Etham, relata-se que de lá o povo se desviou para o Mar Vermelho, passando por *Pi-hachiroth*, que, quanto parece, não é cidade e sim região com banhados entre os Lagos Amargos e Djebel (Monte) Djeneffe, até certo ponto entre *Migdol* (“a torre”) e *Beelsephon*, em frente ao lugar da passagem do Mar Vermelho. Ali, chegando o exército de Faraó, a nuvem foi colocar-se entre os Israelitas e os Egípcios. Moisés estendeu a vara sobre o Mar. Deu-se a divisão das águas e a travessia dos Israelitas. Estendeu êle de novo a vara, e deu-se a conjunção das águas e o afogamento dos Egípcios. Muito provavelmente Faraó em pessoa tomou parte na expedição; mas o relato bíblico aqui não diz que êle entrou no Mar nem que se afogou. Desse estupendo milagre, que ficou profundamente gravado na memória do povo, tanto que as páginas inspiradas sempre o recordam, veja-sê:

a) *a natureza*. Diz 14, 21-23: “Tendo Moisés pois estendido a sua mão sôbre o mar, Yahweh dividiu as águas fazendo que toda a noite soprasse um vento veemente, abradador, que lhe secou o fundo. Estando a água assim dividida, entraram os filhos de Israel pelo meio do mar seco, tendo pela direita e esquerda a água que lhes servia como de muro. E os Egípcios, que os perseguiam, entraram depois deles pelo meio do mar com toda a cavalaria de Faraó, suas carroças e cavalos”. Tais dados são melhor explicados assim pelo Pe. Renié: “Não é impossível que Moisés, familiarizado com os lugares, se tivesse aproveitado das circunstâncias, para fazer com que sua gente atravessasse o golfo, num ponto onde era vadeavel”. Antes de continuar a citar o mesmo texto dele, dê-se a nota que colocou no couce da página: “O Snr. Bourdon pôde atravessar em pessoa o vau de Suez com mar baixo, “sem ter água acima dos joelhos” (R. B., 1928, p. 236). O Snr. Clédât nota que no vau de Chaluf a altura da água é tão fraca que, sob a ação prolongada do vento sudeste (cfr Êx 14, 21), a terra pode ser posta a nu; “é, diz êle, fenômeno que eu observei muita vez no Lago Balduino. Dura por vezes muitos dias” (R. B., 1920, p. 302). Todavia, declara, por causa das marés a passagem é perigosa, senão impossível. Ainda uma vez, uma cousa é atravessar individualmente um braço de mar pouco profundo, e outra, fazer com que uma multidão pouco disciplinada o atravessasse.

Sem a intervenção do vento, enviado pela Providência, a maré teria impedido a passagem”. Depois continua, citando a mesma revista: “Então é que, verdadeiramente, e é preciso reconhecer de boa fé, aparecem os caracteres *maravilhosos, providenciais, miraculosos*: coincidência de baixo mar excepcional quanto ao nível e à duração, violência e persistência de um vento do este relativamente raro nessas paragens,

e produzindo êsse verdadeiro enxugamento do vau com a sua duração excepcional; tempestade violenta, acompanhada de trombas de pó (a nuvem), de relâmpagos e de trovões, no momento em que os Egípcios perseguiam a Israel, no alvorecer do quarto dia, penetrando atrás dele vau a dentro" (R. B., 1932, p. 547-548). E nota por fim que o khamsin é bem outra cousa que o turbilhão de nuvem citado.

b) *Tipologia da passagem.* Os Padres da Igreja e a liturgia (hino "Ad regias Agni dapes") vêem nela o tipo do Batismo: assim como os Israelitas saíram das águas do Mar Vermelho livres da escravidão egípcia, recebendo desde então suas leis somente de Deus, igualmente o batizado sai das águas do Batismo, livre da servidão do demônio e do pecado para só servir a Deus.

c) *Lugar da passagem.* Nos tempos do Êxodo o golfo ocidental do Mar Vermelho entrava mais na terra. A sentença mais comum diz que mediante canal natural chegava aos Lagos Amargos, si bem que outra, mais rara, afirma que atinja o Lago Timsach. Vaus diversos permitiam a passagem de um lado para o outro desse sistema de canais, lagos e mar: o vau perto da atual cidade de Suez, outro na parte inferior dos Lagos Amargos, um terceiro no Serapeum, entre os Lagos Amargos e o Lago Timsach, e um quarto em El Guisr, entre êste e o Lago Ballah. O segundo citado, de pouca profundidade e sujeito às marés do Mar Vermelho, que chegam até lá, parece melhor corresponder aos dados bíblicos.

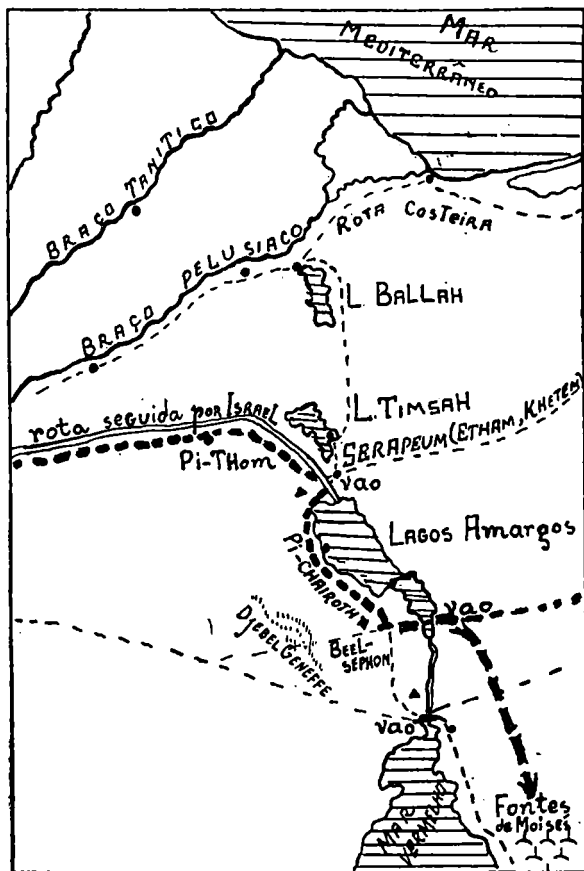
d) *Número de Israelitas na passagem.* Êx 12, 37. Num 11, 21 dá 600.000 sem as mulheres, crianças, velhos, estrangeiros e fugitivos (Êx 11, 21; Num 11, 4; Jos 8, 35). Com êstes seriam ao todo 2.500.000 pessoas. Ora tal número é impossível: a) *praticamente*, à vista da reunião e da

travessia de tal massa numa só noite, comida para ela e o gado, a exígua tropa de Faraó enviada em sua perseguição...; b) Jos 4, 13 e 5, 8 dá 40.000 soldados depois, e tais eram todos os homens válidos; c) cálculos baseados dão 500.000 Israelitas para o tempo dos Juizes. Logo, o número supra deve estar errado.

Vários sistemas se excogitaram para explicar a cifra: a) Hummelauer propõe 6 “milheiros”; b) para outros 600.000 é número fundado no seguinte *sistema sexagenal assírio-babilônico*: 60 por 10; 600 por 6; 3.600 por 10; 36.000 por 6;... E aqui 36.000 seria o número dos soldados, isto é, dos Israelitas válidos, o que corresponde de perto aos 40.000 de que fala Josué; c) outros ainda explicam “seiscentos mil” deste modo: *Eleph* é a palavra hebraica correspondente a “mil”, mas também a “miliário”; ora bem, assim como em Roma havia “centúrias” (conjunto de 100 soldados de si) praticamente com 80, 60, e até menor número deles, o Êxodo fala que “600 miliários” atravessaram o Mar Vermelho, embora cada um desses miliários contasse muito menos soldados do que mil; desse modo o todo daria número bem menor do que 600.000; d) há ainda os que pensam que estava escrito “600 Aleph”, sendo Aleph a primeira letra do alfabeto hebraico, e, no caso, símbolo de “homem”; por engano leram Eleph, “mil”, palavra que começa por essa letra, originando-se o número exagerado e errado.

III. *Segunda etapa: do Mar Vermelho ao Monte Sinai.*
Êx 15-19 (cfr Num 33, 3-15).

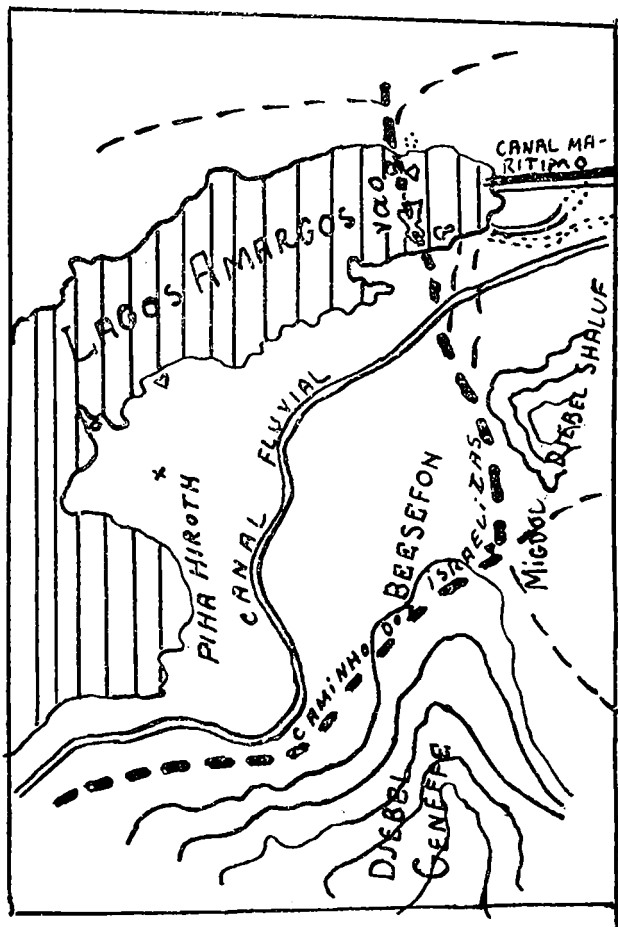
1. *O Cântico de Moisés.* Êx 15, 1-22. Atravessado o Mar Vermelho desse modo portentoso, Moisés prorrompeu num cântico de ação de graças, que é uma das páginas bí-



1.ª etapa: de Goshen ao Mar Vermelho e começo da 2.ª etapa.

blicas mais sublimes, podendo figurar entre as poesias líricas mais formosas da literatura universal. “Ainda que alguns exegetas observem que a composição deste cântico parece posterior à época de Moisés, isso não obsta a que, com o autor sagrado, o atribuamos ao mesmo, pelo menos quanto ao conteúdo substancial. Como mais tarde Débora (Jz 5), Ana (1 Sam 2), e outros no A. T., e no N. a Virgem Maria (Lc 1, 47 ss.), Zacarias (Lc 1, 68 ss.) e Simeão (Lc 2, 29 ss.), em momentos de elevação espiritual entoam cânticos de agradecimento ao Senhor; assim também aqui Moisés improvisa êste cântico sublime, que através dos séculos renovará o agradecimento de Israel pela sua salvação” (Sagrada Bíblia de Nacar-Colunga).

2. *Episódio da estação de Marah.* Êx 15, 22-26. A primeira estação para lá do Mar Vermelho foi *Marah*. A sentença comum identificou Marah com *Ain Hawarah* a 80 quilômetros a sudeste de Suez. Outra, mais exata, com *Ain Musa* ou “fonte de Moisés”, a 38 km. só da mesma cidade. Como quer que seja: “Mara: (é) feminino de *mar* “amargo”, e por isso “amarga” (amargura). Fontes de águas mais ou menos salôbras existem ainda na costa ocidental da península sinaítica. Uma delas se chama ainda hoje de “Ayn Musa”, fonte de Moisés, a quase 40 km. do ponto aproximado da passagem do Mar Vermelho; com ela pode identificar-se o lugar de “Mara” (La S. B. I., 216). Um pau que indicou Deus, atirado à água, fê-la de salobra potável (cfr. Eclo 38, 4-6). “Não foi dito que planta fosse o pau que adoçou a água amarga; mas os Padres nele divisaram um belo símbolo do madeiro da cruz de Cristo, que suaviza as penas desta vida. Entrementes, aquele prodígio foi ocasião a que desse Deus ao seu povo uma primeira instrução, a lei fundamental de Lhe obedecer, cuja observação seria



LUGAR DA PASSAGEM

a prova do seu sincero apêgo. Em paga Deus promete preservá-lo de toda sorte de enfermidade, quais foram as pragas do Egito” (La S. B., I, 216).

3. *Estação de Elim.* Êx 15, 27. Acamparam os Israelitas nesse oásis do Wadi Ghurundel, como é comumente identificado, abundante de carvalhos, terebintos, palmeiras, como diz o nome de Elim.

4. *O fenômeno das codornizes.* Êx 16, 1-8. Depois de Elim, um mês após o Êxodo, Moisés prometeu ao povo, em nome de Deus, pão e carne ao povo que recordava a riqueza do Delta e murmurava. Ora bem, codornizes, aves de arribação, migram da África pela península sinaítica para o norte, na primavera, em busca de lugares frescos; no outono, voltam para lá. Cansadas da travessia do Mar Vermelho, seus bandos descem e repousam à sua borda oriental, podendo muitas delas ser apanhadas facilmente. No tempo fixado e anunciado por Deus apareceu um desses bandos. “Fenômeno natural portanto, “que “foi providencial, não propriamente miraculoso” (La S. B. I, 218).

5. *O maná.* Êx 16, 9-26. a) *O texto:* “E pela manhã também todos os arredores do campo foram carregados de orvalho. E estando a superfície da terra coberta dele viu-se aparecer no deserto uma cousa miuda, e como pisada num gral, que se assemelhava àqueles pequenos grãos de geadá branca que cai sobre a terra. O que tendo visto os filhos de Israel, disseram uns para os outros: *Manu*, isto é: Que é isto? Porque não sabiam o que era. Moisés lhes respondeu: Este é o pão, que o Senhor vos deu para comerdes...” b) *Natureza do Maná.* A sentença mais comum é de que seja inteiramente sobrenatural. Textos escriturísticos parecem fortemente isso indicar, quando o chamam de “pão do céu”,

Hand-drawn map of the Nile River valley, showing the route from Egypt to Sudan. The map includes labels for Egypt, Sudan, and the Nile River. Key locations marked include Heliopolis, Memphis, Thebes, Luxor, Assuan, Khartoum, and Khartoum. The Nile River is shown flowing north from Khartoum to Heliopolis. The Red Sea is shown to the east of the Nile. The map is dated 6-92-A.

— 331 —

“pão dos anjos” (Sab 16, 20), “pão dos fortes” (Sl 78, 25). No extremo contrário está a dos racionalistas, que fazem do Maná um fenômeno *totalmente natural*. Seria êle a exsudação da árvore chamada *Tamaris Mannifera*, que ainda hoje existe. Picada pelos insetos *Trabutina mannipara* e *Naia-coccus serpentinus*, transuda a árvore de leite, que cai em forma de ervilha branca, a qual se colhe de manhã, pois o sol o endurece como cera, ou dissolve; tem sabor de mel e é aromático. Colhem-se uns 300 quilos por ano, vendidos ao Egito ou dados como tributo ao Convento de Santa Catarina do Monte Sinai, ou ainda, limpos e cozidos, são usados hoje como mel no pão. De fato há muita analogia entre êste maná natural e o bíblico: dão-se no mesmo lugar (a península sinaítica) e hora; têm o mesmo aspecto e sabor; derretem-se com o sol e servem para adoçar tortas. Esta sentença é no entanto de todo reprovavel, dadas estas diferenças mais notáveis ainda, notadas pelo Pe. Renié:

O maná sinaítico

- 1.º Produz só em pleno verão, durante 2 meses e ainda quando o inverno foi chuvoso;
- 2.º Durante a estação, cai todos os dias;
- 3.º E' raro, porque as melhores estimações dão 700 libras inglesas para a colheita anual;
- 4.º Conserva-se muito tempo, inalterado (exceto leve mudança de cor);
- 5.º Torna-se facilmente xaroposo, sem poder ser moído nem pilado; nem se pode então cozer;
- 6.º E' antes laxativo e, tendo pouca matéria azotada, não bastaria como comida.

O Maná bíblico

- 1.º Cai regularmente, durante 40 anos, exceto ao sábado, junto ao acampamento israelita;
- 2.º Cai na sexta-feira em quantidade dupla, mas não cai no sábado;
- 3.º E' abundante, porque cada um colhe um gomor (3 litros e meio);
- 4.º Corrompe-se no dia seguinte ao da queda; mas o de sexta-feira conservava-se 48 horas;
- 5.º Fundia-se ao sol e prestava-se ao cozimento; substância dura, podia ser pilada;
- 6.º Foi durante a estada no deserto o alimento principal, para não dizer exclusivo, dos Israelitas.

Mas como já na antiguidade haviam notado Flavio Josefo e S. Ambrósio, as analogias com o maná sinaítico podem levar a *uma terceira sentença*, que faz do Maná bíblico um *milagre quanto ao modo sòmente*: embora seja essencialmente o maná natural, esteve sujeito a especial intervenção de Deus, que o multiplicou e lhe deu caracteres especiais, podendo aproximar-se dos espantosos milagres da multiplicação dos peixes e pães por Jesus, e da multiplicação do azeite por Elias. Afinal, milagre quanto à mesma essência, como parece certo, ou milagre só quanto ao modo, como é provável e a Igreja não reprová. (Ricciotti admite êste, . . .); mas sempre milagre.

c) *Tipologia do Maná*. O próprio Jesus fez do Maná símbolo da Eucaristia (Jo 6, 49. 59; cfr. Apc 2, 17; 1 Cor 10, 3).

6. *No Monte Sinai*. Êx 17, 1-7. Relata-se o fato conhecido da murmuração de Israel pela falta de água; a ordem de Deus para que Moisés batesse com a sua vara a rocha do Monte Horeb; a execução, com abundância do líquido, e o nome que Moisés impôs àquelas estações de *Massa* ou “tentação”, e de “Meriba”, ou “querela”, “contenda”, porque Israel tentava e contendia.

7. Êx 17, 8-16 dá a vitória de Israel sôbre os Amalecitas.

8. Êx 18, 1-27. Em *Rephidim*, nova estação, Jetro visitou Moisés, seu genro; dando-lhe conselhos sobre a constituição civil do povo (instituição do conselho de 70 anciões, etc.).

9. *No Monte Sinai*. Êx 19, 1-20, 21. Deve-se identificar o Monte Horeb com o Monte Sinai (elevações da mesma

montanha com planalto entre si). O Monte Horeb chama-se de Sinai, ou por causa do deus Sin (lua), ou por causa do deserto de Sin. Situa-se na ponta meridional da Península sinaítica, ou Arábia Pétreá. Tal localização, comprovada hoje, baseia-se ademais na tradição judaica e cristã (Flávio Josefo, a “Peregrinação aos Lugares Santos” de Etéria ou Sílvia...) Apesar disso, quase não há monte do sul da Palestina e da Península, que se não identifique com o Sinai. Até alguns, como que *a priori*, o localizam para lá do Golfo Elanítico (na Arábia), como se verá abaixo.

a) *Teofania no Monte Sinai*. É célebre, majestosa, base de toda a vida religiosa de Israel e da Igreja. Chegado Israel ao Sinai 2 meses depois do Êxodo, estando ali por 11 meses (19, 1-2; Num 10, 11), deu-se ela. Israel prometeu observar a Lei que seria dada (19, 3-8). Houve então preparação de dois dias, e demarcação dos limites intransponíveis do Monte Sinai, sob pena de morte (19, 9-13). *Yahweh promulgou o Decálogo* (20, 1-17) em meio a trovões, fuzi-los, tremores do Monte, sons de trombetas misteriosas. Descrição que põe ante os olhos a manifestação do sobrenatural, é tomada como interpretação religiosa de uma erupção vulcânica, que então se deu no Sinai: eis a que leva o racionalismo. E como na Península não há sinais disso, transportam o lugar para além do Golfo Elanítico, contra todos os dados da antiguidade. Mas Israel pediu a Yahweh que não falasse pessoalmente, e sim mediante Moisés, o qual ficou 40 dias e noites no cimo. Voltando de lá, Moisés promulgou o *Código da Aliança* (20, 18-23, 33).

Este é código civil e criminal sucinto: horror pela idolatria e superstição, ideal de justiça, estima pela vida e dignidade humanas, — com pontos análogos na exposição aos có-

PENTATEUCO

digos egípcio e babilônico-terahita, — sendo superior a ambos.

Depois Moisés erigiu um altar no Monte Sinai, com 12 masseboth ao redor representando as 12 tribos de Israel, para lembrança da promulgação. Deu-se a aspersão do povo, do altar que simbolizava Yahweh, e do livro, com as vítimas então imoladas em sacrifício (Êx 24, 1-11), sangue que é típico do de Cristo (Hebr 9, 19).

10. *Adoração do Bezerro de ouro.* Êx 32-34. “A veneração desse símbolo representando Yahweh não era, estritamente falando, ato de idolatria, e sim violação da lei ainda recente que proibia estátuas (20, 4)... A traição do povo rompeu a aliança... Moisés intercedeu... A aliança foi restabelecida” (Renié).

NÚMEROS

1. Núm 1-10 traz duplo recenseamento dos guerreiros e levitas, consagração destes e partida no 20.^o dia do segundo mês do segundo ano do Êxodo.

2. Núm 11-14. Relatam-se fatos que excluíram os emigrantes da entrada na Terra Prometida, o envio de exploradores enviados à Palestina que inspecionassem os lugares, os recursos da região, a qualidade dos habitantes; sua penetração nela por Hebron e estada por lá durante 40 dias; volta deles com notícias terríveis acerca do vigor cananeu e do poder dos muros das cidades; levantamento do povo querendo apedrejar Moisés e Aarão, apesar da objurgação daquele, e deste com Caleb. Foi nova ruptura da aliança. Admirável oração de Moisés fez com que Deus comutasse a sentença de

reprovação pela de peregrinação durante 40 anos pelo deserto, só entrando na Palestina Josué, Caleb e os Hebreus menores de 20 anos. Guerra aos Cananeus contra os conselhos de Moisés, e derrota dos Hebreus, perseguidos por aqueles até Horma.

3. Núm 15-19. Tais capítulos do Êxodo com Núm 33 narram a *terceira* etapa, do Monte Sinai a Kadesh-barnea (Cades); a *quarta*, de Kadesh-barnea ao Monte Hor; a *quinta*, do Monte Hor a Eziongaber; e a *sexta*, de Eziongaber novamente a Kadesh-barnea, com estações e estações omitidas por brevidade. Muita coisa há duvidosa nessas idas e vindas dos Israelitas pelo deserto. E por isso, há desacordo entre elas e o mapa que vai anexo.

O que aqui se ressaltam são os fatos.

Promulgação de novas leis, revolta de Coré, Datan e Abiron; morte de Maria, irmã de Moisés.

Cades é então o centro civil e religioso de Israel, disperso pela península sinaítica para criação e cultura. O castigo da peregrinação serviu para que Moisés educasse religiosamente o povo.

4. Núm 20-21, 9. Desaparecida a geração revoltosa (Dt 2, 14), seu espírito continuou. Murmurou pela penúria de água. Yahweh faz brotar água do rochedo. Moisés contudo e Aarão, sem confiança plena nele, como castigo não entrariam na Terra Prometida. Propôs-se Moisés invadir Moab. Pediu passagem por Edom ao seu rei. Negou-se este com ameaças. Por consequência retrocedeu Israel até Eziongaber, para contornar-lhe o território. Dois episódios então se deram: derrota de Arad, rei cananeu do Negev, e nova sedição do povo, cansado da marcha e enfasiado do

maná; e envio de serpentes venenosas contra os rebeldes. Intercedeu ainda Moisés, que por ordem divina fabricou a *serpente de bronze*, que libertava da morte a quantos olhavam para ela, *sendo típica da Cruz* (Jo 3, 14. 15). Foi quando se deu outrossim o florescimento da vara de Aarão (Núm 17).

5. *De Elath ao Jordão*. E' a sétima etapa. Núm 21, 10-35. Os Israelitas, chegados à torrente Zared (Wady el Hesa), estavam ao sul de Moab, embora parte do exército, contornando essa região, tivesse chegado ao Monte Pisgah (Nebo). Ali pediu Moisés a Seon, rei dos Amorreus e He-sebon, passagem por lá. Respondeu pelas armas. Mas foi vencido. O mesmo aconteceu com Og, rei de Basan.

6. *Oráculos de Balaão*. Núm 22-24. Balac, rei de Moab, ignorava a proibição divina aos Hebreus de o guerrearem (Dt 2, 9). Assustou-se pois com a derrota de Seon e Og; e mais ainda, quando Israel chegou em frente a Jericó. Fraco, sòzinho, aliou-se aos Madianitas, e recorreu supersticiosamente a seres superiores, chamando o *qosen* ("encantador", "adivinho", "mago", quase sempre estrangeiro) *Balaão*, habitante de Pethor, para que amaldiçoasse a Israel. Balaão conhecia o Deus verdadeiro, a quem recorria quando em dificuldades (22, 8), mas em cujo culto metia práticas mágicas, por avareza ou ambição (24, 1). Esperava efeito favorável dessa feitiçaria. E eis que Balaão recusou o convite de uma primeira embaixada de Balac. Houve uma segunda. Yahweh então deu licença a Balaão para que fosse, com a condição porém de ser seu fiel intérprete. Desagradou-se todavia Yahweh com a pressa de Balaão por ir-se; e operou um milagre para submetê-lo: *o episódio da burra*. Para os mais é *história verdadeira*, porque Deus pode fazer os animais falarem. Ademais, 2 Pdr 2, 16 diz que a burra, fa-

lando, liquidou a loucura de Balaão; si o relato fosse fábula, S. Pedro teria concorrido para acreditar-lá. Para muitos entretanto é *ficção inventada* por Balaão para justificar-se. E alguns finalmente pensam que o relato é *descrição dramática* da luta que se travava no interior de Balaão entre a obediência e a avareza. Depois disso, chegou e teve recepção solene por parte de Balac. E com decepção deste, o feiticeiro abençoou a Israel, ao invés de amaldiçoá-lo. Aqui vão os seus oráculos:

1.^o *Oráculo.* Núm 23, 7-10. Diz que não pode amaldiçoar o povo, abençoado pelo mesmo Deus. Nota que Israel é povo à parte, escolhido, por motivo de suas leis, costumes, disposições da Providência. E que é inumeravel (o povo das promessas).

2.^o *Oráculo.* Núm 23, 11-30. Desiludido com o primeiro oráculo, julgando a Deus inconstante como os homens, tentou Balac atraí-lo a seu favor. Eis porque Balaão começa: Yahweh não é igual aos homens, não mente, e suas decisões são irrevogáveis. No mais é igual ao primeiro: Deus ama a Israel, porque êste não gosta da magia e da adivinhação, e será o seu guia.

3.^o *Oráculo.* Núm 24, 3-9. Fala novamente da força e da beleza de Israel. A versão dada de Núm 24, 7b: "O seu rei será rejeitado por causa de Agag, e o seu reino lhe será tirado", aludindo a Saul, reprovado porque poupou Agag, rei amalecita (1 Sam 15, 9-9), não serve. O original hebraico traz: "O seu rei será elevado mais do que Agag, e o seu reino será exaltado", assegurando a vitória de Israel sobre os Amalecitas, simbolizados pelo rei.

4.^o *Oráculo.* Êx 24, 10-19. Enraivecido Balac por causa do terceiro oráculo, demitiu Balaão. Em resposta Balaão, nada desconcertado, proferiu isto:

“Oráculo de Balaão, filho de Beor;
palavra do homem que tem os olhos fechados;

Oráculo daquele que ouve as palavras de Deus,
e conhece o pensamento do Altíssimo,
e vê as visões do Onipotente,
e, caindo, tem os olhos abertos.

Eu vejo, mas não agora, eu contemplo, mas não de perto.

Despontará uma estrela de Jacó, e surgirá um cetro de
[Israel,
e baterá nos flancos de Moab e abaterá os filhos de Set.
A Iduméia será possessão sua,
e Seir, a dos seus inimigos,
e Israel fará proezas,
um descendente de Jacó dominará,
e dispersará da cidade todo o resíduo”.

O vate penetra bem longe no futuro (“não agora”, “não de perto”). Nesse futuro então longínquo há de aparecer uma *estrela*, um *cetro*, isto é, um príncipe glorioso e potente, que essas figuras indicam. E êsse príncipe há de estender seu domínio sobre *Edom* e *Moab*, símbolos das gentes pagãs que ficarão sujeitas a Cristo. Logo, a profecia é *diretamente messiânica*. Assim todos os Padres, e os Targumin. Alguns porém julgam que se realizou materialmente a profecia com a estrela que guiou os Magos (Mt 2, 2).

5.^o *Oráculo.* Núm 24, 20-25. À glória de Israel opõe-se o castigo de Amalec e dos Cineus, os quais serão levados como escravos para a Assíria; e dos Assírios, cuja pátria será

devastada por guerreiros vindos de *Kittim*, vem a ser, Grécia e Roma, porquanto Kittim, de si Chipre, applicava-se aos habitantes das ilhas e costas do Mediterrâneo (Vulgata e versão trazem “Itália”); e à terra de Assur serão expatriados outros povos (“Hebreus” na Vulgata e na versão), sendo por sua vez castigados também os Kittim.

Núm 25. Expulso de Moab, Balaão recuperou sua fama com esta maquinação: ajudado pelas mulheres do país (31, 16), induziu Israel ao culto licencioso de Beelfegor. Essa idolatria e essa devassidão de Israel foram castigadas a espada, que matou 24.000 pessoas. Mais tarde Madian foi esmagada; deu-se enorme carnificina de homens e de mulheres casadas, quando também morreu Balaão (31, 8).

Núm 26-36. 1. Debalde Moisés tentou a reevocação do castigo de não pisar a Terra Escolhida. Josué devia ser o condutor de Israel através do Jordão. Diz porém Dt 3, 23-28 que do alto do *Monte Pisgah* (ou Fasca), chamado de Monte Nebo, para lá do Mar Morto, o grande condutor avistou a tão cobiçada terra.

Estava velho. Tinha todavia ainda alguns momentos. Aproveitou-os, transmitindo a ordem de Deus sobre novo recenseamento do povo e dos levitas, e deu normas para a partilha da Terra Escolhida por entre as tribos, conforme se vê na carta que vai anexa ao texto: e ditou ainda outras leis.

2. *Profecia de Moisés*. Mais do que leis novas, Moisés, atento para com o povo de dura cerviz, que renovava os pecados anteriores, fez suas *últimas recomendações*, como pai extremoso mais do que chefe, só pensando no futuro da sua tão estimada gente. O Deuteronomio traz essas recomendações ou “novíssima verba”.

Entre elas está a *profecia messiânica de Moisés* (Dt 18, 15-18). Ei-la:

“Yahweh suscitará do meio de ti, dentre teus irmãos, um profeta como eu; a êle ouvirás tu, precisamente como a Yahweh, teu Deus, pediste no Horeb, no dia da congregação, dizendo: Que não ouça eu a voz de Yahweh, meu Deus, nem veja êste grande fogo, para que não morra. Então me disse Yahweh: Dizem bem, assim falando. Eu lhes suscitarei dentre seus irmãos um profeta, como tu, porei na sua boca as minhas palavras, e êle há de comunicar-lhes tudo quanto eu lhes mandar”.

E agora a *interpretação*. Qual é o *Profeta* semelhante a Moisés? Os *Judeus* especificam: uns, identificando-o com Josué, que sucedeu a Moisés; outros, com Jeremias; e ainda outros com a série inteira de profetas, excetuado Cristo Senhor. Esta última hipótese é a dos racionalistas outrossim. Mas para os *Católicos* e na verdade o Profeta é Cristo Jesus, ao qual se refere a profecia *literalmente*. Há porém duas correntes entre os mesmos: a) a *profecia refere-se a Cristo e sòmente a Êle*. Apresentam estas provas: 1) no N. T. esperava-se “o profeta” anunciado por Moisés; julgava-se que era João, o Batista; Filipe disse a Natanael havê-lo encontrado; Pedro indentificou-o com Jesus (Jo 1, 21-45; At 3, 22 ss.); 2) a maioria dos Padres; 3) o texto deixa transparecer profeta bem determinado, pois o nome, os verbos e pronomes estão no singular, e por fim Moisés diz que *lhe será semelhante*. b) A profecia refere-se a Cristo com a série de todos os profetas, dos quais Êle é o maior. Avançam de seu lado estas razões: 1) Pedro não exclui os outros profetas; 2) Padres e escritores eclesiásticos, como Orígenes e Teodoreto, as-

sim pensaram; 3) no texto o singular “profeta” tem *sentido coletivo* como rei em Dt 5, 14 ss.; 4) Deus proibiu a consulta a adivinhos e feiticeiros, dizendo que proferiria com profetas verdadeiros; ora isso exige toda uma série; 5) finalmente, o povo queria a Moisés como mediador, e a outros, que depois o substituissem, para não ter relação direta com Yahweh. Ora, isto postula instituição permanente até Cristo.

Últimos dias de Moisés e sua morte. 1. Dt 31, 1-6. Yahweh designou Josué qual sucessor de Moisés.

Dt 31, 9-13 narra a entrega da Lei aos sacerdotes e anciões do povo, com a ordem imposta de que se lesse ao povo cada sete anos.

Dt 32, 1-43. Advertido da morte iminente e da ingratidão de Israel, compôs o seu segundo *cântico*, mais amplo que o primeiro, e tão sublime quanto êle.

Dt 31, 48-52, relata a despedida que fez ao povo, a subida ao Monte Nebo donde avistou Canaã, a sua derradeira bênção ao povo, igual a de Jacó às 12 tribos, (mas bênção ao invés de maldição a Levi). Morreu. Foi sepultado em lugar previsto por Deus e ignorado do povo, por temor de superstição (34, 6; Jud 9).

D. MOISÉS, GRANDE ENTRE OS MAIORES

O hagiógrafo faz um último elogio ao grande morto (Dt 34, 10-12), o qual será retomado por Sirácide mais tarde (Eclo 45, 1-5).

Taumaturgo, legislador, profeta (o maior), libertador, mediano entre Israel e Yahweh, grande pela natureza e pela graça, de sensibilidade fina e aguda que o fez grande poeta,

e de espírito realista, objetivo, meticoloso, reto, firme, que o fez legislador, — uma cousa não estorvando outra, — *Moisés é o tipo perfeito do Messias*, todo fé, todo zelo, todo obediência a Yahweh, todo amor o mais terno e o mais extremoso pelo seu povo.

Sua influência é básica em toda a história de Israel de todos os tempos. E através do N. T. ainda influi no mundo cristão, que há de espalhar a sua Lei, completada e aperfeiçoada pelo Evangelho, a todo o universo.

Moisés é grande dentre os que mais o sejam.

III. A LEGISLAÇÃO MOSAICA

Os elementos estão nos 4 Livros do Pentateuco, de Números ao Deuteronômio. São leis dadas em tempos e lugares vários, ao léu das circunstâncias, inseridas na trama dos fatos, interrompidos de tempos a tempos. O DECÁLOGO é o núcleo inicial, sob 2 formas, curta e longa, sendo aquela a mais primitiva; o *código da aliança* é desenvolvimento e explicação de certos preceitos do Decálogo; e as leis subsequentes lhe são similares.

1. CARACTERES GERAIS DA LEI MOSAICA.

A) *Imperfeições.* a) São leis sem *ordem lógica*; aparecem cronologicamente quando promulgadas; apesar disso apresentam um todo harmonioso e coerente. b) São leis mais sobre as ações externas do que sobre a pureza interior, mais sobre a vida pública do que a vida privada, com sanções da vida presente sem mira à vida eterna. Para almas vulgares havia ritual minucioso com perigo de formalismo, como acon-

teceu depois. B) *Transcendência*. a) Os defeitos reais são relativos porque o judeu “obstinado”, “duro e inflexível” (Dt 31, 27) não aguentaria coisa mais nobre; embora o Deuterônimo tenha ideal mais alto para os generosos. b) A inferioridade dela com relação ao Evangelho é *pedagógica*, conduzindo Deus aos homens do imperfeito para o perfeito; eis porque Jesus não abrogou, e sim transformou e aperfeiçoou a Lei Mosaica (Mt 5, 17). Esta não produzia a graça, mas só a pureza legal; mas dispunha para ela, reavivando a fé no Messias, seu autor. E’ tão boa que durou até Cristo e, modificada, é a base da civilização. c) O formalismo não é fruto e sim deformação da Lei Mosaica. Deus suscitou os profetas como seu corretivo. Também o Evangelho é dêle. d) Quão superior aos códices do tempo! Em religião aqui o monoteísmo da Lei Mosaica e ali a idolatria, a magia, a superstição, o mito, a obcenidade e a crueldade das religiões cananêias e outras. Na *moral* sentimento vivo de justiça, respeito pelo valor da vida humana (que inspirou a lei do talião), respeito dos bens alheios, humanidade para com os fracos, pobres, escravos, estrangeiros e inimigos na guerra, delicadeza na vida familiar, mais do que noutras leis. *Universal* em certo sentido (dela vieram as leis modernas) é bem *nacional* e visceralmente *religiosa*, cuja idéia central é a TEOCRACIA: Deus legislador, juiz e soberano de Israel (Êx 19, 6).

C) *Fontes da Lei Mosaica*: a) a lei natural é a 1.^a base da Tora, codificada no Decálogo; b) a *revelação primitiva*. c) o *código patriarcal* (a abstenção do sangue (Lev 17, 10-14) considerado veículo do princípio vital; a circuncisão; a distinção entre animais puros e impuros (Lev 11; Dt 14, 3-20; o levirato (Dt 25, 5-10; Gên 38, 8-9) pro-

vavelmente o sábado; d) o *direito consuetudinário*, usado pelos Hebreus antes do Êxodo, que toda sociedade, antes da lei escrita, deve possuir; aliás seria aglomeração humana. Provavelmente as leis sobre a escravidão (Lev 25, 39-46; Êx 21, 2-11) a pena do talião (Lev 24, 17-22), o divórcio (Dt 24, 1-4), a poligamia (Dt 21, 15-17), o goel (Lev 25, 25; 45-49; Núm 35, 19-33), e diversas sobre o homicídio, o roubo, os depósitos, o empréstimo, a usura, a fornicação... Do Código da Aliança dele vieram: *Imperfeitas* algumas, para evitar maior mal tolerou-as Moisés; e) *cópia de códigos estrangeiros*: certas regulamentações culturais (vestes e mobília sagradas) foram imitadas do Egito: Deus inspirou a Moisés as formas do novo culto, servindo-se das idéias, purificadas dos defeitos, que ele adquiriu por lá; os sacrifícios são os que aparecem na “tarifa de Marselha”: mais do que empréstimo direto das religiões semíticas, explicam-se as semelhanças pelo fundo comum religioso dos povos semíticos; ademais, há semelhanças entre a Lei Mosaica e os códigos hitita, *prehamurábico* e hamurábico; f) *positiva ordenação de Deus*. Mas a expressão “Deus falou a Moisés e disse” significa ora lei que de fato vem de Deus, ora lei dada em seu nome, a Ele igualmente atribuída; g) *Moisés é autor de muitas leis* (eleição dos anciãos segundo o conselho de Jetro, etc.). Modificada organicamente e aos poucos, como lei viva de Israel, a Lei Mosaica ainda é, com as achegas, o aperfeiçoamento do Evangelho, a base mais firme da civilização, da cultura, do progresso.

2. CRONOLOGIA DO PENTATEUCO

Aqui vão em primeiro lugar os *princípios* sobre a questão; e depois, as *aplicações* aos vários acontecimentos na obra quintupla de Moisés.

A) PRINCÍPIOS A RESPEITO DA CRONOLOGIA DO PENTATEUCO

1. “Não existe, falando com propriedade, cronologia bíblica” (Renié), nem no A. T., exceção feita de 1 e 2 Mac, nem na literatura antiga do Oriente Próximo. (1) Ao passo que os Romanos datavam os acontecimentos “ab urbe condita”, e os autores dos livros dos Macabeus usaram da era dos Selêucidas, que começou no fim do séc. IV a. C., os livros do A. T. não usam de *era* para os fatos;

2. A Bíblia encerra no entretanto elementos cronológicos: datas e cifras. Mas desgraçadamente seu uso é difícil, aliás impossível; em se tratando de épocas remotíssimas, pois não oferecem margem para precisção alguma, e com efeito:

a) há lacunas e lacunas, deixando-se de citar personagem, acontecimento, etc., de forma que não se sabe o comprimento da cadeia do tempo; faltando inúmeros elos;

Prova-se assim: ainda que haja no Pentateuco a palavra “filho” e “gerou”, refere-se ela muita vez a descendente não imediato, só dando-se a pessoas mais importantes segundo o esquema e o escopo do hagiógrafo. Ademais, assim como S. Mateus reduziu as gerações até Jesus a três grupos de 14 delas, com significado simbólico, omitindo muitas, acaso não reduziu Moisés artificialmente a dez o número tanto dos patriarcas, ante-diluvianos, quanto dos post-diluvianos?

b) as cifras, que existem, estão alteradas de tal jeito, que há desacordo entre os três documentos básicos do Pentateuco, todos os três de igual importância: o TM, a versão dos Setenta (LXX) e o Pentateuco Samaritano.

(1) As tabuetas de Larsa não são propriamente tabuetas cronológicas.

c) Quanto às alterações, “provindo das múltiplas transcrições do texto, . . . Deus julgou inútil fazer um milagre para a transmissão exata das cifras” (Renié). Note-se porém: “A Bíblia inspirada não pode ser assimilada, quanto à cronologia, aos documentos profanos; o que seus autores quisessem afirmar é verdade infalível. Ex.: Mt 1, 17 diz categoricamente que houve três séries de gerações de Abraão até Cristo; e isto é verdade de baixo do ponto de vista que êle teve, embora êsse não seja o dos fatos, desde que entre Davi e a deportação hão de ajuntar-se 4 (segundo Pr 8, 11-15).

B) *Aplicações.*

a) *Idade do mundo. A data da criação do mundo é questão puramente científica.* A Bíblia não oferece nenhum dado que possa determiná-la, e especialmente não indica o intervalo que se passou entre a criação do mundo e a do homem.

b) *A data da criação do homem. Também é incerta.*

De fato, somando-se as cidades dos patriarcas, tem-se a duração de 2.023 anos de Adão até Abraão, segundo o TM, e de 3.509, conforme os LXX. Tomando-se esta, e dando-se 2.000 anos para o intervalo entre Abraão e Jesus, que é o máximo possível, tem-se até hoje 7.000 anos desde a criação do homem.

Ora, já se notou (pouco acima) o desacordo entre os testemunhos.

Tendo-se em vista as lacunas do Pentateuco, a humanidade apareceu muitíssimo tempo antes dessa data.

Quanto tempo então faz que apareceu? A resposta está nestas sábias palavras do Cardeal Gonzalez: “A Igreja tolera todas as opiniões acerca da antiguidade do homem”. Mas ela

apoia a ciência de verdadeiro nome, com teses certas fundadas em argumentos apodícticos e com opiniões que se baseiam em razões de maior ou menor probabilidade.

Ora bem, o melhor resumo que se possa fazer é este da "Initiation Biblique: "Os documentos históricos permitem remontar até 5.000 anos antes de Jesus Cristo (Egito, Susa). Para lá não existe medida alguma que permita avaliar com precisão a duração dos períodos geológicos. Assinalemos, entretanto, entre os ensaios mais sérios, a hipótese de um geólogo, sueco, aplicada igualmente aos depósitos glaciários da América do Norte. Os cálculos tentados por de Geer e seus discípulos mostraram que o fim do último período glaciário (Wuerm) teria durado de 12 a 15.000 anos, e que o máximo glaciário (Musteriano, época na qual o Homem de Neanderthal vivia ainda na Europa) remontaria aproximativamente a 30.000 anos. Para cima estende-se um período seguramente longuíssimo, durante o qual existiam velhas raças pré-históricas. Não se pode avaliar a sua duração com segurança, mas os especialistas do Quaternário tendem a ultrapassar largamente a cifra de 100.000 anos. Tais são os dados presentes da ciência".

Dizendo abaixo que o homem existe "desde muitas dezenas de milhares de anos", acrescenta: "esta mudança de perspectiva pode perturbar nossas concepções habituais mas não embaraçam em nada a fé cristã".

Vêem-se todavia nos livros os números mais fantásticos e contraditórios, nada científicos. Portanto si "os cálculos dos comentaristas estão sujeitos a caução, (somando as cifras da Bíblia sem mais), as hipóteses científicas serão quiçá revistas mais tarde", diz Renié.

c) *A data do dilúvio.* “É impossível precisar a data certa do dilúvio bíblico”. (Initiation biblique).

Razão é a divergência supra mencionada.

De fato TH oferece dados que o colocam 2461 antes de Jesus; já segundo o que se lê nos LXX haveria entre o dilúvio e Jesus 3341 anos. O Martirólógio Romano dá número entre esses dois, colocando o dilúvio 2.957 anos antes do Senhor.

Ora, admitindo-se o dilúvio geograficamente restrito à bacia babilônia, mas antropológicamente universal, quando ainda a humanidade só existia ali, antes das migrações, os recentes e numerosos dados da arqueologia e da antropologia fazem colocar o cataclisma bem antes desses números bíblicos. Na verdade a arqueologia mostra civilização já avançada no Egito desde o 5.^o milénário (5.000) antes de Cristo. E como a antropologia exumou ossadas da *raça cheleana*, que são os fosseis humanos mais antigos da Europa, datando-lhes a idade de 50.000 antes de Cristo, de duas uma: ou os homens de fora da bacia babilônia escaparam ao dilúvio, que seria antropológicamente restrito, ou o dilúvio aconteceu num tempo anterior ao 50.^o milénário antes de Jesus. E isto aqui é bem mais provável.

d) *Também há incerteza quanto à duração da estada de Israel no Egito.* Gên 12, 4 diz que Abraão tinha 75 anos quando partiu de Haran para Canaã. Segundo Gên 17, 1 e 17 ele tinha 100 anos quando lhe foi anunciado o nascimento de Isaac. Êste com 40 anos desposou a Rebeca, e com 60 lhe nasceram Esaú e Jacó. Havia então 85 anos que Abraão chegara a Canaã (Gên 25, 20 e 26). Ora, Jacó desceu ao Egito com 130 anos e lá seus filhos permaneceram 430 (Gên 47, 9

e Êx 12, 40). Mas esta cifra não é segura, pois temos desacordo entre os testemunhos:

TM

PS e LXX (nas Alex).

“A estadia dos *beney Israel* (filhos de Israel) no *Egito* foi de 430 anos”.
 A estadia dos *beney Israel* e de seus pais no Egito e no país da Canaã foi de 430 anos”.

A duração de 430 anos começa desde a chegada de Abraão a Canaã? A maioria dos autores o supõe, embora o PS e os LXX não precisem. Gal 3, 17 conta 430 anos desde a promessa até a promulgação da Lei, sem dizer si se trata de promessa feita quando Abraão estava em Canaã ou posterior. Outros textos trazem a duração média de 400 anos para a estadia no Egito. Logo, é provável que a saída do Egito se tenha dado 700 anos após o nascimento de Abraão. Eis o que ensina a “Initiation biblique”.

e) *Mas quando viveu Abraão?* A determinação única é baseada na suposição de que Abraão foi contemporâneo de Hamurabi. Ora bem, isso que era tido quase que como certo é problemático, e embora continue possível, está sendo abandonado por novas luzes de arqueologia. Aliás, ainda que fosse certamente contemporâneo, a dúvida continuaria, porque há duas sentenças sobre a época do reinado de Hamurabi: *data máxima*: 1848-1806; *data mínima*: 1728-1686.

Em todo o caso, Abraão é contemporâneo dos Amorreus, pois a campanha dos quatro reis (Gên 14) bem se compreende ao tempo da infiltração destes pelo Oriente antigo, ou o é da primeira dinastia amorreia da Babilônia.

PENTATEUCO

Tudo leva a acreditar pois que êle vivia nos começos do séc. XVIII A. C.

E já se deu a dupla sentença a respeito da data do Êxodo.

Adão, Noé, Abraão, Moisés são figuras proeminentes da marcha da humanidade para Cristo, novo Adão, o qual, é o coração da Bíblia, que tudo nela explica, sem o qual tudo é obscuro. Buscar a Jesus nas páginas da Bíblia, e encontrado amá-Lo, e amando-O fazê-Lo conhecido para salvação alheia e própria.

Eis o fim para o qual foram escritas estas páginas.

“Jesus, vós que tudo conheceis sabeis que eu vos amo”.

**INTRODUÇÃO AOS LIVROS DE
JOSUÉ, JUIZES, RUTE**

INTRODUÇÃO AOS LIVROS DE JOSUÉ, JUIZES, RUTE

- I — O LIVRO DE JOSUÉ**
- II — O LIVRO DOS JUIZES**
- III — O LIVRO DE RUTE**

JOSUÉ, JUIZES, RUTE

O LIVRO DE JOSUÉ

O livro de Josué continua a história narrada no Pentateuco e toma o fio da narrativa no ponto deixado pelo último capítulo do Deuteronômio, isto é, a morte de Moisés, para descrever a conquista da Palestina iniciada com a travessia do Jordão, e sua distribuição pelas 12 tribos.

Josué — Quanto à pessoa do herói principal de quem o livro tomou nome, encontramos também indicações em outros livros da Bíblia: O nome de Josué aparece na forma hebraica Yehoshua ben Nûn em Dt 3, 21 ou na forma abreviada Hôshea em Núm 13, 8, cujo significado é “Jahvé é a Salvação”.

De acordo com Dt 1, 38 e 31, 7, Jahvé dará a Terra Prometida à descendência de Abraão por meio de Josué que pertence à tribo de Efraim (Núm 13, 9), é neto de Elicama (1 Par 7, 26-27) e filho de Nûn (Êx 33, 11), como também é o fiel ministro de Moisés, sempre zeloso e valente (Núm e Dt). Com Caleb tomou parte na 1.^a missão dos exploradores à Palestina, e, no regresso, só estes dois protestaram contra as exagerações dos demais, ainda que com risco de vida (Núm cc. 13 e 14).

JOSUÉ, JUIZES, RUTE

Ao comunicar Deus a Moisés sua morte próxima, indica-lhe como sucessor “o homem no qual reside o espírito” (Núm 27, 18) isto é, de sabedoria e força necessárias a um chefe do povo eleito. Embora herdeiro de muitas das prerrogativas de Moisés, não mais atuará como o grande legislador: muitos dos milagres vão ser operados por intermédio dos sacerdotes, como a passagem do Jordão a pé enxuto e a queda dos muros de Jericó, nem tão pouco terá a mesma intimidade com Deus, mas consultá-lo-á muitas vezes por intermédio dos sacerdotes.

Finalmente, morto Moisés, com zelo e energia inicia sua missão.

Assim como Moisés fôra o grande legislador, Josué será o grande conquistador. Não apenas por uma semelhança de nome ou por analogias extrínsecas, mas sim por “identidade de funções, é a figura de Jesus, chefe do Israel de Deus” (1).

CONSPECTO DO LIVRO DE JOSUÉ

1.^a *parte*: Conquista da Terra Prometida (cap. 1-12)

- 1) Preparativos: Ordens de Deus a Josué e de Josué ao povo (c. 1); os exploradores são enviados a Jericó (c. 2).
- 2) Travessia milagrosa do Jordão (3-4) e acampamento em Gilgal (5).

(1) A. Gelin, *Josue em La Sainte Bible*, Paris, 1949.

- 3) Tomada de Jericó (6) e de Ai (7, 1-8, 29). Altar sobre o Ebal e renovação da Aliança (testamento) com Deus (8, 30-35).
- 4) Conquista da parte meridional de Canaã: astúcia dos gabaonitas (9); vitória sobre os cinco reis aliados perto de Gabaon (10).
- 5) Conquista da parte setentrional (c. 11); lista dos reis vencidos (c. 12).

2.^a *parte*: Divisão da Terra Prometida (cap: 13-21):

- 1) Deus ordena a repartição das terras (13, 1-14); limites das tribos transjordânicas (13, 15-33); Hebron é destinada a Caleb (14).
- 2) 1.^a distribuição das terras em Gilgal (13-17): Judas (15), Efraim (16), Manassés (17).
- 3) 2.^a distribuição, em Silo (18-19): Benjamim (18) e as restantes seis tribos (19).
- 4) Estabelecimento das cidades de refúgio (20) e cidades levíticas (21).

3.^a *parte*: Últimas disposições de Josué (22-24):

- 1) Licenciamento das tribos transjordânicas (22).
- 2) Primeiro discurso de Josué (23).
- 3) Segundo discurso de Josué (24, 1-28); morte e sepultura de Josué (24, 29-33).

Duração — Cêrca de 30 anos empregou Josué na conquista da Palestina, pois tendo iniciado com 80 anos, nela trabalhou até pouco antes de sua morte aos 110 anos.

Cronologia — Embora muito se tenha discutido sobre a época em que se deva colocar estes 30 anos, aliás intimamente ligados ao tempo do êxodo do Egito, hoje em dia já se pode dizer que só duas épocas são possíveis, a saber: A 1.^a, no tempo de Tutmosis III (1490-1436 a.C.) que é o faraó da 18.^a dinastia. A 2.^a, no tempo de Ramsés II (1301-1234 a.C.), faraó da 19.^a dinastia. Como os argumentos a favor da 2.^a época, quer os baseados na própria Bíblia quer os baseados em documentos extra-bíblicos, parecem mais sólidos, a tendência hodierna é admiti-la. (2)

Podemos pois estabelecer a conquista de Canaã na 2.^a metade do sec. 13 a.C.

Participantes — Embora à primeira vista nos pareça mais de acordo com o livro de Josué dizer que as 12 tribos tomaram parte conjuntamente na conquista, muitas passagens melhor se explicariam se admitirmos que já estavam algumas ou parte delas na Palestina, como por exemplo as palavras de Raab aos exploradores (2, 8 ss.), a aliança com os gabaonitas e renovação do pacto em Siquém (9), etc.

Modo — Se compararmos Josué com o livro dos Juizes, veremos facilmente que a conquista se efetuou em dois tempos: num primeiro o conjunto das tribos combateu sob Josué, numa espécie de guerra-relâmpago, aproveitando-se da impressão e vantagens causadas pelas primeiras vitórias miraculosas; depois num segundo tempo veio a ocupação definitiva e lenta do território, ocupação esta que só se pode considerar terminada na época de Davi, cerca de 2 séculos depois.

(2) Cf. P. de Vaux, art. Israel em D. B. S., p. 736 s.

Gênero literário — Estamos num gênero literário estritamente histórico, não porém segundo a concepção que fazemos da história no nosso século 20. O hagiógrafo não escreveu a história pela história, mas tinha também uma finalidade doutrinal. Ao narrar estes acontecimentos, queria ilustrar algumas verdades religiosas entre as quais sohressai a fidelidade de Deus em cumprir suas promessas, quer castigando o povo quando desobedece (c. 7), quer principalmente concedendo-lhe a vitória e posse final da Terra Prometida (c. 23-24). Os pecados dos israelitas só têm o efeito de atrasar o cumprimento da promessa inicial feita a Abraão (21, 43-45, ou seg. a Vg 41-43). Simultaneamente outras verdades são contempladas, como o poder de Deus que luta pelo povo, a justiça divina, etc.

O pouco que ora sabemos sobre os gêneros literários antigos e orientais, já é suficiente para que não nos admiremos pelo fato de não encontrarmos uma história exaustiva como desejaríamos de acôrdo com nossa mentalidade hodierna. Um certo esquematismo, como consequência do fim doutrinal, aliado a muitas lacunas de um lado, e exagerações épicas de outro, não mais nos deve deixar desconcertados. O próprio livro nos deixa entrever êste sistema de escrever a história, assim por exemplo a ideia que a leitura do cap. 11 nos poderia dar de uma vitória rápida e fácil sobre os reis confederados do norte, ali mesmo é corrigida pela advertência singela e, para nós, contraditória à narração precedente: “muito tempo teve Josué que combater contra êstes reis” (11, 18). Maior atenção precisa o leitor para perceber o mesmo fenómeno quando é na 1.^a parte que se narra a conquista rápida e, só muitos capítulos depois, na 2.^a parte, se vai falar sobre a conquista lenta e dificultosa, ou mesmo se vai dizer que determinada localidade ainda não foi conquistada quando na

1.^a parte já era dada como ocupada por Josué. A êste respeito recordemos a lapidar sentença do Pe. Lagrange “Os críticos rejeitam a história de Josué porque não querem entendê-lo com crítica” (3)

Reforçando a veracidade deste livro temos a considerar a sinceridade do autor que não esconde os defeitos do povo (7, 1) nem mesmo a imprudência do próprio Josué (9, 14).

Autor — Se a expressão “livro de Josué” não indica que Josué tenha sido o autor mas sim o principal herói dos acontecimentos ali narrados, resta-nos ainda responder à pergunta sôbre quem teria sido o autor.

Pouca cousa podemos determinar além da posição negativa da tradição, tanto judaica como cristã, que não reconhece Josué como autor, pois as indicações que dele podemos obter são bem vagas.

Umás tantas indicações parecem-nos pedir um escritor contemporâneo aos fatos, como por ex.:

a) certa vivacidade de estilo que, com as minúcias da descrição, supõe uma testemunha ocular. (cf. tomada de Ai 7, 1-8,29).

b) muitas cidades são ainda chamadas com os antigos nomes cananeus.

c) segundo 6, 25, Raab ainda vivia entre os israelitas que a haviam poupado ao herem por causa do auxílio dado aos exploradores.

(3) . Cit. apud Gelin, op. cit. p. 18.

JOSUÉ, JUIZES, RUTE

d) em varios lugares, v.g. 5, 1; 12, 7; 9, 1, fala-se de Canaã como a “transjordânia” acrescentando-se-lhes às vêzes a notação de “região ocidental” o que indica evidentemente um autor vindo recentemente da margem esquerda do Jordão. Sòmente depois de uma habitação diuturna é que o povo novamente inverterá o valor dos nomes e “transjordânia” pas-sará a significar as plagas orientais do Jordão.

e) Vem finalmente a arqueologia para corroborar a hipótese de um autor contemporâneo: Encontrou-se no templo do deus Amon em Karnak um catálogo das cidades capturadas por Tutmosis III (1490-1436) da 18.^a din. onde estão os mesmos nomes antigos das cidades cananéias que lemos no livro de Josué. (4).

Mas, se por um lado encontramos estas indicações pedindo um escritor contemporâneo, por outro encontramos indicações que pedem um autor mais afastado dos acontecimentos, assim por exemplo:

a) lemos em 4, 14 “temeram-no (a Josué) durante todos os dias de sua vida” e em 24, 29-33 a narração de sua morte e sepultura, o que evidentemente foi escrito após a morte de Josué.

b) em 13, 30; 15, 13-19; e 19, 47 lemos fatos que sabemos acontecidos após sua morte, ficando assim excluída a autoria de Josué, pelo menos para todo o livro tal como conhecemos hoje.

(4) Caindo assim por terra a teoria dos que estabeleciam uma data muito recente para a composição destas listas em Josué cf. Hoepfl-Metzinger, *Introductio Specialis in Vetus Testamentum*, Roma, 1946.

c) a fórmula tantas vezes repetida “até o presente dia” supõe um lapso de tempo maior do que o que normalmente se permitiria a um contemporâneo.

d) alguns trechos sugerem um autor que tenha andado compilando documentos.

e) a citação em 10, 13 do “Livro dos Justos”, se não é uma adição posterior como muitos pretendem, exige um autor bem mais recente, uma vez que êsse livro cita a elegia de Davi por ocasião da morte de Saul e Jônatas que tombaram na mesma batalha, dois séculos e meio após a conquista da Palestina.

f) a distinção em 11, 21 entre Judéia e Israel era sem dúvida desconhecida na época da conquista.

g) em 24, 31 e em outros lugares é comemorada a fidelidade de Israel a Deus após a morte de Josué “durante todo o tempo dos anciãos que sobrevivendo a Josué tinham conhecido todas as obras feitas pelo Senhor a favor de Israel”.

Como conclusão, para conciliar as duas séries de indicações, podemos dizer com a maioria dos autores modernos que um redator anônimo mais recente, ao escrever êste livro usou documentos antigos contemporâneos e de testemunhas oculares.

Composição literária — Na segunda metade do século passado e início deste, esteve em voga entre os racionalistas e, em geral, entre a maioria dos acatólicos a teoria de Wellhausen, segundo a qual teria o livro de Josué sido escrito segundo os 4 documentos do Pentateuco representados pelas siglas E, J, D, P, de data bem recente, isto é, post-exílica, fazendo uma só composição com o Pentateuco, de onde lhe

terem mudado o nome para Hexateuco (5). Hoje porém mesmo os da escola wellhausiana mudaram de orientação, principalmente depois dos trabalhos de Schulz que tentou o sistema das glosas (6). E de Albbrecht Alt e Martin Noth (7) que vieram pôr em evidencia a antiguidade dos escritos de Josué bem como a absoluta impossibilidade de se procurar neles documentos semelhantes aos do Pentateuco. (8)

Data — Se quisermos com mais precisão determinar a data da redação final, deveremos colocá-la não só antes de

(5) Este mesmo nome encontramos nos primeiros séculos do cristianismo, porém com outro significado que o das escolas críticas. Que Josué esteja ligado ao Pentateuco, sob o ponto de vista histórico não há dúvida. Assim é que encontramos por estarem reunidos num mesmo volume mais do que os 5 primeiros livros sagrados, as expressões "hexateuco", "heptateuco" e até "octateuco". Unidade esta accidental e bem diversa daquela que os críticos lhe emprestaram, isto, é, unidade literária.

(6) Alphons. Schulz, *Das Buch Josue*, Bonn 1924. Quanto ao princípio geral todos concordam que o livro de Josué tenha sofrido através dos séculos interpolações, mas aparecem logo as discordâncias quando se desce às aplicações. Em geral podemos dizer que para Schulz, tudo aquilo que cria alguma dificuldade é logo eliminado do texto como glosa. Que tal sistema seja muito cômodo não se duvida, que seja o mais acertado, quem ousaria afirmá-lo?

(7) Albrecht Alt em varias colaborações de 1925 a 1936 em periódicos alemães. Martin Noth, também em varios artigos e colaborações de 1930 a 1938, ano em que publicou: *Das Buch Josua*, Tuebingen.

(8) Estes os principais e reais méritos da obra porque baseados em dados objetivos. Quando porém se deixam esses autores levar por preconceitos filosóficos, enredam-se como se enredaram seus predecessores wellhausianos. Eis um exemplo típico: Segundo Noth, Josué nada ou quase nada teria feito, pois quase todas as narrativas da conquista são folclorísticas. O nome de Josué seria autêntico apenas em 17, 14-18 e 24. No primeiro lugar Josué aparece como chefe da casa de Josê, neste se efetua a união das tribos sob Josué. Mas, se Josué nada fizera para a vitória sobre os cananeus, como se explica esta supremacia?

Salomão pois que segundo 16, 10 os canâneos ainda se encontraram em Gezer ao passo que segundo o 3 Rs 9, 16, no tempo de Salomão já um dos faraós os havia expulsado dali; mas também antes de Davi, uma vez que segundo 15, 63 os jebuseus ainda ocupavam Jerusalem; ora, sabemos por 2 Sam 5, 6-8 que Davi tomou aquela cidade no oitavo ano de seu reinado; e, além disso, segundo 11, 8 e 19, 28 Sidon era a capital da Fenícia, enquanto que no tempo de Davi, a capital era Tiro, não Sidon (9).

Do exposto podemos concluir que um autor, posterior a Josué mas anterior aos primeiros anos do reinado de Davi, tomando documentos antigos, alguns dos quais de autoria do próprio Josué (cf. 24, 26) e outros de fontes diversas, compôs o livro que conhecemos sob o título de “Livro de Josué”. Lemos no capítulo 15 uma indicação bem característica do uso de documentos: tendo o escritor diante de si um documento em que as cidades cananéias apareciam com os antigos nomes, acrescenta-lhes os novos nomes à guisa de explicação (v. 9 Baala, isto é, Cariathiarim; v. 49 Cariath-senna, isto é, Dabir; v. 54 Cariath Arbe, isto é, Hebron) (10).

Importância — A simples antiguidade já seria um título para a importância deste livro, porém muito mais do que isto temos o fato de que realmente toca êle assuntos de palpitante interesse histórico, social e teológico. Sob o ponto de vista histórico encontramos informações sobre o estado etnográfico e político da Palestina no séc. 13 a. C., informações

(9) A citação do “Livro dos Justos”, que seria uma dificuldade, se resolve muito bem como uma adição posterior.

(10) Andr. Fernandez, *Commentarius in Librum Josue*, Paris, 1938, p. 8 ss.

estas em grande parte confirmadas pela arqueologia e outros documentos. (11).

Descreve-nos o momento de transição da vida semi-nômade de Israel para a vida sedentária. Mostra-nos a antiquíssima divisão da Palestina em 4 regiões segundo as diferenças topográficas: 1.^a, o vale do Jordão, região baixa e plana; 2.^a, a região montanhosa (Jerusalem, etc.), 3.^a, a *shefelah*, isto é, região de colinas, intermédia entre a montanhosa e a 4.^a, planície marítima, na orla do Mediterrâneo.

Entre as questões de ordem social e teológica figura em primeira plana uma de direito internacional: sob que título jurídico ocuparam os israelitas a Terra de Canaã? — Sem dúvida, o mandato divino é uma razão bastante, mas lembremo-nos de que Deus não costuma violar o direito natural de que Ele mesmo é o autor e fundamento, de modo que permanece a questão. Outro aspecto social de não menor importância é o da “solidariedade” segundo o qual não só todo o povo participava do mérito ou demérito dos indivíduos, mas também as mais rigorosas punições, como a pena de morte, se estendiam a toda a família do réu: mulher, filhos e servos que também faziam parte da família; os próprios animais domésticos, e até os objetos inanimados, deviam participar da pena (cap. 7).

Prodígios — Para as correntes materialistas, tudo que é de ordem sobrenatural: milagres, profecias, etc. é necessaria-

(11) Cf. A. G. Barrois, Manuel d'Archeologie Biblique, t. I, Paris, 1939; Ag. Bea, em Biblica, 1943, p. 231-260, La Palestina preisraelitica: storia, popoli, coltura; e P. de Vaux, no art. Israel em Dict. de La Bible, Supplément, Paris, 1948, Gelin, op. cit., Ricciotti, Storia d'Israele, Turim.

mente falso e portanto deve ser explicado de outra maneira que a da simples história. Para nós que admitimos a existência de Deus e sua intervenção no mundo criado, isto não faria dificuldade, mas nem por isto estamos dispensados de ponderar a veracidade de narrações de prodígios. Eis porque tantas explicações e discussões têm surgido em torno da travessia miraculosa do Jordão, da tomada de Jericó e, principalmente, do milagre do sol que se demora no céu para que Josué obtenha plena vitória sobre os inimigos.

Cada uma destas questões poderá ser melhor estudada no comentário aos respectivos lugares, no entanto podemos desde já fazer observações de ordem geral: Não nos devemos admirar destes acontecimentos milagrosos se considerarmos que o povo israelita estava então na fase semi-nômade, ainda na idade do Bronze, enquanto os cananeus já tinham cultura bem mais avançada encontrando-se na idade do Ferro, no estádio sedentário, com cidades fortificadas e possuindo carros ferrados que tanto pavor incutiram nos incultos israelitas. Como poderiam estes pobres pastores ignorar na arte dos cercos prolongados, para os quais toda a tática não passava de golpes de surpresa, como poderiam vencer tais inimigos? — Se negarmos o milagre ainda nos restará explicar como puderam os israelitas vencer os cananeus apesar de sua manifesta inferioridade.

Por outro lado temos a considerar as promessas divinas que garantiam ao povo um auxílio extraordinário (cf. Dt. 2, 25; 11, 25; Jos 1, 5 e 9). Mas nem por isto haveremos de desconhecer a habilidade guerreira do chefe que soube aproveitar pontos-fracos do inimigo como as constantes discórdias dos reis cananeus. O fracasso da primeira tentativa contra Ai serve-lhe para organizar um estratagema eficaz (c. 8).

Nem tão só as armas foram o instrumento da conquista, também alianças em condições favoráveis, como v.g. com os gabaonitas que se sentiam desfalecer ante as notícias das vitórias sobre as cidades fortificadas de Jericó, Ai e Bethel (c. 9); ou alianças em igualdade de condições como parece ter acontecido com os siqueemitas uma vez que os israelitas chegam ao monte Garizim e Ebal sem lhes fazer guerra (8, 30-35).

Canonicidade — Nunca se duvidou da canonicidade quer entre os judeus que colocavam Josué logo após o Pentateuco como primeiro dos livros da 2.^a parte da Bíblia: os Profetas anteriores, quer entre os cristãos que o colocaram, como os judeus, logo após o Pentateuco, encabeçando os livros históricos. (12).

Finalmente, uma palavra de advertência aos leitores cristãos que, habituados aos elevados sentimentos evangélicos de amor ao próximo, perdão das ofensas, etc., poderão estranhar a dureza do procedimento dos membros do povo eleito.

Em primeiro lugar notemos que estão dentro de sua época e que não fazem outra coisa senão seguir os costumes então vigentes. Mas notemos também que, mesmo dentro desses costumes semi-bárbaros, foram sempre os judeus muito mais mitigados que seus contemporâneos, e isto em razão de suas leis religiosas. Sirva de exemplo o caso da crucifixão que entre eles não era uma verdadeira crucifixão, pois o que levantavam na cruz era o cadaver do condenado, e isto só até o pôr do Sol (cf. Jos 10, 26). Passados cerca de 1.250

(12) Embora o Pentateuco seja também um livro histórico não se lhe dá este nome pelo fato de predominar nele a parte legislativa, tanto que os judeus já o haviam denominado Thorá (= lei).

anos, representantes dêsse mesmo povo pedirão à potencia estrangeira que os oprimia que crucificasse seu próprio rei, senhor e salvador!

Em segundo lugar temos a ordem explícita de Deus, como no caso do *herem*, que por sua vez se explica como castigo imposto aos cananeus por seus vergonhosos vícios (Gên 15, 16) e por causa do perigo de perversão dos judeus tão inclinados à idolatria. Havia além disto o perigo de se deixarem fascinar pela civilização (material) superior dos povos conquistados, como de fato aconteceu com a Grécia que vencida subjugou o fero vencedor introduzindo as artes no Lácio, segundo a arguta observação de Horácio. Adotaram os romanos a língua, os costumes e a religião dos vencidos! O mesmo fenômeno notado pelo poeta latino poderíamos ter verificado antes, em Alexandre Magno que, ao conquistar a Mesopotâmia, recebeu dos vencidos o fausto oriental, inclusive elementos religiosos que tanta repugnância causaram de início a seus soldados vindos da Grécia, Macedônia, etc. No caso, pois, dos israelitas, povo escolhido para conservar intato o depósito da revelação, não se tratava de um perigo fictício.

Feitas as devidas reservas façamos a aplicação àquilo de que a conquista da Terra Prometida era o símbolo: a luta para a conquista da Jerusalem celeste que deverá ser também uma luta sem quartel contra os inimigos de nossa salvação eterna.

O LIVRO DOS JUIZES

“Livro dos Juízes” é a tradução literal de “sefer sho-fetim” nome com que os judeus designavam o livro que, no

seu cânon, seguia imediatamente o livro de Josué, ocupando portanto o segundo lugar entre os “profetas anteriores” .

Tanto a palavra grega *kritai* como a latina *judices* correspondem perfeitamente à portuguesa *juízes*, não porém à hebraica que tem significado mais amplo, acrescentando à idéia de magistratura judiciária a de chefia militar e política. O nome não é novo, encontrou-se o termo *sufetim*, da mesma raiz S-FT entre os fenícios e em Ras-Shamra (1).

Embora afins, medeia uma grande diferença entre os magistrados de ambos os povos: para os fenícios são êles magistrados regulares, ao passo que para os judeus, são heróis que aparecem nos momentos difíceis e, em nome de Javé, vem salvar o povo das opressões estrangeiras, sempre ligadas à religião. E’ por isto que no tempo dos juízes não eram êles conhecidos por êste nome, mas sim pelo de “salvadores”. O nome shofet (singular de shofetim) só aparece mais tarde, durante a composição dêste livro. O autor, escrevendo na época da monarquia, assim os chamou, tomando emprestado o nome aos fenícios, porque desejava distingui-los dos grandes heróis nacionais como Moisés e Josué por um lado e, por outro, dos reis seus contemporâneos.

A melhor comparação que já se fêz dos *juízes* e também a mais apropriada, foi com a dos “dictadores” romanos. Como os ditadores era o *juiz* chamado à ação por motivo especial e após a chefia exercida no momento crítico, continuava a ter grande autoridade no meio do povo, se é que não passava a

(1) R. Tamisier, Le Livre des Juges, em La Sainte Bible, Paris, 1949, pág. 137. Sêneca e Tito Lívio nomeiam os *suffetes* cartagineses.

exercer realmente verdadeira chefia, mas sem o aparato régio e sem o poder de estabelecer impostos, etc. (2).

Narra-nos o livro dos Juízes a história do período compreendido entre a morte de Josué e o início da monarquia abrangendo um período de cerca de dois séculos. Embora verdadeira história, é história à maneira dos semitas, subordinada a determinado fim. Tem-se dado o título de “história pragmática” a êste modo de fazer a história, pois serve ela a determinado escopo do autor que, no nosso caso, era ilustrar pela história uma verdade religiosa: a justiça e misericórdia de Deus. A infidelidade dos israelitas atraia castigos mas, apesar dos inúmeros pecados, Deus estava sempre pronto a atendê-los quando, arrependidos, Lhe pediam perdão.

Dêste tão delicado quão turbulento período da história israelita não nos quer o hagiógrafo oferecer uma crônica dos acontecimentos nem mesmo uma história exaustiva, mas apenas ilustrar aquela verdade por meio de seis exemplos tirados dos seis juízes maiores, assim chamados por terem tido seus feitos narrados com certa amplitude, aos quais acrescenta notas sobre outros seis juízes, chamados menores por terem sua judicatura indicada sumariamente. Digno de nota é o esquema que serviu para a composição dos episódios em 4 tempos: 1.^o pecado do povo que abandona a Deus; 2.^o, castigo divino que é a opressão inimiga; 3.^o, arrependimento e invocação; 4.^o, Deus suscita um “salvador” (juiz).

(2) Hoepfl — Metzinger, *Introductio Specialis in Vetus Testamentum*, Roma, 1946, pág. 137.

CONSPECTO DO LIVRO

I — *Introdução dupla* (1, 1-3, 6).

a) *Introdução geral*: recapitulação da conquista de Canaã, com uma censura aos israelitas por não terem extirpado os cananeus (1-2, 5).

b) *Introdução especial*: situação religiosa (2,6-3, 6).

II — *Corpo da obra*: os episódios dos 12 Juízes (3, 7-16, 31) (3).

OTONIEL (da tribo de Judá) contra os arameus (3, 7-11).

AOD (de Benjamim) contra os moabitas (3, 12-30).

Samgar (Simeão?) mata 600 filisteus (3, 31).

BARAC (Nefali) e DÉBORA vai contra os cananeus (cc. 4-5).

GEDEÃO (Manassés) contra os madianitas invasores (cc. 6-8).

Seu filho Abimelec tenta o reinado (9).

Toala (Issacar) e Jair (Galaad): duração de seu governo (10, 1-5).

JEFTÉ (Gad) defende as tribos transjordânicas contra os amonitas (10, 6-12, 7).

(3) Para facilitar o conspecto geral collocaremos em caracteres maiúsculos os Juízes maiores e em *itálico* os menores.

Abesan (de Aser?), *Aialon* (de Zabulon), *Abdon* (de Efraim?): (12, 8-15).

SANSÃO (Dan) contra os filisteus (cc. 13-16).

III — *Primeiro apêndice*: idolatria de Dan (17-18).

Segundo apêndice: Luxúria dos gabaitenses e quase extermínio da tribo de Benjamim. (19-21).

Para melhor compreendermos êste livro convém considerarmos o contexto histórico cujo primeiro lugar cabe à cronologia.

Segundo o 3 Rs 6, 1, da saída do Egito até a construção do Templo (4.^o ano de Salomão) decorreram 480 anos. Se a êstes tirarmos os 4 anos de Salomão, os 40 de Davi, os 40 de Saul e cerca de 70 do êxodo até a primeira opressão, teremos cerca de 330 para o período dos Juizes. No entanto se somarmos os anos atribuídos aos diversos juizes, teremos 410 anos. De onde pois a diferença?

A resposta é facil se considerarmos que primeiro, nas Sagradas Escrituras os números de idade têm em geral o valor de números redondos, assim por exemplo, o n.^o 40 quer dizer uma geração, e semelhantemente os n.^o 20 e 80 indicam o tempo correspondente a meia e a duas gerações respectivamente. E, 2.^o, muitos dos juizes foram contemporâneos de modo que não podemos somar simplesmente seus períodos; assim por exemplo lemos em 10, 7 que Deus “os entregou nas mãos dos filisteus e dos filhos de Amom” de onde podemos concluir que enquanto Jefté combatia os amonitas, Sansão lutava contra os filisteus.

Por conseguinte podemos ou melhor devemos reduzir de muito a duração que resultaria da simples soma de todos os períodos dos Juizes.

Além disto a própria indicação do 3 Rs 6, 1 está também baseada na mesma regra de uma geração ser igual a 40 anos, pois de Moisés a Salomão medeiam 12 gerações que, multiplicadas por 40, darão precisamente os 480 anos.

Se colocarmos Saul no ano 1040 a.C. e a invasão da Palestina entre os anos de 1250 e 1200, teremos como duração desse período de 210 a 160 anos (4).

Outros elementos importantes e indispensáveis para estabelecermos o contexto histórico são o quadro político, social e religioso da época.

Quanto à política internacional devemos lembrar que a grande potência africana, o Egito, estava, por questões internas, sem grandes pretensões sobre a Palestina e, afora umas pequenas incursões pelo território dos filisteus, nada mais fez. Por outro lado, na Mesopotâmia, as outras grandes potências que iriam mais tarde contrabalançar o Egito, e mesmo suplantá-lo, ainda estavam em formação, de modo que a Palestina gozava paz e sossego por este lado, ficando assim em condições de resolver seus próprios problemas sozinho. Era este, pois, o momento ideal para a ocupação e fortificação da Palestina por parte dos invasores israelitas.

Quanto à política interna, temos como característica a divisão da Palestina entre os muitos régulos, constituindo cada cidade uma nação independente. Isto não impede que algumas delas se unissem em federações (Jos 10, 3 ss.). Tal si-

(4) Embora hoje em dia nem todos aceitem esta data, podemos dizer que a tendência hodierna é para segui-la, uma vez que o conjunto de argumentos a seu favor é bem superior ao das outras datações.

tuação vinha, sem dúvida, favorecer os invasores israelitas, mas, nem sempre souberam êles aproveitá-la, pois caíram no mesmo separatismo. Feita a distribuição das terras pelas tribos, cada uma tratou de conquistá-las pelo próprio esforço. Há, porém, uma indicação de mútuo auxílio entre Judá e Simão (Jz. 1, 3).

Reconheçamos, porém, que tanto a topografia da Palestina como a própria *situação social* favorecia tal isolacionismo. Êsses nômades que se sedentarizavam ainda não podiam compreender as vantagens de uma autoridade central, mas preferiam continuar com seus costumes patriarcais. Como poderiam êles conceber uma autoridade central se nem mesmo dentro da própria tribo tinham uma autoridade única, a não ser em ocasiões excepcionais? Mas, os primeiros passos em direção à autoridade central já iam sendo dados. Nesse estágio, misto de monarquia e democracia, é a sociedade patriarcal que ainda persiste. O chefe tem sua autoridade absoluta mas limitada pelas tradições e pelos costumes com força de lei. Por outro lado os súditos têm relativa facilidade de se subtrair à influência do chefe, imigrando ou simplesmente não mais admitindo sua autoridade. (5) Neste estado de cousas, bem podemos compreender que a transmissão da autoridade paterna ao primogênito muitas vezes haveria de sofrer exceção pelo fato de qualidades pessoais em outros sobrepujarem com largueza as do primogênito, cf. o episódio de Jefté (c. 11 s.).

Compreende-se então que nos momentos difíceis a autoridade do "salvador" ultrapasse os limites do clã, se es-

(5) Cf. G. Ricciotti, *Storia d'Israele*, 3.^a ed., Turim, vol I, pág. 286 e seg.

tenda a toda a tribo e mesmo a várias tribos. Não encontramos, porém, neste período nenhum exemplo certo de que o *juiz* chefiasse as doze tribos, mas já temos o caminho para a monarquia e para a união geral, cujas vantagens vão sendo percebidas a pouco e pouco, de tal forma que em breve o próprio povo oferecerá a coroa a Gedeão (8, 22) e, mais tarde, pedirá a Deus que lhes conceda um rei (1 Sam 8).

Sob o *aspecto religioso* não foi menos perigoso êsse tempo. Aos intrépidos guerreiros da conquista sucederam indivíduos que não chegaram a conhecer as durezas da vida nômade nem a dos combates da conquista, sem no entanto ter ainda uma tradição como povo sedentário. Precisavam êles aprender dos vencidos cananeus a arte de cultivar o solo, de fortificar cidades, etc. Nesta aprendizagem os problemas dos vencidos passaram a ser também os seus problemas, e, com êstes, entrava a religião. Tomemos o típico exemplo da agricultura onde não basta o trabalho do agricultor para o bom resultado. As condições meteorológicas favoráveis eram naturalmente impetradas dos deuses pelos cultos religiosos, e as pragas eram afastadas pelos mesmos meios.

Como poderiam os israelitas se esquivar a tão insidiosa influência? Os filisteus foram também um povo invasor, contemporâneo dos israelitas. Enquanto êstes fizeram sua invasão atravessando o Jordão, vindos do Oriente, aquêles invadiram pelas plagas ocidentais, vindos pelo Mediterrâneo, talvez de Cartago. Êstes valentes guerreiros que mais tarde tantas vezes se bateriam contra os israelitas, também trouxeram consigo um patrimonio religioso. Mas a aprendizagem a que nos referimos lhes foi fatal; acabaram por receber os deuses cananeus cujo culto lhes parecia muito mais eficaz nas coisas da vida sedentária. O calendário religioso já estava acomo-

dado a esta vida, marcando com suas festas o início das semeaduras, colheitas, etc. Humanamente não se explica o fato de não terem os israelitas adotado os deuses cananeus. Temos o exemplo dos filisteus e dos próprios israelitas tão inclinados a êsse culto, o que aliás se explica pelo fascínio exercido por uma civilização superior. Sem a assistência de Deus que, tendo escolhido êste povo para guarda da revelação, olhou e velou sempre por êle “como um Pai”, fica êste fato sem explicação. E’ precisamente sôbre isto que nos chama a atenção o livro dos Juizes. Procura o autor tirar a lição da história e inculcá-la nos leitores.

Como êste livro abarca um período de cerca de 2 séculos é evidente que seu *autor* precisou compulsar documentos, ou, pelo menos, valer-se de tradições orais.

Por brevidade omitiremos as diversas soluções propostas desde que se começou a tratar da *composição literária dêste* livro, para expormos apenas a última, apresentada por H. Gazelles (6) pois, como êle mesmo o diz, “todos estes trabalhos, apesar de suas múltiplas variações de detalhe, dão testemunho de uma impressionante convergência de vistas sôbre a linha geral da composição; de resto, os fatos observados estão muitas vezes sôlidamente estabelecidos e parecem impor a adesão.” (col. 1410).

Eis em poucas palavras sua solução, síntese em parte das pesquisas anteriores:

O atual livro dos Juizes não é fruto de uma única redação mas sim de, pelo menos, três. Um primeiro hagiógrafo

(6) H. Gazelles, Dict. de la Bible, Suppl., art. Juges, Paris, 1949.

escreve um livro para mostrar aos israelitas que a fonte de seus males vinha da infidelidade a Javé. A idéia teológica central é a eleição e proteção divina apesar da inconstância de Israel: basta um grito de arrependimento para suscitar Deus, um salvador. Servia para ilustrar êste ensino a história dos juizes Aod, Barac-Débora e Gedeão. O autor, anti-monárquico, salientava o carisma dos Juizes em oposição à monarquia e terminava, sem dúvida, pela história de Abimelec.

Com a queda da Samaria em 722 a. C., a literatura do reino setentrional se refugiou na Judéia. Nesta ocasião um segundo hagiógrafo reviu o primeiro trabalho, acrescentando-lhe os exemplos do reino do Sul e levou mais longe a teologia. Assim explica êle que abandonar a Javé é abandonar seus mandamentos e compara a apostasia de Israel a uma prostituição. Por fim, explica a atitude divina de os ter deixado vivendo em meio aos cananeus, pela noção de prova. Os *salvadores* são agora chamados *juizes* e mais 4 são introduzidos como exemplo, a saber: Otoniel, Jefté, Sansão e Samuel. A obra ficou maior do que a atual, pois incluía também os 12 primeiros capítulos de 1 Sam, abrangendo assim o período de Josué a Saul. Terminava com o discurso de Samuel (1 Sam 12) em paralelismo ao de Josué (Jos 24).

Somente mais tarde, é que um terceiro hagiógrafo tirou estes doze capítulos para com êles fazer a primeira parte dos livros de Samuel, consagrados à gloria da dinastia davídica, substituindo-os então pelos dois apêndices tirados de antigas tradições, mas sempre para glória da monarquia pois “naquele tempo não havia rei em Israel” (18, 1 e passim) isto é, tudo ia mal e em desordem: “cada um fazia o que lhe apeteia” (21, 25).

JOSUÉ, JUIZES, RUTE

Finalmente, um quarto redator, igualmente inspirado, colocou o livro no quadro geral do Pentateuco e Josué, acrescentando-lhe a primeira introdução que recapitula os fatos de Josué à primeira opressão. Fêz mais uns retoques gerais na obra, e acrescentou-lhe as notícias dos seis Juizes menores, perfazendo desta forma o total de doze, isto é, um por tribo a fim de simbolizar Israel perfeito.

No que se refere à *inspiração* é bom lembrar que muitos fatos são narrados mas não aprovados, como o voto de Jefté, a luxúria de Sansão, etc., sendo ~~que~~ de alguns dêles restam indicações da desaprovação do hagiógrafo.

Terminemos com uma vista geral sôbre o livro, estabelecendo o sentido religioso: os redatores (inspirados) quando se utilizavam de antigas tradições nacionais ou tribais queriam explicar a seus leitores (ou ouvintes) a ação do único e verdadeiro Deus, Javé, na história dêste povo que era o seu, isto é, que a infidelidade ao Deus dos Patriarcas acarreta infelicidades; êsse Deus é misericordioso, e mesmo sua misericórdia chega a superar a infidelidade do Povo. (7)

O cristão, ao ler êste livro, lembrar-se-á da infinita misericórdia de Deus que mesmo quando castiga tem por fim conduzir o pecador ao bom caminho.

O LIVRO DE RUTE

O livro de Rute toma o nome da principal personagem, uma jovem moabita, viuva de um imigrado de Belém para Moab.

(7) H. Gazelles, Dict. de la Bible, Suppl., art. Juges.

Este pequeno livro, de leitura amena e atraente, é por seu carater campestre e suavidade de afetos um verdadeiro idílio, e, pela variedade e vivacidade das cênas, um pequeno drama, e, segundo a feliz comparação do P. Vaccari, seus quatro capítulos são como que os quatro atos do drama:

1. Rute, levada pela afeição, acompanha a sogra que volta para a própria pátria, Belém, abandonando assim sua terra.

2. Para prover o sustento de ambas, vai Rute pelos campos a colher as espigas deixadas pelos segadores. Pelas suas graças e virtude grangeia o favor de Booz, parente de seu finado marido.

3. A sogra sugere-lhe como lembrar a Booz a lei do levirato pela qual competia ao parente mais próximo casar-se com a viuva do que falecera sem deixar prole.

4. Após a desistência de um outro parente mais próximo toma Booz a Rute por esposa. Dêste matrimônio nasce Obed, avô do rei Davi.

O livro de Rute, sempre reconhecido como inspirado, revestia-se de singular importância para os judeus pelo fato de contemplar a ascendência de seu grande rei Davi. Também para os não judeus, se reveste êle de semelhante importância por apresentar uma não-israelita na ascendência de Davi e; por conseguinte, do Messias, mostrando desta forma a universalidade da redenção (1).

(1) Assim também o entendeu o evangelista S. Mateus que nota expressamente Rute entre os ascendentes do Messias (Mt 1,5).

De que não seja pura ficção, temos indicações no fato de espelhar o livro situações bem antigas como a lei do levirato, a idéia de deuses estrangeiros como que realmente existentes, a noção territorial da divindade, a onomástica antiga, o costume de tirar a sandália e entregá-la a outro para indicar a desistência de um direito, e que o autor julga conveniente explicar por não mais estar em vigor. E, finalmente, o testemunho de 1 Sam 22, 3, de que Davi confia seus pais à guarda do rei de Moab durante o período de perseguições, vem confirmar seu parentesco com os moabitas.

Um indício de que este livro não foi escrito logo após os acontecimentos narrados está nas primeiras palavras: "No tempo em que governavam os Juizes, aconteceu..." que supõem certa distância dos fatos narrados. Além disso, a explicação dada pelo autor de costumes vigentes na época dos fatos, supõe que não mais eram conhecidos na da narração. Finalmente, deve ter sido escrito este livro, pelo menos três gerações após, uma vez que registra os nomes dos descendentes de Rute até a 3.^a geração.

Se por um lado devemos colocar sua composição a certa distância dos acontecimentos, por outro não temos necessidade de afastá-la demasiadamente. Os argumentos literários como aramaismos, masculinos pelo feminino, etc., certamente não são convincentes para colocá-la depois do exílio. No entanto R. Tamisier, baseado na afinidade de mentalidade com os judeus da primeira metade do século 5.^o a. C., colo-

ca-a nesta época. (2) Outros, (3) porém, preferem uma composição ante-exílica.

O autor, para nós completamente desconhecido, baseando-se em tradições antigas, escreveu êste livrinho com o objetivo de apresentar um belo exemplo de piedade filial e de espírito de sacrifício no desempenho de tais deveres. Sem ter em mente expor uma tese — quer apenas narrar uma história edificante — deixa transparecer pontos de doutrina de acordo com seu modo de pensar: a *Providência Divina* premeia o justo, não deixa desamparada a confiança depositada em Deus. Os benefícios de Javé não se restringem ao povo eleito, mas por meio da moabitã abençoa a filha de Israel: *universalismo*. *O sofrimento é um mistério*, nem sempre é castigo de pecados pessoais. *Deus é justo e misericordioso*.

(2) R. Tamisier, *Le Livre de Ruth*, em *La Sainte Bible*, Paris, 1949, pág. 306 s. Da mesma opinião é A. Robert, *Initiation Biblique*, Paris, 1948, pág. 106.

(3) A. Vaccari, *La Sacra Bibbia*, Florença, 1946, vol. II, pág. 152. Hoepfl — Metzinger, *Introd. Specialis in V. T.*, Roma, 1946, pág. 147. Simon-Prado, *Praelectiones Biblicae*, V. T. I, pág. 343.

**INTRODUÇÃO AOS LIVROS DE
SAMUEL, REIS E PARALIPÔMENOS**

INTRODUÇÃO AOS LIVROS DE SAMUEL, REIS E PARALIPÔMENOS

I — OS LIVROS DE SAMUEL

II — OS LIVROS DOS REIS

**III — OS LIVROS DOS PARALIPÔMENOS OU
CRÔNICAS**

OS LIVROS DE SAMUEL

1. *O título do livro*

Nas diferentes formas do texto antigo o título não é uniforme. Chama-se “Shemuel” no texto hebraico, aludindo assim ao último da série dos Juizes com cuja atividade começa a obra (não que Samuel fôsse o autor!). A antiga tradução grega (Septuaginta) denomina o livro “Basileion a’ e b’”, isto é, “Primeiro e Segundo Livro dos Reinos”. Para a Septuaginta, pois, os livros de Samuel fazem parte dos livros dos Reis, de certo, porque a obra versa, na maior parte, sobre os primeiros reis Saul e Davi.

Na tradução latina de S. Jerônimo (Vulgata) os livros trazem o título “Liber Primus et Secundus Samuelis, quem nos Primum et Secundum Regum dicimus”, de maneira que o tradutor introduziu dois nomes, causando, destarte, certa confusão entre os que têm de citar a Bíblia. Em 1944, saiu enfim o texto latim oficial editado pela Comissão Pontifícia da Revisão da Vulgata; aí a obra chama-se “Samuhel”. As edições modernas, geralmente, adotam a denominação “Samuel”, o que mais corresponde à tradição e à crítica literária.

2. *Um ou dois livros?*

O texto original hebraico conhece apenas um livro. Assim êle se apresenta em tôdas as edições anteriores a 1517. Na Septuaginta, pela primeira vez, aparecem dois livros, daí passou para o texto latino e dêle para o texto impresso hebraico, permanecendo, porém, neste último, a massora final no fim do segundo livro.

A divisão é meramente artificial e, ao que parece, de ordem técnica (a tradução grega ocupava dois rolos de papiro).

3. *Conspecto analítico-pragmático do conteúdo*

A. *Heli e Samuel, os últimos juizes de Israel* (1 Sam 1-12)

I. *Os últimos anos de Heli* (1 Sam 1-4).

O quadro geral da situação política e religiosa é acabrunhador: o povo eleito subjugado pelos Filisteus, entregue à idolatria. Nasce Samuel, qual precursor de tempos melhores, bem como séculos depois, o precursor do Messias. Há, na realidade, muita semelhança com os tempos de Herodes, de S. João Batista e de Cristo.

II. *O govêrno de Samuel* (1 Sam 5-7).

Época de restauração onímota, mormente no campo religioso. Com a arca retorna a benevolência divina.

III. *Trânsito para o reino* (1 Sam 8-12).

Samuel envelhecera, seus filhos não foram julgados dignos (a dignidade de profeta e juiz jamais fôra hereditária!), os inimigos apertam novamente. O povo recla-

SAMUEL, REIS E PARALIPÔMENOS

ma um rei, como os vizinhos os têm! Samuel, diante do caso inédito, cede por ordem divina. Encaminha o filho de Cis à dignidade régia. Vitórias sobre os opressores valem-lhe o reconhecimento da parte do povo.

B. Saul antes de sua rejeição (1 Sam 13-15)

Da atividade do primeiro rei narram-se apenas as causas de sua desgraça. Acaba de ser rejeitado por duas infidelidades. Saul, o caráter nobre, simpático e prudente, transforma-se em misantropo, melancólico e ciumento.

C. Os dois rivais (1 Sam 16-31)

I. Primeiras glórias de Davi (1 Sam 16-18, 5).

Davi, o “querido” de Deus e dos homens, triunfa sobre amigos e inimigos. Todos o admiram, querem-lhe bem, estremecem-no. Não admira que o rei seja consumido por violentas crises de ciumes.

II. Vida errante de Davi (1 Sam 18, 6-27, 12).

A convivência entre Saul e seu escudeiro tornou-se impossível. Davi vê-se condenado a uma vida de fugitivo. Uma dura escola para um futuro rei! Exerce-se constantemente na confiança em Deus, na arte bélica; cria em torno de si um exército fiel e experimentado, tem contato com o povo simples.

III. Fim de Saul (1 Sam 28-31).

Morte trágica de Saul e de seus filhos na montanha de Gelboé. Caminho livre para Davi.

SAMUEL, REIS E PARALIPÔMENOS

D. Davi, rei sobre Judá em Hebron (2 Sam 1-4)

Morto Saul, as tribos setentrionais aderem ao seu filho Isboset. São as maquinações de Abner, general de Saul.

Os homens da tribo de Judá ungem a Davi como seu rei.

Sete anos dura o cisma do povo eleito, um prenúncio da grande cisão posterior, depois da morte de Salomão.

E. Rei universal em Jerusalém (2 Sam 5-20)

I. Dias de glória (2 Sam 5-10).

Morto Isboset, Davi é reconhecido universalmente e ungido pela terceira vez. Jerusalém, a praça forte e estratégica dos Jebusitas, torna-se capital do reino davídico.

Centro político e religioso, a “Cidade Santa”. Prostrados todos os inimigos em seu redor, organiza a administração interna do país.

II. Expiando as conseqüências dum pecado (2 Sam 11-20):

O adultério do rei é seguido por desgostos e desgraças na própria família. Enfim revolta-se o filho contra o pai.

F. Apêndices (2 Sam 21-24)

Termina a obra com uma serie de notícias avulsas de cronologia incerta. A compra da eira de Areuna determina o lugar do futuro templo salomônico.

4. Forma atual do texto original

O original hebraico dos livros de Samuel é um dos textos mais corrompidos de toda a Bíblia. Certos trechos são simplesmente intraduzíveis. Neste caso recorre-se a conjeturas baseadas na comparação com o texto latino e grego. As obs-

curidades, no entanto, nunca prejudicam o valor religioso e histórico da obra.

5. *Época da composição*

Como a obra não traz data alguma, determina-se, aproximadamente, o tempo de sua composição pelo exame interno. O resultado de tal pesquisa fica sempre um tanto incerto e provisório. Certos modos de falar levam-nos à conclusão que os livros em foco foram escritos no período que medeia entre a separação dos reinos em 932 e a destruição de Samaria em 722 a.C.

Diz-se, por exemplo em 1 Sam 9, 9: “Os profetas de hoje outrora foram chamados videntes”. Então no tempo do autor não mais se entendia tal termo “vidente”, o que indica certa distância temporal dos fatos narrados.

Outro fato de se estranhar no tempo de Davi é a distinção entre Israel e Judá freqüentemente usada na obra (1 Sam 11, 8; 18, 6; 27, 6; 2 Sam 2, 7-9; 5, 1-3; 19, 10-13; 19, 42-44). Ora, na época dos reinos separados compreende-se este modo de falar, principalmente levando-se em conta a finalidade do trabalho.

Alguns autores opinam que o livro foi escrito pelo fim do reinado de Davi alegando a omissão da morte deste rei. A esta dificuldade responderemos no parágrafo seguinte. Tornaremos a esta questão problemática tratando do autor.

6. *Finalidade*

O autor propôs-se um duplo objetivo: um político, outro religioso. Do ponto de vista político ele pretendia escrever uma

SAMUEL, REIS E PARALIPÔMENOS

“Apologia da dinastia de Davi”. E com efeito, na época em que o autor vivia, o povo escolhido estava dividido em dois reinos que se combatiam mutuamente, e isso num tempo em que a união teria sido de suma importância, para fazerem frente ao inimigo comum. Além disso, a separação política era seguida pela religiosa, pois que no reino setentrional, por motivo de prudência humana, foram introduzidos e favorecidos cultos pagãos. A consequência era que muitos israelitas não vinham mais a Jerusalém para adorar a Deus.

Cumpria pôr termo a essa situação insuportável. Os bons israelitas, entre eles o autor, anelavam pela reunião de ambos os reinos sob o cetro da casa de Davi, portadora da promessa de duração eterna.

Daí o sincero esforço do autor no sentido de apresentar o rei Davi (e a sua dinastia) como escolhido por Deus, alvo de promessas lisonjeiras (cf 1 Sam 13, 14; 16, 1; 2 Sam 7, 8-17; 23, 1-7). Da história de Saul relata só aquilo que explica e justifica a sua rejeição para dar lugar a Davi, o querido de Deus.

O autor ataca até o ponto nevrálgico da triste situação, quando escreve: “Todo Israel e Judá amaram Davi” (1 Sam 18, 16). Oxalá se repita o que narra em 2 Sam 5, 1-3, onde os israelitas, decepcionados com o seu régulo da estirpe de Saul, vieram ter com Davi em Hebron declarando-se solidários com a tribo de Judá!

Por isso o autor não menciona a morte de Davi. Podia bem terminar a sua obra com o reconhecimento geral de Davi depois da crise terrível causada pela revolta de Absalão.

Nem pode faltar num livro sacro o objetivo religioso... Vemos aqui como a Providência divina assistiu a seu povo

nos transe mais difíceis de sua história, no período dos últimos juizes. A ação de Samuel, de Saul, e de maneira especial, toda a história de Davi, é um só hino à Providência paterna de Deus (cf 2 Sam 22, 2-51). Observa-se, igualmente, como o Senhor castiga o mal sem consideração de pessoas, como reclama obediência incondicional de quem quer que seja. Tôda a prosperidade, enfim, depende integralmente da submissão sob os mandamentos divinos. Destarte, a obra é uma carta aberta aos reis de Judá e de Israel, os quais nem sempre esmeravam em imitar o exemplo sublime do grande ancestral, Davi. Façam êles como Davi, e advirão tempos melhores ! Eis o desejo e a convicção profunda do nosso escritor sacro. Para compreender isso, leia-se nos livros dos Reis o quanto sofreu o povo por causa da maldade de seus regentes.

7. *Autor ou autores?*

Conforme a tradição judaica, depositada no Talmude, o primeiro autor é Samuel. Depois da morte dêste, os profetas Natan e Gad teriam continuado e terminado a obra. Esta opinião, da pluralidade de autores, encontrou defensores entre os escritores eclesiásticos dos primeiros tempos e nem faltam modernos que afirmam coisas semelhantes.

A seu modo, também os racionalistas descobrem mais autores, ou melhor, compiladores que teriam amontoado fontes e documentos bem distintos entre si. Todavia, segue da unidade de estilo e de finalidade a unicidade de autor.

Mas, quem foi êste único autor? Muitos se decidem em favor do profeta Natan. Ele, entretanto, parece muito perto dos acontecimentos e como explicar os modos de falar em Israel e Judá que assinalamos no parágrafo 5? Por isso pre-

cisaríamos encontrar outra personagem entre os grandes profetas da época dos reinos divididos, talvez o profeta Isaías.

8. *Fontes escritas, Indole literária.*

Todos concordam em que o autor usou fontes escritas. Ainda que o autor fôsse o contemporâneo de Davi, Natan, teria precisado de documentos escritos sobre o longo período de Heli e Samuel (80 anos!). Com mais razão postulamos isso para um hagiógrafo que viveu depois de Salomão. Com efeito, a narração é de tal modo viva e entremeada de pormenores que só pode originar-se duma testemunha ocular.

Uma ou outra das fontes menciona-se até na Bíblia. Por exemplo: “O Livro dos Justos” (2 Sam 1, 18); “O Livro do Vidente Samuel”, “O Livro do Profeta Natan”, “O Volume do Vidente Gad”; os três últimos enumeram-se em 1 Par 29, 29. E’ provável que o autor os usasse.

E’ claro que o hagiógrafo não transcreveu os documentos na sua íntegra. Antes tirou dêles o que lhe convinha para o seu objetivo. Nem tão pouco é um mero compilador, mas sim, um verdadeiro redator que infundiu à sua obra um único fim e um estilo uniforme. Só que os seus princípios estilísticos nem sempre correspondem aos nossos! Encontram-se certas repetições e até “contradições”, mas tudo isso conforme os nossos pontos de vista. Quem poderá exigir que um escritor do século nono antes de Cristo adote os mesmos princípios de redação que um redator do nosso tempo? Tendo isso ante os olhos aplainam-se normalmente as dificuldades literárias e estilísticas.

9. *Veracidade histórica*

Comparando-se a nossa obra com trabalhos congêneres extrabíblicos devemos reconhecer a superioridade ilimitada

do nosso autor. A vivacidade plástica com que esboça o caráter dos seus personagens não tem igual na literatura semítica daquele tempo. Trata-se dum escritor de primeira ordem. Cresce o nosso respeito, se reparamos na sinceridade com que descobre os defeitos e pecados dos seus heróis. Como, neste pormenor, são diferentes os anais dos reis da Assíria e da Babilônia! Semelhante imparcialidade explica-se unicamente pelo amor à verdade que animou o hagiógrafo. Ela reclama o assentimento do historiador moderno de qualquer credo que seja.

Para eventuais confirmações da parte de documentos contemporâneos profanos, veja-se, na introdução aos livros dos Reis, o mesmo parágrafo (§ 7 Valor histórico).

Tratando-se dum livro inspirado a veracidade histórica identifica-se com a inerrância histórica. Os livros de Samuel têm caráter divino e autoridade divina. Como tais foram citados por Cristo e pelos apóstolos (cf Mt 12, 3; At 13, 20-22; Hebr 1, 5) e enumerados nos documentos eclesiásticos entre os demais livros inspirados e canônicos.

OS LIVROS DOS REIS

1. *O título do livro*

Se o livro de Samuel é denominado pelo suposto autor, a obra presente o é pelo conteúdo. No texto hebraico é chamado “Malaquim” = Reis, porque trata mesmo dos reis de Israel e de Judá. A bíblia grega que os reúne aos livros de Samuel intitula-os “Terceiro e Quarto dos Reinados” (Basi-leiôn). Na Vulgata trazem o nome “Regum Tertius et Quartus, secundum Hebraeos Primus et Secundus Malachim”. A nova e oficial edição da mesma Vulgata chama-os “Mala-chim”. Nas edições modernas não há uniformidade. Uns

seguem o texto hebraico e dizem “Primeiro e Segundo livros dos Reis”, outros preferem a denominação da Septuaginta. Para evitar-se confusão seria desejável seguir a via média citando-se assim: 1 Sam; 2 Sam; 3 Rs; 4 Rs.

2. *Relação com os livros de Samuel. Quantos Livros?*

Será que a Septuaginta, reunindo Samuel e Reis, tem razão? Com efeito, a narração sobre os últimos dias de Davi parece constituir o vínculo de união entre ambas as obras. Encontram-se, no entanto, tantas e tamanhas diferenças de estilo, de índole literária, de condições críticas do texto, que precisamos opinar pela separação inicial dos livros.

Seguem as diferenças principais:

a) Samuel caracteriza-se pela descrição viva e pormenorizada das pessoas, dos fatos e dos lugares; ao passo que nos livros dos Reis depara-se-nos uma narração muito resumida, generalizada e esquemática;

b) Em Samuel quase não se mencionam datas e indicações cronológicas, enquanto os livros dos Reis abundam de alusões deste gênero.

c) Samuel não faz menção de fontes; o autor dos Reis, ao contrário, manifesta-se muito preocupado em assinalar as fontes donde tirou ele mesmo tudo e onde se encontram mais informações;

d) Na obra de Samuel só uma vez cita-se a Lei (2 Sam 22, 23), nos livros dos Reis umas quarenta vezes.

e) O culto dos assim chamados santuários nas alturas é tolerado nos livros de Samuel e severamente censurado nos dos Reis;

SAMUEL, REIS E PARALIPÔMENOS

f) Enfim, o texto original de Samuel encontra-se num estado de péssima conservação, ao passo que o dos Reis não apresenta sérias dificuldades, o que mostra idade diferente e transmissão separada através dos séculos.

Também os livros dos Reis, antigamente, foram um só livro, entrando a divisão em dois por ocasião da tradução para o grego. No caso presente, porém, a divisão é pouco feliz porque a cisão passa no meio entre a história de Josafá e Ocozias; o caráter artificial, portanto, da partição é evidente. Da Septuaginta a dualidade passou para a Vulgata e daí para o texto hebraico impresso em 1517.

3. *Conspecto analítico-pragmático do conteúdo*

Não se pode tratar aqui de escrever uma história completa dos reis de Judá e de Israel. Muita coisa, no presente conspecto, ficará obscura. Quem tiver interêsse de se enfronhar neste terreno tão emaranhado, consulte uma das diferentes Histórias de Israel.

A. Salomão (1 Rs 1-11)

I. Os últimos dias do Rei Davi (1 Rs 1-2).

Por um triz Salomão teria ficado excluído da sucessão ao trono. Só a intervenção oportuna do profeta Natan frustra as tentativas de Adonias, cópia de Absalão.

II. Felicidade do tempo salomônico (1 Rs 3-4).

Descrição geral da ação do novel rei, sua sabedoria, organização interna do país.

III. Construção do templo e dos palácios (1 Rs 5-8).

IV. Notícias complementares (1 Rs 9-10).

SAMUEL, REIS E PARALIPÔMENOS

As imensas riquezas do rei que crescem constantemente pelas viagens marítimas e dos tributos dos reinos vizinhos. A visita da rainha de Sabá. Prepara-se a queda do rei magnífico.

V. Apostasia e conseqüências imediatas (1 Rs 11).

O luxo e as mulheres transtornaram o coração do rei que se torna até idólatra. Não se faz tardar a punição divina. Dentro do país revoluções, de fora invasões de povos vizinhos. Assomam Jeroboão, o futuro rival, e Sesac, o futuro saqueador de Jerusalém.

B. Divisão do reino. Hostilidades mútuas (1 Rs 12-16, 18)

I. A divisão (1 Rs 12, 1-24).

Obra da imprudência de Roboão, filho de Salomão.

II. Jeroboão, primeiro rei de Israel (1 Rs 12, 25-14, 20).

O ingrato introduz a idolatria, para garantir o reinado! Sucede bem o contrário: a sua dinastia é rejeitada.

III. Roboão, Abiã, Asa, reis de Judá (1 Rs 14, 21-15, 24).

Lembrando-se de antigos direitos sobre Canaã os egípcios invadem a Terra Santa, saqueiam a Cidade Santa. Vai-se a glória de Salomão!

IV. Nadab, Baasa, Ela, Zambri, Amri, reis de Israel (1 Rs 15, 25-16, 28).

Consuma-se a apostasia das tribos setentrionais favorecida pelos reis sempre mais ímpios. Sucedem-se as dinastias; nenhuma delas consegue estabelecer-se por muito tempo. Conspirações e assassinios estão na ordem do dia. Guerras contínuas com Judá.

C. União política entre Judá e Israel (1 Rs 16, 29-2 Rs 15, 7)

Fortalecendo-se o reino de Damasco, surge um inimigo sério para ambos os reinos judaicos, que se unem para enfrentar o inimigo comum. Estreitam-se os laços pelo casamento do filho de Josafá de Judá com uma filha de Acab de Israel. Dois personagens imprimem o seu cunho a este período: Elias e Eliseu.

I. A era do profeta Elias (1 Rs 16, 29-2 Rs 2, 12).

No reino de Israel é implantado o culto de Baal e Asarte, obra da ímpia Jezabel, filha do rei de Tiro. Surge Elias, o profeta fiel de Javé. Assombroso ordálio no monte Carmelo; mas a conversão não passa de momentânea. Elias deve fugir. Nomeia seu sucessor Eliseu.

Em Judá, Josafá, o rei piedoso, conserva no país a verdadeira religião, ao menos externamente.

II. A era do profeta Eliseu (2 Rs 2, 13-14, 22).

Em Israel, as condições religiosas vão de mal a pior. Temporariamente, Jeú extirpa o culto de Baal, mas conserva o dos bezerros de ouro. Em Judá manifestam-se as conseqüências da aliança com Israel: Jorão, o sucessor de Josafat, já anda nos caminhos dos reis de Israel. Em meio a esta irreligiosidade geral brilha a figura austera de Eliseu. Pelo fim dêste período fulguram no horizonte longínquos prenúncios da catástrofe vindoura: A Assíria consolida-se e pensa na expansão para o ocidente. Jeú é o primeiro rei de Israel a pagar tributo aos assírios.

III. Jeroboão II de Israel e Azarias de Judá (2 Rs 14, 23-15, 7).

Durante o longo reinado de Jeroboão II Israel viveu o seu último período de prosperidade. Mas não se converteram ao Senhor, não sustaram portanto o braço divino levantado para desfechar-lhe o golpe mortal.

D. Declínio de Israel 15, 8-17, 41)

I. Os últimos reis de Israel (2 Rs 15, 8-31).

Sempre mais se acentua o predomínio da Assíria. Damasco é a primeira vítima da agressão assíria. Os reis de Israel, por enquanto, pagam tributo ao mais forte. No outro lado, surge o Egito com suas antigas pretensões sobre a Palestina. Uma vaga esperança para Israel — e mais tarde para Judá — de libertar-se da pressão dos assírios com o auxílio dos egípcios.

II. Joatão e Acaz, reis de Judá (2 Rs 15, 32-16, 20).

O piedoso Joatão é seguido pelo impiíssimo Acaz. Judá também está às voltas com o problema assírio. Acaz o resolve do modo mais vil possível sujeitando-se ao vizinho poderoso sob todos os respetos. Em vão, o grande Isaías esforça-se por salvar a religião monoteísta.

III. Fim de Samaria (2 Rs 17).

Levado pelo partido egípcio Osée, o rei derradeiro, revolta-se contra os assírios. As consequências são desastrosas: tomada da capital e deportação do povo para a Mesopotâmia. Nos 210 anos de sua existência reinam em Israel 20 reis de 9 dinastias diferentes! Na terra desolada surgem os Samaritanos.

SAMUEL, REIS E PARALIPÔMENOS

E. Agonia do reino de Judá (2 Rs 18-25)

I. Ezequias (2 Rs 18-20).

Depois da queda de Israel o fim de Judá é só uma questão de tempo. Pela sua piedade e zelo pela religião consegue livrar o país da pressão dos assírios. Neste tempo a Assíria é substituída pela Babilônia, mas os problemas de política externa para Judá ficam os mesmos: como manobrar-se entre o Egito e a Babilônia?

II. Manassés e Amon (2 Rs 21).

Idolatria e apostasia no auge. Deus decreta o extermínio de Judá e de Jerusalém.

III. Josias (2 Rs 22, 1-23,30).

As reformas religiosas e a piedade pessoal do monarca adiam o castigo divino. O povo, no entanto, não se converte.

IV. Últimos reis de Judá (2 Rs 23, 31-c. 24).

Judá é apenas um jogo de peças entre as duas potências vizinhas, Babilônia e Egito. A posição dos regentes torna-se sempre mais precária; desde que perderam a fé em Deus, não sabem mais em que confiar.

V. Queda de Judá (2 Rs 25, 1-25).

Aconteceu como em Israel: Sedecias nega o tributo numa vã confiança nos egípcios. Esgota-se a paciência dos babilônios. A catástrofe é horrorosa: destruição da cidade e do santuário secular, exílio babilônico.

VI. Últimas notas finais (2 Rs 25, 22-30).

4 *Tempo da composição. Autor.*

O último acontecimento narrado no livro dos Reis é a anistia de Joaquim em 561 a.C. Não se tratando dum acréscimo posterior, a obra foi composta depois dêste ano. Doutro lado, não menciona a libertação do povo do jugo babilônico, efetuada por decreto de Ciro em 538 a.C. O livro dos Reis, pois, foi escrito durante o exílio babilônico, isto é, entre os anos 561 e 538.

A questão do autor não se resolve tão simplesmente. Os judeus afirmam ter sido o Profeta Jeremias. E com efeito, êle poderia ser o autor. Êsse profeta do Senhor tomou parte ativa na política de seu tempo, o estilo do livro é grave e sério, o derradeiro capítulo até é idêntico com Jer 52, a finalidade religiosa também caberia muito bem a um profeta como Jeremias. Apresentam-se, entretanto, duas dificuldades: A idade avançada do profeta no ano estabelecido 561. Mas êle poderia ter começado a obra já antes do exílio; assim se explicariam os modos de falar freqüentes “até-o-dia-de-hoje” (1 Rs 8, 8; 9, 21; 12, 19; 2 Rs 8, 22). A outra dificuldade seria que o nome do nosso profeta jamais ocorre no livro. Êsse fato poderia concorrer em favor da autenticidade! já que foi uso dos antigos autores silenciar o próprio nome. Seja como fôr, a autoria de Jeremias é pelo menos provável, embora a de outros profetas do exílio (Ezequiel, Baruc, Daniel) não seja improvável.

5. *Finalidade*

A tendência dos livros dos Reis é puramente religiosa. Demonstra-se como a sorte da nação depende de sua relação

para com a religião, havendo, neste pormenor, uma afinidade com o livro dos Juizes.

Cada monarca é caracterizado do ponto de vista religioso: a sua atitude favorável ou hostil para com o monoteísmo mosaico. Com grande extensão relatam-se as reformas religiosas, ao passo que guerras e demais fatos puramente políticos são mencionados muito resumidamente, remetendo-se o leitor a documentos contemporâneos (cf por ex. 2 Rs 20, 20; 23, 28). Grande espaço é dedicado à atitude dos corifeus proféticos, Elias e Eliseu.

A obra é uma prova cabal da veracidade das profecias: jamais perde a oportunidade para apontar a realização duma profecia (por ex. 1 Rs 12, 15; 14, 17; 16, 7; 16, 34; 22, 38; 2 Rs 10, 10; 17, 7-23; 24,3). Em última análise, pois, os livros dos Reis são uma demonstração tangível da justiça e veracidade divinas.

6. *Fontes e índole literária*

A obra presente abrange um espaço de quase 400 anos; assim sendo, é evidente que o hagiógrafo usou fontes escritas as quais êle mesmo, repetidas vezes, cita textualmente. Três são os documentos principais: “Os anais de Salomão” (1 Rs 11, 41), “Os anais dos reis de Judá” (15 vezes) e os “Anais dos reis de Israel” (17 vezes). Trata-se provavelmente de crônicas oficiais exaradas, conforme o costume da época, pelos secretários da côrte. Nos Paralipômenos encontramos mais fontes profanas daquele período.

Ora, destes documentos o autor transcreveu o que lhe servia para o seu objetivo religioso. Não oferece, portanto, uma história completa, sem deixar de ser um historiador sé-

rio e legítimo, já que constantemente se refere às fontes donde tudo tirou.

A forma estilística obedece a um esquema fixo: a biografia de cada um dos reis começa com a idade, a duração do reinado; segue a qualificação religiosa e um ou outro fato importante, enfim nos remete aos anais respectivos.

Acontece que cita fontes “ad verbum”, daí as expressões estranhas “até o dia de hoje” (veja a êste respeito também o parágrafo sobre o autor): De resto é um escritor semita com as suas particularidades de estilo e de redação que foram explicadas na introdução aos livros de Samuel (§ 8). O nosso hagiógrafo tem por especialidade a de acrescentar epítetos a pessoas bastante conhecidas, (no que difere do autor de Samuel), escrevendo por exemplo: O rei Davi; Natan, o profeta; Abiatar, o sacerdote; Eliseu, o homem de Deus; Bet-sabée, a mãe de Salomão.

7. *Valor histórico*

O autor quis e pôde escrever a verdade: por isso êle cita as fontes, esmera-se em estabelecer a cronologia dos reis de Judá e de Israel; e avalie-se apenas quanta paciência exigia tal intento! Além disso, os fatos e as pessoas concordam perfeitamente com a obra paralela dos Paralipômenos. Bem como em Samuel, nem aqui se conhece respeito humano, nem servilismo perante o monarca da hora. Encontram-se, é verdade, certos acontecimentos milagrosos: mas para quem crê em Deus o milagre é bem possível.

A fé histórica que merecem os livros dos Reis é confirmada esplêndidamente por certos documentos contemporâneos descobertos, nestes últimos decênios, nas escavações e demais explorações arqueológicas levadas a terno no Oriente

SAMUEL, REIS E PARALIPÔMENOS

médio. Até o momento, o material continua avolumando-se: inscrições, monumentos arquitetônicos, bibliotecas inteiras! Muita coisa já foi decifrada, mas resta ainda mais para o gênio e paciência de futuros arqueólogos. Ora, nos documentos decifrados até hoje acham-se os nomes de seis reis de Israel (Amri, Acab, Jeú, Manaém, Facée e Osée), cinco de Judá (Azarias, Acáz, Ezequias, Manassés e Joaquim), sem falar nos inúmeros nomes de cidades e regiões referentes à Palestina da Bíblia. Segue aqui um breve conspecto do material mais importante:

1. No tocante a Davi e Salomão temos o testemunho do historiador judaico Flávio Josefo afirmando que até o seu tempo em Tiro se guardavam documentos com o comércio epistolar entre Hirão, rei de Tiro e Salomão (Ver Antiquidades VIII 2, 8 e 1 Rs 5, 2. 8). O mesmo Flávio Josefo conservou dois fragmentos de historiadores helenistas (Menandro e Dio) em que se menciona o tal Hirão, contemporâneo de Salomão e de Davi (Ib. 5, 3). Faltam, pois, documentos diretos do tempo de ambos os reis, ao menos até o momento, porque tem-se ainda esperança de achar qualquer coisa nas inscrições hititas que não foram ainda decifradas em sua totalidade.

2. Sobre a invasão do faraó Sesak (ou Shoshenk) existe uma inscrição monumental numa das paredes do templo em Carnac (Egito) na qual se lêem os nomes de 165 cidades palestinenses subjugadas naquela ocasião. Falta Jerusalém porque não foi subjugada (1 Rs 14, 25-28).

3. O nome de Amri, rei de Israel, acha-se em diversas inscrições assírias, como também no monumento de Mesa, rei de Moab, conservado no Louvre de Paris (1 Rs 16, 23-28 e 2 Rs 3, 4-27).

4. Num monolito de Salmanasar (Museu britânico, Londres) figura Acab, rei de Israel, entre os 12 reis derrotados na batalha de Carcar (cf 1 Rs 22, 1: durante êstes três anos teve lugar a dita batalha).

5. . No obelisco do mesmo Salmanasar encontra-se o rei de Israel, Jeú, pagando tributo (2 Rs 10, 34) N. B. Êste obelisco, guardado em Londres, é célebre pelos seus 20 relevos de grande importância histórica.

6. Nos Ostracos de Samaria lemos inúmeros nomes hebraicos, entre êles também “Meribaal” (cf 1 Par 8, 34) e mais compostos com “Baal”, fato êsse que demonstra o culto de Baal no século oitavo (época de Acab e Jezabel).

7. A destruição de Samaria é recordada em três inscrições assírias: nos anais de Sargon, em Corsabad e numa menor do palácio de Corsabad.

8. O cilindro de Taylor (Londres) descreve largamente as expedições de Senaquerib contra Jerusalém e Ezequias (2 Rs 18, 13-19, 37 e Is cc. 36 e 37).

9. O monumento bilingüe de Nahr el-Kelb (egípcio-babilônico) eterniza a invasão do Egito por Assaradon, rei da Assíria. Entre os reis que o acompanharam figura o de Judá, Manassés (2 Rs 21, 17).

10. A respeito dos derradeiros dias de Jerusalém informam as cartas de Láquis, encontradas em 1935. Nelas descobre-se, entre outras coisas, a atividade do profeta Jeremias que desaconselha qualquer resistência contra os Babilônios. A própria destruição da Cidade Santa menciona-se indiretamente numa inscrição de Nabucodonosor que reza: “Passei por estradas desertas, destruí os desobedientes, capturei inimigos...”

SAMUEL, REIS E PARALIPÔMENOS

11. Do exílio babilônico existem uma 300 tabuinhas cuneiformes que falam de entregas de rações de cevada aos operários e prisioneiros, entre os quais também judeus. Num tabuinha, datada de 592 lê-se o nome de Joaquim, rei de Judá (2 Rs 25, 27).

No Novo Testamento, enfim, os livros dos Reis são citados quatro vêzes: Lc 4, 25-27; Mt 12,42; Rom 11, 2-4; Tg 5, 17. 18.

8. *Problemas cronológicos*

A cronologia dos livros dos Reis oferece sérios problemas. E não é de admirar: o que mais sofreu da incúria e fraqueza humana dos copistas são justamente os algarismos. Além do mais há na Bíblia um sistema de computação diferente do nosso. Vejamos: Entre a destruição de Samaria e a separação dos reinos (932-722) decorreram 210 anos; conforme a Bíblia, porém, são 241 pela série dos reis de Israel, e 260 pela dos reis de Judá. O mesmo dá-se quanto à duração do reino de Judá. A história profana indica 345 anos (932-587), a Bíblia 393. São Jerônimo achou ser tempo perdido procurar-se uma solução satisfatória ! Entretanto, alguma coisa se pode dizer para explicar que na Bíblia os algarismos são sempre maiores que os da história extrabíblica. Não entraremos em pormenores desinteressantes; vejamos só três observações: 1. Na Bíblia contaram-se provavelmente, como anos inteiros, tanto o ano em que começou o reinado, como o do fim. Devemos pois subtrair da soma total o número dos reis. 2. No reino de Judá houve uma co-regência de Azarias com Joatão (2 Rs 15; 5). E', pois, possível que se tenham contado os anos completos de cada um. 3. A divergência entre os diferentes textos prova a insegurança dos algarismos.

SAMUEL, REIS E PARALIPÔMENOS

Em vez de transcrevermos aqui as listas dos reis de Judá e Israel cujas datas são bastante incertas, damos um conspecto das datas certas referentes ao período total dos livros dos Reis:

968, início da construção do templo salomônico

932, divisão do reino em duas partes: Israel e Judá.

854, batalha de Carcar no tempo de Acab (Israel) e de Benadad (Síria).

842, tributo de Jeú, rei de Israel.

738, Manaém de Israel paga tributo a Teglathalassar da Assíria.

722, tomada de Samaria e fim do reino de Israel.

701, expedição de Senaquerib contra Jerusalém.

609, Josias morre na batalha de Magedo.

605, batalha de Carcomes (Jer 25, 1; 46, 2).

587, destruição de Jerusalém pelo rei da Babilônia, Nabucodonosor.

561, anistia de Joaquim, última notícia dos livros dos Reis.

OS LIVROS DOS PARALIPÔMENOS OU CRÔNICAS

1. *Título e número de livros*

No texto original hebraico a nossa obra é designada “Diberé hay-yamim”, isto é, “Fatos dos dias”, ou mais livremente, “Acontecimentos históricos”. Na tradução grega dos Setenta o título é um tanto misterioso: “Paralipoménon A’ e B’” o que quer dizer “Primeiro e Segundo livro dos Paralip.”

pômenos”. Mas, que quer dizer êste termo “Paralipômeno”? Com S. Jerônimo e outros escritores antigos traduzimos assim: “Livros das coisas omitidas”, quer dizer, omitidas nos livros antecedentes de Samuel e dos Reis. Essa denominação tem algum fundamento, mas nem de longe qualifica a natureza da obra em questão.

O aludido S. Jerônimo, no seu “Prólogo Galeato” propõe o nome de “Chronicon” querendo exprimir com isso o gênero literário dêsses livros que são uma espécie de enumeração de fatos sem nexos internos. Tal classificação seria aplicável aos primeiros capítulos, mas não à obra inteira. Na sua tradução do hebraico o mesmo S. Jerônimo intitula os livros assim: “Verba dierum”, isto é: “Fatos dos dias”, traduzindo servilmente a denominação hebraica. A Pontifícia Comissão da Revisão da Vulgata editando os Paralipômenos em 1948 chamou-os também “Verba dierum”.

Quanto ao número dos livros valem as mesmas observações que fizemos a respeito dos livros de Samuel e dos Reis, só que aqui a divisão foi mais feliz, terminando o primeiro livro com a morte de Davi e encetando o segundo com Salomão.

2. *Obra própria ou repetição de Samuel e Reis?*

À primeira vista poderia parecer que seja mesmo uma mera repetição; por isso foi um tanto negligenciado pelos comentaristas antigos e modernos. Todavia, nada é mais injusto!! Sob todos os pontos de vista os Par são um trabalho próprio: tem objetivo próprio, e isso é que decide a questão; relata muitas novidades de que em Sam e Rs nem vestígio se encontra (por ex. 1 Par 12; 13, 1-5; 16, 4-43; 23-26; 29;

2 Par 11, 13-17; 13-15; 19; 20; 24, 15-27; 26; 27,3-6; 28, 16-21; 29-31; 33, 11-19).

Também o estilo e a linguagem são diferentes. Os primeiros nove capítulos nada têm que ver com Sam e Rs, recapitulando como estão as genealogias contidas nos livros anteriores a êstes. No entanto, mesmo dentro das genealogias deparamos com umas notícias próprias de caráter histórico (por ex. 1 Par 4, 10; 22. 23. 38-43; 5, 10. 19-22; 7, 21-24).

3. *Relação com os livros de Esdras e Neemias*

Por alguns peritos modernos de renome Par e Esdr-Ne são considerados como obra do mesmo autor. Os argumentos seriam os que seguem: 1. A preferência pelo culto divino e por genealogias observada em ambas as obras. 2. A linguagem aramaizante. 3. A comparação com o livro apócrifo 3 Esdr, que também abrange partes dos Paralipômenos (3 Esdr = 2 Par 35-36; Esdr 1-10; Ne 7-8). Mas, por que repetiu-se o decreto de Ciro? (2 Par 36, 22. 23 = Esdr 1, 1-4). Respondem que, em época posterior, ao dividirem a obra, acrescentaram o decreto a 2 Par, no fim. Há outras dificuldadeszinhas. Como se explica a separação? Por que Par não se chama então 1 Esdr? Por que no cânon hebraico figura até depois de Esdr e Ne?

Seja como fôr, considerando-se o objetivo religioso comum e a época da composição que também coincide para os três, parece bem provável que primitivamente tenham formado um livro só.

N.B. A divisão em 1 e 2 Par data da tradução para o grego (Septuaginta).

4. *Quando foi escrito?*

Nos últimos versos da obra trata-se do decreto de Ciro que permite a volta para a Palestina; aconteceu isso em 538 a.C. Este ano é, portanto, o termo antes do qual não se compôs o livro. Há porém indícios que parecem demonstrar que devemos exigir, não só um tempo qualquer, mas até muito depois de 538. Eis os argumentos:

1. No 1 Par 29, 7 encontra-se o nome da moeda persa “Adarkonim” (hebraico) ou “Dareikós” (grego); ora — essa denominação não existe antes do rei Dario I (521-485).

2. A lingua aramaizante aponta um período posterior ao exílio.

3. O modo geral de falar em “rei dos persas” (2 Par 36, 20) parece indicar que o império persa já pertenceu ao passado; chegaríamos assim ao tempo de Alexandre Magno!

4. No 1 Par 3, 19-24 enumeram-se os descendentes de Zorobabel até a sexta geração, no texto hebraico, e até a undécima na Vulgata; fato êsse que nos leva a um tempo assaz post-exílico.

5. Supondo-se a unidade literária com Esdr-Ne chegamos à era posterior a Alexandre Magno, pois que o sumo sacerdote Jadoa, mencionado em Ne 12, 11. 22 foi contemporâneo de Alex. Magno, se é que é idêntico com o tal Jaddus de que se trata em as “Antiguidades” de Flávio Josefo (XI 8, 5). Quase todos os historiadores estão em favor da identidade.

6. O termo “midrash” empregado duas vezes no texto hebraico (2 Par 13, 22; 24, 7) é uma palavra técnica em

uso nas escolas rabínicas designando uma explicação ou um estudo mais ou menos livre da Lei. Ora, escolas rabínicas e literatura rabínica existem só certo tempo depois de Esdras.

Os Paralipômenos, pois, foram escritos entre 350 e 250 antes de Cristo, sendo impossível dizer quem foi o autor.

5. *Finalidade*

O autor quer exortar o povo à fidelidade religiosa. Vivia ainda em todos a recordação da destruição do templo e das misérias do exílio. Agora, de volta à pátria, tomem cuidado para não se repetir a catástrofe. Demonstra portanto a relação causal entre fervor religioso e prosperidade política. Pelas genealogias põe em relêvo a identidade dos judeus post-exílicos com o povo eleito por Deus. Assim sendo, têm eles as mesmas obrigações e obterão as mesmas bênçãos prometidas. Consistindo o fervor religioso, antes de tudo, nas funções sagradas do culto divino no templo, o hagiógrafo se empenha em realçar-lhe a importância e a beleza. Que o povo se interesse pelo santuário, pelo sustento dos seus ministros, que frequente as solenidades — eis o desejo íntimo do autor. Daí se explicam as genealogias dos sacerdotes e levitas (1 Par 6). A atividade dos reis piedosos em relação a essa classe é salientada com ênfase e largueza, sendo êstes atos os mais importantes aos olhos do autor (Veja: 1 Par 13-16; 2 Par 2-7; 11, 13-17; 15, 8-18; 17; 19, 8-11; 24; 26, 16-21; 28, 22-25; 29-31; 33, 1-13; 34-35). N.B. De propósito omite os pecados dos reis Davi e Salomão, porque êle pretende escrever uma história do zelo religioso em Israel.

Outro problema que ocupou a mente do autor foi a crescente dispersão do povo judeu, de par com a impossibilidade

de chegar um dia, mais uma vez a alguma importância política. Era, portanto, só o culto divino que ainda podia unir a nação e animar os dispersos e perseguidos. Por isso o autor não tem interesse em narrar a história de Israel e de Samaria, mas só a de Judá e de Jerusalém, porque ali estava o templo do Senhor, centro e vínculo espiritual da nação israelita.

Considerando-se assim a finalidade do livro devemos procurar o seu autor entre os sacerdotes e levitas.

6. *Fontes e índole literária*

Consta do próprio texto que o escritor usou largamente fontes escritas. Para as genealogias empregou os livros bíblicos do Pentateuco, Josué e 1 Samuel. Para o resto indica diversas obras; são elas as que seguem: “O Livro dos Reis de Judá e de Israel”, provavelmente não idêntico ao livro canônico dos Reis; “Crônicas dos Reis de Israel”; “Midrash do Livro dos Reis”; obras de diferentes profetas: de Samuel, Natan, Gad, Aías, Semeias, Jeú, Isaías (não da profecia canônica!), Hozai e Ido.

Apesar da freqüente identidade verbal com Sam e Rs, não consta se os transcreveu em todos êstes casos, antes poderia ter usado as mesmas fontes que êstes. Certo é que os teve diante dos olhos, que os supõe conhecidos e que, às vezes, os completa. Demonstra-se isso, por exemplo, da maneira abrupta com que inicia a história de Saul (1 Par 10); 1 Par 20 começa verbalmente como 1 Sam 11, mas não prossegue como êste. Refere-se constantemente aos reis de Israel como a personagens conhecidas sem que lhes teça a história.

Além das fontes indicadas comunica certos fatos contidos no vasto depósito da tradição oral de que faz idéia adequada só quem tiver estudado a literatura rabínica.

7. *Veracidade histórica*

No tocante à autoridade histórica remeto ao que dissemos, na Introdução aos Livros dos Reis, sobre cronologia e problemas correlacionados. Nem é aqui o lugar de resolvermos as dificuldades oriundas das divergências com Rs; tal coisa pertence ao comentário.

No Novo Testamento só uma vez cita-se um lugar dos Paralipômenos, e êste é duvidoso (2 Par 24, 20. 21 em Mt 23, 35).

Tenha-se em vista a finalidade estritamente religiosa, a possibilidade de corrupções textuais e o nosso conhecimento reduzido da história antiga, e seremos mais clementes e cautelosos no nosso julgamento.

8. *Divisão do conteúdo*

A obra divide-se em três partes claramente distintas:

I. *A história desde Adão até Saul (1 Par 1-9).*

Contém só genealogias com escassas notícias históricas, inseridas aqui e acolá (cf § 2).

II. *Davi e Salomão (1 Par 10-2 Par 9).*

Os dois mais beneméritos pelo culto do Senhor: Davi, o conquistador da Cidade Santa, o organizador das classes sacerdotais e levíticas, o poeta e cantor e o ideador do grandioso santuário. Salomão, o construtor do templo que, durante cinco séculos, serviu de moradia do Senhor.

III. *Os reis Judá (2 Par 10 — fim).*

Os regentes da dinastia davídica são os guardas do santuário. Narra-se o que fizeram em seu favor, merecendo assim a bênção de Deus; e como o desprezaram, incorrendo por isso na mais terrível punição.

**INTRODUÇÃO AOS LIVROS DE
ESDRAS E NEEMIAS**

INTRODUÇÃO AOS LIVROS DE ESDRAS E NEEMIAS

- I — ANTECEDENTES HISTÓRICOS**
- II — COMPOSIÇÃO LITERÁRIA**
- III — VALOR HISTÓRICO**
- IV — ORIGEM CARISMÁTICA**
- V — VALOR DOUTRINÁRIO**

APÊNDICE

INTRODUÇÃO AOS LIVROS DE ESDRAS E NEEMIAS

I. ANTECEDENTES HISTÓRICOS

No exílio — A tomada de Jerusalém por Nabucodonosor, em 587 a. C., assinalou o fim do reino de Judá. A flor da população judaica ou pereceu sob a espada do vencedor, ou marchou para o exílio. Apenas um número insignificante ficou na Palestina, quase todos camponeses e pastores, que não representavam perigo político para o vencedor. O templo de Salomão foi completamente arrasado e seus objetos de culto transportados para o panteão internacional da Babilônia, onde Nabucodonosor concentrava não só as populações subjugadas, mas também suas divindades e símbolos religiosos.

Na terra do exílio, os deportados foram localizados em diversos pontos e forçados a trabalhar para o governo, principalmente na construção de gigantescos canais de irrigação. Se sua sorte era dura no começo, foi-se mitigando aos poucos, sobretudo depois da morte de Nabucodonosor, ocorrida em 562 a. C.

O repatriamento — Cerca de meio século havia decorrido desde a grande deportação de 587, quando a situação se transformou da noite para o dia de maneira mais radical. No ano 539 a. C. as tropas de Ciro entraram em Babel e

naquele dia o jovem conquistador pôs termo ao domínio da Babilônia e consolidou as bases do Império da Pérsia, que dominaria o Oriente por dois séculos.

Como vencedor, Ciro não se ateu à praxe dos conquistadores orientais, que torturavam, massacravam ou conduziam à escravidão as vítimas de seu triunfo. Tratou com humanidade os vencidos, de maneira que o novo monarca era saudado mais como libertador do que como vencedor. Também em relação às populações estrangeiras, que Nabucodonosor e seus sucessores haviam subjugado e importado, juntamente com as imagens de suas divindades, Ciro adotou uma política totalmente nova. Logo depois da vitória, concedeu a todos os deportados plena liberdade de regressarem para suas terras de origem, levando consigo seus símbolos religiosos. Também os israelitas foram favorecidos por essa política liberal e obtiveram a permissão de regressarem à Palestina, mediante um decreto, que a literatura canônica zelosamente nos conservou. A essa altura dos acontecimentos, começa a narração dos livros de Esdras e Neemias.

II. COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

Título — A Bíblia hebraica, depois do livro de Daniel e antes dos Paralipômenos, apresenta, como um livro só, “Ezrâ — Nehemyâ”. A tradução grega dos Setenta divide a obra em dois livros, intitulado-os “Esdras A” e Esdras B”. A Vulgata conserva essa distinção, dando ao primeiro o título de “Liber I. Esdrae” e ao segundo o de “Liber Nehemiae qui et Esdrae Secundus dicitur”. O Cânon do Conc. de Trento assim os refere: “Esdrae primus et secundus, qui dicitur Nehemiae”.

Os dois protagonistas — Esdras e Neemias são as duas personagens, que dominam os acontecimentos referidos nos dois livros.

Neemias vivia na cõrte do rei da Pérsia e, como copeiro, gozava da confiança de Artaxerxes I (465-424). No 20.^o ano do reinado dêsse soberano (445 a. C.), recebeu notícias desoladoras de Jerusalém: As muralhas da Cidade Santa (provavelmente reconstruídas pelos primeiros repatriados), tinham sido novamente arrasadas e a população passava privações. Necmias chorou suas máguas perante Sua Majestade e recebeu a autorização para ir à Judéia e restaurar as muralhas de Jerusalém. Além de calorosamente recomendado às autoridades da satrapia a que pertencia a Palestina, Neemias foi nomeado governador (“pehal”) da Judéia. Depois de 12 anos de atividade, Neemias voltou à cõrte de Artaxerxes (Ne 13, 6). Mas decorrido algum tempo, novamente voltou para a Palestina, a fim de iniciar a segunda fase de sua obra de restauração.

Na reforma religioso-social de Israel, Neemias encontrou um valioso auxiliar em *Esdras*, sacerdote, escriba e intérprete das Escrituras de excepcional competência. E’ êle a figura central da grande assembléia popular, convocada por Neemias e em que foi lida e esplanada ao povo a Lei de Moisés, fundamento de tõda a ordem social e religiosa. E’ o que nos refere o livro de Neemias (8, 1 ss.). Segundo o livro de Esdras (7, 8), no 7.^o ano do reinado de Artaxerxes, o grande escriba foi enviado, por êsse monarca, a Jerusalém, a fim de organizar a vida dos repatriados de acõrdo com a Lei do Deus de Israel. Mas contando-se entre os sucessores de Ciro diversos soberanos com o nome de Artaxerxes, é difícil determinar de qual dêles se trata. Da leitura dos documentos na ordem em que no-os apresentam os livros Esdras-

Neemias, colhe-se a impressão como se Esdras tivesse sido enviado no 70.^o ano de Artaxerxes I (458 a. C.), portanto 13 anos antes da partida de Neemias. Mas poderia tratar-se, também, de Artaxerxes II (405-358 a. C.), e nesse caso Esdras teria recebido aquela incumbência em 398 a. C., ou seja, nada menos que 47 anos depois da primeira viagem de Neemias a Jerusalém. Os que se inclinam para essa segunda hipótese, admitem que Esdras já esteve em Jerusalém anteriormente, prestando sua colaboração a Neemias. Depois teria voltado à Babilônia, onde se teria salientado entre os sábios, que coligiram e coordenaram, nessa época, o preciosíssimo patrimônio de tradições históricas e jurídicas, importadas pelos exilados graças à fidelidade de sua memória e ao zelo religioso dos que entre a sua pobre bagagem levaram para o exílio algum fragmento de pergaminho ou papiro com trechos da literatura sagrada (cf. Ricciotti, *Storia d'Israele*, vol. II, § 72). Atribui-se a Esdras um papel importantíssimo na fixação do cânon judaico do Antigo Testamento. Ainda nessa hipótese, Esdras, no tempo da atividade de Neemias em Jerusalém, seria um jovem de uns 30 anos de idade; e ao voltar, em 398, já seria um ancião de 75 anos, o que aliás muito bem explicaria certas atitudes por êle assumidas em face dos abusos contra os quais teve que lutar (Esdr. 9, 1-10, 17).

CONTEÚDO DO LIVRO DE ESDRAS

1. *Primeira caravana de repatriados*

(sob Zorobabel)

Cap.	Vers.	
1	1-4	Decreto de Ciro, permitindo o regresso dos judeus à Palestina (538)

ESDRAS E NEEMIAS

Cap.	Vers.	
	5-6	Organização da primeira caravana
	7-11	Ordem de Ciro de devolver os vasos sagrados, roubados por Nabucodonosor do Templo de Jerusalém
2	1-67	Relação dos diversos grupos que integraram a caravana
	68-69	Donativos para a reconstrução do Templo.
	70	Chegada e estabelecimento dos repatriados em diversas cidades.
<i>II. Reconstrução do Templo.</i>		
<i>1. Início dos trabalhos.</i>		
3	1-6	Restabelecimento do culto sacrificial no local do Templo primitivo
	7-13	Colocação da pedra fundamental do novo Templo (sob Zorobabel).
<i>2. Hostilização e suspensão das obras.</i>		
4	1-5	Os samaritanos oferecem sua colaboração, que não é aceita; por despeito começam a obstacular as obras, até estas serem suspensas. (Segue a narração antecipada de fatos sucedidos muito mais tarde, no reinado de XERXES I (485-465) e de ARTEXERXES I (465-424).
	6	Acusação contra os judeus perante Xerxes I.
	7-16	Carta dos adversários a Artaxerxes, denunciando a restauração da fortaleza de Jerusalém (em aramaico).
	17-23	Ordem de Artaxerxes de embargar as obras. Cumprimento da ordem.

ESDRAS E NEEMIAS

Cap. Vers.

(Continua a narração interrompida
depois do vers. 5).

24 Recapitulação do vers. 5: As obras ficaram pa-
radas até ao 2.^o ano de Dario I (até 521
a. C.).

3. *Reinício das obras.*

5 1-2 Reinício das obras, por influência dos profetas
Ageu e Zacarias.

3-5 Interpelação da parte das autoridades persas.

6-17 Ofício do governador Tattanaí a Dario I, con-
sultando como deve proceder no caso.

6 1-5 No arquivo de Ecbátana é encontrado o decreto,
que autoriza a restauração do Templo.

6-12 Carta-resposta de Dario ao governador, reco-
mendando que não impeça, antes apoie os
trabalhos da reconstrução do Templo.

4. *Conclusão da obra.*

13-18 Conclusão e inauguração do Templo.

19-22 Celebração da Páscoa.

III. *Atividade de Esdras*

1. *Repatriamento.*

7 1-5 Genealogia de Esdras.

6-10 Partida de Esdras para Jerusalém.

11-26 Carta de recomendação de Artaxerxes em
favor de Esdras.

27-28 Oração de Esdras.

8 1-20 Integrantes da caravana.

21-23 Preparação espiritual para a viagem.

ESDRAS E NEEMIAS

Cap.	Vers.	
	24-30	As ofertas para o Templo.
	31-36	Chegada em Jerusalém.
		<i>2. Luta contra os matrimônios mistos.</i>
9	1-4	Resolução de lutar contra os casamentos mistos.
	5-15	Oração de Esdras.
10	1-17	Grande assembléia popular. Resolução de despedir as mulheres alienígenas.
	18-44	Relação dos israelitas casados com mulheres pagãs.
		<i>Conteúdo do Livro de Neemias.</i>
		<i>1. Reconstrução da Cidade.</i>
1	1-11	Luto de Neemias, ao receber notícias contristadoras de Jerusalém.
2	1-10	Com autorização escrita de Artaxerxes I, Neemias chega em Jerusalém para reconstruir as muralhas (445 a. C.).
	11-18	Inspeção noturna das ruínas e conferência com os principais da cidade.
	19-20	Zombaria dos adversários.
3	1-32	Início dos trabalhos. Relação das "equipes" de trabalhadores.
	33-38	Os adversários continuam a zombar.
4	1-5	Os adversários tramam um assalto à mão armada.
	6-17	Neemias organiza a defesa e os trabalhos prosseguem.
5	1-13	A um apêlo de Neemias, os credores relevam as dívidas de compatriícios pobres.

ESDRAS E NEEMIAS

Cap.	Vers.	
	14-19	Exemplo de desprendimento de Neemias.
6	1-14	Os inimigos armam ciladas a Neemias, que as frustra uma por uma.
	15-16	Conclusão das muralhas.
	17-19	Temor dos adversários.
7	1-3	Organização da guarda da cidade.
	4-69	Recenseamento dos repatriados (cf. Esdras 2, 1-67).
	70-73	Contribuições para o culto.
		<i>II. Reforma religiosa (renovação da aliança).</i>
8	1-12	O povo, reunido em assembléia, ouve a leitura da Lei de Moisés.
	13-18	Celebração da "Festa dos Tabernáculos".
9	1-37	Dia de penitência.
10	1-40	Renovação escrita do compromisso de observar a Lei.
		<i>III. Reforma política.</i>
11	1-24	Povoamento compulsório de Jerusalém. Famílias que se estabeleceram em Jerusalém.
	25-36	Cidades com núcleos de repatriados.
		<i>IV. Organização do culto.</i>
12	1-9	Sacerdotes e levitas que haviam regressado com Zorobabel.
	10-11	Série de sumos sacerdotes, desde a restauração do Templo até Jedduá.
	12-21	Chefes de famílias sacerdotais sob o pontificado de Joaquim.
	22-26	Cabeças de famílias levíticas.

ESDRAS E NEEMIAS

Cap.	Vers.	
	27-43	Inauguração das muralhas de Jerusalém.
	44-47	Nomeação de inspetores para o depósito do Templo.
		<i>V. Extirpação de diversos abusos.</i>
13.	1-3	Afastamento dos amonitas e moabitas.
	4-9	Alijamento de Tobias dum compartimento anexo ao Templo.
	10-14	Providências quanto ao pagamento dos dízimos aos levitas.
	15-22	Observância do sábado.
	23-29	Medidas contra os que haviam desposado mulheres alienígenas.
	30-31	Diversas providências relativas ao culto.

O autor — Segundo uma tradição rabínica, Esdras teria escrito os 2 livros dos Paralipômenos antes de partir para a Babilônia. Depois teria composto o livro que leva seu nome e Neemias, finalmente, teria completado com suas “Memórias” a obra histórica de Esdras.

Não há dúvida, de que tanto Esdras como Neemias redigiram certas partes de ambos os livros. Atestam-no as formas verbais na 1.^a pessoa. Mas a compilação dos diversos documentos, ou seja, a redação definitiva é, provavelmente, obra de autor mais recente. Sugere-o, por exemplo, a série de sumos sacerdotes, que se estende até Jedduá, contemporâneo de Alexandre Magno (Fla. Jos., Antig. Jud., XI, VII. 2). Nas suas memórias, Neemias refere-se, simplesmente, ao “rei”, ao passo que nos trechos redigidos pelo compilador, lê-se cada vez “rei da Pérsia”. Não seria isto indício de que a compilação teve origem numa época posterior

ao domínio dos sucessores de Ciro? Por essas e outras razões, muitos críticos modernos são da opinião de que os dois livros foram compilados no fim do sec. IV ou no início do sec. III a. C.

A quem se deva atribuir a compilação, não há elementos para determiná-lo com segurança. Em todo o caso, a afinidade literária entre as duas obras é tão estreita, que é difícil pensar em dois autores diferentes. É provável, mesmo, que se trate do mesmo cronista desconhecido, que de maneira de todo semelhante compilou os documentos que constituem os dois livros dos Paralipômenos.

III. VALOR HISTÓRICO

Ambos os livros apresentam indícios de historicidade como poucos outros livros do Antigo Testamento. Primeiramente, as *fontes* utilizadas são de natureza a não poderem ser forçadas. Além disso, os relatos são vigorosamente confirmados, em muitos pontos, não só pelos livros canônicos dos profetas post-exílicos (Ageu, Zacarias e Melaquias), mas também pela *literatura extra-bíblica*.

As fontes

Documentos oficiais — 1) O edito de Ciro, permitindo o repatriamento dos judeus (Esdr 1, 2-4; cf. 2 Par 36, 22-23).

2) Correspondência entre Rehum e Artaxerxes I (em aramaico).

a) Carta de Rehum, governador da Samaria a Artaxerxes, denunciando a tentativa dos judeus de reconstruir Jerusalém (Esdr 4, 7-16).

b) Resposta de Artaxerxes, ordenando a suspensão das obras (6, 18-22).

3) Correspondência entre Tattanaí e Dario I (em aramaico).

a) O governador Tattanaí consulta a Dario o que deve fazer com os judeus, que estão reedificando o Templo. (Esdr 5, 8-17).

b) Resposta de Dario a Tattanaí, recomendando que deixe os judeus em paz (6, 6-12).

4) Carta de Artaxerxes (I ou II) em favor de Esdras (em aramaico) (Esdr 7, 11-26).

Memórias de Esdras — O autor dos cap. 8 a 10 de Esdras escreve na primeira pessoa. Não pode haver dúvida razoável de que se trata de memórias pessoais de Esdras. Comprovada, assim, a existência dessas memórias, é provável que também em outros pontos elas tenham sido utilizadas pelo compilador.

Memórias de Neemias — No livro de Neemias, o grande restaurador fala na primeira pessoa desde o início até 7, 5; depois, de 12, 27 até ao fim. O que medeia entre essas duas partes, consta em parte de listas genealógicas ou relações de repatriados, em parte refere as resoluções tomadas na grande assembléia popular, em que foi renovada a aliança com Javé; mas também essa parte pode muito bem fazer parte das notas auto-biográficas de Neemias, que, possivelmente, de propósito evitou qualquer personalismo, para não diminuir a espontaneidade daquelas decisões.

Registros genealógicos e listas de repatriados — Relação dos repatriados que partiram com Zorobabel (Esdr 2, 1-67; cf. Ne 7, 6-69) — Genealogia de Esdras (Esdr 7, 1-5) — Os grupos que integraram a caravana de Esdras (Esdr 8, 1-20). — Homens casados com mulheres alienígenas (Esdr 10, 18-44). — Signatários da renovação da aliança (Ne 10, 1-28).

- Famílias que se estabeleceram em Jerusalém (Ne 11, 3-24).
- Famílias estabelecidas em outras cidades da Judéia (Ne 11, 25-36). — Série de sumos sacerdotes e lista de descendentes da tribo sacerdotal (Ne 12, 1-26).

Da conservação desses registros dependiam os direitos civis dos repatriados e de seus descendentes, o que constitui a melhor garantia de sua exatidão.

O testemunho de documentos extra-bíblicos

Documentos de origem assírio-babilônica apresentam-nos o rei Ciro com as mesmas características que já conhecemos através dos livros Esdras-Neemias: O mesmo liberalismo religioso, a mesma preocupação de deixar à vontade as populações subjugadas e importadas pelos soberanos da antiga Babilônia e, sobretudo, de assegurar-lhes a mais ampla liberdade de cultuarem suas próprias divindades.

Sobretudo uma série de papiros, originários de 4 a 5 séculos a. C. e providencialmente descobertos no início de nosso século, na ilha Elephantina, vieram confirmar de maneira admirável diversos detalhes da história que narram aqueles dois livros canônicos. Na ilha Elephantina, no curso superior do rio Nilo, a mais de 1.100 km. do Mediterrâneo, existia uma guarnição militar composta de judeus e ali estabelecida no séc. VI ou já anteriormente. Entre os documentos ali descobertos figura a minuta ou cópia duma carta, endereçada pelos judeus da Elephantina a seus co-nacionais da Palestina e na qual aqueles se queixam das perseguições de que eram vítimas da parte das autoridades civis e religiosas daquela região. Exarada em língua aramaica, como os documentos inseridos, em seu teor original, nos livros Esdras-Neemias, aquela missiva contém referências a pessoas, que certamente são idênticas às que entram em cena no relato bíblico da restauração da cida-

de e do Templo de Jerusalém. Assim ocorre, por exemplo, o nome de Jehohanam, que é, sem dúvida, o sumo sacerdote Johanan, mencionado em Ne 12, 23; Sin-uballit, governador da Samaria, é, evidentemente, aquêlê Sanballat, implacável adversário de Neemias, mencionado com freqüência nos cap. 3 e 4 de II Esdras.

IV. ORIGEM CARISMÁTICA.

Os livros Esdras-Neemias figuravam nas mais antigas coleções de livros inspirados em uso entre os judeus palestinos e pertencem, assim, aos livros proto-canônicos, a respeito de cuja autoridade canônica nunca surgiu dúvida digna de menção. É exato que nenhum dos dois é expressamente citado nos escritos do Novo Testamento; mas os Santos Padres os aproveitam, sem vacilação, como qualquer outro livro inspirado. Parece ter havido dúvidas, apenas na Escola de Antioquia, onde Teodoro Mopsuesteno não os reconhecia. Entretanto, o Conc. de Laodicéia em 360; S. Inocencio I, na Epístola "Consulenti Tibi", em 405; o Decreto de Gelásio (?) no fim do sec. V, o Concílio Florentino em 1441 e o Concílio Tridentino em 1546 são unânimes em reconhecer a canonicidade dos dois livros de Esdras.

V. VALOR DOUTRINÁRIO.

Os livros Esdras-Neemias dão um testemunho monumental da fidelidade de Deus às suas promessas. Durante séculos, Israel e seus dirigentes, civis e religiosos, com suas constantes infidelidades haviam provocado a indignação de Javé, até que este, finalmente, lhes infligiu um castigo, que levou o povo eleito à beira do aniquilamento e cuja memória se perpetuaria por tôdas as gerações. O Santuario de Javé arrasado, a Cidade Santa devorada pelas chamas, a população dizimada pela fome e pela espada e depois arrastada para

a longínqua Babilônia, sem direitos e sem liberdade. — Que era feito das promessas de grandeza indestrutível, feitas por Deus através de Abraão, Moisés e os profetas? Que era feito do trono sempiterno de Davi? Enquanto essas perguntas torturavam a alma dos exilados, eis que uma viravolta política, como a história não conhece outra mais brusca, desdobra diante de seus olhos os planos divinos. Com uma facilidade e rapidez que quase não se explica sem a interferência dum poder mais alto, Ciro apodera-se do Imperio da Babilônia e torna-se instrumento dócil nas mãos de Javé para a imediata libertação de seu povo. Os livros Esdras-Neemias são, assim, uma justificação histórica dos vaticínios da 2.^a parte de Isaías, onde o vate inspirado canta os triunfos de Ciro, escolhido e ungido por Deus especialmente para tirar Israel do cativeiro.

Mas ao mesmo tempo que enaltece a indefectível fidelidade de Deus, Esdras-Neemias fazem ver claramente, que esta é condicionada à fidelidade do povo no cumprimento de seus compromissos. A aliança com Javé, tantas vêzes traída pelo povo antes do exílio, é renovada. A negligência no culto divino e os abusos que se infiltram na vida social e religiosa, são outros tantos obstáculos que, por assim dizer, frustram os propósitos divinos de cumprir as suas promessas.

Os dois livros apresentam tipos de israelitas ideais, que correspondem plenamente às expectativas de Javé.

Esdras é o modêlo de sacerdote, profundamente versado na Lei, piedoso, infatigável no mister de instruir o povo e zelador apaixonado da glória de Deus.

Neemias é o modêlo do homem público, de corpo e alma dedicado à tarefa de restaurar, material, social e religiosamente, a desventurada nação. Homem de caráter, não se deixa intimidar por seus inimigos, nem cede ao desânimo diante

dos empecilhos, que se lhe acumulam no caminho. Profundamente sensível aos problemas sociais, luta em benefício dos deserdados da fortuna e consegue que os ricos relevem as dívidas de pobres operários. Exemplo de desprendimento, não se aproveita das regalias que lhe oferece seu cargo de governador e não aceita a remuneração a que tem direito. (Ne 5, 14 ss.).

Guiado pelo espírito sobrenatural, a preocupação de ordem religiosa predomina em todos os seus atos. Providencia para que o povo seja bem instruído na Lei, encarregando dê-se mister a Esdras, “scriba eruditus in sermonibus Domini”. Combate também os casamentos mistos, que atraíam a indignação de Deus contra a nação. Interessa-se vivamente pelo culto público e remove zelosamente os obstáculos e abusos, que poderiam torná-lo menos agradável a Deus.

Feliz o povo, que nos momentos difíceis de sua história encontra um guia de tal envergadura!

Em resumo, os livros Esdras-Neemias nos apresentam um povo, que vem da beira da sepultura, dizimado, despojado de todos os bens, coberto de cicatrizes, mas com a confiança revigorada no auxílio e nas promessas divinas. Oxalá todos os povos, vítimas de catástrofes nacionais, se convençam de que é a infidelidade às leis de Deus que aniquila as nações e de que somente o retorno ao Senhor é garantia de salvação e ressurreição.

A P Ê N D I C E

O 3.º e o 4.º livros de Esdras.

Nas edições da Vulgata encontram-se, geralmente, à maneira de apêndice, dois livros intitulados III e IV Esdras.

São livros apócrifos, que nunca gozaram do reconhecimento oficial da Igreja como inspirados. Sem embargo, diversos Santos Padres, gregos e latinos, os citavam ao lado dos livros canônicos.

O 3.^o livro de Esdras, do gênero histórico, resume-se em narrações, que já encontramos nos livros canônicos dos Paralipômenos, Esdras e Neemias. Matéria original contém, somente, os capítulos 3, 1 até 5, 6, que reproduzem uma esquisita discussão de três jovens da guarda real perante o rei Dario.

O 4.^o livro de Esdras pertence ao gênero dos Apocalipses. O núcleo primitivo, que abrange os caps. 3 a 14, refere os colóquios de Esdras com o Altíssimo e com um anjo, e tem por fim esclarecer certos mistérios da Divina Providência. Procura reafervorar a esperança messiânica e prediz a ressurreição geral, quando então os bons terão, finalmente, a sua recompensa e os maus seu castigo.

As partes restantes, no início e no fim do livro, parecem ser aditamentos de origem cristã.

**INTRODUÇÃO AOS LIVROS DE
TOBIAS, JUDITE E ESTER**

INTRODUÇÃO AOS LIVROS DE TOBIAS, JUDITE E ESTER

INTRODUÇÃO

I — O LIVRO DE TOBIAS

II — O LIVRO DE JUDITE

III — O LIVRO DE ESTER

INTRODUÇÃO AOS LIVROS DE TOBIAS, JUDITE E ESTER

Os livros do Antigo Testamento, desde o Gênesis até Esdras-Neemias, narram a história, mais ou menos contínua, do povo eleito até a restauração dos Judeus na Terra Santa (meados do sec. 5.^o a.C.) após o exílio babilônico. Dois outros livros, os dos Macabeus, descrevem os feitos gloriosos de Israel desde 175 a 135 a.C., ficando notável lacuna no fio da história entre Ne (sec. 5.^o) e 1-2 Mac (sec. 2.^o).

Ora, entre Ne e 1 Mac, o cânon sagrado apresenta três opúsculos, ditos de Tobias, Judite e Ester, que, sem preencher a lacuna, referem todavia um ou outro episódio do exílio e do post-exílio. Estes três livros têm suas características comuns: não narram a vida de todo o povo de Deus (como Ne e Mac), mas a história singular seja de uma família (Tob), seja de uma cidade (Jdt), seja dos Judeus residentes na Pérsia (Est); as épocas da história universal a que aludem, não se deixam reconhecer com muita precisão, provavelmente porque os três opúsculos pertencem a um gênero literário próprio e foram escritos com finalidade particular; o texto dos mesmos passou por uma história obscura, o que suscitou questões de crítica textual e canonicidade. E' o que faz que Tob, Jdt e Est constituam um grupo bem definido entre os escritos do Antigo Testamento, e sejam estudados conjuntamente.

TOBIAS, JUDITE, ESTER

Antes do mais, para se penetrar devidamente o seu conteúdo, importa reconstituir o quadro histórico que pressupõem.

O Cenário Histórico

Em 932 a.C., morto Salomão, o povo de Deus se cindia em dois reinos: o do Sul, dito de Judá, que compreendia as tribos de Judá e Benjamim, as quais ficavam fiéis ao descendente de Davi, ao depositário das promessas messiânicas, e tinha por centro a cidade santa de Jerusalém; o do Norte, dito de Samaria (nome da cidade capital), que compreendia as dez outras tribos e era cismático ou rebelde à casa de Davi.

No decurso dos tempos, êstes dois reinos, já em si pequeninos e fracos, se debilitariam cada vez mais por mútuas hostilidades. Além disto, situada entre o Egito (ao Sul) e a Assíria (ao Nordeste), a Palestina tornou-se o contínuo objeto das cobiças destas duas grandes potências. Em tal situação, os reis de Judá e Samaria, visando melhor defender os seus territórios, recorriam a freqüentes alianças com os povos vizinhos, principalmente com um dos dois ditos rivais. Essas alianças acarretavam a introdução em Judá e Samaria de crenças e ritos pagãos, que penetravam não só no simples povo, mas na casta sacerdotal e na côrte de muitos reis. Assim a degradação religiosa e moral da nação escolhida bradava aos Céus, pedindo o castigo, que o Senhor, após muitas admoestações transmitidas pelos Profetas, se dignou finalmente desencadear.

O primeiro a ser punido foi o reino da Samaria. Tendo-se aliado ao Egito, provocou em 724 uma incursão do rei assírio Salmanasar V (727-22), o qual sitiou a capital; após

um cêrco de três anos, esta caía em mãos de Sargom II (722-05), sucessor de Salmanasar. Em conseqüência, o reino israelita do Norte foi incorporado ao Império Assírio, e muitas famílias da Samaria (entre as quais Tobias e os seus) sofreram deportação para a Mesopotâmia.

A hegemonia assíria, porém, devia ceder em breve à revolta de um dos povos a ela assujeitados: os Caldeus ou Babilônios. Em 612, Nabopolassar (625-05) conseguiu tomar a capital da Assíria, Nínive, passando para os Babilônios o domínio na Samaria e na Ásia anterior.

Sob o sucessor de Nabopolassar, o famoso Nabucodonosor (605-562), o reino de Judá devia conhecer, também êle, a sua ruína: pois que êste pequeno país resistia à hegemonia babilônica, procurando aliança com o Egito, Nabucodonosor, em 597 e 586, realizou duas violentas invectivas contra Jerusalém: de cada vez penetrou na Cidade Santa, saqueou o templô, e levou grande número de Judeus cativos para a Babilônia. Após a última incursão, ficava Jerusalém completamente arrasada, e a Judéia reduzida à categoria de província do Império Babilônico; nesta mísera circunscrição habitavam, ao lado de estrangeiros introduzidos pelo vencedor, apenas homens nativos destituídos de cultura e emprenhimento, pois os Judeus mais prestigiosos e esperançosos haviam sido deportados.

O cativeiro do povo israelita estendeu-se de 586 a 538. Tomou fim com a queda do Império Babilônico sob os golpes de Ciro, rei dos Persas: em 539 êste monarca se apoderava de Babilônia, assumindo, para o futuro, a hegemonia na Ásia anterior. Reagindo contra a política babilônica, Ciro, logo no ano seguinte, decretou a libertação dos Judeus, permitindo a volta dêstes para a Terra Santa. Enquanto muitos Israeli-

tas, por conseguinte, regressavam à pátria, não poucos se deixavam ficar nas terras de exílio (Mesopotâmia, Pérsia, Ásia ocidental), onde, à custa de esforços, haviam grangeado posições de prestígio e bem-estar; a partir dessa época, os Judeus haviam mesmo de se espalhar pela Ásia, África setentrional e a Europa, criando suas colônias, numerosas e bem organizadas; seriam ditos “os Judeus da Diáspora” ou Dispersão (a Diáspora da Pérsia é o teatro da história de Ester).

Quanto à Judeia, a vida nacional se restabeleceu com a volta das primeiras caravanas de exilados; a constituição de Israel correspondia ao ideal teocrático. O pequeno Estado autônomo, sob a hegemonia dos Persas, viveu, até as conquistas de Alexandre Magno (334-323 a.C.), dois séculos relativamente tranqüilos, perturbados apenas por uma ou outra incursão de soberanos estrangeiros; é provavelmente uma destas incursões que constitui o fundo histórico do livro de Judite.

Eis, pois, esboçado o cenário geral em que se desenrolaram os episódios particulares de Tobias, Judite e Ester.

I. O LIVRO DE TOBIAS

1. O CONTEÚDO DO LIVRO DE TOBIAS

O opúsculo apresenta um Israelita chamado Tobit, da tribo de Neftali (reino da Samaria), homem piedoso, observante da Lei de Javé em meio à infidelidade e à corrupção grassantes em sua terra. Com sua espôsa Ana e seu filho

TOBIAS, JUDITE, ESTER

Tobias (1), foi, por ocasião da ruína de Samaria, deportado pelos assírios, indo fixar residência em Nínive. No exílio Tobit mantinha-se fiel às tradições religiosas dos antepassados além do que, distinguia-se por obras de misericórdia para com os compatriotas aflitos no cativeiro.

Ora o Senhor permitiu que Tobit caísse cego, justamente quando exercia a beneficência. Nesta desgraça, a espôsa o afetava de injúrias, como se inúteis lhe tivessem sido a piedade e as boas obras; Tobit, porém, firme na fé, tudo suportava com paciência.

Aconteceu que, na mesma época, uma consangüínea de Tobit, denominada Sara, filha de Raguel, exilada em Ecbátana (cidade da Média), veio a sofrer, também ela, grave tribulação: tivera sucessivamente sete maridos, que um demônio chamado Asmodeu, havia feito morrer na noite mesma das núpcias; pelo que, uma das suas servas a caluniava como homicida; Sara porém orava confiante em Deus.

Sobre êste fundo de miséria humana, suportada com paciência e fidelidade, o autor introduz a ação especial da Providência.

Certo dia, Tobit reduzido à pobreza em consequência da sua beneficência e cegueira, julgando-se próximo à morte, mandou ao jovem Tobias fôsse ter com um certo Gabelo em

(1) O texto da Vulgata latina designa pai e filho pelo mesmo nome "Tobias". Mas a tradução latina anterior (dita "Vetus latina" = VL) distingue "Tobis" (pai) e "Tobias" (filho); o texto grego fala de "Tobit" e "Tobias". Muito provavelmente o original hebraico só usava um nome, "Tobiyah" (= Deus é bom) ou, abreviadamente, "Tobi", ao qual os tradutores deram as formas "Tobit (Tobis), Tobias", a fim de distinguir pai e filho.

Rages (na Média), a fim de buscar um dinheiro que o ancião outrora lhe confiara em depósito. Tobias, inexperiente, saiu de casa e logo encontrou um adolescente, o anjo Rafael (= Medicina de Deus), que, sem revelar a sua natureza superior, se ofereceu para conduzi-lo a Rages. O velho pai, a quem Tobias logo apresentou o inesperado companheiro, deu-se por muito contente com a oferta, e confiou seu filho a Rafael. Durante a viagem, o guia persuadiu Tobias de extrair e guardar o coração, fel e fígado de um peixe que o atacava; a seguir, passando êles por Ecbátana, promoveu o casamento de Tobias com Sara, a qual foi libertada do demônio quando Tobias, na primeira noite, a conselho do anjo, queimou o fígado do peixe na câmara nupcial. Durante os quinze dias subseqüentes das núpcias, Rafael, a pedido de Tobias, foi a Rages, voltando com a quantia desejada. Por fim, o anjo reconduziu o jovem casal à casa paterna em Nínive, sendo que, por essa ocasião, Tobias, ainda instruído pelo anjo, curou, com o fel do peixe, os olhos do velho pai. Então, em meio à grande alegria oriunda, Rafael revelou sua natureza angélica e desapareceu.

O livro termina referindo um hino de ação de graças do velho Tobit, assim como o fim de vida abençoado de pai e filho.

Esquemáticamente assim se pode reproduzir o conteúdo de Tob:

- I. A SORTE DE DOIS PIEDOSOS ISRAELITAS: 1, 1-3,17
1. Piedade e provação de Tobit: 1,1- 3, 6
 2. O opróbrio e a oração de Sara: 3,7-17
- II. RAFAEL ENVIADO EM AUXÍLIO: 4,1-12,22
1. A caminho de Ecbátana (a morte do peixe): 4,1- 6-19
 2. Em Ecbátana (núpcias; Rafael vai a Rages): 7,1- 9, 6
 3. O regresso a Nínive (alegre chegada, cura de Tobit): 10,1-12, 22
- EPÍLOGO (cântico, fim de vida de Tobit e Tobias): 13,1-14,15

A finalidade do livrinho é louvar a Providência de Deus. A história de Tobit e Sara bem mostra que o Senhor não abandona os seus servos fiéis, principalmente os que praticam caridade e misericórdia. A Providência pode, sim, prová-los por algum tempo; nunca, porém, os desampara, fazendo mesmo que os males resultem em bem ou recompensa já aqui na terra.

Ademais, o hagiógrafo, no livro de Tobias, apresentava o exemplo da família piedosa, temente a Deus, inculcando desta forma a pureza e santidade da vida conjugal.

Para que nenhuma dúvida fique ao leitor sobre o significado moral dos acontecimentos descritos, o próprio autor por vezes o inculcou explicitamente, referindo longas alocuções exortatórias ou piedosas preces; cf. 3, 1-6; 11-15; 4, 2-23; 12, 6-20.

2. A ÍNDOLE HISTÓRICA DE TOBIAS

Nos últimos tempos muito se tem discutido a questão do gênero literário de Tob, à qual três sentenças se propõem responder:

1) a tradição cristã até Lutero (sec. 16) não duvidava da índole histórica de todo o livro de Tobias; já que o opúsculo se apresenta com foros de história era simplesmente tido como história autêntica;

2) depois de Lutero, não poucos autores caíram no extremo oposto, julgando ser Tob uma narração fictícia cujo valor está unicamente nas conclusões morais insinuadas, e não na descrição de acontecimentos; seria um opúsculo análogo às parábolas do Novo Testamento. As razões em que se

baseia tal sentença, são, de um lado, aparentes erros historiográficos de Tob, de outro lado, a finalidade nitidamente moral, exortatória, que animava o autor; entre aquêles, eis o mais grave: em Tob 1, 18, Senaquerib é dito filho e sucessor de Salmanasar V, enquanto fontes históricas seguras ensinam que o sucessor dêste foi Sargon II, o qual não era filho de Salmanasar.

3) Pois que nenhuma das duas sentenças radicais se sustenta diante das razões expostas abaixo, nos últimos anos propôs-se uma tese intermédia, que goza do máximo de probabilidade: Tob contém um núcleo histórico, desenvolvido, porém, e ornamentado, a fim de servir a um fim didático, moral (1).

Que Tob descreva história autêntica, evidencia-se pelos seguintes indícios:

a) contém muitas indicações genealógicas, geográficas, históricas, que concordam plenamente com o que de outras fontes se sabe;

b) em alguns códigos gregos, o título do opúsculo é “Biblos logoon Tobit” (= livro das palavras de Tobit). Ora esta expressão só se explica satisfatoriamente se se subentende a construção hebraica “sepher debharim”, que é justamente o título de livros históricos hebraicos;

c) a tradição sempre reconheceu como autêntica a história de Tobit.

(1) Cf. A. Miller. *Das Buch Tobias*. Bonn 1940; A. Vaccari, *Biblica* 27 (1946), 139; A. Clamer, *Tobie*, em *Dictionnaire de Théologie catholique*, fasc. CXXI 1161

Não obstante, também há vestígios de que o núcleo histórico de Tob foi ampliado e ornamentado para melhor servir à edificação dos leitores. Tais são, em primeira linha, alguns anacronismos: a história de Tobias se desenrolou sob os reis assírios Salmanasar e sucessores (sec. 8.^o-7.^o a.C.); ora as idéias e práticas religiosas que o opúsculo inculca, não se entenderiam no judaísmo daquela época, pois só foram estimadas pelos Judeus após o exílio: assim a entrega dos dí-zimos aos prosélitos e estrangeiros (1,7); as exortações morais (4, 2-20; 12, 6-13; 14, 6-13) são as da literatura sapiencial post-exílica. Além disto, os capítulos 13-14 supõem a capital assíria, Nínive, já em ruínas, Jerusalém destruída e os Judeus no exílio babilônico, circunstâncias impossíveis na época mesma de Tobias. Êstes anacronismos, pois, insinuam que um autor posterior ao exílio recorria a uma história antiga, adaptando-a aos conceitos de seu tempo.

Adaptada esta tese, alguns problemas exegéticos de Tob se esvanecem por si.

Para se resolverem outras dificuldades historiográficas de Tob, é preciso tomar-se em conta o estado precário em que a nós chegou o texto do opúsculo: algumas questões exegéticas carecem de fundamento sólido no texto sacro. Em particular, no que concerne à sucessão dos reis assírios, pode-se dizer que Tob segue simplesmente 4 Rs 17, 1-6 e 18, 9-13, onde um leitor, à primeira vista, creia que realmente o sucessor de Salmanasar foi Senaquerib.

3. ORIGEM E FORMA ATUAL DO TEXTO DE TOBIAS

Do autor de Tob apenas se pode dizer que foi um Judeu, o qual terá escrito depois do exílio, mais precisamente: por

cêrca do sec. 3/2.^o a.C. (pois supõe em uso algumas práticas que durante o sec. 2.^o foram abolidas entre os Israelitas; cf. 1, 6; 7, 14). É possível que o hagiógrafo tenha utilizado notas deixadas pelo próprio Tobit ou por autores antigos. A distância a que se achava dos acontecimentos, explicará talvez algumas imprecisões cronológicas.

O texto original do livro, aramaico ou, mais provavelmente, hebraico, perdeu-se. Ficaram-nos traduções, das quais a principal é a grega, diversificada em três tipos (LXXa, LXXb, LXXc), mais breves ou mais longos, cujo valor é diversamente estimado pelos exegetas. De XLLb derivou a antiga versão latina (VL), preferível ao texto da Vulgata latina, pois êste foi apressadamente traduzido do original por S. Jerônimo.

O estado atual do texto de Tob torna difícil apreciar qual a forma autêntica do escrito em algumas passagens.

4. O SIGNIFICADO DE TOBIAS

O livro de Tobias não era reconhecido como canônico pelos Judeus palestineses, talvez em virtude da sua origem tardia. A Igreja, porém, o incluiu no cânon sagrado (pelo que é dito deutero-canônico).

Como palavra de Deus inspirada, o livro de Tobias constitui como que o eco antecipado de uma frase do Novo Testamento: “Aos que amam a Deus, tudo coopera para o bem” (Rom 8, 28). No livro de Tobias, o Espírito Santo responde ao problema também agitado no livro de Jó: Por que sofrem os justos, amigos de Deus, como se Êste quisesse punir precisamente os que mais O amam? A cada inocente atribulado repete-se a palavra que pela primeira vez foi dirigida a To-

TOBIAS, JUDITE, ESTER

bit: “Pois que eras agradável a Deus, foi preciso que a tentação te pusesse à prova” (Tob 12, 13). Os justos sofrem, pois, para se tornarem mais justos; não porque Deus os abandona, mas precisamente porque muito os ama.

“Livro do consôlo”, Tob pode também ser dito o “livro dos noivos” (1), pois bem indica quanto Deus se compraz na santidade da vida conjugal e quantas graças dispensa a fim de a promover; cf. 8, 4-10 (2).

Conforme Noeldeke, “a história de Tobias é um dos mais belos monumentos da literatura judaica” (3).

De particular valor literário e doutrinário é o cântico do velho Tobit (14, 2-23), que celebra a Jerusalém restaurada, a qual será o pleno desabrochar da Cidade de Deus atual.

II. O LIVRO DE JUDITE

1. O CONTEÚDO DO LIVRO DE JUDITE

O livro de Judite tem como cenário as conquistas de um rei assírio dito Nabucodonosor, cujo general Holofernes ia avançando pela Ásia anterior. Enquanto os povos vizinhos se

(1) Cf. Staubingen, Tobias. El libro de los novios; M. Schumpp, Das Buch Tobias. Nuemster 1933, XIII: “um espelho dos noivos e da família”.

(2) Renan via no livro de Tobias “l'idylle par excellence de la piété juive et des joies du foyer” (L'Eglise chrétienne 229).

(3) Citado por F. Vigouroux, La Sainte Bible polyglotte III. Paris 1902, 465.

rendiam ao invasor, os Judeus, admoestados pelo grão-sacerdote Joaquim, que temia a profanação da Cidade Santa e do templo de Javé, prepararam-se para resistir, erigindo fortificações, entregando-se à oração e à penitência. Ao saber disto, Aquior, príncipe pagão da terra de Moab aprisionado por Holofernes, aconselhou a êste que não atacasse os Israelitas, pois o Deus de Israel muitas vêzes fizera prodígios para defender seu povo com grande detrimento dos adversários. Holofernes, porém, tendo entregue Aquior aos Judeus, para que perecesse com êles, empreendeu o sítio da cidade israelita de Betúlia. Ora os habitantes desta, privados de água, já se aprestavam a render-se, quando uma viuva, de nome Judite, que vivia retirada em oração e penitência, foi informada do que estava para se dar. Judite reprovou o plano de seus concidadãos e incitou-os à prece e ao jejum, enquanto ela tentaria salvar a sua gente. Revestida, pois, de seus mais preciosos ornamentos, a bela viuva, com uma criada, penetrou no acampamento inimigo, encantando a todos os guardas por sua beleza; vendo-a, Holofernes tomou-se de afeto por ela e fê-la residir em sua própria tenda. Ora, quatro dias depois, Holofernes, em um festim, embriagou-se, e alta noite, tendo-se retirado da tenda os oficiais, Judite, a sós com o general adormecido, não hesitou em decapitá-lo; colocou a cabeça num saco, e voltou para Betúlia. Os Judeus receberam a heroína com viva alegria; estimulados por Judite, logo no dia seguinte empunharam as armas e conseguiram desbaratar o exército assírio. Então Aquior converteu-se ao Deus de Israel, reconhecendo mais uma vez o poder de Javé; Joaquim, o grão-sacerdote, com o povo, pôs-se a louvar Judite, e esta, por sua vez, compôs magnífico cântico de ação de graças ao Senhor, completando seus dias em santa paz.

Esquemáticamente pode-se assim reproduzir o conteúdo de Jdt:

- I. O PERIGO IMINENTE PARA O POVO DE ISRAEL: 1,1-7,32.
1. As vitórias de Nabucodonosor e Holofernes: 1,1- 3,10
 2. Os Judeus preparam-se para resistir: 4, 1-15
 3. Apologia do pagão Aquior em prol do Deus de Israel: 5,1- 6,21
 4. O cerco de Betúlia: 7,1-32
- II. JUDITE, A MULHER FORTE: 8,1-13,20.
1. As virtudes e a prece de Judite: 8,1- 9,14
 2. Judite no acampamento assírio: 10,1-13,20
- III. A VITÓRIA DE ISRAEL: 14,1-16,25.
1. Confusão e fuga dos inimigos; conversão de Aquior: 14,1-15, 7
 2. Júbilo do povo; cântico e fim de vida de Judite: 15,8-16,25

O autor de Jdt propunha-se ao escrever o livrinho, uma finalidade semelhante à de Tob: inculcar a admirável Providência divina, que não abandona os que Lhe ficam fiéis na provação. A incolumidade do povo de Deus toca a honra divina; é mesmo em nome desta que a Cidade de Deus atribulada pode clamar por auxílio; conte com a proteção do Deus dos exércitos desde que não se afaste da Lei do Senhor. Esta tese, que ressoa por todo o livro, o hagiógrafo, com muita ênfase, a coloca até nos lábios de um pagão, Aquior, que se baseia na evidência dos fatos: “Se êste povo é culpado de qualquer iniquidade diante do seu Deus, subamos contra êle, pois o seu Deus certamente to entregará, e serão assujeitados ao jugo do teu poder. Mas, se êste povo não ofendeu o seu Deus, não nos podemos sustentar diante dêle, pois o seu Deus o defenderá, e nos tornaremos objeto de irrisão para tôda a terra” (5, 24 s; cf. 5, 16-19).

Estas afirmações, que o hagiógrafo coloca na bôca de um pagão, denotam igualmente uma finalidade apologética

ou proselítica de Jdt em prol do Deus de Israel junto a leitores pagãos. A vitória de Judite e da sua gente é uma demonstração do poder do verdadeiro Deus sobre os falsos deuses, que os inimigos adoravam; é uma prova da genuinidade da religião de Israel. E' bem sob êste ponto de vista que o autor narra a história: trata-se de um episódio da luta entre o reino de Deus e o reino de Satanás, o que ainda aparece claramente na resposta de Holofernes a Aquior: "Pois que, arvorando-te em profeta, tu nos anuncias que o povo de Israel será defendido por seu Deus, quero mostrar-te que não há deus senão Nabucodonosor" (6, 2).

2. A ÍNDOLE HISTÓRICA DE JUDITE

Muito mais do que Tob, o livro de Jdt oferece graves dificuldades à crítica histórica:

Apresenta Nabucodonosor, o conhecido rei da Babilônia (605-562), como rei dos Assírios que reina em Nínive, a qual fôra destruída já em 612. A esta mesma época atribui a volta dos Judeus do exílio babilônico (538-458), a reconstrução do templo e do altar em Jerusalém (cf. 4, 3. 9s; 9, 11. 18; 15, 5s. 9s; 16, 22ss). Ainda outros dados, históricos e geográficos de Jdt deixam-se difficilmente conciliar com os documentos profanos.

Muitas foram as sentenças propostas para explicar tais divergências:

1) Há os que negam absolutamente a historicidade de Jdt, e julgam que a narrativa não passa de uma composição fictícia, a qual nada quer ensinar dos feitos pretéritos; teria,

conforme uns, finalidade moral, ou, segundo Grócio (1), escatológica, isto é, sob figuras simbólicas, o hagiógrafo teria descrito o frustrado assalto do Anticristo contra o reino de Deus no fim dos tempos; eis como na teoria de Grócio, se deveriam interpretar os símbolos:

Judite ("Yehudith", a Judia) significa o povo judaico; Betúlia ("Beth-El", casa de Deus), o templo; Nabucodonosor, o rei por excelência inimigo do povo de Deus, simbolizaria Satanás; a Assíria, o reino do maligno; Holofernes, um dos agentes do príncipe das trevas.

Este primeiro grupo de sentenças carece de probabilidade se se ponderam as razões abaixo.

2) Outros autores afirmam haver em Jdt, como em Tob, um núcleo histórico livremente ornamentado, adaptado a uma finalidade moral. (2). Eis como argumentam: Que em Jdt haja um núcleo histórico, deduz-se das numerosas indicações históricas, geográficas, arqueológicas, que o autor apresenta com a intenção evidente de descrever um fato autêntico (notem-se principalmente os capítulos 1-3, que só tratam de história profana e, na intenção do hagiógrafo, querem reconstituir a moldura, histórica e geográfica, do episódio de Judite). Além disto, a tradição, judaica e cristã, sempre considerou a história de Judite como real: os Judeus liam-na anualmente na festa comemorativa da Dedicção do templo, o que mostra que criam na veracidade da mesma, pois não agradeceriam a Deus por um feito legendário.

(1) *Opera omnia theologica* 3 in-f°, Amsterdam 1679. I 578.

(2) Da pg. 9: Cf. A. Miller, *Das Buch Judith*. Bonn 1940, A. Vaccari, *Biblica* 27 (1946), 139.

rio; ademais, Jdt 16, 31 menciona uma festa instituída em memória do gesto de Judite.

Todavia, já que o hagiógrafo não intencionava descrever a história por causa da história, mas, sim, para servir a um fim religioso e moral, compreende-se que tenha dado pouca atenção a particulares geográficos, cronológicos, etc., que no opúsculo eram meramente periféricos; talvez tenha mesmo fundido num só todo cenário e idéias de épocas diversas, a fim de inculcar com mais solenidade a tese moral — À luz desta interpretação, o nome de Nabucodonosor, por exemplo, que constitui uma das mais graves dificuldades exegéticas de Jdt, designaria não o famoso rei da Babilônia, mas seria um tipo, o tipo do rei ímpio, hostil ao povo de Deus em qualquer tempo. Tal liberdade literária admite-se bem no gênero histórico mitigado, pragmático-parenético (em que a finalidade moral predomina sobre a histórica) (1). — Esta sentença é a que mais se impõe na solução do nosso problema.

Ao procurar repor o núcleo histórico de Jdt no seu verdadeiro cenário, os exegetas divergem muito entre si. E' bem provável que o fato se tenha dado em 351 a.C., quando o rei da Pérsia Artaxerxes III Oco (358-337) moveu uma expedição contra os povos rebeldes da Ásia anterior e do Egito; o soberano persa teria finalmente vencido os Judeus, como o dão a entender outras fontes históricas, mas somente após o golpe sofrido em Betúlia.

(1) Ademais, muitos problemas exegéticos de Jdt, como de Tob, carecem de sólido fundamento, dado o atual estado, deficiente, do texto de Jdt.

3. ORIGEM E FORMA ATUAL DO TEXTO DE JUDITE

Nada se pode dizer de preciso sobre o autor e a época da redação de Jdt. Um judeu terá escrito a obra, pelo sec. 4/3.^o a.C., pois o livro refere idéias e costumes do Judaísmo tardio (tais como a estima da viuvez, a tendência ao proselitismo na conversão de Aquior). O texto original, hebraico ou aramaico, perdeu-se, ficando-nos apenas traduções: a grega, em três tipos distintos; a latina, em dois tipos: o anterior a S. Jerônimo (VL), derivado do grego; o de S. Jerônimo (Vulgata), que refere mais o sentido geral do que as palavras do original; a siríaca, derivada também do texto grego.

Dado este estado de coisas, entende-se que seja difícil reconstituir o teor original de algumas passagens de Jdt.

4. O SIGNIFICADO DE JUDITE

Como Tob, também Jdt é livro deuterocanônico, provavelmente por sua origem tardia. Era muito estimado, porém, pelos Judeus, os quais o liam publicamente na comemoração anual da dedicação do templo instituída por Judas Macabeu em 164 a.C.

Aos católicos o livro de Judite é caro a mais de um título: não somente celebra e inculca a admirável Providência divina, estimulando a confiança na mesma, mas ainda propõe a figura da mulher exemplar: insigne por sua castidade e piedade, Judite foi revestida de poder extraordinário para conseguir o que as armas humanas não alcançavam. Esta idéia da mulher forte da força de Deus se realiza na mulher cristã melhor do que no Antigo Testamento; realizou-se por excelência na Virgem Santíssima, que, pelos méritos de Cristo,

obteve vitória cabal sobre o inimigo do gênero humano e introduziu a salvação na Cidade de Deus. E' o que faz que Jdt seja freqüentemente lido na liturgia mariana.

De particular beleza são os episódios seguintes: 9, 2-19 (oração de Judite); 10, 1-5 (a figura de Judite, cuja beleza moral resplandecia no físico); 12, 10-13, 11 (decapitação de Holofernes); 13, 22-26; 15, 9-12 (louvor de Judite); 16, 2-21 (ação de graças de Judite).

O feito glorioso de Judite, pela crueldade e pelos artifícios com que foi realizado, tem parecido a alguns leitores antes digno de crítica do que de louvor. O gesto, porém, não pode ser devidamente apreciado senão quando visto como um episódio da luta entre o reino de Deus e os adversários dêste: Judite e seu povo representavam a Cidade de Deus assaltada pelos pagãos, cultores dos ídolos, instrumentos de Satanás; ora nesta luta não há compatibilidade possível. E' o que faz que Judite tenha envidado todos os esforços para abater o inimigo como que sob a inspiração e o impulso do próprio Deus, ou seja, depois de ter jejuado e orado ao Senhor (cf. 9, 2-19; 13, 6-9); conforme 10, 4, foi o próprio Deus quem deu beleza à face de Judite. Se, pois, o Senhor mesmo quis dar iniciativa e sucesso ao feito da heroína, neste nada pode haver de repreensível ou escandaloso, de mais a mais que Judite não lançou mão de nenhum meio em si ilícito; aquilo que a mente humana não entende neste episódio, entregue-o ao justo juízo de Deus, poi o feito pertence ao mistério oculto pelo qual a Providência dispensa graças e salvação no decurso da história.

III. O LIVRO DE ESTER

1. O CONTEÚDO DO LIVRO DE ESTER

Assim como Jdt, o livro de Ester descreve a história de uma Israelita que, benemérita por sua castidade e piedade, mereceu ser instrumento de bênção e libertação para o povo de Deus.

Terminado o exílio babilônico, residia em Susa, capital da Pérsia, um Israelita chamado Mardoqueu, que conseguira tornar-se ilustre e prestigioso na corte do rei Assuero. Ora Assuero certa vez deu grande banquete a nobres e plebeus do país, por ocasião do qual a rainha Vasti, tendo-se recusado a comparecer em público, foi repudiada pelo rei. Este, então, desejoso de uma concubina, mandou vir de todo o país jovens que lhe pudessem agradar; entre estas, foi chamada à corte uma virgem israelita, de nome Ester (1), sobrinha órfã que Mardoqueu educara como filha; entregando-a o tio muito lhe recomendou que não revelasse a sua origem nacional, admoestação que a jovem havia de observar fielmente. Dentre as diversas virgens apresentadas a Assuero, Ester, por sua beleza, mereceu ser assumida no lugar de rainha.

A seguir, aconteceu que Mardoqueu descobriu a conspiração de dois oficiais contra a vida do rei; denunciou-os, e foi inscrito nos Anais do reino como benemérito. Mardoqueu, porém, fiel às suas tradições religiosas, recusava-se a dobrar

(1) Nome provavelmente derivado de "stâra" = astro, estrela, em língua persa.

o joelho diante de Amã, primeiro ministro de Assuero. Irritado, então, por êste proceder, Amã obteve do rei um decreto que mandava exterminar todos os Judeus residentes na Pérsia no fim do ano corrente, tendo sido a data de 13 de Adar último mês do ano fixada por sorteio.

À vista do grande perigo, Mardoqueu mandou pedir à rainha Ester, intercedesse junto a Deus e ao rei pela salvação do seu povo condenado. A jovem prometeu fazê-lo, arriscando-se mesmo a incorrer na ira de Assuero e perder a vida. Por conseguinte, após terem, ela e os Judeus da Pérsia, orado e jejuado durante três dias, Ester convidou o rei e Amã para cearem consigo; terminada a ceia muito amigavelmente, a rainha renovou o convite para a noite seguinte. Muito importante, por disposição da Providência, seria o intervalo entre os dois serões: Amã, regressando aos seus aposentos após a ceia, encontrou mais uma vez Mardoqueu, que não lhe dobrou o joelho; pelo que, imediatamente, mandou preparar alta trave, à qual o judeu devia ser suspenso na manhã seguinte; do seu lado, o rei, acometido de insônia, mandou que lhe lessem algo dos seus Anais; por êstes, recordou-se de que Mardoqueu, denunciando a conspiração de dois oficiais, lhe salvara a vida; e ordenou logo na manhã seguinte que Amã, como primeiro ministro, deferisse honras públicas ao judeu, ordem que Amã executou devidamente, embora contradissem por completo aos seus planos.

No serão seguinte, então, tendo os acontecimentos tomado um aspecto tão favorável, Ester valeu-se da oportunidade e manifestou ao rei a dor que lhe causava a sorte de seu povo condenado por ação de Amã. Isto foi suficiente para que Assuero, sem demora, mandasse suspender o primeiro ministro na mesma trave que preparara para Mardoqueu; a

seguir, o rei não somente abrogava o decreto de extermínio dos Judeus, mas ainda concedia a êstes a faculdade de se vingar de todos os opressores no dia 13 de Adar, sorteado para a sua morte.

Em consequência os Judeus se alegraram profundamente e, na data marcada produziram grande morticínio entre os Persas. Em memória d'este feito glorioso, Mardoqueu mandou instituir no povo eleito a festa anual de Purim (1). E para o futuro Assuero continuou a reinar feliz, tendo Ester como rainha e Mardoqueu como primeiro ministro muito estimado por toda a população do reino.

Eis, em suma, a história de Ester como é descrita pelo original hebraico. A forma grega do texto (LXX) apresenta a mais seis fragmentos, que integram a narrativa e que a Igreja reconheceu como canônicos (S. Jerônimo agrupou-os nos capítulos 10, 4-16, 24 da edição Vulgata). Tomando-se a êstes fragmentos em consideração, o livro de Ester assim se deixa dividir:

I. PARTE INTRODUTÓRIA: 1, 1-2,23-|-11,2-12,6^a

1. Prelúdio: o sonho de Mardoqueu: 11, 2-12
2. A rainha Vasti é repudiada: 1, 1-22
3. Ester assumida em lugar de Vasti: 2, 1-20
4. Mardoqueu denuncia a conspiração: 2,21-23-|-12, 1-6^a
- II. A CONSPIRAÇÃO CONTRA OS JUDEUS: 3,1-6,13-|-12,6b-15, 19
1. Amã ofendido obtém o decreto de extermínio: 3, 1-15
2. Mardoqueu e Ester procuram salvar os Judeus: 4, 1-5, 8-|-
-|-13, 8-15, 19
3. A humilhação de Amã 5, 9- 6, 13

(1) Esta palavra, que parece derivada do persa, significaria "sortes". A história de Ester foi, sim, condicionada pelas sortes, que a Providência dirigiu com estupenda sabedoria.

TOBIAS, JUDITE, ESTER

III. A VITÓRIA DOS JUDEUS: 6,14-9,32-|-16,1-24

1. Condenação de Amã: 6,14- 7,10
2. O decreto em favor dos Judeus: 8, 1-17-|-16, 1-24
3. O extermínio dos inimigos dos Judeus: 9, 1-32

IV. CONCLUSÃO: 10,1-3-|-10,4-11,1.

O autor de Est, como os de Tob e Jdt, evidentemente intencionava preencher u'a missão religiosa junto aos leitores. Depois do exílio, os Israelitas viveram longos períodos sob o domínio, mais ou menos direto, de nações estrangeiras (Persas, Gregos, Egípcios, Sírios, Romanos). Ao povo de Deus, que se achava sob tal opressão, o livro de Ester ia oportunamente ao encontro: narrando a maravilhosa intervenção de Javé em prol da nação eleita, prestava-se a avivar-lhe a consciência teocrática e excitar as antigas esperanças de um reino glorioso messiânico prometido aos Patriarcas e reis dos tempos áureos (a oportunidade do livro se entenderá de modo particular, admitido que tenha sido escrito no tempo dos Macabeus; cf. abaixo).

2. O GÊNERO LITERÁRIO DE ESTER

Hoje admite-se que Est, como Tob e Jdt, pertence ao gênero literário histórico pragmático-parenético ou que é uma parenese (exortação) a fundo histórico: descreve um fato histórico devidamente ornamentado para servir a uma finalidade religiosa e moral (1).

A fidelidade histórica em Est aparece muito mais claramente que em Tob e Jdt, pois os hagiógrafos se referem expli-

(1) Cf. J. Schildenberger, *Das Buch Esther*. Bonn 1941.

citamente aos Anais dos reis persas (2, 23; 10, 2); as circunstâncias da vida na côrte, assim como as da administração do reino persa, que descreve, correspondem bem ao que por outros escritores se sabe (luxo, esplendor do rei e das concubinas; nomes persas, redação dos decretos em línguas diversas, que correspondiam aos diversos povos subjugados); além do que, sabe-se que a festa de Purim foi realmente celebrada pelos Judeus posteriores (cf. 2 Mac 15, 36: “dia de Mardoqueu”). Suposto o fato histórico, o rei Assuero, conforme os melhores exegetas, deve ser, por uma transcrição de letras bem plausível, identificado com Xerxes I (485-65): *khsajarsa* em persa, *akhsijarsu* em babilônico explicariam respectivamente as formas *Xerxes* e *Assuero*. O que Heródoto refere a respeito dêste rei, parece estar contido em algumas alusões de Est.

Admite-se, porém, que o hagiógrafo, ao escrever a verdadeira história, lhe tenha acrescentado um ou outro particular que mais pusesse em realce o portento dos acontecimentos e a conseqüente lição religiosa moral. Isto é insinuado tanto pela tendência nitidamente catequética e apologética do livro como pelo silêncio dos autores profanos sôbre acontecimento que tão vasta repercussão teria tido no reino persa; por exemplo, já que êstes não mencionam nenhuma rainha da Pérsia chamada Ester, infere-se que a heroína israelita, assim como a repudiada Vasti, tenha sido uma das concubinas prediletas de Xerxes I, o qual teve sempre como espôsa-rainha, de sangue régio, Amestre, de que falam as fontes históricas profanas.

Ainda sob o ponto de vista literário, é de notar a composição extremamente artificiosa e atraente do livro de Ester, o qual, a êste título, deve ser tido como uma obra-prima da

TOBIAS, JUDITE, ESTER

literatura judaica: algumas antíteses perpassam e dominam todo o livro, dando-lhe um carácter dramático de admirável beleza:

a) 2 donzelas, concubinas do rei	{	Vasti, pagã, repudiada Ester, israelita, exaltada
b) 2 varões, ministros do rei	{	Amã, Medo, exaltado, depois condenado à morte e executado Mardoqueu, Israelita, desprezado, condenado à morte, mas exaltado por fim
c) 2 decretos régios	{ contra os Judeus em favor dos Judeus	{ promulgados em análogas circunstâncias: 8,12-15; 8,9-14
d) 2 banquetes oferecidos por Ester ao rei e a Amã	{	para Amã, enquadram a descida da Suma exaltação (6,9-14) para a humilhação e a morte (7,3-10) para Mardoqueu... a subida da sentença de morte (5,14) à glória máxima (6,11; 8,2).
e) Os Judeus	{	repudiados ao extremo tornam-se progressivamente estimados ao extremo por indústria de uma donzela
f) um sonho profético	{	no início do livro: é proposto não, porém, explicado (11, 2-12) no corpo do livro: é cumprido no fim do livro: é explicado (10,4-13).

Como se vê, o talento do hagiógrafo soube elegantemente dispor os dados da história, a fim de fazer sobressair ao máximo o carácter trágico do episódio, certa ironia para

com os adversários do povo de Deus, segurança e confiança quanto à sorte de Israel. Conforme alguns comentadores, tanta beleza literária se deveria mesmo a alguns retoques trazidos pela tradição judaica e pelo próprio hagiógrafo à história, os quais intencionavam pôr mais ainda em foco a lição moral do episódio de Ester; tais retoques estariam perfeitamente dentro das normas do gênero literário adotado pelo hagiógrafo.

3. ORIGEM E FORMA ATUAL DO TEXTO DE ESTER

Assaz obscura é a história do texto de Est

Chegou a nós sob as seguintes formas:

1) texto hebraico, original, até hoje bem conservado; compreende apenas os dez primeiros capítulos até 10, 3 da Vg. Esta recensão breve é a única que os Judeus Palestinen-ses reconheceram como canônica (é, por isto, dita protocanônica). Tem suas características: nunca refere o nome de Javé, nem explícito nem, como 1 Mac, circunscrito, de outro lado, muitas vezes nomeia o rei da Pérsia e alude ao seu reino. Silencia as orações, os sentimentos de penitência e humildade do povo aflito; deixa de salientar explicitamente a ação da Providência divina, Providência que os demais livros históricos do A.T. muito se empenham em realçar. Por conseguinte, mostra-se de uma religiosidade relativamente sóbria, que tanto mais deixa transparecer o que se diria o sentimento nacional judaico (1);

(1) Note-se, porém, que o genuíno sentimento nacional dos Judeus nunca podia deixar de ser religioso, já que Israel era "teocracia"; toda a história judaica foi sempre história religiosa, embora não sempre explicitamente apresentada sob este aspecto.

2) texto grego, do qual há duas recensões: uma, chamada “vulgar”, tradução feita por Lisímaco em cêrca de 50 a.C. (cf. Est 11, 1); outra, dita de Luciano;

3) texto latino, de que também há dois tipos: a “Vetus Latina”, tradução derivada do grego; a Vulgata, tradução feita do hebraico (e do grego, em apêndice) por S. Jerônimo, mais conforme o sentido do que conforme a letra.

As traduções oferecem a particularidade de serem mais longas que o original hebraico; contêm, a saber, os fragmentos que S. Jerônimo agrupou nos capítulos 10, 3-16, 24 da Vulgata. Estes fragmentos foram pela Igreja reconhecidos como inspirados e pertencem ao corpo do livro, constituindo as partes ditas deuteroacanônicas de Est. A índole dêste apêndice é diversa da do texto hebraico: é penetrado de religiosidade fêrvida, que muitas vêzes refere o nome de Javé, exalta a Providência divina, a penitência, a humildade, e reproduz diversas orações dos Judeus atribulados.

Pergunta-se, pois: como explicar êste atual estado do texto de Est?

Muitas têm sido as sentenças propostas. Os autores têm investigado, principalmente, se os fragmentos gregos pertencem à forma original do livro e são, por conseguinte, uma tradução do hebraico ou se, ao contrário, constituem acréscimos posteriores, imediatamente redigidos em grego. Em favor da primeira sentença aduz-se o argumento de que, sem os fragmentos deuteroacanônicos, Est teria índole pouco religiosa, demasiado nacional, aparentemente profana, além do que, a língua grega dêses textos apresenta muitos hebraismos; em favor da outra sentença, porém, está o silêncio absoluto dos códigos hebraicos sôbre as partes deuteroacanônicas.

Em suma, eis, de tôdas as teorias, a que mais verossimilhança possuí (1):

Depois do exílio, muito provavelmente no tempo dos Macabeus (sec. 2.^o a.C.), quando os Israelitas deviam lutar pela liberdade religiosa e nacional, um judeu na Palestina escreveu em hebraico a história heróica de Ester tal como se acha na parte protocanônica do livro; para isto serviu-se de memórias deixadas por Mardoqueu e dos Anais dos reis da Pérsia (o que explica a menção de muitos pormenores da vida da côrte e da história em geral). Já que se dirigia a um círculo de leitores judeus o escrito recebeu um cunho acentuadamente nacional (o qual porém, não podia deixar de ser religioso e visar uma finalidade religiosa!). Mais tarde, por volta do ano 100 a.C., o livro de Ester foi levado para o Egito e traduzido para o grego, a fim de servir também aos Judeus da Diáspora; o tradutor e aquêles que, a seguir, retocaram a tradução (entre os quais há, em cêrca de 50 a.C., um certo Lisímaco; cf. Est 11, 1), gozando do carisma da inspiração, como o autor hebraico, adaptaram o livro ao novo ambiente: pois que os Judeus da Diáspora dependiam da benevolência de governos estrangeiros, os tradutores gregos, acrescentando ao livro de Est novas partes, deram-lhe forma muito mais religiosa, menos nacional (pois não há dúvida de que a história de Ester, com seu aspecto de bravura nacionalista, era bem apta a excitar o ódio dos pagãos contra os Judeus). Assim ter-se-iam originado, além da recensão breve hebraica, as diversas formas gregas, mais longas, do livro de Ester, reconhecidas apenas pelos Judeus da Diáspora, para quem foram escritas, e pela Igreja Católica.

(1) Cf. Schildenberger, obra citada.

4. O SIGNIFICADO DE ESTER

Ditado pelo Espírito Santo com um fim religioso, o livro de Ester conserva seu valor para os leitores cristãos; antes mesmo, recebe novo significado à luz do Novo Testamento. Como Jdt, Est não descreve apenas um feito de heroísmo judaico, mas um episódio da luta do povo messiânico contra os adversários do reino de Deus. Por conseguinte, assim como a história de Ester era significativa aos Judeus contemporâneos de Ester (sec. 5.^o a.C.) como ela o foi aos Judeus Palestinos posteriormente, no tempo dos Macabeus (sec. 2.^o a C.), tempo de sua redação, como o foi ainda aos Israelitas da Diáspora no sec. 1.^o, época de sua tradução para o grego, assim (ou muito mais) também hoje ela é significativa para o “verdadeiro Israel” (cf. Rom 9, 6), o povo cristão: constitui na luta contra os inimigos do reino de Cristo, u’a mensagem à confiança inabalável em Deus.

Em particular, um autor da tradição, o bem-aventurado Abade Ruperto de Deutz († 1135), viu nas relações de Mardoqueu e Amã um esboço do feito redentor de Cristo: Amã, o inimigo do povo de Deus, preparou o patíbulo a Mardoqueu, o defensor dos fiéis; este porém, por sábia disposição de Deus, escapou à morte e triunfou sobre Amã o qual pereceu no seu próprio patíbulo. Assim o demônio, preparando a cruz de Cristo, foi por esta e nesta vencido, na hora mesma em que julgava triunfar.

Ainda sob outro ponto de vista o bem-aventurado Ruperto relaciona a história de Ester com a do Messias. Outra, recorda, o povo de Deus foi vítima das crueldades que sobre ele lançou Amã, o inimigo pagão; pelas sortes este fixou o dia do extermínio da gente eleita. Ora era justamente dessa

gente condenada à morte que o Messias Jesus devia tomar carne humana; pela fé e pela esperança, já no tempo de Ester, o Messias vivia no coração daquele povo, como a criança no seio de sua mãe. Assim se entende muito bem, de um lado, que também sobre o Messias Jesus tenham os inimigos pagãos lançado as sortes (cf Sl 21, 19: "Lançaram as sortes sobre a minha túnica"); o que os inimigos fizeram contra Jesus pelas sortes, não era senão a repetição, com sentido mais pleno, daquilo que haviam feito em figura sobre a carne ou sobre a gente do Messias no tempo de Ester. De outro lado, entende-se também que as sortes lançadas sobre a carne do Messias no tempo de Ester tenham sido frustradas, vãs, pois frustradas haviam de ser as sortes lançadas sobre o próprio Messias. Este triunfou sempre de todos os que sortearam o destino, quer da sua gente, quer das suas vestes, quer da sua pessoa (1).

Muito acertada e profunda é esta perspectiva que associa numa só visão o povo do Messias e o próprio Messias, e procura entender os acontecimentos da história judaica à luz do mistério do Verbo Encarnado, do reino messiânico; o que se dava no povo de Deus, tinha, muitas vezes, a função de anunciar, qual eco antecipado ou figura simbólica, o que se daria na plenitude dos tempos na pessoa mesma do Messias.

Considerada à luz messiânica, como tipo da luta entre o reino de Deus e os poderes pagãos, satânicos, a história de Ester perde, como a de Judite, o caráter aparentemente escandaloso que teria se fôsse fruto de paixão humana, mero nacionalismo.

(1) De victoria Verbi dei 8, 3 PL 169, 1381. 1386.

**INTRODUÇÃO AOS LIVROS DOS
MACABEUS**

INTRODUÇÃO AOS LIVROS DOS MACABEUS

1. O âmbito da história dos Macabeus
2. O conteúdo dos livros dos Macabeus
3. A origem dos livros dos Macabeus
4. A autoridade dos livros dos Macabeus

APÊNDICE

INTRODUÇÃO AOS LIVROS DOS MACABEUS

No catálogo do Antigo Testamento, ocupam o último lugar os dois livros ditos dos Macabeus. São escritos que referem parte da história do povo de Deus desenrolada no século 2.^o antes de Cristo; pelo que, para se adquirir a compreensão do seu conteúdo, é mister, antes do mais, reconstituir o âmbito da era dos Macabeus.

1. O ÂMBITO DA HISTÓRIA DOS MACABEUS

As conquistas do imperador Alexandre Magno da Macedônia (336-323) inauguraram nova época na história universal. Enquanto derrubava fronteiras geográficas, o Vencedor, a fim de consolidar as vitórias, procurava promover a fusão das ideologias tradicionais dos povos assujeitados; em vista disto, fundava na Ásia e no Egito colônias gregas, cidades de costumes europeus, fomentava uniões matrimoniais, etc. Em consequência, foi-se formando uma cultura comum às diversas terras, dita *helenística*. Esta não podia deixar de ser eclética: assumindo elementos da religião, da filosofia, da literatura, da arte, de cada povo, amalgamou-os num conjunto um tanto desconexo e superficial; refletia uma mentalidade decadente: em matéria de religião, propalava o

indifferentismo, o ceticismo e o culto dos reis; na prática, era materialista e frívola, dada aos prazeres dos ginásios atléticos, teatros, etc. (1).

O vasto império político de Alexandre Magno não se pôde manter após a morte prematura dêste chefe (323). Os seus generais o dividiram entre si: depois de uma primeira distribuição pacífica, alterada por guerras de sucessão, Ptolemeu I Lago (323-283) passou a governar o Egito, enquanto Seleuco I Nicator (312-280) se estabeleceu na Síria. A Palestina, porção do império de Alexandre, situada entre os dois centros rivais, seria, nos séculos seguintes, o contínuo objeto das cobiças imperialistas dos Ptolemeus (ou Lágidas) e dos Selêucidas.

Caiu primeiramente sob a adição de Ptolemeu I e seus sucessores. Êstes, em geral, contentaram-se com o pagamento de tributos; tratavam benignamente os judeus, promoviam, mediante a concessão de favores, a emigração dos mesmos para o Egito, onde permitiam que instalassem suas colônias numerosas e bem organizadas; reciprocamente, os helenistas do Egito emigravam para a Palestina, seja a título de mercadores, seja a título de proprietários. Dêstes contatos múltiplos com o estrangeiro não resultava constrangimento religioso para os Judeus, cuja liberdade de culto era reconhecida. Tal situação, porém, não podia deixar de suscitar entre os Israelitas uma corrente de simpatia, espontânea e cada vez mais viva, para com os Egípcios e a cultura helenística pagã: de um lado, os emigrantes voltavam para a Palestina entusiastas propagandistas das idéias estrangeiras;

(1) Tal mentalidade é descrita com clareza em 1 Mac 1, 11-15; 2 Mac 4, 7-20; Sab 2, 1-24.

de outro lado, os ricos senhores que se introduziam na Palestina, erigiam aí seus ginásios e teatros, centros donde se difundia a corrupção de idéias e costumes.

Tal estado de coisas se prolongou até 200 ou 198, data em que Antíoco III Magno (223-187), vencendo os Egípcios, obteve o domínio sôbre a Palestina; com isto abria-se nova fase na história do povo de Deus.

Antíoco III ainda se mostrou benévolo para com os Israelitas, a quem outorgou novos privilégios. O mesmo fez seu sucessor Seleuco IV Filopator (187-175), o qual custeava despesas dos sacrifícios no templo de Jerusalém; todavia, no fim de seu reinado, oprimido por necessidades financeiras, tentou despojar, por um de seus ministros, o templo jerosolimitano das notáveis riquezas, que aí se achavam depositadas. A tentativa, porém, foi frustrada por uma intervenção milagrosa de Javé em favor de seu povo. É com êste episódio (176 a. C.), que começa o período de história descrito pelos livros dos Macabeus (cf. 2 Mac 3, 1-40).

A Seleuco IV sucedeu Antíoco IV (175-163), dito Epífanês (= Ilustre, Deus manifestado) ou, posteriormente, o que é muito significativo, “Epímanes” (= Maníaco, Louco). Êste soberano, dotado de grande habilidade, compreendeu, como Alexandre Magno, que o seu domínio político só estaria seguro mediante a fusão ideológica e cultural dos povos assujeitados: empreendeu, pois, destruir o particularismo dos Judeus, quanto à religião e à moral, implantando na Terra Santa os cultos e os costumes pagãos. Para conseguir isto, podia contar, sem dúvida, com a cooperação dos numerosos helenistas Judeus que viviam na Palestina; a ação dêstes e os empreendimentos sangrentos de Antíoco IV provocariam a reação heróica dos fiéis Israelitas. Êstes, para o futuro, seriam ditos “Assideus” (= Piedosos) (cf. 1 Mac 2, 42),

os quais, apegando-se cada vez mais à Lei e às tradições nacionais, chegariam à intransigência e hipocrisia dos chamados “Fariseus” (= Separados, a saber, dos Impios); os Judeus simpáticos ao helenismo, por seu lado, constituíram uma facção que os livros dos Macabeus denominam “os Iníquos” ou “os Pecadores” (cf. 1 Mac 1, 12; 1, 36; 2, 44; 6, 21; 7, 5. 9), e que mais tarde foi dita “dos Saduceus” (nome de origem e significação incertas).

Por conseguinte, depois de algumas tentativas de helenização da Judéia, que contavam com a conivência dos Sumos Sacerdotes Jasão (1) e Menelau, Antíoco IV resolveu impor com violência a cultura e os costumes pagãos: em 168, o rei sírio, julgando-se atraído pelo próprio partido helenista de Jerusalém, quis furiosamente punir o povo da Judéia; entrou na Cidade Santa, que mandou saquear sangrentamente, massacrando ou deportando como escravos muitos judeus adversários; além disto, penetrou no templo, donde retirou objetos preciosos, com os quais regressou para a sua cidade de Antioquia. Mais de um ano depois, continuava a campanha, mandando a Jerusalém o general Apolônio à frente de um exército; este apoderou-se da cidade, renovando crimes e sacrilégios anteriores; imediatamente teve início a perseguição religiosa sistemática: no templo erigiu-se a “abominação da desolação” (1 Mac 1, 57: uma abominação que era a desolação ou a ruína do templo; provavelmente a estátua de Júpiter Olímpio representado sob os traços do rei Antíoco); proibiu-se o culto no santuário, a observância do sábado, a circuncisão; os livros da Lei mosaica deviam ser destruídos, e, sob pena de morte, prescreviam-se sacrifícios pagãos. Estas

(1) Forma grega do nome hebraico Jesus, assumida para dissimular a origem israelita do sujeito e seguir a “moda helenista”.

determinações, enquanto, de um lado, obtinham a adesão de muitos Judeus apóstatas, de outro lado motivavam a fuga dos “Piedosos” das cidades para as estepes da Palestina; nestas encontravam a segurança que os centros urbanos, ocupados pelos Sírios, não lhes podiam oferecer.

Os Judeus fiéis dispersos pelas terras desabitadas a princípio não ofereceram senão resistência passiva aos perseguidores. A resistência, porém, tornou-se ativa e poderosa no dia em que os indivíduos isolados se agruparam e organizaram em torno de um chefe. Tal chefe foi um ancião vigoroso e entusiasta, chamado Matatias (= Matias, dom de Deus), da família sacerdotal descendente de Asmonéia (donde o nome de “Asmoneus” que foi dado a tôda a estirpe); tinha cinco filhos, herdeiros das nobres qualidades do pai: João, Simão, Judas dito o “Macabeu” (1), Eleázaro e Jônatas. Matatias, depois de ter lançado o brado de revolta, tomou parte nas primeiras escaramuças. Em breve, porém, morreu (166/5), confiando a prossecução da guerra de liberdade a seus dois filhos Simão e Judas; enquanto o primeiro se encarregaria de administração e política, o segundo seria o chefe militar, notável por seu genuíno amor às tradições dos pais assim como por seus feitos bélicos.

Nas guerras macabaicas, os Israelitas passaram por episódios bem difíceis; obtiveram, porém, retumbantes vi-

(1) O nome “Macabeu” foi posteriormente aplicado aos quatro irmãos de Judas, mesmo a todos os Judeus que resistiram ao helenismo (daí falar-se dos “livros dos Macabeus” e dos 7 irmãos Macabeus; estes não pertenciam à família dos Asmoneus, mas morreram em testemunho da fé). A etimologia do nome é controvertida; deriva-se provavelmente de “*maqgaba*” = martelo; Judas, filho de Matatias, teria sido, pois, o Martelador, o que designaria a sua valentia de herói (cf. os apelativos Carlos Martelo, Joana Hachette de Paris).

tórias, pelas quais conseguiram reaver a Cidade Santa e o templo, cuja dedicação celebraram de novo com grande alegria; conseguiram também a independência política, chegando mesmo a entrar em alianças com as nações poderosas dos Romanos e dos Espartanos; o povo judaico reviveu, de fato, dias de bonança e felicidade, que 1 Mac 14, 4-15 parece comparar aos tempos áureos de Salomão. Morto, porém, Simão Macabeu, os seus descendentes decaíram da pureza do ideal teocrático, envolveram-se em competições de Fariseus e Saduceus, o que acabou comprometendo a autonomia política da Judéia; em 63 a. C., o general Pompeu incorporava-a ao Império Romano, de cujo domínio os Judeus não mais se libertariam.

2. O CONTEÚDO DOS LIVROS DOS MACABEUS

Os livros dos Macabeus têm justamente por objeto descrever a guerra de Judas e seus irmãos contra os Helenistas, guerra cujas premissas ficam acima delineadas. Desenrolou-se cheia de peripécias, em parte ocasionadas pelo fato de que dois ramos da família dos Selêucidas se disputavam mutuamente o trono da Síria; os Macabeus souberam aproveitar-se destes dissídios, o que multiplicou alianças e batalhas entre Sírios e Judeus, como o indicam os esquemas abaixo (1):

1 MAC

INTRODUÇÃO: 1, 1-2, 70

- | | |
|--|---------|
| 1. O novo estado de coisas após a morte de Alexandre M.: | 1, 1-64 |
| 2. O início da revolta sob Matatias: | 2, 1-70 |

(1) Muito útil ao leitor será ter estes esquemas ante os olhos sempre que ler o texto sagrado.

MACABEUS

I. OS FEITOS GLORIOSOS DE JUDAS MACABEU

(166/5-160): 3, 1-9, 22

1. Durante o reinado de Antíoco IV Epífanes: .. 3, 1-6, 16
(vitórias, nova dedicação do templo, morte de Antíoco IV)
2. Durante o reinado de Antíoco V Eupator: 6, 17-63
(paz entre Sírios e Judeus)
3. Durante o reinado de Demétrio I Sóter: 7, 1-9, 22
(vitórias, aliança com os Romanos, morte de Judas Macabeu)

II. OS FEITOS GLORIOSOS DE JÔNATAS

(160-142): 9, 23-12, 53

1. Luta e paz com os Sírios: 9, 23-73
2. Durante os reinados de Alexandre Balas, Demétrio I, Antíoco VI: 10, 1-11, 74
(os Judeus aliados ao rei sírio lutam contra o respectivo anti-rei)
3. Últimos feitos de Jônatas: 12, 1-53
(nova aliança com os Romanos, aliança com os Espartanos, guerras e aprisionamento de Jônatas)

III. OS FEITOS GLORIOSOS DE SIMÃO

(142-135): 13, 1-16, 22

1. Batalhas contra os Sírios, renovação das alianças com Romanos e Espartanos: 13, 1-14, 49
 2. Durante o reinado de Antíoco VII: 15, 1-16, 22
(batalhas; a Simão assassinado sucede João Hircano, seu filho)
- EPILOGO: 16, 23s.

2 MAC

INTRODUÇÃO: 1, 1-2, 32

1. Duas epístolas dos Judeus da Palestina aos do Egito a respeito do culto divino e da morte de Antíoco IV: 1, 1-2, 18
2. Prólogo do autor: 2, 19-32

I. A PERSEGUIÇÃO ATÉ A PURIFICAÇÃO DO TEMPLO:

3, 1-10, 9

1. Os prelúdios sob Seleuco IV: 3, 1-4, 6
(frustrada tentativa de violação do templo)

MACABEUS

2. Antíoco IV move violenta perseguição: 4, 7 - 7, 42
(profanação do templo, morticínios, martírio de Eleázaro e dos sete irmãos Macabeus com sua mãe)
3. Primeiras vitórias de Judas Macabeu e purificação do templo: 8, 1-10, 9

II. AS BATALHAS DE JUDAS CONTRA ANTÍOCO V E DEMÉTRIO I: 10, 10-15, 37

EPÍLOGO: 15, 38-40.

Como se vê, 1 e 2 Mac apresentam características um tanto diversas entre si:

1 Mac compreende um período de tempo de cerca de 40 anos (175-135); narra grande número de feitos heróicos que tiveram lugar sob a chefia respectiva dos três irmãos Macabeus, Judas, Jônatas, Simão, e termina com o estabelecimento de João Hircano, neto de Matatias, no governo do povo libertado. O estilo do livro é o de um historiador muito preocupado em descrever os fatos com fidelidade, despreocupado em comentá-los ou interpretá-los (1), pelo que a narrativa se apresenta às vezes empolgante pelas muitas vicissitudes bélicas vivamente descritas; sob o ponto de vista religioso e afetivo, porém, é muito sóbria, se se excetuam alguns trechos, talvez verbalmente transcritos de outras fontes, que são verdadeiros cânticos poéticos: 1, 26-29. 38-42; 2, 7-13; 3, 3-9; 4, 38ss; 14, 4-15. É de notar também que o autor de 1 Mac evita falar de “Deus” ou do “Senhor” (2), preferindo circunscrever o nome divino pelas expressões “o

(1) Não obstante, o autor, em 1, 66s; 3, 8, não deixa de insinuar sobriamente o que pensa a respeito do ocorrido.

(2) Isto se depreende, com mais evidência ainda, do texto grego do que da Vulgata latina; os tradutores latinos, por vezes, explicitaram o nome divino, onde o grego o circunscrevia.

Céu" (3, 50. 60. 19; 4, 10. 40; 9, 46; 12, 15; 16, 3), "o Salvador de Israel" (4, 30), ou pelo pronome da 2.^a ou 3.^a pessoa (3, 50-53) (1).

Isto faz que 1 Mac tenha sido considerado, dentre os escritos do Antigo Testamento, o que mais se assemelha aos livros históricos profanos (2). Não obstante, o autor manifesta claramente seu fervor religioso, referindo orações do povo piedoso (2, 20s; 3, 18-22. 50-53; 4, 30-33) e freqüentes intervenções de Deus em favor do mesmo (2, 22-26; 3, 23-26; 3, 55-4, 27; 4, 34s. 38ss.), assemelhando o papel dos Macabeus ao dos grandes Patriarcas da história de Israel, que por sua fidelidade à Lei mereceram sucessivamente salvar o povo oprimido (2, 19-22. 26. 49-68; 4, 9. 30). Êstes particulares já são suficientes para manifestar a finalidade que autor se propunha ao descrever a guerra dos Macabeus: queria, como os autores dos livros históricos anteriores, inculcar a tese de que Deus não abandona a quem lhe permanece fiel, intervém em favor dêstes, de maneira imprevista e estupenda, o que era, ao mesmo tempo, para os leitores, uma exortação eficiente à fidelidade à lei e à confiança em Deus em meio às tribulações que sofriam após a era brilhante dos Macabeus.

2 Mac abrange um período de história bem mais restrito do que 1 Mac: 16 anos apenas, de 176 a 161, de modo que a maior parte de 2 Mac (4, 7-15, 38) corresponde a menos da metade de 1 Mac (1, 11-7, 50); 2 Mac, porém, começa

(1) A razão dêste fenômeno é provavelmente o temor reverencioso que tinham os Israelitas mais meticolosos, de pronunciar o santíssimo nome de Deus.

(2) Cf. R. Cornely, *Introductio in U. T. libros II.* Paris 1897, 451.

expondo algumas premissas da perseguição que 1 Mac omite, e, em geral, refere mais pormenores. O estilo de 2 Mac, longe de ser sóbrio e sêco, é ditado por evidente entusiasmo religioso, entusiasmo que animava principalmente os Profetas de Israel e que deu origem à expressão “estilo profético”: ao referir os fatos, o autor costuma acrescentar-lhes uma interpretação à luz da fé e uma conclusão moral, que são a tese tradicional dos demais historiôgrafos do Antigo Testamento, também dita “lei da retribuição”: os males que afetam o povo de Deus subjugados pelos inimigos, nada mais são do que a consequência de infidelidades à Lei; o Senhor, porém, é misericordioso para com os que nele confiam e liberta-os poderosamente (4, 15ss; 5, 17-20; 6, 12-17; 8, 5); o autor compraz-se em referir numerosos milagres de Deus em prol do seu povo (2, 14-30; 8, 36; 9, 1-29), citando, sem restrição, os nomes de “Deus” (Theós) e “Senhor” (Kyrios); além disto, muito insiste na santidade do templo de Jerusalém, que constitui como que o ponto de convergência de todos os episódios narrados (2, 23. 37ss; 3, 2; 5. 15; 9, 16; 13, 23). Por conseguinte, muito evidente é em 2 Mac o fim religioso pragmático que se nota atenuado em 1 Mac (1).

3. À ORIGEM DOS LIVROS DOS MACABEUS

1 Mac foi originariamente escrito em hebraico, como o atestam antigos escritores cristãos (Orígenes, S. Jerônimo)

(1) Desta forma, 1 e 2 Mac se relacionam entre si aproximadamente como os livros dos Reis e os das Crônicas, os quais, em diverso estilo (ora mais sêco, ora mais rico de interpretações e comentários), referem a história dos reis Israelitas.

(1). O texto primitivo, porém, perdeu-se, ficando-nos como forma mais autorizada do mesmo uma tradução grega, que em mais de uma passagem reflete expressões hebraicas e se supõe oriunda pouco depois da divulgação do original. Do texto grego foram feitas uma tradução síria e outra latina, a chamada “Vetus Latina”, que, emendada, entrou na edição Vulgata. . .

O autor de 1 Mac fica-nos desconhecido. Dada a familiaridade que manifesta com a geografia e a cultura da Palestina, conclui-se que era um Judeu Palestinese, hábil historiador que consultou e transcreveu muitos documentos, de modo que 1 Mac é, de todos os livros do Antigo Testamento, o que mais abunda em documentos originais (seguem-se-lhe os livros de Esdr-Ne, e, em terceiro lugar, 2 Mac); cf. 5, 10-13; 8, 23-32; 10, 18-20. 20-23. 25-45; 11, 30-37; 12, 6-18; 13, 36-40; 14, 20-23. 27-47; 15, 2-9. 24. Do texto de 16, 23s. depreende-se que o autor escreveu no fim do reinado de João Hircano (104 a. C.) ou pouco depois.

A origem de 2 Mac é um pouco mais complicada.

Como o autor o indica no prólogo (2, 23), o seu escrito é um resumo da obra em cinco livros redigida por certo Jasão de Cirene. Este era provavelmente (o próprio nome em parte o insinua) um Judeu residente na África Setentrional, dotado de boa cultura, que, certo dia, cheio de entusiasmo pelos feitos dos antepassados, foi à Palestina, a fim de se informar examente das façanhas heróicas concluídas na era dos Macabeus; depois de ter consultado os arquivos do templo é

(1) Orígenes atribui-lhe o título hebraico *Sarbêth sar banê êl*, que parece significar: **Genealogia dos príncipes dos filhos de Deus**, i. e. dos Asmoneus, príncipes de Israel.

ouvido muitas testemunhas, redigiu viva e pormenorizada-mente a história dos fatos. Já, porém, que a obra, volumosa como era, dificilmente podia penetrar num grande círculo de leitores, outro escritor (dito tecnicamente “o Epitomador”) dela fez, sob a ação do Espírito Santo (1), um resumo ou epítome que pudesse aproveitar e edificar a muitos; é a êste resumo, outrora provavelmente intitulado “Epítome dos feitos de Judas Macabeu” que se deu o nome de 2 Mac. A obra de Jasão perdeu-se; foi escrita em grego, língua dos Judeus da Diáspora (Dispersão), assim como o “Epítome” (2 Mac), o que se deduz da pureza de estilo grego dêste último. Supõe-se que o epitomador tenha sido um Judeu de Alexandria, talvez Rabino (pois manifesta grande amor à Lei e ao templo), o qual teria escrito por volta de 125/4 a. C.. As duas epístolas introdutórias, que datam respectivamente de 125/4 a. C. e 162 a. C. (?), foram prepostas ao Epítome pelo próprio epitomador ou por mão posterior (2).

4. A AUTORIDADE DOS LIVROS DOS MACABEUS

Os Judeus Palestinenenses não reconheciam os dois livros dos Macabeus como inspirados e, por conseguinte, não os inseriram no Cânon das Escrituras Sagradas. Isto se explica pelo fato de terem sido redigidos em época bastante tardia, quando já se dava por encerrado o Cânon Sagrado com o livro de Daniel (sec. 4.^o a. C. aproximadamente); mais ainda:

(1) Quanto aos livros de Jasão, é doutrina comum entre os exegetas, que eles não foram inspirados.

(2) Como quer que se explique a aposição das epístolas, devem ser consideradas inspiradas já que a Igreja nunca as separou do Epítome; foram com êste incluídas no catálogo dos livros canônicos promulgado pelo Concílio Tridentino.

por haver sido escrito em grego, língua estrangeira, considerada imunda, 2 Mac nunca poderia encontrar aceitação no catálogo sagrado dos Palestínenses. Não obstante, os dois livros dos Macabeus gozavam de grande autoridade, histórica e religiosa, entre os próprios Judeus Palestínenses: Flávio Josefo, historiador nacional, seguiu-os continuamente ao escrever a história da época macabaica.

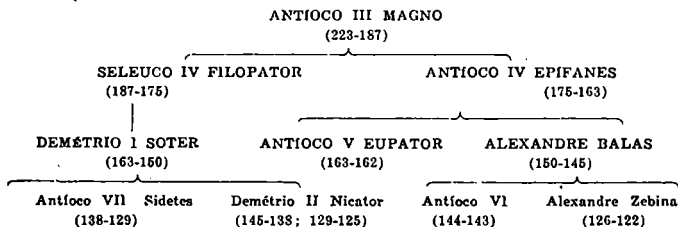
Os Judeus de Alexandria, de vistas mais largas, incluíram os dois livros dos Macabeus no seu Cânon sagrado, que a Igreja Católica adotou; três outros escritos ditos 3, 4 e 5 Mac, que, com traços verídicos e elementos fantásticos, narravam a história dos Israelitas sob o domínio dos Ptolemeus, Selêucidas e Romanos, não foram reconhecidos como autênticos pelos cristãos, ficando na categoria dos “apócrifos” (= ocultos, não lidos em público).

Por conseguinte, os dois livros dos Macabeus canônicos são Mensagem ou Palavra de Deus inspirada para os fiéis de todos os tempos e nações. Descrevem os feitos gloriosos dos Macabeus não precisamente porque êstes constituem um monumento de bravura nacional israelita, mas porque têm um valor transcendente, universal: representam um episódio da história em que Deus, por vias estupendas, veio ao encontro da fé de Seu povo. Ora, hoje o povo de Deus, o “verdadeiro Israel” (Rom 9, 6), é a descendência espiritual do Messias, Jesus Cristo, são os fiéis católicos; para êstes, pois, os livros dos Macabeus constituem uma exortação à fé destemida na luta contra os atuais adversários do reino de Deus, visíveis ou invisíveis; constituem também um penhor escrito pelo próprio Deus, de que tal fé nunca é frustrada, pois o Senhor jamais abandona a quem nele confia com fidelidade e coragem. Esta mensagem ressoa, com maior ou menor clareza, nos diversos episódios de 1 e 2 Mac, os quais, para serem devi-

damente apreciados, querem ser lidos à luz desta solene doutrina. Assim é que, em seu colorido vétero-testamentário, num cenário oriental bem marcado, os livros dos Macabeus ainda hoje falam muito profundamente ao leitor. Em particular, podem-se realçar, como trechos cuja leitura deleita e edifica grandemente, os seguintes: 2 Mac 6 (martírio de Eleázaro); 2 Mac 7 (martírio dos 7 irmãos com sua mãe, que professam a fé na ressurreição dos mortos); o dogma da Comunhão dos Santos é ilustrado muito significativamente pelos episódos que inculcam a intercessão dos vivos em favor dos defuntos (2 Mac 12, 38-46), como a dos defuntos bem-aventurados em prol dos vivos militantes na terra (2 Mac 15, 12-16).

APÊNDICE

A fim de facilitar a leitura do texto sagrado, vai aqui uma tabela dos reis e anti-reis sírios envolvidos na história dos Macabeus:



ÍNDICE GERAL

Introdução Geral à Sagrada Escritura

PROLEGÔMENOS

PRIMEIRO TRATADO

NOÇÕES DE INSPIRAÇÃO

PRIMEIRA PARTE: HISTÓRICO DA DOCTRINA SOBRE A INSPIRAÇÃO

§ 1.º — Santos Padres	19
§ 2.º — Doutrina dos Doutores Escolásticos sobre a Inspiração	21
§ 3.º — Doutrinas Protestantes sobre a Inspiração	23
§ 4.º — Doutrina Católica desde o Concílio Tridentino até ao Concílio Vaticano	25
§ 5.º — Doutrina da Inspiração desde o Concílio Vaticano	28

SEGUNDA PARTE: QUESTÕES DOGMÁTICAS SOBRE A INSPIRAÇÃO

Primeira Secção: Existência da Inspiração segundo as fontes dogmáticas.

Método	32
--------------	----

Argumentos extraído dos documentos eclesiásticos	33
Breve comentário dos documentos sobre a Questão Bíblica	35
Testemunho dos Santos Padres sobre a existência da	
Inspiração	37
Doutrina da Sagrada Escritura sobre a existência da	
Inspiração	38
Segunda Secção: Natureza do carisma da Inspiração Bíblica.	
Capítulo I — Ação inspirativa de Deus, ativamente considerada	42
Capítulo II — Ação inspirativa no homem, isto é, passivamente	43
Utilidade do princípio da condescendência	48
Tese da Ilustração ou Iluminação da inteligência do	
Hagiógrafo	53
Questão da Inspiração Verbal	59
Influxo de Deus na vontade do Hagiógrafo pela graça da Inspiração	62
Capítulo III — A Inspiração "terminativamente" considerada, isto é, tal qual se manifesta nos próprios livros sagrados	64
Art. I — A extensão da Inspiração nos Livros Sagrados	65

Art. II — O efeito formal e próprio da Inspiração: Os Livros Sagrados são Palavras de Deus	68
Art. III — Efeito principal da Inspiração: Inerrância da Sagrada Escritura	70
Terceira Secção: Critério da Inspiração Bíblica	94

SEGUNDO TRATADO

CANON DOS LIVROS SAGRADOS INTRODUÇÃO.

PRIMEIRA PARTE: HISTÓRIA DO CANON DO ANTIGO TESTAMENTO.

Capítulo I — O Cânon do Antigo Testamento entre os Judeus	104
Capítulo II — O Cânon do Antigo Testamento entre os Crístãos	108
Capítulo III — Doutrina da Igreja Católica sôbre a Inspiração e canonicidade dos Deuterocanônicos	116

SEGUNDA PARTE: HISTÓRIA DO CANON DO NOVO TESTAMENTO

Capítulo I — A formação do Cânon do Novo Testamento	120
---	-----

Capítulo II — Os livros deuteroacanônicos do Novo Testamento até o século VI	127
Capítulo III — Livros deuteroacanônicos do Novo Testamento depois do século VI até aos nossos dias	130
Capítulo IV — Os Livros Apócrifos	136
Capítulo V — Livros Inspirados e perdidos	141
Capítulo VI — As Palavras de Cristo não escritas	143

TERCEIRO TRATADO

INTEGRIDADE DA SAGRADA ESCRITURA

INTRODUÇÃO	145
Capítulo I — Sôbre os textos originais	146
Capítulo II — O texto Grego do Novo Testamento	154
Capítulo III — A Arte Crítica	164

QUARTO TRATADO

HERMENÊUTICA

SECÇÃO PRIMEIRA: NOEMÁTICA	167
Capítulo I — Sentido literal	168
Capítulo II — Sentido típico	169

Capítulo III — Sentidos amplo, conseqüente e aco-	
datício	172
SECÇÃO SEGUNDA: HEURÍSTICA	173
Capítulo I — Os critérios literários	174
Capítulo II — Os critérios dogmáticos	179

Introdução ao Pentateuco

PREFÁCIO	183
PROLEGÔMENOS	
Cap. I — Nome, divisão em livros, conteúdo	185
Cap. II — Mosaicidade do Pentateuco	187
A. A tese tradicional	187
B. A tese dos críticos	188
C. Os supostos fundamentos da tese crítica	194
Cap. III — Historicidade do Pentateuco	208
1. A tese dos críticos	208
2. A tese católica	208

ANÁLISE EXPLICATIVA DO PENTATEUCO

PARTE PRIMEIRA: PREAMBULO ÀS ORIGENS DE ISRAEL.

1. De Adão ao Dilúvio	214
-----------------------------	-----

I. Origens do mundo, ou a Cosmogonia	214
II. Os acontecimentos do paraíso terrestre	227
III. Os Patriarcas antediluvianos	239
2. Do Dilúvio a Abraão	248
I. O Dilúvio	248
II. Os começos do povo de Israel	256

PARTE SEGUNDA: O PERÍODO MOSAICO.

I — A opressão	310
1. Israel no Egito	310
2. A opressão	311
3. Infância e vocação de Moisés	313
II — A Libertação	316
A. Moisés e Faraó	316
B. A Partida	320
C. Números	335
D. Moisés, grande entre os maiores	342
III — A Legislação Mosaica	343
1. Caracteres gerais da Lei Mosaica	343
2. Cronologia do Pentateuco	345

INTRODUÇÃO AOS LIVROS DE JOSUÉ, JUIZES, RUTE

I — O LIVRO DE JOSUÉ	355
II — O LIVRO DOS JUIZES	368
III — O LIVRO DE RUTE	378

INTRODUÇÃO AOS LIVROS DE SAMUEL, REIS E PARALIPÔMENOS

I — OS LIVROS DE SAMUEL	385
II — OS LIVROS DOS REIS	393
III — OS LIVROS DOS PARALIPÔMENOS OU CRÔNICAS	406

INTRODUÇÃO AOS LIVROS DE ESDRAS E NEEMIAS

I — ANTECEDENTES HISTÓRICOS	415
II — COMPOSIÇÃO LITERÁRIA	416
III — VALOR HISTÓRICO	424
IV — ORIGEM CARISMÁTICA	427
V — VALOR DOUTRINÁRIO	427
APÊNDICE	429

INTRODUÇÃO AOS LIVROS DE TOBIAS, JUDITE E ESTER

INTRODUÇÃO	433
I — O LIVRO DE TOBIAS	
1. Conteúdo	436
2. índole histórica	439
3. Origem e forma atual do texto	441
4. O Significado de Tobias	442
II — O LIVRO DE JUDITE	
1. Conteúdo	443
2. índole histórica	446
3. Origem e forma atual do texto	449
4. O Significado de Judite	449
III — O LIVRO DE ESTER	
1. Conteúdo	451
2. Gênero literário	454
3. Origem e forma atual do texto	457
4. O Significado de Ester	460

INTRODUÇÃO AOS LIVROS DOS MACABEUS

1. O âmbito da história dos Macabeus	465
2. O conteúdo dos livros dos Macabeus	470
3. A origem dos livros dos Macabeus	474
4. A autoridade dos livros dos Macabeus	476
APÊNDICE	478

Este livro foi composto e impresso
em Dezembro de 1951, nas oficinas da
GRÁFICA MERCÚRIO S. A.
Al. Cleveland, 303 — S. Paulo, para a
Editora das Américas

INTRODUÇÃO GERAL E ESPECIAL AOS
LIVROS DO
ANTIGO E DO NOVO TESTAMENTO

ANO SANTO 1950

INTRODUÇÃO GERAL E ESPECIAL AOS LIVROS DO ANTIGO E DO NOVO TESTAMENTO

com estudos bíblicos adicionais

Colaboração de professores de Exegese do Brasil
sócios da Liga de Estudos Bíblicos (L.E.B.)

sob a supervisão do

P. Antônio Charbel S. D. B.

Volume I I

Introdução especial aos livros proféticos e didáticos do Velho
Testamento e aos Evangelhos Sinóticos, São João e Atos dos
Apóstolos, do Novo Testamento.



EDITORA DAS AMÉRICAS
Rua General Osório, 90 — Tel. 34-6701
Caixa Postal, 4468
SÃO PAULO

N I H I L O B S T A T

São Paulo, 14 de Dezembro de 1951

P. Vicente Pedroso

I M P R I M A T U R

São Paulo, 14 de Dezembro de 1951

† *Paulo*, Bispo Auxiliar

COLABORADORES DO PRESENTE VOLUME

1. *P. José Sebastião Saba*, Laureado em Teologia e em Sagrada Escritura, professor de Exegese na Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e no Seminário Central do Ipiranga (São Paulo), presidente da Liga de Estudos Bíblicos (L.E.B.):

POESIA HEBRAICA E INTRODUÇÃO AO LIVRO DE JÓ.

2. *Fr. João José Pedreira de Castro O. F. M.*, Professor de Exegese no Instituto de Teologia dos Padres Franciscanos de Petrópolis, Vice-Presidente da Liga de Estudos Bíblicos (L. E. B.):

INTRODUÇÃO AOS LIVROS DOS SALMOS, PROVÉRBIOS, ECLESIASTES, SABEDORIA, CÂNTICO DOS CÂNTICOS E ECLESIAÍSTICO. INTRODUÇÃO AOS PROFETAS MAIORES E MENORES.

3. *Côn. Heládio Correa Laurini*, Licenciado em Teologia e em Sagrada Escritura, professor de Exegese no Seminário Central do Ipiranga (São Paulo), da Diretoria da L. E. B.:

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO. INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS SINÓTICOS. QUESTÃO SINÓTICA. HISTORICIDADE DOS EVANGELHOS SINÓTICOS.

4. *Fr. Angelino Wissink O. C.*, Licenciado em Teologia e em Sagrada Escritura, professor no Instituto de Teologia dos Padres Carmelitas de São Paulo:

INTRODUÇÃO A SÃO JOÃO.

5. *Côn. Otto Skrzypczak*, Licenciado em Teologia e em Sagrada Escritura, professor na Pontifícia Universidade Católica de Pôrto Alegre, do Conselho de delegados da L. E. B.:

INTRODUÇÃO AOS ATOS DOS APÓSTOLOS.

**INTRODUÇÃO AOS
LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS**

INTRODUÇÃO AOS LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

POESIA DOS HEBREUS

O LIVRO DE JÓ

O LIVRO DOS SALMOS

O LIVRO DOS PROVÉRBIOS

O LIVRO DO ECLESIASTES

O CÂNTICO DOS CÂNTICOS

O LIVRO DA SABEDORIA

O LIVRO DO ECLESIAÍSTICO

INTRODUÇÃO AOS LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

Desde a mais alta antiguidade os seguintes sete livros, Jó, Salmos, Provérbios de Salomão, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Sabedoria e Eclesiástico, foram distintos dos Livros históricos e chamados didáticos.

Todos êles, exceptuados alguns trechos de Jó, Eclesiastes e Sabedoria, foram escritos em versos.

Julgamos seja necessário dizer algumas palavras sobre a poesia dos Hebreus.

POESIA DOS HEBREUS

A poesia dos Hebreus tem as suas leis especiais quer pela escolha das palavras, quer pelas formas gramaticais próprias ou mesmo arcaicas, vocábulos raros; figuras retóricas, arrojadas, etc.

A primeira e mais certa lei da poesia hebraica é a chamada lei do paralelismo dos membros, lei esta totalmente desconhecida em nossas línguas modernas.

O paralelismo é tríplice:

1) — Paralelismo sinônimo, isto é a sentença é repetida no segundo dístico ou verso quase com as mesmas palavras:

LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

“Não queiras imitar aos malignos:

Nem invejes aos que obram iniquidade.

Porque êles como feno se secarão veiozmente:

E como a erva verde logo se murcharão. (Sl 36, 1. 2).

2) — Paralelismo antitético, quando a sentença do primeiro verso é ilustrada no segundo por um conceito contrário:

“O filho sábio a seu pai dá alegria:

Porém o filho insensato é a tristeza de sua mãe...

A mão remissa tem produzido indigência:

Mas a mão dos fortes adquire riqueza”. (Prov 10, 1. 4).

3) — Paralelismo sintético quando a sentença do primeiro verso é determinada no segundo pela sua definição, causa, consequência, etc.:

“De que serve ao insensato o ter grandes riquezas,
se êle não pode comprar com elas a sabedoria?”

(Prov 17, 16).

Este paralelismo pode estender-se, talvez, a três ou mesmo quatro versos (cfr. Jó 3, 4. 5. 9); ainda mais, podemos ter o primeiro verso em relação com o terceiro e o segundo com o quarto:

“Se o Senhor não edifica a casa,
em vão se têm pôsto ao trabalho os que a edificam.

Se o Senhor não guarda a cidade,
inutilmente se desvela o que a guarda”. (Sl 26, 1).

O estudo do paralelismo é sumamente útil para uma boa exegese dos Livros Poéticos, sendo que um verso não pode

LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

e não deve ser explicado senão no sentido do outro, e sendo que muitas vezes devem-se combinar e juntar os dois versos para formar uma única sentença.

A segunda lei da poesia hebraica é a lei do ritmo, que consiste na distribuição certa e determinada dos acentos: lei esta que não pode ser percebida, como é claro, fora da língua original hebraica.

A terceira lei da poesia hebraica parece ser a liberdade completa relativamente ao número das sílabas átonas no verso: em consequência, no mesmo trecho poético podemos encontrar versos breves junto de versos muito compridos.

A quarta lei da poesia hebraica consiste na independência da quantidade das sílabas: o poeta hebraico não considera sílabas longas ou breves para a sua composição poética, mas só o ritmo.

A quinta lei da poesia hebraica é a presença das estrofes, as quais reunidas formam o carme poético. Porém a estruturação do carme hebraico não é sempre e necessariamente feita pelas estrofes, as quais aliás não parecem obedecer a determinadas leis de simetria, como por exemplo vemos na literatura grega.

Dada a finalidade desta obra não é necessário entrar mais profundamente na questão tão difícil e discutida da poesia hebraica: mais uma vez queremos lembrar ao leitor a dificuldade da leitura da Bíblia para todos aquêles que não tiveram uma conveniente preparação.

O LIVRO DE JÓ

ARTIGO I

Enrêdo, índole e doutrina do livro de Jó

O maior poema dos hebreus e um dos maiores de toda literatura humana é o livro de Jó.

Sua excelência está já na gravidade dos argumentos, já na nobreza dos sentidos e afetos, já no esplendor da poesia.

O enrêdo é tirado dos males que o homem padece nesta miserável vida.

Para falar mais precisamente, êle debate esta questão: por que razão que o homem é cercado de males, e porque principalmente aquêles que se dão a uma vida virtuosa sofrem-nos tão pesados, como frequentemente acontece.

Indaga a razão moral desta iniquidade, pois iniquidade é o que parece ser.

Como deve o homem se portar em tais conjunturas.

E' de grande importância isto — pois, aí a questão não é tratada abstratamente, de um modo teorético, mas de um modo dramático, no caso concreto de Jó, o justo, oprimido por muitas e graves tribulações.

Divide-se o livro por sua natureza em três partes: prólogo, em estilo prosaico (cap. 1, 2), diálogo poético 3, 1-42,

LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

6), epílogo histórico também exarado em prosa (42, 7-16).

I — O PRÓLOGO

Jó — homem tão piedoso quanto rico, justo e feliz, foi caluniado de cultivar suas virtudes, unicamente por causa dos bens temporais, com que Deus o havia cumulado (1, 1-12).

Ora, por permissão de Deus, Jó é privado de todos os seus bens e contudo permanece no amor e submissão de Deus (primeira provação, 1, 13-21).

Uma segunda vez, por igual causa, foi atingido no corpo e atacado por uma doença intolerável (segunda provação, 2, 1-10).

Nada lhe diminui a virtude e a religião.

Vêm visitá-lo três amigos: Elifaz, Baldad, Sofar, que dão ocasião a uma outra maior provação e à discussão que se seguiu a êsse encontro. (2, 11-13).

II — POEMA

(3, 1-42, 6) Depois do exórdio onde Jó faz azedas lamentações de suas cruzes vem o poema (3) igualmente tripartido e constando de: A) discussão com os amigos (cc. 4-31); B) palavras de Elihu (cc. 32-37); C) teofania (cc. 38-42, 6).

A) A discussão com os três amigos desenrola-se numa tríplice arguição que fazem a Jó, na seguinte ordem de tomar a palavra: primeiro Elifaz, depois Baldad, por último Sofar, aos quais Jó responde singularmente e na mesma ordem.

LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

B) No primeiro debate (cc. 4-14), os amigos dizem que nunca homem algum sofreu senão por causa de um crime que cometera.

Elifaz prova isso pela revelação superior (4, 12-16), Baldad pela doutrina dos antigos, pela tradição (7, 8-10), Sofar pela luz da razão (11, 5-12).

Exortam portanto Jó a fazer penitência e, voltado a Deus, rogar perdão, se quiser recuperar a saúde (5, 8-27; 8, 5-7; 11, 13-19).

Jó, respondendo a cada um, diz serem suas penas pesadas demais para suas culpas leves (6, 2-12). Afirma que não raro o homem sem culpa também sofre (9, 22-24); protesta a sua inocência (13, 3-28).

No segundo debate (cc. 15-21), os amigos de Jó persistem na sua sentença: os ímpios merecem castigos imediatos; e tentam convencer Jó de que ele sofre pelos próprios crimes (15, 4-35).

Jó, destituído de todo auxílio humano (17, 1-16; 19, 2-12), crê em Deus e confia-lhe a defesa de sua inocência. (16, 18-22).

No terceiro debate (cc. 22-27), Elifaz diretamente acusa Jó de muitos crimes e exorta-o à penitência (22, 5-35); Baldad, em poucas palavras, deblatera as mesmas coisas já acima ditas; Sofar, como consta no texto atual, absolutamente nada responde.

Jó lamenta-se ser-lhe tão difícil a defesa porque Deus, justo e supremo defensor da inocência, é inacessível, e além disso, nesta contenda está na parte adversa. Entretanto, afirmará pertinazmente sua inocência até o fim. (27, 3-6).

LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

Encerra-se a disputa com os amigos pelo solilóquio de Jó (cc. 29-31), no qual Jó chora a felicidade dos tempos de outrora (c. 29), dói-se das amarguras presentes (c. 30), e recorda seus atos preclaros; apela confiantemente para Deus, seu juiz.

Palavras de Elihu (cc. 32-37).

Neste ponto eis que de repente entra em cena Elihu, que, como os três anteriores, era amigo de Jó; repreende aos amigos de Jó por terem condenado, e mais ainda por lhe terem causado novas dores; Elihu traz um novo elemento para solução do problema, isto é, que Deus permite o sofrimento do justo para que êle se purifique e para ensiná-lo e instruí-lo nas virtudes.

C) Teofania (38-42, 6).

Por fim intervem o próprio Deus (Iahve), para pôr termo à questão.

Mostra em coisas admiráveis o que Êle faz nas coisas da natureza. Sua potência e sabedoria. Acusa Jó de temerário e leva-o à penitência. (42, 7-9).

III. — Epílogo.

Deus impõe uma penitência aos três amigos de Jó por causa das palavras menos retas (42, 7-9), restitui a Jó o estado anterior e o cumula de maiores bens.

Por isto fica patente que o livro de Jó é um misto de prosa narrativa e poesia quase dramática. Pela índole literária das várias partes do livro, segue-se que não se deve buscar no mesmo grau e da mesma maneira a verdade objetiva das coisas.

LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

O prólogo e o epílogo (cc. 1. 2. 42), de vez que pertencem ao gênero narrativo, neles se deve buscar a verdade histórica. Não ha com efeito nenhuma razão para se duvidar que a história de Jó paciente não foi inventada por um autor, mas vinda por tradição, veraz pelo menos na substância, foi aceita.

Ademais confirmam nossa afirmação os livros de Ezequiel, que louvam Jó, Noé e Daniel como exemplos de justiça; também o Ecl 49, 9, por essa razão, louva Ezequiel; Zac 5, 11 propõe Jó como exemplo de paciência; ainda mais, Tob 2, 12. 15, na Vulgata. Contudo, o que se narra também nessas partes não deve ser tomado ao pé da letra, porque tem em vista a introdução e o complemento, cujo autor, poeta, faz um poema.

Assim, toda a cena do diabo, que comparece diante de Deus com os anjos e disputa com Deus a respeito da virtude de Jó, não é senão um modo poético dramático de expor esta verdade: aquelas calamidades caíram sobre Jó por permissão de Deus.

Também Jó em 1, 3; 2, 13; 42, 13 etc., pode ser tomado numa acepção larga, não exata.

Do diálogo poético, pelo contrário, pode-se dizer que é uma pura ficção, que serve unicamente para discussão e confirmação da doutrina.

Portanto, para se discernir qual doutrina intenta o autor expor, duas coisas devemos ter em vista: 1.º — de que pessoa tratam quando falam num diálogo separado; como na disputa se proponham argumentos pró e contra a tese, o autor nem tudo simula como sendo proferido pelos opositores, nem tudo afirma e prova.

LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

2.º — que correção Deus e Elihu fazem a respeito das palavras dos amigos de Jó. Ambos reprovam as palavras dos amigos, mas Elihu também repreende Jó.

Consideradas estas coisas, a doutrina do livro sagrado pode ser resumida assim:

1.º — nem sempre, como queriam os amigos de Jó, nesta vida os ímpios são punidos imediatamente e nem sempre a pena se proporciona à culpa, mas também os justos, por permissão de Deus, sofrem muitos e graves males.

2.º — podemos dar alguma razão desta permissão, v. gr. para que o justo seja afastado do mal e pratique a virtude.

3.º — mas como esta não seja a razão adequada, afinal é preciso venerar e não escrutar os conselhos de Deus, que superam a capacidade do homem.

4.º — de nenhum modo se pode duvidar de que Deus é justo e governa o mundo com justiça.

O que até agora foi dito se refere à doutrina dogmática ou especulativa; não é menos importante a doutrina prática, que concretamente se exhibe no caso concreto de Jó: sua admirável paciência na adversidade, seu sincero culto a Deus, vazio de amor próprio e de comodidades, sua constância invencível em praticar as virtudes e a verdade, embora no meio das maiores tentações e aflições de alma. E finalmente sua confiança firmíssima na bondade e justiça divinas, mesmo quando tudo lhe parecia tão contrário.

Ademais, tudo isso é expresso num esplendor de palavras tão fortes como a expressão da alma de Jó.

Quem por isso admirar-se-á de ter Jó dito palavras menos modestas no ardor do sofrimento e da discussão?

Isso é tão humano que não se poderia ter pintado uma alma nobilíssima e contudo humana, mais vividamente e com mais veracidade do que o autor o fez.

ARTIGO II

Composição e autor do livro de Jó

Com a variedade das partes, das quais consta o livro de Jó, se relacionam não poucas questões literárias.

Os críticos modernos afirmam que foram muitos ou poucos poetas que fizeram a trama dos diálogos.

- 1.^o — O prólogo e o epílogo foram exarados em prosa;
2.^o — as palavras de Elihu; 3.^o — as palavras de Jahve;
4.^o — o encômio da sapiência; finalmente, 5.^o — dizem que nos capítulos 24-27 a ordem foi alterada.

Sendo estas as coisas mais importantes, omitem-se as de menor oportunidade.

Aliás, várias das dificuldades provêm de não se atender bastantemente a êstes três princípios: 1.^o — a psicologia do homem; se Jó não aparece tão pacato e submisso no diálogo quanto no prólogo, por que admirar-se disso?

A provocação dos amigos, as dores que persistem em crescer, aumentadas por novas aflições, tornam mesmo impossível evitar o ardor da disputa, como acontece mesmo a uma

alma forte que é obrigada a sair de sua tranquilidade ordinária.

2.^o — a índole poética do livro; não é lícito exigir de um poeta, e principalmente de um poeta oriental, uma consequência lógica em todos os seus pensamentos e imaginações, nem que tudo seja retissimamente coerente com o caso concreto, quando, no caso de Jó, êle é aqui tomado como tipo universal, algo que sirva para o universal dos homens (ideal).

3.^o — a própria extensão do poema. Não pôde êle ser feito num mesmo tempo e ser composto no mesmo teor, devendo ter sido escrito em diversos e remotíssimos tempos; facilmente a primeira delineação da obra pôde ser mudada.

Pode também ter acontecido que o próprio autor, uma vez terminada a obra, numa segunda redação juntou algo de carater retratativo, inseriu e talvez cortou certos trechos, donde certas asperezas, e, como se diz, solução de continuidade.

Ademais é preciso dizer que neste livro, uma vez que não se tem entre os autores antigos nenhuma tradição, ou pelo menos uma sentença do autor, nós nos guiamos unicamente por critérios intrínsecos, e nestes confiamos como num perigo menor.

Uma vez feitas estas advertências gerais, tratando mais especificadamente deve-se dizer do prólogo e do epílogo, que sem razão se nega ao autor do poema sua autoria; embora se possa conceder que êle tirasse de outra fonte a matéria, isto é, o comportamento de Jó paciente. E' possível que fosse tirado da tradição popular ou de um libelo qualquer.

Porque, assim como o poeta supõe o prólogo como fundamento, assim o prólogo prepara e exige o poema como complemento; não faltam conceitos e locuções comuns que for-

mam uma única mentalidade (por exemplo, a expressão “filhos de Deus” empregada para os anjos (1, 6; 2, 1; 38, 7), não ocorre em outro lugar da escritura.

A aparição de Deus, teofania, liga-se estreitamente com a apelação de Jó; a sentença de Deus é pedida por Jó, e ainda mais por seus amigos; o prólogo e o epílogo exigem também, de certa maneira, a intervenção de Deus; as palavras aptas e dignas de Deus encerram a discussão de tal modo que fazem parte essencial da obra, e mais ainda, num lugar de primeira linha.

Assim o julgam todos os católicos, e muitos protestantes.

A estrofe da Sabedoria no c. 28 relaciona-se com o contexto imediato muito fracamente, mas é congruente com a sentença de Jó e o escopo de todo o livro (que o homem não deve conhecer perfeitamente a causa das coisas e os conselhos de Deus); convem entretanto com o sentido e as palavras do prólogo, e também com outros lugares do poema, principalmente as palavras de Jahve, de tal modo que se possa dizer que não foi composto pelo mesmo autor, talvez não no mesmo tempo, e imediatamente foi inserido no contexto; mas a opinião melhor é de o ter sido antes.

Quanto às palavras de Elihu, é menos trabalhosa a crítica. Vários católicos e alguns protestantes afirmam serem elas de um mesmo autor, porque não falta uma certa consonância do estilo e das sentenças com as outras partes do livro.

E, pelo contrário, muitos protestantes e poucos católicos crêem que tenham sido inseridas por outros autores.

As principais razões que aduzem são: Elihu está totalmente ausente no prólogo, como no epílogo; é pôsto em cena abruptamente no próprio proêmio; as palavras imediatas de Deus a Jó surpreendem de tal modo que quebram o contexto,

LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

Parece que se pode satisfazer a estas razões se supomos que esta parte foi adicionada pelo autor do poema numa segunda revisão; assim dar-se-á uma solução plena à questão.

Em que tempo foi escrito o livro de Jó? A história e a tradição nada dizem. Sós, guiados pelos indícios internos, podemos estatuir com alguma probabilidade.

As sentenças dos doutores variam de um modo estarrecedor desde a idade antiquíssima da literatura hebraica até a mais recente, que é grega, pelo menos quando começou o séc. IV A. C.

Em verdade o vigor do estilo e a elegância do sermão, fazem quase provavel a idade mais recente — o exílio.

Se se comparar o livro de Jó com outros livros do Velho Testamento, encontrar-se-á máxima semelhança com Jeremias.

Talvez nesse mesmo tempo foi escrito o nosso livro.

Pouco tempo depois Ezequiel nomeia Jó entre os celebradíssimos justos, embora pudesse hauri-lo da tradição e não do livro.

Em vão pleiteiam alguns críticos dizer que a filosofia grega era conhecida pelo autor.

Outros autores vêem semelhança com um e outro poema babilônico.

O LIVRO DOS SALMOS

1. *Origem.* O Livro dos Salmos é essencialmente um formulário de orações. Todos êles são elevações mentais a Deus em forma poética. Daí o seu nome em hebraico *Sepher tehillim* (ou simplesmente *tehillim*) “livro dos hinos” ou “hinos”. O nosso termo “salmo” provém do latino *psalmus* (ou *liber psalmorum*) que por sua vez provém da tradução dos LXX, que verteram a palavra hebraica *tehilah* por *psalmós*. Esta designação grega, posto que não seja bem exata, pois *psalmós* (*de psállein*) significa propriamente tocar com os dedos um instrumento musical de cordas, todavia, não deixa de corresponder ao nome primitivo, porque *psalmós* passou a indicar o hino que devia ser acompanhado por esse instrumento. Os salmos devem ter sido compostos em boa parte diretamente para o culto sagrado ou para fins religiosos em épocas e em condições muito diversas. Primeiro, devem ter existido separados uns dos outros; mais tarde, foram ajuntados em várias séries, que, por fim, vieram a formar o saltério atual: 150 salmos de tamanho muito diverso.

2. *Inscrições.* Dos 150 salmos nada menos de 129 apresentam-se com um título, ou breve notícia. Essas inscrições devem ser antiquíssimas, não só por figurar também na tradução dos LXX, mas principalmente por apresentarem certas dificuldades, que já êsses tradutores do século II a. C. não puderam resolver, contentando-se em escrever com letras gregas o próprio texto hebraico.

Alguns Santos Padres pretenderam que a inspiração divina se estendesse também às inscrições. Mas o parecer geral da Igreja as tem como não inspiradas, embora ainda hoje alguns exegetas, como Hoberg, Hagen e Knabenbauer-Cornely pensem que não haja motivo para lhes negar a inspiração.

Em todo o caso, as inscrições devido à sua antiguidade, devem ser tomadas em máxima consideração como testemunhos históricos. Em muitos casos nada impede que provenham dos próprios autores dos respectivos salmos. Provavelmente, porém, em geral, foram escritos pelos redatores, que para isso podiam basear-se em documentos que hoje não possuímos.

Quanto à significação dos títulos, podemos distinguir as seguintes espécies:

1) títulos que indicam o autor, como o Sl 7: “salmos de Davi”. É de notar-se, entretanto, que a preposição *le* “de” poderia ter a significação de “conforme” i. e. um salmo conforme (o gênero literário) de Davi.

2) títulos que se referem a certas circunstâncias históricas, como “quando (Davi) fugia de Absalão, seu filho” (3).

3) Título sobre o gênero literário do salmo, como veremos adiante, tratando sobre a Composição literária.

4) títulos que concernem o dirigente do cântico. Assim a indicação *lamnazeah*, que a Vulgata traduziu, conforme os LXX, por *in finem* e que com muita probabilidade tem o sentido de “ao dirigente” ou maestro (conforme a etimologia de *nasá* “estar à testa de alguma coisa”).

5) títulos que indicam algo sobre a música; assim com respeito ao instrumento que os deve acompanhar, como “ao

som das túbias" (5) ou "ao som das *fidium*" (4), ou com respeito à melodia mais apropriada p. ex. "conforme o *lilia* que parece significar "conforme o salmo que (em hebraico) começa por esta palavra" i. e. o Sl 44, ou ainda sôbre o som de voz mais conveniente, como "*more virginum*" (Vulg. "*pro arcanis*" provavelmente "soprano", Sl 45) ou "*in octava*" i. e. *inferiore*, provavelmente "baixo" (Sl 11), ou, por fim, a enigmática palavra *selah* que ocorre muitas vezes sem ser traduzida e que entre outras várias interpretações pode significar "forte" (da raiz *salal* "exagerar") ou *tutti* (tomando-se *selah* como a abreviação de *siman lekol hà am* i. e. "sinal para todo o povo").

6) títulos concernentes ao uso litúrgico. Assim lemos "*pro sabbato* (92), *pro prima sabbati* (i. e. domingo: 24) . . . *in die ante sabbatum* (93), *pro consummatione Tabernaculi* (29) ou "Cântico gradual" (Sl 119-133).

3. *Autores.* Alguns Santos Padres, como Santo Ambrósio e Santo Agostinho, atribuíram todo o saltério a Davi, pensando que êle, como profeta que era, podia ter composto mesmo aqueles salmos que se referem abertamente ao exílio. Mas Santo Hilário e São Jerônimo com a grande maioria dos comentadores da antiguidade viram que não havia motivo para tal afirmação e aceitaram a pluralidade dos autores dos salmos, dos quais conhecemos os seguintes:

1) o profeta-rei *Davi* que 2 Sam 23,1 denomina "o egrégio salmista de Israel". Impossível é hoje averiguar-se ao certo o número dos salmos que lhe devem ser atribuídos. Se os antigos erraram pretendendo que todo o saltério, ou ao menos quasi todo, tivesse sido sua obra, também erram certamente os comentadores racionalistas modernos que lhe negam a autoria de quasi todos. Estaremos perto da verdade pen-

sando que Davi compôs cerca da metade do saltério. Em todo o caso podemos atribuir-lhe em geral os *salmos*, porque ele é que introduziu este gênero literário em Israel e implantou o seu espírito que, em seguida, serviu de norma aos demais salmistas inspirados. Em particular 2 Sam 22, 1 atribui a Davi o Sl 17, Jesus Cristo mesmo o Sl 109, São Pedro o tem como autor dos Sl 15 e 68 e São Paulo dos Sl 15 e 31. A Igreja declarou que os Sl 2 e 50 são igualmente davídicos.

2) *Asaf*, um contemporâneo de Davi, e um dos três dirigentes dos cantores por êle constituídos, o qual seria o autor de 12 salmos: 49, de 72 a 82 (cf. 1 Par 15, 17; 16, 5).

3) *Os filhos de Core*, descendentes de Core cuja rebelião é narrada no Livro dos Números (cap. 16), os quais constituíam uma família de Levitas. Diversos passos da Escritura no-os apontam como cantores e guardas do templo (1 Par 9, 19; 2 Par 20, 19). São-lhes atribuídos 11 lindíssimos salmos: 41-48; 83. 84. 86.

4) *Salomão* teria composto os Sl 71 e 126 (Nos LXX falta o título).

5) *Moisés* é indicado como autor do Sl 89. Não seria impossível que ele tivesse composto uma parte, que, mais tarde, tenha sido ampliada.

6) *Etan e Heman Ezraitas*, personagens bem pouco conhecidos (1 Par 15, 19; 2 Par 35, 15) devem ter composto os Sl 87 e 88.

Traduções antigas indicam ainda Jeremias como autor do Sl 136 e Ageu e Zacarias como autores dos Sl 111 e 145.

49 salmos, conforme o texto massorético, não apresentam nenhuma indicação quanto ao autor, sendo por isso chamados "órfãos" pela tradição judaica.

4. *Tempo da composição.* De alguns salmos, dos quais conhecemos os autores, sabemos também a data aproximada de sua composição. Dos outros muitos a tradição nada de certo nos transmitiu. Não pode haver dúvida que existam salmos compostos no exílio como o 125. E' também muito possível que alguns salmos tenham recebido acréscimos posteriores, como os últimos versículos do Sl 50, ou tenham passado por várias transformações. Entretanto, quanto sabemos com Esdras o saltério ficou definitivamente concluído.

Abre-se a *questão*: Não existem salmos da era dos Macabeus?

A grande maioria dos racionalistas (Wellhausen, Duhm...) não tem dúvida nenhuma em supô-lo. Todavia alguns deles (Ewald, Dillmann...) reconhecem que não é possível admiti-los.

Com efeito, motivos muito sérios militam contra esta hipótese. A versão dos LXX traz os salmos exatamente na ordem do texto hebraico. Os fariseus não teriam aceitado salmos de época tão recente, uma vez que nem sequer aceitaram como inspirados os Livros da Sabedoria e do Eclesiástico, compostos mais ou menos nessa época. Demais a linguagem dos salmos é isenta de aramaísmos e supõe uma era mais remota. Se alguns deles se referem a épocas de grandes tribulações, podem muito bem ser aplicados às invasões dos assírios e babilônios.

4. *Finalidade.* Nos salmos podemos discernir um duplo fim:

1) a *edificação individual* pela expansão dos próprios sentimentos como o Sl 3 e os muitos salmos didáticos sobre Deus mesmo, sobre a lei e sobre a história de Israel. Neste

particular muitos salmos assemelham-se aos Livros Sapienciais, visando a formação do verdadeiro israelita.

2) o maior *resplendor* do culto público, como o Sl 135. Já antes de Davi a arte poética e a música tinham sido aproveitadas para o culto (Êx 15, 20; Núm 10, 10; Jz 21, 21). Com o rei Davi, porém, o culto tomou novo impulso, tornando-se ele o seu maior reformador (1 Sam 16, 18; 2 Sam 1, 17-27; Am 6, 5; 1 Par 16, 4; Eclo 47, 9). Como autor inspirado, êle mesmo expandiu a sua alma cheia de Deus em cânticos repassados de profunda religiosidade e adaptou-os às diversas manifestações da alma israelita no seu culto prestado a Javé. Outros autores posteriores fizeram o mesmo. Assim, quanto hoje sabemos, grande parte do saltério era utilizado nas muitas cerimônias sagradas do templo durante o ano, da mesma forma como ainda agora o faz a Igreja na sua liturgia.

5. *Composição literária.* Todos os salmos são, no fundo, poesias rítmicas de uma ardente expansão religiosa, saídas de um coração profundamente sincero e temente a Javé. Revestem-se, porém, de formas muito diferentes, quanto ao número de versos e estrofes, quanto ao paralelismo e quanto à disposição da matéria. Igualmente muito variam quanto à escolha do simbolismo e das figuras poéticas.

No tocante à *natureza* dos salmos, podemos distinguir:

1) os chamados *mizmor*, poema destinado a ser cantado ao acompanhamento de um instrumento de cordas, i. e. portanto, um *salmo*, como acima temos dito. 57 salmos recebem esta qualificação musical.

2) os *shir* (ou *shirá*), propriamente canções ou hinos, como lemos nas inscrições dos Sl 18, 45 e 46.

LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

3) os *shir mizmor* ou *mizmor shir*, o *canticum psalmi* da Vulg. assim nos Sl 48. 66. 83... 30. 65. 67... É uma combinação das duas designações precedentes, cujo sentido exato não se pode precisar com certeza.

4) os *tehilah* i. e. “louvor” num sentido genérico.

5) os *tephilah* i. e. “oração”, como os Sl 16. 89. 101. 141.

6) os *maskil*, o *intellectus* da Vulgata: Provavelmente “reflexões” ou “elevações” como temos nos Sl 32. 42. 52-55. 74. 78...

7) os *miktam*, na Vul. *Tituli inscriptio*, palavra enigmática cuja etimologia (*katam*) encerra o sentido de “insculpir, gravar”. Talvez “perfeito e digno de ser gravada”.

O Livro dos salmos passou certamente por *longa evolução* até assumir a forma rija, em que chegou até nós. E' o que podemos deduzir da pluralidade dos seus autores e das várias coleções de que êle hoje consta.

Podemos imaginar esta evolução mais ou menos do seguinte modo geral. Os primeiros salmos, como os de Davi, antes de terem sido fixados por escrito, devem ter pertencido, como os oráculos dos profetas, à assim chamada literatura oral. Muitas pessoas os iam aprendendo de cor e empregando no culto ou para seu proveito particular. Isso possivelmente por várias gerações, correndo o risco de não poucas transformações. Daí se originou a necessidade de consigná-los por escrito. E' possível também que já Davi tenha começado a escrever as suas composições. No tempo de Ezequias (728-699) o qual “mandou que os levitas louvassem a Javé com as palavras de Davi e de Asaf, o vidente” (2 Par 29, 30) é muito provável que esses seus “homens” tenham realizado

LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

a coleção por escrito de salmos que até então só faziam parte da literatura oral, trabalho êste que corresponde mais ou menos às 2.^a e 3.^a coleções atuais. Por fim, o último redator ou colecionador, seja Esdras ou um outro homem qualquer do seu tempo, acrescentou os salmos restantes, compostos durante o exílio, deu ainda alguns retoques nos já colecionados, adaptando-os ao uso do culto e, possivelmente, inscreveu-lhes no começo o respectivo título e assim concluiu todo o saltério.

Os salmistas usaram, em geral, de um hebraico puro e clássico para as suas composições. Apenas alguns salmos feitos no exílio, contêm palavras e expressões que traem a influência caldaica.

O estilo dos salmos prima por rara vivacidade e espontânea emotividade, unindo a correição de expressão aos conceitos e idéias mais profundos e sublimes. São tantas as suas qualidades artísticas, que, ao conceito dos maiores literatos, asseguram a Israel um lugar de incontestável destaque no meio da literatura mundial.

Nota: Nos antigos manuscritos, quer hebraicos, quer gregos, os salmos foram escritos sem a mínima separação uns dos outros, como era então costume. Daí vem que uns foram unidos com outros e por sua vez de um salmo foram feitos dois, de modo que existe hoje notável diferença na enumeração dos mesmos entre o texto massorético e o dos LXX, a que a Vulgata se acomodou, permanecendo, todavia, intato o número 150. O seguinte quadro esclarece esta diferença.

<i>Texto massorético</i>	<i>LXX e Vulg.</i>
1 — 8	1 — 8
9 — 10	9
11 — 113	10 — 112

LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

<i>Texto massorético</i>	<i>LXX e Vulg.</i>
114 - - 115	113
116, 1-9	114
116, 10-19	115
117 — 146	116 — 145
147, 1-11	146
147, 12-20	147
148 — 150	148 — 150

6. *Análise explicativa.* Muitas têm sido as divisões do saltério que os comentadores têm proposto no decorrer dos séculos. A melhor é sempre a que é indicada pelo próprio saltério e introduzida já antes da tradução dos LXX. Esta divisão forma dos 150 salmos um pentateuco i. e. um volume composto de 5 partes ou livros. Cada um desses livros termina por uma doxologia característica semelhante à seguinte que finaliza o Primeiro Livro:

“Bendito seja Javé, Deus de Israel,

“Desde os séculos e pelos séculos. Fiat, fiat!” (Sl 40, 14).

As 5 partes são: I — Sl 1 — 40. II — Sl 41 — 71. III — Sl 72 — 88. IV — Sl 89 — 105. V — Sl 106 — 150.

Cumpre notar que, quanto ao tema, ou argumento dos salmos, existe perfeita promiscuidade entre os vários Livros, sendo que alguns salmos se acham repetidos em dois Livros, como o Sl 13 do Primeiro Livro que é repetido no Segundo Livro Sl 52. O Sl 69 é apenas uma parte do Sl 39, 14-18 e o Sl 107 consta de duas partes, tiradas dos Sl 56, 8-12 e 59, 6-14.

Quanto à *forma* dos cinco Livros, é muito interessante a grande divergência que se pode notar no uso dos nomes di-

LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

vinos, fato êste que só se pode explicar em vista da época de sua composição. O seguinte quadro demonstra esta diferença:

	<i>Javé</i>	<i>Elohim</i>
I Livro	272 vezes	15 vezes
II Livro	30 vezes	164 vezes
III Livro	44 vezes	43 vezes
IV Livro	103 vezes	0
V Livro	236 vezes	7 vezes.

Sob um ponto de *vista objetivo* são muitos os *grupos* que poderemos ir formando, notando porém que muitas vezes o mesmo salmo se presta a ser classificado de modo diverso. Apresentamos os seguintes grupos:

1) Salmos *laudatórios*, pelos quais o salmista enaltece as perfeições divinas:

Sl 28 e 113: a Onipotência do Senhor.

Sl 138: a divina Onisciência e Ubiquidade.

Sl 50 e 105: a Misericórdia Infinita.

Sl 102: a Bondade de Deus.

Sl 88: a Fidelidade de Deus.

Sl 103: a Sabedoria e a Providencia divina.

Sl 95 e 96: a Glória de Javé.

Sl 8 e 148: a criação do mundo.

Sl 110: a especial predileção pelo povo eleito.

Sl 90: a proteção divina para com os santos.

Sl 112: Deus como protetor dos pobres.

Sl 118: sublimidade da Lei divina.

Sl 36: Deus, como justo retribuidor.

LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

2) salmos *eucarísticos* em vista dos inúmeros benefícios de Javé, mormente pela sua Providência:

Sl 17: pelos bens concedidos ao próprio salmista.

Sl 104: pelos bens concedidos ao povo eleito.

Sl 106: pelos bens concedidos em geral aos necessitados.

3) salmos *deprecatórios*, preces implorando o auxílio divino nas mais várias circunstâncias da vida. São numerosos, como

Sl 37: suplicando bens terrenos e espirituais.

Sl 30: pedindo principalmente os bens terrenos.

Sl 15: suplicando a vida eterna.

Sl 19: orando pela libertação de alguma tribulação.

4) salmos *imprecatórios* que são tantas preces repassadas de grande vivacidade, pela libertação dos inimigos ao mesmo tempo que lhes deseja e implora os devidos castigos divinos, como sejam os Sl 34. 51. 58. 68. 108...

A dificuldade que esses salmos oferecem consiste na disposição da alma que o salmista patenteia como se se deixasse levar pelo ódio pessoal e pela crueldade. Alguns Santos Padres, como São João Crisóstomo e Santo Agostinho pensaram poder resolver esta dificuldade lembrando a imperfeição da Antiga Lei relativamente ao Evangelho. Todavia já então havia prescrições claras sobre o amor mesmo do inimigo (Ex 23, 4; Lev 19, 17; Prov 24, 17...). Melhor será explicar esses salmos no sentido de castigos que Deus mesmo ameaça por meio do salmista inspirado aos pecadores, para atemorizá-los e apartá-los do seu mau caminho. As várias imprecações seriam figuras das eternas maldições divinas depois do julgamento final. Quanto ao Sl 108 em particular, podemos

LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

tomar os vv. 6-19 como imprecções que os ímpios dirigem contra o salmista e assim não haveria dificuldade alguma. Por fim, devemos notar que o salmista, expandindo seus sentimentos, sempre submete a sua causa a Deus, como ao Juiz supremo.

5) salmos *propiciatórios* ou *penitenciais*, pelos quais o salmista se lembra dos próprios pecados e dos pecados do povo em geral e se humilha diante de Javé, implorando misericórdia. Entre outros os Sl 6. 31. 37. 50. 101. 129. 142. Com rara psicologia o salmista sonda o coração humano e lhe expande os sentimentos mais espontâneos e profundos.

6) salmos *didáticos* e *históricos* que, ou à semelhança dos Livros Sapienciais, inculcam e lembram os preceitos da Lei de Deus, ou recordam a história do povo eleito para exaltar a misericórdia divina pela sua manifesta proteção, ao mesmo tempo que para fazer ver aos israelitas a sua ingratidão para com Javé. Deste número são os Sl 19. 1. 112... 105. 106...

7) salmos *profético-messiânicos*, que, conforme o sentido literal e diretamente (ao menos em parte), anunciam o Messias e o seu reino. Damos a seguir brevíssima exposição dos principais salmos que assim podemos classificar.

a) Sl 88: "Cantarei eternamente as misericórdias de Javé".

A finalidade, que o salmista tem em mira, é enaltecer as promessas divinas feitas a Davi sobre a perpetuidade do seu reino (vv. 5 e 35-38). De todo o salmo vê-se claramente que não se pode tratar da descendência meramente humana de Davi e sim no reino messiânico que ele mesmo simbolizava. Urge ter em vista a perspectiva profética tanto neste salmo,

LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

como nos demais congêneres: o salmista encara numa só vista de olhos o tipo e o antítipo.

b) *Sl* 44: “Solene palavra prorrompe de meu coração”.

O salmista celebra o real epitalâmio do Rei-Messias e de sua Esposa, a Igreja, ou a alma cristã, conforme a Epístola aos Hebreus (1, 8. 9) e tôda a tradição cristã.

c) *Sl* 71: “Dai, ó Deus, os vossos juizos ao Rei”.

Todo o salmo trata do reino messiânico. O Rei-Messias empunhará o cetro da justiça e do poder judiciário num reino de paz e de felicidades para todos os seus súditos. O salmista celebra ainda a amplidão e a eternidade desse reino. Certos traços da fisionomia moral do Rei não se podem aplicar mesmo metaforicamente a nenhum príncipe da raça de Davi, nem sequer a Salomão. Sòmente no Messias divino é que essas várias frases como as dos vv. 5-10 têm um verdadeiro sentido.

d) *Sl* 2: “Por que tumultuam as nações?”

Ao passo que as nações se revoltam contra Deus e o seu Enviado, o Messias, é publicado o decreto divino sobre o seu Ungido, no qual Javé lhe diz: “Tu és meu filho; eu mesmo hoje te gerei. Pede-me e eu te darei as nações por tua herança...” (7-9). São palavras claras que, ao conceito geral dos Santos Padres, se referem a Jesus Cristo (o Ungido) proclamando-lhe a filiação divina e o poder universal equivalente ao poder divino que lhe compete por sua natureza. Se alguém se recusar reconhecê-lo como único Soberano absoluto, será esmagado pelo seu poder.

e) *Sl* 109: “Disse o Senhor ao meu Senhor”.

O caráter messiânico deste salmo, reconhecido pela tradição judaica e unanimemente pelos Santos Padres, é atestado pelo próprio Jesus Cristo, que expressamente o aplicou a si mesmo (Mt 22, 43-45; Mc 12, 36; Lc 20, 42-44). Quaisquer que sejam as lições preferidas, o sentido é sempre o mesmo: o Rei-Deus vitorioso entre todas as nações é outrossim o Sacerdote por excelência (segundo a Ordem de Melquisedec) eternamente glorioso.

f) *Sl 21*: “Deus, meu Deus, olha para mim”.

A tradição cristã, baseando-se principalmente nas palavras de Jesus Cristo, proferidas na cruz (Mt 27, 46), pelas quais aplica a si mesmo este salmo, sempre o considerou messiânico, vendo nele detalhada descrição da sacratíssima Paixão e da salvação por ela obtida. O salmista apresenta o próprio Messias sofrendor descrevendo os seus tormentos, tanto da alma (2-12), como do corpo (13-22) e dando graças a Deus e louvando-O pela redenção concedida. Agora todos os povos adorarão o verdadeiro Deus e ele, o Messias viverá eternamente proclamando a Glória do Senhor.

g) *Sl 15*: “Guardai-me, Senhor, porque em Vós me refugio”.

São Pedro (At 2, 25-32) e São Paulo (At 13, 35-37) interpretam expressamente o v. 10 “Não permitireis que vosso Santo veja a corrupção” da ressurreição de Cristo, “uma vez que estas palavras não se verificaram em Davi”. Consoante esta autêntica interpretação, devemos aplicar todo o salmo em seu conjunto num sentido direto e primário a Cristo. Assim a Comissão Bíblica o decretou no dia 1 de Julho de 1933.

DECRETOS DA COMISSÃO BÍBLICA SOBRE
OS SALMOS

I — Utrum appellationes *Psalmi David*, *Hymni David*, *Liber psalmorum David*, *Psalterium Davidicum*, in antiquis collectionibus et in Conciliis ipsis usurpatae ad designandum Veteris Testamenti Librum C^L psalmorum, sicut etiam plurimum Patrum et Doctorum sententia, qui tenuerunt omnes prorsus Psalterii psalmos uni Davidi esse adscribendos, tantam vim habeant, ut Psalterii totius unicus auctor David haberi debeat?

Resp.: *Negative*.

II — Utrum ex concordia textus hebraici cum graeco textu alexandrino allisque vetustis versionibus argui jure possit titulos psalmorum hebraico textui praefixos antiquiores esse versione sic dicta LXX virorum; ac proinde si non directe ab auctoribus ipsis psalmorum, a vetusta saltem judaica traditione derivasse?

Resp.: *Affirmative*.

III — Utrum praedicti psalmorum tituli, judaicae traditionis testes, quando nulla ratio gravis est contra eorum genuinitatem, prouidenter possint in dubium revocari?

Resp.: *Negative*.

IV — Utrum si considerentur Sacrae Scripturae haud infrequentia testimonia circa naturalem Davidis peritiam Spiri-

tus Sancti charismate illustratam in componendis carminibus religiosis, institutiones ab ipso conditae de cantu psalmorum liturgico, attributiones psalmorum ipsi factae, tum in Veteri Testamento tum in Novo, tum in ipsis inscriptionibus, quae psalmis ab antiquo praefixae sunt; insuper consensus Iudaeorum, Patrum et Doctorum Ecclesiae, prudenter denegari possit praecipuum Psalterii carminum Davidem esse auctorem, vel contra affirmari pauca duntaxat eidem regio Psalti carmina esse tribuenda?

Resp.: *Negative ad utramque partem.*

V — Utrum in specie denegari possit davidica origo eorum psalmorum qui in Veteri vel Novo Testamento discrete sub Davidis nomine citantur, inter quos prae ceteris recensendi veniunt psalmus 2: *Quare fremuerunt gentes*; 15: *Conserve me, Domine*; 17: *Diligam te, Domine, fortitudo mea*; 31: *Beati quorum remissae sunt iniquitates*; 68: *Salvum me fac, Deus*; 109: *Dixit Dominus Domino meo*?

Resp.: *Negative.*

VI — Utrum sententia eorum admitti possit qui tenent inter Psalterii psalmos nonnullos esse sive Davidis sive aliorum auctorum, qui propter rationes liturgicas et musicales, oscitantiam amanuentium aliasque incompertas causas in plures fuerint divisi vel in unum conjuncti; itemque alios esse psalmos, uti *Miserere mei, Deus*, qui, ut melius aptarentur circumstantiis historicis vel solemnitatibus populi judaici, leviter fuerint retractati vel modificati subtractione aut additione unius alteriusve versiculi, salva tamen totius textus sacri inspiratione?

Resp.: *Affirmative ad utramque partem.*

VII — Utrum sententia eorum inter recentiores scriptorum, qui indiciis dumtaxat internis innixi vel minus recta sacri textus interpretatione demonstrare conati sunt non paucos esse psalmos post tempora Esdrae et Nehemiae, quinimo aevo Machabaeorum compositos, probabiliter sustineri possit?

Resp.: *Negative.*

VIII — Utrum ex multiplici Sacrorum Librorum Novi Testamenti testimonio et unanimi Patrum consensu, fatentibus etiam judaicae gentis scriptoribus, plures agnoscendi sint psalmi prophetici et messianici, qui futuri Liberatoris adventum, regnum, sacerdotium, passionem, mortem et resurrectionem vaticinati sunt; ac proinde rejicienda prorsus eorum sententia sit, qui indolem psalmorum propheticam ac messianicam pervertentes, eadem de Christo oracula ad futuram tantum sortem populi electi praenuntiandam coarctant?

Resp.: *Affirmative ad utramque partem.*

Nota: Todas estas respostas foram dadas no dia 1-5-910.

IX — Utrum viro catholico fas sit, maxime data interpretatione authentica Principum Apostolorum (At 2, 24-33; 13, 35-37), verba psalmi 15, 10. 11: *Non derelinques animam meam in inferno, nec dabis sanctum tuum videre corruptionem. Notas mihi fecisti vias vitae*, sic interpretari quasi auctor sacer non sit locutus de resurrectione Domini Nostri Jesu Christi?

Resp.: *Negative.*

BIBLIOGRAFIA

Além da grande quantidade de comentários que os Santos Padres nos legaram sobre os salmos em suas *catenae* e homilias etc. e dos comentários da Idade Média, citamos entre muitíssimas outras obras:

- A. Crampon — Les Psaumes. 1902.
A. Padovani, I Salmi secondo l'ebraico. 1905.
A. Schulte, Die Psalmen des Bréviers. 1907.
I. Knabenbauer, Commentarius in Psalmos. 1912.
F. Zorell, Psalterium ex hebraeo latinum. 1928.
J. Calès, Le Livre des Psaumes, 1936.
H. Herkenne, Das Buch der Psalmen. 1936.
L. Franca, O Livro dos salmos. 1947.
E. Vogt, Os Salmos traduzidos do original e explicados.
1951 (Edição da Liga de Estudos Bíblicos).

O LIVRO DOS PROVERBIOS

1. *Origem e autor.*

1) *Nome.* O "*Liber Proverbiorum*", assim chamado na Vulgata e nas traduções que dela dependem, recebeu esta denominação por influencia da versão dos LXX, que apresenta o título "*Paroimíai Salomonos*". Mas já São Jerônimo observa que a palavra *paroimíai* não correspondia inteiramente ao título hebraico "*Mishlé le Salomô*", pois que *mashal* (pl.

LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

mishlé) significa “breve sentença de um conteúdo moral”, ao passo que *paroimíai* tem o sentido de comparação ou parábola. Daí a sua escolha da palavra “provérbios que, aliás por sua vez, exprime apenas em parte o verdadeiro sentido de *mashal*”. Os judeus chamavam-no também “*Sepher hokmá*” i. e. “Livro da Sabedoria”.

2) *Autor*. De 1,1 e das inscrições das duas coleções de provérbios 22, 17 e 24, 23 deduz-se que Salomão foi, ao menos, o autor da maior parte do Livro. Com máxima probabilidade devemos atribuir-lhe, no mínimo, 375 provérbios i. e. as secções 10, 1 — 22, 16 e 25, 1 — 29, 27. Seria uma pequena parcela da sua obra lítero-sapiencial, que o autor do Livro dos Reis (1 Rs 4, 32) descreve como tendo sido “três mil *mashalim* e mil e cinco cânticos”. Tôda a tradição judaica e cristã sempre subscreveu a Salomão o Livro dos Provérbios. Os racionalistas dos últimos tempos negam-lhe tôda a autoria, fazendo valer argumentos de ordem meramente interna. Assim Delitzsch, Cheyne... Alguns comentadores católicos, como Tobac e Bigot, pretendem outrossim reduzir a um mínimo a parte de Salomão, todavia ainda lhe atribuem a iniciativa da obra que, mais tarde, foi consideravelmente aumentada e modificada.

O próprio Livro dos Provérbios atribui os Capítulos 30 e 31 respectivamente a *Agur*, filho de Jaké (que a Vulgata tomando num sentido alegórico, traduziu por “Palavras do que reúne, filho do que vomita”) e ao rei *Lamuel*. Ao que pensam a maioria dos intérpretes atuais, esses nomes não são pseudônimos de Salomão, mas designam personagens reais da tribo de Massa (Gên 25, 14): talvez israelitas que residiam no estrangeiro, ou gentios adoradores de Javé. Ignoramos inteiramente a época em que êles devem ter vivido.

LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

Igualmente alguns Provérbios (22, 17 — 24, 34) são atribuídos expressamente aos “Sábios” (22, 17 e 24, 23). Todavia absolutamente nada sabemos de que “sábios” se trate. Acresce que o texto hebraico não está de acordo com as traduções antigas.

Quanto aos cc. 1-9 e 31, nada se diz sobre o seu autor. Os comentadores em geral procuram a sua origem numa época mais recente devido ao estilo e aos muitos aramaísmos.

Como em 25, 1 se lê a indicação: “Também estes Provérbios são de Salomão, coligidos que foram pelos Homens (ou Sábios) de Ezequias”, podemos ter como provável que os muitos *mashalim* de Salomão, originariamente, fizeram parte da literatura oral, ou foram escritos em fôlhas volantes e que só aos poucos é que foram sendo reunidos e colecionados, até que, o mais tardar, no tempo de Esdras se cristalizaram na forma atual.

2. *Finalidade e gênero literário.* Os autores dos Provérbios, da mesma forma que os outros Sábios de Israel que nos legaram seus escritos, visaram formular em breves e frissantes máximas, ou adágios, verdades morais de incontestável evidência, para transmitir por êste meio a Sabedoria. O oriental, de mentalidade caracteristicamente intuitiva, não se contentava como os gregos com uma ciência especulativa. A sua cultura mental tinha sempre em vista a vida prática. A palavra *hokmá*, que os LXX traduziram por *sophia* (*sapientia*), tem propriamente a significação de “prudência” ou filosofia moral. Esta finalidade acha-se claramente expressa no Prólogo de todo o Livro: “Provérbios... para conhecer a sabedoria e a instrução, para compreender as palavras sensatas, para adquirir uma instrução esclarecida: a justiça, a equidade e o direito; para dar aos simples o discernimento e ao jovem o conhecimento e a reflexão”. (1, 1-4).

LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

Para transmitir essa “Sabedoria”, os sábios não escreveram tratados discursivos, como os gregos e os romanos costumavam fazer, mas acomodaram-se ao modo de exprimir-se oriental ou egípcio. E’ provável que Salomão, que segundo 3 Rs 4, 30 e Is 19, 11, “tinha muitas relações com Faraó, rei do Egito”, tenha conhecido o Livro Sapiencial dos sábios egípcios *Amem-em-ope*, o qual deve ter sido escrito aí pelo sec. X a. C. e o tenha tomado por modelo do estilo poético e ameno, repassado de comparações e enigmas dos seus Provérbios, para assim mais facilmente fixá-los na memória dos ouvintes ou leitores. Para Israel, quanto nos é dado saber, foi Salomão quem fixou este gênero literário, que, depois dêle, encontrou imitadores até na época dos Macabeus.

3. *Texto atual.* O texto massorético hoje existente está relativamente bem conservado. A tradução da Vulgata, salvo raras exceções, depende dêle verbalmente. A tradução, feita pelos LXX, oferece com relação a este texto hebraico não poucas omissões, adições, e substituições de palavras. Assim p. ex. todo o trecho 30, 1-31, 9 foi transposto e inserido depois do cap. 24.

A língua primitiva é o hebraico, em geral clássico, apenas com algumas expressões próprias do exílio na primeira parte (1-9) e nos últimos capítulos.

4. *Análise explicativa.* Além de um Prólogo (1, 1-7), em que o Sábio propõe seu escopo e convida ao estudo da Sabedoria, distinguimos duas Partes:

1.^a Parte: 1, 8 — 9, 18. *Advertências gerais da Sabedoria.*

Esta 1.^a Parte consiste em vários temas sem conexão

LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

entre si, mas tratados com certo desenvolvimento da matéria proposta.

1) Evitar os homens violentos: 1, 8-19.

2) Apelos da Sabedoria: 1, 20-23. Todos devem ir a ela para se instruírem. E' imprudente resistir e triste será o fim dos que não a atendem.

3) Vantagens do esforço pela Sabedoria: 2, 1-23. Ela leva ao temor de Deus e à sua especial proteção; preserva do mal, mormente da companhia dos homens perversos e da mulher **leviana**.

4) Atitudes para com Deus: 3, 1-12. A misericórdia e a verdade.

5) Preço da Sabedoria: 3, 13-26. Grande é a sua dignidade e as vantagens que traz aos homens...

6) Vários conselhos: 3, 27-35.

7) Novamente as vantagens da Sabedoria: 4, 1-27.

8) Contra o adultério: 5, 1-23.

9) Vários conselhos: 6, 1-19.

10) Novamente contra o adultério: 6, 20-7, 27.

11) Auto-elogio da Sabedoria: 8, 1-36. E' o principal trecho em que a Sabedoria é considerada em Deus mesmo, saindo dêle e, ao mesmo tempo, permanecendo nêle. Os Santos Padres viram nessa Sabedoria o próprio Verbo encarnado, ou, como outros querem, o conjunto da Segunda e da Terceira Pessoas divinas, mándadas pelo Pai ao mundo. O Sábio encarece a felicidade de quem encontra essa Sabedoria.

12) Os banquetes da Sabedoria e da insipiência: 9, 1-18. Assim como a Sabedoria prepara o seu banquete precioso

LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

e para êle convida os seus adeptos, também a insipiência ou a loucura prepara a sua ceia nauseabunda para os seus sequazes.

2.^a Parte: 10, 1 — 31, 31. *Máximas e normas de vida prática.*

Esta 2.^a Parte contém grande número de dísticos paralelos que se apresentam como “Provérbios de Salomão”, sentenças brevíssimas e variadíssimas, sôbre todas as manifestações da vida humana.

Distinguimos

1) a grande coleção de máximas salomônicas: 10, 1 — 22, 16.

2) máximas adicionais: 22, 17 — 31, 31.

Estas últimas são

a) os mais variados conselhos dos Sábios: 22, 17 — 24, 22.

b) nova série de máximas dos Sábios: 24, 23-34.

c) Provérbios de Salomão recolhidos pelos “Homens de Ezequias, rei de Judá”: 25, 1 — 29, 27. Estas máximas têm mais ou menos os mesmos característicos que a grande coleção de provérbios (10, 1 — 22, 16).

d) Palavras ou máximas de Agur, filho de Jaké: 30, 1-33. São doze pequenos ensinamentos sôbre temas diversos: virtudes e vícios.

e) Palavras do rei Lamuel: 31, 1-9. O próprio texto declara: “sentenças pelas quais a sua mãe o instruiu”.

f) Poema sôbre a mulher forte: 31, 10-31. Neste be-

líssimo poema que em hebraico é um acróstico alfabético, o autor anônimo delineia o retrato ideal de uma mulher prenada de todos os dotes femininos: fiel ao seu marido, amiga do trabalho, inteligente, perfeita dona de casa e mãe de família.

Quanto ao vastíssimo *conteúdo* dos Provérbios que abrangem tôdas as possíveis relações das criaturas humanas para com Deus e entre si mesmas, podemos sintetizá-lo brevemente do seguinte modo:

1) Deus forma sempre o comêço e o fim de tôda a moral. A sua Lei é em todas as vicissitudes da vida a regra absoluta dos atos humanos. Mesmo as normas que têm em vista o lado muito humano da existência terrena aparecem ligadas e subordinadas às leis sobrenaturais.

2) Das máximas meramente sociais o objeto é reger as múltiplas manifestações da vida no seu desenrolar de cada dia. Há, porém, alguns pontos que os Sábios tratam de modo particular: assim a sabedoria ou prudencia e a insipiencia ou loucura, o orgulho e a humildade, a justiça e a injustiça, a piedade e a impiedade, a probidade e a falta de consciencia, o amor e o ódio, a paciencia e a ira, as riquezas e a pobreza, a diligencia e a preguiça. Com frequencia eles expõem as devidas relações entre os pais e os filhos, entre o rei (as autoridades) e os súditos, entre os esposos, entre os senhores e os subalternos, bem como entre os amigos uns para com os outros. As advertencias visam muitas vezes a sensualidade e os perigos do adultério, a crueldade, a ambição e a avareza, a lisonja, a adulação e o fingimento e a hipocrisia, a impaciencia e a irritabilidade. Com ênfase sempre de novo eles inculcam o temor de Deus e o amor do próximo, a caridade e a veracidade, a temperança, a sinceridade. Como vemos, as

virtudes cardinais neles encontram a sua mais nítida expressão.

BIBLIOGRAFIA

H. Lesêtre, *Le Livre des Proverbes*. 1879.

Knabenbauer-Zorell, *Commentarius in Proverbia*. 1910

H. Wiesmann, *Das Buch der Sprueche*. 1923.

G. Mezzacasa, *Il Libro dei Proverbi di Salomone*, 1921.

O LIVRO DO ECLESIASTES

1. *Origem e autor.*

1) *Nome.* No texto massorético lemos o título: “*Dibré Kohelet*” “Palavras do Kohelet”. Sôbre a significação de Kohelet muito se tem disputado. O certo é que êsse nome provem de *kahal* que tem o sentido de “reunir, convocar” e é a forma feminina do particípio, que, ao que parece hoje averiguado, não designa o sexo, mas a função de quem convoca. Ha várias acepções possíveis: a) “Aquele que convoca para uma reunião”, como a Sabedoria que reúne seus “filhos” para ensiná-los (Prov 1, 20; 8, 1). b) “Aquele que preside uma reunião,” o chefe da assembléia, como quer Podechard. c) “Aquele que fala numa reunião”. E’ a mais antiga interpretação, seguida pelos tradutores da LXX que a verteram por *Eclesiastes*, transcrito pela Vulgata, que vem a significar “aquele que ensina numa *Ecclesia* ou reunião, o “Pregador”. O motivo pelo qual lhe deram êste nome, consiste no tom próprio de um pregador que o Livro assume em certos passos. Em todo o caso é o texto mesmo que aplica êste nome ao seu autor (1, 2. 12; 8, 1).

2) *Autor.* Todos os Santos Padres sempre supuseram sem exame mais minucioso que o rei Salomão era o Ecclesiastes. Nem podiam pensar de outra forma, pois que o Livro mesmo se apresenta como sendo da autoria de Salomão (1, 1) "Palavras do Ecclesiastes, filho de Davi, rei em Jerusalém". o qual fala como tal na primeira pessoa, descrevendo a sua vida e as suas delícias (1, 12...). Esta tese dos Santos Padres é ainda hoje mantida por exegetas de grande valor, como Reuss, Motaïs, Zschokke, Schenz, Vigouroux, Cornely-Hagen.

Nos últimos decênios surgiu uma opinião contrária à autoria de Salomão e adotada por comentadores de grande nomeada, como o próprio Kaulen, tão conservador, Condamin, Goettsberger, Nickel... Todos êles aceitam a hipótese de uma ficção literária, que, para os anos depois do exílio, nada tinha de extraordinário. Assim também o Livro da Sabedoria se atribui a si mesmo a Salomão.

Para apartarem-se da tese tradicional acham que os seguintes motivos têm força suficiente: a) o próprio autor do Livro (12, 9) se distingue a si mesmo de Salomão. b) A linguagem contém muitos aramaísmos, aproximando-se consideravelmente do modo de exprimir-se de Esdras e de Ester, sem a elegância do hebraico clássico. c) Igualmente certas asserções do Ecl são inverossímeis nos lábios de Salomão, como sejam o modo depreciativo de sua administração (10, 5-7) do poder real (4, 13), da sua própria falta de Sabedoria (1, 17). Dizer-se que Salomão teria escrito o Livro na sua velhice, decepcionado da vida que teve, como quer o cap. I, não encontra no decorrer do Livro nenhuma outra expressão que o confirme.

Quem seria então o *autor*? Na absoluta falta de alguma indicação histórica, podemos dizer apenas o seguinte sobre o autor anônimo deste Livro: a) o Ecclesiastes deve ter vivido

mais ou menos na época de Esdras. Se vivesse mais tarde, não compreenderíamos como o Livro teria sido aceito no cânon dos Livros inspirados, concluído como foi por Esdras. b) Deve ter sido um sábio muito versado na Sabedoria de Israel, mas também influenciado pela linguagem babilônica (12, 9. . .). c) Esse homem deve ter escrito ao menos o tema principal do Livro, cuja unidade de fundo e de forma é incontestável. Acréscimos posteriores vieram explicar certos passos obscuros.

2. *Finalidade e composição literária.*

Assim como em épocas remotas o problema da dor começou a ser ventilado entre os sábios de Israel, como atesta principalmente o Livro de Jó, do mesmo modo o problema da felicidade foi objeto de exame e de reflexões. O Eclesiastes neste seu Livro tem em vista tratar das várias questões concernentes à felicidade do homem na sua vida terrena. Limita-se o autor à existência do homem durante os dias que passa na terra e inculca os meios de fruir da relativa felicidade compatível com a transitoriedade dos fenômenos terrestres. Êle prescinde inteiramente da felicidade perfeita depois da morte. Nem é de estranhar esta sua atitude, uma vez que no Velho Testamento ainda não existia a noção revelada de um céu, lugar de delícias e bemaventuranças, como recompensa divina pelos atos de virtude praticados neste mundo.

Para atingir esta finalidade, o autor escreveu o seu livro, utilizando-se de um estilo todo próprio seu. Podemos designá-lo como um meio termo entre uma composição discursiva e as meras sentenças orientais que nos oferece o Livro dos Provérbios. Nota-se-lhe um discurso coerente, mas cada uma de suas enunciações é apresentada como sendo por si mesma

evidente, ou evidenciando-se e completando-se uma às outras. Mesmo que falte ao Livro um plano mais perfeito e lógico do desenvolvimento das idéias, não se lhe pode negar uma certa unidade. Como veremos adiante, é um só o tema que o autor trata do princípio ao fim.

Pretenderam alguns exegetas encontrar no Eclesiastes uma espécie de polêmica, ou estilo polêmico, como se êle citasse frases, ou modos de ver de outros autores, para, em seguida, refutá-los. Mas esta suposição nasceu apenas de um esforço, aliás bem intencionado, para resolver certas dificuldades de ordem moral. O texto não apresenta nenhum ponto de apoio para semelhante hipótese.

3. *Análise explicativa.* Mesmo que o conteúdo ou tema do Eclesiastes não seja exposto numa ordem estritamente sistemática, podemos seguir claramente um tríplice conexo de idéias-mestras que o perpassam todo êle e que se relacionam entre si como causa, efeito e consequência.

A idéia (ou série de idéias) predominante que imprime a sua nota saliente e frisante em tôda a obra versa sôbre a “*vaidade*” das coisas e instituições efêmeras da terra. Na vida presente o homem não pode conseguir um bem verdadeiro e permanente. Ao seu inato impulso para a felicidade opõem-se-lhe sempre resistências intransponíveis. Tudo o que é terreno, mesmo a Sabedoria humana, desmorona-se ante os muitos males que afligem os mortais. Vivem na certeza que devem morrer um dia. Essa morte com as suas concomitâncias forma o tétrico fundo de todas as suas vicissitudes. Tanto os sábios, como os tolos terminam do mesmo modo a curta existência e depois desta vida, o homem, quanto ao corpo, assemelha-se a um animal, corrompendo-se totalmente. A morte subtrai ao homem todos os bens terrenos que êle, talvez a custa

de muito sacrifício, foi conseguindo, e dá-lhe em troca a tenebrosa existência do *sheôl*. O Eclesiastes não duvida da sobrevivência da alma depois da morte e da justa recompensa (11, 9 e 12, 7-14). Estas verdades já tinham sido reveladas muito antes dêle e pertenciam ao conteúdo comum da fé israelítica (Gen 15, 15; 25, 8; Dt 31, 16; 2 Rs 2, 10; Sl 17), mas faltava-lhes a clareza em que hoje aparecem à plena luz do Novo Testamento.

A par desta idéia (ou série de idéias) sobre a instabilidade das coisas humanas, aparece uma segunda idéia-mestra que concerne à causa dêste estado de coisas: o *próprio Criador*, a Providência divina que assim dispôs do mundo e dos homens. Sendo êle bom e misericordioso, as suas leis e disposições que regulam todos os acontecimentos, só podem redundar para o bem de suas criaturas. Mesmo que os homens muitas vezes não possam penetrar nos seus ocultos desígnios, devem curvar-se diante dêle humildemente, compenetrados do seu santo temor.

Destas duas séries de idéias segue-se a terceira logicamente: o homem *tome o mundo assim como é* e foi feito por Deus, considerando-o um “dom divino” e use das coisas deste mundo conforme lhe apetece, satisfaça às exigências de sua natureza comendo e bebendo sem avareza ou mesquinheza, deixando todo o cuidado e solicitude a Deus.

Para compreender-se devidamente o Eclesiastes, cumprir ir seguindo-o atentamente na exposição destas suas idéias que entrelaça umas às outras e reveste de formas por vezes sarcásticas e incisivas numa linguagem viva e impulsiva.

O Livro do Eclesiastes, além da indicação do autor (1, 1), abrange duas Partes bem distintas:

LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

1.^a *Parte*: 1, 2 — 4,15. É um tratado mais especulativo acerca da “vaidade” das coisas terrenas.

1) Em geral: 1, 2-18. As coisas mundanas são instáveis e passageiras. A própria sabedoria que julga de tudo, no fundo não passa de vaidade, sendo também ela limitada e perecível.

2) Em particular; 2, 1-4, 15. O Eclesiastes vai especificando certas circunstâncias da vida humana, para fazer ver que não tem valor nenhum.

a) os prazeres, mesmo regrados e usados com prudência, não deixam de ser vãos: 2, 1-11.

b) A sabedoria que vale, é certo, muito mais do que a estultícia, também cai muito depressa no esquecimento: 2, 12-17.

c) Os lucros dos muitos trabalhos e riquezas devem em breve ser deixados aos herdeiros: 2, 18-26.

d) A indústria e a capacidade humanas são limitadíssimas e falhas: 3, 1-15.

e) Tudo acaba e, por fim, o corpo humano é igual ao corpo dos animais que se desfazem em pó: 3, 16-4, 3.

f) Do mesmo modo a vida social do homem não passa de vaidade: 4, 4-12.

g) O próprio governo de um rei não pode satisfazer às esperanças que acaso foram colocadas nêle: 4, 13-15.

2.^a *Parte*: 4, 17-12, 8. Exposição de caráter mais prático sobre a virtude da prudência a ser exercitada:

a) pela piedade para com Deus, tributando-lhe o culto que lhe é devido e conservando o seu temor: 4,17- 5, 6.

b) pelo governo de um rei prudente: 5, 7. 8.

LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

c) pelo bom uso dos bens terrenos que Deus concede para a partilha do homem na terra: Infeliz é aquele que morre sem ter gozado dos dons de Deus: 5,9-6, 12.

d) regrando os prazeres: 7, 1-7.

e) com paciência e sabedoria: 7, 8-14.

f) ante a incerteza do futuro: 7, 15-18.

g) com moderação, clemência e humildade: 7, 19-29.

h) Seguem-se as mais várias sentenças: 8,1-12, 8.

Nestes trechos o Eclesiastes fala promiscuamente das atitudes que se devem tomar relativamente aos reis e às suas sanções, dos esforços, sucessos e fracassos do trabalho de cada um, e de vários deveres de ordem mais particular. Termina por fim como uma espécie de conclusão de toda a sua exposição, aconselhando que os homens se aproveitem dos dias de sua vida, alegrando-se e lembrando-se de Deus.

Num *Epílogo* (12, 9-14) o próprio Eclesiastes e outros sábios são louvados, porque escreveram inuita coisa útil para que por seus conselhos os homens regrem a sua vida. Todo o presente Livro pode resumir-se nas palavras: “Teme a Deus e observa os seus preceitos. Nisto consiste todo o homem”.

3. *Solução de algumas dificuldades.*

Como temos dito, o Eclesiastes usa por vezes de expressões impetuosas que têm dado aso a interpretações errôneas. Entretanto, um pouco de reflexão as pode elucidar satisfatoriamente.

1) Em certos passos (1, 16; 2, 15:...) êle proclama a “ vaidade ” da própria Sabedoria e a sua inutilidade, pa-

LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

recendo cair num verdadeiro *ceticismo*, como pretende Heine e outros. Cumpre distinguir: considerando-se bem os vários textos, o Eclesiastes diz apenas que mesmo a Sabedoria humana não pode saciar plenamente a ânsia que sente o homem de conhecer tudo; ela é limitada e falha; não lhe nega, porém, as grandes vantagens. Pelo contrário, ela a acentua, quando louva o sábio em vista da manifesta utilidade de suas palavras e escritos (12, 9).

2) De outros textos (3, 1-15) tem-se pretendido acoimá-lo de *determinista*. Podemos responder que se trata unicamente de expressões vivas e plásticas. Urge confrontar essas frases com outras semelhantes em que êle supõe abertamente a liberdade humana, como 5, 1 (o bem e o mal moral); 11, 9; 12, 14 (o juízo a ser exercido sobre cada uma pessoa); 2, 26 (a retribuição conforme as obras praticadas).

3) De algumas expressões (2, 24; 5, 17...) alguns autores pretenderam concluir que o Eclesiastes era favorável a um *crasso epicureismo*. Mas sem motivo algum. Grande é a diferença entre o que êle diz e o que ensina Epicuro. Ao passo que este vê na concupiscência e no deleite o fundamento da moralidade, o Eclesiastes recomenda apenas que se use dos bens terrenos sem avareza, alegremente e com a devida temperança (11, 9).

4) Hartmann e outros consideram o Eclesiastes como um fautor do *materialismo* em vista de 3, 19: "Quem sabe se o espírito dos filhos dos homens suba para cima e o espírito dos jumentos desça para baixo?" Como de outros textos (9, 10; 6, 6) o Eclesiastes suponha certamente a sobrevivência depois da morte, devemos compreender o v. 11, 9 como se referindo unicamente à parte corporal do homem. O Eclesiastes quer apenas aconselhar o homem a que não se

LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

enalteça aos próprios olhos, pois que a sua *vida* (“espírito” no sentido da vida) terminará e o seu corpo, hoje vivificado pelo espírito, se vai desfazer, da mesma forma que um animal.

5) Taubert tem o Ecclesiastes em conta de um pessimista, apelando para tôda a sua 1.^a Parte (1-4). Mas atendendo-se bem, o Ecclesiastes é, pelo contrário, um gênio alegre, que procura expandir-se livremente usando dos bens que possui na terra sem desprezá-los de forma alguma, mas aceitando-os das mãos de Deus. Todavia também não cai num otimismo exagerado, porque ensina a moderação e que o homem não pense poder encontrar verdadeira satisfação na vida presente.

BIBLIOGRAFIA

Gietmann, Commentarius in Ecclesiasten. 1890.
Condamin, Études sur l'Ecclésiaste (Rev. Biblique) 1899 e 1900.

A. Scholz, Kommentar ueber den Prediger. 1901.

Podechard, L'Eclésiaste 1912.

K. A. Leimbach, Das Buch Ecclesiastes. 1919.

E. Dimmler, Der Prediger. 1921.

Allgeier, Das Buch des Predigers. 1925.

O CÂNTICO DOS CÂNTICOS

1. *Origem e autor.*

1) *Nome.* A Vulgata intitulou êste Livro *Canticum Canticorum Salomonis*, traduzindo verbalmente o hebraico

Shir hashirim le Shelomô, como já o tinham feito os LXX: *hasma hasmaton Salomonos*. A frase hebraica *shir hashirim* tem simplesmente sentido de superlativo, como *Sanctum Sanctorum* i. e. *Sanctissimum* (Êx 30, 36): o mais belo dos cânticos. Neste sentido usamos em português também o nome: Livro dos Cantares.

2) *Autor*. No título supra ocorre a preposição hebraica *le que* é suscetível a indicar o autor de um livro ou poema de Salomão. Assim não admira que toda a tradição tanto judaica, como cristã tenha tido Salomão como o autor do Cântico dos Cânticos sem sequer pensar noutra possibilidade. Ainda hoje a maioria dos intérpretes católicos conservadores admitem a autoria do filho de Davi. E vários protestantes racionalistas opinam da mesma forma, como p. ex. Hengstenberg, Delitzsch, Keil... Baseiam-se tanto no título, como nos vv. 3, 7. 9. 11; 8, 11. 12. Apela também para a conveniência que há entre a situação que esta obra supõe com a época e o caráter do grande rei, que conforme 1 Rs 4, 32 deve ter exercido não pequena atividade literária.

Todavia alguns autores católicos, como Zapletal, Joüon, Mueller, Vaccari, Tobac e outros rejeitam a autenticidade salomônica em vista dos muitos aramaismos e outras expressões, que indicam a época de Esdras, como palavras persas p. ex. *pardes* (paraíso: 4, 13) e *nerd* (nardo: 1, 12). Quanto aos argumentos a favor da tese tradicional, respondem que os Santos Padres nunca pensaram seriamente sobre a origem do Livro, que a partícula hebraica *le* também pode significar “sobre” i. e. “tratando de” ou ainda “oferecido a”, que, por fim, se verifica no decorrer do Livro a mesma ficção literária do Livro da Sabedoria etc., atribuindo o escrito a Salomão, como ao sábio por excelência.

LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

Conclusão: no momento presente é impossível provar-se de modo irrefragável se foi Salomão ou não quem escreveu este Livro. Urge notar que não se trata de uma questão que afeta o dogma e que não ha nenhuma decisão da Igreja a este respeito.

2. *Interpretação.* Conforme o teor das palavras e frases de todo o Livro dos Cantares, em que nenhuma vez ocorre o nome de Deus ou alguma alusão ao culto ou a coisas espirituais, o tema, visado pelo autor, consistiria em simples e ardentes manifestações eróticas entre dois noivos: “Salomão e Sulamit”.

Assim num sentido verbal e exclusivo muitos intérpretes degradam o Livro a uma obra profana e mesmo lúbrica sem utilidade alguma e até perigosa. Entre os judeus esta opinião foi partilhada por Shammai e sua escola (que foram, porém, condenados pelos próprios judeus na sua convenção de Jamia no ano 90 da nossa era). Entre os cristãos Teodoro de Mopsuéstia (428) propôs esta interpretação, que foi condenada pelo II Concílio de Constantinopla em 553. Hoje este sentido naturalista é comum entre os racionalistas que vêm no Cântico simples coleção de canções de amor.

Como outrora a maioria dos judeus, a Igreja sempre se opôs a semelhante interpretação e ensina que todo o Livro deve ser interpretado *alegôricamente*, como uma longa metáfora em que as diversas imagens têm uma significação particular. Conforme este sentido espiritual (por vêzes chamado: simbólico, típico, místico) sob a figura do “amor conjugal” se descreve o infinito amor de Deus pelo povo eleito de Israel (que vem a ser o mesmo de Cristo pela sua Igreja ou pelas almas) e vice-versa de Israel pelo seu Deus (ou da Igreja e de cada alma por Cristo).

Devemos notar que esta belíssima e frisante comparação da íntima relação entre Javé e Israel, a imagem da aliança matrimonial, se foi tornando muito comum na literatura israelítica, sendo aproveitada principalmente pelos profetas (Os 2, 19; Is 50, 1; 54, 4; 62, 5; Jer 2, 2; Ez 16, 1...; Sl 44). Supondo esta relação de Israel para seu Deus, a apostasia do povo caindo na idolatria é designada muitas vezes simplesmente por fornicção. Para os primeiros leitores do Cântico esta imagem deve ter sido tão familiar que não necessitavam de uma explicação expressa para interpretar o Cântico no mesmo sentido. A imagem simbólica continuou a ser empregada nos Livros do Novo Testamento. Cristo é chamado o “Esposo” (Mt 9, 15; Jos 3, 29), a Igreja é apresentada como a “Esposa”, mulher do Cordeiro” (Apc 21, 9) e São Paulo a supõe como muito conhecida escrevendo aos Efésios (5, 23).

Lusseau-Collomb e outros querem distinguir entre o sentido típico e alegórico: aquêlê mantém ainda o sentido literal como intencionado pelo Espírito Santo e pelo hagiógrafo, ao passo que êste prescinde inteiramente do sentido literal intencionado. Parece que em si o sentido típico é mais lógico, pois que para que uma metáfora tenha significação e valor, se torna necessário que se compreenda o termo de comparação conforme o seu valor natural. No caso presente, precisamos fazer-nos uma idéia da intensidade do amor conjugal para que esta metáfora seja assaz expressiva para significar o amor divino.

3. *Composição literária.* Todos os esforços que os exegetas antigos e recentes têm feito para encaixar o Cântico entre os gêneros literários conhecidos, têm sido baldados. Êle conserva seu caráter todo próprio, como uma composição poética inteiramente *sui generis*.

1) Desde Herder (1778) muitos autores como Budde, Siegfried e Haupt têm-se esforçado por apresentar o Cântico como uma antologia ou coleção de vários hinos ou canções populares, tendo tôdas elas o amor por tema. Lembram os costumes israelíticos nas festas nupciais, nas quais durante oito dias os esposos ou noivos são tratados como príncipes, cercados de sua côrte. Danças e cantos alusivos e alegóricos ao ar livre abrilhantavam as solenidades quase sempre em plena primavera. Se dermos a êstes cantos um sentido típico, como dissemos atrás, nada se pode alegar contra esta interpretação do ponto de vista da inspiração e canonicidade do Livro. Mas difficilmente poder-se-á conciliar com esta opinião o fato seguinte: os vários personagens que figuram no Cântico aparecem sempre de novo com as mesmas características. Assim Salomão: 3, 7. 11; 8, 11. A espôsa (Sulamit): 1, 6; 3, 4; 6, 9; 8, 1. 8. O grupo das “filhas de Jerusalém”: 1, 5; 2, 7; 3, 5; 5, 8. 16; 8, 4. Percebe-se claramente que há uma sequência ou unidade no sentido lato em todo o Livro.

2) Antiquíssima é a opinião que vê no Cântico uma verdadeira peça teatral, um melodrama com ação, intriga, peripécias e desnudamento. Já para Orígenes, segundo São Jerônimo, o Cântico teria sido um “*carmen nuptiale in modum dramatis conscriptum*”. No decorrer dos últimos séculos muitos autores têm defendido esta interpretação, tanto católicos, como racionalistas. Conforme êsses exegetas o tema fundamental do drama desenrolar-se-ia do seguinte modo: Salomão deixa-se tomar pela beleza de uma jovem campestre que êle encontrara sôzinha nas campinas de Engadi e a força a entrar para o seu harém. Mas a jovem permanece alheia a tudo o que a cerca e guarda obstinadamente o coração para o seu amante que ficara na aldeia. Às promessas e

aos carinhos do rei ela responde pelos louvores que faz do pastor. Ela consegue rever várias vezes êste seu amante e afinal Salomão emocionado por tal fidelidade permite que ela volte à companhia daquele que ela ama. Todo o poema seria a exaltação do amor fiel e forte e vitorioso sôbre a violência. — Também esta composição dramática prestar-se-ia perfeitamente às mais belas alegrias espirituais. Todavia, impossível é não reconhecer-se que a aplicação consequente aos oito capítulos do Cântico encontra muitas dificuldades e força o texto.

3) Talvez seja mais acertado deixar ao Cântico toda a sua simplicidade e espontaneidade, considerando-o apenas como um *poema dialogado*, uma sequência de monólogos recitados, ou cantados alternativamente por vários personagens, uma espécie de *oratório*, composto de recitativos um pouco mais extensos, interrompidos de trechos mais líricos e de frases pròpriamente dialogadas. Assim propõem entre outros autores Tobac, Joüon e Lusseau-Collomb.

O autor do Cântico emprega uma linguagem que, pelas suas palavras e torneios, muito se apropria à suave poesia que o anima. O hebraico que aí lemos surpreende pela sua fina delicadeza; não é o hebraico que se adapta às narrações, como o que se nos depara nos Livros dos Reis, nem o hebraico jurídico e sêco do Pentateuco e dos hagiógrafos, nem tão pouco a linguagem ardente dos Profetas, mas uma fraseologia repassada de flagrante frescor e de graça encantadora.

4. *Análise explicativa.* Todos os comentadores estão de acordo quanto ao aspecto geral que o Cântico apresenta: a) não se pode seguir um andamento lógico de idéias; b) Todo êle é uma série de expansões psicológicas do coração humano em seus anseios ardentes; c) As imagens, os idílios, as cenas

LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

e as próprias palavras repetem-se sempre de novo apenas sob um ponto de vista um pouco diverso.

Começam, porém, as grandes divergências, quando os exegetas se põem a analisar o texto em suas várias partes.

A. Crampon distingue um prólogo (1, 2-4), uma 1.^a Parte (1, 5-5, 1) e uma 2.^a Parte (5, 2-8, 7), terminando com um Apêndice (8, 8-14).

A. Merck, citando Santo Tomás, Kaulen e outros apresenta uma tríplice divisão: a) o começo do amor, ou a união da Igreja primitiva (1, 1-3, 5); b) o dia do desponsório, ou a união que se estreita (3, 6-5, 1) e c) o tempo do conjúgio espiritual, ou a união perfeita (5, 2-8, 14).

Joüon, com a sua interpretação histórica, prefere a divisão em duas Partes: a) a aliança de Deus com Israel e b) a aliança eterna. Com êle coere mais ou menos Hontheim, apenas subdividindo cada parte em três.

Bossuet e depois dêle muitos outros como Calmet, adotou a divisão em sete partes, conforme os sete dias das festas nupciais.

Outros críticos vão até 23 cânticos ou ainda mais.

Apresentamos a seguinte divisão que tem por si a vantagem de ser uma detalhada exposição do conteúdo do Cântico.

1) O *desejo* dos esposos de possuírem-se mutuamente: 1, 2-2, 7.

a) Anseios pelo amor divino: 1, 2-4.

b) Dias de separação e espera: 1, 5. 6.

c) À procura do divino Esposo: 1, 7. 8.

LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

- d) Na intimidade divina: 1, 9-17.
- e) Mutuas expansões de afeto: 2, 1-7.
- 2) A *dor* da separação: 2, 8-3, 5.
 - a) A visita do Esposo: 2, 8-14.
 - b) Provações: 2, 15-17.
 - c) Negligências da parte da esposa e nova separação: 3, 1-5.
- 3) A *alegria* de se reverem de novo: 3, 6 — 5, 1.
 - a) O trono do Esposo-Rei: 3, 6-11.
 - b) Os encantos da esposa, descritos pelo Esposo-Deus: 4, 1-7.
 - c) Convite para a deliciosa intimidade com Deus: 4, 8-11.
 - d) Amor exclusivo, só o Esposo: 4, 12-15.
 - e) Venturas desta união com o Esposo divino: 4, 16 — 5, 1.
- 4) *Vicissitudes*: 5, 2 — 6, 10.
 - a) Alternativas do coração: 5, 2-5.
 - b) Arrependimento da parte da Esposa: 5, 6. 7.
 - c) Anseios e transportes da Esposa: 5, 8-16.
 - d) De novo os Esposos se unem: 6, 1-3.
 - e) Delícias do amor divino: 6, 4-7.
 - f) A bem-amada: 6, 8-10.
 - 5) O *desponsório* ou o amor exclusivo: 6, 11 — 8, 4.

LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

a) Os encantos da Esposa aos olhos do Esposo divino: 6, 11-7, 6.

b) Os encantos do Esposo aos olhos da Esposa: 7, 7-10.

c) Ela é só do seu Deus-Esposo: 7, 11 — 8, 4.

6) *Riquezas* do amor divino: 8, 5-14.

a) *Fortaleza* invencível do amor: 8, 5-7.

b) O Esposo-Deus acima de tudo: 8, 8-12.

c) *Conclusão*: 8, 13. 14.

5. *Aplicação prática.* Como só é admissível o sentido alegórico ou típico de todo o Cântico, os personagens e as cenas que nêle ocorrem devem ter a seguinte significação:

1) O *Esposo*. O sentido exato vai depender do modo de interpretar a dupla manifestação do Esposo como rei e como pastor i. e. se se trata de uma só pessoa ou de duas. No primeiro caso, o sentido espiritual é claro: é o Esposo-Deus, que no Velho Testamento se revelou como Javé, o Deus do seu povo eleito, que tomou Israel a si na qualidade de sua esposa e no Novo Testamento nos aparece na Pessoa adorável de Jesus Cristo (e do Espírito Santo), desposando a sua Igreja. E' sempre uma manifestação frisante e misteriosa do Amor infinito de um Deus pela sua criatura. No segundo caso, teríamos que ver a Deus no verdadeiro Esposo i. e. no pastor. O rei simbolizaria a tentação ou o mundo que quer apartar a alma do seu Deus-Esposo.

2) A *Esposa*, que aparece sempre do mesmo modo, só pode significar a criatura humana, desposada por Deus. Podemos interpretá-la como um coletivo: toda a humanidade (fiel a Deus) ou o povo eleito de Israel, quer quanto à descen-

LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

dência corporal de Abraão no Velho Testamento, quer principalmente como a sua descendência real e espiritual, o verdadeiro Israel que é a Igreja Santa. Em seguida, podemos também tomá-la como símbolo ou tipo da alma humana, escolhida para a intimidade divina em Jesus Cristo: em sentido supereminente a Virgem Santíssima, a Mãe-Esposa do Verbo; em sentido comum toda alma cristã.

A Esposa aparece como criatura, de si mesma limitada e defectível, sujeita a negligências e a tentações, entretanto, forte e vitoriosa pela força do divino Esposo.

3) Os *demais personagens* que ocorrem no Cântico, devem ser interpretados de acôrdo com a realidade da vida cristã. Serão anjos ou outras criaturas enviadas por Deus para auxiliar a Esposa ou formarem a Côte do Esposo; poderão simbolizar, outrossim, pessoas que causam dificuldades ao progresso da Esposa (como os seus irmãos).

4) Os *animais*, as flores e plantas, os jardins e as fontes, as montanhas são tantas metáforas que, além do seu sentido próprio, servem para dar mais realce ao todo, imprimindo-lhe um cunho enigmático e idílico.

B I B L I O G R A F I A

Scerbo, II Cântico dei Cantici. 1904.

A. Scholz, Kommentar ueber das Hohelied. 1904.

P. Joüon, Le Cantique des Cantiques. 1909.

L. Cicognani, Un melodrama antichissimo. 1911.

R. Munz, Die Allegorie des Hohenlieds aufgelegt. 1912.

I. G. Arintero, Cantar de los cantares, 1919.

Tobac, Les cinq Livres de Salomon. 1926.

G. Pouget et J. Guillon, Le Cantique des cantiques. 1948.

O LIVRO DA SABEDORIA

1. *Origem e autor.*

1) *Nome.* Na Vulgata lemos simplesmente *Liber Sapientiae* (1, 1). O texto grego dos LXX apresenta o título *Sophia Salomonos* e a antiga versão siriaca “Livro da grande Sabedoria de Salomão, filho de Davi”. Os Santos Padres gregos designavam-no muitas vezes por “A divina Sabedoria”.

2) *Autor.* Conforme o título, o Livro é atribuído a Salomão. Como tal o consideraram a maioria dos escritores antigos. Todavia já Santo Agostinho e São Jerônimo afirmaram com palavras expressas que essa autoria era impossível. É curioso que ainda no século passado A. Schmid e outros defenderam a autoria salomônica, baseados no título e em 7, 1; 8, 14; 9, 1, bem como na escolha dos exemplos para enaltecer os frutos da Sabedoria, sendo todos eles tirados da época da história do povo eleito anterior a Salomão.

Entretanto, esta opinião não é aceita hoje por mais nenhum exegeta. Explicam o título e a apresentação de Salomão nos vários passos do texto como uma mera ficção literária que a antiguidade considerava como muito legítima e apta para a exposição de uma idéia. Todos os leitores podiam compreendê-la perfeitamente: Salomão era encarado simplesmente como o sábio. Da mesma forma explica-se logicamente que o autor não podia escolher exemplos da história posterior ao grande rei. Do exame interno do Livro conclui-se que a autoria de Salomão deve ser excluída. É, pois, ave-

riguado que êle foi escrito em grego, em consequência de grande número de expressões empregadas que não têm equivalentes em hebraico e de torneios incompatíveis com a syntaxe hebraica. Da mesma forma o ambiente que o Livro da Sabedoria supõe é muito diferente do palestinense e muito posterior ao de Salomão. Assim certos usos (1, 4; 4, 2. 3; 10, 12), as doutrinas combatidas (19, 20), as figuras empregadas (6, 18-21) e certos termos tomados da linguagem grega (7, 22; 8, 6; 14, 3).

Neste caso, quem seria o autor? — Mesmo que não lhe conheçamos o nome, podemos adiantar o seguinte: a) ele era um judeu de grande cultura, que conhecia perfeitamente todo o Velho Testamento, que nutria grande apreço pela Lei (um fariseu) e que reprovava enèrgicamente o paganismo; b) esse judeu era instruído também quanto à cultura grega, conhecendo perfeitamente esta lingua, de que se serviu para escrever o seu Livro e a filosofia grega em seus vários sistemas; c) deve ter residido no Egito (talvez em Alexandria) em vista do lugar que o Egito ocupa na sua obra e dos detalhados conhecimentos que manifesta da religião egipciaca e porque, como sabemos, era aí que, de modo particular, florescia o estudo da Biblia fora da Palestina, como se deduz da tradução dos LXX e do Livro do Eclesiástico; d) embora judeu instruído e conhecedor das artes, êle escreveu em prosa, diferenciando-se neste particular dos outros autores que escreveram sobre a Sabedoria.

3) *Data.* Do conteúdo do Livro podemos deduzir que êle foi escrito numa época de grande impiedade, em que campeava o cepticismo. Ao passo que os homens em geral se davam desenfreadamente aos prazeres, os judeus passavam por cruéis tribulações. E' o que aconteceu durante o reinado de

LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

Ptolomeu VII (170-116). Em todo o caso: depois da tradução dos LXX e antes da era cristã.

2. *Finalidade e destinatários.*

O autor do Livro da Sabedoria escreveu num meio muito diferente do ambiente do Eclesiastes. No Egito êle vivia entre judeus e gentios e, ao escrever o seu Livro, deve ter tido em mira tanto uns como os outros. Conforme 1, 1; 6, 2-12 é evidente que êle se dirige aos reis e governadores dos povos concitando-os ao estudo da Sabedoria. Todavia o círculo dos seus destinatários é muito mais vasto: são todos os pecadores e incrédulos que não glorificam o Criador. Mas de modo particular êle tem os seus concidadãos judeus ante os olhos: é o que devemos concluir do conhecimento que êle supõe nos seus leitores da história do povo de Israel. Lembra-lhes com insistência os bens eternos, os benefícios com que Deus no passado encheu o povo eleito e as muitas vantagens do amor e do estudo da Sabedoria. Por estas reflexões êle tenciona encorajar os seus a guardar intata a sua fé e premuni-los contra os perigos do materialismo e do paganismo. Isso não impede que o autor tenha querido também exortar em geral os gentios a entrarem em si e a adorarem o único Deus que fez os céus e a terra, abandonando os ídolos. Dificilmente poderíamos negar esta finalidade apologética.

3. *Canonicidade.* O Livro da Sabedoria não fazia parte do cânon palestinese dos Livros tidos como inspirados do Velho Testamento. Daí os protestantes persistem em não aceitá-lo como tal e o excluem de suas Bíblias. A Igreja sempre o teve como canônico e apenas por mera convenção os exegetas católicos o classificam como deutero-canônico. Inere-lhe a mesma autoridade dos outros Livros Sagrados.

LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

Provas: a) Êle encontra-se em todos os manuscritos conhecidos da versão dos LXX e no cânon dos judeus da Abissínia que reflete certamente a crença dos antigos judeus do Egito; b) Os autores do Novo Testamento, embora não cite este Livro expressamente, utilizam-se dêle frequentemente. Assim o que escreve São Paulo aos Romanos (1, 20-32) é como que um compêndio da Sab (13-16). Podemos confrontar ainda Rom 9, 21... com Sab 15, 7; Rom 9, 22 com Sab 12, 20; Rom 11, 32 com Sab 11, 24; 1 Cor 6, 2 com Sab 3, 8; 2 Cor 5, 4 com Sab 9, 15; Ef 6, 13 com Sab 5, 18; Tg 3, 17 com Sab 7, 22; 1 Prov 1, 6 com Sab 3, 5; Hebr 1, 3 com Sab 7, 26 e outros; c) A grande maioria dos Santos Padres dos primeiros séculos citam a obra como inspirada. Santo Agostinho (de Praed. Sanct. 1, 14) escreve expressamente contra os Massilienses que os melhores comentadores dos tempos mais próximos dos Apóstolos se basearam neste Livro como num testemunho divino. Em seguida, S. Clemente Rom. (27, 60), Fragm. Murat. (69-70), S. Irineu (c. haer. IV 38), Tertuliano (c. Mc 3, 32), S. Cipriano (de hab. virg. 10), Lactâncio (de inst. IV 16), S. Hilário (de Trin. I 7); Doutrina dos doze Apost. (5, 2; 7, 3), Clemente Alex. (Strom IV 16; VI 11), Origenes (c. Cels. III, 27); Santo Atanásio (in Arian. or. 2, 32; ad Serap. 1, 26; in Ep. fest. 11, 5; 19, 5...) e outros muitos. E' certo, entretanto, que São Jerônimo, Rufino e S. Gregório Magno não aceitaram este Livro como inspirado, baseando-se no cânon palestinese. Foram levados a isso sob a influência de suas controvérsias com os judeus. A grande autoridade de São Jerônimo levou a certos autores na Idade Média a terem o nosso Livro como uma mera leitura edificante. Estas hesitações terminaram com o Conc. de Trento (8-4-1546) que o incluiu na lista oficial das Escrituras Inspiradas.

LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

4. *Análise explicativa.* O Livro da Sabedoria divide-se distintamente em duas partes: uma especulativa ou teórica: 1, 1 — 9, 19 e uma outra prática: 19, 22.

1.^a Parte: *Teorias sobre a Sabedoria*: 1, 1-9, 19.

Esta 1.^a Parte subdivide-se em duas séries de considerações:

A) 1.^a série: 1, 1-5, 23. A Sabedoria como fonte de felicidade para o tempo e para a eternidade.

1) Disposições morais necessárias para conseguir a Sabedoria: 1, 1-15. Depois de uma exortação geral, o Sábio urge a necessidade de evitar-se o pecado para escapar aos castigos divinos. Deus, que não criou a morte, quer a vida da sua criatura.

2) Merecidos castigos dos maus: 1, 16 — 2, 25. Os ímpios é que atraem a si a morte como justo castigo. O Sábio transmite em linguagem direta o modo de pensar dos maus: a vida é curta; urge entregar-se a toda a espécie de prazeres e oprimir o justo que prega a moderação e a continência... A morte foi introduzida no mundo pela inveja do demônio.

3) Retribuições na outra vida: 3, 1-12. O Sábio, de um modo muito mais claro e explícito do que o autor dos Provérbios, fala da retribuição após a morte. Os justos terão uma recompensa gloriosa, ao passo que os ímpios serão atormentados.

4) Louvores da virtude: 3, 13 — 4, 6. O Sábio, tomando por base uma mulher proba, mas estéril, proclama-a mais feliz do que uma outra que, sendo leviana, possui numerosa prole. Mais vale a virtude do que o vício.

5) Mesmo tema: 4, 7-19. Nova comparação: uma vida breve, mas virtuosa, tem muito mais valor do que uma longa vida ímpia, cujo fim é desastroso.

6) O juízo final: 4, 20 — 5, 23. Como conclusão e consequência das reflexões precedentes, o Sábio propõe um confronto da sorte dos justos e dos ímpios no juízo futuro: aquêles cheios de confiança e estes transidos de pavor. Como no cap. II, são os próprios ímpios que agora falam e se queixam amargamente de sua loucura e de seus tremendos enganos sobre a verdadeira vida e sabedoria. Nova descrição das venturas dos justos e dos castigos que aguardam os insensatos como sanções divinas pelas suas obras durante a vida presente.

2.^a série de reflexões: 6, 1 — 9, 18. Origem, natureza e atividades da Sabedoria, bem como os meios de adquiri-la.

1) Os reis devem ser sábios: 6, 1-11. Deus é que lhes dá o poder e os constitui reis e dêles pedirá um dia severíssimas contas. Que êles sejam dóceis aos ensinamentos da Sabedoria.

2) Resplendores da Sabedoria: 6, 12-26. O autor começa a descrever a beleza da Sabedoria, mas primeiro frisa que êle não se nega a ninguém. Sintam-se desejos ardentes de possuí-la e ela aí estará à disposição de todos. O Sábio dirige-se em particular aos reis (21: ó reis dos povos!) e para poder falar-lhes com maior autoridade, introduz o próprio Salomão como mestre da sabedoria até o fim desta 2.^a série.

3) A oração como meio para adquirir-se a Sabedoria: 7, 1-14. Salomão narra seu nascimento igual ao de todos os homens, para frisar que êle não veio ao mundo já sábio. Sendo ignorante, pôs-se a rezar. Grandes desejos levaram-no

LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

a perseverar na oração e recebeu os preciosos bens que a Sabedoria lhe proporcionou.

4) A Sabedoria divina, fonte da Sabedoria humana: 7, 15 — 8, 1. Salomão depois de recorrer a Deus luzes particulares para poder falar devidamente da Sabedoria, expõe a natureza e as exímias qualidades e os atributos da Sabedoria divina (22 e 23), apresentando-a como “um sôpro do poder de Deus e uma emanação de sua Glória” (25), “mais bela do que o sol”, “mais lúcida do que a luz”.

5) Belezas da Sabedoria: 8, 2-18. Salomão confessa-se seduzido pelos encantos da Sabedoria e manifesta a sua resolução de tomá-la por conselheira e companheira de sua vida. Entre os muitos e valiosos frutos da Sabedoria êle enumera a glória e a imortalidade.

6) Oração pela Sabedoria: 8, 19 — 9, 18. E’ sempre Salomão que fala e pede a Deus, lhe conceda uma comunicação da Sabedoria divina para que êle possa desempenhar os seus encargos.

2.^a Parte: *A Sabedoria na história de Israel*: 10, 1 — 19, 22.

1) Desde a origem do mundo e nos tempos dos Patriarcas: 10, 1-14. O Sábio lembra Adão, Caim, Noé, Abraão, Ló, Jacó e José para exemplificar como a Sabedoria salva os bons e castiga os maus.

2) À saída do Egito: 10, 15-11, 4. A Sabedoria libertou o povo eleito da escravidão do Egito, o fêz atravessar o Mar Vermelho e o acompanhou pelo deserto.

3) Castigos dos egípcios: 11, 5-12, 2. Deus puniu os habitantes do Egito pelas pragas de um modo justo, para que

LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

se convertessem da sua idolatria, mas sempre com muita misericórdia.

4) Também os cananeus são punidos: 12, 3-27. Mesmo que a justiça divina deliberara exterminá-los, os castigos foram sendo infligidos paulatinamente, para que tivessem tempo de arrepender-se e para lição dos israelitas.

5) A idolatria egipciaca: 13, 1 — 15, 19. O Sábio nesta longa dissertação tem em vista ensinar a insipiência da idolatria e acautelar contra ela.

a) O culto dos elementos é insensato: 13, 1-9. Das criaturas o homem deve elevar-se ao Criador.

b) Loucura e impiedade do culto prestado aos ídolos: 13, 10-14, 11. O Sábio detém-se a descrever irônicamente a fabricação dos ídolos e a insensatez do culto que lhes é prestado, como alguém que os invoca quando vai empreender uma viagem de mar.

c) Origem do culto dos ídolos: 14, 12-20. São meras invenções dos homens, como de um pai que, tendo perdido um filho, lhe quer conservar a memória, ou de um rei que manda esculpir sua estátua para ser venerado à distância.

d) Consequências da idolatria: 14, 21-31. Imoralidades do seu culto e da vida dos pagãos e seus castigos.

e) Privilégio de Israel: 15, 1-6. O Sábio rende graças a Deus por ter preservado o seu povo da idolatria.

f) Culpa e loucura dos idólatras: 15, 7-19.

6) Manifestas intervenções da Sabedoria para com os israelitas: 16, 1 — 19, 22. O Sábio em cinco contrastes ou paralelos demonstra a proteção divina para com o povo eleito

LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

que repudiou a idolatria e os seus castigos contra os egípcios idólatras.

a) 1.^o contraste: a praga da invasão dos animais para os egípcios e o benefício das codornizes para os israelitas: 16, 1-14.

b) 2.^o contraste: a praga da saraiva e o maná: 16, 15-29. Assim uns foram punidos e os outros beneficiados.

c) 3.^o contraste: a praga das trevas que envolveu o Egito e a coluna de fogo que iluminou os israelitas: 17, 1-18, 4.

d) 4.^o contraste: o extermínio dos primogênitos: 18, 5-25. Os israelitas são maravilhosamente preservados. O Sábio lembra ainda a misericórdia de Deus para com os israelitas no caso da revolta de Coré, Datan e Abiron.

e) 5.^o contraste: a passagem pelo Mar Vermelho: 19, 1-17. Salvação dos israelitas e extermínio dos egípcios idólatras.

Conclusão: 19, 18-22. Para glorificar o seu povo, Deus dignou-se operar tantos prodígios, mudando a ordem dos elementos.

BIBLIOGRAFIA

H. Lesêtre, *Le Livre de la Sagesse*. 1896.

C. Gutberlet, *Das Buch der Weisheit*. 1884.

Cornely-Zorell, *Commentarius in Librum Sapientiae*. 1910.

P. Heinisch, *Das Buch der Weisheit*, 1912.

Lagrange, Le Livre de la Sagesse. 1907.

Feldmann, Das Buch der Weisheit. 1926.

O LIVRO DO ECLESIÁSTICO

1. *Origem e autor.*

1) *Nome.* O título que a Vulgata dá a este Livro é "*Ecclesiasticus*", nome êste que não é certamente original. Ao que parece hoje averiguado, êle provém da África, sendo São Cipriano o primeiro que assim o começou a chamar, para designar por êsse termo "o livro lido nas Igrejas (*Ecclesiae*) ou reuniões dos fiéis para instrução dos catecúmenos" (S. Atanas. Ep. fest. 39 n. 11). A LXX nomeia-o "*Sophia de Jesus, filho de Sirac*". Daí o nome que preferem muitos autores modernos: "Jesus de Sirac", ou o "Ben-Sirac", ou o "Sirácida".

2) *Autor.* Ao passo que para os demais Livros Sapienciais só podemos formular hipóteses quanto aos seus autores, para êste Livro do Eclesiástico estamos bem informados quer por êle mesmo, quer pelo seu neto que traduziu o Livro do hebraico para o grego e que o prefaciou com um prólogo. Todavia, no tocante ao seu nome exato, permanece uma dúvida, pois que nos manuscritos hebraicos que nos restam, em 51, l. 30 lemos "Simeão, filho de Jesus, filho de Eleazar, filho de Sirac", mas pouco antes (50, 27) apenas "Jesus, filho de Sirac". No mais estamos bem informados a seu respeito, pois que de todos os autores bíblicos êle é o que mais detalhes familiares nos dá de sua pessoa. A deduzir-se de seus conselhos, Ben-Sirac pertencia a uma família abastada de Jerusalém. Desde a juventude dedicou-se sèriamente ao estudo da

Sabedoria (51, 13) e para êste fim empreendeu não poucas viagens (34, 11 e 12), durante as quais correu não poucos perigos, talvez por intrigas (51, 5). Em sua casa vive cercado de escravos e filhos que mantêm com energia sob a sua obediência (42, 9-11). Homem afável (42, 3) e social (31, 12-32, 13), êle manifestava viva piedade: podiam vê-lo no templo oferecendo sacrifícios (7, 29-31) e participando das solenidades cultuais (50, 5-20). Em vista dos seus conhecimentos da Lei, foi admitido no conselho dos negócios públicos (38, 33).

3) *Tempo*. Para determinarmos exatamente o tempo em que Ben-Sirac viveu, devemos partir do ano em que o seu neto foi para o Egito e começou a tradução grega, o qual, conforme o Prólogo, foi o ano 38 do rei Evergetes (sem dúvida Ptolemeu VII Evergetes II). Este reinou de 170 a 116 a. C. Portanto a tradução foi feita ou colada no ano 132 antes da nossa era. Daí concluímos que o avô do tradutor deve ter vivido e escrito cêrca de 50 anos antes, aí por 180 mais ou menos. Em todo o caso o seu Livro estava pronto antes de ter começado a grande perseguição de Antíoco IV Epífanes (175-163) a que êle não se refere e parece ignorar. De outro lado, na sua juventude êle deve ter conhecido o sumo-sacerdote Simão, filho de Onias (50, 1) que devemos certamente identificar com Simão II que, segundo Flávio José, viveu cêrca de 220-200. Esta época caracterizava-se por um novo perigo que ia ameaçando sèriamente os judeus: a cultura helenística que ia invadindo todo o Oriente. O que nos anos anteriores tinham sido os ídolos como pedra de escândalo para os israelitas, era agora a *sophia* dos gregos com o seu racionalismo e cepticismo. Muitos judeus começavam a abandonar a fé de seus antepassados.

2. *Canonicidade.* Os judeus, reunidos em Jamnía nos últimos anos do séc. I, não reconheceram o Eclesiástico como inspirado. Assim êle não figura no catálogo palestinese dos Livros Canônicos. Daí os protestantes persistem em não reconhecerê-lo como tal e não o admitem nas suas Bíblias. Todavia êle é certamente inspirado e canônico ou deutero-canônico (conforme o uso de assim chamar-se os Livros que não são aceitos pelos judeus). *Provas:* a) Êle acha-se em todos os manuscritos que nos conservaram a tradução dos LXX, fazendo, pois, parte do cânon alexandrino; b) O próprio Filon cita-o expressamente (12, 10) como “oráculo divino”; c) Os autores do Novo Testamento, embora não o citem explicitamente, nêle continuamente se inspiram, como se depreende de uma comparação de Mt 6, 14 com Eclo 28, 2; Lc 12, 19 com Eclo 11, 19; 1 Cor 15, 30-41 com Eclo 42, 25; Tg 1, 6-8; com Eclo 1, 36-40; Tg 1, 13-15 com Eclo 15, 11-22; Tg 1, 10; com Eclo 5, 13; Tg 5, 14 com Eclo 30, 9 e muitos outros passos; d) Os escritores dos primeiros séculos manifestam a estima que tinham por este Livro. A *Didaché* cita literalmente o Eclo 4, 36 em 4, 6 e 1, 6 quando se refere ao Eclo 12, 1, usa da fórmula introdutória de um texto inspirado: *dictum est*. Dentre os muitos Santos Padres nomeamos Hermas, S. Hipólito, Tertuliano, S. Cipriano, Lactâncio, S. Hilário, S. Ambrósio, S. Agostinho, Clemente de Alex., Orígenes, S. Atanásio, S. Cirilo de Jerus., S. Epifânio, S. Basílio, S. Gregório Naz. e S. Gregório de Nissa, S. Crisóstomo, S. Efrém. O próprio São Jerônimo, que frisa o cânon palestinese, não deixa de ser favorável a êste Livro (Ep 118, 1; Pelag I 34). O Conc. Tridentino declarou-o inspirado, não podendo, pois, haver mais dúvida alguma a êsse respeito.

Quanto ao Prólogo, a Vulgata Clementina o contém impresso da mesma maneira que o texto inspirado. Daí alguns

autores pretenderam defender-lhe a inspiração. Contudo a grande maioria dos exegetas católicos não a aceitam como tal, considerando-o simples nota de um intérprete.

3) *Finalidade.* Jesus Sirac, ao escrever a sua obra, intencionou, da mesma forma que os demais autores da literatura sapiencial, divulgar as regras de uma vida proba e agradável a Deus. E' interessante como êle mesmo descreve a origem do seu Livro: "Quanto a mim, eu sou como um canal derivado de um rio, como um aqueduto que sai de delicioso jardim. Eu disse: Vou regar o meu jardim e humedecer o meu prado. E eis que o meu canal se tornou um rio e o meu rio se tornou um mar. Quero portanto fazer brilhar a instrução como a aurora e fazer conhecer ao longe as suas máximas; quero espalhar a sua doutrina como uma profecia e deixá-la como herança às gerações longínquas". (24, 18-32). Igualmente o seu neto e tradutor declara-o no Prólogo: "Também êle quis escrever alguma coisa sôbre o que concerne a doutrina e a sabedoria, para que os que desejam aprender, prestem sempre maior atenção a estas coisas e sejam robustecidos para conseguir uma vida segundo a lei".

Com efeito, o Eclesiástico é uma fonte perene (ou um "mar", como êle mesmo diz) de sabedoria, natural e sobrenatural, para todos em suas várias idades, estados e situações. Os Santos Padres gregos chamavam-no com razão de *panaretos* "o livro de todas as virtudes". Ao mesmo tempo que se eleva a falar das coisas mais sublimes como em 7, 1..., desce também às minúcias da vida como p. ex. 31, 12-32.

De modo particular êle tem em vista acautelar os seus contemporâneos contra o espírito helenista e os seus muitos perigos. Para isso não cessa de exaltar as exímias prerrogativas e as imortais esperanças do povo eleito de Israel.

LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

4. *Composição literária.* Ben-Sirac não era certamente um gênio. A sua obra literária nada apresenta de original, nem introduziu nos meios israelíticos uma nova modalidade de expressão. Conhecedor dos Livros da Escritura anteriores a êle, principalmente do Livro dos Provérbios, limitou-se a imitá-los, acomodando-se ao seu modo de sentir e exprimir-se. Aliás no seu Livro, mantendo uma unidade de fundo quanto aos preceitos da Sabedoria e ao modo de encará-la e expô-la, usa de grande liberdade no tocante à forma: ao lado de trechos mais ou menos longos e coerentes sôbre o mesmo tema determinado, encontram-se dísticos e máximas sem nenhuma conexão mais íntima. A sua poesia, sem maior sublimidade, não deixa de ser atraente pelas suas muitas comparações friantes. O seu hebraico é puro, podendo ser comparado com a linguagem clássica dos tempos de Ezequias; isso não por ser a língua falada no seu tempo, mas em vista de sua familiaridade com a literatura dessa época.

5. *Texto e versões antigas.* 1) — *O original hebraico.* Os textos hebraicos que hoje possuímos apresentam entre si grande divergência. Entre êles o mais importante é certamente o que contém os fragmentos encontrados de 1896 até 1900 no *genizah* (lugar onde depositavam os exemplares da Bíblia deteriorados) da sinagoga de Moisés no Cairo antigo. Êstes manuscritos devem datar do séc. XI e encerram três quintos do texto completo, como segue:

O código A	contem	3, 7 — 16, 26
O código B	"	30, 11 — 51, 23
O código C	"	4 — 20; 25 — 28.
O código D	"	36, 26 — 38, 1.

Alguns autores como Margoliouth supuseram que se tratasse de uma retradução do grego para o hebraico, mas o parecer geral é que representam de fato cópias do texto original.

2) A *versão grega* feita pelo neto de Ben-Sirac, como êle mesmo o narra no Prólogo. Dela possuímos hoje uma dupla recensão contidos no códice Vaticano B e no Complutense. Já o próprio tradutor deve ter traduzido, usando de certa liberdade de expressão e introduzindo várias adições sem maior importância. Outras lições diferentes são devidas aos copistas.

3) A *versão latina* que lemos na Vulgata é a mesma antiga Ítala, já em uso no séc. II, como o diz expressamente São Jerônimo. Foi feita do texto grego, com o qual em geral concorda inteiramente.

De todo o Velho Testamento o texto do Eclesiástico, comparando-se o original com as traduções, é o que nos foi conservado em piores condições. Todavia não há dúvida que temos ao menos a substância do que o autor inspirado escreveu.

6. *Análise Explicativa.* Cada comentador do Livro do Eclesiástico apresenta uma divisão ou análise do conteúdo desta obra a seu critério particular, uma vez que o texto como tal se presta a ser disposto de modo diverso. Apresentamos a seguinte divisão em dez séries, acomodando-nos em parte a Lusseau-Collomb (Manuel des Et. Bibl. 1936).

1) Origem e natureza da Sabedoria: 1, 1-4, 11. Ben-Sirac elogia a Sabedoria como o temor de Deus (1) e inculca os principais deveres para com Deus pela confiança (2), para com os pais, honrando-os (3) e para com o próximo, evitando o orgulho e dando esmolas (3 e 4, 11).

LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

2) Vantagens da Sabedoria: 4, 11 — 6, 17. O Eclesiástico mostra como a Sabedoria cuida dos seus filhos, tornando-os prudentes e justos (4, 12-31), acautela contra os perigos das riquezas, da duplicidade (5) e do orgulho e termina aconselhando a verdadeira amizade (6, 1-17).

3) Novas vantagens da Sabedoria: 6, 18 — 14, 21. Ele continua convidando com insistência a todos que estudem a Sabedoria e dá regras práticas no tocante às relações sociais (6, 19-8, 19), acentua a necessária prudência nas relações com as mulheres (9), chama a atenção para os perigos do orgulho e recomenda o temor de Deus (10), do qual procedem as riquezas e a pobreza (11) e, por fim, formula novas regras sobre assuntos diversos quanto à vida social (12-14).

4) Frutos da Sabedoria: 14, 22 — 16, 21. O sábio é enriquecido de inúmeros bens, mas o insensato, não. Deus não é o autor do pecado e sim o homem livre que por isso receberá o seu castigo.

5) Deus na criação: 16, 22 — 23, 27. Ben-Sirac começa proclamando que Deus criou os céus e a terra (16) para, em seguida, estender-se mais sobre a criação do homem, a imagem do Criador (17), o qual deve ao seu Deus a obrigação de reger a sua vida pela sabedoria, cujos preceitos ele vai expondo promiscuamente. (18-23).

6) Elogio da Sabedoria: 24, 1 — 33, 18. Começando por um hino à Sabedoria (24), o Eclesiástico passa a encarecer de novo o temor de Deus (25) e discorre longamente sobre a mulher leviana (26). Em seguida, apresenta longa série de máximas concernentes às relações sociais, como sejam a honestidade nos negócios, a caridade, as más línguas, as cauções, as riquezas, modo de comportar-se num banquete e o culto da lei (27-33).

LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

7) Princípios relativos às relações sociais: 33, 19 — 36, 19. Temos neste trecho uma série de ensinamentos práticos sobre a prudência ao repartir os seus bens (não antes da morte!), sobre os escravos que devem ser sujeitos ao trabalho, mas tratados humanamente (33), a nenhuma importância dos sonhos, mas o grande valor das viagens (34) e o temor de Deus em tudo. Por fim uma linda oração pela restauração completa de Israel (36).

8) Novos conselhos sobre a vida social; 36, 29 — 39, 16. Que se use de muito discernimento e prudência na escolha da mulher, dos amigos e dos conselheiros (36 e 37) e na apreciação da Sabedoria para distinguir-se a verdadeira da falsa; que se respeite o médico e se venerem os mortos; que para um estudo sério da Sabedoria, se deixem todos os outros trabalhos e profissões, embora bons e necessários para a vida (38 e 39).

9) Louvores da Providencia divina: 39, 17 — 42, 14. Tudo o que existe é obra de Deus e útil ao homem, que deve engrandecer o Criador (39) no meio das muitas misérias humanas que são o resultado dos seus pecados (40). O que há de melhor na terra é o temor de Deus (41) que castiga os maus. Diferença entre a verdadeira e a falsa vergonha (42).

10) Manifestação da Sabedoria divina na natureza e na história: 42, 15 — 50, 24. Deus manifesta sua grandeza e sua glória nas obras de suas mãos: no sol, na lua e nas estrelas, no arco-íris, nas tempestades, na neve, no frio e no calor, no mar. Jamais o louvaremos como êle merece (42 e 43). Ben-Sirac passa a exaltar a Providência divina nos “homens ilustres”, nos quais “o Senhor operou maravilhas e manifestou a sua grandeza desde o começo do mundo”. (44, 1); principia por Henoc e Noé (44, 10) e continua enaltecendo

Abraão, Isaac e Jacó (44, 19), Moisés, Aarão e Finés (45), Josué, Caleb e dentre os juizes Samuel (46), Natã, Davi e Salomão (47), Elias e Eliseu, Ezequias e Isaías (48), Josias, Jeremias, Ezequiel e os doze Profetas menores, Zorobabel, Jesus e Neemias e ainda (revendo a história) Henoc, José, Sem, Set e Adão (49). Por fim, detalhadamente e com grande entusiasmo Simão, filho de Onias, o sumo-sacerdote. O Eclesiástico conclui rendendo graças a Deus (50, 22) e declarando a finalidade de seu Livro (50, 27-29).

Toda a obra de Ben-Sirac termina por um duplo apêndice:

1) “Oração de Jesus, filho de Sirac” (expressamente nomeado de novo) louvando o Senhor que o preservou de grandes perigos e pedindo novo auxílio (51, 1-17).

2) Poema alfabético sobre o estudo da Sabedoria (51, 18-39). Narra os seus esforços para conseguir a Sabedoria e exorta a todos que o imitem.

B I B L I O G R A F I A

H. Lesêtre, *L'Ecclésiastique*. 1896.

Touzard, *Les nouveaux fragments hébreux de l'Ecclésiastique*. 1901.

J. Knabenbauer, *Commentarius in Ecclesiasticum*. 1902.

N. Peters, *Das Buch Jesus Sirac oder Ecclesiasticus*. 1913.

E. Dimmler, *Die Sprueche Jesus Siracs*, 1921.

Eberharter, *Das Buch Jesus Sirac*. 1925.

Tobac, *Les cinq livres de Salomon*. 1926.

INTRODUÇÃO AOS PROFETAS

INTRODUÇÃO AOS PROFETAS

INTRODUÇÃO GERAL AOS PROFETAS

O PROFETA ISAÍAS

O PROFETA JEREMIAS

AS LAMENTAÇÕES DE JEREMIAS

O LIVRO DE BARUC

A CARTA DE JEREMIAS

O PROFETA EZEQUIEL

O PROFETA DANIEL

O PROFETA OSÉIAS

O PROFETA JOEL

O PROFETA AMÓS

O PROFETA ABDIAS

O PROFETA JONAS

O PROFETA MIQUÉIAS

O PROFETA NAUM

O PROFETA SOFONIAS

O PROFETA HABACUC

O PROFETA AGEU

O PROFETA ZACARIAS

O PROFETA MALAQUIAS

INTRODUÇÃO AOS PROFETAS

INTRODUÇÃO GERAL AOS PROFETAS

1. *O fenômeno do profetismo em Israel*

Toda a evolução histórica do povo eleito de Israel está impregnada do sobrenatural. Deus mesmo o escolheu para “seu povo” entre todas as demais nações da terra e o fez depositário de sua verdade revelada. Ele mesmo quis ser conhecido como Javé, o Deus de Israel. Sempre de novo comunicou-se com ele de um modo extraordinário, para guiá-lo com solicitude paterna e manifestar-lhe os seus desígnios.

Entretanto, conforme os planos de sua sabedoria, Deus deliberou não manifestar-se diretamente ao povo como tal. Mesmo na grande teofania do monte Sinai os israelitas viram apenas a montanha fumegante e ouviram os ruidos (Êx 24, 17) e na inauguração do templo de Salomão perceberam apenas a Luz simbólica (2 Par 7, 4). Só Moisés é que no alto do Sinai viu a Deus e recebeu as suas comunicações e leis que, em seguida, como intermediário e intérprete de Javé as transmitiu ao povo.

Antes das revelações sinaíticas, Deus já se tinha manifestado aos Patriarcas, principalmente a Abraão. Seus descendentes no Egito conservaram viva lembrança dessas comunicações e invocavam o Criador como o “Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó” (Êx 4, 5). Agora que os israelitas já forma-

LIVROS PROFÉTICOS

vam um povo e se iam apoderar da Palestina a Terra Prometida, Deus quis perpetuar as suas comunicações por meio de um organismo oficial e mais ou menos permanente, conforme as necessidades do povo: o profetismo. Foram tantos homens que êle escolheu especialmente para exercer esta missão e dos quais se serviu como de instrumentos humanos inteiramente à sua disposição.

Êsses homens que assim recebiam revelações divinas e que em nome de Deus as transmitiam ao povo, foram sendo chamados originariamente *ro'im* “os videntes” ou *Hozim* “os contemplativos” (1 Rs 9, 9) em conformidade com a primeira parte da sua missão: “ver” a Deus e receber as suas comunicações. Mais tarde foram sendo conhecidos por *nebi'im* (do radical *naba'*, pouco usado em hebraico, mas assaz comum em outras linguas semíticas com significação de “falar em nome de alguém”) os “interpretes” divinos. Com muito acêrto os LXX traduziram a palavra *nabi* por *prophetes* (tendo o prefixo *pro* o sentido de “em lugar de”), donde passou para o latim o nosso *profeta*, “aquele que fala em nome de Deus”, que revela coisas ocultas inclusive o futuro. A essência de sua missão e encargo consistia em serem arautos e transmissores da revelação divina e não só em predizer o futuro. Contudo, como a religião de Israel consistia em grande parte em esperar pelo Messias vindouro, o profeta tinha que referir-se muitas vezes a êsse futuro e predizê-lo. Como homens que se ocupavam de modo particular com as coisas divinas, os profetas eram chamados muitas vezes “Homens de Deus” (nunca porem “Homens de Javé”) ou “Servos de Deus”, Zacarias os nomeia “Pastores” (11, 4), Isaias (62, 6; 56, 10) “Guardas” e “Vigias”, Jeremias (6, 26) “Fortalezas”, como também *maleak Jahve*, “Mensageiros de Javé”.

LIVROS PROFÉTICOS

Uma formal explicação do que se entendia por “profeta” lemos no Êx 7, 1: “Javé disse a Moisés: Eis que eu te farei um deus para Faraó, e Aarão, teu irmão, será teu profeta, Tu dirás a êle tudo o que eu te mandar e Aarão, teu irmão, falará ao Faraó...”

O Livro do Deuteronômio (18, 15...) declara-nos autêntica e oficialmente a missão do profeta e promete que Javé o suscitará sempre de novo para o bem do seu povo. Depois de proibir severamente qualquer consulta aos magos e adivinhos êle escreve: “Javé teu Deus te suscitará no meio de ti, dentre os teus irmãos, um profeta tal como eu: vós o haveis de ouvir. E’ o que tens pedido a Javé, teu Deus, em Horeb no dia da assembléia dizendo: Que eu já não oiça a voz de Javé, meu Deus, e que eu já não veja êste grande fogo de medo que eu morra. Javé me disse: O que êles disseram, está bem. Eu lhes suscitarei do meio de seus irmãos um profeta como tu. Porei minhas palavras na sua boca e êle dirá tudo o que eu mandar”. Não pode haver dúvidas, conforme todo o contexto, de que êsse “profeta” no singular “tenha a significação de plural: “profetas”. E’ certo, entretanto, também que o profeta por excelência que Deus mandaria ao mundo para esclarecer plenamente os homens, seria, em conformidade com a explicação dos Santos Padres, o Messias divino, o profeta dos profetas.

2. Origem e formação dos profetas

Lendo os Livros históricos e proféticos de Israel, vamos conhecendo muitos desses “Homens de Deus” que foram aparecendo em todas as eras do povo eleito, principalmente nas mais turbulentas. Os judeus ufanavam-se de 48 profetas e 7 profetisas. E’ certo, porém, que tenha havido muito mais

ainda, embora de muitíssimos dêles nem sequer o nome conhecemos.

Alguns, como Isaías, foram chamados dentre os nobres, talvez de sangue real, outros dentre os sacerdotes, como Jeremias e Ezequiel, outros do meio das mais várias camadas sociais, como Amós (1, 1) que era pastor e Eliseu (4 Rs 19, 19) um lavrador.

A vocação divina algumas vezes, como no caso de Isaías (6, 1) de Jeremias (1, 3...) e de Ezequiel (1, 1...) revestiu-se de especial solenidade depois da mais impressionante visão da Glória de Javé que os transformou em homens novos e lhes permaneceu indelével na memória. Êles podiam apelar para essa extraordinária visão para autenticar a sua missão profética. Quanto aos outros profetas, não nos foi transmitido o modo como receberam de Deus o encargo que lhes foi conferido. E' possível que como Eliseu de Elias (4 Rs 19, 19) um profeta tenha podido receber a missão profética por intermédio de um outro. O certo é que estavam profundamente convencidos de terem recebido especial comunicação divina e eram interiormente impelidos a falar em nome de Javé (Is 50, 4; Jer 20, 9; Am 3, 8).

Conforme as palavras de Moisés acima citadas (Dt 18, 15) só Deus mesmo é que suscitaria livremente um profeta dentre o povo i. e. de qualquer tribo e profissão. Ninguém podia escolher para si êste encargo.

Existiam contudo *profetas voluntários*, as assim chamadas "Escolas de profetas" que aparecem pela primeira vez nos tempos de Samuel como corporações organizadas, mas que devem remontar à época dos Juizes (1 Sam 10, 5...). O caráter dessa espécie de confrarias deve ter variado muito no

LIVROS PROFÉTICOS

decorrer da história. Samuel mesmo deve ter presidido de alguma forma um desses grupos de homens certamente bem intencionados, mas que, ao nosso critério de hoje, eram entusiastas que nas suas reuniões se serviam de vários meios naturais como de instrumentos musicais e de danças religiosas para se transportarem a um estado de êxtase e exaltação, por vezes contaminoso. Mais tarde nos tempos de Elias e de Eliseu existiam os “filhos dos profetas” (4 Rs 2, 3; 4, 28) que bem podem ter sido uma continuação da primitiva Escola de Profetas. A finalidade dessas agremiações, como muito mais tarde a dos Essênios, deve ter sido meramente ascética segundo o modo de ver da época. Os profetas verdadeiros enviados por Deus como seus intérpretes nada tinham que ver com esses homens.

Se indagarmos a *natureza íntima* da profecia sob um ponto de vista teológico, podemos defini-la: Uma moção divina transitória, sobrenatural e extraordinária em virtude da qual um homem recebe conhecimento especial de determinadas verdades, muitas vezes ocultas e ao mesmo tempo a persuasão de que as deve manifestar em nome de Javé. Esta moção é *gratis data*, inteiramente gratuita, não merecida pelo profeta, dada em vista da finalidade que Deus quer conseguir por esta revelação. Ela é transitória i. e. o profeta não dispunha dela de um modo permanente ou habitual, mas só era inspirado e falava ou escrevia em nome de Deus, quando êste o tomava a si. Assim Jeremias devia impetrar por meio de muitas orações e esperar por certo tempo uma resposta divina (Jer 32, 16...) e de Natan é-nos conhecido que primeiro, falando por si mesmo, aprovou a intenção que Davi teve de construir o templo e que, em seguida, foi corrigido pelo Senhor (2 Sam 7, 1). Acentuamos ainda que esta moção divina era fora do comum. O profeta aparecia quando Deus

LIVROS PROFÉTICOS

o suscitava e tempos houve, principalmente depois do exílio em que raros foram êsses “homens de Deus”.

Quanto à *formação do profeta* para exercer a sua missão particular, devemos distinguir a parte humana e as comunicações divinas. Deus os tomou a si com o determinado grau de inteligência e cultura que, humanamente falando, possuíam. Êles eram filhos do seu tempo que se foram instruindo, ou por si mesmos, ou frequentando os meios culturais que então existiam. Comparando uns com os outros, vemos logo a grande diferença de dons naturais e de cultura entre êles existente, como p. ex. entre Amós e Isaías. Deus serviu-se de seus dons individuais para a missão especial de que os incumbiu.

A esta capacidade natural, devemos acentuar, Deus lhes foi em auxilio com particularíssima *iluminação*. Êles eram videntes. As comunicações intelectuais podem ter sido transmitidas a êles mesmos do modo mais diverso. No Livro dos Números (12, 6) lemos: “Se houver entre vós um profeta, eu lhe aparecerei em visões e lhe falarei em sonhos”. Em geral, êles não nos dizem como receberam a revelação divina, mas exprimem-se com a maior simplicidade ao mesmo tempo que com a mais firme convicção: “Assim falou Deus...” ou “Eis o oráculo de Javé!”. Devemos supor que por *meios* meramente *intelectuais* lhes foi dada a evidência de uma verdade e também da forma como a deviam transmitir aos outros (Cf. Ez 8, 12; Dan 8, 2).

A par desta visão intelectual, que deve ter sido a mais comum em muitos casos, Deus se serviu da *fantasia imaginativa* do profeta. O objeto da visão afetou-lhes os sentidos internos sob a forma de imagens e símbolos. Assim muitas visões de Ezequiel e Daniel parecem ter sido meramente imaginativas. Mesmo quando o profeta diz: “Eu vi...” nada im-

pede que interpretemos esta sua expressão no sentido de ter êle contemplado um quadro que por intervenção divina especial se formou na sua fantasia (Cf. Am 8, 1; 9, 1; Jer 1, 13; 24, 1...). A questão complica-se quando o profeta vê diante de si determinado ente sobrenatural, como Daniel contemplando e ouvindo o anjo Gabriel (Cap. 10). Caso não bastar em visões como esta a percepção imaginativa para uma explicação satisfatória, devemos recorrer também à percepção pelos sentidos exteriores.

Também de sonhos Deus certamente serviu-se para comunicar-se aos profetas, todavia, ao que hoje sabemos, raras vezes (cf. Jl 2, 28; Dan 7, 1).

A percepção pelos *sentidos exteriores* da vista e dos ouvidos foi igualmente um meio de que Deus se utilizou para a transmissão de uma verdade. Assim Moisés viu a moita que ardia sem se consumir (Êx 3, 1) e Samuel, jovem ainda, ouve como Deus o desperta do sono e fala com êle (1 Sam 3, 4-14). Dificilmente podemos averiguar (Cf. Dan 5, 25) se nestas visões aparentemente externas a modificação dos órgãos da vista e dos ouvidos resulta sempre da percepção de um objeto exterior e real, ou se é Deus que diretamente a provoca sem intervenção de um objeto exterior. Trata-se de uma comunicação sobrenatural e Deus escolhe o meio que lhe apraz.

De modo análogo, como Deus iluminou a inteligência do profeta, também corroborou-lhe a *vontade* para ter a força bastante de cumprir a sua missão. Não que o dom da profecia incluía em si ou suponha a santidade do profeta. De Jonas sabemos que se opôs aos desígnios divinos. Mas muitas vezes a missão profética exigia de um homem ações heróicas a que êle por si mesmo não se podia elevar. Como Jeremias (cap. 1) que tremia ante a vocação para o profetismo, podemos

dizer que todos os demais se achavam indignos e incapazes de exercê-la. Mas Deus, investindo-os de sua autoridade, prometia-lhes e conferia-lhes energias sôbre-humanas nas suas difficilimas empresas. Robustecidos, porém, com a assistência divina, fôrça alguma deste mundo os venceu e impediu de anunciar ao povo as advertências e outras comunicações de Javé.

*

* *

Nenhum outro povo da antiguidade possui profetas como Israel. Nem os babilônios, nem os assírios, nem os egípcios e os árabes apresentam algo de equivalente ou parecido. Imensa diferença passa entre o profetismo israelítico em sua pureza e sobrenaturalidade e os magos e adivinhos, os pitões e agoureiros de outros povos e religiões. Mesmo autores israelitas como Sellin (*Der alt. Prophetismus*) confessam que em toda a vasta literatura oriental, descoberta nos últimos tempos nas bibliotecas de Nínive, de Babilônia e de outras cidades, nada há que mesmo em remota analogia se possa comparar com o conceito claro e nítido da revelação divina sôbre o futuro do mundo.

Se Renan, Delitzsch, Winckler e outros muitos pretendiram degradar os profetas à condição de homens alucinados, fazem afirmações injustas e destituídas de todo fundamento. A tradição e os documentos históricos apresentam-nos os profetas como homens de uma mentalidade não só sadia, mas arguta e profunda.

Igualmente se outros racionalistas como Sabatier (*Esquisse d'une philosophie de la religion*) e W. James (*The va-*

rieties of Religious Experience) recorrem a uma explicação psicológica e afirmam que são as circunstâncias que fazem os profetas, sendo êles filhos do seu tempo que refletiram apenas, aliás com grande sagacidade, as correntes do pensamento e das esperanças e idéias do seu povo, manifestam claramente os seus próprios preconceitos. Negando de antemão a possibilidade da intervenção divina, vêem-se obrigados a interpretar de qualquer modo natural, mesmo que seja violentamente, os fatos incontestáveis. Os verdadeiros profetas de Israel longe de serem o expoente das aspirações do seu tempo, tiveram que investir e reprovar os seus contemporâneos, exatamente os das classes mais influentes, como os sacerdotes e os imperantes.

3. *O ambiente dos Profetas*

Para compreendermos os oráculos dos profetas de Israel, é necessário focalizarmos de perto as características e as modalidades desse povo eleito, em cujo ambiente esses Mensageiros de Javé viveram e ao qual tiveram que dirigir-se. Com exceção, pois, de Jónas que teve por missão ir pregar em Nínive, todos os profetas, mesmo quando profetizavam contra as nações circunvizinhas de Israel, era a esta última nação que comunicavam a “palavra de Deus”.

Ora, os israelitas em sua evolução histórica mostraram sempre sinais e propensões aparentemente opostas: de um lado grande facilidade de elevar-se ao sobrenatural por meio de práticas religiosas, de outro lado não pequena volubilidade e arbitrariedade, a par de tenaz obstinação nas suas tendências para o mal.

Com efeito, desde a sua “infância” no Egito, e de sua “adolescência” no período dos Juizes o povo de Israel, tanto

sob o governo dos Reis, como nas terríveis vicissitudes do exílio, sempre manifestou como diz São Paulo (Rom 10, 2) acentuada propensão para a religiosidade. Todavia, se muitos israelitas sempre houve, como Tobias, capazes de uma religião esclarecida, a maioria do povo era inclinada a um culto rude, supersticioso e mesmo sensual. A crassa idolatria praticada por todos os povos que os cercavam, era para eles contínua e forte tentação. Muitos foram aquêles que sempre de novo trocaram o culto que deviam prestar a Javé pela adoração dos ídolos, principalmente de Baal, de Astarte com seu culto grosseiro e imoral. No tempo de Jeremias vemos mulheres judias cozinhando bolos para a “rainha dos céus” e Deus mesmo transportando Ezequiel em espírito ao templo, mostra-lhe homens adorando o sol (8, 16). O próprio Salomão, agraciado como foi por Deus com particulares visões, mandou construir templos e altares aos deuses falsos (3 Rs 11, 4) e os seus sucessores no trono de Davi, como principalmente os reis do reino do Norte, seguiram-lhe o exemplo. Muitos israelitas, por devoção ou por ganância, constituíam-se sacerdotes e profetas desses ídolos e os cultuavam principalmente nos lugares altos ou cimos das montanhas, imitando os semitas que aí localizavam os seus deuses. Os Livros dos Reis e os Profetas tantas vezes censuram êsse culto tanto por causa dos ídolos aí venerados, como pelas práticas cruéis e imorais, quais sejam, os sacrifícios humanos e o costume de “passar” as crianças pelo fogo (4 Rs 16, 3; 17, 17).

Assim, a começar pelo culto sagrado, Israel demonstrava a sua natural propensão para “ser como os outros povos” (1 Sam 8, 5), como diziam já no tempo de Samuel, esquecendo-se da sua eleição e de suas prerrogativas como povo santo, pertencente só a Javé. O mesmo fizeram e ainda em muito maior escala no tocante à ambição das coisas terrenas, à vida

luxuriosa e sensual, à crueldade para com o próximo, não tendo contemplação com as viúvas, as crianças e os escravos. E eram exatamente os sacerdotes e os imperantes que davam o pior exemplo. Todos os profetas, nomeadamente Amós e Isaías, apresentam quadros e descrições desses muitos abusos e desmandos.

Mais de uma vez reis piedosos e santos como Ezequias e Josias, auxiliados por profetas, introduziram reformas de caráter religioso-moral, destruindo os templos e altares dos ídolos e restaurando o culto de Javé. Mas o povo estava profundamente corrompido e em breve recaía nos mesmos pecados. Repetia-se sempre de novo o que já lemos no Livro dos Juizes, escrito todo êle segundo o seu esquema apropriado a fazer ver a inconstância e as recaídas do povo.

Israel foi-se endurecendo sempre mais de modo que afinal nem as mais tremendas ameaças, nem os mais visíveis castigos o conseguiram apartar do mal. Mostraram-se simplesmente insensíveis a todas as revelações divinas pelos profetas até a definitiva destruição de Jerusalém e do templo. O povo eleito tornou-se uma “casa rebelde” como Deus mesmo o caracterizou em Ezequiel (2, 2).

*
* *
*

Estas particularidades características de Israel aparecem ainda mais nitidamente, ao considerarmos êste povo em suas relações com os vários povos circunvizinhos, bem como com as grandes potências mundiais dos assírios e babilônios de um lado e dos egípcios do outro lado. Focalizemos brevemente estas nações, às quais os profetas sempre de novo se referem direta ou indiretamente.

LIVROS PROFÉTICOS

1. *As nações vizinhas de Israel*

1) *Moab*. A origem deste povo descendente de Ló, é-nos narrada no Gên 19, 31-37. O pequeno país ocupou sempre a região semi-deserta do este do mar Morto e do Jordão em torno do Wadi-el-Haza. Isaías (15, 2...) nomeia as suas principais cidades: Dibon, Médaba, Nabo, Eselon e Eleale. Os moabitas adoravam a *Camos* como seu deus nacional, atribuindo-lhe as suas vitórias, como também as suas derrotas. Celeberrima é a inscrição de Mesa, um dos seus reis, na qual narra como fortificou várias localidades e como guerreou Ocozias, rei de Israel e o venceu. As guerras entre israelitas e moabitas foram contínuas, prevalecendo ora uns, ora outros. Pela sua soberba e crueldade os profetas (Is 15, 1-16, 4; Sof 2, 8; Jer 48) anunciam-lhe a completa devastação.

2) *Amon*. Os amonitas descendiam como os moabitas de Ló (Gên 19, 31) e com eles participavam do culto prestado a *Camos* (e também a *Moloc*) e em geral dos mesmos costumes (Jz 11, 24) e das persistentes lutas com Israel. E' principalmente Jeremias que lhes profetizou os castigos divinos (49, 1-6).

3) *Damasco*. Esta antiquíssima cidade e capital do reino do mesmo nome está situada a 690 m de altitude ao sopé do Antilíbano na Síria. "Até Hoba à esquerda de Damasco" Abraão perseguiu os reis orientais (Gên 14, 14). Davi ocupou toda a região (2 Rs 8, 5), mas Razon, rei de Damasco, recuperou a liberdade durante o reinado de Salomão. Essas rivalidades continuaram sempre mormente durante os reinados de Benadad II e III e de Hazael, reis de Damasco. Por fim, a pedido de Acaz, de Judá, os assírios, ao tempo de Teglathfalassar III (745-727), invadiram todo o reino e destruíram a

cidade. Realizaram-se então as muitas profecias feitas a seu respeito por vários profetas, predizendo-lhe a ruína, em vista de sua crueldade e suas injustiças para com Israel (Am 1, 3-5; Is 7, 4-8; 10, 9; 17, 1-3; Jer 49, 23-27).

4) *Fenícia*. O nome dos fenícios propriamente dito não ocorre no Velho Testamento. Ao contrário lemos aí com muita frequência os nomes de suas principais cidades Sidon e Tiro que, ao menos em determinadas épocas, possuíam cada uma o seu rei próprio. Em geral, o que se diz de uma dessas cidades vale de todo o povo dos fenícios. A origem desta nação antiquíssima deve ser procurada entre os cananeus em conformidade com o Gên 10, 15. Os fenícios sempre ocuparam uma estreita faixa de terra entre o Líbano, a começar ao sul junto à montanha do Carmelo, e o mar Mediterrâneo. Em vista de sua posição marítima a Fenícia celebrou-se pelas suas embarcações e seu comércio que deve ter-se estendido não só em todo o mar Mediterrâneo até a Espanha, mas mesmo ultrapassado os seus limites, chegando provavelmente até as Índias. Enormes devem ter sido as suas riquezas, acumuladas principalmente em Tiro, cidade belíssima situada num promontório junto ao mar (Os 9, 13). Os profetas sempre de novo referem-se às duas cidades de Sidon e Tiro, enumerando-as entre as mais inimigas e rivais de Jerusalém e predizendo-lhes a destruição que se verificou em 720, no mesmo ano que Samaria, por Sargon II rei de Nínive (Am 1, 9; Jl 3, 4; Is 23; Jer 27, 3 e 47, 4; Ez cc. 26 e 27).

5) *Filistéia*. Os filisteus que ocupavam toda a região baixa desde o Egito até o monte Carmelo junto ao mar Mediterrâneo, originaram-se em épocas imemoriais provavelmente de povos aparentados com os egípcios. Já aí habitavam quando os israelitas se apoderaram da Terra Prometida. Sua

principais cidades eram Gaza, Azoto, Ascalon, Get e Acaron. Politeístas, como todos os outros povos, cultuavam seus deuses nacionais Dagon e a deusa Doneto, ídolos de corpo de peixe e cabeça humana. A Filistéia que tantas dificuldades causou aos israelitas no tempo dos Juizes e de Davi, parece que, no séc. VIII, passava por um período de decadência. Relativamente poucas vezes a ela se referem os profetas, como Sof 2, 4-7.

6) *Iduméia*. Os edomitas descendiam de Esaú (Edom) e habitavam ao sul da Palestina nas montanhas de Seir. Como Esaú e Jacó, também os seus descendentes viveram sempre em lutas. Se Davi conseguiu subjugar-los, pouco depois de novo sublevaram-se e assim por diante durante tôda a sua evolução histórica. Os edomitas constituíram-se em reino ainda antes de Israel e centralizavam-se nas suas principais cidades: Teman e Bosra. Devido ao seu implacável ódio de Israel e às suas muitas crueldades, os profetas os consideravam simplesmente como o tipo dos adversários do povo eleito e do Messias nos seus muitos oráculos (Am 1, 11. 12; Abdias, todo êle; Jl 3, 19; Is 63; Jer 49, 7-12; Mal 1, 3 e Ez 35, 1-15).

7) *Arábia*. A Escritura nomeia muitas vezes os árabes. Entendo por esta designação não todos os habitantes da Arábia atual, e sim as muitas tribos nômaes ou semi-nômades que habitavam no deserto ao norte da península do Sinai e entre a Palestina e a Caldéia. Entre os profetas não poucos referiram-se a estas tribos, conservando-nos os seus nomes como os “ismaelitas”, os “agarenos”, os “amoreus”, os “amalecitas”, os “namoreus”, os “asarmot”, os “filhos de Cedar”, ou simplesmente os “orientais” (Is 11, 14), os “de-

LIVROS PROFÉTICOS

danim”, os “madianitas”, os “mineus” e ainda Efa, Evila e Saba. (Cfr. Is 21, 13-17; Jer 49, 28; Ez 25, 4).

8) *Elam*. Os elamitas provinham das longínquas regiões além do Tigre (Gên 14, 1), mas depois da tomada de Samaria Sargon e Assurbanipal deportaram para as regiões do antigo reino de Israel quantidade de elamitas (1 Esdr 4, 2). Em Isaías encontramos várias referências aos elamitas (11, 11; 21, 2; 22, 6). Jeremias tem um oráculo, predizendo-lhes castigos (49, 34-39) Ezequiel os enumera entre os inimigos de Israel (32, 24).

2. *As grandes potências de Nínive-Babilônia e do Egito*

A Palestina, com os dois reinos do Norte e do Sul e os povos que a cercavam, mediava as duas grandes potências da antiguidade: ao norte Assur ou Nínive e Babilônia e ao sul o Egito. As vicissitudes desses impérios refletiam-se imediatamente nessas outras pequenas nações que dependiam ora do Norte, ora do Sul.

Povos de adiantada cultura não podiam deixar de influenciar consideravelmente nessas nações por eles vencidas e dominadas. Certamente exageram os historiógrafos que pretendem explicar a religião, os conhecimentos da história primitiva e qualquer outro fenômeno da cultura israelítica por essa influência oriental e egípcia. Exatamente quanto à religião, a diferença é fundamental. Só Israel aparece no meio de todos esses povos mantendo o seu monoteísmo, qual o conhecemos, em toda a sua pureza. Neste particular, bem como na apreciação da moralidade os profetas avantajaram-se consideravelmente aos sábios de qualquer outro povo. Todavia não se pode deixar de reconhecer que nas artes, na

LIVROS PROFÉTICOS

maneira de exprimir-se e sob muitos outros aspectos é patente que foram influenciados por esses grandes povos.

Com frequência os profetas dirigiram os seus oráculos a essas duas potências. Para compreendê-los necessário se torna um conhecimento tão exato quanto possível da evolução histórica desses países e do grau de sua cultura. Providencialmente para a exegese atual os dois povos como que ressurgiram nos últimos decênios ante os nossos olhos devido às muitas escavações feitas nas regiões em torno do Eufrates e Tigre e do Nilo. Em particular os profetas podem ser compreendidos de um modo muito mais real e exato, conhecendo nós particularidades dos grandes acontecimentos e lutas nessas nações no período desde o século de Oséias e Amós até Malaquias.

1) *Os impérios de Nínive e Babilônia.* Os impérios de Babilônia e Nínive, embora muito distintos um do outro, podem ser considerados em conjunto, não só em vista de suas afinidades, como principalmente, para nossa finalidade, no tocante às suas relações para com Israel.

Babilônia figura na história como o povo mais antigo, desde os sumeros e os acádios no 4.^o milenário a. C. Os judeus conservaram firmes as suas tradições por ter Abraão saído de Ur, portanto do império babilônico, provavelmente ao tempo de Hamurabi (séc. Kugler de 2123-2081). Depois de muitas transformações políticas, no séc. VIII a grande cidade tinha cedido o domínio mundial a Assur.

Nínive por esse tempo, depois de inúmeras lutas e vicissitudes, atingira o apogeu da glória sob o império de Teglathassar III (746-727). Os assírios tinham estendido o seu reino por toda a parte: a própria Babilônia, toda a Síria e a

LIVROS PROFÉTICOS

Palestina obedeciam a Nínive, a colossal cidade situada às margens do Tigre com os seus 480 estádios de circunferência. Fundada outrora por Nemrod (Gên 10, 11 e Is 37, 37) Nínive foi-se desenvolvendo até abranger as três cidades de Recobot-Ir, Chale e Resen. Salmanasar V (727-722) e Sargon II (722-705) e principalmente Senaquerib (705-681) foram enriquecendo sempre mais a cidade com monumentais construções de templos e palácios, dotados das maiores preciosidades que para lá levaram depois de ter espoliado grande parte do mundo então conhecido. De cabal importância para o povo de Israel foi a política seguida por Salmanasar e Sargon de deportar os povos vencidos para mantê-los sob o seu jugo com mais facilidade. Devido a este plano os israelitas do Norte em 722, depois da destruição de Samaria tiveram que partir para o exílio da Assíria. Nínive é considerada pelos profetas como a cidade cruel por excelência, onde se ouvia continuamente o ruído dos açoites e o sangue era derramado sem cessar. Daí os muitos oráculos com que anunciaram a sua destruição (Am 5, 5; Na 2, 2-14; Hab 2, 5; Is 33; Sof 2, 13-15). Com efeito logo depois de Assurbanípal (669-626) começou a sua rápida decadência e em 612 os Medas aliados a Nabopolassar entraram na grande cidade e a incendiaram.

Babilônia, depois da queda de Nínive, assumiu novamente a sua antiga hegemonia entre as nações. Antes disso tentativas como a de Merodad-Baladan (Is cap. 39), fracassaram tôdas. Todavia Babilônia não tinha deixado de existir. Sargon II intitulava-se também “Rei de Babilônia”. Agora os seus dias de maior glória iam chegando. Nabucodonosor, ainda regente, vence os egípcios em Karkemis em 605 e firma definitivamente o seu reino centralizado em Babilônia, que engrandece e enriquece até torná-la a grande maravilha da

antiguidade. Debalde aliam-se contra êle as diversas nações da Síria e da Palestina, apelando pelo Egito. Nabucodonosor as vence uma por uma e, destroi-lhes as capitais e deporta os seus habitantes, como fêz com os judeus em 597, ocupando Jerusalém e em 586 destruindo inteiramente esta cidade. Os descendentes de Nabucodonosor mantiveram-se no poder até 538. Os Medo-Persas apoderaram-se neste ano de Babilônia, continuando, porém, a considerá-la a capital do seu império e a engrandecê-la ainda mais até que em 331 Alexandre Magno destruiu para sempre o domínio persa e a própria cidade.

2) *O Egito*. Se os judeus derivavam do Oriente a sua origem, sabiam muito bem que fôra no Egito que se foram evoluindo até constituírem-se num povo capaz de figurar como tal entre as nações. Eram aliás para êles tristes recordações de dois a três séculos de cativo e escravidão. Mesmo libertados do Egito por manifesta proteção divina, os israelitas não puderam deixar de manter relações com êsse povo situado não muito longe, o qual pela sua desenvolvida cultura exerceu a maior influência durante muitos séculos. Difícil é dizer-se algo de certo sôbre a evolução dêste povo que se perde em eras pré-históricas. As 31 dinastias que no govêrno desta nação se foram suplantando umas às outras atestam por si mesmas como foi movimentada e turbulenta a sua existência.

De especial importância para a época dos profetas israelíticos foram as quatro dinastias desde 945 até 525. Relata-nos o 3.º Livro dos Reis (11, 40; 14, 25) como Sesac (Ché-chong) que reinou de 945-924 em Bubaste, tentou restabelecer o domínio egípcio na Palestina e como êle invadiu e pilhou Jerusalém durante o reinado de Roboão (931-914) e o 2.º Paralipômenos (14, 9-15) narra que Osorkon I, seu sucessor, foi vencido por Asa, rei de Judá (911-870). Por muitos

anos o Egito se viu implicado em revoluções internas entre os Tanitas e os Etíopes, mas sempre que pôde não deixou de vexar os israelitas pretendendo dominá-lo e torná-lo tributário, como conseguiu várias vezes. Nunca foram cordiais os laços que ligaram os israelitas aos egípcios. Todavia aconteceu por vezes que quando Nínive e Babilônia ameaçavam e assolavam a Palestina, os judeus pensavam encontrar salvação no auxílio do Egito. Oséias, rei de Israel (4 Rs 17, 4) o implorou expressamente e sempre houve daí em diante mesmo no reino de Judá um partido favorável a uma aliança com os egípcios. Foi contra essa corrente partidária que os profetas, principalmente Isaías e Jeremias, tanto lutaram, mesmo expondo as suas vidas. Os vários oráculos proféticos que dissuadem a aliança egipciaca, predizem para esta nação idólatra e perversa os mais severos castigos divinos (Jl 3, 19; Is 19 e 20; Jer 2, 16-18; 41, 17-44; 46).

3. *Os profetas em ação.*

Ao povo de Israel, em si tão pequeno e insignificante entre as nações da terra e tão semelhante a elas em suas muitas imperfeições, mas também tão sublimado acima de todas as outras em vista da eleição e missão para detentor da verdade revelada e das promessas, é que os profetas foram enviados e restringiram a sua atividade aos limites dessa nação.

Resumindo essa atividade profética, diremos que *negativamente* o “homem de Deus” devia opor-se decididamente a todos os abusos e crimes praticados por Israel, estigmatizando de modo particular os pecados dos príncipes e dos sacerdotes e, como eles não atendiam às suas admoestações, devia ameaçá-los com os mais tremendos castigos. Positivamente incumbia-lhe inculcar sempre de novo o culto tradicional de Javé,

LIVROS PROFÉTICOS

lembrar a sua aliança com o povo e as suas misericórdias manifestadas no passado e reveladas pela promessa de enviar o Messias, que viria libertar o povo de todos os seus inimigos e firmar para sempre o trono de Davi, como centro de todos os povos da terra.

Na prática o exercício desta missão era sumamente espinhoso e difícil. O profeta tornava-se logo um “homem de contradição” no meio em que vivia (Am 7, 10) e muitas vezes, como sabemos especialmente de Jeremias, eram perseguidos; caluniados, expulsos ou encarcerados. E conforme a tradição muitos dêles terminaram a vida de modo violento (Cf. 3 Rs 18, 10. 13; Jer 26, 23; Mt 5, 12).

De outro lado, cumpre notar que grande foi também a sua influência entre as massas populares (2 Par 28, 9) e que mesmo os príncipes e governantes, embora ímpios, a êles recorriam em suas dúvidas em vista da incontestável autoridade de que gozavam.

Para fazermos uma idéia da atividade profética, não é sem proveito comparar o profetismo com o sacerdócio aaronítico. Tanto o profeta como o sacerdote tinham por fim a religião de Javé. Mas ao passo que o sacerdócio era exercido legalmente por todos os descendentes de Levi (sacerdotes e levitas) em grande número e sustentados pelos emolumentos do templo, o profetismo era uma instituição tôda particular, exercido por homens escolhidos misteriosamente por Deus, que apareciam de quando em quando sòzinhos ou apenas com um companheiro, vivendo entre o povo e mantendo-se cada um a seu modo. Os profetas não formavam pròpriamente uma classe, nem seguiam regras de vida comuns a todos. Se Elias, Jeremias e outros tiveram que viver célibes, outros eram homens casados como sabemos de Isaias e Ezequiel. Se alguns

LIVROS PROFÉTICOS

como Elias, se vestiam com uma túnica própria, não temos fundamento para afirmar que todos os profetas os imitavam. Às vezes aconteceu que eram contemporâneos, como Isaías e Miquéias, mas não nos foi transmitida notícia alguma de que tenham trabalhado em conjunto ou tenha havido ao menos algum entendimento entre eles. Cada um dêles agiu de modo independente um do outro conforme as suas inspirações particulares.

Em geral, começavam por apresentar-se ao povo como “enviados de Deus” (4 Rs 4, 9). Nesses tempos mais simples e impregnados do sobrenatural do que hoje era-lhes mais fácil talvez do que em nossos dias firmar a sua autoridade. Pensemos em Jonas na própria Ninive.

Contudo, nem sempre lograram impor-se logo. Alguns terão sido agraciados por Deus com o dom dos milagres, como Elias, aparecendo assim perante o povo aureolados de nimbo todo particular. Mas, quanto sabemos a grande maioria não dispunha dêste dom.

O critério que os fazia reconhecer como “homens de Deus” consistia na sua *própria personalidade* que resplandecia no fulgor de acrisoladas virtudes, numa inquebrantável convicção com que falavam em nome de Deus, na incontestável evidência de suas afirmações quando impugnavam os erros e pecados.

Outras vezes era a realização de uma profecia que recomendava aquêlo profeta como fiel a Javé. Acontecia pois com frequência que eles predissessem acontecimentos que se deviam realizar num futuro próximo, como Jeremias (20, 1) predizendo a Fassur que morreria na Babilônia. Costumavam dizer então que as “suas palavras não caíam por terra” (1 Sam 3, 19). Jeremias mesmo indica (28, 9) êste critério, para poderem discernir o verdadeiro do falso profeta.

Mesmo assim succedeu por vezes não encontrarem fé entre o povo, principalmente entre os nobres e os sacerdotes. Isaías queixava-se: “Senhor, quem acredita nas nossas pregações?” (58, 1). Não importa. Deviam continuar insistindo e pregando, até mesmo selarem as suas palavras pela morte. Os que atendessem, seriam salvos (Ez 3, 1).



O principal meio de que os profetas se serviram para transmitir aos homens as comunicações divinas foi a palavra pronunciada oralmente. O profeta subia aos átrios do templo ou colocava-se às portas da cidade em dias de grande movimento e aí fazia ouvir livremente a sua voz (Jer 7, 2; 11, 3; 19, 13; Am 7, 10). Começava, em geral, por fórmulas este-reotipadas: “Assim falou Deus”, ou “Eis o que diz o Senhor Javé” e pronunciava então um sermão propriamente dito ou recitava os seus oráculos. Esses oráculos, como os temos hoje, eram salmos, ou poemas que abrangiam número variável de estrofes. Devem ter sido declamados mais de uma vez ou pelo próprio profeta, ou por outras pessoas até serem decorados pelos ouvintes, que então os iam passando adiante. Esta forma de divulgação de uma idéa estava então em voga e tinha a vantagem sôbre a escrita, usada hoje, de ser mais viva e expressiva.

Outras vezes muitas os profetas eram enviados por Deus aos reis, ou outras pessoas com mensagens especiais. Acontecia também que eram procurados e consultados por determinadas pessoas em particular e solucionavam as questões propostas em nome de Javé: assim Samuel foi procurado por Saul (1 Rs 9, 6) e Jeremias por Sedecias (38, 16). Ocozias

LIVROS PROFÉTICOS

foi repreendido por Elias por ter mandado consultar o deus de Acaron "como se não houvesse Deus em Israel" (4 Rs 1, 2).

Eficaz meio de propagar verdades reveladas consistia em *ações simbólicas* que os profetas por ordem de Javé deviam realizar abertamente. Dêste modo Oséias (1, 4) devia casar-se com uma mulher indigna e Isaías devia dar nomes significativos aos seus filhos (Is 8, 18). O mesmo profeta devia andar certa vez quase despido como os deportados (20, 1-6) e Jeremias quebrar uma bilha (19, 1-13). Em Ezequiel vemos muitas dessas ações simbólicas. Podemos fazer uma idéia de como o insólito dessas ações era apropriado a chamar a atenção e servir de veículo a uma vasta divulgação.

Por fim, alguns profetas consignaram *por escrito* as suas profecias e oráculos. De Jeremias (36) sabemos que recebeu ordem expressa de Deus para isso e que para realizá-la se serviu de Baruc, seu secretário. Quanto aos demais profetas que nos legaram seus escritos, nada de certo podemos afirmar sobre o modo como foram levados a escrever e como os seus escritos receberam a forma que hoje têm. Máxima probabilidade tem a opinião que esses escritos compostos pela maioria de oráculos independentes uns dos outros tenham feito parte originariamente da literatura oral, muito comum entre os povos antigos. Muito mais tarde por eles mesmos, ou pelos seus discípulos, ou outros homens, talvez também profetas (redatores) é que devem ter sido colecionados na ordem e disposição atual. Na coordenação dos oráculos seguiram critérios diversos: até certo ponto terá prevalecido a ordem cronológica, outras vezes uniram os oráculos que tratavam de temas semelhantes. É certo também que terão acrescentado notas elucidativas. Essas coleções vieram a formar os Livros

LIVROS PROFÉTICOS

Proféticos, cuja autoria substancial de cada profeta permanece intata. Esses Livros foram sendo ajuntados, provavelmente, por expressa indicação de algum outro profeta “fiel” acreditado (1 Mac 14, 41), às Escrituras inspiradas já existentes.

4. *A Linguagem Profética*

Para nós hoje não pequena dificuldade oferece a linguagem de que os profetas usaram, para expor os seus pensamentos e as verdades que Deus lhes inspirava.

E’ natural que, tratando-se de escritos tão antigos, aí leiamos expressões estranhas para nós, mas que para os primeiros leitores tenham sido muito familiares. Assim os muitos símbolos que ocorrem nessas Páginas sagradas supõem o conhecimento de costumes e instituições da época. Tonemos o exemplo tirado de Isaías (56, 6. 7; 60, 7) e Ezequiel (do Cap 40 em diante): esses profetas querem descrever a restauração messiânica e para isso baseiam-se no templo, na instituição sacerdotal e no culto antigos, para então espiritualizá-los e assim exprimirem os bens futuros. Zacarias apresenta a santidade sob a forma da pureza levítica (14, 16. 20).

Do mesmo modo para o profeta bastava uma leve indicação de fatos históricos para evocá-los com vivacidade e exatidão. Muitas vezes um fato histórico que por insignificante hoje nos passa despercebido, ou ignoramos de todo, para os israelitas de então era de suma importância e encerrava em si muitos ensinamentos e verdades.

Além dessas dificuldades comuns a todos os livros antigos, os profetas por vezes tornam-se obscuros em consequência do ponto de vista em que estavam ao considerarem os bens

do reino messiânico, aos quais tantas vezes se referem. Cumpre-nos salientar êste particular que é de máxima importância em toda a interpretação de seus escritos. Deus tinha prometido a salvação ao seu povo e os profetas tinham por sua especial missão acentuar sempre de novo essas promessas divinas. Mas Deus não quis especializar essa salvação, nem indicar-lhes os pormenores de tempo e lugar, bem como as várias modalidades. Assim procedeu o Senhor em seus desígnios secretos, ou porque os homens então não fossem de todo capazes de compreender, ou para dar lugar à virtude da fé e da esperança cega na Providência divina. Originou-se daí êsse modo de ver e de falar denominado com muita exatidão “ótico” ou sem perspectiva, pelo qual os profetas abrangiam numa única vista de olhos, sem distinguir as linhas divisórias, os séculos e os espaços. Assim quando consideramos o céu estrelado, parece-nos que os astros estão perto uns dos outros, sem que pela vista possamos perceber a sua imensa grandeza e as distâncias que os separam. Convencionou-se chamar êste estilo de “perspectiva profética”.

Desta forma para os profetas e seus leitores o templo, Sião, Jerusalém, o próprio povo de Israel equivaliam ao reino de Javé na sua realidade para êles presente e no seu desdobramento e esplendor futuros. Os castigos e os sofrimentos dêsse povo tinham significado especial, abrangendo, além da realidade concreta, todos os julgamentos e rigores da Justiça divina. Igualmente a sua “salvação” no tempo tanto próximo, como longínquo, incluía em si a salvação eterna. Assim a restauração do povo depois do exílio é descrita como se igualasse à restauração final pelo Messias. Na primeira restauração estava a outra incluída no sentido de figurada ou representada. Também Jesus Cristo mais tarde, não sem uma acomodação significativa a Joel e a Isaías, falava (Mt

LIVROS PROFÉTICOS

24 e 25) em conjunto e entrelaçadamente da destruição completa de Jerusalém e do fim do mundo.

5. *Doutrina geral dos profetas*

E' sumamente notável que todos os profetas de Israel, embora tenham vivido em épocas muito diferentes, sem terem formado uma escola pròpriamente dita e possuindo graus de cultura diversíssimos, apesar de tudo isso sejam perfeitamente unânimes na admirável doutrina que expõem. Em que outro povo encontramos semelhante união de vistas? Se alguém não acreditar na assistência e revelação divina, debalde procurará uma explicação cabal para êste fato.

O conceito que formavam da divindade é o mais puro que jamais atingiu um espírito humano. De Amós a Malaquias professam o mesmo perfeito *monoteismo*: Javé, um só Deus Criador e Senhor de tôdas as coisas. Mesmo vivendo no meio de povos idólatras, que cultuavam seus deuses do modo mais pomposo e atraente, e, apesar da apostasia de tantos israelitas, inclusive dos mais influentes do seu tempo, êles ficaram sempre firmes na defesa da absoluta espiritualidade de Javé e do seu domínio que se estendia sôbre tôdas as nações. Os demais deuses não passam de ídolos, feitos pelas mãos dos homens, que não podem salvar; tanto êles como os que os adoram, só merecem o ridículo de quem pensa calmamente. Cf. p. ex. Is 44, 6-23 e tôda a Carta de Jeremias (Bar c. 6). Só Javé é quem guia o universo inteiro e pode dispor do modo mais cabal de qualquer nação. Só dêle é que procedem os castigos e a salvação.

Para todos êles Javé reveste-se de *Majestade infinita*, sendo inacessível e tremendo a todos os mortais, como enig-

LIVROS PROFÉTICOS

maticamente se revelou a Isaías (6, 1...) e a Ezequiel (1, 1...). Sempre de novo pregam com as cores mais vivas o “temor de Javé”: êles mesmos tremem ante os rigores de sua implacável Justiça e tornam-se aterrorados diante dos seus ovinos. Uma imagem que podemos apresentar como comum a todos êles era a do “dia de Javé” (Jl 1, 15; 2, 1; 4, 14; Am 5, 18; Is 2, 12; Jer 30, 7; Ez 7, 7; Abd 15; Sof 1, 7; Mal 4, 5). Por “dia” entendiam o “juízo divino a revelar-se em determinada época”. Os judeus em geral empregavam essa expressão no sentido de vitórias para Israel cuidando que nesse “dia” Javé aniquilaria os seus inimigos e estabeleceria a paz perpétua para o seu povo. Os profetas erguem-se contra semelhante acepção do tremendo dia; também Israel seria julgado severamente conforme suas obras e receberá tremendo castigo, do mesmo modo que todas as outras nações; um juízo universal em conformidade perfeita com o universal domínio de Javé.

Apesar de suporem este absolutismo universal do seu Deus, os profetas acentuam sempre de novo a especialíssima aliança que êle quis firmar para sempre com o seu povo eleito de Israel, enchendo-o de prerrogativas particularíssimas.

Esta *aliança* entre Javé e Israel é o ponto capital da pregação dos profetas. Todos êles o expõem e acentuam. Em primeiro lugar deixam bem patente a *livre escolha* de Deus: Israel nada fez por merecer a predileção divina. Ezequiel dedica-lhe todo o Cap. 16. Em segundo lugar procuram descrever como símbolos e comparações a inefável *sublimidade* da eleição de Javé. Para isso usam de quadros e figuras expressivas e tão arrojadas que não teriam merecido fé se não fossem inspiradas. Citaremos o desponsório espiritual de Javé com seu povo, que Oséias simbolizou nos seus matri-

LIVROS PROFÉTICOS

mônios (1, 2...) e Ezequiel descreve pormenorizadamente no cap. 16 acima citado. Por êle fazemos uma idéia da intimidade única em que Javé quer que seu povo viva com êle. Israel devia ser “seu povo” que o adorasse por um culto todo particular e por uma vida regrada por sua lei e êle, Javé, se comprometia a protegê-lo paternalmente, querendo ser conhecido como o “Deus de Israel”. Em terceiro lugar foi missão de todos os profetas lembrar ao povo a sua infidelidade e malícia, profanando a aliança divina pela idolatria e por tantos outros crimes. Mas as simples palavras e insistentes admoestações não bastaram. Daí em quarto lugar os profetas tornaram-se arautos de tremendos castigos que Javé enviaria certamente a seu povo. Os mais antigos, como Oséias e Amós, falam em castigos gerais. Isaias já ameaça claramente o exílio de Judá à semelhança da deportação de Israel. Jeremias prediz que êsse exílio duraria 70 anos (29, 10) e Ezequiel já no exílio vaticina a destruição de Jerusalém. Todavia em quinto lugar, Javé não irritaria a aliança firmada outrora. Um “resto” do povo eleito salvar-se-ia (Is 11, 1; Dan 4, 20) e com esses restantes seria estabelecida a “nova aliança” (Jer 31, 31-34) nos tempos do Messias. Israel seria restabelecido e centralizaria tôdas as nações que por êle participarem de todos os bens.

Em conjunto com a eleição de Israel, os profetas acentuam as suas antiquíssimas esperanças de salvação por intermédio do *Messias* prometido já aos patriarcas. Para êle aponham implícita e explicitamente. Muitas vezes restringem-se a descrever as suas bênçãos copiosas, como Oséias (14, 2) e Amós (9, 8-15). Outras vezes, principalmente os mais recentes, focalizam mais de perto êsse “Prometido” (Jl 3, 1-5), predizem-lhe a divindade (Is 9, 5), descrevem-lhe a infância (Is 7, 14), determinam-lhe o lugar onde devia nascer

(Miq 5, 1) e enaltecem-no como Rei absoluto e glorioso, como o Expiador dos pecados e Servo de Javé (Is cc. 40 ss.) e como o Bom Pastor e Restaurador (Ez 3.^a parte). Por fim Daniel apresenta-o como o “Filho do Homem descendo das nuvens do céu e determina a época de sua vinda ao mundo (7, 1) e Zacarias prediz a entrada triunfante do Rei, pobre e humilde, a tomar posse do seu reino (9, 9).

Em geral é ante a perspectiva da salvação messiânica que os profetas terminam os seus oráculos e assim recordam e acentuam as “misericórdias de Javé”. Assim mesmo quando ameaçam os seus castigos e apelam para a sua rigorosa justiça, propõem-no ao povo em tôda a sua infinita Bondade; no qual devem confiar plenamente. Podemos tomar como exemplo o modo de agir de Ezequiel: na primeira parte dos seus oráculos antes da destruição de Jerusalém acentua êsse castigo merecido pelos judeus e inevitável; depois da destruição da cidade santa assume uma linguagem totalmente diferente, pondo em evidência a misericordiosa salvação divina.

Como *moralistas* que foram, os profetas dedicaram grande parte dos seus esforços e dos seus escritos a censurar os vícios e aplaudir as *virtudes*, ensinando os caminhos para o reino de Deus.

Para com Javé reclamam o culto tradicional de sacrifícios e solenidades, salientando a sua santidade e o espírito de retidão e sinceridade com que deve ser exercido, como o faz expressamente Oséias (4, 1) e muitos outros. Por vezes com Amós (5, 23) tanto recomendam o espírito interior que aparentemente parecem repudiar todo o culto.

No tocante à interpretação da *lei* em geral, é muito de notar a sua largueza de vistas. Nêles nada encontramos da

mesquinheza com que mais tarde os fariseus a explicavam ao povo.

Com violência vituperaram a ambição e o luxo, bem como toda a espécie de injustiça (Is 3, 16) e baseiam tôdas as regras da mútua relação e convívio entre os homens na justiça e na caridade (Is 32, 17).

6. *Os profetas que escreveram*

Prescindindo dos muitos profetas que exerceram só oralmente o seu encargo, podemos distinguir dois grupos entre os que escreveram:

1) *Moisés e Davi*. O primeiro foi o modelo consumado do verdadeiro profeta, o qual transmitiu aos judeus a expressa vontade de Javé nas suas muitas revelações que consignou no Pentateuco.

Davi, o salmista, foi outrossim profeta e entre os seus salmos não poucos têm um caráter francamente profético.

2) *Os 16 (ou 17 contando Baruc) profetas que figuram no Cânon dos "nebiim"*.

Quanto a êstes prevaleceu o uso de grupá-los em duas categorias baseadas na dimensão de suas profecias:

Os quatro grandes: Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniél.

E *os doze menores*: Oséias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias.

Segundo a ordem cronológica podemos grupá-los em três classes:

LIVROS PROFÉTICOS

1) Os profetas *anteriores* ao exílio: Amós, Oséias, Isaías, Miquéias, Sofonias, Naum, Habacuc e Jeremias (pela maior parte);

2) Os profetas do *exílio*: Jeremias, Baruc, Ezequiel e Daniel;

3) Os profetas *posteriores* ao exílio: Ageu, Zacarias e Malaquias.

BIBLIOGRAFIA

Obras gerais sôbre os profetas

Trochon, Introduction générale aux prophètes. 1883.

H. Zschokke, Theologie der Propheten des Alt. Test. 1877.

M. Flunk, Prophetismus in Israel populo Dei electo. 1912.

F. Noetscher, Die Gerechtigkeit Gottes... 1915.

E. Tobac, Les prophètes d'Israel, I, 1919 e II. III 1921.

Condamin, Poèmes de la Bible, 1933.

Obras protestantes, úteis quanto à arqueologia, etc.

E. Koenig, Der aeltere Prophetismus, 1903.

E. Koenig, Das alt. Prophetentum u. die ordene Geschichtsauffassung. 1910.

B. Duhm, Israel Propheten, 1916.

Allen, Old Testament Prophets, 1919.

Obras gerais sôbre os Pequenos Profetas

Trochon, Les Petits Prophètes, 1883.

Knabenbauer-Hagen, Comment. in Prophetas Minores, 1924.

Van Hoonacker, Les douze petits Prophètes, 1908.

P. Riessler, Die kleinen Propheten, 1911.

O PROFETA ISAIAS

1. *Pessoa.* Do grande profeta Isaias, o príncipe dos profetas que nos legaram por escrito suas profecias, estamos relativamente bem informados, tanto por indicações do seu próprio Livro, como pelo que dêle nos relatam os Livros dos Reis e os Paralipômenos. O seu nome "*Iesaiau*" significa "a salvação é de Javé". Quanto à sua ascendência, sabemos que era "filho de Amós" (1, 1; 2 Rs 19, 20). Êste Amós não era certamente o profeta dêste nome, oriundo de Têcua. Nem há motivos suficientes para afirmar-se a sua identidade com Amós, irmão do rei Amasias. Todavia, é certo que Isaias pertencia à alta sociedade, que êle conhecia perfeitamente. Na própria côrte de Jerusalém êle mantinha vivas relações e exerceu sempre entre os nobres não pequena influência desde o início de sua missão profética. A sua linguagem clássica e o descortino de sua mentalidade supõem uma inteligência superior e uma cultura inteiramente à altura do seu tempo e mesmo rara entre os contemporâneos. De 8, 3 depreendemos que êle era casado. Sua mulher é chamada "profetisa" quer simplesmente por ser a mulher de um profeta, quer que tenha também profetizado à semelhança de Holda. Tinha ao menos três filhos; a dois dêles deu nomes simbólicos: *Shear-Jashub*, "Um resto voltará" e *Maher-Shalal-hash-Baz*, "Toma despojos, Faze prêsas", como tantas alusões à próxima sorte do povo rebelde. Assim podemos compreender a passagem 8, 18: "Eis-me aqui! Eu e meus fi-

LIVROS PROFÉTICOS

lhos... somos sinais e presságios em Israel". Isaias deve ter vivido até o reinado do ímpio rei de Judá Manassés (698-644). Conforme antiga tradição judaica, referida por São Jerônimo e aludida por São Paulo (Hebr 11, 37) Isaias foi condenado à morte por êsse rei por causa de suas profecias, tendo sido serrado ao meio.

2. *Tempo.* Isaias (6, 1) declara que exerceu a sua missão de profeta a começar no dia da morte do rei Ozias em 736 durante os reinados dos reis de Judá Joatão (736-735), Acaz (735-728) e Ezequias (727-799). Longo espaço de tempo de cerca de 40 anos. Essa época tornou-se célebre e foi da mais relevante importância para o reino de Judá tanto política como religiosamente falando pelas muitas agitações sociais. Podemos caracterizá-la brevemente do modo seguinte:

1. *Quanto à política,* o reino de Ozias foi de grande prosperidade. As muitas riquezas amontoadas abriram as portas à mais desenfreada sensualidade e aos maiores desmandos morais. Durante o breve reinado de Joatão e nos primeiros anos de Acaz, Damasco uniu-se com Samaria contra o império dos assírios. Êstes sob o comando de Teglat-falasar II (745-727) entram em luta contra os dois reinos e os vencem. Damasco foi tomada em 732 e Samaria em 722. Acaz foi de opinião que lhe era mais favorável aliar-se com os assírios. Nestas circunstâncias Isaias entra em ação como profeta. Censura a política de Acaz: Israel não deve fazer aliança com país algum; tôda a sua confiança deve ser colocada em Javé, seu Deus, que pode e quer defender o seu povo. Debalde. Acaz sujeitou-se deliberadamente a Nínive. Assim quando Ezequias, seu filho, subiu ao trono em 727, Judá era tributário do império assírio. Depois da queda de Samaria

em 722, Ezequias procurou livrar-se dos pesadíssimos impostos devidos a êsse império, e aliou-se com os egípcios e os babilônios que, por sua vez, estavam em luta com os assírios. Intervém de novo Isaías em nome de Javé para induzir Ezequias a manter a lealdade a Nínive. Idêntica posição conservou o profeta, quando o rei recebeu honrosamente os embaixadores de Merodat-Baladan, aventureiro que disputava ao rei de Assur a posse de Babilônia. Censurou-o abertamente. Mas quando Senaquerib (805-781) invadiu Judá, Isaías está de novo ao lado de Ezequias para consolá-lo e pre-dizer-lhe o futuro vitorioso (2 Rs 18, 9 — 19, 37).

2. *Quanto à religião*, muito havia a lamentar e a censurar. Acaz mostrou-se um monarca ímpio. Idólatrá, luxuoso. Datam dêste período os mais veementes oráculos que Isaías fêz, vituperando a decadência dos costumes e os crimes de Israel. A situação melhorou sensivelmente, quando Ezequias tomou a si o governo. Êste piedoso rei empreendeu imediatamente e com rara energia uma reforma completa do culto e da religião de Javé em geral (2 Rs 18, 1...). Como se pode imaginar, as dificuldades devem ter sido imensas para abolir abusos inveterados. Foi quando Isaías e Miquéias se colocaram ao lado do rei na custosa empresa.

Ignoramos qual tenha sido a atividade de Isaías além dos escritos e oráculos que nos foram conservados. Mas certamente êle foi um homem dinâmico sob todo o sentido. E' provável que êle tenha feito parte dos "homens de Ezequias" conforme o Prov 25, 1 e é-lhe atribuída pelo autor dos Paralipômenos (2 Par 26, 22) uma biografia de Ozias. Jesus Sirac com as seguintes belas palavras compendiou o trabalho e os sucessos do nosso grande profeta: "Deus purificou (o seu povo) por mão do santo profeta Isaías... porque Ezequias

fêz o que era do seu agrado... como lhe tinha recomendado Isaías, profeta grande e fiel diante de Deus. Em seus dias o sol voltou para trás (2 Rs 20, 8-11) e êle prolongou a vida do rei. Com o seu grande espírito viu os últimos tempos e consolou os que choravam em Sião. Até os fins dos séculos mostrou o que deve acontecer, bem como as coisas ocultas antes que acontecessem". (Eccl 48, 24...).

3. *Composição literária.* Numerosos textos tanto do Velho, como do Novo Testamento encarecem não só a inspiração divina, como também a máxima importância da obra de Isaías, quanto à revelação de Deus ao seu povo. Notáveis são principalmente a sua clarividência sobre monoteísmo numa época em que todos os povos adoravam os ídolos e a sua visão nítida e pormenorizada da pessoa, missão e era do Messias. Assim não admira que os SS. Padres e escritores eclesiásticos cite continuamente êste profeta, que muito se avantajou aos demais, quanto ao número e quanto à clareza de seus oráculos.

A obra de Isaías compõe-se de duas partes ou dois Livros muito diferentes entre si e separados por uma relação histórica. O mesmo profeta deve ter escrito ambos os livros que sempre lhe foram atribuídos, mas considerando-se a diversidade de estilo, em épocas e em circunstâncias muito diversas.

A primeira parte de 1, 1 até 35, 10 consiste numa coleção de oráculos do grande profeta, coleção organizada por êle mesmo, ou por um outro autor posterior a êle. Alguns desses oráculos são datados, outros não levam data, mas por certos indícios podem ser atribuídos a diversas fases de sua vida. A organização geral obedece a determinado critério, todavia, sem o andamento de idéias lógico, como hoje estamos acostumados. É muito provável que êsses oráculos antes de serem compilados, tenham existido, talvez por muitos anos, em se-

LIVROS PROFÉTICOS

parado e apenas na memória dos seus ouvintes. Ainda hoje os comentadores não estão de acordo quanto à extensão de vários destes oráculos.

A *segunda* parte, embora também se componha de oráculos, é todavia muito mais coerente e parece ter sido diretamente planejada e escrita por uma só pessoa e de uma só vez.

A unidade e autenticidade de toda a obra de Isaías foram sempre aceitas por toda a antiguidade, sem que sobre este ponto tivesse surgido até 1775 a menor dúvida. Data deste ano o trabalho crítico que há hoje quase dois séculos vem dissecando em todos os sentidos esta profecia, de modo que pouco reste de Isaías mesmo. Apareceu, pois, nesse ano o comentário de Ch. Doderlein sobre Isaías, no qual esse exegeta pretendeu provar que a segunda parte de Isaías é de uma época muito posterior ao profeta, mais ou menos do tempo do exílio, escrita por um autor desconhecido, talvez por um homônimo do nosso profeta, denominado por ele *Deutero-Isaías*. Entre os críticos racionalistas e protestantes Doderlein encontrou até hoje numerosos exegetas que pensam mais ou menos como ele, atribuindo, porém, a segunda parte a épocas diferentes, como também a autores vários (além do *Deutero*, um *Trito-Isaías*...). Também a primeira parte foi submetida a semelhantes processos. Entre esses críticos podemos nomear Eichorn, Gesenius, Ewald, Duhm, Marti e outros muitos.

Os exegetas católicos permaneceram, em seu conjunto, fiéis à tese tradicional, não encontrando motivos suficientes para abandonar a autenticidade de todo o Livro de Isaías. E' de notar-se que esta questão não atinge a fé. Entretanto, a Comissão Bíblica (28. 6. 08) depois de sério exame da ques-

LIVROS PROFÉTICOS

tão, acautela contra a precipitação em matéria de tanta importância.

Ponderemos brevemente a) alguns dos principais argumentos aduzidos pelos críticos, b) a sua refutação e c) os argumentos que se podem fazer valer pela tese tradicional.

a) A *tese contra a autenticidade* da segunda parte de Isaías baseia-se 1. na forma literária desta parte muito diferente da que lemos na primeira parte. De modo geral, o estilo é aqui mais simples, mais corrente, mais claro e menos vigoroso. Caracteriza-se por um simbolismo especial, pela introdução de hinos, pela freqüente volta de assuntos já tratados precedentemente, por certas oposições constantes ao nome de Javé, como Jacó ou Israel, pela repetição das mesmas palavras, como “Consolai-vos, consolai-vos, povo meu”. Igualmente o vocabulário e certas expressões são inteiramente próprias; mais de dez palavras só ocorrem na época de depois do exílio, como *bahar*, escolher, *pasach*, exultar. Muito maior número de aramaismos.

2. na diversidade do horizonte histórico. E' um fato que a segunda parte do livro de Isaías nos transporta à época e à situação dos judeus no exílio: em plena Babilônia eles só têm ídolos ante os olhos. Jerusalém está destruída e Judá transformada num deserto. De outro lado os exilados recebem do profeta a certeza de que essa Babilônia, que tanto os atormenta, também será destruída e eles serão libertados por um monarca vindo do longínquo Oriente, cujo nome é Ciro. Todo êsse cenário é totalmente diverso da situação, em que Isaías se encontrava e que a primeira parte da sua profecia supõe. Acresce que, se toda essa descrição é mera profecia, isso constituiria um fato único. Nunca um outro profeta exprimiu com tanta clareza sôbre ocorrências futuras.

3. na evolução de certas idéias. Por exemplo, no tocante ao Messias. Na primeira parte, êle é apresentado como o Emanuel, o rebento do tronco de Jessé, o Rei que havia de vir, ao passo que na segunda parte êle aparece como o “Servo sofredor de Javé”, o Redentor e medianeiro de uma salvação toda espiritual. Da mesma forma na segunda parte a par do mais patente universalismo, ocorrem tendências abertamente legalistas, semelhantes às de Ezequiel, próprias de um exilado e não de um contemporâneo de Acáz.

b) *Refutação dos argumentos* dos críticos a favor de um *Deutero-Isaias*. Todos os argumentos que os críticos apresentam pela sua tese podem ser facilmente desfeitos pelas seguintes reflexões:

Quanto a 1) da inegável divergência de estilo, por maior que seja, não é motivo peremptório para daí concluirmos para um outro autor. E’ sabido que um mesmo autor pode escrever de modo diverso. No que diz respeito a Isaias, o assunto da segunda parte é muito diferente dos temas visados na primeira: aqui se trata principalmente de censuras e de vivas queixas, ao passo que na segunda parte o profeta fala ou escreve mais calmamente. As disposições psíquicas e uma idade mais avançada bastam para explicar essas diferenças de estilo, que aliás não se deve exagerar. Demais muitas exilado e não de um contemporâneo de Acáz.
partes.

No tocante a 2) concedemos e frisamos que Isaias, de fato, na segunda parte transporta seus leitores à época do exílio e que lhes prediz claramente coisas que então aconteceram. Por isso mesmo é que o chamamos de profeta ou vidente. Não é um simples homem que fala e que revela o futuro por simples previsão humana, mas um homem de Deus,

que, por intervenção e iluminação divinas, desvenda o porvir com absoluta certeza. E' certo que a maioria dos críticos racionalistas negam a possibilidade do milagre e da profecia . . . Melhor fôra que essas mentalidades não se metessem a explicar o texto sagrado, todo êle impregnado do sobrenatural. Devemos notar ainda que várias particularidades de ordem geográfica (57, 5; 49, 8) de ordem histórica (57, 8-10) e de ordem religiosa (42, 17; 49, 4; 65, 3) revelam claramente que o autor escreveu na Palestina e não em Babilônia e numa época anterior ao exílio.

Com respeito a 3) notaremos simplesmente que nada impede que uma idéia se vá evoluindo ou esclarecendo sempre mais na mente de um pensador, que, portanto, em várias épocas de sua vida as apresente de modo um pouco diverso. Assim nada há de contraditório nem mesmo de estranho no que diz Isaías sobre Cristo nos oráculos da primeira e da segunda parte. O mesmo vale de outras idéias que acaso são expostas de modo um tanto evoluído. Quanto às tendências universalistas e legalistas é inteiramente falso que elas não existissem antes do exílio. Já as encontramos nos mais antigos profetas.

c) *Argumentos pela tese tradicional* da autenticidade de todo o Livro de Isaías. Já nos temos referido à unanimidade do parecer dos SS. Padres que da tradição judaica obtiveram a certeza de que o profeta é o autor de tôda a obra que lhe foi atribuída. Vimos também como há motivos de ordem interna que vem corroborar a tradição. Citaremos agora, por fim, os testemunhos da própria sagrada Escritura quer do Velho Testamento, como do Novo. 1. *Do Velho Test.* a) Implicitamente supõem a existência da segunda parte de Isaías já existente no seu tempo o profeta Sofonias que escreveu certamente antes de 612 (queda de Nínive) reproduzindo em 2, 15 lite-

ralmente Is 48, 9. 10. Cumpre notar que a palavra *haphsi* só ocorre nesses três versículos. O profeta Naum que deve ter escrito igualmente antes de 612, em 1, 15 refere-se de modo indúbio a Is 52, 7. Podemos citar ainda Jer 31, 35 que se acomoda a Is 51, 15. b) Explicitamente fala de Isaías o autor do Eclesiástico como temos citado acima (48, 23. . .) *Do Novo Test.* Entre outros textos: Mt 8, 17; “Para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta Isaías que disse: Ele tomou a si as nossas fraquezas. . . Is. 53, 4. Do mesmo modo Mt 12, 17 cita expressamente Is 52, 1 e Lc 4, 17 que nomeia Is 61, 1 e Jo 12, 38 que supõe Is 53, 1. Além dos Evangelhos temos as passagens dos Atos 8, 30-32 que se referem a Is 53, 7 e Rom 10, 20 que menciona Is 65, 1.

Conclusão. Não se pode negar que a composição literária do livro de Isaías encerra problemas complicadíssimos, que os críticos se têm esforçado seriamente por resolver. De outro lado estamos diante de uma questão importantíssima para a compreensão de toda a Bíblia. Daí está plenamente justificado o modo de agir da Igreja, acautelando contra quaisquer resultados prematuros, bem como a posição assumida pelos exegetas católicos que sustentam a tese tradicional da sua autenticidade. Mesmo que não se trate de um dogma, urge usar de toda a reserva em matéria de tamanha relevância.

4. *Análise explicativa.* O primeiro versículo indica a natureza do escrito de Isaías: “Visões”, sua ascendência e o tempo de sua atividade.

Primeira parte: Oráculos sôbre o porvir do povo eleito e em geral do mundo (1, 2-5, 10).

Podemos subdividir esta primeira parte em 6 séries de oráculos, notando porém que não há entre êsses oráculos as-

sim agrupados um nexó inteiramente lógico quanto à sequência dos pensamentos expostos. São antes coleções de oráculos, todos êles, vagamente, sôbre o mesmo tema.

I — *A corrupção de Judá e as suas consequências* (1, 2-5, 30).

Começa Isaías por *um poema* de rara beleza artística (1, 2-31) que, como um oráculo preliminar, na forma de viva queixa lançada à nação ingrata de Judá, lhe censura os muitos pecados, principalmente a exterioridade de seu culto inútil. Já tem sido tão castigada, mas assim mesmo não se corrige e procura o seu Deus... Cumpre que se purifique, para receber e sempre mais as bênçãos do Senhor. Neste poema podemos ver um resumo de tôdas as profecias de Isaías.

A êste oráculo seguem-se outros cinco:

1. Jerusalém será o centro das nações (2, 1-5). Expondo o seu modo de ver universalista, diz o profeta que todas as nações se converterão a Javé que, por intermédio de Jerusalém, lhes dará lei e a paz.

2. Humilhação dos orgulhosos (2, 6-22). Virá o dia do juízo que trará tremendos castigos para os orgulhosos e os idólatras. E' de notar-se para Isaías que o orgulho leva à idolatria.

3. A anarquia de Jerusalém (3, 1-15). Javé confiará a cidade a jovens imprudentes para castigá-la pelas suas iniqüidades.

4. O luxo das mulheres (3, 16-4, 1). Como êle desagrada a Deus e receberá, portanto, o seu merecido castigo.

5. Promessas messiânicas (4, 2-6). Javé, Glória dos redimidos, há de purificar e proteger aquêles que são seus.

6. Apólogo da vinha (5, 1-30). Delicioso poema, dividido em três partes: a) Descrição da vinha cuidadosamente tratada por Deus mesmo: é a história de Israel. b) Ameaças dirigidas àqueles que são responsáveis pela sorte da vinha. c) Castigo: o flagelo dos assírios.

II — *A vocação de Isaías* (6, 1-13). O profeta num conjunto de narração histórica e de oráculos expõe a sua vocação para a missão de profeta. O trecho é datado do ano da morte de Ozias (736) e bem podia formar a introdução a todo o livro, como as narrações que inauguram o ministério profético de Jeremias (1, 9) e Ezequiel (3, 1...). Pode-se dividir a relação em três secções: a) A visão de Javé (1-4). Deus aparece no templo, seja que Isaías aí estivesse e visse o próprio templo, ou o imaginasse na sua visão. A majestade da descrição é única no Velho Testamento e seria difícil encontrar-se um meio melhor para pôr em destaque a transcendente santidade de Javé, afirmando-se diante do nada da criatura. O profeta é admitido a contemplar, não a essência divina, cuja visão é interdita a todo mortal, mas uma representação visível de Javé na forma de monarca oriental assentado num trono glorioso. O seu longo manto, que enche o templo, simboliza a sua imensidade que enche o mundo. Serafins que a Igreja sempre considerou como os mais perfeitos Espíritos celestes, (etimologicamente a palavra Serafim provém com muita probabilidade de *saraph*, “queimar”, daí os “flamejantes”, e não do nome *saraph* que significa serpente (Dt 8, 15), como pagens de honra cercam o trono divino, cobrindo respeitosamente com as asas os olhos e os pés (eufemismo por nudez); b) Ante a infinita Majestade, o profeta exclama:

“Ai de mim; estou perdido (Vulg. “*tacui*”)! Modo de ver comum entre os judeus, segundo o qual a visão de Deus aduzia a morte (5-8). Enquanto o profeta assim se expandia aterrorizado, um dos Serafins voa para êle, tendo tomado do altar por meio de torqueses um carvão em brasa e com êle lhe toca os lábios, dizendo:”... teu pecado é tirado de ti e tua falta é apagada”. Isaias sente-se transformado e, quando, em seguida, Javé pergunta: “Quem mandaremos e quem irá em nosso lugar?” êle prontifica-se imediatamente: “Eis-me aqui! Mandai-me!”; c) Javé declara a Isaias qual deve ser a sua missão (7-13). As palavras divinas à primeira vista parecem duras e suscitaram muitas questões entre os exegetas. Em hebraico cumpre distinguir-se os vários sentidos justivo ou permissivo dos verbos, (matizes esses) que mal se podem exprimir em outras línguas. O povo eleito mostrara-se tão indigno das misericórdias de Deus, que êste agora resolvera castigá-lo pelo exílio: entretanto, Isaias ainda deve pregar para dar ocasião ao povo como tal, de mostrar a sua obstinação e assim patentear ainda mais nitidamente a justiça divina. Isso não quer dizer que ninguém se convertesse; trata-se só do povo como tal. Notemos por fim que N. S. no Evangelho usou das mesmas palavras e do mesmo sentido para explicar porque Êle falava por parábolas.

III — *O Livro do Emanuel* (7, 1 — 12, 6). Esta série de oráculos é certamente para nós hoje a mais importante de tôdas e caracteriza-se em seu conjunto pelo acentuado caráter messiânico. O Messias vindouro aí aparece em sua ascendência e em seus cargos de Mestre e de Rei da humanidade.

1. Mensagem ao rei Acaz (7, 1-12). À invasão dos assírios coligados com os próprios efraimitas, Isaias é enviado ao rei de Judá para dizer-lhe que não tema e que, para assegurar-se desta profecia, peça um sinal evidente.

LIVROS PROFÉTICOS

2. Emanuel, o filho da Virgem (7, 13-16). Como Acaz recusasse pedir a Deus um sinal, o profeta, aproveitando-se desta ocasião, volta-se para os israelitas em geral, anunciando como sinal do poder e da misericórdia de Deus a vinda do Messias à terra: o seu nome simbólico será *Emmanuel* “Deus está conosco” e nascerá de uma *almah* “Virgem”. É provável que o texto originariamente fosse mais completo e inteligível. Quanto a certas particularidades vide a última parte: O Messias.

3. Desastres ocasionados pelos assírios (7, 17-25). Em vista da impiedade do povo, toda a Palestina será transformada num deserto.

4. O presságio do próprio Isaías e de seus filhos com os seus nomes simbólicos (8, 1-4).

5. Outra vez a inundação dos assírios (5-22). O país do Emanuel será assolado, mas confiança, exorta o profeta, Javé basta para proteger o seu povo.

6. O reino do Emanuel (9, 1-6). Grande luz aparece no mundo. Já nada mais há das guerras e dos horrores passados. Reina pacificamente o Menino-Rei. O profeta enumera seus títulos e descreve a sua obra.

7. Julgamento de Samaria (9, 7-10, 14). Por causa de seu descomensurado orgulho, Efraim é entregue aos seus inimigos. Tema sempre de novo exposto pelo profeta.

8. Ameaças à Assíria (10, 5-27). Da mesma forma que Samaria, os assírios, em consequência de sua soberba, serão punidos. Não compreenderam que Deus é que os armou como seu flagelo e atribuíram a si mesmos as vitórias alcançadas. De Israel salvar-se-á um “restozinho”; este restozinho

LIVROS PROFÉTICOS

nho, a que o profeta freqüentemente se refere, deve confiar em seu Deus e não deve temer os assírios.

9. Outra vez o Rei Emanuel (11, 1-16). Êle descenderá de Davi e será repleto do Espírito Santo. Reinará com justiça e em perfeita paz, firmando para sempre no mundo o conhecimento e o reino de Deus.

10. Hino dos redimidos (12, 1-6). Um misto belíssimo de ações de graça e de louvores a Javé, naturalmente pela vinda do Messias.

IV — *Oráculos contra várias nações* (13, 1 — 23, 18).

Nas seguintes mensagens Isaías lança seus olhares inspirados além dos limites de sua pequena pátria e numa série de vários oráculos profetiza a sorte dos inimigos de Israel que o cercam de todos os lados. E' de notar-se o conhecimento exato e pormenorizado que o profeta mostra ter dêsses povos. Os oráculos são comumente designados como *massah*, "sentença de condenação": todos êles serão, afinal, derrotados e Israel triunfará. Devemos considerá-los como dirigidos propriamente a Israel, que assim deve reanimar-se em seus muitos sofrimentos ante a perspectiva de sua salvação final.

1. Contra *Babilônia* (13, 1 — 14, 23). O profeta transpõe-se ao tempo do exílio que desvenda em seu olhar profético e apresenta êste poema que é uma obra-prima pela sua perfeita e artística estrutura. Javé convoca as nações para serem instrumentos de sua ira e vingança. Estas executam seus planos: Babilônia será tremendamente consternada e arruinada no dia da ira de Javé. Os medos abaterão o orgulho dos babilônios, que se queriam elevar até os céus. Assim depois da humilhação do seu maior inimigo, Israel se

salvará. Isaías termina descrevendo o castigo de Babilônia, lançada no abismo da perdição.

2. Contra os *assírios* (14, 24-27).

3. Contra os *filisteus* (14, 28-32). O oráculo é datado do ano da morte de Acaz e contém ameaças contra os filisteus, assolados pelos “reis do norte”. Ao que parece, êsses é que são chamados “serpente” e “basilisco” e provavelmente devem ser identificados com Sargon (morto em 705) e Senaquerib que em 701 invadiu pelo norte o reino dos filisteus.

4. Contra *Moab* (15, 1 — 16, 14). Em estilo que difere notavelmente do sabor próprio de outros oráculos de Isaías (talvez êle o tenha composto em circunstâncias particulares que ignoramos), a profecia contra Moab começa anunciando a ruína completa da capital do país e o luto de toda a nação. Os moabitas põem-se em fuga e pedem asilo aos israelitas (16, 1-5). Em vista da corrupção do texto, a sua compreensão exata torna-se extremamente difícil. Em vão êles recorrem aos seus deuses...

5. Contra *Damasco* e *Samaria* (17, 1-11). O conteúdo do presente oráculo permite datá-lo de antes de 732, ano em que Damasco foi conquistada. O profeta tem em mira tanto Damasco como Samaria, que se tinham coligado contra Judá. Ameaça-os com fortes castigos, que aliás serão salutareis para os remanescentes de Israel que voltarão ao culto de Javé.

6. Outra vez contra os *assírios* (17, 12-14).

7. Contra a *Etiópia* (18, 1-7). Castigos que Javé impõe aos etíopes que, entretanto, se hão de emendar e converter ao Deus de Israel.

8. Contra o *Egito* (19, 1-20, 6). Isaías profere terríveis ameaças: guerras civis, crueldades dos chefes; desola-

ções causadas por ter o Nilo secado inteiramente. Os sábios nada conseguem... Por fim, contudo, os egípcios vão converter-se a Javé, o qual lhes assegura a sua proteção. No cap. 20 lê-se que Isaías deve andar descalço e desnudado, como um escravo, para profetizar por esta ação simbólica a sorte dos egípcios deportados pelos assírios.

9. Contra *Babilônia* (21, 1-10). O oráculo constitui hoje um fragmento vivo e dramático de um poema que, primitivamente, deve ter sido mais extenso. Em duas estrofes o profeta descreve como um inimigo de Babilônia (provavelmente *Ciro*) invade esta cidade no meio de uma grande festa. À queda da cidade segue-se a libertação de Israel.

10. Contra a *Iduméia* (21, 11. 12). Brevíssimo oráculo, provavelmente fragmentário: os edomitas perguntam a Isaías que aparece sob a forma de um vigia noturno, sobre o fim de seus males. Este responde que se vai terminando a noite das presentes calamidades, mas que o dia seguinte terminará com outra noite de novas desgraças.

11. Contra a *Arábia* (21, 13-16). Os árabes fogem diante de seus inimigos e erram pelas estepes áridas, longe dos caminhos seguidos pelas caravanas. Ignora-se em que circunstâncias o precedente oráculo contra a Iduméia e o presente possam ter sido feitos.

12. Sobre o "*Vale da visão*", provavelmente *Jerusalém* (22, 1-14). Este oráculo, cujo título foi tomado do v. 5 refere-se ao fim da campanha de *Senaquerib* na Palestina. *Jerusalém* alegra-se fútilmente, esquecendo-se de suas desgraças. Há de entristecer-se na hora de nova invasão. Então recorrerá a meios humanos com desprezo de Javé. O profeta descreve as consequências funestas deste novo pecado.

LIVROS PROFÉTICOS

13. Contra *Sobna* (22, 15-25). Oráculo particular contra o intendente do palácio real.

14. Contra *Tiro* (23, 1-18). O texto é obscuro e foi nos mal conservado. Mas percebe-se indubitavelmente que toda a profecia concerne a Tiro, anunciando-lhe terrível desgraça, que, como castigo infligido por Javé, assolará todo o país. Depois de longo tempo todavia Tiro poderá esperar a restauração e oferecerá sacrifícios a Javé.

V — *Oráculos relativos ao final dos tempos* (24, 1 — 27, 13).

Depois de dirigir-se em particular a várias nações, como temos visto na precedente série de profecias, Isaías, como que lhes tirando agora uma conclusão geral, apresenta-nos o juízo final, ao qual tôdas essas nações devem comparecer ante a justiça divina. Alguns caracteres comuns formam um todo desta nova série de oráculos.

Eis a ordem das idéias que o profeta segue.

1. Destruição de toda a terra (24, 1-23). Prediz Isaías a confusão geral de todas as nações aniquiladas por castigo de seus crimes. Nesta ruina universal não haverá mais sombra de alegria. Imperará unicamente a justiça em todo o seu rigor, dando a cada um segundo as suas obras.

2. Canto dos redimidos (25, 1-5). Louvores a Deus que operou prodígios, destruindo as potências hostis. Ele é o refúgio dos fracos contra os tiranos.

3. O festim dos eleitos (25, 6-12). Não haverá mais morte, nem tristeza alguma. Moab, símbolo de qualquer inimigo, estará inteiramente esmagado.

LIVROS PROFÉTICOS

4. Novo canto de ações de graça (26, 1-21). Javé, refúgio dos seus, humilhou a cidade soberba. Sorte dos maus, que serão exterminados, e dos bons que exultarão e renderão graças. Javé promete que depois de muitos anos de morte e de desânimos virá a ressurreição. As provações presentes são passageiras.

5. Leviatã (27, 1). Javé vencerá o monstro.

6. Terceiro canto: A vinha de Javé (27, 2-5) Javé cuida desveladamente de sua vinha, para que possa frutificar em paz.

7. Salvação final de Israel (27, 6-13). Destruída a cidade forte dos maus, Javé recolherá de novo os israelitas dispersos desde o Eufrates até o Egito. Ao toque da grande trombeta todos voltarão a Sião, a montanha santa.

VI — *Oráculos relativos ao povo eleito* (28, 1 — 33, 24).

Nestes capítulos temos uma série de oráculos a que dificilmente se pode dar um título expressivo comum. Uma das circunstâncias que Isaías mais focaliza e vitupera é a política que os reis de Judá iam seguindo baseada em vistas demasiadamente humanas, como se para o povo de Deus a salvação pudesse vir de uma aliança com o Egito. É possível que estes vários oráculos tenham sido compostos em circunstâncias de tempo e lugar muito diferentes.

1. Contra *Samaria* (28, 1-6). O profeta repete o tema das ameaças de castigos à cidade ímpia.

2. Contra a desordem dos *sacerdotes e falsos profetas* (28, 7-22). Isaías censura acrimosamente a vida luxuriosa e a intemperança desses guias do povo, os quais lhe respondem

com escárneo. Só Javé poderá salvar o povo de suas iniqüidades e merecidos castigos.

3. Só Deus é *sábio* (28, 23-29).

4. *Ariel* (29, 1-8). Assim é chamada Jerusalém que está prestes a ser sitiada, mas será livrada por Javé.

5. Cegueira do *povo* (29, 9-14). Por culpa dos sacerdotes e outros chefes os israelitas não compreendem nada das visões. O culto todo exteriorizado, longe de agradar a Javé será rigorosamente punido.

6. Os *hipócritas* (29, 15 e 16).

7. Perspectivas de *salvação* (29, 17-24). Os prudentes e humildes alegrar-se-ão em Javé, que lhes destruirá os inimigos. O povo já não terá que envergonhar-se e louvará a Javé.

8. Contra a aliança com o *Egito* (30, 1 — 32, 8). Longo oráculo ou série de pequenos oráculos todos êles censurando a política de aliança com o Egito contra a Assíria. O povo eleito deve confiar em Javé e só nêle; urge esperar nêle até que êle se digne salvar os que nêle crêem. Esta salvação não falhará. Javé virá e fundará o reino de justiça.

10. Contra as *mulheres insaciáveis* (32, 9-20). Que essas mulheres mudem quanto antes de atitude, porque as calamidades nacionais são iminentes. Depois dêsses desastres, profetiza novamente Isaías: virá o reino de justiça e de paz.

11. Derrota dos *assírios* e libertação do *povo eleito* (33, 1-24). Ai dos devastadores de Israel! Javé promete mais uma vez a salvação de Jerusalém e assegura que reinará em Sião.

LIVROS PROFÉTICOS

VII.— *Contraste* entre Israel e seus inimigos (34, 1 — 35, 10).

Êstes dois últimos capítulos da primeira parte focalizam o vivo contraste existente entre a derrota dos inimigos do povo eleito, simbolizados pelos edomitas, derrota essa que será tremenda e eterna, e a gloriosa salvação de Israel que viverá para sempre em Sião “com brados de alegria”.

Apêndice histórico: (36, 1 — 39, 8).

Por motivos hoje ignorados, talvez para comprovar por fatos o que predissera nos oráculos da primeira parte, Isaías, ou o redator de seus escritos, inseriu aqui três episódios históricos, tirados quase verbalmente do 2.^o Livro dos Reis:

1. A invasão de Senaquerib: 36, 1 — 37, 38, paralelo a 2 Rs 18, 13 — 19, 3.

2. A enfermidade e a cura de Ezequias: 38, 1-22, paralelo a 2 Rs 20, 1-11. E' interessante que o Cântico de Ezequias só se acha aqui (38, 10-22).

3. Embaixada de Merodac-Baladan: 39, 1-8, paralelo a 2 Rs 20, 12-19.

Segunda parte: Livro das *consolações* (40, 1 — 66, 24).

Três grandes idéias dominam esta segunda parte: a libertação do cativo, a expiação por intermédio do Servo de Deus e a vitória final de Javé e dos seus. Êste triplice tema está expressamente indicado em 40, 2: “Falai ao coração de Jerusalém e gritai-lhe: Que seu cativo acabou, que sua iniquidade foi expiada e que ela recebeu da mão

de Javé o dôbro pelos seus pecados”. A estas três idéias principais correspondem três séries de oráculos:

1. A libertação por Ciro: 40, 1 — 48, 22.
2. A expiação pelo Servo de Javé: 49, 1 — 57, 21.
3. A vitória final: 58, 1 — 66, 24.

I — *Oráculos relativos à libertação dos exilados por Ciro:* (40, 1 — 48, 22).

Por revelação divina Isaías teve a visão clara de que um monarca, vindo do extremo Oriente, um persa, por nome Ciro, se apoderaria de Babilônia, então nas mãos dos assírios, e seria o instrumento escolhido por Javé para realizar a libertação dos restantes do povo eleito depois dos setenta anos de cativeiro. A sua missão profética consistia agora em preparar o povo para aceitar esta deliberação divina. O problema era difficilimo. Os judeus mal poderiam compreender os desígnios de Deus, segundo os quais um estrangeiro, um incircunciso, seria o eleito de Javé para esta obra. Em seu brio nacional elles cuidavam que um judeu é que os havia de libertar. Esta consideração muito nos pode auxiliar na interpretação dos seguintes capítulos que, à primeira vista, parecem não ter conexão nenhuma uns com os outros. As profecias vão desvendando aos poucos o mistério: Javé é o soberano senhor do universo e em sua absoluta liberdade procede como bem lhe apraz.

1. Depois de indicar com palavras de animação e exortação a finalidade e divisão de seus oráculos, Isaías entoa um hino à glória de Javé pela realização da salvação prometida a Israel (40, 3-31). E' um poema universalmente admirado pelos comentadores. Faz-se ouvir uma voz (divina) que manda preparar no deserto (i. e. nas estepes que sepa-

ram Babilônia da Palestina) um caminho para Javé, o qual à testa de seu povo prosseguirá em breve para Sião. O profeta enaltece as grandezas de Javé infinitamente superiores ao nada dos ídolos. Só Javé é o Criador e Senhor de todos os homens. Que Israel confie plenamente no seu Deus! E' a êste texto de Isaías que os evangelistas se referem, quando falam da missão e manifestação de São João Batista, o precursor, às margens desertas do Jordão (Mt 3, 1; Mc 1, 2; Lc 3, 3).

2. O libertador (41, 1-28). O profeta insiste que é Javé que dêle se vai servir como de um servo seu e insinua que êle vem do Oriente sem mencionar ainda de quem se trata. Israel deve confiar inteiramente no seu Deus, que, pelos meios por êle escolhidos, destruirá maravilhosamente os seus inimigos. Os deuses não podem vaticinar nem auxiliar como Javé.

3. O "Servo de Deus" e as suas vitórias (42, 1 — 44, 5). Para quem não se familiarizou bastante com o estilo de Isaías, êste oráculo aparece aqui inesperadamente. Por êle é-nos apresentado um "Servo de Deus", que por êle mesmo escolhido, dócil e paciente, é designado como o Senhor das nações e a aliança do povo. Seguem-se várias profecias que no fundo se referem tôdas elas à salvação de Israel. As idéias expressas em côres vivíssimas são sempre as mesmas: Deus é admirável na sua salvação; Israel, mesmo sofrendo tão atrozes castigos, não diminui a sua obstinação; todavia Javé determinou salvá-lo; assim o povo eleito tornar-se-á a testemunha das maravilhas do seu Deus, que, apesar do povo nada ter feito para merecer a proteção divina, profetizou e realizará a sua salvação. Javé é misericordioso; nêle os israelitas devem confiar e receberão a efusão do Espírito Santo para afinal converter-se.

4. A idolatria (44, 6 — 23). Só Javé é Deus. Os ídolos são obra dos homens e os idólatras serão confundidos.

5. Ciro, o ungido de Javé (44, 24 — 45, 25). É o principal oráculo sobre Ciro, o rei persa que conquistou Babilônia e decretou que os israelitas podiam voltar à sua pátria e reedificar o templo. O profeta indica o nome *Ciro* desse monarca e frisa que êle é o *ungido* i. e. o eleito de Javé. Por êle, que em tudo executará os desígnios divinos, o nome de Javé tornar-se-á conhecido em todo o mundo.

6. De novo a idolatria (46, 1-13).

7. A queda e a destruição de *Babilônia* (47, 1-15). A soberba cidade, que cuidou poder-se elevar até às nuvens, há de “descer até o pó” da terra. Javé é que a armou de poder contra Israel para castigar êste povo rebelde, mas os babilônios ultrapassaram as medidas, deixando-se levar por sua malícia e crueldade. Daí o seu castigo. Isaías censura principalmente a sua magia e os que a praticam.

8. Valor das profecias (48, 1-22). Em honra do seu nome Javé profetizou desde muitos anos e realizou essas antigas profecias. Para o mesmo fim êle faz e realizará novas profecias, provando o seu poder. Que ídolo pode assemelhar-se a êle? Assim Israel deve ser dócil ao seu Deus e sair de Babilônia.

II — *Oráculos relativos ao “Servo de Deus”* (49, 1 — 55, 13).

Em 42, 1... Isaías já se referiu a um “Servo de Deus”, que aí ao menos em parte se pode identificar com Ciro, o libertador do povo. Entretanto, mesmo nesse oráculo tem-se a impressão de que, além de Ciro, nesse mesmo título

LIVROS PROFÉTICOS

se oculta um outro Personagem misterioso de que o próprio Ciro é apenas um símbolo. A seguinte série de oráculos, mais ou menos coerentes entre si, concerne mais de perto êsse mesmo Vulto, cujos encargos e missões importantíssimos, tanto para Israel, como para o mundo inteiro, são indicados e descritos.

1. A vocação do “Servo de Deus” (49, 1-7). Desde o seu nascimento êle recebe a missão de salvar Israel e tôdas as nações, missão essa da qual êle se desincumbirá no meio de tôda a espécie de humilhações até à vitória final.

2. Libertação dos exilados (39, 8 — 50, 3). Nos “exilados” pôdem-se ver os israelitas e todos os homens castigados pela justiça divina.

3. A personalidade do “Servo de Deus” (50, 4-11). Isaías enaltece a sua perfeita docilidade e resignação em cumprir à risca a vontade de Deus, bem como a sua absoluta confiança em Javé.

4. Que Israel confie em Javé (51, 1-15). Belíssimo hino, pelo qual Javé consola e reanima o seu povo.

5. Que Sião se desperte e se alegre (51, 16 — 52, 12). Continuação do hino precedente, confirmando e ampliando os mesmos motivos.

6. Sofrimentos e morte do “Servo de Deus” (52, 13 — 53, 12). Começando por apresentar um contraste entre o passado e o presente do Messias, o profeta descreve com as côres mais vivas as profundas humilhações e os atrozes sofrimentos que êle deve tolerar, embora inocente, para expiar os pecados do mundo inteiro. Esses sofrimentos irão a pon-

LIVROS PROFÉTICOS

to de ocasionar-lhe a morte, pela qual êle salvará multidões de homens.

7. Convite à salvação (54, 1 — 55, 13). A série de oráculos termina por êstes hinos dirigidos à Jerusalém renovada, pelos quais os israelitas e todos os povos são convidados a apressar-se a participar dos bens e da perpétua paz da Cidade santa. Essa salvação é inteiramente gratuita e infinitamente gloriosa.

E' muito interessante atender-se à simetria da composição literária dos quatro principais textos que falam do "Servo de Deus" que são sempre seguidos de um hino de alegria e vitória. Assim a 42, 1-9 segue o cântico sôbre a salvação de Israel 42, 10...; a 49, 1-7 segue o hino sôbre a libertação dos exilados 39, 8...; a 50, 4-11 lemos como sequência os dois hinos 51, 1... e 51, 16...; por fim a 52, 13-52, 12 foi acrescentado o hino final desta série 54, 1...

III — *Oráculos relativos à vitória final* (56, 1 — 66, 24).

Esta série de dez capítulos é formada de trechos ou profecias que entre si ainda diferem mais do que os oráculos que formam as duas primeiras séries. Contudo, no fundo todos eles fazem ressaltar de algum modo os triunfos messiânicos.

1. Universalismo do reino de Javé (56, 1-8). Mesmo os eunucos e os estrangeiros são convidados a entrar neste reino e a fruir de seus bens.

2. Ainda os crimes e pecados do povo (56, 9 — 57, 21). Isaías enumera e censura êsses muitos crimes e faltas

LIVROS PROFÉTICOS

que foram a causa de tantos males e desgraças. Mas aos bons são ainda reservadas inefáveis consolações e a paz.

3. Sôbre o jejum e a guarda do sábadó (58, 1-14). São profecias que concernem a particularidades sôbre êstes pontos, frisando mormente o espírito com que estas leis devem ser observadas.

4. A salvação divina e o arrependimento sincero (59, 1-21). Javé pode e quer salvar o seu povo. Os pecados é que impedem esta salvação. O profeta passa a descrever a bondade divina para com aquêles que se arrependem com sinceridade.

5. A glória da nova Jerusalém (60, 1-62, 12). Esta magnífica profecia encerra em si tantos oráculos que, como hinos de vitória, celebram os triunfos de Jerusalém no esplendor de suas glórias, a qual centralizará todas as nações e será perene fonte de justiça e de paz. Todos êsses triunfos provêm do Ungido de Javé. Novamente é enaltecido o fulgor da cidade santa e centro da humanidade. O profeta assegura ao povo que Javé jurou realizar tudo isso.

6. Triunfos do Messias (63, 1-6). Isaías volta ainda a falar da Iduméia, como símbolo de todos os inimigos de Israel ou de Deus mesmo, para frisar como ela será vencida pelo Messias, que aliás é apresentado esmagando os adversários, mas com as vestes brancas salpicadas de sangue, aludindo assim à sua paixão e morte.

7. Clamores de Isaías pela salvação de seu povo e resposta tranqüilizadora de Javé (63, 7 — 65, 25). O profeta suplica que Javé se lembre de suas misericórdias para com o povo eleito, como o fêz no êxodo do Egito e que renove os seus prodígios sem se deixar apartar pelos pecados

dêsse povo ingrato. Javé responde que castigará os infiéis segundo as suas obras e salvará os fiéis. Cada um receberá o que merece. O desfecho dêsses oráculos consiste em proclamar “os novos céus e a nova terra”, a alegria e a glória que reinarão para sempre em Jerusalém.

8. *Conclusão*: — Castigos e recompensas (66, 1-24). Isaías fecha as suas profecias com um oráculo que podemos considerar como uma espécie de resumo: os ímpios são excluídos da salvação, mas os verdadeiros israelitas triunfarão, coroados de glórias.

VI — *Questão particular*: ISAIAS E O MESSIAS VINDOURO

Como nenhum outro profeta da Antiga Lei, Isaías profetizou do modo mais claro a respeito da Pessoa e da Missão do prometido Messias. Toda a tradição cristã desde o próprio Jesus sempre atribuíram tôdas essas profecias à Pessoa adorável de N. S., vendo-as nêle cumpridas até às menores particularidades. Com muita razão Isaías é chamado o “Evangelista do Velho Testamento”.

Apresentamos a seguir um resumo e breve explicação dêsses oráculos messiânicos.

1. *O Emanuel e sua Virgem Mãe*

Texto: “O Senhor mesmo vos dará um sinal: Eis que uma virgem concebe e dá à luz um filho. E dá-lhe o nome de Emanuel” (7, 14).

Interpretação: São Mateus (1, 18-23) applicou êste texto sobre o Emanuel e sua Mãe a Cristo e à Virgem Maria e de-

pois dêle todos os SS. Padres que a êste passo se referiram, não tiveram a menor dúvida de interpretá-lo do mesmo modo. Esta acepção é absolutamente certa em consequência da autêntica interpretação que dela fêz Pio VI (Cf. Ench. Bibl. n. 59). E' aliás o que se pode depreender do próprio texto. E', pois, fora de toda a dúvida que o "Emanuel" é a mesma personagem que ocorre em 9, 1... e que, em vista dos seus vários títulos e epítetos, só pode ser o prometido Messias. Assim também o nome simbólico ("Deus está conosco") o indica. Como consequência o Emanuel é para nós Cristo. Sua Mãe é denominada '*almah*', "a vigorosa", mulher núbil. Esta palavra sempre foi interpretada neste passo como "virgem" e com muita razão, pois onde ela ocorre no Velho Testamento (Gên 24, 43; Êx 2, 8; Cant 1, 3. 8; Sl 67, 26; Prov 30, 19) pode perfeitamente ter êste sentido. E' certo que a palavra mais própria para designar virgem seria *betulah* (ao passo que *na'arah* significa moça sem relação à sua qualidade de virgem). Mas '*almah*' ao menos insinua que o nascimento do Messias seria extraordinário, devendo ter por mãe uma virgem perfeita. Sabendo nós que Maria Virgem, Mãe de Jesus, foi sempre virgem puríssima, a vemos anunciada claramente por esta '*almah*'. Esta circunstância devia ser um "sinal", naturalmente já não para o rei Acaz, a que se referiam os versículos precedentes e que se tornou símbolo dos homens incrédulos, mas para todos aquêles que, crendo, se vêem implicados em lutas com inimigos espirituais, ainda mais fortes do que os adversários de Acaz e que na virgindade de Maria contemplam o poder e a santidade de Deus.

E' interessante confrontar-se êste texto com o que diz Mi-quéias (5, 1) o qual depois de ter indicado' *Bethlehem* como lugar do nascimento do Messias, acrescenta as palavras "...

até o tempo em que aquela que deve dar à luz o tiver dado”. Também o profeta Jeremias (31, 22) alude à figura de uma “mulher” escrevendo: “Javé fará algo de novo. A mulher rodeará um varão”. Destes vários textos podemos concluir que na época dos três profetas muito se falava do mistério de uma “mulher” Virgem e Mãe do Messias.

A interpretação messiânica que temos dado, é rejeitada pelos judeus da era cristã e pelos exegetas racionalistas. No “Emanuel” vem um menino qualquer, talvez um filho de Acáz ou do próprio profeta Isaías e na *‘almah* uma simples mulher que naquele momento estava para conceber. Quando o seu filho nascesse, dar-lhe-iam o nome de “Deus está conosco”, porque então (depois de nove meses) já teria sucedido em Judá uma completa transformação favorável ao reino. O principal motivo em que se baseiam é, conforme eles têm por certo, a impossibilidade de uma intervenção divina para que possa haver uma profecia propriamente dita.

2. *Nascimento e descendência.*

a) *Texto*: “Nasceu-nos um menino e foi-nos dado um filho” (9, 5).

Interpretação: Isaías acentua que o Messias de quem falava nos versículos precedentes viria ao mundo como um *yeled*, uma “criança”. Notar o termo paralelo “filho”, também no sentido de criança recém-nascida.

Acontece que muitas vezes se cita 1, 3 “O boi conhece o seu dono e o jumento o presépio de seu possuidor, mas Israel não tem compreensão”, aplicando-o à gruta de Belém. Seria um simples sentido chamado acomodatório, pois que neste passo Isaías se refere ao povo de Israel em geral.

b) *Texto*: “Um ramo sairá do tronco de Jessé e de suas raízes crescerá um rebento” (11, 1).

Interpretação: “Comer queijo e mel não é indício de muito conhecidas que o Messias nasceria de Davi, filho de Jessé ou Isai, em cujo trono se assentaria para sempre.

3. *Adolescência pobre*

Texto: “(O menino) comerá queijo (ou manteiga) e mel, até que saiba rejeitar o mal e eleger o bem” (7, 15).

Interpretação: É mais uma confirmação das profecias abundância, mas de uma época de devastação, em que nada mais se tem a comer além do que encontra numa estepe. E a expressão “rejeitar o mal e eleger o bem” era usada simplesmente para significar a infância de uma pessoa.

Com esse texto podemos unir o lindíssimo símbolo que lemos em 11, 6 de um menino apascentando feras: “O lobo habitará com o cordeiro e a pantera descansará junto do cabrito; o novilho, o leão e a ovelha viverão juntos e um *menino pequeno* os conduzirá”.

4. *Títulos do Menino-Rei e Mestre*

a) *Texto*: “O império foi colocado sobre os seus ombros e foi-lhe dado um nome: Conselheiro admirável, Deus forte, Pai do século futuro (ou eterno) e Príncipe da paz, para estender o império e para restabelecer uma paz sem fim no trono de Davi e na sua realaleza, para confirmar e robustecer (esse reino) no direito e na justiça desde agora e para sempre” (9, 5 e 6).

Interpretação: O “Nome” ou os títulos que o Messias recebe demonstram-lhe em primeiro lugar a divindade: “Deus forte” e em seguida, a absoluta realeza: Rei perfeito que será ao mesmo tempo Guia e Pai do seu povo. Ele herdará o cetro de Davi, prometido a Israel para sempre. Nesse reino o Messias será forte e ampliará os seus domínios, implantando a felicidade na terra pelo exercício da justiça e da paz, qualidades que lhe são sempre de novo louvadas.

b) *Texto:* “Sobre ele repousará o Espírito de Javé, o espírito de sabedoria e de inteligência, o espírito de conselho e de fortaleza, o espírito de conhecimento e de temor de Deus e nesse temor de Deus ele fará consistir as suas delícias (piedade)” (11, 1 e 2)..

Interpretação: Assim a humanidade de Cristo recebeu em toda a plenitude sete dons do Espírito Santo, para cumprir do modo mais perfeito a missão de Mestre da verdade e de Redentor da humanidade.

Essa dupla qualidade do Messias de Rei e Mestre dos homens é enaltecida ainda mais nitidamente na segunda parte, como vamos ver a seguir.

5. O Servo de Deus.

Na segunda parte Isaias apresenta-nos Javé como Criador e Senhor supremo, que pode dispor de todas as coisas e ao qual todas as criaturas devem servir. Este serviço ou escravidão, tendo-se em vista a infinita Majestade divina, nada tem em si de abjeto ou vil; pelo contrário, nêlo consiste a maior dignidade, que uma criatura pode alcançar. Deus exerce o domínio universal tanto sobre os seres inanimados, como sobre os homens, do mesmo modo que dispõe dos anjos.

Quanto aos homens, tôdas as nações lhe estão sujeitas do modo mais completo; não existem outros deuses além de Javé. Mas, se todos os povos foram criados por êle e se êle providencia o bem de tôdas as nações, uma nação existe que êle escolheu para si e que êle protege de um modo todo particular: Israel, o povo eleito. Êste povo é o seu “servo” por excelência. E dêste povo de Israel é que nascerá um descendente de Davi, que será o “Ungido”, o “Eleito” e o “Servo de Deus” perfeito na sua obediência sem limites e, portanto, glorificado por Deus eternamente. Vejamo-lo por partes:

1. Como temos visto na Análise explicativa, Isaías denomina “Servo de Deus” em primeiro lugar o monarca persa Ciro (40, 1 — 48, 22). Deus dignou-se servir-se dêle para a libertação do povo eleito.

2. Como povo, Israel é designado sempre de novo como “Servo de Deus”, em consequência de sua eleição. Dentre os israelitas sempre houve muitos que se mostraram dignos dêste título de honra e cumpriram de fato a vontade do Senhor. O povo como tal, entretanto, recebe as maiores censuras e castigos da parte de Deus pela sua obstinação em não servir o seu Deus. É pecador e rebelde (43, 24-28), é surdo e desobediente (42, 19; 48, 8), não compreende as coisas de Deus (42, 20...) e, por isso, será levado ao cativeiro (42, 24). Mas, apesar de tudo isso, Javé não o abandona; mandar-lhe-á um *Salvador*, que, sendo o “Servo de Deus” consumado, merecerá para todo o povo a miséricórdia divina.

3. A este “servo de Deus” por excelência refere-se o profeta misteriosamente nas quatro profecias seguintes: 42, 1-9; 49, 1-7; 50, 4-11 e 52, 10 — 53, 12. Essa Personagem que aí aparece evidentemente como um indivíduo, não pode ser uma simples personificação de Israel, pois que em 49, 6

LIVROS PROFÉTICOS

é apresentado como diferente d'êle e tendo por missão "levar de novo Jacó (a Javé), e fazer que Israel se reúna a êle". Daí compreendemos porque a tradição sempre o identificou com o Messias e viu as profecias realizadas plenamente em Jesus Cristo. Vejamos como:

a) êste "Servo de Deus" se identifica com o Rei-Menino de 11, 1.

Mesmo que Isaías não o tenha dito com palavras expressas, um simples confronto entre os capítulos 11 e 42 o estabelece indubitavelmente. Em ambos os textos diz-se por ex. que o Messias "brotará" como um "ramo" de uma "raiz", que sobre êle repousará o "Espírito" e que êle "ensinará" e "salvará" a muitos.

b) a sua especial missão de Redentor, como Vítima de expiação. O "Servo de Deus" aparece sempre como dócil e submisso a Javé e principalmente no 53, 1... como "o homem das dores" que sabe o que é ser fraco, o homem que sorveu o cálice das humilhações até a última gota. Todo êsse sofrimento e a morte que foi o seu desfecho provieram de se ter êle sobrecarregado dos pecados do mundo inteiro para expiá-los. Acentua o profeta a sua perfeita inocência. Se é fulminado por Deus, são os pecados alheios que êle está reparando dêste modo.

c). Num contraste vivíssimo Isaías descreve-nos a mesma Personagem revestido de glórias a celebrar triunfos eternos. Assim todos os quatro oráculos em que êle aparece terminam por um hino de vitória e de ações de graças. E' interessante sob êste aspecto o trecho 63, 2, em que o Messias triunfador está vestido com uma túnica tinta de sangue. Os judeus em suas esperanças meramente terrenas mal podiam compreender o mistério, oculto nas profecias do "Servo de

LIVROS PROFÉTICOS

Deus” ao mesmo tempo sofredor e triunfante. Para nós cristãos a sua realização em Cristo crucificado é evidente; na cruz está a salvação e o triunfo.

DECRETOS DA COMISSÃO BÍBLICA (28 de Junho de 1908)

“Sobre a índole e o autor do Livro de Isaías”.

I — Utrum doceri possit, vaticinia quae leguntur in Libro Isaiae — et passim in Scripturis — non esse veri nominis vaticinis, sed vel narrationes post eventum confictas, vel, si ante eventum praenuntiatum quidpiam agnosci opus sit, id prophetam non ex supernaturali Dei futurorum praescii revelatione, sed ex his quae jam contigerunt, felici quadam sagacitate et naturali ingenii acumine, conjiciendo praenuntiasse?

Resp.: *Negative.*

II — Utrum sententia quae tenet Isaïam ceterosque prophetas vaticinia non edidisse nisi de his quae continenti vel post non grande temporis spatium eventura erant, conciliari possit cum vaticiniis, imprimis messianicis et eschatalogicis, ab eisdem prophetis de longinquo certo editis, necnon cum communi SS. Patrum sententia concorditer asserentium, prophetas ea quoque praedixisse, quae post multa saecula essent inplenda?

Resp.: *Negative.*

III — Utrum admitti possit, prophetas non modo tamquam correctores pravitatis humanae divinique verbi in pro-

fectum audientium praecones, verum etiam tamquam praenuntios eventuum futurorum, constanter alloqui debuisse auditores non quidem futuros, sed praesentes et sibi aequales, ita ut ab ipsis plane intelligi potuerint; proindeque secundam partem Isaiae (cap. 40-66) in qua vates non Judeos Isaiae aequales, at Judaeos in exilio babylonico lugentes veluti inter ipsos vivens alloquitur et solatur, non posse ipsum Isaiam jamdiu emottuum auctorem habere, sed oportere eam ignoto quidam vati inter exules viventi assignare?

Resp.: *Negative.*

IV — Utrum ad impugnandam identitatem auctoris libri Isaiae, argumentum philologicum, ex lingua stiloque desumptum, tale sit censendum ut virum gravem, criticae artis et hebraicae linguae peritum, cogat in eodem libro pluralitatem auctorum agnoscere?

Resp.: *Negative.*

V — Utrum solida prostent argumenta, etiam cumulative sumpta, ad evicendum Isaiae librum non ipsi soli Isaiae, sed duobus imo pluribus auctoribus essetribuendum?

Resp.: *Negative.*

BIBLIOGRAFIA

Trochon, Isaie. 1878.

Knabenbauer, Commentarius in Isaiam, edição de Zorell 1923.

LIVROS PROFÉTICOS

- P. Griesbach, Les Prophètes. 1901.
A. Condamin, Le Livre d'Isaie. 1905. .
S. Monocchi, Le Profezie d'Isaia. 1907.
G. Hitchcock, Isaiah; first twelve chapters. 1912.
I. Fischer, Isaias XL-LV u. die Pereikopen vom Gottesknecht. 1916.
K. Leimbach, Das Buch des Propheten Isaias. 1920.
A. Schöepfer, Emmanuel-Gott mit uns 1922.
Nikel e Fellmann, Das Buch Isaias. 1926.
Van Hoonacker, Het boek Isaias, 1932.

O PROFETA JEREMIAS

1. *Pessoa.* Jeremias era filho de Helcias (1, 1) do gênero sacerdotal. Nada há de impossível que esse Helcias seja o Sumo sacerdote dêste nome que ocorre em 2 Rs 22, 8 e que descobriu o Deuteronômio no templo, como São Jerônimo, depois de Clemente de Alexandria, o suspeitou. Todavia, além da identidade do nome e da coincidência da época, não há outro motivo que nos faça pensar na mesma pessoa. Jeremias era oriundo de Anatot (hoje *Anathá*) a uma hora ao norte de Jerusalém. O nome "Jeremias" era muito comum (1 Par 12, 4. 10. 13...). Quanto à sua significação há várias interpretações; em hebraico *Ieremiau*, pode significar "elevação de Javé", como quer São Jerônimo, ou também "Javé lança" ou "Javé abre". Sendo ele ainda muito jovem, Deus o chamou para o ministério profético no 13.^o ano de Josias

LIVROS PROFÉTICOS

(627). Nessa ocasião Javé mesmo lhe expôs as inúmeras e grandes dificuldades que êle encontraria na sua missão profética, mas que não perdesse o ânimo, porque êle o assistiria e protegeria com a sua graça. A fôrça do profeta e o seu êxito estariam exatamente na grandeza de sua extraordinária personalidade caracterizada por indomável resistência a toda a espécie de contradições e sofrimentos. Deus lhe disse então: “Eis que eu pus minhas palavras na tua bôca e te constituí hoje sôbre as nações e sôbre os reinos, para arrancares e destruires, para arruinares e dissipares e para edificares e plantares” (1, 9. 10) e ainda “Eu te estabeleço hoje como uma cidade fortificada e como uma coluna de ferro e como um muro de bronze sôbre todo o país a respeito dos reis de Judá, dos seus príncipes, dos sacerdotes e do seu povo”. (1, 18).

2. *Tempo e atividade.* Jeremias mesmo declarou exatamente a época em que viveu e datou diversas profecias suas. Em 1, 2. 3 lemos: “Nos dias de Josias (641-610) e de seus sucessores Joacaz (três meses), Joakim (610-598), Joaquim ou Jeconias (597), Sedecias (597-587) e Godolias”. Foram anos de grande efervescência política e religiosa para o reino de Judá até o seu extermínio.

a) *Quanto à política.* Desde a supressão do reino de Israel pelos assírios, os reis de Judá viviam sempre sobressaltados ante a orientação que iam tomando os grandes acontecimentos do mundo de então. Entre as duas potências mundiais da Assíria e do Egito, vacilavam sôbre o partido que deviam tomar e, entre os cortesãos, havia completa cisão, opinando uns pela aliança com os assírios e outros muitos por um ajuste com os egípcios. O rei Josias era favorável aos assírios, quando, por isso mesmo, os egípcios assaltaram Judá e travaram com os judeus a batalha de Magedo em 610, na qual êsse rei, que tanto se esmerou pela piedade, recebeu uma fe-

rida fatal. Necaú II do Egito (610-594) tornou-se senhor da Palestina e nomeou Eliacim, filho de Josias, rei de Judá, mudando-lhe o nome para Joakim, para assim manter essa nação sujeita a si. Entrementes, Nabucodonosor (Nabucadnecer) foi-se preparando para guerrear o Egito e em 605 travou com esta nação a batalha de Karkemis, da qual saiu vencedor. Jerusalém é sitiada em 598, tomada e castigada com a primeira deportação das famílias mais nobres, inclusive de Joakim. Em seu lugar os assírios nomeiam Sedecias que, depois de 10 anos de governo, se rebelou contra Babilônia, esperando auxílio do Egito. Em 587 Jerusalém é de novo tomada e destruída. Sedecias tendo os olhos furados é deportado para o cativeiro. Godolias governa Jerusalém até ser assassinado, terminando assim inglôriamente a história do reino de Judá.

b) *Quanto à religião.* De pouca duração fôra a reforma introduzida pelo rei Ezequias. Seu filho Mánassés (698-644) mostrou-se um dos monarcas mais ímpios de todos os reis de Judá. Introduziu de novo o culto dos ídolos com seus sacerdotes e templos nos altos das montanhas. Foi durante êste reinado que Jeremias nasceu e passou atribulada juventude por pertencer a uma família sacerdotal do culto de Javé. Em 641, porém, subiu ao trono o piedoso rei Josias que, depois de ter sido descoberto no templo o Deuterônômio, empreendeu a mais cabal reforma religiosa de tôdas as eras, sendo destruídos os altares e templos dos ídolos. Todavia, a nação estava tão corrompida quanto aos costumes, que a empresa se tornou extremamente difícil. Acresce que Josias morreu prematuramente na batalha de Magedo em 610. De novo triunfou o partido dos ímpios e idólatras, favorecido pelos egípcios e pelo rei Joakim. A decadência religiosa foi crescendo sempre mais até a destruição da Cidade Santa.

LIVROS PROFÉTICOS

Nestas circunstâncias a atividade profética de Jeremias foi a mais intensa possível, como êle mesmo expôs no seu livro. Naturalmente, em primeira linha, êle agiu como profeta, exercendo uma influência religiosa em prol do culto de Javé. Viveu pregando e proferindo oráculos em verso e prosa, também por escrito (36, 1...), dirigindo-se publicamente ao povo, aos ricos e aos pobres, no templo, nas portas da cidade e nos átrios do palácio do rei. Investe contra os vícios reinantes no seu tempo com a maior veemência, inculcando que unicamente na emendação dos costumes é que consistia a possibilidade da salvação. Viu, porém, que nada conseguiria e queixa-se acerbamente a Deus que sempre de novo o conforta. Compreendendo que Deus tinha decretado o exílio e sabendo por revelação a sua duração de 70 anos, êle a prediz com segurança várias vezes (25, 1-14) e aconselha que os israelitas se preparem para aceitar o justo castigo de Deus. Ao mesmo tempo anuncia com a maior ênfase que, depois de 70 anos, o povo poderia voltar de novo à Palestina (30, 1...). Com essas profecias cai no desagrado dos príncipes e influentes na corte, é muitas vezes prêso e passa por toda a espécie de humilhações e contradições. Nestas circunstâncias a sua firmeza sobre-humana corrobora a verdade de suas profecias.

A influência de Jeremias no tocante à política foi apenas indireta. Êle aconselhava que os imperantes pusessem só em Deus a sua confiança e não se unissem com nação alguma. Mais tarde quando previu que os assírios se apoderariam do povo em castigo de seus pecados, pôs-se a exortar que se conformassem com êsse jugo inevitável e não procurassem a aliança com o Egito. Como êle mesmo narra, as suas pregações neste sentido não tiveram o mínimo resultado.

3. *Composição literária.* A diferença entre o texto hebraico e a tradução dos LXX quanto ao Livro de Jeremias me-

LIVROS PROFÉTICOS

rece especial atenção por ser maior do que em qualquer outro livro e requer uma solução. Nota-se primeiro uma grande diferença quanto à ordem dos oráculos. Na primeira parte (1, 1 — 25, 13) só há uma discrepância: 23, 7. 8; no hebraico se acha depois de 23, 40 dos LXX. Mas na segunda parte as divergências são muito numerosas conforme o quadro seguinte:

<i>Texto hebraico</i>	<i>LXX</i>
Cap. 25, 15 — 45	Cap. 32 — 51
" 46	" 26
" 47	" 29
" 48, 1-44	" 31, 1-44
" 49, 1-5	" 30, 1-5
" 49, 7-22	" 29, 8-23
" 49, 23-27	" 30, 12-16
" 49, 28-33	" 30, 6-11
" 49, 34-38	" 25, 14 — 26, 1
" 50 — 51	" 27 — 28
" 3	" 52

As muitas e longas controvérsias sôbre êste tema ainda não chegaram a um resultado satisfatório, não se podendo afirmar qual dos textos oferece a ordem primitiva. A divergência provém provavelmente do esforço de redatores posteriores em dar ao livro uma ordem mais lógica ou cronológica.

Comparando-se, em seguida, mais exatamente os dois textos, chega-se à conclusão de que o texto hebraico tem cerca de 2.700 palavras a mais do que a LXX e que esta, entretan-

to, tem também cêrca de 100 palavras que não se encontram no texto hebraico. Apesar destas diferenças o sentido geral permanece quase sempre o mesmo nos dois textos.

É muito de notar-se que no Novo Testamento Jeremias é citado ora conforme o texto hebraico (31, 15 em Mt 2, 19), ora conforme a LXX (31, 32 em Hebr 8, 9).

Suscita-se, pois, a questão: Como é que foi composto o Livro de Jeremias? A resposta a esta pergunta é difficilima e não é a mesma que dão os diversos comentadores. Para chegarmos a uma hipótese razoável, observaremos que, ao passo que alguns oráculos seguem uma ordem cronológica, outros muitos dela se afastam, ignorando nós hoje que critério seguiu o último redator. Se consultarmos o próprio Livro, lemos em 36, 1 que “no quarto ano de Joaquim (607)” Deus ordenou que o profeta consignasse por escrito todos os oráculos precedentes, para que o povo mais facilmente chegasse ao seu conhecimento. Depreendemos daí que até então êle exercera a atividade profética apenas oralmente. Agora Baruc, seu secretário, vai escrevendo o que êle lhe dita. Êste primeiro escrito foi queimado pelo rei. Imediatamente Jeremias começa de novo a ditar seus oráculos antigos a Baruc e ajuntou-lhes novas profecias. Ignoramos hoje qual tenha sido essa coleção de oráculos, que, em todo o caso, deve ter formado o núcleo principal de todas as profecias que tinham sido feitas até então. A esta série primitiva com os anos foram sendo acrescentadas as profecias posteriores, certamente com bastante liberdade e por vários redatores.

4. *Autenticidade.* Em geral a autenticidade das profecias de Jeremias não é contestada. Quanto às dificuldades suscitadas sôbre alguns trechos, procuraremos resolvê-las depois de ter exposto os testemunhos da crítica a seu favor.

LIVROS PROFÉTICOS

a) Prova tirada do *Velho Testamento* e da tradição judaica.

1) O Eclesiástico 49, 6. 7: "...Os reis de Judá queimaram a cidade escolhida do Santuário e tornaram as suas praças desertas, conforme o tinha predito Jeremias, que êles maltrataram, sendo êle um profeta consagrado desde o seio de sua mãe, para transtornar, destruir e perder, ao mesmo tempo que para edificar e plantar". Convem lembrar que o Siracita que escreveu estas palavras vivia no II século a.C.

2) O Livro das Crônicas II 36, 21-23: "Assim se cumpriu a palavra de Javé pela bôca de Jeremias... "E o cronista, da mesma forma que Esdras (1, 1), alude claramente às predições dêste profeta sôbre a destruição de Jerusalém.

3) O Livro de Daniel 9, 1. 2: "No primeiro ano de Dario eu meditava, lendo os livros, sôbre o número dos anos a respeito dos quais a palavra de Javé tinha sido dirigida ao profeta Jeremias e que deviam cumprir-se sôbre as ruínas de Jerusalém, setenta anos...". E' sumamente importante a nota que, ao tempo de Daniel, o Livro de Jeremias já tinha sido colecionado aos "Livros" ou à série dos Livros santos.

4) Flávio Josefo (Ant. Jud. X, 5, 1: "O profeta Jeremias... anunciou de antemão os males que haviam de sobrevir à cidade e o consignou por escrito, como também o que aconteceu atualmente, a destruição e a ruína de Babilônia".

b) Prova tirada do *Novo Testamento*.

1) São Mateus 2, 17: "Então cumpriu-se o que foi dito pelo profeta Jeremias: Ouviu-se em Roma uma voz" (Jer 31, 15) e Mt 27, 10. "Então se cumpriu o que foi dito pelo profeta Jeremias... e deram (o dinheiro) por um campo de um oleiro..." (Jer 32, 6).

2) Na epístola aos Hebreus (8, 8-12) São Paulo para demonstrar a superioridade da Nova Aliança sobre a Velha, cita à letra, segundo a versão dos LXX, o texto de Jeremias (31, 31-34), do qual êle se serve de novo em parte em 10, 16.

c) Prova tirada dos *Santos Padres*. Será suficiente ler os seus escritos que nunca puseram em dúvida ser Jeremias o autor de tôdas as suas profecias, sendo que muitos lhe atribuem também as profecias feitas por Baruc.

d) *Solução* de algumas dificuldades:

1) Em numerosas passagens de Jeremias (11, 1-5; 19; 20; 34...) fala-se do profeta na terceira pessoa, o que parece indicar que não seja o próprio Jeremias o autor dessas passagens. Esta objeção, levantada por Driver, Steuernagel e outros, não tem, entretanto, o mínimo valor por ter sido semelhante procedimento literário muito comum na antiguidade; Isaías (7,3) e Daniel (4, 25) fazem o mesmo, como também o encontramos na Anábasis de Xenofonte e nos Comentários de César.

2) Os cc. 50 e 51, datados do 4.^o ano de Sedecias anunciam a queda de Babilônia como muito próxima. Ora, em outros oráculos do profeta, pertencentes à mesma época (cc. 28 e 29), fala-se de um exílio que se estenderá por muito tempo. Daí se deverá concluir que Jeremias não pôde ter escrito êsses capítulos. A conclusão é manifestamente precipitada, pois nada impede que Jeremias profetize como certa e relativamente iminente a queda de Babilônia, conquanto esta ainda demore alguns anos, i.e., o tempo marcado por Deus para o cativeiro do povo de Israel. E' de notar-se que os profetas, em geral, quando têm em mira a certeza de um acontecimento futuro, o menciona como já existente.

5. *Análise explicativa.* Muitos comentadores de Jeremias, analisando o seu Livro, preferem seguir o texto dos LXX ou, combinando-o com o hebraico, colocam as várias profecias em ordem cronológica. Para a finalidade do presente estudo, parece-nos ser mais útil conservarmos a ordem que se nos depara no texto massorético (ou da Vulgata), distinguindo um Prólogo (1, 1-19), quatro séries de oráculos (2, 1-29, 32; 30, 1-33, 26; 34, 1-45, 51; 46, 1-51, 64) e um Epílogo (52, 1-34).

Prólogo: 1, 1-19. Lemos aí:

1) indicações gerais sobre o profeta, tanto quanto à sua pessoa, nome e origem sacerdotal, como quanto à sua cidade e ao tempo de sua atividade profética;

2) a sua vocação para exercer o profetismo. Jeremias relata como Javé mesmo se comunicou com êle e o chamou para esta missão, quando êle era ainda muito jovem. Ao primeiro instante êle hesita, fazendo valer a sua incapacidade. Mas Javé toca-lhe a bôca e lhe declara o que dêle quer. Por duas visões, a do galho da amendoeira que, sendo a primeira a florescer na primavera, era tido como símbolo da vigilância, e a da caldeira a ferver, Javé o confirma na nova missão e lhe prediz que muitas lutas terá que travar, mas sairá vencedor, pois que pode contar com a sua proteção divina.

I — *Série de oráculos sobre Judá:* 2, 1-29, 32.

Esta longa série pode ser subdividida em três ciclos, todos êles referentes ao mesmo tema genérico: Judá, censurando-o por suas muitas falhas, ao mesmo tempo que exortando-o

à conversão e predizendo-lhe castigos e a final misericórdia de Deus.

a) *O primeiro ciclo* abrange seis oráculos, que não são datados, mas, pelo seu conteúdo e sua colocação logo no princípio do livro, parecem referir-se à reforma introduzida pelo rei Josias. Dêste modo o profeta teria cooperado com o piedoso monarca. (2, 1-6, 30).

1) Apostasia de Israel: 2, 1-25. Depois de alguns anos de fidelidade, o povo de Israel mostrou-se ingrato aos inúmeros benefícios de Javé e caiu na mais desoladora apostasia, adorando deuses falsos. Daí os muitos males que lhe sobrevieram.

2) Castigos divinos: 2, 26-3, 5. O profeta continua frisando e enumerando os infortúnios e desgraças com que Javé castigou o povo ingrato.

3) Perdão prometido: 3, 6-4, 4. Sob a forma de duas irmãs, ambas fúteis e ingratas, Javé mostra ao povo de Israel a sua malícia. O reino do Norte já fôra deportado e Judá não se corrige, vendo a sua irmã castigada tão severamente. Apesar de tudo Deus chama o seu povo ao arrependimento e promete o perdão.

4) Invasão dos inimigos: 4, 5-31. O profeta descreve a fortaleza do inimigo que tudo leva de vencida e as suas conseqüências funestas para o povo eleito.

5) Corrupção do povo: 5, 1-31. Isaías deplora a extensão dos crimes do povo corrompido e prediz que o castigo é irremediável.

6) A vingança divina: 6, 1-30. E' uma continuação do 4.º oráculo sobre a invasão do inimigo. Jerusalém será

LIVROS PROFÉTICOS

sitiada e o povo iludido pelos falsos profetas será conternado...

b) Sob o mesmo título genérico "Sobre Judá" podemos distinguir *um novo ciclo* de profecias de 7, 1-20, 18, notando todavia que entre vários oráculos não há nenhuma conexão apreciável. Cronologicamente podem ser datadas dos primeiros quatro anos de Joakim i. e. antes deste rei ter queimado os escritos de Jeremias (36, 1...).

1) Vã confiança do povo no templo: 7, 1-8, 3. O profeta proclama que só se poderiam apoiar na santidade do templo, se praticassem a justiça. Em caso contrário, como era a realidade, o templo teria a mesma sorte do santuário de Silo. Jeremias mesmo deve cessar de rezar pelo povo sacrílego e dado à idolatria. O irremediável castigo será tremendo, de modo que hão de sepultar os inúmeros cadáveres até no Tofet, o encontro dos dois vales ao sul de Jerusalém.

2) Novas ameaças: 8, 4-23. Proferindo-as com a franqueza e certeza de outras profecias, Jeremias exprime a sua desolação ante o endurecimento do povo.

3) O mesmo tema: 9, 1-25.

4) Os ídolos: 10, 1-16. Jeremias descreve e acentua o poder único de Javé, Criador de todas as coisas e apresenta frisantes contrastes entre esse poder imenso e a nulidade dos ídolos.

5) Jerusalém ante os castigos: 10, 17-25. Estranho oráculo, pelo qual o profeta, ao que parece, ensina a Jerusalém a disposição humilde e conformada em que se deve conservar ante os castigos enviados por Deus.

6) Violação da aliança: 11, 1-17. O profeta lembra aos israelitas a antiga aliança do povo com Javé, para denunciar-lhes a infidelidade de seus pais e dêles mesmos. Nada mais há a fazer para evitar o castigo.

7) Situação de Jeremias: 11, 18-12, 6. É um oráculo de caráter particular, no qual o profeta descreve como descobriu uma conspiração contra êle mesmo devido às suas profecias e expõe a sua confiança na proteção de Javé.

8) Israel entregue aos inimigos: 12, 7-17. A rigor êste oráculo poderia ainda fazer parte do precedente: é a continuação dos castigos que, em vista da maldade do povo, certamente sobrevirão a tôda a nação.

9) O cinto e a sua significação: 13, 1-27. Jeremias deve cingir-se de um cinto de linho, próprio dos sacerdotes, como símbolo da aliança com Javé. Depois deve tirá-lo e ir escondê-lo no Eufrates para assim indicar onde seria o cativo. Seguem-se perspectivas da mais profunda humilhação em consequência do orgulho de Judá.

10) O flagelo da sêca: 14, 1-15, 9. O profeta descreve a desolação ocasionada por grande sêca e intercede a Deus pelo povo, mas em vão. O povo infiel deve ser punido.

11) Oráculos referentes ao próprio Jeremias: 15, 10-17, 18. Primeiro o profeta queixa-se amargamente das contínuas contradições em que vive. À sua oração Javé o reanima e assegura que estará com êle. Em seguida, êle propõe o seu celibato mandado por Deus como especial símbolo para o povo e profere várias profecias e máximas morais. Termina com uma oração pedindo o auxílio divino.

12. O dia do sábado: 17, 19-27. Promessas e ameaças a êsse respeito.

LIVROS PROFÉTICOS

13) A soberania de Javé: 18, 1-17. Javé deve ir à casa do oleiro e ver como êle da massa faz o que bem lhe apraz. Assim Javé faz o que êle quer do mundo inteiro...

14) Nova trama contra Jeremias: 18, 18-27.

15) Novos castigos para o povo: 19, 1-13. O profeta deve tomar uma bilha de barro e despedaçá-la no vale de Hinom, como símbolo de tremendos castigos divinos: a cidade será despedaçada.

16) Questões de Jeremias com Fassar: 19, 14-20, 18. O profeta narra essas questões e queixa-se a Javé, chegando a ponto de cair na mais completa desolação e maldizer o dia em que nasceu. Javé o consola.

c) *Novo ciclo de oráculos* referentes ao mesmo tema: *Sobre Judá*: 21, 1-29, 32. Devem ser datados do tempo do rei Sedecias.

1) A mensagem de Sedecias: 21, 1-14. O profeta responde-lhe destemidamente que o rei e o povo serão entregues por Javé aos assírios.

2) Contra a Casa real de Judá: 22, 1-23, 8. Jeremias menciona os desmandos de vários monarcas e prediz os castigos determinados por Javé.

3) Contra os falsos profetas: 23, 9-40. Longo oráculo em que são vituperados acicamente os guias do povo e principalmente os falsos profetas que não são enviados por Javé.

4) O cativoiro: 24, 1-10. Jeremias deve tomar dois cabazes de figos: um de figos bons e outro de figos impréstáveis. Aquêles irão para o exílio, ao passo que êstes ficarão na terra.

LIVROS PROFÉTICOS

5) Os 70 anos de cativeiro: 25, 1-14. O número 70 não deve ser tomado à letra. Se datarmos o comêço do exílio do ano 605, deportação de Joakim e dos nobres de Jerusalém, teremos 68 anos até 538, edito de Ciro.

6) Sentenças contra as nações: 25, 15-38. E' de notar-se a taça de vinho, como símbolo da ira de Deus.

7) Lutas com os sacerdotes e falsos profetas: 26, 1-28, 17. São vários oráculos que lembram o do cap. 7: a mesma situação histórica, as mesmas censuras contra os falsos profetas. Jeremias prega no templo, onde é prêso pelos sacerdotes e libertado pelos príncipes do povo. Por ordem divina êle coloca um jugo de madeira ao pescoço, simbolizando por êsse ato que tôdas as nações deverão ser sujeitas ao rei de Babilônia. Hananias quebra-lhe êsse jugo, mas Jeremias sempre por ordem divina manda fazer um jugo de ferro e a Hananias prediz que morrerá em breve, o que se realizou daí a dois meses.

8) Carta de Jeremias aos exilados: 29, 1-32. O profeta comunica-lhes que o exílio duraria 70 anos.

II — *Série de oráculos concernentes à restauração de Israel* (30, 1-33, 26).

Esta segunda série, relativamente curta, caracteriza-se por profecias sôbre a restauração do povo depois do exílio e mais tarde pelo Messias. Jeremias ao mesmo tempo que anuncia o cativeiro, prediz também o seu fim e que Javé havia de restaurar o seu povo e firmar com êle uma "aliança nova".

1) A restauração de Israel em geral: 30, 1-24. No "dia de Javé" Israel será salvo e há de aderir afinal ao seu

LIVROS PROFÉTICOS

Deus e a Davi, i.é., ao Messias. As suas chagas serão curadas, ao passo que os seus agressores serão feridos. Tanto o povo, como as suas habitações e os seus chefes serão restaurados.

2) A nova aliança: 31, 1-40. Javé reconduzirá todo o povo eleito à sua terra no meio de grande regozijo. Efraim arrepender-se-á sinceramente e será alvo das ternuras de Javé, o qual exorta tôdas as tribos a voltarem à Palestina. Israel desenvolver-se-á sempre mais. Javé firmará com o seu povo uma “aliança nova” e espiritualizada que o profeta descreve pormenorizadamente. Dêste passo de Jeremias é que provém a denominação de “Novo Testamento”, tendo sido citado verbalmente por São Paulo na Epístola aos Hebreus.

3) Dispersão e restauração: 32, 1-44. O oráculo é datado do segundo ano de Sedecias, quando Jeremias por causa de suas profecias estava prêso. Por ordem divina o profeta deve comprar um campo na sua cidade de Anatot. Êle pede a Javé que lhe explique o sentido desta compra nas situações em que êle estava. Javé explica-lhe: E’ certo que o povo seria entregue aos caldeus, mas tivessem confiança: dia viria em que seriam libertados e em que ainda haviam de fazer semelhantes transações na terra prometida.

4) Confirmação das promessas de salvação: 33, 1-26. O oráculo traz a mesma data do precedente. O profeta reafirma mais uma vez a volta do povo à Palestina, purificado dos seus crimes e no meio da maior alegria e paz.

III — *Narrações dos últimos acontecimentos do reino de Judá*, entremeadas de oráculos sôbre a sorte do povo: 34, 1-45, 51.

Esta parte salienta-se notavelmente das outras por predominar nela a narração de fatos. E’ de observar-se, entre-

LIVROS PROFÉTICOS

tanto, que Jeremias, relatando seus muitos sofrimentos, se apresenta a si mesmo como testemunha do poder de Deus que lhe dá forças para isso, para que como o homem das contradições, fôsse para os seus contemporâneos, e para a posteridade um tipo do Messias sofredor. Acrescentamos ainda que nesta série de narrações e oráculos debalde procuraremos uma ordem cronológica.

1) O incêndio da cidade: 34, 1-22. Jeremias prediz que a Cidade Santa seria queimada e Sedecias prêso, frisando que êsses castigos seriam enviados por Javé em consequência das injustiças cometidas com os escravos.

2) O exemplo dos Recabitas: 35, 1-19. Êsses homens recusaram beber o vinho que Jeremias, para prová-lo, lhes oferecera no templo. O profeta os apresenta aos judeus como modelo de obediência a Deus.

3) O livro das profecias: 36, 1-32. Por ordem de Javé, Jeremias, secretariado por Baruc, deve escrever as suas profecias. Provavelmente até então êle só as tinha proferido oralmente. Baruc as lê no templo em alta voz no dia do grande jejum. O rei Joakim, ao ter notícia deste livro, quer conhecê-lo e manda que lho leiam. Fica indignado com a firmeza com que o profeta se refere à destruição de Jerusalém, toma o rôlo e atira-o ao fogo. Jeremias, por ordem de Javé, as escreve de novo e acrescenta-lhes ainda outros oráculos.

4) Prisão de Jeremias: 37, 1-21. Como Sedecias lhe mandásse fazer uma consulta e obtivesse a mesma resposta sobre a inevitável queda da cidade, manda-o prender no pátio do seu palácio.

5) Jeremias na cisterna: 38, 1-13. Alguns chefes do povo queixam-se ao rei contra o que Jeremias estava profeti-

LIVROS PROFÉTICOS

zando e o rei lhes entrega o profeta. Eles o lançam numa cisterna sem água, mas com muito lodo no fundo. Aí fica Jeremias até que por intervenção de Abdemelec é libertado.

6) Nova consulta de Sedecias: 38, 14-28. O rei, aterrorizado com a proximidade dos assírios, consulta de novo secretamente a Jeremias, pedindo um conselho. O profeta com a sua firmeza de sempre, declara-lhe tôda a verdade.

7) A tomada de Jerusalém: 39, 1-18. A cidade é tomada pelos assírios. Sedecias foge, mas é prêso perto de Jericó. Nabucodonosor manda trucidar-lhe os filhos na sua presença e, por fim, vasar-lhe os olhos.

8) Entrevista de Nabuzardan com Jeremias: 40, 1-6.

9) Assassinato de Godolias: 40, 7-41, 18. Os assírios nomeiam Godolias governador de Jerusalém. Pouco depois muitos judeus que se tinham dispersado, voltaram à cidade, conjuraram-se contra êle e um certo Ismael o assassinou. Os judeus, com mêdo das consequências, planejam fugir para o Egito.

10) Fugida para o Egito: 42, 1-43, 13. Os judeus consultam Jeremias sôbre o que deviam fazer depois do assassinato de Godolias. Êste responde que deviam ficar na Palestina e prediz os males que lhes sobreviriam, se fugissem para o Egito. Mas o povo obstina-se em refugiar-se neste país e leva o profeta à força para lá.

11) Episódio ocorrido por ocasião de uma festa idólatra: 34, 1-30. Jeremias aproveitando-se do ensejo de uma grande festa egipciaca, fala aos judeus, fazendo-lhes ver os castigos de Javé e os perigos que os cercavam de tomar parte nessas abominações. Mas os judeus lhe retorquiram insolên-

LIVROS PROFÉTICOS

temente que fariam o que bem lhes aprouvesse. Jeremias profere novos oráculos.

12) Mensagem de Jeremias a Baruc: 45, 1-5.

IV — *Série de oráculos contra os adversários de Israel* (46, 1-51, 6).

Nesta última coleção de oráculos lemos trechos de tamanho muito diverso e sem data nenhuma. Todos êles profetizam castigos de Javé a muitas nações para punir os seus desmandos, principalmente a crueldade que manifestaram contra o povo eleito. E' de notar-se que estas profecias não foram enviadas a essas nações, mas foram dirigidas, em primeira linha, a Israel mesmo, que, no fundo, são por elas os beneficiados. No Cap. 25 temos lido um resumo de tôdas elas.

1) *Série de oráculos contra o Egito*: 46, 2-28. Por ocasião da batalha de Karkêmis, o profeta prediz que a derrota é inevitável, pois que determinada por Javé. Os egípcios pagarão seus muitos crimes. No fim Jeremias dirige palavras cheias de consolação a Israel.

2) *Contra os filisteus*: 47, 1-7.

3) *Contra Moab*: 48, 1-47. Jeremias profetiza a completa devastação do país dos moabitas e a deportação do povo. E' interessante que, diversamente dos demais povos, quanto aos moabitas o profeta termina escrevendo: "Eu reconduzirei os cativos de Moab no final dos dias..."

4) *Contra os amonitas*: 49, 1-6.

5) *Contra os edomitas*: 49, 7-22.

6) *Contra Damasco*: 49, 23-27.

LIVROS PROFÉTICOS

7) Contra *tribos árabes*: 49, 28-33.

8) Contra *Elam*: 49, 34-39.

9) Contra *Babilônia*: 50, 1-51, 64. Longo oráculo pelo qual Jeremias prediz a ruína completa da grande cidade, em vista de sua crueldade e de sua idolatria e a conseqüente libertação de Israel. Podemos distinguir quatro partes deste oráculo: a) Ameaças contra a cidade: 50, 2-20. b) Ataque de Babilônia pela espada de Javé: 50, 21-46. c) O destruidor será destruído: 51, 1-37. d) Ruína dos ídolos e das fortificações da cidade: 51, 38-58.

No final dêste oráculo lemos: “Até aqui as palavras de Jeremias” nota que fecha evidentemente ou todo o livro, ou ao menos esta última série.

Epílogo. O último capítulo do livro de Jeremias é um epílogo ou um apêndice histórico, tirado de 2 Rs 24, 18-25, 30, no qual se narra a prisão do rei Sedecias e a destruição de Jerusalém. E’ um acréscimo posterior, feito possivelmente pelo próprio Jeremias ou por um outro redator, sendo-nos impossível dizer ao certo o motivo que levou a trasladarem para aqui êste trecho.

AS LAMENTAÇÕES DE JEREMIAS

1. *Autor.* A pequena obra intitulada “Lamentações de Jeremias” tem sido sempre, quer pelos judeus, quer pelos cristãos de todos os tempos, atribuída ao profeta Jeremias.

Assim os LXX escreveram no comêço do Livro a nota que a Vulgata xisto-clementina adotou: “Aconteceu que depois que Israel foi levado para o cativeiro e Jerusalém ficou deserta, o profeta Jeremias se sentou a chorar e prorrompeu

em lamentações sobre Jerusalém com as endeixas seguintes e, suspirando e gemendo na amargura do seu espírito, disse..." Mesmo que estas palavras não se encontrem no texto hebraico, testemunham em todo o caso o parecer do 2.^o século a.C. O Talmud e o Targum opinam igualmente que Jeremias é o seu autor. O Paralipômenon diz que Jeremias compôs elegias à morte de Josias. Esta observação declara-nos que Jeremias era versado nesse gênero de poesia, o que está aliás de pleno acôrdo com o que sabemos de seu caráter sentimental.

Entre os Santos Padres nunca surgiu a mínima dúvida sobre a autenticidade jeremiana das Lamentações.

Desde 1792 os críticos começaram a rejeitar-lhes essa paternidade de Jeremias, mas os motivos que alegam não podem conseguir o assentimento de um espírito livre de preconceitos. Apoiam-se, pois, em razões que facilmente se podem desfazer, como sejam as seguintes: A notícia da LXX a que acima nos temos referido não se encontra no texto hebraico, onde, além disso, as Lamentações se lêem entre os hagiógrafos e não em seguida a Jeremias. Respondemos que a ausência do título não quer dizer nada, pois que também em outros livros não existe e que a colocação entre os sapienciais é motivada no conteúdo dêste Livro. Quanto ao que alegam sobre argumentos internos, podemos retorquir que o autor das Lamentações tanto se parece com o profeta Jeremias no fundo e na forma destas suas elegias, que, caso não foi o próprio profeta, deve ter sido um homem que viveu ao seu tempo e que em tudo lhe é parecido. Por fim que as Lamentações supponham Ezequiel, devemos notar que êsses pontos de contato são tão incertos que daí nada se pode colhêr. Aliás não seria impossível que Jeremias no fim de sua vida tivesse tido conhecimento dos escritos de Ezequiel.

Desta forma o esforço dos críticos, inteiramente baldado, só serve para corroborar indirectamente a tese tradicional.

2. *Composição literária.* O “Livro das Lamentações”, já assim chamado pela LXX Threnoi, que por sua vez a tomaram da antiga denominação hebraica *Qinot*: “queixas”, (hoje os hebreus as chamam pela primeira palavra *Ekah* (em latim: *Quomodo*) compõe-se de cinco elegias sôbre a destruição de Jerusalém.

O mérito literário destes poemas tem sido celebrado unanimemente em todos os tempos. Depois de tantos séculos ainda hoje a intensa emoção, que os perpassa, arrebatava os leitores e não podemos deixar de admirar a sua abundância de imagens e comparações. O último poema em particular apresenta o grito mais angustioso que jamais saiu de um coração aflito.

Também sob o ponto de vista da estrutura métrica, as Lamentações são notáveis. Cada poema compõe-se com máxima regularidade de tantos dísticos ou estrofes quantas são as letras do alfabeto hebraico.

3. *Análise explicativa.*

Os cinco poemas não seguem um andamento lógico no modo de expor as idéias, mas são expansões psicológicas de um coração pesaroso. Daí poderemos avaliar as muitas repetições.

1.º poema: 1, 1-22. A cidade *solitária*. O poema lamenta a tristeza da cidade outrora tão habitada e alegre. Tôda a sua glória esvaiu-se. Assim ela é castigada pelos seus pecados. Jerusalém aparece aí personificada confessando a sua malícia.

LIVROS PROFÉTICOS

2.^o poema: 2, 1-22. A cidade *arruinada*. Tôda Jerusalém jaz por terra, nada mais existe de suas muralhas e de seus palácios. Nem sequer o templo foi poupado. A cidade foi vítima dos falsos profetas e tornou-se a alegria de seus inimigos. Javé realizou assim as suas ameaças. Que Jerusalém se arrependa ainda e erga um grito pedindo misericórdia!

3.^o poema: 3, 1-66. *Queixas e esperanças*. O poeta apresenta-se como “o homem que viu a aflição” para prorromper em amargas queixas. Em seguida, falando em nome da cidade, passa a exprimir a resignação com que aceita os justos castigos que Javé lhe envia pelas suas faltas, que humildemente reconhece. Por fim, eleva-se a uma confiante oração: a Misericórdia divina ainda há de restaurar a cidade.

4.^o poema: 4, 1-22. *Os últimos dias da cidade*. O poeta recorda-se das calamidades que sobrevieram a Jerusalém durante o cerco e a tomada. Acusa os falsos profetas e os sacerdotes de terem assim irritado a ira de Javé. Não havia mais esperança humana alguma. Edon, o inimigo por excelência, pode alegrar-se, mas saiba que chegará também para êle o dia de sorver o cálice da amargura.

5.^o poema: 5, 1-22. E’ uma *suplicante oração* pela Misericórdia de Javé. Que Êle olhe para as misérias do povo submetido aos seus inimigos e tenha piedade dêle. Entre as muitas calamidades nomeia principalmente a violação do templo.

O LIVRO DE BARUC

1. *Pessoa*. Baruc, o “abençoado”, apresenta-se a si mesmo (1, 1) como filho de Nerias, o qual por Maasias, Sedecias e Sedei descendia de Helcias. Deve ter sido oriundo

LIVROS PROFÉTICOS

de uma família nobre, pois seu irmão Saraias era intendente do rei Sedecias.

Como lemos no Livro de Jeremias (36, 1. . .) êle era secretário dêste profeta, cujas profecias exarou por escrito e de cuja sorte e muitas tribulações participou. E' ao lado de Jeremias que, depois da tomada de Jerusalém, o encontramos em Masfa e no Egito (Jer 46, 6). Conforme o seu Livro (1, 2) Baruc dirigiu-se em seguida a Babilônia para animar e consolar os judeus e de lá voltou a Jerusalém (1, 8).

2. *O Livro.* Conforme as indicações que Baruc nos dá de sua obra (1, 3) êle a escreveu em Babilônia, "perto do rio Sodi", ao tempo que "os caldeus tomaram Jerusalém e a queimaram". O Livro era destinado a consolar os exilados, finalidade essa que êle conseguiu logo em seguida, quando o leu numa grande reunião dos judeus em Babilônia.

Hoje só possuímos o texto de Baruc na tradução dos LXX em grego e nas traduções que dela dependem, inclusive no latim da antiga Ítala, incluído na Vulgata.

São Jerônimo negou a sua existência em hebraico, escrevendo no seu "Prólogo a Jeremias" que "preteriu o Livro de Baruc, porque entre os hebreus não é lido, nem existe". Entretanto, as Constituições Apostólicas (v. 20) atestam que no 3.º século de nossa era a obra de Baruc era lida nas sinagogas dos judeus juntamente com as Lamentações. E o texto sírio nota várias vezes (1, 7; 2, 3) que "isto não se encontra no texto hebraico", dando assim a entender que o seu tradutor, além do texto dos LXX, tinha ante os olhos o texto hebraico. Além destas observações, muitos aramaismos supõem um original hebraico.

A inspiração de todo o Livro é-nos assegurada pelo Concílio de Laodicéia que, tendo em vista a tradição então vigen-

te, assim o declarou. Entre os Santos Padres que o citam expressamente ou o apresentam sob o nome de Jeremias, mencionamos Santo Irineu v. 35 (Bar 36-V, O)

S. Atanásio, De Trin. Dial. 3, 7; S. Basílio, Adv. Eunom, 4; S. Cirilo Alex. Comm. in Jo 1, 4; S. Hilário, In Psalm 68, 23; Atenágoras Leg. pro Chrit. 9 (Bar 3, 36); Clemente Alex. Paedag. e Orígenes, In Exod, Hom. 7, 2. Os Santos Padres citam principalmente a passagem de Bar 3, 36: "Fôêle que é nosso Deus... Depois disso êle apareceu na terra e conversou entre os homens".

Como êste Livro não figura no Cânon Palestinese os Protestantes negam-lhe a inspiração.

Os exegetas católicos, reconhecendo a complexidade dos problemas que êste Livro suscita, não podem deixar de reconhecer o valor da tradição unânime quanto à sua inspiração e à sua autenticidade. As dúvidas apresentadas pelos críticos, que o tomam por uma amálgama tardia, escrito no tempo dos Macabeus ou mesmo no fim do 1.^o séc. p. C. (Assim Steuernagel) nenhum valor têm ante a declaração do próprio Baruc (1, 1...) e de sua semelhança quanto ao fundo e à forma com as profecias de Jeremias.

3. *Análise explicativa.* O Livro de Baruc, além de uma introdução histórica, contém duas partes bem distintas.

Introdução: 1, 1-15. Baruc apresenta-se e diz que leu o seu Livro aos judeus de Babilônia, que ficaram vivamente impressionados. Fizaram entre si uma coleta, cuja importância mandaram a Jerusalém para que aí oferecessem sacrificios pelos novos dirigentes do povo e pelos exilados. Também o Livro de Baruc foi enviado a Jerusalém para que fôsse lido aí nos dias de festa.

I — Salmo de penitência: 1, 15 — 3, 8. Baruc começa relembando os muitos pecados do povo. Por causa dêles é que sobrevieram tantos males, como Moisés já o tinha predito. As aflições não cessam, porque os judeus continuam fechando os seus corações às admoestações de Javé. A esta confissão segue-se uma oração, suplicando o perdão divino e fazendo uma tríplice consideração: a) A glória de Javé o exige, pois se êle perdoar, tôda a terra saberá que êle é o único Senhor; b) Êle mesmo Javé prometeu o perdão aos corações realmente contritos e humilhados; c) por fim, em vista da própria justiça divina, pois que é pelos pecados dos pais que estão sofrendo cativos.

II — *Exortações e promessas*: 3, 9 — 5, 9. Baruc falando confiadamente aos israelitas, lhes faz ver que devem considerar uma coisa: seus muitos males provêm de êles terem abandonado os caminhos de Javé. O remédio, portanto, para se livrarem dêsses males consiste em procurar de novo a verdadeira sabedoria, que só pode ser encontrada junto de Javé e na observância de sua lei. Em seguida, apresenta Jerusalém personificada e contristada pelos pecados de seus filhos. A Cidade Santa toma a palavra e explica primeiro às capitais dos países circunvizinhos, porque é que ela e seus filhos estão mergulhados em tamanha aflição e, por fim, dirigindo-se aos seus próprios filhos, ela os encoraja, assegurando-lhes que reza por êles e que êles serão certamente libertados. Necessário é, porém, que se submetam com paciência à justa ira de um Deus que dêles não se esquecerá para sempre.

O final do Livro é extremamente patético. Baruc dirige-se a Jerusalém, maldiz os seus opressores e prediz-lhe um resplendor incomparável quando os seus filhos voltarem a ela.

Quanto ao 3, 38 que já temos citado acima, cumpre notar que o seu sentido é de fato messiânico, como o entenderam os Santos Padres porque se refere abertamente à sabedoria ou à Lei revelada por Deus, que é um tipo do Messias.

A CARTA DE JEREMIAS

1. *Autor.* Na própria carta lemos: “Cópia da carta que Jeremias enviou aos que tinham sido levados prisioneiros para Babilônia pelo rei dos babilônios, para anunciar-lhes o que Deus lhes tinha mandado dizer...” Baseados neste argumento externo e na notícia conservada no 2 Mac 1-3 de uma carta de Jeremias, cujo conteúdo coincide com o desta epístola, os exegetas em geral não têm dúvida nenhuma em atribuí-la ao profeta deste nome. Acresce que a religião da Babilônia é descrita com tal exatidão que supõe um contemporâneo dos caldeus e que o estilo prolixo muito se parece com o modo de escrever de Jeremias.

Os críticos modernos, entretanto, sem nenhum motivo convincente pensam na época dos Macabeus para a sua composição por algum autor desconhecido.

A dificuldade da aparente contradição entre a Carta (Bar 6, 2) e Jeremias (29, 10) sobre a duração do tempo do exílio pode-se resolver facilmente, ou interpretando-se a palavra *dor* “geração” empregada pela Carta no sentido de um tempo indeterminado i. e. duração, sentido que lhe é original, ou supondo-se pequeno erro de transcrição na mesma Carta de um zain (valor: 7) por um Ghimel (valor: 3).

2. *Inspiração.* Na versão grega dos LXX esta Carta segue as Lamentações, na Vulgata, porém, foi ajuntada sim-

LIVROS PROFÉTICOS

plesmente a Baruc, formando-lhe o último Capítulo. Não a lemos no texto hebraico massorético. Todavia, muitos semitismos e locuções obscuras levam a supor que o original tenha sido o hebraico ou o aramaico.

3. *Análise explicativa.* Tôda a epístola assaz longa é dedicada a demonstrar aos judeus a nulidade dos deuses ou ídolos. O autor usa por vêzes de uma linguagem picante para fazer-lhes ver que esses ídolos não passam de uma matéria qualquer e não podem auxiliar aos que os veneram. Que os israelitas não os temam e fiquem firmes na fé do seu Deus verdadeiro!

BIBLIOGRAFIA

Nota: Apenas uma parcela da Bibliografia mais recente. Knabenbauer, *Commentarius in Jeremiam prophetam*. 1889.

Condamin, *Le Livre de Jérémie*. 1920.

G. Ricciotti, *Le personalit  di Geremia*. 1923.

G. Ricciotti, *Il libro di Geremia*. 1923.

A. Eberharter, *Der Prophet Jeremie*. 1923.

E. Podechard, *Le Livre de Jérémie*. 1928.

A. Parenti, *Notae introductoriae... in Jeremiam*. 1932.

O PROFETA EZEQUIEL

1. *Pessoa.* Ezequiel (“Deus fortifica” ou “Fortaleza de Deus”) era filho de Buzi e, portanto, sacerdote (1, 1), provavelmente da família de Sadoc. Já em Jerusalém, antes do

exílio, êle deve ter exercido o sacerdócio, como se depreende de seus minuciosos conhecimentos do tempo e das funções sagradas. Quanto sabemos, o círculo de sacerdotes, a que êle pertencia, tinha ficado fiel a Javé. Êle devia ter 30 anos, conforme a melhor interpretação de 1, 1 ... "no trigésimo ano", quando com os dez mil notáveis de Jerusalém foi levado por Nabucodonosor para a Babilônia, por ocasião da segunda deportação em 597. Foi no exílio que teve que exercer a sua missão profética por mais de 22 anos. Fixou-se com outros muitos em Tell-Abib às margens do grande canal *narú-Kaburú*, o rio Cobar da Vulgata. De 24, 16 concluímos que era casado com uma mulher que o seguiu ao exílio e que morreu repentinamente depois de 9 anos. Da morte do profeta nada nos foi transmitido.

2. *Tempo e atividade profética.* Data do 5.^o ano do cativeiro do infeliz rei Joakim a missão de Ezequiel. Na visão que teve nesse ano êle foi constituído profeta por especial vocação divina e, desde então, não cessou de exortar, de reconfortar e de levar à penitência os seus companheiros de exílio. Oráculos, ações simbólicas, entrevistas foram os principais meios de seu apostolado. Parece que só no fim da vida é que consignou por escrito as suas profecias.

A atividade profética de Ezequiel divide-se em dois períodos: antes e depois da destruição de Jerusalém em 587. Os primeiros anos foram para êle cheios de contradições e sofrimentos. Pois os judeus deportados alimentavam da mesma forma que os que tinham ficado em Jerusalém, a vã esperança de que Javé não permitiria a destruição da Cidade Santa e que êles em breve voltariam para lá. Nisso eram desencaminhados quer pela relativa liberdade em que Nabucodonosor os deixava, quer pelos falsos profetas sempre prontos a predizerem o que o povo desejava. Ezequiel, do mesmo

modo que Jeremias em Jerusalém, recebera a comunicação divina de desfazer esta esperança com tôda a sua firmeza, sendo por isso tratado como traidor e pessimista, alvo do maior desprezo. Após a destruição da Cidade Santa a missão que lhe tocou não foi menos árdua. E' certo que a sua influência entre os judeus cresceu consideravelmente, porque todos viram que as suas profecias se realizaram ao pé da letra. Mas os deportados, frustrados nas suas esperanças, caíram no mais completo desânimo espiritual e corriam grande perigo de perder a fé no seu Deus e de adorarem os deuses falsos, como os pagãos, em cujo meio viviam e que não cessavam de enaltecer os seus deuses como sendo mais fortes do que Javé. Ezequiel teve, então, a incumbência de exercer a sua atividade no sentido de levantar os ânimos alquebrados e fazer que os judeus continuassem esperando firmemente que o povo seria restaurado depois de alguns anos de castigo, conforme tinha sido predito pelo profeta Jeremias.

3. *Composição literária.* O texto massorético hebraico de Ezequiel que hoje possuímos, foi-nos conservado em estado assaz precário. Os críticos esforçam-se por corrigir êsses erros, baseando-se principalmente na tradução dos LXX. Esta tradução foi feita palavra por palavra, sendo que, em muitos passos, por incompreensão do tradutor foram conservados os próprios termos hebraicos. São Jerônimo verteu este livro para o latim, como êle mesmo diz, *per cola et commata* i. e. por linhas de sentido para facilitar a compreensão geral.

Desde a mais remota antiguidade, p. ex. Teodoreto e São Jerônimo, é comum ler-se como os comentadores se queixam sobre os passos obscuros de Ezequiel. Essas dificuldades provêm quer do mau estado de conservação do texto, quer das expressões próprias do profeta e das suas muitas imagens e

símbolos bizarros, sendo êle, como é hoje reconhecido, o iniciador do estilo apocalíptico.

Todavia, convém frisar que são exatamente essas suas imagens e figuras que dão aos oráculos e profecias a agradável variedade que lhes é peculiar e sem a qual as suas muitas fórmulas repetidas sempre de novo tornariam o livro demasiadamente monótono.

O conteúdo dos oráculos testemunha que Ezequiel possuía vasto conhecimento dos escritos bíblicos anteriores a êle, mormente de Jeremias.

O Livro de Ezequiel sempre foi tido pela Igreja como inspirado, da mesma forma que os judeus sempre o tiveram em grande aprêço. Mesmo os críticos modernos, salvo algumas exceções, mantêm a sua unidade e a autenticidade da maioria dos seus oráculos.

4. *Análise explicativa.* A compilação final da obra de Ezequiel, ao parecer dos melhores comentadores, foi feita quer por êle mesmo quer por um outro autor, como poderia ser Esdras, obedecendo a um plano bem determinado. Primeiro, um Prólogo com a vocação do profeta. Em seguida, três partes: a) profecias sôbre a destruição de Jerusalém; b) oráculos sôbre diversos povos e c) profecias sôbre a Jerusalém restaurada e ideal.

Prólogo: 1, 1 — 3, 21. Ezequiel relata a visão que teve da Glória de Javé e narra a sua vocação e missão.

1. A visão inaugural. O profeta começa indicando exatamente o lugar e a data do grande acontecimento que decidiu de sua vida: êste se deu às margens do rio Cobar, a ser identificado com máxima probabilidade com o canal *naru-Kaburú*, no 5.^o ano de Joakim.

LIVROS PROFÉTICOS

A visão da teofania consiste em cinco quadros, que se vão descobrindo aos olhos do Vidente à medida que os seus vários elementos se lhe vão sendo revelados. Ao menos assim é que êle no-la vai descrevendo minuciosamente, deixando, porém, entrever a cada passo o embaraço em que se encontra, de exprimir devidamente o que êle viu.

1) As nuvens: 1, 4. Surpreendido por grande temporal, Ezequiel olha para o horizonte e vê que do norte lhe sobrevém uma nuvem. Êle põe-se a fixá-la: no meio dela surge uma massa de fogo. A nuvem vai-se aproximando dêle e ao redor dela aparecem labaredas, e bem no centro uma como que fornalha, algo que tem o aspecto de um metal em brasa.

2) Os quatro seres vivos: 1, 5-14. À aproximação da nuvem Ezequiel pode distinguir melhor o seu conteúdo. Vão-se-lhe delineando sempre mais nitidamente quatro formas, ou quatro seres vivos, à guisa de entes humanos. Apresentando uma composição sintética, cada um dêles tem quatro faces e quatro asas. Os seus pés assemelham-se às patas de um touro, mas brilhantes como o bronze polido. Mãos humanas saem de sob as asas. Duas destas asa tocam as asas do outro ser e duas cobrem o próprio corpo. As quatro faces têm aparência diversa: uma é a de um homem, outra a de um leão e as outras a de um touro e a de uma águia. Notam-se-lhes movimentos rápidos e retilíneos conforme o Espírito os impele. Por fim, de si mesmos estão a dardejar raios e clarões. Questiona-se: Que significam êsses quatro seres? As descobertas assírio-babilônicas vieram explicar alguma coisa. Ezequiel que vivia na Babilônia, conhecia certamente os *Karib* (síntese de uma cabeça humana num corpo de touro) e os *Nirgali* (síntese de cabeça humana num corpo de leão). Êsses *Querubins* (cf. 10, 20), assim como os Serafins de Isaías (6, 1...) são simplesmente ministros de Javé.

3) As rodas: 1, 15-25. Cada um dos sêres animados tem debaixo de si uma dupla roda i. e. uma roda cortada por outra em ângulo reto (15, 16). São de imenso diâmetro e cheias de olhos. Do mesmo modo que os sêres, essas rodas movem-se em linhas retas para as quatro dimensões, sendo animadas pelo mesmo Espírito. Provavelmente devem ser interpretadas como formando juntamente com os sêres o trono ou o carro de Javé.

4) O dossel de cristal: 1, 22-25. Por cima dos sêres e das rodas vê-se um dossel (firmamento) de cristal brilhante o qual ressoa ao menor ruído das asas ou de qualquer movimento.

5) O Filho do homem: 1, 26-28. Um trono de safira eleva-se por cima do dossel ou firmamento. Aí assenta-se um ser de aspecto humano, mas brilhante como o fogo. Todo o conjunto lembra o arco-íris. O profeta ao contemplar a visão exclama espontaneamente: Eis a semelhança da glória de Deus! Palavras humanas não lhe podiam explicar o que estava vendo.

E esta exclamação de Ezequiel (2, 1) era a verdadeira interpretação de toda a visão. Do mesmo modo como Isaías na Palestina contemplava a glória de Javé no templo de Jerusalém i. e. no *hekel*, Ezequiel vê essa mesma glória de seu Deus aparecendo num templo ou palácio oriental, para indicar-lhe a ele e aos judeus no exílio que êsse Deus Javé era o dominador e senhor também da Caldéia e do mundo inteiro.

Por outras palavras, a visão está a indicar que Javé triunfa e domina sobre os quatro ângulos da terra (os *quatro* animais), assentados num trono vivo (os sêres), inteligente (os olhos) e dócil à sua vontade suprema (os movimentos ao impulso do Espírito).

2. A missão do profeta: 2, 1-3, 21).

Ezequiel, emocionado ante a Majestade divina, cai por terra. Faz-se-lhe então ouvir uma voz: “Filho do homem, eu te envio aos filhos de Israel... esses filhos de cara impudente e de coração endurecido...”. O profeta deve contar com a força divina, mas ser dócil em tudo o que Javé lhe mandar fazer. Para significá-lo plásticamente, uma “mão” lhe oferece um rôlo todo escrito e cheio de “lamentações, canções lúgubres e maldições”. Ezequiel o deve comer. “Eu o comi, diz o Vidente, e o livro na minha boca era doce como o mel”. Então uma forte voz exalta a Glória de Javé. Ezequiel é arrebatado pelo Espírito e transportado para o meio dos exilados em Tell-Abib e aí fica sete dias sem poder falar, tal era a sensação de pavor que a visão lhe tinha incutido. Depois disso, nova mensagem divina constitui o profeta “sentinela” do povo, responsável pelo mal que, podendo ter impellido por suas palavras, não o tiver feito, e pelo bem que por sua causa não se tiver realizado. Nessas muitas revelações Ezequiel é chamado por Deus 24 vezes “Filho do homem” evidentemente com a finalidade de fazer-lhe ver e sentir a própria fragilidade humana ante a imensidade da missão que lhe é outorgada.

Primeira série: A destruição de Jerusalém 3, 22-24, 27.

Esta série de narrações e oráculos abrange vários ciclos datados todos êles da época que precede a tomada e a destruição da Cidade Santa.

1.º ciclo: 3, 22 — 7, 27. Datado do 5.º ano do cativeiro de Joakim.

1) Várias profecias e símbolos sobre a ruína de Jerusalém e sobre o exílio: 3, 22 — 5, 17. Ezequiel deve exer-

LIVROS PROFÉTICOS

cer a sua missão profética não só por palavras, mas também pela linguagem ainda mais frisante e eficaz dos gestos simbólicos.

a) A imobilidade e o mutismo do profeta: 3, 22-27. Por ordem divina êle deve fechar-se na sua casa e aí permanecer imóvel como se estivesse ligado com cordas sem pronunciar palavra nenhuma. Essa imobilidade e mutismo têm sido interpretados de modo diverso, pretendendo alguns comentadores que se possam tomar num sentido figurado i. e. apenas na visão. Mas provavelmente as palavras devem ser compreendidas à letra, talvez como conseqüências de alguma enfermidade ("corda" num sentido figurado). Tôda a sua pessoa era assim um sermão vivo para os judeus do exílio sôbre as exigências da Justiça divina, bem como sôbre os desígnios de sua Misericórdia.

b) A planta da cidade: 7, 1-3. Javé ordena que o profeta tome uma espécie de tijolo, como então usavam os caldeus para escrever, e aí desenha Jerusalém sitiada por fortificações, por trincheiras e por um grande exército. Entre êle mesmo e a cidade deve pôr uma grade de ferro, como sinal da ira divina inflexível.

c) O profeta deitado: 4, 4-8. Ezequiel deve ficar deitado sôbre o lado esquerdo durante 300 dias (LXX tem 190 dias) e sôbre o lado direito durante 40 dias, conservando os braços voltados para Jerusalém para assim expiar os pecados dos dois reinos de Israel e de Judá.

d) A alimentação de Ezequiel: 4, 9-17. Êle deve nutrir-se de pão escasso, ilegal e impuro, para simbolizar que assim os judeus terão que alimentar-se de pão racionado e impuro dos gentios.

LIVROS PROFÉTICOS

e) Os cabelos e a barba divididos: 5, 1-11. Javé manda que o profeta corte os cabelos e a barba e os divida em três partes e espalhe ao vento, até ficar só um restinho. Assim será feito com os habitantes de Judá.

2) Oráculos sobre o castigo de Judá: 6, 1 — 7, 27.

a) Causa dos castigos: a idolatria: 6, 1-14. Porque o povo eleito tem adorado os ídolos, esses serão destruídos e os seus adoradores serão dizimados e espalhados entre as nações. O castigo servirá para manifestar a grandeza de Javé.

b) A iminência do castigo: 7, 1-27. O Vidente em patético oráculo, repete várias vezes a palavra: Eis o fim! Nada mais restará da cidade, nem mesmo do templo.

2.º ciclo: 8, 1 — 11, 25. Ruína da Cidade Santa.

Ezequiel é transportado em espírito ao templo de Jerusalém e Javé mesmo lhe vai mostrando as abominações aí praticadas: o ídolo do ciúme, o culto dos animais, as mulheres cultuando *Tammus* e os homens adorando o *sol*. Ele vê e descreve seis mensageiros divinos com ordem de executar os castigos. Primeiró, porém, aparece um Homem, vestido de linho, (símbolo de Cristo: cf. Apc 7, 1...) e marca com um sinal os que ficaram fiéis a Javé. Os idólatras são exterminados e Jerusalém é presa das chamas. Numa nova visão Ezequiel vê como Javé mesmo abandona o templo e a Cidade.

3.º ciclo: 12, 1 — 19, 14. Série de símbolos e alegorias.

Difícilmente se poderá dizer qual foi o critério que teve Ezequiel, ou o seu compilador, para coordenar os seguintes trechos que aparentemente não têm conexão nenhuma.

1) A bagagem do profeta: 12, 1-20. Por ordem de Javé o profeta prepara os objetos necessários para uma via-

LIVROS PROFÉTICOS

gem e durante o dia, diante de todos, manda carregar essa sua bagagem para fora de sua casa e à noite faz um buraco no muro da cidade e sai por aí com a bagagem e o rosto velado. Assim Sedecias fugiria de Jerusalém, mas seria prêso e levado para Babilônia. Em seguida, Ezequiel deve comer e beber apressadamente, para simbolizar a sorte angustiosa do povo.

2) A próxima realização das profecias: 12, 21-28.

3) Contra os falsos profetas: 13, 1-23. Ezequiel os censura com veemência e proclama os merecidos castigos.

4) Contra os idólatras: 14, 1-23. Anciãos do povo que tinham caído na idolatria vão ter com o profeta; nesse momento Javé comunica-se com êle, para que os repreenda e lhes profetize as conseqüências dos seus pecados. Nem sequer as orações das almas justas os poderão livrar da sentença fulminada contra êles.

5) Alegoria da vinha estéril: 15, 1-8. Seus galhos inúteis serão cortados e lançados ao fogo. Assim se dará com Jerusalém.

6) Alegoria do consórcio: 16, 1-63. A figura do consórcio matrimonial para designar a amorosa união de Javé para com seu povo, já se tinha tornado clássica no tempo de Ezequiel em vista das profecias de Oséias (2, 1...), de Isaías (54, 5), de Jeremias (3, 1) e do Cântico dos Cânticos. Aqui ela é empregada com tal realismo que prende a atenção e comove profundamente, manifestando a profundeza do amor divino e a malícia do povo. Javé encontrou uma criança de origem impura e enjeitada e a tomou a si, cercanda-a de mil cuidados. Constituiu-a, por fim, sua espôsa, revestindo-a de sua própria glória. Mas ela tornou-se infiel e caiu na idolatria. Daí Deus a vai entregar às nações, julgando-a e conde-

LIVROS PROFÉTICOS

nando-a como espôsa infiel. Torna-se uma filha de Canaã, irmã de Sodoma e de Samaria. Mas dia virá em que Javé se recordará de sua aliança e a há de restabelecer.

7) Alegoria das águias, do cedro e da vinha: 17, 1-24. A alegoria é aplicada a Sedecias, o perjuro, o qual será devidamente punido. “Eu vivo”, diz Javé... Por fim, a mesma alegoria é interpretada num sentido messiânico.

8) A responsabilidade individual: 18, 1-32. O profeta frisa que cada um é responsável por aquilo que faz, a fim de avivar a consciência de cada um.

9) Elegia sôbre os últimos reis de Judá: 19, 1-14. Sempre por ordem de Javé Ezequiel compõe uma elegia acêrca da desgraça dos reis de Judá: Joacaz, Joakim e Joaquim, propondo a alegoria da leoa e dos leõezinhos e a da vinha, aplicada a Sedecias.

4.º ciclo: 20, 1 — 23, 49. Os infortúnios do povo.

As parábolas e alegorias agrupadas neste 4.º ciclo ligam-se ao ministério exercido pelo profeta no 7.º ano do cativeiro de Joakim e referem-se ao mesmo tema dos capítulos precedentes: os infortúnios e as desgraças que sobrevieram aos israelitas.

1) Objurgações contra Israel: 20, 1-44. Por ocasião de uma visita de anciãos judeus para consultar a Javé, Deus comunica-se com Ezequiel, lembrando longa série de infidelidades do povo desde o Egito; os filhos são tão perversos como os pais; entre os muitos pecados do povo Deus censura principalmente os lugares altos.

2) Parábolas ameaçadoras: 21, 1-27. A parábola do fogo que devora a floresta meridional é explicada por uma

LIVROS PROFÉTICOS

segunda parábola, a da espada forjada para massacrar os judeus e os amonitas. Ezequiel refere-se expressamente ao rei de Babilônia, ao qual o profeta deve traçar num tijolo, próprio para escrever, dois caminhos: um para Jerusalém e outro para Rabá de Amon.

3) Os crimes de Jerusalém: 22, 1-31. Revista geral dos muitos desmandos e pecados dos judeus em Jerusalém, por cuja causa serão dispersados entre as nações. Deus os fará passar pela “fornalha” de sua cólera. Punidos serão particularmente os pecados dos guias do povo.

4) Parábola das duas irmãs: 23, 1-49. Como no Cap. 16, Jerusalém e Samaria são apresentadas como duas irmãs: *Oolá* (o “Tabernáculo dela”) o reino de Samaria, formado das 10 tribos que construíram para si o seu tabernáculo ou santuário próprio, sem a determinação divina, e *Ooliba* (“o meu tabernáculo está nela”), o reino de Judá com a Cidade Santa e o templo escolhido por Javé mesmo. O profeta em nome de Deus lhes censura os muitos crimes, antigos e novos, e por sua idolatria e luxo demasiado. Dirige-se principalmente a Ooliba que, tendo visto os castigos da irmã deportada, não se corrigiu. Aguarde, pois, severíssimas penas. O oráculo termina por novo quadro, realista e detalhado, das faltas das duas irmãs e pela proclamação de novos castigos.

Epílogo. Como conclusão de toda a *Primeira Parte*, Ezequiel propõe-nos um oráculo que podemos intitular “O cêrco de Jerusalém” (24, 1-27) e que se compõe de duas secções:

1) A parábola da “caldeira” que cheia de água e carne é posta no fogo para cozinhar. O profeta utiliza-se evidentemente do provérbio judaico: “A Cidade Santa é como uma caldeira que preserva a carne do fogo”. Mas neste caso, con-

tinua êle, o fogo será tão forte que devorará caldeira e carne inteiramente. Em seguida, a caldeira é apresentada de novo tão cheia de ferrugem que, mesmo posta no fogo para desoxidá-la, não é possível desprender a ferrugem do metal.

2) A morte repentina da mulher de Ezequiel. O profeta não deve dar exteriormente nenhuma manifestação de dor. Explicação: O templo será arrasado e os judeus em vez de prorromperem em lamentações, devem refletir nas suas iniquidades que são a causa da catástrofe.

Segunda Parte: Profecias contra as nações pagãs: 25, 1-32, 32.

Depois de profetizar repetidas vêzes a derrota dos judeus e a destruição de Jerusalém e do templo, Ezequiel vaticina a sorte que terão os inimigos dêsse povo eleito, os quais por sua vez e de modo tremendo sorverão a taça da ira divina. Assim tanto aos judeus, como aos seus adversários Javé aparece como o Senhor do mundo inteiro, sendo evidente que só dêle é que depende o porvir de qualquer nação.

Essas profecias são tantos oráculos que se caracterizam por uma forma altamente poética.

1) Contra Amon: 25, 1-7.

2) Contra Moab: 25, 8-11.

3) Contra Edom: 25, 12-14.

4) Contra os filisteus: 25, 15-17.

Todos êsses povos serão severamente punidos pela crueldade com que agravaram a triste sorte dos israelitas, quando estavam sendo deportados.

5) Contra Tiro e Sidon: 26, 1-28, 26. Longo oráculo ou série de oráculos que sob o ponto de vista literário são os mais notáveis do Livro de Ezequiel.

a) Anúncio da queda de Tiro: 26, 1-21. Esta cidade que tanto se alegrou com a destruição de Jerusalém, sua ri-

val, será inteiramente arruinada. “Farei dela uma montanha seca”, diz Javé.

b) Lamentação sobre a destruição de Tiro: 27, 1-36. Sempre por ordem divina, Ezequiel, numa elegia, deplora a glória de Tiro, agora arruinada. Ela, pelo seu tráfico comercial, era comparável a um navio aparelhado pelas nações com o maior luxo possível. Entretanto, êle naufragou: Ezequiel acentua o contraste antes e depois do castigo.

c) Oráculo contra o rei de Tiro: 28, 1-10. O profeta censura a sua arrogância e profetiza que não permanecerá impune.

d) Lamentação sobre o rei de Tiro: 28, 11-19. Ezequiel põe em relêvo a sua situação privilegiada, que Javé lhe concedera, para verberar, em seguida, as suas violências e o seu orgulho.

e) Oráculo contra Sidon: 28, 20-26.

6) Contra o Egito: 29, 1 — 32, 32. Série de sete oráculos dirigidos contra os egípcios ou expressamente contra o Faraó. Pode-se explicar facilmente que Ezequiel tenha feito todos êsses oráculos contra o Egito, tendo em vista as vãs esperanças que os israelitas depunham no grande e forte país do sul, esperanças que envolviam uma espécie de apostasia de Javé, em quem unicamente deviam confiar. O profeta continuava a mesma orientação de Jeremias contra a aliança dos israelitas com os egípcios.

a) Alegoria do crocodilo: 29, 1-16. Faraó é apresentado como um poderoso crocodilo, deitado no meio dos seus muitos rios. Em consequência de seus enormes crimes todo o Egito será desolado por 40 anos. Depois disso será em parte restaurado, mas continuará sendo uma nação humilde entre as demais nações. Então Israel compreenderá que não pode confiar no Egito.

b) Espoliado por Nabucodonosor: 29, 17-21. Ezequiel prediz que este monarca assírio poucos espólios conseguirá de Tiro que por muito tempo terá sitiado e por fim destruído, mas em compensação tirará abundante presa dos egípcios.

c) O “Dia de Javé” para os egípcios: 30, 1-19. O profeta anuncia a eminência e a imensidade da catástrofe. Uma espada (a de Babilônia) inundará o país de sangue. Nomeadamente os seus mais célebres santuários serão destruídos. Entre eles os templos de *Noph* (Menfis), *Tsoan* (Tânis), *No* (Tebes), *Sin* (Pelusa) e *Aven* (Heliópolis).

d) O braço de Faraó: 30, 20-26. Todo o poderio enorme do monarca egípcio será quebrado pelo rei de Babilônia.

e) Alegoria do Cedro: 31, 1-18. Assim como o império de Assur se assemelhou a um cedro altaneiro, também muito se avantajou a munificência do Egito no meio de suas muitas águas. Era o refúgio para as aves do céu; suas sombras protegiam muitos povos. O seu orgulho cresceu desmesuradamente. Por isso Javé o entregará a nações estranhas que o cortarão pela raiz; o cedro cairá e há de jazer por terra abandonado de todos.

f) Lamentação sobre o Faraó: 32, 1-16. Ezequiel cumpre ordem divina fazendo uma elegia sobre “O leão das nações”, prês e entregue às aves do céu e aos animais da terra.

g) Lamentação sobre o povo do Egito: 32, 17-32. Nova elegia acerca da destruição do Egito. Faraó e o seu povo descerão ao seól da mesma forma que todos os povos dos incircuncisos que os precederam. Ezequiel prediz sempre de novo que serão exterminados pela “espada” que Javé deu a Nabucodonosor.

Terceira Parte: O novo Israel: 33, 1 — 48, 35.

Aos israelitas desanimados com a destruição de Jerusalém, Ezequiel dirige as seguintes instruções e oráculos sobre a ação da Misericórdia divina, a fim de reconfortá-los na fé e na esperança de salvação. Ele esclarece que haverá uma nova aliança de Javé com o seu povo e acentua que, depois disso, haverá uma ordem de coisas inteiramente nova e gloriosa.

Podemos distinguir três ciclos de profecias, além de uma Introdução.

Introdução: 33, 1-33. Como uma espécie de prólogo à última parte dos seus oráculos, os quais se referem todos à restauração de Israel, Ezequiel escreveu dois trechos separados por uma notícia histórica (21 e 22) que relata a chegada de um fugitivo de Jerusalém o qual anunciou em Babilônia a destruição da Cidade Santa no 5.^o dia do 10.^o mês do 2.^o ano de Nabucodonosor.

a) A responsabilidade individual. 33, 1-20. Javé expõe ao profeta em que consiste a missão de uma “sentinela” e qual é a sua responsabilidade. Ele deve anunciar ao povo a verdade. Se atenderem, bem; se não atenderem, ele não tem mais culpa nenhuma, pois cumpriu o seu dever. De suma importância é o v. 11: “Eu vivo”, é o oráculo do Senhor Javé, “não tenho prazer na morte dos maus, mas em vê-los voltar atrás dos seus caminhos e viver”.

b) Conversão e restauração: 33, 23-33. Depois da tomada de Jerusalém, que ninguém se fie dos judeus não deportados, como se êsses fôsem fiéis a Javé e por êle abençoados; todos são pecadores. Mas há um meio de salvação: a firmeza da esperança na Misericórdia divina que promete uma restauração futura.

1.º ciclo: 34, 1 — 37, 28. A restauração do povo eleito.

1) Alegoria dos pastores: O novo Davi: 34, 1-31. Os chefes de Israel são comparados a pastores infiéis que só se aproveitam das ovelhas para si mesmos. Como consequência, serão punidos até a sua completa destruição. Javé mesmo tomará a si a direção do seu rebanho com solitudes paternais. E promete-lhes: “Eu lhes suscitarei um só pastor — e êle os apascentará — meu servo Davi; é êle que os apascentará; sim, é êle que será o seu pastor” (23). Estas palavras sempre foram interpretadas no sentido estritamente messiânico. Aliás Jesus Cristo mesmo, na sua parábola do Bom Pastor, acomoda-se claramente a esta magnífica alegoria de Ezequiel sobre a nova aliança de Javé com o seu povo: “E êles saberão que Eu, Javé, seu Deus, estou com êles e que êles, a casa de Israel, são o meu povo, oráculo do Senhor Javé” (27).

2) A renovação de Israel: 35, 1 — 36, 38. Os dois capítulos 35 e 36 constituem um só oráculo, dividido em duas partes, mas unido por uma só idéia: a destruição de Edom, condição para a restauração de Israel.

a) Ruína de Edom: 35, 1-15. Ezequiel deve voltar-se para a montanha de Seir e profetizar que sua capital será tomada e reduzida à solidão e a um montão de ruínas, por causa de sua crueldade para com os israelitas.

b) Renovação de Israel: 36, 1-38. O profeta deve falar às montanhas de Judá e predizer-lhes a reedificação de Jerusalém. São muito de notar os vv. 24 a 26: “Eu vos tirarei dentre as nações... Eu vos reconduzirei à vossa terra. Eu vos aspergirei com águas puras; e sereis purificados. Eu vos darei um coração novo e porei dentro de vós um espírito novo...”.

3) Visão dos ossos ressequidos. 37, 1-14. Os israelitas, depois da perda e da destruição de Jerusalém, chegaram a dizer no seu desespero: “Ressequidos estão nossos ossos; pereceu nossa esperança; estamos perdidos” (11). Teve então Ezequiel a visão de um imenso campo, cheio de ossos humanos, os quais, à sua palavra inspirada por Deus, se unem e de novo se cobrem de carne e pele. Estão ainda mortos, mas novamente à palavra do profeta, revivem e se movimentam. Assim a Deus nada é impossível... A visão de Ezequiel oferece-nos ainda hoje maravilhoso e expressivo quadro da ressurreição final.

4) Símbolo dos dois paus: 37, 15-28. Javé manda que o profeta tome dois paus ou pedaços de tábuas e escreva num deles: “A Judá e aos filhos de Israel que lhe estão unidos”, e na outra: “A José”. Em seguida deve unir os dois pedaços, formando com êles um todo inteiro, para significar que assim todos os israelitas se unirão um dia. “Meu servo Davi será seu rei e haverá um só pastor para todos êles” (24) e “Eu concluirei com êles uma aliança de paz... uma aliança eterna”. (26).

2.^o Ciclo: Gog, rei de Magog, e o Triunfo final: 38, 1-39, 29.

Este longo oráculo, sob uma forma abertamente apocalíptica, focaliza, conforme a mais provável interpretação, o último ataque que os inimigos de Deus farão à nova teocracia ou à nova aliança. Ezequiel os personifica em Gog, rei de Magog, região setentrional, donde os antigos se imaginavam que vinham os grandes cataclismos. E’ impossível averiguarmos hoje se Ezequiel na figura de Gog tinha em vista alguma personalidade histórica, conhecida dos seus primeiros leitores, ou se se trata de um mero símbolo. Javé mesmo

convida Gog a reunir as suas tropas e os seus aliados contra a nação eleita de Israel. E êles, com efeito, apresentar-se-ão para o combate num rompante, cuidando poder vencer pela surpresa. Debalde. Gog será vencido. Com as côres mais vivas o profeta descreve esta vitória: o campo ficará cheio de cadáveres e as aves do céu e as feras da terra são convidados para a tétrica ceia de suas carnes. Então, será o fim e revelar-se-á esplêndidamente a Glória de Javé.

3.º ciclo: A nova teocracia: 40, 1-48.

Ezequiel apresenta nestes últimos capítulos de suas profecias quadros simbólicos de um Israel inteiramente novo e perfeito em conformidade com a nova aliança. Para descrever esta completa inovação, êle baseia-se, como era natural, nas instituições vigentes até então: o templo, o sacerdócio e a Terra santa. Naturalmente não devemos tomar ao pé da letra as exposições de Ezequiel e sim, num sentido meramente figurado.

1) O novo templo: 40, 1 — 43; 27. O oráculo é minucioso e descreve com exatidão e ordem as várias partes e adjacências do novo templo que, entretanto, em linhas gerais se assemelha ao de Salomão.

Começa dando uma planta de todo o conjunto: descreve a porta oriental exterior, os átrios interior e exterior com as suas portas, os seus lavatórios e mesas para os sacrifícios e as câmaras para os sacerdotes e levitas. Por fim, delineia o vestibulo do templo. Passa então a descrever o próprio templo: o Santo e o Santo dos Santos com os muitos edifícios anexos.

Terminando estas descrições o profeta narra como viu Javé, que, segundo êle mesmo (8, 1...), abandonara o seu

LIVROS PROFÉTICOS

Santuário, agora de novo toma solenemente posse do novo templo à semelhança do que fizera com o tabernáculo da aliança (Ex 11, 34) e com o templo de Salomão (1 Rs 8, 10). Javé apresenta-se-lhe na mesma forma gloriosa como lhe aparecerá na visão do primeiro capítulo.

2) O novo culto: 44, 1 — 46, 24. O profeta refere-se aos participantes do culto, às oferendas e ao ritual.

Quanto aos participantes: Por ordem divina Ezequiel volta ao pórtico exterior oriental e vê que a porta está fechada. Uma voz lhe diz que esta porta deve ficar geralmente fechada, embora o pórtico fique acessível ao príncipe. Os israelitas não poderão introduzir nenhum estranho no recinto do templo. Os sacerdotes e levitas que tinham apostatado só poderão ser empregados nos serviços secundários do culto. Os filhos de Sadoc terão em tudo a proeminência.

Quanto às oferendas: Os sacerdotes habitarão e alimentar-se-ão no próprio templo. Também a Cidade santa e o príncipe terão as suas rendas particulares. Ao príncipe, em particular, o povo deve oferecer com abundância e alegria presentes e dons.

Quanto ao ritual: Ezequiel determina a qualidade e os dias dos sacrifícios, bem como a perfeita ordem que devem manter no templo.

3) A nova terra: 47, 1-48. O profeta vê como do templo sai um rio de abundantes águas e se lança para o lado do sul, fertilizando os campos e sanando as águas do Mar Morto. Magnífico símbolo das graças, e em geral da salvação, que dimanam do templo.

Termina Ezequiel designando exatamente o território que cada tribo de Israel deve ocupar na nova Terra, bem como

LIVROS PROFÉTICOS

as propriedades do príncipe e o âmbito da nova Cidade, cujo nome será “Javé está nela”.

*
* *

O Eclesiástico resume a personalidade de Ezequiel com as poucas, mas substanciosas palavras: 49, 8. 9.

“Ezequiel contemplou a visão da Glória,
Que o Senhor lhe mostrou no carro dos Querubins;
Ele ocupou-se com os inimigos, ameaçando-os com tormentas
E beneficiou aquêles que seguiam o caminho reto”.

BIBLIOGRAFIA

Nota: Apenas uma parte da bibliografia mais recente.

P. Schmalzl, Dzs Buch Ezequiel, 1901.

I. Lajciac, Ezéchiél, Sa pardon et son enseignement, 1906.

Cheminant, Les prophécies de Ezéquiel contre Tyr, 1912.

J. Plessis, Les prophécies de Ezechiel contre l'Egypte, 1912.

E. Dimmler, Ezechiel, 1921.

P. Heinisch, Das Buch Ezechiel, 1923.

L. Durr, Die Stellung Ezechiels in der Apocaliptik, 1923.

O PROFETA DANIEL

1. *Pessoa.* Daniel (“Deus é meu juiz ou meu defensor”) era da tribo de Judá e segundo 1, 3 descendia de

uma família nobre, talvez mesmo real. Em 605, no 4.^o ano do rei Joakim, foi deportado em conjunto com milhares de judeus para a Babilônia. Teria êle então 14 anos e escolhido com os seus três companheiros Ananias, Misael e Azarias para mais tarde serem pagens do rei Nabucodonosor, entrou para um educandário na própria côrte do rei. Aí foram-lhe ensinadas as ciências e língua babilônicas. Fiel às práticas de sua religião, êle observou conscienciosamente as prescrições judaicas sôbre os alimentos, recebendo de Javé por recompensa a robustez de saúde e rara penetração de espírito. Ao fim de três anos (1, 5. 18), por especial iluminação divina, êle conseguiu explicar o sonho de Nabucodonosor e tornou-se governador da província de Babilônia (2, 48). Na vida de Daniel lemos ainda que, por mais duas vêzes, êle se distinguiu interpretando sonhos (cc. 4 e 5). Na Caldéia os sonhos eram tidos em grande estima e assim Deus permitiu que, interpretando-os devidamente, o profeta conseguisse a posição social que lhe valeu o ensejo de poder beneficiar largamente os judeus. Com efeito, grande influência exerceu êle ainda jovem entre os seus compatriotas, como se depreende do julgamento de Susana (13, 1...), em que demonstrou a sua inocência.

Depois da conquista de Babilônia pelo Medos e Persas, êle tornou-se sob Dario o Meda um dos três primeiros ministros (6, 1-3). Acusado por inveja, foi lançado na cova dos leões, donde por divina intervenção saiu ileso, patenteando assim o poder de Deus de Israel. Também Ciro tinha o profeta em grande estima, reconhecendo-lhe os muitos merecimentos. É curioso que, tendo êle sobrevivido ao edicto deste monarca concedendo aos judeus a permissão de voltar à Palestina (538), quanto sabemos, êle não se aproveitou da

liberdade, mas se deixou ficar na terra do exílio, provavelmente em consequência de sua idade já muito avançada.

O fim da sua vida é-nos inteiramente desconhecido. Várias cidades como Susa e mesmo Babilônia pretendiam a honra de possuir o seu túmulo.

2. *Tempo.* Daniel, da mesma forma que Ezequiel, exerceu o seu longo ministério profético durante o período do exílio. Se entre os dois profetas tenha havido algum trabalho em conjunto, como seria de supor, nenhuma notícia histórica nos foi conservada. A sua posição social muito teve de semelhante com a que alcançou José no Egito. A ele os judeus deviam agradecer em grande parte a conservação de sua fé e muitos favores materiais, como possivelmente o próprio edito libertador de Ciro. Com efeito, deve ter sido de grande alcance a sua influência na corte como primeiro ministro do império. Nesta posição e aureolado do dom da profecia muito contribuiu para espalhar pelo mundo de então o conhecimento do Deus de Israel e das esperanças messiânicas.

3. *Composição literária.* O texto do Livro de Daniel foi-nos conservado parte em hebraico e aramaico, como lemos no texto massorético, parte em grego na tradução dos LXX, sendo de notar que a antiga versão dos próprios LXX foi substituída pela de Teodócio no século III. O texto hebraico-aramaico é muito mais curto do que o grego, faltando nele vários trechos: o cântico dos três jovens na fôrnalha (3, 24-90) e a história de Susana e de Bel e do dragão (cc. 13 e 14). Prevaleceu o uso de chamar-se a parte contida no texto hebraico-aramaico protocanônica e a outra parte deutero-canônica.

LIVROS PROFÉTICOS

Quanto à parte protocanônica, observa-se o fato da dupla língua hebraica e aramaica, sendo que o comêço até 2, 4a, e o final de 8, 1 em diante é escrito em hebraico e o trecho de 2, 4b até 7, 28 em aramaico. Portanto, no meio de um versículo, sem transição nenhuma, começa uma nova língua. Debalde até tem-se procurado uma explicação cabal desta circunstância. Com alguma razão pode-se alegar que são principalmente as visões que nos foram conservadas em hebraico, devendo-se então considerar o trecho 1, 1-24a como uma espécie de introdução.

Quanto à parte deuterocanônica, grande divergência há entre os críticos, se êsses trechos supõem ou não um original hebraico e como é que foram introduzidos no Livro de Daniel. A opinião mais provável é a que mantém a existência de um original hebraico, baseado nos muitos aramaismos dêsses trechos, em ter êle figurado na Hêxapla de Orígenes e de a ter Teodócio traduzida. E' muito de notar-se que as histórias de Susana e de Bel e do Dragão são, de fato, episódios independentes do Livro das profecias, como demonstra a particularidade de Daniel ser aí introduzido como uma pessoa até então desconhecida.

Questiona-se: Quem é o autor do Livro de Daniel?

Respondemos com a maioria dos verdadeiros exegetas que Daniel deve ser considerado o autor, ao menos, da substância do Livro, sendo possível, todavia, que a atual redação seja mais recente.

Apoia-se esta opinião comum

1. na tradição judaica, atestada quer pelo 1 Mac 1, 54 e 2, 59, onde lemos que Matatias ao morrer propôs

LIVROS PROFÉTICOS

aos filhos o exemplo dos três jovens na fornalha e de Daniel na cova dos leões.

2. no testemunho de Cristo (Mt 24, 15) falando da “abominação que foi predita pelo profeta Daniel” (Dan 9, 27).

3. na tradição cristã, favorável tôda ela à origem daniélica do Livro, mesmo, salvo raras exceções, das partes deuterocanônicas.

4. no próprio Livro que se atribui a Daniel, que aí aparece como conhecedor exato dos costumes babilônicos, como sejam o aprêço pelos sonhos, os castigos do fogo e dos leões etc.

5. na solução de todos os argumentos que os críticos racionalistas têm suscitado contra a autenticidade daniélica do Livro. Assim a) a clareza com que Daniel fala da época dos Macabeus, para quem acredita na possibilidade e realidade das profecias, nada indica contra a tese tradicional. É de notar-se, entretanto, que possivelmente um redator posterior tenha introduzido nesta parte notas elucidativas que mais tarde passaram a fazer parte do texto.

b) o silêncio do Eclesiástico sobre Daniel na lista dos grandes de Israel, não deixa certamente de causar estranheza, mas nada depõe contra a existência dêste profeta ou do seu Livro. Também êle nada diz de Esdras e outros israelitas que muito se avantajaram.

c) o lugar de Daniel no cânon atual do texto massorético entre os hagiógrafos é perfeitamente explicável pela duplicidade das línguas. Demais à época de Orígenes, Daniel estava colocado entre Jeremias e Ezequiel.

d) as dificuldades históricas, linguísticas etc., não são maiores em Daniel do que em outros Livros e têm encontrado soluções sempre mais satisfatórias quanto mais progredem os conhecimentos da evolução da história da antiguidade oriental.

4. *Análise explicativa.* O Livro de Daniel divide-se em duas partes distintas, sendo a primeira: 1, 1-6, 29 uma série de vários episódios históricos e a segunda: 7, 1-12, 13 uma coleção de quatro profecias. Os dois últimos capítulos devem ser considerados como um acréscimo.

1.^a *Parte: Fatos históricos:* 1, 1-6, 29.

Compõe-se esta 1.^a Parte de seis narrações:

1. Daniel na côrte de Nabucodonosor: 1, 1-21. O profeta narra como Nabucodonosor, que então ainda era regente, mas pouco depois por morte do pai veio a ser rei de Babilônia, no terceiro ano de Joakim (ou Jeconias) partiu de Babilônia para Jerusalém (pròpriamente para combater o Egito) e no ano seguinte se apoderou desta cidade (Jer 46, 2). Joakim foi prêso e, talvez, deportado, mas, logo em seguida, de novo constituído pelos babilônios rei de Judá. Daniel em conjunto com muitos outros jovens segue para o exílio e é aí entregue a Asfenez, chefe dos eunucos para ser educado nas ciências do seu tempo. O título “chefe dos eunucos” não quer dizer certamente que êle fôsse um eunuco, bem como os moços entregues a êle, mas era simplesmente o título que davam ao encarregado dos jovens. Daniel recebe o nome de *Baltassar* (*Balatsar-usur*, “protege a vida do rei”) em sinal da sua nova pátria, mas conserva-se fiel aos costumes judaicos, sendo visivelmente protegido por Javé.

2. Interpretação do sonho de Nabucodonosor: 2, 1-49. No segundo ano do seu reinado Nabucodonosor teve um sonho, cuja interpretação exige dos sábios sob pena de morte. Não se percebe ao certo se o rei se tinha esquecido do sonho, ou se apenas não o diz, para averiguar se a interpretação mereceria fé ou não. Como os sábios não conseguem saber que sonho poderia ter sido, Daniel põe-se a rezar e é iluminado por Deus, podendo indicar ao rei tanto o sonho, como a sua interpretação. A visão ou sonho do rei consistiu em ver uma grande estátua, como as que havia em Babilônia, mas tendo a cabeça feita de ouro, o peito e os braços, de prata; o ventre e as coxas, de bronze; as pernas, de ferro e os pés, parte de ferro e parte de argila. Enquanto o rei contemplava a estátua, eis que uma pedra cai por si mesma de uma montanha, vindo a bater nos pés da estátua despedaçando-a. Daniel explica a visão: a cabeça de ouro era o próprio Nabucodonosor, a êle seguir-se-iam outros reis ou impérios mais fracos do que êle, até que a pedrinha, lançada por Deus da montanha abaixo, aniquilasse todos êles e se tornasse ela mesma uma alta montanha, que subsistirá para sempre, como "o reino do Deus do céu".

Ante essa revelação prodigiosa, Daniel é proclamado governador de Babilônia e chefe dos sábios.

Quanto à interpretação das várias partes da estátua, Daniel mesmo nada declarou, limitando-se ao simbolismo da cabeça e da pedra. Muito se têm esforçado os comentadores no decorrer dos séculos por chegar a uma aplicação histórica aceitável. Em geral estão de acôrdo em identificar o segundo reino com o império dos Medos e Persas, e o terceiro com o de Alexandre Magno. A maior diferença está em determinar o quarto que muitos querem aplicar ao império romano e outros aos reinos dos Selêucidas e dos Lágidas.

3. Os três jovens na fornalha: 3, 1-97. Quando Nabucodonosor estava no auge do seu poder, tendo subjugado o mundo inteiro ao seu império, talvez para celebrar este facto, mandou construir uma estátua de ouro na planície de Dura, provavelmente em honra de Bel e exigiu que todos a adorassem. Sidrac, Misac e Abdênago, sendo judeus não podiam obedecer à ordem do rei e, denunciados, foram condenados à fornalha ardente. No meio do fogo êles põem-se a rezar pedindo a Javé que se lembre de sua aliança e que tenha pena de sua miséria. O fogo nenhum mal lhes fez, porque o Anjo do Senhor tinha descido com êles à fornalha e apartava as chamas. Então “êsses três homens, como de uma só bôca” puseram-se a louvar a Javé, convidando a todos os sêres celestes e terrestres a que com êles louvassem igualmente o Senhor. O rei Nabucodonosor certifica-se do prodígio, reconhece o poder do Deus de Israel e ordena que em todo o seu império êle seja reconhecido.

4. Orgulho e castigo de Nabucodonosor: 3, 98-4, 34. Todo êste trecho consiste numa proclamação que Daniel relata, como tendo sido feita e publicada por Nabucodonosor mesmo sôbre os prodígios que aconteceram com êle e que foram operados pelo “Deus todo-poderoso”. Êle tivera um sonho, no qual vira uma árvore imensa, que foi cortada até a raiz “por um vigilante, um santo”, certamente um anjo, o qual diz: “Que o seu coração já não seja um coração de homem, mas um coração de fera... e que sete tempos se passem sôbre êle” (13). O sonho é referido a Daniel e êste, depois de uma oração, o interpreta ao rei. O próprio monarca era visado pelo sonho: seria arrebatado por uma loucura, cuidando ser um animal. A interpretação realizou-se plenamente: o rei enlouquece e depois de sete anos recupera a razão. A narração termina como as duas precedentes:

Nabucodonosor é constrangido a reconhecer o poder do Deus de Israel.

Os documentos profanos sobre *Nabucadnesar* (Nabucodonosor) nada referem sobre uma doença dêste monarca. Esse silêncio em si não quer dizer nada, porque as notícias que nos foram conservadas a seu respeito, são escassas e sempre a seu favor. Todavia não é impossível que tenha havido uma troca de nomes e que em vez de Nabucodonosor se deva ler Nabonid, príncipe que, conforme atestam os documentos, passou muito tempo desde o sétimo ao undécimo ano de seu reinado afastado dos negócios públicos em Temã no norte da Arábia, possivelmente doente ou nervoso.

5. O festim de Baltasar: 5, 1-30. Esta narrativa leva-nos a assistir em Babilônia a uma grande festa organizada pelo rei Baltasar. Até há não muitos anos passados não havia clareza sobre êste rei da Babilônia. Últimamente as descobertas orientais esclareceram êste ponto: Nabonid (555-538) tinha um filho por nome Baltasar (em assírio *Bel-sar-ussur*) que foi associado ao trono pelo pai e, portando, podia ser chamado "rei de Babilônia". Dias antes Nabonid tinha sido vencido em Sefarvaim por Ciro. A notícia talvez ainda não tivesse chegado a Babilônia, ou por outra, Baltasar confiava nas formidáveis muralhas de sua cidade e cuidava que podia dar-se a essas festas. No meio do festim o rei vê como uma mão misteriosa escrever diante dêle na parede uma inscrição enigmática, que nenhum sábio pode decifrar. Daniel é introduzido. Sua idade avançada (mais de 80 anos) e sua qualidade de sábio dão-lhe autoridade bastante para exprobrar o rei de não dar a glória ao Deus todo-poderoso, como Nabucodonosor seu pai o fizera. Em seguida lê: *Mene mene. Thequel, Upharsim* e interpreta, baseando-se na radical verbal de cada uma dessas palavras: Deus *contou* teu reino

e pôs-lhe fim; Tu foste *pesado* numa balança e achado leve; teu reino será *dividido* e dado aos Medas e aos Persas. Pode ser que as três palavras significassem também três qualidades de pesos: a mina, o siclo e a meia-mina, aos quais pode ser dada a mesma interpretação. Na mesma noite os persas, sob o comando de Gubarú, entraram em Babilônia e Baltasar foi morto. Quinze dias depois Ciro fez nessa cidade a sua entrada triunfal.

6. Daniel na fossa dos leões: 6, 1-29. Dario, o Meda, provavelmente Ciaxare II, tio de Ciro e constituído por êste governador de Babilônia, encheu Daniel de honras, elevando-o com outros dois aos cargos de seus primeiros ministros. O profeta foi logo vítima da inveja dos seus colegas. O rei, fraco e voluptuoso deixou-se levar por êles a promulgar um decreto bem urdido para levá-lo à perdição: fôsse condenado aos leões todo aquêle que por trinta dias fizesse um pedido qualquer a uma pessoa (divina ou humana) que não a do rei. Daniel teria, pois, de cessar o culto que habitualmente prestava a Javé: mas, não. Êle continuou a ajoelhar-se três vêzes por dia em sua casa estando as janelas abertas voltado para Jerusalém. É denunciado ao rei, que, fraco, não pode resistir às insinuações dos cortesãos. Daniel é lançado na cova dos leões. O próprio rei esperava que Javé o libertasse maravilhosamente, como de fato ocorreu. Na manhã seguinte Daniel lá estava incólume, protegido por um anjo. Como consequência, Dario publicou um edito convidando a todos os seus súditos a adorar o Deus de Daniel a par dos deuses nacionais.

Esta narrativa termina com as palavras: “Assim êste Daniel prosperou sob o reinado de Dario e sob o reinado de Ciro o Persa”, mostrando claramente que uma das finalidades da narração dêsses episódios históricos era enaltecer a

personalidade de Daniel, o que aliás coincidia com a glorificação do próprio Javé e de seu povo.

2.^a Parte: *Profecias*: 7, 1-12, 13.

Caracteriza-se esta segunda parte pela sua linguagem apocalíptica de que o profeta se serve para expor as quatro visões que teve sobre o futuro de Israel e do mundo.

1. Os quatro impérios e o reino do Filho do homem: 7, 1-28. No 1.^o ano de Baltasar, cerca de 540 a. C. Daniel teve durante uma noite a visão dos quatro animais que êle mesmo narra: o primeiro é semelhante a um leão com asas, o segundo assemelha-se a um urso, o terceiro tem a semelhança de um leopardo com quatro cabeças e quatro asas de pássaros e, por fim, o quarto “terrível, tremendo e muito forte” não se pode comparar com nenhum animal conhecido. Seus dentes devoram tudo. Na cabeça tem dez chifres e, em seguida, lhe nasce mais um pequeno chifre, que arranca três dos outros e mostra um olho como de um homem. A boca profere “grandes coisas”.

O profeta vê, em seguida, um trono onde se assenta um *ancião* cercado de inumerável corte, para julgar os animais. Estes são aniquilados. Afinal aparece um vulto “como um Filho do Homem” que baixa das nuvens e ao qual o Ancião confere o domínio eterno sobre todas as nações.

Que no “Filho do Homem” devamos ver o Messias Jesus Cristo, todos os exegetas estão de acordo. O próprio Jesus aliás designava-se a si mesmo como o Filho do Homem, aludindo certamente a este passo de Daniel. Igualmente não pode haver dúvida de que o Ancião represente o Supremo Juiz, Deus mesmo.

A interpretação dos animais é que sempre tem oferecido as maiores dificuldades aos intérpretes. Em geral os comentadores aproximam esta visão dos animais à da grande estátua que Nabucodonosor viu em sonho, para dar-lhes a mesma interpretação. Neste caso, o primeiro animal, o leão alado, seria a cabeça de ouro da estátua, devendo, portanto, ser aplicada ao rei Nabucodonosor e aos seus descendentes. Quanto às outras partes da estátua, porém, e aos outros três animais, sabemos apenas que “são tantos reis que se elevaram da terra” (17), sem podê-los identificar com absoluta certeza com personalidades ou fenômenos históricos. As opiniões variam principalmente quanto à aplicação da quarta fera ou animal: Os Santos Padres em geral a identificavam com o império romano e esta interpretação ainda hoje tem por si muitos comentadores de nomeada; outros autores, como Lagrange, Buzy, Goetzberger e toda a escola crítica preferem aplicá-la ao reino dos Selêucidas. Em conformidade com o resultado a que chegam na interpretação da última fera, identificam a segunda e a terceira com os reinos intermediários dos Medo-Persas e dos Gregos. No tocante ao pequeno chifre, é parecer assaz comum ver nele o Anticristo, seja um indivíduo ou uma instituição, que aparecerá pouco antes do fim do mundo.

2. Visão do carneiro e do bode: 8, 1-27. No ano 3.^o de Baltasar, Daniel estava em Susa às margens do rio Ulai, quando teve nova visão: diante do rio estava um carneiro com dois chifres desiguais, um dêles um pouco atrás do outro; o carneiro dava cabeçadas para todos os lados e saía sempre vencedor. Nisso aparece o bode com um saliente chifre entre os olhos, chegando do ocidente com máxima velocidade; êle fere o carneiro e quebra-lhe os chifres. O bode

crece sempre mais, perde, porém, o chifre que tinha entre os olhos e em seu lugar crescem-lhe quatro chifres.

Daniel mesmo obtém do anjo Gabriel a explicação de sua visão: O carneiro com os dois chifres é o reino dos Medos e dos Persas; o bode com o grande chifre é o rei de Javan, portanto Alexandre Magno. Os quatro chifres representam os quatro reinos saídos do império de Alexandre, sendo que o pequeno chifre deve ser identificado com um monarca duro e cruel que destruirá o povo dos Santos até que êle mesmo seja ferido. Desta forma não pode haver dúvida sôbre a interpretação geral da visão. E é de notar que esta interpretação autêntica esclarece, ao mesmo tempo, em grande parte a visão do Cap. 7.

3. Visão das setenta semanas: 9, 1-27. No 1.^o ano do rei Dario (Ciaxare II) Daniel suplicava o Senhor com jejuns e penitências, vestido de cilícios e coberto de cinza que se dignasse cumprir a promessa feita a Jeremias (Jer 27, 11) e desse liberdade aos deportados depois dos setenta anos que estavam chegando ao fim, para poderem voltar a Jerusalém e restaurar o templo. Nisso apareceu-lhe o anjo Gabriel e disse-lhe: “Atende às minhas palavras: Foram estabelecidas setenta semanas a respeito do teu povo e a respeito da santa cidade para que acabe a prevaricação e tenha fim o pecado, para expiar a iniquidade e para que se traga uma justiça durável, cumprindo-se assim a visão e a profecia. Será então *ungido* o Santo dos Santos... Portanto desde que saia a palavra (o edito) para que seja edificada Jerusalém até o Príncipe ungido passar-se-ão sete semanas e sessenta e duas semanas (de anos) e serão edificados de novo a praça e os muros na angústia dos tempos. E depois de sessenta e duas semanas será morto o Ungido e ninguém estará com êle. E o povo de um chefe que virá, destruirá a cidade e o santuário

e, o seu fim será na inundação... Durante uma semana êle constituirá uma aliança firme com um grande número e no meio da semana fará cessar o sacrifício e a oblação..." Os intérpretes católicos, baseando-se no texto hebraico e na Vulgata, salvo poucas exceções, têm êste oráculo das setenta semanas por messiânico e por um dos mais belos e exatos de todo o Velho Testamento. Nenhum motivo existe para pensarmos de outro modo. Se São Justino e outros autores do 2.^o século não apontaram para esta profecia, é que só conheciam o texto dos LXX que está deformado e quase ininteligível.

As setenta semanas são sem dúvida septenas de anos (490 anos), pois era muito comum entre os judeus falar-se em septenas de anos. De sete em sete anos celebravam o ano sabático e cada sete septenas o ano jubilar da redenção. As setenta semanas assinalam de um modo geral um período dentro do qual se realizará a obra do Messias que estará concluída no meio da última semana. Virá então a justiça prometida pelos profetas e aparecerá o Messias. Que êsse Messias seja chamado "Santo dos Santos" (em hebr.: "Santidade das Santidades") explica-se por dever êle ser o Sumo-Sacerdote por excelência com o ofício especialíssimo de libertar o mundo do pecado e santificá-lo. A "unção" do Messias realizou-se na encarnação do Verbo, que então uniu a si hipostaticamente a natureza humana.

O período de setenta semanas devia começar com um edito para edificar Jerusalém. Ora, conhecemos quatro editos neste sentido: o de Ciro no ano 536 a. C. (1 Esdr 1, 1-4); a licença de Dario Histaspes em 520 para terminar o templo (1 Esdr 4, 24); em 458 Artaxerxes I mandou que Esdras fôsse para a Palestina para pôr em ordem a situação dos judeus e em 445 facultou a Neemias a reconstrução dos

muros da cidade. Tomando como ponto de partida o terceiro edito, datado de 458, chegaremos exatamente à época de Jesus Cristo.

Além desta interpretação messiânica num sentido literal, Lagrange e outros muitos autores propõem-na num sentido típico. Pensam que o objeto direto e fundamental do oráculo seja a perseguição exercida por Antíoco Epífanes no 2.º século antes da nossa era, contra os judeus que tinham ficado fiéis a Javé e aos costumes dos antepassados. O perseguidor é o tipo do Anticristo e Onias III, morto por êle em 171, o tipo do Messias. Esta interpretação conserva certamente o essencial da exegese tradicional, quanto ao seu caráter messiânico. Todavia, contra ela subsiste uma grave objeção: Os 490 anos ultrapassam o período da destruição de Jerusalém até a morte de Epífanes em cerca de 50 anos. Mesmo tomando-se as setenta semanas como um número indeterminado, dificilmente conseguiremos com essa interpretação não fazer-lhes violência.

4. Visão sobre a época dos Selêucidas e Lágidas: 10, 1-12,13. No 3.º ano de Ciro (536) Daniel passou três semanas em jejuns e penitências, pedindo a Deus um esclarecimento sobre o porvir do seu povo. Terminados êsses dias um anjo lhe apareceu em forma humana. Assegura-lhe primeiro que a demora não foi devida a Deus não querer atender-lhe o pedido e o acalma do grande terror que o tinha invadido ao perceber a visão. A revelação consiste em descrever com extraordinária precisão o que havia de acontecer nos séculos seguintes entre os Selêucidas e os Ptolomeus ou Lágidas. A importância que a revelação dá a êsses acontecimentos provém de sua íntima relação para com o povo de Deus, que, situado entre a Síria e o Egito, participará da sorte das duas nações que, ora se unem, ora estão em lutas

uma com a outra. O profeta começa falando dos quatro reis persas que se seguirão a Ciro: Cambise (529-522), Smérdis (522-523) Dario I (521-485) e Xerxes (485-465). Conta em seguida como Alexandre Magno se apoderará de grande parte do mundo. Ocupa-se, porém, de modo particular com os dois principais reinos que por sua morte se disputaram entre si a influência e que êle chama o “reino do Sul” i. e. o Egito ou *Ptolomeus Soter Lagus* e o “reino do Norte” ou *Seleucus Nicator*. Todo o fim do Capítulo é consagrado a Antíoco IV Epífanes que, depois de atacar o Egito, pilhou Jerusalém e daí por diante durante cêrca de três anos causou aos judeus os maiores males perseguindo os que ficavam fiéis à Lei e a Javé. Para os Santos Padres Antíoco Epífanes era uma figura do Anticristo.

Com a morte de Antíoco Epífanes Israel é libertado do seu grande perseguidor. Daniel no Cap. 12 une esta libertação com a libertação final dos justos no fim dos tempos. É o que lemos nos Evangelhos (Mt 24 e 25) em que a destruição de Jerusalém é combinada com a destruição final do mundo. O profeta termina: “Naquele tempo o teu povo será salvo, todo aquêlê que estiver inscrito no livro da vida. E muitos que dormem no pó ressuscitarão, uns para a vida eterna e outros para os opróbrios da reprobção eterna...” (12, 2).

Os dois apêndices: 13, 1-14, 42.

1. História de Susana: 13, 1-64. Esta narração independente do Livro propriamente de Daniel, refere-se a um episódio, em que Daniel ainda jovem tomou parte saliente e pelo qual se celebrou. Susana, espôsa de um certo Joaquim, de Babilônia, mulher de grandes dotes físicos e

LIVROS PROFÉTICOS

morais, foi tentada por dois velhos e, como resistisse herôicamente, foi por êles acusada de adultério. Condenada à morte, ia sendo levada ao suplício, quando surge Daniel, proclamando-lhe a inocência. Recomeça o processo e Daniel prova o falso testemunho dos dois tentadores, perguntando-lhes, onde i. e., debaixo de qual árvore tinham apanhado Susana em flagrante.

2. Bel e o Dragão: 13, 65-14, 42. Lemos neste trecho dois interessantíssimos episódios da vida de Daniel, contados com admirável simplicidade.

a) Durante o reinado de Ciro, Daniel era comensal dêsse monarca que professava grande devoção ao ídolo Bel. Certo dia êle pergunta a Daniel, porque êle não o adorava. Replica o profeta que êle só adorava o Deus dos céus e que Bel não passava de uma estátua. O rei diz-lhe que não, que Bel comia diàriamente e bebia grande quantidade de alimentos. Daniel patenteia-lhe por indústrioso estratagemas que eram os muitos sacerdotes de Bel que tudo comiam.

b) Por permissão do rei Daniel envenena um dragão sagrado muito venerado dos Babilônios. Êstes reclamam enfurecidos e o rei entrega-lhes Daniel, que, segunda vez, é lançado na cova de sete leões. Alimentado maravilhosamente por Habacuc, um profeta que, ao quê parece, morava na Palestina, e que é levado por um anjo repentinamente a Babilônia, Daniel aí permanece ileso sete dias até que o rei, indo deplorá-lo, encontra-o vivo e são. Segue-se a proclamação da grandeza do Deus de Daniel.

BIBLIOGRAFIA

- I. Fabre d'Envieu, Le Livre du prophète Daniel. 1888.
- I. Zumbiehl, Das Buch Daniel in der Geschichte, 1905.

LIVROS PROFÉTICOS

Gomes San Martini, El propheta Daniel. 1908.

M. Sola, La profecia de Daniel. 1919.

J. Goettsberger, Das Buch Daniel. 1928.

J. Linder, Commentarius in librum Daniel, 1939.

B. Mariani, Danel, Il patriarca Sapiente nella Bibbia, 1945.

O PROFETA OSÉIAS

1. *Pessoa*: Oséias (da raiz *yashá* “socorrer”) era filho de Beéri (1, 1), personagem desconhecido. Como em 6, 10 êle escreve: “Na casa de Israel eu vi...” e em 7, 5 êle fala do “nosso rei”, conclui-se comumente que êle tenha pertencido ao reino do Norte. Em todo o caso, êle conhece perfeitamente as condições dêsse reino e é a êle que de ordinário se refere. Era certamente homem de notável cultura e exerceu grande influência tanto nos seus conterrâneos, como entre os profetas que o seguiram.

2. *Tempo e circunstâncias*. Oséias foi durante alguns anos contemporâneo de Amós, exercendo sua atividade profética ao tempo de Osias (769-737) e de Joatão (737-736) reis de Judá e Jeroboão II (784-749), rei de Israel, até provavelmente à época turbulenta de seus imediatos sucessores Manaém, Zacarias e Selumi. De maior importância é considerar-se a situação do reino do Norte, a que Oséias se dirige em geral. As vitórias de Jeroboão II prepararam para a nação um período de grande prosperidade material, que por sua vez deu origem aos maiores desastinos morais. Os assírios e os egípcios começavam outra vez a ameaçar a Pa-

lestina. Foram-se formando no interior do reino dois partidos que por vários séculos disputaram entre si a hegemonia: Uns recomendavam a aliança com os assírios, outros viam na aliança com o Egito o meio mais seguro de salvação. Quanto à situação religiosa, notava-se mormente acentuada apostasia do culto tradicional de Javé.

3. *Texto e autenticidade.* O texto apresenta em muitos lugares corrupções muito antigas, que já formaram não pequenas dificuldades aos seus primeiros tradutores, como é de ver-se comparando entre si as antigas traduções. A autenticidade não é posta em dúvida por nenhum crítico moderno. O que se tem dito contra os capítulos II e XIV não merece nenhuma atenção. O Novo Testamento cita Oséias várias vezes: Mt 2, 15 “Do Egito chamei o meu filho” está em Oséias 11, 1. Mt 11, 13 e 12, 7 “quero a misericórdia e não o sacrifício” encontram-se em Oséias 6, 6. Igualmente São Paulo o cita expressamente: “Como se diz em Oséias: “Chamarei “meu povo” ao que “não era meu povo”...” (Rom 9, 25) palavras que lemos em Os 2, 25. Poderemos comparar também Lc 23, 30 com Os 10, 8; Lc 15, 55 com Os 13, 14; 1 Par 2, 10 com Os 2, 25.

4. *Valor literário.* O estilo de Oséias caracteriza-se pela originalidade. Já São Jerônimo lhe notava a concisão das frases sem um laço que as una, tornando-as por vezes obscuras e difíceis. Entretanto, esta especialidade não deixa de produzir um vivo efeito nos leitores. A emoção do escritor provoca semelhante disposição em quem o lê. Por vezes patético, Oséias exprime-se em imagens ousadas e frisantes, passando freqüentemente da maior indignação ante os pecados de Israel às mais amplas esperanças ante o amor que Javé tem pelo seu povo. É exatamente êsse amor de Javé por Israel que Oséias tanto frisa e descreve de um modo novo,

LIVROS PROFÉTICOS

desconhecido antes dêle: a comparação da união conjugal de Javé com o seu povo. Pode-se dizer que Oséias é o profeta do amor de Javé, primeiro desconhecido, depois triunfante. Outros profetas apropriaram-se desta comparação e a desenvolveram, como Ezequiel. Quantas aproximações se nos deparam entre Oséias e São João! Citemos o Apc 21, 9 “A espôsa, mulher do Cordeiro” comparando-o com Oséias 2, 21. 22 Israel “desposado a Javé para sempre na justiça e na fidelidade, na graça e no afeto”.

5. *Análise explicativa.* O Livro de Oséias compõe-se de duas partes distintas e desiguais: Cap. I-III e IV-XIV.

Primeira parte: Simbólica: 1, 2-3, 5

1. Deus ordena ao profeta: “Vai e toma uma mulher prostituta e gera filhos da prostituição, porque a terra aí está a prostituir-se, abandonando Javé” (1, 2). Oséias toma a si Gomer, filha de Debelaim, a qual lhe dá à luz três filhos. O profeta à ordem divina dá-lhes nomes significativos: ao primeiro *Jezrael* (“Deus dispersa”) nome da plauície chamada também Esdrelon, nome outrossim de uma cidade (Jos 19, 18) onde o rei Acab tinha o seu palácio de verão e onde Jeú massacrrou todos os descendentes deste rei ímpio. O nome era, pois, uma profecia viva da decadência de Israel. À segunda filha deu o nome de *Lo-Ruhama* (“a não amada”) designando que Javé não terá piedade dos israelitas idólatras. O terceiro filho recebeu o nome de *Lo-Ammi* (“não meu povo”), para simbolizar que Deus já não reconhecia Israel como seu povo eleito.

2. Deus mesmo explica o simbolismo precedente: Ameaças e castigos em vista da idolatria do povo. Mas voltem

atrás e Javé os receberá de novo com misericórdia, firmando com Israel um desponsório eterno (Cap. 2).

3. Deus manda que Oséias compre para si uma mulher infiel. O profeta obedece e compra uma mulher adúltera por quinze siclos de prata e um coro e meio (um *homer* e um *letec*) de cevada. É de notar-se o costume então vigente de um homem comprar a sua mulher. No caso Oséias a terá comprado do primeiro marido. O símbolo é o mesmo do Cap. 1.

Questão: No tocante a êste casamento de Oséias trata-se de um fato real ou de um mero símbolo? A questão é antiquíssima e já foi ventilada pelos Santos Padres, encontrando respostas contraditórias. Opinaram por mero simbolismo, seguindo Orígenes e São Jerônimo, Trochon Champon, Van Hoonacker, Tobac, Regnié... Firmam-se em várias considerações, sendo a principal a seguinte: E' impossível que Deus tenha mandado a Oséias realizar um ato tão vergonhoso. A opinião contrária, que mantém a realidade do matrimônio de Oséias, baseia-se no princípio exegético, pelo qual o sentido literal deve ser mantido sempre que não há uma contra-indicação absoluta. No caso de Oséias nada há que impeça ter êle realizado êstes casamentos. A poligamia era considerada lícita e o ato do profeta obedecendo à ordem expressa de Deus tornava-se sumamente edificante e era a mais fricante admoestação a todos aquêles que tinham conhecimento do fato. Matos Soares, na sua edição da Bíblia (Tip. Alb. de Oliveira, Pôrto) cuida interpretar a palavra "fornicação" no sentido de idolatria que alhures tem com muita freqüência; não nota, porém, que aqui todo o conjunto indica tratar-se de verdadeiro casamento com uma mulher leviana.

LIVROS PROFÉTICOS

Segunda parte: Oráculos: 4, 1-14, 9.

Oséias colecionou alguns discursos seus em verso e em estilo oratório. Provavelmente temos hoje apenas um resumo, cuja seqüência não obedece a um critério estritamente lógico.

1. Nos Cap. 4.^o e 5.^o são estigmatizados os crimes de toda a espécie, praticados tanto pelo povo, como principalmente pelos seus chefes espirituais. Trata-se de uma corrupção geral, que culmina nas abominações do culto idólatra. Que Judá não imite Israel! Pois os castigos já estão determinados. Notem os sinais de sua proximidade.

2. No Cap. 6.^o o profeta repreende a hipocrisia de um arrependimento falso. Debalde Israel promete a conversão; Javé nota a instabilidade dêsse propósito...

3. No Cap. 7.^o Oséias, ou antes Deus mesmo, investe contra a corrupção dos grandes de Israel e principalmente contra as suas nefastas alianças com nações infiéis como o Egito e a Assíria. Israel deve confiar só em Javé, único que o pode salvar.

4. O Cap. 8.^o é todo êle dedicado a censurar a idolatria e de permeio, a irregularidade dos reis, estabelecidos pelos homens, a vaidade das alianças e dos sacrifícios. Israel se esquece de seu criador, para confiar em defesas naturais de suas fortificações.

5. Com o Cap. 9.^o começam as perspectivas do exílio a que não só Oséias, mas em geral todos os profetas posteriores a êle vão aludir. No exílio não haverá mais sacrifícios, nem festas. A proximidade do castigo é iminente: "Che-

LIVROS PROFÉTICOS

garam os dias da punição, chegaram os dias da retribuição” (7).

6. O Cap 10 é consagrado novamente à devastação de Israel por causa de seus muitos altares aos deuses e pelas alianças feitas com outras nações.

7. O Cap. 11 assemelha-se a um oasis belíssimo no meio da devastação predita pelos capítulos que precedem e seguem: o amor de Javé triunfará, como já triunfou desde o começo. O castigo do povo foi ditado por êsse mesmo amor, que por fim reconduzirá os israelitas à sua terra e os “fará habitar nas suas casas” (11).

8. Os Cap. 12 e 13 vituperam com veemência as iniquidades de Israel e lhe predizem a definitiva sentença de repúdio. Não haverá mais nada a fazer-se contra os rigores da justiça.

9. O Cap. 14 contém um hino final ao amor de Javé. Que Israel reconheça seus erros, volte a Javé seu Deus; e êle o salvará.

10. O c. 14, 10 é um epílogo a tôda a profecia, que se resume nas palavras: “Os caminhos de Javé são retos; os justos andam por êles, mas os prevaricadores aí cairão”.

B I B L I O G R A F I A

Além dos manuais e obras gerais sôbre os profetas:

A. Scholz, *Kommentar zum Buche Hoseas*. 882.

Desnoyers, *Le Prophète Osée*, 1917.

Kutal, *Liber prophetæ Hoosheae*. 1929.

O PROFETA JOEL

1. *Pessoa.* Do profeta Joel sabemos apenas que era filho de Fatuel (1, 1), personagem aliás desconhecido. O seu nome significa “Javé é Deus”. De sua linguagem clássica e altamente poética depreendemos que êle era um homem estudado e de larga visão das coisas. E como se refere unicamente a Judá e a Jerusalém, devemos considerá-lo pertencente ao reino do Sul.

2. *Composição literária.* Dentre os profetas menores poucos livros têm sido tão minuciosamente visados pela crítica dos últimos decênios como Joel. Ao passo que tódã a tradição sempre atribuiu tódã a profecia constante dêstes quatro capítulos ao profeta Joel, alguns autores recentes, como Vernes, Rothstein-Driver, Duhm, Marti, Sellin... a dissecam em duas partes, falando de um proto-Joel (Cap. I e II) e deutero — Joel (Cap. III e IV), e atribuindo esta última parte a um autor anônimo posterior. Baseiam-se para isso em argumentos tirados do fundo e da forma do Livro: o “dia de Javé”, segundo êles, teria uma significação diferente na primeira e na segunda parte e o estilo variaria sensivelmente nos últimos capítulos, muito mais sóbrios do que os primeiros. Todavia, êsses argumentos são destituídos de força probatória suficiente para que a unidade do Livro de Joel seja abandonada e a maioria dos comentadores opinam pela autenticidade de todo o Livro.

3. *Tempo.* Difícil de determinar-se o tempo em que Joel deve ter vivido. Tódas as eras desde Roboão até depois do exílio já têm sido propostas como prováveis. De um modo geral podemos dividir os autores em dois grupos: os

LIVROS PROFÉTICOS

que pensam que Joel viveu antes do exílio e os que opinam pela época de Esdras. Do primeiro grupo fazem parte Vigouroux, Zschokke, Hetzenhauer... e apoiam-se nas seguintes considerações: a) Joel enumera como inimigos de Israel os fenícios e os filisteus, bem como os egípcios e os edomitas (3, 4 e 9) e não os sírios e os babilônios que foram os principais adversários desde a época de Amós. b) Amós e Isaías parecem ter conhecido o Livro de Joel (p. ex. Am 1, 2 e Jl 3, 16). c) A linguagem clássica e pura lembra o período antes do rei Ezequias. d) O lugar que Joel ocupa no Cânon hebraico entre Oséias e Amós, ambos do século VIII, parece confirmar a precedente conclusão. Entretanto, Van Hoonacker e outros autores de nomeada contrapõem as seguintes reflexões: a) Joel não menciona nem o rei nem outros chefes, mas unicamente os sacerdotes, situação essa que vigorava depois do exílio. b) Igualmente Joel não investe contra a idolatria como Amós e outros profetas antes do exílio, mas supõe que o verdadeiro culto de Javé era exercido no Templo. c) Joel supõe a dispersão do povo e menciona os gregos (3, 2 e 6) que só depois do exílio é que entram em relações com Israel. d) Enfim, a idéia do “dia de Javé” como um dia de castigo para as nações era um conceito mais em uso nos anos posteriores. *Conclusão.* A questão permanece aberta. Aliás para a compreensão de toda a profecia em seu importantíssimo valor doutrinal, pouco importa a solução que dermos a esta questão.

4. *Análise explicativa.* A profecia de Joel, além da inscrição (1, 1), abrange duas partes: a) Os julgamentos divinos (1, 2-2, 17); b) As bênçãos do Senhor (2, 18-4, 21).

A primeira parte é um poema sobre a invasão de gafanhotos em várias estrofes e antiestrofes. O profeta descreve a invasão com as côres mais vivas, como ela espalha

o luto por tôda a parte (1, 2-12). Que os sacerdotes convoquem o povo à penitência, pois que perto está o “dia de Javé”. (1, 13-20). Ainda é possível afastar êsse “dia” e a ira de Javé por uma sincera penitência (2, 17).

A segunda parte descreve: a) como Javé pela sua misericórdia vai afastar os flagelos e restabelecer a prosperidade terrena de Israel como prova de sua presença entre êsse povo (2, 18-27); b) como Javé no final dos tempos vai enriquecer o seu povo de tôda a espécie de bens espirituais, que serão tantos sinais precursores do julgamento final; c) como Javé vai reunir no “vale de Josafá” tôdas as nações da terra para julgá-las e castigá-las. Então os verdadeiros israelitas serão definitivamente libertados e viverão em perfeita tranqüilidade. *Observação:* — A enumeração dos versículos diverge entre a Vulg. e o texto hebraico, sendo que em hebraico o cap. II é unido com o IV, formando um só. Assim o b) supra abrange os vv. 3, 1-6 e o c) 3, 7-21.

5. *Conteúdo messiânico.* São Pedro no seu primeiro sermão (At 2, 17-21) liga especial importância às profecias messiânicas de Joel, citando-lhe 3, 1-5. Com efeito, mal poderemos compreender algo dêste profeta, se não o interpretarmos como uma visão dos tempos que estavam para vir e que se realizaram em Cristo. Já a invasão dos gafanhotos, embora se trate de uma invasão real dêsses terríveis insetos, é tomada pelo profeta como uma comparação frizante dos castigos que Javé enviaria em consequência dos pecados do povo. Joel, usando da perspectiva profética, confunde os castigos para êle presentes, com os futuros e da mesma forma propõe os sumos bens e bênçãos divinas para o povo tanto para breve, como para o final dos tem-

LIVROS PROFÉTICOS

pos. De modo particular êle fala do “dia de Javé” que delineia como “tremendo e tenebroso” e do juízo de todos os povos do “vale de Josafá”, expressão esta que lhe é própria com a significação de vale do “juízo de Deus”. É impossível hoje averiguar-se se o profeta com êsse “vale de Josafá” aludia a algum vale ou lugar concreto, ou se tinha em mira unicamente o sentido da palavra Josafá.

BIBLIOGRAFIA

Além das obras gerais sobre os Profetas.

I. Schmaloeher, Das Buch des Propheten Joel. 1922.

Dennefeld, Les problèmes du livre de Joel. 1926.

B. Kutal, Liber prophetarum Joelis, 1932.

Condamin, Poèmes de la Bible, 1933.

O PROFETA AMÓS

1. *Pessoa.* Amós (“aquêle que carrega”), filho de pais desconhecidos, era natural de Tecué, localidade rústica de Judá, a 800 m de altura, a 8 km ao sul de Jerusalém. Aí vivia êle como pastor, ocupando-se também com o cultivo de sicômoros (Am 1, 1; 7, 12. 14). É muito provável que, cultivando os sicômoros, descesse por vêzes à Sefela, onde entrava em contato com os muitos negociantes que por aí passavam. Em todo o caso, Amós revela possuir uma cultura assaz desenvolvida, a par de conhecimentos exatos do estado político e religioso de sua nação.

LIVROS PROFÉTICOS

2. *Tempo e circunstâncias.* Amós viveu durante os reinados de Osias, rei de Judá (777-736) e de Jeroboão II, rei de Israel (781-741). Rompera para Israel uma época de grande prosperidade, tendo Jeroboão vencido seus inimigos, enquanto os assírios e egípcios estavam embaraçados com guerras civis. Em consequência das riquezas amontoadas a côrte e os magnatas viviam luxuriosamente e cometiam não poucas injustiças. Amós, embora judeu, foi designado por Deus para profetizar no reino de Israel. Ei-lo que se dirige à Samaria e principalmente em Betel se põe a flagelar os desvarios da época. Êle censura acremente: a) o luxo dos grandes; b) o desprezo e a opressão dos pobres pelos negociantes e juizes; c) a exterioridade do culto; d) a opinião conra se Israel merecesse por si mesmo a proteção de Javé.

3. *Texto e autenticidade.* O Livro de Amós foi-nos conservado em estado relativamente bom. As antigas traduções correspondem ao original hebraico. Quanto à autenticidade, os críticos manifestam-se em geral de acôrdo: nenhum motivo há para qualquer dúvida sôbre o seu autor. Aliás Tobias (2, 6) o atesta expressamente e 1 Mac 1, 41 alude a êle de modo indúbio.

4. *Valor literário.* S. Jerônimo foi certamente demasiado severo ao designar Amós como *imperitus sermone*. Ê certo que, comparando-o com Isaías, notaremos logo que êste em muito se avantaça. Reconhecemos também que a rusticidade de Tecué e de seu gênero de vida influenciaram no seu estilo forte e como que também rústico. Todavia pelo floreado, naturalidade e veemência da sua linguagem e de seus quadros, êle bem deve ser contado entre os melhores poetas israelíticos.

5. *Análise explicativa.* O Livro de Amós, além da inscrição do primeiro versículo, divide-se em três partes: I —

Julgamento de Israel e das nações vizinhas (Cap. 1 e 2). II — Profecias contra Israel (Cap. 3-6). III — Visões simbólicas (Cap. 7-9).

Quanto à *primeira parte*, que pode ser considerada como uma introdução a toda a profecia, Amós apresenta-nos Javé no seu trono de Jerusalém, anunciando terríveis castigos, primeiro sobre as nações e em seguida contra Judá e Israel. É de notar-se a soberania absoluta de Javé sobre todos os povos, como retribuidor de sua vida moral. Os vários oráculos ameaçadores começam pela mesma fórmula: “Por causa de três crimes... e por um quarto”. Trata-se de um torneio ao sabor oriental que significa simplesmente um número indeterminado de vezes mais que suficiente para justificar a ação divina. *Damasco* (1, 3-5) conhecerá a guerra e outras calamidades, “porque, com carros armados de ferros, despedaçou (israelitas) de Galaad”. Os *filisteus*, *Tiro* e *Iduméia* (1, 6-12) receberão justos castigos pelo tráfico que fizeram de escravos israelitas. Os *amonitas* (1, 13-15) serão castigados “por terem ferido o seio das mulheres grávidas de Galaad” e os *moabitas* (2, 1-3) “por terem queimado os ossos do rei de Iduméia até os reduzirem a cinza”, levados de ódio e vingança.

Amós volta-se então para os reinos de Judá (2, 4. 5) e de Israel (2, 6-16), ameaçando-lhes igualmente castigos: a Judá, “porque rejeitou a lei de Javé”, a Israel, “porque vendeu o justo por uma moeda e o pobre por um par de sandálias, porque machucaram no pó da terra as cabeças dos pobres e violaram o direito dos fracos...”. Principalmente Israel será severamente punido: “Eis que vou calcar-vos, como calca (a terra) um carro carregado de feno...”

A segunda parte em três oráculos contra Israel.

1. *Crimes e castigos* (Cap. 3.^o) Deus escolheu para si Israel e encheu-o de seus favores; também o punirá severamente. Amós recorrendo a 7 imagens impressionantes (“Porventura rugirá o leão nos bosques sem que tenha encontrado alguma presa?...”), esforça-se por fazer ver a origem divina de sua missão, à qual êle não se podia furtar (3, 3-8). Dramaticamente Amós convida as nações a se reunirem para averiguarem os desmandos de Samaria: o luxo exagerado, tendo por consequência a opressão dos pobres, e a idolatria pelo culto de Betel e as muitas faltas morais que dêle emanam (3, 13-15). Daí o castigo: “Como acontece, quando um pastor chega a arrancar da bôca de um leão duas pernas ou a ponta de uma orelha, assim serão salvados os filhos de Israel...” i. e. apenas uns poucos restantes.

2. *Luxo e devassidão* (Cap. 4.^o). Amós dirige-se contra as mulheres vaidosas e impudicas, que chama de “vacas gordas” ou de “Basan”, conhecidas como opressoras dos fracos. Serão submetidas aos piores maus tratos, naturalmente pela invasão dos assírios. Investe, em seguida, contra o culto pomposo, mas exteriorizado do santuário ilegal de Betel. Por muitos castigos Javé procurara conseguir a conversão do povo. Debalde enviara a fome, a sêca prolongada, doenças e invasões de gafanhotos, a peste, as guerras, tremores de terra, mas nenhum dos sinais da cólera divina foi compreendido. A queixa “Mas vós não vos voltastes para mim...” ressoa com trágico refrém de permeio desta comovente enumeração.

3. *Lamentações e ameaças* (Cap. 5.^o e 6.^o). Amós tem ante os olhos o triste espetáculo que descreve com as palavras: “A casa de Israel caiu e já não tornará a levantar-se. A virgem de Israel jaz por terra e não há quem a levante...” (5, 1. 2). Não que Deus queira castigar seu povo, mas êle

o merece: Há ainda um meio de salvação, que o profeta exprime pela incisiva frase dita em nome de Javé: “Buscai-me e vivereis!” Todavia os israelitas não buscam o Senhor com retidão e por isso “diz Javé, Deus dos exércitos e soberano dominador: Por tôdas as praças hão de ressoar os gritos (de aflição) e por tôda a parte se ouvirá clamar: Ai! Ai!” (5, 16). Amós alude então ao “dia de Javé” (6, 1), dia em que Javé manifestará sua glória. Cuidavam os israelitas que êsse dia seria só de salvação para êles. Amós, da mesma forma que Joel e Isaías, contradiz às vãs esperanças do povo: “Êsse dia será para vós um dia de trevas e não de luz” (5, 18). Terríveis castigos aguardam Israel e Judá para êsse dia: “Javé Deus jurou por sua vida...: Eu detesto a soberba de Jacó... e entregarei (ao inimigo) as suas cidades e os seus habitantes” (6, 8).

A *terceira parte* descreve as cinco visões simbólicas (7-9); começando sempre com a fórmula: “Isto me mostrou Javé...”

1. *Gafanhotos*, (6, 1-7, 3) praga muito conhecida na Palestina; Javé formara uma nuvem dêsses insetos que iam devorando os produtos tardios da terra, depois que os primeiros já “tinham sido segados para o rei”. Era o que restava ao povo. Amós põe-se a rezar e Javé teve compaixão.

2. *Um fogo devorador* (7, 4-6) provocado por uma excessiva sêca, durante a qual secaria até o “grande abismo”, como naqueles tempos se imaginava o oceano subterrâneo, sobre o qual a terra boiava... Outra vez à oração do profeta, Javé se deixa aplacar.

3. *A trôlha de pedreiro* (7, 7-9), que Amós vê na mão de Javé que estava em cima da muralha. E Javé diz-lhe: “Eis que eu aplicarei a trôlha (ou o ferro) no meio de meu

povo de Israel e já não lhe perdoarei...” Provavelmente o castigo por meio de uma guerra.

Como conseqüência destas visões conta Amós (7, 10-17) que Amasias, chefe do Santuário de Betel, compreendendo que o profeta se referia a êle, quer impedi-lo de profetizar. Amós, intemerato, diz-lhe que também êle pessoalmente receberá o seu castigo.

4. *Uma cesta de frutos maduros* (8, 1-3), que significava a iminência e o caráter definitivo dos castigos anunciados. “Javé me disse: Chegou o fim...” Nomeadamente os negociantes exploradores dos pobres é que serão punidos. Sinais no céu, como também outros profetas se exprimem, anunciarão a proximidade desses acontecimentos. Por fim o povo será castigado pela falta das comunicações com Deus, pelas quais “sentirão fome e sede”.

5. *Javé em pé perto do altar* (Cap. 9) ordena a destruição completa de Israel, da mesma forma que os outros povos. Todavia restarão alguns poucos, como já fôra dito no cap. 3, 12, os quais verão dias felizes. “Naquele dia levantarei o tabernáculo de Davi que caiu e repararei as brechas de seus muros... plantarei (os israelitas) no seu país e não os “tornarei a arrancar”.

E’ muito de notar que Amós, por vêzes, não distingue claramente os dois reinos de Israel e de Judá, que afinal formam um só povo. Amós quanto à restauração do povo, mostra ainda um modo de ver assaz acanhado e particularista. Está ainda longe do sublime universalismo dos profetas posteriores a Isaías.

BIBLIOGRAFIA

Touzard, Le livre d'Amos, 1909.

Lockert, Le Prophète Amos, 1909.

Fischer, Die Propheten Obadia, Joel, Hosea, Amos. 1909.

Desnoyers, Le Prophète Amos, 1917.

Perez, El profeta Amos, 1920.

O PROFETA ABDIAS

1. *Pessoa.* Além do nome e da sua missão profética, nada mais sabemos ao certo da pessoa de Abdias. Seu nome ("*Obadiou*") significa "servo de Javé". No 3 Rs 18, 3 lemos que um ministro do rei Acab de Israel se chamava Abdias; era um homem temente a Javé, que demonstrou a sua fé escondendo e alimentando cem profetas durante a grande perseguição movida por êsse rei. São Jerônimo diz que muitos judeus identificavam essas duas pessoas. E' certo que, além do nome, não há nenhum outro ponto de apoio. Todavia não existe também nenhum motivo sério em contrário.

2. *Tempo.* O lugar que Abdias ocupa no Cânon das Escrituras, que deve ter sido organizado conforme uma ordem cronológica, indica que êle deve ter vivido mais ou menos na época de Amós i. e. no séc. VIII. a. C. E razões internas levam-nos a esta mesma conclusão, pois Abdias se refere a uma tomada de Jerusalém, na qual os edomitas se imiscuiram e usaram de grande crueldade para com os israelitas, seus irmãos. Ora, quanto sabemos, deve-se tratar da in-

cursão dos filisteus e árabes durante o reinado de Jorão, de Judá (849-842) Vide 2 Par 21, 16. Entretanto, outros muitos autores opinam de modo diverso. Pretendem uns que Abdias tenha sido o primeiro dos profetas que escrevera e outros que tenha vivido depois do exílio.

3. *Composição literária.* A profecia de Abdias consta de um único capítulo, escrito em verso e numa linguagem que lembra a era clássica da literatura hebraica. É interessante compará-la com Jeremias 49, 7-22, um oráculo dêste profeta contra Edom. Os pontos de contato saltam à vista. Disputam os comentadores qual dos dois profetas tem a precedência. Considerando-se, porém, que Jeremias várias vezes usa de expressões de outros profetas anteriores a êle, é mais provável ter sido êle que se acomodou a Abdias.

4. *Análise explicativa.* A pequena profecia de Abdias divide-se claramente em três partes:

a) Edom será destruída (2-9): em seu orgulho os edomitas pensaram elevar-se muito alto, à guisa das montanhas de Seir, em que habitavam, mas Javé os lançará daí e humilhará o mais possível.

b) a crueldade de Edom para com os israelitas (10-16): Israel tinha sido espoliado por outros inimigos; os edomitas aproveitaram-se da ocasião, para saquearem também êles os israelitas, que descendiam como êles de Abraão.

c) a vitória final de Israel (17-21): Israel será restabelecido e derrotará os seus inimigos em circuito, de modo que todo o império pertencerá a Javé.

O PROFETA JONAS

1. *Pessoa.* Jonas ("a pomba") era filho de Amati (1, 1). Dêste profeta fala-nos o 2 Rs 14, 25: Jonas, natu-

ral de *Get-Hefer*, hoje *Medjad* a 5 km ao norte de Nazaré, portanto da tribo de Zabulon profetizou a Jeroboão II (784-748) os seus grandes sucessos nas guerras que empreendeu, reconquistando as antigas fronteiras. Nada nos conservou a história sobre a família de Jonas, se era ou não casado ou a que camada social pertencia. Do Livro de suas profecias depreendemos ser êle de um temperamento profundamente sentimental, capaz de tomar resoluções intempestivas e de passar subitamente de um extremo ao outro, como de grande alegria ao mais completo abatimento (4, 6. 7).

2. *Autor do Livro.* O Livro de Jonas ocupa um lugar todo especial entre os outros profetas. Ao passo que os outros onze profetas menores contêm quase que só oráculos, Jonas é mais uma história do que um oráculo, merecendo o nome de profecia unicamente pelo que diz respeito ao que êle predisse em Nínive num único versículo (3, 4). Surge a questão: Foi Jonas mesmo que escreveu a história de sua vida ou essa história foi escrita por uma outra pessoa anos depois? Toda a antiguidade manteve sempre a opinião de que o próprio Jonas tenha sido o autor de seu Livro, sem sequer poder imaginar-se uma outra hipótese. Atualmente muitos comentadores sustentam que o Livro foi escrito em época posterior ao exílio, baseando-se em dados históricos. Assim pensam entre outros muitos Tobac, Van Hoonacker, Condamin, dando com apoio de seu parecer as seguintes considerações: Nínive e seu rei são mencionados em termos que fazem supor que ao tempo do autor já nada mais deles existia. Lemos em 3, 3 que Nínive *era* e não é uma grande cidade e o autor declina ou ignora o nome do seu rei, que é aliás intitulado “rei de Nínive”, quando os demais Livros bíblicos e as inscrições cuneiformes o chamam de “rei de Assur”. Acrescem muitas expressões aramaicas e neologismos próprios do tempo do exílio.

LIVROS PROFÉTICOS

3. *Análise explicativa.* Os 4 capítulos de Jonas dividem-se em três partes:

1. O Cap. 1.^o narra como Jonas recebe a ordem de Javé para ir pregar em Nínive, mas desobedece e “foge para Târsis para longe da face de Javé” (3), expressão esta que faz supor no profeta uma opinião muito rudimentar de Deus, como se, fora de sua *terra*, Javé não tivesse poder sobre êle. Sobrevém a tormenta e o profeta é lançado ao mar.

2. Num Cap. 2.^o lemos que Javé providenciou um grande peixe que engulissem Jonas e que de novo o vomitasse em terra depois de três dias. Nas entranhas do peixe Jonas rezou o salmo que aí nos é relatado e cujo conteúdo é um pedido instantâneo no supremo perigo. Javé atende misericordiosamente e o profeta lhe rende graças pela libertação.

3. Os Cap. 3 e 4 contam como Jonas é novamente enviado a Nínive, para onde se dirige e onde prega: “Ainda quarenta dias e Nínive será destruída”. Os ninivitas atendem à pregação e fazem penitência. Deus deixa-se abrandar e poupa a cidade. Irrita-se o profeta vendo que sua profecia assim não foi realizada; Javé lhe aparece e consola, manifestando-lhe a sua misericórdia. Por fim um episódio: Uma hera cresce e faz sombra a Jonas, pelo que êle muito se alegra. A hera seca e êle desespera-se. Novo ensinamento divino.

4. *Historicidade.* A antiguidade judaica, bem como a tradição dos Santos Padres mantiveram sempre intata a historicidade do livro de Jonas. E ainda hoje muitíssimos autores a defendem. Seus argumentos são tirados da tradição a que temos aludido, do Livro de Tobias 14, 4 “Conheço o que disse Jonas de Nínive, que será destruída”, e principalmente do testemunho do próprio Jesus Cristo, “Mestre, queremos

LIVROS PROFÉTICOS

ver de ti um sinal”, pedem os escribas e fariseus. Jesus responde: “Uma geração má e adúltera reclama um sinal. Mas nenhum sinal lhe será dado além do sinal do profeta Jonas. Pois assim como Jonas esteve no ventre do peixe três dias e três noites, assim o Filho do homem estará no coração da terra três dias e três noites. Os homens de Nínive levantar-se-ão no julgamento contra esta geração e a condenarão; porque eles fizeram penitência à pregação de Jonas; e eis que há aqui (alguém) maior do que Jonas! A rainha do Meio-dia ressurgirá no julgamento com esta geração e a condenará; porque veio das extremidades da terra para ouvir a sabedoria de Salomão...” (Mt 12, 40.41).

Nos últimos anos foram aparecendo dúvidas sobre esta interpretação histórica e formulou-se a hipótese de um *caráter parabólico* desta narração. Dividem-se os seus fautores em duas classes: os que negam a Jonas todo o fundamento histórico e os que supõem um antigo fundo real. Apela-mos eles para todo o conjunto do Livro que lembra lendas de outros povos e para os episódios prodigiosos, humanamente falando impossíveis, como o de ser Jonas engulido por um peixe e o da hera. Não que autores católicos, como Van Hoonacker, neguem a possibilidade do milagre, mas não vêem necessidade de estatuí-lo onde uma outra explicação é admissível. Ao argumento do testemunho de Cristo respondem que, mesmo que o divino Mestre conhecesse o caráter parabólico do Livro de Jonas, podia utilizar-se dêle como argumento contra os fariseus, colocando-se no seu ponto de vista.

Conclusão. A questão ainda não pôde ser resolvida plenamente. É certo que os gêneros literários em uso no oriente e na própria Bíblia, como a parábola do filho pródigo, admitiriam a interpretação figurada e parabólica de Jonas. En-

tretanto, enquanto não se puderam apresentar argumentos mais convincentes, prevalece a interpretação tradicional histórica, ao menos quanto à substância dos fatos.

5. *Solução* de alguns textos: a) Quanto à permanência de Jonas no ventre de um peixe, notamos que se trata evidentemente de uma intervenção direta de Deus, que por êste fato quis dar aos homens um sinal ou um tipo da ressurreição do Senhor. O texto não diz que o “peixe” tenha sido uma baleia, mas simplesmente que Deus “o fez vir” ou “o preparou”. Conhecem-se fatos comprovados em que tubarões têm engulido um homem sem despedaçá-lo.

b) A conversão de Nínive nada apresenta de impossível. Que outros Livros da Escritura silenciem o fato, é muito natural, pois trata-se de um episódio particular. Aliás a “conversão” deve ter sido momentânea e limitada a atos de penitência.

O PROFETA MIQUÉIAS

1. *Pessoa*. Do título de sua profecia (1, 1), sabemos apenas que Miquéias era oriundo de Moreset, povoadado situado perto de Get, cidade dos filisteus, hoje chamada *Bet-Djibrin*. Daí concluímos que êle pertencia à tribo de Judá. O nome Miquéias apresenta algumas variantes nos textos: Mica, Micas, Miquéias (“Micaiau” i.e. “Quem é como Javé?”). E’ de notar-se que êle nada tem que ver com o profeta do seu nome “Miquéias, filho de Jeimla” que viveu muito antes dêle (2 Rs 22, 8...). Ao que parece, tomando-se em consideração o seu manifesto interesse pela sorte do povo simples, é lícito afirmar que êle pertencia a essa classe social. Neste

particular difere êle de seu contemporâneo, o grande profeta Isaías. Ao passo que este vivia na corte, tendo de influenciar na própria política e ocupando portanto lugar de muita evidência, Miquéias exerceu a sua atividade mais entre o povo. Não deixou, entretanto, de alcançar grande projeção, como podemos concluir do que sôbre êle lemos em Jeremias 26, 16...

2. *Tempo.* Igualmente no título da profecia de Miquéias lemos a indicação do tempo em que êle viveu: "durante os reinados de Joatão, de Acáz e de Ezequias, reis de Judá". Deve ter sido longa a sua atividade profética e, da mesma forma que Isaías, presenciou períodos muito diferentes, quanto à evolução política e religiosa dos reinos de Judá e de Israel. Foi durante a sua vida que em 722 Samaria foi destruída por Sargom II. Lamentável era o estado da religião de Javé enquanto Acáz reinou. Miquéias teve que opor-se à impiedade dêste monarca e à imoralidade do povo. Mais tarde tomou viva parte na reforma empreendida por Ezequias.

3. *Composição literária.* Nota-se em Miquéias não pequena diferença de fundo e de estilo entre os três primeiros capítulos e o restante da profecia. Baseados nestas divergências, os críticos radicais negam unidade e a autenticidade de tôda a profecia, cuidando que no máximo se possa atribuir a Miquéias a primeira parte. Devemos conceder que Miquéias realmente não deve ter escrito todo o seu livro de uma só vez, porque as três partes, de que sua profecia consta, pouca ou nenhuma conexão têm entre si. São tantos oráculos diferentes e independentes uns dos outros, que, como os oráculos de Isaías, devem ter sido proferidos em situações e épocas muito diversas e que foram compilados mais tarde. Compreendemos assim perfeitamente que êle use por vêzes de lingua-

gem severa, quando recrimina os desmandos do povo e lhe lança tremendas ameaças e que, em outras ocasiões, quando enaltece as esperanças de Israel, empregue expressões poéticas e suavíssimas. Miquéias, mesmo sem elevar-se às alturas de um Isaías, soube todavia revestir os seus oráculos de uma poesia brilhante e expressiva. De modo particular a terceira parte de seu livro pode ser apresentada como modelo pelo seu caráter impressionante e dramático, ao desdobrar aos olhos dos seus leitores o “processo” de Israel diante de Javé.

4. *Análise explicativa.* Além do título da profecia (1, 1), o Livro ou a “palavra” de Javé a Miquéias abrange três partes muito distintas:

a) Juízos divinos contra Israel e Judá e as suas causas (1, 2-3, 12). Javé sai de seu santuário para vingar os crimes de Samaria e de Jerusalém. Tremendo é o castigo de Samaria que será destruída. O profeta chora essa triste situação, prevendo que os castigos divinos tocarão também a própria Jerusalém e convida o povo a prantear e fazer penitência. — Avareza dos grandes e seu castigo; perversidade do povo em geral e dos falsos profetas e dos ricos em particular. Mas Javé promete, apesar de tudo, a restauração do povo. — As injustiças dos prepotentes serão devidamente punidas, bem como os falsos profetas. Coragem de Miquéias que se mostra intrépido ante as ameaças contra êle, que continua assegurando o completo extermínio de Jerusalém.

b) Promessas e esperanças messiânicas. (4, 1-5, 14). Contraste entre a humilhação presente e a exaltação futura de Jerusalém, que centralizará muitas nações e lhes dará a paz. Jerusalém não deve chorar ante os horrores do cativoiro, lembrando-se da glória e dos triunfos que a aguardam, quando

o Messias estabelecer o seu reino, — Esse Messias, descendente de Davi, nascerá em Belém, livrará seu povo de todos os seus inimigos e firmará para sempre a sua supremacia no meio das nações, exercendo um reinado pacífico e glorioso, sem recorrer aos meios humanos de defesa e destruindo os ídolos.

c) Os caminhos da salvação (6, 1-7, 20). Todo o cântico é um preito de Javé com o seu povo de Israel, tão favorecido e tão ingrato para com seu Sumo Benfeitor. Suas faltas são tantas que só podem ser expiadas pela justiça, pela misericórdia e pela fidelidade. Javé refere-se particularmente a Jerusalém, cujos crimes merecem os mais severos castigos. — Arrependimento e confissão de suas iniquidades, renovadas esperanças, depois do castigo, promessas divinas A profecia termina por um hino à bondade de Deus, que de modo admirável se compadece de Sião.

5. *A profecia sobre Belém* 5, 1. Tornou-se célebre esta profecia de Miquéias já no Velho Testamento pela sua clareza e por ser a única que localiza o lugar, onde o Messias devia nascer. À chegada dos Magos que indagavam pelo Messias recém-nascido, os escribas não puderam determinar-lhes onde o deviam procurar (Mt 2, 6). Diz Miquéias: “Belém Efrata” i.e. Belém, chamada também Efrata. Ao que parece, Efrata (“a cidade fértil”) era o antigo nome que mais tarde cedeu lugar a Belém (“a casa do pão”), denominações que indicam a uberdade do seu solo. O profeta a chama “pequena entre os milhares de Judá” ou também como se pode compreender o texto hebraico: “pequena (de mais) para ser (contada) entre os milhares de Judá”. Por “milhares” devem-se entender provavelmente os grupos de cem famílias, que formavam as subdivisões de cada tribo de Israel.

O PROFETA NAUM

1. *Pessoa.* Do profeta Naum sabemos apenas que era natural de *El Quosch*, lugar que, conforme antiga tradição, já apresentada por S. Jerônimo, estava situado na Galiléia. Isso mesmo só sabemos do título de sua profecia: “Naum de El-Quosch”, sendo de notar que também na Judéia havia um lugar deste nome. Ao norte de Nínive na Assíria certa localidade reivindica a honra de ser a pátria de Naum e mostra o seu túmulo. Já foi mesmo apresentada a hipótese de El-quosch ser o nome do pai de Naum. De sua vida nada mais nos é conhecido. O seu nome “Naum” significa “consolador”.

2. *Tempo.* Muitas opiniões têm sido emitidas sobre a época de Naum. Entretanto, duas considerações levam-nos a poder precisar assaz acuradamente quando êle viveu. Falamos, pois, da ruína de Tebes (ou *No-Amon*) que ocorreu em 665 como de um fato passado e põe em perspectiva a ruína de Nínive que aconteceu em 612. Assim êle deve ter vivido sob o reinado de Manassés (698-644) ou Josias (643-610).

3. *Composição literária.* Os poucos oráculos de Naum que até há poucos anos conservavam aos olhos dos críticos perfeita unidade, estão sendo objeto de várias discussões. Van Hoonacker, p. ex. pensa que motivos internos de estilo insinuem ser a primeira parte (ou o salmo de 1, 2-2, 3) posterior aos demais capítulos. Nada impede, de fato, que consideremos os vários oráculos, como tendo existido primeiro oralmente separados uns dos outros e mais tarde colecionados.

Naum distingue-se dos demais profetas quer pelo fundo, quer pela forma, pois nem por uma palavra sequer censura

as faltas de Israel, ao passo que vitupera acremente os assírios, e usa de uma linguagem ainda mais concisa e preñhe do que outros.

Naum não é citado no Novo Testamento; todavia nenhum motivo há para duvidar-se de sua canonicidade, nunca contestada.

4. *Análise explicativa.* O título *Onus super Ninivem*, em hebraico "*Massá*" i.e. "pêso" ou calamidade, indica claramente o conteúdo de toda a profecia. Em seguida, lemos: "Livro da visão de Naum". *Sefer* equivale a "livro" ou a qualquer "escrito". "Visão" para frisar que Naum fala em nome de Deus. É significativa esta palavra aqui no começo, sendo que no decorrer da profecia Naum não lembre, como outros profetas, sempre de novo que é Javé que fala ao seu povo.

Todo o Livro consiste em um *salmo* (1, 1-2, 3) e vários oráculos (2, 4-3, 19).

1. *O salmo sobre o poder de Javé.* Naum enaltece a paciência de Javé, mas frisa que êle castiga de um modo tremendo o crime (1-3). Quando se ira para punir, a sua Majestade enche de terror toda a natureza; nada lhe pode resistir (4-6). Ao contrário, êle é todo bondade para aquêles que nele confiam e torna-se seu refúgio (7 e 8). Javé não precisa ferir duas vêzes; de uma só vez os adversários são devorados como a "palha sêca" (9 e 10). A partir do v. 11, Naum passa a dirigir-se a alguém no singular: *tu*, sem mencionar expressamente de quem se trata. Apenas a segunda parte indica os assírios. Porque Nínive formou planos iníquos contra Javé ou Israel, será humilhada de forma a já não haver memória do seu nome (11-13). O profeta convida então Judá a

regozijar-se com o desaparecimento de seu principal inimigo e a compenetrar-se do amor de Javé a seu respeito (2, 1-3).

2. *Oráculos.* a) Com as côres mais vivas Naum descreve sem outro exórdio como Nínive é assediada, vencida e arruinada. Parece que êle estava presente vendo a tremenda destruição, o pânico dos seus habitantes, pillados e massacrados (2, 4-14).

b) Sempre em estilo altamente poético, o profeta expõe as causas da ruína de Nínive: o seu luxo demasiado, a sua crueldade e suas injustiças. A importante cidade de No-Amon pode servir-lhe de exemplo. Para outras nações Nínive era como uma praga de gafanhotos, mas passageira. Os sinais de sua ruína já são visíveis.

Do teor da profecia nota-se claramente que ela tanto valia para os assírios que as lessem, como principalmente para os israelitas, a fim de confortá-los na fé em Javé.

O PROFETA SOFONIAS

1. *Pessoa.* Conforme lemos no comêço de sua profecia (1, 1), Sofonias era filho de Cusi, filho de Godolias, filho de Amarias, filho de Ezequias". Controvertem os autores, se êsse antepassado de Sofonias por nome Ezequias se deve identificar com o rei de Judá deste nome. Em todo o caso não há razão nenhuma que se oponha a esta identificação. Nesta hipótese explicar-se-ia perfeitamente o seu interesse particular pela classe nobre a que êle pertenceria, impugnando-lhe acremente os desmandos e mostrando perfeito conhecimento de muitos pormenores da côrte. Também não é impossível, como não poucos comentadores pretendem, identificá-lo com o sacerdote Sofonias, que ocorre em 2 Rs 25, 18 e em Jeremias 21, 1. Entretanto, não há nenhum outro indício para esta hipótese além da identidade do nome

e da época, em que êle deve ter vivido. O nome Sofonias (Tsophoniau) significa “protegido de Javé”.

2. *Tempo.* Em 1, 1 encontramos a indicação: “nos dias de Josias”, rei êste que reinou de 641 — 610. No tocante à religião de Javé em Israel, comumente os autores dividem o seu reinado em duas partes, i. e., a época anterior à descoberta do Deuteronômio no templo (622) e os anos que se lhe seguiram, caracterizados pela viva reforma no culto de Javé e nos costumes do povo. Além disso podemos deduzir de 2, 13... que Nínive ainda existia como cidade, a qual foi destruída em 612. Não conhecendo nós mais de perto a situação moral da nação antes e depois da reforma, compreendemos que não possa haver acôrdo entre os exegetas sôbre o período mais exato da profecia de Sofonias, sendo o mais provável que êle tenha auxiliado o rei na reforma que empreendeu.

3. *Composição literária.* Salvo alguns críticos mais extremistas, há completa união de vistas entre os comentadores de Sofonias quanto à autenticidade de sua profecia, bem quanto à sua unidade.

O Novo Testamento não o cita nem uma vez, mas nunca houve dúvida alguma sôbre a sua canonicidade.

Sofonias em muitos de seus conceitos depende dos profetas que o precederam, principalmente de Isaías. Entretanto, mesmo que lhe faltem originalidade e especial vigor de expressão, não lhe faltam merecimentos literários, como na descrição dos juízos divinos.

4. *Análise explicativa.* Sofonias intitula a sua profecia “Palavra de Javé”, não qualificando-a, como outros profetas, com têrmos como *massá* (ameaças) ou *visão*. Esta “palavra” é um misto de prenúncios de castigos divinos, de amea-

ças e de exortações, terminando com a visão messiânica de tempos melhores. Divide-se em três oráculos.

1) a previsão e a ameaça do “dia de Javé” (1, 2-18). Como Joel, Sofonias frisa o “dia de Javé” com um colorido acentuadamente trágico e terrificante e o estende a todos os povos. Afirma que êsse “dia” está próximo e que Judá de modo particular o deve temer.

2) exortação à penitência (2, 1-3, 8). Começa o profeta, dirigindo-se diretamente a Judá e convidando-o a arrepender-se em vista dos Juízos divinos que não tardarão. Como exemplo dos terríveis castigos de Javé, êle cita os filisteus, os moabitas e os amonitas, bem como os etíopes e os assírios. No Cap. 3, 1-8 Sofonias expõe os crimes de Jerusalém, principalmente de seus chefes e prediz que, como não querem atender, serão certamente envolvidos nos castigos ameaçados.

3) a restauração (3, 9-20). O nome de Javé será, por fim, glorificado entre os pagãos. Israel acabará sendo purificado e exaltado.

O PROFETA HABACUC

1. *Pessoa.* Embora muitas lendas envolvam a pessoa de Habacuc, nada de certo nos foi conservado além do seu nome (“o abraço”) e de sua profissão de profeta. A concluir de sua linguagem clássica e fácil, deve ter sido homem de não pequena cultura. Houve quem o tenha querido identificar com o Habacuc que ocorre em Daniel (14, 32). Entretanto, essa identificação não é possível, considerando-se o tempo em que êle deve ter vivido.

2. *Tempo.* Em geral, os comentadores pensam que Habacuc viveu na segunda metade do sec. VII a.C. Knabenbauer, Trochon e outros opinam pelo reinado de Manassés

que morreu em 644, pela absoluta falta de censura à idolatria, o que convém ao reinado dêsse monarca que tudo fez por combatê-la. Van Hoonacker, Tobac e outros propõem o reinado de Joaquim (610-600) como época provável do nosso profeta, porque êle apresenta como iminente a invasão caldaica. Os autores não católicos fazem depender a data desta profecia dos resultados ainda incertos da crítica literária.

3. *Composição literária.* Tôda a antiguidade aceitou sempre como intangível a autenticidade e unidade da profecia de Habacuc. Os críticos modernos, todavia, pretendem encontrar motivos de ordem meramente interna para dissecá-la em duas partes, opinando que o salmo do cap. III nada tenha que ver com a primeira parte. O que podemos conceder em vista do novo título de 3, 1 é que possivelmente os vários oráculos primeiro existiam separados e depois por um redator posterior foram unidos num só livro.

4. *Análise explicativa.* A primeira parte (Cap. I e II) é um *diálogo entre o profeta e Javé*. Começa por uma questão ansiosa de Habacuc: Há tanto tempo que êle denuncia a Deus as injustiças, as violências e a opressão de Israel e Javé ainda não atendeu... (1, 2-4). Javé responde que êle vai enviar uma época de rapinas e violências ainda mais terríveis, suscitando contra Israel os caldeus. De novo Habacuc interroga a Javé, como êle permite ao *ímpio* subjugar uma nação mais justa do que êle, como isso é compatível com a santidade de Deus... e semelhante a uma sentinela na sua torre, êle aguarda ansiosamente a resposta divina. E Javé responde: "Há ainda uma visão...; se êle tardar, espera por êle; porque virá certamente e não há de falhar: Eis que sucumbe aquêle, cuja alma não é reta, mas o justo vive de sua fé" (2, 3. 4). Segue-se novo oráculo que faz parte da

primeira parte, explicando porque Deus castiga o seu povo culpado. Em cinco estrofes Habacuc descreve e estigmatiza êsses crimes: a descomensurada ambição e orgulho, a incrível avidez, as suas injustiças e violências, os abusos decorrentes das vitórias, por fim as aberrações da idolatria. É interessante averiguar-se que Habacuc expressamente não menciona qual o povo que êle tem em vista, se os israelitas ou se os caldeus, deixando assim entrever que Deus é justo e tanto castiga uns como os outros pelos seus desmandos.

A segunda parte (Cap. III) é formada por um *salmo*, geralmente chamado Cântico de Habacuc, que deve ter sido empregado no culto, como indicam as rubricas musicais. Todo o Cântico descreve as terríveis manifestações do poder de Javé contra aquêles que oprimem o seu povo.

O PROFETA AGEU

1. *Pessoa.* Ageu, tanto na sua profecia (1, 1), como em Esdras (5, 1 e 6, 14) é simplesmente designado como “profeta”, sem que se indique a sua filiação. O seu nome, (“*Chaggai*”) significa o “festivo” ou o solene. A Ageu são atribuídos muitos salmos nas respectivas inscrições do sal-tério, sendo de notar todavia que essas indicações são de data posterior e que variam muito nas diversas traduções antigas como na LXX, na siríaca e na Vulgata. É possível que êsses salmos tenham sido introduzidos no culto por sua intervenção.

2. *Tempo.* Se pouco sabemos da pessoa de Ageu, estamos inteirados acuradamente sobre a data das suas profecias que foram feitas no segundo ano de Dario I o qual reinou de 521-486 a.C. Existe a possibilidade que Ageu tenha nascido

em Jerusalém antes do exílio, tendo sido deportado ainda jovem; no caso êle se incluía entre aquêles que tinham conhecido o templo de Salomão (2, 3) e já teria então, quando profetizou, a idade de 80 a 90 anos. Mais provável é que tenha nascido na Babilônia. Em todo o caso, acompanhou um dos primeiros grupos de israelitas que, guiados por Zorobabel, voltaram à Palestina, depois do edito de Ciro (538) que permitia a reedificação do templo de Jerusalém e restituía aos judeus os vasos dêsse santuário.

Aconteceu que os primeiros israelitas que tornaram à patria, cheios de zêlo, começaram logo a reconstrução do templo, mas sobrevieram muitas dificuldades tanto em consequência do estado precário em que viviam, como pela má vontade dos habitantes de Samaria e de outros lugares vizinhos. A consequência foi que caíram em lamentável desânimo e indolência. Quanto sabemos, Zorobabel, nomeado pelos persas, era o chefe civil do povo; a seu lado Jesus exercia as funções de sumo-sacerdote. A êstes dois é que tanto Ageu como Zacarias se dirigem, exortando-os, a êles e ao povo, a continuarem a construção do templo.

3. *Composição literária.* Os oráculos de Ageu são escritos em linguagem vulgar e simples, sem grande preocupação literária. São exortações calorosas e claras. Distinguiremos os oráculos pròpriamente ditos, que são escritos em paralelismo poético, das indicações cronológicas e históricas que os precedem. Ao passo que os oráculos são sem dúvida alguma de Ageu mesmo, é possível que as indicações históricas tenham sido acrescentadas por um outro autor inspirado que teria colecionado os oráculos do profeta. São ainda de notar os muitos aramaísmos que se encontram em todo o livro e que são próprios da época depois do exílio.

Os judeus aceitaram a profecia de Ageu como inspirada, inserindo-a no seu cânon. A êle aludem expressamente Esdras (5, 1) e Eclo (59, 13) e também São Paulo o cita (Hebr 12, 26).

4. *Análise explicativa.* A profecia de Ageu oferece quatro oráculos bem distintos e datados:

a) datado de 1-6-2 ano de Dario I. Exortação para recomçarem a reconstrução do templo (1, 1-15). Ageu aponta para os males que acabrunham o povo e que provêm da negligência e demora nessa reconstrução. De 12 em diante Ageu relata como o seu oráculo foi atendido:

b) de 21-7-2. A glória do segundo templo. (2, 1-9). Embora êsse templo apresentasse um aspecto muito humilde em comparação do primeiro templo de Salomão, a sua glória seria ainda maior, pois que para êle convergiriam as grandezas de tôdas as nações. Nele reinaria perfeita paz.

c) de 24-9-2. As causas da presente calamidade (2, 1-19). Ageu chama a atenção como para o povo impuro tudo ia correndo mal. As colheitas eram falhas... Todavia, como agora tinham trabalhado com afínco no templo, veriam como com as bênçãos de Javé tudo se mudaria.

d) da mesma data. Proteção especial de Javé para com Zorobabel. (2, 20-23).

5. *Questão particular: Sôbre o caráter messiânico de 2, 6-9.* A tradição dos Santos Padres assegura-nos que êsse oráculo contém profundo sentido messiânico: a glória do reino universal e teocrático do Messias. Basta aliás compará-lo com os oráculos de tantos profetas antes do exílio e com Zacarias, para certificar-nos que Ageu ensina as mesmas esperanças de Israel: as nações de todo o orbe reconhecerão as

LIVROS PROFÉTICOS

prerrogativas do Messias, irão imolar no seu templo e fruirão de sua paz perfeita. Mas, questiona-se: Ageu neste passo refere-se expressamente à Pessoa do Messias? Na Vulgata e em muitas traduções que dela dependem lê-se (v. 7): “e virá do desejado (*desideratus*) de todas as nações”. A palavra *desideratus* corresponde ao grego da LXX *ekletá*, que significa “as coisas escolhidas” ou as melhores coisas i.e. as coisas *desejáveis*. Em hebraico o termo *chemdat* tem o sentido de tesouros e riquezas (ou o desejo). Os comentadores gregos viam nesse *ekletá* a conversão da elite das nações ao cristianismo. Compreende-se a tradução latina da Vulgata, atendendo-se ao processo assaz familiar a São Jerônimo de substituir uma forma abstrata por uma mais concreta, para assim acentuar o momento messiânico do texto. No caso é evidente que todo o contexto e o paralelismo exigem o sentido primário do termo hebraico: riquezas. Conclusão: Ageu não menciona propriamente o Messias, mas refere-se à sua era.

O PROFETA ZACARIAS

1. *Pessoa.* O próprio Zacarias no início de sua profecia (1, 1), como o fazem geralmente os profetas, esclarece-nos sobre a sua pessoa, apresentando-se como “filho de Baraquias e neto de Ado (ou Ido)”. Esse Ado é provavelmente o mesmo que ocorre nas listas de Neemias (12, 4. 16): era um judeu, pertencente à hierarquia sacerdotal, que, atendendo ao edito de Ciro, voltou de Babilônia à sua pátria. Seu nome, aliás muito freqüente entre personagens bíblicos, (“*Zachariau*”) significa “aquele que se lembra de Javé” ou “o lembrado de Javé”. Em Mt 23, 35 lemos as palavras de Jesus Cristo sobre um Zacarias, filho de Baraquias, que foi “mor-

to entre o templo e o altar". Era natural que se pretendesse aplicar estas palavras ao nosso profeta. Entretanto, como São Jerônimo atesta, num Evangelho aramaico, usado pelos Nazarenos, lia-se que êsse Zacarias era filho de Jojada. Daí em Mt 23, 35 atual deve haver um engano e devemos atribuí-lo ao profeta Zacarias citado em 2 Par 24, 20-23 que foi realmente morto nos átrios do templo.

2. *Tempo.* Zacarias foi contemporâneo de Ageu (5, 1). Esdras que os cita várias vêzes nomeia Zacarias sempre depois de Ageu, indicando ser êste mais velho. Como Ageu, também Zacarias data exatamente as suas profecias pelo reinado dos Persas, então senhores da Palestina. A sua primeira profecia foi feita no 8.^o mês do 2.^o ano de Dario I (521-486) e a segunda no 4.^o ano do mesmo monarca (1, 1-47, 1). A sua época caracterizava-se pelas inúmeras dificuldades civis e religiosas com que os israelitas lutavam. A religião de Javé em particular, de um lado, florescia, já não havendo outros cultos prestados a ídolos entre o povo. De outro lado, porém, os israelitas mostravam-se remissos e negligentes, necessitando das exortações calorosas que Zacarias em nome de Deus lhes faz nestas suas profecias.

3. *Composição literária.* São Jerônimo, no seu Prólogo, caracteriza de "obscuríssimo" o livro de Zacarias, epíteto êsse em parte merecido pelo seu estilo apocalíptico e pela má conservação do texto. A linguagem do profeta é a própria do seu tempo, i. é., cheia de aramaísmos. Os oráculos da primeira parte revestem-se certamente de uma forma poética (Cap I a VI). O restante é escrito em prosa. — A autoridade canônica de tãda a obra é testemunhada pela sua aceitação entre os doze pequenos profetas bem como pelas citações que dêle faz Mt 21, 4 e 26, 31. Igualmente São

João, no Apoc., acomodou-se continuamente às visões e estilo zacarianos. — No tocante à unidade da profecia e sua autenticidade surgiu nos últimos decênios acirrada disputa entre os comentadores. Os críticos modernos (Wilberger, Marti e muitos outros), retomando suspeitas manifestadas já nos séculos XVII e XVIII, aprofundaram a questão, chegando à seguinte conclusão: a primeira parte (Cap I a VIII) é certamente de Zacarias (o Proto-Zacarias), ao passo que a segunda parte deve ser atribuída a um outro autor (o Dêutero-Zacarias). Baseiam-se na grande diversidade de estilo entre as duas partes e no fundo histórico que a segunda parte supõe. Quanto à apreciação dêste fundo histórico, dividem-se esses críticos em opiniões as mais contraditórias, pensando uns numa época anterior ao exílio, porque Zacarias (9, 1...) se refere a Tiro, Sidon etc., que antes do exílio é que guerrearam o povo eleito, opinando outros pela época dos Macabeus. Todavia, a grande maioria dos comentadores, como Cornely, Zschokke, Vigouroux..., bem como os protestantes Koester, Hengstenberg, de Wette... mantêm a unidade da profecia, notando apenas que, assim como o oráculo dos cap. VII e VIII data do 4.º ano de Dario I, portanto dois anos mais tarde do que as visões do cap. I e seguintes, assim a segunda parte (cap. IX em diante) que não é datada, pode ter sido escrita pelo mesmo Zacarias em tempo e circunstâncias muito diferentes, formando um livro independente da primeira parte. Defendendo a unidade, apoiam-se êsses exegetas 1) na tradição judaica e cristã que sempre atribuiu tôda a profecia a Zacarias, 2) em muitas afinidades de linguagem existentes nas duas partes da profecia, apesar das divergências como se pode notar, comparando-se 7, 14 com 9, 8 e 3, 4 com 9, 2... 3) na ausência completa de qualquer alusão às guerras dos Macabeus, 4) na explicação plausível dos textos onde ocor-

rem Tiro, Sidon etc., como sendo adaptações de Zacarias aos profetas anteriores a êle aproveitados por êste para comparações no seu estilo apocalíptico. Conclusão: Não há motivo sério para abandonar-se a tradição quanto à unidade de autor da profecia de Zacarias.

4. *Análise explicativa.* No v. 1 Zacarias apresenta-se e diz que Javé se comunicou a êle e o mandou falar ao povo em seu nome. Seguem-se os vv. 2-6 à guisa de breve introdução, na qual Zacarias precisa o objeto geral de seus oráculos: que o povo não siga o triste exemplo dos seus antepassados desobedientes a Deus os quais foram castigados, mas que atendam ao Senhor.

1.^a parte: 1, 7-6, 15. *Visões e ato simbólico.*

a) *Visões* (1, 7-6, 8). Trata-se de oito visões que Zacarias teve durante uma noite e que se referem às relações de Javé para com Israel.

1. Os cavalos e os cavaleiros (1, 7-17): o profeta percebe um cavaleiro que êle chama o “Anjo de Javé” e que estava parado entre murteiras (os LXX traduziram: entre montanhas). Três grupos de cavaleiros prestam-lhe contas de sua missão: êles, representando a onisciência de Deus, percorreram tôda a terra e averiguaram que por tôda a parte reinava a paz. O “Anjo de Javé” pergunta a Deus, quando êle vingaria Jerusalém. Deus responde: que se servira de muitos povos para castigar os pecados de Israel, mas que êles exorbitaram e, por sua vez, serão punidos. Israel, porém, e o templo serão restaurados. Como, no tempo de Zacarias, mal se pode pensar numa paz universal da terra e em vista do seu caráter apocalíptico é provável que êle tenha em mira a época, em que o Messias devia vir ao mundo.

2. As quatro hastes e os quatro ferreiros (1, 18-20). As quatro hastes simbolizam as potências do mundo inteiro inimigas do povo de Deus. Os quatro ferreiros são instrumentos de que Deus se vai servir para punir essas nações. Zacarias anuncia apenas essa verdade sem precisar mais de perto coisa alguma.

3. O homem com o cordel (2, 1-13). Zacarias percebe um homem que tem nas mãos um cordel para medir, o qual declara que vai medir Jerusalém. Entretanto, um Anjo vem adverti-lo que é inútil: Jerusalém será habitada como uma cidade aberta pela imensa multidão; Javé mesmo será a sua muralha. E' evidente que estas palavras não podem visar a época do profeta ou de Zorobabel, mas devem ser aplicadas à era messiânica: Jerusalém, protegida por Cristo, será franqueada ao mundo inteiro, i.e., a todos os cristãos. E' o que supõem também os dois hinos 2, 6-9 e 2, 10-13.

4. O sumo-sacerdote Jesus coroado (3, 1-10). Aos olhos do profeta aparece o sumo-sacerdote Jesus (ou Josué) em pé diante do "Anjo de Javé". À sua esquerda está Satanás, o anjo do mal, que é condenado. Jesus aparece primeiro vestido com hábitos sórdidos, símbolos de iniquidades. À ordem divina tiram-lhe êsses hábitos e revestem-no de vestes preciosas e sacerdotais e é-lhe feita a promessa de governar para sempre a casa de Javé, caso for fiel dora em diante. A êsse Jesus e aos seus companheiros de sacerdócio é profetizado: "Eis que eu farei vir o meu servo *Gérmen* (Oriente). Porque eis a pedra que eu coloquei diante de Jesus; sôbre esta única pedra estão sete olhos; eis que eu mesmo a vou esculpir... Naquele dia... vós vos convidareis uns aos outros para debaixo de vossa vinha e de vossa figueira (símbolos da paz)". Que por *Gérmen* se deva entender o mesmo

rebento da estirpe de Davi que em Isaías (4,2) e em Jeremias (23, 5), não pode haver dúvida nenhuma. Apenas alguns autores pensam que, mediante o seu tipo, foi Zorobabel (Calmet, Van Hoonacker...). A “pedra” com os “sete olhos” conseqüentemente simboliza o reino de Deus ou seja a Igreja fundada sobre a *pedra* (São Pedro...) pelos sete dons do Espírito Santo.

5. Os candelabros e as duas oliveiras (4, 1-14). Zacarias vê um candelabro, com o templo, com sete braços, tendo por cima um reservatório para o óleo que, mediante canos, é fornecido a cada lâmpada. Por cima êle vê ainda duas oliveiras. O sentido primário da visão é-lhe explicado pelo Anjo-intérprete: Zorobabel e Jesus, os dois ungidos do Senhor. Além dêste sentido primário, em conformidade com tôda a profecia, é evidente o sentido messiânico, como São João o explica no Apc 11, 1...

6. O volume volante (5, 1-4). O profeta contempla um imenso rôlo de papel ou livro voando pelos ares. A explicação do rôlo é dada expressamente a Zacarias: trata-se das maldições ou castigos divinos. Os crimes que serão assim castigados são exemplificados pelo roubo e pelo perjúrio. Não se diz quando serão punidos, mas que estão escritos e que, portanto, o castigo não falhará.

6. A ânfora com a mulher (5, 5-11). Uma ânfora aparece aos olhos do profeta. Um anjo levanta-lhe um disco de chumbo de sobre o orifício da âncora e Zacarias percebe dentro dela uma mulher, que lhe é explicada como símbolo da impiedade. Duas outras mulheres aladas tomam a ânfora e a levam para Babilônia. O simbolismo é evidente, do reino de Deus ou da Igreja a impiedade será banida para a terra do cativo.

8. Os quatro carros (6, 1-8). Zacarias vê quatro carros, puxados por cavalos de várias cores, saírem do meio de duas montanhas de bronze. O anjo-intérprete explica que simbolizam os quatro ventos, ou sejam instrumentos nas mãos de Deus, para o castigo dos quatro ângulos da terra. Assim a onipotência de Deus está por cima das contingências humanas e fará justiça a seu tempo.

b) *Ação simbólica* (6, 9-15) A coroação do sumo-sacerdote Jesus. Zacarias, por ordem divina, deve ir à casa de um certo Josias e receber aí o ouro e a prata que três membros da comunidade dos exilados tinham trazido de Babilônia. Com êsses metais o profeta deve fazer uma coroa para coroar o sumo-sacerdote. Depois da coroação êle deve apresentar a Jesus um personagem cujo nome é *Gérmén* (Oriente) o qual edificará o templo. A explicação do símbolo é por si mesma evidente: O sumo-sacerdote deve reconhecer Zorobabel, como figura de Cristo, o restaurador do reino de Deus e construtor do seu verdadeiro templo.

2. Narração histórica intermediária: *Resposta divina sobre o jejum*. (7, 1-8, 23). Êste episódio é datado. Alguns mensageiros tinham vindo de Betel a Jerusalém perguntar aos sacerdotes e aos profetas se o jejum instituído depois da ruína da Cidade Santa e do templo devia ainda ser observado, uma vez que o templo já tinha sido reconstruído. Por meio de Zacarias Javé responde que o que lhe agrada propriamente não é a abstenção do alimento, mas a obediência na prática da justiça. Se êle dispersou o seu povo, era para castigar a sua rebeldia. Entretanto, terminou o tempo da aflição: Deus vai tratar Sião com bondade e habitará de novo no meio dela. Seus habitantes hão de multiplicar-se com a volta dos exilados. Ainda mais: muitas nações irão a Jerusalém e reconhe-

cerão a divindade de Javé pelo poder que resplandecerá de suas relações para com o povo eleito. Seguem-se recomendações morais, um dos traços característicos do Livro de Zacarias. Se o povo corresponder à proteção divina, então os dias de jejum hão de transformar-se em dias de alegria. Termina o profeta (8, 23) aludindo à união de todos os povos com a nação judaica.

3.^a parte: *O porvir messiânico.*

Esta segunda parte 9, 1-14, 21 abrange dois oráculos, designados com título especial como *massah*, ou “sentença ameaçadora”: 9, 1 e 12, 1. Entretanto ambos os oráculos visam tanto o castigo do mal, como a brilhante realização das promessas divinas feitas pelos profetas. E’ muito difícil distinguir-se bem uma da outra. Há imagens, como a dos pastores, que tanto aparecem numa parte como noutra.

1.^o oráculo: 1) As nações vizinhas da Palestina e inimigas dos judeus serão castigadas (9, 1-7). O Rei-Messias conquistará o seu reino. Ei-lo que aí vem humilde (pobre) e vitorioso (salvador) para fazer a sua solene entrada em Jerusalém, não orgulhosamente como os potentados assírios, montado num cavalo de guerra, mas num jumento, a mais modesta das cavalgaduras, em sinal da paz que vai trazer ao mundo. Os instrumentos de guerra serão destruídos. Entretanto continuará uma luta vitoriosa, na qual Javé dos exércitos combaterá em bem do seu povo, até o pleno estabelecimento do novo reino (9, 8-17). 3) Brilhante porvir é reservado ao povo eleito. Enganado por falsos oráculos e desencaminhado por maus pastores, Israel foi exilado. Mas, depois de ter exterminado os responsáveis pelo cataclismo (os pastores e os bodes), Javé em sua misericórdia vai visitar o

seu povo para providenciar à sua felicidade e fazer dêle o instrumento de sua glória no combate. Seguem-se os admiráveis frutos obtidos pelas promessas divinas (10, 12-11, 3).

4) Alegoria dos dois pastores. Zacarias recebe de Javé, Supremo Pastor, a ordem de pastorear Israel, que pastores cruéis iam levando à perdição. O profeta põe-se a exercer a nova missão, todo solícito principalmente das ovelhas mais miseráveis. Êle só quer o seu bem e para demonstrar as suas boas disposições, bem como o sincero desejo de manter a união entre elas, toma dois cajados que chama o primeiro de *Benevolência* (ou Graça) e o segundo de *laço*. Igualmente êle faz com que desapareçam três pastores. Mas as próprias ovelhas mostram-se rebeldes a êle, que, cansado afinal, as abandona à sua sorte e quebra o cajado *Benevolência*. Em seguida, êle reclama dos donos do rebanho o seu salário e êles dão-lhe a soma irrisória de trinta siclos de prata; o preço de um qualquer escravo; à ordem de Javé êle os lança no templo. Zacarias quebra então o segundo cajado para “simbolizar a ruptura entre Israel e Judá”. Enfim, sempre por ordem de Javé, o profeta, vai representar, em relação para com o povo eleito, o papel de um mau pastor que leva o rebanho a perder-se e corre êle mesmo ao castigo.

2.º oráculo (12, 1-14, 21). Empolgante e consolador contraste apresenta-nos êste segundo oráculo, opondo às tristes perspectivas em que termina o precedente oráculo a glória do porvir de Israel, conquanto também aqui apareça todo o rigor da justiça divina.

1) As nações ímpias farão desesperado esforço por destruir a Cidade Santa, mas Deus virá em seu auxílio e essa tentativa reverterá para a sua própria confusão: Jerusalém e Judá serão para elas um “lugar de embriaguez” e uma

“pedra” que as há de esmagar; os que a assediarem, serão feridos de loucura e os seus cavalos de cegueira. Com esta fôrça que Javé dará ao seu povo, êle conferirá também à Casa de Davi o espírito de justiça e de piedade. “Êles levantarão então os olhos”, diz Javé, “para mim que êles tinham transpassado e chorá-lo-ão com o pranto com que se lamenta um filho único...” Para êste texto só há um sentido óbvio: trata-se do Messias que, depois de terem crucificado, os homens hão de prantear. E’ o “Servo de Javé” que ocorre em Isaías. Convertidos, desta forma, os judeus, abandonarão para sempre a idolatria e já não serão enganados por falsos profetas. (12, 1-13, 6) 2) O Pastor é ferido e perece de morte violenta; as ovelhas são dispersadas; dentre elas dois terços morrem miseravelmente; as sobreviventes depois de purificadas, voltam a ser fiéis a Javé (13, 7-9) 3) Jerusalém passará por novas provações e triunfos nos tempos messiânicos.

Assim termina o Livro de Zacarias com côres ainda mais acentuadamente apocalípticas. A cidade será humilhada e conquistada pelo inimigo: a metade de seus habitantes partirá para o exílio. Mas os ímpios serão castigados; Deus salvará os restantes e virá restabelecer o seu reino. Do alto de Jerusalém há de correr pela terra tôda um rio de salvação. Todos os homens hão de abandonar os deuses falsos e reconhecer Javé. Só Jerusalém é que há de subsistir. As demais nações se converterão e adorarão o verdadeiro Deus de Israel. A antiga economia religiosa será ab-rogada e a distinção entre o que é profano e sagrado será abolida. A santidade deixará de ser um privilégio dos sacerdotes e dos levitas.

O PROFETA MALAQUIAS

1. *Pessoa.* De Malaquias, o último profeta, chamado por isso pelos judeus o “sêlo dos profetas”, absolutamente nada sabemos ao certo. Ele apresenta-se com o nome de “Malaquias” (“Mal’akhi”), “Meu anjo” ou “meu mensageiro”. Em conformidade com o significado do nome, os tradutores da LXX verteram o 1, 1: “Oráculos do Senhor pela mão de seu anjo”. Também no Targum de Jonatan lemos “mensageiro”, o qual é atribuído a Esdras. Todavia a maioria dos manuscritos mantém Malaquias como nome próprio, aliás com algumas variantes, como Malaquiel etc. Os que pensam num pseudônimo, apelam para 3, 1: “Eis que eu envio o meu mensageiro...” que teria influenciado na escolha do pseudônimo para que um livro profético não deixasse de ser apresentado, como todos os demais, com a garantia de determinada personalidade.

2. *Tempo.* Algumas reflexões levam-nos a fixar com grande probabilidade a época exata em que Malaquias deve ter vivido. Lemos, pois, em 1, 8 que então um *pecha*, um “governador” estava à testa dos desígnios da Palestina. Isso supõe a época persa depois de 538 a.C.

Do mesmo v. depreende-se que as cerimônias do templo estavam em franco desenvolvimento, o que parece indicar os anos depois de 510, como relata Esdr 6, 15. Por fim, a essa mesma época apontam os abusos então vigentes e que Malaquias combate, abusos estigmatizados por Esdras e Neemias, como sejam negligência quanto à escolha das vítimas, demora em pagar os dízimos, casamentos mistos. Tudo isso leva-nos a pensar que Malaquias tenha sido um contemporâneo dos dois

grandes reformadores. Assim compreenderíamos também melhor a pergunta dos israelitas feita a Deus: “Em que é que nos tens amado?”, pergunta que supõe um certo ressentimento ou desapontamento dos primeiros leitores que, tendo voltado do exílio, esperavam que rompesse para êles um período de grandes triunfos e, entretanto, curtiam as maiores misérias.

3. *Composição literária.* O Livro de Malaquias, designado por êle mesmo como “sentença” e “palavra” (1, 1) forma um todo tão completo e claro, que a sua unidade e autenticidade nunca foi seriamente contestada. Ao contrário da maioria dos profetas seus oráculos não foram consignados em poesia e sim em prosa simples e doutrinaria, sem outra originalidade além da forma dialogada. O seu valor canônico é-nos assegurado não só por ter sido introduzido no cânon do Velho Testamento, mas também pelas várias citações que dêle se nos deparam no Novo Testamento: Mt 11, 10; Mc 1, 2; Lc 1, 17; Mt 18, 14; Rom 1, 2.

4. *Análise explicativa.* Além da inscrição (1,1), o Livro de Malaquias abrange:

a) uma espécie de introdução 1, 2-5, o amor de Javé por seu povo. Deus mesmo lembra a antiguidade e o caráter irrevogável dêsse amor. Não como se o povo o merecesse, mas por livre escolha sua. Castigos de Edom;

b) censuras dirigidas aos sacerdotes: 1, 6-2, 9. No culto sagrado os sacerdotes longe de honrar a Javé devidamente, o desonram oferecendo vítimas defeituosas. Melhor fôra que não oferecessem sacrifício algum. Malaquias profetiza então o sacrifício futuro universal e perfeito em contraste com essas imolações sacrílegas. — Seguem-se exorta-

ções aos sacerdotes para que exerçam devidamente o seu encargo, principalmente o de mestres do povo. Senão serão tremendamente castigados;

c) censuras dirigidas ao povo em geral 2, 10-16. Dois abusos são vituperados: os casamentos que os filhos de Judá não temem contratar com mulheres pagãs e os repúdios numerosos e infundados das mulheres israelitas. Por estas transgressões a santidade de Israel é violada e da mesma forma é frustrada a vontade divina que do homem e da mulher legítima nasce uma posteridade santa;

d) a realização das promessas divinas: 2, 17-3, 23. Os ímpios provocam a justiça divina. Eis que Deus mesmo aí vem precedido do seu mensageiro! Em primeiro lugar êle vai julgar os filhos de Levi e, em seguida, purificará o seu povo, que voltará a êle, levando-lhe fielmente os dízimos e será cumulado de bênçãos. Javé porá fim às tribulações do povo, castigando os maus e favorecendo os que observam a lei. À guisa de apêndice lemos ainda um último versículo sobre a vinda de Elias no fim do mundo.

5. *Questões particulares.* 1. A “oblação pura” de 1, 11. Leiamos todo o texto: “Do levantar ao pôr do sol, o meu nome é grande entre as nações e em todos os lugares oferecem-se ao meu nome o incenso e uma oblação pura, porque o meu nome é grande entre as nações, diz Javé dos exércitos”. Esse novo culto divino contrapõe-se aos sacrifícios indignos que então lhe ofereciam. Pergunta-se: De que sacrifício ou “oblação pura” se trata? A tradição em sua quase unanimidade responde: Trata-se do sacrifício incruento da Missa. Argumentos: 1) Como esta oblação deve ser oferecida em tôda a parte, supõe-se a abolição da importantíssima lei, pela qual só no templo de Jerusalém é que se

devia imolar uma vítima (Dt 12, 18). Por conseguinte não se pode tratar de um sacrifício ritual prescrito pela lei mosaica. 2) Malaquias exprime-se no tempo presente “oferece-se”. Daí, entretanto, não se pode concluir para um sacrifício que então estivesse em uso, quigá entre os judeus da dispersão, como no templo de Elefantina no Egito. Pois que nada sabemos dêsses sacrifícios e muito menos que tenham sido “puros”. Demais cumpre notar que a forma do verbo hebraico pròpriamente independe do tempo. 3) Das palavras “entre as nações” não se pode concluir que o profeta pensasse acaso em sacrifícios pagãos, como se fôsem melhores do que os israelíticos. Pois, quanto hoje sabemos, eram muitas vêzes sacrifícios humanos ou imorais. Demais, conforme os profetas em geral, os gentios é que adotariam o ritual dos israelitas. 4) Malaquias emprega a palavra *mincha’h* que significa sacrifício ou oblação incruenta. Daí não se pode entender simplesmente da oração ou louvores, como quiseram Orígenes, Santo Ambrósio e outros. Pois *mincha’h* é sempre verdadeiro sacrifício, quando não é expressamente qualificado em sentido figurado, como quando se lê nos salmos “sacrifício de louvor”. Consequência: Só no sacrifício da Missa é que se verificam todos os qualificativos da “oblação pura” de Malaquias: verdadeiro sacrifício, imolação incruenta, puríssima, oferecida em todo o mundo, diàriamente e a cada instante, que redunde, de fato, de um modo infinito para a glória do nome de Deus.

2. O “*mensageiro*” de 3, 1 e 3, 23. Sôbre êstes versículos os exegetas levantam várias questões: 1) O “mensageiro” de 3, 1 e “Elias” de 3, 23 são pessoas diferentes ou as devemos identificar? Hagen, citando muitos autores nega a identidade por se tratar de épocas diferentes e igualmente missões diversas que ambas as personalidades têm a cumprir.

LIVROS PROFÉTICOS

Trochon e outros muitos afirmam que são a mesma pessoa, sendo 3, 23 uma espécie de explicação de 3, 1, uma vez que Malaquias não distingue as duas vindas do Messias ao mundo. 2) Elias virá pessoalmente ao mundo? Baseados neste texto e na tradição assaz espalhada entre os judeus e entre os SS. Padres sobre a atividade profética de Henoc e Elias antes do fim do mundo, inúmeros autores ainda hoje opinam que se deve esperar que o próprio Elias Tesbites que foi arrebatado da terra no carro de fogo volte à terra para preparar a segunda vinda de Jesus Cristo. Outros muitos pensam que devemos interpretar este versículo figuradamente conforme o modo como respondem à terceira questão i.e. 3) O “mensageiro” de 3, 1 e Elias são figuras de São João Batista? Lemos em Lc 1, 17 que Zacarias profetizou de seu filho: “Ele (João) irá adiante dele (Cristo) com o poder e o espírito de Elias, para converter os corações dos pais para seus filhos”, citando abertamente Malaquias. Em Mt 11, 14 Jesus mesmo diz: “Se quiserdes compreender, ele (João) é Elias que há de vir. Em conformidade com esta interpretação autêntica ao menos não se pode negar a possibilidade e até probabilidade de que a profecia de Malaquias se tenha realizado plenamente em São João Batista. Entretanto, conforme o Apc 11, 1... podemos pensar em todos os tempos que Deus suscitará profetas i.e. homens que possuindo o espírito de um Henoc e de um Elias (ou de um São João) tomem denodadamente o partido de Deus, i. e., de Jesus Cristo e da sua Igreja. Assim também no final dos tempos acontecerá e talvez então aparecerão homens que os contemporâneos de alguma forma poderão identificar com os próprios Henoc e Elias.

**INTRODUÇÃO GERAL AO
NOVO TESTAMENTO**

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

O NOVO TESTAMENTO

GEOGRAFIA FÍSICA DA PALESTINA

**SITUAÇÃO POLÍTICA E RELIGIOSA DA PALESTINA
DURANTE O NOVO TESTAMENTO**

CRONOLOGIA BÍBLICA NEOTESTAMENTÁRIA

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

O NOVO TESTAMENTO

O NOME

“Testamento” é a tradução aproximativa da palavra greco-bíblica “diathéke”. Diathéke porém é de conteúdo mais rico, e significa propriamente “aliança”, porque é por sua vez a tradução da palavra hebraica “berith”, que quer dizer “contrato”. (No grego clássico “aliança”, “contrato” diz-se “synthéke”). Houve de fato duplo contrato bilateral ou aliança: um do Sinai, entre Yahweh e Israel representado por Moisés; no Gólgota outro, entre o Pai Celeste e a humanidade. Comprometia-se Deus a conceder tais e tais favores; comprometia-se Israel e depois o batizado a cumprir tais e tais leis, ditadas por Ele. Como no entanto as leis notificam as vontades de Deus e os favores são bens temporais ou espirituais prometidos como “herança”, reveste-se a dupla aliança do caráter de testamento.

“Novo Testamento” é expressão que aparece a primeira vez na pena de Jeremias (31, 31-34). Opõe-se ao Antigo,

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

sendo a sua realização. Trata da salvação do homem, mediante a Morte do Messias, com relação ao pecado e à condenação. E abarca o rol dos livros escritos sob divina inspiração, nos quais se relata a Revelação cristã, conforme é chamado o seu objeto, exposto pouco acima.

A COUSA

1. Mas passando do Velho ao Novo Testamento, se a ambientação dos fatos quase que não muda, o espírito já é bem outro.

Partindo de Adão e por isso da humanidade por inteiro, o Gênesis vai encurtando sempre mais os horizontes, dilatando-se tão só nos antepassados de Israel, com breves e leves acenos a indivíduos e povos afastados geneticamente do Povo Escolhido, até restringir-se por completo nêle, que se faz o tema de todos os mais livros da Antiga Aliança. Igualmente a geografia é centrípeta; partindo da criação do universo e dando as regiões dos vários povos de então, converge para a Palestina, como “a Terra Prometida”.

Ora bem, a Nova Aliança, à primeira vista, parece não variar de ambiente. Começam os fatos da Revelação cristã na Palestina, em meio ao Povo Escolhido, num ambiente judaico. Seguem todavia caminho inverso. Depois de num primeiro momento fixar-se em Israel carnal, descendente de Abraão, o Evangelho centrifuga para “Israel de Deus”, como chama S. Paulo à Igreja Universal, formada de Judeu e de “Grego” isto é, não Judeu, gentio, sem muralha alguma de separação entre êles. É a universalização da Lei a todas as gentes mediante a Palavra de Jesus. E se os fatos evangélicos

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

convergem de princípio para Jerusalém, os Atos narram a marcha centrífuga da Igreja de Jerusalém para a Samaria e demais regiões palestinas, para os países limítrofes, para a Grécia, para Roma, donde, qual centro de irradiação, se propagaria a tôda a terra.

2. O espírito porém é muito outro. De um lado, a visão *particularística* do Antigo Testamento, voltado quase que só para Israel, alarga-se no Novo, fazendo-se *universalística*, oferecendo a salvação, que é o objeto das promessas patriarcais, a tôda a humanidade. Do outro, restringe-se essa visão, que de *nacional* que era, falando a tôda a coletividade naqueles tempos, nos novos faz-se *individualística*, porque a mensagem divina vai diretamente a cada pessoa, a qual toma particularmente sôbre si as obrigações e os privilégios correlativos.

Nas profecias aparece igualmente o *caráter mais humano, mais suave, mais eficaz* da Nova Lei, porque a predisseram impressa no coração do homem, e não mais na pedra, como a Lei antiga.

Ademais, no Velho Testamento olhava-se para a *vida presente* bem mais do que para a *eterna*, só levemente e de raro acenada, como outrossim para o *lado material* das promessas patriarcais, de que Israel era o herdeiro. No Novo o “reino de Deus” é mais *celeste* do que *terreno*, mais *espiritual* do que *material*, e o espírito do cristão está de contínuo voltado para o céu. Se o israelita se cria “peregrino”, “hóspede” de Yahweh, porque recebido na sua morada (Sl 39, 13), o cristão se tem na conta de “exilado” na terra, no vale de lágrimas, em busca da pátria que é o paraíso celeste. Dois nomes divinos resumem a diferença entre ambos os Testamentos: no Velho Deus é chamado “Adonai” ou Senhor, mas no Novo, de

“Pai Celeste”. Se aquêlc nome inspira mais temor reverencial, êste é mais fonte de amor confiante e terno. O homem é mais filho do que súdito.

Finalmente as *qualidades* que o Antigo Pacto requeria para cabal correspondência aos divinos favores eram mais *externas* do que *internas*, mais *legais e ritualísticas* do que *morais*, contentando-se quase que só com a mera observância exterior dos preceitos. Daí proveio com os tempos o formalismo farisaico, embora de si a Lei antiga a isso não levasse diretamente. O Novo Pacto, de contrário, olha mais para o espírito e para as disposições *interiores*, exige a *reta intenção* e volta-se de preferência para as *virtudes morais* do batizado. Resumindo: o Velho Testamento apresenta a humanidade na sua marcha ascensional para Cristo, com sempre novos aperfeiçoamentos da Revelação antiga, cujos dogmas se enriquecem, e cuja moral se eleva. O Novo a indica chegada ao cume, completando-se o depósito da Revelação, atingindo o ideal religioso o seu estágio perfeito e definitivo.

3. É de 27 o número de livros catalogados no rol ou “cânon” das escrituras do Novo Testamento, que tratam da realização e das condições da Nova Aliança.

Como os do antigo, são divididos quanto ao gênero literário nas 3 classes conhecidas: livros históricos, proféticos, didáticos. Assim:

- 5 são *históricos*: os 4 Evangelhos (Mt, Mc, Lc, Jo), e os Atos.
- Pode-se dizer que aquêles quatro narram alguns traços biográficos de Cristo físico, em função da doutrina que pregou; ao passo que êste último livro relata certos fatos da biografia de Cristo místico, a Igreja, em cumprimento da missão recebida do seu Fundador;

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO .

21 *são didáticos*: Subdividem-se por sua vez no “*corpus paulinum*” ou coleção das 14 *cartas do Apóstolo das gentes*, e nas “*epístolas católicas*”, nome que abarca as 7 cartas escritas por diversos outros apóstolos: 1 de São Tiago, 2 de Pedro, 3 de João e 1 de Judas;

1 *só é profético*: o Apocalipse.

Passando do gênero literário para a canonicidade, esta dá margem a nova divisão em:

20 *livros protocanônicos*, que são todos os não mencionados logo mais, porque seu caráter inspirado jamais foi pôsto em dúvida;

e 7 *deuterocanônicos*: as epístolas aos Hebreus, de São Tiago, a 2 Pdr, a 2 e 3 Jo e a de Judas, mais o Apocalipse, porque sua autoridade divina ou inspiração foi contestada, e por isso mesmo ficaram excluídos; — só porém temporariamente e nesta ou naquela igreja particular, — do cânon das divinas escrituras.

Cumpra acrescentar-lhes *três fragmentos deuterocanônicos* dos Evangelhos: a final de S. Marcos (Mc 16, 9-20), o episódio do suor de sangue (Lc 22, 43.44) e o caso da adúltera (Jo 8, 1-11).

4. Tal cânon ou lista completa dos livros neotestamentários inspirados só se fixou no séc. IV D. C., sendo daí por diante 27 o número consagrado, que o Concílio de Trento definiu solenemente.

Até então o cânon variava, tendo em geral menos que 27 livros, pela exclusão dos deuterocanônicos, e por vêzes mais, com a inclusão dêste ou daquela apócrifo. Não é para admirar-se o retardamento dessa fixação. Na verdade, a coleção

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

neotestamentária foi formada aos poucos, à medida que os livros iam sendo publicados, o que praticamente se deu em 40-100 D. C. Nos 200 anos que mediarão entre essa data derradeira e o começo do séc. IV (ano 300), o caráter particular de muitas dentre essas escrituras, a pequena mole também de diversas, e as dificuldades das comunicações da época, e finalmente a disseminação de apócrifos, que se davam por inspirados sem sê-lo, tudo isto fez com que somente no séc. IV a Igreja Universal chegasse a conhecer todos os livros deveras inspirados, distinguindo-os dos apócrifos e fixando definitivamente o seu catálogo ou cânon.

5. Como se há de ver demoradamente, os livros neotestamentários apresentam de um lado *grande diversidade de origem e de escopo, de gênero literário e de época*, do outro, *maravilhosa unidade doutrinal, formando um todo orgânico de que Jesus é o centro*. Tal unidade é nada artificial; ela corresponde às condições sociais, políticas e religiosas do mundo judaico e greco-romano do primeiro século. E assim o Novo Testamento é *uno*, como *una* é a Revelação cristã da qual é a fonte escrita. Escritores vários de índole, formação, pátria, etc., explicam parcialmente a diversidade. Mas por detrás de Pedro, Paulo, João, etc., *a Igreja*, da qual são ministros, e em cujo seio nasceram os livros do Novo Testamento, explica maravilhosamente a unidade doutrinal que nêle existe.

6. A mensagem evangélica, que é o objeto do Novo Testamento, foi pregada inicialmente num cantinho dos confins orientais do Império dos Césares, justamente naquele primeiro século da “paz romana”, que unia a todos os variados povos da bacia mediterrânea sob o governo de Roma imperial. De lá ao depois se espalhou pelo Império todo, fazendo da sua

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

capital o centro de irradiação. Propagou-se rápida e miraculosamente, não sem se servir dos recursos do Império, providencialmente colocados à disposição, sobretudo o sistema maravilhoso de comunicação, a organização civil e militar e a língua. Esta foi a *grega* do período helenizante, chamada “*koiné*” que se tornou a mais comum e falada por povos diversos, ao lado da língua materna. A língua grega “*koiné*” coloria-se diferentemente nas várias regiões, sendo falada por lábios habituados a diversas falas, e veiculando numerosas palavras e fraseios, recebidos delas. A “*koiné bíblica*” é essa língua comum, fortemente marcada pelo gênio semítico e pelas línguas de que se servia na Terra Prometida, o hebreu e o aramaeu. Escritos nessa língua, os livros do Novo Testamento se difundiram pelo Oriente e pelo Ocidente. Exceção única foi o primeiro Evangelho, escrito em aramaeu; contudo, logo desaparecido, a sua versão grega é que se difundiu.

7. Quer o texto original dos livros, escrito diretamente pelo hagiógrafo, ou pessoalmente ou mediante seu secretário com sua final aprovação, quer as cópias que dele foram feitas nos três primeiros séculos (40-300 D. C.) desapareceram, aquêle por inteiro, (1) e estas na sua quase totalidade. Isso em razão da *matéria* sobre a qual se escreveram, que era na grande maioria o papiro (2 Jo 12), fôlha para escritura de um lado baratíssima e vulgar, mas do outro, frágil e facilmente corruptível. Conservaram-se até nossos dias alguns fragmentos das cópias papiráceas, que são preciosos testemunhos do texto inspirado. Destacam-se êsses Papiros: P 1, que contém Mt 1, 1-9, 12, 13, 14-20; P 4, que traz Lc 1-5; P 8, que tem Atos 4-6; P 13, que trata de Hebr 2-5, 10-12; e o célebre P 46 ou “papiro Chester Beatty”, onde se lêem várias porções bíblicas dos dois Testamentos. Contudo, somente o primeiro e o último são anteriores ao séc. IV. De então para cá

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

os textos dos livros neotestamentários foram copiados o mais das vezes, durante muitos anos, em *pergaminho*, que é matéria bem mais sólida e duradoura, chegando até hoje muitos dêles praticamente intactos. Dentre tais códices coriáceos salientam-se os seguintes: Códice Vaticano, Sinaítico, Alexandrino, Basileense, Cantabrigense ou de Beza, e Códice rescrito de Efreem.

8. Textos assim continuamente copiados por pessoas em circunstâncias várias, e a mão, deviam sofrer alterações de diversas espécies, ainda que acidentais, voluntárias umas, involuntárias outras. Esforços sucessivos foram feitos para a adoção de um texto, que apanhasse as lições divergentes que pareciam seguras, para com elas corrigir-se certo códice tomado como base. Na Idade Média o Império Oriental ou Bizantino formou o seu, com união de lições divergentes, harmonização de lugares paralelos, eliminação de passagens difíceis ou ásperas. É o chamado “texto comumente recebido”, porque prevaleceu da Renascença em diante até faz pouco tempo, contrapondo-se ao latino da Vulgata, que no entretanto está bem mais próximo dos originais. Chegou o período da crítica. Descobriram-se códices mais antigos e respeitáveis. Notaram-se os defeitos dêsse “códice comumente recebido”. Surgiram então edições críticas. Entre elas a do Pe. Agostinho Merk, jesuita, está perfeitamente de acordo com o estado atual da ciência, e segue à risca todas as prescrições da Santa Sé.

Versões veneráveis pela antiguidade foram feitas de todo o Novo Testamento. Para o Ocidente, foi feita uma, chamada “velha latina”, — nome que abarca, ao que parece, mais de uma — comum, antes de findar o séc. II; e mais tarde a Vulgata, de valor incalculável e carregada de merecimentos,

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

a qual é a obra das obras de S. Jerônimo. No Oriente existe a siríaca, a armênia, a copta, a etíope, etc.

E por aqui se fica.

9. *O Novo Testamento e os racionalistas* — A unidade de doutrina do N.T. provém, como se viu, da unidade da Revelação. Os racionalistas rejeitam essa verdade, supondo falsamente que a Igreja primitiva, sob o influxo de exaltada fé mística, teria idealizado um Jesus bem diferente do Jesus histórico: Deus encarnado, que veio revelar o N.T.

Como explicar Jesus e sua Igreja sem a Revelação (sem o sobrenatural): eis o que tenta a crítica independente.

Seguiremos bem de perto o Pe. Renié.

1) *Precursores.*

Celso, no seu “Discurso Verdíco” escrito lá pelo ano 180, rejeitou a Encarnação como filosoficamente impossível. Logo, para êle, Jesus seria puro homem. E ridicularizou o Cristianismo, desvirtuando o texto bíblico e abrindo o caminho aos comparatistas modernos.

O neoplatônico *Porfírio*, um século mais tarde, escandalizado com a Cruz, procurou achar inverossimilhanças e contradições nos Evangelhos.

Árabes e Judeus legaram seu neoplatonismo aos *humanistas* da Renascença, com doutrinas anticristãs expostas só aos iniciados.

A *Reforma* com o seu “livre exame” entrou a questionar até acêrca da divindade de Cristo. No século XVIII e XIX *deístas ingleses e franceses* se puseram a denunciar o Cristia-

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

nismo qual inimigo do progresso. Ao passo que *protestantes alemães* atacaram o problema das origens cristãs.

Assim, por exemplo, *Reimarus* e *Lessing* viram nelas só impostura e esperteza. *Semler*, com o seu “sistema da acomodação”, adotou o disparate: Jesus não teria a intenção de enganar; mas certo de que os seus compatriotas esperavam o Messias, consentiu em desempenhar o papel dêle e transformar-se suas curas em milagres.

Mas o caráter nobre de Jesus, e a sinceridade dos apóstolos, que chegou até ao martírio, reduzem a nada tais grosseirices.

2) *O Naturalismo.*

Paulus (1761-1851) aplicou o kantismo à teologia e à exegese: só a moral constitui a religião; logo os dogmas sobrenaturais lhe são estranhos; o Cristianismo é uma forma de religião natural; seus milagres são fatos naturais mal interpretados pelos simples; exemplo, as ressurreições que Jesus operou seriam voltas do estado letárgico para a vida normal.

Este sistema não salva a dignidade de Jesus, usa de exegese sutil fundada no emprêgo mecânico de certos processos (êxtase, nuvem, relâmpago...), e é inconseqüente porque nega fé às circunstâncias mas a presta ao fundo dos relatos inspirados.

3) *O Mitismo.*

É a aplicação do hegelianismo à exegese por *Strauss*, na sua vida de Jesus (1835), macaqueada por Renan. Jesus, dizem, não é um impostor e Paulus violentou os textos.

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

Jesus entretanto não é Deus, porque seus milagres não existiram: os relatos que parecem incríveis são de origem mítica e serão cortados graças ao que chamam de “exame crítico”.

Sendo o mito “o relato com aparências de história sem sua realidade”, o pseudo *mito evangélico* seria “o produto espontâneo da fé primitiva da Igreja, encarnando inconscientemente suas crenças e preocupações numa porção de relatos, elaborados de antemão na tradição oral, e depois consagrados de boa fé pelos evangelistas” (D. B.).

A separação nos relatos evangélicos entre história e mito faz-se assim: todo relato miraculoso ou que concorda com as preocupações da cristandade primeva é mito puro ou mito histórico.

Para que o mito possa nascer requer-se tempo: eis porque Strauss abaixou a composição dos livros do N.T. ao séc. II.

Mas tal sistema se esboroa se

a) — os Evangelhos são escritos de testemunhas oculares ou vizinhas dos fatos; ora, é o que ninguém hoje nega;

b) — o mito não teve tempo de formar-se para Ressurreição, porque no dia de Pentecostes Pedro a proclamou (At 2, 24);

c) — em vez de concordar com o messianismo material dos mesmos apóstolos, Jesus pregou messianismo espiritual. Onde a concordância com as preocupações de então?

4) *Nova Escola Mística.*

Se na anterior, Jesus, homem deificado pela fé dos discípulos, seria algo histórico, nesta escola já passa a um *deus*

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

que a lenda teria humanizado, produto de especulações filosóficas. Assim *Couchoud* e *Goguel* dizem que os evangelistas transformaram o Cristo de Paulo em pessoa histórica; Marcos, o primeiro dêles (?), teria atribuído a êsse deus humanado os milagres que Pedro deu como feitos por si próprios em nome de Jesus-Espírito.

A tipologia depois teria ajudado a lenda em formação. E tipologia é, diz *Reinach*, a deformação da história de Jesus pelos evangelistas a fim de provarem que Êle realizou as profecias messiânicas.

Negue-se pois o valor histórico aos relatos onde há doutrina ou fatos narrados no A.T. Eis porque *Reinach* negou até a Crucificação, à vista do Sl 21, 17, conforme os LXX. Mas

a) — No séc. II os piores adversários não negaram a existência histórica de Jesus;

b) — Fora dos Evangelhos há magras informações sobre o Cristianismo, mas de grande valor demonstrativo, porque não são criações da fé cristã;

c) — as igrejas do séc. II apelam sempre para a tradição, gostam da sua origem apostólica. Mas se os apóstolos não são testemunhas de Jesus, e sim discípulos de Jesus-Espírito, tudo isso é inexplicável;

d) — A Igreja primitiva conheceu os “irmãos” de Jesus;

e) — Paulo também alude a fatos históricos da vida de Jesus (Gal 4, 4; Rom 1, 3; 9, 5; 1 Tess 2, 15); nêle encontrou *Lepin* 40 alusões à Paixão e 15 à Ressurreição.

5) *Escola de Tubingen ou das tendências doutrinárias.*

Acentuando-se a idéia da preponderância da comunidade cristã na formação do Evangelho, *Christian Baur* (1792-1860),

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

mais do que a vida de Jesus estudou as origens cristãs, que atribuiu a 2 tendências da Igreja primitiva: *petrinismo* e *paulinismo*. Assim houve 3 fases na sua história. A *petrina* ou judaizante: a Igreja ainda só é uma seita da Sinagoga; chefes são Pedro e Tiago; herdeiros da doutrina de Jesus. A *paulina*, que combate a limitação da catequese da Lei só aos Israelitas e a imposição aos pagãos das práticas mosaicas, afirmando a abrogação da Lei e o universalismo da nova religião. Daí o conflito entre as duas correntes, evidenciado na quarela de Antioquia entre Pedro e Paulo. A *fase da conciliação*: aliança do petrinismo e do paulinismo contra o gnosticismo que se manifesta no séc. II, com concessões enormes daquele a este, e triunfos das idéias de Paulo, *o verdadeiro fundador do Cristianismo atual* (?).

E dizem: o petrinismo está no evangelho, segundo os Hebreus, que, retocado, deu no primeiro canônico de Mateus, e na epístola de S. Tiago, dirigida contra Paulo.

O paulinismo, nas epístolas paulinas e no evangelho de Marcião que, reformado, deu no terceiro canônico de Lucas. Feita a conciliação, apareceu Marcos, favorável a judeus e gentios, retocaram-se os evangelhos aos Hebreus e de Marcião em os de Mateus e Lucas, firmou-se a paz com as cartas pastorais e a 2 Pdr, apagando o quarto Evangelho e os Atos todos os vestígios da contenda.

Assim com Baur *Zeller, Schweigler, Ritschl, Volkmar, Weizsacker, Planck*... Mas essa fantasia se baseia na exagerada importância atribuída ao conflito de Antioquia (Gal 2, 11) e em arbitrária dissecação do N.T. Também em datas recentes dos Evangelhos, quando a Tradição e a crítica interna lhe dão maior antiguidade.

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

6) *A Escola Liberal.*

É a de *Adolfo Harnack* (1851-1930), *Júlio Holtzmann* e *Bernardo Weiss* na Alemanha, *Eduardo Reuss* e *Alberto Réville* na França, *Briggs* e *Burkitt* na Inglaterra. O pai, *Harnack*, expõe na *Essência do Cristianismo* isto: a mensagem essencial de Jesus é a fé em Deus Pai.

! Logo, todo elemento dogmático, hierárquico e ritual é adventício.

Aplicando tal critério ao Cristianismo histórico, fêz da Igreja uma desviação do puro Evangelho, pela intromissão do dogma, devida ao espírito grego, e da organização, decalcada sobre a do império romano.

Alguns rabinos de hoje se aproximam dessa idéia. Mas *Harnack* julga tudo com sua teoria preconcebida, que o leva a escolher textos e a explicar tendenciosamente os que aceita. Sem dúvida, a idéia de Deus Pai é essencial mas não a única. E a de Jesus Messias e Filho de Deus? E como explicar a condenação dêle pelos concidadãos?

7) *A Escola Escatológica.*

É seu pai: *João Weiss*, alemão, seguido por *Alberto Schweitzer* e *Lohmeyer*, e na França por *Loisy*, que *Guignebert* vulgarizou. Reage contra o misticismo da escola anterior. Ponto de partida é o reino de Deus, que os Judeus esperavam viesse logo e de forma escatológica; pois o mundo, pior sempre, seria destruído com um só golpe por esplendorosa intervenção de Deus começando a idade áurea dos eleitos.

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

Jesus se contagiou dessa esperança, e acrescentou a de ser o Messias, que presidiria a essa obra na sua volta iminente e gloriosa: a parusia. Não pensou pois em fundar uma Igreja; mas o fim do mundo não veio, e os discípulos a fundaram. Mas também esta é a teoria *a priori*, considera o aspecto escatológico do reino, eliminando arbitrariamente outros que supõem a existência do reino neste mundo (parábo-las do grão de mostarda, do lêvedo, do campo de joio e de trigo...).

Ela trata arbitrariamente o messianismo dos judeus contemporâneos de Jesus, que era não escatológico mas bem ter-restre, e até muito grosseiro. Aliás, Cristo não foi nenhum "iluminado", que se enganou sobre a iminência da sua pa-rusia: caráter feito de retidão, humildade e sabedoria, se se proclamou Messias e Filho de Deus, provou-o com milagres. Depois, a atenta leitura dos textos não deixa perceber a tal iminência da parusia. Aliás, essa teoria faz inverossímil a fé na Ressurreição de Jesus.

8) *Sincretismo ou Evolucionismo.*

Teve um precursor: o judeu *Salvador* (1838).

Como a escola escatológica não pôde explicar o sucesso do Cristianismo no meio greco-romano, indiferente ao mes-sianismo judaico, o novo sistema o explica pela comparação entre o Cristianismo e as religiões não cristãs.

Assim: as origens cristãs são sinceras; logo, não repou-sam sobre mitos inventados; o sobrenatural que nelas aparece provém da figura de Jesus, engrandecida pela segunda e ter-ceira geração cristã, graças à fusão da *apocalíptica judaica* com os mistérios pagãos; como nesses o mito do deus morto

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

e ressuscitado está em primeiro lugar, isto foi aplicado a Jesus, como também a sua confiança: em Deus, qual tinha Osiris ou Attis... Fornecem elementos ao Cristianismo as religiões grego-orientais para a maioria dos sincretistas, o culto de Mitra para *Grill, Clemen, Reinach*, os mitos babilônios para *Gunkel, Jeremias, Zimmern*, enquanto *Pleiderer, Edmundes, van der Bergh, van Eysinga* se prevalecem de analogias entre o Cristianismo e o Budismo (com o Hinduismo), e *Reitzenstein* procura influências dos Mandeanos.

Mas essa *escola comparatista* se contenta com aproximações engenhosas e superficiais, concluindo da analogia para a dependência, sem mesmo verificar a data das fontes empregadas.

Ademais, assimilar Jesus aos deuses mortos e ressuscitados é jogo de palavras; aliás, os deuses pagãos não apresentam morte de caráter salvífico. E como a elaboração tão repentina do dogma cristão entre a morte de Jesus e a conversão de Paulo?

Depois, quanta divergência entre o mistério cristão e os pagãos!

É certo que os mistérios universalísticos (Baco, Isis, Attis), desde o séc. I tratam da outra vida, tentando obtê-la com ritos de iniciação. Mas diferem nisto essencialmente do Cristianismo: êste procura a amizade de Deus no céu; aqueles só pretendem participar da felicidade dos deuses, sem nada de amor.

O culto dos mistérios é mágico, querendo escravizar a força divina. E nada disso nos sacramentos cristãos.

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

As purificações deles divergem essencialmente do Batismo, porque sem valor moral, não implicando sentimento algum de culpa e responsabilidade.

Dato, non concesso o caráter sacrificial da paixão de Osiris, de Dionisos-Zagreus, de Attis, êle não possui, como a Comunhão, o sacramental.

O sincretismo é incontestável mas posterior ao Cristianismo, ao qual só prejudicaria, porque êste possui intransigência dogmática, e aquêle tentava fundir num todo os vários cultos místéricos.

9) *Escola da história da tradição ou das formas.*

Esta é a tradução do seu nome em alemão: *Formgeschichtliche Methode*. Lá por 1920, começou com *Dibelius, Albertz, Bultmann, Bertram, K. L. Schmidt, Cullman*. Variam êles na exposição, até na terminologia: o método não é claro nem completo. Três princípios dirigem o método:

1) — os Evangelhos são aglomerados de trechos de vários tipos (novelas, apoftegmas, controvérsias, parábolas, relatos de milagres, anedotas...) artificialmente juxtapostos;

2) — êsse material reflete as crenças e o culto das comunidades primitivas;

3) — existe concordância íntima entre o variado material e as várias funções da comunidade cristã, para as quais esta o criou e o transformou.

Daí que “a figura de Jesus permanece inacessível ao historiador” (*Initiation Biblique*, de Tricot).

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

Ora, se é louvável que protestantes se voltem para a tradição oral, que precedeu a escrita na confecção do material, contudo esta escola:

a) — elimina a ação dos indivíduos, e explica tudo pelo poder criador da comunidade, que age sob o império de evolucionismo determinístico;

b) — ainda que os evangelistas apelm para documentos anteriores a fim de escreverem, os Evangelhos não são colchas de retalhos; gozam de perfeita unidade. A rejeição do enquadramento cronológico e topográfico; qual artifício para alinhar as várias peças, é enorme disparate;

c) — embora desde cedo usados no culto, só a cegueira poderá assimilar os Evangelhos a hinos litúrgicos.

A escola admite que o culto de Jesus como Deus, é tão velho quanto a Igreja; alguns já admitem certo elemento misterioso que levasse as testemunhas da sua vida a cultuá-Lo; isso não obstante, negam-se a conhecer quem foi Jesus na realidade;

d) — as analogias entre relatos evangélicos (de curas, etc.) e similares judaicos e gregos, aos quais são assimilados, são superficiais e a nada levam: nada mais próximo do relato de um milagre do que o de falso milagre; não é a forma, e sim o fundo, garantido externamente, que os distingue.

GEOGRAFIA FÍSICA DA PALESTINA NOS TEMPOS NEOTESTAMENTÁRIOS

PREFÁCIO

Dar-se-á o significado do nome, uma idéa de conjunto, a distribuição em partes e a descrição de cada uma delas.

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

Segui, como o fiz quanto à minha “Introdução ao Pentateuco”, o Pe. Renié, tendo sempre em mãos o tomo IV do seu “Manuel d’Ecriture Sainte”, que se intitula “Les Evangiles”, 6.^a edição, *apud* Emmanuel Vitte. Também compulsei a obra do Pe. Osty, chamada “Les Evangiles Synoptiques” há pouco saída a lume. Os volumes IX e X, onde estão os comentários aos Sinóticos da monumental obra “La Sainte Bible” trouxeram muita contribuição. O “Manuel Biblique” de Lusseau-Collomb entrou enormemente nestas páginas, que “La Sacra Bibbia” do Pontifício Instituto Bíblico, quanto ao tomo VIII “I Vangeli”, editado em 1950, veio completar com as novas luzes de tão oportuna publicação.

Ainda há obras que foram consultadas, mas raramente, e não vale a pena nomeá-las tôdas.

A benevolência dos leitores apontará as falhas, que em futuras edições serão corrigidas inteiramente.

E o fim único é de contribuir para maior conhecimento dos Evangelhos e de Jesus.

A PALESTINA

NOME

O nome *Palestina* vem da palavra hebraica *Pelechet*, afim de *Palastu* e *Pilistu*, que aparecem nas inscrições assírias, e designa primitivamente o país dos *Pelishtim* ou Filisteus. Diz-se hoje Filistéia essa região, porque o nome Palesno tem agora maior extensão. Essa região, a sudoeste do país de Canaã, estendia-se do Egito à Fenícia pela costa mediterrânea.

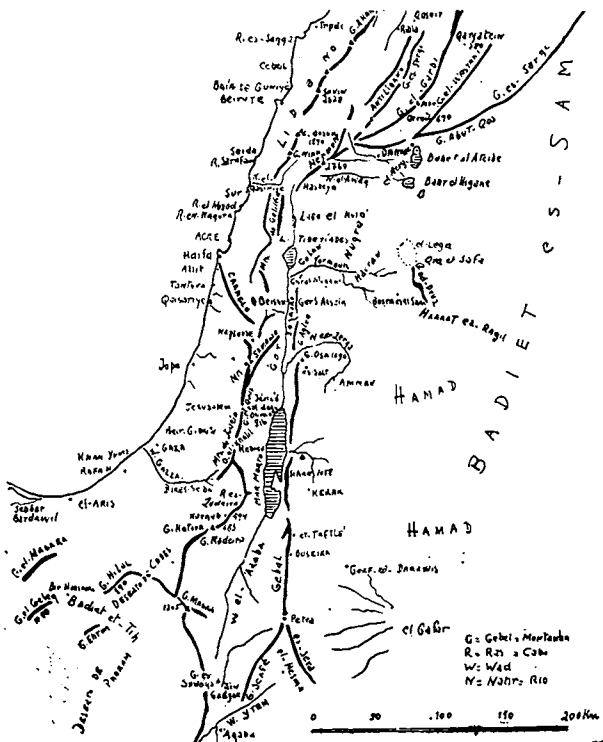
INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

Depois, nos tempos de Nosso Senhor, o nome Palestina foi estendido oficialmente pelos Romanos, para significar toda a região de Canaã, ou Terra Prometida, que era habitada pelos Israelitas: é a Palestina propriamente dita ou cisjordânica. Contudo, ainda mais se alargou o significado, passando a abarcar terras a este de Canaã, além-Jordão na Transjordânia: é a Palestina imprópriamente dita. Raramente, porém incluía tudo até o Eufrates (dessa extensão extraordinária aqui nada vai).

UMA IDÉIA DE CONJUNTO

A Palestina imprópriamente dita está compreendida entre os graus 29, 30 e 33, 15 de latitude norte, e 45, 15 e 35, 40, de longitude este. É limitada ao norte pelo Monte Líbano e Anti-Líbano; a este, pelo deserto siro-arábico; ao sul, pela Península Sinaítica, e a oeste, pelo mar Mediterrâneo. Isso fisicamente. Politicamente, confinava ao norte com a Fenícia e Síria (hoje Líbano e Síria); a este, pela Síria, parte oriental do reino da Jordânia, Arábia; ao sul, pelo Egito, a que pertence a Península sinaítica; e a oeste, pelo Mediterrâneo. Ela faz parte do continente arábico, e dentro dêle, é a continuação do relêvo siro-libanês, prolongando-lhe a configuração do solo pela parte meridional. Pense-se um momento no Atlântico de Santos a S. Sebastião; imagine-se uma linha reta que dêste pôrto suba a Serra do Mar, desça por outra encosta até o Rio Paraíba do Sul, suba e desça depois a Mantiqueira até Itajubá, em Minas; e de Santos outra linha até S. Paulo, mais ou menos por onde está a Via Anchieta, e de S. Paulo a Bandeirantes: têm-se duas serras mais ou menos paralelas, separadas pelo vale do Paraíba; uma das serras dá para o oceano, outra vai formar para lá dêste Estado a região montanhosa do sul de Minas.

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO



MAPA DA PALESTINA

Os traços fortes salientam o sistema orográfico

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

Pelo tamanho aproximado e pela configuração do solo, a Palestina imprópriamente dita assemelha-se a essa porção de S. Paulo e de Minas.

Duas cadeias de montanhas correm em direção norte-sul. É o Líbano continuado pelos maciços da Galiléia, Samaria e Judéia para cá; é o Anti-Líbano continuado pelas pontas montanhosas que rasgam o planalto da Transjordânia, para lá do Jordão; e entre elas a extraordinária fossa por onde corre o rio sagrado.

A Palestina imprópriamente dita mede 27.481 quilômetros quadrados de extensão. É pouco menor do que Alagoas, que conta 28.531. Mede 260 quilômetros de comprimento. A largura é vária; mais estreita ao norte, alarga-se um tanto ao sul; mas só abaixo virá a sua medição na parte cisjordânica.

DIVISÃO

A Palestina imprópriamente dita divide-se naturalmente em duas regiões: Cisjordânia ou Palestina propriamente dita, e a Transjordânia (1). A fossa jordânica é a separação natural. A Cisjordânia divide-se em Galiléia, ao norte; Samaria, no centro; e Judéia, no sul. A Transjordânia, nas regiões a oriente do Lago de Genesaré com o Decápole, no norte; Galaad na Peréia, no centro; e Moab, no meio-dia.

(1) Transjordânia abarca neste estudo o antigo reino da Transjordânia e partes da Síria.

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

A PALESTINA PRÒPRIAMENTE DITA OU CISJORDÂNIA

Mede 260 quilômetros de comprimento, o que já foi dito. Como a fossa jordanica à medida que avança para o sul vai afastando-se do Mediterrâneo, tem-se que a Cisjordânia é estreita de 40 quilômetros nas alturas de Haifa (de 37 em Tiro, na república libanesa); já em Cesaréia é de 69, 94 em Gaza e no extremo sul do território é de 150 quilômetros.

Sua superfície é de 18.000 quilômetros quadrados.

Esse território apresenta quatro regiões bem marcadas: a planície costeira, a região montanhosa, a fossa jordanica e o deserto judaico.

1. *A planície costeira.* Enquanto o Monte Líbano cai a pique sobre o Mediterrâneo, na Cisjordânia o maciço montanhoso corre longe dêle, com planície de permeio. Ao norte do Monte Carmelo a planície, larga de 15 quilômetros onde está Haifa, restringe-se até Ras en-Naqla que está mais para cima, nos confins com a antiga Fenícia. Cortada pela ponta do Monte Carmelo, que se projeta pelo Mediterrâneo, ao sul dêle a planície vai-se alargando até 25 quilômetros nas alturas de Ascalon. É formada por terreno cretáceo recoberto de aluviões providas das montanhas, cujas terras as correntes carregam; como outrossim, pelos depósitos que o Nilo solta ao Mediterrâneo e as vagas atiram às praias.

A costa é de grande fertilidade; e assim os arredores de Jafa são verdadeiros jardins, com os seus laranjais, etc.

Mas não possui bons portos, aberta como é. O pôrto de Jafa (a antiga Jope) como o vizinho de Tel Aviv são pobres;

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

o de Cesaréia da Palestina mais ao norte não o é menos. Só a enseada de Haifa, em parte protegida pelo Monte Carmelo, é passável.

A planície marítima toma dois nomes; planura do Saron, do Monte Carmelo até quase Jafa, e Sefela (terra baixa), do sul de Jafa até a Península Sinaítica.

2. *A região montanhosa.* A Cisjordânia apresenta o aspecto de um esqueleto de baleia, colocado em direção norte-sul; mas roto em duas partes. A coluna espinal forma os maciços montanhosos, com a divisão das águas que correm pelas encostas ocidentais para o Mediterrâneo, e orientais, para o Jordão. Primeiro é o maciço montanhoso setentrional ou galilaico, que figura como a cabeça e o começo da coluna de cetáceo. Há depois a grande planície do Esdrelon, que corta e separa essa parte do resto da coluna espinal. Abaixo da planície, existem os maciços da Samaria e da Judéia, parecendo como que a coluna da baleia, na parte do corpo e da cauda, atirada um pouco longe.

As montanhas vão descendo docemente para as bandas do Mediterrâneo com cabeços cada vez mais baixos, até se chegar a um terraço que medeia entre elas e a costa marítima. Elas descem quase que a pique, do lado oriental, para a fossa jordanica.

Vales, alguns profundos, tendo quase que só as águas temporárias das torrentes hibernais, formam como que as espinhas que partem da coluna central para ambos os lados: este e oeste. Todo o sistema orográfico é formado de rochas calcáreas. Fertilíssimo outrora (terra de leite e de mel), coberto de arvoredos, hoje está desnudo de vegetação. Na Galiléia está o Monte Tabor, onde uma tradição do séc. IV colo-

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

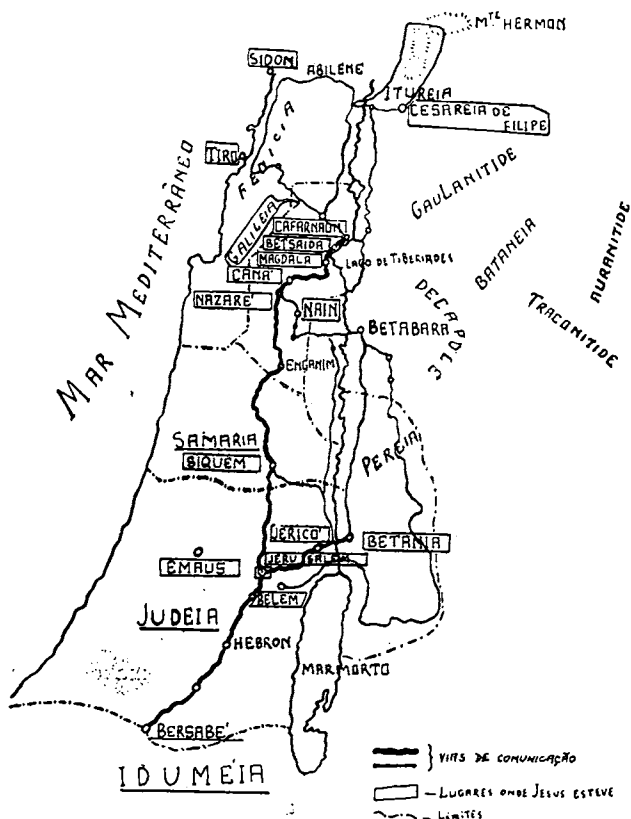
cou a Transfiguração; e a colina onde o Senhor proferiu o chamado “Sermão da Montanha”. A Galiléia compreende a imensa planura do Esdrelon; sua divisão com a Samaria é a torrente Cison. Na Samaria fica o *Monte Garizim*, onde a raça mestiça de Judeus e colônos assírios edificou um templo cismático, e ao lado o *Monte Ebal*, formando ambos como que duas corcovas de camelo, separado por um vale onde se acha Naplusa, a antiga Flávia Neápolis. E correndo rumo noroeste-sudeste a serra do Carmelo, que é costejada pela torrente Cison. E na Judéia o *Monte das Oliveiras*, os *mones* onde se edificou Jerusalém, que outros tem à sua volta (“montes no seu circuito” diz um salmo), e a “região montanhosa”, onde morava a família do Batista. Seus limites com a Samaria melhor se notam nos mapas que vêm anexos do que se descrevem; parece que junto ao Mediterrâneo a divisa com o Egito era Uadi Arish.

Fora a região do Lago de Genesaré quase que tudo o que está nos Evangelhos se passa nessas montanhas: Nazaré, Caná, o poço de Jacó e Siquém, Jerusalém, Belém, etc.

3. *A fossa jordanica.* Começa no Líbano e na Síria, atravessa a Palestina, forma o golfo de Aqaba, o Mar Vermelho, e por fim os grandes lagos africanos no Zambeze. É “larga fissura que se entreabriu no começo dos tempos sem jamais fechar-se de novo, semelhante a nenhuma outra do mundo” (Maspero). Explique-se a Maspero que êle se enganou um pouco relativamente ao tempo: a fossa data de um pouco antes da época glaciária.

Vários nomes foram dados ao vale jordanico: *el-Ghor* ou terra baixa, que mais propriamente se estende do sul do Mar de Tiberiades até onde se eleva de novo a depressão,

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO



A PALESTINA NOS TEMPOS DE JESUS

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

perto do golfo elanítico; *ha Arabah* ou a estepe; e *Aulón* (pelos LXX), ou o corredor.

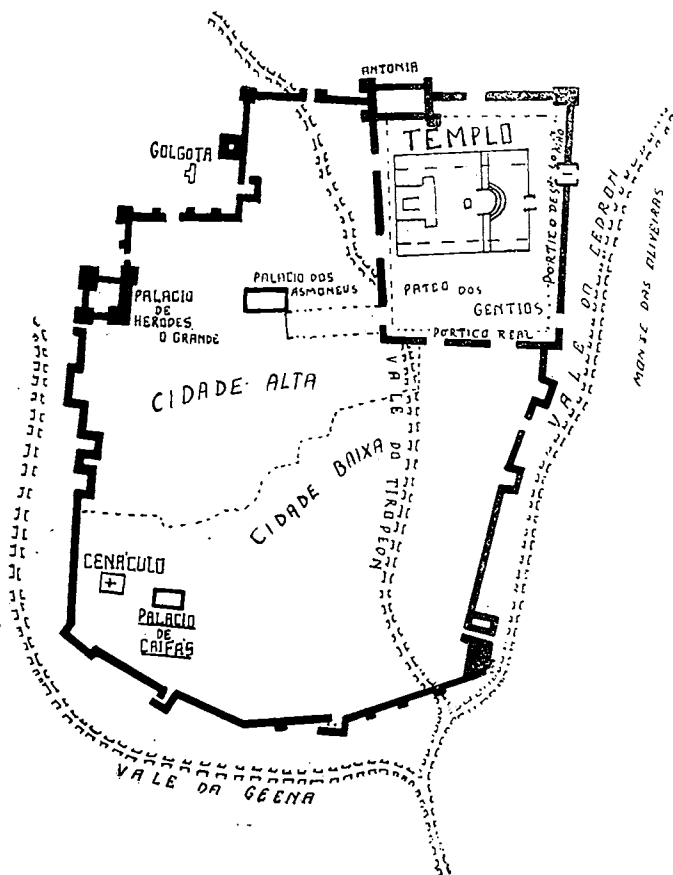
El-Ghor ou a fossa jordânica mede 200 quilômetros de comprimento. Deve-se distinguir a sua secção do Monte Hermon ao Lago de Hule, a que vai do Lago de Hule ao de Genesaré, a que desce do Lago de Genesaré até o Mar Morto, e a que está abaixo do Mar Morto.

A fossa nasce nas fraldas meridionais do monte Hermon a 563 metros acima do nível do Mediterrâneo, e em 200 quilômetros de extensão desce mais de 1.200 metros.

O Jordão ali se forma pela junção das águas de três nascentes, uma das quais é, quiçá, a mais volumosa do mundo. A fossa vai se abaixando até que, a 2 metros acima do nível do Mediterrâneo, chega à planície Hule, onde o Jordão se alarga dando origem ao Lago de Hule, que tem 14 quilômetros quadrados de extensão. É de águas baixas e pantanosas.

Saindo do Lago de Hule o Jordão desce dentro da fossa, numa extensão de 17 quilômetros, de 2 metros acima até 208 metros abaixo do nível do Mediterrâneo, onde atira as suas águas ao segundo lago; que é o de Genesaré, de 165 quilômetros quadrados de superfície. O lago tem o comprimento de 20, e a largura média de 10 quilômetros. Mais do que o anterior é uma copa afundada entre montes. Sua profundidade média é de 45 metros. As águas são tranquilas quase que sempre, cristalinas e piscosíssimas. Ponto de cruzamento dos ventos cálidos que sopram do deserto siro-arábico, e dos ventos frios que descem do cimo nevado do Hermon, as águas por vezes se encrespam e sofrem tempestades furiosas, que não acontecem em outros lagos de igual extensão.

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO



JERUSALÉM NO TEMPO DE JESUS

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

É conhecido debaixo de três nomes, relativos a acidentes que lhe são comuns: *Lago ou Mar de Tiberíades* (1), porque suas águas banham a cidade de Tiberíades, fundada por Herodes Antipas em honra de Tibério, e feita a capital da sua tetrarquia (mas onde nunca esteve o Mestre); *Lago ou Mar de Genesaré*, porque tem a forma de uma harpa ou kiinnôr (“Kimmeret”); e *Lago ou Mar da Galiléia*, porque pertencente a essa região.

Foi bem definido como o “Lago de Jesus”, porque Ele passou a maior parte da sua vida pública nas suas cercanias. Cafarnaum, junto ao lago, tornou-se a “sua cidade” e centro das suas excursões apostólicas; numa colina que dá para a sua praia ensinou o Sermão da Montanha; nele fez os milagres da tempestade acalmada, das pescas miraculosas, etc.; do outro lado do Lago, multiplicou duas vezes os pães; etc.

É região encantadora. Por isso foi chamada “o paraíso de Deus” (Porter).

Ao sul dêsse Mar começa o el-Ghor propriamente dito, abaixando-se sempre mais até o Mar Morto, que se acha 105 quilômetros ao sul. El-Ghor tem a largura de 5 quilômetros abaixo do Lago de Genesaré, e de 20 perto de Jericó, não longe da desembocadura do Jordão no Mar Morto. É região fértil só em alguns pontos, como no oásis de Jericó, célebre pelos seus palmeirais.

Dentro dêsse vale, o Jordão, que etimologicamente significa “o descendente”, vai de correnteza em correnteza coleando até o Mar Morto, sendo por isso mesmo nada navegável. São pardas e barrentas as suas águas.

(1) Os hebreus chamam de “mar” a toda quantidade de água de certa importância e tenha a forma de lago.

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

Eis que se chega à parte mais interessante da fossa: o Mar Morto. Ele recebeu vários outros nomes: *Mar de sal*, sendo fortemente concentrado o cloreto de sódio de suas águas, havendo ainda por todos os arredores; *Mar de Lot*, recordando fatos que se deram com o sobrinho do Pai dos crentes; *Lago Asfaltite*, porque suas águas trazem forte quantidade de benzina ou betume. O nome comum é o de *Mar Morto*. Há deveras imenso contraste entre a vida que se nota no Mar de Galiléia e suas plagas, e este lago com as suas adjacências. Devido aos 25% de sal diluído das suas águas, em razão da forte evaporação ali verificada (1 cm 35 é a média diária) e das fontes termais que lhe atiram sais minerais impróprios para a vida, ela se faz ali impossível. Atirado ali, o peixe de água doce não dura e morre. As águas são tão pesadas que o homem boia à sua tona.

E é tão vasto como o de Genebra. Mede 1.050 quilômetros quadrados. Sua extensão longitudinal é de 75 quilômetros, e a largura máxima, de 16.

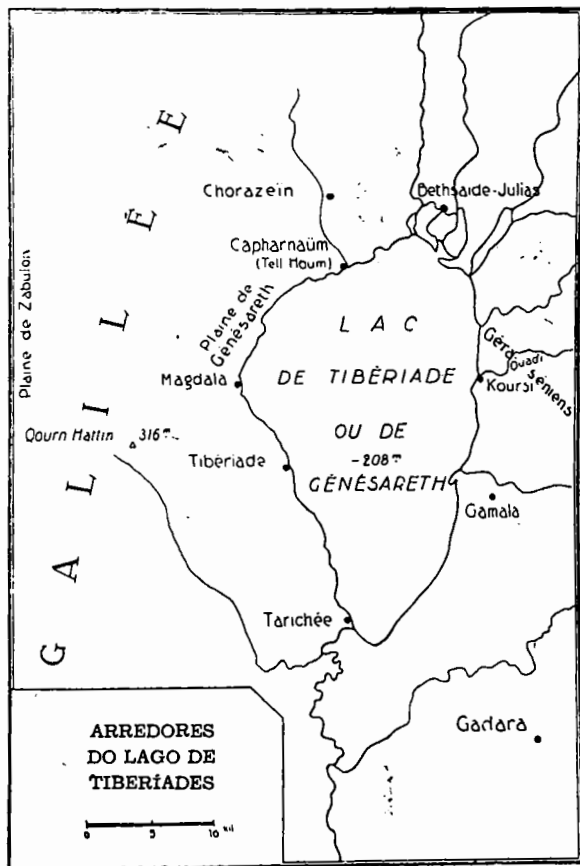
Seu nível está a 392 metros abaixo do do Mediterrâneo. Suas águas são profundas, tanto que a fossa chega até a 791 metros abaixo desse nível, sendo a maior depressão continental conhecida.

Depois do Mar Morto, El-Ghor ou ha Arabah vai-se elevando, e a fossa de novo atinge e sobrepassa o nível do Mediterrâneo, sempre caminhando rumo sul.

E assim o Jordão não corre para os oceanos: no Mar Morto a evaporação o transforma em vapor de água.

Como rios perenes o Jordão recebe sobretudo o *Iarmulque*, logo abaixo do Mar de Genesaré, e o *Nahr ez-Zerka* ou *Jaboque*, quase à meia-distância entre o Lago de Tiberíades e

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO



INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

o Mar Morto, ao passo que este, na metade da sua longitude, recebe o rio *Arnon*. Há ainda rios menores, que afluem para o Jordão nos lagos de cá, e descem para o Mediterrâneo, da banda de lá.

4. *O deserto*. Logo ao sul e a oriente de Jerusalém começa o deserto de Judá, que desce até o Jordão e o Mar Morto, e é região acidentada, sáfara, quase sem habitantes. Pelo lado meridional, após uma grande dobra do terreno, que existe abaixo de Bersheba, continua a estender-se o mesmo aspecto do solo, formando-se o deserto chamado de *Negeb* ou “a (região) sêca”. O Negeb cobre a metade da superfície total da Palestina (12.576 quilômetros quadrados). É montanhoso. Por entre seus serros serpeiam numerosos e por vêzes largos vales, em cujo interior correm as torrentes temporárias de inverno. Como estas não se prestam para a irrigação, o Negeb apresenta pobres culturas, dependentes das chuvas. O Negeb conserva ricas lembranças da idade patriarcal, e os nomes de suas localidades: Bersheba, Gerara, Gades, Siceleg, etc., são célebres.

A TRANSJORDÂNIA

Para quem, por exemplo, da atual *el Azarieh* ou Betânia, olha para lá do Jordão, a Transjordânia apresenta o aspecto de região montanhosa. De fato, porém, após o el-Ghor sobem as montanhas quase a pique, atingindo alturas ainda maiores que na Cisjordânia (aqui a média é de 1.000 metros; lá, de 1.200). Mas para as bandas do Eufrates a região vai descendo lentamente, formando um planalto ondulado que alguns cabeços mais altos cortam.

Divide-se a Transjordânia de norte a sul em três partes, indo desde o país de Damasco e de Abilene, ao norte, até o

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

país de Moab, no meio-dia. Limita-se a ocidente pelos lagos e pelo Jordão, e a oriente pelo deserto siro-arábico.

Dividia-se politicamente em seis distritos, dos quais cinco estão na parte setentrional, e o sexto no centro e no sul.

Parte setentrional. Do Monte Hermon até Galaad, ao sul, a região tódá a este do Jordão e do Mar de Genesaré traz o nome de *Basan* na Bíblia, e era fechada do outro lado pelo Monte Hauran e Monte Ledja. Ao invés de Basan tódá essa região é igualmente chamada às vêzes de Hauran, por causa do monte com êsse nome.

No tempo de Herodes o Grande estava dividida nos cinco distritos seguintes: *Gaulanítide* (*Jólan* é o nome atual), bem ondulado, perto do Lago de Tiberíades; *Batanéia*, no centro, que é fertilíssimo planalto com coxilhas; depois de Batanéia a *Traconítide* e um pouco mais para sudeste a *Hauranítide*, que são regiões montanhosas, das quais uma é hoje o Djebel Druze. Acima disso e perto de Damasco fica *Ituréia*.

Tódá essa região é de proverbial fertilidade, onde cresce trigo abundante e de primeira, possuindo também esplêndidas pastagens, que fizeram célebres os seus touros.

Era habitada por estrangeiros com fraco número de Judeus. Eis porque a região pouco interessa aos Evangelhos.

Nela é que, a leste da embocadura do Jordão no Mar de Genesaré e não longe dêle está *Betsaida*, pátria de Pedro, Tiago, André e João. Entre a região até agora exposta e a central da Peréia ou Galaad, como cunha no território governado por Judeus, ficavam 10 cidades juridicamente ligadas entre si e chamadas "*Decápole*". Eram cidades livres porque isentas da autoridade dos Asmoneus e depois dos Herodes, em-

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

bora devessem pagar tributo a Roma e sujeitar-se aos governadores da província. Internamente tinham regime semelhante aos das cidades helenísticas, e podiam eleger suas autoridades (eram ilhas de independência no meio de território governado pelos reis indígenas).

O nome vem de 10 cidades assim confederadas, muito embora êsse número variasse no correr da história.

As principais cidades eram estas: *Scythopolis* (a palavra está escrita em latim), chamada anteriormente de Bethsan, que hoje voltou grafada como Beisan; é a única da Decápole na Cisjordânia, situada no ponto onde o vale do Jordão se liga à planura do Esdrelon; *Gadara*, onde Jesus esteve (Mc 7, 31), Gerasa, a qual apresenta hoje ruínas soberbas de construções romanas; *Pela*, para onde em geral os cristãos fugiram durante a “guerra judaica”; a antiga *Rabbat-Ammon* (capital dos Amonitas), que passou a ser Filadélfia quando livre, e agora novamente Aman, ligeira variação de Amon, e é a capital do atual Reino Hashemita da Jordânia, também rica de notáveis ruínas romanas.

Parte central. Ali estava a *Peréia*, praticamente e o Lago de Tiberíades ao Mar Morto, tendo o Jordão a oeste e o deserto siro-arábico a oriente. *Peréia* vem de *péran*, que aparece na fórmula completa seguinte: *Péran tou Iordánou*, literalmente “a (região) além-Jordão”, a “Além” por abreviação, como nós dizemos “o além” para indicar o céu.

Seus limites eram, para cima, o Iarmuque, para baixo, separando de Moab, as regiões inferiores ao rio Jaboque e confinantes com Moab.

E’ a continuação do planalto transjordânico. Mais alto no meio-dia, cai abruptamente da banda do Jordão e vai morrendo mais docemente pelas bandas da Mesopotâmia.

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

O planalto é rasgado por algumas montanhas, dentre as quais se destaca ao norte o *Djebel Adjlun*, que atinge 1.261 metros, e ao sul o *Dhebel Osha* ou Serra de Oséias (1.092 metros), onde uma crença cristã e maometana colocam o sepulcro dêsse profeta.

Das alturas avista-se quase toda a Cisjordânia. Na primavera o espetáculo é soberbo.

A região é rica de esplêndidas pastagens. Nela o elemento judaico acabou por prevalecer. Ali estava Betânia onde João batizava (Jo 1, 28). E Jesus ao cabo da sua vida pública ali passou uma estada relativamente longa (Mt 19, 1).

Algumas das cidades da Decápole estavam encravadas nessa região, como Pela, Gerasa e Aman.

Seu nome anterior era o de *Galaad*, que aparece desde a história patriarcal nas páginas bíblicas. Compreendia o território dos Amonitas.

Parte meridional. Do norte do Rio Arnon, na metade longitudinal do Mar Morto, até *Uadi Hesa*, abaixo do mesmo rio fica *Moab*. Seu limite ocidental era o Jordão e o Mar Morto. Sempre é o planalto transjordânico, caindo bruscamente para El-Ghor, continuado ao sul.

Ao norte fica o *Djebel Neba* ou Monte Nebo de cujo pico chamado Pisga (Fasga) Moisés avistou a Terra Prometida. E ao sul, na extremidade meridional da província existia o fortim *Maqueronte*, no cocuruto de um sêrro, onde segundo Flávio Josefo o Batista ficou encarcerado.

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

CLIMA DA PALESTINA

1. *Temperatura.* A Palestina, de conjunto, pertence à zona subtropical, com dias mais ensolarados e curtos no inverno e menos longos no estio do que nas zonas temperadas.

Cumprе no entretanto distinguir a costa marítima da montanha, a montanha da fossa jordânica, a fossa jordânica do deserto. Cada qual dessas porções goza de temperatura especial. Aqui vai um quadro sinótico, sob o nome de uma cidade das quatro zonas: Tel Aviv junto ao Mediterrâneo, Jerusalém nas “alterosas” dêsse país (“região montanhosa” diz Lc 1, 39), Jericó no vale do Jordão, e Bersheba no Negeb. Está em graus centígrados:

	Média	Média	Média	Máximo	Minimum
		máxima	mínima	extremo	extremo
Tel-Aviv	20,4	25,5	15,3	41	5,5
Jerusalém ..	17	22,4	11,7	42	-3,1
Jericó	23,8	30,5	17,1	50,5	1,3
Bersheba ...	19,2	26,1	12,2	44,5	-0,4

O quadro foi tirado do relatório preparado para a informação da Comissão Anglo-Americana de inquérito, que foi feito em 1946, e da revista “Veneral Monthly Bulletin of Current Statistics”.

Em Jerusalém a temperatura varia como média dêste modo ao volver do ano:

De 11 a 9: de dezembro a fevereiro;

De 12 a 16: em março e abril;

De 21 a 25: de maio a agosto;

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

De 26 a 16: de agosto a novembro.

Deve-se a variedade da temperatura nessas zonas a causas diversas: participação ao clima mediterrâneo pela faixa marítima; e ao clima desértico pelo Negevo e deserto de Judá (os quais, como o siro-arábico, são a continuação asiática dos desertos africanos); percebe-se a causa do clima da parte montanhosa e a do El-Ghor se colhe do que foi dito sobre êle mais acima.

2. *Estações e ventos.* Há propriamente só duas estações: a *hibernal*, úmida e chuvosa, de novembro a março, e a *estival* o usêca, de abril a outubro. No inverno a neve cai quase todo o ano, mas poucas vezes se funde rapidamente.

Durante o verão sopra o vento noroeste que refresca seus dias abrazadores. O orvalho é a grande bênção do céu e é esperada nessa quadra. Porque, ao contrário do Egito e da Mesopotâmia, cujas plantações vivem de seus rios, as da Palestina crescem com a chuva e outras águas celestes. Durante a breve passagem do tempo sêco para o chuvoso aparece o vento este e o sudeste, que aquecem a atmosfera e apressam a maturação dos frutos; e na do tempo úmido para o sêco torram a vegetação, desaparecendo quase que por completo a côr verde. Sobretudo é rijo e duro o vento sudeste, chamado *khamsin*, que significa 50, porque sopra êsse número de dias, assemelhando-se ao "scirocco" da Itália, e ao nosso noroeste. Vindo do deserto siro-arábico, acabrunha o ser humano, obscurece o céu com nuvens de pó carregado dos areais desérticos e castiga as plantas. Os ventos todavia mais persistentes e rijos flagelam durante o inverno.

Quando se fala de quatro estações por lá, o fato é quase como aqui: indicação astronômica.

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

3. *Chuvas.* A estação hiberna parte-se em três períodos: novembro, quando cai a *chuva temporã*, boa para o preparo do solo para as culturas; dezembro-fevereiro, que é a época das *chuvas torrenciais*; finalmente, março, no qual vem a *chuva seródia*, utilíssima para a plena maturação das plantas.

E' bom saber as precipitações atmosféricas, que variam nas várias partes:

MÉDIAS ANUAIS DE 1901 A 1940

	Milímetros	Número anual de dias chuvosos
S. João de Acre	616	51
Tel-Aviv	550	60
Nazaré	628	52
Jerusalém . . .	583	59
Beisan	305	38
Jerico	152	31
Bersheba . . .	220	28

E' quadro tirado do relatório para a Comissão Anglo-Americana louvado acima.

FLORA E FAUNA

1. *Flora.* E' máximamente mediterrânea, com plantas subtropicais do *habitat* africano, porque de certo modo a Palestina é continuação do clima egípcio. As grandes florestas antigas desapareceram quase por completo, embora ainda fôsem vastas nos dias de Jesus. Elas cobrem hoje 78.970 hectares ou 3, 5% do solo. Compõem-se de pinheiros de Alepo, de pequenos carvalhos, de terebintos e de oliveiras, e encontram-se preferentemente nas colinas galilaicas e na Sé-

fela. A maior parte do país é forrada de tufos de espinheiro bravo, chamado *sidr*, que recobre os planaltos da Judéia, da Samaria, e da Transjordânia. Quase que só olivedos apresentam troncos elevados, nessas partes.

As culturas se fazem na planura marítima, no vale do Esdrelon (com a sua continuação, que é o vale de Jezrael), e no vale jordânico superior (Jericó no sul).

Elas são tipicamente mediterrâneas: vinha, cereais, sobretudo o trigo, frutos secos, oliveirais, etc. Entre as flores existe a anêmona (será o “lírio dos vales” da Bíblia?), o narciso, o ranúnculo, o iris, a tulipa, etc. Na primavera as planuras cobrem-se de um tapete de inúmeras florinhas silvestres, a que alude o Mestre, quando fala dos “lírios do campo” que hoje se abrem, e amanhã murçam, secam e são atirados ao forninho manual, para dar calor curto e forte que cozinha o gostoso pão dessas partes.

2. *Fauna*. O gado ovelhum e cabrum formando rebanhos mistos (de cabras e de ovelhas) são os mais comuns, (e note-se que a variedade regional é a da ovelha “*laticaudata*”, com cauda grossa que chega a dar mais de 12 quilos de gordura); ainda há o asinino, também comum e que dá a montaria mais freqüente, o muar, e em menor escala o equino e o bovino. Explica-se pois que a carne mais consumida é a de carneiro e cabrito, de que são ávidos os sírios e libaneses; existem ainda rebanhos de dromedários (que servem de montaria sobretudo para os beduinos) e cuja gordura e carne também são vendidas. Cães meio selvagens, búfalos, asnos silvestres há ainda. Lebres, gazelas, antílopes, etc. são conhecidos por lá. Entre as feras baste recordar a hiena, o lobo, a raposa, o leopardo, o chacal, etc. Aves como pardais,

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

estorninhos, pegas, melros, etc., abundam. Viu-se que os rios e o Mar de Genesaré são piscosos.

Nota: aqui vai um elenco bastante incompleto, só para idéia sumária do assunto.

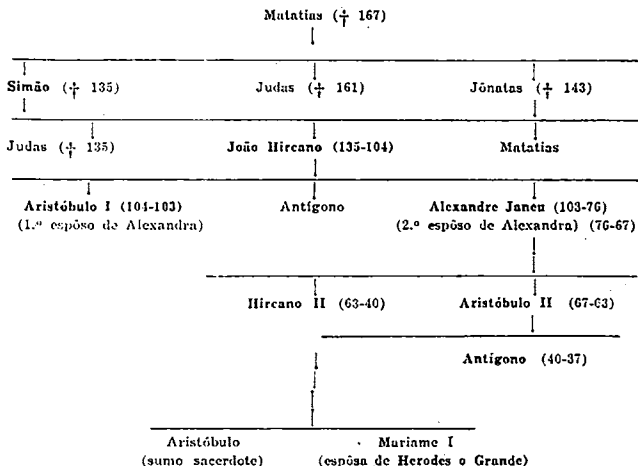
SITUAÇÃO POLÍTICA E RELIGIOSA DA PALESTINA DURANTE O NOVO TESTAMENTO

1. *Antecedentes.* Morrendo em 323 Alexandre Magno, que se apoderara da Palestina, seus generais espartilharam o império macedônico. A Palestina ficou com Ptolemeu, então rei do Egito, começando a sua helenização. Nas lutas porém entre os Lágidas do país do Nilo e os Selêucidas da Síria, a Palestina, sempre campo de luta dos dois países, terminou caindo sob o domínio destes últimos, em 205 A. C.. Os Selêucidas quiseram helenizar até a religião de Israel, erigindo um altar a Zeus no mesmo Templo de Jerusalém. Eis que então os Judeus ortodoxos pegaram em armas “pro patria et pro Deo”, combatendo pela independência nacional e pela religião dos maiores. Os livros dos Macabeus immortalizaram as façanhas de Judas e seus irmãos. As glórias e o nobre fim não deixaram contudo de enfraquecer a nação, facilitando a dominação romana.

De fato, Simão, o último supérstite dos Macabeus, inaugurou a dinastia judaica chamada dos *Asmoneus*, cujas lutas intestinas ainda mais contribuíram para a perda da independência.

Para facilitar o que vai continuar, vem a árvore genealógica dos *Asmoneus*:

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO



Na tábua os nomes em **negrito** indicam os que exerceram o poder real.

Depois de Simão, João Hircano e Alexandre Janeu ocuparam dignamente o trono, até que, morto o derradeiro desses dois, sua espôsa, Alexandra, veio a suceder-lhe. Após o falecimento de Alexandra, lutas fraticidas se desencadearam entre Hircano II e Aristóbulo II. Pompeu encontrava-se na Síria. Os rivais chamaram-no como árbitro da contenda. Pompeu aceitou; tomou Jerusalém, anexou a Palestina à província romana da Síria, embora deixasse como consôlo a Hircano II o título de sumo-sacerdote e de etnarca, que lhe daria uns longes de independência. Era o ano 63 A. C., início da dominação romana, que duraria 700 anos, até 637 D. C. Tornava-se a Palestina *protetorado* de Roma.

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

Hircano recebera igualmente a injunção de um mordomo para o seu palácio. Era Antípater, estrangeiro da Iduméia.

Quando César venceu Pompeu em Farsália (48), Antípater foi bajulá-lo e recebeu oficialmente o título de procurador, embora Hircano ainda continuasse como etnarca. O idumeu era, no entanto, o governador de fato. Morto envenenado em 43, seu filho *Herodes*, meio-judeu porque a sua mãe era judia, foi conciliando pouco a pouco as graças dos Romanos, sendo Hircano II reduzido só ao exercício dos seus poderes pontificais. Foi enfim nomeado por Antônio, tetrarca da Palestina juntamente com o seu irmão Fasacl, como duúnviros governando “in sólido” essa província.

Um dos Asmoneus porém, *Antígono*, filho de Aristóbulo II, aproveitou-se de uma invasão de Partos a fim de recobrar a independência. Herodes só escapou da morte, fugindo para Roma. Lá obteve o título de rei, com a condição de reconquistar a Palestina. Ajudado das legiões romanas, Herodes voltou, e com uma guerra de três anos, de 40 a 37 A. C., tomou a Galiléia, depois a Judéia, conseguindo finalmente apoderar-se de Jerusalém.

Eis um estrangeiro rei de Israel. O cetro saíra de Judá.

2. *Reinado de Herodes o Grande* (37 A. C. — 4 D. C.). Seu território foi se tornando aos poucos quase tão grande como o de Davi, porque era títere nas mãos romanas, que dêle se serviam para a conservação da paz nesses confins do Império, que se alargavam igualmente.

O renome de “Grande” só diz das grandes obras materiais que edificou. Entre elas tem-se que restaurar Samaria, e chamou-a de Sebaste; criou o pôrto de Cesaréia, embelezou

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

Mambre e Hebron. Querendo helenizar suas possessões, construiu por toda a parte estádios, piscinas, teatros, hipódromos. Todavia, sua obra máxima foi a restauração do Templo, que será exposta amplamente depois.

“Se o título de “Grande” se deve a um príncipe que, com escassez de meios, entre sumas dificuldades, com maravilhosa tenacidade, aumenta imensamente o seu poder, Herodes merece plenamente esse título; se, porém, no julgamento se tiver em conta outrossim quais os sistemas com que tal poder foi obtido e exercido, Herodes pode ainda ser chamado “Grande”, mas por sarcasmo.

A figura de Herodes é assaz complexa. Dotado de qualidades excepcionais de corpo e de espírito, era resistentíssimo à fadiga, esperto no manejo das armas, bom condutor de tropas e de operosidade prodigiosa. Nas questões políticas possuía intuição agudíssima da realidade, que lhe mostrava fora de qualquer abstrata ideologia onde estivesse o seu ganho prático: para conseguir então isto, sua ténpera de aço não conhecia nem aborrecimentos nem desilusões, como igualmente a sua consciência desconhecia toda a preocupação moral.

A característica de Herodes é o seu frenesi pelo poder. Tudo nele está subordinado ao poder do seu ceptro e à glória do seu trono. Ele tem uma família, é pai, traz suas afeições humanas: mas quando no seu cérebro obsessionado por aquela idéia fixa fulgura suspeita fugaz, de contraste entre os seus afetos e o seu ceptro, ele não hesita em matar parentes e parentes, filhos após filhos, contanto que a suspeita se desfaça. *Regnare necesse, vivere non necesse*. Seu frenesi é também lúcido e calculador. Se o seu ceptro está ameaçado por quem

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

é mais alto do que êle, Herodes se adapta à realidade, e em frente ao poder faz-se serviçal, pródigo, escorregadio; sé a ameaça vem de quem é mais baixo e pode suplantá-lo só com a intriga e a conjuração, Herodes se mostra sem máscara, torna-se inquisidor maníaco e algoz com espada na mão. Cã-non fixo da sua política é a amizade com Roma, evidente *conditio sine qua non* do seu ceptro; e Herodes jamais entrou em choque com Roma. Quem todavia era Roma para Herodes? Primeiro foi Júlio Cesar, depois o seu matador Cássio, ainda depois o seu inimigo Antônio, a seguir o seu rival Otaviano: e Herodes pontualmente foi primeiro tudo para Júlio Cesar, para passar depois para Cássio, para depois voltar-se para Antônio, para acabar depois com Otaviano. Cata-vento? A palavra estaria fora de lugar para os tempos de Herodes e para as suas condições; melhor, foi efeito da sua intuição política, que lhe fazia prever infalivelmente o mais forte; e juntamente foi efeito da sua mania pelo poder, que o empurrava a botar-se logo da parte do mais forte, ainda que a preço de graves sacrifícios de dinheiro e de prestígio pessoal.

Entretanto um tal homem, gélido maquiavelista na política, era também violento passional na vida privada: durante o seu longo reinado as reviravoltas provocadas pelo seu ardente ciúme tiveram importância decisiva, quase tanto como as reviravoltas políticas com que parcialmente estavam ligadas. Que tivesse desposado dez mulheres não admira num semita e num déspota oriental; de qualquer modo o afeto que teve para com as outras nove conjuntamente não valeu o que nutriu só para com Mariame". (Ricciotti).

Sua religião era falsa, sincrética, se é que tinha religião, e não fazia tudo por política: restaurou o edifício er-

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

guido em honra de Yahweh, mas também de um lado ordenou um sacrifício solene a Júpiter Capitolino na inauguração do seu reinado, e em Jerusalém subvencionou jogos pagãos, do outro destituiu sumos-sacerdotes quantas vêzes quis.

Além de suspeito, como se viu, era cruel e sujeito a bruscos ímpetos de imensa cólera. Vítimas disso é que morreram, como já se disse, a sua espôsa mais querida, e muitos dos seus filhos. Como os Judeus não podiam comer carne suína, os porcos não eram abatidos; e então Augusto dizia, com feliz trocadilho, preferir ser porco (*ún*) de Herodes, a ser filho (*uón*): como porco estaria tranquilo; como filho, o assassinio espreitava-o continuamente. Diante disso, a matança de umas tantas criancinhas em Belém foi cousa tão pequena, que os historiadores profanos não relataram. *De minimis sicut quaestor, non curat historiographus.*

Sua condição de estrangeiro, seu pouco caso relativo à religião mosaica, sua autoridade erguida sôbre os escombros da dinastia asmonéia, seus vícios de caráter, e as imposições de pesados impostos requeridos pelas grandes obras, fizeram-no odiado visceralmente pelos Judeus. Impopular, manteve-se pela força, escudado pelas tropas romanas em tempos mais difíceis.

Seu exército era formado de estrangeiros mercenários.

As legiões romanas, no entanto, por três vêzes lhe ocuparam o território, com todo o vexame que o fato acarretava, como se notou bem durante a última guerra mundial e depois.

Morreu não sentido nem chorado. Era quase a Páscoa do ano 750 de Roma, dentro da era cristã, inaugurada com o nascimento de Cristo Senhor (4 D. C.).

E assim Jesus nasceu num país vassalo de Roma, num território sem independência real. Mas viera dar a liberdade verdadeira.

OS HERODIANOS

Antipater (43)

Fassel (40) Herodes o Grande (4) José (38) Ferous (6) -Salomé I
Berenice I

Antipater (4) filho de Doris	Alexandre (7) filho de Mariame I	Aristóbulo (7) espôso de Be- renice I, filho de Mariame I	Filipe-Herodes espôso de He- rodiades filha de Mariame II	Arquelau filho de Maltace	H. Antipas filho de Maltace	Filipe filho de Cleópa- tra, es- pôso de Salomé
---------------------------------	--	--	--	---------------------------------	-----------------------------------	--

Herodes do Cálcide	Agripa I (44)	Herodiades espôsa de Felipe
--------------------------	---------------	-----------------------------------

Salomé II
espôsa do
tetraen
Filipe

Agripa II	Berenice espôsa de Herodes do Cálcide	Drusilla espôsa de Felix
-----------	--	-----------------------------------

Nota: Os nomes em **negrito** são dos que foram governadores de variado nome.

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

1. *Sucessores de Herodes.* Herodes não foi atendido em tudo nem sequer no terceiro dos seus testamentos, ao ser confirmado pelo Imperador. Nesse último dava a Arquelau o título de rei, sem indicar-lhe território, que seria todo o seu; como vassalos a êle sujeitos, e com o título de tetrarcas, Antipas governaria a Galiléia e a Peréia, e Filipe, a Auranítide, a Traconítide, a Batanéia, a Gaulanítide, a região de Panéias e a Ituréia. A confirmação de Roma veio com mudanças. Arquelau recebeu meramente o título de *etnarca*, e jurisdição somente sobre a Samaria, a Judéia e a Iduméia. Os outros dois conservaram as porções territoriais indicadas por testamento, mas com independência absoluta relativamente a Arquelau.

2. *Arquelau* (4 A. C. — 6. D. C.). Foi igual ao pai (Mt 2, 22) e tão odiado quanto êle. Pouco se manteve no poder: conseguiu que inimigos irreconciliáveis, como eram os Judeus e os Samaritanos, se unissem contra êle acusando-o perante o Imperador. Augusto viu que os lamentos eram fundados e no ano 6 D. C. foi deposto e exilado para a Gália. As três partes do seu território passaram a ser a província romana da Palestina. Era província nem imperatária nem senatária, — as duas divisões ordinárias no Império, — e sim província de modo extraordinário sujeita ao Imperador. Governava-a êste mediante um *procurador*. Mas quer essa província, quer o procurador “pro tempore”, como soia em casos que tais, estavam sujeitos à província imperatária da Síria, governada por um legado.

3. *Herodes Antipas* (4 A. C. — 39 D. C.). E’ quem mais aparece na vida pública de Jesus e ainda durante a Pai-

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

xão. herdou de seu pai o gosto pelas construções: reergueu dos escombros a *Seforis* (Safuríe hoje), fazendo dela a sua primeira capital. Edificou depois desde os primeiros fundamentos uma segunda capital, esplêndida, à moda romana, junto ao Lago de Genesaré, a que impôs o nome de *Tiberíades*, em honra do Imperador. Destruida Jerusalém, Tiberíades fêz-se o centro cultural e religioso dos Judeus, onde os Massoretas elaboraram grande parte dos seus estudos acêrca da Torá. Mas apesar do seu esplendor, antes da catástrofe nacional era aborrecida dos mesmos Judeus, porque fôra edificada sôbre uma necrópole, sendo por isso impura, e era habitada quase que exclusivamente por pagãos.

Herodes Antipas era hipócrita refinado (“raposa” dissera-o o doce Mestre; cfr Lc 13, 32) em religião e em política, ambicioso, devasso. Ia sim a Jerusalém para festejar a Páscoa. Mas redobrou o adultério com incesto, convivendo maritalmente com a sua sobrinha Herodíades, espôsa do irmão Filipe-Herodes; e mandou degolar o Batista, que profligou essa ligação pecaminosa, como defensor integérrimo que era da santidade matrimonial.

No fim, Aretas IV, rei dos Nabateus de Petra e seu sogro, de um lado, e do outro depois também Agripa I, nomeado rei, o botaram a perder. Aquêlê com seu enfurecimento contra Antipas, depois de intrigas feitas por Herodíades. E êste por causa da sua nomeação de rei: Herodíades induziu o rei adúltero a ir até Roma para impetrar o título de rei também para si. Enciumado, Agripa I denunciou os preparos militares de Antipas, que não pôde justificar-se, — o fato era verídico, — e foi exilado por Calígula para a Gália, depois de 44 anos de govêrno.

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

4. *Filipe* (4 A. C. — 34 D. C.). Foi exceção entre todos os Herodes pelo seu caráter doce, pacífico, justiceiro. Só herdou a mania das construções. Assim é que reedificou na encosta meridional do Monte Hermon, junto a uma das nascentes do Jordão, a antiga cidade de Panéias (onde havia um nicho dedicado ao deus Pan) ou Banias. Impôs-lhe o nome de *Cesaréia*. Diz-se *Cesaréia de Filipe* a fim de se distinguir de *Cesaréia marítima* ou *Cesaréia da Palestina*, o pôrto que Herodes o Grande ampliara e ficava perto do Monte Carmelo. Filipe ampliou também Betsaida, cidade a nordeste do Lago de Genesaré, dando-lhe o nome da filha de Augusto ou *Betsaida-Júlias*.

Pouco se imiscuiu nos negócios judaicos.

Seus estados contavam quase só pagãos. Refugiou-se o Senhor nêles mais de uma vez.

Morrendo Filipe sem descendentes, no ano 34 D. C., seus estados foram incorporados à província romana da Síria.

5. *Lisânias*. *Abilene* era um território no Anti-Líbano a noroeste de Damasco, sua capital *Abila* estava construída num barranco que desce a pique ao vale do *Uadi Barada*, onde correm as cristalinas águas do rio do mesmo nome, o qual banha Damasco. Lisânias, cuja genealogia não se conhece, foi nomeado pelos Romanos tetrarca dessa região e residia em Ábila. Anos atrás os racionalistas caçoavam de Lc 3, 1, por trazer uma inverdade: Lisânias seria o filho de Ptolemeu que, segundo inscrições descobertas, foi nomeado tetrarca de Cálcide, região da Celesíria e também foi chamado rei dos Itureus, e governou de 40 a 34 A. C., quando foi assassinado por Antônio. Ora bem, duas inscrições descobertas posteriormente vieram encher de apupos tais racio-

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

nalistas, que tentaram esgaravatar anacronismos em Lucas: elas revelaram a existência de outro Lisânias depois de Cristo. Aliás, os racionalistas abusaram: o primeiro não era tetrarca e sim rei somente.

Aqui vai o nome dele porque, embora não herodiano, foi nomeado juntamente com os filhos de Herodes o Grande por Lucas (3, 1).

6. *Os Procuradores Romanos.* Aqui vem o quadro sinótico de todos, desde a submissão da Samaria-Judéia-Iduméia até o início da guerra judaica em 66:

1. Copônio (6-9 D. C.)
2. Marcos Ambíbulo (9-12)
3. Ânio Rufo (12-15)
4. Valério Grato (15-26)
5. Pôncio Pilatos (26-36)
6. Marcelo (36-37)
7. Marulo (37-41)
8. Cúspio Fado (41-?)
9. Tibério Alexandre (?-48)
10. Ventídio Cumano (48-52)
11. Antônio Felix (52-59)
12. Pórcio Festo (59-62)
13. Albino (62-64)
14. Gêssio Floro (64-66).

O procurador era o govêrno de fato. Exercia o *poder militar*, como chefe de tôdas as tropas, que não eram legionárias, e sim estrangeiras sob o comando subalterno de alguns cavaleiros romanos, (os Judeus guardaram o privilégio da

isenção do serviço militar). Os soldados eram na maioria Samaritanos. Tinha o *poder civil executivo*, que era praticamente ilimitado. Quanto ao *judiciário*, deixou-se aos Judeus o *Sinédrio*, que era competente em quase tudo, embora sob a baixa mão dos Romanos, só ficando sob a dependência exclusiva do procurador ao menos a execução de qualquer sentença capital (se não igualmente o seu lavramento). Relativamente ao *poder legislativo*, deixando que o Sinédrio emanasse tudo o que pertencia ao regime interno da comunidade judaica, o governador podia lançar decretos, com grande campo de ação pessoal, em cumprimento das ordens de Roma e do que lhe parecesse necessário, útil ou conveniente. Era ainda ele o *agente fiscal* supremo da província, e percebia os impostos diretos: impôsto pessoal ou capital, o fundiário e o da renda. Mas a tributação indireta, como os impostos alfandegários e outras taxas, arrendava-se o mais das vêzes a cavaleiros romanos; subarrendavam-na êstes a agentes indígenas chamados de *publicanos*. Os Evangelhos apresentam dois dentre êstes: Mateus ou Levi, o fiscal da alfândega de Cafarnaum, junto aos confins do território de Antipas e à estrada internacional que ia de Damasco ao Egito; e Zaqueu, em Jericó, perto da passagem do Jordão, nos confins da província romana da Palestina com a Peréia, território da tetrarquia de Antipas. Os publicanos entregavam aos rendeiros a quantia estipulada, êstes igualmente a que deviam ao procurador; o mais que auferiam era do respectivo agente: percebe-se como se deviam escorchar e lesar os contribuintes. Nem é só por servirem a estrangeiros dominadores que os publicanos eram detestados: suas extorsões indébitas e excessivas, etc., entram nisso como boa causa.

O procurador, embora representasse o chefe supremo do Império, quando a religião se confundia com a política e o

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

Imperador tinha honras divinas, não exercia ofício nenhum religioso. Pagos os impostos, respeitado o poder imperial, os Romanos deixavam ampla liberdade no mais. Assim é que o culto mosaico ficou de pé e continuou como dantes, garantindo-se com leis imperiais a inviolabilidade do Templo, cujo contraventor, ainda que romano, era passível de morte. E em Jerusalém as tropas romanas despojavam suas insígnias de todo sinal idolátrico. Mas diariamente oferecia-se no Templo o sacrifício de um vitelo e de dois cordeiros, às expensas do Imperador, pelo bem-estar d'ele e de toda a plebe romana.

Abusos houve no que foi mencionado. E mais ainda na deposição dos pontífices, e nomeação de elementos dúcteis a Roma, quando o cargo era hereditário e vitalício. Foi tão grande o abuso, que de Herodes o Grande até a tomada de Jerusalém houve 28 sumos-sacerdotes, cujo cargo durava consequentemente na média de 3 ou 4 anos. Aliás, o procurador fazia pesar sua mão quer sobre as decisões do Sinédrio, quer sobre as atividades estritamente religiosas do sacerdócio.

Ele residia habitualmente em *Cesaréia marítima*. Por ocasião das grandes festas descia até Jerusalém, residindo na Fortaleza Antônia, que ficava a cavaleiro sobre o Templo e a cidade, podendo sufocar todo levante das grandes multidões, que então ali se concentravam.

Os quatro primeiros governaram a região só durante a vida particular de Jesus.

O quinto, *Pôncio Pilatos*, governou durante a vida particular e pública do Mestre e compareceu na figura de juiz supremo no processo que levou Jesus ao patíbulo.

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

Pertencia à família dos Pôncios, que eram patrícios romanos. Recebeu o apelido de *Pilatos* ou “seteiro”, “sagitário”, de certo por motivo de alguma façanha militar. Sua esposa chamava-se Claudia Prócula, da família imperial e prosélita do judaísmo, segundo os apócrifos; segundo Mateus (27, 19) era favorável a Jesus e interveio em favor dêle.

De caráter, era fraco e violento, irresoluto e cético, (sua pergunta ao Mestre: “Que é a verdade?” diz bem dessa última falha). Mas o traço dominante era o *arrivismo*; uma coisa temia: a perda do favor imperial; uma coisa queria: ciosa e ciumentamente guardar: o seu cargo.

Detestava cordialmente os Judeus e lhes hostilizava as instituições, sendo duro e cruel no reprimir as falhas dos subordinados.

Os Judeus o odiaram sempre mais; muito embora isto se desse, manobravam-no quando preciso. E assim é que jogaram com a sua irresolução e o seu arrivismo até o sancionamento da pena capital decretada contra Jesus.

Cansaram-se por fim os Judeus das violências de Pilatos. Quando êle reprimiu de morte a numerosos Samaritanos no Monte Garizim, a revolta popular reventou. Vitélio, legado da Síria, teve que intervir, e mandou Pilatos justificar-se em Roma. Não pôde fazê-lo e Calígula exilou-o na Gália, em Viena ou Luzerna (agora na Suíça), conforme suas tradições locais divergentes. Segundo Eusébio, suicidou-se.

Dos sucessores de Pôncio Pilatos, que governaram nos dias da Igreja nascente, ressaltam sobretudo Antônio Felix e Pórcio Festo. Aquêles se viu imiscuído no processo de Paulo, que foi escoltado até Cesaréia depois de salvo por soldados romanos, e acusado pelos Judeus como agitador. Felix foi

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

procrastinando, sempre à espera de alguma propina do encarcerado. E nada. Depois de dois anos Pórcio Festo veio substituir a Felix, e teve o processo de Paulo entre as mãos. Recusando o Apóstolo ser julgado em Jerusalém e apelando para César, Festo o embarcou para a Cidade Eterna.

Quanto aos demais procuradores, o pêso dos impostos, as extorsões indébitas e os maus tratos exacerbaram os ânimos, veio a chamada “Guerra Judaica” (66-70), terminou ela com a vitória total de Roma e a destruição do Templo e da capital da teocracia judaica, que igualmente desapareceu.

AS FACÇÕES RELIGIOSAS E POLÍTICAS DO JUDAISMO

Havia três de caráter predominantemente religioso: os Fariseus, Saduceus e os Essênios. E duas exclusivamente políticas: os Zelotas e os Herodianos. Excetuada a dos Essênios, as demais quatro aparecem com freqüência nos livros neotestamentários, sobretudo a do binômio: Fariseus e Saduceus.

I. *Os Fariseus.* Aqui vai a *história*. Após o exílio, Judeus devotos, chamados *hassidim* (“pios”), separaram-se dos ocupantes da Judéia, que receberam o nome de *am-ha-aretz* (“a gente da terra”), em vista de melhor conservação da fé. Mais tarde, durante a revolta dos Macabeus contra a impiedade síria, os *hassidim* apoiaram os insurretos, e adquiriram a feição própria do seu grupo, que era a de insular-se da massa, procurando praticar mais austeramente a Lei. Logo, sua aparição verdadeira na história data do tempo dos Selêucidas. Seu espírito de separatismo foi notado, e os adver-

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

sários lhes impuseram o apelido de *Perushim* (leia-se “peruchim”: quer dizer “os separados”, melhor, “os separatistas”). Chamavam-se porém de *haberim* (“companheiros”) entre si.

Os Fariseus esperavam que os Asmoneus triunfantes lhes premiassem a ajuda, tendo-os quais conselheiros da coroa. João Hircano, porém, que era príncipe helenizado, não quis saber das interpretações rigorísticas dos Fariseus, que passaram a opor-se aos Asmoneus. Aumentou a oposição no reinado de Alexandre Janeu, que foi devasso e ambicioso. Sob Alexandra ganham influência, conseguem que suas interpretações fiquem incorporadas em leis e mandam. Depois voltam à oposição. No advento de Herodes eram 6.000 segundo Flávio Josefo. Não quiseram prestar-lhe o juramento de fidelidade, e conservaram-se de lado, entregues unicamente à atividade religiosa. Sua influência foi cada vez maior no seio do povo e conservaram-na durante a vida de Jesus e depois. A extrema direita do partido formou a facção à parte dos Zelotas, de fim puramente político, que teve papel mais saliente na “guerra judaica”.

Agora a doutrina. Os Fariseus são conservadores. Seu grande princípio é a “tradição dos maiores”. A Lei nem tudo previra; além de incompleta, devia ser aplicada aos casos que surgiam. O seu caráter sagrado porém não permitia nem cortes nem acréscimos. Só restava interpretá-la. A fim de dar todo o peso às suas decisões, os Fariseus exageravam o papel da tradição, base delas, e subiam-na até os tempos de Moisés. A Lei não era maior do que ela, mas só igual. Espiritualistas admitiam a imortalidade da alma, a ressurreição dos corpos e a Providência de Deus, que sabiam conciliar com o livre alvedrio do homem (cfr At 23, 6).

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

E, finalmente, as *características* do Farisaísmo. Não se nega o amor sincero que se tinha da Lei. Mas os Fariseus applicavam-se exclusivamente à observância da letra da Lei, não do espírito. Meticulosos, dividiam e subdividiam as transgressões contra ela. Jesus reprovou não o cumprimento pontual dessas coisinhas, — porque nisso vai perfeição, — mas bem o espírito de que procedia, que era ò de vanglória e auto-suficiência.

Três pontos da Lei mereceram atenções especiais: o repouso sabático, as purificações legais e o pagamento das contribuições sagradas.

Mas em tudo o supra mencionado espírito gerou um *formalismo religioso mesquinho* (cf. Mt 23, 24-26). Dêle brotou a *hipocrisia*, que lhes permitia torcerem a Lei a seu favor, mediante hábeis e falsas applicações da tradição (Mt 15, 4-6); o *orgulho* que fazia da sua pretensa justiça motivo de confiança; e *desprêzo figadal* por todos quantos não se guiavam por essas normas, os detestados *am-ha-aretz*, entre os quais tinham a Jesus, e os estrangeiros.

Recrutavam-se êles entre tôdas as camadas sociais. Poucos, todavia, entre os sacerdotes eram Fariseus. Eram pois, na maioria, leigos, quer ricos, quer pobres. A aceitação para membro do partido condicionava-se ao exato conhecimento que o candidato devia ter da Lei e das tradições, à adesão aos ensinos dos doutores do partido, e ao cumprimento mais correto do repouso sabático, purificações legais e dízimos levíticos.

Chefes dos Fariseus eram os escribas, que lhes constituíam a maior parte. À vista disso o Farisaísmo poderia chamar-se de “partido dos intellectuais”.

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

O amor sincero da Lei fêz com que muitos dentre êles não se deixassem levar do mencionado espírito. Alguns eram até grandes almas e pessoas de piedade incomum: Nicodemos, Gamaliel, Paulo de Tarso. A igreja-Mãe de Jerusalém era na grande maioria constituída de Fariseus (At 15, 5; 26, 5).

Hoje se procura reabilitar o Farisaísmo. Klaussner na sua obra recente "Jesus de Nazaré" mostra-se defensor dêle, mas é obrigado a confessar os vícios aqui apontados e comuníssimos do Farisaísmo.

2. *Os Saduceus.* Durante a dominação persa um conselho de sacerdotes e de nobres assistia o sumo-sacerdote de seus préstimos com o ofício de conselheiros. O conselho adquiriu influência política sempre maior e se constituiu em partido, com gente fora do dêle que lhe seguia a orientação. É o partido dos Saduceus. Esse nome quase certamente não vem de *tsaddiqim* (os justos), por razão etimológica, e sim de *Sadoc*, nome do sumo-sacerdote contemporâneo de Salomão, que suplantou a Abiatar no pontificado supremo (3 Rs 2, 35), e foi tronco de uma família sacerdotal detentora de sumo prestígio por anos e anos.

A sorte do partido variou ao rolar da história. Sob Hircano I, que os Fariseus apoiavam, os sacerdotes do conselho unidos à nobreza civil se constituíram em facção política da oposição. Ganharam influência depois, e passaram a apoiar João Hircano e Alexandre Janeu. Alexandre deixou-os de lado, porque era dócil aos rivais Fariseus. Tornaram-se de novo senhores da situação durante o governo de Aristóbulo II. Pode-se dizer que, sob os Asmoneus, quase sempre foi o partido do situacionismo. É o que explica parcialmente a dureza com que foi tratado por Herodes o Grande, que dizimou um bom número de seus membros.

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

Transformada a Judéia em província romana, os Saduceus, praticamente dirigiram de 6 a 70 D. C., a nação, porque dominavam o Templo e o Sinédrio, e tinham no sumo-sacerdote, do seu partido, o representante da pátria nas relações oficiais com os Romanos dominadores. O Saduçaísmo era, pois, Israel.

Desapareceram com a ruína de Jerusalém e do Templo.

De si era partido religioso: chefes do pessoal do culto, dirigiam os Saduceus os ofícios religiosos; herdeiros da tradição dos sacerdotes que antigamente ensinavam a Lei, eram versados na ciência litúrgica.

Mas o princípio religioso que seguiam era o da *observação estrita e à letra da Torá*. Rejeitavam por consequência a tradição oral como fonte de desenvolvimentos dogmáticos e adaptações jurídicas. Daí o seu conservantismo feroz.

Materialistas de antanho, negavam a *existência dos espíritos* (At 4, 1. 2; 23. 8), e por via de consequência a *ressurreição da carne*, a *imortalidade da alma* e a *vida do além* (Mt 22, 23-33), estagnados na exclusiva doutrina dos Sábios de Israel que está nos Provérbios ou no Eclesiastes. Quase que não criam na *Providência*, chegando Flávio Josefo a dizer que a negavam. Com tal negação adeus à graça, à sanção dos atos humanos, à existência da inspiração bíblica.

Os Saduceus tinham seus próprios escribas, que interpretavam a Torá e a lei oral à moda deles.

É claro que um fôssco profundo separava Saduceus e Fariseus. Durante muito tempo as duas facções chegaram, diversas vèzes, a rixas sangrentas. Então e sempre houve entre elas disputas azêdas, acusações recíprocas, zombarias mú-

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

tuas (aquêles para êstes: sôbre as discussões interminas a respeito de nonadas, casuística excessiva, formalismo; e êstes para aquêles: o materialismo, o liberalismo). Preferiram por fim conservar distância, para evitar atritos, salvo gozarem das derrotas dos adversários (Lc 20, 39).

Os Saduceus, que formavam também partido político, queriam com êle acomodar-se à sujeição estrangeira; para salvaguarda dos seus privilégios.

Viviam contentes com a sua sorte. Eram duros para com a massa. Em direito criminal aplicavam à risca, aos outros, a *pena de talião*, quando os Fariseus muita vez a comutavam por taxas pecuniárias. Eram de contrário todo indulgências para com as fraquezas dos membros do partido.

Disse bem o Pe. Grandmaison: “Eram pessoas ambiciosas, oportunistas pois, larguíssimas em questões de alianças, entendimentos e compromissos com os pagãos e os meio-Judeus”.

Gozadores desta vida, não esperavam pela vinda do Messias, nem a desejavam. Cuidadores sômente de si próprios, eram odiados do povo.

Se ainda existem aspectos simpáticos no Farisaísmo, esta outra corporação só inspira asco e nojo.

3. *Os Essênios*. Não aparecem nos Evangelhos, e só Flávio Josefo com Filon são os informadores.

O nome é de étimo e significado incertos, parecendo significar “os puros”, “os santos”, “os silenciosos”.

Também a origem é incerta. Como os Fariseus parecem derivar-se dos *hassidim* dos tempos macabaicos, tendo, como

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

aquêles, apêgo apaixonado ao mosaísmo. Logo, formam uma corporação essencialmente judaica. Não se pode contudo negar a influência nêles do *pitagorismo grego*.

Como grupo organizado existiam desde um século antes da nossa era.

Seu número chegou a ser de 4.000.

Seu modo de viver era semelhante ao das ordens religiosas: admissão depois de dupla provação, de um ano a primeira, de dois a segunda; renúncia do matrimônio para a maioria; comunidade de bens; promessa de obediência aos superiores, — porque havia uma escala hierárquica de autoridade, — e de lealdade, justiça e amor para com todos.

O candidato, que o pronunciava, recebia a veste branca, símbolo da luz e da pureza.

Os Essênios viviam em espécies de conventos em Jerusalém, e em muitas vilas da Judéia, sobretudo em Engadi, na praia ocidental do Mar Morto.

Seu apêgo à Torá era sob certos pontos maior que a de outros Judeus. Assim o repouso sabático era rigorosíssimo: evitava-se nesse dia até a satisfação das necessidades naturais. As purificações legais levadas ao extremo, tornando-se como que a característica essencial da seita. Mas a frequência ao Templo era *parcial*, só para a oração, não para os sacrifícios, que substituíam pelas suas lustrações e repastos em comum.

Para êles Moisés era a grande autoridade.

Criam *na imortalidade* e *na preexistência* das almas; após a morte, elas voltavam para as regiões celestes donde

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

vieram. Desenvolveram a *angelologia*. Admitiram a *retribuição* após a morte, não contudo a *ressurreição da carne*, desde que a morte é a libertação do espírito que então vai gozar ou penar sôzinho.

Eram respeitadíssimos como homens de grande perfeição e santidade.

“Superfariseus”: eis seu nome.

Após a queda de Jerusalém desapareceram logo, vítimas das suspeitas dos Romanos e dos seus próprios particularismos.

4. *Os Zelotas*. Era a ala dos extremistas e fanáticos dentre os Fariseus. Nacionalistas ferozes e intransigentes, em virtude da sua idéia religiosa, que só queria um Senhor, Jahweh, abominavam tôda dominação estrangeira.

Como partido organizado vieram à luz durante o recenseamento de Quirino, no ano 6 ou 7 D. C., sob a orientação de Judas o Gaulonita.

Desde então, até 66, os Zelotas foram agitadores, fomentando quer rebeliões abertas e violentas contra Roma, quer guerra surda e subterrânea, como os “maquis” franceses da última grande guerra.

Na “guerra judaica”, que êles atearam, entredevoraram-se dentro do Templo, de modo que mais suas lutas intestinas do que as armas romanas levaram por fim Jerusalém e o santuário à sua ruína total.

5. *Herodianos*. Se as quatro facções vistas constituíam também seitas, ou atitudes diversas relativamente à religião, esta era exclusivamente um partido político, ainda que de

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

menor importância. Só os Evangelhos informaram sobre ela (Mt 22, 16; Mc 3, 6; 12, 13). Fora deles, há um só texto, e de Flávio Josefo, que se interpreta com referência a esse grupo. Mas é dúbio.

Pertenciam-lhe os que por temor e inclinação se haviam devotado aos Romanos, e a seus representantes: os procuradores e os Herodes; na prática os membros das famílias não lesadas sob os Idumeus. Nos tempos de Jesus faziam parte sobretudo do círculo de Herodes Antipas.

Julgando quimera todo desejo de independência, e temendo a escravização total do país, curvaram-se ao regime de meia liberdade.

Eram na maioria palacianos. Sua influência sobre a massa era nula.

OS ESCRIBAS

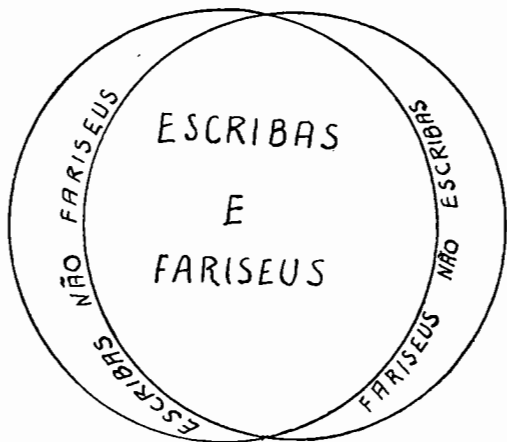
Escriba é o nome de ofício. Os escribas eram leigos.

Antes do exílio *escribas* eram os copistas e por isso mesmo os versados na Lei. Exerciam alguma vez certos cargos oficiais, nomeadamente o de secretários. Depois, era-lhes atribuída a função de legistas ou intérpretes oficiais da Lei, que cada vez mais ia sendo estudada, desde a volta do exílio. Esdras foi então o mais célebre de todos (2 Sam 8, 17; 20, 25; 2 Rs 12, 11; 19, 2; 22, 3; Esd 7, 6. 11; 12, 21; Ne 8, 1; 12, 26. 36).

A maioria vinha do Farisaísmo. Daí a confusão que por vezes se faz entre Fariseus e Escribas: este porém é nome de ofício, ainda que formando corporação, aquêle o de corrente,

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

partido. Havia porém Escribas saduceus. Esta figura elucida a questão: a maioria dos Fariseus eram Escribas; a maioria dos Escribas eram Fariseus; havia alguns fariseus não Escribas; alguns Escribas não Fariseus.



Nos tempos de Jesus eram os verdadeiros *guias espirituais do povo*. Tinham o título de *Rabi (rabino)* e vestes características.

Suas funções eram a de *legistas*, aplicando a Lei aos casos particulares, de acôrdo com as normas inalteravelmente transmitidas de trás; a de *mestres ou doutores*, que ensinavam aos discípulos sentados aos seus pés, (como S. Paulo ante Gamaliel), segundo o método da decoração por repetição; a

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

de juizes, por conhecerem a Lei minuciosamente; e a de *comentadores* do texto sagrado.

Nos tempos de Cristo eram escribas mais célebres *Shamai* e *Hillel*, que representavam duas correntes distintas e famosas; nos dias de Paulo, Gamaliel; outro conhecido foi Antígono de Soco; Simão o Justo, e um segundo Simão, êste filho de Gamaliel.

MINISTROS SAGRADOS

Depois de estipulado o pacto sinaítico, Yahweh escolheu a *tribo de Levi* para o sacerdócio em Israel. Da tribo de Levi separou a *família de Aarão*, da qual o primogênito de cada geração devia obter por direito hereditário o supremo pontificado, embora nem sempre fôsse o designado, enquanto os demais aaronitas exerceriam o simples sacerdócio. Isso durou até os tempos de Jesus e até a destruição de Jerusalém.

1. *O sumo-sacerdote.* Durante a época romana os successivos governos da Palestina não respeitaram o caráter vitalício do pontificado, nem o direito de primogenitura de obtê-lo. Criavam e depunham sumos-sacerdotes, a seu bel prazer, melhor, vendiam o cargo a quem mais ofertasse. Muitos pontífices depostos conservavam o seu prestígio; e se era o legítimo, continuava a ser respeitado pelo povo. Daí está outrossim que, sendo de direito um só, na prática havia mais; como nos dias de Jesus havia dois, Caifás, criado pela autoridade civil, e Anás, destronado por ela, mas conservador de

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

larga influência, como se colhe do relato da Paixão. Não raramente o sumo-sacerdote deposto era novamente eleito.

Os sumos-sacerdotes eram saduceus.

Representavam a nação judaica diante dos Romanos.

2. *Os sacerdotes.* Eram só os aaronitas. Estavam divididos em 24 classes, que se revejavam nos serviços litúrgicos, exercidos cada semana, de sábado a sábado (Lc 1, 5-9). Chegada a semana de determinada classe, suponha-se a de Abia, que era a oitava segundo a ordem estabelecida, seus membros reuniam-se sexta-feira de tarde, antes das 6, no Templo, sortecavam-se pelos mesmos os vários ofícios diários e semanais, e ficavam em exercício até o término na outra sexta-feira às seis da tarde.

Enquanto que alguns sacerdotes, que formavam o alto clero, moravam em Jerusalém onde exerciam certos ofícios permanentes da burocracia do Templo, a maioria habitava localidades vizinhas, donde iam para o santuário e para onde, passada a semana, voltavam. Jericó era uma dessas localidades, e a parábola do Bom Samaritano descreve um sacerdote e um levita pelo caminho de Jerusalém a ela, depois que um viandante cai às mãos de salteadores.

Nos tempos de Jesus havia uns 30.000 sacerdotes.

3. *Os Levitas.* Havia no Templo ofícios menores, entregues a qualquer descendente de Levi, não só aos que dêle vinham pela via de Aarão, como preparar tudo para os sacrifícios, guardar os vasos sagrados, alfaías, tesouros do san-

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

tuário, tocar as trombetas e demais instrumentos músicos por ocasião das festas, e policiar o edifício sagrado, maxime em tempos de muito concurso de gente. Eram os dos Levitas. Havia um chefe de todos, chamado *Sagã*. O *Sagã* dirigia, por intermédio de subprefeitos.

Nota: As vestes sagradas, durante muito tempo da dominação romana, sobretudo sob a procuradoria de Pilatos, ficavam guardadas pelos Romanos na Fortaleza Antônio, que só as entregavam para as grandes solenidades.

LUGARES DO CULTO

1. *Templo de Salomão.* O *histórico* é simples. O “primeiro santuário” como os Judeus chamam ao Templo de Salomão era relativamente modesto (1 Rs 6; media quanto ao edifício propriamente dito 30 metros de comprimento por 10 de largura e 15 de altura). Foi destruído por Nabucodonosor em 587 A. C., quando da expugnação de Jerusalém. Voltados do exílio, os Judeus reergueram dos escombros o “segundo santuário”, como é chamado o Templo de Zorobabel, a grande alma da realização. Fizeram-no às pressas; os que haviam conhecido o primeiro, choravam de tristeza ante a diferença para menos da casa de Deus (Esd 3 e cc. seguintes). O Templo de Zorobabel foi por Antíoco IV Epífanes, rei da Síria, (175-164) pilhado e outrossim poluído; depois parcialmente destruído por Antíoco V Eupator (164-162); mais tarde expoliado por Crasso (cêrca do ano 56); e, finalmente, tomado por Herodes o Magno em 37 A. C.

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

Iniciando as suas soberbas construções, Herodes tinha um Templo acanhado e parcialmente destruído que destoava do conjunto da Cidade Santa.

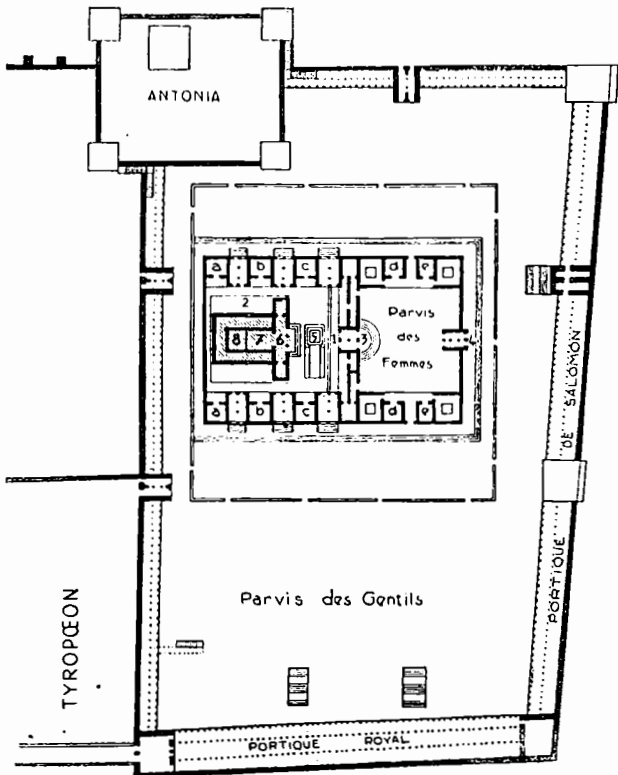
Pensou pois em ampliar e embelezar o Templo, que é chamado de “segundo santuário”, como o de Zorobabel, por lhe ser mera continuação.

Dezoito mil operários trabalharam na obra. Dividiam-se em duas turmas. Herodes respeitou o interior, e por dentro a obra ficou a cargo dos sacerdotes.

Conservou igualmente o lugar, e a distribuição das partes, como ademais o aspecto estrutural antigo, ornamentando-o porém com arte greco-romana.

Começando os trabalhos 17 anos antes da era cristã, prosseguiram nos dias de Jesus, e só terminaram no ano 64 D. C. Seis anos depois era de novo um montão de ruínas, sem ficar pedra sobre pedra.

Agora se passe à descrição do Templo. Achava-se no Monte Moriá, a este de Jerusalém, dando para o Vale do Cedron e tendo do outro lado do vale o Monte das Oliveiras. O Monte fôra já aplanado por Salomão, formando-se um terço, em forma de imenso quadrilátero, que tinha 480 metros de comprimento e 300 de largura, ou seja, 144.000 metros quadrados ou 6 alqueires paulistas; êsse quadrilátero fôra ainda um tanto ampliado por Herodes.

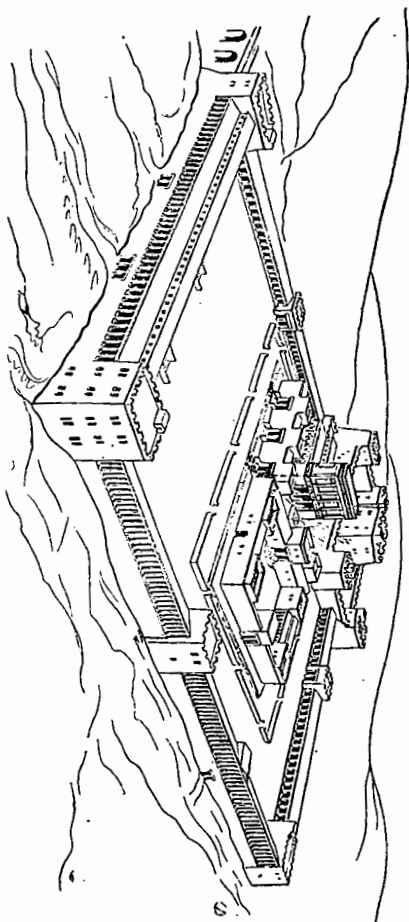


PLANO DO TEMPLO DE JERUSALÉM
NO TEMPO DE JESUS CRISTO
(Plano simplificado)

1. Pátio
2. Pátio dos sacerdotes
3. Porta de Nicanor
4. A Bela Porta

5. Altar dos Holocaustos
6. Vestíbulo
7. Santo
8. Santo dos Santos

a, b, c, d, e: câmaras destinadas aos diversos serviços do Templo (uma para as reuniões do Sinédrio; uma outra abrigava o Tesouro).



O TEMPLO DE JERUSALÉM
ao tempo de Jesus Cristo
(segundo a restauração de Mr. de Vogüe)

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

O quadrilátero tinha quatro terraços ou pátios: o primeiro e mais baixo, cercado pelos pórticos exteriores; o segundo, terceiro e quarto eram cada vez mais elevados, a que se subia por escadarias, e todos êstes três eram cercados por um recinto que formava um só corpo com o edifício do santuário propriamente dito; e os quatro terraços ou pátios estavam a céu aberto, sendo edifício coberto só o santuário, o recinto dos pátios interiores e os pórticos externos.

Em grego dizia-se *ieron* o conjunto; *naós*, o santuário propriamente dito (Santo e Santíssimo).

Dá a divisão em pátio ou adro dos gentios, das mulheres, dos Israelitas e dos sacerdotes, e santuário.

a) *Pátio dos gentios*. Pense-se no claustro de um convento, com corredores de paredes de um lado e colunas ou pilstras (por vêzes meio-muro) do outro, formando-se um quadrado em volta de um jardim a céu aberto. Outrossim o Templo exterior de Jerusalém era como imenso claustro, com dentro o santuário propriamente dito, e tinha quatro pórticos, formados de colunas e muralhas, a modo de um quadrilátero de galerias cobertas. Dois dêsses pórticos trazem nomes conhecidos: o *Pórtico Real* do lado sul, formado de três filas de colunas e mais o muro externo, no qual se achavam as duas *portas de Hulda* da entrada meridional; e o *Pórtico de Salomão*, a este, dando para o Vale de Josafá ou do Cedron, onde estava a porta de Susan. Os outros dois pórticos não têm nome particular; no lado ocidental, que dava para a cidade mais habitada, o pórtico era rasgado por quatro portas de entrada. Dentro dessas galerias havia grande espaço a céu aberto, onde os gentios podiam entrar, e o faziam para fins comerciais (sabe-se que dentro dêle havia mesa de câmbio e venda de vítimas para os sacrifícios).

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

Dentro desse espaço, a alguns passos da massa dos edifícios centrais, ficava o *períbolo* ou *soreg*: muro retangular com 13 portas abertas, e com 13 colunas (uma em cada porta), e 13 inscrições (uma em cada coluna) em grego, advertindo os pagãos que seriam passíveis de morte caso ultrapassassem o muro. Clermont Ganneau descobriu em 1871 uma dessas inscrições de Herodes, conservada em museu hoje.

b) *Pátio das mulheres*. Ultrapassemos o períbolo ou *soreg*. Chega-se depois de pequena distância à massa dos edifícios centrais ou *naós*. Passavam-na do lado sul quatro portas, outras quatro do lado norte, e uma, a este: nove ao todo. A última porta, do lado oriental, tinha batentes e fôlhas de bronze coríntio finamente trabalhado: devia ser a *Bela Porta* ou *Porta Especiosa*, onde Pedro e João curaram o coxo (At 3, 2). Penetre-se por ela. O espaço interior a céu aberto tinha aos quatro cantos quatro câmaras reservadas para as provisões de madeira, para as de vinho e de óleo, para o corte do cabelo por ocasião do voto do nazireato e preparo dos sacrificios, e para as abluções estatuidas para a purificação dos leprosos. Entre as câmaras do lado norte ficava a Sala do Tesouro ou *Gazofilácio* (Mc 12, 41; Jo 8, 20); também havia cubículos entre as câmaras dos ângulos meridionais, sem saber-se qual o seu destino. Além disso, no pátio das mulheres havia 13 recipientes para as esmolas, que tinham a forma de chifre. Aí se deu o caso da viuva que meteu a esmola de dois ceitis, pequenina em si mas grande pela generosidade, que Jesus encareceu.

Os Israelitas tinham acesso a esse pátio; chama-se das mulheres, porque estas não podiam passar avante; por razão análoga o primeiro adro chama-se dos gentios, porque não podiam avançar mais para dentro, embora os Judeus ali também costumassem ficar.

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

c) *Pátio dos Israelitas.* O espaço retangular a céu aberto, com as edificações aos seus lados, que se diz pátio das mulheres, comunicava-se com o dos Israelitas mediante a *Porta de Nicanor*, aberta no tópo de 15 degraus de uma escada. Era esplêndido pilone. Entre-se por aí: do pátio das mulheres passou-se para o de Israel, onde só israelitas homens entravam. O espaço útil era pequeno, visto como ao redor havia câmaras para guarda de alfaías, semelhantes às do pátio das mulheres.

d) *Pátio dos Sacerdotes.* Estava mais para o interior que o de Israel e dêlc separado por uma simples balaustrada de mármore. Ali estava o *altar dos holocaustos*, de pedras toscas, medindo 25 metros por 8. Era uma estrutura quadrada, que tinha na parte superior um recipiente com grade e quatro chifres nas extremidades. Subia-se por uma rampa de plano inclinado e sem degraus. Queimavam-se as vítimas no recipiente. Havia ainda muitas vascas para as abluções.

No ângulo sudoeste dêste pátio ficava o *Lishkath Gazith* ou “sala das pedras talladas”, em que o Sinédrio realizava as suas reuniões.

e) *O Santuário pròpriamente dito.* Subam-se doze degraus no pátio de Israel e chega-se ao Santuário. Constava de três partes: Vestíbulo, Santo e Santo dos Santos ou Santíssimo.

O *Vestíbulo* formava a fachada do santuário. Tinha 50 metros de largura e altura por 4, 45 de espessura (fazia figura parecida com as tôrres das nossas igrejas, que emprestam beleza à fachada, ao lado da sua utilidade). Um portal majestoso rasgava-o, com seus 11,25 metros de largura, e 31, 50 de altura. O portal era tapado por um riquíssimo tapete, que

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

outro, mais para fora e de estofo inferior, protegia das intempéries.

No interior do Vestíbulo achava-se gigantesca vinha de ouro, cujos cachos eram do porte da figura humana. Simbolizava Israel, que a Bíblia chamou de “vinha eleita”. No Vestíbulo havia dois únicos moveis: uma mesa de mármore destinada a receber os pães da proposição antes da cerimônia no Santo; e outra, de ouro, para recebê-lo uma semana depois da cerimônia, que se retiravam do Santo.

O Santo era a primeira câmara, existente passado o Vestíbulo. Tinha 18 metros de comprimento, 9 de largura e 27 de altura. Uma porta enorme resguardada por um tapete, comunicava-o com o Vestíbulo. No seu cimo ficou mais tarde suspensa uma lâmpada votiva de ouro, ofertada por uma das rainhas da antiguidade. Três objetos de ouro ali se achavam: a *mesa dos pães da proposição*, o *candelabro de sete braços*, e o *altar dos perfumes*, onde cada dia, por duas vezes, às 9 da manhã e às 3 da tarde, o sacerdote sorteado queimava incenso composto de quatro substâncias odoríferas.

O *Santo dos Santos*, *Santíssimo* ou *debir* separava-se do Santo unicamente por duplo tapete, distanciado de meio metro um do outro. Era atribuição exclusiva do sumo-sacerdote entrar uma vez cada ano, pela festa da Expição, dentro do Santíssimo (Hebr 9, 7. 8). Estava vazio nos tempos de Jesus, porque a Arca da Aliança, seu único e preciosíssimo objeto, desde Jeremias desaparecera (2 Mac 2). Uma coisa quebrava a monotonia daquela câmara vazia: a “pedra da posição”, como é dita, que era chata. Quisá servia de sopé à Arca. O fato é que sua origem é escura. Sôbre ela o pontífice colocava o turíbulo no dia da Expição.

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

Tácito disse que o Templo era de “imensa opulência”. Os Apóstolos admiravam sobremaneira a dimensão das pedras (Mt 24, 1; Mc 13, 2; Lc 21, 5). As que estão ainda hoje no chamado *muro do pranto* são deveras majestosas. Muitas são do edifício salomônico; mas também as do herodiano eram cantos soberbamente preparados, como aliás usou nos demais edifícios.

No ângulo noroeste do Templo ficava uma fortaleza. Foi construída por João Hircano, recebendo o nome de *Baris*. Depois Herodes Magno gastou enorme soma de dinheiro a fim de aparelhá-la melhor, mudando-lhe o nome para *Fortaleza Antônia*, em honra do Imperador Antônio, seu amigo. Nos tempos de Cristo e dos Apóstolos aquartelavam-se ali soldados de uma guarnição romana, os quais por uma escada ao norte e outra a oeste podiam sair para o pátio dos gentios e evitar qualquer intentona.

2. *Sinagogas*. “Sinagoga” é a palavra grega pela qual os LXX verteram o têrmo hebraico “qâhâl”. Mas enquanto *qâhâl* significa somente “assembléia”, “reunião”, sinagoga significa isso, e por metonímia natural, também o lugar da assembléia, da reunião. Encontro de gente e ponto do encontro. Como igreja, que significa sociedade e edifício, templo ou lugar de reunião.

Na realidade, são edifícios destinados à prece, aproximando-se do que os Judeus da diáspora chamaram de “pro-seuchê” ou oratório, e outrossim de instrução.

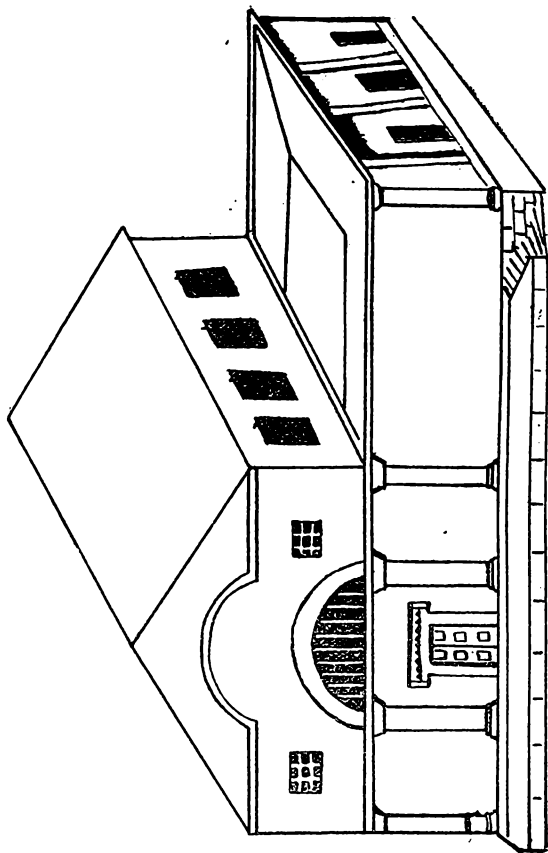
Foi exagêro de Filon e de Flávio Josefo dizerem que as sinagogas remontam à época de Moisés. Caso existissem ao menos no tempo de Josafá, seus oficiais instruíriam o povo, sem que o piedoso rei tivesse precisão de enviar para isso mis-

sionários itinerantes. A origem, como em geral admitem os críticos, é mais recente. As sinagogas datam do exílio. Nas regiões do Eufrates e do Nilo, os Judeus deviam consolar-se um tanto, orando e aprendendo a Bíblia, que foi com bom fundamento chamada de “pátria ambulante” de Israel, reunidos em certos lugares cobertos, que deram nas sinagogas.

Após o decreto libertador de Ciro (539 A. C.), tais edifícios continuaram para os Judeus que não quiseram regressar à pátria. Até que no séc. II A. C. elas começaram a ser construídas na Palestina. Só em Jerusalém, a estar pelo Talmud, havia 480 sinagogas; se o número é exagerado, sempre indica terem sido numerosas. Delas duas foram nomeadas nos Atos. Quase que não havia localidade, embora mínima, da Palestina, que não tivesse ao menos uma, como Cafarnaum (Mc 1, 21) e Nazaré (Mt 13, 54). Também os *Judeus da diáspora* contavam com sinagogas, praticamente em tôdas as cidades do Império Romano, que as possuíam em certo número. como Damasco, Salamina, Antioquia de Pisídia, Filipos, Tessalônica, Beréia, Atenas, Corinto, Éfeso (At 9, 2. 20; 13, 5. 14. 44; 16, 13; 17, 1. 10. 17; 18, 4. 19. 26). Roma e Alexandria possuíam-nas outro tanto.

Quanto à *localização* é para saber-se que a sinagoga era edificada em geral numa elevação, perto de rio ou do mar, voltada para Jerusalém, como símbolo de fidelidade à religião mosaica.

Sua forma era quadrangular, como as basílicas romanas. Bancos de pedra adossados ao longo da parede eram destinados aos notáveis. Uma cátedra ricamente esculpida ficava no centro do edifício, vazia, esperando o profeta Elias a ocupá-la. Havia também no centro um estrado com um púlpito, sobre o qual repousava um livro. Era para o leitor. Os Fari-



Reconstrução da Sinagoga de Cafarnaum

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

seus procuravam ocupar os postos mais vizinhos da cátedra (Mc 12, 39 e lugares paralelos de Mt e Lc). Os homens ficavam separados das mulheres, uns de um lado e outras, do outro, da assembléia.

Numa das paredes havia um armário embutido, como os nossos sacrários, chamado *thebah* ou “arca”. Era geralmente rico. Contava com um véu precioso à boca, para furtá-lo aos olhos curiosos. Colocavam-se dentro os rolos que continham os livros bíblicos. Por isso uma lâmpada ardia continuamente ao lado. Diante dêlé punha-se uma reprodução do candelabro de sete braços.

O pavimento era de mosaico. Numa segunda época os mosaicos representavam cenas do A. T. Outrossim inscrições, ao menos nas sinagogas da diáspora, recordavam os benefícios divinos, reproduziam preces, traziam agradecimentos.

Muita vez, contíguo à sala da prece e da instrução solene, havia uma dependência para escola ou *hospedaria* para os Israelitas de fora.

Quanto à *organização* tem-se que havia um *conselho administrativo*, eleito anualmente pela assembléia, e presidida por um *gerusiarca*, para a administração dos bens da comunidade. Havia alguns bancos reservados para os seus membros. Os ofícios religiosos sinagogais estavam ao cargo supremo de um *arquisinagogo*. Pertencia-lhe o ofício de presidir à assembléia, policiá-la, designar os oradores que deviam ou queriam falar (Lc 13, 14), e cuidar dos objetos da sinagoga. O arquisinagogo pertencia ao conselho. Mas muita vez todos os membros do conselho eram chamados de arquisinagogos por extensão, como aqui chamam a qualquer pároco de vigário, sem sê-lo muitíssimas vêzes.

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

Abaixo do arquisinagogo havia o *chazzan*, parecido com os nossos sacristães, com seus officios de segunda ordem, como apresentar os livros ao leitor, guardá-los no armário, executar penalidades impostas pelas autoridades das sinagogas, ensinar rudimentos dos livros bíblicos aos meninos das escolas (sacristão e catequista); vinha ainda o *sheliah*, que recitava as preces comuns em nome da assembléia; e finalmente o *targumista*, que explicava em linguagem vulgar o texto lido da Bíblia.

Se a razão principal do Templo era o sacrifício, ainda que houvesse a prece oficial, a da sinagoga era o ensino, também acompanhado de oração. Havia assim uma liturgia do Templo e uma liturgia sinagoga.

Davam-se as assembléias sinagogaes às segundas, quintas e sábados, como também nos dias de festa. Nos demais dias que se davam, não eram obrigatórias.

Havia o officio da manhã e o da tarde.

O officio matinal consistia a) na *prece* Era a recitação do *Shemá*, isto é, “ouví”, palavra com que começava um grupo de três textos bíblicos (Dt 6, 4-9; 11, 13-21; Nm 15, 37-41) então rezados. Ou bem a do *Shemoné-Esré*, grupo de 18 bênçãos, tiradas dos salmos e dos profetas e tidas como a “*tephilah*” por excelência, a que o arquisinagogo preludiava com esta fórmula: “Bendizei a Yahweh Elohim”; b) na *leitura da Bíblia*. Era dupla: a da Lei, chamada *pârâshâh*, feita por sete leitores na Palestina, lendo cada um ao menos três versículos, e por um somente na diáspora, que lia todo o trecho. A dos Profetas dizia-se *hâptârâh*, escolhida pessoalmente pelo leitor. Fazia-se assim: o *chazzan* buscava o rôlo na *thebal*, e entregava-o ao leitor designado; o leitor, acompa-

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

nhado do sheliah que iria vigiar a leitura, subia à bima para ler. Quando era preciso, os targumistas vertiam para o aramaico ou o grego o texto antes lido; c) *na pregação*. O arquisinagogo, finda a leitura, convidava um dos assistentes, de certo pessoa de ilustração, para dirigir o verbo à assembléia; havendo algum estrangeiro notável, era êle o escolhido. Em Nazaré o Senhor foi convidado para ler o trecho do dia; depois, Êle pregou comentando e aplicando a si o que lera antes (Lc 4, 15). Foi convidado a falar em muitas ocasiões ou de fato falou (Mt 4, 23; Mc 1, 21; 6, 2; Lc 6, 6; 13, 10; Jo 6, 59; 18, 20); d) *na bênção final*. Era dada por um sacerdote, caso estivesse presente. Se não, pelo presidente da assembléia ou algum membro dela. Parece que a bênção é a que está em Nm 6, 24-26, ao que os presentes respondiam um *Amen* final.

A reunião vespertina era mais curta e menos importante. Lia-se tão somente a Lei, e dela um trecho mais curto.

Afora os momentos do ofício a sinagoga continuava aberta para as preces privadas e outros fins.

Geralmente nela é que se fazia a circuncisão.

FESTAS RELIGIOSAS

1. Primeiro a da Páscoa, Pentecostes, Tabernáculos ou “festas de peregrinação”. devendo todo israelita homem, maior de 13 anos, ir a Jerusalém (1).

(1) Na prática, os que moravam longe de Jerusalém iam uma vez à Páscoa.

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

Páscoa quer dizer *passagem*, e recorda a passagem do anjo exterminador pelo Egito, matando os primogênitos do povo opressor sem ferir de morte os Judeus, como ademais a passagem de Israel da terra da escravidão para a prometida. Designa de si o *cordeiro pascal*, que se imolava anualmente em lembrança da libertação; também o *repasto* no qual se comia o cordeiro; finalmente a *feira* de uma semana que se dava quando dessa manducação.

Essa *feira pascal* começava pela tarde de 14 de *nisan* ou 15, porque os Judeus contavam os dias das seis da tarde às seis da tarde e terminavam a 21 do mesmo mês.

O *repasto* pascal não se fazia como ao tempo de Moisés: a gente de pé, com o cajado na mão, sandálias nos pés, rins cingidos, a comer às pressas o cordeiro pascal, com ervas amargas e o pão asmo. Os Judeus o faziam sentados à mesa, como convinha a homens livres.

Imolava-se à tarde de 14 de *nisan* um cordeiro, (como de costume, ainda que por vezes fôsse substituído por um cabrito, o que era possível), macho, de um ano e sem manchas ou defeitos.

Chegada a hora sexta da tarde era o dia inicial da festa. Reunia-se ao redor da mesa um número de 10 a 20 homens, que iriam tomar parte no banquete, ao qual as mulheres só podiam assistir.

Aparecendo as estrelas, o repasto começava do modo seguinte. Passava-se uma *primeira copa* de vinho misturado com especiarias, a que todos os convivas deviam ao menos aproximar os lábios (todos bebiam da mesma taça) (Lc 22, 17). A seguir, o que presidia o banquete *lavava as mãos* ao recitar uma prece. Parece provável que o lavamento dos

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

pés dos Apóstolos foi por essa ocasião (Jo 13, 1-11). Feitas as abluções trazia-se a mesa para meio dos convivas; era preparada de modo que permitisse o serviço por um dos lados. Colocavam-se nela os pratos tradicionais: as *ervas amargas* (chicória, salsa, agrião) para lembrança da escravidão egípcia; os *pães asmos* (não fermentados), graças a que a Páscoa era outrossim chamada *feira* ou *dias dos asmos*; o *haroseth*, sorte de creme ou suco de frutos vários cozidos no vinagre e coloridos de vermelho mediante diversas especiarias, a fim de recordarem os tijolos fabricados no Egito; o *cordeiro pascal*; e ainda outros comestíveis, como carnes assadas que se diziam *hagigah*. Quem presidia, deitava água com vinagre às ervas, bendizia a Deus por ter criado os frutos da terra, provava-as e distribuía-as pelos convivas, que também as comiam. Passava-se depois à distribuição dos pães asmos. Servia-se então a *segunda copa*. O mais jovem dentre os convivas perguntava o significado das cerimônias do repasto, que o seu chefe passava a explicar. Vinha depois disso a recitação da primeira parte do *Halel* (Sl 103 e 104), a cuja conclusão a copa fazia a volta pelos convivas que dela bebiam. Seguia-se nova ablução das mãos por todos os convivas. Após o que, o presidente tomava dos pães asmos, benzia-os e os distribuía; cada qual comia um pedaço banhado do *haroseth* e acompanhado de ervas amargas. Finalmente comia-se o cordeiro pascal por inteiro, sendo a parte não aproveitável queimada escrupulosamente. Uma *terceira copa* corria de novo, dita “cálce da bênção”, porque longa fórmula de bênçãos a acompanhava. Ainda uma *quarta copa* e a recitação do resto do *Halel* (Sl 115-118) punha remate ao banquete. Parece que o “hino” que Jesus recitou com os Apóstolos, antes de sair para o Jardim das Oliveiras, era essa parte do *Halel*. O banquete não podia protrair-se para depois da meia-noite.

I INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

A festa de *Pentecostes* era como dantes, nada devendo ser acrescentado aqui.

A festa dos *Tabernáculos* celebrava-se de 15 a 22 de *Tishri* (setembro-outubro). O escopo era agradecer a Deus os frutos do ano e a instalação em Canaã; como ademais o de santificar a alegria comum que se seguia à finalização dos trabalhos agrícolas. No Templo havia sacrifícios especiais, além dos quotidianos. Durante os oito dias, o povo habitava tendas de folhagem, fabricadas para o fim, nada convenientes para a moralidade quando alguém queria abusar. Cada manhã se dava a libação da *água*: um sacerdote ia com procissão de músicos e cantores até a piscina de Siloé, enchia uma ânfora de água, voltava ao Templo e derramava num dos chifres do altar dos holocaustos. À noite havia iluminação fantasmagórica no pátio das mulheres, para onde desciam levitas e sacerdotes tocando trombetas sagradas e cantando salmos. Os notáveis se misturavam com o povo, executavam danças, recitavam fórmulas de bênçãos. Era a festa mais popular, cujo último dia tinha especial ajuntamento de povo e esplendor. “Quem não viu alegria igual, jamais viu alegria”, diz o Talmud.

2. *A festa da Dedicção.* Jo 10, 22 chamou-a de *Ençênias* ou “inovamento”, “inauguração”. Recordava com efeito a purificação do Templo e a renovação do altar, realizadas por Judas Macabeu em 165, após a profanação sacrílega de Antíoco Epífanes.

Como a festa dos *Tabernáculos*, tinha a sua oitava e durava oito dias. Celebrava-se do dia 27 de *kisleu* (fins de novembro, começos de dezembro) em diante.

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

Não era como as três festas anteriores, chamadas “de peregrinação”, que se faziam em Jerusalém só. Esta se celebrava em qualquer parte.

Por causa das grandes iluminações com fogueiras, etc., chamava-se ainda de “festa das luzes”.

Jesus assistiu pelo menos uma vez a ela.

3. *Festa da Expição*. Realizava-se só no dia 10 de Tishri, cinco dias antes da dos Tabernáculos. Não merece aqui especial menção.

4. Também nos tempos de Jesus o “dia do clangor” era celebrado. Tratava-se do dia da lua nova, ou o primeiro de *tishri*, início do novo ano civil (como os festejos do nosso Ano Novo ou Ano Bom). Havia repouso sabático obrigatório. O dia da lua nova dos outros meses era outrossim festejado com cerimônias especiais e era dia de repouso. .

Celebrava-se igualmente o ano sabático e jubilar, cada sete e cada 50 anos.

O dia de *sábado* era rigorosamente guardado.

5. No Templo os sacrifícios cruentos das três espécies: *holoáusticos, pacíficos, pelo delito e pelo pecado*, e os incruentos de farinha de trigo, etc., realizavam-se como nos tempos antigos.

OS TRIBUNAIS

1. O *Sinédrio* era ao mesmo tempo o *grande conselho* ou *parlamento* ou *senado nacional* judaico e seu *supremo tribunal*.

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

A *origem* não é de todo certa. Mas os talmudistas afirmaram que se confunde com aquêlê conselho de 70 anciãos que Moisés instituiu (Nm 11, 16), o que de modo algum se pode demonstrar. Como tanta outra cousa, o Sinédrio foi estabelecido ao que parece no tempo de Esdras, depois do exílio. E já é certo que existia no período macabaico (1 Mac 11, 23; 14, 28), como se confirma pela carta que Antíoco III enviou então a Ptolomeu IV, onde êle aparece, conforme se lê nas “Antiguidades Judaicas” de Flávio Josefo. Era nessa época grega uma espécie de “câmara de lordes” ou senado aristocrático, formado dos membros influentes do laicado e do clero. Adquiriu enorme poder; votava leis, declarava a guerra, pronunciava com direito exclusivo a pena de morte e determinava toda matéria importante política e religiosa. No começo do período romano o Sinédrio ficou como estava. Até que uma revolta judaica dirigida por um dos filhos de Aristóbulo II levou Gabínio, legado da Síria, a intervir, dividindo a Palestina em cinco distritos autônomos, cada qual com o seu sinédrio local, constituído ao modo do jerosolimitano. Mas por fim Cesar, após a sua vitória sobre Pompeu, entregou a Hircano II e ao sinédrio da Cidade Santa a direção de todo o país. Sob os Idumeus, Herodes o Grande e Arquelau, o Sinédrio ficou sob tutela e praticamente inativo. Expulso êste último, os procuradores romanos, graças ao seu princípio de deixar os Judeus regularem por si mesmos os seus negócios interiores, permitiram que o Sinédrio readquirisse o seu prestígio, tratando oficialmente com o sumo-sacerdote que era o seu representante e o seu presidente nato.

Sua *composição* era *tri-cameral*: câmara dos sumos-sacerdotes, câmara dos escribas, câmara dos anciãos, (no Brasil a representação é bi-cameral: o Senado e a Câmara dos Deputados). Cada câmara compunha-se de 23 membros: 69

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

ao todo. Ajunte-se o sumo-sacerdote em exercício, que era o presidente, e o vice-presidente, e tem-se o número de 71, (como era o dos 70 anciãos mais 1, que era o próprio Moisés). A *Mishna* fala no entanto alguma vez de 72 membros.

A *câmara dos sacerdotes* formava-se dos sumos-sacerdotes depostos e dos sacerdotes mais influentes das várias famílias aaronitas, chamados “chefes dos sacerdotes”. Eram saduceus na densa maioria. A *câmara dos escribas* compreendia, como a última, de leigos; esta era formada dos doutores da Lei, em razão dos conhecimentos dela, digamos jurídicos, e da influência popular de que gozavam, a qual tanta era, que lhes deu logo a preponderância no conselho. Eram quase todos fariseus. A *câmara dos anciãos* era constituída dos leigos mais cotados de Jerusalém, (“pezzi grossi” dizem os italianos; a “nobreza”: eis o termo da língua portuguesa), quer à vista da sua ilustre prosápia, quer em razão da sua fortuna (“nouveaux-riches” dir-se-iam hoje em francês). Eram na maioria saduceus.

Dentre os da primeira câmara no processo de Jesus aparecem Anás e Caifás; dentre os da terceira, durante a Paixão, José de Arimatéia e Nicodemos (êste também algures). Ninguém da segunda.

Descendo ao terreno da *organização* do Sinédrio, parece que a deputação para o mesmo se fazia por escolha aceita pelo candidato, sendo provável que em geral tal escolha estava quase sempre sujeita a injunções das autoridades políticas.

A função de membro do Sinédrio dá ares de ter sido *inamovível* e vitalícia.

Começava, a bem ver, pela *imposição das mãos*.

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

A *competência* do Sinédrio atingia *todos os negócios respeitantes de qualquer modo à religião*: delitos previstos por lei (pela Lei), questões atinentes ao matrimônio, julgamento das opiniões heterodoxas, agindo no caso como antigamente o Tribunal da Inquisição e hoje o do Santo Ofício na Urbe, o estudo dos problemas referentes ao divórcio, ao calendário, aos casos perplexos cuja solução não contava com jurisprudência religiosa firmada.

Secundariamente, o Sinédrio gozava de *jurisdição civil*, que era direta relativamente a Jerusalém e termo, e indireta, por virtude de apelação ou recurso a arbitramento, relativamente a todas as mais *tovarquias* da Palestina, isto é, governos locais de Seforis, Gazer, Jericó e Anatot. Não parece que decidia validamente os recursos vindos da diáspora; embora suas decisões orientassem a judiaria de fora, ao menos como sentenças officiosas ou conselhos atendíveis.

Parece que no criminal podia lançar a pena capital, o que outros contestam. Sempre é verdade que devia ser ratificada pelo poder ocupante (Jo 18, 31).

A *procedura* era simples. O lugar para as reuniões oficiais era o *Lishkath hagazith* ou sala das pedras talhadas, que era requerida para a validez das sentenças capitais. Entretanto, 40 anos antes da destruição do Templo, conforme reza o Talmud, o Sinédrio emigrou dali para o que chamou de "tabernas", que eram outra dependência do Templo. O pontífice em exercício era o presidente do Sinédrio. Às duas extremidades da assembléia notários ou tabeliães redigiam as atas.

No ano 70 destruiu-se o Templo. O sinédrio novamente emigrou, agora para outra cidade, que foi a de Jâmnia.

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

Daí por diante as fontes silenciam acêrca dos sumos-sacerdotes e dos anciãos, a aristocracia eclesiástica e civil (alto clero-nobreza), que os Zelotas simplesmente aniquilaram. O Sinédrio se tornou daí por diante um “colégio de sábios” ou “grupo de intelectuais”, que, todavia, a si próprios se arrogaram jurisdição religiosa sôbre todo Israel.

2. *Tribunais inferiores.* O conselho sinagoga de cada localidade ou grupo de Israelitas exercia certo poder judiciário, infligindo correções e emendas, pronunciando penas temporais menores, como a flagelação. O *chazzan* era o meirinho encarregado da execução das penalidades.

CRONOLOGIA BÍBLICA NEOTESTAMENTÁRIA

1. *Data do nascimento de Jesus.* Dionísio o Exíguo instituiu a contagem da era cristã com um êrro enorme: deu para o nascimento de Jesus o dia 25 de Dezembro do ano 753 “ab Urbe condita” ou da fundação de Roma. Ora bem, como Jesus nasceu “nos dias do rei Herodes (o Grande)”, e Herodes morreu em março ou abril do ano 750, como está bem demonstrado, o fato miraculoso se deu pelo menos 4 anos antes do ano 753.

Como entre o nascimento de Jesus e a morte de Herodes se há de colocar a Circuncisão, a Purificação, uma ida a Nazaré que se supõe, a Adoração dos Magos, a Fuga para o Egito e a estada mais ou menos longa no país do Nilo, e como para isso cumpre interpretar a frase “de dois anos para bai-

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

xo” do Evangelho, o Senhor deveu ter nascido muitos meses, talvez anos, antes do ano 750.

Parece que o ano que oferece as maiores probabilidades é o 747 de Roma e 7 A. C., isto é, antes da era cristã errôneamente marcada por Dionísio e seguida ainda hoje. “La Sacra Bibbia” do Instituto Bíblico de Roma prefere o ano 5 A. C. ou -5.

2. *Início da vida pública de Jesus.* O início da vida pública de Jesus é a pregação do Batista. Pois bem, Lc 3, 1.2 sincronizou o comêço da pregação do Batista com o tempo de govêrno das várias autoridades em exercício na província e no tôpo do Império. A pregação começou por consequência num ano em que todas elas governavam. Vejamos:

“Era o 15º do império de Tibério”. De quando data êsse 15º ano?

a) Ou da morte de Augusto a 19 de Agosto de 767; e seria o ano 781/782 ou ano 28/29 D. C.

b) Ou da participação de Tibério ao governo do Império em vida de Augusto, a qual começou dois anos antes, no ano de 765; e seria o ano 779/780 ou ano 26/27 D. C.

Coloque-se ao lado o tempo do govêrno dos tetrarcas e sumos-sacerdotes e tem-se:

Pôncio Pilatos	26-36 D. C.
Hérodas Antipas	4 A. C.-39 D. C.
Filipe	4 A. C.-34 D. C.
Lisânias	? ?
Anás	
Caifás	18-36 D. C.
Tibério	26 ou 28/29 D. C.

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

Num dos anos indicados que valia para todos êsses nomes em exercício do cargo, quando Jesus tinha “mais ou menos trinta anos” (Lc 3, 23) começou a pregação do Batista. Êsse “mais ou menos” pôde interpretar-se que Jesus tinha então de 28 para 32 anos.

Ora bem, parece mais provável, segundo todos os dados que aqui não podem vir, que Lucas datou o ano 15º de Tibério desde a sua ascensão ao poder, tomado como ano 1.º, que foi o de 765. Logo, o 15.º desde então foi o ano 779 de Roma ou 26 D. C. Intérpretes de valor não vêem tal probabilidade e vão para o ano 27, e “La Sacra Bibbia” para o ano 28.

Como Jesus provavelmente nascera no ano 7 A. C., estava com seus 32 para 33 anos ao começar a vida pública e ao ser batizado.

3. *Data da morte de Jesus.* Segundo os Evangelhos, Jesus morreu numa sexta-feira (Mt 27, 62; Mc 15, 42; Lc 23, 54; Jo 19, 31), na qual se celebrava a Páscoa do ano. De outro lado, não se sabe ao certo se Jesus celebrou a Páscoa no dia 14 de Nisan, como diz João, ou no dia 15, como marcaram os Sinóticos, numa contradição que é só aparente, cuja solução, embora provisória, não cabe aqui.

Veja-se entre os anos 28 D. C. (o mais afastado possível, porque mais para trás não se pode ir, encurtando demais a vida pública contra outros dados evangélicos) e 34 D. C. (o mais tardio que se possa admitir quando Jesus teria uns 38 anos e meio), em que dia da semana e mês caiu o dia 14 ou 15 de Nisan, isto é, a Páscoa do ano, que num deles foi celebrada;

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

	14 de Nisan	15 de Nisan
Ano 28	terça-feira, 30 de março quarta-feira, 28 de abril	quarta-feira, 31 de março 5. ^a -6. ^a feira, 30 de abril
" 29	sábado, 19 de março segunda-feira, 18 de abril	domingo, 20 de março terça-feira, 19 de abril
" 30	sexta-feira, 7 de abril sábado, 6 de maio	sábado, 8 de abril domingo, 7 de maio
" 31	terça-feira, 27 de março quarta-feira, 25 de abril	quarta-feira, 28 de março quinta-feira, 26 de abril
" 32	segunda-feira, 14 de abril terça-feira, 13 de maio	terça-feira, 15 de abril quarta-feira, 14 de maio
" 33	sexta-feira, 3 de abril domingo, 3 de maio	sábado, 4 de abril segunda-feira, 4 de maio
" 34	quarta-feira, 24 de março quinta-feira, 22 de abril	quinta-feira, 25 de março sexta-feira, 23 de abril

Pela tálua, onde os dias 14 e 15 de Nisan são sublinhados, quando caíram em sexta-feira, se conclui que de todos anos, só quatro podem ter sido o da morte de Jesus: 28, 30, 33 e 34.

Exclui-se o ano 28, porque a vida pública seria demasiado curta. Exclui-se igualmente o ano 34, porque Jesus teria de 38 para 39 anos de idade, como outrossim a vida pública seria demasiado longa (mais de 3 anos e meio).

Logo, a escolha está entre o ano 30 e 33. Parece que se há de rejeitar o ano 33, porque ainda com êle a vida pública seria demasiado longa.

Essa razão e outras, para que não há espaço aqui, levam para a escolha do ano 30, como o mais provável da morte de Jesus.

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

4. *Duração da vida pública.* A dificuldade para se determinar vem da aparente contradição entre os Sinóticos e João.

Os Sinóticos relatam a Páscoa da Paixão mais uma segunda; um ano entre elas, e meses entre os inícios e a primeira, seria o tempo da vida pública segundo elles.

João fala de duas e, segundo outros, de três Páscoas anteriores à da Paixão, duas com o nome expresso (Jo 2, 13; 6, 4; 13, 1 traz a da Paixão); para êsses outros “a festa dos Judeus” de 5, 1 também seria a Páscoa. Como está o texto crítico atual, João fala de duas Páscoas mais a da Paixão; mediante interpretação de 5, 1 êsses alguns querem ver três Páscoas e a da Paixão; donde a duração de dois anos e meses, ou de três anos e meses para a vida pública.

Parece que a sentença de três anos e meses é a do maior número de intérpretes.

Entretanto, a sentença de dois anos e meses é cada vez mais apreciada e mais seguida, suplantando a anterior.

Aqui vai pois o esquema de “La Sacra Bibbia”, acompanhado com as marcas históricas miliárias da idade apostólica, baseadas em uns tantos dados que aqui não se estudam, para que se tenha uma cronologia ao mesmo tempo moderna e sólidamente estabelecida. Para se ter a duração de 2 anos ou 3 com meses da vida pública, bastará mudar 28 para 27 ou 26.

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

Ano

- a.C. 5. Nascimento de Jesus Cristo (Mt 2, 1; Lc 2, 1-7).
- d.C. 8. Jesus perdido e encontrado no Templo com 12 anos (Lc 2, 41-51).
28. Pregação de S. João Batista (Lc 3, 1). Batismo de Jesus e início da sua vida pública (Mt 3, 13-4, 17 e paral.).
30. Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus; com a vinda do Espírito Santo começa a pregação e se forma a Igreja primitiva.
34. Martírio de S. Estevão. Conversão de Saulo (S. Paulo).
37. S. Paulo, evadido de Damasco, faz sua primeira visita a Jerusalém, hóspede de S. Pedro (At 9, 23-38; Gal 1, 18). S. Pedro evangeliza a Judéia e a Samaria; acolhe na Igreja os pagãos convertidos (At 9, 31-11, 18). Cristandade de Antioquia.
42. Martírio de S. Tiago, S. Pedro, libertado do cárcere, "vai para outra parte" (At 12, 1-17), provavelmente Roma. Dispersão dos Apóstolos por toda a terra.
45. Primeira viagem apostólica de S. Paulo (At 13, 1-14, 25).

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVÓ TESTAMENTO

- 49. Concílio dos Apóstolos em Jerusalém; decreto para os convertidos do paganismo (At 15, 1-31).
- 50-52. Segunda viagem apostólica de S. Paulo através da Ásia Menor, Macedônia, Acaia e Grécia (At 15, 36-28, 22); as cartas aos fiéis de Tessalônica.
- 53-57. Terceira viagem apostólica de S. Paulo pela Ásia Menor, Acaia, Macedônia (At 18, 23-21, 2); as grandes cartas aos fiéis Coríntios, Gálatas e Romanos.
- 58-59. S. Paulo detido prisioneiro em Cesaréia da Palestina (At 21, 17-26, 32).
- 60-62. S. Paulo prisioneiro em Roma (At 27, 1-28, 30); cartas do cativo (Ef, Col, Filem, Fil). E' morto em Jerusalém S. Tiago, Menor.
- 63-66. Últimas viagens apostólicas de S. Paulo; cartas pastorais.
- 67. Martírio de S. Pedro e S. Paulo em Roma.
- 70. Jerusalém e seu Templo destruídos pelos Romanos.
- c. 90. S. João Evangelista é confinado pela fé na ilha de Patmos e aí escreve o Apocalipse (Apc 1, 9-11).
- c. 100. S. João morre em Éfeso depois de haver escrito o seu Evangelho e suas três cartas canônicas. Fim da idade apostólica e dos tempos bíblicos.

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

OS EVANGELHOS

O EVANGELHO SEGUNDO MATEUS

O EVANGELHO SEGUNDO MARCOS

O EVANGELHO SEGUNDO LUCAS

A QUESTÃO SINÓTICA

HISTORICIDADE DOS EVANGELHOS SINÓTICOS

INTRODUÇÃO A SÃO JOÃO

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

OS EVANGELHOS

O NOME

“Evangelho”, do grego “Euaggélion”, significa etimologicamente “*boa, feliz, alegre nova*”. Uma cousa é porém étimo, outra o uso. Quanto ao uso, Evangelho no singular, e por vezes no plural (Euaggélia), significava no grego clássico a paga feita, a gorgeta dada, o sacrifício oferecido por causa de uma boa nova (Homero, Ésquines, Xenofonte, Isócrates). Já na versão grega dos LXX usa-se no plural, com o sentido da língua clássica de *gorgeta por causa de uma boa nova* (2 Rs 4, 10), e no seu significado etimológico de *boa nova* (2 Rs 18, 20. 22. 25), com o qual aparece até na forma feminina formada do neutro plural (*euaggélia*, de *tà euaggélia*).

“Evangelho” traduz o conceito expresso no Velho Testamento pelo vocábulo hebraico “*beshorah*” ou aramaico “*beshortah*”, que é o de mensagem alegre, notícia de vitória, encontradiço lá, como o demonstrou Schwind. Até que no Novo Testamento “Evangelho” voltou a ter unicamente o sentido etimológico.

Depois, “Evangelho” se estendeu para os livros que trazem a boa nova.

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

A COUSA

1. *Objeto.* No Novo Testamento “Evangelho” não é boa nova em geral, ou qualquer boa nova. Individualizou-se o conceito, passando a significar uma especial boa nova, que é a salvação trazida ao mundo pelo Verbo Encarnado. O próprio Jesus determinou essa natureza do Evangelho, quando se levantou na sinagoga de Cafarnaum para ler as Escrituras e a si aplicou o texto de Isaías (61, 1. 2), que traz isto: “enviou-me para evangelizar os pobres” (note-se que “evangelizar” verte o hebreu “bashar”, donde veio bashorah).

2. *Número dos Evangelhos.* Assim como se emprega “Evangelho” no singular, sem ajunta, para designar seu conteúdo, que é uno, a Boa Nova, usa-se no plural “Evangelhos” porque são *quatro* os livros que expuseram a alegre notícia da salvação humana por Cristo Senhor, reconhecidos sempre pela Igreja como de fato inspirados, distintos dos apócrifos. Assim diz Tromp: “E precisamente são aquêles quatro, que a crítica moderna tem como documentos históricos de primeira ordem. Portanto, ou a Igreja primitiva era, em filologia, egregiamente culta, ou a tradição eclesiástica é tradição, mais segura que nenhuma outra história”.

Esse grupo de quatro Evangelhos “canônicos”, reconhecidos pela Igreja, separados dos pseudo-inspirados, é chamado de “sagrada quadriga”, com imagem tirada dos carros romanos puxados por quatro cavalos. e de o “tetramorfo” ou “Evangelho sob quatro formas”.

Até aqui a sentença tradicional. Mas vem Harnack e formula o seu princípio apriorístico: de comêço havia só igrejas ou cristandades independentes, formando quando muito uma federação não hierarquizada, e bem mais tarde é

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

que surgiu a Igreja Universal com govêrno hierárquico tendo um chefe supremo. Depois, de acôrdo com êsse princípio, continua: cada igreja particular tinha o seu evangelho, que levava o nome da região: Evangelho segundo os Egípcios, segundo os Hebreus, . . . Os quatro Evangelhos canônicos seriam posteriores a êsses locais e os teriam suplantado, quando da formação da Igreja hierárquica e universal, que os impôs.

Tudo é porém falso em Harnack, o princípio, as conclusões. Longe de serem independentes, as igrejas fundadas pelos apóstolos eram hierarquizadas, sob o govêrno dos apóstolos em pessoa e pelos bispos que os mesmos punham à sua testa. Elas não viviam isoladas: a obra chamada "Didaché" historiou o comércio incessante que as ligava entre si, com profetas e apóstolos itinerantes que, à guisa de S. Paulo, as visitavam continuamente. A Igreja Universal existiu desde o comêço, fundada que foi por Jesus. Depois, os evangelhos apócrifos, que êle coloca no lugar dos canônicos, como merecedores de especial carinho porque mais antigos, trazem todos os caracteres de escritos mais recentes, como o é particularmente o Evangelho segundo os Hebreus, remodelação tendenciosa do Evangelho de S. Mateus. Os quatro canônicos, ao contrário, o *Herr Harnack*, têm tal antiguidade, que se perdem na idade subapostólica, conforme se colhe das citações deles encontradiças nos antiquíssimos escritores cristãos, quais Clemente Romano (c.c. 96-98), Epístola de Barnabé (cc. 100-130), etc. Aliás, o sistema de Harnack não poderia explicar como os Evangelhos de dois discípulos obscuros, S. Marcos e S. Lucas, pudessem suplantar o de S. Pedro, e outros evangelhos apócrifos, que traziam o nome de apóstolos.

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

3. *Título dos Evangelhos.* São êstes: Evangelho segundo Mateus, Evangelho segundo Marcos, Evangelho segundo Lucas, Evangelho segundo João.

Não foram colocados pelos mesmos autores inspirados. Os antigos não costumavam colocar seu próprio nome no cabeçalho das suas obras. Aliás, no caso, nada os obrigava a tanto, porque a personalidade dos autores era incontrastável e inconfundível.

Terceiros os colocaram à testa dos Evangelhos, em tempos remotíssimos, que sobem a uns anos após a morte dos hagiógrafos, porquanto êles já aparecem nos códices unciais mais antigos, que datam do séc. IV, e nas citações do Canon Muratoriano, S. Ireneu, S. Clemente Alexandrino, etc. Nem se pode duvidar do sentido autoral dêsses títulos. Evangelho “segundo Mateus” por exemplo é no grego “*katà Maththaion*”. Essa partícula com o acusativo é equivalente ao genitivo de autor, em uso na baixa greccidade (2 Mac 2, 13): *Evangelho de Mateus*. Se o copiadador anônimo a preferiu a êste, fê-lo não para negar a autoria dos Evangelhos, e sim para, ao lado de sua afirmação, outrossim gizar a forma vária que o Evangelho único ou a Boa Nova tomou sob a pena de cada um dos evangelistas.

4. *Autenticidade dos Evangelhos.* Como os quatro evangelistas, Mateus, Marcos, Lucas e João viveram ou só durante o primeiro século, ou nêle e princípios do séc. II, os Evangelhos que lhes são atribuídos de fato foram escritos por êles, vem a ser, são autênticos, caso se prove a sua existência desde então. Ora bem, prova-se categoricamente que sobem até a idade subapostólica e apostólica.

Primeiramente, com *critérios externos*. Os testemunhos serão dados em ordem ascendente, de depois para trás, para antes.

Ora bem, entre os anos 175 e 200 os Evangelhos eram conhecidos e utilizados nas igrejas da bacia do Mediterrâneo, que os citavam como escritos de origem apostólica, o que diz existir nesses anos tradição geral a respeito. Testemunhos da época são estes: O Diatéssaron de Taciano, Clemente Alexandrino (Egito), Ireneu (Ásia, Gálias), Fragmento Muratoriano (Roma).

Mais para cima, nos meados do séc. II, ou lá pelo ano 150, os Evangelhos eram tidos como apostólicos, como se colhe dos testemunhos de S. Justino, conhecedor da Palestina, Ásia e Roma; de Papias, bispo de Hierápolis e ao que parece discípulo de S. João; e dos herejes marcionitas, montanistas e gnósticos, os quais tentaram apoiar-se num ou noutro Evangelho a fim de impingir os seus erros.

Subindo finalmente ao período entre os anos 140 e 95, nota-se que os documentos são raros porque imperava a tradição oral, em vida dos autores. Os poucos documentos que existem do período citam todavia os Evangelhos, ainda que mais implícita do que explicitamente, mas de modo tal que, à luz da tradição posterior, isto somente é explicável supondo-se que os Evangelhos eram conhecidos e usados.

Tais documentos são as cartas de Clemente Romano, o livro "Pastor" de Hermas, a epístola de Barnabé ou pseudo-Barnabé, o evangelho apócrifo de S. Pedro, as cartas de S. Inácio Martir, e destarte se chegou ao séc. I, tempo dos evangelistas.

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

Logo, os Evangelhos nasceram certamente antes do fim do séc. I.

A conclusão é confirmada pela *crítica interna*.

Primeiro, o *ambiente político, social e religioso*, que se nota a uma simples leitura dos Evangelhos, é o da Palestina de antes do ano 70: política complicada, partidos antagônicos, culto no Templo, predição vaga e genérica da queda de Jerusalém, (que seria exposta mais precisamente, caso a profecia tivesse sido escrita depois da sua realização),... Depois, o *conteúdo doutrinário* ainda não tem o desenvolvimento dogmático notado na pregação dos apóstolos sobre o pecado original, a Redenção por Cristo, a Eucaristia, o Corpo Místico, a Graça, o Batismo; nem as idéias em circulação no fim do séc. I e no começo do II: conflitos entre judaizantes e pagãos convertidos, luta contra as primeiras heresias, acenos às perseguições.

Logo, os Evangelhos refletem a época e o ensino primitivo de Jesus.

5. *Nascimento e evolução dos Evangelhos.* “Antes de ser livro, o Evangelho foi palavra; antes de ser escrito, foi pregado; antes de ser lido, foi ouvido” (Init. Bibl.).

Logo, *existiu o Evangelho oral antes do escrito*. Efetivamente, Jesus não deixou escrito algum. Convinha que assim fôsse: um texto intermédio entre Jesus e os discípulos desviaria a atenção destes para si; depois, ao Mestre repugnava escrever sobre as suas próprias ações e virtudes; e, afinal, um texto seu dificultaria a ação do magistério vivo da Igreja. Também os Apóstolos, de início, transmitiam vocalmente o

Evangelho oral, porque a ordem que lhes dera Jesus fôra não de escrever livros, e sim de proclamar a Boa Nova por tôda a parte. Tornaram-se pois “os servidores da Palavra” (Lc 1, 2; cfr a ordem em Mt 10, 27; 28, 19; At 1, 8; e a sua execução em At 2, 42; 6, 4. 7; 8, 5). E isso é compreensível: os seus ouvintes não desconfiavam da memória dêles, mas bem dos escritos, ainda não “venerados” como hoje; então a afirmação da testemunha ocular e auricular era tudo: “a palavra convencia mais do que a escritura” (Lusseau-Collomb).

O conteúdo do Evangelho oral não era a mensagem de Jesus tão somente, transmitida como que *abstratamente*. Os Apóstolos testemunhas de Cristo, deviam testificar a sua ação, os traços marcantes da sua vida, “o que havia feito” assim como “quanto tinha ensinado” (At 1, 1). Tal conteúdo encontra-se nas pregações de S. Pedro, que os Atos felizmente conservaram ainda que resumidamente. Como êste: “Jesus de Nazaré, êsse homem que Deus acreditou junto de vós mediante prodígios, milagres e sinais que por Êle operou no meio de vós, como vós mesmos o sabeis; êsse homem entregue segundo seu desígnio imutável e sua presciência divina e que fizestes morrer, crucificando-o pela mão dos ímpios, Deus O ressuscitou, libertando das angústias da morte, porque não era possível que ela O retivesse em seu poder. Davi, com efeito, dêle disse . . .” (At 2, 22-25). Cfr também At 10, 37-43, logo *substancialmente* o conteúdo é a *Pessoa de Jesus*, seus milagres quais provas da sua missão, sobretudo sua morte e ressurreição. S. Paulo vai além e apresenta nesse conteúdo *certos detalhes* especialmente focados: origens de Jesus (Rom 1, 3; 9, 4.5), sua condição (Fil 2, 5-8; 2 Cor 8, 9; Gal 4, 6), suas virtudes e santidade (Rom 15, 3; 2 Cor 10, 1; 5, 21), certos pontos doutrinários (Col 2, 12; 1 Cor 7, 10; 9, 14; 1

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

Tes 4, 8; Gal 4, 17), o SS. Sacramento (1 Cor 11, 23-29), certos fatos relativos à Paixão: testemunho diante de Pôncio Pilatos, condição dos algozes, a Cruz, relato das aparições após a morte, da sepultura e da Ascensão (1 Tim 6, 13; 1 Cor 2, 8; 1 Tes 2, 15; Gal 3, 13; Fil 2, 8; 1 Cor 15, 2-7; 1 Tim 3, 16). São “as coisas concernentes a Jesus”: *tà perì tou Iesou* (At 18, 25; 28, 31). Enfim, marcou-se bem a fisio-nomia do Evangelho oral: incultos, falando em geral aos incultos do povo, tiveram os Apóstolos que vasar o ensino em fórmulas idênticas ou pelo menos semelhantes, fixando de antemão o vocabulário por entendimento comum, graças a que a linguagem concreta de Jesus, adaptada ao povo, “estereotipou-se” em fórmulas consagradas, que ajudam a explicar a questão sinótica.

A *língua* do Evangelho oral era a comumente falada na Palestina, na qual ensinou Jesus. Chamou-a Flávio Josefo de *e pátrios* ou de *e epíchoros glōssa*, “língua pátria”, “língua regional”. Era o *arameu*, conforme se conclui dos termos que Josefo cita como sendo daquela língua (*asarthá*, *bezethá*, *páscha*), de expressões veiculadas pelos Evangelhos (*Bar-jona*, *Gábbatha*, *talithá kumi*, . . .), da versão para essa língua de tôda a Escritura pelos rabinos, com os comentários nela. Os Apóstolos igualmente de comêço pregaram em *arameu*. Assim S. Pedro no dia de Pentecostes (At 2, 14ss) e S. Paulo quando foi preso no Templo (At 22, 2). Mas como o Evangelho é a Palavra viva, destinada a dar a vida divina, devia adaptar-se aos diversos auditórios a que era dirigida. Eis porque para logo a Palavra foi pregada em *grego*, do qual se falou supra, a favor dos Judeus helenistas da Palestina, maxime de Jerusalém, os quais, vindos de fora para estadia longa ou encerramento da vida ali, não sabiam nem o hebreu

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

nem o arameu. Daí 2 tipos de catequese oral: a aramaica e a grega, esta decalque daquela. “Pedro, originário da cidade helenística de Betsaida, era quiçá bilingüe e capaz de instruir e de exortar em ambas as línguas” (Osty). E assim a catequese de Pedro em arameu na Palestina, e a sua catequese em grego na Cidade Eterna, catequese da alma da Igreja, foi a base dos Evangelhos escritos, com a achêga de outras fontes.

O extravasamento da pregação para fora de Jerusalém ocasionou a confecção de muitos relatos escritos. Não só êle. Veja-se o que diz Osty: “Enquanto dêsse modo se formava a matéria de nossos Evangelhos, apareciam os primeiros textos escritos. De muito boa hora sentia-se a precisão dêles. O grande número de convertidos de Jerusalém fazia necessária a multiplicidade de catequistas, e êstes não deviam senão desejar indicações escritas. É verossímil que a escriptura fixasse a Palavra desde os primeiros tempos. A perseguição que atingiu a Igreja desde o seu berço nada mais fez do que acelerar o movimento. Os cristãos de Jerusalém, constangidos a dispersar (o extravasamento acima), levaram consigo as preciosas fôlhas e disseminaram-nas na Palestina e fora. Redigidas de princípio em arameu, — a língua dos Judeus palestinos, — essas porções evangélicas (o francês traz “morceaux”) foram traduzidas para o grego, porque o elemento judaico de língua helenística adquiriu rápida importância no seio da Igreja-Mãe (At 6, 1s)”.

S. Lucas, efetivamente, alude no seu prólogo (2, 1), ao lado das fontes orais de que hauriu os fatos do seu Evangelho, as fontes escritas, dizendo que “muitos tentaram compor um relato dos acontecimentos que se deram”. Certamente que não tanto S. Mateus e S. Marcos ficaram incluídos entre êsses *muitos*. Mais do que aos Evangelhos pròpriamente ditos, —

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

dentre os quais S. Lucas certamente usou o de Marcos, e provavelmente o de Matheus, — a expressão se refere sobretudo a *escritos fragmentários*, a *ensaaios*, utilizados mais tarde quais tijolos na construção do edifício sinótico. Conjetura-se que o Evangelho da Infância, a História da Paixão, etc., formavam alguns desses folhetos.

As variações do Evangelho oral, e ainda mais a circulação das fôlhas volantes provinham da atividade vital da Igreja, sob a moção do Espírito Santo e a guia das autoridades hierárquicas. A leitura do A. T. e a meditação sobre os fatos da vida de Jesus levavam a comparações, a aproximações, e a Igreja ia notando as realizações proféticas nas ações e palavras do seu Fundador. Outras vezes, conforme a promessa de Jesus de um Defensor que levaria os fiéis à compreensão da sua doutrina, como se vê aqui: “Eu vos digo estas cousas antes que aconteçam, a fim de que no dia em que isso se der creiais” (Jo 14, 29; cfr Jo 14, 25.26), certas palavras, não compreendidas ou dadas ao esquecimento, voltavam à memória e eram comentadas por ocasião de dados acontecimentos. Assim At 11, 15.16 notam que Pedro se lembrou duma palavra do Mestre, quando se derramou o Espírito Santo sobre a família de Cornélio: “Ora, apenas havia começado a falar, o Espírito Santo se derramou sobre eles, como sobre nós no princípio. Recordei-me então da palavra que dissera o Senhor: João vos batizou com água, vós porém sereis batizados com o Espírito Santo”. Causa análoga se repetiu então muitas vezes. Ainda outras era a Igreja crescente, com sempre novos adeptos que haviam de ser instruídos, e as sempre novas comunidades que se fundavam e exigiam a sua organização interna, era isso tudo que levava a uma seleção, entre os ensinamentos de Jesus, dos pontos mais de acôrdo com

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

essas precisões. Eis aí então o ensino de Jesus sôbre si mesmo, sôbre a natureza do Reino de Deus, sôbre o seu retôrno, sôbre a autoridade do chefe da Igreja, . . . Finalmente, a vida litúrgica exerceu sôbre a catequese a sua influência. “As leituras tradicionais da Bíblia, tais como eram feitas nas sinagogas, não bastavam aos primeiros cristãos. O passado, ainda que veneravel, havia encontrado a sua realização e a sua explicação em Cristo. “Cristo, dirá S. Paulo, pôs remate à Lei, para que seja justificado todo crente” (Rom 10, 4). E como a obra de Cristo atingia o seu apogeu na Paixão, o relato dos sofrimentos e da morte redentora é que antes de mais nada se fazia ouvir nas reuniões das comunidades” (Osty).

Com êsse material, figuras de relêvo como o são os 4 Evangelistas compuzeram as suas obras, que são peças inteiriças, bem baseadas, não ajuntamentos de vários mosaicos anteriores. E assim é certo que Mateus redigiu em aramaico o primeiro sinótico; Marcos lançou por escrito a pregação de Pedro, a pedido dos fiéis de Roma (Clemente Alexandrino, Eusébio, Jerônimo) (é o segundo sinótico); Lucas soldou as idéias universalísticas de seu mestre Paulo com as dos predecessores, fazendo um relatório completo, ordenado e suficiente, até para os gentios, dos fatos evangélicos (terceiro sinótico); até que a precisão de defender o dogma da Encarnação contra erros nascentes suscitou o quarto Evangelho, que é o de João. E eis completada a evolução do Evangelho, chegado à sua quádrupla forma atual”.

6. *Forma literária dos Evangelhos.* A tese católica, que será exposta no final dêste número, foi combatida pelos adversários da nossa fé. Êstes avançaram conclusões as mais variadas, a que chegaram os estudos de um Deissmann, um Wendland, um Welhausen, um Strack, um Gressmann, etc.

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

Para o protestante Teodo Zahn os Evangelhos seriam *memórias* ou *recordações* ("souvenir"), julgando essa teoria bem apoiada por S. Justino e Papias, os quais usaram de termos que tais. Alguns aproximaram os Evangelhos das biografias helênicas de filósofos, tais como a *Vida de Pitágoras* por Diógenes Laércio. Ainda alguns outros os avizinham de certas obras de origem semítica, fundados nesta ou naquela analogia, e nomeadamente da *Lenda do sábio Ahikar*. Até que M. K. L. Schmidt chegou a êste resultado, depois de rejeitar as tentativas anteriores supra mencionadas: os Evangelhos não pertencem à *grande literatura*, e sim à *pequena*; seriam escritos infra-literários, de caráter popular, não totalmente jejunos da verdade, mas oferecedores de particularidades simplesmente curiosas; dentre estas algumas são *omissivas*: ausência de composição e de apresentação, até no que respeita a Cristo, negligência de topografia e de cronologia; outras são *positivas*: influência da tradição sobre a obra do autor, preponderância do maravilhoso, intenção de edificar com detrimento de informação objetiva, caráter coletivo da obra, em uma palavra, os Evangelhos deveriam ser classificados ao lado da *História dos Ermitões do Alto Egito*, da *lenda de Fausto*, do ciclo franciscano primitivo, como "Livrinhos populares destinados ao culto". Não há dúvida que essa teoria apresenta muitos pontos verdadeiros; mas as semelhanças que Schmidt notou não desfazem as diferenças ainda maiores, sobretudo no que tange à historicidade absoluta dos Evangelhos, que foram obras de testemunhas oculares ou vizinhas dos fatos; como ademais, os milagres reais que encerram nada têm que ver com o "maravilhoso" de muitas daquelas lendas citadas. Eis porque diz o Pe. Grandmaison: "As analogias sugeridas e outras

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

possuem alcance real e notadamente nos ajudam a compreender como um conjunto, de início diverso e confuso, de lembranças, de anedotas, de palavras chegue a formar uma unidade senão literária no sentido técnico da palavra, ao menos real e orgânica; como ensinamentos recebidos, redigidos e transmitidos oralmente numa língua podem passar a outra, guardando seu acento primitivo. Faz-se mister porém não premer indebitamente êsses paralelos, que só escolhas muito particulares e omissões muito graves permitam levar mais avante”.

A solução católica vem aqui. Os Evangelhos pertencem em literatura ao *gênero histórico*. Mas não se enquadram em nenhuma espécie literária quer bíblica, quer clássica antiga. E assim, dentro do gênero histórico, não são uma história propriamente dita, como as que se conhecem por aí, porquanto toda a atenção dos autores se concentra numa só Pessoa, Jesus de Nazaré. “Nem sequer são propriamente uma biografia, por isso que não pretendem narrar toda a vida do seu herói, com puro escopo informativo. Seu escopo é o de referir a mensagem de renovação moral e religiosa trazida por Jesus ao mundo, e mostrar em ação a sua obra redentora. Fazem portanto uma escolha entre tudo quanto se podia dizer, e desarte se aproximam do gênero dos “*factos ou ditos memoráveis*”, mas com específica referência ao predito escopo” (La S. Bibbia, VIII, 19). É o que Renié chama de “biografia com tendência doutrinal e apologética”. (1)

7. *Ordem dos Evangelhos. A tradicional e cronológica*, a qual é outrossim a mais comum, esta é: Mt, Mc, Lc e Jo.

(1) Claro está que nada têm que ver os Evangelhos com as vidas romanceadas de nossos dias.

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

Aparece já em Orígenes, Fragmento Muratoriano, Ireneu, codices Alef, A, B, e no Concílio de Trento. Note-se porém que a ordem dos críticos acatólicos em geral, tida como cronológica, assim vem: Mc, Lc, Mt, Jo.

Encontra-se em alguns autores, como Tertuliano, João Crisóstomo e na versão cóptica, a *ordem de dignidade*, começando pelos apóstolos e terminando pelos discípulos: Jo, Mt, Mc e Lc; ou, como está no catálogo do códice D, em alguns códices latinos e na versão gótica: Mt, Jo, Mc e Lc.

Ainda existe a ordem que traz antes os *Evangelhos que conservaram as genealogias do Salvador*: Mt, Lc, Jo e Mc. Assim a versão siríaca curetoniana e Teófilo Antioqueno. Mas é ordem raríssima.

Em todo caso, os antigos pouco ligavam para a ordem dêles, como se prova pelas flutuações de muitos dentre os mesmos, que ora seguiam uma, ora outra, como João Crisóstomo, Ireneu e Tertuliano. Segue-se entretanto aqui a ordem tradicional.

OS EVANGELHOS SINÓTICOS

Entre os quatro Evangelhos, os três primeiros formam um bloco à parte. As obras de Mt, Mc e Lc oferecem efetivamente tais semelhanças que, vasadas em três colunas paralelas, na mesma página, oferecem o mesmo conspecto ou *sinopse* das doutrinas e dos fatos relatados, seguindo de modo

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

geral a mesma ordem, e mencionando substancialmente as mesmas cousas, até com as mesmas expressões, ainda que raras e anormais. Essa unidade distinta formada pelos três, ainda mais salta aos olhos, quando se cotejam os três Sinóticos com o quarto Evangelho, que apresenta outros fatos, doutrina mais elevada, e linguagem própria, se bem que haja entre todos os quatro uma concordância mais tênue e de nível superior.

O EVANGELHO SEGUNDO MATEUS

DECRETO DA PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA DE
19-VI-1911

Esse decreto afirmou os pontos seguintes:

- 1) S. Mateus Apóstolo é, na verdade, o autor do Evangelho que sempre lhe foi atribuído;
- 2) Ele o escreveu em aramaico ou hebraico e antes que os outros três Evangelistas;
- 3) A redação definitiva do seu Evangelho em hebreu ou arameu não pode ser abaixada até depois da destruição de Jerusalém, nem sequer até a chegada de S. Paulo a Roma;
- 4) S. Mateus compôs um Evangelho própria e estritamente dito, e não só mera coletânea de ditos ou sermões de

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

Cristo, da qual um autor anônimo se serviu para redigir o primeiro Evangelho, acrescentando-lhe outra fonte para os fatos históricos;

5) A tradução grega do seu Evangelho é substancialmente idêntica ao original escrito na língua pátria;

6) O escopo dogmático e apologético que êle teve em mira de provar a messianidade de Jesus, bem como a sua disposição dos ditos e fatos que é antes lógica do que cronológica, não excluem o caráter histórico do seu Evangelho, o qual não apresenta alteração ou adaptação alguma da doutrina ou das ações do Mestre, sob o influxo das profecias do A. T. ou da Igreja em período mais adulto;

7) Finalmente, é gratuita a negação da historicidade do Evangelho da Infância (Mt 1-2), e de certas sentenças da máxima importância dogmática, que respeitam ao primado de Pedro, à forma do Batismo e à missão universal dos Apóstolos, e à sua profissão de fé na divindade de Jesus (Mt 14, 33; 16, 17-19; 28, 19.20), etc.

Tais pontos, que a sã crítica pode comprovar pela história, serão aqui seguidos e cientificamente provados.

O AUTOR

Chamava-se Mateus. Mateus é a tradução da forma grega *Maththaios*, como aparece nos manuscritos mais antigos, ou *Matthaios*, como se encontra nos mais recentes. Deriva com muita probabilidade do hebreu *Mattai*, equivalente de *Mattinai* (2 Par 9, 15), que é a abreviação de *Mattaniah* (como Fernão de Fernando, Antão de Antônio), significando “Adeodato” ou “Deodoro” (nome teofórico). É com fraca

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

probabilidade que teria derivado, segundo alguns, de *Amittai*, pela queda do Alef inicial, ficando *Mittai*; e como Amittai vem da raiz *Emet*, que significa “a fé”, Mateus quererá dizer “o fiel”.

Ao lado de Mateus, o autor do primeiro Evangelho apresenta o de Levi, sendo que só este segundo nome aparece nos demais Evangelistas. Ao invés de serem nomes de duas pessoas distintas, Mateus e Levi são dois nomes da mesma pessoa, identificando-se o publicano Mateus, que Jesus chamou para o apostolado, de Mt 9, 9-13, com o publicano Levi, feito apóstolo de Me 2, 13-17 e Lc 5, 27-32. Havia, com efeito, entre os Judeus o costume de se usar duplo nome (Saulo e Paulo, Simão e Pedro, Judas e Tadeu, João e Marcos, José e Bársabas). Ademais, a narração do chamamento de Mateus e de Levi para o apostolado apresenta as *mesmas circunstâncias e o mesmo contexto*, só variando o nome do herói. Vislumbra-se todavia a razão da mudança: “Antes da sua conversão o primeiro evangelista chamava-se Levi; Jesus mudou seu nome para Mateus como o indica a mesma fórmula de que se serve aqui o evangelista: *Maththaion legómenon* (“chamado de Mateus”). Por respeito para com o apóstolo, S. Marcos e S. Lucas o designam sob o seu antigo nome de Levi; por humildade, S. Mateus não tem medo de atribuir a si o nome, sob o qual todo o mundo o conhecia, e de recordar sua primeira profissão, tão odiosa ao povo” (Renié).

Ele era *filho* de um tal *Alfeu* (Mc 2, 14), que não se há de identificar com o pai de Tiago o Menor (Mc 3, 18), porque este e Mateus não figuram lado a lado, como se dá com os filhos de Zebedeu e com Pedro e André, por serem irmãos. (No catálogo dos Apóstolos faz parêlha com Tomé, ao qual se prospõe sempre por humildade).

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

Exercia em Cafarnaum o mister de *publicano*, ou coletor de impostos (fiscal de alfândega?), a serviço de Herodes Antipas. Estava sentado no banco da sua coletoria ou recebedoria fiscal ao ser chamado por Jesus. Deixou logo tudo. E era abastado, porque, como despedida do mundo e dos colegas de ofício, ofereceu um banquete a êstes e a Jesus.

Se nada mais se sabe da sua vida anterior à vocação, desde ela levou seus dias como os outros apóstolos até Pentecostes.

Como êles, de comêço evangelizou a Palestina consoante dizem Eusébio, Clemente Alexandrino, Ireneu. Partiu depois a fim de evangelizar os pagãos, “mas deixou em compensação, aos seus compatriotas, o seu Evangelho, escrito na língua dêles”, como escreveu Eusébio. Incerto é porém o rumo que tomou para o ulterior campo do seu apostolado. A Etiópia? É o que diz Gregório Magno, Rufino, Sócrates e o Breviário Romano. A Pérsia? Assim pensa Ambrósio de Milão. A Pártia? Sim, conforme Isidoro de Sevilha. A Macedônia? Ha quem o afirme.

Ignora-se a época da sua morte, que foi pelo martírio segundo a maioria dos antigos historiadores.

É festejado a 21 de Setembro.

A OBRA ORIGINAL DE MATEUS

1.. *Sua autenticidade.*

Quando se fala em “autenticidade” do primeiro Evangelho quer-se dizer que êle é de fato obra de S. Mateus Apóstolo, a quem foi sempre atribuido.

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

Demonstra-se a autência ou autenticidade de uma obra:

- a) *por critérios externos*, ou tomados de fora da obra. São os melhores, porque é pela testificação que se estabelece o fato histórico da composição de um livro e qualquer outro;
- b) *por critérios internos* ou tirados da mesma obra, como o estilo, o ambiente cultural, etc., que são os do autor a que se atribui. São insuficientes de si, porque sempre vai algo de subjetivo na apreciação dêles, mas podem confirmar ou infirmar uma tese. Diga-se ainda que a testificação se obtém coligindo as *citações* textuais do Evangelho nos escritores coevos e logo posteriores ou pelo menos *alusões* a êle, e as afirmações que deixaram a respeito.

De acôrdo com isso aqui vai a *tese*: *S. Mateus Apóstolo compôs o primeiro Evangelho em hebreu ou arameu.*

Prova da tese. Seja antes de mais nada *pelos critérios externos*.

1) Deixando de lado os Padres do ano 300 para cá, porque desde então a autoria do primeiro Evangelho é obviamente atribuída a Mateus, tem-se que desde os meados do séc. II, ou desde lá pelo ano 150, faz-se essa atribuição.

a) *S. Ireneu* († 202), discípulo de *S. Policarpo*, bispo de Lião e relacionado com Roma, no seu livro contra os herejes afirmou que “Mateus assim publicou por escrito o Evangelho entre os Hebreus, na língua deles, enquanto que Pedro e Paulo evangelizavam Roma e fundavam a Igreja”. A circunstância de tempo, com que finaliza o trecho, será estudada abaixo. Diz-se por ora que essa frase foi publicada pelas alturas do ano 185.

b) Antes dele, *Papias*, que lá por 130 era bispo de Hierápolis na Frígia e foi dito por Ireneu “companheiro de Policarpo”, “homem antigo”, “discípulo de João” (probabilissimamente o Apóstolo), foi o primeiro a nomear o autor do primeiro Evangelho. Atinge-se por êle a idade apostólica. Na verdade, escrevendo lá pelo ano 135 seu livro “Explicação dos ditos do Senhor”, afirmou que “Mateus coletou os ditos (do Senhor) em língua hebraica; cada qual os traduziu como pôde”.

Êsse testemunho de Papias é irrecusavel. Longe porém se está de concórdia na sua interpretação. Na verdade o vocábulo “ditos” verte a palavra grega “lógia” que êle usou, a qual etimologicamente significa “dito”, “oráculo”. Eis então que os críticos Harnack, Resch, Loisy, com o católico Batifol, atribuem a S. Mateus só a paternidade sôbre uma coletânea de sermões de Jesus, não o primeiro Evangelho atual, que contém outrossim fatos.

Muito pelo contrário, a tese católica que entende por “lógia” todo o primeiro sinótico, está firmemente estabelecida.

E na verdade o *sentido usual* de “lógia” não exclui *a priori* essa interpretação, que parece ser a de Rom 3, 2 onde “tá lógia tou Theou” compreende todo o A. T., e não só a sua doutrina. Aliás em Papias é o único sentido que se impõe. E deveras, no mesmo contexto, algumas linhas mais abaixo, chamou ao Evangelho de Marcos de “syntaxis tón kyriakôn logíon” ou “juxtaposição de oráculos do Senhor”. Mas descreve o conteúdo de tal “syntaxis” como compreendendo “lech-thénta kaì prakthénta” ou os “ditos e os fatos” do Senhor. Logo, o termo “lógia” significa ações e sermões. O que aliás se confirma pelo uso do vocábulo em Ireneu, e outros, com êsse sentido. Lógia aproxima-se portanto do hebraico *Dabar*,

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

que quer dizer “palavra”, “acontecimento”, a qual aparece nos lábios dos pastorinhos de Belém: “Vamos pois até Belém, e vejamos êssa *palavra* (isto é, “êsse grande acontecimento”), que o Senhor nos deu a conhecer” (Lc 2, 15). Nada obsta pois a que Papias se tenha referido a Mateus como o autor do primeiro Evangelho, tal qual existe atualmente.

c) *Tertuliano* na sua obra “Contra Marcião”, escrita em 207-212, disse: “Finalmente dentre os Apóstolos João e Mateus insinuam-nos a fé, e dentre os (varões) apostólicos (a) edificam Lucas e Marcos”. E no seu livro “Sôbre a Carne de Cristo” acrescentou o seguinte: “Em primeiro lugar o mesmo Mateus, fidelíssimo comentador do Evangelho, como companheiro do Senhor... assim começou: Livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão”, que são palavras do início do primeiro Evangelho. Êste, pois, foi atribuído a Mateus.

d) *S. Clemente de Alexandria* (150-211 mais ou menos), autor do “Stromata”, escreveu: “No Evangelho segundo Mateus a genealogia (de Jesus) desce de Abraão e vai terminar em Maria, Mãe do Senhor. Há com efeito, diz (o Evangelista), de Abraão a Davi, quatorze gerações...”

e) Por seu lado *Orígenes* (185-254), o homem mais versado do seu tempo nas Escrituras e nos estudos das antiguidades, no seu “Comentário a S. João” escreveu: “Como eu recebi da tradição a respeito dos quatro Evangelhos, que são os únicos admitidos sem contestação por tôda a Igreja: primeiro foi escrito o Evangelho segundo Mateus; seu autor, anteriormente publicano, ao depois se tornou Apóstolo de Jesus Cristo, (e) o publicou na língua hebraica para os Judeus convertidos”.

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

2) Mas já antes de 150 o Evangelho de Mateus era conhecido como escritura apostólica, sendo por isso citado com a máxima reverência, ainda que sem o nome dêle, como se colhe de

a) *S. Clemente Romano* (cêrca de 92-101), que cita isto de Mt 7, 2: “Com a medida que medirdes sereis medidos”, e não de Lc 6, 38, tal é o modo textual que empregou. Citou ainda mais duas outras vêzes textualmente, e aludiu-lhe muitas.

b) *A Epístola de Barnabé* tem duas citações certas de Mateus: “Muitos são os chamados, poucos os escolhidos” e “não vim chamar os justos, mas os pecadores”. Outras há dúbias.

c) *S. Policarpo* (70-156) cita o Padre Nosso, como se acha em Mt 6, 13, e copiou muitas sentenças do Sermão da Montanha de Mt na sua Epístola aos Filipenses.

d) *S. Inácio Martir* († cêrca de 107) mais dó que os outros Padres cita “ad sensum” (livremente). Ainda assim em 10 lugares das suas cartas alude quase que literalmente a Mateus, como a isto: “Sê prudente como a serpente, e simples como a pomba” de Mt 10, 16.

e) *S. Justino* nos seus escritos de 150-160 é abundante em citações e alusões ao primeiro Evangelho, como esta: “Padre, se é possível, passe de mim êste cálice” de Mt 26, 39.

E se alguém perguntar porque, desde os fins do séc. I, o primeiro sinótico foi tão largamente reconhecido como apostólico, inspirado, divino, canônico, sem que todavia os escritos mais antigos tragam o nome do seu autor, Mateus, responde-se: porque o autor era conhecidíssimo; também porque

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

o espírito dos fiéis estava tão enlevado com as ações e os sermões do Senhor, que quase nem pensava no autor da narração de tamanhas maravilhas; e para remate, porque os Padres Apostólicos não costumavam citar os hagiógrafos, quando aduziam os trechos inspirados quer do A. T. quer das epístolas paulinas.

3) Confirma-se a tese pelo título do primeiro Evangelho, que sempre foi o de “Evangelho segundo Mateus”.

4) Até os herejes do séc. II usaram do primeiro Evangelho. Epifânio diz que *Cerinto* e *Carpócrates*, gnósticos do séc. II, o tiveram em mãos, Hipólito narra que *Basílides* e *Valentino*, de meados do séc. II, conheceram e usaram Mateus. É certo que o pagão *Celso* narra conforme o primeiro Evangelho a chegada dos magos, a morte dos inocentes, a fuga para o Egito, etc. *Taciano*, discípulo de S. Justino Martir, pôs o primeiro Evangelho no seu *Diatéssaron*, ou Concordância dos quatro Evangelhos.

5) Aliás, êle aparece nas versões: latina antiga, siríacas, cópticas, etc. Concluindo: “A tradição atribui pois, unanimemente, a S. Mateus, a paternidade de um Evangelho hebraico, contendo outra cousa senão sòmente discursos. Por Papias ela sobe até os mesmos Apóstolos. Esta tradição jamais distinguuiu os Lógia, os quais tão sò emanariam de Mateus, do resto do Evangelho, obra anônima: uma tal distinção é portanto arbitrária” (Renié).

Confirma-se a tese com os dados da crítica interna.

1) O autor do primeiro Evangelho é *pessoa antiquíssima*. Mt 5, 17.18 fala da permanência da lei mosaica; 10,5, sôbre a pregação sòmente aos Judeus; e o capítulo 24, sôbre

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

a destruição de Jerusalém, descrita vagamente e de mistura com profecias sobre o fim do mundo, sem se perceber se uma coisa e outra seriam juntas, ou se dariam com intervalo de tempo entre si. Ora bem, se o autor escrevesse depois de 70, quando Jerusalém foi destruída, dispersos os Judeus, entrados na Igreja pagãos em maior número, ele proporia diversamente a perenidade da Lei, e a primazia dos Judeus, a fim de não ofender os bríos dos pagãos batizados; bem como descreveria a catástrofe da Cidade Santa mais precisamente, distinguindo-a melhor do que foi vaticinado sobre o fim dos tempos.

2) *O autor era palestino.* Conhece perfeitissimamente a Palestina dos tempos de Jesus: Herodes o Grande e Antipas, Arquelaú, Pilatos, Caifás e Filipe, aparecem como chefes do período de intranquilidade, qual o foi até 36, sem nenhuma explicação; narram-se dos partidos — Fariseus e Saduccus — os sentimentos, as atitudes políticas e religiosas, os costumes, até nas mínimas cousas, com suma fidelidade, sem explicações também; conhece a palmo a topografia das cidades e lugares grandes, pequenos e mínimos, que supõe conhecidos dos leitores: Corozain, Betsaida, Cesaréia de Filipe, Getsêmane,...

3) *O autor era publicano.* Em matéria de impôsto o primeiro Evangelho é mais preciso do que os outros. Só ele traz a reclamação do impôsto “per capita” feito a Jesus e a entrega do didracma, cujo duplo diz ser o estáter, moeda achada na bôca do peixe (Mt 17, 24-27). Na disputa do “dai a Cesar...” ele não chama à moeda pedida de dinheiro, como o faz Lc 20, 24 e Mc 12, 15, porque é nome comum, e sim com o termo técnico *nomisma kénso* (Mt 22, 19).

4) *O autor é Mateus.* Só o primeiro Evangelho chama o publicano convertido e feito Apóstolo com o nome de Mateus

(9, 9); conserva-lhe seu título vergonhoso na lista dos Apóstolos (10, 3), coloca-o no oitavo lugar (mas Lc 6, 14 e Mc 3, 18, no sétimo). Tudo isso seria ininteligível se o primeiro Evangelho fôsse de outrem.

2. *A língua do primeiro Evangelho.* 1) Não é a *grega*, hipótese que só aparece no séc. XVI com Erasmo, adotada depois por Caetano e pelos protestantes, e seguida hoje pela maioria dos racionalistas. Se Lagrange e Battifol aderiram a ela *ad tempus*, e antes de 1911, o decreto da Comissão Bíblica precisou os limites da questão, porque a Tradição fala de “língua hebraica”. Explicar-se-ão abaixo as razões dessa sentença.

2) Os críticos estão divididos entre o *hebreu* e o *araméu*. O decreto não decidiu entre um e outro, embora se incline para o último.

3) Ora, *a língua aramaica é a mais provável*. E na verdade ela era a língua corrente na Palestina, desde que os Judeus regressaram do exílio babilônico, quando então o hebreu se fazia língua morta, só entendida dos letrados. Ora, Mateus escrevia sobremodo para o povo. Depois, êle cita o A. T. ora conforme o texto hebraico, ora conforme os LXX, ora livremente; se escrevesse em hebreu, citá-lo-ia sempre tal qual está no texto hebraico. A Tradição está dividida: de um lado Jerônimo afirmou que escreveu na língua hebraica; do outro, Eusébio e Ireneu dizem que o fez na língua pátria, que era a aramaica. Eis porque, baseados em textos que supõem original hebraico (Mt 14, 31; 26, 50), e no testemunho de Jerônimo, Schegg, Delitsch, Resch, outros estão pelo hebreu, (alguém até supôs que o título do Evangelho seria “Dibrê Iehoshua” ou “Oráculos de Jesus”). *Adhuc sub iudice lis*

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

est, e a sentença aqui aceita goza só de probabilidade, estando pela ciência de hoje.

3. *Data.* A *Tradição* afirma que o Evangelho de Mateus foi o primeiro de todos. Ela fala pela boca de Ireneu, que segue a ordem cronológica no seu livro “Contra os Herejes” a qual é esta: Mt, Mc, Lc, Jo; e de Orígenes, que escreveu: “Foi escrito primeiro o que é segundo Mateus... o segundo é o de Marcos...”, conforme se lê na “História Eclesiástica” de Eusébio; e de Epifânio, Agostinho, Jerônimo, como ademais através dos manuscritos, cuja ordem parece ser cronológica. Eis porque o decreto da Comissão Bíblica de 26-VI-1912, que vem abaixo, diz que não se pode afastar dessa sentença, tão tradicionalmente baseada, concordando nisso com o que foi exposto acima.

A crítica interna confirma a Tradição, porque o primeiro Evangelho é feito de controvérsias e apologia fundadas nas Escrituras, conforme a Igreja precisava para combater os Judeus que viviam sob o culto mosaico.

E assim Mateus *escreveu antes de 70*, data da ruína de Jerusalém. O preconceito contra o sobrenatural levou os racionalistas a abaixar para depois de 70 a data do primeiro Evangelho. Mas a profecia não foi colocada nos lábios de Jesus “post eventum”, e Jesus podia vaticinar tal acontecimento. E como Mateus não distinguiu o que se refere a Jerusalém no que respeita ao fim do mundo, de certo não escreveu depois da catástrofe.

Mais, *escreveu antes do ano 62*, porque é anterior ao terceiro Evangelho, que só póde datar daí para antes.

Se êsse “terminus ad quem” ou data mais baixa é cousa certa, incerta fica uma data mais recuada para a publicação

do Evangelho. Caso 1 Tessal dependa do primeiro Evangelho, este seria anterior ao ano 51. Data mais precisa não se pode fixar. Eusébio, é bem verdade, afirma que “Mateus, tendo antes evangelizado os Hebreus, quando estava para partir em busca dos outros deu o seu Evangelho...” Mas quando partiu da Palestina? Uma tradição, que Eusébio aceitou, traz a ordem de Jesus aos Apóstolos que ficassem em Jerusalém 12 anos. A dispersão deles ter-se-ia dado quando da perseguição de Herodes Agripa (41-44), concordando com essa tradição. Em todo o caso, não permaneceram por lá depois de 50, data do Concílio de Jerusalém. A tradição não é de fato segura. E há os que entendem o texto de Eusébio, como referente a 62, quando foi martirizado S. Tiago, bispo de Jerusalém. A circunstância que Ireneu aduziu “enquanto Pedro e Paulo evangelizavam Roma e fundavam a Igreja”, à primeira vista parece sincronizar bem os dois fatos. Mas Ireneu não trata de cronologia; e sim, combatendo Valentino, que negava a continuidade entre o evangelho oral e o escrito. Ao passo que Pedro e Paulo pregavam, Mateus escrevia: eis como se pode entender. Logo, a circunstância não leva para o ano 60, quando Pedro e Paulo pregavam em Roma.

Conclui-se pois com Buzy: “Em resumo, se não é possível indicar uma data precisa para a composição do Evangelho aramaico de S. Mateus, podemos todavia concluir que, segundo os testemunhos tradicionais, foi composto entre 42 e 50, e provavelmente mais perto da primeira data do que da segunda. Nada, no teor da obra, obsta a essa conclusão. Entre os exegetas católicos forte corrente delineia-se desde alguns anos em favor dessa data tradicional. Os que se mostram impressionados pelo texto de Ireneu, pronunciam-se antes pelas alturas do ano 60. Quanto aos críticos, eles retardam geralmente a data da composição até para depois de 70, Renan de-

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

pois de 85, Réville, entre 69 e 96, Juelicher, entre 81 e 96, Loisy, entre 90 e 100, Baur, entre 130 e 134. Harnack, mais comedido, fixa-a por volta de 70, quer imediatamente antes, quer imediatamente depois. A Comissão Bíblica, no decreto precitado, declara sustentavel a opinião que coloca a composição do primeiro Evangelho depois da chegada de S. Paulo a Roma, e proíbe recuá-la até para lá da destruição de Jerusalém”.

4. *Lugar.* Foi na *Palestina* que S. Mateus compôs a sua obra, colhe-se de Ireneu, que afirmou tê-la feito “entre os Hebreus”, circunstância que designa essa região, e de Eusébio que declarou tê-la publicado “quando estava para ir ter com outras gentes”. A língua outrossim, lá falada, é uma segunda razão. Provavelmente foi em Jerusalém, dentro da Palestina, visto como por vários anos ali é onde permaneceram os Apóstolos.

5. *Destinatários.* Dizem-se “imediatos” os destinatários, para cuja utilidade o *autor humano* destinou o seu escrito, ainda que tenha ante os olhos também a de outros cristãos, e até de pagãos, embora remotamente. O Espírito Santo porém, que é o autor principal, entendia juntamente com a utilidade dos destinatários imediatos a dos cristãos de todos os tempos, e até a de todos os homens daí por diante.

Ora bem, os *destinatários imediatos do primeiro Evangelho são os judeus-cristãos palestinoses.*

Procedendo por partes, aqui se prova antes que são os *Judeus.*

a) Pelo testemunho extrínseco de Ireneu, que está acima de Orígenes, também referido, mais o de Eusébio, Jerônimo, Crisóstomo, Gregório Nazianzeno, etc.

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

b) Pelos *critérios internos*. Mateus cuida visivelmente de marcar a *harmonia reinante entre o A. T. e o N.*, citando (ou aludindo) 70 vêzes aquêlo, o que supõe leitores que lhe são apegados, ao passo que Marcos só o cita 18 vêzes, Lucas, 19 e João, 22. Depois, êle não explica *as leis e os costumes judaicos*, (como o fazem Marcos e Lucas), julgando-os conhecidos. Ademais, usa de *expressões especificamente judaicas*: Cidade Santa (Jerusalém) (4, 5; 27, 53), Lugar Santo (Templo) (24, 15), Terra de Israel (Palestina) (2, 20), “gentes” e “gentios” significando “pecadores” (18, 17), quando os outros Evangelistas evitam dar qualificativos maus aos pagãos (cfr os lugares paralelos entre Mateus e Lucas); e ainda Reino dos céus, Casa de Jacó, cidades de Israel, Cidade do Grande Rei, filhos do Reino, Filho de Davi, Portas do inferno, etc. E finalmente, o *fim* que almeja também prova: demonstrar que Jesus é o Messias.

Agora, não são os Judeus incrédulos, *mas bem os convertidos ou Judeus-cristãos*.

Antes do mais, é quanto avançam Orígenes, Eusébio e outros. E depois, é o que salta aos olhos após exame interno da obra: se o Evangelho fôsse escrito para todos os Judeus seria perniciosa esta frase: “o reino será tirado de vós e dado ao gentio” (21, 43); não se conceberiam as palavras duras dirigidas aos fariseus, etc. (23, 1-4; 15, 31); se para os convertidos, cabem as advertências àqueles.

E no final de tudo, são *palestinos*, segundo se colige dos testemunhos extrínsecos de Ireneu, Clemente Alexandrino, Orígenes, Jerônimo; e dos critérios internos: ausência de detalhes geográficos, inúteis para os moradores de lá; da língua; do lugar da publicação.

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

6. *Escopo. E' triplice*, ainda que entre si relacionado.

1.^o) *dogmático*: demonstrar que Jesus é o Messias esperado, filho de Davi. Assegura-o S. Ireneu: "O Evangelho segundo Mateus foi escrito para os Judeus. E na verdade êstes desejavam bastante a Cristo da descendência de Davi. Mateus então, que ardia com o mesmo, aliás maior desejo, procurou com tôdas as veras fazer-lhes plena fé em que Cristo é da genealogia de Davi". E com êle outros Padres. Conclui-se outrotanto dos destinatários e do exame interno: tudo o que se narra é indicado qual realização das profecias, segundo as fórmulas conhecidas "assim está escrito", "então se realizou", etc.

2.^o) *apologético*: que Jesus não veio abrogar e sim aperfeiçoar a Lei; que os Judeus também foram chamados para o Reino, do qual só os excluiu a obstinação.

3.^o) *histórico*: para provar, o apologeta tem que apelar para fatos. Logo, o escopo 3.^o não contradiz ao 2.^o. É o que faz Mateus. Nada de fatos ou discursos alterados para que se enquadrassem às profecias (tipologia).

Cuide-se entanto de distanciar muito Mateus (com os outros dois sinóticos) de João, como se êste e só êste evidenciasse a divindade de Jesus. Afirmações solenes sôbre ela existem em Mt 21, 4-46; 22, 41-46; 26, 63.64; 27, 43. 54; com insinuações em 11, 25, etc.

7. *Caráter literário*. S. Mateus não é pintor de caracteres, como Lucas, do qual não possui a exposição sábia, elegante, quase ática. Nem é descritivo e pitoresco, como Marcos. Não lhe interessam figuras e côres; nem se importa com minúcias e circunstâncias. Êle vai direto à substância

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

dos fatos. Aliás os fatos estão nêle em função da doutrina; e desse modo êle fêz um “Evangelho de discursos”.

Isso tudo vem exposto a modo de drama, de drama em sentido lato está claro. “Seu Evangelho é um vasto drama que se desenrola dêsse modo sob regras maleáveis mas seguras; depois das cenas imprescindíveis, ditas de preparação, apresenta seu herói, Jesus, numa série de discursos e de ações; depois, muito habilmente, faz agir ao redor do protagonista todos os atores secundários: discípulos, adversários, multidão, que se agitam, que se misturam, que se entrecrocão, e assim encaminham o drama para a sua consumação” (Buzy).

Para isso êle usa mais ordem lógica do que cronológica, agrupando fatos, ajuntando doutrinas de várias ocasiões, por motivo da analogia que os ligue.

Quanto aos fatos, êle os desenraiza do seu contexto histórico, como se vê pelas fórmulas vagas que emprega (então, e eis que, e aconteceu, naquele tempo, etc.), e agrupa-os segundo o seu fim. Assim, para demonstrar a taumaturgia onímoda de Jesus Mt 8-9 é uma série de milagres de todos os feitios.

Cousa idêntica é para notar-se a respeito dos discursos. E tem-se:

Mt 5-7: o código da perfeição do Reino.

Mt 10: o código missionológico do Reino.

Mt 13: a exposição parabólica do mistério do Reino.

Mt 18: as relações entre os membros do Reino.

Mt 23: invectivas contra os inimigos espirituais do Reino (escribas e fariseus).

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

Mt 24-25: a ruína de Jerusalém, o fim dos tempos e a consumação do Reino (discurso escatológico).

Sendo trama de discursos, é o que conserva mais palavras de Jesus e sempre com frescura.

Judeu, usa do *ritmo binário*, proveniente do paralelismo das fases do qual aparecem as três espécies no primeiro Evangelho: sinonímico, antitético e sintético. E de uma figura derivada do paralelismo: a *silepse*. Esta com a *sinédoque* foram já notadas por Jerônimo. Buzy apresenta algumas silepses do fim do Evangelho: na entrada triunfal Mateus ajunta a jumenta ao jumentinho, mas Jesus só montou no último (21, 7); os dois ladrões aparecem injuriando ao Mestre (27, 44); etc. E em geral nos lugares onde o plural está pelo singular.

Outra maneira característica é a de esboçar um quadro, e descrevê-lo ao depois por inteiro. Assim o perdão das injúrias, a que acena levemente no Padre Nosso, é depois ilustrado extensamente pela parábola do servo sem piedade (6, 12, 14-15 e 18, 23-25). etc.

8. *Caráter doutrinário*. Como já se deduz do que foi dito no número anterior, a *idéia cêntrica* do Evangelho é o *Reino de Deus*, palavra específica de Mateus, que se refere à Igreja, tomada sob vários prismas, que se completam mutuamente.

9. *Fim da obra original de Mateus*. O Evangelho aramaico primitivo logo pereceu, não resistindo à catástrofe de 70, e mais ainda, à tormenta que sob Adriano, em 135, desabou sobre a Igreja palestina. Como os pagãos e até os Judeus

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

helenistas convertidos falavam o grego, êle caiu em desuso e desapareceu.

A TRADUÇÃO GREGA DO PRIMEIRO EVANGELHO

1. Antes porém que desaparecesse o Evangelho primitivo aramaico, a Providência havia proporcionado a versão grega dêle.

Não se sabe quem foi o seu autor, mas é *tradução antiquíssima*, visto que foi citada pelos Padres Apostólicos desde o fim do séc. I, e pelos Apologetas e herejes do séc. II, como ainda se deduz das versões antigas feitas sobre a grega.

2. Pode-se conjecturar *quem tenha sido o autor?* Para alguns teria sido o próprio Mateus. “Conjetura plausível, mas não apoiada na tradição antiga”, comenta Grandmaison. Os nomes de João Apóstolo, Tiago Menor e Bartolomeu foram apontados pelos Padres e, como conjecturas, em alguns códices. Ignora-se, é melhor dizer-se com Jerônimo, que escreveu: “Quem depois o tenha vertido para o grego não consta bastante”.

3. Consta porém certamente que o tradutor anônimo conhecia bem as duas línguas e devia ser pessoa influente na Igreja primeira, para que logo a sua versão corresse mundo.

Mais do que *tradução literal*, sua obra é *adaptação livre*, procurando mais exprimir o sentido do que verter palavra por palavra, assim que, conservando a substância do texto, dá a impressão de escrito original.

4. Como Mateus grego é posterior a Marcos, pergunta-se ainda se o tradutor teve ante os olhos o segundo Evan-

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

gelho para adotar-lhe a língua e o estilo. Dividem-se os autores; uns aceitam certa dependência de Mateus com relação a Marcos, como Lagrange, que a adota em princípio, embora nos comentários use de tais reservas que jamais quase indica praticamente a mesma dependência; outros, como Buzy, estão pela independência total de Mateus grego a respeito, porque tôdas as semelhanças entre os dois se explicam facilmente pela identidade parcial da catequese oral. Como quer que seja, o decreto da Comissão Bíblica não impõe nenhuma das sentenças.

5. Ignora-se o lugar da tradução grega. Verossimilmente a Ásia Menor.

6. Mas que Mateus grego seja tradução, não obra originariamente escrita em grego, ainda se prova pela refutação das objeções em contrário.

E é a primeira: Mateus tem grego mais fluente e menos aramaizante do que Marcos; emprega *mén...dé*, em vez de monótono *kai, kai, kai* de Marcos, e ademais o genitivo absoluto; faz jôgo de palavras em grego: *kakoûs kakôs apoléseî* (21, 31), *aphanízousin ôpos phanôsin* (6, 16).

Responde-se em forma: e isso denota que o tradutor conhecia perfeitamente o grego, *concedo*; que a obra tenha sido originalmente em grego, *nego*. Aliás, os aramaismos confirmam a tradição a respeito de original semítico.. Há uma segunda resposta: *o que prova demais, nada prova*. Ora, a objeção provaria demais, a saber, que então o primeiro Evangelho foi escrito originalmente em latim, desde que a razão indicada, jôgo de palavras, também existe nessa língua, como *malos male perdet* (21, 31), *molentes in mola* (24, 41), *cum venerit invenerit* (24, 46), como se lê na Vulgata.

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

A *segunda* é: citações do A. T. segundo os LXX. Logo, escreveu em grego, como sugere a tradução da palavra hebraica Emanuel de 1, 23.

Responde-se: das citações nada se segue, porque existem ainda as feitas diretamente do hebraico e as livres. Um autor palestino de fala grega podia recorrer ao hebreu, como um arameu podia citar os LXX, sendo ambos os textos correntes na Pátria de Jesus. E em 1, 23 explica aos leitores ignorantes o *simbolismo* do nome Emanuel.

SINOPSE DO EVANGELHO DE MATEUS

Pode dividir-se em 6 *partes*.

I. *Infância de Jesus*: genealogia, concepção e nascimento de Maria Virgem, adoração dos Magos, matança dos inocentes, fuga para o Egito, volta para Nazaré (1-2).

II. *Ministério público de Jesus*:

- a) *Preparação*: ministério do Batista, Batismo, jejum e tentação de Jesus (3, 1-4, 11);
- b) *Ministério galilaico*: vocação dos primeiros discípulos e início do ministério na Galiléia (4, 12-25); Sermão da Montanha (5-7); milagres em confirmação da missão de Jesus (8, 1-9, 34); eleição dos 12 Apóstolos e aviso sobre a sua missão (9, 35-10, 42); crença dos discípulos do Batista na messianidade de Jesus (11); evangelização da Galiléia com crescente oposição dos escribas, fariseus, etc. (12-13).

INTRODUÇÃO AOS EVÂNGELHOS

- c) *Morte do Batista*: sendo objeto das suspeitas de Herodes, vai Jesus para as regiões vizinhas da Galiléia: margem oriental do Lago de Genesaré, confins de Tiro e de Sidônia, Cesaréia de Filipe onde se deu a confissão de Pedro (14, 1-17, 20).

III. *Viagem da Galiléia para Jerusalém, passando pela Peréia*: doutrina sobre a perfeição evangélica e a indissolubilidade do matrimônio; petição da mãe dos filhos de Zebedeu, parábola dos operários da vinha; cura dos cegos de Jericó (19-20).

IV. *Ministério em Jerusalém nos últimos dias da vida de Jesus*: ingresso triunfal; purificação do Templo; disputa com os escribas e fariseus; acre exprobração a êles; sermão escatológico (21-25).

V. *Paixão e Morte de Jesus*: ceia em Betânia e última ceia em Jerusalém; Jesus no Getsêmane; na casa de Caifás; no Sinédrio; perante Pilatos; crucificado no Monte Calvário; morto e sepultado; os guardas junto à sua sepultura (26-27).

VI. *Ressurreição e Aparições de Jesus*: Ressurreição enquanto as mulheres vão para a sepultura; aparição a elas e missão de tudo anunciarem aos Apóstolos; compra dos guardas do sepulcro; aparição num monte da Galiléia e missão dos Apóstolos para a evangelização do mundo (28).

INTEGRIDADE DO EVANGELHO DE MATEUS

1. *O Evangelho da Infância*. A autenticidade dêle foi negada no séc. XVIII por J. Williams, Stroth e J. Hess, e neste século, por Usener. Hoje, admitida a sua autenticidade, como

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

capítulos deveras procedentes de Mateus, rejeita-se a sua *historicidade*: neles vêem uma criação espontânea da fé da primitiva Igreja. Apresentam a sentença sob êste aparato científico: Marcos é o Evangelho primeiro de todos, sem nenhum desenvolvimento posterior, só com puros fatos; a fé produziu desenvolvimentos míticos e de Marcos se formou o nosso Mateus, com o aparecimento de cousas “fabulosas”, como a concepção virginal de Jesus, a estrêla, a vinda dos magos. Assim Renan, Goguel, Loisy, Réville, Guignebert, etc. Aliás, dizem, o evangelho da infância de Mateus contradiz ao de Lucas; nem aparece em Taciano, nos escritos ebionitas, em vários códices.

Responde-se: a) que a base da negação é o preconceito a respeito da impossibilidade dos milagres, o qual vai contra a sã filosofia;

b) as contradições que se notam entre Mateus e Lucas, existem é verdade, mas são aparentes tão só; estudos exegéticos os conciliam a contento;

c) Não é verdade que o evangelho da infância de Mateus não apareça nas obras de Taciano, que só não possui as genealogias de Jesus; e explica-se o seu silêncio nos escritos dos ebionitas: admitindo só a carne de Cristo, a sua humanidade, necessariamente põem de lado o que se refere à origem misteriosa que leva a outra sua natureza mais elevada;

d) os códices na sua densa maioria o trazem, tanto que as edições críticas jamais o omitem. Logo, é de Mateus e narra pura história.

2. *A promessa do Primado*: “Tu és Pedro, e sôbre esta pedra...” (Mt 16, 17-19).

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

Repisando idéias de Holtzmann e de Resch, há pouco Harnack tentou de novo demonstrar que a promessa não é autêntica de Mateus, e sim obra de um falsário, que a acrescentou no seu texto. Fá-lo com argumentos externos e internos, dizendo que as palavras: “*e sôbre esta pedra edificarei a minha Igreja*” são de tempo posterior, precisamente do de Adriano (117-138), porque a) não se encontram nos escritores do séc. II para cima; b) vão contra o contexto e mostram a respeito da Igreja conceitos posteriores aos dos dias de Jesus. O fim, diz, é o engrandecimento do papado, quando se congregaram as igrejas num todo.

Responde-se: a) a promessa aparece em todos os códices gregos e em tôdas as versões e sem variantes notáveis, e por isso foi adotada pelas edições críticas todas;

b) sem dúvida Orígenes e Tértuliano foram os primeiros a citá-la; mas explica-se o silêncio relativo a ela nos escritores do séc. II e anteriores, porque são pouco numerosos, e tinham preocupações religiosas outras que as nossas; aliás, se não a citam literalmente, a ela aludem as “Odes” de Salomão e o “Pastor” de Hermas, até que no séc. III se encontram 25 citações literais da mesma. Logo, é autêntica de Mateus, e de fato Jesus prometeu o primado a S. Pedro.

3. *A forma trinitária* (Mt 28, 28, 19). Conybear negou absolutamente seja autêntica de Mateus, ao passo que M. N. Schmidt e Loisy, com outros poucos, sòmente com probabilidade. Baseia-se o primeiro na ausência de citação em Eusébio antes do Concílio Niceno; o terceiro, em que as palavras correm mais sem a forma trinitária, que seria glosa litúrgica; isto é, “fazei discípulas tôdas as gentes, ensinando-lhes tudo... “soa bem melhor, diz, do que: “fazei discípulas

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

todas as gentes, batizando-as em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-lhes;" com encaixe indébito de palavras.

Responde-se que a forma trinitária aparece em todos os códices, versões, até na "Didaché", no "Pastor" de Hermas, em Ireneu, etc., nos herejes. Depois, Conybear não leu todo Eusébio, onde encontraria a fórmula trinitária em escritos anteriores ao concílio; e Loisy vai contra todos os textos, como ademais julga gratuitamente intromissão o que é rito de iniciação tão necessário como a catequesê.

Semelhante resposta se dá às objeções movidas contra Mt 14, 33.

O EVANGELHO SEGUNDO MARCOS

DECRETO DA PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA DE 26-VI-1912 SÔBRE OS EVANGELHOS DE MARCOS E LUCAS

1) Estando pelo luculento sufrágio da tradição, que sobe até os primórdios da Igreja, afirma-se com certeza que Marcos, discípulo e intérprete de Pedro, e Lucas, médico, auxiliar e companheiro de Paulo, deveras são os autores dos Evangelhos que lhes são atribuídos.

2) As razões movidas contra a final de Marcos (16, 9-20) não dão direito a se afirmar a sua não inspiração ou canonicidade; nem demonstram não ser de Marcos.

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

3) Não se pode duvidar da inspiração e da canonicidade dos relatos de Lucas sobre a infância de Jesus e a aparição do anjo confortando a Jesus e o suor de sangue; nem são sólidos os argumentos — de antigos herejes e críticos recentes — contra a autenticidade dêles.

4) Os raríssimos e singularíssimos documentos, que atribuem o *Magnificat* a Santa Isabel, não podem prevalecer contra a concórdia de quase todos os códices quer do texto original quer das versões, a unânime interpretação, o contexto, o estado de ânimo da Virgem e a tradição constante da Igreja, que atribuem a esta o cântico.

5) Não se pode afastar da ordem tradicional cronológica, segundo a qual Marcos escreveu em segundo lugar, depois de Mateus, e Lucas, em terceiro, depois de ambos; mas não vai contra isto a sentença da prioridade de Marcos e Lucas sobre a versão grega de Mateus.

6) Não se pode descer a composição do Evangelho de Marcos até a destruição de Jerusalém; nem a profecia de Lucas sobre ela, por mais determinada, força a abaixar a composição do seu Evangelho até o comêço do assédio.

7) Deve-se afirmar que o Evangelho de Lucas precedeu os Atos; e como os Atos, do mesmo autor, foram feitos antes do fim do cativeiro romano de Paulo, o Evangelho não pode ter sido composto depois dêsse tempo.

8) Estando pelos testemunhos da tradição e pelos argumentos internos a respeito das fontes usadas, não se pode duvidar prudentemente de que Marcos escreveu o seu Evangelho segundo a pregação de Pedro, e Lucas, conforme a pregação de Paulo, além de outras fontes orais e escritas.

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

9) Os ditos e fatos dos dois Evangelhos gozam de plena fé histórica. Não são parcialmente históricos, porque Marcos e Lucas não foram testemunhas oculares, ou os adaptaram às idéias posteriores da Igreja ou às próprias idéias dogmáticas.

O AUTOR

Sabe-se pela tradição que o autor do segundo Evangelho é Marcos. E' o evangelista aquela pessoa que aparece nos Atos sob dois nomes quer em separado, ou só Marcos (11, 39), ou só João (13, 3. 13), quer unidos, João-Marcos, (12, 12. 25; 15, 37 ss). Marcos aparece ainda em Col 4, 10; Filemon, 23; 2 Tim 4, 11.

Contra a sentença de Barônio, Patrizi, Tillemont, Loisy, de Bruyne e o Martirológio Romano, que distinguem João-Marcos pessoa distinta de Marcos, não evangelista e sim bispo martir de Biblos, festejado no dia 27 de Setembro, a maioria dos críticos identifica João-Marcos com Marcos o Evangelista. O duplo nome a nada obsta, porque os Judeus costumavam trazer dois, um entre os compatriotas, outro com que eram conhecidos dos estrangeiros, em latim geralmente, como Simeão o Negro (At 13, 1), etc.

Sua mãe chamava-se Maria, então certamente viuva, porque seu marido jamais foi mencionado. Pertencia a família abastada, porque sua mãe tinha ampla casa em Jerusalém, onde se reuniam os cristãos e se refugiou Pedro, depois de libertado pelo anjo (At 12, 12), com a sua porteira Rode (ibidem). Era primo do levita cipriota Barnabé (Col 4, 10),

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

Não foi testemunha ocular da vida pública de Jesus, conforme diz Papias: “Não viu o Senhor na carne, nem O ouviu”, acompanhado do Fragmento Muratoriano, Eusébio e Jerônimo. Quando muito se pode aceitar tenha sido aquêle jovem que fugiu nu, quando Jesus foi prêso, porque é o único a relatar o fato, e com precisão de testemunha ocular; aliás, nesses apertos, teria atentado para a figura do Redentor?

Mas logo no começo da Igreja foi batizado por Pedro, visto que êste o chama de “seu filho” (1 Pdr 5, 13).

Graças a Barnabé, que fôra com Paulo em 44 a Jerusalém para levar à Igreja-Mãe as esmolas recolhidas em Antioquia (At 11, 30), Marcos entrou para a companhia dos dois Apóstolos, que o levaram consigo (At 12, 25). Assim é que Marcos na qualidade subalterna de servidor ou ministro, os acompanhou na primeira excursão apostólica (At 13, 5). Eram os anos 45-49. Com êles percorreu a ilha de Chipre, terra natal do primo, e navegou para a Panfília. Chegado porém a Perges, nessa região, abandonou-os e fêz-se de volta para Jerusalém.

Desconhecem-se os motivos da desistência, que os Atos não explicam. Não parece bem tenha sido o mêdo das fadigas e dos perigos do apostolado naquelas paragens. Mais verossímil é pensar-se em que Barnabé, personagem até então influente em Jerusalém (At 4, 36.37), e fora, tanto que foi delegado para inspecionar as jovens cristandades de Antioquia e da Síria (At 11, 22), o qual era mais cotado do que Paulo, daí por diante subalternava-se a êste, que exercia papel sempre mais preponderante nas missões, e que tal ascendência sôbre o primo contrariou o jovem jerosolimitano. Mais do que essa questão pessoal, o motivo provavel parece ter sido uma desinteligência mais profunda entre o ministro

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

e o Apóstolo, porque Marcos, judeu-cristão de Jerusalém, teria desaprovado o tratamento liberal de Paulo para com os gentios, oferecendo-lhes a salvação messiânica sem as obras legais e cerimônias do mosaísmo. Os Atos mostram que o Apóstolo ficou sumamente desgostoso.

Seja como for, no comêço da segunda missão em 49, Paulo se recusou a reaceitar o Evangelista, conduzido por Barnabé, na nova excursão que ambos tencionavam fazer em visita às igrejas anteriormente fundadas. Tal intransigência levou a total separação entre Barnabé, que tomara a defesa do primo, e Mestre Paulo: enquanto os primos navegavam para Chipre, o Apóstolo, acompanhado de Silas, dirigia-se para a sua terra natal, a Cilícia (At 15, 40.41).

Há então um hiato de 10 para-12 anos na vida de Marcos. Nesse espaço de tempo foi que, depois do apostolado exercido juntamente com Barnabé, se tornou discípulo de Pedro. Associou-se então ao seu ministério, deu provas de muito devotamento e escreveu o resumo do Evangelho oral do Chefe da Igreja.

Lá por 61-63 o Apóstolo deixou de tratar a Marcos com a anterior severidade, porque dera mostra do zelo e devotamento no apostolado com Pedro. Nada mais havia entre ambos. Tornou-se novamente seu auxiliar. Esteve com êle no seu primeiro cativeiro (Filêmon 24). Nomeia-o Paulo entre as pessoas do grupo dos Judeus de origem, que trabalham consigo pelo Reino de Deus e o consolam bastante, e isso ao escrever aos Colossenses, aos quais roga recebê-lo cortesmente, caso vá visitá-los (Col 4, 10-11). E no segundo cativeiro, lá por 66, pede a Timóteo que o traga consigo, por ser para êle "de grande socorro no ministério" (2 Tim 4, 11),

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

Uma tradição autorizada fá-lo fundador da igreja de Alexandria. Deve-se aceitar, com a ressalva acêrca da data, que ela traz que é a do ano 39-40, 43 ou 49, conforme os seus vários canais de transmissão. Na verdade, Marcos deveu velejar para Alexandria depois da morte de Pedro e de Paulo, logo depois de 67, provavelmente em 68. Morreu martir ao que parece. E' festejado a 25 de Abril.

A OBRA

1. *A autenticidade.*

Tese: Marcos, discípulo de Pedro e de Paulo, é o autor do segundo Evangelho.

Prova-se antes de tudo por testemunhos extrínsecos.

Sejam primeiramente os implícitos ou citações. São estas geralmente duvidosas, porque o segundo Evangelho só tem de próprios 68 versículos, sendo os mais comuns com Mateus e com Lucas, donde a incerta proveniência deles. Aliás "a bem dizer, êste Evangelho foi por muito tempo tratado como parente pobre. Menos vêzes citado, menos vêzes comentado, menos vêzes honrado na liturgia, é outrossim o menos conhecido, o menos lido, o menos apreciado do público cristão. A razão dêsse desfavor é que, lendo os outros dois sinóticos, toma-se conhecimento de tudo o que contem" (Osty). É de fato o mais curto dos três: tem 673 versículos contra 1.068 de Mateus, e 1.149 de Lucas. Eis porque nos Padres Apostólicos não se acha citação alguma segura. Já S. Justino no "Diálogo contra Trifão", chama de "Memórias de

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

Pedro” ao segundo Evangelho, pois diz que ali é onde os filhos de Zebedeu são apelidados de Boanerges ou “filhos do trovão”, cousa que sòmente há em Mc 3, 17.

Dê-se agora um passo avante, provando com *testemunhos explícitos*

a) *Papias*, segundo fragmento que dele conservou Eusébio na sua “História Eclesiástica”, asseverava o seguinte: “E isto o *ancião* dizia: Marcos, secretário de Pedro, escreveu exatamente, não entretanto na sua ordem, as cousas ditas ou obradas por Cristo, conforme se lembrava delas. Êle com efeito não O tinha ouvido nem acompanhado; acompanhara contudo a Pedro, que subministrava os seus ensinamentos segundo as precisões dos que o ouviam, sem dar seguimento ordenado aos “oráculos” (logíon) do Senhor. Dessarte Marcos não errava, escrevendo alguma vez ao léu das suas recordações. Empenhava-se na verdade em nada omitir ou falsificar do que tinha ouvido”. Embora haja dúvida sobre se a afirmação é de Papias ou do *ancião*, que é João o Evangelista, ela sempre certifica que a) Marcos escreveu um Evangelho; b) que não fôra êle discípulo de Jesus; c) que o fôra sim de Pedro; e d) que sem ater-se a ordem lógica, fêz exata narração.

b) *Ireneu* consignou isto nas suas obras: “Depois do seu *êxodo* (de Pedro e de Paulo), também Marcos, discípulo e secretário de Pedro, narrou-nos por escrito o que Pedro pregava”. E isto: “Marcos, discípulo e secretário de Pedro, iniciou a pregação evangélica dêste modo: Princípio do Evangelho de Jesus Cristo”.

c) *Clemente Alexandrino* do seu lado contou o que segue: “Quando Pedro pregou públicamente em Roma...

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

vários dentre os presentes pediram a Marcos, que desde muito o acompanhava e tinha lembrança da pregação de seu mestre, que o consignasse por escrito. Marcos compôs o Evangelho e entregou-o aos que lho haviam pedido. Quando disso soube, Pedro nem emprestou seus encorajamentos, nem lhe opôs formal proibição”.

d) Assim falam outros, como Orígenes, Tertuliano, Eusébio, Jerônimo, Epifânio, o Prólogo Monarquiano.

Ajunte-se a *atitude dos herejes*, os quais jamais negaram ou discutiram a autenticidade de Marcos do segundo Evangelho, embora pouco o citem, conforme a razão exposta. Ainda assim, os *Docetas* usaram de Mc 11, 21; os *Naassenos*, de Mc 10, 38; quanto aos *Valentinianos* e ao gnóstico *Heracleão*, estes abusaram de Marcos, mas o tinham como autor da obra.

Tem-se ainda qual prova o *título* dos manuscritos e versões.

Conclui-se: a autenticidade é afirmada pela Tradição unânime, que, através de Papias, sobe aos mesmos Apóstolos.

E com um derradeiro passo, chegou-se à prova, mediante *critérios internos*.

1) — *O autor é judeu palestinese*. Colhe-se do *modo de escrever*: o grego não é sua língua materna, pois embora sem muito solecismo, é abundante em expressões semíticas (pelas mãos = pelo ministério; 6, 2. 7. 39-30 trazem repetição como distributivo “dois e dois”, “canteiros e canteiros” e aramaísmos (Boanerges, 3, 17; talithà koumi, 5, 41; korbân, 9, 5; abbâ, 14, 36, etc.), tem vocabulário pobre, usa a parátaxis, não períodos com subordinação.

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

E do conhecimento que tem quer das idéias e usos palestinos (as abluções, 7, 1-4; a doutrina dos fariseus, a dos saduceus “que negam a ressurreição dos mortos”, 12, 18; a observância rígida do sábado, 2, 23 s.; etc.); quer da topografia: são-lhe familiares as cidades, as vias, os lugares (1, 5. 9; 10, 1; 7, 31...), mais 11, 4; 14, 66; 15, 8. 16, etc.

2) — *Era discípulo de Pedro*

a) Ressalta a pessoa de Pedro: pela vocação dêle Jesus começa o ministério (1, 16), a cura da sua sogra é um dos primeiros milagres (1, 29-31); e omitindo o que o eleva (sua marcha sobre as ondas), Mt 14, 28-31; a promessa do primado, Mt 16, 13-20; cfr. Mc 8, 27-30; o encontro do estater pago como tributo por si e por Jesus, Mt 17, 24-27; a pesca miraculosa feita da sua barca e a frase “Sai... que sou homem pecador”, (Lc 5, 1-10), assinala com minúcias o que o rebaixa (a dura reprimenda de Jesus, 8, 33; sua sonolência no Getsêmane, 14, 37; a tríplice negação, 14, 66-72; sua jactância, 14, 29 s).

b) Narra com tão minuciosas circunstâncias de tempo, lugar, modo, que traí alguma testemunha ocular. Explica-se: foi *ouvinte assíduo de Pedro*, cuja catequese plásticamente exposta de boca pode escrever detalhadamente.

c) Insiste sobre o tema ordinário da pregação de Pedro, que segundo os At 1, 21.22; 10, 34. 43 inculcava a vida pública e seus milagres, máxime a cura de possessos e a ressurreição. Ora é isso quanto contém o Segundo Evangelho. Logo, os critérios internos confirmam integralmente a tradição.

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

Nota: Teria Marcos rebaixado a Pedro voluntariamente, como paulinista que parece ser?

Responde-se: Há exagêro dos adversários. Marcos *narrou* as faltas de Pedro porque elas realmente existiram, ainda mais que todos sabiam terem sido expiadas, e porque Pedro nelas insistia na sua catequese, que êle deixou por escrito.

Sob o ponto de vista literário, exectuada a parte final, só tem expressões vagas e alianças de palavras, que permitam concluir ter êle lido S. Paulo ou tido comércio com o Apóstolo.

O Paulinismo doutrinal explica-se pelas relações que tinha com êle; aliás as idéias comuns a ambos (valor redentório da morte do Senhor e universalismo da salvação) são o fundo da doutrina de Jesus.

3) — *Unidade do segundo Evangelho.*

Racionalistas: O segundo Evangelho é compilação de documentos: o documento narrativo de um Proto-Marcos (Ur-Markus), combinado com os Lógia de Mateus por um Deutero, e até com outros documentos por um Tritto-Marcos. O Proto-Marcos seria Marcos o Evangelista.

Refutação.

1) — A tradição conhece um só Marcos.

2) — Nenhum vestígio existe das várias contribuições, pois o que alegam Taciano, Ireneu, etc., concorda com o Marcos de hoje.

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

3) — O argumento baseado na forma estilística (diferença entre os cc. 1-13 onde é mais frequente a partícula *euthús*, e os cc. 14-16 onde é mais rara; aqui frases ligadas com *kai élegen* (légei), e lá com *eipen dé*) nada vale. Pois afora tais minúcias a língua e o estilo são por toda a parte os mesmos, e as leves diferenças mais se devem à diversa matéria, ao intervalo havido entre a composição da 1.^a e 2.^a parte, e ao teor talvez dos documentos lidos, do que a diversos autores.

2. *A integridade* — Só a final de Marcos (16, 9-20) foi posta em dúvida. Não se trata da sua canonicidade, para a qual o Concílio de Trento requer 2 condições: 1) o costume de ter sido lida na Igreja; 2) a presença na antiga edição latina. Ora, a final de Marcos realiza ambas as condições. Logo, é canônica. Se alguém não receber como sagrados e canônicos os livros inteiros e suas partes (1) que costumavam ser lidos na Igreja Católica e (2) que se encontravam na antiga Vulgata Latina, seja anátema. Assim resolveu o Concílio de Trento.

Mas a autenticidade não decorre necessariamente da canonicidade.

A perícopa pode ser inspirada sem ser autêntica, i. é, de Marcos. (O decreto distingue as duas cousas). Ela é questão de crítica reta, pronta a acatar as decisões da Igreja. Veja-se pois.

Sendo de ordem histórica, buscam-se testemunhos.

A) — *Crítérios extrínsecos*. Os manuscritos gregos contêm a final menos B, S e L de primeira mão (mas B tem espaço em branco suficiente para a final com letras miúdas).

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

Alguns (quatro) têm ao lado da final canônica outra conclusão mais curta; e um quinto tem outra mais longa. Estas são, portanto, pouco espalhadas para serem verdadeiras. Mas sempre indicam haver então códices que finavam em 16, 8; o que ninguém nega. Os autores delas ou não admitiam a autoridade da final canônica, ou não a conheciam, mas como poucos os acompanharam, vê-se que a unanimidade moral está pela autenticidade da final canônica.

As versões favorecem a canonicidade. Afora o *códice bobiano*, que traz a final curta, todos os manuscritos latinos trazem a final canônica. Esta não vem na versão siríaco-sinaítica. A sinaítica dá uma e outra. O único manuscrito da versão gótica não tem a final inteira (está mutilado), mas na parte que existe, reproduz-se a final canônica. Muitos manuscritos da versão armênia omitem a final (explica-se por Eusébio de que dependem, o qual negava a autência dela). Os Evangeliários e Sinaxários confirmam os manuscritos e versões, pois a final era lida nas matinas da Ascensão e dos domingos na liturgia grega.

Os Padres, na maioria, favorecem também. Justino cita uma passagem com a final. Ireneu atribui-a positivamente a Marcos. Taciano inseriu-a no seu Diatéssaron.

Note-se que êstes testemunhos são anteriores aos manuscritos mais antigos. Sem dúvida, alguns Padres não a trazem, sobretudo Cipriano, o que choca no campeão do anabatismo. Mas tal argumento negativo não tem força, ainda mais que Marcos era menos lido e comentado do que os outros. Mais ainda Eusébio que diz: “não se encontram em todos os exemplares” e “faltam nos exemplares mais exatos” os versículos finais; não formula contudo decisão firme.

B) — *Critério interno.* Contra a *autenticidade* alguns críticos alegam que há *solução de continuidade* entre os versículos 8 e 9, desde que as mulheres não cumprem o que lhes foi imposto; Maria introduz-se como desconhecida, o relato sobre a ressurreição não tem palavra sobre o que dissera o anjo. Ademais, que o estilo de 16, 9... é diverso, pois não é vivo, e parece harmonização baseada nos outros Evangelhos. E por fim, que existem ali palavras diferentes (próte sabbátou, kyrios, e desaparece o *kaì* de antes).

Mas *a favor* tem-se que improvavelmente Marcos terminaria o Evangelho com "*timebant enim*"; que os racionalistas exageram a diferença de estilo, ainda mais numa perícopa brevíssima e de novo tema, o que não requer de si novo autor; que a final é exigida pelo argumento e pela inscrição do segundo Evangelho. *Conclui-se* pois que tudo leva mais a favor do que contra a final.

Tem pois razão a Comissão Bíblica. Explica-se *positivamente* a falta da final em manuscritos e a diferença de estilo assim: é improvável que Marcos encerrasse definitivamente o Evangelho em 16, 8 (cfr 1 Cor 5, 1), porque a narração acabaria demais abruptamente e com uma partícula; indícios internos há que fazem menos provável a colocação da final *originariamente*; mais provavelmente a obra ficou *fortuitamente* (por causa de perseguição? de viagem?) *inacabada*; entretantes, fizeram-se cópias, das quais dependem os manuscritos B, S e os que Eusébio relata, como também se compuzeram cláusulas apócrifas em seu lugar; a final canônica foi feita bem depois, mais provavelmente por Marcos e posta como apêndice, sem muita consideração para com o antecedente, e a diferença de tempo explica a do estilo.

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

3. *Destinatários.* De Clemente Alexandrino, Eusébio e Jerônimo, e da índole do Evangelho se colhe que não foram os *Judeus da Terra Santa*, porque Marcos escreveu em grego.

Nem os *cultores do judaismo*, porque para êstes seriam inúteis as anotações feitas de instituições mosaicas e as explicações de palavras aramaicas.

Nem ainda as *Igrejas de origem judaica* (judeu-cristãs), porque se nota a ausência do que sabe a judaismo, raramente se alega o A. T. e lembram-se as disputas de Jesus com os Fariseus.

E sim os *fiéis da Igreja Romana*. Dessarte explica-se facilmente o uso de latinismos veiculados no grego-bíblico (*denárion, Kenturion, xéstes, legión, fragellóo, spekoulátor, tês aulês, praitórion e lépta dùo, ò estin kodrântes*) e as expressões de 2, 23; 5, 23. Como igualmente a nota de que Simão Cireneu era pai de Alexandre e de *Rufo* (5, 21), desde que êste último era sem dúvida morador de Roma (Rom 16, 13).

4. *Argumento e escopo.* Vem expresso na inscrição: *Início do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus*. A inscrição refere-se a todo o livro e não só à primeira parte. Logo de comêço Marcos entende narrar o *Evangelho de J. C.*: sua missão e pregação com as sequelas, morte e ressurreição, ou bem os “ditos e fatos” de que fala Papías.

Maior determinação? Depende do sentido da palavra *início*.

É começo, princípio de salvação ou da sua pregação? Então Marcos *entende descrever como* ela começou.

É capítulo, sumário, compêndio? Então Marcos quis *dar um resumo* dela.

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

São primeiros rudimentos? Então Marcos quis fazer um catecismo elementar para os catecúmenos (O primeiro significado é melhor). Depois, ele quer narrar o *Evangelho Filho de Deus vivendo na terra*, pois se propõe demonstrar a divindade de J. C., seguindo a Pedro, cujas orações nos Atos consideram a Jesus *Kyrion* ou Senhor e Messias ou Cristo, consagrado pela santidade, milagres e divina eleição.

Demonstra-lhe a divindade mais pela realização de milagres sobre natureza e os demônios; embora também por outros indícios: perscrutação do coração e do futuro, Jesus é chamado *Filho dileto* no Batismo e na Transfiguração, e *Santo de Deus, Filho de Deus Altíssimo*. Uma palavra: "*Verdadeiramente este era o Filho de Deus*".

Dá, no entanto, argumentos sobre a *humanidade* de Jesus, *toca o leproso, entristece-se, entra em ira, volta-se para a turba...*, *simula* ir adiante dos discípulos, *interroga como que precisando de resposta, tem pavor e tédio, sujeita-se à vontade* do Pai, etc.

Logo, "Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus, e Filho do Homem".

5. *Lugar e tempo da composição*. 1) O lugar foi, provavelmente, Roma, conforme afirmam expressamente Clemente Alexandrino, Jerônimo, Eusébio. Afora ela, seria só Alexandria, para a qual propende Crisóstomo, que cita um "diz-se que", unicamente baseado em que Marcos foi bispo daquela cidade egípcia. Simples conjectura infundada. Aliás, os critérios internos e os dados biográficos de Marcos leyam a Roma.

2) Marcos escreveu depois de Mateus, como afirma a Comissão Bíblica. Os críticos avançados (da escola de Tu-

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

bingen, hoje seguidos por Alfarcic) abaixam a composição para depois de 70, porque supõem a profecia da destruição de Jerusalém um relato *post eventum* (impossibilidade do sobrenatural) e perfeição dogmática do Evangelho, que requer lenta elaboração. Mas até acatólicos como Wellhausen, Harnack, etc., vão contra êles e já estão com a Comissão Bíblica. *Alguns católicos*, antes de 1912, e acatólicos modernos, marcam 65-70 porque Ireneu e antigo prólogo latino afirmam que Marcos escreveu após a morte de Pedro. (Assim interpretam o “êxodo” do seu alegado testemunho, ainda mais que “êxodo”, sem indicação para onde, seria contra-senso); o ancião de Papias afirmou que Marcos escreveu as coisas de que se lembrava, ficando ao léu das suas recordações, o que supõe grande intervalo; Clemente Alexandrino disse que os Romanos pediram a Marcos que escrevesse o seu Evangelho, porque seguira a Pedro “desde muito tempo”; e as palavras “partindo êles, pregaram por tôda a parte...” *Outros católicos* querem 42-44 ou 44-45, baseados no testemunho de Clemente Alexandrino, de que Marcos escreveu em vida de Pedro e a rôgo dos Romanos, na sua primeira vinda, que melhor explica o desejo dos neófitos, e não na segunda, em 64: interpretam o “êxodo” de Pedro como *saída* da Palestina ou de Roma, não como morte, em Ireneu; e interpretam Papias de acôrdo com essa data.

Mas a maioria dos católicos dão como *têrmo* “a quo” 53, por causa de escrever as cousas de que “se lembrava”; também porque em 41-42 não consta que Pedro já estivesse em Roma, e ainda que sim, Marcos não estaria com êle, pois em 45-46 acompanhava Paulo e Barnabé, até que, recusado em 49-50, foi para Chipre com êste.

Logo, só depois disto pôde unir-se a Pedro, com quem es-

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

tava quando êste escreveu a sua primeira carta (1 Pdr) e Paulo estava no primeiro cativeiro (Col 4, 10; Fl 24).

E como têrmo “*ad quem*” 62, porque Lucas havia publicado o terceiro Evangelho, que é posterior ao de Marcos; quanto a Ireneu, parece referir-se à morte de Pedro com a palavra “êxodo”, mas trataria do tempo da publicação do Evangelho então, e não da composição, aliás tendo termos *gerais* e sendo incerto.

6. *Fontes do Evangelho de Marcos* — “Nas relações de Marcos com Pedro, e não com Paulo e Barnabé é que a tradição antiga insistiu, falando da composição do segundo Evangelho. Apresenta-nos ela a obra de Marcos como o resumo fiel da pregação de Pedro”. (Hrly).

1) *A fonte principal é a catequese oral de Pedro.* Assim Papias, Clemente Alexandrino, Origenes, Eusébio e Jerônimo. A crítica interna confirma a tradição.

2) Ao que Agostinho ajunta *a subsidiária*: o texto grego ou aramaico do primeiro Evangelho, do qual o chama “abreviador”. Mas a Comissão Bíblica admite outras fontes, como é plausível para quem não foi testemunha ocular.

7. *Forma literária* — *O vocabulário* do segundo Evangelho é pobre, de má qualidade, semeado de vulgarismos, latinismos, aramaísmos, diminutivos, repetições de palavras ou expressões que até parecem não ter sentido (exemplo “logo”, que aparece 42 vezes, e 11 só no capítulo primeiro; 26 vezes “e se pôs a”; etc.). *O estilo* é igualmente ruinzinho. Marcos ignora a subordinação; seu relato é uma sequela do “eparatático”, deveras enfadonho numa tradução literal. Seja exemplo isto: “E subiu a uma montanha, e chamou a si os que queria, e vieram a Êle. E escolheu doze...” (3, 13,14). E êste:

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

“Depois Êle chamou a si os doze, e se pôs a enviá-los dois a dois, e lhes dava o poder sôbre os espíritos impuros, e lhes ordenou...” (6, 7. 8). Também ignora as *partículas*, aquelas jóias da língua grega, descrevendo as circunstâncias mediante participípios. A narração é deselegante, ora obscura porque demais concisa, ora redundante e prolixa. A composição é sem firmeza; embora o Evangelho não seja “mero amontoado confuso de recordações”, de fato Marcos não dispôs com firme seguimento o seu objeto, que narra como o apanhara da catequese oral.

Mas, por outro lado, nenhum autor neotestamentário teve como êle o *dom da descrição*. Marcos é um paisagista. Emprega sempre os tempos verbais descritivos: o imperfeito e o presente histórico. Marcos tem aptidão para ver e observar. E assim descreve gráficamente, plásticamente, pintando aos olhos as cenas. E sempre ressaltava nêle o *dom da sinceridade*. Parece que êle, o autor, e não Pedro cuja pregação oral acompanha, foi a testemunha ocular e auricular do que narra. E narra com certas circunstâncias tão pitorescas!... Leia-se Mc 2, 3; 2, 12; 3, 31-34; 4, 1; 5, 5; 10, 16; 10, 48-50; etc. Daí um não sei que de *vivo e de simples* nas suas páginas. Não se há de crer entanto que Marcos, habilíssimo no pintar as atitudes externas das personagens, não penetrasse nos seus corações, nem descrevesse com energia os seus sentimentos. Mc 5, 42; 8, 32; 10, 21-24; 10, 32; etc., provam-no com suficiência.

“Como nos oferece mais um retrato do que uma biografia, o segundo Evangelho permite-nos estabelecer uma cronologia detalhada da carreira de Cristo”. (Huby).

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

“É o Evangelho dos fatos”, que ensinam por si. Ainda que traga certas palavras de Jesus, de modo por vêzes ainda mais fresco e natural do que os outros.

É a pregação por vêzes de Pedro, do Chefe, sempre viva, continuada pelos séculos.

8. *Disposição e Conspecto — Introdução:* — pregação do Batista, Batismo e Tentação de Jesus (1, 1-13).

1.^a *parte: Ministério Galilaico. Inícios:* em Cafarnaum e vizinhanças, a pregação de Jesus, vocação de 4 apóstolos, os primeiros milagres, primeira explosão de ódio farisaico quando da cura do paralítico, vocação de Levi, dois conflitos com os fariseus. O *progresso:* junto ao mar de Genesaré a eleição dos apóstolos, parábolas do reino, milagres, desprezo dos nazaretanos e outros episódios (1, 14-7, 23).

2.^a *Parte: Viagens de Jesus fora da Galiléia:* no país de Tiro e Sidon, na Decápole, em Betsaida e na região de Cesaréia de Filipe, depois volta para a Galiléia (7, 24-9, 50).

3.^a *Parte: Ida a Jerusalém e ministério ali* (10, 1-13, 37.).

4.^a *Parte: Paixão e Ressurreição de Jesus* (14, 1-16, 20).

O EVANGELHO SEGUNDO LUCAS

O AUTOR

O nome de Lucas (gr. Loukās) é contração, mais provavelmente de *Lucano*, que aparece em certos códices da ve-

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

lha latina (*Evangelium secundum Lucanum*: o vercelense do séc. IV, o corbeienense do séc. VI, o vindobonense do séc. VI, e num da Vulgata, do que de *Loukios* (Lúcio) (como quer Ramsay, que encontrou *Loukios* e Loukãs como o mesmo nome num templo da Pisídia) e que *Loukílios* (Lucílio).

Se não nasceu em Antioquia da Síria, como diz Eusébio, Jerônimo, Júlio Africano (o que é bem mais provável, e parece confirmado por At 6, 6; 11, 19. 27; 13, 1 ss), o conhecimento exato e minucioso que Lucas tem da Igreja antioquena requer ao menos que ali tenha morado muito tempo, onde era pessoa distinta de Lúcio de Cirene (13, 1).

Godet em razão do nome contraído Lucano e do ofício (médico) o faz nascido na Lucânia, onde a medicina era estudada, e Ramsay, macedônio de origem familiar antioquena. E ambos sem fundamento sério.

Era pagão convertido, porque fala dos Judeus como de estrangeiros (o hebreu é “*a língua deles*”, At 1, 19) e Paulo (Col 4, 10-14) o distingue claramente de Aristarco, Marco e Jesus — Justo, “que são da circuncisão”. Nem os aramaísmos dos cc 1-2 obstam a isso: foram reproduzidos dos documentos judaicos, e isso explicaria suas relações com os apóstolos e judeu-cristãos. Como S. Paulo foi a Antioquia com Barnabé (At 11, 25), alguns pensam que foi o Apóstolo quem o batizou. Mas nesse caso S. Paulo o chamaria de filho.

Não foi testemunha ocular de Jesus, porque êle próprio no prólogo dos Atos (1, 2) se distingue dos ouvintes imediatos do Senhor, seus documentadores, e o Cânon Muratoriano diz explicitamente: “nem o mesmo (Lucas) viu o Senhor na carne”, como ademais Tertuliano e Jerônimo.

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

Diante dessas provas não merece crédito a afirmação de Epifânio, que o faz um dos 72 discípulos, alegando que somente Lucas trata da missão dêles; nem a de S. Gregório Magno, que o identifica como o anônimo discípulo de Emaús, companheiro de Cléofas (Lc 10, 1-24; 24, 13-35).

Era *médico* de profissão, como o afirma S. Paulo (Col 4, 14): “Saúda-vos o caríssimo médico Lucas”. Sofrendo doença crônica, que se manifestava com crises periódicas, e tendo tido várias outras enfermidades, é plausível que o Apóstolo o tivesse a seu lado e como secretário para as publicações, e como médico para os seus males. Concorde com a página inspirada, primeiro, a tradição veiculada pelo Cânon Muratoriano, o qual traz isto: “Este médico Lucas”, e por Jerônimo, segundo o qual Lucas era “cruditíssimo... pela razão de ser médico”, e por Eusébio. Em segundo lugar o exame interno: suas obras estão na verdade cheias de termos de medicina.

Godet e outros da profissão querem concluir ter sido Lucas um *liberto* de Teófilo, porque a maioria dos médicos pertencia às condições servis. A dedução não corre bem, porque se havia exceções Lucas podia estar entre elas, ainda mais que Teófilo pode ser nome fictício.

Teria sido Lucas *pintor* também? *Teodoro o Leitor* (séc. VI) narra que Eudóxia enviou a Pulquéria uma ícone da Virgem, que fôra pintada por Lucas. Dizem-no depois Simeão Metafraste e Nicéforo Calixto. E' claro que a atribuição no séc. VI de pintura a Lucas supõe tradição anterior a respeito, de valor ignorado. Mas Agostinho ignora essa ícone, dizendo: “nem conhecemos a (tal) face da Virgem”. Quiçá essa atribuição encarne a tradição sobre o cuidado com que Lucas

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

procurou narrar o que Nossa Senhora lhe ditara, conforme sugere o próprio texto. Logo, a lenda das pinturas vem do seu dom de narrar e de descrever plásticamente. É o que pensa Lagrange. E realmente as “madonas” atribuídas a Lucas, têm a característica geral da iconografia bizantina do séc. V.

Durante a segunda missão apostólica, S. Paulo encontrou-se com Lucas em *Tróade* (cidade junto à antiga Tróia) e Lucas o acompanhou até Filipos (está isso numa das secções-nós dos Atos, a de 16, 10-24). Daí por diante, durante essa excursão, porque retorna em Atos o uso da terceira pessoa, abandonando-se o da primeira pessoa plural, e porque S. Paulo nas seis cartas expedidas durante essa viagem não o indica entre os saudadores, Lucas certamente não se achava com êle. Ficara em Filipos, na Macedônia. Seis anos mais tarde, passando por lá novamente, S. Paulo levou o Evangelista para Jerusalém (At 20, 5-21, 18). Terminada a terceira missão apostólica de Paulo, é provável que Lucas de Jerusalém, o acompanhasse até Cesaréia, ficando com êle durante os dois anos em que esteve encarcerado ali. E é certo que viajou com êle até Roma (At 27, 2), onde permaneceu com o mestre durante o chamado seu “primeiro cativeiro romano”, porque S. Paulo dirige em nome dêle saudações aos Colossenses e a Filêmon, como se lêem nesses livros inspirados. Parece que não se encontrava em Roma, um pouco depois, quando S. Paulo escreveu sua carta aos Filipenses, visto que Lucas não é nela mencionado entre os saudadores.

O resto de sua vida é obscuro.

Evangelizou a Gália (Epifânio)? A Acaia, onde teria sido martirizado (Gregório Nazianzeno)? A Bitínia, onde está o seu túmulo (Isidoro de Sevilha)? O Egito (Simeão Me-

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

tefrastes, etc)? Não se sabe ao certo. Mas seu martírio está suficientemente atestado.

Celebra-se a sua festa a 18 de Outubro.

A OBRA

1. *A autenticidade* é geralmente admitida fazendo excepção Loisy e uns poucos mais.

Quase todos admitem que o autor do terceiro Evangelho e dos Atos é o mesmo; ora, o autor dêstes é “um companheiro de Paulo, como se colhe das *secções-nós*. Logo, o do Evangelho também o é, como responde a Comissão Bíblica.

Critérios externos implícitos têm-se nas citações do terceiro Evangelho, nos *Padres apostólicos* (Clemente Romano, Policarpo), e *apologetas* (Justino), em Taciano, que o transcreveu no seu Diatéssaron, nos herejes que dêle se serviram (Basíledes, Valentiniano, Marcião; êste cita Lucas em tão grande escala, que alguns críticos sonham ser o terceiro Evangelho qual amplificação do evangelho de Marcião), e em Celso, que julgava insolência do autor a remonta da genealogia de Jesus até os reis de Judá e o primeiro homem, o que é alusão clara ao terceiro Evangelho.

Critérios externos explícitos são os testemunhos do *Códice Muratoriano* na Itália; Ireneu nas Gálias, Tertuliano na África, Orígenes no Egito, os quais escreveram “homilias a respeito de Lucas”.

Também os prólogos anônimos atribuem o terceiro Evangelho a Lucas. Logo, tradição unânime atribui a Lucas, que aliás é pessoa obscura.

INTRODUÇÃO AOS EVANGÉLHOS

Os *Critérios internos* corroboram a tradição, a qual deve vir de Teófilo, que teria contado aos coevos qual tinha sido o seu missivista.

Na verdade o terceiro Evangelho mostra ser obra de *médico culto, conhecedor profundo do grego, discípulo e companheiro de Paulo e autor dos Atos*; logo, obra de Lucas, que preenche êsses dados. E' de *médico*, porque *usa* com precisão de *termos médicos e descreve tènicamente as doenças*; depois, consigna o *provérbio*: "Médico, cura-te a ti próprio"; por fim, parece ter imitado no seu *prólogo* a Dioscóride, médico de Anazarbe na Cilícia, que escreveu a Nero a obra "De arte medica". Também de médico que é *culto*, como se nota no seu riquíssimo *vocabulário*, no seu *estilo* mais literário, facil e elegante, na *descrição psicológica* das suas personagens, conhecimento da história civil e política da época, etc. (1).

O autor era *discípulo de Paulo*. Há certa *semelhança de forma* entre os escritos de ambos, (175 palavras comuns aos dois, como *pístis*, *cháris*, *metanoia*, *éleos*, ou "fé", "caridade", "penitência", "misericórdia"). Nota-se *identidade de narração da Ceia em ambos*, até naquilo em que Lucas se afasta dos outros sinóticos. Sobretudo há *semelhança de doutrina*: necessidade da fé e sua suficiência para a justificação, inutilidade da lei mosaica, universalidade da salvação devido à Misericórdia de Deus.

Em Lucas ela aparece *nos atos* de Jesus, que louva a fé do centurião, cura um samaritano entre os 10 leprosos, e *na doutrina* que recorda a cura de Naamã, o sírio, como propõe

(1) São Lucas pertence aos meios cultos do mundo helênico... Seguramente leu alguns dos grandes escritores antigos, historiadores sobretudo". (Osty).

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

aos judeus a parábola do Bom Samaritano sendo o “Evangelho da Misericórdia”, o “Evangelho do perdão”, o “Evangelho da Salvação”.

Finalmente, *o autor o é também dos Atos*: êstes e o Evangelho começam com um Prólogo; êstes se dão como continuação de um escrito anterior: “Eu contei no primeiro livro...” êstes, como aquêles, sobrepassam todos os demais livros do N.T. na elegância e no estilo (1); um e outro têm o mesmo vocabulário e o mesmo feitiço da frase e neles o A.T. é citado conforme os LXX.

2. *Destinatários* — Destinatário imediato é o “excelentíssimo Senhor Teófilo” personagem fictícia, segundo sentença antiga (Orígenes, Ambrósio), significando “amigo de Deus” ou “alma fervorosa” como Filotéia e Teótimo nos escritos de São Francisco de Sales, como tal representando todos os cristãos; e pessoa real, segundo a sentença hoje generalizada, que o título de “excelentíssimo” favorece.

Com efeito, pessoas históricas como Felix e Festo (At 23, 26; 24, 3) vêm com êle. O título diz que era pessoa de categoria, cristão vindo da gentilidade, talvez da melhor sociedade romana, conforme indícios dos Atos a êle também dedicados. *Mas destinatários ulteriores* são os *gentios*. Di-lo Orígenes explicitamente, Jerônimo, o prólogo prisciliano (crítérios externos); confirma-o a índole da obra: universalidade da salvação, omissão do que poderia chocar os pagãos, como “Não ireis pelos caminhos dos gentios” de Mt 10, 5 etc.; atenuação de expressões como “também não fazem assim os

(1) Propôs-se Lucas narrar a “história das origens cristãs em dois volumes: o Evangelho e os Atos. Este cristão culto fez entrar o Cristianismo na literatura e na história”. (Osty).

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

gentios” de Mt 5, 47, mudada para “porque isso mesmo fazem os pecadores” (Lc 6, 33); tudo quanto lhes inspira confiança (o filho pródigo, o fariseu e o publicano, a dracma perdida, a conversão de Zaqueu e do bom ladrão), explicação da religião, da topografia, dos costumes judaicos.

3. *Escopo*. Foi duplo: *histórico*, como se vê do cuidado de colocar a biografia de Jesus no quadro histórico, a diligência em consultar as fontes e o interesse manifesto pela ordem, fim êsse redutível ao *apologético*: instruir mais solidamente a Teófilo no ensino apostólico já ministrado, e “fazer amar (o Cristianismo), confirmar por seus escritos a fé dos cristãos saídos da gentilidade, e conduzir à jovem Igreja os pagãos de boa vontade, que serão atraídos pela solidez, beleza e misericórdia da mensagem” (Osty).

4. *Fontes*. São de dupla ordem, conforme o prólogo: *orais* e *escritas* (“Como no-las referiram os que desde o princípio foram testemunhas visuais” — “Porque na verdade foram muitos os que empreenderam narrar com ordem...”)

Orais: companheiro de Paulo, por êle conheceu a catequese apostólica primitiva; em Antioquia e nas viagens teve ocasião de interrogar muitas testemunhas oculares, como *Tiago o Menor*, irmão do Senhor, que viu em Jerusalém na terceira viagem de Paulo, *Pedro*, que conheceu sem dúvida em Antioquia e Roma, *João*, provavelmente varios outros apóstolos desde que a tradição o faz discípulo dêles (Ireneu, Eusébio). Conheceu ainda outras pessoas respeitáveis da Igreja primeva: *Barnabé*, fundador da Igreja antioquena, Filipe, em cuja casa assistiu em Cesaréia; Marcos, seu colega de trabalho em Roma; sobretudo Maria Santíssima que diz por 2 vezes ter conservado tudo em seu coração (2, 19-51) a quem

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

ouviu imediatamente quicá, ou pelo menos mediante os que conversaram com ela. De fato 2, 19.51 sugere que Lc 1-2 contém relatos vindos da Virgem. Aliás, há côr semítica no Evangelho da infância e Maria ocupa lugar destacado na sua obra (1). Muita cousa de outras suas páginas, hauriu das narrações das pias mulheres, v. g. Marta e Maria (10, 38-42) e “as filhas de Jerusalém” que faziam parte do cortejo da crucifixão (23, 27-31), Joana “mulher de Cusa procurador de Herodes” (8, 3), pela qual talvez soubesse de cousas como o desprêzo de Jesus por Herodes (23, 8-12), Maria Madalena, Susana, a pecadora anônima. O mesmo se diga dos discípulos como Cléofas e seu companheiro (24, 18), Zaqueu (19, 2. 8), como ademais Manassés, “irmão colaço do tetrarca Herodes”, que outrossim não se exclui qual testeminho de Jesus ante Herodes (23, 8-12).

Escritas: certamente Marcos, cuja ordem segue em três grandes secções (Lc 4, 31-6), — Mc 1, 21-3, 12; Lc 8, 4-9, 50 — Mc 4, 1-9, 40; Lc 18, 15-21, 38 — Mc 10, 14-19, 37), não sem transpor, ajustar, e retocar, não só em razão do seu fim, como ademais das outras fontes, e a quem se assemelha no estilo; parece que usou também uma versão grega imperfeita de Mateus, mas a dependência para com Flávio Josefo não está demonstrada absolutamente: é mero sonho.

5. *Caráter literário* — O 3.^o Evangelho tem *índole biográfica e psicológica*, cujas características são: intenção de expor tudo quanto trata da universalidade do Evangelho; é o “Evangelho da pobreza”: predileção pelos pobres e humil-

(1) Quicá 4, 25-30, são fatos que aprendeu dela. Quanto a Lc 1-2, argumento algum interno pode ser invocado em favor da fonte escrita. (Marchal).

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

des (parábolas da expulsão e de Lázaro), insistência sobre o perigo das riquezas e o desapareço dos bens terrestres, tanto que foi tomado falsamente como ebionítico, sem contudo afirmar-se a injustiça das riquezas que têm por fim a assistência social e a conquista do céu; é “o Evangelho dos cânticos do N.T.”, o “Evangelho da delicadeza feminina” (1).

6. *Data.* A tradição unânime transmitiu-nos que Lucas escreveu em terceiro lugar, a saber, depois de Mateus e de Marcos. Logo, entre 55 e 62 mais ou menos.

Pode-se ainda determinar melhor a data da composição. Antes do mais, o termo “a quo”, com base em duas razões. A primeira é a mesma tradição, a qual garante que Lucas escreveu a pregação oral do Apóstolo, de tal modo que a sua obra pode dizer-se “Evangelho de Paulo”, o que supõe ter o discípulo frequentado o mestre por hem longo tempo, até familiarizar-se com o fundo dêste e com a forma, cousa aliás que o exame interno do Evangelho comprova sobejamente. E é a segunda o mesmo prólogo do Evangelho, no qual o autor fala das suas diligentes e fundas indagações a respeito das origens cristãs, o que igualmente requer longo prazo. Ora bem, tornou-se Lucas companheiro de Paulo só lá pelo ano 50, em Tróade, e permaneceu com êle ou sem êle na Macedônia por uns 7 anos. Portanto, só lá por 58-59 é que adquiriu essa familiaridade com a doutrina paulina, que o seu Evangelho supõe. A essa época leva igualmente o fato de por aí somente ter ido a Jerusalém, onde pôde instituir as pesquisas históricas diretamente nas mesmas fontes.

(1) Nenhum Evangelista relata tantos fatos relativos a matronas.

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

E agora, quanto ao *têrmo* “*ad quem*”. Certamente é o ano 62, porque o Evangelho antecede os Atos, que lhe fazem alusão, e são, o mais tardar, dêsse ano. Prova-se brevemente isto, citando At 28, 30.31, que diz: “Dois anos inteiros permaneceu numa casa alugada, onde recebia a todos os que iam ter consigo, pregando o reino de Deus, e ensinando com toda a liberdade e sem obstáculo o tocante ao Senhor Jesus Cristo”. Ora bem, isso se dava no ano 62; porque não é possível que Lucas tivesse escrito mais tarde, depois da libertação ou da morte de Paulo, sem que aludisse a êsses fatos, bem como não dissesse palavra alguma sôbre o êxito do processo contra êle movido: se não o fêz, é porque o desfêcho não se realizara ainda. Logo, estava-se no ano 62 quando compunha o livro.

Entretanto, não poucos racionalistas abaixaram o *têrmo ad quem* para depois da destruição de Jerusalém. Basearam-se a) na relação do Evangelho de Lucas para com o de Marcos: marcando a data dêste para 70, porque composto “depois do êxodo”, isto é, da morte de Pedro e de Paulo, como interpretam o texto de Ireneu, Lucas, posterior, teria escrito ainda depois; b) na profecia relativa à destruição de Jerusalém, a qual aparece bem mais claramente do que nos outros dois sinóticos. Enquanto na verdade Mt 24, 15 diz: “Quando pois virdes a abominação da desolação predita por Daniel no lugar santo...” (cfr Mc 13, 14), o que é bem enigmático, Lucas 21, 20-24 (cfr 17, 21-37) é bem mais inteligível, trazendo, ao invés daquelas, estas palavras: “Quando virdes Jerusalém cercada por exércitos, entendei que se aproxima a sua destruição...”, que tratam claramente do assédio da Cidade Santa, onde a *abominação* foi o sacrifício idolátrico que o exército romano vencedor ofereceu às águias, seus numes protetores, *na desolação*, a saber, dentro do mesmo Templo completamente desolado e vazio da gente escolhida e do culto

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

legítimo. Ora, cousa tão evidente supõe autor que escreveu “post eventum”, depois de 70; c) na doutrina do Evangelho sobre a Redenção e a dignidade de Jesus, a qual aparece tão evoluída, que só pode ser a do fim do séc. I, após longas elaborações da Igreja; e d) na dependência que Lucas tem relativamente à obra “Sobre as antiguidades judaicas” de Flávio Josefo, aparecida lá pelo ano 94.

Assim João Weiss, Loisy, Bacon, Juelicher, Plummer, Sanday, Zahn, Feine, etc. Até Harnack partilhou um tempo dessa opinião, mas depois datou de 63 o Evangelho. Também o Padre Lagrange partilhava êsse ponto de vista, antes do decreto da Comissão Bíblica, seguindo a Schanz, que era do mesmo parecer.

Ora, tais razões ou são fráglimas, ou inteiramente falsas. Comece-se pela interpretação de Ireneu, Responde-se em forma: “Êxodo” quer dizer só morte, *nego*; quer dizer também “saida” de Paulo e de Paulo de Roma para outra parte, *concedo*. Logo, trata-se de texto de dúvida interpretação.

Quanto à mais clara profecia referente à destruição de Jerusalém, ela não leva para depois de 70, quando o fato se deu: isto porque a profecia é possível, e Deus pode vaticinar cousas futuras com muitos detalhes, e com maior ou menor claridade. Aliás, se o Evangelho de Lucas fôsse composto depois de 70, *a fortiori* o seriam os Atos, que deveriam ter sido escritos anos depois; ora, isto vai contra o exame interno, que deixa entrever o Templo de pé, o culto em exercício, etc., reconduzindo-nos a período anterior a 70. Descendo à terceira razão, saiba-se que a doutrina do terceiro Evangelista a respeito de Cristo e da Igreja é substancialmente a mesma de Mateus e de Marcos, e assim todos os Evangelhos deveriam ser levados para o fim do séc. I, ou com êsses

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

dois Lucas é bastante anterior. Aliás, o suposto da argumentação racionalística de que Jesus ensinou coisa meramente humana, indeterminada e confusa, que depois a Igreja foi transformando de acôrdo com as suas precisões, é simplesmente falso. Finalmente, Lucas de modo algum teve em mãos o livro de Josefo, porque de certo não teria escrito cousas relativas a João Batista, ao recenseamento de Quirino, etc., de modo tão diverso do que se nota no historiador judeu.

7. *Lugar.* Jerônimo, Gregório Nazianzeno, o prólogo monarquiano admitiram que Lucas escreveu na *Acaia*, e essa indicação leva a supor-se que dentro dela a cidade teria sido Corinto. Os manuscritos minúsculos 9, 20, 124 e 161 trouxeram que o fêz em *Alexandria*. E alguns outros manuscritos creram que o lugar foi *Roma*. Logo, *não há tradição unânime a respeito.*

A tradição síria desgallhou-se com testemunhos a favor de Alexandria e da *Macedônia*.

A determinação depende pois do exame interno, sobretudo da data da composição. Admitida a do ano 59-62, segue-se de per si que Lucas escreveu ou em *Cesaréia*, como supõem Tholuck, Michaelis, Godet, ou em *Roma*, como pensa Belser, enquanto que Cornely admite qualquer dêsses lugares. Logo, também a crítica está dividida, e a questão parece insolúvel.

8. *Valor literário.* Renan acertou dizendo que o Evangelho de Lucas “é o mais belo livro que existe”.

Começando pela língua, é certo que êsse Evangelho foi escrito no melhor grego existente na Sagrada Escritura. Usou da mais bela língua da época helenística, sem procura de elegância nem purismo. Ainda assim, êle denota acentuado

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

caráter aramaizante, sobretudo no Evangelho da Infância, cousa que mostra ter conservado bastante a côr das fontes.

“Seu estilo é de extraordinária plasticidade. Imita à maneira dos mestres. Seus dois primeiros capítulos são do melhor estilo bíblico. Ele corrige as imperfeições literárias de Marcos com tato perfeito” diz Osty, que afirmou antes ser êle “um artista delicado”. Ao que Renié acrescenta: “Se Marcos é inigualavel pelo vivo das suas cenas, Lucas o sobrepassa pela finura da observação, pela harmonia e pelo equilíbrio da composição. Relede as lindas parábolas, sob o prisma literário simplesmente, do bom samaritano, do filho pródigo, ou a aparição de Jesus aos discípulos de Emaús”.

Diga-se ainda para remate: “Mas por sôbre tudo, a delicadeza de alma é que nos arrebatava e faz da leitura de seu livro verdadeiro encanto. Lucas tem o dom de apaziguar e de seduzir. Certamente que existem obras mais fortemente concebidas, mais poderosas, mais dramáticas. Nenhuma porventura que torne a Deus mais amável nem estimule em tal grau o desejo de se tornar melhor” (Osty).

9. *Integridade.* Alega-se contra a autenticidade de Lc 22, 43. 44, perícopa que trata da “hematidrose”, o seguinte:

a) não vem nos códices A, B, R, Ta, 124, 561 e 569; em outros estão marcados com óbelo, como sinal de dúvida, e são os códices Delta, Ômega, T, 123, 344, 440, 512; nestes outros trazem ao contrário asterisco, por razão análoga, que são o E, S, V, Delta, Pi, 24, 36, 161, 166, 174; no códice C foi ajuntado mais tarde;

b) quanto às *versões* não aparece em 1 manuscrito da velha latina; nem em dez manuscritos da boáfrica; nem ainda na siríaca de Lewis;

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

c) com referência *aos Padres*, Hilário diz que falta em numerosos códices gregos e latinos; Jerônimo afirma que é lido só em alguns exemplares; Ambrósio não o comenta; Cirilo Alexandrino omite-o no seu comentário;

d) nos evangeliários gregos e nos cursivos 69, 123, 346, 348 lê-se porém deslocado para depois de Mt 26, 39. Mas 2) ao contrário acham-se os dois versículos:

a) em numerosos *códices* gregos, como Alef, D, E, G, H, K, L, M, Q, U, X, W; também na maioria dos códices cursivos;

b) nos manuscritos da velha versão latina, como a, b, c, ff 2, g, l e 2 i, l, q; e nas *versões* Peshita, Vulgata, Curetoniana, Armênia, Saídica;

c) no *Diatéssaron* de Taciano;

d) finalmente na maioria dos Padres, como em Justino, Ireneu, Hipólito, Dionísio Alexandrino, Atanásio, Epifânio, Crisóstomo, Hilário, Agostinho.

Conclue-se pois:

a) as atestações mais numerosas e melhores favorecem a autenticidade;

b) explica-se facilmente a omissão em alguns: como os arianos abusavam do Evangelho da Infância para combater a divindade de Jesus, por razões apologéticas, — discutíveis sim, mas reais e verídicas, — os defensores dela não o transcreveram nas suas cópias manuais.

Eis porque as edições críticas aceitaram ambos os versículos, como a de Tischendorf, Scrivener, Von Soden, Nestle, Merk, Vosté; quando só Loisy os tem como meramente pro-

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

váveis, Lachmann, como duvidosos, e unicamente Wescott-Hort os rejeita como interpolação.

Passando da autência para a canonicidade dêsses dois versículos, ela está fora de discussão, preenchendo as duas condições do Concílio de Trento.

Tem-se depois o *Evangelho da Infância*. Já Marcião havia apagado êsse duplo capítulo da obra de Lucas, seguindo-se-lhe:

a) no séc. XIV Bodin, o qual julgou que o terceiro Evangelho começava por 3, 1. 2;

b) os racionalistas posteriores, como Evanson, Iones, Eicchorn, Corsen, Cristiano Baur, Usener, Wellhausen, Conybeare, ou por motivo da sua “cor semitizante”, que é mais forte do que no resto da obra, ou da nota que Efrem colocou no couce do seu *Comentário ao Diatéssaron* de Taciano: “Lucas começa pelo Batismo de Cristo”.

Ora bem, tais razões nada valem. Primeiro, que vale a autoridade de Marcião, o qual mutilou as Escrituras a seu bel prazer, sempre que elas contrariavam às suas idéias? Depois, é bem verdade que 3, 1-2 constitui certa introdução, mas é sim introdução cronológica e histórica que emoldura a vida pública, a qual vai ser exposta logo mais; isto não obsta a que precedesse informação lucana sobre a vida particular de Jesus, sendo o todo introduzido pelo prólogo (1, 1-4). O próprio Lucas neste não diz que decidiu “escrever... uma exposição seguida, ilustrada”, depois de “ter-se informado cuidadosamente *de tudo desde as origens*” (1, 3. 4)? Repita-se agora aqui não obstar absolutamente a côr semítica à autência lucana do Evangelho da Infância, antes provar como de fato usou das fontes com grande respeito, cousa digna de um

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

tal historiador. E ainda, será boa crítica textual sacrificar em favor de um único texto (o de Efrem) as atestações numerosas de um Justino, um Ireneu, um Fragmento Muratoriano, que tem isto: “portanto começou a falar desde o nascimento de João”? Mais, de toda a tradição litúrgica que faz do *touro* o símbolo de Lucas, porque começa com o sacrifício de Zacarias, supondo consequentemente o Evangelho da Infância?

Por detrás dessas razões negativas está o motivo principal: quem negar a autenticidade de tais capítulos, à vista da concepção virginal de Jesus, as aparições de anjos, etc. E’ portanto o preconceito contra a possibilidade do sobrenatural.

Eis porque os críticos racionalistas mais modernos, já não podendo negar a autenticidade do Evangelho da Infância, aceitam-na, negando-lhe porém a historicidade quando apresenta algum milagre.

Do Evangelho da Infância Harnack negou sobretudo Lc 1, 34. 35, baseado unicamente em razões de crítica interna. Mas seu ponto de vista foi refutado à altura por Bardenhewer, o qual demonstrou que êstes dois versículos têm estilo, côr semítica, e palavras caracteristicamente lucanas, como o resto do Evangelho; sobretudo, a economia dêsse relato e o paralelismo evidente com a concepção do Batista opõem-se categoricamente a essa mutilação do terceiro Evangelho.

Só resta falar sobre o “*Magnificat*”.

Loisy moveu dúvidas sobre Lc 1, 46a! “E disse Maria: Magnificat...”, seguido por Harnack, Burkitt e Voelter. Avançam êles as razões seguintes:

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

a) Três códices da velha versão latina (códice *a* ou vercelense, do séc. IV; *b* ou veronês, do séc. V e I, do séc. VII) trazem isto: “E disse *Isabel*: Magnificat”;

b) Alguns Padres outrossim colocam o cântico nos lábios de Isabel. Como Orígenes, que escreveu: “Não ignoramos na verdade que estas palavras Isabel é que vaticina”. E Ireneu, na sua obra “Contra os herejes” traz: “E disse Isabel” em dois códices conservados. E ainda Nicetas, que também exclamou: “Com... Davi... Ana... Jeremias... Com Isabel nossa alma engrandece (magnificat) o Senhor”;

c) O Magnificat é uma série de reminiscências do Velho Testamento, sobretudo possui estreita afinidade com o cântico de Ana, a estéril, depois mãe de Samuel (1 Sam 2, 1-10).

Logo, Isabel, a estéril é a autora do belíssimo canto, não a Virgem Mãe.

É apressada e falsíssima conclusão. Deveras:

a) Todos os demais códices da velha latina, a absoluta totalidade dos códices gregos maiúsculos e minúsculos, todos os lecionários, e todas as versões antigas trazem: “E disse *Maria*...;

b) Embora alguns movessem dúvidas quanto ao texto de Orígenes, êle parece autêntico; mas, como costuma fazer, Orígenes quer indicar as várias lições que andou encontrando nos vários códices neotestamentários, adote nenhuma, e no caso a que põe o hino na boca de Isabel, como se colhe do fim da mesma obra onde escreve: que contém esta palavra: “Disse Maria Beatíssima: Magnificat”, e de outras onde se lê: “*Vaticínio virginal*: Magnificat...”, “Maria diz:

Magnificat". Passando a Ireneu, como os dois códices mencionados trazem lição contrária aos outros, e ainda a outras suas partes, as edições críticas dessa obra corrigiram Isabel e em seu lugar puseram Maria. Ambos portanto trazem erro de copista. Também a exclamação de Nicetas, a estar por alguns códices da sua obra, não é autêntica. E dado que o fôsse, a exclamação não é assim tão clara e evidente a favor de Isabel. Aliás, que valem tais frases contra Taciano no seu Diatéssaron, Ireneu, Orígenes, Tertuliano, Ambrósio, Agostinho, Jerônimo, Basílio, Epifânio, Atanásio, Afraate, Efrem, etc., etc., que admitem a autoria marial do Magnificat?

c) "Tendo que exprimir seus sentimentos de gratidão para com Deus nada há de inverossímil que Maria, Zacarias e Simeão recorressem a fórmulas bíblicas apropriadas, (como o faziam os Judeus piedosos), acomodando-os às circunstâncias especiais em que se encontrava. Improvisações poéticas ainda hoje andam em uso pelo Oriente, quando a alma se faz prêsa de violentas comoções". É gratuito afirmar que o Magnificat, para só falar nêle, existia já nos tempos da Virgem, porque então sua perfeita harmonia com as circunstâncias nas quais foi pronunciado não se explicaria. "Qual outra, senão Maria, pôde agradecer a Deus por tê-la favorecido tanto que ela já vê tôdas as nações proclamando-a bem-aventurada?" (Renié).

Mas é preciso explicar a lição *Isabel* naqueles 3 códices e na frase de Orígenes. Alguns supuseram que os códices de comêço traziam só isto: "*E disse: Magnificat*"; mais tarde em geral se acrescentou *Maria*, e alguns ao invés Isabel. Essa explicação é inaceitavel, porquanto "*E disse Maria...*" está em todos os testemunhos apontados. Marchal explica melhor

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

assim: “Quicá para precisar a fórmula de introdução ao Magnificat, algum copista escreveu: “*E disse Maria a Isabel...*”, donde a supressão de um dêsses dois nomes próprios, e as duas lições *Maria e Isabel*, esta raríssima.”

10. *Plano e método.* Expõe o Pe. Marchal: “Sem negligenciar completamente o plano que lhe era oferecido pela catequese oral: batismo de Nosso Senhor, ministério galilaico, viagem para Jerusalém, pregação jerosolimitana, paixão e ressurreição, Lucas tem uma concepção particular do Evangelho. O Evangelho é a boa nova da salvação. Ela desce do céu (1-2); sua difusão é preparada pela pregação do Batista (3, 1-4, 13); expande-se ela pela Galiléia (4, 14-9, 50); ela progride com direção para Jerusalém (9, 51-19, 27), onde se realiza a redenção (19, 28-24, 54). Nos Atos Lucas mostrará essa boa nova levada pelos Apóstolos de Jerusalém para o mundo, até Roma. Esta maneira de expor o Evangelho explica a presença dos relatos da infância, que Marcos não tem, assim que o silêncio sobre as aparições na Galiléia.” E’ interessante que êste plano se desenvolve com “quadros binados”, isto é, com a junção de dois fatos semelhantes, de duas doutrinas análogas. Exemplo seja o anúncio do nascimento do Batista e logo o de Jesus; o canto “*Benedictus*” de Zacarias e logo o “*Nunc dimittis*” de Simeão.

A QUESTÃO SINÓTICA

DECRETO DA PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA
DE 26-VI-1912

1) — Firmado o que foi estatuido antes, sobremaneira sobre a autenticidade e a integridade dos três primeiros evan-

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

gelhos, sobre a identidade substancial de Mateus grego com o original primitivo, sobre a ordem cronológica, é livre a disputa para a explicação das semelhanças e diferenças entre êles, e a aceitação, entre as várias sentenças, quer da hipótese da tradição oral ou escrita, quer da dependência de um, relativa aos predecessores, um ou varios.

2) — Não se pode nem aceitar nem propagar a hipótese vulgarmente chamada “das duas fontes”, que está privada do testemunho da tradição e dos argumentos históricos, bascando-se sobretudo na suposta dependência de Mateus grego e do Evangelho de Lucas com relação ao Evangelho de Marcos, e na tal coletânea dos ditos do Senhor.

NOÇÃO

A *questão sinótica* indaga as causas da enorme semelhança junta com a enorme dissemelhança, que existem nos três primeiros Evangelhos: de Mateus, Marcos e Lucas.

O primeiro que empregou a palavra *sinopse*, a fim de indicar a visão simultânea, o conspecto da vida de Jesus, foi Griesbach, em 1774.

Como os acatólicos se serviram dela para destruir a fé que os Evangelhos merecem, a questão sinótica será exposta com a maior objetividade, a fim de combatê-los, seguindo-se o que foi decretado pela Comissão Bíblica.

Expor-se-á primeiro o estado da questão, depois as soluções apresentadas pelos modernos, depois ainda a que parece ser a mais provavel, resumindo-se finalmente num *quadro sinótico* essa *questão sinótica*.

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

ESTADO DA QUESTÃO

A curiosa semelhança e não menos interessante diferença notam-se a) na escolha do material; b) na ordem dos fatos; c) na forma literária.

a) *Na escolha do material.* Os três Sinóticos quase que tratam só do ministério galilaico: o Batista, o batismo de Jesus, sua ida para a Galiléia, onde prega e opera milagres; após a crise galilaica afasta-se para Decápole, desce para Jericó, donde sobe até Jerusalém; ali prega alguns dias, recita a oração escatológica; e logo depois institui o Sacramento, padece, morre, ressuscita.

No conjunto os três relatam os mesmos fatos, os mesmos discursos de Jesus, os mesmos milagres.

Entretanto havia tanta outra coisa que narrar dali, que João trouxe (Jo 20, 30; 21, 25) e aos quais êles próprios aludem (ex. Mt 4, 23 s.; Mc 1, 32; Lc 4, 40).

Diferente dêles, João quase que narra só o ministério de Jesus na Judéia; e apresenta outros fatos, outros discursos, outros milagres, só tendo de comum com os três os fatos de Jo 1, 19-24; 2, 13-22; 4, 46-54; 6, 1-13; 6, 16-21; 12, 1-8; 12, 12-26, e muita coisa nos cc. 18-20.

Ao lado das semelhanças citadas eis diferenças notabilíssimas:

O Evangelho da Infância só concorda entre Mt e Lc nas linhas gerais: virgindade de Maria, concepção virginal de Jesus e seu nascimento em Belém, sob Herodes o Grande, sendo aparentemente irreconciliáveis os dois no resto;

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

Só Mateus consignou a promessa do primado; só Marcos narra dois milagres: a cura do surdo-mudo e a do cego de Betsaida; e só Lucas expõe a história de Zaqueu, as parábolas do bom samaritano e do filho pródigo.

Pode-se resumir tudo esquematicamente, dividindo os Sinóticos em secções e em versículos.

E já quanto às *secções*. Dizem-se *secções* aqui as que — de extensão vária — contêm um relato completo de uma doutrina ou de um fato. Exemplo: *secção* sobre a missão do Batista (Lc 3, 2-4, 16), sobre a cura da sogra de Pedro (Mc 1, 29-31), sobre a parábola do semeador (Mt 13, 1-9).

Assim divididos, os Sinóticos apresentam 1.162 *secções*. Mateus tem 137 *secções* em comum com Marcos e Lucas; Marcos, 137 em comum com Mateus e Lucas; e Lucas, 161, em comum com Mateus e Marcos: *são as secções comuns aos três*. Mateus tem 64 *secções* comuns com Marcos, e 87 em comum com Lucas; Marcos, 64 em comum com Mateus, e 13 em comum com Lucas; e Lucas, 89 em comum com Mateus, e 12 em comum com Marcos: *são estas as secções comuns só a dois dentre os três Sinóticos*.

Passando agora aos versículos, sabe-se que os três Sinóticos contêm cerca de 2.900, dos quais Mateus possui 1.072 (1.068 segundo alguns), Marcos, 677 e Lucas, 1.152 (para alguns 1.149). Ora bem, existem de 330 para 370 versículos comuns aos três; Mateus tem de 170 para 180 em comum com Marcos, e de 230 a 240, com Lucas; Marcos tem por sua vez 50 versículos em comum com Lucas. Mateus conta com 340 versículos próprios, Marcos, com 68 e Lucas com 541.

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

Reunindo as secções aos versículos sob o ponto de vista da extensão da obra, conclui-se a um leve exame que Mateus tem de próprio 1/5 parte, Marcos 1/12 e Lucas 1/4 das suas respectivas obras. Vê-se que Marcos se encontra quase integralmente nos outros dois. E que tem quase tudo de comum nos Sinóticos.

b) *Na ordem do material.* Só o plano quadripartite é bem seguido pelos três (o Batista-ministério galilaico-ida a Jerusalém-ministério em Jerusalém com a Redenção). Nos detalhes do plano muitas vêzes os três, ou pelo menos dois seguem na narração inarcha paralela, apesar de que nem a cronologia nem alguma razão lógica pareça justificar o agrupamento citado. Assim Mt 8, 23-9, 26; Mc 4, 35-5, 45; Lc 8, 22-56 contam na mesma ordem a tempestade acalmada, a cura do possesso de Gerasa, a cura da mulher com fluxo de sangue e a ressurreição da filha de Jairo. No entretanto, entre a cura do possesso e a da mulher, Mateus intercala a do paralítico, a narração do seu próprio chamamento e a questão do jejum (Mt 9, 1-17). Tais perícopas têm o mesmo seguimento nos outros dois, mas em contextos diversos (Mc 2, 1-22 e Lc 5, 17-59).

E' claro, pelo exposto, que os sinóticos rompem alguma vez o plano de conjunto, a fim de inserir partes próprias a cada qual. Assim é, dando mais exemplos, que na terceira parte da sua obra, que está em Lc 9, 51-19, 28, Lucas põe a maioria das passagens que lhe são próprias.

Ajunte-se que, por vêzes, êles se afastam extremamente dessa concordância. Assim Mateus agrupa num só todo (5-7) o Sermão da Montanha, que Lucas despedaçou e espalhou por todo o seu livro. E por seu lado, Lucas, concordando de

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

modo geral com Marcos, em três longas secções que já se viram, inverte as cousas, como o faz em muitos outros episódios menores.

E cousa singular! Onde se esperaria concordância até nas minúcias ali se encontram divergências inesperadas, como por ex. na fórmula do *Padre Nosso* (Mt 6, 9-13; Lc 11, 2-4), da *consagração* (Mt 26, 26-28; Mc 14, 22-24; Lc 22, 19. 20), no *título da Cruz* (Mt 27, 37; Mc 15, 26; Lc 23, 38; cfr Jo 19, 19), etc.

c) *Na forma literária.* A redacção apresenta semelhanças, estreitíssimas por vêzes, entre os três, ou entre dois dêles, nas palavras, nas frases, nas construções gramaticais características, que certas singularidades surpreendentes vêm cortar bem logo.

Aqui vão exemplos de tais semelhanças.

Mt 9, 5-6	Mc 2, 9-11	Lc 5, 23-23
Tó gár estin eukópóteron cipein aphíentai sou ai amartíai	Tí estin eukópóteron cipein tō paralytikō aphíentai sou ai amartíai ē eipein ēgire kal áron tōn krábatōn sou kal peripátei; ína dē eidéte óti exousían ēchei o yids tou anthrōpou epi tes ges aphiēnai amartías - tōte légei tō paralytikō - ēgertheis áron sou tēn klínen kal ypáge eis tōn oikón sou.	Tí estin eukópóteron cipein aphéontai soi ai amartíai sou ē eipein ēgire kal peripátei; ína dē eidéte óti o yids tou anthrōpou exousían ēchei epi tes ges aphiēnai amartías - eipen tō paralelméno - sol légo ēgeire kal áras tō klínidion sou poreyou eis tōn oikón sou

Outro exemplo de narração comum só a dois sinóticos:

Mt 3, 7-10	Lc 3, 7-9
... Gennémata echidnōn tís ypédeixen ymín phygein apó tes melloúses orges...	... Gennémata echidnōn tís ypédeixen ymín phygein após tes melloúses orges

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

Note-se que no primeiro quadro, onde se transcreve o texto grego com caracteres nossos, o ípsilon grego está com ípsilon no meio e no começo das palavras, e transcrito com u no fim; depois, as palavras sublinhadas indicam as diferenças que intercedem entre os três; como ademais a distribuição por linhas faz ressaltar as inversões de ordem e os acréscimos de um ou de outro.

Se o primeiro exemplo dá semelhanças e divergências, o segundo traz dois textos de todo em todo idênticos.

AS SOLUÇÕES APRESENTADAS PELOS MODERNOS

1. Antes de indicá-las e criticá-las será de bom aviso resumir o decreto da Comissão Bíblica sobre a questão sinótica, de conjunto com os outros anteriores. Eis o que o católico deve aceitar:

a) Os autores respectivos dos três primeiros Evangelhos são Mateus, Marcos e Lucas;

b) Mateus redigiu seu Evangelho segundo sua própria catequese; Marcos, segundo a de Pedro; e Lucas, segundo a de Paulo;

c) Mateus grego é substancialmente conforme ao seu protótipo aramaico;

d) A ordem cronológica dos três é a seguinte: Mateus aramaico, Marcos e Lucas.

2. *Primeira hipótese chamada da tradição ou catequese oral.*

O principal autor e vulgarizador da hipótese foi Gieseler, nos comêços do séc. XIX. Ela teve seu tempo de voga, nos

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

fins do século passado, admitida que foi pela maioria dos exegetas católicos, como Cornely, Fillion, Kaulen, Schanz, Fouard, Schegg, Knabenbauer, o Cardeal Meignan, Murillo, bem como muitos protestantes, como Ebrard, Moesgen, de Pressensé, Veit, Schaff. Westcott. Hoje está praticamente abandonada, e nos últimos anos entre os católicos só Levesque, Verdunoy, Lattey, Soiron, Gaetche e Jousse a divulgam ainda, baseados em que a catequese oral havia “fixado” a doutrina de Jesus.

A sua *substância* é resumidamente a seguinte. As *semelhanças* dos três sinóticos explicam-se pela catequese oral de fundo comum, estereotipada na forma literária graças à tenacidade da memória oriental e aos processos rabínicos de mnemotécnica, com o seu plano quadripartite, que deu origem à mesma ordem geral que seguem. As *dissemelhanças*, ao contrário, pela tríplice forma de que se revestiu aquela catequese em adaptação a diferentes auditórios: a *jerosolimitana*, em aramaico, para os Judeu-cristãos, da qual depende Mateus; a *antioquena*, em grego helenístico, para os greco-cristãos, da qual depende S. Lucas; e a *romana*, também no mesmo grego então falado na Cidade Eterna, para os latinos cristãos, da qual depende S. Marcos; acrescenta-se a essa razão das formas a da memória mecânica que produziu modificações inconscientes no fundo comum.

Faça-se logo a *apreciação* objetiva da hipótese. Ela não oferece solução completa do problema. Se explica bem quase que a totalidade das semelhanças, não o faz quanto às diferenças, nem quanto às curiosas relações entre os três na forma literária. Se a catequese oral é a fonte única, donde vem o relato circunstanciado do Evangelho da Infância em Lucas, e suas diferenças relativamente às de Mateus? Donde vêm

as aparições e as parábolas próprias do terceiro Evangelho? E como Mateus e Marcos, tendo o material todo e só o da catequese, não as consignaram por escrito? Donde provém a divergência enorme no Padre Nosso, na fórmula da consagração, etc.? Da tríplice forma da catequese? Mas não; compreende-se forma variada nas minúcias, não porém em pontos essenciais. Ademais, os Apóstolos eram sim homens sem cultura e por isso mesmo adstritos bastante a fórmulas estereotipadas, os processos rabínicos de memorização facilitavam sim a decoração de trechos inteiros, ainda mais que é proverbial a tenacidade da memória oriental. Tudo isso contudo explicaria a semelhança literária *no aramaico*; mas nada vale sôbre a que se nota no grego, com suas semelhanças verbais pronunciadas. Nem se pode dizer que a catequese em grego, comum a Marcos e Lucas, fêz com que o tradutor de Mateus para essa língua se conformasse bastante com ela; pois, então, adeus à identidade substancial de Mateus grego com o original aramaico! Aliás, essa catequese oral estereotipada sê-lo-ia de fato tanto assim? E então por que não emprestou maior rigidez a relatos tão essenciais como o da Ressurreição, quando justamente ali é onde se notam as divergências mais graves nas várias aparições de Jesus? Finalmente, como explicaria a catequese oral as diferenças enormes que há entre João e os Sinóticos? Certamente que não *o acaso*; deve existir outra fonte dessa “*concórdia discorde*” como é chamada a questão sinótica.

3. *Hipótese da mútua dependência, ou “Bennuetzungshypothese”.*

Já fôra insinuado por S. Agostinho e mais tarde por Grócio. Não resta dúvida de que satisfaz bastante: eis o que explica a sua larga difusão. Mas como vários autores

se baseiam em falsa ordem cronológica, o católico pode adotar a hipótese, sob a condição de admitir a cronologia tradicional.

Duas sentenças resumem a essência da hipótese:

1) Os primeiros Evangelhos canônicos se serviram de fontes para os seguintes: eis a origem das semelhanças;

2) As lembranças pessoais e as fontes orais explicam as suas divergências.

De si a hipótese pode revestir seis formas diferentes:

- 1.^a) Mateus-Marcos-Lucas
- 2.^a) Mateus-Lucas-Marcos
- 3.^a) Marcos-Mateus-Lucas
- 4.^a) Marcos-Lucas-Mateus
- 5.^a) Lucas-Mateus-Marcos
- 6.^a) Lucas-Marcos-Mateus.

De fato contudo as duas derradeiras formas quase que não têm patrocinadores. A quarta, Mc-Lc-Mt, foi admitida por Blass e Gibson. A terceira, Mc-Mt-Lc, aceita por Storr, Lachmann, Jacobsen, Havet, e Weisse; e como se tornou uma das fontes da hipótese dos dois documentos, ver-se-á no número seguinte. A segunda, Mt-Lc-Mc, é a que propugnou Griesbach, Meyer, Grimm, Saunier, Ammon, Davidson, Baur, Keim, Langen e o católico Pasquier. E tôdas essas indicações, — exceção portanto feita só da primeira, — contradizem a ordem tradicional cronológica.

Assim sendo, aqui vai a exposição tão só da primeira, Mt, Mc, Lc, e a sua apreciação. A exposição há de levar

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

em conta uma sua variedade *mais simplificada*, proposta a primeira vez por Hug, da outra *mais recente e complicada*.

A primeira só diz isto: Marcos é o resumidor de Mateus; e Lucas, o seguidor de ambos. Baseia-se na *tradição*, citando-se sobretudo Agostinho: “Seguiu-o (Mateus) Marcos, como lacaios, parecendo seu abreviador, visto que se crê ter tido o seu Evangelho ante a vista, o que os eruditos provam”. Também *no exame interno* do segundo Evangelho, que parece decalcado sobre o primeiro. E assim por exemplo, enquanto Mt 21, 28 ss. diz que Jesus começou a falar em parábolas e passa a citá-las tôdas, Marcos diz a mesma coisa, mas somente narra a primeira da série (Mc 12, 1 ss.): resumiu pois Mateus. E finalmente *nas citações do A. T.*, que são as mesmas de Mateus e do mesmo modo.

A *segunda variedade* estabelece que Marcos resumiu *Mateus aramaico*, porquanto se tivesse êle ante os olhos a Mateus grego, por certo que não incorreria em tantas incorreções de linguagem, que estão exiladas do primeiro Evangelho, tão elegantemente escrito. Por seu lado, o tradutor de Mateus aramaico se serviu de Marcos, a fim de lhe adotar o vocabulário e a fraseologia, não sem lhe corrigir as apontadas falhas. O último dos três, Lucas, serviu-se da ordem de Marcos. A crítica está dividida sobre se êle igualmente usou de Mateus. A estar-se somente pela ordem, não parece que esta acompanha a de Marcos e diverge da de Mateus. Entretanto, olhando para certas particularidades, e entre elas de modo especial para o modo como são expostas as palavras de Jesus, Grandmaison pôde dizer: “Certa dependência literária, mas parcial, parece-nos melhor responder à complexidade dos fatos.” Exposta sob essa maneira complicada, ela foi

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

admitida por Patrizi, Hoepfl, Belser, Bonaccorsi, Calmes, Venard e Vosté entre os católicos.

A apreciação objetiva da hipótese não deixa de notar suas falhas. Atende à tradição no ponto consignado por Agostinho, não todavia êstes outros, ainda mais sólidos, a saber: que Marcos escreveu a catequese oral de Pedro, e Lucas, a de Paulo, com a achega de “diversas” fontes, as quais são probabilissimamente mais do que Mateus e Marcos. E se explica bem as semelhanças entre os três, nada resolve acêrca das divergências. Na verdade, se a de estilo se explica pela correção que um fêz do outro, como esta hipótese pode explicar aquela parábola e os dois milagres próprios do segundo Evangelho, que com o resto de seu tem 1/12 de assunto do seu escrínio particular? E pior ainda, donde aquilo tudo que forma 1/4 de Lucas, nem se encontra em nenhum dos dois anteriores? E como pode explicar para remate certas transposições e omissões chocantes?

Logo, a hipótese não satisfaz completamente.

4. *Hipótese documentária.*

Esboçada por Leclerc (1716), foi Lessing que a poliu convenientemente e a divulgou, podendo considerar-se o “pai” dela.

Apresentou até hoje *três variedades*:

- 1.^a) sistema de um documento, do Urevangelium ou do Protoevangelho;
- 2.^a) sistema de muitos documentos;
- 3.^a) sistema de dois documentos ou *Zweiquellenhypothese*.

A. *Sistema de um documento.* O tando comum a todos os seus assecclas é: os três Sinóticos não dependem mutuamente uns de outros nem dependem da catequese oral, mas bem de um *arqui-evangelho* ou evangelho primitivo escrito (e empregam a palavra alemã *Urevangelium*, a fim de aformosear a hipótese, não conseguindo fortalecê-la), do qual os três seriam recensões: isso explicaria as semelhanças. As juntadas, provenientes da tradição oral, explicariam as diferenças.

Os expositores da hipótese divergem, conservado esse fundo, no juízo a respeito da qualidade do *Urevangelium*.

O *Urevangelium* era aramaico, e dêle dependem os três, segundo Lessing, Eichhorn, Marschall, Weber, Semler. Contudo, as divergências notadas nos Sinóticos levaram alguns dos citados a admitirem várias redações. — com leves diferenças entre si, — dêsse escrito primitivo, ao passo que Resch já foi pensando que êle era hebraico.

“Não, Senhores”, como que exclamou Marsch, “já que os três apresentam características linguísticas gregas semelhantes e curiosas, dependem do *Protoevangelho* já vertido para o grego.

“Nem isso”, soltou por fim na Enciclopédia Britânica o artigo de Abbott, seguido por Patton: o *Urevangelium* fôra escrito originalmente em grego.

Esta variedade da hipótese é passível de gravíssima censura. Se existiu o *Urevangelium*, como é que a tradição não conta com vestígio algum dêle? Depois, se o *Protoevangelho* era aramaico, poderá explicar as surpreendentes semelhanças linguísticas dos três canônicos gregos? Se, pelo contrário, êle era grego (por tradução ou origem), como é que

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

as semelhanças não foram ainda mais frequentes e maiores, sobremaneira em pontos importantes? E sendo êsse arqui-evangelho a fonte única dos três, como explicar a inversão da ordem dos fatos que uns fazem, e a divergência na apresentação do mesmo fato?

Os fautores do sistema perceberam muita coisa disso, e andaram inventando redações, modificações, versões do documento primitivo para explicá-lo, enquanto outros foram coagidos a pensar em muitos documentos, passando-se à variedade seguinte.

B. *Sistema de muitos documentos.* Leclerc indicou-o, Schleiermacher aceitou-o e Renan vulgarizou-o. Se já Gottlob Paulus sentia fortes inclinações para êle, admitiu-o sem mais Loisy, J. Weiss, Burton. A “*forgeschichtliche Methode*” veio renová-lo, ganhando novos adeptos.

Diz que de início a inconfundível doutrina de Jesus era tão ansiosamente bebida, que logo foi posta por escrito, aparecendo um *exame de fôlhas soltas* contendo fatos, discursos, milagres. Algumas vasaram um só assunto; outras, uma coletânea de assuntos análogos. Os Evangelhos canônicos seriam “mosaicos” de tais peças escritas, como parece dizer Lucas a respeito “das várias tentativas” anteriores.

Deverá ser severa a crítica ao sistema. É verdade que *a priori* um escrito inspirado pode ter empregado, como fonte, escritos não inspirados. Aqui porém a resposta deve ser *a posteriori*: se de fato os Sinóticos usaram dessas fôlhas volantes tão só? Não pode ser. É bem verdade que é provável a existência de outros escritos, além de Marcos e de Mateus, a que alude S. Lucas. Mas de uns tantos folhetos poder-se-á passar a um “exame” dêles, que se não pode com-

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

provar? E onde fica a tradição, que transmitiu a mútua dependência dos posteriores com relação aos anteriores Sinóticos, ao lado do que diz sobre a catequese de Pedro e de Paulo, cuja substância formou o segundo e o terceiro Evangelhos? E por cúmulo, o sistema explica esplendidamente as diferenças, pela escolha diversa que cada qual fez dêsse material, mas é impotente para indicar as razões da semelhança profunda que intercede nos Sinóticos. “Como é que se pode imaginar que escritores se abeberem hoje aqui e amanhã ali, tomem dêste uma expressão, daquele um detalhe ou uma sentença, e afinal produzam um relato ordenado, que está bem sob todos os prismas, cuja língua é a mesma do comêço ao fim, e cujos caracteres históricos e doutrinários são por toda a parte idênticos?” (Jacquier).

C. *Sistema dos dois documentos.* Indicada por Ewald em 1850 logo teve tantos sequazes, que seus nomes não podem ser todos anunciados aqui (Harnack, von Soden, Goguel, Loisy, etc., etc.). Até alguns católicos, como Battifol, Cigot, Lagrange, Venard e outros, aproximavam-se dêle, antes do decreto da Comissão Bíblica. Ainda hoje é o mais seguido pelos inimigos do nome católico. Admite duas fontes para os Sinóticos: os *Lógia* de Mateus, indicados pela letra Q, inicial da palavra “quelle” ou fonte; e *M* ou o relato dos fatos por Marcos.

E explica: “*Lógia*” é “a coletânea dos ditos do Senhor”, de que fala Papias como obra de Mateus, escrita em aramaico, logo mais vertida várias vêzes em grego. *M* é *Urmarkus* (nova palavra bonita ao menos para enfeitar doutrina que nada vale) ou Proto-Marcos, isto é, “a coletânea dos fatos” relativos a Jesus, da qual ainda é Papias o informante, e era uma série de anedotas, de contos relativos à vida do Mestre,

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

transformada depois no segundo Evangelho. Alguns outros contudo dizem que Urmarkus era de todo em todo igual ao nosso Marcos canônico. E se vários o julgam escrito originalmente em aramaico, a maioria dos expositores dizem que o foi em grego.

Unindo-se as duas fontes, com o seguimento da ordem de Urmarkus, brotaram Mateus e Lucas, cujas divergências proviriam ou da tradição viva ou de escritos menores.

A apreciação do sistema deve ser inteiramente *negativa*, porque foi proscrito pelo decreto já bastante louvado.

Viu-se antes que “Lógia” de Mateus é todo o primeiro Evangelho, como hoje existe, não um apanhado de sentenças. Aliás, a tradição desconhece, afora o primeiro Evangelho canônico, a tal coletânea de palavras. Depois, estando pela crítica textual, o sistema não explica como a coletânea, com agrupamentos compactos de ensinos em Mateus, como o Sermão da Montanha, se tenha desfeito em versículos espalhados pela inteira obra de Lucas; como ademais, caso Mateus e Lucas tivessem bebido na mesma fonte, o primeiro traga oito, e o segundo só quatro bem-aventuranças.

Relativamente ao Proto-Marcos, o sistema interpreta violentamente o texto de Papias. Papias com efeito só diz que Marcos não seguiu estrita ordem cronológica, não que tivesse aglutinado pequenas narrações sem nexos entre si.

Depois, o princípio que orienta o sistema é fragilíssimo. É o seguinte com a sua aplicação em forma silogística: O escrito mais curto é sempre e necessariamente mais antigo; ora, Marcos é mais curto do que Mateus e Lucas. Logo, é anterior. E serviu-lhes de fontes.

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

Ora bem, não é certo o princípio. Um escrito posterior pode sim ampliar com comentários ou lendas um mais antigo; como, igualmente, pode resumir obras de maior fôlego. Exemplo de resumos posteriores de obra mais vasta tem-se na mesma Bíblia, onde 2 Mc é extrato dos cinco livros de Jasão de Cirene. E hoje as “Seleções do Reader’s Digest” seriam anteriores aos artigos de revistas e aos livros, dos quais apresentam aos leitores as suas condensações?

5. Em nossos dias *Monsenhor Primo Vannutelli* admitiu, de comêço, que os três Sinóticos seriam *traduções divergentes* do primeiro Evangelho, escrito em aramaico por Mateus, e por isso chamado de M; depois, que os três derivaram de M já vertido para o grego mas por vários tradutores, e sob várias formas. Reduz-se ao sistema de um documento, e não leva na devida conta os dados da tradição.

Streeter inventou a hipótese de 4 documentos ao invés de 2: Marcos, e Q, mais M, utilizado por Mateus, e L, usado por Lucas. Ela tem todos os defeitos do sistema das duas fontes.

CONCLUSÃO

E’ ACEITAVEL SÓ UM SISTEMA ECLÉTICO

Ainda que o exegeta católico possa escolher qualquer hipótese, excetuada a dos dois documentos, de acôrdo com as orientações pontifícias, contudo de fato há de notar que nenhuma delas satisfaz plenamente, devendo buscar novos rumos. O sistema eclético, que foi excogitado por Lagrange,

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

seguido por Vosté, Simón-Prado, Renié, Lusseau-Collomb, Rosadini, e tantos outros, se bem não oferece uma solução definitiva, já é mais completo e aquieta o nosso ânimo.

a) Aceita-se da primeira hipótese que a catequese oral é a base dos três Sinóticos. Ela foi vasada inteiramente em Mateus aramaico, donde passou à sua versão grega, substancialmente conforme àquele. O Evangelho de Marcos, resumo do anterior, é eco da mesma catequese oral. Também Lucas, que alude a fontes orais, denotando mover-se numa atmosfera onde ela imperava.

Esta frase fundamenta o predito: “A fé (vem) pelo ouvido”. Na verdade o Cristianismo é “religião de autoridade mais do que religião de livro” (Huby). E assim a palavra precedeu a escrita, que só lhe é subsidiária, não sua substitutiva, e posterior.

Eis a explicação da “concordia” dos Sinóticos na escolha dos temas, no plano de conjunto, na disposição interna das secções e em vários processos literários.

b) Da hipótese da mútua dependência se tira que Lucas se serviu de Marcos para a escolha da ordem dos fatos, etc., e provavelmente de Mateus grego, ao menos quanto à relação das sentenças; Marcos todavia parece não ter conhecido Mateus grego, do qual não depende, com seu grego bem inferior.

Isso explica as semelhanças que chegam até à literalidade e os detalhes concretos absolutamente iguais em dois ou três Sinóticos.

c) A hipótese documentária deve emprestar sua contribuição. Porque Lucas no Prólogo alude a escritos particula-

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

rés. Também Marcos parece que aqui e ali usou de rascunhos feitos por si e por outros ouvintes de Pedro. Quanto a Mateus a cousa é difícil de dizer. Quicá depende de alguma fôlha volante. E se estas existiam, o essencial é não multiplicar ao infinito o seu número, e só aceitar o que se comprova pela crítica e pela tradição.

Eis o que explica certas anomalias, ainda não elucidadas pelas contribuições anteriores.

Ao lado disso tudo não se negue a *contribuição do temperamento literário* próprio de cada Sinótico.

De acôrdo com o exposto tem-se que

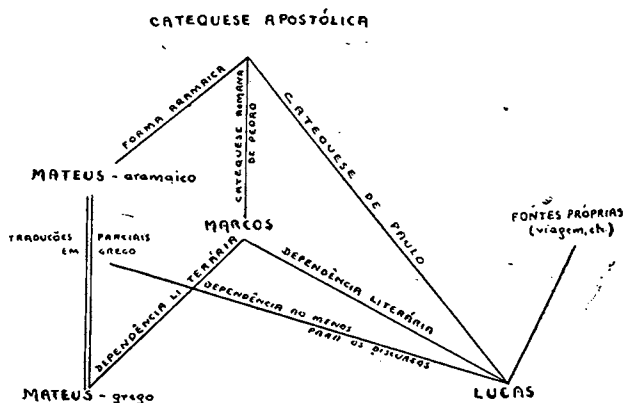
1) Mateus, procedendo por etapas na redação, e possivelmente usando de notas suas anteriores, — sendo difícil de se afirmar o uso de fontes outras, — depende quase que só da catequese oral e das suas lembranças pessoais; o seu tradutor grego usou de Marcos para verter, quicá tomando-lhe algum episódio, o que não afeta a substancialidade.

2) Marcos depende da catequese oral de Pedro, de alguma contribuição pessoal (o episódio do moço que fugiu com a capa, no aprisionamento de Jesus), e duma fonte escrita, segundo alguns, para a sua narrativa da Paixão.

3) Lucas depende de Marcos, dum relato bem aparentado com Mateus, e de outras fontes orais e escritas.

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

QUADRO SINÓTICO DA SOLUÇÃO ECLÉTICA DO PROBLEMA SINÓTICO



HISTORICIDADE DOS EVANGELHOS SINÓTICOS

SENTENÇAS CONDENADAS PELO DECRETO "LAMENTABILI" DO S. OFÍCIO

1. Em várias narrações, os Evangelhos referiram cousas que julgaram menos verdadeiras, do que proveitosas aos leitores, embora fôsse falsas.
2. Os Evangelhos foram-se aumentando com adições e correções contínuas até a constituição e definição do cânon;

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

nêles, portanto, da doutrina de Cristo só permaneceu incerto e tênue vestígio.

A POSIÇÃO DOS ADVERSÁRIOS

Baseia-se no preconceito racionalístico no tocante à possibilidade do milagre. Como os Evangelhos apresentam a vida de Jesus e a sua doutrina num clima miraculoso, não são totalmente históricos, ao ver deles.

Daí duas correntes de negações: uma radical, que atinge quase tudo nos Evangelhos; outra, mitigada, que opõe suas reservas a poucas secções.

1. *Corrente radical.* Na antiguidade os Judeus tal-mudistas e os pagãos como Celso, Porfírio e Juliano o Apóstata, não negando a historicidade da doutrina e das obras de Jesus, negavam-lhes a sobrenaturalidade. Mas é preciso chegar até o séc. XVII para que *Spinoza* (1632-1677), *pai do racionalismo moderno*, abrisse a estrada para a negação sistemática da historicidade dêles. Disse que os milagres são fatos naturais, exagerados pelos processos próprios à índole oriental e atribuídos a Deus como à sua causa, ou são frutos de certas consciências religiosas tomadas de fervor místico, graças a que não podem distinguir o natural do sobrenatural, ou ainda são fraudes destinadas a acreditar o dogma ou a edificar. “Sobretudo são fraudes” eis o resumo do eco dessas idéias em Voltaire, Diderot, e em Reimar, outro pai do racionalismo. *Gottlob Paulus* (1761-1851) julgou que os milagres eram fatos naturais que o estilo e a psicologia fazem parecer sobrenaturais, ou são tais só em razão da ignorância e da superstição dos Evangelistas. O fundador da Escola de

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

Tubingen, Fr. Chr. Baur (1792-1860), negou a autenticidade dos Evangelhos, abaixou-lhes falsamente a data de composição e fê-los deformações dos ditos e fatos do Senhor a fim de conciliarem as facções eclesiásticas. Strauss (1808-1874) escreveu que os milagres são fatos naturais engrandecidos pela imaginação popular de asseclas de Jesus os quais, julgando-O o Messias, tinham suas ações e palavras como realizações das profecias messiânicas ou cousas extraordinárias, embora haja muita coisa verídica nos Evangelhos. Bruno Bauer (1809-1882) foi além: chegou a negar tudo nos Evangelhos, pondo até em dúvida a mesma existência de Jesus, seguindo-o à risca a *escola holandesa* e os críticos radicais, e de perto Wrede, Schmiedel, J. Weiss, Wellhausen, Brandt. Hodiernamente Loisy remodernizou Strauss, injetando-lhe um pouco da ciência atual imbuída de preconceitos; assim é que atribuiu aos Evangelhos maior antiguidade; para êle são livros de edificação, nos quais cumpre distinguir as lembranças primitivas, dignas de fé, das apreciações e desenvolvimentos dogmáticos da crença cristã. Era preciso dar marcha-à-ré, porque Bruno Bauer e sequazes, com Loisy, chegaram aos extremos da negação.

2. *Corrente mitigada.* A fim de combater êsses iconoclastas, surgiu a *escola eclética* ou *crítica liberal*, iniciada por Ewald (1803-1875), Schenkel (1819-1885) e Renan (1823-1892) e seguida por Harnack, Holtzmann, Bernardo Weiss, etc.. Nega simplesmente a historicidade de S. João. Mas adotando o sistema das duas fontes, supõe que Urmarkus e Lógia continham história civada de falsidades, que aumentaram quando os redatores do primeiro e do terceiro Evangelhos, ao seu material acrescentaram muita inverdade. A crítica deve dissociar o que houve de verídico, reconstituindo a vida de Jesus, qual pessoa humana de excelentíssima vida

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

moral e profundamente religiosa, nada tendo de divino. Pensam dêsse modo os partidários da *escola escatológica*, da *escola sincretística*, e com maior excesso os da *Formgeschichtliche Methode*.

Usando de denominações religiosas tem-se isto: defendem a historicidade dos Evangelhos os católicos e quase como êles os protestantes conservadores, sobretudo na Inglaterra, entre os quais Godet, Zahn, Sanday, Plummer, etc. Fazem maiores ou menores reservas os protestantes liberais, os modernistas e os racionalistas.

A POSIÇÃO CATÓLICA

Tese: Os Evangelhos Sinóticos são substancialmente históricos e portanto merecem plena fé.

Prenições. a) Os Evangelhos são livros divinos e humanos. Como divinos são inspirados. Em discussão com críticos, que negam o sobrenatural, prescinde-se aqui do seu caráter divino, tratando-se simplesmente como obra humana, descendo-se assim ao seu terreno.

b) Nessa polêmica vai-se provar tão somente a *historicidade substancial* dos Sinóticos, a qual sob o ponto de vista aceito, pode estar com algum êrro em cousas mínimas. Entretanto, fica de pé a inspiração, da qual decorre a impossibilidade até nisso.

c) Os Sinóticos, recorde-se, não são biografias completas de Jesus, com base cronológica à moda atual.

d) Sua historicidade vai tratada à parte, visto que o quarto Evangelho tem certa índole que o distancia um tanto

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

dos três primeiros, simílimos entre si, sendo atacado com especiais argumentos, cuja refutação merece tese separada.

e) Tem-se gênero histórico, quando, pela simples leitura, se colhe que o autor pretende narrar fatos passados, não cousa poética, alegórica, lendária, meramente didática. Isso pode dar-se, ainda que o gênero histórico esteja em função de prova de qualquer cousa, como seria o histórico-dogmático, o histórico-apologético, etc., se o autor quer provar a sua tese, no caso a messianidade e a divindade de Jesus, mediante a apresentação de fatos. É o que se dá com os Sinóticos. Eles denotam o ânimo de escrever história pelo modo utilizado (Jesus então disse..., levantou-se e foi..., fez...). Tanto assim que as secções poéticas trazem claramente estilo literário, outro e bem diverso do comum do livro. Aliás, a tradição unânime reconheceu êsse caráter de escrito histórico; até os inclinados às alegorias, como Orígenes e Ireneu, ou inimigos do Cristianismo, como Juliano o Apóstata, Porfírio, etc.

Prova. Um livro é deveras histórico e merece fé, se o seu autor é ciente e veraz. Ora, os autores dos Evangelhos Sinóticos são cientes e verazes. Logo, os Evangelhos Sinóticos são deveras históricos e merecem fé.

A maior não requer demonstração, tão clara ela é.

Demonstre-se pois a menor, e pelas suas partes.

Os seus autores eram na verdade cientes. Um historiador é ciente, quando toma conhecimento dos fatos que vai narrar ou diretamente, como testemunha dos mesmos, ou indiretamente, perquirindo diligentemente, com relação aos fatos, testemunhas fidedignas e documentos merecedores

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

de todo crédito. É o caso que se dá com os Sinóticos. Mateus, como apóstolo, foi testemunha imediata de quase tudo quanto relatou; no mais êle, convivendo com Maria, os Apóstolos, discípulos, e vivendo no teatro dos acontecimentos e com as fontes escritas, que acaso usou, entre mãos, estava a par, ciente de tudo. Marcos conviveu com Pedro e dêle soube como que de fonte cristalina o que escreveu, além do que, pôde conversar com os demais Apóstolos, discípulos e cristãos, visto como na casa da sua mãe êles todos se reuniam, podendo igualmente conhecer alguma fonte vasada em letras. Lucas, outrossim, aprendeu de Paulo o que nos legou, como igualmente das demais fontes que citou no seu prólogo.

Depois, a reta apreensão da verdade na matéria que consignaram era bem fácil. Tratava-se de fatos claros, patentes, em geral públicos, como os milagres, datados só de anos antes; e de ensino simples, óbvio, popular, exposto com maravilhosa e divina didática, a fim de ser compreendido, guardado, assimilado, e não de assunto intrincado, axiomático, abstruso, enigmático, obscuro.

E finalizando, nem podiam os autores ser negligentes na pesquisa da verdade do que relataram, porque eram cousas da máxima importância para a sua vida, nas quais estavam vivamente interessados à vista da sua educação e íntimas persuasões, e contra as quais tinham diante de si adversários acérrimos.

Consequentemente, a demonstração em última análise repousa na autenticidade dos Evangelhos; sendo de Mateus, Marcos e Lucas, segue-se que são obras, ou de testemunhas oculares e auditivas, ou de autores bem informados. O próprio Strauss isso percebeu ao escrever que caso “a história

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

evangélica tivesse sido escrita por testemunhas oculares, ou ao menos por homens vizinhos dos acontecimentos”, ela seria inatacável.

Comprova-se a plena informação dos Evangelistas:

a) pela concórdia dos três Sinóticos, ainda que homens distanciados bastante no tempo, no espaço e até na formação (como Mateus e Marcos aqui, e Lucas ali); pelas mínimas porém vívidas circunstâncias, sobretudo em Marcos; e pelas divergências fatais na testificação de muitos assistentes ao mesmo acontecimento, que estão descritas com a maior naturalidade;

b) pela precisão com que descreveram o mundo palestinese antes de 70, como o reconhece o próprio Klaussner. israelita que não crê em Jesus mas admira muito a sua Personalidade e a sua doutrina (devendo ser lido só por quem obteve licença e ainda assim com a máxima prudência). Como os antigos desconheciam a arte de reconstruir literariamente as épocas passadas, base do romance histórico, os Evangelistas deveram escrever antes desse ano, sendo bem vizinhos dos fatos, porque a catástrofe de Jerusalém destruiu totalmente aquela ordem de cousas;

Os Evangelistas eram também verazes. Efetivamente a) não tinham motivo algum para mentir, falsificar, enganar. Não riquezas, nem honrarias, nem comodidades, porque justamente escrevem sobre a religião cristã que despreza essas cousas, à qual, detestadora de toda impostura e mentiría, parecem ardentemente apegados;

c) aliás, toda impostura ou mentira era impossível, porque escreviam quando estavam expostos a ser contraditos

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

por adversários figadais do seu herói, Jesus, e da obra dêle. a Igreja; ora bem, os adversários não puderam negar a realidade dos fatos: eis porque tentaram por todos os meios calar com as suas ameaças tais testemunhas aborrecidas;

d) os Evangelistas dão mostra de tal sinceridade, que de fato só podiam contar a verdade. Lepin explicou-o: “Façam-nos conhecer minuciosamente seus vícios assim que suas virtudes, suas faltas bem como seus bons movimentos, sua fraqueza tal qual a sua generosidade; informam-nos sôbre a sua baixa extração, sua incompreensão das palavras do Mestre, sua oposição às vistas dêle, as resistências à sua ação, a laxidão no Jardim das Oliveiras, no Pretório, no Calvário, só descorajamento depois da morte do Senhor, enfim a lentidão em crer na sua ressurreição”. Tal sinceridade é palpavel igualmente no modo como propõem o messianismo de Jesus: num ambiente impregnado de messianismo terreno, glorioso, nacionalístico, narram o de Cristo, que é espiritual, humilde, universal; ao invés de um Jesus que o *processo de idealização* pela turba teria divinizado, seu Jesus, o verdadeiro, vem de um messianismo oposto a qualquer processo como êsse, e bem anti-popular. Nota-se ainda a mesma sinceridade pelo fato de gizarem fortemente a natureza humana de Jesus, cuja divindade era crida; descrevendo-O sujeito às misérias materiais (fome, sede, fadiga, sono), aos sentimentos da alma humana (piedade, ternura, tristeza, dor, desgosto, pavor, tentação, ira; cfr sômente Mc 3, 5) e ao Pai celeste, como homem; marcando a realidade do seu corpo glorioso após a ressurreição mediante o relato das aparições. Tão grande é a sinceridade, que o retrato de Jesus traçado pelos Sinóticos não pode ser invenção humana, como expõe um João Jacques Rousseau: “Diremos que a história evangélica foi inventada a gosto?... Não é assim que se inventa... No fundo, é

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

recuar as dificuldades, sem destruí-las; seria mais inconcebível que vários homens, de comum acôrdo, fabricassem êsse livro, que não ter um só fornecido o assunto. Jamais autores judeus teriam encontrado êsse tom, essa moral; e o Evangelho tem caracteres de verdade, que são tão grandes, tão palpáveis, tão perfeitamente inimitáveis, que o inventor seria o maior dos heróis”.

2.^a prova. *A comparação dos Sinóticos com outros documentos históricos profanos e sagrados.* Os três primeiros Evangelhos trazem inúmeros dados sôbre as condições políticas, sociais, religiosas da Palestina; sôbre os costumes dos seus habitantes, sôbre os seus acidentes geográficos, em particular sôbre as facções político-religiosas (fariseus, saduceus, herodianos). Ora, tudo isso concorda com o que se encontra nas obras históricas de Flávio Josefo, Estrabão, Suetônio, nas inscrições e nos apócrifos.

3.^a prova. *A comparação com os evangelhos apócrifos ilustra magnificamente o caráter histórico dos Evangelistas* — Uma leitura pela rama bastará para que se note a diferença entre êles: os Sinóticos apresentam sôbriamente a Figura sobre-humana de Jesus e narram com simplicidade, quase com frieza, os milagres que praticou; os apócrifos descrevem um Jesus vulgar e narram os milagres com estilo empolado e deveras indigesto, parecendo ser efetivamente obras de “literatura de ama sêca”, como bem se expressou Renan.

Nota: historicidade especialmente dos discursos de Jesus. Como os antigos costumavam pôr nos lábios dos seus heróis discursos inteiros quer de todo inventados, quer formados com as idéias por êles expostas, mas ampliadas e literária-

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

mente enfeitadas, a pergunta é se o mesmo se deu com Evangelistas a respeito da doutrina de Jesus.

Jesus ensinou em aramaico. Sua doutrina nos foi legada pela tradução grega. Esta, que por vêzes é fiel ao conservar as palavras de Jesus como Êle as proferiu, em geral sòmente o é no sentido. Depois, nos Evangelhos, as palavras nem sempre foram pronunciadas no contexto histórico dado pelos autores, nem tão pouco estavam de fato unidas a outras sentenças, com as quais agora se acham ligadas. Aliás, Jesus certamente repetiu muitos pontos do seu ensino. Os fins dos Evangelistas agruparam-nas, dissociaram-nas, etc. Elas porém foram pronunciadas, são palavras historicamente proferidas. Eram com efeito discursos simples (sentenças, parábolas breves e fáceis), de fácil memorização, devido à forma paradoxal adotada, ou ao paralelismo tão da índole israelítica, e à novidade com que eram expostos. Os Evangelistas não os falsificaram absolutamente. Além de tôdas as razões vistas, tem-se ainda a da esplêndida concordância substancial dos três, no relatarem os mesmos discursos, e a concordância dêles com a verdade objetiva. Inclua-se a da impossibilidade de que inteligências rudes de pescadores, e de outros que tais, tivessem inventado doutrina religioso-moral tão sublime, divina.

Comprova-se com a verificação do “estágio paleontológico”, e a oportuna comparação é de Harnack, dêsses discursos, que são da época de Jesus e não do tempo de seus biógrafos.

Objeta-se: o silêncio dos historiadores profanos da época torna problemática a história evangélica.

Responde-se: o Cristianismo, como todo movimento religioso inicial, passou imperceptível nos começos; só quando

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

na sua expansão entrou em choque com as situações adquiridas pelas outras religiões é que se fez notar. Aliás, não há propriamente silêncio, e sim poucas referências a seu respeito. Porque Tácito fala de Jesus com incerteza do assunto, Suetônio outrossim, mas O confunde com algum agitador do ghetto romano e Flávio Josefo também com objetividade, embora acidentalmente.

CONCLUSÃO

É a de Lepin: “A crítica racionalística parece acuada a uma ou outra destas duas extremidades: negar *a priori* a historicidade dos Evangelhos, com desprezo das garantias incontestáveis que oferecem sob o ponto de vista da sua origem cientificamente considerada; ou admitir a historicidade dos documentos até quando torna impossível reduzir seu conteúdo à interpretação puramente natural”.

INTRODUÇÃO A S. JOÃO

S. João — A pessoa.

João (hebr. Jehochanan, Javé fez misericórdia), filho de Zebedeu e de Salomé (Mt 27, 56 cfr. Mc 15, 40) irmão de Tiago Maior, natural de Betsaida, era pescador de profissão, assim como seu pai. Este não era pobre, pois possuía uma barca e empregados e Salomé sustentava Jesus

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

e os Apóstolos. Antes de ser chamado pelo Mestre, João era discípulo do Batista. Alma cândida, tinha João um grande zelo pela justiça, no princípio excessivo. Assim quis êle que descesse o fogo do céu sobre uma cidade infiel da Samaria (Lc 9, 54). Por êsse seu caráter impulsivo recebeu junto com Tiago o nome de Boanerges, isto é, filho do trovão (Mc 3, 17). Amigo íntimo do Divino Mestre, João assiste à Transfiguração de Jesus, é um dos três que ficam mais perto de Jesus no Horto de Getsêmane e repousa a cabeça no peito de Jesus na última ceia. E é a êle que Jesus do alto da Cruz confia a sua Mãe, Maria Ssma.

Depois da Ascensão de Nosso Senhor, João ficou durante muitos anos ainda em Jerusalém, ou ao menos na Palestina, certamente até a morte de Nossa Senhora. São Paulo encontra São João em Jerusalém durante o concílio dos Apóstolos († 50) e o chama uma das colunas da Igreja (Gál 2, 9). Afirma ainda a Escritura que João foi exilado para a ilha de Patmos “por causa da palavra de Deus e pelo testemunho de Jesus Cristo” (Apc 1, 9). Isto se deu sob Domiciano (81-96, Eusébio). Uma tradição historicamente bem fundada, que remonta até ao segundo século (Clemente de Alexandria, Santo Ireneu, São Policarpo, discípulo de João), afirma ter João morado em Éfeso. Não se sabe quando êle chegou lá. Aceita-se geralmente que foi cerca do ano de 60. Foi provavelmente desta cidade que êle foi exilado para Patmos, onde escreveu o Apocalipse (Apc 1, 9). Sob o imperador Nerva (96-98) João regressou para Éfeso. Nesta cidade João editou o evangelho e aí também morreu em extrema velhice, durante o império de Trajano (98-117). Outros fatos, como p. ex. o seu encontro com Cerinto e o banho em óleo fervente “ante Portam Latinam”, são menos certos.

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

Conteúdo e divisão do evangelho.

a) *Prólogo.* 1, 1-18. O autor narra a origem divina de Jesus e sua Encarnação. Apresenta-o sob os nomes de Vida e Luz, esboça as lutas com os adversários, as trevas, que não serão capazes de conter a sua marcha para a vitória. Segue a preparação para a vida pública: testemunho do Batista e primeira chamada de alguns discípulos, 1, 19-51.

b) *1.^a parte.* Vida pública de Jesus, 2-12, Milagre de Caná, purificação do templo; pouca fé em Jerusalém e Judéia, 2, 1-3, 36.

Maior fé encontra Jesus em Samaria e Galiléia, 4, 1-54.

Cura do paralítico de Betsaida num sábado; começa a oposição da autoridade Judaica, 5, 1-47.

Jesus volta para a Galiléia, multiplica os pães, anda sobre o mar e pronuncia o discurso eucarístico; muitos, até dos seus discípulos, acham dura esta linguagem e O deixam, 6, 1-71.

Durante a sua terceira estadia em Jerusalém, Jesus fala de sua missão; por isso os Judeus querem prendê-Lo, mas falta-lhes a coragem, 7, 1-52.

Segue a história da mulher adúltera, a cura do cego de nascença. Jesus se chama o Bom Pastor. Os Judeus sempre mais se endurecem na infidelidade, 8-10, 21.

Na sua quarta estadia em Jerusalém, na festa da dedicação, Jesus declara-Se o Messias, Filho de Deus. Desejam apedrejá-Lo, mas Jesus retira-Se. Segue a ressurreição de

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

Lázaro e o conselho dos Fariseus para matarem Jesus, 10, 22-11, 57.

Em Belânia, seis dias antes da Páscoa, Maria unge os pés de Jesus; no dia seguinte, Ele faz a entrada triunfal em Jerusalém, que é a sua quinta visita a esta cidade durante a sua vida pública. Segue um discurso de Jesus em que anuncia a sua próxima crucificação e termina esta parte com um comentário do autor, ressaltando ainda a cegueira dos Judeus, 12, 1-50.

c) 2.^a parte. Jesus despede-Se dos discípulos, 13, 1-17, 25. Jesus lava os pés aos discípulos; Judas é desmascarado, 13, 1-30.

Segue um longo discurso em que Jesus instrui e consola os discípulos, prometendo-lhes o Consolador. Lembra-lhes a necessidade de ficarem sempre unidos a Ele, a verdadeira Videira, apesar das dificuldades que vão encontrar, 13, 31-16, 33.

Segue a oração sacerdotal, 17, 1-26.

d) 3.^a parte. Paixão, Morte, sepultura e Ressurreição de Jesus, 18, 1-21, 25.

Unidade e integridade.

O exame do vocabulário; língua e estilo do quarto evangelho demonstra que ele não só provém dum único autor, com exceção de alguns trechos, mas também que foi escrito sem grandes intervalos de tempo. O mesmo é provado pelos manuscritos. Com isso não se diz que não haja imperfeições e obscuridades na exposição das idéias, lacunas e repetições inúteis, o que é praticamente impossível num autor que

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

mais se preocupa com a substância do livro do que com a sua veste literária. O autor do 4.^o evangelho quer dar um testemunho verdadeiro dos fatos e discursos de Jesus.

Os autores católicos não estão de acôrdo sôbre a autenticidade de Jo 5, 3b-4 (o anjo da piscina) e Jo 7, 53-8, 11 (a adúltera). O critério interno de vocabulário, língua, etc. aqui pouco ou nada resolve. O exame dos códices, porém, não é muito favorável à autenticidade. A primeira perícopa falta em quase todos os melhores códices. Deve ser, portanto, uma interpolação posterior e por isso mesmo também não é canônica. Rejeitando êste versículo não contradizemos o decreto do Concílio Tridentino que estabelece a autenticidade da Vulgata com tôdas as suas partes, porque não era uma parte controvertida no Concílio e mais provávelmente não fazia parte da antiga Vulgata latina. Quanto à história da mulher adúltera não há dúvida sôbre a sua canonicidade. É, porém, bastante duvidoso se tenha pertencido ao evangelho original, pois falta nos melhores códices gregos e em muitas traduções antigas. Segundo alguns autores foi escrito por São João, mas numa fôlha separada. Segundo outros, é dum outro autor inspirado. Alguns querem que seu lugar original seja depois de Lc 21, 38, onde de fato se encontra em alguns poucos códices. É impossível dar uma explicação certa. Sua origem joanina ainda é possível.

Língua e estilo.

Com tôda a tradição deve ser sustentada contra alguns modernos a tese, que Jo foi escrito originariamente em grego e não em aramaico. Os semitismos explicam-se facilmente, porque o seu autor João é judeu. O grego de Jo, sendô um pouco superior ao do Apocalipse, é muito medíocre. O estilo

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

de Jo é completamente diferente do dos sinóticos. Caracteriza-se Jo por um vocabulário muito reduzido e grandíssima simplicidade sintática. À subordinação das frases prefere, segundo o modo semítico, a coordenação. Nota-se uma predileção por certas palavras e um gosto especial pelas antíteses: luz e trevas; carne e espírito; verdade e mentira; vida, juízo, pecado, fé, testemunho, etc. Uma mesma palavra é tomada em diversos sentidos, p. ex. *kosmos*-mundo significa: o universo, a terra que habitamos, o gênero humano, os homens sob o poder do demônio, inimigos do reino de Deus; judeu, além do seu sentido ordinário, significa também os chefes judaicos, inimigos de Cristo. Os termos: *crer*, *vida* e outros, têm sentidos bem variados segundo o contexto. Usa Jo freqüentemente o paralelismo antitético i.e. um modo semítico de exprimir duas vezes o mesmo pensamento, primeiro em forma afirmativa e depois em forma negativa, p. ex. 1, 3. 20. Semitismo ainda é o uso freqüente do “*casus pendens*”, i.e. um sujeito ou objeto duma proposição, reforçado em seguida por um pronome, especialmente se a frase começa por *pês-todo*, p. ex. Jo 6, 39 “*ut omne, quod dedit mihi, non perdam ex eo*”; expressões como estas “filhos da luz”, “filhos da perdição”, “em verdade, em verdade, vos digo”, “*a saeculo*”, “*gaudio gaudere*”, etc. Gosta Jo de discursos compridos, cheios de metáforas e alegorias, i.e. metáforas desenvolvidas. De vez em quando é difícil seguir o nexo lógico do autor, p. ex. 16, 8-11.

Característico do estilo de Jo é que êle, em lugar de propor de uma vez todos os elementos de uma idéia, ligando-os por meio de preposições e empregando adjetivos, prefere exprimi-los sucessivamente, em pequenas frases. P. ex. se um *de nós* devesse escrever a primeira frase do prólogo, escreveria assim: O Verbo, sendo Deus, já estava no prin-

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

cíprio com Deus. Jo, porém, usa três frases e nas duas últimas repete uma palavra da frase anterior, acrescentando novo elemento. Este modo de proceder tem de vantajoso que todos os elementos de um pensamento são bem acentuados. Não será, porém, aconselhável àqueles a quem falta a verdadeira arte joanina de imprimir nestes simples elementos algo de sublime, majestoso, solene, nobre, hierático, capaz de fazer de toda a obra uma leitura agradável. Pois, apesar das imperfeições, o 4.^o evangelho nos dá uma vida de Jesus que mais do que qualquer outra instrui o leitor, proporcionando-lhe uma visão magnífica, profunda da natureza e do amor do Deus-Homem, e o comove tocando-lhe o coração e suscitando nele aspirações místicas para o divino.

Muito semelhante a esta simples concatenação de conceitos, é o que foi justamente chamado o sistema de círculos concêntricos. Consiste nisso que o autor volta duas ou mais vezes sobre o mesmo assunto. A primeira vez em termos mais ou menos gerais, na segunda e terceira vez acrescentando novos detalhes, dando no fim a síntese do pensamento. É mais ou menos assim: Pedro é santo — Pedro é apóstolo — Pedro é o Príncipe dos Apóstolos; a síntese: Pedro que é Apóstolo e mesmo o Príncipe dos Apóstolos, é santo. O exemplo clássico fornece o prólogo. Nos vv. 1, 4-5 diz que o Verbo é a luz dos homens, que resplandece nas trevas e que as trevas não a compreenderam. Depois, nos vv. 8-10, diz que o Verbo, que estava no mundo, iluminando todo o homem, não é recebido por eles. Finalmente, no v. 14 diz claramente, que o Verbo se fez homem e habitou entre nós. Outros exemplos: sermão eucarístico, 6, 27 o Filho do homem dará uma nova comida, que permanece para a eternidade; 6, 35 Jesus diz: “Eu sou o Pão da Vida”;

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

6, 51-55 Jesus diz: “Eu sou o pão vivo que desceu do céu... O pão que Eu der, é a minha carne... a minha carne é verdadeiramente comida”. Cfr. ainda 14, 16 s.; 14, 26; 15, 26; 16, 7-15 sobre o Espírito Santo Paráclito.

Gênero literário de João.

Pelos autores, especialmente os racionalistas, foram notadas grandes diferenças entre os sinóticos e Jo. Êstes últimos praticam uma verdadeira viviseção nos livros sagrados, com o intuito evidente de dar cabo da religião revelada, destruindo-lhe a base. As principais diferenças dizem respeito:

1) ao ministério público de Jesus. Nos sinóticos a atividade de Jesus desenrola-se quase exclusivamente fora da Judéia. Seu auditório é geralmente o povo simples, a quem Jesus fala numa linguagem popular, ilustrando a sua doutrina sobre o reino dos céus com imagens tiradas da vida cotidiana i.é. com parábolas. Uma viagem só de Jesus a Jerusalém é mencionada, a da Paixão.

Em Jo Jesus exerce o seu ministério na Judéia; são mencionadas cinco viagens a Jerusalém; Jesus faz os discursos no templo. Seu auditório é constituído muitas vezes por doutores da lei, que discutem com Jesus. Os ensinamentos de Jesus são muito mais profundos.

2) à cronologia. Segundo os dados dos sinóticos, a vida pública de Jesus parece limitar-se a um ano. Em Jo são mencionadas três e provavelmente quatro Páscoas, que supõem ao menos dois anos e muito provavelmente três anos de vida pública.

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

3) aos discursos. Nenhum dos grandes discursos de Jesus, mencionados no 4.º evangelho, encontra-se nos sinóticos: o colóquio com Nicodemos e a Samaritana; a polêmica por ocasião do milagre da piscina; o discurso sobre o Pão da vida; as últimas instruções de Jesus aos seus discípulos depois da Ceia.

4) ao conteúdo. Nos sinóticos muitos fatos, pouca doutrina. Em Jo menos fatos, muita doutrina. Os milagres nos sinóticos são “virtutes” i.e. portentos, no 4.º evangelho são chamados “signa” i.e. sinais, cujo sentido figurativo ou simbólico Jo geralmente releva nos discursos que acompanham o milagre. Exemplos: multiplicação dos pães, seguida do discurso eucarístico (6, 1-59); a cura do cego de nascença e a declaração que Jesus é “a Luz do mundo” (9, 1-7; 8, 12); a ressurreição de Lázaro e Jesus “a ressurreição e a vida” (c. 11).

5) à Pessoa de Cristo. O Cristo dos sinóticos apresenta-se como um Homem, filho de Maria e José, senta-se à mesa do publicano e do fariseu, é tentado pelo demônio, aflige-se no Horto de Getsêmane, em tudo que Ele faz mostra-se profundamente humano. Não fala quase de Si mesmo, mas do Pai que está nos céus, em cujas mãos paternas nos devemos entregar com humildade e confiança. Um ponto essencial da pregação sinótica é a boa nova do reino de Deus. O Cristo de Jo é um ser transcendente, divino; não é desta terra, mas do céu. O objeto de seus discursos é Ele mesmo, sua missão divina, sua preexistência com Deus, sua igualdade com o Pai. Uma verdade que sempre de novo é inculcada é esta: que é preciso crer em Jesus, que Ele é o Filho de Deus, feito Homem, mandado pelo Pai a este mundo. Aquêles que crê isto, já tem a vida eterna, não será julgado; quem não crê, já foi julgado e entregue à morte eterna. Receber

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

Jesus é ter a vida, possuir a verdade, andar na luz; rejeitar Jesus é estar na morte, ser mentiroso, andar nas trevas.

Em vista destas divergências, a crítica racionalista é quase unânime em afirmar que o autor do 4.^o evangelho é um especulador helenista, imbuído mais ou menos das idéias filosóficas de seu tempo, nomeadamente de Filon o Judeu. Na forma exterior dum Evangelho êle exprime as suas próprias elucubrações cerebrais, refletindo de certo modo a fé da comunidade cristã de seu tempo, i.e. do comêço do século II. Os fatos narrados são todos fictícios e servem sòmente de moldura para os discursos, colocados pelo hábil autor nos lábios de Jesus, para dar-lhes maior autoridade. O 4.^o evangelho, portanto, não narra uma história verdadeira de Jesus, não serve de modo algum como fonte para uma vida de Cristo. É um romance histórico, uma fábula romanesca, uma ficção poética. Eis a conclusão da crítica independente. fruto legítimo do livre exame do protestantismo, que faz ruir pela base todo o edifício da fé católica e cristã.

Contra êstes defendemos a tese tradicional que Jo tanto nos fatos como nos discursos é histórico. O espaço limitado a nós reservado, certamente não permitirá dar uma prova detalhada. Para isto remetemos o leitor à bibliografia, onde encontrará material mais que suficiente. Em primeiro lugar daremos algumas provas e observações de caráter geral, para em seguida respondermos brevemente às dificuldades.

a) Ninguém, por certo, depois da leitura dos sinóticos e de Jo negará que entre êles haja diferenças profundas. Elas foram notadas desde os primeiros séculos. Tanto é verdade que o autor do 4.^o evangelho foi chamado pelos Padres “o teólogo”. Clemente de Alexandria chama o 4.^o evangelho pneumático (espiritual) distinguindo-o dos sinóticos chama-

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

dos somáticos (corporais, materiais). Verdade é que muitos dos Santos Padres compraziam-se em descobrir em toda a parte sentidos simbólicos. Houve escolas de exegese como aquela de Antioquia onde o simbolismo florescia desmesuradamente. Mas, por outra parte, verdade também é que para êles, por exemplo, a Samaritana era uma mulher de carne e osso e seus cinco maridos verdadeiros homens dos pés até a cabeça, e não merôs símbolos dos cinco livros da lei mosaica. Como diz São Jerônimo: “non historiam denegamus, sed spiritualem intelligentiam praeferimus”. Gostavam os Santos Padres do sentido espiritual, sem negar o sentido histórico. Este último servia de base para o primeiro.

b) O próprio autor afirma que esteve presente aos fatos que narra e que seu testemunho é verdadeiro: “Aquêle que o viu testificou, e o seu testemunho é verdadeiro; e sabe que é verdade o que diz, para que também vós creiais (19, 35). E no fim ainda: “Este é o discípulo que dá testemunho destas coisas e as escreveu; e sabemos que o seu testemunho é verdadeiro” (21, 24). Não há motivos de duvidar duma asserção tão explícita do autor, especialmente se comprovada pela tradição unânime e pelo exame do livro.

c) O fim que o autor se propõe ao escrever o 4.º evangelho está claramente enunciado nos últimos vv. do cap. 20. Aí escreve êle que Jesus fez muitos milagres ou sinais na presença dos seus discípulos. O autor fez uma escolha entre êles e os escreveu “para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais a vida em seu nome”. Se o próprio autor se converteu e aderiu a Jesus pelos milagres que presenciou e pelos discursos que ouviu, por que deveria inventar fatos e fingir discursos para confir-

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

mar na fé os cristãos ou converter aquêles que ainda não acreditavam?

d) Comparando os poucos fatos que Jo tem em comum com os sinóticos, evidencia-se outra vez o historiador. Se o autor fôsse um simbolista, teria acrescentado alguns detalhes simbólicos, e poder-se-ia suspeitar que os fatos, que são próprios de Jo, fôsem inventados integralmente por êle. Entretanto, não o fez. Pelo contrário, Jo acrescenta aqui ou ali algumas circunstâncias bem reais, o que indica que o autor é historiador. Ora, se Jo aqui, onde é possível o controle com textos paralelos dos sinóticos, mostra a sua intenção de escrever história, não podemos pôr em dúvida o resto de sua obra. De fato, seja nos milagres seja nos discursos, sempre encontramos as características do gênero histórico. As personagens do 4.^o evangelho são seres bem vivos, que falam e agem em ambiente concreto. São notadas exatamente as circunstâncias de lugar e tempo. A ocasião dum discurso ou colóquio de Jesus é bem real. Tomemos por exemplo Jesus e a Samaritana: Jesus, cansado da caminhada, senta-se junto da fonte de Jacó, perto duma cidade da Samaria, chamada Sicar. Era quase meio-dia. Os apóstolos foram comprar comida na vila. Veio a mulher tirar água. Mui logicamente começa a conversa sobre água, passa depois para a eterna controvérsia entre Judeus e Samaritanos sobre o lugar do culto, pois do lugar onde se realiza o colóquio, avista-se bem o Monte Garizim, para terminar finalmente com a fé da mulher no Messias, vivamente esperado pelos Samaritanos. Tudo aqui é tão natural, tão realístico que seria preciso ter muitos preconceitos para negar a historicidade desta narração. E esta observação vale para todos os fatos narrados no 4.^o evangelho. O próprio Renan, segundo o qual os discursos do 4.^o evangelho não têm nada de real, confessa que é uma coisa

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

nunca vista alguém escrever um conto histórico, com a intenção de esconder nele finezas simbólicas que não seriam descobertas senão depois de dezoisete séculos.

Breve explicação das diferenças entre João e os sinóticos. (Veja supra).

1. Ministério público de Jesus.

Os sinóticos são uma forma escrita da primitiva catequese apostólica, ministrada ao povo simples. Para êste fim eram mais adequados os ensinamentos de Jesus ao povo simples da Galiléia, cheios de comparações e parábolas. Jo, escrito muito mais tarde, era destinado aos cristãos já adultos na fé, capazes de receber uma instrução mais profunda.

Note-se o duplo fim que Jo se propôs, na composição de sua obra. O primeiro, êle mesmo o exprime no cap. 20, vv. 30, 31: "Jesus fez ainda, na presença de seus discípulos, muitos outros milagres (sinais), que não estão escritos neste livro. Êstes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais a vida em seu nome".

Conexo com êste fim doutrinário é o fim polêmico de impugnar as primeiras heresias cristológicas de Cerinto, que dizia que Jesus era um simples homem, nascido de modo natural. Depois do batismo entrou nêle o Cristo. Só então começa a anunciar o Pai e fazer milagres. Na hora da Paixão, Cristo o deixou outra vez. Nega portanto Cerinto que Jesus é o Cristo e que Cristo se fez homem. Querendo Jo provar sua tese, escolheu alguns milagres e relatou aquelas palavras de Jesus que dum modo inequívoco provam a sua messianidade e divindade.

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

O segundo fim é de não repetir inutilmente o que já é conhecido pelos sinóticos. É evidente que por este motivo Jo omite p. ex. a instituição da Eucaristia. Certamente não foi por ignorância ou por achar este fato pouco importante, pois no cap. 6.^o narra detalhadamente a solene promessa da Eucaristia. Completa, pois, assim Jo os sinóticos. E por este fato devemos ser-lhe eternamente gratos. Lucas, aliás, já tinha em parte completado os evangelhos anteriores e ninguém lhe nega por causa disto o caráter histórico.

Pelo exame dos sinóticos também é provável que Jesus tenha feito mais viagens a Jerusalém; no tempo da Paixão Jesus tinha discípulos na cidade santa (Mt 26, 18, dono do cenáculo), amigos (Mt 21, 1-3 dono da jumenta); ele era conhecido pelo povo (Mt 21, 8-11). Todos indícios de que não era a primeira vez que Jesus vinha a esta cidade. E a exclamação de Jesus “Jerusalém, Jerusalém... quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos”, não teria sentido, se ele nunca dantes tivesse estado aí durante a sua vida pública.

2. Cronologia.

Também os sinóticos supõem diversas Páscoas durante a vida pública de Jesus. Depois de muitos milagres e discursos de Jesus, contam os evangelhos que Jesus passava com seus discípulos por um campo de trigo maduro (Mt 12, 1 e paralelos), o que deve ter sido no período entre a Páscoa e Pentecostes. Depois vêm outros milagres, outros discursos e viagens até a primeira multiplicação dos pães. Ora, nesta época havia relva verde (Mt 6, 39). Devia ser, portanto,

primavera, antes duma segunda Páscoa. Acrescentando mais a Páscoa da Paixão, já temos provavelmente três Páscoas

3. Discursos.

Sendo os discursos de caráter eminentemente doutrinário, já respondemos suficientemente a esta dificuldade explicando a primeira diferença. Não afirmamos, porém, que os discursos de Jesus foram relatados exatamente assim como foram por Ele pronunciados. É bem possível que, com exceção de algumas frases básicas, João tenha guardado as palavras de Jesus segundo o sentido. É bom, porém, lembrarmos que os Orientais em geral têm boa memória.

4. Conteúdo.

Em parte já respondemos a esta dificuldade na solução da primeira.

Quanto ao simbolismo dos fatos relatados, afirmamos que nós também aceitamos o simbolismo destes fatos no sentido tradicional da palavra, i.é. uma coisa ou fato usado como sinal de outra coisa ou idéia. Negamos, porém, que os fatos narrados por Jo sejam fictícios. No A. Test. encontramos muitos símbolos e ações simbólicas, p. ex. Isaías que anda descalço. Todo o A. Test. é, no dizer de São Paulo, uma figura do N. Test. Pilatos lava as mãos para significar sua inocência. Nós também usamos freqüentemente símbolos. Podia, portanto, também Jesus fazer um milagre e querer que fôsse ao mesmo tempo um “sinal” duma outra verdade e o autor do 4.^o evangelho, que viu o que conta, e que foi

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

amigo íntimo de Jesus, podia, para o fim particular de sua obra, escolher êstes fatos e narrá-los objetivamente.

E, afinal de contas, tal simbolismo não é tampouco alheio aos sinóticos. A cura do paralítico de Cafarnaum é um sinal de que Jesus pode também curar as almas, i.e. perdoar pecados (Mt 9, 6).

5. A Pessoa de Cristo.

Exagera-se muito esta dificuldade. O 4.^o evangelho mostra também o lado humano de Jesus. De fato, Jesus deixa-se cercar pelo povo, conversa com êle; com pecadores, enfermos, fariseus. Cansa-se fisicamente e tem sentimentos humanos de compaixão (com os esposos de Caná); comove-se e chora diante do túmulo de Lázaro; mostra amor filial no alto da Cruz, recomendando sua Mãe ao discípulo predileto.

Por outra parte, os sinóticos dão provas suficientes da divindade de Jesus. O anjo anuncia que aquêle que há de nascer de Maria dum modo virginal, será chamado Filho de Deus; no batismo, vem uma voz do céu que diz: “Êste é meu Filho bem amado, em quem eu me comprazo”; Jesus faz milagres, perdoa pecados, dá novos preceitos em seu próprio nome; exige fé incondicional no seu nome; a Jesus foram entregues pelo Pai tôdas as coisas e ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho; Jesus é Senhor do sabbado; envia os anjos; é superior a Davi que o chama Senhor; deixa-Se chamar Filho de Deus em sentido próprio, aprovando as palavras de Pedro “Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo”; é condenado pelo Sinédrio por blasfêmia, por chamar-Se Filho de Deus; manda os apóstolos batizar em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo.

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

O autor do 4.º evangelho é o apóstolo São João.

A origem apostólica e joanina do 4.º evangelho é sólidamente provada por testemunhos da crítica externa e confirmada por dados do próprio livro.

1. Testemunhos extrínsecos.

Tôda a tradição afirma a autenticidade do 4.º evangelho. Daremos alguns testemunhos importantes de diversas igrejas.

a) S. Ireneu (-| 140-202), bispo de Lião na Galia, tinha sido na sua juventude, discípulo de São Policarpo, em Esmirna, e êsse por sua vez fôra discípulo de São João. Diz êle textualmente: “Em seguida, João, discípulo do Senhor, escreveu também seu evangelho, quando vivia em Éfeso, na Ásia”.

b) O cânon de Muratori (fim do sec. 2, Roma): “Do 4.º evangelho (é autor) João (um) dos discípulos”.

c) Clemente de Alexandria (-| 150-215): “Segundo a tradição dos Antigos, João, o último dos Evangelistas, escreveu o Evangelho espiritual sob inspiração do Espírito Santo e a pedido dos seus familiares”.

d) Tertuliano (-| 160-222, África) nomeia João, o Apóstolo, entre os 4 evangelistas.

Seria inútil citar mais nomes, pois a tradição é unânime. A única dissonância neste acôrdo completo fazem os assim chamados “Alogoi” no fim do II século, uma seita que, para combater mais eficazmente a heresia dos Montanistas, rejeitou a autenticidade joanina do 4.º evangelho, atribuindo-o

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

a Cerinto. Contudo, esta opinião não teve nenhuma repercussão.

2. Testemunhos intrínsecos.

a) O autor é judeu. Prova-o seu conhecimento do A. Test. Assim p. ex. cita em diversas circunstâncias da Paixão de Nosso Senhor figuras ou profecias do A. Test. Conhece costumes e observâncias legais do povo judeu.

b) É judeu da Palestina, pois conhece perfeitamente a geografia da Palestina e a topografia de Jerusalém.

c) É testemunha imediata daquilo que narra. Ele mesmo o afirma. De alguns fatos indica as menores circunstâncias de tempo, lugar e pessoas.

d) É apóstolo. Sim, pois é o discípulo a quem Jesus amava e que estava presente à última Ceia, onde somente os doze apóstolos estavam com Jesus. Aí repousou a cabeça sobre o peito do Mestre.

e) É João, o Apóstolo. O autor é certamente um dos discípulos prediletos, Pedro, Tiago ou João. Pedro não é, porque muitas vezes o autor se distingue de Pedro, p. ex. na Ceia. Nemi tampouco é Tiago, que morreu mártir sob Herodes Agripa I, no ano de 44 mais ou menos (At 12, 1). Portanto, deve ser João, o Apóstolo.

Assim se explica porque João, embora um dos prediletos de Jesus, nunca é nomeado no 4.º evangelho. O autor não quis por modéstia escrever seu próprio nome.

João, o presbítero.

Os negadores da autenticidade joanina do 4.º evangelho atribuem esta obra a João, o presbítero, baseando-se num

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

texto de Papias, citado em Eusébio. É um texto bastante duvidoso, de cuja interpretação os autores ainda discutem muito. Não é de todo certo, que este João, o presbítero, é distinto de João Apóstolo. Mas, mesmo aceitando a distinção entre estas duas pessoas — o que parece mais provável — seria anticientífico negar uma tradição antiquíssima e explícita, por causa de um texto duvidoso.

Lugar e tempo da composição do 4.º evangelho.

Segundo uma tradição bastante certa, que remonta até Santo Ireneu, o 4.º evangelho foi editado na cidade de Éfeso. É mais provável que lá também foi escrito, e não em Patmos, como outros Padres afirmam. Segundo alguns modernos, o lugar de origem seria Antioquia. As razões em favor desta sentença não são convincentes.

Quanto à data da composição, não estaremos longe da verdade se a datarmos cêrca do ano 100. É certo que Jo foi escrito depois dos sinóticos. Como já dissemos, os seus destinatários são cristãos já capazes de compreender uma doutrina cristológica profunda; os erros que Jo combate nos levam também àquela data. Sob Nerva (96-98) João regressou do exílio na ilha de Patmos a Éfeso, onde ficou até à sua morte sob Trajano (98-117).

A doutrina do 4.º evangelho.

A idéia central do 4.º evangelho é a pessoa e a missão de Jesus Cristo.

Jesus é Deus: Jesus era antes de Abraão (8, 58), antes que o mundo existisse (17, 5), no princípio estava com Deus.

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

(1, 1), é Criador (1, 3), faz tudo o que faz o Pai (5, 19), tem a vida em si, assim como o Pai (5, 26), conhecer Jesus é conhecer o Pai (8, 19), Jesus está no Pai e o Pai em Jesus (14, 11), Jesus e o Pai são um (10, 30).

Jesus é uma pessoa distinta do Pai, porque procede do Pai por geração, pois é Filho Unigênito do Pai (1, 14. 18), Filho próprio (20, 17).

Jesus em relação aos homens: veio para ensinar e salvar os homens; é revelador de Deus (1, 18), tira os pecados do mundo (1, 29), expulsa o príncipe do mundo (12, 31), para fazer isto Jesus se fez carne e habitou entre nós (1, 14). Jesus é o Messias (4, 26), rei (18, 37); tudo foi entregue pelo Pai a Jesus (3, 35), também o juízo (5, 22). Salvando os homens da morte, Jesus lhes dá a vida eterna (3, 15-17) que já começa nesta vida pelo amor e conhecimento do Pai e daquele que o Pai enviou (17, 3). Jesus é o único medianeiro entre Deus e os homens, porque a lei foi dada por Moisés, a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo (1, 17) e ninguém vai ao Pai senão por Jesus (14, 6). A salvação é operada pela Cruz, pois exaltado na Cruz, Jesus atrai todos os homens (12, 32). Jesus é a luz do mundo (1, 5), o caminho, a verdade e a vida (14, 6); dêle procedem tôdas as graças (1, 16). A obra salvadora de Jesus, que Êle aceitou por amor do Pai (14, 31), pela glória de Deus (13, 31), por amor aos homens (13, 34; 15, 9. 13) e completada pelo Consolador, o Espírito da verdade, mandado por Jesus (14, 16) e pelo Pai em nome de Jesus (14, 26). Êste Espírito Santo é a terceira Pessoa divina que procede do Pai (14, 26) e do Filho, pois é enviado por Êle (15, 26) e recebe dêle (16, 14). A salvação do homem, operada por Jesus, é dom gratuito de Deus, que amou o mundo de tal modo que deu o seu

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

Filho Unigênito para que todo aquêlê que crê nêlê, não pereça, mas tenha a vida eterna (3, 16). A iniciativa, pois, da redenção está com o Pai, que mandou seu Filho, que dá os homens a Jesus (17, 6) e concede a graça de ir a Jesus (6, 65). A doutrina de Jesus é a doutrina do Pai (7, 16), as suas palavras são do Pai (17, 8). A comida de Jesus é fazer a vontade daquele que O enviou e realizar a sua obra (4, 34), a Paixão e a Morte de Jesus é mandada pelo Pai (14, 31).

Para que o homem se livre do pecado e da morte, e se torne filho de Deus (1, 12), que é um dom sobrenatural, porque não é do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus (1, 13), requer-se da parte do homem, como condição necessária, a fé em Jesus, pois quem não crê no nome do Unigênito Filho de Deus, já está condenado (3, 18). A fé, que é livre, exige da parte do homem boas disposições morais. Se as suas obras são más, êle não vem à luz (3, 19), porque todo aquêlê que faz o mal, aborrece a luz (3, 20). Fé não é sòmente confiança, mas é antes de tudo um ato da inteligência que aceita o que Deus revelou, como p. ex. que Jesus saíu do Pai (16, 27). Isto requer humildade, pois se não o homem dirá: “é dura esta linguagem; quem a pode ouvir?” (6, 61). A fé deve ser acompanhada pelo amor de Jesus (14, 15), amor de Deus (14, 21), amor aos homens (15, 17). Amar, porém, é ter e guardar os mandamentos (14, 21). Com esta fé passa-se da morte para a vida (5, 24), recebe-se o Espírito Santo (7, 39), inicia-se já nesta vida a vida eterna (3, 36).

A fé é um obséquio razoável. Testemunhos da fé são São João Batista (1, 7), os Apóstolos (15, 27), a perfeita união dos fiéis a exemplo da união em Deus (17, 23), a Es-

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

critura (5, 39), as obras de Jesus (5, 36), o Espírito Santo (15, 26).

A passagem das trevas para a luz, da morte para a vida, da ira de Deus para o amor, faz-se por meio duma regeneração, isto é, pelo batismo com água e com o Espírito Santo (3, 5). Outro canal de graça, de vida, explicitamente nomeado é a Eucaristia, que também é necessária para têmos a vida (6, 53). É mencionada ainda a Penitência (20, 23) e, ao menos implicitamente, a Crisma, pois Jesus promete freqüentemente o Espírito Santo. Muitos Padres viram nas bodas de Caná a instituição do sacramento do matrimônio.

Pela fé e pelo amor, o homem torna-se a morada da Santíssima Trindade (14, 23) e une-se intimamente a Jesus. Jesus está nos fiéis e os fiéis estão em Jesus (14, 20). Os fiéis são membros de Jesus, do qual recebem o influxo vital, como o sarmento da videira. (15, 1-7). Jesus é a videira, os fiéis os sarmentos; quem está em Jesus e Jesus nêle, dá muito fruto. Se alguém não estiver em Jesus, será lançado fora, como o sarmento, e secará; e os recolhem e lançam no fogo e ardem (15, 5. 6).

Estando assim os fiéis unidos entre si e com Jesus e por Jesus a Deus, compreende-se, que tudo o que pedirem ao Pai em nome de Jesus, Ele o conceda (15, 7. 16).

BIBLIOGRAFIA

Lagrange, Évangile selon Saint Jean, 7 ed., 1948, Paris.

Durand, Évangile selon Saint Jean, Verbum Salutis IV, 4 ed., 1927, Paris.

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

Tillmann, Das Johannesevangelium, Die Heilige Schrift des neuen Testamentes III, 4 ed., 1931, Bonn.

Lusseau, Collomb, Les Évangiles, Manuel d'études bibliques IV, 2 ed. 1938, Paris.

Robert, Tricot, Initiation Biblique, 2 ed., 1948, Desclée et Cie.

Vosté, Studia Joannica, 2 ed., 1930, Romae.

**INTRODUÇÃO AOS ATOS DOS
APÓSTOLOS**

INTRODUÇÃO AOS ATOS DOS APÓSTOLOS

- I — O CONTEÚDO DO LIVRO
- II — O AUTOR
- III — VALOR HISTÓRICO
- IV — FONTE DOUTRINÁRIA

INTRODUÇÃO AOS ATOS DOS APÓSTOLOS

“Depois de lhes haver assim falado, o Senhor Jesus foi elevado ao céu e tomou lugar à direita de Deus. E eles partiram e pregaram por toda a parte, sendo que o Senhor cooperava com eles e confirmava sua pregação com os prodígios, que a acompanhavam”. Com essa lacônica informação, termina o Evangelho de São Marcos, ao passo que os outros evangelistas nem isso dizem acerca do que fizeram os Apóstolos, depois da Ascensão do Senhor. Mas o Espírito Santo inspirou a um dos quatro evangelistas, para que em outra obra desenvolvesse amplamente, o que São Marcos resumiu naquelas duas afirmações: os Apóstolos começaram a pregar e Deus confirmava sua pregação com milagres. É o livro dos “Atos dos Apóstolos”, cujo título já indica seu objetivo: perpetuar a memória do que fizeram os Apóstolos. Não fôsse essa jóia da literatura canônica, pouquíssimo saberíamos a respeito da origem e da vida interna da primeira comunidade cristã, fundada em Jerusalém; a respeito das primeiras conversões entre os judeus, dos primeiros obstáculos e perseguições que entravaram a expansão do Evangelho; da conversão de São Paulo e de suas aventurosas viagens apostólicas, das quais resultou a fundação de núcleos cristãos nas zonas mais importantes do Império Romano nos primeiros três decênios depois de Cristo.

ATOS DOS APÓSTOLOS

I. O CONTEÚDO DO LIVRO

No livro dos “Átos” podemos distinguir duas partes: A primeira focaliza, principalmente, a atividade de São Pedro e por isso tem sido denominada “Acta Petri”. A segunda parte restringe-se ao apostolado e à “via crucis” de São Paulo, primeiro como missionário e depois como prisioneiro, donde denominação dessa parte de “Acta Pauli”.

Sumário

Introdução — No prólogo, o autor faz referência a outra obra anterior, em que registrou os ensinamentos e a atividade de Jesus durante sua permanência na terra (1, 1. 2). Depois de algumas derradeiras recomendações a seus discípulos, Jesus sobe ao céu. (1, 3-11).

Primeira parte: A atividade de Pedro.

Em Jerusalém — Depois da Ascensão do Senhor, os Apóstolos permanecem reunidos numa casa em Jerusalém. Para substituir a Judas, o traidor, na assembléia apostólica, sob a presidência de Pedro, é eleito Matias. (1, 12-26).

No dia de Pentecostes, o Espírito Santo desce sobre os Apóstolos em forma de línguas de fogo. Ao mesmo tempo, ouve-se, em torno daquela casa, um ruído estranho, semelhante ao de um vendaval. O fenômeno é percebido por todos os que se encontram em Jerusalém, entre os quais numerosos forasteiros. Grande multidão aglomera-se diante do “cenáculo”, verificando-se, então, outro prodígio: Os Apóstolos falam os mais variados idiomas. Pedro pronuncia

ATOS DOS APÓSTOLOS

seu primeiro sermão: Censura o povo de Jerusalém por ter assassinado o Cristo, atesta a ressurreição de Jesus e exorta os ouvintes à conversão. Três mil pessoas recebem o batismo. Surge assim a primeira comunidade cristã, modelar por seu espírito de piedade e caridade fraterna. (2, 1-47).

À porta do Templo, Pedro cura um paralítico. Diante do povo estupefacto, pronuncia outra oração, conseguindo novas adesões. O número de cristãos eleva-se a cinco mil (3, 1-25; cf. 4, 4).

Começam as perseguições. Alarmadas com a expansão do Evangelho, as autoridades religiosas mandam prender a Pedro e João. Diante do sinédrio, Pedro reafirma sua convicção de que só em Cristo há salvação e sua decisão de continuar a pregar. Temendo a reação do povo, o sinédrio deixa-os em liberdade e a comunidade cristã entoia uma solene oração em agradecimento ao Senhor. (4, 1-31).

A caridade mútua entre os cristãos chega ao ponto de venderem, espontaneamente, seus bens, distribuindo o produto da venda entre os indigentes. O casal Ananias e Safira também vende sua propriedade. Segura para si metade do dinheiro e entrega a outra a Pedro, afirmando, dolosamente, que nada conservara para si. Por sua mentira, ambos são punidos com morte instantânea. (5, 1-11).

Pela segunda vez, o Sumo Sacerdote manda prender os Apóstolos. Mas de noite, um anjo abre-lhes a prisão e na manhã seguinte, ei-los a pregar novamente no Templo. Conduzidos perante o sinédrio, o grande rabino Gamaliel recomenda tolerância para com os Apóstolos. Estes são açoitados e postos em liberdade. (5, 12-42).

Para auxiliar na distribuição de ajuda aos indigentes, são escolhidos sete diáconos (6, 1-7).

Um dos diáconos é Estêvão, agraciado com o dom dos milagres e extraordinária eloquência. Acusado de blasfêmia, é arrastado ao tribunal. Estêvão defende-se com longo discurso, em que resume tôda a história de Israel, e termina acusando seus contraditores de estarem “resistindo ao Espírito Santo”. Os adversários enfurecem-se, arrastam o mártir para fora da cidade e apedrejam-no, estando presente também Saulo (6, 8-7, 60).

Começa a perseguição geral aos cristãos depois da morte de Estêvão. Um dos perseguidores mais ativos é Saulo. (8, 1-3).

O Evangelho em Samaria. — Muitos cristãos fogem de Jerusalém e espalham a semente do Evangelho por tôda a parte. O diácono Félipo prega em Samaria, aonde, depois, se dirigem também Pedro e João. Dá-se, então, o episódio de Simão, o Mago, que por dinheiro quis comprar o dom de fazer milagres e é enèrgicamente repreendido por São Pedro. (8, 4-25).

Viajando em direção ao sul, Felipe encontra um alto funcionário da Rainha da Etiópia, ao qual instrui pelo caminho e batiza-o (8, 26-40).

Conversão de Saulo. — Saulo dirige-se a Damasco para prender todos os cristãos que encontrar. Mas pelo caminho aparece-lhe Jesus no meio de luz fulgurante, que o deslumbra a ponto de cegá-lo. Por ordem de Jesus, Saulo entra na cidade de Damasco, é instruído por Ananias e recebe o batismo. Por algum tempo fica naquela cidade, estreando-se na pregação. Perseguido, vai a Jerusalém, prega por algum tempo e retira-se para Tarso, sua terra natal. (9, 1-30).

Milagres de S. Pedro. — Serenada a perseguição, Pedro dirige-se a Lida e ali cura um paralítico de nome Enéias.

ATOS DOS APÓSTOLOS

Entretanto, em Jope morre Talita, senhora piedosa e caritativa. Uma comissão vai a Lida chamar a Pedro. Este vai e ressuscita a defunta. (9, 31-43).

Conversão de Cornélio. — Cornélio é centurião na côrte romana, estacionada em Cesaréia. Um anjo apparece-lhe e recomenda-lhe que mande chamar a Pedro, que se acha em Jope. Cornélio envia para lá três subalternos. Entretanto, Pedro, em visão simbólica, é advertido de que não deve “chamar de impuro o que Deus declarou puro”. Chegam os emissários de Cornélio e Pedro acompanha-os a Cesaréia, instrui a Cornélio com seus familiares e manda conferir-lhes o batismo. (10, 1-48). Em Jerusalém, Pedro é censurado por ter frequentado a casa dum pagão. Pedro descreve a visão que teve e os acontecimentos subseqüentes, demonstrando, que é vontade de Deus, que também os gentios se convertam ao Evangelho. (11, 1-18).

O Evangelho em Antioquia. — Também em Antioquia (então capital da Síria) há muitas conversões. A comunidade de Jerusalém envia para lá a Barnabé, que por sua vez chama em auxílio a Saulo de Tarso. Organiza-se lá uma grande coleta de víveres, que são enviados, pelas mãos de Saulo e Barnabé, aos irmãos famintos da Judéia. (11, 19-30).

Herodes Agripa I. — O rei Herodes Agripa I manda executar o Apóstolo Tiago e prender a Pedro. Mas durante a noite, um anjo aparece, desata os grilhões, abre as portas da prisão e conduz a Pedro para fora. (12, 1-19).

Agripa, em Cesaréia, em plena audiência pública, em castigo de sua soberba, é acometido por mal súbito e morre devorado por vermes (12, 20-23).

ATOS DOS APÓSTOLOS

Paulo e Barnabé, cumprida a sua missão em Jerusalém (cf. 11, 29. 30), retornam a Antioquia, juntamente com João Marcos (12, 24.25).

Segunda parte: O apostolado de Paulo.

1.^a viagem. (Anos 45-49). — Por sugestão de profetas inspirados por Deus, a comunidade de Antioquia destaca Saulo e Barnabé para pregarem o Evangelho aos gentios. (13, 1-3).

Saulo e Barnabé embarcam na Selêucia e aportam no Chipre. O procônsul Sérgio Paulo inclina-se para o cristianismo; o feiticeiro Elimas procura dissuadi-lo; mas é ferido de cegueira e o procônsul converte-se (13, 4-12).

(Daqui por diante, o autor dos “Atos” chama a Saulo de “Paulo”).

Reembarcam e chegam a Perge da Panfília (aqui João Marcos desiste e volta a Jerusalém). Aos sábados, Paulo prega nas sinagogas e muitos aderem ao Evangelho. Mas os judeus, despeitados, conseguem a expulsão dos Apóstolos. (13, 13-52).

Perseguidos também em Icônio, refugiam-se em Listra, da Licaônia. À entrada da cidade, Paulo cura um paralítico. Vendo o milagre, a população julga que os dois apóstolos são Júpiter e Mercúrio e dispõe-se a oferecer-lhes um sacrifício, o que a custo conseguem impedir. Também aqui são perseguidos. Apedrejado, Paulo é arrastado para fora da cidade, aparentemente morto. Mas volta a si e entra novamente na cidade. (14, 1-20).

O ponto mais avançado de sua primeira excursão é a cidade de Derbe. De lá vão regressando pelo mesmo ca-

ATOS DOS APÓSTOLOS

minho, visitando as comunidades fundadas na ida. Embarcam no pôrto de Atália e voltam a Antioquia. (14, 21-28).

O Concílio de Jerusalém. (Ano 49). — Os cristãos de origem judaica insistem na necessidade de seus irmãos, convertidos do paganismo, observarem também as leis de Moisés. Discordam Paulo e Barnabé. Depois de acaloradas discussões, os dois vão a Jerusalém para propor o assunto à assembléia dos Apóstolos e anciãos daquela comunidade. Discute-se longamente, até que Pedro se manifesta abertamente favorável à dispensa. Fica resolvido, que os convertidos do paganismo não precisarão observar a lei mosaica, a não ser algumas práticas, cuja não-observância criaria dificuldades especiais. Paulo e Barnabé são enviados a Antioquia, levando uma mensagem escrita, com as resoluções da assembléia. (15, 1-35).

2.^a viagem. (Anos 49-52). — Decorrido algum tempo, Paulo, acompanhado por Silas (desentendeu-se com Barnabé por causa de João Marcos), parte para rever as comunidades da Ásia Menor. Indo por terra, atravessam a Síria, a Cilícia e chegam a Derbe e Listra, onde encontram a Timóteo (que será um dos discípulos mais dedicados de Paulo). Atravessam a Frígia e a Galácia e guiados pelo “espírito de Jesus”, chegam ao pôrto de Tróade. A pedido dum macedônio que lhe aparece em sonho, Paulo resolve embarcar para a Macedônia. (15, 35-16, 10).

A primeira cidade importante, em que se demoram, é Filipos. Curam uma menina possessa do “espírito de adivinhação”. Os patrões da miraculada ficam desapontados, porque as “predições” da criada lhes rendiam muito dinheiro. Instigam o povo contra os Apóstolos, que são detidos, flagelados e encerrados em masmorra. Mas durante

a noite, um terremoto sacode a prisão e os Apóstolos são libertados miraculosamente. O guarda do cárcere recebe o batismo. No outro dia, as autoridades, ouvindo que Paulo é cidadão romano, deixam os Apóstolos em liberdade. (16, 11-40).

Em Tessalônica, como depois em Beréia, as conversões são numerosas. Mas os judeus instigam o povo contra os Apóstolos e êstes partem para Atenas. (17, 1-15).

Em Atenas, Paulo fala no Areópago, dizendo-se propagandista do “Deus desconhecido”, que êles cultuam sem conhecê-lo. Sua palavra encontra ressonância muito fraca, principalmente quando se refere à ressurreição. (17, 16-34).

Em Corinto, Paulo encontra forte resistência. Mas permanece lá um ano e meio e muitos se convertem. Os adversários arrastam-no perante o tribunal do procônsul Galião, mas êste recusa-se a imiscuir-se em assuntos religiosos. (18, 1-17).

De Corinto, Paulo retorna ao continente asiático. Escalando em Éfeso, navega para Cesaréia. De lá vai visitar Jerusalém e depois Antioquia. (18, 18-22).

3.^a *viagem*. (53-57). — Enquanto Paulo visita as comunidades da Galácia e Frígia, um certo Apolo, que nem batizado está, prega com eloquência o nome de Jesus, primeiro em Éfeso, depois em Corinto. (19, 23-28).

Chegando em Éfeso, Paulo já encontra o terreno preparado (talvez por Apolo). Durante três meses prega na sinagoga, mas com pouco resultado. Dedicase então aos discípulos, com os quais se reúne numa escola particular, durante dois anos. Registra-se, especialmente, a conversão

de muitos dos que se dedicavam à magia. Entretanto, a expansão da doutrina cristã prejudica, economicamente, os fabricantes de templos da deusa Diana, padroeira da cidade. Estes provocam intensa agitação entre a massa e só a habilidade dum alto funcionário consegue acalmar o populacho, reunido no teatro, para defender a honra de Diana. (19, 1-40).

De Éfeso, Paulo navega para a Macedônia; de lá vai para a Grécia, retorna à Macedônia e embarca para Tróade. Aqui, numa reunião noturna, um jovem, ferrado no sono durante a conferência, cai pela janela do andar superior e morre. Paulo ressuscita-o. (20, 1-12).

Prosseguindo viagem, chega a Mileto. Para lá convoca os próceres da igreja de Éfeso e em tocante alocução de despedida, prediz as tribulações que o aguardam em Jerusalém. (20, 13-38).

De Mileto, navegam diretamente para Tiro e de lá para Cesaréia. Aqui um profeta, Ágabo, prediz a prisão de Paulo. Sem deixar-se dissuadir pelos irmãos, Paulo parte para Jerusalém. (21, 1-16).

Terceira parte: O cativeiro de Paulo

Em Jerusalém. (Ano 57). — Paulo entra no Templo em companhia de quatro homens, que estão cumprindo um voto. Judeus fanáticos, julgando haver êle introduzido um pagão no recinto sagrado, agarram-no e arrastam-no para fora. Origina-se grande tumulto. Intervém o comandante da guarnição militar para proteger a vida do Apóstolo. Da escadaria da fortaleza, Paulo dirige-se à multidão, historicando sua conversão. Os judeus reclamam a morte do orador. O tribuno manda flagelá-lo, mas depois retira a ordem, pois Paulo se declara cidadão romano. (22, 1-29).

. ATOS DOS APÓSTOLOS

No dia seguinte, o tribuno reúne o sinédrio e na presença dêste apresenta Paulo sua defesa. Habilmente, alega que o motivo de ódio contra êle é o fato de êle crer na ressurreição. Os da seita farisaica, que admitem, também, a ressurreição, começam então a defender a Paulo contra os saduceus, que negam essa verdade. Sem haver chegado a uma conclusão, o tribuno suspende a audiência. (22, 30-23, 11).

Um grupo de fanáticos compromete-se por juramento a assassinar o Apóstolo por ensejo de novo comparecimento perante o tribuno. Cientificado da conspiração por intermédio dum sobrinho de Paulo, o tribuno transfere o prisioneiro a Cesaréia, relatando por carta ao procurador romano Félix, que lá reside, o que se tem passado com Paulo (23, 12-35).

Em Cesaréia. (Anos 57-59). — Cinco dias depois, membros do sinédrio de Jerusalém apresentam-se perante o procurador e acusam a Paulo de perturbador da paz entre os judeus. Paulo defende-se, narrando objetivamente os fatos. Félix adia a solução e dois anos fica Paulo prêso em Cesaréia, gozando de relativa liberdade. (24, 1-27).

Quando Pórcio Festo sucede a Félix, os adversários pedem novamente a condenação de Paulo. Paulo defende-se e Pórcio Festo pergunta-lhe, se concorda em ser julgado em Jerusalém. Paulo protesta: “Apelo para César!” O procurador responde: “Apelaste para César, a César irás!” (25, 1-12).

Enquanto Festo aguarda uma oportunidade para remeter Paulo a Roma, chega a Cesaréia o rei Agripa II com sua irmã Berenice. Festo conta-lhe o caso de Paulo e êles desejam conhecê-lo. Na presença de Festo, Agripa e Berenice, o Apóstolo narra mais uma vez a história de sua conversão. Os

ATOS DOS APÓSTOLOS .

ouvintes convencem-se de que Paulo é inocente. (23, 13-26, 32).

De Cesaréia a Roma. — Paulo é embarcado em Cesaréia junto com outros presos. Num pôrto da ilha de Creta, Paulo dá o conselho de não continuar a viagem até depois do inverno. Seu conselho é desprezado. Levanta-se furioso vendaval e durante 14 dias o navio é juguete das ondas, até encalhar num banco de areia, junto à ilha de Malta. Todos alcançam a terra, são e salvos. (27, 1-44).

A população de Malta trata os náufragos com carinho. Enquanto Paulo recolhe lenha para uma fogueira, uma cobra venenosa enrosca-se-lhe na mão, mas não lhe faz mal — o que muito admira os indígenas. O governador da ilha os aprisiona durante três dias. Paulo cura-lhe um filho doente, bem como numerosos enfermos da região. (28, 1-10).

Em Roma. (Anos 60-62). — Depois duma permanência de 3 meses em Malta, continua a viagem rumo à Itália. Desembarcam em Puzzuoli, onde Paulo é recebido por irmãos em Cristo. Sete dias depois prosseguem viagem por terra e chegam a Roma. Paulo fica prêso em casa particular, guardado apenas por um soldado. Avista-se com os judeus de Roma e explica-lhes a doutrina cristã. Alguns deixam-se convencer, outros resistem à graça. Dois anos dura o cativeiro de Paulo em Roma; êste prega, entretanto, o Evangelho sem empecilho algum. (28, 11-28).

II. O AUTOR.

Em 21 de junho de 1921, a Pontifícia Comissão Bíblica, consultada a respeito da origem dos “Atos dos Apóstolos”,

respondeu, em resumo, da seguinte forma: Considerando o testemunho unânime dos escritores da Igreja primitiva; considerando, também, diversas razões intrínsecas, especialmente a afinidade dos “Atos” com o 3.^o Evangelho e a conexão dos prólogos de ambos os livros — deve-se admitir, que o autor dos “Atos dos Apóstolos” é o Evangelista São Lucas. É esta, em resumo, a resposta daquele órgão doutrinário da Santa Sé Apostólica. Vejamos os fatos em que se baseia:

1) *A tradição*: O Cânon Muratoriano, relação oficial dos livros sagrados em uso na Igreja de Roma e cuja origem remonta à segunda metade do século II, depois de referir-se aos quatro Evangelhos, continua: “Os atos dos apóstolos foram registrados em um livro só; Lucas comunica a Teófilo o que aconteceu em sua presença etc...” E prossegue o documento, explicando porque São Lucas não referiu a morte de São Pedro e a viagem de São Paulo à Espanha, fatos que êle não presenciara e acêrca dos quais não se pôde informar devidamente.

De especial importância, nesta e em outras questões atinentes à tradição primitiva, é o testemunho de *S. Ireneu*. Foi êle discípulo de Policarpo, que, por sua vez, convivera com S. João Evangelista; desta forma, Ireneu está em contacto quase immediato com a tradição apostólica. Além disso, era natural da Ásia, bispo de Lião, na Gália e em constante comunicação com a Igreja de Roma. Assim, Ireneu pode ser considerado, até certo ponto, como representante simultâneo das diversas correntes de tradição, próprias das mais antigas comunidades cristãs, tanto do Oriente como do Ocidente. Ora, comentando trechos dos “Atos dos Apóstolos”, a cada passo tem afirmações como esta: “Tudo isso Lucas, como testemunha pessoal, escreveu cuidadosamente...;” “Simão, o Samaritano, o Grande, a respeito do qual Lucas,

o discípulo e companheiro dos Apóstolos, escreve..." Para Ireneu é, pois, questão pacífica, que São Lucas é o Autor dos "Atos".

O mesmo atestam, sem indício de dúvida nem hesitação, autores como: Tertuliano, africano, escritor brilhante do II século; Orígenes, um dos gênios mais vastos e fulgurantes do cristianismo dos dois primeiros séculos; Eusébio de Cesaréia, historiador de vasta cultura e pai da história eclesiástica, falecido pelo ano de 337.

2) *Critérios internos.* Os racionalistas pouco valor atribuem à tradição, sobretudo quando esta contraria seus preconceitos. Aceitar o testemunho da tradição equivale a prestar fé às informações, que nos transmitiram os antigos. Sabemos que entre êstes se contam inteligências brilhantes, até geniais. Mas muitos críticos modernos tratam-nos como se não passassem de pessoas ingenuamente crédulas, incapazes de averiguar a exatidão histórica duma informação. Por isso, em questões de autenticidade, preferem guiar-se quase exclusivamente por "critérios internos", que obedecem mais facilmente ao comando de seus preconceitos. Partindo de indícios mais ou menos vagos, sujeitos a interpretações arbitrárias, constroem teorias e mais teorias, cada uma das quais se encarrega de desacreditar e aniquilar as que imediatamente lhe precederam. Assim, na presente questão, os racionalistas procuram provar, por elementos colhidos do próprio conteúdo do livro, que Lucas não poderia ter escrito assim como os "Atos" se apresentam. Entretanto, como afirma a Comissão Bíblica, mesmo abstraindo da tradição e guiando-nos, também, só por razões intrínsecas ao próprio livro, chegamos à mesma conclusão: Os livros dos "Atos" têm por autor o evangelista São Lucas, médico de profissão e companheiro de São Paulo.

ATOS DOS APÓSTOLOS

a) Os “Atos dos Apóstolos” apresentam manifesta afinidade com o 3.^o Evangelho. Ambos os livros são precedidos por um prólogo, com uma dedicatória endereçada a uma mesma personagem (real ou imaginária), de nome Teófilo. No prólogo dos “Atos”, o autor faz referência explícita a outra obra sua, que pelo conteúdo é evidentemente um dos Evangelhos. Ora, qual seria êsse Evangelho senão o de São Lucas?

Também o vocabulário e as características do estilo confirmam a identidade do autor dos “Atos” com o compositor do 3.^o Evangelho. Ambos os livros revelam um conhecedor aprimorado da língua grega e os filólogos destacaram dezenas de termos e locuções, que não se encontram em parte alguma da literatura canônica do Novo Testamento, a não ser — e com certa freqüência — nessas duas obras que a tradição atribui a São Lucas.

b) De São Paulo sabemos, que São Lucas era médico (Col 4, 14). Ora, assim como no 3.^o Evangelho, também nos “Atos” tem chamado a atenção dos estudiosos um certo rigor científico, com que o autor descreve as enfermidades físicas, seus sintomas e seus efeitos. O próprio Harnack, protestante liberal e nada escrupuloso em desacreditar a tradição, depois de estudar os “Atos” sob êsse aspecto, decidiu-se; definitivamente, em favor da tese tradicional. Em longa monografia, intitulada “Lukas der Arzt” (“Lucas, o médico”), chegou à seguinte conclusão: “Parece-me impossível duvidar, de que o 3.^o Evangelho e os “Atos dos Apóstolos” tenham sido compostos por um médico”.

c) O autor dos “Atos” é, indiscutivelmente, um companheiro de São Paulo. Em muitos trechos, o autor emprega os verbos na primeira pessoa, indicando sua presença

ATOS DOS APÓSTOLOS

pessoal aos acontecimentos. Assim em 16, 10-17; 20, 5 a 21, 18; 27, 1 a 28, 16 (“Wirstuecke”). Também a rigorosa exatidão em assuntos geográficos, bem como a abundância e a precisão de certos detalhes na narração nos dão a conhecer uma testemunha ocular.

Conhecemos os nomes de muitos dos companheiros de São Paulo. Mas dentre êles, só em São Lucas verifica-se, integralmente, tudo que os “Atos dos Apóstolos” nos revelam a respeito de seu autor: Aprimorada formação literária, profissão de médico e qualidades de historiador consciencioso.

E não devemos desprezar mais um detalhe: Sòmente pelo próprio São Paulo sabemos que Lucas era um de seus colaboradores. Nos “Atos” seu nome nunca ocorre, ao passo que são nomeados os demais companheiros do Apóstolo. Essa minúcia adquire alguma importância quando se considera que era costume dos antigos historiadores, evitar a citação de seus próprios nomes.

Os racionalistas não aceitam essas razões e continuam tateando na escuridão, à procura do autor dos “Atos”. E por que, afinal, repelem a tese tradicional abonada por tão sólidas razões internas? Não é possível resumir em poucas páginas o que em um século já se escreveu para demonstrar que São Lucas não é nem pode ser o autor dos “Atos”. Citemos apenas o exemplo dum autor contemporâneo, Maurice Goguel, professor de teologia protestante em Paris. Em “La Naissance du Cristianisme” (pp. 105, 367 etc.), êsse autor supõe que os “Atos dos Apóstolos” foram escritos pelos anos de 80 a 90, por um redator qualquer, que dispunha apenas de alguns poucos documentos escritos e quanto ao resto se servia de algumas tradições mais ou menos lendárias. E por que? Porque a Igreja cristã, desenhada nos “Atos”, não

corresponde à Igreja como a forjou a imaginação de M. Goguel. Sua argumentação concentra-se no fato de nos “Atos dos Apóstolos” não se encontrarem vestígios bastante nítidos duma suposta oposição entre as duas “correntes”, em que teria estado dividida a Igreja primitiva: uma composta de cristãos judeus e liderada por São Pedro; outra integrada pelos convertidos do paganismo e liderada por São Paulo. Nos “Atos”, essas duas correntes parecem viver em perfeita harmonia. E daí tiram êsses autores a conclusão, de que os “Atos” foram escritos posteriormente, quando os dois partidos estavam realmente harmonizados. Mas êsses senhores dariam, certamente, prova mais inequívoca de sinceridade e amor à verdade histórica, se raciocinassem assim: O livro dos “Atos dos Apóstolos” não atesta a existência de atritos e divergências entre dois partidos no seio da Igreja primitiva; portanto na Igreja primitiva não existiram divergências ou desequilíbrios, que merecessem registro da parte dum historiador.

De mais a mais: No ano de 70 foi arrasada a cidade de Jerusalém e Israel deixou de existir como nação. Se o livro dos “Atos” tivesse sido redigido depois dessa data, certamente haveria nêle ao menos reflexos dessa catástrofe, consequência da contumaz resistência dos judeus ao Evangelho, que o autor dos “Atos” tantas vêzes tem que registrar. Quem lê os “Atos” com isenção de ânimo, colhe a nítida impressão, de que essa obra foi escrita numa época em que Jerusalém ainda existia, o culto litúrgico no Templo ainda estava em prática, o sínédrio ainda funcionava. Nem tampouco há reflexos duma oposição aberta entre o Império Romano e o cristianismo; entretanto, já em 64, Nero dizimava as fileiras da Igreja de Roma.

Com razão admite-se, geralmente, que São Lucas acabou de compor os “Atos” logo que terminou o segundo ano do

ATOS DOS APÓSTOLOS

cativeiro de Paulo em Roma, pelo ano 62. Só assim se explica naturalmente a maneira abrupta com que finaliza a narração. É que, naquele momento, nada mais tinha a referir.

III. VALOR HISTÓRICO

Na mesma oportunidade, em que a Pontifícia Comissão Bíblica se pronunciou a respeito da autenticidade dos “Atos dos Apóstolos”, ela respondeu a outra consulta, que se refere ao valor histórico do mesmo livro. A resposta, em resumo, é esta: O livro dos “Atos” preenche, rigorosamente, os requisitos duma obra estritamente histórica, porque Lucas tinha a seu alcance ótimas fontes de informação e tudo indica que êle as explorou hábil e conscienciosamente.

1) *As fontes* — O livro dos “Atos” foi inspirado por Deus. Mas a inspiração não consistê, em si, numa miraculosa infusão de conhecimentos novos. Por isso, o historiador inspirado não está dispensado de procurar, recolher, examinar e seleccionar o material informativo. Esse trabalho, êle deve realizá-lo como qualquer outro historiógrafo. Assim, sem pormos em dúvida ou subestimarmos o valor da inspiração, sob cujo influxo o autor sagrado trabalha e que faz de Deus o autor principal da obra, tem pleno cabimento indagar, quais as fontes de que São Lucas dispunha.

a) *Sua própria experiência.* Integrando a comitiva de S. Paulo, Lucas foi testemunha ocular não sòmente daqueles episódios que êle relata, falando na primeira pessoa; mas certamente de muitos outros, que com aquêles estão indissolúvelmente conexos. Lucas nasceu, provàvelmente, em

Antioquia, que foi um dos cenários principais dos fatos referidos nos “Atos”. Foi em Antioquia, que Saulo, chamado por Barnabé, (11, 25), começou a notabilizar-se como arauto do Evangelho. Foi nessa cidade, que Saulo e Barnabé receberam a histórica incumbência de levar a boa nova à vastidão do Império Romano. Foi lá, ainda, que surgiu a delicada controvérsia em torno da obrigação dos cristãos convertidos do paganismo em relação à lei mosaica.

b) Em sua cidade natal, Lucas também teve, desde o início, ótima oportunidade para recolher informações seguras a respeito do que acontecia em Jerusalém. Em Antioquia refugiavam-se muitos cristãos perseguidos na Metrópole do judaísmo (11, 19 ss.). Além disso, S. Lucas conviveu intimamente com diversos membros da igreja hierosolimitana, como Barnabé, Silas e João Marcos. Papel importante na história dos “Atos” representa o diácono Felipe. (8, 4-40). Ora, como lemos em 21, 8, depois da terceira viagem, S. Paulo, S. Lucas e talvez outros companheiros hospedaram-se na casa de Filipe, em Cesaréia. Por que São Lucas não teria aproveitado essas oportunidades para recolher dados e tomar apontamentos?

c) É perfeitamente admissível, que Lucas tenha, também, aproveitado fontes escritas, principalmente na composição dos primeiros capítulos, onde os reflexos da língua aramaica no estilo são mais acentuados. Alguns críticos tentaram, até, isolar as fontes e classificá-las conforme o lugar de sua origem; mas os resultados não foram muito alentadores. Lucas não procedia como, geralmente, os historiadores semíticos, que justapunham simplesmente os documentos, em seu teor original. Como os bons autores clássicos, êle elaborava cuidadosamente seu material, conjuntava hábilmente suas fontes e encobria as suturas com verdadeira elegância.

ATOS DOS APÓSTOLOS

2) *O aproveitamento das fontes.* — No prólogo ao 3.^o Evangelho, Lucas manifesta sua preocupação em ser exato nos seus relatos. Não lhe faltaram ótimas fontes de informação na composição dos “Atos”; não lhe faltaram nem vontade nem competência para explorá-las devidamente; assim, nada nos autoriza a duvidar do valor histórico dessa obra, enquanto seu autor não for contraditado por outros testemunhos mais dignos de fé. Trata-se de confrontar a obra de São Lucas com outros monumentos da história antiga.

Já a Comissão Bíblica, no documento acima mencionado, referiu-se à “evidente e admirável concordância dos Atos dos Apóstolos com as Epístolas paulinas e com os monumentos mais verídicos da história profana”.

a) *As Cartas de São Paulo* estão repletas de referências esparsas a respeito da pessoa, da vida, das viagens, da atividade, dos sofrimentos e dos companheiros do Apóstolo; e nenhum desses detalhes entra em conflito com a história dos “Atos”. Entretanto, é ponto pacífico entre os melhores autores, católicos e não-católicos, que Lucas não se utilizou das Epístolas de seu Mestre na composição de seu livro; circunstância significativa que confirma decididamente o valor histórico dos “Atos”.

b) A história profana não só não contradiz a narração dos “Atos”, mas até em certos detalhes mínimos ela a vem confirmar. Apenas alguns poucos exemplos:

Da cidade de Filipos, o autor dos “Atos” diz o seguinte (16, 12 ss.): É colônia romana, o povo tem receio todo especial de adotar os “costumes” pregados por São Paulo, é governada por “strategoi” (pretóres?) que tem lictores às suas ordens, procedem contra os Apóstolos com surpreendente arbitrariedade, mas ficam apavorados quando ouvem que

ATOS DOS APÓSTOLOS

Paulo é cidadão romano. Ora, a história profana, registrada por historiógrafos antigos e gravada em inscrições e moedas escavadas de um século para cá, confirmam minúcia por minúcia. Desde 42 a. C., Filipos fôra agraciada com o título de “Colônia” e mais tarde Augusto ampliou seus privilégios. Como colônia, essa cidade era como que um pedaço de Roma, seus habitantes não podiam adotar outra religião. Os magistrados tinham o título de “strategoi”, eram autônomos em assuntos internos como um cônsul na cidade de Roma, porém tinham que respeitar a lei, que proibia como crime de lesa-povo flagelar um cidadão romano, antes de cassar-lhe legalmente êsse título.

Segundo At 17, 6 s., em Tessalônica, Jasão foi arrastado pelos inimigos de Paulo perante os “politarcas”. Tal título não é conhecido na administração do Império, a não ser precisamente na Macedônia; a descoberta de diversas inscrições naquela região revelou que “politarca” designava os magistrados não romanos, cujo número, em Tessalônica, variava de cinco a seis.

Em Atenas viu Paulo um altar dedicado “ao Deus desconhecido”. (17, 23). As escavações trouxeram à luz do dia altares consagrados “aos deuses desconhecidos” (no plural), outros “aos deuses anônimos”, e ainda um “ao deus a quem compete” (isto é, afastar uma epidemia). Sendo pois comprovado, que em Atenas era comum adorar deuses sem lhes conhecer o nome, é perfeitamente possível, que algum dia seja desenterrado também um altar, com uma inscrição tal qual a viu o Apóstolo das Gentes.

O que aos olhos dos racionalistas diminui a autoridade histórica dos Atos dos Apóstolos são os milagres aí referidos. Contam-se nesse livro cêrca de cem episódios miraculosos,

entre milagres pròpriamente ditos, profecias e visões de caráter sobrenatural.

Para um católico, isto não constitui dificuldade; sabe êle que nem a razão nem o mais genuíno amor à verdade histórica, mas apenas preconceitos de ordem filosófica podem impedir alguém de admitir a realidade dum milagre. E contra preconceitos dessa natureza é inútil argumentar.

IV. FONTE DOUTRINÁRIA

O livro dos “Atos dos Apóstolos” não constitui, sòmente, um repertório inestimável de informações históricas sôbre a origem do cristianismo, mas também o teólogo, a cada passo, tem que folhear êsse livro para pesquisar o fundamento escriturístico de uma série de verdades de nossa fé. Historiograficamente, os “Atos” são a continuação da narração dos Evangelhos; doutrinariamente, são um complemento explicativo dos ensinamentos do Divino Mestre. Se os Evangelhos nos transmitiram a doutrina de Jesus às vêzes de maneira fragmentária, incompleta, até desconexa, ocasionando interpretações menos exatas, os “Atos” nos mostram como os ouvintes imediatos de Cristo interpretaram suas palavras, transmitindo-as aos mais variados auditórios e traduzindo-as na prática. Relevemos, apenas, alguns pontos.

1) *A Igreja*. — Como no-la apresentam os “Atos”, a Igreja não é apenas uma espécie de confederação de comunidades, ligadas entre si só pelos laços espirituais da fé no Salvador Jesus. Basta lembrar a controvérsia, surgida na igreja antioquena. Ninguém pensou em declarar a independência daquela já vigorosa comunidade. Concordaram logo em levar o caso perante a assembléia apostólica em Jerusalém,

que decidiria, se os cristãos de origem pagã deviam ou não observar a lei de Moisés. E a assembléia resolveu autoritativamente (pois falava em nome do Espírito Santo), exigindo concessões de ambas as partes. A idéia de estrita unidade e centralização não é criação posterior, mas já estava na consciência das primeiras comunidades e acompanhava os primeiros passos da Igreja primitiva.

2) *O primado de Pedro.* — A assembléia dos Apóstolos dirige a Igreja nascente, exerce verdadeira autoridade sobre as comunidades, não só as que são fundadas por êles próprios, mas sobre tôdas que vão surgindo, dentro e fora do território palestinese. Mas entre os Apóstolos, Pedro mantém o lugar de primazia, de acôrdo com a promessa de Cristo. É Pedro que toma a iniciativa para a eleição do substituto de Judas (1, 15-26); é êle que levanta a voz no dia de Pentecostes; a sua prisão é considerada como de importância tôda particular (12, 3); sem consultar seus colegas no apostolado, dá o passo decisivo e batiza a Cornélio, abrindo definitivamente as portas da Igreja aos gentios (10, 1-11, 18); no Concílio de Jerusalém, a sua palavra é a última e a solução por êle proposta é acatada por todos.

Tem-se objetado aquela passagem, em que Pedro e João são “enviados” para a Samaria, onde o diácono Felipe havia fundado a primeira comunidade fora de Jerusalém (8, 14 ss.). Os dois Apóstolos aparecem, aí, como simples delegados do Colégio Apostólico. No entanto, um “enviado” não é necessariamente inferior ao que envia, ainda mais quando êste é uma coletividade. Com acêrto os autores católicos têm contrapostò casos semelhantes, como o referido por Flávio Josefo em que o Sumo Sacerdote Ismael e dez representantes da nobreza são enviados pelos judeus para tratarem com Nero.

O primado não proibia a Pedro usar de sua autoridade com parcimônia, consultar a colegas, colher sugestões e ouvir críticas bem intencionadas. (Cfr. 11, 2). É esse o quadro que dêle nos traçou o livro dos “Atos”.

3. *Cristo*. — Os primeiros cristãos manifestam uma fé vivíssima no Cristo realmente ressuscitado, vivo e onipresente. Tôda a sua vida, particular e coletiva, é influenciada por um sentimento intensíssimo da íntima e ativa presença do Salvador Jesus. Assim como o Cristo dos Evangelhos não faz declaração frontal de sua divindade, mas afirma-a de mil maneiras equivalentes, assim nos “Atos” não encontramos texto algum, em que Jesus é designado explicitamente como Deus. Mas são-lhe atribuídos títulos e funções, nos quais transparece nitidamente a fé dos primeiros cristãos na divindade de Cristo. Êle é Juiz dos vivos e dos mortos (10, 42), Senhor de todos (10, 36), o autor da graça (15, 11). Dirigindo-se aos presbíteros de Éfeso, Paulo os exorta a apascentarem a “Igreja de Deus, que Êle adquiriu com seu sangue”; o que equivale a uma profissão de fé tanto na divindade como na humanidade do Salvador.

4. *O Espírito Santo*. — Com razão, os “Atos dos Apóstolos” foram denominados o “Evangelho do Espírito Santo”. Onde se funda uma comunidade, aí se manifesta o Espírito Divino com sinais visíveis de sua graça. Mas êle não é apenas uma força ou uma virtude impessoal; é uma pessoa divina, cuja existência é objeto de fé (19, 2). Ananias e Safira mentem ao Espírito Santo (5, 3), e é a Êle que resistem os judeus. (7, 5).

5. *Os sacramentos* — O batismo é a única porta de entrada na Igreja de Deus. Saulo não é dispensado de recebê-lo, mesmo depois de sua solene vocação para o

apostolado pelo Cristo pessoalmente; nem Cornélio com seus familiares, depois que já se manifestou nêles a virtude do Espírito Santo, graças às suas boas disposições interiores (10, 44-48). O batismo é conferido com o emprêgo de água natural, como o vemos, por exemplo, no episódio do camareiro da Rainha da Etiópia, batizado durante a viagem. (8, 31).

A confirmação comunica o Espírito Santo, é conferida pela imposição das mãos e é distinta do batismo. É o que lemos em 8, 14-17. O diácono Filipe batizara os primeiros samaritanos, mas foi necessário irem lá os Apóstolos para lhes imporem as mãos e comunicar-lhes o Espírito Santo.

Quanto ao sacramento da ordem, os “Atos” referem a ordenação dos primeiros diáconos, pela imposição das mãos (6, 6). Os diáconos pregam, batizam, mas não comunicam o Espírito Santo pela confirmação (8, 15 ss.). São auxiliares dos pastores da Igreja, como indica o significado de seu título (“*diakonein*” = servir). Ainda não aparece, nos “Atos”, uma distinção nítida entre “*presbytero*” e “*episkopoi*” (cf. 20, 7 e 20, 28). Ambos os títulos designam o ofício de pastorear uma igreja local, conferido pela imposição das mãos (14, 23, texto grego).

6. *O “comunismo” cristão.* — Já foi dito por alguém, que os cristãos primitivos haviam adotado uma forma de vida coletiva, que muito se aproximava do regime preconizado pelos socialistas ou comunistas, com a abolição da propriedade particular e a distribuição igualitária dos bens temporais. Tais informações baseiam-se, evidentemente, em informações dos “Atos dos Apóstolos”. Mas só quem nunca os leu atentamente poderia chegar a semelhante conclusão. Diversas vezes os “Atos” fazem referência a

ATOS DOS APÓSTOLOS

uma distribuição dos bens particulares, em benefício dos indigentes: 2, 44 ss.; 4, 34-37; 5, 1 ss. Mas ressalta também do próprio texto, que êsses atos de desprendimento eram inteiramente espontâneos e facultativos; jamais os Apóstolos os impuseram como obrigatórios. Assim, relevando o exemplo particular do levita José Barnabé (4, 36 s.), o autor nos dá a impressão de que êsse edificante costume não era tão generalizado como à primeira leitura poderia parecer. Ao casal Ananias e Safira, Pedro declara explicitamente que nenhuma obrigação tinham tido de entregar o produto da venda e que êste poderia ter continuado em seu poder. (5, 4), consistindo seu pecado exclusivamente na sua tentativa de enganar o Apóstolo e assim mentir ao Espírito Santo.

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO AOS LIVROS DIDÁTICOS OU POÉTICOS

1. Poesia dos hebreus	9
2. O Livro de Jó	12
3. O Livro dos Salmos	23
4. O Livro dos Provérbios	40
5. O Livro do Eclesiastes	47
6. O Cântico dos Cânticos	55
7. O Livro da Sabedoria	65
8. O Livro do Eclesiástico	74

INTRODUÇÃO AOS PROFETAS

INTRODUÇÃO GERAL AOS PROFETAS

1. O fenômeno do profetismo em Israel	85
2. Origem e formação dos profetas	87
3. O ambiente dos profetas	93
4. A linguagem profética	108
5. Doutrina geral dos profetas	110
6. Os profetas que escreveram	114
Bibliografia	115

O PROFETA ISAIAS

1. Pessoa	116
2. Tempo	117
3. Composição literária	119
4. Análise explicativa	124
5. Decretos da Comissão Bíblica	149
Bibliografia	150

O PROFETA JEREMIAS

1. Pessoa	151
2. Tempo e atividade	152
3. Composição literária	154
4. Autenticidade	156
5. Análise explicativa	159

AS LAMENTAÇÕES DE JEREMIAS

1. Autor	169
2. Composição literária	171
3. Análise explicativa	171

O LIVRO DE BARUC

1. Pessoa	172
2. O Livro	173
3. Análise explicativa	174

A CARTA DE JEREMIAS

1. Autor	176
2. Inspiração	176
3. Análise explicativa	177
Bibliografia	177

O PROFETA EZEQUIEL

1. Pessoa	177
2. Tempo e atividade profética	178
3. Composição literária	179
4. Análise explicativa	180
Bibliografia	197

O PROFETA DANIEL

1. Pessoa	197
2. Tempo	199
3. Composição literária	199
4. Análise explicativa	202
Bibliografia	213

O PROFETA OSÉIAS

1. Pessoa	214
2. Tempo e circunstâncias	214
3. Texto e autenticidade	215
4. Valor literário	215
5. Análise explicativa	216
Bibliografia	219

O PROFETA JOEL

1. Pessoa	220
2. Composição literária	220
3. Tempo	220
4. Análise explicativa	221
5. Conteúdo messiânico	222
Bibliografia	223

O PROFETA AMÓS

1. Pessoa	223
2. Tempo e circunstâncias	224
3. Texto e autenticidade	224
4. Valor literário	224
5. Análise explicativa	224
Bibliografia	229

O PROFETA ABDIAS

1. Pessoa	229
2. Tempo	229
3. Composição literária	230
4. Análise explicativa	230

O PROFETA JONAS

1. Pessoa	230
2. Autor do livro	231
3. Análise explicativa	232
4. Historicidade	232
5. Solução de alguns textos	234

O PROFETA MIQUÉIAS

1. Pessoa	234
2. Tempo	235
3. Composição literária	235
4. Análise explicativa	236

O PROFETA NAUM

1. Pessoa	238
2. Tempo	238
3. Composição literária	238
4. Análise explicativa	239

O PROFETA SOFONIAS

1. Pessoa	240
2. Tempo	241
3. Composição literária	241
4. Análise explicativa	241

O PROFETA HABACUC

1. Pessoa	242
2. Tempo	242
3. Composição literária	243
4. Análise explicativa	243

O PROFETA AGEU

1. Pessoa	244
2. Tempo	244
3. Composição literária	245
4. Análise explicativa	246
5. Questão particular	246

O PROFETA ZACARIAS

1. Pessoa	247
2. Tempo	248
3. Composição literária	248
4. Análise explicativa	250

O PROFETA MALAQUIAS

1. Pessoa	257
2. Tempo	257
3. Composição literária	258
4. Análise explicativa	258
5. Questões particulares	259

INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO

O NOVO TESTAMENTO

O nome	265
A cousa	266

GEOGRAFIA FÍSICA DA PALESTINA, NOS TEMPOS NEOTESTAMENTÁRIOS

Prefácio	282
A Palestina — Nome	283
Uma idéia de conjunto	284
Divisão	286
A Palestina propriamente dita ou Cisjordânia	287
A Transjordânia	296
Clima da Palestina	300
Flora e Fauna	302

SITUAÇÃO POLÍTICA E RELIGIOSA DA PALESTINA DURANTE O NOVO TESTAMENTO

Os Herodianos	310
As facções religiosas e políticas do Judaísmo	318
Os escribas	326
Ministros sagrados	328
Lugares do culto	330
Festas religiosas	343
Os tribunais	347

CRONOLOGIA BÍBLICA NEOTESTAMENTÁRIA

INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS

OS EVANGELHOS

O nome	361
A coisa	362
Os evangelhos sinóticos	374

O EVANGELHO SEGUNDO MATEUS

Decreto da Pontifícia Comissão Bíblica de 19-6-1911	375
O autor	376
A obra original de Mateus	378
1. Sua autenticidade	378
2. A língua do primeiro Evangelho	385
3. Data	386
4. Lugar	388
5. Destinatário	388
6. Escopo	390
7. Carater literário	390
8. Carater doutrinário	392
9. Fim da obra original de Mateus	392
A tradução grega do primeiro Evangelho	393
Sinopse do Evangelho de Mateus	395
Integridade do Evangelho de Mateus	396
1. O Evangelho da infância	396
2. A promessa do primado	397
3. A forma trinitária	398

O EVANGELHO SEGUNDO MARCOS

Decreto da Pontifícia Comissão Bíblica, de 26-6-1912, sobre os Evangelhos de Marcos e Lucas	399
O autor	401
A obra	404
1. A autenticidade	409
2. A integridade	409
3. Destinatários	412
4. Argumento e escopo	412
5. Lugar e tempo da composição	413
6. Fontes do Evangelho de Marcos	415
7. Forma literária	415
8. Disposição e conspecto	417

O EVANGELHO SEGUNDO LUCAS

O autor	417
A obra	421

1. A autenticidade	421
2. Destinatários	423
3. Escopo	424
4. Fontes	424
5. Carater literário	425
6. Data	426
7. Lugar	429
8. Valor literário	429
9. Integridade	430
10. Plano e método	436

A QUESTÃO SINÓTICA

Decreto da Pontificia Comissão Bíblica, de 26-6-1912 ..	436
Noção	437
Estado da questão	438
As soluções apresentadas pelos modernos	442
Conclusão — É aceitavel só um sistema eclético	452

HISTORICIDADE DOS EVANGELHOS SINÓTICOS

Sentenças condenadas pelo decreto "Lamentabili" do S. Ofício	455
A posição dos adversários	456
A posição católica	458
Conclusão	465

INTRODUÇÃO A SÃO JOÃO

São João — A pessoa	465
Conteúdo e divisão do Evangelho	467
Unidade e Integridade	468
Língua e estilo	469
Gênero literário de João	472
Breve explicação das diferenças entre João e os sinóticos	477
O autor do quarto Evangelho é apóstolo São João	481
João, o presbítero	482
Lugar e tempo da composição do quarto Evangelho	483
A doutrina do quarto Evangelho	483

INTRODUÇÃO AOS ATOS DOS APÓSTOLOS

I.	O conteúdo do livro	492
	Sumário	492
	Primeira parte: a atividade de Pedro	492
	Segunda parte: o apostolado de Paulo	496
	Terceira parte: O cativo de Paulo	499
II.	O autor	501
	A tradição	502
	Crítérios internos	503
III.	Valor histórico	507
	As fontes	507
	O aproveitamento das fontes	509
IV.	Fonte doutrinária	511
	A Igreja	511
	O primado de Pedro	512
	Cristo	513
	O Espírito Santo	513
	Os sacramentos	513
	O "comunismo" cristão	514

Este livro foi composto e impresso
em Janeiro de 1952, nas oficinas da
GRÁFICA MERCÚRIO S. A.
Al. Cleveland, 303 - S. Paulo - Brasil
para a EDITORA DAS AMÉRICAS

INTRODUÇÃO GERAL E ESPECIAL AOS
LIVROS DO
ANTIGO E DO NOVO TESTAMENTO

ANO SANTO 1950

INTRODUÇÃO GERAL E ESPECIAL AOS LIVROS DO ANTIGO E DO NOVO TESTAMENTO

com estudos bíblicos adicionais

Colaboração de professores de Exegese do Brasil
sócios da Liga de Estudos Bíblicos (L.E.B.)

sob a supervisão do

P. Antônio Charbel S. D. B.

VOLUME III

Introdução às Epístolas Paulinas, às Epístolas Católicas
e ao Apocalipse. Documentos da Pontifícia Comissão
Bíblica. Estudos Bíblicos adicionais.



EDITORA DAS AMÉRICAS
Rua General Osório, 90 — Tel. 34.6701
Caixa Postal, 4468
SÃO PAULO

N I H I L O B S T A T

São Paulo, 14 de Dezembro de 1951

P. Vicente Pedroso

I M P R I M A T U R

São Paulo, 14 de Dezembro de 1951

† *Paulo*, Bispo Auxiliar

COLABORADORES DO PRESENTE VOLUME

1. *Dom Estevão Bettencourt, O.S.B.*, Licenciado em Teologia, professor de Exegese no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, do Conselho de delegados da L.E.B.:

INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS DE SÃO PAULO ANTERIORES AO PRIMEIRO CATIVEIRO.

2. *Frei Martinho Penido Burnier, O.P.* Licenciado, em Teologia e em Sagrada Escritura:

INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS DO CATIVEIRO.

3. *P. Geraldo M. Penido*, Licenciado em Teologia, com estudos no Pontifício Instituto Bíblico, professor de Exegese no Seminário Maior de Belo Horizonte:

INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS PASTORAIS DE SÃO PAULO.

4. *Frei Mateus Hoepfers, O.F.M.*, Laureado em Teologia, professor de Exegese no Instituto de Teologia dos PP. Franciscanos de Petrópolis:

INTRODUÇÃO À EPÍSTOLA AOS HEBREUS.

5. *P. José Alberto de Castro Pinto*, Licenciado em Teologia e em Sagrada Escritura, professor de Exegese no Seminário Maior do Rio de Janeiro:

INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS CATÓLICAS.

6. *Fr. João José Pedreira de Castro, O.F.M.*, Professor de Exegese no Instituto de Teologia dos PP. Franciscanos de Petrópolis, Vice-Presidente da Liga de Estudos Bíblicos (L.E.B.):

INTRODUÇÃO AO APOCALIPSE.

7. *Côn. Heládio Correa Laurini*, Licenciado em Teologia e em Sagrada Escritura, professor de Exegese na Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e no Seminário Central do Ipiranga (São Paulo), da Diretoria da L.E.B.:

TRADUÇÃO DOS DOCUMENTOS DA PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA.

**INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS DE
SÃO PAULO ANTERIORES AO PRIMEIRO
CATIVEIRO**

INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS DE SÃO PAULO ANTERIORES AO PRIMEIRO CATIVEIRO

SÃO PAULO E SUAS EPÍSTOLAS

AS DUAS EPÍSTOLAS AOS TESSALONICENSES

OS JUDAIZANTES. PRELIMINARES HISTÓRICOS
CONEXOS COM GÁL, 1-2 COR, ROM.

A EPÍSTOLA AOS GÁLATAS

AS DUAS EPÍSTOLAS AOS CORÍNTIOS

A EPÍSTOLA AOS ROMANOS

INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS DE SÃO PAULO ANTERIORES AO PRIMEIRO CATIVEIRO

S. PAULO E SUAS EPÍSTOLAS

O Apóstolo S. Paulo nasceu de família judaica em Tarso na Cilícia (Ásia Menor), ao iniciar-se a era cristã (cf. At 9, 11; 21, 39; 22, 3. 28; Rom 11, 1; Flm 3, 5) (1). Gozando os seus pais dos direitos de cidadãos romanos, o menino nasceu qual cidadão romano, título que muito haveria de lhe valer em sua futura carreira missionária (cf. At 16, 37 ss; 22, 25-28; 23, 27; 25, 10 ss) (2).

No espírito do jovem (e, mais tarde, do adulto) exerceram influência as três grandes correntes culturais da época:

(1) O ano do nascimento de Paulo fica-nos incerto. Dado, porém, que no ano de 62 o Apóstolo, escrevendo a Filêmon, se dizia ancião (v. 9), conjectura-se que tenha nascido no princípio do primeiro decênio depois de Cristo.

No que diz respeito à cronologia da vida e dos escritos de S. Paulo, os exegetas não sempre concordam entre si. A presente exposição segue o sistema adotado por Hopfl-Gut, *Introductio Specialis in Novum Testamentum*. Roma 1938, 309.

(2) Conforme um costume de muitos Israelitas, o jovem tinha dois nomes: um hebraico, **Saulo** (= Desejado); outro romano, **Paulo**.

EPÍSTOLAS PAULINAS

a *judaica*, que primava pela religião (ideal do homem *religioso*); a *grega*, que se distinguia pelo amor à Sabedoria (ideal do homem *filósofo*); a *romana*, ilustre pelo culto do Direito e da ordem (ideal do homem *jurista*).

Com efeito, a primeira formação que Paulo recebeu de seus pais, o introduziu nas observâncias mosaicas; conforme a tradição dos Fariseus, aprendeu também uma profissão manual: a arte de curtir peles. Aos 13 ou 15 anos de idade, foi enviado a Jerusalém a fim de aprender na Escola de Gamaliel, famoso mestre, a sabedoria exegética dos Rabinos (cf. At 22, 3).

Juntamente, porém, com as tradições judaicas, inculca-se no menino a cultura greco-romana do ambiente em que crescia. Como criança e, ainda posteriormente, como homem maduro, Paulo tomou conhecimento da literatura e da filosofia helenísticas, das quais também soube fazer uso na pregação do Evangelho (cf. At 17, 28; Ti 1, 12; 1 Cor 15, 33; At 17, 22-31).

Por cêrca do ano 36, o Judeu, zeloso perseguidor dos cristãos na Palestina, foi prostrado pela visão de Cristo, que o converteu à verdadeira fé. Batizado na cidade de Damasco (cf. At 9, 1-19), retirou-se para a Arábia (cf. Gál 1, 17), onde permaneceu solitário pelo espaço de três anos, gozando provavelmente de revelações do Senhor, que o habilitariam ao ministério apostólico.

Voltou para Damasco (cf. Gál 1, 17); já, porém, que pregando aos Judeus, incorreu na ira dêstes, teve que fugir para Jerusalém, onde entrou em contacto com o Apóstolo S. Pedro (cf. At 9, 23 ss; 2 Cor 11, 32 s; Gál 1, 18 s); após quinze dias de permanência na Cidade Santa, de novo perseguido pelos Judeus, retirou-se para a sua cidade natal de Tarso (cf. At 9, 29 s; 22, 17-21; Gál 1, 21 ss).

EPÍSTOLAS PAULINAS

Passados quatro ou cinco anos na pátria, Paulo, a rogos de Barnabé, foi para Antioquia na Síria, onde grande número de pagãos convertidos constituíam uma próspera comunidade cristã. Nesta igreja exerceu o apostolado por um ano (cf. At 11, 19-26), ao têrmo do qual empreendeu com Barnabé uma viagem a Jerusalém a fim de levar esmolas às vítimas da fome que então assolava a Palestina (cf. At 11, 27-30). De regresso a Antioquia, foi em breve designado pelo Espírito Santo para realizar, junto com Barnabé e Marcos (o Evangelista), a 1.^a *viagem missionária* em terras gentias (cf. At 13 s).

Nesta expedição (anos de 45 a 48), Paulo percorreu a ilha de Cipro e regiões do Sul da Ásia Menor, convertendo muitos pagãos. Ora isto tornou agudo o problema da imposição da Lei mosaica aos pagãos convertidos ao Evangelho, imposição calorosamente desejada pelos chamados “Judaizantes”, rejeitada, porém, como desnecessária e absurda, por Paulo.

A fim de resolver a dificuldade, o Apóstolo foi a Jerusalém, participando do dito “Concílio dos Apóstolos” (ano de 49). Êste reconheceu a liberdade dos cristãos em relação à Lei mosaica, formulando apenas quatro restrições de caráter local e provisório (cf. At 15, 1-29; Gál 2, 1-10). Paulo havia de sustentar zelosamente essa vitória pouco depois em Antioquia na presença do próprio Apóstolo Pedro (cf. Gál 2, 11-14) (1).

Seguiu-se a 2.^a *viagem missionária* (anos de 49 ou 50 a 52 ou 53), que abrangeu terras da Ásia Menor e da Grécia,

(1) Notícias mais precisas sôbre êste tema encontram-se no capítulo “Os Judaizantes”, 35-41.

ocasionando a fundação de numerosas comunidades cristãs (cf. At 15, 36-18, 22).

A 3.^a *viagem missionária* (53-58) se estendeu à Ásia Menor assim como à Grécia (conforme conjectura baseada em Rom 15, 19, também à Ilíria) (cf. At 18, 23-21, 16).

Paulo regressava a Jerusalém em 58, levando para os cristãos convertidos do Judaísmo esmolas de seus irmãos convertidos da Gentilidade. Não obstante, foi vítima do ódio dos Judeus, que contra êle suscitaram grave tumulto, em consequência do qual Paulo foi levado à presença do Procurador Romano Antônio Félix; êste, esperando receber um resgate por parte dos amigos do Apóstolo, deixou-o encarcerado por dois anos (58-60) em Cesaréia (cf. At 21, 17-24, 27).

A Antônio Félix sucedeu Pórcio Festo, que os Judeus procuravam ganhar para sua causa. Paulo, então, desejoso de resolver legalmente a sua situação, apelou para o tribunal do Imperador César (cf. At 25, 1-12). Foi, pois, enviado a Roma, onde chegou em 61, após viagem muito acidentada, naufrágio e estada invernal na ilha de Malta, peripécias que S. Lucas, qual testemunha ocular, descreve em côres muito vivas, nos At 27, 1-28, 15.

Na Capital do Império, Paulo viu-se de novo prisioneiro por dois anos (61-63), o que não lhe tirava uma certa liberdade de pregar o Evangelho (cf. At 28, 16-31). Com esta notícia cessa a narrativa de S. Lucas nos Atos dos Apóstolos. O que depois se deu, é, com grande probabilidade, assim reconstituído:

Paulo, tendo conseguido a liberdade em 63, seguiu para a Espanha; regressando à Itália (ano de 64), continuou para

EPÍSTOLAS PAULINAS

o Oriente, onde deve ter visitado parte da Ásia Menor, a Macedônia, a ilha de Creta, o Epiro, a Acaia (anos de 64-66). Voltando a Roma, mais uma vez foi o Apóstolo encarcerado, já por efeito da perseguição que Nero desencadeara contra os cristãos. Finalmente sofreu o martírio, por degolação, sob o dito Imperador, no ano de 67.

O Apóstolo deixou-nos um precioso tesouro de escritos, que são 14 epístolas, assim dispostas em ordem cronológica: 1-2 Tes. Gál, 1-2 Cor, Rom, Col, Ef, Flm, Flp, Hebr, 1 Tim, Ti, 2 Tim (1).

Gál, 1-2 Cor, Rom são ditas as "*Grandes Epístolas*"; as quatro seguintes (Col, Ef, Flm, Fil), as "*epístolas do Cativeiro*" (escritas em Roma, 61/63); as três últimas (1-2 Tim, Ti), as "*epístolas pastorais*" (por tratarem principalmente dos deveres do clero).

Além destas, Paulo certamente ainda escreveu outras missivas, as quais, porém, se perderam. Assim em 1 Cor 5, 9 é citada uma anterior epístola aos Coríntios; em Col 4, 16 o Apóstolo se refere a uma carta que enviou aos Laodicenses; de 2 Cor 2, 3-9; 7, 8. 13, deduz-se que houve uma missiva intermediária entre 1 e 2 Cor; o texto de Flp 3, 1 insinua que Paulo escrevia freqüentemente aos Filipenses.

Os escritos do Apóstolo tiveram origem ocasional, supondo sempre a pregação oral e as circunstâncias concretas

(1) A ordem de apresentação das epístolas nas nossas edições do Novo Testamento obedece conjuntamente a dois critérios: a dignidade dos destinatários e o volume das missivas. Primeiramente vêm as epístolas destinadas a comunidades, das quais as maiores e mais importantes têm a primazia sobre as menos importantes: Rom, 1-2 Cor, Gál, Ef, Flp, Col, 1-2 Tes; a seguir, vêm as cartas enviadas a um destinatário individual: 1-2 Tim, Ti, Flm. A epístola aos Hebreus é colocada em último lugar por não ser, talvez, de autoria imediata do Apóstolo.

em que esta se desenvolvia; originavam-se geralmente de uma indigência dos destinatários, de ordem dogmática (dúvidas sobre pontos de fé, equívocos) ou moral (abusos, vícios), a que o Apóstolo se propunha remediar mediante uma carta. Assim se entende que as epístolas paulinas, abordando determinado assunto, não oferecem uma explanação completa do mesmo; apresentam, ao contrário, pontos obscuros, quase ininteligíveis para o leitor moderno, que deviam ser muito claros aos destinatários imediatos (cf. p. ex. 1 Cor 15, 29; 2 Tes 2, 5 ss).

Dado êste caráter ocasional, os escritos do Apóstolo devem ser ditos *epístolas* ou *cartas* no sentido genuíno; com efeito, a sua forma epistolar não é mera ficção literária, mero ornamento para a propagação de idéias de antemão destinadas ao grande público (o que se dá, por exemplo, com as epístolas de Sêneca). Todavia as epístolas paulinas não eram destinadas a um uso meramente particular: o Apóstolo queria fôsem lidas em público nas assembléias cristãs (cf. 1 Tes 5, 27), não excluía nem mesmo a epístola a Filêmon, que tratava de assunto muito pessoal (cf. Flm 2); desejava, outrossim, que ao menos algumas cartas passassem de uma comunidade a outra (cf. Col 4, 16); além disto, o ensinamento de algumas epístolas é proferido em têrmos tão vastos (cf. Rom 1-11) ou com tanta autoridade (cf. Gál 1, 8) que bem se pode supor que Paulo, além dos destinatários imediatos, tivesse em vista ainda outros leitores.

A língua originária das cartas paulinas é o grego sob a forma “koiné” ou comum, em que estava difundido no Império Romano. O Apóstolo possuía bem essa língua e suas finezas, como o demonstram algumas das passagens mais vivas e famosas do epistolário: 1 Cor 2, 6-16; 13, 1, 13; Rom 8, 35-39; Col 1, 9-28; Flp 2, 6-11. Sabia usar de

EPÍSTOLAS PAULINAS

muitas figuras literárias (interrogações retóricas, antíteses, paronomasias, etc.), de comparações muito vivas tiradas dos espetáculos, dos jogos públicos, do Direito civil, assim como da vida quotidiana dos soldados, atletas, etc. (cf. 1 Cor 9, 24-27; Flp 3, 12 ss; Ef 6, 11-17; 1 Tim 6, 12; 2 Tim 4, 7 s). A consideração das belezas literárias do epistolário paulino suscitou de S. Agostinho († 430) calorosos louvores à eloqüência do Apóstolo, e fez que o filósofo neoplatônico Longino Cássio († 273) tenha enumerado S. Paulo entre os melhores oradores gregos (!).

Todavia é de notar que o Apóstolo, conforme o seu próprio testemunho (cf. 1 Cor 2, 1-6; 2 Cor 11, 6), não procurava artifícios literários nem dava grande importância à forma exterior das suas missivas (ditava-as com longas pausas, e, depois de ditadas, não as costumava reler: apenas lhes acrescentava a sua subscrição manuscrita; (cf. Gál 6, 11; 1 Cor 16, 21; Col 4, 18; 2 Tes 3, 17). A linguagem era, para Paulo, primariamente a expressão dos afetos sempre muito vivos de sua alma; é o que faz que não raro o Apóstolo nos tenha deixado frases entrecortadas por longos parênteses, nos quais desenvolvia uma noção lateral que momentaneamente o empolgava (cf. Rom 1, 1-7; Ef 3, 1-13; Gál 2, 3-6); outras vezes Paulo começava, mas não terminava, a exposição de uma idéia (cf. Rom 3, 2: “em primeiro lugar...”, sem continuação da série); acontece também que falte um estrito nexo lógico entre as frases (cf. Gál 3, 16b).

Além disto, o Apóstolo não podia deixar de empregar em grego muitas expressões de origem hebraica (semitismos), que concorrem para dificultar o entendimento de certas passagens. Assim usava de termos concretos em lugar de abstratos: *carne*, no sentido de *carnalidade*, *vida conforme a car-*

ne; pecado, no sentido de *pecaminosidade* ou *tendência ao pecado*; *século*, no sentido de *mundo sensível*. Empregava também substantivos com valor de adjetivos: *riquezas da glória*, para significar *grande glória* (Rom 9, 23; cf. Rom 2, 4; 11, 33); *os espirituais da maldade*, designando *os espíritos maus* (Ef 6, 12).

Assim concebidas, as epístolas de S. Paulo constituem para nós fontes inesgotáveis de Sabedoria, Sabedoria que a leitura freqüente consegue aos poucos descobrir e desfrutar. A oração, unida ao estudo (1) perseverante do texto, eis os melhores meios que nos introduzem no âmago da doutrina de "Cristo, que falava por Paulo" (cf. 2 Cor 13, 3).

(1) Baseado em comentários autorizados.

EPÍSTOLAS PAULINAS

TABELA CRONOLÓGICA

Eis uma tabela sucinta dos principais acontecimentos da vida de S. Paulo:

Início da era cristã a.15 ss	Nascimento em Tarso Na escola rabinica Em Jerusalém	Atos 22, 3; Flm 9
a.36	Conversão	Atos 26, 4 Atos 9, 1-19 ^a ; Gal 1, 13-16
a.36-39	Em Damasco Na Arábia	Atos 9, 19b-22; Gal 1, 17;
a.39	Em Damasco Viagem a Jerusalém	Atos 9, 23ss Atos 9, 26ss; Gal 1, 18ss
a.39-43	Em Tarso	Atos 9, 29s; Gal 1, 21ss
a.43-44	Em Antioquia	Atos 11, 25s
a.44	Viagem de caridade A Jerusalém	Atos 11, 27-30; 12, 25
a.45-48	1. ^a viagem missionária	Atos 13s; 2 Tím 3, 11
a.49	Concílio dos Apóstolos	Atos 15, 1-35; Gal 2, 1.10
a.49 (53?)	Altercação com Pedro Em Antioquia	Gal 2, 11-14
a.49 (50)-52(53)	2. ^a viagem missionária	Atos 15, 36-18, 22 (Gal 4, 13ss)
a.51 (52)	Em Corinto: 1-2 TES	
a.53-58	3. ^a viagem missionária	Atos 18, 23-21, 17 (Gal 1, 6s)
a.54	Em Éfeso: GAL	
a.56	Em Éfeso: 1 COR	
a.57	Em Filipes: 2 COR	
a.58	Em Corinto: ROM	
a.58-60	Cativeiro em Cesaréia	Atos 21, 18-26, 32
a.60-61	Viagem para Roma	Atos 27, 1-28, 15
a.61-63	Primeiro cativeiro romano	Atos 28, 16-31
a.62 (63)	Em Roma: COL, EF, FLM, FIL	
a.63 (64)	Viagem à Espanha	
a.64 (65)	Na Itália: HEBR	
a.64 (65)-66	Viagem pelo Oriente	
a.65	Na Macedônia: 1 TIM	
a.65	Em Nicópole: TI	
a.66-67	Segundo cativeiro romano	
a.66	Em Roma: 2 Tim	
a.67	Martírio	

EPÍSTOLAS PAULINAS

Antes que S. Paulo fôsse encarcerado em Cesaréia da Palestina no ano 58 (cf. At 21, 18-26, 32), escrevera algumas epístolas a seus fiéis, das quais nos foram conservadas as seis seguintes: 1.^a e 2.^a ep. aos Tessalonicenses, ep. aos Gálatas, 1.^a e 2.^a ep. aos Coríntios, ep. aos Romanos.

Capítulo I

AS DUAS EPÍSTOLAS AOS TESSALONICENSES

A) A PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES

§ 1. *Circunstâncias em que foi escrita a 1 Tes*

Das grandes cidades do mundo antigo em que S. Paulo pregou, duas apenas conservam ainda hoje importância notável: Roma e Tessalonica (hodierna Saloniki, na Grécia Setentrional).

Esta última, fundada por cêrca de 315 a. C., desenvolveu-se em breve, atingindo elevada prosperidade, para a qual concorria não pouco a sua posição geográfica: Tessalonica era um pôrto seguro, bem aparelhado, por onde passava a “Via Egnatia”, uma das principais estradas do Império. Era, pois, um empório muito freqüentado, centro comercial importantíssimo. Sob os Romanos, foi constituída capital da província romana da Macedônia (146 a. C.); além disto, recebeu as prerrogativas de “Cidade livre” em recompensa de uma atitude dos Tessalonicenses numa guerra civil (42 a. C.). Êste título garantia à cidadê o direito de eleger anualmente seu conselho de seis governantes. A posição privilegiada que os Romanos benignamente concediam a Tessalonica, tornava os

EPÍSTOLAS PAULINAS

habitantes desta extremamente cuidadosos em evitar qualquer melindre que fôsse ferir as autoridades imperiais.

Como se entende, em cidade tão próspera e freqüentada, encontrava-se uma população muito variegada; à maioria, de Gregos e Romanos, acrescentava-se uma colônia judaica numerosa. O bem-estar fazia também que o nível moral dos cidadãos muito deixasse a desejar: fraudulência e desonestidade nas transações comerciais, ociosidade e curiosidade pelas ruas, divagações noturnas, infidelidade conjugal eram vícios grassantes na população (cf. 1 Tes 4, 1-12).

Ora foi em tal ambiente que o Cristianismo penetrou em meados do século 1.^o, conforme narra S. Lucas nos At 17, 1-14.

Na sua segunda viagem missionária, Paulo, deixando a cidade de Filipes, em companhia de Silas e Timóteo (1) encaminhou-se pela “Via Egnatia” até Tessalonica. Ao Apóstolo não podia ficar despercebida a importância dêste grande empório para a propagação do Evangelho; se a mensagem de Cristo lá tomasse pé, não tardaria a se difundir “não somente pela Macedônia e a Acaia, mas por muitas terras do globo” (1 Tes 1, 8).

Em Tessalonica, Paulo dirigiu-se logo ao quarteirão judaico, encontrando hospedagem em casa de um Israelita bem intencionado, de nome Jasão. Êste era provavelmente proprietário de uma pequena indústria de tecelagem, na qual, desde o princípio da sua estada, Paulo se pôs a trabalhar, à

(1) Timóteo é silenciado pelos Atos nesta passagem; todavia nas narrativas subseqüentes reaparece como companheiro de Paulo (cf. At 17, 14); é também citado no cabeçalho de ambas as epístolas aos Tessalonicenses, o que faz supor que realmente acompanhou S. Paulo de Filipes a Tessalonica,

fim de ganhar seu pão (como costumava fazer em toda a parte) e não se tornar pesado a nenhum dos habitantes da cidade (cf. 1 Tes 2, 9; 2 Tes 3, 8). Logo no primeiro sábado, o Apóstolo dirigiu-se à sinagoga, onde, além de autênticos Judeus, encontrou “prosélitos” (1) e “tementes a Deus” (2); a pregação de Paulo, repetida por três sábados consecutivos, obteve êxito exíguo entre os Israelitas; ao contrário, porém, dentre os Gentios freqüentadores da sinagoga, grande multidão se converteu. Tomados, pois, de inveja, os Judeus resolveram exterminar a obra de Paulo: contra êle e seus companheiros, excitaram populares malvados, agitadores públicos; os tumultuantes, tendo em vão procurado os acusados em casa de Jasão, apoderaram-se dêste e de alguns cristãos, que êles levaram à presença das autoridades civis; denunciavam Paulo e seus adêptos quais traidores de César, proclamadores de um novo rei, Jesus.

Esta acusação, certamente inspirada pelos Judeus, era bem apta a inquietar qualquer bom cidadão, assim como as autoridades, de Tessalônica, pois melindrar a César era pôr em perigo os privilégios da “Cidade livre”. Já, porém, que não havia nenhum crime comprovado, nem mesmo se podiam interrogar os pregadores acusados, os magistrados resolveram tirar-se do embaraço, exigindo de Jasão e seus companheiros uma caução (provavelmente quantia de dinheiro) como penhor de que quanto antes livrariam a cidade da presença dos missionários.

Assim Paulo, Silas e Timóteo tiveram que deixar Tessalônica às pressas: na noite seguinte ao tumulto, alguns cris-

(1) Pagãos convertidos ao Judaísmo.

(2) Pagãos que, deixando a idolatria, haviam aceito o Monoteísmo, embora não a circuncisão, dos Judeus.

EPÍSTOLAS PAULINAS

tãos tessalonicenses os conduziram para a cidade próxima de Beréia.

Nesta os acontecimentos se desenrolaram à semelhança dos de Tessalonica (cf. At 17, 10-14), de modo que Paulo partiu, também precipitadamente, para Atenas, acompanhado por cristãos da região; deixava, porém, Silas e Timóteo em Beréia, provavelmente a fim de completarem a evangelização encetada. Contudo, em Atenas, Paulo, ao despedir-se dos Bereienses que o haviam acompanhado, não se esqueceu de mandar dizer aos dois companheiros de missão que quanto antes se fôsem juntar a êle nesta grande cidade. Os dois discípulos cumprir a ordem; todavia, mal chegados a Atenas, eram de novo enviados em missão na Macedônia: Timóteo, a Tessalonica, e Silas, a Beréia ou Filipes, pois o Apóstolo se achava solícito pelas comunidades que tão repentinamente tivera de abandonar em suas últimas etapas. Assim fazia Paulo o sacrifício de permanecer só em Atenas para o bem de seus fiéis Tessalonicenses (cf. 1 Tes 3, 1-5) (1).

De Atenas Paulo passou a Corinto, onde se lhe abria um campo de evangelização muito esperançoso, ao qual o Apóstolo havia de se dedicar longamente. Ora nesta cidade é que mais uma vez o foram encontrar os dois companheiros Timóteo e Silas, levando-lhe as notícias muito aguardadas da Macedônia.

O estado de coisas em Tessalonica era dito, de modo geral, satisfatório, pelo que Paulo se alegrou sinceramente; mas

(1) Sendo um tanto lacônicos os textos dos Atos e de 1 Tes sobre o desenrolar exato dos acontecimentos, pode-se também admitir que Paulo, chegando em Atenas, tenha mandado Timóteo passar diretamente de Beréia, onde se achava, a Tessalonica, sem que fôsse previamente a Atenas.

EPÍSTOLAS PAULINAS

não deixava de apresentar seus pontos negros, que angustiarão a alma do Apóstolo.

Assim Timóteo referia que os cristãos tessalonicenses haviam, de fato, sofrido perseguições, como o Apóstolo predissera (cf. 1 Tes 3, 3; 1, 6; 2, 14-16), mas se mantinham perseverantes na fé; a fama de sua caridade se propagava mesmo por toda a Macedônia e impressionava os próprios pagãos (cf. 1 Tes 1, 6-9; 4, 10). Lembravam-se de Paulo com terno afeto; haviam-se espalhado, sim, calúnias, que apresentavam o Apóstolo como adulator ambicioso e explorador dos bens materiais dos Tessalonicenses; os cristãos, porém, não lhes haviam dado crédito; bem se recordavam de que Paulo dia e noite se fatigara entre eles, não somente ensinando a verdade e consolando a todos, mas também trabalhando com as mãos para prover ao seu sustento; por conseguinte, animados dos melhores sentimentos, desejavam ardentemente rever o Apóstolo (cf. 1 Tes 2, 3-10. 15 s; 3, 4 ss; 1, 8).

Todavia eis que, sob a pressão das perseguições e tribulações, não poucos cristãos, de condições sociais modestas (simples operários, estivadores, carregadores do porto, pequenos comerciantes), se entregavam à fraude e à luxúria, vícios que facilmente grassavam num opulento empório (cf. 1 Tes 4, 6. 11 s). Além disto, a partida precipitada de Paulo deixara a catequese dos Tessalonicenses incompleta (cf. 1 Tes 3, 10). Em particular, os fiéis ressentiam-se de mal-entendidos a respeito da segunda vinda de Cristo (1): da pregação de Paulo deduziam que a volta do Senhor estava iminente.

(1) Também dita "parusia", termo grego que na linguagem civil significava a visita solene do Imperador a uma cidade.

Esta opinião lhes parecia insinuada pelo Evangelho, sim; mas ainda era corroborada em suas mentes por certas idéias largamente difusas naquela época: sob Calígula (37-41) e Cláudio (41-54), soberanos fracos e ineptos, o poder imperial se debilitava cada vez mais; pelo que, os Romanos esperavam uma prodigiosa renovação da ordem das coisas devida a uma intervenção dos deuses; tal expectativa parecia confirmada por muitos prodígios que então se verificavam na natureza: terremotos, aparições de cometas, chuvas de fogo, partos monstruosos de homens e animais etc. Do seu lado, os Judeus desde muito vinham nutrindo a esperança de tempos novos, ou seja, da instauração visível do reino messiânico, talvez realizada por meio de uma conflagração cósmica. Ora essas correntes de idéias provocavam atitudes anômalas entre os cristãos tessalonicenses; alguns, empolgados pela expectativa de uma iminente reboaldosa cósmica, ocasionada pela segunda vinda de Cristo, julgavam inútil continuar a trabalhar; entregavam-se ao ócio e, conseqüentemente, ao furto, à desonestidade (cf. 1 Tes 4, 11 s). Outros, abatidos com a mesma perspectiva, pensavam muito na sorte de seus consanguíneos e amigos já falecidos: influenciados pela mentalidade de pagãos e judeus, concebiam a morte como sono que faz perder a consciência e do qual não há esperança de despertar; por conseguinte, perguntavam: Tendo os nossos caros terminado os seus dias antes da volta de Cristo, ficarão excluídos do reino de Deus visível, da bem-aventurança final? Estarão em piores condições do que “nós, que vivemos ainda, que esperamos ver o Juiz glorioso”? Talvez mesmo tenham proposto (por carta) ao Apóstolo a questão sob esta forma bem concreta da primeira pessoa do plural (1).

(1) Esta observação tem sua importância na exegese de 1 Tes 4, 17.

Estas eram, pois, as notícias, consoladoras umas, aflitivas outras, que Timóteo trazia de Tessalônica.

Ao ouvi-las, Paulo vibrou em seu zelo paterno; se o pudesse, iria sem demora a Tessalônica (cf. 1 Tes 2, 8; 3, 9 s). Todavia, já que os adversários e também seu novo campo de apostolado em Corinto não lho permitiam, quis, ao menos por carta, expandir aos fiéis tessalonicenses a alegria e a tristeza que lhe enchiam a alma; além disto, transmitir-lhes-ia admoestações e instruções relativas aos problemas da comunidade.

Assim surgiu a primeira epístola aos Tessalonicenses, em fins de 51 ou princípio de 52; cf. 1 Tes 3, 6: “*Justamente agora* Timóteo acaba de chegar dentre vós, e trouxe-nos boas notícias sobre a vossa fé e a vossa caridade...”

Não será difícil reconstituir o cenário em que Paulo escrevia, cenário do qual alguns traços característicos se reproduziram na redação de cada epístola paulina: Após uma jornada de intenso trabalho manual e apostolado, eis que Paulo, à noite, cansado, senta-se num canto de sua alcova, juntamente com Timóteo e Silas; ilumina-os a luz de uma lanterna; os dois discípulos fazem alternadamente as vezes de escrevões, enquanto Paulo dita, conforme o costume dos antigos. Dada a fadiga que a posição e a arte de escrever em papiro acarretavam, era difícil passar mais de duas ou três horas contínuas em tal ocupação. Suposto isto, a 1 Tes, que deve ter consumido 10 folhas papiráceas e 20 horas de escrita, terá exigido 10 ou 12 serões para ser levada a termo. As interrupções de quase 24 horas, assim como as necessárias pausas que no decorrer de uma mesma sessão deviam ser feitas, bem explicam as mudanças de ânimo, estilo, os períodos inacabados, que se notam em quase tôdas as epístolas paulinas.

§ 2. *Conteúdo e divisão da 1 Tes*

Oriunda nas circunstâncias referidas, a 1 Tes abre a série dos escritos do Novo Testamento. Pode ser caracterizada como a carta em que um coração de pai e pastor se expande em presença dos seus filhos, a fim de os consolar e orientar nas contingências em que se acham. Transcorre num tom muito espontâneo e familiar, como se fôsse a continuação dos colóquios que o Apóstolo tinha em casa dos seus fiéis, quando os ia visitar. Paulo recorda freqüentemente aos leitores a sua estada e catequese em Tessalonica (notem-se as fórmulas repetidas: “Vós vos lembrais... , sabeis...” em 1, 3-5; 2, 1 s. 5. 9. 11; 3, 3 s; 4, 2; 5, 2). O Apóstolo se apresenta sob a figura de uma ama, pronta a dar a própria vida pelos fiéis (cf. 2, 7-11).

Esta efusão de afetos muito vivos faz que na 1 Tes não haja uma concatenação de idéias muito estrita, menos ainda uma exposição teológica completa dos temas abordados; estes (em particular a secção escatológica) supõem a pregação oral do Apóstolo.

Por conseguinte, em 1 Tes prepondera o papel do pai terno e afetivo, não o do teólogo (como em Rom) nem o do apologeta (como em Gál, 2 Cor); sob este aspecto, 1 Tes se aproxima de Flp e Flm.

Diga-se também que o tom muito pessoal da 1 Tes é argumento dirimente em favor da sua autenticidade paulina. Um falsificador difficilmente teria reproduzido tão genuínos sentimentos de Paulo.

Eis como se distribui o conteúdo da epístola:

EPÍSTOLAS PAULINAS

Exórdio: 1, 1-10

Saudação e ação de graças. Paulo regozija-se pela prosperidade da igreja de Tessalônica.

I. As relações do Apóstolo com os Tessalonicenses: 2, 1-3, 13

1. Paulo recorda o seu ministério apóstolico em Tessalônica, seus trabalhos e cuidados; louva a fé sincera dos Tessalonicenses e a sua constância na perseguição 2, 1-16
2. Paulo manifesta a sua caridade para com os Tessalonicenses e o desejo de os rever, regozija-se pelas boas notícias trazidas por Timóteo; pede a Deus que dirija os seus passos a Tessalônica 2, 17- 3, 13

II. Admoestações e ensinamento dogmático: 4, 1-5, 22

1. Procurem santificar-se, evitando a luxúria, a avareza, a preguiça 4, 1-12
2. A segunda vinda de Cristo e a ressurreição dos mortos: quando o Senhor voltar, os que já tiverem falecido, não estarão em piores condições do que os sobreviventes, mas, ressuscitados, serão, junto com estes, arrebatados nas nuvens de encontro a Cristo. Já que a data da parusia é incerta, convém vigiar sempre 4, 13- 5, 11
3. O Apóstolo recomenda virtudes referentes à vida em comunidade 5, 12-22

Epílogo: 5, 23-28

Bênção, Pedido de orações. Saudação.

§ 3. A secção dogmática 4, 13 — 5, 11

Merece especial atenção o trecho da carta em que, após ter expresso seu afeto e repreendido os vícios, o Apóstolo se propõe elucidar a questão escatológica (1) dos Tessalonicenses.

(1) Isto é, relativa aos últimos acontecimentos da história.

É logo de notar que tôda esta epístola aparece escrita sob uma impressão fortemente escatológica. Assim a conversão dos Tessalonicenses à fé é definida como uma atitude escatológica: “Vós vos convertestes a Deus... para esperar o seu Filho vindouro dos céus” (1, 10); quatro vêzes é mencionada a volta de Cristo: 2, 19; 3, 13; 4, 15; 5, 23. Frequentes são as alusões aos novíssimos: 1, 3. 10; 2, 12. 19 s; 3, 13; 5, 23. — Isto bem mostra quão viva era entre os fiéis de Tessalônica a expectativa da vinda do Cristo Juiz e que importante lugar lhe atribuíam o Apóstolo em sua catequese e os fiéis em sua vida.

Em dois parágrafos, bem distintos entre si (cf. os títulos em 4, 13 e 5, 1), o Apóstolo responde às dúvidas de seus fiéis: em 4, 13-18 fala da *sorte dos cristãos*, quer já falecidos, quer ainda vivos, por ocasião da volta de Cristo; em 5, 1-11 trata da data da segunda vinda, questão envolvida na anterior.

Sobre o primeiro ponto, Paulo esforça-se por consolar os leitores inquietos: tenham esperança a respeito dos caros defuntos, pois no último dia não estarão em piores condições do que os vivos. Não; quando Jesus descer dos céus para o Juízo universal, os mortos ressuscitarão, e, a seguir, juntamente com os vivos, serão arrebatados nas nuvens de encontro ao Senhor; assim todos os fiéis serão introduzidos no gozo do seu Senhor, qualquer que tenha sido a época de sua morte (1).

(1) É bem de notar o que vale também para outras epístolas: quando S. Paulo fala dos novíssimos, só tem em vista a sorte dos justos, não a dos réprobos.

EPÍSTOLAS PAULINAS

Este ensinamento do Apóstolo é apresentado dentro de uma veste literária que por vêzes causa dificuldades de interpretação:

1) Paulo descreve o Juiz universal descendo acompanhado de uma palavra de comando universal, de toques de trombeta, clamores do Arcanjo (S. Miguel?) (v. 16); será sustentado pelas nuvens, como se fôsem o seu carro triunfal (v. 17); na região intermédia entre o céu e a terra acorrer-lhe-ão os justos ressuscitados (v. 17).

Êstes tópicos são tirados da tradição judaica, quer dos Profetas, quer dos apócrifos apocalípticos. Não são mais do que figuras literárias consagradas para tratar êste tema; o Apóstolo as assumiu para descrever a majestade de uma cena cujos pormenores ficavam ocultos a Paulo como ficam a nós.

2) Com as palavras: “Então nós, que vivemos, que ficamos, seremos arrebatados com êles (os mortos) sôbre as nuvens ao encontro do Senhor nos ares” (v. 17), Paulo parece ensinar que a parusia do Senhor é iminente e que êle ainda a presenciará em vida. Donde surge a questão grave: Não terá o Apóstolo ensinado algo de errado?

Em resposta é de notar logo que, nos versículos 5, 1 s. 10 da mesma epístola, Paulo afirma ser o dia da parusia incerto; não queria dizer, pois, no texto que analisamos, estar êle iminente. A expressão de S. Paulo se explica muito bem admitindo-se que o Apóstolo repetia a fórmula mesma da interrogação dos fiéis: “Qual a sorte dos nossos irmãos defuntos, e qual a nossa própria sorte?” Em sua resposta, pois, o Apóstolo também falava de nós; êste sujeito, na mente do Apóstolo, designava não a geração contemporânea de Paulo, como o haviam entendido os Tessalonicenses, mas simplesmente os homens que estariam vivos por ocasião da parusia,

sem que necessariamente o Apóstolo se julgasse um deles. Em outros termos: o *nós* de S. Paulo refere-se aqui à Igreja sociedade permanente que, um dia, presenciará a segunda vinda de Cristo, não aos indivíduos transitórios dessa sociedade. Em 5, 10 o Apóstolo mesmo admite que possa estar morto por ocasião da parusia (1).

3) O v. 17 insinua que os homens que estiverem vivos por ocasião da parusia, não provarão a morte, mas simplesmente da vida terrestre passarão para a celeste. Esta interpretação é corroborada por 1 Cor 15, 51 (1a). Assim entendiam o versículo os Padres gregos: a isenção da morte corporal será um grande privilégio outorgado por Deus aos homens que o Cristo encontrar vivos sobre a terra. — Tal interpretação, porém, tem seus adversários, os quais admitem que, durante o arrebatamento mesmo de encontro ao Cristo, os sobreviventes morrerão e ressuscitarão imediatamente, a fim de pagarem, também eles, o tributo à morte. Esta hipótese carece de fundamento no texto paulino; só se poderia sustentar por motivos dogmáticos dirimentes, que, no caso, porém, não existem.

(1) Outra fórmula da mesma explicação encontra-se à pg. 70.

Aos 18 de Junho de 1915, a Pontificia Comissão Bíblica, referindo-se aos textos escatológicos de S. Paulo, declarou:

a) o Apóstolo nada ensinou em desacôrdo com a absoluta ignorância do tempo da parusia que Cristo nos quis deixar;

b) em particular, com relação a 1 Tes 4, 15ss, pronunciou-se em favor da interpretação tradicional, que julga não ter Paulo incluído, nem a si nem aos seus leitores, no número daqueles que certamente veriam a parusia.

Cf. Enchiridion Biblicum 433s.

Não se pode, porém, condenar a opinião daqueles que julgam que S. Paulo, embora não tenha acreditado com segurança, tenha ao menos esperado ardentemente assistir à parusia.

EPÍSTOLAS PAULINAS

No episódio seguinte, 5, 1-11, o Apóstolo, querendo dissipar o fundamento da ociosidade e do abatimento dos seus fiéis, recorda-lhes que ninguém pode afirmar com segurança ser iminente o dia da volta do Senhor; para nós, fica envolvido na incerteza. O cristão, porém, não se inquieta diante desta perspectiva, pois justamente êle é “filho da luz, filho do dia” (v. 5. 8), ou seja, filho daquele dia do Senhor (1); em outros termos: êle vive em função da parusia do Senhor; foi por causa dela e em vista dela que êle se converteu dos ídolos ao Deus verdadeiro (cf. 1, 9 s).

Esta outra passagem escatológica da 1 Tes não suscita dificuldades de interpretação. Antes concorre para elucidar a secção anterior (4, 15-17), mostrando que o Apóstolo, assim como o Mestre (cf. Mc 13, 31; Mt 24, 36), não quis ensinar algo de preciso sôbre a hora da consumação do mundo.

B. A SEGUNDA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES

§ 1. *Ocasão e tema da 2 Tes*

A primeira epístola aos Tessalonicenses, lida na comunidade cristã, tranqüilizou os ânimos dos fiéis a respeito da sorte de seus caros defuntos. Todavia deixava-os ainda perturbados a propósito da segunda grande questão escatológica abordada: Paulo, inculcando a incerteza da hora da parusia, nada de novo havia dito; não excluía que o Senhor voltasse

(1) A expressão “o dia (do Senhor)” era consagrada no Antigo Testamento para designar o tempo da consumação messiânica.

dentro de dias ou meses. Por conseguinte, os obstinados de Tessalonica continuavam a julgar iminente a volta do Senhor; abstinham-se do trabalho e, em sua ociosidade, provocavam novas desordens, inquietações, na comunidade, pois presumiam apontar os sinais-prenúncios da consumação do mundo. A fim de fundamentar as suas conjeturas fabulosas, apelavam para alguma revelação recebida por um irmão durante o ofício litúrgico (cf. 1 Tes 5, 20); valiam-se também das próprias palavras do Apóstolo em sua primeira epístola, que, sendo breves, podiam ser facilmente mal-entendidas ou, talvez, apresentavam uma nova epístola do Apóstolo falsificada (1).

Assim verificava-se na comunidade de Tessalonica um estado de ânimos cada vez mais agitado, agravado pelos vícios morais daí decorrentes (ociosidade, engano, roubo, luxúria...).

Ora algum cristão, provindo da Macedônia a Corinto, referiu a situação a Paulo. Ao lado dos males, porém, não podia silenciar aspectos consoladores: a fé e a caridade haviam crescido entre muitos dos fiéis, apesar da persistência das perseguições (cf. 2 Tes 1, 3 ss).

Ouvido isto (cf. 2 Tes 3, 11), Paulo resolveu sem demora dirigir novo escrito aos seus fiéis; seria mais breve, mas mais incisivo que o antecedente. Assim se originou a 2 Tes, provavelmente poucos meses após a primeira epístola (o que é insinuado pela grande semelhança de tema e linguagem das duas epístolas, assim como pela agitação dos Tessa-

(1) Cf. 2 Tes 2, 2. Esta passagem admite as duas interpretações acima referidas. Precavendo-se, contra falsificações, o Apóstolo prudentemente chamava a atenção dos fiéis para o seu sinal autógrafo em 2 Tes 3, 17.

EPÍSTOLAS PAULINAS

lionicenses, que crescia rapidamente e exigia pronta intervenção do Apóstolo).

Conforme o seu costume, o Apóstolo, à parte de instruções e admoestações, faz preceder uma secção de ação de graças e reconhecimento do bem operado pelo Senhor entre os fiéis. Donde se tem a seguinte divisão da epístola:

Exórdio: 1, 1-12

Paulo dá graças a Deus pela firmeza dos Tessalonicenses na fé. Recorda-lhes a futura retribuição no dia da volta do Senhor. Pede a graça de Deus para os leitores.

I. Ensino a respeito da parusia: 2, 1-17

1. O dia da volta do Senhor, embora incerto, ainda não é iminente. Devem precedê-lo sinais precursores: a grande apostasia, o Homem do pecado, inimigo de Deus, que o Cristo há de destruir ... 2, 1-12
2. Dêem os fiéis graças a Deus pela sua vocação à fé. Não se deixem perturbar, mas conservem os ensinamentos do Apóstolo, que para eles implora as graças de Deus 2, 13-17

II. Admoestações: 3, 1-15

1. Orem pelo Apóstolo 3, 1- 5
2. Evitem os irmãos ociosos; procurem corrigi-los com caridade 3, 6-15

Epílogo: 3, 16ss

Saudação. Bênção.

§ 2. O ensino escatológico da 2 Tes

Devendo desfazer, na mente de seus fiéis, a idéia de que a parusia do Senhor estava iminente, o Apóstolo, nesta segunda epístola, resolveu indicar alguns sinais que serão prenúncios necessários do grande dia; cf. 2, 3-10.

Deverá primeiramente haver entre os homens uma terrível *apostasia religiosa*, em meio à qual se revelará o *Homem*

EPÍSTOLAS PAULINAS

do pecado; êste, realizando *prodígios sedutores*, tentará apresentar-se como Deus, ocupando mesmo o trono do Senhor no templo. Todavia, a esta aparição ou *parusia* enganadora do *Iníquo* se oporá a aparição (parusia) de Cristo, que, descendo à terra, extinguirá o Maligno e dará a vitória definitiva ao reino de Deus. Desde já, conforme o Apóstolo, (isto é, desde o início da era cristã), o mistério da iniquidade atua neste mundo, mas não se pode manifestar plenamente, porque há *algo e alguém* que o detém, isto é, uma *fôrça* (“to katechon”, em grego) e uma *personalidade* (“ho katechoon”) que impedem a plena manifestação do mal. Deus, porém, permitirá que êste obstáculo seja removido nos últimos tempos, o que dará lugar à aparição do Iníquo furibundo e à fase derradeira, mais renhida, da luta entre o mistério da iniquidade e o mistério do bem, de Cristo (1).

Esta passagem, bem se entende, tem recebido as mais variadas interpretações por parte dos exegetas, antigos e modernos. Já que inútil seria querer apresentá-las tôdas, aqui vai exposto apenas o que se pode dizer de mais provável sobre tal texto. Um entendimento cabal desta passagem nos fica vedado, pois o Apóstolo escrevia intencionando unicamente elucidar e completar a catequese oral feita aos Tessalonicenses (cf. 2, 5 ss) — Ora, já que esta nos ficou desconhecida, também o sentido claro do respectivo complemento vos escapa.

Como quer que seja, Paulo parece conceber tôda a história da Igreja como a disputa travada entre duas forças antagonicas: o *mistério da iniquidade* e o *mistério de Cristo*.

(1) Assim como S. Paulo fala do *mistério da iniquidade* em 2 Tes 2, 7, fala do *mistério de Cristo* em Ef 1, 9; 3, 3s. 9; Col 1, 27; 2, 2; 4, 3.

O mistério da iniquidade, sendo uma potência que percorre toda a história, deve ser identificado com a múltipla atividade de Satanás e de seus agentes; seria o *Anticristo* coletivo, para se usar de um termo de S. João em 1 Jo 2, 18; esta coletividade, nos últimos tempos, terá um expoente individual, de máxima veemência, que S. Paulo chama o “homem do pecado” (cf. 2, 3. 8), correspondente ao Anticristo individual de S. João (1. c.). De outro lado, o mistério de Cristo se concretiza na Igreja e sua ação neste mundo; em prol da Igreja pugnarão visivelmente o próprio Cristo, quando voltar no fim dos tempos, a fim de vencer definitivamente o Iníquo. Todavia — e isto é importante — a Igreja tem a seu favor ainda uma força, instituição ou coletividade (“to katechon”, forma neutra) e uma personalidade (“ho katechoon”, forma masculina), que nos nossos séculos detêm a plena irrupção do mal. — Quais serão estes atuais baluartes da Igreja? É o que se tem conjecturado de muitas maneiras, apontando este ou aquele grande protetor do Catolicismo em determinada época: S. Tiago o Menor, o Império Romano,...

Todavia nenhuma das indicações que visam determinado período satisfaz, pois “ho katechoon” age por toda a história da Igreja. Por conseguinte, de maior probabilidade goza a teoria que vê em “ho katechoon” (gênero masculino) o Arcanjo S. Miguel, o qual, desde os tempos judaicos, sempre foi considerado como Padroeiro do povo de Deus; e, em “to katechon” (gênero neutro), o exército dos anjos que, sob o Príncipe da milícia celeste, lutam contra os espíritos malignos neste mundo (1). No dia, porém, em que aprouver à Divina Providência, Deus fará cessar a ação tutelar de S. Miguel e

(1) Cf. F. Prat, *Theologie de St. Paul I*, Paris, 20, 1933, 98s.

EPÍSTOLAS PAULINAS

seu exército, permitindo a manifestação summa e derradeira do Anticristo.

Note-se, por fim, que a indicação dos sinais precursores do Anticristo na 2 Tes não contradiz à incerteza do tempo da parusia que na 1 Tes S. Paulo professa. Os próprios sinais precursores se verificarão em época incerta.

Donde falha é a conclusão de autores que, julgando haver contradição entre 1 e 2 Tes, denegaram a autenticidade paulina desta última. A 2 Tes está perfeitamente na linha da 1 Tes; por conseguinte, não há motivo para duvidar de sua genuinidade.

Capítulo II

OS JUDAIZANTES. PRELIMINARES HISTÓRICOS CONEXOS COM GÁL, 1-2 COR, ROM

Ao passo que as duas primeiras epístolas de S. Paulo se caracterizavam por uma efusão livre do coração paterno, acompanhada de instruções parceladas sôbre um único ponto dogmático — a parusia do Senhor — as quatro seguintes apresentam um conteúdo predominantemente teológico, acompanhado de esclarecimentos pessoais e exortações morais.

A questão abordada por 1-2 Tes — que haverá no fim dos tempos? — é uma interrogação dos homens de tôdas as épocas. Não se dá o mesmo, porém, com o grande problema teológico de Gál, 2 Cor e Rom (1): a abrogação da Lei

(1) A 1 Cor também reflete este problema, mas de maneira menos incisiva.

EPÍSTOLAS PAULINAS

mosaica. Êste problema punha-se exclusivamente para os fiéis da Igreja antiga. Paulo foi o heróico arauto da sua solução, empenhando a própria vida em favor desta. Cheias de tal problema do 1.º século, não obstante, as quatro ditas epístolas não perderam sua atualidade até os nossos dias. Para se perceber êste seu valor perene, porém, requer-se uma exposição prévia da questão que preocupava o Apóstolo ao escrevê-las.

Eis como, em linhas gerais, se apresentava o problema:

Logo nos primórdios do mundo, após o pecado do primeiro homem, Deus prometeu a Adão um Redentor, novo Pai do gênero humano, o 2.º Adão, que gerasse para a vida verdadeira, eterna, em oposição ao primeiro Adão, que gera para a morte. Esta promessa foi-se transmitindo de geração em geração; reduzia-se, porém, cada vez mais o círculo dos homens que lhe ficavam fiéis, porquanto a idolatria e a corrupção grassavam no mundo. Eis, pois, que, para assegurar a transmissão e, um dia, o cumprimento de tal promessa, Deus quis escolher um homem e sua linhagem, que seriam os depositários da verdadeira religião até a vinda do Redentor ou Messias: cêrca, pois, do ano de 1950 a . C. chamou Abraão da Caldéia para uma terra estrangeira (Canaã) e prometeu dar-lhe a bênção: da sua linhagem sairiam o Redentor e a salvação para o gênero humano inteiro. Abraão ouviu esta promessa de Deus (que não podia deixar de lhe parecer estupenda e, ao mesmo tempo, estranha), e deu-lhe crédito; com isto tornou-se *amigo de Deus*, justificado, como diz a Escritura em Gên 15, 6; Tg 2, 23; e, note-se bem, justificado *por ter acreditado*, ou seja, *pela fé* no Messias prometido.

Ora, depois de feita esta escolha de Abraão, Deus houve por bem preceituar ritos e costumes a Abraão e seus

descendentes, ritos e costumes que distinguissem a sua vida da dos demais homens, idólatras e corruptos, e assim criassem como que uma muralha a proteger a verdadeira fé no povo escolhido. Dêses ritos, o primeiro promulgado foi a *circuncisão*, à qual já o filho de Abraão, Isaac, teve que se submeter. Os demais preceitos só mais tarde foram promulgados, a saber, cêrca de 1240 a.C., por meio de Moisés. A *Lei mosaica* tornou-se assim a Carta Magna da teocracia de Israel; compreendia um conjunto de normas, cuja observância era estritamente necessária ao homem para pertencer ao povo de Deus, participar da promessa messiânica.

A Lei mosaica era, para o homem, a única via de salvação revelada antes da vinda do Redentor. Essa Lei, porém, era a lei, religiosa e civil, de um povo, tinha caráter nacional, de tal modo que salvação, bens espirituais, ficavam ligados a uma raça; quem quisesse abraçar a verdadeira fé, devia agregar-se ao povo israelita, fazer-se membro da nação judaica (prosélito; cf. pg. 9 n. 1).

Ainda é de notar que Abraão foi justificado pela fé que prestou à promessa messiânica, antes que cumprisse qualquer lei especial de Javé, antes mesmo do preceito da circuncisão; donde *Abraão*, *Promessa*, *Fé*, *Prepúcio* (1), *Bênção messiânica* são conceitos intimamente associados entre si. Doutro lado, depois de promulgada a Lei mosaica, a justificação só podia tocar ao homem mediante o cumprimento das obras preceituadas pela Lei; donde a outra série de conceitos estreitamente ligados uns aos outros: *Moisés*, *Lei*, *Circuncisão*, *Obras*, *Justificação Veterotestamentária*. O cumprimento

(1) Termo que designa o estado de quem não é circuncidado.

EPÍSTOLAS PAULINAS

das obras legais chegou a assumir papel tão importante entre os Judeus posteriores, em particular entre os Fariseus, que êstes negligenciavam o espírito que devia animar as obras, isto é, a fé em Deus e no Messias, caindo num mero formalismo.

Tal era a situação religiosa do gênero humano, quando Cristo veio ao mundo, qual Redentor prefigurado pelo 1.º *Adão*, prometido a *Abraão*, preparado pela *Lei mosaica*; o que esquemáticamente se pode assim reproduzir:

1.º ADÃO	ABRAÃO	MOISÉS
início da história	sec. 20 a. C.	sec. 13 a. C.
1.º Evangelho (Gên 3, 15s)	Promessa messiânica	Lei
Tipo do 2.º Adão	Fé	(salvaguarda provisória da verdadeira fé)
	Prepúcio	(1)
	Bênção messiânica	Circuncisão
		Obras
		Justificação vetero-testamentária
	2.º ADÃO, CRISTO	
	plenitude dos tempos	
	Messias	
	Antitipo do 1.º Adão	
	Cumprimento da promessa	
	Abrogação da Lei mosaica	

Ora o Messias veio qual filho do povo israelita e anunciou aos Judeus o cumprimento da promessa feita a Abraão e aos demais Patriarcas de Israel. Que êsse cumprimento da promessa, isto é, a salvação trazida por Cristo, se destinasse a todos os homens, de qualquer raça fôssem, não

(1) Também se pode dizer com S. Paulo (Gal 4, 24): pedagogo = servo que conduz a criança ao mestre ou senhor.

EPÍSTOLAS PAULINAS

era pôsto em dúvida pelos primeiros Judeus que seguiram a Cristo (Apóstolos e discípulos do Senhor); o teor da promessa feita a Abraão abrangia todos os povos (1). Ficava, porém, uma questão séria: entre a promessa universal (Abraão) e o seu cumprimento universal (Cristo), Deus interpusera a Lei mosaica, nacional, que ligava os bens messiânicos à descendência carnal de Abraão e às observâncias judaicas. Perguntava-se, pois: Não será que, após a vinda do Messias, os pagãos que queiram abraçar a verdadeira fé, devem, como outrora, agregar-se ao povo judeu, fazendo-se circuncidar e cumprindo a Lei mosaica, ao mesmo tempo que os preceitos do Evangelho? Ou então terá sido definitivamente abrogada a Lei mosaica pelo Evangelho, de modo que a justificação messiânica é dada aos cristãos pela fé no Messias como foi outrora dada a Abraão independentemente do ritual mosaico? (2). Neste último caso, o modo como Abraão foi justificado seria típico, de sorte que qualquer homem, judeu ou pagão, que cresse no Messias, deveria ser considerado verdadeiro imitador e filho de Abraão, membro do povo de Deus, abstração feita da sua linhagem carnal, da sua origem nacional; o “verdadeiro Israel” (Rom 9, 6) seria não a descendência carnal de Abraão (o que significaria particularismo e, ao mesmo tempo, formalismo), mas seriam os que imitam a fé viva e eficaz de Abraão.

(1) “Tôdas as famílias da terra serão abençoadas em ti” (Gên 12, 3). “Torno-te pai de uma multidão de nações. Far-te-ei crescer extraordinariamente; de ti tirarei nações, e reis sairão de ti” (Gên 17, 6). “Em tua posteridade serão abençoadas tôdas as nações da terra, porque obedeceste à minha voz” (Gên 22, 18).

(2) A fé que justificou Abraão não foi mero assentimento intelectual, mas implicou uma entrega, doação total, do homem a Deus. Neste sentido largo seja entendida a fé de que se fala na presente exposição e de que falará S. Paulo nas epístolas seguintes.

EPÍSTOLAS PAULINAS

Tal era o grave problema que enchia as mentes dos primeiros Judeus convertidos ao Evangelho.

Caberia a Paulo dar a resposta peremptória a tão sério dilema e garantir a implantação da mesma na Igreja. Com suas vistas largas, percebeu o plano de Deus e o papel provisório que neste cabia à Lei mosaica. Sem dúvida, não era fácil a um Judeu reconhecer que as prerrogativas outorgadas aos Israelitas pela dispensação veterotestamentária fundada na descendência de estirpe já tinham dado o seu fruto, e, por conseguinte, estavam abrogadas. Daí a grave luta que Paulo teve de sustentar em prol da verdade contra seus compatriotas convertidos a Cristo, os chamados *Judaizantes*.

Os principais marcos desta luta, que se refletem nas epístolas aos Gálatas, Coríntios e Romanos, são os seguintes:

Em sua primeira viagem missionária (45-48) S. Paulo, acompanhado de Barnabé, percorreu regiões do Sul da Ásia Menor: a Panfília, a Pisídia, a Licaônia. Aí converteu grande número de Gentios, aos quais deu admissão na Igreja, sem lhes impor a circuncisão ou a Lei mosaica. De regresso, porém, a Antioquia, Paulo, exultante pelo bom exito da missão, teve o dissabor de ouvir, da parte de Judaizantes recém-vindos de Jerusalém, a tese de que os pagãos não deviam ser recebidos na Igreja sem previamente aceitarem a circuncisão e as observâncias da Lei mosaica. Esses compatriotas do Apóstolo estavam decididos a tudo fazer para impor a sua sentença.

Paulo, porém, e Barnabé percebiam o perigo de tal postulado: equivalia a negar pleno valor salvífico ao sacrifício de Cristo; a graça do Redentor seria insuficiente para grangear aos homens a amizade de Deus, se aos méritos do

EPÍSTOLAS PAULINAS

sangue de Cristo fôsse preciso associar os ritos da Lei mosaica; inútil deveria ser dita a morte do Filho de Deus; Cristo nada teria trazido de novo, não teria operado a Redenção; estaríamos como sob o Antigo Testamento, tempo de expectativa. Assim concebido, o Cristianismo, em vez de ser o reino de Deus universal, nunca passaria de insignificante seita judaica e pereceria com a própria teocracia judaica em 70 d. C. (à semelhança de outras seitas judaico-cristãs, como o Ebionitismo).

Na angustiosa situação, Paulo e Barnabé, acompanhados de Tito, um pagão convertido e feito discípulo de Paulo, resolveram ir a Jerusalém a fim de solicitar a decisão dos demais Apóstolos, em particular de Pedro, Tiago e João, considerados “colunas da Igreja”. Destarte se deu o chamado “Concílio dos Apóstolos” no ano de 49 (At 15, 1-35; Gál 2, 1-10).

Após as devidas considerações, ficou resolvido que aos Gentios convertidos ao Evangelho não se imporia o jugo da Lei mosaica (cf. At 15, 10. 19. 28); todavia, a fim de manter a boa paz em comunidades constituídas de Judeus e pagãos convertidos, o Concílio houve por bem promulgar as chamadas “cláusulas de Tiago”. Estas impunham aos étnico-cristãos (1) a observância de quatro costumes cuja violação causava grande escândalo a qualquer Judeu: que se abstivessem de comer carnes previamente imoladas aos ídolos, e carnes de animais sufocados (das quais não havia corrido

(1) Étnico-cristão: pagão convertido ao Cristianismo. Judeu-cristão: judeu convertido ao Cristianismo.

EPÍSTOLAS PAULINAS

sangue); não hebessem sangue (1), nem praticassem prostituição (cf. At 15, 29).

Portador dêste decreto, Paulo com seus companheiros, regressou a Antioquia, anunciando o feliz êxito das deliberações. A pendência fôra resolvida conforme a tese que Paulo propugnara: a Redenção de Cristo implicava a plena libertação do jugo da Lei mosaica. Com efeito, as cláusulas formuladas em Jerusalém não tinham significado dogmático nem vigor universal; visando estabelecer um “modus vivendi”, obrigariam apenas onde e por quanto tempo fôsssem oportunas. Neste sentido falaria S. Paulo da liberdade dos filhos de Deus, a qual nos foi conquistada por Cristo (Gál 4, 31).

Em Jerusalém os Apóstolos também haviam reconhecido a Paulo a missão peculiar de pregar o Evangelho entre os pagãos; seria, por excelência, o Apóstolo dos Gentios; apenas lhe pediam que entre os irmãos abastados das terras pagãs promovesse coletas em favor dos pobres da Igreja Madre de Jerusalém, o que Paulo de boa mente prometeu e haveria de cumprir (cf. Gál 2, 9s; 1 Cor 16, 1-4; 2 Cor 8s).

Ainda estando Paulo em Antioquia, deu-se famoso episódio: Pedro, recém-vindo a esta cidade, usava da liberdade que lhe competia, não observando a distinção mosaica entre os alimentos, nas suas relações com étnico-cristãos. Todavia, tendo sobrevivendo Judeus de Jerusalém, Pedro intimidou-se e voltou a observar as prescrições legais. Já que esta atitude suscitava Barnabé e outros judeus-cristãos à imitação, lançando confusão nas mentes e ameaçando criar

(1) Os judeus julgavam que o sangue é a sede da alma ou da vida, a qual pertence a Deus só.

EPÍSTOLAS PAULINAS

uma barreira, mesmo uma cisão, entre os fiéis, S. Paulo fez ver a Pedro quanto mal o Príncipe dos Apóstolos assim acarretava (Gál 2, 11-14). A demonstração serviu de testemunho à perspicácia enérgica de Paulo e à humildade sincera de Pedro, o qual, como o insinuam os textos, se rendeu à evidência.

O Concílio de Jerusalém havia resolvido em princípio a questão das relações do Evangelho com a Lei mosaica. A solução teórica, porém, na prática, ainda seria impugnada pelos Judaizantes, que haviam de atacar principalmente a Paulo, o Apóstolo dos Gentios, ocasionando as disputas, as apologias pessoais, assim como as elevadas considerações teológicas de Gál, 1-2 Cor e Rom.

Capítulo III

A EPÍSTOLA AOS GÁLATAS

§ 1. *Tema e divisão de Gál*

A epístola aos Gálatas supõe uma comunidade que, de pois de evangelizada pelo Apóstolo, foi perturbada pela visita de pregadores judaizantes. Estes, a quanto parece, eram extremistas: ensinavam serem a circuncisão e a Lei mosaica de *absoluta* necessidade para a salvação, não apenas um complemento de perfeição. E, para incutir esta tese, valiam-se, em grande parte, de argumentos pessoais, que visavam desprestigiar Paulo e sua pregação aos olhos dos fiéis. Assim apontavam para S. Pedro e S. Tiago como sendo dos Apóstolos mais antigos e autorizados, os quais se davam a

EPÍSTOLAS PAULINAS

conhecer por sua fidelidade à Lei mosaica. Em oposição a êstes, apresentavam Paulo como um pregador de Cristo que nunca convivera com Cristo, mas muito após a Ascensão se convertera e fôra instruído pelos discípulos do Senhor; não podia, pois, gozar da mesma autoridade que êstes outros, de mais a mais que a pregação paulina era dita divergente da dos antigos Apóstolos, por sua oposição à Lei mosaica. Desta forma, a própria missão apostólica de Paulo era posta em jôgo. Além disto, imputavam-lhe grandes falhas de caráter: inconstância, ambição, oportunismo; por isto, teria declarado aos Gálatas estar abrogada a Lei de Moisés a fim de os converter mais facilmente, ao passo que em outras circunstâncias de sua vida, querendo ganhar o favor dos Judeus, se acomodara aos usos dêstes (mandara, por exemplo, circuncidar Timóteo, filho de pai gentio; cf At 16, 3; Gál 1, 10; 5, 11).

A argumentação impressionara profundamente os Gálatas, de sorte que estavam mesmo para abraçar os ritos da Lei mosaica (cf. Gál 4, 21), menosprezando a pessoa e a pregação do seu Apóstolo.

Tais notícias chegaram aos ouvidos de Paulo, trazidas provavelmente por irmãos recém-vindos da Galácia. Ao tomar conhecimento delas, o Apóstolo não podia deixar de experimentar tristeza profunda. Recordava-se dos tempos de seu apostolado naquela terra: os neófitos haviam sido ricamente agraciados pelo Espírito Santo; férvida caridade os estreitava entre si e com o Apóstolo, seu pai espiritual (ter-se-iam arrancado os próprios olhos para dá-los ao Apóstolo doente entre êles; cf. Gál 4, 15-19); além disto, haviam recebido dons extraordinários — profecia, glossolalia, curas milagrosas etc. (cf. Gál 3, 2s. 5). — Ora eis que, em lugar dessa intensa vida espiritual, os Gálatas já apresentavam um

quadro desolador: por causa dos novos pregadores, havia desconfiança e ressentimento para com Paulo, reinava agitação no seio das famílias, e estas, em suas relações mútuas, como que se mordiam e devoravam (cf. Gál 5, 14 s); mais ainda: para o futuro, intencionavam sufocar por completo a ação do Espírito dentro do formalismo estéril dos ritos judaicos!...

A questão era muito grave aos olhos de Paulo. O que se dizia contra sua pessoa, êle o podia tolerar; mas as inverdades atingiam a própria causa de Cristo; a evangelização da Galácia e das terras pagãs corria o risco de ficar frustrada. A vitória que conseguira no Concílio de Jerusalém e em Antioquia, ficaria vã, se os falsos irmãos conseguissem impor as suas idéias aos neófitos.

O Apóstolo, num primeiro ímpeto, quis partir para a Galácia (cf. Gál 4, 20). Impedido, porém, por outros cuidados, resolveu logo escrever aos fiéis, fazendo-lhes ver com tãda a energia quão tãda era a atitude que assumiam: trocariam a liberdade e a vida nova que Cristo lhes trouxera, pela servidão da Lei anterior a Cristo. Esta, tendo um valor preparatório, estava definitivamente abrogada desde que o próprio Messias viera (cf. Gál 3, 10s 17, 19-26; 4, 1-4). Inculcando esta verdade, o Apóstolo mostraria, de um lado, o caráter típico, subordinado, do Antigo Testamento (Gál 4, 21-31), e, de outro lado, a riqueza, a eficácia eminentes da fé e da Cruz de Cristo (Gál 1, 4; 2, 16-20s; 3, 13s; 4,5).

A epístola aos Gálatas, assim oriunda, decorre veemente como nenhum outro escrito paulino; é tãda ditada por afetos, ora de justa ira contra os falsos apóstolos (ditos "anátemas" em 1, 8s) e os Gálatas insensatos (3, 1), ora de ternura muito paterna para com os filhos espirituais, que o Apóstolo procurava de novo dar à luz para Cristo. (4, 15-19).

EPÍSTOLAS PAULINAS

A indignação fez que o Apóstolo mudasse mesmo o seu habitual estilo epistolar: no exórdio, omitindo a costumeira ação de graças pelo crescimento espiritual dos leitores (cf. 1 Tes p. 14, Tes p. 31), Paulo prorrompe logo em enérgica repressão; a própria saudação inicial difere da das outras cartas, pondo em realce certos tópicos adaptados à situação (a origem divina do apostolado de Paulo, a liberdade que Cristo nos conquistou...)

O conteúdo da epístola aos Gálatas deixa-se distribuir como segue:

Exórdio: 1, 1-10

Saudação e bênção: 1, 1-5. Repreensão: 1, 6-10.

I. Parte apologética: 1, 11-2, 14

1. Expondo o seu currículo de vida, S. Paulo demonstra a origem divina da sua missão apostólica: antes da conversão, era zeloso aderente da Lei mosaica; depois da conversão, retirou-se para o deserto e não viu os Apóstolos, a não ser Pedro três anos mais tarde e por poucos dias apenas. Por conseguinte, é impossível que tenha aprendido o Evangelho dos Apóstolos mais antigos e que por eles tenha sido investido. Também não teve relações com as igrejas da Judéia 1, 11-24
2. A plena concórdia da pregação paulina com a dos demais Apóstolos se evidencia da aprovação que êstes deram a Paulo por ocasião do encontro em Jerusalém 2, 1-10
3. Contra a calúnia de oportunismo, Paulo se defende recordando a energia com que sustentou a verdade publicamente nas suas relações com o próprio Pedro em Antioquia 2, 11-14

II. Parte dogmática: 2, 15-5, 12

1. Sob forma de uma alteração com S. Pedro, Paulo propõe a tese da epístola: a justificação se obtém pela fé viva, e não pela observância da Lei mosaica 2, 15-21
2. Quatro argumentos provam a tese:

EPÍSTOLAS PAULINAS

a) a experiência dos Gálatas, que, conforme o exemplo de Abraão, não pela observância da Lei, mas pela fé em Cristo crucificado, receberam o Espírito Santo e os seus carismas 3, 1- 7

b) a promessa feita a Abraão, de que este Patriarca seria abençoado e, por ele, todos os povos da terra. Tal bênção só podia ser adquirida mediante a fé na promessa, não mediante a observância da Lei mosaica, a qual só foi dada muito mais tarde 3, 8-18

c) a função e a finalidade da própria Lei, que foi dada como pedagogo e tutor a fim de encaminhar o povo israelita para Cristo; vindo Este, cessou o papel da Lei, é absurdo e injurioso voltar às observâncias mosaicas 3, 19- 4, 11

Interrupção: Paulo lamenta paternalmente que a caridade dos Gálatas para com ele tenha diminuído 4, 12-20

d) a história da família de Abraão: o sentido típico da história de Agar e Sara, Ismael e Isaac prova que somente os que não servem sob a Lei, são verdadeiros filhos e herdeiros de Abraão 4, 21-31

3. Consequências práticas da tese provada; permaneçam os fiéis na sua liberdade cristã 5, 1-12

III. Parte moral: 5, 13-6, 10

1. Vivam os fiéis conforme o espírito, libertos tanto da Lei como das paixões da carne 5, 13-25
2. Pratiquem a caridade na humildade, recordando-se sempre da retribuição divina 5, 26- 6, 10

Epílogo: 6, 11-18

Os falsos pregadores procuram a vã glória, enquanto Paulo só procura Cristo, no qual está a nossa salvação (6, 11-16).

Bênção final (6, 18).

§ 2. Destinatários, época e lugar de redação de Gál

As circunstâncias precisas de tempo e lugar em que se originou a epístola aos Gálatas, só podem ser indicadas se se sabe exatamente quem eram os destinatários da missiva,

De fato, os nomes de Galácia e Gálatas podiam ter mais de uma acepção no tempo de São Paulo.

Gálatas ou *Celtas* eram um povo que no século 6.^o a. C. habitavam o território das Gálias (França dos nossos dias). No século 4.^o a. C. parte dêste povo emigrou, através da Germânia, da Itália, da Ilíria, até a Grécia. Mais tarde, em cerca de 279 a. C., três tribos Gálatas emigraram para a parte setentrional da Ásia Menor, fixando sede junto ao rio Hális; esta região setentrional da Ásia Menor foi, por conseguinte, denominada *Galácia*.

No século 1.^o a. C., os Gálatas dominaram regiões vizinhas, de modo que, em 25 a. C., quando os Romanos anexaram ao seu Império o que êles chamaram a "Província da Galácia", esta compreendia, além do núcleo primitivo (Galácia no sentido estrito, Galácia Setentrional), diversos outros territórios da Ásia Menor (a Frígia Oriental, a Pisídia, o Ponto galático, parte da Licaônia, a Paflagônia, a Isáuria etc.). Assim é que, no tempo de São Paulo, os termos geográficos *Galácia*, *Gálatas* podiam ser usados tanto em acepção larga como em sentido estrito.

Já que isto concorre para o entendimento da nossa questão, eis algumas notícias mais precisas sobre o uso dos dois termos na literatura contemporânea a São Paulo:

Os autores profanos, sob o nome de Galácia, entendiam por vêzes toda a província romana dêste nome; mais frequentemente, porém, designavam a região estritamente dita.

Tôdas as inscrições antigas até hoje descobertas pelos arqueólogos, excetuada uma só, designam como Galácia a região setentrional apenas. (1)

(1) As citações das fontes encontram-se em Hoepfl-Gutt. *Introductio Specialis in Novum Testamentum*. Rom 1938, 344s.

EPÍSTOLAS PAULINAS

São Lucas, ao falar de *região galática*, tem em vista não a província romana, mas o território galático no sentido estrito. Assim nos At 16, 6: “Atravessavam a Frígia e a região galática...”; neste texto a região galática, distinta da Frígia, não pode significar senão a Galácia no sentido restrito, pois que a Frígia fazia parte da Galácia no sentido largo. O mesmo raciocínio vale para o texto seguinte dos At (18, 23); “... percorrendo por ordem a região galática e a Frígia”. Ademais é de notar que São Lucas não costuma usar dos nomes das províncias romanas, mas designa as regiões pelas suas denominações antigas; assim a Panfília (At 13, 13), a Pisídia (At 13, 14), a Licaônia (At 14, 6).

Ora sabe-se que São Paulo evangelizou não somente o núcleo original da Galácia, mas também as suas dependências posteriores: na primeira e na segunda viagem missionária, percorreu a Galácia meridional (Pisídia, Licaônia); na segunda e na terceira pregou na Galácia setentrional (At 16, 6; 18, 23). Pergunta-se, pois: que sentido se deve supor aos termos “Galácia” e “Gálatas” na epístola paulina?

A questão é subtil. Por falta de indícios e documentos seguros, não se deixa resolver peremptoriamente, havendo exegetas de grande autoridade em favor de sentenças opostas.

Excluída fica a solução mista, que afirma ser a epístola dirigida aos cristãos de toda a província romana da Galácia. De fato, o escrito supõe leitores de uma região bem determinada, não de nações heterogêneas.

Entre a hipótese da Galácia Setentrional e a da Galácia Meridional, merece preferência a primeira; e isto, pelo motivo principal de que toda a tradição exegética até o século 19 ensinava tal sentença; é bem para admitir que as antigas gerações cristãs tenham tido motivos sólidos para transmitir

aos posteriores essa tese. Eis ainda algumas das outras razões sôbre as quais se baseia a sentença da Galácia setentrional:

a) a interpelação “O Gálatas insensatos!” (3, 1) não pôdia ser dirigida senão aos habitantes da Galácia Setentrional, pois os habitantes da Licaônia, da Pisídia conservavam seu caráter próprio individual, mesmo dentro da província romana, de sorte que muito inconveniente seria interpelá-los sob o nome de um povo estranho;

b) em Gál 4, 13 o Apóstolo afirma: “...*por causa de* (1) uma enfermidade da carne eu vos preguei o Evangelho pela primeira vez”. Detido por uma doença, Paulo teria evangelizado os Gálatas. Ora tal notícia dificilmente se concilia com o que os At 13s referem sôbre a atividade de Paulo e Barnabé na Pisídia e na Licaônia; os Atos não deixam margem a entender que Paulo, impedido de viajar por uma doença, tenha pregado na Pisídia e na Licaônia;

c) em Gál 2, 6 o Apóstolo escreve: “...êsses homens tão considerados os (Grandes Apóstolos) nada me impuzeram”, isto é, nenhuma restrição fizeram à liberdade dos étnico-cristãos em relação à Lei mosaica. Estas palavras não podem ter sido escritas às comunidades da Galácia Meridional, pois nos At 16, 4 se lê explicitamente que Paulo impôs a tais comunidades as cláusulas de Tiago promulgadas pelo Concílio de Jerusalém. A observância dessas cláusulas era bem necessária na Galácia Meridional, onde grande número de Judeus residia junto com pagãos (cf. At 13s), ao passo que na Galácia Setentrional São Paulo as podia

(1) É de insistir no sentido causal da preposição “diá”, que alguns autores querem atenuar.

EPÍSTOLAS PAULINAS

ter silenciado perfeitamente, visto que não se encontravam Judeus entre os seus ouvintes (como o insinua o decurso tranqüilo da pregação paulina entre os Gálatas; cf. Gál 4, 13ss).

As dificuldades apresentadas contra a tese da Galácia Setentrional deixam-se resolver satisfatoriamente; doutro lado, os argumentos que positivamente querem inculcar a teoria da Galácia Meridional são muito fracos. Em conclusão, parece, pois, acertado seguir a tese tradicional nesta matéria.

Suposto, assim, que a nossa epístola se dirija aos Gálatas setentrionais, tem-se o fundamento para calcular tempo e lugar de sua redação.

Dever-se-á primeiramente, concluir, que Gál foi escrita durante a terceira viagem missionária.

Com efeito, o Apóstolo muito provavelmente alude a duas suas estadas sucessivas entre os Gálatas: da primeira vez foi recebido e tratado com grande carinho e alegria (4, 13 ss (1), ao passo que em sua segunda permanência já surgiram dificuldades por parte dos Judaizantes, prenúncios da tempestade que êle enfrenta na epístola (assim se deveriam entender Gál 1, 9; 4, 16; 5, 3. 21, versículos em que o apóstolo manifesta ter tomado atitudes enérgicas, ameaçando penas, quando presente entre os Gálatas, o que não condiria com as circunstâncias da "primeira vez" de 4, 13). Ora São Paulo visitou a Galácia pela segunda vez no início da sua terceira viagem missionária.

(1) Em 4, 13 "to próteron" parece ter realmente o sentido de "pela primeira vez", não de "precedentemente", tradução que não caberia no contexto.

Também se pode conjecturar que a epístola tenha sido redigida pouco após a segunda visita; é o que insinua o v. 1, 6, em que o Apóstolo se admira por terem os Gálatas, em tão breve espaço de tempo, mudado de mente, passando do Evangelho “mutilado” de Paulo ao Evangelho “íntegro” dos Judaizantes; a indignação do Apóstolo se entenderia tanto melhor sôbre êste fundo de uma brusca aversão dos fiéis.

Em consequência, dir-se-á, com a máxima probabilidade, que a epístola aos Gálatas foi escrita por cêrca de 54 (terceira viagem missionária: 53 - 58), quando o Apóstolo se achava em Éfeso (na terceira viagem Paulo, após ter percorrido a Galácia e a Frígia, foi, sem demora, fixar-se em Éfeso).

Não se pode, porém, deixar de mencionar a sentença dos que, baseando-se na afinidade de tema e estilo vigente entre Gál e Rom, afirmam ter sido Gál escrita pouco antes de Rom, ou seja, por cêrca de 58, achando-se Paulo em Corinto (1). O fundamento desta tese, embora válido, parece menos firme que o da anterior, pois a simples afinidade de tema e estilo se pode explicar pelo fato de que as relações entre a Lei e o Evangelho eram um dos pontos doutrinários capitais para São Paulo, que, portanto, tinha sôbre o assunto proposições e argumentos bem definidos, não sujeitos a variações, e, sim, a repetições.

§ 3. *Importância de Gál*

Autores de tendências bem diversas entre si comprazem-se em afirmar a importância da epístola aos Gálatas, de cuja autenticidade não costumam duvidar.

(1) Cf. pg. 94.

EPÍSTOLAS PAULINAS

Assim a Escola de Tuebingen, sob a orientação de F. C. Baur, vê na epístola aos Gálatas o fundamento da sua teoria relativa às origens do Cristianismo: Gál testemunharia, de fato, a existência de uma facção petrina e de uma facção paulina na Igreja antiga, das quais teria saído vitoriosa a facção paulina. A epístola aos Gálatas, relatando o contraste entre o Petrinismo e o Paulinismo, seria um forte documento contra a não-autenticidade dos Atos, que, no episódio paralelo a Gál 2 (At 15), procuram harmonizar as partes litigiosas, silenciando o contraste final.

Esta interpretação de Gál, fantástica e sectária como é, não merece ulterior consideração. Mais capcioso é o entendimento que dêste documento propõem os Luteranos, sob a orientação do próprio Lutero:

S. Paulo, escrevendo aos Gálatas, visava primariamente inculcar uma norma solene: “Não abraceis a Lei mosaica! Isto significaria entregar-se à servidão, depois de terdes sido libertados por Cristo!” Isto fez que a epístola aos Gálatas fôsse, por vêzes, no decorrer da história, considerada como uma carta de emancipação, e, em particular, explorada por Lutero e os Protestantes como a “Magna Carta da Liberdade Cristã”, a justificativa da sua revolta contra as práticas e os preceitos da Igreja Romana.

Ora êste modo de ver desconhece em absoluto o conteúdo positivo, muito rico, do nosso documento.

De fato, o Apóstolo só podia rejeitar a observância da Lei mosaica por estar persuadido de que os cristãos possuem um bem espiritual muito maior do que o Mosaísmo.

O Filho de Deus veio à terra, e ofereceu ao Pai o sacrifício de reconciliação do gênero humano, operando a

Redenção, que a Lei mosaica nunca dera aos homens. Além disto, instituiu o batismo, que ao neófito comunica, com a morte, também a vida nova, ressuscitada, de Cristo. Recebendo a vida do Filho de Deus, o cristão em pessoa é elevado à dignidade de filho do Pai Eterno, Irmão do Primogênito, e, em consequência, animado do Espírito do Filho, clama "Abba, Pai"; é assim envolvido no ciclo trinitário da vida divina; a vida do Pai, do Filho e do Espírito Santo nele regorgita. Ora, êsses grandes dons, Cristo os outorgou aos homens na qualidade de Consumador da Lei antiga, a qual estava tôda voltada para Êle, pronunciando-O e aguardando-O. Querer, pois, acrescentar à obra de Cristo os pálidos meios de santificação mosaicos seria simplesmente injuriar o Redentor, tê-lo na conta de nada (Gál 2, 21), seria passar da realidade às sombras, da qualidade de filhos à de servos, do amor ao temor, ao passo que rejeitar o Mosaísmo para abraçar os meios de santificação de Cristo é prova de compreensão e estima profundas do dom de Deus.

Todavia essa riqueza do cristão, que torna desnecessária a Lei judaica, não implica libertinismo. S. Paulo repetidas vêzes recorda aos seus leitores uma lei cristã, a lei de Cristo (1). Falando, pois, de Lei abrogada, tinha em vista o conjunto de instituições que ao homem do Antigo Testamento eram propostas como vias de salvação. É êsse sistema, considerado em bloco, que o Apóstolo diz abolido. Considerando a Lei, Paulo não quis distinguir entre os pre-

(1) Cf. Gál 6, 2: "Carregai os fardos uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo".

Gál 5, 14: "Tôda a Lei se deixa cumprir pela observância de um só preceito: Amarás o próximo como a ti mesmo".

Gál 5, 24: "Os que são de Cristo, crucificaram a sua carne com as paixões e as concupiscências".

ceitos *rituais*, provisórios (acenos típicos do Messias) e os preceitos *morais*, *permanentes*, fundados na própria lei natural (como o Decálogo), a fim de evitar sofisma por parte dos Judaizantes ou má compreensão por parte dos simples fiéis. Uma vez, porém, passado o perigo dos Judaizantes, a Igreja realçou o outro aspecto da doutrina paulina que ficara implícito nos escritos do Apóstolo, isto é, o valor perpétuo dos preceitos do Decálogo, lei moral e voz da consciência, cuja perfeição consiste no exercício da caridade (1).

A própria finalidade polêmica de Gál foi ocasião a que o Apóstolo nos ensinasse outra doutrina de inestimável valor: o sentido típico de dois trechos das Escrituras antigas os quais manifestam a plenitude do seu conteúdo quando interpretados à luz do vasto plano de Deus; assim Paulo nos revelou autenticamente o tipo da história de Abraão e seus filhos (Gên 15, 6), o da sentença de maldição proferida sobre quem pende do lenho (Dt 21, 23); cf. Gál 4, 21-31; 3, 13.

Ao lado disto, a epístola aos Gálatas ainda tem valor único como fonte de história da Igreja antiga, e, em particular, como manifestação da personalidade íntima do Apóstolo, homem agraciado, que tão bem soube associar entre si o ardor e a veemência do lutador de Deus (cf. 1, 10-2, 14) e o tenro afeto do pai espiritual, compadecido de filhos fracos e indigentes (cf. 4, 12-20).

Concluindo, pois, verificamos que a epístola aos Gálatas, ocupada com uma questão que já não é atual entre os cristãos, conserva uma importância perene. Desvenda algo

(1) Cf. Gál 5, 14 citado na nota anterior.

EPÍSTOLAS PAULINAS

do sábio plano de Deus, que distribui a salvação com liberalidade e soberania. E, êsse plano divino, S. Paulo o manifesta não sòmente no que êle tem de universal e coletivo, mas êle o mostra atuado também no cristão indivíduo: apresenta os tesouros da vida da graça, da união com Deus em têrmos vivos quais não se encontram em outras epístolas paulinas (1), de modo que Gál, com todo o seu aspecto polêmico, foi em todos os tempos o rico depósito onde as almas místicas foram buscar substancioso alimento.

Capítulo IV

AS DUAS EPÍSTOLAS AOS CORÍNTIOS

A. A PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS

§ 1. *Ocasão e tema da 1 Cor*

Em sua segunda viagem missionária, provàvelmente no ano de 51, Paulo deixou a cidade de Atenas, onde, sem quase nenhum sucesso, annunciara o Evangelho a gente imbuída de

(1) Cf. em particular:

2, 20: "Estou crucificado com Cristo (alusão ao batismo); não sou mais eu que vivo, é Cristo que vive em mim... o Filho de Deus; que me amou e se entregou por mim".

3, 26ss: "Todos sois filhos de Deus pela fé no Cristo Jesus. Com efeito, vós todos, que fostes batizados no Cristo, revestistes o Cristo. Não há mais Judeu nem Grego; não há mais servo nem livre; não há mais homem nem mulher; pois vós todos sois uma só pessoa no Cristo Jesus".

4, 6s: "Pois que sois filhos, Deus enviou nos vossos corações o Espírito de seu Filho, o qual clama; Abba, Pai! Assim tu não és mais escravo, tu és filh; e, se és filho, és também herdeiro, por graça de Deus".

Vejam-se ainda 5, 13s. 16. 23ss; 6, 2, 14-17.

cultura pagã, filósofos e sábios de diversas escolas. Entristecido, prosseguiu para o Sul até Corinto, cidade que não lhe oferecia perspectivas de apostolado mais risonhas do que Atenas.

De fato, em Corinto vício e corrupção grassavam largamente. Outrora chamada Efira, fôra destruída pelas tropas do romano Lúcio Múmio em 146 a. C., mas reerguera-se das ruínas e gozara do favor de Júlio César, que em 44 a. C. deu à cidade o título "Laus Julia Corinthus"; em 27 a. C. César Augusto tornou-a capital da província romana da Acaia. A prosperidade crescente de Corinto era muito favorecida pela sua posição geográfica: a cidade ficava situada num istmo entre dois golfos — o Sarônico, com seu pôrto de Cêncreas, no mar Egeu, e o Coríntio, com o porto de Lequeu, no mar Adriático. Esta circunstância valia-lhe os títulos de cidade "amphithalássos (= de dois mares)", "Esplendor de tôda a Grécia". Em consequência, Corinto era um centro para onde afluíam viajantes, mercadores, com suas mercadorias e seus sistemas ideológicos, provenientes de diversas partes do mundo (1).

Os cultos pagãos praticados na cidade concorriam, juntamente com a riqueza e o bem-estar, para promover a devassidão moral. Das numerosas divindades gregas, romanas, egípcias, frígias, cultuadas em Corinto, a que mais em voga se achava, era Vênus ou Afrodite, cujo templo se erguia no alto da colina Acrocorinto, abrigando mais de mil mulheres prostituídas; as festas desta deusa, cognominada:

(1) A opulência de Corinto se reflete no dístico do poeta romano Horácio: "Não a qualquer homem é dado visitar Corinto" (epist. 1, 17, 36).

EPÍSTOLAS PAULINAS

Pandemos (= de todo o povo), provocaram a massa da população à luxúria mais grosseira. Tão conhecida era a corrupção dos Coríntios que se tornara proverbial entre os habitantes do Império: “corintizar (*korinthiazesthai*)” significava “viver luxuriosamente”, “jovem coríntia” significava uma prostituta; por “doença coríntia” se entendiam as conseqüências fisiológicas decorrentes do vício.

A mentalidade de tal população só podia ser fútil. Mesmo os Coríntios que se gabavam de sabedoria, só possuíam a filosofia eclética, decadente, da sua época — estoicismo panteísta, cinismo, epicurismo materialista — que, para os Atenienses, havia tornado ininteligível, como que absurda, a pregação de Paulo.

Era, pois, pressuroso, que o Apóstolo entrava em Corinto, para empreender a evangelização da cidade. Devia pôr mãos à obra sem seus companheiros Timóteo e Silas, os quais só mais tarde chegariam da Macedônia a fim de o coadjuvar (1), circunstância esta que não podia deixar de acabrunhar mais ainda o espírito de Paulo.

Antes do mais, procurou apoio na colônia judaica. Números eram os Israelitas que residiam em Corinto; não somente os atraía o comércio florescente, mas também um édito de Cláudio, expulsando de Roma os Judeus em 49-50, fizera que muitos fôsem procurar nova residência em Corinto; do número destes constava um casal, Áquila e Priscila, o qual provavelmente já em Roma se havia convertido ao Cristianismo; Áquila exercia a profissão de curtidor, como Paulo; ofereceu, pois, ao Apóstolo não somente hospedagem

(1) Cf. pg. 19.

EPÍSTOLAS PAULINAS

em sua casa, mas também a possibilidade de trabalhar e ganhar o pão (coisa que Paulo de bom ânimo aceitou a fim de não se tornar pesado a nenhum de seus ouvintes).

Consoante a sua tática, o Apóstolo começou a pregar aos Judeus; mas, como em outras cidades, a missão entre o povo eleito teve desfêcho violento; converteram-se; sim, o chefe da sinagoga, Crispo, e outros companheiros, mas os Israelitas que não aceitaram o Evangelho, levaram Paulo ao tribunal do procônsul romano Galião, intentando obter a sua condenação. Êste, porém, percebendo que o motivo de acusação era tirado da religião judaica, não quis intervir no caso.

Passando, então, à evangelização dos pagãos de Corinto, Paulo logrou muitas conversões, principalmente entre as classes humildes (cf. At 18, 8; 1 Cor 1, 26-29). Foi mesmo reconfortado por uma visão noturna, em que o Senhor o incitava a falar destemidamente, pois havia de formar uma *comunidade numerosa* em Corinto (At 18, 9 s)!

A pregação de Paulo aos Coríntios era bem marcada pelo estado de alma em que a empreendera: dada a experiência de Atenas, o Apóstolo se achava profundamente desiludido da sabedoria dêste mundo e do esplendor dos recursos humanos; mais do que nunca era inclinado a inculcar (e, de fato, inculcou) uma sabedoria transcendente, divina, quase paradoxal, cujo símbolo era Cristo crucificado (cf. 1 Cor 2, 1-5).

Paulo demorou-se um ano e seis meses em Corinto, ou seja, até 52-53, seguindo depois para Éfeso, onde havia de passar os três próximos anos. Depois que o Apóstolo deixou Corinto, sobreveio a esta cidade um Judeu, de nome Apolo, convertido ao Cristianismo. Natural de Alexandria, grande

EPÍSTOLAS PAULINAS

centro de cultura helenística, Apolo pregou aos Coríntios o Evangelho, em plena consonância com a mensagem paulina, sim, mas com talentos de oratória e sabedoria profana que Paulo não ostentara, e que impressionaram profundamente os ouvintes, entusiastas da dialética e das aparências de sabedoria (cf. At 18, 24-28; 1 Cor 1, 17-25; 2, 1-5; 3, 1-4).

Nos anos seguintes, não cessaram as relações de Paulo com a igreja de Corinto. Principalmente na terceira viagem missionária Paulo, deixando-se ficar dois anos e três meses (54-56) em Éfeso, parece ter tido freqüente contacto com os Coríntios por meio de viajantes, que, geralmente a título de comércio, atravessavam o mar Egeu.

Ora as notícias que vinham de Corinto a Éfeso, não eram consoladoras. Os mensageiros, entre os quais o próprio Apolo, referiam a péssima situação moral da comunidade: freqüentes eram os escândalos por motivo de luxúria; após participar da Eucaristia, os cristãos iam entregar-se às orgias e à devassidão no templo de Afrodite. Em consequência, Paulo resolveu intervir, escrevendo de Éfeso aos Coríntios uma carta, oriunda em cerca de 55 e mencionada em 1 Cor 5, 9; tal teria sido, para nós, a primeira epístola aos Coríntios se não se tivesse perdido. Pela referência de 1 Cor 5, 9 sabemos que, nessa primeira missiva, o Apóstolo, visando punir os fornicadores da comunidade, proibia aos seus irmãos cristãos, tivessem relações com eles.

Todavia, apesar da admoestação, a situação não melhorava em Corinto: o preceito dado na carta era mal interpretado por alguns dos fiéis, que talvez quisessem desacreditar o Apóstolo aos olhos dos demais: asseguravam que Paulo intentionava proibir as relações com quaisquer fornicadores, avarentos, idólatras, fôssem pagãos, fôssem batizados; ora isto

tornaria impossível a vida social aos cristãos não somente numa cidade corrupta como Corinto, mas em qualquer parte do Império (1).

As preocupações do Apóstolo se agravaram quando familiares de uma rica senhora, Cloé, de Corinto, chegaram a Éfeso, referindo a formação de partidos entre os cristãos daquela cidade: além dos que ficavam integralmente fiéis a Paulo (*partido de Paulo*), havia os que, desprezando seu primeiro pai espiritual, se tinham deixado entusiasmar por Apolo, o pregador eloquente (*partido de Apolo*); Judaizantes, recém-vindos a Corinto e apelando para Pedro (2), tinham suscitado a *facção de Pedro*. Por último, encontravam-se os que se diziam acima de qualquer pregador, querendo viver um Cristianismo “de Cristo”, que eles concebiam a seu bel-prazer; eram libertinos, laxistas, que se emancipavam de qualquer magistério visível (*partido de Cristo*). Estes partidos não chegavam a criar cisões na comunidade, mas favoreciam disputas, em que a subtilidade de dialética, a ostentação de sabedoria humana, vaidosa, tinham largas partes, conforme o gosto da cultura grega decadente.

Outros mensageiros ainda falavam a Paulo de luxúria hedionda, tal como não a praticavam os próprios pagãos de Corinto (cf. 1 Cor 5, 1); referiam que cristãos se acusavam mutuamente diante de tribunais pagãos (cf. 1 Cor 6, 1-6); as mulheres se comportavam imodestamente nas assembléias de culto (cf. 1 Cor 11, 5-10; 14, 34); verificavam-se abusos na celebração da Eucaristia (cf. 1 Cor 11, 17-22).

(1) “Senão, deveríeis sair d’este mundo”, observa Paulo em 1 Cor 5, 10, mostrando o absurdo do preceito que lhe imputavam.

(2) Pedro, o chamado “Apóstolo da circuncisão (= dos Judeus)” (cf. Gál 2, 7s), era a autoridade máxima que os Judaizantes opunham a Paulo, o Apóstolo dos Gentios. Cf. pg. 42.

EPÍSTOLAS PAULINAS

Informado dêsse grave estado de coisas, Paulo primeiramente pediu a Apolo, fôsse êle mesmo a Corinto e procurasse remediar aos males. Êsse gesto, testemunhando pleno acôrdo entre Paulo e Apolo, seria a mais eficaz condenação do espírito partidário, que opunha um pregador ao outro. Apolo, porém, declinou tão delicada missão (cf. 1 Cor 16, 12); pelo que, Paulo resolveu enviar o jovem discípulo Timóteo, que não estava envolvido nas preferências facciosas (cf. 1 Cor 4, 17; 16, 10). Todavia após a partida de Timóteo, Paulo, intencionando corroborar a autoridade do mesmo, houve por bem escrever pessoalmente aos Coríntios. Assim se originou a que hoje chamamos Primeira Epístola de S. Paulo aos Coríntios (1).

A redação dêste escrito havia de consumir, durante várias semanas, os sermões de Paulo, que ditava, e de um secretário, Sóstenes (cf. 1 Cor 1, 1), que escrevia. Ora parece que no decurso dêste trabalho, talvez quando estava terminado o capítulo 4 (2), novos emissários (Estefanaz, Fortunato e Acaico) chegaram de Corinto, trazendo uma carta em que várias questões eram apresentadas ao Apóstolo. Assim é que os temas de matrimônio e virgindade, consumo de carne imolada aos ídolos (idolotitos), uso dos carismas, ressurreição dos mortos seriam considerados na 1 Cor, além dos que Paulo já tinha em vista, tornando-se tal documento, em consequência, um dos mais ricos e universais do epistolário paulino.

A 1 Cor parece ter sido escrita poucos meses após a carta mencionada em 1 Cor 5, 9, pois supõe recente o equívoco

(1) A qual supõe ao menos uma anterior, desde cedo perdida.

(2) Note-se, a introdução do c. 5: "Ouve-se claramente referir que entre vós há luxúria...".

suscitado por esta missiva. De 1 Cor 16, 19 se depreende que teve origem em Éfeso (cf. 16, 8), depois que o Apóstolo já lá se achava havia bastante tempo, durante a terceira viagem missionária, mais precisamente, considerando-se 5, 7 e 16, 8, deve-se dizer: foi redigida pouco antes da Páscoa de 56, três ou quatro anos depois que Paulo deixara Corinto (1).

O seu conteúdo assim se pode distribuir:

§ 2. Divisão da 1 Cor

A epístola apresenta duas partes claramente distintas uma da outra. Na primeira o Apóstolo repreende os defeitos da comunidade coríntia, ao passo que na segunda responde às questões que por carta lhe haviam sido propostas.

Exórdio: 1, 1-9

Saudação. Ação de graças pelos dons de Deus concedidos aos fiéis.

1.ª parte — **REPREENSAO DOS DEFEITOS:** 1, 10-6, 20

I. Os partidos na comunidade: 1, 10-4, 21

A unidade da Igreja, cujo Cabeça é um só, Cristo, exclui toda possibilidade de divisão 1, 10 -16

Deus, em seu plano providencial, não quis que o Evangelho fôsse obra de sabedoria humana; por isto Paulo não o pregou com os artifícios da oratória, embora contenha a suma sabedoria, que, porém, Paulo não pôde revelar aos Coríntios visto ainda serem carnais 1, 17 - 3, 4

(1) A época da primeira permanência de S. Paulo em Corinto, pressuposta pela 1 Cor, pode ser indicada com certa precisão, visto que uma epístola profana da antiguidade nos ensina ter sido Lúcio Júnio Galião procônsul da Acaia na primeira metade do ano de 52. Veja-se, quanto a isto, uma biografia de S. Paulo em Hoepfl-Gut, *Introductio Specialis in Novum Testamentum* 301s.

EPÍSTOLAS PAULINAS

Pois que os pregadores do Evangelho são ministros e colaboradores de Deus, abstenham-se os Coríntios de os julgar e de preferir uns aos outros 3, 5 - 4, 13

Admoestação paterna e notícias pessoais 4, 14 -21
2. Os abusos a reprimir: 5, 1-6, 20

Seja excomungado um dos pecadores públicos da comunidade. Os demais sejam evitados pelos irmãos na fé 5, 1 -13

Não sejam levados a tribunais pagãos os litígios entre cristãos 6, 1 -11

A fornicação não é algo de indiferente, mas profanação de um membro de Cristo e do templo do Espírito Santo 6, 12 -20
2.ª parte — **RESPOSTAS ÀS QUESTÕES PROPOSTAS:** 7, 1-15, 58

1. Matrimônio e virgindade: 7, 1-40

São lícitos o matrimônio e o uso do matrimônio 7, 1 - 9

O matrimônio entre cristãos é indissolúvel; só pode ser admitida a separação de mesa e teto. A união de parte cristã e parte pagã pode ser dissolvida sob certas condições (o "privilégio paulino"). Todos, enquanto possível, conservem o seu estado social 7, 10 -24

A virgindade é ainda mais digna do que a vida conjugal. Não obstante, os pais podem entregar suas filhas em casamento, assim como as viúvas contrair segundas núpcias 7, 25 -40

2. Os idolotitos: 8, 1-11, 1

Em princípio, é lícito comer carnes imoladas aos ídolos, já que os ídolos, nada sendo, não contaminam. Todavia, se isto causa escândalo aos irmãos mais fracos, é preciso abster-se dos idolotitos 8, 1 -13

O próprio Paulo abstém-se do que lhe é lícito, não querendo receber dos fiéis nem mesmo o sustento quotidiano, a que teria direito. Castiga o seu corpo, pois a abstinência é necessária para se obter a coroa de glória, para se vencerem as tentações, como o demonstra a história mesma do povo de Deus 9, 1 -10, 13

EPÍSTOLAS PAULINAS

Solução de diversos casos práticos: não participem os cristãos dos sacrificiões pagãos, pois isto repugna a comunhão do Corpo de Cristo. Conservem a caridade para com os irmãos de consciência fraca, e procurem em tudo a glória de Deus 10, 14 -11, 1

3. As assembléias de culto: 11, 2-14, 40

Na igreja tenham as mulheres a cabeça coberta em sinal de sujeição e por causa da reverência devida aos anjos 11, 2 -16

A ceia eucarística seja dignamente celebrada juntamente com o ágape (1) 11, 17 -34

Todos os carismas têm o mesmo valor, vistas a sua origem (dons do Espírito Santo) e sua finalidade (o proveito comum da Igreja). Todavia é necessário que haja diversos carismas, como num corpo é preciso que haja diversas funções 12, 1 -31a

A caridade, porém, é o mais nobre de todos os dons do Deus 12, 31b-13, 13

Entre os carismas, o da profecia é preferível ao das línguas, pois é mais útil ao próximo 14, 1 -40

4. A ressurreição dos mortos: 15, 1-58

Já que a ressurreição de Cristo é um fato, impossível torna-se negar a nossa própria ressurreição. A maneira como se dará a ressurreição é ilustrada por analogias da natureza. A mudança do corpo não somente é possível, mas é necessária, a fim de que o império da morte e do pecado seja aniquilado 15, 35 -58

Epílogo: 16, 1-24

Normas para se recolherem as esmolas 16, 1 - 4

Paulo promete ir a Corinto; recomenda à caridade dos fiéis Timóteo, Apolo e outros legados 16, 5 -18

Saudações. Conclusão 16, 19 -24

(1) Refeição de caridade (= ágape), com caráter religioso, que positivamente acompanhava a Eucaristia.

EPÍSTOLAS PAULINAS

Da divisão da epístola já aparece a grande importância d'êste documento. Dentre tôdas as missivas paulinas, distingue-se, sim, pela variedade de temas que aborda; ao passo que, em seus demais escritos, o Apóstolo geralmente tratava de uma só doutrina ou questão, explanando-a sob um ou outro ponto de vista (cf. 1-2 Tes, Gál, Rom. . .), nesta carta S. Paulo expõe, com profundêza, assuntos muito variados, de índole dogmática e moral, estabelecendo princípios básicos para os diversos tratados teológicos, lançando mesmo os primeiros rudimentos do Direito eclesiástico (cf. p. ex. 5, 3ss). O estilo do autor, abstração feita de poucas frases truncadas, é em geral claro, o que torna a leitura da 1 Cor muito agradável e profícua (1).

De resto, é de notar que, embora considere muitos assuntos, a 1 Cor é, de princípio a fim, perpassada por um grande pensamento, que lhe comunica uma unidade superior, muito bela. De fato, linha-mestra da epístola é a idéia de que o *Cristo Jesus vive nos membros de seu Corpo Místico*. Note-se como a esta doutrina capital são referidos todos os ensinamentos da epístola:

Paulo condena o espírito de facções pela razão de que o Cristo Jesus é *Um só*; Cabeça e Corpo Místico constituem uma única comunhão de vida, na qual não se pode admitir divisão sem que haja morte (1, 13).

A sabedoria de Deus, que Paulo opõe à sabedoria d'êste mundo, *encarnou-se no Cristo Jesus*, o qual foi crucificado; ora êste aspecto de inépcia da sabedoria divina *reflete-se nos membros da comunidade coríntia*, que, aos olhos dos sábios da

(1) J. Holzner, *Paulus*. Fr. i. Br. 1937, 295 julga ser a 1 Cor "a mais rica e interessante de tôdas as epístolas paulinas".

EPÍSTOLAS PAULINAS

terra, são pobres e desprezíveis, mas em verdade possuem bens indizíveis (1, 18 - 31).

Referindo-se, a seguir, à missão dos Apóstolos, S. Paulo os apresenta como *cooperadores* de Deus (3, 9), ministros *pelos quais Cristo age* (4, 1).

A pureza moral, a repressão da luxúria se deduzem diretamente do fato de que o batizado é *membro de Cristo*, vive. Ele uma só vida sobrenatural com Cristo, constitui um só espírito com a semelhança de espôso e espôsa, que entre si constituem uma só carne (6, 15ss); é por isto que os cristãos devem fazer do seu corpo o reflexo da glória de Deus, que nelles habita e age. (6, 19s).

A virgindade é preferida ao matrimônio por permitir ao fiel mais íntima aplicação às coisas do Senhor, mais intensa *vida em Cristo* (7, 32-35). Na realidade, também a idéia das núpcias domina o ideal da virgindade, pois esta nada mais é do que núpcias com o verdadeiro Espôso, o Cristo (cf. 2 Cor 11, 2).

O problema dos idolotitos se deixa solucionar à luz da mesma doutrina. A rigor, é lícito aos cristãos comer carne imolada aos ídolos, pois bem sabem que os ídolos nada são, e que, por conseguinte, os idolotitos não realizam o que os pagãos lhe atribuem: comunhão com os deuses. Todavia, visto haver em Córinto cristãos de consciência escrupulosa, que se escandalizavam do consumo de tais carnes por parte de seus irmãos, o Apóstolo recomendava que os fiéis esclarecidos se abstivessem dos seus direitos, quando necessário, a fim de não causar dano aos pusilânimes, pois também por estes havia morrido Cristo, e *ofender a consciência destes seria ofender o próprio Cristo* (8, 11s).

EPÍSTOLAS PAULINAS

Observem os fiéis a máxima disciplina nas assembléias de culto. Esta boa ordem é exigida pela dignidade intrínseca de cada cristão: enquanto a mulher é reflexo do homem, o homem é reflexo de Cristo, e Cristo é reflexo do Pai; é a vida do Pai comunicada desde toda a eternidade ao Filho e, na plenitude dos tempos, encarnada no Cristo Jesus para se transfundir posteriormente em *cada um dos membros de Cristo*, que dita a norma de conduta dos fiéis, mormente em suas reuniões de culto (11, 2-16).

Também a diversidade dos dons extraordinários ou carismas entre os fiéis é explicada e regrada dentro da perspectiva do Corpo Místico de Cristo. Em todo corpo há multiplicidade de membros e funções, que cooperam maravilhosamente para a unidade do conjunto; assim também *no Cristo Místico há diversas atribuições*, as quais, longe de ser motivo de rivalidade entre os fiéis, se devem adaptar e servir umas às outras para preencherem sua finalidade: *o maior bem do Corpo* (12, 1-31; 14, 1-40). Em consequência, São Paulo facilmente pode mostrar que o dom mais sublimado de Deus ainda é a caridade, que congrega todos os fiéis na *unidade*, dando razão de ser, proveito, às funções particulares de cada um (13, 1-13).

Finalmente o dogma da ressurreição dos mortos — odioso aos Gregos, que conheciam o corpo principalmente como impicilho ou cárcere da alma — é derivado da união vital dos fiéis com Cristo. Se Êste ressuscitou dos mortos, não pode haver dúvida de que os *membros de seu Corpo Místico* ressuscitarão como Êle, não para uma vida deprimida como a atual, mas para uma vida gloriosa, como a do próprio Senhor ressuscitado (15, 1-28). A ressurreição dos mortos, e, implicitamente, a união vital do cristão com Cristo, que ela pressupõe, é dita mesmo a razão de ser da vida dos cristãos, o único motivo que a estes anima aqui na terra (15, 14. 17 ss. 32).

§ 3. *Autenticidade e particulares da 1 Cor*

A questão da autenticidade paulina da 1 Cor. não é discutida senão pelos críticos mais radicais. Todo o documento se apresenta bem como o espelho fiel da alma ardente do Apóstolo; reflete claramente o que deve ter sido a vida de uma comunidade cristã no decadente ambiente grego pagão, imbuído de pretensões culturais e de grave corrupção moral. Estes traços, já por si, desacreditam a hipótese de uma falsificação. Além disto, não faltam documentos que, desde a mais remota antiguidade, atestam a origem paulina da 1 Cor; haja vista apenas o texto de S. Clemente Romano, que, em fins do século I, assim se dirigia aos Coríntios, visando reprimir o espírito de facção, novamente vivo entre os fiéis:

“Tomai em mãos a epístola do bem-aventurado Apóstolo Paulo. Que vos escreveu êle, em primeiro lugar (alusão a 1 Cor. 1, 10ss) no princípio do Evangelho? Sem dúvida, inspirado por Deus, escreveu-vos a respeito de si mesmo, de Cefas e de Apolo, pois então havia entre vós facções e zelo partidário” (ep. de Clemente 47) (1).

Dentre as importantes passagens da 1 Cor, sejam aqui postas em relêvo as duas seguintes: 13, 1-13 e 15, 51s.

O hino entoado em louvor da caridade (13,1-13) constituiu, segundo Holzner, “*o mais elevado cume entre os textos do Novo Testamento*” (2). A caridade, sendo um dom de Deus que, por vêzes, passa despercebido aos homens, era subestimada pelos Coríntios, que, imbuídos do espírito grego de-

(1) As citações de outros autores antigos podem ser encontradas em Hoepfl-Gut, *Introductio Specialis in Novum Testamentum* 361.

(2) Obra citada 302.

EPÍSTOLAS PAULINAS

cadente, propensos à leviandade, maior valor atribuíam aos carismas (profecias, glossolalia, curas milagrosas...), que mais atraem a atenção dos homens. Sobre este fundo, Paulo quis mostrar qual o verdadeiro valor da caridade: é a vida do próprio Deus tal como ela nos apareceu na figura de Jesus Cristo; o Apóstolo personifica a caridade como se a identificasse com Jesus, e descreve a sua atividade como se fôsse a do próprio Mestre. Todos os feitos prodigiosos deste mundo, sem a caridade, nada são, representam um tinido sem sentido. ao passo que a caridade é o valor sumo, que o próprio Deus quis trazer à terra, fazendo-se homem (1). O encômio que o Apóstolo canta, obedece a um ritmo lírico; provém de uma exaltação sobrenatural semelhante à dos Profetas antigos; talvez mesmo seja o eco do que Paulo, em horas de maior commoção, costumava dizer nas assembléias de culto. Mostra uma largueza de espírito que só Deus, pelo Cristianismo, podia suscitar, e que a filantropia, ou mesmo o Judeu Saulo, imbuído das tradições nacionais de seus antepassados, jamais alcançariam.

Os vv. 15, 51 s, a mais de um título, merecem a atenção do leitor.

Primeiramente note-se que a Vulgata e as traduções vernáculas desta derivadas soam diversamente do texto original, o qual, conforme os melhores códigos, reza:

“Eis que vós digo um mistério:— não adormeceremos (=morreremos) todos, mas todos seremos transformados, num instante, num abrir e fechar de olhos, ao som da trombeta final.

(1) Cf. Lc 12, 49: “Vim trazer fogo sobre a terra, e que quero, se já está aceso?”

EPÍSTOLAS PAULINAS

Pois, de fato, a trombeta tocará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados”.

Este texto, conforme a genuína mente do Apóstolo, afirma que nem todos os homens passarão pela morte, pois os que estiverem vivos por ocasião da segunda vinda de Cristo, serão simplesmente, em corpo e alma, revestidos da glória celeste, sem conhecer a separação prévia de ambos. Assim entendiam a passagem os Padres gregos, que o liam nos termos acima e eram os intérpretes mais autorizados de documentos cristãos redigidos em língua grega; seguiam-nos alguns Padres latinos.

Esta doutrina, que ensinava uma derrogação à lei da morte universal, é apresentada pelo Apóstolo como algo de estupendo, “mistério” (v. 51). Todavia, já que parecia contradizer a outros documentos da fé (1) e à experiência (da qual consta que Paulo e sua geração morreram, todos os homens posteriores têm morrido), alguns copistas da Escritura emendaram o texto paulino, fazendo-lhe dizer o contrário do original; é o que se lê na Vulgata latina: “todos nós ressuscitaremos, mas nem todos seremos transformados” (2).

Esta emenda muda a perspectiva do Apóstolo, que, em suas passagens escatológicas, só considera a ressurreição dos justos (3); o texto emendado afirma que todos, justos ou in-

(1) Cf. Hebr 9, 27: “Foi decretado que todos os homens morram uma vez”.

Rom 5, 12: “De Adão a morte passou a todos os homens”.

1 Cor 15, 22: “Em Adão todos morreram”.

(2) Em alguns códigos encontra-se uma terceira variante, que procede do mesmo escrúpulo dogmático e carece de autoridade crítica:

“Todos havemos de morrer, mas não todos seremos transformados”.

(3) Cf. pg. 29 n. 1a.

justos, ressurgiremos, mas sòmente os justos serão revestidos de glória. Não condiz, pois, com o pensamento e o estilo paulino (haja vista ainda o v. 52, que distingue os mortos e aquêles que não estarão mortos e serão imediatamente glorificados quando Cristo voltar).

O texto corrigido, porém, evitava o “mistério”, facilitando a obra dos teólogos; pelo que, prevaleceu entre os latinos na Idade Média, a partir de São Agostinho († 430), o qual proferia admirar que todos os homens sem exceção morrerão. Eis a razão por que o temos na Vulgata. Todavia o texto original e a interpretação acima dada (derrogação à lei da morte universal) condizem bem com a passagem paulina de 1 Tes 4, 17 (1); a derrogação se deixa justificar pelo próprio S. Agostinho nos têrmos seguintes:

“Se Deus que a tantos fiéis perdoa os pecados mesmos, quiser a alguns perdoar até a pena devida ao pecado (2), quem somos nós para perguntar a Deus por que motivo são os homens tratados diversamente uns dos outros?” (3).

Quanto ao modo de falar do Apóstolo, que nesta passagem usa a primeira pessoa do plural (“nem todos nós havemos de morrer”), é de notar que suscitou entre os exegetas um problema semelhante ao de 1 Tes 4, 17. Perguntou-se mais uma vez: Não terá julgado Paulo que a parusia estava iminente e, por conseguinte, não terá ensinado uma inverdade? — Na realidade, o problema é meramente estilístico, não dogmático;

(1) Cf. pg. 29.

(2) Isto é, a morte.

(3) Epístola 193, 3. Do mesmo modo S. Tomás na Suma Teológica I-II 81, 3 ad 3, justifica a derrogação à lei da morte universal.

quer ser resolvido à luz do que foi dito à pg. 29: na Igreja haverá sempre duas classes de homens, que o Cristo encontrará quando voltar — os cristãos em vida e os já falecidos. Ora Paulo, ao referir-se a essa volta do Senhor, identifica-se simplesmente com a classe dos vivos, à qual de fato pertence no momento em que escreve. Com isto, porém, nada diz a respeito da época da parusia; não exclui que realmente êle a presencie na classe dos vivos, mas também não o afirma categoricamente. 1 Tes e 1 Cor não revelam evolução no pensamento de Paulo sobre a data da parusia.

A epístola se encerra com a saudação aramaica "*Maranatha*" (16, 22), que Paulo não quis traduzir para o grego, porque era de uso muito freqüente desde os primórdios do Cristianismo e, em consequência, passara, em seu teor original, para a linguagem dos cristãos do mundo inteiro (o mesmo se deu com as palavras *Amem*, *Hosanna*, *Alleluia*). Se se divide a expressão em "*Maran atha*", significa "*Nosso Senhor veio*" e é uma alusão à Encarnação; se, ao contrário, se lê "*Marana tha*", traduz-se com um imperativo: "*Nosso Senhor, vem*" e é uma evocação da parusia do Senhor. Esta última interpretação parece preferível, pois corresponde melhor à intensa expectativa escatológica que animava os antigos cristãos; cf. Apc 22, 20: "Vinde, Senhor Jesus"; Didaqué 10, 6.

Em conclusão, o leitor moderno, considerando a riqueza doutrinal da 1 Cor, dá mais uma vez graças ao Senhor, que do mal costuma tirar maior bem. São Paulo muito sofreu ao contemplar as fraquezas dos seus fiéis coríntios; nessas dores, porém, a mente do Apóstolo deu à luz idéias e ensinamentos de importância capital para todos os séculos cristãos. As deficiências mesquinhas dos Coríntios, espelho tão real da psicologia de qualquer homem, foram ocasião para que

o Apóstolo collocasse a vida do cristão num quadro muito vasto, e a iluminasse à luz do Deus encarnado que vive em cada fiel e quer ser manifestado, glorificado, em tôdas as ações do mesmo!

B. A SEGUNDA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS

§ 1. *Circunstâncias em que se originou a 2 Cor*

A primeira e a segunda epístolas de São Paulo aos Coríntios estão estritamente ligadas entre si por um nexo de circunstâncias históricas. Todavia não é fácil ao exegeta reconstituir com precisão a trama dos acontecimentos que se desenrolam após a redação da 1 Cor, levando finalmente o Apóstolo a escrever a 2 Cor; os Atos dos Apóstolos e as próprias epístolas paulinas fornecem apenas indícios lacônicos, a partir dos quais os diversos autores têm construído diversos sistemas. Eis de todos o que mais provável parece:

Como se sabe, Timóteo, em início do ano 56, pouco antes da 1 Cor, foi enviado pelo Apóstolo a Corinto (1). Poucos meses depois, provavelmente no verão de 56, regressava a Éfeso, onde referia ao Apóstolo a nova situação de Corinto: era desoladora; nem a carta de Paulo (1 Cor) nem a missão de Timóteo haviam logrado o efeito esperado; continuavam as facções entre os fiéis, assim como os abusos morais; parecia já não haver remédio para tais males senão uma visita pessoal de Paulo a Corinto, pois qualquer mandatário ou escrito do Apóstolo seria facilmente desautorizado, como os precedentes, dada a audácia crescente dos adversários. Estes

(1) Cf. pg. 60.

deviam ser, em primeira linha, os que formavam a facção de Cefas, judaizante, e a de Cristo, a mais ousada, a libertina.

Timóteo, pois, talvez tenha sugerido a Paulo uma visita a Corinto, idéia que o Apóstolo finalmente acolheu, embora tivesse em Éfeso um campo de apostolado muito vasto; não se demoraria muito tempo em viagem.

Assim é que Paulo fez uma segunda visita a Corinto (ano 56) (1). Sofreu, porém, terrível decepção, que o entristeceu profundamente (cf. 2 Cor 2, 1): os fiéis coríntios resistiram às admoestações do Apóstolo; um d'elles chegou a injuriá-lo publicamente, talvez porque Paulo repreendera seus costumes depravados (cf. 2 Cor 5-10; 7, 12).

A grave situação exigia severas medidas do Apóstolo contra os exaltados. Todavia, por prudência de pastor, Paulo não as quis logo tomar; não podia mesmo demorar-se em Corinto, visto que o solicitava o campo de apostolado deixado em

(1) A questão da viagem intermédia entre 1 Cor e 2 Cor é justamente um dos pontos capitais discutidos pelos autores.

A viagem intermédia é deduzida dos seguintes testemunhos do Apóstolo:

"Eis esta é a terceira vez que estou pronto a ir ter convosco", escrevia o Apóstolo na 2 Cor 12, 14.

"Esta é a terceira vez que vou ter convosco... Já o disse, e repito-o de antemão; hoje que estou ausente, como quando estava presente pela segunda vez, declaro... que, se voltar a vós, não usarei de nenhuma indulgência" (2 Cor 13, 1s).

Ora dos At 18, 1-18a consta que Paulo esteve pela primeira vez em Corinto em 51-53, a fim de fundar aí a comunidade cristã, na sua segunda viagem missionária. Dos At 20, 2 deduz-se que o Apóstolo passou mais três meses em Corinto, de 57 a 58. Todavia, já que esta ulterior visita é subsequente a 2 Cor, como concedem todos, conclui-se que, entre 1 e 2 Cor, o Apóstolo realmente fez uma visita à comunidade coríntia já fundada, visita que S. Lucas nos Atos silencia, talvez por ter sido breve.

Éfeso. Por conseguinte, profundamente abatido, resolveu deixar Corinto, prometendo voltar em breve a fim de punir devidamente os culpados (cf. 2 Cor 1, 15 s).

De regresso a Éfeso, Paulo viu-se envolvido logo em numerosos trabalhos apostólicos; além disto, conservava tristes recordações de Corinto. Êstes fatores induziram-no a adiar a prometida volta a Corinto; por ora pouparia os seus fiéis e procuraria bondosamente ganhá-los a si (cf. 2 Cor 1, 15 ss. 23; 2, 1; 13, 2), enviando-lhes uma carta “escrita com muitas lágrimas” (2 Cor 2, 4), em que exortava os fiéis a sincera mudança de espírito e de vida. É a chamada “epístola das lágrimas”, hoje perdida, a terceira aos Coríntios de que temos notícia (cf. 2 Cor 2, 3-9; 7, 8-12)(1).

Para levar esta carta e observar os seus efeitos, Paulo enviou Tito a Corinto, munido de plenos poderes para reagir contra os desordeiros. Não foi fácil mover Tito a esta árdua missão; Paulo teve que desdobrar aos olhos dêste discípulo

(1) A questão da epístola intermédia entre 1 Cor e 2 Cor é também das mais debatidas entre os exegetas.

Faz-se necessário admitir essa missiva intermédia, perdida, já que a epístola das lágrimas não pode ser identificada com a 1 Cor: de fato, o tom e o conteúdo da 1 Cor não merecem tal título a esta epístola; além disto, o incestuoso de 1 Cor 5 evidentemente não é o ofensor de Paulo mencionado em 2 Cor 2, 5-9; 7, 12; num caso trata-se abertamente de um pecado de luxúria, enquanto no outro se trata de uma ofensa pessoal contra Paulo. Mais ainda: a 1 Cor está conexas com a missão de Timóteo (cf. 1 Cor 4, 17; 16, 10s), ao passo que a epístola das lágrimas se liga com o envio de Tito a Corinto (cf. 2 Cor 7, 13-16; 12, 18).

Excluído que a epístola das lágrimas se identifique com a 1 Cor, há autores que a querem identificar com os 4 últimos capítulos da 2 Cor (10-13), como se êstes tivessem sido acrescentados posteriormente aos capítulos antecedentes a fim de formar a segunda epístola aos Coríntios que hoje temos. Esta hipótese, forjada pelos modernos, carece de qualquer apoio na tradição e na arte crítica do texto; cf. pg. 82.

EPÍSTOLAS PAULINAS

tudo que ainda conservava na memória a respeito das boas qualidades dos Coríntios; finalmente Tito aceitou a tarefa, por dedicação a Paulo (cf. 2 Cor 7, 13 s; 12, 18). Pois que Paulo intencionava também deixar Éfeso, a fim de pregar na Macedônia, ao despedir-se de Tito, deu-lhe a ordem de voltar de Corinto por via terrestre, isto é, através da Macedônia, devendo encontrar-se com Paulo em Troas (cf. 2 Cor 2, 12 s).

Ora aconteceu que, durante a ausência de Tito, um tumulto suscitado por pagãos de Éfeso obrigou Paulo a abandonar esta cidade mais cedo do que combinara com o discípulo (cf. At 19, 23-20, 1). Consoante o itinerário planejado, o Apóstolo retirou-se para Troas; mas, sendo a sua chegada prematura, aí não encontrou Tito. O espírito de Paulo não podia deixar de estar agitado nessa fase de expectativa; muito desejava saber como haviam sido acolhidos Tito e a sua carta e qual a atitude assumida pelos Coríntios. Destarte inquieto, o Apóstolo não se deixou ficar muito tempo em Troas, embora aí se lhe oferecesse ótima ocasião de apostolado (cf. 2 Cor 2, 13); o sofrimento de alma lhe consumia as forças físicas e impedia-lhe o normal desempenho de sua missão em Troas; pelo que, em breve, resolveu ir ao encontro de Tito, embarcando para a Macedônia, região que Tito, em sua viagem de regresso, havia de atravessar (cf. 2 Cor 2, 12 s; At 19, 23; 20, 1).

Presume-se que, na Macedônia, o Apóstolo se tenha dirigido logo à cidade de Filipos, onde, na segunda viagem missionária, fundara uma boa comunidade cristã, que muito o amava; aí terá encontrado Lucas, o discípulo médico, que lhe deve ter prestado os seus melhores cuidados. Todavia, mesmo no seu novo e carinhoso ambiente, Paulo não encontrava bem-estar; consumiam-no as solitudes, principalmente

para com os Coríntios: “por fora, lutas; por dentro, temores” (2 Cor 7, 5). Finalmente foi-lhe dada a imensa alegria de rever Tito, o mensageiro tão esperado: “Aquêle que consola os humildes, Deus, consolou-nos com a chegada de Tito” (2 Cor 7, 6).

As notícias que o discípulo trazia, já eram, em grande parte, consoladoras: Tito fôra muito bem acolhido pelos Coríntios, que de bom ânimo prestaram ouvidos às suas admoestações; a epístola que Paulo escrevera com lágrimas, também movera os fiéis às lágrimas do arrependimento, fazendo-os prometer séria emenda dos vícios (cf. 2 Cor 7, 2-16); quanto ao cristão que públicamente ofendera a Paulo, os irmãos o haviam excomungado severamente, o que muito pesar causava ao delinqüente, de tal modo que já era preciso exortá-los à clemência (cf. 2 Cor 2, 5-8). Além disto, os Coríntios mostravam-se prontos a enviar esmolas aos irmãos de Jerusalém, como Paulo desejava (cf. 2 Cor 9, 2) (1).

Todavia não estavam dissipadas tôdas as nuvens no horizonte coríntio: os pequenos partidos haviam cedido à grande facção dos Judaizantes; novos pregadores, munidos de cartas de recomendação (cf. 2 Cor 3, 1), haviam-se introduzido em Corinto; desenvolviam intensa atividade, que minava a autoridade de Paulo (cf. 2 Cor 11, 12) e, com esta, a verdadeira fé, o genuíno Evangelho de Cristo. À semelhança do que se dera na Galácia (2), acusavam Paulo de não ser verdadeiro

(1) Cf. pg. 40. O entendimento havido entre Paulo e os outros grandes Apóstolos em Jerusalém reconhecia àquele livre atividade entre os Gentios, impondo-lhe apenas que sempre se lembrasse de socorrer à penúria da Igreja Madre de Jerusalém. Em tôda a sua vida missionária, Paulo soube manter-se fiel a este dever de caridade.

(2) Cf. pg. 42.

EPÍSTOLAS PAULINAS

Apóstolo, pois nunca convivera com Jesus; o procedimento de Paulo, conforme propalavam os adversários, era um aberto testemunho de que não estava seguro da sua autoridade; sim, o adiamento da viagem prometida era sinal de hesitação, inconstância, próprias de um homem que age por iniciativa pessoal e é sujeito às suas paixões, não de quem está revestido da autoridade de Cristo (cf. 1 Cor 1, 17); Paulo era dito covarde, pois, à distância, ameaçava duros castigos, escrevia cartas severas, mas não ousava comparecer, e, quando presente entre os Coríntios, tinha aparência fraca, desprezível, usava de linguagem simples e não se aventurava a punir alguém (cf. 1 Cor 10, 2-11; 11, 2; 13, 3 s). Além disto, o fato mesmo de ter Paulo procurado viver do trabalho de suas mãos em Corinto, sem pesar aos fiéis (1), era interpretado como indício de que ele reconhecia não ter direito às esmolas dos fiéis, não ser Apóstolo como os demais (cf. 2 Cor 11, 7-12; 12, 13); e, não obstante o aparente desinteresse pecuniário, ainda acusavam Paulo de viver dos donativos que arrecadava para a igreja de Jerusalém (cf. 2 Cor 6, 8; 12, 16 ss).

Ao ouvir o relato completo de Tito, Paulo não pôde deixar de experimentar alívio e contentamento; a impressão do bem prevaleceu, na alma do Apóstolo, sobre as amarguras que a enchiam: “Sobreveio-nos uma alegria muito mais viva, a que nos fez experimentar a alegria de Tito, cujo espírito vós tranqüilizastes. E, se, diante dêle, eu me gloriara um pouco a respeito de vós, não fui confundido... O elogio que de vós fizera a Tito, comprovou-se verídico... Sou feliz por poder em tudo contar convosco” (2 Cor 7, 13 s. 16).

(1) Fato para o qual o Apóstolo freqüentemente apelava como motivo de justa glória; cf. 1 Tes 2, 9; 2 Tes 3, 7-10; 1 Cor 9, 12-18.

EPÍSTOLAS PAULINAS

Era preciso, porém, que Paulo interviesse mais uma vez a fim de dissipar o perigo judaizante. Iria a Corinto, sim, como o prometera e como o desejavam os que lhe ficavam fiéis (cf. 2 Cor 7, 7-12); mas, querendo evitar uma visita que acarretasse amarguras e dissabores, resolveu escrever imediatamente uma nova epístola, que mais uma vez chamasse os Coríntios à ordem e lhe preparasse um acolhimento de todo amigável (cf. 2 Cor 13, 10). Tito, acompanhado de mais dois irmãos, talvez Lucas e Aristarco, devia voltar sem demora a Corinto, como portador da missiva (cf. 2 Cor 8, 16-22).

Nestas circunstâncias teve origem a que chamamos hoje segunda epístola de S. Paulo aos Coríntios, a qual, na realidade, é a quarta de que tenhamos conhecimento. Foi escrita na Macedônia (cf. 2 Cor 2, 13; 9, 2. 4), provavelmente em Filipes (alguns códigos manuscritos o notam explicitamente). A série de acontecimentos aqui supostos entre 1 e 2 Cor exige o intervalo de um ano ou mais entre estas duas epístolas (1), de sorte que a 2 Cor parece ter sido redigida no verão ou no outono de 57.

É esta a explicação mais plausível dos feitos decorridos entre 1 e 2 Cor. Outros sistemas simplificam, sim, a história, mas, para conseguir isto, parecem desvirtuar um pouco os dados e a força dos termos que devem ser combinados entre si.

§ 2. *Tema e divisão da 2 Cor*

Os precedentes históricos acima descritos já insinuam qual tenha sido o conteúdo desta nova carta de S. Paulo.

(1) Em 2 Cor 8, 10; 9, 2 Paulo refere que os Coríntios começaram as coletas de esmolas "no ano passado", o que seria efeito da ordem dada em 1 Cor 16, 1s.

Não podia deixar de ter um caráter bastante pessoal. Não se fecharia, porém, numa visão mesquinha da realidade, mas, conforme o gênio do Apóstolo, abriria perspectivas dogmáticas muito vastas.

Com efeito, S. Paulo via-se caluniado pelos Judaizantes, que haviam conseguido semear profundo mal-entendido entre muitos dos Coríntios. Tais acusações não afetavam apenas a pessoa de Paulo, mas punham em jôgo a sua missão de Apóstolo, enviado e ministro de Cristo, a própria causa do Evangelho. Daí a necessidade que incumbia a Paulo, de responder, fazendo longa exposição de suas intenções, de seus trabalhos, da eminente dignidade da missão apostólica que êle realmente possuía. Nessa epístola Paulo expandiria tôda a sua têmpera de homem ardente que lutava pela mais sublime das causas; não pouparia palavras para expor os sentimentos legítimos que lhe enchiam a alma (1). Já, porém, que a vida, para S. Paulo, está sempre ligada à verdade, é verdade vivida, é fé que se atua, o Apóstolo, ao elucidar suas atitudes práticas, quotidianas, explanaria profunda teologia, redigindo um todo de admirável beleza.

O escrito compreende três partes bem distintas entre si, com suas subdivisões, como se segue:

Exórdio: 1, 1-11

Saudação aos fiéis. Paulo dá graças a Deus, que o libertou de gravíssimos perigos de morte.

1.ª parte — APOLOGIA DE PAULO DIANTE DOS CORÍNTIOS: 1, 12-7, 16

- | | |
|--|--------------|
| 1. As relações de Paulo com os Coríntios após a 1 Cor: | 1, 12- 2, 17 |
| Paulo mudou o seu plano de viagem, não indo a Corinto, como prometera, em virtude não de incons- | |

(1) Holzner, ob. cit. 317: "Assim como a 1 Cor é, de tôdas as epístolas paulinas, a mais interessante pela riqueza de suas idéias, a 2 Cor é a mais movimentada pelos afetos".

EPÍSTOLAS PAULINAS

tância ou falta de amor, mas por receio de constri-
 tristar os fiéis 1, 12- 2, 4

Paulo louva os Coríntios por terem punido o
 irmão que o entristecera; recomenda, porem, cari-
 dade para com o penitente 2, 5-11

O amor e a solicitude de Paulo para com os
 Coríntios são tais que, por causa dêles, não pôde
 aproveitar ótima ocasião de pregar o Evangelho
 em Troas 2, 12-17

2. A dignidade do ministério de Apóstolo: 3, 1-7, 1

S. Paulo tem ânimo no combate, considerando
 a nobreza da sua missão, nobreza que sobressai
 pela comparação do Novo Testamento com o Antigo 3, 1- 4, 6

O poder de Deus se manifesta gloriosamente
 em meio à debilidade humana. A esperança da re-
 compensa eterna robustece o Apóstolo 4, 7- 5, 10

É a caridade de Cristo que move o Apóstolo.
 Paulo preenche a sua missão anunciando a todos a
 reconciliação com Deus. Não vivam os cristãos
 coríntios à semelhança dos pagãos 5, 11- 7, 1

3. O restabelecimento das boas relações de Paulo com os Coríntios: 7, 2-16

Exposição dos fatos recentes, principalmente
 das boas notícias trazidas por Tito; manifestação
 do prazer conseqüente.

2.ª parte — A COLETA EM FAVOR DA

IGREJA DE JERUSALÉM: 8, 1-9, 15

Sigam os Coríntios o heróico exemplo dos fiéis
 da Macedônia 8, 1-15

Paulo recomenda à caridade dos Coríntios Tito
 e os dois companheiros, que se encarregarão da
 coleta 8, 16- 9, 5

Deus recompensa com bênçãos abundantes a
 generosidade dos seus fiéis 9, 6-15

3.ª parte — APOLOGIA POLÊMICA DIANTE DOS

ADVERSARIOS: 10, 1-13, 10

1. Refutação das calúnias: 10, 1-18

Paulo não procede conforme as paixões da
 carne, mas por espírito sobrenatural 10, 1-11

EPÍSTOLAS PAULINAS

Paulo tem justos títulos de glória diante dos seus adversários 10, 12-18

2. A justa glória de Paulo: 11, 1-12, 18

Em um só ponto Paulo é inferior aos "apóstolos por excelência" (= pregadores Judaizantes): pregou o Evangelho aos Coríntios sem lhes ficar financeiramente a cargo. Continuará a fazê-lo .. 11, 1-15

Embora tolo seja expor os próprios títulos de glória, Paulo ousa fazê-lo, coagido pelos adversários: recorda os seus trabalhos, os dons extraordinários recebidos de Deus e também as suas moléstias corporais, nas quais o poder de Deus se manifesta 11, 16-12, 10

Paulo indica novos sinais da sua autêntica missão. Os Coríntios deveriam defendê-lo das calúnias, já que tanto amor lhes demonstrou no passado 12, 11-18

3. Admoestação preparatória da próxima visita: 12, 19-13, 10

Paulo anuncia que procederá severamente contra os mal intencionados 12, 19-13, 6

Espera, porém, que isto não se torne necessário 13, 7-10

Epílogo: 13, 11 ss

Últimas exortações. Saudações. Bênção.

A primeira e a terceira parte da epístola são intimamente conexas entre si: visam defender a autoridade de Paulo Apóstolo de Cristo, seja aos olhos dos fiéis de Corinto (1a. p.), seja aos olhos dos Judaizantes (3a. p.). Entre as duas apologias insere-se a segunda parte, que, à primeira vista, parece interromper o curso das idéias. Todavia não carece de nexos lógicos com os capítulos antecedentes e subsequentes: de fato, S. Paulo na primeira e na terceira parte defende-se contra os pregadores que se diziam enviados pela Igreja Madre de Jerusalém. Ora a oposição do Apóstolo a tais Judaizantes podia ser mal entendida, levar mesmo a uma cisão

EPÍSTOLAS PAULINAS

do Cristianismo em facção judeu-cristã e facção étnico-cristã; era, pois, justamente para evitar o equívoco e suas graves conseqüências que o Apóstolo, ao mesmo tempo que combatia os Judaizantes, se queria mostrar fiel à Igreja Madre (judeu-cristã) e inculcava aos Coríntios (étnico-cristãos) que igualmente o fôsem mediante as suas esmolas, laços de caridade e unidade.

E não sem razão foi esta referência à coleta (cc. 8-9) acrescentada à primeira parte apologética da epístola (cc. 1-7), antes da outra apologia (cc. 10-13), pois, como a primeira apologia se dirigia aos Coríntios amigos de Paulo, assim a exortação à coleta tinha os mesmos destinatários; ao contrário, a segunda apologia visava diretamente os adversários. É, pois, a perspectiva dêstes dois diversos círculos de leitores que explica a distribuição dos assuntos na epístola. Esta mesma perspectiva elucida, outrossim, a diferença de tom e estilo que se nota entre os cc. 1-9 (linguagem amiga e tranqüila) e 10-13 (linguagem veemente, exaltada). O acento polêmico da terceira parte (cc. 10-13), portanto, se explica bem sem que esta deva ser considerada uma epístola (ou fração de epístola) oriunda independentemente dos cc. 1-9. Há, com efeito, autores que, baseados no diverso estilo, julgam ser os cc. 10-13 ou parte da epístola das lágrimas ou uma missiva escrita independentemente de 2 Cor. Todavia em tôda a tradição dos exegetas não aparece vestígio nenhum desta teoria moderna; também os antigos códigos apresentam sempre os cc. 1-13 como constituindo uma única missiva; além disto, a epístola das lágrimas, embora muito severa, devia ser repassada dos sentimentos afetuosos de Paulo para com os Coríntios a fim de merecer tal título; ora é o que não se verifica nos cc. 10-13, que reflectem unicamente indignação e polêmica. Pode-se bem admitir, sim, que entre

EPÍSTOLAS PAULINAS

os cc. 9 e 10 se tenha dado uma pausa na redação, durante a qual sobrevieram ao Apóstolo recentes notícias sôbre as maquinações dos Judaizantes; particularmente indignado pelos fatos, teria, então, Paulo prosseguido o ditado.

Note-se também que, em vista do estilo muito vivo da 2 Cor, espelho fiel da mente do Apóstolo, os exegetas não costumam discutir a sua autenticidade paulina, que é geralmente reconhecida.

Os efeitos alcançados pela 2 Cor foram muito satisfatórios. A quanto parece, foram-se dissipando as animosidades dos Coríntios contra Paulo, e a reconciliação da comunidade com seu pai espiritual se consolidou. É o que explica que, poucos meses depois de enviada a 2 Cor, Paulo, no inverno de 57/8, desceu finalmente da Macedônia a Corinto, onde se pôde demorar três meses; esta terceira visita parece ter decorrido numa atmosfera de muita calma e caridade, que permitiu ao Apóstolo elaborar e redigir a epístola aos Romanos, ditada por um espírito profundamente mergulhado na teologia da história, nas especulações dogmáticas. Em nenhum escrito posterior de S. Paulo se encontram vestígios de novas dissensões com os Coríntios; mesmo, no fim do século 1.^o, S. Clemente Romano encontrava muita coisa a louvar na igreja de Corinto (cf. ep. aos Cor. 1 s).

§ 3. *O valor atual da 2 Cor*

A 2 Cor é um dos escritos em que mais se manifesta o íntimo da alma de Paulo; espelha o modo de pensar de um dos mais fiéis discípulos de Cristo em situações da vida humana extremamente penosas. Também o grande Apóstolo viu-se envolvido em maquinações dos adversários, vítima da mesquinhez dos homens, que, juntamente com os achaques de

EPÍSTOLAS PAULINAS

moléstia corporal, lhe faziam provar, em grau muito intenso, a amargura, a angústia, da vida nesta terra. É, pois, um fundo muito humano, muito “nosso”, que a 2 Cor pressupõe; em mais de uma passagem desta epístola reconhecemos a nós mesmos, enquanto com S. Paulo somos criaturas fracas e sofredoras.

O homem moderno, ao experimentar as angústias da vida, é não raro impelido ao “existencialismo”, isto é, a repetir, sem esperança natural ou sobrenatural, que é um angustiado, “condenado à morte”. E nesse “existencialismo” não há consôlo, não há desfôgo verdadeiro.

Interessa-nos, pois, saber como terá o Apóstolo, modelo para o fiel cristão, reagido diante das tribulações. Ter-se-á entregue simplesmente à lamentação e ao desânimo? Ou terá assumido a atitude oposta do Estóico, o qual negava artificialmente a angústia, julgando que confessá-la não é digno do homem perfeito?

Paulo reconhecia bem as tribulações que o afligiam; aludia a elas freqüentemente, em particular na 2 Cor:

“Fomos acabrunhados além de toda medida, acima de nossas forças, a tal ponto que desesperávamos mesmo da vida” (1, 8).

“Nossa carne não teve repouso; estávamos aflitos de todos os modos: por fora, lutas; por dentro, temores” (7, 5).

Em 11, 23-27 o Apóstolo expõe o famoso catálogo dos sofrimentos de sua carreira apostólica, todos os males, físicos e morais, que até então aturara na propagação do Evangelho.

Em 12, 7 recorda que, a fim de que não se ensoberbesse pelas graças recebidas, Deus lhe colocou um agulhão na carne, deu-lhe um anjo de Satanás que o esbofeteie (não

se sabe exatamente o que seja êsse mal; alguma doença crônica?). E tão veemente era êste sofrimento que Paulo por três vêzes rogou a Deus que lho tirasse.

Em 5, 2 ss o Apóstolo confessa mesmo o pesar que experimentava ante a perspectiva de morrer; quisera ser revestido do corpo glorioso sem ter que se despojar previamente do corpo mortal (1). Quanto esta confissão é humana! Quanto eco não encontra no íntimo de cada indivíduo!

Ora essas tribulações, efeitos da fragilidade humana, que Paulo experimentava e tão simplesmente confessava, eram interpretadas pelos Judaizantes como sinais de que Deus realmente não dera a missão do apostolado a Paulo; pareciam misérias incompatíveis com a dignidade e autoridade de um legado de Deus. Tribulações, portanto, e moléstias não teriam lugar na vida do homem de Deus.

O argumento em favor dos Judaizantes era forte. Contudo eis que Paulo em sua apologia (2 Cor) não hesita em se servir das mesmas armas para comprovar a tese oposta; deu às deficiências físicas a genuína interpretação, contrária à dos adversários. Sim, conforme o Apóstolo, as misérias físicas do cristão são justamente sinal da presença de Deus no fiel. No caso de Paulo primeiramente, os achaques e moléstias significavam com clareza que não era Paulo enquanto Paulo que agia, mas Deus que operava por meio dêle; a obra missionária do Apóstolo não podia ser meramente humana, pois Paulo era bem marcado como criatura impotente; tôda

(1) "Enquanto estamos nesta, tenda (corpo mortal), gememos, acabrunhados, pois queremos, não despojar-nos de nossa veste (corpo mortal), mas revestir a outra (corpo glorioso) por cima, a fim de que o que é mortal seja absorvido pela glória" (5,4).

a pregação do Evangelho, por conseguinte, que êle, em meio a tantas moléstias, realizava com notável sucesso (não o podiam negar os Judaizantes), devia-se à ação de Deus, ou seja, a um tesouro divino que Paulo trazia em vaso de argila (1). Pelas deficiências, pois, do instrumento, o Apóstolo comprovava a autenticidade de sua missão. É justamente próprio de Deus mostrar em meio à fraqueza humana todo o poder divino, associar entre si força de Deus e impotência do homem (2).

E, ainda numa perspectiva mais vasta, Paulo confessava seus achaques, suas angústias diante da morte, para mais altamente proclamar a sua esperança na ressurreição e na glória futura: o definhar do velho homem (mortal) é, para o Apóstolo, a condição de desenvolvimento do homem novo, imortal; no cristão, ressurreição e vida nova se processam simultaneamente com definhar e morte (cf. 4, 11-16). Para o cristão não há sofrimento que seja apenas sofrimento, morte que seja apenas morte; mas, ao contrário, sofrimento e morte,

Esta passagem é importante também porque projeta luz sobre os trechos de 1 Tes 4, 17 e 1 Cor 15, 51, onde S. Paulo parecia afirmar que ainda seria testemunha da parusia. Os argumentos apresentados contra tal interpretação (cf. pp. 27 e 70) são corroborados por este texto, em que Paulo afirma claramente as suas angústias ante a perspectiva da morte possível.

(1) "Trazemos este tesouro em vasos de argila, a fim de que se manifeste, que este soberano poder (do Evangelho) vem de Deus, e não de nós. Somos oprimidos de todos os modos, mas não esmagados; achamo-nos no abatimento, mas não no desespero; perseguidos, mas não abandonados... trazendo sempre conosco em nosso corpo a morte de Jesus para que a vida de Jesus seja também manifestada em nosso corpo" (4, 7-10).

(2) "(O Senhor) me disse: A minha graça te basta, pois é na fraqueza que o meu poder se manifesta totalmente. De boa vontade, pois, prefiro gloriar-me das minhas fraquezas, a fim de que a força de Cristo habite em mim" (12, 9). cf. 1 Cor 1, 27ss.

EPÍSTOLAS PAULINAS

leves e passageiros como são, preparam a glória densa e eterna do céu iniciada pela graça aqui na terra (4, 17). Paulo vai mesmo além, afirmando que foi o próprio Deus que fez o homem avêso à dor e à morte, pois Êle o fez imagem e semelhança do Criador, que é a Vida e Vida eternamente bem-aventurada (5, 5).

Em resumo, é esta a convicção que perpassa tôda a 2 Cor: *No cristão, a fraqueza humana é portadora e comunicadora da fôrça divina.* Na vida de Paulo era evidente êste paradoxo, que os seus adversários não entendiam. O Apóstolo o quis formular e inculcar na 2 Cor, a fim de que servisse de lição aos leitores posteriores, que também labutam angustiados na terra. Eis aí o verdadeiro “existencialismo”!

Capítulo V

A EPÍSTOLA AOS ROMANOS

Quem considera a epístola aos Romanos, sem demora percebe a sua índole, diferente da das demais missivas paulinas até aqui estudadas. Estas notas próprias explicam-se, em grande parte, pelo fato de que, à diferença das cartas anteriores, a epístola aos Romanos não se dirigia a uma comunidade fundada por S. Paulo.

É o que nos leva a considerar em primeiro lugar nesta Introdução as origens e o aspecto primitivo da comunidade cristã de Roma.

§ 1. *A comunidade cristã de Roma*

As origens do Cristianismo em Roma ficam-nos um tanto obscuras.

Com razão, julga-se que os germens da verdadeira fé foram levados à capital do Império por Judeus que, residentes em Roma, peregrinaram a Jerusalém por ocasião da primeira Pentecostes cristã ou de outra festa posterior; convertidos ao Evangelho na Cidade Santa, regressavam a Roma a fim de aí formar um núcleo de cristãos provenientes do Judaísmo (Judeu-cristãos). Em Roma êsses discípulos de Cristo deviam transmitir o Evangelho a muitos dos seus compatriotas, que constituíam a numerosa e prestigiosa colônia judaica da Urbe (1).

A comunidade cristã assim oriunda foi provavelmente confirmada na fé pela pregação do Apóstolo S. Pedro, que, como reza a tradição, fez uma visita missionária à Cidade Eterna no quinto ou sexto decênio do 1.º século (2). Em consequência, quando Paulo escrevia aos Romanos, existia na

(1) Tal colônia judaica devia suas origens a um número de Judeus, prisioneiros que, na qualidade de escravos, Pompeu, general romano, deportara para Roma em 63 a. C. Muitos, tendo recuperado a liberdade, fixaram residência na capital do império, habitando principalmente o Trastêvere e o Campo de Marso. No 1.º século da nossa era o seu número devia elevar-se a quarenta ou cinquenta mil, repartidos em diversas comunidades, das quais cada uma tinha sua administração própria.

(2) Os autores mais recentes costumam rejeitar a tradição conforme a qual Pedro teria ocupado a cátedra episcopal de Roma durante 25 anos ininterruptos. — Julga-se, porém, admissível que S. Pedro tenha feito uma viagem a Roma anterior à viagem que terminou com o seu martírio no ano de 67. Mais precisamente:

EPÍSTOLAS PAULINAS

Urbe uma igreja cristã numerosa, bem organizada e mesmo famosa entre as demais comunidades por sua fé e seus méritos, a qual havia de merecer do Apóstolo encômios muito significativos (1).

Interessa agora saber quais terão sido os elementos componentes dessa comunidade.

Consoante o acima dito, os seus fundadores e primeiros recrutas provinham da colônia judaica. Pedro, sobrevivendo a fim de confirmar a evangelização, terá pregado de preferência aos Judeus, pois era o "Apóstolo da circuncisão" (2). Isto não impedia que se desse conversão de pagãos ao Evangelho em Roma (de mais a mais que a colônia judaica da Urbe conseguira ganhar a si grande número de "prosélitos" e "tementes a Deus" (cf. pg. 2); mas fazia que a Igreja Romana, em seus primórdios, tivesse um caráter preponderantemente judaico.

Há exegetas que admitem a tradição conforme a qual Pedro foi, pela primeira vez, a Roma no 2.º ano de Cláudio César, isto é, em cerca de 42; depois disto, teria voltado à Palestina e participado do Concílio de Jerusalém em 49. Finalmente, depois de outras viagens missionárias, teria passado os seus últimos anos em Roma e lá sofrido o martírio.

Outros exegetas há que precisam menos: apenas admitem duas viagens de Pedro a Roma, sendo a primeira anterior à vida de Paulo a esta cidade.

Todos os autores, porém, protestantes, e católicos, hoje em dia costumam conceder que o Príncipe dos Apóstolos foi a Roma e aí sob o reinado de Nero (54-68), padeceu o martírio.

(1) Cf. Rom 1, 8: "Dou graças ao meu Deus por Jesus Cristo a respeito de todos vós, pois vossa fé é famosa no mundo inteiro".

Rom 16, 19: "Vossa obediência chegou aos ouvidos de todos; alegro-me, pois, a respeito de vós".

Rom 16, 16: "Tôdas as igrejas de Cristo vos saúdam", a vós, cristãos de Roma.

(2) Dos Circuncisos = Judeus; cf. Gál 2, 7s.

EPÍSTOLAS PAULINAS

Ora aconteceu que em 49/50 o Imperador Cláudio “expulsou de Roma os Judeus, os quais, por incitamento de Cresto, provocavam tumultos freqüentes” (1). Esta medida provocou o êxodo de muitos cristãos romanos de origem judaica (2). Embora, como refere Dio Cássio (3), a lei de expulsão não tenha sido aplicada em todo o seu rigor, ela deve ter produzido notável baixa na comunidade cristã de Roma; os seus elementos convertidos do paganismo passaram a dar-lhe o caráter próprio; para o futuro recrutar-se-ia predominantemente entre os gentios da Cidade, de modo que assumiria a índole de uma igreja étnico-cristã, à semelhança das comunidades que S. Paulo fundava nas terras do Oriente (4). A essa comunidade romana, já em maioria recrutada dentre os pagãos, não deixavam de aderir Israelitas convertidos (5). Ora, já que os Judeus-cristãos haviam sido os fundadores da comunidade, cuja orientação étnico-cristã, por força das circunstâncias, haviam assumido, conjectura-se

(1) Suetônio, Vita Claudii 25, 4. O Cresto de Suetônio era, certamente, Nosso Senhor Jesus Cristo, a respeito do qual os Judeus de Roma disputavam entre si e se agitavam, perturbando o bem público.

(2) Entre os quais Áquila e sua esposa Priscila, que S. Paulo em 51 encontrou em Corinto, recém-vindos de Roma; cf. At 18, 2 e pg. 56.

(3) Hist. LX 6.

(4) Indícios do caráter acentuadamente étnico-cristão da comunidade de Roma encontram-se em nossa epístola:

1, 5s: “... recebemos a graça e o apostolado, para levar em seu nome à obediência da fé todos os Gentios, do número dos quais sois também vós...”

1, 13: “Propus-me muitas vezes ir ver-vos... a fim de colher alguns frutos entre vós, também, como nas outras nações”.

Cf. 15, 15s.

(5) Dos Judeus-cristãos expulsos, alguns voltaram mais tarde, como por exemplo, Áquila e Priscila, que S. Paulo saúda de novo residentes em Roma (Rom 16, 3s).

EPÍSTOLAS PAULINAS

que a vida fraterna entre os fiéis de Roma podia apresentar situações delicadas, que exigiam muita caridade de parte a parte.

São êstes alguns dados importantes para se entender a tese dogmática da epístola aos Romanos.

Pode-se fazer uma idéa ainda mais precisa do que era a comunidade romana à qual Paulo escrevia, considerando-se os nomes dos fiéis aos quais o Apóstolo dirigia suas saudações em Rom 16, 3-15:

Um número notável dêsses nomes é, conforme o testemunho de inscrições profanas, de escravos ou libertos do Império Romano; assim, sem dúvida, “a gente da casa de Aristóbulo” (v. 10) e “a gente da casa de Narciso” (v. 11). Tratava-se muito provavelmente de escravos ou antigos escravos originários da Grécia ou do Oriente e levados para Roma.

Outros nomes são de portadores de origem judaica; assim, Áquila e Priscila, amigos e colaboradores do Apóstolo, que são saudados logo em primeiro lugar (v. 3 s); Andrônico e Júnias (v. 7), Herodião (v. 11), que Paulo chama seus “syggeneis”, isto é, companheiros da mesma raça ou, talvez, parentes; Rufo e sua mãe (v. 13), dos quais o primeiro é possivelmente o pai de Simão o Cireneu (cf. Mc 15, 21).

Há nomes de origem francamente grega, tais como Epeneto (v. 5), Estaquíz (v. 9), Apeles (v. 10), Trifena, Trifosa, Pérside (v. 12), Assincrito, Flegão, Hermes, Patrobas, Hermas (v. 14), etc. Dêsses, Pérside, Flegão, Hermas aparecem em documentos profanos como nomes de escravos ou libertos.

Não faltam também os nomes de origem latina, tais como Áquila e Priscila (v. 3), Ampliado (v. 8), Urbano (v. 9), Rufo (v. 13), Júlia (v. 15).

Da origem, porém, grega ou latina, de um dêesses nomes não se pode concluir a origem do respectivo portador, visto que muito freqüente era entre os Judeus o uso de um cognome grego ou latino.

Por fim, nessa lista de saudações, é de notar o lugar de realce que o Apóstolo dá às suas colaboradoras na obra do Evangelho: Prisca (v. 3), Maria (v. 6), Trifena, Trifosa, Pérside (v. 12) são elogiadas em termos especiais.

§ 2. *Circunstâncias em que se originou Rom*

A tal comunidade por que quis o Apóstolo escrever?

S: Paulo tinha por princípio, em sua obra missionária, não entrar em campo alheio, ou seja, não intervir na vida de comunidades que outros haviam evangelizado (cf. Rom 15, 20 s; 2 Cor 10, 13-16). Todavia o caso da igreja romana lhe parecia diferente: Roma era a capital do Império pagão, um centro ao qual afluíam e donde partiam homens e idéias do mundo inteiro. Ora, consciente da sua missão de anunciar a fé entre os gentios (cf. Gál 1, 15 s; Rom 1, 14 s; Ef 3, 8 s), Paulo julgava que não podia deixar de entrar em contato com a igreja de Roma, um dos mais importantes re-dutos cristãos no mundo gentio.

Já no fim de sua permanência em Éfeso (a. 56), o Apóstolo concebía o projeto de encerrar a terceira viagem missionária regressando a Jerusalém pela Macedônia e a Acaia; depois disto, tendo evangelizado o Oriente do Império, propunha-se estender sua atividade ao Ocidente: “Depois que eu tiver estado lá (em Jerusalém), será preciso que veja também Roma” (At 19, 21); queria mesmo chegar até a Es-

EPÍSTOLAS PAULINAS

panha; o seu horizonte missionário se dilatava à medida que o Apóstolo envelhecia!

Nutrindo, pois, tal desejo, eis que Paulo quis preparar sua visita aos cristãos de Roma mediante uma carta (cf. Rom 15, 23 s. 28 s). Era a consciência de Apóstolo dos Gentios que o impelia a dirigir-se a uma comunidade evangelizada, sim, por outrem, mas dotada de importância capital para o apostolado entre os pagãos; das relações com os irmãos de Roma, Paulo só podia esperar confirmação e proveito na fé (cf. Rom 1, 10-15). A esta razão principal acrescentava-se talvez outra para mover o Apóstolo a escrever: como se deduz de Rom 16, 17-20, ouvira dizer que também em Roma se tinham introduzido deturpadores do Evangelho, semeadores de discórdias e escândalos, muito aptos a seduzir os fiéis; eram os Judaizantes, habituais adversários, contra os quais era necessário que o Apóstolo premunisse os fiéis, mesmo que estes tivessem sido evangelizados por outro pregador.

A epístola aos Romanos assim motivada, Paulo a escreveu no fim da terceira viagem missionária, quando passava os três meses do inverno de 57/58 em Corinto, à espera de uma nave que o levasse à Palestina. É o que se deduz de alguns traços da epístola:

a) em Rom 15, 25-28 o Apóstolo anuncia que está para ir a Jerusalém, levando as esmolas dos fiéis da Macedônia e da Acácia, o que bem concorda com as circunstâncias da estada de Paulo em Corinto (no fim da terceira viagem missionária) referidas nos At 19, 21 s; 20, 2 s., e em epístolas precedentes (cf. 1 Cor 16, 1-4; 2 Cor 8 s);

b) em Rom 16, 1 s. Paulo recomenda a seus correspondentes Febe, diaconisa da igreja de Cêncreas, que presta auxílio ao Apóstolo e vai a Roma. Ora Cêncreas era o porto

EPÍSTOLAS PAULINAS

de Corinto no golfo Sarônico. É de crer, pois, que, de Corinto, Paulo tenha confiado a Febe sua carta para os Romanos (1);

c) esta conclusão é confirmada por Rom 16, 21. 23, onde o Apóstolo transmite aos Romanos as saudações de Timóteo, Sosípatre, Caio, em casa do qual diz estar hospedado, e do tesoureiro da cidade, Erasto. Ora, conforme At 20, 4, os dois primeiros partiram de Corinto juntamente com Paulo, no fim da terceira viagem missionária; o Caio aqui mencionado quer provavelmente ser identificado com um dos poucos neófitos que, conforme 1 Cor 1, 14, Paulo batizou pessoalmente; quanto a Erasto, conclui-se de 2 Tim 4, 20 que residia em Corinto.

A êstes testemunhos intrínsecos associam-se as indicações de vários manuscritos antigos de Rom, que assinalam Corinto como lugar de redação desta epístola.

O inverno 57/58 em Corinto deve ter decorrido bastante tranqüilo para Paulo; esperava que, passado o estio, se reabrisse o período de navegação para regressar à Palestina. Os fiéis de Corinto já estavam reconciliados. O Apóstolo, pois, aproveitou a época para aprofundar suas reflexões teológicas sobre “o mistério que ficara oculto durante longos séculos, mas fôra manifestado recentemente e... levado... ao conhecimento de tôdas as nações” (Rom 16, 25 s); e, à medida que refletia, quis redigir sobre êste assunto um documento que lhe servisse de apresentação aos Romanos, o escrito mais longo e grandioso de todo o seu epistolário.

(1) Esta suposição se encontra explicitamente formulada na subscrição do manuscrito 337 (sec. 12-13).

EPÍSTOLAS PAULINAS

Enquanto Paulo ditava, Tércio escrevia na qualidade de secretário (cf. Rom 16, 22). Feitos os devidos cálculos (1), julga-se que a redação desta epístola durou uma centena de horas, as quais, distribuídas em serões de trabalho (2), teriam ocupado entre 32 e 49 serões; Rom, por conseguinte, teria sido o fruto mais precioso das reflexões diurnas e da elaboração noturna do Apóstolo durante quase a metade do inverno coríntio. Ó feliz e fecundo ócio imposto a Paulo pelas circunstâncias!

Sendo a comunidade romana ainda desconhecida ao autor, explica-se o estilo bastante impessoal, muito mais doutrinário, dogmático, desta epístola; apresenta relativamente poucos dados históricos, e decorre num tom bastante irônico, destituído de apologética ou polêmica. Em vista de tal estilo, alguns exegetas quiseram classificar Rom no gênero dos tratados dogmáticos, especulativos, negando-lhe o título de epístola, que sempre visa circunstâncias concretas e vivas. Não obstante, Rom deve ser dita epístola paulina no sentido das anteriores, pois se dirige a correspondentes bem determinados, aos quais quer levar uma mensagem concebida precisamente para eles, talhada conforme circunstâncias históricas, reais (não fictícias) (3).

(1) Cf. pg. 13.

(2) Não é de esquecer que Paulo costumava elaborar as suas epístolas à noite, após a jornada de apostolado e trabalho manual.

(3) "Celui qui parle est un missionnaire, un apôtre; il s'échauffe, il laisse parler son cœur, ouvre son âme, comme on le fait dans une lettre où l'on est sur d'être compris; et s'il expose des vérités spéculatives, c'est qu'elles doivent être pour les Romains lumière et vie" (Lagrange, St. Paul, Epître aux Romains. Paris 1931, XXXIII).

EPÍSTOLAS PAULINAS

§ 3. Tema e divisão de Rom

Que tema haveria de escolher o Apóstolo para a sua carta-apresentação aos cristãos romanos?

Não tendo problema particular a tratar, Paulo propôs-se avivar nos leitores a consciência do imenso tesouro que é a fé para o cristão; havia de lhes dizer, pois: *No Evangelho e pelo Evangelho, o homem recebe a remissão dos pecados, a amizade de Deus, o começo da vida eterna, penhor da glória futura.* É esta a idéia à qual se subordinam tôdas as explicações contidas nesta epístola. Tal é, conforme Lagrange (1), o tema de importância máxima para todo e qualquer cristão, tema que faz da epístola aos Romanos, após o Evangelho, “o mais amplo e solene documento do Cristianismo” (2).

O trecho característico no qual, por assim dizer, o Apóstolo enuncia compendiosamente a tese da epístola, é I, 16:

“Não me envergonho do Evangelho: é uma força de Deus, para a salvação de todo homem que crê, primeiramente do Judeu, depois do Grego”.

O que pode ser assim parafraseado:

(1) “L'épître aux Romains n'est pas polémique, puisqu'elle ne s'adresse pas à des adversaires. Elle n'est point apologétique, parce que Paul ne songe pas à se défendre personnellement, sinon peut-être dans la mesure où l'exposition de la vérité est la meilleure apologie de celui qu'on a voulu rendre suspect d'erreur. C'est un enseignement adressé aux Romains, qui convenait bien à leur situation, et qui dut leur être, fort utile. C'est une lettre, mais traitant le sujet le plus important pour le monde chrétien tout entier” (ob. cit. XXXIV).

(2) G. Ricciotti, Paolo Apostolo. Roma 1946, 441.

EPÍSTOLAS PAULINAS

“O que ninguém jamais ousou dizer de uma doutrina humana, afirmo-o, destemidamente, do Evangelho: é uma força de Deus, que no mundo se atua para a salvação dos homens, e de todos os homens, à condição de que creiam, ou seja, prestem sua adesão ao Cristo, à sua doutrina e aos seus preceitos”.

Nos capítulos seguintes a êste enunciado, o Apóstolo, propondo-se explanar o significado profundo do Evangelho, tinha que o comparar com as anteriores instituições pelas quais Deus comunicava salvação aos homens: a Circuncisão e a Lei de Moisés. Com efeito, o Cristo que o Evangelho anuncia, é o rebento e a consumação da dispensação antiga; é também o novo Pai do gênero humano, 2.^o Adão, em oposição ao 1.^o Adão. Ora claro está que somente sobre o fundo do antigo é que o novo pode ser plenamente entendido. Por isto é que Paulo, nesta epístola, se estende longamente sobre Abraão, a Circuncisão, a Lei mosaica e a maneira como estas comunicavam justiça (1) aos homens (cf. Rom 2-4). Desta exposição se evidencia a posição privilegiada dos Judeus, depositários das promessas messiânicas, em relação aos não-Judeus, pagãos, que simplesmente ignoravam a Deus (cf. Rom 1, 18-32; 9, 1-5); os antigos depositários das promessas messiânicas eram também, conforme o plano de Deus, os primeiros destinatários do Evangelho. Donde o significativo apêndice ao enunciado da tese de 1, 16: “...*primeiramente para o Judeu, depois para o Gentio*”. Todavia, apesar desta verificação, Paulo não deixa de afirmar que as instituições mosaicas, israelitas, estão abrogadas; substituiu-as a Carta

(1) S. Paulo usa os termos “justiça, justificar, justificação” no sentido que têm no Antigo Testamento, onde designam a santidade e o que com ela se liga.

Magna do Evangelho, cujo primeiro preceito, compêndio dos demais, é o amor (cf. Rom 13, 8 ss), cujo dom por excelência é o Espírito Santo, princípio de vida e atividade derramado em nossos corações (cf. Rom 5, 5). A infidelidade de Israel diante da oferta máxima de Deus é dolorosa, sim, todavia providencial, pois, em consequência, nenhum homem, nem pagão nem judeu, se pode gloriar de algum mérito próprio em presença do Altíssimo; todos, pagãos e judeus, foram pecadores ou infiéis, e precisam da misericórdia de Deus (cf. Rom 3, 23; 11, 32).

Estas considerações eram bem oportunas aos leitores da comunidade romana, onde as relações entre Judeus-cristãos e Étnico-cristãos se podiam facilmente ressentir de apreciações demasiado humanas, naturais. — De um lado, aos pagãos convertidos, que se haviam tornado os mais numerosos da comunidade, inculcavam a justa estima dos Judeus, a primazia destes na história da salvação (os pagãos foram enxertados no tronco judaico e vivem da antiga seiva israelita a eles comunicada; cf. 11, 13. 17 ss); não obstante, premuniam-nos, com igual clareza, contra qualquer sedução judaizante, contra um retrocesso à Lei mosaica (cf. 7, 25; 3, 20). Do outro lado, aos Judeus recomendavam a atitude humilde que compete a quem, no momento decisivo, foi infiel ao dom de Deus.

Não parece que se deva acentuar mais ainda a finalidade conciliadora que o Apóstolo tinha em mira.

Alguns autores, antigos (como S. Agostinho [† 430]) e modernos, julgam que no interior da comunidade romana havia verdadeiro conflito entre Judeus e pagãos convertidos, de tal modo que S. Paulo, com sua epístola, teria intervindo como árbitro, pregando paz e concórdia e mostrando que todos, Judeus-cristãos e Étnico-cristãos, são pecadores e só me-

EPÍSTOLAS PAULINAS

recem graça aos olhos de Deus mediante a fé viva no Cristo. O conflito teria sido motivado pela pregação de Judaizantes sobrevivendo, que haveriam corrompido a reta fé dos Romanos, à semelhança do que se dera na Galácia (donde a finalidade de Rom seria aproximadamente a mesma de Gál).

Outros, como o Ambrosiastro (séc. 4.^o), afirmam que já de início os Romanos abraçaram a fé dos Judaizantes, primeiros fundadores da comunidade cristã. S. Paulo, em sua epístola, procuraria esclarecer os fiéis mal catequizados, mostrando-lhes a absoluta suficiência da fé no Cristo para a santificação do homem.

Estas duas teorias, exagerando a função conciliadora do Apóstolo, carecem de fundamento no próprio texto sagrado e são rejeitadas pela maioria dos autores recentes.

A explanação do tema é mantida, de princípio a fim, num tom muito elevado, objetivo; distingue-se por clareza e nexos lógicos tais quais não se encontram em outras epístolas paulinas. É o que se propõe ilustrar o esquema abaixo:

Exórdio: 1, 1-17

Saudação muito solene. Ação de graças pelos dons de Deus outorgados aos Romanos. Paulo exprime seu desejo de ir a Roma 1, 1-15

O tema da epístola 1, 16s

I. Parte dogmática — A JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ: 1, 18-11, 36

1. A necessidade da justificação: 1, 18-3, 20

A justificação é necessária aos Gentios, que na idolatria, praticam os mais hediondos vícios .. 1, 18-32

A justificação é não menos necessária aos Judeus, que, embora se gloriem de possuir a Lei, cometem os mesmos pecados que os Gentios e, portanto, estão sujeitos ao juízo divino, do qual

EPÍSTOLAS PAULINAS

não os isentarão nem a Lei, nem a Circuncisão, nem as promessas divinas 2, 1- 3, 8

Por textos da S. Escritura, o Apóstolo prova que todos os homens, em particular os Judeus, são pecadores 3, 9-20

2. O modo como se dá a justificação: 3, 21-4, 25

Todos, Judeus e Gentios, são justificados pela fé em Cristo, o qual nos remiu morrendo na cruz. Não são justificados pela observância das obras da Lei, de modo que não fica título de vanglória para o homem 3, 21-30

Esta verdade é ensinada pela história mesma do Antigo Testamento: Abraão foi justificado pela fé que prestou às promessas messiânicas, antes de receber o preceito da Circuncisão e independentemente da Lei mosaica; pelo que é chamado "Pai de todos os crentes" 3, 31- 4, 25

3. Os frutos da justificação: 5, 1-8, 39

a) a reconciliação com Deus e a esperança segura da salvação, cujos penhores são a Encarnação do Filho e a dádiva do Espírito Santo 5, 1-11

O que Adão, pela desobediência, perdeu, Cristo, pela obediência, no-lo restituiu 5, 12-21

b) a libertação da servidão do pecado pelo batismo, princípio da nova vida 6, 1-23

c) a libertação da servidão da Lei, que era ocasião de pecado. A Lei dava uma noção clara do pecado e excitava a concupiscência latente do homem, mas era incapaz de conferir o auxílio necessário para que fôsse observada 7, 1-25

d) a filiação divina, pela qual somos estabelecidos herdeiros da glória celeste. Que esta glória nos será realmente dada, demonstram-no: a expectativa de todas as criaturas, o desejo íntimo de todos os fiéis, as preces do Espírito Santo em cada cristão, a própria providência de Deus 8, 1-30

Num hino triunfal S. Paulo exalta a certeza da salvação 8, 31-39

4. Os Judeus e a justificação: 9, 1-11, 36

A rejeição de Israel não está em oposição às

EPÍSTOLAS PAULINAS

promessas divinas feitas a este povo. Em última análise, não é a descendência carnal de Israel que salva, mas a livre escolha de Deus, o que se evidencia da história dos Patriarcas, de Moisés e do absoluto domínio de Deus sobre o homem 9, 1-29

Os Judeus, procurando justificar-se por suas obras e observâncias mosaicas, negligenciando a fé no Messias, foram rejeitados por sua incredulidade 9, 30-10, 21

Na rejeição, parcial e temporal, de Israel manifesta-se admirável providência divina: a apostasia dos Judeus deu lugar à conversão dos Gentios, que será cumulada pela volta dos Judeus no fim dos tempos 11, 1-32

Em consequência, o Apóstolo canta os louvores da eminente sabedoria de Deus 11, 33-36

II. Parte moral — OS DEVERES DOS FIÉIS: 12, 1-15, 13

1. Deveres de ordem geral: 12, 1-13-14

Modéstia e caridade (12, 3-21). A obediência ao poder civil (13, 1-7). A plenitude da Lei é a caridade (13, 8ss). Exortação geral, quase epílogo (13, 11-14).

2. As relações entre os fortes e os fracos da consciência: 14, 1-15, 13

Tolerem-se mutuamente, evitem os juízos temerários (14, 1-13a). Os fortes façam reto uso da liberdade cristã, evitem os escândalos (14, 13b-23). A abnegação é condição necessária de união; todos pratiquem a caridade conforme o exemplo de Cristo 15, 1-12). Voto final de alegria e paz (15, 13).

Epílogo: 15, 14-16, 27

O Apóstolo explica porque escreveu a epístola; anuncia a sua ida a Roma 15, 14-33

Recomenda Febe e envia saudações a muitos membros da comunidade romana 16, 1-16

As últimas admoestações e as saudações dos companheiros de Paulo 16, 17-24

Doxologia solene 16, 25ss

EPÍSTOLAS PAULINAS

Costuma-se chamar a atenção para a afinidade de temas vigentes entre as epístolas aos Gálatas e aos Romanos. Esta é inegável, sim; todavia convém não menos observar os aspectos próprios que diferenciam uma epístola da outra.

Embora Gál e Rom tratem ambas da justificação e salvação do homem nas sucessivas etapas da história, cada qual destes dois documentos tem seu ponto de vista peculiar.

A *epístola aos Romanos* propõe-se diretamente descrever o que é a vida cristã: dom gratuito (graça) de Deus ao homem, que tem seu início e seu esteio contínuo na fé prestada ao Evangelho; não é, pois, um salário devido ao homem em vista de anteriores boas obras deste. Se Paulo, nesta epístola, muito fala da Lei mosaica e da dispensação da salvação no Antigo Testamento, entende-as como um aspecto do seu tema ou como tema secundário que serve a realçar melhor o principal: o Cristianismo sendo oriundo do Judaísmo, era-lhe necessário, para ser completo, traçar a linha de evolução que vai do 1.º Adão, por Abraão, Moisés, até o 2.º Adão, Cristo; era-lhe preciso, por fim, definir as relações hoje vigentes entre Cristianismo e Judaísmo.

Na *epístola aos Gálatas* o aspecto predominante é outro. S. Paulo quer primariamente demonstrar que a Lei mosaica está abrogada e, por conseguinte, as pretensões dos Judaizantes são falsas. Em consequência, o que nesta epístola se refere à vida cristã e à justificação pela fé no Evangelho, é exposto a título de argumento da tese principal, não é visado em si mesmo.

Em outros termos: a libertação do jugo da Lei mosaica, que Cristo mereceu para os cristãos, é o ponto de vista próprio de Gál (cf. principalmente Gál 3, 25; 4, 4. 7. 26. 31; 5, 1. 13). Na epístola aos Romanos, suposta a libertação,

EPÍSTOLAS PAULINAS

S. Paulo vai além: inculca longamente a consequência positiva da emancipação, isto é, a filiação; o cristão foi elevado a um novo estado ontológico; filho de Deus adotivo, possui o penhor de uma glória estupenda, que futuramente nele se revelará (8, 15-25). Se S. Paulo fala de libertação também na epístola aos Romanos, entende a libertação do pecado (aspecto mais vasto e cabal; cf. 8, 2), ao passo que na epístola aos Gálatas entende a emancipação da Lei mosaica (aspecto mais restrito).

Os dois diversos pontos de vista se refletem bem nos dois particulares abaixo:

a) *na epístola aos Gálatas*, a *Lei mosaica* é apresentada para ser eliminada: é dita um regime de maldição (3, 10 ss), promulgado por causa de transgressões (3, 19), à semelhança de um pedagogo intermediário (3, 23 ss); é simbolizada por Agar, a escrava (4, 24 s);

na epístola aos Romanos, a mesma *Lei* é posta em luz muito mais benigna: o Apóstolo não fala de maldição nem a compara a Agar; a Lei teve o papel de fazer abundar o pecado, sim (como na epístola aos Gálatas, cf. Rom 5, 20 e Gál 3, 19), mas para que, sobre este fundo, superabundasse a graça (Rom 5, 20 s; complemento importante, positivo, que falta em Gál); a Lei é mesmo dita santa (7, 12), espiritual (obra do Espírito de Deus; 7, 14), embora não desse forças contra o pecado (c. 7) nem pudesse libertar deste (8, 3 s).

b) em Rom 1, 17 o texto de Habacuc 2, 4: "O justo vive da fé" é citado como que no cabeçalho do tratado, qual programa a ser desenvolvido no decurso da epístola inteira (a vida cristã nasce da fé e se sustenta pela fé);

em Gál 3, 11 o mesmo testemunho profético é aduzido, mas apenas para servir de prova a uma proposição negativa: Deus não justifica pela Lei.

Em conclusão, pois, é preciso dizer que Gál e Rom, no que têm de comum, se relacionam entre si como um esbôço parcial, unicolor, e a respectiva realidade desenvolvida, completa e devidamente matizada (1).

§ 4. *Autenticidade e integridade de Rom*

Poucos são os autores que põem em dúvida a autenticidade paulina da epístola aos Romanos; esta missiva se enquadra perfeitamente nos dados da vida de S. Paulo, na doutrina e na linguagem do Apóstolo, conhecidas através de outras epístolas autênticas.

A questão da integridade é mais discutida. Há, entre os críticos modernos, quem queira simplesmente suprimir de Rom os cc. 15-16, pois assim fez Marcião, hereje expulso da Igreja Romana em 144; além do que, alguns códigos latinos omitem êstes dois capítulos. Todavia a autoridade de Marcião é nula, pois se sabe claramente que mutilou a seu bel-prazer os livros da S. Escritura; doutro lado, tôda a tradição grega e a tradição latina quase unânime reconhecem os dois ditos capítulos como pertencentes a Rom. Êste testemunho é confirmado pelo exame interno do texto: os vv. 15, 1-13 constituem a conclusão lógica dos debates do c. 14 a respeito dos fracos e dos fortes na comunidade; os vv. 15, 14-33, que apresentam notícias sôbre a situação do Apóstolo e seus planos de viagem, estão em conexo com Rom 1, 8-15 e nada

(1) "Les choses étant ainsi, on peut dire que l'Épître aux Galates et l'ébauche de l'Épître aux Romains, ou mieux avec Lightfoot que c'est une statue destinée à être placée dans un groupe" (Lagrange, St. Paul, Épître aux Galates. Paris 5, 1942 LXV).

contêm de contrário à sua origem paulina. Quanto ao c. 16 (lista de saudações, excetuados os vv. 17-20), tem sido particularmente impugnado: alguns julgam que é fragmento de uma epístola de S. Paulo aos Efésios ou de uma carta posterior ao Romanos, visto que o autor saúda nominalmente grande número de fiéis (e fiéis portadores, em boa parte, de nomes orientais), os quais parecem pertencer a uma comunidade já conhecida ao Apóstolo. Estas hipóteses, porém, suscitam uma dificuldade ainda maior: como explicar que tais epístolas aos Efésios ou aos Romanos se tenham perdido sem deixar nenhum vestígio na tradição, ficando apenas o seu capítulo de saudações anexo a Rom? É mais fácil admitir o testemunho da tradição e dar-lhe a seguinte explicação: justamente por escrever à comunidade dos Romanos, que lhe era desconhecida, Paulo quis saudar nominalmente muitos fiéis para demonstrar que amava a todos os irmãos com caridade sobrenatural, a qual não se baseia em relações de ordem meramente humana; além disto, podia ter conhecido pessoalmente a alguns em uma de suas viagens no Oriente — o que era, sem dúvida, o caso de Áquila e Priscila (v. 3 s) e de Epeneto (1).

Por fim, a doxologia de 16, 25 ss. é objeto de controvérsia particular, (2) pois não poucos códigos a apresentam simplesmente depois de 14, 23, enquanto outros tantos após 14, 23 como após 16, 24. Contudo o testemunho da maioria e dos melhores dos manuscritos nos leva a concluir que a do-

(1) "Saudai Epeneto, meu bem-amado, o qual foi para Cristo as primícias da Ásia" (v. 5).

(2) Suscita mesmo um dos problemas mais complicados da crítica textual do Novo Testamento, conforme J. Huby, *Épître aux Romains*, Paris 1940, 516.

xologia encerra simplesmente o c. 16; a sua mudança de lugar nos códigos explica-se pelo fato de que na liturgia não eram sempre lidos os capítulos 15 (na maior parte, notícias pessoais do Apóstolo) e 16 (saudações); pelo que, o fêcho solene 16, 25 ss. era pelos leitores imediatamente acrescentado ao c. 14; tal uso litúrgico teria influenciado a praxe de alguns copistas.

§ 5. *Importância de Rom*

A epístola aos Romanos é, com razão, considerada a mais importante das missivas paulinas, não pela variedade de seus assuntos (nisto prima a 1 Cor), mas pela profundidade e o esmero com que explana o tema capital do Cristianismo: a santificação do homem mediante a fé em Cristo. Pressupõe a catequese elementar da doutrina cristã, cujos temas principais ela apenas recorda logo de início (1, 2 s): a Encarnação, a Morte e a Ressurreição do Filho de Deus. Propõe-se desvendar toda a riqueza destas verdades básicas. É, pois, a expressão de uma certa plenitude de pensamento do Apóstolo (1), expressão tão densa que, conforme um co-

(1) "Saint Paul est à un moment solennel de sa carrière. Après un dernier voyage à Jérusalem, il va quitter l'Orient pour se tourner vers l'Occident, s'en aller en Espagne chercher un nouveau champ d'apostolat. Avant de se lancer dans de nouvelles entreprises, il s'arrête un moment comme pour rassembler les fruits de ses travaux passés... À l'inspiration initiale de sa conversion s'est ajoutée l'expérience de la vie chrétienne et de l'apostolat qui a mûri son christianisme, la méditation qui l'a approfondi. De nouveaux problèmes se sont posés, tels que le fait de l'incrédulité du peuple juif, qui ont provoqué en son esprit d'intenses réflexions. Ce sont toutes ces richesses spirituelles que l'Apôtre lie en gerbe pour en faire part à ses correspondants romains" (Hubý, ob. cit. 20 s).

EPÍSTOLAS PAULINAS

mentador moderno (1), 18 séculos de exegese cristã ainda não a conseguiram esgotar. Tal riqueza doutrinária fez que, desde a antiguidade, a epístola aos Romanos fôsse colocada em primeiro lugar do epistolário paulino em quase todos os manuscritos do Novo Testamento.

O ponto culminante de todo o documento é o capítulo 8, também de todos o mais longo (2).

Este capítulo prossegue, em tom cada vez mais inflamado, a descrição da sublimidade da vida cristã, descrição iniciada no c. 6 (batismo, ressurreição para uma vida nova) e detida pelo c. 7 (libertação da Lei, outro efeito do batismo).

Vida cristã é, sim, vida conforme o Espírito de Deus, que habita em nós, mas vida de luta, pois o Espírito deve obter o triunfo sobre a carne, levando-a mesmo à transfiguração no dia da ressurreição universal (8, 1-13). Este triunfo é preparado por Deus Pai, que nos fez seus filhos, a fim de dar ao Cristo Jesus muitos irmãos, mais jovens, co-herdeiros da glória do Primogênito (14-18). Atualmente, desta glória só temos uma esperança. Por conseguinte, o Apóstolo se compraz, nos versículos subsequêntes, em enumerar os argumentos que nos garantem o cumprimento dessa esperança. Tais são:

a) a aspiração da criação inteira irracional, a qual, sujeita atualmente à desordem, parece aguardar e postular a sua reintegração na ordem, isto é, o cumprimento do direito de servir a Deus mediante o homem (o termo “apokaradokía”,

(1) Sanday-Headlam, *A critical and exegetical Commentary on the Epistle to the Romans*. Edinburgh 1907 XLIV.

(2) Na exposição seguinte, muito nos valem os de Huby, ob. cit.

com que Paulo no v. 19 designa a expectativa das criaturas irracionais, é muito expressivo: lembra a atitude ansiosa de alguém que estende o pescoço para observar com grande anelo) (vv. 19-22);

b) o nosso próprio desejo de cristãos, que, tendo recebido as primícias, somos intimamente provocados a almejar o complemento (23 ss);

c) o Espírito mesmo de Deus, que habita em nós, e dentro de nós geme ao Pai numa prece que Deus sabe ouvir (26 s);

d) enfim, a própria vontade de Deus, que, em seu amor, tudo dispôs para nos levar à salvação (28 ss).

Note-se a força gradativamente ascendente dêsses argumentos: criaturas irracionais — o cristão — o Espírito de Deus no cristão — o próprio Deus em seu amor eterno.

À medida que o Apóstolo desvenda aos leitores essas perspectivas grandiosas, a sua alma parece arrebatada num ardor e numa alegria crescentes. Pelo que, no termo da ascensão, prorrompe em belíssimo hino, que canta a confiança do cristão no amor indeficiente de Deus (31-39): o pecado levava à morte, da qual a Lei mosaica, justa e santa, era incapaz de nos libertar; ao contrário, o pecado servia-se da Lei para dar morte ao homem; ora pelo Cristo Jesus eis que somos libertados do pecado e da morte, garantidos contra a condenação, assegurados da vida. Êste hino é bem a conclusão de todo o ensinamento iniciado no c. 6 a respeito da emancipação do cristão do jugo do pecado e da Lei.

Com êste canto de triunfo também estava terminada a exposição de que “o Evangelho é força de Deus, para a

EPÍSTOLAS PAULINAS

salvação de todo homem que crê” (1, 16). Por conseguinte, o Apóstolo continuaria a epístola considerando de mais perto o apêndice do enunciado: “primeiramente para o Judeu, depois para o Gentio”; é este o conteúdo dos cc. 9-11, que encerram a parte dogmática da epístola.

Além do c. 8, merecem particular atenção as seguintes passagens:

1, 18-23 — o conhecimento de Deus mediante as criaturas;

5, 12-21 — o pecado original;

6, 1-14 — o batismo;

11, 11-36 — a infidelidade dos Judeus, a vocação dos Gentios e seu sentido providencial;

13, 8-10 — a caridade;

14, 22 s. — a consciência.

Embora tão preciosa para a reta fé católica, a epístola aos Romanos foi pelos Protestantes deturpada em seu ensinamento genuíno; dela fizeram a Carta Magna da heresia, entendendo a fé que, conforme Paulo, justifica o homem, no sentido de uma crença morta, a qual não implica irradiação através de boas obras. A fé, porém, segundo o Apóstolo, só salva se é viva, ou seja, informada pela caridade e afirmada em todo tipo de virtudes (cf. Gál 5, 6: “No Cristo Jesus nem a circuncisão nem a incircuncisão têm valor, mas a fé que age pela caridade”).

“A Deus sejam dadas graças pelo seu inenarrável dom!”

(2 Cor 9, 15).

**INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS DO
CATIVEIRO**

INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS DO CATIVEIRO

- I — OCASIÃO HISTÓRICA DESTAS EPÍSTOLAS
- II — A EPÍSTOLA AOS FILIPENSES
- III — A EPÍSTOLA AOS COLOSSENSES
- IV — A EPÍSTOLA AOS EFÉSIOS
- V — A EPÍSTOLA A FILÊMÓN

INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS DO CATIVEIRO

OCASIÃO HISTÓRICA DA COMPOSIÇÃO DESTAS EPÍSTOLAS

As quatro Epístolas que São Paulo escreveu respectivamente aos Filipenses, aos Colossenses, aos Efésios e a Filêmon são denominadas Epístolas do Cativo, porque nelas o Apóstolo faz alusão às cadeias que o prendem e o tornam prisioneiro por amor de Cristo. (1)

(1) De inúmeros trabalhos consultados, retivemos três principais como base a este estudo que são, segundo a ordem cronológica em que foram compostos:

F. PRAT, S. J.: La Théologie de Saint Paul, 2 vol., 33e éd., Paris, Dusesne, 1942.

H. Hopfl — B. Gut, O. S. B.: Introductio Specialis in N. T., edito 5.^a quam curavit A. METZINGER, O. S. B., Roma, 1949.

P. BENOIT, O. P.: Les Epîtres de St. Paul aux Phil., Philm., Col., et Eph., da Coleção "La Sainte Bible de Jérusalem", édit. du Cerf., Paris, 1949.

Consultem-se também com muito proveito os trabalhos de Vosté, O. P. (Roma, 1932); Goossens (col. Études Bibliques, Paris, 1949); François Amiot (col. Études Bibliques, 6.^a ed., Paris, 1946);

EPÍSTOLAS PAULINAS

Escrevendo aos Filipenses diz: “Eu vos tenho no coração, vós todos que, nas minhas cadeias assim como na defesa e na confirmação do Evangelho, vos associais a esta graça que me foi concedida. (...) Por isso desejo, irmãos, que saibais como tôdas estas coisas que se passam comigo reverteram, antes, em proveito do próprio Evangelho: em todo o Pretório e outros lugares mais, minhas cadeias têm adquirido, no Cristo, uma verdadeira notoriedade, de sorte que a maioria dos irmãos, por causa destas minhas cadeias, recobramos ânimo e têm ousado mais alentadamente falar a palavra de Deus sem temor” (Flp, 1, 7.12 - 14).

A Filêmon, “Paulo cativo de Jesus Cristo” faz alusão umas quatro ou cinco vezes a estas cadeias que o retêm, e nas quais “gerou Onésimo na fé”, o qual representa Filêmon nos serviços que êle lhe poderia prestar, assim como a Épafras, seu concativo. (Flm 1. 9. 10. 13. 23).

Aos colossenses fêz São Paulo alusão ao mistério de Cristo, motivo de sua prisão, e recomenda seu companheiro de infortúnio, Aristarco. Mais comovente ainda é a exortação de seu próprio punho, no fim da carta: “Lembraí-vos de minhas cadeias”. (Col 4, 3.10.18).

Aos Efésios, invoca o Apóstolo sua qualidade de prisioneiro de Cristo para dar às suas exortações, maior pêso e maior repercussão: estas cadeias que êle suporta por causa de sua entrega ao Mistério do Cristo e que não o impedem de continuar sua obra como verdadeiro “embaixador do Cristo” na difusão da Mensagem. (Ef 3, 1, 4, 1, 6, 20).

Ricciotti (Roma 1948, 2.^a ed.,) **Simon-Prado**; **Dufourq** (Hist. Anc. de l'Egl.); **Robert-Tricot**: Initiation Biblique, Paris, 1938, **Chan. Osty**, etc., sem falarmos dos Comentários antigos, dos Santos Padres e dos Doutores Medievais, assim como dos grandes Comentadores dos nossos tempos.

EPÍSTOLAS PAULINAS

Conhecendo a importância que as circunstâncias de tempo e de lugar exercem para a compreensão mais acurada das palavras de São Paulo, a primeira preocupação que nos deve tomar é a de saber se podemos determinar historicamente esta prisão do Apóstolo. Aliás, se pelas alusões ficamos sabendo que êle escreveu estas cartas de uma prisão, os dados recolhidos são insuficientes para determinarmos com precisão e certeza de que prisão se trata.

Devemos portanto procurar em outras epístolas ou em outros documentos algo mais que nos oriente acerca desta ou destas prisões do Apóstolo.

Dados fornecidos pela Epístola a Timóteo (a segunda), pela segunda Epístola aos Coríntios, pelo Livro dos Atos dos Apóstolos, assim como pela Epístola de São Clemente, nos informam que São Paulo sofreu os incômodos da prisão muitas vezes:

São Clemente afirma que São Paulo foi prêso pelo menos sete vezes (Clem., 1.^a, cap. V, v. 6), e os Atos dos Apóstolos nos assinalam explicitamente três encarceramentos do Apóstolo:

— no capítulo dezesseis, versículos 23-40 vemos São Paulo passar uma noite inteira encarcerado. O fato se deu na cidade de Filipos de Macedônia. Segundo a cronologia destas viagens apostólicas, podemos situar o episódio mais ou menos na primavera do ano 50.

— a partir do capítulo 21 dos Atos, lemos as peripécias do novo encarceramento de São Paulo na Palestina, começado em Jerusalém e terminado em Cesaréia. Segundo os dados desta narração, sabemos que êste cativo durou mais de dois anos. Devemos colocá-lo entre os anos 58-60.

— Finalmente, em At 28,16.30 encontramos alusão ao encarceramento mais ou menos brando de Paulo em Roma, e que deve ter durado um mínimo de dois anos.

As alusões que o próprio São Paulo faz em suas cartas, nos são de grande utilidade para sabermos que São Lucas nos Atos dos Apóstolos não foi completo. E aliás nem podia ser, visto ter êle seguido um plano bem determinado e não ser sua intenção contar absolutamente tudo o que tenha acontecido aos Apóstolos.

Por isso muitos autores, além de admitirem um segundo cativeiro de São Paulo em Roma — o que é certo e se depreende da 2.^a a Timóteo, o qual culminou com o martírio do Apóstolo — levantam a hipótese de um cativeiro em Éfeso, cujo desfecho foi perigosíssimo para a própria vida do Apóstolo. Fundamentam esta hipótese em alusões da 1.^a e da 2.^a aos Coríntios (1 Cor 15, 32; 2 Cor 1,8-11).

É portanto nosso dever examinar objetivamente tôdas essas hipóteses: Filipos, Éfeso, Cesaréia e Roma.

A solução, ou pelo menos a mais satisfatória explicação, nos virá de um exame acurado e objetivo das próprias epístolas em questão. E como um exame superficial é suficiente para considerarmos como mais ou menos conexas as duas epístolas aos Colossenses e aos Efésios, examinaremos em primeiro lugar, estas duas, anexando a elas a Epístola a Filêmon. Em seguida veremos o que podemos tirar do exame da epístola aos Filipenses para determinar com exatidão a ocasião histórica e as circunstâncias em que foram escritas.

A saudação e as despedidas destas três cartas Col, Ef, e Flm, nos sugerem a mesma ocasião para as três.

Timóteo se encontra ao lado de Paulo (Col 1, 1; Flm 1).

EPÍSTOLAS PAULINAS

Tíquico, o “caríssimo irmão” é encarregado de transmitir, de viva voz, as notícias aos fiéis de Colossos e de Éfeso. Vai também a Colossos para saber exatamente o que aí se passa. Vai com Onésimo, o escravo fugitivo de Filêmon. (Ef 6, 21; Col 4, 7-9).

Acrescentam suas saudações: Aristarco, “concativo”, Marcos, Jesus, o Justo, Épafras, Lucas e Demas (Col 4, 10-14 e Flm 23-24).

A presença de Marcos junto de São Paulo afasta a hipótese do encarceramento de Filipo como ocasião destas epístolas, porque Marcos não estava com Paulo nesta segunda viagem apostólica. Além disso, as circunstâncias dêste encarceramento que nos são conhecidas pelos Atos elimina de uma vez esta hipótese.

Por outro lado, a presença de Lucas afasta para estas epístolas (Col, Ef, e Flm) a ocasião do problemático encarceramento de Éfeso. Pois se Lucas teve parte nesta prisão, como é que não havia de deixar nada escrito sobre ela?

A presença de Marcos e de Lucas junto ao Apóstolo é mesmo indício da composição destas epístolas em Roma.

É verdade que Lucas esteve com Paulo em Cesaréia, mas o mesmo não podemos dizer com referência a Marcos. Tanto mais que certas observações colhidas nas epístolas concordam com o gênero da prisão que conhecemos ter sido o de São Paulo em Roma e não em Cesaréia: certa liberdade de que gozava para a pregação do Evangelho (At 28, 30-31; cf. Col. 4, 3; Ef 6, 19s); alusões à sua futura liberação (Flm 22), etc.

Êstes pormenores, com efeito, não concordam com o que sabemos de sua prisão em Cesaréia, cuja solução dependia de sua ida para Roma (At 23, 11; 24, 27; 25, 11s.; 26, 31).

EPÍSTOLAS PAULINAS

Portanto, não erramos ao afirmar que estas três epístolas Col., Ef, e Flm foram escritas de Roma, durante o seu cativeiro de dois anos. Segundo a cronologia mais exata da vida de São Paulo, entre os anos 61 e 63.

O fato de se ter refugiado tão longe, Onésimo, o servo fugitivo do colossense Filêmon, é perfeitamente plausível segundo o que conhecemos daquele costume do Império romano, cuja capital, embora materialmente distante dos outros pontos do Império, estava ao alcance de todos, e representava um abrigo muito mais seguro para os fugitivos do que outras cidades.

Se acrescentarmos a êstes argumentos de ordem histórica, os argumentos de ordem literária e doutrinária, chegamos às seguintes conclusões:

— a forma literária das duas epístolas Col. e Ef., parece exigir a mesma época de composição para ambas. O estilo e certa formulação do pensamento apresentam analogias impressionantes.

Por outro, os exegetas e especialistas estão cada vez mais convencidos de que estas duas epístolas se distinguem e se separam nitidamente do grupo das grandes epístolas (1.^a e 2.^a Cor, Gál e Rom.). De tal sorte que se êstes caracteres literários não são por si sós suficientes para a determinação de uma data precisa, êles exigem que não se consideram as duas epístolas Col e Ef, como contemporâneas das quatro grandes. Portanto não favorecem a hipótese da composição destas duas epístolas no hipotético encarceramento de Éfeso, porque exigem um intervalo de tempo bastante considerável que explique e justifique as particularidades estilísticas de Col e Ef. Êles proviriam, pois, do cativeiro romano.

EPÍSTOLAS PAULINAS

— Mas é sobretudo quando se considera o conteúdo doutrinario de Col e Ef que se é obrigado a recuar a data de composição destas epístolas até o cativo romano do Apóstolo. pois um estudo acurado do pensamento desenvolvido nestas duas epístolas impede que as consideremos como tendo sido compostas antes das grandes epístolas (como teria sido o caso se elas tivessem sido escritas no tal encarceramento de Éfeso).

A epístola aos Colossenses, no dizer de Benoit, aparece como uma “coroação” das outras grandes epístolas, “pela sua visão cósmica da obra redentora do Cristo e pelas precisões extraordinariamente importantes sôbre a preexistência divina do Cristo”.

Além do mais, a epístola aos Efésios parece uma síntese das doutrinas de Col e Rom. Portanto deve ter sido escrita bem depois da grande estadia de São Paulo em Éfeso (a epístola aos Romanos foi escrita de Corinto, após os dois anos e três meses passados em Éfeso).

Quanto à *Epístola aos Filipenses* as indicações de ordem histórica são particularmente abundantes e significativas.

Encontramos, de início, a menção do “Pretório” (Flp 1, 13) que aparece como que completada por uma alusão à “casa de Cesar” (Flp 4, 22).

Um primeiro contacto com estas expressões poderia exigir com segurança a origem romana para esta epístola. No entanto, os estudos históricos mais aperfeiçoados e o conhecimento mais completo das coisas do Império Romano exigem maior ponderação. Pois sabemos que tais expressões são compatíveis com as grandes cidades do Império onde existiam os Palácios dos Prefeitos de Província e guarnições militares

para êstes Palácios, onde viviam também os “libertos de Cesar”.

Em todo o caso, o importante a notar é que a expressão por si só não tem um sentido verdadeiramente específico e convincente em favor de uma ou outra localização.

Por outro lado, expressões como as que se encontram em Flp. 1, 20-26; 2, 17 não supõem necessariamente que São Paulo se sinta chegar ao término de sua vida. Aludem certamente ao martírio que podia sobrevir a qualquer instante de sua carreira. Em todo o caso, servem para afastar de nossa perspectiva histórica o encarceramento de Cesaréia, por causa dêste apêlo a Cesar que o livrou de um martírio iminente.

O cativo em Éfeso, todavia, podia enquadrar-se na perspectiva das palavras do Apóstolo, a menos que se faça abstração desta possibilidade de um apêlo à autoridade máxima do Império. Portanto, aqui também, se a expressão parece postular a presença em Roma, não é bastante forte para afastar outras ocasiões de encarceramento, como o hipotético encarceramento de Éfeso.

Em favor dêste último, aliás, parece militar a alusão que faz São Paulo ao motivo de seu encarceramento: a pregação do Evangelho. E Benoit vai até a estabelecer a comparação entre Flp 1, 7. 12-13 e At 16, 20-21 e At 21, 28; 24, 6; 25, 8.

De fato, a razão ou melhor o pretêto do encarceramento que se prolongou até Roma foi o de uma pretensa violação do Templo.

Argumentos mais ponderáveis que apresentam os autores contra o cativo romano a ser considerado como ocasião

histórica da composição de Flp, são, sem dúvida alguma, as relações numerosas e fáceis que a epístola supõe existirem entre a cidade de Filipos e esta onde êle se encontra preso.

E sobretudo as relações entre os seus discípulos de Filipos e êle próprio e seu discípulo Timóteo. A ida de Timóteo à Macedônia e a sua própria ida poderiam talvez explicar o que sabemos pelo Livro dos Atos e pelas Epístolas aos Coríntios: At 19, 21-22; 20, 1 — 1 Cor 4, 17; 16, 5. 10 — 2 Cor 2, 12; 7, 5.

Mais um argumento em favor de Éfeso de preferência a Roma seriam os versículos 10 e 16 do capítulo quarto de Flp, que supõem Paulo não ter recebido nada dos Filipenses afora aquelas esmolas que lhe foram dadas por ocasião da segunda viagem apostólica. Ao passo que nós sabemos que esteve ali na cidade de Filipos ainda duas vêzes. No entanto, se Paulo estivesse escrevendo aos Filipenses de Éfeso, pouco após a conversão dêles, então, não só os aludidos versículos se tornariam mais claros, mas ainda muitos outros, como por exemplo, 1, 26. 30; 2, 12; 4, 15.

No entanto, conclui Benoit: “tôdas estas razões seriam convincentes se o encarceramento de Éfeso fôsse um fato estabelecido. Nossa ignorância completa a êste respeito é aqui o maior e mais sério obstáculo a esta hipótese que não deixa de ser atraente. Pois está claro que esta longa estadia de três anos durante a qual São Paulo certamente muito padeceu, foi preenchida por muitos mais acontecimentos do que aquelas poucas informações do capítulo 19 dos Atos” (pg. 12).

Por falta destas provas temos, portanto, que considerar o cativeiro romano, época das três epístolas, Col, Ef e Flm. como ocasião igualmente da Epístola aos Filipenses.

EPÍSTOLAS PAULINAS

Tanto mais que as indicações de ordem estilística e mesmo doutrinária não podem fornecer-nos dados decisivos para esta ou aquela ocasião, senão que tanto do ponto de vista do estilo quanto do ponto de vista da doutrina, há incontestavelmente um parentesco maior de Flp, com Gal e as 1.^a e 2.^a Cor do que com as outras.

Entretanto, ainda aqui, esta epístola “mais afetiva do que dogmática oferece poucos elementos de comparação relativamente à doutrina” (Benoît).

Quanto à ordem de precedência entre estas quatro epístolas do cativo, ainda que muitos achem mais provável que Flp seja a última e escrita lá pelo fim de seu encarceramento, já Knabembauer, talvez com mais razão, a considerava como a primeira de todas (comp. Flm 22).

Col e Ef parecem ter sido compostas quase que ao mesmo tempo. Foram, em todo o caso, transmitidas pelo mesmo intermediário Tíquico.

Todavia, uma comparação entre elas confere a prioridade a Col. Neste particular, Ef 6, 21 é por demais significativa, e parece até uma alusão a Col 4, 7.

Quanto a Flm, está mais conexa a Col do que a Ef.

A EPÍSTOLA AOS FILIPENSES

Filipos foi a primeira cidade da Europa visitada mais demoradamente por São Paulo e onde pregou o Evangelho. Deu-se esta primeira visita durante sua segunda viagem apostólica. Aliás é um dos episódios da viagem de São Paulo mais impressionantes. Estava êle em Tróia, quando,

EPÍSTOLAS PAULINAS

certa noite, teve uma visão: viu um homem de Macedônia, de pé, na sua frente, suplicando-lhe que viesse até êle: “Vem à Macedônia para nos ajudar”!

E São Lucas acrescenta: “Logo que viu a visão, procuramos, sem hesitação, viajar para a Macedônia, certos de que Deus é quem nos estava chamando para evangelizá-los” (At 16, 8-10).

E foi assim que partindo de Tróia abordaram em Neápolis depois de uma noite em Samotrácia (ilha setentrional do Mar Egeu), rumando no dia seguinte para Filipos.

Filipos era uma importante cidade da Macedônia, situada nas fraldas do Monte Pangeu, entre os rios Strymon e Nesto, fortificada por Felipe Primeiro de Macedônia, donde lhe veio o nome.

Desde os tempos de Augusto era Colônia Romana com o nome de “Colônia Augusta victrix philipensium”, e se encontrava na “Macedônia Prima” (a Macedônia estava como que dividida em quatro partes já desde os tempos de Aemilius Paulus, em 167 a. C.).

Nesta segunda viagem apostólica de São Paulo, no ano cinqüenta de nossa era, os Filipenses receberam com docilidade a mensagem evangélica e São Paulo deixou ali uma comunidade cristã fervorosa.

Foi por ocasião desta primeira estadia em Filipos que o Apóstolo teve de sofrer perseguições e encarceramento (At 16, 12-40).

No outono do ano 57, em sua terceira viagem apostólica, viajando de Éfeso para Corinto, e voltando um ano depois, na primavera do ano 58, São Paulo não deixou de visitar a ês-

tes seus cristãos de Filipos, dos quais sempre recebeu as melhores provas de interesse e afeição (At 20, 1-2. 3-6).

Pela sua carta a êstes cristãos ficamos conhecendo a intensidade e a sinceridade da afeição dêstes cristãos para com o Apóstolo.

Por diversas vêzes enviaram êles auxílio pecuniário a São Paulo (cf. Flp 4, 16; 2 Cor 8, 2; 11, 9).

Na hipótese desta carta ter sido escrita durante o cativoiro romano (única aliás que, historicamente fundamentada, soluciona as dificuldades, uma vez que o cativoiro de Éfeso é coisa ainda não provada), sabemos que ela responde a uma dívida de gratidão do Apóstolo para com seus fiéis de Filipos. Pois ao terem conhecimento de que São Paulo se encontrava cativo em Roma, enviaram-lhe Epafrodito com novos subsídios e a incumbência de servir ao Apóstolo em suas necessidades (Flp 2, 25; 4, 18).

Em Roma, Epafrodito cai gravemente enfermo, de modo que somente algum tempo depois, já convalescente, pode voltar para sua cidade e para junto dos seus. E assim, aproveitando o portador, São Paulo escreve aos seus queridos cristãos de Filipos, mais para abrir-lhes o seu coração do que propriamente para lhes explicar algum ponto doutrinário que necessitasse de alguma explicitação.

No entanto, mesmo sendo como é, uma carta de grande efusão sentimental, São Paulo não perde a ocasião para abrir grandiosas perspectivas sobre tal ou tal aspecto do Mistério Diviño.

Da mesma forma, não deixa passar a ocasião sem exortá-los com veemência a que prossigam num aperfeiçoamento cada vez maior das virtudes cristãs.

EPÍSTOLAS PAULINAS

Assim, podemos ressaltar vários parágrafos de repercussão universal nos quais o Apóstolo focaliza, com seu costumeiro vigor, aspectos importantes da mensagem cristã.

Texto de grande importância do ponto de vista cristológico são os versículos 5 - 11 do capítulo segundo: São Paulo nos dá um impressionante resumo, tal como numa profissão de fé, as diversas “etapas” do Mistério de Cristo, ou as “fases” de sua vida:

— fase eterna, antes da Encarnação: o Cristo, Deus Verdadeiro, consubstancial ao Pai, no esplendor de idêntica majestade e glória;

— fase temporal da Encarnação: o Cristo Deus “depõe” a glória eterna da sua divindade, e sem deixar de ser Deus, assume a forma de “escravo”. Homem verdadeiro, faz-se obediente até à morte, e “à morte de Cruz”;

— fase eterna após o estado terrestre de sua vida mortal: “prêmio” de sua “humilhação”, a sua natureza humana — a forma de “escravo” — entra na participação da glória de sua divindade e torna-se objeto de adoração da parte de todas as criaturas.

Recomendações insistentes do Apóstolo focalizam o problema das relações fraternas entre os cristãos de Filipos que devem ser fundamentadas numa caridade autêntica e numa real humildade (1, 27; 2, 1-10; 4, 2).

Admoestações paternas previnem seus fiéis contra os perigos dos sedutores e herejes, e os conforta para que permaneçam firmes nos combates que tiverem de suportar pela conservação da pureza da fé. Para isso, aliás, é que vai muito concorrer o retorno entre os seus de Epafrodito. Por isso tam-

bém o Apóstolo se consola em se ver privado da companhia d'êste irmão (3, 2. 18; 2, 19-24).

Alguns comentadores procuram determinar a natureza d'êstes perigos a que estavam sujeitos os Filipenses, e enquanto uns nêles vêem perseguições provenientes dos poderes públicos ou dos pagãos não convertidos (comp. Flp 1, 30 com At 16, 20-21), outros procuram explicação nas hostilidades dos Judeus ou dos Judaizantes.

Outros, enfim, pensam nestes tradicionais inimigos do Apóstolo, que em todos os lugares e por todos os meios procuram destruir a obra benéfica da pregação da fé. São Paulo, portanto, estaria alertando seus fiéis contra êstes “falsos irmãos” e falsos operários da Vinha do Senhor, da mesma forma que o fizera para os Gálatas e para os Coríntios.

Em todo o caso, o sentimento dominante desta Epístola é o da alegria espiritual que lhe invade a alma e que êle quer extravasar para os corações de seus queridos filhos de Filipos. Muitas vêzes vem-lhe à pena êste como refrão: “Alegro-me nas minhas tribulações, nas minhas cadeias. Alegrai-vos comigo” (cf. 2, 18; 3, 1; 4, 1 etc.).

Alegria porque seu processo parece encaminhar-se bem e com uma perspectiva de feliz solução.

Alegria porque seu encarceramento não é obstáculo ao progresso da pregação evangélica: até seus próprios guardas se beneficiam desta pregação.

Alegria sobretudo porque a afeição dos Filipenses para consigo permanece inalterável, apesar das distâncias e apesar do encarceramento.

O plano da Epístola aos Filipenses não é rigorosamente concatenado. O assunto mesmo exigia uma certa elasticidade nas efusões de seu coração paterno.

Todos em geral concordam em ver como que quatro grandes partes nesta epístola, assim distribuídas:

1 — INTRODUÇÃO:	1, 9-11
— Saudação inicial:	1, 1-3
— Assunto geral da carta:	1, 3-11
— Ação de graças (1, 3-8)	
— Oração e votos (1, 9-11)	
2 — PRIMEIRA PARTE DA CARTA	1, 12-2, 30
— Situação pessoal de Paulo:	1, 12-26
— Encarceramento, pregação do evangelho e esperança da libertação que se aproxima	(1, 12-19)
— Ansiedade a respeito de sua própria sorte	(1, 20-26)
— Diversas exortações aos Filipenses	1, 27-2, 18
— Honrar o Evangelho suportando com galhardia as perseguições	(1, 27-30)
— A caridade e a humildade condições para a unidade segundo o exemplo do Cristo	(2, 1-11)
— Cooperação de cada um com a graça divina para a obra de salvação	(2, 12-18)
— Missão de Timóteo e de Epafrodito:	2, 19-30
— Timóteo, suas virtudes e a missão de que é incumbido	(2, 19-24)
— Epafrodito, sua cura e sua dedicação, assim como sua missão junto aos Filipenses	(2, 25-30)
3 — SEGUNDA PARTE DA CARTA:	33, 1-4, 1
— O perigo espiritual dos judeus e judaizantes:	3, 1-3

EPÍSTOLAS PAULINAS

— O exemplo que lhes propõe o Apóstolo sobre o verdadeiro caminho da salvação cristã:	3, 4 - 17
— Nada tem o Apóstolo a ganhar no Judaísmo	(3, 4- 6)
— Tudo abandonou por causa do Cristo e por amor ao Cristo	(3, 7 - 9)
— Tudo procura obter no Cristo e pela Cruz	(3, 10 - 14)
— Exortação aos fiéis para que pensem como ele e o imitem	(3, 15 - 17)
— O cuidado que os fiéis devem ter com estes inimigos da Cruz de Cristo, porque a vida do Cristão deve estar no Céu, que é o termo de sua própria esperança: ...	3, 18 - 4, 1
4 — EPILOGO:	4, 2 - 23
— Últimos conselhos:	4, 2 - 9
— Agradecimentos:	4, 10 - 19
— Saudações e voto final:	4, 20 - 23

A autenticidade da Epístola não é mais discutida por nenhum exegeta de peso. É verdade que alguns, (vg. Baur, Bauer, Holsten) tomam pretexto no célebre texto cristológico de Flp 2, 5-11 para recusarem a autoria paulina da carta.

No entanto, a índole tão pessoal e “paulina” destas efusões paternas, os fatos concretos que ela evoca, a linguagem e os próprios conceitos teológicos que ela exprime aqui e ali, entre um conselho e uma ação de graças, mostram bem a insanidade destes que se prendem a preconceitos filosóficos ou teológicos para julgarem assuntos de ordem histórica e exegetica.

Portanto, o que devemos dizer é que até pelo contrário: todos os indícios de ordem literária, histórica e teológica confirmam a antiga e ininterrupta tradição eclesiástica que atribui esta epístola aos Filipenses a São Paulo.

EPÍSTOLAS PAULINAS

São testemunhas da tradição o próprio São Policarpo, que escrevendo aos Filipenses alude à missiva com que lhes prendou o Apóstolo, com uma referência a esta Epístola canônica; Eusébio, em sua História Eclesiástica, citando a carta das Igrejas de Lyon e Vienne; Santo Ireneu, Clemente de Alexandria, Tertuliano, Fragmento de Muratori.

A questão da unidade da epístola é que continua ainda em discussão. Alguns se firmam até no testemunho de São Policarpo, que efetivamente alude, ao que parece, a “várias epístolas” de Paulo aos Filipenses.

Outros impressionam-se com certas interrupções de estilo, de pensamento no decurso desta Epístola (por exemplo: 2, 9; 3, 2; 4, 2. 10), de sorte que certos especialistas acham que a atual epístola seria o resultado de vários bilhetes escritos por São Paulo de Éfeso e de Roma, e que foram depois reunidos numa só epístola. Hipótese esta que explicaria certas dificuldades históricas que permaneceriam talvez de difícil explicação datando esta carta do cativeiro romano do Apóstolo.

No entanto, não só a interpretação do testemunho de São Policarpo, como também as diversas conjecturas formuladas e o hipotético encarceramento de Éfeso, não constituem ainda base histórica para um juízo definitivo da questão.

De sorte que em virtude das faculdades concedidas pela Encíclica “Divino afflante” estão os especialistas no seu direito prosseguindo na elucidação dêste pormenor que certamente trará um suplemento de informação para uma interpretação mais acurada do pensamento de São Paulo.

O essencial é considerar a carta inteira como se apresenta atualmente como escrita tôda ela pelo Apóstolo.

EPÍSTOLAS PAULINAS

A EPÍSTOLA AOS COLOSSENSES

Pelo sobrescrito da carta nós ficamos sabendo que os destinatários desta epístola foram os cristãos de Colossos: “Paulo, apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus, e o irmão Timóteo: aos Santos de Colossos, fiéis irmãos no Cristo” (1, 1-2).

Esta cidade estava situada na Frígia e fazia parte da Província Romana da Ásia (Província senatorial que abrangia somente a parte ocidental da Ásia Menor, compreendendo apenas a Mísia, Lídia, Cária e Frígia).

Situada às margens do rio Lycus, um dos afluentes do Meandro, distava Colossos uns 16 a 20 quilômetros de duas outras cidades da Frígia, Laodicéia e Hierápolis, a uma distância aproximada de 200 quilômetros de Éfeso.

A situação de Colossos era das mais interessantes porque pela parte do vale do Lycus é que passava a estrada ligando Éfeso à Galácia e à Cilícia. E se bem que não figure ela explicitamente no Apocalipse, fazia parte também do grupo destas cidadezinhas do interior que mantinham relações frequentes com Éfeso.

Segundo os historiadores antigos, Colossos chegou a ser uma cidade riquíssima, mas já Strabon (sob Tibério) assinala sua decadência com relação ao seu esplendor primitivo.

A Comunidade Cristã de Colossos parece ter sido fundada por Épafras, convertido que fôra por Paulo, talvez durante a longa permanência de Paulo em Éfeso.

E’ o que se deduz de certas alusões da Epístola, das quais, ao mesmo tempo, podemos inferir que até àquela época o

Apóstolo não estivera pessoalmente em Colossos (cf. Col 2, 1; 4, 7. 9; 4, 12-13).

Outras alusões da Epístola nos permitem concluir que a Comunidade era composta de cristãos oriundos do paganismo, pelo menos na sua grande maioria, para não dizer quase totalidade.

Significativos sobre este aspecto especial são os versículos 1, 21-27 e 2, 11-13, nos quais o Apóstolo alude a estes cristãos “estranhos” à Teocracia de Israel e que não receberam outra circuncisão além da circuncisão espiritual do Cristo.

A carta que São Paulo escreveu a estes cristãos foi sem dúvida alguma motivada por uma crise religiosa e intelectual assaz importante, pelo menos quanto às suas possíveis consequências.

Épafros, responsável por esta Comunidade, (pelo menos por ter sido ele o seu fundador, pois na realidade ignoramos o cargo exato que nela exercia, cf. 1, 7; 4, 12-13), julgou mais eficiente informar o Apóstolo do que se passava em Colossos, em Laodicéia e Hierápolis. Em vista do que São Paulo envia a Colossos Tíquico, com especialíssima missão de reconfortar os espíritos e os corações (4, 7), munido de duas cartas, uma para Colossos e uma para Laodicéia.

Ora, é precisamente a propósito desta crise intelectual e religiosa — cuja natureza, conhecida com exatidão, nos auxiliaria sobremaneira na compreensão da doutrina que Paulo expõe em sua carta — que os autores propõem explicações cada qual mais desencontrada da outra, a tal ponto que um autor da autoridade de Prat constata que as hipóteses emitidas sobre estes inovadores de Colossos são tão “múltiplas,

disparatadas e variadas que nem as côres do arco-iris" (op. cit., p. 335).

Sem entrarmos nas minúcias dêste debate, basta-nos notar que todos aquêles que encontram vestígios da gnose nos argumentos que São Paulo destroi ou anota como errôneos, exageram certamente, desde Goguel que considera como sendo "o gnosticismo principiante" (M. Goguel, *Le N. T.*, p. 324) até mesmo Duforcq (*Hist. de la Liter. Chrét.*, t. III p. 49ss, t. II, p. 112-128) que chama de gnose e gnosticismo "as diversas combinações da religião monoteísta judeu-cristã com as religiões ambientes". É verdade que o Padre Prat procura justificar a expressão usada por Lightfoot chamando os falsos doutores de Colossos de "essênios gnósticos", mostrando em que sentido a expressão é interessante e significativa. Mas talvez seja preferível dizer com Benoît que as infiltrações ideológicas e religiosas que tanto mal estavam causando na Comunidade de Colossos provinham de um "judaísmo sincretista" peculiar a estas regiões da Frígia "terra de eleição para entusiasmos místicos e especulações fulginosas", mais ou menos análogo ao essenismo da Palestina (op. cit., p. 48).

Em todo o caso uma observação de Benoît é particularmente significativa e importante para uma boa orientação destas pesquisas: "Houve muitas vezes quem pretendesse atribuir em bloco aos doutores colossenses tudo o que resulta das palavras de Paulo tomadas ao avesso: a epístola aos Colossenses foi utilizada como um cliché negativo das doutrinas dêles. Mas êste processo simplista é falacioso. Devemos considerar grande parte disso como fruto de originalidade criadora do Apóstolo (...) Paulo é quem deve ter tirado as conseqüências lógicas das vãs imaginações e das práticas abolidas e sem mais nenhuma significação" (op. cit., p. 49).

EPÍSTOLAS PAULINAS

Portanto, segundo Benoît, os erros que o Apóstolo combate em sua carta provêm desta espécie de “judaísmo heterodoxo”, misto das práticas rituais, alimentárias e litúrgicas (cf. Col 2, 11-13. 16. 21) com elementos estranhos oriundos do paganismo ou de princípios filosóficos (cf. Col 2, 8. 18. 23), sem contudo aparecerem os elementos específicos do gnosticismo (com o dualismo ontológico do princípio espiritual bom e do princípio material mau, ou aquela emanação dos eous descendo da divindade para a criação material).

O fato de tais influências judaicas numa comunidade cristã, embora oriunda do paganismo, é mais do que explicável em vista da grande quantidade de Judeus estabelecidos naquela região do Vale do Lycus (cf. Antíocos Magno que deporta cerca de vinte mil famílias judias para a Frígia), os quais não deviam nem podiam ficar indiferentes diante de uma florescente comunidade cristã.

As perseguições deviam iniciar-se mais cedo ou mais tarde, e aproveitando a natural propensão daquela gente para estas explicações filosóficas ou “teosóficas” dos fenômenos cósmicos, infiltraram-se capciosamente por meio de influência intelectual.

A preocupação primordial de São Paulo nesta carta é manifestar aos seus destinatários, de um lado, a sua grande e sincera alegria pelo bem que se está realizando na Comunidade e do qual êle teve notícias por Épafras (Col 1, 3 s.), e de outro lado, a sua palavra de ordem contra as idéias errôneas que se estavam infiltrando no meio daqueles cristãos de Colossos.

Se é verdade que as palavras de ação de graças e de alegria pela fidelidade de seus cristãos ocupam material-

EPÍSTOLAS PAULINAS

mente menos importância que as demais, não resta a menor dúvida que o tom de suas palavras é particularmente significativo e demonstra sobejamente a grandeza de seu coração paterno que sabe avaliar devidamente o esforço de seus “filhos” na perseverança da sã doutrina.

É aliás o que dá a esta epístola aos Colossenses uma vivacidade e uma feição insubstituíveis.

A segunda preocupação do Apóstolo manifesta-se de maneira mais sensível, não só porque mais exigente, mas também pelas repercussões que as novas idéias poderiam causar na Comunidade.

Mas ainda aqui o Apóstolo se adstringe ao essencial, ao ponto capital dos embates, de onde decorrem todos os outros elementos doutrinários mais ou menos corrompidos pelas lucubrações dos inovadores.

Este ponto capital que cumpre aos cristãos conservar em toda a sua pureza doutrinária, livre de todo e qualquer conluio filosófico, pagão ou sincretista, é o *do primado absoluto do Cristo*, sua Supremacia completa, tanto do ponto de vista espiritual como do ponto de vista cósmico.

O que tem em vista o Apóstolo é alertar os cristãos de Colossos para que não deixassem esta Soberania do Cristo ficar comprometida “por êstes vãos senhores que o mundo antigo, judeu ou pagão veneravam” (Benoit, op. cit., p. 49), de tal sorte que “os traços específicos desta epístola aos Colossenses, pelos quais ela se distingue das epístolas anteriores, é esta vigorosa afirmação da supremacia do “Senhor” Jesus acima de todo o Universo, os Anjos incluídos” (ibid).

Frei Benoit, melhor do que muitos outros autores, demonstra em seu breve estudo, como é que este pensamento central se desabrocha e se manifesta sob um tríplice aspecto.

Em primeiro lugar, a Pessoa e a obra do Cristo são consideradas não só do ponto de vista cristológico e soteriológico, mas ainda do ponto de vista cósmico. E é nesta perspectiva cósmica que devemos entender o conceito de “plerôma” que São Paulo invoca freqüentes vezes na epístola, conceito êste muito utilizado nos escritos de seu tempo e até mesmo encontrado na tradução grega dos Setenta, demonstrando assim que, neste ponto preciso, o Apóstolo nada deve aos seus supostos adversários, os gnósticos, que não utilizarão êste vocábulo com seu sentido técnico preciso, senão mais tarde, no correr do segundo século.

Assim pois, para o Apóstolo, escrevendo aos Colossenses “a salvação cristã toma as dimensões do Universo. O Cristo não é apenas o Chefe da Igreja, cujos membros são seus membros e constituem seu Corpo. Ele é o Chefe de toda a criação, com todos os seres celestes e terrestres” (id. p. 50). E o fundamento desta Supremacia ontológica não é outro senão a sua própria preexistência divina, pela qual, Ele, o Cristo, é a “Imagem do Pai”, o “Deus Invisível”, fonte, instrumento e fim de toda a Criação.

Em segundo lugar, a Igreja, nesta perspectiva cósmica, apresenta melhor o caráter coletivo da salvação cristã: “mais bem distinta daquele que é sua “Cabeça” e a dirige do alto do Céu, a Igreja se reveste melhor da autonomia de uma Pessoa viva. Seu caráter de “Corpo do Cristo” toma um realce mais vivo e recebe uma significação mais realista: não se trata, pois, nem de uma metáfora, nem de um ser de razão, um como grupo social cujos membros se reclamam do Cristo: a Igreja é Corpo do Cristo porque formada de todos os Cristãos cujos corpos são unidos pelo Batismo ao Corpo físico do Cristo Ressuscitado, e recebem por meio dêle a nova vida do Espírito” (ibid.).

Enfim, esta “contemplação mais aprofundada da salvação ecumênica, englobando todos os homens, até mesmo os pagãos, e repercutindo sobre todo o Universo” é o que constitui para São Paulo o “Mistério”, isto é, “êste segredo por tanto tempo escondido por Deus e agora revelado e confiado a uns tantos depositários” (id., p. 51). E por isso a conclusão que daí decorre é a “absoluta necessidade de uma sabedoria sobrenatural para se atingir o verdadeiro conhecimento do plano divino”.

Em outros termos, a doutrina cristológica da epístola aos Colossenses se resume nesta grande e esplendorosa síntese soteriológica e cósmica:

O Cristo Imagem do Deus Invisível é o Onipotente Criador e Cabeça de todo o Universo incluídos os Anjos, Cabeça também da Igreja que é seu Corpo.

O Cristo é por isso o Único Mediador entre Deus e os Homens: pela sua Morte na Cruz aboliu a Lei Antiga, superou o demônio e obteve o perdão dos pecados.

Pelo Batismo os homens se inserem neste Corpo do Cristo e se tornam participantes da plenitude de sua divindade, e devem, por isso, manifestar esta vida divina pelas suas ações irrepreensíveis (cf. Hopfl-Gut., op. cit., ed. 5.^a, p. 401).

Sem dúvida alguma o trecho mais característico da epístola é do capítulo primeiro, versículo 15-20.

Vemos aí como é que São Paulo “acumula sobre a cabeça do Cristo, segundo o seu costume, sem se preocupar do que poderíamos chamar ordem cronológica, todos os títulos que lhe pertencem em razão de suas duas naturezas” (Prat, op. cit., t. I, p. 343).

EPÍSTOLAS PAULINAS

Benoit vê aí uma espécie de “díptico” sobre a Supremacia do Cristo:

na ordem da criação natural (v. 15-17).

na ordem da “re-criação” sobrenatural, isto é, a redenção (v. 18-20).

Prat, por seu lado, prefere ver neste texto uma preocupação de Paulo idêntica à de João, isto é, “de não dividir o Cristo”, considerando o mistério do Cristo como um todo, sem preocupação nítida de distinguir muito os diversos atributos que lhe convêm. De modo que devemos ver como é que São Paulo tem em mira mostrar que o Cristo, na sua vida eterna, é a Imagem de Deus, o Primogênito, o Criador, o Conservador e o Fim de todas as coisas;

na sua vida humana ele é o Primogênito de entre os mortos, a Cabeça do Corpo Místico, o Redentor dos homens e o Pacificador Universal;

em ambos os seus estados Ele é Filho Dileto, o Fim de todas as criaturas, Ele domina a todos os poderes celestes e possui todas as plenitudes (cf. Prat. op. cit., p. 343).

Em todo o caso, o que é impressionante aqui nesta epístola é o modo pelo qual São Paulo focaliza com vigor até então não empregado, da maneira mais formal e explícita, o mistério da Divindade e da Supremacia do Cristo sobre toda a criação.

Não quer isto dizer que este Mistério não tivesse sido focalizado em suas epístolas anteriores. Pois encontramos sobre ele textos importantes nas grandes Epístolas (1.^a e 2.^a Cor (Gal e Rom). Mas não como tema principal da carta, como aqui.

EPÍSTOLAS PAULINAS

Aliás, assinala Prat, temos aqui em Col como títulos característicos do Cristo considerados pela primeira vez: — o Cristo, Imagem do Pai, Primogênito de tôdas as criaturas, Autor, Conservador e Fim de tôdas as coisas;

— o Cristo elevado acima de todos os Espíritos Celestes, tanto como Criador quanto como Chefe Supremo de todos êles;

— o Cristo, possuindo tôda a plenitude, plenitude de divindade e plenitude de graças (não só no domínio sobrenatural, mas também no domínio natural e cósmico).

Enfim, aniplas visões e características de certos aspectos dogmáticos ou morais são apresentadas pelo Apóstolo nesta Epístola.

Sem falar da questão da hierarquia angélica, sôbre a qual o Cristo exerce sua Supremacia absoluta, e que São Paulo trata como de passagem, na sua perspectiva grandiosa da Supremacia do Cristo — (“adotando as concepções de seu tempo sôbre as hierarquias angélicas como quadro de pensamento, ao qual aliás concede importância medíocre, a ponto de nem precisar de maneira clara o caráter bom ou mau, angélico ou demoníaco dêstes espíritos celestes”, Benoit, op. cit., p. 49) — e nem desta questão interessante e grandiosa do “plêrôma” divino que muita luz projeta nesta síntese do Mistério do Cristo, temos trechos por demais significativos sôbre o mistério da Igreja, sôbre a natureza dêste Corpo Místico, sôbre a incorporação do Cristão ao Cristo pelo Batismo, sôbre as conseqüências para a moral cristã de tôdas estas realidades sobrenaturais que integram o Mistério do Cristo.

Mas não resta dúvida que êstes aspectos conseqüentes serão mais explicitados na Epístola dita aos Efésios, com-

EPÍSTOLAS PAULINAS

posta mais ou menos conjuntamente com esta, e que certamente foi concebida por São Paulo para ser complementar a esta aos Colossenses, como êle mesmo o afirma, recomendando que em Colossos fôsse lida a outra, e que esta fôsse levada aos Laodiceos (cf. Col 4, 16 — cf. mais abaixo o que se deve pensar dos destinatários da nossa atual Epístola aos “Efésios”).

De modo que, em suma, o que importa compreender é que o pensamento central desta epístola aos Colossenses concentra-se todo, de maneira especial, no Mistério da Pessoa e da obra do Cristo, considerados do ponto de vista cristológico, soteriológico e cósmico.

O plano desta epístola aos Colossenses pode ser assim considerado:

1 — INTRODUÇÃO:	1, 1-12
— Saudação inicial:	1, 1-2
— Assunto geral da carta:	1, 3-12
— Ação de graças pelo passado	(1, 3-8)
— Orações e votos para o futuro	(1, 9-12)
2 — PRIMEIRA PARTE DA CARTA:	1, 13-3, 4
— Transição:	1, 13-14
— O Mistério do Cristo considerado em si mesmo:	1, 15-23
— A EMINENTE DIGNIDADE DO CRISTO	(1, 15-20)
— Na ordem da criação	
— Na ordem da salvação	
— A participação dos Colossenses à salvação	(1, 21-23)
— O Mistério do Cristo vivido e manifestado por Paulo:	1, 24-2, 5
— Trabalhos de Paulo a serviço do Mistério	(1, 24-29)

EPÍSTOLAS PAULINAS

— Preocupações de Paulo pela fé dos Colossenses	(2, 1 - 5)
— Mistério do Cristo tal como deve ser compreendido e vivido pelos Colossenses	2, 6-3, 4
— Advertência contra os erros que se infiltram	(2, 2 - 8)
— Supremacia do Cristo sobre os homens e os Anjos	(2, 9 - 15)
— Erros de uma ascese falsa	(2, 16 - 23)
— Verdadeira ascese na união com Cristo	(3, 1 - 4)
3 — SEGUNDA PARTE DA CARTA:	3, 5 - 4, 6
— Aplicações gerais do Mistério do Cristo	3, 5 - 17
— Moral individual e social	(3, 5 - 15)
— Vida litúrgica	(3, 16 - 17)
— Aplicações particulares do Mistério do Cristo	3, 18 - 4, 6
— Moral doméstica	(3, 18 - 4, 1)
— Espírito Apostólico	(4, 2 - 6)
4 — EPÍLOGO:	4, 7 - 18
— Missão de Tíquico	4, 7 - 9
— Saudações e recomendações	4, 9 - 17
— Última saudação autógrafa com o voto final	4, 18

Quanto à autenticidade desta epístola aos Colossenses, já passou o tempo em que era moda negar ao Apóstolo a autoria da carta que tudo tem de seu.

Os principais argumentos dos que assim pensavam eram os conhecidos argumentos da incongruência doutrinária e do anacronismo de estar São Paulo combatendo erros gnósticos que só apareceram no segundo século (cf. Hopfl-Gut, op. cit.,

EPÍSTOLAS PAULINAS

p. 402 para os pormenores sôbre êstes autores que recusam a autenticidade de nossa epístola aos Colossenses).

Mas nós já sabemos o que pensar dêstes “gnósticos” que muitos querem dar como sendo os perniciosos doutores de Colossos. Por isso a posição dêstes autores é insustentável.

Mesmo quanto aos argumentos tirados da doutrina exposta nesta epístola ou do vocabulário nela empregado ou das construções estilísticas, não podemos, em conhecimento de causa, subtrair à autoria do Apóstolo uma epístola em que tudo denota o seu pensamento, a sua concepção e o seu estilo (cf. Hopfl-Gut, op. cit., p. 402-404).

Testemunhas da Tradição sôbre esta questão: Autor da Epístola de Barnabé, Santo Inácio de Antioquia, São Policarpo, São Justino e São Teófilo Antioqueno, sem falar de Santo Ireneu, Clemente de Alexandria, Tertuliano e o Fragmento de Muratori.

A EPÍSTOLA AOS EFÉSIOS

Uma das primeiras questões que provoca a Epístola aos Efésios é a questão de seus destinatários, pois muitas e graves são as dificuldades decorrentes de uma tal destinação.

Argumentos de ordem textual e de crítica interna impugnam a concepção de ter sido esta epístola destinada aos habitantes de Éfeso.

Em primeiro lugar as próprias palavras “en Epheso” (1, 1) estão ausentes em dois manuscritos antigos, e dos mais importantes: o Código “S” (o Sinaiticus, do IV século) e o Código “B” (o Vaticano, do IV século): estão ausentes

dos “Papyri Chester Beatty) e de alguns outros manuscritos, bem como dos Padres mais antigos: Orígenes, Tertuliano, São Basílio e outros.

É verdade que os outros manuscritos trazem a inscrição do lugar, mas a aparição destes destinatários é um fato explicable, como adiante veremos.

O que é mais grave, e vem corroborar a ausência de menção aos Efésios, é que a epístola supõe desconhecidos de São Paulo esses a quem êle se dirige, como também supõe que estes ainda não o conhecem pessoalmente (cf. Ef 1, 15; 4, 21; 3, 2-4), o que seria muito dificilmente aplicável aos Efésios junto dos quais São Paulo permaneceu por um longo e continuado espaço de quase três anos (cf. At 19, 1-20; 1 Cor 16, 8s.; 2 Cor 1, 8) além de sua primeira estadia lá durante sua segunda viagem apostólica e o contacto em Mileto com os Presbíteros da Comunidade efesina (cf. At 18, 19-21 e 20, 17-38).

Além do mais, é uma epístola sem nenhuma informação de carácter pessoal, com certas frases meio estereotipadas, com um carácter muito mais pronunciado de “epístola” do que mesmo de “carta” afetiva com efusões do coração paterno de São Paulo.

Por isso, os autores em geral procuram solucionar estas dificuldades supondo que São Paulo tomou ocasião da crise colossense para explanar, de maneira mais completa, o mistério do Cristo com tôdas as suas conseqüências dogmáticas e morais, de tal sorte que, aproveitando a ida de Tíquico a Colossos com a epístola aos cristãos desta cidade, o Apóstolo tenha mandado como uma epístola circular para as Comunidades daquela região, tôdas com certeza abaladas pelas falaciosas doutrinas dos pseudo-doutores colossenses.

EPÍSTOLAS PAULINAS

Assim teríamos explicado o caráter “impessoal” desta epístola e a intromissão posterior, no próprio texto, da referência aos destinatários, ou porque Éfeso fôsse a cidade mais importante daquela região, ou porque tivesse subsistido a cópia da carta nos arquivos da Comunidade efesina.

Desta maneira pensam Prat, Th. Zahn e muitos outros.

Benoît, assinala esta hipótese e procura explicar a menção dos Efésios por uma conjectura tirada da 2 Tim 4, 12, mas parece preferir outra explicação, a que já propunham J. Knabenbauer, S. J., A. Deissmann, Tillmann, Meinertz, J. M. Vosté O. P., H. J. Vogels (sem falar de Harnack), segundo a qual a nossa atual epístola seria a epístola aos Laodiceos mencionada em Col.

É o que êle diz na nota a Col 4, 16 (op. cit., p. 68), mas na Introdução à epístola aos Efésios, suas afirmações são bemolizadas nos seguintes termos:

“É realmente difícil precisar a quem esta epístola foi concretamente e diretamente enviada, e como é que ela veio a ser considerada escrita aos Efésios. Ela deve ter sido escrita logo após Col e levada pelo mesmo portador Tíquico.

Alguns quiseram ver nela esta carta que os colossenses devem procurar em Laodicéia (Col 4, 16). A hipótese é muito verossímil, mas não autoriza a pensar, como o fazia Marcião, que ela fôsse realmente intitulada “aos Laodiceos”. Talvez que originariamente não trouxesse nenhum sobrescrito e tenha sido depois intitulada “aos Efésios” por uma conjectura tirada de 2 Tim 4, 12 ou então porque encontraram-na nos arquivos de Éfeso, quando colecionaram as Epístolas de São Paulo.

Mas isto é conjetural e importa pouco, aliás” (op. cit., p. 74).

EPÍSTOLAS PAULINAS

É verdade que a “Introd. N. T.” de Hopfl-Gut em sua 5.^a edição revista por D. Metzinger, não vê com bons olhos nem uma nem outra destas hipóteses e prefere considerar a carta como tendo sido realmente dirigida aos Efésios.

Mas por nossa parte achamos que esta opinião tradicional também não explica devidamente as dificuldades de ordem crítica e literária, e cremos não ser temerário supor, seguindo autoridades como Prat, S. J., Knabenbauer, S. J., Vosté, O. P. e Benoît, O. P. (para citar apenas estes) ou que esta epístola tenha sido originariamente uma epístola circular, ou melhor, que ela tenha sido realmente a “epístola aos Laodiceos” aludida em Col 4, 16, escrita logo após a da Comunidade de Colossos, com as mesmas preocupações, apenas mais dogmática e mais abstrata do que a que foi escrita ainda no calor da emoção causada pela crise de Colossos.

Portanto, para nós também, esta epístola dita “aos Efésios” é o resultado das exigências apostólicas de São Paulo que se viu como que forçado a “repensar sua síntese cristológica em função dêsses novos horizontes que lhe abriu a crise colossense” e de “fixar por escrito o seu pensamento para comunicá-lo à Igreja” (cf. Benoît, op. cit., p. 73).

É uma epístola que o Apóstolo destina a todos os cristãos, particularmente aos que provieram do paganismo. Embora enviada a uma Comunidade particular, conservou como que necessariamente este caráter meio abstrato e impessoal (cf. Hopfl-Gut, op cit., p. 411; Benoît, *ibid.*, p. 73; Prat, *ibid.*, p. 325).

As idéias desenvolvidas na Epístola aos Efésios são substancialmente as mesmas que estão expostas na que São Paulo acabava de escrever aos Colossenses.

Em ambas êle se applicou a explicar de maneira viva e seduzente o esplendoroso Mistério do Cristo na Igreja.

Mas ao passo que na primeira destas duas epístolas “gêmeas” êle desenvolve de preferência o primeiro aspecto soteriológico e cósmico da Encarnação do Verbo, na segunda êle prefere explicitar melhor as conseqüências eclesiológicas dêste mistério Cristológico.

E se na primeira epístola êle se deixou emocionar um pouco mais pelas inovadoras doutrinas que medravam por entre as Comunidades cristãs do Vale do Lycus, na segunda êle pôde desenvolver mais à vontade tôda aquela aprofundação teológica que lhe valeu o confronto da doutrina revelada com as novas lucubrações judeu-pagãs que se opunham ao dogma cristão.

Nas duas epístolas o assunto é o mesmo. As idéias são as mesmas, idêntica também a maior parte das expressões, sem que por isso uma seja plágio da outra ou falsificação: “reconhece-se, pelo contrário, um espírito que haure de sua própria fonte, sob o império dos mesmos desígnios e das mesmas neccsidades” (Prat. p. 334).

Quanto ao primeiro aspecto do dogma da Supremacia cósmica do Cristo, Senhor e Salvador, a epístola aos Efésios se contenta apenas com um resumo grandioso daquela magnífica síntese suficientemente esboçada em Col.

Vemos, contudo, mais uma vez, que o “têrmo do plano divino é de “reapitular” o Universo sob um único e mesmo Chefe, o Cristo Jesus (1, 10), o qual é superior a todos os poderes celestiais (1, 21) porque foi êle quem subiu acima de todos os Céus (4, 10)” (Benoît, op. cit., p. 74).

São Paulo prefere então desenvolver o aspecto “pleromático” do Cristo, isto é, mostrar em que consiste este “plerôma”, esta “plenitude” exigência primordial de sua Supremacia espiritual e cósmica.

Aliás não é este problema senão o próprio mistério do Cristo “místico” já apontado nas demais epístolas como parte integrante do próprio mistério redentor (cf. por exemplo Gal 3, 16: Abraão e toda a sua descendência se “resume” no Cristo; Rom 6, 3 e Gal 3, 27: pelo Batismo os cristãos todos se sepultam no Cristo para ressurgirem com Ele e nEle; 1 Cor 12, 12: o Cristo é um verdadeiro corpo com muitos membros), mas ainda não encarado diretamente, como nesta epístola aos Efésios.

E é por isso que encontramos focalizado com tanta precisão e tanta riqueza de desenvolvimentos o aspecto da autonomia da Igreja, o “plerôma” do Cristo, por causa de sua personalidade moral própria e peculiar.

São Paulo mostra então que a Igreja não é somente o corpo desta “Cabeça” que é o Cristo (cf. Ef 1, 22 s.; 4, 15 s.): ela é também a “Espôsa” que está unida ao Espôso (Ef 5, 22-32).

Benoît (op. cit.) vê aqui como uma síntese de Col e Rom.

É o mesmo problema de Rom: — a rejeição de Israel e a vocação dos Gentios — tratado aqui em Col com muito maior serenidade e num plano diferente, isto é, num plano cósmico, celeste e eterno, onde tudo se harmoniza: Judeus e Gentios fazem igualmente parte do plano divino; a divisão que existia outrora e que de um certo modo se justificava foi totalmente e para sempre abolida pelo Sangue de Cristo, de

tal sorte que a Igreja é realmente um só Corpo com os Membros, membros entre si; que a Igreja é realmente uma única “Espôsa” e também um “Templo” único, onde todos se integram (esta a terceira imagem que traz São Paulo para completar as duas outras e focalizar êste aspecto de união que as duas outras já exprimiam cada qual num plano complementar).

Mas como êste “plano divino” está ainda como em “realização” São Paulo não pôde deixar de exortar seus destinatários à união e à unidade (Ef 4, 1-16).

Mas não é só êste aspecto coletivo da salvação que se realiza na unidade da Igreja; é também a própria noção da Igreja que está como que transportada para uma perspectiva cósmica: e é por isso que ela é realmente o “plerôma”, isto é a “plenitude” do Cristo.

Na síntese dêste mistério da Igreja que o Apóstolo tenta focalizar em sua epístola, a Igreja se manifesta como “alargada segundo as próprias dimensões do Universo: pois embora se restringindo de si mesma, ao grupo dos humanos, ela parece, todavia, em virtude da harmonia do mundo que tem por centro e razão de ser o homem, arrastar na sua órbita o próprio destino do Universo” (Benoît, op. cit., p. 76).

É o que explica a menção tão repetida nesta como na Epístola aos Colossenses dos “espíritos celestes” bons e maus, porque todos os seres se associam à salvação ainda que alguns o façam de maneira indireta.

✓ E os comentadores consideram a alusão aos espíritos celestes feita de maneira mais pejorativa do que em Col, de maneira imprecisa, mas com uma noção muito nítida da vitória total do Cristo e da Igreja sobre os espíritos demoníacos.

Por fim, muito mais fortemente indicado do que em Col o “esplendor do Mistério do Cristo” que exige uma verdadeira sabedoria sobrenatural para ser devidamente compreendido (cf. por exemplo, Ef 1, 3-14; 17-18; 3, 1-12. 16-19, etc.).

E é o que explica também tôdas as conseqüências para a vida moral que São Paulo assinala na segunda parte da epístola, bem mais desenvolvida do que em Col.

Digna de menção é a “panóplia” final (Ef 6, 10-17).

Podemos ainda notar com que cuidado São Paulo se aplica a explicitar os elementos principais da moral cristã quer na ordem individual quer na ordem social: para êle a prática das virtudes, a moral cristã em suma, só tem valor e só tem significação na perspectiva doutrinária do Mistério do Cristo.

Nada da casuística esterilizante e constrangedora: é a “liberdade” dos Filhos de Deus, os quais, inserindo-se no Mistério Soteriológico do Redentor e vivendo concretamente dêsse Mistério em suas últimas conseqüências práticas, constituem realmente o “Corpo” desta Cabeça que é Cristo, formam aquela que é “Espôsa”, e ao mesmo tempo edificam o “Templo” que deve ser construído com perseverança e constância até ao fim dos tempos.

O plano desta Epístola aos Efésios é muito claro, e os autores todos estão de acôrdo não só quanto às linhas gerais da exposição como também quanto aos pormenores.

No entanto, por nos parecer mais perfeito que outros na determinação acurada de suas minúcias, escolhemos e adotamos o plano que propõe Benoît em seu comentário.

EPÍSTOLAS PAULINAS

Pelo que, “data venia”, passamos a transcrevê-lo, usando da liberdade de modificar certos títulos e subtítulos:

1 —	INTRODUÇÃO:	1, 1 - 2
2 —	PRIMEIRA PARTE DA CARTA:	1, 3 - 3, 21
	— O Mistério da Salvação e da Igreja segundo o plano divino:	1, 3 - 2, 10
	— Descrição do plano divino no Conselho de Deus	(1, 3 - 14)
	— Introdução	
	— Vocação à santidade	
	— Adoção divina no Cristo	
	— Redenção efetuada pela morte do Cristo	
	— Revelação do Mistério da Salvação: a supremacia do Cristo	
	— A vocação de Israel	
	— A vocação dos Gentios	
	— A consumação do Mistério no Espírito.	
	— Contemplação do plano divino na sua admirável aplicação:	(1, 15 - 2, 10)
	— Introdução	
	— Magnificência do plano divino	
	— Realização do plano divino no Cristo	
	— Realização do plano divino em nós	
	— Gratuidade da Salvação	
	— A União dos Judeus e Gentios numa mesma e única Salvação:	2, 11 - 22
	— Os gentios excluídos da salvação reservada a Israel	(2, 11 - 13)
	— A obra unificadora do Cristo	(2, 14 - 18)
	— Reconciliação entre Judeus e Gentios	
	— Reconciliação de Judeus e Gentios com Deus	
	— A Igreja, concretização e continuação da obra do Cristo	(2, 19 - 22)
	— O Mistério do Cristo e da Igreja manifestado e pregado por Paulo:	3, 1 - 3
	— Sofrimentos de Paulo pelos Gentios (3; 1 e 13)	
	— Vocação e Missão de Paulo	(3, 2-4 e 7- 8)
	— Revelação do Mistério	(3, 5 e 9-10)

EPISTOLAS PAULINAS

— Conteúdo do Mistério	(3, 6 e 11-12)
— Oração de Paulo pelos fiéis e ação de graças:	3, 14 -21
3 — SEGUNDA PARTE DA CARTA:	4, 1 -6, 20
— Princípios gerais da Santidade cristã:	4, 1 -24
— Guardar a união dos corações e do espírito	(4, 1 -16)
— na vida fraterna	
— na repartição dos ministérios	
— na doutrina	
— Despir-se do homem velho e revestir-se do Cristo	(4, 17 -24)
— Aplicações particulares da santidade cristã:	4, 25 - 6, 5
— quanto à moral individual, pela supressão dos antigos vícios:	(4, 25 - 5, 20)
— mentira	
— ira	
— roubo	
— maldades	
— impureza e grosseria	
— quanto às relações sociais	(5, 6 -20)
— nas relações com o mundo	
— Não ter convivência com o mal mas corrigi-lo	
— conduzir-se no mundo com sabedoria	
— na vida litúrgica pelo Espírito	(5, 18 -20)
— quanto às virtudes domésticas	(5, 21 - 6, 9)
— as espôsas e os espôsos	
— os filhos e os pais	
— os escravos e os mestres	
— quanto ao bom combate espiritual ..	(6, 10 -20)
— o objeto de combate espiritual	
— a armadura espiritual	
— a grande arma da Oração	
4 — EPILOGO:	6, 21 -24
— Notícias pessoais e missão de Tíquico: ...	6, 21 -22
— Saudação do Apóstolo e voto final:	6, 23 -24

EPÍSTOLAS PAULINAS

A autenticidade desta epístola aos Efésios é que foi e continua ainda muito combatida, e todos aquêles que a não querem considerar como uma epístola do Apóstolo, tiram argumentos da semelhança de Ef com Col, ou ainda da doutrina esplanada da epístola, assim como da linguagem empregada e do estilo.

De fato, a semelhança entre Ef e Col é de impressionar, e já o Padre Prat fizera cuidadosamente o balanço das coisas próprias de cada uma e da quase totalidade dos textos comuns às duas. Mas daí concluir a uma imitação inábil de um discípulo que se teria servido de Col para realizar uma obra de falsário, ou então exigir intromissões num texto genuíno do Apóstolo, de perícopas independentes do próprio Paulo ou de um discípulo, o qual teria costurado tôda aquela matéria de mão inexperiente, vai muito longe.

A semelhança se explica muito suficientemente pelo fato de tratarem as duas epístolas do mesmo assunto, de terem sido escritas na mesma ocasião, e quem sabe mesmo concomitantemente. E sobretudo de ter sido a segunda, isto é, a nossa epístola aos Efésios, uma nova elaboração num plano mais sereno de exposição dogmática, das mesmas idéias anteriormente expostas no ardor da polêmica.

Além do mais, a unidade de pensamento e de estilo impedem a aceitação da hipótese gratuita de ser Ef um amálgama de perícopas heteróclitas (cf. para mais amplos pormenores Höpfl-Gut, op. cit., p. 414-415 e Benoît, op. cit., p. 78).

Quanto às dificuldades de estilo e de ordem literária, embora sérias, são tôdas elas solúveis. Não só porque êste estilo "pesado e redundante" já se encontra em Col e ninguém o invoca para rejeitar esta última, mas também porque

êle se manifesta em outras epístolas, inclusive em Rom e 1, 2 Cor.

Em Ef e Col êle se explica por causa do assunto tratado. Por isso também são particularmente numerosas as expressões exclusivas.

A doutrina exposta em Ef não pode servir de argumento contra a autenticidade porque ela já se encontra em Col e encontra-se também em germe nas grandes epístolas Rom 1, 2, Cor e Gal.

Em todo o caso se muitos dos argumentos contra a autenticidade podem não ficar satisfatoriamente elucidados quanto a certos e determinados pormenores, podemos, sem negar a autoria do Apóstolo na confecção da Epístola, dizer com Benoît: “É ainda possível imaginar que, no caso de Ef, Paulo tenha deixado maior liberdade do que de costume ao Discípulo que o ajudava a escrever a carta, e não lhe tenha ditado senão certo número de desenvolvimentos essenciais, conferindo-lhe autonomia para terminar a redação sob forma de carta com a ajuda de Col. Aliás não se trataria aqui senão de uma intervenção muito superficial, muito menos considerável do que aquela que se admite em geral para a redação de Hebr ou das epístolas de São Pedro. De sorte que podemos estar certos e tranqüilos de que lendo Ef estamos deveras “comungando” com o pensamento e o coração de São Paulo” (op. cit., p. 78).

Testemunhas da autenticidade paulina de Ef são, entre outros, São Clemente Romano, Santo Inácio de Antioquia, São Policarpo, São Justino, Santo Ireneu, Clemente de Alexandria, Tertuliano e o Fragmento de Muratori.

EPÍSTOLAS PAULINAS

A EPÍSTOLA A FILÊMOM

Com relação a esta epístola escreve o Padre Prat: “Esta minúscula obra-prima de tacto, urbanidade, nobreza e fina graça foi a primeira declaração cristã dos direitos do homem” (op. cit., t. I, p. 329).

E de fato. Não que tenha sido esta a primeira vez que o Apóstolo tratou das relações sociais e dos mútuos direitos dos homens. Mas na carta a Filêmon, seu discípulo e “filho” na fé (cf. Flm 19), São Paulo aplica a um caso concreto aquilo que já expusera aos fiéis mais de uma vez, de viva voz e por escrito.

Sua proclamação de princípios fôra solene e decisiva: “Todos vós sois filhos de Deus pela fé, no Cristo Jesus: revestistes o Cristo, vós todos que fostes batizados no Cristo. Por isso não há mais Judeu nem Grego, não há mais escravo nem homem livre, não há mais homem nem mulher: sois todos um só no Cristo Jesus!” (Gal 3, 27-28 cf. também I Cor 7, 20-21).

Por aí vemos que se para o Cristão o que importa é estar unido a Cristo pela fé e pelo Batismo, as condições exteriores de ordem individual ou social, pouco importam.

Diante de Deus o que conta é que todos sejam “um em Cristo”; não “uma só coisa”, porém “uma só Pessoa” em Cristo, formando todos um único Cristo Místico (cf. Prat p. 330).

O cristão, portanto, não deve procurar revolucionar com violência a situação existente de fato senão infundir um novo espírito em tôdas estas instituições aperfeiçoando-as a pouco e pouco, e, gradativamente, em virtude desta insuflação de

EPÍSTOLAS PAULINAS

espírito novo e sobrenatural, tornar mais “divinas” as relações entre os homens: pois estas se “humanizarão” na medida em que se “divinizarem”.

Esta é a razão da importância do bilhete de Paulo a Filêmon, que, mantendo-se na linha de sua exposição doutrinária da epístola aos Gálatas e aos Coríntios, aplica a um caso concreto os princípios gerais de renovação, adaptando-os ao estado de coisas que encontrava, e sugerindo ao mesmo tempo o têrmo a obter paulatinamente em virtude dêste mesmo princípio sobrenatural restaurador.

Pelos têrmos da carta nós sabemos qual era o fato concreto que se apresentava diante do Apóstolo: Onésimo era um escravo fugitivo (v. 15. 18). Ao deixar seu Senhor, Filêmon, tinha mesmo roubado alguma coisa, em dinheiro ou em espécie (cf. v. 18). Refugiado em Roma, aí conhecera o Apóstolo e se tinha convertido ao Cristianismo (v. 10). “Gerado no encarceramento”, Onésimo era para São Paulo um filho de certo modo mais amado que outros (v. 12). Por causa disso, antes de mais nada, o Apóstolo não desejava que êle fôsse tratado com o rigor do direito (v. 9. 17. 18. 19).

Mas havia algo mais do que uma simples afeição do Apóstolo para com o fugitivo culpado: é que Filêmon, o Senhor do escravo, era cristão e que o próprio escravo culpado não era mais o mesmo que quando cometera o crime: êle se tinha convertido ao Cristianismo. Êle era um batizado, e embora sem deixar de ser escravo, não podia mais ser tratado por Filêmon como uma “coisa” (conforme lhe autorizava o direito pagão), mas devia ser tratado como “irmão” (v. 16).

São Paulo não exige de uma vez que Filêmon liberte seu escravo. Êle sabia que esta transformação social, exi-

gida aliás pelos próprios princípios do Cristianismo, se deveria processar paulatinamente. Mas pelas recomendações insistentes a Filêmon êle manifesta com clareza que êle exige que o cristão trate a seu escravo como “homem”. E se o escravo é cristão, que o dono o trate como “irmão”. Porém sugere, aconselha, e, com discreta insistência mesmo, que lhe seja dada a liberdade (v. 14-16. 21).

De modo que se a epístola a Filêmon que parece ter sido escrita tôda inteira do próprio punho do Apóstolo, é sobretudo uma destas cartas em que São Paulo se manifesta ao vivo com todo o encanto de sua rica personalidade, como num instantâneo, deixando passar através de seus pensamentos e de suas palavras a terna afeição que devotava a cada um dos seus filhos, ela não deixa de ser uma epístola preciosíssima acêrca de um ponto capital de justiça social e da maleabilidade que encerra o Cristianismo em seus princípios para se acomodar, sem destruí-los de uma vez e violentamente, mas também sem consentir em qualquer demissão, aos costumes sociais vigentes, embora imperfeitos.

Do ponto de vista das circunstâncias históricas reveladas nesta epístola ficamos sabendo que Filêmon fôra também convertido por São Paulo: é o que decorre muito claramente da alusão do versículo dezenove.

Filêmon parece ser um cristão fervoroso, visto que em sua própria casa se reúnem os fiéis (cf. v. 2). Além do mais, torna-se objeto de efusivas ações de graças da parte do Apóstolo, pois se é verdade que os versículos 4-7 possam ser materialmente considerados como uma “captatio benevolentiae” de boa tática, o resto da epístola, o tom afetuoso e sinceramente comovido de São Paulo, não deixam a menor sombra de dúvida quanto à sinceridade do Apóstolo elogian-

do seu fiel discípulo pelo fervor com que se aplica aos seus deveres cristãos e à prática da caridade fraterna.

Filêmon era secundado por sua mulher Ápia e seu filho Arquipo (segundo o que inferem vários comentadores, entre os quais Benoît, op. cit., p. 41; comp. a Col 4, 17).

Parecem ser colossenses de origem (cf. Col. 4, 9. 17), e como Paulo não esteve em Colossos, é plausível a suposição de Éfeso para o lugar de seu primeiro encontro com Paulo (cf. Benoît, p. 39).

O versículo 9 é um dos indícios mais significativos para a determinação do cativo romano como ocasião desta epístola e das demais que lhe foram contemporâneas. É verdade que a alusão é mais hiperbólica e de ordem afetiva do que estritamente rigorosa, mas os seus 50 a 55 anos bem soados e vividos no meio de tantas e tamanhas atribulações, que eram a sua idade nesta época de seu encarceramento em Roma, podiam valorizar estas suas palavras destinadas a comover seu destinatário.

Pela epístola aos Colossenses sabemos que esta carta a Filemón foi levada pelo mesmo portador Tíquico, que levava Col e Ef (cf. Col 4, 7-9).

São os mesmos companheiros de Paulo que aparecem em Flm e em Col, a saber: Épafras, Marcos, Aristarco, Demas e Lucas.

Do ponto de vista psicológico, Prat já observava que “as ordens, os conselhos e as súplicas se misturam de tal maneira que é difícil dizer onde terminam uns e onde começam outros”. Assim: São Paulo *suplica*: como amigo, como ancião, como Apóstolo, como prisioneiro do Cristo; *aconse-*

lha; esperando o consentimento do interessado e sua aceitação espontânea; bem que poderia *ordenar*, enquanto representante do Cristo a um cristão, e por isso *conta com a obediência* de seu discípulo para que receba o escravo como se fôsse êle próprio. (cf. Prat, op. cit., p. 332, n. 1).

Do ponto de vista doutrinário, a epístola estabelece que reconhece os direitos vigentes do senhor para com seu escravo e tudo o que decorria da infidelidade do escravo para com o Mestre.

Reconhecendo os direitos de Filêmon sôbre Onésimo, mesmo depois que êste último se tornou cristão, o Apóstolo tem escrúpulo em guardar junto de si o escravo que se tornou para êle um filho indispensável, e portanto devolve ao seu mestre o que lhe pertence, para que êste depois resolva o que mais lhe convier.

Em virtude de seu cristianismo, Filêmon fica entretanto como que proibido de castigar o escravo infiel. É o que motivou a carta, e é o ponto nevralgico da questão: os cristãos têm deveres mútuos que lhes proíbem certos atos permitidos pelo direito ora vigente. E São Paulo dá tanta importância a isto que toma a si tôda a responsabilidade (v. 18-20).

Por fim, o conselho, às vêzes mesmo insistente, que transparece várias vêzes no decorrer da epístola: a generosidade cristã deve ultrapassar os estreitos limites da justiça: a alforria do escravo convertido deve ser considerada como uma consequência do espírito cristão, mais perfeito, pois, segundo o pensamento do velho Apóstolo, o cristão deve ainda ultrapassar o ideal de uma caridade e de uma generosidade de nível comum.

Enfim, se quiséssemos realçar êste ou outro pensamento do Apóstolo, esta ou outra palavra, não o conseguiríamos, e acabaríamos citando a epístola inteira.

No entanto quanta emoção nas palavras do Apóstolo: “Embora tenha eu no Cristo tôda a liberdade necessária para te prescrever o teu dever, prefiro invocar a caridade e apresentar-te uma súplica, esta súplica de Paulo, já velho, e agora prisioneiro do Cristo. E a súplica é em favor do filho que gerei aqui na prisão, êste Onésimo... que eu te devolvo como se estivesse te devolvendo o meu próprio coração”... (v. 8-13).

... “Se, pois, levas em alguma conta os laços que nos prendem, recebe-o como se fôsse eu mesmo. E se êle te lesou ou te deve ainda alguma coisa, põe na minha conta. Eu, Paulo, me comprometo, de meu próprio punho: sou eu quem vai pagar... e sem nada dizer da dívida que contraíste comigo para sempre, que és tu mesmo!”... (v. 17-18).

... “Escrevo-te com uma confiança total em tua docilidade: bem sei que farás ainda mais do que eu te peço”... (v. 21).

O plano da Epístola é óbvio:

1 —	INTRODUÇÃO:	v. 1 - 3	
	— (Saudação inicial)		
2 —	CORPO DA CARTA:	v. 4-21	
	— Ação de graças pela fé e pela caridade motória de Filêmon:	v. 4 - 7	
	— Exortação a Filêmon para que receba Onésimo com afeição de irmão: .	v. 8-13	+ 16-17
	— Razão de sua interpelação: a conversão de Filêmon:	v. 15	

EPÍSTOLAS PAULINAS

— O Apóstolo se responsabiliza pela compensação da dívida:	v. 18-19
— O Apóstolo deseja que Filêmon con- ceda a alforria a Onésimo:	v. 14, 20-21
3 --- EPILOGO:	v. 22-25
— O apóstolo pede hospedagem para sua próxima e possível chegada:	v. 22
— Saudações finais:	v. 23-24
— Voto final:	v. 25

Quanto à autenticidade desta Epístola houve quem a pusesse em dúvida, mas por causa de um exagerado facciosismo, que aliás já passou de moda, e hoje não atrai mais ninguém que se vanglorie de seriedade e probidade científicas.

E se os testemunhos da tradição em favor desta minúscula epístola são de fato raros, a coisa é explicável dada a brevidade da carta que pode muito bem ter passado despercebida aos primeiros Padres.

No entanto encontramos menção dela não só em São Jerônimo, como também em Orígenes, Tertuliano e no Fragmento de Muratori.

**INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS
PASTORAIS DE SÃO PAULO**

INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS PASTORAIS DE SÃO PAULO

AUTENTICIDADE DAS PASTORAIS

DESTINATÁRIOS DAS EPÍSTOLAS PASTORAIS

OCASIÃO E FIM DA COMPOSIÇÃO DAS PASTORAIS

DATA E LUGAR DA COMPOSIÇÃO DAS PASTORAIS

SÍNTESE DOUTRINÁRIA DAS PASTORAIS

INTRODUÇÃO AS EPÍSTOLAS PASTORAIS DE SÃO PAULO

De suma utilidade é a leitura das Epístolas Pastorais de S. Paulo, sobretudo para os Pastores de almas. É verdade que o Apóstolo não pretendeu, com estas Epístolas, fazer tratado completo sobre os deveres pastorais e, por isso mesmo, não seguiu uma ordem metódica, que seria, de fato, ótimo fator a contribuir para uma mais fácil inteligência da sublime doutrina contida nestes documentos. Contudo, o grande Apóstolo apenas se propunha remediar males e sanar situações, criadas pela astúcia dos homens e pelos pregadores de falsas doutrinas. É dêste modo que seus conselhos constituem fonte inexaurível, a que recorrem pastores e doutores de todos os tempos. De tão grande importância julgava Sto. Agostinho serem estas Epístolas para os Pastores de almas que afirmava deverem encontrar-se sempre em suas mãos (1). A Santa Igreja, por seu turno, recomenda insistentemente seu estudo aos sacerdotes, nas cerimônias da Ordenação Sacerdotal (2).

Chamam-se Pastorais as Epístolas escritas por São Paulo aos seus discípulos Timóteo e Tito: duas ao primeiro e uma

(1) De Doctrina Christiana IV, 16.

(2) Pontificale Romanum, "De Ordinatione Presbyteri".

ao segundo. O nome de Pastorais, pelo qual se designam estas Epístolas, data apenas do século XVIII. Certamente, êste nome não é dos mais felizes em exatidão, mas, porque já consagrado pelo uso e por não urgirem razões da maior monta, não é preciso abandoná-lo (3). Assim se denominam ou porque se dirigem a dois Pastores de almas ou porque a matéria que expõem se refere ao ministério apostólico, como sejam a escolha de ministros, suas virtudes e deveres etc.. Além disso, há grandes afinidades entre estas três Epístolas: o estilo é muito semelhante, o assunto é idêntico, há coincidência de situações que tôdas supõem, são os mesmos os erros combatidos etc. Esta designação, portanto, serve ao menos para caracterizá-las em um grupo distinto das demais Epístolas paulinas.

Nesta abreviada Introdução trataremos da autenticidade, dos destinatários, da ocasião e fim, da data e lugar da composição das Epístolas Pastorais. Acrescentaremos uma síntese doutrinária de tudo o que aí vem exposto por São Paulo.

AUTENTICIDADE DAS PASTORAIS

Antes do século XIX, por assim dizer, não foi posta em dúvida a autenticidade das Epístolas Pastorais. Poucos herejes do século II rejeitaram-nas: Marcião (4), pai dos marcionitas

(3) Não são chamadas Pastorais no mesmo sentido em que se entendem as pastorais dos bispos de nosso tempo. As de São Paulo são dirigidas a pessoas particulares e as dos bispos de hoje destinam-se à instrução de todos os seus diocesanos.

(4) Assim diz Tertuliano (contra Marcionem 5, 21) de Marcião: "Miror quod... ad Timotheum duas et unam ad Titum de ecclesiastico statu compositas recusaverit. Affectavit, opinor, etiam numerum epistularum interpolare".

(o qual aliás só admitia o III evangelho e algumas Epístolas de São Paulo, assim mesmo mutilando êstes livros com o fim de adaptá-los aos seus erros (5), Basíledes, (6) e provavelmente, Taciano que, contudo, ao menos admitia a Epístola a Tito (7). Êstes testemunhos contrários, porém, nenhuma influência lograram na Igreja, nem mesmo entre os demais herejes; é que, como bem notou Clemente Alexandrino (8), todos eram civados de preconceitos doutrinaes.

Do século II ao XIX, durante 17 séculos portanto, as Epístolas Pastorais foram reconhecidas como autênticas e sagradas por todos, quer católicos, quer cismáticos, quer herejes. Testemunho tão luminoso de uma autêntica tradição começou de ser deslustrado por autores suspeitos do século XIX, que tentaram ressuscitar as posições já soterradas de Marcião, "con la sola differenza che agli antichi concetti teologici di Marcione furono sostituiti canoni fissi di determinate scuole" (9).

(5) Sto. Ireneu, de algum modo, aponta as razões por que Marcião rejeitou as Pastorais. Assim diz êle "Similiter autem et apostoli Pauli epistulas abscidit, auferens quaecumque manifeste dicta sunt ab Apostolo de eo Deo qui mundum fecit, quoniam hic pater Domini Nostri Iesu Christi, et quaecumque ex prophetis memorans Apostolus docuit" (1, 27, 2). Efetivamente há nas Pastorais diversos pontos doutrinaes incompatíveis com os erros de Marcião. Eis alguns exemplos citados por Cornely. (Introductionis in S. Scripturae libros compendium II. 29): 1 Tim 1, 8 ss. sobre a lei; 1, 18; 2, 5 s.; 4, 1-5; 2 Tim, 1, 5; 2, 8; 3, 14 ss.; Ti 1, 15 etc.

(6) Segundo São Jerônimo (Praefatio in Comment. ad Ti), também Basíledes rejeitava as Pastorais.

(7) Hoje já se considera adversário duvidoso das Pastorais. Cf. G. Ricciotti, "Paolo Apostolo", pg. 549; seg. edição.

(8) Stromata 2, 2.

(9) Ricciotti, o. c., 549.

O primeiro que levantou dúvidas contra a primeira a Timóteo foi Schmidt em 1804. Seguiu-se Scheiermacher, em 1807, que gratuitamente afirmava ser a primeira a Timóteo composta por um falsário que se serviu de parte da 2 Tim e Ti. Dêste modo, até 1835, só a 1 Tim foi posta em dúvida ou simplesmente negada por outros autores como Bleek, Neander, Ritschl, Reuss e outros.

Em 1835 Cristiano Baur, baseado na inegável labilidade do exame interno, se tomado com exclusividade, pretendeu demonstrar que tôdas as Epístolas são espúrias e foram exaradas no século II com o fim de refutar o agnosticismo e de constituir a hierarquia eclesiástica. Teve como seguidores, mais ou menos fiéis, Hilgenfeld, Schweigler, Volkmar, Schenkel e outros. Com o andar dos tempos, chegou-se à conclusão de que os argumentos de Baur eram errôneos, pois viu-se logo que os erros do agnosticismo e a constituição da hierarquia são mais antigos do que o século II.

Nos últimos tempos, appareceu outra tendência, aparentemente conciliadora, a qual sustenta que as Pastorais são um acêrvo de pequenos trechos extraídos, mutilados e acrescidos das outras Epístolas paulinas. Esta hipótese foi ventilada por Credner em 1836. O grande trabalho dos sequazes de Credner é determinar os trechos originários de outras Epístolas paulinas que teriam servido para a confecção destas nossas Epístolas. Não existe, porém, nem era de esperar que existisse, concórdia entre êstes autores no apontar os trechos de outras Epístolas que deram origem às nossas. O mesmo se diga sôbre o tempo da composição dêstes fragmentos e das adições. Desta sorte, êstes autores admitem nas Pastorais trechos genuínos de São Paulo. Comungam com Credner na mesma opinião, com pequenas divergências,

Harnack, Goguel, von Soden, Dibelius, Knopf. Um tanto perplexos se mostram Feine, Weiss e Deissmann (10).

Entre estas sentenças tão discordes a tendência que, mais e mais, se manifesta é uma volta paulatina à tese tradicional. Assim é que, hoje, a autenticidade das Pastorais é admitida não só por todos os católicos, mas até por alguns protestantes conservadores, como Godet, Zahn, Michaelis e por numerosos anglicanos, entre os quais se avanta Hitchcock.

Baseiam-se os adversários nas seguintes razões para negar a origem paulina das Pastorais: não se podem determinar as circunstâncias de tempo e de lugar em que as Pastorais teriam sido escritas por São Paulo; a língua e o estilo diferem tanto das Epístolas paulinas que não pode ser um só autor; o autor fala de si mesmo de tal modo que logo se percebe tratar de ficção; os herejes combatidos nestas Epístolas são do século II ou do fim do século I.

Tôdas estas dificuldades são derivadas do exame interno das Epístolas Pastorais. Vejamos, porém, antes o testemunho solene da tradição, favorável à sua autenticidade. Daí passaremos ao exame interno. Damos mais importância aos testemunhos de ordem externa, pois "un' si' pronunziato nel secolo II dal Frammento Muratoriano (insieme con tanti altri documenti, come nel caso nostro), vale ben più di cento' no' decretati da seguaci di teorie moderne destinate ad appassire dopo qualche decennio" (11).

(10) Alguns hoje se contentam com limitar suas dúvidas ou negações a alguns trechos apenas nas Pastorais. Assim Knopf que na Epístola a Tito considera espúrios tão somente 4 versículos (7. 9. 12. 13) do capítulo 1 e na 2 Tim só algumas inversões feitas pelos copistas e na 2 Tim cerca de 20 versículos que trazem instruções sobre a hierarquia.

Escusado dizer que Rénan, sempre sorridente para qualquer teoria prenhe de contradições, abraça a teoria esposada por Harnack.

(11) Ricciotti, o. c. 550.

EPÍSTOLAS PAULINAS

1. TESTEMUNHOS EXTERNOS

A) *Citações implícitas.* Encontram-se nos Padres Apostólicos (S. Clemente Romano, epístola de Barnabé, Sto. Inácio Martir, S. Policarpo, epístola a Diogneto...) reminiscências mais ou menos caracterizadas das Pastorais. Ao menos as que se encontram na carta de S. Policarpo aos Filipenses parecem incontestáveis e... seria ridículo admitir com Renan que fôsem “frases feitas espalhadas ao ar nesta época” (12). Aos Padres Apostólicos acrescentem-se as recensões encontradas em alguns Padres apologetas do século II, como S. Justino e S. Teófilo Antioqueno.

Segundo Xavier Funck (edição dos Padres Apostólicos, Tubinga, 1911-13) conclui-se que nos documentos remanescentes destes Padres a 1 Tim tem cêrca de 20 alusões e citações, a 2 Tim tem 14 e a ad Ti tem 12. Destas alegações algumas são postas fora de dúvidas: três para 1 Tim em Policarpo, Atenágoras e Teófilo Antioqueno, duas para 2 Tim em Policarpo e Teófilo Antioqueno e três para a ep. a Tito em Clemente Romano, ep. a Diogneto e Teófilo Antioqueno.

B) *Testemunhos explícitos.* Não faltam abundantes e explícitos testemunhos favoráveis à autenticidade das Pastorais. São testemunhos, segundo afirma Brassac (13), “graves, cultos, independentes uns dos outros, pois viviam em tôdas as partes da cristandade”.

Começando dos mais antigos, mencionemos Ireneu, bispo de Lião, asiático de nascimento, gaulês de adoção, o qual cita

(12) Apud. J. Renié, S. M., “Manuel d'Écriture Sainte”, tomo VI (seg. edição), pg. 422.

(13) Brassac, t. IV (14.^a edição), pag. 464.

EPÍSTOLAS PAULINAS

sob o nome de Paulo textos de cada uma de nossas três Epístolas. Sirvam de exemplo as seguintes alusões: “Quidam inducunt verba falsa et genealogias infinitas, quae quaestiones magis praestant, quaemadmodum Apostolus ait...” (Isto é manifesta alusão a 1 Tim 1, 4: “ut denuntiares quibusdam ne aliter docerent neque intenderent fabulis et gencalogiis interminatis, quae quaestionem magis praestant quam aedificationem Dei”... (14). “Ipse autem Paulus manifestavit in epistolis dicens: Demas me dereliquit et abiit Thessalonicam, Crescens in Galatiam, Titus in Dalmatiam, Lucas est mecum solus” (15); isto é tirado de 2 Tim 4, 9. 10. 11. “Quaemadmodum Paulus ait: haereticum autem hominem post unam correptionem devita, sciens quoniam perversus est qui est talis est a semetipso damnatus” (16); Ireneu cita aqui Ti 3, 10.

O Fragmento de Muratori, do fim do século II, enumera entre as Epístolas de Paulo: “... ad Titum una et ad Timotheum duae pro affectu et dilectione, in honorem tamen Ecclesiae Catholicae, in ordinatione ecclesiasticae disciplinae sanctificate. sunt” (17).

Clemente de Alexandria, no Egito, muitas vezes, refere a autoridade destas três Epístolas que vêm citadas, algumas vezes, com o nome expresso de Paulo. Eis um exemplo: “pietas ad omnia utilis est, dicente Paulo (1 Tim 4, 8), ut quae promissionem habeat vitae praesentis et futurae” (18).

(14) *Adversus haereses*, I, 1.

(15) *Ibid.* III, 14, 1.

(16) *Ibid.* III, 3, 4.

(17) *Enchiridion Biblicum* 4, linhas 60-63.

(18) *Cohort. ad gentes*, c. 9. Outros exemplos vide apud Simon-Prado, “*Praelectiones Biblicae*”, edição 5.a, pag. 379.

Tertuliano, na África, é testemunho precioso em favor destas Epístolas. Êle “garante a origem paulina das Epístolas Pastorais; a seu ver, o sentimento da Igreja é unânime sobre este ponto: seis vêzes ao menos o doutor africano attribui expressamente a Paulo textos de nossas Epístolas” (19). Tertuliano propõe-se demonstrar contra Marcião a autenticidade das Pastorais.

Sto. Hipólito: “Qui (Paulo) praedicens ea quae frustra quidam novaturi essent, dixit in hunc modum: Spiritus autem manifeste dicit; in novissimis temporibus discendent quidam a sana doctrina etc.” (20). Alega-se 1 Tim 4, 5.

Orígenes fez comentários às nossas Epístolas. Entretanto, só chegou até nos um fragmento, o correspondente a Ti 3, 10. 11. Além disso, no comentário ao Evangelho de Mateus traz testemunhos extraídos das Pastorais.

Eusébio de Cesaréia, de ordinário “tão afeito a considerar duvidas levantadas contra a origem de tal ou tal livro no N. T., não duvida em classificar nossas Epístolas entre os escritos homologados” (21). Seu testemunho cresce em valor pelo fato de ter êle perlustrado documentos antiquíssimos e em maior número do que os que hoje conhecemos.

S. Jerônimo, no proêmio de seu comentário a Tito, dêste modo defende contra Marcião e Basílides a autenticidade das Pastorais: “Ut enim de ceteris epistolis taceam — de quibus quidquid contrarium suo dogmati viderant, eraserunt — nonnullas integras repudiandas crediderunt, ad Timotheum videlicet utramque, ad Hebraeos et ad Titum; et

(19) Lusseau et Collomb, t. V (ed. 2.^a), pag. 132.

(20) Philosophumena VIII, 20.

(21) Renié, o. c. 422.

si quidem rederent causas cur eas Apostoli non putarent, tentaremus aliquid respondere..." (22).

A êstes podem acrescentar-se os testemunhos das antigas versões, pois as Pastorais aparecem nas versões latinas (começo do século II), nas versões cópticas (século III), na siríaca Peschitta (século IV-V), como também aparecem nas transladações de maior importância.

2. TESTEMUNHOS DO EXAME INTERNO

Nas Epístolas Pastorais as doutrinas dominantes são eminentemente paulinas, isto é, pertencem ao número daquelas que São Paulo repete sempre, pois que as tem no íntimo do coração. Eis alguns exemplos: todos os homens são pecadores e, por isso, precisam de salvação; a salvação, estatuída por decreto eterno de Deus, foi revelada por Cristo que é verdadeiro homem, nascido da progênie de Davi, e verdadeiro Deus, e se entregou pela salvação de todos sem limites. Para obter esta salvação a lei mosaica é inútil, não bastam também as simples obras, mas se requer a fé; a santificação é um dom gratuito de Deus. Tudo isto será plenamente manifestado no segundo advento de Cristo.

Aí também se encontram os mesmos sentimentos e afetos das Epístolas Maiores, a mesma consciência da dignidade apostólica, o mesmo vivíssimo sentimento da gratidão pela vocação à dignidade apostólica. Externa, como alhures, sua grande dor por ter perseguido anteriormente a Igreja de Deus, mostra a grande estima que tem da dignidade cristã, afirma convictamente sua autoridade e seu terníssimo afeto

(22) M PL 26, 555.

para com os discípulos, sua humildade profunda e seu ardentíssimo amor para com Cristo.

Os perturbadores e os erros, combatidos aqui, têm muita semelhança com os que são combatidos nas Epístolas aos colossenses e aos efésios, escritas pouco tempo antes.

A língua e o estilo. — O vocabulário das Pastorais engloba 897 palavras, das quais 285 (quase um terço, portanto) não se encontram em outras Epístolas de São Paulo. Destas, 171 são “hapax” com relação ao Novo Testamento.

Esta proporção impressiona desfavoravelmente logo à primeira vista, mas bem cedo desvanece após um exame mais minucioso. Com efeito, 180 destas palavras se lêem na versão dos LXX, à qual São Paulo estava muito familiarizado. Dois terços destes “hapax” são “nomes compostos ou derivados que se encontram em São Paulo no estado simples ou sob uma outra forma, ou compostos com auxílio de outros elementos” (23). Como exemplo cita Jacquier as palavras compostas com “hypér”, característica do vocabulário paulino. Acrescentem-se os termos técnicos referentes às heresias combatidas, como sejam genealogia, pseudônimos, “gymnasia” etc., e os exigidos pelo assunto próprio das Epístolas, isto é a organização hierárquica das igrejas. Alguns latinismos assinalados (“quam ob rem, gratiam habere, praeiudicium etc.”) explicam-se facilmente pela sua estadia em Roma, uma vez que para executar seus projetos de evangelização da Espanha, devia o Apóstolo conhecer suficientemente a língua latina.

(23) E. Jacquier, “Histoire des livres du Nouveau Testament”, t. I (Les Épitres de saint Paul), pag. 361.

EPÍSTOLAS PAULINAS

A situação particular, suposta por estas Epístolas, justifica a ausência de certas palavras que se encontram nas Epístolas precedentes e também a ausência de certas conjunções, como “ára, ara-ún, dió, dióti etc.”. Nas Epístolas anteriores, em que a discussão era a parte principal, o Apóstolo procedia por via de raciocínio e, por isso, devia fazer uso dessas conjunções. Em nossas Epístolas, todavia, êle toma acentuação mais assertiva.

Não podemos deixar de mencionar as semelhanças. Das 612 palavras que as Pastorais têm de comum com as outras Epístolas, apenas 60 não se encontram em todo o N. T., senão em São Paulo. Além disso, em diversas passagens deparam-se idéias expressas que também se encontram em outras Epístolas, em termos quase idênticos, apesar de uma certa liberdade que denota um escritor original que não tem preocupação de referir-se a um texto anterior. Um falsário... teria copiado mais literalmente.

Conclusão. Esta mistura de semelhanças e diferenças explica-se suficientemente pela evolução do vocabulário sob o influxo das circunstâncias e do tempo. Além disso, o vocabulário das Pastorais aproxima-se muito mais do vocabulário das Epístolas do Cativo do que do das grandes Epístolas.

O estilo das Pastorais pode ser “menos eloqüente, menos vigoroso do que o das passagens polêmicas das grandes Epístolas, mas não difere essencialmente do das partes morais. A sintaxe, isto é, o que há no estilo de mais pessoal e de mais inimitável, é a mesma” (24). As

(24) F. Prat S. J., “Théologie de Saint Paul”, t. I (ed. 19.^a), pag. 393.

EPÍSTOLAS PAULINAS

particularidades que se podem notar, por exemplo no que diz respeito ao emprego das metáforas, explicam-se sem dificuldade pela idade mais avançada do autor.

Pôsto que os destinatários destas Epístolas sejam discípulos caríssimos ao Apóstolo e aí se trate de um assunto inteiramente diverso (pois se trata das regras pastorais para governar os fiéis), contudo, se mais detidamente o considerarmos, haveremos de encontrar um argumento a mais em favor da origem paulina destas Epístolas. O autor destas Epístolas aparece, como nas outras Epístolas, repleto de afetos e pensamentos, não se preocupando com exposição ordenada e regular. Daí os anacolutos (cf. 1 Tim 1, 3-10), os parênteses (2 Tim 3, 2-5), as repetições (1 Tim 1, 9-10; 6, 5-6) e as costumadas enumerações (2 Tim 2, 9; 3, 4-17). Rouba-se com freqüência a mente do autor das cousas cotidianas e comuns para os mais sublimes conceitos (cf. 1 Tim 1, 16; 2 Tim 2, 19-22; 1 Tim 6, 5-9). De uma palavra ou locução, por meio de associação de idéias, passa a longas digressões (cf. 1 Tim 1, 3-10; 2 Tim 2, 9 ss.). Algumas vêzes, não esquece seu costume de empregar jogos de palavras (cf. 2 Tim 2, 9; 3, 4-5). Ora tudo isto são características do estilo paulino.

A doutrina: “As críticas mais hostis à autenticidade são obrigadas a convir em que as Pastorais trazem o sêlo dum mesmo autor e que êste autor, seja êle quem fôr, é muito familiar com o ensino de São Paulo” (25).

Não faltam nestas Epístolas os ensinamentos principais do Apóstolo: universalidade do pecado, necessidade da

(25) F. Prat, *ibid.*, pag. 394-5.

EPÍSTOLAS PAULINAS

graça, universalidade da Redenção, Cristo Redentor, a divindade de Cristo, sua filiação davídica, sua sagrada paixão à qual todo cristão deve associar-se, a justificação gratuita pela fé e pelos méritos do Salvador etc.

Não é de admirar que a Eclesiologia ocupe lugar de destaque nestas Epístolas. É que constitui seu objeto característico. Ademais, as Epístolas do cativo já vislumbravam este desenvolvimento do pensamento paulino. (26).

Diante disto, será lícito adotar esta conclusão concebida nestes termos do insuspeito Sabatier: “as Pastorais não são, nem pelo fundo nem pela forma, indignas do grande Apóstolo. A idéia do ministério evangélico que elas desenvolvem é bem a de Paulo. Encontramos nelas, aqui e ali, o misticismo profundo das cartas anteriores; a argumentação dialética da ad Gal. e da ad Rom desapareceu, mas a doutrina fundamental destas Epístolas é expressa com toda a energia e toda a sua profundidade” (27).

Quadro histórico das Pastorais. A) *Heresias combatidas.* É insustentável a autenticidade das Pastorais, se São

(26) Segundo Holtzmann, o termo “fé” (pistis) não é empregado aí no sentido paulino. A fé, nas Pastorais, é um ato de inteligência, cujo objeto são as verdades a crer, pôsto que para São Paulo a fé é mais um ato de vontade. É o abandono do crente em Jesus Cristo. É um sentimento subjetivo. É um poder divino comunicado aos crentes (Rom 1, 16). É bem esta uma das significações da palavra “pistéuo” e “pistis” em São Paulo. Entretanto, não duvidamos em afirmar contra Holtzmann, que o sentido intelectualista se encontra também muitas vezes nas Epístolas anteriores. Paulo fala, com efeito, de um modelo de doutrina que foi ensinado aos romanos (6, 17), da fé que é comum a ele e aos romanos (1, 12), da analogia da fé (12, 7), exorta os cristãos de Corinto a permanecer firmes na fé (1 Cor 16, 13).

(27) Apud Renié, o. c. 426-7.

Paulo nelas se refere aos erros gnósticos? não poderia, iluminado pelo Espírito Santo, prevenir contra heresias futuras? ademais, não é a gnose do século II o desenlace de erros anteriores?

Não se esqueça de que as seitas gnósticas do século II são tôdas hostis ao judaísmo. Se algo ainda conservam do N. T. é para combater o V. T. Ora as personagens visadas nas Pastorais têm preferentemente tendências judaizantes. Suas doutrinas são qualificadas de fábulas judaicas (Ti 1, 14).

Encontram-se erros alhures condenados, como a negação da ressurreição, o ascetismo alimentar, a condenação do matrimônio.

Acham alguns críticos que as intérmimas genealogias são alusão às gerações dos eons, tétradas, ogdôadas e sizigias formando o pléroma. Mas... de um lado há abstenção de têrmos técnicos do gnosticismo, de outro o têrmo "genealogia" é estranho à terminologia gnóstica. É mais verossimil, portanto, pensar que o autor visa as "numerosas lendas formadas com base nas narrações do Gênese e das genealogias dos Patriarcas" (28).

Quanto às "oppositiones falsi nominis scientiae", são elas alusão às antíteses de Marcião? Não se poderia dar-lhes o nome de "contradições"? Provavelmente designam as intermináveis discussões tão freqüentes nas escolas rabínicas.

B) "A organização das igrejas, diz Renan (29), a hierarquia, o poder presbiteral e episcopal são, nestas

(28) Jacquier, o. c., 375.

(29) Apud Renié, o. c., 428.

Epístolas, mais desenvolvidos doque se pode supor nos últimos anos de vida de Paulo”. Lendo-as, tem-se a impressão de que o episcopado monárquico já estava constituído: Timóteo e Tito têm sob sua dependência padres, e governam, êste a igreja da Ásia, aquêle a de Creta.

A isto se pode responder que esta organização não difere da que se encontra no livro dos Atos e em outros escritos neotestamentários. Nestes, como nas Pastorais, presbíteros e bispos parecem têrmos equivalentes.

Ademais, Timóteo e Tito não são bispos monárquicos no sentido em que se encontram algumas décadas mais tarde. São bispos, porque ordenam padres, mas bispos missionários e auxiliares que recebem de Paulo uma missão temporária e prolongam a ação do Apóstolo que restava sempre o “único pastor da imensa diocese que conquistou para a fé de Cristo” (30). O episcopado monárquico, como se depara já no século II, é essencialmente residencial.

C) *Circunstâncias históricas.* Impossível, dizem os adversários da autenticidade, enquadrar as Pastorais no cenário histórico da vida de Paulo, conforme se depreende do livro dos Atos. Contudo, seria contra os métodos históricos mais elementares negar-lhes autenticidade por causa do silêncio do livro dos Atos. Para dar mais verossimilhança a seus escritos um falsário teria recolhido circunstâncias e personagens mais conhecidos. Magistralmente assim se refere Prat à questão: “O fato de a composição das Pastorais estar fora do quadro histórico do livro dos Atos, longe de infirmar a tese da autenticidade, vem confirmá-la. É impossível sair deste dilema: “ou a carreira

(30) Prat, o. c., II, 365.

de Paulo não parou no ponto em que termina o livro dos Atos ou as Pastorais não são autênticas". Todos os esforços tentados para distribuir na vida do Apóstolo (conforme os Atos) as Pastorais, não obstante os verdadeiros prodígios de engenhosidade, tornaram-se vão. Para explicar a sua semelhança recíproca e a sua dissemelhança das outras, é preciso fazer delas um círculo à parte, fechado em um lapso de tempo bastante breve e colocá-las no termo da vida de Paulo.

"Este período é para nós muito obscuro, como seria obscura toda a história apostólica sem a narração dos Atos; mas a dificuldade de conciliar as alusões das Pastorais com fatos sucedidos é precisamente um índice a mais a favor da autenticidade. Um falsário, familiar com o estilo e os escritos de São Paulo, não espalharia a capricho as antilogias numa imitação que elle quer fazer passar por trabalho do próprio mestre. Elle coligaria sua ficta correspondência com as circunstâncias históricas, colocaria em cena as mesmas personagens e lhes conservaria o seu quinhão e o seu caráter. O autor das Pastorais, se é diverso de Paulo, vai contra o bom senso: apresenta-nos pela primeira vez uma multidão de desconhecidos, Ireneu e Fileto, Fígelo e Hermógenes, Lois e Eunice, Crescente, Carpo, Eubolo, Pudente, Lino, Cláudia, Onesíforo, Alexandre, Artemas e Zena. Os particulares que lhes dizem respeito são breves e precisos, como convém ao gênero epistolar no qual não se pretende a instrução do povo. A maior parte das personagens devem representar um papel para o qual não pareciam preparados: como prever a defeccção de Dêmadés e por que fazê-lo ir à Tessalônica? Que tinham a fazer em Creta Tíquico e o próprio Tito? Erasto, Apolo e Trófimo não estão onde se esperava que haveriam de encontrar-se. Um falsário, que estima bastante a Timóteo, a ponto

de endereçar-lhe duas cartas apócrifas, ter-lhe-ia também aformoseado o retrato ou pelo menos não teria por nada diminuído os elogios que Paulo, nas suas cartas públicas, faz de seu discípulo predileto. Não o teria apresentado tímido, irresoluto, desconfiante de suas forças e da sua idade ainda jovem. Há cousas que não se podem inventar. Assim a recomendação feita a Timóteo de beber um pouco de vinho por causa de seu estômago fraco e de levar ao Apóstolo os livros e pergaminhos deixados em casa de Carpo" (31).

Os adversários, que baseiam suas dúvidas contra as Epístolas Pastorais na pretensa e necessidade de refutar os gnósticos, ousam até determinar qual a seita gnóstica que São Paulo combate: marcionitas e valentinianos (Baur), ofitas (Schenkel), marcosianos (Hilgenfeld), cerintianos (Mayerhoff), alguns essenos que aderiam ao cristianismo (Michaelis e Mangold), os judeus pitagóricos (Wiesel), os gnósticos antes de se dividirem em seitas (Holtzmann), os filonianos (Otto), os kabalistas (Baumgarner) etc..

Não é necessário determinar se estas seitas são ou não posteriores aos Apóstolos ou se já no tempo dos Apóstolos embrionariamente começaram a aparecer. Para o nosso fim, basta dizer que nestas Epístolas nada se contém que não convenha perfeitamente com o tempo de Paulo. De fato, os seguidores de uma ciência de falso nome, os que só tratam questões supérfluas de genealogia, de discussões sobre a lei, os que ensinam fábulas infantis, os que proíbem certos alimentos etc., sem dúvida alguma, pertencem às escolas rabínicas. Não há, por outro lado, dificuldade em conceder que estes adversários de Paulo têm doutrina própria e começam a espalhar os germes do futuro gnosticismo e das futuras heresias, conforme prediz o Apóstolo (1 Tim 4, 1 - 3).

Unidade de autor nas Pastorais. — Recente hipótese, afoitamente levantada, sustenta que sòmente alguns fragmen-

(31) Prat, *ibid.*

tos das Pastorais teriam por autor a Paulo. Isto é pouco menos que negar a autenticidade das Pastorais.

Com efeito, isto constitui novidade para os antigos testemunhos da Tradição, porquanto indiferentemente atribuem a Paulo todo e qualquer fragmento das Pastorais, como Ireneu, Clemente Alexandrino, Tertuliano...

Além disso, o exame interno destas Epístolas mostra que nelas há grande unidade de estilo, e tão grande que quase uma quarta parte das palavras empregadas nestas Epístolas se encontra nas três Epístolas. Deparam-se, por vêzes, as mesmas locuções, as mesmas sentenças e até as mesmas proposições. Unidade, portanto, de conceito e de forma. As mesmas recomendações, combatem-se os mesmos erros, inculca-se a mesma doutrina, exigem-se dos ministros as mesmas qualidades, impõem-se-lhes os mesmos deveres. Tanto isto é verdade que, como já dissemos, os adversários devem afirmar com prudência que o tal falsário é muito familiarizado com São Paulo.

Os próprios adversários, a seu modo, confirmam a tese favorável à autenticidade. Enquanto uns admitem êstes fragmentos, outros admitem aquêles e todos, para explicar a unidade literária das Epístolas, recorrem a um redator posterior que tudo reduziu a uma unidade perfeita.

Finalmente, isto seria contra o costume de todo falsário: confeccionar escritos inserindo documentos autênticos e cuidar, nos demais trechos, de imitar o estilo e a língua. Chegaram até nós muitos pseudo-epígrafos do século I antes de Cristo até o século II depois de Cristo. E em nenhum dêles se encontra um processo semelhante de falsificar documentos. O que nêles se depreende é que os falsários, usando da própria língua e estilo, tecem as suas composições de tal modo que

sempre olvidam uma válvula que vai depois oferecer a chave para desmascarar a fraude.

DESTINATÁRIOS DAS EPÍSTOLAS PASTORAIS

Os destinatários das Epístolas Pastorais são os dois discípulos de São Paulo, Timóteo e Tito.

TIMÓTEO. — Fazem menção dêle os Atos e as Epístolas. E' associado a São Paulo na inscrição de seis Epístolas. E' nomeado em quase tôdas, duas das quais dirigidas a êle pessoalmente.

Nasceu em Listra na Licaônia. Seu pai era grego; sua mãe, piedosa judia, chamada Eunice, a qual o educou na sua religião e, desde a infância, no conhecimento das Sagradas Escrituras (cf. At 16, 1. 2; 2 Tim 5; 3, 15).

Provavelmente foi convertido na pregação de Paulo em Listra, por ocasião de sua primeira missão apostólica (At. 16, lss.). Como São Paulo o chama "filho caríssimo", é provável que êle mesmo o tenha instruído na Religião Cristã e lhe tenha conferido o Batismo (cf. 1 Cor 4, 17).

Na segunda missão, inspirado por Deus e dado o testemunho favorável dos fiéis de Icônio e Listra, São Paulo tomou-o por companheiro de suas fadigas (cf. 1 Tim 1, 18; 4, 14; 2 Tim 1, 6). Recebeu, porém, antes a circuncisão, porque seu pai era gentio (At 16, 2. 3). Após impor-lhe as mãos para fazê-lo padre e bispo, levou-o consigo.

Com São Paulo percorreu a Frígia e a Galácia e, tendo evangelizado a Ásia, foi à Europa e conservou-se ao lado de

EPÍSTOLAS PAULINAS

seu mestre em Filipos, Beréia, Atenas, Corinto e Jerusalém. Nesta missão foi encarregado de consolar os fiéis de Tessalônica (Flp 2, 22; At 16, 3-18, 22). Encontrado por Paulo na Macedônia, esteve com êle em Corinto, depois em Tróade e na última viagem a Jerusalém.

Não sabemos se Timóteo estava com São Paulo durante a prisão de Cesaréia e a viagem a Roma. É certo, contudo, que, durante a prisão romana, estava com êle, pois encontramos seu nome na inscrição das Epístolas do cativo (Flp 1, 1; Col 1, 1; Flm 1, 1; Hebr 13, 23). É também certo que acompanhou São Paulo nas viagens feitas depois da primeira prisão romana e que foi deixado pelo Apóstolo em Éfeso com amplos poderes para que vigiasse sobre as igrejas da Ásia (1 Tim 1, 3). Na sua última prisão São Paulo o chamou novamente a Roma (2 Tim 1, 6; 4, 8), mas depois disto nada mais se sabe d'êle.

Nenhum discípulo é tão caro a São Paulo como Timóteo. Tantos elogios lhe dispensa na Epístola aos Filipenses (2, 19 ss.) que aparece claro como São Paulo confiava em sua fidelidade e em seu zelo. Grande elogio êste na boca de São Paulo: "Neminem enim habeo tam unanimem, qui sincera affectione pro vobis sollicitus sit".

Dizendo que Timóteo foi constituído por São Paulo bispo de Éfeso, Eusébio certamente não se referia a outra fonte senão I Tim.

Da Epístola aos Hebreus (13, 23), quando São Paulo diz: "cognoscite fratrem nostrum Timotheum dimissum: cum quo, si celerius venerit, videbo vos", talvez pudesse parecer que Timóteo esteve também prêso com São Paulo em Roma e depois foi solto. Contudo, como do contexto melhor se pode julgar, a palavra "apolelyménos" ("dimissum") significa a

partida de Timóteo para junto de São Paulo que o espera e com êle partirá depois, quando tiver chegado.

TITO.— Êste nome (“Titos”) ocorre na ep. aos Gál 2, 1, quando Paulo fala de si mesmo: “Deinde post annos quatuordecim iterum ascendi Ierosolymam cum Barnaba, assumpto et Tito”. Aí Tito é chamado grego (“hélle”), isto é, étnico, e até explicitamente é denominado incircunciso. Esta viagem a Jerusalém, de que se fala aí, deve identificar-se com a viagem feita com o fim de celebrar o Concílio de Jerusalém, do qual se fala no capítulo 15 do livro dos Atos dos Apóstolos. Êste concílio verificou-se lá pelo ano 49. Daí se segue que não pode o nosso Tito identificar-se com Tito ou com Tito-Justo que hospedou São Paulo na sua segunda viagem, mais ou menos no ano 52, em Corinto, onde foi convertido por São Paulo (cf. At 18, 7 - 12). Entretanto, como os Atos falam que os antioquenos mandaram a Jerusalém a Paulo, Barnabé e “quosdam alios ex ipsis” suficientemente está indicado que Tito era antioqueno. Sem dúvida, contudo, foi convertido por São Paulo, pois é chamado pelo Apóstolo “dilectus filius” (Ti 1, 4).

Do mesmo modo faz-se a menção na 2 Cor (2, 15; 7, 6 ss; 8, 6. 16; 12, 18) e dela podemos deduzir que Tito com outro irmão foi mandado por Paulo a Corinto (depois que Paulo escrevera a primeira carta aos coríntios) com ordem de recolher esmolas para os pobres de Jerusalém e, voltando a Tróade, aí esperar o Apóstolo. Mas, obrigado pela insurreição efesina, deveu Paulo antecipar sua viagem e encontrou Tito não em Tróade, mas na Macedônia; por meio de Tito recebeu muitas notícias boas sôbre Corinto. Quis, contudo, antes de êle mesmo ir a Corinto, enviar àquela igreja sua segunda Epístola, que foi entregue a Tito para a levar. A êle

EPÍSTOLAS PAULINAS

também, ajudado por dois irmãos, comitiu o negócio de terminar a arrecadação das esmolas.

Depois disto, só nas Epístolas Pastorais ocorre novamente a recordação de Tito. Na ad Ti se diz que foi deixado em Creta para ordenar e dirigir as igrejas daquela ilha e, ao mesmo tempo, diz-se convidado pelo Apóstolo a ir ter com êle em Nicópolis após terem chegado Artema e Tíquico (Ti 3, 12). Provavelmente Tito satisfaz ao desejo de Paulo e assim de Nicópolis, conforme se deduz de 2 Tim 4, 10, foi para a Dalmácia.

Não sabemos o que, depois disto, se deu com o querido filho e cooperador de Paulo. A dar crédito a Eusébio, Teodoreto, Isidoro Hispalense, êle teria evangelizado outras ilhas, mas teria morrido em Creta. São Jerônimo acrescenta que êle permaneceu virgem até o fim da vida.

A igreja de Creta.— Parece que o evangelho não foi pregado em Creta antes do primeiro cativo de São Paulo. Indício disto é que, quando Paulo vinha prisioneiro e aportou em Creta, nenhum cristão encontrou. Se de fato ali houvesse cristãos nesta época, São Lucas não deixaria de dizê-lo. O que se deu parece ter sido isto: libertado de sua primeira prisão e após voltar da Espanha, o Apóstolo empreendeu nova viagem às igrejas orientais e, de passagem, evangelizou Creta; então, constituiu Tito bispo de lá para que terminasse a evangelização da ilha.

OCASIÃO E FIM DA COMPOSIÇÃO DAS PASTORAIS

Primeira Epístola a Timóteo. — Falando aos presbíteros de Éfeso em Mileto (cf. At 20, 29 - 31) São Paulo percebeu o advento de um futuro tenebroso e difícil. Os fatos deram razão ao Apóstolo. Em Éfeso, como depois em Creta, encon-

traram-se perturbadores que, sorrateiramente, procuravam deturpar a boa fé dos crentes, como também introduzir práticas contrárias aos bons costumes. Eram os falsos doutores que, a todo custo, pretendiam falsear a doutrina das Epístolas aos efésios e aos colossenses. Era preciso — isto viu-o claramente o Apóstolo — deixar em Éfeso um prelado à altura das necessidades e perigos por que passava aquela comunidade.

Para obviar a tais perigos, partindo para a Macedônia deixou Paulo em Éfeso a Timóteo como executor de seus conselhos e preceitos (cf Tim 1, 3). Da Macedônia escreveu a Timóteo. Teria sido porque veio a saber que em Éfeso Timóteo não estava agindo com a devida firmeza e coragem? Ou seria porque, como pretendem certos autores, simplesmente queria ditar instruções especiais para o reto govêrno daquela igreja, quer na gestão do próprio Timóteo, quer na de seus eventuais sucessores? Por um fim ou por outro, o que é certo é que Paulo nesta Epístola toca de cheio nas chagas daquela importante igreja e ensina como agir com os perturbadores, quais as qualidades requeridas nos que forem escolhidos para o ministério sagrado, como ordenar as orações públicas, qual a direção a dar aos fiéis nos seus diferentes estados etc.

Repetimos. A primeira Epístola a Timóteo, com as outras duas Pastorais, não é um tratado de Teologia Pastoral. Senhor da situação e como médico vigilante e apóstolo solfícito, São Paulo se contenta com fornecer um “certo número de recomendações práticas, escolhidas entre as que as circunstâncias de tempo e de lugar tornavam mais urgentes” (32)

Epístola a Tito. — São quase as mesmas que as precedentes as circunstâncias da composição desta Epístola. Quando, depois de seu primeiro cativeiro, São Paulo passou nova-

(32) R. A., 1922 (15 jan.), pag. 485 apud Renié, o.c., 433.

mente por Creta para visitar as igrejas que fundara na sua viagem a Roma e para fundar outras, observou que era deficiente a organização das igrejas e ao mesmo tempo previu para elas os mesmos ataques dos perturbadores que já encontrara em Éfeso. Por isso, ao sair de Creta, deixou lá Tito para corrigir os desvios e constituir presbíteros pelas diversas cidades.

Parece que, ao escrever esta carta, estava o Apóstolo também na Macedônia. Como se depreende da 2 Tim 4, 10, quer êle que Tito venha encontrá-lo na Macedônia, em Nicópolis, onde pretende passar o inverno (cf. Ti 3, 12) para, juntos, realizarem novas missões.

Comunicando a Tito estas decisões, aproveita São Paulo a oportunidade para deixar-lhe, como também provavelmente aos seus eventuais sucessores, instruções semelhantes às da 1 Tim.

Segunda Epístola a Timóteo. — Após fazer sua última viagem pelo Oriente, encontra-se São Paulo novamente prêso. Humanamente desconsolado, queixa-se de ver-se abandonado de todos. Só Lucas, o amigo fiel, está com êle (cf. 2 Tim 4, 9 ss). Não vê esperança alguma de libertação dêste segundo cativeiro. Pressente já seu fim próximo, “*tempus resolutionis mae instat*” (2 Tim 4, 6). Suas dores morais são acrescidas da previsão da pena capital.

Conhecendo perfeitamente o grande amor que lhe dedica seu terno amigo e discípulo Timóteo, antes que o fim próximo tome o Apóstolo de surpresa, chama-o para junto de si.

Esta, cronologicamente, é a última das Epístolas paulinas. E’ o testamento do grande Apóstolo. Nela trata das coisas mais íntimas: expõe suas amarguras, dores e tribulações.

E não expõe por expor. E' para que Timóteo, seguidor em tudo seu, se prepare para os sofrimentos que, também a êle, o esperam. Os acentos desta carta são de uma gravidade e de uma ternura encantadoras. Frases curtas. Dir-se-iam pronunciadas pelos lábios já cansados do Apóstolo, o coração ofegante.

Entretanto, também nesta Epístola, apesar de seu caráter singular, São Paulo não deixa passar a ocasião sem referir-se aos perturbadores e às qualidades que deve possuir o ministro de Deus. Vê-se que êstes dois assuntos o preocupavam sobremaneira. E com razão. “A segunda Epístola a Timóteo, diz Brassac (33), é mais pessoal e mais íntima de que a primeira. E' como o testamento do Apóstolo, sua última comunicação com seu discípulo.

DATA E LUGAR DA COMPOSIÇÃO DAS PASTORAIS

Quando se trata de questões de cronologia de documentos antigos, como são os livros sagrados, embarçamo-nos quase sempre com dificuldades de toda sorte.

Devemos proceder do que nos é mais conhecido ao que é obscuro. Como os autores ortodoxos admitem que as Pastorais pertencem ao mesmo período de tempo, se conseguirmos determinar a data de uma delas, não nos será difícil atinar com a das outras, ao menos aproximadamente.

Nota-se ainda que, por saltar aos olhos a íntima afinidade que há entre a Epístola a Tito e a primeira a Timóteo,

(33) Apud Renié, o. c., 434.

tudo leva a suspeitar que a data da composição de ambas é quase a mesma, com intervalo de alguns dias ou de algumas semanas apenas.

Começemos da segunda Epístola a Timóteo para que nos cálculos procedam com maior segurança.

Segunda Epístola a Timóteo. — Nesta se encontram mais circunstâncias determinantes do que nas demais Pastorais.

1. São Paulo se apresenta prêso, com a alma cheia de amargura, abandonado de todos, tendo consigo só Lucas. Não tem esperança alguma de libertação de sua prisão, mas presente sua próxima oblação como vítima de morte. Mais. Acrescenta estas palavras relativas a uma sua primeira defesa: “In prima mea defensione nemo mihi adfuit, sed omnes me dereliquerunt; non illis imputetur. Dominus autem mihi adstitit et confortavit me, ut per me praedicatio impleatur, et audiant omnes gentes; et liberatus sum de ore leonis. Liberavit me Dominus ab omni opere malo et salvum faciet in regnum suum coeleste, cui gloria in saecula saeculorum. Amen” (2 Tim 4, 16. 17. 18).

Ora o cativeiro de que aqui se fala não pode ser o primeiro cativeiro romano que o livro dos Atos descreve e ao qual outras Epístolas aludem (Flp., Col, Ef, Flm). Pois:

Os Atos não trazem nenhuma defesa de Paulo perante César, pela qual êle “de ore leonis liberatus sit”. E não se olvide que o livro dos Atos, quando se trata da pessoa de Paulo, costuma ser minucioso.

No seu primeiro cativeiro estavam com Paulo não só Lucas, mas ainda muitos outros cooperadores: Aristarco e Lucas, Épafras e Tíquico (que, segundo nossa Epístola, devia estar em caminho de Éfeso); Demas (que aqui Paulo diz es-

EPÍSTOLAS PAULINAS

tar em Tessalônica). Contudo, neste cativoiro, segundo nossa Epístola, está com Paulo somente Lucas.

Enfim, no primeiro cativoiro São Paulo alimentava a esperança e até tinha certeza de sua libertação e pensava realizar outras viagens pelo Oriente (cf. Flm v. 22 e Flp 1, 25. 26).

2. Em nossa Epístola São Paulo aparece inopinadamente prêso em Roma, depois de algumas viagens no Oriente. Diz êle que Trófimo deixou-o doente em Mileto e pede a Timóteo que, vindo a Roma, traga os objetos esquecidos em Tróade. Ora, tudo isto indica que sua partida dêstes lugares foi apressada, sem tempo suficiente para arranjar suas cousas. Ademais, ao que parece, trata-se de uma viagem pelo Oriente, diversa da que é referida no final do livro dos Atos. Se não fôsse, não haveria necessidade de comunicar estas cousas a Timóteo, pois êste tinha sido companheiro de São Paulo de Corinto para Jerusalém e, portanto, conhecia perfeitamente todos os detalhes da viagem.

Conclusão. — A segunda Epístola a Timóteo foi escrita no segundo cativoiro romano e não no primeiro; portanto, teria sido no ano 66-67, quando São Paulo foi coroado com o martírio. Provavelmente nossa Epístola foi composta um ano antes de Paulo morrer. Evidentemente, o lugar da composição foi Roma.

Primeira Epístola a Timóteo. — Depois de visitar Éfeso (onde a igreja tinha sido constituída, havia já algum tempo, pois as heresias começavam já a serpear...), Paulo deixou lá Timóteo para atender às necessidades dos fieis, e prosseguiu viagem para a Macedônia com intenção de voltar a Éfeso depois.

EPÍSTOLAS PAULINAS

Ora, tais circunstâncias não poderiam ter lugar no primeiro cativeiro romano, segundo a narração do livro dos Atos. É claro que não se trata das viagens precedentes à terceira, pois, antes desta, Éfeso não tinha sido ainda evangelizada. Não foi também na terceira viagem, porque nesta Paulo não deixou em Éfeso a Timóteo, que fôra mandado antes à Macedônia para depois irem juntos a Jerusalém levar as esmolas. Nem então Paulo tinha intenção de voltar a Éfeso.

Mais. Por esta ocasião, não haviam ainda aparecido os perturbadores, contra os quais São Paulo escreve nesta Epístola a Timóteo e os quais já supõem constituídas as igrejas da Ásia. Segue-se que estas circunstâncias históricas devem pertencer a um tempo, no qual Paulo tinha já terminado suas viagens pelo Oriente, isto é, o tempo que decorre depois do primeiro cativeiro.

Os erros e os perturbadores comemorados aqui são os mesmos que se comemoram na segunda Epístola a Timóteo. A língua e o estilo são muito afins com a segunda a Timóteo. Ora nas Epístolas paulinas, que se consideram mais ou menos contemporâneas, observa-se, de regra, o mesmo estilo.

Segue-se que a primeira Epístola a Timóteo foi composta mais ou menos no mesmo tempo em que foi composta a segunda. Como, porém, São Paulo ainda não aparece como prisioneiro, mas está ainda livre para realizar viagens pelo Oriente, segue-se que escreveu esta Epístola pouco antes da prisão, isto é, mais ou menos no ano 65.

Epístola a Tito. — Também nesta Epístola encontram-se algumas cousas que é impossível enquadrar no livro dos Atos. Paulo havia visitado Creta, onde já existiam algumas igrejas fundadas, algum tempo atrás, pois já também serpeavam os erros. Para combater estes erros e para atender a

EPÍSTOLAS PAULINAS

outras necessidades daquela ilha, Paulo deixa Tito em Creta. Depois, São Paulo, livre inteiramente para suas viagens, quer passar o inverno em Nicópolis, após deixar Creta, e depois visitar Éfeso.

Ora, antes do primeiro cativo romano, Paulo foi a Creta somente quando estava prêso e sendo levado para Roma, tendo permanecido lá poucos dias apenas e mesmo assim sempre debaixo de custódia. De lá saiu passando por Malta em direção a Roma. Por isso, não se identificam estas duas viagens.

Poderia talvez (pôsto que não facilmente, segundo a narração dos Atos) encontrar-se um intervalo de tempo suficiente para que o Apóstolo pudesse fazer a viagem a Creta. Contudo, duas cousas parecem contrariar esta hipótese: em Creta não aparecem cristãos antes do primeiro cativo, quando Paulo lá esteve, nem São Lucas faz menção de "fratres", como é seu costume, sempre que os encontra. Nesta Epístola descrevem-se erros e inovadores semelhantes àqueles que agiam em Éfeso depois do primeiro cativo.

Dada, além disso, a afinidade de estilo e língua desta Epístola com as outras Pastorais, parece ter sido composta mais ou menos no mesmo tempo em que o foram as duas outras, isto é, cerca do ano 65. Dêste modo, a viagem de Paulo a Creta e a sua estadia lá ter-se-iam dado depois do primeiro cativo, talvez um pouco antes das viagens comemoradas nas Pastorais.

SÍNTESE DOUTRINÁRIA DAS PASTORAIS

1. O SAGRADO DEPOSITO DA FÉ

A) *Erros assinalados a Tito* (cf. sobretudo Ti 1, 10-11, 13-16; 3, 9-11).

EPÍSTOLAS PAULINAS

O que caracteriza o assunto principal das Epístolas Pastorais são sua preocupação em conservar intacto o depósito sagrado da fé e a exposição das qualidades essenciais que se devem encontrar nos ministros sagrados.

Na defesa do depósito sagrado sente-se o Apóstolo na obrigação de prevenir os ataques dirigidos contra a palavra de Deus pela vã ciência e pela fantasia desenfreada. A verdade límpida, alimento solido, preserva contra as doutrinas perniciosas que, agindo como o câncer, paulatinamente, invadem todo o corpo da Igreja — “verbum eorum (os que falam cousas profanas e vãs) ut cancer serpit” (2 Tim 2, 17). Tão fundamente impressionou ao Apóstolo o perigo de contágio que, a cada passo, repete nestas Epístolas imagens tomadas da medicina.

Eis os caracteres dos erros apontados por São Paulo a Tito. Trata-se, antes de tudo, de doutrinas espalhadas entre os fiéis, pois Paulo ordena a Tito fechar a bôca aos seus propagadores, como também repreendê-los com severidade e, caso se obstinem em sua audácia, separar-se dêles. Não estão excluídas, porém, as influências externas dos que, “fazendo profissão de conhecer a Deus, renegam-no em suas ações”. Estes certamente seriam judeus infiéis e não apenas judaizantes.

De preferência, contudo, visa São Paulo os convertidos do judaísmo. Ai aparecem discussões sôbre a lei. Combatem-se as “fábulas judaicas”, como também prescrições arbitrárias, referentes às purificações rituais e à distinção entre alimentos puros e impuros.

“O que mais impressiona São Paulo, afirma-o Prat (34), não é tanto a falsidade destas doutrinas, porém mais

(34) Prat, o. c., 328.

EPÍSTOLAS PAULINAS

a sua vacuidade e a sua inutilidade. Seus propagandistas têm por ideal um vil interesse; são vãos palradores que enganam os simples com charlatanismo das suas questões imbecis e das suas genealogias estranhas. Em vez de discutir com eles, é preciso impor-lhes silêncio e, se resistem, expulsá-los da Igreja”.

B) *Erros apontados a Timóteo* (cf. de preferência 1 Tim 1, 3-7; 4, 1-4; 6, 3-5; 2 Tim 2; 14-18; 3, 1-9; 4, 3. 4).

São Paulo dá instruções contra erros já então espalhados e previne contra futuras derrocadas. Os erros apontados têm os mesmos caracteres dos apontados a Tito. Trata-se de doutrinas dispersas entre os fiéis. Seus fautores são provavelmente judeus, pois “pretendem ser doutores da lei, sem contudo entender o que dizem e o que atestam com certeza” (1 Tim 1, 7). Não são propriamente heresias, mas questões ociosas tendentes a suscitar rixas. São idênticas às da Epístola a Tito as expressões encontradas nas duas a Timóteo. É, portanto, a mesma situação.

Mas, o erro tende também a difundir-se. Para o futuro é prevista uma verdadeira invasão de doutrinas falsas que seguirão o progresso da corrupção dos costumes. Eis alguns relances: o espírito de rixas levará até ao cisma. A verdade não será suportada — “sauam doctrinam non sustinebunt” (2 Tim 4, 3). A fé será abandonada. Haverá emulação na defesa de falsos doutores e falsos profetas que abertamente pregarão doutrinas diabólicas. O matrimônio será proscrito. Certas criaturas serão condenadas como más, quer por influência do dualismo, quer por incentivos de um falso ascetismo. O amor do ganho suscitará abusos de toda a sorte e haverá os maiores excessos cobertos com vestes de piedade. Os homens dos últimos tempos (“in

novissimis diebus”) serão “amantes de si mesmos, ambiciosos, vãos, soberbos, blasfemos, desobedientes para com os pais, ingratos, celerados, sem afeto, sem paz, caluniadores, incontinentes, sem benignidade, sem mansidão, traidores, protervos, cheios de si e amantes dos prazeres mais do que de Deus, tendo na verdade uma veste de piedade, porém renegando a sua virtude” (2 Tim 3, 2-5).

Timóteo é avisado de todos êstes transtornos de sua futura ação apostólica. Ele será testemunho dêstes “tempos perigosos”, em que a virtude e a solicitude dos Pastores de almas serão submetidas a duras provas. Os Pastores de hoje, e não somente os do tempo de Timóteo, não vêem ainda limpos os horizontes dos territórios de sua jurisdição. Um bom número de suas ovelhas ainda se debatem — e talvez com menores possibilidades de próximo esclarecimento — com as mesmas trevas, os mesmos abusos, as mesmas ilusões, os mesmo erros.

Com relação à guarda intacta do depósito da fé, São Paulo compendia neste conselho a Timóteo todos os seus pressentimentos, toda a sua solicitude apostólica: “Ó Timóteo, guarda o depósito, evitando profanas novidades de palavras e as contradições de uma ciência de falso nome, a qual, pomposamente professada por alguns, leva-os a renegar a fé” (1 Tim 6, 20. 21).

2. QUALIDADES DOS MINISTROS SAGRADOS

Nos albores do século II, com Sto. Inácio de Antioquia (em suas cartas aos efésios, tralianos, magnésios, esmirnenses, filadelfenses e a Policarpo), aparecem já fixadas a terminologia e as atribuições da hierarquia eclesiástica. Há

EPÍSTOLAS PAULINAS

três ordens distintas: o bispo, sempre um só; os sacerdotes, ligados intimamente ao bispo e entre si coligados, os quais se designam com um termo coletivo “presbytérion”, colégio sacerdotal; os diáconos que devem obediência aos sacerdotes e ao bispo, como a eles devem obediência os simples fiéis.

O bispo, os sacerdotes e os diáconos constituem o clero. O clero e os fiéis constituem a Igreja. O episcopado é monárquico e residencial. O bispo realiza ou preside a cerimônia do batismo e do ágape, a celebração dos matrimônios e sobretudo a consagração da Eucaristia. Pode, contudo, delegar êstes poderes. Os sacerdotes e diáconos não podem exercer nenhuma função, sem a assistência ou ao menos o consentimento do bispo. Os leigos não têm poder algum de governar na igreja. Compete-lhes obedecer ao bispo ou ao bispo com o presbitério ou ao bispo com o presbitério e os diáconos, pois as duas últimas ordens estão sempre sob a dependência do bispo e unidas a êle como as cordas à lira. Não há senão *uma só* Eucaristia, *uma só* carne de Cristo, *um só* cálice do seu sangue, *um só* altar, *um só bispo* com o presbitério e os diáconos.

Em São Paulo é mais primitivo o ordenamento ou disposição da hierarquia. Entretanto, nêle já se encontram as linhas gerais que rapidamente se desenvolvem, derivando, sob a vigilância e a assistência do Espírito Santo, nas formas que se deparam no século II. Dêste modo, a terminologia eclesiástica é ainda incerta. “Episcopus” é sempre um ministro sagrado, “Présbyter” é simplesmente um ancião e “Diaconus”, um servo ou ajudante. Os chefes da Igreja recebem, por vêzes, outros títulos, como os da Tessalônica que se chamavam “praesidentes”. Para os ministros inferiores do culto era reservado o nome “diáconos”, em vez de outros sinônimos, talvez para distinguí-los mais clara-

mente dos ministros da sinagoga e dos cultos idololátricos. Para as funções superiores os termos mais genéricos, despojados de qualquer significação comprometedora, eram os mais convenientes. Assim o termo “presbyter”, que era usado pela comunidade de Jerusalém com exclusão de outro qualquer, enquanto as igrejas da gentildade adotaram-nos gradualmente e com o mesmo significado de “episcopus”. Este último nome era ainda mais indeterminado. Na Escritura significa “guarda, vigia, inspetor, comissário”. Para São Paulo as duas palavras, bispo e presbítero, são sinônimos. Assim nas saudações da Epístola aos filipenses só se nomeiam duas classes, os bispos e os diáconos (Flp 1, 1). Ainda mais claro aparece na Epístola a Tito (1, 5-7), na qual manda Paulo constituir presbíteros em tôdas as cidades; logo a seguir enumera as qualidades que deve ter o presbítero, pois... é preciso que o “bispo” seja irrepreensível.

Qualidades que se requerem nos bispos e presbíteros. — Não sabemos que dotes exigiria São Paulo nos bispos, se em seu tempo houvesse já o episcopado monárquico residencial. Entretanto, não será difícil vislumbrá-los nas qualidades que êle exige de Tito e Timóteo, bispos missionários e como que coadjutores seus. Em suma: são zelo, piedade, fidelidade, coragem nas provações, firmeza no cumprimento do dever, espírito de fé, de abnegação e de sacrifício.

Já para os anciãos ou presbíteros ou episcopos depreendem-se duas listas de qualidades em 1 Tim 3, 3-7 e Ti 1, 6-9, com algumas diferenças entre as duas. As diferenças são estas: três qualidades são especiais da primeira — o ordinando deve ser digno do seu porte, não neófito, estimado dos pagãos; três são próprias da segunda — amigo do bem (ou das pessoas de bem), justo, piedoso. As outras doze quali-

dades são comuns às duas listas, sendo que delas sete são expressas com sinônimos.

São Paulo requer no candidato ao sacerdócio estas três condições principais: que seja apto para o ensinamento, que governe bem sua casa e que, se casado, o seja uma só vez (35).

Resumindo as disposições internas do ordinando usa São Paulo esta palavra enérgica: deve ser irrepreensível, por causa de sua eminente dignidade e por ser representante de Deus na terra. Esta palavra diz tudo. Isenção dos vícios mais grosseiros (avareza, cólera, arrogância, brutalidade, embriaguez) e a posse das virtudes (sobriedade, prudência, modéstia, hospitalidade, justiça, pureza de costumes).

As qualidades requeridas no diácono são as mesmas, respeitadas as devidas proporções. Leia-se 1 Tim 3, 8-13. Três vícios merecem menção especial de São Paulo com relação aos diáconos: devem evitar a duplicidade, a intemperança e a avareza.

Havia também no tempo de São Paulo virgens e diaconisas regularmente constituídas sob a total dependência da hierarquia?

Aconselha o Apóstolo na Epístola aos colossenses a continência e a virgindade. Não baseia seu conselho, porém, em alguma alusão a uma ordem para o serviço da igreja, mas apenas diz que assim terão maior liberdade no serviço de Deus. O voto de virgindade é um ato de perfeição individual. Há no tempo de São Paulo virgens, mas não existe uma ordem de virgens, ao lado da hierarquia.

Não há também ainda, na era apostólica, a ordem das diaconisas que os costumes orientais in-

(35) Cf. Prat, lb. 334.

EPÍSTOLAS PAULINAS

trouzeram depois em algumas províncias asiáticas. Há, contudo, no tempo de São Paulo piedosas mulheres, como Febe na igreja de Cencra, que se dedicam ao serviço da igreja, porém, em caráter particular. Não se trata de uma ordem.

Parece, todavia, que já no tempo de São Paulo houvesse a ordem ou instituição das viúvas, às quais São Paulo aconselha o estado de continência, apesar de terem liberdade plena de passarem a segundas núpcias (cf. 1 Tim 5, 3 ss.).

Bibliografia consultada. — *P. Marco M. Sales O. P.*, La Sacra Bibbia Commentata, il Nuovo Testamento, vol II; Turim 1914; *Louis Pirot*, La Sainte Bible; Paris 1946; *François Amiot*, L'Enseignement de Saint Paul, 5.^a edição, 2 volumes, Paris 1946; *F. Prat*, La Théologie de Saint Paul, 2 volumes, Beauchesne 1930; *Giuseppe Ricciotti*, "Paolo Apostolo", segunda edição, Roma 1948; *José Holzner*, "San Pablo, Heraldo de Cristo", tradução espanhola, Buenos Aires 1941; *J. Renié, S. M.*, "Manuel d'Écriture Sainte", 6 volumes, Paris 1944; *E. Jacquier*, "Histoire des Livres du Nouveau Testament", 11.^a edição, Paris 1930; *Simón-Prado, C. SS. R.*, "Praelectiones Biblicae, Novum Testamentum", 2 vls., Turim 1942; *R. Cornely, S. J.*, "Introductionis in S. Scripturae Livros Compendium" (edição Merk), 2 vls., Paris 1934; *Silvius Rosadini, S. J.*, "Institutiones Introductoriae in Libros Novi Testamenti", 2 vls., Roma 1933.

INTRODUÇÃO À EPISTOLA AOS HEBREUS

INTRODUÇÃO À EPÍSTOLA AOS HEBREUS

1. O AUTOR
2. O FIM: UM “SURSUM CORDA” PARA OS HEBREUS.
3. A FORMA LITERÁRIA
4. A DOUTRINA

INTRODUÇÃO À EPÍSTOLA AOS HEBREUS

1. O AUTOR

É uma tradição muito antiga, sobretudo da igreja oriental, que atribui ao apóstolo S. Paulo a *Epístola aos hebreus*.

Este título, já usado por Clemente de Alexandria, depois foi adotado em toda a cristandade. O fato deve ser assinalado porque falta nela o cabeçalho que em todas as epístolas Paulinas indica expressamente S. Paulo como autor que apresenta aos destinatários a saudação inicial. Os dois mais eruditos conhecedores da Escritura na antiguidade, Orígenes e S. Jerônimo, além desta falta que podia ter uma razão puramente formal, apontam para uma evidente diferença de estilo.

O grego da epístola aos hebreus pode ser chamado o mais elegante do Novo Testamento, ostentando uma perfeita simetria e um ritmo sonoro em períodos cuidadosamente formados, num estilo solene e sacral. Contrasta com isso a linguagem dinâmica e explosiva do apóstolo das gentes que em 2 Cor 11, 6 se caracteriza a si próprio como “rude na palavra”. Cfr. Orígenes apud Eusebium, hist. eccl. (6, 25, 11 e Hier., De viris illustribus 5.) Orígenes (1 c. 6, 25, 13. 14) parece acertar bem a verdade, quando diz a respeito da nossa

EPÍSTOLAS PAULINAS

epístola: “Declaro abertamente que as idéias são do apóstolo, mas a expressão e o estilo devem pertencer a um homem que, tendo as palavras do apóstolo na memória parafraseou as doutrinas do Mestre. Se, portanto, uma igreja tem esta epístola como Paulina, pode-se concordar com ela. Pois não foi sem razão que a tradição dos antigos a atribuiu a S. Paulo. Mas só Deus sabe quem de fato a escreveu. Alguns escritores, cujas obras chegaram até nós, atribuem-na a Clemente, bispo de Roma, outros a Lucas que escreveu o evangelho e os atos dos apóstolos”.

Eusébio, que nos conservou esta opinião de Orígenes, também transmitiu a notícia de Clemente de Alexandria, que S. Paulo teria escrito aos hebreus em hebraico, mas a tradução para o grego teria sido feita por São Lucas. A versão é sedutora. Entretanto, a forma grega, com freqüente jogo de palavras, com a citação constante da Bíblia grega dos setenta, não deixou o menor vestígio de alguma tradução do hebraico. É mais viável por isso a suposição de que S. Paulo deu as idéias gerais a um discípulo altamente culto, como a S. Lucas ou ao helenista Apolo, para êste revesti-las de uma forma literária acabada. A decisão da Comissão Bíblica de 24 de junho de 1914 favorece esta solução (DB 2176 sg.). De um lado mantém a autoria Paulina, mas de outro não julga necessário afirmar que o próprio apóstolo com a inspiração do Espírito Santo tenha dado a concepção e expressão literária à epístola assim como ela entrou no Cânon.

2. O FIM: UM “SURSUM CORDA” PARA OS HEBREUS

Já houve quem considerasse a epístola aos hebreus a mais antiga homilia proferida por ocasião de algum culto

cristão. Os versos finais de 13, 18-25, porém, acentuam claramente o caráter epistolar. Também uma carta apostólica quer expor doutrinas e comover os corações e, sendo ela destinada para a leitura pública numa comunidade, o autor escreve visando o auditório.

O antigo título “epístola aos hebreus” recomenda procurar os destinatários na Palestina, porque só lá existiam comunidades judeu-cristãs fechadas que poderiam ter a denominação de “hebreus”. E se nos faltasse esta indicação da tradição, o próprio conteúdo nos havia de levar à mesma conclusão. A argumentação supõe leitores versados na Escritura e bem familiares com as instituições mosaicas e mesmo ela nos conduz à proximidade do templo que ainda deve existir com todo o seu impressionante esplendor litúrgico.

O final da epístola, 13, 23. 24, espelha a situação do termo do primeiro cativeiro de S. Paulo em Roma no ano 63. É exatamente o período em que o apóstolo *S. Tiago* em Jerusalém fazia uma dolorosa falta. Pois, fôra martirizado em 62. Era um ambiente carregado de fanatismo nacionalista que se dispunha a conquistar o império messiânico com a arma na mão. Os desprezados adeptos do Nazareno crucificado eram como uma ofensa ao orgulho judeu. O Cristo fraco e submisso, coberto de opróbrios, era odiado como uma traição à grande causa nacional.

Os cristãos viviam numa atmosfera de desconfiança, boicotagem e perseguição. A pobreza e fome, que já dera ocasião a diversas coletas organizadas por S. Paulo nas comunidades fora da Palestina, agora chegava ao extremo. Podemos calcular pela epístola aos hebreus o que os fiéis tinham de ouvir dos seus conterrâneos infiéis, talvez de seus

EPÍSTOLAS PAULINAS

próprios parentes. Pois Cristo já predissera que os piores inimigos proviriam da própria casa (Mt 10, 34-36). Eram palavras de escárneo no meio das suas angústias: “Que reino messiânico o vosso que só traz miséria e desgraça! É o castigo porque não perseverastes na religião de vossos pais. Nós temos certeza que Deus a revelou (1, 1 s.), por intermédio de seus anjos (1, 4 s.) e de Moisés, seu servo fiel (3, 3 s.). Nós temos a herança da terra prometida (4, 1 s.), possuímos o templo do único verdadeiro Deus, onde se oferecem os sacrifícios para a purificação dos pecados (cc. 7-10). Tudo isso é certo e seguro. E vós aderis a um Messias que fracassou miseravelmente, maldito por Deus e os homens e trazendo maldição aos que o seguem”.

Os argumentos eram palpáveis. Pois a mão de Deus parecia pesar cada vez mais sobre os cristãos. Para os fracos e tíbios que ainda não tinham saído inteiramente da mentalidade terrena do judaísmo, êles constituíam um perigo gravíssimo de apostasia.

A epístola aos hebreus contrapõe aos pusilânimes na fé um ardoroso *sursum corda* no meio das provações temporais, fundamentando a esperança cristã no Cristo glorioso, vivo pelos séculos, que aplicando os méritos da Paixão conduz a todos os que n'Ele crêem à herança do Novo Testamento. Êste já se encontra em pleno vigor e por isso não tem mais cabimento aferrar-se ao que fôra apenas uma sombra fugaz, uma figura da realidade. É a idéia que tão belamente formulou o verso do Lauda Sion: “Vetustatem novitas, umbram fugat veritas, noctem lux eliminat”.

3. A FORMA LITERÁRIA

Os comentários costumam dividir a epístola aos hebreus numa parte principal teorética (cc. 1-10) e uma parte prática ou parenética (cc. 11-13). Há nesta divisão o inconveniente de que a primeira parte também está disseminada de exortações e a segunda parte não deixa de basear-se em considerações teoréticas. Ademais devemos crer ao próprio autor que chama a sua carta uma palavra de exortação (13, 22: *logos tes parakleseôs*).

Um exame de tôda a sua estrutura revela de fato um plano premeditado em que tudo converge para o único fim pastoral de confirmar os judeu-cristãos na fé em Cristo Jesus, precisamente nos seus aspectos contrários ao Messianismo judaísta. É sem dúvida um dos mais belos documentos de arte literária do helenismo judaico. As diversas partes dêste harmonioso conjunto estão em perfeita *simetria* e *proporção* como também numa *estreita concatenação* entre si e tôdas elas levam com *crescente força*, *insistência* e *amplidão* a *apelos práticos* que visam o mesmo fim da Epístola.

São quatro teses desenvolvidas numa exposição doutrinária, cada vez mais extensa, terminando a primeira com uma advertência, a segunda com duas, a terceira com três; a quarta com quatro advertências.

O próprio autor ali colocou os verdadeiros marcos de divisão.

De uma análise minuciosa resulta a seguinte disposição:

A. O Exórdio 1, 1-3.

O primeiro período inicial com razão se conta entre os textos mais sublimes da Sagrada Escritura. Estas palavras

solenes se parecem com sinais de trombeta com que o autor anuncia o seu tema, o plano a que pretende obedecer e todo o cenário de tempo e espaço em que se vai desenrolar o drama do Antigo e Novo Testamento, culminando no mistério de Cristo, “ontem, hoje e Ele por todos os séculos”..

I. 1. “Havendo Deus outrora falado muitas vêzes e de muitos modos *aos pais pelos profetas*.

2. *a nós* nestes últimos dias falou *pelo Filho* a quem constituiu herdeiro de tudo, por quem fêz também o mundo.

II. 3. o qual a) sendo o resplendor de sua glória e a figura de sua substância sustentando tôdas as coisas pela palavra de seu poder; b) havendo feito a purificação dos pecados; c) *assentou-se* à direita da majestade nas alturas”.

O exórdio é a epístola em miniatura, apenas em ordem inversa de I e II. Os versos 1, 1-2 contrapõem a era passada em que Deus falou aos pais pelos profetas na multiplicidade de revelações fragmentárias e a era nova “dos últimos dias” em que Deus falou *pelo Filho* que não podia senão trazer a plenitude como *herdeiro do Universo* e o seu próprio Criador. O verso 1, 3, apresenta o Filho nas três fases: da sua preexistência divina (= ontem), da sua aparição temporal e terrestre (= hoje) e na sua entronização transcendental (= Ele para todos os séculos).

Na construção do período, o verbo finito “ekathisen” — “assentou-se” depois de três participios, faz culminar a ação dramática do mistério de Cristo na entronização à direita de Deus nas alturas.

É no reino sacerdotal transcendente e eterno, inaugurado pela ressurreição e ascensão de Jesus que ele quer insistir. É a realidade do Novó Testamento que aboliu o Testamento Antigo.

B. *Desenvolvimento do tema.*

I. Primeiro o autor desdobra as três fases da existência do Filho de Deus indicadas no verso 3 do Exórdio: 1, 4-10, 39. Depois em ordem inversa corresponde a 1, 1-2 a retrospectção que faz à era antiga desde a criação do mundo até Cristo (cc. 11) e o contraste entre os dois testamentos (cc. 12). A inversão é consequência da rigorosa concatenação de idéias e associação de palavras que observa.

A primeira subdivisão do mistério de Cristo é anunciada por uma tese ainda gramaticalmente encadeada ao período do Exórdio:

- 1) *tese* 1, 4 “tanto mais sublime do que os anjos”.
“quanto o nome que herdou lhes é superior”.

Exposição: 1, 5-14. A absoluta transcendência do Filho de Deus é ilustrada pela superioridade sobre os anjos. A argumentação é um conjunto de 7 textos bíblicos a que os rabinos davam o nome da “haraz”: Sl 2, 7; 2 Sam 7, 14; Sl 96, 7; Sl 103, 4; Sl 44, 7; Sl 101, 26; Sl 109, 1.

Exortação: 2, 1-4. Em proporção à exposição muito concentrada, a conclusão prática contra a apostasia é curta: Se “a palavra falada” pelos anjos foi sancionada por Deus com tanto rigor no A. T., como poderá escapar ao castigo divino quem despreza a salvação anunciada pelo Senhor (Kyrios) e confirmada por tantos sinais e milagres operados pelo Espírito Santo.

2) *tese* 2, 5-7. Ela está novamente concatenada com a parte anterior: A humilhação do “Filho do Homem” é apresentada como *rebaixamento aos anjos*, segundo as palavras do Sl 8. Mas este conquistará o reino escatológico superior aos próprios anjos.

Exposição: 2, 8-5, 10. É digno de nota que ela não apenas encadeia, mas desenvolve 7 *textos bíblicos*: Sl 8, 5; Sl 21, 23; Sl 17, 3; Is 8, 18; Sl 94, 8; Sl 2, 7; Sl 109, 4.

Para demonstrar a conveniência da humilhação messiânica primeiro alega a solidariedade com o gênero humano para o fim soteriológico (2, 8-16) e em 2, 17 se anunciam duas razões psicológicas: “Por isso foi conveniente que em tudo êle se fizesse semelhante a seus irmãos, para vir a ser um pontífice *misericordioso* e fiel naquilo que é de Deus para expiar os pecados do povo”. Seguindo o princípio da concatenação trata-se por inversão primeiro do *Pontífice fiel* (3, 1-4, 13) e depois do *Pontífice misericordioso* (4, 14-5, 8). Característico para esta segunda exposição doutrinária é o paralelismo entre a missão de Cristo e de Moisés, entre o descanso na terra prometida e o descanso na eternidade, como também a acentuação do caráter humano do Pontífice elevado aos céus.

Este pensamento é aproveitado para desde já concatenar a terceira tese (5, 9-6, 3) que constitui a culminância de toda a argumentação: Cristo é chamado por Deus a ser *Pontífice segundo a ordem de Melquisedec*. Nos versos 5, 11-6, 3 ressalta-se a importância da doutrina que pretende desenvolver. Mas antes disso ainda deve tirar as conclusões práticas para o fim da Epístola. De acôrdo com a extensão da segunda exposição doutrinária são *duas as exortações*: uma negativa contra a apostasia (6, 4-8) e outra positiva à fidelidade na fé (6, 9-12).

3) *tese*: Segundo anúncio em 6, 13-20 concatenado ao anterior pela associação da idéia das promessas (Cfr. 6, 12-6, 13) e do juramento 6, 13 sg.

Exposição: 7, 1-10, 18. Também a terceira parte contém o comentário de 7 *textos bíblicos*: 1) no anúncio da tese: Gên 22, 16, 17; 2) no confronto entre o sacerdócio imperfeito e perecível e o sacerdócio perfeito e imperecível: Sl 109, 4; (7, 1-28) 3) no confronto entre o templo terrestre e celeste: Êx 25, 40; (8, 1-6). 4) no confronto entre o Antigo e Novo Testamento: Jer 31, 31-34; (8, 7-13). 5) no confronto entre os dois ritos expiatórios dos dois testamentos: Êx 24, 4; (9, 1-24). 6) no confronto entre a multidão dos Sacrifícios antigos e o Sacrifício único: Sl 39, 7; (9, 25-10, 14). 7) Para finalizar volta Jer 31, 34, agora com o fim de provar, não a novidade do testamento, mas o seu efeito: a remissão dos pecados (10, 15-18).

De acôrdo com a extensão e o caráter da exposição doutrinária anterior seguem 3 *exortações*: 1) 10, 19-25: uma conclusão prática da doutrina sôbre o grande Pontífice no templo celeste: confiança em Cristo que nos inaugurou através do véu o caminho novo e vivo e união com Ele pela fé, esperança e caridade; 2) 10, 26-31: advertência côntra a apostasia como desprezo do sangue de Cristo; 3) 10, 32-39: admoestação à fidelidade na fé no meio das provações. Nesta parte prática aparecem 3 *citações bíblicas*: Dt 32, 35; Sl 134, 14 e uma combinação de Is 26, 20 e Hab 2, 3. Com os textos anteriores temos ao todo na primeira parte $3 \times 7 + 3 = 24$ textos da Escritura do A. T.

· II. A segunda parte também está concatenada com o precedente pela associação da palavra “fé”. Com ela termina a terceira exortação. “Nós, porém, não pertencemos aos covardes para a perdição, mas somos daqueles que crêem para a salvação de sua alma”, e entra a *quarta tese* 11, 1-2: *A fé é o fundamento das coisas esperadas e uma*

EPÍSTOLAS PAULINAS

firme convicção de coisas que não se vêem. Por ela os antigos alcançaram testemunho.

Exposição: O cap. 11 numa simetria certamente não casual com as 24 citações bíblicas anteriores 24 vezes repete a palavra “fé”: 7 vezes no tempo da criação do mundo até Noé (11, 1-7); 7 vezes no tempo dos patriarcas (11, 8-21); 7 vezes no tempo de José do Egito até a conquista da terra prometida (11, 22-30); 3 vezes desde Raab a prostituta que foi a primeira não israelita a participar das promessas de Abraão até a consumação das promessas no tempo messiânico (11, 31-40).

c) O cap. 12 apresenta 4 exortações com conclusões práticas da quarta tese: 1) 12, 1-3: Cristo, o autor e consumidor da fé é apresentado como modelo no sofrimento; 2) 12, 4-13: os leitores são exortados à fidelidade nas provações paternas de Deus que são meios de santificação; 3) 12, 14-17: por associação de idéias exorta-se à santidade de vida; 4) 12, 18-29: incute-se a maior responsabilidade na era messiânica pelo contraste entre o monte Sinai e a visão celeste do novo monte Sião. Ali se vedava o acesso a Deus, aqui se conduz ao Deus vivo por Jesus, o mediador do Novo Testamento. Que responsabilidade tremenda seria desprezá-lo. Para quem o fizesse o nosso Deus como no Sinai se tornaria um fogo consumidor.

Com o cap. 12 termina o desenvolvimento do Exórdio 1, 1-3, tendo em 11 percorrido a era antiga e concluído em 12 com o contraste entre os dois testamentos.

C. *Conclusão final:* 13, 1-25.

O último capítulo é uma peroração de toda a epístola que se ocupa com as diversas necessidades da comunidade.

EPÍSTOLAS PAULINAS

Em simetria com a estrutura anterior volta aqui no fim o “3 vezes 7”. São 3 partes com 7 subdivisões cada uma: 1) 13, 1-6: Exortações à vida cristã — 1.º permanecer na caridade fraterna, 2.º não esquecer a hospitalidade, 3.º lembrar-se dos presos, 4.º consolar os aflitos, 5.º santificar o matrimônio sem fornicação e adultério, 6.º evitar a avareza, 7.º ter confiança em Deus.

2) 13, 7-17: Exortações à fidelidade na vida de comunidade — 1.º ser dócil à pregação e ao exemplo dos pastores, 2.º ser fiel a Cristo ontem, hoje e eternamente, 3.º não se deixar levar por doutrinas estranhas, 4.º participar do novo altar, 5.º sair do judaísmo para a mentalidade cristã, 6.º oferecer a Deus por Cristo um sacrifício agradável, sobretudo por obras de caridade, 7.º ser obediente aos superiores.

3) 13, 18-25: Recomendações finais: — 1.º O apóstolo pede orações para ser restituído brevemente (13, 8-19). 2.º Ele ora pelos destinatários da epístola (13, 20. 21). 3.º Pede que aceitem a exortação da epístola (13, 22). 4.º Notícia sobre Timóteo (13, 23). 5.º Saudações aos superiores e demais membros da comunidade (13, 24a). 6.º Saudações dos irmãos da Itália (13, 24b). 7.º Bênção final 13, 25.

Este último capítulo é formado de *slogans* breves e incisivos, entre os quais também aparecem as idéias dominantes da Epístola.

4. A DOCTRINA

A. O escândalo e o mistério de Cristo.

Nota-se do começo até o fim a única preocupação de um pastor de almas de *levar os seus leitores do escândalo de*

Cristo que se vê para que creiam no mistério de Cristo que não se vê e por intermédio desta fé conduzi-los da provação terrena e temporal à salvação celeste e eterna.

O escândalo de Cristo que impedia a conversão dos judeus obstinados e fazia vacilar os convertidos, se reduzia a três dificuldades que se baseavam em concepções fundamentais do messianismo judaico.

1) Por insistência no dogma fundamental do monoteísmo sem a forma trinitária da revelação cristã, não consideravam o Messias senão como puro homem e repudiavam a fé na divindade de Cristo como tremenda brasfêmia.

2) A própria crucificação era tomada como reprovação manifesta da parte de Deus. Pois segundo o Dt 21, 23 era “maldito quem fôsse suspenso no madeiro”. Parecia de todo impossível que um crucificado pudesse ser portador das bênçãos messiânicas.

3) Segundo um amálgama de religião e nacionalismo, que se justificava pela idéia do povo escolhido, o Messias deveria ser um rei temporal e terrestre como Davi ou Salomão. A missão dêste não seria senão submeter todos os povos à religião e à lei sumamente perfeita de Moisés. O templo de Jerusalém seria o centro do reino messiânico, onde todos os povos viriam sacrificar ao único verdadeiro Deus e prestar tributo à nação judaica. Seria o apogeu de poder e de riquezas inesgotáveis e um paraíso de prazeres sem dor e sem sofrimento. O reino transcendental de Cristo diante disso era como uma illusória defraudação dos legítimos direitos do povo escolhido.

A êste tríplice escândalo a epístola aos hebreus opõe *a fé no mistério de Cristo* que já constitui o tema central das outras epístolas Paulinas.

EPÍSTOLAS PAULINAS

Aqui, entretanto, não se trata mais de mostrar a judeus e pagãos “a doutrina dos princípios elementares de Cristo” (6, 1) que pela fé e o batismo todos se tornam “um” em Cristo Jesus. Não há por isso base alguma para forjar um argumento *ex silentio* contra a origem Paulina da epístola aos hebreus do fato de êle omitir a metáfora do corpo místico. Na epístola aos hebreus a mensagem Paulina sobre o mistério de Cristo se desenvolve e consoma, procurando levar os leitores às alturas de sua divindade, à profundidade do rebaixamento humano e novamente às alturas da exaltação gloriosa da própria natureza humana. Desenrola-se um panorama grandioso que abrange espaço, tempo, eternidade, terra e céu.

O *leitmotiv* da epístola é formulado no ultimo capítulo 13, 8: “A Jesus Cristo, ontem e hoje e Êle para todos os séculos”. O *ontem* significa a preexistência ao tempo para a natureza eterna do Filho de Deus. O *hoje* lembra o tempo fugaz na terra, ao qual desceu o eterno, transcendente e divino. Esta fase apresenta a humilhação efêmera do “Filho do Homem” na Encarnação e Paixão e morte como caminho para a glória. E “Êle para todos os séculos” é a culminância do mistério de Cristo a que a epístola quer levar os seus leitores: Jesus vivo pelos séculos em plena atividade como Rei-Sacerdote na eterna glória.

Êstes três aspectos do mistério de Cristo são a resposta ao triplice escândalo que não se formula expressamente, mas sempre se encontra presente em toda a polêmica do hagiógrafo.

Ernesto Dobschuetz, em *Journal of Biblical Literature* 41 (1922) 212-223, ilustra o esquema de tempo e espaço da epístola num gráfico: Duas linhas horizontais paralelas re-

EPÍSTOLAS PAULINAS

presentam o espaço superior celeste e o espaço inferior terrestre. Elas são cortadas por três linhas verticais que representam as três eras: anterior, atual e posterior. O pensamento transcorre numa curva, começando no plano superior da era anterior, descendo à era atual do plano inferior e subindo novamente ao plano superior da era posterior. A era do Antigo Testamento foi a promessa do Novo Testamento. A vida terrestre de Cristo por sua vez é promessa, cujo cumprimento esperamos alcançar na eternidade do céu. Cruzam-se o temporal e eterno, o terrestre e o celeste. O visível é imagem passageira do invisível, eterno e imutável. É a fé que conduz das sombras e imagens do Antigo à realidade do Novo Testamento em Cristo que apareceu no Tempo. É ainda a fé que leva do terrestre e temporal das nossas provações transitórias ao celeste e eterno, a fim de repousarmos definitivamente junto ao Cristo glorioso “assentado para sempre à direita de Deus” (10, 12).

B. *O Antigo e o Novo Testamento.*

O ponto nevralgico na discussão com os judeus era a vocação, o direito e a dignidade *do reino sacerdotal entre todos os povos* que Israel tinha adquirido por uma particular eleição divina e uma solene aliança com Javé. A ep. aos hebr. se ocupa com este problema central, desenvolvendo como resposta *a doutrina sobre os dois testamentos*.

Estes conceitos aparecem nas outras epístolas Paulinas esporadicamente. Aqui constituem o princípio dominante que dá ao tríptico mistério de Cristo toda a força de convicção e a firmeza da esperança cristã. Em muitos pontos esta doutrina se identifica com a do corpo místico. Difere apenas a forma de expressão que se baseia inteiramente em concepções da religião de Israel.

EPÍSTOLAS PAULINAS

I. *A evolução do conceito de testamento.*

O termo usado no hebraico “berith” significa na vida social: *um pacto de confraternização entre dois parceiros, solenemente autenticado por algum documento que sirva de testemunho da combinação feita e confirmado por Deus e os contraentes pelo juramento e pelo sacrifício, seguido por um rito de sangue e o convívio.* Um exemplo clássico é a “berith” entre Labão e Jacó em Gên 31, 44 s.

A característica da religião de Israel é que o patriarca do povo eleito Abraão e a própria coletividade da nação entraram em pacto sagrado com o próprio Deus (Gên cc 12-13 e Êx cc. 19-24). Em ambos os casos se observaram os ritos de aliança a fim de autenticar os direitos e deveres recíprocos. É uma eleição mútua: Israel proclama a Javé seu único rei e Javé escolhe a Israel como o seu povo. Do monte santo o Senhor promulga a sua lei e as suas promessas: “Se... ouvirdes a minha voz e observardes a minha aliança, sereis para mim a porção escolhida dentre todos os povos; porque toda a terra é minha. E sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa” (Êx 19, 3-6).

Israel é segregado de toda a criação e de todos os povos como propriedade particular de Deus assim como os sacerdotes são separados do povo para o culto divino — e Javé assume pessoalmente o governo para a defesa e felicidade de seu povo. Os sacerdotes e o rei exercem funções desta aliança. Deus os constitui seus representantes visíveis como também representantes do povo na execução da “berith”.

A dignidade sacral e a responsabilidade sem par desta nação santa se exprime pela relação do matrimônio. Israel é esposa de Javé e a violação da “berith” é adultério contra o divino Espôso.

Depois de uma série de infidelidades do povo eleito, os profetas unânimemente anunciam uma dupla mensagem:

1) A mulher adúltera é castigada e perde os sagrados direitos.

2) Nos “últimos dias”, porém, Deus estabelecerá uma nova *berith*” de misericórdia e perdão, de graça e santidade que se estenderá a todos os povos.

Essa perspectiva é igual em todo o profetismo do A. T., sendo entretanto Jeremias o único que formulou a terminologia da antiga e nova “*berith*”. Ele prediz uma era em que Deus escreverá a lei no coração e dará a plenitude do conhecimento divino e a integral remissão dos pecados (Jer 31, 31-34). Será este o reino de Deus definitivo e eterno, fundado pelo Messias e consumado em âmbito transcendental. O profeta Daniel no ultimo capítulo claramente ensina: “E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna e outros para vergonha e desprezo eterno. Os entendidos, pois, resplandecerão, como resplendor do firmamento, e os que a muitos ensinam a justiça refulgirão como as estrelas sempre e eternamente” (Dan 12, 2. 3).

A tradução grega dos setenta verteu “*berith*” pelo termo *diatheke*, enquanto Áquila, Símaco e Teodocião preferem a palavra *syntheke* que exprime a idéia do pacto mútuo. Mas sendo Deus o parceiro daquela aliança singular, é natural que Ele tenha uma absoluta preponderância. Neste sentido “*berith*” já se tornara sinônimo de *torah* i.é. *lei*. Assim se falava da arca, do livro e das tábuas *da aliança*, porque continham a lei.

Diatheke significa a expressão de uma vontade que tem força de lei, seja prescrevendo alguma norma ou legando

uma herança. A tradução dos setenta assim pretendia abranger todo conceito da “berith” como *lei e promessa*.

No helenismo, porém, a significação corrente do termo era “testamento” — e por isso o acento foi se deslocando no sentido da mensagem profética de uma promessa de salvação ou de *uma herança dos bens messiânicos do perdão e da graça*, como a encontramos em Jer 31, 31-34.

Assim a tradução dos setenta preparou o caminho *para a noção cristã do Novo Testamento*. O evangelho de S. João proclama a antítese: *Por Moisés foi dada a lei — Por Jesus Cristo veio a graça e a verdade* (1, 17). “E a todos quantos o receberam” — “deu-lhes o poder de serem filhos de Deus” (1, 12).

A filiação divina inclui o direito à herança. Pois diz S. Paulo aos Romanos 8, 17: “E se nós somos filhos, somos também herdeiros: herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo”.

A epístola aos hebreus toma “diatheke” na acepção comum da palavra (9, 16. 17): “Porque onde há testamento, necessário é que intervenha a morte do testador. Porque um testamento tem força onde houve morte; ou terá êle algum valor enquanto o testador vive?” (Cfr. a mesma significação Gal 3, 15 s. e 2 Cor 3, 6). É a concepção de todo o Novo Testamento: A nova “diatheke” é uma instituição divina de justiça que dá direito à herança dos bens messiânicos anunciados pelo profetismo do Antigo Testamento.

II. *Jesus Cristo mediador do Novo Testamento.*

Desde a primeira frase até o fim, a Ep. aos hebr. tem em mente a idéia do Novo Testamento que se realiza:

EPÍSTOLAS PAULINAS

- 1) no Filho de Deus, herdeiro de tudo,
- 2) feito Filho do homem e por isso solidário com a humanidade, dada, que
- 3) pela sua morte dá valor ao testamento.
- 4) ressuscitado e vivo, dirige e governa o reino sacerdotal de sua celeste glória.
- 5) e dá o direito de receber a eterna herança aos que se unirem com Ele pela fé, esperança e caridade e perseverarem até o fim na terrestre provação.

1) *O Filho de Deus, herdeiro de tudo* (1, 2).

A tese da divindade de Cristo, colocada em primeiro lugar, é o fundamento mais sólido para as prerrogativas do Novo Testamento.

O Filho de Deus possui o direito nativo à herança do Universo (1, 2) em que Cristo também participa enquanto homem. Ele ocupa “o trono eterno” governando com equidade e justiça, ungido que é com o óleo de alegria (1, 8-9, Sl 44, 7). O Deus imutável que não envelhece e sempre permanece o mesmo (1, 10-12, Sl 101, 26) na palavra de Sl 109, 1 diz a seu Filho: Assenta-te à minha direita, até que ponha os teus inimigos por escabelo de teus pés (1, 13).

Os anjos que adoram a Deus (1, 6) criados para o seu ministério (1, 7) também são enviados “a favor daqueles que hão de herdar a salvação”.

2) *O Filho de Deus feito Filho do Homem torna-se solidário com os homens* (2, 6 s.).

Ele participa da mesma carne e sangue (2, 14), fazendo-se nosso “irmão” (2, 11. 12), “porque o que

santifica e os que são santificados são todos de um só” (Adão). Ele se rebaixou assim aos anjos com o fim de compartilhar conosco o sofrimento e a morte para “ser coroado de glória e honra” e “pela graça de Deus provar a morte por todos” (2, 8. 9) para “destruir pela morte o que tinha o império da morte, isto é, o demônio, e livrar os que por medo da morte estavam toda a vida sujeitos à escravidão” (2, 14). Dêste modo ele cumpre a missão “de levar à glória muitos filhos”, consumando Deus “pela Paixão o autor da salvação deles” (2, 10).

Neste tempo efêmero Jesus se encontra na transmigração para o descanso eterno, sendo o condutor do povo eleito para a terra da herança eterna (3, 1-4, 10a). *“Filho na sua própria casa; a qual casa somos nós outros”*, Ele nos pode garantir os direitos da herança (3, 6). *Verdadeiro homem*, “tentado em todas as coisas à nossa semelhança, exceto o pecado”, “cercado de fraqueza” (5, 2) e de grandes padecimentos (5, 7. 8), Ele é talhado para receber a vocação de ser Pontífice, “tomado entre os homens e constituído a favor dos homens *nas coisas que tocam a Deus*”, e de fato recebeu esta vocação do Sl 2, 7: “Tu és meu Filho, hoje te gerei” e do Sl 109, 4: “Tu és sacerdote eternamente segundo a ordem de Melquisedec”. Toda essa parte define o *Deus-Homem como medianeiro do novo testamento*.

3) *Foi, entretanto, a própria morte do testador que lhe deu valor de lei* (9, 16.17).

Esta idéia se acentua pela referência “ao primeiro testamento” que “não foi celebrado sem sangue”, onde Moisés aspergiu o livro e todo o povo, dizendo: “Este é o sangue do testamento que Deus vos tem mandado”. O raciocínio supõe que aqueles sacrifícios relatados pelo Livro

do Êxodo 24 também signifiquem “a morte do testador”, pela qual “o primeiro testamento” recebeu força. Esta não é senão a morte do Filho de Deus prefigurada pelos sacrificios cruentos do A. T. Assim se compreende a afirmação anterior (9, 15): “E por isso é mediador de um novo testamento para que intervindo a morte para expiação das *prevaricações existentes sob o primeiro testamento*, os chamados recebam *a promessa da herança eterna*”. A morte do testador, i. é do próprio Filho de Deus, não apenas põe em vigor o testamento para o futuro, mas tem força retroativa por intermédio dos ritos de sangue que no A. T., prefiguravam a aspersão do sangue no N. T..

Em 11, 40 a Epístola aos hebreus tira a conclusão de que os heróis da fé do A. T. apenas recebiam *a promessa da herança eterna*. Eles tinham que esperar o cumprimento da Redenção de Cristo de modo que não foram “consumados sem nós”.

A morte de Cristo assim se tornou a divisa dos dois testamentos e o fundamento da religião cristã.

A doutrina que dá à morte de Cristo tanto valor absolutamente não está isolada. Pio XII na Encíclica do Corpo místico com alegação de comprovantes da patrística e da Escritura proclama: “Com a morte do Redentor foi abrogada a Antiga Lei e sucedeu-lhe o Novo Testamento; então com o sangue de Cristo foi sancionada para todo o mundo a Lei de Cristo com seus mistérios, leis, instituições e ritos sagrados”.

Jesus na última ceia, em Mt 26, 28, Mc 14, 24, diz que no Cálice está o *sangue do novo testamento* que será derramado por muitos para a remissão dos pecados, e em Lc 22, 20 e em 1 Cor 11, 25, que o cálice é “o novo

testamento no seu sangue". A epístola aos Coríntios acrescenta: "Porque tôdas as vêzes que comeres dêste pão e beberdes dêste cálice, annunciareis a morte do Senhor, até que êle venha". De modo semelhante S. Paulo em Rom 6, 4 s. afirma "que fomos batizados na morte do Salvador". A razão é clara. Se pela morte de Cristo foi pôsto em vigor o Novo Testamento da herança eterna dos filhos de Deus, tôda a remissão dos peccados, tôda a graça e glória, e por conseguinte, todos os meios da graça, o sacrificio, os santos sacramentos derivam dela a sua fôrça. A Eucaristia entre tôdas as instituições ainda se distingue de modo peculiar, porque contém o próprio Novo Testamento no sangue de Cristo.

É só nesta luz que se pode interpretar o texto obscuro de Hbr 13, 10-14: "Nós temos um altar, do qual não têm direito de comer os que servem ao tabernáculo". Imediatamente nos versos seguintes o apóstolo passa a falar no sacrificio do Calvário, onde "Jesus padeceu fora da porta"! O "comer do altar" certamente não pode ser interpretado como metáfora que signifique a fé em Cristo sacrificado no altar da Cruz, porque sem dúvida o apóstolo não quer negar aos judeus o direito de ter fé na morte de Cristo. Mas enquanto continuarem a servir ao tabernáculo não poderão ter parte nas instituições do Novo Testamento que foi pôsto em vigor pelo sangue de Jesus.

Donde vem tanta fôrça à morte de Cristo? A resposta está incluída na exposição anterior sôbre a excelência do medianeiro. Como Filho de Deus feito solidário com a humanidade pecadora na Encarnação, por vocação divina foi constituído Rei e Sacerdote. A sua posição transcendente de Filho de Deus, superior a tôda a criatura, fez com que Êle não se contaminasse ao assumir "a carne do peccado",

sendo “um Pontífice santo, inocente, imaculado, segregado dos pecadores”. Como Filho do Homem, porém, Ele se tornou responsável pelo pecado dos seus “irmãos”. Em 9, 28 se afirma que Cristo aparecerá “uma segunda vez sem pecado”. Segue daí que na sua primeira vinda o Pontífice imaculado vem carregado pelos pecados de todos aquêles com que se tornara solidário.

A epístola aos Romanos expõe o mistério da Redenção como obra do novo Adão que, constituído por Deus cabeça da humanidade, sofre substitutivamente pelos homens a pena do pecado, prestando satisfação à justiça divina. É a *teoria jurídica* expressa por Nosso Senhor no Evangelho pela frase: “O Filho do Homem dará a sua vida em *resgate* por muitos” (Mt 20, 28, Mc 10, 45). De modo semelhante diz S. Pedro que os cristãos não foram “*resgatados* com coisas corruptíveis como prata e ouro”, “mas com o precioso sangue de Cristo” (1 Pdr 1, 19).

A epístola aos hebreus lembra esta idéia pelos termos *apolytrōsis* (9, 15) e *lytrōsis* (9, 12) que significam “redenção” da escravidão do demônio e do pecado (Cfr. 2, 14, 15). Mas senão ela não sai da *linguagem ritual*: A morte da Cruz é *sacrifício* por ser a expressão visível da *doação de si mesmo* ou de sua submissão incondicional à Soberania divina. Como doação da vontade livre a Deus é um ato da virtude da religião, tendo como objeto o culto de Deus.

No 10.º capítulo se expõe essa teoria. Ao entrar no mundo, Cristo declara: “Eis que venho... fazer, ó Deus, a tua vontade”. A esta *submissão* incondicional da criatura ao Criador, — ato ilícito da religião que constitui a essência metafísica do sacrifício — corresponde a missão da parte de

Deus: *Cristo devia selar com o seu sangue o testamento do perdão, da graça e da glória.*

Como na teoria jurídica o supremo representante da humanidade, chamado *novo Adão* ou *cabeça do corpo*, sofre substitutivamente *a pena do pecado*, aqui o *Rei-Sacerdote*, apresentado na primeira parte como superior aos anjos e solidário com os homens, *presta a Deus o culto devido* que Deus aceita em abono da humanidade pecadora.

Na epístola aos hebreus a morte de Cristo não é considerada sob o aspecto da *pena*, mas do *sacrifício*, porque nela se concretizou a submissão integral da vontade livre de Cristo que “embora fôsse Filho de Deus, aprendeu a obediência pelas coisas que padeceu” (Hebr 5, 8). “*Nesta vontade somos santificados pela oferta do corpo de Cristo*”. (10, 10).

Diz S. Bernardo acertadamente: “Non mors, sed voluntas placuit ipsius morientis”: “Não a morte, mas a vontade agradou de quem morre”. A entrega da vida pela dedicação mais absoluta da vontade livre de Cristo trouxe a propiciação divina para o perdão dos pecados, a “Redenção eterna” uma vez para sempre. Foi suficiente que Cristo sofresse a morte uma só vez (9, 25-28; 10, 10. 14) e depois Ele pôde ficar em repouso “assentado para sempre à direita de Deus” (10, 12). Também isto corresponde à vontade divina. Pois “está decretado aos homens que morram uma só vez” (9, 27).

4) *Jesus, ressuscitado e vivo, dirige e governa o reino sacerdotal da celeste glória.*

Em troca do sacrifício perfeitíssimo na Cruz, Deus dá ao primogênito que é Cristo (1, 6) e por Ele a tōda a Igreja dos primogênitos (12, 23) *o direito da herança ao reino sacer-*

dotal. É o santo orgulho do jovem cristianismo de já possuir em Jesus o cumprimento de tôdas as promessas feitas aos santos patriarcas e da grandiosa esperança alimentada pela pregação dos profetas durante tantos séculos. É outrossim a mensagem principal da epístola aos hebreus.

a) *O anexo entre o sangue do testemunho e a atividade salvadora do medianeiro celeste.*

O “Deus da paz” i. é. o doador de tudo que conduz à eterna salvação *ressuscitou* a Cristo dos mortos “no sangue do eterno testamento” (13, 20). E a *ascensão* foi como a entrada do Sumo Sacerdote no Santíssimo do Santuário no dia da Expição (9, 1-14, 24, 25). Constituem um rito só o sacrifício cruento diante do véu fechado, a penetração do véu e a aspersão do propiciatório com o sangue do sacrifício.

Na terminologia teológica dizemos que com o Sacrifício da Cruz se consumou a *Redenção objetiva*: abriu-se o véu para dar acesso à Majestade nas alturas.

E “havendo obtido uma Redenção eterna” Cristo, o sumo sacerdote “penetrou o interior do véu” “como nosso precursor entrou por nós” (6, 20), “apresentando-se diante de Deus por nós” (9, 24) e “salvando-se perpétuamente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por nós”.

Em termos teológicos é a *Redenção subjetiva* i. é. a aplicação dos méritos da Redenção pela mediação de Cristo no céu.

Ela é representada pela *aspersão do sangue* feita pelo Sumo Sacerdote no propiciatório, que é o símbolo da presença de Deus. Pois no rito do A. T. o sangue era oferecido a Deus no sacrifício, mas era aplicado para fins de purificação e santificação de pessoas, lugares e objetos. “*Segundo a lei,*

quase todas as coisas se purificam com sangue e sem efusão de sangue não há perdão". De modo análogo é atribuída ao sangue de Cristo a *santificação interior das consciências*. "Pois se o sangue dos carneiros e dos touros e a cinza duma novilha aspergidos sobre os contaminados, os santifica para purificação da carne, quanto mais o sangue de Cristo que pelo Espírito Eterno se ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência das obras mortas para servir a Deus vivo?" (9, 13. 14).

Cristo, portanto, na sua intercessão celeste não apela para a simples liberalidade divina, senão para *um título de justiça adquirido pelo sangue derramado no sacrifício sem mácula*. Por esta razão o testamento novo dá um verdadeiro direito à herança aos "primogênitos da Igreja", quando estão unidos a Jesus e à aspersão do sangue. Já estão escritos no céu, na cidade de Deus vivo" (12, 22-24).

Na teologia dizemos que o sacrifício de Cristo-Homem é a *causa meritória* da justificação. Entretanto, é uma atividade divina, atribuída "ao Espírito eterno" (9, 13) ou ao "Deus da paz" (13, 20) que leva a efeito a totalidade deste rito, dando valor aos méritos da Cruz, operando a consumação de Cristo e de todos que forem remidos pelo seu sangue". Diz a Encíclica *Mystici Corporis*: "Tudo o que o Espírito Santo opera em nós de divino, deve dizer-se que é Cristo também que o opera". Eis a *atividade humano-divina* "do grande sacerdote sobre a casa de Deus" que se baseia no sangue do testamento.

b) *O reino sacerdotal celeste.*

"Ora, no que estamos dizendo, o ponto principal é este: Temos um tal Pontífice, que está assentado à direita do trono

EPÍSTOLAS PAULINAS

da Majestade nos céus, Ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor ergueu e não o homem". (8, 1. 2).

O próprio autor assinala que aqui temos a culminância da epístola: Nós temos um Rei-Pontífice que tomou posse do seu trono nas alturas e já inaugurou a liturgia do templo celeste.

Nós temos um Rei celeste. Interpretando a tipologia do nome "Melquisedec" e de "Salém", êle é caracterizado como Rei de justiça e de paz. E' Cristo ressuscitado e vivo que efetivamente governa e dirige o reino que fundou.

No fim do cap. 12 apresenta-se um contraste dramático entre os dois testamentos representados pelos terrores do monte palpável no Sinai e a consoladora visão da Jerusalém celeste. Ao passo que ali se proibia severamente o acesso a Deus que aparecera no monte — aqui "*já nos achegamos*" "do monte de Sião da cidade do Deus vivo, da Jerusalém celestial, do congresso de muitos milhares de anjos e da igreja dos primogênitos que estão escritos nos céus e de Deus" Pelo contraste torna-se claro que o reino transcendental, apesar de invisível é considerado uma realidade presente em que os cristãos na terra também participam.

Em 4, 16 no mesmo sentido se exorta: "Cheguemo-nos confiadamente ao *trono da graça*, a fim de alcançar misericórdia e achar graça para sermos socorridos em tempo oportuno." — Em 6, 4 fala-se dos cristãos que são iluminados e "provaram o dom celestial" e "as forças do mundo vindouro". Toda a luz e força sobrenatural nos provém dêste Rei do trono celeste.

E' uma concepção semelhante ao que diz a Epístola aos Efésios (2, 6): "Deus... nos conviveificou em Cristo e com Êle nos ressuscitou e fêz sentar nos céus com Cristo Jesus". Já

EPÍSTOLAS PAULINAS

pertencemos ao reino celeste. A igreja triunfante e militante constituem uma unidade em que o Rei messiânico exerce o seu poder, dirigindo pela graça tôdas as vontades para o mesmo fim: a glória do Pai. Na oração final da Epístola 13,20 o apóstolo supplica:

“O Deus da paz”.

“que ressuscitou dos mortos o *grande pastor das ovelhas*”
“no sangue do eterno testamento o Senhor nosso Jesus”

“Vos aperfeiçoe em todo o bem para que”

“façais a sua vontade”,

“fazendo êle em vós o que fôr agradável”

“a seus olhos, *por Jesus Cristo*,”

“ao qual seja dada a glória pelos séculos dos séculos. Amén.”

Jesus Cristo é “o grande pastor das ovelhas”, de que o Deus da paz se serve para o govêrno das almas, a fim de capacitar e impelir vontades no cumprimento do beneplácito divino.

Já no comêço da epístola (1, 8. 9) se applicava ao Rei Messiânico o Sl 44, 7: “O teu trono subsiste no século dos séculos, cetro de equidade é o cetro do teu reino. Amaste a justiça e odiaste a iniquidade, por isso Deus, o teu Deus, te ungiu com o óleo de alegria sôbre os teus companheiros.” Parece que o Prefácio da festa de Cristo-Rei fez de tudo isso um apanhado: “Vós ungistes com o óleo da alegria o Vosso Filho Unigênito, Nosso Senhor Jesus Cristo, para Sacerdote eterno e Rei do Universo, a fim de que, imolando-se a si próprio sôbre o altar da Cruz, como vítima pacífica e imaculada cumprisse o mistério sagrado da Redenção do homem, e depois de haver submetido a seu poder tôdas as criaturas, entregasse à Vossa infinita Majestade um reino eterno e universal,

EPÍSTOLAS PAULINAS

reino de verdade e de vida,
reino de santidade e de graça,
reino de justiça, amor e paz”.

Nós temos um Pontífice que inaugurou a liturgia no templo celeste.

O reino de Cristo ressuscitado é essencialmente sacerdotal. Já o govêrno das almas pela graça parece mais uma atividade de sacerdote do que de rei.

De fato tôda a epístola e sobretudo a terceira parte, 7, 1-10, 18, considera a atividade de Cristo glorioso sob o aspecto sacerdotal. Segundo o juramento de Deus *no Sl* 109, 4 foi estabelecida uma nova ordem de sacerdócio eterno que aboliu a ordem transitória do culto levítico. O único Pontífice, Jesus Ressuscitado desde a sua ascensão inaugurou o culto no tabernáculo celeste. Esta ordem é o novo testamento anunciado por Jeremias (31, 31-34) onde Deus pela graça escreve a lei divina no coração, o ilumina com a plenitude de conhecimento sobrenatural e outorga o inteiro perdão dos pecados (Cfr. 8,8-13 e 10, 16-18). A remissão será tão completa que não haverá mais oferta pelo pecado (10,18). Vê-se logo que esta santidade absoluta só se cumprirá na glória eterna.

Seria, porém, um grande equívoco supor que não houvesse mais sacrifício no céu. Não nos devemos esquecer da perspectiva pastoral da epístola que visa convencer os leitores de que abandonar a Cristo é renunciar ao único caminho de salvação. Por isso o sacerdócio e o sacrifício são contemplados quase exclusivamente sob o ponto de vista de redenção do pecado.

Mas qual será então o ministério do sacerdote eterno no templo celeste, depois do fim do mundo, quando não ha-

verá mais pecados a perdoar? A purificação, santificação e consumação dos homens são apenas uma etapa para o fim último de toda a criação: *o culto de Deus*. Pois “o sangue de Cristo purifica a nossa consciência das obras mortas *para servir ao Deus vivo*” (9, 14).

No estado do pecado as nossas obras são mortas para a glória de Deus e o céu. A purificação da consciência, porém, pelos méritos de Cristo e a graça do Espírito Santo *remove o obstáculo do pecado* e a santificação e consumação pela graça e glória *capacitam o homem de modo sobrenatural* para um serviço sumamente agradável ao Deus vivo.

“Com um só sacrifício *consumou* para sempre os que são *santificados*” (10, 14). Os dois termos “hagiazó” = “santifico” e “teleióo” = “consumo” devemos entender segundo a linguagem sacrificial. (Cfr. 10, 10; 2, 11; 12, 14-2, 10; 5, 9; 7, 28; 10, 14; 11, 39. 40; 12, 2; 12, 23. Cf. o dicionário de Walter Bauer.)

Pela graça os homens são consagrados ao culto de Deus para esta vida temporal e pela glória a consagração se torna definitiva para a eternidade. O fim último do rito de expiação do Novo Testamento da Redenção objetiva e subjetiva de Cristo, de toda a sua atividade de governo das almas é a *consagração para o culto de Deus no templo celeste*.

O Apocalipse dentro do mesmo pensamento proclama triunfante (1, 6): que Cristo pelo seu sangue nos faz “sacerdotes *para Deus e seu Pai*”, em 5, 10 reza: “tu nos fizeste reino e sacerdotes *para o nosso Deus* e reinaremos sobre a terra” e em 20, 6 diz que na Jerusalém celeste todos serão “*sacerdotes de Deus e de Cristo* e reinarão com êle durante mil anos”. O sacerdócio e o reino são idênticos, porque servir a Deus é reinar.

São Paulo escreve aos Romanos (15, 16) que êle possui a graça de ser ministro de Cristo Jesus entre os gentios: *para êste fim, que bem aceita se torne a oblação dos gentios e santificada pelo Espírito Santo.*

Os diversos textos da Ep. aos hebr. (13, 15-17, 20-21) e das outras de S. Paulo (Rom 12, 1. 2) e de S. Pedro (1 Pdr 2, 5. 9) que exortam os cristãos a se oferecerem a Deus como “hóstias santas, vivas e agradáveis a Deus”, os teólogos costumam interpretar no sentido metafórico, repondo a essência do sacrificio nos símbolos externos. Tôda a pregação profética, porém, não admite dúvida de que êstes são mentiras abomináveis diante dos olhos de Deus, quando falta aquella doação do homem livre por uma vida santa e sobrenatural.

A Encíclica *Mediator Dei* supõe êste conceito legítimo do A. T. e N. T., encarecendo a necessidade de que os fiéis se imolem a si mesmos como vítimas, interpretando êste sacrificio pessoal de cada um com uma vida intensamente cristã. As diversas virtudes morais se tornam sacrificios, quando são imperadas pela virtude da religião i. é. pela submissão incondicional à Soberania divina e se tornam sobrenaturais e agradáveis a Deus pela santificação do sangue de Cristo.

O ministério do supremo Rei-Sacerdote no templo celeste tem como último fim apresentar a Deus outros reis-sacerdotes, santificados e consumados pelo seu sangue para que se ofereçam eternamente como hóstias puras e santas ao três vêzes Santo.

Mas como diante dessa doutrina se justifica uma igreja na terra com as suas instituições de remissão dos pecados e da graça? O protestantismo fêz da Ep. aos hebr. um cavalo de batalha contra a visibilidade da Igreja, o Sacerdócio, a Missa e a confissão. E' uma ofensa, dizem, contra a suficiência do

EPÍSTOLAS PAULINAS

único Sacrifício, do único Sacerdote segundo a ordem de Melquisedec, admitir outros sacerdotes e sacrifícios humanos ou algum poder humano de perdoar pecados.

Essa teoria protestante exemplifica bem o termo “heresia” no sentido etimológico de “haíresis”. É uma escolha de algumas verdades reveladas com exclusão de outras também reveladas.

O equívoco protestante está em supor uma Igreja com *instituições independentes do Sumo Sacerdote no céu*. Pretendem exaltar a suficiência do único Medianeiro entre Deus e os homens, de fato o diminuem, negando-lhe a faculdade de constituir procuradores e sinais que lhe sirvam de instrumentos visíveis para exercer a aspersão do sangue entre os homens (Cf.. Ep 1 Pedro 1, 2 onde a aspersão de sangue significa a redenção subjetiva na Igreja).

A ep. aos hebr, em 3, 1 chama a Jesus “o apóstolo e o Pontífice da nossa confissão” — e êste grande “enviado do Pai” “envia” os “seus apóstolos” (Jo 20, 21-23; Mt 28, 19-20 etc.) *para tornar a sua atividade divino-humana no céu presente em sinais visíveis eficazes da graça*. administra-dos por representantes seus.

Essa doutrina claramente ensinada pelos evangelhos não pertence ao tema da Ep. aos hebreus, que expressamente exclui “a doutrina dos princípios elementares de Cristo”, “o fundamento da penitência das obras mortas” “a doutrina sobre os batismos e imposição das mãos...”

Nas recomendações do cap. 13, porém, o autor supõe uma comunidade organizada com pastores de almas (13, 7) e, como já vimos, um altar eucarístico mencionado em íntima relação com o sacrifício do Calvário (13, 10-14). E quando

EPÍSTOLAS PAULINAS

no meio proclama: “Jesus Cristo ontem e hoje, e êle também para sempre”, êste aparece presente e acessível como em 12, 22-24.

A tristeza desoladora do protestantismo consiste em desconhecerem a grandiosa realidade da presença de “Jesus mediador do novo testamento”: no meio da Igreja visível, que assim cumpre a sua promessa: “Eu estarei convosco até à consumação dos séculos”. É a verdade que Pio XII tão preclaramente expôs nas suas Encíclicas *Mystici Corporis* e *Mediator Dei*.

Salientemos apenas o que êle diz respeito à liturgia: “... em todo ato litúrgico está presente, juntamente com a Igreja, o seu divino Fundador; está presente Cristo no augusto Sacrifício do altar, não só na pessoa do seu ministro, mas sobretudo debaixo das espécies eucarísticas; está presente nos Sacramentos pela virtude que lhes confere para que sejam meios eficazes de santidade; está presente, enfim, nos louvores e suplicações feitas a Deus, conforme aquilo: “Onde estão dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou lá no meio dêles” (Mt 18, 20).

Por essa presença de Cristo na Igreja se entende o alcance da exortação Hêbr 13, 15. 16: “*Por Êle ofereçamos a Deus sem cessar sacrificios de louvor*, isto é, o fruto dos lábios que confessam o seu nome. E não vos esqueçais de fazer o bem e de repartir com os outros, *porque de tais sacrificios é que Deus se agrada*”.

O Sumo Sacerdote do templo celeste oferece a Deus todos os santificados pelo seu Sangue e tôda a Comunhão dos Santos se oferece *por Êle*. Os santos que já seguiram o precursor através do véu podem associar-se ao celeste Pontífice face a face. Para os que ainda estão em peregrinação

EPÍSTOLAS PAULINAS

Ele assume uma visibilidade emprestada pelos seus ministros e as espécies eucarísticas. Mas é um só sacrifício na terra e no céu de toda Comunhão dos santos intimamente unida a Cristo Jesus.

São êstes os elementos da definição na *Mediator Dei*: “O Sacrifício da nova lei significa aquêlê obséquo supremo com que o próprio principal ofertante e com Ele e por Ele todos os seus membros místicos honram devidamente a Deus.

O *Cânion* da S. Missa depois da Consagração menciona um intercâmbio entre o céu e a terra: “Humildemente vos rogamos, ó Deus todo-poderoso, ordeneis que estas ofertas sejam transferidas pelas mãos de vosso santo anjo para o vosso altar celestial na presença de vosa divina majestade para que todos os que participamos dêste altar e vamos receber o sacrossanto Corpo e Sangue de vosso Filho, *sejamos repletos de tôdas as bênçãos e graças do céu*. Pelo mesmo Jesus Cristo Nosso Senhor. Amen”. Uma vez que o divino Salvador escolheu este “caminho novo e vivo”, através de símbolos da fé que contém a realidade invisível, os protestantes devem saber que a apostasia da Igreja visível é apostasia do próprio Cristo.

5) *Só terá direito à herança quem durante a provação terrestre perseverar até o fim em Cristo Jesus na fé, esperança e caridade.*

“Deixemos todo o embaraço e o pecado que nos rodeia e corramos com paciência a carreira que nos está proposta, pondo os olhos em Jesus, autor e consumidor da fé, o qual encarando o gôzo que lhe estava preparado, suportou a Cruz, desprezando a ignomínia e está assentado à direita do trono de Deus”.

EPÍSTOLAS PAULINAS

Estamos num tempo de provação, rodeados de tentações para o pecado, em que devemos decidir a sorte eterna. A comparação com o esporte é uma formulação paulina que ilustra a necessidade de perseverança até o fim (1 Cor 9, 24-27; Flp 3, 13. 14; 1 Tim 6, 12; 2 Tim 4, 7). Jesus nos deu o exemplo. Ele foi colocado num tempo de provação para tomar a grande decisão da humanidade, “tentado em tôdas as coisas à nossa semelhança, exceto o pecado” (4, 15). Para nos abrir “o caminho novo e vivo” da graça, Deus lhe propôs a cruz e o opróbrio, propondo como prêmio o gôzo eterno.

Quem quer seguir “o precursor”, também deve participar de sua Paixão e perseverar no sofrimento como Jesus.

Todos os homens têm de tomar esta grave decisão: De um lado a Cruz e o gôzo eterno, de outro o gôzo passageiro e a perdição eterna. Para isso o mais necessário é a fé, “o fundamento firme das coisas esperadas e a convicção das coisas que não se vêem” (11, 1). Quem haveria de escolher a Cruz e o opróbrio, se não tivesse a fé absolutamente firme nas promessas de Cristo? Os santos do A. T. foram exemplos da fé. Moisés preferiu ser afligido com o povo de Deus a gozar por algum tempo do pecado, tendo por maiores riquezas o opróbrio de Cristo do que os tesouros dos egípcios” (11, 26). Jesus é “o autor e consumador da fé” não só quanto ao objeto, porque Ele adquiriu o direito da promessa e tem o poder de o comunicar a quem perseverar com Ele, mas outrossim quanto à força interior, porque Ele outorga “o dom celeste” da fé como graça e o levará à consumação da glória.

O grande escopo da epístola é levar os hebreus a que façam a escolha da fé por meio entre as falsas promessas

EPÍSTOLAS PAULINAS

do mundo dos sentidos e as promessas invisíveis, mas absolutamente certas de Cristo. Como é insistente a exortação do último capítulo: "Saíamos pois a êle fora do acampamento, levando o opróbrio. Pois não temos aqui cidade permanente, mas vamos buscar a futura" (13, 13. 14).

Duas vêzes (6, 9. 10 e 10, 19-25) aparece ao lado da *fé* a *esperança* e a *caridade* no sentido de amor de Deus e do próximo. É êste o caminho novo e vivo que Cristo inaugurou através do véu (10, 19 s.). Ai do apóstata, porque êle fecha para si êste único caminho de salvação, abandonando a congregação dos irmãos (10, 29) e separando-se de Cristo e de sua Cruz. O perigo da apostasia é a grande ameaça que põe em jôgo a herança do novo e eterno testamento. Por isso as advertências são muito severas. Algumas expressões até parecem negar a possibilidade de penitência. Assim os Novacianos e Montanistas interpretaram 6, 4-8; 10, 26-29 e 12, 17. Êste equívoco de outra heresia causou nos primeiros séculos na Igreja ocidental uma certa resistência contra a canonicidade da nossa epístola.

As expressões são mesmo de grande rigor, 6, 4-8: "Porque é impossível que os que já uma vez foram iluminados e provaram o dom celestial, tornando-se participantes do Espírito Santo e saborearam a boa palavra de Deus e as fôrças do século futuro e depois recaíram (é impossível, digo) *renová-los para o arrependimento*, porque por sua vez crucificaram de novo o Filho de Deus e o expõem ao ludíbrio. Porque a terra que embebe a chuva que muitas vêzes cai sobre ela e produz erva proveitosa para aquêles por quem é lavrada, recebe de Deus a bênção. Mas a que produz espinhos e abrolhos, é reprovada e perto está da maldição e o seu fim é ser queimada".

Apostatar depois de ter tido o pleno conhecimento da verdade cristã e ter desfrutado a riqueza da graça divina é cometer o pecado da resistência ao Espírito Santo. O homem então cairá *na obstinação* e dificilmente poderá ser renovado “para o arrependimento”. As bênçãos divinas em lugar de produzir frutos de santidade para o céu, pela má vontade humana darão maldição para o fogo. Também Nosso Senhor diz: “Quem não crer, será condenado” (Mc 16, 16). Quem rejeita conscientemente a fé em Jesus Cristo, corta para si tôda a possibilidade de salvação — e êle não será perdoado, não porque Deus não queira, mas porque êle mesmo não quer.

É mais explícito ainda o texto de 10, 26-29: “Pois se pecarmos voluntariamente depois de têrmos alcançado o conhecimento da verdade, já não resta outro sacrifício pelos pecados, mas uma terrível expectação de juízo e o ardor do fogo que há de devorar os adversários. Se alguém rejeita a lei de Moisés, pelo testemunho de dois ou três é morto sem misericórdia; pois quanto maior castigo julgais que merecerá aquêle que pisar aos pés o Filho de Deus e tiver por profano o sangue do testamento com que foi santificado e fizer ultraje ao Espírito da graça?” O apóstata despreza precisamente a fonte de todo o perdão: a Redenção de Cristo. Também aqui é êle mesmo que se condena por se apartar da única esperança de salvação.

O texto mais severo, entretanto, parece 12, 17, onde *o próprio arrependimento é repudiado*. Alega-se o exemplo de Esaú que “vendera os seus direitos de primogenitura” e “depois, quando desejava alcançar a bênção, foi rejeitado porque *não achou lugar de arrependimento, conquanto o solicitasse com lágrimas*”.

EPÍSTOLAS PAULINAS

A bênção messiânica a que temos direito pela primogenitura da filiação divina é o céu. Quem vender êste direito por vantagens fúteis dêste mundo, será excluído. E haverá *um momento em que o arrependimento virá tarde* como o foi para Esaú. É quando se tratar de receber “a bênção messiânica” depois da morte. Também na parábola das 10 virgens, as 5 loucas diante da porta ouviram de dentro a resposta implacável do Senhor: “Na verdade vos digo: não vos conheço”. *É tarde, depois que terminou o tempo de provação, o prazo da misericórdia divina.*

É o *hoje efêmero* de que fala o 3.º capítulo, onde se comenta o Sl 94, 8: “Hoje, ao ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações”. O castigo dos israelitas rebeldes no deserto é uma séria advertência contra a obstinação na incredulidade (3, 12):

“Vêde, irmãos, que não se ache em nenhum de vós *um coração mau e incrédulo* e que abandone ao Deus vivo. Antes, exortai-vos uns aos outros, cada dia, enquanto subsistir o “hoje” para que nenhum de vós *se endureça* pela falácia do pecado, porque só temos parte em Cristo com a condição que guardemos inabalável até o fim a confiança primitiva” 3, 18: “A quem êle jurou que não entrariam no seu repouso, senão àqueles que se tornaram *incrédulos?* Verificamos, pois, que foi *por causa da sua incredulidade que não puderam entrar*” 4, 11: “Esforcemo-nos, pois, por entrar nesse repouso para que ninguém caia à semelhança *daquela incredulidade*”.

Aqui se mostra a perspectiva completa da finalidade da epístola: *negativamente* que pela apostasia não caíam na *obstinação da incredulidade* e *positivamente* que *perseverem*

EPISTOLAS PAULINAS

na fé até o fim no tempo da provação para ter direito ao repouso da herança eterna.

III. *O testamento transitório é uma sombra e figura do testamento eterno.*

Escreve Pio XII na *Divino afflante Spiritu*: “Tudo o que foi dito e feito no Antigo Testamento, foi por Deus sapientíssimamente ordenado e disposto de modo que *as coisas passadas prefigurassem espiritualmente as futuras* que deviam realizar-se no Novo Testamento da graça”. “*Este sentido espiritual só Deus o pode conhecer e revelar*”. E depois repete: “Este sentido espiritual por Deus pretendido e ordenado, descubram-no e exponham-no os exegetas católicos com a diligência que requer a dignidade da divina palavra”.

A epístola aos hebreus entre os livros do N. T., possui talvez a doutrina mais desenvolvida sobre a tipologia do A. T.. É nisto que está a sua maior importância teológica, tratando-se aqui de *uma revelação divina* do sentido de “coisas passadas” que “prefiguraram espiritualmente as futuras”. Destaquemos os pontos principais desta doutrina:

1) *Confronto geral:*

a) Ambos os testamentos são de origem divina. O primeiro Deus revelou pelos profetas (1, 1), pelos anjos (2, 2), por Moisés, o servo fiel da casa de Deus (3, 3-6); o segundo testamento nos veio pelo Filho, o resplendor da glória divina e a *expressa imagem* (charakter) *da sua substância* (1, 3). Cristo foi a irradiação da própria realidade divina de que todo o terrestre é apenas uma sombra apagada.

EPÍSTOLAS PAULINAS

A aparição do eterno trouxe a divisão dos tempos. Com Êle já começou o mundo novo do além (6, 5).

b) “A lei, tendo a *sombra* dos bens futuros, não a *imagem exata* (eikōn) das coisas, nunca pode aperfeiçoar os que a ela se chegam, pelas vítimas que se oferecem incessantemente cada ano”. (10, 1). Cristo como Deus é o protótipo de tôdas as coisas (Cfr. 2 Cor 4, 4; Col 1, 15). Êle possui o *poder de santificação*, enquanto as sombras da antiga lei não o continham, mas só a prefiguravam, e apenas davam a promessa, cujo cumprimento se daria depois de consumada a Redenção. Os sacramentos da nova lei são eficazes, porque contêm o que representam. Cristo nêles é verdadeiramente ativo.

c) O precedente mandamento é, na verdade, *abrogado* pela sua fraqueza e inutilidade; pois a lei não levou nenhuma coisa à perfeição, mas foi *introdutora de melhor esperança* pela qual chegamos a Deus” (7, 18. 19; cfr. 8, 6-12).

As promessas do Antigo Testamento eram terrestres e temporais e do novo são celestes e eternas. A terra prometida, o templo, as instituições do sacerdócio e do reino davídico apenas prefiguraram a herança eterna, a liturgia celeste e o reino sacerdotal do Cristo glorioso. A ordem levítica foi carnal e transitória, porque se baseava na descendência da tribo. A ordem nova é espiritual e permanente, porque a vida de Cristo ressuscitado é “insolúvel” (Cfr. 7, 11-25).

2) *Figuras de Cristo.*

a) As três figuras mencionadas no *Cânion* da Missa “o *justo Abel*”, “o *sacrifício de Abraão*” e “o sumo sacerdote *Melquisedec*” como tipos dos três mistérios mencionados na parte anterior: “da bem-aventurada *Paixão* do mesmo Cristo

vosso Filho e Senhor nosso”, de sua *Ressurreição*, saindo vitorioso do sepulcro e de sua gloriosa *ascensão* aos céus” — são tiradas da Ep. aos hebreus: 12, 24: “*aspersão do sangue que fala melhor do que o de Abel*” e cfr. 11, 4 Abel, que alcançou testemunho de que era *justo*, dando Deus testemunho a seus dons e por *êle ainda fala depois de morto*.

11, 17: “Pela fé *Abraão ofereceu Isaac*, quando foi provado, sim, ia oferecendo o seu filho unigênito, aquêlê que havia recebido as promessas, a quem se havia dito: “Em Isaac será chamada a tua descendência”, crendo que Deus até podia *ressuscitá-lo dentre os mortos* e assim também *o recobrou em figura*”.

5, 10-6, 20 e 7, 1-22: onde o Cristo glorioso é apresentado como Sacerdote eterno segundo a *ordem* de *Melquisedec*, *baseando-se* no Sl 109, 4.

b) O Sumo Sacerdote aaronítico é figura do Mediador do Novo Testamento na sua vocação divina (5, 1-4), no rito da festa da expiação (9, 11-14) e nas diversas purificações pelo sangue (9, 22-24) representando as três fases da Redenção que já expusemos antes.

c) Moisés que exerceu o sacerdócio no primeiro testamento igualmente é tipo do mediador do Novo Testamento (9, 18, 19).

d) Os próprios sacrifícios cruentos prefiguram a morte Redentora de Jesus (10, 1). Esta tipologia não é tão acentuada como nos escritos de S. João, onde “o Cordeiro de Deus” obteve uma posição central. Em 13, 11-13 só se menciona que os corpos animais, cujo sangue era levado pelo pontífice ao santuário, eram queimados fora do acampamento e que Jesus padeceu fora da porta.

EPÍSTOLAS PAULINAS.

3) *Figuras do reino messiânico.*

a) A peregrinação do povo de Deus no deserto antes de entrarem na terra da herança representa o tempo de provação, o “hoje” da vida terrestre (3, 7-4, 7).

b) O repouso do sábadado significa o eterno repouso do céu (4, 8-11).

c) O tabernáculo terrestre foi feito segundo o modelo no céu (8, 5, cfr. 9, 11 e At 7, 44).

d) O véu do Santíssimo do Santuário significava que o céu no A. T., ainda estava fechado (9, 8).

e) O monte de Sião, a Jerusalém terrestre é tipo da Jerusalém celeste i. é. da Igreja militante e triunfante (12, 22-24).

A epístola aos hebreus está muito longe da pretensão de dar uma doutrina completa sobre a tipologia do A. T. Pois o autor apenas quis apresentar “uma palavra de exortação” em que “*escreveu abreviadamente*”. Ele nem aproveitou, a tipologia do rei Davi nem do Cordeiro, apesar de terem sido muito aproveitáveis dentro do pensamento desenvolvido.

Tanto menos deverá estranhar, quando se restringiu ao aspecto da argumentação e da finalidade. Não o interessava p. ex. a tipologia da oferta de pão e vinho em Melquisedec, ao apresentá-lo como figura do Rei-Sacerdote à direita da Majestade nas alturas. Contudo a epístola aos hebreus nos abriu uma perspectiva muito importante para a compreensão mais profunda da Escritura segundo o princípio: “*Vetus testamentum in novo partet et novum in vetere latet*”.

**INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS
CATÓLICAS**

INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS CATÓLICAS

EPÍSTOLA DE SÃO TIAGO

EPÍSTOLAS DE SÃO PEDRO

EPÍSTOLAS DE SÃO JOÃO

EPÍSTOLA DE SÃO JUDAS

INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS CATÓLICAS

Relegadas para o fim da Bíblia, estas sete epístolas não têm sido bem conhecidas e estudadas pelos cristãos. Isto, talvez, por aparecerem elas como um apêndice às epístolas paulinas e, como muito bem notou CHARUE, “o merecido sucesso das epístolas de São Paulo desviam facilmente a atenção de outras 7 epístolas que também compõem o cânon do N. T.. A vizinhança de uma obra prima é muitas vezes causa de menor aprêço, e os livros santos não escapam a esta fatalidade da concorrência” (1).

Mas por outro lado não devemos exagerar tal descuido, pois contamos no campo católico, alguns excelentes comentários (2) e outros estudos (3).

(1) A. Charue, *Les Épitres Catholiques*, em *La Sainte Bible*, Paris, 1951, pag. 375.

(2) Como por ex. os de Chainé, U. Holzmeister, J. Bonsirven, Charue, P. De Ambroggi, etc. publicados todos nestes últimos 25 anos.

(3) Monografias, art. em revistas, e em especial citaremos os art. do *Dictionnaire de la Bible, Supplément*; e do *Dictionnaire de Theol. Cathol.*

EPÍSTOLAS CATÓLICAS

Contêm êstes escritos não só tesouros de doutrina, mas também ensinamentos práticos, e, o que nos é mais interessante, ensinamentos de perfeita atualidade, não só porque contemplam seus autores o homem objetivamente e têm, portanto, um interesse perene, mas também porque muitas das circunstâncias daquela época se reproduziram hoje como, por ex., dificuldades de ordem moral e social, principalmente uma tensão, tão prejudicial para a fé, entre pobres e ricos.

O nome de “epístolas católicas” foi aplicado a estas 7 cartas não tanto pelo fato de serem canônicas, pois foi também aplicado a cartas não inspiradas (4), nem tão pouco para distingui-las das epístolas paulinas (5), mas principalmente por seu caráter universal, quer pelo fato de terem sido dirigidas a várias comunidades (universalidade relativa), quer por serem lidas em tôdas as igrejas, mesmo sem a noção de inspiração e canonicidade, sômente pela doutrina, como sabemos ter acontecido a outros escritos da época, v. g. a 1.^a epístola de S. Clemente Romano (6).

Tinha, portanto, o nome “epístola católica” o valor de “encíclica” ou carta “circular”. Esta noção de universalidade, pelo menos relativa, nada perde pelo fato de serem a 2.^a e 3.^a Jo cartas quase que particulares, e estarem incluídas nesta coleção, pois se compreende perfeitamente que êstes dois curtos escritos acompanhassem a 1.^a Jo como simples apêndices por ser esta muito mais importante (cf. Flm).

Lemos êste nome pela 1.^a vez, com certeza, em Orígenes, que com êle designa a 1 Pdr, 1 Jo e Jud.

(4) Além disso 5 delas estão precisamente entre os chamados “deuterocanônicos”.

(5) Segundo as hipóteses de Hug. Schleiermacher, etc.

(6) Hoepfl — Metzinger, *Introductio Specialis in N. T.*, Roma, 1949, pág. 465 s.

Destas 7 cartas a 1.ª Jo e a 1.ª Pdr foram sempre recebidas por todos como inspiradas, as outras, porém, sem a mesma unanimidade, segundo o testemunho de Eusébio que, já antes do ano 312, escrevia em sua História Eclesiástica (III, 25): “Entre os livros sagrados *discutidos, mas recebidos pela maioria* (tôn antilegoménon, gñorímon dè tois pllois) estão as epístolas chamadas de Tiago, Judas, 2.ª Pdr, 2, e 3.ª Jo, . . .” (7). Em todo o caso é certo que desde, pelo menos, fins do século 4.º (cf. Concílios Africanos de 393-419, Inocêncio I, em 405 Agost., Rufino, etc.) já eram recebidas por toda a Igreja.

Sòmente no séc. 16 é que Lutero negou a autenticidade da Epíst. de S. Tiago, por estar ela claramente contra suas doutrinas e, em seguida, outros inovadores negaram também as outras. Hoje em dia poucos acatólicos admitem a autenticidade destas cartas. Os católicos, porém, continuam firmes na antiga tradição, de acôrdo com o decreto do Concílio Tridentino, sôbre o cânon das Sagradas Escrituras. (8).

EPÍSTOLA DE S. TIAGO

Devemos ou não admitir como soam as palavras da inscrição: (1). “Tiago, servo de Deus e (do). Senhor Jesus

(7) Apud S. Rosadini, *Institutiones Introductoriae in Libros N. T.*, Roma, 1931. vol. III, pág. 7.

(8) Denzinger, *Enchiridion Symbolorum*... n.º 783 s. Sessão IV de 8 de abril de 1546.

(1) Por *inscrição* entende-se o cabeçário de uma epístola que geralmente constava do nome do mitente e do destinatário juntamente com as saudações.

Cristo, às doze tribos. . .” (Tg 1, 1)? Se admitirmos Tiago como autor, quem era êste Tiago? O apóstolo, ou algum outro Tiago?

Para responder satisfatòriamente deveremos primeiro examinar as características doutrinais desta carta e suas fontes, as características literárias e os destinatários, a fim de têrmos maior segurança e mesmo mais facilidade na investigação sôbre o autor.

Como CARACTERÍSTICA DOUTRINAL mais importante temos o estádio arcaico na exposição da doutrina, não que o autor tivesse em mira uma sistematização doutrinal, pois olha êle principalmente para a vida prática. Por estádio arcaico entendemos tão só as alusões à exposição doutrinal suposta como já conhecida pelos destinatários.

A separação da sinagoga não se fêz num instante. Os Atos nos mostram os apóstolos freqüentando as sinagogas judaicas, ali pregando e discutindo. Em poucas palavras traçou Charue um belo apanhado desta situação: “As duas economias do judaísmo e do cristianismo não estão ainda claramente dissociadas e a novidade evangélica se exprime sempre, em grande parte, na linguagem tradicional da antiga Bíblia. A fé monoteista é proposta como incluindo virtualmente tôda a verdade religiosa (2, 19). A Lei, especialmente o Decálogo, é sempre a carta fundamental da religião, embora sua interpretação pertença soberanamente ao Evangelho (2, 8). Não sòmente a reflexão teológica continua largamente tributária das lições do A. T. (2, 20-22; 4, 5), mas parece pouco habituada a explorar as recordações evangélicas: veja-se o caso típico da exortação à paciência (5, 10-11). A assembléia do culto é chamada a sinagoga (2, 2): sem dúvida, *synagógé* pode designar uma reunião espe-

cificamente cristã, mas sabe-se que tal aplicação não se encontra em outra parte do N. T.. O horizonte do autor não parece conhecer outras cristandades, mesmo fora da Palestina, a não ser as dos convertidos da Diáspora judaica: parecia que toda a Igreja vinha do judaísmo ou, pelo menos, a imensa maioria dos fiéis. Com a carta de S. Tiago estamos sensivelmente no momento doutrinal que caracteriza o mais antigo fundo da tradição sinótica, especialmente o Discurso da montanha". (2).

Três FONTES podem entrar em jôgo na composição desta epístola:

1) Fontes judaicas: O A. T., como era natural, serviu de base: assim por ex. o monoteísmo continua o artigo de fé fundamental (2, 19). Vêm em seguida todos os atributos de Deus que é: o *Senhor* (passim), *Pai* (1, 27), *Pai das luzes* (1, 17), *criador* (3, 9) *misericordioso* (5, 10-11), *fonte da sabedoria* (3, 15-17), *único legislador e juiz* (4, 11 ss), etc. Alguma cousa ainda se pode encontrar de comum com outros escritores judaicos, porém, se recordarmos que todos os judeus piedosos conheciam as tradições judaicas, como aliás o próprio desta carta supõe nos destinatários, ficará logo excluída a necessidade de dependência de escritores contemporâneos. Notemos, outrossim, que o fundo de tradições judaicas não permanece tal qual, mas um "espírito novo" o modifica e aquelas tendências ritualistas e nacionalistas desaparecem.

2) Fontes cristãs: melhor as chamaremos características ou notas cristãs. Algumas são exclusivamente cristãs

(2) A. Charue, Les Épitres Catholiques, em La Sainte Bible, Paris, 1951, pág. 382 s.

como: “servo de Deus e (do) Senhor Jesus Cristo” (1, 1), “a fé do glorioso Senhor nosso J. C.” (2, 1), “a *parusia* do Senhor” (5, 7), ao passo que outras são apenas soluções cristãs de problemas já percebidos pelo mundo judaico e também pagão, v. g. o juramento freqüente, também aos olhos dos rabinos, parecia um mal, mas só o cristianismo é que veio substituí-lo pela simples afirmação ou negação (5, 12; cf. Mt 5, 34-37); a visita aos enfermos era recomendada pelos rabinos, mas a “oração sôbre êles” e a unção é coisa nova (5, 13 ss).

Se compararmos algumas expressões de Tg com os Ev., como por ex. Tg 1, 22 com Mt 7, 21. 24 e Lc 6, 46 s.; Tg 3, 12 com Mt 7, 16 s; Tg 4, 4 com Mt 6, 24; Tg 4, 13-16 com Lc 12, 16-21; poderemos ver que os textos evangélicos são quase todos do sermão da montanha, porém ainda na fase da tradição oral, antes da redação dos Ev.

3) Fontes *helenísticas*: uma vez que muitos comentários modernos estão procurando aproximar textos de Tg a escritores pagãos como Pitágoras, Sêneca, Epiteto, etc., será oportuno vermos o que há realmente a êsse respeito. Eis o testemunho de J. Bonsirven: “Uma leitura paralela de Tg e Epiteto nos convenceu definitivamente do abismo que os separa, tanto no que se refere ao pensamento quanto à expressão” (3). A imagem “a roda do nascimento” (tradução literal de *o trochós te genéseos*) para dizer *o ciclo de nossa existência* (3, 6) estava muito difundida no mundo helenístico, segundo averiguações de G. Kittel. Semelhantemente,

(3) J. Bonsirven, Dictionnaire de la Bible, Supplement, Paris, 1948, col. 789.

EPÍSTOLAS CATÓLICAS

muitas outras poderiam ser usadas por qualquer homem de cultura média sem que por isto estivesse filiado a qualquer escola filosófica, como hoje em dia tantos pagãos de nossa sociedade cristã usam imagens, comparações e expressões cristãs sem que por isto sejam cristãos. Estas imagens usadas pelos escritores helenísticos faziam parte da atmosfera geral da época, nada mais. Usou Tiago estas expressões como usou o vocabulário grego, simplesmente porque eram um veículo adequado a seu pensamento cristão. Mais tarde, apologetas e pensadores cristãos se utilizariam das especulações dos filósofos pagãos; S. Tiago ainda não se preocupava com isto pois precisava, primeiro, confirmar na fé os fiéis recém-convertidos e corrigir abusos aparecidos entre êles.

O autor dêste escrito manifesta-se profundo conhecedor do judaísmo tanto bíblico como extra-bíblico e da linguagem pagã helenística e é para melhor se fazer entender que usará exemplos, comparações, e expressões correntes, pois deseja simplesmente levar seus leitores avante no caminho da perfeição cristã.

Quanto às CARACTERÍSTICAS LITERÁRIAS é opinião geral entre os filólogos que esta carta está redigida em melhor grego que os outros escritos do N. T.. Mas se, de fato, o autor mostra grande familiaridade com a língua grega, não é menos verdade que deixou indeléveis sinais de sua mentalidade semita. Ao lado da precisão de vocabulário, do uso de termos que se não encontram alhures (4), de expressões felizes, de freqüentes jogos de palavras, encontramos autênticos semitismos para provar a mente judaica do autor, como por

(4) Foram contados 68 *hapax-legômena* em seus 108 versos!

exemplo neologismos feitos sôbre o aramaico: “homem de dupla alma” (anèr dípsychos, 1, 8) para significar aquêlê que tem o ânimo oscilante (cf. também 2, 1. 9; 5, 11), a inclusão estrófica (1, 12), o uso de citações compostas (4. 5), etc.

Não seria impossível a um autêntico semita adquirir profundo conhecimento do grego, mas não temos necessidade de recorrer a tal hipótese, uma vez que poderia o autor ter-se servido de um secretário helenístico. Esta é a hipótese geralmente admitida hoje, que, de resto, muito melhor explica a pureza de linguagem aliada aos semitismos do que a sujeição de alguns para uma possível tradução de problemático original aramaico. O servilismo das traduções da época não permitiria o freqüente jôgo de palavras, rimas e muito menos o uso dos diversos elementos da *diatribé* grega: apóstrofes mais ou menos veementes dirigidas aos leitores, diálogos, personificações, etc. (5).

Por sua finalidade moralística podemos classificá-la no mesmo gênero parenético dos livros sapienciais do A. T. se bem que dêles se afaste pela forma, que mais se aproxima da dos moralistas gregos.

Falando sôbre as características literárias não podemos silenciar a conhecida observação de que Tg é o escrito mais poético do N. T.: ao lado das velhas imagens bíblicas ali encontramos “comparações espontâneas, associações ou antíteses sugestivas, sobretudo estas parábolas elegantes (2, 2-4. 15-16; 4, 7) discretas como esboços, mas que recordam o

(5) Cf. J. Bonsirven, o. c. col. 790.

gênero do Salvador” (6). Se lembrarmos que também o escrito de outro primo do Senhor, Judas Tadeu, é igualmente colorido, vem-nos à mente a idéia de que a veia poética do longínquo antepassado, Davi, continuava viva em seus descendentes, pois, como veremos em seguida, o autor desta carta não é outro senão Tiago Menor, “irmão” (= primo) do Senhor.

Concluindo diremos com Charue que “o pensamento judaico está expresso num grego correto, mas com um torneio que permaneceu judaico” (7).

DESTINATÁRIOS: A inscrição da carta: “às doze tribos da dispersão”, não é suficiente para no-las revelar pois esta expressão, naquela época, só podia significar o Israel ideal, que, segundo a feliz expressão de S. Paulo, podemos também nós chamar o “Israel de Deus” (Gal 6, 16), já agora constituído pelo povo cristão, legítimo sucessor dos filhos de Israel. Porém uma leitura da carta nos confirmará aquilo que à primeira vista nos parecia dizer a inscrição: São os destinatários realmente judeus convertidos e espalhados na diáspora. As freqüentes alusões ao A. T. e aos costumes judaicos sem o acréscimo de explicação alguma, nos indicam tratar-se de judeus; de que êstes judeus são cristãos podemos concluir de expressões espalhadas aqui e ali, assim por ex. de 1, 1, concluiremos que já crêem em Jesus Cristo, de 1, 18 que já receberam o batismo, etc. Os próprios defeitos combatidos nos indicam cristãos vindos antes do judaísmo que do paganismo, v. g. a hipocrisia (1, 22), a adulação dos ricos

(6) A. Charue, o. c. pág. 387.

(7) A. Charue, o. c. pág. 386.

EPÍSTOLAS CATÓLICAS

(2, 1 ss), a tendência a se erigir em mestres (2, 14), o egoísmo (4, 1-3), o desejo dos bens terrenos (4, 13 ss).

O fato de ter sido escrita em grego em nada obsta a que os destinatários sejam judeus da diáspora, pois adotaram sempre êstes emigrados a língua dos povos que os acolheram, mas exclui os judeus da Palestina, pois a êstes teria sido escrita em aramaico.

Seriam por acaso os vícios criticados mero artifício literário de que se servia o autor para instruir os fiéis? Pelo menos poderíamos fazer um conceito melhor dos primeiros cristãos... Se bem que possível nada nos leva a crê-lo, antes pelo contrário, certas particularidades nos inclinam a admitir casos reais e bem concretos. Nem o encontrar tais vícios entre êles nos deve espantar, pois sabemos que a conversão e o batismo não suprimem a luta contínua contra as paixões (Tg 2, 1) e o “homem velho”. Também S. Paulo precisou repreender entre os coríntios e gálatas alguns cristãos convertidos do paganismo.

Notemos que as provações a que se refere o autor não implicam perseguições, mas são as tribulações comuns a todos os homens e, naquela ocasião, as dificuldades de ordem social: desprezo pelos pobres com acepção de pessoas e opressão por parte dos ricos, ambição e inveja por parte dos pobres; em ambos a sêde dos prazeres. A divina providência nos conservou estas indicações para que víssemos como os primeiros cristãos eram feitos do mesmo barro que nós. Apesar de viverem numa sociedade corrompida, e, o que é pior, tendo a seu lado “irmãos” que, não conseguindo vencer suas paixões, cediam como os pagãos à concupiscência traindo o “belo nome” (2, 7) em que haviam sido batizados, apesar disso, muitos se santificaram e souberam encontrar

nas próprias dificuldades ocasião de praticar a virtude. Nem mesmo o procedimento escandaloso de nossos irmãos será desculpa para pecarmos.

AUTOR: A esta altura já encontramos elementos numerosos para determinarmos o autor; não todos, pois ainda restam mais alguns: a modesta inscrição “Tiago servo (= escravo) de Deus e (do) Senhor Jesus Cristo” já agora pode ser completada com outras notas. O autor nada diz a respeito de sua qualidade de apóstolo, temos, no entanto, uma indicação involuntária que supre este silêncio. Ao falar dos mestres (3, 1) usa a 1.^a pessoa do plural (cf. texto original grego) colocando-se assim nesta categoria (8). Como sua autoridade não era discutida não havia necessidade de outros títulos. Ora, um Tiago apóstolo e de tanta autoridade nos primeiros anos do cristianismo não pode ser outro senão o mesmo Tiago “irmão do Senhor” que S. Paulo indo a Jerusalém visitou (Gal 1, 19) e que considerava uma das colunas da Igreja (Gál 2, 9 ss).

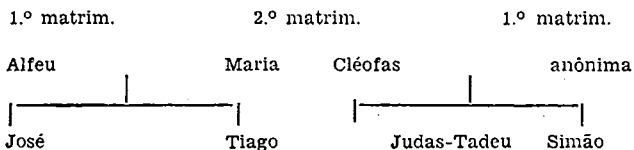
No Colégio Apostólico, segundo as listas que nos trazem os Ev. e At, havia dois Tiagos. Um, irmão de S. João e filho de Zebedeu, chamado o Maior, e o outro, irmão de José, filho de Alfeu (Mt 10, 13 e paral.). Mas em Mt 27, 56 e Jo 19, 25, sua mãe, Maria, aparece como mulher de Cléofas. Como se explica, pois, que Tiago seja filho de Alfeu e sua mãe seja mulher de Cléofas?

Deixando de lado as longas discussões, vejamos logo a solução mais provável (9): Maria, mãe de Tiago casou-se

(8) Cf. Aug. Merk, *Novum Testam. Graece et Latine apparatus critico instructum*, Roma, 1944, 5.^a.

(9) Cf. M.-J. Lagrange, *Évangile selon Saint Marc*, Paris, 1947, p. 88-91; e, mais resumidamente, Charue, o. c. p. 388; P. De Ambroggi, *Le Epistole Cattoliche*, em *La Sacra Bibbia*, Roma, 1949, 2.^a, p. 17 s.

em primeiras núpcias com Alfeu de quem teve Tiago e José que sempre aparecem juntos nas listas do N. T., como irmãos. Era ela prima de Maria, mãe de Jesus, de modo que seus dois filhos podiam ser chamados na linguagem bíblica “irmãos” de Jesus (Mc 6, 2-3). Diz-nos a tradição que Alfeu era levita e talvez mesmo da linhagem de Aarão e por conseguinte sacerdote (10). Tendo ficado viúva de Alfeu, casou-se Maria em segundas núpcias com Cléofas de estirpe davídica e que, também viúvo, já tinha dois filhos: Judas-Tadeu e Simão. De modo que os dois grupos de enteados passaram a ser considerados irmãos, e por isto lemos na epístola de Judas-Tadeu que êste se apresenta como “irmão de Tiago” (Jud v. 1). Um esquema nos elucidará melhor:



Tiago Maior, irmão de S. João, não poderia ter escrito esta carta uma vez que sofreu o martírio em 44 sob Agripa (At 12, 1 s), não foi bispo de Jerusalém, nem chegou a gozar a mesma influência que Tiago Menor e, muito menos, se poderia chamar parente de Jesus.

Completemos estas notícias recordando outras passagens do N. T. que nos mostram a posição especial de Tiago Menor: É êle quem toma a palavra logo após Pedro no Con-

(10) Cf. Hegesipo, apud Lagrange, Évang. selon S. Marc, p. 88 s.

cílio Apostólico (At 15, 6-21). É êle quem concorda com Pedro para declarar abrogados os preceitos legais (At 15, 13-19). Como bispo de Jerusalém recebe Paulo, que regressava da 3.^a viagem apostólica, e aparece cercado por “presbíteros” (At 21, 18). S. Paulo nos diz na 1 Cor 15, 17 que Tiago teve uma aparição especial de Jesus ressuscitado, e na epístola aos Gálatas (1, 17 ss) falando de sua visita ao primeiro Papa em Jerusalém, diz que dos outros apóstolos só viu a “Tiago, irmão do Senhor”; nesta mesma epístola (2, 9) apresenta três apóstolos “Tiago, Pedró e João que eram considerados as columnas (da Igreja)” (11). Outro episódio muito significativo sobre a influência de Tiago, nos conservou S. Paulo, pouco adiante (Gal 2, 11): Pedro que freqüentava os gentios em Antioquia, passou a dissimular quando ali chegaram enviados de Tiago. Tal oportunismo de Pedro foi logo combatido por Paulo, porque muitos passaram a “judaizar” (i. é. a viver segundo as prescrições da Lei judaica, já abrogada) inclusive o companheiro de Paulo, Barnabé. Tanta era pois a influência do bispo de Jerusalém que o 1.^o Papa só para o não melindrar, se esquivava do convívio com os gentios, sem perceber no entanto que com isto arrastava outros consigo, dando azo a confusões na Igreja nascente. Paulo, que percebeu, pela mudança do procedimento de seu companheiro Barnabé, o perigo para os gentios, chamou a atenção a Pedro com a franqueza que lhe aconselhava sua qualidade de irmão no apostolado.

(11) Muitos explicam por êste texto de S. Paulo a ordem das Epístolas Católicas na Vg que coloca a de Tg em 1.^o lugar, seguindo-se imediatamente, as duas de Pedro e, depois, as três de João. A de Judas foi acrescentada, naturalmente, depois das dos 3 apóstolos enumerados por S. Paulo.

Sempre que no N. T. há dois homônimos, os escritores sagrados acrescentam a seus nomes algum apelativo ou outra indicação que sirva para distingui-los entre si. No caso dos “muitos” Tiagos, após a narração da morte de Tiago Maior, nenhuma outra indicação se acrescenta ao nome de Tiago Menor que passa a ser designado simplesmente por Tiago. De onde devemos concluir a não existência de outro Tiago, pelo menos que pudesse ser confundido com o apóstolo.

A hipótese de ser esta epístola obra de um desconhecido que teria usado a pseudonímia para dar maior autoridade a seu escrito (12), baseia-se em argumentos subjetivos sem levar em conta que um falsário não teria omitido os maiores títulos de S. Tiago, como “apóstolo”, “irmão do Senhor”, “chefe da Igreja de Jerusalém”, “favorecido pelo Senhor por uma visão especial”, etc. Tal modestia só se compreende no próprio autor que, consciente de sua autoridade e percebendo a correspondência por parte dos fiéis, sabia que seu nome não precisava de outra recomendação.

A favor da autenticidade temos ainda antiquíssima tradição com o testemunho das primeiras versões do N. T., pois se encontra esta epístola nas antigas versões latinas (anteriores à Vg), na peshita (versão siríaca), na sahídica (Versão cóptica), e na etiópica; foi ela usada por Clemente Romano, pelo Pastor de Hermas, por Justino, Teófilo de Antioquia, etc. (13); e, finalmente, a definição da Igreja, única depositária e guarda da revelação (14).

(12) Bastante em voga naquela época, como consta dos numerosos livros apócrifos.

(13) Cf. Simon-Prado, *Praelectiones Biblicae*, N. T. II, Turim, 1948, 6.^a, p. 415 s.

(14) Antes mesmo do Conc. de Trento no séc. 16, já tínhamos a voz do magistério eclesiástico em Inocência I (405), os Concílios de Cartago (397) e Laodicéia (também no séc. IV), etc.

EPÍSTOLAS CATÓLICAS

Se Eusébio em sua Hist. Eclesiástica (3, 25) a coloca entre os “antilegômena” (= livros discutidos) é porque sua difusão na Igreja não se fêz com a mesma rapidez que os Ev. em razão do caráter dêste escrito. Tg era um escrito pare-nético destinado aos judeus convertidos, os Ev. a narração da vida de J. C. e resumo de sua doutrina, interessando portanto a todos, mesmo se originariamente escritos só para um grupo de comunidades cristãs.

DATA: Do exposto, i. é., que seu autor foi S. Tiago, segue-se que devemos colocar sua composição antes de 62, ano em que foi êle martirizado. Quando, porém, se busca determinar com mais precisão a data, surgem as divergências. Querem alguns colocá-la nos últimos anos do bispo de Jerusalém (15), outros com melhores argumentos fazem desta carta o mais antigo escrito do N. T., anterior a Mt (de 50 a 55) e às próprias controvérsias judaizantes (cêrca do ano 50); aliás já tivemos ocasião de observar a maneira arcaica de expor a doutrina. Notemos ainda que a saudação *chai-rein* (16) é anterior à adaptação cristã *châris* que se encontra nas outras epístolas (17).

OCASIÃO E FIM: Se devemos colocar a composição desta carta entre os anos 45 e 49, segue-se que a ocasião e o fim não foram nem a controvérsia judaizante nem um espírito de polêmica com Paulo. Além disto, como se compreenderiam as duras expressões de Tg contra o adversário se êste fôsse um colega de apostolado? Mas, em se tratando de

(15) Bonsirven, Chaine, Prat, Cornely-Merk, e outros.

(16) Cf. Também os At, no 1.º Concílio Apostólico.

(17) Charue, Les Epîtres Catholiques, em La Sainte Bible, Paris, 1951, pág. 385, nota 5.

(18) Cf. J. M. Vosté, Studia Paulina, Paris, 1941, p. 23.

EPÍSTOLAS CATÓLICAS

um pretenso mestre, então bem compreendemos e achamos justa a expressão “oh! homem estulto!” em 3, 20 (ὁ ἀν-
θρωπο κενέ, lit. kénos = vazio, i. é., de cérebro vazio).

As primeiras perseguições na Palestina provocaram o êxodo de muitos cristãos, e com isto a fundação de comunidades nas terras vizinhas (At 9, 1; 11, 19 ss etc.). Como era natural, mantinham tais comunidades estreitas relações com a Igreja de Jerusalém e recebiam de seu bispo instruções, conselhos, decisões, etc. Êste, por seu lado, procurava manter-se bem informado da vida de seus filhos espirituais. É assim que, tendo conhecimento das dificuldades tanto de ordem moral como social, S. Tiago vem-lhes ao encontro para, paternalmente, guiá-los.

Nessas comunidades, um grupo de relaxados pretendia, sob o pretexto da “lei da liberdade”, dispensar os cristãos de qualquer boa-obra (2, 14-19). Simultaneamente aparecera a questão social com uma verdadeira tensão entre ricos e pobres, tão contrária ao espírito cristão. Aquêles abusando de seu poder e oprimindo os pobres, (2, 6 s; 5, 1 ss), êstes cobizando as riquezas dos outros para praticar as mesmas faltas que censuravam nos opressores (4, 1 ss; 5, 9).

Em tais circunstâncias, a finalidade da epístola só podia ser uma: restabelecer o verdadeiro cristianismo, o que fêz S. Tiago combatendo enèrgicamente os vícios ainda não completamente extirpados.

RELAÇÕES ENTRE TIAGO E PAULO: S. Tiago não pôde depender de Paulo nem com êle polemizar por lhe ser anterior. Por seu lado, tão pouco Paulo tem em vista a carta de Tiago. A suposta polêmica entre os dois apóstolos só apareceu no séc. 16 quando, querendo alguns explicar Tg com

a mentalidade paulina, encontraram irremediável oposição entre ambos: enquanto Tg exige as obras para a salvação, Paulo as exclui por bastar a fé. Mas, se examinarmos cuidadosamente o que entendem os dois apóstolos por “obras”, veremos que a oposição cairá por terra. “Antes de compararmos dois autores é necessário estudá-los separadamente” (19), pois se eles se colocam em pontos de vista diversos, não poderemos dar o mesmo valor a expressões semelhantes.

Para Tg as “obras” necessárias para a salvação são o conjunto dos deveres dos cristãos e, em especial, a caridade cristã tanto para com Deus como para com o próximo. Escrevia para cristãos já de posse da fé, e queria restituir-lhes a pureza da doutrina evangélica contra os heresiarcas laxistas para os quais bastava a fé. As obras a que se refere são as que se fazem na graça de Deus e são *posteriores à justificação* obtida pelo batismo ou pela penitência.

Ao passo que para S. Paulo as “obras” não necessárias para a salvação são as da Lei mosaica que *precedem a justificação*. Daí a freqüente expressão de S. Paulo “fôstes salvos gratuitamente” (cf. v. g. Ef 2, 8 s e paral.). Enquanto S. Paulo adverte que a 1.^a justificação é inteiramente gratuita, S. Tiago se coloca sob o ponto de vista de quem já recebeu a *justificação gratuitamente* (Tg 2, 22), mas avisa que isto ainda não basta para a salvação final: entre a salvação gratuita e a salvação final devem vir as “obras”, i. é, os deveres do cristão entre os quais ocupa 1.^o lugar a caridade, seguindo-se-lhe a pureza, a humildade, a temperança, etc., aliás para Tg cada ato do indivíduo constitui um ato religioso, tudo

(19) A. Charue, Les Épitres Cathol., p. 384.

que um cristão faz, o deve fazer por “religião” ou “por espírito sobrenatural” segundo a terminologia atual.

Terminemos estas observações notando que não somente Tiago e Paulo *não se opõem*, mas, pelo contrário, concordam plenamente: para ambos a fé não é apenas o ato de assentimento da inteligência a uma verdade, mas é algo vivo que há de informar toda a vida do homem (cf. Ef 2, 8-10; Rom 3, 28-4, 25; Gal 5, 6 e Tg. 2, 14-26). Para ambos se as obras são necessárias para provar a realidade da fé, são por sua vez produto da fé (cf. Tg 2, 22; Rom 8, 28). Poderiam por acaso discrepar neste ponto, dois discípulos Daquele que disse: “todo o ramo, que não der fruto em mim éle (Deus) o cortará, e todo o que der fruto, poda-lo-á, para que produza mais fruto” (Jo 15, 2)?

DOCTRINA TEOLÓGICA: Quanto a *Deus* ensina Tg a unidade e onipotência com os demais atributos já encontrados no A. T., mas considerados sob a luz da nova revelação. De modo especial aparece Deus como *Pai* dos homens que são irmãos entre si e que, portanto, se devem amar mutuamente (20).

De *Jesus Cristo* em sua vida terrena não fala, mas supõe o conhecimento dos fiéis. Fala, porém, de Jesus o “Senhor” (Kyrios) em sua glória e no futuro juízo. Não fala da pessoa de Jesus, mas pelo fato de se ter apresentado como “servo de Deus e (do) Senhor Jesus Cristo” reveste-se de sua autoridade ao mesmo tempo que reproduz sua doutrina (21).

(20) Cf. o que dissemos sob o título: Fontes judaicas.

(21) P. De Ambroggi, *Le Epistole Cattoliche*, pág. 21.

Outros pontos tocados são a *fé* que deve ser viva, a *esperança* que deve ser firme (1, 6-8), a *caridade* (passim), a *confissão* dos pecados (5, 16), o *problema da dor* (1, 2. 5-8. 12), a *graça*, a *Igreja* e sua *hierarquia* (3, 1), etc.

Sobre a *Extrema-unção* (5, 1-16) devemos nos estender um pouco mais, visto estar aqui o único fundamento escriturístico para este sacramento.

Encontramos no Concílio de Trento (22) a interpretação autêntica destes versículos. Se percorrermos atentamente as palavras do apóstolo, nelas encontraremos todos os elementos necessários a um sacramento. Vejamo-las: “Está alguém dentre vós enfermo?” já aqui temos o *sujeito* do sacramento, i. é., todo cristão (“dentre vós”) que esteja com enfermidade grave, pois o verbo *asthenein* se usa para doenças graves (cf. Jo 4, 16; 11, 1-6; At.9, 37), “chame a si os presbíteros da Igreja que rezarão sobre ele ungindo-o com óleo no nome do Senhor”, supõe portanto Tg que o enfermo tenha consciência do que está fazendo, uma vez que deve ele mesmo mandar chamar os sacerdotes. Estes já sabem o que devem fazer, pois S. Tiago não dá outra indicação, de onde devemos concluir que se tratava de um rito comum, conhecido por todos. Não ordena, mas apenas aconselha. E assim, bem pôde dizer o Conc. Tridentino que este sacramento foi instituído por Cristo, porém “recomendado e promulgado” por S. Tiago. No óleo encontramos a *matéria* remota e na unção a matéria próxima. A *forma* são as orações do *ministro* sô-

(22) H. Denzinger, *Enchiridion Symbolorum...*, n.º 907 ss; pode-se também cf. com grande utilidade o art. de Adh. d'Alès, *Estrême-onction*, em B. D. S.

bre o enférmio, são êles “os presbíteros da Igreja” i. é. os sacerdotes, pois o uso do artigo repetido nos indica tratar-se “dos presbíteros” bem determinados “da Igreja” também bem determinada (*toûs presbytêrous tes ekklesiás*) (23). É o sacramento administrado “no nome do Senhor”, como o batismo, i. é., *instituído por Jesus* e a seu mandato. No v. 15 encontramos o *efeito* do sacramento: “e a oração da fé”, i. é., a oração litúrgica, “salvará o enférmio e o Senhor o levantará”; trata-se em 1.º lugar da salvação espiritual, como indica o verbo *sósei* em oposição a *iathete* que usa S. Tiago para indicar a cura do corpo no v. seguinte. As outras 4 vezes em que aparece êste verbo na epístola tem êle sempre o sentido de salvação espiritual (cf. 1, 21; 2, 14; 4, 12; 5, 20) que, no caso dêste sacramento implica uma assistência divina ao enférmio com um confôrto para suas penas, quer morais quer também físicas. Como Deus é Senhor tanto da alma como do corpo, poderá, se achar oportuno, dar também a saúde a êste como efeito secundário “e o Senhor o levantará” (24). A íntima união do corpo e da alma faz com que as boas disposições físicas facilitem as atividades espirituais e assim um pouco mais de saúde poderá dispor a alma para receber a graça divina. O outro efeito secundário que acrescenta Tg “e se tiver cometido pecados, lhe será (isto) perdoado” é porque não bastam as boas disposições físicas. Apresenta-o sob forma condicional, porquanto o sacramento

(23) Cf. Denzinger, o. c. n.º 910 e 929.

(24) O verbo *egerei* (=levantará) era usado para indicar 1.º o fazer despertar alguém do sono, depois, o fazer alguém se levantar por estar sentado, de joelhos ou deitado, inclusive por lhe restituir a saúde. Nas três ressurreições operadas por Jesus o verbo empregado foi êste. Cf. F. Zorell, *Lexicón Graecum N. T.*, Paris, 1931, sub voce.

EPÍSTOLAS CATÓLICAS

visa pròpriamente as almas sem pecado, se porém o enfêrmo os tiver, o sacramento também os perdoará, para que êle possa receber com a graça santificante todo o auxílio e conforto que Deus N. Senhor lhe quizer conceder em sua infinita misericórdia.

Também os judeus tinham o costume de visitar os enfermos e de convidar pessoas notáveis por sua virtude a rezar por êles, nunca, porém, suas visitas tiveram caráter litúrgico e oficial. Igualmente a unção com óleo era conhecida por seus efeitos terapêuticos, aqui, porém, o que produz efeito não é a unção e sim o sacramento. A unção com óleo é somente um sinal sensível, como a loção com água no caso do batismo. Pelo uso que dela se fazia, vê-se que é um sinal sensível bem adequado a simbolizar o que significa: a cura espiritual e corporal, com a remissão dos pecados, se houver.

EPÍSTOLAS DE S. PEDRO

Logo após a carta de S. Tiago apresenta-nos a Vg, de acordo com códices antiquíssimos, duas cartas de S. Pedro, o 1.º Papa.

Sôbre a PESSOA de S. Pedro temos notícias tanto no N. T. como na tradição extra-bíblica.

Oriundo de Betsaida da Galiléia (Jo 1, 14), era filho de *Jona* ou *Joannes* (Jo 1, 42; 21, 15; Mt 16, 17) e se chamava *Simecon* (= audição, ação de escutar) At 15, 14; 2 Pdr 1, 1; ou *Símon* (Mt 10, 2) que é a forma grecizada do mesmo nome. Quando foi chamado por Jesus para o Colé-

gio Apostólico teve seu nome mudado para o aramaico *Kephas* (Jo 1, 42), que foi traduzido para o grego *Pétros* que quer dizer *rocha*. Bem sabemos o que quis Jesus significar com esta mudança de nome, i. é, que Simão-filho de Jonas passaria a ser o fundamento do edifício que ia construir: A Igreja. Além dêste, há um outro significado na mudança do nome de Simão: no A. T. e, em geral, na mentalidade semita, a imposição do nome indicava a propriedade ou autoridade de quem o impunha sobre quem o recebia (1). Sempre que Deus manda impor um nome ou muda, é porque destinou o portador do nome a um ofício especial que, em geral, vinha indicado no próprio nome. Qual fosse o ofício especial reservado por Jesus a Simão-Pedro já sabemos pelo próprio simbolismo do nome e pelas explicações de Jesus.

Depois do nome e lugar de origem, vejamos mais alguns dados para completar sua carteira de identidade: *estado civil*: casado (2). *Profissão*: pescador, ofício que exercia juntamente com o pai e irmão (Mt 4, 18). *Residência*: Cafarnaum, pequena vila situada ao N. do lago de Genesaré. Foi nesta cidade que Jesus curou milagrosamente a sogra de Simão-Pedro (Mt 18, 14). Quanto à *instrução*, temos o tes-

(1) Cf. 4 Rs 23s, o faraó Necau ao dar o trono a Eliacim, filho do derrotado e destronado Josias, muda-lhe o nome para Joakim a fim de deixar patente a sujeição do novo rei. Já no Gen (2, 19) vimos Deus levando os animais ao rei da criação, Adão, para que êste lhes impusesse os nomes. Mais tarde, mudará Deus o nome de Abrão para Abrahão, de Jacó para Israel, etc.

(2) Segundo a tradição oriental o nome de sua esposa era Joana, segundo a ocidental, Perpétua. Ainda pela tradição sabemos o nome de sua filha, Petronila. Cf. Ambroggi, *Le Epistole Cattoliche*, Turim, 1949 2.^a.

temunho dos sinedristas em At 4, 13, que se admiravam de que falassem (Pedro e João) sem dificuldade apesar de serem “homens iletrados e vulgares”, o que poderíamos exprimir em nossa linguagem atual dizendo que tinham apenas instrução primária.

VOCAÇÃO: Foi nas margens do Jordão, próximo ao lugar onde João batizava, que veio a conhecer a Jesus, tendo-lhe sido apresentado por seu irmão André, discípulo de João. Provavelmente também êle era discípulo do Batista (Jo 1, 40 ss).

Apesar de logo neste primeiro encontro ter Jesus prometido, um tanto enigmáticamente, mudar-lhe o nome, sua vocação se processou por etapas:

1.^a Esta profecia de Jesus que só mais tarde se cumpriria (Mt 16, 17).

2.^a Terá provavelmente feito a viagem de volta da Judéia para a Galiléia juntamente com Jesus, e nesses 4 dias de caminho lado a lado, não poderia ter deixado de sentir seu influxo divino.

3.^a Assiste o primeiro milagre em Caná. E o evangelista nota que nessa ocasião “seus discípulos creram nêle” (Jo 2, 1).

4.^a Vai com Jesus para Cafarnaum (Jo 2, 12) e ali, provavelmente, hospeda o Mestre em sua casa, tendo assim ocasião de ter um íntimo convívio com Jesus.

5.^a Finalmente, após a pesca milagrosa, é claramente chamado pelo Mestre: “De agora em diante serás pescador de homens” (Lc 5, 10), então Simão e seus companheiros “deixaram tudo e seguiram-no” (Lc 5, 11).

Eis, pois, Simão feito discípulo do Rabí da Galiléia, acompanhando-O em suas excursões e procurando aprender seus ensinamentos maravilhosos... Até que um belo dia ao voltar Jesus do monte onde passara a noite em oração, escolhe Simão e outros onze dentre os discípulos, dando-lhes o nome de "apóstolos" (Lc 6, 12). Em tôdas as listas dos 12 escolhidos, Simão sempre ocupa o 1.º lugar (cf. Mt, Mc, Lc, e At). De muitas maneiras mostrou Jesus, e os apóstolos bem o compreenderam, que a Pedro cabia o lugar de *chefe* do Colégio Apostólico; assim por exemplo, pertence êle ao grupo dos três privilegiados que assistiram à ressurreição da filha de Jairo (Lc 8, 51), a transfiguração (Mt 17, 1) e a agonia no horto (Mt 26, 37) e sempre nomeado em 1.º lugar pelos evangelistas. Jesus preferia hospedar-se na casa de Pedro em Cafarnaúm (Mc 1, 29), servir-se de sua barca (Lc 5, 3); fêz vários milagres a seu favor: curou-lhe a sogra, fê-lo andar sôbre as águas (Mt 14, 28 ss), fê-lo encontrar na bôca do peixe a moeda com a qual pagaria o tributo do Templo, para o Mestre e seu lugar-tenente, Simão-Pedro (Mt 17, 24 ss). Em Cesaréia de Filipe, claramente lhe prometeu Jesus o primado de jurisdição com a colorida linguagem oriental: "Tu és pedra e sôbre esta pedra edificarei minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Dar-te-ei as chaves do reino do céu e tudo que ligares na terra será ligado no céu, como tudo que desligares na terra será desligado no céu" (Mt 16, 17 ss). Ainda não é a outorga do primado mas apenas a promessa. Nem mesmo convinha que lhe fôsse agora concedido, uma vez que não completara ainda o Senhor a formação de Pedro. Por duas provas haveria ainda de passar o apóstolo. Sômente após a vitória final é que seria conveniente a investidura para com ela confirmar-se também o perdão das faltas de Simão. Além disto, enquan-

to estava presente o chefe da Igreja, não havia razão para tomar posse o substituto; só mais tarde, depois da Ressurreição e antes de subir Jesus ao céu, é que seria o momento oportuno. Foi, de fato, numa ocasião destas que Jesus lhe deu posse às margens do lago de Genesaré, tão cheias de caras recordações para os apóstolos (Jo 21, 15-19).

Vemos muitas vêzes Pedro tomar a palavra e, em nome de todos, responder às questões do Mestre (Jo 6, 19; Mt 16, 16; etc.).

Com tóda a sinceridade dos espíritos que amam a verdade, e com a máxima simplicidade, conservaram-nos os evangelistas também seus defeitos: a impulsividade e presunção de caráter e, finalmente, a tríplice queda. Mas o arrependimento sincero daquele “flevit amare” veio curar as causas da queda, substituindo os impulsos presunçosos por uma humildade penitente.

Como primeiro Papa, exerceu sua atividade apostólica, primeiro em Jerusalém presidindo a minúscula comunidade cristã reunida no cenáculo. É êle quem fala aos sinedristas, quem julga Ananias e Safira, a Simão Mago, etc. Quando preso, eis que tóda a Igreja se prostra em oração por êle e, novamente um milagre a seu favor, vem libertá-lo. Depois, por causa da perseguição de Agripa, “vai a outro lugar” (At 12, 17), mas não sabemos para onde. Antioquia? Roma? — É possível, mas o certo é que poucos anos depois, em 49 ou 50, o encontramos novamente em Jerusalém onde preside o 1.º Concílio, no qual resolveu a situação dos cristãos vindos do paganismo, libertando-os das obrigações da Lei judaica. (At 15, 7).

Pelo testemunho de Gal 2, 11-14, sabemos que esteve em Antioquia, provavelmente também em Corinto, e, finalmente,

EPÍSTOLAS CATÓLICAS

em Roma, onde por vários anos exerceu o supremo Pontificado com a cooperação dos outros apóstolos no resto do mundo, e, em especial, com a de Paulo. Apesar disto não se furtou a diversas viagens apostólicas estando fora de Roma muitas vezes, como deixam transparecer as cartas de S. Paulo.

Teve como secretário e intérprete a Marcos, que depois escreveu, baseado nas pregações de Pedro, o livrinho que conhecemos sob o nome de Evangelho de S. Marcos.

Aí em Roma escreveu as duas cartas que ora estudaremos. Nesta mesma cidade, na colina do Vaticano, sofreu o martírio. Durante as escavações feitas ultimamente de 1940 a 1950, sob a basílica de S. Pedro, pôde-se arqueologicamente estabelecer a situação exata do túmulo de S. Pedro (3).

Quanto à data de sua morte há ainda pequena divergência, colocando-a alguns no ano 64, durante a perseguição de Nero, e outros no ano 67 (4).

1.^a Epístola de São Pedro

AUTENTICIDADE: Já no séc. IV, Eusébio o enumerava entre os *homologóumenoí*, livros da Bíblia sobre os

(3) Cf. A. Ferrua S. J., La Storia del sepolcro di san Pietro, em La Civiltà Cattolica, janeiro de 1952, pág. 15-29. La Documentation Catholique, 13 de jan. de 1952, pág. 25-28: Les fouilles sous la Confession de Saint-Pierre au Vatican, par le professeur Pietro Romanelli.

(4) Baseiam-se estes na tradição que fala do ano 14.^a de Nero e que diz terem morrido no mesmo dia Pedro e Paulo. Cf. Hoepfl-Metzinger, Introductio Specialis in N. T., Roma 1949, pág. 490. seg.

quais não havia discussões. Mesmo se remontarmos até o séc. II, encontraremos testemunhos explícitos em Irineu, Tertuliano, Cipriano, Clemente Alex., Orígenes, Clem. Romano, o Pastor de Hermas, etc. (5).

Uma leitura da carta nos virá confirmar êstes testemunhos, pois por ela veremos que o autor se chamava Pedro e era apóstolo de Jesus Cristo (1, 1); ora, não houve outro Pedro-apóstolo a não ser S. Pedro o 1.^o Papa. Além desta primeira indicação, encontraremos muitas outras: o autor se opõe aos que crêem em Jesus Cristo “sem tê-lo visto” (1, 8), apresenta-se como testemunha da paixão de Cristo (5,1), o que está muito de acôrdo com as não poucas vêzes que em seus discursos apela para o mesmo privilégio (cf. At 1, 21-22; 2, 32; 10, 41).

Os DESTINATÁRIOS vêm indicados logo no 1.^o versículo: “aos eleitos imigrados da dispersão no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitúnia”, e são os fiéis de quase tôda a Ásia Menor que contava em sua maioria fiéis vindos do paganismo. As frequentes citações do A.T. se explicam pela importância que tinha a Bíblia na instrução dos convertidos. Pode-se ainda notar como ao expor a moral cristã, S. Pedro se demora nos deveres da gente humilde e dos escravos sem lhes acrescentar os correspondentes dos senhores, o que é indicação de que essas comunidades estavam constituídas principalmente, senão exclusivamente, de escravos.

Êsses cristãos deviam sofrer, mas que se lembrassem de seus irmãos do mundo inteiro que recebiam as mesmas pro-

(5) Cf. J. Ruwet, *Institutiones Biblicae, Hist. Canonis N.T.*, Roma, 1937 5.^a pag. 145.

vações: mal-entendidos, calúnias invejas, vexações, etc. Os pagãos começavam a suspeitar daqueles cristãos, pois se abstinham de suas festas cheias de corrupção. Daí, em parte, as perseguições, não as oficiais mas as dos concidadãos, e a melhor maneira de vencê-los era, segundo o conselho de S. Pedro, terem uma vida perfeitamente cristã.

LUGAR: Ao enviar as saudações finais deixou o autor indicado o lugar da composição: "Saúda-vos a (Igreja) eleita convosco que está em Babilônia" (5, 13), ora Babilônia era o nome simbólico para Roma. A grande metrópole de outrora não passava então de um montão de ruínas (6). Aliás o mesmo simbolismo Babilônia-Roma se encontra no Apc 14, 8 e 18, 2, em muitos escritos apócrifos como o Apoc. de Baruc, os Oráculos Sibílinos, etc. e em escritores eclesiásticos antigos como Clemente Alex., Jerônimo, etc.

OCASIÃO, ESCOPO E TEMPO: Pelos dizeres da carta vemos que os fiéis estavam em graves provações, mas não ainda envoltos em perseguição oficial, pois em 2, 13-17 recomenda o Apóstolo obediência aos representantes da autoridade, *sem reservas* de espécie alguma, o que dificilmente teria feito depois do início da perseguição de Nero. O ambiente já era o que estava preparando a grande perseguição. As primeiras provas escreve S. Pedro para consolar e soerguer os ânimos dos fiéis. Fácilmente se pode reconstituir a cena: Decorria a primavera do ano 64 p.C., e eis que chega da Ásia, Silvano com essas notícias das comunidades evangelizadas por Paulo, para pedir-lhe apoio e orientação, mas não o en-

(6). Uma outra Babilônia então existente não era senão a sede de uma guarnição militar nas vizinhanças do Cairo no Egito, e portanto fora de cogitações.

contra, uma vez que pouco antes partira o Apóstolo para a Espanha. Dirige-se então Silvano ao chefe da cristandade a fim de que êste supra a falta de seu superior imediato. O primeiro Papa inteirado da necessidade daquela porção do rebanho que lhe confiara Jesus — não estando ali seu precioso auxiliar e braço direito na evangelização dos gentios, Paulo — pessoalmente lhes dirige uma carta. O próprio Silvano, ótimo conhecedor da língua grega, serve de secretário redigindo a carta até 5, 11 segundo as minuciosas instruções de Pedro, que acrescenta provavelmente de sua própria mão os últimos versículos (5, 12-14) nos quais manifesta sua plena aprovação ao que escrevera Silvano com tanta fidelidade.

LÍNGUA E ESTILO: A intervenção do secretário-redator é que explica a boa greicidade da carta juntamente com o estilo petrino, que encontramos nos discursos conservados nos At e tão concorde com o caráter de Simão-Pedro: sincero, ardoroso e cheio de amor para com N.S. Jesus Cristo, mas agora também cheio de humildade e de confiança na misericórdia divina.

FONTES: O próprio Jesus já nos havia indicado a origem de parte de conhecimentos de Pedro, a revelação direta do Pai (Mt 13, 16-17). Outra fonte, a que aliás o próprio Apóstolo se refere, está no convívio íntimo com Jesus. Isto, porém, não impede que se tenha servido dos sinóticos e da catequese primitiva, bem como de algumas epístolas paulinas. Como judeu conhecia bem o A.T. cujas numerosas citações bem o provam.

DOCTRINA: Não é esta carta um tratado sistemático, mas sim um escrito destinado a *exortar e dar testemunho* (*parakalōn kai epimartyrōn* 5, 12), assim pois vai expondo a doutrina de acordo com o desenvolvimento do raciocínio.



E, pouco mais ou menos, é a que se encontra no símbolo apostólico e na catequese primitiva: *Deus*, criador, onipotente, etc. A *Trindade*, a *Divindade* de Jesus Cristo, a *Igreja*. Mas de um modo especial insiste sobre a *esperança* decorrente do 2.^o advento do Senhor, pensamento êste muito apto a consolar os fiéis em suas dificuldades. Sobre *Jesus Cristo* acentua sua obra redentora que lhe custou o sangue até à morte; sua ressurreição, etc.

2.^a Epístola de S. Pedro

Se da 1 Pdr nunca houve dúvidas quanto à autenticidade, o mesmo não se dá com a segunda. Para bem compreendermos a argumentação pró autenticidade convém primeiro fazermos uma análise da carta para nos inteirarmos de seu conteúdo (6).

ANÁLISE: Após a introdução com o nome do autor, destinatários e as saudações, vem o corpo da carta que assim podemos dividir: 1.^a parte (1, 3-21): exortação à prática das virtudes; 2.^a parte (2, 1-22): cautela contra a sedução dos falsos mestres; 3.^a parte (3, 1-16): verdadeira doutrina sobre a segunda vinda do Senhor. E, finalmente, a conclusão (3, 17-18): uma vez precavidos com estas advertências estejam atentos para não se deixarem seduzir pelos falsos mestres, mas pelo contrário, cresçam cada vez mais na graça e no conhecimento de Jesus Cristo N.S. “a Ele glória agora e pela eternidade”.

DESTINATÁRIOS: A inscrição muito mais vaga que a da 1 Pdr só nos diz que se trata de cristãos: “àqueles que tiveram em sorte uma fé preciosa como a nossa” (1, 1), mas

EPÍSTOLAS CATÓLICAS

pelo teor da carta podemos concluir tratar-se de cristãos vindos do paganismo (2, 18-20) cuja fé corria perigo em razão dos falsos mestres (2, 1). Êstes bem podiam ser os nicolaitas do séc. 1.^o, de quem se fala no Apc 2, 6 e 15 ou talvez com maior probabilidade, hereges que não chegaram a fazer escola precisamente por causa desta intervenção enérgica do Príncipe dos Apóstolos.

Como os adversários combatidos na carta de S. Judas, também êstes aliavam aos erros doutrinários (v.g. negando a divindade de Jesus 2, 10) a indisciplina (desprezando a autoridade dos apóstolos, cf. 1, 16) e a corrupção moral, sob o pretexto da “lei da liberdade dos filhos de Deus”, queriam suprimir o decálogo transformando essa liberdade em libertinagem.

OCASIÃO E FINALIDADE: “O Apóstolo tendo sem dúvida recebido informações inquietantes sobre a atividade nefasta dos agentes do erro nas comunidades da Ásia Menor, decidiu escrever novamente aos cristãos dessas regiões para os encorajar na resistência aos atrativos do mal, a viver virtuosamente e a conservar intata sua fé na parusia do Senhor” (7).

LÍNGUA, ESTILO DE DOCTRINA: Mesmo uma leitura em tradução nos mostrará quão justa é a seguinte apreciação de Charrue: “O estilo da 2 Pdr é bastante fluente no início, com ligeira tendência à ênfase. Mas logo que começa a emoção polêmica, a frase se torna contorcida, atulhada de

(7) Charrue, *Épîtres Catholiques*, em *La Sainte Bible*, Paris, 1951, pág. 477.

anacolutos, de transições mal feitas, de repetições insistentes” (8).

Conta esta carta bom número de *hapax-legomena* (palavras não empregadas alhures) e de semitismos, precisamente como a 1 Pdr, o que vem, sem dúvida, aproximar as duas cartas. É verdade que quanto ao vocabulário e sintaxe “podem-se enfileirar considerações a favor e considerações contra a origem comum dos dois escritos” (9).

DOCTRINA: O ponto central é a certeza da *parusia* e das sanções que a acompanham (passim), o que prova quer pelos profetas do A.T. quer pelos Apóstolos, testemunhas oculares da missão do Salvador (1, 4. 6-21; 3, 2; etc.).

As outras verdades vão aparecendo de acôrdo com o desenvolvimento da argumentação e servem, por assim dizer, de “moldura” à verdade principal. São elas: o valor típico do A.T. (2, 5 s; 3, 6); nossa participação em a natureza divina (1, 4); a redenção por Jesus (2, 1), e notemos que sempre que se refere a Jesus insiste em lhe atribuir ou o título reservado só a Deus no A.T., *Senhor* (doze vezes o usa nos 61 versículos da carta) (10), ou o de *Salvador* (5 vezes).

Igualmente insiste sôbre o conhecimento perfeito (*epígnosis*) de Jesus que deve produzir a fé viva que salva e nos predispõe à prática da virtude (1, 2-3. 5-11; 2, 20; 3, 18). A graça nesta vida é uma participação da natureza divina

(8) Charrue, o.c. pág. 478.

(9) Charrue, o.c. pág. 478.

(10) Também entre os pagãos era este título reservado à divindade.

e princípio da glória (1, 4). Finalmente, a vida cristã é fruto da colaboração entre Deus e o homem, que deve corresponder com suas boas obras ao chamado de Deus (1, 10).

Deixa entrever bastante claramente a inspiração da S. Escritura e a necessidade de interpretação autêntica (3, 15-16).

AUTENTICIDADE: Estamos em face de um autor de responsabilidade que aborrece a fraude e que combate adversários perigosos (1, 16; 2, 2. 18). Mas que autoridade poderia ter semelhante escrito se este não passasse de mera ficção literária? Com que direito poderia um autor exigir sinceridade se ele mesmo se acoberta sob a pseudonímia? E, pior ainda, mentirosamente se apresentasse como testemunha da transfiguração?

Sabe o autor que sua morte está vizinha, morte esta que lhe fôra predita pelo Senhor (Cf. 1, 14 com Jo 21, 18-19); é apóstolo, co-irmão de Paulo (11).

Como se tôdas estas indicações não bastassem temos ainda a maneira de sentir do autor que bem se coaduna com a de Pedro: gratidão com Deus (1, 3-4) e confiança na misericórdia divina (3, 9. 15) ao lado da impetuosidade na polémica (2, 1s; 3, 3) e grande zelo pelas almas (1, 12-15; 3, 1s. 14).

De mais a mais, um falsário teria imitado muito melhor o cabeçario da 1 Pdr e teria descrito a transfiguração mais concordemente com os Evangelhos, ao passo que Pedro es-

(11) O autor chama a Paulo "caríssimo irmão nosso" (3, 15), expressão cujo tom familiar só se compreende noutro apóstolo.

crevendo como testemunha ocular, mostra-se naturalmente independente da narração evangélica.

Finalmente, pertence esta carta à chamada “corrente petrina” por concordar perfeitamente com 1 Pdr, os sermões dos At e mais remotamente com Mc.

A tôdas estas indicações convergentes podemos agora acrescentar os testemunhos externos: Há prováveis alusões a esta carta entre os Padres Apostólicos e os escritores do séc. 2.^o (12). No início do séc. 3.^o encontramos as primeiras e indiscutíveis citações da 2 Pdr, em Orig. que embora conhecendo as divergências sobre a carta, não hesitou em citá-la com estas palavras: “e ainda Pedro diz: “Tornastes-vos participantes da natureza divina” (13). Nesse mesmo séc. vários outros escritores citaram a 2 Pdr, até que a partir do séc. 4.^o, desapareceram novamente as dúvidas.

RELAÇÕES ENTRE A 1 PDR E A 2 PDR: Já S. Jerônimo dava como razão das dúvidas iniciais sobre a autenticidade, a diferença de estilo entre as duas cartas, mas que êle mesmo explicava pela diferença de “intérpretes” (= secretários).

No entanto além da diferença de estilo e linguagem que, com S. Jerônimo, explicaremos pela diversidade de secretários, devemos notar algumas diferenças de mentalidade entre os autores das duas cartas. Mas, também estas explicarão facilmente se recordarmos que entre a composição destas duas cartas sobreveio a grande perseguição oficial de Nero,

(12) Charrue, o.c. pág. 479.

(13) In Lev. hom. 4, 4; MG 12, 437, cit. apud De Ambroggi, o.c. pág. 163.

que necessariamente mudou muita coisa. A maneira de pensar em ambas é a mesma de Pedro, só que adaptada a circunstâncias diversas.

DATA E LUGAR: Provada a autenticidade, facilmente poderemos encontrar estas duas circunstâncias: Pela previsão de sua morte próxima (1, 14) devemos concluir que foi escrita nos anos 63-64 (para os que colocam o martírio de S. Pedro em 64), ou 66-67 (para os que o colocam em 67).

Como o Apóstolo foi martirizado em Roma, o mais provável é que aí tenha composto este seu último escrito.

RELAÇÕES ENTRE A 2 PDR E JUD: De há muito se têm notado as estreitas semelhanças entre estas duas cartas: mesma inscrição (ou cabeçário), mesmas doutrinas características (Cristo preexistente, critério de ortodoxia, etc.), mesmos adversários, mesmas expressões raras, mesmo final. Como explicá-las? Uma fonte comum não bastaria para explicar tão grandes semelhanças. Mas, se uma depende da outra, qual delas é a dependente? Pelas razões abaixo enumeradas devemos concluir ser a 2 Pdr.:

1) Quase toda Jud está na 2 Pdr, omitidas somente as poucas alusões às tradições judaicas (Jud vv. 9 e 14).

2) Em lugar destes dois exemplos omitidos temos dois outros tirados do A.T., Noé e Lot, cuja omissão na Jud seria incompreensível se seu autor os tivesse presentes.

3) O texto da 2 Pdr 2, 11 não se poderia compreender sem o conhecimento prévio da Jud v. 9.

4) O tempo futuro que muitas vezes usa Pedro não passa de um futuro de citação, nada dizendo contra a prioridade de Jud.

5) Tão pouco aparece motivo para Jud omitir os desenvolvimentos sobre a parusia, tão úteis a seu argumento.

6) S. Pedro costumava servir-se dos escritos dos outros apóstolos e da catequese oral. Que é, pois, de estranhar que se tenha utilizado largamente desta carta cujo assunto era o mesmo que o seu? Embora original em muita coisa, não fazia caso nem alarde disso, antes, pelo contrário, ao encontrar uma boa argumentação não receava utilizá-la nem isto escondia (3, 15s).

EPÍSTOLAS DE SÃO JOÃO

1.^a Epístola de S. João

AUTENTICIDADE E RELAÇÕES COM O 4.^o EVANGELHO: Desde os primeiros tempos (14) se tem observado a íntima relação entre o 4.^o Ev. e a 1 Jo, de forma a se exigir o mesmo autor para êstes dois escritos.

O paralelismo entre êles é não só de palavras e expressões (15), oposição das mesmas imagens (16) mas também

(14) S. Dionísio de Alex. séc. 3.^o, cf. R. Leconte, art. Jean (épîtres de Saint) et IV Évangile, in Dict. de la Bible, Supplément, Paris, 1948, col. 801.

(15) "Dar testemunho" 1 Jo 5, 9 e Jo 1, 7; "praticar a verdade" 1 Jo 1, 6 e Jo 3, 21; "caminhar nas trevas" 1 Jo 1, 6 e Jo 12, 35.

(16) Como a morte e as trevas que se opõem à vida e à luz (1 Jo 1, 5-7 e Jo 3, 19), e os demais elementos do estilo semita: paralelismo, inclusão, etc.

de idéias (17). Até as divergências pedem um mesmo autor se levarmos em conta que a finalidade, os gêneros literários e as situações históricas não eram idênticas.

Sob o ponto de vista literário temos vocábulos empregados diversamente (18), vocábulos novos (19) e ausência de vocábulos característicos do 4.^o Ev. (20), sem que no entanto possa isto fazer dificuldade, pois os termos novos exprimem idéias familiares ao Ev. e a ausência de outros se compreende pela falta de oportunidade em usá-los.

Sob o ponto de vista doutrinal, podemos dizer que as diferenças ainda mais corroboram a idéia de um só autor, pois são, em geral, um ulterior desenvolvimento das doutrinas do Ev. e, mesmo muitas destas explanações não se poderiam compreender sem o 4.^o Ev. Assim por ex.: fala a epístola tão por alto do *Logos* que se não estivessemos previamente informados pelo Ev., dificilmente o compreenderíamos (Cf. 1 Jo 1, 1 e 2 Jo 1, 1). A caridade que ocupa em

(17) Como **Jesus Cristo é o Logos** (1 Jo 1, 1 e Jo 1, 1), unigênito de Deus (1 Jo 4, 9 e Jo 3, 16). A finalidade da encarnação é dar-nos a vida espiritual (1 Jo 4, 8 e Jo 10, 10), a caridade é o mandamento novo (1 Jo 2, 8 e Jo 13, 34,) etc.

(18) V.g. "paráclito" (= advogado, patrono, consolador, cf. Zorell, *Lexicon Graecum N.T.*, Paris, 1931 2.^a, sub voce) que no Ev. (14, 17) serve para o Espírito Santo, na Epístola (2, 1) designa a Jesus. "Mundo" que no Ev. ora designa a criação (1, 10), ora o gênero humano (8, 12), ora o reino de Satan (12, 31); enquanto que na Epístola só é empregado no sentido pejorativo: a massa dos perversos (passim).

(19) I.e. desconhecidos no Ev. como "parusia" (1 Jo 2, 28); "anticristo" 2, 18; etc., "unção" 2, 20; etc.

(20) "Nascer do alto" (Jo 3, 3), "ressurreição e vida" (Jo 5, 29).

ambos os escritos lugar proeminente vem melhor ilustrada no Ev. por exemplos e simbolismos (v.g. o Bom Pastor), ao passo que na Epíst. aparece como superando em valor o conhecimento. No Ev. 4, 14 a graça santificante aparece sob a metáfora de água viva que jorra para a eternidade, na Epíst. 3, 9 é ela um *germe* divino que, como na geração humana, produz no fiel a filiação divina.

Como consequência temos que o autor da 1 Jo é o mesmo que o do 4.^o Ev., ora bem sabemos que êste foi João, filho de Zebedeu, apóstolo e o discípulo amado. (Cf. Introd. ao Ev. de São João).

Tôda a tradição antiga vem confirmar estas conclusões: Já nos séc. 1.^o e 2.^o encontramos citações da 1 Jo nos Padres Apostólicos e Apologetas (21). No fim do séc. 2.^o já aparecem os testemunhos explícitos, como o do Cânon de Muratori. Mais tarde, Eusébio resumindo a tradição, a elenca entre os “livros não discutidos”.

Só recentemente, no séc. 19, é que alguns críticos quiseram encontrar sinais de vários autores dentro da 1 Jo. Muito trabalharam neste sentido, mas de seus esforços só ficou mais patente a unidade da carta.

DESTINATÁRIOS, OCASIÃO, ADVERSÁRIOS: Podemos imaginar, não sem fundamento, que o Apóstolo S. João, residindo em Éfeso, embora adiantado em anos ainda continuasse a supervisionar as comunidades da Ásia Menor. Em dado momento, ao perceber os perigos provenientes da tibieza e das seitas heréticas, resolve enviar-lhes suas pater-

(21) Clemente Romano, Pastor de Hermas, etc.

naís orientações. Aliás, pelo Apc percebemos que mantinha João correspondência com os fiéis daquelas igrejas e que os tratava com certa familiaridade (22). Dá a impressão de se dirigir a pagãos convertidos, mas ainda com fortes resquícios do paganismo (5, 21). De 2, 18s podemos concluir não só a existência de dissensões entre os fiéis, mas também a de algumas apostasias. Notemos, porém, que a tonalidade de João não é de polêmica, mas sim a do pastor zeloso que orienta suas ovelhas e as alenta para que perseverem no caminho encetado. Sem expor a doutrina dêsse hereses que chama de “anticristos”, dá no entanto numerosas indicações pelas quais podemos reconstituí-la. Assim por exemplo, êsses *sedutores* pretendem ter um conhecimento privilegiado de Deus (gnose mística), crêm-se sem pecado e portanto sem necessidade de redenção, ao que responde o Apóstolo: o verdadeiro conhecimento de Deus leva à imitação de Cristo e ao amor do próximo.

Um outro heresiarca chamado Cerinto, segundo o testemunho de S. Ireneu, negava a união hipostática, estabelecendo simples união accidental entre a divindade e a humanidade em Cristo, união esta que teria começado no batismo de Jesus e cessado antes da paixão. Anulava portanto o efeito salvífico da morte de Cristo. Contra tais fantasias simplesmente ensinava S. João que “Jesus é o Cristo nascido de Deus” (5, 1), que “Jesus Cristo é o Filho de Deus” (5, 5).

Contra outros (os docetistas) que negavam a realidade da natureza humana de Cristo, diz S. João: sustentarem êles

(22) Com frequência os chama de “filhos meus”, “queridos”. Mostra conhecer a firmeza de sua fé (1 Jo 2, 20s), suas lutas (2, 26), e mesmo considera as dificuldades dêles como suas (2, 19).

o êrro que “dissolve Jesus” (4, 3) e que só os que admitem “Jesus Cristo ter vindo em carne é que são de Deus” (4, 2).

Ainda contra outros (os nicolaítas) que sob o pretexto da gnose mística se entregavam à libertinagem, adverte claramente: “Não ameis o mundo nem as cousas do mundo! O que ama o mundo não possui o amor do Pai, pois tudo que está no mundo: a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida não é do Pai, mas do mundo. Ora, o mundo passa e também sua concupiscência, mas o que faz a vontade de Deus dura para sempre” (2, 15-17).

Finalmente, chama a atenção o Apóstolo de que sua doutrina não é inventada por êle, mas sim a verdadeira doutrina promulgada pelo Colégio Apostólico desde o início (cf. 2, 7. 24; 3, 11). Temos, pois, aqui promulgado pelo próprio Apóstolo S. João o critério de inspiração e canonicidade para a Igreja, i.e. a tradição apostólica. Como também nos deixou outro precioso critério para avaliar a ortodoxia das opiniões: todo aquêlê que negar qualquer verdade sôbre a pessoa do Messias, N.S. Jesus Cristo, não é de Deus (passim).

FINALIDADE: Temo-la expressa bem claramente com as palavras do Apóstolo “...o que vimos e ouvimos o anunciamos a vós, a fim de que também vós tenhais comunhão conosco. Ora, a comunhão nossa (é) com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo. E isto escrevemos nós para que a alegria nossa seja completa” (1, 2-3) i.e. para que conserveis a união com a Igreja de Cristo e portanto com Cristo Jesus e o Pai. Cf. também 2, 1; 5, 6-7. 13, trata-se pois de preservar os fiéis do perigo da heresia.

DATA E LUGAR: Como parece que a situação criada pelas heresias tenha melhorado em relação ao que escrevera no

Apc, devemos colocar a composição da 1 Jo entre a do Apc. (de 90 a 96) e a morte do Apóstolo (cêrca do ano 100). O que se confirma pela maneira de falar do autor que dá a impressão de “um ancião que se dirige a gerações mais jovens e de um contemplativo que já bastante meditou e viveu a revelação do Mestre” (23).

Baseados, pois, em tais indicações, podemos concluir que S. João escreveu em Éfeso onde passou seus últimos anos.

LÍNGUA E ESTILO: Como nos outros escritos de S. João, o grego é correto, mas evidentemente o de um semita que dá ao *kai* o mesmo valor que ao *we* aramaico, de onde a superabundância desta conjunção, que por isto mesmo nem sempre deve ser traduzida por simples *e* ou *também*, mas por algumas das outras conjunções a que corresponde o *we*. Como natural consequência, pode-se observar a ausência do *de* e outras conjunções. Com as preposições temos semelhante pobreza (só aparecem *en* e *ek*). Abundam em compensação os paralelismos, as antíteses e todo o conjunto fraseológico semita.

Quanto ao estilo, em geral, devemos notar que “o autor é um místico, que dá às palavras mais simples uma inesgotável riqueza de sentidos” (24). Escreve com o esquematismo dos espíritos analíticos, não teme fazer repetições sempre que estas sejam úteis a explanar uma idéia sob aspecto deixado de lado anteriormente. Aliás, outra cousa não é isto senão o chamado sistema de círculos concêntricos, tão

(23) Cf. Charrue, o.c. pág. 508.

(24) Charrue, o.c. pág. 509.

em apreço na poesia hebraica. A mesma idéia é apresentada várias vezes sob novos aspectos até que se esgote, ou se julgue esgotado o assunto.

DOCTRINA: Tôda a carta se destina à vida prática “a fim de que os fiéis permaneçam na comunhão com Deus”, assim pois a capital recomendação é que se deve amar o próximo não só por palavras, mas por atos e mesmo até a morte (3, 16-18) e o amor ao próximo deve ser a expressão visível do amor de Deus, invisível (4, 12. 20-21).

Em volta dêste tema principal vêm outros, como a manifestação do Verbo (1, 1-3) a purificação dos pecados (1, 8-11), a parusia (2, 18-22), a filiação divina (2, 29), a fé (5, 1-12).

INTEGRIDADE: Embora o célebre “coma joaneu” (5, 7b-8a) contenha doutrina verdadeira, hoje, não mais se admite como autêntico (25).

2.^a e 3.^a Epístolas de S. João

As duas epístolas de João que se seguem à 1.^a não encontraram a mesma acolhida que ela, mas por algum tempo estiveram entre os “livros discutidos”.

Examinaremos a questão da autenticidade só depois de termos visto algumas outras que nos deixem mais familiarizados com êstes dois breves escritos.

(25) Cf. T. Ayuso Marazuela, Nuevo estudio sobre el “Comma Ioanneum”, publicado em *Biblica*, vol. 28 (1947) pág. 83-112 e 216-235; vol. 29 (1948) pág. 52-76.

DESTINATÁRIOS, LUGAR, OCASIÃO E DATA:

Embora a 2 Jo esteja endereçada “a Senhora Eleita e seus filhos” (v. 1) não julgemos que o Apóstolo se dirija a uma pessoa chamada “Eleita”, ou “Kyria” (= Senhora). De que êle se dirija a uma comunidade que chama de “eleita senhora”, temos provas suficientes nesta mesma carta: ainda que não quiséssemos dar atenção à passagem do singular *tu* para o plural *vós*, nem à ausência do artigo, diz o Apóstolo no v. 13 “saudam-te os filhos de tua irmã Eleita”, ora, dificilmente encontraríamos duas irmãs com o mesmo nome. Trata-se de um nome coletivo para designar uma igreja, (26).

Dêste último verso haveremos de concluir também que escrevia o Apóstolo de sua residência habitual, Éfeso. A saudação era, portanto, da comunidade de Éfeso.

O Apóstolo, preocupado com a situação descrita na Apc e na 1 Jo, cheia de perigos para a fé e para a moral, torna a escrever para recapitular a 1.^a carta: quem não confessar a humanidade de Cristo é um herege (v. 7) e para insistir sobre a caridade fraterna pregada desde o início (vv. 4-6). Por fim, promete ir pessoalmente para tratar destas e de outras questões.

A 3 Jo vai endereçada “ao querido Caio” que era um cristão de certa importância na comunidade em que vivia. A epístola nos deixa entrever um conflito cuja reconstituição nos oferece Charrue (27): De Éfeso S. João dirigia uma organização de pregadores itinerantes, preciosos auxiliares na

(26) Cf. a mesma expressão na 1 Pdr 5, 13 “Sauda-vos a co-eleita que está em Babilônia”.

(27) O.c. pág. 517.

difusão e guarda da Verdade na região. Em uma das sedes episcopais, Diótrefes, que parece ter sido o próprio bispo, se recusa aceitar os missionários de S. João, difama-os e ameaça de excomunhão, para impedir que os fiéis os recebam. Apesar do terror que êle estabelecera, não conseguiu afastar da causa do Apóstolo o influente Caio e provavelmente outros. Êste deu provas de sua fidelidade a João recebendo os missionários em sua casa. Parece que o conflito fôsse de ordem doutrinal, tão do gôsto dos orientais. S. João procurou fazer novas tentativas enviando Demétrio com missionários que recomendava à hospitalidade de Caio. Pelas “Constituições Apostólicas” (PG I, 1053) podemos conjecturar o resultado, pois estas não enumeram Diótrefes entre os bispos da Ásia Menor, ao passo que suas listas episcopais conservaram os nomes de Caio, estabelecido por João em Pérgamo, e Demétrio em Filadélfia, de onde concluimos ter Diótrefes perseverado no êrro e ter sido deposto por João que colocou em seu lugar Caio. Já o Apc 2, 14-16 assinalava a presença de nicolaítas em Pérgamo.

Êste bilhete é um exemplo das cartas comendatícias usadas desde o início (At 18, 27; 2 Cor 3, 3), e deve ter sido escrito na mesma época que as 1.2. Jo, porém antes delas, uma vez que o cisma herético ainda não se consumara.

AUTENTICIDADE: Com muita propriedade foram estas duas cartas chamadas *gêmeas* pois tão semelhantes são entre si, que exigem a mesma paternidade. Se jamais se duvidou disto, o mesmo não tem acontecido quanto à identificação do autor que se apresenta em ambas como *ancião*, como testemunha cujo valor é fora do comum, como autoridade religiosa com superintendência sôbre as igrejas da Ásia Menor, como o *Ancião* (2 Jo 1 e 3 Jo 1) que não pode ser confundido com outro qualquer.

Se a estas indicações acrescentarmos o fato de que S. João era o único apóstolo vivo nos fins do séc. 1.^o, e a estreita semelhança com a 1 Jo, parece não mais restar dúvida possível sobre a pessoa do autor.

Além disto um falsário não teria deixado indicações tão vagas sobre a personagem escolhida para dar autoridade a seu escrito, mas teria apresentado os diversos títulos pelos quais essa personagem fôsse digna de acatamento e não um simples “o Ancião”. Tão pouco um falsário teria escrito sob o nome de S. João, precisamente para aquela comunidade onde este nome era atacado pelo bispo, e sobre a qual se fazia mister uma intervenção para reconduzir a autoridade hierárquica à obediência devida.

Que as citações destas duas cartas fôssem raras nos escritores antigos é muito natural, pois além de serem mui pequenas, a doutrina que ensinam já se encontra na 1 Jo, e além disto tinham ambas o caráter de comendatícias. Aliás muitos escritores católicos modernos, que, sem dúvida, as admitem como escritura inspirada seg. o Cânon do Conc. Trid., e que as conhecem, não as citam em suas obras, simplesmente porque lhes faltou a oportunidade para a citação.

Apesar de raras as citações, encontramos-las desde o séc. 2.^o, no fragmento Muratoriano (linha 69), em S. Irineu (2 vezes: a 2 Jo). Igualmente favoráveis à autenticidade são Clemente de Alexandria, Dionísio Alex. e Orígenes. Eusébio as colocou entre “os livros discutidos”.

As dúvidas surgidas sobre estes dois escritos terão tido origem, provavelmente, na questão surgida sobre o “Ancião” do Apc que, naturalmente, se estendeu às duas cartas que se diziam escritas pelo “Ancião”.

Sôbre a identidade do Presbítero João com o Apost. João, cf. a Introdução ao Ev. de S. João.

EPÍSTOLA DE S. JUDAS

AUTOR: Quem teria sido êste “Judas servo de Jesus Cristo e irmão de Tiago” que a inscrição nos apresenta como autor desta carta?

Sabemos que a expressão “servo de J. C.” tanto pode indicar um simples cristão como um apóstolo. Sempre que S. Paulo não tinha necessidade de apelar para sua qualidade de apóstolo a fim de manter sua autoridade, preferia apresentar-se modestamente como simples “servo de Jesus”. O mesmo fez Tiago (1, 1). Pelo 1.^o título não fica, pois, excluída a função de apóstolo para o autor. O 2.^o título “irmão de Tiago” nos dirá que se trata realmente do apóstolo enumerado nas listas dos doze como “Judas de Tiago” em Lc 6, 16 e At 1, 13; e “Tadeu” em Mt 10, 3 e Mc 3, 18.

Como nas listas dos apóstolos, Judas vem antes associado a Simão que a Tiago, devemos concluir que o termo “irmão” tem aqui o valor mais lato da linguagem semita, i.e. parente. Foi o casamento em segundas núpcias de seu pai, Clopa (Cléofas), com Maria, mãe de Tiago e José, que deu origem a esse parentesco. Cf. Introd. a Tg.

Pouco após a morte de Tiago, vendo Judas as necessidades dos fiéis, escreveu-lhes esta carta de orientação e, para conciliar a benevolência dos leitores, se apresentou como “irmão de Tiago”, mostrando que sua intervenção naquelas comunidades era devida não só ao fato de ser apóstolo, mas também ao parentesco que o ligava ao bispo recém-falecido.

Fora das listas apostólicas, apenas duas indicações encontramos nos Evang. sobre Judas-Tadeu. A primeira, quando os nazaretanos, depois da pregação de Jesus, comentaram: “Não é este o filho do carpinteiro? E sua mãe não se chama Maria? E seus irmãos Tiago e José, Simão e Judas?...” (Mt 13, 55).

A segunda, quando após a ceia, disse Jesus para confortar os apóstolos: “Ainda um pouco e o mundo não mais me verá; mas vós me vereis, porque eu vivo e vós vivereis... (então) perguntou-lhe Judas, não o Iscariotes: “Senhor, que aconteceu, que vais te manifestar a nós e ao mundo, não?” Jo 14, 19 e 22s. O teor da pergunta bem indicava a simplicidade de quem a fazia e a mentalidade de todos, que esperavam fôsse Jesus o restaurador do reino de Israel. Mas, responde Jesus explicando que não se manifesta ao mundo porque este não O ama nem observa seus preceitos, mas se manifestará àqueles que O amam e observam suas palavras, virá com o Pai habitar nestes como num templo vivo (Jo 14, 23s).

As notícias da tradição são poucas e incertas. Parece ter evangelizado a Galiléia e a Samaria antes da dispersão dos apóstolos, e depois, a Síria e Mesopotâmia. Segundo Nicéforo teria sido o espôso das bodas de Caná. Parece que S. Paulo em sua 1 Cor 9, 5 também a êle se referia ao falar dos “irmãos do Senhor” (28).

(28) Cf. Vincenzo Jacomo, *Le Epistole di S. Paolo*, Roma, 1951, pág. 328, Charrue, pág. 566.

AUTENTICIDADE: Um exame da linguagem nos dirá que o autor deve ter sido um *judeu* pelos semitismos (29). Apesar de manejar bem o grego (30) não estava isento do influxo popular, assim é que encontramos nos vv. 20s *'eautoús* em vez de *u'mās au'toús* de acordo com a *koiné* (31).

A modéstia com que se apresenta o autor é outro indício de autenticidade, pois bem sabemos pelos livros apócrifos que os falsários buscavam todos os títulos capazes de aumentar o crédito da personagem fictícia e além disto, falsário algum se teria acobertado num apóstolo que foi obscuro, como prova o pouco que dêle nos conservou a tradição.

Se o exame da carta nos inclina a aceitar Judas Tadeu como autor, o exame dos testemunhos da época nos forçará a isto: Depois da 2 Pdr que usou desta carta temos o fragmento de Muratori (séc. 2.^o) que na linha 68 a enumera entre os escritos canônicos. Tertul., Clem. de Alexandria e Orig. bem como S. Efrém na Síria a aceitaram. Antes do séc. 3.^o não há sinais de dúvida sobre a autenticidade. Por causa das duas citações de apócrifos, alguns puseram em dúvida a

(29) Tais como antíteses, paralelismo (vv. 6. 8 e 10), inclusão (compare-se o v. 2 com 20s), expressões calcadas sobre o hebraico (v. 3): *pās* = *kol*; *en* = *be* instrumental, (passim). Substantivos no genitivo em lugar de adjetivo, v. g. "obras de impiedade" (v. 15) por "obras impias".

(30) Sabe usar as particulas *mén* e *dé* (v.g. v. 8), as negações *mé* e *o'u*, etc.

(31) Cf. análise mais detalhada em R. Leconte, no art. Jude (Épître de S.) em Dict. de la Bible, Supplément, col 1288 e sg. que a conclui resumindo: "Se S. Judas possuía um verniz de he-lenismo, estava apesar disso profundamente ligado ao meio indígena da Palestina".

autenticidade de Jud (32). Muitos escritores quer ocidentais quer orientais, contemporâneos a Eusébio e S. Jerônimo a aceitaram (33). Do séc. 4.^o em diante começa a retornar a unanimidade sobre a canonicidade da epístola.

DESTINATÁRIOS: O endereço é “aos chamados (que são), amados em Deus Pai e guardados para Jesus Cristo”. Absolutamente falando, dirige-se êle a todos os cristãos que receberam a vocação para a fé por causa do amor de Deus para com êles. Mas, se considerarmos o teor da carta que, com freqüência, se refere às tradições judaicas e o título que escolheu o mitente, devemos concluir que os destinatários são os judeus da diáspora, os mesmos para quem escrevera S. Tiago sua carta.

ADVERSÁRIOS, OCASIÃO E FIM: Já aquêlê “guardados para Jesus Cristo” nos deixa entrever o pensamento de Judas que prevê as dificuldades e lutas ocasionadas pelos hereges. São êstes os mesmos combatidos pela 2 Pdr, falsos doutores que põem a fé em perigo porque se afastam da doutrina tradicional (v. 30s), serão duramente castigados (5ss). Enquanto por um lado mancham seus corpos (vv. 8. 23), por outro blasfemam (“insultam pretensiosamente”) os seres an-gélicos (v. 8s) e procedem como animais irracionais (v. 10). Rejeitam o Pai e censuram sua obra (vv. 4. 8. 16. 25.).

(32) Já S. Jerônimo assim se expressava: “Judas deixou uma pequena carta que está entre as católicas. Como cita o testemunho do livro de Enoch que é apócrifo, foi por muitos repudiada; no entanto pela antiguidade e pelo uso (na Igreja) mereceu gozar de autoridade e se enumera entre as Sagr. Escrituras”. Cf. cit. apud Ambroggi o.c. pág. 293.

(33) S. Ambrosio, S. Agost., S. Atanásio, S. Gregor. Nazianzeno, etc. cf. de Ambroggi, o.c. pág. 292 e seg.; R. Cornely, *Introductio Specialis*, vol. 3.^o pág. 655 e seg.

EPÍSTOLAS CATÓLICAS

Coincidem estas indicações com os erros dos gnósticos que, enquanto pesquisavam os sêres celestes, se lamentavam viver num mundo mau, e além disto desprezavam os outros considerando-se uma classe à parte: os *pneumáticos*. Êstes mesmos pretensos *espirituais*, sob o pretexto do conhecimento superior, se entregavam à luxúria (vv. 4. 7. 16. 18. 23). Estavam, porém, êstes gnósticos ainda na fase inicial, pois pertenciam à Igreja, frequentavam os ágapes (v. 12) onde, sem proselitismo pròpriamente dito, transmitiam seus erros. E o Apóstolo não os trata como hereges, mas apenas como cristãos que estavam no caminho errado. S. Judas, que já pretendia escrever a êsses cristãos para lhes dar orientações de ordem mais geral, agora ao ter conhecimento dessas novidades, escreve logo sem delongas, para denunciar os abusos e inspirar aos cristãos horror a tais inovações.

DATA: Deve ter escrito Judas depois do ano 62 (martírio de Tiago) e antes de 70, pois do contrário teria enumerado entre os grandes castigos a destruição de Jerusalém e do Templo. Se admitirmos, como de fato parece mais provável, a prioridade de Jud sôbre a 2 Pdr, poderemos encurtar um pouco o 2.º limite, pois S. Pedro deve ter escrito sua segunda carta pouco antes de 67 ou, segundo outros, pouco antes de 64. Teremos, portanto, como tempo de composição mais provável os anos de 63 a 65.

LUGAR: Talvez tenha sido a Mesopotâmia que a tradição aponta como campo de seu apostolado. Não podendo ir ter facilmente com os destinatários, enviou-lhes suas orientações por escrito.

LÍNGUA E ESTILO: Já tivemos ocasião de notar que seu grego é correto, algumas vêzes com tendência ao clássico,

como em sua doxologia final (34), porém com muitos semitismos, comuns em sua maioria à língua dos LXX. O estilo enérgico, vivo e poético lembra o de seu parente Tiago e o do próprio Jesus.

DOCTRINA: Segundo a expressão de Orígenes, esta carta é muito pequena, mas cheia de sabedoria divina. De fato encontramos nesses 25 versículos os principais dogmas cristãos: Unidade e Trindade de Deus (20-21. 25), preexistência do Verbo (v. 5), julgamento e sanção (passim). Jesus Cristo é Nosso Senhor (v. 5), juiz (v. 21), mediador (v. 21), rédemptor (v. 15). A graça que possuem os cristãos é produto da fé, do Esp. Santo, e da comunhão com a Igreja (17-18). O complexo de verdades a serem admitidas deve estar de acôrdo com a catequese (20-21) ou ensinamento dos apóstolos (17-19). Existem anjos bons e maus (6. 8. 9). Além disto muitas outras verdades supõe conhecidas dos leitores, a elas se referindo apenas por alusões.

Temos finalmente a questão da inspiração bíblica que aqui encontrou uma dificuldade especial pelo fato de ter S. Judas citado 2 apócrifos. Depois de enumerar os castigos divinos descritos na Bíblia para os cismáticos, acrescenta o de pretensa profecia de Enoch, para os falsos mestres, e o faz com as mesmas palavras do apócrifo.

Começemos por examinar o que pretendia S. Judas afirmar com tais citações, para o que temos duas hipóteses: 1.^a, teria afirmado apenas a *verdade literária* i.e. a existência

(34) Baseados nisto, muitos modernos exigem uma colaboração redacional, enquanto outros vêem apenas uma probabilidade nessa hipótese. Cf. Charrue, *Épîtres Catholiques*, em *La Sainte Bible*, Paris, 1951, pág. 569.

destas palavras sem nada dizer sobre se são autênticas ou não; 2.^a, teria afirmado a *verdade histórica*, mas, dentre as muitas falsidades dos apócrifos, teria escolhido precisamente aquilo que não era falso (assim S. Agost.).

Nada na inspiração impede a citação de livros profanos ou mesmo apócrifos (35), nem mesmo o perigo de induzir em erro os leitores, pois o gênero literário que chamamos dos “apócrifos”, estava então em voga, e todos sabiam que êsses livros embora se apresentassem sob a forma de livro sagrado, não eram inspirados. Assim, pois, os contemporâneos de S. Judas, de forma alguma se poderiam enganar com as citações. Só mais tarde quando essa literatura apócrifa passou a ser detestada pelos cristãos, por causa das confusões a que se prestava, é que se passou a suspeitar de tudo aquilo que tivesse relações com os apócrifos. E nestas suspeitas incorreu também Jud.

Nas duas hipóteses aventadas, quer S. Judas se restrinja à verdade literária, quer afirme a histórica, nada há contra a inspiração. Da primeira alternativa temos plena certeza, pois conhecemos hoje o livro de onde tirou a citação. Da segunda nada podemos garantir pois a *falta* de documentos da época é argumento muito fraco para se negar algo, principalmente em se tratando de tempos tão remotos. Alguns dos antigos accitaram esta 2.^a alternativa, hoje porém, a maioria dos católicos prefere a primeira.

(35) Tanto o A.T. como o N. têm citações de literatura extra-bíblica i.e. profana, assim por ex. Jos cita o Livro dos Justos, Dan, Esdr, etc., citam documentos de reis pagãos; S. Paulo cita um poeta pagão em At 17, 28.

O ESQUEMA da carta é simples: após a inscrição, diz logo qual a finalidade (vv. 3-4), de onde passa a prevenir os fiéis contra os falsos doutores (5-16) e a dar instruções de como agir (17-23). Encerra a carta com notável doxologia (24-25).

INTRODUÇÃO AO APOCALIPSE

INTRODUÇÃO AO APOCALIPSE

1. NOME
2. AUTOR E TEMPO
3. GÊNEROS LITERÁRIOS
4. PARTICULARIDADE DO APOCALIPSE
5. COMO INTERPRETAR O APOCALIPSE?
6. ANÁLISE EXPLICATIVA
7. BREVE SÍNTESE DO CONTEÚDO DO APOCALIPSE
8. PROBLEMAS PARTICULARES.

INTRODUÇÃO AO APOCALIPSE

1. NOME

O texto grego do último Livro do Novo Testamento, conforme os manuscritos mais antigos, apresenta o título *Apocalypsis Ioanou* e a Vulgata *Apocalypsis Beati Johannis Apostoli*. Este título, que em geral não é tido por original, baseia-se no próprio Livro que começa com a palavra: “Apocalipse...” (1, 1).

O termo “Apocalipse” (de “apo-kalyptein” i. e. “revelar”) ocorre 18 vezes no Novo Testamento e, já antes da aparição do presente Livro, era tido como uma palavra cristã consagrada, empregada para designar a revelação de uma coisa que Deus conservava até então envolta num véu, em particular a manifestação de Cristo como Senhor e Juiz supremo. Assim São Paulo escreve aos Gálatas (1, 11): “O Evangelho evangelizado por mim não é segundo o homem; pois eu não o recebi ou aprendi de um homem, mas por uma “apocalipse” de Jesus Cristo”. Aos Coríntios o mesmo São Paulo escreve (2 Cor 12, 1-4) “Chego às visões e às “apocalipses” do Senhor” e refere como, 14 anos atrás, êle “foi arrebatado até o terceiro céu” e “transportado ao paraíso”, “ouviu palavras inefáveis que não é lícito ao homem repetir” (cf. Rom 16, 25).

Todavia, esta mensagem de São João foi a primeira obra que se intitulou *Apocalipse*. Por sua influência foi que, daí em diante, êste nome passou a designar também outros livros ou partes dêles que pertencem ao mesmo gênero literário.

2. AUTOR E TEMPO

Em conformidade com o título do Apoc. na Vulg. e com a tradição da Igreja dos primeiros séculos foi o apóstolo São João quem compôs êste Livro, tendo-o escrito nos últimos anos de sua longa vida, ao terminar o reinado de Domiciano (81-96), portanto, aí pelos anos de 94 ou 95, quando estêve exilado em Patmos.

São Justino, Mártir o diz expressamente (Dial. c. o judcu Trifon, 151-3) “Um homem dos nossos por nome João, um dos apóstolos de Cristo, profetizou em uma revelação que lhe foi feita, que aquêles que acreditassem em nosso Cristo, por mil anos morariam em Jerusalém e que pouco depois disso teria lugar a ressurreição universal e eterna de todos os homens”. O trecho favorece talvez uma interpretação errada do milenário, mas atesta indubiamente a autenticidade joanêia do Apoc. Com êle concorda Santo Ireneu indicando também o tempo em que foi escrito (Ad Haer. V 30): “O Apoc foi escrito há não muito tempo, ainda quase em nossa geração i. e. no fim do reinado do imperador Domiciano”. Observa Allo que como a frase “em nossa geração” não pode provir do próprio Ireneu que viveu cêrcã de 90 anos mais tarde, é muito provável que êle a tenha transcrito de Papias († 130). Idênticos testemunhos lemos em Tertuliano (Contra Mar III, 14 e IV, 5), em Clem. Alex. (Paed. II

119), em Hipól. (De Antichr. 36; 50), em Orígenes (Com in Jo 2, 5) e em S. Jerôn. (De viribus 3, 9). Fácil seria aumentar ainda consideravelmente as citações de outros autores dos primeiros séculos.

Assim os autores católicos, embora conscientes de que não se trata de uma verdade de fé, atribuem com firmeza a autoria do Apoc ao apóstolo São João.

Nos últimos tempos os críticos de tendência racionalística levantaram a questão sobre a autenticidade do Apoc e em geral negam a sua autoria ao apóstolo São João, atribuindo-a a um outro homem que também se chamava João e que teria vivido por essa época. Baseiam-se nos seguintes motivos: 1) de ordem *externa*. Caio, no começo do séc. III, e os Álogos, grupo de Montanistas exaltados, atribuíram o Apoc a Cerinto. O grande Dionísio de Alex. († 340), embora aceite o Apoc como canônico, recusa-se a atribuí-lo a São João e Eusébio de Ces. mostra-se vacilante. Convém notar que todas estas dúvidas provêm unicamente de considerações tiradas do conteúdo do Livro; 2) de ordem *interna*. Eles vêem grande dificuldade em atribuir ao mesmo autor o 4.^o Evangelho e o Apoc, porque, embora o estilo de um e de outro ofereça muitos pontos de contacto, tanto do ponto de vista do vocabulário e torneios de frase, como, em geral, da gramática, as diferenças são tais que não podem ser devidamente explicadas, mesmo apelando-se para a diversidade do assunto e das circunstâncias em que os dois Livros foram escritos, e mesmo supondo-se um bom espaço de tempo para que um autor semítico se pudesse aperfeiçoar no grego. O mesmo se poderá fazer valer, afirmam eles, quanto à diversidade do ponto de vista teológico entre os dois Livros. Por fim, o autor do 4.^o Evangelho patenteia uma inconfun-

dível personalidade e originalidade p. ex. relativamente aos três sinóticos; ao invés, o autor do Apoc apresenta-se como um homem que se adaptou servilmente aos Profetas do V. Test. Acresce ainda que no próprio Apoc o autor que indica o seu nome “João” (1, 1. 4. 9 e 22, 18) nunca se intitula “apóstolo”, conquanto fale dos “apóstolos do Cordeiro” (18, 20).

Urge reconhecer que êsses argumentos que acabamos de citar, não são destituídos de todo o valor, todavia não podem suscitar uma verdadeira dúvida sôbre a autenticidade joanina do Apoc ante os apodíticos argumentos de ordem externa.

Em 1950 Boismard O. P. no seu “L’Apocalypse” da Escola Bíblica de Jerusalém, propôs a hipótese de ser São João Evangelista o autor principal do Apoc, mas de se ter servido de discípulos seus para exará-lo por escrito. Seria algo de semelhante ao que hoje todos aceitam quanto às relações de São Paulo para com a Epístola aos Hebreus.

3. GÊNEROS LITERÁRIOS: PROFÉTICO, SAPIENCIAL E APOCALÍPTICO

Para a compreensão do Apoc necessário se torna atender a evolução dos gêneros literários próprios da mentalidade israelítica. Entre êles notamos em primeiro lugar o *profético*. Apresenta, pois, a história de Israel notável número de personalidades proféticas que exerceram profunda influência no povo como seus guias espirituais. Por meio dêles, Deus comunicava-se com os seus eleitos e manifestava-lhes a sua vontade. De modo particular, incumbia-lhes a missão de predizer-lhes o futuro messiânico,

para o qual todo israelita devia dirigir os seus olhares cheios de confiança e de vivos desejos pelo Redentor que Deus lhes tinha prometido. Jesus Cristo mesmo refere-se com freqüência a esta atuação dos profetas, na qual para o cristianismo primitivo consistia, propriamente dita, a sua missão (Cf. At 3, 24. . .).

A *atividade* dos profetas do Velho Testamento realizou-se originariamente só pela palavra oral. Eram *pregadores* e não escritores. Mesmo os Livros dos profetas mais antigos são pela maioria a consignação de seus oráculos. Todavia com o tempo a palavra escrita foi tomando sempre maior importância. Desde a época de Jeremias (51, 59) o profeta, devido a várias circunstâncias, viu-se obrigado a escrever as suas mensagens e assim transmiti-las aos seus contemporâneos.

Também quanto ao *conteúdo* dos oráculos foram sendo introduzidas certas mudanças, das quais salientaremos duas principais: a) a lei divina, como a nítida expressão de sua vontade. Ezequiel já se refere a ela com muita ênfase e Malaquias faz consistir na sua explicação a principal ocupação dos sacerdotes. (Mal 2, 7). Desta suma importância ligada à lei nasceu, em grande parte, a literatura *sapiencial* que, como o Eclesiástico e o Livro da Sabedoria, bem como provavelmente o Eclesiastes e vários salmos, substituíram os profetas quando estes foram cessando de aparecer depois do exílio; b) os tempos finais vão entrando sempre mais nos círculos visuais dos profetas. Toda a sua esperança é colocada no futuro reino de Deus que descrevem com as cores mais gloriosas e que prometem para um tempo relativamente próximo após tremenda catástrofe mundial (Is 13, 9). Vai nascendo a chamada *Apocalíptica*, literatura

esta cujo tema principal é o fim da história na plenitude dos tempos.

O gérmen desta nova forma literária acha-se em seus começos já em alguns livros proféticos. Assim certo caráter apocalíptico mostram p. ex. Isaías (24-27), Zacarias (9-14), Ezequiel (1, 1...; 37, 1...), mas é em Daniel (7-12) que aparece pela primeira vez a forma essencialmente apocalíptica. Êste profeta do exílio visa confirmar os israelitas que ainda se conservavam fiéis a Javé e prepará-los para as tribulações que ainda estavam para sobrevir-lhes na época dos Macabeus, propondo-lhes o êxito feliz de tôdas as lutas com a vitória dos “Santos do Altíssimo”.

Daniel teve não poucos sucessores e imitadores desde a época dos Macabeus até o séc. II d. C., mas nenhum dêsses livros apocalípticos foi recebido no Cânon do Velho Testamento e são considerados apócrifos. Como já foi notado, do Apoc de São João é que proveio a designação de literatura apocalíptica que com razão se aplica a tôda essa série de livros que têm de comum entre si a intenção de revelar coisas do passado, presente e futuro que só eram conhecidas de Deus e dos seres celestes. Seus autores não declaram o próprio nome mas escrevem sob o pseudônimo de algum grande da antiguidade como Enoc, Abraão, os doze Patriarcas, Moisés, Baruc, Esdras. Isso relaciona-se provávelmente com a opinião então generalizada de que a profecia já estava extinta. Todos recorriam ao passado para imprimir aos seus escritos uma autoridade incontestável.

O *conteúdo* dêstes livros apocalípticos é muito variado. Ocupam-se principalmente com o andamento da história até o seu fim, que irá coincidir com o comêço da salvação. Nesta exposição dão em geral um prospecto da história de

APOCALIPSE

Israel até o seu tempo apresentando-a de um modo concreto; daí em diante até uma suposta catástrofe final a descrição histórica torna-se vaga e termina logo com a profecia do juízo universal e consequente romper do tempo da salvação messiânica.

Também quanto à parte formal existe certa semelhança, mas ao mesmo tempo uma grande diferença entre as profecias do Velho Testamento e os livros apocalípticos. Os profetas recebem de Deus a sua missão e as revelações quase sempre pela palavra interna; as visões formam para eles um como que degrau inferior, embora não falem de todo (Num 12, 6; Jer 23, 25...). Alguns dêles vêm em êxtase objetos e cenas que têm significação simbólica (cf. Am 7-9). Ao invés, a literatura apocalíptica recebe a revelação dos mistérios divinos quase que exclusivamente por meio de visões. Muitas vezes, como nos apócrifos, essas visões não pretendem ser realidades, mas apenas uma forma literária de que se serve o autor para dar expressão às suas esperanças e receios. Não é, porém, impossível que em certos casos êsses homens tenham tido de fato comunicações sobrenaturais, como nos 3.^o e 4.^o livros de Esdras. No tocante ao desenrolar da história, quer passada, quer futura, êles a apresentam em quadros e alegorias variadíssimos. Os homens são muitas vezes representados por animais e os acontecimentos históricos, por fenômenos naturais. Em Daniel os 4 animais simbolizam as 4 potências mundiais contrárias a Deus; em Esdras uma águia representa o império romano e as suas três cabeças e muitas asas os imperadores (11, 1). Estas visões, como tôda alegoria, precisam de uma explicação. se o leitor as quer compreender. Daí o vidente depois de cada visão pede a um anjo que lhe interprete o sentido.

4. PARTICULARIDADE DO APOCALIPSE

Os autores do Novo Testamento mostram-se familiarizados com a literatura judaica inspirada ou não. Idéias e representações de um fundo apocalíptico encontramos nos próprios Evangelhos (Mt 24; Mc 13; Lc 21) e em São Paulo (2 Tes 4, 25-27; 2, 1-12; 1 Cor 15, 20-25; 2 Cor 5, 1-10). Mas é no Apoc que se nos depara um livro inteiramente dêsse gênero, como uma espécie de evolução cristã da literatura profético-apocalíptica judaica.

Sob o ponto de vista *formal*, êle apresenta contínua cadeia de visões simbólico-alegóricas que o autor recebe em êxtase. Para isso êle é muitas vêzes arrebatado (4, 1) ante as portas do céu abertas (17, 3), no deserto (21, 6) e recebe explicações de um anjo (1, 1 e 22, 8). Mas é de notar que êle não conhece uma constante interpretação feita por determinado anjo (apenas 17, 7; cf. 7, 13).

Também existe certa semelhança quanto ao *conteúdo*. Como na maioria dos livros apocalípticos, a visão dos acontecimentos finais forma o tema principal do Apoc: as tremendas tribulações sob o domínio do Anticristo, os juízos divinos sôbre as potências ímpias, a volta de Cristo, o juízo universal e a bem-aventurança dos eleitos. Nesse tema êle se concentra ainda mais do que os demais livros apocalípticos evitando também digressões inúteis sôbre outras questões. Em vista desta concentração num só tema, o Apoc oferece uma perfeita unidade de conteúdo. Não lhe faltam, porém, advertências morais como consequência de sua finalidade moral-religiosa e desejo de consolar e confortar os leitores na fidelidade a Deus e a Cristo no meio das perseguições que já se manifes-

tavam e que ainda estavam para vir (Cf. 2,3; 13, 9; 14, 13; 16, 15; 19, 9...).

Acentuando estas semelhanças gerais, não devemos deixar de pôr em relêvo a *originalidade* própria do Apoc determinada por ser êle produto de um espírito eminentemente profético e cristão.

São João é antes de tudo um verdadeiro profeta. Êle mesmo frisa esta sua missão (22, 9; 10, 11) e designa seu Livro como sendo uma profecia (1, 3; 22, 7). No profetismo do Velho Testamento encontraremos a chave para a sua interpretação. Um simples confronto do Apoc com os profetas em geral demonstra quanto São João os deve ter lido e meditado para poder ter tirado de quase todos êles, combinados admiravelmente uns com os outros, a exposição de seu tema. Citemos p. ex. os seus símbolos: a árvore da vida, as águas mudadas em sangue, as duas testemunhas, os cavaleiros, a medida do templo e da cidade, o trono de Deus e os animais que o suportam, o templo, as lamentações sobre Babilônia, o livro comido, a invasão de Gog e Magog, o filho do homem, o dragão, a primeira fera, as rãs etc. Todos êles ocorrem disseminados nos Profetas.

Todavia reconhece-se sempre mais, mesmo entre os racionalistas, que as visões do Apoc são fenômenos realmente percebidos pelo autor e não mera ficção literária.

Poderemos admitir que Deus tenha querido que São João visse cenas, símbolos e quadros já percebidos pelos Profetas e muito conhecidos pelos judeus? Sem dúvida alguma. As visões de Patmos visavam, pois, formar a mentalidade de São João o qual, em seguida, seria inspirado por Deus para escrever a sua obra, cuja finalidade consistisse em atingir do modo mais eficaz a inteligência e o coração dos

APOCALIPSE

leitores. Nada mais natural que empregasse uma linguagem figurada e alegórica familiar àqueles que deviam ser os primeiros leitores dêste Livro. Vale também aqui o princípio: a graça age com a natureza.

Há no Apoc verdadeira fusão da forma apocalíptica e do conteúdo profético. Quem o lê, cuida estar ouvindo os profetas do Velho Testamento: a mesma profunda persuasão de estar cumprindo uma missão divina, o mesmo vigor de expressão tanto quando vitupera o crime e ameaça os pecadores, como quando descreve a salvação dos fiéis a Cristo.

Acresce que o Apoc é um Livro essencialmente *cristão*. Mesmo que nas suas visões encontremos grande quantidade de motivos e imagens tiradas do Velho Testamento e das tradições judaicas independentes da Bíblia, não devemos perder de vista que é um cristão que o escreveu. Todo o Apoc tem por fim anunciar a Cristo crucificado, o eterno Filho de Deus, o Libertador dos homens, que agora se assenta à direita de Deus na glória dos céus e que no final dos tempos ha de voltar à terra como supremo Juiz.

Nos livros apocalípticos judaicos a pessoa do Messias não ocupa lugar de maior destaque. Em alguns falta inteiramente, como no Ascensão de Moisés, outros apresentam dêle idéias confusas, restringindo-lhe a atividade a um plano secundário. Em geral êle é indicado como alguém que deveria vir para libertar Israel dos males terrenos.

Em luz totalmente diferente encontramos o Messias no Apoc. São João no-lo apresenta como um homem verdadeiro que viria em breve (1, 7; 3, 11; 22, 7). É o “Leão da tribo de Judá” e a “Raiz de Davi” (5, 3), mas não é um homem

APOCALIPSE

como os outros homens: eterno Filho de Deus, possui um ser divino e como tal é o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim (1, 17; 22, 13), o Rei dos reis e o Senhor dos senhores (17, 14; 19, 16), eternamente vivo (1, 18), onisciente (2, 23) e digníssimo de ser adorado (1, 6; 5, 8). Já tinha estado na terra em forma humana, daí a sua vinda é propriamente uma volta. Na sua primeira vinda entregou-se voluntariamente a uma morte violenta e salvou os homens (1, 5; 5, 9; 7, 14); por isso ele aparece ao vidente como um Cordeiro imolado (5, 6) e como tal, só ele é digno de abrir o livro que contém os planos divinos sobre o mundo. Só quem tem o nome inscrito no seu livro, poderá entrar na Jerusalém celeste (21, 27). Hoje ele vive nos céus, assentado no trono de Deus (3, 21; 7, 17; 22, 1); no final dos tempos ele virá julgar os homens e manifestar-se o Dominador do mundo (19, 11). Na Jerusalém celeste ele é juntamente com Deus a fonte de todos os bens para os seus eleitos (21, 22).

5. COMO INTERPRETAR O APOCALIPSE?

A grande maioria dos comentadores em todos os séculos passados, baseando-se no estilo narrativo do Apoc e na circunstância de ele mesmo se apresentar como uma “profecia” de “coisas que estavam para acontecer em breve” (1, 2), deram-lhe uma interpretação histórica, como se São João se referisse a acontecimentos reais e profeticamente previstos no futuro da Igreja. E, quanto ao essencial desta interpretação, todos estão de perfeito acôrdo. Variam, porém, muito na aplicação do sistema formando principalmente três grupos: a) Muitos querem ver no Apoc a evolução

APOCALIPSE

histórica da Igreja nos tempos de São João ou dos três primeiros séculos durante as dez perseguições romanas; b) Outros não poucos, mormente os da Idade Média pretenderam ver neste Livro tôda a história da Igreja em seus muitos períodos desde a sua fundação até os fins dos séculos; c) Por fim, outros autores antigos e modernos preferem restringir as profecias apocalípticas aos últimos anos da Igreja ou seja aos acontecimentos escatológicos.

Ante a imensa quantidade de exegetas de grande nomeada e incontestável erudição que apresentaram semelhantes interpretações, forçoso é acatá-las com o devido respeito. Todavia também não é possível deixar de reconhecer que êsses sistemas abrem as portas a tôda a espécie de arbitrariedade, como o comprova o simples confronto das muitas opiniões sôbre as várias épocas e períodos a que vão aplicando as cenas e os símbolos do Apoc.

Nos últimos tempos Allo O. P. e outros autores estabelecem um sólido sistema de interpretação que, em vez de ver no Apoc o desenvolvimento do reino messiânico no tempo, o considera como uma exposição da sua essência e natureza. Segundo esta interpretação o Apoc é um Livro destinado a iniciar os cristãos nos mistérios de Cristo como êles se revelam na sua Igreja militante e gloriosa. As suas profecias ou revelações visam esclarecer os fiéis sôbre os arcanos desta instituição divino-humana. São João acentua a presença de Cristo contínua e sempre vitoriosa no meio das lutas de sua Igreja com as potências diabólicas e seus assecclas. Essa Igreja permanece no decorrer dos tempos sempre a mesma, i. e. sempre combatida e jamais vencida. Desta forma o vidente, embora não tenha a intenção de predizer e descrever acontecimentos concretos ou fases da

APOCALIPSE

evolução do reino de Deus na terra, de fato anuncia tribulações, perseguições e guerras, porque elas fazem parte da Igreja militante, como também prediz a sua vitória final, porque Cristo não pode deixar de triunfar eternamente.

Na era cristã em que vivemos mal se pode falar em futuro período escatológico, pois que Cristo é a plenitude dos tempos. Os cristãos que chegaram a Cristo, nada mais têm a esperar. É certamente possível que, para a Igreja militante como tal, o final dos séculos envolva tribulações ainda maiores das que ela suporta continuamente, como o divino Mestre em Mt 24 parece pôr-lhe em perspectiva conforme a interpretação comum. Mas nada de particular e concreto sobre essa época nos revela o Apoc. O próprio milenário (20) realiza-se plenamente de um modo espiritual, mas verdadeiro naqueles que têm vivido e continuam vivendo em Cristo.

Alguns aspectos particulares dêste sistema de explicação apresentaremos na seguinte.

6. ANÁLISE EXPLICATIVA.

Em sua perfeita unidade de fundo e de estrutura, o Apoc começa (1, 1-8) por um prólogo ou uma apresentação geral do autor e de sua obra. Designa-se êle como sendo o conhecido *João*, servo de Deus e testemunha de sua "palavra". Seu Livro dirigido às Igrejas da Ásia Menor, consiste na narração fiel das revelações proféticas que lhe foram transmitidas por um "anjo". O vidente, à semelhança de Isaías, Jeremias e Ezequiel, expõe a sua vocação para

APOCALIPSE

profeta e como tal dirige-se aos fiéis dessas Igrejas, desejando-lhes “a graça e a paz” (saudação comum de S. Paulo) em nome da Santíssima Trindade i. e. “dAquele que é, que era e que vem” (*Javé* “o que é” ou o Eterno), do Espírito Santo (dos “sete espiritos”) e de Jesus Cristo, o qual é chamado “Testemunha fiel, Primogênito dentre os mortos (Hebr 1, 3; At 13, 33) e Príncipe dos reis da terra” e ao qual, em longa doxologia, São João atribui “a glória e o poder” .

I — *As sete epístolas*: 1, 8-3, 22.

Prossegue São João com uma nova apresentação de carater mais particular, dirigindo-se expressamente às sete Igrejas da Ásia Menor; Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia. Refere-lhes como êle, João “seu irmão e participante, como êles mesmos, “da aflição, da realza e da paciência de Jesus Cristo”, exilado na ilha de Patmos (hoje: Patinos), recebeu num domingo visões celestiais e a ordem de lhas transmitir por escrito (1, 10).

Sem outro preâmbulo passa a descrever a grande visão que teve de Jesus Cristo, o qual se lhe mostrou como Alguém semelhante a um filho de homem no meio dos candelabros de ouro; estava vestido com a longa túnica sacerdotal, a sua cabeça e cabelos eram inteiramente brancos como sinal de sua majestade; os olhos resplandeciam como chamas de fogo; os seus pés assemelhavam-se ao metal em brasa e a sua voz parecia o ruído de grande cascata. Na mão direita segurava sete estrelas e de sua bôca saía uma espada aguda. Todo êle resplandecia como o sol. É este Jesus, assim transfigurado em sua glória, que se dirige às Igrejas.

APOCALIPSE

Quanto às sete epístolas cumpre notar

1. que formam tôdas elas, em conjunto, um todo, nunca tendo existido em separado. Pode-se prová-lo pelo número sete i. e. totalidade, pelo esquema geral de tôdas elas, e pela identidade do autor i. e. de Jesus Cristo, do qual em cada epístola São João frisa uma das qualidades da visão acima descrita.

2. que o “anjo” dessas Igrejas significa a autoridade constituída para cada uma delas e que certamente se trata em primeira linha de agremiações de fiéis concretas e reais, muito conhecidas do vidente, o qual as louva ou censura em conformidade com as suas obras.

3. que, sendo Igrejas reais, são também simbólicas para tôda a Igreja universal, que se compõe de sete agremiações i. e. da totalidade delas, sendo umas mais perfeitas do que as outras: assim a Igreja de Esmirna é perfeita, a de Tiatira é formada de muitas virtudes, mas tem suas falhas e a de Sardes só merece censuras.

4. que tôdas elas estão nas mãos de Jesus Cristo que as conhece, as exorta, as censura em caso dado e lhes propõe a coroa da vitória se forem fiéis até o fim.

5. que a situação real que aqui é descrita sem símbolos e imagens, representa cenas que se vão repetindo em tôda a Igreja e que apresentam problemas e mistérios que, em seguida, pelas visões de todo o Livro vão sendo explicadas devidamente.

II — *O trono de Deus e o Livro com os sete selos*: 4, 1-8, 17.

Tôda a finalidade do Apoc consiste em revelar aos homens o reino e o poder de Deus, para que eles o adorem

APOCALIPSE

e lhe permaneçam fiéis nas suas muitas provações. Daí logo de início São João vê e descreve o “trono” glorioso em que Deus, sob a aparência de uma Luz, se assenta à semelhança de um monarca oriental. Esse “trono”, semelhante ao que foi mostrado a Ezequiel (Ez 1, 1), é formado por quatro animais vivos, simbólicos e misteriosamente sintéticos (corpos de certos animais e cabeças de outros, alados e cheios de olhos). O simbolismo põe em relevo tanto qualidades de Deus mesmo: o seu poder (o touro), sempre vitorioso (o leão), sublimado acima das contingências humanas (a águia altaneira) e inteligente (o homem), como dos seres fiéis a ele, que lhe formam a côrte, os verdadeiros cristãos que devem ser revestidos de idênticas qualidades. Em redor do trono estão os 24 anciãos, vestidos de branco e coroados (sacerdotes e reis), simbolizando os eleitos do Velho e do Novo Testamento (24 = 12 + 12; cf Is 24, 23).

Na mão de Deus aparece um Livro ou um rôlo fechado com sete selos, simbolizando o destino dos homens. Ninguém o podia abrir e ler. Nisto diante do trono é visto um Cordeiro com sete pontas e sete olhos (a plenitude do Espírito Santo). Está em pé e, ao mesmo tempo, imolado. Ele é proclamado “o Leão da tribo de Judá que venceu (pela sua Paixão) e, entre as aclamações da côrte celeste, recebe das mãos de Deus o Livro e o vai abrindo.

São João divide esta série de sete selos, como também as demais séries de sete, como as das trombetas, dos sinais e das conchas, em dois grupos de quatro e de três. Não se trata de fatos ou acontecimentos que se vão sucedendo temporariamente uns aos outros, mas de fenômenos simultâneos ou de partes analíticas de um todo.

Os quatro cavaleiros (Cf. Zac 1, 7, 6 1-8) simbolizam fenômenos que se manifestam pelo mundo além na Igreja

APOCALIPSE

militante. O cavalo indica alguém que percorre a terra e a sua côr, a finalidade da missão. Assim o primeiro significa certamente o próprio Cristo que vai pelo mundo “vencendo e para vencer”. Os outros três, como São João declara expressamente, representam a guerra, a fome e a peste (a morte) como símbolos de toda a espécie de calamidades que assolam o mundo. No caso, supõe-se que essas “calamidades” sejam principalmente contrárias aos cristãos e ao próprio Cristo, conquanto estejam inteiramente nas suas mãos.

O 5.^o sêlo responde à questão da injustiça praticada na terra. A vingança divina é prometida para breve.

O 6.^o sêlo concerne a execução dessa justiça, simbolizada pela convulsão dos elementos.

No cap. 7.^o êstes cataclismos são descritos como provindos dos quatro cantos da terra (os quatro ventos) i. e. como gerais, mas não atingirão a todos os homens indistintamente. Um “anjo” assinala os “servos de Deus com o sinal do Deus vivo”. Em Jesus Cristo nenhum mal pode tocar os seus adeptos. Eis o tema principal de todo o Apoc. As doze tribos de Israel, i. e. uma “inumerável multidão” (7, 9) indicam a grandeza do reino de Deus.

III — *As sete trombetas*: 8, 1-11, 13.

Como elo de unidade o 7.^o sêlo inclui em si toda a nova série de visões: as sete trombetas.

A trombeta era empregada antigamente para anunciar alguma coisa importante. O seu simbolismo, sendo elas tocadas por “anjos”, deve consistir no anúncio de verdades que Deus quer lembrar aos homens. É de notar

se que elas são tocadas em consequência das orações dos Santos na terra (8, 4).

As quatro primeiras trombetas formam um todo para si e têm por fim anunciar calamidades ou castigos, ocasionados pelo “fogo” ou ira divina, o qual cai do céu e fere a terça parte dos homens i. e. muitos homens. Necessário se torna distinguir num mesmo fenômeno, dos que acontecem neste mundo, o seu lado afeito a anunciar e prevenir e as suas consequências quiçá funestas. Assim quanto aos flagelos indicados nas quatro primeiras trombetas, podem ser considerados como anúncios dos castigos de Deus para os que não são atingidos por êles, ao passo que para os flagelados já são êsses mesmos castigos simbolizados adiante pelas conchas.

As três últimas trombetas anunciam tribulações ainda maiores conforme o grito da águia voando pelo céu (8, 13). A 5.^a parece indicar os espíritos malignos que, em forma de rãs, invadem o mundo e guerreiam os fiéis a Cristo. Seu chefe é Abaddon, o “Exterminador”. A 6.^a trombeta alude aos sequazes dêsses espíritos satânicos i. e. os ímpios, os pagãos e os herejes.

Todos êsses flagelos que são realidades que por tôda a parte podem ser observadas e sentidas, são aqui considerados na sua finalidade de advertir os homens sôbre a existência de um Deus, que assim se manifesta em sua justiça para punir os maus. É o que os cap. 10 e 11 explicam e ampliam ainda mais nitidamente. Primeiro aparece o “anjo forte” que domina os mares e os continentes e jura solenemente que daí em diante “não haverá mais tempo” i. e. urge que os homens se convertam quanto antes. Êle oferece a São João um livro, dizendo-lhe que deve comer e

transmitindo-lhe a ordem divina: “É necessário que ainda profetizes (i. e. evangelizes) a muitos povos”. (10,11) Em seguida, São João recebe uma vara para medir o templo de Deus (Cf. Ez 40,3). Apenas pequeno espaço e poucos adoradores restarão fiéis ao Senhor. A grande maioria dos homens há de apostatar. Nesse meio terno aparecerão duas testemunhas a pregar: são as “duas oliveiras e os dois candelabros”, representando os dois “ungidos” ou os dois poderes espiritual e temporal. Êsses serão perseguidos e sucumbirão, mas sempre de novo ressurgirão i.e. encontrarão sucessores que hão de continuar a pregar como êles mesmos.

IV — *Os sete sinais*: 11, 12 - 14, 20,

Como o 7.^o selo liga a série das sete trombetas ao precedente assim, ao toque da 7.^a trombeta, se abre a nova série dos sete sinais. Não pode haver dúvida que também neste trecho São João seguindo seu estilo, apresenta uma série de sete considerações; todavia não de um modo tão claro, como quanto aos selos, trombetas e conchas.

Antes de tudo, ao toque da 7.^a trombeta, “fortes vozes anunciam:” O império do mundo passou para Nosso Senhor e para o seu Cristo”. Portanto chegamos ao fim de todos os acontecimentos. Mas ao vidente é mostrado ainda em sete sinais *como isso se fez* i. e. como se travaram os combates e qual foi o seu desfecho.

Os quatro primeiros sinais formam, como alhures, um todo para si.

O primeiro sinal é a “mulher” que “revestida do sol aparece no céu” (12, 1). Trata-se do reino de Deus na

APOCALIPSE

terra, sublimado e fulgente de glória por abranger em si o próprio Jesus Cristo. Dêsse reino Maria Santíssima é o membro proeminente.

Os outros três sinais: o dragão (o demônio) e as duas feras ou bêstas, simbolizam os poderes das trevas. Quanto às feras, a primeira que é em tudo semelhante ao dragão, consubstancia em si o mal, a impiedade, unida à crueldade; a segunda, chamada expressamente “pseudoprofeta”, é semelhante ao cordeiro; daí deve significar o espírito de heresia e insubordinação à Igreja. Ambas trabalham juntas e à primeira vista parecem vencer na terra. Mas, não. O Cordeiro aparece vencedor na montanha de Sião, cercado de sua côrte triunfante. (14, 1).

Os três últimos sinais referem-se à gênese dessa vitória.

O 5.^o sinal volta a frisar a evangelização do mundo, como nos caps 10.^o e 11.^o, e apresenta três breves considerações: a) uma exortação: “Temei o Senhor...”; b) um exemplo: a queda de Babilônia; c) uma ameaça: Ai dos que se aliam às feras!

O 6.^o sinal indica a colheita final: dos bons para o céu e dos maus para o fogo do inferno.

V — *As sete conchas*: 15, 1-18, 24.

O 7.^o sinal, como lemos em 15, 1 - 4, encerra em si as sete conchas simbólicas dos castigos divinos, que, depois dos muitos avisos e ameaças, contidas nas trombetas, fulminarão os ímpios.

As quatro primeiras conchas, formando para si um todo, correspondem às quatro primeiras trombetas e signi-

APOCALIPSE

ficam castigos parciais. Deus em sua misericórdia quer dar ainda tempo para a conversão dos maus antes de exterminá-los para sempre.

As três últimas conchas indicam castigos mais severos e que, progressivamente, se vão tornando totais.

Em seguida, São João viu e descreve-nos a destruição da *grande Babilônia* (17 e 18). O v. 17, 1 indica a união dêste trecho com o precedente: “Um dos sete anjos que seguravam as sete conchas, falou-me nestes termos: Vem e eu te mostrarei o julgamento da grande prostituta...”. Trata-se portanto dos mesmos castigos do cap. 16, apenas sob uma outra forma. Podemos ver neste trecho um exemplo de como os inimigos de Deus serão punidos.

Não pode haver dúvida de que por “Babilônia” se deva entender Roma ou o império romano em vista de todo o conjunto e principalmente de 17, 9 em que se alude às sete colinas de Roma.

O vidente a vê na forma de uma mulher luxuriosa assentada em cima da primeira fera e dominando o mundo inteiro. Ela forma com a fera como que um todo, tornando-se “a mãe dos impudicos e das abominações da terra”. São João a vê “ébria do sangue dos santos e do sangue dos mártires de Jesus”.

Em 17, 10 há uma alusão clara aos imperadores romanos, os quais eram de modo particular abomináveis aos olhos dos cristãos pelo culto divino que exigiam aos seus predecessores “divinizados” e muitas vezes a si mesmos ainda em vida, como Domiciano o fez principalmente na Ásia Menor.

O vidente profetiza que “esses reis farão guerra ao Cordeiro, mas o Cordeiro os vencerá” (17, 14) e indica (17,

APOCALIPSE

15-18) que os mesmos muitos povos subjugados por Roma é que a hão de vencer e destruir, “porque Deus lhes pôs no coração (o propósito) de executar os seus planos”.

O cap. 18 é dedicado todo êle a descrever a seu modo a queda de Roma. Uma voz do céu exorta os fiéis a sair do meio dessa cidade destinada à ruína. Em seguida, os reis da terra e os negociantes levantam uma grande lamentação, porque aquela que os inebriava já não existe. No céu, ao contrário, faz ouvir um grito de alegria. Por fim, um “anjo” aparece com uma grande pedra molar nas mãos e a atira ao mar, exclamando: Assim será precipitada Babilônia...

VI — *O triunfo de Cristo*: 19, 1 - 22, 5.

Esta última parte poderia ser considerada como um dobramento da colheita dos bons para o céu anunciada em 14, 14-16, do mesmo modo que as sete conchas e a queda de Babilônia podem ser tidas como a realização da colheita dos maus para a punição.

Começa São João transmitindo-nos os cânticos de triunfo de grande multidão de seres celestes. (19, 1-10).

Em seguida, aparece no céu Cristo glorioso numa forma combinada das duas visões do Cap. I e do primeiro Cavaleiro (6, 1).

Ainda uma vez alude-se à derrota das feras e de seus aliados. (19, 11-21). Quanto ao dragão, êle é o primeiro ligado e precipitado num abismo “durante mil anos” i. e. por longo espaço de tempo o seu poder é muito delimitado.

Fala-nos então São João do *milenário* i. e. um espaço de tempo durante o qual os fiéis de Cristo reinarão com êle. Trata-se de uma vida que o vidente designa como a “primeira ressurreição” e que é um penhor certo da vida eterna (20, 4-6). A interpretação dêste trecho tem sido muito controvertida no decorrer dos séculos. Não poucos milenaristas, principalmente no início do cristianismo, imaginaram uma época em que Cristo devia reaparecer na terra para reinar visivelmente com os seus neste mundo. Em geral, vê-se o milenário plenamente realizado na vida cristã que frui da intimidade deliciosa de Cristo e que por sua fôrça consegue dominar as paixões e os assaltos do inimigo infernal. Não é impossível que São João tenha em vista particularmente a sorte dos justos no céu enquanto ainda aguardam a ressurreição dos corpos depois do juízo final. Esta última interpretação tem por si o 20, 4 em que se diz que do milenário feliz com Cristo fruirão “as almas dos que forem decapitados por causa do testemunho de Cristo e por causa da palavra de Deus”.

Sem conexão com o trecho precedente do milenário, São João descreve o *último combate* entre os inimigos de Deus e Cristo, aludindo a Ezequiel (38 e 39): *Gog, rei do Magog* reunirá tôda a terra para êsse último combate, no qual o demônio será definitivamente vencido e atirado para sempre no inferno. Dificilmente se poderá afirmar com certeza se São João tem em vista um novo combate temporariamente diferente dos que se vão travando continuamente na terra ou se aqui apenas resume todos êsses combates sob a figura de uma peleja final. O que êle certamente visa é descrever-nos a desfeita do dragão.

Ainda uma vez São João volta a falar do *juízo universal*. Cristo aparece-lhe assentado num trono tão resplandecente

APOCALIPSE

que diante dêle desaparecem inteiramente os céus e a terra. Todos os homens ressuscitam para serem julgados cada um conforme as suas obras.

Terminada esta parte que trata ainda de lutas vitoriosas, São João dedica as últimas páginas do seu Livro a descrever os *novos céus e a nova terra*, em que serão celebrados os eternos triunfos do Cordeiro e dos seus fiéis. (Cf. Is 65, 17-19; Rom 8, 19). Aparece-lhe a *nova Jerusalém*, a cidade santa, que desce do céu, vestida de glória como uma espôsa preparada para o espôso (21, 2). É “o tabernáculo (a habitação) de Deus com os homens”, onde nada mais haverá das tribulações dêste mundo.

Segue-se um convite: “... aquele que vencer, possuirá estas coisas”!

São João é transportado a uma alta montanha para daí contemplar a cidade que lhe é mostrada por um “anjo”. Ele esforça-se por descrevê-la. Aos seus olhos ela brilhava com “glória de Deus mesmo”. A cidade forma um imenso quadrado, medindo cada lado 12.000 estádios i. e. 2.400.000m (21, 16), sendo tôda ela de ouro e resplandecente como puro cristal (21,18). Tôda ela é cercada, como as antigas cidades orientais, de uma alta muralha de 144 côvados, tôda ela de jaspe e firma-se sôbre doze pedras fundamentais, ornadas de tôda a espécie de pedras preciosas que o vidente nomeia detalhadamente (21, 19. 20). Nesses fundamentos estão escritos os nomes dos doze apóstolos.

De cada lado da cidade estão três portas sempre abertas, mas guardadas por um “anjo”; em cada uma dessas portas lê-se o nome de uma tribo de Israel.

Na imensa cidade não se vê nenhum templo especial, porque tôda ela é um templo; nem necessita de sol para ilumi-

APOCALIPSE

ná-la, porque quem a ilumina é Deus mesmo e o Cordeiro. Em conformidade com a visão de Ezequiel (47, 1-12), também São João vê uma fonte jorrar do trono de Deus e tornar-se um rio a cujas margens florescem e frutificam as árvores da vida.

Conclusão: 22, 6-21.

Um “anjo” atesta que “as palavras (ou as visões) dêste Livro são certas e verdadeiras”. O momento de sua realização está tão perto que o vidente não as deve “selar” i. e. guardar fechadas para o futuro.

O “anjo” continua falando diretamente na pessoa de Cristo (22, 12) e indica assim que era o próprio Jesus que, na forma de um anjo, falava com São João. Como sintetizando todo o Livro, êle declara: “Eis que eu virei em breve e a minha retribuição está comigo para dar a cada um segundo as suas obras. Eu sou o alfa e o ômega, o primeiro e o último, o começo e o fim” (22, 12. 13).

O Apoc termina pela resposta que o Espírito Santo sugere à Igreja: “Vinde” (22, 17) ou, “Vinde, Senhor Jesus” (22, 20).

7. BREVE SÍNTESE DO CONTEÚDO DO APOCALIPSE

Para sintetizarmos as idéias mestras evoluídas no Apoc por meio de símbolos e quadros enigmáticos, precisamos antes de tudo colocar-nos no ponto de vista do autor no momento em que êle teve e descreveu as suas visões em Patmos.

Em seu espírito cristão êle supunha como base dos seus conhecimentos e do dos seus imediatos leitores: a) tôda a re-

velação do Velho Testamento; b) a realização das profecias do V. Test. em Cristo Jesus, Redentor que já viera ao mundo e morrera na cruz para sua redenção; c) a realidade do cristianismo nascente, mas já espalhado pelo mundo então conhecido. Nesse “mundo” dominava o pecado e os cristãos no meio dêle eram continuamente combatidos e muitas vezes tinham que morrer para confessar a sua fé. Nessas circunstâncias entretanto não estavam sozinhos nem abandonados: Jesus estava com êles, animando-os ao combate e prometendo-lhes eterna recompensa pela sua resistência ao mal.

Em seu espírito profético, São João sente-se chamado a confortar êsses mesmos cristãos por meio da descrição das visões que teve. Para isso

1) êle acentua ao máximo a grandeza divina. Deus, a Santíssima Trindade (1, 4. 5), assentado no seu trono vivo e gloriosíssimo (4, 1) reina pelos séculos dos séculos, eminentemente superior e inatingível aos seus adversários.

2) Êsses adversários de Deus são: a) o dragão infernal, o demônio, a antiga serpente (12, 3...); b) os seus aliados recrutados dentre os homens e simbolizados pelas duas feras.

3) A humanidade, pelo mundo além, via-se perdida sem poder ter parte com Deus em vista dos seus pecados (suposta a queda dos descendentes de Adão). Ninguém podia abrir o livro do seu destino e resolver os seus problemas.

4) Mas a Misericórdia divina envia aos homens pecadores o *Cordeiro-Vitima* que lhes abriu êsse livro. Pela metáfora do “Cordeiro” São João expõe tanto o sacrifício cruel de Cristo, como os seus triunfos em Sião e na Jerusalém celeste. A metáfora já inclui em si tôda a missão de Cristo

entre os homens, mas São João não-lo apresenta ainda em suas grandezas como Rei dos reis e Dominador dos dominadores e como Deus mesmo. Relativamente à Igreja por êle fundada, São João sublinha a sua presença em tôda a parte (as sete epistolas etc.), o seu encargo de juiz supremo (20, 11), o seu cuidado pelos seus fiéis que sempre de novo exorta e que premiará eternamente. Todos os encargos e prerrogativas de Cristo aparecem sintetizadas na sua dupla imagem: a de 1, 9-12 e a de 19, 11-16.

5) A íntima relação de Cristo para com a sua Igreja é exposta pela abertura dos sete selos (6, 1...). Os Cavaleiros que percorrem a terra indicam que essa *Igreja*, em sua natureza, deve ser *militante* enquanto estiver na terra. Todavia, deve acalmar-se, mesmo no meio de todos os seus mártires; em breve triunfará, depois que se completar o número dos que devem ser salvos (6, 11).

6) Enquanto isso, os fiéis que se vêem envolvidos nas lutas terrenas, devem ouvir os sons das “trombetas”: Deus mesmo por intermédio das criaturas (11, 4) exorta-os à fidelidade e ameaça de tremendos castigos os infiéis. Todos devem atender aos grandes “sinais” (12-14): o demônio e as suas feras parecem vencer na terra, mas não vencerão jamais. A Igreja do Cordeiro aparece no alto, brilhante de glória e sobranceira às tramas infernais (12, 1-3) e os seus membros gozam felizes na montanha de Sião (14, 1):

7) O poder dos maus é efêmero e êles serão punidos severamente. Nesta convicção consiste a “paciência dos santos” (14, 12). São João detem-se a expor êstes castigos pelas conchas derramadas sobre os ímpios e pela destruição final pelo fogo eterno e exemplifica êstes mesmos castigos na destruição de Babilônia-Roma. (17 e 18).

8) As aflições dos justos terão fim e resta-lhes a vida com Cristo que ainda neste mundo lhes reserva inúmeras delícias pela sua paz e em seguida a vida na Jerusalém celeste para sempre.

8. PROBLEMAS PARTICULARES

Entre os muitos problemas que a leitura do Apoc suscita, apresentamos algumas reflexões sobre os seguintes:

1) *A simbólica dos números*

Os apocalípticos tinham os números em grande conta e nêles viam ótimo meio para tratar enigmáticamente de verdades tanto transcendentais, como comuns. Para êles a aritmologia assumira foros de ciencia muito cultivada e evoluida.

E com efeito, excetuando-se os exageros da geometria cabalística, a simbólica dos números é muito expressiva e útil tanto para forçar a reflexão, como para auxiliar a memória.

Apontamos apenas o significado de alguns números e suas combinações conforme aparecem no Apoc.

O número 3, principalmente para os cristãos sob a influência da Santíssima Trindade, indicava a santidade. Todavia não se pode afirmar que sempre que o número 3 ocorre tenha essa significação, p. ex. 16, 13 as três rãs ou espíritos impuros.

O número 4 era tido como expressão da totalidade em vista dos quatro ângulos da terra, considerada como era como imenso quadrilátero.

O número 7 merece especial menção por formar êle como que a estrutura de todo o Apoc. A sua origem deve provir

APOCALIPSE

das quatro fases da lua que constituem os 7 dias da semana. Daí a significação que lhe foram dando de perfeição ou de alguma coisa completa e santa, pois que Deus abençoou o sétimo dia (Gen 2, 3). Acresce que o 7 se compõe de 4 + 3, i. é., do número santo e do número da totalidade.

O número 6 era considerado como 7 — 1, i. é., algo de imperfeito, ou incompleto e deficiente.

Ao contrário, o número 8 (7 X 1) incluía em si algo de demasiado ou supérfluo. Todavia não sempre, porque podia ser considerado como 2 X 4 e assim significava também a mais completa totalidade.

O número 10, devido ao sistema decimal adotado pelos judeus, tinha a significação de algo relativamente grande. Mais ainda os seus múltiplos e principalmente o número 1000 que era tido como algo de inumerável ou infinito.

O número 12, considerado como 3 X 4, igualava a 7 em perfeição e santidade. Baseava-se também no número das tribos de Israel e dos Apóstolos. De sua significação participavam também os números relacionados com 12. Assim 24, como duas vezes doze, era o número dos anciãos simbólicos que estavam diante do trono de Deus representando provavelmente o Antigo e o Novo Testamento. De 12 vezes 12 obtinham o número 144 que unido a 1000 formava uma inumerável quantidade.

Por fim ainda o número 3 e meio, como a metade de 7, tinha a significação de deficiência ou de algo inacabado.

Muito comum era indicar uma pessoa pelo seu número. Isso faziam simplesmente procurando o número contido nas letras do seu nome ou de algum título ou característica sua,

como também combinando o nome com o título. Compreende-se que chegaram facilmente a isso uma vez que as letras tinham valor numérico. Assim o número de *Dawid* em hebraico seria 14, porque o *d* equivalia a 4 e o *w* a 6, (4 + 6 = 10). 4).

São João indica 666 como o número da fera e deixa a sua decifração “àqueles que tiverem inteligência”. (13. 18). Para chegarmos a um resultado que inspira confiança, cumpre notar que êle deve ter tido em vista o alfabeto hebraico, uma vez que êle era judeu e que muitas vezes empregavam o hebraico para êsses enigmas numéricos, ou também do alfabeto grego, porque êle escreveu o Apoc em grego. É claro que muitos nomes podem ter êsse número. Devemos determiná-lo pelas circunstâncias então vigentes. Das várias interpretações que têm sido propostas, a que mais tem probabilidade de ser a verdadeira é a de *Neron Cesar* escrito com letras hebraicas. São João teria assim a intenção de aludir a êsse imperador romano, que era tido então como o tipo da crueldade e do maior perseguidor dos cristãos, portanto como uma encarnação do Anticristo. Não como se o vidente quisesse afirmar que só Nero era o Anticristo, mas apenas que nêle se incorporava êsse espírito satânico.

2) *Animais sintéticos*

Não podem deixar de causar estranheza aos leitores do Apoc em nossos dias as figuras de animais que São João viu nas suas visões tendo formas fantásticas: corpos de certos animais e cabeças de outros, leões e touros alados e cheios de olhos, feras com sete cabeças e dez pontas...

Questiona-se como é que êle chegou a essas representações e como é que as devemos interpretar.

Para compreendê-lo, devemos antes de tudo recorrer aos profetas Ezequiel e Daniel, que lhe serviram de modelo tanto neste particular como em muitos outros pontos. Esses profetas viviam no exílio de Babilônia e aí familiarizaram-se com essas figuras sintéticas e simbólicas que se podiam ver por toda a parte. Semelhantes Querubins foram descobertos em notável quantidade nos antigos templos e palácios reais, nas escavações levadas a efeito em muitas localidades orientais. Eram muito afeitos ao sabor dos orientais cujo espírito intuitivo facilmente sabia interpretar esses símbolos e se comprazia nessas formas bizarras que tinham em conta de genuinamente artísticas.

Hoje para deslindar o sentido oculto nesses símbolos, por vezes complicados, necessário se nos torna transportarmos ao Oriente e considerá-los à luz da mentalidade com que foram empregados.

Assim um leão alado significava vitória fácil, rápida e sublime; um touro cheio de olhos equivalia à força da inteligência; o Cordeiro divino com sete pontas e sete olhos simbolizava a Vítima na qual estava o divino Espírito em sua plenitude de força e de inteligência ou espiritualidade; as feras com garras e dentes agudos denotavam seres (ou instituições) vis e cruéis.

3) *Os “anjos” no Apocalipse*

Desde os primeiros versículos do Apoc os “anjos” vão aparecendo sempre de novo a São João e são por êle descritos ou mencionados. Já todas as revelações são transmitidas por um “anjo”. E em várias visões o vidente acentua a importância desses seres espirituais tanto para a sua interpretação, como particularmente pela sua atividade em prol dos

APOCALIPSE

eleitos de Jesus Cristo. Seria necessário citar quase todo o Apoc se os fôssemos focalizando um por um.

Neste particular São João acomodou-se inteiramente à angelologia como já existia no Velho Testamento e foi adotada e explicada ainda mais pelo divino Mestre.

Ele os toma como sêres reais e espirituais, criados por Deus para a sua glória (cap. 4) e diferentes d'êle. Não são semideuses, mas são criaturas cujo poder que lhes foi conferido por Deus, supera em muito o poder dos homens. Em sua glória e realidade um dêsses anjos aparece ao vidente em 19, 10 e 11.

Questiona-se se nas visões de São João são sempre espíritos celestes que aparecem e se êle por "anjo" sempre os quer significar.

A palavra "anjo", do grego *ángeles*, em si significa apenas embaixador. Os tradutores da LXX empregaram êste termo para verter o *maleac* hebraico sempre no sentido de alguém que age em nome de Deus.

No Apoc é certo que esta palavra é usada com frequência num sentido figurado. Assim quando São João nos três primeiros capítulos fala dos "anjos" das sete Igrejas, certamente não pensa em espíritos celestiais, mas na autoridade dessas Igrejas. Outras vêzes não poucas na figura de um "anjo" parece ocultar-se o próprio Cristo como em 7, 2 e em 10, 1. Em casos como 7, 1 em que os "anjos" aparecem re-tendo elementos naturais como os ventos, o seu sentido mais óbvio é uma simples fôrça divina que regula tôdas as causas secundárias dos fenômenos cósmicos. Assim também quando tocam as trombetas e derramam as conchas da ira divina. De modo análogo como São João recebeu de Deus revelações por

APOCALIPSE

meio dos animais simbólicos, também por meio dos “anjos” compreendeu e exprimiu a atividade providencial de Deus tanto para castigar os maus, como para salvar e guiar os fiéis nas lutas terrenas. Em cada uma das visões devemos procurar distinguir, se se trata da realidade de um ser an-gélico ou de um mero símbolo.

B I B L I O G R A F I A

Dentre a vastíssima literatura sôbre o Apoc que tem apa-recido nos últimos tempos, citamos as seguintes obras:

S. Tiefertal O. S. B., Apokalypsis, 1892.

A. Piffard S. J., L'Apocalypse, 1904.

I. Rohr, Apokalypsis, 1915.

E. B. Allo O. P., L'Apocalypse, 1933.

H. M. Feret O. P., L'Apocalypse, Vision chrétienne de l'Histoire, 1946.

J. Sickenberger, Die Geheimoffenbarung, 1940.

A. Wikenhauser, Offenbarung des Johannes, 1949.

P. Boismard O. P. L'Apocalypse, 1950.

R. H. Charles (prot.), The Revelation of St. John, t. 2, 1920.

**DOCUMENTOS DA PONTIFÍCIA
COMISSÃO BÍBLICA**

DOCUMENTOS DA PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA

DECRETOS DA PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA
CARTA DO SECRETÁRIO DA COMISSÃO BÍBLICA AO
EMINENTÍSSIMO CARDEAL SUHARD, ARCEBISPO
DE PARIS, A RESPEITO DA ÉPOCA DAS FONTES
DO PENTATEUCO E DO GÊNERO LITERÁRIO DOS
ONZE PRIMEIROS CAPÍTULOS DO GÊNESIS
(16-1-1948).

DECRETOS DA PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA

I. Sobre as citações implícitas contidas nas Sagradas Escrituras (13-II-1905)

Com o fim de ter uma regra para os que se entregam ao estudo da Sagrada Escritura, foi proposta à Comissão Bíblica a seguinte questão:

É lícito ao Exegeta católico, para resolver as dificuldades que se encontram em alguns textos, os quais parecem relatar fatos históricos, dizer que se trata de citação tácita ou implícita de um documento redigido por algum autor não inspirado, e que o autor inspirado não entende absolutamente aprovar ou fazer suas tôdas as asserções, as quais por conseguinte não podem ser tidas como imunes de êrro?

A supra mencionada Comissão julgou que devia responder:

Não, exceto o caso em que, salvo juízo e o sentir da Igreja, fôr provado com sólidos argumentos: 1.º que o hagiógrafo cita realmente os ditos ou documentos de outrem: 2.º que não os aprova nem os faz seus, de tal sorte que a justo título é julgado não falar em seu próprio nome.

II. Sôbre as narrações que seriam só aparentemente históricas, existentes nos Livros Históricos (23-VI-1905)

À questão seguinte, que lhe foi proposta, a Comissão julgou dever responder como segue:

Questão. Pode-se admitir como princípio de sã exegese a opinião de que os livros da Sagrada Escritura, tidos como históricos, não relatam sempre, quer no seu conjunto, quer em certas partes, história propriamente dita e objetivamente verdadeira, mas se revestem tão só de aparência histórica, a fim de dar a entender coisa diversa daquilo que decorre do sentido literal e histórico dos termos?

Resposta. Não, salvo no entretanto o caso, que não poderá ser admitido fácil ou temerariamente, em que, sem ir contra o sentimento da Igreja e sob a reserva do seu julgamento, estiver provado com sólidos argumentos que o hagiógrafo não quis transmitir história verdadeira e propriamente dita, e sim propor sob a aparência e a forma de história uma parábola, uma alegoria, ou qualquer sentido estranho à significação propriamente literal ou histórica dos termos.

III. Sôbre a Autenticidade Mosaica do Pentateuco (27-VI-1906)

As questões seguintes, que lhe foram propostas, a Comissão decidiu responder como segue:

1. Porventura os argumentos acumulados pelos críticos para atacar a autenticidade mosaica dos Livros Santos designados sob o nome de Pentateuco têm pêso tal que, mal-

grado o testemunho coletivo de numerosas passagens dos dois Testamentos, a crença constante do povo judaico, a tradição ininterrupta da Igreja e as provas internas tiradas do próprio texto, dêem o direito de afirmar que tais livros não têm a Moisés por autor, mas foram compostos conforme fontes na sua maior parte posteriores à época de Moisés? — *Não*.

2. Porventura necessariamente exige a autenticidade mosaica do Pentateuco que toda a obra tenha sido redigida de tal sorte, que seja necessário reter como certo ter Moisés escrito de sua própria mão ou ditado a secretários a obra na sua totalidade? Pode-se admitir também a hipótese dos que pensam que Moisés, uma vez concebida por êle mesmo a obra sob o impulso da divina inspiração, confiou a redação dela a um ou mais secretários, de sorte que êstes referiram fielmente seu pensamento, nada escreveram contra a sua vontade e não fizeram omissão alguma; e que, afinal, a obra, assim composta e aprovada pelo próprio Moisés, autor principal e inspirado, foi publicada sob o nome dêle? — *Não*, quanto ao primeiro ponto; *sim*, quanto ao segundo.

3. Pode-se admitir, sem detrimento para a autenticidade mosaica do Pentateuco, que Moisés, para compor a sua obra, se serviu de fontes, a saber, de documentos escritos ou de tradições orais, de que tomou empréstimos, segundo o fim particular que se propunha e sob a moção da divina inspiração, e que incorporou êsses empréstimos à sua obra, ora debaixo de forma literal, ora quanto ao sentido, aqui resumindo-os e ali desenvolvendo-os? — *Sim*.

4. Pode-se admitir salvaguardada a autenticidade mosaica e a integridade substancial do Pentateuco, que esta obra, ao correr de tantos séculos, sofreu algumas modificações, por exemplo: adições feitas por autor inspirado após

DOCUMENTOS DA PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA

a morte de Moisés, glosas e explicações inscritas no texto, mudanças para linguagem mais moderna de palavras e fraseios antiquados, finalmente lições defeituosas imputáveis a faltas de copistas, cousas tôdas que é legítimo pesquisar e julgar de acôrdo com as regras da crítica? — *Sim*, salvo o julgamento da Igreja.

IV. *A Respeito do Quarto Evangelho: AUTOR E VERDADE HISTÓRICA* (29-V-1907)

Às questões seguintes, que lhe foram propostas, a Comissão Bíblica respondeu da maneira seguinte:

1. Está demonstrado, feita a abstração do argumento teológico, que o apóstolo João, e não outrem, deve ser reconhecido como o autor do quarto evangelho, e isto por argumento histórico tão sólido que as razões avançadas em sentido contrário pelos críticos em nada enfraquecem tal tradição constante, universal e regular da Igreja, a qual remonta ao século segundo e transparece sobretudo: a) dos testemunhos e das alusões que se encontram nos Santos Padres, escritores eclesiásticos e até herejes, testemunhos e alusões que, provindo forçosamente dos discípulos dos apóstolos ou dos seus primeiros sucessores, prendem-se por necessária ligação à origem mesma do livro; — b) do fato de o nome do autor do quarto evangelho ter figurado sempre e por tôda a parte no cânon e nos catálogos dos Livros Santos; — c) dos mais antigos manuscritos dêsses mesmos Livros Santos e de suas traduções em diversas línguas; — d) do uso litúrgico público espalhado pelo universo inteiro desde os começos da Igreja? — *Sim*.

DOCUMENTOS DA PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA

2. Também os argumentos internos, tirados do texto do quarto evangelho examinado separadamente, do testemunho do escritor e do parentesco evidente do evangelho com a primeira epístola do apóstolo João, devem ser tidos como confirmadores da tradição que atribui, sem dúvida possível, o quarto evangelho a êsse mesmo apóstolo? — Mais, as dificuldades que brotam da comparação dêsse evangelho com os outros três podem ser resolvidas de maneira racional, tendo-se em conta a diversidade de época, de escopo e de público para o qual ou contra o qual escreveu o autor, assim como os Santos Padres e os exegetas católicos fizeram diversas vezes? — *Sim*, quanto aos dois pontos.

3. Pode-se porventura dizer que, apesar da prática, que estêve constantemente e desde os primeiros tempos em vigor na Igreja universal, de se tirar argumento do quarto evangelho como de documento pròpriamente histórico, tendo-se contudo em vista o caráter particular dêste evangelho, e a intenção evidente que tem o autor de pôr em evidência e defender a divindade de Cristo pelos mesmos atos e discursos do Senhor, os fatos narrados no quarto evangelho foram, em tudo ou em parte, inventados, a ponto de serem tão só alegorias ou símbolos doutriniais, e que os discursos não são verdadeira e pròpriamente discursos do Senhor, mas bem composições teológicas do escritor, embora colocados nos lábios do Senhor? — *Não*.

V. *Sôbre o Livro de Isaías* (28-VI-1908)

As questões seguintes, que lhe foram propostas, a Comissão Bíblica respondeu do modo abaixo:

1. Pode-se ensinar que as profecias, que se lêem no livro de Isaías, — e assim nas Escrituras, — não são

profecias no sentido próprio, mas, quer relatos inventados depois do fato, quer, no caso em que se deva reconhecer que alguma coisa foi anunciada antes da realização, coisas que o profeta não conheceu por revelação sobrenatural de Deus, e sim anunciou por conjectura baseada em acontecimentos já realizados, graças a uma sagacidade feliz ou a uma inteligência naturalmente penetrante? — *Não*.

2. Porventura a opinião de que Isaías e os outros profetas só pronunciaram oráculos proféticos a respeito do que devia acontecer em tempo próximo, ou depois de curto lapso de tempo, pode concordar com as profecias, notadamente as messiânicas e escatológicas, feitas certamente pelos mesmos profetas desde tempos remotos, bem como a sentença comum dos Santos Padres, unânimes ao afirmarem que os profetas predisseram igualmente coisas que se deviam realizar após grande número de séculos? — *Não*.

3. Pode-se acaso admitir que os profetas, considerados não só como reformadores da malícia humana e como arautos da palavra de Deus para proveito de seus ouvintes, mas outrossim como anunciadores de antemão de acontecimentos futuros, houveram de dirigir-se constantemente não a ouvintes porvindouros, mas presentes e contemporâneos, a fim de serem perfeitamente compreendidos? E pode-se consequentemente admitir que a segunda parte do livro de Isaías (40-66), na qual o profeta dirige e reporta, como se vivera no meio dêles, consolações não aos Judeus contemporâneos de Isaías, mas aos Judeus chorando no exílio de Babilônia, não pode ter como autor ao mesmo Isaías, morto muito antes do cativoiro, e deva ser attribuído a algum profeta desconhecido que viveu no meio dos exilados? — *Não*.

4. Cumpre acaso dar tal valor ao argumento filológico, tirado da língua e do estilo e avançado para combater

a unidade de composição do Livro de Isaías, que êle obrigue um homem ponderado, versado na crítica e conhecedor da língua hebraica, a tomar êsse mesmo livro como composto por vários autores? — *Não*.

5. Existem acaso argumentos sólidos que, até tomados em conjunto, sejam de natureza tal que demonstrem dever o livro de Isaías ser atribuído não só a Isaías, e sim a dois ou a vários autores? — *Não*.

VI: Sobre o caráter histórico dos três primeiros capítulos do Gênesis (30-VI-1909)

1. Os diversos sistemas exegéticos, imaginados e sustentados sob côres científicas, para excluir o sentido literal dos três primeiros capítulos do livro Gênesis, são solidamente fundados? — *Não*.

2. Porventura, não obstante o caráter e a forma histórica do livro do Gênesis, a conexão particular dêsses três primeiros capítulos entre si e com os capítulos seguintes, os testemunhos múltiplos das Escrituras quer no Antigo quer no Novo Testamento, o pensamento unânime dos Santos Padres e o sentimento tradicional que a Igreja recebeu do povo de Israel, e sempre conservou, pode-se ensinar que os três capítulos supra citados do Gênesis contêm não relatos de acontecimentos deveras realizados, isto é, correspondentes à realidade objetiva e à verdade histórica, mas fábulas emprestadas das mitologias e cosmogonias dos povos antigos e adaptadas pelo autor sagrado à doutrina monoteística após a eliminação de todo êrro politeístico; ou alegorias e símbolos, sem fundamento algum na realidade objetiva, propostas sob forma de história para inculcar verdades religiosas e filosóficas; ou finalmente lendas em parte his-

tóricas e em parte fictícias, compostas livremente para instruir e edificar os espíritos? — *Não*, quanto aos dois pontos.

3. Pode-se em particular, pôr em dúvida o sentido literal e histórico, quando se trata de fatos narrados nesses mesmos capítulos, que interessam aos fundamentos da religião cristã, como são, entre outros, a criação de todas as coisas feitas por Deus no começo dos tempos, a criação especial do homem, a formação da primeira mulher tirada do primeiro homem, a unidade do gênero humano, a felicidade original de nossos primeiros pais no estado de justiça, de integridade e de imortalidade, o preceito imposto por Deus ao homem a fim de provar a sua obediência, a transgressão do preceito divino pela instigação do diabo escondido debaixo da aparência de uma serpente, a decadência de nossos primeiros pais desse estado primitivo de inocência e a promessa de um futuro Redentor? — *Não*.

4. Na interpretação das passagens de tais capítulos que os Padres e Doutores compreenderam diversamente, sem todavia nada ensinar de certo e de definitivo, é permitido, reservado o julgamento da Igreja e respeitada a analogia da fé, adotar e sustentar uma opinião formada após maduro exame? — *Sim*.

5. Cumpre acaso, sempre e necessariamente, tomar em sentido próprio todas as palavras e todas as frases que se encontram nos supra mencionados capítulos, de tal maneira que não seja permitido jamais afastar-se dêles, ainda quando é manifesto que as locuções são empregadas em sentido impróprio, metamórfico ou antropomórfico, e a razão proíbe ater-se ao sentido próprio, ou a necessidade obriga a abandoná-lo? — *Não*.

DOCUMENTOS DA PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA

6. Pode-se sábia e útilmente usar, uma vez pressuposto o sentido literal e histórico, de interpretação alegórica e profética, seguindo o exemplo luminoso dos Santos Padres e da mesma Igreja, em certas passagens de tais capítulos? — *Sim*.

7. Como o autor sagrado, ao escrever o primeiro capítulo do Gênesis, não teve o escopo de dar ensino científico sobre a constituição íntima das coisas visíveis e a ordem completa da criação, mas antes fornecer ao seu povo um relato popular conforme à linguagem corrente dos seus contemporâneos e adaptado aos seus sentimentos bem como à sua inteligência, cumpre acaso procurar na interpretação sempre e regularmente, a propriedade da linguagem científica? — *Não*.

8. Na denominação e na distinção dos seis dias de que fala o Gênesis no capítulo primeiro, a palavra *yôm* (dia) pode ser entendida seja no sentido próprio de dia natural, seja no sentido impróprio de certo espaço de tempo, e os exegetas podem discutir livremente tal questão? — *Sim*.

VII. *Sobre os Salmos*: AUTORES E ÉPOCA DE COMPOSIÇÃO (I-V-1910)

1. As apelações *Salmos de Davi*, *Hinos de Davi*, *Livro dos Salmos de Davi*, *Saltério de Davi*, empregadas nas antigas coletâneas e pelos mesmos Concílios para designar o livro do Antigo Testamento composto de 150 salmos, assim como a opinião de numerosos Padres e Doutores que creram deverem todos os salmos do Saltério sem exceção ser atribuídos unicamente a Davi, têm porventura valor tal, que Davi deva ser tido como o único autor de todo o Saltério? — *Não*.

DOCUMENTOS DA PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA

2. Pode-se a justo título concluir do acôrdo do texto hebraico com o texto grego dos Setenta, e com outras versões antigas, que os títulos dos salmos, colocados no cabeçalho do texto hebraico, são mais antigos que a versão dos Setenta, e consequentemente provêm, se não em linha reta dos próprios autores dos salmos, pelo menos da tradição judaica antiga?

— *Sim.*

3. Porventura os citados títulos, testemunhas da tradição judaica, podem ser prudentemente postos em dúvida, quando razão grave alguma se opõe à sua autenticidade? — *Não.*

4. Tidos na devida conta os múltiplos testemunhos da Sagrada Escritura a respeito do talento natural de Davi, iluminado pela graça do Espírito Santo na composição de poemas religiosos, as instituições por êle fundadas em favor do canto litúrgico dos salmos, a atribuição que lhe é feita de salmos quer no Antigo, quer no Novo Testamento, quer nas inscrições colocadas desde muito tempo à testa dos salmos, e ademais o sentimento concorde dos Judeus, dos Padres e dos Doutores da Igreja, pode-se prudentemente negar que Davi seja o autor principal dos poemas do Salério? Ou se pode, antes, afirmar que alguns tão sòmente dêsses poemas devem ser atribuídos ao salmista real? — *Não*, quanto aos dois pontos.

5. Pode-se em particular rejeitar a origem davídica dos salmos que, no Antigo e Novo Testamentos, são citados expressamente sob o nome de Davi, entre os quais cumpre salientar o Sl 2, *Quare fremuerunt gentes*; o Sl 15, *Conserva me, Domine*; o Sl 17, *Diligam te, Domine, fortitudo mea*; o Sl 31, *Beati quorum remissae sunt iniquitates*; o Sl 69, *Sal-*

vum me fac, Deus; o Sl 109, *Dixit Dominus Domino meo*? — Não.

6. Pode-se porventura admitir a opinião dos que admitem que, entre os salmos do Saltério, alguns, seja de Davi, seja de outros autores, foram divididos em vários ou reunidos num só, por razões litúrgicas e musicais, pela negligência do copista ou por outras causas desconhecidas? Ou ainda, que outros salmos, por exemplo o *Miserere mei, Deus*, em vista de melhor adaptação às circunstâncias históricas ou às festas do povo judaico, foram ligeiramente retocados ou modificados pela subtração ou adição de um ou outro versículo, salva, todavia, a inspiração de todo o texto sagrado? — *Sim*, a respeito dos dois pontos.

7. Pode-se sustentar como provável a opinião daqueles escritores modernos que, apoiando-se em índices puramente internos ou numa interpretação inexata do texto sagrado, applicaram-se a demonstrar que numerosos salmos foram compostos depois da época de Esdras e de Neemias, e até no tempo dos Macabeus? — Não.

8. Deve-se, seguindo os múltiplos testemunhos dos livros sagrados do Novo Testamento e o acôrdo unânime dos Padres, e como concordam até os escritores de nacionalidade judaica, reconhecer que há salmos proféticos e messiânicos, os quais predizem o advento, o reino, o sacerdócio, a paixão, a morte e a ressurreição do Libertador futuro? E, consequentemente, deve-se absolutamente rejeitar a opinião dos que, desnaturando o caráter profético e messiânico dos salmos, restringem tais oráculos relativos a Cristo a predições concernentes tão só ao futuro do povo eleito? — *Sim*, a respeito dos dois pontos.

VIII. *A Respeito do Evangelho de São Mateus*: AU-
TOR, ÉPOCA DA COMPOSIÇÃO E VERDADE HIS-
TÓRICA (19-VI-1911)

Às questões seguintes, que lhe foram propostas, a Comis-
são Bíblica decidiu responder assim:

1. Dado o sentir universal e constante da Igreja desde os primeiros séculos, abundantemente manifestado pelos testemunhos formais dos Padres, pelos títulos dos manuscritos dos evangelhos, pelas mesmas versões mais antigas dos Livros Santos, pelos catálogos que nos transmitiram os Santos Padres, os escritores eclesiásticos, os Soberanos Pontífices e os Concílios, enfim pelo uso litúrgico da Igreja oriental e ocidental, pode-se e deve-se afirmar com certeza que Mateus, apóstolo de Cristo, é verdadeiramente o autor do evangelho publicado sob o seu nome? — *Sim*.

2. Deve-se ter por suficientemente fundada na tradição a opinião de que Mateus escreveu antes dos demais evangelistas, e compôs o primeiro evangelho na língua nacional então empregada pelos Judeus da Palestina, aos quais a obra foi destinada? — *Sim*, quanto aos dois pontos.

3. Pode-se retardar a redação dêsse texto primitivo para depois da época da destruição de Jerusalém, de sorte que as profecias que ali se lêem, a respeito desta destruição, teriam sido escritas depois do acontecimento? Ou ainda o testemunho habitualmente invocado de Ireneu (*Adv. Haer.*, III, 1,2), cujo sentido é dúbio e controvertido, deve ser olhado como tendo pêso tal, que obrigue a rejeitar a opinião dos que julgam mais conforme à tradição colocar essa reda-

ção até antes da vinda de Paulo a Roma? — *Não*, quanto aos dois pontos.

4. Pode-se sustentar, ainda como simplesmente provável, a opinião de certos modernos, segundo os quais Mateus teria composto falando própria e absolutamente, não o evangelho tal qual chegou até nós, mas somente uma espécie de coletânea de palavras ou de discursos de Cristo, utilizada como fonte por outro autor anônimo, do qual eles fazem o redator do mesmo evangelho? — *Não*.

5. Do fato de os Padres e todos os escritores eclesiásticos, mais, a própria Igreja desde os seus começos, terem unicamente empregado como texto canônico o texto grego do evangelho conhecido sob o nome de Mateus, sem se excetua-rem sequer os que transmitiram expressamente que o apóstolo Mateus havia escrito na sua língua nacional, pode-se tirar prova certa de que o evangelho grego é substancialmente idêntico ao evangelho, que o mesmo apóstolo tinha composto na sua língua nacional? — *Sim*.

6. Do fato de o autor do primeiro evangelho ter-se proposto um escopo principalmente dogmático e apologético, a saber, o de demonstrar aos Judeus que Jesus é o Messias predito pelos profetas e saído da estirpe de Davi, e do fato ademais de não ter seguido sempre a ordem cronológica na disposição dos fatos e palavras que narra e relata, tem-se acaso o direito de concluir que tais fatos e palavras não se devem ter como reais? Ou ainda, pode-se afirmar que as narrações de atos e discursos de Cristo, que se lêem neste evangelho, foram modificadas e adaptadas sob a influência das profecias do Antigo Testamento e, por conseqüência, não são conformes à verdade histórica? — *Não*, quanto aos dois pontos.

DOCUMENTOS DA PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA

7. Particularmente, devem-se com razão ter como desprovidas de sólida base as opiniões dos que põem em dúvida a autenticidade dos dois primeiros capítulos, onde se narra a genealogia e a infância de Cristo, e igualmente certas sentenças de considerável importância dogmática, como as que respeitam ao primado de Pedro (Mt 16, 17-19), a fórmula do batismo e a missão confiada aos apóstolos de pregarem a tôdas as nações (Mt 28, 19-20), e outras palavras do mesmo gênero que são relatadas de maneira particular por Mateus? — *Sim*.

IX. Sobre os Evangelhos segundo São Marcos e segundo São Lucas: AUTOR, DATA DE COMPOSIÇÃO E VERDADE HISTÓRICA (26-VI-1912)

As questões seguintes, que lhe foram propostas, a Comissão Bíblica decidiu responder assim:

1. O testemunho bem claro da tradição, maravilhosamente concorde e apoiado sobre provas múltiplas desde os começos da Igreja, — a saber, as declarações formais dos Santos Padres e escritores eclesiásticos, as citações e alusões que se encontram nos seus escritos, o emprêgo feito pelos herejes dos primeiros séculos, as versões dos livros do Novo Testamento, a imensa maioria dos manuscritos mais antigos, e ainda os argumentos intrínsecos tirados do próprio texto dos livros sagrados, — obriga a afirmar com certeza que Marcos, discípulo e intérprete de Pedro, e o medico Lucas, auxiliar e companheiro de Paulo, são os autores dos evangelhos que lhes são respectivamente atribuídos? — *Sim*.

2. Acaso as razões avançadas por diversos críticos, para provar que os derradeiros doze versículos do evangelho

de Marcos (Mc 16,9-20) não foram escritos pelo próprio Marcos, mas foram ajuntados por outra mão, são tais que dêem o direito de se afirmar que tais versículos não devem ser tidos como inspirados e canônicos? Ou, pelo menos, provam elas que Marcos não é o seu autor? — *Não*, quanto aos dois pontos.

3. Pode-se igualmente duvidar da inspiração e da canonicidade dos relatos de Lucas a respeito da infância de Cristo (Lc 1-2), ou da aparição do anjo confortando Jesus e do suor de sangue (Lc 22, 43-44)? Ou pode-se provar com argumentos pelo menos sólidos, como queriam os antigos herejes, e ainda apraz a alguns críticos recentes — que êstes mesmos relatos não pertencem ao evangelho primitivo de Lucas? — *Não*, quanto aos dois pontos.

4. Porventura os documentos, tão pouco numerosos e de caráter absolutamente particular, nos quais o cântico *Magnificat* é atribuído não à bem-aventurada Virgem Maria, e sim a Isabel, podem e devem prevalecer contra o testemunho concorde de quase todos os manuscritos quer do texto grego original quer das versões, como outrossim contra a interpretação que exige para êsse cântico não só o contexto, como ainda o estado de alma da mesma Virgem e a constante tradição da Igreja? — *Não*.

5. Pode-se acaso, no que tange à ordem cronológica dos evangelhos, afastar-se da opinião fundada sôbre o testemunho antiquíssimo e constante da tradição, segundo a qual depois de Mateus, que por primeiro escreveu um evangelho na língua do seu país, vem, pela ordem de composição, Marcos em segundo lugar, e Lucas em terceiro? Ou se há de ter como oposta a esta sentença a opinião de quantos afirmam que o segundo e o terceiro evangelhos foram compostos antes que fôsse feita a versão grega do primeiro evangelho? — *Não*, quanto aos dois pontos.

6. É acaso permitido retardar a época da composição dos evangelhos de Marcos e de Lucas para depois da ruína da cidade de Jerusalém? Ou, pelo fato de em Lucas a profecia do Senhor tocante à ruína dessa cidade parecer mais circunstanciada, pode-se sustentar que pelo menos seu evangelho foi composto quando o assédio havia já começado? — *Não*, quanto aos dois pontos.

7. Deve-se afirmar que o evangelho de Lucas é anterior ao livro dos Atos dos Apóstolos (At 1, 1s); e, desde que este último livro, o qual tem por autor ao mesmo Lucas, ficou terminado lá pelos fins do cativeiro do Apóstolo em Roma (At 28, 30s), deve-se afirmar que o evangelho de Lucas não foi composto depois dessa época? — *Sim*.

8. Pode-se acaso pôr prudentemente em dúvida, tendo em conta, quer os testemunhos da tradição, quer os critérios internos relativos às fontes das quais cada evangelista se serviu para compor seu evangelho, a opinião de que Marcos escreveu segundo a pregação de Pedro, e Lucas, segundo a de Paulo, tendo estes evangelistas ao seu alcance outras fontes dignas de fé, quer orais, quer até já consignadas por escrito? — *Não*.

9. Os discursos e fatos que são relatados por Marcos, segundo a pregação de Pedro, com cuidado e como que plásticamente, e que são expostos com inteira fidelidade por Lucas, “o qual se havia aplicado a conhecer exatamente tôdas as coisas desde o comêço”, informando-se junto a testemunhas evidentemente dignas de fé, visto como “desde o comêço haviam sido testemunhas oculares e ministros da palavra” (Lc 1, 2s), merecem a bom título, a crença inteira que a Igreja sempre lhes tributou? Ou, pelo contrário, é mister recusar a êsses fatos e gestas valor histórico, ao menos par-

cialmente, seja porque os que narram não teriam sido testemunhas oculares, seja porque muitíssimas vezes se surpreende num e noutro destes dois evangelistas certa falta de ordem e certo desacôrdo no seguimento dos fatos; seja porque, teriam vindo e escrito tardiamente, devendo assim forçosamente relatar concepções estranhas ao pensamento de Cristo e dos Apóstolos, ou fatos já mais ou menos alterados pela imaginação popular; seja enfim porque êles teriam obedecido, cada qual em vista do seu fim próprio, a idéias dogmáticas preconcebidas? — *Sim*, quanto à primeira parte; *não*, quanto à segunda.

*X. A Respeito da Questão Sinótica, ou a Respeito das
Relações Mútuas entre os Três Primeiros Evangelhos
(26-VI-1912)*

Às questões seguintes, que lhe foram propostas, a Comissão Bíblica decidiu assim responder:

1. Observando tudo o que, segundo as decisões precedentes, deve ser absolutamente observado, sobretudo no que respeita à autenticidade e à integridade dos três evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, à identidade substancial do evangelho grego de Mateus com o seu original primitivo, e outrossim à ordem na qual êstes evangelhos foram compostos, podem os exegetas, para explicar as semelhanças e as divergências dos evangelhos, em meio a tantas opiniões diversas e contraditórias, discutir com inteira liberdade e recorrer à hipótese da tradição quer escrita quer oral, ou ainda à da dependência dum evangelho relativamente a um evangelho anterior ou aos evangelhos anteriores? — *Sim*.

2. Devem ser tidos na conta de observadores das decisões acima mencionadas os que, sem apóio no testemunho

tradicional e sem prova histórica, aceitam facilmente a hipótese dita comumente “das duas fontes”, que pretende explicar a composição do evangelho grego de Matheus, e do evangelho de Lucas, máximamente pela sua dependência do evangelho de Marcos, e a uma coleção chamada “dos discursos do Senhor”? E, consequentemente, podem êles sustentar com inteira liberdade semelhante hipótese? — *Não*, quanto aos dois pontos.

XI. A Respeito dos Atos dos Apóstolos: AUTOR, ÉPOCA DA COMPOSIÇÃO E VERDADE HISTÓRICA (12-VI-1913)

As questões seguintes, que lhe foram propostas, a Comissão Bíblica decidiu responder assim:

1. Tendo em vista muito especialmente a tradição da Igreja universal que remonta até aos primeiros escritores eclesiásticos, e tendo na devida conta os caracteres internos do livro dos Atos, considerado quer em si próprio, quer em relação com o terceiro evangelho e principalmente no que toca à afinidade e à conexão mútuas dos dois prólogos (Lc 1, 1-4; At 1, 1s), deve-se ter como certo que o livro intitulado Atos dos Apóstolos, ou Práxeis Apostolón, tem por autor a Lucas o evangelista? — *Sim*.

2. Pode-se demonstrar, por meio de argumentos críticos tirados quer da língua, quer do estilo, quer da forma do relato, e da unidade de escopo e de doutrina, que o livro dos Atos não deve ser atribuído a um autor único e que, por consequência, é destituída de todo fundamento a opinião dos críticos recentes, segundo a qual êste livro não teria a Lucas por único autor, mas deveria ser tomado como obra de autores diversos? — *Sim*, quanto aos dois pontos.

3. Especificando, as perícopes fáceis de reconhecer nos Atos onde, abandonando o emprêgo da terceira pessoa, se passa à primeira do plural (*Wirstuecke*) enfraquecem porventura a unidade de composição e a autenticidade do livro? Ou, pelo contrário, se deve dizer que sob o ponto de vista histórico e filológico, elas as confirmam? — *Não*, quanto ao primeiro ponto; *sim*, quanto ao segundo.

4. Pelo fato de o mesmo livro, após a rápida menção dos dois anos do primeiro cativo de Paulo em Roma, se encerrar bruscamente, tem-se o direito de concluir que o autor escreveu algum outro volume hoje perdido, ou que êle teve a intenção de escrevê-lo, e então pode-se colocar a data da composição dos Atos bem depois dêsse cativo? Ou antes, deve-se reter, com todo direito, que Lucas terminou seu livro pelos fins do primeiro cativo do Apóstolo Paulo em Roma? — *Não*, quanto ao primeiro ponto; *sim*, quanto ao segundo.

5. Se se considerarem conjuntamente as relações frequentes e fáceis que certamente Lucas teve com os primeiros e principais fundadores da Igreja da Palestina, assim como com Paulo, o Apóstolo das nações, do qual foi o colaborador na pregação evangélica e o companheiro de viagem; a sagacidade e o cuidado que Lucas emprega habitualmente em procurar testemunhas e em ver as coisas com os seus próprios olhos; enfim, o acordo ordinariamente manifesto e notável do livro dos Atos com as mesmas epístolas de Paulo, e com os monumentos mais verídicos da história, deve-se ter por certo que Lucas compulsou fontes absolutamente dignas de fé e as utilizou com cuidado, honestidade e fidelidade, a ponto de poder reivindicar, a justo título, perfeita autoridade histórica? — *Sim*.

6. Quanto às dificuldades que habitualmente se movem, ora aqui ora ali, pelo motivo de milagres serem narrados por Lucas; pelo motivo de certos discursos relatados, já que se conservaram em abreviado, são tidos como inventados e adaptados às circunstâncias; pelo motivo de algumas passagens parecerem estar em desacordo com a história profana ou bíblica; enfim, pelo fato de certos relatos pareçam estar em contradição com o próprio autor dos Atos ou com outros escritores sagrados, porventura são aquelas dificuldades de tal natureza que façam duvidar da autoridade histórica dos Atos, ou, pelo menos, diminuí-la de algum modo? — *Não*.

XII. A Respeito das Epístolas Pastorais do Apóstolo Paulo: AUTOR, INTEGRIDADE E ÉPOCA DE COMPOSIÇÃO (12-VI-1913)

Às questões seguintes, que lhe foram propostas, a Comissão Bíblica decidiu responder assim:

1. Tendo em conta a tradição da Igreja, a qual, desde os primórdios, permanece universal e firme, como o atestam, por várias maneiras, os documentos eclesiásticos antigos, deve-se ter por certo que as epístolas chamadas pastorais, a saber duas epístolas a Timóteo e uma a Tito, — não obstante a audácia de certos herejes os quais, julgando estas epístolas contrárias à sua doutrina, riscaram-nas, sem avançar razão alguma, do número das epístolas paulinas, — foram escritas pelo Apóstolo Paulo em pessoa e sempre foram consideradas como autênticas e canônicas? — *Sim*.

2. Porventura a hipótese chamada “dos fragmentos”, lançada recentemente e apresentada sob diversas formas por

certos críticos, — os quais, sem fornecer sérias provas, e pior, contradizendo-se, pretendem que as epístolas pastorais foram compostas e consideravelmente ampliadas numa época tardia por autores desconhecidos, com os fragmentos de epístolas ou com as epístolas paulinas perdidas, — pode diminuir ainda que ligeiramente o valor do testemunho evidente e firmíssimo da tradição? — *Não*.

3. As dificuldades, que de diversas maneiras se costumam tirar do estilo e da língua do autor, dos erros principalmente gnósticos que são descritos como já em progresso nessa época, do estado da hierarquia eclesiástica que se supõe já desenvolvida, e outras razões do mesmo gênero que se objetam, enfraquecem acaso de qualquer maneira a tese que sustenta a autenticidade das epístolas pastorais como segura e certa? — *Não*.

4. Visto que os argumentos históricos bem como a tradição eclesiástica, em acôrdo com os testemunhos dos Santos Padres do Oriente e do Ocidente, assim como as provas que se deduzem facilmente quer da conclusão brusca dos Atos, quer das epístolas de Paulo escritas de Roma, notadamente da segunda a Timóteo, obrigam a ter como certa a tese do duplo cativeiro do Apóstolo Paulo em Roma, pode-se afirmar com segurança que as epístolas pastorais foram escritas durante o lapso de tempo que separa o fim do primeiro cativeiro da morte do Apóstolo? — *Sim*.

XIII. A Respeito da Epístola aos Hebreus: AUTOR, MODO E CIRCUNSTÂNCIAS DE COMPOSIÇÃO (24-VI-1914)

As questões seguintes, que lhe foram propostas, a Comissão decidiu responder assim:

DOCUMENTOS DA PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA

1. Considerando a afirmação perpétua, unânime e constante dos Padres do Oriente, à qual se ajunta desde o quarto século o assentimento pleno de tódá a Igreja do Ocidente; considerando ademais os Atos dos Soberanos Pontífices e dos Santos Concílios, máxime do Concílio de Trento, e o uso perpétuo da Igreja universal; é preciso, acaso, attribuir às dúvidas que, nos primeiros séculos, certos espíritos emitiram no Ocidente a respeito da inspiração e origem paulina da epístola aos Hebreus, principalmente pelo abuso que os hereges dela fizeram, um valor tal que permita hesitar, não só em contar esta epístola entre as epístolas canônicas, — o que está definido como sendo de fé, — mas ainda em arrolá-la com certeza no número das epístolas autênticas do Apóstolo Paulo? — *Não*.

2. Porventura os argumentos que se costumam tirar quer da ausência insólita do nome de Paulo, assim como da omissão do exórdio habitual e da saudação na epístola aos Hebreus, quer da pureza da língua grega nesta epístola, da elegância e da perfeição da linguagem e do estilo, quer da maneira de citar e utilizar como prova o Antigo Testamento, quer de certas diferenças que julgam existir entre a doutrina desta epístola e a de outras epístolas de Paulo, podem infirmar de qualquer modo a origem paulina da epístola aos Hebreus? Ou pelo contrário, o acordo perfeito da doutrina e dos pensamentos, a semelhança das advertências e das exortações, bem como a concordância nas frases e nas próprias palavras, reconhecida até por críticos não católicos, que se verificam entre esta epístola e os outros escritos do Apóstolo das Gentes, demonstram e confirmam a origem paulina da epístola aos Hebreus? — *Não*, quanto ao primeiro ponto; *sim*, quanto ao segundo.

3. É preciso ter o Apóstolo Paulo qual autor desta epístola ao ponto de se dever afirmar, necessariamente, que não só elle a concebeu e a redigiu tôda pessoalmente, sob a inspiração do Espírito Santo, mas ainda lhe deu a forma de que está revestida? — *Não*, sob reserva do julgamento ulterior da Igreja.

XIV. A Respeito da Parusia, ou sôbre o Segundo Advento de Nosso Senhor Jesus Cristo nas Epístolas de São Paulo (18-VI-1915)

As questões seguintes, que lhe foram propostas, a Comissão Bíblica decidiu responder assim:

1. Porventura é permitido a um exegeta católico, para resolver as dificuldades que se encontram nas epístolas de S. Paulo e dos outros Apóstolos, quando se trata da assim chamada “parusia”, isto é, da segunda vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo, afirmar que os Apóstolos, — embora nada ensinassem de errôneo, inspirados que eram pelo Espírito Santo, — exprimem todavia seus sentimentos pessoais, humanos, nos quais se pôde infiltrar o êrro ou ilusão? — *Não*.

2. Tendo-se em conta a verdadeira noção do munus apostólico e a fidelidade não dúbia de São Paulo à doutrina do Mestre, o dogma católico da inspiração e da inerrância das Sagradas Escrituras, donde decorre que tudo quanto o hagiógrafo afirma, anuncia e insinua, deve ser tido como afirmado, anunciado e insinuado pelo Espírito Santo; mais, examinando cuidadosamente os textos das epístolas do Apóstolo no seu teor, e no seu acôrdo perfeito com a maneira de falar do mesmo Senhor, cumpre afirmar que, nos seus escritos, o Apóstolo Paulo não disse absolutamente nada que

não concorde perfeitamente com aquela ignorância acêrca da época da parusia, que o próprio Cristo declarou ser a partilha dos homens? — *Sim*.

3. Porventura é permitido, estando pela frase grega “emeis oi zôntes oi perileipómenoi” e tendo-se em vista a explicação dos Padres, sobretudo de S. João Crisóstomo, tão versado na língua do seu país e nas epístolas paulinas, rejeitar como tirada de muito longe, e desprovida de sólido fundamento, a interpretação tradicional nas escolas católicas (retida até pelos reformadores do século XVI), que explica as palavras de São Paulo em 1 Tes 4, 15-17, sem nela implicar de modo algum a afirmação da parusia tão próxima, que o Apóstolo se colocaria, a si e aos seus leitores, no número dos fiéis que, ainda vivos, irão ao encontro de Cristo? — *Não*.

XV. *A Respeito de uma falsa Interpretação de dois Textos Bíblicos (1-VII-1933)*

Às questões seguintes, que lhe foram propostas, a Comissão Bíblica decidiu responder assim:

1. É permitido a um católico, tendo em vista principalmente a interpretação autêntica do Príncipe dos Apóstolos (At 2, 24-33; 13, 35-37), interpretar as palavras do Sl 16, 26: “*Non derelinques animam meam in inferno, nec dabis sanctum tuum videre corruptionem. Notas mihi fecisti vias vitae*”, como se o autor sagrado não tivesse falado da ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo? — *Não*.

2. É permitido afirmar que as palavras de Jesus Cristo, que se lêem em S. Mateus, 16, 26: “*Quid prodest homini si mundum universum lucretur, animae vero suae detrimentum*

patiatur? Aut quam dabit homo commutationem pro anima sua? assim como as seguintes que se encontram em Lc 9, 25: *Quid enim proficit homo si lucretur universum mundum, se autem ipsum perdat et detrimentum sui faciat?* não se referem, em sentido literal, à salvação eterna da alma, mas somente à vida temporal do homem, não obstante o teor das palavras em si e o seu contexto, como ademais a unânime interpretação católica? — *Não.*

XVI. Sobre o uso das versões da Sagrada Escritura nas Igrejas (30-IV-1934)

Sua Excia. o Snr. Bispo de Bois-le-Duc, em nome de todos os bispos da província eclesiástica da Holanda, propôs a questão seguinte:

Pode-se permitir, nas igrejas, que se leiam ao povo os trechos litúrgicos das Epístolas e dos Evangelhos, segundo uma versão que não seja a da edição latina da velha Vulgata, e sim feita sobre os textos originais, gregos ou hebraicos?

A Comissão Bíblica decidiu responder assim:

Não; leia-se publicamente aos fiéis cristãos uma tradução da Sagrada Escritura feita segundo o texto aprovado pela Igreja para a liturgia sagrada.

XVII. Sobre as Versões da Sagrada Escritura nas línguas Vernáculos (22-VIII-1943)

Para resolver a questão que lhe foi proposta sobre o uso e a autoridade das versões bíblicas nas línguas vernáculos, sobretudo as feitas sobre os textos primigênicos, e para declarar melhor o seu decreto *De usu versionum Sacrae*

DOCUMENTOS DA PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA

Scripturae in ecclesiis, de 30 de Abril de 1934, a Pontifícia Comissão Bíblica julgou oportuno relatar e recomendar as normas seguintes:

Desde que foi recomendado por Leão XIII, Pontífice Máximo de feliz memória, na encíclica *Providentissimus* (*Acta Leonis XIII*, vol. 13, p. 342; *Ench. Bibl.*, n. 41), que se usassem os textos primigênicos da Bíblia para mais profundo conhecimento e explicação mais fecunda da divina palavra, — recomendação por certo dirigida só para a comodidade dos exegetas e teólogos, — pareceu e ainda parece ter aconselhado que também os próprios textos primigênicos deveriam ser traduzidos para as línguas comumente conhecidas ou vernáculas, conforme as leis provadas da ciência sagrada e profana, claro que sob o cuidado atento da competente autoridade eclesiástica; desde que, ainda, as perícopes, que se devem ler publicamente nos livros litúrgicos da Igreja Latina, quer no sacrossanto Sacrifício da Missa, quer no ofício divino, foram em geral tiradas da edição Vulgata, que o Sínodo ecumênico de Trento declarou a única autêntica, entre as várias edições latinas então circulantes (*Conc. Trid.*, sess. IV, decr. *De editione et usu Sacrorum librorum*"; *Ench. Bibl.* n. 46);

servatis servandis:

1.º As versões da Sagrada Escritura para as línguas vernáculas, feitas quer sobre a Vulgata, quer sobre os textos primigênicos, uma vez que tenham sido editadas com licença da competente autoridade eclesiástica, conforme o cânon 1391, podem ser licitamente usadas e lidas pelos fiéis, para a sua piedade privada. Mais, caso se encontre uma versão, a qual, após um exame diligente já do texto já das notas, realizado por pessoas de excelente conhecimento bíblico e teológico,

DOCUMENTOS DA PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA

fôr tida como mais fiel e apta, os Bispos, ou individualmente, ou reunidos em concílio, quer provincial, quer nacional, caso o desejarem, poderão recomendá-la aos fiéis particularmente confiados aos seus cuidados.

2.^o A tradução das perícopes bíblicas para a língua vernácula, que acaso os sacerdotes que celebram a Missa, irão ler ao povo, segundo o costume ou a oportunidade, depois da leitura do próprio texto litúrgico, deve ser conforme o texto latino, segundo a resposta da Pontifícia Comissão Bíblica (crf. *Acta Apost. Sed.*, 1934, p. 315), ficando inteiramente de pé a faculdade para se explicar convenientemente essa versão, caso seja conveniente, mediante o texto original ou qualquer outra versão mais clara.

XVIII. Sobre o uso do novo Saltério fora das horas Canônicas (22-X-1947)

Pergunta-se se a nova versão dos Salmos, feita sobre os textos primigênicos, que segundo a carta apostólica *Motu Proprio*, datada de 24 de Março de 1945, pode ser usada nas preces quotidianas ou nas horas canônicas, porventura se possa empregar livremente nas outras preces e cerimônias.

O Santo Padre Pio XII, na audiência de 22 de Outubro de 1947, concedida ao abaixo assinado, respondeu *afirmativamente*, estendendo a mesma faculdade para tôdas as preces, quer litúrgicas, quer extra-litúrgicas, contanto que se trate de salmos cantados ou recitados por inteiro fora da Missa.

XIX. Instrução a respeito do Ensino da Sagrada Escritura nos Seminários de Clérigos e nos Colégios dos Religiosos (13-V-1950)

Nosso Santíssimo Senhor, o Papa Pio XII, Sumo Pontífice felizmente reinante, para recordar dignamente o quin-

DOCUMENTOS DA PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA

quagésimo ano após a publicação da encíclica *Providentissimus*, ano que está para findar, editou no dia 30 de Setembro de 1943 a nova encíclica *Divino Afflante Spiritu*. Depois que o Sumo Pontífice demonstrou lucidamente o que os seus predecessores fizeram solertemente, nestes dez lustros, para o incremento dos estudos bíblicos, admoestou gravemente prelados e fiéis sôbre quanto valham na Igreja êstes estudos, e de que modo se há de providenciar para que êles avancem pròsperamente, e ajudem eficazmente a dilatação do reino de Deus entre os homens, e de novo decretou e preceituou a orientação e a maneira com que sejam mais cultivados e aperfeiçoados.

A fim de que as recomendações e as ordens do Sumo Pontífice sejam cuidadosíssima e fielmente realizadas, a Pontifícia Comissão Bíblica julgou oportuno aplicá-las, a seu próprio modo, às disciplinas bíblicas dos Seminários de Clérigos e dos Colégios de Religiosos, nos quais elas não podem ser ensinadas com aquela amplidão que toniam nas Faculdades teológicas e nos Institutos especializados. Nestes, verdadeiramente, se formam os professôres, aos quais incumbe o munus de formar os futuros sacerdotes na ciência sagrada, e investigar mais profundamente aquelas mesmas disciplinas, e essa formação é própria de poucos. Ao passo que nos Seminários de Clerigos e nos Colégios dos Religiosos se preparam os que serão os futuros sacerdotes e pastôres do rebanho do Senhor, cujo munus é o de ensinar as verdades da fé ao povo católico, e defender a divina revelação contra o ataque dos incrédulos.

Não raramente nos últimos decênios os Sumos Pontífices inculcaram expressamente o maior cuidado, com que os Ordinários dos Lugares e os Superiores Supremos das Re-

ligiões devem providenciar, graças à sua autoridade e exortação, a que nos Seminários dos Clérigos e nos Colégios dos Religiosos os estudos da Sagrada Escritura “sejam tidos na sua justa honra e vicejem” (1), como escreveu Leão XIII, de imortal memória, e ali de tal modo se ensinem as Divinas Letras, “como a gravidade da disciplina e a necessidade dos tempos aconselham” (2).

Ainda recentemente o Santíssimo Senhor Nosso, o Papa Pio XII, felizmente reinante, tomando e confirmando com a sua autoridade as advertências dos predecessores, admoestou gravemente que os sacerdotes, entregues à cura das almas, absolutamente não poderão expor e explicar os Livros Sagrados com fruto e correção, “a não ser que êles próprios, enquanto viviam nos Seminários, se tenham imbuído de perene e ativo amor pela Sagrada Escritura. Consequentemente os sagrados Antístites, incumbidos do cuidado paterno pelos Seminários, vigiem diligentemente para que nisso também nada se omita, do que possa auxiliar a consecução de tal escopo” (3).

Mas ao tempo em que tantas nações estavam oprimidas pelo pêso das calamidades e das ruínas, também os Ordinários dos Lugares e os Reitores dos Seminários, presos dos cuidados de cada dia pela vida e pela segurança, quiçá puderam cuidar menos eficazmente dêste negócio do que a sua gravidade e importância exigem. Agora entretanto, silencia-

(1) Litt. encycl. *Providentissimus*; Ench. Bibl. n. 118.

(2) *Ibidem* n. 88; cfr. etiam n. 99; Pius X, Litt. *Quoniam in re bíblica*, d. d. 27 martil 1906; Ench. Bibl. n. 155.

(3) Litt. encycl. *Divino afflante Spiritu*; A. A. S., 35 (1943), p. 321.

das as armas, estas advertências e ordens dos Sumos Pontífices precisam ser recordadas e mais uma vez inculcadas, a fim de que, pelo cuidado solícito dos Superiores e pelo diligente esforço dos professores, a formação dos futuros sacerdotes acêrca dos Livros Sagrados seja instaurada fêrvidamente e promovida, graças a que os fiéis serão mais eficazmente reconduzidos às salubérrimas fontes da vida cristã, e o mundo, tão duramente afligido, fique afinal imbuído e tomado da doutrina de Cristo, o qual, e sòmente êle é a fonte da liberdade, da caridade e da paz:

I. A Respeito do Professor das Matérias Bíblicas

Para se restaurarem ordenadamente e se promoverem os estudos bíblicos nos Seminários de Clérigos e nos Colégios de Religiosos màximamente se necessitam professores, os quais hão de ser idôneos sob todo o ponto de vista para o ensino correto desta matéria, que é a mais santa e sublime dentre tôdas.

1. Quase que nem é preciso avisar que o professor de Sagrada Escritura deve sobressair, entre os demais, pela vida e pela virtude sacerdotais, como também deve gozar, mais do que os outros, e cada dia, de íntima familiaridade com a palavra de Deus.

2. Ademais, cumpre que seja possuidor da devida ciência das coisas bíblicas, que deverá ter obtido com sério estudo, e há de conservar e aumentar com continuado esforço. (4)

(4) Cfr. Leo XIII, Litt. encycl. **Providentissimus**; **Ench. Bibl.** n. 88.

DOCUMENTOS DA PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA

a) Para que mais seguramente conste a abundância e a qualidade da doutrina devidamente apreendida, aquilo que Pio XI, de imortal memória, sãbiamente decretou, ainda hoje está de pé e vale, e é que ninguém seja professor das Sagradas Letras nos Seminários, “senão depois de haver completado o peculiar currículo desta disciplina, e tiver legitimamente obtido os graus acadêmicos, seja perante a Comissão Bíblica, seja no Instituto Bíblico” (5).

b) Mas como a amplidão desta disciplina é tanta, que no espaço de poucos anos só se pode obter uma idéia geral dela, o modo de aprender e de ensinar, o conhecimento de algumas questões graves, devendo-se deixar o resto *para o estudo ulterior e a diligência do professor*, requer-se ainda o próprio e assíduo trabalho de cada um, para o aumento, o aperfeiçoamento e a solidificação da ciência adquirida antes, para o sábio exame das questões nascidas de recente e para a investigação mais profunda e sólida das várias partes da disciplina que hão de ser ensinadas aos clérigos. Para cuja consecução requer-se que leia atentamente os novos livros sobre assuntos bíblicos que se publicam, como também os comentários periódicos, consulte bibliotecas, assista às reuniões promovidas para incremento dos assuntos bíblicos, e outrossim, quando as condições o permitirem, faça oportunamente a viagem para a Terra Santa, a fim de observar com os próprios olhos e estudar as cidades e as regiões relacionadas com a História Sagrada. Tamanho é o âmbito da ciência bíblica, tais e tantos são os progressos que se fazem para a explicação dos Sagrados Livros, tantas são as ciências cha-

(5) Motu proprio *Bibliorum scientiam*, 27 aprilis 1924; *Ench. Bibl.* n. 522.

madadas em auxílio (a saber, estudo de línguas, história, geografia, arqueologia, e outras), que o professor, caso não se entregue quotidianamente a diligente estudo, para logo ficará abaixo do seu árduo ofício, nem poderá dar aquilo que os sacerdotes, encarregados da cura das almas, e até os mesmos fiéis, com direito lhe pedem. .

c) Com isso facilmente se patenteia quanto importe que o professor de Sagrada Escritura *possa entregar-se por inteiro ao seu múnus*, “para que prossiga o seu trabalho felizmente recebido, cada dia com renovado vigor, mediante todo estudo e todo cuidado”. (6) Portanto não seja forçado a conjuntamente dar, além das disciplinas da Sagrada Escritura, outras mais graves, no Seminário. No Código de Direito Canônico está decretado expressamente, “que ao menos haja para a *Sagrada Escritura*, teologia dogmática, teologia moral, e história eclesiástica, outros tantos professôres distintos”. (7) Nem seja onerado, fora do Seminário, com outros ofícios pesados ou ministérios, para que não fique impedido com êsses negócios alheios, embora santos e dignos de louvor, para cujo comprimento necessita de tempo, vigor da mente e tranquilidade de espírito.

II. Sobre o Método do Ensino Bíblico

Quanto ao que respeita ao método de ensino da Sagrada Escritura nos Seminários de Clérigos e Colégios de Religiosos, parece que devem ser recordadas sobretudo estas coisas.

(6) Litt. encycl. *Divino afflante Spiritu*, l. c. p. 324.

(7) Cod. Iur. Can. can. 1366 § 3.

1. É múnus do professor bíblico, a par com o devido conhecimento das Sagradas Letras, excitar e acalentar o “ativo e perene amor” (8) para com elas. Com esta formação deve efetivamente alimentar-se, e cada dia mais crescer nos futuros sacerdotes, a veneração para com a divina palavra, para que nela encontrem, por tôda a vida, o cultivo da mente e a ocupação do espírito, o consôlo e o deleite do coração.

a) Para que se obtenha retamente êste fim, também hoje màximamente contribui a *leitura quotidiana da Sagrada Escritura*, que outrora para os sacerdotes, seja seculares, seja religiosos, era exercício não menos sagrado que a meditação diária; antes, esta pia leitura lhes servia de meditação (9). Inculque portanto o professor nos discípulos grande estima por esta leitura quotidiana dos Sagrados Livros, e a sua realização com humilde fé e religiosa piedade (10). Recomende-lhes que continuem êste exercício tão útil de modo constante, por todo o tempo dos estudos, a fim de que *leiam assim ordenadamente*, quer na versão da Vulgata, quer numa tradução mais recente do texto primigênio para a língua vernácula, aprovada devidamente pelos Superiores Eclesiásticos, a não ser que se dêem melhor com o mesmo texto primigênio. E esta leitura da Escritura Sagrada dará maior fruto, se os discípulos, já no início dos estudos, forem bem instruídos sôbre a leitura correta dos Sagrados Livros, até com o breve conspecto e análise de cada livro, conforme costumei-

(8) Cfr. Pius XII, Litt. encycl. *Divino afflante Spiritu*, I. c. p. 321.

(9) Cfr. Jos. I, 8; S. Hier., *In Titum* III, 9; PL XXVI, col. 594 (al. 630); Ep. 52, 7. 8; PL XXII, col. 533 sq. (CSEL. vol. LIV, pp. 426, 428).

(10) Cfr. *De Imitatione Christi*, I, cap. V.

ramente se faz na “introdução especial” (11). Tal leitura quotidiana da Sagrada Escritura, feita ordenada e corretamente, preparará esplêndidamente o candidato ao sacerdócio não só para a reta inteligência da sagrada liturgia e para a sua digna celebração, como também para fazer com frutos os seus estudos teológicos. Nem mesmo no tempo das férias se omita esta leitura quotidiana da Escritura Sagrada, mas seja feita quer em comum por todos, quer por cada um em casa; até, dados êstes dias de maior lazer, seja feita com maior empenho. Pela fidelidade com que sempre mais intimamente conhecerem a Sagrada Escritura e se esforcarem por gostar dela, há de patentear-se claramente quão sincero seja o seu amor pela palavra de Deus, e quanto se esforcem por satisfazer aos ofícios que lhes são impostos pela vocação sacerdotal.

2. Nas *próprias aulas* o professor de Sagrada Escritura procure dar sollicitamente aos seus alunos tudo aquilo de que precisarem para seu futuro trabalho sacerdotal, quer para levarem vida santa, quer para ganharem as almas para Deus. Por conseguinte:

a) Ensine-se a Sagrada Escritura nos Seminários de Clérigos e nos Colégios de Religiosos de modo tão científico, sólido e completo, que êles a conheçam tôda e segundo tôdas as suas partes, a fim de saberem com justeza as questões mais graves que hoje se agitam acêrca de cada qual dos livros bíblicos, quais objecções e dificuldades se costumam opor à história e à doutrina sagrada, e finalmente a fim de ba-

(11) Cfr. Pius X, Litt. apost. *Quoniam in re biblica*; *Ench. Bibl.* n. 169; Pius XI; *L'Osservatore Romano*, 1 ottobre 1930; cfr. *Ench. Clericorum* n. 1476.

DOCUMENTOS DA PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA

scarem em válidos fundamentos científicos as perícopes bíblicas, que devem explicar ao povo.

b) Como o tempo que se destina ao ensino da Sagrada Escritura é em geral tão breve que não se pode dar tódia a ingente matéria dos assuntos bíblicos, o professor, entre outras, selecione prudentemente as questões mais graves, não mirando os seus estudos, nem seguindo as suas inclinações de espírito, mas tendo diligentemente ante os olhos aquilo que exige a utilidade dos alunos, os quais serão os futuros pregoeiros da palavra divina. A esta utilidade, porém, satisfar-se-á convenientemente, só quando o professor mostrar clara e lúcidamente quais são as *doutrinas* principais, quer do Antigo e quer do Novo Testamento, que foram ensinadas pelo Espírito Santo, qual o progresso que se nota na revelação desde os primórdios até Cristo Senhor e os Apóstolos, qual a razão e a união que intercede entre o Velho e o Novo Testamento; nem deixe de mostrar cabalmente quanto importe espiritualmente, também em nossos dias, o Velho Testamento. Procure, conseguintemente, e com solicitude, declarar estas coisas, em tudo onde se oferecer alguma oportunidade, seja na Introdução geral ou especial, seja na exegese. Ilustrará ademais com utilidade, mediante exemplos aptos da história sagrada e profana, quanto Deus fêz para salvar a todos, e para conduzi-los ao conhecimento da verdade, (12) e como com sua providência paternal dispôs tudo, e dirigiu, para que cooperasse “em prol do bem para aqueles que segundo seu desígnio foram chamados santos” (13).

Não cabe dúvida de que, explanando-se e demonstrando-se devidamente estas razões supremas e religiosas, há de

(12) Cfr. I Tim. 2, 4.

(13) Cfr. Rom. 8, 28.

nascer na mente dos alunos amor mais profundo, e maior estima pelos Sagrados Livros, graças a que se fazem mais doces e fáceis até os estudos mais áridos, quais são os da língua hebraica e grega, estudos que não se podem omitir completamente nos Seminários, e Colégios, sem que haja o perigo de os clérigos, em razão da ignorância das línguas, se afastarem dos mesmos textos primigênios inspirados, e de não entenderem corretamente, como ainda de não julgarem sadiamente, as traduções mais recentes (14). Estes estudos das línguas e da crítica, embora se devam conter dentro das suas linhas gerais, iluminados por esta luz superna, far-se-ão mais fecundos e mais apreciados, e produzirão maiores frutos para a percepção do sentido dos Livros Sagrados.

No ensino da *Introdução geral*, sem que se omitam de todo as demais questões, demore-se, sobretudo, na doutrina da inspiração e da verdade das Sagradas Escrituras, bem como nas leis da interpretação (hermenêutica); ao passo que na *Introdução especial*, quer no Antigo, quer especialmente do Novo Testamento, trate com diligência dos Sagrados Livros, e demonstre claramente qual seja o seu argumento, qual o fim, qual o autor por quem foram escritos e em que tempo (15). No que se há de evitar tôda vã erudição a respeito das opiniões dos críticos, a qual mais perturba a mente dos alunos do que os instrui; antes, cumpre propor-lhes, e demonstrar-lhes sucintamente, aquilo de que os homens da nossa época hão de tirar proveito espiritual, e serão ajudados eficazmente na solução das dificuldades e questões.

(14) Cfr. Pius X, Litt. apost. **Quoniam in re biblica**; **Ench. Bibl.** n. 165.

(15) Cfr. Pius X, Litt. apost. **Quoniam in re biblica**; **Ench. Bibl.** n. 159.

DOCUMENTOS DA PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA

Para que possa tratar quanto baste, acerca de todos os Livros, aproveite-se o professor do tempo que lhe sobejar, nem se demore em coisas inúteis ou de menor importância.

Na exposição *exegética*, o professor não se há de esquecer de que a Sagrada Escritura foi entregue à guarda da Igreja não só para ser guardada mas também para ser interpretada por ela, e de que não pode ser explicada de maneira diversa à da autoridade e da mente da mesma Igreja, por ser esta a “coluna e o firmamento da verdade” (16). Portanto, “terá como coisa santa nunca afastar-se, nem sequer de leve, da doutrina comum e da tradição da Igreja; haverá, sim, de fazer seu o verdadeiro incremento desta ciência, qualquer que êle seja, obtido pela solicitude dos mais recentes, mas rejeitará as sentenças temerárias dos inovadores”. (17)

Ao escolher todavia as partes das quais vai propor uma explicação mais acurada, não cuide meramente da erudição, e sim exponha os pontos, graças aos quais, a *doutrina* dos dois Testamentos se declare e defina, para que não roa a casca, sem atingir a medula, como diz S. Gregório (18). Logo, do Velho Testamento explane *principalmente* a doutrina sobre os primórdios do gênero humano, as profecias messiânicas, os salmos; ao interpretar o Novo, faça ordenadamente o traçado de toda a vida de Cristo Senhor, e explique mais diffusamente ao menos as partes dos Evangelhos e das Epístolas, que são lidas publicamente na igreja, aos domin-

(16) I Tim. III, 15.

(17). Cfr. Pius X, Litt. apost. *Quoniam in re biblica*; *Ench. Bibl.* n. 168.

(18) Cfr. *Moralia* XX, 9; PL LXXVI, 149.

DOCUMENTOS DA PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA

gos e festas; além do que, ensine a história da paixão e da ressurreição do Senhor, e exponha profundamente ao menos uma das principais epístolas de S. Paulo, sem omitir outros-sim das outras os lugares que respeitam à doutrina.

Quanto ao seu múnus de intérprete proceda o professor de tal forma que em primeiro lugar exponha clara e lúcidamente o que se diz *sentido literal*, chamando em seu auxílio, quando fôr o caso, o próprio texto primigênio. Mas ao determinar o sentido literal dos textos, não siga pelo caminho, que infelizmente hoje trilham não poucos exegetas, que só atendem às mesmas palavras e ao contexto próximo; mas há de ter cuidadosamente ante os olhos aquelas antigas regras, que o Sumo Pontífice gloriosamente reinante, Pio XII, mais uma vez inculcou na sua encíclica *Divino Afflante Spiritu*, a saber, que o exegeta dê uma vista ao que a Sagrada Escritura ensina em lugares semelhantes; qual a explicação do mesmo texto existente nos Santos Padres e na tradição; o que exige a “analogia da fé”; o que, finalmente, quando fôr o caso, o próprio Magistério da Igreja a respeito dele haja decretado (19). Para que possa fazer isso tudo convenientemente, importa que seja egrègiamente versado também na sagrada teologia, e imbuído de grande e sincero amor pela sagrada doutrina, nem separe jamais, baseado só nos princípios críticos e literários, o seu múnus exegetico da inteira formação teológica.

Procure explicar devidamente também o *sentido espiritual*, caso, conste verdadeiramente que Deus o entendeu, me-

(19) Pius XII, Litt. encycl. *Divino afflante Spiritu*; l. c. p. 310.

diante as sapientíssimas normas que os mesmos Sumos Pontífices estatuíram (20). O professor há de ensinar tal sentido espiritual, exposto com tão grande estudo e amor pelos Santos Padres e pelos grandes intérpretes, tanto mais fácil e religiosamente, quanto mais fôr ornado da pureza de coração, da excelência de ânimo, de espírito de humildade, e de reverência e amor para com Deus revelador.

Não atenuie o professor nem dissimule as *dificuldades e obscuridades*, que não de raro se apresentam ao intérprete nos Livros da Sagrada Escritura, mas pelo contrário, exposta a questão de modo justo e honesto, esforce-se conforme a sua capacidade por resolvê-la, aduzindo os auxílios das várias disciplinas. Não se esqueça todavia que “Deus espalhou de propósito as dificuldades pelos Livros, que êle próprio inspirou, para que nos excitássemos a manuseá-los e investigá-los mais atentamente, e praticássemos a necessária sujeição de espírito, experimentando salutarmente os limites da nossa mente”. (21)

Tudo isto cumpre ao professor ensinar, quanto mais possível fôr, do modo que se diz *sinético*, tratando mais acuradamente as coisas importantes, e o resto com a amplitude e no lugar que lhe convêm. A esta arte de expor se entregue desde o comêço, e procure aperfeiçoá-la sempre mais, persuadido de que o fruto e a eficácia do ensino em grande parte dela dependem.

(20) Litt. encycl. *Providentissimus*; Ench. Bibl. n. 97; Litt. encycl. *Spiritus Sancti Paraclitus*; Ench. Bibl. nn. 498 s.; Litt. encycl. *Divino afflante Spiritu*; l. c. p. 311.

(21) Pius XII, Litt. encycl. *Divino afflante Spiritu*; l. c. p. 318.

3. *Qual seja o escopo, qual a índole* das lições da Sagrada Escritura, para a instrução dos alunos dos Seminários e Colégios, se define por isso que não são dirigidas para a formação de “especialistas”, como se diz, mas para a preparação dos futuros sacerdotes e apóstolos. Ora, a formação dos Sacerdotes, embora dependa de tôdas as condições da vida e da ordem do Seminário ou do Colégio, sem dúvida é particularmente ajudada pelo estudo e pelo conhecimento da matéria bíblica. Na verdade, com essas lições cumpre principalissimamente obter que os futuros sacerdotes entendam, e se convençam, o que os Livros Sagrados muito fazem quer para o fomento da sua própria vida sacerdotal, quer para o frutuoso desempenho do múnus sacerdotal. Portanto, não se contente absolutamente, com ensinar só as noções e conhecimentos úteis sôbre os assuntos bíblicos, mostre outrossim cabalmente aos seus alunos, quando houver ocasião, como poderão alimentar, firmar e promover a santidade da sua própria vida sacerdotal, (22) e tornar fecundo o ministério apostólico, sobremodo o da pregação sagrada e o da instrução catequética, mediante sólido conhecimento, leitura assídua e pia meditação das Sagradas Escrituras. (23)

III. *Conselhos e Normas*

Já pois que os estudos bíblicos valem tanto para a piedade sacerdotal e para o fruto do múnus apostólico, e devem

(22) Cfr. S. Hier., Ep. 130 in fine; PL XXII, col. 1224 [al. 1124] (CSEL LVI, p. 201).

(23) Cfr. Leo XIII, Litt. encycl. *Providentissimus*; Ench. Bibl. n. 72; Benedictus XV, Litt. encycl. *Spiritus Paraclitus*; ibid. nn. 496 s.; Pius XII, Litt. encycl. *Divino afflante Spiritu*, l. c. p. 320 s.

DOCUMENTOS DA PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA

ser feitos e promovidos com suma diligência, ninguém há que o não veja, é bastante doloroso que eles nem sempre sejam tidos na devida honra, mas não raramente pospostos indignamente ao estudo de outras disciplinas, e até completamente negligenciados. Portanto esta Pontifícia Comissão para os Assuntos Bíblicos, movida pelas notícias e pelos votos que chegam de tôdas as partes do mundo, quer dos Excelentíssimos Ordinários dos Lugares e dos Superiores Supremos das Religiões, quer dos Reverendíssimos Reitores dos Seminários e Professôres do ensino bíblico, julgou que devia recomendar vivamente as coisas que vão seguir.

1. Na *biblioteca bíblica* (24) dos Seminários e Colégios, além dos comentários dos Santos Padres e dos maiores intérpretes católicos, haja as melhores obras a respeito da teologia bíblica, arqueologia e história sagrada, como também as enciclopédias ou léxicos bíblicos e as revistas periódicas sôbre assuntos bíblicos, as quais os professôres não podem comprar pessoalmente devido a razões várias, com grande dano seu e dos alunos.

2. Com igual cuidado e diligência procurem os Superiores dos Seminários e Colégios providenciar a que, também os *Clérigos*, além do volume da Bíblia Sagrada e do manual de Escritura que cada qual possui, tenham na sua biblioteca particular as obras que possam melhor e mais eficazmente ajudar a recordação das lições ouvidas nas aulas, e a sua apta complementação.

(24). Cfr. Pius in Litt. apost. *Quoniam in re biblica*; *Ench. Bibl.* n. 173.

3. Para que o professor da matéria bíblica possa cumprir com louvor o seu ofício, *seja deixado totalmente ao seu múnus*, sem que se lhe cometam outros negócios mais graves, e com tal interêsse seja auxiliado pelos Superiores, com a entrega de dinheiro e de outros auxílios oportunos, que perseverare no múnus de ensinar, com prazer até por tôda a vida.

Na verdade, a primeira condição para o progresso do estudo bíblico nos Seminários e Colégios é a entrega ao professor da matéria bíblica de todos aquêles subsídios em livros e dinheiro, com os quais possa êle próprio avançar na ciência e fazer sua a ciência que progride, assistir às reuniões de estudos, visitar oportunamente a Terra Santa e editar os frutos do seu trabalho.

Convém ainda que se nomeiem dois Professôres para a matéria bíblica, um do Novo e outro do Antigo Testamento, onde o número de alunos fôr maior (aliás também allhures, para que se proveja maduramente às futuras necessidades).

4. Recomenda-se vivamente ao Professor da matéria bíblica, interessado pelo progresso dos discípulos, que ministre a alguns alunos seleccionados, possuidores de maior engenho, um curso livre especial, seja de línguas bíblicas, ou de outras que são necessárias ou úteis para os estudos da Sagrada Escritura, (25) seja de teologia bíblica, de história, de arqueologia ou de qualquer outra disciplina auxiliar. Nesse curso poderá tratar outrossim das questões peculiares, que hoje mais se agitam a respeito de cada livro, e que Êle tiver

(25) Ita etiam Pius X, Litt. apost. *Quoniam in re biblica*; *Ench. Bibl.* n. 165.

investigado mais profundamente, quer pelo próprio estudo, quer pela leitura de comentários.

5. Aconselha-se ainda ao professor de matéria bíblica, que prepare com prudência e moderação para os estudos especiais, seguindo os conselhos dos Superiores, sem que absolutamente se descuidem das outras disciplinas, *os alunos mais esperançosos*, que mostrarão particular amor pelas Sagradas Páginas (26). Ofereça-lhes a oportunidade de aprenderem as línguas, também recentes, mais necessárias a estes estudos, e os instrua no conhecimento e na leitura das obras “sobre a história dos dois Testamentos, a vida de Cristo Senhor, a vida dos Apóstolos e das peregrinações e viagens palestinianas” (27). Lembre-se com efeito seriamente do grave detrimento que sofrem tais alunos, quando são enviados para fazer os estudos especiais sem preparação justa, sobretudo sem a preparação literário, e persuada-se que um dos seus deveres precípuos é o de preparar, para o seu Seminário, graças à sua experiência, ótimos professôres do futuro, graças aos quais a matéria bíblica seja cada vez mais cultivada e florescente.

6. Como no exíguo espaço de tempo, que se destina às aulas de Sagrada Escritura, apenas pode devidamente satisfazer àquilo tudo, que se requer para a formação teológica e ascética dos Clérigos, e para o ensino do reto uso dos Livros Sagrados na liturgia e na pregação, louva-se muito e

(26) Cfr. Pius X, Litt. apost. *Quoniam in re biblica*; *Ench. Bibl.* nn. 165. 167; Pius XI, *Motu proprio Bibliorum scientiam*; *Ench. Bibl.* n. 518 s.

(27) Cfr. Pius X, Litt. apost. *Quoniam in re biblica*; *Ench. Bibl.* n. 172.

DOCUMENTOS DA PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA

recomenda-se fortemente que já no começo do currículo dos estudos mais altos *se faça uma introdução sumária*, para estimular oportunamente e dirigir a leitura de toda a Sagrada Escritura, que os alunos devem fazer durante todo o tempo dos estudos, como soubemos que louvavelmente se faz em alguns Colégios de Ordens. Se ela se fizer bem, o professor poderá demorar-se mais na doutrina bíblica, durante o quadriênio do curso teológico.

7. Sejam os Clérigos obrigados a compor uma vez ou duas no ano uma *homília*, a respeito de uma perícopa bíblica, cujo trabalho o próprio professor há de dirigir e de julgar com diligência. Destarte os alunos, já desde o princípio da formação teológica, aprenderão, com congruo estudo e pia meditação, a preparar-se cuidadosamente a escrever as homílias que se devem fazer aos domingos e festas, como ainda a propor e a explicar ao povo cristão o sentido verdadeiro e próprio da Palavra de Deus, de modo reto, ordenado e reverente.

8. Finalmente, para que o estudo da Sagrada Escritura se cultive e aperfeiçoe de modo razoável, ainda depois de feito o curso de teologia, e, continue depois fielmente por toda a vida para os *exames*, que os sacerdotes seculares ao menos por um triênio, e os religiosos, ao menos por um quinquênio, devem prestar, após o curso dos estudos, a respeito de várias disciplinas das ciências sagradas, conforme a prescrição do Direito Canônico, (28) também se indiquem cada ano algumas das questões mais graves sobre Introdução geral e especial, e sobre exegese, que devem ser pre-

(28) Cod. Iur. Can., can. 130. 590.

paradas. Ademais, nas *reuniões* ou *conferências* que em tempos determinados o Clero, tanto o secular como o regular, deve fazer, a respeito de assunto moral e litúrgico, (29) também se proponha a explicação, — como com muito louvor se faz em algumas regiões — de unia perícope bíblica ou do Antigo, ou Novo Testamento, que o Professor de matéria bíblica do Seminário tiver escolhido com aptidão, e depois, se fôr o caso, divulgue, explicada segundo a ciência bíblica, nos comentários periódicos da diocese ou em outra parte.

Rogamos ardentemente aos Excelentíssimos Ordinários e Reverendíssimos Superiores das Religiões, que queiram aceitar e executar, com o cuidado e a diligência que sentem pelo bem comum, quanto expusemos, para que a formação dos nossos futuros sacerdotes se aperfeiçoe cada vez mais, e sejam êles imbuídos daquela sólida ciência sagrada, de que devem servir-se já no tempo do estudo teológico, e depois por tôda a vida, e isso não leviana ou temerariamente, nem segundo o próprio arbítrio e sentimento, mas segundo as normas da ciência sagrada, segundo as leis e os preceitos da Igreja e segundo as regras da genuína tradição católica, para que os Livros Sagrados lhes sejam na alimentação e cultivo da sua vida espiritual, como que o pão quotidiano, a luz e o vigor, e, nos ministérios apostólicos, auxílio eficaz, ajudados pelo qual conduzam quantos mais forem para a verdade, para o amor e o temor de Deus, para a virtude e a santidade. Por certo não ignoramos quantas e quais dificuldades hoje obstem a que dentro de breve tempo e perfeitamente se realizem as coisas que recomendamos; mas temos certeza de que os Prelados das Igrejas e os Superiores das Religiões, sem

(29) Ibid. can. 131. 591.

DOCUMENTOS DA PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA

absolutamente perderem o ânimo, nada deixarão de fazer para que o estudo das Letras Divinas e o seu amor floresçam com novo vigor entre os Clérigos e Sacerdotes, e produzam frutos de vida e de graça nos seus espíritos e ministérios.

O Santíssimo Senhor Nosso, Papa Pio XII, na audiência que concedeu ao abaixo assinado, a 13 de Maio de 1950, aprovou esta instrução, e ordenou que fôsse feita de direito público.

Roma, dia 13 de Maio do ano de 1950.

Atanásio Miller, O. S. B., Consultor secretário.

CARTA DO SECRETÁRIO DA COMISSÃO BÍBLICA AO EMINENTÍSSIMO CARDEAL SUHARD, ARCEBISPO DE PARIS

*a respeito da época das fontes do Pentateuco e
do gênero literário dos onze primeiros capítulos
do Gênesis.*

Eminência,

O Santo Padre houve por bem confiar ao exame da Pontifícia Comissão para os Estudos Bíblicos duas questões, que foram apresentadas recentemente a Sua Santidade, a respeito das fontes do Pentateuco e da historicidade dos onze primeiros capítulos do Gênesis. Estas duas questões, com seus considerandos e votos, formam objeto do mais atento estudo por parte dos Reverendíssimos Consultores e dos Eminentís-

simos Cardeais membros da citada Comissão. Como seqüela das suas deliberações, Sua Santidade se dignou de aprovar a seguinte resposta, na audiência concedida ao abaixo assinado, na data de 16 de janeiro de 1948.

Compraz-se a Pontifícia Comissão Bíblica em render homenagem ao sentimento de confiança filial, que inspirou esta iniciativa, e deseja corresponder-lhe com o sincero esforço de promover os estudos bíblicos, assegurando-lhes, dentro dos limites do ensino tradicional da Igreja, a mais inteira liberdade. Tal liberdade foi afirmada em termos explícitos pela Encíclica do Soberano Pontífice gloriosamente reinante *Divino Afflante Spiritu*, nestes termos: “O exegeta católico, impellido por ativo e corajoso amor da ciência, devotado sinceramente à nossa Mãe a Santa Igreja, não deve absolutamente deixar de abordar, e reiteradamente, as questões difíceis que ainda não foram resolvidas até agora, não somente para refutar as objeções dos adversários, como ademais para tentar encontrar-lhes sólida explicação, em perfeito acôrdo com a doutrina da Igreja, especialmente com a da inerrância bíblica, e capaz ao mesmo tempo de satisfazer plenamente às conclusões certas das ciências profanas. Os esforços dêsses valentes obreiros da vinha do Senhor merecem ser julgados não só com justiça e equidade, como ainda com perfeita caridade; que todos os demais filhos da Igreja se lembrem disso. Êstes devem precaver-se contra um zêlo por certo não prudente, o qual estima dever atacar ou ter como suspeito tudo quanto é novo” (A. A. S., 1943, p. 319).

Que se compreendam e se interpretem à luz dessa recomendação do Soberano Pontífice, as três respostas oficiais dadas outrora pela Comissão Bíblica a respeito das questões mencionadas acima, a saber, a de 23 de Junho de

1905, relativamente às narrações que só teriam de histórico o aparecimento nos livros históricos da Sagrada Escritura (*Ench. Bibl.*, 154, a de 27 de Junho de 1906, sobre a autenticidade mosaica do Pentateuco (*Ench. Bibl.*, 174-177), e a de 30 de Junho de 1909, quanto ao carácter histórico dos três primeiros capítulos do Gênesis (*Ench. Bibl.*, 332-339), e conceder-se-á que essas respostas não se opõem absolutamente a um exame ulterior verdadeiramente científico de tais problemas, segundo os resultados obtidos durante estes últimos quarenta anos. Por conseguinte, a Comissão Bíblica já reconhecia ser possível afirmar que Moisés, “para compor sua obra, se serviu de documentos escritos e de tradições orais”, e admitir outrossim modificações e adições posteriores a Moisés (*Ench. Bibl.*, 176-177). Hoje não há ninguém que ponha em dúvida a existência destas fontes nem admita certo crescimento progressivo das leis mosaicas, devido às condições sociais e religiosas dos tempos posteriores, progressão que se manifesta igualmente nos relatos históricos. Entretanto, até no campo dos exegetas não católicos, opiniões bastante divergentes são professadas hoje no tocante à natureza e ao número destes documentos, à sua denominação e à sua data. Nem faltam autores, nos diferentes países, que por razões puramente críticas e históricas, sem intenção apologética alguma, rejeitam resolutamente as teorias mais em voga até o presente, e procuram a explicação de certas particularidades redacionais do Pentateuco, não bem na diversidade dos documentos supostos quanto na psicologia especial, nos processos particulares, hoje mais conhecidos, do pensamento e da expressão dos antigos Orientais, ou ainda, no gênero literário diferente postulado pela diversidade das matérias. Eis porque convidamos os sábios católicos a estudarem tais problemas sem preconceito, à luz duma sã crítica e dos resultados das outras ciên-

cias interessadas nestas matérias, e um tal estudo estabelecerá sem dúvida a grande parte e a profunda influência de Moisés como autor e como legislador.

A questão das formas literárias dos onze primeiros capítulos do Gênesis é bem mais obscura e complexa. Estas formas literárias não correspondem a nenhuma das nossas categorias clássicas nem podem ser julgadas à luz dos gêneros literários greco-latinos ou modernos. Não se pode consequentemente nem negar nem afirmar a historicidade em bloco, sem lhes aplicar indêbitamente as normas dum gênero literário, pelo qual não podem ser classificadas. Se se concorda a não ver nesses capítulos história no sentido clássico ou moderno, faz-se mister outrossim confessar que os dados científicos atuais não permitem dar solução *positiva* a todos os problemas que êles oferecem. O primeiro dever que incumbe aqui à exegese científica consiste antes de mais nada no estudo atento de todos os problemas literários, científicos, históricos, culturais e religiosos conexos com êstes capítulos; dever-se-iam a seguir examinar de perto os processos literários dos antigos povos orientais, sua psicologia, sua maneira de se expressar, e até a mesma sua noção da verdade histórica; dever-se-ia, em uma palavra, recolher sem preconceitos todo o material das ciências paleontológica e histórica, epigráfica e literária. Sòmente assim é que se pode esperar ver mais claramente a verdadeira natureza de certos relatos dos primeiros capítulos do Gênesis. Declarar *a priori* que seus relatos não contêm história no sentido moderno da palavra daria facilmente a entender que êles não a contêm em sentido algum, quando ao contrário relatam numa linguagem simples e figurada, adaptada às inteligências de uma humanidade menos desenvolvida, as verdade fundamentais pressupostas à economia da salvação, ao

DOCUMENTOS DA PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA

mesmo tempo que a descrição popular das origens do gênero humano e do povo eleito. Enquanto aguardamos, cumpre exercer a paciência, que é prudência e sabedoria da vida. É o que o Santo Padre inculca também na Encíclica já citada: “Ninguém, diz êle, deve espantar-se de que ainda não estejam esclarecidas nem resolvidas tôdas as dificuldades... Não se há, por ora, de perder a coragem, nem esquecer-se que nas disciplinas humanas não se passa de modo diverso que na natureza, onde aquilo que começa cresce pouco a pouco, onde os frutos se recolhem após longos trabalhos... Pode-se esperar pois que (estas dificuldades), as quais hoje parecem as mais complicadas, e as mais árduas, abrir-se-ão um dia, graças a constante esforço, à plena luz”. (*Ibid.*, p. 318).

Tiago — M. Vosté, O. P.
secretário da Pontifícia Comissão para
os Estudos Bíblicos.

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

Nota da Editôra

A Editôra das Américas tem o prazer de apresentar como remate d'êstes estudos atualizados vários trabalhos que foram lidos nas duas primeiras Semanas Bíblicas Nacionais (janeiro de 1947 e janeiro-janeiro de 1950), satisfazendo assim a um desejo já manifestado repetidas vêzes por muitos estudiosos e cultores das ciências bíblicas, de poderem ter à mão as teses desenvolvidas por professores de Escritura do Brasil, ciente, esta Editôra, de contribuir, além do mais, para uma visão mais ampla e mais profunda dos problemas exegéticos.

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

1. É A BÍBLIA A ÚNICA FONTE DE REVELAÇÃO? — *Fr. Mateus Hoeppers, O. F. M.*
2. A LEITURA E A MEDITAÇÃO DA BÍBLIA — *Dom Estêvão Bittencourt, O. S. B.*
3. O APOSTOLADO BÍBLICO — *Côn. Agnelo Rossi*
4. A AÇÃO BÍBLICA PROTESTANTE NO BRASIL — *Côn. Agnelo Rossi*
5. A CIÊNCIA A SERVIÇO DA EXEGESE — *Côn. Heládio C. Laurini*
6. O HEXAÉMERO EM SEUS ASPECTOS FUNDAMENTAIS — *P. Antônio Charbel, S. D. B.*
7. A PROFECIA SOBRE O “ÉBED YAHUÉ” EM ISAIAS — *P. Ernesto Vogt, S. J.*

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

É A BÍBLIA A ÚNICA FONTE DE REVELAÇÃO?

Introdução

Começa a Epístola aos Hebreus com esta frase lapidar: “Havendo Deus outrora falado aos pais pelos profetas, muitas vezes e de muitos modos, últimamente, nestes dias, falou-nos pelo Filho, que constituiu herdeiro de tudo, por quem igualmente criou o mundo”. Assim São Paulo nos exprime como pouco a pouco, por muitos séculos, pelos patriarcas e os profetas, a Luz da revelação foi dada ao mundo em raios sempre mais claros até que enfim no Verbo de Deus encarnado apareceu a própria plenitude de Luz.

No Antigo Testamento viveram na esperança da promessa e o Novo Testamento trouxe toda a realidade, a “Imagem visível do Deus invisível” (Col 1, 15), Cristo, o Filho de Deus feito homem. E Jesus mesmo afirma que “Ele revelou tudo o que ouviu de seu Pai” (Jo 15, 15). Aos Apóstolos o divino Mestre ainda promete o Espírito da Verdade a fim de abrir-lhes o entendimento do que não puderam compreender e para completar a sua revelação, *ensinando-lhes toda a verdade*. Jesus frisa, entretanto: “Ele me glorificará, porque receberá do que é meu e vo-lo comunicará. Tudo o que o Pai tem, é meu. Por isso eu vos disse que ele receberá do que é meu, e vo-lo comunicará” (Jo 16, 12-15; cf. 14, 26).

“Mas o Paráclito, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, *ele vos ensinará todas as coisas*, e vos recordará tudo o que vos tenho dito”. Já que Jesus completa e consuma a revelação da Lei e dos profetas que não foram senão pedagogos para Cristo (Gál 3, 24), e o Espírito Santo só esclarece e ensina esta plenitude vinda no Filho de Deus, o Evangelho pôde proclamar. “Unus est magister vester: Christus”. “Um só é o vosso Mestre, o Cristo” (Mt 23, 10). É Ele no dizer do Apocalipse (1, 5) “a testemunha fiel” que diante de Pilatos à face da morte proclamava alto e bom som: “Eu para isto nasci e para isto vim ao mundo: para dar testemunho da verdade; todo o que for da verdade ouve a minha voz” (Jo 18, 37).

Surge daí a pergunta gravíssima para todo o cristão: Onde e como posso ouvir a voz de Cristo? “Qual é a fonte, o foco de luz que nos transmite a plenitude da verdade de Cristo?” Todos os que crêem dentro e fora da Igreja concordam numa resposta que na Bíblia do Antigo e do Novo Testamento possuímos livros sagrados que têm o próprio Deus como Autor, porque nos apresentam a palavra inspirada por Ele. Como, entretanto, podemos saber isso? Quem nos garante que este e aquele Livro é inspirado por Deus? É enfim a pergunta do nosso tema: *É a Bíblia a única fonte de revelação?*

Para respondermos a esta questão fundamental do cristianismo, vejamos três coisas:

- 1) Qual é o meio que Cristo usou e instituiu para nos transmitir a plenitude de sua verdade.
- 2) Qual é o meio que os apóstolos usaram a fim de transmitir a verdade de Cristo.

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

3) Qual é o meio que nos garante a inspiração divina da Bíblia, sobretudo no Novo Testamento.

1) O QUE CRISTO FEZ PARA NOS TRANSMITIR A SUA VERDADE

a) *Cristo pregou a palavra de Deus*

Poderia parecer o meio mais fácil, certo e seguro para nos transmitir toda a Verdade, se o próprio Verbo Encarnado com as suas mãos divinas tivesse escrito num livro sagrado todos os seus ensinamentos, dizendo aos seus seguidores: “Quem ler e crer estas minhas palavras escritas, será salvo e quem não as ler e crer será condenado”. Mas a Sabedoria divina, visivelmente aparecida em Cristo Nosso Senhor, de fato não procedeu assim: O Evangelho não nos relata senão sinais que escreveu na areia, com o seu dedo, a fim de confundir os seus inimigos, quando acusavam a mulher adúltera. Mas não há notícia alguma de que tenha deixado o menor documento escrito, algum livro ou carta.

Entretanto Ele andou incansavelmente pela terra de Israel, pregando a boa nova do Reino de Deus. De mãos largas semeou a palavra de Deus sobre qualquer terra: sobre a beira da estrada, no pedregulho, por entre espinhos, mas também sobre terra boa para que desse fruto cem por um (Mt 13, 3-23). De preferência pregava ao povo humilde, pobre e aflito, aos pequenos sitiantes da Galiléia, tão oprimidos pelos grandes senhores, aos simples pescadores do lago de Genesaré, aos pastores da Judéia, a esta plebe desprezada pelos fariseus ricos e orgulhosos. Para este povo pisado e acabrunhado Jesus proclamou as suas bem-aventuranças. Era esta

a terra boa para a semente da palavra de Deus. Nada, porém, teria adiantado para essa classe ínfima, amaldiçoada pelos doutores porque “ignorante da Lei” (Jo 7, 50), se o Filho de Deus tivesse consignado a sua Sabedoria divina em algum Livro.

b) *Cristo preparou pregadores da palavra de Deus*

Objetará alguém: Não se deveria então perder a palavra de Deus falada aos quatro ventos? Jesus ainda fez uma dupla escolha. Entre a massa do povo selecionou uns discípulos que sempre o seguiam e que pela repetição poderiam gravar na memória as suas doutrinas — e entre o grande número de discípulos escolheu 12 apóstolos. Diz São Marcos: “E fez com que doze estivessem com êle, para os enviar também a pregar” (Mc 3, 13-14). Jesus os instruiu e educou de modo especial, explicando-lhes as parábolas que aos outros não era dado conhecer, dando-lhes instruções sobre o reino de Deus. E até fez com que praticassem um tanto a vida apostólica, dando-lhes poder sobre os demônios e para “curar toda a doença e toda enfermidade” (Mc 10, 1) e mandando-os “dois a dois, adiante de si, por todas as cidades e lugares para onde êle tinha de ir” (Lc 10, 1).

E foi para êste mesmo povo humilde e pobre que Jesus os mandava. Quando uma vez os discípulos voltaram alegres de uma excursão missionária, relatando: “Senhor, até os demônios se nos submetem em teu nome”, Jesus exultou em espírito, prorrompendo nas palavras memoráveis: “Graças te dou, Pai Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado. Todas as coisas me foram entregues por meu Pai. E ninguém sabe quem é

o Filho, senão o Pai, nem quem é o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar” (Lc 10, 21-22; Mt 11, 25-27). Assim percebemos que os discípulos e especialmente os 12 apóstolos passaram por uma verdadeira escola, digamos teórica e prática — para a formação dos pregadores.

c) *Cristo deu aos apóstolos a missão de pregar*

Depois da sua ressurreição, terminada a sua obra de Redenção aqui na terra, Jesus transmitiu a sua missão que recebera do Pai aos seus apóstolos. São João nos conservou aquelas palavras: “Assim como o Pai me enviou, eu vos envio” (Jo 20, 21). Esta missão abrangia o tríplice múnus de sacerdote, pastor e mestre. Aqui nos interessa especialmente a missão do magistério. Em São Lucas já encontramos aquele texto, semelhante, em que Jesus transfere aos apóstolos a sua autoridade de Mestre: “Quem vos ouvir, ouve a mim e quem vos desprezar, despreza a mim; quem, porém, me desprezar, despreza aquele que me enviou”. É uma autoridade inaudita que se atribui a estes rudes pescadores. Eles terão a mesma missão que Ele recebeu do Pai. Mas como poderão garantir esses homens ignorantes a plenitude da Verdade de Cristo, sem falsificação ou mistura de erro? Como já vimos pela jubilosa exclamação de Jesus por ocasião da volta dos discípulos, Ele não se baseia na sabedoria humana, mas na Luz divina dada aos pequeninos. São João nos relata que o divino Mestre nos sermões de despedida antes da Paixão e Morte expressamente prometeu aos apóstolos o Espírito Santo para o exercício de seu magistério (Jo 15, 26-27): “Quando vier o Paráclito que eu vos enviarei do Pai, o Espírito da Verdade, o qual procede do Pai, ele dará testemunho de mim. Também vós dareis testemunho, porque estais comigo desde o princípio”. E este Espírito da verdade ficará com o colégio

apostólico “para sempre” como advogado e assistente “para ensinar tudo e sugerir tudo o que ouvirem de Jesus” (Jo 14, 16; 18-26).

São Lucas nos registou no começo dos Atos dos Apóstolos uma missão dada aos doze antes da Ascensão precisamente nesta terminologia de São João: “Recebereis a força do Espírito Santo que descera sobre vós, e sereis as minhas testemunhas em Jerusalém e em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra”. Esta frase é como o esquema de todo o seu livro em que êle mostra como os apóstolos cumpriram esta sua missão. Jesus viera a este mundo para dar testemunho à verdade como “testemunha fiel” (Apc 1, 5). E agora lhes transmite esta sua missão, prometendo-lhes o Espírito da Verdade a fim de garantir a fidelidade do testemunho.

São Marcos, no fim do seu Evangelho, também nos conservou a última ordem de Cristo, antes da Ascensão, diversa nos termos, porém idêntica no sentido: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado, será salvo; mas quem não crer, será condenado”. Segundo estas palavras, doravante será a pregação dos apóstolos a lei obrigatória de que dependerá a salvação ou condenação de toda criatura, isto é, de todos os homens. Segue daí que êstes homens simples ficarão munidos de uma autoridade divina para ensinar, autoridade essa que deve ser a do próprio Cristo como diziam os Evangelhos de São João e de São Lucas.

Mais explícito ainda é o grandioso final do Evangelho de São Mateus de que dizia Harnack: “Coisa maior e mais não se pode dizer em 40 palavras”: “Foi-me dado todo o poder no céu e na terra. Ide, pois, e ensinaí todas as nações,

batizando-as em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo, instruindo-as a observar tudo o que vos tenho mandado. E eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos”. Como o Mestre andara pela terra de Israel, fazendo discípulos, agora os seus enviados, os apóstolos, deverão andar pelo mundo inteiro “fazendo discípulos todos os povos”. E’ esta a expressão que Jesus emprega no texto grego.

Para esta missão, que humanamente ultrapassava as forças destes homens mesquinhos e rudes, o Homem-Deus lhes entrega a plenitude do seu poder e ainda lhes promete estar com eles até o fim do mundo. Assim Êle perpetua o seu magistério divino por intermédio dos seus enviados. Eis o veículo da sua verdade revelada, instituído por Nosso Senhor no Evangelho. E’ importante notarmos que não há nenhuma ordem de escrever — e só de pregar. Êle não diz: “Sentai-vos e escrevei a todos os povos”, mas: “*ide e pregai*”. A palavra de Deus é espírito e vida que não podia prender-se à letra morta. E’ a palavra viva e quente de convicção e amor que vai de alma para alma, de coração para coração. Sobretudo a ordem de evangelizar a todos os povos demonstra a Escritura como meio completamente insuficiente para a catequese apostólica. Quantos seriam os letrados que poderiam ler entre todos os povos da terra? E não era aos sábios e entendidos, mas aos pequeninos que se destinava o Evangelho de Cristo. Também São Paulo diz aos Coríntios (1 Cor 1, 26-28): “*Ve-de, pois, irmãos, a vossa vocação, que nela não há muitos sábios segundo a carne, não há muitos poderosos, não há muitos nobres. Mas o que é insensato segundo o mundo, Deus o escolheu para confundir os fortes, e o que é vil e desprezível ao mundo, Deus o escolheu e aquelas coisas que não são, para destruir as que são, para que ninguém se glorie na sua presença*”.

d) Conclusão

E' portanto mais claro do que a luz do sol: "O meio que Cristo usou para transmitir a sua verdade é a pregação oral e o meio que instituiu para transmiti-la a todos os povos é outra vez a pregação oral dos seus enviados, munidos com seus poderes e a assistência segura e infalível do Espírito da verdade".

2) O QUE FIZERAM OS APÓSTOLOS PARA TRANSMITIR A VERDADE DE CRISTO

a) Os apóstolos cumprem a missão de Cristo

Qual o meio que os apóstolos usaram a fim de transmitir a verdade de Cristo?

Os apóstolos cumprem a missão recebida. O Espírito Santo desceu sobre eles como um vento impetuoso e em línguas de fogo — e eis que “começaram a falar em várias línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem” (At 2, 1-4). Dos primeiros anos da Igreja primitiva não existe nenhum escrito apostólico. De 13 apóstolos, 7 não escreveram palavra alguma, mas todos foram peregrinando pelo mundo até os confins da terra, a fim de dar testemunho de Cristo e de seu reino. São Paulo Apóstolo leva o facho luminoso da fé pelas cidades conhecidas do império romano. E só no ano 51 escreve aos Tessalonicenses as suas duas primeiras breves epístolas de conforto e animação para a fé que plantara pela pregação oral.

- b) *Os apóstolos consideram a tradição oral fonte primária da revelação*

Na segunda epístola, o Apóstolo dá como regra: “Assim, pois, irmãos, estai firmes e conservai *as tradições que aprendestes, seja por palavra, seja por carta nossa*”.

E na sua última epístola, que escreveu a Timóteo um ano antes de seu martírio, recomenda a seu discípulo predileto conservar com fidelidade e exatidão, como a verdade revelada, mais que tudo seu testemunho oral: “Guarda a forma das sãs palavras que de mim ouviste na fé e no amor em Jesus Cristo. Guarda o bom depósito pelo Espírito Santo, que habita em nós”. Manda o apóstolo, além disso, que essa tradição oral seja transmitida avante por homens que mereçam confiança: “O que ouviste de mim por muitas testemunhas, confia-o a homens fiéis, que sejam também capazes de instruir a outros” (ib., 2, 2). Na Epístola aos Romanos, pergunta: “Como crerão naquele de quem não ouviram? E como ouvirão sem se pregar? E como pregarão, se não forem enviados?” E mais abaixo responde: “*A fé vem da audição e a audição da palavra de Cristo*. Mas pergunto: Acaso eles não ouviram? Por certo que sim: Por toda a terra correu a sua voz e até aos confins do mundo as suas palavras”. E’ a voz e a palavra de Cristo que por intermédio dos apóstolos corre por toda a terra. Quem ouve e crê é salvo — e quem não ouve e não crê, é condenado. E’ o mesmo meio estabelecido por Cristo Nosso Senhor no Evangelho.

Na Epístola aos Gálatas declara o caráter definitivo desta sua pregação, que, portanto, deve ser fonte de fé. Ele excomunga pelo anátema todo aquêles que venha pregar outro Evangelho (Gál 1, 6-10). Logo depois faz explicitamente a apologia do seu apostolado (1, 11-24), pelo qual transmitira

oralmente a tradição apostólica. Com o apostolado e com a identidade do Evangelho pregado pelos outros apóstolos (2, 1-21) comprova a autoridade de sua pregação. E' o mesmo processo seguido nas duas Epístolas aos Coríntios. Êle se baseia na autoridade apostólica e divina com que transmitiu a doutrina pela tradição oral, sem aludir a escritos e documentos. Se estes fossem a única fonte de fé, êle deveria estribar-se exclusivamente nêles. Nota-se, pelo contrário, que êle só resume a doutrina que já lhes tinha ensinado oralmente, assim quanto à Eucaristia (1 Cor 11, 17-34) e à ressurreição: "Eu vos lembro, irmãos, o Evangelho que vos preguei, o qual também recebestes, e no qual estais firmes. E pelo qual sois salvos, se todavia o conservais como vo-lo preguei, salvo se crestes em vão. Porque eu vos entreguei primeiramente o que havia recebido..." (1 Cor 15, 1-3). Na Epístola segunda aos Tessalonicenses repetidas vezes alude à doutrina que transmitiu oralmente. Admira-se de que tenha sido esquecida a ponto de não tirarem dela as consequências que as condições exigem: "Não vos lembrais de que vos dizia estas coisas, quando estava ainda convosco?" (2 Tess 2, 5). O resumo ligeiro de doutrina feito nestas epístolas é uma repetição sumária da Tradição oral que de forma alguma pode ser substituída como fonte de fé verdadeira e divina.

Também São João nas suas epístolas alude à pregação oral feita às igrejas por êle fundadas, dizendo que lhes escreve para completar sua alegria (1 Jo 1, 1-4) e ao depois gravemente adverte: "O que ouvistes desde o princípio, permaneça em vós. Se permanecer em vós o que ouvistes desde o princípio, permanecereis também vós no Filho e no Pai" (1 Jo 2, 24; cf. 2 Jo, 6). Na segunda e terceira epístolas que são muito curtinhas, São João diz expressamente que prefere

“falar face a face” a escrever em papel “com tinta e pena” (2 Jo 12 e 3 Jo 13).

Em todas essas passagens transparece claramente a importância relevante que davam à transmissão oral da revelação, à Tradição apostólica. Mal aludem a escritos do Novo Testamento. *São Lucas, nos Atos dos Apóstolos*, do começo até o fim nos mostra que as Igrejas são fundadas pela transmissão oral das verdades reveladas. E em parte alguma vemos os apóstolos entregar documentos escritos às Igrejas a fim de testemunhar a fé. O que fazem é pregar, nomear testemunhas idôneas a quem transmitem pela imposição das mãos os poderes transmissíveis do apostolado doutrinal na medida que julgam conveniente, impondo a estas testemunhas o dever de passar adiante, pura e límpida, a Tradição apostólica.

c) *Os Evangelhos não pretendem ser completos*

Nem os próprios *Evangelhos* que se apresentam como escritos mais independentes de alguma ocasião especial, revelam nenhuma pretensão de expor a doutrina completa da revelação de Cristo. Pelo simples fato de sua multiplicidade e pelas numerosas doutrinas que a eles acrescem depois nas Epístolas, Paulinas e Católicas, evidenciam-se como incompletos.

São João afirma explicitamente, no final do seu Evangelho, tratar-se apenas de uma resumida resenha de palavras e feitos de Nosso Senhor, muito distante de ser completa: “Em verdade, ainda outros muitos sinais fez Jesus, na presença de seus discípulos, que não estão escritos neste livro” (Jo 20, 30). “Há, porém, ainda muitas outras coisas que

Jesus fez, se elas fossem escritas uma por uma, cuido que nem o próprio mundo poderia conter os livros que deveriam ser escritos” (Jo 21, 25).

- d) *Os três “sinópticos” são resumos da catequese oral escritos para determinado fim*

Os Evangelhos de São Mateus, São Marcos e São Lucas, segundo o testemunho de Santo Irineu, oferecem uma recordação da catequese apostólica, mas todos escolhem o assunto com uma finalidade particular. São Mateus escreve a primeira apologia cristã, provando aos judeus que Jesus é o verdadeiro Messias e que por causa da incredulidade do povo eleito, o reino de Deus passa aos gentios. São Marcos fez uma recordação da catequese de São Pedro com o fito especial de provar aos pagãos a divindade de Cristo. São Lucas, companheiro de São Paulo, e que não conheceu a Jesus, baseia-se nos testemunhos orais e escritos que lhe foram acessíveis.

A comparação destes três Evangelhos chamados “*sinópticos*”, apresenta um problema todo peculiar. Na estrutura, no plano geral e nas diversas partes mostram semelhanças inegáveis de modo que fazem supor à primeira vista uma mútua dependência. De outro lado, porém, há diferenças tão consideráveis que excluem a hipótese de um ter copiado de outro.

A escola exegética, denominada “*Formgeschichte*”, talvez a mais moderna, formada por racionalistas protestantes, procura compreender este fenômeno pelo estudo da forma literária que se teria originado precisamente por um determinado método de tradição oral em uso entre os rabinos judaicos daquele tempo. Eles não escreviam as suas doutrinas, mas

procuravam gravá-las na memória dos alunos pela tradição oral, usando de certas técnicas de associação de palavras e idéias que serviam de lembretes. Nos Evangelhos de fato podemos observar processos semelhantes — e estudos recentes confirmam sempre mais esta observação. Os exegetas desta escola partem do fato de que entre a morte de Jesus e a redação do primeiro Evangelho escrito, no mínimo se entrepõe o espaço de 30 anos. Pretendem então estudar esta tradição pré-evangélica por meio das formas literárias, considerando o próprio Evangelho como fruto da tradição fixada pela comunidade. A fonte comum dos três sinópticos seria, portanto, a forma da tradição oral que explicaria ao mesmo tempo a semelhança como a diferença nos diversos textos. Reconhecem abertamente que foi um erro da reforma protestante esquecer-se do fato de que a tradição precedeu a Escritura.

É pena que caíram em novo erro, atribuindo à comunidade uma função criadora de doutrinas e lendas. Todo o Novo Testamento, no entanto, protesta contra semelhante imputação. Pois são os apóstolos, enviados de Cristo, ou posteriormente os enviados pelos apóstolos em nome de Cristo que, assistidos pelo Espírito Santo, foram as testemunhas responsáveis pela doutrina recebida do divino Mestre. Ainda que a forma pudesse variar, não podiam tolerar a mínima falsificação do depósito de fé. Límpida e pura êles tinham que transmitir a doutrina de Cristo às almas vivas que compunham a Igreja santa. Como, por exemplo, São João, o discípulo de amor, se torna duro como aço, quando se trata de defender a pureza da doutrina! Cf. Jo 2, 9-11: “Todo o que se apartar e não permanecer na doutrina de Cristo, não tem a Deus; o que permanecer na doutrina, êste tem o Pai e o Filho. Se alguém vier a vós e não trazer esta doutrina, não

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

o recebais em vossa casa, nem o saudeis. Porque quem o saudar toma parte em suas obras más”.

e) *Conclusão*

Este depósito da fé, transmitido pela pregação oral, garantida pelo Espírito Santo, é a fonte primária da fé cristã instituída expressamente por Jesus Cristo, usada e defendida pelos apóstolos. *É o que chamamos tradição oral divino-apostólica.* Esta fonte de revelação é anterior à Escritura do Novo Testamento. Nos primeiros decênios da Igreja primitiva foi ela a única existente e plenamente suficiente para nos transmitir a plenitude da verdade de Cristo.

Com esta conclusão respondemos à pergunta formulada no título do nosso tema: *A Bíblia não é a única fonte de revelação, nem a fonte primária.*

3) SÓ A TRADIÇÃO ORAL GARANTE A INSPIRAÇÃO DO NOVO TESTAMENTO

a) *Diferença entre um escrito de tradição apostólica e um livro inspirado*

A nossa resposta parece puramente negativa com respeito à Bíblia; contém, entretanto, uma importante asserção afirmativa que supusemos desde o começo: *A Bíblia é verdadeira fonte de revelação. O que nós negamos é somente de ser ela a única ou a primária.*

O mero fato de que os escritos canônicos do Novo Testamento têm como autores ou a um apóstolo ou algum discí-

pulo e companheiro apostólico como São Marcos e São Lucas, daria a êles uma autoridade peculiar dentro da tradição divino-apostólica. Pois os apóstolos ou os seus discípulos seriam as testemunhas imediatas do depósito da fé transmitido pela sua pregação oral. E os seus escritos seriam monumentos dêste testemunho. E' neste sentido que poderíamos interpretar a exortação de São Paulo na 2.^a epístola aos Tessalonicenses: *"Assim, pois, irmãos, estai firmes e conservai as tradições que aprendestes, seja por palavra, seja por carta nossa"*. Mas, quando falamos da S. Escritura do Antigo e Novo Testamento, a fé cristã afirma muito mais. Êstes livros sagrados não sòmente contêm a doutrina revelada, mas são positivamente inspirados por Deus.

O dogma da inspiração nos dá certeza sôbre um influxo divino tal que torna os autores humanos instrumentos divinos e o próprio Deus verdadeiro autor principal, plenamente responsável por toda redação desses livros. A palavra bíblica apesar de que tenha a forma humana, condicionada pelo individualismo do instrumento humano, uma forma humana, condicionada ainda pelo tempo e o meio social em que vivem os leitores a que se destina o respectivo escrito — esta palavra bíblica, porém, não é mera palavra humana, é palavra verdadeiramente divina. Podemos dizer que foi Deus que escreveu esta palavra aos homens.

E agora focalizemos bem a diferença de um suposto monumento escrito da tradição divino-apostólica. Se os apóstolos por sua autoridade recebida por Cristo resolvessem fixar num só escrito todo o depósito da fé, êles teriam certamente para isso a assistência do Espírito Santo que os preservava de todo erro, mas seriam êles os verdadeiros autores principais, responsáveis pelo que escreveriam. Não seria Deus quem escreveria todo aquêle livro, seria o apóstolo com uma assis-

tência negativa que impediria a falsificação e deturpação da doutrina. Por esta comparação fica bem claro que a Escritura, apesar de não ser única nem a primária fonte de revelação no Novo Testamento, ela possui uma autoridade superior à tradição neste sentido, porque só ela contém a palavra positivamente inspirada por Deus. Mas donde nos provém a revelação desse dogma da inspiração da Escritura? Pois é só Deus quem nos sabe dizer, se Êle exerceu no escrito sacro aquêlê influxo positivo, assumindo toda a autoria principal e plena responsabilidade pela redação do livro. Ninguém pode supor êste fato sem revelação.

b) *A Igreja Católica defende a Bíblia pela tradição*

Para os livros do Antigo Testamento não pode haver dúvida, porque Cristo e os apóstolos reconhecem para êles o dogma da inspiração divina reconhecido entre todos os judeus. Mas os escritos do Novo Testamento também terão esta mesma autoria divina? E aqui devemos ressaltar que não há nenhum texto bíblico que nos revele a inspiração dos escritos do Novo Testamento. Há uma referência muito vaga da segunda epístola de São Pedro às cartas de São Paulo, comparando-as com “as demais escrituras” (2 Pdr 3, 16). Mas nada daí se pode provar. E como saberíamos qual é o cânon completo, isto é, a lista dos livros inspirados por Deus? E’ só a tradição oral divino-apostólica que nos dá a certeza de fé sôbre êste dogma básico da Escritura do Novo Testamento. Foi esta primária fonte de revelação que depôs nas mãos da Igreja o tesouro da palavra inspirada — e foi com tamanha unanimidade e certeza, que a reforma protestante não duvidou em adotar esse dogma como seu fundamento inconcusso.

Por uma triste ironia, porém, que só se explica por uma cega oposição contra a autoridade da Igreja de Cristo, o Pro-

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

testantismo quis sentar-se num galho que êle mesmo acabava de cortar. O princípio protestante da “Sola Scriptura” está completamente no ar. Não admira, pois, que por uma consequência lógica, os pensadores mais coerentes fossem levados ao puro racionalismo, isto é, à negação total de toda a revelação, de todo o sobrenatural, de toda a fé. A Igreja Católica, ao contrário, defende e sempre defenderá a autoridade divina da palavra inspirada na Escritura, precisamente pela Tradição. Foi um grave equívoco pensar que a Igreja não apreciasse a Escritura. Como ela poderia não amar a palavra do próprio Deus? Assim como o Verbo se fez carne em Cristo Jesus, tornando-se semelhante a nós homens em tudo, exceto o pecado, como diz a Epístola aos Hebreus (4, 15s), assim na Escritura possuímos uma encarnação da palavra divina, feita semelhante em tudo à palavra humana, exceto no erro. A Escritura, entretanto, é letra morta sem a palavra viva do magistério apostólico instituído por Cristo que deverá interpretá-la autenticamente e defendê-la de todo abuso. Em verdade, a Escritura não é senão um monumento divino do depósito da fé entregue à Igreja pela Tradição oral.

CONCLUSÃO FINAL: A IGREJA CATÓLICA PROMOVE A EXPLICAÇÃO E O CONHECIMENTO DA VERDADE DE CRISTO

Diz Nosso Senhor no Evangelho que o pai de família tira de seu tesouro coisas novas e velhas. Assim a Igreja descobre sempre novas riquezas, isto é, ela promove um novo conhecimento, levando a uma compreensão mais nítida de verdades velhas; mas nunca poderá propor à fé dos cristãos

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

o que não esteja nessas duas fontes de revelação: a Escritura e a Tradição.

O desenvolvimento incessante na compreensão e explicação da verdade divina levada às suas últimas consequências teóricas e práticas, debaixo da ação do Espírito Santo, na definição de novos dogmas de fé que são verdades velhas mais bem compreendidas e explicadas — é a melhor prova de vigor e de vida. Nosso Senhor comparou o reino de Deus com “um grão de mostarda, a menor das sementes, que um homem tomou e semeou no seu campo. Depois de crescido é a maior de todas as hortaliças, e faz-se árvore, de sorte que as aves do céu vêm habitar nos seus ramos” (Mt 13, 31-32). Eis um quadro magnífico da Igreja Católica, isto é, *Universal*, que cresceu desta sementinha semeada por Cristo e os apóstolos — e hoje estende os seus ramos poderosos entre todas as nações. Quem haveria de reconhecer esta árvore majestosa naquela semente apostólica? E no entanto, é a mesma vida, a mesma verdade divina: no tempo de Cristo e os apóstolos como na era das catacumbas, no século de Santo Agostinho como no tempo dos escolásticos, no Concílio de Trento como no Concílio do Vaticano. E’ só a verdade cada vez mais bem conhecida e explicada. E esta árvore da vida há de crescer e desenvolver-se sem cessar até o fim dos séculos. Poderão vir as chuvas e os vendavais. Ela criará com isso raízes mais fortes e firmes e estenderá ainda mais os seus ramos. A vida divina da Igreja, assim como não admite a corrupção do erro também não tolera a estagnação da morte.

No meio da confusão moderna, no meio das perseguições e heresias, o católico tem um sentimento de absoluta segurança, enquanto seguir a sua Igreja, por causa das promessas de Cristo: “Eu estarei convosco até a consumação dos sé-

culos”. “Eu rogarei ao Pai e êle vos dará um outro Paráclito, para que fique eternamente convosco o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber”. E enfim por causa da promessa dada à Igreja de Pedro: “As portas do inferno não prevalecerão contra ela”. Cristo está conosco e o Espírito da verdade, para defender o depósito da fé que nos foi dado na Escritura e na Tradição. O “Fiel e Verdadeiro” montado no Cavalo branco do Apocalipse luta contra o dragão infernal, a fera perseguidora do mundo e o falso profeta das heresias, e nos levará ao triunfo eterno da Jerusalém celeste.

A LEITURA E A MEDITAÇÃO DA BÍBLIA

*“Nas palavras das Escrituras
está o Senhor”.*

S. Atanásio (1)

Não raro se ouve dos fiéis o lamento angustioso de que *não sabem rezar*. Muito o quiseram, sim; mas nunca o conseguiram satisfatoriamente; a sua piedade não passa da intenção reta de unir-se a Deus; intenção, porém, que se revela de todo impotente se a querem atuar num colóquio com Deus; ajoelham-se em atitude de oração, mas não se sabem entreter nesse estado; logo uma multidão de recordações sobrevém à mente, tal modo que, em breve, o cris-

(1) Epistola ad Marcellinum 33 PG 27, 45.

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

tão julga todo o seu afeto frustrado. Com uma criatura amiga (talvez com seu cãozinho) poderia facilmente conversar e crescer na amizade; com Deus, porém, o mais fiel e desejável dos amigos, não o consegue!

Esta queixa, tão comum e sentida, bem merece a atenção do teólogo e do pastor de almas. A vida de oração não pode ser privilégio de poucos; considerando o quanto Deus tem dado aos homens no decorrer dos séculos, afirmaremos de antemão que o Senhor ainda hoje quer conceder a todos as graças da oração (1); antes, as quer conceder com mais plenitude ainda do que o homem as quer receber (2). — Sendo assim, as páginas que se seguem propõem-se recordar alguns elementos que a tradição costumava apontar como fontes onde Deus depositou, para nosso uso, os tesouros da vida de oração.

I

O homem é, por si, mudo diante de Deus, impotente para rezar.

A origem dêste mal se apresenta remota, mas evidente.

A revelação ensina que Deus, desde tôda a eternidade, pronuncia uma Palavra na qual põe tôda a sua Sabedoria e Perfeição, de tal modo que ela é a expressão e imagem adequada de quem a profere; é mesmo tão adequada que constitui uma Pessoa igual a quem a pronuncia; é a segunda Pes-

(1) "Deus que nem o próprio Filho poupou, mas o entregou por todos nós, como não nos terá dado tudo com Ele?" (Rom 8, 32).

(2) Cf. a coleta do domingo XI após Pentecostes:

"Deus onipotente e eterno, que, pela abundância da vossa bondade, excedeis os méritos e os desejos dos suplicantes,..."

soa da Sma. Trindade, o *Verbo ou Filho* do Pai Eterno. Nesta Palavra o Pai contempla o tesouro infinito de sua Perfeição; em conseqüência, nela deposita tôda a sua complacência, de tal modo que do Pai e da sua Palavra procede o *Amor*. Êste Amor constitui também êle uma Pessoa, que é igual às duas primeiras, pois se estende a tôdas as perfeições do Pai expressas no Verbo; abrange e contém a tôdas.

Ora Deus, querendo comunicar fora de Si algo de seus atributos, decretou criar o homem. Êste, como animal racional, seria imagem e semelhança de Deus; o que quer dizer: teria o poder de exprimir, também êle, as perfeições do seu íntimo, a faculdade de falar. Mas claro está que o uso dessa faculdade se deveria modelar pela Palavra de Deus; a palavra do homem, configurando-se à do Pai — e sòmente assim —, seria agradável a Deus.

Aconteceu, porém, que o homem fez mau uso da sua dignidade de imagem do Criador; quis ser como Deus, sim (1), mas rejeitando o próprio Deus a sua Palavra boa, violou o preceito do Pai no paraíso, e dêste foi expulso. Em conseqüência, compreende-se que atualmente o homem (enquanto filho do protoparente transgressor) não tem mais palavra agradável que êle faça subir aos Céus; sem a Palavra na qual o Pai põe tôdas as suas complacências, como poderá falar a Deus? O homem, após o pecado original, é, pois, espontaneamente mudo em presença do Altíssimo, quando não comete o pior crime de negar o Criador, tende por si ao silêncio

(1). Cf. Gen 3, 5: "No dia em que comerdes (do fruto proibido), vossos olhos se abrirão, e sereis como Deus".

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

e ao temor diante da Majestade do Senhor (1). É mesmo preciso dizer mais: o homem, depois da desordem original, tem seus pensamentos e palavras norteados por uma regra que tende a contrariar a Palavra Divina; quando mais não seja, a sua mente inclina-se para as coisas inferiores, e não encontra prazer nas do alto, em Deus, o Invisível, Imaterial.

Assim se explica bem a dificuldade referida, dificuldade mesmo de fiéis cristãos: embora êstes, pelo batismo, tenham sido purificados da nódoa do pecado original, continuam a sofrer as conseqüências dêste; a natureza, muda diante de Deus e tendente para as coisas inferiores, nêles (em todos nós) ainda se atua, quando, por efeito da graça do seu batismo, gostariam de erguer-se para Deus na oração (2).

Esta verificação, porém, não deve ser o ponto final, triste conclusão de uma observação da história. Não; dêste estado de coisas Deus quis fazer um ponto de partida, quis sobre êle construir.

De fato, o Pai não permitiu que o homem ficasse eternamente mudo, avêso aos pensamentos e ao Verbo Divinos. Quis restituir-lhe a Palavra que êle outrora, em sua fraqueza de criatura, rejeitara. Na plenitude dos tempos, pois, man-

(1) Disto é testemunho a praxe adotada por vêzes em assembléias que se dizem não-confessionais: observam "um minuto de silêncio", quando querem protestar que reconhecem o Transcendente ou Superior.

(2) De resto, já se observou que alguns fiéis, com ótimas disposições, desejosos de união com Deus, vão receber a S. Comunhão. Procuram o meio que sabem ser o mais apto possível para realizar o seu intento. Todavia, uma vez recebida a S. Eucaristia, não se sabem entreter com o Senhor; e, mal terminada a Missa, retiram-se da Igreja, não por necessidade de horário, mas unicamente porque não concebem as idéias e palavras pelas quais se entretenham em oração.

dou ao mundo seu Verbo feito carne; foi o Redentor, que restaurou o homem, elevando-o a uma dignidade ainda superior à que perdera. Mas, já antes da Encarnação, o Verbo de Deus se dignou baixar à terra, feito não carne, mas palavra humana; é a palavra que Deus se dignou inspirar nas Escrituras Sagradas, das quais as primeiras foram compostas por volta de 1500 a. C. e as últimas datam do fim do século 1.º d. C. . Nessas Escrituras, justamente por serem inspiradas, estão pensamentos de Deus como se fossem pensados e expressos por um autor meramente humano, judeu, a fim de que o homem encontre de novo as idéias e palavras agradáveis para vencer o seu mutismo e falar ao Pai, para erguer a Deus e às coisas supernas a sua mente mergulhada na matéria (1).

(1) Muito significativas são as palavras de S. Agostinho: "Lá (no céu) estão todos os justos e santos, que se deleitam da Palavra de Deus sem leitura, sem textos; pois o que para nós foi escrito em páginas, eles o contemplam na face de Deus. Que pátria! Grande pátria, e miseros são os que peregrinam fora daquela pátria" (In págs. 119, 6 PL 37, 1602).

"Desejamos louvar o Senhor convosco;... bom é procurarmos o caminho do louvor na Escritura de Deus, para que não nos afastemos da reta via, nem para a direita nem para a esquerda. Ouso dizer à Vossa Caridade: para que Deus seja bem louvado pelo homem, Deus mesmo louvou a Si; e, porque Ele se dignou louvar-Se, por isto sabe o homem como louvá-Lo. Pois não se pode dizer de Deus o que foi dito ao homem: "Não te louve a tua boca" (Prov 27, 2). Que o homem louve a si mesmo, é arrogância; que Deus Se louve, é misericórdia" (In ps 141, 1 PL 37, 1869).

Eis mais dois textos de S. Agostinho:

"Ille solus est ineffabilis, qui dixit, et facta sunt omnia. Dixit et facti sumus: sed nos eum dicere non possumus. Verbum eius quo dicti sumus, Filius eius est: ut a nobis utcumque infirmis diceretur, factus est infirmus. Iubilationem pro verbo possumus dicere, verbum pro verbo non possumus" (in Ps 99, 6. PL 37, 1275).

"Vos Dei quolibet organo sonans, tamen vox Dei; neque enim delectat aures eius, nisi vox eius: nam et nos cum loquimur, tunc eum delectamus, cum ipse de nobis loquitur" (In Ps 99, 1 PL 37, 1271).

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

Com efeito, a Sagrada Escritura não tem um fim meramente documentário, científico, mas, assim como a Encarnação, também cada uma das páginas do Antigo e do Novo Testamento visa primariamente o proveito espiritual do homem, mesmo do cristão do século 20; foi para unir a êste com Deus — e isto se faz pelas vias da oração — que o Verbo se fêz carne em Cristo e se fêz palavra humana na Bíblia.

Se assim é, bem se entende que, para as dificuldades que cada alma naturalmente ressen-te na oração, há um remédio que deve ser efficacíssimo, pois suscitado pelo próprio Deus: *o uso da Sagrada Escritura*; devemos mesmo dizer que êste é o remédio para se entrar e progredir no mundo da oração.

Aliás, já no início do cristianismo, S. Paulo verificava o fenômeno que ainda hoje se lamenta: não sabemos orar. Acrescentava, porém:

“Mas o Espírito vem em auxílio à nossa fraqueza...’ o Espírito mesmo ora por nós com gemidos inenarráveis; e Aquê-lo que perscruta os corações, sabe quais são os desejos do Espírito, sabe que Êle ora conforme Deus em favor dos santos” (1).

S. Paulo parece referir-se aqui a um grau de oração muito elevado (2). Todavia o dito do Apóstolo se aplica já a qualquer das primeiras etapas da vida de oração (3); é sempre o Espírito Santo que geme no cristão, já que êste, entregue a si mesmo, é mudo.

(1). Rom 8, 26s.

(2) Cf. o Comentário de R. Cornely, Epistola ad Romanos. Paris 1896.

(3) Cf. J. Huby, Epître aux Romains. Paris 1940, 304.

E como se processa essa oração do Espírito em nós?

A nossa prece, o Espírito a pode suscitar por inspirações pessoais, provocando interiormente a devoção da alma; esta, então, com prazer demora-se em colóquio com Deus. Há casos, porém, em que o Espírito não procede dessa forma direta, secreta. O fiel é, então, induzido a julgar que não pode rezar, que a oração é algo de extraordinário, reservado para os momentos em que Deus suscita o fervor; em consequência, deixa o oratório e entrega-se a uma obra prática, aguardando uma hipotética inspiração do Espírito no futuro. Eis, porém, que pensar e agir desta forma é abrir mão da vida de oração. O cristão, nesses casos, dispõe de uma inspiração universal e constante para rezar: possui a S. Escritura, que o Espírito Santo ditou uma vez a fim de que, em todos os tempos e todos os homens, ela fôsse a palavra boa que a criatura fizesse regorgitar para Deus. Portanto, assaltado pelas distrações ou pela acedia durante o espaço de tempo que costuma consagrar à oração, o fiel não cederá ao mal, mas tomará a S. Escritura, e nela encontrará as palavras da sua prece, os gemidos do Espírito Santo; e, com a S. Bíblia nas mãos (digamos melhor: nos lábios e na mente), preencherá o seu tempo habitual de oração sem o diminuir de um só momento.

II

É mister, porém, precisarmos um pouco mais o pensamento.

Talvez se diga que não é qualquer livro ou página da Sagrada Escritura, que, embora lido e relido, se presta a elevar a alma a Deus durante certo espaço de tempo.

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

Em verdade, não se pode negar que as longas genealogias, algumas narrativas de sabor oriental, mais dificilmente do que outros textos bíblicos, preenchem o dito fim (embora não deixem de contribuir também elas). Há, porém, um livro da S. Escritura apto a ser, por excelência, o livro de oração do cristão: é o *Saltério*. Fixemos um pouco a nossa atenção sôbre êste.

O Saltério ou compêndio de 150 cânticos de oração em uso no Antigo Testamento continuou a ser muito estimado e repetido na Igreja Antiga (1). — Os escritos dos Padres exporão algumas das razões da particular estima que os cristãos consagravam aos salmos.

Vários autores da tradição apontam um dos principais títulos de excelência do Saltério no fato de que êste constitui um *compêndio de tôda a Escritura Sagrada*. — Com efeito, esta consta de livros históricos (que narram o passado, principalmente a existência do povo de Israel), didáticos (que ensinam a sabedoria da vida ou louvam os planos de Deus

(1) "Na aldeia de Cristo (Belém) há plena rusticidade, e, fora dos salmos, reina o silêncio. Em qualquer parte para onde te voltes, o lavrador, dirigindo o arado, canta o Aleluia; o ceifador, em meio ao suor, se estimula com os salmos; e o vinhateiro, enquanto poda a vinha com a foice curva, canta algo de Davi" (S. Jerônimo, ep. 46, 11 PL 22, 491).

"O salmo é cantado pelos Imperadores, executado com júbilo pelo povo. Cada qual se empenha por proferir o (salmo) que a todos aproveita. Nas casas canta-se o salmo; fora de casa refere-se o que há no salmo. Ouve-se o salmo sem cansaço; conserva-se na memória com deleite. O salmo une os dissidentes, consocia os discordantes, reconcilia os ofendidos" (S. Ambrósio, In ps 1, 9 PL 14, 968).

Sidônio Apolinário (ep. 10 PL 58, 488) e S. Agostinho referem que os remadores, para trabalharem em ritmo, faziam ressoar até a beira-mar o cânto do Aleluia. Cf. Wagner, *Histoire du chant grégorien* 43.

sábio), e proféticos (que anunciam o Messias). Ora também nos salmos são resumidamente narradas a criação do mundo e a história do povo de Deus em suas principais fases (Sl 8. 77. 103. 104. 134. 135); os salmos propõem preceitos morais, regras sapienciais (Sl 32. 36. 118...); os salmos contêm também profecias relativas ao Messias, à sua vinda, à sua paixão, ao seu triunfo neste mundo e na glória futura (Sl 2. 15. 21. 44. 68. 71. 109...) (1). Mas, inculca S. Atanásio (2), os salmos não somente contêm o que os outros livros da S. Escritura propõem; êles o contêm como palavra imediatamente aplicada a nós, formulada para nós, ou seja, como oração que o Espírito de Deus redigiu e coloca em nossos lábios.

De fato, dizíamos que tudo aquilo que o Senhor inspirou na S. Escritura, não visa apenas instruir-nos a respeito da história, passada ou futura, mas quer primariamente fomentar a nossa união com Deus. Eis, porém, que nos livros históricos, assim como nos didáticos e proféticos, da Bíblia, lemos apenas a descrição de acontecimentos, visões, ou a enunciação de preceitos, ficando a cada um de nós a tarefa de procurar elevar a alma a Deus mediante a leitura de tais textos; é-nos necessário, excitando a inteligência e o afeto, fazer de uma passagem do Pentateuco ou de Isaías profeta matéria de unir-nos a Deus (pela expressão de nossa adoração, de

(1) Cf. S. Basílio, hom. in ps 1, 1 PG 29, 209, 209-12; S. Atanásio, ep. ad Marcellinum 10 PG 27, 19-22; S. Roberto Belarmino, Enarr. in psalmos, Praef., ed. Galdos. Romae 1931. XLI. XLV.

(2) O testemunho de Atanásio tem particular importância, pois o S. Doutor, no início do opúsculo citado, diz referir sentenças que ouviu de um ancião, sentenças, portanto, que podemos admitir fôsem um depósito antigo já nos primeiros séculos.

nosso amor, de nossa súplica); essa tarefa é, não raro, difícil e pouco fecunda, porque o espírito, por cansaço ou distração, a ela não está disposto. Ora, como remédio a isto, o Saltério tem a singular vantagem de apresentar-nos a mesma matéria qual oração já formulada; os salmos foram especialmente redigidos para ser louvor ou prece a Deus; a sua linguagem, portanto, não é mais impessoal (didática, histórica ou profética) como nos outros livros da Bíblia, mas no Saltério há geralmente um *eu* (ou um *nós*) que fala a um *Tu* Divino, exprimindo-lhe os seus afetos a respeito de tudo o que o homem conhece e experimenta na história (1). Sendo assim, grande parte do trabalho necessário para o aproveitamento da Escritura na vida de oração já se encontra feita no Saltério; resta apenas a cada cristão identificar-se com o *eu*, encontrar-se a si mesmo no *eu* ou no *nós* que fala no salmo (2).

Compêndio de tôda a Escritura redigido como oração do Espírito Santo em nós — eis, portanto, um dos primeiros títulos de excelência do Saltério, conforme a tradição.

(1) Ou, quando isto não se verifica, há muitas vezes, no saltério, uma alocução direta de Deus ao homem.

(2) "O livro dos salmos tem um dom singular, que merece a nossa atenção... Nos outros livros ouve-se apenas a lei, a qual preceitua o que é preciso fazer; o que é preciso evitar; ouvem-se as profecias, pelas quais só se fica sabendo que virá o Salvador; ouve-se a história, pela qual se pode conhecer o que fizeram os reis e os santos. No livro dos salmos, porém, além de ficar conhecendo o que é narrado, cada qual considera e aprende (quais devam ser) os movimentos (afetos) de sua alma, de modo que, para o futuro, poderá dêste livro haurir as suas palavras por entre as tribulações e angústias. Por exemplo, é-nos preceituada a contrição:... ora aí (nos salmos) é mostrado como nos devemos arrepender e o que é preciso dizer no arrependimento... Foi-nos preceituado dar graças a Deus em tudo (1 Tess 5, 18); ora os salmos ensinam o que devem dizer aqueles que dão graças. Nos outros livros ouvimos: "Todos aqueles que querem viver piedosamente em Cristo, sofrerão perseguição (2 Tim 3, 12); ora nos

Os Padres apresentavam ainda outra prerrogativa dos Salmos.

O Cristo, diz S. Atanásio, veio ao mundo ensinar aos homens a vida perfeita. E quis ensiná-la não somente por suas palavras, mas também por suas ações e sua conduta; levou num corpo semelhante ao nosso existência semelhante à de um mortal, com seus padecimentos, suas fraquezas físicas, suas alegrias; e, ao passar por essas diversas fases, o Mestre entregou-se ao Pai, isto é, praticou em sumo grau as virtudes (caridade, paciência, fortaleza, justiça, misericórdia) que a cada um de nós, posteriormente, seriam necessárias, quando atravessássemos as vicissitudes da nossa própria vida. O Cristo tornou-se assim modelo consumado para cada qual de nós.

Ora, continua Atanásio, êsse modelo, êsse exemplar da conduta do homem através das vicissitudes de sua peregrinação terrestre, o Cristo o quis deixar documentado no Saltério. Sim; êste foi inspirado no Antigo Testamento como profecia que fala do Messias (da sua vinda, da sua paixão, da sua glória); juntamente, porém, com a história futura, o Cristo quis que no Saltério ficassem consignados também todos os afetos (adoração, gratidão, temor, confiança, súplica) que lhe encheriam a alma nas diversas fases da vida. Ora, de fato, sabemos que o Cristo, vindo ao mundo aplicou a si as profe-

salmos aprendemos o que devemos dizer na fuga, quais as palavras que convém elevar a Deus durante a perseguição e uma vez libertados da mesma. Recebemos o preceito de bendizer e louvar a Deus: ora nos salmos vemos como é preciso bendizer a Deus e com que palavras o podemos louvar dignamente. E assim em todas as situações cada qual encontrará (no Saltério) os cânticos divinos que convêm a nós, aos afetos e estados de nossa alma" (S. Atanásio, ep. ad Marcellinum 10 PG 27, 19-22).

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

cias dos salmos (1), e, com as palavras dêstes, exprimiu a sua oração ao Pai; Jesus, antes de nós, rezou o Saltério (2). Com isto o Senhor conferiu aos salmos uma consagração especial para exprimirem os afetos do homem a Deus (3). Em

(1) Cf. Lc 24, 44: "Era necessário que se cumprisse tudo que a meu respeito está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos salmos".

Os Evangelistas narram que Jesus referiu a Si os seguintes versículos:

Sl 117, 22 s: "A pedra que os construtores rejeitaram, tornou-se pedra angular. Isto foi feito pelo Senhor, e é coisa admirável aos nossos olhos". Cf. Mt 21, 42.

Sl 109, 1: "O Senhor disse a meu Senhor: Senta-te à minha direita, até que faça dos teus inimigos o supedâneo de teus pés". Cf. Mt 22, 44 (aplicação indireta).

Sl 8, 3: "Da boca das crianças e dos que ainda são amamentados, produzistes um louvor para Vós". Cf. Mt 21, 16.

Sl 117, 26: "Bendito o que vem em nome do Senhor", dirão os Judeus quando virem o Cristo em sua segunda vinda. Cf. Mt 23, 39.

(2) Explicitamente referem os Evangelistas que Jesus rezou os seguintes textos:

"Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?" (Sl 21, 2). Cf. Mt 27, 46.

"Em vossas mãos entrego o meu espírito" (Sl 30, 6). Cf. Lc 23, 46.

Cf. Mt 26, 30: "Tendo dito o hino (isto é, o Hallel pascoal Sl 112-117), saíram".

Certamente ainda na Sinagoga, nas festas judaicas, por ocasião das peregrinações a Jerusalém, o Cristo rezou os salmos com os fiéis Judeus.

(3) "Ce livre, outre l'inspiration qui lui est commune avec tous les livres de l'Écriture, a donc eu le privilège d'être la prière même du Christ, et il est encore pour ainsi dire tout imprégné des sentiments mêmes de Jésus: il n'y a que l'raison dominicale à quoi on puisse le comparer. On comprend que l'Eglise ait toujours cherché à s'unir aux pensées et aux affections du Fils de Dieu, en reprenant le Psautier comme sa principale prière" (E Pannier, Psalms, Dictionnaire de la Bible V 833).

Eis o texto expressivo de S. Atanásio:

"Este é de novo o dom do Salvador: fez-se homem por nós, entregou o seu próprio corpo à morte por causa de nós, para libertar da morte a todos. Querendo mostrar-nos o modo de viver

qualquer fase de vida em que o cristão agora se ache (na prosperidade ou na adversidade), encontrará formulados no Saltério os sentimentos que, em circunstâncias análogas, o Cristo nutria para com o Pai, e que êle, na qualidade de membro do Cristo, deve reproduzir em si mesmo (1); não há situação da vida humana que não encontre no Saltério a sua expressão adequada diante de Deus; o Saltério a transforma em oração (2).

celeste e agradável a Deus, êle o exprimiu em si mesmo, para que ninguém, mais tarde, caísse facilmente vítima das ilusões do inimigo, já que todos têm um penhor de segurança, isto é, a vitória que o Salvador por nós obteve contra o demônio. Por conseguinte, êle não só ensinou (oralmente), mas praticou o que ensinou, para que cada qual possa ouvir as suas palavras e, ao mesmo tempo, olhando como para um modelo, dêle assuma o exemplar do que deve fazer... Ninguém encontrará mais perfeita escola de virtude do que aquela que o Senhor reproduziu em si mesmo. Nele cada um encontrará a tolerância das injúrias, o amor dos homens, a bondade, a fortaleza, a misericórdia, a justiça, tudo enfim, de modo que a quem contempla essa vida humana (de Cristo), nada falta para (aprender) a virtude... Entre os Gregos, os legisladores têm apenas o dom das palavras. O Senhor, porém,... não somente deu as leis, mas entregou-se como exemplar... Por isto, antes da sua vinda a nós, fez, pelos salmos, ressoar o que êle realizaria; ora, tendo êle realizado em si mesmo o tipo do homem terrestre e o tipo do homem celeste, quem o quer, pode aprender dos salmos quais os sentimentos que deve nutrir em sua alma, e, além disto, pode encontrar nos mesmos a cura e a correção de cada um dos seus afetos" (ep. ad Marcellinum 13 PG 27, 24 s).

(1) Cf. Fil 2, 5. Significativas são também as palavras de S. Tomás, S. Teol. I 1, 10 c:

"Como diz o Apóstolo, a antiga Lei é figura da Nova Lei; e a Nova Lei mesma, como diz Dionísio, é figura da glória futura. Na Nova Lei aquilo que se realizou na Cabeça (Cristo), é sinal do que nós devemos fazer".

(2) "Julgo que nas palavras dêste livro (saltério) tôda a vida humana, os afetos da alma, os movimentos das cogitações estão contidos e descritos; e nada há no homem que aí não esteja expresso. Pois quer o homem sinta necessidade de se arrepender e confessar, quer a tribulação e a tentação o apreendam, quer seja perseguido, quer seja libertado de insídias, quer esteja

Assim, em qualquer cristão que reze os salmos, pode-se com razão dizer que o Cristo prolonga a oração que outrora em sua carne mortal êle dirigia ao Pai; o Espírito de Cristo geme nos membros do Cristo Místico como outrora gemia no Cristo Cabeça, servindo-se até das mesmas fórmulas (1). E, em grau máximo, dizemos que é o Cristo quem continua a sua oração em nós, quando são recitados os salmos e demais textos da prece que o Cristo Místico, a Igreja, diz ser sua oração oficial, isto é, quando é recitado o Ofício Divino (Breviário).

O Saltério nos coloca, portanto, em comunhão de oração com o Cristo Cabeça; emanando de nossos lábios, a nossa prece sobe *no Espírito Santo* (que inspira) *pelo Cristo* (nosso Pontífice) *até o Pai* (Princípio e Têrmo de todo o ser); as-

triste ou perturbado, quer sofra outra coisa dêste gênero,... ou, ainda, no caso de estar na prosperidade, enquanto o inimigo é aniquilado, no caso de querer louvar, agradecer ou bendizer ao Senhor, êle terá (sempre) o exemplar dêsses atos nos salmos divinos. Escolha, portanto, o que os salmos dizem em cada uma dessas situações, e profira-o como se fôsse escrito a respeito dêle mesmo; assim assimilando as disposições que o salmo inspiram, faça subir as palavras dos salmos ao Senhor" (S. Atanásio, ep. ad Marcellinum 30 PG 27, 41).

Vveja-se nas edições do Saltério (entre as quais a de Pickel-Beirão. S. Paulo 1947, 293-299) a tabela que apresenta salmos congruentes para as variadas circunstâncias da vida.

(1) Dentre muitos textos interessantes de S. Agostinho, vai aqui o seu comentário do Sl 69, 3:

"Sejam confundidos e envergonhados os que buscam minha vida. É Cristo quem o diz, seja que a Cabeça o diga, seja que o corpo o diga; é Ele quem o profere, Ele que disse: "Por que me persegues?" (At. 9, 4); é Ele quem o profere, Ele que disse: "Quando o fizestes a um dos meus mínimos, a mim o fizestes" (Mt 25, 40). É conhecida, portanto, a voz dêsse homem, dêsse homem todo, Cabeça e Corpo" (In Ps 69, 3 PL 35, 867).

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

sim a nossa oração participa mesmo do louvor que a *Palavra Boa* (Verbo Eterno) tributa no *Amor ao Pai* por tôda a eternidade (1).

Ainda na tradição encontra-se a idéia de que os salmos nos põem em comunhão de oração também com os cidadãos da pátria superna. Os Padres mencionam, em particular, a comunhão com os Anjos, os quais, longe do corpo e das coisas materiais, têm como ofício palmar o louvor de Deus, e a comunhão com os hagiógrafos: os salmos continuam a ser a oração dos autores que os cantaram pela primeira vez, e podemos estar certos de que êstes, no céu, se unem em especial solidariedade conosco na terra, tôdas as vêzes que repetimos as suas preces; donde a conclusão de S. Anastásio:

“Que cada qual recite e cante os salmos como foram proferidos... a fim de que os homens santos que no-los compuseram como ministros (da inspiração divina), reconhecendo as suas palavras, orem conosco... Quanto mais digna é a vida dos Santos do que a dos outros homens, tanto mais preciosas e eficazes serão também as suas palavras do que as nossas; é o que se pode afirmar com razão. Por essas palavras êles agradaram a Deus, e, proferindo-as, como diz o Apóstolo, “venceram os reis, cumpriram a justiça, conseguiram as promessas, fecharam a guela dos leões, apagaram o poder do fogo, escaparam do gume da espada... (Hebr 11, 33-35). (2).

(1) A vista disto compreende-se bem que S. João Crisóstomo chame a oração um *mistério* (Mysterion) em nós (In Mt 19, 3 PG 57, 277).

(2) ep. ad Marcellinum 31 PG 27, 41-44.

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

Eis um aceno ao valor das palavras bíblicas como sacramental ou instrumento que Deus carregou de santidade a fim de santificar o leitor — tema de que se voltará a falar abaixo.

III

A Sagrada Escritura, em particular os Salmos, são a digna expressão vocal da nossa prece, dizíamos até aqui, conforme a tradição. — Os Padres ainda conheciam outra aplicação da Bíblia na vida de oração, que é mister mencionar agora.

Os antigos monges davam grande importância àquilo que talvez se possa chamar a “chave do recolhimento”. Tendo em vista as muitas distrações que ocorrem à mente durante o dia de labuta, ameaçando dissipá-la por completo, procuravam ardorosamente um remédio para êsse perigo. Encontraram-no no expediente seguinte: escolhiam uma sentença dos salmos ou da Sagrada Escritura, que êles se propunham repetir e “ruminar” mentalmente durante o trabalho manual ou nos intervalos do trabalho mental; essa sentença seria carregada de um pensamento profundo, apto a impressionar o espírito e recordar-lhe o sentido dos seus afazeres à luz da eternidade; impediria assim a alma de atribuir demasiada importância aos cuidados terrestres em detrimento do único necessário; chamaria eficazmente o espírito a Deus cada vez que estivesse para se desviar dêle (1).

(1) Eis o que dois jovens discípulos pediam ao Abade Isaac: ... “Como guardar continuamente (a recordação de Deus), coisa que não duvidamos ser o cume de toda a perfeição. Por isto, desejamos nos seja indicada uma fórmula que nos faça pensar em Deus e nos conserve constantemente nesse pensamento; tendo

Uma das frases mais em voga entre os monges, para alcançarem tal fim, era o versículo do Sl 69, 2; “Deus, vinde em meu auxílio; Senhor, apressai-Vos em socorrer-me”. Estas palavras lembravam compendiosamente ao orante toda a debilidade humana, a vaidade dos seus interesses, a Soberania Onipotente de Deus, a quem se dirigia (1).

Tomamos a liberdade de acrescentar outros versículos da Escritura, que parecem concorrer para o mesmo fim:

“*Senhor, mostrai-nos o Pai, e basta-nos*” (palavras do Apóstolo S. Felipe em Jo 14, 8).

essa fórmula ante os olhos, possuiremos algo a que recorreremos para reavivar em nós a recordação de Deus todas as vezes que dessa idéia nos sentirmos afastados; poderemos ressuscitar este pensamento sem demora e sem os tateios da demora. Acontece às vezes que nos afastamos da contemplação das coisas espirituais e caímos num sopor mórbido; ora, quando despertamos desse sopor e tomamos consciência de nós mesmos, procuramos uma idéia que excite de novo em nós a recordação das coisas espirituais sufocada; todavia, enquanto assim nos demoramos e atrasamos na procura, antes que encontremos, sucede que a nossa tentativa de nos elevar é de novo frustrada; antes de chegarmos a conceber um pensamento espiritual, a intenção de nosso coração já está mais uma vez dissipada. A causa desta derrota é certamente o fato de que não temos algo de preciso como uma fórmula, que guardássemos continuamente ante os olhos, fórmula à qual possa de novo ser chamada a nossa atenção depois de muitas quedas e divagações, fórmula que faça a mente entrar como que no porto tranquilo depois de longos naufrágios. Assim acontece que, entretida pela ignorância de uma fórmula e a dificuldade de a encontrar, a mente é atirada sempre errante e como que ébria, de objeto em objeto; e, mesmo que lhe ocorra a recordação de algo de espiritual (o que se daria mais por acaso do que por indústria), não a sabe reter longa e firmemente; enquanto o nosso espírito divaga de pensamento em pensamento, assim como não percebe o advento e o início das suas idéias, também não nota o fim e o esvanecimento das mesmas” (Cassiano, col. 10, 8 PL 49, 829 s).

(1) Cf. Revista do Clero. 5 (1948) 401.

Esta sentença recorda bem o único necessário por entre os muitos labores da vida. Cada um dêstes, conforme o plano de Deus, quer ser meio de ascensão para chegarmos a ver o Pai. A repetição e consideração assíduas dêste versículo, que é ao mesmo tempo uma prece, estabelecerão equilíbrio nos movimentos da natureza: o fiel nunca excederá os limites do apêgo às coisas dêste mundo, se em tudo conservar consciência de que só age para ver o Pai (1).

“Senhor, tu sabes tudo, sabes que eu te amo!” (Jo 21, 17).

Estas palavras de S. Pedro servirão de subsídio principalmente nos momentos em que a consciência da própria imperfeição desanima a alma e parece criar uma barreira intransponível entre ela e Deus. — O Apóstolo, tendo três vêzes renegado o Senhor, é três vêzes interrogado por Cristo: “Amas-me?”. Pedro por duas vêzes afirma o seu amor; mas o Mestre não parece crer ainda, já que o amor de Pedro não pode apelar para alguma demonstração positiva, antes se deixou vencer por uma tríplice negação. Por isto Pedro, na terceira resposta, apela ao menos para a ciência infinita do Mestre; esta penetrava além das obras exteriores de Pedro, perscrutava a sua intenção íntima de amar sinceramente o Senhor: “Senhor, embora os meus feitos visíveis te renequem, tu conheces o profundo de minha alma, a qual, apesar de tôda a debilidade, te quer amar”. — Enquanto o cristão

(1) Eis as admoestações de S. Jerônimo a discípulos seus: “Colhe os diversos frutos das Escrituras; usa dessas delícias; goza do íntimo contato com elas... Nunca, de tuas mãos e de teus olhos, largues o livro. **Aprende o saltério de cor; ora sem cessar; esteja a tua mente vigilante, não aberta aos vãos pensamentos...** Ama a ciência das Escrituras, e não amarás os vícios da carne” (ep. 125, 7. 11 PL 22, 1076. 1078).

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

puder repetir sinceramente as palavras de S. Pedro e retemperar-se ao seu sôpro, êle se reerguerá e permanecerá na retavia, apesar das falhas em que tenha incorrido. Apellando para a Oniciência de Deus, que, pãssando além das obras, perscruta os coraçõs, êle recuperará tôda a confiança necessária para voltar ao Senhor.

Ainda:

“Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem” (Rom 12, 21).

“Dizei, ó Deus, à minha alma: Eu sou a tua salvação” (Sl 34, 3).

“Meu coração vos falou, meus olhos vos procuraram; Senhor, procurarei a vossa face” (Sl 26, 8).

“Alegrei-me por aquilo que me foi dito: Iremos à casa do Senhor (Jerusalém celeste)” (Sl 121, 1).

“Minha alma, como uma terra sêca, suspira por vós” Sl 142, 6).

“Senhor, na simplicidade de meu coração ofereci tudo com alegria... Deus de Israel, conservai esta vontade” (2 Par 29, 17 s).

“Que Vos digneis erguer as nossas mentes ao desejos celestes, nós Vo-lo pedimos, ouvi-nos” (Ladainha de todos os Santos).

Os Padres muito insistiam sôbre êsse contínuo “ruminar” da palavra de Deus. A fim de o promover eficazmente, aconselhavam uma indústria que ainda hoje está em vigor nas Ordens religiosas: *decorar* textos da Bíblia ou da oração da Igreja, a fim de que o espírito, a qualquer momento do dia

(numa oficina, num corredor ou num veículo), tenha sempre dentro de si um depósito ao qual possa recorrer para se retemperar e reerguer a Deus, quando não solicitado pelas obrigações do próprio trabalho. Esse decorar é a aquisição de um tesouro precioso escondido num campo (Mt 13, 44), aquisição da palavra de Deus, que não perece nem deixa perecer, mas corrobora para a vida eterna aquêles que dela se alimentam (1).

Algumas considerações ainda porão em evidência quão valiosa é a prática referida (2).

Em toda palavra há algo da mente, da vida íntima, de quem fala; há, em grau maior ou menor, uma personalidade que se expande e comunica. Quando dois homens conver-

(1) Mais concretamente:... se, ao ler o seu jornal, ao re-preender um inferior, ao fazer uma despesa, ao tratar com um amigo — ocasiões — em que a paixão facilmente intervém — o cristão pedir a Cristo que só o faça para ver o Pai, e se se procurar nortear por esta prece.

"Quando a virgenzinha... chegar à idade de sete anos,... aprenda de cor o saltério, e, até os anos da puberdade, os livros de Salomão; faça dos Evangelhos, dos Apóstolos e dos Profetas o tesouro de seu coração" (ep. 128, 3 PL 22, 1098).

"Que um apanhado de flores das Escrituras te forneça diariamente o seu tributo... Em vez de pérolas e sêda, ame (tua filha) os códices divinos... Aprenda primeiro o saltério; estimore-se com estes cânticos... Passe para os Evangelhos, e nunca os largue de suas mãos" (ep. 107, 9. 12 PL 22, 875 s).

S. Antão († 356) assim procedia:

"Rezava continuamente, sabendo que é necessário que cada qual ore sozinho sem interrupção. E de tal forma era atenta à leitura que não deixava cair por terra coisa alguma do que estava escrito; ao contrário, tudo retinha em mente, de modo que a memória lhe fazia as vezes dos livros" (S. Atanásio, Vida de Antão 3 PG 26, 845).

(2) Valemo-nos aqui do artigo de G. Closen, De Sacra Scriptura et vita orationis Christianorum, em "Verbum Domini", Romae 22 (1942) 103-116.

sam muito um com o outro, acontece não raro que, no fim de certo tempo, um está influenciado, mudado pelo outro; raciocina e fala como êste; também quem muito lê as obras de um autor (Cícero, S. Tomás, Chesterton), quase sem o perceber, começa a pensar e exprimir-se como êste. A vida própria de um homem (com suas idéias e seus afetos), torna-se, pela palavra comunicada, em certo grau vida de outro homem; é por êste assimilada.

Ora algo de análogo se dá entre o homem e Deus.

As palavras da Escritura contêm o pensamento de Deus; antes, dizia S. Atanásio, “nas palavras da Escritura está o Senhor” (1); e S. Inácio de Antioquia: “Tomo refúgio no Evangelho como na carne de Cristo” (2). Sendo assim, a S. Escritura nos oferece uma comunhão com Deus que é análoga à comunhão eucarística (3). Pela leitura reverente do texto sacro, o pensamento de Deus é assimilado, torna-se pensamento do leitor, produz-se maravilhosa adaptação do homem a Deus (4); sem dúvida, a alma que regularmente se nutre dos textos da Escritura, estará cada vez mais imbuída da

(1) Pelo que S. Atanásio afirma no contexto: “Pela mera leitura das Escrituras afugentavam os demônios”. A leitura da Bíblia era o exorcismo por excelência, pois “os demônios nestam viam o Senhor presente” (ep. ad Marcellinum 33 PG 27, 44 s).

(2) Ad Philadelph. 5, 1 PG 5, 700.

(3) De resto, a descida do Verbo às palavras do homem na Bíblia é não raro, na tradição, comparada à descida do Verbo na carne de Jesus e na Eucaristia (analogia, não identidade!).

(4) Análogamente, pela Eucaristia o corpo do homem é trabalhado para se configurar finalmente ao corpo glorioso de Cristo.

mente de Cristo (cf. 1 Cor 7, 40), de modo a poder dizer: “Vivo, penso eu em mim; já não eu (o velho homem), vive, pensa em mim o Cristo” (cf. Gal 2, 20).

Um dos efeitos benéficos dessa assimilação, nota Cassiano, († 435) será que o cristão proferirá as palavras dos salmos como expressão cada vez mais espontânea e adequada de seus sentimentos, de sua vida (1). Adquirindo maior conaturalidade com a mente da Escritura e com o Autor que a inspirou, perceberá melhor o que os salmos contêm de profético, e a sua aplicação à vida do Cristo Cabeça, à vida da Igreja, assim como à vida pessoal do orante (foi, sim, o mesmo Espírito que falou pelas Escrituras, que obrou na Encarnação do Verbo, e que agora age nos cristãos como alma da Igreja) (2).

A Igreja, de resto, proclama altamente êsse valor santificador, transformador, das palavras da Escritura, quando considera a leitura da Bíblia um sacramental, que ela muito

(1) Col. 1, 11 PL 49, 838 s. As palavras de Cassiano recordam as de S. Atanásio já citadas à pg. 10 n. 2.

(2) A compreensão da Sagrada Escritura — por conseguinte, dos salmos — é, em última análise, a compreensão do mistério oculto desde toda a eternidade em Deus e que Deus se dignou aos poucos revelar na Bíblia e na vida da Igreja (cf. Ef 3, 3-11). Certamente só o Espírito de Deus pode dar essa compreensão, manifestando em suas aplicações concretas a verdade que S. Gregório Magno assim enuncia: “A Sagrada Escritura sabe narrar os feitos pretéritos de modo tal que, ao mesmo tempo, anuncia os futuros” (Mor. 20, 1 PL 76, 135).

recomenda (1): ler devotamente o texto sagrado é pôr a mente humana em comunhão com o pensamento divino — coisa certamente apta a aumentar a vida da graça na alma, mesmo quando esta não entenda todo o sentido das palavras inspiradas (2).

* * *

Eis alguns pensamentos, hauridos da tradição, sobre o valor da Sagrada Escritura para a vida de oração. O Pai restituiu ao homem a Palavra Boa!... Não haja, portanto, tédio nem aflição entre os fiéis, por julgarem que, apesar de toda a boa vontade, não sabem ou não podem rezar. Esta

(1) Assim fala o Papa Bento XV na Encíclica "Spiritus Paraclitus", em 1920 (Ench. Biblic. 490):

"Quanto a nós, conforme o exemplo de S. Jerônimo, nunca deixaremos de exortar todos os fiéis cristãos a que, em leitura diária, revolvam principalmente os sacrossantos Evangelhos de Nosso Senhor, os Atos dos Apóstolos e as Epístolas, e a que os procurem assimilar ao seu próprio sangue (et in sucum et sanguinem convertere studeant).

A leitura da Bíblia foi mesmo enriquecida de indulgências. Eis a última declaração da Santa Sé:

"Aos fiéis que, ao menos durante um quarto de hora, lerem como leitura espiritual os livros da Sagrada Escritura com a suma veneração que se deve à palavra de Deus, é concedida a indulgência de 300 dias" (S. Penitenciaria Apost., 22 de Março de 1932).

(2) Assim Cassiano fala de uma purificação obtida pela recitação e a meditação dos salmos:

"As vigílias canônicas (os monges) fazem seguir vigílias particulares,... a fim de que não pereça a purificação que pelos salmos e as orações foi adquirida" (Inst. 2, 13 PL 49, 104).

tristeza só pode provir do desconhecimento do dom de Deus (cf. Jo 4, 10)... Com a voz da oração, o Pai restituiu ao homem também a alegria, o antegôzo da bem-aventurança eterna, pois o orante sobe às esferas celestes e se une aos coros supernos, ao Verbo mesmo do Pai no Amor... Em particular os Salmos lidos e revolidos na consciência do que foi acima recordado serão a arca dessa alegria, conforme o dito de S. Agostinho:

"Psalterium meum gaudium meum!"

O APOSTOLADO BÍBLICO

"Ao contemplar a zelosa e obsessionante propaganda protestante da Bíblia nasce em mais duma consciencia católica um vago sentimento de tristeza e até de certa desconfiança que poderia formular-se nos seguintes termos: os protestan-

É S. João Crisóstomo quem escreve:

"Onde quer que haja livros espirituais (bíblicos), é expulsa tôda a força diabólica, e a todos os habitantes provém muito consôlo conferido pela virtude... Logo que alguém tenha tocado o Evangelho, estabelece ordem nos pensamentos, retraindo-os das coisas mundanas; e isto já ao ver o Evangelho. Se ainda fizer uma leitura atenta, a alma, como que introduzida num templo sagrado, é purificada e torna-se melhor, pois Deus lhe fala por aquêles escritos.

Que acontecerá, dizem, se não entendemos o que os livros (sagrados) contêm? Mesmo que não entendas o que neles está depositado, lucras grande santificação pela leitura mesma...

É impossível, é impossível, digo, que alguém fique sem fruto se se dá assiduamente ao prazer de uma leitura atenta (das Escrituras)" (De Lazaro serm. 3, 2-3 PG 48, 994-6).

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

tes fazem mais pela Bíblia e vivem mais dela do que nós, os católicos. Falsa interpretação dum fato inegável, que é a maior difusão material de exemplares dos Livros Sagrados". (Rafael Criado-Brotéria, jan. 1943, pág. 68, apud REB, junho 1943, pág. 538).

Se uma superficial observação dos fenómenos religiosos no mundo e em nossa Pátria faria brotar em nós, como que espontaneamente, êste sentimento doloroso, o estudo sereno e refletido do problema dissipa, por completo, tôdas as dúvidas.

Guardiães da Igreja de Cristo, mormente do seu tesouro precioso, a Bíblia, são os teólogos e exegetas, em certo sentido, os oficiais no exército da Igreja Militante, com tôda a responsabilidade que êste cargo encerra. Devem velar, portanto, pela boa administração dos valores sagrados e não podem desinteressar-se pelo uso e abuso da Bíblia pelos protestantes.

Difusão da Bíblia pelos protestantes

Preterindo o trabalho das Sociedades Bíblicas protestantes no mundo (as organizações filiadas às Sociedades Bíblicas Unidas distribuíram, em 1948, 17.508.464 Escrituras sagradas — três milhões a mais do que no ano anterior) e considerando apenas nossa Pátria, basta dizer que a Sociedade Bíblica do Brasil — resultante da fusão entre a Sociedade Bíblica Americana e a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira — cuja sede, o Edifício da Bíblia, se ergue no coração do Rio de Janeiro, à rua Buenos Aires, 135, com 9 andares, — conseguiu distribuir, no ano de 1949, 1.479.224 exemplares das Escrituras (na sua quase totalidade, porções bíblicas). Isto sem contarmos as demais agências de divulgação do Livro

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

Santo, destacando-se dentre elas, a Imprensa Bíblica Brasileira, organização dos batistas brasileiros.

Alguns fatos recentes mostram que o movimento bíblico protestante é florescente no Brasil, como se pode perceber por êstes índices:

1.º) a construção da sede própria da Sociedade Bíblica do Brasil, em situação privilegiada no Rio de Janeiro — magnífico patrimônio para a Sociedade;

2.º) a direção da Sociedade Bíblica do Brasil passou para mãos de evangélicos do Brasil;

3.º) as atividades da Comissão Revisora da Bíblia está avançando bastante na revisão do Novo Testamento;

4.º) já são 6.000 os sócios signatários do Livro da Bíblia;

5.º) as ofertas e contribuições recebidas, de protestantes do Brasil, no ano de 1948, primeiro depois da fusão e da constituição da Sociedade Bíblica do Brasil, ascenderam a Cr\$ 315.000,00;

6.º) são 99 os colportores — vendedores ambulantes —, 5 dêles mantidos pela Sociedade Bíblica do Brasil;

7.º) a participação dessa Sociedade, como membro no Conselho das Sociedades Bíblicas Unidas, congregado em junho de 1949, nos Estados Unidos (New York de 8 a 12 de junho e Seabury House, Connecticut, de 13 a 18 do mesmo mês).

Êstes fatos são bem expressivos, dispensando comentários. É, portanto, inegável e possante o trabalho da difusão da Bíblia protestante no Brasil.

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

O estudo da Bíblia entre os protestantes patricios

Não irei insistir sobre o estudo da Bíblia, feito nas Escolas Dominicais (para os Adventistas, Escolas Sabatinas), que possuem 23 revistas especializadas, de publicação trimestral, e que trazem os comentários sobre versículos bíblicos da semana, o texto aureo que deve ser decorado.

Mas diversas revistas têm surgido, dando enfase ao estudo das Escrituras. Não contando publicações de Portugal, releva notar que, nestes dois últimos anos, surgiram duas revistas que se destinam “ex professo” ao movimento bíblico.

A primeira — “A Bíblia no Brasil” — cujo primeiro número apareceu no trimestre julho-agosto-setembro de 1948 e que sucedeu à revista “La Biblia en America Latina”, iniciada em 1946 e toda escrita em castelhano. “A Bíblia no Brasil” é órgão da Sociedade Bíblica do Brasil e enviada a todos os sócios do “Livro da Bíblia”.

Outra publicação, a revista “Biblos”, periódico trimestral de cultura bíblica, que se iniciou em 1949, visando especialmente a União Cristã dos Estudantes do Brasil.

O “Dia da Bíblia”, precedido de larga propaganda, costuma ser celebrado com leitura prolongada da Bíblia, ofertas e, no ano passado, até com Comícios Bíblicos, como se fez aqui, em S. Paulo, diante do monumento do Ipiranga.

“Grandes passos, mas fora do caminho”

Tão ingente e heróico esforço na difusão das Escrituras, conquanto possa para uma grande multidão de crentes evangélicos ser ditado por reta intenção e sincero desejo de louvar a Deus e espalhar pelo mundo a palavra de Cristo (não

nos compete julgar suas intenções, que devem ser normal e presumivelmente boas) — tão imenso esforço, repetimos, infelizmente é viciado em suas raízes fundamentais, é envenenado em sua própria origem. Grandes passos, sem dúvida, mas fora do caminho.

Também os judeus têm os seus livros sagrados, pelos quais, como atesta Flavio Josefo, estavam dispostos a morrer. Mas apegaram-se tanto ao livro que renegaram o Messias Salvador. Na realidade, preferiram suas interpretações falsas e orgulhosas à revelação do Messias.

Esse povo israelita conserva, ainda hoje, a Bíblia. Aos sábados, reúne-se para ler e estudar as Escrituras. Mas espera Aquele que já veio, lê os profetas e não os compreende, sua sentença de castigo, diz Bossuet, escrita a cada página dos livros que guarda, faz a sua alegria; o crime do deicídio perturbou-lhe a razão. Leva em suas mãos um facho de luz que ilumina todo o mundo, e ele mesmo está nas trevas — é a Bíblia, é o Antigo Testamento.

O mesmo faz o protestantismo. Espalha pelo mundo a Bíblia, que é a sua condenação.

O judaísmo não aceitou Cristo, o protestantismo repudiou a Igreja, fundada por Cristo. O judaísmo, postergando a Cristo, continuou com a Bíblia, o Antigo Testamento; os protestantes, separando-se da Igreja de Cristo, retiraram dela a Bíblia — Antigo e Novo Testamento — amputando dela, porém, os livros que lhes não agradavam.

E a Bíblia traz a condenação do judaísmo e do protestantismo.

Evidentemente, um livro difícil, posto ao sabor da interpretação individual, dará margem a explicações as mais diversas e disparatadas.

Será em tôrno dos profetas que iremos dirimir questões controvertidas com os judeus, mas será junto a Cristo que as divergências dos cristãos devem ser dissipadas. Cristo é para nós, católicos, como para os protestantes, que ainda não perderam os últimos resquícios de crença, Cristo é o Filho de Deus vivo, é o Verbo Encarnado — a Palavra de Deus manifestada ao mundo. Não será em tôrno de Lutero, Calvino, John Wesley, Miller, Mary Backer, Ellen White, Joseph Smith, Eduardo Carlos Pereira ou Salomão Ferraz que iremos buscar os elementos definitivos para resolver esta questão vital de salvação ou de perdição eterna — onde e como beber os ensinamentos da Verdade. Antes dêles todos... nós, os católicos, já existíamos. Já havíamos haurido na borbulhante fonte de Vida a água cristalina da Verdade. Cristo falou, constituiu seus Apóstolos, enviou-os ao mundo; com ordem de pregar e batizar, a tal ponto que crer em sua pregação é encontrar a salvação e repudiá-la é condenar-se.

Diante dessa atitude de Cristo, o Salvador, que pregou e não escreveu livro algum, que fundou sua Igreja sôbre a pedra viva do Apostolado, que ordenou a pregação da verdade — um magistério vivo — como arma de conquista das almas, na extensão de sua Igreja pelo mundo universo... diante da atividade apostólica que fundou igrejas, dando-lhes bispos para as reger, para nelas ensinar a doutrina de Cristo... e depois, sòmente depois, em circunstâncias favoráveis e como complemento da pregação apostólica, é que surgiram os livros do Novo Testamento — diante de todos êstes fatos inegáveis e básicos para o cristianismo, nós poderemos com direito perguntar: — Quis N. S. Jesus Cristo, ao fundar a sua Igreja para a salvação dos homens, fazer da Bíblia, particularmente do Novo Testamento, a *única* Regra de Fé? Ordenou Cristo que os homens fossem salvos sòmente por meio

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

da palavra *escrita* e não pela palavra *falada* ou *viva*, isto é por meio da pregação e do ensino? Foi o reino de Deus destinado a ser espalhado pelo mundo universo por meio de livros e não pela proclamação oral do Evangelho?

São perguntas espontaneas, que o Pe. Francis J. Remler C. M. formula em recente opúsculo, publicado nos Estados Unidos ("Can the Bible be the only rule of faith?" — St. Anthony's Guild, Paterson, N. J.-1948), que não necessitam resposta pormenorizada, porque todos temos bem vivas aquelas palavras das S. Escrituras: "Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio... Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda criatura... Ensinai a todas as gentes... ensinando-as a observar todas as coisas que vos mandei... Quem vos ouve a mim ouve: e quem vos despreza a mim despreza. E quem me despreza, despreza Aquêle que me enviou" (Jo 20, 21; Mc 16, 15; Mt 28, 19-20; Lc 10, 16).

Mas o que é interessante no referido opúsculo são as suposições que o Pe. Remler formula, partindo, somente para argumentar, da hipótese de que se realmente houvesse Cristo estabelecido a Bíblia, e particularmente o Novo Testamento, como única fonte de fé e meio ordinário de revelação, então, como Salvador dos homens, deveria ter tomado certas medidas, sem as quais a salvação por meio da leitura e do estudo dos livros sagrados seria absolutamente impossível.

Nessa hipótese, seria necessário:

1.º) que Cristo tivesse escrito Êle mesmo antes de sua Ascensão, ou ordenado a alguns de seus discípulos que escrevessem e terminassem, antes do primeiro Pentecostes, todos os livros do Novo Testamento, e não deixasse êste importante trabalho ser feito em épocas diferentes e muito após ter Êle estabelecido sua Igreja e voltado para o céu;

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

2.º) que Cristo providenciasse, para o primeiro Pentecostes, um número suficientemente grande de cópias completas do Novo Testamento, para serem distribuídas entre os convertidos, logo após terem sido aceitos na Igreja; esta providência poderia ser feita de duas maneiras: ou por um milagre de multiplicação de livros, como antes fizera de pães e peixes, ou por instalação de uma imprensa moderna. . . ;

3.º) que Cristo tivesse tomado medidas adequadas para que uma acurada tradução do texto sagrado fôsse feita nas línguas de tôdas as nações e tribos do mundo, para as quais era pregado o Evangelho;

4.º) que Cristo munisse os tradutores do dom da infalibilidade, a fim de salvaguardar o perigo de traduções incompletas, inexatas, erradas e até mesmo heréticas;

5.º) que Cristo providenciasse meios e modos para uma rápida transmissão e difusão dos livros sagrados por todo o mundo, a fim de que cada convertido possuísse um exemplar, por ocasião de sua conversão;

6.º) que Cristo fizesse o milagre admirável de banir o analfabetismo, distribuindo, a granel, ciência infusa;

7.º) que Cristo tomasse providencias para que todos os homens tivessem tempo e vagar suficiente para ler os livros sagrados, estudar o seu conteúdo, entendê-los de acordo com a verdade. . . e para isso seria bastante derramar sobre cada leitor da Bíblia o dom especial da infalibilidade, em suas interpretações da palavra de Deus.

Como se vê, bem modestas pretensões! Elas mostram exuberantemente a inconsistência da posição fundamental protestante, ruindo, por terra, sua base.

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

— Mas, dirá um protestante, os católicos devem, ao menos, admitir a Bíblia como regra de fé, embora não a única, como nós cremos. Por que, então, os católicos não se alegram com a grandiosa obra de distribuição da Bíblia que fazemos? Não será por medo de descobrirem nas Escrituras doutrinas bem diversas daquelas que admitem?

É mais ou menos este o teor de um folheto protestante, fartamente distribuído aqui em S. Paulo, comentando o comunicado oficial da Curia Metropolitana sobre o “dia da Bíblia”, no ano de 1949.

Iriamos longe se quiséssemos dar uma resposta completa à observação, mas por amor a alguma alma sincera de leigo, que ficou perturbado ou alegre, com a objeção, e pudesse ignorar a contestação, lançamos estas perguntas, tão familiares para todos nós: — De onde os protestantes receberam a Bíblia, senão da Igreja Católica? Com que direito, então, eles amputaram essa Bíblia e a distribuem assim pelo mundo? Onde se encontra na Bíblia o Cânon (a lista, a relação) dos livros inspirados? Como então os protestantes podem chegar à conclusão de que a Bíblia dêles, sim, contém somente livros inspirados e a Bíblia dos católicos encerra, ademais, livros apócrifos? Onde se encontra isso na Bíblia? Como pode a Igreja Católica, guarda autorizada do depósito sagrado, sem negar sua missão de Mestra da Verdade, aceitar um livro mutilado com as mesmas honras e regalias de um livro genuíno?

Concluamos esta primeira parte: reconhecemos o fato da distribuição copiosa das Escrituras pelos protestantes — o que pode envolver sacrifícios, heroísmo e devotamento invulgar de muitos, reconhecemos o interesse e amor ao estudo da Bíblia nos protestantes, em geral, que lhes pode proporcionar

emoções e sentimentos elevados, mas não podemos aceitar o vício de origem e aprovar o fato da separação da Bíblia de sua autêntica intérprete, a Igreja, fundada por Cristo, deixando a mutilada Palavra Divina à mercê do livre exame, da interpretação individual, mas joguete, em última análise, tanto da “alta compreensão” da razão humana como dos caprichos e interesses dos indivíduos.

A posição da Igreja Católica

O movimento bíblico católico não se mede com os mesmos processos de propaganda protestante, porquanto ditado por um outro espírito — o genuíno espírito de Cristo — que ordenou a difusão de sua Igreja pelo mundo, através da palavra dos Apóstolos e de seus sucessores.

Essa missão, a Igreja sempre a cumpriu, como o atesta a História. Naturalmente, se aprouve a Deus inspirar os Autores sagrados, também no Novo Testamento, é sinal evidente de que êsses livros encerram o mais robusto pão do espírito, fornecido pela Sabedoria Divina.

“É um fato irrefutável, diz Rafael Criado, que, noutros tempos, se liam na Igreja os Livros Sagrados muito mais do que em nossos dias. As primeiras gerações cristãs, ao ver desaparecer no horizonte do tempo as testemunhas presenciais do Verbo feito carne, estenderam suas mãos anelantes aos livros que — produtos inseparáveis da ação do Espírito Santo e da sua própria — aquelas lhes entregavam como dom e penhor de presença permanente. Como, por outro lado, sabiam e acreditavam que é *vivente, a palavra de Deus, e eficaz e mais penetrante que qualquer espada de dois fios* (Hebr 4, 12), recorriam a êsses livros como apoio de sua fé, consolo das suas perseguições, purificante da podridão pagã do

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

ambiente, fonte de luz e energia supraterras, que os colocavam muito acima de tudo o que podiam dar de si, até mesmo o esforço mais elevado da sabedoria e bondade humanas”.

Na recitação do Breviário, ainda hoje, nos empolgamos com as homilias dos Padres da Igreja, comentando textos bíblicos, e nos admiramos como eles puderam explicar ao povo rude, recém-saído do paganismo, aquelas verdades sublimes e altíssimas, vãos arrojados para a amplidão, e que nesses arroubos fôsem seguidos pelo seu rebanho.

Na Idade Média, a Bíblia inspirou a pintura, a música, a escultura, enfim, tôdas as manifestações da vida.

Assim viveu o povo cristão, até o infausto dia da dilaceração luterana, rompendo a união desejada por Cristo (e pela qual tanto se suspira e se trabalha hoje, no movimento ecumênico!), erigindo a Bíblia como única regra de fé, interpretada pelo crente, iluminado diretamente pelo Espírito Santo.

Em breve, pulularam as seitas. Cada qual pode ter a “sua religião particular”. E as mais contraditórias aberrações surgiram, em nome da mesma Bíblia e do mesmo Espírito.

“A Igreja, ante o perigo que, como cancro, devorava não só partes inteiras de seus membros, mas até separadas estas com extirpação cirúrgica, tão dolorosa como necessária, produzia focos à distância em meio das nações católicas, procedeu com a mais iluminada prudência. Recorda a todos os crentes que a palavra de Deus é fonte de vida, embora não reduzida aos documentos escritos, nem interpretada segundo o próprio espírito, que encontra, onde quer, os dogmas que pretende erigir em leis de ação. Ela é iluminada pela fé do Corpo Místico de Cristo, na sua grande comunidade discente

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

e docente, tendo à cabeça aquêles a quem, em predição penosa e esperançada, disse o Verbo Encarnado: *confirma fratres tuos*. O simples fiel receberá, sim, a palavra de Deus, necessária à vida cristã, embora nem sempre se acerque êle próprio à borda do poço, talvez perigoso para a sua imprecação, devido à profundidade. Basta-lhe recebê-la abundante e límpida das mãos daqueles a quem Cristo entregou todos os ofícios do pastoreio” (Rafael Criado).

As medidas da Igreja concernentes à leitura da Bíblia, em vernáculo, foram ditadas pela sua prudência, em vista dos abusos das Escrituras pelos protestantes.

A decadência moral dos povos, a invasão de novos erros, a descristianização dos Estados, o Renascimento, etc., fizeram com que a pregação da palavra divina tomasse novos rumos, deixando a tradicional exposição, firmada nas Escrituras, e buscando outra linguagem, mais ao sabor da época.

A reação católica

A reação católica nasce no seio da mesma Igreja, pela autoridade da cátedra de Pedro. Surge altaneira a voz de Leão XIII com a encíclica “*Providentissimus Deus*” (1893), seguida pela “*Spiritus Paraclitus*” (1920) de Bento XV e “*Divino afflante Spiritu*” (1943) de Pio XII, traçando luminosamente o roteiro do apostolado bíblico.

Seria demasiado longo mencionar as obras católicas que surgiram, atendendo às ordens dos Sumos Pontífices. Mencionemos apenas a Escola Bíblica de Jerusalém, o Instituto Bíblico de Roma, as Semanas Bíblicas Nacionais, em diversas nações, as revistas *Revue Biblique*, *Biblica*, *Orientalia*,

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

Analecta Orientalia, Verbum Domini, tôdas congregando colaboradores de renome mundial.

As *associações bíblicas católicas*, diz Rafael Criado, não são criações dos últimos 50 anos, mas a verdade é que só, durante êstes, a propaganda que por seu intermédio se fêz, adquiriram direção sã e livre de perigos, como sempre descerjaram os Romanos Pontífices. Bento XV, primeiro presidente da *Associação Bíblica de S. Jeronimo*, proclamava seus ferventes desejos de que todos os fiéis lessem diàriamente e procurassem assimilar especialmente os S. Evangelhos, os Atos e Epístolas dos Apóstolos.

Os Sumos Pontífices recomendam e abençoam a Associação Bíblica de S. Jeronimo, cujo fim é “divulgar o mais possível os 4 Evangelhos e os Atos dos Apóstolos, de modo que não fique nenhuma família cristã que careça dêles e todos se acostumem a lê-los e medita-los cada dia”. E externam seu desejo de que esta obra seja difundida e propagada em tôdas as dioceses, agregando-se sempre à Associação de Roma.

Movimento bíblico católico

As estatísticas mostram claramente que há um movimento bíblico mundial bem acentuado, que vai crescendo dia a dia.

Por impossibilidade de apontar tôdas as organizações católicas bíblicas, espalhadas pelo mundo, acenamos apenas a algumas:

1.^a) *Obra Católica da Bíblia*, fundada por Mons. Straubinger, difundida por tôda a Alemanha, com as “cartas bíblicas” semanais, as Assembléias Bíblicas para o clero, a “leitura da Bíblia em família”, seguindo o “Diretório Bí-

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

blico". A difusão da Bíblia aqui não se faz à moda das Sociedades Bíblicas protestantes — distribuição indiscriminada das Escrituras, como se fôsem um Almanaque — mas em união estreita com o magistério vivo da Igreja, que considera indispensável a direção sacerdotal.

2.^a) *Associação Católica Bíblica da Suíça* com a publicação do "Calendário Bíblico", com lições bíblicas para todos os dias do ano. Há círculos de estudos bíblicos em quase tôdas as paróquias e colégios.

3.^a) *Associação Servos da Sabedoria Eterna*, fundada pelo Pe. Genovesi O. P., na Itália, com distribuição gratuita, tanto quanto à publicação como quanto à difusão, dos S. Evangelhos. A "*Festa do Evangelho*", assim é descrita, por ex. em Campolattaro (Benevento): após a S. Missa, jovens da Ação Católica percorrem tôdas as casas da paróquia oferecendo os S. Evangelhos. Depois, reunidos novamente na Matriz, cantam-se as vespersas, em gregoriano, seguidas de Bênção do SSmo. e Te Deum. No final, os fiéis passam pelo altar onde estão as Sagradas Escrituras, a fim de beijá-las, respeitosamente, venerando-as.

Há, na Itália, também a *Associação dos Amigos da Bíblia*.

4.^a) Na Espanha, realizou-se, há pouco, em Madri, a 8.^a Semana Bíblica Nacional e organizou-se a Associação Bíblica de S. Jeronimo. Três novas revistas bíblicas aí surgiram: Sepharad, Estudios Bíblicos e Cultura Bíblica. O Domingo da Bíblia é solenemente celebrado por tôda a Nação. Fundou-se, nesse país, em 1948, a Sociedade Bíblica Católica, para grandes edições das Escrituras.

5.^a) Na França é intensa a propaganda do movimento bíblico, relacionando-o com os movimentos litúrgicos e o da Ação Católica.

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

6.^a) *A Associação Católica de Estudos Bíblicos dos Estados Unidos* tem publicado e distribuído ótimas edições, algumas de bolso, ilustradas e de preço relativamente baixo.

7.^a) Na Argentina, organizaram-se a “Liga para a leitura diária do Evangelho” e o “Apostolado do Evangelho entre os pobres”, estabelecido este último pelo presidente dos Vicentinos, Dr. Juan Antonio Bourdieu. Publica-se, na Argentina, interessante “Revista Bíblica”, no Seminário San José, de La Plata, sob a direção de Mons. Straubinger, incansável apóstolo da cultura bíblica.

8.^a) No Brasil, constituiu-se a Liga de Estudos Bíblicos (LEB), como fruto da 1.^a Semana Bíblica Nacional, estabeleceu-se o “Domingo da Bíblia”, e presentemente estimulam-se as Semanas Bíblicas Populares.

Podemos, agora, dar um passo avante e pedir ao Exmo. Episcopado a organização da Associação de Estudos Bíblicos S. Jeronimo, vivamente recomendada pelos Sumos Pontífices.

E, mais tarde, poderemos: 1.^o) estabelecer relações íntimas com organizações bíblicas de Portugal, visando publicações em comum; 2.^o) desejar uma Liga Inter-Americana de Amigos da Bíblia — projeto aliás já proposto, uma vez, particularmente, por um membro do Secretariado Nacional de Defesa da Fé, junto aos dois apóstolos do movimento bíblico argentino, Dr. Bourdieu e Mons. Straubinger e que recebeu, juntamente com as bênçãos do Exmo. Sr. Cardeal Coppedo, os mais entusiásticos aplausos.

No Brasil, é muito apreciado e divulgado o livro de D. Duarte Leopoldo e Silva — Concordância dos S. Evangelhos — e tudo sugere que dêle se faça nova e copiosa edição.

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

São beneméritos propagandistas da Bíblia, entre nós, os franciscanos de Petrópolis e da Bahia e a Pia Sociedade de São Paulo (Padres Paulinos e as Irmãs da mesma sociedade). São nossos votos que as grandes edições futuras da Bíblia e dos Evangelhos sempre conservem um formato cômodo e um preço razoável.

O apostolado bíblico no Brasil

1. Recentemente a LEB divulgou interessantes sugestões para a realização de Semanas Bíblicas Populares, que já se realizaram, com muitos frutos, em Natal, Campinas e Vitória. Aponta-se, como ocasião mais propícia, a semana preparatória ao “Domingo da Bíblia”. A LEB e a ASP — “Agencia S. Paulo, para a divulgação do pensamento católico” (Cx. postal 5415 — Rio de Janeiro) fornecem às dioceses e paróquias interessadas tôdas as informações.

A Semana Bíblica Popular é excelente oportunidade para *certame, concursos, representações teatrais, artigos, radiofonizações, quadros vivos, cartazes, exibições de filmes, jogos, folhetos*, etc., tudo versando sobre temas bíblicos.

2. São recomendáveis os *Círculos de estudos bíblicos* semanais. Em Campinas, seguimos o “Guia através dos Evangelhos” de Lesêtre, com a exegese dum trecho ou de um capítulo dos S. Evangelhos.

3. Tem tido ampla difusão e bons resultados o folheto: “A Bíblia é um livro católico” do Pe. Antonio Charbel, S. D. B., Secretário da LEB. (Ed. “A Tribuna” — cx. p. 550 — Campinas).

4. Merece aplausos a direção da Maratona Catequética Nacional por ter incluído, no programa do Colégio, diversos pontos sobre a Bíblia e os S. Evangelhos, particularmente,

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

5. A LEB poderia oferecer às pessoas interessadas uma relação das revistas bíblicas católicas do mundo, com o respectivo preço e condições de assinatura, assim como a relação de livros recomendáveis para uma maior divulgação de conhecimentos bíblicos (Encíclicas, Vida de Jesus, Vida de N. Sra., História do Povo de Israel, etc.).

6. Sugiro à LEB a elaboração e a impressão de um compendio popular para Cursos Bíblicos, Círculos de estudos bíblicos, Semanas Bíblicas Populares, Institutos Bíblicos Populares.

7. Merece aplausos o trabalho do Seminário Central do Ipiranga, com a organização do Museu Bíblico, e os processos empregados pelos professores de S. Escritura para formar e aprofundar os clérigos no estudo da Bíblia.

8. A ASP tem divulgado interessantes artigos para a Imprensa, muito úteis e aproveitáveis, além da tradução de opúsculos estrangeiros sobre o assunto.

9. Sugiro que a LEB, de entendimento com a Revista Eclesiástica Brasileira, publique trimestralmente um noticiário, resumido embora, das informações mais interessantes sobre o movimento bíblico mundial.

10. Reitero minha proposta da organização da Associação Bíblica de S. Jerônimo. Esta, logo que seja possível, se interessará por uma publicação e divulgação dos S. Evangelhos e Atos dos Apóstolos, em formato cômodo e por preço o mais acessível possível.

Como trabalho preparatório ao lançamento da Associação poderia ser feita uma grande propaganda da mesma, por meio de folhetos, etc., e no próximo "Dia da Bíblia", com a campanha: "O S. Evangelho em cada lar católico".

Conclusão

É incontestável a sede do nosso povo pelas Sagradas Escrituras, particularmente pelo Novo Testamento. As edições dos S. Evangelhos das nossas editoras esgotam-se rapidamente.

Alegremo-nos com este fato. O movimento bíblico é a penetração ativa da doutrina e dos princípios evangélicos no mundo moderno. Afastado de Deus, pelo materialismo, o mundo de hoje experimenta aquela angústia de S. Agostinho: “Inquieto está o nosso coração enquanto não repousar em Ti, ó Senhor”.

É esta ânsia, esta sede de Deus que leva os homens a correr atrás de Deus, nos movimentos eucarístico, litúrgico, dos retiros espirituais, da Ação Católica e também da Bíblia.

Diz o Cardeal Gomá y Tomás, Primaz da Espanha: “Perde-se o gosto — oxalá venha definitivamente o desgosto — de tanto livro mais ou menos doutrinal e piedoso, que não dá à alma senão algumas gotinhas, desvanecidas na água mais ou menos rica do próprio pensamento, da essência concentrada do Evangelho”.

E, com o Pe. Matias Kohlen S. V. D. concluímos: o mundo cristão, as almas fervorosas, começam a ver no Evangelho a leitura fundamental da vida cristã, fruto precioso do intenso labor do movimento litúrgico e da Ação Católica. Já não ficam na superfície da vida cristã, mas vão até o centro, até Cristo em toda a sua perfeição. (Revista Bíblica — La Plata, Argentina, nov., dez. 1941).

A AÇÃO BÍBLICA PROTESTANTE NO BRASIL (*)

Cingir-nos-emos a um esboço das atividades bíblicas dos protestantes no Brasil e acenaremos algumas medidas que nos parecem oportunas e viáveis, sugeridas pela situação em que nos encontramos.

1. *Versões Portuguesas da Bíblia entre os Protestantes.*

Interessam-nos, agora, apenas as versões feitas ou ao menos generosamente espalhadas pelos protestantes. Por isso não trataremos dos primeiros tradutores lusitanos da Bíblia, os monges de Alcobaça, nem dos letrados portugueses no tempo d'El Rei D. João I, nem de Gonçalo Garcia de S. Maria, nem de D. Felipa de Lancastre, filha do Infante D. Pedro e neta de D. João I, nem mencionaremos outras versões de menor importância que precederam a tradução protestante de *João Ferreira de Almeida*.

Nascido em Lisboa, no ano de 1628, de pais católicos, seguiu João Ferreira de Almeida para Batávia, passando em 1642 para a Igreja Reformada. Com 15 anos já traduzia do espanhol para o português um resumo dos Evangelhos e Epístolas. Ordenado ministro calvinista, ao par de suas atividades missionárias, traduziu primeiramente o Novo Testamento, sobre o texto grego, que seguiu quando diferia da Vulgata (como atesta o Padre Antônio Ribeiro dos Santos) e o Antigo Testamento, sobre o original hebraico (servindo-se da edição holandesa de 1618), com o auxílio da versão castelhana e de outras traduções. Por isso se diz que a versão Al-

(*) Conferência pronunciada na I Semana Bíblica Nacional, que se realizou em São Paulo de 3 a 8 de Fevereiro de 1947.

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

meida é tradução de traduções. Como calvinista, não excluiu os livros deuterocanônicos que o luteranismo rejeita.

O Novo Testamento foi impresso em 1681 e o Antigo Testamento começou a ser divulgado em 1738 e ficou concluída a sua impressão em 1748, muito após a morte de Ferreira de Almeida, o que se deu em 6 de Agosto de 1691.

Ferreira de Almeida foi apóstata, não, porém, Padre apóstata, como vulgarmente se afirma. (1)

A tradução, em foco, tem como características: a) é demasiadamente servil; b) tem muitos modismos e expressões holandesas, familiares ao Autor que cresceu ouvindo esse idioma; c) foi deploravelmente estropiada pelos revisores (Bartholomeus Heynes e Joannes de Vaught). O próprio Autor se revoltou contra a incapacidade dos revisores quando teve em mãos, na Batávia, o primeiro exemplar impresso (N. T.), redigindo depois uma advertência com um índice de mais de mil erros, e não os deu todos.

A 2.^a edição, aparecida 12 anos mais tarde, já falecido o Autor, foi ainda mais miseravelmente desfigurada pelos revisores (Theodorus Zas e Jacobus op dem Akker), pouco conhecedores da língua portuguesa, que corromperam o que das belezas do original havia escapado à barbaridade dos seus predecessores. Assim colocaram quase todos os verbos no fim, tornando o sentido obscuro, violentando a frase e viciando a construção dos períodos. Diversas edições teve o Novo Testamento, e, como diz Santos Ferreira, as revisões da ver-

1) Esse equívoco se deve: 1) ao fato de confundir-se o seu nome com o de um certo jesuíta, também Ferreira de apelido;

são de Ferreira de Almeida quase que se contam pelo número das edições, feitas por revisores que desconheciam nosso idioma. É sabido que Ferreira de Almeida deixou incompleta sua obra do Antigo Testamento, terminado por Jacob op dem Akker, que traduziu a parte restante de Ezequiel, Daniel e os profetas menores.

Desde 1808, aproveitando-se da abertura dos portos, a Sociedade Bíblica Britânica inicia, no Brasil, sua propaganda de exemplares do Novo Testamento de Ferreira de Almeida. Mais tarde, crescendo essa distribuição, o Arcebispo da Bahia, D. Manuel Joaquim da Silveira, publicava, em 1862, uma carta pastoral para prevenir os fiéis “contra as adulterações e mutilações da Bíblia, traduzida em português pelo Padre F. A. de Almeida.” (2)

Outra tradução espalhada pelos protestantes é a do *Padre Antônio Pereira de Figueiredo* (1725-1797), que começa a editar em 1778 o Novo Testamento e de 1783 a 1790 o Antigo Testamento, traduzindo a Bíblia da edição Vulgata. De sua obra tiraram-se várias edições inclusive uma no Brasil, da Livraria Garnier, em 1864, com notas de Delaunay, que foi aprovada por mandamento do Arcebispo da Bahia (por ato de 1863).

2) ao fato de se declarar invariavelmente nos frontispícios de todas as antigas edições de sua Bíblia que a tradução foi feita pelo Revdo. Pe. João Ferreira A. de Almeida. Mas nessa ocasião, vários ministros do Evangelho, holandeses, alemães, dinamarqueses, a si próprios se intitulavam “Reverendos Padres” e o que é mais original “Reverendos Padres Dominicanos”.

2) Aí se examina a edição de New York que os protestantes espalhavam no Brasil, e depois de tê-la confrontado com o texto reconhecido autêntico desde os primeiros séculos, mostra que ela contém alterações, mudanças, mutilações, acréscimos, por ex., Lc 1, 28; At 14, 23; Ef 5, 32; 2 Tím 4, 5; 2 Jo 5, 6, 10, 15, 17, 20.

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

A Sociedade Bíblica de Londres publicou diversas edições da versão Figueiredo, sem prefácio e notas. A de 1821 trazia os livros deutero-canônicos, que os protestantes consideram apócrifos. Mas a edição de 1728 já não os apresenta mais. É que nesse ínterim, a Sociedade Bíblica de Londres, por decreto de 3 de Maio de 1826, proibira a divulgação da Bíblia com os pretensos livros "apócrifos". (Cornely, *Manuel d'Introduction*, vol. I, p. 50).

Francisco Recreio, um dos censores da edição católica de 1864, advertia que aquela edição se publicava com todo o cuidado porque, dizia, a propaganda protestante a tem introduzido facciosamente em Portugal e países de sua dominação, fazendo-a imprimir, a seu talante, por imprensas impuras e falsificadoras.

Sendo Pereira de Figueiredo exímio latinista e cultor da língua pátria, sua obra goza merecidamente de valor clássico, sob o ponto de vista filológico e literário. Entretanto, o Autor sofreu as influências regalistas da época, que defendeu nos livros "Tentativa Teológica" e "Análise da Profissão de Fé do S. Padre Pio IV", que foi posto no Índice (26. 1. 1795). Entretanto, Pereira de Figueiredo recusou-se a retratar. Diante disso, compreende-se que suas notas tenham sido condenadas, embora grande número delas atestem seus conhecimentos linguísticos, históricos e literários. Nelas, porém, não prevalecem nem o espírito sacerdotal nem a piedade cristã. (3)

3) Mr. Fox, querendo justificar o fato de os protestantes se apropriarem desta tradução católica, diz a respeito do seu Autor: "Foi um clérigo católico romano, mas adversário das pretensões da autoridade papal e inimigo dos jesuítas. Além disso, não é tradutor servil da Vulgata, mas atreveu-se a seguir o texto grego e, portanto, tem o espírito quase protestante."

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

Ocupado o território português por tropas britânicas e estabelecidas as relações comerciais e políticas com a Grã-Bretanha, a colônia britânica residente em Lisboa e no Porto rapidamente se propagou pelo reino. Tudo isto favoreceu a iniciativa da Casa Bertrand de divulgar as edições de Figueiredo.

De 1902 em diante tem a tradução Figueiredo sido reeditada por Santos Farinha, com notas de Glaire, Knabenbauer, Lesetre, Lestrade, Poel, Vigouroux, etc., com aprovação do Emo. Cardeal Patriarca de Lisboa.

Na realidade, nem Almeida nem Figueiredo satisfazia completamente as Sociedades Bíblicas Britânica e Americana, que decidiram, em 1886, preparar uma *nova tradução*, baseada na versão Figueiredo. Nomearam duas comissões, uma em Portugal e outra no Brasil. A brasileira traduziu uma parte do Evangelho de S. Lucas e deixou de funcionar; a portuguesa continuou o trabalho até 1901, traduzindo o Novo Testamento até o fim da Epístola aos Hebreus.

Assim abandonado, o plano se realizou mais tarde, em 1902, na *tradução brasileira*, sobre as línguas originais. A comissão tradutora era composta dos seguintes ministros: W. C. Brown, da Igreja Episcopal; J. R. Smith, da Igreja Presbiteriana (Sul); J. M. Kyle, da Igreja Presbiteriana (Norte); A. B. Trajano, da Igreja Presbiteriana Sinodal; E. C. Pereira, da Igreja Independente, e Hipólito de Campos, da Igreja Metodista. Associados com esta comissão havia vários literatos brasileiros como consultores. A 1.^a edição do N. T. desta versão saiu em 1910, e a Bíblia completa em 1917. Desta edição diz o Dr. José Carlos Rodrigues: “Se perdemos nela o castigado e belo português do trabalho de Figueiredo, ganhamos uma revisão muito fiel dos originais, segundo as

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

melhores autoridades... Escoimada de bastantes erros tipográficos que contém e melhorada a sua linguagem em alguns pontos, é a versão portuguesa que deve permanecer como a mais fiel, sendo por isso indispensável aos que estudam a Bíblia.” (*Estudo sobre o Velho Testamento*, vol. I, pág. 193). O Rev. Eduardo Moreira, um dos líderes protestantes em Portugal, ao contrário, assim se expressa: “A erroneamente denominada versão brasileira de 1911, por uma comissão de teólogos na qual predominavam os norte-americanos, não chegou a satisfazer os mesmos brasileiros e é intolerável em Portugal.” (*The Significance of Portugal*, pág. 36.)

Por isso, em Abril de 1943, as Sociedades Bíblicas Unidas, sentindo a necessidade duma revisão de Almeida, constituíram uma comissão de 18 membros, 12 para o Novo Testamento e 6 para o Antigo Testamento. Essa comissão até hoje desenvolve suas atividades, pensando dar ao Brasil a melhor versão vernáculo.

2. Sociedades Bíblicas.

Desde o início do século passado, os protestantes distribuem profusamente sua literatura bíblica, através de poderosas organizações, as Sociedades Bíblicas. Faremos rápida menção das Sociedades Bíblicas que operam no Brasil.

Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira. — De 1804, ano de sua fundação, até 1817, esta Sociedade emitiu 20.000 Novos Testamentos em português, muitos dos quais foram embarcados para o Brasil por comerciantes e capitães de navios mercantes. Mas o incremento da atividade bíblica começa com a vinda, em Maio de 1855, do missionário Robert R. Kalley, a tal ponto que, no ano seguinte, era designado o Rev. Richard Corfield o primeiro agente da Sociedade, e em

1879 o Rev. João M. G. dos Santos que, durante 23 anos, prestou assinalados serviços à Sociedade. Temos notícia, em 1882, dum embarque de 2.000 Bíblias para Recife. No primeiro século de existência (1804-1904), a Sociedade Bíblica Britânica difundiu, em língua portuguesa, 221.342 Bíblias, 492.420 Novos Testamentos e 930.275 Porções, tanto de Almeida como de Figueiredo.

Sociedade Bíblica Americana. — Com sede em New York, a Sociedade Bíblica Americana destina-se a “tornar a Bíblia o livro mais barato e mais difundido no Mundo.” (4) Mantém um fundo especial de construções no estrangeiro. Com essa verba construiu na Esplanada do Castelo, no Rio de Janeiro, o soberbo arranha-céu “Erasmo Braga”, na Avenida do mesmo nome, n.º 12, que se pagou à Sociedade com os aluguéis do prédio. Há pouco, êsse edifício foi vendido por uma soma bastante elevada, da qual se tirou uma parte para a construção do “Edifício da Bíblia”, com 9 andares. A Sociedade Bíblica Americana está em atividade, no país, desde 1817, por meio de viajantes comerciais. Daniel P. Kidder, missionário metodista americano, veio ao Brasil em 1837, encarregado pela Sociedade para distribuir Bíblias a tôdas as pessoas que as quisessem aceitar. Em 3 dias, narra-nos em “Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil”, esgotaram-se suas reservas de 200 exemplares. Algumas datas históricas para a Sociedade no Brasil: em 1854 o Rev. Fletcher é nomeado agente no Brasil; em 1857 o Rev. R. Nes-

4) Apesar disso, baseia-se no “princípio de venda”, principalmente por estas razões: 1) alargar seu serviço de distribuição da Bíblia, com o dinheiro recebido; 2) obter o apreço do leitor, pois mais se preza aquilo que custa alguma coisa, embora se tenha desembolsado uma quantia mínima; 3) evitar o desrespeito da Palavra Sagrada, que só é confiada aos interessados.

bit foi designado agente do Vale do Amazonas, tendo morrido numa viagem no grande rio. Para se avaliar o aumento da atividade bíblica da Sociedade basta dizer que, em 1876, o agente Rev. A. L. Blackford vendeu 2.350 volumes, ao passo que em 1930 a distribuição já ascendia a 300.000 e, em 1941, a agência brasileira pedia a New York um milhão de Evangelhos em português (250.000 de cada Evangelho.) (Cfr. *Revista Bíblica*, Nov.-Dez. 1941, pág. 272.) Suponho que esse milhão não chegou ao Brasil, pois, no ano seguinte, por causa da guerra, consoante notícia veiculada pela imprensa protestante, dois milhões de Bíblias destinadas à América do Sul foram afundadas. (*Jornal Batista*, 2. 12. 43, pág. 3; idem, 23. 12. 43, pág. 4.)

Sociedades Bíblicas Unidas. — As duas Sociedades Bíblicas: Britânica e Americana, sempre trabalharam de acordo, tanto que, em 1903, fizeram uma convenção, para a divisão do campo de trabalho em nossa pátria. (5) Mas, em 1942, resolveram unificar os trabalhos para a “divulgação mais efetiva e extensiva das Escrituras”. Terminada a construção do “Edifício da Bíblia”, aí se instalaram magnificamente as Sociedades Bíblicas Unidas, à Rua Buenos Aires, 135 (Rio). Há um ano precisamente, de 5 a 12 de Fevereiro de 1946, realizou-se no Rio de Janeiro a Conferência dos Secretários das Agências da América Latina das duas Sociedades Bíblicas Britânica e Americana, tomando-se resoluções eficientes e consagrando, ainda que inacabado, o “Edifício da Bíblia”. Um dos resultados foi a publicação da re-

5) Pela convenção, a Sociedade Bíblica Americana ficava com Paraná, São Paulo, região meridional de Minas, Rio e Estados do Norte do Alagoas ao Piauí. O Vale do Amazonas, Mato Grosso e Distrito Federal são territórios comuns. A restante área ficava a cargo da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira.

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

vista trimestral “La Biblia en America Latina” que, em seu 2.^o número, trazia as seguintes estatísticas da propaganda bíblica no Brasil em 1945: 27.657 Bíblias, 36.652 Novos Testamentos, 668.227 Porções não total de 732.536 volumes, notando ainda que foram publicados no Brasil 30.000 Novos Testamentos e 600.000 Evangelhos.

Sociedade Bíblica Nacional da Escócia e “Scripture Gift Mission”. — Desde 1871 temos notícias de trabalhos desta Sociedade, operando no Pará, Pernambuco, Rio Grande do Sul e tendo como agente o Rev. James Fanstone, que renunciou em 1920. Em 1926 uniu-se à *Missão para distribuição gratuita das Escrituras Sagradas* (“Scripture Gift Mission”), que tem como representante no Brasil S. E. Mc Nair (Teresópolis, Estado do Rio) e que distribui principalmente porções bíblicas, mais em folhetos que em opúsculos, com uma circulação total no Brasil, até 1930, de 810.262 porções. Esta Missão trabalha em cooperação com a *Sociedade Bíblica Naval e Militar*, que distribui o Novo Testamento dividido em porções cotidianas.

Imprensa Bíblica Brasileira — Embora fundada e dirigida por batistas, esta Sociedade estabelecida no Rio de Janeiro em 1942, é interdenominacional e conta com o apoio da Junta de Missões de Richmond. No dia 25 de Junho de 1943 foi iniciada a impressão da Bíblia, edição de Almeida, na grafia simplificada, nas oficinas da Casa Publicadora Batista do Rio, saindo em 4-9-1944 a edição de 15.000 exemplares do Novo Testamento e um mês depois a de 22.000 exemplares da Bíblia (*Jornal Batista*, 10-8-44, pág. 6). Eram as primeiras Bíblias impressas no Brasil, por protestantes. É digno de nota: isto há apenas dois anos. Para essas edições foram coletados donativos no valor de 400 mil cruzeiros para as despesas de preparo do original, impressão e para o ba-

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

rateamento do livro (6). Em São Paulo existe também uma *Sociedade Publicadora de Porções Bíblicas*.

3. *Difusão da Bíblia*

Como tivemos ensejo de referir, as Sociedades Bíblicas divulgam suas obras, mercê especialmente de seus agentes. Mas existem outras organizações interessadas na distribuição da literatura bíblica, bem como vendedores ambulantes, ou colportores, vivamente empenhados neste trabalho.

Ação Bíblica. — Não é propriamente uma associação com sócios, mas um grupo de suíços que, fora de qualquer igreja, resolveu espalhar a Bíblia. Sua sede central funciona em Genebra e, no Brasil, na Casa da Bíblia, em São Paulo, onde mantém artística loja bíblica. Os folhetos franceses são traduzidos e aqui publicados à custa do referido grupo de suíços e do lucro da Casa da Bíblia, que aceita donativos de pessoas de qualquer religião.

A Ação Bíblica distribui Bíblias em diversos idiomas, oferecendo-as até por bilhetes postais. Aproveita as ocasiões de Exposições, Feiras (estaduais, nacionais, internacionais) para armar sua tenda bíblica, vendendo a Bíblia desde 5 cruzeiros, o Novo Testamento desde 1 cruzeiro e Evangelhos desde dez centavos. (7)

6) Os Novos Testamentos são vendidos a 3 Cruzeiros, quando em lote de 25; do contrário, a 5 Cruzeiros.

7) Assim fizeram nas Exposições do Rio, S. Paulo, Campinas, Marília, Santos.

Cruzada Bíblica. — Acaba de ser fundada em Niterói (20-11-46) a Cruzada Bíblica para distribuição gratuita da Bíblia no todo ou em partes (Niterói, Caixa Postal, 54).

Casa da Bíblia. — Além da Casa da Bíblia de São Paulo, há, espalhadas pelo território nacional, outras casas empenhadas na distribuição bíblica. Citemos algumas dessas casas: as de Corumbá, Londrina, Campinas, Teresópolis, Garanhuns.

Colportagem. — Colportores são os vendedores ambulantes que se utilizam de todos os meios de transporte, ganham as cidades às vezes com seu Ford repleto de Bíblias e porções, atravessam os rios com suas lanchas, andam pelas fazendas com a mala repleta de livros, vendendo e até dando sua literatura bíblica aos que se interessam e são pobres. Geralmente dão os Evangelhos. Fazem também propaganda de sua literatura sectária, baseada, ao que se diz, na Bíblia. Aqui, neste ponto, são particularmente peritos os adventistas, vendedores ambulantes especializados, munidos dum diploma de colportagem, após um curso interessantíssimo e eminentemente prático. Frequentemente as Sociedades Bíblicas e as Editoras fazem o elogio dos colportores, narrando suas façanhas e seus triunfos.

Plano para 1946-1948. — Na aludida Conferência do Rio de Janeiro, traçou-se um programa de intensificação do trabalho bíblico, pedindo-se às Sociedades Bíblicas Unidas 12 milhões de volumes para os 3 anos de 1946 a 1948, para toda a América Latina (800.000 Bíblias, 1.000.000 de Novos Testamentos e 10.200.000 porções).

Alfabetização e Cruzada Nacional de Educação. — Estudou-se também na Conferência do Rio o problema da alfabetização, para que um maior número de pessoas possa ler as Escrituras Sagradas. No Brasil, trabalha intensamente

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

nesse campo o Rev. Gustavo Armbrust, presidente da Cruzada Nacional de Educação, que recentemente esteve na Câmara Federal, com os membros da Comissão de Educação e Cultura, expondo os planos de sua campanha de alfabetização, para obter um apoio da mesma e assim alargar o âmbito de sua influência.

Propaganda. — Acenamos tão-somente para algumas modalidades de propaganda e difusão da Bíblia. Aproveitando-se do 50.^o aniversário da República e 2.^o do Estado Novo, a Sociedade Bíblica Americana ofertou ao Dr. Getúlio Vargas, então Presidente da República, uma Bíblia ricamente encadernada com uma inscrição. 125.000 exemplares de Testamentos, com as cores nacionais, foram distribuídos aos expedicionários brasileiros (*Expositor Cristão*, 26. 10. 44, pág. 2). Bíblias são distribuídas aos cegos e outras são remetidas a Portugal. Em 1944, ofereceram-se Bíblias aos que se formavam pela Faculdade de Medicina do Rio (*Puritano*, 10. 1. 45, pág. 8). Uma comissão de protestantes chegou a oferecer a Bíblia até à Comissão de senhoras bolivianas que vieram trazer ao Brasil a imagem de Nossa Senhora de Copacabana (*Puritano*, 25. 8. 1943., pág. 3).

4. *Estudo da Bíblia*

Sendo a Bíblia a única fonte de fé para os protestantes, é natural que empenhem tôdas as suas forças em conhecê-la e torná-la conhecida. Citamos as principais instituições que se devotam ao ensino da Bíblia.

Escolas Dominicais. — As escolas dominicais (que os adventistas denominam escolas sábatinas porque as realizam no dia de sábado), assentam suas atividades sobre o estudo da Bíblia. Cada semana tem seu texto áurco — tema central

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

de estudos — e em torno dêle se fazem algumas leituras diárias e algumas explicações, seguidas dum círculo, com minucioso questionário. Só no Brasil existem 23 revistas especializadas para êsses estudos, revistas que se publicam trimestralmente trazendo antecipadamente todo o programa do trimestre. São bem feitas e procuram fugir de questões disputadas entre as seitas, ficando mais um plano geral e de orientação moral. E' notório que os protestantes devem consagrar o dia do Senhor não sòmente ao culto mas também à escola dominical, na qual se distribuem todos os membros da igreja, desde a criança até o encanecido em anos.

Escola Bíblica de Férias. — Embora fundada em 1866, começou a se desenvolver desde 1905. No Brasil, entretanto, é recente, tendo sido lançada sua idéia, em 1924, pelo Rev. Herbert S. Harris, antigo secretário geral da União das Escolas Dominicais do Brasil. Os batistas denominam-na “Escola Popular Batista”. Consiste num breve curso de férias, para ocupar as crianças. Um exemplo tirado da Igreja Metodista Central de São Paulo: Consagram-se duas horas e meia diárias de aulas: estudos, cânticos, trabalhos manuais, desenhos, recreações. A matrícula é gratuita.

União Bíblica. — Fundada em 1.º de Abril de 1879, em Londres, hoje conta mais de 800.000 membros, espalhados pelo mundo. Seu programa está de tal forma dividido que se possa ler, em cinco anos, tôda a Bíblia, isto é, todo o Novo Testamento e trechos escolhidos do Antigo Testamento.

Institutos Bíblicos. — São reuniões de estudos bíblicos entre pastores ou responsáveis pelas igrejas ou escolas dominicais, ou, às vêzes, designam missões populares tendo como base o estudo da Bíblia.

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

Liga da Leitura Diária da Bíblia. — Os membros desta Liga têm como obrigação: 1.º ler diariamente um ou mais capítulos da Bíblia; 2.º persuadir os outros a fazerem o mesmo.

Liga do Testamento de Bolso. — Devem os liguistas trazer mais consigo o Novo Testamento e dêle ler diariamente um ou mais capítulos.

Dia da Bíblia. — Anualmente se celebra, num domingo, o dia da Bíblia. Há dois anos, esta prática se tornou universal, e nesse dia não somente se exalta a Bíblia como se recolhem donativos para sua maior propaganda.

Entronização da Bíblia. — Como represália à entronização dos crucifixos nas escolas, atendendo a uma sugestão do bispo metodista César Dacorso Filho (cfr. *Expositor Cristão*, 16-23-11-44), o Rev. José Gonçalves Salvador dirigiu, em Janeiro de 1945, uma petição às autoridades do ensino de São Paulo para entronizar a Bíblia nas escolas. O despacho do professor Sud Menucci foi categórico: autorizou os diretores de grupos a receber a Bíblia na biblioteca, pois aí é o seu lugar.

Conferências, Projeções, Irradiações. — Os meios comumente empregados para estudos bíblicos são as pregações e conferências, algumas delas acompanhadas de projeções, como fazem principalmente os adventistas. Êstes também mantêm, em 20 estações radiofônicas, o programa “A Voz da Profecia”, completado por uma Escola Radiopostal, com diversas modalidades de cursos domiciliares: universal (26 lições sobre as profecias e doutrinas bíblicas), livre (20 lições na forma de leituras, sem perguntas a responder) e juvenil (24 lições ilustradas em côres, de orientação e estímulo para a juventude).

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

5. *Algumas Conclusões*

1.^a — A propaganda bíblica protestante no Brasil é a maior de tôda a América Latina e tende a aumentar ainda mais nestes três anos.

2.^a — Embora os frutos não correspondam à operosidade protestante, nem por isso esmorecem os distribuidores da Bíblia, satisfeitos com algum resultado prático e com o que êles julgam uma mudança de mentalidade católica, que da oposição à Bíblia passou ultimamente a recomendar sua leitura, chegando Pio XII a escrever uma encíclica sôbre as Sagradas Escrituras.

3.^a — Grandes somas são empregadas na propaganda bíblica. Em 1942 as Sociedades Bíblicas espalharam 808.892 volumes das Escrituras, das quais 81.000 Bíblias e Novos Testamentos, dando um déficit de 724.000 cruzeiros, coberto pelas Casas Matrizes.

4.^a — As traduções até hoje publicadas não satisfazem completamente nem os próprios protestantes.

5.^a — Os protestantes já possuem no Brasil poderosas instituições para garantir o futuro de sua ação bíblica.

6.^a — A Cruzada Nacional de Educação poderá transformar-se, brevemente, num baluarte oficioso da propaganda bíblica protestante.

6. *Algumas Sugestões*

A essa imensa operosidade protestante no campo bíblico, que poderemos opor?

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

1) *Instrução.* — a) Instruir o povo quanto às falhas e mutilações das Bíblias protestantes, não trazendo todos os livros sagrados (8) e deturpando trechos das Escrituras. b) Mostrar como a Bíblia não é a única fonte de revelação e como as Escrituras surgiram, máxime o Novo Testamento, para completar a pregação dos Apóstolos. c) Refutar as calúnias e as objeções protestantes a respeito, mostrando as incoerências e contradições do livre exame. Processos violentos como também queimas públicas de Bíblias e polêmicas são contraproducentes. d) Organizar cursos bíblicos populares, aulas de História Sagrada, círculo de estudos sobre Sagradas Escrituras. e) Vigiar e desvendar os planos da Cruzada Nacional de Educação.

2) *Divulgação e barateamento da Bíblia, mormente do Novo Testamento.* — Já se tem trabalhado neste sentido e merecem encômios os Padres Paulinos, Franciscanos e outros que se devotam a êste apostolado. Entretanto, muito resta fazer.

Sei que D. Francisco de Campos Barreto seguira para o Concílio Plenário Brasileiro com uma proposta de uma edição monumental da Bíblia, a ser vendida a preços populares, e para isso concorreriam as dioceses com uma quota estabelecida, conforme suas possibilidades. Circunstâncias independentes de sua vontade, particularmente a exiguidade do tempo para tratar de outros assuntos que não os expressamente contidos no esquema do Concílio e a enfermidade de S. Eminência o Cardeal Leme, impediram que êle apresentasse seu pedido.

8) Faltam na Bíblia Protestante os livros I.º e II.º dos Macabeus, Tobias, Judite, Sabedoria, Eclesiástico, Baruc. Faltam capítulos em Ester e no livro de Daniel falta a oração de Azarias, o cântico dos mancebos, o episódio de Susana e a história de Bel e do Dragão.

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

Seja esta Semana Bíblica Nacional o prenúncio de outras Semanas Bíblicas de caráter popular, a fim de proporcionar ao povo fiel ensejo para se abeherar dos conhecimentos bíblicos, o que virá fortalecer mais ainda sua fé, incentivando ainda mais seu amor à Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo.

BIBLIOGRAFIA

A Bíblia em Portugal (1495-1850), por G. L. Santos Ferreira, 1906, Tip. de Ferreira de Medeiros, Lisboa. — Versões Portuguesas da Bíblia, Artigo de J. Pereira no Dicionário da Bíblia de Vigouroux, Tomo V, 1.^a parte, colunas 559-569. — A Bíblia em Português, pelo rev. James M. Terrell em "Donde nos veio a Bíblia", de J. Paterson Smyth, Imprensa Metodista, 1931, São Paulo. — A Escola Bíblica de Férias, por Charles Wesley Clay, Confederação Evangélica Americana, 1940, Rio de Janeiro. — Reminiscências de Viagens e Permanências no Brasil, por Daniel P. Kider, Livraria Martins, São Paulo. — Lembranças do Passado, por João Gomes da Rocha, Confederação Evangélica do Brasil, Rio de Janeiro.

A CIÊNCIA A SERVIÇO DA EXEGESE

Sob os auspícios do Seminário Episcopal de Gravina di Puglia, aparecia na Itália, desde 1929, uma publicação: "La Sacra Scrittura. Psicologia-Commento-Meditazione". No ano de 1939 já compreendia 13 volumes, tendo tratado os

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

livros do Gênesis ao Eclesiástico. Nela o diretor, *Padre Deolindo Ruotolo*, sob o pseudônimo de *Dain Cohenel*, propunha-se comentar tôda a Bíblia segundo um método apto a tornar manifesta a revelação divina, a fazer esplender a sabedoria, o amor, a bondade de Deus, ao mesmo tempo que a fazê-Lo mais conhecido, amado e servido dos homens.

Os princípios todavia em que se fundava o zelo de Dain Cohenel não inspiravam sólida confiança. Deixando de parte a regra de ouro de tôda exegese, que prescreve a busca do sentido literal da Escritura, fundamento essencial e primordial da interpretação, mais elevada, mística ou típica, reservava-lhe parte mínima tão só de suas preocupações, substituindo-a pelo desenvolvimento copioso das suas meditações pessoais, nem sempre isentas de erro, mau grado sua piedosa intenção. Tal mística pessoal não podia absolutamente passar como doutrina escriturística propriamente dita, pois levava ao velho princípio protestante da inspiração individual. E ninguém ligaria para a questão, se ela ficasse tão somente nisso.

Mas o contemplativo Dain Cohenel quis opor a sua exegese àquela que a maioria dos institutos católicos esposa hoje em dia, quer dizer, a fundada sobre o método crítico-científico, preconizado pela Santa Madre Igreja.

Debalde o Revmo. Padre Vaccari, jesuita do Pontifício Instituto Bíblico, teceu judiciosas considerações sobre as consequências más do sistema místico-subjetivista do Pe. Ruotolo. Este em Setembro de 1939 respondeu-lhe com dois opúsculos em que acentuava ainda mais seu subjetivismo, o que resultou na condenação de todas as suas obras pelo Santo Ofício, a 12 de Novembro de 1940.

Eis que, não obstante a condenação, um *Anônimo*, — e era o mesmo Dain Cohenel, — enviou a todos os Bispos e

Superiores religiosos da Itália um opúsculo *pro manuscripto* dizendo ser obra para uso privado, mas, apesar da ressalva, enviada em envelope aberto. É um libelo tremendo contra a ciência aplicada ao cultivo da Bíblia e a preconização do método acima citado.

Então a Pontifícia Comissão Bíblica publicou um decreto, aprovado pelo Santo Padre Pio XII, gloriosamente reinante, condenando as afirmações do libelo, em quatro considerações: 1.º O libelo recusa a regra de ouro da exegese e preconiza o da meditação religiosa, que nos faria comunicar com a Sabedoria divina, e recrimina os exegetas católicos de materializarem a Bíblia em sentido puramente humano. Mas a Pontifícia Comissão Bíblica responde que êsse novo método levaria a perigoso subjetivismo, o qual expõe a desvios de imaginação. 2.º O libelo atribui à Vulgata, estribado falsamente no Concílio de Trento, um caráter que não possui. Deveras, segundo o Anônimo, o decreto do Concílio Tridentino apresentaria a Vulgata como texto autêntico e oficial, subtraído a toda discussão, de forma que submetê-lo às operações da crítica textual seria mutilar a Sagrada Escritura, e substituir a autoridade eclesiástica pelo julgamento individual. A Pontifícia Comissão Bíblica mostra como tais exageros vão contra o senso comum e desnaturam o pensamento do Concílio Tridentino, que entendia dar a Vulgata como a versão autêntica de que a Igreja Latina poderia servir-se, sem temor de êrro, quanto à fé e aos costumes. Tal *autenticidade jurídica* não exclui o valor dos textos originais, e Leão XIII prescreveu explicitamente o melhor uso dêles. 3.º O Anônimo quer provar que toda empresa da crítica textual, pretendendo modificar o teor da Vulgata segundo os textos originais, constitui um “massacre” da Bíblia. Em consequência lança invetivas contra os críticos, dados quais modernistas

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

perigosos, que rebaixariam a Bíblia no nível de livros puramente humanos, e tentariam fazer prevalecer as idéias pessoais sôbre o texto investido de autoridade pela Igreja. A Pontifícia Comissão Bíblica reduz a pó tais sofismas, e justifica luminosamente a utilidade da crítica textual com a constante prática da Igreja, desde as laboriosas pesquisas de Orígenes até a Comissão para a revisão e correção da Vulgata, e as recomendações das grandes encíclicas a respeito do estudo das Sagradas Escrituras. Longe de rebaixarem a dignidade da *Biblioteca inspirada*, os trabalhos austeros e árduos da crítica textual para a reconstrução pura do texto sagrado testemunham veneração para com ela. 4.º O Anônimo tenta denegrir o estudo das línguas orientais e das ciências auxiliares. Vê nisso tudo vaidade e erudição mentirosa. A Pontifícia Comissão Bíblica refuta-o, apontando a Escola Bíblica dos Padres Dominicanos de Jerusalém, o Pontifício Instituto Bíblico entregue aos Padres Jesuitas em Roma, o textos pontifícios que recomendam, aconselham, ordenam e impõem o método científico ao estudo escriturístico, como o único acertado.

Pode-se dizer que o decreto inteiro é uma recomendação da ciência a serviço dos Sagrados Oráculos.

Baste o decreto louvado. E desçamos a contemplar o panorama do estudo da Bíblia em nossa querida Pátria.

Esta primeira Semana Bíblica é feliz auspício. O que ela se propõe é estudar a Bíblia, segundo as normas da Santa Sé. Porque até hoje o isolamento, no qual viviam os professores de Escritura nos seminários diocesanos e religiosos, bem como os estudiosos da Bíblia, era o grande obstáculo àquela colaboração, que se faz necessária, cada vez mais, para o progresso em tudo, e, no caso, para o dos estudos bíblicos.

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

Duas palavras resumem os abusos que se notam da palavra de Deus, sobretudo no púlpito. Se o Pe. Bainvel lastimava, bem depois da encíclica *Providentissimus* que os conselhos dela sobre o uso da Bíblia na cátedra cristã não tinham sido seguidos de todo, o que o leva a reeditar seu livro "*Les contresens bibliques des prédicateurs*" (2.^a edição, 1906, apud P. Lethielleux, Libraire éditeur), — e ainda não o foram completamente — em nossa Pátria a experiência de cada um já averiguou, pelo menos alguma vez, aquilo que disse S. Jerônimo: "*Ad sensum suum incongrua aptant testimonia, quasi grande sit et non vitiosissimum docendi genus depravare sententias, et ad voluntatem suam Scripturam trahere repugnantem*". (Ep. 53 (103), 7).

O primeiro abuso é dar falsamente como sentido literal o que não o é. Vem da falta de justeza e de exatidão. E esta falta por sua vez brota da ignorância quase sempre venível e da preguiça. Toma-se o texto bíblico, separado do contexto e de tudo o mais que poderiam explicá-lo, e aplica-se como soa. Até chegar a isto: "*Non resurgent impii in iudicio*" do Salmo é a afirmação de que não haverá para os ímpios a ressurreição dos corpos?! E o que ainda avançou Bainvel: "Sobretudo alguns textos foram expressamente maltratados. A especiosa aparência das palavras enganou; a frase, separada de tudo o que poderia explicá-la, passou de livro a livro, de bôca a bôca; o contra-senso obteve direito de cidadania, a moeda falsa tornou-se moeda corrente" (opus cit., p. X), ainda se dá não raramente por aqui, ouvindo a gente citados êsses textos erradamente.

O segundo abuso é o desprezo pelo sentido literal da Bíblia, que é empregada sob várias e condenáveis acomodações.

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

(1) Tem-se então sôbre origem bíblica o sentido humano. Já não é a palavra de Deus; é a palavra do homem.

Pode-se dizer que todos os últimos documentos sôbre o estudo bíblico tendem a encorajar o conhecimento, cada vez mais profundo, do sentido bíblico. (2)

Percebe-se, ao lado dos abusos, o receio demasiado e infundado de se adotarem os resultados atuais da verdadeira ciência. Muitos trechos da encíclica *Divino Afflante Spiritu*, — para não se citarem outros documentos, — podem resumir-se na conhecida frase: “*vetera novis augere atque perficere*”.

Entretanto, talvez se possa afirmar que, em razão disso, aqui ou ali os estudos exegéticos, e com maior generalização o ensino da Bíblia aos fiéis, — mediante as histórias sagradas, as homilias, os sermões, os cursos de religião sob tôdas as formas, — estejam atrasados, e os ouvintes, ao invés de encontrarem nas explicações sôbre a Bíblia argumentos que

(1) Pois há igualmente uma acomodação legítima e louvável como é a que geralmente se encontra nos Padres e na Liturgia. Assim como existe um estilo bíblico, quando o escritor, à força de meditar sôbre a Bíblia, como que tece as suas frases com expressões tiradas dela.

(2) Quando esta conferência foi entregue à tipografia, a Instrução da Pontifícia Comissão Bíblica de 13 de Maio de 1950 já é bem conhecida dos estudiosos. Ora bem, sôbre o sentido literal assim estatui: “Quanto ao seu múnus de intérprete, assim proceda o professor, que em primeiro lugar exponha, clara e lucidamente o que se diz sentido literal”. E “sejam os clérigos obrigados a compor... uma homilia... Dessarte os alunos aprenderão... a propor e a explicar ao povo cristão o sentido verdadeiro e próprio da Palavra de Deus...” E quanto às acomodações que se fazem, havendo sentido literal ou espiritual da mesma verdade na Bíblia, a recente mudança da Missa da Assunção é significativa.

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

lhes solidifiquem a fé, são atingidos por dúvidas, alguma vez bem angustiosas.

Para só oferecer alguns exemplos, aqui vai a tese do dilúvio geográficamente universal, dada como obrigatória e contida claramente na Bíblia, e a da idade do mundo, que é de 6.000 anos, segundo a Bíblia, como ainda por aí alguns afirmam.

Para obviar aos defeitos dos estudos bíblicos em nossa amada Pátria, e para promovê-los de futuro, aqui vão agora algumas considerações sobre o caráter científico que hão de ter.

Será antes de tudo preciso distinguir os especialistas em exegese dos outros estudiosos.

Quanto aos primeiros será útil aduzir aqui um trecho da obra do Eminentíssimo Cardeal Gomá y Tomás "La Biblia y la predicación": "El estudio científico de la Biblia debe ser ocupación de pocos, porque son pocos los que a el pueden dedicarse con provecho. Se requiere para ello preparación técnica en muchas disciplinas: lenguas, historia, arqueología, geografía, hermenéutica, crítica especializada, etc. Se necesita mucho tiempo y copia de instrumentos de trabajo". Estes especialistas hão, desta parte, de colimar o progresso da ciência bíblica, com pesquisas e investigações, quando possuem de fato todo o equipamento científico requerido. E de fato muita coisa na Bíblia ainda é desconhecida, muitas objeções ainda não receberam respostas totalmente satisfatórias, textos obscuros devem ser esclarecidos, riquezas imensas existem ainda não exploradas. O Brasil deve formar nos vários centros bíblicos um grupo bem denso de tais especialistas, que possam depois concorrer para o progresso dos estudos bíblicos aqui na Pátria, ao lado dos biblistas do resto

do mundo. Na verdade, são poucos hoje os especialistas cá. De outra parte, compete aos especialistas divulgar o fruto de seus estudos, oferecendo sobretudo aos Sacerdotes ocupados na cura das almas, ou nos estudos que dependem dos conhecimentos bíblicos, mas também aos fiéis, o resultado das pesquisas científicas sobre a Bíblia e uma exegese deveras atualizada. Humildemente podemos dizer que a nós incumbe esse mister. Cabe-nos portanto ouvir atentamente este trecho da encíclica “Divino Afflante Spiritu”, de Sua Santidade o Papa Pio XII, felizmente reinante: “Assim pois, os nossos especialistas dos estudos bíblicos dediquem também sua atenção a isto com a devida diligência, nem desprezem nenhuma descoberta da arqueologia, ou da história antiga ou da ciência das antigas literaturas, que possa servir ao melhor conhecimento da mentalidade dos antigos escritores, do seu modo de raciocinar, narrar e escrever. E neste campo saibam também os seculares católicos que não só contribuirão para o progresso das ciências profanas, senão que também prestarão um assinalado serviço à causa cristã, se com a devida diligência e aplicação se derem à exploração e ao estudo da antiguidade, e concorrerem assim para a boa solução dos problemas até agora inda mal solucionados e obscuros. Pois todo conhecimento humano, embora não sagrado, por isso mesmo que é uma participação finita da infinita ciência de Deus, tem já por si uma sua dignidade e excelência própria; mas eleva-se a uma mais alta dignidade e quase consagração, quando se emprega em fazer brilhar com clara luz as coisas divinas”.

Incumbe-nos pois formar bibliotecas de obras escriturísticas, não sem fotocópias de manuscritos e demais documentos, que só assim podem chegar a estas plagas; pensar numa revista bíblica, que veicule tudo quanto de sadiamente novo

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

no campo bíblico vier aparecendo; entreter semanas, e fora delas, conversas em grupos menores, ou pelo menos carteio sobre a Bíblia, a fim de que haja auxilio mútuo no resolver questões, aceitar sugestões, etc.; sobretudo, estudar as ciências que o Santo Padre mencionou, hoje mais do que nunca, para que se veja mais claro o que o Espírito Santo nos quis comunicar.

Mas para os sacerdotes em geral vai êste outro trecho da mesma encíclica citada antes: “Considerando as imensas fadigas abraçadas pela exegese católica durante quase dois mil anos, para que a Palavra de Deus, comunicada aos homens nas sagradas Letras, se compreenda cada dia mais perfeitamente e mais ardentemente se ame, surge espontânea a convicção de que os fiéis e particularmente os sacerdotes têm o grave dever de aproveitar larga e santamente aquêlê tesouro acumulado durante tantos séculos pelos maiores talentos. Deus não deu aos homens os Livros Santos para satisfazer a sua curiosidade, ou para lhes fornecer materia de estudo e investigação, mas, como adverte o Apóstolo, para que êstes divinos oráculos nos pudessem “instruir para a salvação pela fé em Jesus Cristo” e para que “seja perfeito o homem de Deus, bem armado para tôda a obra boa” (2 Tim 15,17). Portanto os sacerdotes que por ofício devem procurar a eterna salvação dos fiéis, depois de terem estudado diligentemente as sagradas páginas, e de as terem assimilado com a oração e meditação, distribuem com o devido zêlo nos sermões, homilias e práticas as celestes riquezas da divina palavra; confirmam a doutrina cristã com sentenças dos Livros santos, ilustram-na com os preclaros exemplos da História sagrada, nomeadamente do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo; e tudo isto, evitando diligente e escrupulosamente as acomodações arbitrárias e estiradas, verdadeiro abu-

so e não uso da divina Palavra, exponham-no com tal facúndia e clareza, que os fiéis não só se movam e afervorem a melhorar a própria vida, mas concebam summa veneração para com a Sagrada Escritura. A mesma veneração procurem os sacerdotes instilar e aperfeiçoar cada vez mais nos fiéis confiados ao seu zêlo pastoral, fomentando tôdas as empresas de homens apostólicos que louvavelmente se esforcem por excitar e fomentar entre os católicos o conhecimento e o amor dos Livros Santos. Favoreçam pois e auxiliem as associações que têm por fim difundir entre os fiéis exemplares da Sagrada Escritura, particularmente dos Evangelhos, e procurar que nas famílias cristãs se leiam, regularmente, todos os dias, com piedade e devoção; recomendem eficazmente com palavra e exemplo, onde o consente a Liturgia, a Sagrada Escritura traduzida nas línguas modernas com a aprovação da Autoridade Eclesiástica; façam êles próprios conferências ou lições públicas de assuntos bíblicos, ou encarreguem de as fazer a outros oradores bem versados na materia. As revistas que com tanto louvor e fruto se publicam nas várias partes do mundo ou para versar cientificamente as questões bíblicas, ou para adaptar os resultados daquelas investigações ao sagrado ministério e ao espiritual aproveitamento dos fiéis, procurem todos os Ordinários, quanto lhes fôr possível, ampará-las e difundí-las nas diversas classes do seu rebanho. E persuadam-se que tudo isto e o mais que o zêlo apostólico e sincero amor da divina Palavra saberá encontrar para obter tão sublime fim, será para êles um auxílio eficaz na cura das almas”.

Esperamos pois que todos os Reverendíssimos Senhores Sacerdotes hão de apoiar a Liga dos Estudos Bíblicos, que se projeta como o fruto mais sazornado desta semana. E es-

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

peramos também que nós forneceremos aos Senhores Sacerdotes aquela guia, que almejam e deveremos dar.

Mais, sabemos como a vida sacerdotal na Pátria está assoberbada com mil e uma atividades. Somos poucos. E o trabalho, muito, graças ao Bom Deus. Mal e mal se encontra tempo para a escrituração dos livros paroquiais. E então, estudar os planos do ministério, aplicar ao povo a teologia dogmática e moral, preparar as homilias e sermões, as lições de catecismo e as práticas ao povo, recordar as matérias do seminário, sobretudo pôr em dia os mesmos estudos, é cousa quase heroica. Entretanto, apesar de tudo, não é exceção o padre que atualiza os seus conhecimentos, que relembra os tratados teológicos, que lê o que de melhor se vai publicando.

Sabendo pois disso, apresentamos algumas matérias, que os Reverendíssimos Senhores Sacerdotes, nos seus lares, poderão aprender mais profundamente, completando seus cursos de seminário, dada a sua suma utilidade hoje.

O que mais importa é o estudo da teologia bíblica quer do Antigo, quer do Novo Testamento, conforme se expressa o Santo Padre na sua encíclica, tratando do ensino da Sagrada Escritura nos seminários: “Portanto, na exegese, façam sobressair principalmente o conteúdo teológico, evitando as discussões supérfluas, e omitindo tudo o que serve mais a apascentar a curiosidade do que a fomentar a verdadeira ciência e a sólida piedade; exponham tão sólidamente o sentido literal, e especialmente o teológico, declarem-no com tal mestria, inculquem-no com tal calor, que de algum modo se verifique nos seus alunos o que sucedeu aos discípulos de Emaús, os quais ouvindo as palavras do divino Mestre exclam-

maram: “Não sentíamos nós o coração a arder, enquanto Ele nos explicava as Escrituras?” (Lc 24,32).

Mas o ensino teológico só há de saltar à vista, graças à reconstrução do mundo bíblico, através do qual Deus ensina, e que põe em evidência o sentido literal de cada texto, como fundamento e subestrutura dos demais sentidos.

Para essa reconstrução faz-se mister amplo conhecimento do ambiente bíblico: história, geografia, arqueologia, etc. Sobre as duas últimas a obra “*Institutiones Biblicae*” (4.^a ed., 1933, p. 403), do Pontifício Instituto Bíblico, diz assim: “*Archaeologia et geographia nos solum utiles sunt, sed quam maxime necessariae*”. O mesmo se diz da primeira. O sacerdote pois muito aproveitará com a descrição dos países bíblicos, lendo os livros de *Legendre* (*Le Pays biblique*), ou de *Guérin* (*Description géographique, historique et archéologique de la Palestine*), ou de *Landrieux* (*Aux Pays du Christ*), ou de *Abel* (*Géographie de la Palestine*), etc., consultando os mapas de Guethe, Tellier e Grammatica. Saberá outrossim enquadrar a História da Revelação, como se pode chamar à Bíblia (ainda que parte dela esteja na Tradição), dentro da história universal, como também perceber a marcha da humanidade para Cristo Senhor, folheando com a maior atenção as várias histórias de Israel, como a de *Ricciotti*, *Cheminant*, *Desnoyers*, *Felten*, etc.

Haverá igualmente de investigar, como puder, a arqueologia bíblica. Pois é certo o que diz o Pe. Steinmueller: “A importância da arqueologia, que inclui não só o trabalho das escavações, como também monumentos, inscrições, e outros documentos escritos, progrediu de tal modo no século XX, que estudioso algum da Bíblia, seja do Velho como do Novo Testamento, pode deixar seu estudo”. Aliás a encíclica *Ni-*

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

vino Afflante Spiritu, — demonstrando ademais que importa pôr em dia os estudos bíblicos feitos no seminário, — assim se expressa: “Não há quem não possa facilmente dar-se conta de que a situação dos estudos bíblicos e de suas ciências subsidiárias mudou-se grandemente no transcurso dos últimos cinquenta anos. Por exemplo, afora qualquer outra coisa, quando nosso Predecessor publicou a carta encíclica “*Providentissimus Deus*” dificilmente um só lugar da Palestina havia começado a ser explorado mediante sérias escavações. Agora, pelo contrário, esta classe de investigações é muito mais frequente, e, desde que métodos mais precisos e habilitade técnica se desenvolverem no curso da atual experiência, proporciona-nos informações cada vez mais abundantes e precisas”. Os manuais de *Barrois* e de *Hennequin*, de *Kalt* e de outros, oferecem o resultado de tôdas as escavações.

Nem se fale na aquisição e leitura dos bons comentários modernos da Sagrada Escritura, como os da coleção em andamento, chamada “*La Sainte Bible*”, editada na França por *Pirot*.

Outro tanto se diga de boas e modernas vidas de Jesus, (as de *Prat*, *Ricciotti*, *Grandmaison*, *Lebreton*, *Lagrange*, são as melhores), e de S. Paulo (*Holzner*, *Prat*, *Ricciotti*, etc.).

Ao lado dos livros, será utilíssimo ao sacerdote a assinatura de uma revista bíblica, mais a de divulgação e uso ministerial da palavra de Deus, como *Verbum Domini*, do Pontifício Instituto Bíblico, e *Cultura Bíblica*, de vários biblistas espanhóis, do que uma de investigação científica, como *Bíblica*, do mesmo Pontifício Instituto Bíblico.

Claro está que todo sacerdote interessado de coração nos problemas bíblicos há de manusear com frequência o seu manual de introdução geral e especial aos livros sagrados,

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

como o de Simón-Prado, Renié, Hoepfel-Gutt, Lusseau-Colomb, Steinmuller, etc., para só falar aos que tratam de tôdas as questões introdutórias, sem nomear os tratados parciais só dos livros do Antigo, ou só dos do Novo Testamento, e outros ainda mais particularizados.

Para quem tiver mais tempo e, necessariamente, queda, o estudo das línguas bíblicas, sobretudo do hebreu e do grego “koiné”, é sumamente importante.

Nem se deixe à parte a história das religiões e o estudo comparativo dos textos bíblicos e extra-bíblicos, porque isto tudo lança muita luz sobre as páginas inspiradas, e põe em relevo a transcendência inigualável daquela religião antiga e da cristã, que o Senhor mesmo aceitou para nelas ser cultuado.

Quanta luz jorre de tais estudos, para a compreensão melhor e maior dos Livros Santos, sabem-no os doutos, sabem-no todos os que se dão a êste gênero de trabalhos intellectuais. Um exemplo demonstrará isto insofismavelmente. Os Evangelistas só disseram isto: “Et crucifixerunt eum”. Mas, oh! que surpresa: o Pe. Holzmeister investigou tôdas as inscrições do Imperio Romano, do qual a Palestina era então província, e chegou a explicitar solidissimamente tudo quanto se refere à Cruz e à Crucificação de Jesus, reconstruindo com a achega de várias fontes, os fatos como se passaram. Sobre tudo isto que passo a dizer com as suas palavras: “Evangelistae clare noverunt, quantum lectoribus suis traderent, cum de divino Salvatore unicum illud verbum scripserunt: “staúrosan autón crucifixerunt eum” (Lc 23,33; Jo 19,18; e similmente Mc 15,25 staurousin autó; Mt 27,35 staurósantes autón). Nobis vero cognitio clara et distincta deest, quae immensum pelagus dolorum et humiliationum, unica illa voce contentum exha-

riat. Ut tamen tam salutare cognitionem pleniorē reddamus, consulamus oportet scriptores antiquos, qui durissimum hoc supplicium commemorant, colligamusque quosdam saltem textus ipsorum, ut ad instar musivi operis imago atrox et horrenda supplicii crucis exurgat et appreat “ante” nostros quoque “oculos” Iesus Christus praescriptus (depictus), “in nobis crucifixus” (Gál 3,1).

Graças a estudos severos, como são os das matérias indicadas, e de outras que lhes são análogas, tôda a riqueza de cada texto poderá ser explorada, como o Pe. Holzmeister explicitou sôbre o da Cruz.

E através da Bíblia, mais conhecida, e mais amada, o sacerdote chegará a ter noção mais nítida de quanto Deus fêz pela sua salvação, de quanto lhe importa exercer em correspondência ao especial amor de Deus, que lhe deu a graça espantosa do sacerdócio, e a leitura com a meditação do Livro de Deus leva-lo-á a realizar plenamente o seu ministério sagrado, para o qual há de atrair as melhores bênçãos do Pai das Luzes, para a glória da Trindade e para a salvação das almas.

Esta palavra do Pe. Vaccari é uma orientação, ao mesmo tempo segura e oportuna, quando aconselha o enriquecimento dos estudos bíblicos com os recursos atuais do verdadeiro progresso científico, o que é bem outra cousa que a adoção de quanta novidade que por aí corre sem base alguma: “Existe uma sã modernidade nos estudos, nos escritos, em tôda a vida; modernidade da qual a grande mente de Pio XI falava de bom grado nas suas alocuções durante as semanas bíblicas, e que atuou as mais várias e admiráveis explicações na sua vida privada e no seu governo. No campo bíblico é aquela modernidade que a Pontifícia Comissão aprova e defende na

sua Carta, e nós, seguindo-a, nos esforçamos por ilustrar nas páginas precedentes. Esta modernidade não tem nada em si de modernismo, fornecendo ao contrário armas mais eficazes para combater o verdadeiro modernismo condenado pela Igreja. Quem quer que seja, que te entregas ao estudo das divinas Escrituras, avante pelo caminho desta modernidade, à luz dos ensinamentos dos Sumos Pontífices, em seguimento dos antigos Padres da Igreja ("Studio della Bibbia", Roma, La Civiltà Cattolica, 1943).

HEXAÉMERO EM SEUS ASPECTOS FUNDAMENTAIS

O trabalho que vamos desenvolver versa sobre um assunto tão difícil quanto importante, tão vasto quanto o seu significado. É nosso intuito focalizar os aspectos fundamentais da página inicial da Escritura, onde se descreve a criação do mundo. Todos os recursos do exegeta, do teólogo, do perito em arqueologia, em filologia, do sábio orientalista estão aquém da tarefa imensa, que é, sem dúvida, a explicação do capítulo primeiro do Gênesis.

Não temos a pretensão de apresentar um trabalho nem original nem decisivo, mas de uma coisa estamos convencidos, a saber, que de tempos para cá grande foi o progresso da exegese bíblica em relação ao Hexaémero ou seja à obra da criação. E todo esse progresso é devido a um estudo mais aprimorado e direto do texto sagrado, mediante a crítica textual e literária, através das antiguidades bíblicas já agora conhecidas mais profundamente. E aqui não me furto à imperiosa oportunidade de citar as normas exaradas tão sábia-

mente pelo atual Pontífice Pio XII na Encíclica “Divino afflante Spiritu”, normas que orientaram os intérpretes a quem devemos, nos últimos decênios, um patrimônio de conclusões sólidamente construídas. Este progresso, afirma Pio XII, “deve-se em grande parte ao trabalho indefesso dos comentadores católicos, que sem se deixarem descoroçoar das dificuldades e obstáculos de toda espécie, procuraram com todo o afincio aproveitar quanto as modernas investigações dos sábios nos vários campos da arqueologia, da história, da filologia, ministravam para resolver as novas questões. É que os exegetas católicos — continua ainda Pio XII — manejando retamente as mesmas armas da ciência de que os adversários não raro abusavam, encontraram interpretações conformes à doutrina católica e à genuína tradição, e que ao mesmo tempo parecem resolver perfeitamente as dificuldades, tanto as que os antigos nos deixaram sem solução, como as que de novo criaram as descobertas das modernas investigações. O intérprete deve transportar-se com o pensamento àqueles antigos tempos do Oriente e com o auxílio da história, da arqueologia, etnologia e outras ciências examinar e distinguir claramente que gêneros literários quiseram empregar e empregaram de fato os escritores daquelas épocas remotas. Este estudo — acrescenta Pio XII — feito com maior cuidado e diligência nos últimos decênios, mostrou mais claramente quais as formas de dizer empregadas naqueles antigos tempos quer nas composições poéticas, quer na legislação ou na história. A mesma investigação demonstrou já luminosamente que o povo de Israel, entre todas as antigas nações do Oriente, ocupa um lugar eminente e singular no escrever da história, quer pela antiguidade quer pela fiel narração dos fatos: prerrogativas estas que em verdade se podem deduzir do carisma da divina inspiração e do particular fim religioso da história bí-

blica. Contudo ninguém que tenha um conceito justo da inspiração bíblica, poderá estranhar que também nos autores sagrados, como nos outros antigos, se encontrem certos modos de expor e contar, certos idiotismos próprios especialmente das línguas semíticas, certas expressões aproximativas ou hiperbólicas e talvez paradoxais, que servem para gravar as coisas mais firmemente na memória. Nenhum dos modos de falar de que entre os antigos e especialmente entre os Orientais se servia a linguagem para exprimir o pensamento, pode dizer-se incompatível com os Livros Santos, uma vez que o gênero adotado não repugne à santidade e verdade de Deus. Portanto o exegeta católico para corresponder às hodiernas exigências dos estudos bíblicos, ao expor a Sagrada Escritura, e ao mostrá-la e demonstrá-la imune de qualquer erro, use com a devida prudência também dêste meio, examinando quanto possa ajudar à verdadeira e genuína interpretação a forma ou gênero literário empregado pelo hagiógrafo; e persuada-se que não pode descurar esta parte do seu ofício sem grande prejuízo da exegese católica. Assim para citar um só exemplo, quando alguns presumem acusar os Autores sagrados de erro histórico ou de inexatidão em referir certos fatos, examinando bem vê-se que se trata simplesmente de modos de falar ou narrar próprios dos antigos, correntemente usados para trocar idéias e que realmente se aceitavam como lícitos no trato ordinário. Portanto os nossos especialistas de estudos bíblicos atendam também com a devida diligência a este ponto, nem desprezem nenhuma descoberta da arqueologia ou da história antiga ou da ciência das antigas literaturas, que possa servir ao melhor conhecimento da mentalidade dos antigos escritores, do seu modo e arte de raciocinar, narrar e escrever. . . poderá o exegeta católico ajudar-se egrégia-mente do estudo inteligente dos escritos em que os Santos Padres

e Doutores da Igreja e os ilustres intérpretes das idades passadas comentaram os Livros santos. Pois que êles, bem que talvez menos favorecidos de instrução profana e de ciência linguística do que os intérpretes dos nossos dias, contudo pelo lugar que Deus lhes deu na Igreja, distinguem-se por uma suave intuição das coisas celestes e por uma admirável perspicácia com que penetram até às mais íntimas profundidades da divina palavra... Assim efetuar-se-á finalmente a feliz e fecunda combinação da doutrina e suave unção dos antigos com a mais vasta erudição e arte mais progredida dos modernos, a qual de certo produzirá novos frutos no campo nunca assaz cultivado das divinas Letras.”

Vamos pois, servindo-nos da sabedoria dos Padres e intérpretes da antiguidade e de todo o recurso e progresso das ciências eclesiásticas e profanas apresentar um estudo sucinto e fundamental para ver se encontramos “uma solução positiva e solida, em harmonia com a doutrina tradicional da Igreja especialmente com a da inerrância da Sagrada Escritura, e que satisfaça convenientemente às conclusões certas das ciências profanas”, guardando-nos “daquele zelo pouco prudente que crê dever atacar ou declarar suspeita qualquer novidade unicamente pelo fato de ser novidade”. “Esta verdadeira liberdade dos filhos de Deus, que se atém fielmente à doutrina da Igreja e acolhe e aproveita com gratidão, como dom de Deus, as conquistas da ciência profana, quando favorecida e confortada pela boa vontade de todos, é a condição e a fonte de todo o fruto verdadeiro e de todo o sólido progresso na ciência católica”. Assim rematamos esta parte introdutória com palavras tiradas da magistral encíclica “*Divino afflante Spiritu*”, de 30 de setembro de 1943.

Não foi digressão. Foi um assentamento de princípios e normas que julgamos o alicerce imprescindível para qualquer

construção sólida no campo da exegese, mormente do primeiro capítulo onde se trata, em resumo, da criação do mundo universo.

A -- Considerações fundamentais

1. Antes de mais nada é necessário declarar que no livro do Gênesis encontramos uma descrição verdadeiramente casta, sóbria, elevada, tôda ela perpassada pelo espírito vivificante da religião divina de Javé. Certamente — como diz König — não existe livro algum em tôda a antiguidade no qual as relações do homem para com Deus sejam descritas tão claramente, nem livro em cujas páginas esta idéia seja desenvolvida, de tal modo que tudo se reduza à sua fonte primeira e destarte tenha origem a história universal” cujas linhas fundamentais e inconfundíveis só no Gênesis podemos descobrir. E’ pois o Gênesis e, particularmente os onze primeiros capítulos, uma história típica e profundamente religiosa: história da humanidade, mas também história do pecado; história do pecado, mas também prehistória da misericórdia divina e da nossa redenção.

2. Depois do conceito eminentemente religioso que penetra até ao âmago as primeiras páginas da Bíblia, devemos salientar um conceito jurídico que também é básico na interpretação da História dos primórdios do genero humano. É o conceito de *tholedoth*, palavra hebraica que significa *geração*, conceito que não vamos desenvolver, apenas indicar em poucas palavras, para que ilustremos mais um aspecto que nos vai interessar, embora à guisa de tangente. Segundo as idéias jurídicas do Antigo Oriente, não se pode falar, em rigor de termo, de direito civil ou privado. O núcleo da sociedade é a família e portanto o sujeito do direito. Só se

pode falar de direito familiar ou da tribo, principalmente entre os nômades. A família, pois, é a fonte de todo direito e tradição. Como porém a família se conserva e se propaga através da geração, daí se conclui que o conceito de geração, e consequentemente de genealogia, se prende em íntima conexão com o de direito. Quando, pois, o Autor sagrado inicia o versículo 4.^o do capítulo segundo do Gênesis com as palavras: “Estas são as gerações do céu e da terra quando foram criados (Adão e Eva), no dia em que Deus Javé os criou”, com isso quis significar que todos os bens, todas as perfeições do mundo criado se transfundiram em Adão, emergindo o homem como coroa e apogeu do mundo criado, mas principalmente como herdeiro e senhor de um patrimônio universal isento de culpa. Por onde se vê que o primeiro capítulo se destina a engrandecer o caráter humano natural e sobrenatural dos nossos primeiros pais. E assim se confirma a tendência marcadamente antropológica e religiosa do primeiro capítulo.

3. Não sendo nosso intuito explanar detalhadamente os 33 versículos do Hexaémero, mas sim apresentar as idéias fundamentais para, no fim, nos pronunciarmos sobre como entender uma das páginas mais difíceis da Bíblia, vejamos logo de início como classificar a obra criativa dos seis dias.

Uma análise objetiva do texto impõe a seguinte divisão: uma obra de criação (v. 1), uma obra de formação e por fim a obra de complemento.

Na obra de formação, realizada nos seis dias bíblicos, que vai do v. 3 ao 31, ainda podemos e devemos reconhecer duas partes bem distintas, a primeira chamada de *distinção*, com a finalidade de formar os habitáculos, preparar o ambiente que deverá acolher os seres que se movem com um movimento visível, criados na segunda parte, chamada de *ornato*.

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

Assim no primeiro dia separa-se a luz das trevas, formando-se a *astrosfera* que é o ambiente onde se locomovem o sol (cujo nome não se declina), a lua (*idem*), e as estrêlas, quais governadores do dia e da noite, criados no quarto dia em correspondência com a primeira obra.

No segundo dia, com a separação das águas superiores das inferiores, forma-se a um tempo a *hidrosfera* e a *atmosfera* ou firmamento, ambientes êstes que vão acolher os peixes e as aves. criados no 5.º dia.

No terceiro dia realizam-se duas obras: separa-se o mar da terra sêca e criam-se as plantas que constituem parte integrante da *geosfera*. As plantas no conceito popular semítico, vêm a ser uma espécie de tapete estendido por sôbre a face da terra para melhor dispor o ambiente onde se vão locomover os animais (da terra firme) e o homem, criados no sexto dia.

Vemos assim, sem nenhum esforço, que a descrição do Hexaémero obedece a um plano facilmente recognoscível: duas grandes obras, uma de distinção ou formação dos habitáculos (meio ambiente) e outra, a de ornato (como a chamou Santo Tomás), mas que melhor se deve chamar *dos sêres em movimento*. A cada habitáculo que se vem preparando nos três primeiros dias, segundo as idéias da cosmogonia do tempo, estão em correspondência os habitantes (sêres que se locomovem) criados sucessivamente no 4.º, 5.º e 6.º dias.

Esta ordem de distinção segue em tudo as idéias da cosmogonia dos hebreus, dos semitas e dos orientais em geral. É uma classificação e distribuição que obedece às idéias correntes do meio popular semita.

Após o ato criativo, cujo reflexo está nos dois primeiros versículos: “No princípio criou Deus o céu e a terra. A terra,

porém, era informe e vazia: havia trevas sôbre a face do abismo, mas o espírito de Deus pairava por cima das águas”, notamos a falta de ordem, de vitalidade, de luz e ao mesmo tempo a presença de u’a massa aquosa de grande vastidão, obscura e confusa. Inicia-se então a descrição do trabalho de pôr ordem na grande massa caótica, informe, sem vida, sem luz. Com uma palavra fecunda: *Fiat lux*, aparece a Luz que, no conceito popular semítico, não é o produto de uma irradiação do sol ou dos astros que emitem luz, mas sim u’a massa subtil, que tem existência independente, sendo os astros, como o sol, p. ex., simples receptáculos e canais transmissores. Assim entendiam os orientais e assim descreveu Moisés, acomodando-se ao conceito popular. Como consequência da criação da luz, aparece um primeiro dia (não o primeiro dia, pois no original falta o artigo), dia bem distinto, pois se inicia com a tarde conforme o modo de computar o tempo entre os hebreus. A criação da luz no primeiro dia se explica por duas razões: a primeira, porque a luz, segundo os semitas, tem existência independente do sol e dos astros em geral, e a segunda porque, distribuindo a obra da criação em seis dias, segundo um plano preestabelecido e com escopo religioso, literário e artístico, Moisés teve, digamos assim, de recorrer por necessidade literária, logo de início, à criação daquele elemento que distingue o dia da noite, dando origem ao dia de 24 horas.

E assim em tôda a obra de distinção descrita nos três primeiros dias podemos ver como tudo obedece à cosmogonia semítica e bíblica, conforme se depreende das passagens paralelas dos Livros santos e da literatura dos povos orientais. As mesmas plantas que não duvidamos em classificar entre os seres vivos, Moisés não as coloca ao lado dos animais terrestres e das aves, mas em virtude da concepção semítica, por

falta de movimento local, são consideradas as plantas um como acidente da terra, uma espécie de tapete ou coberta que reveste a aridez do solo. E porque assim pensavam os seus coetâneos e compatriotas, por isso separa Moisés as plantas dos seres vivos e as coloca na obra de formação dos habitáculos. A mesma classificação das plantas, revela a índole popular do trecho em questão: plantas sem semente, plantas com semente e plantas cujo fruto encerra a semente; classificação esta tipicamente popular, segundo a aparência das coisas e não de acôrdo com os critérios científicos da Botânica.

4. Vem agora em consideração a obra de ornato que outra coisa não é senão uma inclusão de seres que se locomovem, de seres vivos, no seu respectivo meio ambiente, já preparado na obra de distinção. Enquanto na primeira parte — obra de distinção — o Autor sagrado descreve, segundo as idéias correntes do seu tempo e do seu povo, a imagem do mundo tal qual se apresenta aos olhos de um semita, de um oriental, de um hebreu, já na segunda parte, além das concepções semíticas, entra em jogo um novo elemento, de índole pessoal, a saber: fazer corresponder os habitantes aos habitáculos ou receptáculos; correspondência esta intencional, motivada por um princípio de ordem literária e artística.

No primeiro dia preparou-se o ambiente — a astrosfera — onde se vão locomover o luzeiro maior para o govêrno do dia, o luzeiro menor para reger a noite e as estrêlas, subalternas. O luzeiro maior e o menor são como que funcionários, ministros sob as ordens de Deus. Aqui vemos bem nítida a índole monoteística do primeiro capítulo. Êstes grandes astros que parecem reger de per si o dia e a noite, estão subordinados a Deus; por Êle foram criados. E para afastar qualquer idéia ou suspeita de politeismo evita até mesmo — ao que parece — dar-lhes o nome de *sol* e de *lua*,

pois que o sol e a lua eram adorados como divindades pelos gentios. Para quem sabe que os hebreus não subordinavam a existência da luz à do sol, porquanto lhes parecia ter ela uma existência à parte, conforme se pode observar pela manhã quando vemos a claridade que precede o aparecimento do sol — julgando porém a coisa popularmente e semiticamente — não é para estranhar se antes o autor tenha descrito a criação da luz, logo no primeiro dia. Nem é mais o caso de perguntar por que motivo aparecem as plantas antes do sol, pois, no conceito popular semita, as plantas não se locomovendo pertencem à terra como a cor à parede e por isso é que de sua criação se fala quando se tratou de preparar o grande habitáculo dos animais terrestres e do homem. Este caráter tipicamente popular da narração do Hexaémero se depreende outrossim na descrição dos animais terrestres cuja classificação é bem primitiva e, portanto, marcadamente popular: animais domésticos, animais que se movem sobre a terra, e animais não domésticos. Bem distante, pois, está Moisés de preocupações científicas: mamíferos e não mamíferos; vertebrados e invertebrados, etc.

No fim de cada obra o Autor sagrado quer insistir na idéia de perfeição do mundo criado: “e viu Deus que isso era bom”, bom no sentido ontológico, tal qual devia ser, com a finalidade de demonstrar na sua tendência religiosa e soteriológica que o mal foi introduzido no mundo, não pela mão do Criador, mas pela desobediência dos nossos progenitores, e que o homem, ao sair das mãos de Deus, como herdeiro de todos os bens da criação, era de fato a obra-prima, feito à imagem e semelhança de Deus pela dignidade de ser inteligente e volitivo.

B — *A solução*

Se por um lado devemos salientar o caráter popular da narração quanto à descrição simples da imagem do mundo, de conformidade com a cosmogonia hebraico-semitica, por outro lado, somos levados a reconhecer neste primeiro capítulo um como prefácio a todo o Pentateuco, composto com um critério literário não espontâneo ou popular, mas artístico, dentro dos moldes de um esquema minuciosamente premeditado, esquema êste que não se pode negar sem fechar os olhos à evidência da crítica literária. E ainda mais podemos dizer que tem ressaibos de poesia como transparece no versículo 27, cuja leitura no original hebraico manifesta evidente cadência poética.

Tal esquema já vimos em parte delineado na dupla obra de distinção e de ornato. Mas não é caminhar *extra viam* pôr ante os olhos o lado artístico e intencional do arranjo literário com que o Autor sagrado nos apresenta a criação do mundo. Sucedem-se as expressões: *E disse — faça-se — e assim se fêz — a descrição — a imposição de um nome — a bênção — a formula de louvor complacente* (e viu Deus que isso era bom) — *a formula final* (houve tarde e houve manhã) — com tal disposição e ordem e simetria que necessário se torna reconhecer que o Autor teve a intenção de propor-nos com suma arte literária um verdadeiro esquema de seis dias. Logo, não devemos nem podemos ver no Hexaémero uma história descrita na sua sequência natural, mas uma composição literária, artística com o intuito de ensinar aos homens verdades de uma importância capital no quadro da revelação primitiva.

Eis as verdades condensadas nos poucos versículos do Hexaémero que segundo a nossa interpretação não é uma com-

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS.

posição de caráter histórico-científico, mas, como já dissemos, uma composição literária, artística, com a finalidade de pôr a claro alguns pontos doutrinários que são o fundamento da religião de Javé: Estes pontos versam sobre Deus e sobre as relações do homem para com Deus:

1. Deus é uno: uma afirmação de sua unidade, ou melhor, unicidade, o que equivale a dizer: uma profissão de fé no *monoteísmo*.

2. Deus é o criador do universo, arrancando do nada o mundo visível e invisível.

3. Deus é sumamente sábio, pois as obras de sua mão correspondem perfeitamente ao arquétipo divino: são tais quais devem ser. O mal não provém de Deus, mas sim do homem pelo pecado.

4. O homem é o apogeu da criação, herdeiro de todos os bens e perfeições de um patrimônio universal.

5. A fonte de toda a grandeza do homem está na sua imagem e semelhança com Deus, imagem esta que se concretiza na alma dotada de inteligência e vontade.

6. O matrimonio é de instituição divina e se destina à propagação do gênero humano.

7. O homem por motivo religioso deve, após os seis dias de trabalho, santificar pelo repouso o sétimo dia.

É este em resumo o patrimônio de verdades que nos quis ensinar Moisés, na primeira página da Bíblia. Página eminentemente religiosa. Página literária e artística. Página ao mesmo tempo tipicamente popular e semítica.

a) *Esclarecimentos necessários*

Mas então que pensar das interpretações que muitos dos antigos e muitos dentre os modernos ainda continuam propondo como solução do Hexaémero?

1. *Que ensina a Igreja?*

Vejam os pensamentos oficiais da Igreja em várias respostas da Pontifícia Comissão Bíblica, de 30 de junho de 1909:

Resposta V: Não é preciso necessariamente e sempre tomar em sentido próprio, tôdas e cada uma das palavras e frases que se encontram nos três primeiros capítulos, de modo que às vezes é permitido afastar-se do sentido próprio, principalmente quando é evidente que ditas locuções são empregadas num sentido manifestamente impróprio, metafórico ou antropomórfico e quando a razão proíbe de nos ater ao sentido próprio ou a necessidade impele a abandoná-lo.”

Resposta VII: “No escrever o primeiro capítulo do Gênesis não foi intenção do autor sagrado ensinar-nos cientificamente qual a constituição íntima do mundo visível e a ordem completa da criação, mas principalmente apresentar ao seu povo um conhecimento popular, de acôrdo com o modo de falar corrente e acessível a todos. Portanto, na interpretação dos três primeiros capítulos do Gênesis (e *a fortiori* do 1.º capítulo que tem um lugar à parte, como bem o demonstra a sã crítica literária) não se deve investigar sempre e à risca o valor científico dos termos.”

Resposta VIII: “A palavra *Yom*, dia, pode ser tomada tanto no sentido próprio de dia natural (de 24 horas), como no sentido impróprio, por certo espaço de tempo, e nesta questão os exégetas têm campo aberto e livre para a discussão”. Por onde se vê que a Igreja com a resposta VIII abre duas

portas: uma delas que dá margem à interpretação periodística; mas não queremos entrar por ela porque não nos parece levar a uma solução segura. Entraremos pela outra porta, como se verá mais adiante. Estribamo-nos no princípio estabelecido pela Igreja na resposta VII: no primeiro capítulo o valor dos termos é para se interpretar de acôrdo com o conceito popular e não com o rigor da ciência hodierna. Portanto, já estamos em bom caminho: não vamos contra o pensamento oficial da Igreja e onde ela nos abre duas portas escolhemos uma delas, a que nos parece levar a uma “solução positiva e solida, em harmonia com a doutrina tradicional da Igreja especialmente com a da inerrância da Sagrada Escritura, e que satisfaça convenientemente às conclusões certas das ciências profanas”. E neste ponto admiremos a santa liberdade que a Igreja deixa aos seus filhos estudiosos nas questões disputadas.

2. *E que pensar da tradição exegética e patrística?*

Consultemos os dois máximos expoentes da Tradição e do pensamento católico:

Santo Agostinho propõe uma exposição de todo alegórica na explicação do Hexaémero que, embora não aceitemos, é contudo para nós de grande valor, porque significa que o grande Doutor hiponense não viu repugnância alguma com a doutrina católica na explicação *não literal* do primeiro capítulo.

Santo Tomás, pelo que parece, se inclina mais para a sentença de Santo Agostinho que êle, Tomás, considera “mais sutil e racional”.

Logo, Santo Agostinho como Tomás de Aquino, verdadeiros repositórios do pensamento tradicional e ortodoxo, não

encontram dificuldade em se afastar de uma explicação meramente literal do Hexaémero.

3. *E finalmente que pensar da Escritura, sempre coerente consigo mesma por ter como fonte única e primeira a inspiração divina?*

Se consultarmos os textos paralelos da Escritura onde se fala da criação do mundo veremos certamente que em nenhuma passagem se encontra o esquema já por nós analisado. E chegaremos à conclusão que dito esquema é uma produção literária elaborada por Moisés com tendência religiosa, ao mesmo tempo que revela uma acomodação perfeita à mentalidade do seu povo e um reflexo da cosmogonia da época.

a) No livro dos Provérbios cap. 8, vers. 23-31, descrevendo o Autor inspirado a formação do mundo, não segue em absoluto o esquema dos seis dias. A criação nos é descrita aí como se descreve a formação de um grande edifício e Deus se nos apresenta como um arquiteto sapientíssimo que tudo dispõe com peso, ordem e medida.

b) Em Jó cap. 38, 4-35: também se descreve a criação do mundo e aparecem aí quase todos os elementos que o compõem, mas não se segue a ordem do Hexaémero. Nem se preocupa o Autor em descrever os vários elementos ordenadamente. O que inculca o hagiógrafo é o seguinte: Tudo foi criado por Deus e com tal sabedoria qual não se encontra em nenhum homem.

c) No livro dos Salmos vamos encontrar uma descrição do mundo (Sl 104) que segue uma ordem também diversa do Hexaémero.

Em resumo: embora encontrando inúmeros pontos de contacto em relação à concepção do mundo nos vários textos

paralelos, em nenhum se encontra o esquema dos seis dias. Temos, pois, no Gênesis uma composição feita pelo Autor com índole própria, sem precedentes e adaptada perfeitamente ao escopo visado.

Mas como explicar então os seis dias de trabalho seguidos do sétimo em que Deus cessou de trabalhar?

A esta questão respondemos dizendo que, sem dúvida, Moisés teve ante os olhos a semana de trabalho de seis dias complementada pelo sétimo dedicado ao repouso. A lei do sábado, como dia de descanso, foi introduzida, ao que parece, por Moisés que, para melhor inculcar o preceito sabático, apresentou um modelo, o mais perfeito, fruto porém de ficção literária: imaginou Deus trabalhando (aqui entra em jôgo o antropomorfismo) para criar o mundo numa semana de seis dias de atividade, seguida pelo sétimo em que cessou de trabalhar, para assim tornar patente a necessidade de se cumprir o preceito do repouso sabático.

b) *Conclusão*

Negamos em Moisés qualquer preocupação científica — como se fôra um astrônomo, um geólogo, um naturalista — e por conseguinte achamos inútil, no estado atual da exegese já bem progredida, todo esforço mais do que hercúleo, em querer concordar — perdoem-me a expressão — quase a muque, os seis dias bíblicos com as várias idades ou períodos geológicos. O sistema do periodismo já vai sendo posto à margem para dar lugar a uma nova interpretação “mais positiva e sólida, em harmonia com a doutrina tradicional da Igreja especialmente com a da inerrância da Sagrada Escritura, e que satisfaça convenientemente as conclusões certas das ciências profanas”.

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

Limito-me aqui a apontar os motivos que nos levam a abandonar o sistema que deseja explicar os seis dias como sendo seis longos períodos de duração indeterminada durante os quais se teria realizado a formação do orbe terráqueo e de seus habitantes:

a) primeiramente, a palavra “dia” tomada num sentido mais lato encontra-se em tôda a Bíblia só umas 4 ou 5 vezes, e no nosso texto determina-se bem o espaço de 24 horas: houve tarde e houve manhã, dia primeiro, dia segundo, etc.

b) conforme a descrição do Hexaémero tomada de acordo com a interpretação periodística dever-se-ia aceitar o geocentrismo — o que repugna às conclusões certas da ciência.

c) Os dias bíblicos são bem distintos, ao passo que entre os períodos geológicos não se dá o mesmo, havendo entre eles uma evolução gradativa.

d) No 3.^o dia, narra o Hexaémero, foram criadas as plantas. Ora a ciência demonstra que muitas novas plantas só aparecem nas camadas do subsolo depois de milhares e milhares de animais. Mais uma dificuldade, pois, para a interpretação periodística.

e) À aparição dos astros, no quarto dia, após a criação da luz, a distinção do dia e da noite e a existência das plantas, opõe-se a ciência que coloca a formação dos astros na época em que a terra era ainda *tohu wabohu* ou seja u^a massa caótica.

f) E por fim, mais uma consideração: se reduzíssemos a duração do mundo até à época presente ao espaço de um

ano, dizem os geólogos que os mamíferos só apareceriam no dia 15 de novembro e o homem (pobrezinho!) só apareceria nas últimas quatro horas do dia 31 de dezembro. O que vem a demonstrar que é impossível enquadrar uma formação tão complexa em períodos mais ou menos iguais.

Conclusão final: 1. Obedecendo a um princípio religioso, Moisés enquadra a criação do mundo num esquema de seis dias com o sétimo de descanso, para inculcar o preceito sabático, e não para nos ensinar que o mundo tenha sido criado em 6 dias de 24 horas ou em 6 longos períodos.

2. A obra de distinção realizada nos 3 primeiros dias segue um princípio real: uma simples descrição da imagem do mundo de acôrdo com o conceito vulgar na época, e nos moldes da cosmogonia semítica, sem preocupação histórico-científica. E se o autor não teve essa preocupação, não a tenhamos nós ao interpretá-lo.

3. A inclusão dos habitantes, seres que se locomovem, seres vivos, nos respectivos habitáculos, preparados nos 3 primeiros dias, rege-se pelo princípio literário: fazer corresponder intencionalmente os habitantes aos habitáculos.

4. E finalmente, tudo converge no Hexaémero para a afirmação das verdades básicas do monoteísmo javístico: Deus uno — Deus criador — Deus sapientíssimo — o homem criado à imagem de Deus — o homem rei da criação — a instituição divina do matrimônio. A ordem, segundo a qual Deus criou de fato o mundo, esta não foi visada pela narração mosaica.

A PROFECIA SÔBRE O "ÉBED YAHUÉ" EM ISAÍAS, SUA IMPORTÂNCIA, ESTRUTURA E CONTEUDO

Há alguns anos, ao folhear a revista "Ricerche religiose" deparei com um artigo do conhecido rabino e escritor Israele Zolli sôbre "Giobbhe e il Servo d'Iddio" (1): Neste artigo o autor confronta as duas figuras e encontra entre elas muitas analogias, mas chega à conclusão de que, apesar da grande semelhança, as duas personagens são profundamente diferentes: "Jó, diz Zolli, pensa em Deus, o Servo o ama profunda e desesperadamente". Mas quanto não me admirei ao ver que o autor judeu acrescentou também uma comparação entre o Servo de Deus e Jesus Cristo, sintetizada nestas palavras que parecem ter saído de uma pena cristã:

"Na figura do Servo de Deus a dor é exaltada e glorificada, na pessoa de Jesus Cristo ela é deificada". Encontrando-me mais tarde com Israele Zolli êle me confirmou que lia os Evangelhos. Por isso, em 1945 não me veio completamente inesperada a fausta notícia (2) de que Israele Zolli, o grande rabino da comunidade israelita de Roma, se convertera ao cristianismo, tomando, em honra de Pio XII, o nome de Eugênio.

Se esta nova comoveu com razão os católicos, não menos interessou ao exegeta o fato de que foi precisamente a

(1) Ricerche religiose 8 (1932) 223-233.

(2) Circular-Boletim da Federação das Congregações Marianas de S. Paulo N. 146, out. 1946.

profecia do Servo de Deus e sua realização em Jesus Cristo que dera ao rabino um poderoso impulso para a sua conversão. Pois quando no dia 7 de março de 1945 o neo-convertido explicou públicamente o processo da sua conversão no salão nobre da Universidade Gregoriana em Roma, disse entre outras cousas: “No segundo livro, ou melhor, na segunda parte do livro de Isaías, topei com a estupenda imagem do Servo de Yahué, descrita pelo profeta, e inclinei a minha fronte. Ajoelhei-me aos seus pés, aos pés de um Crucifixo. Nesta profecia começa o ambiente universal do reino de Jesus, ali me entusiasmei com a figura colossal descrita pelo vidente”.

Se, portanto, a admirável profecia em que o Messias é designado como “Servo de Deus” ou, em termos hebraicos, como “Ébéd Yahué” é capaz de, bem compreendida, fazer impressão tão poderosa na alma de um rabino dos nossos dias, ela merece, sem dúvida, ser melhor conhecida pelos fiéis do que geralmente o é. Mas para que se possa perceber tôda a beleza e profundidade desta jóia do Antigo Testamento é necessário que os resultados dos muitos esforços da interpretação projetem sôbre ela a sua luz. Pio XI disse na sua encíclica “Mit brennender Sorge” que “sômente a cegueira e a obstinação podem cerrar os olhos ante os tesouros de salutarens ensinamentos escondidos no Antigo Testamento”. Isto vale, de modo especial, do livro de Isaías, que com razão é chamado o “evangelho do Antigo Testamento”. Ele predisse mais sôbre o Messias do que qualquer outro dos profetas. Os cc. 7-11 da primeira parte nos dão a série das profecias sôbre o Emanuel, nascido humildemente do tronco de Davi, o filho da virgem, o rei glorioso, vitorioso e pacífico, e os cc. 42-53 da segunda parte do mesmo livro, nos dão os quatro cânticos sôbre o Servo de Deus, a sua missão ao povo

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

de Israel e a todas as nações, sofredor e salvador da humanidade.

Para não nos faltar o fundo no qual os quatro cânticos estão engastados, esboçemos brevemente o conteúdo da segunda parte do livro de Isaías (cc. 40-55). Nesta parte o profeta dirige-se, como todos reconhecem, aos Judeus exilados na Babilônia, expostos ao perigo de serem fascinados e seduzidos pelo grandioso culto dos deuses babilônios, de perderem a fé no Deus de Israel, de esquecerem sua missão divina de povo de Deus, de desesperarem da sua volta para a pátria onde se deveria reconstituir a nação e o núcleo do reino de Deus. Por isso o profeta descreve a incomparável grandeza do Deus de Israel, Criador do mundo, Senhor dos reis e de todas as nações. Com palavras ardentes inculca que o povo de Israel é um servo de Deus” e que, por isso, deve deixar os seus caminhos pecaminosos, armar-se com paciência nas presentes tribulações, erguer-se à esperança de ver cumprida a promessa divina. Já, diz o vidente, chamou e preparou Deus o instrumento para libertar o povo do exílio e restaurá-lo no seu território nacional, Ciro o rei da Persia. Ainda há poucos anos foi Ciro o pequeno e desconhecido rei de Anshan, mas agora, graças à sua eleição por Yahué, ele é o poderoso senhor da Pérsia, da Média, da Lídia (546 a. C.), capaz de subjugar os babilônios, carcereiros de Israel. Êle é o instrumento escolhido por Deus para libertar os Israelitas desterrados e, por isso, êle é chamado como Israel servo de Yahué.

Ora, no meio destas páginas, em quatro capítulos diferentes, capítulos 42, 49, 50 e 52 s., topamos abruptamente com uma figura anônima, solitária, enigmática a quem o profeta chama também “Servo do Senhor” como a Israel e a Ciro, dos quais porém se distingue nitidamente e inconfun-

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

divelmente pelas suas qualidades, sua missão sublime, sua atividade e morte. Muito tem sido escrito a respeito dêste Servo de Deus. Sobretudo discutiram e ainda discutem os exegetas acatólicos a questão da identidade dêste Servo. Não quero examinar aqui a questão, quem seja o Servo, pois só digo que os autores católicos são unânimes em reconhecer no “Ébed Yahué” o Salvador ou Messias, como o costumamos chamar, seguindo o exemplo dos Salmos e do Novo Testamento. A maioria dos críticos independentes não admite a interpretação messiânica, uma vez que procedem da suposição preconcebida e gratuita de que verdadeiras profecias são impossíveis. Por isso procuram identificar o Servo de Deus com algum indivíduo contemporâneo dos exilados, ou com a coletividade do povo de Israel, descrito pelo profeta como pecador, impaciente, vacilante, ou com um Israel santo e ideal, mas inexistente e inventado “ad hoc”. Contra todas estas interpretações mantemos firmemente que o Ébed Yahué é Jesus Cristo previsto e predito pelo profeta. De fato, é de tal modo impossível, diz Lagrange (1), contestar a semelhança entre o quadro e a realidade que, para negar o caráter profético do velho escrito, seria necessário poder provar... que a realidade foi inventada conforme o antigo esbôço”. Esta semelhança é tão palmar que mesmo Eissfeldt, que nega a messianidade da profecia do Ébed, deve confessar: “Tanto a interpretação coletiva como a individual emudecem diante do fato de que seis séculos mais tarde um homem passou por esta terra, cuja vida e sofrimento, morte e ressurreição nos cânticos do Ebed encontraram a sua explicação admirável e mis-

(1) *Le Judaïsme avant Jésus-Christ* (1931) 375.

teriosa, os quais, por sua vez, desvendaram aos pósteros tôda a profundidade dêstes cânticos” (1).

Supondo, portanto, a interpretação messiânica, limito-me a descrever a figura do Servo assim como é apresentada pelo profeta. Quero evocar a imagem que a visão criou na mente do profeta e dos outros homens do Antigo Testamento, e estudar o efeito psicológico que produziu. Por isso considero os quatro cânticos em si e dentro do quadro das outras profecias messiânicas, prescindindo, porém, da luz que os Evangelhos nos podem fornecer para a sua melhor compreensão. É verdade que, ao lermos estas profecias, somos constantemente tentados de compará-las com a vida de Jesus, o que sem dúvida nos poderia esclarecer sôbre não poucos pontos da profecia. Mas, nem por isso, um estudo genético e psicológico no sentido explicado deve ser deixado de lado, porque antes de perguntar como a profecia se cumpriu, é necessario saber o que dizem as palavras tomadas no seu rigor da profecia. Evita-se, dêste modo, também que o esplendor que brilha nos Evangelhos, nos deslumbre e nos esconda a luz que emana das páginas do Antigo Testamento.

Para nos desembaraçarmos de antemão da dificuldade que podem causar as aparentes discrepâncias entre o vaticínio e a sua realização, convém notar também, que os profetas, quando iluminados pela luz divina, vêem, em espírito, futuros acontecimentos, não percebem todos os pormenores do mesmo modo concreto como o historiador. Não só falta aos profetas, muitas vezes, a perspectiva temporal, mas ainda têm a difícil tarefa de traduzir em linguagem humana os seus al-

(1) O. Eissfeldt, *Der Gottesknecht bei Deutero-Jesaja*, 1933, p. 25 s.

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

tos conhecimentos, por vezes puramente espirituais. Devemos, portanto, guardar-nos de considerar as profecias como historiografia; escrita com verbos no futuro.

Os quatro cânticos sôbre o Ébed Yahué são visões parciais, fragmentos da sua vida, apresentados de modo muito vivo e dramático. O profeta vê as várias cenas dêste drama e as vive com tanto realismo que apesar da brevidade dos quatro cânticos podemos observar na sua alma reflexos tão fortes como se presenciasse a realidade. Os quatro cânticos apesar da sua brevidade merecem o qualificativo de drama, porque não só entram em cena várias pessoas, falando ora Deus, ora o profeta, ora o Ébed, mas também a ação se desenvolve progressivamente chegando a uma complicação tensa e trágica que ao depois acha sua solução admirável e de todo inesperada.

O 1.º Cântico (Is 42, 1-4).

Como no primeiro cântico o profeta entra logo “in medias res”, é preciso determinarmos primeiro a situação que é suposta. O Ébed foi enviado por Deus a Israel. No momento em que começa o primeiro cântico êle já desenvolveu alguma atividade em Israel e também já se mostrou alguma oposição contra êle, ou ao menos indiferença para com a sua missão entre êles, como mostra a comparação com os cânticos seguintes. Não estão dispostos a aceitar a sua missão. Por isso faz-se ouvir a voz de Deus que confirma a missão do Ébed e ao mesmo tempo revela que a obra do Ébed é destinada também para as nações, entre as quais encontrará boa vontade, e, até como o leitor atento pode ouvir, melhor vontade que em Israel. Estamos, portanto, no momento solene em que se anuncia a universalidade da verdadeira religião, pois a

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

tarefa do Ébed é fazer vir às nações o mispat, i. é, “o direito”, o direito divino, a ordem divina, de caráter moral e religioso.

É Deus quem fala apontando com solenidade para o Servo:

*“Eis o meu servo a quem eu sustenho,
o meu eleito, no qual a minha alma se agrada!
Tenho posto sôbre êle o meu espírito,
êle levará o direito para as nações.
“Não clamará nem gritará,
nem levantará a sua voz nas ruas,
Não quebrará a cana rachada
nem apagará a torcida que ainda fumeja.
“Fielmente levará o direito,
nem desfalecerá nem se desalentará,
até que tenha estabelecido o direito na terra.
Já as ilhas esperam a sua lei.”*

Poderíamos estranhar que Deus neste cântico não diga nada sôbre a obra que o Ébed deve realizar em Israel. Mas esta reticência explica-se pelo fato de Deus falar a Israel que já conhece o Ébed e sua missão. O leitor percebe facilmente que a obra do Ébed em Israel é estabelecer o mesmo direito divino que deve fazer cair para as nações. Note-se desde já que o texto não diz que o Servo “prega” o direito!

O 2.º Cântico (Is 49, 1-4)

Este cântico refere-se ao mesmo momento que o primeiro. No primeiro Deus falou a Israel sôbre a missão do Ébed para as nações, agora o Ébed toma a palavra e dirige-se de longe a estas mesmas nações apresentando-lhes a sua pessoa, sua tarefa, os esforços que até agora em vão envidou:

*“Prestai-me, ilhas, atenção
e escutai, povos, de longe!*

*“Yahué desde o ventre me chamou,
desde as entranhas de minha mãe me chamou pelo nome.
E fêz minha boca semelhante a uma espada aguda,
na sombra da sua mão me escondeu.*

*E fêz de mim uma frecha polida,
na sua aljava me resguardou.*

*E disse-me: Tu és meu servo
pelo qual hei de glorificar-me!*

*Mas eu disse; Debalde tenho trabalhado,
inútil e vãmente gastado as minhas forças,
meu direito, porém, está com Yahué
e minha recompensa com meu Deus!”*

Observamos nos dois primeiros cânticos certo quiasmo: a Israel descreve-se expressamente a missão do Ébed aos pagãos, a missão a Israel, porém só implicitamente.

Aos pagãos, pelo contrário, descreve o seu trabalho em Israel; ao passo que apenas alude à sua atuação sôbre as nações. Veremos depois como em ambos os cânticos as reticências foram completadas.

O 3.º cântico (Is 50, 4-9).

No tempo que decorre entre o 2.º e 3.º cântico o Servo continua a trabalhar entre os Israelitas e ao mesmo tempo a sua posição se torna mais crítica. Os seus adversários que até agora sômente tinham mostrado indiferença ou negado a origem divina da sua missão, mostram agora aberta inimizade e passam a maltratá-lo e, vendo que Deus não o defende julgam que Deus com isso lhes dá razão. O Servo porfia

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

fielmente no seu trabalho; paciente, suporta os maus tratos, certo de que Deus a seu tempo o ajudará. Não opõe resistência aos ataques dos seus inimigos, apenas defende a justiça da sua causa e apela ao juízo de Deus pelo Servo, não fala aos pagãos, nem aos judeus, mas antes a um grupo de discípulos, se não o queremos considerar como um monólogo:

Obediência e fidelidade

*“O Senhor Yahué me deu uma língua hábil
para que eu sustentasse os cansados.
Cada manhã me desperta o ouvido,
para que eu ouça como um discípulo.
O Senhor Yahué abriu-me o ouvido
para que eu conhecesse a palavra”.*

Paciência e firmeza

*“Eu não resisti, não recuei para trás,
ofereci as minhas costas aos que me batiam,
as minhas faces aos que me arrancavam a barba,
não escondi meu rosto dos opróbrios e escarros.
O Senhor Yahué me ajuda, por isso não sucumbi,
por isso fiz meu rosto como pedra,
pois sei que não serei confundido”.*

Defesa da sua causa

*“Quem quer litigar comigo? Apresentemo-nos juntos!
Quem quer ser meu adversário? Chegue-se a mim!
Eis o Senhor Yahué tomará minha defesa.
Quem quer acusar-me?
Perto está quem me declarará inocente!
Eis que todos eles serão consumidos
como um pano que a traça come!”*

O 4.º cântico (Is 52, 13-53, 12)

Depois do 3.º cântico há uma profunda incisão. Apesar da confiança expressa pelo Ébed abrira-se uma perspectiva de mau agouro. O leitor fica numa angustiosa expectativa.

Qual será o desfecho da luta entre a fidelidade do Servo e a malícia dos seus adversários? Será que Deus vai agir em defesa do seu Servo? Não, pelo contrário. A tragédia precipita-se para o seu fim. O servo é horivelmente desfigurado, condenado por um tribunal, executado e sepultado como um criminoso, visivelmente marcado pela mão vingadora de Deus. O Ébed morreu. Seus inimigos triunfam, provaram que a missão do Servo não era de Deus, pois Deus o abandonou. Os amigos e discípulos do Ébed estão perturbados, terrivelmente desnorteados. Tinham esperado que êle fosse o enviado de Deus, mas eis que morreu, Deus o abandonou, não é possível negá-lo: “Nós o considerávamos como um castigado, como ferido por Deus e humilhado” (53, 5). Mudo e consternado o profeta se vê diante de um cruciante enigma. Como podia Deus deixar perecer assim o seu Servo amado, deixar frustrar o seu plano salvador? Aqui devia existir uma grave culpa, um gravíssimo crime; semelhantes sofrimentos, semelhante morte só podia caber a um criminoso, e contudo — criminoso não foi o inocente Servo! Qual podia ser a intenção divina, qual a significação destas dores desumanas que o Servo teve de sofrer? Via-se o profeta diante de um problema impenetrável, como o Salmista que disse: “Meditei para entender êste enigma, mas pareceu-me tarefa laboriosa, até que um dia penetrei nos planos santos de Deus” (Sl 72, 16s).

Sim, de repente cai o véu diante dos seus olhos, a luz divina ilumina a sua mente e êle vê claramente a solução inau-

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

dita do mistério: o Servo morreu, sim, por causa de hediondos pecados, não porém pelos seus pecados, mas por pecados alheios. Morrendo o Ébed não sucumbiu, sua obra não fracassou; pelo contrário: precisamente pelos sofrimentos e pela morte a realizou. Deus quis a sua morte e o Ébed livremente a aceitou, sacrificou sua vida em expiação, sua morte produziu efeitos incomparáveis.

Até agora o profeta calou, não pôde falar do fim terrível do Ébed. Mas agora que compreendeu o paradoxo divino, pode descrever a paixão e morte do Ébed, porque as pode apresentar à luz dos seus admiráveis frutos. Mas ainda assim se sente vibrar nas suas palavras, nos fortes contrastes do quarto cântico a agitação da sua alma que o abalou até o âmago do seu ser, a admiração imensa que deve empolgar todos os que ouvirem quanto o braço de Deus obrou. E só pouco a pouco vai completando o quadro do esmagamento do Servo.

Para maior clareza dividimos o quarto cântico em cinco partes. Na primeira que é como um prelúdio que tudo resume, o vidente nos fala em nome de Deus começando em tom triunfante, e contrastando a extrema humilhação do Servo com sua exaltação:

52, 13-15: *“Eis que meu Servo terá bom sucesso, será exaltado e elevado e muito sublime!*

*Como muitos pasmaram-se dêle,
porque o seu aspecto era desfigurado, já não humano
e suas feições já não eram as de um homem,
assim se assombrarão muitas nações com êle,
reis fecharão a boca diante dêle,
porque verão coisa que nunca lhes foi narrada,
e entenderão o que nunca viram!”*

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

Depois dêste prelúdio fala um grupo de homens ou o profeta em nome dos discípulos ora já iniciados no mistério da obra paradoxal de Deus. Primeiro a descrição da paixão:

A paixão

53, 1-3: *“Quem há de crer o que ouvimos?*

E o braço de Yahué a quem foi revelado?

Cresceu diante d'Ele como um rebento

e como uma raiz que brota duma terra árida.

*Não tinha beleza nem formosura que atraísse o nosso olhar,
nem aparência que lhe granjeasse a nossa estima.*

Era desprezado e rejeitado dos homens,

um varão de dores, provado com sofrimentos.

*Era como um diante de quem se cobre o rosto,
era desprezado e não o estimávamos”.*

A solução do enigma — A causa dos sofrimentos

53, 4-6: *“Mas foram as nossas enfermidades que sofreu,
as nossas dores que suportou.*

Nós o considerávamos como um castigado,

como ferido por Deus e humilhado.

*Mas êle fôra traspassado por causa das nossas iniquidades,
esmagado por causa dos nossos crimes.*

*O castigo que pesava sôbre êle foi para a nossa paz,
pelas suas feridas fomos nós sarados.*

Nós é que andamos desgarrados,

cada um de nós se voltou para o seu caminho,

*Yahué, porém, fêz cair sôbre êle as iniquidades de todos
[nós”.*

A paciência e morte do Servo

53, 7-10a: *“Êle foi maltratado, mas sofreu-o paciente
[sem abrir a bôca*

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

*como um cordeiro que é levado ao matadouro
e como ovelha que fica muda sob as mãos dos que a*
[*tosquiavam.*

*Por uma sentença tirânica foi arrebatado
e quem se importou com sua sorte?
Foi cortado da terra dos vivos,
pelos crimes do seu povo foi ferido à morte
e foi-lhe dada sepultura com os ímpios,
e com os malfeitores o seu sepulcro,
embora não tivesse cometido iniquidade,
nem tido dolo na sua bôca.
Foi a vontade de Yahué que fosse esmagado por sofri-*
[*mentos*”.

Vem a parte final, que, dita por Deus, remata as outras levantando ainda mais o véu que cobria a sorte do Ébed, aprofunda a solução já dada, porquanto revela que a sua morte foi um sacrifício expiatório. O Servo ressuscitará. Isso é dito bem claramente, bem que o termo “ressuscitar” não seja empregado. Ressuscitará como vencedor que receberá os despojos da sua vitória, os homens que êle salvou; dará a vida e a justiça aos muitos e assim realizará o plano salvador de Deus.

Fala Deus:

53, 106-12: “*Em verdade (1) deu sua vida em sacrifi-*
[*cio de expiação.*
Verá longa posteridade e meu plano por êle se realizará.
Por causa do trabalho da sua alma verá luz,

(1) No texto hebraico, em vez de: **im Aasim** = se deves, se deve ler **emet sam** = em verdade deu.

*será saciado com minha ciência.
Meu servo dará justiça aos muitos
porque tomou sobre si as iniquidades deles.
Por isso eu lhe darei em propriedade os muitos
e os numerosos como despôjo,
porque entregou à morte a sua vida
e deixou-se contar entre os transgressores
e carregou o pecado de muitos
e rogou pelos transgressores!”*

O alcance, a novidade e profundidade desta profecia sobre o Ébed Yahué só se pode avaliar ao justo, quando colocada dentro do conjunto das profecias messiânicas. Deste modo se descobre qual conexão existe entre elas; outrossim se percebe que esta profecia contribui para a imagem do Messias com novos e importantes pensamentos. Pois a revelação da pessoa, dos atributos, das qualidades, da Missão do Messias se fêz aos poucos no decorrer dos séculos. Traço se juntou a traço, às vezes a longos intervalos. A imagem do Messias tornou-se cada vez mais completa, a sua figura destacou-se cada vez mais nítida. Ora anuncia-se um aspecto, ora outro desta rica personalidade, mas geralmente sem que um vaticínio se refira ao outro. Pois revelados em tempos e ambientes diferentes, sob várias figuras, os vaticínios surgiram de certo modo independentemente uns dos outros. Graças porém à sua mútua coerência interna e objetiva integram pouco a pouco a imagem do Messias.

A série dos vaticínios messiânicos começa no início da humanidade, no Protoevangelho (Gen 3, 15): “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela: esta (descendência) te esmagará a cabeça e tu a ferirás no calcanhar”. Estas palavras já predizem e inauguram a luta da humanidade contra o pecado, contra o sedutor que culmi-

nará na vitória sangrenta da descendência de Eva, expressão que designa o Messias ou diretamente ou antes inclusivamente. Não quero decidir a questão se a ferida infligida à descendência de Eva significa os homens que sucumbirão à sedução ou à paixão do Messias. Esta última interpretação é arriscada, mas forneceria um prelúdio notável para a profecia do Servo sofredor de Deus.

A promessa feita a Abraão enuncia já com toda a clareza a universalidade da bênção que sairá de Abraão e da sua descendência.

No vaticínio de Jacó (Gên 49, 10) entra no conceito do Messias a idéia de que ele é príncipe: “Não se afastará o cetro de Judá... até que venha aquele a quem é devido e a quem os povos prestarão obediência”.

O *caráter régio* do Messias não aparece no vaticínio de Moisés, do grande profeta e mediador da aliança que diz: “Yahué, teu Deus, te suscitará da tua nação, dentre os teus irmãos, um profeta semelhante a mim a quem haveis de ouvir” (Dt 18, 15). Mas a idéia do Messias-Rei é essencial a quase todos os vaticínios que seguem depois: promessa feita a Davi, aos vaticínios dos Salmos (2, 44; 71; 109) e sobretudo às profecias de Isaías sobre o Emanuel. Por isso se deve estranhar que os cânticos sobre o Ébed Yahué não o chamem rei, pelo contrário dão-lhe atributos que à primeira vista parecem negar-lhe a dignidade real, a saber o desprezo, os sofrimentos, a morte ignominiosa, o próprio título de “Servo”. O Servo é antes apresentado como profeta, como pregador, que leva o direito divino às nações. Não quero de modo algum negar este caráter profético do Ébed, mas talvez não se tenha insistido bastante no fato de que o Ébed, apesar das aparências, é uma figura régia. Vários autores apontaram este fato que

tende a ser cada vez mais reconhecido. A missão do Ébed não é só anunciar o direito divino, mas sim estabelecê-lo em Israel e fazê-lo sair às nações e firmá-lo em toda a terra. Ora fazer valer o direito divino é o ofício do rei, príncipe, chefe, pastor do povo (cf. Sl 100), é o ofício também do Rei Emanuel (Is 9, 6; 11, 4). Mas um dos reis é chamado Ébed na S. Escritura, quer como cultor, quer como instrumento escolhido de Deus (Davi, Ciro). E' verdade que o Ébed Yahué não se apresenta com as insígnias de um rei, e contudo os exilados da Babilônia podiam reconhecer na sua humilde figura uma pessoa de sangue real, pois no seu tempo a dinastia davídica era destronada e humilhada, retendo todavia o seu direito. O melhor modo talvez de caracterizar a realza do Ébed é dizer que é um rei sem trono, sem armas e sem poder político, mas um homem que tem o poder e a missão espirituais de um rei que serve a Deus e aos homens.

E' preciso tocar ainda uma questão que não deixa de ter certa importância para a concepção do Ébed: Qual é a verdadeira extensão dos quatro Cânticos? Compreendem êles somente as partes citadas atrás ou ainda outras? Para formular a questão mais concretamente: onde acaba cada um dos Cânticos? O começo de cada um dêles se destaca nitidamente do contexto. Também é claro onde acaba o último. Mais difícil é porém determinar o ponto exato onde está o fim dos dois ou três primeiros Cânticos, pois cada um dêles é seguido de alguns versículos sobre os quais os autores discutem.

Apresenta-se o seguinte quadro:

- a) 42, 1-4 (*Deus*) -|- 42, 5-7 (*Deus*)
- b) 49, 1-4 (*Servo*) -|- 49, 5-6. 8-9a (*Servo*)
- c) 50, 4-9 (*Servo*) -|- 50, 10 (*Profeta*)
- d) 52, 13-53, 12 (*Profeta*).

A questão, se as partes em grifo pertencem ou não aos Cânticos, surge sobretudo do fato que nas partes primitivas o Servo tem uma missão puramente espiritual, ao passo que a pessoa descrita nos trechos duvidosos, embora mostre traços inequívocos de ser o Servo de Yahué, preside à libertação dos exilados da Babilônia e à sua volta à Palestina que se realizaram muitos séculos antes da vinda do Messias.

O profeta viu a próxima saída do exílio e a atividade distante do Messias lado a lado, sem a perspectiva temporal, viu os dois fatos, mas não viu o longo período que os separava. E' um fenômeno próprio das visões proféticas que Deus permitia para não privar os vaticínios messiânicos da sua eficiência psicológica na alma dos contemporâneos, revelando que o Messias viria somente depois de longo tempo. O mesmo se dá p.e. nos vaticínios sobre o Emanuel cuja aparição Isaías liga intimamente com o fim do domínio assírio na Palestina. E' verdade que não existe simultaneidade temporal entre os dois fatos, mas sim uma verdadeira relação causal, pois a volta dos Judeus do exílio babilônico e o estabelecimento da nova comunidade religiosa na Palestina em torno de Sião se realizou por causa do Messias. Esta nova comunidade era o núcleo do povo eleito, a portadora das esperanças messiânicas; do seu seio devia sair o Messias e por isso o Messias também era o seu garante. A libertação do jugo babilônico não era outra coisa mais que o início e o símbolo da grande libertação messiânica, cujos bens tocariam em primeiro lugar aos filhos do povo eleito. A luz desta consideração é que devemos ler as partes suplementares e assim a dificuldade contra o caráter messiânico delas se desfaz.

No complemento ao primeiro cântico fala Deus:

42,5-7: Assim falou Yahué que criou os céus...:

Eu, Yahué, te chamei em justiça,

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

*segurei-te pela mão e guardei-te
e fiz de ti a aliança do povo, a luz das nações,
para abrir olhos cegos,
para fazer sair prisioneiros do cárcere
e da prisão os que estão assentados nas trevas”.*

A mesma idéia é realçada depois do segundo cântico com as palavras de Deus ao Servo:

49, 8-9a: *“No tempo do beneplácito eu te ouvi,
no dia da salvação eu te ajudei,
guardei-te e fiz de ti a aliança do povo,
para reerguer o país,
para redistribuir em herança a terra desolada
para clamar aos prisioneiros: Sai!
e aos que estão nas trevas: Vinde fora!”*

Mas a missão do Ébed não se limita ao seu povo; é destinada a uma obra muito mais vasta: deve ser a luz das nações. O que já foi indicado em 42, 6 é declarado com mais ênfase nas palavras do próprio Servo:

49, 5-6: *“Agora diz Yahué
que desde o ventre me formou para ser seu servo,
para reconduzir a êle Jacó e reunir-lhe Israel,
pois sou honrado aos olhos de Yahué
e meu Deus é a minha força. E disse:
Não basta que sejas o meu servo
para suscitar as tribos de Jacó
e para restaurar os preservados de Israel,
mas faço de ti a luz das nações
para que a minha salvação se estenda
até os confins da terra!”*

Êstes últimos versículos exprimem a vasta missão espiritual do Ébed que já foi preconizada no primeiro cântico: es-

tabelecer o direito divino, a verdade salvífica no povo de Deus de onde se vai irradiar em todas as nações. Dêste modo os cânticos complementares, apesar da diversidade das metáforas que empregam, e do aspecto inteiramente novo que dão ao Êbed, completam homogêneamente a imagem que os Cânticos primitivos dão do Servo.

O terceiro Cântico, enfim, é seguido duma exortação do profeta ao povo:

50,10: *“Quem dentre vós teme o Senhor,
escute a voz do seu Servo!
Quem caminha na escuridão
onde nenhum raio de luz brilha,
confie no nome de Yahué
e se apoie no seu Deus!”*

Põe-se agora a questão como e por quê estas partes complementares foram juntadas aos Cânticos primitivos. Os Cânticos primitivos estavam, a meu ver, originariamente unidos entre si, constituindo um cântico só. Quando o profeta compôs, em seguida, a segunda parte do livro dirigida aos exilados da Babilônia, dividiu o Cântico em quatro e os inseriu no livro em vários lugares. Para ligá-los mais intimamente com o texto do livro que tem por objeto a volta do exílio, acrescentou a cada um dos três primeiros cânticos uma continuação. Daí se explica a grande afinidade do estilo e conteúdo destes complementos com os da 2.^a parte do livro. Ambos tratam da libertação do povo exilado e a sua reconstituição no território nacional. Dêste modo os Cânticos ganhavam maior atualidade para os exilados aos quais o profeta se dirigia. Parece ter inserido os Cânticos primitivos concatenando-os com o texto do livro por meio dos acréscimos para aumentar nos exilados a confiança em Deus.

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

O profeta intercalou os Cânticos no meio de seu livro outrossim com o escopo de propor ao povo o sublime exemplo do Ébed o qual é não sòmente a figura absoluta e incomparável do Salvador que inspirava ao povo coragem e a consciência da sua missão divina, mas também um modelo de elevadas virtudes. Por isso o profeta fêz seguir ao 3.^o Cântico a breve exortação há pouco citada (50, 10). Pela inserção dos Cânticos pôs em vivo contraste dum lado Israel, “servo de Deus” pecador, pusilânime e sem confiança, cego e impaciente no sofrer, cheio de espírito de vingança contra os seus inimigos, e do outro lado o “Servo de Deus” santo e inocente, animado de confiança inquebrantável, de firmeza e fidelidade no meio dos mais terríveis sofrimentos, armado de uma mansidão digna do amor e da complacência divinas, de uma inaudita paciência e prontidão de sofrer. Êste é o modelo que Israel deve imitar.

O quadro sublime do Ébed Yahué não pode ter deixado de influenciar os Israelitas. Um ponto, sobretudo, era feito para exercer uma profunda influência no pensar e viver dos Israelitas, a nova concepção do sofrimento, a transfiguração e sublimação da dor, concretizada e sagrada no Messias sofredor. Já na sua apresentação aparece quanto era nova e inaudita a idéia da força salutar do sofrimento. Eleva-se esta concepção muito acima do livro de Jó. Pois no livro de Jó a resposta ao porquê do sofrimento imerecido foi a resignação nos desígnios incompreensíveis do Deus imenso, e a consciência de que um sofrimento infligido por Deus não implica o seu desagrado. Eleva-se também acima da solução que o problema do sofrer encontra nos Sl 48 e 72: i. é, no conhecimento que os sofrimentos desta vida serão compensados pela vida feliz com Deus na outra vida. O último cântico do Ébed, porém, revela a força misteriosa, o valor real

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

do sofrer. Aqui o sofredor não é objeto da complacência divina *apesar* do seu sofrimento, como Jó, mas é amado por Deus *por causa* do seu sofrimento, livre e pacientemente aceito. Aqui se revela que no sofrimento se esconde uma jóia de inestimável valor, que a dor é uma pedra para a construção do reino de Deus, que é a ponte em que o homem transpõe o abismo que o separa de Deus, contanto que a padeça em união com o Ébed, o Servo de Deus.

Eis porque os cânticos do Ébed Yahué são uma das páginas mais sublimes do Antigo Testamento, uma página antecipada do Evangelho.

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO AS EPÍSTOLAS DE SÃO PAULO ANTERIORES AO PRIMEIRO CATIVEIRO

SÃO PAULO E SUAS EPÍSTOLAS	9
AS DUAS EPÍSTOLAS AOS TESSALONICENSES	18
A. A Primeira Epístola aos Tessalonicenses	18
1. Circunstâncias em que foi escrita a 1 Tes	18
2. Conteúdo e divisão da 1 Tes	25
3. A secção dogmática 4,13-5,11	26
B. A Segunda Epístola aos Tessalonicenses	30
1. Ocasão e tema da 2 Ts	30
2. O ensinamento escatológico da 2 Ts	32
OS JUDAIZANTES. PRELIMINARES HISTÓRICOS CONE- XOS COM GÁL, 1-2 COR, ROM.	35
A EPÍSTOLA AOS GÁLATAS	43
1. Tema e divisão de Gál	43
2. Destinatários, época e lugar de redação de Gál.	47
3. Importância de Gál.	52
AS DUAS EPÍSTOLAS AOS CORÍNTIOS	56
A. A Primeira Epístola aos Coríntios	56
1. Ocasão e tema da 1 Cor	56
2. Divisão da 1 Cor	63

3. Autenticidade e particulares da 1 Cor	69
B. A Segunda Epístola aos Coríntios	74
1. Circunstâncias em que se originou a 2 Cor	74
2. Tema e divisão da 2 Cor	80
3. O valor atual da 2 Cor	85
A EPÍSTOLA AOS ROMANOS	89
1. A comunidade cristã de Roma	90
2. Circunstâncias em que se originou Rom	94
3. Tema e divisão de Rom	98
4. Autenticidade e integridade de Rom	106
5. Importância de Rom	108

INTRODUÇÃO AS EPÍSTOLAS DO CATIVEIRO

Ocasão histórica da composição destas Epístolas	115
A Epístola aos Filipenses	124
A Epístola aos Colossenses	132
A Epístola aos Efésios	143
A Epístola a Filêmon	155

INTRODUÇÃO AS EPÍSTOLAS PASTORAIS DE SÃO PAULO

Autenticidade das Pastorais	166
1. Testemunhos externos	170
2. Testemunhos do exame interno	173
Destinatários das Epístolas Pastorais	183

Ocasão e fim da composição das Pastorais	186
Data e lugar da composição das Pastorais	189
Síntese doutrinária das Pastorais	193
1. O sagrado depósito da Fé	193
2. Qualidades dos ministros sagrados	196

INTRODUÇÃO À EPÍSTOLA AOS HEBREUS

1. O autor	203
2. O fim: Um "Sursum Corda" para os hebreus	204
3. A forma literária	207
O exórdio: 1,1-3	207
Desenvolvimento do tema: 1,4-12,29	209
Conclusão final: 13,1-25	212
4. A Doutrina	213
O escândalo e o mistério	213
O Antigo e o Novo Testamento	216
A evolução do conceito de Testamento	217
Jesús Cristo mediador do Novo Testamento	219
O testamento transitório é uma sombra e figura do testamento eterno	240

INTRODUÇÃO AS EPÍSTOLAS CATÓLICAS

EPÍSTOLA DE SÃO TIAGO	249
Característica doutrinal	250

Características literárias	253
Destinatários	255
Autor	257
Data	261
Ocasão e fim	261
Relações entre Tiago e Paulo	262
Doutrina teológica	264
EPÍSTOLAS DE SÃO PEDRO	267
Pessoa de São Pedro	267
Vocação	269
Primeira Epístola de São Pedro	272
Segunda Epístola de São Pedro	276
EPÍSTOLAS DE SÃO JOÃO	282
Primeira Epístola de São João	282
Segunda e Terceira Epístolas de São João	288
EPÍSTOLA DE SÃO JUDAS	292

INTRODUÇÃO AO APOCALIPSE

1. Nome	303
2. Autor e tempo	304
3. Gêneros literários	306
4. Particularidade do Apocalipse	310
5. Como interpretar o Apocalipse?	313
6. Análise explicativa	215
7. Breve síntese do conteúdo do Apocalipse	327
8. Problemas particulares	330

DOCUMENTOS DA PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA

I — Sôbre as citações implícitas contidas nas Sagradas Escrituras (13-II-1905)	339
II — Sôbre as narrações que seriam só aparentemente históricas, existentes nos Livros Históricos (23-VI-1905)	340
III — Sôbre a Autenticidade Mosaica do Pentateuco (27-VI-1906)	340
IV — A Respeito do Quarto Evangelho: autor e verdade histórica (29-V-1907)	342
V — Sôbre o Livro de Isaías (28-VI-1908)	343
VI — Sôbre o caráter histórico dos três primeiros capítulos do Gênesis (30-VI-1909)	345
VII — Sôbre os Salmos: autores e época de composição (1-V-1910)	347
VIII — A Respeito do Evangelho de São Mateus: autor, época da composição e verdade histórica (19-VI-1911)	350
IX — Sôbre os Evangelhos segundo São Marcos e segundo São Lucas: autor, data da composição e verdade histórica (26-VI-1912)	352
X — A Respeito da Questão Sinótica, ou a Respeito das Relações Mútuas entre os três primeiros Evangelhos (26-VI-1912)	355
XI — A Respeito dos Atos dos Apóstolos: autor, época da composição e verdade histórica (12-VI-1913)	356
XII — A Respeito das Epístolas Pastorais do Apóstolo Paulo: autor, integridade e época da composição (12-VI-1913)	358
XIII — A Respeito da Epístola aos Hebreus: autor, modo e circunstâncias de composição (24-VI-1914)	359
XIV — A Respeito da Parusia, ou sôbre o Segundo Advento de Nosso Senhor Jesus. Cristo nas Epístolas de São Paulo (18-VI-1915)	361
XV — A Respeito de uma falsa interpretação de dois textos bíblicos (1-VII-1933)	362

XVI —	Sôbre o uso das versões da Sagrada Escritura nas Igrejas (30-IV-1934)	363
XVII —	Sôbre as versões da Sagrada Escritura nas línguas vernáculas (22-VIII-1943)	363
XVIII —	Sôbre o uso do novo Saltério fora das horas canônicas (22-X-1947)	365
XIX —	Instrução a respeito do Ensino da Sagrada Escritura nos Seminários de Clérigos e nos Colégios dos Religiosos (13-V-1950)	365
	CARTA DO SECRETARIO DA COMISSÃO BÍBLICA ao Eminentíssimo Cardeal Suhard, Arcebispo de Paris, a respeito da época das fontes do Pentateuco e do gênero literário dos onze primeiros capítulos do Gênesis (16-I-1948)	384

ESTUDOS BÍBLICOS ADICIONAIS

I —	É a Bíblia a única fonte de Revelação?	391
II —	A leitura e a meditação da Bíblia	409
III —	O apostolado bíblico	432
IV —	A Ação Bíblica protestante no Brasil	450
V —	A ciência a serviço da Exegese	466
VI —	O Hexaémero em seus aspectos fundamentais	481
VII —	A profecia sôbre o "Ébed Yahué" em Isaías	499

P. IRAN CORRÊA, S. D. B.

do Instituto Paulista de História e Arte Religiosa, da
Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras,
do Instituto Teológico Pio XI.

BIOGRAFIAS DOS PAPAS

(Guardiães Vigilantes dos Textos Sagrados através
dos Séculos)

VOLUME XVII

**Contendo os retratos e as biografias de todos os Romanos
Pontífices, desde a fundação da Igreja até aos dias atuais.**

EDITORA DAS AMÉRICAS

Rua General Osório, 90 — Tel. 34-6701

Caixa Postal, 4468

São Paulo

Visto pela Congregação Salesiana
São Paulo, 6 de Janeiro de 1952
P. Antônio Charbel S.D.B.

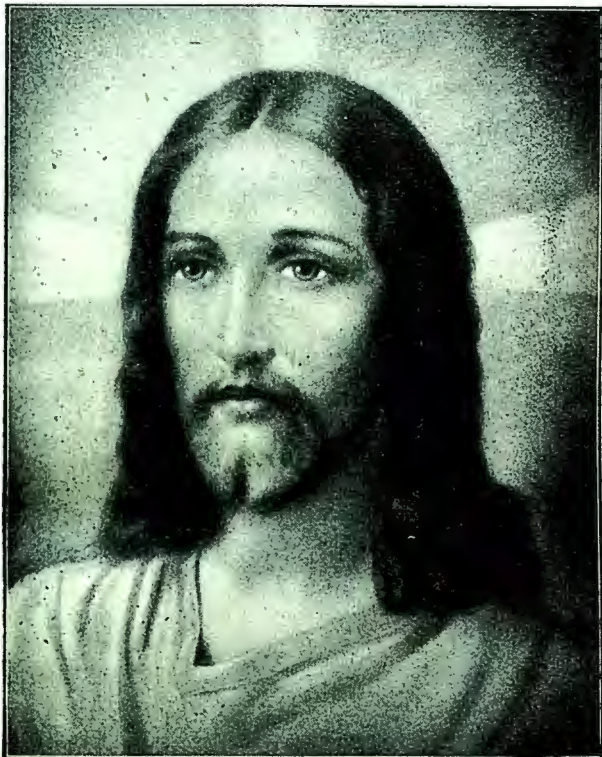
NIHIL OBSTAT

São Paulo, 11 de Fevereiro de 1952
P. Bonifatius Virg. Perd. C.P.
Censor

IMPRIMATUR

São Paulo, 11 de Fevereiro de 1952
† Paulo, Bispo Auxiliar

A
DOM BOSCO
QUE NOS LEGOU
COM SEUS EXEMPLOS E PALAVRAS
ARDOROSA DEDICAÇÃO
AO ROMANO PONTÍFICE, --
FILIALMENTE
DEDICA
O AUTOR.



NOSSO SENHOR JESUS CRISTO

"Ide, pois, e ensinai a tôdas as gentes: batizando-as em nome do Padre, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-as a observar tôdas as coisas que vos tenho mandado, e estai certos que eu estou convosco, todos os dias, até à consumação dos séculos".

(Mt 28, 19-20)

INTRODUÇÃO

A vida da Igreja Católica, Apostólica, Romana, é inegavelmente um esplêndido livro complementar do Novo Testamento.

A grandeza divina de seus ensinamentos, as árduas pelepas gloriosamente sustentadas e galhardamente vencidas; o sangue dos mártires em que se tingiu de púrpura na defesa, infalível, da Verdade; a mensagem divina de Justiça, de Salvação e de Paz, que ela vem firme e carinhosamente pregando, perpetuam-na assim como a Boa-Nova — um Evangelho vivo e imortal.

Bem o prometera o Filho de Deus: “E eis que eu estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos” (Mt 28, 20).

* * *

E a História da Igreja compendia-se na História dos Papas, — sua estrutura mestra.

É justo, pois, que, lidas as Escrituras Sagradas, se abram as páginas admiráveis (as históricas, não as romanceadas) da Vida dos Papas; e a convicção que para logo se apodera de nós é a de que, em verdade, os Papas “são os guardiães vigilantes da Bíblia Sagrada”.

Daí o título dêste volume.

* * *

Longe de nós a pretensão de haver escrito uma história eclesiástica, desde que se nós deparemos trabalhos monumentais nesse ramo do estudo. Nem sabemos como se poderia classificar êste nosso trabalho.

Nosso desejo é apresentar um resumo, modesto embora, dos fatos principais da vida dos sucessores de S. Pedro.

A basílica de S. Paulo *extra muros*, em Roma — uma das mais belas igrejas do mundo — ostenta, hierática, uma coleção de vistosos medalhões de fino mosaico.

Essa obra de arte representa, na medida do possível, as figuras, reais ou idealizadas, de todos os pontífices romanos.

Propusemo-nos, pois, como um amável “*cicerone*”, a acompanhar o leitor destas páginas, diante dêsses medalhões, ilustrando as datas e os acontecimentos de maior relêvo do pontificado dêsses bispos de Roma.

Procuramos, dentro do exíguo espaço concedido, escrever com sincera limpidez e serena objectividade. Apoiamo-nos em autores habituados ao trabalho paciente e severo da indagação histórica, pois pode freqüentemente o historiôgrafo correr o grave risco de usurpar o direito divino de julgar os mortos.

Fugimos assim das apologias fáceis e dos exageros, que reprovamos no espírito sectário, porque anti-histórico.

Usamos linguagem muito simples, acessível a todos — a exemplo das palavras do Divino Mestre.

Não se maravilhe em irrefletida surpresa o leitor incauto, ao deparar deficiências humanas na pessoa de algum pontífice. No sólio romano assentaram-se 263 governantes, dos quais oitenta são canonizados e sete beatificados — fato que não se verifica em outro qualquer trono da terra. Muitos pontífices houve, virtuosíssimos, embora não elevados aos al-

tares. Se, pois, se encontram, esparsos, embora raros, resquícios de fragilidade humana, lembremo-nos de que alguma vez Jesus dormiu na barca de Simão durante a tempestade, Pedro negou três vezes o Senhor, Cristo na cruz teve dilacerado o seu Corpo, enquanto sua divindade permanecia inatingível.

Na Igreja, acima dos defeitos humanos, pairam brilhantes e divinos os ensinamentos de Nosso Senhor. Estes, pontífice algum jamais os falseou.

* * *

Apona-se comumente o número de 263 como o total dos papas. Omitimos alguns pontífices, que, em louváveis e científicos trabalhos modernos, são considerados antipapas. Deixamos algum outro, que poucos dias sobreviveu à eleição.

* * *

Nosso agradecimento ao Sr. Savério Fittipaldi e filhos — da Editôra das Américas — de quem partiu a iniciativa da publicação dêste volume.

* * *

Abençoe a Virgem Santíssima Auxiliadora estas páginas: possam elas tornar mais conhecido e amado o sucessor de S. Pedro, o Vigário de Jesus Cristo na terra, o Santo Padre, o Papa.

S. Paulo — Natal de 1951.



29 de junho — SÃO PEDRO (42-67) — Apóstolo

São Pedro era um pobre pescador da Galiléia. Chamava-se Simão. Filho de Jonas, da tribo de Neftali, nasceu em Betsaida, às margens do rio Jordão, junto ao lago de Genezaré. Ignora-se a data de seu nascimento. Tinha família, e uma vez Jesus curou-lhe a sogra. Seu irmão André era discípulo de João Batista, mas, ao ver Jesus, correu logo a chamar o irmão, a quem o Salvador trocou o nome de Simão em Cefas, que significa *Pedra*. (Jo 1, 36-42).

Ao depois, foi-se confirmando o primado de Pedro, que, em muitas ocasiões, será por Jesus distinguido dos demais apóstolos.

Assim, é da barca de Pedro que Jesus evangeliza a multidão no litoral. É a Pedro que Ele dá ordem de lançar a rede para a pesca milagrosa. É a Pedro que Ele sustém sobre as ondas. A Pedro dirigiu Ele estas frases divinamente majestosas: “Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja, e as portas (poderes) do Inferno não prevalecerão contra ela. E dar-te-ei as chaves dos Céus, e o que ligares sobre a terra será ligado também nos Céus, e o que desligares sobre a terra será desligado também nos Céus”. (Mt 16, 13-19). A Pedro foi confiada pelo Mestre a missão de apascentar os cordeiros e as ovelhas (Jo 21, 15-17) e a missão de confirmar seus irmãos na fé. (Lc 22, 31-32). Somente Simão Pedro teve prerrogativas especiais, pessoais.

Pelo que, o Príncipe do Apóstolos, logo depois da ascensão do Senhor, principia a exercer em tudo a sua autoridade suprema. Ainda no Cenáculo, levanta-se e faz a primeira alocação pontifical à assembléia, para a nomeação de S. Matias ao posto do Iscariotes. No dia memorável de Pentecostes, ele, por primeiro, fala à multidão, convertendo milhares de pessoas. Indo com João ao templo, cura um

aleijado, opera conversões inúmeras. Prêso, defende com assombrosa coragem o nome de Cristo e a Igreja nascente. Lança a pena de excomunhão contra o primeiro heresiarca, Simão Mago. Uma visão celeste leva-o a atravessar as fronteiras, até então intransponíveis, do Judaísmo, acolhendo os “Gentios”, indo de Jafa a Cesaréia para batizar a família do centurião Cornélio. Prêso por Herodes, “tôda a Igreja reza sem interrupção por êle” e um anjo o livra. São Paulo, convertido, procura-o. (Gal 1, 18). É São Pedro quem, por primeiro, fala no 1.º Concílio em Jerusalém... Sempre e por todos, êle é considerado e em tudo se conduz como chefe supremo da Igreja.

Residiu sete anos em Antioquia. A tradição diz que S. Pedro governou a Cristandade, em Roma, por 25 anos, desde o ano 42. Na então capital do mundo pagão, o humilde pescador da Galiléia converteu ingente número de almas, ganhando os corações com sua bondade e alicerçando a brilhante Igreja de Roma, já tão célebre em sua vida, como o atesta Paulo em sua Ep. aos Romanos.

Há muitas piedosas recordações de S. Pedro em Roma: Sua prisão, com S. Paulo, no cárcere Mamertino; a Capela da Separação, onde os dois Apóstolos se despediram para o martírio; a milagrosa fonte em que batizara seus carcereiros S. Processo e S. Martiniano etc....

Mais conhecida a igreja do *Quo Vadis*. Contam que, a instâncias dos cristãos, Pedro fugia de Roma, quando lhe apareceu Jesus. À pergunta do discípulo: *Quo vadis, Domine?* (aonde vais, Senhor?) o Mestre respondeu: “Morrer com minhas ovelhas”. Pedro compreendeu, voltou e sofreu o martírio na perseguição feroz de Nero, o qual, segundo diz o pagão Tácito, injustamente responsabilizara os cristãos pelo

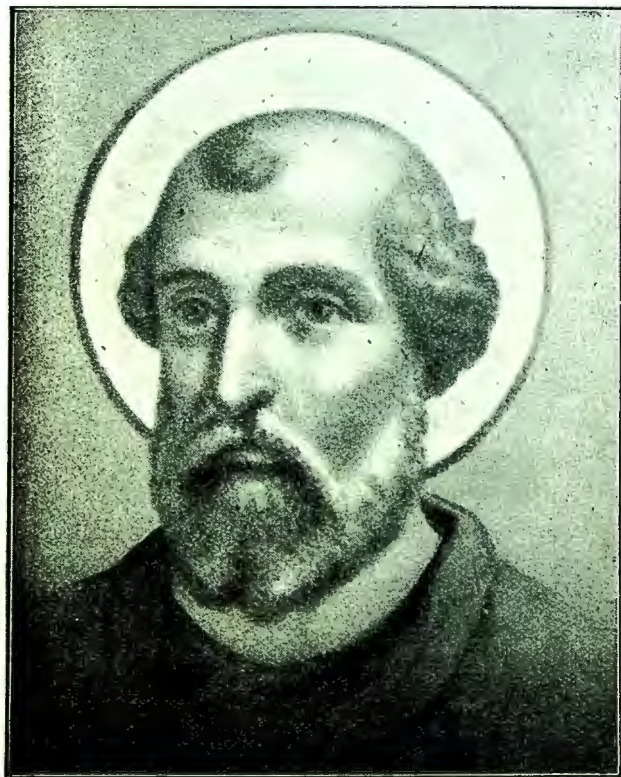
colossal incêndio de Roma (que durou nove dias) e os tratou com espantosa crueldade.

S. Pedro e S. Paulo foram martirizados aos 29 de junho do ano 67. O convertido Saulo, por ser cidadão romano, foi decapitado. S. Pedro, condenado à cruz, rogou que o crucificassem de cabeça para baixo, por se julgar indigno de morrer da mesma forma que seu Mestre, a quem negara um dia... Foi sepultado no monte Vaticano, e seu sepulcro obteve, desde os primeiros séculos, grande veneração — sancionada pelo imperador Constantino Magno, que ali erigiu magnífica basílica.

A glória desse sepulcro aumentou de século em século, porque a primazia de Pedro passou a seus sucessores, visto como Jesus Cristo prometeu ficar com a sua Igreja até a consumação dos séculos, visto como os sucessores de Pedro exerceram a mesma autoridade, visto como, a este respeito, a tradição tem sido sempre unânime e universal. Pelo que a Igreja de Roma foi constantemente, e continua a ser, chamada a Cátedra de Pedro, a Sé Apóstolica, a Cabeça da Igreja universal.

O bispo de Roma é pois o Sumo Pontífice, o Papa (pai), o legítimo sucessor de Simão Pedro, o chefe visível de toda a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Na Idade Média, após ter salvo das trevas dos Bárbaros a civilização cristã — indiscutivelmente a melhor civilização — a Roma de Pedro tornou-se o centro da História da Humanidade. Ainda hoje, sobre o túmulo do Príncipe dos Apóstolos, a imensa cúpula de Miguelângelo encerra, na maior igreja do mundo, vinte séculos de fé invicta, de lutas pelo Bem e de vitórias para Deus. “Tu es Petrus...”



23 de setembro — SÃO LINO (67-76) — Mártir

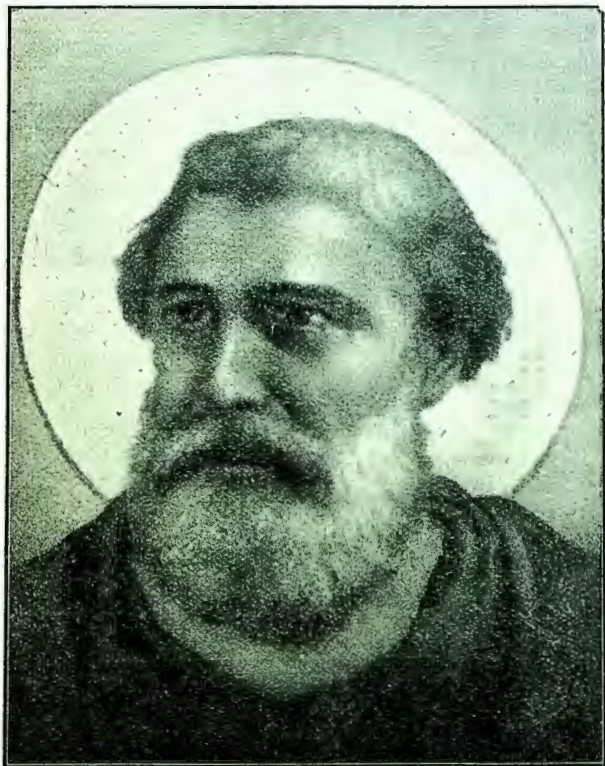
Não possuímos dados cronológicos exatos dos primeiros sucessores de S. Pedro, devido à pequenez inicial da Igreja e às perseguições dos pagãos. Os historiôgrafos baseiam-se num antigo catálogo dos tempos do papa Eleutério, do ano 175.

São Lino nasceu em Volterra, na Etrúria. Assistiu às calamidades políticas que acompanharam as quedas ignóbeis dos imperadores Nero, Galba, Oto e Vitélio; viu ascender a “imperator” o grande Vespasiano, mas ecoaram em sua alma as dolorosas notícias de uma das maiores tragédias da Humanidade: a destruição de Jerusalém, predita por Jesus.

Defensor da sã doutrina, impugnou as artes de feitiçaria com que Simão Mago tentara adulterar a pregação apostólica. Prescreveu que as mulheres entrassem na igreja com a cabeça coberta. Em duas ordenações criou 15 bispos e 16 sacerdotes, transmitindo assim aquêles poderes sobrenaturais, recebidos de J. Cristo, por meio dos Apóstolos, para a conservação ininterrupta do sacerdócio “até a consumação dos séculos”. Encontramos assim, já no 1.^o século, o bispo (episcopus), os sacerdotes (presbíteros) seu auxiliares, aos quais se acresciam os diáconos, encarregados da mesa eucarística, dos ágapes, do cuidado dos pobres e da administração geral. Consta que Lino, como bispo pregara na França, e, como Papa, acrescentou ao Cânon da Missa a parte “comunicantes”, instituiu o púlpito e compôs as Atas de S. Pedro. Morreu mártir, decapitado por ordem do cônsul Saturnino, cuja filha entretanto curara. Sepultado provavelmente no Vaticano, junto ao circo de Nero.

Escritores antigos, S. Irineu, S. Epifânio, S. Agostinho, atestam-nos que Lino foi o imediato sucessor de Pedro.

Sua festa celebra-se a 23 de setembro.



13 de julho — S. ANACLETO (77-88) — Mártir

S. Anacleto era grego, ateniense. Por abreviação de seu nome, alguns autores julgaram haver outro papa com o nome de Cleto. Governou a Igreja por onze anos. Aproveitou os tempos de relativa paz concedida aos cristãos nos reinados de Vespasiano e de seu filho Tito. Êste, apesar de haver destruído Jerusalém e levado cativos os Judeus, foi um imperador brando, recebendo dos Romanos o título de “delícias do gênero humano”.

Organizou então S. Anacleto, com mais tranquilidade, a Igreja, que crescia rapidamente. Ordenou 25 sacerdotes em Roma, estatuiu que os clérigos fôsem iniciados nas ordens sagradas publicamente e pelo próprio bispo. Parece ter sido êle quem determinou serem necessários três bispos para conferir-se a sagração episcopal, e quem mandou se iniciassem as cartas pontificias com a saudação: *Salutem et Apostolicam benedictionem*. Sancionou a veneração dos cristãos ao túmulo de São Pedro e crê-se ter sido êle mesmo quem fêz erigir um edifício sobre a augusta sepultura.

Durante o pontificado de Anacleto caiu sobre a Italia a inesquecível catástrofe da erupção do Vesúvio, que sepultou sob cinzas e lavas as cidades de Pompéia, Herculano e Estábia.

S. Anacleto coroou sua vida com o martírio. Embora se contem por dez as perseguições aos cristãos, devemos lembrar que êles nunca tiveram completa paz. Repugnava aos costumes pagãos essa nova religião, tão diversa das demais, baseada no espírito de renúncia. Por isso acusavam os sequazes de Cristo de serem “inimigos da humanidade”. Ademais, os imperadores queriam ser considerados como “deuses.” — *dominus ac deus noster* — como exigia Domiciano, irmão e sucessor de Tito, e que desencadeou a 2.^a perseguição oficial, no ano 94, em Roma e nas províncias.



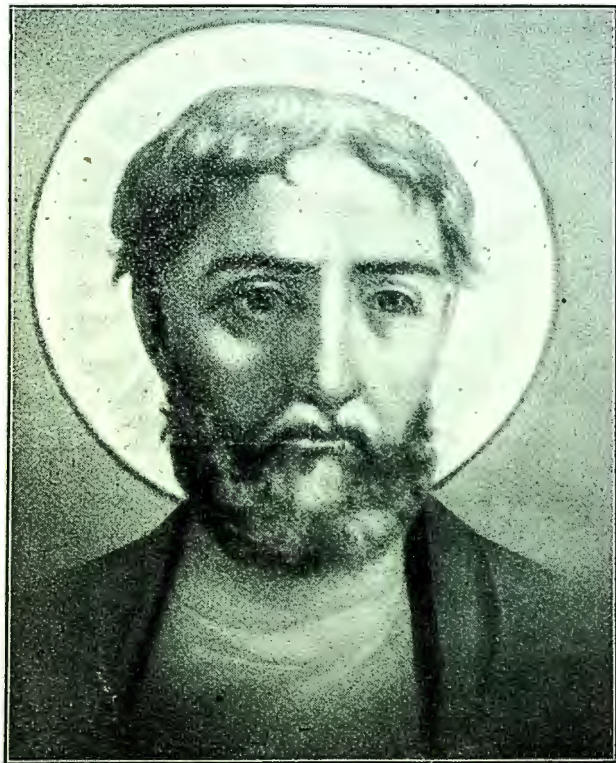
23 de novembro — S. CLEMENTE (89-98) — Mártir

O *Liber Pontificalis* diz ter Clemente nascido em Roma, mas uma tradição, corroborada por seus escritos, assegura que êle, jovem ainda, fôra convertido por S. Pedro em Cesaréia da Palestina. De grande erudição, escreveu muito e bem. Conhecida sua carta aos cristãos de Corinto, onde alguns neo-convertidos pretendiam introduzir inovações. A questão, é notável assinalar-se, foi levada espontaneamente à deliberação do pontífice de Roma, — ao sucessor de Pedro, e não às outras Sés apostólicas, nem mesmo à do apóstolo S. João Evangelista, ainda vivo e que chefiava as Igrejas da Ásia, vizinhas da Grécia! O Pontífice Romano fala com uma autoridade naturalmente rênhecida como emanada da sucessão legítima e ininterrupta de Pedro e de Cristo.

Neste pontificado ocorreu a 2.^a perseguição, sendo imperador Domiciano. Os cristãos haviam recusado pagar um leve imposto ao templo de Júpiter (a que estavam sujeitos os judeus). S. João Evangelista, já muito idoso, foi atirado a uma caldeira de óleo fervendo. Saiu ileso. Deportado para a ilha de Patmos, lá escreveu o seu terrífico Apocalipse.

Atestado da pujança da nova fé: — Domiciano condenou até parentes seus, entre os quais seu primo Tito Flávio Clemente (martirizado em 96) com a espôsa Flávia Domitila! S. Clemente escapou a essa perseguição, mas no princípio do reinado de Trajano foi desterrado para a Criméia, condenado ao trabalho nas minas. Tendo convertido muitos daqueles escravos, contam, foi atirado ao mar com uma âncora amarrada ao pescoço; o mar, porém, afastou-se e apareceu o corpo num pequeno oratório. Suas relíquias teriam sido trazidas, no século X, por S. Metódio.

S. Clemente é festejado em 23 de novembro.



26 de outubro — S. EVARISTO (98-105) — Mártir

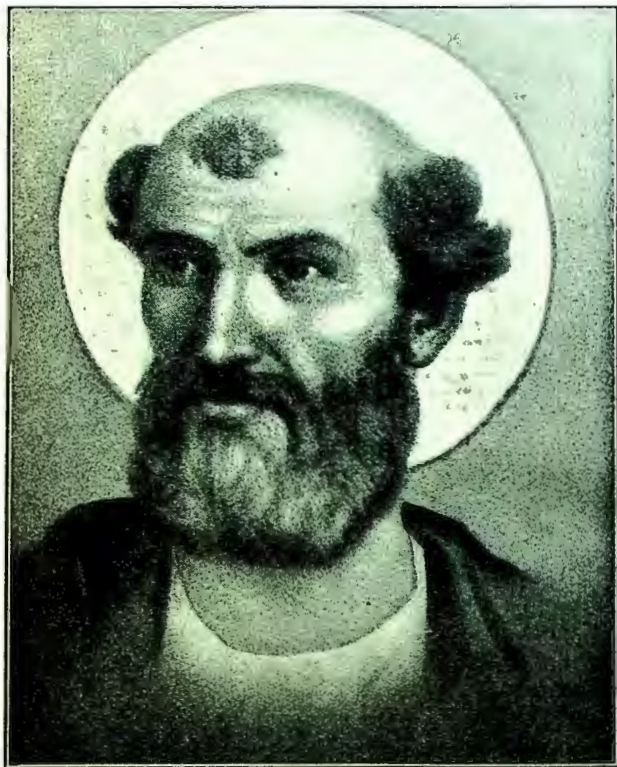
Filho de um judeu de Belém, nasceu S. Evaristo em Antioquia; era, pois, siríaco de nacionalidade. De seu pontificado temos notícias por meio de S. Irineu e de S. Epifânio. “Em três ordenações, havidas no mês de dezembro, criou 17 sacerdotes, 9 diáconos e 15 bispos, destinados a diferentes igrejas”, é o que nos relata o *Liber Pontificalis*.

Atribui-se-lhe também a divisão de Roma em “títulos” ou paróquias com presbíteros incumbidos de seu cuidado (talvez o princípio da futura nomeação de cardeais-presbíteros). Também ordenou que sete diáconos acompanhassem o bispo, quando fôsse pregar, para realçarem a majestade de seu ministério e anotarem suas palavras e ordens.

Não há certeza de que S. Evaristo haja sido martirizado porque a perseguição de Trajano teve início após o ano d 105. Entretanto sabemos que êsse imperador, que tivera outrora por companheiro de generalato (cônsul) o mártir senador M. Acílio Glabrione, assim que ascendeu ao poder, emanou leis contra as *eterias* (sociedades proibidas), atingindo os cristãos.

Desde os tempos de Nero, todo cristão prêso era logo morto pelo furor popular. Trajano abrandou um pouco essas leis, exigindo que os cristãos fôsem julgados, sendo condenados à morte apenas os que se recusassem a sacrificar aos deuses ou às estátuas imperiais. Punia, porém, os delatores falsos que, valendo-se da lei, queriam apossar-se de parte dos bens dos cristãos.

Durante o pontificado de Evaristo, cêrca do ano 104, faleceu em Éfeso São João Evangelista, o mais jovem dos Apóstolos, o único que permanecera junto à Cruz no Calvário, filho adotivo de Maria, relíquia sagrada a pregar a caridade de Cristo. — Festa de S. Evaristo: 26 de outubro.



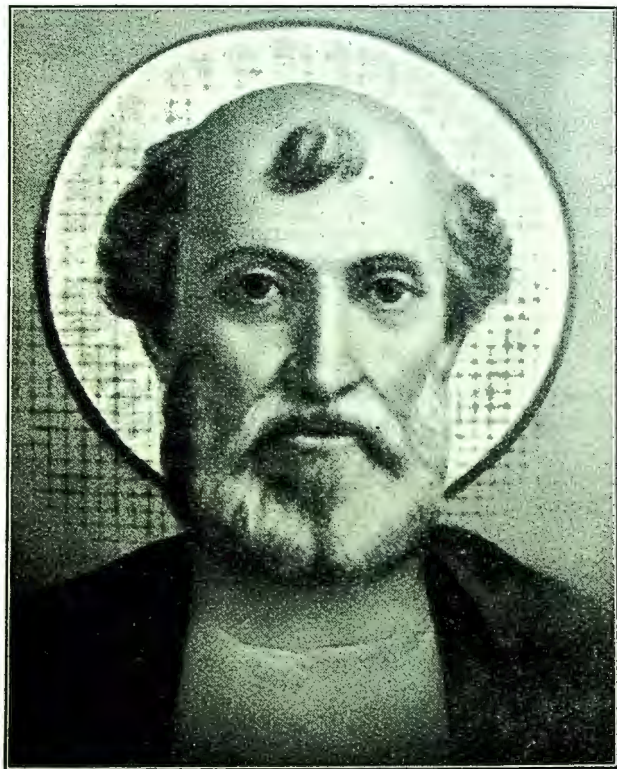
3 de maio — S. ALEXANDRE I (106-115) — Mártir

S. Irineu e Eusébio de Cesaréia asseguram-nos que Alexandre foi o quinto sucessor de Pedro. Era romano e se lhe atribuem um acréscimo ao Cânon da Missa e o uso de conservar em casa a água benta com sal, para a aspersão.

Foi decapitado ao tempo de Trajano (98-117). Há freqüente confusão dêste papa com outro S. Alexandre, sepultado na Via Nomentana com os santos Evêncio e Teódulo. Freqüentes essas confusões de nomes, datas e locais, numa época em que os cristãos sofriam feroz perseguição, não tanto por parte dos imperadores, ocupados em guerras nas fronteiras, mas por parte do povo pagão, imensa maioria exacerbada pelo insopitável expandir-se do cristianismo. Pelo ano 112 Trajano escrevia a Plínio, governador da Bitínia:

“Não se devem procurar (os cristãos), mas se forem acusados e convictos, devem ser punidos. Se renegarem sua fé, sacrificando aos deuses (ídolos), sejam postos em liberdade. Não se aceitem denúncias anônimas”. A carta de Plínio indica ter havido bom número de mártires: “interroguei-os até três vêzes se eram cristãos, ameaçando-os com o suplício, e como não o negassem, mandei-os executar”. Indica também a vitalidade da Igreja de então, pois, embora acoimando a nova religião de “superstição prava e deforme”, “havendo alguns semelhantes a dementes”, afirma serem os cristãos numerososíssimos, sólidos na sua fé em Cristo, a quem cantavam hinos pela manhã, e que, em seus ensinamentos, proibiam o furto, o adultério e o perjúrio.

Sabemos hoje que a velha pretensão política da “divindade do Tirano” — um homem substituindo-se a Deus — foi o móvel principal das perseguições.



3 de abril — S. SISTO I (116-125) — Mártir

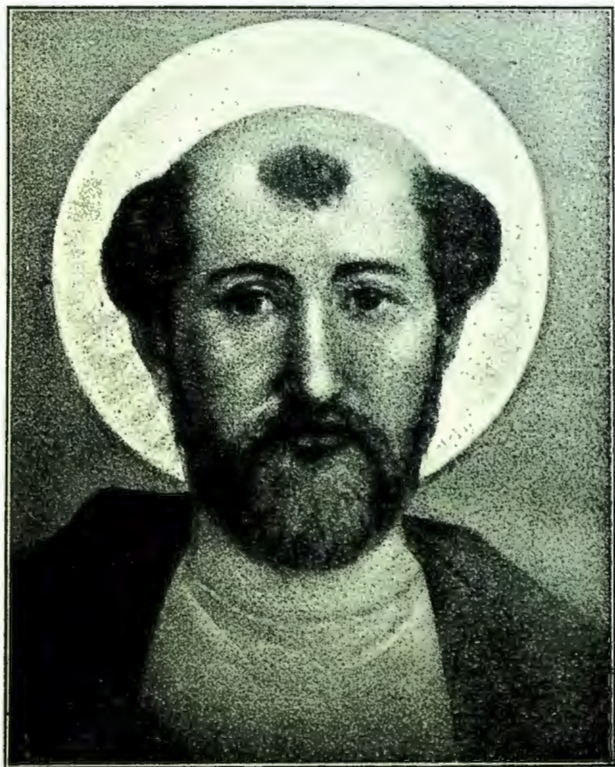
Da família romana de Pastor, S. Sisto I regeu a Igreja por dez anos. Mórreu mártir. Sepultado na igreja de Alatri. Celebra-se sua festa aos 6 de abril.

O Martirológio apresenta-o supliciado sob Antonino Pio, mas vários autores afirmam ter êle morrido ao tempo de Adriano.

Reservou exclusivamente aos ministros do altar o poder de tocar nos vasos sagrados, embora persistisse por largo tempo, devido às perseguições, o uso de leigos transportarem até a S. Eucaristia.

São atribuídos a S. Sisto I o acréscimo do triságio *Sanctus, Sanctus, Sanctus* durante a Missa e a ordem de que os bispos não poderiam ser recebidos no lugar de sua jurisdição, senão com as cartas da S. Sé em saudação ao povo. Estas determinações, que nos indicam a já antiga preeminência de Roma na liturgia e na hierarquia, são, porém, anteriores a Sisto.

O primeiro ano de seu govêrno foi açoitado pela perseguição de Trajano. Triunfaram, então, gloriosamente pelo martírio muitos cristãos, notando-se S. Inácio de Antioquia e S. Simão de Jerusalém. O primeiro foi um dos principais discípulos dos Apóstolos, notadamente de S. João. Sagrado bispo de Antioquia pelo próprio S. Pedro, sucedeu-lhe após S. Evódio. Adotou o nome de Teóforo, “o que leva Deus”. Floresceu tanto sua igreja, que parece ter tido aí início o nome de “cristãos” (que entre si se chamavam “santos”), notados por seu grande número. Prêso, enviado a Roma onde os cristãos o receberam em triunfo, foi condenado às feras: “Sou o trigo do Senhor, moído pelos dentes dos leões”, exclamou o santo velho. Muito idoso também, S. Simão de Jerusalém, filho de Cléofas, parente de Jesus, foi pregado à cruz, por ordem do governador Ático.



5 de janeiro — S. TELÉSFORO (126-136) — Mártir

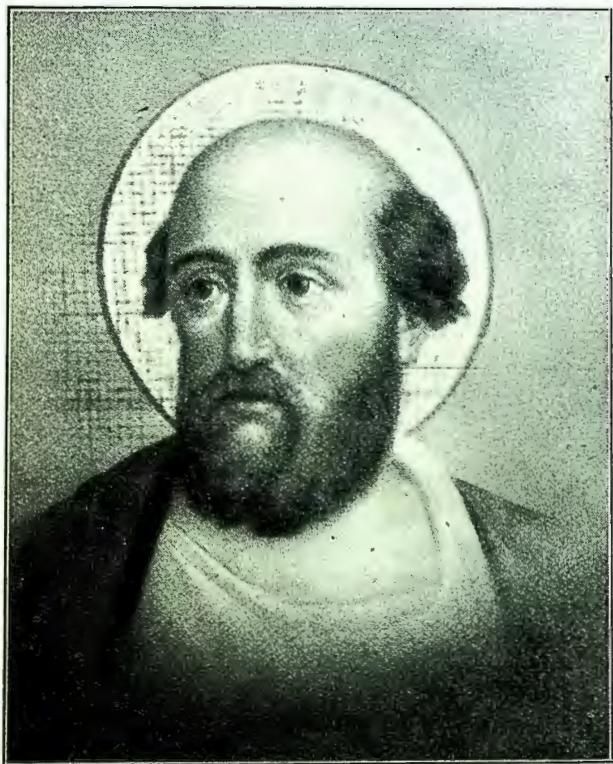
Telésforo era grego. Governou num período de paz oficial, ou seja, quando não estavam em vigor editos de perseguição governativa. Os imperadores Adriano e Antonino foram condescendentes com os cristãos. O primeiro enviou até, um decreto ao procônsul Minúcio, da Ásia, proibindo aos juizes procederem contra os cristãos, levados apenas pelo sentimento hostil do povo. A Adriano, homem culto, foi enviada por Quadrato a primeira apologia do Cristianismo.

Os pagãos, porém, tumultuavam com freqüência, quer pela aversão às leis puras de Cristo, quer pelos boatos de “crimes monstruosos”, a que a vida recolhida e misteriosa dos cristãos dava alguma consistência, quer também pela ganância de se apossarem dos bens dos acusados.

Com seus templos vazios, suas festas deslustradas, explodiam em furor os pagãos a qualquer pretexto, máxime nas calamidades públicas, responsabilizando os discípulos de Cristo pelas iras dos deuses. E o sanguinário grito: “*Christiani ad leonem*” (os cristãos às feras) iniciava a matança cruel nos anfiteatros, nas ruas, nas casas...

A S. Telésforo atribuem-se, errôneamente por serem anteriores ou posteriores, vários decretos: a) sobre o jejum sete semanas antes da Páscoa, pois o jejum da quaresma é de origem apostólica; b) proibindo a celebração de missas depois das 3 horas da tarde, hora da morte do Senhor; c) ordenando o canto do *Glória* na missa, em parte ou todo; d) sobre as três missas celebradas no Natal, porque só depois do ano 350 é que se encontram referências ao dia 25 de dezembro como natal de N. Senhor. É considerado, entretanto, como o instituidor da missa de meia-noite, a popular “Missa do Galo”.

S. Telésforo morreu mártir e foi sepultado junto ao túmulo de S. Pedro. Sua festa celebra-se em 5 de janeiro.



11 de janeiro — S. HIGINO (137-140) — Mártir

Tem o Senhor cumprido sua promessa de conservar e defender sua Igreja, suscitando homens oportunos nas diversas provações. Um destes foi Higino, filho de um filósofo pagão de Atenas. Embora reduzida pelas armas à condição de escrava da onipotente Roma, era a Grécia o centro da civilização antiga. Seus filhos foram os mestres de seus senhores. O grego era a língua corrente e em grego foram escritas muitas páginas do Novo Testamento.

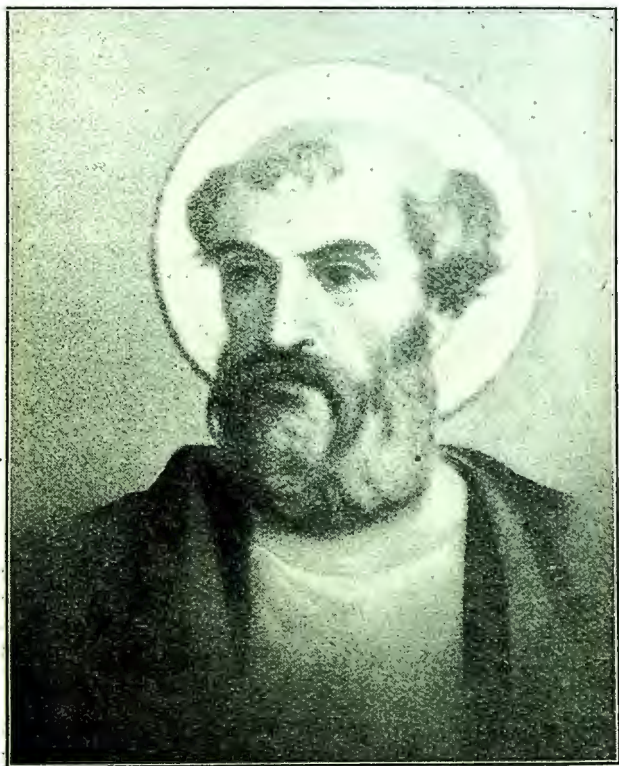
S. Higino governou menos de 4 anos. Enviou 7 bispos a diversas regiões. Muito sofreu em seu pontificado, por causa das perseguições e das heresias, que já se manifestavam, a turvar com princípios errados e com discussões teológicas a caridade e a paz características dos primeiros cristãos.

Higino, portanto, condenou as doutrinas de Márcion, de Cérdon e de outros heresiarcas. Contou com o válido auxílio de S. Justino, filósofo brilhante de seu século, pagão convertido que terminou seus dias mártir de Cristo.

O santo pontífice dedicou-se também à determinação mais precisa dos graus da hierarquia. Já se achava esta constituída desde os tempos dos Apóstolos e por regulamentações sucessivas, mas a perseguição de Trajano havia trazido confusão. Talvez o papa tenha estabelecido as Ordens Menores, das quais não se tem notícia até então.

O nosso Santo estabeleceu também o costume de haver padrinho e madrinha no batismo; ordenou que se não erigissem templos sem ordem expressa do bispo e proibiu o uso profano de tudo o que servisse ao culto divino.

O Martirológio recorda o martírio deste santo no dia 11 de janeiro, mas ficou desconhecido o gênero de sua morte:



11 de julho — SÃO PIO I (141-155) — Mártir

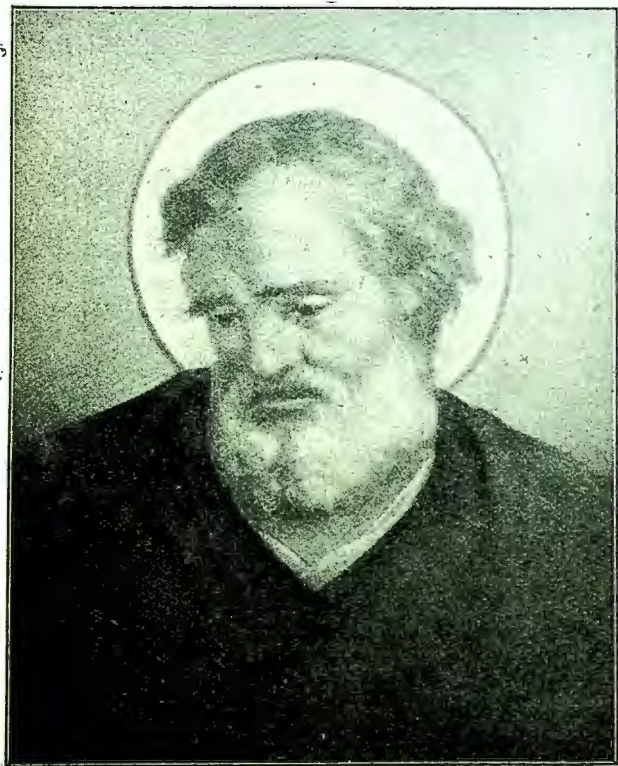
Com três dias de preces e jejuns pediram os fiéis de Roma, a Deus, que os iluminasse na escolha do novo pontífice. Foi eleito Pio, filho de Rufino, nascido em Aquiléia, norte da Itália. Houve então para a Igreja uma época de paz e os cristãos trouxeram à luz do sol a sua vida religiosa, desfazendo as calúnias de “mistérios tenebrosos” e ganhando os homens de boa vontade.

Como, porém, a Igreja, à imitação de Cristo, tem sempre perseguidores, apareceram as questões religiosas. Pio decretou que se aceitassem e se batizassem os judeus convertidos. Estes, porém, relutavam em comemorar a Páscoa na data dos cristãos. Esta festa lembrava o livramento dos hebreus de seu cativo outroa no Egito. *Páscoa* significa passagem, recordando a passagem do anjo exterminador que castigara os egípcios e a passagem libertadora dos hebreus através do Mar Vermelho a pé enxuto: símbolos da passagem salvadora de Cristo, o Divino Cordeiro. Desde os tempos apostólicos celebravam os cristãos a Páscoa no domingo, em memória da ressurreição do Senhor. S. Pio generalizou a tradição apostólica.

Surgiram também os heresiarcas Valérim e, de novo, Márcion. O primeiro, inteligente e grande orador, pretendia “reformatar” a Igreja; o segundo, ostentando humildade, pregava os erros de Cérdon. Encontrando-se com S. Policarpo, que viera de Roma, inquiriu-o se o não conhecia, pois já se julgava bastante famoso. Recebeu a resposta dura e franca do velho batalhador:

“Sim, eu te reconheço, primogênito do diabo”.

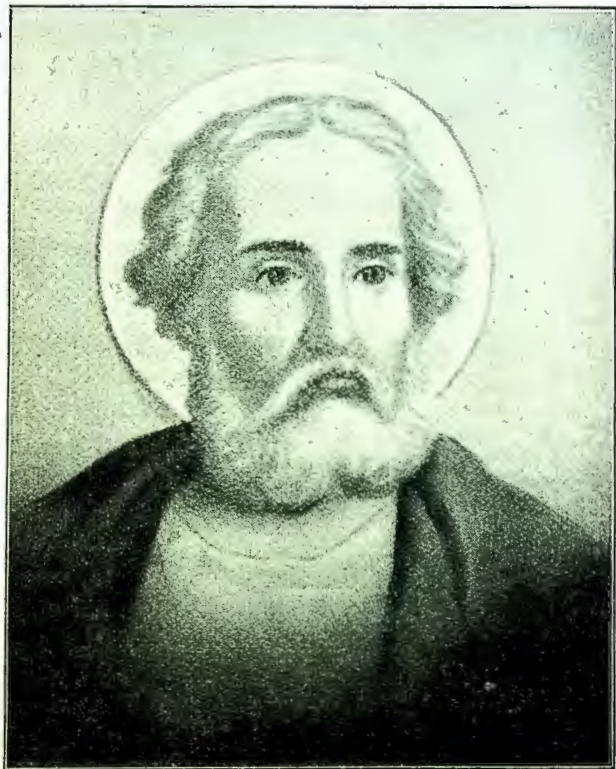
S. Pio foi irmão do célebre Hermas, que escreveu o “Pastor” — obra das mais notáveis dos primeiros Padres. — Do martírio de S. Pio não falam os autores antigos. A Igreja celebra-o aos 11 de julho.



17 de abril — S. ANICETO (156-166) — Mártir

S. Aniceto, festejado em 17 de abril, nasceu na Síria, morreu mártir e foi sepultado no cemitério de S. Calisto nas Catacumbas. Proibiu ao clero cultivar o cabelo; não se trata aqui da tonsura, ou “coroa clerical”, de uso mais antigo, mas sim da recomendação de se evitar o cuidado profano e vaidoso, recomendação já feita pelo Apóstolo. — Em seu tempo, S. Policarpo, bispo de Esmirna (Ásia Menor) veio a Roma, para tratar da questão de se fixar o dia da Páscoa. A visita de Policarpo e suas deferências para com Aniceto são índices da comunhão das Igrejas e da necessidade de se recorrer ao Bispo de Roma, mesmo em questões disciplinares. Veio também o escritor grego Hegesipo, talvez um judeu convertido, em visita às Igrejas do Ocidente. E’ autor de cinco livros de comentários desde a Paixão de Cristo até seu tempo. Pena que se haja perdido obra tão preciosa; restam alguns fragmentos nos escritos de Eusébio. Por êle sabemos da sucessão Aniceto-Sotero-Eleutério e de sua fé na tradição apostólica como critério de catolicidade.

A Igreja de Aniceto atraiu muitos homens sequiosos de verdade. Justino, o filósofo, cansado das teorias estoicas, peripatéticas e pitagóricas, insatisfeito com o platonismo, abriu sua alma ao evangelho de Cristo, a Quem defendeu com seus escritos, fundou uma escola de filosofia cristã e encerrou gloriosamente sua vida no martírio. — Em 1604 o duque de Altaemps dedicou a S. Aniceto uma linda capela, com êste elogio: “Se a perfeita inteligência da Escritura, se a inocência e santidade de vida, se a glória do martírio, bastam, cada uma de per si, para a immortalidade, o que devemos pensar do mérito de S. Aniceto, que possuiu todos êsses dons?”



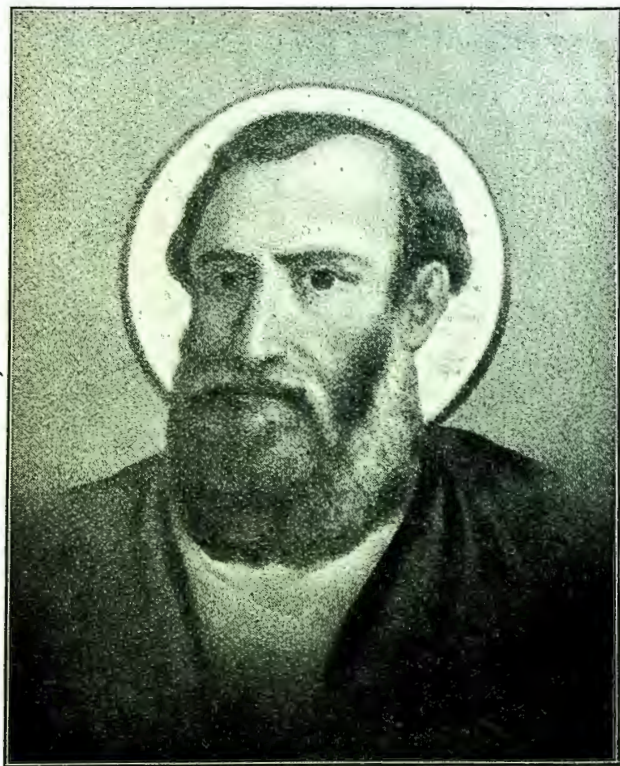
22 de abril — S. SOTERO (167-174) — Mártir

O pontificado de Sotero coincide com o governo de Marco Aurélio, o “imperador filósofo”, sob o qual foram cruelmente perseguidos os Cristãos. Não só Roma fôí o teatro em que triunfou a paciência dos fiéis: todo o mundo conhecido foi testemunha e admirador de sua fé e coragem. Uns, enterrados vivos; outros, definhando em horrorosos calabouços, presos aos grilhões; outros, queimados; outros despedaçados pelas feras... Datam de então os gloriosos martírios de S. Felicidade, de S. Justino, de S. Policarpo, de milhares de fiéis. — De uma carta de S. Dionísio, bispo de Corinto, apreciamos a grande caridade de Sotero para com os perseguidos, seus cuidados paternais em época tão difícil.

Também êle foi martirizado. Sepultado no Vaticano, foi seu corpo mais tarde transportado para S. Calisto e finalmente para a igreja dos SS. Silvestre e Martinho.

Seu pontificado teve a doçura da caridade e a firmeza da fé. Opôs-se com vigor aos herejes montanistas. Coibindo um abuso que, por influência herética, ia-se introduzindo nas comunidades, proibiu que as mulheres tocassem nos vasos e ornamentos sagrados e que oferecessem incenso durante as cerimônias.

Suas cartas às demais Igrejas, eram guardadas e lidas com veneração, como atesta Eusébio ao se referir à resposta de Dionísio de Corinto: “faremos da mesma forma como ainda fazemos com a carta de Clemente (lida ainda após 70 anos) e assim nos aprovisionaremos com abundância de melhores ensinamentos”. Roma instruía e confortava, e as outras Igrejas floresciam à sua sombra materna. — Festa de S. Sotero: 22 de abril.

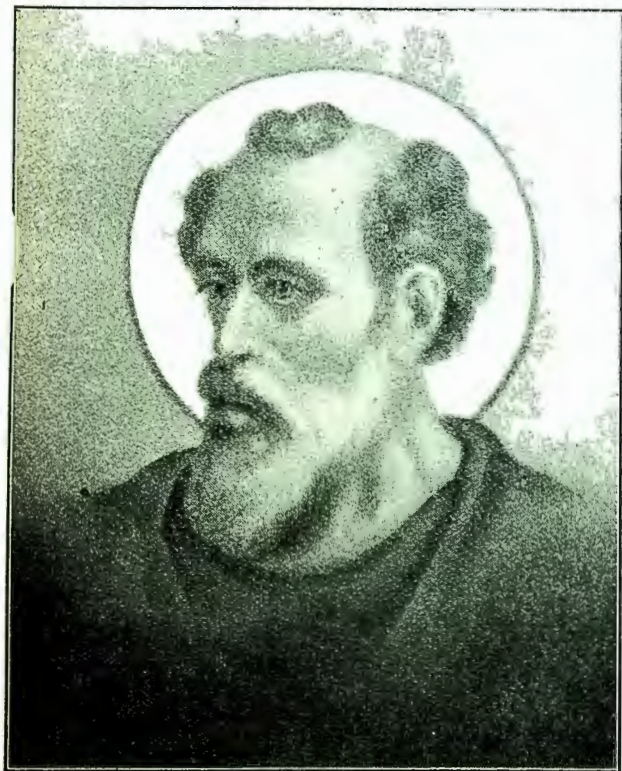


26 de maio — S. ELEUTÉRIO (175-189) — Mártir

Nascido em Nicópolis do Epiro (Grécia) E. Eleutério teve um pontificado pacífico no início. O imperador Cômodo, filho de Marco Aurélio, ficou célebre por suas extravagâncias que raiaram pela loucura; entretanto, odiado pela alta classe dominante, foi benigno para com os Cristãos, perseguidos e, em sua maioria, de condição humilde. Contam que Eleutério recebeu cartas de Lúcio, rei de uma parte da Bretanha, pedindo sacerdotes que o instruissem na fé cristã. Seria esse o primeiro chefe bárbaro europeu a se converter ao Cristianismo. Não se pode, porém, provar historicamente essa conversão.

Este papa resolveu a questão, de origem judaica, sobre a distinção entre alimentos puros e impuros. (Certos alimentos, por ex. a carne de porco, não são usados pelos judeus até hoje). Prende-se esta questão às normas erradas de Montano. Este herege pregava em Pepúcia (Frígia, Ásia Menor) um rigorismo exagerado, um novo reino milenário de Deus, e as “revelações” de duas mulheres como o “novíssimo testamento”. Além disso os montanistas idealizavam um desampêgo completo, que consistia num jejum quase contínuo, na proibição total das artes, dos espetáculos, das festas, em restrições proibitivas do matrimônio, na necessidade do martírio para se conseguir o Céu etc... Nessa ocasião os fiéis de Lião (França) enviaram S. Irineu a Roma para tratar do assunto com o Papa.

Vemos, nesta questão de fé, que, dos pontos opostos do mundo então conhecido, a Cristandade recorre a Roma, ao Sucessor de Pedro. — Eleutério estabeleceu as normas mais antigas que se conhecem das festas da Páscoa. — Provável mártir, sua festa celebra-se em 26 de maio.



28 de julho — S. VÍTOR I (189-199) — Mártir

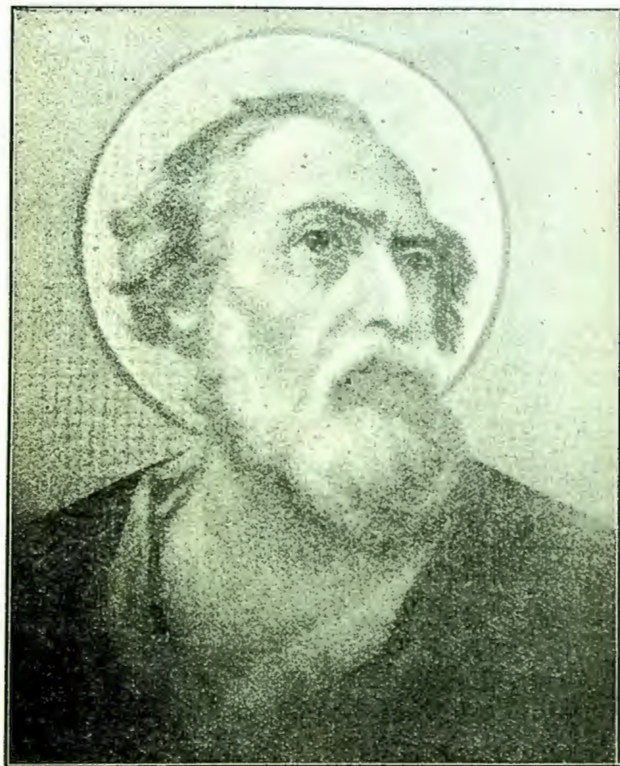
Vítor I, nascido na África, filho de Félix. É algo incerta a cronologia dêste papa. Alguns, segundo o historiador Eusébio, fazem-no reinar até o ano 202. Teria morrido mártir na 5.^a perseguição, que foi movida nesse ano pelo imperador Setímio Severo, ou então pouco antes, em uma sublevação de pagãos.

Declarou que água comum, de fonte, de poço, de chuva, do mar etc... pode, no caso de necessidade, servir para a administração do batismo. Isto prova que já era costume, em tempo de paz, usar-se a água benta com as cerimônias que usa a Igreja para a bênção das pias batismais.

Sob S. Vítor a questão da data pascoal, de novo agitada, deu mais brilho à supremacia do Bispo de Roma.

A Igreja conservara do ritual judaico o uso de se consagrar a Deus vários dias de festas. O sábado (a festa semanal judaica) foi cedo substituído pelo *domingo* em memória do dia da Ressurreição do Senhor. As festas hebraicas caíram em desuso, menos Pentecostes e Páscoa. Por esta é que se estabelecia todo o calendário judaico-cristão. Na Ásia era a Páscoa celebrada no 14.^o dia do plenilúnio de março. Em Roma pretendia-se que a festa fôsse sempre num domingo. Os Orientais e sobretudo a metrópole de Éfeso, com seu velho e enérgico bispo Polícrates aferrado às tradições dos antigos judaizantes, obstinavam-se na conservação do seu costume.

O Papa, examinando a opinião das demais Igrejas, fixou a Páscoa para o domingo seguinte ao 13.^o dia do plenilúnio de março. Mais tarde, 130 anos depois, o memorável Concílio de Nicéia (325) deu plena razão a S. Vítor.



26 de agosto — S. ZEFIRINO (199-217) — Mártir

Após a morte de S. Vítor, levaram os fiéis de Roma onze dias na escolha de seu sucessor. Era grande a responsabilidade do futuro papa, porque negras nuvens de nova perseguição se adensavam sobre a igreja de Deus. Nessa angustiosa expectativa recorreram à oração. Deus ouviu suas preces. Foi eleito Zefirino, romano de origem.

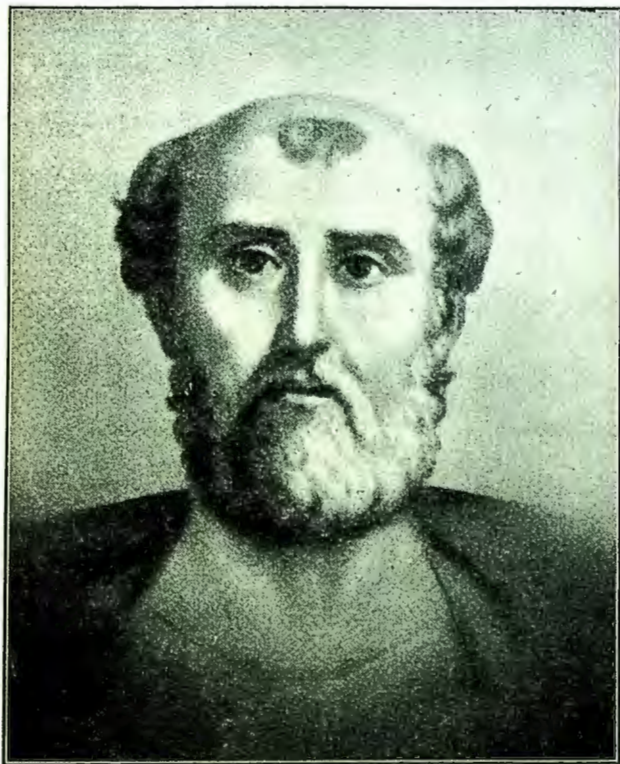
Decretou, entre outras coisas, o uso de patenas de vidro e que se consagrasse o Precioso Sangue em vasos de cristal, e não de madeira, como o faziam algumas comunidades pela extrema pobreza dos cristãos. Nomeou seu auxiliar a Ânzio Calisto, que foi depois papa. Encarregou-o de ampliar o cemitério de Via Ápia, onde se encontravam os túmulos de ilustres mártires como S. Pretextato e S. Domitila, parente do imperador Domiciano. Este célebre cemitério, até hoje conhecido sob o nome de S. Calisto, tornou-se ilustre por sua extensão e por possuir local distinto para os sumos pontífices.

O imperador Severo, no décimo ano de seu governo, desencadeou furiosa perseguição (a 5.^a) aos Cristãos.

S. Zefirino foi heróico na confiança em Deus e no confortar os fiéis. “O sangue dos mártires é semente de novos cristãos” (*Semen est sanguis Christianorum*), exclamava Tertuliano, numa afirmativa inabalável até a consumação dos séculos.

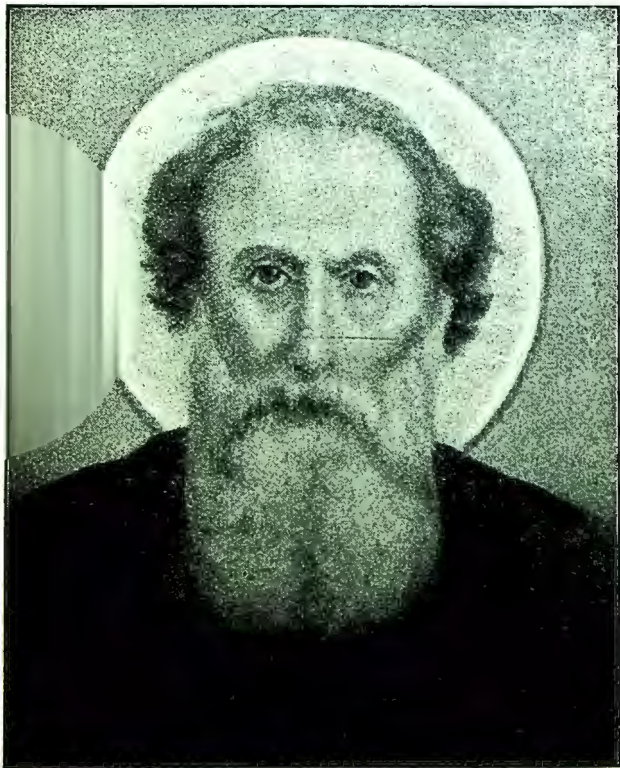
Restituída a paz, morto Severo (Todos os perseguidores passam...) Zefirino empenhou-se em livrar a Igreja da heresia montanista, que reprovava ao Papa o perdão aos relapsos arrependidos... Veio a Roma o grande Orígenes, o fenómeno intelectual de seu século.

Não se sabe ao certo se Zefirino foi martirizado; sua festa é celebrada em 26 de agosto e seu túmulo está junto ao de S. Tarcísio.



14 de outubro — S. CALISTO I (217-222) — Mártir

Filho de Domicio, de antiga família romana, S. Calisto sucedeu a Zefirino. Por razões que desconhecemos teve por adversário Hipólito, autor dos “Philosophúmena”, o qual atribuiu a Calisto doutrinas heréticas e até a condição humilhante de ter sido escravo na mocidade. Acusou-o, como também ao Papa Zefirino, de haver sido indulgente com os apóstatas arrependidos, de haver concedido o matrimônio aos clérigos de ordens menores. Hipólito, instigado pelo rigorismo montanista da época, chegou a declarar-se eleito “para reformar a Igreja”, sendo assim talvez o primeiro antipapa. S. Calisto aumentou consideravelmente o cemitério de seu nome e regulou o jejum das tēmporas, estabelecendo-o em dia de sábado, três vezes ao ano em recordação do trigo, do vinho e do azeite, dons de Deus, tão celebrados desde o Antigo Testamento. Procurou tornar a legislação eclesiástica de todo independente da legislação romana, esforçou-se para minorar os sofrimentos dos escravos etc. . . Seu pontificado gozou de paz quase completa: era imperador Heliogábalo (218-222), o mais depravado dos césares romanos, que nem tempo tinha para pensar nos cristãos. Sucedeu-lhe Alexandre Severo (222-235) tão sensato e benigno, que se pensa quisesse fazer-se cristão. Sua mãe, Mamea, manteve correspondência instrutiva com Orígenes. Entretanto, durante uma tempestade em Roma, ausente Alexandre, dois raios incendiaram o Capitólio e o templo de Júpiter. Os pagãos atiraram-se às comunidades cristãs, culpando-as “pelas iras dos deuses”. S. Calisto morreu atirado a um poço, que foi enchido de pedras. Nesse local foi construída a igreja de S. Maria em Trastéveres, ainda existente.



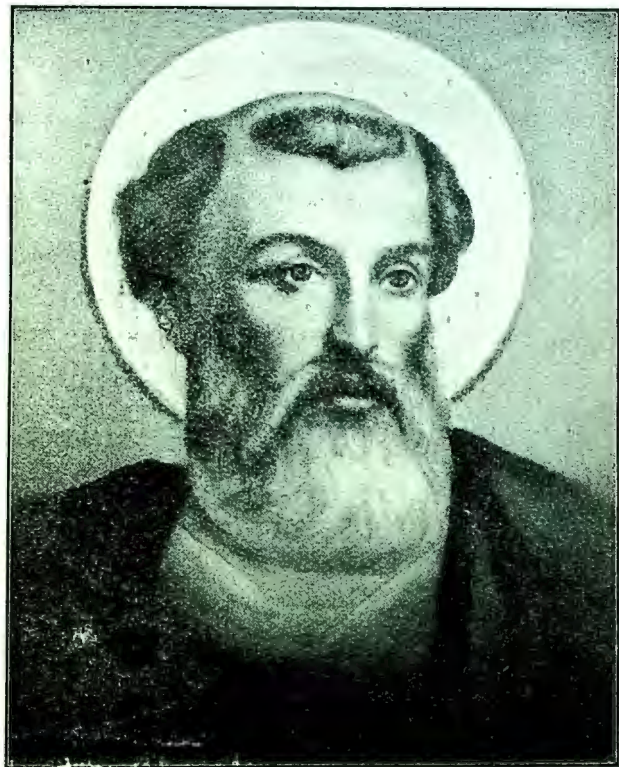
· 25 de maio — S. URBANO I (222-230) — Mártir

Santo Urbano nasceu em Roma e sucedeu a Calisto na Sé de Pedro. Era então imperador Alexandre Severo (222-235) e a Igreja gozava de paz, exteriorizando fora das catacumbas a sua grandeza — o que excitava o ódio dos corrompidos pagãos.

Estabeleceu que os vasos sagrados fôsem de prata e benzeu 25 patenas dêsse metal para as paróquias de Roma. Determinou que as esmolos e os legados ofertados à Igreja fôsem aplicados exclusivamente no sustento dos pobres e do culto divino.

A hagiografia apresenta geralmente como martirizados em seu tempo S. Cecília e companheiros. Entretanto, parece que o bispo Urbano, de que fala o martirológio, não era êste papa, mas, sim, algum homônimo seu, dos tempos de Marco Aurélio ou Cômodo (161-192). Santa Cecília foi primeiramente sepultada no cemitério de Calisto. A proximidade da cripta de Urbano I com o túmulo dessa Santa, fêz nascer a confusão do autor dos “Atos de S. Urbano”, do século V.

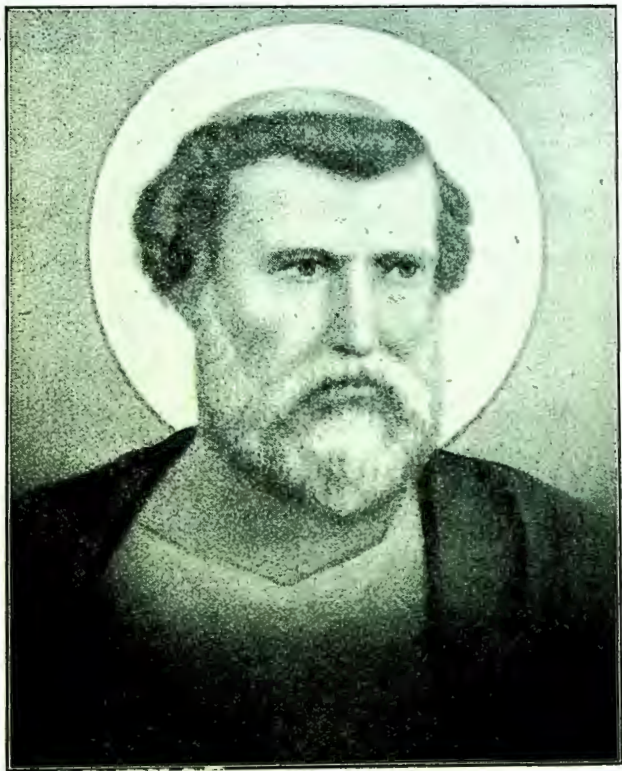
Bem ilustra a generosidade da fé cristã o martírio de S. Cecília. Pertencia ela a família muito nobre de Roma. Prometida em casamento a outro nobre, Valeriano, que era pagão, Cecília converteu o noivo e o irmão dêle, Tibúrcio, que se fizeram batizar pelo bispo Urbano. Fervia então a perseguição. Almqúio, prefeito de Roma, avocou a si o julgamento de personagens tão ilustres. Condenados e mortos os dois irmãos, o prefeito estendeu as mãos cúpidas à fortuna dêles. Cecília, porém, já havia distribuído aos pobres todos os bens de família. Foi então ferida à espada, em seu palácio, permanecendo viva ainda três dias, confortando os cristãos. — S. Urbano, papa, é festejado em 25 de maio.



19 de novembro — S. PONCIANO (230-235) — Mártir

A S. Urbano I sucedeu Ponciano, filho de Calpúrnio, natural de Roma. Governou a Igreja em paz por vários anos, porque o imperador Alexandre Severo inclinava-se cada vez mais em favor dos cristãos. Quando, porém, Maximino Trácio (235-238) assassinou e substituiu a Alexandre, recrudescceu a perseguição (6.^a). O Cristianismo já se havia fortalecido na sociedade e ao pontífice foi poupada uma morte imediata. S. Ponciano viu-se então desterrado para a Sardenha, condenado aos trabalhos forçados nas minas. Pode-se fazer uma idéia dos tormentos por que passou, na sua avançada idade, agrilhado num trabalho de escravos brancos, de sol a sol, sob maus tratos de bárbaros feitores pagãos, em companhia dos piores criminosos.

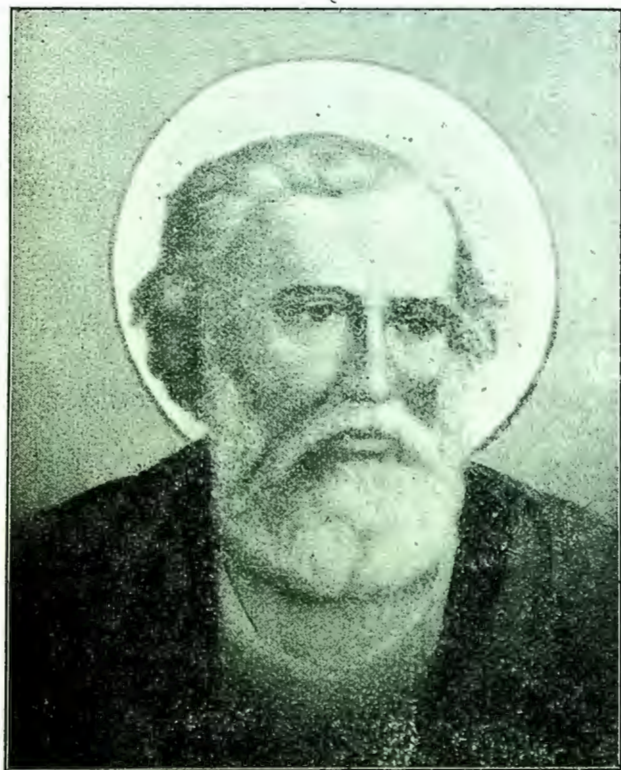
Lá expirou num martírio prolongado. Ainda hoje é recordado seu nome na pequena ilha de Tavolara. — Admiráveis as vias do Senhor! Por essa ocasião, foi prêso também Hipólito, o celebrado autor dos *Philosophúmena*, acérrimo opositor dos papas S. Zefirino e S. Calisto, homem de grande valor intelectual, porém ambicioso, misto de heresia e de sinceridade. Hipólito, que se fizera antipapa, colhido nas malhas da perseguição, foi também enviado às terríveis minas da Sardenha. Lá encontrou-se êle com o papa verdadeiro, reconciliou-se, compartilhou generosamente daquela vida que era a morte lenta... Também êle, “perseguidor da Igreja” como Saulo, terminou sua vida com a glória do martírio. — Em 238 o papa Fabiano obteve licença do imperador Gordiano e transportou os corpos dêsses mártires para Roma. — S. Ponciano, sepultado no cemitério de Calisto, é festejado em 19 de novembro.



3 de janeiro — S. ANTERO (235-236) — Mártir

Antero era grego de nascimento. Governou muito pouco tempo. O arqueólogo moderno Rossi encontrou seu sepulcro. Conta-se que Antero, movido pelas façanhas gloriosas dos mártires, instituiu notários ou amanuenses, que recolhessem os escritos sobre os santos martirizados. Neste caso poder-se-ia intitular S. Antero protetor dos bibliotecários, abençoando os árduos trabalhos de pesquisas dos historiógrafos. Muito havia para se recolher. A literatura cristã, a princípio débil e escassa, já sobrepujava a outrora gloriosa literatura pagã. Sábios e ilustrados, tinha-os a Igreja em quantidade, apesar das perseguições. Basta citar a Escola Catequética de Alexandria (Egito), onde se ensinavam a filosofia, a gramática e a retórica, escola onde brilharam, por ex., o ateniense convertido Clemente de Alexandria e seu discípulo Orígenes (185-254). Êste, apelidado “adamantino”, teve por pai um santo mártir, S. Leônidas. Em pequenino, quando dormia, seu pai lhe beijava o peito como “habitação do Espírito Santo”. Prêso Leônidas em 202, a mãe de Orígenes deveu esconder as roupas do filho, para que êste não fugisse a acompanhar o pai no martírio. Orígenes foi a mente mais privilegiada de seu tempo. Atividade assombrosa. Trabalhava com seis secretários, usando seis textos diversos ao mesmo tempo. São Jerônimo diz que Orígenes escreveu mais que outros possam ler, quase 6.000 rolos. As famílias dos imperadores Alexandre e Felipe Árábico trataram-no com deferência e com êle trocaram cartas sobre assunto religioso.

Morreu Orígenes aos 70 anos de idade; sua morte foi causada pelos tormentos sofridos em Tiro pelo nome de Cristo. — S. Antero é festejado em 3 de janeiro.



20 de janeiro — S. FABIANO (236-250) — Mártir

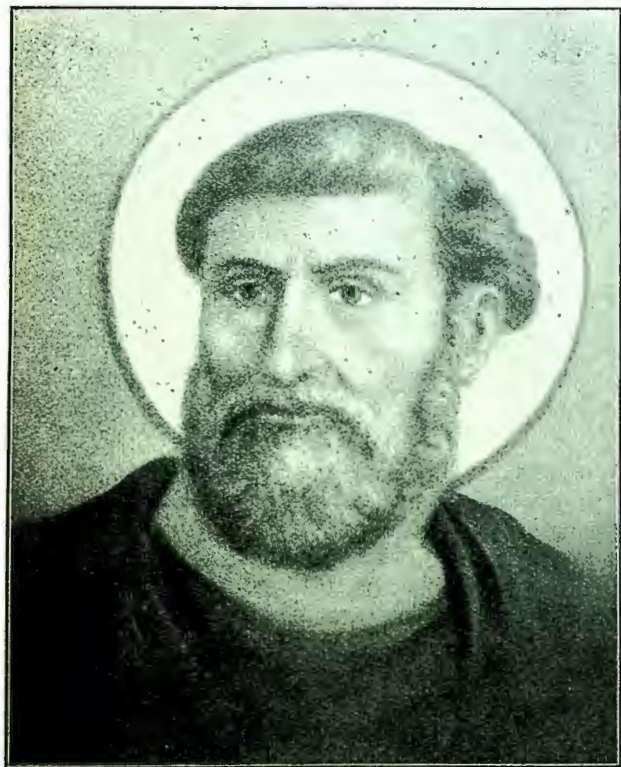
Conta-nos Eusébio que a eleição de Fabiano foi maravilhosa. Voltava êle de fora de Roma, com alguns amigos, quando a assembléia dos Cristãos deliberava sôbre a sucessão do papa S. Antero. Estavam divididos os votos e não se chegava a um acôrdo. Foi quando uma pomba branca, vinda não se sabe de onde, pousou sôbre a cabeça do admirado Fabiano, que mais admirado ainda ficou, quando, por unanimidade, os Cristãos romanos o apontaram como novo pontífice. Foi obrigado a obedecer. Recebeu ordens sagradas e tornou-se sucessor de S. Pedro.

Êste caso explicaria a diversidade de informações sôbre Fabiano: uns dizem-no estrangeiro, outros afirmam que era dè Roma, filho de Fábio.

Governou até à perseguição de Décio (7a.), em que conquistou a palma do martírio e foi sepultado em S. Calisto, onde se lê seu epitáfio.

Aproveitando um tempo de paz, edificara sôbre os cemitérios, fizera nova divisão administrativa de regiões (que durou séculos) e, com sua autoridade, depusera o bispo Privado, da África. A primeira expedição de missionários às Gálias (França e Bélgica) é atribuída a êste papa. Em seu tempo o Império Romano continuou em terríveis convulsões políticas, sucedendo-se, quase sempre pelo assassinio, diversos imperadores: Maximino Trácio, os dois Gordianos, Felipe e Décio. Felipe teria sido, de acôrdo com uma tradição, o primeiro imperador cristão, batizado por Fabiano. Mas sob Décio brilham os santos mártires Ábdon e Sênem, persas, Ágata, Apolônia e outros.

S. Fabiano é festejado em 20 de janeiro, juntamente com S. Sebastião, o qual, porém, foi martirizado mais tarde, em 288 provavelmente.



16 de setembro — S. CORNÉLIO (251-252) — Mártir

A Sé de Roma vagou 22 meses, por causa da perseguição de Décio. Temos minuciosas informações sobre Cornélio, sucessor de Fabiano em um livro “Martírio de S. Cornélio”, escrito, porém, muito mais tarde.

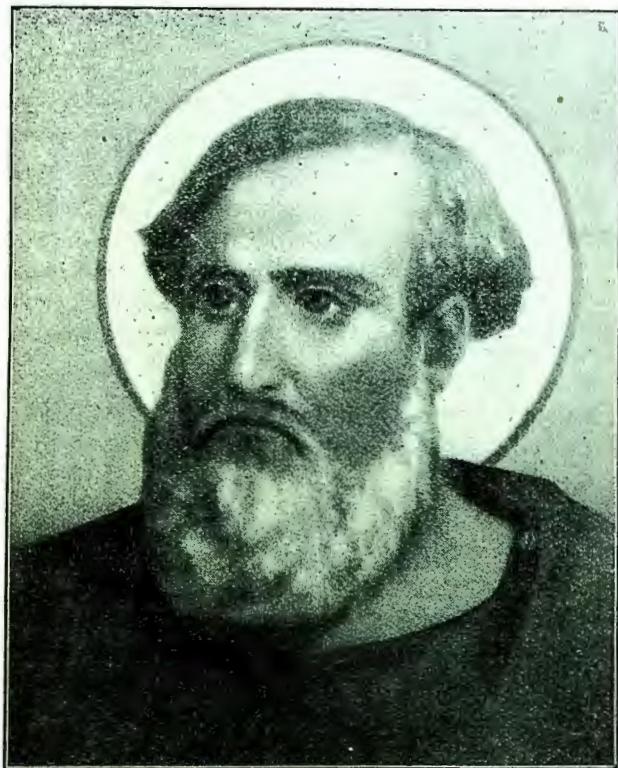
Melhores notícias encontramos no elogio que lhe fez S. Cipriano, seu contemporâneo, louvando-lhe as virtudes e o excelente governo.

Cornélio foi papa no mais aceso da perseguição e teve ainda de lutar pela unidade da Igreja, ameaçada pelo cisma de Novaciano. Era este, médico e padre, um inovador que ensinava ser a Igreja composta só de puros (*oi kataroi*) e que quem houvesse caído em pecado grave depois do batismo jamais poderia ser perdoado e readmitido na comunhão cristã! De modo especial negava o perdão aos “lapsi” — os que na perseguição, por medo, haviam renunciado à própria fé, mas que já se arrependiam. Proibia também Novaciano novas núpcias aos que enviavassem.

Tomado de orgulho pela admiração de seus adeptos, anunciou que havia sido eleito papa, “embora contra sua vontade”. Foi, pois, oficialmente, o primeiro antipapa. S. Dionísio de Alexandria, S. Cipriano de Cartago, Luminares da Igreja, defenderam brilhantemente a autoridade de Cornélio. Houve ameaça de cisma por parte de um diácono Felicíssimo, que foi rejeitado com Novaciano num concílio.

Em 252 o novo imperador Galo, após decretar sacrifícios ao deus Apolo numa epidemia, ordenou a 8.^a perseguição. S. Cipriano escrevia então “à Igreja principal, de Roma, donde emana a unidade sacerdotal”. S. Cornélio foi exilado para *Centumcellae*.

É festejado em 16 de setembro. Seu sepulcro foi localizado ultimamente por arqueólogos.



4 de março — S. LÚCIO I (253-254) — Mártir

Subiu Lúcio ao pontificado em circunstâncias mui difíceis. Ele havia sido desterrado juntamente com São Cornélio e tornou ao exílio, logo depois de elevado ao sólio pontifício.

Conseguiu voltar para junto do seu rebanho, não sabemos de que modo. S. Cipriano saúda-o entusiasticamente numa carta, afirmando que a libertação do martírio não diminui os méritos do confessor de Cristo.

Escreveu mais que, com a volta do pastor, aumentou a autoridade do Papa, cuja figura será para os fiéis um exemplo de martírio. S. Lúcio governou menos de um ano e morreu em Roma.

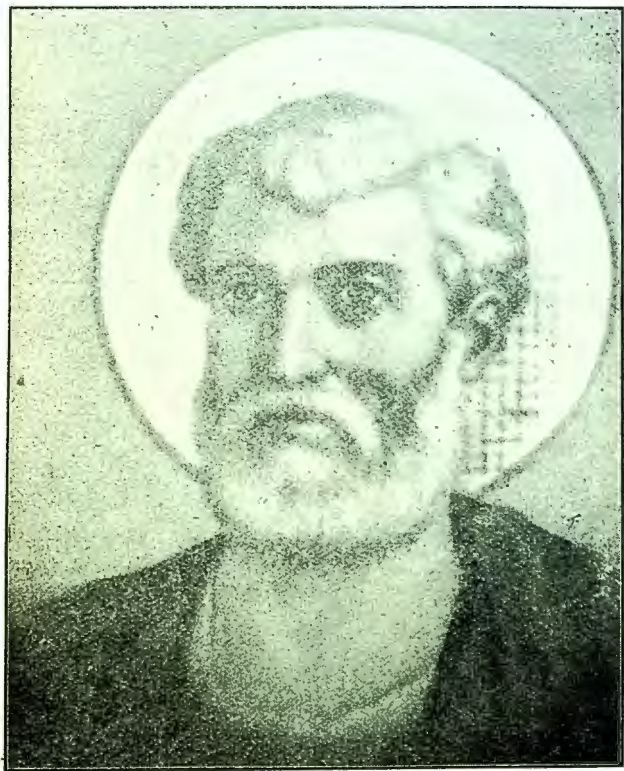
Em carta ao seu sucessor, papa Estêvão I, o bispo Cipriano dá a Lúcio o título de mártir e também assim o intitula o *Liber Pontificalis*.

O nome de mártir, porém, era freqüentemente aplicado aos confessores da fé — aos que viviam santamente e morriam de morte natural — porque realmente a palavra mártir significa “testemunha”, com muita justiça aplicável aos que, pela santidade de vida, testemunharão a fé e os ensinamentos de Cristo.

O Catálogo Liberiano, mais antigo que o *Liber Pontificalis*, não faz menção do martírio de Lúcio, que foi sepultado no cemitério de S. Calisto e cuja festa é celebrada no dia 4 de março. Continuou este papa, com os “lapsi” e com os novacianos, a mesma conduta de Cornélio: bondade com os pecadores e firmeza contra os erros.

Ignora-se o local do nascimento do Papa Lúcio: se era romano ou proveniente da cidade de Luca.

No breve tempo de seu pontificado sagrou vários bispos para diversos lugares. Insistiu também sobre a obrigação de alguns eclesiásticos acompanharem sempre o pontífice.



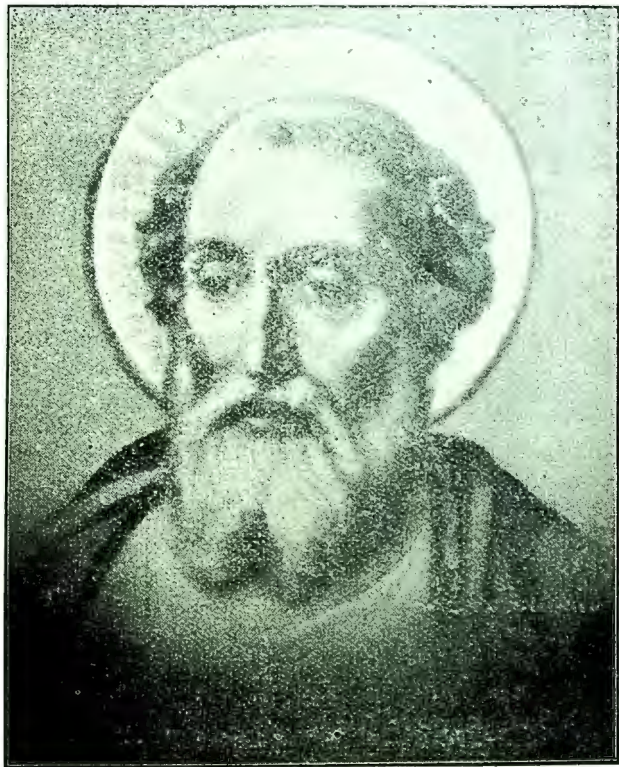
2 de agosto — S. ESTEVAO I (254-257) — Mártir

Estêvão, como seus três predecessores, era romano. Em seu tempo uma calamitosa epidemia devastou o mundo conhecido. Usou êle, então, de infinda caridade, o que motivou numerosas conversões.

Seu pontificado foi agitado pela questão dos “lapsi”. — Durante a perseguição, dois bispos espanhóis, Basíledes e Marcial, haviam-se furtado ao martírio, aceitando um certificado falso de haverem sacrificado aos ídolos. Réus também de outros crimes, foram depostos. Basíledes foi a Roma e, apresentando o caso a seu modo, logrou do papa sua reintegração, o que desgostou a um sínodo convocado por S. Cipriano na África. Curiosa figura, a dêste Santo, ilustre por seu saber e por seu imenso prestígio. De uma lealdade indiscutível para com o Papa, dotado porém de uma franqueza robusta, intervinha sempre e decididamente junto à “nutriz da unidade católica”, como êle chamava a Igreja de Roma. Outra questão surgiu: se se devia, ou não, administrar novo batismo aos fiéis batizados por herejes e aos que, apavorados ante os tormentos, haviam apostatado. Alguns bispos, inclusive Cipriano, endurecidos pelos anos de provações, eram pelo rigorismo. Entretanto S. Estêvão manteve o uso dos Apóstolos, reafirmando ser Roma a fiel conservadora do ensinamento seguro: aconselhou a necessária penitência, sem novo batismo.

Ordenou também que as vestes de uso nas funções religiosas não fôsem usadas na vida civil (por serem iguais então). Foi S. Estêvão martirizado nas Catacumbas, junto à sua cátedra, por isso alguns confundem seu martírio com o de S. Sisto II.

| A Igreja celebra a festa de S. Estêvão a 2 de agosto.

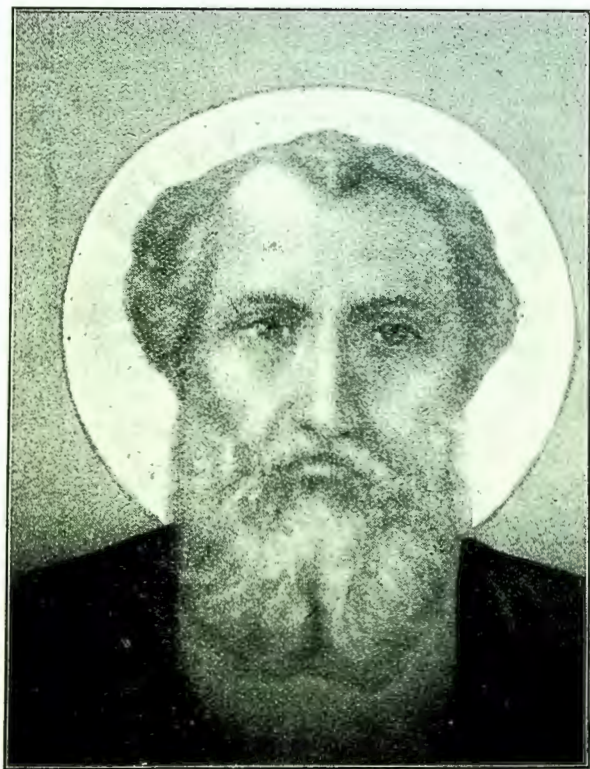


6 de agosto — S. SISTO II (257-258) — Mártir

Sisto II era grego, de Atenas. Sendo diácono da Igreja romana, sucedeu ao papa Estêvão, durante a perseguição de Valeriano (9.^a). Este príncipe, numa inopinada mudança em relação aos cristãos, passou a perseguí-los ferozmente. Na África foi logo prêso S. Cipriano, sendo-lhe intimado oferecer incenso aos deuses. Ao ardoroso e belicoso S. Cipriano uma intimação destas!... Portou-se com sua habitual bravura no suplicio extremo. Decapitaram-no com muitos de seus cristãos.

Em Roma ilustrou-se S. Tarcísio, o jovem que levava a Comunhão às prisões, morto na Via Ápia, a pedradas e pauladas. As Atas de seu martírio são dos melhores documentos do século dos mártires.

Com seus diáconos Agapito e Felicíssimo e com os subdiáconos Januário, Magno, Vicente e Estêvão, foi Sisto martirizado, a espada, quando celebrava as funções religiosas, havendo seu sangue banhado sua cátedra episcopal. Esta foi conservada junto ao sepulcro e estudos arqueológicos recentes confirmaram o fato. O diácono Lourenço, que assistiu a Sisto, lamentava: “Pai, por que ganhas o martírio sem mim?” — “Terás mais bela coroa dentro de três dias”, respondeu-lhe o Papa. E Lourenço, distribuídos aos pobres todos os bens, foi, três dias depois, assado vivo sobre uma grelha; e, num milagre espantoso, ainda zomblava dos algozes! (“Já estou bem assado dêste lado; vira-me e prova”...) Magníficos templos atestam a devoção a S. Lourenço, sendo memorável sua igreja em Roma (uma das sete patriarcais e das sete estações) e o Escorial, imenso palácio-templo, construído por Felipe II, rei de Espanha. S. Sisto é festejado no dia 6 e S. Lourenço, no dia 10 de agosto.

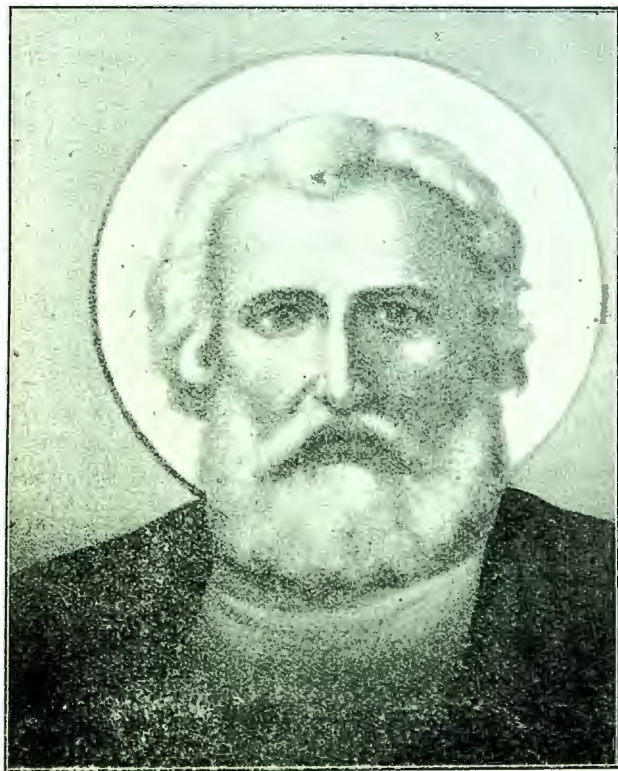


26 de dezembro — S. DIONISIO (259-268) — Mártir

Pouco se sabe da origem de Dionísio, successor de Sisto II, após uma vacância de um ano. “Fêz nova divisão dos cemitérios, das paróquias e das dioceses. Foi sepultado no cemitério de Calisto, na via Ápia, no dia 26 de dezembro”. Estas frases, extraídas do *Liber Pontificalis*, indicam-nos que Dionísio já conhecia bem a constituição da Igreja, procurando melhorá-la.

Viu êle o término do sanguinolento reinado de Valeriano. Êste imperador, após perseguir cruelmente os Cristãos, empenhou-se em guerra contra os Persas. Foi derrotado e prêso — o primeiro imperador romano a cair em mãos de estranhos no campo de batalha! Sofreu humilhações incréveis no seu cativeiro, e, morto, foi sua pele empalhada e conservada para escárnio do potente exército romano! Seu filho Galieno tratou bem os Cristãos; mas o Oriente continuava convulsionado e o papa, conta S. Basílio, enviou socorros aos fiéis de Cesaréia, aprisionados pelos bárbaros. — Na cidade de Palmira, a enérgica rainha Zenóbia estendeu seu império, enfrentando corajosa as legiões de Roma. Apoiou ela o intrigante Paulo de Samosata, eleito irregularmente bispo de Antioquia, mais tarde deposto com auxílio do imperador Aurélio, vencedor de Zenóbia.

Dionísio condenou também a heresia de Sabélio, escritor da Cirenaica, que negava a distinção das três pessoas divinas e reduzia a SS. Trindade a simples questão de palavras. O papa Dionísio teve um esplêndido colaborador em outro Dionísio, bispo de Alexandria, discípulo de Orígenes e autor de preciosas obras.



30 de maio — S. FÉLIX I (269-274) — Confessor

Filho de Constâncio, Félix era romano, de antiga e conhecida família. Determinou de maneira mais precisa o rito, no uso antigo, de se celebrar a Santa Missa sobre os sepulcros dos mártires.

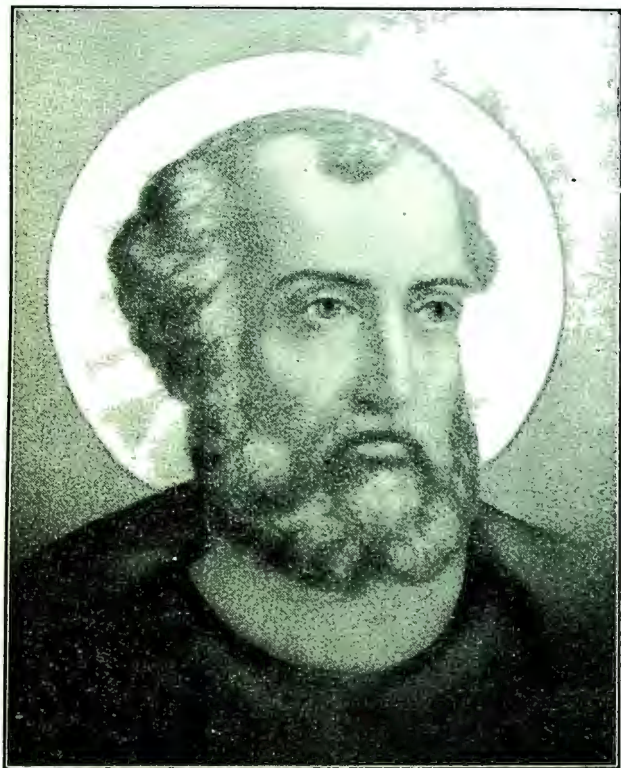
Agiu como Pontífice Supremo no caso da deposição de Paulo de Samosata, o intruso que se apossara da sede episcopal de Antioquia.

O sínodo, reunido nessa cidade, escreveu ao papa Félix sobre a pessoa do hereje: “Orgulhoso de si mesmo, nêle tudo respira fausto e arrogância. Exerce mais encargos civis do que religiosos. Busca os aplausos como um ator teatral. Diz que o Filho de Deus não desceu do Céu”...

Félix I continuou com paciência e firmeza a contrastar o falso pastor. Cita-se uma sua carta dirigida ao bispo de Alexandria, Máximo, sucessor de Dionísio: “A nossa fé na Encarnação é a que nos foi transmitida pelos Apóstolos. Cremos que Jesus Cristo, Senhor nosso, nascido de Maria Virgem, é o Verbo, o Filho eterno de Deus, e não um homem elevado por Deus a essa honra, diverso de Deus. O Filho de Deus não escolheu um homem para a Ele se associar, de modo a haver duas pessoas em Jesus Cristo. O Verbo, Deus perfeito, encarnando-se no seio da Virgem, fêz-se também, perfeito homem”.

Discutiram alguns autores a autenticidade desse documento, mas é certo que no Concílio de Éfeso (431) esta passagem do Papa Félix foi lida como documento valioso na controvérsia dogmática.

Este papa não morreu mártir. A confusão de seu nome com Félix II criou a idéia de seu martírio. Ele repousa no cemitério de Calisto, e a Igreja festeja-o no dia 30 de maio.

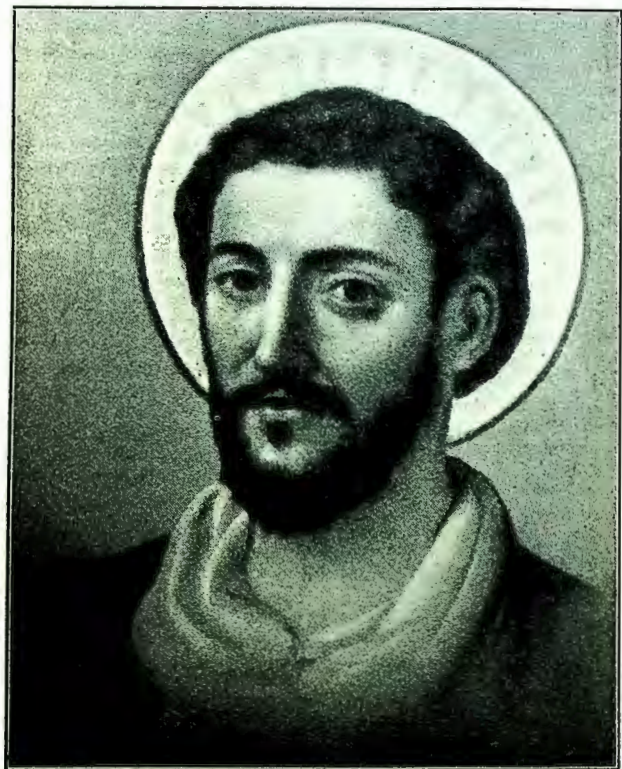


7 de dezembro — S. EUTIQUIANO (275-283) — Confessor

Eutiquiano nasceu na Etrúria (Toscana), na cidade de Luni, seu pai chamava-se Marino. Ordenou que os corpos dos mártires fôsem sepultados em local honroso, revestidos de vestes preciosas. Teve cuidados especiais para com os mortos êste papa. Diz-se que êle, com suas próprias mãos, sepultou 342 mártires nas Catacumbas. Talvez êste número se refira aos anos anteriores à sua elevação ao pontificado, durante as 7.^a 8.^a e 9.^a perseguições, sob os imperadores Décio, Galo e Valeriano, pois seu pontificado corresponde à época de paz outorgada aos Cristãos antes da última e mais grave perseguição, a de Diocleciano. Entretanto êsse período foi de turbulências no Império — onde os pretorianos, soldados do palácio, elevavam e matavam imperadores: Tácito, Probo, Caro, Numeriano... e outros, aclamados, depostos e mortos. Esfacelava-se o poderoso Império Romano, mas a Igreja crescia, apesar de perseguida. Nestas convulsões políticas, não raro, o povo aproveitava-se da desordem para aumentar o número dos mártires.

Por êsse tempo propagou-se o Maniqueísmo — seita fanática fundada por Manés (214-275), um persa insano, que pretendia reunir num só sistema a religião de Zenda (persa), o Cristianismo e o Budismo, dizendo-se, a princípio, o Cristo e, depois, o Paráclito, Espírito Santo. — Esfolado e morto por ordem do pagão Bahran I, rei persa, deixou inúmeros discípulos que espalharam sua religião pela Pérsia e pelos domínios romanos, por séculos:

O sepulcro de S. Eutiquiano acha-se entre os dos papas; sua festa ocorre em 7 de dezembro; não há provas de que haja morrido mártir.



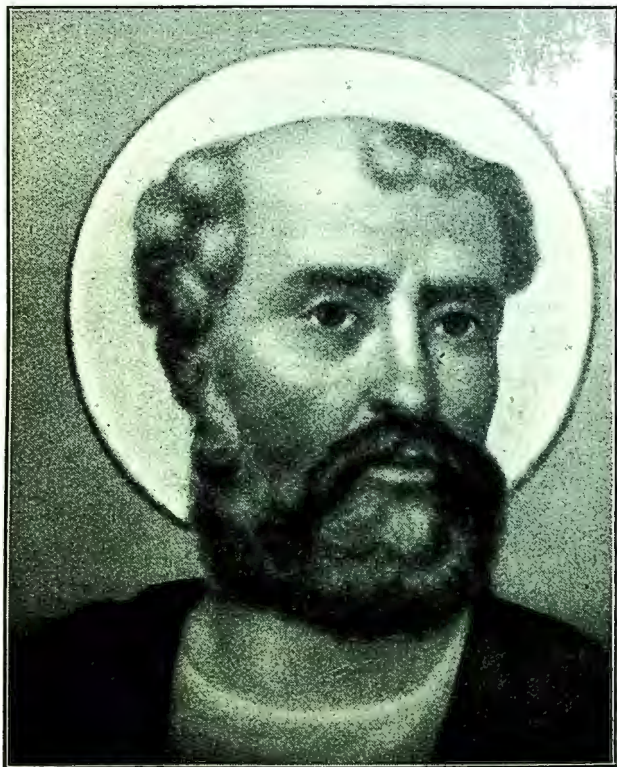
22 de abril — S. CAIO (283-296) — Mártir

O túmulo de S. Caio, no cemitério de Calisto, é dos mais venerados. A sua festa ocorre a 22 de abril, mas não é certo, embora seja provável, que tenha morrido mártir. As notícias que possuímos a seu respeito nos são dadas por um escrito antigo, de autor desconhecido “Martírio de Santa Susana”. — Era, pois, S. Caio natural da Dalmácia (hoje região da Iugoslávia). Era parente do imperador Diocleciano, o bravo soldado notável pela organização robusta que deu ao combalido Império Romano. Mas infelizmente perseguiu, mais que ninguém, os Cristãos, levado por seu genro Galério. Os fiéis ocultavam-se, quais feras acuadas, nos montes, nos bosques, nos desertos. Em Roma voltaram a refugiar-se nas Catacumbas. São estas uns labirintos de corredores subterrâneos, inicialmente feitos pelos escravos para obtenção de areia, depois ampliados pelos cristãos. São galerias extensas, com andares sobrepostos e entrecruzados. Há espaços maiores para salas de reunião e celebração da S. Missa. Aí os fiéis enterravam seus mortos; foram por isso chamados *koimeteria* (cemitérios, isto é, dormitórios). Os discípulos de Cristo queriam que seus corpos fossem enterrados, ao modo do Mestre, e não queimados como os dos pagãos. Aí se vêem as inscrições, no mármore, convidando o visitante a pensar mais em si, na Luz eterna, no Céu, do que propriamente a prantear o morto. Aí se mostra com luz brilhante naquelas sombrias câmaras sepulcrais todo o idealismo da nova religião: a mescla de idiomas e de raças, de classes sociais, desde o nobre patricio ao liberto, ao escravo, ao Bárbaro! S. Caio, dizem, foi martirizado por ter aconselhado a sua sobrinha Susana (mártir) a não se casar com um pagão.



26 de abril — S. MARCELINO (296-304) — Mártir

Marcelino foi papa durante a perseguição de Diocleciano, décima e última. Os sofrimentos foram tais, que os fiéis julgaram haver chegado o tempo da provação final, predito por Jesus. Os cristãos, devido ao anterior período de paz, eram numerosos e conhecidos. Sofreram a perda de bens, a prisão e a morte. Alguns, apavorados ante a crueldade dos tormentos, fraquejaram e entregaram os objetos do culto em troca da vida. Disto se aproveitaram os herejes donatistas, no século IV, para acusarem o papa Marcelino de apostasia. Afirmaram que êle entregou aos perseguidores os objetos da Igreja e que, levado ao templo de Júpiter, ofereceu incenso à estátua do deus imperial. (Diocleciano, imbuído de idéias orientais, exigia que o considerassem Jove, isto é, Júpiter — usava diadema na fronte, era saudado com genuflexão e criava uma guarda pessoal de soldados chamados “Jóvios”). O *Liber Pontificalis*, baseado na informação donatista, e um apócrifo “Sínodo de Simessa” contam-nos que Marcelino, arrependido, apresentou-se ao referido Sínodo — numerosa assembléia de bispos — que o acolheu, mas não ousou julgá-lo. Ambos os documentos afirmam que êle tornou a ser prêso e morreu mártir. É difícil saber-se ao certo o que aconteceu. Eusébio de Cesaréia, historiador dessa época, não fala dessa suposta apostasia. Alguns calendários antiquíssimos não estão de acôrdo. Marcelino foi sepultado no cemitério de S. Priscila, porque a perseguição impedia o sepultamento nas Catacumbas. Sabemos que desta feita, levados pela ambição da recompensa, muitos pagãos diziam-se catecúmenos (iniciados) para delatarem os fiéis e seus esconderijos. S. Marcelino é festejado em 26 de abril, com S. Cleto.



16 de janeiro — S. MARCELO I (307-309) — Mártir

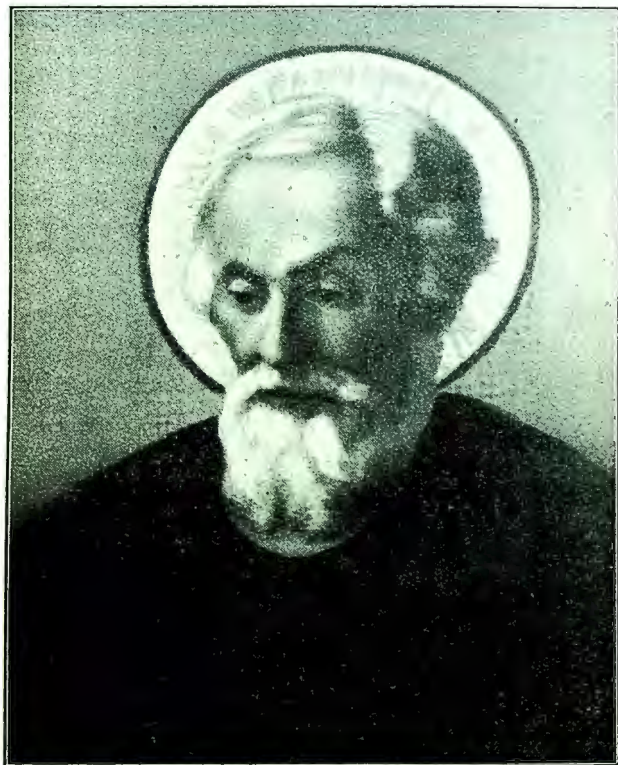
Três anos vagou a Sé de Roma, antes da eleição do Papa Marcelo. Diocleciano não conseguia “extinguir o nome cristão”, como afirmou, pois até na família imperial havia cristãos, a imperatriz Prisca e sua filha Valéria por exemplo. Diocleciano deixou um sistema hereditário por adoção. Continuaram assim seus sucessores a sua política. Com exceção de Constâncio Clo, que governava as Gálias e a Bretanha, os demais “Augustos” e “Césares” perseguiram os fiéis. “Todos os cristãos devem sacrificar ou morrer”.

Renovaram-se então os heroísmos do passado. S. Sebastião, oficial da Corte, S. Inês, jovem da aristocracia romana, S. Anastácia, S. Januário e tantos outros!... Diocleciano, adoentado, e Maximiniano, despeitado, abdicaram. Os “augustos” Galério e Max. Daza continuaram a verter o sangue cristão. Galério, prostrado por horrível enfermidade, revogou no leito de morte seus editos. Daza cedeu ante a pressão dos próprios pagãos, horrorizados ante tamanha crueldade, e “por especial doçura” condenou os cristãos “sòmente à perda do olho direito e mutilação do pé esquerdo, com trabalho forçado nas minas” (palavras do edito).

Outro imperador, Maxêncio, fêz prender o papa Marcelo, obrigou-o a trabalhar com os escravos nas cavaliarias imperiais, onde o santo pontífice morreu de maus tratos.

Uma inscrição de autoria do Papa Dâmaso, descoberta nas Catacumbas, faz um breve mas eloquente elogio de S. Marcelo, que em tanta atribulação ainda reorganizou as 25 paróquias de Roma.

A Igreja festeja S. Marcelo no dia 16 de janeiro.



17 de agosto — S. EUSÉBIO (309-310) — Mártir

Eusébio nasceu na Grécia, ou na Calábria (chamada Magna Grécia). Fôra enviado a Roma para tratar de assuntos religiosos, e de tal forma impressionaram aos fiéis suas acrisoladas virtudes, que o elegeram sucessor de S. Marcelo, na difícil época em que o Paganismo fazia seu último e desesperado esforço para derrotar o Cristianismo.

Além disso, havia o cisma interno. Um tal Heraclio, esquecido da caridade de Cristo, exigia que os "*lapsi*" (aqueles que por medo haviam apostatado) fôsem perenemente impedidos de voltar ao seio da Igreja, muito embora sinceramente arrependidos e após penitência!

Eusébio e Heraclio foram presos e exilados de Roma. O papa morreu logo na Sicília. Ignora-se, porém, o modo de seu martírio. Uma inscrição do papa Dâmaso diz:

"Heraclio sustentava a inutilidade da penitência para os "*lapsi*". O papa Eusébio, pelo contrário, ensinava a êsses infelizes chorar seu pecado. O povo dividiu-se e surgiu a discórdia, fomentada por apóstatas incitados pelo cruel tirano. Eusébio, defensor da fé da Igreja, foi pelos juizes exilado, e no exílio morreu nas praias da Sicília".

Morreu, ao certo, em 310, mas desconhecemos o dia. A data de 17 de agosto, em que é comemorado pela Igreja romana, recorda o dia em que seu corpo foi deposto no cemitério de Calisto.

O Império despenhava-se no caos, havendo simultaneamente vários imperadores, com lutas e crimes. Surgiu então a figura grandiosa de Constantino, filho de Constâncio Cloro e de Santa Helena. Favorável aos Cristãos, iniciava sua marcha vitoriosa da Bretanha, através das Gálias, para a conquista de Roma e para a vitória final do Cristianismo.



10 de dezembro — S. MELQUÍADES (310-314) — Confessor

Melquíades, ou Milcíades, nascido na África foi o papa que viu o triunfo do Cristianismo. Constantino descia sobre Roma contra o imperador Maxêncio, perseguidor dos cristãos. Um dia, narra Eusébio, seu contemporâneo, o jovem general, rodeado por seus oficiais, viu sobreposta ao sol, uma cruz maravilhosa, formada de raios, com a inscrição em grego: “Isto vence” ou “Com êste sinal vencerás”. À noite um sonho misterioso veio corroborar a mensagem recebida por Constantino, diz Lactâncio. Fêz então o jovem comandante o *Lábarum*, estandarte com sinais cristãos, para suas tropas. Em Roma esperava-o Maxêncio, com forças superiores, mas foi derrotado e morreu na Ponte Milvio (28-10-312). Constantino e seu cunhado Licínio, derrotado também Maximino no Oriente, emanaram o famoso edito de Milão (Fevereiro de 313), concedendo “aos cristãos plena e incontestável liberdade de praticar cada um a própria religião”, restituindo-lhes os bens confiscados, os locais de reunião etc... “Assim, o favor divino, de que tivemos prova em circunstâncias tão graves, continuará a favorecer nossos sucessos para o bem público”.

Além da liberdade, Constantino deu também apoio à Igreja contra os hereges. Em Cartago, um tal Donato, prelado fanático, apoiado nas riquezas da patricia Lucila, chefiava um partido que pretendia invalidar a nomeação do bispo Ceciliano, acusando-o de fraqueza durante a perseguição. Por ordem de Constantino os Donatistas, que não queriam acolher o veredicto do papa, foram afastados, continuando embora em sua teimosia, característica dos hereges.

A Igreja celebra a festa de S. Melquíades na dia 10 de dezembro.



31 de dezembro — S. SILVESTRE I (314-335) — Confessor

O pontificado de Silvestre, romano, foi dos mais longos: 23 anos 11 meses, aproximando-se aos de S. Pedro, Pio IX e Leão XIII. Notícias suas são obtidas dos “Atos de S. Silvestre”. Êstes atos recordam a visão de Constantino, sua visita a Silvestre no Monte Sorate, a cura da lepra concedida por Deus ao imperador.

Constantino fêz construir a basílica de S. João de Latrão, embelezou os túmulos de S. Pedro e de S. Paulo, ergueu santuários. Crê-se ter sido Silvestre quem determinou oficialmente que o dia após o sábado se chamasse Domingo (dia do Senhor) e os demais, férias. Também ordenou a unção com crisma aos batizando. É pouco provável que tenha sido êle quem administrou o batismo a Constantino. A “doação de Roma” ao Papa é lenda criada no século VII. É certo, porém, que o Papa ficou sendo a Autoridade máxima na Cidade Eterna quando o imperador se retirou para Bizâncio, que engrandeceu e transformou em nova Roma, com o nome de Constantinópolis e onde sempre residiu.

Depois da Páscoa de 337, Constantino, sentindo-se adoentado, retirou-se para Aquirón, perto de Nicomedia, onde recebeu o batismo antes de morrer aos 22 de maio. Mereceu o título de Magno, embora haja páginas de sangue e de luto em sua vida ainda impregnada de paganismo. S. Silvestre combateu os erros dos Donatistas e dos Arianos. Celebrou-se o célebre Concílio de Nicéia (325), o 1.^o Ecumênico, com a presença do imperador e de 300 bispos, alguns ostentando ainda sinais de martírios... Neste concílio foi condenada a heresia ariana, foi estendida a tôda a Igreja a data romana da Páscoa e seus cânones (leis) tornaram-se as fontes autênticas.

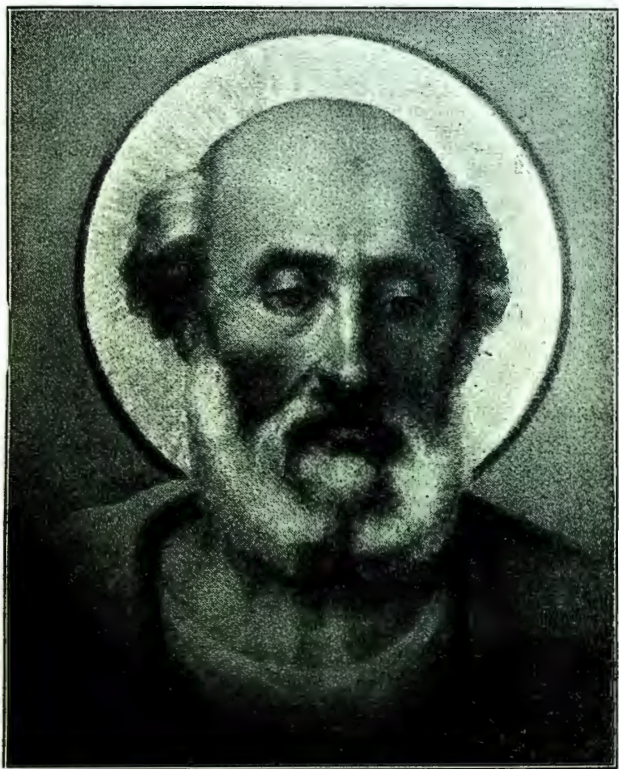
Célebre o Símbolo Niceno, o Credo. S. Silvestre morreu em 31-12-335.



7 de outubro — S. MARCOS (336) — Confessor

Marcos, natural de Roma e filho de Prisco, governou a Igreja por oito meses, de janeiro a outubro. Em seu tempo sofria a Igreja rudes golpes dos sequazes de Ario. Este, pároco em Alexandria, era grave e asceta, hábil dialético, mas de grande orgulho. Partidário da filosofia platônica, afirmava que Deus não pode operar imediatamente sobre o mundo, pois este não suportaria o Infinito, devendo então haver um intermediário, como o Logos de Platão ou o Demiurgo dos gnósticos. Assim, negava a geração eterna do Verbo e a igualdade de Sua Divindade com a do Pai. Um teísmo disfarçado. Obteve admiradores, entre os quais os bispos Eusébio de Nicomedia e Eusébio de Cesaréia, o excelente historiador. O Concílio de Nicéia definiu que o Filho é *homousios* (consustancial) com o Pai. Recorreram então os “eusebianos” à palavra *homouiouios* (semelhante), sendo rejeitados. Questão de uma letra? Não. Sem o dogma da Trindade, a divindade de Cristo não teria inflamado os corações, os Bárbaros não se teriam convertido, por uma “criatura humana apenas” não teríamos os mártires, as Cruzadas, o Ocidente teria perecido. Os arianos submeteram-se aos imperadores (julgaram-nos superiores a Cristo?). Ario foi desterrado, mas voltou por influência de Constância, irmã do soberano, e morreu na véspera de sua reintegração, impenitente.

S. Marcos dispôs que o bispo de Óstia, encarregado de sagrar o papa, usasse o “*palium*”. Trata-se de uma faixa de lã, tosada de cordeiros bentos na festa de S. Inês. Hoje usam-na os arcebispos. S. Marcos foi sepultado no cemitério de S. Balbina, não mais nas Catacumbas. Festejado em 7 de outubro.



12 de abril — S. JÚLIO I (337-352) — Confessor

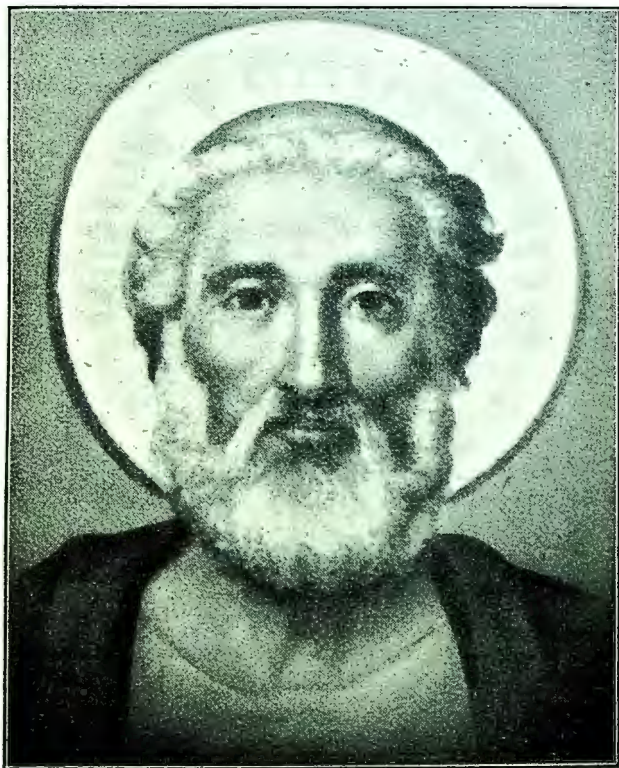
Júlio era romano e governou 15 anos agitados pela questão ariana. — Constantino, ao morrer, repartira o Império entre seus três jovens filhos, educados na verdadeira fé. O segundo, porém, Constâncio, a quem coubera o Oriente, tornou-se defensor do arianismo, que encontrou um potente adversário em S. Atanásio. Este, que brilhara como diácono no concílio de Nicéia, era agora bispo de Alexandria. Chamavam-no “o dialético dos mistérios”, pela sua aguda penetração dos elementos da fé. Durante 50 anos foi Atanásio o mais corajoso e sagaz defensor da fé verdadeira, e fez mais pela Igreja do que todo o poder de Constantino. Cinco vezes o ódio de seus inferiorizados adversários lançou-o fora de sua Sé; por 20 anos sofreu o destêro; cinco vezes voltou em triunfo, idolatrado pelo povo.

Caluniado de imoralidade, de assassinio e de magia, até de reter uma frota imperial portadora de trigo... confundiu seu detratores. Num concílio acusaram-no de haver morto Arsênio, bispo de Tiro, de quem teria guardado um braço para artes mágicas! Apresentaram o braço acusador, mas Atanásio apresentou Arsênio vivo, que fugira depois de seqüestrado pelos arianos.

O espírito grego, apaixonado pela dialética, fez o povo empolgar-se de tal forma que S. Gregório Niseno escreve: “Perguntas ao padeiro o preço do pão e ele te responde” que o Pai é maior que o Filho...”

Em 340 morreu Eusébio de Cesaréia, pai da História Eclesiástica, escrita em grego (10 volumes).

O papa Júlio proibiu aos clérigos a participação em tribunais civis. Organizou os registros. Edificou muitas igrejas. Festejado em 12 de abril.

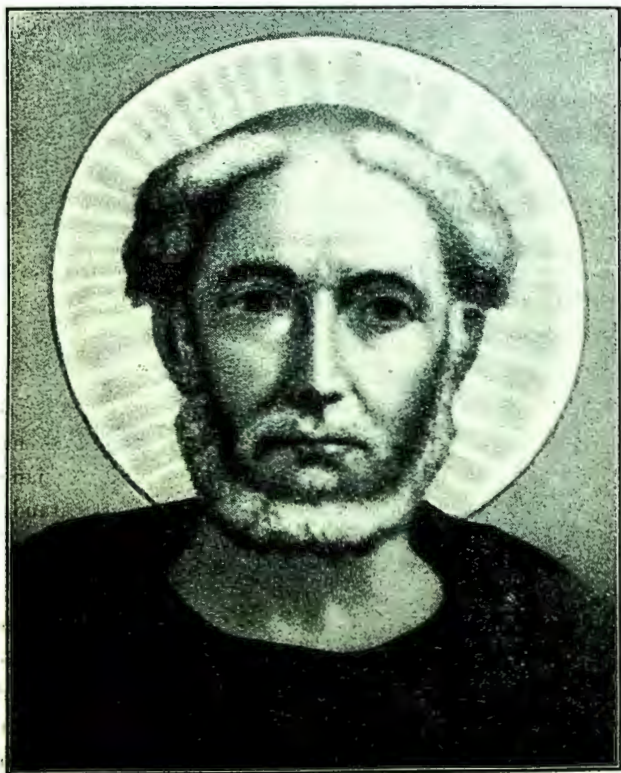


23 de setembro — S. LIBÉRIO (352-366) — Confessor

Atribulados os 14 anos do pontificado de Libério, romano, filho de Augusto, pelos Arianos e por Juliano. Libério defendeu com grande firmeza a fé, o símbolo de Nicéia (Credo) e S. Atanásio. Foi desterrado à Trácia pelo imperador ariano Constâncio. Foi até acusado pelos seus inimigos de haver firmado uma fórmula ariana. Os homens célebres de seu tempo elogiam-no muito: S. Sirício, S. Basílio, S. Epifânio, S. Ambrósio, Cassiodoro e o bispo Óssio de Córdoba, exilado com 100 anos de idade...

O imperador Juliano foi chamado o Apóstata, porque, criado na religião cristã, tentou restabelecer o culto pagão. Instruído, apaixonado pela filosofia grega, perseguiu a Igreja sem martirizá-la em sangue, mas ridicularizando seus ensinamentos, tentando provar que Cristo era apenas "O Galileu..." Foi o último estertor do Paganismo apoiado na inteligência, na astúcia e no poder de um imperador. Juliano morreu combatendo os Persas (363). Diz-se que, atirando seu sangue contra o céu, exclamou: "Venceste, Galileu..." Seus planos, é certo, desfizeram-se com a neblina ao sol.

Durante o exílio de Libério, encontramos em Roma um Félix II, talvez um antipapa, talvez um representante de Libério, e que, à volta dêste, depôs o cargo, morrendo mártir mais tarde. — S. Libério fundou a grande igreja de S. Maria Maior, em Roma, ligada à lenda de haver nesse local caído neve em pleno verão (5 de agosto). A construção foi custeada por um casal rico, mas sem filhos. O epitáfio de S. Libério chama-o "mestre da lei divina e coração sincero". Dia 23 de setembro celebra-se sua festa.



11 de dezembro — S. DAMASO I (366-384) — Confessor

Dâmaso foi nascido em Roma ou era “espanhol da Lusitânia” como consta alhures. Governou mais de 18 aons. Quando diácono, acompanhara o papa Libério no exílio. Em seu tempo aparece a palavra *pagão* (de pagus aldeia, tal era o número de convertidos nas cidades). Eleito, teve um competidor, Ursicino, que, aliado aos Arianos, perturbou a paz de Roma com tumultos e até com mortes. S. Dâmaso apoiou o velho batalhador S. Atanásio e, quando de sua morte (373), aprovou o candidato mais digno à sucessão, o bispo Pedro.

Para unir os fiéis na mesma fé, Dâmaso reuniu sínodos e aprovou, em parte, as resoluções do 2.º Concílio Ecumênico de Constantinopla (381), que estabeleceu “a precedência da igreja de Constantinopla logo após a de Roma”. Contou com o precioso auxílio de S. Ambrósio, admirável bispo de Milão, na exegese escritural e com o de S. Jerônimo, que fêz o elenco dos livros santos, traduzidos sob o nome de *Vulgata*.

Em seu tempo sucederam-se os imperadores Valentiniano I, Valente, Graciano, Valentiniano II e Teodósio o Grande.

Quase octogenário, compareceu ao tribunal de Graciano, para confundir um seu detrator, o hebreu Isaque, que foi condenado. — Combateu os erros dos “apolinaristas”, sequazes de Apolinário de Laodicéia, que afirmavam ter sido, em Cristo, a alma humana substituída pela Divindade; e os macedonianos, que punham o Espírito Santo entre os seres criados. Dâmaso opôs-se ao prefeito Símaco, que pretendia erigir o altar da Vitória no Senado. Determinou a origem e a dignidade dos patriarcados. Embelezou os túmulos dos mártires, inclusive o de sua irmã S. Irene. Morreu em 11-11-384. Foi um grande papa.



26 de novembro — S. SIRÍCIO (385-398) — Confessor

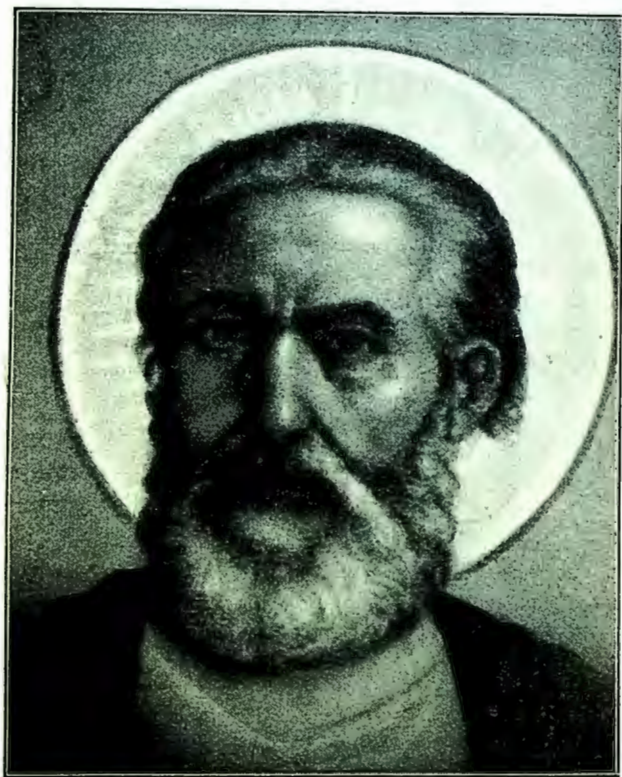
Uma carta de Valentiniano II (375-392) a Piniano, prefeito de Roma, informa-nos da satisfação do imperador pela eleição de Sirício “ótimo sacerdote, bispo de grande virtude, eleito por aclamação, sinal de sua probidade”. Sirício era romano, filho de Tibúrcio.

Enviou a diversos países as decretais, isto é, decisões pontifícias em matéria de disciplina e com força de lei. A primeira decretal que conhecemos é de Sirício a Imério, bispo de Tarragona, na Espanha, reafirmando a praxe de Roma quanto ao batismo, ao celibato dos clérigos, aos interstícios para recepção das ordens sagradas e permitindo aos monges de vida ilibada o acesso ao sacerdócio.

Atribui-se-lhe a introdução da parte “Communicantes” no Cântico da Missa, na forma ainda hoje usada.

Também a Sirício se adjudica o uso do título de Papa (pai), reservado exclusivamente aos Soberanos Pontífices.

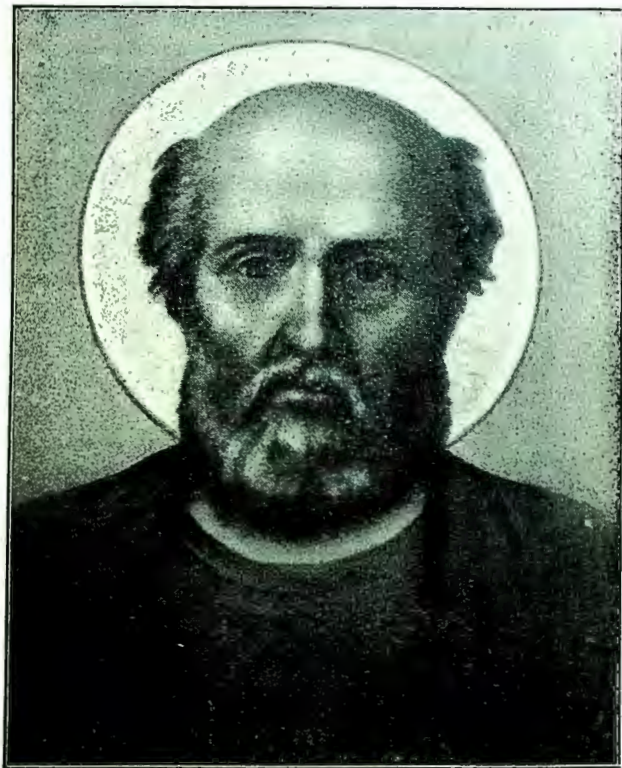
Na Espanha surgiu um movimento ascético especial: Prisciliano, homem rico e instruído, reuniu sequeiros religiosos, que deram motivos a críticas. Repreendidos pelo bispo Idácio, revoltaram-se. A questão foi a Roma. O papa estudava o caso, quando o general Máximo se fazia proclamar imperador, em lugar do assassinado Graciano e, arrogando-se direitos sobre a religião, condenou à morte Prisciliano. Papa Sirício, S. Ambrósio, S. Martinho de Tours, protestaram contra a brutal intervenção imperial. Durou, porém, a idéia priscilianista. Sirício moderou certos exageros do monaquismo. Em seu tempo (387) converteu-se à Igreja o grande S. Agostinho, discípulo de S. Ambrósio († 397). Celebra-se em 26 de novembro a festa de S. Sirício.



19 de dezembro — S. ANASTÁCIO I (399-401) — Confessor

Anastácio, no dizer de S. Jerônimo, era “um homem de riquíssima pobreza e de apostólica solicitude”. Natural de Roma, filho de Máximo, o novo papa governou três anos e dez dias. A seu pontificado remonta a interdição das ordens sagradas aos portadores de alguns defeitos físicos, e a exigência das “cartas dimissórias”, ou seja, da licença do bispo para os candidatos às ordenações. Decretou também que os sacerdotes e os fiéis permaneçam de pé, em sinal de respeito, durante a leitura do Evangelho na Missa. Construiu a basílica Crescenciana. O breve pontificado de Anastácio foi perturbado por lutas de opiniões dogmáticas entre o numeroso grupo dos discípulos de Orígenes e seus opositores. Era preciso escolher o que havia de são e útil nas obras do grande escritor e fazer reservas a certos pontos, por ex. sobre a origem das almas, a restauração final, a ressurreição dos corpos. Intervieram na discussão, que veio trazer mais força moral à Igreja, luminares de ciência, quais S. Jerônimo, Epifânio, Rufino e outros.

Faltava então o grande S. Ambrósio, falecido pouco antes (397). Este santo, suave e forte, era arcebispo de Milão, capital do Ocidente. Ainda hoje os milaneses se consideram “ambrosianos”. S. Ambrósio legou-nos o conhecido exemplo de firmeza pastoral: o imperador Teodósio, enraivecido porque num movimento político haviam derribado a estátua de seu pai, mandara massacrar a população da cidade de Tessalônica. Quando, mais tarde, pretendia entrar na Catedral de Milão, foi obstado por S. Ambrósio, que lhe exprobrou o crime. Teodósio, o Grande, teve a grande elevação moral de “imitar Davi penitente, quem seguira Davi pecador”.



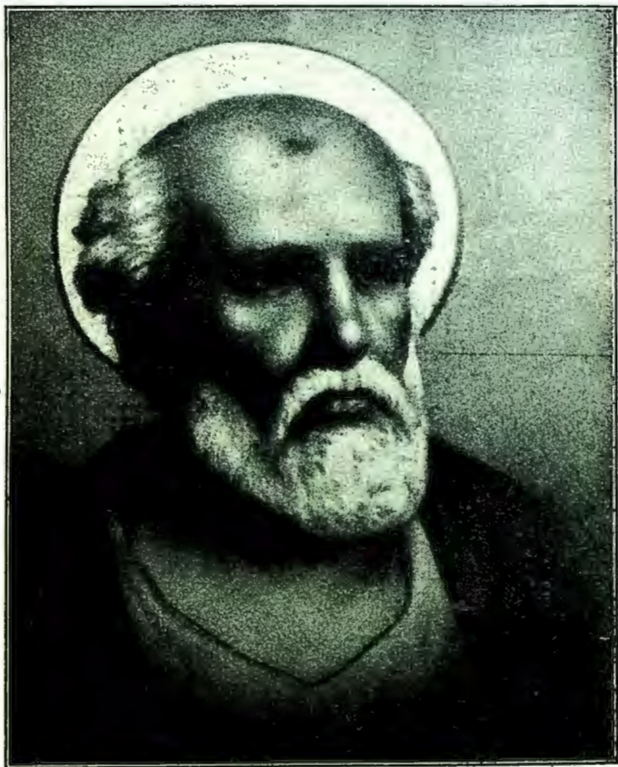
28 de julho — S. INOCÊNCIO I (401-417) — Confessor

Inocência nasceu em Albano, perto de Roma. Aos 42 anos foi elevado ao pontificado. Dirigiu a t6da a Igreja “constituiç6es” s6bre a vida mon6stica, s6bre a admiss6o de catec6menos, judeus e pag6os, s6bre o jejum nos s6bados em mem6ria do dia em que os Ap6stolos aguardaram a Ressurreiç6o. Procurou extirpar o Manique6simo e condenou a heresia de Pel6gio e Cel6stio. Dedicou em Roma a bas6lica dos Santos Gerv6sio e Prot6sio, reformou a igreja de S. In6s e consagrou 54 bispos. Suas cartas aos mais long6quos ant6stites resolvem controv6rsias entre bispos, indicam o cat6logo dos Livros Santos (mais tarde adotado pelo Conc6lio de Trento — 1563). Sua autoridade brilhou tamb6m em defesa de Jo6o, bispo de Constantinopla. 6ste santo, chamado o “Cris6stomo” (b6ca de ouro) pela sua eloq6encia, aplaudido pelo povo, pregava contra os abusos locais: imoralidade e luxo desenfreado da C6rte, indisciplina do Clero, injustiças contra os fracos e pobres. O Cris6stomo foi expulso pela imperatriz Eud6xia e defendido com brilho pelo Papa Inocência, apoiado por S. Jer6nimo e por S. Agostinho. 6ste, ap6s dois s6nodos na 6frica, declarava: “chegaram-nos as respostas da S6 Apost6lica: est6 pois terminada a quest6o”.

A caridade d6ste papa culminou nos cuidados para com Roma, saqueada em 410 por Alarico, rei dos Visigodos.

Havia anos que as negras nuvens dos B6rbaros rondavam as fronteiras. O romano Estilic6o f6ra o escudo da p6tria e o papa in6tilmente implorara provid6ncias aos dois imperadores incapazes, Hon6rio e Arc6dio.

Os Visigodos atravessaram o Imp6rio, da Gr6cia 6 Espanha, onde afinal se estabeleceram. Ru6nas, mis6ria e pranto! Foi a Igreja a 6nica autoridade a socorrer os infelizes.



26 de dezembro — S. ZÓSIMO (417-418) — Confessor

Seis dias após a morte de Inocêncio I foi eleito seu sucessor: Zósimo. O *Liber Pontificalis* diz que era grego, filho de Abraão. Estranhámos-lhe o nome do pai, nada helênico...

Na disciplina da Igreja Zósimo determinou que os diáconos, como em parte já era de uso, levassem ao braço esquerdo o manípulo de linho. Estendeu a tôdas as paróquias a faculdade de benzer o círio pascoal; proibiu aos clérigos freqüentar as hospedarias, devendo acolher-se em casa dos fiéis, quando não o pudessem fazer em casa de eclesiásticos.

O breve pontificado de Zósimo foi perturbado pela heresia. Pelágio, monge bretão de costumes austeros, e Celéstio, ex-advogado que se fizera monge e sacerdote, pregaram inovações, negando a existência do pecado original, negando também a necessidade da graça para se salvar, e mistificando o livre arbítrio. Condenada sua doutrina pelos bispos da África (411), os hereges recorreram ao papa.

Com tais artes se houveram, que se fizeram passar por leais à Fé e obtiveram do bondoso pontífice recomendações de brandura ao episcopado africano. A heresia foi, porém, brilhantemente confutada e vencida pelo admirável S. Agostinho, o enérgico e inteligente bispo de Hipona, o “doutor da graça”.

Na Palestina os pelagianos encontraram viva oposição do grande S. Jerônimo, “o santo doutor das Sagradas Escrituras”. Os arqueólogos indicam como sepulturas dos três papas, Zósimo, Sisto III e Hilário, as três arcadas que estão sob a basílica primitiva de S. Lourenço, a pouca distância do túmulo dêste mártir. — Festeja-se S. Zózimo no dia 26 de dezembro.



4. de setembro — S. BONIFÁCIO I (418-422) — Confessor

À morte do Papa Zeferino estavam os fiéis ainda inseguros quanto ao pelagianismo. A falta da imprensa e de comunicações retardava o esclarecimento do povo cristão. Andavam por isso divididas as opiniões. Foi o que se viu na eleição do novo papa. Um grupo precipitado de fiéis, proclamou eleito o arcediago Eulálio durante o entêro de Zósimo. No dia seguinte, com calma, a maioria do clero e do povo melhor, na basílica de Teodoro, elegeu a Bonifácio, homem duto e prudente, antigo auxiliar do papa Inocêncio. Símaco, prefeito de Roma e cristão, era neto daquele Símaco, pagão, combatido por S. Ambrósio quando queria repor no Senado o simulacro da deusa Vitória.

Indeciso entre os dois partidos, Símaco recorreu ao imperador Honório, o qual ordenou que os dois pontífices se retirassem de Roma até que o sínodo de Ravena estudasse o caso. Bonifácio, para o bem da paz, manteve-se afastado. Eulálio, porém, voltou a Roma para impedir, pela força, que o bispo Aquileu, de Espolêto, funcionasse na Semana Santa. Foi então prêso o intruso, e o povo exultante acolheu o eleito da maioria, o verdadeiro papa, Bonifácio.

Este santo homem conseguiu com muita caridade e paciência fazer valer os direitos de Roma sobre a Igreja de Constantinopla, cujo patriarca era apoiado pelo imperador do Oriente em querer impor-se aos bispos da África. Nessa questão o grande bispo S. Agostinho elogiou com magníficas frases, a prudência e mansidão de Bonifácio. Morria então na Palestina S. Jerônimo (30-9-420), a quem deve o Cristianismo esplêndido trabalho sobre as Escrituras.

S. Bonifácio, papa, morreu no dia 4 de setembro.



27 de julho — S. CELESTINO I (422-432) — Confessor

A eleição de Celestino, filho de Prisco e natural da Campânia (sul da Italia), foi pacífica e de agrado geral, pelo que S. Agostinho escreveu ao novo eleito, congratulando-se com êle. Celestino era de família nobre, parente do imperador Valentiniano III e era homem de muito saber. Regulou no officio divino o uso dos salmos de Davi. Consagrou e embelezou a basílica Júlia. Preocupou-se com a questão dos “apelantes”: eram êstes uns maus eclesiásticos africanos suspensos por seus bispos e que haviam “apelado” para Roma, apresentando o caso a seu modo e obtendo um perdão condicional... o que desagradou a seus prelados. Felizmente a África tinha por bispos a homens do valor de Agostinho, Alípio e Aurélio.

Gravíssima questão foi suscitada pela heresia de Nestório, eleito bispo de Constantinopla apenas por sua maravilhosa eloquência. Imbuído do orgulho da grande metrópole não quis retratar-se de seus erros. Negava a Maria SS. o título de Mãe de Deus, caindo na heresia de Apolinário e de Teodósio de Mopsuéstia, que attribuiam a Cristo dualidade de pessoas. — Realizou-se então em Éfeso (431), sob a proteção do imperador Teodósio II (favorável, aliás, a Nestório), o 3.º Concílio Ecumênico, sob a presidência de S. Cirilo, bispo de Alexandria e representante do Papa. Estudadas e debatidas as teses, foi condenado o êrro de Nestório — e o povo, intensamente devotado a Maria, Mãe de Deus, acompanhou os conciliares numa memorável procissão com milhares de tochas e velas. — Celestino enviou à Irlanda S. Patrício, o tradicional santo dessa Ilha, e Paládio, 1.º bispo da Escócia.



19 de agosto — S. SISTO III (432-440) — Confessor

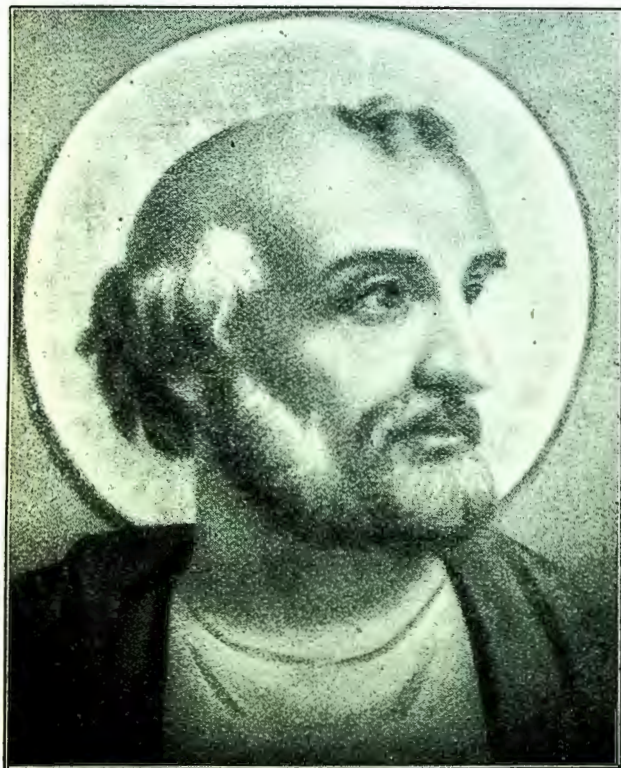
Sisto era um sacerdote romano, muito conhecido, pois a êle enviara S. Agostinho († 430) sua carta sôbre a questão da graça. De coração bondoso, ia-se deixando enganar pela falácia dos pelagianos, mas encontrou um excelente auxiliar em seu diácono Leão, o futuro grande papa.

Vencido o cisma de Nestório, Sisto celebrou essa vitória do dogma católico, reerguendo a antiga basílica Liberiana, dedicada a Maria Virgem, Mãe de Deus, o primeiro templo erguido à Santa Virgem, em Roma, chamado até hoje de Santa Maria Maior. São notáveis os mosaicos, com que o papa fêz adornar essa igreja, representando a Anunciação, a morte dos Santos Inocentes, a Fuga para o Egito e a Apresentação ao Templo. A ausência do Nascimento de Jesus é explicada pela existência de um nicho com figuras representando o Natal, um proto-presépio talvez.

Belo o quadro, em mosaico, de Maria rodeada de mártires, com a dedicatória composta por Sisto: “Mãe de Deus, Santa Virgem, eis os teus mártires que pelo teu Filho sofreram, a ti ofertam suas coroas, tendo aos pés os instrumentos do seu martírio. Eis a espada e o fogo, eis as feras, o rio, o mortífero veneno. Diversa é a forma de morte que os colhe, a mesma, porém, é a coroa de glória”.

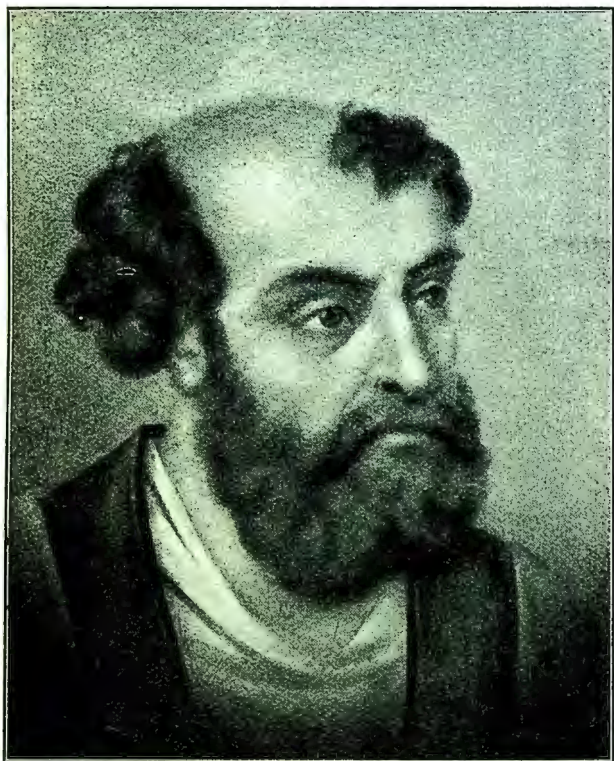
S. Sisto seguiu com energia heróica os vestígios de seus antecessores, mantendo sã a doutrina, opondo-se às usurpações de jurisdição intentadas pelo patriarca de Constantinopla, defendendo a unidade da Igreja. S. Leão Magno louvou Sisto como “magnífico restaurador de templos e mais ainda das almas, cuja memória será indelével pelo bem que operou”.

S. Sisto morreu no ano 440; ignora-se o dia.



11 de abril — S. LEO I Magno (440-461) — Confessor

Leão, toscano, mereceu o título de Grande. Apesar de eleito por unanimidade, ausente nas Gálias, exclamou: “a dignidade de Pedro não sofre diminuição por indigno que seja seu sucessor”. As vicissitudes fizeram brilhar seu valor. — Êutiques, arquiemandrita de 300 monges, ensinava que em Cristo existe uma só natureza, a divina (monofisitismo). Reprovado por seu bispo de Constantinopla, foi apoiado pelo imperador, mas finalmente condenado pela exposição clara e precisa da doutrina papal, no 4.º Concílio Ec. de Calcedônia (449). Há remanescentes dessa heresia no Egito e Abissínia (Coptos) e na Síria e Mesopotâmia (Jacobitas). S. Leão criou representantes permanentes seus nas Côrtes, princípio das “nunciaturas”. — Em 451, Átila, rei dos Hunos, “o flagelo de Deus”, com suas hordas selvagens atacou o Ocidente. S. Genoveva salvou Paris. O Huno invadiu então a Italia “não crescendo mais a erva, onde seu cavalo pisara”. O imperador romano fugira de Ravena para a aterrorizada Roma. S. Leão saiu então ao encontro do Bárbaro. Uma lenda, imortalizada num quadro de Rafael, diz da aparição de S. Pedro e de S. Paulo ameaçando Átila. O certo é que “o terror do mundo” retrocedeu, indo morrer na festa de seu casamento na Panônia (453). O papa salvara Roma! A cidade ingrata, porém, não ouviu seus conselhos, continuou no mal e suas discórdias atraíram Genserico, rei dos Vândalos, que a saqueou, levando até os vasos sagrados trazidos do Templo de Jerusalém por Tito. Pela preces de Leão, Genserico poupou maiores desgraças. S. Leão é célebre também pelas suas homílias. Logo após sua morte (461), teve culto de santo.

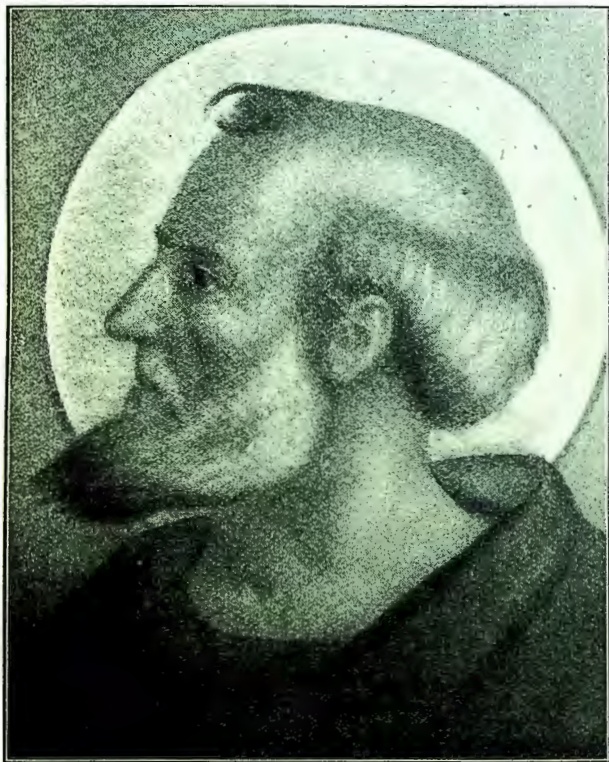


28 de fevereiro — S. HILARIO (461-468) — Confessor

Hilário, filho de Crispim, nasceu na Sardenha. Sucedeu a Leão Magno em 12-11-461. Havia estado no conciliábulo eutiquiano, onde a custo salvara a vida. Fugitivo, trouxera a Roma o apêlo dos bispos depostos naquela ocasião. Como Papa, confirmou os concílios de Nicéia, de Éfeso e de Calcedônia, anatematizando Êutiques, Nestório e outros. Sustentou a autoridade da Sé católica, resolvendo questões de limites entre dioceses, de poderes entre arcebispos e bispos. As cartas dos mais distantes primazes e antístites testemunham a autoridade precípua do sucessor de S. Pedro. Enriqueceu de arte a ~~basílica~~ *basílica* constantiniana. Instituiu mosteiros em S. Lourenço “ad balneum” e no pretório de S. Estêvão. Era muito devoto dêste santo protomártir, erigindo-lhe um bellissimo oratório em Latrão.

Notável também haver S. Hilário fundado duas bibliotecas nesse local. No tempo em que as invasões dos Bárbaros destruíam tôda civilização, e quando em livros não se podia pensar ante as angustiosas calamidades, o Papa procurava salvar o que lhe era possível, da literatura. “A História é a mestra da Vida”: nela deviam aprender os que levanamente accusam a Igreja de obscurantismo!

“Em uma ordenação, feita em Roma no mês de dezembro, impôs as mãos a diversos sacerdotes e diáconos e a vinte e dois bispos, destinados a diversos lugares”, lemos de S. Hilário. Lemos também que êle combateu a heresia de Macedônio e protestou enèrgicamente ante o Imperador contra as “lupercais”, festas tradicionais pagãs. — Celebra-se a festa de S. Hilário, papa, no dia 28 de fevereiro.



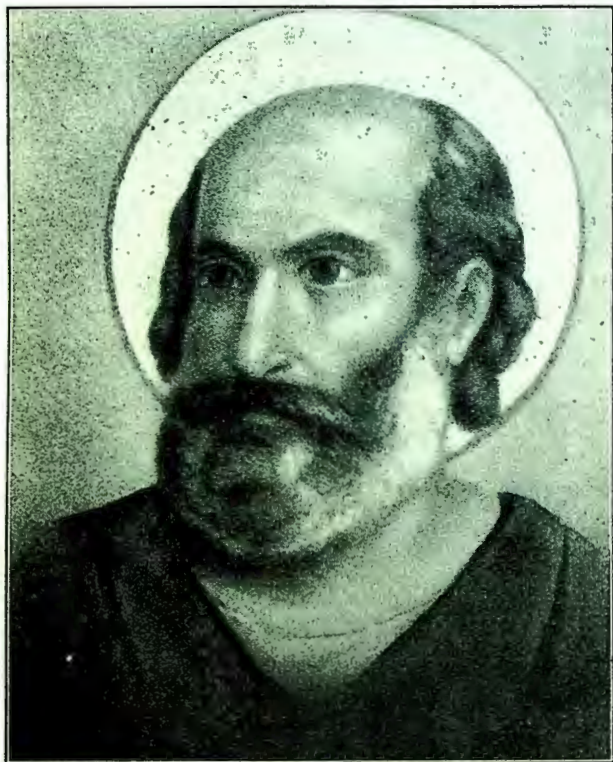
10 de março — S. SIMPLICIO (468-483) — Confessor

Oriundo de Tíbur (Tívoli), era Simplício filho de Castino, pertencente a antiga e fervorosa família cristã. Eleito por unanimidade, foi sagrado dia 5 de março. Em seu pontificado deu-se um fato importantíssimo na História: o ano 476 fixa a queda do Império romano do Ocidente, iniciando-se um período a que chamamos Idade Média. Odoacro, filho de um guerreiro de Átila, aclamado rei por seus audazes soldados germânicos, destronou em Pavia ao jovem Rômulo Augústulo, último imperador romano do Ocidente. Odoacro era bárbaro e ariano. Então Zenão, do Oriente, julgou-se único soberano cristão legítimo; imiscuiu-se em assuntos religiosos e caiu em eutiquianismo.

Favorecido por êle, Acácio, de Constantinopla, intentou submeter ao seu patriarcado as Sés de Antioquia e de Alexandria, violando os antigos cânones. Chegou a impor a Alexandria como bispo, um tal Pedro Mongo, o Tartamudo. Acácio chegou ao ponto de usar em seu favor, por dolo, da popularidade de S. Simeão Estilita (assim chamado porque vivia sôbre as ruínas de uma coluna), o qual, com sua vida santa e com suas prédicas, incitava o povo à penitência. Apesar de se ver sôzinho, como autoridade, ante a invasão dos Bárbaros, o papa Simplício usou de todo o vigor, até obrigar os imperadores orientais Zenão e Basilisco a reconsiderarem seus atos de exorbitância.

O papa Gelásio explicava mais tarde êstes acontecimentos pelo “proceder insensato dos hereges, os quais, tendo rejeitado a doutrina dos Apóstolos, apoiam-se em decisões doutrinárias de leigos; recusam os decretos dos sagrados concílios, mas põem sua esperança em asserções dogmáticas de gente do mundo”.

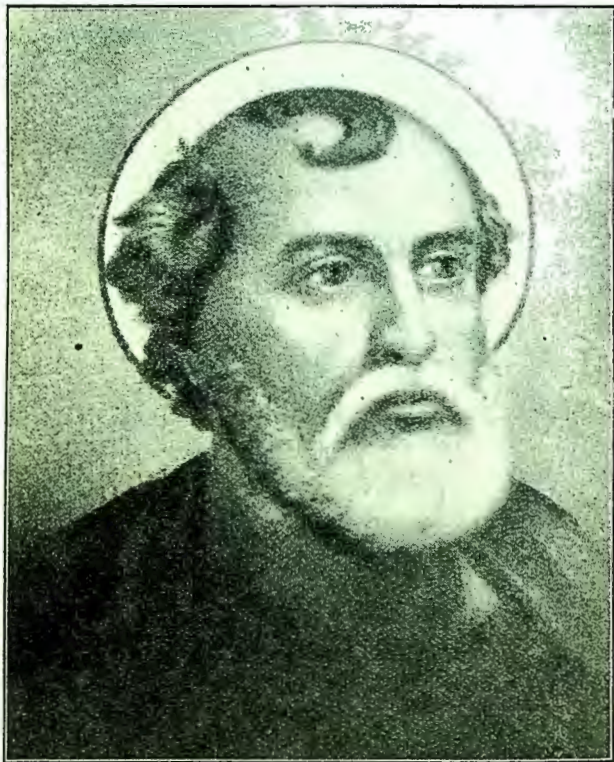
Aos 10 de março é festejado S. Simplício, papa.



1.º de março — S. FÉLIX III (483-492) — Confessor

O sucessor de S. Simplicio leva o ordinal III em seu nome, porque por alguns autores é considerado papa legítimo S. Félix II, mártir do tempo de Libério.

Félix III nasceu em Roma. Fôra casado e um de seus netos tornou-se mais tarde S. Gregório Magno. Após enviar, Félix foi ordenado sacerdote, como acontecera com seu pai. // Nosso santo enfrentou logo o cisma de Acácio, Pedro Mongo e Pedro Fullon, apoiados pela Côrte de Constantinopla, a qual favorecia a insubmissão dos bispos bizantinos, em proveito próprio, chegando a corromper alguns enviados do papa. Félix III, após intimações caridosas, enviou a Acácio a bula de excomunhão. Como êste se recusasse a receber os enviados pontifícios, alguns monges audazes pregaram-lha no manto, durante as funções na catedral. Puniu-os o imperador: alguns foram mortos. Escreveu então o papa ao ímpio Zenão: “Escolhe, ó imperador, entre Pedro Mongo e Pedro Apóstolo”. . . Recorda ao ingrato soberano quanto os católicos haviam feito para sua reintegração, quando fôra expulso do trono. E Félix reivindica de César o que é de Deus. . . Em 491 morreu Zenão. Contam que, embriagado num banquete e dado por morto, foi sepultado vivo por ordem de sua mulher Ariadna, e que, voltando a si no túmulo, urrou desesperadamente até morrer. Ariadna fêz proclamar imperador a Anastácio, jovem oficial. // No Ocidente, Teodorico, rei dos Ostrogodos, venceu Odoacro, assediado três anos em Ravena, e se proclamou rei da Itália. Era ariano, Teodorico, mas protegeu os católicos, até ser atacado pelo Oriente. // S. Félix confortou os perseguidos (mais de 5.000) vítimas de Hunerico, rei dos Vândalos. // Félix III foi sepultado na igreja de S. Paulo (Roma), reconstruída por sua família.

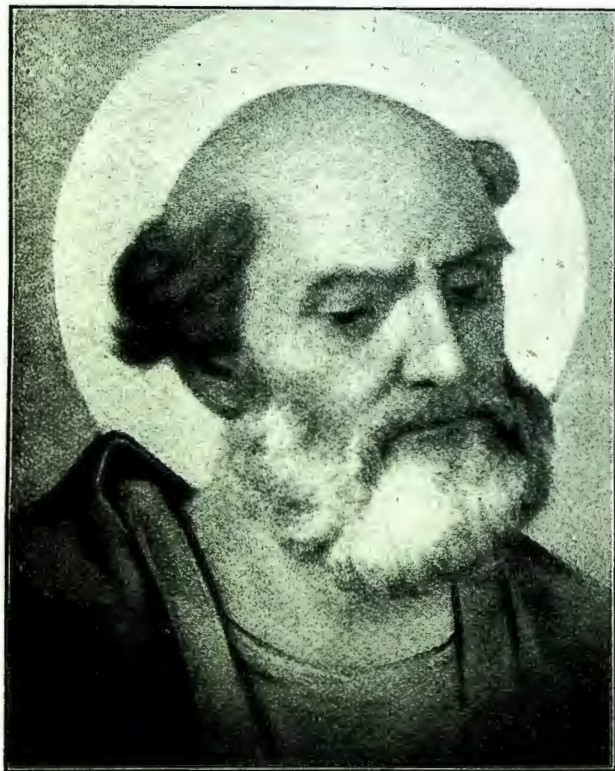


21 de novembro — S. GELÁSIO I (492-496) — Confessor

Nascido na África, Gelásio governou ao tempo de Teodorico, rei ostrogodo da Itália, e de Anastácio, imperador do Oriente. Em um sínodo recebeu a retratação do bispo Miseno, readmitindo-o à comunhão da Igreja e restituindo-o à sua Sé. Caráter vigoroso, inteligência lúcida, escreveu trabalhos eruditos. Tratou com deferência imerecida a Anastácio, mas com firmeza defendeu o primado de Roma contra Constantinopla, que pretendia direitos sobre os patriarcados de Antioquia e de Alexandria. O fato de ser a sede do governo imperial não concedia direito algum religioso a Constantinopla, assim como a sombra do palácio do imperador em nada aumentara o poder das Sés de Milão, Ravena, Sirmio ou Treveres, antigas capitais. Acusado pelo bizantino Eufêmio de haver faltado à caridade, defende-se Gelásio: “não se pode de modo algum fraquejar, em se tratando de defender as supremas verdades da Fé”.

No Ocidente a Igreja lutava por civilizar a rudeza dos Bárbaros. Teodorico, por ex., matara um católico que, para lhe ser agradável, se fizera ariano. Afirmou o rei: “quem não é fiel a seu Deus, não o é a seu rei”.

Gelásio regulou a disciplina eclesiástica quanto às ordenações e estágios; deu normas sobre a profissão dos monges e a vida dos mosteiros; reuniu no livro “*Sacramentarium*” tôdas as missas do ano e as fórmulas dos Sacramentos. Muito trabalhou para atenuar a miséria e a fome causadas pelas guerras. Aboliu em Roma as “lupercais” (festa da Loba), recordação das obscenidades do paganismo e, parece, instituiu a festa da Purificação da Virgem Maria. — Atendeu tanto à pobreza que foi chamado “Pai dos Pobres”.



19 de novembro — S. ANASTÁCIO II (496-498) — Confessor

Anastácio nasceu em Roma e reinou dois anos. Como seus predecessores, teve que se haver com os cismáticos orientais. Pensou que, com mais brandura, obteria a conversão desses transviados. Era amigo pessoal de Acácio, patriarca de Constantinopla, e quis atraí-lo por meio de Fotino, diácono de André de Tessalônica. Escreveu ao imperador, também chamado Anastácio, aceitando na Igreja os que houvessem sido batizados ou ordenados por Acácio.

Essa condescendência levou alguns escritores, contemporâneos e posteriores, a condenarem a atuação deste papa. Ainda mais: o imperador Anastácio terminou seus dias de maneira trágica: foi despedaçado e queimado por um raio; alguns escritores atribuíram também ao papa um fim tão miserando. O próprio Dante Alighieri coloca-o entre os precitos eternos: “Anastazio papa guardo, lo qual trasse Fotin della via dritta”.

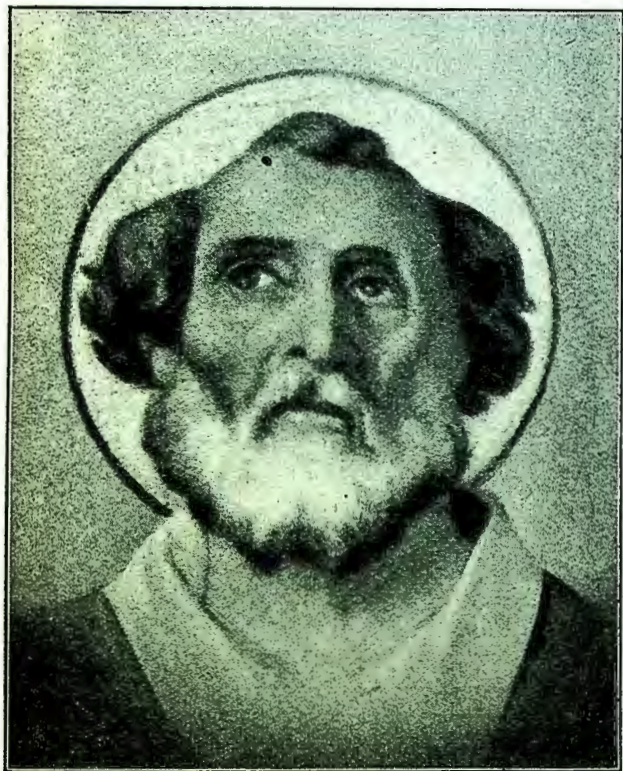
Anastácio viu a vitória dos cristãos da Armênia contra seus perseguidores da Pérsia. Em seu pontificado foi batizado Clóvis (Clodoveu), o valoroso rei dos Francos. Casado com Clotilde, católica e filha do rei-mártir da Borgúndia, Clóvis recebeu o batismo das mãos de S. Remígio, em Reims, cuja catedral se tornou o lugar tradicional da sagração dos reis franceses. À diferença dos demais povos bárbaros que eram arianos, Clóvis fundiu seus Francos com os católicos romanos das Gálias, num sólido bloco que fez a grandeza da França. Esta gloriosa nação ganhou assim o título de “primogênita da Igreja”. “Este papa condenou a afirmação de que as almas humanas são criadas pela natureza e não por Deus”. — Morreu Anastácio II em 19-11-498.



19 de julho — S. SÍMACO (498-514) — Confessor

Natural da Sardenha, Símaco regeu a Igreja por mais de 15 anos. Reinava então na Itália, Teodorico, ostrogodo; e no Oriente, Anastácio. O primeiro era ariano. O segundo participava do cisma de Acácio. Pela Europa referviam as hordas dos Bárbaros em suas devastações. Para aumentar as dificuldades surgiu um antipapa. No dia da eleição de Símaco, uma minoria de clero e povo, açulada pelo Senado, escolheu a Lourenço. Ante os protestos da maioria, o Senado, interferindo em assunto religioso, recorreu a Teodorico, enviando a Ravena falsos documentos. O rei nomeou então Pedro, bispo de Altino, como “visitador” para Roma — o que era contra os Cânones. O papa Símaco reuniu um sínodo (sínodo “*ad palmam*”) de 115 bispos e condenou a injusta intromissão real. Chegando-se a um acôrdo, Lourenço foi perdoado e feito bispo e Teodorico realizou esplendorosa visita a Roma. S. Avito, bispo de Viena das Gálias, escrevera ao Senado romano: “Quando se põe em questão a autoridade do Pai de Roma, não se atinge a um só bispo, mas a todo o episcopado do mundo”.

No Oriente, Anastácio, insuflado pelos monofisitas, acusava o Papa de maniqueu! Êste escrevia-lhe: “Respeita Deus em nós, e nós respeitaremos Deus em ti. Vê, ó César, a longa série dos que perseguiram a Fé. Observa-os reduzidos a pó, enquanto a verdadeira Religião tanto mais refulge quanto mais é perseguida”. Símaco fundou hospitais para os pobres e para os já numerosos peregrinos. Edificou as igrejas de S. Pancrácio, SS. Cosme e Damião, S. André... Sua festa é celebrada em 19 de julho.

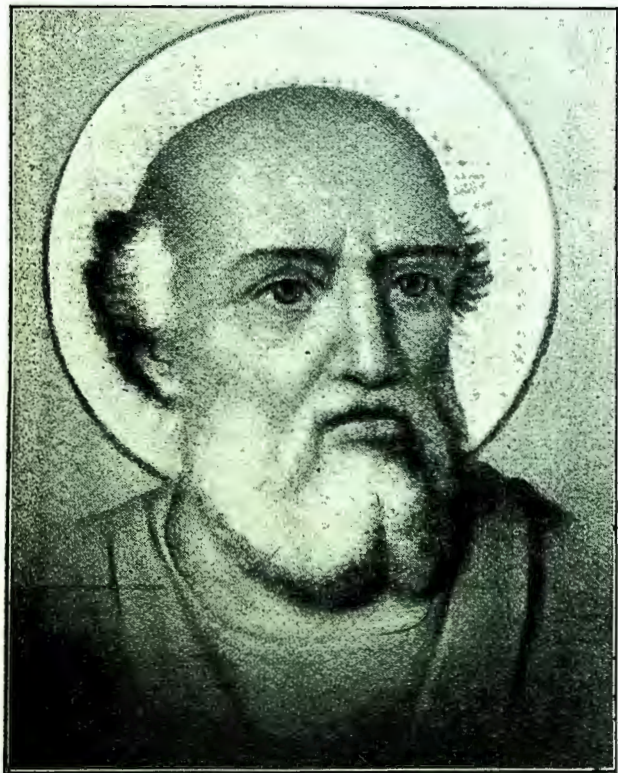


6 de agosto — S. HORMISDAS (514-523) — Confessor

Filho de Justo, nasceu Hormisdas em Frosinone, ao sul de Roma. Era viúvo e um seu filho foi mais tarde o heróico papa S. Silvério (537).

Hormisdas teve a consolação de terminar o cisma dos Eutiquianos. Receando pela pureza da fé, ameaçada por esses hereges, estudou profundamente a doutrina da Encarnação e da SS. Trindade. No Oriente, o imperador Anastácio quase perdeu a vida numa sublevação de seus soldados. Premido pela necessidade, libertou os católicos, pediu o auxílio moral do Papa e o material do Senado romano, prometeu a reunião religiosa do Oriente com o Ocidente. Passado, porém, o perigo, escreveu com insolência ao papa e expulso: os legados pontifícios, fazendo-os viajar numa nau avariada para perecerem no mar. A morte colheu-o, a ele, de modo trágico: foi fulminado por um raio em seu palácio (518). Seu sucessor, Justino, fez voltar os bispos exilados, restituiu-lhes as igrejas, pediu ao Papa enviasse legados que fossem presidir à reconciliação do Oriente com o Ocidente. Os enviados levaram a célebre “fórmula de Hormisdas”, já aplicada na Espanha e nas Gálias e que obteve agora seu máximo triunfo. Numa Quinta-feira Santa do ano 519, o patriarca João de Constantinopla assinava a fórmula de união, baseada na frase de Cristo: “Tu és Pedro e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja”.

A família imperial bizantina, Teodorico, rei dos Visigodos, Sigismundo, rei dos Borgúndios, Clóvis, rei dos Francos, e muitos outros soberanos, enviaram dons e homenagens a S. Hormisdas, cuja festa celebramos no dia 6 de agosto

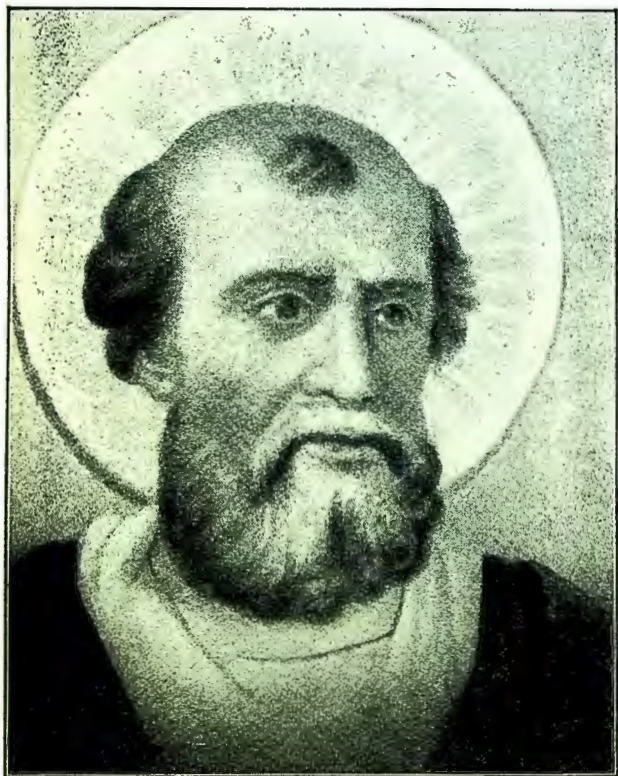


27 de maio — S. JOÃO I (523-526) — Mártir

João, filho de Constâncio e sucessor de Hormisdas, era natural da Etrúria (Toscana, ao norte de Roma). Seu breve pontificado demonstrou mais uma vez a firmeza da “rocha de Pedro”, e culminou com o martírio por amor à Verdade.

O imperador do Oriente, Justino, a fim de encerrar o período de discórdias em seu governo, publicou no ano 523 um edito contra os hereges. Milhares de Godos, que residiam no Oriente, eram arianos. Queixaram-se a Teodorico, rei no Ocidente, godo e ariano êle também. Suspeitoso como todo bárbaro, Teodorico imaginou, no referido edito, planos de conquista por parte de Justino. Perseguiu, pois, em represália, os católicos romanos. A primeira vítima illustre foi Boézio, executado em 524, e que, no cárcere, escrevera a sua *Confessio Philosophias*, trabalho apologético imortal. Teodorico, com ameaça de maior perseguição aos fiéis, obrigou o papa a ir até Constantinopla modificar o ânimo de Justino.

A visita do pontífice à deslumbrante capital bizantina foi um triunfo inigualável. O povo estendeu-se por doze milhas, para aclamá-lo. O imperador, ajoelhado, prestou-lhe honra como a Vigário de Cristo e foi por êle solenemente coroado. O papa foi o celebrante nas pomposas funções da Páscoa. Obteve João melhor tratamento de Justino para os arianos e sua caridade converteu a muitos dêles. Ao voltar, porém, foi aprisionado brutalmente por Teodorico e morreu na prisão entre maus tratos. Junto a seu féretro um energúmeno curou-se repentinamente, dias depois morria Teodorico. Fôra um grande rei, mas sua morte, entre remorsos, deu origem a lendas terrificantes.

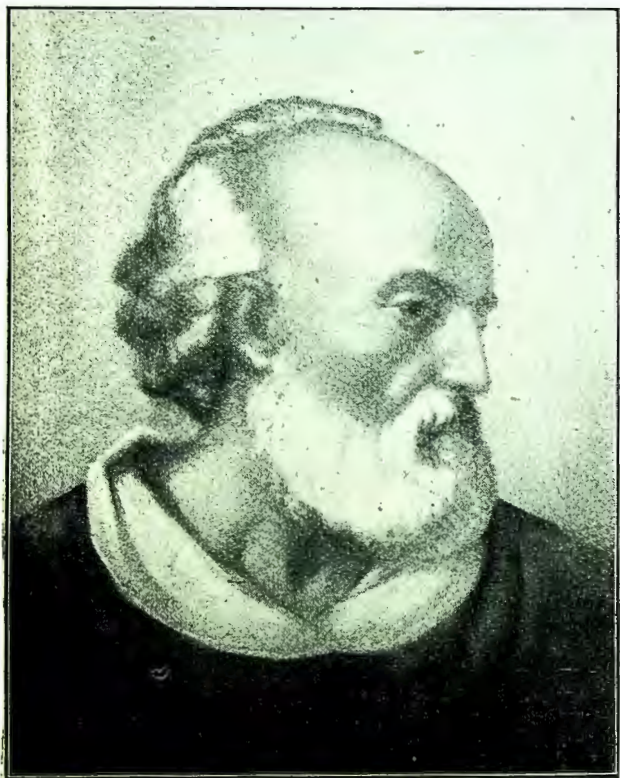


22 de setembro — S. FÉLIX IV (526-530) — Confessor

Conhecida em Roma a morte heróica de João I, o clero e o povo elegeram a Félix, filho de Castório, nascido em Benevento. O rei Teodorico, interferindo indèbitamente na escolha, havia escrito ao Senado propondo o mesmo Félix. O ato real desagradou a muitos, mas Teodorico morreu naqueles dias e Félix foi aceito e consagrado. Atalarico, o novo rei, congratulou-se com a Igreja pela eleição de “um digno vi-gário de Cristo”.

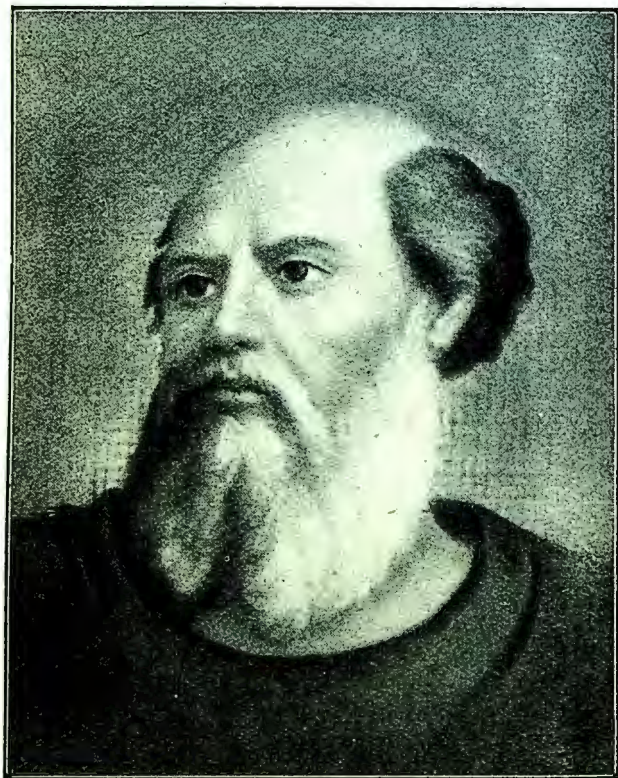
O jovem soberano, neto de Teodorico, governava sob a regência de sua mãe Amalasunta e com os sábios conselhos do historiador Cassiodoro. Roma engrandeceu-se nas artes e nas ciências, e Atalarico desfazia as injustiças do reinado anterior. Aos filhos do filósofo Boezio e aos do prefeito Símaco, executados por ordem de Teodorico, foram restituídos os bens paternos. Emanou um edito proibindo que os eclesiásticos apelassem para o poder civil em questões religiosas.

Félix IV, talvez devido à passagem de alguma epidemia, propagou muito a devoção aos Santos Cosme e Damião, erigindo em sua honra magnífica basílica, com belos mosaicos e dedicatória: “Aos gloriosos médicos mártires, em quem o povo deposita esperança de saúde”. — Orientou, com os escritos de S. Agostinho, o arcebispo Cesário de Arles (França) na discussão sôbre a graça, e contra os semipelagianos no Concílio de Orange (529). Receoso de lutas pela sua sucessão, Félix, antes de morrer, nomeou seu sucessor a Bonifácio, diácono. Agiu em boa-fé, mas contra os cânones do sínodo de 465 (papa Hilário), por isso não deixou à Igreja aquela paz que pensava deixar.



BONIFACIO II (530-532)

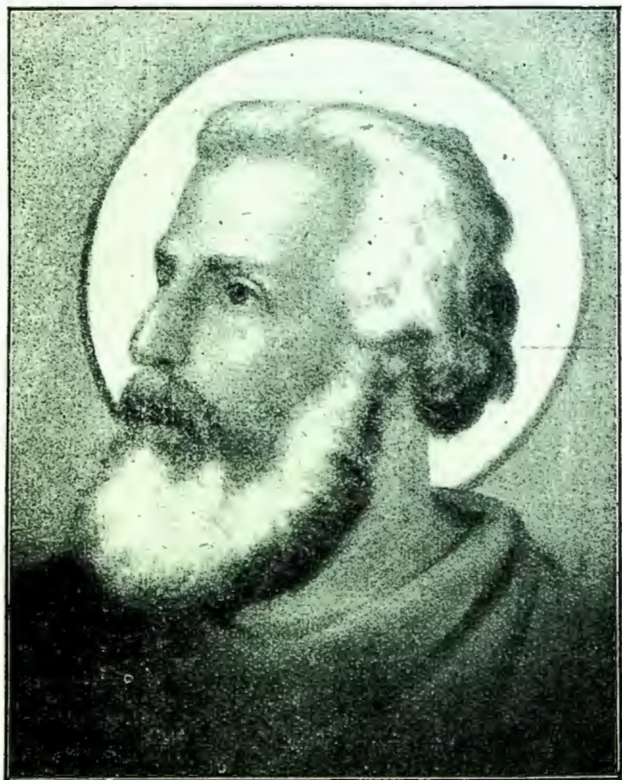
Bonifácio, nativo de Roma, filho de Segisbaldo ou Sigismundo, reinou dois anos e dois meses, sendo Atalarico rei da Itália, e Justiniano imperador do Oriente. A precaução de Félix IV, pretendendo, contra os usos da Igreja, nomear seu sucessor, teve resultado oposto ao colimado. Talvez por influência de Justiniano, que já sonhava dominar a Itália toda, talvez por ser Bonifácio de família ostrogoda, desagradando assim aos bizantinos — êstes, mui numerosos em Roma, elegeram um tal Dióscoro, a quem consagraram na basílica de Latrão. Era o cisma, a desunião: um antipapa! Entretanto, a morte de Dióscoro trouxe a paz. O seu partido, judiciosamente, não insistiu em outra escolha e submeteu-se a Bonifácio. Êste, porém, considerando os dissabores que no passado haviam causado à Igreja a diversidade de opiniões e a intromissão de governantes nas eleições pontifícias, quis reformar o uso cristão de eleição livre. Declarou, então, numa assembléia reunida na basílica de S. Pedro, que nomeava seu sucessor o diácono Vigílio. A oposição, porém, foi tão rápida e decidida, que Bonifácio reconheceu seu erro (não se tratava de verdade da fé) e queimou publicamente seu decreto. Foi além: proibiu severamente a ingerência interessada de qualquer pessoa nas eleições. — Êste papa, de grande liberalidade, gastou somas ingentes para socorrer o povo num período de sêca e fome. — Recebeu homenagem dos bispos da França, como mestre e guia. — Em 531 declarou nulas as deposições de bispos da Ilíria, atingidos por decretos de Constantinopla. — Em 17-10-532 morreu Bonifácio. Seu epitáfio recorda sua simplicidade de vida e sua imensa bondade para com os pobres.



JOAO II (533-535)

João II viveu no pontificado 2 anos e 4 meses, a começar de janeiro de 533. Nascido em Roma, seu pai chamava-se Projeto e ele, Mercúrio. Nomes curiosos. Provavelmente sentira que seu nome mitológico, pagão, não lhe assentava bem; trocou-o ao se fazer eclesiástico. Havia sido sacerdote na basílica de S. Clemente, recordando-se seu nome num belo cibório. Em Roma introduzia-se o grave abuso de ganhar votos por influência de dinheiro ou de personagens da Côrte. Ao tempo de Félix IV já se haviam emanado ordens severas a êsse respeito. João II confirmou-as; porém o rei Atalarico pretendeu o direito de confirmar a eleição do Papa e, para êsse fim, fêz afixar um seu decreto, gravado numa lápide de mármore, à fachada da basílica vaticana.

O jovem Atalarico, preferindo aos conselhos de sua mãe as indicações de seus conselheiros que o queriam “um guerreiro godo e não um letrado romano”, caiu nos vícios, tendo morte prematura (534). Sua mãe, Amalasunta, aliou-se a Justiniano do Oriente, mas foi assassinada e o imperador bizantino aproveitou-se do pretexto para invadir a Italia. A êsse tempo, Belisário, o mais célebre general de Constantinopla, destruía o reino ariano dos Vândalos no Norte da África e levava os sagrados troféus trazidos outrora de Jerusalém por Tito, no ano 70. Como, porém, um judeu fizesse notar que essas relíquias hebraicas haviam trazido a ruína a seus possuidores, foram elas enviadas a Jerusalém, onde se perderam nas invasões persas ou árabes. — João II condenou a heresia dos monges “acemitas” (“que não dormem!”). Foi pacífico e sofreu com as guerras e lutas, diz seu epitáfio.



22 de abril — S. AGAPITO I (535-536) — Confessor

Natural de Roma, Agapito, filho de Gordiano, pertencia a uma família nobre. Seus eleitores eram, em sua maioria, adeptos de Dióscoro, o candidato oposto a Bonifácio II. Procurou, pois, Agapito, cicatrizar as feridas da passada luta partidária. Teve a consolação de ver restituída à fé católica a África, terra gloriosa de Agostinho e de Cipriano. Havia sido destruído o reino dos Vândalos por Belisário. Esta conquista, porém, aumentou a ambição do católico Justiniano, imperador de Constantinopla, o qual, instigado por sua pérfida mulher Teodora, volveu seus olhares para a Itália. Neste país, a rainha Amalasunta, mãe do malogrado Atalarico, foi morta por seu segundo espôso Teodato. Justiniano, pretextando castigar êsse crime, fêz seus exércitos invadirem o reino ostrogodo, já malquisto por todos. O intrépido Belisário ocupou a Sicília. Teodato, então, obrigou o papa a dirigir-se a Constantinopla. Agapito acedeu, para evitar a guerra e para compor assuntos religiosos. Em sua viagem, diz S. Gregório Magno, curou um mudo paralítico. Foi recebido (2-2-536) com festas grandiosas pelo imperador e pelo povo. Convocou um sínodo para reafirmar pontos da fé e depôs o indigno patriarca Antimo, colocado por Teodora — substituindo-o pelo bispo Menna.

Não conseguiu deter a guerra, porque durante sua longa viagem, as tropas de Belisário já haviam desembarcado na península itálica. Além disso, atacou-o grave doença, de que morreu “sorrindo, enquanto os presentes choravam”. Teve funerais grandiosos “como jamais alguém os teve”. Seu corpo foi transportado para Roma. Também a Igreja Ortodoxa o venera.

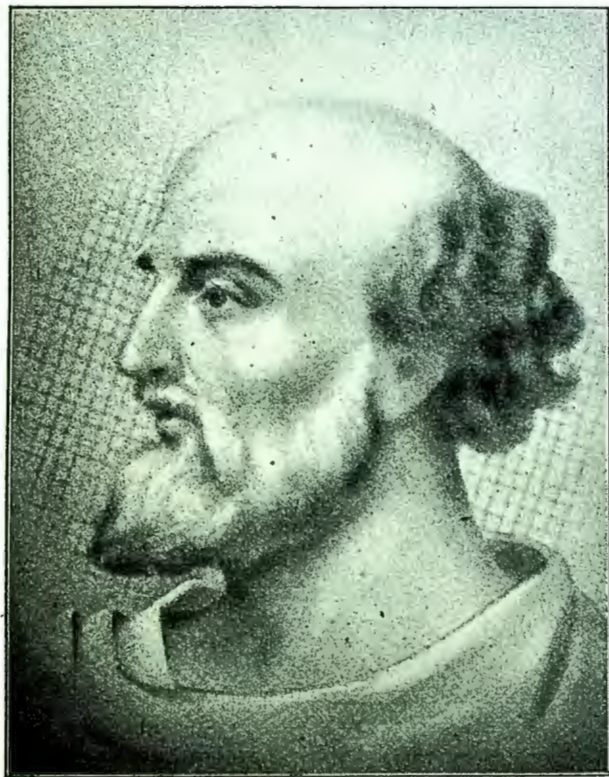


20 de junho — S. SILVÉRIO (536-540) — Mártir

O subdiácono Silvério, infeliz e heróico pontífice era filho de S. Hormisdas, que, após enviudar, se fizera eclesiástico e ascendera a papa (514-523).

Na escolha de Silvério houvera sobre os eleitores certa pressão por parte de Teodato, rei ostrogodo, que receava, e com razão, a investida dos exércitos de Justiniano sob o comando de Belisário. A imperatriz Teodora, inteligente, belíssima e ambiciosa (de artista de circo galgara o trono e dominava o grande Justiniano!) não perdoava ao papa anterior haver destituído da Sé bizantina o seu protegido, o herético Antimo, que rejeitava o Concílio de Calcedônia. Enviou, pois, o diácono Vigílio a Belisário, para que o general o fizesse papa! O valente comandante deixou-se vencer por sua mulher, Antonina, amiga e digna êmula de Teodora. Silvério foi acusado de traição (Belisário estava sitiado em Roma pelos Godos), levado à presença do general e de Antonina, despojado de suas vestes pontificais, vestido com um hábito de simples monge e desterrado a Pátara, na Lícia. O bispo dêsse lugar escreveu então a Justiniano: “Reis há muitos, mas só um Papa”. Foi Silvério reconduzido a Roma, por ordem do imperador, mas a ímpia Teodora e seus áulicos, fizeram-no levar, prêso, à ilha Palmária, no mar Tirreno. Lá, as humilhações e privações conduziram-no rapidamente à morte. Faleceu em dia ignorado, de maus tratos, provavelmente de fome.

Uma relação contemporânea chama-o “intrépido confessor da fé” e afirma que muitos doentes, indo ao seu túmulo, recobravam a saúde. — A festa dessa ilustre vítima da prepotência e do despotismo irreligioso, celebra-se aos 20 de junho.



VIGÍLIO (540-555)

A violenta deposição de S. Silvério ocorreu em março de 537 e em 29 do mesmo foi sagrado Vigílio. Durante a vida de Silvério, porém, ele não foi reconhecido por todos como papa. Nasceu em Roma, filho de um côsul. As notícias sobre seu pontificado são obscuras. É certo, porém, que havia sido um instrumento das intrigas políticas da Corte de Bizâncio, mas, apenas ascendeu ao sólio pontifício, tornou-se um defensor da fé e adversário da mesma Corte.

Justiniano teve um reinado brilhante. Imortal obra sua a *Coleção dos Monumentos Jurídicos Romanos*. Construiu a maravilhosa Igreja de Santa Sofia (564) etc. . . Com o tempo, porém, a influência de Teodora e a velhice tornaram-no "teólogo". Quis impor suas opiniões. Encontrou decidida oposição em Roma por parte de quem fôra outrora criatura sua. O papa Vigílio foi prêso, arrancado ao altar onde estava celebrando, levado a Constantinopla (546). Doente, maltratado e abatido, assinou fórmulas que infirmavam o Concílio de Calcedônia (contrário ao absolutismo imperial). Reavendo-se pela oração, enfrentou Justiniano, a quem chamou de "Diocleciano" (o grande perseguidor), fugiu por uma janela numa noite fria de Natal (551) e navegou numa barquinha até Calcedônia, de onde escreveu a todo o orbe cristão. Morreu Teodora. Tótila, novo rei dos Godos, ocupou Roma. Justiniano então chegou a um acordo pela "Pragmática Sanção". Vigílio morreu em Siracusa (7-6-555) em viagem para Roma, onde foi enterrado, após 10 anos de ausência, no cemitério de Priscila, que ele mesmo fizera outrora restaurar nas Catacumbas devastadas pelas guerras dos Godos.



PELAGIO I (556-561)

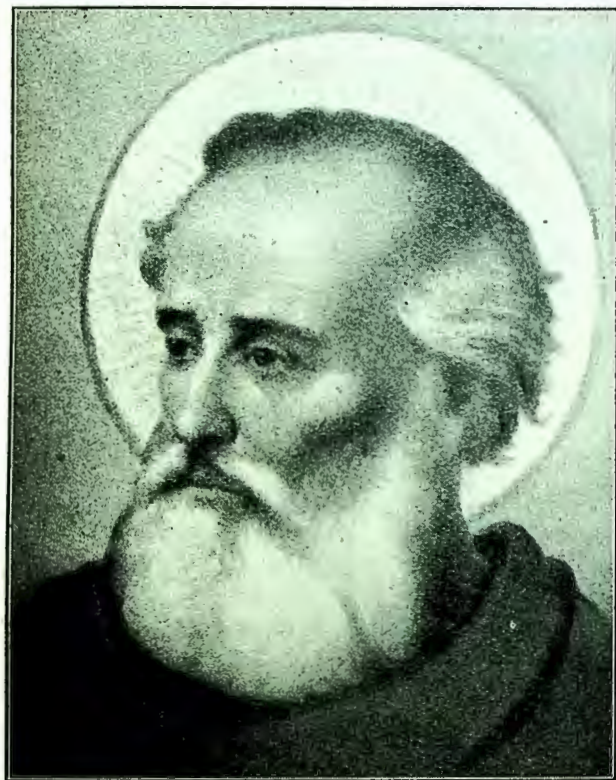
PELÁGIO I (556-561)

Alguns meses após a morte infeliz de Vigílio, subia ao trono pontifício Pelágio, filho de João Vicariano, alto oficial administrativo grego na Italia. Pelágio fôra outrora adversário da política de Vigílio e, portanto, do imperador Justiniano, tendo estado prêso em rígida cela de monges em Constantinopla. Encontrou, porém, válido auxílio em Narsés, o general digno sucessor de Belisário e obteve então o apoio de Justiniano. Foi consagrado no dia de Páscoa, 16-4-556. Estavam ainda divididos os ânimos nas questões religiosas bizantinas. Pelágio viu-se obrigado a punir recalcitrantes, recorrendo até às forças imperiais para a deposição de intrusos em algumas dioceses. Teve por isso inimigos, que o acusaram de heresia. Pelágio, em diversos escritos e numa solene procissão de Páscoa, em S. Pedro, jurou sôbre os Evangelhos sua dedicação à verdadeira fé de seus antecessores, afirmando com S. Agostinho: “Prefiro ser meu próprio censor, antes que diminuir um mínimo à verdade”.

As guerras haviam reduzido a Italia à miséria e o papa pediu auxílio às Gálias, para os pobres; “Até famílias nobres vagueiam mendigando pelas cidades”, diz um cronista da época.

As hordas de bárbaros, Godos, Francos, Alamanos, assolam as grandes cidades. Detém-nos a espada de Narsés, mas a miséria é grande e o Senado romano, existente só de nome, envia a Constantinopla uma embaixada, que de fato é a do Papa, a pedir socorros.

Pelágio morreu em 3-3-561. Seu epitáfio, no pórtico de S. Pedro, recorda seus méritos de restaurador material e espiritual: “redentor dos prisioneiros, protetor dos pobres, afligia-se com os aflitos”.



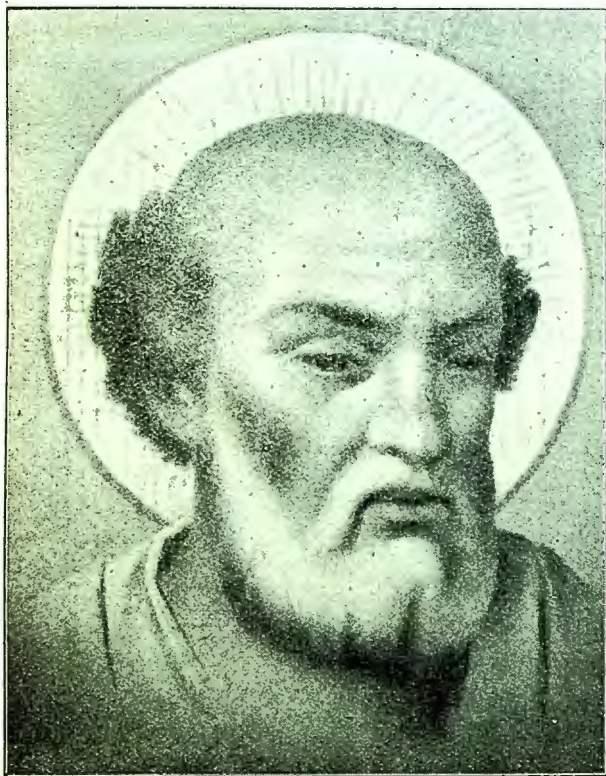
JOÃO III (561-573)

João III, romano, chamado Catelino, era filho de um nobre de nome Anastácio. Há poucas notícias do período doloroso e confuso de seu pontificado. Sabemos, porém, que este papa cuidou muito das Catacumbas.

Começavam os fiéis a visitar, com mais frequência aqueles lugares sagrados, que encerravam as relíquias dos heróis cristãos dos primeiros séculos. Seus cuidados foram desde a restauração e desobstrução de muitas galerias, até a determinação de que as oblatas, as ampolas e as luzes destinadas a essas mesmas catacumbas fossem fornecidas pelo próprio palácio lateranense. Continuou a construção da bela basílica de S. Felipe e S. Tiago, iniciada pelo papa Pelágio.

“Dêsse modo, escreve Gregoróvius, Roma, caída na extrema miséria após a guerra gótica, animou o cultivo das artes... preservando através de uma época escura, os monumentos da arquitetura e escultura cristãs, os desenhos de mosaico e a pintura a fresco”.

Novas desgraças desabaram sobre Roma. Residia na cidade Narsés, que, envelhecendo, trocara a gloriosa espada pela paixão em acumular ouro. Revoltaram-se os romanos contra as exações do grego. Fizeram-no fugir, afirmando que preferiam os Bárbaros... A Imperatriz Sofia, aproveitando-se da oportunidade, insultou o eunuco, chamando-o a Bizâncio “para fiar e tecer junto às mulheres”. O papa acalmou o velho general, mas já era tarde. Diz uma versão que Narsés, por vingança, chamara os Longobardos. Estes bárbaros, chefiados por Alboíno, devastaram Milão, Pavia, Espolêto, avançando contra Roma! O papa João encerrou-se rezando nas Catacumbas, onde morreu em 573. Havia imposto as mãos a 61 bispos.

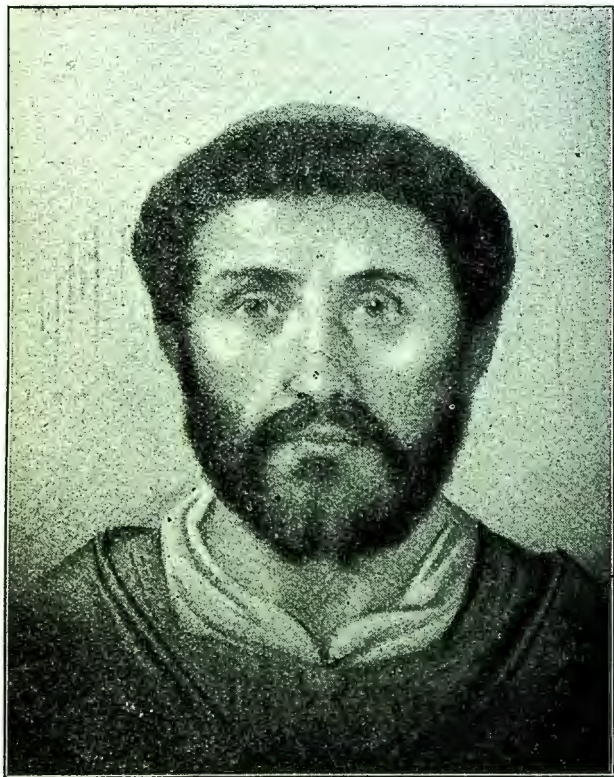


7 de julho — S. BENTO I (574-578) — Confessor

Após a morte de João III a Sé Romana ficou vaga por mais de dez meses: a invasão dos Longobardos, que traziam a ferro e fogo o norte e o centro da Itália, impedia a paz e tranqüilidade em Roma para a eleição de novo pontífice. Além disso vigorava o costume de se apresentar o nome do candidato ao imperador de Constantinopla, que era então o único sustentáculo humano do pontificado. Qualquer comunicação, porém, com Bizâncio, estava impedida pelo assédio dos novos e terríveis bárbaros. Assim mesmo foi eleito, de acôrdo com o que nos conta o *Liber Pontificalis*: “Bento, nativo de Roma, que reinou quatro anos, um mês e vinte e oito dias”.

Em seu tempo o flagelo da guerra trouxe a praga da fome: “houve tão grande miséria, que muitas fortalezas se renderam aos implacáveis bárbaros, só para haverem um pouco de alimento. Deus teve pena de tanta calamidade e o imperador Justino II fêz mandar do Egito muitos navios carregados de trigo. Nessas aflições morreu o venerando pontífice, que foi sepultado na sacristia da basílica de S. Pedro”. Há quem relate haver Bento I “morrido de susto ao saber da invasão dos Longobardos”. Mais acertado é que haja sucumbido a um colapso, por sentir a miséria do seu povo e as condições aflitivas da indefesa e desesperada Roma. A “Cidade Eterna”, grandiosa ou humilhada, foi sempre alvo de carinhoso e paternal afeto dos Sucessores de S. Pedro.

Bento I confirmou o V Concílio Constantinopolitano de 533, como consta de uma carta de Gregório, por êle nomeado arcediogo e que foi mais tarde o papa Gregório Magno. Bento I é festejado como santo no dia 7 de julho.

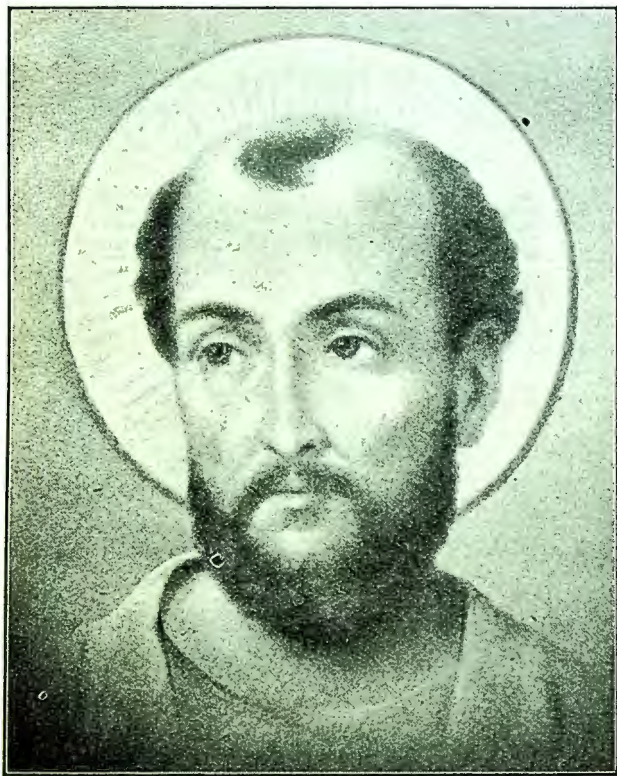


PELÁGIO II (578-590)

As difíceis condições em que se encontrava Roma, exigiram uma rápida eleição do pontífice, único chefe. Foi eleito Pelágio, nativo de Roma, filho de Unigildo. A guerra devastava a Itália, invadida pelos Longobardos. A fome dizimava a população. Novas calamidades: “Chuvas torrenciais, lembrando um novo Dilúvio” e a peste aterrorizadora. O papa pediu socorros ao imperador, soberano legal da península e uma embaixada de senadores e sacerdotes levou o pedido a Bizâncio com a oferta de 300 libras de ouro obtidas dos míseros habitantes. Mas Bizâncio estava assoberbada pela guerra contra os Persas e seus soldados apenas mantinham Ravena, como uma ilha em meio à maré bárbara. Zotto, duque longobardo, atacou e destruiu a célebre abadia de Monte Cassino. Os monges, com seu abade Bonito, fugiram levando apenas alguns livros preciosos, entre os quais o volume da Regra, escrito pelo Santo Fundador S. Bento. Foram acolhidos por Pelágio em Roma e fundaram, próximo à basílica de Latrão, um mosteiro em que habitaram cassinenses por 130 anos. Pelágio recorreu a Childeberto, rei dos Francos; morreu, porém, em 7-2-590, de peste e foi sepultado em S. Pedro.

Sustentara o primado católico contra João Jejuador, patriarca de Constantinopla, o qual, com o favor da Côrte, pretendia julgar e punir um bispo. Reedificou, de modo notavelmente artístico, a basílica de S. Lourenço.

Em seu tempo, na Espanha houve grande perseguição aos católicos, permitida por Leovigildo, rei ariano, que sacrificou até o próprio filho, Santo Hermenegildo, convertido por sua espôsa, princesa franca (585). Recaredo, irmão de Hermenegildo, conduziu a Espanha ao catolicismo.

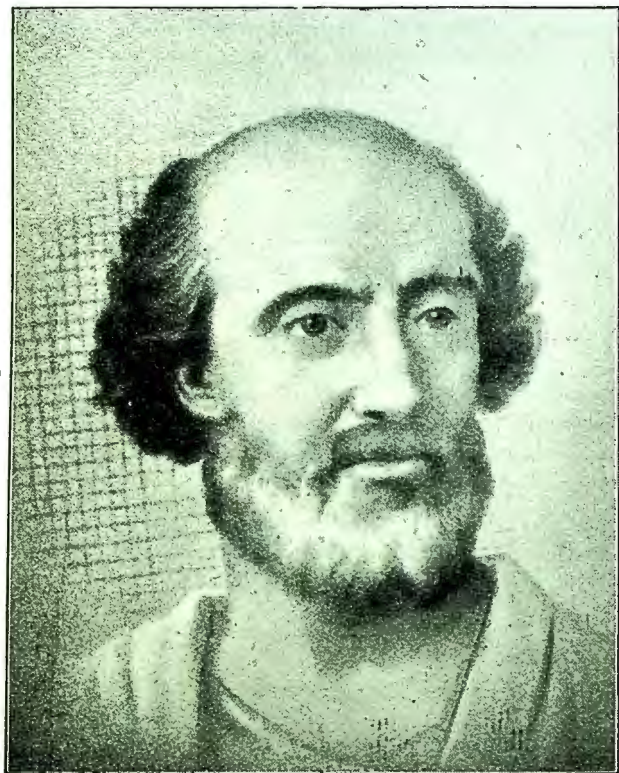


12 de março — S. GREGÓRIO I Magno (590-604) — Confessor

Gregório, o Grande, estava bem preparado para ser pontífice. Mente vasta e profunda. Extraordinária energia. De família antiga, era filho do romano Gordiano, que mais tarde ingressou no estado eclesiástico, e da nobre Sílvia, que por sua vez terminou seus dias num retiro em obras pias. Um dos antepassados de Gregório foi o papa S. Félix III.

Gregório estudara Direito e ocupara altos postos civis. Um dia, deixou tudo; distribuiu sua imensa fortuna aos pobres, vestiu-se de monge e transformou seu palácio em mosteiro. Enviado à corruta Bizâncio, a todos assombrou com suas virtudes e ciência. Eleito papa, foi felicitado com alegria pelo imperador Maurício e pelo povo, tendo algumas pessoas afirmado que viram, nos céus, um anjo embainhando a espada; e realmente a peste declinou até desaparecer.

Gregório introduziu a fórmula "*Servus servorum Dei*" (servo dos servos de Deus), como título dos papas. Gregório com excelente reforma atingiu a bispos, padres, mosteiros, ao cântico (Canto Gregoriano), às funções religiosas (Sacramentário, Estações ou rezas populares, Missal) etc... Foi escritor exímio: 900 cartas, os Diálogos, as Morais de Jó etc.... Foi um lutador: em defesa de seu povo e da fé; combateu contra Agilulfo longobardo, contra João Jejuador cismático, contra a simonia, a incontinença, o jogo... Foi apóstolo: enviou o monge Agostinho (Austin), que converteu a Inglaterra ("*angeli, non agli*"); voltaram ao catolicismo os Visigodos (Espanha); os Longobardos abandonaram o arianismo; na Córsega e na Sardenha extinguiu-se o paganismo; conseguiu-se a paz entre Oriente e Ocidente. Gregório morreu em 12-3-604. O protestante Gregoróvius chama-o "o maior homem de seu século".



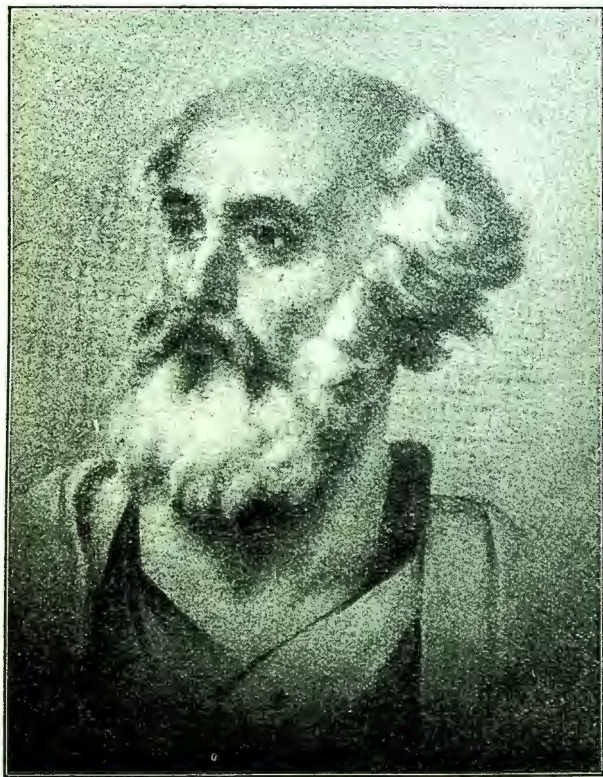
SABINIANO (604-606)

Muratori nos seus “Anais”, chama de grave perda para tôda a Cristandade a morte de Gregório Magno.

Até a Natureza agravou essa perda com uma sêca persistente que produziu miséria e fome. O pródigo Gregório havia fornecido outrora muito trigo grátis aos pobres. Reinava também certo descontentamento no clero romano pelo seguinte: Gregório, em seu entusiasmo monacal, nomeara para auxiliares seus a muitos monges, mas Sabiniano, seu sucessor chamou para junto de si eclesiásticos do clero secular romano. — O *Liber Pontificalis* indica-o pela frase: “encheu a Igreja de Clero”.

Essas dificuldades amarguraram o pontificado de Sabiniano, filho de Bono e natural de Volterra na Toscana. Estivera antes em Constantinopla, como núncio, mas Gregório o chamou porque se mostrava indulgente por demais com o patriarca bizantino, João, que se dizia “ecumênico” (universal).

O ressentimento de um mau monge, Paulo Diácono, pretendeu dar veracidade a uma lenda, repetida pelo cronista Sigberto: “Gregório apareceu em sonho a Sabiniano, reprovando-lhe docemente as modificações introduzidas. Duas vezes mais repetiu-se o sonho. Pela quarta vez, Gregório appareceu severo e com o báculo, que trazia na mão, feriu seu sucessor na testa. Alguns dias depois expirava Sabiniano...” A lenda não seria menos desfavorável ao grande Gregório do que ao seu sucessor! O certo é que a carestia trouxe mau humor contra o pontífice, que não teve tempo de sanar as dificuldades. É-lhe attribuída a introdução dos sinos nas igrejas, afirmando, porém, alguns que êsse uso foi iniciado no século V, por S. Paulino de Nola, na Campânia, daí os nomes de campana, campanário...



BONIFACIO III (607)

Após um ano de vacância, a Sé Apostólica recebeu novo pastor: Bonifácio III, romano de família grega. Seu pai chamava-se João Kataudiokes.

A demora na eleição explica-se pelo cumprimento de certas formalidades: um reconhecimento público por parte do imperador de Constantinopla, cujas suscetibilidades eram bem conhecidas. As viagens até a antiga Bizâncio exigiam muito tempo.

Bonifácio era amigo de S. Gregório Magno, que o havia enviado como apocrisiário (núncio) à Corte imperial com valiosos elogios. — Reinava então no Oriente o repugnante Focas. Era este um antigo centurião, de corpo deformado e monstruoso, chefe da sedição militar que derribara o bravo imperador Maurício e executara, ante o olhar paterno, os cinco príncipes... Focas engolfava-se cada vez mais no sangue. Obrigou pela força milhares de judeus ao batismo, medida injusta que lhe acarretou a guerra com Cósroas, rei da Pérsia — o qual, por represália, fêz morrer 90 mil cristãos entre tormentos.

Bonifácio, em seu breve pontificado de dez meses, tentou abrandar Focas, com paciência e boas palavras, obtendo até que êle pusesse fim à controvérsia com o patriarcado bizantino e declarasse num edito: “ser a Sé de S. Pedro a primeira de tôdas as Igrejas, tendo primazia também sôbre a Sé de Constantinopla”.

Celebrou este papa um concílio em Roma, com 72 bispos. Entre outras determinações ficou estabelecido que só três dias após a morte de um papa ou de um bispo, se poderia tratar da escolha do sucessor. Sôbre seu túmulo em S. Pedro lêem-se estas palavras: “guarda da justiça, paciente, benigno, eloquente e piedoso”. Morreu em 10-11-607.



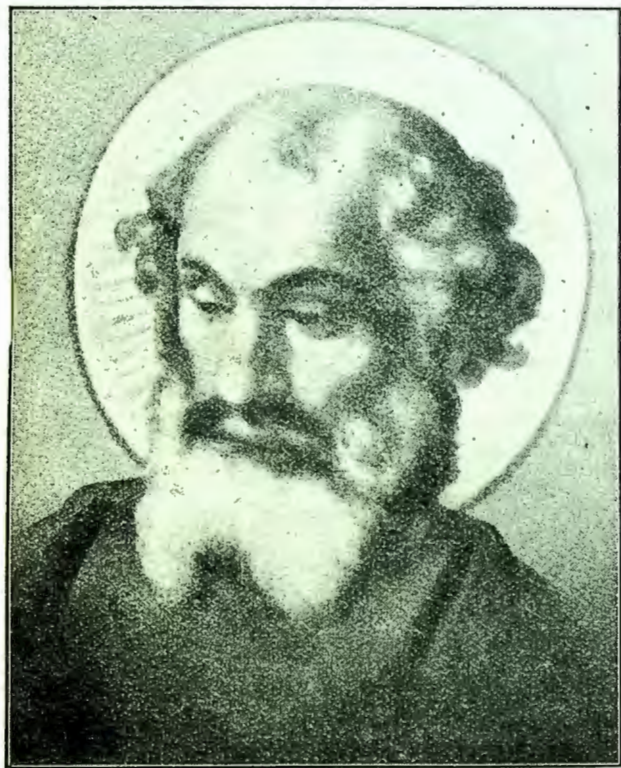
8 de maio — S. BONIFÁCIO IV (608-615) — Confessor

Em agosto de 608, dez meses após a morte de Bonifácio III, foi eleito Bonifácio IV, nascido em Valéria e filho de um médico. Governou a Igreja por seis anos em meio à desolação geral deixada pelas inundações, pela fome e pela peste. Roma oferecia um quadro entristecedor. O vasto campo de Marte guardava as ruínas do antigo esplendor da cidade — seus monumentos antigos, que o tempo derruira ou os Bárbaros arruinaram, jaziam agora esverdeados pelo musgo. Restava incólume somente um. Era o monumento de Agripa, que por 600 anos resistira às inundações do Tibre, o Panteão, dedicado outrora a todos os deuses. O magnífico vestíbulo, com as 16 colunas de granito e capitéis de mármore branco, estava ileso. As armações do teto, com zimbório de 46 metros de diâmetro, formada de traves de bronze dourado, triunfara das intempéries.

Bonifácio IV aproveitou êsse milagre de arte para transformá-lo em magnífica igreja. “O papa pediu então ao imperador o templo chamado Panteão, dedicando-o a Maria Virgem e a todos os Mártires”. A nova igreja foi solenemente consagrada em 13 de maio de 609. De lá irradiou-se para todo o mundo cristão a doce veneração por Todos os Santos — festa mais tarde fixada, por Gregório IV, em 1.º de novembro.

O Papa salvou assim o belo monumento da devastação das guerras ou da cobiça de algum nobre a transformá-lo em fria fortaleza.

No Oriente os Persas devastaram Jerusalém e arruinaram a igreja do S. Sepulcro. Essas notícias magoaram profundamente o piedoso Bonifácio, que morreu em maio de 615, venerado como santo.



8 de novembro — S. ADEODATO I (615-618) — Confessor

Adeodato I ou Deusdedit (dado por Deus), filho de Estêvão, nascera provavelmente em Nápoles.

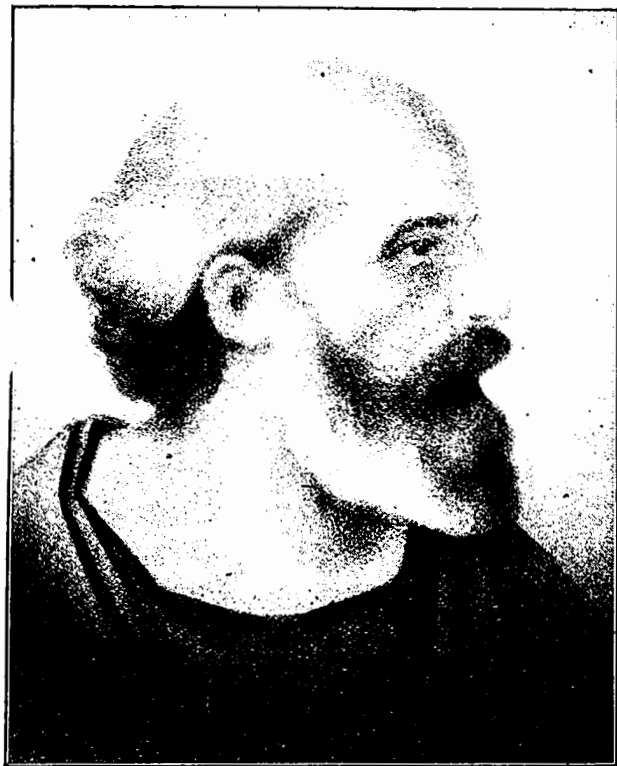
No Oriente terminara trágicamente seus dias o cruel imperador Focas; em seu lugar reinava o piedoso Heraclio. No norte da Itália, sob a regência da nobre rainha Teodolinda, o pequeno rei longobardo Adalealdo inspirava tranqüilidade e paz.

O nosso pontífice dedicou-se ao cuidado do clero secular, restituindo-lhe os postos que seu antecessor, discípulo de Gregório Magno havia conferido aos monges. Não é certo que Adeodato tenha ordenado a celebração de uma segunda missa em cada basílica. A fonte histórica, donde se pode inferir essa ordem, refere-se provavelmente ao ofício litúrgico da tarde.

Em agosto de 616 um grande terremoto abalou Roma seguido de uma epidemia tão violenta que desfigurava horrendamente os cadáveres. O papa desenvolveu extraordinária caridade; a tal ponto que se conservou uma lenda (talvez fato real) de ter êle curado os empestados beijando-lhes heróicamente as chagas.

Morreu Adeodato em novembro de 618, sendo sepultado na basílica de S. Pedro e tendo logo culto de santo. Seu testamento estipulou uma gratificação em prata aos clérigos, costume seguido por outros pontífices. Dêste papa conservamos o mais antigo sêlo (sigilo) pontifical conhecido: uma placa de chumbo, tendo a figura do Bom Pastor com suas ovelhas, com o Alfa e o Ômega, símbolo de Cristo, princípio e fim de tôdas as coisas. No reverso lê-se: Deusdedit Papa.

Embora não conste seu nome em alguns martirológios. Adeodato é festejado como santo em 8 de novembro.



BONIFÁCIO V (619-625)

BONIFÁCIO V (619-625)

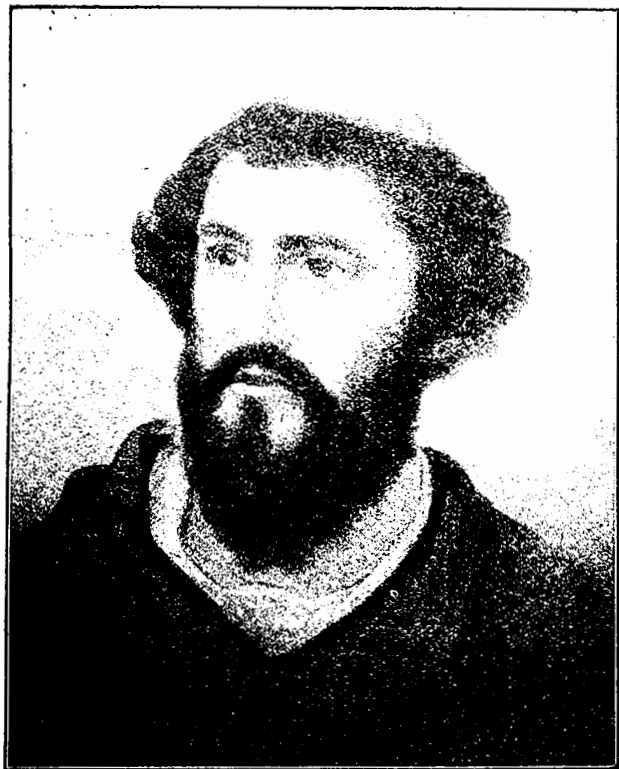
Bonifácio V, natural de Nápoles. Estabeleceu que os testamentos, até então feitos a notários eclesiásticos, obedecessem às formas civis também. Confirmou o direito de asilo aos lugares sagrados. Proibiu a quem não tivesse ordens sacras tocar nas relíquias dos mártires, porque nas Catacumbas, em ruínas exumavam-se corpos dos santos. Bonifácio restaurou a catacumba de S. Nicomedes (descoberta de novo em 1864).

No Oriente, o pio imperador Heraclito bateu finalmente Cósroas, rei persa perseguidor dos Cristãos, e reconquistou mais tarde a Cruz de Cristo, que êle levou humildemente aos ombros em Jerusalém (festa da Exaltação da S. Cruz) (629).

Bonifácio incrementou a difusão dos Cristianismo na Inglaterra, onde contou com o auxílio da rainha Edilberga para a conversão do rei Edwin. Êste, na Páscoa de 627, em uma igreja de madeira construída por suas próprias mãos, renunciou solenemente ao paganismo. Beda Venerável conservou-nos a carta entusiasmada que, com o pálio, o papa enviou a Justo, bispo de Cantuária.

Durante êste pontificado iniciou-se na Arábia o movimento político-religioso que viria abalar o mundo: a fuga (hégira) de Maomé, da cidade de Meca para Medina, em 16 de julho de 622, marcou a era muçulmana. Como a tempestade que se forma despercebida no deserto, erguia-se o turbilhão que avassalaria a Terra — cedendo só depois de um milênio, ante a Rocha invencível do Cristianismo. Bonifácio morreu em 25-10-625.

“Era brando e misericordioso, amou o clero e protegeu-o. Deixou seus bens aos pobres. Consagrou vinte e nove bispos”.



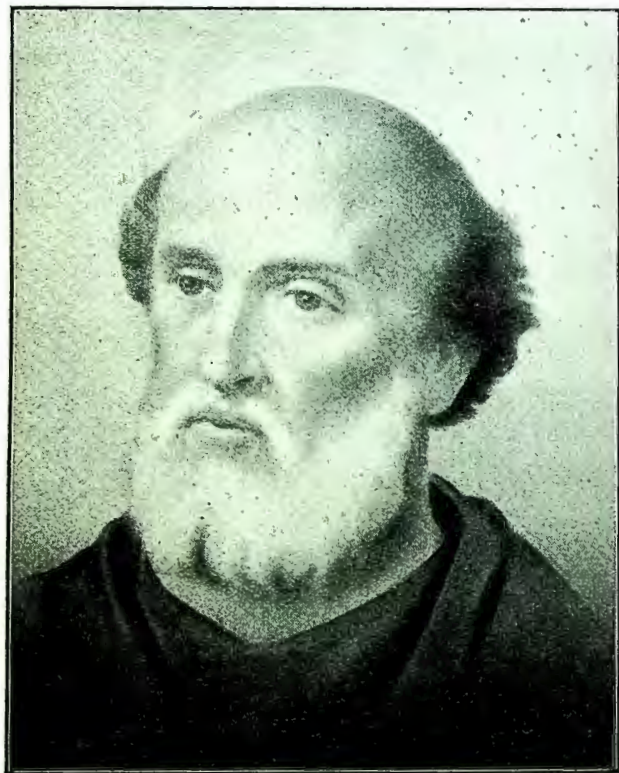
HONÓRIO I (625-638)

Honório I, romano, era filho do cônsul Petrônio.

Aprovada pelo exarca imperial Isaque, então em Roma, e pelo povo exultante com um papa descendente de antiga família romana, a escolha de Honório causou intensa alegria.

Entretanto Honório teve logo apreensões. No reino longobardo, após o assassinio do rei Adaloaldo, o Papa teve que destituir o intruso patriarca de Grado (perto de Veneza).

Surgiu depois a acirrada questão monotelita, sobre “as vontades de Cristo”. A sofística grega das fórmulas teológicas envenenou a controvérsia, envolvendo até o nome do imperador Heraclio, que, combatendo persas e árabes, queria a união de seu povo. Os Orientais, afeiçoados à disputa, chegaram a acusar o papa de heresia, porque Honório propôs uma fórmula conciliadora! Apesar destas agruras, Honório “cuidou carinhosamente do clero”; realizou muitas obras úteis e belas, como a restauração do aqueduto de Trajano, destruído pelos Bárbaros. Renovou a basílica de S. Pedro, sendo célebre a “porta de prata”, com finos trabalhos de cinzel, e que foi roubada pelos Sarracenos em 843. Construiu a linda capela de S. Apolinário, patrono de Ravena, e assim agradou àquele povo orgulhoso de seu patriarca bizantino. Reedificou a jóia de arte que é a igreja de S. Inês, a jovem mártir da pureza, morta aos 13 anos, em 21-1-303; por causa do seu túmulo havia magnífica afluência às Catacumbas. Restaurou Honório também a igreja de S. Pancrácio, jovem frígio de 14 anos, martirizado ao tempo de Diocleciano, e cujo sepulcro era meta de numerosas peregrinações. Zelou pela conversão dos Anglo-Saxões, escrevendo ao rei Osvaldo e ao monge S. Aidan.



SEVERINO (640)

Severino sucedeu a Honório I. Governou pouco tempo, assim mesmo entre tribulações. O imperador Heraclio, apesar de devotado e benemérito, não escapou à tendência bizantina de se imiscuir em controvérsias religiosas. Encorajado pela mal-entendida condescendência do papa Honório, o imperador promulgou uma confissão monotelita, a *Ektésis* (exposição de fé), preparada por Sérgio, patriarca de Constantinopla e apoiada por Macedônio, a quem Sérgio empossara ilegalmente na Sé de Antioquia. — Em Roma o edito imperial encontrou oposição. Heraclio então negou-se a reconhecer a eleição de Severiano. Este, porém, não cedeu em questão de fé. Foi perseguido: Isaque exarca (governador imperial) de Ravena aproveitou a oportunidade, fêz amotinar-se a guarnição de Roma, saqueou a basílica de Latrão e exilou grande parte do clero. Isaque, temendo depois a desaprovação de Heraclio, ou para encobrir seu roubo, proclamou-se enviado do imperador para reconhecer oficialmente o novo papa. Havia, porém, decorrido o longo período de 18 meses de provações para Severino e humilhações para a Igreja.

Severino foi solenemente consagrado em 28 de maio de 640, morrendo em agosto do mesmo ano.

Ao longe desencadeava-se a tempestade muçulmana: o *tukbir* (grito de guerra) ressoava terrível: “Alá é Deus, e Maomé o seu Profeta”; os exércitos árabes destruíam o império persa; o Califa Omar ocupava Jerusalém (637) e o general Amru precipitava-se para o Ocidente e conquistava o Egito. Lutas, escravidão e lágrimas aguardavam os fiéis por séculos, máxime para o cismático e irrequieto Império do Oriente.



JOAO IV (640-642)

Filho do escolástico Venâncio e nascido na Dalmácia, foi o papa João IV consagrado em 28-12-640. Era diácono na Igreja de Roma. Na resposta enviada aos bispos da Escócia sobre a data de Páscoa, êle assina: “João, diácono eleito em nome de Deus”. Aguardava provavelmente o reconhecimento por parte do imperador. Em seu tempo foram as regiões balcânicas devastadas pelas tribos dos Eslavos, ainda pagãos. João enviou o santo abade Martinho com grandes somas para redimir os escravos.

“Construiu, junto a Latrão, uma igreja dedicada aos santos Venâncio, Anastácio e Mauro, cujas relíquias mandou buscar à Dalmácia. // Impôs as mãos a 18 bispos destinados a diversas igrejas”. Essas as lacônicas informações que háurimos no *Liber Pontificalis*.

A capela de João IV existe ainda; seus mosaicos representam muitas figuras de santos, entre os quais se fêz incluir cênicamente o arquiteto...

João atendeu ao ministério sacerdotal e às artes, aproveitando um raro período de paz em Roma. Ao longe, porém, rugia a guerra. No norte da Itália, Rotares, rei longobardo, esmagava o exército grego do exarca de Ravena. Na África e na Ásia os muçulmanos avançavam sempre mais. Em Constantinopla a família imperial passava dias trágicos: morto Heraclio (641), sua segunda mulher, Martina, mandou matar o herdeiro Constantino III, colocando no trono o próprio filho: Herácleon; o povo revoltou-se, elevou Constante, filho do assassinado e fêz cortar o nariz a Herácleon e a língua a Martina. A essa Côte favorável à heresia João IV escreveu a “Apologia de Honório, papa”, em defesa da Fé e do nome do seu antecessor. // João morreu em 12-10-642.

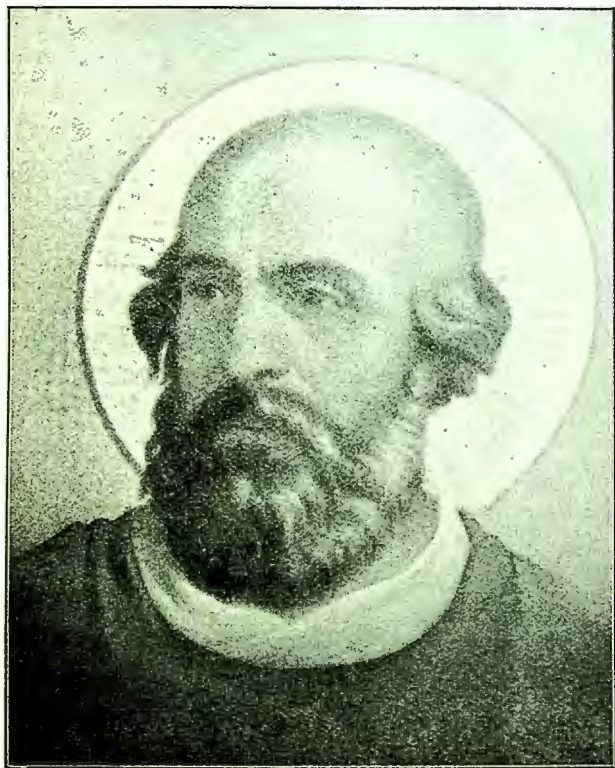


TEODORO I (642-649)

Grego de origem, nascido em Jerusalém, Teodoro foi eleito em 4-11-642. Reconheceu-o logo o exarca de Ravena, na esperança de que um papa grego favorecesse o movimento herético sobre a “única vontade de Cristo”. Enganou-se. Também Teodoro se opôs ao monotelismo. Respondendo à carta, em que Paulo, patriarca de Constantinopla comunicava sua nomeação, Teodoro insiste contra a heresia e não reconhece o mesmo Paulo.

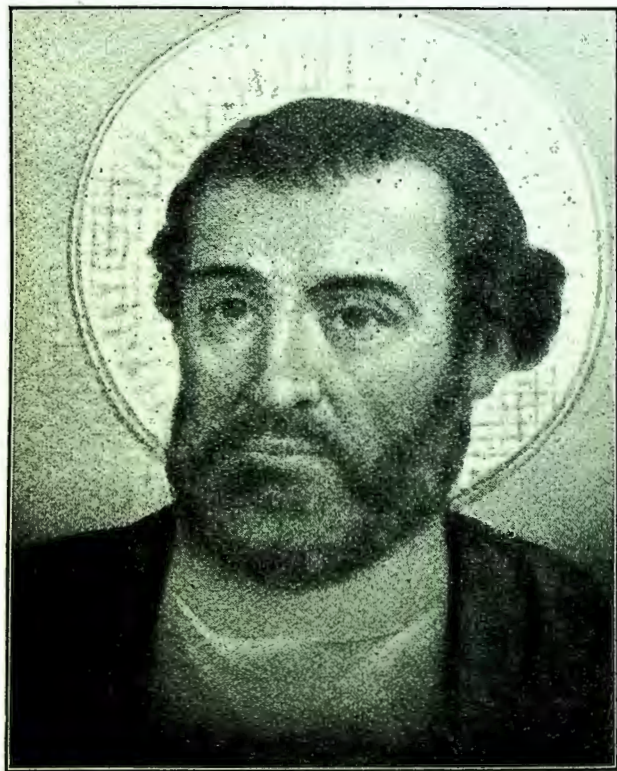
Surgiu então no Oriente mais um campeão da fé: S. Máximo, ex-secretário do imperador Heraclio, que se fizera monge. Com seus excelentes escritos levou a maioria dos bispos a se dirigirem a Roma “fonte indefectível para tôda a Cristianidade, cujas águas irrigam tôda a Terra”. — Novamente a Côrte interferiu, e, como sempre, indêbitamente, em assunto religioso. O imperador Constante publicou um edito, o *Tipo*, proibindo qualquer opinião, o que favorecia o erro, equiparado assim à verdade. A oposição do papa trouxe-lhe angústias, mas seus inimigos viram-se punidos. Isaque exarca responsável pela pilhagem de Roma, foi atacado pelo seu sócio de roubos, o “cartulário” Maurício. Houve cruel guerra civil. Maurício, traído por seus soldados, foi morto e sua cabeça foi levada a Isaque — o qual, porém, morreu súbitamente. — “O povo viu nestes fins trágicos a mão de Deus, que tarda mas não falha”, diz um cronista.

Papa Teodoro fez retirar das Catacumbas os corpos dos mártires Primo e Feliciano. Terminou a construção da igreja dos mártires S. Valentim e S. Mário. Construiu o oratório de S. Sebastião, que foi chamado depois basílica de Teodoro. Morreu em 13-5-649, deixando a seu sucessor a luta de Constante II, monotelita.



12 de novembro — S. MARTINHO I (649-655) — Mártir

O papa Teodoro morreu sem ter tido tempo de combater o *Tipo*, edito herético do imperador Constante II. Esse espinhoso dever coube a Martinho, nascido em Todi, na Úmbria. O novo papa, de caráter indomável, era profundo conhecedor das insídias da Côrte bizantina, onde residira longos anos como apocrisiário (núncio). Sua eleição não foi submetida ao reconhecimento imperial. Apenas eleito, convocou uma reunião de 150 bispos, os quais, apoiados nas decisões dos cinco primeiros maiores concílios, condenaram os editos heréticos *Ektésis* e *Tipo*, dos imperadores Heraclio e Constante II. A esperada reação bizantina foi brutal. Constante enviou um seu comissário, Olímpio, para matar o papa. Deus, porém, cegou o assassino quando empunhava a arma. Veio então o próprio exarca Calíope, governador de tôda a Itália, com muitos soldados. O papa, velho e enfêrmo, apresentou-se-lhe na igreja de Santa Maria Maior, transportado num leito. O povo gritava: “Excomungado seja quem julgar Papa Martinho capaz de trair sua fé”. À noite, porém, e às escondidas, os gregos levaram pelo Tibre prêso numa barca o velho papa. Meses e meses viajou êle pelas ilhas do Mediterrâneo, chegando a Constantinopla sòmente em 654. Julgado em praça pública, manteve sua dignidade. Não reconheceu autoridade em seus juizes. Não respondeu. Foi despido de suas vestes pontificais e, quase desnudo, conduzido acorrentado pelas ruas da cidade. Exilaram-no depois para a Criméia, onde então se prendiam os escravos e os assassinos condenados ao mortífero trabalho das minas. De lá S. Martinho escreveu ao Romanos duas nobres cartas, em que narra seu martírio causado pelas enfermidades e pelo abandono. Lá morreu em 16-9-655.

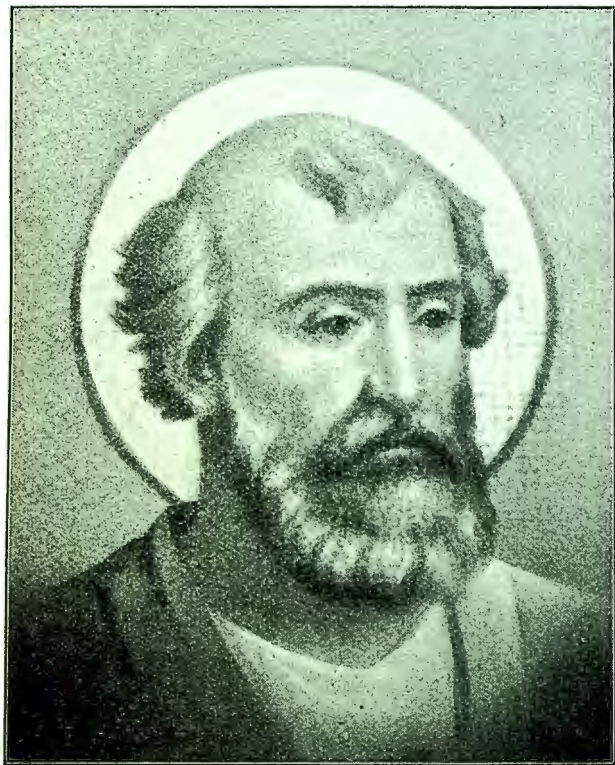


2 de junho — S. EUGÊNIO I (654-657) — Confessor

Faltam-nos dados históricos que elucidem como foi eleito o romano Eugênio, ainda em vida de Martinho, aos 10-8-654. Eugênio havia sido núncio em Constantinopla; conhecia bem as insídias bizantinas. Era homem de grande valor moral e intelectual. O papa Martinho, em sua última carta aos Romanos, faz dêle grande elogios. Atesta o *Liber Pontificalis*: “Foi benévolo, doce, cheio de mansidão, afável com todos. Favoreceu os pobres, deixando-lhes seus bens, após ter-lhes feito muitas esmolas”.

Íntegro na fé, teve atritos com os monotelitas. Em 650 o novo patriarca de Constantinopla, Pedro, enviou-lhe, como de costume, o aviso de sua ascensão àquela Sé importante, com sua profissão de fé. Tinha êste documento um sentido ambíguo e o papa contemporizou em subscrevê-lo. Influíram na questão os monges de S. Máximo, que chegaram ao ponto de exigirem que o papa não celebrasse mais em S. Maria Maior, enquanto não se rejeitasse o documento bizantino. Receavam os monges que Eugênio, eleito com o beneplácito imperial durante a vida de Martinho, caísse nas tramas de Constantinopla. Eugênio, porém, mostrou-se à altura das circunstâncias, reprovando o êrro e mantendo a unidade da fé. Morreu santamente em 2-6-657. Havia cuidado muito dos mosteiros da França.

Os Árabes, entretanto, sob o Califa Otnã, arrasaram Alexandria e passaram a fio de espada os habitantes de Cartago, onde o patrício Gregório e sua bela e valente filha pereceram herôicamente na defesa da gloriosa cidade (654); ocuparam Rodes, destruindo o célebre Colosso, cujos destroços, vendidos a um judeu de Edessa, carregaram 900 camelos.



27 de janeiro — S. VITALIANO (657-672) — Confessor

Nasceu Vitaliano em Segui, perto de Roma. “Consegrou-se aos estudos sagrados com tal dedicação, que chegou a ser um dos sábios do seu tempo. Aos 25 anos foi elevado ao sacerdócio, havendo-se no ministério do modo exemplar”. Seu pontificado assinalou-se logo de início por uma transformação inesperada nas atitudes do imperador Constante, o algar de S. Martinho. Aproximou-se êle do pontífice, sonhando talvez residir na “eterna Roma”. O novo eleito enviou a Constantinopla legados, que foram recebidos com grandes honras, até pelo patriarca herético Pedro.

O espírito conciliativo e caridoso de Vitaliano chegou a receber em Roma a visita do imperador, na esperança de que a idade e o remorso houvessem modificado a índole de Constante.

Êste, porém, não era sincero. Recebido com festas memoráveis, pois havia 200 anos que Roma não via um imperador, Constante abusou de seus direitos. O ódio de seus súditos, devido às suas exações, e o remorso de família, por haver trucidado seu irmão Teodósio, fizeram-no mais cruel. Saqueou quanto pôde nas ruínas de Roma. Até as telhas douradas do Panteão já transformado na igreja de S. *Maria ad Martyres*, foram levadas. Ao voltar para Bizâncio, morreu na Sicília: durante o banho um escravo esmagou-lhe o crânio com um vaso de bronze roubado em Roma. Seus furtos caíram depois nas mãos dos Sarracenos.

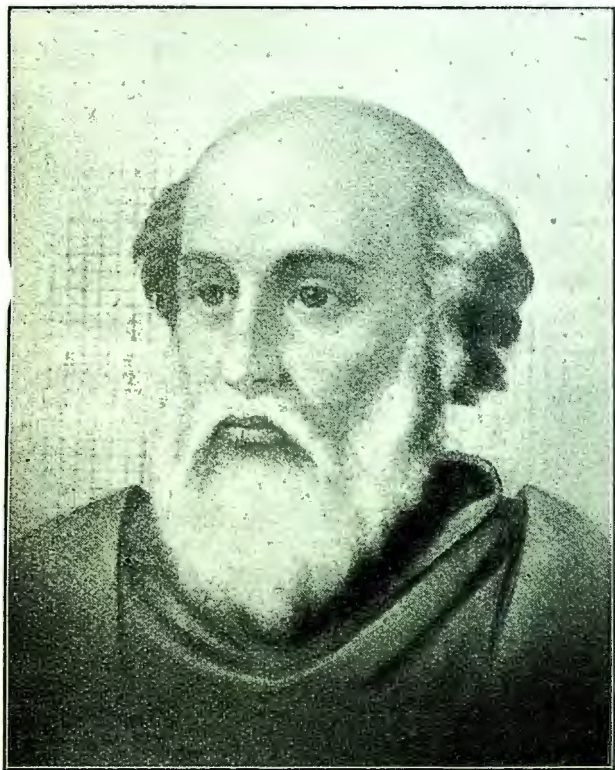
Vitaliano ocupou-se com zêlo da Inglaterra, escreveu longas cartas à França, à Espanha e ao rei Oswin dos Saxões (Alemanha). Condenou os “monges-andantes”, pseudos monges que viviam de esmolas e até de roubos, chamando-os “filhos de Satanás”. — // Morreu em 27-1-672.



ADEODATO .II (672-676)

Adeodato (Deusdedit, Doado por Deus), beneditino, foi papa em 11-4-672. Poucas notícias temos de seu pontificado. Morrerá o ambicioso Mauro de Ravena, já reprovado pelo papa Vitaliano. Levando ao túmulo seus sentimentos cismáticos, deixou Mauro ao seu clero a ordem de eleger um seu sucessor, que recebesse o pálio (símbolo do poder) das mãos do Imperador, não do Papa. No Oriente, o imperador Constantino Pogonato (o Barbudo) lutava contra a revolução suscitada pelas crueldades de seu assassinado pai, Constante. Os Sarracenos, terríveis piratas muçulmanos, atacaram a Sicília, cuja população exterminaram, levando os sobreviventes como escravos. O papa dedicou-se com fervor à libertação dos infelizes vendidos no mundo muçulmano.

Adeodato “nasceu em Roma, filho de Joviniano; reinou quatro anos. Foi admirável por sua grandeza de ânimo, por sua incomparável doçura, que indistintamente recebia os grandes e os pequenos, e por uma caridade infinda para com os pobres, os estrangeiros e os peregrinos”. Havia sido monge no convento de S. Erasmo e, elevado a papa, restaurou aquêle célebre claustro do Monte Célio, hoje desaparecido. Restaurou também diversas igrejas. Parece ter sido êle o primeiro a usar a fórmula: *“Salutem et apostólicam benedictionem”* nos escritos pontifícios. Conservam-se duas cartas suas, uma à abadia de Cantuário (Inglaterra), outra ao mosteiro de S. Martinho de Tours (França) — provas do cuidado universal (católico) do sucessor de S. Pedro para com todos os fiéis, não só do Bispo de Roma, mas do Pai de tôda a Cristandade. // Morreu Adeodato II em 26-6-676, “num dia de pavorosa tempestade”.



DONO (676-678)

Dono, filho de um nobre chamado Maurício, foi eleito em 2-11-676. Governou pouco mais de um ano. A história de Roma nesse tempo é muito pobre em documentos. O novo papa teve a alegria de ver terminado o cisma da cidade imperial de Ravena, capital civil da Italia, dependente do Império Grego do Oriente. O novo bispo, Reparato, fêz jus ao seu nome reparando o cisma promovido por seu antecessor Mauro. Reconheceu a supremacia do Papa e voltou à unidade da Igreja. Isto influiu certamente no ânimo do imperador Constantino Pogonato, o Barbudo, para a completa união das Igrejas.

Este imperador terminara em 678, com felicidade, um período de lutas e de perigos extremos. Os Ávaros, povo bárbaro do Norte, e os Árabes, haviam atacado o império grego. Os Muçulmanos sitiavam Constantinopla, que resistiu por seis anos, graças ao “fogo grego”, (que não se extinguia com água), inventado então por um monge sírio. Firmada uma paz vantajosa com os inimigos, Pogonato escreveu respeitadas cartas ao Papa, pedindo-lhe enviados extraordinários para uma reunião que aclarasse as dúvidas e convencesse a todos da verdade. Prometia garantias e todo o seu auxílio. Assim, redimia em parte sua dívida moral para com Roma, o filho daquele cruel Constante, algoz do papa S. Martinho. Quando esse convite imperial chegou a Roma, Dono já havia falecido. Morrerá aos 11-4-678.

O *Liber Pontificalis* diz que o papa Dono restaurou muitas igrejas, sendo célebre o pavimento do átrio de S. Pedro. Brilhou este pontífice por suas virtudes, sendo por vários autores considerado santo.



10 de janeiro — S. AGATON (678-681) — Confessor

Ágaton nasceu em Palermo, na Sicília. Fôra, por muitos anos, tesoureiro da Igreja. Pela sua humildade, pelo seu caráter e pela santidade de vida, bem mereceu ocupar o sôlio pontifício. Contando com a boa vontade do imperador Pogonato, extinguiu o cisma monotelita. Convocou o VI Concílio Ecumênico em Constantinopla, de novembro de 680 a setembro de 681, e chamado *Trulano* por se realizar no palácio imperial num salão sob esplêndida cúpula (*troullion, trullum*). A presidência honorária coube ao imperador e a efetiva aos legados do Papa. Estavam presentes todos os patriarcas, pessoalmente ou por delegados: ao todo 174 conciliares. A grande maioria acolheu as cartas do Papa com palavras de confiança: “O Chefe supremo dos Apóstolos, por seu discípulo e sucessor na mesma Sede, ilustrou com suas cartas os mistérios de Deus. Uma confissão escrita pelo dedo de Deus foi-nos dada pela antiga Roma; uma luz esplêndida brilhou-nos do Ocidente. Aqui vemos uma fôlha escrita, mas foi Pedro quem falou por bôca de Ágaton”. E o imperador repetia: “Pedro falou por bôca de Ágaton”. Uns poucos recalcitrantes pretenderam envolver o nome do papa Honório como monotelita também, mas a maldosa pretensão não vingou.

// Atestam-nos outras cartas de Ágaton, que êle cuidou muito da disciplina nos mosteiros. // O arcebispo Vilfrido, injustamente privado de sua sede (York, Inglaterra), recorreu ao papa. Êste, convocado um sínodo, reconduz o prelado à sua Sé.

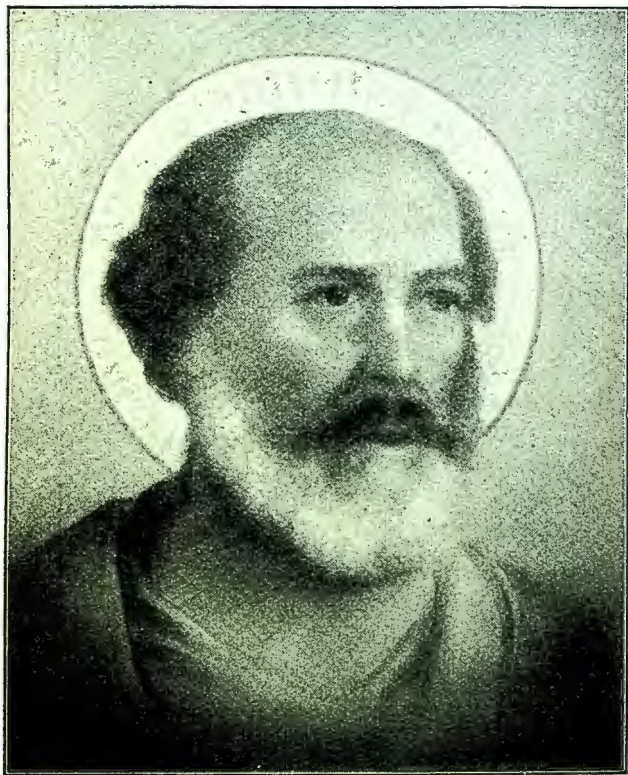
Em 680 voltou terrível o flagelo da peste. “Passava o anjo do mal batendo às portas das casas e, quantos golpes dava, tantas pessoas lá morriam”, afirma um cronista, que diz haver passado a epidemia após uma promessa a S. Sebastião.



3 de julho — S. LEÃO II (682-683) — Confessor .

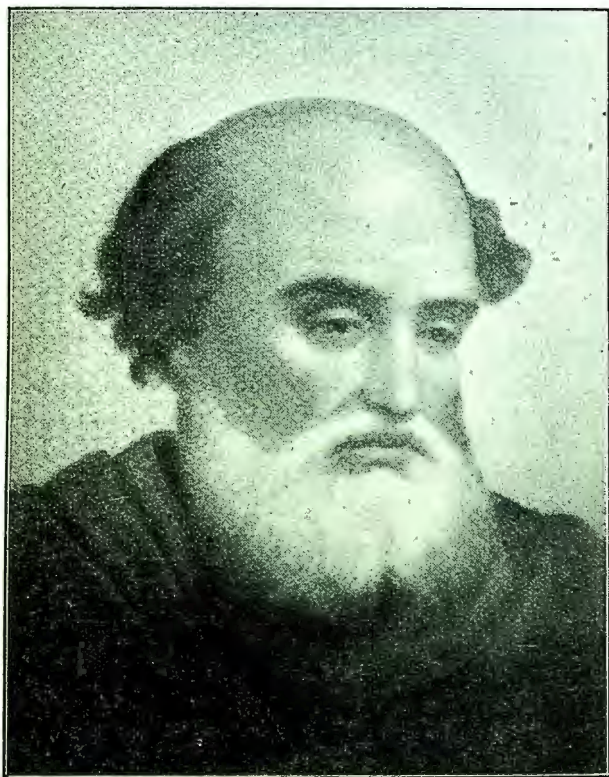
Em 17-8-682 subiu ao trono Leão II. Tenta-se explicar a demora de sua coroação de dois modos: por se esperar o reconhecimento imperial ou por estar ainda acesa a disputa sobre a atuação do papa Honório na questão monotelita. No antigo biógrafo (*Lib. Pont.*) lemos que Leão era siciliano, jovem e forte; reinou dez meses; era eloqüentíssimo, instruindo nas Escrituras, bom conhecedor das línguas grega e latina, era perito em canto e salmodia. Habitara-se, como mestre que fôra, à elegância da palavra e à perfeição do estilo. Guiava ao bem e à ciência a sua grei e prodigalizava aos pobres farto socorro espiritual e temporal.

Confirmou o VI Conc. Ecumênico, de seu antecessor, e apenas procurou atenuar as acusações feitas ao papa Honório, para conservar a paz com os Orientais. Deu prescrições acerca do “ósculo da paz”, de origem antiquíssima, pois os fiéis se beijavam na igreja em sinal de perdão das ofensas. Regeu também o uso da aspersão da água benta sobre o povo. Acolheu com paternal afeto a muitos hereges arrependidos. Obteve do imperador que o exarca não mais influísse na escolha do arcebispo de Ravena, o qual ficou devidamente sujeito a Roma. Venerou de modo especial este papa aos mártires S. Sebastião e S. Jorge, protetores dos militares. Restaurou a igreja de S. Bibiana, em que guardou os corpos de S. Simplicio, de S. Faustino e de S. Beatriz (*Viatrix*, a que viaja), que jaziam no bosque dos Arvais, famoso no tempo do paganismo. Leão morreu após um célebre eclipse da lua, que, dizem as crônicas, durou toda a noite de Quinta-feira Santa. Festejado como santo em 3 de julho.



8 de maio — S. BENTO II (684-685) — Confessor

Roma foi a pátria de Bento II, consagrado onze meses após a morte de Leão II. A demorada viagem a Constantinopla, a fim de informar o imperador, causava essa irregularidade. Vinham os pontífices lutando contra essa nefasta prepotência imperial. Dela conseguiu Bento II livrar a Igreja. Obteve de Constantino Pogonato um edito, com o qual “o clero e o povo de Roma deviam proceder sempre, e sem demora, à eleição e consagração do Papa”. Foi realmente uma generosa renúncia de Constantino aos direitos antigos, e êle agiu alegremente em fôrça de seus sentimentos religiosos sinceros. Com o passar dos tempos, porém, seus sucessores tentarão retardar a consagração... O imperador mandou ao papa uns cachos de cabelos de seus filhos Justiniano e Heraclio: segundo o costume, significava que os príncipes eram adotados pelo papa, — algo semelhante a um apadrinhamento. Em Roma todos receberam com grande alegria êsses sinais de concórdia. Na Páscoa de 685 o papa distribuiu cargos e recompensas a diversas ordens do Clero. Morreu pouco depois, em 8 de maio, ou em 26 de junho. Deixou 30 libras de ouro ao Clero, aos mosteiros, às diaconias e aos mansionários. Eram êstes os leigos encarregados do serviço das igrejas, talvez os nossos atuais sacristães. Bento enviara à Espanha as resoluções do VI Concílio Ecumênico. Foi celebrado então o Concílio de Toledo e o clero hispânico deu inteiro acatamento ao Papa, embora com palavras altivas, próprias da rudeza e orgulho do povo visigodo. — Bento passara a infância no serviço divino, era versadíssimo nas cerimônias, nas Escrituras e no canto religioso.

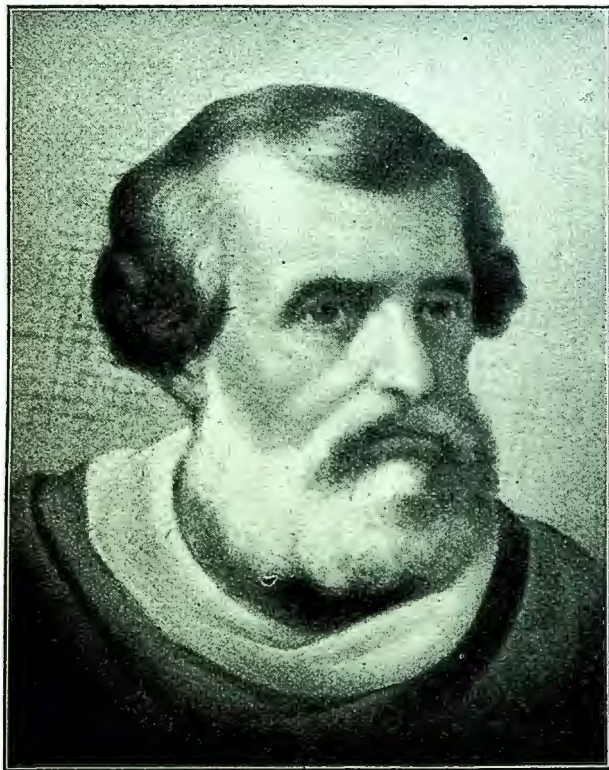


JOÃO V (685-686)

Promovido ao pontificado, João V governou apenas um ano. “É um fato surpreendente a rapidez com que nesse tempo se sucediam os papas. Os pontificados de 13 anos ou mais, como os de Gregório Magno, de Honório I e de Vitaliano, constituem uma exceção. Que êsses homens fôsem eleitos em idade muito avançada? ou havia outras causas para duração tão breve?” Não nos é possível responder a tais perguntas, em vista da pobreza de notícias e de fontes históricas. João era sírio, filho de Ciríaco, natural de Antioquia. Com êle tem início uma série de papas Sírios ou Gregos, o que mostra a influência bizantina na eleição do pontífice, também devida à reaproximação do Imperador ao Papa. — Quando diácono, João havia sido enviado ao VI Concílio Ecumênico como legado pontifício e voltara como administrador imperial da Calábria e da Sicília. — Foi consagrado, como Leão II, pelos três bispos de Óstia, Porto e Velletri.

Também na Côrte houvera sucessão: em 685, por morte de Constantino Pogonato, subiu ao trono Justiniano II, seu filho. Jovem de 16 anos, o novo soberano deixou-se levar por maus conselheiros. Rompeu a paz com os Árabes, o que acarretou aos cristãos a perda definitiva da África, preparando-se assim a invasão moura da Espanha. João V exigiu seu direito de nomear os bispos na Sardenha, direito usurpado por Citonato, metropolitano de Cágliari, condenado no Concílio Trulano de 680.

O papa sofria de grave enfermidade, pois “a custo podia consagrar os bispos”. Morreu em agosto de 686. Em seu testamento ordenou fôsem distribuídos 1900 soldos de ouro aos mosteiros, diaconias e “mansionários”.



CÓNON (686-687)

Morto João V, voltou o imperador Justiniano a interferir na eleição do pontífice. Nesse sentido deu instruções ao seu representante na Itália, o exarca de Ravena. Como consequência vemos aparecer em Roma o “partido militar”, pretendendo que se elegeisse um tal Teodoro. O clero opôs-lhe o arcebispo Pedro, mas os imperiais fecharam à força a basílica de Latrão, para impedirem a entrada dos votantes adversários. Após longa controvérsia, o Clero desistiu de Pedro e escolheu Cónon, que também foi aceito pelos juizes e pelos chefes dos soldados, ou seja, pela nobreza. A eleição realizou-se em Latrão. O exarca de Ravena aprovou-a, o que significa que os bizantinos não haviam renunciado de todo às suas pretensões.

Cónon era natural da Sicília, mas de família vinda da Trácia, na Grécia; era idoso e se mantivera afastado de cargos importantes. Sua escolha foi um modo de conciliação e a bondade do pontífice levou-o a nomear alguns ambiciosos. Um destes, Constantino, administrador dos bens da S. Sé na Sicília, foi tão exigente e mau, que suscitou contra si uma revolta popular, terminando seus dias numa prisão.

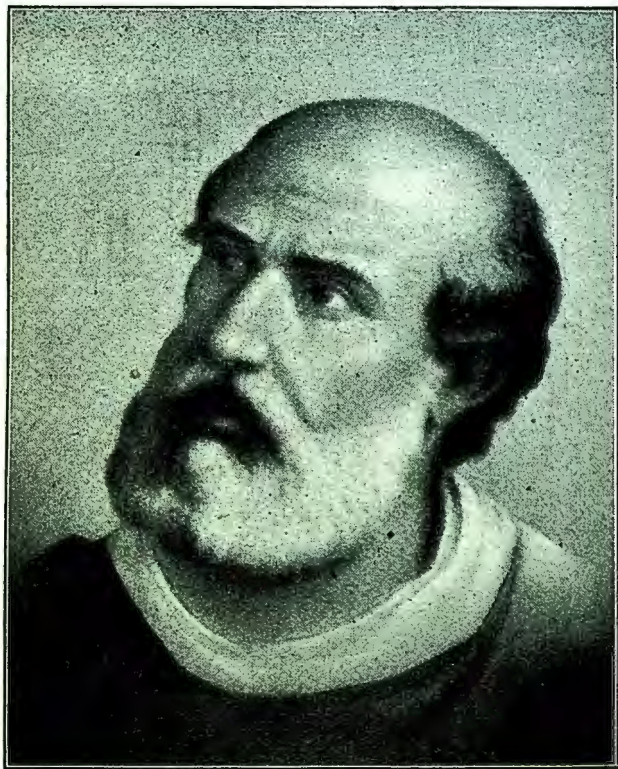
Em 687, sob a presidência dos legados do Papa, houve uma grande assembléia de eclesiásticos e leigos, dando-se leitura às atas do VI Conc. Ecumênico (Trulano), contra os assertores de uma só vontade em Cristo. Justiniano II escreveu então ao papa, mas este jazia moribundo. O exarca, entretanto, intrigava em Roma, pretendendo determinar um seu amigo, de nome Pascoal, para suceder a Cónon. Este morreu santamente em 21-11-687.



8 de setembro — S. SÉRGIO I (687-701) — Confessor

“À morte de Cónon, houve dois candidatos, Teodoro e Pascoal. Finalmente, por graça de Deus, foi eleito um terceiro, o venerando Sérgio”. Assim conta-nos o *Lib. Pont.* acrescentando que Teodoro reconheceu humildemente o novo papa, enquanto Pascoal se arvorou em antipapa, reclamando o auxílio do exarca de Ravena. Este ocupou Roma, não ousou depor Sérgio, estimado pelo povo, mas saqueou as igrejas, de seus vasos sagrados e preciosas lâmpadas.

Papa Sérgio nasceu na Sicília, de família síria. Viera jovem para Roma, onde se impôs por seu agudo engenho. Como papa foi defensor inabalável da fé. Justiniano II reuniu um concílio, o II Trulano, para infirmar o primeiro. Sérgio rejeitou enérgicamente essa intromissão. Justiniano então mandou, com tropas, o seu cortesão Zacarias, homem cruel e temido, para que levasse prêso o papa a Constantinopla. O povo romano, porém, levantou-se em armas. Zacarias viu-se derrotado e perdido, chegando a esconder-se sob o leito do papa, que lhe salvou a vida da fúria dos populares. Meses depois (695), em Bizâncio, o iníquo imperador era deposto numa sedição militar e levado ao hipódromo, onde bárbaramente lhe decepavam o nariz e as orelhas. Em 689 veio a Roma, para ser batizado, Cadual, rei dos Saxões e em 696 o papa consagrou o bispo inglês S. Vilibrordo, apóstolo da Frísia. Roma tornava-se, cada vez mais, a meta de peregrinações. Papa Sérgio instituiu procissões para as quatro principais festas de Maria SS.: Natividade, Anunciação, Purificação e Assunção (chamada dormítio, sono). Mandou também que se cantasse o *Agnus Dei* na Missa. É festejado S. Sérgio I em 8 de setembro.

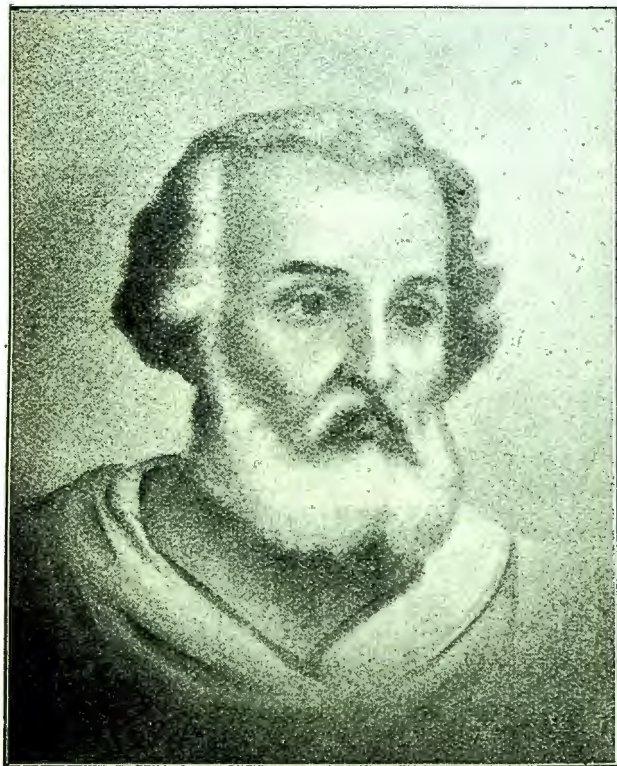


JOÃO VI (701-705)

João VI era grego e não desconhecia quão afastados se achavam os Latinos da sujeição a Constantinopla. Foi eleito em 30-11-701. Era então imperador Tibério Apsimares, que derrubara e cegara Leôncio, o cruel destronador do iníquo Justiniano II...

Apsimares também pretendeu dar ordens a Roma. Enviou o exarca Teofilato, o qual, também êle, só escapou com vida pela generosidade do papa, que o defendeu do furor popular. Entre as correrias bárbaras dos Longobardos e as exações dos insaciáveis governadores bizantinos, os povos da Italia reconheciam como única salvação a autoridade mansa do Romano Pontífice. No sul, o longobardo Gisulfo, duque de Benevento, invadiu a Campânia, fazendo muitos prisioneiros e chegando às proximidades de Roma. Não foi o Senado da cidade, nem o exarca imperial, quem tratou com o invasor: "o desarmado papa enviou alguns sacerdotes que, em seu nome, resgataram os prisioneiros e induziram o bárbaro a retroceder". Êste episódio é um dos preliminares da questão entre bizantinos e longobardos, de que resultou a interferência dos Francos e a conseqüente criação de um Estado independente pontifício.

Sob o pontificado de João VI, o rei Alfredo de Northumberland, na Inglaterra, expulsou da Sé de York o bispo Wilfrido, depois de fazê-lo condenar por Bertwald, arcebispo de Cantuária. Recorreu o deposto a Roma. Sua causa foi examinada por um sínodo de 70 eclesiásticos e, julgado inocente, foi pelo Papa restituído ao seu cargo. De João VI sabemos que procedeu a cuidadosas restaurações nas basílicas de S. Pedro, de S. Paulo e de S. Marcos, e consagrou vários bispos. Morreu em janeiro de 705.



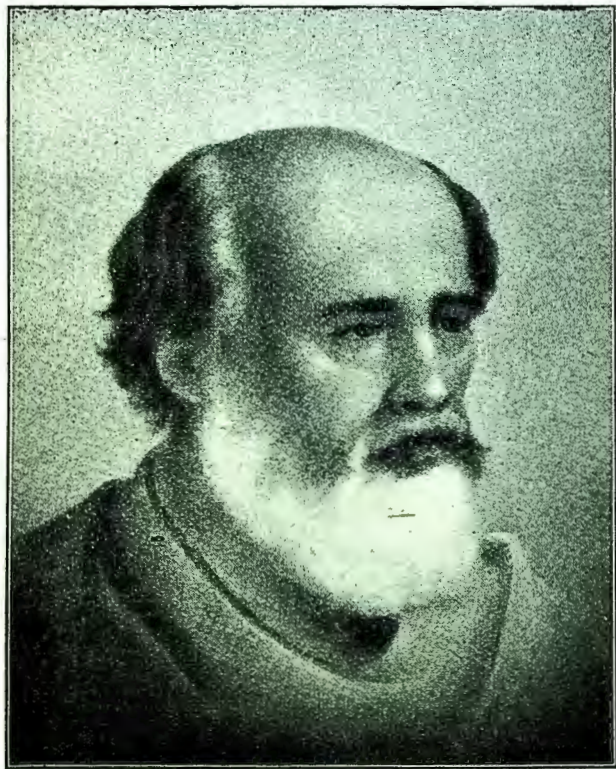
JOAO VII (705-706)

Era grego o sucessor de João VI, seu homônimo. Era filho de um tal Platão, nome conservado em seu epitáfio, composto pelo próprio papa. — Sofreu João VII com a Côte de Bizâncio. Justiniano II, o imperador deposto e mutilado em 695, voltou a Constantinopla apoiado no exército dos Búlgaros. Vingou-se então terrivelmente. Passou a usar nariz e orelhas de ouro no rosto mutilado, e, — conta Agnelo de Ravena — tôdas as vezes que ajustava o nariz metálico, meditava algum assassinio. Houve execuções, aos milhares. Os imperadores Leôncio (cego) e Apsimares foram torturados e mortos publicamente. O patriarca Calinico teve os olhos arrancados, sendo depois enviado a Roma.

Justiniano, o feroz filho do piedoso Pogonato, não esqueceu que o papa Sérgio rejeitara o falso 2.^o concílio Trulano (de *trullum*, zimbório que cobria a sala das sessões). Mandou, pois, as atas dêsse concílio para que João VII as aprovasse. O papa, sabendo tratar com um soberano cruel e exasperado, procurou ganhar tempo, reenviando os emissários imperiais sem nada resolver. O *Lib. Pont.* desculpa essa atitude do pontífice dizendo ser êle “tímido por humana fragilidade”. Justiniano II insistiu depois com o papa Constantino.

Em 706 o rei longobardo Ariberto deu uma prova de sua consideração para com a S. Sé. Mandou-lhe um edito “de restituição, escrito em letras de ouro”, de umas terras, pertencentes à Sé de Pedro, e que haviam sido ilegalmente ocupadas por senhores feudais longobardos, seus súditos,

Em Roma êste papa celebrou-se pelos magníficos mosaicos, admiráveis para aquela época. Restaurou o mosteiro de Subiaco, destruído em 601. Morreu em 18-10-707.



SISÍNIO (708)

Dêste pontífice, cuja passagem pelo sólio pontifício foi das mais breves, temos poucas notícias. A época obscura e confusa de então e a exiguidade de tempo de pontificado, dificultam as notas históricas. Sabemos, entretanto, que Sisínio tinha planos providentes para os perigos que ameaçavam Roma. Diz o *Liber Pontificalis*: “Sisínio, sábio, filho de João, ocupou a Santa Sé por vinte dias. Atormentado pelas dores da enfermidade, padecia tolhido de tal forma nos movimentos, que não podia usar das próprias mãos, nem mesmo para comer. Não fraquejou, porém, em sua admirável energia, pois demonstrou grande solicitude em assegurar a tranquilidade dos habitantes. Mandou construir fornos de cal, a fim de restaurar os muros da Cidade. Foi, porém, prematuramente roubado pela morte. Havia consagrado um bispo para Córsega. Foi sepultado em S. Pedro”.

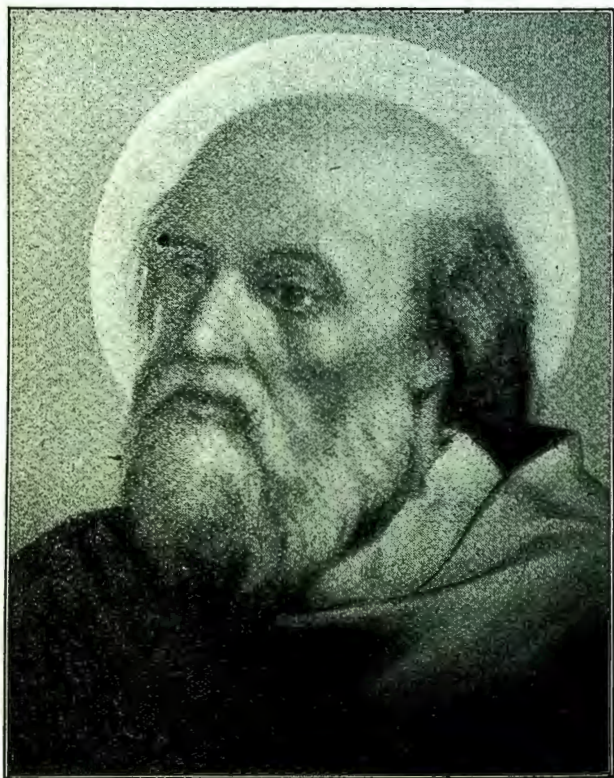
Estas rápidas notícias referem-se, de certo, ao perigo iminente representado pelos vizinhos Longobardos e, mais ainda, pelos Sarracenos. Assim se chamavam os muçulmanos do norte da África e das ilhas do Mediterrâneo. Hábeis marinheiros, ousados piratas, atacavam de surpresa as cidades litorâneas, tudo saqueavam, aprisionavam cristãos, que eram depois vendidos como escravos. Sua audácia, fortalecida pela incúria do governo bizantino, levou-os às proximidades da mesma Roma. Era, pois, de necessidade urgente restaurar os muros da cidade, na qual se refugiavam as populações assustadas. A morte, porém, impediu a realização dos sábios planos do papa Sisínio.

Consagrado em 18 de janeiro, morreu aos 7 de fevereiro.



CONSTANTINO (708-715)

O sírio Constantino, filho de João, governou sete anos. Não se deixou atemorizar pelos graves acontecimentos desse período. O povo de Ravena revoltou-se contra o imperador, e Justiniano mandou uma expedição que puniu ferozmente a cidade. O arcebispo Félix, que no seu orgulho se separara de Roma, — foi levado a Constantinopla, cegado e exilado. O imperador, temendo a indignação universal por seus crimes, pretendeu unir o seu povo, terminando o cisma monotelita, que elle havia reiniciado. Para tanto, convidou o Papa a ir a Constantinopla. O corajoso pontífice aceitou o convite. Partiu em outubro de 710, com numerosos bispos, por Nápoles e Sicília. Recebido com grandiosos festejos na capital do Oriente, foi o último papa que Bezâncio viu! Tratado com muita deferência pelo imperador, que se ajoelhou a seus pés, Constantino conseguiu, com bondade e firmeza, evitar que se reconhecessem os artigos heréticos do falso 2.^o Concílio Trulano. Em outubro de 711 voltou a Roma. Aí foi amargurado pelas notícias da invasão da Espanha pelos Árabes e pelas atrocidades cometidas em sua ausência pelo governador bizantino. — Meses depois Justiniano II foi destronado por Filépicos Bardane, que lhe cortou a cabeça e a mandou a Roma “para que os Romanos se alegrassem com a morte do tirano”. A cabeça do perseguidor fez, ao contrário, a viagem que um dia fizera o perseguido papa S. Martinho I. — A embaixada de Filépicos, monotelita, encontrou em Roma, um quadro em que eram historiados os seis primeiros concílios ecumênicos! Este papa escreveu a Chilperico, rei dos Francos, para obter as relíquias de S. Bento. Morreu Constantino em 94-715,



11 de fevereiro — S. GREGÓRIO II (715-731) — Confessor

Gregório II era romano. Precioso auxiliar, acompanhara seu antecessor a Constantinopla. Retomou os projetos do papa Sisínio para restaurar os muros da cidade. Reuniu muitos bispos num sínodo para reforma da disciplina. Reconstruiu a célebre abadia de Monte Cassino (719), destruída outrora pelos Longobardos. Foi generoso com as vítimas de uma inundação do rio Tibre “que durou oito dias”. Pagou o resgate de inimigos, capturados por aliados seus! Em Bizâncio reinava um ex-soldado, Leão III, o Isáurico. Rude e ignorante, o imperador Leão pretendeu batizar, à força, os Judeus (722) e depois (726) suprimir o culto das imagens (iconoclastia), a fim de “tornar mais espiritual a religião e atrair os hebreus e os muçulmanos”. O patriarca Germano foi exilado e substituído por um leigo, amigo de Leão.

Foram destruídos quadros de valor, quebradas imagens, incendiados mosteiros. . . pois os monges e o povo se opunham à destruição. Em Ravena o povo enfurecido abateu as estátuas do imperador. Aos argumentos do papa, o Isáurico respondeu: “Sou Imperador e Sacerdote”. E a perseguição continuou, fazendo muitos mártires. Três emissários imperiais tentaram matar o papa, mas o primeiro ficou paralítico, o segundo morreu combatendo em viagem contra os Sarracenos e o terceiro, o exarca Eutíquio, foi salvo das mãos do povo, por Gregório, pessoalmente. Este papa aplacou o rei longobardo Liutprando — o qual depôs espada e coroa sobre o túmulo de S. Pedro. Enviou Gregório à Alemanha o monge anglo-saxão Winifried, chamado S. Bonifácio o Grande, cujo apostolado é um livro de manso heroísmo (bem diferente do ódio notável nas palavras e obras de Lutero. . .)

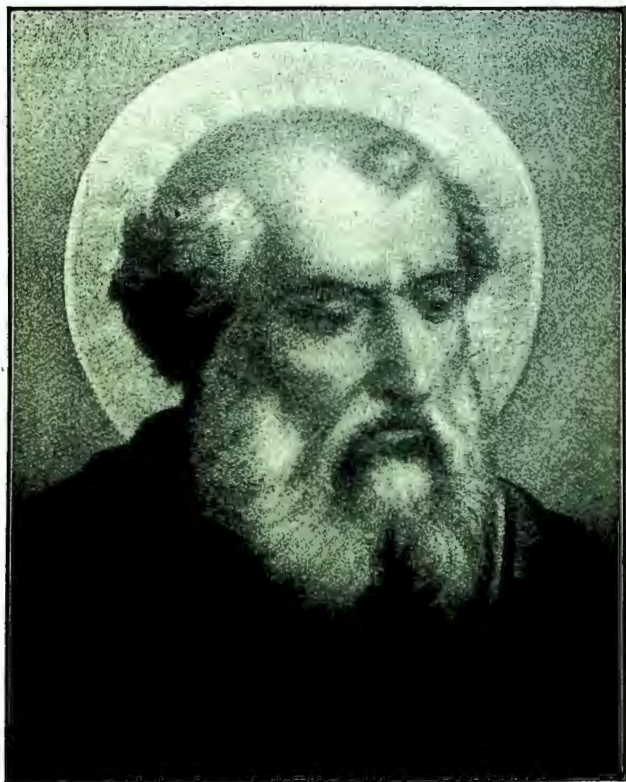


10 de dezembro — S. GREGÓRIO III (731-741) — Confessor

Gregório III foi digno dos seus antecessores do mesmo nome. Estava ainda viva a questão das imagens. Mandou Gregório seus enviados ao imperador Leão Isaúrico, reafirmando a fé da Igreja de Roma, com as declarações de um imponente sínodo: “Seja excluído da Igreja quem tirar, insultar ou destruir as imagens de Cristo, de Sua imaculada Mãe, dos Apóstolos, dos Santos”... Os diversos enviados foram todos presos, um após outro, condenados, enquanto Roma acolhia os artistas bizantinos. Os quadros e as imagens são a leitura dos que não sabem ler, e a arte, que é o cultivo do belo, fala aos corações e eleva à prece. O protestante Gregoróvius diz: “A luta dos Papas contra Bizâncio salvou a arte no Ocidente”.

Leão enviou contra Roma uma esquadra, que o mar tragou. — Gregório opôs-se também às pretensões do rei Liutprando, que desejava anexar Roma aos seus domínios. Cercado por gregos e longobardos, Gregório pediu auxílio a Carlos Martel, general dos Francos. O ilustre filho de Pepino de Heristal salvara a Europa, na gigantesca batalha de Poitiers (732) vencendo os Árabes, que senhores da Espanha, em torrente avassaladora vinham conquistando o mundo. Gregório, porém, morreu em 27-11-741, seguido de perto por C. Martel e um ano após a morte de Leão Isaúrico, o Iconoclasta. Durante o pontificado de Gregório morreu também Beda Venerável, o primeiro dos “bárbaros” que conquistou o título de “doutor da Igreja”; viera a Roma completar sua História Eclesiástica da Inglaterra.

As notícias do apostolado de S. Beda entre os ingleses e de S. Bonifácio entre os alemães, alegraram os últimos dias do glorioso S. Gregório III.



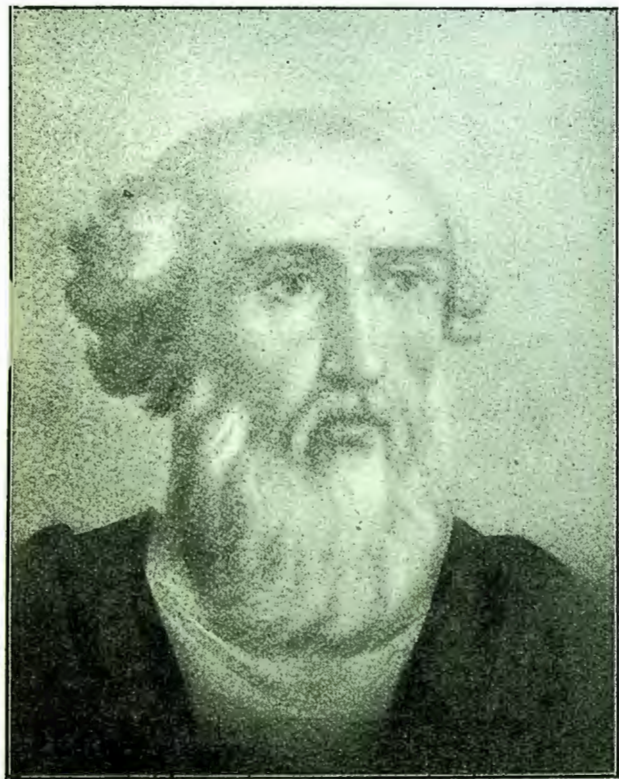
22 de março — S. ZACARIAS (741-752) — Confessor

Zacarias, eleito quatro dias após a morte de S. Gregório III, foi o último papa sírio-grego. De sólidas virtudes, vasta ciência, foi habilíssimo nos negócios do governo. Era imperador Constantino Coprônimo (coprônimo significa imundo), pior que seu pai Leão Isáurico. Esfacelava-se o império grego na anarquia. Liutprando, rei longobardo, ocupou então Ravena, Benevento, Espolêto, e ambicionava Roma. Mas Zacarias foi ao encontro do rei e o venceu com persuasão, tal, que a lenda enfeitou de milagres (nuvens brilhantes) a viagem do papa.

Operava então prodígios de apostolado na Alemanha S. Bonifácio, fundador do célebre convento de Fulda. S. Zacarias enviou-o como legado a Carlomano, filho de Carlos Martel, no sínodo de Soissons, cujas leis foram reconhecida pelo Estado. Em 747 Carlomano fez-se monge em Monte Cassino. Lá foi encontrá-lo Ratchis, antigo rei longobardo, que também se fez monge, enquanto sua esposa Tásia e sua filha Rotrudes encerravam-se num convento. Papa Zacarias, como-vi-do, benzeu as vestes monacais a tantos príncipes. Carlomano passou a cuidar das cabras e Ratchis da vinha. Os Francos, seguindo o costume dos Bárbaros, elevaram nos escudos a Pepino, irmão de Carlomano e o fizeram rei. Zacarias, para bem da nação, confirmou o novo rei, que S. Bonifácio coroou. Unidos fizeram-se fortes os Francos, garantia da ordem cristã, da civilização na Europa.

O papa Zacarias cuidou dos arquivos da Igreja, trabalho precioso para o futuro. Cuidou da agricultura. Beneficiou muito a abadia de Monte Cassino.

Morreu com fama de santidade em 14-3-752.



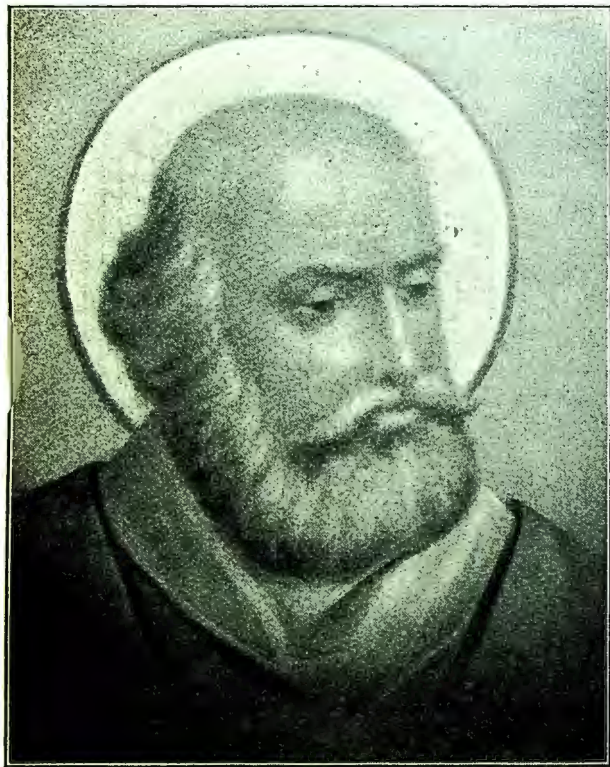
ESTÊVAO II (752-757)

ESTÊVÃO II (752-757)

Estêvão II foi eleito em 26-3-752, doze dias após a morte do papa Zacarias. Fôra eleito antes um sacerdote romano, também, chamado Estêvão, que porém, faleceu três dias depois, sem haver sido consagrado, não sendo, por isso, contado por todos como papa. Estêvão II era romano, filho de Constantino. Órfão desde tenra idade, foi educado na escola patriarcal de Latrão. “Ânimo adatado a grandes empresas”, iniciou para Roma um novo período. Astolfo, rei longobardo, extinguiu no norte a tirania bizantina.

De posse da grande Ravena, cobiçava Roma. O papa recorreu a Constantinopla, mas a Côrte grega preferia perseguir monges e destruir imagens! Astolfo sitiou Roma. Papa Estêvão então realizou solene procissão, que acompanhou de pés descalços e com a cabeça coberta de cinza, levando-se uma grande cruz, da qual pendiam os tratados de paz violados por Astolfo. Assim mesmo o ambicioso rei ameaçou passar a fio de espada todos os Romanos. Estêvão então recorreu a Pepino, rei dos Francos, o qual desceu com um grande exército, libertou Roma, sitiou Astolfo em Pavia e lhe arrebatou Ravena com outras cidades ex-bizantinas, que entregou ao Papa, para sua independência política (Tratado de Quierzy). Foi a confirmação do Poder Temporal dos Papas, ou o Estado Pontifício.

Roma, que os Pontífices haviam conservado contra a cobiça dos Bárbaros, era incontestavelmente pontifícia. Curiosa uma carta escrita então a Pepino por Estêvão “como se a crescesse S. Pedro”. Em 755 morria em Dockingen, aos 75 anos, o grande apóstolo da Alemanha, S. Bonifácio, martirizado por uma tribo que êle tentava converter. O papa Estêvão morreu em 24-4-757.

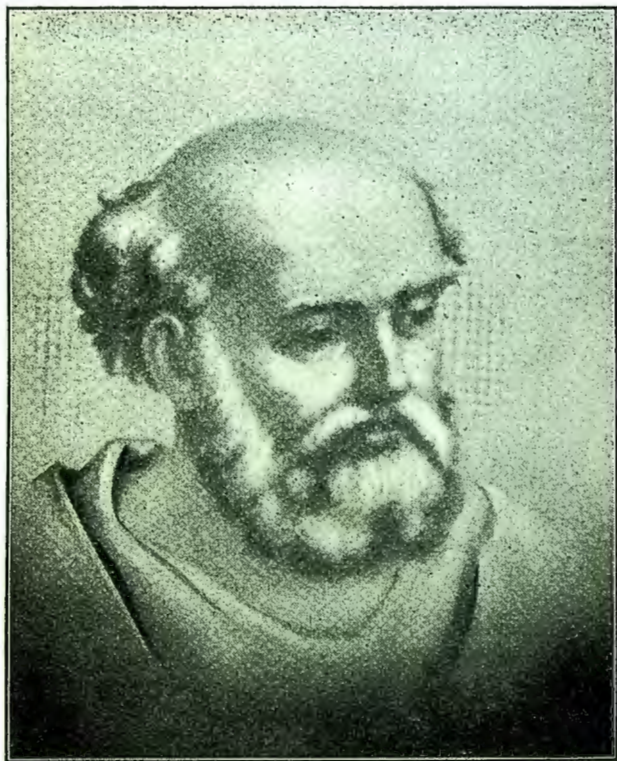


28 de junho — S. PAULO I (757-767) — Confessor •

Paulo I era irmão de Estêvão II. Pela primeira vez temos dois irmãos papas. No século XI encontraremos outro caso: Bento VIII e João XIX.

Eleito, Paulo escreveu logo ao rei Pepino, dos Francos, comunicando sua nomeação “por unânime escolha do povo”. Pepino respondeu com palavras encomiásticas e lhe enviou um cacho de cabelos de sua filhinha Gisela, irmã do futuro Carlos Magno, pedindo ao Papa que aceitasse ser padrinho da pequena princesa. Os duques e condes romanos acolheram com entusiasmo a proteção do rei franco, que de longe os deixava tranquilos sob o governo pontifício, e lhes era uma garantia contra a barbárie dos Longobardos. O novo rei destes, Desidério, saqueava as cidades e talava os campos. A êle se aliaram os Bizantinos, e a devastação foi enorme. Paulo I deu provas de grande habilidade e muita paciência, conseguindo abrandar Desidério. O grego Constantino Coprônimo, valente só em destruir as imagens, espalhava boatos de terríveis esquadras e ingentes exércitos que estava preparando para ocupar Roma.

Paulo I celebrizou-se por sua caridade sem alarde. Visitava à noite os cárceres, libertando, com seu direito de indulto, os condenados à morte. Fazia pagar às escondidas os débitos dos que jaziam presos por insolvência, e colocar víveres e roupas à porta das casas dos pobres. Em 761 fundou com monges gregos o convento de S. Silvestre, ainda hoje existente no local dos antigos e famosos jardins de Lúculo. Terminou a capela de S. Petronila (errôneamente tida como filha de S. Pedro), iniciada por seu irmão, e chamada capela dos reis francos. S. Paulo I morreu em 28-6-767.



ESTÊVÃO III (768-772)

ESTÊVÃO III (768-772)

A morte de Paulo I seguiram-se graves ocorrências em Roma. O principado temporal dos Papas excitou a cobiça do poder na aristocracia romana. Acirrou-se a luta entre os dois partidos: o franco e o longobardo. Assim, o duque de Nepi, com força armada, invadiu o palácio de Latrão e, com violência, entronizou seu irmão Constantino, que nem era clérigo. Reagiu o duque Gracioso. Com apoio do rei longobardo Desidério e do “primiciero” Cristóvão, atacou Roma, depôs Constantino e cometeu crimes execrands, inclusive o de cegar o infeliz antipapa e, por traição, ao próprio Cristóvão. O clero romano, porém, elegeu corajosa e regularmente ao padre siciliano Estêvão, da igreja de S. Cecília (7-8-768). Seu primeiro cuidado foi o de acalmar a cidade, convocando um sínodo, do qual participaram 12 bispos francos. Nesta reunião condenaram-se: os atos do antipapa Constantino, a heresia iconoclasta e a elevação de um leigo a papa.

Morrera entretanto Pepino, rei dos Francos (24-9-768). Seu filho Carlos, mais tarde chamado Carlos Magno, casou-se por mero interesse político do rei Desidério, com a filha deste, a longobarda Desiderada. O Papa, embora reconhecendo que seu único auxílio provinha da forte Côrte do rei dos Francos, protestou enèrgicamente contra essas núpcias, pois Carlos Magno já estava casado com Himiltrude. O casamento, afinal, só trouxe mal ao ambicioso Desidério: Carlos Magno repudiou Desiderada para se casar com a linda Hildegarda de Suábia (Himiltrude já havia falecido então) e moveu guerra ao sogro. Estêvão III morreu em fevereiro de 772. Viveu em tempos difíceis à vida espiritual.



ADRIANO I (772-795)

“Adriano I. foi um grande papa e um grande rei, digno de ser o amigo do maior gênio político da Idade Média. A figura de Adriano I não empalidece ante a figura de Carlos Magno”, diz Chantrel. — Órfão de pequenino, foi Adriano educado à sombra da Igreja. Eleito papa em 1 de fevereiro, teve de enfrentar a má fé de Desidério e de Leão IV. — Por morte de Carlomano, irmão de Carlos Magno, queria Desidério que o papa coroasse o filho de Carlomano menor ainda. Seria a guerra civil. Desidério subornou uns nobres e atacou Roma. O papa Adriano recorreu então a Carlos Magno, que desceu à Itália, visitou Roma com fervor religioso (Páscoa de 774), renovou a doação de territórios, feita por Pepino, seu pai e se proclamou “rei dos Lombardos” e “patrício romano”. Desidério, vencido (774) e prisioneiro, retirou-se para o convento de Corbeia (a espôsa fêz-se monja). Conta-se que, terminando seus dias em vida santa, o convertido ex-rei operou milagres.

No Oriente, Leão IV, filho do Coprônimo, continuava a feroz perseguição às imagens, até a morte. A imperatriz Irene amenizou as leis iconoclastas e reuniu o 7.^o Concílio Ecumênico (Nicéia, 787), com 300 bispos, presidido pelos legados romanos. Foi restituído o culto das imagens, com imenso júbilo dos fiéis. Paulo, o patriarca herético bizantino, converteu-se, tornou-se monge.

Adriano guiou a Igreja com firmeza na disciplina e na fé. Condenou o “adocianismo” de Elipando, bispo de Toledo, que ensinava ser Jesus apenas filho adotivo de Deus. Reconstruiu os muros de Roma (380 tórrs) e os aquedutos, protegeu as artes e a agricultura. Morreu no Natal de 795, após 23 anos de glorioso reinado.

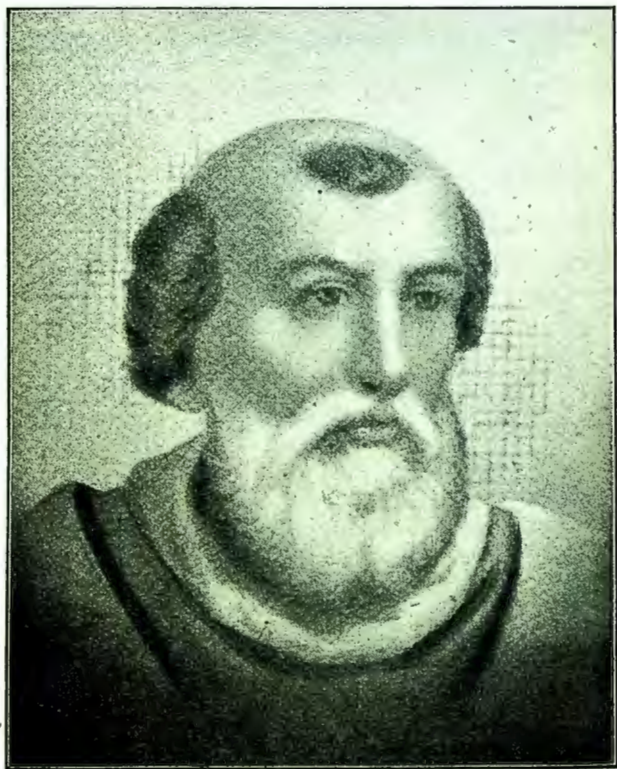


12 de junho — S. LEO III (795-816) — Confessor

Leão III, romano, cardeal de S. Susana, era filho de Azúpio. Eleito um dia após a morte de Adriano I, com agrado geral. Enviou a Carlos Magno as chaves de S. Pedro e a bandeira do patriciado. Por querer reprimir abusos do partido aristocrático, foi atacado numa procissão de S. Marcos e tratado brutalmente. Pretenderam arrancar-lhe a língua e os olhos. Salvo pelo duque Vinichi, fugiu para a Alemanha, onde foi recebido com grandes honras no acampamento de Carlos Magno, então em guerra contra os Saxões. O exército todo dobrou três vezes os joelhos ante o martirizado pontífice. O atentado de Roma comoveu toda a Cristandade. Uma comitiva de bispos e nobres, chefiados pelo rei Pepino, filho de Carlos, reconduziu a Roma o papa, acolhido festivamente em toda a parte. Leão reprovou a heresia adocionista de Eliando e Félix, êste, bispo de Urgel na Espanha.

No ano 800 Carlos Magno desceu novamente à Italia. Em S. Pedro, a pedido do papa, reuniu-se um concílio para acolher as acusações contra o mesmo Leão, mas ninguém ousou julgá-lo. Seus detratores, condenados à morte, tiveram a pena comutada para exílio em Bizância (a maravilhosa cidade), a pedido de Leão. Na noite de Natal de 800, Leão coroou Carlos Magno, imperador do Ocidente — fato importantíssimo na História. Em 808 Leão acolheu Ardlur, rei de Northumberland, na Inglaterra, que pôde reaver seu trono. Leão confortou Carlos Magno em seus tristes últimos anos, em que o grande imperador perdeu vários filhos.

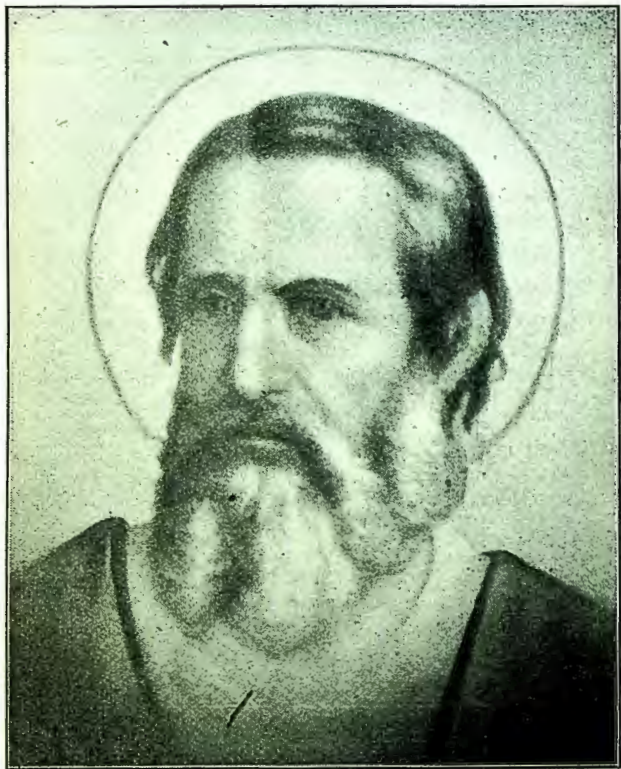
O restaurador do Império Romano do Ocidente morreu aos 71 anos em 28-1-814 e Leão, em 12-6-816. Surgia então no Oriente a controvérsia dogmática sobre o *Filioque* — O Espírito Santo procede do Pai e do Filho.



ESTÊVÃO IV (816-817)

Após a morte de Leão III, a Sé romana ficou vaga dez dias. Foi eleito Estêvão, de Roma, filho de Marino. Reinou sete meses. Fôra educado na escola de S. João de Latrão e muito estimado pelos papas Adriano e Leão. Nomeado pelo Clero e pelo povo com voto unânime, comunicou sua elevação ao rei Ludovico, o Pio, filho de Carlos Magno. Era o primeiro pontífice a ser eleito depois da restauração do império ocidental. O novo papa, sem admitir a ingerência imperial na sua confirmação, reconhecia o novo e eficiente poder civil, que unia os povos cristãos. Fêz mais: viajou até a França e, na catedral de Reims, em setembro de 816, sagrou imperador o rei Ludovico. Tratou com êle assuntos eclesiásticos do Império, renovou a aliança dos reis carolíngios e obteve confirmação das antigas doações do Estado Pontifício. Obteve também o perdão para todos os exilados ao tempo do seu antecessor e, acompanhado filialmente por êles, voltou a Roma. No Oriente piorava a situação religiosa. A imperatriz Irene, após destronar seu filho, a quem cegaram na rebelião (797), foi deposta (802) por Nicéforo, incapaz de se alçar à altura de seus contemporâneos Carlos Magno e Califa Harun-al-Raschid. Em 813 subiu ao trono bizantino Leão V, o Armênio, novo e feroz inimigo das imagens. Milhares de monges, então, chefiados pelo abade Teodoro, fiel a Roma, desfilaram pelas ruas de Bizâncio com seus quadros e imagens, apesar do martírio de centenas dêles, aos quais o Armênio fez cortar nariz e orelhas. O papa Estêvão IV reedificou igrejas, entre as quais a de S. Helena, em Roma.

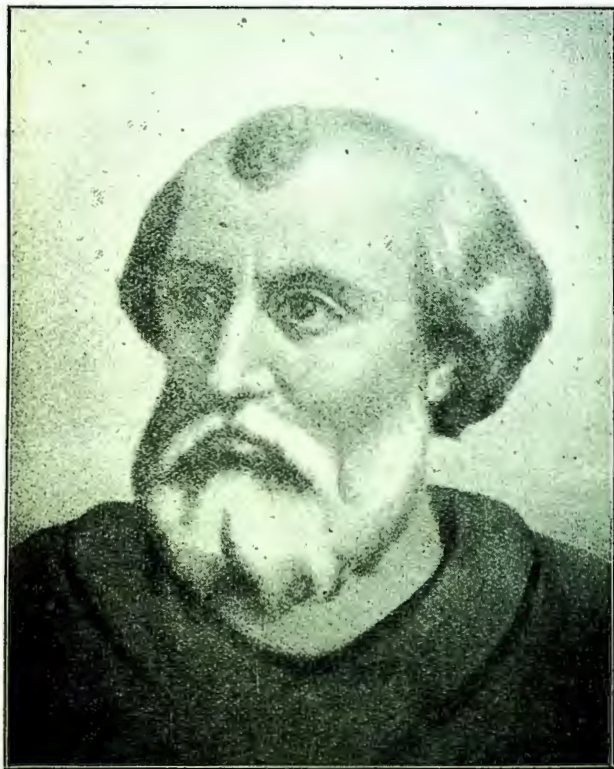
Morreu em 24-1-817.



11 de fevereiro — S. PASCOAL I (817-824) — Confessor

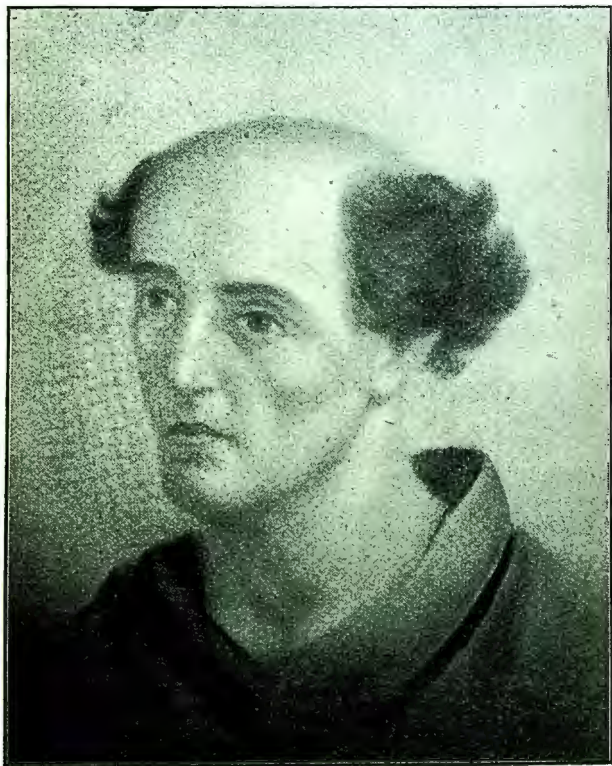
Pascoal, romano, filho de Bonoso, eleito dois dias após a morte de Estêvão IV. Muito erudito, conhecia bem as Escrituras, as leis canônicas. Piedoso e de imensa caridade. “Tudo o que possuía, dava-o aos pobres”. Com os monges insistia muito na observância do jejum, das vigílias, dando êle mesmo o exemplo. “Sempre abençoado pelos peregrinos, que acorriam numerosos a Roma”. Em seu tempo começou a ser usado oficialmente o título de Cardeal. Sofreu desgostos com a Côrte dos Francos. Em 822 o imperador Ludovico associou a si o filho Lotário. Rebelaram-se os outros príncipes. Bernardo, sobrinho do imperador, foi vencido, cegado e morto. O papa levantou a voz contra tanta crueldade (em hora comum nessa época) e Ludovico, mais tarde, fêz penitência pública. Em Roma o partido dos nobres, aproveitando-se da guerra civil, tumultuou. Foram cegados e mortos dois partidários de Lotário. O sepultamento de Pascoal, falecido na primavera de 824, retardou-se por causa desses tumultos. No Oriente, no Natal de 820, o iconoclasta Leão, o Armênio, parecia assassinado, na igreja, por inimigos que êle condenara à morte. Morreu defendendo-se desesperadamente com um grande Crucifixo, êle (ironia!) que em vida fizera destruir tantas imagens!...

O santo pontífice Pascoal I reedificou a basílica de S. Cecília. Num sonho viu a Santa indicando-lhe o local onde se encontrava seu corpo, nas Catacumbas. Pascoal achou-o envolto em panos bordados a ouro, junto ao corpo de S. Valeriano, o jovem mártir espôso de S. Cecília.



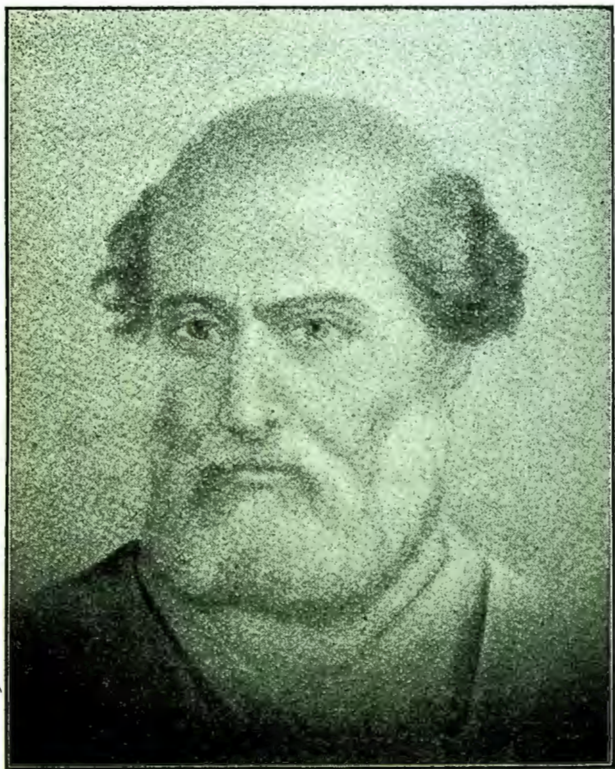
EUGENIO II (824-827)

De Eugênio II pouco se sabe pelo *Liber Pontificalis*. Conhece-se algo mais por meio dos “analistas” francos. À morte de S. Pascoal I, houve dois candidatos, porque em Roma já se temia a demasiada influência dos Francos. Eugênio foi consagrado em junho de 824 e o imperador Ludovico enviou seu filho Lotário para examinar a situação em Roma, reafirmar a autoridade imperial e exercer justiça onde fôsse preciso. Realmente o príncipe estabeleceu, de acôrdo com o papa, ótimas disposições, civis e religiosas. Destas, dois exemplos: ninguém poderia impedir ou retardar a eleição do Pontífice e a essa eleição deviam concorrer todos que tinham direito ao voto. Infelizmente permaneceu a dualidade de aplicação do Direito: o romano para os locais e o germânico para os estrangeiros, o que ocasionou depois muita confusão e mal-estar. Em 824 Ludovico tentou reconciliar Roma e Constantinopla: entrou em entendimentos com o imperador bizantino, Miguel III, o qual enviou uma embaixada ao papa, a fim de resolver a controvérsia sobre o culto às imagens. Em 825 reuniu-se em Paris uma assembléia de doutos bispos e teólogos, com permissão do Papa. Não sabemos, porém, dos resultados, por se haverem perdido as atas. Houve um iconoclasta no Ocidente, Cláudio de Turim, que retirou de suas igrejas os quadros, imagens e cruzeiros, reprovou o culto das relíquias, as romarias e até o culto dos Santos. Foi rejeitado por um concílio de 63 bispos, dirigido por S. Medardo, em Roma, quando se tratou também da disciplina dos cônegos, dos claustros anexos às catedrais, da eleição e dos deveres dos bispos etc.



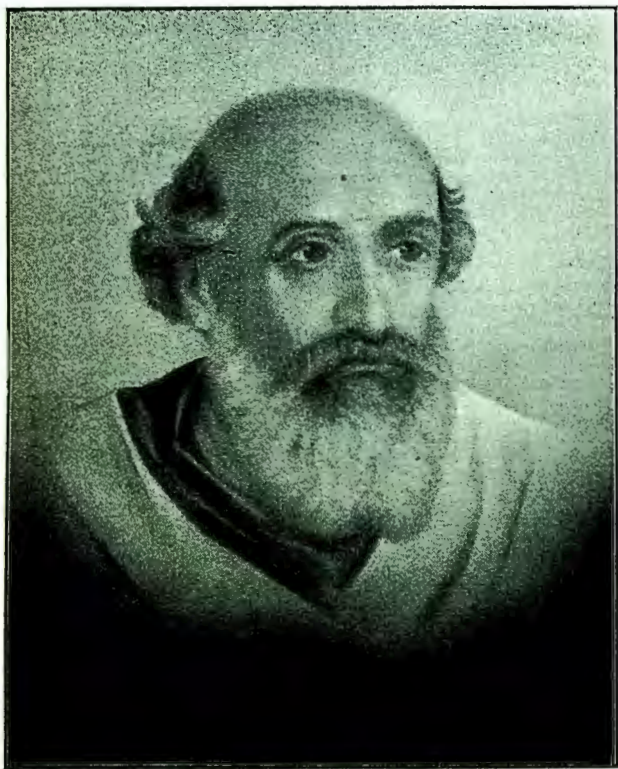
VALENTIM (827)

O papa Valentim era romano, da região de Via Lata. Seu pai chamava-se Leôncio. O novo papa era homem de grande santidade, repleto do espírito de Deus, como atesta o *Lib. Pont.* Pontificado muito breve — talvez de 1.º de setembro a 10 de outubro, apenas algumas semanas. Sua eleição, porém, fôra recebida com geral agrado e entusiasmo. Educado por ótimos mestres, distinguira-se desde jovem por sua prodigiosa memória, sabendo de cor todos os preceitos escolásticos, especialmente das Sagradas Escrituras. Parece ter sido de modos reservados, algo taciturno, por motivo talvez da sua pouca saúde. Prudente, cuidadoso, de muita bondade e grande doutrina. Estimado por Pascoal I, auxiliara seu antecessor a criar, junto a cada catedral ou convento, escolas (as únicas de então). Talvez a estima e venerada memória de Pascoal tenham levado os Romanos à escolha de Valentim. Conta seu biógrafo que, nesta eleição, houve uma revelação extraordinária: durante a reunião no Palácio Lateranense ouviu-se uma voz belíssima a clamar: “Valentim, santo arcediago, é digno da Sé Apostólica”. Valentim achava-se nesse instante longe, rezando na basílica de S. Maria Maior, de onde foi arrebatado pelo povo para ser consagrado em S. Pedro. Valentim fêz muitos donativos aos pobres, foi generoso com o Senado, anistiou os presos e deu ao povo um grande banquete como era do costume. “Ornado de belas virtudes, oprimido, porém, pelas enfermidades corporais, teve morte preciosa”, diz-nos o *Liber Pontificalis*. Sua eleição não teve a confirmação imperial, devido provavelmente à falta de tempo.



GREGÓRIO IV (827-844)

Chamava-se João o pai do papa Gregório IV, romano. O sucessor do papa Valentim, precocemente falecido, fôra também muito estimado por Pascoal I. Era titular da basílica dos mártires S. Cosme e S. Damião, aonde andaram a buscá-lo, quase à força, os eleitores. Alegava o escolhido seu temor à responsabilidade e sua pouca saúde. Tal escolha teve pleno assentimento imperial, o que devia ser uma garantia contra a turbulenta aristocracia romana. Garantia, aliás, muito fraca então, porque a jovem monarquia de Carlos Magno desmoronava espetacularmente. Judite, a segunda esposa de Ludovico, dominou o ânimo do imperador, levando-o a uma nova repartição do Império em favor de Carlos, o Calvo, filho de Judite. Rebelaram-se então contra o pai os príncipes mais velhos. O papa correu ao campo da luta, a fim de impedir a monstruosa guerra, mas Lotário, no “campo da mentira” usou de traição: o velho soberano foi aprisionado; julgaram-no, humilharam-no e o filho de Carlos Magno viu-se encerrado num convento. O papa ergueu a voz em prol do imperador deposto, ameaçando de excomunhão os filhos rebeldes. Estes desavieram-se logo. Pepino, Luís e Carlos uniram-se contra o irmão mais velho Lotário, derrotaram-no e libertaram o pai. Finalmente o Tratado de Verdun (843) repartiu o poderoso Império nos atuais países de França, Alemanha e Italia. — Aproveitaram-se dessas discórdias os Sarracenos para ocuparem a Sicília (831), ameaçando Roma, salva por Gregório. Este papa tornou universal a Festa de Todos-os-Santos em 1.º de novembro, festa associada à história do Panteão. Restaurou o aqueduto da antiga “acqua Traiana”. Morreu em 25-1-844.



SÉRGIO II (844-847)

SÉRGIO II (844-847)

Sérgio, filho de um nobre romano também chamado Sérgio, era homem de muita prudência e erudição. Ordenara-o sacerdote do título de S. Silvestre o papa Pascoal e nomeara-o arcipreste Gregório IV. Sua eleição andou perturbada pela interferência de um antipapa João — a quem um grupo de facciosos queria, à força, entronizar no palácio de Latrão.

Vencidos os intrusos, João teve a vida salva por intercessão de Sérgio. Nesse dia caiu muita neve, coisa rara em Roma. A consagração de Sérgio realizou-se sem o consentimento imperial, e Lotário, julgando-se ofendido, enviou à Italia seu filho Luís II com um exército, que cometeu muitas atrocidades. Sérgio conseguiu amansar o jovem príncipe, que se lhe tornou amigo, juntamente com Siconulfo, príncipe longobardo de Benevento, que saqueara o mosteiro de Monte Cassino e sitiara Roma. Outro flagelo ameaçou a capital da Cristandade: Em 846, havendo já ocupado a Sicília, os Sarracenos entraram pela foz do Tibre, chegaram até Roma, pilharam as basílicas de S. Paulo e de S. Pedro, roubando até as portas de bronze e os mármores do pavimento! O duque Guido de Espolêto bateu-lhes o exército em terra e uma terrível tempestade afundou-lhes as forças restantes no mar. Deixaram, entretanto, imensa desolação. Seguiu-se um período de miséria e fome, em que o papa foi incansável pela sua caridade. — O manuscrito *farnesiano* fala-nos de profundos desgostos causados a Sérgio II por um seu irmão. — Angustiado por tanto sofrimento, êste papa faleceu em 27-1-847. “Foi sepultado naquela mesma igreja, cujo saque e ruína lhe haviam partido o coração de dor”.



17 de julho — S. LEÃO IV (847-855) — Confessor

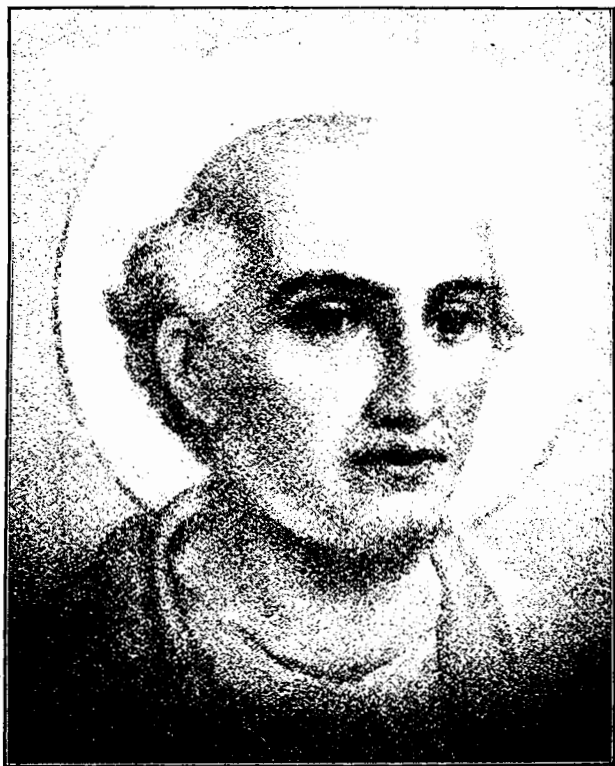
Leão IV, romano, era cardeal dos Santos Quatro Coroados. De grandes virtudes e ciência. Foi consagrado sem grandes festas, devido à urgência em se acudir à invasão dos Sarracenos, que voltavam a novo saque de Roma. Ao apêlo de Leão correram ao Tibre as tropas de Nápoles, Amalfi e Gaeta, ajudando a derrotar os temíveis muçulmanos.

Um grande incêndio, que se seguiu a um terremoto, ameaçou destruir Roma, havendo cenas impressionantes. Mais tarde o grande pintor Rafael immortalizou o milagre, atribuído a S. Leão IV, de haver extinto o fogo com o sinal da cruz, como também pintou o quadro da vitória sobre os Sarracenos. Em quatro anos Leão realizou um projeto gigantesco: edificou a fortificada Cidade Leonina, uma parte de Roma encerrada atrás de poderosos muros que abrigavam a igreja de S. Pedro também. Reedificou Ostia, Porto, Civitavecchia e outras cidades. Restaurou igrejas, embelezando-as com preciosas obras de arte. Em 850 Luís II foi pelo papa coroado imperador do Ocidente, em Roma. Nesse mesmo tempo estêve em Roma, para ser ungido, o rei Etewulf com seu filho Alfredo, o futuro grande rei da Inglaterra. Permaneceram um ano na cidade papal e reergueram ali a colônia dos Anglo-Saxões. O jovem príncipe guardou sempre vivíssimas impressões de Roma. Em 17-7-855 morreu Leão IV, verdadeiro herói de dedicação patriótica e religiosa. “A Igreja deu-lhe a coroa dos Santos e até os inimigos do papado, sem excetuar-se Voltaire, não puderam recusar-lhe o tributo de seus louvores e de sua admiração”.



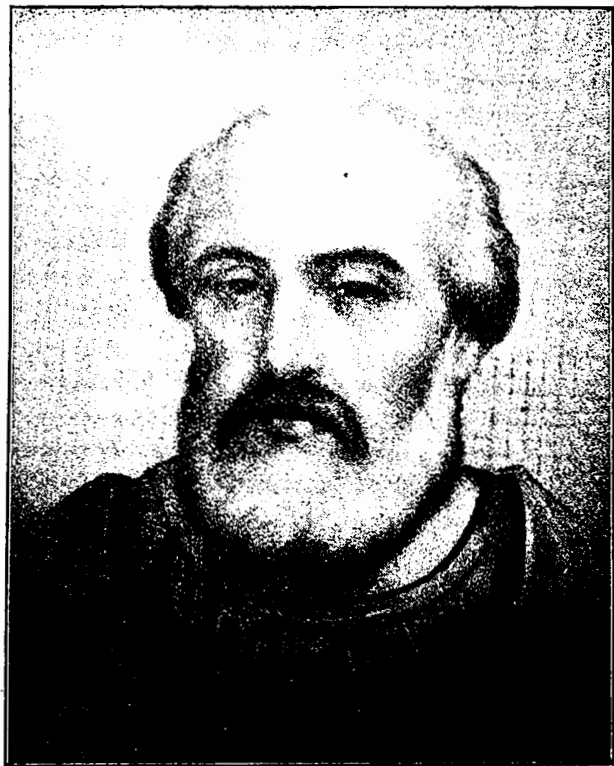
BENTO III (855-858)

Bento III, romano, estava rezando tranqüilo em sua igreja, quando o povo foi buscá-lo em procissão e trouxe-o, relutante, para ser papa. Apareceu depois um antipapa, Anastácio, já afastado por Leão IV, mas que voltava agora, apoiado pelo conde de Vubbio. Bento foi prêso, despojado de suas insígnias e maltratado, mas o povo repudiou o intruso, que, vencido e prêso, teve válido defensor no manso e humilde Bento. A população tôda, espontâneamente, fez um jejum de três dias em desagravo a Deus. Penitência também fazia o imperador Lotário, filho de Ludovico, o Pio, e neto de Carlos Magno: roído pelo remorso de haver guerreado e humilhado o próprio pai, encerrou-se como monge beneditino no mosteiro de Prüm († 28-9-855). Ao tempo de Bento III colocam alguns escritores a existência da “papisa Joana”, uma mulher que, disfarçada em monge e por dolo, teria sido elevada ao sólio pontifício. Lenda grosseira, apoiada apenas em listas posteriores de 400 anos (crônica de Martim Polono, 1278), foi desfrutada, como era natural, pelos protestantes depois do ano 1500. Sua origem liga-se talvez às acusações de inimigos, que zombavam da pouca energia do papa João VIII, ou liga-se porventura ao período do século em que as mulheres da aristocracia romana tiveram demasiado ascendente sobre os pontífices seus parentes. Uma estátua antiga, de sacerdotisa pagã, erigida numa rua (por onde não passavam procissões, por ser estreita), com a misteriosa inscrição Pa. P.P.P.P. não é prova histórica. Bento III foi benquisto nas côrtes de França e de Inglaterra, até pelos gregos, mas defendeu com energia a validade do matrimônio no caso da princesa Ingeltrude. Morreu em 7-4-858.



13 de novembro — S. NICOLAU I o Grande (858-867) — Confessor

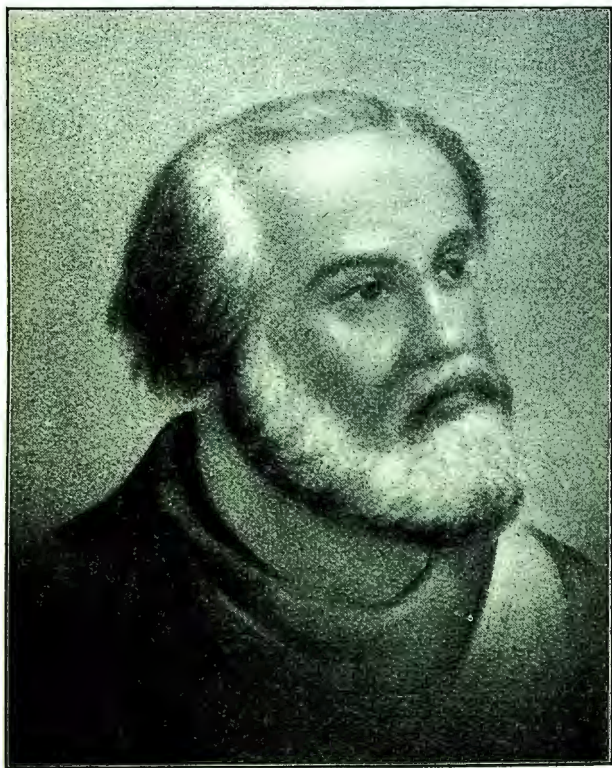
Belo homem, física e moralmente, o romano Nicolau. Eleito por aclamação. Fugiu da assembléia, voltando trazido pelo povo em cortejo triunfal, acompanhado pelo imperador Ludovico II, então em Roma. Nicolau foi “o grande lutador”. Dominou as autoridades de Ravena que, em assunto religioso, pretendiam independência de Roma. Lutou em defesa de Inácio, patriarca de Constantinopla, que condenara o casamento ilegal do tirano Bardas e a tentativa de Miguel III de internar num convento a própria mãe Teodora com as filhas. Teodora, quando regente, terminara a questão iconoclasta (destruição das imagens), restituindo o culto às mesmas imagens (Festa da Ortodoxia, 842). Miguel III então depôs Inácio e elevou em seu lugar o ambicioso Fócio, um leigo eruditíssimo. Os legados do papa deixaram-se enganar por Fócio, e Nicolau excomungou-os, reunindo então um concílio para defesa da fé e da disciplina. Recebeu na Igreja os Búlgaros, cujo rei Bóris enviou a Roma o próprio filho. O papa ministrou-lhes conselhos e leis que são um monumento de sabedoria. No Ocidente, árdua foi a luta: O rei Lotário II, para se casar com uma dama da corte, Valdrada, expulsou a esposa Teutberga. Esta recorreu ao pontífice, o qual, apesar de cercado pelos exércitos imperiais, obrigou Lotário, sob excomunhão, a receber a legítima esposa. Recebeu Nicolau a Dinamarca, convertida por S. Ansgário e os Eslavos, pelo zelo dos irmãos S. Cirilo e S. Metódio, verdadeiros iniciadores da literatura eslava. Nicolau morreu em 13-11-867, coroado de imensas vitórias como homem, como rei e como papa.



ADRIANO II (867-872)

Em 14-12-867 o clero e o povo elegeram Adriano, filho de Talaro, da família dos papas Estêvão IV e Sérgio I. Tinha Adriano 75 anos. Vivera em estado matrimonial e, anos atrás, sua esposa se retirara para um convento e êle ingressara no estado eclesiástico. Inaugurou seu pontificado com uma anistia geral, fazendo voltar do exílio até o antipapa Anastácio — gesto de bondade que lhe trouxe desgostos. Continuou Adriano a luta contra o divórcio do rei Lotário II. O papa Nicolau obrigara êste soberano a receber sua legítima esposa Teutberga, que o rei expulsara para se casar com Valdrada. Lotário, porém, chamou de novo Valdrada e maltratou de tal forma a rainha, que a infeliz fugiu da Côrte. Após a morte do papa Nicolau, Lotário escreveu cartas humílimas a Adriano, mas o novo papa não se deixou enganar. Então Lamberto, duque de Espolêto, invadiu e saqueou Roma. Houve a interferência do imperador Ludovico II, em favor de seu irmão Lotário, o qual foi encontrar-se com o papa em Monte Cassino, jurou publicamente separar-se de Valdrada e foi absolvido da excomunhão. Não era sincero e morreu perjuro logo depois. Valdrada e Teutberga entraram para o convento, morrendo Teutberga com fama de santidade, sempre generosa e fiel à memória do péssimo marido. No Oriente um concílio em Constantinopla condenava o astuto Fócio e reconhecia a supremacia de Roma sobre as demais Igrejas.

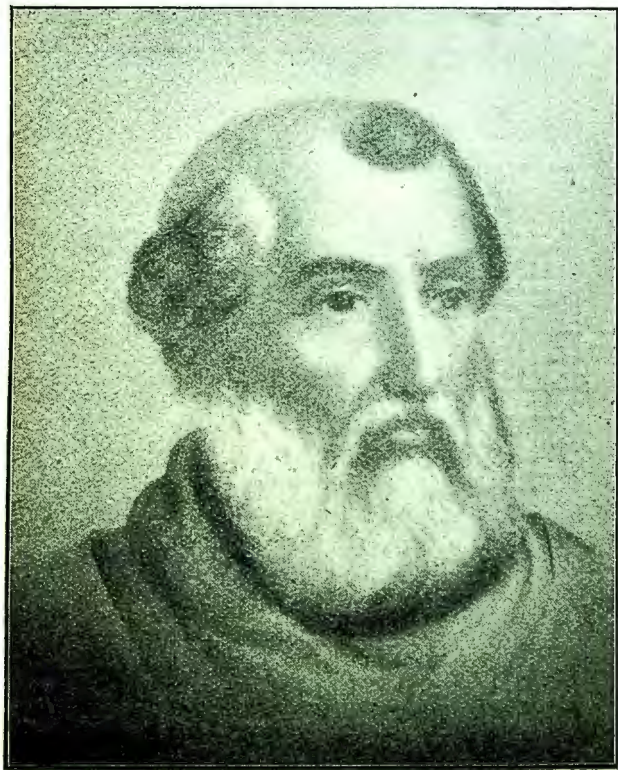
Manteve Adriano II amizade com o imperador bizantino Basílio, embora discordando quanto à pretensão grega de nomear bispos para os Búlgaros. Adriano, velho e manso, teve forças magníficas para lutar com galhardia pelos direitos de Deus.



JOAO VIII (872-882)

João VIII, romano, filho de Gundo, era de origem longobarda. Inicia-se com êste papa um período pobre em informações históricas. O monge Pedro Guilhermino, bibliotecário do mosteiro de S. Gil escreveu em 1142 as vidas dos papas, de S. Pedro até Adriano II. Seguem-se catálogos inferiores. João VIII afligiu-se ante a luta dentro da família imperial. Em 875 coroou imperador a Carlos, o Calvo. Formaram-se então partidos em Roma, tendo nêles parte importante Formoso, futuro papa. Um partido chegou a aliar-se aos Sarracenos, obrigando o papa a fugir para a França (878), de onde depôs príncipes e bispos rebeldes contra seu soberano. Voltando a Roma, João sofreu vexames e humilhações; nunca, porém, cedeu em seus direitos e deveres.

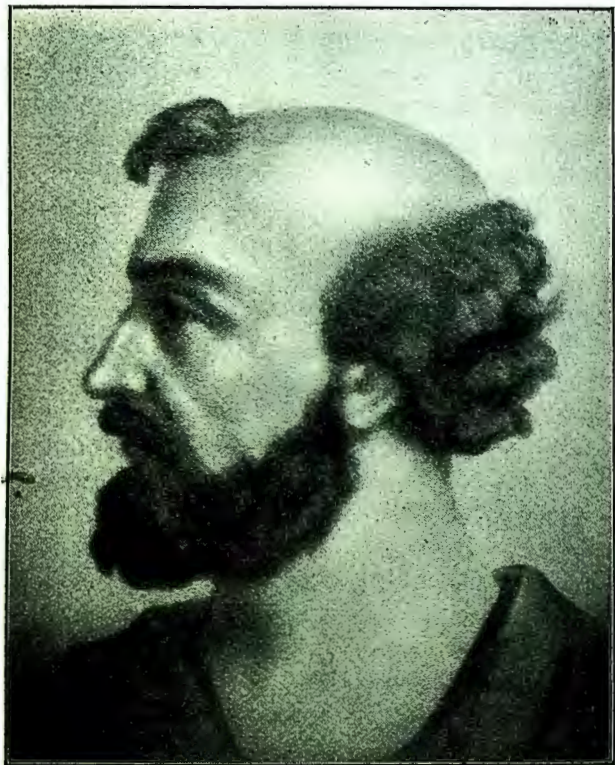
No Oriente morreu (877) Inácio, patriarca de Constantinopla. O astuto Fócio, que já usurpara uma vez a Sé patriarcal, conseguiu obter as boas graças do imperador e livrar-se da prisão, mediante um ardil: inventou uma árvore genealógica, segundo a qual o soberano (simples soldado que ascendera ao trono), era descendente de antiga família real armênia. Fócio apossou-se da Sé vacante e usou de todos os ardis para se conservar no pôsto e até ser considerado “maior que o Papa”. João VIII apoiou a admirável missão dos santos irmãos Cirilo (morto em Roma, 869) e Metódio, apóstolos dos Eslavos, aprovando o uso da língua vulgar na liturgia e a jurisdição do arcebispo S. Metódio († 886). João VIII morreu em 15-12-882. Os Anais de Fulda dizem que foi envenenado por um seu parente. Viveu, inquebrantável apesar de seu gênio bondoso, entre homens e tempos muito adversos.



MARINO I (882-884)

MARINO I (882-884)

Marino I gozara da confiança dos quatro papas precedentes. Fôra missionário na Bulgária, tão estimado, que os neo-convertidos pediram-no ao pontífice como arcebispo dêles. Adriano II, porém, preferiu enviá-lo a presidir o VIII Conc. Ecumênico de Constantinopla, onde se julgava a conduta ilegal do intruso Fócio. Várias viagens fez Marino à capital bizantina, para desfazer as tramas do hábil Fócio, que protegia as artes, as letras e a ciência, incrementava as missões, enfim, com uma atividade esplêndida, mascarava a heresia e o cisma. Marino estivera em Nápoles, conseguindo trazer à obediência o arcebispo Atanásio, o qual, por ser grego, se aliara aos Sarracenos. Marino fôra feito bispo de Cere, sendo, pois, sua elevação a bispo de Roma, o primeiro caso de transferência de diocese. Seus primeiros atos como papa foram de generosidade. Perdoou a Formoso, do partido anti-franco que fôra deposto por João VIII. Entendeu-se ôtimamente com Alfredo, o Grande, rei da Inglaterra. Defendeu os Eslavos neo-convertidos, por S. Metódio, contra o predomínio germânico. Recebeu a obediência de Folco, sucessor do altivo e inteligente arcebispo Hincmaro de Reims. Para defender Roma dos Sarracenos e a Italia das arbitrariedades de Berengário, marqtês de Friul, e de Guido, duque de Espolêto, Marino viajou até Nonântula, a encontrar-se com o imperador Carlos, o Gordo, sem nenhum proveito, porém, por culpa do indeciso soberano. Os Sarracenos, fortificados no Garigliano (sul da Italia), incendiaram o célebre mosteiro de Monte Cassino e degolaram o abade Bertário aos pés do altar. Marino morreu em março de 884. Seu enérgico passado prometia muito.



ADRIANO III (884-885)

Adriano III subiu ao trono pontifício na primavera de 884. Era romano, filho de Bento. Temos poucas e incertas notícias de seu breve pontificado. Certamente houve então em Roma vários tumultos, resultado da situação decadente do poder civil, pois Carlos, o Gordo, imperador, não possuía energia. O governo da península itálica estava sendo disputado pelo marquês Berengário de Friul, pelo duque Guido de Espolêto, pelos Gregos, pelos Sarracenos. O Oriente agitava-se sob a insistente pressão do heresiarca Fócio. Assim mesmo Adriano conseguiu um acôrdo com o imperador bizantino, embora as cartas dêsse soberano fôsem redigidas pelo próprio Fócio. Pouco se conserva dos decretos de Adriano. Dúbia a autenticidade de dois decretos a êle atribuídos: um estabelecendo que a eleição do pontífice fôsse independente de qualquer ingerência imperial, e outro estatuinto que, após a morte de Carlos, o Gordo (sem descendentes) a coroa de imperador passasse a Guido de Espolêto. Morria, entretanto, numa caçada, Carlomano, rei de França; e Carlos, o Gordo, reunia sob seu fraco cetro todo o antigo domínio de Carlos Magno. Desceu então à Italia.

O papa foi ao seu encontro. Adriano, porém, adoeceu na viagem, morrendo em fins de 885, perto da abadia de Nonântula, onde foi sepultado. Mais tarde, diz Muratori, os monges confundiram o pontífice, sepultado no seu templo, com Santo Adriano I: daí o figurar Adriano III como santo em alguns calendários. O breve pontificado de Adriano III viu Roma e imediações infestadas por excecional praga de gafanhotos, pela sêca e pela fome.



ESTÊVÃO V (885-891)

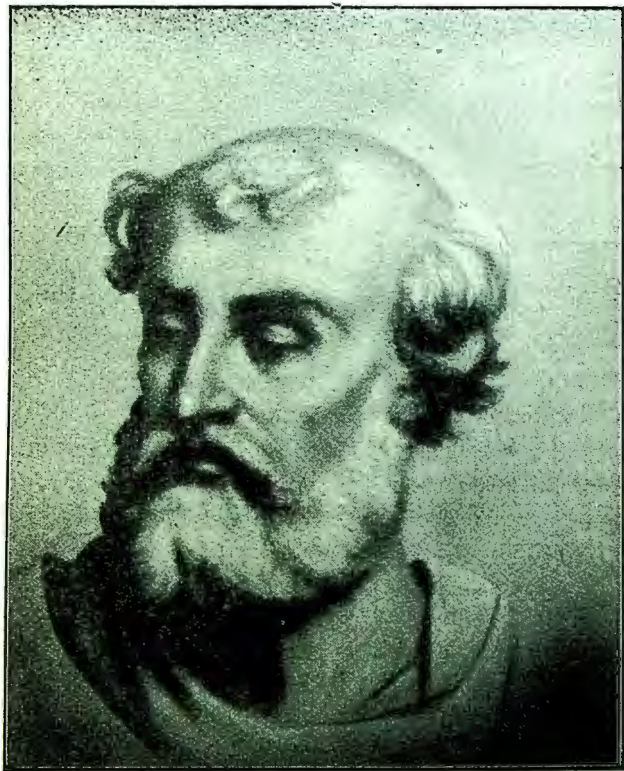
ESTÊVÃO V (885-891)

Estêvão era filho de um nobre romano, chamado Adriano, do bairro aristocrático de Via Lata. Seu pai teve longa vida, pois em 916, vinte e cinco anos após a morte do filho, foi um dos signatários da aliança entre o papa João X e os príncipes da Itália meridional.

Estêvão foi educado e instruído pelo bispo Zacarias, de Anagni, bibliotecário-mor da Sé Apostólica. Estêvão foi nomeado cardeal por Marino I. Deu-se sua eleição em setembro de 885. Foi sagrado pelo bispo Formoso de Porto, o que desagradou ao imperador, mas os legados do papa venceram-no de que se devia respeitar, acima de tudo, a escolha legal e canônica feita pelo clero e pelo povo.

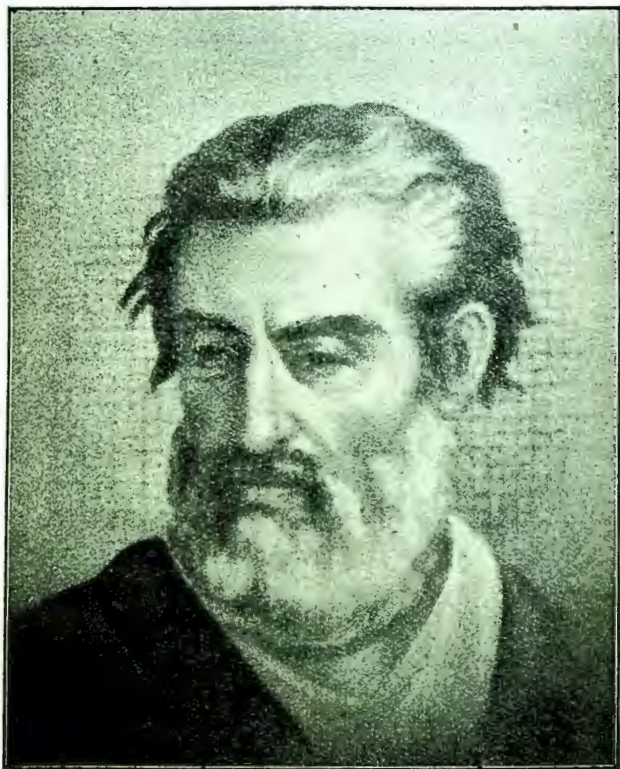
Estêvão encontrou a administração de Roma na maior pobreza, vazios os celeiros, o povo aflito. Socorreu então os pobres com sua fortuna de família, desfazendo-se de seus bens. Estabeleceu o prêmio de cinco moedas a quem trouxesse uma “medida” de galanhotos, praga que ainda infestava a região. No dia de sua coroação caiu abundante chuva, que pôs fim à prolongada seca e prognosticou feliz pontificado. Reconciliou-se com a S. Sé o duque Guido de Espolêto, único “homem forte” que auxiliou o pontífice nas lutas contra os Sarracenos, os Gregos, Berengário de Friul e os inquietos partidários romanos. No Oriente caiu Fócio, o heresiarca que, com suas maneiras hábeis e seus escritos sofisticados, enganava o mundo cristão; o imperador Leão VI expulsou-o da Sé bizantina e prendeu-o num convento, onde morreu em 891.

Papa Estêvão, mais feliz que seu antecessor, viu prosperidade e paz em Roma; morreu em 14-9-891.



FORMOSO (891-896)

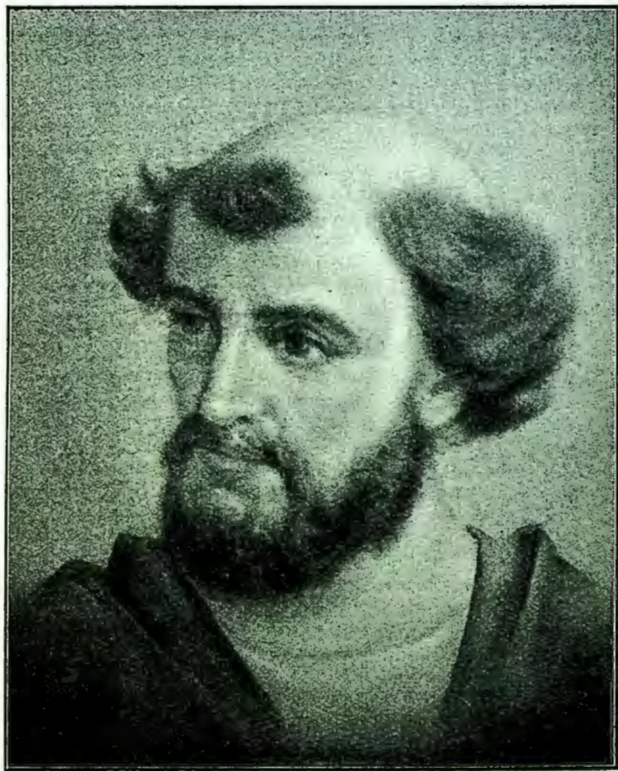
O biógrafo de Nicolau I chama Formoso de “bispo de grande santidade, de exemplares costumes”. O próprio Liutprando de Cremona, o maldizente escritor da época, louva-lhe a piedade e a ciência das coisas divinas. Entretanto, a figura de Formoso, denegrida pelas turvas paixões políticas de um século rude, passou à História com sombras de ambição, que obscurecem a integridade de sua vida e sua inflexível tempera. Era romano. Seu pai chamava-se Leão. Nomeado em 864 arcebispo de Porto (perto de Roma) por Nicolau I. Legado e missionário entre os Búlgaros, conquistou a amizade daquele longínquo povo, cujo príncipe pediu-o ao papa para seu arcebispo. Foi, porém, enviado a Constantinopla para combater o cisma de Fócio. Legado também de João VIII para convidar o rei Carlos, o Gordo, a vir receber em Roma a coroa imperial. Deixou-se então atrair pelo partido germânico em Roma, sendo deposto por João VIII e perdoado mais tarde por Marino I. Mortos Carlos, o Gordo, e Guido de Espolêto, papa Formoso coroou imperador ao jovem Lamberto, filho de Guido. Assustado depois pela desmesurada ambição da irrequieta Ageltrudes, mãe de Lamberto, chamou a Roma e coroou também imperador a Arnolfo, rei da Alemanha. Este discutido ato político fomentou vinganças contra Formoso, que morreu em 4-4-896, suspeitando-se haver sido assassinado. Em meio às suas provações, Formoso ainda conseguiu cuidar das artes, embelezando basílicas com magníficos mosaicos. Um deles representava o papa com Bóris, rei dos Búlgaros, sua antiga Missão. Formoso foi pacificador entre Hamburgo e Colônia (Alemanha) e entre Carlos e Odon, (França).



ESTÊVÃO VI (896-897)

Morto Bonifácio VI, o partido dos duques de Espolêto elevou ao trono pontifício o romano Estêvão, filho de João. Com êle entrou em Roma o poder de Lamberto de Espolêto. A mãe dêste, a terrível Ageltrudes, fêz com que Estêvão reconhecesse como único imperador a Lamberto, reprovasse os atos do finado papa Formoso, que coroara Arnolfo da Alemanha. Abusando da condescendência de Estêvão, os partidários de Lamberto instituíram um tribunal, que passou à História com o nome de “sínodo cadavérico”. À presença de Lamberto e da imperatriz-mãe, rodeados de eclesiásticos, foi trazido o cadáver mumificado de Formoso, retirado sacrilegamente de seu ataúde. Foi o corpo assentado num trono e acusado do grande crime (!) de haver aceito ser papa (bispo de Roma), quando já era bispo de Porto. A vingança política buscou êsse frágil pretexto! Intimado a se defender (*sic*), foi o morto julgado criminoso, despojado das insígnias pontificais; cortaram-lhe os dedos da dextra que abençoara as multidões; o corpo foi depois atirado ao rio Tibre, que, mais piedoso, o depôs junto à igreja de Porto. Os tempos eram de ferocidade inaudita, mas nas poucas notícias dêste caso, devemos dar grande desconto às palavras parciais de Liutprando, relator dessa época e feroz inimigo de Estêvão e Lamberto.

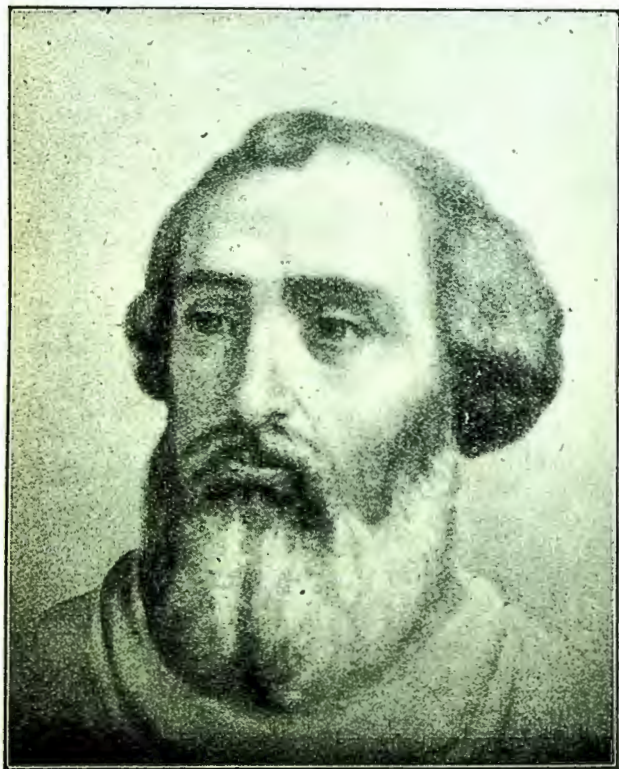
Estêvão, aliás, acabou seus dias, aprisionado por seus ex-amigos e estrangulado. Papa Sérgio erigiu-lhe um mausoléu, com uma inscrição em que se conta seu trágico fim devido exclusivamente à ingerência de partidos políticos civis. Quanto a Formoso, seu maltratado corpo foi sepultado entre papas, por Teodoro II; sua memória foi defendida plenamente por João IX,



ROMANO (897)

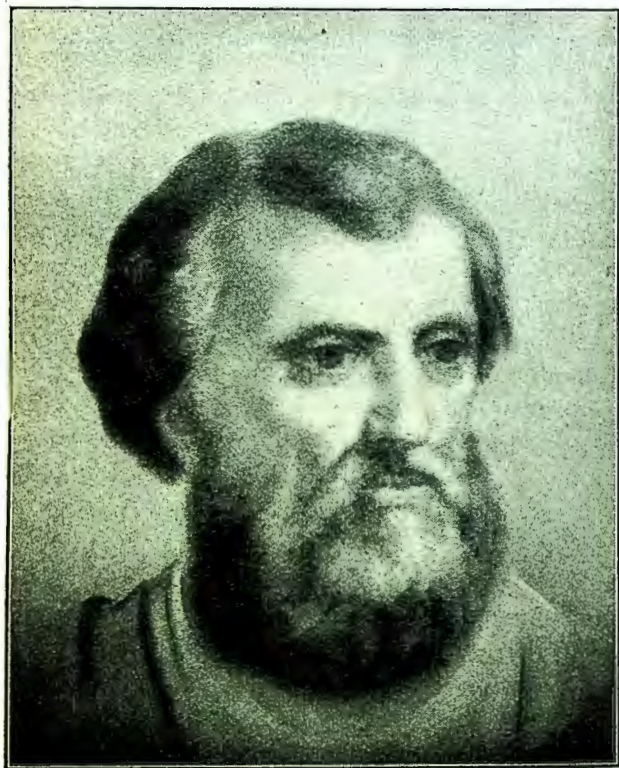
Bem tristes eram as condições de Roma, após a morte de Estêvão VI, deposto e estrangulado na prisão por civis exaltados. A sucessão não era, pois, coisa das mais agradáveis. Com receio, portanto, recebeu a nova de sua eleição, Romano, natural de Gallese. Foi consagrado em julho de 897. Pouco se sabe dêste “meteoro pontifical”, que governou a Sé de Pedro apenas quatro meses. Apontamentos de catálogos antigos fazem-nos crer que Romano condenou a conduta de Estêvão VI no rumoroso julgamento do papa Formoso; provavelmente por ser de Gallese, conterrâneo portanto de papa Marino, que fôra grande amigo de Formoso. Certamente Romano deveu sua eleição ao partido germânico. Isto explicaria uma anotação marginal, encontrada em dois códigos antigos, a qual afirma que Romano se tornou monge. Foi deposto e encerrado num mosteiro? Ou, atribulado pelos turbulentos romanos, renunciou ao sólio? Nada sabemos, e as circunstâncias de seu fim estão ocultas em densas trevas, apesar dos louváveis esforços dos historiadores. Discute-se um privilégio, com o qual Romano agregou as linhas Maiorca e Minorca à diocese de Gerona, na Espanha. Tal documento é apócrifo, nascido da confusão de “pontífice romano” com “Papa Romano”.

Em seu tempo tomaram ímpeto as incursões dos Húngaros (Magiares), ainda pagãos e selvagens, devastadores do centro da Europa. Lutaram contra o imperador Arnolfo, contra os Eslavos e Búlgaros (já convertidos), estabelecendo-se afinal na antiga Panônia, atual Hungria. Por um século foram o terror das países vizinhos, até se converterem ao tempo de seu glorioso rei S. Estêvão (1000).



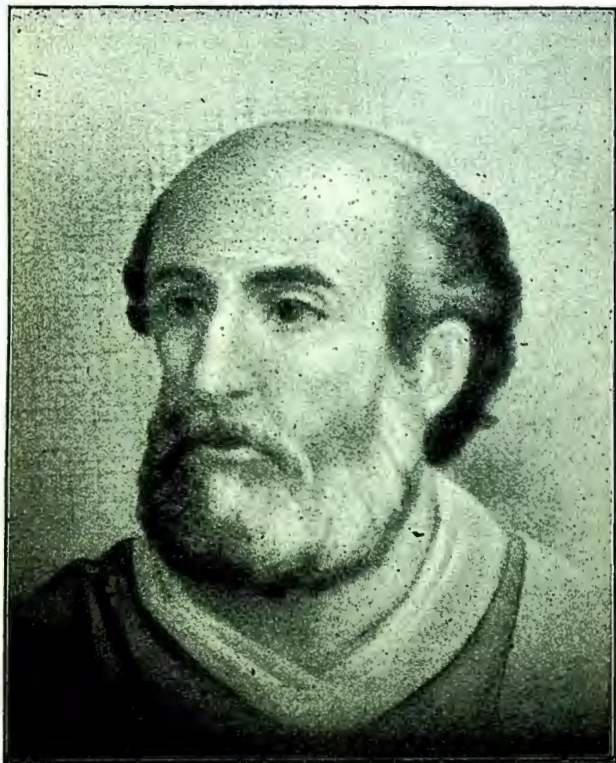
TEODORO II (897)

Sucedeu a Romano, Teodoro II, nascido em Roma, filho de um grego Fócio. Governou apenas vinte dias. Pontificado brevíssimo, que podemos fixar em novembro e dezembro de 897, porque então Teodoro celebrou um concílio, para se rever a causa de julgamento do papa Formoso, e as atas desse concílio foram-no conservadas pelo sínodo de 898 sob João IX. Em Roma continuava a luta pelo poder, entre os dois partidos civis: o germânico, do imperador Arnolfo, e o nacionalista, favorável aos interesses do duque de Espolêto. Teodoro, sabemos, tinha um irmão bispo, chamado Teodósio; há quem afirme serem gêmeos. Teodoro fôra ordenado por Estêvão V, e sua eleição, deveu-a êle aos votos do partido germânico. Ganhou, pois, a inimizade dos “cspoletanos”, cujo chefe era o duque Adalberto de Túscia (Toscana). Êste duque lutou para depor Teodoro e eleger em seu lugar a Sérgio, seu amigo. Apesar, entretanto, de sua boa vontade e de suas virtudes, o papa Teodoro não conseguiu restabelecer a paz entre homens que, cegados pela ambição, arruinavam a Igreja para engrandecerem suas famílias. A Igreja precisava, porém, de liberdade, para agir como mãe universal. De fato, na Inglaterra, o grande rei Alfredo lutava valorosamente contra os dinamarqueses, invasores pagãos. A França e o norte da Alemanha eram atacados pelos temíveis Normandos (homens do Norte) que tudo destruíam nas cidades cristãs. Os Húngaros continuavam pagãos e ferozes. Os Árabes dominavam a Espanha e a África. Em Constantinopla medrava a erva daninha da heresia de Fócio. Entretanto floresciam na Igreja sábios e santos: João Scott Eriúgena, Hincmaro de Reims e humildes e santos missionários, heróis, davam sua vida por Cristo!



JOÃO IX (898-900)

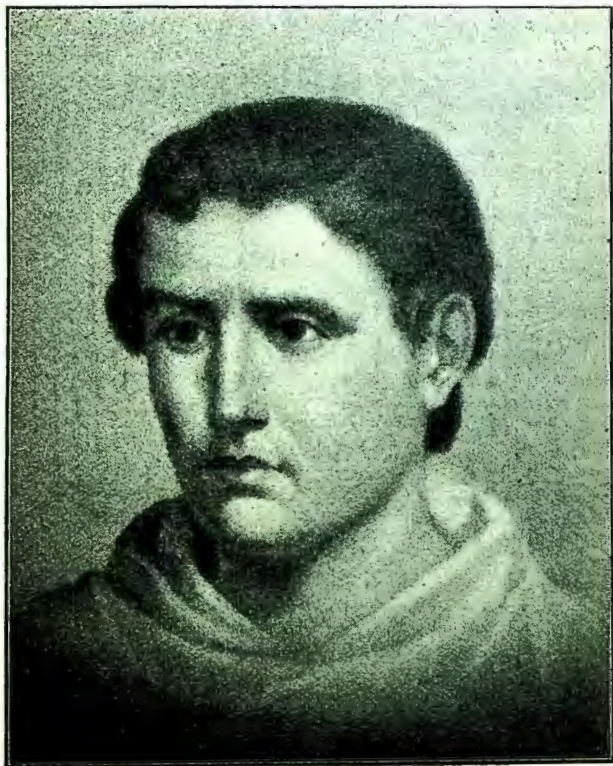
João IX era beneditino. Consagrado em abril de 898. Empenhou-se logo em realizar o que seus antecessores, Romano e Teodoro, não tiveram tempo de fazer: purgar a Igreja da ignomínia com que a maculara o “sínodo cadavérico”. Anulou-se solenemente o malfadado concílio e suas atas foram atiradas ao fogo. Os eclesiásticos que dêle participaram imploraram perdão, alegando que agiram sob coação. Foram excomungados os criminosos que, com intuito de roubo, haviam violado o túmulo de Formoso e atirado seu corpo ao rio. Confirmaram-se as ordenações ou nomeações feitas por Formoso. Confirmada também a coroação imperial de Lamberto, duque de Espolêto. Deve-se admirar aqui a firmeza apostólica do papa João IX, que, sendo de origem alemã e eleito pelo partido germânico, antepunha o bem da Igreja Universal a quaisquer considerações partidárias e particulares. Com 74 bispos e com Lamberto, reuniu João um concílio em Ravena, dando úteis determinações. — Logo depois, porém, o imperador Lamberto morreu numa caçada, por queda de cavalo ou assassinado por um seu pajem, conde Hugo de Milão, cujo pai fôra morto outrora por ordem de Lamberto sob acusação de rebeldia. Morto o esperançoso imperador, o duque Berengário de Friul impôs-se pelas armas aos demais nobres da Italia, mas foi derrotado pelos bárbaros húngaros, que de novo invadiam a península. Correu então a Roma para cingir a coroa imperial, Luís, rei da Provença, em disputa com Berengário. Vendo desmoronar-se seu sonho de esperanças, morreu João IX na primavera de 900. Empenhara-se muito para reunir a Igreja Grega à Latina.



BENTO IV (900-903)

BENTO IV (900-903)

Filho de um tal Mâmoló, Bento IV era romano. Abre-se neste pontificado o X século, que alguns historiadores têm julgado muito severamente. // O mundo cristão estava todo convulsãoado, e o mundo árabe também. (Mal da época...). Normandos, Húngaros e Sarracenos atacavam em tôdas as partes da Europa. Na França lutavam vários soberanos. A Alemanha tinha por rei um menino, Ludovico, filho de Arnolfo: A Italia, morto Lamberto e derrotado Berengário (pelas hordas húngaras), era invadida por Luís III, rei da Provença (Sul da França). // Roma tivera sua história absorvida pelos pontífices e pelos imperadores. No século X, no meio da anarquia geral, surgem famílias nobres, romanas, que dominam e profanam a santidade da Igreja. Resultado dos mais lamentáveis dessa época: é a falta de informações históricas fidedignas. // Sabemos apenas que Bento IV preferiu Luís III a Berengário, por julgá-lo mais idôneo a rechazar os Sarracenos e os Húngaros. Luís III foi coroado imperador em Roma (fevereiro de 901), mas, derrotado depois viu-se coagido por Berengário a jurar que nunca mais voltaria à Italia. // Guerras e mais guerras, que destruíam cidades e mosteiros, devastavam os campos, dizimavam as populações! Bento IV lutou sozinho, desamparado dos príncipes desta terra; chegou até a ajudar os Orientais contra os poderosos muçulmanos. // Erigiu vários mosteiros. // Era homem manso e humilde, de piedade sacerdotal. O cronista Flodoardo, bispo de Tournay, louva sua memória. Morreu em 903, durante o verão, época das célebres e perigosas febres romanas. Foi sepultado em S. Pedro.

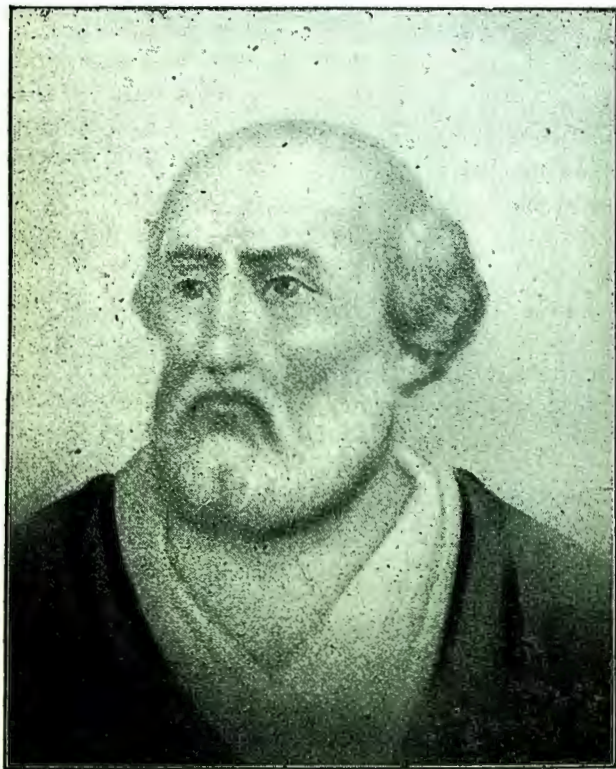


LEAO V (903)

Em agosto de 903 foi consagrado Leão V, sucessor de Bento IV. Era da “campanha romana”, isto é, das planícies adjacentes a Roma. Julga-se que haja nascido em Priapo, perto de Árdea. Segundo um catálogo antigo era ele “padre forasteiro”: não pertencia, pois, a nenhuma das igrejas cardinalícias da cidade. Não possuímos dados seguros sobre sua origem. O fato, todavia de não pertencer a nenhuma das principais igrejas de Roma, prova que era homem de extraordinário valor, elevado no conceito geral, e que foi escolhido para conciliar divergências.

Realmente as facções em Roma estavam em ebulição. Leão V governou a Igreja menos de dois meses. Um dos partidos, não satisfeito com a escolha de Leão, insurgiu-se, tumultuou pelas ruas da cidade, e, nessa desordem, o pontífice foi prêso, arrastado a uma prisão e morto miseramente. Estas são as notícias dadas por alguns contemporâneos e repetidas, dois séculos mais tarde, por Sigberto de Gembloux, que escreveu as “Vidas dos Papas”, desde S. Pedro até Leão VII. O cronista Flodoardo não fala de rebelião, prisão e morte; apenas faz suceder a Leão o pontífice Cristóvão. Os tempos, porém, eram tão bárbaros, que subsiste como provável o fim trágico deste papa, terminando seus dias como muitos príncipes. Em seu breve e agitado pontificado não foi, pois, anotado qualquer fato importante em Roma.

No resto da Europa, entremettes, fervilhava a luta incansável e heróica: armas, ciências e virtudes do Cristianismo vencendo o Barbarismo e estabelecendo as bases da brilhante civilização cristã.

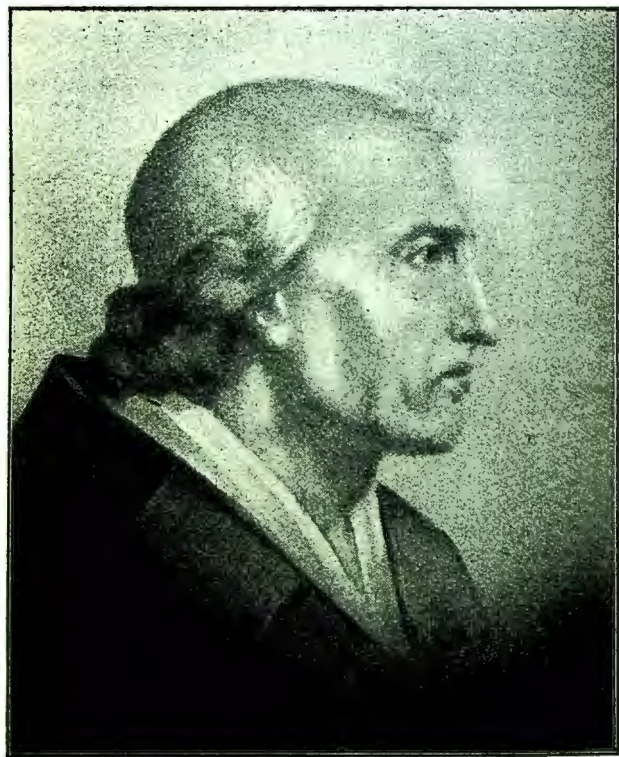


CRISTÓVAO (903-904)

CRISTÓVÃO (903-904)

Subiu ao trono pontifício Cristóvão, romano, sacerdote do título da igreja de S. Dâmaso. Seu pai chamava-se Leão. Esteve no pontificado de outubro de 903 a janeiro de 904. Segundo algumas fontes históricas, Cristóvão foi deposto pelo partido que elevou Sérgio III e obrigado a se fazer monge. Segundo outros, foi encarcerado, depois morto numa rebelião popular. Muitos autores não consideram Cristóvão verdadeiro papa, mas, sim, um perigoso antipapa que se apoderou sacrilegamente do poder após a morte de Leão V. Havendo poucas notícias desse período obscuro, não ousamos julgá-lo e preferimos conservar-lhe a memória entre as figuras dos pontífices.

Há um epitáfio de seu sepulcro em S. Pedro, que assegura “aqui repousam seus piedosos membros”. Os tempos eram de violência e crueldade. A bondade cristã lutava para penetrar em corações bárbaros. Um exemplo: Os nobres Adalberto de Toscana, Alberico de Espolêto e Adalberto de Ivrea rebelaram-se contra o duque Berengário de Friul, que reinava no norte da Itália. De novo, ocorreu então o rei Luís III, da Provença, à Península, (apesar do juramento feito anos antes). Venceu a Berengário, tirou-lhe a capital Verona, mas foi aprisionado à traição e teve os olhos vazados por ser perjuro... Voltou à França e passou à História com o nome de Luís, o Cego. A ambição dos príncipes, maus cristãos, favorecia o avançar contínuo dos Sarracenos e as correrias dos Húngaros, ainda não convertidos, que se transformaram em flagelo de metade da Europa. O desaparecimento de Cristóvão, segundo conta Eugênio Vulgário, não abrandou a ira dos partidos.



SÉRGIO III (904-911)

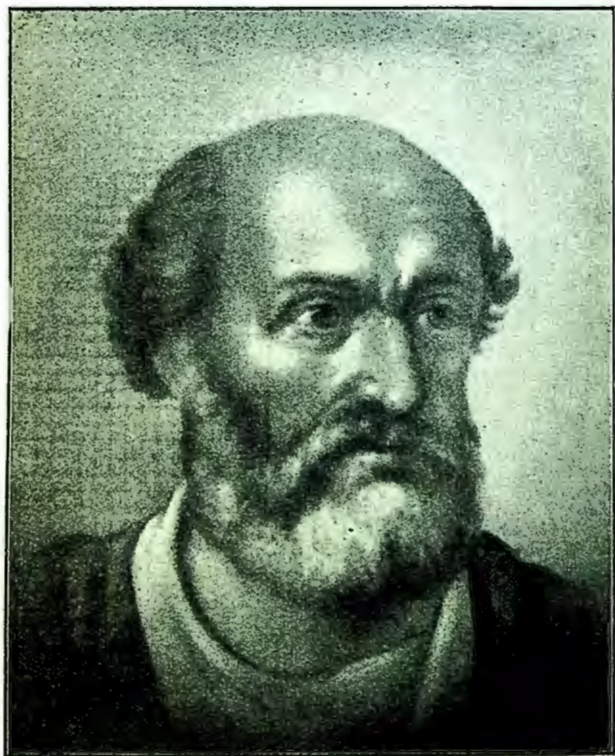
Sérgio III, de nobre família romana, já auxiliar de diversos papas e nomeado bispo de Cere por Formoso. Em 898 foi sério candidato, na eleição de João IX. Peregrinou, então, por seis anos. Elevou-o ao trono pontifício a influência da família de Teofilato, do partido tusculano. Emerge então essa família, célebre por meio século na história de Roma. Teofilato, sua mulher Teodora e a filha Marózia apoderam-se da administração da cidade, com grande dano do nome de Papa Sérgio III, a quem os adversários políticos acusam de enormes delitos. O maior acusador, porém, é Liutprando de Cremona, inimigo despeitado de Roma, vendido ao partido germânico (o imperador subiu-o a bispo de Cremona e embaixador em Constantinopla). Sua habilidade consistiu em recolher e ampliar as anedotas obscenas da rua para compor a sua "história". Chega ao ponto de fazer suceder Sérgio imediatamente a Formoso, omitindo assim oito papas (!), a fim de acusar Sérgio da exumação e do julgamento do cadáver de Formoso! O cronista Flodoardo afirma que Sérgio voltou a Roma, chamado pelo povo. Um erro administrativo, não dogmático, de Sérgio foi o de anular antigas nomeações feitas por Formoso, o que lhe acarretou acres acusadores. Barônio e Duchesne, bons historiadores, acreditaram piamente nessas acusações — hoje desfeitas por estudos mais acurados e à vista de melhores informações. Sérgio reedificou a grande basílica de Latrão, a veneranda igreja de Constantino Magno. Trabalhou para debelar o cisma de Fócio. Interferiu a favor do imperador bizantino Leão VI, que pretendia casar quarta vez, o que repugnava aos Gregos. Criou novas dioceses na Inglaterra.



ANASTACIO III (911-913)

ANASTÁCIO III (911-913)

Anastácio III, filho do nobre Luciano, nasceu em Roma. Flodoardo louva-lhe em alguns versos, a bondade e a retidão. Pouco sabemos de sua vida anterior, no ambiente agitado das orgulhosas famílias patrícias. Como seu antecessor, tratou da disputada primazia entre as cidades alemãs de Hamburgo e Colônia, e da questão do 4.^o casamento do imperador bizantino Leão VI. Este havia desposado Zoe Carbonopsine, em quartas núpcias, o que era contra o costume grego, embora não fôsse contra nenhuma lei geral da Igreja. Como o único filho de Leão era dêsse matrimônio, o papa confirmou a união, a fim de se conservar a dinastia. Nicolau, patriarca de Constantinopla, contrário ao imperador, escreveu, defendendo-se, a Anastácio, o qual, porém, morreu em agôsto (tempo das febres de verão) de 913. Em seu pontificado converteram-se os terríveis “homens do Norte”, os Normandos. Sob o comando de Rolón, haviam os destemidos guerreiros devastado parte da França e ameaçado Paris. Por intermédio do arcebispo de Reims, Rolón converteu-se ao cristianismo, foi batizado, casou-se com Gisela, filha do rei Carlos, o Simples, e se tornou famoso como Duque da Normandia. Deu-se nessa ocasião o divertido incidente: um guerreiro normando devia, em nome do novo duque, beijar o pé do rei Carlos, mas fê-lo sem se ajoelhar, dando tremendo tombo ao gordo soberano. De sua exclamação: No, bi Gott (não, por Deus), nasceu a palavra “bigotto”, aplicada depois aos afeiçoados à igreja, porque os convertidos Normandos foram fervorosos católicos. O Papa Anastácio III foi sepultado na basílica Vaticana.



LANDON (913-914)

Landon, sucessor de Anastácio, era da Sabina, região central da Itália. Filho de Taino. Seu pontificado durou apenas meio ano, de agosto de 913 a março de 914, mês em que morreu. São poucas as notícias do seu breve governo. Flodoardo faz-lhe alguns elogios, chamando-o “pontífice exemplar”. Há também as costumeiras acusações de Liutprando, que o apresenta como protetor do amigo da família de Marózia, o futuro João X.

Mostrando a vitalidade da Igreja apoiada por Deus, deviam ressoar de modo estranho no ambiente das degeneradas famílias romanas, as novas glórias cristãs: as conversões dos diversos grupos de Normandos. O sucessor de Pedro podia regozijar-se com a sinceridade dos convertidos. Respiravam tranquilas as populações cristãs, livres dos terríveis piratas, sendo em muitos casos até resguardadas e bem defendidas pela valorosa espada dos neo-convertidos. Rolón aplicou na Normandia, com seu vigor, as leis cristãs. Por ex. proibiu o furto. Conta-se até que deixou um bracelete de ouro pendurado a uma árvore, à beira do caminho: três anos mais tarde ainda lá estava o bracelete. As antigas devastadoras mortandades feitas em nome do deus pagão *Thor*, foram substituídas, aos poucos, pelos atos nobres em defesa dos oprimidos — atos que levarão ao heroísmo das Cruzadas e à criação do código de honra cristão da Cavalaria.

A Providência Divina sempre compensou o que possa ser franqueza humana, em alguma parte de sua Igreja, com o bem e novas conquistas em outras partes. Na Igreja não triunfam os homens: quem triunfa é Deus.



JOAO X (914-928)

João X, nascido em Ímola, era arcebispo de Ravena. Sua eleição foi influenciada por Alberico I, conde de Túsculo e espôsa de Marózia, genro, portanto, de Teofilato e Teodora, que dominavam em Roma. Dessa circunstância aproveitaram-se os inimigos, notadamente Liutprando, (e, informados por êle, alguns outros) para infamarem a amizade existente entre João X e essas mulheres (as quais, realmente, não eram nada virtuosas). João X foi um papa enérgico e independente. Havia já 30 anos que os Sarracenos desolavam o sul da Italia. Destruíram os grandes mosteiros de Subiaco e de Farfa, êste defendido herôicamente sete anos pelo abade Pedro. Assaltavam os peregrinos, que iam a Roma, vendendo-os como escravos. Nem o rei Berengário, nem os duques conseguiam expulsar os infiéis. João X coroou Berengário imperador, em Roma (915), armou uma poderosa liga entre os duques e, auxiliado pela esquadra bizantina, expulsou os Sarracenos para sempre. O ambicioso Alberico I, que comandara as tropas, excitou uma revolução, na qual morreu combatendo. O rei da Borgonha atacou Berengário e os Húngaros invadiram de novo a Italia. Marózia casou com Guido de Túscia, com cujas tropas atacou Roma, fez trucidar o comandante pontifício, Pedro irmão do papa, ante os olhos dêste!...

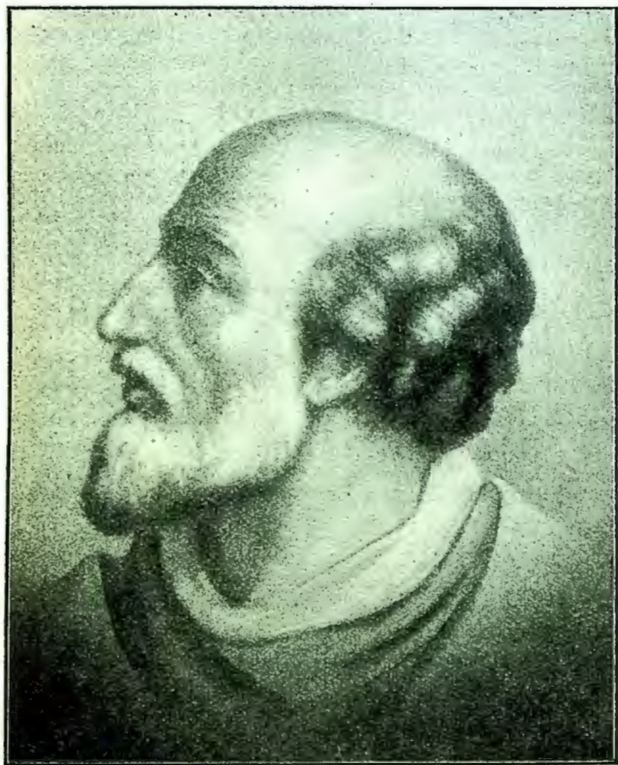
O enérgico pontífice foi atirado a uma prisão, onde um ano depois morreu de fome ou estrangulado pelos partidários de Marózia, a cujos planos ambiciosos contrastara. Sua morte, embora mísera, é um desmentido às calúnias de Liutprando. João X, apesar das lutas, cuidou muito da conversão dos Bárbaros, da reconstrução de mosteiros e da pureza da fé.



LEAO VI (928-929)

Ao infeliz João X sucedeu Leão VI, certamente eleito, sob influência do partido de Marózia, que então dominava em Roma. Pouco se sabe dêste pontífice, que reinou apenas sete meses. De um pontificado tão breve e em tempos tão obscuros, é natural que se tenham poucas e imprecisas informações. Nem mesmo o contemporâneo Liutprando faz menção de seu nome, do que se pode concluir que o maldizente cronista escreveu para a história como o único feto de se vangloriar de seus adversários, cego pelo ódio partidário e pela ambição contrariada. Leão escreveu uma encíclica aos bispos da Dalmácia, para induzi-los à obediência devida ao metropolitano, João, arcebispo de Spalato e exortando-os a que não ultrapassassem os limites da própria jurisdição. No escrito de Guilherme, o Bibliotecário, vemos que Leão VI era filho de um tal Cristóvão, talvez de origem grega. Nesse tempo, um seu homônimo, o imperador Leão VI, de Constantinopla, continuava em luta contra o clero grego, por causa da questão do seu 4.^o casamento. Os bizantinos reprovavam as terceiras núpcias, quanto mais um quarto matrimônio! O papa Anastácio III havia confirmado essas novas núpcias do Imperador, porque as três esposas anteriores haviam morrido sem filhos.

O papa Leão VI teve pouca interferência nesse caso do imperador Leão VI, porque faleceu em fevereiro de 929. Floardo, cronista dessa época, diz que ele foi um homem bem intencionado, muito bondoso e pacífico, zeloso pela religião.



ESTÉVÃO VII (929-931)

Como sucessor de Leão, foi eleito Estêvão VII, romano, filho de Teutemundo. Em algumas listas encontramos êste pontífice como sendo VIII de nome. Já vimos que em 752 foi eleito um sacerdote chamado Estêvão, falecido três dias após a eleição, sem receber a consagração episcopal. Por êsse motivo não o incluímos nesta relação, de acôrdo, aliás, com eminentes autores. Estêvão teve a eleição garantida, mas o pontificado perturbado pela ação nefasta e impertinente do partido Tusculano, da célebre Marózia. Esta ambiciosa mulher se casara com Alberico I, marquês de Espolêto, cidade a nordeste de Roma. Tinha dois filhos: Alberico II, futuro senhor de Roma (de 932 a 954) e João, que mais tarde foi papa (931-936). Alberico I morreu combatendo em Orta (925). Marózia casou-se logo com Guido de Toscana (falecido em 929). Senhora pois, de tôda a Italia central, impôs-se em Roma, com seu filho Alberico II e assinava “senadora e patrícia”. Nestas tristes condições da Cidade é que subiu à Sé de Pedro o nosso Estêvão VII. Reinou dois anos e dois meses e, segundo atesta Flodoardo, era digno do pontificado e demonstrou possuir grandes virtudes.

Conservamos apenas a memória de alguns privilégios, concedidos por êste pontífice aos mosteiros de S. Vicente, de S. Maria de Brogne e de outros dois cenóbios na França. Sendo naqueles tempos os mosteiros o refúgio sólido do espírito religioso, é louvável a atuação dêste papa para com essas casas santas. Foi tão virtuoso que alguns cronistas supõem-no ter sido envenenado, por se opor aos projetos loucos do partido tuscolano.

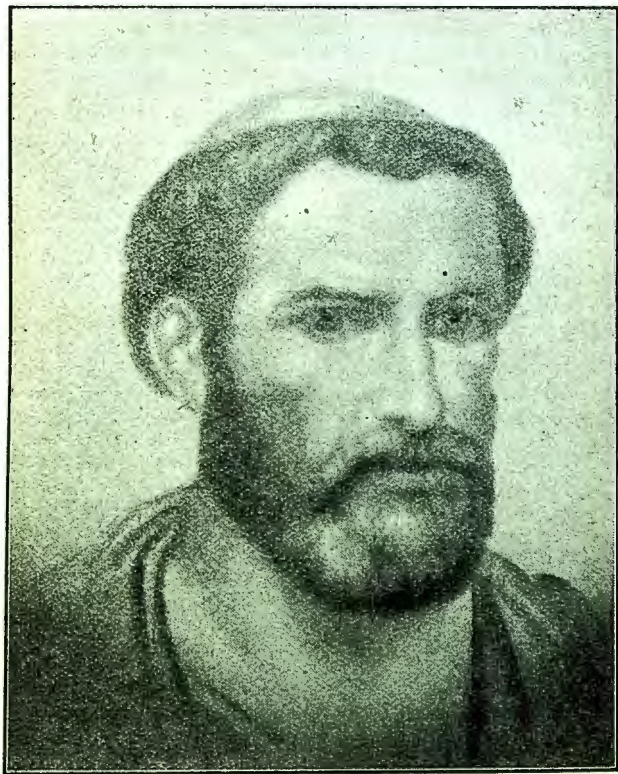


JOÃO XI (931-936)

João XI era filho do duque Alberico I e da célebre Marózia. Seu pai havia sido um homem corajoso e enérgico, comandante das tropas que expulsaram os Sarracenos da Itália. Sua mãe, ao invés, de péssima fama, pertencia a uma família prepotente e odiada. Daí nascerem calúnias sobre a origem de João XI. Muito reprovável a intromissão de Marózia em fazer eleger seu filho; natural na ambiciosa mãe. João tinha apenas 25 anos. Sabemos, porém de muitos santos bispos jovens: S. Remígio de Reims com 23 anos, S. Carlos Borromeo, o grande cardeal-arcebispo de Milão aos 22... João XI não desmereceu. Sofreu até muito por ser pontífice. Marózia, sonhando ser imperatriz, pretendeu casar-se com Hugo, rei de Pavia, e fazê-lo coroar imperador pelo filho papa. Hugo (muito elogiado pelo cronista Liutprando...) fez cegar seu irmão Lamberto, para apoderar-se de seus territórios, e partiu para Roma. Casou-se com Marózia, mas Alberico II, esbofeteado pelo padrasto num banquete, revoltou-se. Os Romanos atacaram Hugo, que escapou do castelo S. Angelo por uma corda, "deixando a esposa, a coroa e a honra". Alberico II dominou então em Roma e, para se livrar da perfídia de Marózia (pois Hugo voltara com exércitos a assediar Roma), manteve presos a mãe e o irmão papa.

João XI ficou, pois, restringido ao labor espiritual, o que certamente foi um bem para sua alma. Viveu sob a severa vigilância do irmão. Roma teve em Alberico II um grande e benemérito governador.

João XI morreu em janeiro de 936, deixando de si uma lembrança triste, não por sua vida de que se não conhecem pormenores, mas por sua desolada inércia e por sua infeliz família.



LEAO VII (936-939)

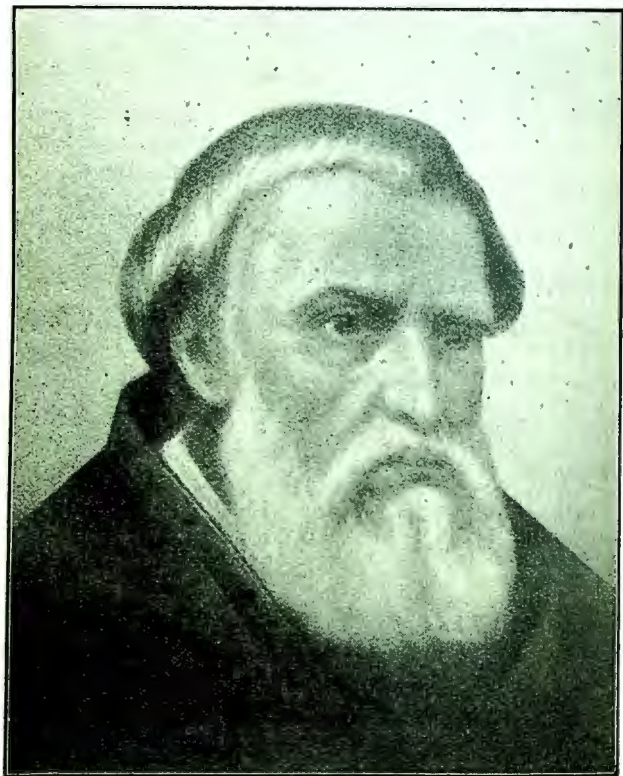
Um monge beneditino sucedeu a João XI com o nome de Leão VII. Era romano. Contam ter sido Pedro o seu nome de família; trocara-o, porém, para Leão, ao se fazer monge, em respeito à memória do Príncipe dos Apóstolos. Talvez um pressentimento no coração do futuro pontífice. Como sabemos, nenhum pontífice assumiu o nome de Pedro, o primeiro Papa. Leão foi consagrado ao alvorecer do ano 936. Era de ânimo humilde e conciliativo. Conseguiu restabelecer a paz entre o rei Hugo, que assediava inútilmente Roma, e o príncipe Alberico II, com grande proveito para o povo, que padecia os horrores da guerra. Contou com os preciosos conselhos do abade Odon de Cluny. No ano 910 o monge Bernon (príncipe de família real que renunciara às vaidades do mundo), fundara o célebre mosteiro de Cluny, na França, para a reforma da ordem monástica. Odon, seu glorioso continuador, estendeu a reforma a numerosos mosteiros, com imenso fruto para a Cristandade. O papa Leão VII e o príncipe Alberico II foram grandes entusiastas de Cluny. Em Roma foi restaurado o mosteiro de S. Paulo, e a influência da obra do santo Odon († 941) alcançou até o celebrado Monte Cassino.

Alberico auxiliou muitíssimo o pontífice em favores ao monaquismo são e em suas cartas encontramos frases reverentes e filiais às abadias e cenóbios, até da Alemanha. Curiosas “desforras” da Providência: o orgulhoso filho da dissoluta Marózia transformado em sincero e dedicado paladino da restauração religiosa! Leão VII nomeou legados seus para insistirem com alguns soberanos sobre a observância de cânones.



ESTEVÃO VIII (939-942)

Estêvão VIII, papa em julho de 939, era romano, sacerdote dos títulos de S. Silvestre e S. Martinho. Reinou pouco mais de três anos e morreu em outubro de 942. Continuou a obra pacificadora de seu antecessor, acalmando a revolta dos barões franceses rebelados contra o rei Luís IV, o Ultramarino. Enviou com êsse escopo o bispo Dâmaso, que levou calorosas cartas aos rebeldes, exortando-os à paz em nome do pai solícito da Cristandade. Dêste papa conservam-se alguns decretos: concedendo privilégios a favor do mosteiro beneditino de Tolla, em Placência, fundando uma abadia na Lorena, e nomeando Hugo, filho do conde Erberto, arcebispo de Reims, na França. A antiga Sé gaulesa, onde eram sagrados os reis de França, possuía já então aquela fascinação religiosa e histórica, que permaneceu através dos séculos. Êste papa certamente deveu a Alberico II a sua eleição e, confiando ao jovem príncipe o cuidado da administração civil, teve um período de paz. Contudo existe uma crônica, legendária e única, que afirma que êle era alemão, que foi vítima de uma sublevação popular, sendo prêso, batido e horrivelmente mutilado, acabando seus dias escondido num mosteiro. Tal acontecimento não nos é contado pelos contemporâneos; aparece pela primeira vez nos escritos de Martinho Polono (1278) e foi copiado por Barônio. Dificilmente Alberico teria permitido a escolha de um papa germânico. Houve quem, mais tarde, attribuisse a Alberico êsses maus tratos ao pontífice, mas são simples suposições. A crônica fantasiosa de Martinho Polono inclui até a lenda da papisa Joana (ver Bento III).



MARINO II (942-946).

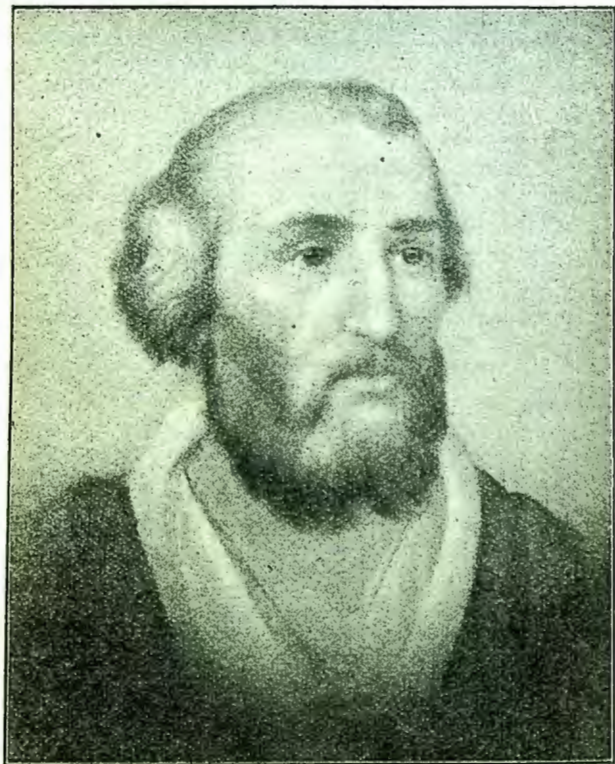
Mais um homem “doce e pacífico” foi elevado ao trono pontifício, sob os auspícios de Alberico II. Foi Marino II, que reinou três anos. Favoreceu, também êle, a disciplina religiosa, apoiando-se no excelente molde da vida dos mosteiros. Conserva-se uma sua bula a Sicón, bispo de Cápua; nela reprecende êsse antístite por haver permitido que um diácono indisciplinado ocupasse a igreja de S. Miguel do aprazível Monte Tifata — onde os habitantes de Cápua iam divertir-se e dançar. Como a bula intimasse a Sicón “o conhecimento primário das sagradas letras” (os textos das Sagradas Escrituras), alguns autores entenderam mais tarde que o bispo Sicón não sabia ler nem escrever! Marino morreu na primavera de 946 e foi sepultado em S. Pedro. Em seu pontificado o rei Hugo renovou a guerra para retomar Roma ao enteado Alberico. Aliou-se Hugo ao rei Rodolfo II da Borgonha, fazendo seu filho casar-se com a princesa Adelaide, filha de Rodolfo e futura imperatriz Santa Adelaide. Na Lombardia, porém, os povos, cansados de Hugo, revoltaram-se chefiados por Berengário, marquês de Ivrea. Hugo voltou para a Provença e Alberico continuou “patrício” (príncipe) de Roma, num excelente governo. No norte da Europa continuava a conversão dos Escandinavos. O rei Haakon, o Bom (938-961), que fôra educado cristãmente na Inglaterra, difundia o Cristianismo em sua pátria, a Noruega (“caminho do Norte”). Na Boêmia (Checoslováquia) o paganismo reagira violentamente: o duque S. Venceslau foi morto, com sua avó Ludmira, a mando de sua própria mãe Drahomira e de seu irmão Boleslau. Com Boleslau II, porém, a Boêmia voltou à fé cristã.



AGAPITO II (946-955)

Com Agapito II, homem prudente e enérgico, que governou dez anos, Roma, retomou a iniciativa de tratar firmemente com países e soberanos. Em 950 morria em Turim o jovem rei Lotário, filho de Hugo de Provença, dizem que de febres, dizem que de veneno por obra de Berengário II, marquês de Ivrea. O certo é que Berengário apoderou-se depressa da coroa lombarda e pretendeu que seu filho Adalberto se casasse com Adelaide, rainha viúva de Lotário. Uniria assim, num reino único, o sul da França e o norte da Itália, e ocupada Roma, proclamar-se-ia imperador. Opôs-se, porém, a jovem viúva Adelaide. Foi então aprisionada numa torre do lago de Garda, de onde fugiu com a ajuda do bispo de Reggio e foi abrigar-se no forte castelo do conde Azzo de Canossa. De lá invocou o auxílio do jovem rei germânico Oto I, o qual, com forte exército, desceu à Itália, libertou e desposou Adelaide e foi proclamado rei da Lombardia (951).

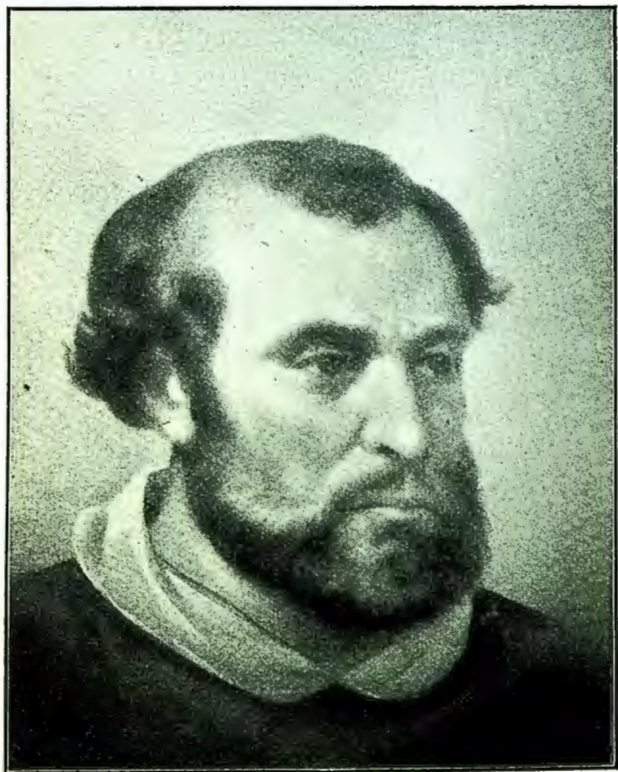
Não ousou, entretanto, ir receber a coroa imperial em Roma, onde o papa recusou recebê-lo e onde Alberico, lembrando o antigo orgulho romano, rejeitava um imperador “bárbaro”. // Alberico morreu em 954. Impôs ordem e deu paz ao povo; respeitou a autoridade do Papa, fazendo, porém, cunhar as moedas com sua efígie junto à do pontífice. Cometeu afinal um ato imperdoável: sentindo que ia morrer, mandou que o transportassem à basílica de S. Pedro e lá obtivesse de todos o juramento de que elegeriam papa seu filho Otaviano, após a morte de Agapito!... Assim, depois de uma vida gloriosa, traiu-se o filho de Marózia... // Agapito II morreu em dezembro de 955. “Devia ter vivido muito mais, para o bem de Roma e da Igreja”.



JOAO XII (955-964)

Prova do bom governo do príncipe Alberico II foi a eleição de seu filho Otaviano, elevado ao sólio pontifício com 20 anos de idade. Alberico, próximo a morrer, obtivera dos magnatas romanos o juramento de que elegeriam Otaviano como sucessor do papa Agapito II. O povo romano, saudosos do valoroso e prudente chefe, cumpriu a promessa. Otaviano chamou-se João XII (em memória de seu tio João XI, filho de Marózia). Daí em diante tornou-se uma tradição a mudança de nome dos papas. (Encontram-se exceções, por ex. Adriano VI em 1522 e Marcelo II em 1555). João XII viveu oscilando entre as agitadas facções romanas. Assustado pela ambição de Berengário II, chamou Oto I da Alemanha, a quem coroou imperador do Ocidente, em 962, juntamente com a imperatriz S. Adelaide. Premido pelo partido nacionalista, entregou um ano depois a cidade a Adalberto, filho de Berengário. Oto, indignado, voltou, atacando Roma, e causando grande mortandade. Fêz mais: induziu um sínodo a depor João e eleger o antipapa Leão, e impôs ainda que nenhum papa eleito pudesse ser reconhecido sem a confirmação imperial. João XII fugiu para o sul. Curiosa a correspondência de então, na qual Oto zomba de uns erros de latim, que a pressa fizera Otaviano cometer.

Nova partida de Oto e nova volta de João, cujo partido foi cruel em represálias. Adulador vil de Oto, o cronista Liutprando vitupera o fraco João XII, acusando-o de baixeiras incríveis, de haver erguido brindes a Satanás, de ter feito ordenações num estábulo e de terminar sua vida sob golpes de martelo dados pelo demônio! João cuidara da Inglaterra (S. Dystan), da França e enviara missões à Hungria.



BENTO V (964-965)

Morto João XII, os Romanos não quiseram reconhecer o antipapa Leão. Elegeram um cardeal-diácono romano, homem criterioso e irrepreensível, célebre por sua ciência que lhe valeu o cognome de “Gramático”, e que ocupou o sólio papal com o nome de Bento V. O imperador Oto I, que voltava a Roma para punir os partidários do falecido João XII, negou sua aprovação à feliz escolha. O exército imperial aproximou-se em missão punitiva, tudo devastando em sua passagem (o que, aliás, era costume da época). Oto julgava agir dentro de seus direitos, baseado no juramento que os Romanos haviam feito a êle e ao antipapa Leão. Mas Roma queria salvar o resto de liberdade que possuía: o direito de eleger o Sumo Pontífice. Bento V resistiu denodadamente com o povo, mas a cidade teve que ceder à força e à fome. O desventurado papa foi levado como um criminoso ante um tribunal de Oto, que o tratou com benignidade. Recebeu, porém, tratamento brutal do antipapa, que lhe arrancou as insígnias pontificais, pisando-as. Humilde, mas firme, Bento exclamou: “Se pequei em algo, tende misericórdia de mim”.

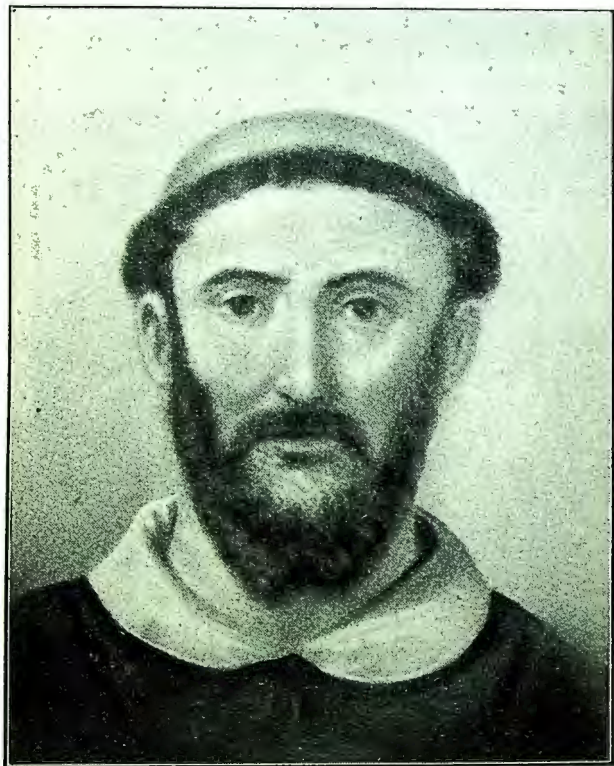
A vitória do Imperador, — um grande soberano, aliás instaurador do Sagrado Império Romano Germânico e das bases da futura grandeza alemã, — foi efêmera e preparou a humilhação de Canossa (1077). Bento V foi exilado para a cidade de Hamburgo, no norte da Alemanha, onde morreu em julho de 966, com grande fama de santidade. Seu corpo foi sepultado na igreja de S. Maria, e em 999 um neto de Oto I mandou transportar os restos mortais para Roma, com a veneração e honras de um Santo.



JOÃO XIII (965-972)

Morto o antipapa Leão, os Romanos elegeram o bispo de Narni, João XIII, em 1-10-965. Esperava-se a paz: sua escolha agradava ao imperador Oto I. João era romano, e seu pai, após enviudar, havia sido bispo. João fôra educado na igreja e adquirira fama por sua vasta erudição. Conser-vava a pureza de costumes e apreciava o vigor da disciplina. Logo se indis pôs com a turbulenta nobreza romana. Houve uma rebelião, chefiada pelo conde Rofredo e pelo prefeito Pedro. O papa foi prêso e sofreu duras humilhações e zom-barias. Acorreu, porém, Oto, e o povo apressou-se em cas-tigar com exagêro os rebeldes. Rofredo foi morto. Pedro, suspenso pelos cabelos à estátua eqüestre de Marco Aurélio; depois montaram-no ao contrário num asno, obrigando-o a agitar-lhe a cauda, a que estava prêsa uma campainha... Assim foi levado “em triunfo” pela cidade. As tropas de Oto e a proteção do papa salvaram a vida ao infeliz prefeito da cidade. O rigor dos oficiais de Oto, porém, aumentou o ódio contra os Saxões. O imperador reconfirmou os direitos da S. Sé sobre territórios e cidade; jurou defender a Igreja sempre. A seu pedido o papa coroou-lhe o filho Oto II, em Roma, no Natal de 967 e criou dioceses na Saxônia. Por intermédio do pontífice conseguiu o soberano germânico a mão da prendada e culta princesa bizantina Teofania para Oto II (que os Gregos desprezavam como “rei bárbaro”), unindo assim os dois Impérios, do Oriente e do Ocidente, numa paz tranqüilizadora.

João teve parte ativa na conversão da Polônia e da Hun-gria. // Conservam-se dêle valiosos documentos.



BENTO VI (972-974)

Bento VI, filho de Hildebrando, era um monge romano, de origem germânica. Foi eleito logo após a morte de João XIII, apoiado pelo partido imperial, o que desagradou sumamente à nobreza romana. Consagrado aos 19-1-973, após a confirmação recebida de Oto I. Este admirável imperador morreu em maio desse ano. Ao palácio do “leão vermelho”, como o chamavam, desse “rei dos povos”, acorriam enviados de todo o mundo conhecido: ele fôra um segundo Carlos Magno. Subiu ao trono imperial Oto II, de apenas 18 anos de idade. Embora apoiado pela inteligência de sua espôsa, a bela e espiritual grega Teofania, e pelos sábios conselhos de sua mãe S. Adelaide, o jovem soberano não possuía ainda o imenso prestígio de que gozara seu pai. Rebelaram-se povos e duques. A sempre inquieta Roma viu-se dominada pelos Crescenzi, descendentes da família da malfadada Marózia. Houve tumultos e o papa foi aprisionado no castelo S. Angelo, onde morreu, após um mês de maus tratos, estrangulado no cárcere (julho de 974), por negar-se a renunciar ao pontificado. Surgiu então eleito, não se sabe como, o diácono Franco, que se chamou Bonifácio VII, e que, após um mês, se refugiou na Côrte de Constantinopla. É por alguns autores considerado papa, e seu medalhão figura na igreja de S. Paulo, em Roma. Por outros, porém, é considerado antipapa irregularmente imposto à Igreja. Bento VI é mais uma vítima do ódio partidário. Sua morte, ou martírio, trouxe a redenção ao seu assassino: Crescenzio fêz-se monge de S. Aleixo e morreu em 984, “no amplexo do Senhor, implorando perdão aos seus execráveis crimes”, como se lê em seu epitáfio.



BENTO VII (974-983)

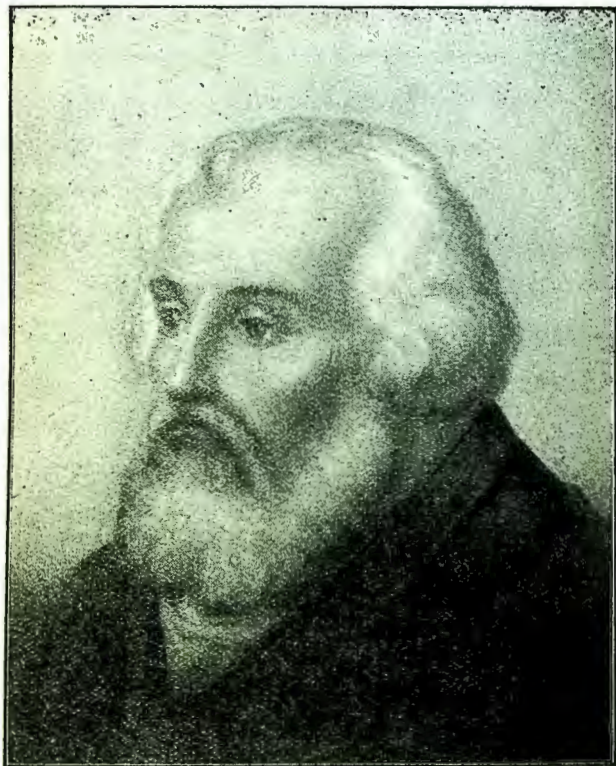
Dono II é o nome que consta em alguns cronistas recentes, como papa. Trata-se de um êrro ocasionado pela confusão do título Dominus (senhor) abreviado em Domnus, aplicado em alguns antigos catálogos ao papa Bento VI. Depois da morte trágica dêste papa e da fuga do antipapa Franco Bonifácio, o clero e o povo romanos elegeram o bispo de Sutri, que se chamou Bento VII. Era da família dos condes Tusculanos. Enérgico e digno, reprimiu os abusos. Fulminou a excomunhão contra o antipapa. Protegeu os pobres e perseguidos. Em diversos sínodos condenou a simonia (compra de postos eclesiásticos). Na Páscoa de 981 recebeu em Roma o imperador Oto II, com sua espôsa Teofania, sua mãe S. Adelaide e sua irmã Matilde, abadessa de Kedlinburg. Recebeu também Hugo Capeto, duque de França (tronco de muitos reis), Conrado, rei da Borgonha, numerosos príncipes e barões.

O jovem Oto, a pedido do papa, moveu guerra aos Saracenos, que voltavam a devastar o sul da Europa. Bento solicitou ainda seu auxílio para repor na Sé de Milão o bispo Landulfo, expulso por uma insurreição (Oto I havia nomeado Condes todos os bispos, tornando-os senhores feudais na administração civil). Bento VII favoreceu muito os mosteiros. Reedificou o da Santa Cruz de Jerusalém e o confiou aos monges de Cluny. Acolheu o arcebispo Sérgio, de Damasco, expulso pelos Muçulmanos. Enviou zelosos missionários à Hungria e reconstituiu a Igreja de Cartago, isto é, nomeou o clero necessário a essa diocese aniquilada pelos árabes. Bento VII morreu em outubro de 983, em Roma. Sepultado no mosteiro da Santa Cruz.



JOÃO XIV (983-984)

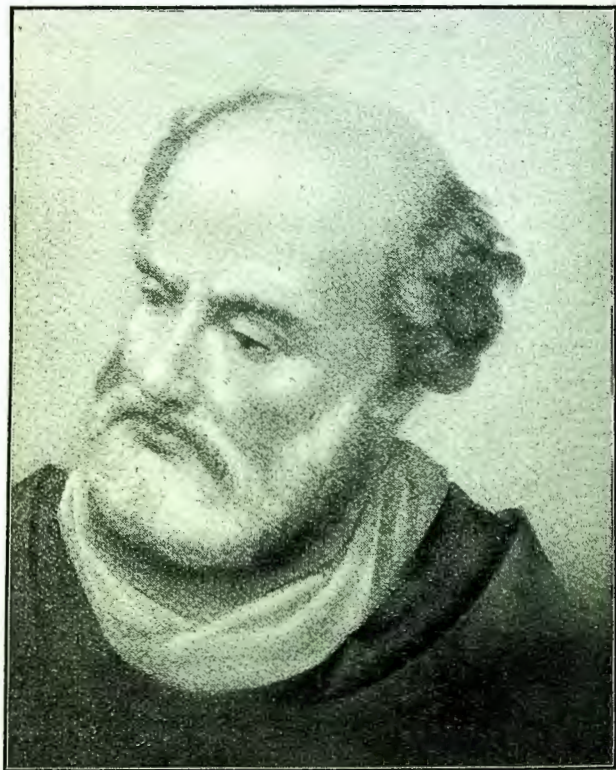
Oto II influiu sobre a eleição do papa, indicando o nome de Pedro Canepanova, bispo de Pavia e Chanceler do império, o qual foi bem aceito pelo clero e povo romanos e era bem digno do sôlio pontifício. Chamou-se João XIV. O imperador morreu logo depois (7-12-983) aos 28 anos de idade, em Roma, como lhe profetizara o abade Maiolo de Cluny. Chamou junto ao leito de morte seus amigos, distribuiu seus tesouros aos pobres, às igrejas e aos guerreiros que haviam abandonado a pátria em seu seguimento. Em presença dos cardeais e dos bispos recebeu os últimos sacramentos das mãos do papa. Foi o único imperador germânico que morreu em Roma. Seu sepulcro, na basílica de S. Pedro, foi ornado com um mosaico, que representa o Divino Redentor abençoando, entre os apóstolos Pedro e Paulo. É obra de arte daquele século. Oto II deixava uma viúva estrangeira e um filhinho de apenas três anos. Os duques germânicos — alguns, parentes do falecido — pretenderam a coroa. Houve luta em todo o Império. Os partidos romanos aproveitaram-se da confusão. Revoltaram-se os nobres na Cidade Eterna, sob o pretexto de que João XIV não era romano! O antipapa Bonifácio voltou do exílio em Constantinopla, prendeu no castelo S. Angelo o papa que morreu quatro meses depois, envenenado. Cedo, porém, pagou o sacrílego seus crimes: seus próprios partidários rebelaram-se. Bonifácio teve morte violenta, um ano depois, e seu cadáver foi ultrajado pelas ruas da cidade, sendo sepultado, às escondidas, por pessoas caridosas. Uns poucos autores colocam Bonifácio VII no catálogo dos papas, dada a confusão das notícias em tempos tão terríveis.



JOÃO XV (985-996)

Nos últimos dias, obscuros e tristes, do antipapa Bonifácio, fôra indicado para pontífice um monge João, filho de Roberto. Não foi reconhecido, nem consagrado. Após quatro meses acordaram os partidos e clero na escolha do sacerdote João Leão. Daí a dúvida dos autores (João XV e XVI), cuja maioria, porém, chama a êste de João XV, não contando o primeiro. — Foi consagrado em setembro de 985. Era erudito e piedoso. Procurou defender os direitos da Igreja. Seu epitáfio em S. Pedro chama-lhe: “invencível ao temor e ao lucro, cgregio doutor”. O imperador Oto III era muito jovem e estava longe. Então Crescenzo Nomentano, senador em Roma, tornou-se ditador. João XV solicitou auxílio à imperatriz regente Teofania, que veio a Roma (989) e governou em Ravena com o estranho título de “imperator”. Ela celebrou o Natal em Roma; uma grande benfeitora dos pobres e dirigida espiritual de S. Adalberto. Morreu na Alemanha em 991. A regência passou a S. Adelaide, avó de Oto III. Rebelou-se Crescêncio, que obrigou o papa a fugir de Roma (995); mas quando se soube que Oto marchava contra a cidade, o povo (sempre volúvel) chamou o pontífice e preparou grandiosas festas ao soberano! João morreu em abril de 996. Fôra fraco no govêrno civil da cidade, mas forte, vigoroso, no trato da Igreja. Conseguiu promover a paz entre Etelredo, rei da Inglaterra, e Ricardo, duque da Normandia (991).

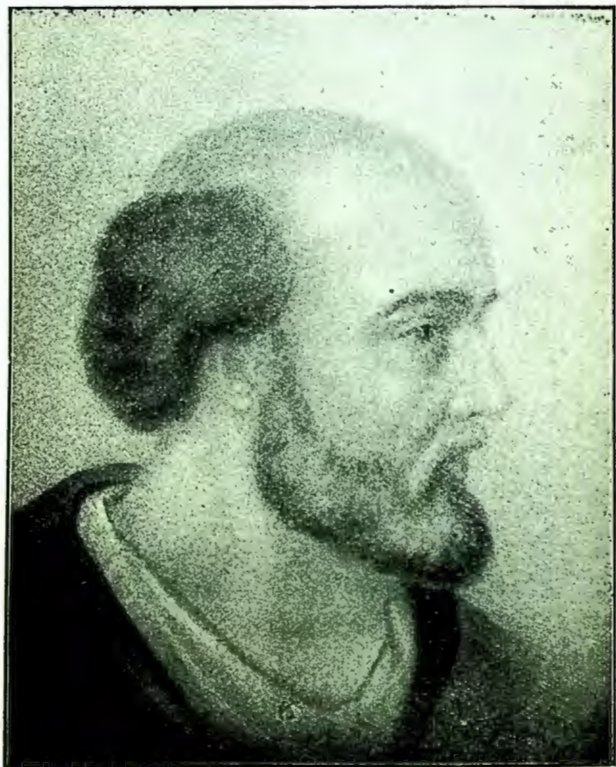
Num sínodo, realizado em Roma, canonizou a S. Ulrico, bispo de Augusta, primeiro exemplo de canonização feita por um papa. Por meio de missões aproximou os povos da Polônia ao Cristianismo. Defendeu os bispos franceses contra o rei Hugo Capeto.



GREGÓRIO V (996-999)

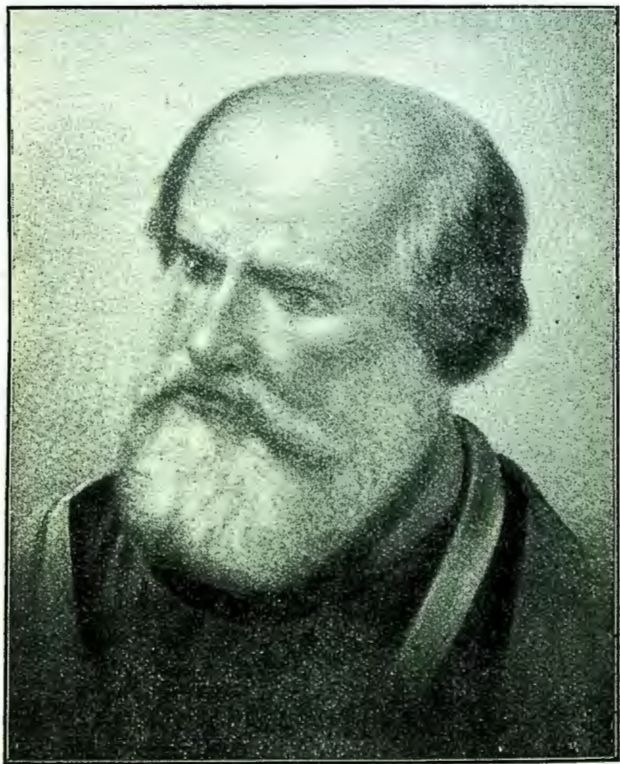
As desordens causadas em Roma por Crescêncio impediram ao clero a eleição de um novo papa. Foi então enviada uma comissão ao imperador Oto III, pedindo a êle, “defensor da Igreja”, uma justa intervenção. Oto indicou Bruno, filho do Duque da Caríntia, o qual se chamou Gregório V. Embora muito jovem, Bruno era culto, severo e resolutivo. Acompanhou-o luzida comitiva de arcebispos e príncipes. Os Romanos confirmaram com júbilo a escolha. Gregório visou à universalidade da Sé Apostólica. Em 21-5-996, em Roma, coroou imperador a Oto. Os dois jovens, Oto com 16 e Gregório com 25 anos, idearam um belo programa para a Igreja e para o Império, em um sínodo que se seguiu à coroação. Foram anistiados os chefes de passadas rebeliões, ato de bondade pago com ingratidão. Crescêncio tramou contra o papa, que insistia em moralizar a cidade. A nobreza dissoluta aprovou a revolta contra o rigoroso papa alemão.

Crescêncio obrigou Gregório a fugir, exalçou o antipapa Philagathos com o nome de João XVI (mais um nome na lista dos joões! . . .) e entregou Roma ao imperador grego. Oto III voltou em 998. Gregório foi reposto, Crescêncio executado. São Nilo quis fazer do antipapa um seu monge, mas os próprios soldados do rebelde mutilaram-no na fuga. Gregório V defendeu o arcebispo Arnolfo contra o mal casado rei Roberto de França. Os mais ilustres homens de ciência do tempo gozaram da amizade de Gregório V, do qual se recorda que, em Roma, pregava sempre em três línguas. Morreu em 16-2-999, em idade de apenas 27 anos, envenenado, — suspeita-se, — pelos partidários de Crescêncio.



SILVESTRE II (999-1003)

Gerberto de Aurillac, filho de pais muito pobres, nascido na França central, chamou-se Silvestre II. Um gênio admirável de ciência: chamaram-no “o Mago” e houve até quem atribuisse sua sabedoria, extraordinária em seu tempo, a auxílio diabólico! Estudara em Barcelona, onde apreendera vastos conhecimentos dos Árabes em Lógica (escreveu *De Rationali et ratione uti*), Matemáticas etc. . . Foi preceptor do filho do rei Hugo Capeto, depois mestre de Oto III e arcebispo de Reims, de onde se retirou em obediência ao Papa. A eleição colheu-o arcebispo de Ravena. Levou à concórdia vários bispos alemães. Ampliou a festa universal de Todos-os-Santos. Conseguiu que Roberto, rei de França, se separasse da ilegítima esposa Berta e que os bispos usassem de rigor contra a simonia do clero. Os Húngaros, pagãos que assolavam a Europa, converteram-se por intermédio de S. Adalberto (morto mártir na Prússia) e Silvestre proclamou primeiro rei da Hungria a S. Estêvão (1000). Na Rússia, por meio da princesa Olga e de Vladimir, todo o povo se converteu ao Cristianismo. Em Veneza o doge Orséolo I se fez monge. Oto III, imbuído de misticismo, mandou abrir o túmulo de Carlos Magno († 814), encontrando o corpo conservado, coberto de vestes preciosas, sentado num trono, espada à cinta, coroa à cabeça e cetro à mão! O povo não apreciou essa visita ao túmulo, atribuindo a castigo a morte prematura de Oto, em 1002, aos 22 anos de idade. O papa assistiu-lhe os últimos momentos. A noiva de Oto, princesa grega, viajava para as núpcias. Silvestre morreu em 12-5-1003. Em 1648 seu sepulcro foi aberto: o corpo e os paramentos intactos, perfeitos, desfizeram-se em pó quando tocados. Resta à posteridade sua grande figura.

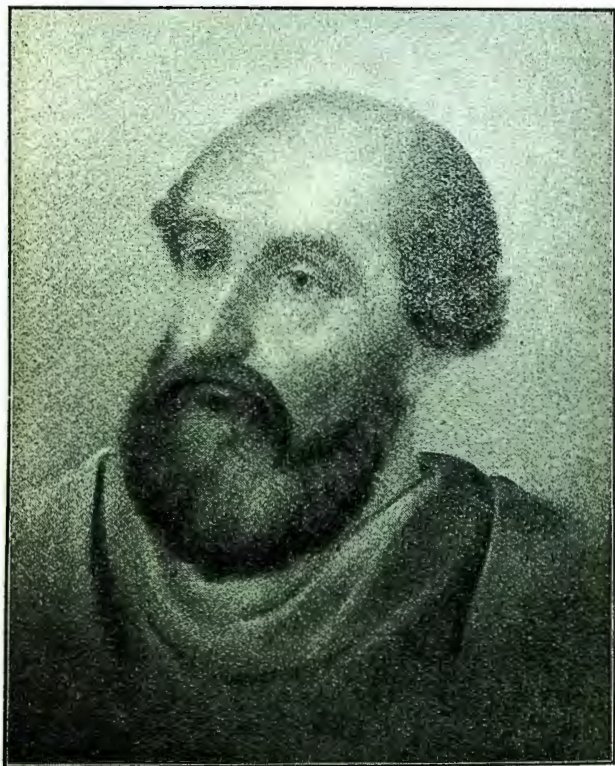


JOAO XVII (1003)

A numeração ordinal dos pontífices encontra sua maior dificuldade ante o nome de João. Já vimos que antes de João XV (985) houvera um candidato a pontífice com o nome indêntico. O sucessor de Silvestre II é geralmente numerado como João XVII, porque alguns autores incluíram nas listas pontificais o nome de João XVI o antipapa Philagathos.

João XVII chamava-se Sicón dei Siconi. Foi consagrado em junho de 1003 e morreu em dezembro. Apenas sete meses de pontificado. Nasceu na diocese de Fermo, a nordeste de Roma. Com a morte de Oto III o Império caiu em desordem e lutas. Em Roma, um João Crescêncio, cujo pai fôra decapitado ao tempo de Oto, assumiu o poder e o conservou à fôrça por dez anos. Estas revoluções eram facilitadas pelo desprezo que os Romanos ainda votavam a todo estrangeiro, máxime aos alemães. Pérdurava por séculos o orgulho romano adverso aos “bárbaros”, como ainda chamavam aos valentes povos do Norte, esquecendo-se os “patrícios” que já haviam passado, por sua própria culpa, as grandezas antigas da Cidade por excelência (Urbs). No norte da Italia (Lombardia) foi proclamado rei o marquês Arduino de Ivrea, coroado em Pavia. O novo rei iniciou violenta campanha contra os bispos-condes e contra os pequenos principados. Na Alemanha, após áspera luta, foi reconhecido rei em Mogúncia, Henrique II de Saxônia. A êle, como o futuro imperador, recorreram os oprimidos do Sul do Império e assim se preparava nova guerra na infeliz Península.

Na Suécia o rei Olavo recebeu o batismo e assim o Cristianismo se afirmava no grande país escandinavo.



JOÃO XVIII (1003-1009)

Consagrado no Natal de 1003, Pedro Fasan, de família romana, chamou-se João XVIII. Seu pontificado durou mais de cinco anos. Entretanto possuímos poucos documentos desse papa. Roma estava em relativa calma, vivendo sob o temor no governo civil de João Crescêncio. No norte da Italia as populações sofriam com a guerra que Arduíno rei da Lombardia, provocara com sua ambição contra Henrique II, rei da Alemanha e candidato a imperador. O rei saxão, na primavera de 1004 atravessou os Alpes, derrotou Arduíno e foi aclamado rei da Italia, na capital Pavia. O papa lamentou que os soldados alemães, exacerbados por uma rebelião popular, queimassem bárbaramente a cidade.

João XVIII ameaçou lançar o interdito ao reino de Roberto de França, que oprimia os bispos de Sens e de Orléans. Consagrou o arcebispo de Magdeburgo, da Alemanha. Concedeu o pálio ao apóstolico bispo Elfegh, de Cantuária, Inglaterra, e enviou S. Bruno a evangelizar a Rússia, onde reinava a dinastia de Rurik, guerreiro normando. Sua obra de paz estendeu-se à Igreja Grega, conseguindo que êsses orgulhosos dissidentes bizantinos reconhecessem a primazia do Romano Pontífice.

Morreu João XVIII em Junho de 1009, na abadia de S. Paulo em Roma, onde se conserva ainda um brevíssimo epitáfio seu. Parece que êste piedoso pontífice, nos últimos meses de sua vida retirou-se a essa abadia, voltando à vida de simples e escondido monge, para, na humildade e no retiro, preparar-se de modo melhor para a morte, que pressentia próxima. Viveu e morreu pacífico no Senhor.



SÉRGIO IV (1009-1012)

Sérgio IV era bispo de Albano, favorável aos Condes de Túsculo em contraposição ao prepotente partido de Crescêncio. Os catálogos dizem que procedia de família nobre, filho de Pedro e Estefânia. Assim mesmo, por algum defeito físico, tinha na mocidade o curioso apelido de Bôca de Porco. Não sabemos em que condições foi eleito, pois seu antecessor, João XVIII, se havia retirado a um mosteiro. Sérgio desenvolveu imensa caridade para com os pobres, numa grande fome que assolou a Cidade e os arredores, a ponto de uma arroba de trigo custar cem moedas de prata. O prefeito Crescêncio, o terrível "*Cenci*", procurou manter-se em paz com o pontífice, o qual muito contribuiu para essa pacificação com seu espírito caridoso e paciente. Em 1012 morria "*Cenci*", após uma década no poder. Seu filho e sucessor também morreu logo. Os Crescêncios, outrora um pesadelo e um fardo para os pontífices, desapareceram na sombra do passado. Como êles, muitos outros ditadores, em Roma e alhures, oprimiram a Igreja ou se julgaram onipotentes em seu orgulho e... passaram na mutação contínua dos séculos! O "santo Velho" de Roma, o sucessor de S. Pedro, continua... porque sua fraqueza humana se apóia no poder divino, indestrutível. Sérgio IV foi operoso em prol dos mosteiros. Enviou seus legados à França e à Alemanha, na sua missão de Pastor Universal.

Atribui-se-lhe, sem foros de autenticidade, uma bula incitando os Cristãos a uma Cruzada; seria então a primeira idéia dessas expedições. Morreu no verão de 1012 e foi sepultado em S. João de Latrão, perto do túmulo de Silvestre II.



BENTO VIII (1012-1024)

João Teofilato, descendente dos Condes de Túsculo — família que um século antes havia causado tanto dano à Igreja — brilhou como pontífice, homem de sólidas virtudes, de tenaz energia e de grandiosos ideais. O turbulento partido de Cenci impugnou sua eleição e escolheu um antipapa. Teofilato dominou a rebelião e, para sujeitar os ambiciosos adversários, nomeou comandante da cidade seu irmão Romano (que lhe sucedeu como papa João XIX). // Em 1013 o rei Henrique II, da Alemanha, encontrou-se com Bento em Ravena, celebrando-se um sínodo para melhorar a disciplina eclesiástica. Henrique intitulou-se “Rei dos Romanos”; acolhido com deslumbrantes festas em Roma, foi coroado com sua espôsa S. Cunigunda (1014). O ex-rei Arduíno, abandonado pelos seus condes, por causa de seu temperamento irascível e violento, depôs a coroa sobre o altar e morreu monge no mosteiro de Frutuária, por êle construído outrora. Foi um herói nacionalista, batalhador, mas cruel († 1015). // Os Sarracenos assolavam as cidades costeiras. Bento promoveu então uma aliança entre Gênova e Pisa — o início da prosperidade marítima dessas cidades. No sul o duque de Cápua, favorável aos bizantinos, assaltou o castelo do Gargliano, propriedade pontifícia, defendido heróicamente por peregrinos normandos. O comandante Dato, prêso e encerrado num saco com serpentes, foi atirado ao mar. Esse ato de crueldade atraiu as iras dos guerreiros Normandos, que vieram a conquistar o país. // Em 1024 morriam Bento e S. Henrique II. Este imperador vivera santa vida de irmãos com sua espôsa S. Cunigunda; ambos foram canonizados: êle em 1146, ela em 1200. // Floresciaam então as virtudes de S. Odilon de Cluny e S. Romualdo, fundador dos Camaldulenses.



JOAO XIX (1024-1033)

JOÃO XIX (1024-1033)

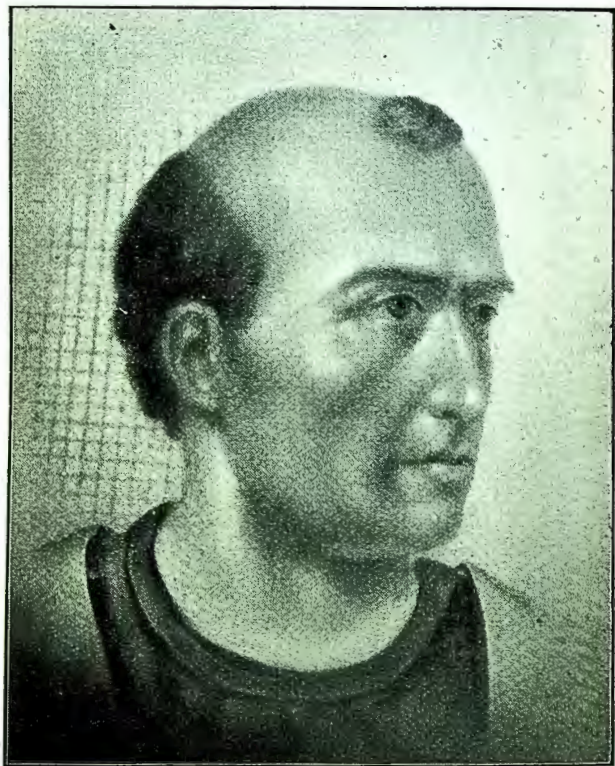
O irmão de Bento VIII chamou-se João XIX. Era governador da cidade e seu nome de família era Romano. Sendo um leigo, sua elevação a papa era severamente interdita. Recebeu, porém, tôdas as ordens sacras e foi consagrado em julho de 1024. Em sua escolha deve ter prevalecido a vontade da família Tuscolana. Entretanto João foi um pontífice irrepreensível e muito digno. Tão severo na administração pública, que os descontentes o acusavam de avareza. Não tinha, entretanto, as altas qualidades de seu irmão Bento VIII. Assim mesmo soube precaver-se contra a astúcia dos Gregos, que lhe enviaram insidiosa embaixada pedindo o título de “ecuménico” (universal) para o patriarca de Constantinopla. No Ocidente, Conrado II de Francônia, eleito rei da Alemanha (1024), fêz-se coroar rei da Italia em Milão, por mãos do poderoso arcebispo Ariberto. Em 1027, na Páscoa, João celebrou em S. Pedro a coroação imperial de Conrado e de sua espôsa Gisela, com extraordinária solenidade, em presença de dois reis, Rodolfo III, de Borgonha, e Canuto, da Inglaterra e Dinamarca. Conrado restabeleceu nos tribunais os princípios do Código de Justiniano... Sobre os elementos germânicos triunfou afinal o glorioso Direito Romano.

João XIX apoiou os observantes monges de Cluny e quis elevar seu abade, S. Odilon, a arcebispo de Lião. Protegeu eficazmente a Guido d'Arezzo, o engenhoso inventor das novas notas musicais, ut, ré, mi, fá... um magnífico passo da bela Arte da Música, da qual a Igreja sempre foi protetora carinhosa. Opõe-se Ela apenas aos que tentam desviar a Arte para o Mal.



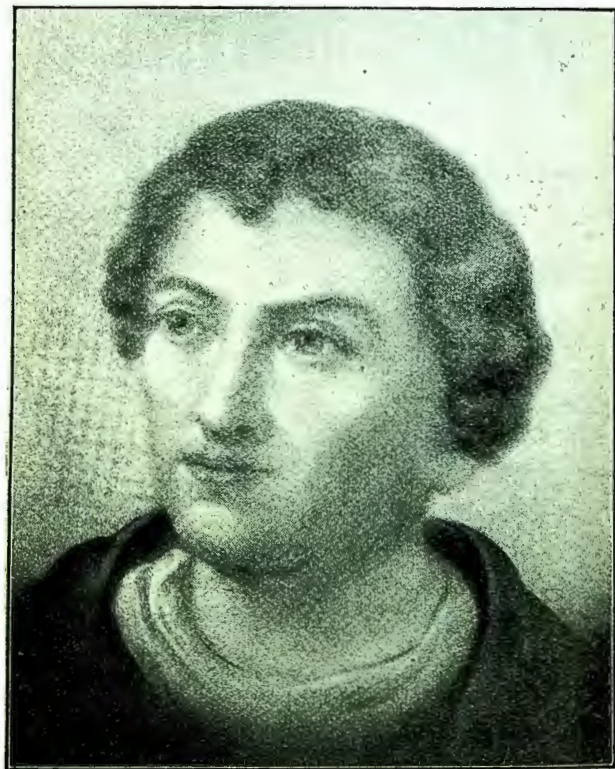
BENTO IX (1033-1048)

Muito discutido êste Bento IX, Teofilato da família dos Condes Tuscolanos, imposto à S. Sé por seus poderosos parentes. Domiñava nesse tempo o feudalismo na Europa: cada região, cada cidade, tendia a ser patrimônio de uma família nobre. As dioceses, onde os bispos eram senhores civis também, tornaram-se disputadas pelos senhores feudais para seus filhos, sem escrúpulos, sem consideração à santidade da Igreja. Até em Roma dominou essa ambição desenfreada da nobreza. O conde Alberico III colocou no trono pontifício seu filho Teofilato, com o nome de Bento IX. Era muito jovem, com menos de 20 anos. Há quem lhe dê 12 apenas, idade incrível à recepção e acolhida que recebeu, em 1037, do imperador Conrado II, homem criterioso e sisudo. — Bento IX, imposto pela ambição paterna e contra o espírito da Igreja, teve defeitos graves, mas também inimigos que lhe foram parciais juizes ante a posteridade, acusando-o de crimes monstruosos. Duas vêzes foi expulso por rebeliões — indo uma vez a Cremona, e outra a Marselha, na França. Foi eleito um antipapa, Silvestre III, mas Bento conseguiu depô-lo. Continuando as tristes agitações, um virtuoso arcipreste, João Graciano, mestre do futuro Gregório VII, tentou um recurso extremo. Como era homem muito rico, ofereceu uma grande soma para que o jovem Teofilato se afastasse de Roma. Bom ou mau que tivesse sido Bento IX, o certo é que a Igreja continuava garantida, como a Barca de Pedro quando Cristo nela dormia. Os bispos de França, por ex., conseguiam a lei da “Trégua de Deus”, a paz entre os violentos barões, e no Norte, florescia a santidade de reis como S. Olavo da Noruega e S. Canuto da Dinamarca.



GREGÓRIO VI (1045-1046)

O arcepreste romano, João Graciano, assumiu o nome de Gregório VI. A fim de livrar a Igreja de grandes males, oferecera ingente soma para que Bento IX abandonasse pacificamente o trono pontifício. Êste meio ilícito não impediu que fôsse reconhecido pela parte melhor da Igreja e até pela nobreza, exasperada contra a família dos Condes Tuscolanos. Gregório VI era conhecidíssimo por seus valores morais e intellectuais. Assim, alegraram-se os bons: São Pedro Damião, os monges Cluniacenses e Hildebrando, no futuro um dos maiores Papas, que mais tarde adotou o nome de Gregório VII, em memória de João Graciano. Até os adversários, à falta de acusações, chamavam-no de rude e sem jeito. O estado de Roma era desolador. Gregório VI quis impor ordem e pessoalmente dirigiu uma campanha contra os bandidos. Mas êstes ficavam impunes, escudados na proteção dos nobres. Recorreu, então, a Henrique III, rei germânico, com quem presidiu a um concílio em Sutri. Foram oficialmente depostos o indigno Bento IX, já retirado em seus castelos († 1055) e o antipapa Silvestre III, refugiado num mosteiro. Gregório VI então, para não ser acoimado de simonia (compra de dignidade eclesiástica) renunciou ao pontificado. Recolheu-se a um mosteiro de Colônia (Alemanha), acompanhado pelo fiel Hildebrando. Morreu às margens do Reno, em dezembro de 1047. Discute-se a legitimidade da elevação dêste papa. Provado está que agiu de boa fé ao substituir Bento IX — como se depreende de seu nobre ato de desprendimento ao retirar-se de Roma, sacrificando-se para a paz da Igreja, que não era sua, mas de Cristo.

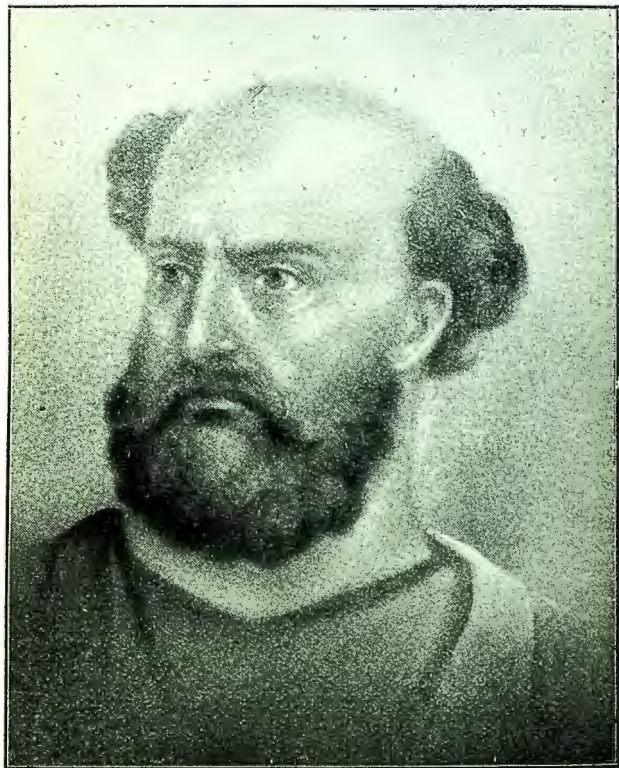


CLEMENTE II (1046-1047)

CLEMENTE II (1046-1047)

O rei Henrique III, embora estrangeiro e odiado por ser alemão, foi recebido em Roma como um alívio. A cidade suspirava por ordem e paz. Para evitar novas lutas entre as orgulhosas famílias “patrícias”, propôs para pontífice a Suidger, bispo de Bamberg. Foi o segundo papa alemão e chamou-se Clemente II. Coroado no Natal de 1046 como Papa, impôs a coroa imperial a Henrique e à sua esposa Inês numa cerimônia grandiosa. Magnífico cortejo levou os soberanos da porta Castelo à basílica de S. Pedro, onde, sentado, esperava-os Clemente. O rei desceu do cavalo, ajoelhou-se e jurou ser justo para com os povos e válido defensor da Igreja. Recebido como “filho adotivo” pelo Papa, entrou na Basílica. A função foi longa e magnificente. Aproveitou-se, porém, Henrique para daí em diante nomear pessoalmente os papas. Seus escolhidos, em número de quatro, foram todos dignos e competentes; entretanto essa interferência imperial era um atentado reprovável e perigoso à liberdade da Igreja.

Clemente II num sínodo puniu de excomunhão a todos os simoníacos. Entre os arcebispos de Ravena, Milão e Aquiléia, decidiu em favor do primeiro a longa questão da preeminência. Protegeu os mosteiros, onde florescia o genuíno espírito religioso. Independente e firme, libertou o governo eclesiástico dos nefastos partidos romanos. Acompanhou o imperador ao sul da Itália e à Alemanha, providenciando reformas úteis à religião. Ao voltar, morreu em Pésaro, no mosteiro de S. Tomás, em 9-10-1047. Suspeitou-se ter sido envenenado por emissários do deposedo Teofilato ou dos nobres que odiavam seu rigor. Foi sepultado na Catedral de Bamberg, único papa enterrado na Alemanha.



DAMASO II (1048)

Morto Clemente II, demoraram-se os Romanos, em dúvida se deviam eleger logo outro pontífice ou esperar a opinião do imperador Henrique III. Aproveitou-se dessa delonga o antigo e indigno Teofilato, ex-Bento IX, já deposto. Abandonou seu castelo em Túsculo e, com o apoio do marquês Bonifácio de Toscana, entrou em Roma onde se impôs sacrilegamente por oito meses. Curiosa a atitude do marquês Bonifácio. Seu avô, Azzo de Canossa, havia acolhido e protegido em seu castelo a fugitiva rainha Santa Adelaide, ao tempo de Oto I. O filho de Azzo, de nome Tebaldo, tornara-se senhor de grandes cidades como Ferrara, Módena, Mântua. O próprio Bonifácio recebera do imperador Conrado o marquesado de Toscana. Casara-se com Beatriz de Lorena, tornando-se um dos senhores mais poderosos de seu tempo. Foi pai da célebre Condessa Matilde de Canossa, mais tarde a intrépida e heróica defensora dos Pontífices. Entretanto, Bonifácio, talvez aspirando à coroa real, favoreceu Bento IX contra o Imperador e o Papa. Foi, porém, pela energia de Henrique III obrigado a conduzir a Roma o novo Pontífice. Era este Póppon, bispo de Brixen, alemão da Baviera, coroado na basílica de S. Pedro em julho de 1048, com o nome de Dâmaso II. Não permaneceu muito em Roma. Adoeceu devido ao excessivo calor e foi habitar em Preneste, não longe da Cidade Eterna. Lá veio a falecer em 9-8-1048. As "febres romanas", fatais aos estrangeiros não habituados ao calor do verão forte da região, infirmam os boatos de envenenamento ministrado pelo tenebroso partido tuscolano.

Dâmaso II foi sepultado em S. Lourenço, Roma.



19 de abril — S. LEO IX (1048-1054) — Confessor

A morte rápida dos últimos pontífices, assustou os bispos alemães aos quais o imperador Henrique III oferecera o pontificado. Na dieta de Worms foi afinal indicado Bruno, bispo de Toul, alemão da família dos Condes de Nordgau. Chamou-se Leão IX, porque as listas contavam o nome do antipapa Leão VIII do ano 965. Tinha 46 anos de idade e era muito estimado em sua diocese como homem culto, piedoso e prudente. Protestou que só aceitaria o alto pôsto, se os Romanos, clero e povo, confirmassem sua indicação. Fêz mais: partiu para Roma em vestes de peregrino, acompanhado pelo monge Hildebrando (mais tarde o grande Gregório VII). Chegou a Roma em 2-2-1049, no inverno, com estupefação do povo ante a novidade de um papa vindo a pés descalços, com o bordão humilde de romeiro. Iniciou logo a renovação da disciplina eclesiástica, coibindo os abusos da simonia e clerogamia. Realizando sínodos percorreu a França, a Alemanha e a Italia, às vêzes acompanhado pelo imperador, indo até Presburgo levar a paz aos Húngaros e Alemães em guerra. No sul da Italia os Normandos, sob o comando de Guilherme Braço-de-Ferro, tornavam-se prepotentes. Leão guerreou-os, mas foi derrotado e prêso. S. Pedro Damião atribuiu essa derrota a uma “repreensão divina” ao papa que fôra ao teatro da guerra. Os guerreiros normandos, porém, ajoelharam-se ante o Pontífice e o trataram com tanta veneração, que se tornaram defensores da S. Sé e juraram combater os Sarracenos. No Oriente apareceu Miguel Cerulário (fabricante de cêra), grosseiro patriarca de Constantinopla. que renovou o cisma de Fóscio, sem ter um mínimo do valor intelectual daquelle hábil filósofo. Leão morreu em 19-4-1054.



VÍTOR II (1054-1057)

Vítor, segundo de nome, foi o quinto papa alemão. Chamava-se Gebhard. Era bispo de Eichstadt, jovem e pertencia à família dos Condes de Calw. Homem fiel à Igreja e de grande franqueza, declarara-se algumas vezes contra as iniciativas de Hildebrando, então conselheiro dos papas. Entretanto o próprio Hildebrando aconselhou aos Romanos e ao Imperador a escolha de Gebhard, do qual, aliás veio a ser um válido auxiliar na reforma dos costumes. Gebhard aceitou ser papa com a condição de receber confirmação canônica em Roma. Chamou-se Vítor II. Enviou o incansável Hildebrando à França para realizar sínodos e depor alguns intrusos, que a simonia e o interesse dos príncipes haviam guindado ao episcopado. Vítor soube impor-se aos príncipes. Morto Bonifácio de Toscana, a viúva Beatriz casou-se com Godofredo, duque de Lorena e adversário do imperador. Este então aprisionou Beatriz e sua filha, Matilde de Canossa, de oito anos, na Côte germânica de Goslar. O papa Vítor correu à Côte, onde encontrou moribundo Henrique III. O imperador morreu-lhe nos braços (1056), confiando a seus conselhos a imperatriz Inês e o filhinho Henrique IV. Vítor fez realizar solenes funerais ao falecido, em Espira; presidiu ao congresso dos príncipes em Colônia, para confirmação dos direitos de Henrique IV; voltou para Roma, trazendo a família de Godofredo de Lorena, nomeado governador de Roma. Vítor proibiu ao rei Fernando de Castela (Espanha) assumir o título de imperador, para manter unida a Cristandade. Morreu de febres em Arezzo, em 28-7-1057. O cortejo que levava seu corpo para Eichstadt foi atacado por ladrões em Ravena; voltou, e o papa foi sepultado em Roma.



ESTÊVÃO IX (1057-1058)

Frederico de Lorena (região pertencente então ao império germânico) foi o sexto papa alemão. Leão IX trouxe-o a Roma, criando-o bibliotecário e chanceler. Foi legado pontifício em Constantinopla, onde se opôs às pretensões do patriarca cismático Miguel Cerulário. Tornou-se depois, monge beneditino em Monte Cassino, o célebre mosteiro santificado pela presença do corpo do grande São Bento. Criado abade do mesmo mosteiro, e depois cardeal pelo papa Vítor II, sucedeu-lhe no sólio pontifício, em 2-8-1057, com o nome de Estêvão IX. Não se esperou a confirmação imperial. Hildebrando, seu arcebispo, foi enviado à Córte com a notícia. Estêvão presidiu à eleição do novo abade de Monte Cassino, o monge Desidério, mais tarde papa Vítor III. Estêvão rodeou-se de ilustres conselheiros: Hildebrando ("a cabeça dirigente da Igreja"), S. Pedro Damião ("o coração da Igreja"), que êle forçou a ser cardeal e bispo de Ostia, Anselmo de Baggio (o futuro Alexandre II) e outros. Meditava grandes emprêsas, inclusive unir Ocidente e Oriente numa grande defesa contra os Normandos e os Muçulmanos. Impulsionou a reforma dos costumes. Em seu tempo fundou-se em Milão a chamada Pataria — movimento popular, chefiado pelos mártires S. Arialdo e S. Erlembaldo, para combater o clero corrupto e a sociedade decadente. Irmão de Godofredo de Lorena, quis Estêvão acertar seus planos com a ajuda do poderoso duque. Pressentiu, porém, sua morte e mandou ao clero jurar que não se elegeria novo papa sem a presença de Hildebrando, que estava na Alemanha. Morreu em 29-3-1058, em Florença, e foi sepultado na Catedral dessa cidade toscana.



NICOLAU II (1059-1061)

Gerardo, bispo de Florença, era francês, natural da Borgonha. Iniciou seu pontificado com a luta contra os fautores do antipapa Bento X. Eleito em Siena, confirmado pelo concílio de Sutri, foi coroado em S. Pedro de Roma, aos 24-1-1059. Num sínodo, em abril, renovou os decretos contra a simonia, contra o concubinato do clero e regulou, de maneira mais definida, a eleição do papa. A êsse sínodo compareceram 113 bispos e numerosos abades. Foram tomadas medidas que acautelassem os direitos da S. Sé contra a ingerência do Imperador e dos partidos populares na eleição papal. Os cardeais passaram a formar um “Senado Eclesiástico”, em contraposição ao Senado Romano, com que os nobres interferiam desastrosamente na escolha do sucessor de S. Pedro. Outras excelentes disposições emanou êsse sínodo. No verão de 59, Nicolau visitou Monte Cassino e ajustou um tratado com Roberto Guiscardo, o valoroso duque normando que conquistara o sul da Itália aos Gregos e aos Sarracenos. Recebeu o normando a investidura do Ducado das Apúlias, Calábrias e Sicília, prometendo defender a Santa Sé, seus domínios e a liberdade do Papa. Nicolau mandou destruir castelos e tôrres de alguns nobres rebeldes. — Pacificou a diocese de Milão, aceitando a submissão do arcebispo Guido à reforma eclesiástica e acolhendo as romarias dessa cidade. Realizou concílios em França, por meio de seus legados, e repreendeu Guilherme, duque de Normandia (o futuro Conquistador da Inglaterra) por se haver casado com sua prima Matilde. Em 1061, em Florença, sucumbiu Nicolau II ao demasiado trabalho. Ficava de pé, cheio de vigor, Hildebrando!



ALEXANDRE II (1061-1073)

ALEXANDRE II (1061-1073)

Anselmo de Baggio, bispo de Lucca, fervoroso adepto da Pataria — movimento religioso reformador em Milão, sua pátria, — foi eleito e coroado em 1-10-1061, sob o nome de Alexandre II. As rígidas normas de Nicolau II haviam irritado os nobres ambiciosos, os bispos intrusos e simoníacos e a leviana corte de Henrique IV. Os simoníacos lombardos apresentaram então ao jovem soberano o nome de Cadaloo, riquíssimo, indivíduo que se apossara do bispado de Parma, para que fôsse nomeado papa com o nome de Honório II. Houve até luta armada entre imperiais, nobreza, Normandos e Godofredo de Lorena.

S. Pedro Damião, corajosa e pessoalmente verberou ao antipapa seu enorme pecado e concorreu, com sua eloquência secundada pela atividade de Hildebrando, para fazer valer os direitos de Alexandre II. Cadaloo morreu em 1072, impenitente. Alexandre reprovou os matrimônios entre consangüíneos e estabeleceu que os clérigos não podiam ser julgados em tribunais civis. Apoiou em Milão a S. Erlembaldo na expulsão de elementos indignos dos postos religiosos. Impediu que o rei Henrique IV abandonasse sua virtuosa esposa Berta, e excomungou os maus conselheiros do rei. Reorganizou a hierarquia eclesiástica na Inglaterra, conquistada em 1066 por Guilherme de Normandia. Recebeu a homenagem de Swenon, rei da Dinamarca. Por intermédio de Desidério, abade de Monte Cassino, aliou-se aos Normandos e favoreceu as maravilhosas empresas de Rogério, irmão do Guiscardo, na libertação da Sicília do jugo muçulmano. Consagrou, numa festa memorável, a basílica de Monte Cassino. Morreu Alexandre em 21-4-1073, em fama de santidade.



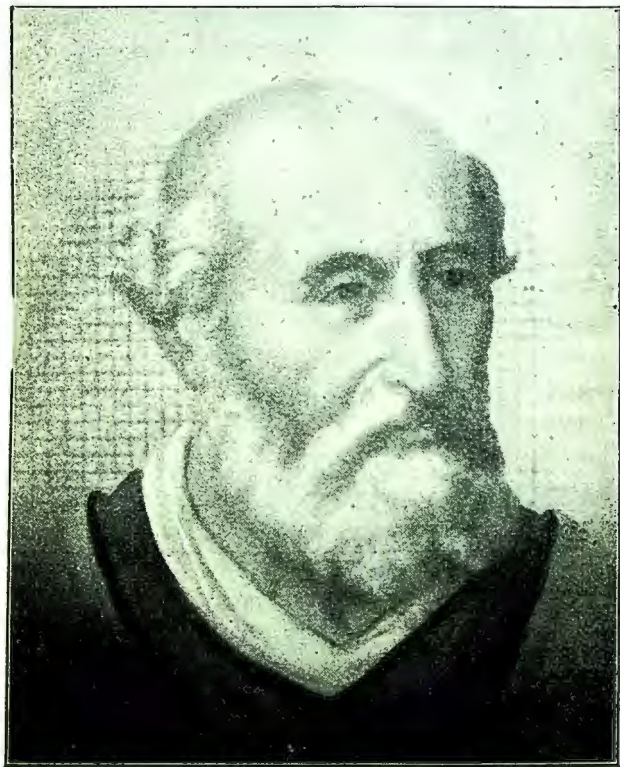
25 de maio — S. GREGÓRIO VII (1073-1085) — Confessor

Hildebrando, um dos maiores papas, um dos vultos mais eminentes da História. Nasceu (1020) em Soana, perto de Siena. Pobre. Filho do carpinteiro Bonizone. Estudou no mosteiro de Aventino. Foi seu mestre João Graciano, o futuro Gregório VI, a quem Hildebrando acompanhou no destêrro, e em cuja memória, agradecido, se chamou Gregório VII. Esteve em Cluny e se deixou guiar pelo espírito beneditino dêsse mosteiro. Cinco papas tiveram-no por precioso auxiliar; e os cardeais e o imperador não elegiam pontífice sem sua opinião. Côncio de sua responsabilidade e de seu caráter, Hildebrando recusou firmemente sua elevação. Ordenado sacerdote e consagrado bispo (era só diácono) em 30-6-73, mostrou-se Pontífice e Rei, afirmando “o império universal da lei de Cristo”. Combateu o mau clero e os maus soberanos. Impediu que a Igreja se “feudalizasse”. Tratou com todos os príncipes de seu tempo. Sonhou uma Liga Cristã, que libertasse a Palestina. O rei Henrique IV da Alemanha insistia em nomear bispos (questão das investiduras). Foi excomungado e, para não perder o trono, atravessou os Alpes num duro inverno, correu ao castelo de Canosa, onde o papa se refugiara, e implorou um perdão que o salvou de seus duques revoltados. O rei, insincero, moveu depois guerra implacável a Gregório e à valente Condessa Matilde de Canossa, que impedia a passagem às tropas imperiais. Nomeou um antipapa, Guiberto de Ravena, com o nome de Clemente III, pelo qual foi sagrado imperador. Tomou Roma, menos Castelo S. Angelo, onde Gregório se defendeu até ser libertado por Roberto Guiscardo (1084). O grande Papa morreu em Salerno. Suas últimas palavras: “Amei a justiça e odiei a iniquidade, por isso morro no exílio”.



VITOR III (1086-1087)

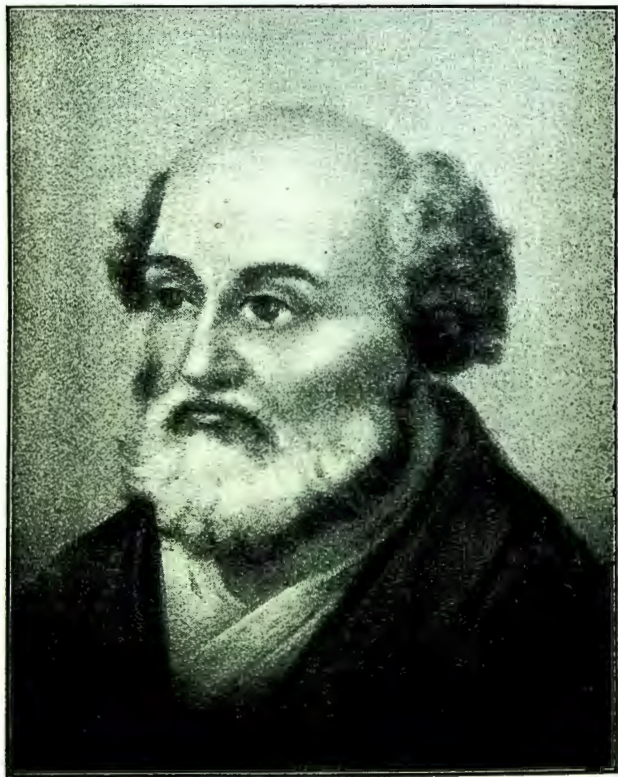
O grande Gregório VII, ao morrer, apontara ao Clero os mais dignos do sôlio pontifício. Entre êstes foi escolhido Desidério, abade de Monte Cassino. Fôra auxiliar de vários papas. Celebrou-se por sua obra imortal em seu mosteiro, cuja basílica construiu. Incrementou a vida monástica e os estudos, aumentando o mérito — frequentemente olvidado pelos maus — dos monges, que foram os únicos a preservarem as glórias da Literatura antiga. Teve importantes missões junto a soberanos. Receioso e humilde, recusou o sôlio um ano inteiro. Só em março de 1087 foi consagrado na basílica de S. Pedro, sob o nome de Vítor III, sob a proteção dos Normandos que expulsaram o antipapa imperial Clemente. Desgostado, voltou logo ao seu querido mosteiro, do qual continuava a ser abade. Henrique IV, vencidos seus inimigos na Alemanha, voltava a agitar Roma, e seu partido abatia os “gregorianos”, defensores da independência da Igreja. Apenas a indomável Condessa Matilde resistia ao imperador, em seu inexpugnável castelo de Canossa. A seus rogos, Vítor III retomou o caminho de Roma, de onde logo saiu por doença grave. Em 1087 ainda celebrou um sínodo em Benevento, sua pátria, pois pertencia à família principesca dos condes Marsi, dessa cidade. Nesse sínodo foram proibidas as investiduras leigas (nomeação a postos eclesiásticos, feita por leigos), a simonia e a recepção de sacramentos das mãos dos ministros excomungados. Morreu em 16-9-87, no seu mosteiro. Vítor III permanece na História como o grande abade Desidério.



29 de julho — URBANO II (1088-1099) — Bem-aventurado

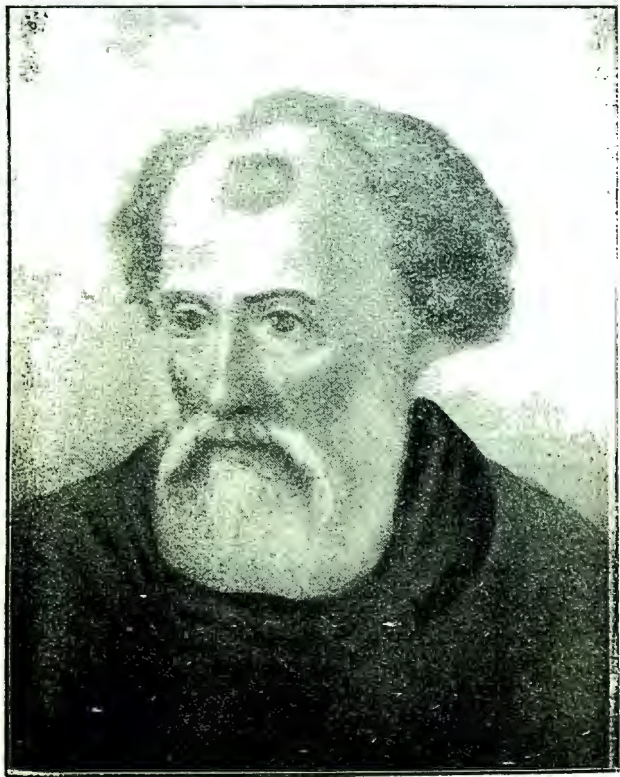
O beneditino francês Oto de Chatillon, bispo de Ostia, discípulo de Romualdo, chamou-se Urbano II. Sua eleição foi realizada em Terracina, porque Roma estava ocupada pelo antipapa Clemente. Fervoroso “gregoriano”, insistiu sempre nos direitos da Igreja e estivera prêso por ordem de Henrique IV. Êste, porém, foi derrotado pela Condessa Matilde em Canossa, onde buscaram refúgio seu próprio filho Conrado e sua segunda espôsa, a russa Praxedes, revoltados contra o imperador, que era mau pai e mau marido.

Urbano II foi o papa da 1.^a Cruzada. No concílio de Clermont o brado “Deus o quer” impulsionou mais de meio milhão de guerreiros à conquista da Terra Santa. Godofredo de Bouillon, duque da Baixa Lorena (Bélgica), Boemundo de Taranto, filho de Guiscardo, Tancredo de Siracusa, Raimundo de Tolosa, Roberto da Normandia, Hugo de Vermandois... foram bravos chefes. Vencendo a má vontade do imperador grego Aleixo, os Cruzados ganharam duas grandes batalhas e conquistaram Jerusalém (15-7-1099) aos muçulmanos. Bouillon recusou a coroa de rei, “onde Cristo levava uma de espinhos”, Urbano morreu em 29 de junho, antes de receber a grata notícia da conquista. Foi sepultado na cripta de S. Pedro. Grande inteligência, hábil orador, fino diplomata, Urbano foi também sacerdote de grande virtude. Pacificou os filhos do Guiscardo em luta pela herança paterna. Abençoou o casamento da Condessa Matilde, viúva do marquês Godofredo II, com o duque Welf da Baviera. Num sínodo estabeleceu como lei universal a “trégua de Deus”, que protegeu os Cruzados, os ausentes e os fracos, os comerciantes e os camponeses. Urbano II teve culto de santo na França, culto confirmado em 1881 por Leão XIII.



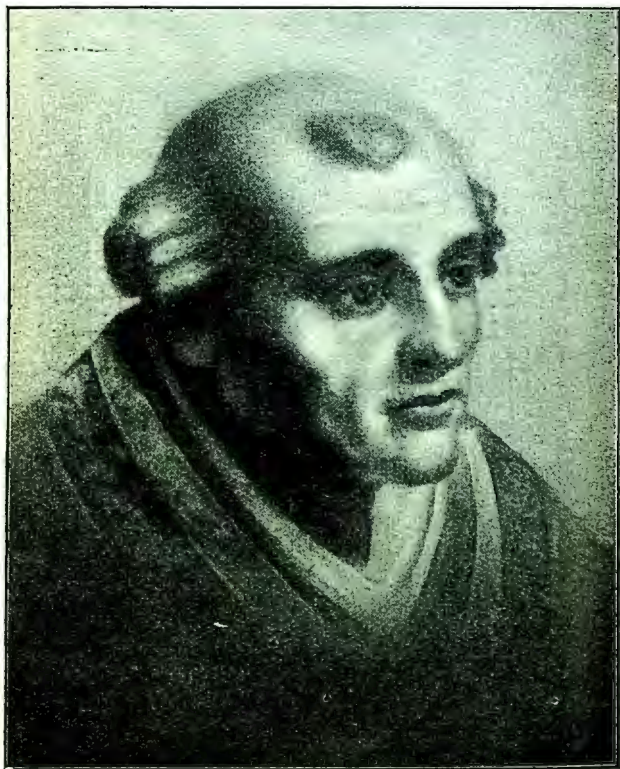
PASCOAL II (1099-1118)

O cardeal Rainério, nativo de Bleda (Viterbo), foi o papa Pascoal II. Fôra monge em Cluny e legado na Espanha. Consagrado em S. Pedro. Teve um pontificado agitadíssimo, que pôs à prova sua paciência. Dizia que, para levantar a quem cai, é preciso curvar-se, mas sem perder o equilíbrio. Foi molestado por imperadores e por quatro antipapas sucessivos! O imperador Henrique IV, que perseguira o Pai da Cristandade, foi perseguido por seus próprios filhos. O mais velho, Conrado, foi envenenado. O mais novo, Henrique V, após ser coroado pelo pai, contra êle se insurgiu de armas em punho, prendeu-o e obrigou-o a abdicar! O antigo adversário de Gregório VII morreu desgostado na guerra contra o filho. Pediu e recebeu os Sacramentos da Igreja. Seu corpo, cinco anos mais tarde, foi absolvido por Pascoal e sepultado na catedral de Espira. Henrique V enganou o papa e a condessa Matilde (que lhe permitiu passagem por suas fortalezas) e foi coroado imperador em Roma. Prepotente, prendeu depois o pontífice por dois meses a fim de lhe arrancar privilégios. Em tôda a Cristandade ergueram-se protestos contra a prisão do Papa. Os bispos de França induziram o arcebispo de Mogúncia (Alemanha) a excomungar o soberano. Êste aprisionou o arcebispo, libertado depois pelo povo. Henrique tentou então um acôrdo. Voltou depois à Itália, mas sua intenção era ocupar os territórios da "Grande Condessa", Matilde de Canossa, falecida em 24-7-15, uma das duas únicas mulheres sepultadas na basílica de S. Pedro (a outra: a rainha Cristina da Suécia). Pascoal, velho e enfêrmo, fugiu de Henrique, mas voltou com o apoio dos Normandos, para morrer em Roma, 21-1-18.



GELASIO II (1118-1119)

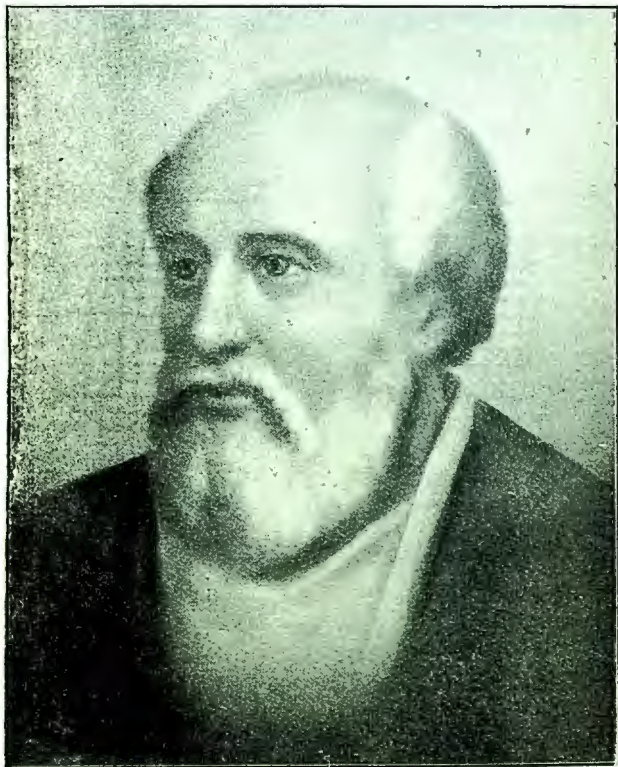
“A vida de Gelásio II, diz Gregorovius, foi mais uma prova de que a posição de um papa, colocado na mais alta posição da terra, é apenas um martírio”. João de Gaeta, monge de Monte Cassino, cardeal e Chanceler da Igreja, foi eleito papa com o nome de Gelásio II. Menino ainda, fôra oferecido por seus pais ao glorioso S. Bento, sendo abade Desidério (papa Vitor III). Ocupou cargos importantes. Mostrou-se fiel ao papa Pascoal, sendo um dos poucos que o não abandonaram no exílio e que o sustentaram na luta das investiduras. Chamado de seu Monte Cassino, foi eleito num conclave realizado no mosteiro do Palatino. Conhecida sua escolha, o partido imperial, chefiado por Cencio Frangipani, atacou à noite o mosteiro e arrombou as portas. Cencio agarrou o velho pontífice pelo pescoço, atirou-o ao chão, pisoteou-o, proferindo as mais obscenas injúrias. Foi Gelásio encarcerado, com pesadas correntes. O povo, porém, libertou-o pela manhã, festejando-o carinhosamente. Veio, então, Henrique V, o qual, ante a firme recusa do papa em lhe conceder “privilégios” abusivos, elegeu o antipapa Burdino, de Braga. Gelásio, apesar da idade, teve que fugir para Cápua, por mar, por terra, primeiro a pé e depois carregado pelos cardeais. Protegido pelos Normandos, viajou para a França, onde foi recebido como um santo. Morreu no mosteiro de Cluny, vestido de pobre monge, no duro chão, perdoando aos seus algozes, 29-1-19. Floresciam, então, os mosteiros. O abade Roberto de Solesmes fundava os Cisterciences (1098), ampliados pela adesão de S. Bernardo em Claraval (1112) e alhures. S. Bruno de Colônia fundara a Chartreuse (Cartuxa) em 1084.



CALISTO II (1119-1124)

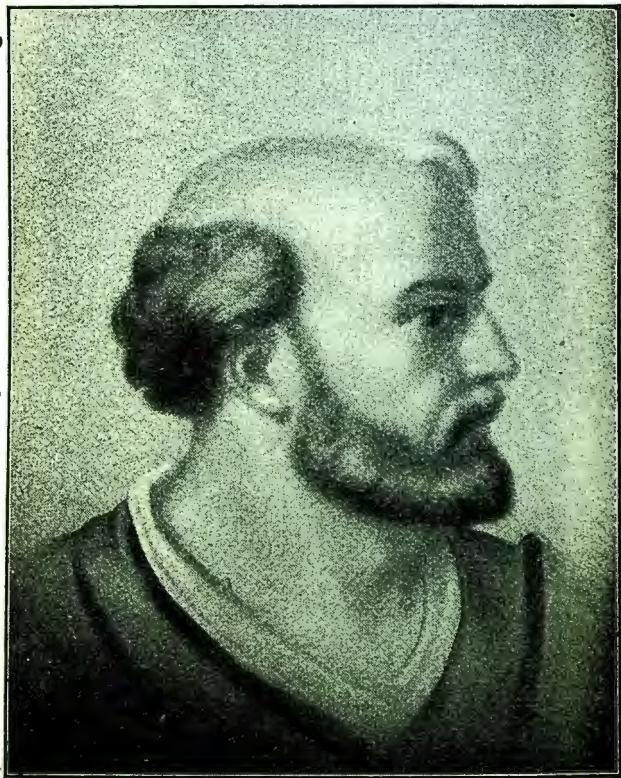
Bem diverso do infeliz Gelásio II foi seu sucessor, o francês Guido de Borgonha, sob o nome de Calisto II. Era filho do Conde Guilherme “Cabeça Corajosa”, emparentado com o rei da França e com o Imperador. Fôra legado de Pascoal II na Inglaterra. Como bispo de Vienne (França) condenara as investiduras leigas e excomungara Henrique V, mesmo sem esperar a confirmação do papa. Eleito em Cluny pelos cardeais, que acompanharam o desterrado Gelásio, foi confirmado por Roma, onde o receberam com festas extraordinárias: o povo esperou-o muito longe da cidade, com flores e hinos. Esgotados os meios pacíficos com Henrique V, que elegera um antipapa, Calisto reuniu um sínodo em Reims, com a presença do rei de França. Lançou então a excomunhão contra o imperador; os 430 prelados presentes, em sinal de assentimento, atiraram ao chão seus círios, pisando-os e apagando-os. Henrique V, ameaçado por seus príncipes, tornou-se conciliador. Em 1122 a Concordata de Worms pôs fim à questão das investiduras: a Igreja respeitaria os direitos (civis) do Imperador e este, os direitos (religiosos) da Igreja.

O cardeal de Ostia readmitiu Henrique na Igreja, deu-lhe o beijo da paz e a S. Comunhão. O papa escreveu belíssima carta ao imperador. Realizou depois em Roma o 9.º Concílio Ecumênico, 1.º Lateranense, com 300 bispos, estabelecendo ótimas normas: contra a simonia e o concubinato, contra usurpações leigas e casamentos proibidos, contra os falsários e os bandidos, a favor das Cruzadas, dos peregrinos e dos pobres. Este enérgico e sábio pontífice faleceu em 13 de dezembro. Henrique V seguiu-o meses depois e foi sepultado em Espira, junto ao pai.



HONÓRIO II (1124-1130)

A morte de Calisto II privou a Igreja de um homem cuja firmeza era necessária nos tempos férreos de então. Em seu lugar, por divergência dos partidos, foram eleitos dois candidatos, Tebaldo Boccasidipicora (bôca de ovelha), que se chamou Celestino II e o nosso Honório II, que era Lamberto, bispo de Ostia. Tebaldo, receando ser antipapa, renunciou humildemente. Lamberto, de família pobre, nativo de Imola (perto de Bolonha), acompanhara o papa Gelásio no exílio e fôra habilíssimo ministro de Calisto II na concordata de Worms, que pôs fim à questão das investiduras. A morte do imperador Henrique V deixara a Igreja em paz. Seu sucessor foi o rei Lotário, da Saxônia, o qual enviou uma embaixada a Roma, para obter a aprovação do Papa! Como se haviam mudado os tempos! Mais tarde Conrado de Hohenstaufen disputou a coroa a Lotário, e o papa excomungou o rebelde, como promotor de guerra injusta (1027). Honório foi árbitro entre os herdeiros do duque das Apúlias e exigiu que se respeitassem os direitos do cruzado Boemundo II, que militava na Palestina. Pacificou as cidades de Pavia, Cremona e Novara que guerreavam Milão. Resolveu questões religiosas na França, Inglaterra, Espanha, Escandinávia e nos grandes mosteiros de Cluny e Monte Cassino. Ocupou-se do caso do filósofo Abelardo (célebre por suas cartas a Heloísa) no sínodo de Sens. — Auxiliou S. Ildeberto de Tours e S. Noberto, fundador dos Premonstratenses, e outros homens de santidade, que pregavam a vida regular. — Em 1128 aprovou a Ordem dos Templários, destinada a proteger os peregrinos que iam a Jerusalém. Com S. Bernardo esforçou-se por auxiliar as Cruzadas. Morreu, virtuoso e sábio, em 13-2-30.

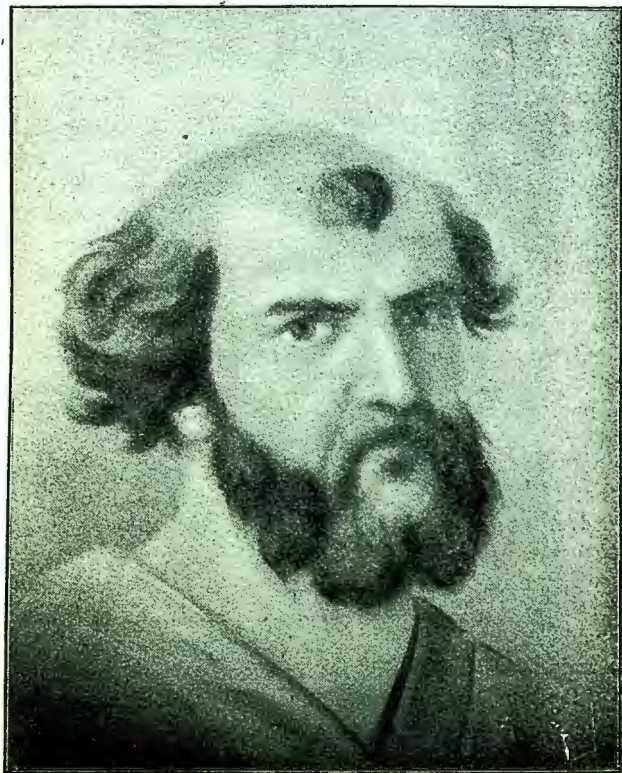


INOCÊNCIO II (1130-1143)

INOCÊNCIO II (1130-1143)

Agonizava ainda Honório II e duas famílias de Roma lutavam pela sucessão. Os Frangipani apoiavam os cardeais, cuja maioria elegeu Gregório Papareschi, com o nome de Inocêncio II. Possuía o eleito grandes dotes: integérrimos costumes, fé profunda e vivo zêlo pela santidade da Igreja. Desempenhara, com brilhantismo, importantes missões na França e na Alemanha. Tal homem seria intolerável aos maus. A família de Pierleoni — judeus convertidos — moveu os descontentes. Foi nomeado um antipapa com o nome de Anacleto II. Havia êle estudado em Paris e em Cluny, mas era acusado de ser escravo do dinheiro. Anacleto ganhou o forte apoio de Rogério II, duque da Sicília, promovendo-o a rei. Com as armas dos Normandos manteve-se oito anos num triste cisma. Inocêncio II foi reconhecido como verdadeiro papa por S. Bernardo, por S. Norberto, por Luís VI, rei de França, e por numerosos sínodos de hispos.

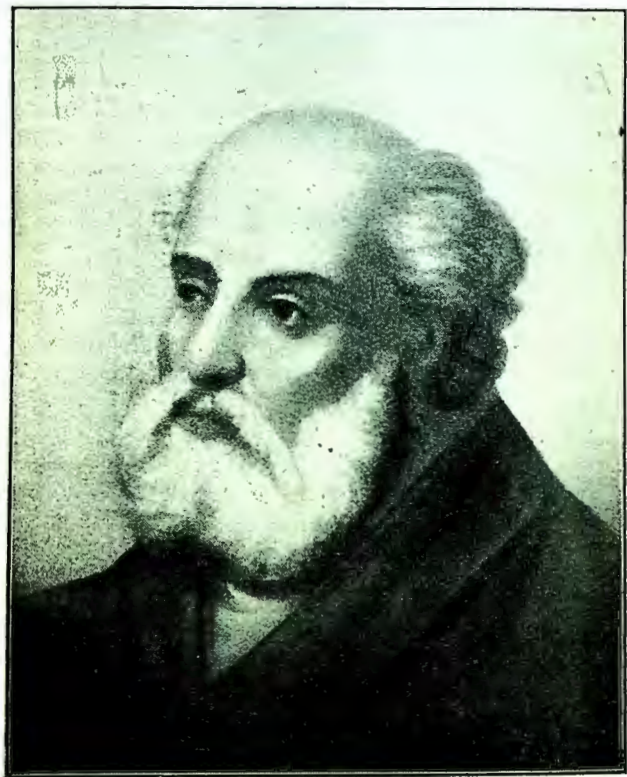
Em 1131 o papa encontrou-se com o rei francês em Orléans, depois com Henrique, rei da Inglaterra, em Chartres. Do papa receberam a coroa imperial, em Liège, o rei germânico Lotário e sua espôsa Rikenz. Assinou Inocêncio tratados com os reis de Aragão e de Castela. Lotário depois acompanhou o papa a Roma, mas não conseguiu que o pontífice amigo cedesse às suas excessivas pretensões. Inocêncio opôs-se também às exigências de Rogério II, que lhe moveu guerra e o aprisionou, mas afinal voltou às pazes com o papa que o reconheceu como rei da Sicília. Recebido triunfalmente em Roma, Inocêncio presidiu ao 10.º Conc. Ecumênico, 2.º Lateranense (1139). Provou, porém, a amarga ingratidão dos Romanos e morreu em 24-9-43, ouvindo o rumorejar do povo que proclamava a república.



CELESTINO II (1143-1144)

Guido de Castellis, de nobre família toscana, cardeal do título de S. Marcos, foi eleito na basílica Lateranense e consagrado em 26-9-44, com o nome de Celestino II. Eleição pacífica. Tinha vasta cultura. Fôra discípulo do célebre Abelardo e legado de Inocêncio II na França. Por meio de S. Bernardo — o oráculo da Igreja nesse século — recebeu a submissão de Luís VII, rei francês, que fôra excomungado por Inocêncio por ter interferido injustamente numa controvérsia entre bispos. O movimento das Cruzadas trouxera grandes modificações sociais. O Oriente absorveu parte da nobreza. O comércio floresceu. Cresceram cidades independentes, com uma burguesia ciosa de liberdade. Formavam-se os municípios e as associações de classe. Roma, cosmopolita, capital da Europa de então, estava sob essa influência política. De tal situação aproveitou-se Arnaldo de Bréscia, clérigo que pregava a violência como arma para obter as reivindicações populares. Arnaldo foi partidário fanático de Abelardo, que em Paris se defrontava com S. Bernardo, mas que afinal morreu em paz no mosteiro de Cluny (1142). Luís VII expulsou Arnaldo, de Paris. O rebelde passou pela Suíça, indo para Roma, em 1144, recomendado à bondade do papa pelo abade de Reichersberg. Mostrou-se, porém, mal agradecido, incitando o povo a excessos.

Celestino II governou cinco meses. Morreu em 8 de março, no mosteiro de Palladio. Com êste pontífice têm início as chamadas “profecias de S. Malaquias”, arcebispo de Armagh, na Irlanda († 1148), com previsões dos futuros papas até o fim do mundo. Julga-se que são mera invencionice do século XVI. (Ver Gregório XIV, no ano de 1590).



em retrato de **LÚCIO II (1144-1145)**

LÚCIO II (1144-1145)

Também Lúcio II reinou apenas alguns meses. Chamava-se Geraldo, era de Bolonha e cardeal da igreja da Santa Cruz de Jerusalém, em Roma. Inocêncio II nomeara-o chanceler e bibliotecário. Eleito em 14-3-44. Seu antecessor recusara-se a reconhecer os alegados direitos de Rogério II, rei da Sicília, adquiridos à força no tempo de Inocêncio. Os Normandos, até então fiéis vassalos da S. Sé, atacaram o Estado Pontifício e devastaram a Campânia. Do Império Germânico não podia Lúcio receber auxílio: Conrado III lutava com seus súditos. O norte da Itália via o crescer das “Comunas”, municípios independentes — sendo Milão o principal. Os Romanos sentiram-se atraídos para a nova forma de governo. Atiçados por Arnaldo de Bréscia, elegeram “patrício” a Giordano, irmão do antipapa Pierleoni. Em 1144 repurificaram o “Senado Romano”, e as antigas iniciais S. P. Q. R. (*Senatus Populus Que Romanus*) voltaram a imperar nos documentos. Contou-se “nova era” desse ano em diante.

A par dessas atividades políticas, os exaltados iniciaram outras: foram assaltadas as casas dos nobres e dos cardeais, depredadas as igrejas, exigida ao papa a renúncia às suas regalias e a todos os bens materiais da Igreja etc... Houve tumulto e luta. Lúcio, paternalmente, correu ao Capitólio para apaziguar os ânimos, mas foi atingido por uma pedra, morrendo na igreja de S. Gregório em 15-2-1145.

Zeloso, havia cuidado com muito carinho da Igreja em países longínquos por meio de numerosos legados e erigira numerosos mosteiros na Alemanha e na Itália.



8 de julho — EUGÊNIO III (1145-1153) — Bem-aventurado

Um humilde monge cisterciense foi papa com o nome de Eugênio III. Era abade do mosteiro de S. Vicente, em Roma. Chamava-se Pedro Bernardo. Era de Pisa. Houvera sido, em Claraval, discípulo de S. Bernardo, que lhe dedicou livros e conselhos admiráveis. Nem era cardeal, e sua eleição foi isenta de qualquer partidarismo. Eleito em 15-2-1145. Roma, entretanto, continuava agitada. O novo Senado exigia que o papa renunciasse a seus direitos sobre a cidade. Eugênio foi obrigado a retirar-se para Farfa, onde foi sagrado. Residiu oito meses em Viterbo. Em Roma os exaltados, interessados na apropriação dos bens da Igreja, aproveitam-se das exortações demagógicas de Arnaldo de Bréscia. Este clérigo revoltado pregava a pobreza à Igreja, exigia que ela “voltasse à vida apostólica” e invectivava contra os maus eclesiásticos. Tinha alguma razão em certos postulados, mas suas palavras violentas levaram os fanáticos a excessos: até os pobres peregrinos e romeiros foram roubados de seus poucos haveres! Nestas dificuldades, Eugênio viajou pela França e pela Alemanha, conseguindo impulsionar a 2.^a Cruzada, pregada por S. Bernardo. Tomaram a cruz Luís VII e Conrado III, reis daqueles países. A desunião entre os chefes a traição dos bizantinos e as doenças fizeram fracassar esta nova Cruzada (1148). Eugênio cuidou da pureza da fé. Realizou vários sínodos, convertendo hereges. Visitou pessoalmente a vidente S. Hildegarda, abadessa de Monte Rupert.

Em 1152 voltou a Roma, como mediador entre as facções. Acolheu com estima os enviados do novo rei germânico Frederico I, o Barba-Roxa. Eugênio teve um ano de paz em Roma. Morreu em Tívoli, 8-7-53, e foi sepultado com grandes honras em S. Pedro. O grande S. Bernardo, seu mestre, morreu um mês depois.



ANASTACIO IV (1153-1154)

ANASTÁCIO IV (1153-1154)

Sucessor de Eugênio III foi Conrado, filho do nobre romano Bento. Eleito aos 12 de julho de 1153, escolheu o nome de Anastácio IV. Fôra cônego regular e prior do convento de S. Anastácio, donde talvez a escolha de seu nome como pontífice. Em 1126 fôra nomeado cardeal bispo de Santa Sabina. Era, portanto, de idade avançada quando ascendeu ao sólio pontifício. Morreu em 3 de dezembro de 1154. Havia sido um dos eleitores de Inocêncio II, e ficara na Itália como seu vigário (substituto), quando os tumultos obrigaram êsse pontífice a fugir de Roma para a França.

Sua eleição realizou-se sem perturbações, e Anastácio conseguiu agradar a todos por sua conhecida e longa vida virtuosa. Aproveitou-se êle dessa paz para cuidar dos assuntos religiosos com mais atenção. Questões eclesiásticas e vida monástica ocuparam seu breve pontificado. O rei Frederico Barba-Roxa nomeou para arcebispo de Magdeburgo um tal Wickmann. Êste veio pomposamente a Roma para receber o pálio das mãos do papa. Anastácio então mandou que êle retirasse de cima do altar, a insígnia, “se julgava legítima em Deus sua nomeação”. Wickmann recusou... Anastácio confirmou Guilherme, arcebispo de York (Inglaterra), e enviou o cardeal de Albany (futuro Adriano IV) como pacificador à Suécia e à Noruega, com ótimos resultados. Sob a proteção do Papa floresciam então as Escolas por tôda a Europa. Célebre ao tempo de Anastácio, a Escola de Direito de Bolonha, com 12.000 alunos, base da futura Universidade, fundada por Werner sob a proteção da Condessa Matilde.



ADRIANO IV (1154-1159)

Nicolau Breakspear (quebra-lança), o único papa inglês, eleito por unanimidade em 4-12-54, escolheu o nome de Adriano IV. De família muito pobre, nasceu em Langley, Albany, Inglaterra. — Despedido de um convento por rigorismo, emigrou jovem para a França. Estudou no mosteiro de S. Rufo, em Avinhão. Eleito Abade em 1137, exigiu rígida observância. Uma comissão de monges descontentes foi a Roma queixar-se com Eugênio III. O papa, que conhecia o virtuoso, lhes disse: “Voltai, que Nicolau não é mais vosso abade: é o meu cardeal de S. Albany”. Adriano IV reprimiu a fúria dos sequazes de Arnaldo de Bréscia, que haviam até assassinado um cardeal. Lançou, pela primeira vez na História, o interdito (suspensão de cerimônias religiosas) à própria Roma! O povo, na Semana Santa, obrigou os rebeldes à submissão. — Frederico Barba-Roxa aproveitou-se dos tumultos romanos para escravizar as cidades organizadas em municípios livres. Antes, porém, quis aparentar religiosidade. Veio a Roma onde foi coroado imperador. Mandou executar o turbulento Arnaldo de Bréscia: — enforcado, queimado e as cinzas atiradas ao rio Tibre. O orgulhoso chanceler imperial, Reinaldo de Dassel, influiu malignamente no ânimo de Frederico, levando-o a atacar as cidades revoltadas contra os injustos governadores, e a romper com papa Adriano que defendia as cidades.

O chanceler chegou a alterar, na tradução, uma carta do papa, tornando-a ofensiva ao imperador. Adriano resistiu à perseguição. Junto a outros reis, porém, foi acatado pacificador. Morreu em Anagni, 1-9-59. Em seu pobre testamento recomendou à caridade das esmolas da diocese de Cantuária sua velha mãe, que lá vivia humildemente.



ALEXANDRE III (1159-1181)

“Um dos homens mais beneméritos da Idade Média, — diz Voltaire — ressuscitou os direitos dos povos e reprimiu os crimes dos reis”. Alexandre III chamava-se Rolando Bandinelli, de Siena, insigne jurista e teólogo, professor na Universidade de Bolonha, duas vezes legado de Adriano IV, cardeal de S. Marcos e chanceler da Igreja. Adversário de Frederico Barba-Roxa, sua eleição foi contrastada pelo partido imperial. O candidato vencido, Otaviano, arrebatou-lhe o manto papal e, apressado, vestiu-o às avessas, para correr pela basílica (apoiado por soldados de Frederico) e proclamar-se vencedor! O imperador pretendeu apoiar êsse louco ridículo, perseguiu as cidades livres, arrasou Milão! Os fugitivos fundaram a cidade de Alexandria, em honra ao seu protetor papa Alexandre, sob cujos auspícios fundou-se também a Liga Lombarda. O Barba-Roxa favoreceu três antipapas, mas foi derrotado na batalha de Legnano (1176). Seus duques ameaçaram abandoná-lo. Então Alexandre obteve o tratado de Veneza, com liberdade para as cidades, perdoou ao imperador, que se lhe tornou amigo, concedeu generosamente altos cargos aos antipapas depostos e ampla anistia a todos. Sempre o grande Pai da Cristandade!

Após sua vitória, Alexandre celebrou o 11.º Conc. Ecumênico, o 3.º Lateranense, com mais de 300 bispos de todo o mundo. Estabeleceu-se a maioria de dois terços de votantes para eleição do papa. Proibiram-se os duelos, os torneios perigosos e a escravização. Condenou-se a heresia dos Cátaros. O papa impôs penitência a Henrique II, da Inglaterra, pela morte do arcebispo S. Tomás Becket; abençoou Afonso, rei de Portugal; confirmou a Ordem da Certosa; canonizou S. Bernardo... Morreu em 30-8-1181.



LÚCIO III (1181-1185)

Nasceu em Lucca o bispo de Ostia e Velletri, cardeal Ubaldo Allucingoli, papa sob o nome de Lúcio III. Os três papas anteriores haviam-lhe confiado missões importantes na França, na Alemanha e na Sicília. Tratara com príncipes e soberanos o tinha muita experiência, aliada à virtude e piedade. Sofreu com a rebeldia dos habitantes de Roma, explorados por agitadores políticos. Os Romanos odiavam a cidade de Túscolo. Assediaram-na, cometendo atos de barbárie. Lúcio interferiu em favor de Túscolo, que era a perseguida. Os Romanos, então, depredaram as igrejas e atacaram o clero em sua cidade. Lúcio retirou-se para Verona, onde veio encontrá-lo o imperador Barba-Roxa, já readmitido à Igreja. Este imperador estivera outrora com forte exército às portas de Roma combatendo o papa Alexandre III. Deus humilhara seu orgulho: a peste devastou horrivelmente suas tropas; morreram seus mais valorosos duques e seus mais dedicados bispos simoníacos. O Barba-Roxa, até então invencível, pediu a paz. Lúcio III conseguiu pacificar as cidades da Lombardia com o imperador, respeitando-se os direitos dos Municípios.

Frederico desforrou-se destas perdas no norte, conseguindo no sul o casamento de seu filho Henrique com Constância de Altavilla, herdeira do reino de Sicília e Apúlias. Lúcio absolveu o rei da Inglaterra da censura imposta por Alexandre III, mas não morreu em paz com o imperador. Recusou ceder os direitos da Igreja sobre a herança que lhe deixara a Condessa Matilde; não reconheceu o arcebispo de Tréveris, arbitrariamente nomeado por Frederico, e se negou a coroar o príncipe herdeiro sem o consentimento dos eleitores. Morreu Lúcio em Verona e foi sepultado na catedral dessa cidade.



URBANO III (1185-1187)

Huberto Crivelli, milanês, da família dos condes de Domo e Lovello, cardeal de S. Lourenço, foi eleito papa Urbano III, em 25-11-85, no mesmo dia da morte de Lúcio III, e em Verona. Era arcebispo de Milão e conservou, como papa, essa diocese. Havia estudado em Bolonha, fôra arceidiago de Burges e feito cardeal por Alexandre III. Tendo sido auxiliar dêste grande papa, sua escolha foi mal recebida por Frederico Barba-Roxa. O imperador usurpou os bens deixados à Igreja pela Condessa Matilde, dispôs arbitrariamente de conventos de freiras, deixou a leigos a percepção dos dízimos, expulsos bispos nomeados pelo papa . . . Pretendendo absorver tôda a Itália, casou seu filho Henrique com a herdeira do reino da Sicília. O papa censurou os bispos que haviam celebrado a cerimônia e coroado Henrique.

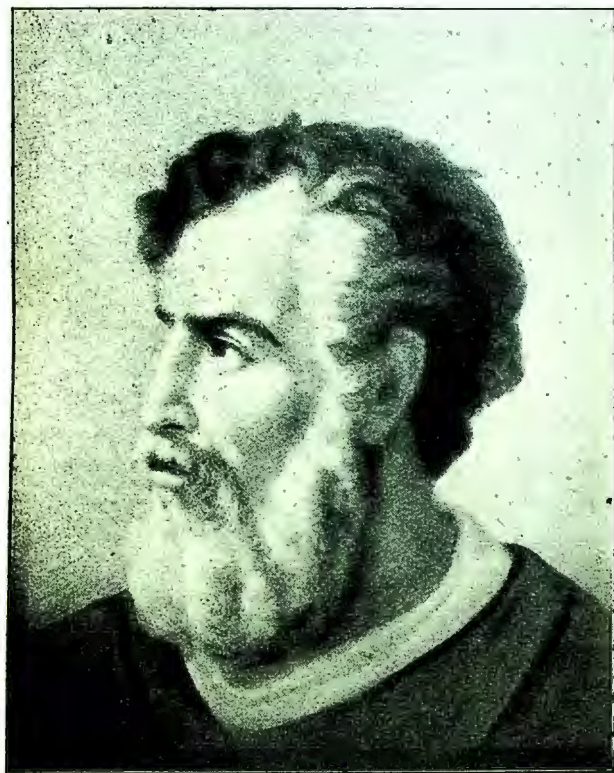
A situação tendia a piorar, quando caiu sôbre a Europa a notícia desoladora: Jerusalém, a cidade santa, conquistada com tantas fadigas e sangue dos Cruzados, sucumbira aos ataques do célebre sultão Saladino! O reino cristão da Palestina durara 88 anos. Em Hattin, perto de Tiberíade, os muçulmanos haviam esmagado o bravo mas imprudente e desunido exército dos cavalheiros cristãos. Comoveu-se a Cristandade em lágrimas de brio e de tardio arrependimento! Esqueceram-se as questões particulares e Frederico Barba-Roxa jurou dirigir uma Cruzada. Urbano III morreu em Ferrara, onde foi sepultado. Morreu de dor pelos desastres na Terra Santa; foi-lhe porém poupada, por falta de tempo (faleceu em 10 de outubro) a notícia do mais triste desastre, a queda de Jerusalém, ocorrida em 3 de outubro dêsse ano de 1187.



GREGÓRIO VIII (1187)

O sucessor de Urbano III foi Alberto de Mora, nascido na cidade de Benevento. Chamou-se Gregório VIII. Foi eleito em Ferrara, onde seu antecessor havia falecido. Homem culto, antigo professor em Bolonha, legado pontifício na Hungria e na Inglaterra, chanceler da Igreja, escrevera algumas obras de valor. Reformou o estilo usado nos documentos pontifícios. Fundou em S. André de Benevento um instituto de cônegos regulares, ditando-lhes um regulamento rico de espírito religioso e de prudentes conselhos. Gregório possuía a rara condição de ser benquisto ao imperador. Tentou pois uma conciliação entre o Barba-Roxa e a Igreja. Escreveu-lhe cartas amistosas e recebeu uma embaixada imperial. As condições da Igreja eram gravíssimas. Gregório programou radicais reformas na cúria romana e no clero em geral. Escreveu aos bispos, recordando-lhes o dever de se manterem em contínua correspondência com Roma, para renovação da disciplina eclesiástica e da santidade de costumes.

Gregório, apesar da avançada idade, viajou até Pisa, para reconciliar essa cidade com a república de Gênova e animá-las à planejada Terceira Cruzada. Ele, de fato, ordenou orações públicas e proclamou a "Trégua de Deus" por sete anos, a fim de que os barões cristãos olvidassem suas questões e lutas particulares e pensassem seriamente na reconquista do Santo Sepulcro de Cristo na Terra Santa. Passando por Lucca, seu séquito abriu o túmulo do antipapa Otaviano, que se intitulara Vítor IV, e atirou os ossos fora da Igreja. Ato compreensível naqueles tempos, mas sempre reprovável. Morreu Gregório, em Pisa, em 17-12-87.



CLEMENTE III (1187-1191)

O romano Paulo Scolari, bispo de Palestrina, foi eleito papa, em Pisa, no dia 19-12-1187. Coroado no dia seguinte na catedral daquela cidade, chamou-se Clemente III. Conseguiu restabelecer a paz entre o papado e a república romana. Desde os tempos de Arnaldo de Bréscia que os Romanos combatiam o poder temporal dos papas, obrigando-os a um contínuo e longo exílio. A população da cidade reconhecia afinal que o governo paternal do pontífice trazia mais sossego e paz que os turbulentos "patrícios". Clemente foi recebido com grande júbilo em Roma. Deu posse ao Senado no Capitólio, cunhou moeda e restaurou os muros da cidade. Empenhou-se logo em prol da Cruzada. Felipe Augusto de França e Henrique II da Inglaterra reconciliaram-se e decidiram participar da empresa. O rei inglês morreu nos preparativos, mas seu filho Ricardo continuou a arregimentar forças. Frederico Barba-Roxa também partiu para a Terra Santa. Excelente chefe militar, levou 100.000 homens bem organizados. Apesar da oposição do imperador grego Isaque Ângelo, atravessou a Anatólia e a Armênia, porém afogou-se no rio Salef (1190) por imprudência. Suas tropas continuaram a viagem, desanimadas. Assim mesmo, unidas aos franceses e ingleses, conquistaram Ptolemaide, chamada São João de Acre, a maior fortaleza muçulmana. Desavieram-se, porém, os reis Felipe e Ricardo Coração de Leão e a 3.^a Cruzada não teve o êxito que se esperava de reis de exércitos tão poderosos. O espírito independente dos senhores medievais não permitia uma ação conjunta eficiente. Ricardo deixou nome legendário na Palestina. Clemente III morreu em março de 1191.



CELESTINO III (1191-1198)

Jacinto Bobo, da rica família dos Orsini, foi eleito papa e sagrado em Roma, com o nome de Celestino III e com a idade de 85 anos. Morreu em 8-1-1198 com 92 anos. — Estava então em Roma o imperador germânico. No dia seguinte à sua coroação, 14 de abril, Celestino coroou o soberano, Henrique VI, e sua esposa Constância. O imperador, porém, manchou seu governo logo de início: permitiu aos Romanos a destruição da rival cidade de Túsculo (cidade de M. Túlio Cícero), que foi arrasada, sendo seus habitantes dizimados. Os que escaparam construíram depois palhoças (*frasche*), donde o atual nome de Frascati. — Henrique pretendeu conquistar a Sicília aos parentes de sua esposa, mas uma epidemia abateu seu exército, e a imperatriz, aprisionada, só foi restituída à liberdade pela interferência enérgica do papa. Voltou mais tarde Henrique e conseguiu conquistar o sul da Itália à custa de atrocidades, — inclusive cegar o jovem e legítimo soberano, enquanto procurava iludir o papa com as promessas de uma Cruzada. Permitiu que seu súdito, o duque Leopoldo da Áustria, prendesse e conservasse no cárcere o glorioso Ricardo Coração de Leão, rei da Inglaterra, que voltava da Terra Santa! O papa Celestino excomungou Leopoldo e ameaçou o imperador. Este morreu aos 32 anos de idade, após ver fracassados seus ambiciosos planos. O papa foi também inflexível com Felipe Augusto da França, que se separara da infeliz rainha Ingeburg e até obtivera divórcio num sínodo de bispos adutores do rei. Celestino consagrou belas igrejas em Roma. Protegeu mosteiros. Favoreceu as Ordens Militares: Templários, Hospitalários e Teutônicos. Canonizou S. João Gualberto, fundador de Valeumbrosa.

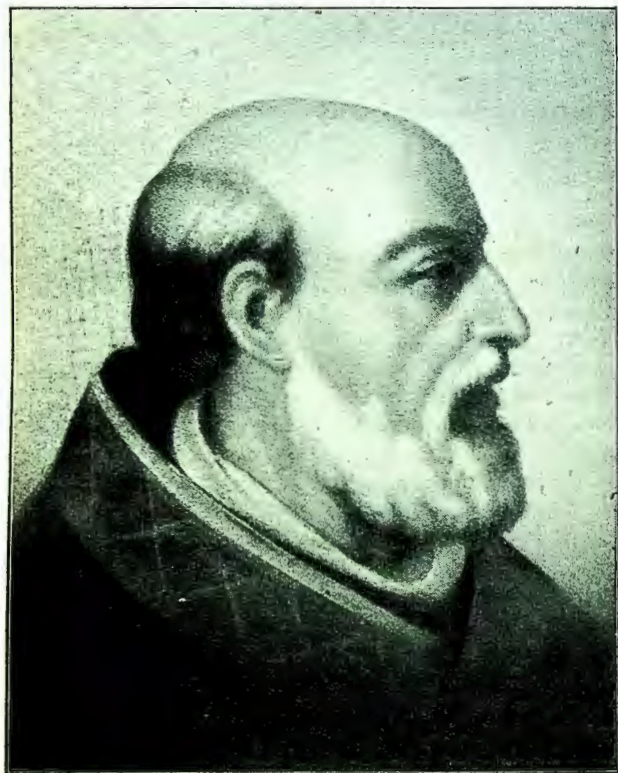


INOCENCIO III (1198-1216)

INOCÊNCIO III (1198-1216)

O cardeal Lotário Conti, dos condes de Segni, obteve votação unânime para se tornar, aos 38 anos de idade, o célebre papa Inocêncio III (8-1-98). Nasceu em Anagni. Formou-se em Teologia em Paris, e em Direito por Bolonha. Seu programa: reavivar o sentimento religioso, extirpar abusos, pacificar os príncipes, salvar a Igreja no Oriente. Começou por reformar a Córte Pontifícia. Recenseou o povo. Favoreceu as classes média e pobre. Impôs-se em Roma. // No Império Germânico pôs fim à grande guerra civil: — Oto IV casou-se com a filha do adversário e foi coroado em Roma. Tendo, porém, sido perjuro, foi excomungado, deposto e substituído por Frederico II, por decisão do papa. // Na França Felipe Augusto viu-se obrigado a readmitir a legítima e abandonada esposa Ingeburg. // O mau rei inglês, João Sem-Terra, submeteu-se ante a excomunhão que lhe faria perder o trono. Os barões ingleses tiveram então a *Magna Charta* (leis e liberdade). // Na Espanha o papa desfez o casamento de Afonso IX com uma parenta, negou o divórcio impetrado por Pedro II de Aragão e auxiliou a vitória de Navas de Tolosa (1212), na qual os reis cristãos quebrantaram para sempre o poderio árabe. // No Oriente Inocêncio viu com indignação a 4.^a Cruzada transformar-se na ambiciosa conquista de Constantinopla (1204). E viu com tristeza perder-se miseramente a imprudente Cruzada das Crianças (milhares de meninos que a esmo. partiram).

Combateu os hereges Albigenses no Sul da França. Aprovou as emprêsas dos grandes Santos, Domingos de Gusmão e Francisco de Assis, colunas da Igreja. Celebrou o 12.^o Concílio Ecumênico, 4.^o Lateranense, com 1200 conciliares. // Morreu o grande pontífice em Perúgia, aos 16-6-1216.

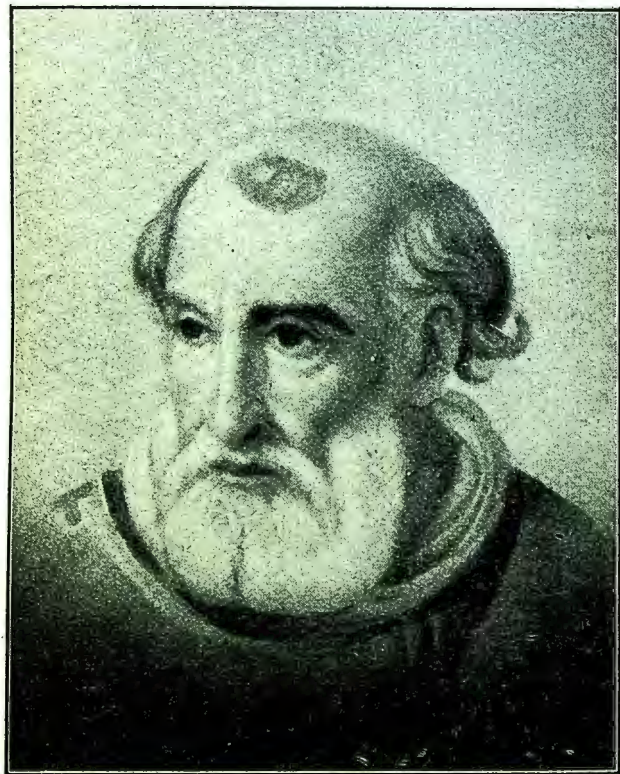


HONÓRIO III (1216-1227)

HONÓRIO III (1216-1227)

O romano Cencio Savelli, filho de Amalarico, foi eleito em Perúgia, 18-7-1216, chamando-se Honório III. Como administrador da Câmara Apostólica, o cardeal Savelli organizou o “libro dei Censi”, — precioso registro de rendas, de documentos de doações e privilégios, — o “Ordo Romanus”, ritual para as cerimônias da coroação de papa e de príncipes etc... Honório já estava muito idoso. Era venerado por todos. Continuou com zêlo as realizações de Inocêncio III. Coroou em Roma dois imperadores: Pedro de Constantinopla e Frederico II da Germânia — Oriente e Ocidente! Na 5.^a Cruzada (1218) Leopoldo da Austria e João de Brienne, rei de Jerusalém, venceram o sultão do Egito, mas o imperador Frederico faltou ao jurado auxílio e apenas negociou umas vantagens transitórias para os Cristãos na Terra Santa (1229).

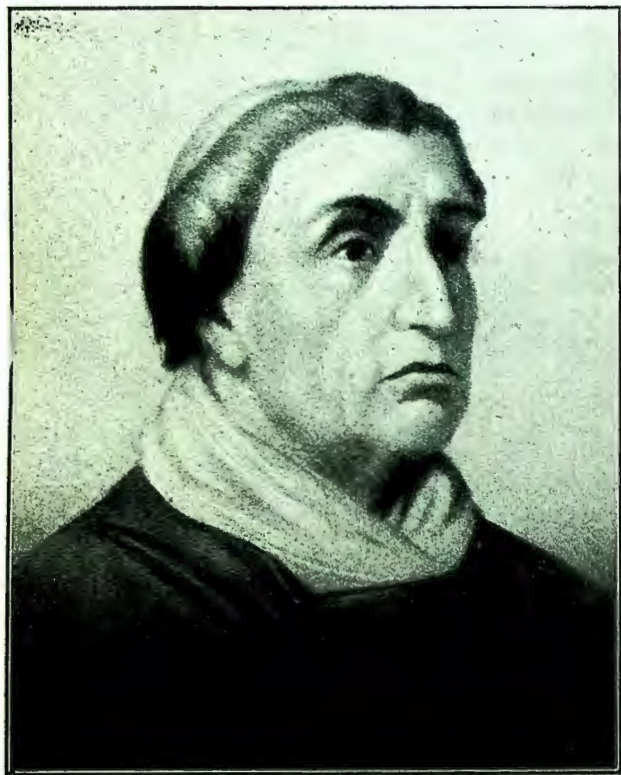
Honório pacificou nova e cruel guerra entre Gênova e Pisa e libertou os prisioneiros. Com zêlo fomentou a difusão do Cristianismo por meio dos reis Henrique III da Inglaterra, Valdemar da Dinamarca e Henrique da Suécia. Enviou legados à Polônia e à Rússia. Exortou com sábios conselhos a São Fernando, rei de Castela, na luta contra os Mouros para a libertação da Espanha. Defendeu a integridade do matrimônio no caso de Bela da Hungria. Aprovou a Ordem dos Pregadores (22-12-1216), de S. Domingos de Gusmão, a quem deu o título de “mestre do Palácio”. Sancionou em 29-11-1223 a Regra da Ordem dos Frades do “Poverello” Francisco de Assis († 1226). Dominicanos e Franciscanos foram válido apoio à Igreja, e o nome de Honório III só por êsses atos mereceria a memória dos séculos. Morreu o pontífice em 18-3-27, sendo sepultado em S. Maria Maior (Roma).



GREGÓRIO IX (1227-1241)

GREGÓRIO IX (1227-1241)

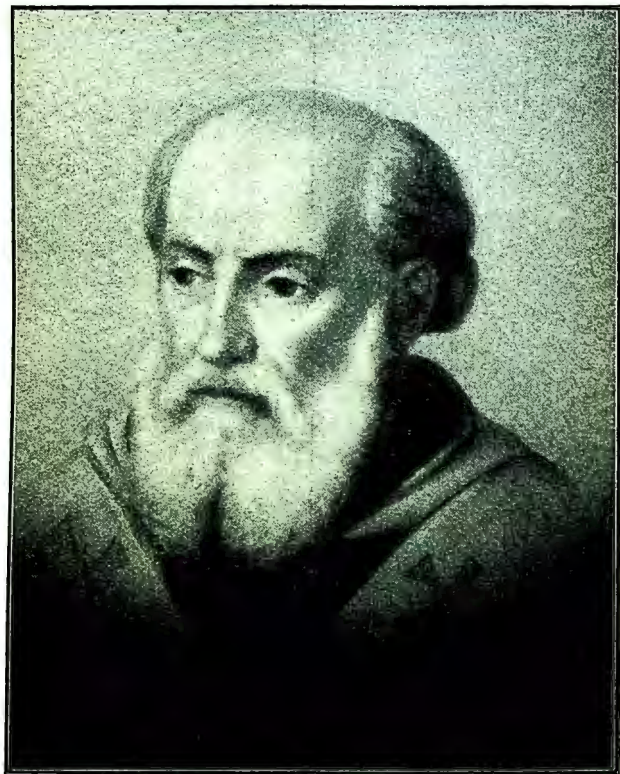
Em 19-3-1227 foi eleito em Roma o papa Gregório IX. Chamava-se Ugolino, era cardeal bispo de Ostia, da família dos Conti, de Anagni. Era parente de Inocêncio III, de quem foi digno êmulo em grandes emprêsas. Tinha 83 anos e morreu quase centenário. Eleito, escreveu logo ao imperador Frederico II lembrando-lhe o juramento feito de partir para a Cruzada e a necessidade de mudar sua vida dissoluta. Frederico tentou iludir o Pontífice, contemporizando; entrementes se apropriava de terras alheias e destruía as heróicas cidades livres do norte da Itália, auxiliado pelo sanguinário Ezzelino. E os Cruzados pereciam! O papa convocou um concílio, mas Frederico mandou prender, em alto mar, 300 bispos franceses e inglêses, e assediou pessoalmente Roma! Então o velho pontífice mandou realizar uma solene procissão com a relíquia da Santa Cruz, e o povo, empolgado de um súbito entusiasmo, correu às armas e repeliu o exército imperial. Entretanto, quando o príncipe Henrique se rebelou contra Frederico, o papa defendeu os direitos do pai e soberano, e excomungou o filho revoltoso. Em 21-8-41 descansou o indomável pontífice, enfrentando ainda, apesar dos seus 98 anos, o inimigo em armas. Foi autor das célebres "Decretais". Organizou, contra os herejes, os tribunais da Inquisição, confiando-os aos Dominicanos. Aprovou algumas obras de Aristóteles como subsídio à filosofia cristã. Apoiou a reforma dos Cluniacenses e confirmou a Ordem dos Mercedários (redenção dos cativos). Canonizou S. Francisco de Assis (16-7-28), S. Antônio de Pádua (30-5-32), S. Domingos (13-7-34) e S. Isabel de Turíngia (maio de 35). Enérgico, Gregório defendeu o rei da Inglaterra contra seus barões e manteve os direitos da Igreja até contra o Santo Rei, Luís IX de França.



CELESTINO IV (1241)

CELESTINO IV (1241)

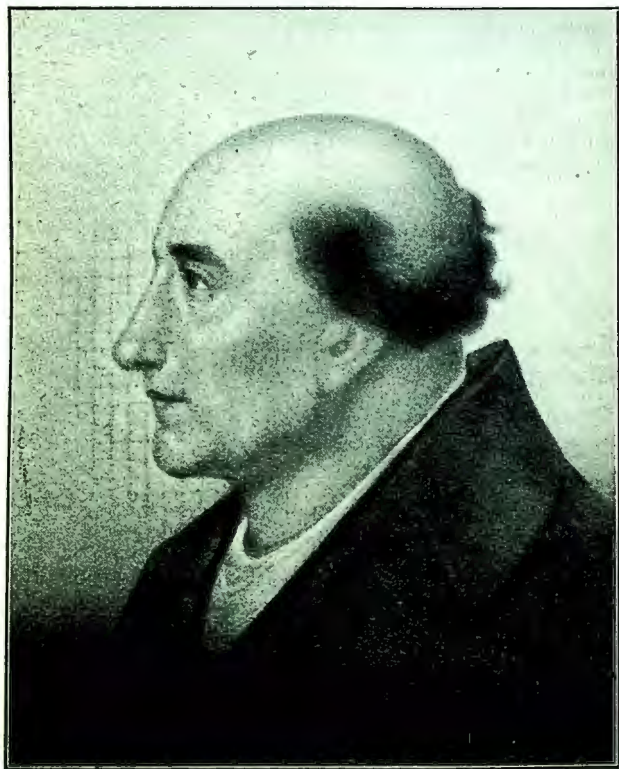
O imperador Frederico II, então todo-poderoso na Europa, anunciou jubiloso a morte de seu antagonista, o papa Gregório IX. Esse júbilo bem demonstra o valor da Sé de Pedro, pois o papa falecido era um inerte ancião, quase centenário. O papa falecido havia convocado um concílio. O imperador fizera atacar as naves genovesas que transportavam centenas de prelados. Morreram alguns no combate naval e outros nas prisões. Foram libertados apenas os franceses, em vista da enérgica intervenção de S. Luís IX da França. Frederico assediava ainda Roma. Morto Gregório, o imperador permitiu aos cardeais presos que tomassem parte no conclave, sob a condição de voltarem à prisão — o que os eleitores fizeram conscienciosamente. O Senado romano, receando a continuação da guerra, encerrou os cardeais no Mosteiro de Septigônio para uma rápida eleição. Assim mesmo houve demoradas discussões entre “gregorianos”, decididos a resistirem ao imperador, e os moderados, que propunham um acordo. Após a clausura forçada, em que morreu um cardeal velho e doente, foi eleito o também doente e velho Godofredo, milanês, filho de João Castiglioni, e sobrinho do papa Urbano III. O eleito assumiu o nome de Celestino IV. Havia sido monge cisterciense em Altacomba, onde escreveu a História do Reino da Escócia. Fôra depois cardeal de São Marcos e bispo de Sabina. Velho e enfêrmo, escolhido talvez por isso mesmo, para se ganhar tempo, morreu dezessete dias depois, sem haver sido coroado. Foi sepultado na basílica de São Pedro. Não teve tempo de cuidar do problema urgente da libertação e independência do governo pontifício na asediada Roma.



INOCENCIO IV (1243-1254)

INOCÊNCIO IV (1243-1254)

A morte de Celestino IV a Santa Sé ficou vaga por quase dois anos, porque o imperador Frederico II retinha presos vários cardeais e cercava Roma. Só em 25-6-1243, em Anagni, foi eleito o cardeal Sinibaldo dei Fieschi, genovês, conde de Lavagna, que escolheu o nome de Inocêncio IV. Estudara Direito em Bolonha e foi um dos maiores juristas de seu século. Caráter firme, exigiu do imperador que libertasse os prelados presos e anulou as nomeações feitas por Frederico. Prevenindo uma emboscada do partido imperial, fugiu para a França, onde reuniu (1245) no imponente 13.º Conc. Ecumênico, 1.º Lugdunense, reis, bispos e príncipes. A fuga do pontífice comoveu o mundo cristão e vibrou duro golpe na dignidade do imperador, o qual então enviou representantes que o defendessem no concílio. O papa, nessa reunião, lamentou os pecados do Clero, a mísera condição dos Cristãos na Palestina, a ferocidade dos Tártaros que haviam invadido a Hungria, as lutas contra Frederico e os pecadores em geral. Pregou a Sexta Cruzada, à qual apenas S. Luís, rei de França, deu completo apoio: rumou para o Egito, derrotou os Muçulmanos, ocupou Damietta, mas caiu prisioneiro por imprudência de seus afoitos barões (6-4-1250). Impressionou fortemente os inimigos por sua santidade. Livre, resgatou milhares de cristãos na Terra Santa. Frederico II continuou suas atrocidades, morrendo em 1250; confessou-se ao arcebispo de Palermo e foi sepultado na catedral dessa cidade. Inocêncio enviou missões aos Mongóis. Aprovou a Ordem dos Silvestrinos e os Servos de Maria de Florença. Confirmou aos Eslavos o uso da língua nacional nos officios divinos. Morreu em Nápoles, 7-12-1254.



ALEXANDRE IV (1254-1261)

O cardeal Reinaldo, dos condes de Segni, de Anagni, sobrinho de Gregório IX, foi eleito papa com o nome de Alexandre IV, em Nápoles, onde morrera seu antecessor Inocêncio IV. — Homem integérrimo, mas debilitado pela avançada idade, não teve a energia necessária ao seu tempo. Não conseguiu dominar uma rebelião contra o prefeito de Roma e partiu para Anagni. No norte da Itália o terrível e feroz Ezzelino morria miseramente. No sul, Manfredi, descendente de Frederico II, usurpava o trono da Sicília a seu sobrinho Conradino e era excomungado por Alexandre, mas tomava vingança hostilizando em Roma o papa, que morreu em Viterbo, 25-5-1261.

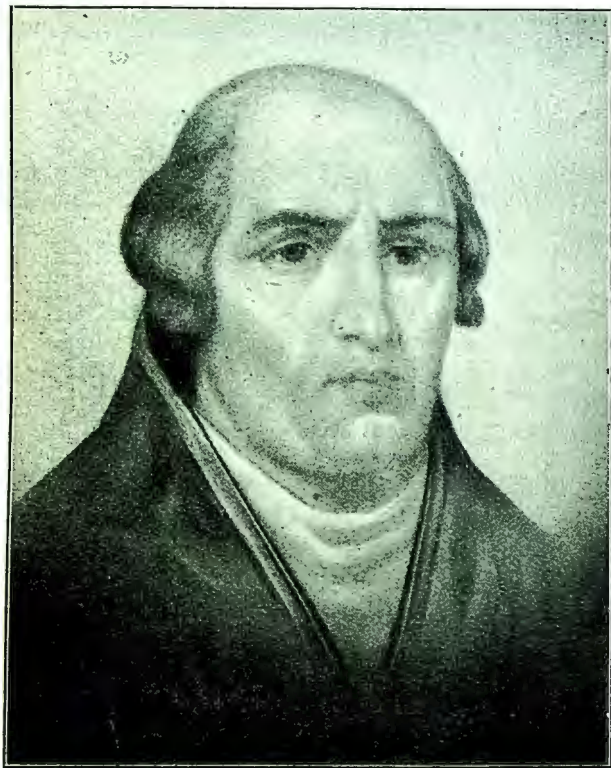
Fenômeno curioso dêsses tempos: a seita dos Flagelantes. Um terror estranho espalhou-se pelo centro da Itália: bandos de escaveirados devotos, semi-nus, atravessavam as cidades e os campos, flagelando-se a sangue, pregando a penitência e invocando a misericórdia divina. Surgiram também teorias e práticas religiosas extravagantes como a dos “Apocalípticos”. Até o 7.^o Geral dos Franciscanos escreveu um livro, condenado por extremista. Alexandre IV, porém, defendeu os Mendicantes Franciscanos. Como cardeal havia pregado nos funerais da Fundadora das Clarissas (11-8-1253); como papa, canonizou-a: — Santa Clara, de Assis. Grande foi a atividade dêste papa pelas Missões e pela união da Igreja Grega; estava em tratativas com o imperador bizantino Teodoro para o bom govêrno dos católicos na Rússia, quando faleceu. Nota-se a boa vontade de todos os Papas em fazer voltar as ovelhas dispersas ao Rebanho de Um só Pastor.



URBANO IV (1261-1264)

Reunidos em Viterbo, os cardeais eleitores escolheram um eclesiástico francês, não cardeal: Jacques de Troyes, natural da Champanha (França). De família paupérrima, Urbano IV jamais se envergonhou de ser filho de um sapateiro, recordando muitas vezes a bondade de Deus que o elevara ao pontificado. Com esforço estudou em Paris. Foi arcebispo de Liège, arcebispo de Verdun e patriarca de Jerusalém em 1255. Nunca esteve em Roma. Toda a Itália dividia-se então em dois partidos: Guibelinos imperiais e Guelfos, nacionalistas, pontifícios. Entre os dois partidos interferiu o astuto Carlos de Anjou, muito diferente, em caráter, de seu irmão S. Luís de França. Iludiu Carlos ao papa, apontando-lhe as visíveis desgraças da luta civil e fratricida. Conseguiu assim, impulsionado pela ambiciosa esposa Beatriz de Provença, apresentar-se como campeão da paz na Itália... para fundar um reino em proveito próprio.

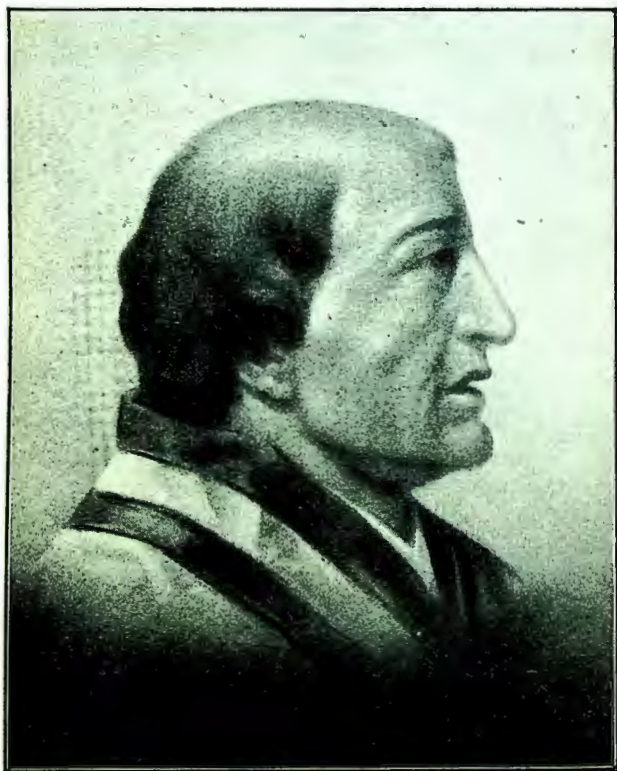
Urbano IV foi escolhido como árbitro por Afonso de Castela (Espanha) e Ricardo de Cornália (Inglaterra), pretendentes à coroa imperial da Alemanha. Enquanto, porém, atendia a essa importante pendência, faleceu o papa aos 2-10-64 em Perugia, em cuja catedral foi sepultado. Urbano, sábio e prudente, recomendou aos tribunais da Inquisição normas de justiça e moderação. Em 1264, nos últimos meses de seu pontificado, coroou sua vida com a instituição, para a Igreja Universal, da festa do Corpo de Deus (Corpus Christi). O devoto ofício dessa festa, e particularmente os magníficos hinos, foram escritos por S. Tomás de Aquino, o excelso e profundo Mestre, “o mais sábio dos Santos e o mais santo dos Sábios”.



CLEMENTE IV (1265-1268)

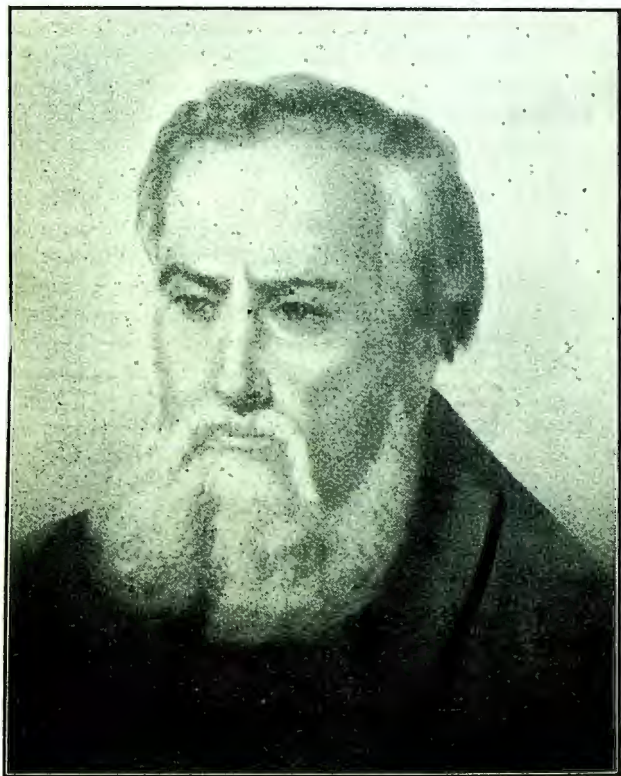
Outro francês, Guy Le Gross Foucauld de Saint Gilles, da Provença, no pontificado. Estava ausente por ser legado pontifício. Foi eleito e coroado em Pérugia. Chamou-se Clemente IV. Havia sido magistrado do rei Luís IX de França. Era excelente jurista. Enviuvando, fêz-se eclesiástico. Foi bispo de Puy, arcebispo de Narbona e, em 1262, cardeal de S. Sabina. Já idoso e amante da paz, Clemente aceitou a tiara com relutância. Opôs-se ao rei usurpador Manfredi e apoiou Carlos de Anju na conquista do sul da Itália. Manfredi morreu em combate. Seu sobrinho, o jovem e infeliz Conrado de Suábia, morreu da Alemanha e, contra os conselhos do papa, proclamou-se rei da Sicília e em Roma foi aclamado imperador. Vencido, porém, em Tagliacozzo (1268), fugiu, foi traído pelo romano João Frangipani e vendido a Carlos. O indigno irmão de S. Luís mandou decapitar o jovem Conrado, de 16 anos, neto de imperadores, o qual morreu cristãmente, como um bravo, lamentando apenas a sua morte que sofreria sua mãe!

Outras crueldades do rei Carlos de Anju granjearam-lhe um ódio implacável e duradouro e causaram imensa amargura ao papa Clemente, que calculara mal as consequências de seu decisivo apoio ao impassível Anju, surdo às exortações do pontífice. Clemente tentou resolver a questão da coroa imperial germânica, disputada pelos dois reis eleitos, Ricardo de Inglaterra e Afonso de Castela, mas não teve tempo, morrendo em Viterbo, 29-12-1268. Foi sepultado na igreja dos Dominicanos, onde sempre residira. Com suas bênçãos ainda combatiam Cruzados na Terra Santa.



10 de janeiro — GREGÓRIO X (1272-1276) — Bem-aventurado

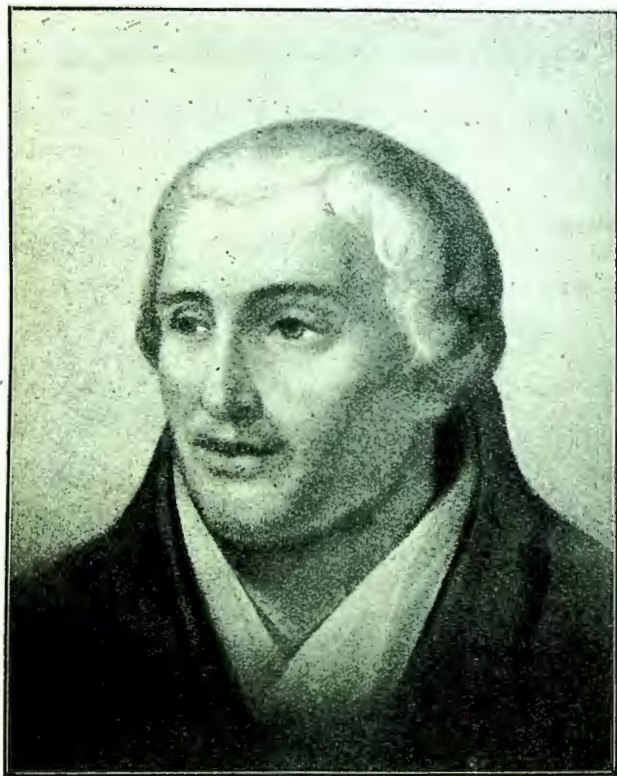
À morte de Clemente IV a Europa estava em grande fervor religioso, empanado por grave crise política. O Império tinha dois pretendentes em luta. À Itália repugnava Carlos de Anju. Roma tumultuava. A França curvava-se ante o tremendo golpe da morte de S. Luís IX, que sucumbira de peste, com seu exército, na conquistada Túnis, final melancólico da 7.^a e última Cruzada. A Hungria e a Rússia eram devastadas pelos Tártaros. Na Espanha continuava a luta de reconquista contra os Árabes. // Nessas circunstâncias, após três anos de vacância, foi eleito papa Teobaldo Visconti, de Piacenza. Achava-se então em S. João de Acre com seu amigo o príncipe Eduardo da Inglaterra. Acompanhado pelo Anju, recebeu a coroa papal em Roma e adotou o nome de Gregório X. Pacificou o Império, aconselhando nova eleição, em que surgiu escolhido o conde Rodolfo, tronco da poderosa dinastia dos Habsburgo. Recriminou a cruel política de Carlos de Anju, rei da Sicília. Convocou o 14.^o Concílio Ecumênico, o 2.^o em Lião, com a presença de reis, príncipes e 500 prelados. Realizou então com o imperador Miguel Paleólogo a união da Igreja Grega. Batizou três embaixadores do Grão Khan dos Tártaros. Estabeleceu que se procedesse rapidamente à eleição do papa, na cidade onde houvesse falecido o anterior pontífice. Para tal seriam os cardeais encerrados (conclave); impor-se-lhes-ia um jejum progressivo para apressar a escolha. // Gregório convidou S. Boaventura, geral dos Franciscanos, para o Concílio, do qual o Santo foi oráculo e orador notável († 15-7-74). Convidou também o grande S. Tomás de Aquino, o qual porém, morreu em viagem, em Fossanova, aos 7-3-74. Gregório faleceu em Arezzo, 10-1-1276, em cuja catedral foi sepultado, venerado como santo.



22 de junho — INOCÊNCIO V (1276) — Bem-aventurado

Em Arezzo, cidade toscana ao norte de Roma, foi eleito em 21-1-1276 o dominicano francês Pedro de Tarantásia, da Savóia, consagrado em Roma sob o nome de Inocêncio V. Tinha 51 anos de idade. Era de família nobre e ilustre. Entrara muito jovem na Ordem dos Pregadores, da qual foi o primeiro Sumo Pontífice. Amigo dos grandes mestres Alberto Magno e Tomás de Aquino, escreveu obras filosóficas, teológicas e bíblicas. Sucedeu a S. Tomás como regente da Universidade de Paris; foi depois provincial e Superior Geral dos Dominicanos. Gregório X nomeou-o arcebispo de Lião, a fim de serenar as discórdias nessa cidade. Foi depois arcebispo de Óstia e cardeal decano do Sacro Colégio.

No grande concílio de Lião mostrou sua doutrina e foi fêrvido partidário da união da Igreja Grega. Pronunciou o elogio fúnebre de S. Boaventura, morto durante o concílio, e assistiu Gregório X na morte. Como papa, Inocêncio IV pretendeu abrandar o rei Carlos de Anju por meio de infrutíferas concessões, que irritaram Rodolfo de Habsburgo, imperador germânico. Recebeu o papa os legados gregos do concílio de Lião, procurando restabelecer a paz no Oriente. Protegeu Afonso X na gloriosa luta dos Cristãos contra os Mouros na Espanha. Culto e virtuoso, Inocêncio foi regido na disciplina monástica e eficiente protetor das Ordens religiosas. Pena ter a morte truncado seu promissor govêrno. Faleceu em Roma, aos 22 de junho de 1276, deixando fama de grande saber e de acrisoladas virtudes, que lhe valeram fama de santo entre o povo. Leão XIII confirmou-lhe o título de Bem-aventurado.



ADRIANO V (1276)

Ottobono dei Fieschi, de Gênova, velho cardeal diácono, chamou-se Adriano V. Sua eleição durou dezoito dias. O rei Carlos de Anju achava-se então em Roma e muito se empenhou em fazer eleger um pontífice que lhe fôsse favorável. Os cardeais estiveram reunidos em rigidíssimo conclave. Entretanto o Anju teve artes em mandar emissários que procuravam amenizar o jejum dos seus simpatizantes e assim influir na eleição. Apesar dessa insistência do rei, ou por isso mesmo, foi escolhido um notório adversário de Carlos. Em 11 de julho foi elevado ao sôlio pontifício o cardeal Ottobono. Era descendente dos condes de Lavagna e sobrinho de Inocência IV, que o havia nomeado cardeal. De 1265 a 1267 fôra legado pontifício na Inglaterra, encarregado de recolher os dízimos para a Cruzada. Lá também desempenhou-se com brilho da espinhosa missão de reconciliar o rei Henrique III com seus revoltados barões.

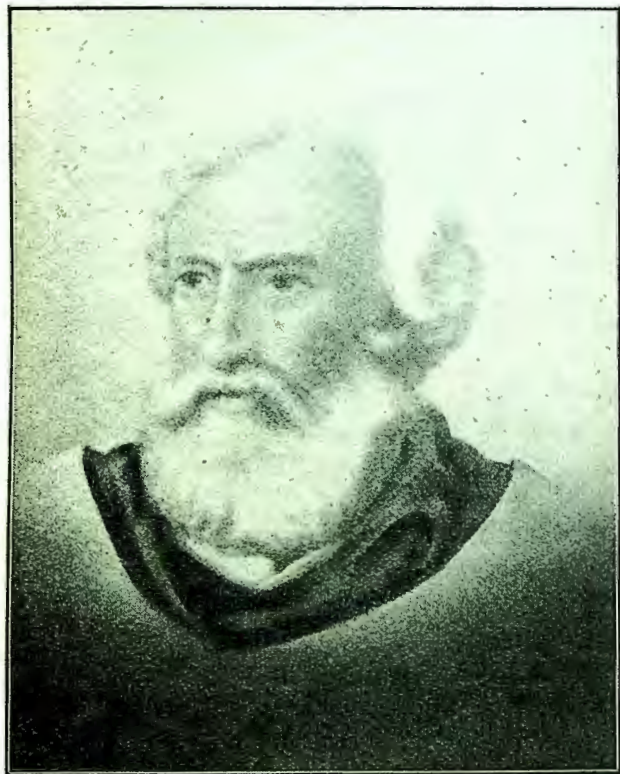
Ottobono, eleito no palácio lateranense, se chamou Adriano por ser diácono da igreja de S. Adriano. Era velho e estava adoentado. Retirou-se por isso para Viterbo, acossado pelos calores do verão romano, fatal a tantos pontífices e príncipes. Esperava melhorar de saúde e voltar a Roma, para ser ordenado sacerdote, sagrado bispo e coroado papa, pois recebera apenas a ordem maior de diácono. Piorou, porém, e morreu em Viterbo mesmo, aos 18 de agosto, sendo sepultado na igreja dos Frades Menores, após um pontificado de apenas um mês e meio. Foi, pois, um papa que nunca celebrou a S. Missa. A Providência permitiu pontificados longos e breves, quase a recordar à Cristandade que, atrás da frágil humanidade dos papas, paira eterna a divindade de Cristo.



JOAO XXI (1276-1277)

Nascido em Lisboa, Portugal, o papa João XXI chamava-se Pedro Juliano. Foi apelidado o “Clérigo Universal” por seus escritos e acusado de magia por cronistas ignorantes, por motivo da sua grande ciência. Pela numeração modificada após a morte de João XIV e pelo acréscimo do antipapa Philagathos chamado João, nota-se na lista dos papas a falta de um João XX ou XXII, que seria o nosso. No português Pedro Juliano os contemporâneos louvaram as Virtudes e admiraram a sabedoria. Estudou em Paris. Ensinou medicina em Siena. Escreveu obras filosóficas acerca da lógica aristotélica. Foi deão de Lisboa; em 1273, arcebispo de Braga, e depois cardeal bispo de Túsculo. Coroado papa em 20 de Setembro. Trabalhou muito pela paz. Procurou conciliar o imperador Rodolfo de Habsburgo com o rei Carlos de Anju. Ameaçou de excomunhão a Afonso X de Castela e Felipe III de França, que estavam prestes a se guerrearem. Tentou incitar os príncipes cristãos a nova Cruzada. Amigavelmente tratou com os longínquos soberanos dos Tártaros e recebeu os embaixadores extraordinários do imperador bizantino Miguel Paleólogo, firmando a união das Igrejas do Oriente e do Ocidente. Sua autoridade influiu junto ao rei da Inglaterra para melhor tratamento aos súditos. Defendeu os direitos da Igreja contra seu antigo soberano, o rei de Portugal. Solicitou ao bispo de Paris informações sobre doutrinas averroístas que se infiltravam naquela Universidade tão célebre.

Morreu João XXI em Viterbo, 20-5-77, vítima do desabamento de uma sala de seu palácio. Foi sepultado na catedral de Viterbo o celebrado papa português.

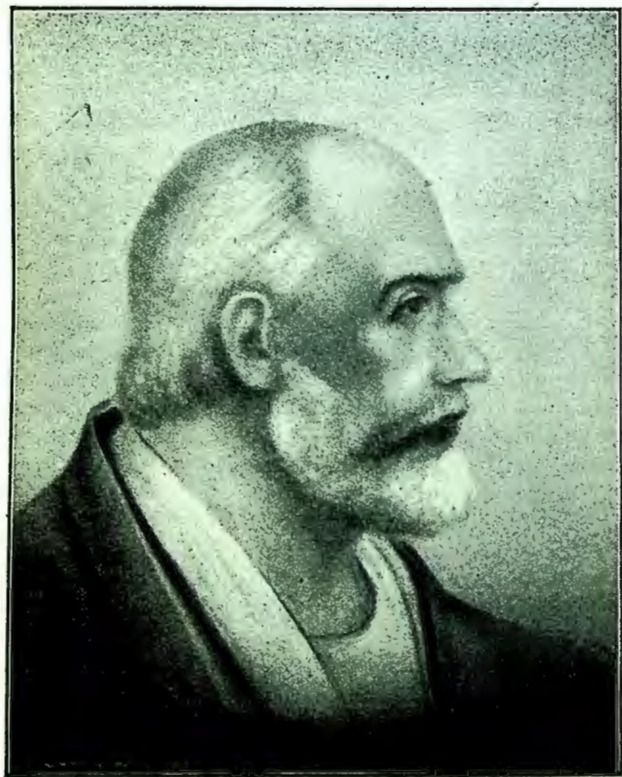


NICOLAU III (1277-1280)

Morto o papa português, a S. Sé permaneceu vaga por meio ano. Os cardeais não chegavam a um acôrdo, por causa das intrigas do rei Carlos de Anju, que desejava um pontífice dócil aos seus planos ambiciosos. Os habitantes de Viterbo, onde se reuniam os cardeais, impacientaram-se, prenderam os votantes em rigoroso conclave e começaram a destelhar o palácio. Finalmente, em 25 de novembro, foi eleito João Cactano Orsini, romano, coroado em 26 de dezembro na basílica de S. Pedro. Adotou o nome de Nicolau III. Era filho do senador Matteo, da poderosa família Orsini.

Cardeal da igreja de S. Nicolau, fôra protetor da Ordem Franciscana e inquisidor-mor. Servira a oito papas e participara da eleição de sete. Conseguiu a paz entre Carlos de Anju e Rodolfo de Habsburgo. Êste imperador restituiu ao Papa os domínios da Igreja, de que se haviam apossado seus antecessores, Barba-Roxa e Frederico II.

Não previu Nicolau as conseqüências funestas do precedente que abriu no govêrno civil da Igreja. Não se fiando, e com razão, dos turbulentos nobres romanos, Nicolau nomeou parentes seus para o govêrno dos territórios pontifícios. Ê, pois, acusado de ser o fundador do “nepotismo”, praga oriunda da fraqueza humana, que, por séculos, causou graves danos à Igreja de Deus. Por êsse motivo Dante Alighieri, na Divina Comédia, coloca êste pontífice no seu “Inferno”. Exagêro, sem dúvida, do grande poeta, mas recriminação acertada aos frutos da imprevidência de Nicolau. Êste pontífice, porém, foi extremado em zêlo pelas missões no Oriente Grego e na Tartária, sendo celebrado também pela santidade de vida. Morreu em Viterbo, aos 22 de agôsto. Sepultado no Vaticano.



MARTINHO IV (1281-1285)

O sucessor de Nicolau III chamou-se Martinho IV, porque depois de S. Martinho I houve dois papas chamados Marino I e II. Como havia fácil confusão de nomes (Marinus e Martinus), êste nosso papa foi numerado IV. Era francês e chamava-se Simão de Brie. Sua eleição foi tumultuosa e trágica. Os partidários do rei Carlos de Anju assaltaram o palácio do conclave, em Viterbo, maltrataram os cardeais Orsini, parentes de Nicolau III, e envenenaram o inglês Roberto de Cantuária. As iniquidades dos franceses excitaram violenta revolta, que explodiu, no sul, de uma rixa banal, nas conhecidas “Vésperas Sicilianas”, em 1282, com grande mortandade dos invasores franceses em tôda a Itália. O reino da Sicília ofereceu-se então ao rei Pedro de Aragão, chamando assim à Península os espanhóis. Rogério Lauria derrotou a esquadra francesa em Malta, e Carlos perdeu o reino. Em Roma os Orsini clamavam pela desforra. O papa, acusado, por ser francês, de amizade ao odiado rei Carlos, pouco conseguiu com seus veementes apelos à paz e contra o derramamento de sangue. A guerra de meio século entre Gênova e Pisa terminou então com a batalha naval de Melória, uma das maiores da Idade Média. Coube a vitória aos genoveses comandados por um Dória, célebre família de almirantes. O papa Martinho empenhou-se em libertar Carlos, o Coxo, filho do Anju e prisioneiro dos aragoneses.

Em 28-3-1285 morreu Martinho IV em Perúgia e foi sepultado na catedral dessa cidade. Foi acusado de haver aplicado demasiadas censuras eclesiásticas e favorecido ao rei Carlos de Anju. É certo, porém, que agiu em boa-fé, procurando, ao conservar a autoridade constituída, que se evitasse a cruel guerra, início da secular luta entre franceses e espanhóis pela posse da Itália.



HONÓRIO IV (1285-1287) .

HONÓRIO IV (1285-1287)

Jacó ou Tiago Savelli foi eleito pontífice em 2-4-1285. Adotou o nome de Honório IV em memória do seu glorioso parente, Honório III. Era filho do senador Lucas Savelli e da condessa Joana de Santa Fiora. Sua eleição foi tranqüila, pois já havia morrido, em janeiro, o rei Carlos de Anju, o ambicioso rei da Sicília. Honório era já idoso e doentio. A custo podia celebrar a missa. Seu irmão Pandolfo, paralítico, era governador de Roma. Caso extraordinário o destes dois irmãos, velhos e docentes! Possuíam ambos excepcional aptidão para o governo religioso e civil. Roma gozou dois anos de perfeita paz e rara prosperidade! Honório conseguiu que Eduardo V da Inglaterra e Rodolfo da Alemanha interferissem para minorar-se a devastação produzida pela guerra entre franceses e aragoneses na Sicília e em Nápoles. Com sábios conselhos incitou a sociedade à fraternidade cristã, mas combateu os nobres prepotentes. Defendeu a santidade do matrimônio, obrigando Ladislau IV, rei da Hungria, a readmitir a legítima esposa. Criou na Universidade de Paris um Curso Poliglota, destinado a facilitar a conversão dos Muçulmanos, dos Eslavos e dos Orientais. (Os missionários, máxime os franciscanos, penetravam então terras longínquas, até a Etiópia, até a misteriosa China... Por meio dos missionários o célebre Marco Polo enveredou para o Império Celeste dos amarelos).

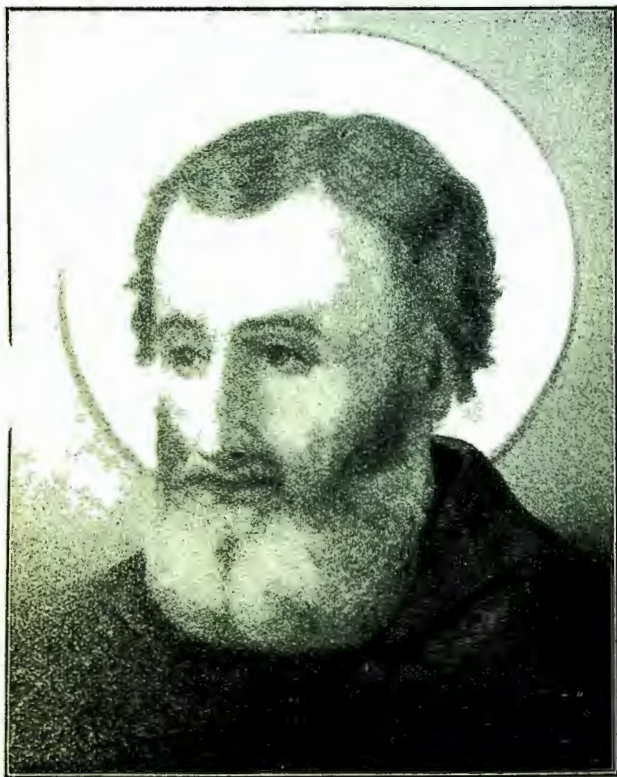
Honório proibiu a fundação de novas ordens religiosas sem a licença da S. Sé. Condenou o erro dos “frades apostólicos”, místicos fanáticos. Confirmou e estimulou a Ordem dos Carmelitas, difundida por S. Simão Stock e aprovada em 1226 por Honório III. O nosso pontífice morreu em 3 de abril no Aventino, Roma. Sepultado no Vaticano; transferido mais tarde para Aracoeli, junto ao túmulo de sua progenitora.



NICOLAU IV (1288-1292)

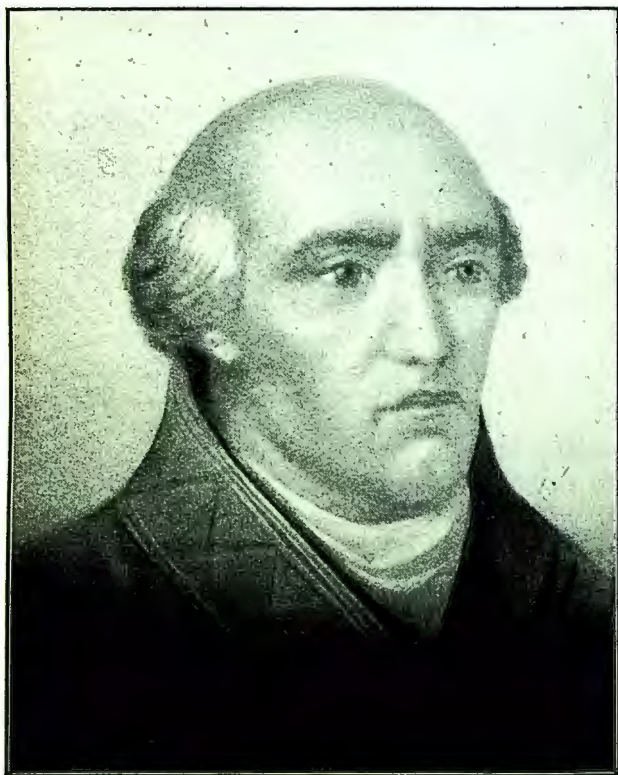
Demoraram-se os cardeais na escolha do sucessor de Honório IV. O verão fôra muito maligno em Roma: um calor excessivo, seguido de uma febre pestilencial, atacou e devastou a cidade. Morreram seis cardeais! Os demais fugiram com grande maioria da população. Do desfeito conclave permaneceu apenas um eleitor, cuidando de doentes e desafiando a morte, à espera dos colegas. Era êste Frei Jerônimo de Áscoli, cardeal bispo de Palestrina. Foi êle eleito pelos que regressaram. Chamou-se Nicolau IV. De família muito pobre, fizera-se frade do glorioso S. Francisco de Assis e fôra Geral da Ordem. O primeiro papa franciscano. “Religioso de muita piedade, teve em mira apenas pacificar o mundo, vencer as heresias, armar nova cruzada e propagar o império de Cristo”.

Continuava a guerra pela posse da Sicília e de Nápoles, quando chegou a triste nova da queda de Ptolemaide (S. João de Acre), 1291 — a última fortaleza cristã na Terra Santa. Nicolau insistira com os príncipes cristão por auxílio à praça, mas pregou no deserto. A ambição prendia-os em guerras com os vizinhos. Os nobres romanos digladiavam-se na luta entre as famílias Orsini e Colonna. Honório IV protegeu a fundação das Universidades de Montpellier e Macerata, as escolas públicas de Pádua e concedeu privilégios à Universidade de Portugal (Lisboa-Coimbra). Embelezou basílicas com mosaicos e obras de arte. Reprovou a vida licenciosa de Ladislau da Hungria e dos barões ingleses. Nomeou bispos para a Etiópia (Abissínia), Pérsia e Marrocos. Morreu em 4-4-92, no palácio que construía perto da igreja de S. Maria Maior, em Roma.



19 de maio — S. CELESTINO V (1294) — Confessor

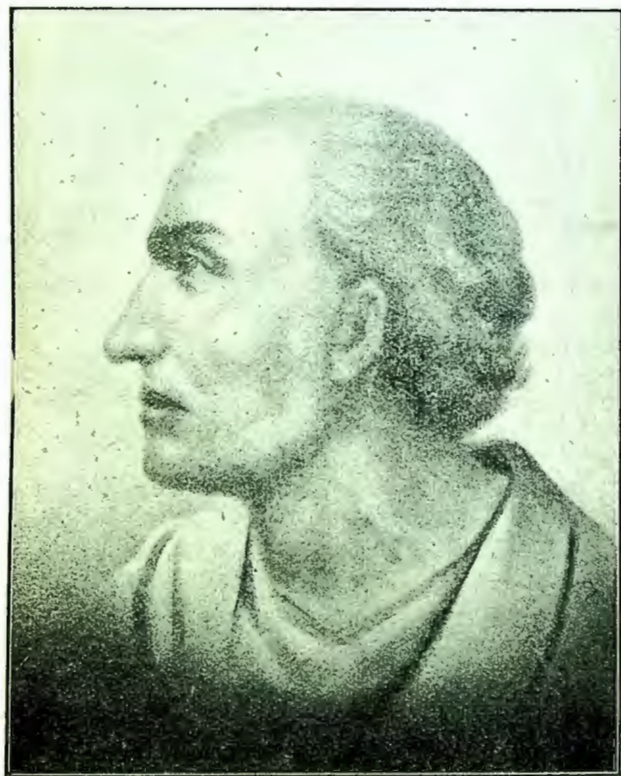
As lutas entre os Orsini e os Colonna, as epidemias e outros males, afugentaram de Roma os cardeais eleitores, por 27 meses! Afinal o velho cardeal Latino mostrou aos colegas as cartas de um piedoso eremita, que os ameaçava com os castigos divinos se deixassem a Igreja sem Pastor por mais tempo! Esse eremita chamava-se Pedro Morrone. Foi êle escolhido por unanimidade para papa. Era um asceta, fundador de monges. Uma vistosa procissão foi buscá-lo ao seu áspero retiro nos montes. O velho eremita, de 72 anos, em sua mísera e gloriosa túnica, foi trazido em brilhante montaria, cujas rédeas eram seguras por dois reis: Carlos II de Anju e seu filho! Coroado em agosto, chamou-se Celestino V. O santo homem, porém, não se adaptava ao cargo, que aceitara sob o temor de contrariar a vontade de Deus. Deixou-se iludir pelo rei de Nápoles, nomeou 13 cardeais indicados pelo rei, prodigalizou privilégios e cargos. Assustado, depôs em público consistório, nas mãos de seus eleitores, o elevado encargo. Fugiu depois humildemente para as penedias desertas de Morrone, onde fôra tão feliz. Seu sucessor, porém, Bonifácio VIII, temendo muito justamente que o santo, mas desavisado monge, fôsse utilizado pelos fautores de desordens, mandou encerrá-lo com alguns de seus frades no convento do Monte Fumone. Os inimigos de Bonifácio, os que pretendiam aproveitar-se da inexperiência do santo eremita, acusaram seu sucessor dos maiores crimes contra o inócuo Celestino, que morreu em 19-5-96 e foi sepultado em Áquila. Seu epitáfio diz bem: “colocado no mais alto trono da terra por imprudência dos eleitores, voltou ao pó que o vento eleva aos céus pelo mérito de sua retidão e humildade”. S. Celestino V foi canonizado por Clemente V em 5-5-1313.



BONIFÁCIO VIII (1294-1303)

BONIFÁCIO VIII (1294-1303)

Celestino V depôs a tiara, intimidado pela responsabilidade. É calúnia vil que o Cardeal Caetani, à noite, simulando voz celeste por meio de um porta-voz, o aterrorizasse induzindo-o à renúncia. Bento Caetani foi eleito, aos 61 anos de idade, por 23 cardeais, em Nápoles. Acompanhado por dois reis até Roma, lá foi coroado com o nome de Bonifácio VIII. Nasceu em Anagni. Formou-se em Direito. Legado do papa a fim de evitar o duelo entre os reis Carlos I de Anjou e Pedro de Aragão. Como papa, pacificou reis e nações. Iniciou a comemoração do “Jubileu”, Ano Santo. O primeiro, em 1300, foi maravilhoso, atraindo a Roma quase dois milhões de peregrinos de toda a Cristandade. Cimabue, Dante Alighieri, Giotto. . . . foram humildes peregrinos. Bonifácio, porém, sofreu muito. Repreendeu abusos, não poupando nem os cardeais nem a nobreza, o que lhe valeu libelos difamatórios. Dante Alighieri, exilado de Florença, 1301, por um partido que apoiava o papa, colocou no seu “Inferno” a Bonifácio e a S. Celestino V (este porque renunciara. . .). Petrarca, ao invés, elogia-os. Este papa sustentou heróica luta contra Felipe, o Belo, rei de França, que pretendia sujeitar a Igreja. Em 1297 Bonifácio canonizou S. Luís IX, avô de Felipe, mas este continuou em suas absurdas pretensões. Irritado com a firmeza do pontífice, insuflou Felipe uma rebelião. Sciarra Colonna e Nogaret, seus partidários, invadiram Anagni e o primeiro esbofetear o velho Bonifácio VIII. O povo romano, indignado, correu em armas e levou triunfalmente a Roma o papa. Este, porém, doente e sensível, morreu em 11-11-1303. Teve defeitos humanos, mas seus inimigos ocultaram — era natural — suas virtudes, seus méritos e sua heroicidade em defender os direitos de Deus.



7 de julho — BENTO XI (1303-1304) — Bem-aventurado

7 de julho — *BENTO XI* (1303-1304) — Bem-aventurado

Do conclave de um só dia saiu eleito Nicolau Bocassino, o fiel cardeal que restara impertérrito ao lado de Bonifácio VIII na hora da amargura. Esta eleição desagradou ao rei de França, Felipe, o Belo. O novo papa chamou-se Bento XI, para não se confundir com o antipapa João de Velletri (1060), que se intitulara Bento X. Nasceu Bocassino em Treviso, perto de Veneza, filho de um esorivão. Era dominicano, fôra Superior geral de sua Ordem e legado pontifício na Hungria. Homem muito equilibrado e virtuoso, quis um programa de paz e justiça. Perdoou muito, menos aos culpados da afronta sacrílega ao seu antecessor, em Anagni, aos quais excomungou com a bula *Flagitiosum scelus*.

Um mês depois morria Bento XI em Perúgia, em julho de 1304, de um mal rápido e violento, aos 64 anos de idade. Consta que foi assassinado, ou melhor, martirizado, a mando de Guilherme Nogaret e Sciarra Colonna, os dois nobres excomungados pela bula. (Um pajem, disfarçado em servente das Freiras de S. Petronila, teria levado ao pontífice uns belos figos envenenados, como se fôsem um respeitoso presente da abadessa). A igreja dominicana de S. Herculano, em Perúgia, acolheu os restos mortais de Bento XI. Sua retidão, sua ciência e a santidade de sua vida prometiam um feliz e profícuo pontificado. Era venerado por todos por suas virtudes. Não quis um dia receber sua velha mãe, porque ela se apresentara luxuosamente vestida. Escreveu Bento XI excelentes obras sôbre a Sagrada Escritura: Sermões e Comentários sôbre o Evangelho de S. Mateus, Salmos, Livro de Jó e Apocalipse.

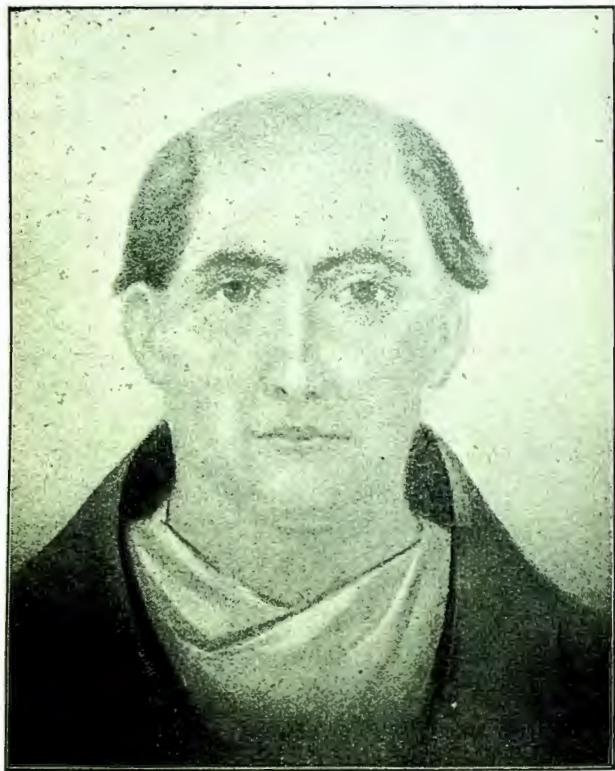
Foi inscrito como Bem-aventurado no Martirológio por Bento XIV.



CLEMENTE V (1305-1314)

Bertrand de Goth, arcebispo de Bordeaux, francês de nascimento mas súdito inglês, foi eleito papa com o nome de Clemente, em Pérúgia, onze meses após a morte de Bento XI. Foi coroado em Lião, 14-11-1305, numa festa enlutada por um desabamento que ocasionou a morte do irmão do papa. Deixou-se Clemente influenciar pelo rei Felipe, o Belo, que dêle exigia a condenação da memória de Bonifácio VIII, a abrogação das bulas *Clericis Laicos* e *Unan Sanctam*, a nomeação de cardeais franceses e a supressão da Ordem dos Templários. Clemente cedeu nos dois últimos pontos. Os Templários, frades-cavaleiros, possuíam imenso patriotismo na França (em Paris seu edifício, o Templo, transformado depois em prisão, encerrou mais tarde o infeliz Luís XVI na Revolução Francesa). Alguns templários haviam degenerado. Felipe acusou-os a todos de crimes monstruosos e de heresia.

O Grão-Mestre Jacques Molay e 56 irmãos morreram como bravos na fogueira, protestando sua inocência e clamando pelos nomes de Jesus e de Maria. Felipe, “fervoroso de zelo pela fé” (!) ocupou logo todos os bens da Ordem. Satisfez sua ambição, mas não seu rancor. Exigiu a reunião do 15.º Conc. Ecumênico, (em Viena) o qual, porém, embora ressaltando a “boa-fé” do rei, pronunciou-se pela ortodoxia do falecido Bonifácio. Felipe mandou apagar o nome do antigo papa de todos os rescritos, monumentos e leis. Estes atos do rei francês atraíram a malevolência de muitos contra o papa francês, especialmente em Roma, onde jamais lhe perdoaram haver transferido a Sede Pontifícia para a França. Clemente sofreu muito com isso e com as prepotências de Felipe. Morreu em Roquemaure (20 de abril), seguido logo na tumba pelo rei. O ingente tesouro que havia acumulado para a cruzada foi saqueado.



JOÃO XXII (1316-1334)

João XXII chamava-se Jacques d'Euse. Francês. Filho de um sapateiro de Cahors. Muito feio e pequeno. Emigrara para Nápoles, onde se empregara como criado de um mestre dos filhos do rei Carlos I. Estudou então, formou-se em Direito, tornou-se professor na Universidade e mestre dos filhos de Carlos II (dos quais um foi o rei Roberto e outro, S. Ludovico, franciscano). Amava a Itália, mas não julgava conveniente voltar a Roma, convulsionada pela luta entre Guibelinos e Guelfos, e hostil aos franceses. Residiu sempre em Avinhão. Iniciou lá a construção do grandioso palácio-castelo, de onde, por 18 anos, raramente saiu, apenas para ir à vizinha Catedral. João XXII aliou à vasta doutrina uma atividade surpreendente, um zelo admirável pela salvação das almas e uma grande piedade. Fêz propagar pelo mundo a Festa da SS. Trindade, a devoção ao S. Rosário segundo a instituição de S. Domingos, e a récita do Ângelus. Em 1323 elevou aos altares o grande Mestre S. Tomás de Aquino, do qual, como homem culto, o papa era fêvido admirador. Reordenou a administração da Igreja Universal. Criou a Chancelaria Romana, o Tribunal da Santa Rota (rotativo, juizes por turno). Completou a compilação das "leis Clementinas" do Corpus Juris. Fundou a Universidade de Cambridge (Inglaterra). Sustentou acirrada luta com o imperador Luís, o Bávaro, o qual, contrariado, apoiou o movimento separatista, uma verdadeira seita, a dos "Fratricelli", dentro da gloriosa Ordem Franciscana. O Bávaro nomeou um antipapa, depois recebeu em Roma a coroa das mãos do leigo Sciarra Colonna. Mais tarde o antipapa, arrependido, peregrinou até Avinhão, onde pediu e recebeu generoso perdão do Vigário de Cristo.

João XXII morreu santamente em 4-12-1334.



BENTO XII (1334-1342)

Os cardeais franceses prevaleceram ainda na escolha do novo papa, eleito em 20 de dezembro de 1334 e coroado na igreja dos Dominicanos em Avinhão. Chamou-se Bento XII. Era êle o cardeal francês Jacques Fournier, monge cisterciense, chamado “o cardeal branco”, porque conservava o hábito branco de sua Ordem. Canonista e teólogo, piedoso e austero, amava muito a justiça. Preferia deixar vacante qualquer sede, a nomear algum desconhecido, talvez indigno. Seus parentes continuaram pobres e na humilde condição de que eram. Não podendo habitar em Roma, construiu o gigantesco Palácio de Avinhão, “estranha mescla de fortaleza e de claustro, de cárcere e de palácio, reflete bem o seu tempo”, diz von Pastor.

Bento criou a Universidade de Grenoble. Procurou pacificar a Itália por meio de legados. Conseguiu conciliar Afonso XI de Castela e Afonso IV de Portugal, e unir êsses dois reis cristãos na defesa contra os Mouros. Viu, porém, com grande mágoa, iniciar-se a grande luta entre a Inglaterra e a França, a chamada Guerra dos Cem Anos. Protestou enérgicamente contra a prepotência do imperador germânico Luís, que promoveu o divórcio entre Margarida do Tirol e João de Boêmia, a fim de torná-la sua nora e apossar-se de seus domínios (1342). Bento XII resolveu a controvérsia sobre a “visão beatífica”, causa de discussão prolongada e acirrada entre Dominicanos e Frades Menores. Acrescentou a terceira coroa à Tiara, espécie de mitra usada pelos Papas. (S. Símaco colocara a primeira coroa e Bonifácio VIII, a segunda). Bento viveu e morreu santamente. Sofreu com edificante resignação dolorosa enfermidade († 25 de abril). Foi sepultado em magnífico sarcófago na Catedral de Avinhão.



CLEMENTE VI (1342-1352)

O beneditino Pedro Roger de Beaufort foi papa em Avinhão sob o nome de Clemente VI. De família nobre, vivera na Corte francesa. Modificou, pois, o ambiente em seu novo palácio. A austeridade de Bento XII sucedeu o esplendor de uma corte magnificente. A festa da coroação, conta-nos "Introitus et Exitus" (Arquivo Vaticano) consumiu: 219 bois, 914 cabritos, 1023 carneiros e 13.502 galináceos; e para iluminação 10 quintais de cêra... Sua liberalidade, porém, estendeu-se aos pobres e necessitados. Em 1348 escureceu o mundo uma nuvem gélida de horror: a Peste Negra, o mais devastador flagelo depois do Dilúvio, assolou a Humanidade. Na Europa matou mais de um terço da população! O papa organizou socorros, despendeu na França meio milhão de florins de ouro e em Nápoles, quase quatro milhões. Em 1350 Clemente concedeu, a pedido dos Romanos, o Jubileu, ao qual acorreram o rei Luís da Hungria, S. Brígida da Suécia, S. Catarina de Siena, o poeta Petrarca... Roma, com a ausência do Papa, tornara-se desolada. A população baixara a 25 mil habitantes. Percorria, então, a Itália, chefiando uns 10 mil fanáticos, chamados "os Flagelantes", um tal frei Venturino, que iniciou estranha Marcha sobre Roma. Os Romanos aplaudiram-no quando êle reclamou a volta do pontífice, apuparam-no, porém, quando pregou contra o Carnaval de Roma. Apareceu então o extraordinário jovem Cola di Rienzo. Filho de um taverneiro, dominou Roma. Governou bem a princípio; tornou-se tirano depois. Expulsou os nobres. Declarou Roma capital do mundo. Intimou os reis a comparecerem a seu tribunal. Cingiu a cabeça com sete coroas, dizendo-se pleno dos sete dons do Espírito Santo...

Abandonado pelo povo, fugiu para a Alemanha.



INOCÊNCIO VI (1352-1362)

À morte de Clemente VI, os cardeais apressaram a eleição do sucessor, com o justo reccio da intromissão do rei de França, João II, que viajava para Avinhão. O escolhido foi Estêvão Aubert, de humilde família, francês da diocese de Limoges, e que adotou o nome de Inocêncio VI. Fôra professor de Direito em Tolosa, e bispo de Ostia. Severo e justo. Simples e econômico. Proibiu o luxo aos eclesiásticos. Suprimiu as comendas indignas. Cuidou com rigor de que os prelados atendessem aos seus devoirs e residissem em suas dioceses. Protegeu os literatos; convidou para seu secretário o grande poeta Petrarca. Foi mediano de paz entre a França e a Inglaterra, empenhadas na Guerras dos Cem Anos. Procurou a conversão dos Gregos cismáticos por meio do célebre carmelita Pedro Tomás. Restabeleceu a ordem nos Estados Pontifícios. Fêz libertar Cola de Rienzo, o antigo tribuno popular romano; reenviou-o ao governo da cidade de Roma, mas o jovem excedeu-se de novo e terminou sua aventura trucidado pelo povo, que outrora o idolatrara.

Grande auxiliar dêste papa foi o cardeal espanhol Gil Alvarez Alborno. Antigo professor de Direito, ex-oficial do exército, fizera-se eclesiástico. Hábil na diplomacia e na guerra, Alborno governou a Itália por 15 anos com a arte de um estadista e com a fineza de um general. Suas leis “as Egidianas”, duraram séculos! Alborno ainda levou suas tropas até Avinhão, ameaçada pelos “Rutuários”, bandidos que assolavam o vale do Rôdano. O papa então circundou Avinhão de poderosas muralhas. Inocêncio VI morreu em 22-9-62, com fama de santo. É elogiado até por modernos historiadores protestantes. Foi sepultado na Cartuxa de Villeneuve, por êle fundada.



19 de dezembro — URBANO V (1362-1370) — Bem-aventurado

O beneditino francês Guilherme Grimmoard de Mende era abade de S. Vitor, em Marselha. Escolheram-no os eleitores, apesar de não ser cardeal, para se tornar o papa Urbano V, em vista de seus reconhecidos méritos. Fôra professor de Direito em duas Universidades, e legado pontifício. Como papa legou-nos o exemplo de atividade admirável. Ótimas suas reformas na Cúria. Protegeu as Universidades e ordenou que os estudantes usassem vestes iguais, a fim de se poupar humilhação aos pobres. Confiado na feliz gestão de Albornoz na Itália, cogitou logo da volta da Sé papal para Roma. Visitado pelo imperador Carlos IV em Avinhão, combinou com êle essa volta, tão solicitada por muitos, por Petrarca, por S. Brígida, princesa da Suécia, pelo franciscano frei Pedro, filho do rei Jaime de Aragão...

Opunham-se os franceses. O rei Carlos V enviou até o “mestre” Nicolau Oresme, o qual tentou provar de modo enfatuado ao papa “que Avinhão estava no centro da Terra”, devendo por isso ser a sede papal... Em abril de 67 Urbano partiu de Avinhão. Seguiu de Marselha numa imensa esquadra dos príncipes cristãos. Acolhido em Roma, no mês de outubro, foi visitado pelos imperadores Carlos IV do Ocidente e João Paleólogo do Oriente. Infelizmente havia falecido o enérgico cardeal-general Albornoz. Os pequenos príncipes italianos reiniciaram os distúrbios, auxiliados pela desenfreada soldadesca das “companhias” mercenárias. Urbano V, desgostoso, voltou para a França, contra os rogos de S. Brígida, que lhe predisse morte próxima longe de Roma. De fato, morreu o papa dois meses depois, em Avinhão — de modo tão santo e se lhe atribuíram tantos milagres, que foi logo pedida sua canonização.



GREGÓRIO XI (1370-1378)

Em um só dia de conclave foi eleito o cardeal Pedro Roger, dos condes de Beaufort, sobrinho de Clemente VI, o último papa francês. Não contava ainda quarenta anos, mas era doentio e de uma palidez notável. Simples diácono, foi ordenado sacerdote, sagrado bispo e, no dia 5 de janeiro de 1371, coroado papa com o nome de Gregório XI. Toda a Itália estava em ebulição e desordem pela ausência dos Papas, e em desespero pelas vexações dos governadores franceses. Florença tomou as armas. Gregório, tímido e irresoluto, confiou a repressão a Malestroit, um “capitão de companhias”, que, com seus milhares de Bretões mercenários, devastou o país. Indignadas, insurgiram-se as demais cidades.

Foi então que uma Santa, pobre filha de um tintureiro, sem nenhuma instrução, salvou o Papa. Reconstruiu o que um rei, Felipe o Belo, desfizera! Santa Catarina de Siena interferiu entre os beligerantes. Viajou de cidade em cidade. Apartou exércitos. Ditou cartas maravilhosas de sabedoria e fé ao Papa e aos príncipes. Sofreu muito. Quiseram queimá-la viva, como herege ou feiticeira. Afinal venceu! O doentio e fraco Gregório XI, francês, papa em Avinhão, deixou corajosamente a França, voltou para Roma (17-1-1377), pondo um fim ao malfadado “Cativo de Babilônia” como foi chamado esse ingrato período avinhonense. Acolhido com indescritível júbilo e maravilhada devoção por todos os lugares por onde passou: Marselha, Gênova, Pisa — foi Gregório recebido triunfalmente em Roma. Piorando na doença, foi aconselhado a regressar a Avinhão, mas a morte impediu esse mal. Faleceu ele em 27-3-78, em Roma e foi sepultado na igreja de S. Maria Nova.



URBANO VI (1378-1389)

À morte de Gregório XI estavam presentes em Roma 16 cardeais: 9 franceses, 4 italianos e o espanhol Pedro de Luna. O povo, reccando um papa que voltasse para Avinhão, clamava nas ruas “Vogliano romano o almanco italiano”. Acor-daram então os cardeais na escolha de Bartolomeu Prignani, arcebispo de Bari. Não era cardeal, mas sendo italiano e súdito francês poderia contentar a todos. O papa entrou em Roma, de pés descalços, numa solene procissão. Foi entroni-zado na Páscoa, 10 de abril de 78, com o nome de Urbano VI. Em Avinhão residiam seis cardeais, que reconheceram o novo eleito. Urbano, porém, que era homem integérrimo de cos-tumes, zeloso, austero, tinha um gênio forte, violento. Des-gostou logo a todos pelos seus modos ásperos.

Recordando a tradicional doçura e afabilidade dos pon-tífices, os romanos apelidaram-no de Inurbano I. Em Nápoles foi pior. Sob influência francesa da rainha Joana, os des-contentes elegeram como antipapa a Roberto de Genêbra, de 36 anos, poderoso parente de famílias reais, mais guerreiro que religioso, apelidado de “o massacrador de Cesena”. Re-sidiu em Avinhão, sob o nome de Clemente VII. A cristan-dade, mal informada, dividiu-se, dando início ao triste Gran-de Cisma, no qual, porém, ficou mais uma vez patenteada a proteção de Deus à sua Igreja combatida pela fraqueza hu-mana. Grande foi a confusão. Dois pontífices, depois três. Numa diocese dois bispos, num mosteiro três abades... Di-vidiram-se os países (França, Inglaterra, Alemanha), as Uni-versidades (Paris, Bolonha, Praga)... Pressagiava-se o fim do mundo. S. Catarina, apoiando Urbano, escreveu cartas patéticas aos reis e pontífices. Urbano morreu em Roma, 15-10-89. Virtuoso e sincero, seu grande mal foi sua rude aspereza.



BONIFACIO IX (1389-1404).

À morte do rude Urbano VI, os cardeais elegeram o napolitano Pedro Tomacelli, de apenas 30 anos de idade. De vida impoluta, afável, bondoso, concedeu anistia geral. Fortificou Roma. Extirpou abusos. Propôs generosa reconciliação ao antipapa de Avinhão, mas foi firme em declarar que o único papa era o de Roma. A Universidade de Oxford (Inglaterra) só reconhecia o pontífice romano. A Universidade de Paris “a terceira potência da Europa, após o Papado e o Império”, tentou pôr um fim ao Cisma. João Gerson exortou os fiéis à prece. O povo e o clero realizaram procissões de penitência. Foram propostas várias soluções, que encontravam a oposição tenaz do rei da França e da corte de Avinhão. Morto o antipapa em 1394, o cardeal Pedro de Luna se fêz eleger pelos cardeais avinhonenses, chamando-se Bento XIII “para ser uma bênção”, dizia êle. Era espanhol. Indispôs-se logo com o rei de França, seu fautor, e viveu prisioneiro cinco anos.

Bonifácio celebrou o Jubileu de 1400. Singular nesse Ano Santo o aparecimento em Roma dos “Brancos Flagelados”: movimento estranho, místico duvidoso, produto da exasperação e do sofrimento geral. Populares de ambos os sexos e de tôdas as idades, com mantos e capuzes brancos, marchavam aos milhares, flagelando-se e pedindo a Deus “paz e misericórdia”. Fato admirável: por onde passavam êles, cessavam as guerras, as famílias se reconciliavam, os criminosos mudavam de vida... Até bispos e príncipes aderiram fervorosamente ao movimento, que levou a Roma 120 mil peregrinos, acolhidos bondosamente por Bonifácio. Êste morreu em 1.º de outubro, talvez da epidemia que assolou a Europa e na qual, como sempre, a caridade cristã foi heróica.



INOCENCIO VII (1404-1406)

INOCÊNCIO VII (1404-1406)

O cardeal Cosme Miglioratti, de Sulmona (Itália Central), eleito em Roma, chamou-se Inocêncio VII. De caráter nobre, virtuoso, instruído. Avançado em anos. Não se deixou iludir pelas falsas propostas do antipapa Pedro de Luna, de Avinhão, que se intitulava Bento XIII, e que pretendia ocupar Roma. Não teve paz, assim mesmo. Suas boas intenções foram prejudicadas pelo rei Ladislau, de Nápoles — onde a rainha Joana, que vendera aos Papas a cidade de Avinhão por 80 mil escudos, mas que favorecera sempre os antipapas, foi morta por ordem do próprio filho, assassinado logo depois, ele também!

O rei Ladislau facilitou à nobreza seus tumultos, na cidade de Roma, que ele cobiçava; impediu a realização de um concílio, em que o papa pretendia estudar o remédio a muitos males da cristandade, inclusive a atuação de alguns maus soberanos. Inocêncio viu-se obrigado a transferir-se para Viterbo, de onde excomungou Ladislau. Meses mais tarde, de volta a Roma, Inocêncio sofreu muito pelas iniqüidades cometidas por um seu sobrinho, Luís Miglioratti, a quem tratava com muita indulgência. Este seu parente, violento e sanguinário, no afã de defender o tio cometeu atrocidades, inclusive a execução sumária de onze cidadãos que haviam insultado o pontífice, porque não terminava o Cisma.

Mérito de Inocêncio foi reedificar a Universidade de Roma e, com bula de 1.º-10-1406, ordenar que nas Universidades se ensinassem, oficialmente, além da Teologia e do Direito, a língua e a literatura gregas, a medicina, a retórica, a lógica... Foi, pois, um fator do incipiente Humanismo. Inocêncio morreu piamente, em Roma, aos 6-11-1406.



GREGÓRIO XII (1406-1417)

Após a morte de Inocêncio VII, o conclave em Roma escolheu o cardeal Ângelo Corrário, veneziano, de 80 anos de idade. O eleito era de elevada estatura e de incrível magreza. Chamou-se Gregório XII. Generosamente trabalhou pela pacificação, propondo ao antipapa, Pedro de Luna, que ambos renunciassem. As tratativas fracassaram ante a má fé do adversário. Os reis e príncipes insistiam pela solução do triste cisma. Então alguns cardeais e numerosos bispos de ambas as "obediências" (chamavam-se assim as regiões que acata-vam as decisões de um ou de outro pontífice) reuniram-se em Pisa, num concílio inválido por lhe faltar a autorização do Papa. Declararam depostos Pedro de Luna e Ângelo Corrário, e elegeram Pedro Filarges, de 70 anos de idade, nativo da ilha de Cândia ou Creta, com o nome de Alexandre V. Errou o pseudo-concílio sobrepondo-se ao pontífice: viu-se logo a prova disto no agravar-se da situação, pois então houve três papas! O rei Luís II de Anju afastou Gregório, pela força, e levou a Roma Alexandre V, o qual, porém, morreu logo depois em Bolonha. O rei fez então eleger o ambicioso Bal-tasar Cossa com o nome de João XXIII. Este reconheceu logo Luís II como rei de Nápoles (!), renovou os decretos do pseudo concílio de Pisa contra o papa Gregório XII e o antipapa Pedro de Luna, mas desgostou logo seus sequazes. A confusão era tremenda. Deus suscitou então Sigismundo, rei da Hungria e imperador germânico, que em 1415 reuniu em Constância 2000 representantes do Papa, do Clero e dos príncipes. Os dois antipapas, por si mesmos, deram so-bejas provas de sua má fé. Gregório XII, porém, para o bem da Igreja, renunciou à tiara, aprovou e agradeceu ao Concílio num documento em que assinou humildemente "Ângelo, car-deal". Morreu aos 90 anos.

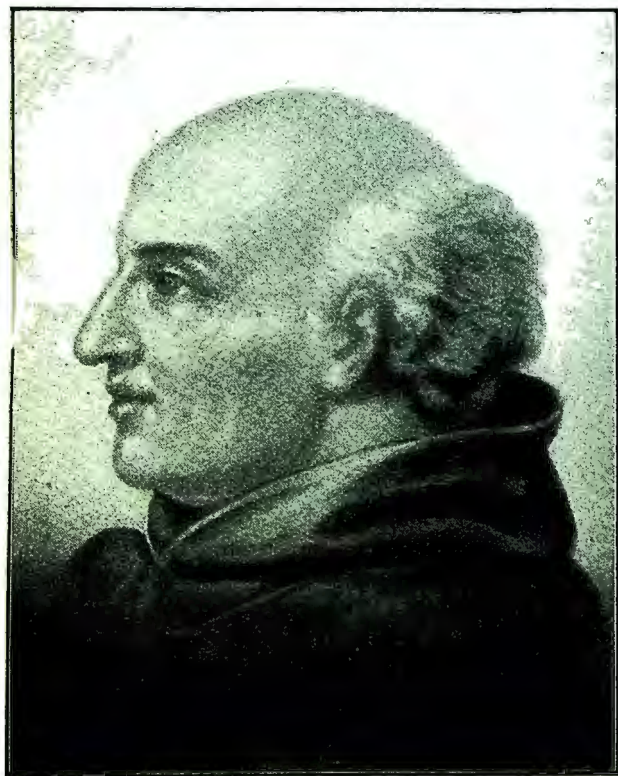


ALEXANDRE V (1409-1410)

ALEXANDRE V (1409-1410)

Alexandre V é por muitos considerado antipapa. Há quem julgue sua eleição inválida, porque Gregório XII era o papa legítimo; há quem a julgue apenas ilícita, dadas as dúvidas que pairavam no ambiente do Cisma e a boa vontade de muitos, que desejavam a necessária e urgente pacificação da Igreja. A maioria considera-o não-papa. O certo é que seu nome consta das listas pontificias, seu retrato figura entre os medalhões da basílica de S. Paulo (Roma), e mais tarde um sucessor de seu nome intitulou-se Alexandre VI. Chamava-se Pedro Filarges, veneziano da ilha de Cândia ou Creta. Mendigo na infância, recolhido por um frade franciscano, estudara depois em Oxford e em Paris. Foi arcebispo de Milão. Contava 70 anos de idade, quando o escolheu o conciliábulo de Pisa — onde se haviam reunido 24 cardeais, 4 patriarcas, 180 bispos ou representantes, 4 Superiores de Ordens, deputados de 13 Universidades etc. . . Sua escolha tinha em mira afastar o Papa Gregório XII e o antipapa Pedro de Luna. Gregório não podia, e Pedro de Luna não queria, aceitar tal imposição. . . Houve então “três papas”.

Alexandre V viveu em boa-fé. Enviou legados a toda a Cristandade. Seu desejo de conciliação era sincero: “que houvesse um só rebanho sob um só pastor”. Entrou em Roma levado pelo rei Luís II de Anju, pretendente ao Reino de Nápoles. Alexandre morreu piedosamente em Bolonha, em 3-5-1410, talvez envenenado por seus partidários desgostosos de sua retidão. Foi sepultado na igreja bolonhesa de S. Francisco, num sepulcro muito artístico. A vida deste mendigo abandonado, que galgou o sólio pontifical, faz-nos recordar que é Deus quem sustém Sua Igreja acima dos reis da terra.



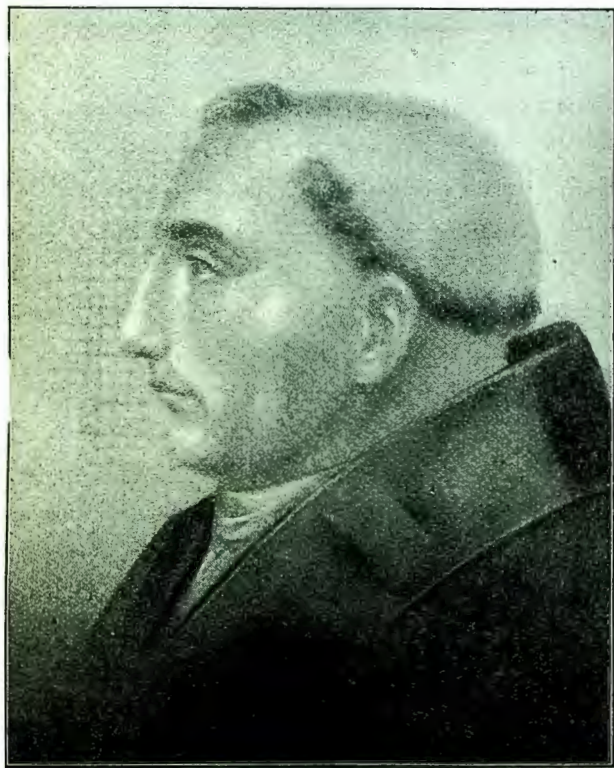
JOÃO XXIII (1410-1417)

Como sucessor de Alexandre V foi eleito o cardeal napolitano Baltasar Cossa, por influência do rei Luís de Anju, no ano 1410, durante o Grande Cisma, em que houve até três papas. Levado a Roma pelas armas do rei Ladislau de Nápoles, chamou-se João XXIII. Não foi papa legítimo. Seu nome e seu retrato figuram nos catálogos e nos medalhões, por causa das dúvidas de então. Em 1415 realizou-se em Constança um grande concílio, sob a proteção do piedoso imperador Sigismundo. João para lá se dirigiu com magnificante cortejo. Vendo-se, porém, alvo de justas recriminações, fugiu disfarçado. Retratou-se depois de seu erro, viveu dignamente como cardeal e morreu em 1419, sendo sepultado em Florença. O outro antipapa, Pedro de Luna, que se intitulava Bento XIII, perseverou no cisma, embora o imperador Sigismundo tivesse ido pessoalmente procurá-lo na Espanha! Morreu em 1424, na sua "Côrte pontifícia", nomeando novos "cardeais".

Quadro dos pontífices dessa época:

Papas de Roma	Antipapas de Avinhão	Antipapas de Pisa
Urbano VI	Clemente VII	Alexandre V
1378-89	1378-94	1409-10
Bonifacio IX	Bento XIII	João XXIII
1389-04	1394-24	(Baltasar Cossa
Inocêncio VII	(Pedro de Luna	dep. em Cons-
1404-06	dep. em Pisa dep.	tança arrepen-
Gregorio XII	em Constança	dido † 1419)
(dep. em Pisa	impenitente †	
abd. em Cons-	1424)	
tança † 1417)		

Gregório XII aprovou o concílio e depois abdicou. Foi eleito Martinho V, que pôs fim ao cisma, residiu em Roma e foi reconhecido como único Pontífice. (1417).



MARTINHO V (1417-1431)

MARTINHO V (1417-1431)

O concílio de Constança, que aceitara a renúncia de Gregório XII e depusera os antipapas João XXIII e Bento XIII, elegeu Oto Colonna, de ilustre família romana. Chamou-se Martinho V. Coroado na catedral de Constança. O imperador Sigismundo ia a pé guiando-lhe o cavalo, na procissão. Em Roma foi recebido com indescritível júbilo. Tôda a Cristandade exultou com o fim do Cisma, cujos nefastos efeitos já se faziam sentir. O concílio condenou as heresias do inglês Wicleff (1324-1384), professor em Oxford, e seus discípulos João Huss e Jerônimo de Praga. Estes foram condenados em seus êrros pelas universidades e pelos bispos, mas suas pregações nacionalistas inflamaram os Checos, inimigos do jugo alemão. Executados por ordem do govêrno, foram causa de terrível guerra civil-religiosa.

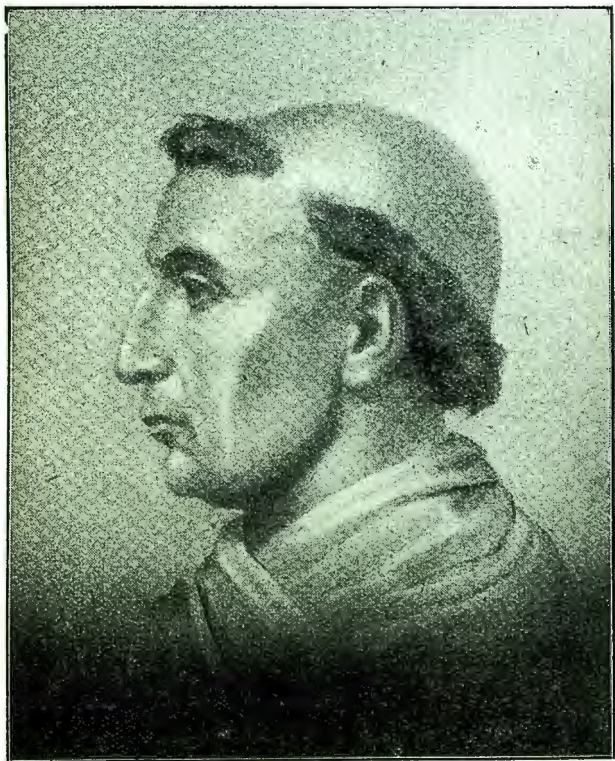
Martinho V restaurou Roma e limpou o Estado Pontifício de bandidos. Introduziu a oferta da “rosa de ouro” a príncipes cristãos beneméritos. Por sua ordem Bernardino de Siena fez em Roma pregações, que se tornaram célebres pela “guerra às vaidades”: a grande queima de cartas de jôgo, máscaras, enfeites de Carnaval etc... Reanimou a devoção à SS. Eucaristia e aprovou congregações pias, por ex., as Oblatas de S. Francisca Romana. Convocou os concílios de Pavia e Basiléia. Em 29-5-1431 Santa Joana d’Arc, a heroína da França, era martirizada em Ruão. Os inimigos impediram que seus apelos chegassem ao Sumo Pontífice, mas a Igreja glorificou a Santa, admirável na vida e na morte. Martinho morreu em 20-2-1431. Foi acusado de ter concedido excessivos favores a seus parentes, mas foi chorado por todos e apelidado “*Temporum suorum felicitas*”, felicidade de seu tempo.



EUGENIO IV (1431-1447)

Gabriel Condulmaro, de Veneza, sobrinho de Gregório XII e bispo de Siena, foi coroado papa na escadaria da basílica de S. Pedro, em 11-3-1431. Chamou-se Eugênio IV. Quando jovem, distribuía aos pobres 20 mil ducados de seu patrimônio e se fizera Agostiniano. Era porteiro de seu convento, quando, acompanhando um peregrino, ouviu dê-lo: “Serás cardeal e papa, e terás muitas adversidades”. Eleito, quis renovar a Côrte romana, acarretando assim perseguição aberta por parte dos Colonnas, parentes de Martinho V. Como o concílio de Basileia exorbitasse de suas atribuições, o papa transferiu-o para Ferrara e Florença. Uns poucos conciliares rebeldes que afirmavam a supremacia do concílio sôbre o pontífice, apoiados por Carlos VII da França, elegeram então na pessoa do piedoso príncipe Amadeu VIII de Savóia um candidato, que se chamou Félix V e que foi o último dos 36 antipapas. Em 1437 morrera, sentado no trono, o imperador germânico Sigismundo, até a velhice “o mais belo príncipe de seu tempo”. Outro alemão, João Guttenberg, criava um império imortal: a Imprensa.

Em Roma os Colonnas tumultuavam e o papa Eugênio teve de fugir, disfarçado em frade, no fundo de uma barca, pelo Tibre, e sob pedradas... Voltando mais tarde, encontrou Roma tão abandonada que os lobos escavavam os cemitérios! Eugênio recebeu em Roma os enviados gregos e realizou a união das Igrejas do Ocidente e Oriente (1439), de duração efêmera, em vista da contumácia bizantina — o que constristou até a morte o sofredor pontífice. Faleceu êle em 23-2-1447, exclamando: “Gabriel, Gabriel, quão melhor teria sido permaneceres humilde frade no teu mosteiro”...

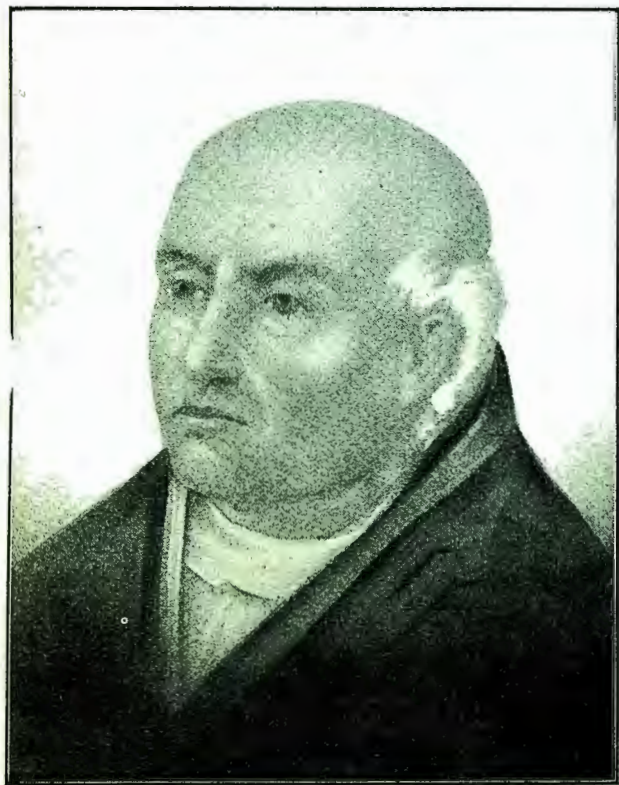


NICOLAU V (1447-1455)

NICOLAU V (1447-1455)

O cardeal Tomás Parentucelli, nascido de uma paupérrima família de Sarzana (ao sul de Gênova), arcebispo de Bolonha, eleito papa, chamou-se Nicolau V. Contava 49 anos de idade. Culto e virtuoso. Introduzira-se em Roma o estranho costume de o povo saquear o palácio do cardeal eleito; desiludiram-se os assaltantes da pobre casa de Tomás. Nicolau acolheu com a máxima generosidade Amadeu VIII de Savóia, que fôra antipapa por dez anos sob o nome de Félix V; nomeou-o cardeal e se lhe fêz amigo. Por meio do Card. Carvajal assinou uma Concordata com o imperador germânico, de quem era secretário o célebre Enéias Piccolomini, mais tarde papa Pio II. Nicolau proclamou o Ano Santo de 1450, grandioso, com mais de um milhão de peregrinos, enlutado porém por uma catástrofe na ponte do castelo S. Ângelo e pela peste.

Em 1452 coroou Frederico III da Alemanha e sua esposa, Leonor de Portugal. Foi a última coroação imperial em Roma. No Oriente a situação piorava. Os gregos rejeitaram a união das Igrejas. Preferiam o turbante turco à tiara papal. Com o turbante veio a cimitarra muçulmana. Em 29-5-1433 o último imperador bizantino, Constantino Dracosés, tombava heróicamente ante a igreja de Santa Sofia, na qual entrava a cavalo o sultão Maomé II. Nicolau V pouco sobreviveu à infesta notícia. Foi este papa ativo promotor da Renascença literária e artística da Itália. Acolheu e protegeu os melhores artistas do tempo. Mereceu o título de pai do Humanismo. Fundou a Biblioteca Vaticana, à qual doou 5 mil códigos. Tinha o projeto de construir a atual Basílica de S. Pedro. Seu movimento de proteção às artes foi oportuno: chegavam farragidos a Roma artistas e literatos da vencida Bizâncio.



CALISTO III (1455-1458)

CALISTO III (1455-1458)

Afonso Borja, espanhol da Catalunha, foi eleito em abril de 1455. Chamou-se Calisto III. De professor na Universidade de Lérida, passara a arcebispo de Valença e conselheiro do rei Afonso V de Aragão. Apesar dos seus 78 anos de idade, Calisto empreendeu com vigor e admirável energia a luta contra os Turcos. Constantinopla, a maravilhosa rainha do Oriente, havia caído em 29-5-1453. Dentro da esplêndida igreja de Santa Sofia — a obra prima do tempo de Justiniano — o sultão Maomé II, a cavalo, bradara: “Alá é Deus e Maomé é seu Profeta”. Os príncipes europeus, egoisticamente, não se moviam. Afonso V de Aragão usava o dinheiro, recolhido para a cruzada, em guerrear a cidade de Gênova! Maomé II ocupou os países balcânicos e, com 150 mil homens, sitiava Belgrado, ameaçando o coração da Europa. O papa armou exércitos e esquadras. S. João de Capistrano pregou junto às tropas do valente Huniade, que conquistou estrepitosa vitória, em 1456, detendo as hordas destruidoras da civilização.

Calisto III, grato ao Céu, instituiu a festa da Transfiguração de Cristo e ajudou o príncipe Skanderberg, o herói cristão da Albânia na luta gloriosa contra os invasores islâmicos. O glorioso pontificado de Calisto III teve uma grave mácula: favoreceu uma praga, que afligiu a Igreja por séculos — o “nepotismo”, isto é, a demasiada proteção a parentes. Assim, por ex., nomeou seu sobrinho Rodrigo (o futuro Alexandre VI) cardeal aos 25 anos, conservando-o leigo e oficial das tropas. A morte de Calisto serviu por isso de pretexto para tumultos em Roma contra “os Catalães”. Morreu Calisto em 6-8-58, no dia da festa da Transfiguração, por ele mesmo instituída.



PIO II (1458-1464)

Enéias Sívio Picolomini coroado na basílica Vaticana em 3-9-1458, chamou-se Pio II. Nascera em 19-11-1405 em Corsignano de Siena, de uma família nobre que contava 18 filhos. Poeta e orador, foi secretário do cardeal Capranica e embaixador de Frederico III, imperador da Alemanha, para acompanhar a futura imperatriz Leonor, irmã do rei de Portugal. Em jovem, Enéias levava vida de Côrte, leviana mesmo. Participara do concílio de Basileia, contrário ao Papa. Mudou, porém, de vida. Arrependeu-se ante Eugênio IV e se fez eclesiástico. Vemos o orador, o diplomata, o humanista, depois bispo e cardeal, legado pontifício na Boêmia, na Áustria, na Hungria. Eleito papa, chorou ao recordar seu passado de moço e exclamou: "Repudiái a Enéias e acolhei a Pio II". Escreveu obras importantes. Esboçou uma colossal Cosmografia, deixada incompleta. Protegeu literatos e cientistas. Fundou três Universidades, inclusive a de Basileia (Suíça). Foi magnífico incentivador do progresso cultural do Ocidente. Levado pelo espírito da época, favoreceu os parentes e sua terra natal. Apesar de ter pouca saúde, empenhou-se com ardor na cruzada contra os Turcos, para salvar a Europa. Tentou até comandar pessoalmente a esquadra cristã, junto à qual morreu em 14 de agosto de 1464. Deixou um vasto e belo programa. Começara a reforma eclesiástica. Protestou contra a incipiente escravização dos Negros apri-sionados na África, e contra injustas perseguições aos Judeus. Na Côrte pontifícia foi de costumes sóbrios e exemplares. Elevou aos altares sua mais gloriosa conterrânea, a admirável Santa Catarina de Siena.



PAULO II (1464-1471)

Os cardeais reunidos no conclave de 1464 apresentaram uma “capitulação”: todos juraram que o eleito se obrigava a convocar um Concílio Ecumênico, promover a cruzada contra os Turcos e cercear o nepotismo. Foi eleito Pedro Barbo, de 48 anos de idade, rico veneziano, sobrinho de Eugênio IV. Escolheu o nome de Paulo II. Agradaram ao povo de Roma suas providências rápidas e práticas para a alimentação, policiamento e diversões. Construiu o palácio Venezia, (séculos mais tarde residência de Benito Mussolini). Paulo II reformou a Cúria e demitiu os inúteis, pseudo literatos e pseudo artistas. Com êsse ato granjeou inimigos. O escritor Platina, em sua Vida dos Papas, atacou-o injusta e acrimoniosamente, chamando-o “hárbaro e inimigo da cultura”. Paulo reprimiu as sangrentas lutas entre as famílias nobres de Roma. Auxiliou muito os príncipes Matias Corvino, húngaro, e Skanderberg, albanês, na patriótica e memorável campanha contra os Maometanos, que haviam conquistado a ilha de Negroponte e serrado vivo o heróico defensor, o veneziano Paulo Erizzo. Recebeu o papa, no Natal de 1468 a visita do imperador Frederico III. Nesse mesmo ano, como uma bênção de Deus a enfervorar as almas, apareceu a primeira edição do precioso livro “Imitação de Cristo”, atribuído a vários autores. Paulo II estabeleceu que o Ano Santo se concedesse cada quarto de século. Concedeu aos cardeais o uso do barrete vermelho.

Paulo era bondoso, embora de aspecto triste, pois sofria muito de asma; aproveitava as noites insones passando-as em oração. Morreu de repente em 27-7-1471. Sua divisa era: *Benefac, Domine, bonis et rectis corde.*

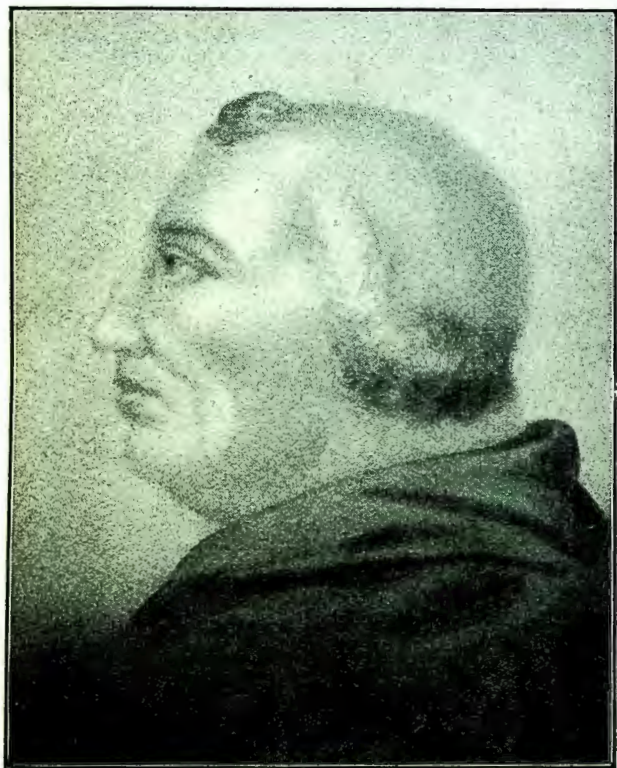


SISTO IV (1471-1484)

SISTO IV (1471-1484)

Francisco Della Róvere foi eleito papa com o nome de Sisto IV, num rápido conclave. Filho de um pescador, nasceu em Celle de Savona, perto de Savona. Frade franciscano, professor nas Universidades de Pavia e Bolonha, governara, como superior geral, a sua Ordem. Escrevera um opúsculo em defesa do dogma da Imaculada Conceição de Maria. Ficou enleado, porém, no ambiente do seu tempo. Favoreceu o nepotismo: nomeou cardeais e príncipes e muitos sobrinhos seus, dos quais apenas um, o futuro Júlio II, mostrou-se digno. Opôs-se Sisto a Lourenço de' Médici, senhor de Florença, vendo por isso seu nome envolvido na conjuração da família de' Pazzi, em que morreu o irmão de Lourenço. Este, por sua vez, mandou enforcar o arcebispo de Pisa. A invasão terrificante da Itália pelo sultão Maomé selou a paz entre Florença e o papa.

Excluindo-se sua fraqueza ante a deplorável vida de seus sobrinhos, Sisto IV realizou esplêndido governo. Celebrou o Ano Santo de 1475 com grandiosidade. Favoreceu as Ordens Religiosas. Canonizou S. Boaventura, em 1482. Construiu a magnífica e celebrada Capela Sistina. Reorganizou a Biblioteca Vaticana. Seu nome está ligado à Inquisição espanhola, a qual infelizmente foi usada por civis para fins políticos ou por ignorância e fanatismo da época, ocasionando reprováveis abusos (embora se deva lembrar que há muito exagero em certos autores que “exploraram” êsses abusos). A Sisto IV, protetor de cientistas, literatos e artistas, erigiram os amigos um sepulcro monumental. Nêle, porém, figuram apenas motivos das artes e das ciências, nada de sinais cristãos! Errônea compreensão da Renascença!



INOCENCIO VIII (1484-1492)

João Batista Cibo chamou-se Inocência VIII. Foi eleito por cardeais impregnados do espírito da época: em sua maioria eram êles leigos e mundanos, quase sempre representantes de reis ou de famílias nobres, alheios portanto ao bem da Igreja. Comprometeu-se pois Inocência, antecipadamente, com seus eleitores, — o que lhe trouxe a pecha de simonia e de ser “entre os papas de nome Inocência o menos glorioso”. Nasceu em Gênova e estudara em Pádua. Fôra magistrado, casara e tinha diversos filhos. Movido pelos conselhos do arcebispo de Bolonha, renunciara à vida mundana que levava, fêz-se eclesiástico. Foi bispo de Savona e Molfetta. Aos 52 anos, papa. Procurou pacificar Roma, revoltada contra os parentes de Sisto IV. Inocência era douto, humilde e bondoso, foi porém condescendente demais com seus filhos e sobrinhos. Para atrair Lourenço de’ Médici, “o Magnífico”, de Florença, nomeou cardeal seu filho João de’ Médici, o futuro Leão X, jovem demais. Como todos os príncipes de seu tempo, Inocência primou em estimular os artistas e literatos. Não conseguiu entretanto auxiliar a luta contra os Turcos, embora conservasse em Roma o refugiado príncipe Djem (Zizim), que se revoltara contra seu irmão, o sultão Bajazé II. Êste, para tornar propício o papa, enviou a Inocência a Santa Lança, suposta relíquia com a qual Longino atravessara o peito de Cristo na Cruz. Inocência concedeu aos reis de Espanha, Fernando e Isabel, o título de “reis católicos”, após a gloriosa conquista de Granada, último reduto mouro na Ibéria (2-1-1492). O pontífice genovês faleceu em 25-7-92. Dias depois, outro genovês, Cristóvão Colombo, do pôrto de Palos fazia-se ao mar para a conquista de um Novo Mundo.



ALEXANDRE VI (1492-1503)

ALEXANDRE VI (1492-1503)

Rodrigo Lenzuol Borja, espanhol de Játiba (Valença), sobrinho de Calisto III, eleito na capela Sistina, adotou o nome de Alexandre VI. Contava 61 anos de idade. Era de grandes dotes naturais, clarividente, diplomata, sóbrio no comer e infatigável no trabalho. Seu passado, porém, não o recomendava. Militar, aventureiro, possuía de sua vida mundana, quatro filhos crescidos na depravação geral de uma época em que, com as artes, “*renascera* o paganismo e na qual tudo o que era belo era considerado bom”!... // Condenou Jerônimo Savonarola, o frade que revolucionara Florença com sua prédicas moralizadoras, mas, ao depois, invadira o campo político e se tornara um revoltado e fanático († 1498). // Turvam a vida de Alexandre VI os atos de seus filhos (atos explorados por romancistas): César Borja, a quem o papa amava e temia, foi o herói do “Príncipe” de Machiavelli, impôs sua férrea e traiçoeira política aos barões italianos, tornando odioso o nome paterno — e Lucrécia Borja, vilmente caluniada, que foi exemplar espôsa como duquesa de Ferrara. // Pelos “Arquivos Secretos do Vaticano”, destemidamente franqueados aos estudiosos por Leão XIII, vê-se que Alexandre VI errou como homem (S. Pedro negou três vezes a Cristo), errou como príncipe (“o meu Reino não é dêste mundo”), jamais, porém, errou nos ensinamentos da Igreja como Papa, Vigário de Cristo, o Qual Cristo, dormindo na Barca de Pedro, sustentava-a contra as tempestades da Renascença paganizante e a favor de “homens de pouca fé”. // Alexandre VI pacificou Portugal e Espanha, com a célebre “linha meridiana” que separava as Descobertas — o que levou o rei de França a perguntar em que artigo do seu testamento Adão repartira a Terra entre portugueses e espanhóis.

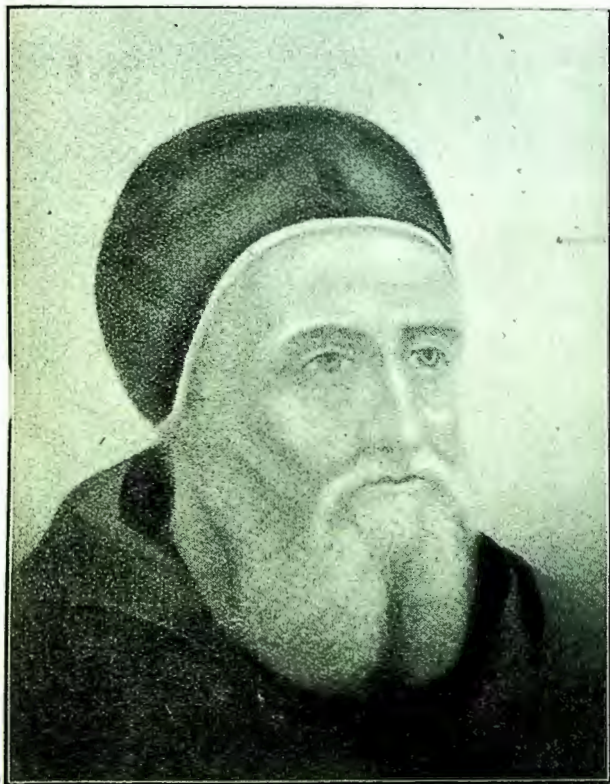


*

PIO III (1503).

Em 1503 falecia Alexandre VI, papa Borja, aos 72 anos de idade, em 18 de agosto, mês célebre pelas enfermidades que o calor úmido provocava em Roma. Como ao mesmo tempo adoecia gravemente César Borja, cronistas houve que atribuíram a morte do pontífice a veneno, acrescentando os malévolos que se tratava de veneno preparado para outrem! Muita fantasia, muito romance. Seu sucessor o cardeal de Siena, Francisco Todeschi Piccolomini, após receber a sagração episcopal, foi coroado solenemente na escadaria da basílica de S. Pedro. Chamou-se Pio III, em memória de seu tio Pio II. Sua eleição causou grande júbilo. Era homem religioso, de grande bondade, muito caritativo, de vida exemplar. Esperava-se um pontificado oposto ao precedente. Pacífico, Pio III suportou a presença de César Borja, agora abandonado e ameaçado por todos, o qual, gravemente enfermo mas ainda perigoso, se entrincheirara no Castelo S. Ângelo e se apossara do tesouro pontifício.

Pio III fôra eleito doente também e veio a falecer santamente no dia 18 de outubro, sem um mês de pontificado. “Por nossos pecados nós não o merecíamos”, escreveu Sigismundo Tizio. Pio abençoara a obra apostólica, evangelizadora, dos missionários, que levavam com sacrifício, com abnegação, a fé cristã às Indias Ocidentais e Orientais, pelas luminosas rotas de Colombo e Vasco da Gama, envolvendo o Globo no civilizador abraço de Nosso Senhor Jesus Cristo. Franciscanos e Dominicanos eram os principais atletas de Deus nessa propagação do Evangelho; havia, porém, muitas outras ordens e associações religiosas nessa empresa, às quais viriam em breve juntar-se os gloriosos filhos de Santo Inácio.



JÚLIO II (1503-1513)

JÚLIO II (1503-1513)

Num conclave de poucas horas foi eleito o cardeal Juliano Della Róvere, de 61 anos, natural de Albissola (Gênova), de família pobre e sobrinho de Sisto IV. Muito enérgico e de costumes irrepreensíveis no sólio pontifício. Soube conter e até prender o poderoso duque Valentino, César Borja, morto mais tarde (1507) em combate na França. Lutou para restabelecer os Estados Pontifícios contra o poder dos barões que audazmente haviam até executado os enviados do papa. Júlio II comandou seu exército e expugnou cidades em pleno inverno, expulsando as tropas da poderosa República de Veneza e do próprio rei de França, Luís XII, que invadira a Itália. Sua atividade guerreira, embora desinteressada, patriótica, e justificada pelos costumes do tempo, foi sempre criticada. Sob inspiração de Luís XII, seus inimigos reuniram um pseudo concílio em Pisa, que pretendeu depor o papa; mas Júlio desfez o conciliábulo e convocou, em 1512, o 5.^o Conc. Lateranense, 18.^o Ecumênico.

Incrementou a cultura e as artes. Roma tornou-se a capital artística do mundo: Miguelângelo, Rafael, Bramante, a quem confiou a construção da nova basílica de S. Pedro, são nomes que imortalizam o pontificado de Júlio II. Sua figura moral, enérgica, expressiva, de chefe, é bem simbolizada na estátua do “Moisés”, de Miguelângelo, estátua que impõe respeito e admiração através dos séculos. Papa Júlio II, o batalhador que teve a energia de César Borja sem seus vícios e traições, morreu em 21-2-1513, aos 72 anos de idade, meditando grandiosos planos, que certamente levaria a cabo se mais vivesse. “Mais príncipe que papa, foi o homem necessário à salvação do pontificado numa época de prepotência” (Von Pastor).



LEAO X (1513-1521)

João de Médici, de 38 anos de idade, filho de Lourenço, o Magnífico, duque de Florença, tornou-se papa aos 11-3-1513. Chamou-se Leão, nome de vários pontífices santos. De família nobre, de gênio pacífico, é chamado o “Salomão pontifício”. Generoso ao extremo, magnificente com os artistas, deu seu nome à época — “o século de Leão X”. Era manso, sóbrio, exemplar, de belo exterior. Deixou-se, porém, levar pelo renascente espírito pagão, dedicando-se muito às artes e pouco à religião, e não procurou realizar, como prometera, a reforma da Igreja “na cabeça e nos membros”. Cuidou da paz com Francisco I de França, após a vitória dêste em Marignano, (1515) “a batalha dos gigantes”. Houve contra o pontífice uma conjuração, punida com o rigor daqueles tempos. // Leão não deu suficiente atenção ao movimento protestante, iniciado pelo frade agostiniano alemão, Martinho Lutero, contra a pregação das indulgências feita pelo dominicano Tetzel. O violento ódio que transparece dos escritos e dos atos de Lutero não recomenda a sua “reforma”. Entretanto de reforma cristã, não luterana, necessitava a faustosa corte de Leão X. Sob a aparência de Arte, o Paganismo resuscitava em Escultura, Poesia e Teatro como nas demais cortes. Daí um aumento de materialismo. Abstraindo-se dessa infiltração pagã que tentava sufocar o pensamento cristão, o mérito de Leão X consiste em ter sido o maior Mecenaz dos artistas de valor de seu tempo, quando floresceram Rafael Sanzio, Miguelângelo Buonarroti, Leonardo da Vinci...

Apesar de seus pendores para a “moda” geral do Renascimento, Leão X foi irrepreensível, sóbrio, justo. Morreu aos 46 anos “tendo-se confessado devotissimamente” (carta de Castiglione ao marquês de Mântua). // Na História da Igreja, em Leão X, os fulgores do príncipe foram fatais ao Pontífice.



ADRIANO VI (1522-1523)

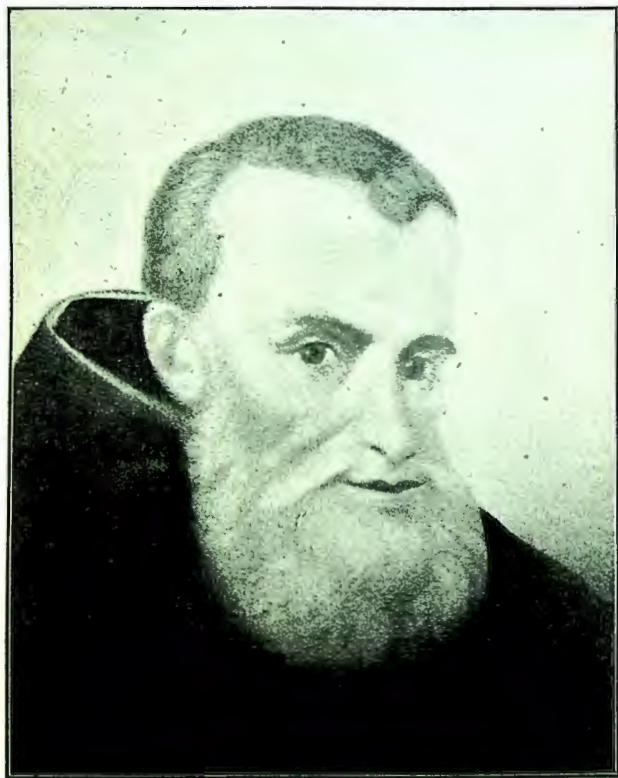
ADRIANO VI (1522-1523)

Adriano Florenz Boyers, filho de um carpinteiro de Utrecht (Holanda), elevado ao sôlio pontifício em 9-1-1522, tinha 61 anos de idade. Não quis mudar seu nome: chamou-se Adriano VI. Pobre órfão, lutara desde os primeiros anos para estudar. Formou-se na Universidade de Louvain, da qual chegou a ser vice-chanceler. Foi depois preceptor do imperador Carlos V, bispo de Tolosa e regente da Espanha com o grande cardeal Ximenes. O sério Carlos V ao receber a nova da eleição saltou exclamando: “Mestre Adriano é papa!” O eleito, porém, que estava ausente de Roma, disse: “Se é verdade, é uma tristeza”. Adriano, conhecido por sua imparcialidade, foi homenageado por todos os reis cristãos. Imponente esquadra levou-o da Espanha à Itália. Em Roma, assolada pela peste, deu logo o papa mostras de sua caridade. Proibiu depois despesas e pompas na sua coroação. Edificou os bons com sua vida de asceta. Afastou os parasitas, cortesãos, falsos poetas, bufões... Ganhou com essas medidas sábias a antipatia de muitos aproveitadores. Perseguiu-o o “Pasquim”. (Numa velha estátua, um alfaiate corcunda e mordaz, chamado Pasquino, afixava outrora críticas ao Governo — e o costume havia continuado). Adriano sofreu com o progresso do Protestantismo que convulsionava a Alemanha, com a invasão dos Turcos que devastavam a Hungria e com a estúpida guerra entre Francisco I e Carlos V. Quis aplicar justas reformas. Morreu, porém, em 14 de setembro de 1523. À casa de seu médico alguns adversários de suas reformas aplicaram o letrero: “Salve, libertador da Pátria”. Adriano, porém, num pontificado longo, teria sido por suas firmes virtudes um “libertador da Igreja”.



CLEMENTE VII (1523-1534)

Chamou-se Clemente VII o florentino cardeal Júlio de' Médici, primo de Leão X. Era jovem, culto, protetor das letras, ciências e artes. Foi, porém, "o mais infeliz dos Papas". A Alemanha incendiava-se na reforma de Lutero, cujos adeptos, protestando na Dieta de Espira (1529), foram chamados *protestantes*. O rei da Inglaterra, Henrique VIII, exigia seu absurdo divórcio. O sultão Solimão II esmagava o bravo exército húngaro em Mohacs (1526), sitiava Viena e ameaçava a Europa. Na Itália digladiavam-se os exércitos de Francisco I de França e de Carlos V imperador da Alemanha e rei da Espanha. Em 24-2-25 os imperiais aprisionaram Francisco I em Pavia. Temendo, então, o demasiado poder de Carlos V, contra êle uniram-se os governos. Clemente favoreceu essa Liga. E eis a precipitarem-se sôbre a mísera Itália as tropas mercenárias dos "lansquenets". Seus chefes morreram: o luterano Frundsberg de apoplexia, ao repreender suas tropas, e o renegado Condestável de Bourbon, em combate; assim os fanáticos luteranos entraram desenfreados na Cidade, acompanhados pelos bandidos que seguiam o exército. O saque de Roma (maio de 1527) foi um dos mais repugnantes episódios da História: roubo, incêndio, sangue, violências inauditas. Idade, sexo, conventos, Igrejas, sepulturas, nada foi respeitado. A Capela Sistina, tão artística, foi transformada em cocheira... Só a peste afugentou os brutos, que se diziam reformadores... Clemente refugiou-se em Orvieto. Conseguiu depois a Paz das Damas, entre franceses e imperiais. Corou Carlos V em Bolonha (1529) e foi à França para o casamento do filho de Francisco I com sua sobrinha Catarina de' Médici. Aprovou a fundação dos excelentes Capuchinhos, ramo Franciscano. Morreu Clemente em 25-9-1534, aos 56 anos.

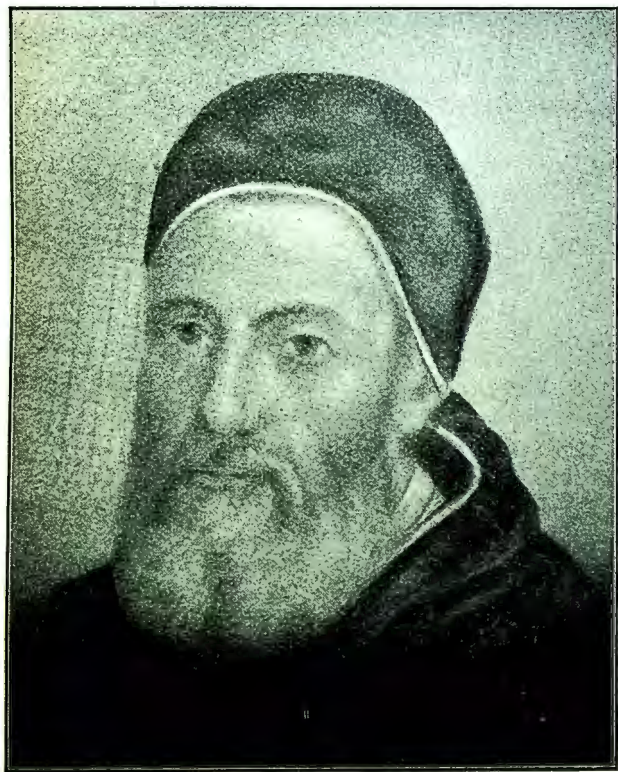


PAULO III (1534-1549)

PAULO III (1534-1549)

Um conclave de poucas horas elegeu o cardeal Alexandre Farnese, de 67 anos de idade. Chamou-se Paulo III. Roma alegrou-se, pois havia 103 anos que não elegia um pontífice nativo da Cidade Eterna. // Alexandre, que na mocidade fôra leviano, mudou radicalmente de vida em 1513 ao se fazer eclesiástico. Sacerdote em 1519. Descontado seu nepotismo, teve um pontificado dos mais benéficos. Encarou com firmeza o caso do divórcio de Henrique VIII, da Inglaterra, que repudiara Catarina de Aragão; mandara matar três das outras cinco espôsas e fizera muitos mártires (seu ministro S. Tomás More, o arcebispo S. João Fisher. . .) // Paulo III procurou unir Francisco I e Carlos V na luta contra os Turcos. Carlos venceu os infiéis em Túnis (1535), libertando 20 mil escravos cristãos, mas o rei de França, para combater o rival, aliou-se ao Sultão!

O protestantismo de Lutero, Calvino, Melanchton, crescia com a proteção dos príncipes que se apossavam dos bens da Igreja, e com a convivência do mau clero que se libertava do celibato. O próprio Lutero casou-se com uma freira. // Paulo III convocou afinal o desejado e célebre Concílio de Trento (1545-63), interrompido por guerras e pela peste, mas que deu vigoroso impulso à verdadeira Reforma. // Paulo III foi o verdadeiro protetor das artes e das letras, excluindo delas o paganismo. Patrocinou homens como Copérnico, Miguelângelo, Sangallo e outros gênios. Deus abençoou-o com a dádiva celeste da Companhia de Jesus, fundada em 1540 por S. Inácio de Loyola, o santo general. A Companhia expandiu-se pelo mundo inteiro “ad maiorem Dei gloriam”, dando santos, sábios e missionários (como Nóbrega e Anchieta no Brasil): os padres jesuítas, os mais bravos — por isso mesmo os mais combatidos — soldados de Cristo.

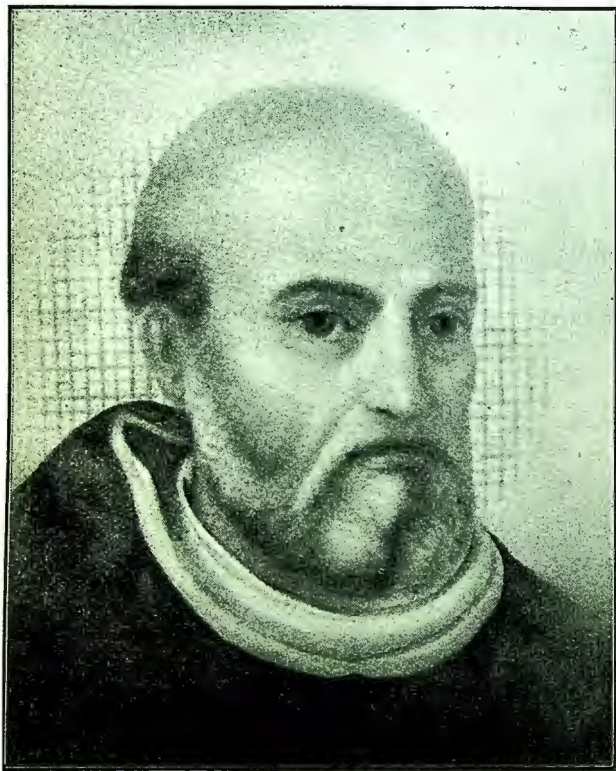


JULIO III (1550-1555)

JÚLIO III (1550-1555)

Várias as opiniões dos 47 cardeais reunidos no conclave de 1550. Muitos votos obteve o cardeal inglês Reginaldo Pole. Finalmente foi eleito João Maria del Monte, bispo de Palestrina, ex-presidente do 1.º período do Concílio de Trento. Escolheu o nome de Júlio III. Era toscano e de idade avançada. Eleito papa, mudou de tal forma seu gênio colérico que, dizia-se, não conseguia dormir à noite, quando passava o dia sem conceder favores. Celebrou o Ano Santo de 1550. Criou (bula *Super Spécula*) a diocese da Bahia, a primeira no Brasil, 25-2-1551, nomeando seu malogrado 1.º bispo, D. Pedro F. Sardinha. // Júlio III cuidou logo da reforma eclesiástica e da paz entre os reis. O francês Henrique II continuava a guerra de seu pai contra Carlos V, e o papa empenhou-se em pacificá-los. Reiniciou o Concílio de Trento, em abril de 51, o 2.º período, (da XI à XVI sessão) no qual se tratou da Eucaristia e da disciplina episcopal. Convidou inutilmente os protestantes. Suspendeu-se o Concílio em abril de 52, porque os príncipes reiniciaram a guerra religiosa, com o apoio do traidor Maurício de Saxônia, que quase aprisionou o imperador Carlos V. // Júlio III muito trabalhou para reconduzir a Inglaterra à união da fé, por meio da rainha Maria Tudor, filha da repudiada Catarina de Aragão. Enviou-lhe o cardeal Pole. Maria, porém, por uns chamada a Católica e por outros a Sanguinária, casou-se, por motivos políticos, com Felipe II de Espanha, 18 anos mais moço. Este casamento desagradou aos ingleses, e a rainha conseguiu apenas um união efêmera com a Igreja. //

Nosso papa morreu em 23-3-55, amargurado por seus ingratos parentes, mas confortado pelas notícias da brilhante propagação da fé por meio da Companhia de Jesus nas Índias, no Japão e na China (S. Francisco Xavier e outros).

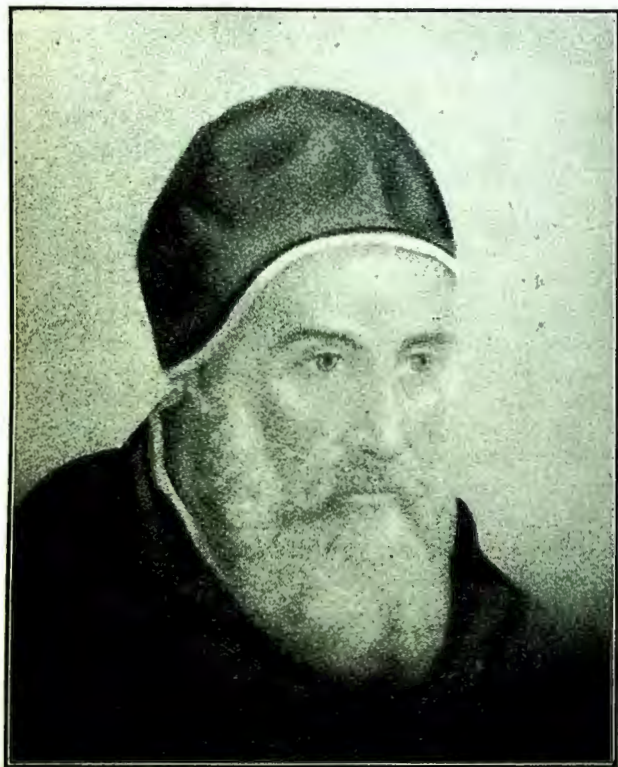


MARCELO II (1555)

MARCELO II (1555)

O cardeal Marcelo Cervini teve brevíssimo pontificado: 23 dias, de 9 de abril a 1.º de maio de 1555. Entretanto era um dos pontificados mais promissores. Não quis mudar seu nome, costume que se vinha observando desde João XII (955) com a rara exceção de Adriano VI (1522). Chamou-se, pois, Marcelo II. Era a figura mais respeitável do S. Colégio: naqueles tempos os trêfegos Romanos tinham o péssimo costume de fazer apostas sobre quem seria eleito papa; os entendidos apostaram unicamente em Cervini por ser o expoente máximo do partido reformador. Marcelo quis sua coroação realizada sem pompas, religiosamente, na Semana Santa, e determinou que o dinheiro destinado às festas fôsse aplicado em esmolas aos pobres. // Pesava tanto sua responsabilidade que dizia recear muito, depois de eleito papa, perder o Céu!

Inimigo do nepotismo, não permitiu aos seus numerosos parentes nem mesmo morar em Roma. Reduziu de tal forma a mesa, que da côrte papal se afastavam os comensais. Na Semana Santa acompanhou de pés descalços as procissões. // Tentou apaziguar a enervante guerra entre o rei de França e o Imperador, guerra que ensangüentava a Europa já por 40 anos. // Para acabar com abusos, resolveu suprimir toda música nas igrejas. Foi então que Pedro Luís Palestrina, maestro da basílica Vaticana, compôs a célebre *Missa in honorem PP. Marcelli II*, a seis vozes, com a qual provou poder a maravilhosa Arte da Música incentivar a piedade e a devoção. E o Papa, que tão bem sabia orar, inspirado por Deus, cedeu. E os templos tiveram um excelente modelo da música-prece para os futuros monumentais Oratórios e Missas, para os deliciosos Motes e Cânticos.



PAULO IV (1555-1559)

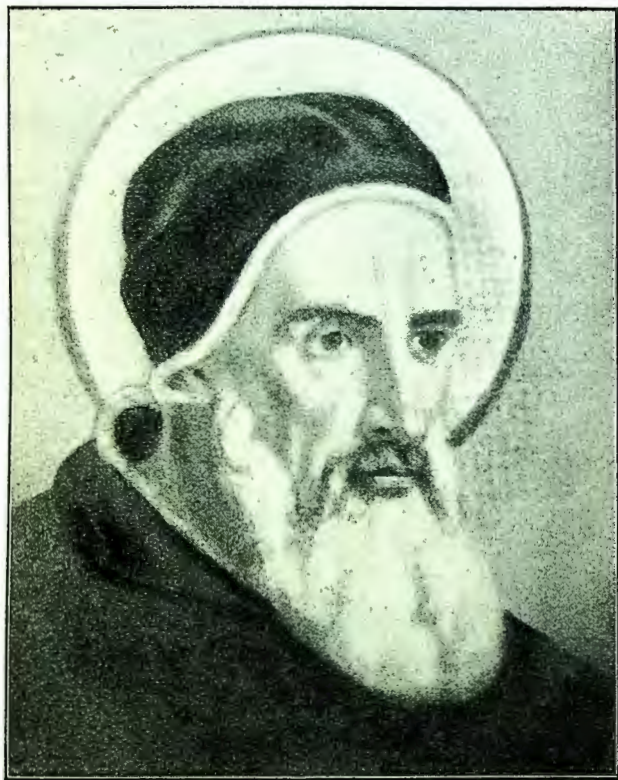
João Carlos Caraffa, de nobre família de Nápoles, chamou-se Paulo IV em 23-5-1555. Contava já 80 anos de idade, mas era robusto. Estivera, quando jovem, nas Côrtes da Inglaterra e da Espanha. Bispo de Chieti (Theates), renunciara ao bispado para, unido a Caetano de Thiene, fundar a Ordem dos Teatinos, admirável por sua observância. Paulo III nomeou-o cardeal e arcebispo de Nápoles (1536). De memória prodigiosa, poliglota de valor, versadíssimo em S. Tomás, de costumes inatacáveis, rigoroso mesmo. Reorganizou a Inquisição. Teve, porém, a infelicidade de confiar em parentes, que favoreceram a França em guerra contra a Espanha. Esta venceu em S. Quintino, célebre vitória que deu origem ao Mosteiro do Escorial, construído por Felipe II em memória de S. Lourenço, por ter sido ganha a batalha em 10 de agosto, dia desse santo. Roma foi então ocupada pelo espanhol Duque d'Alba, o qual, aliás, tratou o pontífice com a máxima deferência. Em 21-9-58 morreu no mosteiro de S. Justo, o grande Carlos V, "sobre cujos domínios jamais se punha o sol". Renunciara em favor de seu irmão Fernando e de Felipe II, seu filho. Quatro dias antes morria Maria, a Católica, infeliz rainha da Inglaterra. Sua irmã Isabel logo depois rompia com Roma e a filha de Ana Bolena firmava a Igreja Anglicana: Maria era filha de legítimo matrimônio, símbolo da herança Apostólica; Isabel, fruto de uma paixão pecaminosa e expoliadora, sucedia-a... Paulo IV teve seus dias amargurados ao conhecer, êle tão rigoroso, os desmandos de seus sobrinhos. Confessou publicamente sua dor, expulsou os parentes, castigou monges indignos, fêz prender até o inocente cardeal Morone. Expirou em 19-8-1559, tendo-se confessado humildemente ao P. Laynez, Geral dos Jesuítas, e pedido perdão a todos.



PIO IV (1559-1565)

PIO IV (1559-1565)

João Ângelo Médici, eleito no Natal de 1559, com o nome de Pio IV, contava 62 anos, nascera em Milão de humilde família. Manso e bondoso. Favoreceu os sobrinhos, um dos quais, porém, foi o admirável S. Carlos Borromeo, cardeal aos 22 anos e inesquecível arcebispo de Milão. Os tribunais da Roma de então obscureceram o nome de Pio IV, com o rigor na condenação dos Caraffas, da família de Paulo IV (o duque João matara a espôsa e subiu ao patíbulo com outros nobres seus parentes). É glória indiscutível de Pio IV haver encerrado o Concílio de Trento, o "*duc in altum*" do Mestre, que desencalhou a Barca de Pedro e a lançou ao mar alto. De 15-1-62 a 4-12-1563 durou o 3.^o e último período do Concílio. Em lágrimas de emoção foi encerrado. Tratou dos Livros Santos e da Tradição, do pecado original, da justificação, dos deveres e dos direitos dos bispos (residência e jurisdição), dos Sacramentos, do Índice dos livros proibidos, das obrigações sacerdotais, do divórcio, da bigamia, do celibato e da virgindade, do Purgatório, do culto aos Santos, das relíquias, das imagens, das indulgências, do jejum, das festas e da vida religiosa etc. . . Foi o Concílio uma reafirmação da doutrina católica, excluindo dúvidas e indecisões, num só bloco de ensinamentos, monolítico, sem fendas, indestrutível. Os protestantes foram convidados: — recusaram. Em 1546, já iniciado o Concílio, morrera Lutero, e em 1564, Calvino, deixando ambos, após si, dissensões, lutas e sangue em seus países e, por compreensível herança, uma eterna subdivisão entre seus sequazes, fragmentados, ante a grande Rocha de Simão Pedro. // Pio IV morreu, em 3-12-1565, nos braços de S. Carlos Borromeo e de S. Felipe Néri. Repousa seu corpo na igreja de S. Maria dos Anjos, em Roma.



5 de maio — S. PIO V (1566-1572) — Confessor

Num excelente conclave 53 cardeais elegeram o piedoso dominicano Miguel Ghislieri, nascido aos 17-1-1504 em Boscomarengo (Alessandria). Chamou-se Pio V, em sinal de respeito ao seu antecessor, do qual divergira outrora em sua habitual franqueza. Fôra Geral da Inquisição, bispo de Sutri e Nepi, e cardeal sob Paulo IV. Abraçando o são princípio de que o Concílio de Trento devia reformar a Igreja “na cabeça e nos membros”, levou vida rígida e santa. Dormia sôbre pobres palhas, jejuava freqüentemente; afastou de Roma, sob pena de morte, um seu sobrinho relapso. Aboliu costumes mundanos de funcionários da sua Cúria. Proibiu em Roma as touradas e o uso de máscaras. Dava audiência semanal de dez horas à gente pobre. Fundou os montepios, para subtrair os pobres à usura dos Judeus. Abriu estradas, reformou aquedutos. Mandou traduzir e difundir o Catecismo Tridentino. Reformou o Breviário e o Missal romanos. // Abençoou os príncipes favoráveis à reforma tridentina. Concedeu a Cosme de’ Médici, da Toscana, o título de Grão-Duque, e aos príncipes da Casa de Áustria (para não suscitar ciúmes), o de Arquiduques...

Insistiu sôbre o valor da bula “*In coena Domini*”, que condenava os crimes dos soberanos e era por êles mal aceita. Excomungou a rainha Isabel da Inglaterra, que impunha o cisma à nação e cujo govêrno perseguia cruelmente os católicos, expoliando-os de seus bens materiais e de seus direitos à prática de sua religião. // Uniu os católicos na gloriosa vitória de Lepanto (7-10-71), dos 243 navios sob D. João de Áustria contra os 283 dos muçulmanos. Em oração, S. Pio teve visão da batalha; acrescentou às Ladainhas de N. Senhora e invocação “*Auxilium Christianorum*”. Morreu em 1-5-1572.



GREGÓRIO XIII (1572-1585)

GREGÓRIO XIII (1572-1585)

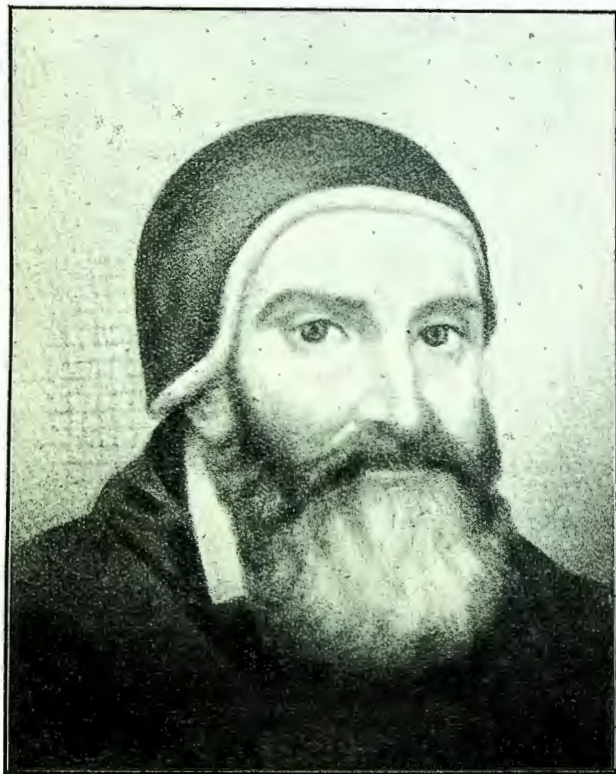
Hugo Boncompagni, de 70 anos, nascido em Bolonha de modesta família, foi o notabilíssimo papa Gregório XIII, eleito em 14-5-72. Até a idade de 36 anos fôra professor de jurisprudência. Tendo perdido a espôsa, mudou-se para Roma; fêz-se eclesiástico. Elevado a bispo, estêve no Concílio de Trento, como companheiro de S. Carlos. Eleito papa, destinou a soma a ser gasta na festa de coroação, ao hospital de S. Felipe e a dotes para moças pobres. Nomeou, pela vez primeira, um Secretário de Estado, o Card. Gallio de Como. Favoreceu muito os estudos, criando ou ampliando colégios para as várias nacionalidades: Colégios Romano, Germânico, Grego, Inglês, Húngaro etc... base da atual Universidade Gregoriana em Roma, onde o papa assistia a aulas do jesuíta Francisco Suarez. Dotou seminários na Europa e escolas no Japão, de onde quatro príncipes vieram a Roma numa viagem de três anos. Célebre o Calendário Gregoriano, (reforma do de Júlio César) em que trabalharam por dez anos os melhores astrônomos e matemáticos da época — uma prova da dedicação da Igreja à Ciência. Iniciou-se o novo calendário em 5-10-82, dia da morte da grande S. Teresa.

Aos primeiros meses dos pontificado de Gregório, deu-se na França a matança de huguenotes na célebre “Noite de S. Bartolomeu” (24 de agosto), por precipitação culposa da rainha Catarina de’ Médici. O papa foi injustamente incriminado, porque se rejubilou com o “fracasso do atentado contra o rei”, como informaram a êle. Mandou mesmo cantar *Te Deum* e cunhar medalha, na certeza de que a mortandade (aliás exagerada propositadamente por alguns escritores) fôra apenas a repressão em defesa da vida do soberano francês. Gregório tornou mundial a festa de N. S. do Rosário. Morreu aos 84 anos, no dia 10 de abril de 1585.



SISTO V (1585-1590)

O menino Félix Peretti, guarda de porcos, chegou a ser papa aos 63 anos. Sisto V em um só lustro de pontificado immortalizou seu nome. Nasceu de pais pobres em Grotte a Mare (Marcas) em 13-12-21. Humilde, sempre recordou sua origem. Piedoso, fizera-se franciscano. Jovem, pregador de fama, encontrara-se em Roma com S. Inácio de Loiola, S. Felipe Néri, S. Félix... Teólogo no Concílio de Trento. Cardeal em 1570. É uma figura legendária. No centro da Itália havia então uns 20 mil bandidos, ex-soldados, chefidos por nobres! Sisto limpou seus Estados dessa praga! Sua justiça era tal que afirmavam: "Papa Sisto não perdoa em Cristo!" Dentro dessa ordem, concedeu festas grandiosas e teatros públicos ao povo, liberdade aos Judeus e paz geral. Exigindo honestidade dos funcionários, restabeleceu as finanças, diminuiu os impostos, remodelou a cidade, construiu grandioso aqueduto, criou a Tipografia Vaticana, ampliou a Biblioteca e as universidades. Ergueu na praça S. Pedro o imenso obelisco, que os imperadores romanos haviam trazido do Egito dos Faraós, e na base do qual Sisto mandou gravar: "Christus vincit, Christus regnat, Christus imperat!" Nessa ocasião, contam quando as amarras cediam, um barqueiro, rompendo o silêncio imposto sob pena de morte, gritou: "Molhem as cordas" e as cordas, molhadas, resistiram. // Sisto incrementou a produção da sêda, com cujo imposto criou asilos para os indigentes. Reprovou a Isabel da Inglaterra a morte de sua prima Maria Stuart; ameaçou expulsar o embaixador de Felipe II, porque este se tornara exigente; trabalhou para converter o chefe huguenote, o futuro Henrique IV de França. Ativo até o fim, Sisto morreu trabalhando, em 26-9-1590. Permanece a memória do notável caráter de quem foi um grande Papa e um grande Rei.



URBANO VII (1590)

URBANO VII (1590)

Muito observante das prescrições da Igreja, Sisto V mantivera sempre o número de cardeais bem aproximado ao máximo estabelecido de 70. À sua morte, havia 67 membros do S. Colégio. Reuniram-se 54 no conclave de 15-9-1590. Dividiam-se em dois grupos: os “gregorianos”, elevados ao cardinalato por Gregório XIII, e os “sistinos”, nomeados por Sisto V. A todos animava a vontade sincera de se escolher um bom pontífice. Foi por isso eleito João Batista Castagna. Chamou-se Urbano VII. Nascera em Roma, de família genovesa. Douto e virtuoso, foi sacerdote aos 32 anos, depois arcebispo de Rossano na Calábria e cardeal em 1583.

De coração muito compassivo, seu pensamento correu logo aos pobres. Como presente de sua coroação, distribuiu seus bens de família aos indigentes e aos hospitais fundados por seus antecessores. Reuniu os párocos de Roma, ordenando-lhes fizessem listas dos necessitados. Providenciou que se melhorasse e se barateasse o pão na cidade. Mostrou-se logo inimigo do nepotismo, negando-se a nomear para cargos públicos seus parentes que haviam acorrido numerosos e espremechos à Côrte pontifícia. Todos aguardavam, pois, um governo magnífico dêste santo homem. Urbano tinha 69 anos. Gozava de ótima saúde. Mas foi atacado pelas febres de verão, violentas e fatais em Roma. Tôda a cidade se comoveu à notícia de sua enfermidade. Fizeram-se preces públicas com a função das Quarenta Horas. Mas o pontífice, resignado à vontade de Deus, expirou em 27-9-1590, após 13 dias apenas de pontificado. Entre outras disposições caridosas, legou, de sua herança paterná, 30 mil escudos em dotes às moças casadoiras.



GREGÓRIO XIV (1590-1591)

Por dois meses prolongou-se o conclave de 1590, hostilizado pela influência dos embaixadores de alguns soberanos, máxime do rei da Espanha. Nessa ocasião apareceram as famosas “Profecias de S. Malaquias”, um documento que afirmava ter êsse santo bispo de Armagh (Irlanda), profetizado a vida dos futuros 111 papas, a começar de Celestino II (1143) até o fim do mundo no ano 2000. Assim, Pio XI seria *Fides intrépida*, Pio XII *Pastor angelicus*. Seguindo-se: *Pastor et nauta*, *Flos florum*, *De medietate lunae*, *De labore solis*, *De gloria olivae* e finalmente *Petrus II*, o último pontífice. Essa profecia foi forjada em 1590 por alguns que desejavam a eleição do cardeal Simoncelli, a quem caberia o dístico *De antiquitate Urbis*, pois era natural de Orvieto (*Urbs vetus*). Foi, porem, eleito Nicolau Sfondrato, de Milão. Teve um pontificado de 10 meses. Estudara em Pádua. Amigo de S. Carlos Borromeo e de S. Felipe Néri, o popular santo, fundador do Oratório. O cardeal Nicolau Sfondrato chamou-se Gregório XIV.

Enganado por parentes, quis guerrear o huguenote Henrique IV candidato ao trono de França. Mostrou sua caridade, corajosa e ativa, nos socorros prestados às vítimas da peste que assolou Roma e na qual morreu (21-6-1591) o angélico jovem jesuíta S. Luís de Gonzaga, dos marqueses de Castiglione e a quem sua feliz mãe ainda pôde venerar nos altares como bem-aventurado. Em 16 de outubro morria Gregório XIV, abatido pelo cansaço. Curioso o “tratamento” que os médicos “tolos ou ladrões” (como lhes chama um cronista) applicaram ao pontífice: “remédios feitos de pó de ouro e de pedras preciosas esmagadas”. O papa, depois de dar a mão a beijar a todos os presentes, morreu como vivera: santamente.



INOCÊNCIO IX (1591)

INOCÊNCIO IX (1591)

João Batista Facchinetti, bolonhês, eleito papa em 29-10-1591, contava 72 anos de idade. Douto e conhecedor da Côrte Romana. Formado na Universidade de Bolonha, era muito estimado por seu profundo saber e por suas acrisoladas virtudes. // Infelizmente, às muitas qualidades intelectuais e morais não correspondia a saúde. Magríssimo, pálido, sempre adoentado, Inocêncio IX, como se chamou o eleito, muito trabalhou nas poucas semanas de seu pontificado. Mandou vir alimentos para a cidade. Ordenou severa repressão ao banditismo. Subdividiu a Secretaria de Estado. Procurou caridosamente ganhar Henrique IV de França e convertê-lo. Em 30 de dezembro, após peregrinar por sete igrejas de Roma, faleceu santamente. Os Romanos, jocosos como todos os habitantes das capitais, haviam-no apelidado "*Clínicus*", por causa de suas doenças; mas choraram sentidamente a morte de um pai tão bondoso, prestativo e que lhes queria muito bem. Deixou vários escritos, entre os quais uma réplica "*Adversus Machiavellum*". // Inocêncio IX foi mais um pontífice santo, fruto das bênçãos de Deus ao Concílio Tridentino. E com êle outros gloriosos santos: o florentino S. Felipe Néri, — o santo da alegria divina — o médico S. Antônio Maria Zacaria, o fidalgo S. José Calasans, o anjo dos doentes S. Camilo de Lellis, S. Carlos fundador das Oblatas de S. Ambrósio, S. Ângela Merici das Ursulinas...

Os Jesuítas com S. Pedro Canísio e seu Catecismo, com o duque S. Francisco de Borja, com seus missionários, doutores e mártires por todo o mundo... S. Vicente de Paulo, de luminosa e comovente ação na brilhante Côrte de França, instituía mais tarde os Lazaristas e as inesquecíveis Irmãs da Caridade... Frutos opimos do Tridentino! A verdadeira reforma cristã!



CLEMENTE VIII (1592-1605)

CLEMENTE VIII (1592-1605)

No conclave de 1592 tardavam os eleitores a um acôrdo, quando faleceu o cardeal Della Róvere. Foi assistido piedosa e incansavelmente pelo colega Hipólito Aldobrandini. Sôbre êste convergiam os votos. Chamou-se Clemente VIII. Nascido em Fano, a nordeste de Roma, fôra legado pontifício na Polônia. // “De grandes méritos, costumes ilibados, alta cultura”, mostrou logo seu valor. Na França, após o assassinio do duque de Guisé e do rei Henrique III, os católicos relutavam em aceitar o Bourbon, por ser huguenote. Mas Henrique IV de Navarra — o Bourbon — abjurou a heresia. É lenda que houvesse dito a sério “Paris vale bem uma missa”, porque sua conversão foi sincera e seus filhos foram educados por êle no Catolicismo. Clemente VIII, aconselhado por S. Felipe Néri e por Barônio, absolveu o rei da excomunhão imposta por Sisto V. Voltou a paz à França e Henrique IV concedeu liberdade de religião pelo Editto de Nantes (1598). Nesse ano morria Felipe II, de Espanha, religiosamente, mas atacado por horrível moléstia, dizendo ao filho: “Vê, príncipe, como acabam as grandezas dêste mundo”. // Ao tempo de Clemente houve em Roma dois julgamentos de sensação: o da jovem e bela parricida Beatriz Cenci e o de Giordano Bruno, ambos condenados à morte. Giordano tornou-se mais tarde (1898) “*herói*” para os anticlericais. Fra-de rebelde, agitador imoral, insultava até as Universidades, a começar pela de Oxford, que chamou de “constelação de ignorantes, monturo de asnos e porcos...”

Clemente VIII foi valioso amigo do poeta Torquato Tasso. Festejou o Ano Santo de 1600, dos mais concorridos e belos. Terminou e decorou o Palácio Vaticano (sala do Conclave e Sala Clementina). Recusando descansar, como recomendavam os médicos, faleceu em 3 de março de 1605.



LEÃO XI (1605)

LEÃO XI (1605)

Um fidalgo da alta nobreza, Alexandre Otaviano de' Médici, obteve maioria de votos entre os 62 cardeais do conclave que se seguiu à morte de Clemente VIII. Era primo de Cosme, Grão-Duque da Toscana, e de Maria de' Médici, rainha de França. Justo e imparcial, escreveu logo ao rei da Espanha, adversário dos Médici, assegurando-lhe a sua amizade de pai comum de tôda a Cristandade. Chamou-se Leão XI. Nasceu em Florença, cidade da qual era arcebispo, após ter sido bispo de Pistoia. Sua eleição teve uma santa garantia, a de contar no conclave com a presença de três astros do Sacro Colégio: os cardeais Barônio, oratoriano, Belarmino, jesuíta e Frederico Borromeo, da família de S. Carlos. Leão contava 70 anos de idade. Gregório XIII nomeara-o cardeal em 1583. // Ao contrário de seu antecessor, Leão assumiu atitude firme contra o nepotismo. Algumas pessoas importunavam-no pedindo nomeasse cardeal a um seu sobrinho; o pontífice não mais quis ver essas pessoas em sua Côrte. // De eminentes virtudes, pertencia àquele grupo de cardeais que observavam à risca as prescrições do abençoado Concílio de Trento. // Era muito popular pela liberalidade tradicional da nobre família dos Médici, que já dera à Igreja os pontífices Leão X, Clemente VII, parentes do Magnífico Lourenço. Leão XI assumiu o nome papal em recordação do seu antigo e brilhante parente. Foi coroado no Vaticano em 10 de abril e tomou posse em S. João de Latrão no dia 17. Mas nesse mesmo dia adoeceu e em nada mais pensou senão em se preparar para "a coroação celeste". Faleceu em 27-4-1605, com 26 dias de pontificado. Contam que S. Felipe Néri e S. Madalena de' Pazzi, que muito o estimavam, lhe haviam predito outrora que seria papa e... por pouco tempo.



PAULO V (1605-1621)

O ex-advogado romano Camilo Borghese, de 23 anos, foi o cardeal eleito com o nome de Paulo V. Vivera modestamente entre livros. Belo no corpo e na alma: alto, majestoso, exemplar como um santo. Confessava-se cotidianamente antes da Missa. Seu único defeito foi o nepotismo, aliás moderado, porque elevou seus parentes na sociedade, mas não permitiu nenhuma ingerência deles nos negócios da Igreja. Usou de firmeza com a República de Veneza, cujo governo usurpara os direitos eclesiásticos. Vendo inúteis seus esforços suaves, Paulo V lançou por fim o interdito (proibição de funções religiosas) a toda a poderosa república. O governo dos Doges proibiu a leitura e a execução do interdito, sob pena de morte, mas os Jesuítas (1606), os Capuchinhos, os Mínimos e os Teatinos defenderam valorosamente o Papa e foram expulsos. O governo veneziano contou então com o favor do teólogo Paulo Sarpi. Pela intercessão do ex-luguenote Henrique IV de França, Veneza a gloriosa adversária dos Turcos, voltou às pazes com a Santa Sé. // Na Alemanha a Liga Católica respondia com armas iguais à guerra dos Protestantes, derrotando-os na Montanha Branca (1620) por meio de Tilly. // Os católicos ingleses eram perseguidos sob o pretexto da "Conjuração da Pólvora" (atentado contra o Parlamento). Na França o rei Henrique IV era assassinado pelo fanático Ravaillac (1610). Desses dois reprováveis atos aproveitaram-se os inimigos para acusar os Jesuítas. . . . Paulo V pôs à disputa teológica sobre a graça e a predestinação, entre Jesuítas com Molina e Suarez e os Dominicanos com S. Tomás de Aquino. Canonizou S. Carlos Borromeo. Deixou trabalhos magníficos em Roma, de Bernini e outros artistas de valor. Seu nome é recordado principalmente na Basílica de S. Pedro. Morreu em 28-1-1621.



GREGÓRIO XV (1621-1623)

GREGÓRIO XV (1621-1623)

Alexandre Ludovisi, de 67 anos, filho de uma nobre família de Bolonha, onde êle se formara em Direito, chamou-se Gregório XV. Havia sido núncio. Conhecera então o embaixador francês Lesdigières, protestante, que em tom dúbio lhe dissera: “Vós sereis papa”. Ao que Ludovisi respondeu sério: “E obterei vossa conversão”. Ludovisi foi papa e Lesdigières converteu-se ao catolicismo. Com a bula *Aeterni Patris* (1621), Gregório estabeleceu mais firmes normas para a eleição dos pontífices: voto secreto, exclusão de estranhos etc... Outra sua grande benemerência foi a fundação da *De Propaganda Fide*, direção geral das Missões e que trouxe grandiosos frutos à Igreja.

Acompanhou com angústia o desenrolar-se da Guerra dos Trinta Anos, luta político-religiosa que devastou a Alemanha (1618-1648). Derrotado o eleitor palatino pelo notável Conde João Tilly, o papa salvou da destruição a biblioteca da Universidade de Heidelberg, recolhendo, por doação imperial, 3.500 códigos e mais de 50 mil preciosos livros. — Em uma só festa Gregório XV canonizou: S. Isidro de Madri, o Lavrador; S. Inácio de Loiola, fundador dos Jesuítas; S. Francisco Xavier, jesuíta apóstolo do Extremo Oriente; S. Felipe Néri, o santo da alegria; S. Teresa de Jesus, a admirável reformadora carmelita (fevereiro de 1622). Estendeu a tôda a Igreja a simpática festa de S. Joaquim e S. Ana, pais de Nossa Senhora. Gregório foi o primeiro ex-aluno dos jesuítas a ascender ao sólio pontifício. Morreu em 8-7-1623, aos 70 anos, sendo sepultado na igreja de S. Inácio. Seu epitáfio proclama: “*Lugendus semper quod imperasset parum*”, lamentável para sempre por ter governado pouco tempo.



URBANO VIII (1623-1644)

Com o nome de Urbano VIII ocupou o trono pontifício o cardeal Maffeo Barberini, de 56 anos de idade. De uma família de comerciantes de Florença. Ex-aluno dos Jesuítas. Bispo de Espolêto. Legado em Bolonha. Literato exímio, deixou elegantes poesias e foi o Mecenas de poetas e escritores. Fundou a Biblioteca Barberiana, a Academia romana que hospedou Milton, autor do “Paraíso perdido”. Suarez dedicou bons livros seus a este papa. Os Jesuítas de Antuérpia começavam a monumental “Acta Sanctorum” com João Bollando. S. Vicente de Paulo fundava (1624) os Lazaristas (Missões e Clero). Urbano erigiu na Basílica de S. Pedro o sepulcro da gloriosa Condessa Matilde († 1115) e o Altar papal, de 28 ms. de altura, com zimbório de bronze de 64 toneladas, trabalho artístico de Bernini. Disciplinou o processo de beatificações e canonizações, reservando à S. Sé o declarar quem é digno de culto sobre os altares. Canonizou S. Isabel, rainha de Portugal. Reduziu a 34 os dias santificados. Conferiu aos cardeais o título de Eminentíssimos (antes Ilustríssimos).

Urbano sofreu com a rebelião de seu súdito o duque Farnese de Castro e com a guerra na Alemanha, onde os Protestantes receberam o auxílio do célebre Gustavo Adolfo, rei da Suécia († 1632) e a ajuda decisiva do cardeal Richelieu em proveito da França. Ao tempo de Urbano a Inquisição instaurou contra o sábio astrônomo Galileo Galilei o moroso processo, em que se digladiaram teólogos que pretendiam ser cientistas e cientistas que pretendiam ser teólogos. Galileo, vencido mas não convencido, (“eppur si muove”, teria dito) não foi maltratado, como se diz: teve por mansão o palácio do duque de Florença e morreu como bom católico, assistido filialmente por Irmã Celeste, em 1642. Urbano VIII morreu em 29-7-1644.



INOCENCIO X (1644-1655)

INOCÊNCIO X (1644-1655)

O romano João Batista Pamphili, com 49 votos sobre 55 votantes, foi eleito papa, apesar da oposição do rei de França, Luís XIV. Chamou-se Inocêncio X. Contava 70 anos de idade. A festa de sua coroação foi grandiosa pela rivalidade de festejos entre os embaixadores espanhol e francês. Êste até fez correr “fontes de puro vinho” ao povo romano! Inocêncio concedeu demasiada influência à família de seu irmão: a ingerência de sua gananciosa cunhada Olímpia Maidalchini trouxe malquerenças ao velho e virtuoso pontífice. O Ano Santo de 1650 foi celebrado com aquela suntuosidade que era mal do século de Luís XIV. Por exemplo: como “peregrino”, o embaixador de Espanha visitou Roma com 300 carruagens douradas, cada uma com séquito de dezenas de cavaleiros, lacaios etc. . .

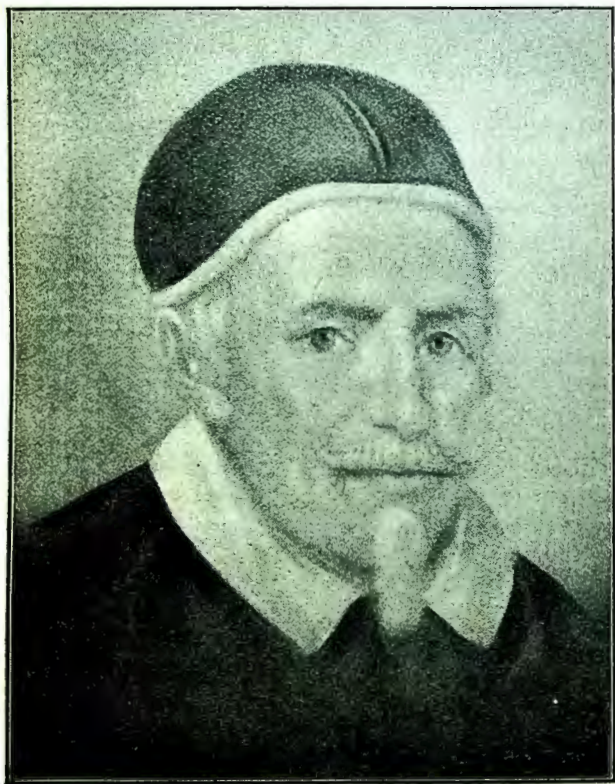
Inocêncio protestou contra certas cláusulas do Tratado de Vestefália (1648) que pôs fim à arrasadora guerra dos Trinta Anos na Alemanha, mas que sancionou na prática, o princípio “cuius regio eius religio”, obrigando os súditos à religião do príncipe. Na Inglaterra o rei Carlos I era decapitado, 1649, sob as ordens do ditador Oliver Cromwell, o qual, puritano fanático, devastou a católica e nobre Irlanda, 1653. Na França e na Bélgica disputava-se acicamente sobre o livro “*Augustinus*” de Cornélio Jansen, bispo de Yprès, defendido por Pascal, Arnaul e Madre Angélica do convento de Port-Royal. — Inocêncio condenou essa heresia, “jansenista”. Embelezou muito Roma, utilizando-se de artistas de valor. Morreu aos 81 anos de idade, em 14 de janeiro de 1655. Seus parentes, enriquecidos e ingratos, pelos quais êle sofrera, nada quiseram gastar com seu funerais. . . Mais tarde, um filho de seu sobrinho, erigiu-lhe belo sepulcro na igreja de S. Inês.



ALEXANDRE VII (1655-1667)

ALEXANDRE VII (1655-1667)

Fábio Chigi, de Siena, com 65 anos de idade, iniciou seu pontificado em 7-4-1655, com o nome de Alexandre VII. Por humildade recebeu a homenagem dos cardeais, empunhando um grande crucifixo. Guardava em seu quarto um caixão fúnebre, para lembrar sempre as vaidades deste mundo. Foi heróico na peste que, em 1656, ceifou 15 mil vidas em Roma. // Em 1655 acolhera a rainha Cristina da Suécia. Era filha e herdeira do grande rei protestante Gustavo Adolfo, vencedor dos católicos da Alemanha. Possuía vasto saber. Estudou o catolicismo, em parte com o jesuíta português A. Macedo. Rainha aos 18 anos, enérgica e ativa, renunciou após dois lustros de reinado. Partiu incógnita da Suécia. Depositou coroa e cetro no Santuário de N. Senhora de Loreto. Sincera em sua fé, protetora dos literatos (patrona da Arcádia), terminou piamente seus dias em Roma (1689), tendo lutado muito contra seu temperamento imperioso e bizarro. Com a condessa Matilde é ela uma das duas únicas mulheres sepultadas em S. Pedro. É sua a frase: "Como se pode ser cristão, sem ser católico?" // Alexandre VII sofreu a prepotência do orgulhoso Luís XIV de França. Houve uma rixa entre guardas Corsos (pontifícios) e soldados do enfatuado embaixador francês Créqui. No tumulto foi disparado um tiro contra a carruagem da embaixatriz, morrendo um seu criado. O Rei-Sol ocupou Avinhão e, sob ameaça de guerra, exigiu que o Cardeal Chigi, sobrinho do papa, fôsse apresentar desculpas em Paris e que em Roma se erigisse uma pirâmide expiatória! // O papa Alexandre canonizou S. Francisco de Sales e S. Tomás de Vila Nova. Aprovou a fundação dos rigorosos Trapistas. Morreu em 29-5-1667. Seu estupendo sepulcro é obra de Bernini, o genial construtor da característica colunata, que circunda a Praça S. Pedro.

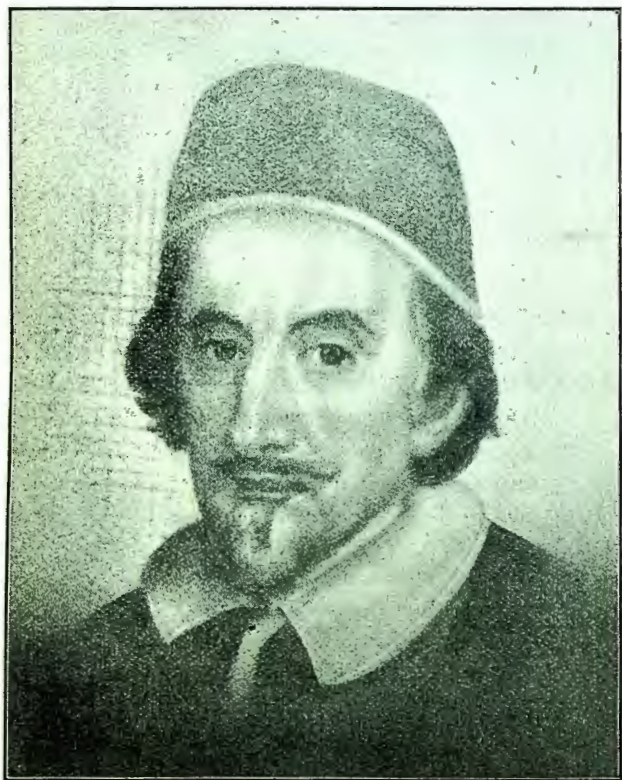


CLEMENTE X (1670-1676)

CLEMENTE X (1670-1676)

Passava dos 80 anos de idade o cardeal Emílio Altieri quando os colegas o elegeram papa. Escolheu o nome de Clemente X, por veneração a seu antecessor. O embaixador de Veneza, Grimani, escreveu ao Doge: “o papa eleito é um santo velho, um anjo, humilde de coração, sincero, benéfico, indulgente”... Na França, dividindo bispos, nobres e religiosos, fervia a disputa Jansenista. Dessa divisão aproveitava-se o Govêrno para pretender o direito de “*regalia*”, ou seja, perceber as rendas das dioceses vagas e nomear novos prelados. Pior ainda: Luís XIV, atacando a Holanda, impedia que o imperador germânico socorresse a Polônia ameaçada pelos Turcos. Só o Papa auxiliou com ingentes somas. o bravo rei polonês João Sobiescki, o sólido baluarte da Europa cristã. Clemente canonizou solenemente cinco santos: S. Rosa de Lima, peruana, a primeira Santa da América, S. Francisco de Borja, o piedoso duque de Cândia que se fizera jesuíta, S. Felício Benício e S. Caetano.

Em 1675 celebrou o Ano Santo. Apenas 300 mil peregrinos acorreram a Roma para o Jubileu, por causa das guerras de Luís XIV que incendiavam a Europa. Com a assistência de muitos príncipes, o idoso pontífice tomou parte nas cerimônias com admirável piedade. Erigiu uma bela Cruz no Coliseu, antigo e imenso anfiteatro pagão, santificado pelo sangue de muitos mártires dos primeiros séculos do cristianismo. Clemente morreu em 15-7-1676, aos 86 anos de idade. Está sepultado em S. Pedro, perto da capela do SS. Sacramento.



INOCENCIO XI (1676-1689)

INOCÊNCIO XI (1676-1689)

O jurisconsulto Bento Odescalchi, de Como (Lombardia), com 65 anos de idade, eleito papa, adotou o nome de Inocêncio XI. Cardeal aos 34 anos. Legado na assolada Ferrara, abençoaram-no os pobres. Lutou para elevar o nível moral da sociedade, combatendo abusos e a mundanidade da época. Uniu os cristãos na decisiva batalha de Viena de Áustria, onde o rei João Sobieski quebrou para sempre o poderio turco (1683). O vencedor, parodiando César, escreveu ao Papa: "*Veni, vidi, Deus vicit*" (Vim, vi, Deus venceu). A seguir os cristãos libertaram também a Hungria do secular jugo dos infiéis. Inocêncio estabeleceu então a festa do S. Nome de Maria. Na França, porém, Luís XIV valia-se das dissensões teológicas acêrca do "*quietismo*", para favorecer o "*galicanismo*", movimento favorável à independência do clero francês. Aparentando zêlo, êsse monarca revogou injustamente o Editto de Nantes (1685), que concedia liberdade religiosa, e perseguiu os p̄testantes, exasperando-os com as violências das "dragonades" (caçadas militares). Inocêncio excomungou o orgulhoso rei. Entretanto, um Santo francês, João Batista de la Salle, fundava em 1680 a utilíssima Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs.

Na Inglaterra Jaime II fazia cessar a perseguição, mas êsse rei católico viu-se deposto por seu genro Guilherme de Orange e pela própria filha Maria, que haviam abraçado o protestantismo. Inocêncio, angustiado por tantos sofrimentos, morria em 12 de agosto de 1689, aos 78 anos de idade e aos 13 de pontificado. Em 1676 elevara a arcebispado a Sé da Bahia, no Brasil (D. Gaspar Barata de Mendonça) e criara as dioceses do Rio de Janeiro e de Olinda, e em 1677 a do Maranhão. Êste santo pontífice mereceu êstes versos: Morto é Innocenzo e tal morì qual visse: Saggio, santo, pietoso, invitto e forte.



ALEXANDRE VIII (1689-1691)

No conclave de 1689 os quarenta e sete votantes elegeram por unanimidade o cardeal veneziano Pedro Ottoboni. Contava 79 anos de idade o novo pontífice, chamado Alexandre VIII. Seu pontificado, breve mas profícuo, ficou tristemente iluminado pela fogueira da guerra que ardia na Europa. Alexandre ganhou a estima da população de Roma: solícito pelo bem de seus súditos, melhorou a máquina administrativa, os impostos, promoveu a prosperidade. Não confiando em estranhos, buscou apoio para seu governo nomeando parentes seus, que, aliás, lhe foram ingratos. Felizmente Alexandre VIII encerra a lista dos papas nepotistas. Procurou a paz religiosa na França. Usou de condescendência com Luís XIV, o qual, por sua vez percebendo que perdia prestígio, substituiu seu arrogante embaixador em Roma, restituiu à S. Sé a cidade de Avinhão e apoiou o papa na repressão do jansenismo.

Alexandre, pouco antes de morrer, condenou novamente os atentados contra a fé, mas escreveu ao rei francês uma carta muito paternal. Este papa auxiliou sua cidade natal, Veneza, com dinheiro e com sete galeras tripuladas por dois mil homens para a libertação das cidades da Albânia em poder dos muçulmanos. Enriqueceu a Biblioteca Vaticana, comprando com seus bens de família, a preciosa coleção da rainha Cristina da Suécia († 1689). Concedeu aos agricultores venda livre e direta do trigo, assim favorecendo aos mais pobres. Encerrou Alexandre sua carreira imortal em 1.º de fevereiro de 1691. Seu grandioso monumento sepulcral no Vaticano é de autoria de Arrigo de San Martino.



INOCÊNCIO XII (1691-1700)

INOCÊNCIO XII (1691-1700)

Do conclave de 1691, interrompido, aliás, por um incêndio, saiu eleito António Pignatelli, arcebispo de Nápoles. Chamou-se Inocêncio XII. Forte e vigoroso nos seus 76 anos de idade. A Igreja muito lhe deve: com a bula *Romanum decet Pontificem* extirpou a secular praga do Nepotismo. Emanou sábios decretos sobre o uso da veste talar, sobre a visita canônica e exercícios espirituais ao Clero, sobre a disciplina dos religiosos etc... Introduziu o piedoso costume de se acompanhar o S. Viático. Instituiu asilos para os pobres, eliminando a mendicância das ruas. Atendeu carinhosamente aos flagelados dos terremotos e da peste. Encerrou as questões com a França de Luís XIV e o caso do "Quietismo". Este erro, proveniente da interpretação dada por M. Molinos às palavras de S. Agostinho: "Ama a Deus a faze o que quiseses", desencadeou acesas polêmicas, que envolveram grandes valores quais Bossuet e Fénelon. Roma, estudada cuidadosa e longamente a questão, reprovou o livro "Máximas dos Santos" de Fénelon. O humilde e nobre arcebispo, preceptor do príncipe herdeiro de França, publicamente se retratou.

Muito trabalhou Inocêncio em prol das Missões no Canadá, na Pérsia e na Abissínia. Contra os Muçulmanos o príncipe Eugênio de Savóia, "êsse padréco" como o alcunhara por desprezo Luís XIV, obteve estupendas vitórias, que eliminaram do mundo o secular perigo turco. Carlos II da Espanha, sem herdeiros próximos, recorreu ao pontífice pedindo seu parecer de Pai comum da Cristandade sobre a sucessão. O papa iniciou o Ano Santo de 1700, mas faleceu em 27 de setembro. Foi o último pontífice a usar barba, costume reintroduzido em 1527 por Clemente VII, durante o assédio de Roma.



CLEMENTE XI (1700-1721)

CLEMENTE XI (1700-1721)

Clemente XI chamava-se João Francisco Albani. Possuía grande erudição; aos vinte anos admitiram-no em seu grêmio os literatos da Academia da rainha Cristina, que formavam a fina flor da literatura de então. Eleito aos 51 anos, recusou a tiara. Adoeceu até. Submeteu-se ante as conclusões de uma comissão de Teólogos. Excelente pontífice. Viveu, entretanto, numa época ingrata. Tremenda guerra ocasionava a disputa da coroa do falecido Carlos II da Espanha. Luís XIV e o imperador Leopoldo envolveram tôda a Europa nessa luta (1701-1714), como os demais conflitos, prejudicial a todos. Empenhou-se o papa em impedir e em minorar tamanha desgraça. Clemente negou ao rei das Duas Sicílias o antigo e dúbio “direito sículo” (ser representante do Papa). O rei Vitório Amadeu expulsou então 3000 sacerdotes. O pontífice lançou o interdito à ilha. Só em 1719, sob Carlos VI, regularizou-se a questão.

Na França os jansenistas ainda perturbavam a paz da Igreja, agora secundados pelo oratoriano Pascásio Quesnel, cujo livro teve o apoio do Parlamento e do arcebispo Noailles de Paris. Com a bula “*Unigenitus*”, 1713, o papa condenou o Quesnelismo. Os atingidos pela bula apelaram para um concílio ecumênico; foram cognominados “*apelantes*”. Clemente XI morreu em 1721, no dia de S. José, do qual era muito devoto. Canonizou S. Pio V papa, e S. André Avelino. Seu nome fulgura, também, entre os pontífices protetores das artes e das letras. Enriqueceu as bibliotecas e museus com livros antigos e obras de arte. Ordenou excavações arqueológicas nas Catacumbas. Matemáticos e astrônomos gozaram de sua especial proteção. Fundou a Academia Clementina para pintores, escultores e arquitetos. // Em 1719 criou a diocese de Belém do Pará, no Brasil.



INOCENCIO XIII (1721-1724)

INOCÊNCIO XIII (1721-1724)

Os Romanos exultaram quando souberam eleito papa seu concidadão, Miguel Ângelo Conti, de tradicional família que dera à Igreja vários pontífices, inclusive o grande Inocência III. Havia incio século que se não elegia um cardeal nativo de Roma. O novo papa, eleito em 8 de maio, completara os 66 anos de idade. Estivera 12 anos em Portugal, como núncio. Espírito conciliador, procurou ganhar os fautores da heresia jansenista, reforçada então pelas simpatias dos galicanos (partidários da independência da Igreja francesa). O rei português D. João V pretendeu recusar a nomeação do núncio Bighi; depois exigiu que o mesmo Bighi permanecesse em Portugal e fôsse nomeado cardeal. . . Coisas do absolutismo real que imperava então na Europa. Inocência teve bastante paciência. Também do Oriente vieram desgostos ao Vigário de Cristo. Várias ordens religiosas desaprovavam os métodos usados pelos jesuítas nas Missões: os chamados "*ritos chineses e malabáricos*", ou seja, adaptações, não essenciais, do culto cristão à mentalidade dos povos da China e da Índia. O caso foi explorado pelos jansenistas contra seus fortes adversários, os Jesuítas.

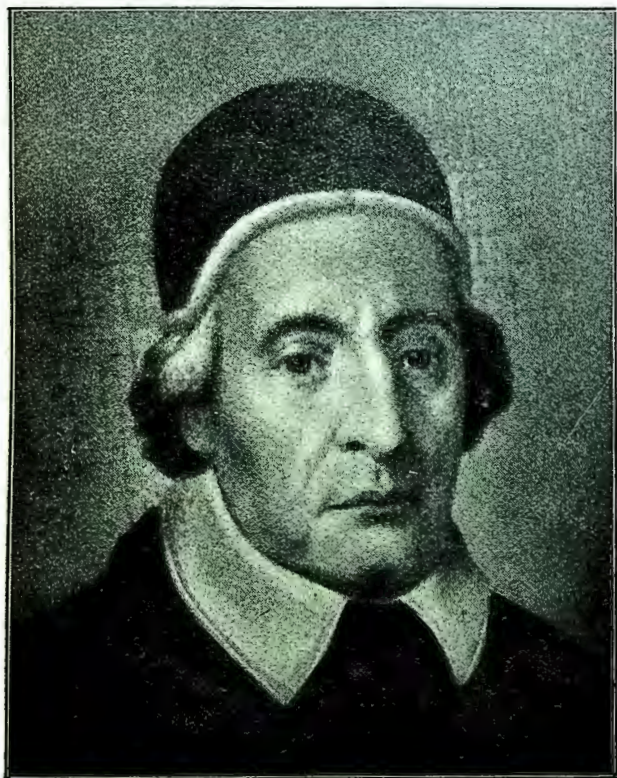
O Geral da Companhia de Jesus defendeu brilhantemente a atuação dos seus missionários. Aproveitou-se, entretanto, dessa dolorosa disputa o novo imperador da China, Longtching, açulado pelos comerciantes holandeses, protestantes, para desencadear terrível perseguição aos cristãos. Centenas de milhares foram mortos na China e no Japão. Floridas comunidades desapareceram. Apenas algumas famílias, por um milagre de Deus, conservaram através dos séculos sua fé, mesmo sem a assistência sacerdotal, até nossos dias. Inocência XIII morreu de febre maligna em 7-3-1724. "Sua moderação pode servir de exemplo aos sucessores", diz Muratori.



BENTO XIII (1724-1730)

Pedro Francisco Orsini era filho primogênito do duque Fernando de Gravina. Aos 18 anos renunciou aos seus direitos ducaes, para entrar no convento dos Dominicanos em Veneza. De nada valeram as súplicas e ameaças de seus parentes para afastá-lo da vocação. Sua vida foi tão edificante, que sua mãe, sua irmã e dois sobrinhos ingressaram em conventos. Professor e orador famoso, cardeal aos 23 anos de idade, arcebispo de Benevento, tornou-se célebre por seu heroísmo em socorrer os habitantes da cidade abalada por dois terremotos. Eleito papa, o humilde cardeal Gravina-Orsini, só aceitou a tiara por imposição do Superior Geral de sua Ordem “em nome da santa obediência”. Chamou-se Bento XIII. “Um santo”, diziam todos. Visitava diàriamente os hospitais. Acompanhava a procissão de Corpus Christi a pé. Tinha predileção pelas funções da Semana Santa. Proibiu que lhe falassem de joelhos. Coibiu o jogo a dinheiro. Curioso o fato de ter êle abolido a “pena de excomunhão”, que Inocêncio X havia imposto a quem tōmasse rapé na basílica Vaticana (havia outrora um exagêro ridículo na “moda” do rapé).

Inocêncio criou a Congregação dos Seminários, em prol das vocações eclesiásticas. Celebrou o Ano Santo de 1725, com piedade e alegria. A quem lhe observava que seus 80 anos não lhe permitiam a fadiga das prolongadas funções, respondia que “um papa deve morrer com o pluvial aos ombros” // Êste pontífice canonizou S. Luís de Gonzaga, S. Estanislau Kostka, S. João Nepomuceno, mártir do segredo da confissão, S. João da Cruz, S. Turíblio e outros. Morreu em 21-2-1730. Seus admiradores originaram-lhe um esplêndido monumento, que sua humildade certamente rejeitaria.



CLEMENTE XII (1730-1740)

Os soberanos europeus quiseram influir no conclave de 1730. Resultou dessa descabida pretensão que os cardeais, indignados, elegeram um papa pouco simpático a tôdas as Côrtes. Excelente a escolha do cardeal Lourenço Corsini, de nobre família de Florença. Chegara aos 79 anos de idade e ficou cego aos 81, mas era robusto. “Purpurado veterano nos assuntos do govêrno, de vida exemplar, de modos principescos”. Adotou o nome de Clemente XII. Sereno e imparcial, permitiu o julgamento e a prisão de Nicolau Coscia, que havia sido elevado ao cardinalato indignamente, por dolo. O novo papa repreendeu com energia o rei Carlos Emanuel III do Piemonte, porque conservava prêso seu pai abdicatário. Resolveu bondosamente a questão do núncio Bighi com D. João V de Portugal. Estimulou Felipe V da Espanha na reconstruiu monumentos, colégios etc... Morreu aos 90 anos. o rei Carlos III e o Imperador, que disputavam a posse do reino das Duas Sicílias e devastavam a Itália.

Durante êste pontificado S. Afonso de Ligório fundou a preciosa Congregação do SS. Redentor, 1732, os beneméritos “Redentoristas”. Previu o papa Clemente os perigos da nova seita, a Maçonaria. Apareceu ela em Londres, 1717, constituiu-se em Grande Loja, 1723, passou à França, 1725, à Itália, 1733, a todo o mundo... Clemente condenou-a pela bula *In eminenti*, 1738, e vários papas mais tarde renovaram a condenação. Êste ativo papa defendeu a independência da minúscula República de S. Marino. Organizou museus; reconstruiu monumentos colégios etc... Morreu aos 90 anos.



BENTO XIV (1740-1758)

BENTO XIV (1740-1758)

Próspero Lambertini, de Bolonha, papa com o nome de Bento XIV: “uma das melhores cabeças que a tiara tem co-
roado”. Eleito com 50 votos entre 51 votantes! Continuou
sua vida simples de antes. Às vezes saía cedo do palácio,
sòzinho, para celebrar em alguma igreja de sua devoção. À
volta, entretinha-se a conversar com a gente humilde do povo
pelas ruas. Relacionou-se com os maiores sábios e artistas
de seu tempo, católicos e não-católicos. Cuidou de trabalhos
arqueológicos. Fundou academias. Compilou o “*Bullarium*”.
Escreveu diversos tratados. Corrigiu o Martirológio. Deu
sábua orientação ao *Index* dos livros proibidos (1718). En-
viou cartas a tôdas partes da Terra. Com a bula *In eminenti*
pôs fim à questão dos ritos malabáricos e chineses, unificando
o culto (1742). Ocupou-se dos cristãos Armênios, Coptos,
Maronitas, Melquitas etc. . . Confirmou o culto a S. Benedito,
o glorioso santo prêto. No Brasil criou em 1745 os bispados
de S. Paulo e de Mariana (Minas) e proibiu, sob excomu-
nhão, que se escravizassem os índios.

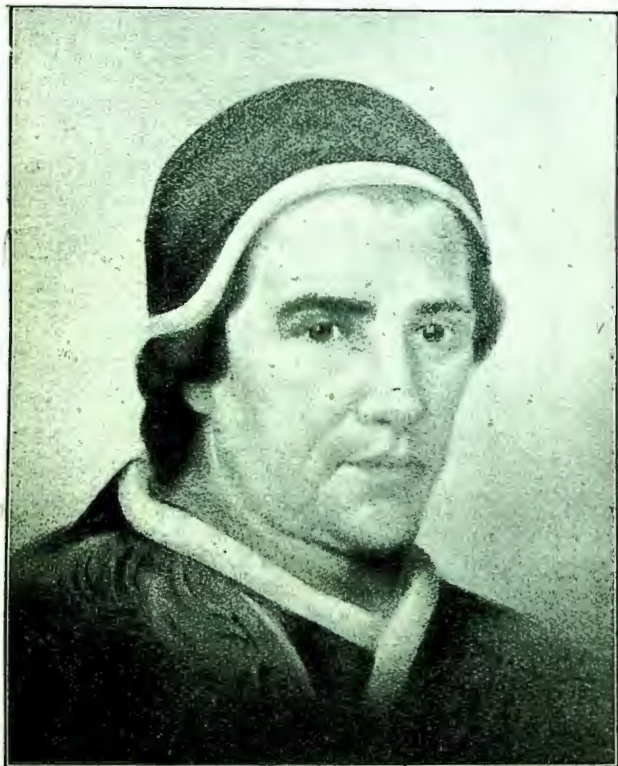
Reduziu o número de festas religiosas. Defendeu a in-
dissolubilidade do matrimônio. Tratou benèvolmente os pro-
testantes, a fim de atraí-los à Igreja. Assinou “concordatas”
com vários soberanos: com o rei da Prússia, reconhecendo-o
como tal, com a imperatriz Maria Tereza da Áustria, que qua-
lificava o papa de “o sábio por excelência”, com D. João V
de Portugal, a quem concedeu o título de Rei Fidelíssimo.
Enviou ao marquês de Pombal o cardeal Saldanha, para exa-
minar as queixas do ministro contra os Jesuítas. Bento XIV
morreu santamente, aos 83 anos de idade, em 3-5-1758. O
filho do protestante Lord Walpole erigiu em Londres um mo-
numento a Bento XIV, saudando-o: “Monarca sem favori-
tismo, papa sem nepotismo, censor sem amargor, doutor sem
orgulho”.



CLEMENTE XIII (1758-1769)

Clemente XIII, o nome escolhido pelo cardeal Carlos Rezzonico, de 64 anos de idade. Nasceria em Veneza. Sua velha mãe agonizava durante o conclave; soube da elevação do filho horas antes de expirar. // Pacífico e bondoso, embora firme no cumprimento do dever, Clemente escreveu logo cartas afetuosas aos soberanos da Europa, empenhados na lutuosa guerra dos Sete Anos (1756-63). // O novo papa, veneziano, conseguiu extinguir a velha animosidade entre sua pátria e Roma. // Socorreu com generosidade o povo na carestia de 1764, acolhendo 14 mil pessoas. Obrigou os latifundiários a plantarem suas terras. Mandou velar nos museus as obras artísticas de realismo exagerado. Coibiu abusos de copistas inescrupulosos, que se serviam dos Arquivos romanos. Reprovou (1764) o livro em que o Hontheim (Febronius) atacava a soberania do Papa.

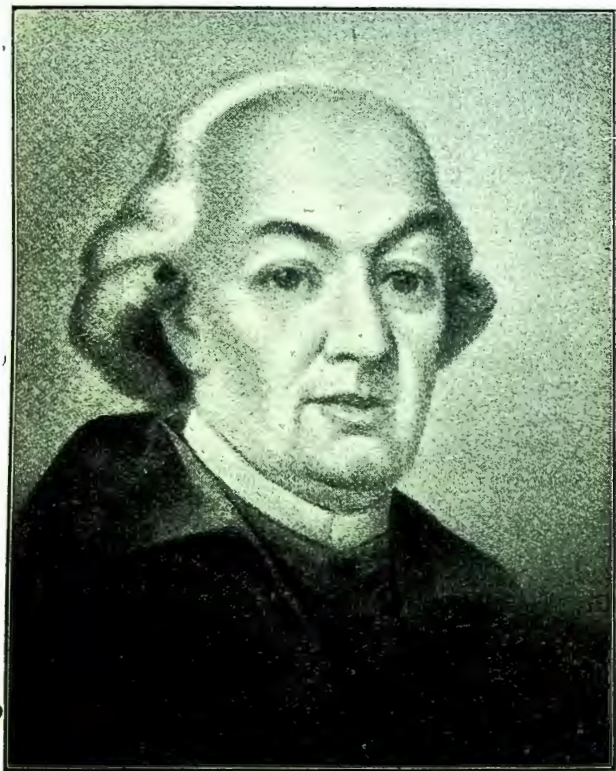
A negação de toda religião, pregada sob a capa de racionalismo por Voltaire, Rousseau e outros, desencadeou a perseguição aos grandes batalhadores da Igreja, os Jesuítas. Em Portugal o marquês de Pombal implicou-os num atentado contra o fraco rei D. José; mandou queimar o Padre Malagrida (velho de 72 anos) e expulsou brutalmente os demais, também do Brasil, onde eram os únicos mestres, a base da instrução! Perseguiam-nos em França o ministro Choiseul e a marquesa de Pompadour; na Espanha o conde Aranda; no reino de Nápoles o ministro Tannucci; no ducado de Parma o chanceler Tissot... Até os cavalleiros de Malta, em sua maioria portugueses, rejeitavam os gloriosos inacianos! Só o Papa os defendia (bula *Apostolicum pascendi munus*). // Clemente XIII morreu em 2-2-1769, amargurado pela importuna insistência dos soberanos da família Bourbon, inimigos dos Jesuítas.



CLEMENTE XIV (1769-1774)

João Vicente Antônio Ganganelli era o nome de família do papa Clemente XIV. Nasceu em Rimini. Filho de um médico. Aos 18 anos vestiu o hábito franciscano, sob o nome de frei Lourenço. Estudou em Roma. Pregador de nomeada. Nomeado cardeal por Clemente XIII em 1759. Sua eleição realizou-se num prolongado conclave de três meses com 179 scrutinios! É falso que houvesse sido eleito “para suprimir a Companhia de Jesus”. Certo, porém, que era bem visto pelos governos adversos aos Jesuítas. Mais certo ainda que, embora premido pelas circunstâncias, êle contemporizou quatro anos. Só em 1773 publicou o breve *Dominus ac Redemptor noster*, com o qual extinguiu a Companhia. Os soberanos Bourbons de França, Espanha, Nápoles e Parma não permitiam a permanência dos inicianos em seus países. Sebastião J. de Carvalho e Melo, conde de Oeiras e marquês de Pombal, já os expulsara das terras lusitanas. O Geral, P. Lourenço Ricci, louvavelmente não admitia modificações essenciais na constituição jesuítica: “*sint ut sunt aut nos sint*”. Prêso no castelo S. Ângelo, morreu octogenário em 1775, protestando, com humilde firmeza, a inocência de sua amada e gloriosa Companhia. Foi legítima a supressão? Sim, porque a Santa Sé tem o direito de suprimir o que instituiu. Foi prudente e oportuna? Muitos o negam.

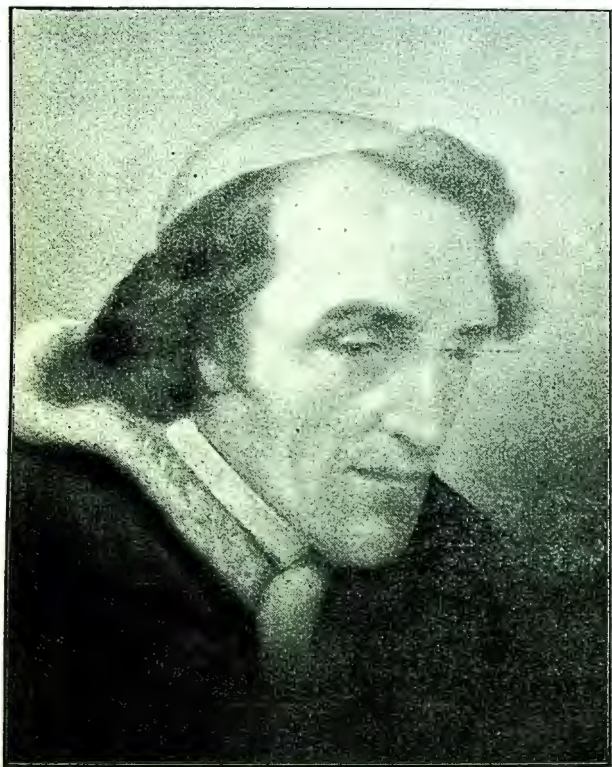
A Companhia foi um novo Jonas atirado ao mar a fim de aplacar a tempestade e, salvo por Deus, continuar sua admirável missão. Na Prússia protestante e na Rússia cismática foram os jesuítas acolhidos com distinção. Só os ímpios se rejubilaram. Clemente não terminou vítima de remorso nem de vingança, como alguém afirmou. Faleceu plácida-mente com os SS. Sacramentos em 22-9-1774, de uma doença pulmonar contraída numa procissão em dia chuvoso.



PIO VI (1775-1799)

João Ângelo Braschi, de Cesena, completara 57 anos ao ser eleito com o nome de Pio VI. Formara-se advogado aos 17 anos. Aos 38 ordenava-se sacerdote. Em 1773 Clemente XIV criara-o cardeal. Eleito papa, foi sagrado bispo e coroado em 22-2-1775. A paz dos anos iniciais de seu pontificado permitiu-lhe realizar obras de utilidade pública e de caridade. Reorganizou museus. Saneou os pântanos Pontinos, causa de febres malignas. Sofreu com a intromissão de alguns soberanos em assuntos da Igreja. José II, da Áustria, por exemplo, passou à História alcunhado “*o rei-sacristão*”, por perseguir conventos e religiosos, sob o manto de proteção. O papa, numa tentativa de modificar o ânimo dêsse príncipe, empreendeu até Viena uma viagem, apostólica e triunfal.

Pouco conseguiu das Côrtes, mas sôbre estas desabou a tormenta da Revolução Francesa. Tombaram os tronos, expulsaram-se ministros onipotentes, caíram cabeças de nobres e de revolucionários. A deusa Razão, representada por uma prostituta revolucionária entronizada no altar mor da catedral de Notre Dame, cedia seu “império” à revolucionária guilhotina... O Homem-sêm-Deus tornou-se o Monstro. Foram imolados o bondoso Luís XVI, a nobre Maria Antonieta, o poeta André Chenier, o sábio Lavoisier, príncipes, bispos, sacerdotes, nobres e burgueses... milhares de franceses (e por último a maioria dos chefes da revolução). Das mais ilustres vítimas, Pio VI. Ocupada e saqueada Roma, os franceses levaram brutalmente o “*cidadão-papa*”, como o chamavam, através da Itália, em longa e penosa viagem até Valence, na França, onde morreu em 29-8-1799. Perdoou, como o Divino Mestre, aos seus algozes. Superara os 81 anos de idade e os 24 de pontificado, o mais longo até então depois do de S. Pedro. Foi um verdadeiro mártir.



PIO VII (1800-1823)

À morte de Pio VI muitos ateus juravam que se sepultara o Pontificado. De acôrdo, porém, com o que deixara determinado Pio VI, os cardeais reuniram-se em Veneza. Eram 34. Elegeram regularmente o beneditino Barnabé Chiaramonti, de 58 anos, natural, também êle, de Cesena. Piedoso e afável. Filho de uma santa mãe, a Venerável Condessa Joana. Pio VII tornou-se memorável por sua luta contra o Colosso do século... Napoleão Bonaparte, orgulhoso mas inteligente, compreendeu que a França exigia a volta à sua religião. Por isso em 1802 concertou com o Papa uma Concordata, prejudicada pelos dolosos "artigos orgânicos". Em 1804 coroou-se Imperador dos Franceses, com a presença de Pio VII, que viajou até Paris, na esperança de apagar os vestígios da impiedade revolucionária. Mas Napoleão pretendeu dominar a Igreja, nomear bispos, levar o pontífice à sua política de guerras. Ante a natural recusa do Pai da Cristandade, o Corso ocupou os Estados Pontifícios, prendeu Pio VII e seu secretário o card. Consalvi. O papa esteve prêso em Savona e depois em Fontainebleau. O gênio vencedor de Marengo, Wagram, Austerlitz, ante o qual tremiam reis e povos, não conseguiu dobrar a vontade do velho e inerte monge Barnabé. Dizem que Napoleão zombara afirmando que a excomunhão não faria cair as armas das mãos de seus soldados. Entretanto o frio desarmou seu Grande Exército na campanha da Rússia, onde os soldados não conseguiam segurar os fuzis. Batido em Lípsia e em Waterloo, Napoleão acabou seus dias, 5-5-1821, na ilha longínqua de S. Helena, confortado pela Fé de sua infância. Por êle interessou-se apenas Pio VII, que também acolheu em Roma a velha mãe de seu inimigo. Pio VII entrara na Cidade Eterna em 25-5-1814. Restabeleceu a Companhia de Jesus. Faleceu em 20-8-23, aos 82 anos de idade e 23 e meio de pontificado.



LEAO XII (1823-1829)

LEÃO XII (1823-1829)

Com o nome de Leão XII subiu ao sôlio pontifício o cardeal Aníbal Della Genga, de 63 anos, nascido no castelo de Osimo, perto de Ancona. Alegou contra sua eleição seu precário estado de saúde. Ao outro candidato, seu grande amigo card. Castiglioni, predisse que seria seu sucessor. Alto, majestoso, um belo homem, mas também muito modesto e simples, Leão XII era admirado por todos. Renovou o costume de se dar refeição diária a doze pobres em seu palácio. Determinou que o dinheiro a ser gasto na festa de sua coroação, fôsse distribuído em vales de carne e pão aos pobres de Roma, em dotes a cem moças casadouras e em diminuir certos impostos. Procurou extinguir o banditismo no centro da Itália e a embriaguez em Roma. Mas sua bondade cerceou as medidas enérgicas que se faziam mister. No ano de 1800 não se havia celebrado o Ano Santo, por causa das guerras. Em 1825 o papa publicou o jubileu. Acorreram a Roma peregrinos em número superior a meio milhão. O pontífice visitou, de pés descalços, as Basílicas e subiu de joelhos a Escada Santa (Relíquia do palácio de Pilatos). Reintegrou os Jesuítas no Colégio Romano, com grandes e merecidos elogios.

Renovou a condenação da Maçonaria e de seus afins, os Carbonários, concedendo, porém, ampla anistia aos que renunciassem à seita.

Assinou felizes concordatas com príncipes alemães e com Guilherme I da Holanda, protestantes.

Piedosamente morreu Leão XII em 5 de fevereiro de 1829, recitando, lúcido e calmo, as orações dos agonizantes. Em 1826 criara as dioceses de Goiás e Cuiabá, no Brasil.



PIO VIII (1829-1830).

Francisco Xavier Castiglioni obteve 47 votos dos 50 participantes do conclave de março de 1829. Chamou-se Pio VIII. Contava 67 anos de idade. Nascera de família nobre, em Cingoli, perto de Ancona. Laureado em Bolonha, colaborador das "*Institutiones Juris Canonici*", gozava fama de excelente jurista. Estudioso, era autoridade também em arqueologia e numismática. Quando bispo, estivera prêso, por se negar a obedecer a Napoleão Bonaparte. O novo papa, no dia de sua coroação, comutou as penas de todos os presos políticos (Carbonários). Pio escreveu belas encíclicas sobre os males da época: indiferença religiosa, desrespeito ao matrimônio, propaganda protestante e atividade maçônica. Aprovou a elevação de Luís Felipe ao trono de França; tinha em vista a paz do povo francês. Pio VIII alegrou-se com o progresso do catolicismo nos Estados Unidos da América do Norte. Nesse país a sincera e honesta liberdade religiosa, permitida pela Constituição, favoreceu os católicos. Realizou-se o 1.º Concílio de Baltimore. Na Inglaterra os perseguidos católicos obtiveram a "igualdade de direitos" (1829). Na Oceânia — Austrália e Nova Zelândia — nesses confins da Terra, os Beneditinos iniciavam prósperas missões. Pio VIII atuou com êxito em favor dos católicos Armênios, oprimidos pelos Russos cismáticos e pelos Turcos maometanos. Insistiu para que no Brasil se extinguísse a escravidão negra. Em 1830 a católica Bélgica separava-se da então protestante Holanda e fazia prosperar a vida religiosa. Este papa resolveu de modo satisfatório a questão dos casamentos mistos (católicos com protestantes) na Prússia. Faleceu em 20 de novembro de 1830. Seu sepulcro na basílica Vaticana apresenta quatro figuras sugestivas: Cristo, Pedro, Paulo e Pio VIII.



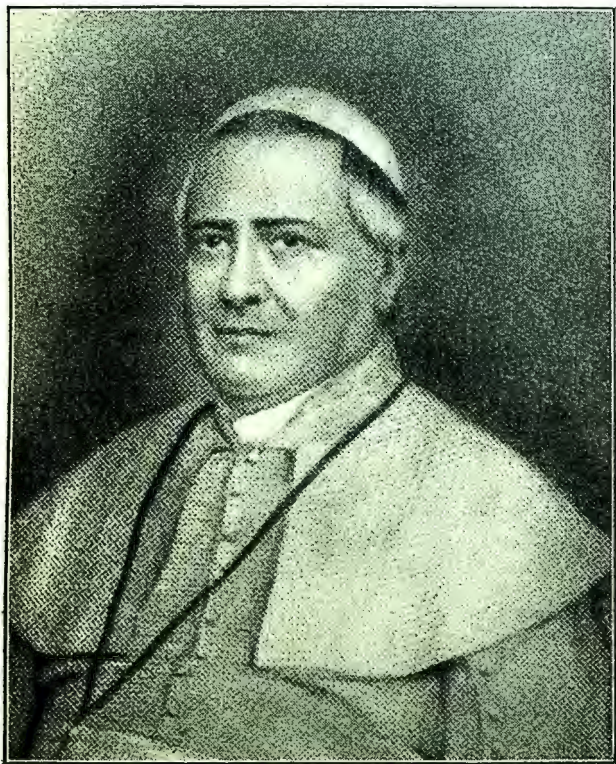
GREGÓRIO XVI (1830-1846)

GREGÓRIO XVI (1830-1846)

Mauro Cappellari, de 65 anos, nascido em Belluno, ao norte de Veneza, assumiu o nome de Gregório XVI. Era religioso da Ordem dos Camaldulenses, de que fôra Superior em 1823. Cardeal em 1825 e prefeito da De Propaganda Fide. Douto, carinhoso com os livros, escondera dos invasores napoleônicos a valiosa biblioteca do claustro de S. Miguel. Feito papa, ampliou os museus e deu valioso impulso aos estudos arqueológicos. Estimulou G. Moroni, autor do “Dicionário de Erudição”, obra colossal em 103 volumes. Executou obras públicas de valor e utilidade, inclusive a pavimentação de estradas. // Padeceu o bondoso pontífice por causa dos revolucionários. Aproveitaram-se êstes do sôpro de novidades políticas que perpassava pela Europa. Exploraram hábilmente o sentimento nacionalista de unificação da Itália. Proclamaram a República. Depuseram vários duques. Entre os agitadores encontravam-se os ingratos sobrinhos de Napoleão, cuja família só achara guarida junto ao Papa! O republicano Mazzini fundou o partido anti-clerical “Jovem Itália”.

A Áustria, em defesa de seus domínios, impôs pelas armas uma ordem efêmera à península.

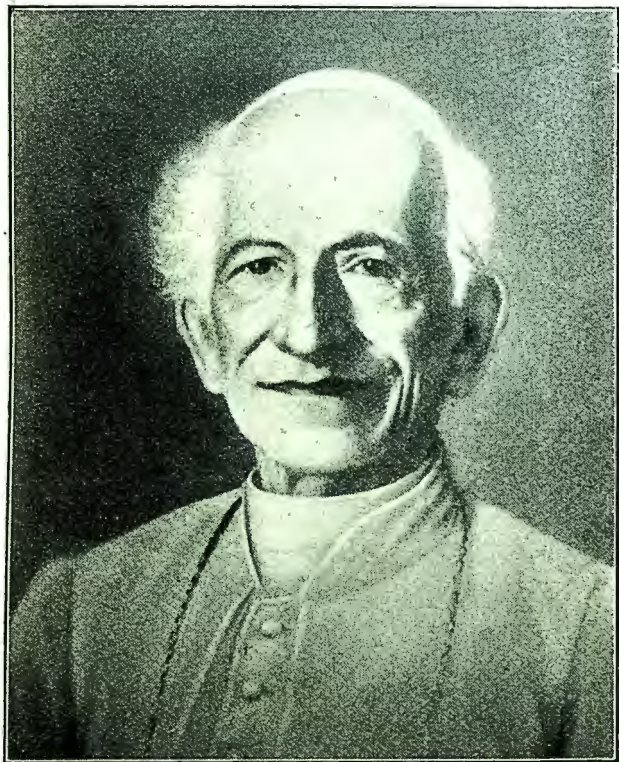
Gregório XVI reprovou os erros de Lamennais na França e de J. Hermes na Alemanha. Apoiou as instituições de caridade do discutido filósofo A. Rosmini. Do pontífice obtiveram caloroso apoio as Missões em todo o mundo. Instituiu 500 bispados. Defendeu com energia os oprimidos católicos da Polônia e recebeu em Roma a visita do Czar Nicolau I da Rússia. Canonizou vários santos, entre êles o doutor da Igreja, S. Afonso de Ligório, fundador dos prestimosos apóstolos das “Santas Missões”, os Padres Redentoristas. Gregório XVI faleceu santamente em 1-6-1846, aos 81 anos de idade.



PIO IX (1846-1878)

O conde João Maria Mastai Ferretti, de Sinigaglia, chamou-se Pio IX em 16-6-1846. Seu pontificado, o mais longo depois do de S. Pedro, durou quase 32 anos. Estêve na América (1823), diplomata no Chile. Arcebispo de Espolêto, salvara a vida de revolucionários, inclusive do futuro Napoleão III. Acolhida com tanto júbilo sua eleição pelos liberais que se cantava: — “O Dio, o Dio, l’Itália é un pollaio, tutti gridan: Pio, Pio” . . .

Queriam que o Papa fôsse o presidente da Itália. Para tanto era preciso destronar os outros príncipes . . . E o firme “*non possumus*” de Pio, transformou o entusiasmo em ódio. Revoluções. Perseguições. Ê apunhalado Iossi, ministro papal. Pio refugia-se em Gaêta. Vitório Emanuel, rei do Piemonte, com Napoleão III vence a Áustria; com Garibaldi destrona o rei de Nápoles. Esmaga os heróicos voluntários pontifícios de Lamoricière, em Castelfidardo. Ocupa tôda a Itália, menos o Lázio, defendido agora pelos franceses (1860). Garibaldi é derrotado duas vêzes, mas a Alemanha vence a França (1870) e Roma, então, desguarnecida, bombardeada, cai nas mãos de Vitório. // O Céu compensou-lhe os sofrimentos terrenos com glórias celestes: a proclamação do dogma da Imaculada Conceição (1854); a publicação do *Syllabus* a alertar os fiéis contra erros insidiosos; as aparições de N. Senhora em Lourdes (1858); o Concílio Vaticano (1870), com 740 bispos, que proclamou o dogma da Infalibilidade do Papa; novo vigor na Igreja etc. . . Provas solenes de presença de Cristo na Barca de Pedro. Em 1869 aprovou a Pia Sociedade Salesiana, fundada por S. João Bosco, de quem foi protetor e grande amigo. // Pio IX morreu em 7-2-1878, aos 86 anos. Os anticlericais pretenderam atirar seu corpo ao rio, como se pudessem, com isso, apagar a glória luminosa de Pio IX, o Grande!

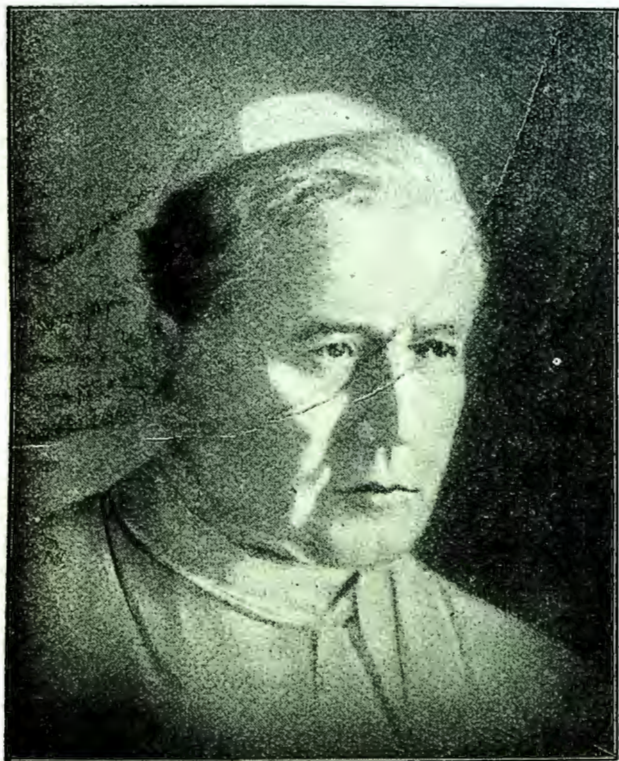


LEAO XIII (1878-1903)

LEÃO XIII (1878-1903)

O cardeal camerlengo Joaquim Pecci deu os três golpes rituais com o martelo de prata na fronte do falecido Pio IX, chamando: “João, João, João”. Recolheu então o “anel do Pescador”. Doze dias depois recolhia também a tiara, eleito papa com o nome de Leão XIII. “*Lumen de coelo*”, luz do Céu, mestre do povo cristão, inteligência rara, subiu ao sôlio pontifício no centenário daquele Voltaire que acoimara a Igreja de ignorante e lhe predissera o próximo fim... // Leão XIII nasceu em Carpineto (2-3-1810), filho dos Condes Pecci. Aluno dos Jesuítas e da Academia dos Nobres. Doutor, de várias láureas, aos 21 anos. Núncio na Bélgica. Por 32 anos arcebispo de Perúgia. // Célebres suas encíclicas: — *Aeterni Patris*, que inculca os estudos filosóficos e aponta o mestre — S. Tomás (que brilho nas Universidades de Roma, Lovaina, Friburgo, Washington!...); — *De Matrimonio Christiano*; — *De secta Massonum*, sôbre a Maçonaria (1884); — *De Principatu e De libertate humana*, aos soberanos e aos povos; — *Providentissimus Deus*, sôbre os estudos bíblicos (1893) etc...

A mais conhecida é a *Rerum Novarum* (15-5-1891), admirável programa social, que mostra a lúcida providência do Pontífice na solução dos problemas operários. // Leão foi escolhido árbitro na questão das Ilhas Carolinas, entre a Espanha e a Alemanha. Neste país a Igreja triunfou da árdua luta pela cultura — *Kulturkampf* — provocada pelo chanceler Bismarck. // Leão protegeu literatos e artistas. Teve por Secretário de Estado o valioso Cardeal Rampolla. Recebeu provas de estima de todo o mundo, inclusive dos soberanos da Inglaterra e da Alemanha. Em 1888 enviou à Princesa Isabel do Brasil a *rosa de ouro*, cumprimentando-a pela libertação dos escravos. // O ano jubilar de 1900 viu em Roma mais de meio milhão de peregrinos. // Leão nomeou 146 cardeais em seu longo pontificado. Morreu em 20-7-1903, aos 93 anos de idade.



PIO X (1903-1914) Bem-aventurado

José Sarto, o bem-aventurado Pio X, era filho de um humilde carteiro de Riese (Treviso, ao norte de Veneza). Nasceu em 2-6-1835. Modesto pároco por muitos anos. Bispo de Mântua em 1884. Patriarca de Veneza em 1895. O cuidado das almas e os estudos sagrados eram a sua preferência. Eleito papa, sua família continuou na pobreza: em seu testamento Pio endereçou aos Cardeais o pedido de uma esmola mensal às suas irmãs velhinhas. // No conclave de 1903 o car. Puzyna de Cracóvia apresentara o absurdo *veto* de Francisco da Áustria à escolha do nome do Card. Mariano Rampolla, julgado francófilo. Pio X deu nova constituição aos conclaves, impedindo para o futuro a repetição de tão grave atentado. // Seu lema: "*Instaurare omnia in Christo*". Encorajou cientistas; codificou o direito canônico; criou o Instituto Bíblico; ordenou a revisão da Vulgata; reformou o missal e o breviário. Protegeu a música sagrada de seu tempo (L. Perosi e outros grandes maestros). A importante encíclica *Pascendi Dominici gregis*, 1907, condenou os erros do Modernismo, movimento anti-católico que, partindo de Kant e de Hegel, leva ao racionalismo e idealismo de A. Harnak, Renan etc. . .

Pio X alegrou-se com os progressos católicos na Alemanha, na Inglaterra e na América (no Brasil criou 22 bispados e 7 arcebispados). Confortou os religiosos duramente perseguidos na França (1905) e em Portugal (1910). // Pio X, o belo e suave pontífice, de coração muito sensível, morreu de angústia, em 20 de agosto de 1914, envidando esforços para impedir a I Guerra Mundial. "Morreu um Santo", diziam todos. Comprovados seus milagres, foi, com júbilo universal, beatificado por Pio XII, em 3-6-1951. Notável a beleza física, imperecível a beleza moral do Papa da Eucaristia, do Papa da Crianças.



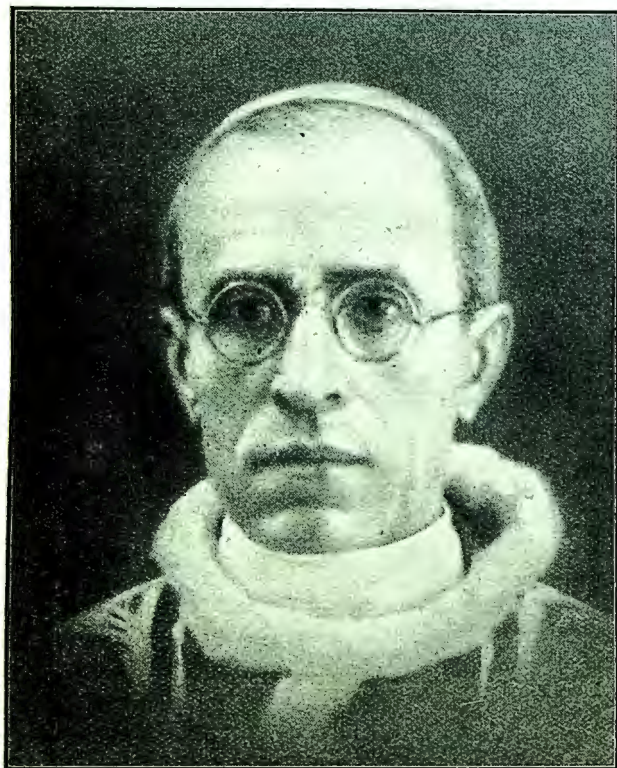
BENTO XV (1914-1922) ,

Bento XV, apelidado “o papa da guerra” pela sua admirável caridade, chamava-se Tiago. Filho dos marqueses Della Chiesa, nasceu em Pegli (Gênova). Formou-se em Direito: civil, canônico e internacional. Sacerdote no Natal de 1878. Arcebispo de Bolonha em 1907, cardeal em junho de 1914. Em 3 de setembro, eleito Papa. A ele se aplica o dístico: “*Religio depopulata*”. A guerra devastava o mundo. O Papa empregou todas as suas forças em minorar os sofrimentos morais e físicos causados pela desumana conflagração. Impediu represálias, trocou prisioneiros, socorreu feridos, repatriou exilados... A fátua e inútil Sociedade das Nações, fundada sem a cooperação da Religião, fracassou miseravelmente. Mas a Turquia muçulmana erigiu em Constantinopla (1919) uma estátua a Bento XV, agradecida à caridade do Papa (“*Ao grande pontífice... benfeitor dos povos sem distinção de raça ou de religião... agradecido, o Oriente*”). O número de Nações que mantinham representantes junto ao Vaticano, ascendeu de 14 a 27, inclusive a Inglaterra (após três séculos e meio de afastamento de Roma!). O governo da França, que recebera durante a guerra sobejas provas do patriotismo heróico dos católicos (por ex., o grande Marechal Foch era irmão de um jesuíta) reatou as relações diplomáticas com a S. Sé. // Bento XV em 1915 concedeu a celebração de três missas no dia de Finados. Em 1917 promulgou o novo *Codex Juris Canonici*, trabalho importantíssimo. Tomou parte na celebração dos Centenários de S. Jerônimo, da Ordem Terceira Franciscana, de S. Domingos de Gusmão, de Dante Alighieri e de Palestrina. Acrescentou às Ladainhas de N. Senhora a invocação “Rainha da Paz”. Canonizou solenemente S. Joana d’Arc, a heroína francesa, e S. Margarida Alacoque, a santa da devoção ao S. Coração de Jesus. Faleceu Bento XV em 22-1-1922.



PIO XI (1922-1939)

Ambrósio Damião Aquiles Ratti, o papa Pio XI, nasceu em Desio, ao norte de Milão, em 31-5-1857. Filho de industriais. Robusto. Denodado alpinista. Laureado em Direito e em Teologia. Poliglota. Dedicou-se, por 30 anos, às bibliotecas Ambrosiana e Vaticana. Núncio na Polônia e, após cinco meses como cardeal-arcebispo de Milão, eleito papa em 5-2-22. Assinou concordatas com diversos países. Criou a Comissão de Socorros à Rússia, devastada pela guerra. Ocupou-se da questão operária. Combateu o ateísmo da teoria comunista. Intercedeu pela paz na guerra do Chaco (Paraguai x Bolívia). Confortou os católicos perseguidos no México de Calles. Resolveu a *questão romana* dos Estados Pontifícios e de Roma, ocupados em 1870 pelo governo italiano: pelo Tratado de Latrão foi reconhecida como estado independente a Cidade do Vaticano. Ergueu sua voz em favor dos judeus, que sofriam perseguição na Alemanha de Hitler. Fundou a Ação Católica, de âmbito mundial. Impulsionou de modo admirável as Missões, foi realmente "*Fides Intrepida*". Consagrou pessoalmente os primeiros seis bispos chineses e um japonês. Maravilhosas as Exposições em Roma: Missionária em 1925 e da Imprensa Católica em 1936. Benzeu pessoalmente mais de 30 mil pares de recém-casados. Canonizou 34 santos, entre os quais S. Teresa do Menino Jesus — a santinha de Lisieux —, S. João M. Vianney — o celebrado Cura d'Ars —, S. João Bosco — fundador dos Salesianos —, S. Bernadette Soubirou de Lourdes, S. João Eudes, S. Tomás More e S. João Fischer da Inglaterra... // Pio XI incrementou os estudos e as ciências: em todo o mundo seminários, e em Roma os Institutos Bíblico, Oriental e Arqueológico, a Academia de Ciências, o Observatório Astronômico, a Estação de Rádio montada por G. Marconi etc... Morreu Pio XI amargurado na previsão de nova guerra mundial. Foi o Papa da Paz, o Papa da Ação Católica, o Papa das Missões.



PIO XII (1939...)

Eugênio Pacelli nasceu em Roma, em 2-3-1876. Em seu 63.^o aniversário natalício chamou-se Pio XII. Laureado em teologia e direito. Prefeito de "S. Ivo", associação de advogados para defesa gratuita dos pobres. Sacerdote em 1899. Arcebispo de Sardi e núncio na Baviera (tomou posse no dia da 1.^a aparição de N. Senhora de Fátima) em 1917. Sua habilidade nas horas trágicas de guerra guindou-o a núncio em Berlim (1925). Estimava-o o velho von Hindenburg. O órgão da Liga Evangélica elogiou "a dignidade e perícia do Núncio, futuro cardeal, provável papa"... Cardeal em 16-12-29. Secretário de Estado e Camerlengo. Legado ao Congresso Euc. de Buenos Aires. Estêve no Brasil (1934), em cujo Parlamento discursou em português. Legado na França e na Hungria. Visitou os Estados Unidos, recebido com festas excepcionais. // Eleito papa num conclave de 62 cardeais. Os Romanos deliraram: após 213 anos tinham finalmente um papa nascido em Roma! // Os govêrno não ouviram seus apelos de paz ("Pelo sangue de Cristo... escutem-Nos os fortes para que se não tornem fracos na injustiça"...). A II Guerra Mundial dilacerou o coração do pontífice. Serviu, entretanto, para pôr em evidência o seu valor: Roma foi salva unicamente pelo Papa; os prisioneiros, os judeus, os prófugos, os perseguidos, tiveram todos guarida no coração de Pio XII. E o Ano Santo de 1950, com mais de 3 milhões de peregrinos, foi o mais brilhante até hoje. E as dezenas de beatificações (por ex., de Pio X) e canonizações (v. gr., Antonio M. Claret, Maria Goretti, M. Mazzarello...) atestaram o fulgor divino da Igreja. Desapareceram exércitos, tombaram poderosos chefes, ruíram tronos e nações... No turbilhonar das vicissitudes humanas permanece impávida a Rocha de Pedro! De lá nos vem, suave e firme, verdadeira, divina, a voz do Vigário de Cristo: — "Dai glória a Deus nas alturas e haverá paz na terra aos homens de boa vontade".

ELENCO CRONOLÓGICO DOS PAPAS

	Pág.
1. S. Pedro (42-67)	13
2. S. Lino (67-76)	17
3. S. Anacleto (77-88)	19
4. S. Clemente (89-98)	21
5. S. Evaristo (98-105)	23
6. S. Alexandre I (106-115)	25
7. S. Sisto I (116-125)	27
8. S. Telésforo (126-136)	29
9. S. Higino (137-140)	31
10. S. Pio I (141-155)	33
11. S. Aniceto (156-166)	35
12. S. Sotero (167-174)	37
13. S. Eleutério (175-189)	39
14. S. Vítor I (189-199)	41
15. S. Zefirino (199-217)	43
16. S. Calisto I (217-222)	45
17. S. Urbano I (222-230)	47
18. S. Ponciano (230-235)	49
19. S. Antero (235-236)	51
20. S. Fabiano (236-250)	53
21. S. Cornélio (251-252)	55
22. S. Lúcio I (253-254)	57
23. S. Estêvão I (254-257)	59
24. S. Sisto II (257-258)	61
25. S. Dionísio (259-268)	63
26. S. Félix I (269-274)	65
27. S. Eutiquiano (275-283)	67
28. S. Calo (283-296)	69
29. S. Marcelino (296-304)	71
30. S. Marcelo I (307-309)	73
31. S. Eusébio (309-310)	75
32. S. Melquiades (310-314)	77
33. S. Silvestre I (314-335)	79
34. S. Marcos (336)	81
35. S. Júlio I (337-352)	83
36. S. Libério (352-366)	85

37.	S. Dâmaso I (366-384)	87
38.	S. Sirício (385-398)	89
39.	S. Anastácio I (399-401)	91
40.	S. Inocêncio I (401-417)	93
41.	S. Zósimo (417-418)	95
42.	S. Bonifácio I (418-422)	97
43.	S. Celestino I (422-432)	99
44.	S. Sisto III (432-440)	101
45.	S. Leão I Magno (440-461)	103
46.	S. Hilário (461-468)	105
47.	S. Simplicio (468-483)	107
48.	S. Félix III (483-492)	109
49.	S. Gelásio I (492-496)	111
50.	S. Anastácio II (496-498)	113
51.	S. Simaco (498-514)	115
52.	S. Hormisdas (514-523)	117
53.	S. João I (523-526)	119
54.	S. Félix IV (526-530)	121
55.	Bonifácio II (530-532)	123
56.	João II (533-535)	125
57.	S. Agapito I (535-536)	127
58.	S. Silvério (536-540)	129
59.	Vigílio (540-555)	131
60.	Pelágio I (556-561)	133
61.	João III (561-573)	135
62.	S. Bento I (574-578)	137
63.	Pelágio II (578-590)	139
64.	S. Gregório I Magno (590-604)	141
65.	Sabiniano (604-606)	143
66.	Bonifácio III (607)	145
67.	S. Bonifácio IV (608-615)	147
68.	S. Adeodato I (615-618)	149
69.	Bonifácio V (619-625)	151
70.	Honório I (625-638)	153
71.	Severino (640)	155
72.	João IV (640-642)	157
73.	Teodoro I (642-649)	159
74.	S. Martinho I (649-655)	161
75.	S. Eugênio I (654-657)	163
76.	S. Vitaliano (657-672)	165
77.	Adeodato II (672-676)	167
78.	Dono (676-678)	169
79.	S. Ágaton (678-681)	171
80.	S. Leão II (682-683)	173
81.	S. Bento II (684-685)	175
82.	João V (685-686)	177
83.	Cónon (686-687)	179
84.	S. Sérgio I (687-701)	181

	Pág.
85. João VI (701-705)	183
86. João VII (705-706)	185
87. Sisínio (708)	187
88. Constantino (708-715)	189
89. S. Gregório II (715-731)	191
90. S. Gregório III (731-741)	193
91. S. Zacarias (741-752)	195
92. Estêvão II (752-757)	197
93. S. Paulo I (757-767)	199
94. Estêvão III (768-772)	201
95. Adriano I (772-795)	203
96. S. Leão III (795-816)	205
97. Estêvão IV (816-817)	207
98. S. Pascoal I (817-824)	209
99. Eugênio II (824-827)	211
100. Valentim (827)	213
101. Gregório IV (827-844)	215
102. Sérgio II (844-847)	217
103. S. Leão IV (847-855)	219
104. Bento III (855-858)	221
105. S. Nicolau I o Grande (858-867)	223
106. Adriano II (867-872)	225
107. João VIII (872-882)	227
108. Marino I (882-884)	229
109. Adriano III (884-885)	231
110. Estêvão V (885-891)	233
111. Formoso (891-896)	235
112. Estêvão VI (896-897)	237
113. Romano (897)	239
114. Teodoro II (897)	241
115. João IX (898-900)	243
116. Bento IV (900-903)	245
117. Leão V (903)	247
118. Cristóvão (903-904)	249
119. Sérgio III (904-911)	251
120. Anastácio III (911-913)	253
121. Lândon (913-914)	255
122. João X (914-928)	257
123. Leão VI (928-929)	259
124. Estêvão VII (929-931)	261
125. João XI (931-936)	263
126. Leão VII (936-939)	265
127. Estêvão VIII (939-942)	267
128. Marino II (942-946)	269
129. Agapito II (946-955)	271
130. João XII (955-964)	273
131. Bento V (964-965)	275
132. João XIII (965-972)	277

133.	Bento VI (972-974)	279
134.	Bento VII (974-983)	281
135.	João XIV (983-984)	283
136.	João XV (985-996)	285
137.	Gregório V (996-999)	287
138.	Silvestre II (999-1003)	289
139.	João XVII (1003)	291
140.	João XVIII (1003-1009)	293
141.	Sérgio IV (1009-1012)	295
142.	Bento VIII (1012-1024)	297
143.	João XIX (1024-1033)	299
144.	Bento IX (1033-1048)	301
145.	Gregório VI (1045-1046)	303
146.	Clemente II (1046-1047)	305
147.	Dâmaso II (1048)	307
148.	S. Leão IX (1048-1054)	309
149.	Vitor II (1054-1057)	311
150.	Estêvão IX (1057-1058)	313
151.	Nicolau II (1059-1061)	315
152.	Alexandre II (1061-1073)	317
153.	S. Gregório VII (1073-1085)	319
154.	Vitor III (1086-1087)	321
155.	B. Urbano II (1088-1099)	323
156.	Pascoal II (1099-1118)	325
157.	Gelásio II (1118-1119)	327
158.	Calisto II (1119-1124)	329
159.	Honório II (1124-1130)	331
160.	Inocência II (1130-1143)	333
161.	Celestino II (1143-1144)	335
162.	Lúcio II (1144-1145)	337
163.	B. Eugénio III (1145-1153)	339
164.	Anastácio IV (1153-1154)	341
165.	Adriano IV (1154-1159)	343
166.	Alexandre III (1159-1181)	345
167.	Lúcio III (1181-1185)	347
168.	Urbano III (1185-1187)	349
169.	Gregório VIII (1187)	351
170.	Clemente III (1187-1191)	353
171.	Celestino III (1191-1198)	355
172.	Inocência III (1198-1216)	357
173.	Honório III (1216-1227)	359
174.	Gregório IX (1227-1241)	361
175.	Celestino IV (1241)	363
176.	Inocência IV (1243-1254)	365
177.	Alexandre IV (1254-1261)	367
178.	Urbano IV (1261-1264)	369
179.	Clemente IV (1265-1268)	371
180.	B. Gregório X (1272-1276)	373
181.	B. Inocência V (1276)	375

	Pág.
182. Adriano V (1276)	377
183. João XXI (1276-1277)	379
184. Nicolau III (1277-1280)	381
185. Martinho IV (1281-1285)	383
186. Honório IV (1285-1287)	385
187. Nicolau IV (1288-1292)	387
188. S. Celestino V (1294)	389
189. Bonifácio VIII (1294-1303)	391
190. B. Bento XI (1303-1304)	393
191. Clemente V (1305-1314)	395
192. João XXII (1316-1334)	397
193. Bento XII (1334-1342)	399
194. Clemente VI (1342-1352)	401
195. Inocêncio VI (1352-1362)	403
196. B. Urbano V (1362-1370)	405
197. Gregório XI (1370-1378)	407
198. Urbano VI (1378-1389)	409
199. Bonifácio IX (1389-1404)	411
200. Inocêncio VII (1404-1406)	413
201. Gregório XII (1406-1417)	415
202. Alexandre V (1409-1410)	417
203. João XXIII (1410-1417)	419
204. Martinho V (1417-1431)	421
205. Eugênio IV (1431-1447)	423
206. Nicolau V (1447-1455)	425
207. Calisto III (1455-1458)	427
208. Pio II (1458-1464)	429
209. Paulo II (1464-1471)	431
210. Sisto IV (1471-1484)	433
211. Inocêncio VIII (1484-1492)	435
212. Alexandre VI (1492-1503)	437
213. Pio III (1503)	439
214. Júlio II (1503-1513)	441
215. Leão X (1513-1521)	443
216. Adriano VI (1522-1523)	445
217. Clemente VII (1523-1534)	447
218. Paulo III (1534-1549)	449
219. Júlio III (1550-1555)	451
220. Marcelo II (1555)	453
221. Paulo IV (1555-1559)	455
222. Pio IV (1559-1565)	457
223. S. Pio V (1566-1572)	459
224. Gregório XIII (1572-1585)	461
225. Sisto V (1585-1590)	463
226. Urbano VII (1590)	465
227. Gregório XIV (1590-1591)	467
228. Inocêncio IX (1591)	469
229. Clemente VIII (1592-1605)	471
230. Leão XI (1605)	473

	Pág.
231. Paulo V (1605-1621)	475
232. Gregório XV (1621-1623)	477
233. Urbano VIII (1623-1644)	479
234. Inocêncio X (1644-1655)	481
235. Alexandre VII (1655-1667)	483
236. Clemente IX (1667-1669)	485
237. Clemente X (1670-1676)	487
238. Inocêncio XI (1676-1689)	489
239. Alexandre VIII (1689-1691)	491
240. Inocêncio XII (1691-1700)	493
241. Clemente XI (1700-1721)	495
242. Inocêncio XIII (1721-1724)	497
243. Bento XIII (1724-1730)	499
244. Clemente XII (1730-1740)	501
245. Bento XIV (1740-1758)	503
246. Clemente XIII (1758-1769)	505
247. Clemente XIV (1769-1774)	507
248. Pio VI (1775-1799)	509
249. Pio VII (1800-1823)	511
250. Leão XII (1823-1829)	513
251. Pio VIII (1829-1830)	515
252. Gregório XVI (1830-1846)	517
253. Pio IX (1846-1878)	519
254. Leão XIII (1878-1903)	521
255. B. Pio X (1903-1914)	523
256. Bento XV (1914-1922)	525
257. Pio XI (1922-1939)	527
258. Pio XII (1939...)	529

ELENCO ALFABÉTICO DOS PAPAS

		Pág.
Adeodato I	(615-618)	149
Adeodato II	(672-676)	167
Adriano I	(772-795)	203
Adriano II	(867-872)	225
Adriano III	(884-885)	231
Adriano IV	(1154-1159)	343
Adriano V	(1276)	377
Adriano VI	(1522-1523)	445
Agapito I	(535-536)	127
Agapito II	(946-955)	271
Agaton	(678-681)	171
Alexandre I	(106-115)	25
Alexandre II	(1061-1073)	317
Alexandre III	(1159-1181)	345
Alexandre IV	(1254-1261)	367
Alexandre V	(1409-1410)	417
Alexandre VI	(1492-1503)	437
Alexandre VII	(1655-1667)	483
Alexandre VIII	(1689-1691)	491
Anacleto	(77-88)	19
Anastácio I	(399-401)	91
Anastácio II	(496-498)	113
Anastácio III	(911-913)	253
Anastácio IV	(1153-1154)	341
Aniceto	(156-166)	35
Antero	(235-236)	51
Bento I	(574-578)	137
Bento II	(684-685)	175
Bento III	(855-858)	221
Bento IV	(900-903)	245
Bento V	(964-965)	275
Bento VI	(972-974)	279
Bento VII	(974-983)	281
Bento VIII	(1012-1024)	297
Bento IX	(1033-1048)	301

Bento XI	(1303-1304)	393
Bento XII	(1334-1342)	399
Bento XIII	(1724-1730)	499
Bento XIV	(1740-1758)	503
Bento XV	(1914-1922)	525
Bonifácio I	(418-422)	97
Bonifácio II	(530-532)	123
Bonifácio III	(607)	145
Bonifácio IV	(608-615)	147
Bonifácio V	(619-625)	151
Bonifácio VIII	(1294-1303)	391
Bonifácio IX	(1389-1404)	411
Caio	(283-296)	69
Calisto I	(217-222)	45
Calisto II	(1119-1124)	329
Calisto III	(1455-1458)	427
Celestino I	(422-432)	99
Celestino II	(1143-1144)	335
Celestino III	(1191-1198)	355
Celestino IV	(1241)	363
Celestino V	(1294)	389
Clemente I	(89-98)	21
Clemente II	(1046-1047)	305
Clemente III	(1187-1191)	353
Clemente IV	(1265-1268)	371
Clemente V	(1305-1314)	395
Clemente VI	(1342-1352)	401
Clemente VII	(1523-1534)	447
Clemente VIII	(1592-1605)	471
Clemente IX	(1667-1669)	485
Clemente X	(1670-1676)	487
Clemente XI	(1700-1721)	495
Clemente XII	(1730-1740)	501
Clemente XIII	(1758-1769)	505
Clemente XIV	(1769-1774)	507
Cónon	(686-687)	179
Constantino	(708-715)	189
Cornélio	(251-252)	55
Cristóvão	(903-904)	249
Dâmaso I	(366-384)	87
Dâmaso II	(1048)	307
Dionísio	(259-268)	63
Dono	(676-678)	169
Eleutério	(175-189)	39
Estêvão I	(254-257)	59
Estêvão II	(752-757)	197
Estêvão III	(768-772)	201

		Pág.
Estêvão IV	(816-817)	207
Estêvão V	(885-891)	233
Estêvão VI	(896-897)	237
Estêvão VII	(929-931)	261
Estêvão VIII	(939-942)	267
Estêvão IX	(1057-1058)	313
Eugênio I	(654-657)	163
Eugênio II	(824-827)	211
Eugênio III	(1145-1153)	339
Eugênio IV	(1431-1447)	423
Eusébio	(309-310)	75
Evaristo	(98-105)	23
Eutiquiano	(275-283)	67
Fabiano	(236-250)	53
Félix I	(269-274)	65
Félix III	(483-492)	109
Félix IV	(526-530)	121
Formoso	(891-896)	235
Gelásio I	(492-496)	111
Gelásio II	(1118-1119)	327
Gregório I	(590-604)	141
Gregório II	(715-731)	191
Gregório III	(731-741)	193
Gregório IV	(827-844)	215
Gregório V	(996-999)	287
Gregório VI	(1045-1046)	303
Gregório VII	(1073-1085)	319
Gregório VIII	(1187)	351
Gregório IX	(1227-1241)	361
Gregório X	(1272-1276)	373
Gregório XI	(1370-1378)	407
Gregório XII	(1406-1417)	415
Gregório XIII	(1572-1585)	461
Gregório XIV	(1590-1591)	467
Gregório XV	(1621-1623)	477
Gregório XVI	(1830-1846)	517
Higino	(137-140)	31
Hilário	(461-468)	105
Honório I	(625-638)	153
Honório II	(1124-1130)	331
Honório III	(1216-1227)	359
Honório IV	(1285-1287)	385
Hormisdas	(514-523)	117
Inocência I	(401-417)	93
Inocência II	(1130-1143)	333
Inocência III	(1198-1216)	357
Inocência IV	(1243-1254)	365

Inocência V	(1276)	375
Inocência VI	(1352-1362)	403
Inocência VII	(1404-1406)	413
Inocência VIII	(1484-1492)	435
Inocência IX	(1591)	469
Inocência X	(1644-1655)	481
Inocência XI	(1676-1689)	489
Inocência XII	(1691-1700)	493
Inocência XIII	(1721-1724)	497
João I	(523-526)	119
João II	(533-535)	125
João III	(561-573)	135
João IV	(640-642)	157
João V	(685-686)	177
João VI	(701-705)	183
João VII	(705-706)	185
João VIII	(872-882)	227
João IX	(898-900)	243
João X	(914-928)	257
João XI	(931-936)	263
João XII	(955-964)	273
João XIII	(965-972)	277
João XIV	(983-984)	283
João XV	(985-996)	285
João XVII	(1003)	291
João XVIII	(1003-1009)	293
João XIX	(1024-1033)	299
João XXI	(1276-1277)	379
João XXII	(1316-1334)	397
João XXIII	(1410-1417)	419
Júlio I	(337-352)	83
Júlio II	(1503-1513)	441
Júlio III	(1550-1555)	451
Ládon	(913-914)	255
Leão Magno	(440-461)	103
Leão II	(682-683)	173
Leão III	(795-816)	205
Leão IV	(847-855)	219
Leão V	(903)	247
Leão VI	(928-929)	259
Leão VII	(936-939)	265
Leão IX	(1048-1054)	309
Leão X	(1513-1521)	443
Leão XI	(1605)	473
Leão XII	(1823-1829)	513
Leão XIII	(1878-1903)	521
Libério	(352-366)	85
Lino	(67-76)	17

		Pág.
Lúcio I	(253-254)	57
Lúcio II	(1144-1145)	337
Lúcio III	(1181-1185)	347
Marcelino	(296-304)	71
Marcelo I	(307-309)	73
Marcelo II	(1555)	453
Marcos	(336)	81
Marino I	(882-884)	229
Marino II	(942-946)	269
Martinho I	(649-655)	161
Martinho IV	(1281-1285)	383
Martinho V	(1417-1431)	421
Melquíades	(310-314)	77
Nicolau I	(858-867)	223
Nicolau II	(1059-1061)	315
Nicolau III	(1277-1280)	381
Nicolau IV	(1288-1292)	387
Nicolau V	(1447-1455)	425
Paulo I	(757-767)	199
Paulo II	(1464-1471)	431
Paulo III	(1534-1549)	449
Paulo IV	(1555-1559)	455
Paulo V	(1605-1621)	475
Pascoal I	(817-824)	209
Pascoal II	(1099-1118)	325
Pedro	(42-67)	13
Pelágio I	(556-561)	133
Pelágio II	(578-590)	139
Pio I	(141-155)	33
Pio II	(1458-1464)	429
Pio III	(1503)	439
Pio IV	(1559-1565)	457
Pio V	(1566-1572)	459
Pio VI	(1775-1799)	509
Pio VII	(1800-1823)	511
Pio VIII	(1829-1830)	515
Pio IX	(1846-1878)	519
Pio X	(1903-1914)	523
Pio XI	(1922-1939)	527
Pio XII	(1939-.....)	529
Ponciano	(230-235)	49
Romano	(897)	239
Sabiniano	(604-606)	143
Sérgio I	(687-701)	191
Sérgio II	(844-847)	217
Sérgio III	(904-911)	251

		Pág.
Sérgio IV	(1009-1012)	295
Severino	(640)	155
Silvério	(536-540)	129
Silvestre I	(314-335)	79
Silvestre II	(999-1003)	289
Símaco	(498-514)	115
Simplicio	(468-483)	107
Sirício	(385-398)	89
Sisínio	(708)	187
Sisto I	(116-125)	27
Sisto II	(257-258)	61
Sisto III	(432-440)	101
Sisto IV	(1471-1484)	433
Sisto V	(1585-1590)	463
Sotero	(167-174)	37
Telésforo	(126-136)	29
Teodoro I	(642-649)	159
Teodoro II	(897)	241
Urbano I	(222-230)	47
Urbano II	(1088-1099)	323
Urbano III	(1185-1187)	349
Urbano IV	(1261-1264)	369
Urbano V	(1362-1370)	405
Urbano VI	(1378-1389)	409
Urbano VII	(1590)	465
Urbano VIII	(1623-1644)	479
Valentim	(827)	213
Vigílio	(540-555)	131
Vitaliano	(657-672)	165
Vitor I	(189-199)	41
Vitor II	(1054-1057)	311
Vitor III	(1086-1087)	321
Zacarias	(741-752)	195
Zefirino	(199-217)	43
Zósimo	(417-418)	95

OBRAS CONSULTADAS

- Allard — Storia delle persecuzione, Firenze, 1931.
- Boulenger A. — Historie Générale de l'Eglise, Lyon, 1935.
- Blunt J. H. — History of English Reformation, London, 1868.
- Câmara Cardeal — Apontamentos de História Ecclesiástica, Ed. Vozes, Petrópolis, 1942.
- Cantu C. — História Universal, Ed. das Américas, São Paulo, 1950.
- Chantrel F. — Histoire Générale de l'Eglise, Paris, 1872.
- Civiltà Cattolica (La) — Rivista, Roma.
- Duchesne L. — Histoire encienne de l'Eglise, Paris, 1906.
- Fliche-Martin — Histoire de l'Eglise, Paris, 1938-1949.
- Goud Anthelmo — Biographias dos Sumos Pontífices, Ed. Salesiana, Niterói, 1902.
- Gregorovius F. — Geschichte der Stadt Rom im Mittelalter, Stuttgart, 1859-1872.
- Grisar H.— S. J. — Geschichte Roms und der Papste, Freiburg, 1901.
- Guiraud J. — L'inquisition au Moyen Age, Paris, 1935 e 1938.
- Hauck-Herzog — Realencyclopädie für Protestantische Theologie, Leipzig, 1896-1913.
- Hefele-Knoppler — Konziliengeschichte, Tübingen, 1855-1874.
- Hergenrother J. — Handb. d. allg. Kirchengeschichte, Freiburg, 1876-1880.
- Leclercq — Les Martyres, Tours, 1921-1922.
- Lee Carleton — Source book of English History, 1900.
- Lehmann J. — S. V. D. — O Brasil Católico, Juiz de Fora, 1943.
- Leite Serafim — S. J. — História da Companhia de Jesus no Brasil, Lisboa-Rio de Janeiro, 1938-1950.
- Llorca B. — S. J. — Manual de História Ecclesiástica, Barcelona, 1942.
- Magalhães Basílio — História do Brasil, Liv. Alves, Rio, 1942.
- Marx J. — Manuale di Storia Ecclesiastica, Firenze, 1913.

- Migne** — *Patrologias Cursus completus*, Paris, 1844-1866.
- Mourret F.** — *Historie générale de l'Eglise*, Paris, 1921.
- Mourret et Carreyre** — *Précis d'Histoire de l'Eglise*, Paris, 1930.
- Muratori L.** — *Annali d'Italia*, Lucca, 1762-1764.
- Pastor (Ludovicus von)** — *Geschichte der Papste seit dem Ausgang des Mittelalters bis jetzt*, Freiburg, 1885-1933.
- Revue des questione historiques** — Paris.
- Revue d'histoire ecclésiastique** — Louvain.
- Rivista Storica Italiana** — Torino.
- Romag D.** — **O. F. M.** — *Compêndio de História da Igreja*, Petrópolis, 1939.
- Roumanie L.** — **S. J.** — *Martirologio Romano*, Ed. Paulinas, São Paulo, 1948.
- Ruiz Amado** — **S. J.** — *Curso de História*, Barcelona, 1915.
- Saba A.** — *Storia della Chiesa*, Utet, Torino, 1938-1943.
- Saba-Castiglioni** — *Storia dei Papi*, Utet, Torino, 1939.
- S. João Bosco** — *Le Vite dei Papi, "Opera e scritti"*, vol. 2.º SEI, Torino, 1932.
- Storia Politica d'Italia**, Vallardi, Torino, 1910.
- Todesco L.** — *Corso di Storia della Chiesa*, Torino, 1938-1942.
- Weiss** — **R. Amado** — *Historia Universal*, Barcelona, 1927-1932.

Índice Geral dos LIVROS SAGRADOS **(Ordem do Arquivo "PDF")**

VELHO TESTAMENTO

PREFÁCIO.....	7
INTRODUÇÃO.....	21
INTRODUÇÃO GERAL AO PENTATEUCO.....	24
GÊNESIS.....	28
ÊXODO.....	215
LEVÍTICO.....	370
GRAVURAS I.....	474
NÚMEROS.....	517
DEUTERONÔMIO.....	655
JOSUÉ.....	782
JUÍZES.....	869
RUTE.....	952
GRAVURAS II.....	965
INTRODUÇÃO AOS LIVROS DOS REIS.....	997
REIS I (SAMUEL I).....	1000
REIS II (SAMUEL II).....	1108
REIS III.....	1196
REIS IV.....	1299
INTRODUÇÃO AOS PARALIPÔMENOS.....	1397
PARALIPÔMENOS I.....	1401
GRAVURAS III.....	1489
PARALIPÔMENOS II.....	1522
INTRODUÇÃO AOS LIVROS DE ESDRAS.....	1634

ESDRAS I.....	1638
ESDRAS II (NEEMIAS).....	1672
TOBIAS.....	1717
JUDITE.....	1753
ESTER.....	1799
JÓ.....	1845
GRAVURAS IV.....	1970
SALMOS.....	2001
PROVÉRBIOS.....	2376
GRAVURAS V.....	2487
ECLESIASTES.....	2520
O CÂNTICO DOS CÂNTICOS.....	2553
A SABEDORIA.....	2588
ECLESIAÍSTICO.....	2651
INTRODUÇÃO AOS LIVROS PROFÉTICOS.....	2844
ISAÍAS.....	2853
GRAVURAS VI.....	3104
JEREMIAS.....	3147
LAMENTAÇÕES DE JEREMIAS.....	3358
GRAVURAS VII.....	3388
BARUC.....	3428
EZEQUIEL.....	3460
QUADRO DA DIVISÃO DA TERRA DE ISRAEL.....	3671
DANIEL.....	3672
OSÉIAS.....	3762
GRAVURAS VIII.....	3794
JOEL.....	3857
AMÓS.....	3869
ABDIAS.....	3894
JONAS.....	3900
MIQUÉIAS.....	3910
NAUM.....	3927
HABACUC.....	3937
SOFONIAS.....	3948

AGEU.....	3959
ZACARIAS.....	3968
MALAQUIAS.....	4006
MACABEUS I.....	4018
MACABEUS II.....	4137
AS PROFECIAS MESSIÂNICAS (COMENTÁRIOS).....	4217
GRAVURAS IX.....	4233

NOVO TESTAMENTO

ADVERTÊNCIA PRELIMINAR.....	4277
EVANGELHO DE SÃO MATEUS.....	4286
EVANGELHO DE SÃO MARCOS.....	4461
EVANGELHO DE SÃO LUCAS.....	4550
GRAVURAS X.....	4709
EVANGELHO DE SÃO JOÃO.....	4778
ATOS DOS APÓSTOLOS.....	4920
ROMANOS.....	5083
CORÍNTIOS I.....	5151
GRAVURAS XI.....	5221
CORÍNTIOS II.....	5266
GALÁTAS.....	5305
EFÉSIOS.....	5328
FILIPENSES.....	5350
COLOSSENSES.....	5367
TESSALONICENSES I.....	5382
TESSALONICENSES II.....	5396
INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS PASTORAIS.....	5407
TIMÓTEO I.....	5407

TIMÓTEO II.....	5429
TITO.....	5443
FILEMON.....	5452
HEBREUS.....	5458
INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS CATÓLICAS.....	5514
SÃO TIAGO.....	5517
SÃO PEDRO I.....	5539
SÃO PEDRO II.....	5561
SÃO JOÃO I.....	5575
SÃO JOÃO II E III.....	5597
SÃO JUDAS.....	5603
APOCALIPSE DE SÃO JOÃO.....	5611